

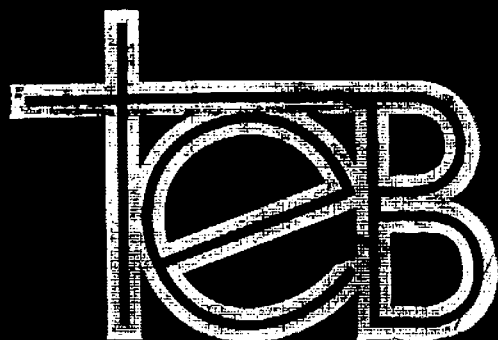
BÍBLIA

TRADUÇÃO ECUMÊNICA



BÍBLIA

TRADUÇÃO ECUMÊNICA



BÍBLIA

TRADUÇÃO ECUMÊNICA

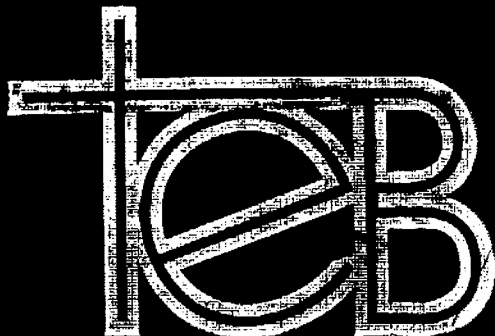
Digitalização:

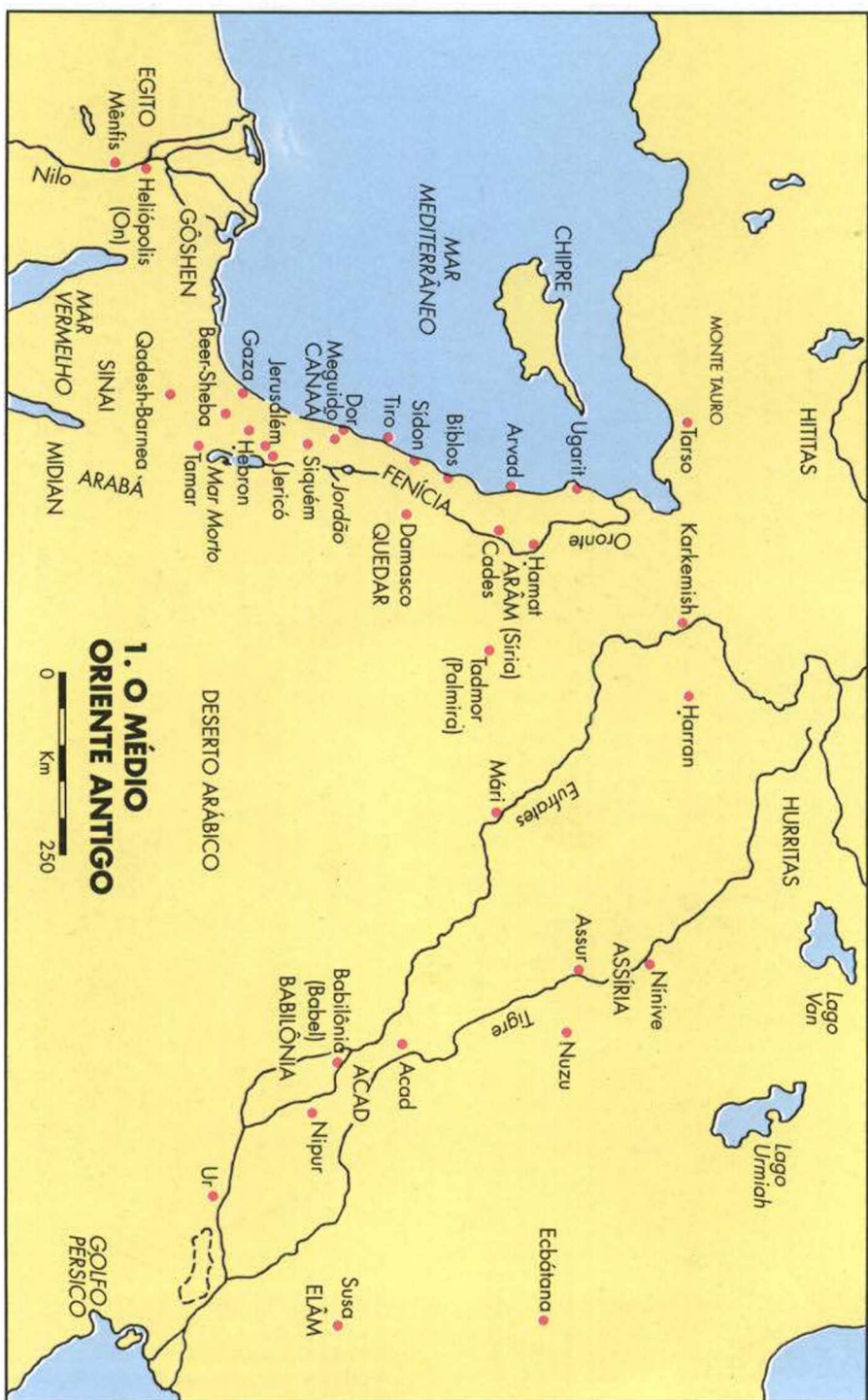
JOGOIS2006

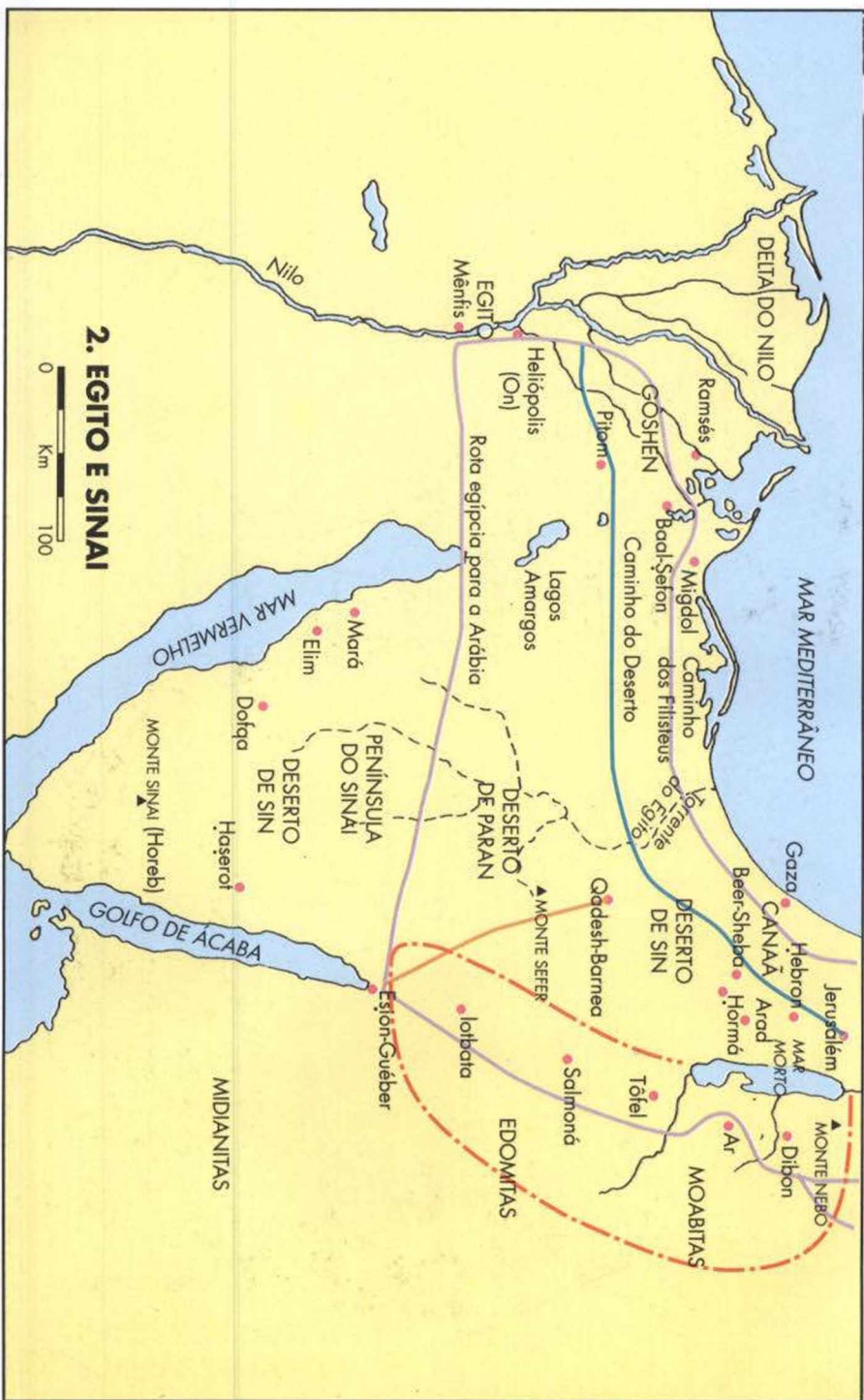


Edição:

Emanuence Digital







3. A TERRA DE CANAÃ E AS DOZE TRIBOS

0 Km 40

MAR
MEDITERRÂNEO



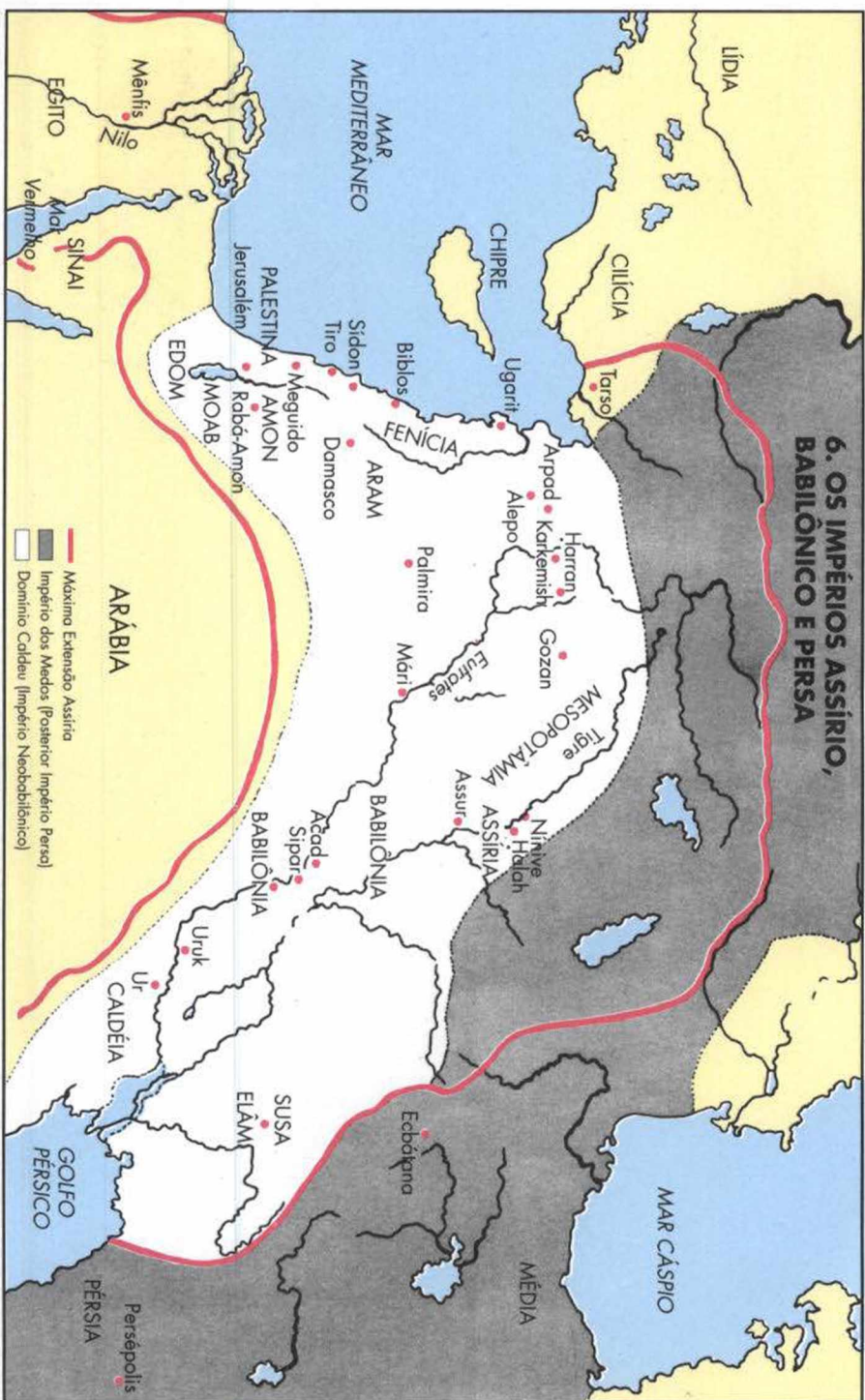


5. OS REINOS DE ISRAEL E DE JUDÁ

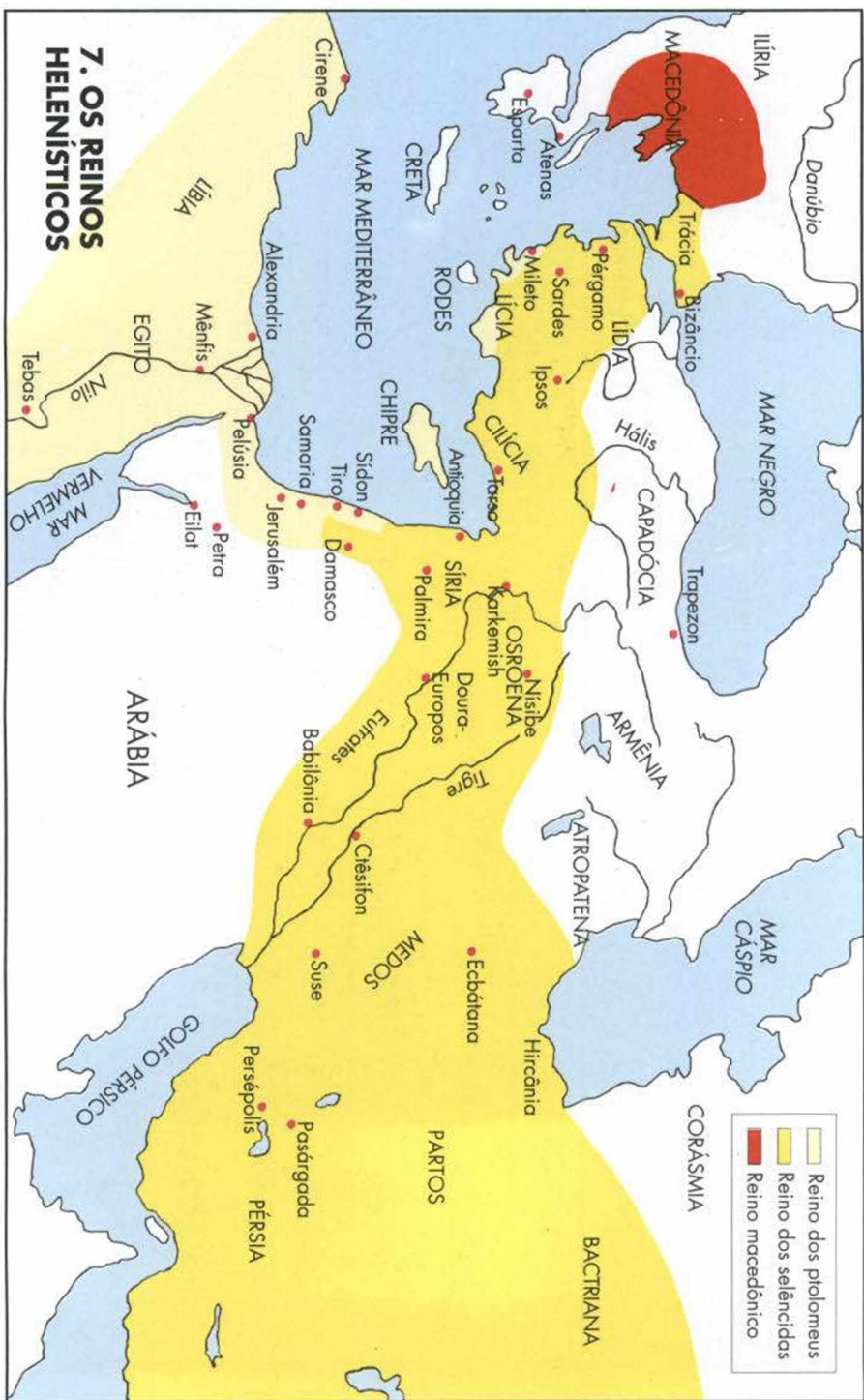
0 Km 40



6. OS IMPÉRIOS ASSÍRIO, BABILÔNICO E PERSA



7. OS REINOS HELENÍSTICOS



BÍBLIA

TRADUÇÃO ECUMÊNICA



Título original: *La Bible – Traduction œcuménique de la Bible*

© Les Éditions du Cert et Société Biblique Française, Paris, 1988

Comité Fundador: † O. Béguin, † J. Bosc, A.-M. Carré, † G. Casalis, P.-Ch. Marcel, F. Refoulé, R. Ringenbach

Conselheiros: † P. Benoît, O. Cullmann, † R. de Vaux, W. Vischer

Comité de edição: S. Amsler, J.-M. Babut, D. Barrios-Auscher, J.-P. Boyer, A.-M. Carré, P. Geoltrain, A. Kniazeff, X. Léon-Dufour, J. Maury, P. Moity

Colaboradores: J. Alexandre, S. Amsler, J.-M. Babut, D. Barthélemy, D. Barrios-Auscher, † A. Barucq, G. Becquet, D. Bertrand, † P. Bonnard, † P.-E. Bonnard, P. Bordreuil, C. de Bosschère, M. Bouttier, F. Bovon, J. Briend, F. Bron, P. Buis, M. Cambe, H. Capieu, A. Caquot, † J. Carmignac, M. Carrez, † G. Casalis, † M. Casalis, H. Cazelles, Th. Chary, † P. Chazel, M.-A. Chevallier, E. Cothenet, J.-L. Déclais, L. Deiss, A. Deissler, M. Delcor, J. Delorme, L.-M. Dewailly, P. Dornier, F. Dreyfus, A.-M. Dubarle, † J. Duplacy, Th. Duprey, A. Duprez, E. Fuchs, P. Geoltrain, † A. George, J. Gibley, P. Grelot, A. Guillaumont, P.-A. Harlé, E. Haulotte, Ch. Hauret, J.-G. Heinz, E. Jacob, † A. Jaubert, † B. Jay, M. Join-Lambert, E. Junod, B. Keller, C.-A. Keller, R. Kieffer, A. Kniazeff, M.-F. Lacan, A. Lacocque, F. Langlamet, I. de La Potterie, † C. Larcher, R. Le Déaut, F.-J. Leenhardt, P. Le Fort, A. Lelièvre, X. Léon-Dufour, D. Louys, D. Lys, A. Maillot, P. Mamie, E. Maréchal, J.-Cl. Margot, D. Marion, † H.-I. Marrou, R. Martin-Achard, † F. Michaeli, † D. Mollat, L. Monloubou, † Ch. Mugler, C. Perrot, R. Peter, D. Piccard, J. Ponthot, P. Prigent, J. Prignaud, A. de Pury, † R. de Pury, L. Ramlot, F. Refoulé, R. Rembry, B. Renaud, J. Rennes, P. Reymond, Ph. Reymond, M. Rougier, P. Sandevor, F. Schmidt, J. Starcky, S. Terrien, R. Tournay, † Y. Trémel, M. Trimaille, E. Trocmé, † A. Vanel, J.-M. Van Cangh, A. Vanhoye, L. Vesco, F. Vouga, R. Vuilleumier, G. Wagner, C. Wiener

EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Colaboradores: L. J. Baraúna, G. Belinatto, E. Bettencourt, † A. Charbel, J. I. da S. Campos, D. Dutra, J. L. Gaio, R. Girola, G. Gorgulho, J. Konings, H. de S. Lima, J. Maraschin, M. Marcionilo, J. I. Nery, M. Oliva, E. Q. de Oliveira, R. P. de Paiva, N. B. Pereira, I. O. Preto, † N. Rodrigues, M. Ruffier, J. Salvador, I. L. Stadelmann, J. E. Terra, A. Vanucchi

Consultores: V. Cipriani, C. Grimaldi, W. Gruen, C. Frainer, † W. Rehfeld

Edições Loyola

Rua 1822 nº 347 – Ipiranga – CEP 04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal 42.335 – CEP 04218-970 São Paulo, SP

☎ (11) 6914-1922 – ☎ (11) 6163-4275

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

ISBN: 85-15-01023-2

Apoio: Ministério de Cultura da França

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1994

RECOMENDAÇÃO

A *Bíblia — Tradução Ecumênica* baseia-se nos textos originais e reproduz fielmente o modelo da mundialmente reconhecida *Traduction Oecuménique de la Bible* (TOB — 3ª ed., Paris: Éditions du Cerf; Pierrefitte: Société Biblique Française, 1989). Contém o texto integral do Antigo (ou Primeiro) Testamento, com os livros deutero-canônicos ou apócrifos, e o do Novo Testamento, traduzidos, introduzidos e anotados por ampla equipe de estudiosos de diversas confissões cristãs e do judaísmo, representando a harmonia da unida-

de e o respeito da diversidade na leitura fiel do livro acolhido como Palavra de Deus.

Recomendamo-la, portanto, aos leitores desejosos de aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus consignada na Bíblia, Escritura Sagrada do Judaísmo e do Cristianismo, patrimônio da humanidade.

A Edição da *Bíblia — Tradução Ecumênica* mereceu o louvor das Instituições Ecumênicas de nosso País e a Aprovação da Presidência da CNBB, conforme o Cânon 825 §§ 1 e 2.

Foro de Goi.
03/2007

Luciano Mendes de Almeida

D. Luciano Mendes de Almeida
Presidente da CNBB
Arcebispo de Mariana

Glauco S. de Lima

Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
e Presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

ABREVIATURAS

LIVROS BÍBLICOS

Ab	Abdias	Jr	Jeremias
Ag	Ageu	Js	Josué
Am	Amós	Jt	Judite
Ap	Apocalipse	Jz	Juízes
At	Atos dos Apóstolos	Lc	Evangelho de Lucas
Br	<i>Baruc</i>	Lm	Lamentações
Cl	Epístola aos Colossenses	Lv	Levítico
1Cor	1ª Epístola aos Coríntios	1Mc	1º Livro dos Macabeus
2Cor	2ª Epístola aos Coríntios	2Mc	2º Livro dos Macabeus
1Cr	1º Livro de Crônicas	Mc	Evangelho de Marcos
2Cr	2º Livro de Crônicas	Ml	Malaquias
Ct	Cântico dos Cânticos	Mq	Miquéias
Dn	Daniel	Mt	Evangelho de Mateus
<i>Dn ou Dn gr.</i>	Passagens em grego de Daniel	Na	Naum
Dt	Deuteronômio	Ne	Nemias
Ecl	Eclesiastes (<i>Coélet</i>)	Nm	Números
Ef	Epístola aos Efésios	Os	Oséias
<i>Ep Jr</i>	<i>Epístola de Jeremias</i>	1Pd	1ª Epístola de Pedro
Esd	Esdras	2Pd	2ª Epístola de Pedro
Est	Ester	Pr	Provérbios
<i>Est gr</i>	<i>Ester (grego)</i>	Rm	Epístola aos Romanos
Ex	Êxodo	1Rs	1º Livro dos Reis
Ez	Ezequiel	2Rs	2º Livro dos Reis
Fl	Epístola aos Filipenses	Rt	Rute
Fm	Epístola a Filêmon	<i>Sb</i>	<i>Sabedoria</i>
Gl	Epístola aos Gálatas	Sf	Sofonias
Gn	Gênesis	Sl	Salmos
Hab	Habacuc	1Sm	1º Livro de Samuel
Hb	Epístola aos Hebreus	2Sm	2º Livro de Samuel
Is	Isaías	<i>Sr</i>	<i>Sirácida (Eclesiástico)</i>
Jd	Epístola de Judas	<i>Tb</i>	<i>Tobit (Tobias)</i>
Jl	Joel	Tg	Epístola de Tiago
Jn	Jonas	1Tm	1ª Epístola a Timóteo
Jo	Evangelho de João	2Tm	2ª Epístola a Timóteo
1Jo	1ª Epístola de João	1Ts	1ª Epístola aos Tessalonicenses
2Jo	2ª Epístola de João	2Ts	2ª Epístola aos Tessalonicenses
3Jo	3ª Epístola de João	Tt	Epístola a Tito
Jó	Jó	Zc	Zacarias

MODO DE CITAR

Nos paralelos e nas notas, os livros bíblicos são abreviados segundo as indicações acima. As abreviaturas em itálico indicam os livros deuterocanônicos. A vírgula separa capítulos de versículos. O hífen une versículos. O traço separa capítulos. O ponto separa versículos. Exemplo: Gn 24,25 remete a Gênesis, capítulo 24, versículo 25. Gn 24,28-32 remete a Gênesis, capítulo 24, versículos 28 a 32. Gn 24,25,32 remete a Gênesis, capítulo 24, versículos 25 e 32.

Mt 17,14 par. remete a Mateus, capítulo 17, versículo 14 e às passagens paralelas de Marcos e Lucas, indicadas em Mt 17,14.

Gn 29-32 remete aos capítulos 29, 30, 31 e 32 do Gênesis.

Is 8,23-9,6 remete a Isaías, desde o versículo 23 do capítulo 8 até o versículo 6 do capítulo 9.

Ex 19 remete a todo o capítulo 19 do Êxodo.

Ab, *Ep Jr*, Fm, 2-3Jo, Jd não apresentam divisão em capítulos.

ÍNDICE

Recomendação	III
Abreviaturas	IV
Apresentação	IX
A Bíblia – Tradução Ecumênica	XII
Nomes próprios	XIV
A Bíblia – Introdução	I
Ordem dos Livros do Antigo Testamento	4

ANTIGO TESTAMENTO

Antigo Testamento – Introdução	5
Pentateuco – Introdução	15
<i>Gênesis – Introdução</i>	21
GÊNESIS	24
<i>Êxodo – Introdução</i>	97
ÊXODO	100
<i>Levítico – Introdução</i>	155
LEVÍTICO	160
<i>Números– Introdução</i>	201
NÚMEROS	204
<i>Deuteronômio – Introdução</i>	263
DEUTERONÔMIO	269
Os Livros Proféticos – Introdução	319
<i>Josue’ – Introdução</i>	323
JOSUÉ	326
<i>Juízes – Introdução</i>	359
JUZES	362
<i>Livros de Samuel – Introdução</i>	401
PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL	405
SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL	451
<i>Livros dos Reis – Introdução</i>	493
PRIMEIRO LIVRO DOS REIS	498
SEGUNDO LIVRO DOS REIS	542
<i>Isaías – Introdução</i>	589
ISAÍAS	600
<i>Jeremias – Introdução</i>	707
JEREMIAS	713
<i>Ezequiel – Introdução</i>	803
EZEQUIEL	807

<i>Oseías – Introdução</i>	875
OSÉIAS	880
<i>Joel – Introdução</i>	895
JOEL	898
<i>Amós – Introdução</i>	905
AMÓS	908
<i>Abdias – Introdução</i>	921
ABDIAS	922
<i>Jonas – Introdução</i>	925
JONAS	927
<i>Miqueías – Introdução</i>	931
MIQUEÍAS	933
<i>Naum – Introdução</i>	943
NAUM	945
<i>Habacuc – Introdução</i>	953
HABACUC	955
<i>Sofonias – Introdução</i>	961
SOFONIAS	963
<i>Ageu – Introdução</i>	969
AGEU	970
<i>Zacarias – Introdução</i>	973
ZACARIAS	977
<i>Malaquias – Introdução</i>	993
MALAQUIAS	994
Os Escritos – Introdução	999
<i>Salmos – Introdução</i>	1001
SALMOS	1010
<i>Jó – Introdução</i>	1165
JÓ	1172
<i>Provérbios – Introdução</i>	1227
PROVÉRBIOS	1230
<i>Rute – Introdução</i>	1285
RUTE	1286
<i>Cântico dos Cânticos – Introdução</i>	1293
CÂNTICO DOS CÂNTICOS	1295
<i>Eclesiastes – Introdução</i>	1309
ECLESIASTES	1311
<i>Lamentações – Introdução</i>	1325
LAMENTAÇÕES	1327
<i>Ester – Introdução</i>	1343
ESTER	1345
<i>Daniel – Introdução</i>	1357
DANIEL	1363

<i>Esdras e Neemias – Introdução</i>	1399
ESDRAS	1404
NEEMIAS	1420
<i>Crônicas – Introdução</i>	1439
PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS	1444
SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS	1485
Deuterocanônicos – Introdução	1535
<i>Ester (grego) – Introdução</i>	1539
ESTER (GREGO)	1541
<i>Judite – Introdução</i>	1559
JUDITE	1563
<i>Tobit – Introdução</i>	1581
TOBIT	1585
<i>Macabeus – Introdução</i>	1603
PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS	1607
SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS	1649
<i>Sabedoria – Introdução</i>	1681
SABEDORIA	1685
<i>Sirácida – Introdução</i>	1711
SIRÁCIDA	1717
<i>Baruc – Introdução</i>	1815
BARUC	1818
<i>Epístola de Jeremias – Introdução</i>	1827
EPÍSTOLA DE JEREMIAS	1829

NOVO TESTAMENTO

Novo Testamento – Introdução	1833
Evangelhos Sinóticos – Introdução	1845
<i>Evangelho segundo Mateus – Introdução</i>	1851
EVANGELHO SEGUNDO MATEUS	1856
<i>Evangelho segundo Marcos – Introdução</i>	1919
EVANGELHO SEGUNDO MARCOS	1923
<i>Evangelho segundo Lucas – Introdução</i>	1961
EVANGELHO SEGUNDO LUCAS	1966
<i>Evangelho segundo João – Introdução</i>	2037
EVANGELHO SEGUNDO JOÃO	2044
<i>Atos dos Apóstolos – Introdução</i>	2095
ATOS DOS APÓSTOLOS	2102
<i>Epístola aos Romanos – Introdução</i>	2165
EPÍSTOLA AOS ROMANOS	2170
<i>Primeira Epístola aos Coríntios – Introdução</i>	2201
PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS	2206
<i>Segunda Epístola aos Coríntios – Introdução</i>	2229
SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS	2233

<i>Epístola aos Gálatas – Introdução</i>	2249
EPÍSTOLA AOS GÁLATAS	2253
<i>Epístola aos Efésios – Introdução</i>	2263
EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS	2266
<i>Epístola aos Filipenses – Introdução</i>	2277
EPÍSTOLA AOS FILIPENSES	2280
<i>Epístola aos Colossenses – Introdução</i>	2289
EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES	2292
<i>Epístolas aos Tessalonicenses – Introdução</i>	2301
PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES	2306
SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES	2313
<i>Epístolas Pastorais – Introdução</i>	2317
PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO	2323
SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO	2330
EPÍSTOLA A TITO	2334
<i>Epístola a Filêmon – Introdução</i>	2337
EPÍSTOLA A FILÊMÔN	2339
<i>Epístola aos Hebreus – Introdução</i>	2341
EPÍSTOLA AOS HEBREUS	2348
<i>Epístola de Tiago – Introdução</i>	2367
EPÍSTOLA DE TIAGO	2370
<i>Primeira Epístola de Pedro – Introdução</i>	2379
PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO	2384
<i>Segunda Epístola de Pedro – Introdução</i>	2391
SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO	2394
<i>Epístolas de São João – Introdução</i>	2399
PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO	2405
SEGUNDA EPÍSTOLA DE JOÃO	2414
TERCEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO	2416
<i>Epístola de Judas – Introdução</i>	2417
EPÍSTOLA DE JUDAS	2419
<i>Apocalipse – Introdução</i>	2421
APOCALIPSE	2426
Quadro cronológico	2455
Tabela de pesos e medidas	2467
Índice das principais notas	2468
Mapas	

APRESENTAÇÃO

O projeto de uma tradução francesa da Bíblia comum às diversas confissões cristãs não é inteiramente novo. Já no século XVII, o teólogo católico Richard Simon, da Congregação do Oratório, e neste século, a Société Nationale pour une Traduction Nouvelle des Livres Saints en Langue Française tinham feito tentativas nesse sentido. Contudo, ainda não havia condições para que uma iniciativa desse porte fosse bem-sucedida. Hoje, graças a Deus, depois da publicação do Novo Testamento em 1972 e do Antigo Testamento, em 1975, damos a público, num só volume, a Traduction Oecuménique de la Bible (TOB), com notas integrais, em sua versão revisada.

Três fatores históricos principais levaram-nos a concretizar o nosso projeto:

Primeiro, o espetacular desenvolvimento das ciências bíblicas, uma idêntica utilização das disciplinas da análise filológica, literária e histórica, os contatos e intercâmbios pessoais durante congressos internacionais e interconfessionais permitiram aos especialistas estudiosos da Bíblia mútua aproximação quanto aos métodos de trabalho e às concepções gerais. A experiência de traduções em comum impôs-se, então, de modo natural. Ao mesmo tempo, um público cada vez mais amplo passou a sentir a necessidade de edições que respondessem às exigências científicas atuais, tais como se vêem, por exemplo, na versão protestante da Bible du Centenaire (1917-1948) e na versão católica da Sainte Bible traduite em français sous la direction de l'École Biblique de Jérusalem (1947-1955; 3ª ed. revista: 1973).

Em segundo lugar, o progresso do movimento ecumênico sob múltiplas formas criou nas Igrejas um clima favorável ao diálogo, por meio de uma referência comum à Escritura. De onde o interesse e a urgência de um esforço que oferecesse aos cristãos ainda divididos uma versão nova, verdadeiramente ecumênica, do texto da Escritura. Obviamente, a presente tradução não pretende ter chegado ao termo da pesquisa para uma melhor compreensão textual nas diversas confissões e menos ainda eliminar as traduções hoje em uso. Não

significa que se tenha chegado ao termo das divergências doutrinárias que separam as Igrejas. Ela pretende apenas atestar que hoje já é possível apresentar uma Bíblia traduzida e anotada em comum.

Terceiro, a evangelização e a missão não podem alcançar sua dimensão verdadeira sem a difusão e a leitura efetiva das Escrituras. Esta verdade, evidenciada no século passado pelo movimento missionário protestante, foi ressaltada, no âmbito católico, pelos decretos do Concílio Vaticano II, nos quais a colaboração ecumênica nesse domínio é igualmente mencionada. Quem diz "tradução ecumênica" diz também perspectiva missionária. Muitos, no mundo inteiro, não lêem a Bíblia, porque ela lhes é apresentada em versões divergentes por Igrejas separadas. Quem sabe se uma versão ecumênica da Escritura não será um sinal de que as divisões dos cristãos não aprisionam a Palavra de Deus e de que o Espírito Santo, que guiou os autores bíblicos, nos guia ainda hoje para um testemunho comum?

*

As Éditions du Cerf e as Sociétés Bibliques, son-dadas em 1963 pelos promotores do projeto da Tradução Ecumênica da Bíblia, deram seu apoio e se comprometeram com a publicação. As Éditions du Cerf já tinham a experiência da Bíblia de Jerusalém, cuja apresentação deveria servir de modelo à nova tradução. Por sua vez, as Sociétés Bibliques, federadas na Aliança Bíblica Universal, estavam sendo convidadas, em diversas regiões do mundo, a participar da realização de projetos de tradução ecumênica. Não obstante as consideráveis diferenças nos hábitos e princípios, os dois editores chegaram a um acordo completo, assegurando o equilíbrio administrativo e financeiro do empreendimento.

Esta nova versão se apresenta sob duas formas:

A Aliança Bíblica Universal, em co-edição com Éditions du Cerf, publica esta tradução ecumênica numa apresentação que comporta um mínimo de indicações indispensáveis a todo leitor da Bíblia (breves introduções, referências paralelas, notas explicativas sobre as opções de tradução, de história,

geografia e de particularidades culturais). Essa apresentação está em conformidade com o acordo concluído em 1968 entre a Aliança Bíblica Universal e o Secretariado Romano para a Unidade dos Cristãos.

Por outro lado, as Éditions du Cerf, católica, em co-edição com a Sociedade Bíblica Francesa, protestante, assume a responsabilidade de publicar esta mesma versão numa apresentação que comporta introduções mais elaboradas e um aparato de notas mais abundante. Este contribui com informações sobre o estado atual do diálogo ecumênico em matéria de história, exegese e teologias bíblicas; indica as diversas opções possíveis de tradução e de interpretação de determinado texto.

O método de trabalho, adotado desde o princípio, levou em conta duas exigências fundamentais: o rigor científico de uma tradução nova, baseada nas melhores edições críticas dos textos originais (para o Antigo Testamento hebraico e aramaico, a Bíblia hebraica, editada por R. Kittel em 1937; para o Antigo Testamento grego, a Septuaginta, editada por A. Rahlfs em 1935; para o Novo Testamento, o texto de Nestle-Aland, 25ª edição, 1962, ou das Sociedades Bíblicas, conhecido como GNT, 1966) e a necessidade de um trabalho verdadeiramente comum para cada um dos livros bíblicos. Cada texto foi traduzido por uma equipe ecumênica, que se esforçava por alcançar o máximo de exatidão e clareza. As diferentes equipes foram supervisionadas por quatro coordenadores, protestantes e católicos — dois para o Antigo, dois para o Novo Testamento. A primeira tradução foi submetida a dois biblistas ortodoxos de língua francesa, depois a todos os tradutores da TOB e a numerosos leitores, teólogos especialistas ou não, da Europa e de além-mar, a revisores literários e litúrgicos, aos membros dos Comitês de Coordenação do Novo e do Antigo Testamento, bem como aos dirigentes da Aliança Bíblica Universal e do Secretariado Francês para a Unidade dos Cristãos. Ao todo, o texto foi submetido a mais de uma centena de críticos. A versão definitiva foi finalmente estabelecida pelos tradutores de cada livro, levando em consideração as emendas recebidas e a opinião dos coordenadores.

*

No que concerne ao Antigo Testamento, é preciso ressaltar aqui dois traços característicos da nossa Tradução:

1. Para os livros considerados canônicos por todas as Igrejas cristãs, a TOB segue a ordem das Biblias hebraicas atuais, mesmo que a nova disposição mude os hábitos de leitores protestantes, católicos ou ortodoxos. Em seguida foram postos os livros que os católicos e os ortodoxos classificam de “deuterocanônicos” e os protestantes, de “apócrifos”. Aliás, eles figuraram em todas as traduções protestantes até o século XIX, apesar de as Igrejas nascidas da Reforma não lhes reconhecerem valor normativo. A confissão de fé conhecida por “de la Rochelle” declara: “... ainda que sejam úteis, sobre eles não se pode fundar nenhum artigo de fé”.

Esta opção levou os editores a apresentar uma dupla tradução do livro de Ester, uma calcada no hebraico, outra no grego, inovação que permitirá aos leitores a visualização das mais notáveis diferenças entre os dois textos. Por outro lado, as adições gregas ao livro de Daniel (impressas em itálico) foram inseridas no corpo do texto nos lugares em que elas se enquadram normalmente: separá-las dificultaria a sua compreensão.

2. O Antigo Testamento foi traduzido com base no texto masorético, o texto hebraico da tradição judaica. Esse texto é o termo de uma longa tradição, cuja transmissão, embora extremamente fiel no conjunto, nem sempre conservou intactas as formas originais; outros manuscritos hebraicos (Qumran) e outras versões primitivas (gregas, latinas, siríacas, aramaicas) apresentam variantes dignas de atenção. Contudo, no estágio presente da crítica textual, o texto masorético foi adotado como base de trabalho, salvo quando se indicam em nota as variantes importantes de outros manuscritos, em particular as da versão grega (Septuaginta). Os casos — relativamente raros — em que nos afastamos do texto masorético são assinalados em nota. A decisão de seguir o texto masorético foi tomada tanto por razões científicas, como por um espírito de abertura ao judaísmo, como pedra angular para uma tradução do Antigo Testamento que possa ser compreendida conjuntamente por especialistas cristãos e judeus.

Para a transcrição dos nomes próprios, levou-se em consideração — o mais possível — a pronúncia do hebraico atual, salvo para os personagens muito conhecidos, para os quais se manteve a grafia ou a pronúncia tradicionais.

*

Definido assim o seu perfil, esta Tradução é publicada, ao mesmo tempo, como a menos original

e a mais atual entre todas as outras, antigas ou contemporâneas. Menos original, porque os riscos do projeto e o caráter coletivo do trabalho excluíram desde o início certas opções pessoais e liberdades na tradução que constituem o atrativo de outras versões. Mais atual, porque as revisões impiedosas a que foram submetidas as diversas traduções suscitaram exigências e aperfeiçoamentos complementares que freqüentemente transparecem no texto.

Hoje, todos os que fizeram a TOB se alegram ao constatar o sucesso do projeto. A experiência provou que doravante é possível estabelecer em comum um texto e notas, sem que se manifestem os sinais de divisão e de desacordos confessionais que alguns prenunciavam e muitos temiam.

É evidente que divergências individuais não deixaram de se manifestar, mas foram todas resolvidas numa confrontação honesta e fraterna, que não é um dos menores benefícios desse empreendimento comum. Quanto às divergências clássicas entre as Igrejas cujos membros participaram deste trabalho — sendo a principal a concepção diferente no catolicismo, na ortodoxia¹ e no protestantismo a respeito das relações entre Escritura, Tradição e Igreja —, não constituíram um obstáculo intransponível. Aliás, geralmente elas não têm a sua origem na maneira de traduzir ou de interpretar esse ou aquele versículo, mas na maneira de apresentar uma síntese doutrinal a partir dos textos relativos a determinado assunto. Doravante, elas não impedem nem de traduzir, nem de anotar a Escritura em comum.

*

A 2ª [e 3ª] edição francesa, revisada, é uma prova tangível do interesse que a TOB suscitou entre os leitores. Numerosos foram os que escreveram para assinalar falhas que escaparam às revisões tipográficas ou para discutir a razão da tradução de certo termo ou da elaboração de tal nota. Nem todas as sugestões puderam ser incorporadas tais quais, mas todas as observações foram examinadas com o maior cuidado. Muitas delas provocaram emendas muito importantes. É preciso dizer ainda que muitos dos tradutores retomaram espontaneamente trechos do primeiro trabalho, e vários colaboradores da TOB se reuniram voluntariamente em equipes para controlar a formulação dos passos paralelos (sobretudo do AT), uniformizar a tradução de certos termos, verificar e completar o sistema de pontes estabelecidas entre o Antigo e o Novo Testamento.

*

Concluída a obra, no sentimento de sermos dela os beneficiários primeiros, os editores e tradutores esperam que ela sirva para dar a conhecer e amar as Escrituras por meio das quais o povo de Deus ouve a Palavra de seu Senhor e pelas quais todos os homens são chamados a encontrar o sentido da própria vida. Estamos convictos de que, com esta edição, uma nova etapa se abre sob a orientação do Espírito Santo na longa e, por vezes, dolorosa caminhada dos cristãos rumo a um testemunho comum na unidade desejada pelo Cristo.

1. Como resultado de um encontro em 24 de maio de 1971 entre as autoridades eclesiásticas católicas, ortodoxas e protestantes na França, os secretários da TOB e alguns especialistas, o trabalho foi examinado por uma Comissão de Teólogos Ortodoxos, para definir a posição ortodoxa ante a obra realizada. Especificou-se que uma tradução e edição da Bíblia acompanhadas de um aparato crítico que comportasse introduções e notas não comprometeria as Igrejas, mas apenas os responsáveis implicados.

De início, as autoridades eclesiásticas católicas, ortodoxas e protestantes tinham apoiado uma edição comum de uma nova tradução feita em colaboração por exegetas de diferentes Igrejas. Mas uma vez acabado, o trabalho teve de ser submetido a uma nova avaliação do conteúdo concreto.

A Comissão Teológica Ortodoxa, buscando ser fiel aos princípios de uma leitura eclesial da Bíblia no espírito da Tradição apostólica, expôs as seguintes conclusões: a) A colaboração ortodoxa é efetiva no que concerne ao Antigo Testamento, para o qual os problemas exegeticos não parecem suscitar dificuldades análogas às que surgem quando se trata do Novo Testamento. b) A tradução do Novo Testamento enquanto tal, elaborada pela TOB graças à colaboração ecumênica de elevado nível científico, recebe da Comissão Ortodoxa uma aprovação legítima. c) Os redatores da TOB indicaram lealmente, tanto nas introduções como nas notas, a diversidade de posições exegeticas; diversidades existentes, aliás, entre os exegetas de cada uma das Igrejas. Mas era difícil num trabalho como este evitar certas opções. E se algumas dentre elas se referem apenas a detalhes, outras implicam uma visão geral, notadamente no que concerne à questão da autenticidade desse ou daquele escrito do Novo Testamento. E é precisamente nessas opções de alcance global que se situam as tomadas de posição que a Comissão Teológica Ortodoxa acredita não poder aceitar em uma apresentação comum. d) Por fim, e isso nos parece o mais importante, a Comissão Teológica Ortodoxa assume a finalidade da TOB: louva a significação do trabalho levado a cabo, no qual presente um evento ecumênico marcante, que permitirá progredir para uma leitura e escuta comuns da Bíblia. A Comissão Teológica Ortodoxa deseja que esse evento constitua para os teólogos e exegetas ortodoxos, em todos os lugares do mundo, a ocasião para definir suas posições hermenêuticas e exegeticas por meio de uma pesquisa comum com seus irmãos católicos e protestantes.

A BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA

Entregamos ao leitor a edição em língua portuguesa da *Traduction Oecuménique de la Bible* (TOB). Uma versão do Novo Testamento (1ª ed.) foi publicada por Edições Loyola em 1987. Podem os leitores felicitar-se agora com a obra integral, apresentada em um único volume e atualizada com base na 3ª edição francesa (Paris, 1989).

Ressaltamos algumas qualidades desta obra, que nos parecem particularmente relevantes.

Tradução ecumênica. A equipe que traduziu os textos originais hebraicos, aramaicos e gregos para o francês era composta de biblistas das diversas confissões cristãs e da religião judaica. Elaborada de maneira pluralista, e cada colaborador representando sua tradição confessional, esta Bíblia não é um meio termo entre judeus, católicos e protestantes, antes mostra o que as várias confissões podem subscrever de comum acordo, realçando os acentos específicos de cada uma.

Bíblia de estudo de padrão internacional. A presente tradução não persegue a literalidade absoluta, que induz o leitor a erro, pois a relação entre os vocábulos e a realidade está em contínua mudança, razão pela qual sempre se precisa de novas traduções. Tampouco procura a simplificação de uma tradução popular. Procura, antes de mais nada, cuidadosa fidelidade semântica, ou seja, expressar, em língua moderna e levando em consideração a cultura atual, a realidade comunicada pelas palavras antigas.

Objetivo desta tradução não é a literalidade servil, mas a familiarização do leitor com os campos semânticos nos quais o texto se move. Muitas vezes, a tradução gramatical e lexicalmente fiel foi suficiente para alcançar esse objetivo. Outras, porém, foi preciso recorrer a expressões equivalentes ou, conservando a expressão original por causa de seu uso consagrado ou íntima conexão com o contexto, explicá-la em nota. As abundantes notas trazem, além disso, riquíssimas informações de ordem literária, histórica, geográfica, sociocultural e religiosa.

Os livros do Antigo Testamento na ordem original. Como a versão francesa, também a nossa tradução traz os livros do Antigo Testamento na ordem tradicional da Bíblia hebraica, a TANAK — abreviatura das três categorias que a compõem: *Torá* (Lei), *Nebiim* (Profetas) e *Ketubim* (Escritos). Esta ordem, explicada em nota anteposta à Introdução ao Antigo Testamento (p. 4), corresponde à recepção original desses livros na comunidade de Israel. Sabe-se que a ordem adotada nas biblias cristãs (católicas, ortodoxas e protestantes) tem sua origem na antiga tradução grega chamada a *Septuaginta*, usada pelos primeiros cristãos. Os livros que não foram acolhidos na Bíblia hebraica, mas constam da Septuaginta — os assim chamados livros *deuterocanônicos* ou *apócrifos do Antigo Testamento* — encontram-se, na Bíblia — Tradução Ecumênica, numa seção específica, marcando por assim dizer a transição da “Primeira” (Antiga) à “Nova” Aliança, o que corresponde exatamente ao momento e contexto de sua origem. Lembramos que estes livros, hoje ausentes da maioria das biblias protestantes, eram incluídos como apêndice nas primeiras traduções bíblicas das Igrejas da Reforma. A disposição por nós adotada volta a essa prática, pondo fim à principal diferença entre as biblias católicas e protestantes.

Lembramos ainda que não existe nenhuma diferença entre as biblias católicas e protestantes, quanto ao Novo Testamento.

A presente edição. A versão em língua portuguesa segue a edição francesa, não só nas Introduções e Notas, mas também no texto bíblico propriamente. Contudo, por ter sido cuidadosamente cotada com os originais hebraicos, aramaicos e gregos, nossa tradução pode ser considerada “tradução dos originais”. Nos casos em que as equivalências semânticas exigidas pela língua e cultura francesas não se adequavam ao nosso público, afastamo-nos da idiomática francesa, não porém das opções interpretativas da TOB.

Os nomes próprios. Quanto aos nomes próprios que ocorrem na Bíblia, seguimos as opções da

TOB. Adotamos a forma tradicionalmente usada entre nós para as personagens e lugares comumente conhecidos, e introduzimos, na Bíblia hebraica, uma forma mais condizente com a pronúncia hebraica, para aqueles nomes que não pertencem ao acervo popular. Incluímos uma *Lista de Equivalências* para os nomes que conservamos na forma aportuguesada (adiante, p. XV, encontram-se mais detalhes a respeito).

A preparação da versão em língua portuguesa nos convenceu da premente necessidade de maior colaboração ecumênica no campo bíblico, no nosso âmbito lingüístico. Fazemos votos de que esta edição contribua para que se reencontrem em tor-

no à palavra da Bíblia todos aqueles que a consideram como seu patrimônio: os cristãos de diversos credos, os judeus, e, de certo modo, todas as pessoas de boa vontade.

Resta-nos exprimir nossa gratidão aos colaboradores desta versão em língua portuguesa acima elencados (imprenta). Cumpriram tarefa árdua, porque condicionada pela exigência da "tripla fidelidade" aos originais, à versão francesa e à língua e cultura dos destinatários, enquanto as versões para outras línguas se contentaram em adaptar as Introduções e Notas a traduções já existentes. A eles, nosso agradecimento para esta primeira verdadeira "versão integral" da TOB para outro idioma.

GABRIEL C. GALACHE, SJ
Diretor das Edições Loyola

JOHAN KONINGS, SJ
Supervisor Científico
Professor de Exegese Bíblica na Faculdade de
Teologia do Centro de Estudos Superiores da
Companhia de Jesus

NOMES PRÓPRIOS

NOMES PRÓPRIOS DA BÍBLICA HEBRAICA

As transcrições corriqueiras dos nomes bíblicos em português afastam-se muito da forma original. Em vista do caráter científico da presente obra, adotamos na Bíblia hebraica uma grafia "hebraizante". Na Bíblia grega (= deuterocanônicos e Novo Testamento), usamos as tradicionalmente conhecidas formas "grecizantes", que deram origem, via traduções latinas, às formas em voga entre nós.

— Acentuação: o acento tônico segue os textos

originais e é indicado conforme as regras da ortografia portuguesa.

— Sinais inusitados:

h (*het*) (pronunciar como o *ch* alemão ou o *r* inicial nordestino)

k (*kaf*) (duro ou aspirado, conforme o caso)

sh (*shin*) (mais brando que o *ch* português)

ş (*şade*) (pronunciar como *ts*)

q diante de *e* e *i* não adota o *u* "latino".

O NOME DE DEUS

Conforme o costume judaico, o nome próprio de Deus no AT, YHWH, não é pronunciado. Substituímo-lo por (O) SENHOR, onde o judaísmo pronuncia ADONAI (= "o Senhor" em hebraico).

O nome de Deus é expresso de diversas maneiras, traduzidas como segue:

YHWH = O SENHOR

Elohim = Deus

Adonai = o Senhor

Adonai YHWH = o Senhor DEUS

YHWH Elohim = o SENHOR DEUS

Yhwh Sabaot = o SENHOR de todo poder

Shadai = o Poderoso

EQUIVALÊNCIAS

As equivalências aqui listadas concernem a: 1) nomes de pessoas ou lugares muito conhecidos, para os quais adotamos, mesmo na Bíblia hebraica, a forma grecizada; 2) nomes que ocorrem na Bíblia hebraica em grafia hebraizante e na Bíblia grega em forma grecizada (Deuterocanônicos e NT).

Obs.: 1) A lista não pretende ser exaustiva.

2) Muitas vezes ocorre na Bíblia hebraica a forma grecizada (para pessoas ou lugares de renome) ao lado da forma hebraizante (para os menos conhecidos).

Aarão = Aharon

Abel = Hébel (irmão de Caim)

Abr(a)ão = Abr(ah)ão

Absalão = Abshalom

Acab = Ahab

Acaron = Eqron

Acaz = Ahaz

Acazias = Ahaziá (rei, tb. Ocozias)

Aco = Akô

Adão = Adâm

Adonias = Adoniá(hu)

Aicar = Ahicar

Amasias = Amaşiá

Amorreu = Emorita

Asaradon = Êsar-Ĥadon

Aser = Asher

Asor = Ĥaşor

Assur, Assíria = Ashur (império)

Azarias = Azariá

Azoto = Ashdod

Abiatar = Ebiatar

Babilônia = Babel

Balaão = Bilêam

Barac = Barak

Baruc = Baruk

Belém = Bet-Lechem

Benjamin = Biniamin

Betsan = Bet-Shean

Caim = Qáin (irmão de Abel)

Canaã = Kenáan

Canaanita, cananeu = kenaanita

Carmelo = Karmel

Cedron = Qidron
 Coré = Qôrah ou Qorê
 Dafne = Tahpanhês, Tahpenês
 Efraim = Efráim
 Egito = Mişráim
 Elias = Eliáhu
 Eliseu = Elishá
 Elisabete [Isabel] = Elisheba
 Esaú = Esav
 Esdras = Ezrá
 Esdrelon, cf. Jezreel
 Eva = Havá
 Ezequias = Hizqiáhu
 Ezequiel = lehzeqel
 Faraó = Par'ô
 Farés = Péreş
 Ferezeu = Perizita
 Fogor = Pe'or
 Galaad = Guilead
 Garizim = Guerizim
 Gaza = 'Azá
 Gedeão = Guideon
 Gergeseu = Guirgashita
 Gêdoliás = Guedaliáhu
 Helcias = Hlqiá(hu)
 Heliópolis = On
 Henoc = Hanok (patriarca)
 Heteu = Hetita
 Heveu = Hivita
 Isaac = lişhaq
 Isafas = Ieshaiáhu
 Ismael = Iishmael
 Israél = Iisrael
 Isşacar = Iissakar
 Jaboc = Iaboc
 Jacó = Iaaqob
 Jafa = Iafô
 Jarmuc = Iarmuc
 Jeconias = (Ie)konia(hu); I(Ch)oiakim
 Jefté = Iiftah
 Jeremias = Iirmiahu
 Jericó = Ierehó
 Jeroboão = Iarobêam
 Jerusalém = Ierushaláim
 Jessé = Iishai
 Jesus = Ie(ho)shua
 Jezabel = Izébel
 Jesus = Ie(ho)shua
 Jezreel = Iizreel
 Jô = Iob
 Joacaz = I(Ch)oaşaz
 Joaquim = Iehoiachim
 Joás = Ioash (rei)
 Jonas = Ioná
 Jônatan = I(Ch)onatan
 Jordão = Iarden

Josafat = Iehoshafat
 José - Iosef
 Josias = Ioshiáhu
 Josué = I(Ch)oshua, Ieshua
 Judá = Iehudá
 Macpela = Macpelá
 Mádaba = Medebá
 Madiá = Midian
 Malaquias = Malaki
 Manassés = Menashé
 Mardoqueu = Mordekai
 Maria = Miriâm
 Masfa = Mişpá
 Meguido = Meguidô
 Melquisedec = Malki-Şédec
 Mênfis = Noí
 Miguel = Mikael
 Miquéias = Mikáichu
 Moisés = Moshé
 Naason = Naşshon
 Nabucodonosor = Nebukadneşar
 Naum = Naşum
 Neemias = Nehemiá
 Neftali = Naftali
 Noé = Nôah
 Oséias = Hoshea
 Ozias = Uziá(hu)
 Queneu = Qenita
 Raab = Raşab
 Raquel = Raşel
 Rebeca = Ribká
 Roboão = Reşabeâm
 Rúben = Re uben
 Salmanasar = Shalmanéser
 Salomão = Shelomô
 Samaria = Shomrom
 Samuel = Shemuel
 Sansão = Shimshon
 Sara = Sará
 Saul = Shaul
 Sedecias = Şidqiáhu
 Senaquerib = Sanherib
 Sião = Şion
 Sídón = Sidon
 Simeão = Shimeon
 Siloé = Shilôah
 Siquém = Shekém
 Sofonias = Sefaniahu
 Susa = Shushan
 Tânis = Sôan
 Tebas = Nô
 Têeua = Teqoa
 Tiro = Sor
 Zabulon = Zebulun
 Zacarias = Zekariá(hu)
 Zorobabel = Zerubabel

TERMOS DA CRÍTICA TEXTUAL E LITERÁRIA

Áquila	antiga versão grega da Bíblia hebraica		documento, mas que é lido de modo diferente
leitura	forma em que o texto foi lido pelos antigos copistas	“texto lido”	texto conforme se lê na sinagoga
paralelo	texto semelhante em outro lugar da Bíblia (quer no mesmo livro, quer alhures)	texto masorético	texto da Bíblia hebraica adotado e transmitido pelos escribas da sinagoga nos primeiros séculos d.C. e em voga até hoje
Septuaginta	a mais antiga versão grega da Bíblia hebraica	“texto recebido”	forma do texto (leitura) adotada pelas edições bíblicas de uso comum ou oficial
Símaco	antiga versão grega da Bíblia hebraica	variante	leitura diferente da adotada no texto bíblico ou tradução publicada
Targum	paráfrase aramaica do AT	versão	tradução bíblica antiga
Teodocião	antiga versão grega da Bíblia hebraica	Vetus Latina	nome coletivo das antigas versões da Bíblia para o latim
testemunha	documento ou citação que atesta determinada leitura do texto	Vulgata	tradução latina da Bíblia feita por S. Jerônimo no séc. V
“texto escrito”	texto que se encontra no		

ABREVIATURAS USADAS NESTE LIVRO

a.C.	antes de Cristo	par., p.	textos paralelos
Áq.	tradução grega de Áquila	Qumran	texto descoberto nas grutas do mar Morto, em Qumran
aram.	(texto) aramaico	sam.	(texto) samaritano
AT	Antigo Testamento	séc.	século
c.	cerca de	Sím.	tradução grega de Símaco
cap., caps.	capítulo(s)	sir.	(texto) siríaco
cf.	confira	Targ.	Targum
d.C.	depois de Cristo	TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia (versão em língua portuguesa)
fr.	texto francês da TOB	Teod.	tradução grega de Teodocião
gr.	(texto) grego	TOB	Traduction Oecuménique de la Bible (versão francesa)
hebr.	(texto) hebraico	trad.	tradução
Introd.	introdução (do livro em questão)	v., vv.	versículo(s)
lat.	(texto) latim	Vet. Lat.	antigas traduções latinas antes da Vulgata
lit.	literalmente	Vulg.	Vulgata (trad. latina de S. Jerônimo)
LXX	Septuaginta (Setenta), trad. grega do AT		
masor.	masorá, texto masorético		
ms., mss.	manuscrito(s)		
NT	Novo Testamento		

A BÍBLIA

INTRODUÇÃO

Que é a Bíblia? Um simples olhar lançado sobre o índice basta para ver que ela é uma “biblioteca”, uma coleção de livros muito diversos. Quando se consultam as introduções a esses livros, a primeira impressão se confirma: distribuindo-se por mais de dez séculos, os livros provêm de dezenas de autores diferentes; uns estão escritos em hebraico (com certas passagens em aramaico), outros em grego; apresentam gêneros literários tão diversos quanto a narrativa histórica, o código de leis, a pregação, a oração, a poesia, a carta, o romance.

O nome desta coleção, “os livros” (em grego, *ta biblia*), tornou-se um singular, “a Bíblia” (em grego, *hē biblia*). “Os livros” chegaram a ser considerados como um único livro e até mesmo o Livro por excelência. Por quê?

De quem provém a Bíblia? Todos estes livros provêm de homens com uma convicção comum: Deus os destinou a formar um povo que toma lugar na história com legislação própria e normas de vida pessoal e coletiva. Foram todos testemunhas daquilo que Deus fez por esse povo e com ele. Relatam os apelos de Deus e as reações dos homens (indagações, queixas, louvor, ações de graça).

Este povo posto a caminho por Deus foi primeiramente Israel, que apareceu na história por volta de 1200 a.C., envolvido — como todos os povos vizinhos — nos movimentos que agitaram o Oriente Próximo até os inícios da nossa era. No entanto, sua religião o tornava um povo à parte. Israel conhecia um único Deus, invisível e transcendente: o SENHOR¹. Expressa a relação que o unia ao seu Deus com um termo jurídico: a Aliança. Submetia toda a existência à Aliança e à Lei que dela decorria, e seu modo de vida se tornava cada vez mais contrastante com o das outras nações. Toda a parte hebraica da Bíblia se refere à Aliança, tal como foi vivida e pensada por Israel até o século II a.C.

O antigo povo judaico, cuja dispersão se acelerou com a destruição de seu centro religioso, Je-

rusalém, em 70 e 135 d.C., prolonga-se na comunidade judaica, cuja história movimentada e freqüentemente trágica se desenvolve na maior parte do tempo em terra de exílio. As diversas tendências que o animam, todas têm por fundamento a Escritura e notadamente a Lei, venerada como a própria palavra do Senhor. Os judeus a lêem e sobre ela fundamentam sua prática no quadro de tradições que, lançando raízes na vida do antigo Israel, foram redigidas após a ruína da nação e inseridas na literatura rabínica.

Ao mesmo tempo que viu a desapareição da nação judaica, o século I assistiu ao nascimento da comunidade cristã, que se afastou progressivamente do judaísmo. Para os cristãos, a história do povo de Deus tinha encontrado cumprimento em Jesus de Nazaré; foi por ele que Deus reuniu as pessoas de todas as origens para formar um povo regido por uma nova Aliança, um novo Testamento². Era uma Aliança definitiva; em contrapartida, fazia da Aliança que regia Israel uma etapa que, embora indispensável, estava destinada a ser superada. Os cristãos denominaram-na de antiga Aliança e deram ao conjunto dos livros bíblicos recebidos de Israel o nome de Antigo Testamento (cf. 2Cor 3,14), enquanto os livros que falavam da pessoa e da mensagem de Jesus formaram o Novo Testamento.

Os discípulos de Jesus e seus sucessores imediatos que redigiram o Novo Testamento viam em Jesus aquele que concretizaria a esperança de Israel e responderia à expectativa universal tal qual expressa no seio desse próprio povo. Com toda naturalidade, utilizaram a linguagem dos livros santos de Israel com toda a sua densidade histórica e experiência religiosa acumulada no decorrer dos séculos. Conseqüentemente, a comunidade cristã reconheceu no Antigo Testamento a palavra de Deus. As Escrituras judaicas vieram a ser, então, a primeira Bíblia dos cristãos. Mas, iluminado pela fé em Jesus Cristo, o Antigo Testamento tomou

1. É assim que nesta Bíblia será traduzido o nome próprio do Deus de Israel (cf. Ex 3,14-15).

2. Aliança e Testamento são duas traduções da mesma palavra hebraica (cf. Hb 9,15 nota).

um sentido novo para eles, tornou-se como que um novo livro³.

Assim, judeus e cristãos se vinculam à Bíblia, mas não a lêem com os mesmos olhos. Não obstante, ela continua a convidar os homens e mulheres de todos os países e de todos os tempos a ingressar no povo dos que buscam a Deus no seguimento dos patriarcas, dos profetas, de Jesus e de seus discípulos. Livro do povo de Deus, a Bíblia é o livro de um povo ainda a caminho.

Ler a Bíblia. Os livros da Bíblia são a obra de autores ou de redatores reconhecidos como portadores da palavra de Deus no meio de seu povo. Muitos dentre eles ficaram no anonimato. De qualquer modo, não estavam isolados: eram conduzidos pelo povo cujas vidas, preocupações, esperanças partilhavam, mesmo quando se erguiam contra ele. Boa parte de sua obra se inspira nas tradições da comunidade. Antes de receber forma definitiva, estes livros circularam durante muito tempo entre o público e apresentam os vestígios das reações suscitadas em seus leitores, sob a forma de retoques, anotações e até de reformulações mais ou menos importantes⁴. Os livros mais recentes são por vezes reinterpretados e atualização de livros mais antigos (como, por exemplo, as *Crônicas*, com relação a *Samuel* e *Reis*).

A Bíblia está profundamente marcada pela cultura de Israel, povo que teve, como todos os outros, um modo próprio de compreender a existência, o mundo que o circundava, a condição humana. Exprime sua concepção do mundo, não numa filosofia sistemática, mas em costumes e instituições, em reações espontâneas dos indivíduos e do povo, através das características originais de sua língua. A cultura hebraica evoluiu no decorrer dos séculos, conservando, porém, determinadas constantes.

A civilização de Israel tem muitos pontos em comum com as civilizações dos outros povos do antigo Oriente. Apesar disso, o antigo Oriente não explica tudo na Bíblia; a linguagem dos livros foi modelada pela história própria de Israel, única em seu gênero. Muitas das palavras da Bíblia — particularmente no Novo Testamento — estão carregadas de uma experiência religiosa milenar. Para

detectar toda sua riqueza, é preciso levar em consideração o contexto de toda a Bíblia e da vida das comunidades que prolongam a existência do antigo Israel.

Isto explica por que, muitas vezes, é difícil para o homem de hoje compreender plenamente a Bíblia. Entre ela e ele se interpõe uma distância considerável: o afastamento no tempo, a diferença de cultura e, mais profundamente, a distância que um texto escrito sempre introduz entre a mensagem original e o leitor.

Para reduzir a distância, recorre-se à exegese, isto é, a uma explicação do texto. Cada época teve seus métodos. De dois ou três séculos para cá, o Ocidente viu desenvolver-se uma exegese histórica, à qual a civilização técnica forneceu instrumentos (especialmente a arqueologia científica). Sua intenção é estabelecer com exatidão o texto bíblico, compreender exatamente o sentido das palavras, situar o texto em seu ambiente original. É o resultado deste vasto trabalho que as introduções e as notas de *A Bíblia — Tradução Ecumênica* resumem.

A Bíblia, Palavra de Deus. O leitor constata que a Bíblia não constitui simplesmente um antigo tesouro literário ou uma mina de documentação sobre a história das idéias morais e religiosas de um povo. A Bíblia não é somente um livro no qual se fala de Deus; ela se apresenta como um livro no qual Deus fala ao homem, como atestam os autores bíblicos:

Não se trata de uma palavra sem importância para vós: é vossa vida (Dt 32,47). Estes sinais foram escritos neste livro para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome (Jo 20,30-31).

Nenhuma leitura poderá desconhecer essa função do texto bíblico, essa interpelação constante, essa vontade de transmitir uma mensagem vital e de atrair a adesão do leitor. O leitor é livre para resistir e pode apreciar a Bíblia apenas como um literato ou um apreciador da história antiga. Mas se ele aceitar entrar em diálogo com os autores que dão testemunho da própria fé e suscitam a necessidade de uma decisão, a questão fundamen-

3. Para evitar qualquer mal-entendido, seria melhor falar do Primeiro e do Segundo Testamento, sendo um imprescindível à compreensão do outro.

4. Ver, por exemplo, as introduções a *Isaías* e a *Ezequiel*.

tal, o sentido da vida, não deixará de ser enfrentada por ele. Pois a Bíblia e a fé — à qual ela convida de modo tão premente —, embora estejam profundamente enraizadas numa história particular e bastante longa, ultrapassam a história. Os autores bíblicos querem ser os porta-vozes de uma Palavra que se dirige a todo homem, em todo tempo e lugar.

Através dos séculos, as comunidades cristãs de todas as línguas e de todas as culturas encontraram e encontram alimento neste livro, cuja mensagem meditam e atualizam. Não é sem razão que nos cultos ou ofícios se lêem ou se cantam os

Salmos, o Antigo Testamento, as Epístolas, com o Evangelho; sua unidade é a unidade da fé. Fundada nesse testemunho da Bíblia, a fé não deixa de encontrar ali vida e força. O leitor (mesmo não-crente) sabe que esta fé existe hoje, que ela é — nas comunidades e algumas vezes fora delas — um certo modo de o homem viver a relação com os outros homens e de agir no meio deles, uma modalidade particular de existir que é fermento da história humana.

Assim, a Bíblia sempre remete o leitor à fé vivenciada, como também a vivência da fé sempre remete à Bíblia, na qual a fé lança suas raízes.

ORDEM DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

O leitor da Bíblia pode se surpreender ao constatar que nem todas as edições publicam os livros na mesma ordem. O que se segue pretende mostrar a origem dessas divergências.

1. As edições protestantes correntes apresentam a seguinte ordem (p. ex., J. F. de Almeida):

- o *Pentateuco*, Gn, Ex, Lv, Nm, Dt
- os *Livros históricos*: Js, Jz, Rt, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs, 1 e 2Cr, Esd, Ne, Est
- os *Livros poéticos*: Jó, Sl, Pr, Ecl, Ct
- os *Profetas*: Is, Jr, Lm, Ez, Dn, os Doze.

As edições católicas (p. ex., a Bíblia de Jerusalém) seguem a mesma ordem, mas inserem:

Th e *Jt* após Ne; *1* e *2Mc* depois de Est; *Sh* e *Sr* depois de Ct; *Br* depois de Lm.

Esta classificação apareceu no Concílio de Florença (1442), com a diferença de que o Concílio situa *1* e *2Mc* no fim do Antigo Testamento.

2. As edições da Bíblia hebraica agrupam os livros sob três títulos: A "Lei", os "Profetas", os "Escritos". Esse uso é anterior à era cristã (cf. *Sr* prólogo) e é bastante estável; algumas listas e manuscritos apresentam divergências no modo de agrupar os livros no interior da seção "Profetas" (p. ex. Isaías pode vir depois de Jeremias e Ezequiel), ou da seção "Escritos",

mas um livro nunca passa de uma seção para outra.

3. As listas gregas (grandes manuscritos dos séculos IV e V, fornecidas pelos Padres e Concílios) apresentam grande diversidade. O Pentateuco está sempre no começo; mas os outros livros são classificados conforme critérios variáveis, levando em consideração o gênero literário, o conteúdo, o autor suposto ou os costumes locais.

Esta variedade se explica, aliás, pela forma dos livros na antiguidade. Antes da aparição da forma *códex* (= páginas encadernadas em sequência como nos livros atuais), os livros eram rolos; sendo necessários uns vinte rolos para escrever todo o Antigo Testamento. Os bibliotecários os ordenavam em cofres, para protegê-los e classificá-los. O caráter eminentemente sagrado do Pentateuco vetava guardar outra coisa no cofre que lhe era reservado, mas quanto à disposição dos outros rolos não havia nenhuma ordem rigorosa.

A TEB optou por apresentar em sequência os livros transmitidos em hebraico (ou aramaico), depois os transmitidos em grego (*deuterocanônicos* na tradição católica, *apócrifos* segundo a denominação protestante). Os primeiros estão classificados segundo a ordem adotada pelo manuscrito B 19A, de Leningrado, que forneceu o texto-base e foi reproduzido na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

ANTIGO TESTAMENTO

INTRODUÇÃO

O Antigo Testamento é uma coletânea de escritos que os judeus chamam "a Lei, os Profetas e os Escritos" (abreviado conforme o hebraico, a *TANAK*), ou simplesmente "a Escritura". Quando os cristãos consideraram que suas próprias escrituras "apostólicas" expressavam as disposições de uma "Nova Aliança" (ou "Novo Testamento") entre Deus e seu povo, denominaram as escrituras

anteriores de Antigo Testamento, ou seja, a Antiga Aliança.

A presente Introdução quer apresentar o ambiente geográfico e histórico no qual nasceu o Antigo Testamento, explicar como foram reunidos os livros que o constituem, como nos foram transmitidos e qual seu significado para o crente de hoje.

A) A TERRA DA BÍBLIA

1. O "Crescente Fértil". A terra de Israel, chamada na Bíblia terra de Canaã e pelos geógrafos antigos e modernos, "Palestina" (isto é, "terra dos filisteus"), é um pequeno setor de um vasto conjunto geográfico em forma de meia-lua denominada o "Crescente Fértil"¹. Essa região tem, de fato, a forma de um arco cujo centro se situaria no deserto da Síria e ao norte do deserto da Arábia, regiões quase impenetráveis na Antiguidade. O próprio Crescente é uma zona irrigada por rios mais ou menos importantes: Tigre, Eufrates, Oronte, Litâni, Jordão. A essa região é preciso acrescentar o importante vale do Nilo, uma espécie de prolongamento, embora os geógrafos não o situem no "Crescente" propriamente dito. A margem interna do Crescente é formada por regiões semidesérticas que fazem a transição com o deserto, enquanto no exterior se estendem maciços montanhosos: Planalto Iraniano, Armênia, Tauro. Deste Crescente, a Síria e a Palestina formam a parte mais estreita: entre o Mediterrâneo e o deserto, ocupam um corredor de menos de 100 quilômetros de largura, que faz a ligação entre a Mesopotâmia e o Vale do Nilo.

Esse conjunto abrigou desde cedo uma importante população e viu desenvolverem-se vários grandes focos de civilização. As mais importantes concentrações foram feitas no Vale e no Delta do Nilo e nos cursos inferiores do Tigre e do Eufrates. Entre estas duas extremidades, a circulação era intensa. A rota principal seguia o Eufrates, atravessava a Síria por Palmira e Damasco, a Palestina por Meguido e

Jafa, para atingir o Egito por Gaza e Rafia. Em Damasco, podia-se tomar, margeando o deserto, a rota transjordania, que permitia chegar à Arábia por Eilat, e ao Egito pela península do Sinai. Um último itinerário, mais freqüentado pelos transportadores, ia diretamente do Eufrates aos portos fenícios (Tiro, Sídón, Biblos), de onde estava assegurada a ligação por mar com o Egito. Por essas grandes vias de comunicação, circulavam as mercadorias, os exércitos, e também as idéias.

O Crescente Fértil não era um mundo fechado. Comunicava-se diretamente com a Arábia, com a África através do Egito e da Etiópia, com a Índia através do Irã, e também com o Ocidente: Chipre, Creta, Ilhas Gregas, Jônia, mais tarde Grécia continental e Itália. Sempre houve intercâmbios comerciais entre o Crescente Fértil e a bacia mediterrânea, o que deu aos países do Mediterrâneo e do Oriente Próximo certa unidade cultural.

2. Estrutura da Palestina. Neste conjunto, a Palestina ocupa uma posição bastante marginal, embora se encontre inserida num importante corredor. Com efeito, o coração do país se encontra bem próximo dos grandes eixos de comunicação, mas a região está tão compartimentada que seus habitantes se vêem estrangidos a um certo isolamento.

De modo bastante sumário, podem-se distinguir quatro faixas orientadas no sentido norte-sul:

a) uma faixa costeira: o litoral mediterrâneo, estreito e pouco favorável ao estabelecimento de portos, prolonga-se numa cadeia de colinas (cha-

1. * [No hemisfério norte, a lua crescente é arqueada para norte.]

mada Shefelá — Baixada — no sul), cortada por pequenas planícies;

b) uma cadeia central: bastante elevada ao sul, na Judéia (mais de 1.000m), abaixa-se à medida que se vai para o norte, mas acaba por levantar-se na extremidade setentrional do país, antes de se prolongar no maciço do Líbano. Depressões transversais delimitam nitidamente três regiões: Judéia, Samaria, Galiléia. A mais importante dessas depressões é a planície de Jezreel, ou Esdrelon, limitada a oeste pelo monte Carmelo;

c) uma grande depressão ocupada pelo vale do Jordão, o lago da Galiléia e o mar Morto; prolonga-se ao sul pelo vale da Arábá, que termina no Golfo de Ácaba. Esta depressão, que prolonga as falhas geológicas dos grandes lagos africanos, é o fosso continental mais profundo de toda a terra: o mar Morto está 390m abaixo do nível do Mediterrâneo;

d) o planalto transjordaniano, cuja margem ocidental sobreolha a depressão central. Sua parte sul é recortada pelas gargantas dos afluentes do Jordão e do mar Morto (Arnon, Jaboc). A parte norte, menos abrupta, forma uma cadeia mais elevada do que a cadeia central; o Hermon e o Antilíbano são seus prolongamentos.

3. Condições de vida na Palestina. Apesar de variar com as regiões, o clima da Palestina apresenta alguns traços comuns: bastante ensolarado, chu-

vas distribuídas em poucos dias, estação seca de maio a outubro, grande irregularidade da quantidade de chuva (que pode diminuir ou duplicar de um ano para outro).

O índice pluviométrico decresce rapidamente de oeste para leste e de norte a sul. Desse modo, podem-se distinguir três regiões climáticas:

- entre a costa e as colinas centrais, uma região razoavelmente irrigada por chuvas, que permite as culturas mediterrâneas: trigo, cevada, vinha, oliveira, frutas e legumes;
- na vertente leste do maciço da Judéia e no Négueb, uma região semidesértica apta para algumas culturas periódicas e criação de ovelhas;
- uma região desértica, uma estepe, que fornece algumas pastagens periódicas.

Nas duas últimas regiões, encontram-se alguns oásis férteis, mas de superfície bastante reduzida.

Se, em comparação com as regiões semiáridas, as regiões irrigadas podiam passar por "terra boa", uma "terra que mana leite e mel", a vida nelas era sempre precária e a terra não podia alimentar uma população numerosa, que não parece ter ultrapassado um milhão de pessoas nos tempos bíblicos. As duas maiores cidades, Jerusalém e Samaria, não chegaram a contar mais de 30.000 habitantes. As outras cidades eram simples cidadelas fortificadas. O resto da população habitava povoados agrupados ao redor das nascentes.

B) ISRAEL NO MEIO DAS NAÇÕES

1. As grandes etapas da história de Israel

a) *As origens de Israel*, como as da maioria dos povos, são muito difíceis de estabelecer. A entrada de Israel na história, por volta de 1200 a.C., foi precedida por um longo período de formação (8 ou 9 séculos), que escapa em grande parte aos historiadores. No entanto, Israel guardou desse período lembranças de acontecimentos e de personagens marcantes, lembranças que se conservaram na tradição oral, narrativas que se transmitiam de uma geração a outra. Esses relatos podem conservar muitas informações úteis ao historiador. Confrontando essas tradições com o que sabemos da história do Oriente Próximo e com os documentos fornecidos pela arqueologia, pode-se chegar a certo conhecimento desse período decisivo.

Os antepassados dos israelitas devem ser procurados entre os semitas seminômades, criadores de

ovelhas, que circularam durante todo o segundo milênio pelas margens semidesérticas do Crescente Fértil. Pouco a pouco, esses grupos acabaram por se fixar; por vezes chegaram até a dominar uma região já ocupada por outras populações. Entre os seminômades, dois grupos são mais conhecidos: os amorreus (emoritas), que se fixam na Mesopotâmia, na Síria e na Palestina por volta de 2000 a.C., e os arameus, que se fixam na Síria no século XIII a.C. Mas os documentos egípcios e mesopotâmicos assinalam muitos outros grupos que se infiltravam continuamente na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito.

Desse período pouco conhecido, a tradição bíblica faz emergir algumas grandes figuras: Abraão, Isaac, Jacó-Israel e os ancestrais das tribos israelitas. É difícil avaliar o valor histórico dos dados sobre os patriarcas fornecidos pela tradição. Con-

frontando-os com os dados da história e da arqueologia, pode-se presumir que os patriarcas se fixaram na Palestina no século XIX ou XVI a.C. — segundo outras estimativas entre os séculos XVIII e XVI a.C. — e que vinham da Mesopotâmia (Abraão vinha de Ur na Suméria, Jacó de Haran no Médio-Eufrates). Os autores bíblicos se preocupam muito menos em situá-los na história de seu tempo do que em mostrar como eles se tornaram os pais espirituais do povo de Deus: adoradores e confidentes do único verdadeiro Deus, receberam dele ricas promessas para sua posteridade (Gn 15; 17).

Uma parte de seus descendentes se estabeleceu no Egito, em companhia de outros grupos semíticos. É impossível fixar uma data para a implantação, que se processou lentamente, no decorrer de quatro ou cinco séculos. Há, pelo menos, dois períodos que podem ter tornado esta instalação mais fácil:

- a dominação dos hicsos, vindos da Palestina e que governaram o Egito de 1700 a 1550 aproximadamente;
- o enfraquecimento do poder egípcio, que marcou o reino do faraó Akhenaton (1364-1347).

b) *O nascimento do povo* foi um processo complexo, que começou provavelmente em 1250, sob o faraó Ramsés II. Grupos semitas estabelecidos no Egito, submetidos a duras corvêias, conseguiram fugir sob a direção de Moisés, que os reagrupou ao redor do Sinai, depois no oásis de Qadesh (Cades), ensinando-os a servir ao Senhor, a quem devem a libertação, e dando-lhes um início de organização.

A Bíblia dá grande destaque a esses acontecimentos fundamentais, que apresenta como o ato de nascimento de Israel, o ponto de partida de sua história. Três fatos são especialmente destacados: a partida do Egito depois de uma série de catástrofes, sinais da intervenção do Senhor (Ex 7-12), a passagem do mar (Ex 14-15) e o encontro entre Israel e seu Deus no Sinai ou no Horeb (Ex 19-24).

As tribos que escaparam do Egito penetram em seguida na Palestina. Uma pelo sul, outras pelo leste. Trata-se em geral de movimentos dispersos, de infiltrações pacíficas em regiões pouco habitadas. Mas em vários lugares, os recém-chegados devem guerrear contra as cidades cananéias, que

tentam detê-los. As vitórias israelitas são compreendidas como novas provas da intervenção do Senhor, que dá a seu povo a “boa terra” prometida a seus antepassados. Entre os chefes de tribos que se destacaram nas batalhas, a Bíblia conservou sobretudo Josué, chefe de Efraim, que parece ter desempenhado um papel importante no reagrupamento das tribos, tanto das que vinham do Egito como das que já estavam instaladas na Transjordânia e na Galiléia. Israel é, de agora em diante, um povo constituído, embora sua estrutura política ainda seja muito maleável.

A “federação” das tribos pouco a pouco toma consistência no decorrer dos séculos XII e XI a.C., porque devia resistir a diversas ameaças: assaltantes nômades, reinos da Transjordânia, cidades cananéias. O perigo principal vinha dos filisteus, desembarcados nas costas da Palestina no início do século XII a.C., que se apresentavam como os concorrentes mais sérios de Israel na posse da Palestina. Durante muito tempo, as tribos se contentam com alianças defensivas, limitadas e temporárias, sob a conduta de chefes inspirados aos quais se dava o título de “Juizes”. Mas tendo a ofensiva filistéia se tornado mais ameaçadora, as tribos decidem reforçar a coesão pondo à sua frente um rei, conforme o modelo dos povos vizinhos.

c) *A monarquia*. Após o fracasso do reinado de Saul, o judeu David é reconhecido como rei por todas as tribos, pouco antes do ano 1000 a.C. (2Sm 5). David repele os filisteus para a costa e empreende uma série de guerras ofensivas contra os arameus; chegará a impor sua dominação a todos os estados vizinhos até o norte da Síria. Ao mesmo tempo, começa a organizar o Estado. Instala a capital em Jerusalém e para lá transfere a arca da aliança, centro do culto comum às tribos.

É a seu filho Salomão que compete concluir a organização do reino com a criação de um aparelho administrativo e de um exército permanente bem-equipado. Salomão desenvolve o tráfego comercial, que propicia ao país um rápido enriquecimento e ensaja ao jovem reino um lugar invejável em meio às nações. Ele multiplica as construções em Jerusalém e em todo o reino. Sua obra mais importante é a construção do templo de Jerusalém (1Rs 6-8), centro de reunião das tribos, no qual Israel vê o sinal da presença permanente do Senhor no meio de seu povo, a prova de que o povo de Deus está constituído e estabelecido em

solo próprio. O fim do reinado de Salomão foi, contudo, marcado por sérios reveses (1Rs 11).

O filho de Salomão, Roboão, não era capaz de governar o estado, apenas aparentemente unificado. Revoltadas por um despotismo oneroso, as tribos do centro e do norte provocam a secessão, em 933 a.C., e se constituem em estado independente, o reino de Israel. Isoladas no sul, as tribos de Judá e de Benjamin continuam fiéis ao descendente de David no reino de Judá. Durante dois séculos, o povo de Israel estará dividido em dois estados mais ou menos rivais.

Constituído pelas regiões mais ricas e mais povoadas do país, o reino do Norte conheceu períodos brilhantes, especialmente sob Omri (886-875), o fundador de Samaria, sob Acab, sob Jeroboão II. Mas, minado por uma instabilidade dinástica crônica, não teve meios para se opor à expansão assíria. Foi varrido pela ofensiva de Tiglat-Piléser em 738 a.C.; a última resistência foi quebrada em 722-721 a.C., com a tomada de Samaria. Parte da população foi deportada, e o território do reino tornou-se província assíria.

O reino do Sul, pobre, cercado por vizinhos hostis, não podia desempenhar um papel importante e parece ter sido bastante influenciado pela política egípcia. Logrou, no entanto, conservar seu lugar no meio das nações sob reis como Asá, Josafat, Ezequias, que teve de recolher o que restou do reino do norte, e Josias, a quem Judá deve seu último surto de independência. Mas após um prazo de pouco mais de um século, foi a vez de o pequeno reino ruir: os babilônios de Nabucodonosor arrasam Jerusalém e deportam parte de seus habitantes (587 a.C.).

Dispersos por toda a Mesopotâmia ou refugiados no Egito, os israelitas muitas vezes se assimilaram aos povos que os acolheram. Mas alguns grupos de origem judaíta souberam manter a coesão e preservaram uma vida religiosa própria: a organização que deram a suas comunidades foi a origem das sinagogas. Para esses grupos, o exílio foi a ocasião de refletir profundamente sobre a vida de seu povo e de fazer o balanço da história de Israel; vários livros da Bíblia são fruto dessa meditação.

Mas os profetas não esperaram o fim do reino de Judá para expressar um juízo de valor sobre os fatos que estavam ocorrendo. Ensinaram o povo de Deus a ver a obra do Senhor em todos os acontecimentos, tanto os mais gloriosos como os mais

trágicos. Nas catástrofes que, a partir do século VIII a.C., se abateram sobre os dois reinos, reconheceram as consequências das infidelidades cometidas pelo povo contra Deus: culto aos deuses estrangeiros e injustiça social. Mas deixaram entrever igualmente o retorno do povo infiel à graça e delinearam perspectivas de esperança.

d) *A comunidade judaica.* Com efeito, menos de 50 anos após a queda do reino de Judá, a situação se inverte: o império babilônico desmorona sob os golpes dos persas. Um decreto de Ciro, em 538 a.C., autoriza a reconstrução do Templo de Jerusalém, ao redor do qual se reagrupam os judeus que retornaram do exílio. É apenas uma pequena comunidade, que cresce lentamente em meio a numerosas dificuldades. Ela deve enfrentar especialmente a hostilidade dos que ficaram na região e ocuparam a terra. Neemias e Esdras, no século V a.C., dão-lhe uma organização definitiva. Sem influência no domínio político, ela deixou profundas marcas no âmbito religioso. Foi no decorrer desse período que a maior parte dos livros do Antigo Testamento recebeu a forma final.

Em 333 a.C., Alexandre Magno pôs fim à dominação persa e assegurou, no terreno político, a vitória do helenismo. Incorporada ao Império Macedônico, a terra de Israel terá de sofrer muitas vezes por causa das lutas entre os sucessores de Alexandre. Durante um século e meio, a comunidade judaica viverá em paz geral com o mundo grego. Mas em 167 a.C., o conflito explode: Antíoco IV quer abolir o estatuto particular de Jerusalém e lança o interdito sobre as práticas judaicas na Palestina. Os irmãos macabeus desencadeiam uma insurreição armada, que acaba por ser vitoriosa. Simão Macabeu, reconhecido como sumo sacerdote, obtém a independência para a Judéia (141 a.C.). Durante quase um século, seus descendentes, os hasmoneus, que se tinham arrogado o título de reis, mantiveram a situação, à qual os romanos puseram fim em 63 a.C., quando Pompeu se apoderou de Jerusalém e fez da Judéia uma província romana (cf. Introdução ao Novo Testamento).

No decorrer desse período, a comunidade judaica se separa progressivamente dos *samaritanos* que, vivendo em redor do santuário de Siquém, herdaram das tribos do centro algumas tradições opostas às de Jerusalém.

As invasões assírias, no século VIII a.C., e as babilônicas, no século VI a.C., dispersaram bom

número de israelitas na Mesopotâmia, no Egito e em outros países. Muitos não retornaram à Judéia, depois de 538 a.C. A unificação de numerosos povos sob a dominação grega favoreceu um movimento de emigração através de todo o Oriente Próximo e em torno da bacia do Mediterrâneo, especialmente no Egito. Desde o século II a.C., Alexandria conta mais judeus do que a Judéia. Ao mesmo tempo, desenvolve-se um intenso esforço de propaganda, que levará ao judaísmo muitos convertidos, os "prosélitos". Todos esses judeus residentes no estrangeiro constituem a *diáspora* (dispersão), muito mais numerosa do que a população da Palestina, metade da qual, aliás, não era judaica. Agrupados ao redor de sinagogas e, apesar da distância, muito apegados a Jerusalém e ao Templo, esses judeus partilham ao mesmo tempo a vida dos povos em meio aos quais residem. Eles contribuíram para dar ao judaísmo um semblante novo e o prepararam para superar a grande provação que foi, em 70 d.C., a guerra contra os romanos, que terminou com a ruína do Templo e, após uma derradeira resistência com Bar-Kokhá (em 135), com a supressão da nação judaica.

2. As nações em torno de Israel. No decorrer dos séculos, o Crescente Fértil foi o lugar de migração de numerosos povos de proveniência, cultura e religião diversas. Israel esteve em contato mais ou menos estreito com muitos dentre eles.

a) *Vizinhos imediatos.* Eram pequenos estados, cujos habitantes tinham mais ou menos a mesma origem que os israelitas.

No sudeste, os *edomitas* ocupavam o maciço de Seir, o vale da Arábá e a região de Petra. Mais ao norte, encontrava-se o reino de *Moab* (a leste do mar Morto), depois o reino de *Amon* (cf. a atual Amã). Na fronteira norte, Israel encontrava os *reinos arameus* (Damasco, Hamat). Apesar de os conflitos com esses países terem sido crônicos, Israel considerava que seus povos tinham com ele um parentesco, expresso nas genealogias: Amon e Moab eram os sobrinhos-netos de Abraão, Edom (Esaú) era o irmão de Jacó, o arameu Labão era tio e sogro de Jacó.

No noroeste se encontravam os *fenícios*, marinheiros e comerciantes que, durante toda a Antiguidade, sulcaram os mares, estabelecendo feitorias e colônias às margens do Mediterrâneo. Biblos, Sídön e Tiro foram periodicamente as capitais deste

pequeno reino, derradeiro resto dos estados cananeus vencidos pelos israelitas e os filisteus. Com população muito mesclada, Canaã tinha, no entanto, certa unidade cultural e religiosa, contrastando com o esfacelamento político da região. Falava-se aí uma única língua, o cananeu, cuja forma antiga só se pode perceber graças a algumas glosas de tabuletas babilônicas de Tell el-Amarna. A civilização e a religião de Canaã não são conhecidas pelo testemunho direto dos textos. Mas se admite que elas se assemelhavam, no essencial, com as que revelaram os documentos de Ras Shamra, na Síria do Norte, redigidas no século XVI a.C., numa língua chamada ugarítica.

No sudeste, enfim, residiam os filisteus, chegados à costa pouco depois da época da instalação das tribos de Israel. Sua religião e costumes diferiam nitidamente das religiões e costumes dos povos do Crescente Fértil, enquanto se assemelhavam aos de Creta e da Grécia. Para Israel, eram os estrangeiros por excelência.

b) *Grandes potências.* Israel tinha problemas não só com esses pequenos estados, mas também com as grandes potências que periodicamente dominavam o Oriente Próximo. Em raros períodos, a fraqueza dessas potências permitia à Palestina dispor de si mesma; David aproveitou-se de uma situação dessas para fundar seu reino. Mas, na maior parte do tempo, a Síria e a Palestina estavam submetidas à pressão de seus grandes vizinhos.

Primeiramente o *Egito*, que, por volta de 3000 a.C., já era um grande estado, com civilização bastante evoluída. Estendido ao longo do Nilo, estava voltado para a África (a Núbia, ou Etiópia), mas mais ainda para a Europa e a Ásia. Todo o tempo, os faraós procuraram dominar a Palestina que, durante longos séculos, foi província egípcia ou protetorado: quase todos os reis de Judá foram aliados ou satélites do Egito. Isso explica uma influência cultural prolongada que deixou na Bíblia traços importantes (em particular nos livros sapienciais).

Depois, a *Mesopotâmia*. Ela foi sempre um mundo complexo: todas as raças se entrecruzavam aí, os impérios se sucediam combatendo-se. O primeiro império mesopotâmico a dominar a Palestina foi o reino assírio, que começou sua expansão para o oeste no século IX a.C. Assolou o reino de Israel entre 735 e 721 a.C., enquanto o reino de Judá devia prestar-lhe vassalagem. A

potência assíria, definitivamente vencida em 608 a.C., deu lugar a um reino babilônico governado pelos caldeus (araméus orientais). Nabucodonosor impôs sua dominação a quase todo o antigo império assírio e esmagou definitivamente o reino de Judá em 587 a.C. Em 539 a.C., o rei da Pérsia, Ciro, pôs fim a esse império, cujas províncias incorporou a um império muito mais vasto, que se manteve por mais de dois séculos. O governo persa se mostrará tolerante para com as culturas e as religiões das etnias que dominava. Neste quadro, a comunidade judaica pôde se reconstituir e prosperar.

Mas, muito antes de confrontar-se com as potências políticas da Mesopotâmia, a Palestina já tinha tido relações prolongadas com esse foco de civilização. Desde 3000 a.C., pelo menos, a Baixa Mesopotâmia fazia sentir sua influência em toda a extensão do Crescente Fértil. Dominada sucessivamente pelos sumérios (Ur, Lagash), os acádios (Acad), os amorreus (Babilônia, Mári), os hurritas (Nuzi), os assírios (Nínive), os caldeus, os persas e outros ainda, a Mesopotâmia teve uma irradiação constante e bastante homogênea. A criação do império persa acrescentou a essa influência a contribuição dos povos indo-europeus do Irã.

Vem, por fim, o *mundo grego*. Desde o ano 2000 a.C., Canaã sofria a influência da civilização egípcia, influência que cresceu ainda mais a partir da época da dominação persa. Ela se torna particularmente forte no século IV a.C.: em alguns anos, o macedônio Alexandre construiu um império que ia do Adriático ao Indo. Com sua morte, em 323 a.C., o império foi dividido entre seus generais. A Palestina pertenceu primeiramente ao estado dos ptolomeus, que dominava o Egito (Alexandria), depois ao estado dos selêucidas (Antioquia), que recobria a Síria e a Mesopotâmia. Embora pertencessem à mesma civilização, chamada helenística, esses dois estados estavam em perpétuo conflito, e a Palestina mudou várias vezes de senhorio. Mas não foi apenas porque os gregos ocupavam o território que Israel se deparou com essa cultura: uma população numerosa helenizada se tinha instalado na Palestina no curso do século III a.C. No entanto, nessa época, o judaísmo, havia muito tempo, afirmara sua personalidade, e a influência grega só o tocou talvez bastante superficialmente. E não sem lutas (1 e 2Mc). A influência helenística atingiu mais os judeus da diáspora, embora neles também as referências fundamentais fossem sempre as da cultura e da religião de Israel.

C) O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

O Antigo Testamento não é a totalidade da literatura produzida pelo povo hebreu. É o resultado de uma seleção de livros aos quais se reconhece autoridade e que são, por isso, chamados *canônicos*

(a palavra *kanōn* em grego significa “regra”).

Sobre a formação do cânon do Antigo Testamento, remetemos o leitor à *Introdução aos livros deuterocanônicos*.

D) O TEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO E SUA TRANSMISSÃO

I – A língua do Antigo Testamento

Os livros do Antigo Testamento foram escritos essencialmente em hebraico. Essa língua semítica — aparentada, portanto, com o árabe e o babilônico — é bastante diferente das línguas europeias. Para compreender certas notas, talvez seja útil conhecer algumas de suas características, que são as mesmas para o aramaico, língua de alguns textos do Antigo Testamento.

— A maior parte das palavras (verbos e substantivos, por exemplo) é formada a partir de “raízes” caracterizadas por *consoantes* (habitualmente três,

o único elemento a ser escrito, ao menos no princípio). As vogais (variáveis) e um certo número de prefixos e sufixos servem para indicar as funções gramaticais: gênero e número dos nomes, modos dos verbos etc. Assim, a raiz *brk*, que exprime a idéia de bênção, pode tomar formas tais como: *barek* = abençoar, *berak* = ele abençoou, *heraku* = eles abençoaram, *yebarek* = ele abençoará, *baruk* = abençoado, *heruká* = abençoada, *beraká* = bênção.

Como o contexto é que determina o sentido das palavras, geralmente é fácil constatar na leitura quais vogais devem figurar em cada palavra: por

isso, essa escrita abreviada (sem vogais) foi suficiente para o hebraico durante o tempo em que permaneceu uma língua viva. Quando deixou de ser falado pelo povo, foram criados diversos sistemas para a notação das vogais.

— Nos verbos, o hebraico exprime sobretudo o *aspecto* da ação: as noções temporais de passado, presente, futuro nas quais se desenrola a ação são indicadas pelo contexto. A forma verbal descreve a ação como realizada ou não-realizada. A ação realizada corresponde geralmente ao passado (perfeito ou mais-que-perfeito), mas pode também ter valor para o futuro, se se olhar a ação em sua totalidade como uma realidade acabada. A ação não-realizada vale sobretudo para o futuro, mas também para o presente e o passado, quando a ação continua ou se repete (imperfeito). De fato, só o contexto permite saber se a ação está no passado ou no futuro, mas o próprio sentido do contexto nem sempre é evidente, o que explica numerosas divergências entre as diversas traduções da Bíblia.

— Como toda língua, o hebraico possui certo número de expressões idiomáticas: para falar do santo Templo de Deus, o hebraico diz “o Templo de sua santidade”; para descrever alguém que empreende uma viagem, o hebraico diz “levantou-se e foi”; para apresentar-se diante de Deus o hebraico diz “vir ante a face de Deus”.

As primeiras traduções gregas da Bíblia transpuseram numerosas expressões desse gênero, bem como outros hebraísmos. Desse modo criaram uma língua particular: o grego bíblico, utilizado no Antigo Testamento grego e no Novo Testamento. A estrutura é quase a mesma do grego que se falava em toda a bacia do Mediterrâneo entre o século II a.C. e o século I de nossa era; mas muitas palavras tomaram um sentido especial, e esse idioma utiliza figuras próprias ao hebraico ou aramaico.

II - A transmissão do texto

1. Os livros transmitidos em hebraico (ou em aramaico)

a) *O texto massorético*. Os livros que o povo judeu, no fim do século I d.C., considerou como

livros santos (Bíblia judaica, Antigo Testamento dos protestantes, livros *protocanônicos* do Antigo Testamento para a Igreja católica) foram conservados em sua língua original (*aramaico* para uma grande parte de Daniel e algumas passagens de Esdras, *hebraico* para todo o resto).

Chama-se *texto massorético* a forma textual oficial definitivamente fixada no judaísmo por volta do século X d.C., época na qual floresciam em Tiberíades, na família dos Ben Asher, os mais célebres *masoretas* (= transmissores e fixadores da tradição textual). O mais antigo manuscrito “massorético” que possuímos foi copiado entre 820-850 d.C. e contém apenas o Pentateuco. O mais antigo manuscrito completo, o códice de Alepo — hoje infelizmente amputado —, foi copiado nos primeiros anos do século X d.C. Nossas Bíblias hebraicas modernas reproduzem esse texto tal como foi copiado no manuscrito B 19a (L), de Leningrado (c. 1008).

O fato de a escrita hebraica anotar de modo preciso apenas as consoantes tornou ambíguos certos textos bíblicos. Por volta do século VII d.C., encontrou-se um meio preciso para anotar as *vogais* e para indicar a vocalização tradicional das frases e membros de frases, graças a um sistema complexo de pontos e de traços que acompanham o texto consonântico. Assim se fixou por escrito uma tradição de leitura e de exegese desenvolvida no judaísmo no curso do primeiro milênio de nossa era e da qual os *targumim* (traduções aramaicas da Bíblia hebraica) são as testemunhas fiéis. Resquícios de algumas traduções gregas realizadas sob a influência do rabinato no curso dos dois primeiros séculos (as de *Teodocião*, de *Áquila* e de *Simaco*) permitem remontar ainda mais longe na história desta tradição de exegese.

b) *O texto protomassorético e as formas textuais não-massoréticas*. O *texto consonântico* que serviu de base para a atividade dos *masoretas* (= *texto protomassorético*) tinha já suplantado no judaísmo todas as outras formas textuais rivais pelo fim do século I d.C.

A partir de 1947, foram descobertas, às margens do mar Morto, em grutas ao redor da ruína de *khirbet Qumran*², alguns rolos de livros bíblicos

2. No momento em que foram descobertos, os primeiros manuscritos receberam o nome de “Manuscritos do mar Morto”, mas deve-se preferir o nome “Manuscritos de Qumran” ou, conforme o caso, “Manuscritos do deserto de Judá”, pois outras descobertas foram feitas em várias grutas perto do mar Morto, além das do setor de Qumran.

quase completos e de milhares de fragmentos abandonados no século I de nossa época. Isso permitiu constatar que, na época de Jesus, circulavam na Palestina certo número de livros bíblicos em formas textuais por vezes divergentes do texto protomasorético. Conheciam-se já, antes da descoberta dos *manuscritos de Qumran* e do Deserto de Judá, algumas formas não-masoréticas do texto do Antigo Testamento: por exemplo, aquele que a comunidade dos *samaritanos* conservou para o Pentateuco, ou então o que serviu de base para a antiga tradução grega dos *Setenta* (*Septuaginta*). Essas duas últimas formas textuais, apesar de conservadas em manuscritos mais recentes que os manuscritos do Deserto de Judá, remontam aos três últimos séculos antes de Cristo.

Em todas essas formas do texto pré-masorético podemos encontrar por vezes um texto mais claro e inteligível do que o masorético. Daí a tentação de muitos exegetas, sobretudo entre 1850 e 1950, de a elas apelar para *corrigir* o texto masorético nos trechos considerados alterados.

c) *Alterações textuais*. É certo que determinado número de alterações diferenciam o texto protomasorético do texto original.

— Por exemplo, o olho do copista saltou de uma palavra a outra semelhante, situada algumas linhas abaixo, *omitindo* tudo aquilo que as separava.

— Do mesmo modo, certas letras, sobretudo quando mal-escritas, muitas vezes foram mal-lidas e mal-reproduzidas, pelo copista seguinte.

— Ou então um escriba inseriu no texto que ele copiava, e às vezes num lugar inadequado, uma ou várias palavras que encontrara à margem: termos esquecidos, variantes, glosas explicativas, anotações etc.

— Ou ainda alguns escribas piedosos pretendiam melhorar por meio de *correções teológicas* uma ou outra expressão que lhes parecesse suscetível de interpretação doutrinalmente perigosa.

Algumas dessas alterações podem ser detectadas e corrigidas graças às formas textuais não-masoréticas, quando estas se verificam isentas de alteração.

d) *Crítica textual*. Que forma de texto escolher? Noutras palavras, como chegar a um texto hebraico o mais próximo possível do original? Alguns críticos não hesitam em “corrigir” o texto masorético cada vez que ele não lhes agrada, seja por motivo literário, seja por motivo teológico. Por reação,

outros se atêm ao texto masorético, mas quando ele é manifestamente insustentável, procuram encontrar numa ou noutra das versões antigas uma variante que lhes pareça preferível. Esses métodos não são científicos, sobretudo o primeiro. São perigosamente subjetivos.

Atualmente, um melhor conhecimento da exegese targúmica e das literaturas antigas do Oriente Próximo permite explicar certas passagens até hoje obscuras.

Mas a solução verdadeiramente científica consistiria em fazer com a Bíblia hebraica o que se faz com o Novo Testamento e com todas as obras da Antiguidade: um estudo bastante minucioso do conjunto das variantes, estabelecendo “a árvore genealógica” dos testemunhos que possuímos — texto masorético, múltiplos textos de Qumran, Pentateuco samaritano, versões gregas da Septuaginta (com suas três revisões sucessivas), da Quinta (de Orígenes), de Áquila, de Símaco, de Teodocião, versões aramaicas dos *targumin*, versões siríacas peshitto, filoxeniana, siro-hexaplar, harqleana, versões latinas antigas e Vulgata de Jerônimo, versões coptas, armênicas etc. — e assim, sem nenhuma conjectura subjetiva, restabelecer o arquétipo à base de todas as testemunhas. Geralmente esse arquétipo remonta ao século IV a.C. Em alguns casos privilegiados (certas passagens das Crônicas), pode-se provar que o arquétipo assim obtido é o próprio original. Quase sempre o arquétipo está separado do original por um período mais ou menos longo, e então se está obrigado, para passar do arquétipo ao original, a recorrer a algumas conjecturas, com a aplicação prudente de princípios críticos bem estabelecidos.

Infelizmente, os textos de Qumran ainda não estão todos publicados, e o trabalho crítico exige tanta competência e pesquisa que ele levará ainda várias décadas. Por isso, para evitar as fantasias de correções falaciosas, os responsáveis pela *Bíblia — Tradução Ecumênica* decidiram seguir, o mais perto possível, o texto masorético, esclarecendo-o pelo trabalho dos grandes exegetas judaicos da Idade Média: Rashi, Ibn-Ezra, Qimhi etc.

2. Os livros transmitidos em grego. Fiel nesse ponto mais a Orígenes do que a Jerônimo, a presente tradução não quis manter o apego à tradição

rabínica a ponto de eliminar os livros que, desde a fundação, as Igrejas herdaram do judaísmo de língua grega (classificados como *deuterocanônicos* na tradição católica). Pelo fato de os judeus de língua hebraica não os terem conservado na lista oficial de seus livros santos e de o judaísmo ter cessado de assegurar-lhes a tradição textual no

curso do século I de nossa era, eles nos oferecem tradições textuais geralmente menos unificadas que, por vezes, perderam o enraizamento semítico de onde a maior parte deles surgira. As introduções a cada um deles justificam as escolhas textuais realizadas pelos colaboradores desta Tradução.

E) O SENTIDO DO ANTIGO TESTAMENTO

1. Para os judeus. Para ler a Bíblia (= "Lei escrita"), o judaísmo elaborou sua própria tradição interpretativa durante o período rabínico clássico, do século II a.C. ao século VIII da nossa era. Primeiramente "Lei oral" ou "tradição dos antigos" (porque transmitida de mestre a discípulo sem a mediação escrita), essa tradição foi codificada e posta por escrito na *Mishná* (que, com o seu comentário, a *Guemará*, forma o *Talmud*) e nas diversas coletâneas *midráshicas*. Ela se desenvolve essencialmente sobre dois pontos: a interpretação livre e homilética, visando alimentar a reflexão religiosa (*Hagadá*) e a definição das regras de conduta cotidiana (*Halaká*). "Lei escrita" e "Lei oral", texto de referência e interpretação ininterrupta, constituem a tradição religiosa viva do judaísmo.

Deixemos a palavra a dois autores judeus contemporâneos:

"Se existe uma coisa no mundo que mereça o atributo de divino, é a Bíblia. Há inúmeros livros sobre Deus. A Bíblia é o livro de Deus. Revelando o amor de Deus pelo homem, ela nos abriu os olhos, a fim de que pudéssemos ver que aquilo que tem um sentido para a humanidade é, ao mesmo tempo, o que é sagrado para Deus. Ela mostra como a vida de um indivíduo pode se tornar sagrada, e sobretudo, a vida de uma nação. Oferece sempre uma promessa às almas honestas quando perdem o ânimo, enquanto os que a abandonam vão de encontro ao desastre" (A. Heschel, *Dieu en quête de l'homme*, Paris, Seuil, 1968, p. 263 [port: *Deus em busca do homem*, São Paulo, Paulinas, 1975]).

"A teologia judaica, ligando o universalismo da criação ao particularismo de Israel, confirma aquilo que toda a Bíblia ensina, a saber, que Deus se revela ao homem e que Israel está no centro da humanidade, criada à imagem espiritual de Deus:

'Vós sereis para mim um povo de eleição entre todos os povos, um reino de sacerdotes, uma nação santa' (Ex 19,5-6); 'Santos vos tornareis, pois Eu sou Santo, Eu, o Senhor, vosso Deus' (Lv 19,2).

"Compreende-se então que o judaísmo conceda à Bíblia o lugar mais eminente no ensinamento sinagagal, visto que ela é o 'Livro da Aliança' que une Deus a seu povo (Ex 24,7), a carta que, em Abraão, tornou todo Israel bênção para todas as nações (Gn 12,3), de sorte que 'a terra inteira reconheça um dia e proclame a Realidade e a Unidade de Deus' (Zc 14,9)" (A. Zaoui, *Catholiques, juifs, orthodoxes, protestants lisent la Bible. Introductions à la Bible*, t. I, Paris, Cerf, 1970, p. 76).

2. Para os cristãos. O Antigo Testamento só é antigo em relação ao Novo, isto é, a nova aliança instaurada por Jesus Cristo. Mas não se deve exagerar a diferença entre ambos, como se a antiga aliança e a literatura que dela dá testemunho tivessem caducado. Essa visão das coisas, que foi a de Marcião no século II, reaparece periodicamente na história da teologia. Ora, ela atinge mortalmente o próprio Novo Testamento.

a) O Antigo Testamento foi a única Bíblia de Jesus e da Igreja primitiva. Como livro da educação judaica, de algum modo, moldou a alma de Jesus. Este assumiu os valores do AT como fundamentos do seu evangelho: não veio para "abrogar" a Lei e os profetas, mas "para cumpri-los". Cumpri-los era primeiramente levá-los a um ponto de perfeição no qual o sentido primitivo dos textos se superasse a si mesmo, para traduzir em sua plenitude o mistério do Reino de Deus. Cumpri-los era também fazer entrar na experiência humana o conteúdo real das promessas que polarizavam a esperança de Israel. Era desvendar o sentido definitivo de uma história ligada a uma

educação espiritual, mostrando sua relação com o mistério da salvação, consumado pela cruz e ressurreição de Jesus. Era enfim dar à oração que aí se expressava uma riqueza de conteúdo que ultrapassasse os seus limites provisórios. Sob todos estes aspectos, Jesus cumpriu em sua pessoa as Escrituras que estruturavam a fé de Israel.

b) Por isso a Igreja apostólica encontrou nas Escrituras o ponto de partida necessário para anunciar Jesus Cristo. À luz da Páscoa, ela não somente rememorou os feitos e gestos de Jesus, a fim de compreender o seu sentido profundo; também releu todos os textos antigos que lhe recordavam a história preparatória, com suas peripécias contrastantes, suas instituições provisórias, seus sucessos e fracassos, seus pecadores e santos. Não se encontravam esboçados, anunciados e prefigurados já no Primeiro Testamento a mensagem de Jesus, sua missão redentora, a constituição e o mandato da Igreja? Por isso os livros do Novo Testamento, sem perder de vista as lições positivas contidas nos preceitos do Antigo, habitualmente reinterpretam os textos do AT para fazer emergir neles a presença antecipada do Evangelho. Dessa forma o Antigo Testamento pôde tornar-se a Bíblia Cristã, sem nada perder de sua consistência própria, antes adquirindo o estatuto de Escritura "consumada".

c) Tal é a perspectiva na qual a primitiva teologia cristã foi construída, para explicitar o conteúdo do Evangelho e explicar quem é Jesus, Messias judeu e Filho de Deus. As imagens de Adão e de Moisés, de David e do Servo sofredor, do Emanuel e do Filho do Homem vindo sobre as nuvens permitiram elaborar a linguagem fundamental da fé cristã. Certamente a linguagem do Novo Testamento apresenta diversidade notável. Mas, embo-

ra não despreze os recursos do universo cultural no qual viviam seus autores e leitores, foi tecido com as palavras e as frases da Escritura, as quais lhe conferem densidade. A relação entre Deus e seu povo, manifestação de sua graça e fidelidade, tomou assim sua verdadeira dimensão: tudo aconteceu a nossos pais "para servir de exemplo" e Deus quis que isso fosse consignado por escrito "para nos instruir, a nós a quem coube o fim dos tempos" (1Cor 10,11).

O Novo Testamento, por conseguinte, pôs as bases de uma leitura cristã do Antigo. Descoberta do Espírito sob o véu da letra. Revelação do sentido definitivo sob invólucros provisórios. Tal trabalho não se realizou, no decorrer dos séculos da história cristã, sem suscitar problemas complexos, que cada época formulou de modo novo. Herdeiros dessa tradição interpretativa, sempre orientada por uma visão de fé, vemos esses problemas se apresentarem a nós. Que pode haver de extraordinário nisso, uma vez que a Palavra de Deus veio até nós no meio de uma história verdadeiramente humana e sob a forma de palavras verdadeiramente humanas? Para além dessa história e desses textos, a Igreja se esforça por perceber a Palavra de Deus da qual é portadora, a fim de lhe responder na "obediência da fé". Por isso é importante que a Escritura inteira se tenha transformado no tesouro comum das Igrejas, divididas por tantos dramas históricos. A obediência comum à única Palavra de Deus não é o índice mais seguro de uma unidade que se procura construir? É vivendo da mensagem bíblica, do modo como dela viveram os apóstolos, que os cristãos de hoje reencontrarão o caminho da reunificação em Jesus Cristo.

O PENTATEUCO

INTRODUÇÃO

Unidade e diversidade do Pentateuco. Os primeiros livros da Bíblia formam o que se chama, na tradição cristã — grega, depois latina — o *Pentateuco*. É uma palavra grega que designava os “cinco estojos” que encerravam os volumes ou rolos, as cinco partes daquilo que se chama em hebraico a Torá, palavra habitualmente traduzida por “Lei”; por isso dizia-se também para designar esses livros “os cinco quintos da Lei”. Fala-se ainda dos “cinco livros de Moisés”, pois, conforme a tradição, Moisés é o legislador, o intermediário pelo qual o povo de Israel recebeu a Lei.

A Torá de Moisés é composta de várias coletâneas de leis, cada qual com sua estrutura literária, histórica e social, e enquadrando grandes ciclos de narrativas que evocam os atos de Deus na constituição do povo.

Os títulos dos cinco livros do *Pentateuco* vêm do grego. Procuram dar uma idéia esquemática do conteúdo: as origens, *Gênesis*; a saída do Egito, *Êxodo*. O nome do *Levítico* corresponde ao papel dos filhos de Levi na legislação cultual, o dos *Números* provém do recenseamento das tribos; o *Deuterônomo* (em grego, a “segunda lei”) é como uma retomada, uma repetição da lei. A tradição judaica se contenta com designar cada um dos cinco livros pela sua primeira palavra hebraica.

A divisão em cinco partes não quebra a unidade do conjunto, manifestada pela continuidade de um livro noutro. Dessa forma, o livro do Êxodo inicia por uma breve recapitulação da genealogia de Jacó desenvolvida no cap. 46 do Gênesis e por uma retomada do último versículo do livro das origens. O Levítico prolonga a revelação da Lei a Moisés no Sinai, que principia em Ex 20 e não será concluída antes de Nm 10. Quanto ao Deuterônomo, é um discurso patético de Moisés, no qual ele renova o código de Ex 20–23, prevendo o tempo em que o povo, recém-instalado na Terra prometida, estará defronte ao risco de esquecer as exigências do seu Deus.

A atual divisão em capítulos, que data da Idade Média, pretende dar ao conjunto uma divisão mais ou menos regular para a comodidade da leitura e do estudo. As seções da leitura litúrgica judaica conheceram variações. Tampouco elas correspondem ao que se poderia considerar divisões naturais do texto, pois estas constituem seções de extensão muito variável. Por exemplo, a história de José ocupa vários de nossos capítulos (Gn 37 e 39–50); em compensação, o episódio da união dos anjos com as filhas dos homens ocupa apenas alguns versículos (Gn 6.1–4). Não se deve procurar no Pentateuco a composição rigorosa de um código moderno de leis ou de um tratado de teologia; e, apesar de seguir uma ordem cronológica, também não é um manual de história.

A lei e a história. Muitos textos narrativos do *Pentateuco* têm por finalidade valorizar uma lei: é assim que o episódio do bezerro de ouro (Ex 32–34) liga a ordem de partida do Sinai para a Terra prometida e a formulação da aliança com o preceito: “Não farás para ti deuses em forma de estátua” (Ex 34.17). Outros relatos justificam uma instituição: p. ex., a revolta de Qôrah, Datan e Abirâm (Nm 16–17) explica a escolha da família de Aarão para desempenhar as funções sacerdotais. Embora o Gênesis seja mais narrativo e o Levítico mais legislativo, é no Gênesis que se encontra a lei-instituição da circuncisão, não relatada alhures (Gn 17.9–14), e é no Levítico que se lê a narrativa da investidura sacerdotal de Aarão (Lv 8 e 9). A tradição judaica é mais sensível ao aspecto legislativo da Torá; a tradição cristã muitas vezes conservou mais os aspectos narrativos, a ponto de ver neles uma história da humanidade salva por Deus. A análise literária permite, em certa medida, distinguir diferentes “gêneros”, e o conhecimento dos documentos do Oriente Próximo antigo ajuda a caracterizá-los (código penal, legislação matrimonial, genealogia etc.). Mas o trabalho de análise, por si só, não daria conta da

1. A “Lei”, à medida que designa o conjunto desses cinco livros, não se restringe a uma significação jurídica, mas engloba, com as partes narrativas, uma visão da história da eleição e da salvação.

perspectiva de conjunto: a imbricação de textos de gêneros tão diferentes é deliberada, significativa; não há leis e narrativas, mas uma lei que é, ao mesmo tempo, história: a história e a lei do povo escolhido e constituído por Deus.

Uma composição por etapas. Sem perder de vista a unidade de conjunto do Pentateuco, o leitor atento se surpreenderá com certos aspectos literários que traem uma composição complexa. Longe de empobrecer a leitura, essa atenção dispensada à diversidade de estilos e testemunhos contribui para desvelar os cinco livros como uma suma na qual se fixaram as confissões de fé de Israel, cada qual à sua maneira, no decorrer dos séculos.

Dessa forma, certos textos legislativos se repetem em contextos diferentes: o Decálogo é dado duas vezes (Ex 20; Dt 5); o ciclo das festas, quatro vezes (Ex 23; 34; Lv 23; Dt 16). O mesmo vale para as narrações: uma dupla narrativa da criação (Gn 1,1-2, 4a; 2,4b-25), da expulsão de Hagar (Gn 16 e 21), da vocação de Moisés (Ex 3-4 e 6,2ss.) etc. Não se trata de simples repetições. Cada um dos textos paralelos possui uma marca original. O mandamento do *shabbat*, por exemplo, se funda tanto na evocação da criação (Ex 20,9-11), como na da saída do Egito (Dt 5,12-15): essas duas motivações para um mesmo mandamento possuem a mesma autoridade, mas decorrem de intenções diversas, que merecem ser resgatadas. O fenômeno é particularmente nítido na história do patriarca que faz a própria mulher passar por sua irmã aos olhos de um rei. Ela aparece três vezes. Em Gn 12 e 20, é aplicada a Abraão e Sara; em Gn 26, a Isaac e Rebeca. Também pode acontecer que uma narrativa desdobrada desse modo se apresente não só sob a forma de duas narrações distintas, mas como uma única narração na qual duas tradições se mesclam: a narrativa do dilúvio (Gn 6,5-9,17). O caráter composto desse texto é evidente, pois as diferenças de estilo saltam aos olhos. Bastaria perceber as diferenças nas indicações numéricas: dois animais de cada espécie (6,19) ou sete (7,2); quarenta dias de inundação (7,17) ou cento e cinquenta (7,24).

Diversidade literária aparece também no nível do estilo e das peculiaridades de vocabulário. A

mais evidente é o emprego de diversos nomes divinos, particularmente óbvia nas narrativas paralelas. Uma das duas narrativas da expulsão de Hagar, por exemplo, fala do Senhor (YHWH, Gn 16,3-14), enquanto a outra emprega o nome comum para designar Deus (Elohim, Gn 21,9-19)². A esse primeiro critério — que serviu de chave para que a análise literária identificasse a origem diversa das tradições — acrescentam-se outras divergências: a montanha da revelação ora é o Sinai (Ex 19,1; Nm 10,12), ora o Horeb (como sempre em Dt, mas já citado em Ex 3,1; cf. nota); os antigos habitantes da região são os cananeus (Gn 12,6) ou os emoritas (Dt 1,19, nota). Essas diferenças, entre muitas outras, sobretudo as que se combinam, evidenciam hábitos de linguagem próprios a certos grupos religiosos por meio dos quais os dados da tradição foram transmitidos. O estilo caloroso das exortações do Deuterônomo contrasta com o caráter técnico das prescrições rituais de Lv 1-7, assim como se choca com a forma lapidar dos mandamentos de Lv 19, onde o próprio Deus exige obediência, pois, é ele quem diz: “Eu sou o Senhor, vosso Deus”. Tantas particularidades de estilo não se explicam apenas pela diferença de objetos tratados, mas também pelas maneiras distintas de confessar e de viver a fé no Deus único.

Num plano mais artístico, enfim, pode-se comparar a extrema sobriedade de uma narrativa como a da vocação de Abraão (Gn 12,1-4) com o romance pitoresco do casamento de Isaac e Rebeca (Gn 24) ou as aventuras de José (Gn 37: 39-50).

Todos esses fenômenos literários deixam transparecer um longo processo de composição, até se chegar ao conjunto acabado e definitivamente fixado. Na origem, os santuários, os lugares de peregrinação constituíam núcleos em redor dos quais se perpetuavam as tradições orais de tribos ou de grupos de tribos. Todos vinham a eles para celebrar os grandes feitos da história da salvação: a Páscoa com a recordação do Êxodo, as Tendas com a recordação da estada no deserto. Os sacerdotes, guardiães e intérpretes das leis da aliança, herdeiros da tradição mosaica, velavam pela salvaguarda e transmissão das tradições particulares que, pouco a pouco, se agruparam em ciclos ou

2. No primeiro caso, trata-se do tetragrama de YHWH, o nome divino que já na tradição judaica antiga não era pronunciado, mas substituído por “o Senhor”. Cf. Ex 3. A presente tradução recuperou esse uso.

conjuntos mais vastos, à medida que se estreitavam os laços entre as tribos. À medida que se afirmava a unidade religiosa de Israel, esta supunha a formação de uma síntese ainda mais ampla, que traçasse o destino inteiro do povo a serviço de seu Deus. Tradições religiosas e tradições literárias resultaram assim na formação do nosso Pentateuco; deixaram traços ainda visíveis, graças aos quais se pode ter uma idéia das etapas dessa história, e que dão testemunho da fidelidade da redação final a essas tradições venerandas.

Pode-se comparar o Pentateuco em sua redação final a um terreno de aluvião criado por um rio provindo de uma vasta bacia hidrológica, cujas camadas sucessivas conservam vestígios de sua origem particular. É incumbência da análise literária identificar essas contribuições diversas e ensaiar hipóteses sobre o meio de origem das camadas no seio do povo de Israel, assim como as circunstâncias de sua fixação literária.

Hoje se concorda em reconhecer que quatro correntes principais contribuíram para a formação do conjunto, cada uma das quais projetando sua própria perspectiva sobre a história da aliança e de suas instituições.

A tradição sacerdotal (P). A camada literária mais facilmente identificável é a que dá ao Pentateuco sua atual estrutura geral. Estende-se da narrativa da criação do mundo em sete dias (Gn 1,1-2,4a) à morte de Moisés (Dt 34,7-9) e organiza a história em torno a uma seqüência de genealogias (Gn 5,1 e nota). Ela passa pelo dilúvio e a aliança com Noé (Gn 9) para alcançar a aliança com Abraão (Gn 17). Além dos patriarcas e da revelação do nome divino a Moisés (Ex 6), ela narra a saída do Egito, depois se detém demoradamente na revelação da lei e das instituições culturais por intermédio de Moisés no Sinai (Ex 25 a Nm 10). As características mais marcantes de seu estilo são as repetições, uma certa rigidez, o gosto da precisão numérica, genealogias, listas, e a predileção por tudo o que concerne ao culto e à liturgia. O interesse dessa tradição pelo santuário (Ex 25-31 e 35-40), pelos sacrifícios (Lv 1-7) e pelo clero constituído por Aarão e seus filhos (Lv 8-10) permite reconhecer nela o testemunho próprio do círculo dos sacerdotes, de onde a denominação de tradição sacerdotal que lhe foi dada, simbolizada pela inicial *P* (de *Priestercode*x, código sacerdo-

tal). Por muito tempo considerada proveniente da corrente mais antiga da tradição — notadamente porque é ela que serve de fio condutor a todo o Pentateuco —, sabe-se hoje que essa camada é a de fixação mais recente, embora transmita certo número de materiais antigos. Com efeito, a imagem que ela reproduz das instituições culturais corresponde à organização da comunidade pós-exílica. Na verdade, foi de acordo com essa forma da tradição que a comunidade judaica se reconstituiu depois da grande ruptura do exílio. Foi esse texto que certamente serviu de fundamento para a reforma de Esdras (Ne 8; comparar Ne 8,18 a Lv 23,36). Baseando-se em uma longa tradição oral, ela pode ter sido redigida pelos sacerdotes de Jerusalém durante o exílio na Babilônia, em vista da restauração do culto no templo reconstruído. Ela dá testemunho de que Deus é senhor do universo inteiro, que todo homem foi criado a sua imagem para servi-lo e adorá-lo. Deus firmou aliança com toda a humanidade por meio de Noé, depois escolheu Abraão para que ele viesse a ser o pai de uma multidão de nações e fez aliança com ele. No seio de sua descendência, Deus separou os levitas, e dentre eles Aarão e sua linhagem, para oferecer o culto em nome de todo o povo. É no santuário sobre o qual repousa a graça divina que se realiza o encontro salvífico entre Deus e os homens, graças à mediação de Moisés e do sumo sacerdote Aarão.

Esta sucessão de alianças concêntricas confere ao conjunto do *Pentateuco* sua majestosa ordenação, mas não se deve perder de vista que se trata de uma visão superelaborada e relativamente tardia da história das origens. Não é de causar surpresa que um documento-programa desses tenha sido utilizado para o arremate redacional de todo o Pentateuco, com o enquadramento e reorganização dos materiais mais antigos da tradição.

A tradição deuteronomica (D). Uma segunda camada é facilmente resgatável — porque não se mescla facilmente com as outras e se caracteriza por um estilo muito particular. É a tradição compilada no *Deuterônômio*, designada pela letra *D*. Centrada no ensinamento da lei, renuncia ao plano cronológico de uma história das origens. Seu gênero literário é o da pregação, com a conclamação à obediência, as exortações, ameaças e as promessas. As múltiplas prescrições da lei são

articuladas com o mandamento central do amor a Deus (Dt 6,5 e nota). Mas a catequese da lei se refere constantemente aos eventos da história, dos quais ela ressalta a atualidade (Dt 1,10 e nota); a saída do Egito (Dt 16,3), a promessa de uma boa terra feita aos pais (Dt 4,31 e nota) e mesmo a criação do mundo (Dt 4,32 e nota). Ela evoca também o bezerro de ouro e as infidelidades do povo no deserto (Dt 9,7ss.), a fim de advertir Israel e de levá-lo a escolher entre a vida e a morte (Dt 30,15ss.).

A exigência de um santuário único (Dt 12) permite pôr essa obra literária em relação com a reforma do culto realizada pelo rei Josias em 622 a.C. (2Rs 22-23), ainda que o "livro da lei" — que é a sua base — seja provavelmente uma versão breve e primitiva do livro do Deuteronômio. A atenção reservada aos levitas (Dt 18,1-8) e seu papel de detentores da lei (Dt 33,8-11; 17,18) e de pregadores juntamente com Moisés (Dt 27,9) indicam que essa tradição é a mesma que se transmitia no círculo dos levitas dos antigos santuários do interior, porta-vozes do ensinamento de Moisés. Pode ser que ela tenha recebido sua primeira fixação escrita após a queda do reino do Norte (em 722 a.C.), entre os levitas do Norte refugiados em Judá, ou, de acordo com outra hipótese, entre os sábios agregados à corte de Jerusalém. Mas foi submetida a numerosos desenvolvimentos ulteriores, até o tempo do exílio (Dt 4,25ss.)³.

O longo trabalho de redação deuteronomista não atingiu apenas o Deuteronômio. Enriqueceu visivelmente várias passagens mais antigas do Êxodo (por exemplo, Ex 12-13; 32-33) e até do Gênesis (Gn 18,17-19), onde se podem reconhecer seu estilo e vocabulário. Aliás, é nessa perspectiva que também se organizou a grande síntese da história subsequente, da entrada na terra à queda de Jerusalém, tal como registrada nos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis, cujo prefácio se encontra nos três primeiros capítulos do Deuteronômio. Essa forma deuteronômica da tradição marcou profundamente o testemunho de todo o Antigo Testamento, com sua insistência no Deus único, na fidelidade à promessa, na eleição gratuita de um povo a quem ele dá terra e instituições, e cuja lei é para aqueles que a praticam fonte de vida e alegria.

Tradições mais antigas. Se agora lançarmos o olhar para os trechos mais antigos, veremos que o *Pentateuco* toma proporções mais modestas, traçando, embora, sua origem diversificada. As camadas aqui são mais difíceis de identificar, pois a redação definitiva deslocou-as parcialmente para integrá-las como peças que dão autoridade ao escrito. Suas características literárias levam a crítica a reconhecer aqui duas formas primeiras da tradição, uma das quais relativamente bem-conservada, enquanto a outra subsiste apenas em fragmentos esparsos.

A tradição javista (J). A primeira camada decorre da tradição que chama Deus por seu nome pessoal "YHWH" desde as origens (Gn 4,26). Por isso, ela se chama *javista* e é designada pela inicial *J*. A exemplo da camada sacerdotal, narra a história das origens a partir da criação do homem (Gn 2,4b-25) até a morte de Moisés (Dt 34,5-6). Suas primeiras páginas registram a história de Israel no quadro da humanidade criada para a vida (Gn 2), mas marcada pela recusa a escutar Deus (Gn 3) e pela violência (Gn 4). A paciência de Deus para com os homens pecadores é assegurada a Noé e a sua descendência (Gn 6-8), em vista de uma bênção que Deus promete a Abraão para todas as nações (Gn 12,1-4a). Os ciclos narrativos de Abraão e Jacó demonstram como a promessa se cumpre para aqueles que crêem. A partir da missão de Moisés ante a sarça ardente (Ex 3), a camada literária *J* narra de maneira particular o enfrentamento entre Deus e Faraó, a saída do Egito, a travessia do mar (Ex 14) e alguns episódios da caminhada no deserto rumo ao Sinai, onde Moisés e os anciãos celebram com Deus uma refeição de aliança e recebem a lei, talvez sob a forma sintética do ritual de Ex 34,14-26. Essa camada se encontra ainda nas últimas narrativas da caminhada no deserto, do Sinai à Terra prometida (Nm 11ss.), e na história de Bileã (o 4º oráculo: Nm 24,15-19).

A narração javista conservou o caráter pitoresco e a variedade das tradições orais relacionadas a certos santuários e ao folclore do clã. Ela se caracteriza pelo estilo concreto, colorido, cheio de imagens, quase ingênuo de um contador de histórias (os filhos de Noé, Gn 9,18-27; a torre

3. Cf. a Introdução aos Livros Proféticos.

de Babel, Gn 11,1-9), que não hesita em falar de Deus em termos muito expressivos, como se estivesse falando de um homem: "Eles ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no jardim ao sopro do dia" (Gn 3,8); "O Senhor fechou a porta atrás de Noé" (Gn 7,16); "Abraão percebeu três homens de pé perto dele" (Gn 18,2). A originalidade de J consiste em que suas múltiplas narrativas foram organizadas em uma história que vai da promessa a seu cumprimento. Não ocultando nenhum dos pecados do homem, nem sua condenação por Deus, essa narrativa dá testemunho dos atos de salvação de um Deus que dispensa sua bênção a Abraão e sua descendência, a fim de fazê-la atingir todas as nações da terra.

A origem e a data de fixação por escrito dessa corrente da tradição são muito discutidas. A redação pode até ter sido processada em várias fases. A dominação prometida para sempre a Judá sobre seus irmãos (Gn 49,10; cf. Gn 37,26) poderia indicar que a origem dessa tradição deve ser procurada em Judá, em meio próximo à monarquia davídica. O "dominador que surge de Jacó" (Nm 24,19) seria uma alusão a David ou a um de seus sucessores? A tradição J teria a intenção de fazer o Estado davídico recordar que, se ele se tornou uma nação inumerável (Gn 12,2; 2Sm 7,23; 1Rs 3,8), foi por favor de uma promessa divina, da qual agora ele deve ser portador em benefício dos outros povos da terra.

A tradição eloísta (E). Vários fragmentos narrativos, quase sempre combinados com a camada J, distinguem-se pela utilização do nome genérico "Elohim" para falar de Deus nas narrativas que precedem a revelação do nome YHWH. Daí o nome *eloísta* dado a essa camada, com a inicial E. Outras características literárias acompanham esta feição e permitem detectar importantes vestígios dessa corrente: a passagem de Abraão e Abimelek (Gn 20), o sacrifício de Abraão (Gn 22), provavelmente uma grande parte da história de José (cf. Gn 50,20), mas também a infância de Moisés (Ex 2), a revelação do Nome (Ex 3,14), e a visita de litrô (Ex 18). Aparentemente, é dessa camada que deriva a mais primitiva coletânea das leis do *Pentateuco*, o "Código da aliança" (Ex 10,23-23,33). A partir daí, o rastreamento se complica, a ponto de ser necessário renunciar a isolar E da camada J.

Algumas narrativas traem uma perspectiva particular: insistem na distância entre Deus e o homem. É necessário que um anjo intervenha, ou mesmo um homem (Gn 22,11-18; 32,23-33), para evitar que o próprio Deus se imiscua em uma atividade exclusivamente humana, o que às vezes confere a Deus um aspecto temível. A atitude justa do homem perante Deus é aqui frequentemente expressa pelo termo "temor", que significa, ao mesmo tempo, a relação de intimidade e de obediência (Gn 20,11; 22,12). Ora esse termo é característico da piedade dos círculos próximos aos profetas Elias e Eliseu (1Rs 18,3; 2Rs 4,1). A figura do profeta serve de modelo para descrever o papel de Moisés (Nm 11,25), ou mesmo o de Abraão (Gn 20,7). Alguns também atribuem a origem dessa corrente tradicional ao reino do Norte. Pode-se supor que a tradição E tenha sido compilada em Judá após a destruição do reino do Norte em 722 a.C. O último redator da narrativa J (que às vezes é chamado de *jeovista* = JE) teria integrado à redação elementos eloístas, sem que se possa afirmar se se tratava de passagens isoladas ou de uma obra coerente da qual ele sacrificara grande parte.

A composição definitiva do Pentateuco. A unidade do povo de Deus, fundada sobre a unicidade do próprio Deus, tornou indispensável a conjugação gradativa dessas diversas formas de tradição. Várias gerações de redatores se dedicaram a isso: eles remanejaram e retocaram o conjunto, mas a preocupação de nada desperdiçar da herança dos pais levou-os a respeitar, o mais possível, a especificidade dos testemunhos antigos.

Outras hipóteses foram elaboradas para explicar a composição do Pentateuco. Se alguns crentes defendem a opinião dos antigos, segundo a qual Moisés redigiu o Pentateuco inteiro, outros autores afirmam que a maior parte das coletâneas de lei se explicam sobretudo pela combinação de partes inicialmente independentes (a hipótese dos "fragmentos"). Outros ainda pensam que a coesão do conjunto como um todo postula a existência de um escrito fundamental, longamente ampliado depois (hipótese "dos complementos"). Não obstante, postas em debate todas essas perspectivas, a redação por camadas sucessivas parece ser hoje a hipótese mais pertinente, por explicar, ao mesmo tempo, a unidade e a diversidade do Pentateuco. Ela proporciona uma leitura em profundidade des-

sa vasta obra, põe em foco sua mensagem como abordagens diversas do mesmo mistério: J, mais psicológica; E, mais preocupada em atestar a transcendência; P, mais atenta às realidades jurídicas e cultuais; D, valorizando a eleição e o amor.

O sentido religioso de uma história. O *Pentateuco* se apresenta como história e lei. Não tem a forma de um tratado dogmático. As orações dos Salmos exaltam a Deus e imploram seu auxílio, os livros sapienciais visam à educação religiosa e moral do indivíduo; os profetas proclamam com autoridade o amor de Deus e denunciam com violência os pecados de Israel e do mundo. O *Pentateuco* nos põe em face de um povo e diz como Deus o constituiu, protegeu e conduziu para um destino prodigioso. É na relação que Deus mantém com seu povo e, através dele, com a humanidade inteira que se encontra o sentido deste conjunto literário.

O povo do *Pentateuco* é um povo santo, ou seja, inteiramente consagrado a Deus, porque é dele que tudo provém. Instituição alguma, nem mesmo a realza — por mais importante que seja na vida religiosa do antigo Oriente —, tem existência independente. A autoridade suprema pertence à palavra de Deus. Moisés é seu mediador. É ela que o sacerdócio transmite, que os profetas proclamam e que, enfim, o livro da Lei conserva. Lei irreduzível a meros conceitos jurídicos, ritos ou regras, pois nasce de uma história e nela se insere continuamente. Ela é a pedagogia de Deus, que constitui um povo para si, moldando-o à sua imagem (“Deveis ser santos porque eu sou santo”, Lv 11,45), e, enfim, a expressão do pensamento religioso desse mesmo povo.

A leitura cristã do Pentateuco. Com a dispersão do povo de Israel, o livro da Lei apareceu como fundamento de sua unidade, como aquilo que fazia dele um povo. A insistência recaiu sobre os aspectos jurídicos: é a fidelidade à Torá, a uma Lei reguladora da vida cotidiana, que permite aos

judeus dispersos serem ainda um povo. Esta interpretação farisaica e rabínica não está fechada ao universalismo, mas seu universalismo centra-se no povo judeu e supõe a fidelidade à Lei. Nessa perspectiva, a atualidade da Lei é posta em evidência.

Ao lado da perenidade do judaísmo, a interpretação cristã abre-se a outro tipo de universalismo. Para o cristianismo, as promessas do Antigo Testamento já se realizaram, seu cumprimento deu-se em Jesus Cristo e a nova aliança consumou a antiga. A lei da primeira aliança aparece então como momento de uma história, e, com a abertura da Igreja aos pagãos, insiste-se na idéia de que a palavra de Deus se dirige ao mundo atravessando a continuidade da história. É uma etapa da constituição do povo de Deus, na qual não se deve parar, mas que se deve assumir até o pleno cumprimento.

Os dons de Deus não têm retorno. Por isso o povo judeu conserva aquilo que dele recebeu; mas não é o único a ouvir na Torá uma palavra de Deus. Os cristãos reconhecem a palavra de Deus encarnada em Jesus de Nazaré, que não veio abolir a lei, mas consumá-la (Mt 5,17). Na Lei, descobrem sua própria história. Eles também constituem uma comunidade a caminho, que vive da libertação realizada por Cristo no dia da Páscoa e da espera do reino de Deus. Eles sabem que sua vida está determinada por uma aliança, a aliança que Cristo selou para eles. Eles se alimentam da palavra de Deus e dos sinais de sua misericórdia e fidelidade. Os acontecimentos atestados pelo *Pentateuco* anunciam e prefiguram a obra que Deus realizou por Cristo na Igreja, do mesmo modo que as instituições da antiga aliança preparam e delinham as instituições da nova. Para o cristão, o que se diz do Templo e da liturgia aplica-se ao corpo de Cristo, novo santuário sobre o qual resplandece a glória de Deus (Jo 2,21). É assim que o *Pentateuco* continua a ser uma fonte de vida para os homens de hoje, para aqueles que partilham a fé de Abraão e saúdam no Cristo a consumação da promessa feita ao patriarca em favor da humanidade.

GÊNESIS

INTRODUÇÃO

O Gênesis é o primeiro livro do Pentateuco (ver a Introdução ao Pentateuco); o livro conta, como seu próprio nome indica (gênese = começo), as origens do mundo e o início da ação de Deus entre os homens. Embora faça parte da Torá (ou lei de Moisés), contém essencialmente relatos que dizem respeito aos ancestrais do povo de Israel, reconhecidos como seus Pais por todos os que crêem. O Gênesis inaugura uma história que se prolonga até os dias de hoje e diz respeito, juntamente com o povo judaico e a Igreja de Cristo, à humanidade inteira.

O Gênesis relata diversos episódios da vida dos patriarcas, agrupados de modo a mostrar que Deus intervém constantemente junto a Abraão e sua família com vistas a preparar a salvação do mundo. É por isso que os relatos patriarcais são precedidos de um prólogo que situa Abraão e seus descendentes no quadro dos povos da terra e contém alguns dos capítulos mais célebres da Bíblia: a criação, Adão e Eva, o Dilúvio, a torre de Babel... capítulos que constituem como que um resumo impressionante da caminhada da humanidade na terra, dos seus empreendimentos e dos seus fracassos...

Para bem compreender este livro e o sentido dos relatos nele contidos, é preciso considerá-lo no seu dinamismo e não dissecá-lo em pedaços destituídos de relação uns com os outros. Mesmo que o leitor se atenha especificamente a algumas das páginas célebres que o livro contém, há de se lembrar — como já o sublinhou a Introdução ao Pentateuco — que o Gênesis não constitui uma obra independente, uma espécie de história da época dos patriarcas, mas que ele representa o começo de um vasto conjunto que narra como Deus, no meio das nações, forma para si um povo sobre a terra para dar testemunho dele. Há que lembrar também que o Gênesis não foi composto de uma só vez, mas resulta de um trabalho literário que se prolongou durante várias gerações: o livro reflete, portanto, as experiências, por vezes dolorosas, dos filhos de Abraão, que nos contam a vida dos seus antepassados, pressupondo assim uma tradição viva que foi constantemente relida em função das vicissitudes da história de Israel. O texto atual só se compreende levando em conta as retomadas necessá-

rias da obra divina dentro do povo de Israel. Temos reflexo disso nas sucessivas reduções do texto sagrado, mas elas nunca anularam os primeiros esboços nos quais se baseiam. Elas enriqueceram os primeiros esboços com revelações novas.

A composição do livro. *Costuma-se dividir o Gênesis em duas partes: Gn 1-11, que trata dos primórdios da humanidade no universo criado por Deus, e Gn 12-50, que apresenta a vida dos patriarcas e se subdivide em três ciclos de relatos, referentes a Abraão (12-25), a Isaac e sobretudo a Jacó (26-36), e, enfim, a José (37-50). A esta divisão "vertical" e cômoda — já que põe em evidência o conteúdo do Gênesis — pode-se preferir outra, "horizontal", que destaca o fato de o primeiro livro da Bíblia constar de vários estratos ou camadas, que, aliás, vão além de Gn 50. Com efeito, o Gênesis, na sua forma atual, é formado por diversas tradições, denominadas "javista", "eloísta" e "sacerdotal" (ver a Introdução ao Pentateuco). Essas camadas foram se sobrepondo umas às outras no decurso dos séculos e voltam a se encontrar no conjunto do Pentateuco.*

Efetivamente, aquilo que poderíamos qualificar como o Gênesis mais antigo, a narração "javista", já fornece a estrutura do livro atual; segundo o "Javista", Deus formou o homem da terra e o colocou no meio das plantas e dos animais. Mas o ser humano deu ouvido a vozes diferentes da de Deus e acabou sendo excluído do jardim do Éden, devendo viver a sua vida no sofrimento, na confusão e na divisão (2-4). A humanidade tenta constituir a própria unidade; fracassa (11), mas Deus preparará e realizará o verdadeiro conagraçamento dos homens. Por isso salva Noé do dilúvio (6-9) e chama Abraão, para que nele a bênção divina atinja todas as nações (12). O patriarca vai de uma localidade a outra e, de santuário em santuário, recebe as promessas de Deus, cujas garantias são o nascimento de Ismael (16) e o de Isaac (18-20). O ciclo de Abraão encerra-se com o casamento de Isaac com uma parenta da terra de Arâm, na Mesopotâmia (24).

As tradições relativas ao herdeiro de Abraão são pouco numerosas; têm menos relevo, embora

estejam melhor enraizadas na terra e na história do que as relativas a seu pai (26). Desde o começo, a figura de Isaac é dominada pela de Jacó, o antepassado das doze tribos e referência da unidade delas sob a designação de Israel. Jacó, o homem que ao longo de toda a sua existência deveria lutar com Deus e com os homens (32), viveu sobretudo fora da Terra Prometida. Com efeito, ele tem brigas constantes tanto com os arameus — povo de origem das suas esposas — como com Esaú, ancestral de Edom — o povo irmão de Israel — ou com os habitantes de Canaã (34). Jacó morrerá no Egito.

O Gênesis termina com a história dos filhos de Jacó, na qual, ao lado de Judá, José ocupa o papel principal. Ele salva os irmãos da fome acolhend-os no Egito, apesar de os irmãos terem tentado liquidá-lo.

Antes de morrer, Jacó abençoa seus filhos, designando Judá como rei deles (49); sua morte precede de pouco a de José (50), que deixa os seus numa terra em que, breve, passarão por dura escravidão.

A libertação dos descendentes dos patriarcas será o tema do livro subsequente ao Gênesis, o Êxodo.

A versão "javista", composta sem dúvida no tempo da realza, foi a primeira redação literária de tradições locais e tribais. Ela recorda às tribos de Israel as promessas do Deus de Abraão e as dificuldades com que as tribos depararam no caminho da realização dessas promessas.

A ruptura da unidade do povo de Deus e o período difícil que se seguiu causaram a Israel novos problemas, que exigiram, senão uma revisão, pelo menos uma complementação da história dos patriarcas. A tradição "eloísta" constitui um segundo estrato literário, cuja extensão e importância são difíceis de discernir: seu tom é mais sóbrio e menos otimista que o da tradição javista. Na eloísta, Deus intervém menos diretamente nos assuntos humanos e espera dos seus servos, antes de tudo, a obediência. Por vezes reconhece-se nesta tradição a influência do profetismo: Abraão, por exemplo, é saudado como um profeta (20,7), cuja fé é submetida à prova (22).

A dolorosa queda de Jerusalém em 587 a.C. exigiu uma nova revisão da gesta patriarcal. Ela foi obra dos círculos de sacerdotes exilados na Mesopotâmia. A versão "sacerdotal", de tom geralmente abstrato, interessa-se pelos aspectos culturais e legislativos da obra divina. Ela insiste na aliança de Deus com Abraão (17), que vem depois da aliança com Noé (9) e prepara a do Sinai.

A tradição "sacerdotal" dá ao relato do Gênesis a estrutura definitiva: fazendo a História Sagrada começar com a criação do universo (1), ela mostra a continuidade do destino da humanidade através das indicações genealógicas e cronológicas, ao mesmo tempo que revela as diversas etapas deste destino, marcado pela instauração de alianças ou de estatutos particulares que, da criação a Noé e de Noé a Abraão, possibilitam a Israel tornar-se, no meio das nações, o povo que prestará ao Deus único um culto verdadeiro.

As fontes do Gênesis. Ao contarem as origens do mundo e da humanidade, os autores bíblicos não hesitaram em haurir, direta ou indiretamente, das tradições do antigo Oriente Próximo, em particular da Mesopotâmia, do Egito e da região fenício-cananéia. As descobertas arqueológicas feitas de aproximadamente um século para cá mostram, com efeito, que existem muitos pontos comuns entre as primeiras páginas do Gênesis e determinados textos líricos, sapienciais ou litúrgicos da Suméria, da Babilônia, de Tebas ou de Ugarit. Este fato nada tem de estranho quando se sabe que a terra em que Israel se instalou esteve amplamente aberta às influências estrangeiras; além disso, o próprio povo de Deus, pela sua história, manteve relações com os diversos povos do Oriente Próximo. Mas os progressos da arqueologia revelam igualmente que os escritores que estruturaram e revisaram os relatos dos primeiros capítulos do Gênesis não foram imitadores servís. Souberam retrabalhar as suas fontes, repensá-las em função das tradições específicas do seu povo. Não se limitaram a salvaguardar a originalidade da fé javista: enfatizaram-na.

O fato é que a comparação entre o texto bíblico e os relatos concernentes à origem do mundo ou aos heróis da Antiguidade não está destituída de interesse para o leitor da Sagrada Escritura. Entre muitas outras testemunhas do passado literário do antigo Oriente Próximo, limitamo-nos a assinalar aqui a história babilônica da criação pelo deus Marduk, denominada "Enuma Elish", as aventuras do herói Gilgamesh, que contém uma versão babilônica do Dilúvio, ou ainda as grandes torres — construídas pelas cidades mesopotâmicas em honra das suas divindades — que lembram a história da torre de Babel.

Os relatos sobre os patriarcas, embora redigidos muito tempo depois dos acontecimentos aos quais se referem, atestam um enraizamento real

no ambiente em que viveram os antepassados de Israel. Mais uma vez, os arqueólogos, sobretudo pelas descobertas relativamente recentes de Ugarit e de Mâri, possibilitam reconhecer ao mesmo tempo a complexidade das tradições e sua integração na vida do segundo milênio antes da era cristã, tal como é conhecida hoje.

Os costumes de Abraão e dos seus descendentes lembram os de clãs de seminômades, proprietários de ovelhas e de cabras, que circulam ao longo do "Crescente Fértil". Vivem mais ou menos em contato com populações sedentárias, com as quais mantêm relações ora pacíficas, ora belicosas. Os diversos grupos constituídos pelas famílias dos patriarcas — cujas relações exatas nos são desconhecidas — estão em vias de sedentarização na terra de Canaã, que se tornará a terra dos seus sucessores.

Não é possível escrever uma história contínua dos patriarcas, não só por causa do tempo que os separa dos documentos que deles falam, mas sobretudo porque viveram com os seus grupos à margem da história política, isto é, da "grande história". As tradições a seu respeito refletem, antes de tudo, preocupações essenciais, como a de garantir a sobrevivência das famílias em uma região ameaçada pela fome, ou a de assegurar terras férteis para os rebanhos; finalmente, o que se conservou foram apenas certos episódios da sua existência.

Os relatos do Gênesis acerca dos antepassados de Israel são, pois, de origem popular e familiar, e guardam os traços da cultura do seu tempo. Expressam também as crenças dos patriarcas em um Deus que caminha com eles quando dos seus constantes deslocamentos e lhes promete tudo o que lhes é necessário à vida.

Temas e figuras do Gênesis. O livro do Gênesis é rico em temas e figuras que se reencontram em outras passagens da Bíblia e que a tradição — tanto judaica como cristã — não cessará de meditar. Ele se abre com o relato da criação decantada nos salmos (Sl 8; 104), evocada pelo autor de Jó (Jó 38ss.) e pelo Deutero-Isaías (Is 40ss.); a atitude de Adão no jardim de Éden será confrontada com a de Cristo, novo Adão, nas epístolas paulinas (Rm 5; 1Cor 15); a história do Dilúvio servirá de pano de fundo para o drama do fim dos tempos (Mt 25) ou de figura do batismo (1Pd 3). O destino de Abraão começa com uma promessa, incessantemen-

te confirmada por Deus, que explica e determina a sorte dos seus descendentes próximos e remotos, promessa cujo cumprimento os patriarcas aguardam, da mesma forma que Israel no tempo de Josué ou de David, e cuja realização em Cristo é saudada pelo apóstolo Paulo (Gl 3). O sacrifício (ou o "amarramento") de Isaac retém a atenção dos rabínos que celebram os méritos dos seus Pais; ele se tornará na Igreja dos primeiros séculos uma prefiguração do drama da Sexta-feira Santa.

A teologia, judaica ou cristã, irá reler, século após século, o primeiro livro da Bíblia, para aprender o mistério da origem do mundo e o sentido do seu destino, para descobrir as primeiras etapas da obra de Deus em favor dos homens. Com efeito, o Gênesis possibilita à teologia enraizar a vida dos indivíduos e das nações na vontade amorosa do Deus que se revelou a Abraão.

Alguns personagens chamam particularmente a atenção: o casal Adão e Eva, que o "Javista" pinta com tanta delicadeza e profundidade, e no qual nos convida a reconhecer-nos a nós mesmos; Noé, que achou graça aos olhos do Senhor e obedeceu às suas ordens; e sobretudo os patriarcas: Abraão, pai dos crentes — ao qual se reportam ao mesmo tempo judeus, cristãos e muçulmanos — testemunha de uma fé e de uma esperança que o comprometem até o fim; Isaac, tão esperado, tão ameaçado e finalmente tão indefeso diante das intrigas dos seus; Jacó, em luta constante com os seus parentes próximos, enganador e enganado, disposto a tudo para usurpar a bênção divina e que permanecerá para sempre marcado, na sua carne, pelo encontro com Deus; José, a criança sábia, o inocente esquecido em sua prisão, o grande personagem da corte egípcia, cujo destino revela a sabedoria do Senhor capaz de fazer tudo concorrer para o bem dos seus eleitos.

Ao lado dessas figuras masculinas, não se deve negligenciar o papel da mulher ou da mãe na tradição patriarcal: Eva, seduzida pela serpente, mas apesar disso chamada a ser a mãe de todos os viventes (cap. 3); Sara, que ri ao saber que será mãe de Isaac, o filho da promessa (18); Rebeca, que trama intrigas em favor do seu filho preferido, Jacó; as brigas de Leá e de Raquel (29ss.); a mulher de Potifar (39)... umas e outras introduzidas, com Adão, Abrãao, Isaac, no plano de Deus, tal como o apresenta a tradição bíblica.

A riqueza do Gênesis em temas e figuras é uma abertura para o mundo da Bíblia, diante do qual os crentes nunca cessarão de ficar maravilhados.

GÊNESIS

A CRIAÇÃO

2,4-25 **1** 'Quando Deus iniciou^b a criação^c do céu e da terra, ²a terra era deserta e vazia^d, e havia treva na superfície do abismo; o sopro^e de Deus pairava na superfície das águas, ³e Deus disse: "Que a luz seja!" E a luz veio a ser^f. ⁴Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz da treva. ⁵Deus chamou a luz de "dia" e à treva chamou "noite". Houve uma tarde, houve uma manhã: o primeiro dia^h.
6 Deus disse: "Que haja um firmamentoⁱ no meio das águas, e que ele separe as águas das águas!" ⁷Deus fez o firmamento e separou as águas inferiores do firmamento das águas superiores. E assim aconteceu. ⁸Deus chamou o firmamento de "céu"^j. Houve uma tarde, houve uma manhã: segundo dia.

⁹Deus disse: "Que as águas inferiores ao céu se juntem em um só lugar^k e que apareça o continente!" Assim aconteceu. ¹⁰Deus chamou o continente de "terra"; chamou de "mar" o conjunto das águas. Deus viu que isto era bom.
¹¹Deus disse: "Que a terra se cubra de verdura, de erva que produza a sua semente e de árvores frutíferas que, segundo a sua espécie, produzam sobre a terra frutos contendo em si a sua semente!" Assim aconteceu. ¹²A terra produziu verdura, erva que produz a sua semente, segundo a sua espécie, e árvores que produzem frutos contendo em si a sua semente, segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom. ¹³Houve uma tarde, houve uma manhã: terceiro dia.

a. Este trecho (1,1-2,4a) pertence à tradição "sacerdotal" (cf. Introd.). Ao final de uma longa maturação, da qual se encontram elementos em 2,4b-23; Sl 8; 74,14-17; 89,10-11; 104; Is 27,1; Sl 9,10; Jó 26,12-14; 38-39, este texto situa o homem na criação e diante de Deus. Nas origens desta tradição, a criação era muitas vezes descrita como uma luta da divindade contra as potências do caos; assim na Babilônia, onde o deus Marduk triunfa sobre Tiamat, segundo o relato da criação "Enuma Elish". Aqui a criação é o efeito da Palavra divina. O autor faz surgir os seres e a vida dentro do quadro litúrgico da semana; oito obras são intencionalmente agrupadas em seis dias, e o descanso do sétimo consagra o término do trabalho de Deus.

b. A tradução habitual é: *No início Deus criou o céu e a terra*, ao que pode corresponder a conclusão (2,4a). Mas o hebr. tem apenas: *Num início*, o que torna pouco provável esta tradução. A tradução aqui escolhida baseia-se no que literalmente soaria como segue: *Num início em que Deus criou o céu e a terra...* Como nas cosmogonias antigas, o autor pensa mais na ação criadora de Deus que organiza o mundo, do que em um começo absoluto. Todavia, o vocabulário que escolhe sugere um começo a partir do nada (cf. 2Mc 7,28; Hb 11,3), pois a palavra hebr. significa, ao mesmo tempo, "início" e "princípio". Ele também prepara a revelação de uma Sabedoria ou Palavra criadoras (cf. Pr 8,22-31; Jo 1,1-3).

c. O termo hebr. sublinha o caráter extraordinário da ação divina; designa também a intervenção de Deus na história do seu povo (Is 43,1-15). Esta ação divina é designada na Bíblia e no Antigo Oriente por outros termos como "produzir, procriar, modelar".

d. O autor escolhe com cuidado os elementos através dos quais evoca o estado do mundo antes da criação: a ausência de vida (*tohu, bohu*, cf. Jr 4,23; Is 34,11), a treva, o abismo (*tehom*, que

lembra Tiamat), isto é, a massa informe das águas dos Primórdios (7,11; 8,2 a propósito do Dilúvio; Sl 107,26).

e. O *sopro* (ou atmosfera) de Deus é aquilo que possibilita a vida do homem (6,3) e de todos os seres (Sl 104,30); aqui ele é extrínseco à massa das águas: a vida ainda não é possível. Este "sopro de Deus" também foi entendido como um "vento violento" ou como "o Espírito de Deus".

f. O autor de Gn 1 compreende também a ação criadora de Deus como efeito de uma Palavra. Já no Egito e na Babilônia, a palavra exprimia a ação eficaz dos deuses. Na Bíblia, a Palavra designou primeiramente a voz divina que domina os fenômenos naturais (Sl 29). Designou também os dez mandamentos (as *dez palavras* de Dt 5), a Lei revelada ou *Torá* (Dt 30,11-14). Expressará ainda a ação de Deus no mundo (Is 40-55, sobretudo 40,8 e 55,11), a presença de uma Sabedoria divina nas sociedades humanas (Pr 1-9) e finalmente, no Quarto Evangelho, a Palavra é identificada com o Verbo Encarnado, que manifesta por todo o seu ser o dom de Deus à humanidade.

g. A luz é a primeira criação (Sl 104,2). Na Bíblia, ela não é somente luz visível, mas a luz de vida, luz de alegria... (Is 9,1; 60,19-20. Cf. Jo 8,12 nota).

h. Este texto foi redigido em uma época em que os dias eram contados a partir da tarde.

i. A imagem é a de um elemento sólido, plano ou abobadado (Ez 1,22-23), que retém as águas superiores.

j. O gr. acrescenta: *Deus viu que isto era bom*.

k. O gr. leu "massa" e não lugar (cf. v. 10). Ele apresenta também a variante: *e as águas inferiores do céu se amontouaram nos seus montões e o seco apareceu*, em vez de: *assim aconteceu*.

l. O autor reparte a vegetação em três grupos, segundo o modo de reprodução: a simples verdura, na qual o grão não é visível, a erva com haste e grãos, a árvore com seu fruto e seu caroço reprodutor.

Jr 31,35; Br 3,33-35; Is 40,26 ¹⁴Deus disse: "Que haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite, que eles sirvam de sinal tanto para as festas como para os dias e os anos,¹⁴ e que sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra". Assim aconteceu. ¹⁶Deus fez dois grandes luminares, o grande luminar para presidir o dia, o pequeno para presidir a noite, e as estrelas. ¹⁷Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a terra, ¹⁸para presidir o dia e a noite e separar a luz da treva". Deus viu que isto era bom. ¹⁹Houve uma tarde, houve uma manhã: quarto dia.

²⁰Deus disse: "Que as águas pululem de enxames de seres vivos" e que o pássaro voe acima da terra em face do firmamento do céu". ²¹Deus criou os grandes monstros marinhos^o e todos os pequenos seres vivos dos quais pululam as águas segundo a sua espécie, e todo pássaro alado segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom. ²²Deus os abençoou^p dizendo: "Sede fecundos e prolíficos, enchei as águas dos mares, e que o pássaro prolifere sobre a terra!" ²³Houve uma tarde, houve uma manhã: quinto dia.

²⁴Deus disse: "Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie; animais grandes, animais pequenos^q e animais selvagens segundo a sua espécie". Assim aconteceu. ²⁵Deus fez os animais sel-

vagens segundo a sua espécie, os animais grandes segundo a sua espécie e todos os animais pequenos do solo segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom.

²⁶Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança", e que ele submeta os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais grandes, toda a terra^s e todos os animais pequenos que rastejam sobre a terra!"

²⁷Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; criou-os macho e fêmea.

²⁸Deus os abençoou e lhes disse: "Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra e dominai-a. Submetei os peixes do mar, os pássaros do céu^t e todo animal que rasteja sobre a terra!"

²⁹Deus disse: "Eu vos dou toda erva que produz a sua semente sobre toda a superfície da terra e toda árvore cujo fruto produz a sua semente; tal será o vosso alimento".³⁰ A todo animal da terra, a todo pássaro do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que tem sopro de vida, eu dou^u como alimento toda erva que amadurece". Assim aconteceu. ³¹Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom. Houve uma tarde, houve uma manhã: sexto dia.

2 ¹O céu, a terra e todos os seus elementos^v foram terminados.

m. Ao passo que o paganismo os divinizava, os astros são aqui reduzidos à categoria de simples criaturas. Têm por função iluminar a terra e fixar o calendário litúrgico. Esta estrofe talvez seja um dos elementos mais recentes da tradição.

n. A vida animal começa nas águas e se desenvolverá sobre a terra.

o. Os monstros marinhos são associados ao caos primordial (Ez 27,1; Sl 9,7; Sl 74,13; 148,7). São simples criaturas, como os astros.

p. No pensamento bíblico, a bênção não é apenas um bem espiritual, senão que se manifesta pelo desenvolvimento e o desabrochar da vida.

q. Lit. *aquilo que rasteja*. * [Não se trata só de répteis. No v. 20, o mesmo termo indica animais aquáticos e anfíbios.]

r. Os termos *imagem* e *semelhança* definem o homem (o homem e a mulher, como sublinha o v. 27) com relação a Deus; o sentido teológico dos dois termos é muito discutido. Estas palavras voltam em 5,3 para exprimir a conformidade de um filho a seu pai. Lê-se já nos conselhos de um rei egípcio a seu filho Merikare (± 200 a.C.): *Os homens são as imagens de Deus que saíram dos membros dele*. Em 1,26, a *semelhança* atenua o que

a palavra *imagem* poderia sugerir de excessivamente material. Esta semelhança, no v. 28 como em Sl 8,7, é significada pela dominação do homem sobre o conjunto da criação. Por outro lado, Ezequiel vê no trono celeste *uma semelhança como um aspecto de homem* (Ez 1,26). O NT dá novos detalhes sobre estes vínculos filiais entre o homem e Deus.

s. Muitos comentadores estranham esta menção, que interrompe a enumeração dos animais submetidos ao homem, e propõem que se leia, com o sir., *animais selvagens*, como no v. 25.

t. O gr. e o sir. acrescentam o *gado*, mas o texto insiste nos seres que pareciam os mais rebeldes à dominação efetiva do homem.

u. Consoante a tradição "sacerdotal", alimentar-se de animais é derramar o sangue, o que não convinha ao plano primevo de Deus. Esta mesma tradição aceitará, depois do Dilúvio (9,3), o abate dos animais, cujo sangue, porém, não deve ser consumido, embora se possa ter um valor expiatório nos sacrifícios (Lv 17,11-14).

v. *Eu dou* falta na maioria dos mss. hebr.

w. Lit. *amarelecida*, como o trigo que amadurece.

x. Lit. *unidades* no sentido militar, mas metafórico. O Deus de Israel foi denominado o "Deus dos exércitos" (2Sm 6,18; Sl

9,6;
Sr 17,1-4;
Sh 2,23

1Cor 11,7-8;
Cl 3,10;
Tg 3,9
Mt 19,4p

8,17; 9,1.7

9,2-4

Sl 104,24;
Sr 39,33-35;
1Tm 4,4

Ex 20,11;
31,12-17;
Hb 4,4-5

² Deus terminou no sétimo dia³ a obra que havia feito.

Ele cessou no sétimo dia toda a obra que fazia⁴.

³ Deus abençoou o sétimo dia e o con-

sagrou, pois tinha cessado, neste dia, toda a obra que ele, Deus, havia criado pela sua ação.

⁴ Este é o nascimento⁵ do céu e da terra quando da sua criação.

OS PRIMÓRDIOS DA HUMANIDADE⁶

O paraíso terrestre. No dia em que o

1.1-2.4 SENHOR Deus fez a terra e o céu⁷, não havia ainda sobre a terra nenhum arbusto do campo⁸ e não havia ainda germinado nenhuma erva do campo, pois o SENHOR Deus não havia feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo; ⁹ mas um fluxo subia da terra e irrigava toda a superfície do solo⁹.

Sr 3,20;
12,7;
Sl 104,29-30;
Jc 34,14-15;
1 Cor 15,45-49

¹⁰ O SENHOR Deus modelou¹ o homem com o pó apanhado do solo⁸. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem

se tornou um ser vivo⁸. ¹¹ O SENHOR Deus plantou um jardim em Éden¹, a oriente, e nele colocou o homem que havia formado. ² O SENHOR Deus fez germinar do solo toda árvore de aspecto atraente e bom para comer, a árvore da vida¹ no meio do jardim e a árvore do conhecimento do que seja bom ou mau¹.

Pr 3,18;
Ap 2,7;
22,14

³ Um rio corria de Éden para irrigar o jardim; dali ele se repartia para formar quatro braços¹. ⁴ Um deles se chamava Pishon; é ele que rodeia toda a terra de

24,10; 46,8; Is 63,5). O termo evoca em primeira instância os exércitos de Israel em ordem de batalha; depois, como em Dt 4,19, designa as constelações. Aqui aplica-se a todos os elementos que constituem o universo organizado.

y. No sétimo dia: certas versões têm sexto, para evitar que se suponha um trabalho de Deus no dia de sábado, como se poderia interpretar pelo texto hebr. O sábado era antigamente entre os semitas um dia em que o trabalho era "nefasto", portanto, proibido. A revelação bíblica lhe deu um significado teológico: 1) Ex 23,12 e Dt 5,12-15 garantem o repouso semanal do homem; 2) em Ex 20,8-11, o sétimo dia do sábado (lit. "cessação") evoca o término da criação; 3) em Ez 31,12-17, o sábado é sinal da Aliança entre Deus e o seu povo. Hb 4,1-11 retorna à participação do homem no descanso de Deus, término da criação.

z. Passagem ritmada, como 1,27.

a. Assim traduzimos o termo *toledot*, que costuma designar o fato de dar a existência, como Adão em 5,1, Noé em 6,9, seus filhos em 10,1 (onde *toledot* é traduzido por *família*), mas aqui ele designa o fato de vir à existência. Esta conclusão, que talvez seja o remanejamento indicado por um texto anterior, destaca o alcance inesperado da ação divina: ela faz da criação um nascimento e anuncia as gerações de Gn 5. Com efeito, da mesma forma que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, Shet nascerá de Adão à sua semelhança e à sua imagem (5,3).

b. Nesta parte, os caps. 2,4b-4,26 pertencem à tradição "javista" (ver Introd.). O cap. 5 é de tradição "sacerdotal".

c. O texto sam., assim como as versões gr. e sir., tem *céu e terra*, em harmonia com o que precede.

d. O *arbusculo do campo* é a planta isolada, sinal de vida num solo ainda não-cultivado.

e. Há duas maneiras de imaginar este *fluxo*: ou ele evoca o oceano primordial das cosmogonias antigas, donde emerge uma terra barrenta, ainda indistinta, ou ele aparece como um primeiro dom de Deus, que prepara uma terra seca e árida para formar o homem e fazer germinar a vida.

f. Cf. Jr 18,11. Conhece-se no Egito o gesto do deus oleiro Hnum, que modela o homem segundo os seus contornos.

g. O homem (*adam*, com o artigo que o hebr. antepõe aos nomes comuns) é tirado do solo (*adamá*), do qual depende a vida dele.

h. O *hálito de vida* (*neshamát*) anima a vida carnal do homem (cf. Pr 20,27; Jc 27,3; 34,14...); outros textos falam da *néfesh* (alma?), princípio vital que está na garganta ou no sangue (9, 4-5; Lv 17,11 nota), ou ainda do "sopro" ou "atmosfera" (*ruah*), externo ao homem, embora seja necessário à vida e o homem possa assimilá-lo (cf. 6,3; Jc 27,3; 34,14; Sl 104,29-30).

i. O *Éden* é a estepe, mas evoca uma palavra hebr. que significa "prazer".

j. Este texto recebeu numerosas interpretações. A *árvore da vida* (ou planta da vida) era conhecida no Antigo Oriente, que dava este nome à vegetação de que se alimentavam animais e homens, e até os deuses nos seus santuários; como os deuses não morriam, podia-se ver nela um alimento de imortalidade. O livro dos Provérbios (3,18) associa a árvore da vida à aquisição da sabedoria divina.

k. *Conhecimento do que seja bom ou mau*, isto é, o saber que permite ser feliz ou infeliz, melhor que a tradução comum, "a árvore de conhecimento do bem e do mal", que dá a esta árvore um significado excessivamente moral ou intelectual. O conhecimento era entre os israelitas mais experimental que teórico. A ciência da felicidade e da infelicidade (Dt 1,39; 1Rs 3,9; Is 7,15) é um discernimento (2Sm 19,36) de caráter universal (Gn 24,50; 31,24) que permite julgar tudo (2Sm 14,17), para a felicidade e a infelicidade própria ou dos outros. O Antigo Oriente, que conhecia "árvores da verdade", ao que parece, não menciona tal árvore antes da Bíblia.

l. Os comentadores modernos consideram os vv. 10-14 como uma nota erudita, bem a gosto dos sábios do tempo da monarquia (cf. Dt 2,10-12,20-24; talvez Gn 14,1-2). O autor faz um esforço notável para situar o jardim no quadro geográfico que ele conhece, embora utilizando elementos míticos familiares a seus contemporâneos. O *Tigre* e o *Eufrates* são rios célebres, mas o único *Guilhôn* que se conhece é a fonte de Jerusalém (1Rs

Havilá, onde se encontra o ouro¹² — e o ouro dessa terra é bom — assim como o bdélio e a pedra de ônix.¹³ O segundo rio se chamava Guihon; é ele que rodeia todo a terra de Kush.¹⁴ O terceiro rio se chamava Tigre; ele corre a oriente de Assur. O quarto rio era o Eufrates.

¹⁵O SENHOR Deus tomou o homem e o estabeleceu no jardim de Éden para cultivar o solo¹⁶ e o guardar. ¹⁶O SENHOR Deus prescreveu ao homem: “Poderás comer de toda árvore do jardim, ¹⁷mas não comerás da árvore do conhecimento do que seja bom ou mau, pois desde o dia em que dela comeres, tua morte estará marcada”.

¹⁸O SENHOR Deus disse: “Não é bom para o homem ficar sozinho. Quero fazer para ele uma ajuda que lhe seja adequada”.¹⁹ O SENHOR Deus modelou do solo todo animal dos campos e todo pássaro do céu, que levou ao homem para ver como ele os designaria. Tudo aquilo que o homem designou tinha o nome de

“ser vivo”²⁰; o homem designou pelo seu nome todo gado, todo²¹ pássaro do céu e todo animal dos campos, mas para si mesmo o homem não encontrou a ajuda que lhe fosse adequada. ²¹O SENHOR Deus fez cair num torpor²² o homem, que adormeceu; tomou uma das suas costelas²³ e voltou a fechar a carne no lugar dela. ²²O SENHOR Deus transformou a costela que tirara do homem em uma mulher e levou-a a ele. ²³O homem exclamou:

“Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela se chamará humana, pois do humano foi tirada”.

²⁴Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para ligar-se à sua mulher, e se tornam uma só carne”.

Fora do jardim de Éden. ²⁵Ambos estavam nus, o homem e sua mulher, sem sentirem vergonha um do outro”.

3 ¹Ora, a serpente era o mais astuto²⁶ de todos os animais do campo que o

Sb 1.12-15;
Rm 6.23

Gn 24.67;
Pr 18.22

15.12

1Cor 11.9

Ct 2.16;
6.3

Mt 2.15;
Mt 19.5p;
1Cor 6.16;
Ef 5.31

Sb 2.24;
Jo 8.44;
Ap 12.9

1.33.38, cf. Sl 46.5), e o *Pishon* permanece desconhecido. O Éden é aqui situado a oriente, o que é pouco conforme a 3.24. A menção aos braços (lit. *cabeças*, termo que na Mesopotâmia designa o ponto de partida de um braço do Tigre e do Eufrates) sugere um delta, mas *Havilá* fica na Arábia (10.29), onde se encontram o *bdélio* odorífero e as pedras preciosas, mas também perto do Egito no sul da Palestina (25.18; 1Sm 15.7). *Kush* é normalmente a Etiópia, mas havia uma Kush em Midian, a sudeste da Palestina perto do golfo de Ácaba. Em todo caso, estes vv. retomam o antigo tema do rio paradisíaco que fertilizava a terra inteira, como sugere o número 4, símbolo da universalidade (os quatro pontos cardeais).

m. O *solo*: pois o pronome (feminino) remete a *solo* (feminino em hebr.) do v. 9, antes que ao *jardim de Éden* (masculino em hebr.) do v. 15.

n. Lit. *de morte há de morrer*, isto é, morrerás com certeza. O homem tirado do solo está sujeito à morte como toda criatura terrestre, mas teria podido escapar a ela pela fidelidade a Deus. Ao negligenciar a advertência divina, o homem se expõe fatalmente à morte (cf. 3.19).

o. Lit. *como seu face-a-face*.

p. O animal é denominado *ser vivo* (lit. *sopro de vida*, cf. 2.7), como o homem; trata-se de um termo genérico. Alguns vêem nestas palavras uma glosa, que suprime, traduzindo: *Cada qual devia trazer o nome que o homem lhe havia dado* (lit.: *Tudo o que o homem designou, tal era o seu nome*). Mas o autor “javista”, mais que mostrar a superioridade do homem sobre o animal, queria lembrar que homem e animal têm em comum a respiração. O homem vai dar nomes específicos às diferentes espécies de animais (v. 20), determinando assim a função deles na terra. Com isto o homem manifesta o seu discernimento e o seu poder, mas não encontra a sua parceira.

q. *Todo*: ausente do hebr., restabelecido segundo as versões. r. *Torpor*: cf. 15.12; Is 29.10; Jó 4.13; Pr 19.15. É uma espécie de sono letárgico e anormal, que pode ir até a alucinação (Is 29.10).

s. Único caso em que o termo significa *costela* e não “flanco” ou “lado”, geralmente de um edifício (donde o verbo “construir”, traduzido aqui por *transformar*). Para indicar a semelhança entre dois seres, os semitas costumavam recorrer à imagem da geração (cf. 1.26 nota); por isso o parentesco exprime-se pela expressão *ser os ossos e a carne de alguém* (29.14; Jz 9.2; 2Sm 5.1).

t. *Humana... humano* = “mulher”... “homem”, em hebr. *ishshá... ish*. O Gn gosta dessas aproximações de palavras que enfatizam uma ideia, aqui a semelhança entre o homem e a mulher. Tal procedimento literário já era utilizado pelos egípcios.

u. As versões lêem: *E os dois se tornarão uma só carne*. Depois de exprimir a alegria do homem em ter encontrado sua mulher (v. 23), o autor ratifica no v. 24 a atração que o homem e a mulher sentem um pelo outro. Coabitam e formam uma unidade, sendo que os vínculos novos se revelam mais fortes que os de parentesco. Mt 2.14-16; Pr 5.15-20; 18.22; 31.10-31; Ecl 9.9 lembram-nos com gosto as belezas da vida conjugal e da sua fidelidade. O Evangelho (Mt 19.1-9; 5.32) vai restaurar o vínculo conjugal na sua dignidade primeva.

v. Sem excluírem toda ideia de pudor, as palavras *nudez e vergonha* exprimem na Bíblia sobretudo a fraqueza, a falta de proteção, a derrota (cf. Am 2.16; Mq 1.8; Sl 6.11...). O homem e a mulher aceitam-se então tais quais são, sem abusar das suas mútuas fraquezas.

w. Há também aqui uma aproximação desejada pelo autor, entre *nus* (“*arumim*”) de 2.25 e *astuto* (“*arum*”) de 3.1. No Antigo Oriente, a serpente desempenhava um grande papel como po-

SENHOR Deus havia feito. Ela disse à mulher: "Deus vos disse realmente: 'Não comereis de todas as árvores do jardim'?"² A mulher respondeu à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim", mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Dela não comereis e não a tocareis, para não morrerdes'".³ A serpente disse à mulher: "Não, vossa morte não está marcada".⁴ É que Deus sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, possuindo o conhecimento do que seja bom ou mau".⁵

A mulher viu que a árvore era boa de comer, sedutora de se olhar, preciosa para agir com clarividência^b. Apanhou um fruto e dele comeu, deu-o também a seu homem que estava com ela^c, e ele comeu.⁷ Os olhos de ambos se abriram e souberam que estavam nus. Tendo costurado folhas de figueira, fizeram tangas para si^d.

Entrementes ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim ao sopor^e do dia. O homem e a mulher esconde-

ram-se do SENHOR Deus no meio das árvores do jardim.⁹ O SENHOR Deus chamou o homem e lhe disse: "Onde estás?"¹⁰ Ele respondeu: "Ouvei a tua voz no jardim, tive medo porque estava nu, e me escondi".¹¹ "Quem te revelou — disse ele — que estavas nu? Comeste da árvore da qual eu te havia prescrito não comer?"¹² O homem respondeu: "A mulher que puseste a meu lado, foi ela quem me deu do fruto da árvore, e comi".

O SENHOR Deus disse à mulher: "Que fizeste?" A mulher respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi".

O SENHOR Deus disse à serpente: "Por teres feito isso, serás maldita entre todas as feras e todos os animais do campo; caminharás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida".¹⁵ Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta te atingirá a cabeça e tu lhe atingirás o calcanhar¹⁶.

Ele disse à mulher: "Farei com que, na gravidez, tenhas grandes sofrimentos¹⁷; é com dor que hás de gerar filhos. Teu

Is 20,3;
Ap 3,18;
16,15

Ap 12,13-16

Js 3,16-18;
Mq 4,10;
Jo 16,21;
Ap 12,2

tência de fertilidade (Canaã) e como força política (Egito); na célebre epopeia babilônica de Guilgamesh, a serpente roubava ao herói a planta da imortalidade. Seduzidos pela astúcia da serpente (v. 4), o homem e a mulher vão adquirir um saber que efetivamente lhes revelará a sua nudez, isto é, a sua fraqueza (v. 7).

x. Gramaticalmente a frase da serpente fica suspensa. Ela é voluntariamente ambígua, podendo igualmente significar: *Não comereis de nenhuma árvore do jardim*, o que a mulher vai logo retificar.

y. O gr. e o sir. têm *de todas as árvores*; e no gr. falta *fruto*.

z. Com astúcia, a serpente faz da morte inevitável (2,17) uma morte imediata (3,4). Distorcendo a declaração de Deus, ela transforma uma advertência salutar em uma mentira.

a. Este conhecimento (cf. 2,9 nota) é o privilégio dos *elohim*, seres mais inteligentes e mais poderosos que o homem (3,22). O Senhor é o Deus único, o *Elohim* por excelência. O que o relato condena não é a posse do conhecimento, pois Deus o outorgará ao homem, mas a maneira como ele foi adquirido, pela violação da prescrição divina.

b. Diferente das outras árvores do jardim, esta dá acesso a uma perspicácia extraordinária que garante o sucesso.

c. A união entre o homem e a mulher volta-se contra as intenções do Criador.

d. Com este relato bem antropomórfico, no qual todas as imagens se encaixam e equilibram, o autor mostra as consequências da infidelidade do homem à palavra de Deus. O que o homem e a mulher descobrem é apenas a sua fraqueza e, a partir de agora, escondem-se um do outro, como se escondem de Deus.

e. *Sopro* (*ruah* em hebr., cf. 2,7 nota; 2,19; 1,2): meio ambiente em que o Deus da vida encontra o homem.

f. O Senhor intervém como um juiz no contexto de um processo judicial. Interroga os culpados, determina as responsabilidades e fixa as sanções. Com isto mesmo, o relato dá a entender que Deus não se desinteressa da sua criatura e não a abandona ao poder da força que a seduziu.

g. O homem e, mais adiante, a mulher empurram para outrem a responsabilidade pelo sucedido.

h. A serpente, o mais astucioso dos animais (*'arum* 3,1), passa a ser o mais miserável deles (*arur*). A sua astúcia volta-se contra ela.

i. Este versículo tem sido entendido de maneiras diferentes. Para uns, ele anunciaria uma luta de morte e sem fim entre a descendência da mulher e a da serpente; este combate sem desfecho insere-se no contexto das sanções adotadas pelo Senhor. A tradução aqui adotada deixa possibilidade para esta interpretação. Segundo outros, o v. permite entrever um desfecho favorável, pois visa antes de tudo à serpente. A linhagem da serpente é atingida na *cabeça*, a da mulher somente no *calcanhar*; além disso, *comer pó* é sinal de derrota (Mq 7,17). O verbo aqui traduzido por *atingir* pode significar também "cobrir" (Sl 139,11; Jô 9,17). A luz dos demais livros bíblicos, a tradição cristã frequentemente viu neste texto o "Protoevangelho" que anuncia a vitória do Messias, nascido de uma mulher, o que é sugerido já pela versão gr. (*este*, um indivíduo, e não a descendência, que seria "isto"). A tradição católica reconheceu aqui um dado importante sobre o papel da mãe do Messias, donde a tradução *ipsa conteret* (ela, a mulher, te esmagará) da Vulg.

j. Lit. *Eu multiplicarei os sofrimentos da gravidez*.

desejo^k te impelirá para o teu homem, e este te dominará”.

¹⁷Ele disse a Adão: “Por teres escutado a voz da tua mulher e comido da árvore da qual eu te havia formalmente prescrito não comer, o solo será maldito por tua causa. É com fadiga que te alimentarás dele todos os dias da tua vida; ¹⁸ele fará germinar para ti espinho e cardo, e tu comerás a erva do campo”. ¹⁹No suor do teu rosto comerás o pão, até voltares ao solo, pois dele foste tirado. Sim, és pó e ao pó voltarás”.

²⁰O homem deu à sua mulher o nome de Eva — Vivente —, pois foi ela a mãe de todo vivente”. ²¹O SENHOR Deus fez para Adão e sua mulher vestiduras de pele, com as quais os vestiu”. ²²O SENHOR Deus disse: “Eis que o homem tornou-se como um de nós” pelo conhecimento do que seja bom ou mau. Agora, que ele não estenda a mão para colher também da árvore da vida, dela comer e viver para sempre!”

²³O SENHOR Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo do qual havia sido tirado. ²⁴Depois de ter expulso o homem, postou os querubins^a a oriente do jardim de Éden, com a chama da espada

fulminante^t, para guardar o caminho da árvore da vida.

4 Caim e Abel. ¹O homem conheceu Eva, sua mulher. Ela engravidou, gerou Caim e disse: “Procriei um homem, com o SENHOR”^u. ²Ela gerou ainda o irmão dele, Abel.

Abel apascentava as ovelhas, Caim cultivava o solo. ³No fim da estação, Caim trouxe ao SENHOR uma oferta de frutos da terra; ⁴também Abel trouxe primícias dos seus animais e a gordura deles. O SENHOR voltou seu olhar para Abel e sua oferta”, ⁵mas de Caim e da oferta que trouxera desviou o olhar^r.

Caim irritou-se muito com isto, e seu semblante ficou abatido. ⁶O SENHOR disse a Caim: “Por que te irritas? E por que o teu rosto está abatido? ⁷Não é assim: se fizeres o bem, o levantarás”, e se não fizeres o bem, o pecado agachado à tua porta^s te deseja? Mas tu, domina-o”.

⁸Caim falou a seu irmão Abel^e e, quando foram ao campo, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.

⁹O SENHOR disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” “Não sei, respondeu ele. Sou eu o guarda de meu irmão?”

Os 4.3;
Rm 8.20

Hb 6.8
Ecl 2.22-23;
Jó 7

Sl 90.3;
104.29;
Jó 3

At 17.26

Ap 22.2.14

Ex 25.18-22

Hb 11.4

Jn 4.4

1Jo 3.12;
Jd 11

k. *Teu desejo* (cf. 4.7): trata-se de um impulso instintivo, a mulher sente a necessidade do homem e da sua força, sobretudo nas sociedades primitivas. Já em Pr 31.10-31; Gl 3.28; Ef 5.22-33, a mulher desfruta de condições diferentes.

l. O hebr. aqui não tem artigo e considera Adão como um nome próprio, assim como em 4.25.

m. Estes dois vv. descrevem a penosa condição do agricultor palestinese que vive das suas colheitas trabalhosas, chamadas aqui de *erva do campo*.

n. Sobre a mortalidade do homem, ver 2.17. A sanção divina consiste em fazer do trabalho do homem (2.15) um labor penoso e em abandonar o ser humano à morte.

o. O autor liga o nome de Eva (*ḥawwā*) à vida (*ḥayyā*).

p. Este gesto mostra a solicitude de Deus pelos culpados. Enquanto o homem só se protegia com folhas, Deus lança mão dos animais (pele), seres vivos como o homem (2.19), para dar proteção ao homem.

q. *Um de nós*, isto é, dos seres sobre-humanos — o próprio Deus e sua corte (cf. 1Rs 22.19; Jó 1.6) — os quais, segundo a tradição mesopotâmica, p. ex. a epopéia de Gilgamesh, reservaram para si a imortalidade. Aqui a atitude do Senhor aparece como uma resposta ao gesto do casal humano.

r. Depois de ter fixado as novas condições das criaturas após a desobediência do homem e da mulher, o Senhor, na sua soberania, priva-os do jardim que lhes havia preparado, embora re-

conhecendo o saber que adquiriram. Análoga menção ao poder do Senhor se lê em 11.7-9.

s. Os *querubins* (na Mesopotâmia, *karibu*) eram gênios em forma de touro ou de esfinge, que guardavam simbolicamente a entrada dos palácios, os lugares santos ou até os tronos divinos (1Sm 4.4).

t. Lit. *assim como a chama da espada que se abate sobre a terra* (Jz 7.13; Jó 37.12). O grande deus dos semitas do oeste, o deus da tempestade, era representado brandindo o raio na sua mão.

u. Eva relaciona o nome do seu primogênito (Caim) com o velho verbo semítico *qanah*, que significa “procriar”. Ela ressalta o papel decisivo de Deus no nascimento dele (cf. também 29.31; 30.2.22; 1Sm 1.6.11).

v. Lit. *no fim dos dias* (cf. 1Rs 17.7).

w. O olhar de Deus manifesta a sua benevolência e a sua aceitação da oferta.

x. O texto não indica os motivos da recusa de Deus. Nesse nível da Revelação, o Deus de Israel é o soberano, cujas motivações escapam a seus súditos. Mais tarde, a Epístola aos Hebreus propôs uma explicação (11.4).

y. Texto difícil; o verbo parece ao mesmo tempo responder ao *abatimento* de Caim (vv. 5-6) e ao *carregar* (a *fula*) do v. 13.

z. *Agachado* (hebr. *robēš*): pronto a saltar sobre o transeunte, como o demônio *rabisu* entre os babilônios.

a. As versões acrescentam: *Vamos ao campo*.

Mt 23,35;
Hb 12,24

¹⁰“Que fizeste?” retrucou ele. “A voz do sangue^b do teu irmão clama do solo a mim. ¹¹És agora amaldiçoado, banido do solo que abriu a boca para recolher da tua mão o sangue do teu irmão. ¹²Quando cultivares o solo, ele não te dará mais a sua força^c. Serás errante e vagabundo sobre a terra.”

¹³Caim disse ao SENHOR: “Meu crime é pesado demais para carregar^d. ¹⁴Se hoje me expulsas da extensão deste solo, serei expulso da tua face, serei errante e vagabundo sobre a terra, e todo aquele que me encontrar me matará”. ¹⁵O SENHOR lhe disse: “Pois bem! Se matarem Caim^f, ele será vingado sete vezes”. O SENHOR pôs um sinal^g sobre Caim para que ninguém, ao encontrá-lo, o ferisse. ¹⁶Caim se afastou da presença do SENHOR e habitou na terra de Nod^h, a leste de Édenⁱ.

De Caim a Enosh. ¹⁷Caim conheceu sua mulher, que engravidou e gerou Henoc. ¹⁸Caim pôs-se a construir uma cidade e deu à cidade o nome do seu filho Henoc^j. ¹⁹De Henoc nasceu Irad e Irad gerou Mehuiael; Mehuiael^k gerou Metushael e Metushael gerou Lémek.

²⁰Lémek teve duas mulheres: uma se chamava Adá e a outra Silá. ²¹Adá gerou

labal; foi ele o pai dos que habitam tendas com rebanhos^l. ²²Seu irmão chamava-se Iubal^m; foi ele o pai de todos os que tocam cítara e charamela. ²³Silá gerou Tubalqáin, que afiavaⁿ todo tipo de arado de bronze e de ferro; a irmã de Tubalqáin era Naamá.

²⁴Lémek disse às suas mulheres:

“Adá e Silá, ouvi minha voz!

Mulheres de Lémek, aplicai o ouvido ao que direi!

Sim, eu matei um homem por um^o ferimento,

uma criança por uma contusão.

²⁵Sim, Caim será vingado sete vezes, mas Lémek, setenta e sete vezes^p. Mt 18,22

²⁶Adão conheceu ainda sua mulher. Ela gerou um filho e o chamou Shet, “pois Deus me suscitou^q outra descendência no lugar de Abel, que Caim matou”.

²⁷Também a Shet nasceu um filho a quem deu o nome de Enosh. Foi a partir de então que se começou a invocar o nome do SENHOR^r. Lc 3,38

Ex 3,14-15

5 Lista dos patriarcas de Adão a Noé.

‘Eis a lista da família’ de Adão:

No dia em que Deus criou o homem, fê-lo à semelhança de Deus^s; ²macho e fêmea os criou, abençoou-os e lhes deu o nome de homem no dia da sua criação.

b. Outra tradução: *Ouve! O sangue clama*, expressão que em hebr. designa a vingança. Com esta fórmula o autor evoca as divisões mortais da família humana. O sangue, considerado como a vida (cf. 9,4-5; Lv 17,14), exige reparação se for injustamente derramado (37,26; Is 26,21; Ez 24,7; cf. Jó 16,18; Hb 12,24).

c. A força é aqui um poder de fecundidade, cf. 49,3.

d. Caim não exprime arrependimento. Descobre-se em ruptura com Deus e com o homem, e não consegue suportar isto.

e. As versões traduziram: *Não será assim*.

f. Lit.: *Todo aquele que matar Caim*. Esta fórmula expressa a rigidez das vinganças tribais, que serão limitadas pela lei do talião (Ex 21,23-25).

g. Sinal de proteção, cf. Ez 9,4-6.

h. *Nod* ou *Naid* (gr.), aliás desconhecido; provavelmente calculado sobre o *nad* (= *vagabundo*) dos vv. 12 e 14.

i. O lugar do qual Adão havia sido expulso.

j. O nome de *Henoc* (*Hanok*) evoca a dedicação de uma cidade ou de um monumento.

k. *Mehiael* identificado com o *Mehuael* precedente.

l. Lit.: *habitam a tenda e o rebanho*, traduzido segundo 2Cr 14,14 e gr. Este v. faz alusão a pastores que vivem com os seus animais.

— Textos do Antigo Oriente também descrevem o aparecimento das diversas profissões e o desenvolvimento da agricultura.

m. O autor tem consciência de que este segundo grupo não descende do primeiro e inclui os músicos ambulantes.

n. Texto difícil. Outra tradução: *Ele foi o ancestral de todos os ferreiros em cobre e ferro*. Mas segundo 1Sm 13,20, o termo hebr. designa a relha e não o ferreiro.

o. Lit.: *meu ferimento... minha contusão*.

p. Cf. v. 15 nota.

q. Há aqui uma aliteração entre *Shet* e *shat* (= suscitou).

r. A palavra SENHOR corresponde aqui a um nome próprio, YHWH, que a tradição judaica, por respeito, substituirá geralmente por “Senhor” (cf. Ex 3,15 nota). Segundo Gn 4,26b, na família de Shet o nome YHWH é pronunciado por ocasião do culto desde as origens. Para Ex 3,14 e 6,2 o nome não fora revelado antes da época de Moisés.

s. Este cap. é de tradição “sacerdotal” e faz sequência a 2,4a. Para a idade dos patriarcas, o texto sam. e a versão gr. propõem números diferentes.

t. A maior parte dos nomes voltam a encontrar-se na genealogia “javista” de Gn 4.

u. As genealogias desempenham um grande papel na tradição “sacerdotal” e, bem antes dela, nos meios seminômades dos quais provieram os ancestrais de Israel.

u. Cf. 1,26 nota.

³Adão viveu cento e trinta anos; à sua semelhança e segundo a sua imagem gerou um filho^a a quem deu o nome de Shet. ⁴Depois de Adão gerar Shet, seus dias duraram oitocentos anos e gerou filhos e filhas. ⁵Adão viveu ao todo novecentos e trinta anos, e morreu^w.

⁶Shet viveu cento e cinco anos e gerou Enosh. ⁷Depois de ter gerado Enosh, Shet viveu oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. ⁸Shet viveu ao todo novecentos e doze anos e morreu.

⁹Enosh viveu noventa anos e gerou Qenan^t. ¹⁰Depois de ter gerado Qenan, Enosh viveu oitocentos e quinze anos e gerou filhos e filhas. ¹¹Enosh viveu ao todo novecentos e cinco anos e morreu.

¹²Qenan viveu setenta anos e gerou Mahalalel^y. ¹³Depois de ter gerado Mahalalel, Qenan viveu oitocentos e quarenta anos e gerou filhos e filhas. ¹⁴Qenan viveu ao todo novecentos e dez anos e morreu.

¹⁵Mahalalel viveu sessenta e cinco anos e gerou Lédred. ¹⁶Após ter gerado Lédred, Mahalalel viveu oitocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas. ¹⁷Mahalalel viveu ao todo oitocentos e noventa e cinco anos e morreu.

¹⁸Lédred viveu cento e sessenta e dois anos e gerou Henoc^t. ¹⁹Depois de ter

gerado Henoc, Lédred viveu oitocentos anos e gerou filhos e filhas. ²⁰Lédred viveu ao todo novecentos e sessenta e dois anos e morreu.

²¹Henoc viveu sessenta e cinco anos e gerou Metushálal^h. ²²Depois de ter gerado Metushálal, Henoc seguiu os caminhos de Deus^b durante trezentos^c anos e gerou filhos e filhas. ²³Henoc viveu ao todo trezentos e sessenta e cinco anos. ²⁴Tendo seguido os caminhos de Deus, desapareceu: Deus o arrebatara^d.

²⁵Metushálal viveu cento e oitenta e sete anos e gerou Lémek. ²⁶Depois de ter gerado Lémek, Metushálal viveu setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. ²⁷Metushálal viveu ao todo novecentos e sessenta e nove anos e morreu^e.

²⁸Lémek viveu cento e oitenta e dois anos e gerou um filho. ²⁹Deu-lhe o nome de Noé dizendo: "Ele nos reconfortará^f dos nossos trabalhos e da fadiga que um solo maldito^g pelo SENHOR impõe às nossas mãos". ³⁰Depois de haver gerado Noé, Lémek viveu quinhentos e noventa e cinco anos e gerou filhos e filhas. ³¹Lémek viveu ao todo setecentos e setenta e sete anos e morreu.

³²Noé tinha quinhentos anos quando gerou Shem, Ham e Léfet...

Sr 44,16;
Hb 11,5

3.17-19

6.10; 9.18;
10.1

O DILÚVIO^h

6 As causas do flagelo. ¹Quando os homens tinham começado a se

multiplicar na superfície do solo e lhes nasceram filhas, ²os filhos de

v. A palavra *filho* não se encontra no texto.

w. Esta lista "sacerdotal" de dois patriarcas antediluvianos responde à tradição mesopotâmica, mas abrevia radicalmente a vida desses patriarcas, sendo que a mais longa delas não atinge mil anos, contra uma média de trinta mil anos para os reis mesopotâmicos. A idade dos patriarcas diminui progressivamente, mas sem regularidade.

x. Este nome é outra forma de Caim.

y. O gr. tem 170 anos e *Maleleel*.

z. Segundo o texto sam., Lédred gera aos 62 anos, vive mais 785 anos e morre com 847.

a. Que se tornou o célebre Matusalém.

b. Lit. *caminhou com Deus*. Esta expressão significava no Judaísmo tardio "agir de acordo com a vontade de Deus", o que o gr. interpretou com "agradar a Deus" (cf. Hb 11.5-6).

c. Observou-se que o número de anos de *Henoc* equivale ao dos dias do ano solar.

d. Elias (2Rs 2.9) e o Servo do Senhor (Is 53.8) também serão arrebatados. O arrebatamento de *Henoc* será um tema da apocalíptica judaica.

e. No texto sam., Metushálal gera aos 67 anos, vive mais 653 anos e morre com 720.

f. O nome de Noé aproxima-se aqui do termo que significa "consolar, reconfortar, restaurar" (*nĥm*, cf. Is 40.1) e sugere que Deus salvará a humanidade através de Noé.

g. Este v. recorda a maldição do solo (3.17), que será abolida depois do Dilúvio, quando a Deus aprouver o sacrifício de Noé (8.21).

h. Suspenso em 5.32, o relato "sacerdotal" recomeça em 6.9. O Dilúvio, do qual se conhecem versões extrabíblicas, sobretudo um relato babilônico incluído na epopéia de Guilgamesh, é com efeito transmitido, com alguns remanejamentos, pelas duas tradições, a "javista" e a "sacerdotal", tendo cada uma a sua própria perspectiva. Observe-se, por exemplo, a dupla menção à

Deus viram que as filhas de homem eram belas e tomaram por mulheres as suas escolhidas¹. ³O SENHOR disse: "Meu Espírito⁴ não dirigirá sempre o homem, em razão dos seus erros"; ele não passa de carne, e seus dias serão de cento e vinte anos".

Jo 3,5-6

Dt 2,10;

Sr 16,7;

Br 3,26-28

⁴Naqueles dias, os gigantes⁵ estavam na terra; e ainda estavam nela quando os filhos de Deus vieram ao encontro das filhas de homem e tiveram filhos delas. São os heróis de outrora, homens de renome⁶.

Sl 14,2-3;

Jr 5,1-5;

6,28

8,21

ISm 15,35;

Ex 32,12-14;

Jr 18,8-10;

Jn 4,2

⁵O SENHOR viu que a maldade do homem se multiplicava na terra: o dia todo, seu coração não fazia outra coisa⁷ senão conceber o mal, ⁸e o SENHOR arrependeu-se⁸ de ter feito o homem sobre a terra. Afligiu-se com isto ⁹e disse: "Apagarei da superfície do solo o homem que criei, homem, animais grandes, animais peque-

nos e até os pássaros do céu, pois me arrependo de tê-los feito". ¹⁰Mas Noé encontrou graça¹⁰ aos olhos do SENHOR.

18,3;

2Sm 15,25;

⁹Eis a família de Noé:

Lc 1,30

Noé, homem justo, foi íntegro no meio das gerações do seu tempo. Seguiu os caminhos de Deus¹¹. ¹²Gerou três filhos: Shem, Ham e Jéfé. ¹³A terra havia-se corrompido diante de Deus e se havia enchido de violência.

Sr 44,17;

Hb 11,7;

2Pd 2,5

¹²Deus olhou a terra e a viu corrompida, pois toda carne tinha pervertido¹² sua conduta na terra. ¹³Deus disse a Noé:

"Para mim chegou o fim de toda carne!

Pois, por causa dos homens, a terra está repleta de violência

18,20-32

e eu vou destruí-los junto com a terra".

Preparativos. ¹⁴"Faze para ti uma arca¹⁴ de madeira resinosa". Farás a arca com

Hb 11,7;

1Pd 3,20

obediência de Noé (6,22; 7,5), à sua entrada na arca (7,7.13), aos casais de animais (6,19; 7,2)... São atribuídos ao Javista os vv. 6,1-8; 7,1-5.7.10.12.16b.17b.22-23; 8,2b-3a.6-12.13b.20-22. Este relato bem colorido está orientado para um sacrifício aceito por Deus, com conseqüências boas para o homem. O Senhor concedeu graça a Noé e promete garantir o ritmo das estações, apesar da perversidade do coração do homem (6,5-8; 8,21-22). O relato "sacerdotal" compreende os vv. 6,9-22; 7,6.9.11.13-16a.17a.18.21-24; 8,1-2a.3b-5.13a.14-19; 9,1-17. Ele insiste mais na construção da arca, descrita como um santuário, e na aliança que Deus fez com Noé para toda a humanidade (9,1-17). Há vestígios de alguns remanejamentos destinados a fazer as duas tradições concordarem (p. ex. 7,3b.8).

1. Os *filhos de Deus* (segundo Sl 29,1; 89,7; Jó 1,6; 2,1; 38,7 e textos fenícios pré-bíblicos) podem designar potências cósmicas que os pagãos divinizam e que a Bíblia subordina ao verdadeiro Deus, se bem que atribuindo-lhes uma inteligência e uma força superiores às do homem. Mas de resto, os soberanos eram considerados como *filhos de Deus* (cf. 2Sm 7,17; Sl 2,7; 89,27); o poder deles manifestava-se particularmente pela importância dos seus casamentos, acarretando inclusive desvios religiosos (cf. 1Rs 11, para Salomão).

2. O sentido deste v. é duvidoso. As cidades cananéias eram às vezes consideradas como *filhas de homem*, esposas dos deuses locais (cf. também Ez 16 e 23). Talvez o Javista aluda a esta ideologia para preparar o veredicto do v. 3.

3. Este versículo, de difícil tradução, põe em evidência o fato de o homem por si mesmo não passar de *carne*, isto é, fraqueza; sua força e sua vida lhe vêm do *Espírito* ou sopro (*ruah*) do Senhor (cf. 2,7 nota). Em especial, o Espírito era concedido por Deus aos soberanos no momento da sua unção (1Sm 10,6.10; 11,6; 16,13) e lhes dava a força para governar e julgar (*dm*; cf. Sl 72,1; Lm 4,2; Is 11,4-5). A tradução "javista" já reconheceu que o homem é mortal, e aqui limita o tempo de vida dele. Se, para os egípcios, 110 anos era a idade atingida pelos seus maiores sábios (e será a de José, 50,22), a vida humana, para essa tradição, será no máximo de 120 anos. Segundo a tradição "sa-

cerdotal", os Patriarcas viverão mais tempo (175 anos para Abraão).

1. Hebr. *yadon* (raiz *dm*? cf. nota precedente). O gr. tem *permanecer*.

2. Pode-se ligar a proposição seguinte à anterior: *já que (ele não passa de carne)*. O termo hebr. traduzido aqui por *erros* parece evocar o desvio (Dt 27,18) e a inépcia política (1Sm 26,21).

3. Os *gigantes* eram conhecidos na região de Hebron (cf. Nm 13,33), primeira capital de Davi. Os egípcios também atribuíam uma grande estatura aos habitantes dessa região. O texto interpreta as antigas tradições de Judá atribuindo o desaparecimento dos heróis antigos à condenação dos seus erros pelo Senhor.

4. Lit. *homens de nome*. O nome representa o renome, a eficácia e a autoridade. Além disso, "nome" é em hebr. o nome próprio de um dos filhos de Noé. Shem (5,32), do qual descendirão os semitas (cf. cap. 10).

5. Lit. *a inclinação dos desígnios do seu coração*. Nas proximidades da era cristã, os judeus refletirão profundamente sobre a mal inclinação ou deformação da natureza humana, que todavia pode ser contrabalançada por uma "inclinação firme" que se manifesta na constância e na fidelidade. Cf. também 8,21 e Sr 37,3.

6. A mesma expressão em 1Sm 15,11. Esse antropomorfismo evoca a dificuldade da ação de Deus às voltas com a liberdade humana. Mostra também que o Deus da Bíblia leva em conta as atitudes humanas, embora permanecendo fiel e constante.

7. Uma das expressões favoritas do Javista (cf. 18,3; 19,19; 30,27...), reveladora da sua teologia.

8. Retomada do relato "sacerdotal". Quanto à palavra "família", cf. 2,4 nota.

9. Cf. 5,22 nota.

10. Lit. *toda carne tinha uma conduta dissoluta sobre a terra, e Deus vai dissolvê-los com a terra* (v. 13); a lei do talião.

11. O hebr. *tēbā* é um termo de origem egípcia que designa uma caixa e por extensão uma embarcação, cf. Ex 2,3 nota.

12. *Gôfer*, essência desconhecida.

compartimentos¹. Tu a revestirás com betume por dentro e por fora. ¹⁵Esta arca, fá-la-ás com o comprimento de trezentos, com a largura de cinquenta e com a altura de trinta côvados. ¹⁶Farás para a arca um teto de duas águas², fixando-o um côvado acima dela. Porás a entrada da arca ao lado, depois lhe farás um andar inferior, um segundo e um terceiro.

SI 29,10; 93,2-4 ¹⁷“Quanto a mim, farei vir o Dilúvio — isto é, as águas³ — sobre a terra, para destruír debaixo dos céus toda criatura animada de vida; tudo o que existe na terra há de expirar. ¹⁸Eu estabelecerei a minha aliança contigo.

9,9; 17,2 “Entra na arca, tu, e contigo teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos. ¹⁹De todo ser vivo, de toda carne, introduzirás um casal na arca para fazê-los sobreviver contigo: que haja um macho e uma fêmea! ²⁰De cada espécie de pássaros, de cada espécie de animais grandes, de cada espécie de pequenos animais do solo, um casal de cada espécie virá a ti para sobreviver. ²¹E tu, apanha de tudo o que se come e faz uma reserva para ti; isto será o teu alimento e o deles”.

²²Foi o que fez Noé; fez exatamente o que Deus lhe havia prescrito.

SI 10,4; 1Pd 3,20 **7** ¹O SENHOR disse a Noé: “Entra na arca, tu e toda a tua casa, pois és o único justo que vejo⁴ nesta geração. ²Tomarás sete casais⁵ de todo animal puro, um macho e uma fêmea — e de animal impuro, um casal: um macho e uma fêmea —, ³assim como dos pássaros do céu, sete casais, macho e fêmea, para perpetuar a raça deles em toda a superfície da terra. ⁴Pois dentro de sete dias, farei

chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; apagarei da superfície do solo todos os seres que fiz”.

⁵Noé obedeceu a tudo o que o SENHOR lhe havia prescrito.

⁶Noé tinha seiscentos anos quando sobreveio o Dilúvio — isto é, as águas — à terra.

O flagelo. ⁷Devido às águas do Dilúvio, Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. ⁸Animais puros e animais impuros, pássaros e tudo o que rasteja sobre o solo, ⁹casal por casal, macho e fêmea, vieram a Noé na arca, como Deus o havia prescrito a Noé. ¹⁰Sete dias se passaram, e as águas do Dilúvio submergiram a terra.

¹¹No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, nesse dia todos os reservatórios do grande Abismo se romperam e as aberturas⁶ do céu foram escancaradas.

¹²A chuva derramou-se sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites.

¹³Naquele mesmo dia, Noé entrou na arca com seus filhos, Shem, Ham e Jéfet, e com eles, a mulher de Noé e as três mulheres de seus filhos, ¹⁴assim como⁷ todas as espécies de animais selvagens, todas as espécies de animais grandes, todas as espécies de animais pequenos que rastejam sobre a terra, todas as espécies de pássaros, todo animal que voa, todo animal alado. ¹⁵Vieram a Noé, na arca, casal por casal, de toda criatura animada de vida⁸. ¹⁶Entraram um macho e uma fêmea de toda carne. Entraram como Deus o prescrevera a Noé.

Mt 24,38p

Jó 12,15;
SI 104,6-9;
2Pd 3,6

x. *Compartimentos*: poder-se-ia ler *qanim* (vimes, juncos) em vez de *qinnim* (compartimentos), pois os vimes desempenham um papel no relato babilônico do Dilúvio. Sabe-se por Heródoto que os egípcios utilizavam os vimes para calafetar os navios.

y. Esta descrição dificilmente evoca uma embarcação com proa, popa e convés, e não condiz nem com os navios antigos, nem com os atuais. Ela só se compreende (como o relato babilônico do Dilúvio) em função da arquitetura dos templos (cf. sobretudo 1Rs 6,6, quanto aos *andares*). Como para os templos mesopotâmicos, a entrada está no lado mais comprido.

z. *As águas*: dá o sentido do termo Dilúvio (*mabbul*), derivado do babilônico.

a. O olhar benevolente do Senhor volta-se para Noé, através do qual vai restaurar a humanidade destruída.

b. Para o relato “sacerdotal” (6,19-20), tratava-se apenas de assegurar a sobrevivência das espécies, sendo suficiente um par; para o relato “javista” são necessários mais animais puros, pois alguns serão sacrificados (cf. 8,20-21).

c. A imagem é tirada da linguagem mítica fenícia. Já segundo 1,7 representam-se a terra e o ar entre duas massas de água.

d. Lit. *eles*.

e. Lit. *onde há sopro para a vida*.

O SENHOR fechou a porta atrás dele^f.

¹⁷O Dilúvio desabou sobre a terra durante quarenta dias.

As águas cresceram e fizeram subir a arca, que se levantou por cima da terra.

¹⁸As águas entraram em cheia, formaram uma massa enorme sobre a terra, e a arca flutuou na superfície das águas.

¹⁹A cheia das águas tornou-se cada vez mais forte sobre a terra e, em toda a extensão da terra, todas as montanhas mais elevadas foram recobertas ²⁰por uma altura de quinze côvados. Com a cheia das águas que recobriram as montanhas, ²¹expirou toda carne que rastejava sobre a terra, pássaros, animais grandes, animais selvagens, todos os animaizinhos que pululam sobre a terra, e todo homem.

²²Todos os que respiravam o ar por um hálito de vida^g, todos os que viviam sobre a terra firme, morreram. ²³Assim o SENHOR apagou todos os seres da superfície do solo, homens, animais grandes, animais pequenos, e até os pássaros do céu. Foram apagados; só restou Noé e os que estavam com ele na arca.

Ez 14.14

²⁴A cheia das águas durou cento e cinquenta dias sobre a terra.

8 ¹Deus se lembrou^h de Noé, de todos os animais e de todos os animais grandes que estavam com ele na arca; fez então passar um soproⁱ sobre a terra e as águas se acalmaram. ²Os reservatórios do Abismo se fecharam, assim como as aberturas do céu.

A chuva foi retida no céu ³e as águas se retiraram da terra por um fluxo e um refluxo.

Ao cabo de cento e cinquenta dias, as águas diminuíram ⁴e, no sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca pouso sobre o monte Ararat¹. ⁵As águas continuaram a diminuir até o décimo mês; no décimo mês, no primeiro dia, os cumos das montanhas apareceram.

⁶Ora, ao cabo de quarenta dias, Noé abriu a janela da arca que havia feito. ⁷Soltou o corvo^k, que voou, indo e voltando, até as águas deixarem a descoberto a terra firme¹. ⁸Depois soltou a pomba para ver se as águas haviam baixado na superfície do solo. ⁹Mas a pomba não encontrou onde pousar a pata; voltou a ele na arca, pois as águas cobriam toda a superfície da terra. Ele estendeu a mão e a apanhou para fazê-la reentrar na arca. ¹⁰Esperou ainda sete outros dias e soltou de novo a pomba fora da arca. ¹¹À tarde, ela voltou a ele, e eis que tinha no bico um ramo novo de oliveira! Assim Noé ficou sabendo que as águas haviam baixado na terra. ¹²Esperou ainda sete outros dias e soltou a pomba, que não voltou mais a ele.

¹³Ora, no ano seiscentos e um, no primeiro dia do primeiro mês, as águas deixaram a terra firme a descoberto.

Noé retirou o teto da arca e viu que a superfície do solo estava firme.

¹⁴No segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês^m, a terra estava seca. ¹⁵Deus disse a Noé: ¹⁶"Sai da arca, tu, tua mulher, teus filhos e as mulheres dos teus filhos contigo. ¹⁷Todos os animais que estão contigo, tudo o que é carne: pássaros, animais grandes, todos os animais pequenos que rastejam sobre a terra, faze-

f. Mais um detalhe pitoresco com o qual o Javista evoca a presença e a solicitude de Deus.

g. Lit. *tudo o que tinha nas narinas um hálito de ar ou de sopro para a vida*.

h. Esta lembrança de Deus voltará em 9.15, a propósito do sinal da aliança com Noé. É um termo técnico na teologia dos textos "sacerdotais", que exprime a atualização da presença salutar de Deus em meio a seu povo; o termo é o equivalente de um "memorial".

i. Sobre a atmosfera ou *sopro* de Deus e a sua função vivificadora, cf. 1.2 nota.

j. Lit. *os montes do Ararat*. O Ararat (Urartu em babilôni-

co) designa as montanhas ao norte da Assíria, o sul do Cáucaso.

k. No relato babilônico, três pássaros foram soltos, um após o outro: o corvo, a pomba e a andorinha. O corvo, que naquele relato desempenhava um papel importante, já não é mais do que a testemunha de uma estrutura anterior no relato bíblico, que enfatiza a pomba, símbolo de fecundidade.

l. Lit. *até a secagem das águas sobre a terra*.

m. No relato "sacerdotal", o Dilúvio dura assim um ano e dez dias (um ano justo segundo o gr.). No relato "javista", dura quarenta dias; é precedido de uma semana e seguido de três outras.

1,22 -os sair contigo, e que pululem sobre a terra; que sejam fecundos e prolíficos na terra". 18Noé saiu, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos; 19todos os animais, todos os animais pequenos, todos os pássaros e tudo o que rasteja sobre a terra saíram da arca, por famílias.

Conclusão. 20Noé ergueu um altarⁿ ao SENHOR. Tomando de todo animal grande puro e de todo pássaro puro, ofereceu holocaustos sobre o altar. 21O SENHOR aspirou o perfume aplacador^e e disse a si mesmo: "Nunca mais amaldiçoarei^o o solo por causa do homem. Sem dúvida, o coração do homem se inclina para o mal^q desde a sua juventude, porém nunca mais flagelarei todos os viventes como fiz.

22 "Enquanto a terra durar, sementeiras e colheitas, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão".

Jr 31,35-36;
33,20

9 Deus abençoou Noé e seus filhos; disse-lhes:

1,28 "Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra. 2Sereis causa de temor e de espanto para todos os animais da terra e para todos os pássaros do céu. Tudo o que rasteja^a sobre o solo e todos os peixes do mar estão entregues às vossas mãos.

3Tudo o que rasteja e que vive vos servirá de alimento, bem como a erva que amadurece^l; eu vos dou tudo. 4Todavia, não comereis a carne com vida, isto é, o seu sangue". 5E da mesma forma, do vosso sangue, que é a vossa própria vida, pedirei contas a todo animal e pedirei contas ao homem: a cada um pedirei contas pela vida do seu irmão.

1,29;
Dt 12,15-16;
At 10,11-16;
Rm 14,3
Lv 17,
11-14

6 "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem verá derramado o seu sangue;

Ex 21,23-25

Pois à imagem de Deus, Deus fez o homem".

1,26

7 "E vós, sede fecundos e prolíficos pululai sobre a terra e multiplicai-vos sobre ela".

8Deus disse a Noé acompanhado de seus filhos:

9 "Eu, eu vou instituir a minha aliança convosco, com a vossa descendência depois de vós 10e com todos os seres vivos que estão convosco: pássaros, animais grandes, todos os animais selvagens que estão convosco", tudo o que saiu da arca convosco, até os animais selvagens. 11Instituirei a minha aliança convosco: nenhuma carne será mais exterminada pelas águas do Dilúvio, não haverá mais Dilúvio para devastar a terra".

6,18;
Sr 44,17-18

12Deus disse: "Eis o sinal da aliança^a que estabeleço entre mim, vós e todo ser vivo convosco, por todas as gerações futuras.

n. Para o Javista, as ofertas a Deus tinham aparecido desde Caim e Abel, e a invocação do nome do Senhor, com Enosh: aqui temos agora o primeiro holocausto, imolação total de um animal sobre um altar, provavelmente um altar de terra (cf. Ex 20,24).

o. Esta expressão de origem babilônica exprime a aceitação da divindade. Cf. Introdução ao Lv. O Javista elimina uma observação trivial do relato babilônico, no qual "os deuses se reúnem como moscas por sobre o sacrificador".

p. O holocausto aceito por Deus ab-roga a maldição que pesa sobre o solo por causa do homem (3,32).

q. Cf. 6,5 nota.

r. A perversidade humana não perturbará a permanência das leis da natureza, que são um dom de Deus. Cf. Mt 5,45 e, já, Jr 33,25.

s. Lit. *tudo aquilo de que o solo rasteja*.

t. Cf. 1,30 nota.

u. Outras traduções: ... *cujo sangue é a vida, ou da carne que*

está em vida não comereis o sangue. Lit. *no sopro da qual (está) o seu sangue*. Esta relação íntima entre a vida e o sangue, cara à tradição "sacerdotal", reencontra-se em Lv 17,11.14 (cf. as notas). Sobre o *sopro, respiração ou princípio vital*, cf. Gn 2,7 nota.

v. Só Deus dispõe de qualquer vida, pois é ele que a comunica. Ademais, o homem não pode atentar contra a vida de outrem sem atentar contra o próprio Deus, de quem o homem é imagem (cf. 1,26 nota).

w. Sobre a participação dos animais na aliança de Deus com o homem, cf. Ez 34,25; Os 2,20. Outras passagens bíblicas sublinham a relação estreita que há entre o homem e os animais, cf. Jl 1,18 e nota.

x. Na teologia dos textos "sacerdotais", cada aliança instituída por Deus é dotada de um sinal sensível que lembra visivelmente a ação salvífica invisível dela: o arco-íris para Noé e a humanidade salvos do Dilúvio, a circuncisão com Abraão, escolhido no meio das nações (Gn 17), o cajado de Aarão no Sinai, quando da ereção do santuário por parte de Moisés para o perdão das faltas (Nm 17,25).

Ez 1,28; Ap 4,3 ¹³“Estabeleci o meu arco na nuvem para que ele se torne um sinal de aliança entre mim e a terra. ¹⁴Quando eu fizer aparecer nuvens na terra e então se vir o arco na nuvem, ¹⁵lembrar-me-ei da minha aliança entre mim, vós e todo ser vivo, qualquer que seja; as águas ^{Is 54,9} não se tornarão nunca mais um Dilú-

vio a destruir toda carne. ¹⁶O arco estará na nuvem e eu olharei para ele, para me lembrar da aliança perpétua entre Deus e todo ser vivo, toda carne na terra”.

¹⁷Deus disse a Noé: “Isto é o sinal da aliança que firmei entre mim e toda a carne na terra”.

DE NOÉ A ABRAÃO

10,1-6 **Shem, Ham e Léfet**. ¹⁸Shem, Ham e Léfet eram os filhos de Noé que saíram da arca; Ham é o pai de Canaã*.

¹⁹Foram os três filhos de Noé; é a partir deles que toda a terra foi povoada^b.

²⁰Noé foi o primeiro agricultor^c. Plantou uma vinha ²¹e tomou o vinho dela, embriagou-se e encontrou-se nu no interior da sua tenda. ²²Ham, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e informou seus dois irmãos, que estavam do lado de fora. ²³Shem e Léfet tomaram o manto de Noé^d, que ambos puseram sobre seus ombros e, andando de costas, cobriram a nudez de seu pai^e. Como se voltaram para o outro lado, não viram a nudez de seu pai.

²⁴Quando Noé, depois de curado da bebedeira, soube o que tinha feito seu filho mais jovem, ²⁵exclamou:

Dt 27,16 “Maldito seja Canaã, que ele seja o último dos servos dos seus irmãos!”

²⁶Depois disse:

“Bendito seja o SENHOR, o Deus de Shem;

que Canaã^f seja servo dele!

²⁷Que Deus seduza^g Léfet, mas que ele permaneça nas tendas de Shem e que Canaã seja servo dele!”

O quadro dos povos^h. ²⁸Noé viveu trezentos e cinquenta anos depois do Dilúvio. ²⁹Ao todo, viveu novecentos e cinquenta anos e morreu.

10 ¹Eis a famíliaⁱ dos filhos de Noé, Shem, Ham e Léfet. Nasceram-lhes filhos depois do Dilúvio:

²Filhos de Léfet: Gômer, Magog, Madai, Iavã, Tubal, Méshek e Tirás. — ³Filhos de Gômer: Ashkenaz, Rifat e Togarmá. — ⁴Filhos de Iavã: Elishá, Tarshish, Kitim e Rodanim. ⁵Foi a partir deles que se fez a repartição das nações nas ilhas, pelos

y. Sobre a “lembrança”, cf. 8,1 nota.

z. Este parágrafo é de tradição “javista”.

a. Canaã (Kenáan) designa, desde o século XVI a.C., a população urbana e comerciante da costa mediterrânea. O javista liga Canaã a Ham, uma das designações do Egito (Kemi), que dominou essa região do século XVI ao século XII.

b. Lit. *que se dispersou a terra inteira*.

c. A humanidade faz aqui uma nova descoberta (a vida agrícola) após as do cap. 4, que dizem respeito à vida pastoril.

d. Lit. *o manto*, que constitui uma coisa só com a pessoa (ver 1Sm 24,6).

e. “Descobrir a nudez” designa alhures (p. ex. Lv 18) alianças matrimoniais tidas como incestuosas. É provável que este relato vise aos costumes conjugais dos cananeus, contra os quais os israelitas forjavam severos julgamentos. Shem e Léfet cobrem aquilo que Ham descobre.

f. Este segundo oráculo desenvolve o primeiro e detalha a submissão de Canaã a Shem e a seu Deus, o Senhor. Canaã não designa as populações negras; cf. v. 18 nota.

g. *Seduz*: único caso do verbo hebraico sob essa forma. Outra tradução (grega): *põe Léfet ao largo*. O texto hebr. talvez aluda às boas relações existentes entre os filisteus (representados por Léfet) e Davi, antes da conquista de Jerusalém, e que este utilizou com habilidade (1Sm 21,12-16; 27,9-12).

h. A tradição “javista” e a tradição “sacerdotal”, estreitamente unidas neste capítulo, vinculam a totalidade dos povos conhecidos com os três grupos de Shem, Ham e Léfet. Todas estas famílias da terra poderão participar da bênção de Abraão (12,3).

i. Cf. 6,9 e 2,4 nota. A mesma fórmula se encontra em 11,10.27; 25,12.19; 36,1,9.

j. Nesta tradição “sacerdotal” pertencem a Léfet os cimerianos (Gômer) da Ásia Menor oriental, os lídios de Guigues (Magog), os medos (Madai), os gregos da Jônia (Iavã), os povos próximos ao mar negro (Tubal e Méshek), talvez os ancestrais dos etruscos (Tirás), os citas (Ashkenaz), Chipre (Elishá), a Espanha (Tarshish) e Rodas (Rodanim), segundo o gr., o sam., alguns manuscritos hebr. e 1Cr 1,7 — o texto hebr. mais difundido registra *Dodanim*).

seus territórios, cada qual com a sua língua⁴, segundo seus clãs nas suas nações.

⁶Filhos de Ham¹: Kush, Mişrâim, Put e ^{9,18; 12,6} Canaã. — ⁷Filhos de Kush: Sebá, Hãvilá, ^{1Rs 10,1-3} Sabtá, Raamá, Sabteká. — Filhos de Raamá: Shebá e Dedan.

^{Mq 5,5} ⁸Kush^m gerou Nimrod. Ele foi o primeiro valente sobre a terra, ⁹ele que foi um caçador valente diante do SENHOR⁸. Donde o dito: "Como Nimrod, ser um caçador valente diante do SENHOR". ¹⁰As capitais do seu reino foram Babel, Érek, Akad, todas cidades⁹ da terra de Shinear. ¹¹Ele saiu dessa terra para Assur e construiu Nínive, a cidade de praças largas, ^{Na 1,1-3,19} Kélah, ¹²a grande cidade⁹, e Résen⁹, entre Nínive e Kélah.

¹³Miştirâim gerou a gente de Lud, de Enâm, de Lehab e de Naftuá^h, ¹⁴a gente da terra do Sul⁹, os de Kasluá^h, donde saíram os filisteus e os de Kaftor¹.

¹⁵Canaã⁹ gerou Sídón seu primogênito, e Het⁹, ¹⁶e o iebusita⁹, o emorita, o guirgashita, ¹⁷o hivitá, o arquita, o sinita, ¹⁸o arvadita, o semarita, o cmatita. Os clãs dos canaanitas espalharam-se a se-

guir, ¹⁹e o território cananeu se estendeu de Sídón em direção a Guerar até Gaza, ^{13,10; 14,18,16; 19} em direção a Sodoma e Gomorra, Admá e Şeboim, até Lesha.

²⁰Estes foram os filhos de Ham segundo seus clãs e suas línguas, agrupados em terras e nações.

²¹De Shem, o irmão mais velho de Léfet, nasceu também o pai de todos os filhos de Éber. ²²Filhos de Shem²¹: Elâm, Assur, Arpakshad, Lud e Arâm. — ²³Filhos de Arâm: Uş, Hul, Guéter e Mash.

²⁴Arpakshad gerou Shélah, e Shélah gerou Éber. ²⁵A Éber nasceram dois filhos. O primeiro chamava-se Péleg⁹, pois no tempo dele a terra foi dividida, e o irmão dele se chamava loqtan². ²⁶Loqtan gerou Almodad, Shélef, Haşarmávet, Iérah, ²⁷Hadorâm, Uzal, Diqlá, ²⁸Obal, Abimael, Sheba, ²⁹Ofir, Hãvilá, Iobab. Estes são todos os filhos de loqtan; ³⁰e seu habitat estendia-se de Meshá em direção a Sefar, a montanha do Oriente.

³¹Esses foram os filhos de Shem segundo seus clãs e suas línguas, agrupados em territórios segundo suas nações. ³²Esses

k. Sobre a questão dos idiomas, cf. 11,1 nota.

l. Este texto atribui a Ham a Núbia e a Etiópia (Kush), o Egito (Miştirâim), a Líbia (Put) e as tribos da Arábia do Norte.

m. Parece que os vv. 8-14 dão o grupo de Léfet segundo a tradição "javista". Em todo caso trata-se de uma outra descendência de Kush, à qual estão ligadas as grandes cidades da Mesopotâmia e sobretudo da Assíria, que teve como capitais, sucessivamente, Assur, Nínive e Kálhu (Kélah).

n. Diante do Senhor, pois os potentados antigos — assírios ou egípcios — reconheciam um valor religioso aos seus feitos contra os animais selvagens. Nimrod não é conhecido como rei na Mesopotâmia.

o. Outra tradução: Kulné (cf. Am 6,2), mas esta cidade não fica na Mesopotâmia (Shinear).

p. Kálh é para o javista a grande cidade. Ela foi fundada no século XII a.C. pelo pai de Tukulti-Ninurta I, herói de uma epopeia célebre na Mesopotâmia, e foi capital do século XII ao século IX a.C.

q. Talvez Ras-el-Áin, nome de várias cidades secundárias, uma das quais ao norte da Assíria. O texto parece corrompido, sendo possível que originariamente Résen se encontrasse em um dos parágrafos seguintes.

r. Esses quatro países são nomes de lugares situados entre Jerusalém e as colinas onde se encontra Guéter, que foi dada em dote por Faraó a Salomão. Provavelmente houve colônias egípcias (Miştirâim) nesta região.

s. Região do sul do Egito (Is 11,11), em egípcio *Po-to-rési* transcrito *Patrós* em hebr.

t. A vinculação ao Egito dos filisteus e de Creta (Kaftor) leva

a crer que o javista quis reunir em um grande grupo todas as grandes culturas que haviam invadido a costa, de Babel a Creta. Seria para ele Léfet e seus descendentes, da mesma forma que seus dois outros parágrafos dirão respeito a Ham e sua descendência (15-19), e a Shem e sua descendência (21,25-30).

u. *Cunã* é para a tradição "javista" o filho de Ham. Para ela os cananeus agrupam a totalidade da Fenícia (Tiro, mais recente que Sídón, não é mencionada), uma parte da costa da Síria e a Palestina até o vale do Jordão.

v. O nome *hetitas* (descendentes de Het) mais frequentemente designa na Bíblia populações não-israelitas da Síria-Palestina e não o grande império hitita da Anatólia, extinto cerca de 1200 a.C. Contudo é possível que o javista designe aqui sob o nome de *Het* esse império, do qual lhe pode ter chegado a lembrança.

w. Os *iebusitas* são os ocupantes de Jerusalém antes de Davi.

x. Segundo a tradição "sacerdotal", pertencem a Shem o antigo Irã (Elâm), a Assíria, as populações hurritas da Alta Mesopotâmia (Arpakshad, provavelmente Arrapah a leste do Tigre), a Líbia e os arameus da Síria, e até da Transjordânia com a terra de Uş, referida pelo livro de Jó.

y. A palavra significa "dividir" em hebr., talvez uma alusão à repartição de terras de percurso ou de terras aráveis. A tradição "sacerdotal" faz Abraão descer de Péleg (cf. 11,18-26).

z. Através de fórmulas nuançadas, a tradição "javista" agrupa em torno de Shem os hurritas de Arpakshad, os hebreus e os semitas do Sul ou árabes, tais como os sabeus (shebaítas), célebres pela rainha de Shebá (1Rs 10), o Hadramaut (Haşarmávet) no sul da península, Ofir, conhecido pelo seu ouro...

foram os clãs dos filhos de Noé segundo suas famílias agrupadas em nações. Foi a partir deles que se fez a repartição das nações sobre a terra depois do Dilúvio.

Dt 32,8

At 2,1-11

11 A torre de Babel. ¹A terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras. ²Ora, deslocando-se para o oriente, os homens^b descobriram uma planície na terra de Shinear e ali habitaram. ³Disseram um ao outro: "Vamos! Façamos tijolos e cozinhe-mos-los ao forno". Os tijolos lhes serviram de pedras e o betume lhes serviu de argamassa^c. ⁴"Vamos — disseram — construamos para nós uma cidade e uma torre cujo cume atinja o céu. Conquistemos para nós um nome^d, a fim de não sermos dispersados sobre toda a superfície da terra".

Jr 51,53;
Is 14,12

⁵O SENHOR desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão construía. ⁶"Ah, disse o SENHOR, todos eles são um povo só e uma língua só, e é esta a sua primeira obra! Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível! ⁷"Vamos", desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si!" ⁸Dali, o SENHOR os dispersou sobre toda a superfície da terra, e eles cessaram de construir a cidade. ⁹Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o SENHOR confundiu^f a língua de toda a terra, e foi dali que o SENHOR dispersou os homens sobre toda a superfície da terra.

Sl 10,5;

Jo 11,52

1Cr 1,17-

De Shem a Abraão. ¹⁰Eis a família de Shem:

Lc 3,34-36

Shem tinha cem anos quando gerou Arpakshad, dois anos após o Dilúvio. ¹¹Depois de gerar Arpakshad, Shem viveu quinhentos anos, gerou filhos e filhas.

¹²Arpakshad tinha vivido trinta e cinco anos quando gerou Shélah. ¹³Depois de gerar Shélah, Arpakshad viveu quatrocentos e três anos, gerou filhos e filhas.

¹⁴Shélah tinha vivido trinta anos quando gerou Êber. ¹⁵Depois de ter gerado Êber, Shélah viveu quatrocentos e três anos, gerou filhos e filhas.

¹⁶Êber viveu trinta e quatro anos e gerou Péleg. ¹⁷Depois de ter gerado Péleg, Êber viveu quatrocentos e trinta anos, gerou filhos e filhas.

¹⁸Péleg viveu trinta anos e gerou Reú. ¹⁹Após ter gerado Reú, Péleg viveu duzentos e nove anos, gerou filhos e filhas.

²⁰Reú viveu trinta e dois anos e gerou Serug. ²¹Depois de gerar Serug, Reú viveu duzentos e sete anos, gerou filhos e filhas.

²²Serug viveu trinta anos e gerou Naḥor. ²³Depois de gerar Naḥor, Serug viveu duzentos anos, gerou filhos e filhas.

²⁴Naḥor viveu vinte e nove anos e gerou Térah. ²⁵Depois de gerar Térah, Naḥor viveu cento e dezenove anos, gerou filhos e filhas.

²⁶Térah viveu setenta anos e gerou Abrão, Naḥor^h e Haran. ²⁷Eis a família de Térah:

Térah gerou Abrão, Naḥor e Haran. ²⁸Haran gerou Lot. Haran morreu antes de seu pai, Térah, na terra da sua família, em Ur dos caldeusⁱ. ²⁹Abrão e Naḥor

a. Essa passagem é de tradição "javista". Parece ter sido deslocada para depois do "quadro dos povos" na redação definitiva. Na tradição "sacerdotal", já desde o cap. 10, os povos se dispersam e falam diferentes línguas.

b. De acordo com 10.10, Nimrod já está na terra de Shinear, e Babel é uma de suas capitais.

c. Diversamente dos israelitas, os babilônios não tinham pedras e dispunham de betume em abundância. Construíram assim templos-torres com andares chamados *zigurates*, aos quais este relato faz indiretamente alusão. O deus supremo deles, *Anu*, vivia supostamente no mais alto dos céus.

d. Cf. 6.4, nota. Este versículo traduz a tentação que o homem experimenta de garantir a unidade da humanidade por um imperialismo político-religioso, exemplificado aqui por Babilônia.

e. Cf. 3.22 nota. Deus é capaz de desfazer os projetos dos homens sem contudo esmagar a estes.

f. Para ridicularizar as pretensões da Babilônia à dominação universal, o autor liga Babel (isto é, a Porta-dos-deuses, *Bab-ilani*) à raiz *balal* "confundir, perturbar, misturar". Para At 2, esta divisão será superada em Pentecostes.

g. Essa genealogia é de tradição "sacerdotal", excetuados os vv. 27b-30 (de tradição "javista"). Observe-se a diminuição da longevidade humana, sinal dos avanços da perversão da humanidade, a qual foi causa do Dilúvio. As cifras dos textos sam. e gr. divergem muito do texto hebr.

h. Os vv. 26-27 dão a Naḥor outro lugar na genealogia que os vv. 23-25.

i. *Ur dos caldeus* talvez tenha sido acrescentado a *terra da sua família* pela tradição "sacerdotal" (v. 31). *Ur* é com muita proba-

22.20-23; casaram; a esposa de Abrão chamava-se
24.15 Sarai e a de Naḥor, Milká, filha de Haran,
pai de Milká e de Išká. ³⁰Sarai era esté-
ril, não tinha filhos.
16.1; ³¹Térah tomou seu filho Abrão, seu
17.17; neto Lot, filho de Haran e sua nora
18.11-12 em Haran.

Sarai, mulher de seu filho Abrão, que
saíram com eles^k de Ur dos caldeus para
15.7 irem à terra de Canaã. Chegaram a
Haran, onde passaram a habitar^l. ³²Térah
viveu duzentos e cinco anos e morreu
em Haran.

OS COMEÇOS DE ABRAÃO (ABRÃO)

Is 41.8-9;
Sr 44.19-21;
Sh 10.5;
At 7.2-4;
Hb 11.8-10

12 Vocação de Abrão^m. ¹O SENHOR disse a Abrão:

"Parte da tua terra, da tua família e da casa de teus pais para a terra que eu te mostrarei".

13.16; 15.5;
17.4; 22.17;
26.4; 35.11;
Is 51.2;
Gl 3.16

²Eu farei de ti uma grande nação e te abençoarei.

Tornarei grande o teu nome.
Tu sejas uma bênção.

27.29;
Nm 24.9

³Eu abençoarei os que te abençoarem, e quem te injuriar, eu o amaldiçoarei: em ti serão abençoadas todas as famílias da terraⁿ.

18.18;
22.18;
26.4;
28.14;
At 3.25;
Gl 3.8-9

⁴Abrão partiu, como o SENHOR lhe havia dito, e Lot partiu com ele.

Abrão^p tinha setenta e cinco anos quando deixou Haran. ⁵Ele tomou sua mu-

lher Sarai, seu sobrinho Lot, todos os bens que haviam adquirido e os seres^q que mantinham em Haran. Partiram para a terra de Canaã.

11.31;
18.5

Abrão em Canaã e no Egito. Chegaram à terra de Canaã. ⁶Abraão atravessou a terra até o lugar chamado Siquém^r, até o carvalho de Moré^s. Os canaanitas estavam então na terra. ⁷O SENHOR apareceu a Abrão e disse: "É à tua descendência que darei esta terra"^t. Ali, levantou um altar ao SENHOR, que lhe havia aparecido.

33.18-20

⁸De lá ele chegou à montanha a leste de Betel^u. Levantou sua tenda entre Betel a oeste e Ai^v a leste; ali ergueu um altar ao SENHOR e invocou o SENHOR por seu

13.15;
15.18;
17.8; 26.4;
Dt 1.7-8;
34.4;
At 7.5

28.19

bilidade a grande cidade da Baixa Mesopotâmia ocupada pelo clã arameu dos caldeus no 1º milênio. Habitada antes pelos sumérios, ela conhecera um grande esplendor no fim do 3º milênio.

J. *Milká* é um elemento arameu (cf. 22.20-23), mas *Arām* e Lot têm vínculos moabitas, como talvez *Išká*, aliás desconhecida alhures.

k. Texto sobrecarregado, simplificado pelas versões. Assim, o gr. entendeu: *Térah os fez sair*.

l. Esta cidade fica não longe da atual Harrā na curva do Eufrates, ao norte de Ur, com a qual tinha relações religiosas e econômicas. Haran foi um centro importante de caravanas em que se adorava o deus (masculino) Lua. É na região de Haran que voltaremos a encontrar a família de Abraão (cap. 24).

m. Este cap. pertence à tradição "javista", excetuados os vv. 4b-5, em que se reconhece o estilo "sacerdotal".

n. Esta partida para uma terra desconhecida está na origem da grande "casa" ou família que vai ser fundada por Abraão, denominada o "Pai dos crentes" tanto pela tradição judaica como pela cristã. Em torno do patriarca reconstitui-se-a, no decurso de uma longa história, a unidade da humanidade, rompida pela iniquidade dos homens, história essa da qual o episódio da torre de Babel constitui uma das ilustrações. Esta caminhada de Abraão de Ur na Caldéia, isto é, do sul da Mesopotâmia, para o norte, Arām, e em seguida pela região oeste, poderia situar-se no 2º milênio a.C., provavelmente na sua primeira metade, por ocasião de diversas migrações de populações no Crescente Fértil.

o. Lit. *do solo*. Pode-se traduzir também: *por ti se abençoarão todas as famílias do solo*. Este v. 3 exprime a intenção da tradi-

ção "javista": mostrar que através de Abraão e toda a sua descendência o conjunto das nações é abençoado pelo Senhor. É significativo que a história do patriarca e do seu povo comece por uma promessa de bênção, que cabe à humanidade aceitar. Este tema da promessa-bênção reencontra-se na Bíblia, já em Gn (cf. p. ex. 18.18; 22.18; 26.4; 28.14) e até no NT (assim At 3.25; Gl 3.8).

p. Estes vv. 4b-5 constituem um pequeno resumo, característico do estilo "sacerdotal".

q. Isto é, os servos, os escravos e os rebanhos.

r. *Siquém* (*Siquém*) era a capital de um pequeno Estado nos meados do 2º milênio; ali estão sendo feitas escavações importantes. Ela voltará a tornar-se provisoriamente o centro do reino do Norte logo depois da morte de Salomão (1Rs 11-12), após ter desempenhado um certo papel quando do estabelecimento dos israelitas na Terra Prometida (cf. Gn 34; Js 24). O NT talvez a mencione sob o nome de *Sicar* (Jo 4.5); suas ruínas ficam não longe de Naplusa.

s. Como o texto sugere, no tempo de Abraão, Siquém já tinha um santuário relacionado com um carvalho que era objeto de veneração especial em Canaã. Os *carvalhos de Moré*, mencionados em Dt 11.30 talvez sejam o mesmo que o *carvalho dos Adivinhos* de Jz 9.37 (cf. também Gn 35.4), sendo que *moré* pode significar *adivinho*.

t. Primeira alusão a uma *doação* da terra à descendência de Abraão (cf. 13.15; 15.18; 26.3-4; 28.13...).

u. *Betel*, cujo nome significa "casa de Deus", será um centro religioso muito importante sob a monarquia israelita (a respeito deste lugar, cf. 28.10-22).

v. Quanto a *Ai*, cf. Js 7-8.

nome".⁹Depois, de etapa em etapa, Abrão deslocou-se para o Négueb¹.

26,1-11; 106,16; 42,1-2
 26,1-11: ¹⁰Houve uma fome na região. Abrão desceu ao Egito para migrar por lá, já que a fome pesava sobre a terra. ¹¹Ora, no momento de chegar ao Egito, disse à sua mulher Sarai: "Vê, bem sei que és uma mulher linda de se ver. ¹²Então, quando os egípcios te virem e disserem: 'É a mulher dele', me matarão e te deixarão com vida. ¹³Dize, te peço, que és minha irmã, para que me tratem bem por causa de ti, e para que eu permaneça vivo graças a ti". ¹⁴Efetivamente, quando Abrão chegou ao Egito, os egípcios viram que a mulher era muito linda. ¹⁵Oficiais de Faraó olharam para ela, cantaram elogios dela junto a Faraó, e a mulher foi levada para a casa dele". ¹⁶Por causa dela, trataram bem Abrão, que recebeu ovelhas e bois, jumentos, servos e servas, jumentas e camelos. ¹⁷Mas o SENHOR infligiu grandes males a Faraó e à sua casa devido a Sarai, a mulher de Abrão. ¹⁸Faraó convocou Abrão para dizer-lhe: "Que me fizeste? Por que não declaraste que ela era tua mulher?" ¹⁹Por que me disseste: "É minha irmã"? E eu a tomei para mim por mulher. Agora, aqui está tua mulher, retoma-a e vai!" ²⁰Faraó ordenou à sua gente que o mandassem de volta, a ele, sua mulher, e tudo o que ele possuía.

¹³Abrão subiu do Egito para o Négueb, ele, sua mulher e tudo o que ele possuía — Lot estava com ele.

13 ¹Abrão subiu do Egito para o Négueb, ele, sua mulher e tudo o que ele possuía — Lot estava com ele.

Abrão e Lot.²Abrão era muito rico em rebanhos, em prata e ouro. ³Ele foi por

etapas do Négueb a Betel, até o lugar onde antes havia acampado, entre Betel e Ai. ⁴No lugar onde anteriormente havia erguido um altar, Abrão invocou o SENHOR por seu nome.

⁵Lot, que acompanhava Abrão, possuía também ele ovelhas e bois, assim como tendas. ⁶A terra aí não garantia as necessidades de vida em comum deles, pois os seus bens eram por demais numerosos para que pudessem viver juntos. ⁷Uma rixa estourou entre os pastores dos rebanhos de Abrão e os dos rebanhos de Lot — canaanitas e perizitas^b habitavam então a terra —. ⁸e Abrão disse a Lot: "Não haja rixa entre mim e ti, entre meus pastores e os teus: somos irmãos. ⁹Não está diante de ti a terra inteira? Separa-te, pois, de mim. Se tomares o norte, irei para o sul; se fores para o sul, irei para o norte"^c. ¹⁰Lot levantou os olhos e olhou todo o distrito do Jordão: ele era todo irrigado — antes de o SENHOR destruir Sodoma e Gomorra^d — como o jardim do SENHOR, como a terra do Egito — até Sôar. ¹¹Lot escolheu para si todo o distrito do Jordão e se deslocou para o oriente. Separaram-se um do outro; ¹²Abrão habitou a terra de Canaã, e Lot as cidades do Distrito. Lot armou suas tendas até Sodoma, ¹³cujas população eram criminosos que pecavam gravemente contra o SENHOR.

¹⁴O SENHOR disse a Abrão, depois de Lot se haver separado dele: "Levanta os olhos e, do lugar onde estás, olha para o norte, para o sul, para leste e para oeste. ¹⁵Sim, todo a terra que vês, eu a dou a ti,

24,35; Jó 1,3-10; Pr 3,9-10; Sl 112,1-3
 w. Dependendo dos lugares, os cananeus invocam essa ou aquela divindade. Nesses mesmos lugares, Abraão invoca o seu Deus sob o nome de YHWH, o SENHOR (cf. nota a 4,26).
 x. A região sul da Palestina.
 y. Este episódio da história patriarcal havia impressionado os israelitas; encontram-se versões paralelas nos caps. 20 e 26. O narrador, embarçado pela atitude do patriarca, não tenciona justificá-lo inteiramente; quer, isto sim, enfatizar os perigos que corria o clã patriarcal numa terra que não era a dele, bem como a proteção que Deus dispensa a esses migrantes. A esposa de Faraó era muitas vezes chamada de irmã dele e, graças aos textos revelados pelas escavações arqueológicas, sabemos agora que em certos povos do Antigo Oriente se conferia o papel de irmã

à esposa à qual se desejava dar um estatuto mais seguro; o sentido deste uso parece ter-se perdido no tempo do autor bíblico. Segundo 20,12, Sarai era meia-irmã de Abraão.

z. *Faraó*: título do rei do Egito (lit. *casa grande*) atestado a partir do século XV a.C.

a. Este relato, como o anterior, faz parte da tradição "javista".
 b. Um dos povos não-semíticos da região dominada pelos cananeus.

c. Os seminômades como Abraão e os seus deslocam-se conforme as leis da transumância, portanto conforme as condições climáticas e econômicas. O texto pretende ressaltar a generosidade de Abraão que não tira a posse de ninguém e deixa seu sobrinho ficar com a melhor parte.

d. Sobre *Sodoma e Gomorra*, cf. 18,16 nota; 19.

assim como à tua descendência, para sempre. ¹⁶Multiplicarei a tua descendência como o pó da terra, tanto que, se se pudesse contar o pó da terra, poder-se-ia também contar a tua descendência. ¹⁷Le-

vanta-te, percorre a terra em comprimento e em largura, pois eu a dou a ti". ¹⁸Abrão veio com suas tendas habitar nos carvalhos de Mamrê, que ficam em Hebron; ali ergueu um altar ao SENHOR.

23:2;
Nm 13,22;
2Sm 2,1

ABRÃO, OS REIS E MALKI-ŞÉDEQ¹

14 ¹Ora, nos dias de Amrafel^a, rei de Shinear, Ariok, rei de Elasar, Kedarlaômer, rei de Elâm, e Tideal, rei de Goim ²fizeram guerra contra Bera, rei de Sodoma, Birshá, rei de Gomorra, Shineab, rei de Admá, Shemêber, rei de Şeboim, e o rei de Bela, isto é, Şôar^b.

³Estes últimos reis deviam todos juntar-se no vale de Sidim, isto é, o mar Salgado¹. ⁴Durante doze anos, haviam servido a Kedarlaômer, mas no décimo terceiro se revoltaram. ⁵No décimo quarto ano, Kedarlaômer, veio com os reis que o acompanhavam. Bateram os refaítas em ^{De 2,10} Ashterot-Qarnáim, os zuzitas em Ham, os emitas em Shavé-Qiriataim, ⁶os horitas na montanha deles em Seir, até Êil-Paran, que fica perto do deserto. ⁷Depois voltaram para En-Mishpat, isto é, Qadesh², devastaram todo o campo amalequita³ e até os emoritas que habitavam Haşaşon-Tamar.

⁸Então o rei de Sodoma avançou, e também os reis de Gomorra, de Admá,

de Şeboim e de Bela, isto é, Şôar; eles se alinharam em ordem de batalha para combater no vale de Sidim, ⁹contra Kedarlaômer, rei de Elâm, Tideal, rei de Goim, Amrafel, rei de Shinear, Ariok, rei de Elasar: quatro reis contra cinco. ¹⁰O vale de Sidim estava cheio de poços de betume; na sua fuga, os reis de Sodoma e de Gomorra caíram neles; os que restaram fugiram para a montanha. ¹¹Tomaram todos os bens de Sodoma e de Gomorra, todos os seus víveres, e partiram. ¹²Tomaram Lot, o sobrinho de Abrão, com seus bens e partiram.

Lot habitava em Sodoma. ¹³É um fugitivo^m veio trazer a notícia a Abrão, o hebreuⁿ, que morava nos carvalhos de Mamrê, o emorita, irmão de Eshkol^o e de Aner; eles eram os aliados de Abrão. ¹⁴Desde que Abrão soube da captura de seu irmão^p, pôs de prontidão trezentos e dezoito dos seus vassallos^q, ligados por nascerença à sua casa. Perseguiu-os até Dan.

e. O santuário de Mamrê, do qual ainda se podem ver as construções (datadas em particular da época herodiana), fica 3km ao norte de Hebron; ele desempenhou uma função importante para o clã de Abraão e, posteriormente, para a tradição tanto judaica como cristã e muçulmana.

f. Este cap. complexo, no qual se mesclam várias tradições e de difícil datação, refere-se essencialmente a dois episódios: 1. uma campanha de coligados como as que conhecemos na Mesopotâmia do 2º milênio a.C. (cf. os testemunhos dos textos de Mári, no Eufrates) esboçando uma espécie de investida sobre as regiões periféricas da Palestina; 2. um encontro de Abraão com o rei de Shalém (provavelmente Jerusalém) depois da libertação de Lot.

g. Os nomes dos reis da coalizão vitoriosa correspondem em muitos casos a nomes de reis do Antigo Oriente (p. ex. Tideal é um *Tudhaliya* hitita), mas as identificações são difíceis (renunciou-se p. ex. a identificar Amrafel com o célebre Hamurabi, destruidor de Mári, cuja estela se encontra no museu do Louvre). Os nomes dos vencidos são menos atestados e têm um valor mais simbólico (assim Bera poderia significar "no mal").

h. Şôar é uma pequena cidade no sudeste do mar Morto. Sobre Admá e Şeboim, cf. Os 11,8.

i. O mar Salgado é o mar Morto, célebre pelo seu teor de sal.

j. Os israelitas ficaram em Qadesh antes de penetrar em Canaã (cf. Nm 13-14; 20). Ashterot-Qarnáim fica na Síria, ao sul de Damasco. Qiriataim em Moab e Tamar, no sudoeste do mar Morto. Não foi possível localizar com certeza as outras cidades.

k. Sobre os amalequitas, cf. 36,12.16 e Ex 17,8 nota. Sobre os emoritas, cf. Gn 15,16 nota.

l. Plural impessoal: redação confusa, cf. v. 1 nota.

m. Lit. o fugitivo.

n. Abraão é aqui qualificado como hebreu. Este termo designa um grupo mais amplo que os israelitas propriamente ditos, tendo sem dúvida na origem uma significação menos étnica do que sociológica. O gr. traduz hebreu por o homem que vem do outro lado do Eufrates.

o. Eshkol era o nome do vale perto do Hebron, explorado pelos emissários de Moisés (cf. Nm 13).

p. Os semitas, como outros povos, podem chamar os primos e sobrinhos de irmãos.

q. A tradição judaica vê no número dos combatentes (318) uma referência ao nome de Eliézer (cf. 15,2). Com efeito, somando o valor numérico de cada uma das letras que compõem

¹⁵Repartiu seus homens para assaltar de noite os inimigos. Ele os bateu e os perseguiu até Hobá, que fica ao norte de Damasco. ¹⁶Trouxe de volta todos os bens, trouxe de volta também seu irmão Lot e seus bens, assim como as mulheres e seus parentes.

¹⁷O rei de Sodoma avançou para o vale de Shavê, isto é, o vale do rei, ao encontro de Abrão, que voltava vitorioso sobre Kedarlaômer e os reis que a ele se aliaram. ¹⁸Foi Malki-Sédeq, rei de Shalê, que forneceu pão e vinho. Ele era sacerdote de Deus, o Altíssimo, ¹⁹e abençoou Abrão dizendo:

"Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que cria céu e terra!

²⁰Bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus adversários às tuas mãos!"

Abrão lhe deu o dízimo de tudo. ²¹O rei de Sodoma disse a Abrão: "Dá-me as pessoas, e toma teus bens". ²²Abrão respondeu-lhe: "Levanto a mão para o SENHOR, Deus Altíssimo, que cria céu e terra: ²³nem sequer um fio e nem mesmo uma correia de sandália! Juro nada tomar do que é teu. Não poderás dizer: 'Fui eu que enriqueci Abrão'. ²⁴Isto não me diz respeito em nada, salvo o alimento dos meus jovens; quanto à parte dos homens que me acompanharam, Aner, Eshkol e Mamrê, eles mesmos a tomarão".

SI 110,4;
Hb 7,1

12,2,7;
13,14-17;
17

DI 33,29;
SI 28,7

At 7,5

DEUS E ABRÃO: PROMESSA E ALIANÇA

15 Depois desses acontecimentos, a palavra do SENHOR foi dirigida a Abrão em uma visão. Ele disse: "Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo; teu soldo" se-
rá consideravelmente acrescido". ²Abrão respondeu: "Senhor Deus, que me darás? Eu vou-me embora sem filho, e o herdeiro da minha casa é Eliézer de Damasco".

³Abrão disse: "Eis que não me deste descendência, e é um membro da minha

casa que deve herdar de mim". ⁴Então o SENHOR lhe falou nestes termos: "Não é ele que herdará de ti, mas aquele que sairá das tuas entranhas herdará de ti". ⁵Ele o conduziu para fora e lhe disse: "Contempla o céu e conta as estrelas, se conseguires contá-las". Depois lhe disse: "Tal será a tua descendência". ⁶Abrão teve fé no SENHOR, e por isso o SENHOR o considerou justo".

DI 1,10;
Hb 11,12
Rm 4,18
Rm 4,3-25;
Gl 3,6;
Tg 2,23

este nome (em hebr. cada letra tem um valor numérico), obtém-se o total de 318.

r. Lit. *Ele se repartiu contra eles de noite, ele e seus homens*. s. Malki-Sédeq (Melquisedec) era o mesmo tempo rei e sacerdote como os soberanos orientais. Outro rei cananeu de Jerusalém traz um nome bem próximo, Adoni-Sédeq (Js 10,1). Este Malki-Sédeq, cujo nome evoca as idéias de soberania e de justiça ou prosperidade, é citado pelo SI 110 e considerado pelo NT como uma das figuras do Messias (cf. Hb 7). Ele aparece aqui nas suas funções sacerdotais: fornece (lit. *faz sair*) pão e vinho, recebe o dízimo de Abraão e pronuncia a bênção (trata-se de atos rituais: sobre o vinho associado à oferta, cf. Ex 29,40; Nm 15,1-12; sobre o dízimo, cf. Gn 28,22 nota). Ele é o sacerdote de *El Elion*, o Deus Altíssimo, que parece ter sido adorado em Jerusalém antes da conquista da cidade por Davi, e que para o autor bíblico não é outro senão o Deus de Israel. A tradição patrística viu no gesto de Malki-Sédeq uma figura da Eucaristia.

t. Lit. *procria* (cf. 4,1). "Procriar céu e terra" é uma antiga expressão semítica à qual a Bíblia dá um sentido novo. u. Também aqui aparece a generosidade de Abraão, que não toma nada para si, embora defenda o direito dos seus aliados.

v. A composição deste capítulo levanta árduos problemas: alguns vêem nele o início da tradição "eloísta" ao lado de uma

versão "javista"; outros defendem a unidade de conjunto deste capítulo, no qual, porém, se mesclam vários temas, alguns dos quais já atestados em Gn: o da promessa de uma descendência (cf. 12,2), o da terra (cf. 13,14-17) e o da aliança.

w. Observe-se aqui o caráter militar da linguagem utilizada pelo Senhor, em consonância, aliás, com uma das tradições do cap. 14.

x. *Herdeiro*, lit. talvez "aquele que derrama a libação" (sobre o túmulo do defunto).

y. O discurso é aqui interrompido, e a mesma idéia será retomada sob outra forma no v. seguinte. Duas idéias são mescladas neste início de cap.: uma diz respeito à proteção divina no meio dos perigos que o patriarca corre, a outra, à descendência do patriarca (cf. vv. 4-5).

z. Este v. capital atesta primeiro a fé de Abraão, que é um ato de confiança nas promessas do Senhor; tendo a mesma origem que o termo *amém*, o termo traduzido por *fé* exprime também a verdade, a fidelidade, a firmeza. A fé de Abraão se demonstrará também, consoante outra tradição, na obediência (cf. cap. 22); Paulo referir-se-á a ela em Rm 4 e Gl 3 (ver também Tg 2). No AT, o profeta Isaías insistirá particularmente na fé que o Senhor espera do seu povo (cf. Is 7,9; 28,16; 30,15).

a. A *justiça* não é antes de tudo uma virtude moral; ela implica uma concordância com a vontade de Deus, tal como expressa

7Ele lhe disse: "Sou eu o SENHOR que te
11,31 fez sair de Ur dos Caldeus para dar-te
esta terra em posse". 8"Senhor DEUS, res-
pondeu ele, como saberei que a possui-
rei?" 9Ele lhe disse: "Traz-me uma no-
vilha de três anos, uma cabra de três anos,
um cordeiro de três anos, uma rola e um
pombinho". 10Abraão arranjou-lhe todos
esses animais, repartiu-os ao meio e pôs
cada parte uma à frente da outra: não
repartiu os pássaros. 11Aves de rapina^b
atiraram-se sobre os cadáveres, mas
Abraão as enxotou.

2,21; 12Ao pôr-do-sol, um torpor tomou con-
Jó 4,12-16 ta de Abraão. Um terror e uma espessa
treva caíram sobre ele. 13Ele disse a
Abraão: "Fica sabendo que a tua descen-
dência será migrante numa terra que ela
não possuirá. Ela será escravizada, e será
oprimida durante quatrocentos anos". 14Eu

Jr 5,6-10;
At 7,6-7
Ex 12,40;
Gl 3,17

21,9-21;
Gl 4,21-31

ABRÃO, SARAI E ISMAEL^k

16 1Sarai, mulher de Abraão, não lhe
havia dado filho. Ela tinha uma
serva egípcia de nome Hagar,^e e Sarai
disse a Abraão: "Eis que o SENHOR me
impediu de dar à luz. Vai, pois, à minha

serei juiz também da nação à qual eles
servirão, e depois eles sairão com gran-
des bens^d. 15Tu, em paz, te unirás a teus
pais e serás sepultado após uma velhice
feliz. 16Na quarta geração^f, tua descen-
dência voltará para cá, pois a iniquidade
do emorita^g não atingiu o seu auge^h". 17O
sol se pôs, e na escuridão eis que um
braseiro fumegante e uma tocha de bra-
seiro passaram entre os pedaços^b. 18Nes-
se dia, o SENHOR firmou uma aliançaⁱ com 17,2
Abraão nestes termos:

"É à tua descendência que dou esta
terra,
do rio do Egito ao grande rio, o rio Eu- Jz 1,4
frates —

19os qenitas, os qenizitas, os qadmo- Ex 3,8,17;
nitas, 20os hetitas, os perizitas, os refaitas, 34,11;
21os emoritas, os canaanitas, os guirga- Dt 7,1
shitas e os ibusitas^j".

serva, talvez através dela eu tenha um
filho^m". Abraão ouviu a proposta de Sarai.
2Dez anos depois de Abraão se estabele-
cer na terra de Canaã, Sarai sua mulher
tomou Hagar, sua serva egípcia, para dá-

nas promessas dele (cf. 12,3; 13,14-16 etc.); ela se refere, por-
tanto, a uma palavra divina e dela decorrem a vida e a prosperi-
dade. O que aqui é traduzido por *considerar* (cf. 50,20) foi
traduzido no gr. por *imputar* (cf. Rm 4,3-25); Paulo viu neste
episódio a demonstração da gratuidade do dom de Deus.

b. Trata-se provavelmente de pássaros de mau agouro; o inci-
dente anuncia o que vai seguir.

c. Este v. faz alusão à opressão dos hebreus no Egito e ao
Êxodo. Ex 12,40 fala com mais precisão de uma estada de 430
anos no Egito.

d. Cf. Ex 3,21-22 nota; 11,2; 12,35-36.

e. Este v. parece supor uma cronologia diferente da do v. 13,
isto é um período mais breve entre os patriarcas e a volta dos
descendentes deles a Canaã (ver também Ex 6,14-25; Nm
26,59...). Várias explicações têm sido propostas para resolver
esta dificuldade cronológica; uma delas admite a existência de
várias migrações das diversas tribos que compõem Israel.

f. Este v. faz alusão à conquista da Terra Prometida sobre os
habitantes de Canaã. Na tradição "eloísta" os *emoritas* (*amorreus*)
representam o conjunto da população da região, ao passo que
para os mesopotâmicos o *Amurru* designava o Oeste e para os
egípcios, a região montanhosa atrás do litoral fenício.

g. A presença divina será temível para o *emorita*, mas benéfica
para os descendentes de Abraão.

h. O *braseiro fumegante* e a *tocha de fogo* que passam entre
os pedaços dos animais imolados são os símbolos da presença de

Deus, como o será a sarça ardente de Ex 3,2. O Antigo Oriente
conhece o braseiro como presságio de infelicidade e a tocha
como sinal favorável.

i. No Antigo Oriente, um suserano e um vassalo costumavam
selar uma aliança mediante uma promessa de proteção (da parte
do suserano), mediante um juramento acompanhado às vezes de
uma impreciação (pronunciada pelo vassalo) e mediante uma re-
feição compartilhada pelos contratantes. No presente episódio, a
impreciação está implicada na imolação dos animais, que simbo-
liza a punição do vassalo em caso de infidelidade (cf. Jr 34,18-
19). O parceiro de Abraão é aqui o próprio Deus, e é também
ele quem se compromete por juramento a manter sua promessa
ao patriarca; o relato sublinha assim que a iniciativa e o futuro
da aliança dependem do Senhor.

j. A enumeração das populações variadas da região (cf. 10,15
nota) prometido à descendência de Abraão começa por duas
populações do sul judaico (*qenitas*, *qenizitas*) e termina pela
menção aos habitantes de Jerusalém, conquistada por Davi por
volta do ano 1000 a.C.

k. Este episódio pertence à tradição "javista".

l. A dominação egípcia estendia-se sobre os nômades árabes
do sul da Palestina, aqui os hagaritas, ligados a Hagar.

m. No direito mesopotâmico, uma esposa estéril podia dar
uma serva a seu marido, mas a serva não devia prevalecer-se
disso com relação à patroa. As brigas de Hagar com Sarai vol-
tam a encontrar-se no cap. 21.

-la como mulher a Abrão seu marido. ⁴Ele foi ter com Hagar, que engravidou. Quando Hagar se percebeu grávida, sua patroa perdeu importância diante de seus olhos. ⁵Sarai disse a Abrão: "Tu és responsável pela injúria que me é infligida. Fui eu que deitei no teu seio a minha serva. Desde que se percebeu grávida, ela não tem tido consideração para comigo. Que o SENHOR decida entre ti e mim!" ⁶Abrão respondeu a Sarai: "Eis a tua serva em teu poder, faze-lhe o que for bom a teus olhos". Sarai a maltratou, e ela fugiu.

⁷O anjo do SENHOR^a a encontrou perto de uma fonte no deserto, a que fica no caminho de Shur,^b e disse: "Hagar, serva de Sarai, donde vens e para onde vais?" Ela respondeu: "Eu estou fugindo da presença de Sarai, minha patroa". ⁸O anjo do SENHOR lhe disse: "Volta à tua patroa e dobra-te às ordens dela".

⁹O anjo do SENHOR disse-lhe: "Multi-

plicarei a tua descendência, a tal ponto ^{17.20} que não se conseguirá contá-la".

¹¹O anjo do SENHOR disse-lhe:

"Eis que estás grávida e vais dar à luz um filho, dar-lhe-ás o nome de Ismael^c, pois o SENHOR percebeu a tua angústia.

¹²Verdadeiro jumento selvagem este homem!

Sua mão contra todos, a mão de todos contra ele, ele habita em face de todos os seus ^{25.12-18} irmãos".

¹³Hagar invocou o nome do SENHOR que lhe falara: "Tu és Deus", que me vê". Com efeito, ela havia falado: "Foi realmente aqui que eu vi depois que ele me viu?" ¹⁴É por isso que se denominou o poço de: "O poço de Laíai que me vê"^d; ele se situa entre Qadesh e Béred. ^{Dt 1.19}

¹⁵Hagar deu à luz um filho para Abrão; ele deu o nome de Ismael ao filho que Hagar lhe dera.

15

A ALIANÇA E A CIRCUNCISÃO^e

¹⁶Abrão tinha oitenta e seis anos, quando Hagar lhe deu Ismael.

17 ¹Ele tinha noventa e nove anos quando o SENHOR lhe apareceu e lhe disse: "Eu sou o Deus Poderoso". Anda na minha presença^f e sê íntegro. ²Quero fazer-te dom da minha aliança entre ti e mim, eu te farei proliferar ao extremo".

³Abrão se prosternou, face em terra; Deus falou com ele e disse: ⁴"Por mim, eis a minha aliança contigo: tu te tornarás o pai de uma multidão de nações. ⁵Não te chamarão mais com o nome de Abrão, senão que teu nome será Abraão, pois te concederei tornar-te o pai de uma multidão^g de nações ⁶e te tornarei fecun-

n. Entre os cananeus, o *anjo* (ou *enviado*) de uma divindade superior executava as ordens de quem a enviava entre os homens. A Bíblia, sem negar a existência de tais forças cósmicas personalizadas, subordina-as ao verdadeiro Deus e afirma a presença, nos seus enviados, do próprio Senhor entre os seus fiéis (v. 13).

o. *Shur*, nos confins do Egito, pode ser o "muro" (hebr. *shur*) construído pelos egípcios contra as incursões dos semitas.

p. Heb. *yishma el*, isto é, "Deus ouve". O texto liga, portanto, o nome de Ismael ao verbo *shama'* que significa: ouvir, perceber, atender um pedido. Os árabes nômades estão ligados a Ismael, o filho mais velho de Abraão.

q. *Deus*: lit. *El*, nome do Deus supremo entre os cananeus e também conhecido dos patriarcas — nome esse que se reconheça nos nomes próprios como Israel, Ismael (cf. 32.29 nota), Ezequiel...

r. Falta na pergunta de Hagar um complemento para o verbo *ver*. O nome de Deus pode ter sido supresso posteriormente

porque, na Lei mosaica, o *homem não pode ver a Deus e viver* (Ex 33.20).

s. *Laíai-Roi'* designava provavelmente uma antiga divindade local, cujo nome está agora ligado ao tema da visão do Deus de Israel (cf. v. 13, com um trocadilho sobre o verbo "ver").

t. O cap. 17 é de tradição "sacerdotal", assim como o último v. do cap. 16.

u. *O Deus Poderoso*, hebr. *Shadai*. Este sentido é discutido; talvez se trate do Deus chamado "o das montanhas" ou "o protetor"; as versões geralmente traduziram: "o Todo-poderoso". v. Encontram-se expressões semelhantes em 5.24 e 6.9.

w. Esta passagem mostra outros aspectos da aliança entre Deus e Abraão. Ela é um dom inquebrantável que transforma *Abram* em *Abraham*, o *pai de uma multidão* (*hamon*), alusão ao novo nome do patriarca, o "pai dos crentes". Na realidade, *Abrahã* e *Abrahã* parecem ser duas variantes dialetais de um mesmo nome, cuja significação é: "O pai (sem dúvida a divindade protetora do clã) é elevado" ou "o pai ama".

35.11 do ao extremo: farei com que dêis nascimento a nações, e de ti sairão reis. ⁷Estabelecerei minha aliança entre mim e ti e, depois de ti, as gerações que descenderão de ti; esta aliança perene fará de mim teu Deus e o da tua descendência depois de ti. ⁸Darei em propriedade perene a ti e à tua descendência depois de ti a terra das tuas migrações, toda a terra de Canaã. Eu serei Deus para eles".

⁹Deus disse a Abraão: "Quanto a ti, guardarás a minha aliança, e depois de ti, as gerações que descenderão de ti. ¹⁰Eis a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, isto é, a tua descendência depois de ti: todos os vossos varões serão circuncidados; ¹¹tereis a carne do vosso prepúcio circuncidada, o que se tomará o sinal da aliança entre mim e vós. ¹²Serão circuncidados com oito dias todos os vossos varões de cada geração, assim como os escravos nascidos na casa ou adquiridos a preço de dinheiro de origem estrangeira, qualquer que seja, que não forem da tua descendência". ¹³O escravo nascido na casa ou adquirido a preço de dinheiro deverá

17.7 ser circuncidado. Minha aliança se tornará na vossa carne uma aliança perene, ¹⁴mas o incircunciso, o varão que não tiver sido circuncidado da carne do seu prepúcio, será eliminado de entre os seus. Ele rompeu a minha aliança".

¹⁵Deus disse a Abraão: "Não chamarás mais a tua mulher, Sarai, com o nome de Sarai, pois terá por nome Sara". ¹⁶Eu a abençoei e até te darei através dela um

filho. Eu a abençoei, ela dará nascimento a nações; dela sairão reis de povos". ¹⁷Abraão se lançou, face em terra, e riu; ele disse a si mesmo: "Nascerá um filho a um homem de cem anos? Ou Sara, aos noventa, poderia dar à luz?" ¹⁸Abraão disse a Deus: "Possa Ismael viver na tua presença!" ¹⁹Deus disse: "Não! Tua mulher Sara vai gerar-te um filho e lhe darás o nome de Isaac". Estabelecerei minha aliança com ele como uma aliança perene para a descendência depois dele. ²⁰Quanto a Ismael, eu ouço o teu pedido. Vê, eu o abençoo, torno-o fecundo, prolífico ao extremo; ele há de gerar doze príncipes e farei sair dele uma grande nação. ²¹Mas estabelecerei minha aliança com Isaac, que Sara te dará no próximo ano, nesta época". ²²Quando Deus terminou de falar com Abraão, elevou-se para longe dele".

²³Abraão tomou seu filho Ismael, todos os escravos nascidos na sua casa ou adquiridos a preço de dinheiro, todos os varões da sua casa; circuncidou a carne do prepúcio deles no mesmo dia em que Deus falou com ele. ²⁴Abraão tinha noventa e nove anos quando fez circuncidar a carne do seu prepúcio, ²⁵e Ismael tinha treze anos quando Abraão fez circuncidar a carne do seu prepúcio. ²⁶Abraão e seu filho Ismael foram circuncidados no mesmo dia; ²⁷toda a sua casa, os escravos nascidos da casa ou adquiridos a preço de dinheiro de origem estrangeira foram circuncidados com ele.

DEUS, ABRAÃO E SODOMA^d

18 Aparição de Mamrê. ¹O SENHOR apareceu a Abraão nos carvalhos de

Mamrê, quando Abraão estava sentado à entrada da tenda em pleno calor do dia.

x. Da mesma forma que a aliança com Noé e com toda a humanidade era significada no universo pelo arco-íris (9.12-13), a aliança eletiva com Abraão e com sua descendência é significada por uma marca na carne, a circuncisão. Em muitos povos primitivos, é um rito de iniciação ao casamento; em Israel, ela se torna um sinal de pertença ao povo eleito, sendo praticada pouco depois do nascimento. Os profetas pedirão a circuncisão do coração (Dt 10.16; Jr 4.4). Sobre a circuncisão na época do NT, cf. Lc. 2.21; Rm 2.25 nota.

y. Todos os que vivem na mesma casa devem participar da

mesma vida e portanto ser submetidos ao mesmo rito.

z. Sara, como Sarai, significa "princesa".

a. O nome de Isaac (*yîshaq*) lembra o rir do seu pai (v. 17). Sobre esse rir, cf. 21.6 nota.

b. Cf. 16.11 nota.

c. I. it. *subiu de junto dele*, isto é, para o céu. A morada celeste de Deus serve para exprimir a supremacia sobre a criação.

d. Os caps. 18-19 pertencem à tradição "javista", exceto o desenvolvimento secundário de 18.17-19 e a nota "sacerdotal" de 19.25.

Hb 13,2; Jo 14,23 ²Ele ergueu os olhos e percebeu três homens^e de pé junto dele. Ao vê-los, correu da entrada da tenda ao encontro deles, prostrou-se em terra ³e disse: "Meu Senhor, se pude encontrar graça a teus olhos, digna-te não passar longe do teu servo. ⁴Que se traga um pouco d'água para lavar-vos os pés, e descansai debaixo desta árvore. ⁵Vou trazer um pedaço de pão; refazei vossas forças antes de irdes adiante, pois passastes na casa do vosso servo"^f. Eles responderam: "Faze como disseste".

Rm 12,13 ⁶Abraão apressou-se em ir à tenda para dizer a Sara: "Depressa! Amassa três medidas de flor de farinha e faz bolos de farinha!", ⁷e correu em direção ao rebanho para apanhar um vitelo bem tenro. Ele o deu ao criado, que se apressou em prepará-lo. ⁸Ele tomou coalhada, leite e vitelo preparado, que pôs diante deles; Abraão se conservou sob a árvore, de pé junto deles. Eles comeram ⁹e lhe disseram: "Onde está Sara, tua mulher?" Ele respondeu: "Ali na tenda". ¹⁰O SENHOR retrucou: "Devo voltar na estação

15,2-4; 17,15-21; Rm 9,9 dos renova^g, e eis que Sara, tua mulher, terá um filho". Ora, Sara estava ouvindo na entrada da tenda, atrás dele. ¹¹Abraão e Sara eram velhos, avançados em idade, e Sara deixara de ter o que acontece às mulheres. ¹²Sara pôs-se a ri^h consigo mesma e disse: "Murcha como estou, poderia eu ainda gozar? E meu senhor é tão velho!"¹³ O SENHOR disse a Abraão: "Por que Sara ri? E esta pergunta: 'Poderia eu verdadeiramente dar à luz, eu que sou tão velha?' ¹⁴Há alguma coisa

1PJ 3,6

por demais prodigiosa para o SENHOR? Na data em que eu voltar a ti, na estação dos renova^g, Sara terá um filho". ¹⁵Sara negouⁱ, dizendo: "Eu não ri", pois tinha medo. "Sim!", disse ele, riste".

Intercessão de Abraão. ¹⁶Os homens se levantaram dali e dirigiram o olhar a Sodoma^j; Abraão caminhava com eles para despedir-se. ¹⁷O SENHOR disse: "Irei eu esconder a Abraão o que faço? ¹⁸Abraão deve tornar-se uma nação grande e poderosa, na qual serão benditas todas as nações da terra, ¹⁹pois eu quis conhecê-lo^k, a fim de que ele prescreva a seus filhos e à sua casa depois dele que observem o caminho do SENHOR, praticando a justiça e o direito^l; assim o SENHOR realizará para Abraão o que ele predisse a seu respeito".

²⁰O SENHOR disse: "O clamor contra Sodoma e Gomorra é tão forte, o pecado delas é tão pesado, ²¹que devo descer para ver se fizeram tudo o que diz o clamor que chegou a mim. Sim ou não, eu o saberei".

²²Os homens se dirigiram dali para Sodoma. Abraão se mantinha ainda diante do SENHOR, ²³aproximou-se e disse: "Tu vais, de verdade, eliminar o justo com o culpado? ²⁴Talvez haja cinquenta justos na cidade! Vais de verdade suprimir esta cidade, ou perdoá-la por causa dos cinquenta justos que ali se encontram? ²⁵Longe de ti tal conduta, de fazer o justo morrer junto com o culpado^m! Succederia ao justo o mesmo que ao culpado? Longe de ti! O juiz de toda a terra não

e. *Três homens*, isto é, o Senhor e os dois anjos que irão a Sodoma (19,1). O relato está ora no plural, ora no singular, pois se refere às vezes à ação de Deus, às vezes à dos seus enviados.

f. A proverbial hospitalidade dos nômades, atestada aqui pela atitude de Abraão, possibilita-lhe receber o próprio Deus (cf. Hb 13,2).

g. Lit. *tempo da vida* (seja na primavera, seja no outono), quando vêm as chuvas que trazem a vida.

h. Este relato faz novamente uma aproximação entre o ri e o nome de Isaac. Cf. 21,6 nota.

i. Outra tradução possível: *mentiu*.

j. Sodoma, cidade destruída, cujos vestígios se mantêm na cadeia atual do Djebel Usdum, a sul do mar Morto.

k. Trata-se de um conhecimento de pessoa a pessoa (Am 3,2) que desabrochará em eleição (Deuteronômio), amor (Oséias) e amizade (Is 41,8; 2Cr 20,7; Tg 2,23).

l. *Justiça e direito*, as duas virtudes fundamentais sobre as quais estará baseada a monarquia de Davi (2Sm 8,15; Is 9,6...).

m. Abraão pratica não somente a hospitalidade, mas também a generosidade, que se exprime na sua grande oração de intercessão em favor de Sodoma. Deus está pronto a salvar a cidade, não por causa da justiça dos seus habitantes, mas pelo "pequeno resto" de justos que nela se encontram (sobre este tema do "resto" cf. Is 1,9 nota). Mais tarde, um profeta, Ezequiel, dará a entender que mesmo para Sodoma condenada existe uma salvação possível (Ez 16,53-55).

Jr 32,17; Mt 19,26p; Lc 1,36-37; Hb 11,11-12

Ex 32,11; Am 7,1-6; Jr 15,1; Js 53,12; Jo 17,20; Tg 5,16

Am 3,7; Jo 15,15

12,3

Jr 22,3,15; 23,5

4,10

Sl 106,23

aplicaria o direito?" ²⁶O SENHOR disse: "Se eu encontrar em Sodoma cinquenta justos dentro da cidade, por causa deles perdoarei toda a cidade".

SI 144,3-4 ²⁷Abraão retrucou e disse: "Vou ousar falar ao meu Senhor, eu que não passo de pó e cinza. ²⁸Talvez para cinquenta justos faltem cinco! Por causa de cinco, destruirás a cidade inteira?" Ele disse: "Não a destruirei se encontrar nela quarenta e cinco justos".

²⁹Abraão retomou novamente a palavra e lhe disse: "Talvez lá se encontrem quarenta!" Ele disse: "Eu não o farei, por causa desses quarenta".

³⁰Ele retrucou: "Que o meu Senhor não se irrite se eu falar, talvez lá se encontrem trinta!" Ele disse: "Não o farei se encontrar nela esses trinta".

³¹Ele retrucou: "Vou decidir-me a falar ao meu Senhor: talvez lá se encontrem vinte!" Ele disse: "Não a destruirei por causa desses vinte".

Jr 5,1; Ez 22,30 ³²Ele retrucou: "Que meu Senhor não se irrite se eu falar uma última vez: talvez lá se encontrem dez!" — "Eu não a destruirei por causa desses dez".

³³O SENHOR partiu ao acabar de falar a Abraão, e Abraão voltou para casa.

19 Lot e Sodoma". ¹Os dois anjos chegaram de tarde a Sodoma, quando Lot estava sentado à porta de Sodoma. Ele os viu, levantou-se para ir ao encontro deles e prostrou-se, face em terra. ²Ele disse: "Por favor, meus senhores, fazei um desvio pela casa de vosso servo, passai ali a noite, lavai vossos pés e de manhã cedo ireis continuar o vosso caminho". Mas eles lhes responderam: "Não! Passaremos a noite na praça". ³Ele insistiu tanto que eles fizeram um desvio e foram à casa dele. Preparou-lhes uma refeição, fez cozinhar pães sem fermento e eles comeram.

Jz 19,22-24 ⁴Eles ainda não se tinham deitado, quando a casa foi rodeada pela gente da

cidade, a gente de Sodoma, desde o mais moço até o mais velho, o povo inteiro sem exceção. ⁵Chamaram Lot e lhe disseram: "Onde estão os homens que vieram à tua casa esta noite? Faze-os sair para nós, para que os conheçamos". ⁶Lot saiu em direção a eles no limiar da sua porta, fechou-a atrás de si e disse: "Por favor, meus irmãos, não façais mal! ⁷Tenho à vossa disposição duas filhas que não conheceram homem, posso fazê-las sair para vós; façais com elas o que vos parecer bom. Mas não façais nada a estes homens, que vieram à sombra do meu teto". ⁸Eles responderam: "Sai daí!", e disseram: "Este indivíduo veio como migrante e se arvora em juiz de erros! Agora vamos fazer-te mais mal do que a eles!" Empurraram Lot com violência e aproximaram-se para arrombar a porta. ⁹Mas os dois homens estenderam a mão para fazer Lot entrar na casa, junto a eles. Fecharam a porta, ¹⁰e infligiram a cegueira às pessoas que estavam diante da entrada da casa, desde o menor até o maior; eles não conseguiram achar a entrada.

¹¹Os dois homens disseram a Lot: "Que tens ainda aqui? Um genro? Teus filhos? Tuas filhas? Tudo o que tiveres na cidade, fá-lo sair desta cidade. ¹²Com efeito, vamos destruí-la, pois é grande diante do SENHOR o clamor que ela provoca. Ele nos enviou para destruí-la". ¹³Lot saiu para falar a seus genros, os que iam desposar suas filhas, e lhes disse: "Levantai-vos! Sai desta cidade, porque o SENHOR vai destruí-la". Mas aos olhos dos seus genros, ele parecia estar gracejando.

¹⁴Ao despontar a aurora, os anjos insistiram junto a Lot dizendo: "De pé! Toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui se encontram, para que não pereças por culpa desta cidade". ¹⁵Como ele demorasse, os dois homens o puxaram pela mão, a ele, sua mulher e suas duas fi-

Lv 20,13
Rm
1,24,27

2Rs 6,18

2Pd 2,6-8

n. O autor enfatiza a conduta dos habitantes de Sodoma para com os hóspedes, contrária à hospitalidade de Abraão. Não é Deus que vem a Sodoma. Apenas os dois anjos que o acompanhavam.

o. Conhecer no sentido sexual, cf. 4.1. A denominação "sodomita" vem deste relato.

p. Lit. *viga*.

lhas, pois o SENHOR tinha compaixão dele; fizeram-no sair para levá-lo para fora da cidade. ¹⁷Quando o conduziram para fora, disseram a Lot: "Salva-te, a tua vida está em jogo. Não olhes atrás de ti, não pares em nenhum lugar no Distrito!¹ Foge para a montanha, para não pereceres". ¹⁸Lot disse-lhes: "Que Deus não permita! ¹⁹Eis, teu servo encontrou graça a teus olhos e me demonstraste uma grande amizade conservando-me a vida. Mas não poderei fugir para a montanha sem ser atingido pelo flagelo e morrer. ²⁰Eis esta cidade, bastante próxima para fugir para ela, e insignificante. Gostaria de refugiar-me nela. Não é isto pedir pouco para permanecer com vida?" ²¹Ele lhe respondeu: "Vê! Eu te faço ainda este favor e não devastarei a cidade da qual me falas. ²²Refugia-te lá, o mais rápido possível, pois nada posso fazer até teres chegado lá".

^{Is 15,5} Eis por que esta cidade se chama Sôar.⁴

²³O sol levantava-se sobre a terra e Lot entrava em Sôar. ²⁴quando o SENHOR fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. Isto vinha do céu e do SENHOR.

^{Dt 29,23; Lc 17,29; Ap 14,10; 20,10} ²⁵Ele destruiu essas cidades, todo o Distrito, todos os habitantes das cidades e a vegetação do solo. ²⁶A mulher de Lot olhou para trás e se tornou uma coluna de sal.⁵ ²⁷Abraão dirigiu-se de manhã cedinho ao lugar onde estivera diante do SENHOR. ²⁸Lançou o olhar sobre Sodoma, Gomorra e todo o território do Distrito; olhou e viu que uma fumaça subia da terra como a fumaça de uma fornalha.

^{Sh 10,7; Lc 17,32}

^{Am 4,11; Lm 4,6; Mt 10,15; 11,23; Ap 9,2}

²⁹Ora, quando Deus destruiu as cidades do Distrito, lembrou-se de Abraão e retirou Lot do meio do flagelo ao destruir as cidades em que Lot habitava.

Lot e suas filhas. ³⁰Lot subiu de Sôar para alojar-se na montanha, e suas duas filhas o acompanhavam. Com efeito, ele tinha medo de morar em Sôar e alojou-se em uma caverna, ele e suas duas filhas.

³¹A mais velha disse à caçula: "Nosso pai é velho e não há homem na região para vir a nós segundo o costume da terra inteira. ³²Vamos! Façamos nosso pai beber vinho e nos deitaremos com ele, para dar vida a uma descendência saída do nosso pai". ³³Naquela noite fizeram seu pai tomar vinho, e a mais velha veio deitar-se com seu pai, que não tomou conhecimento nem do deitar dela nem do levantar-se.

Hab 2,15

Lv 18,6-7

³⁴Ora, no dia seguinte, a mais velha disse à caçula: "Vê! Na noite passada deitei-me com meu pai. Façamo-lo tomar vinho mais esta noite, e tu irás deitar-te com ele. Teremos dado vida a uma descendência saída dele". ³⁵Ainda aquela noite, fizeram seu pai tomar vinho. A caçula foi deitar-se com ele; ele não teve conhecimento nem do deitar-se dela nem do levantar-se.

³⁶As duas filhas de Lot ficaram grávidas de seu pai. ³⁷A mais velha deu à luz um filho que chamou de Moab; é o pai dos moabitas de hoje. ³⁸A caçula, também ela deu à luz um filho que chamou de Ben-Ami; é o pai dos filhos de Amon hoje em dia.

ABRAÃO NO SUL

^{12,10-20; 26,1-11; SI 105,13-15} **20** Abraão e Abimélek.¹ Dali Abraão partiu para a região do Négueb, morou entre Qadesh e Shur², em seguida foi morar em Guerar. ²Abraão disse de

seu pai: "É minha irmã".³ e Abimélek, rei de Guerar, tomou-a para si. ³Mas Deus veio ao encontro de Abimélek em sonho durante a noite e

31,24; Mt 13,3

q. Distrito, nome comum que se tornou nome próprio geográfico (cf. 13,10-12).

r. Deus, lit. meu Senhor.

s. Lit. Eu volto a levantar a tua face.

t. Sôar é explicado pelo hebr. *Šar'ir*, que quer dizer "pequeno, pouca coisa" (cf. insignificante, v. 20).

u. A região acidentada e sulfurosa do Djebel Usdum apresenta

formas curiosas que fazem pensar em estátuas.

v. O autor evoca e critica certos costumes dos dois vizinhos e aparentados, Moab e Amon, cuja atitude Israel não aprovava.

w. Este cap. é de tradição "eloísta".

x. A respeito destes lugares, cf. 14,7; 16,7.

y. Cf. 12,10 nota.

lhe disse: "Vais morrer por causa da mulher que tomaste, pois ela pertence a seu marido". ⁴Abimélek, que ainda não se tinha aproximado dela, exclamou: "Meu Senhor! Farias perecer uma nação, mesmo que ela seja justa? ⁵Não foi ele quem me disse: 'É minha irmã'? Ela mesma dizia: 'É meu irmão'. Agi com um coração íntegro e mãos inocentes". ⁶Deus respondeu-lhe em sonho: "Também eu sei que agiste com um coração íntegro, e foi também eu que te retive de pecares contra mim; eis por que não te deixei tocá-la. ⁷Restitui agora a este homem a sua mulher, pois é um profeta, que intercederá a teu favor para que vivas. Se não a restituíres, fica sabendo que terás de morrer, tu e todos os teus".

⁸Abimélek levantou-se de manhã bem cedo, convocou todos os seus servos e os colocou a par de tudo isso; sua gente teve um grande medo. ⁹Depois Abimélek convocou Abraão e lhe disse: "Que nos fizeste? Em que pequei eu contra ti, para que nos expusesses, eu e meu reino, a um pecado tão grave? Agiste para comigo como não se age". ¹⁰Abimélek retomou: "Que pretendias, agindo assim?" ¹¹Abraão respondeu: "Eu havia dito a mim mesmo: 'Não há o mínimo temor de Deus' neste lugar, eles me matarão por causa da minha mulher". ¹²De resto, ela é verdadeiramente minha irmã, filha de meu pai sem ser filha da minha mãe, e ela tornou-se minha mulher. ¹³Quando a divindade^c me fez vagar longe da casa

de meu pai, eu disse a Sara: 'Mostra-me tua amizade dizendo em toda parte aonde formos: É meu irmão'". ¹⁴Abimélek tomou ovelhas e bois, servos e servas; deu-os a Abraão, restituiu-lhe sua mulher Sara ¹⁵e disse: "Eis diante de ti a minha terra, instala-te onde quiseres". ¹⁶Depois disse a Sara: "Dou mil siclos de prata a teu irmão; isto será para ti como um véu aos olhos de todos os companheiros e, diante de todos, tu serás reabilitada".

¹⁷Abraão intercedeu junto a Deus, e Deus curou Abimélek, sua mulher e suas servas, que ganharam filhos. ¹⁸Com efeito, Deus havia tornado estéreis todas as mulheres da casa de Abimélek por causa de Sara, a mulher de Abraão.

Ex 15,26;
Dt 32,39;
2Rs 20,5

21 **Isaac e Ismael**^f. 'O SENHOR interveio em favor de Sara, conforme havia dito; agiu para com ela segundo sua palavra. ²Ela engravidou, deu um filho a Abraão na sua velhice, no tempo que Deus lhe havia dito^a. ³Abraão deu o nome de Isaac ao filho que lhe nascera, aquele que Sara havia gerado para ele. ⁴Circuncidou seu filho Isaac com a idade de oito dias, como Deus lhe havia prescrito. ⁵Abraão tinha cem anos quando lhe nasceu o filho Isaac.

17,15-21;
18,9-15

⁶Sara exclamou:

"Deus me deu de que rir!

Todo aquele que souber disto há de rir a meu respeito^b".

At 7,8

z. Observe-se que, diversamente de Farad em 12,17, Abimélek ouve a Deus e pode protestar inocência.

a. Abraão é aqui considerado profeta. O profeta, para Israel, não é tanto o homem que prediz o futuro, mas antes aquele que Deus escolhe para falar em seu nome e para interceder pelos outros (cf. a oração de Abraão em 18,20-33). Sobre os profetas, cf. Ex 32,11 nota; 2Rs 5,8 nota.

b. *Temer* um deus ou um rei, no Antigo Oriente, é reconhecê-lo como senhor, confiar nele e a ele obedecer. O temor do Senhor exprime, portanto, a atitude justa do fiel diante de Deus. Cf. sobre esta expressão Pr 1,7; 3,8 notas.

c. Lit. *os deuses*, fórmula politeísta que o autor utiliza para insinuar que não foi o Deus de Abraão que o fez vagar. Segundo Js 24,2, os pais de Abraão serviam aos deuses falsos. Abraão teria sido o primeiro a reconhecer o Deus único, segundo as tradições judaica e muçulmana.

d. Esse gesto de Abimélek destina-se a reabilitar Sara e atestar que ela permaneceu fiel a seu marido. Trata-se provavelmente de um ato simbólico de alcance jurídico. Entre os árabes, p. ex., o véu serve para distinguir as mulheres casadas das outras (cf. Tamar, cap. 38).

e. No Antigo Oriente, Deus é, antes de tudo, potência de vida e de fecundidade; cabe a ele tornar fecundo ou estéril (cf. 30,2).

f. Este cap. começa com alguns vv. de tradições diversas, depois dá o relato da expulsão de Hagar na tradição "eloísta" (9-21), e termina com o tratado da aliança entre Abraão e Abimélek, no qual se encontram fundidas as tradições "javista" e "eloísta" (22-34).

g. Cf. 18,14.

h. A declaração de Sara joga com o nome de Isaac, cujo significado preciso é: *Que Deus ria, sorria, seja benevolente*. Encontram-se em Gn outras alusões ao nome de Isaac e ao rir que o caracteriza: 17,17; 18,12-15.

⁷Ela retomou: "Quem teria dito a Abraão que Sara aleitaria filhos? E eu dei um filho à sua velhice!"

16 *A criança cresceu e foi desmamada. Abraão fez um grande festim no dia em que Isaac foi desmamado. 9Sara viu brincar^{31:} o filho que Hagar, a egípcia, dera a Abraão. 10Ela disse a Abraão: "Expulsa a serva e o filho dela, pois o filho dessa serva não deve herdar com meu filho Isaac". 11Esta palavra irritou muito a Abraão, porque Ismael era seu filho. 12Mas Deus lhe disse: "Não te irrites a propósito do menino e da tua serva. Ouve tudo o que te diz Sara, pois é através de Isaac que uma descendência há de trazer o teu nome. 13Mas do filho da serva eu também farei uma nação, pois ele é da tua descendência". 14Abraão levantou-se de manhã cedo, tomou pão e um odre d'água, que deu a Hagar. Acomodou a criança sobre o ombro dela^{35:}, e a despachou. Ela foi vagueando no deserto de Beer-Sheba. 15Quando a água do odre se esgotou, ela atirou a criança debaixo de um dos arbustos. 16Depois foi sentar-se num canto, à distância de um tiro de flecha. Dizia, com efeito: "Que eu não assista à morte da criança!" Sentada à parte, levantou a voz e chorou. 17Deus ouviu a voz do menino e, do céu, o anjo de Deus chamou Hagar. Ele lhe disse: "Que tens, Hagar? Não temas, pois Deus ouviu a voz do menino, de lá onde está. 18Levanta-te! Reergue o menino e segura-o pela mão, pois dele farei uma grande nação". 19Deus abriu-lhe os olhos e ela percebeu um poço com água. Foi encher o odre e fez o menino beber. 20Deus esteve com o menino, que cres-

ceu e habitou no deserto. Era um atirador de arco; ²¹ele habitou no deserto de Paran, e sua mãe o fez desposar uma mulher da terra do Egito.

A aliança em Beer-Sheba^k. ²²Ora, naquele tempo, Abimelek, com Pikol, o chefe de seu exército, disse a Abraão: “Deus está contigo em tudo o que fazes. ²³Jura-me por Deus, aqui e agora, que não trairás nem a mim, nem a minha linhagem, nem a minha posteridade: agirás para comigo e para com a terra em que moras com a mesma amizade que te dispensei”. ²⁴Abraão respondeu: “Juro”. ²⁵Abraão levantou queixa diante de Abimelek acerca do poço que os servos dele haviam encampado. ²⁶Abimelek exclamou: “Não sei quem fez isto; não me havias sequer informado sobre o caso, só hoje vim a saber disso”. ²⁷Abraão tomou ovelhas e bois, que deu a Abimelek, e os dois firmaram uma aliança.

²⁸Abraão pôs à parte sete ovelhas do rebanho. ²⁹Abimélek disse a Abraão: “Que fazem aqui as sete ovelhas que puseste à parte?” ³⁰Ele respondeu: “Para que recebas da minha mão sete ovelhas. Elas me servirão de testemunho de que eu cavei este poço”.

³¹É por isso que esse lugar se chama Beer-Sheba¹, pois foi lá que os dois fizeram juramento. 26.33

³²Eles firmaram uma aliança em Beer-Sheba.

Abimélek levantou-se e, com Pikol o chefe do seu exército, voltou à terra dos filisteus^m.

³³Ele plantou uma tamargueira em Beer-Sheba, onde invocou, pelo nome.

i. Lit. *rir*. Mais uma alusão ao nome de Isaac. O gr. e a Vulg. acrescentam aliás: *com o seu filho Isaac*. Este brincar parece suspeito a Sara. A tradição judaica e Gl 4,29 vêem aqui o vestígio de uma perseguição que justificou a expulsão da mãe e do filho.

j. Lit. *ele colocou sobre o ombro dela e a criança e a expulsou*. Uma ligeira correção do texto parece impor-se para torná-lo inteligível; o texto masorético provavelmente quis evitar entrar em contradição com 17,25: não se pôe um menino de 14 anos sobre os ombros da mãe.

k. Esse relato combina duas concepções do juramento, quer solicitado a Abraão por Abimelek, quer resultante de um conflito relativo ao poço (ver nota seguinte), através do qual Abraão conquista o reconhecimento de seus direitos sobre o poço.

1. Pode-se traduzir *Beer-Sheba* por *Poço-do-juramento* ou *Poço-dos-sete*. As duas tradições assinaladas na nota anterior retêm cada uma um dos sentidos.

m. Os *filisteus* são uma população que ocupou a terra de Abimelek a partir de 1200 a.C., portanto muito tempo depois de Abraão. Cf. acerca deles o livro dos Juizes e também Gn 10.14.

ao SENHOR, o Deus eterno". ³⁴Abraão residiu por muito tempo na terra dos filisteus.

Hb 11,17-19;
Tg 2,21-23
1Mc 2,52

22 **Abraão oferece sacrifício**. ¹Ora, depois destes acontecimentos, Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: "Abraão"; ele respondeu: "Eis-me aqui". ²Ele prosseguiu: "Toma o teu filho, o teu único^o, Isaac, que amas. Parte para a terra de Moriá^a, e lá o oferecerás em holocausto^r sobre uma das montanhas que eu te indicar". ³Abraão levantou-se de manhã cedo, encilhou o jumento, tomou consigo dois de seus criados e seu filho Isaac. Rachou as achas de lenha para o holocausto. Partiu para o lugar que Deus lhe havia indicado. ⁴No terceiro dia, ergueu os olhos e viu de longe esse lugar. ⁵Abraão disse aos criados: "Ficai aqui, vós, com o jumento; eu e o jovem iremos lá adiante prosternar-nos; depois voltaremos a vós".

⁶Abraão tomou as achas de lenha para o holocausto e as pôs aos ombros de seu filho Isaac; tomou a pedra-de-fogo^a e o cutelo, e os dois se foram juntos. ⁷Isaac falou a seu pai Abraão: "Meu pai", disse ele, e Abraão respondeu: "Aqui estou, meu filho". Ele continuou: "Aqui estão o fogo e a lenha; onde está o cordeiro para o holocausto?" ⁸Abraão respondeu: "Deus saberá ver^o o cordeiro para o holo-

causto, meu filho". Os dois continuaram a andar juntos.

⁹Ao chegarem ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão ergueu ali um altar e arrumou as achas de lenha. Amarrou seu filho Isaac e o pôs em cima da lenha. ¹⁰Abraão estendeu a mão para apanhar o cutelo e imolar seu filho. ¹¹Então o anjo do SENHOR chamou do céu e exclamou: "Abraão! Abraão!" Ele respondeu: "Aqui estou". ¹²Ele prosseguiu: "Não estendas a mão contra o jovem. Não lhe faças nada, pois agora sei que temes a Deus, tu que não poupaste teu filho, teu único filho, por mim". ¹³Abraão ergueu os olhos, observou, e eis que um carneiro estava preso pelos chifres num denso espinheiro. Ele foi apanhá-lo para oferecê-lo em holocausto, em lugar do seu filho. ¹⁴Abraão chamou aquele lugar "o SENHOR vê"; por isso se diz hoje em dia: "É sobre a montanha que o SENHOR foi visto".

¹⁵O anjo do SENHOR chamou Abraão do céu uma segunda vez ¹⁶e disse: "Juro-
por mim mesmo, oráculo do SENHOR. Por teres feito isso e não teres poupado teu filho, teu único filho, ¹⁷comprometo-me a abençoar-te e a fazer proliferar a tua descendência tanto quanto as estrelas do céu e a areia na orla do mar. Tua descendência ocupará a Porta dos seus inimigos"; ¹⁸é nela que se abençoarão todas as nações da terra, porque ouviste a minha voz".

Jo 3,16;
Rm 8,32

1Cor 10,13

Hb 6,13

12,2;
15,5

Lc 1,73-74;12,3

n. Em hebr. *El Olâm* (lit. *Deus de eternidade*), um dos nomes de Deus na terra de Canaã, como *El Elion*, *El Shadai*, *El Berit*, *El Rol*...

o. Este capítulo é atribuído, no essencial, à tradição "eloísta". Este relato célebre, geralmente denominado "o sacrifício de Isaac", inclui implicitamente uma condenação dos sacrifícios de crianças em Israel e evidencia a fé de Abraão, a quem Deus pede o que ele tem de mais caro. O patriarca se tornará na tradição bíblica o modelo do justo que obedece pela fé (Sr 44,20; Sb 10,5; Hb 11,17; Tg 2,21). O "amarramento" de Isaac desempenhará um grande papel na piedade e no rito judaico; os Padres verão no sacrifício de Isaac uma prefiguração do sacrifício de Jesus Cristo; o Corão alude a esta cena sem nomear o filho que Abraão deve imolar; para a tradição muçulmana, é Ismael que Deus pede a Abraão.

p. O único filho que resta a Abraão depois da partida de Ismael — aquele sobre o qual repousa a promessa divina. O gr. traduziu *único por querido*, termo que reencontramos no NT (p. ex. Mt 3,17; Mc 12,6).

q. A tradição a identifica seja com a terra dos emoritas (assim a versão sir.), seja com a colina de Sião (cf. 2Cr 3,1).

r. Praticava-se entre os semitas do oeste o sacrifício dos primogênitos, p. ex., em certos casos de aflição: o homem oferecia o que possuía de mais caro (cf. até em Israel 2Rs 16,3; 12,6; 23,10; Mq 6,7; Jr 7,30-31). A questão não podia apresentar-se para Abraão, que vinha do leste, onde sacrifício semelhante não era praticado; segundo este relato, desde a época patriarcal a vítima humana devia ser substituída pelo animal.

s. Lit. *o fogo*.

t. Esta frase serve para introduzir o nome dado ao santuário segundo o v. 14. O v. 14b introduz uma outra concepção: "Ver a Deus" (cf. Ex 24,11).

u. Esta retomada das promessas feitas a Abraão talvez contenha uma alusão (*Porta dos inimigos*) à ocupação, por Davi, de Jerusalém, que se tornou a capital da dinastia eleita (cf. também 24,60). A *Porta* evoca o poder de um governo; assim a Sublime Porta do Império otomano.

¹⁹Abraão voltou para junto dos seus criados; eles se levantaram e partiram juntos para Beer-Sheba. Abraão passou a habitar em Beer-Sheba.

O FIM DE ABRAÃO

Nascimento de Rebeca. ²⁰Ora, depois desses acontecimentos, anunciou-se a Abraão: "Eis que também Milká deu filhos a teu irmão Naḥor: ²¹Uş, seu primogênito, Buz irmão dele, Qemuel, pai de Arâm, ²²Késed, Ḥazô, Pildash, Iidlaf e Betuel". ²³Betuel gerou Rebeca. Estes são os oito que Milká deu a Naḥor, o irmão de Abraão. ²⁴A concubina dele, chamada Reumá, também teve filhos: Tébaḥ, Gâham, Táḥash e Maaká".

23 O túmulo de Sara. ¹A vida de Sara durou cento e vinte e sete anos. ²Sara morreu na terra de Canaã, em Qiriat-Arbá, isto é, Hebron. Abraão veio celebrar os funerais de Sara e pranteia-la. ³Depois, levantou-se e afastou-se da falecida, para falar aos filhos de Het. ⁴"Eu vivo convosco, disse ele, como migrante e morador. Cedei-me uma propriedade funerária entre vós, para que eu enterre a falecida que me deixou". ⁵Os filhos de Het responderam a Abraão nestes termos: ⁶"Ouve-nos, meu senhor. Deus fez de ti um chefe no meio de nós, enterra a tua falecida no melhor dos nossos túmulos. Nenhum de nós te recusará o seu túmulo para a sepultura da tua falecida". ⁷Abraão levantou-se para prostrar-se diante do povo da terra, os filhos de Het. ⁸Falou-lhes nestes termos: "Se realmente a falecida que me

deixou deve estar convosco em um túmulo, ouvi-me e intercedei por mim junto a Efron, filho de Sôḥar, ⁹para que me ceda a caverna de Makpelá, que lhe pertence, na extremidade do seu campo. Que ele me ceda pelo seu valor integral, a título de propriedade funerária entre vós". ¹⁰Efron estava sentado entre os filhos de Het; Efron, o ḥetita, respondeu a Abraão, com o conhecimento dos filhos de Het, isto é, de todos os que vinham à porta da sua cidade, e disse: ¹¹"Não, meu senhor, ouve-me: o campo, eu o dou! A caverna que nele se encontra, eu a dou! À vista dos filhos do meu povo, eu ta dou. Enterra a tua falecida". ¹²Abraão prostrou-se diante do povo da terra ¹³e disse a Efron, com conhecimento do povo da terra: "Ó tu, se quisesse ouvir-me! Eu te darei o preço do campo! Recebe-o de mim, e é lá que enterrarei a falecida". ¹⁴Efron respondeu a Abraão e lhe disse: ¹⁵"Meu senhor, ouve-me. Uma terra de quatrocentos siclos de prata, que é isto entre ti e mim? Enterra tua falecida!" ¹⁶Abraão entendeu-se com Efron. Ele lhe pesou o preço que os filhos de Het o haviam ouvido declarar, quatrocentos siclos de prata, à taxa do mercado. ¹⁷O campo de Efron em Makpelá defronte de Mamrê, o campo e a caverna que nele se encontra,

v. Este parágrafo é "javista". Encontra-se outra tradição — "sacerdotal" — sobre Arâm em 10,23.

w. Há, portanto, 12 filhos de Naḥor, o arameu — do qual nascerá Rebeca, a mulher de Isaac —, como se contavam 12 filhos de Jacó (35,22-26), 12 filhos de Ismael (17,20 e 25,12-16) e 12 filhos de Esaú (36,10-14).

x. Este cap. é de tradição "sacerdotal".

y. O hebr. repete *anos da vida de Sara*, o que as versões não fazem.

z. *Het* (ou *Hatti*) designa nos textos assírios e babilônicos o conjunto das regiões semíticas ocidentais; portanto, *os filhos de Het* não são mais aqui os hititas do império anatoliano, desaparecido por volta de 1200 a.C. (cf. 10,15 nota).

a. Mesmo para os nômades, o túmulo familiar desempenha uma função capital (cf. 1Rs 13,22 nota).

b. Os filhos de Het querem reconhecer a dignidade de Abraão sem atribuir-lhes direitos entre eles.

c. *Efron*: este nome parece dever ser relacionado com o de *Apíru*, o qual, entre os egípcios e os fenícios, designa a população pré-israelita da região (cf. 10,21 nota).

d. Trata-se dos notáveis, que podiam servir como testemunho que haviam ouvido ou visto. A *porta* era um lugar público que eram tratados os negócios e em que se exercia a justiça: o que o autor lembra que Abraão fez questão de pagar o exigido. Esta propriedade funerária, primeiro título de propriedade sobre a Terra Prometida, não foi um presente.

e todas as árvores que se encontram no campo,

em todo o seu perímetro,

fica assegurada^f a aquisição deles a Abraão, à vista dos filhos de Het, de todos os que vêm à porta da sua cidade.

¹⁹Depois disso, Abraão enterrou sua ^{50.13}mulher Sara na caverna do campo de Makpelá, defronte de Mamrê; é Hebron, na terra de Canaã. ²⁰Os filhos de Het garantiram a Abraão a propriedade funerária do campo e da caverna que ali se encontrava.

¹⁰O servo tomou dez dos camelos de seu amo e partiu. Tendo em mãos tudo o que seu amo tinha de melhor, levantou-se para ir a Arâm-dos-Dois-Rios¹, à cidade de Naḥor^k. ¹¹Ele fez agacharem-se os camelos fora da cidade, perto do poço, à tardinha, à hora em que as mulheres saem para tirar água do poço. ¹²Ele disse: "SENHOR, Deus do meu amo Abraão, permite que eu tenha hoje um feliz encontro e mostra a tua amizade para com o meu amo Abraão. ¹³Eis-me de pé junto à fonte, e as filhas da gente da cidade saem para tirar água do poço. ¹⁴Pois bem! A jovem a quem eu disser: 'Inclina teu cântaro para que eu beba' e que responder: 'Bebe, e eu darei de beber também aos teus camelos', é ela que terá destinado a teu servo Isaac; por aí saberei que mostraste amizade para com meu amo".

29.2-10;
Ex 12.16

Ex 3.6.15

¹⁵Ora, ele não havia terminado de falar quando Rebeca — ela era a filha de Betuel, filho de Milká, mulher de Naḥor, o irmão de Abraão — saiu com um cântaro sobre o ombro. ¹⁶A moça era de aspecto encantador; era virgem e nenhum homem a havia conhecido. Ela desceu para a fonte, encheu seu cântaro e subiu novamente. ¹⁷O servo correu ao encontro dela e disse: "Por favor, dá-me de beber um gole d'água do teu cântaro". ¹⁸"Bebe, meu senhor", respondeu ela e, com a mão, abaixou o cântaro prontamente para saciar-lhe a sede. ¹⁹Ao terminar de fazê-lo beber, disse: "Também para os teus camelos irei tirar água, até que eles tenham saciado a sede". ²⁰Ela apressou-se em esvaziar o cântaro no bebedouro e correu de novo a buscar água no poço; tirou água para todos os camelos. ²¹O homem a seguia com os olhos, silencioso, para saber se o SENHOR tinha ou não tornado a sua viagem bem-sucedida.

Is 65.24

Jo 4.7

24 O casamento de Isaac e de Rebeca^k. ¹Abraão era velho, de idade avançada, e o SENHOR o havia abençoado em tudo. ²Abraão disse ao mais antigo servo da sua casa, que geria todos os bens dele: "Põe tua mão debaixo da minha coxa^l e jura-me pelo SENHOR, Deus do céu e Deus da terra, que não farás meu filho casar com uma filha dos canaanitas entre os quais eu estou morando. ³Mas irás à minha terra e à minha família arranjar uma mulher para meu filho Isaac". ⁴O servo respondeu-lhe: "Talvez essa mulher não consinta em seguir-me até esta terra; deverei reconduzir teu filho à terra da qual saíste?" ⁵Abraão disse-lhe: "Não reconduzas meu filho para lá. ⁶O SENHOR, Deus do céu, me tomou da casa de meu pai e da terra da minha família, ele me falou^f e me fez este juramento: 'Eu darei esta terra à tua descendência'; e é ele que enviará o seu anjo diante de ti; lá arranjarás uma mulher para meu filho. ⁷Se a mulher não consentir em seguir-te, estarás livre do juramento que me fizeste, mas não reconduzas meu filho para lá". ⁸O servo pôs a mão debaixo da coxa de seu senhor Abraão e lhe fez juramento a respeito disso.

28.1-10;
29.1-20

12.2; 24.35

15.2

14.19

Dr 7.3-4

Ne 1.4-5;
Dn 2.18.28

12.7

Js 2.20

f. Esta redação obedece ao padrão das transações imobiliárias da época.

g. Este cap. é inteiramente "javista".

h. Este gesto torna o juramento mais solene, pois põe em jogo a força viril do homem (cf. também 47.29).

i. Lembrando 12.3.7, completado por 22.16.

j. Trata-se da Mesopotâmia do norte, ocupada pelos arameus, povo parente dos ancestrais dos israelitas.

k. A cidade de Naḥor, aqui mencionada, desempenhou um papel importante no 2º milênio a.C.; ela é citada em textos assírios como nos de Mairi.

l. Em todo esse relato, Deus não fala, mas os acontecimentos e a oração do servo fazem aparecer a ação dele como em filigrana.

²²Depois que os camelos terminaram de beber, o homem tomou um anel de ouro ^{Ez 16,11-12} pesando meio siclo, e dois braceletes de ouro, pesando dez siclos, para os pulsos dela^m. ²³E lhe disse: "De quem és filha? Por graça, faze-me saber se a casa de teu pai seria para nós um lugar de alojamento". ²⁴Ela respondeu-lhe: "Sou filha de Betuel, o filho que Milká deu a Naḥor". ²⁵Depois disse-lhe: "Tanto a palha como a forragem são abundantes na nossa casa, e até o lugar para alojamento". ²⁶O homem ajoelhou-se e se prosternou diante do SENHOR ²⁷dizendo: "Bendito seja o SENHOR, Deus do meu amo Abraão. Sua amizade e fidelidade não abandonaram meu amo enquanto eu viajava, conduzido pelo SENHOR à casa dos irmãos de meu amo".

²⁸A jovem correu a anunciar à casa de sua mãe o que acabava de acontecer. ²⁹Rebeca tinha um irmão de nome Laban. Ele correu ao encontro do homem, que ficara na fonte. ³⁰Ao ver o anel e os braceletes nos braços de sua irmã e ouvir sua irmã Rebeca dizer-lhe: "Foi assim que ele me falou", foi ter com o homem, que permanecia com os camelos perto da fonte. ³¹"Vem, disse-lhe ele, bendito do SENHOR. Por que haverias de ficar fora, enquanto na casa arranjei lugar limpo para os camelos?" ³²O homem entrou na casa e tirou os arreios dos camelos. Providenciaram para os animais palha e forragem e, para ele e seus companheiros, água para lavarem os pés. ³³Apresentaram-lhes o que comer, mas ele exclamou: "Não comerei antes de ter dito o que tenho a dizer". "Fala", responderam.

³⁴Ele continuou: "Eu sou servo de Abraão. ³⁵O SENHOR cumulou de bênçãos meu amo, que se tornou um grande personagem. Deu-lhe ovelhas e bois, prata e ^{13,2}ouro, servos e servas, camelos e jumentos. ³⁶Sara, a mulher do meu amo, finalmente lhe deu um filho nos seus dias de velhice. Meu amo legou a ele todos os

seus bens" ³⁷e me fez jurar nestes termos: 'Não farás meu filho desposar uma filha dos canaanitas, em cuja terra moro. ³⁸Jura que irás à minha família, à casa de meu pai, arranjar uma mulher para meu filho'. ³⁹Eu disse então a meu amo: 'Talvez essa mulher não me siga'. ⁴⁰Ele respondeu-me: 'O SENHOR, na presença do qual tenho andado, enviará o seu anjo contigo e fará com que a tua viagem tenha êxito: tomarás para meu filho uma mulher da minha família e da casa de meu pai. ⁴¹Só ficarás livre da minha adjuração se fores à casa dos meus; por outro lado, se não ta entregarem, estarás livre'. ⁴²Hoje, cheguei perto desta fonte e disse: 'SENHOR, Deus de meu amo Abraão, se verdadeiramente te dignas fazer com que tenha êxito a viagem que empreendo, ⁴³aqui estou perto da fonte. Pois bem, a jovem que sair para tirar água do poço e a quem eu disser: 'Dá-me de beber um pouco d'água de teu cântaro'. ⁴⁴se ela me responder: 'Bebe tu, e tirarei água também para teus camelos', ela será a mulher que o SENHOR destinou ao filho de meu amo'. ⁴⁵Eu não tinha terminado de falar para mim mesmo, e Rebeca saiu com o cântaro no ombro; ela desceu à fonte para tirar água. Eu lhe disse: 'Por favor, dá-me de beber'. ⁴⁶Ela apressou-se a abaixar o cântaro e disse: 'Bebe, e darei de beber também a teus camelos'. Eu bebi e ela deu de beber aos camelos. ⁴⁷Eu perguntei a ela: 'De quem és filha?' Ela respondeu: 'Sou filha de Betuel, o filho que Milká deu a Naḥor'. Pus então o anel nas suas narinas e os braceletes nos seus pulsos. ⁴⁸Ajoelhei-me e prosternei-me diante do SENHOR; bendisse o SENHOR, Deus de meu amo Abraão, que conduzira fielmente a minha viagem, a fim de eu conseguir a sobrinha de meu amo para o seu filho. ⁴⁹E agora, se quereis mostrar amizade e fidelidade para com o meu amo, digei-mo. Do contrário, fazei-mo saber, e eu me dirigirei quer para a direita, quer para a esquerda".

Pr 19,14

m. Anel e braceletes são as jóias de uma oriental. O texto aram. especifica que o anel é destinado às narinas da jovem, como está dito no v. 47.

n. l. é, eu irei embora por qualquer lado. — Repetições tão longas quanto esta (vv. 36-48) reencontram-se em Ex e nos textos cananeus; elas fazem parte da arte literária da época.

⁵⁰Laban tomou a palavra. Ele e Betuel exclamaram: "É do SENHOR que veio isto, e nós não temos nada a dizer-te a respeito, nem de bem, nem de mal. ⁵¹Rebeca aí está diante de ti: leva-a e vai. Que ela seja a mulher do filho de teu amo, como falou o SENHOR". ⁵²Ao ouvir estas palavras, o servo de Abraão prosternou-se por terra diante do SENHOR. ⁵³O servo tirou objetos de prata, objetos de ouro e roupas, que deu a Rebeca, assim como ricos presentes que ofereceu ao irmão e à irmã dela. ⁵⁴Comeram e beberam, ele e seus companheiros, e pernотaram.

De manhã, ao se levantarem, ele disse: "Deixai-me ir para meu amo". ⁵⁵O irmão e a mãe da jovem responderam: "Que ela fique conosco algum tempo, uns dez dias, e em seguida partirá". ⁵⁶"Não me façais atrasar!" disse-lhes ele. "O SENHOR fez com que minha viagem tivesse êxito, deixai-me portanto partir para a casa de meu amo." ⁵⁷Eles retrucaram: "Chame-mos a jovem e perguntemos-lhe o que lhe parece". ⁵⁸Chamaram Rebeca: "Queres partir com este homem?" Ela respondeu: "Sim". ⁵⁹Eles deixaram partir sua irmã Rebeca e a sua ama de leite, o servo de Abraão e os que tinham vindo com ele.

^{28,3} ⁶⁰Abençoaram-na então, dizendo: "Tu, nossa irmã, torna-te milhares de miríades, que a tua descendência ocupe a Porta dos seus adversários!"

⁶¹Rebeca levantou-se com as suas servas. Montaram nos camelos e seguiram o homem. O servo levou Rebeca e partiu.

⁶²Ao pôr-do-sol^q, Isaac voltava ao poço de Lahai-Roif. Ele habitava então na região do Négueb ^{16,14; 25,11} e havia saído para meditar^r no campo ao cair da tarde. Levantou os olhos e viu os camelos que chegavam. ⁶⁴Rebeca levantou os olhos, viu Isaac, saltou do camelo ^{25,20} e disse ao servo: "Quem é este homem que vem pelo campo ao nosso encontro?" "É meu amo", respondeu ele. Ela tomou o véu e cobriu-se. ⁶⁶O servo contou a Isaac tudo o que fizera. ⁶⁷Isaac a fez entrar na sua tenda. Ele tivera Sara por mãe; tomou Rebeca, que se tornou sua mulher. Isaac a amou e se consolou depois da perda de sua mãe.

25 A morte de Abraão: seus descendentes¹.

¹Abraão teve ainda outra mulher: chamava-se Qeturá. ²Ela lhe deu Zimran, Iqshan, Medan, Midian, Ishbaq e Shuah. ³Iqshan gerou Sheba e Dedan. Dedan teve por filhos os ashuritas, os letushitas e os leumitas. ⁴Midian teve por filhos Efé, Êfer, Hanok, Abidá e Eldadá. Todos estes são os filhos de Qeturá².

⁵Abraão deu todos os seus bens a Isaac. ^{24,36} ⁶Aos filhos das suas concubinas, Abraão fez doações. Mas, ainda durante sua vida, afastou-os do seu filho Isaac, para a terra de Qedem³.

⁷Eis o número dos anos da vida de Abraão: cento e setenta e cinco anos. ⁸Depois Abraão expirou: morreu numa feliz velhice, idoso e cumulado. Foi reunido aos seus⁴. ⁹Seus filhos Isaac e Ismael o enterraram na caverna de Makpelá, no campo de Efron, filho de Sôhar, o hetita,

1Cr 1,32-33

15,15

o. Embora o pai de Rebeca seja Betuel, o irmão Laban desempenha aqui o papel principal. Entre certos povos da Mesopotâmia, o irmão tinha autoridade na família, particularmente após a morte do pai.

p. Cf. 22,17 com o seu alcance político.

q. Lit. *ao ir-se*, abreviatura que omite *sol*. As versões leram: *no deserto*.

r. Abraão parece ter morrido perto de Beer-Sheba ou de Hebron (cf. 25,9), ao passo que Isaac morava mais ao sul (cf. 25,17), em direção de Lahai-Roif (cf. 16,14).

s. Tradução controversa. A raiz verbal empregada aqui ex-

prime a reflexão (Jz 5,10) ou a queixa; segundo o v. 67, Isaac parece aflito com a morte de sua mãe.

t. Este cap. contém tradições diversas; reconhece-se a tradição "sacerdotal" nos vv. 7-11a, 12-17, 19-20, 26b.

u. Esta descendência é de interesse para as relações futuras entre Israel e Midian (cf. Ex 2,15). Dedan tem uma outra genealogia na tradição "sacerdotal" (cf. Gn 10,7).

v. Qedem: trata-se provavelmente da região nordeste de Israel, em direção ao sul de Damasco.

w. A expressão tem a sua origem no fato de o falecido ser habitualmente enterrado na sepultura familiar.

defronte de Mamrê, ¹⁰no campo que
²³Abraão havia adquirido dos filhos de Het.
 Foi ali que foram enterrados Abraão e sua
 mulher, Sara. ¹¹Após a morte de Abraão,
 Deus abençoou seu filho Isaac. Ele habi-
^{24,62}tava ao lado do poço de Lahai-Roi.

¹²Eis a família de Ismael, filho de
 Abraão, aquele que foi dado a Abraão
 por Hagar, a egípcia, serva de Sara. ¹³Eis
 os nomes dos filhos de Ismael, seus no-
^{16,10;}mes segundo suas famílias: Nebaiot, fi-
^{1Cr 1.29-31}lho mais velho de Ismael, Qedar, Adbeel,
^{36,3;}Mibsâm, ¹⁴Mishmá, Dumá e Massá,
^{Is 60,7}¹⁵Hadad, Temá, letur, Nafish e Qedmá.
¹⁶São eles os filhos de Ismael, e estes são
 os seus nomes; estabelecidos em aduares
 e acampamentos, tinham doze chefes para
 igual número de grupos¹. ¹⁷Eis os anos
 da vida de Ismael: cento e trinta e sete
 anos; depois ele expirou. Morreu e foi
 reunido aos seus. ¹⁸Os ismaelitas habita-
^{16,7}ram de Havilá a Shur, nos confins do
^{16,12}Egito, até Ashur², cada um em frente de
 todos os seus irmãos, pronto a cair-lhes
 em cima.

Esau e Jacó. ¹⁹Eis a família de Isaac,
 filho de Abraão.

Depois de Abraão gerar Isaac, ²⁰ele,
 com quarenta anos, tomou por mulher
^{22,23}Rebeca, filha de Betuel, arameu da pla-
 nície de Arâm, e irmão de Laban, o ara-
 meu. ²¹Isaac implorou o SENHOR em fa-
 vor de sua mulher, pois ela era estéril³. O
 SENHOR teve compaixão dele, e sua mu-
 lher Rebeca engravidou, ²²mas os filhos
^{38,27-30}dela se debatiam no seu seio, e ela exclamou:
 "Se é assim, para que estou neste

estado*?" Ela foi consultar o SENHOR,
²³que lhe respondeu:

"Duas nações estão no teu seio,
 dois povos se desprenderão das tuas
 entranhas.

Um será mais forte que o outro
 e o grande servirá ao pequeno". MI 1,2-5;
Rm 9,12

²⁴Quando se completaram os dias em
 que ela devia dar à luz, encontravam-se
 gêmeos no seu seio. ²⁵O primeiro que saiu
 era ruivo, todo peludo como um pêlo de
 animal: chamou-se Esau^b. ²⁶Seu irmão
 saiu em seguida, com a mão agarrada ao
 calcanhar de Esau: chamou-se Jacó^c. Isaac
 tinha sessenta anos ao nascerem. ²⁷Os
 meninos cresceram, Esau era um caça-
 dor experimentado que corria o campo;
 Jacó era uma criança sensata que habita-
 va sob as tendas. ²⁸Isaac preferia Esau,
 pois gostava de caça; Rebeca preferia Os 12,4
27,3-10
 Jacó.

²⁹Um dia em que Jacó preparava uma
 sopa, Esau voltou dos campos. Ele esta-
 va esgotado ³⁰e disse a Jacó: "Deixa-
 me comer dessa coisa ruiva, dessa coisa
 ruiva aí, pois estou exausto". Eis por que
 ele se chamou Edom — isto é, o Ruivo^d.

³¹Jacó respondeu: "Vende-me hoje mes-
 mo o teu direito de primogenitura". Dt 21,16-17

³²Esau prosseguiu: "Eis, já que eu vou
 morrer, de que serve o meu direito de
 primogenitura?" ³³Jacó disse: "Hoje mes-
 mo, jura-mo". Esau lho jurou, ele ven-
 deu seu direito de primogenitura a Jacó,
³⁴que lhe deu pão e sopa de lentilhas.
 Ele comeu e bebeu, levantou-se e partiu. Is 22,13;
Hb 12,16
 Esau menosprezou seu direito de primo-
 genitura.

x. Estes grupos árabes do norte da Arábia são em número de
 doze, como as tribos israelitas (cf. 22,24 nota).

y. *Ashur*: cf. 25,3; Nm 24,22. Não se trata da Assíria (Assur).
 z. Isaac intercede por Rebeca como Abraão havia intercedido
 por Lot e Abimelek.

a. Lit. *Por que eu isto?* Sir. sugere: *De que serve viver?* Tão
 alegre e expansiva no cap. 24, Rebeca vai tornar-se a figura da
 mãe dolorosa.

b. O nome de *Esau* (*'esaw*) é relacionado com o hebr. "pelu-
 do" e com a montanha de Seir, onde ele habitará. Esau será
 também chamado *Edom*, isto é, "ruivo" (v. 30). Os edomitas
 serão chamados a Davi (2Sm 8,14)

c. O nome *Jacó* (*y'a'aqob*) é atestado em documentos
 mesopotâmicos do 2º milênio; tem sem dúvida o sentido de *Que*
 (*Deus*) *proteja*; aqui ele é relacionado em relação com dois ter-
 mos hebr. que significam "o calcanhar" e "suplantar", donde em
 particular a expressão "Jacó, o suplantador".

d. Novo trocadilho sobre o nome de *Edom* (ou o *Ruivo*) que
 reclama a sopa de cor *ruiva* preparada por seu irmão.

e. São conhecidas outras vendas do direito de primogeni-
 tura no Antigo Oriente; o relato sublinha aqui a grosseria
 de Esau, pronto a perder a herança, e com ela a promes-
 sa divina, por um prato de lentilhas de cor ruiva! Cf. Hb
 12,16.

EPISÓDIOS DA VIDA DE ISAAC^f

26 Isaac com Abimelek. ¹Houve uma fome na terra, distinta da primeira que ocorrera no tempo de Abraão. Isaac partiu para Guerar, junto a Abimelek, rei dos filisteus. ²O SENHOR apareceu-lhe e disse: "Não desças ao Egito, mas fica na terra que eu te indicar". ³Fica migrando nesta terra; eu estarei contigo e te abençoarei. A ti e à tua descendência, com efeito, darei estas terras e mantereis o juramento que fiz a teu pai Abraão. ⁴Farei proliferar a tua descendência tanto quanto as estrelas do céu; dar-lhe-ei estas terras todas, e nela serão abençoadas todas as nações da terra, ⁵porque Abraão escutou minha voz e guardou minha observância, meus mandamentos, meus decretos e minhas leis".

⁶Isaac passou a habitar em Guerar. ⁷A gente do lugar o inquiriu acerca de sua mulher^h. "É minha irmã", respondeu ele. Receava dizer que era sua mulher, temendo ser morto pela gente do lugar devido à beleza fascinante de Rebeca. ⁸Lá ele passara longos dias, quando Abimelek, rei dos filisteus, olhou pela janela e viu que Isaac se divertiaⁱ com Rebeca, sua mulher. ⁹Abimelek convocou Isaac e disse-lhe: "Com certeza é tua mulher! Por que diseste: 'É minha irmã'?" Isaac respondeu-lhe: "Eu o disse por medo de morrer por causa dela". ¹⁰Abimelek continuou: "Que nos fizeste? Pouco faltou para que um homem deste povo deitasse com tua mulher, e tu nos terias tornado culpados!".

¹¹Abimelek deu esta ordem a todo o povo: "Todo aquele que tocar neste homem e na sua mulher será punido de morte". ¹²Naquele ano, Isaac semeou nessa terra e colheu o centuplo. O SENHOR o abençoou, ¹³e ele se tornou um grande personagem;

continuou a subir até atingir uma posição eminente. ¹⁴Tomou-se proprietário de um grande rebanho de ovelhas e bois, e de numerosa criadagem.

Contestação e aliança. Os filisteus ficaram enciumados com isto. ¹⁵Entupiram^k todos os poços cavados pelos servos do seu pai, no tempo de seu pai Abraão, e os encheram de terra. ¹⁶Abimelek disse a Isaac: "Vai-te para longe de nós, pois te tornaste muito mais poderoso que nós". ¹⁷Isaac partiu de lá e acampou no acampamento de Guerar e ali passou a habitar. ¹⁸Isaac cavou de novo os poços que haviam sido cavados no tempo de Abraão seu pai e que os filisteus haviam entupido após a morte de Abraão. Deu-lhes os mesmos nomes que seu pai lhes tinha dado.

¹⁹Os servos de Isaac cavaram no acampamento e acharam lá um poço de águas vivas. ²⁰Os pastores de Guerar entraram em disputa com os pastores de Isaac, dizendo-lhes: "Estas águas pertencem a nós". Ele chamou este poço de Êseq, por que lho tinham contestado. ²¹Cavaram um outro poço, que foi também ele contestado; ele o chamou de Sitná. ²²Dali ele se deslocou para cavar um outro poço, que não foi contestado e que ele chamou de Rehobot, dizendo: "Agora, com efeito, o SENHOR nos deixou o campo livre^l, e tivemos frutos da terra".

²³De lá, ele subiu a Beer-Sheba. ²⁴O SENHOR apareceu-lhe naquela noite e disse: "Eu sou o Deus de Abraão, teu pai; Não tenhas medo, pois estou contigo. Eu te abençoarei e tomarei prolífica a tua descendência^m por causa do meu servo Abraão".

Hb 11,9;
Dt 2,7;
Sl 44,22

12,3,7;
15,5

22,18

Eccl 9,9

Pr 6,29

12,2;
Sl 67,7

Ex 1,9

Dt 28,4,8;
Lv 26,3-4;
Sl 144,
12-15

f. Este cap. é de tradição "javista".

g. Retomada de 12,1.

h. Parece tratar-se do mesmo episódio que em 12,10-20 e 20,1-18, mas transmitido por vias diferentes na tradição. A insistência recai aqui sobre o respeito ao estrangeiro.

i. No nome de Isaac, lê-se um verbo que significa *rir, divertir-se* (cf. 17,17; 18,12-15; 21,6).

j. Segundo as idéias do tempo, o povo inteiro teria sido contaminado por este adultério de fato.

k. O verbo é relacionado com uma palavra que significa a contestação, donde o nome de *Sitná* no v. 21, que evoca o adversário (o "satanás").

l. Lit. *largo*. A raiz de *Rehobot* significa "ser largo".

m. Esta declaração retoma as promessas precedentes; mas,

²⁵Lá, Isaac levantou um altar e invocou o SENHOR por seu nome. ²⁶Aí levantou a sua tenda e os servos de Isaac perfuraram um poço.

^{21.22-23} ²⁶Abimelek partiu de Guerar para encontrá-lo, junto com Ahuzat^a, seu conselheiro, e Pikol, o chefe do seu exército.

²⁷Isaac disse-lhes: "Por que viestes a mim? Vós me detestais e me despachastes de vossa terra". ²⁸Eles responderam: "Na verdade, somos obrigados a constatar que

^{39.3; 1Sm 18,14} o SENHOR está contigo e dissemos a nós mesmos: 'Que haja um juramento de parte a parte, entre nós e ti; firmemos uma aliança contigo! ²⁹Jura que não agirás mal

para conosco, da mesma forma que nós não te maltrataremos, assim como só te fizemos bem e te despachamos são e salvo, tu que és agora o bendito do SENHOR". ³⁰Ele serviu-lhes um festim; eles comeram e beberam, ³¹levantaram-se de manhã cedo, e cada um prestou juramento ao outro. Isaac os despediu e eles saíram em paz.

^{31.54; Ex 24,11}

³²Ora, nesse mesmo dia, os servos de Isaac vieram trazer-lhe notícias do poço que estavam cavando. Disseram-lhe: "Encontramos água". ³³Ele chamou este poço de Shibcá: eis por que, ainda hoje, a cidade tem o nome de Beer-Sheba — isto é, o Poço-do-juramento^o.

ESAÚ E SEUS PARENTES^o

Casamento de Esaú. ³⁴Esaú tinha quarenta anos quando desposou lehudit, filha de Beeri o heteu, e Basmat, filha de Elon, o hetita. ³⁵Elas tornaram penosa a vida de Isaac e Rebeca^a.

^{25.23-24; 29.34; 26.34-35; 27.46-28.9} **27 Esaú suplantado^o.** ¹Isaac envelhecera, seus olhos apagavam-se e não enxergava mais. Chamou Esaú, seu filho primogênito, e disse-lhe: "Meu filho!" "Aqui estou", respondeu ele. ²Ele continuou: "Vês que fiquei velho e ignoro o dia da minha morte". ³Traze, agora, as tuas armas, tua aljava e teu arco; corre ao campo e abate caça para mim. ⁴Prepara-me uma iguaria como gosto, traze-ma e eu a comerei, para que minh'alma te abençoe antes de morrer".

⁵Rebeca escutava tudo quanto Isaac falava a seu filho Esaú. Esaú partiu para o campo para matar e trazer caça. ⁶Rebeca disse a Jacó, seu filho: "Eis que ouvi teu pai falar a Esaú, teu irmão; ele lhe dizia:

⁷'Traze-me caça e prepara-me uma iguaria para que eu coma. Abençoar-te-ei na presença do SENHOR antes de morrer'. ⁸Agora, meu filho, ouve-me e faz o que te ordeno: ⁹vai ao rebanho, apanha ali para mim dois belos cabritos, e com eles prepararei para teu pai uma iguaria como ele gosta. ¹⁰Tu a levarás a teu pai, e ele comerá, para que te abençoe antes da sua morte".

¹¹Jacó respondeu a Rebeca, sua mãe: ¹²"Meu irmão Esaú é um homem peludo, e eu não tenho pêlo. ¹²É possível que meu pai me apalpe e me considere um impostor. Eu atrairia sobre mim uma maldição e não uma bênção". ¹³"Que venha sobre mim a tua maldição, meu filho", disse-lhe sua mãe. "Escuta-me apenas, vai apanhar-me o que te disse". ¹⁴Ele foi apanhá-lo e voltou a sua mãe, que preparou uma iguaria como seu pai gostava. ¹⁵Rebeca tomou a seguir as roupas de Esaú, seu filho primogênito, as mais pre-

^{25.25}

ligando com o v. 12. poder-se-ia também compreender: *Eu te farei fazer abundantes sementeiras* (descendência = semente). n. Não são os mesmos personagens que em 21.22-34, mas o episódio é semelhante. O relato evidencia o fato de que, se Isaac chega a impor-se aos reizes do país, é graças à proteção do seu Deus.

o. *Juramento* diz-se em hebr. *shebu'á* e não *shib'á* (sete), mas o autor "javista" gosta dessas aliterações. Sobre o sentido de *Beer-Sheba*, cf. 21.31 nota.

p. O relato "javista" de 27.1-45 é enquadrado por elementos

"sacerdotais" (26.34-35 e 27.46-28.9).

q. Geralmente se traduz: *Elas foram ocasião de amargura para Isaac e Rebeca*. O casamento com as estrangeiras introduzia na família uma circunstância ameaçadora para a fé (cf. também Esd 10; Ne 13.23ss.).

r. Este episódio, muito realista e de fina psicologia, destaca a importância das mulheres nos caminhos de Deus, mesmo numa sociedade tão masculina quanto a dos patriarcas; ele permite compreender o papel desempenhado por Bat-Sheba na eleição de Salomão, filho de Davi (1Rs 1.11-40).

ciosas que tinha consigo na casa, e as vestiu em seu filho caçula. ¹⁶Recobriu com peles de cabrito as mãos e a parte lisa do pescoço dele. ¹⁷Nas mãos de seu filho Jacó, depositou a iguaria e o pão que havia preparado.

¹⁸Ele entrou no quarto de seu pai e disse: "Meu pai!" "Aqui estou, — respondeu — quem és tu, meu filho?"

¹⁹Jacó disse a seu pai: "Sou Esaú, teu primogênito. Fiz o que me diseste. Levanta-te, eu te peço, senta-te e come da minha caça para que me abençoes".

²⁰Isaac respondeu a seu filho: "Como achaste depressa, meu filho!" "É que o SENHOR, teu Deus, mandou-a a meu encontro". ²¹Isaac disse então a Jacó: "Vem mais perto, meu filho, para eu te apalpar. És realmente meu filho Esaú ou não?"

²²Jacó aproximou-se de seu pai Isaac, que o apalçou e disse: "A voz é a de Jacó, mas as mãos são as de Esaú".

²³Ele não o reconheceu, pois as mãos dele estavam peludas como as de Esaú seu irmão; e o abençoou.

²⁴Ele lhe disse: "És realmente tu, meu filho Esaú?" "Eu sou", respondeu ele.

²⁵Ele prosseguiu: "Serve-me, meu filho, para que eu coma da caça e te abençoe". Jacó o serviu e ele comeu; trouxe-lhe vinho e ele bebeu. ²⁶Foi então que seu pai Isaac lhe disse: "Vem mais perto e beija-me, meu filho". ²⁷Ele aproximou-se e o beijou. Isaac respirou o odor das roupas dele e o abençoou, dizendo:

"Oh! O odor de meu filho
é como o odor de um campo
que o SENHOR abençoou.

²⁸Que Deus te dê o orvalho do céu
e terras gordas,
trigo e vinho novo em abundância!

²⁹Que povos te sirvam
e que populações se prostrem diante
de ti!

Sê chefe para teus irmãos.

e que os filhos de tua mãe se prostrem
diante de ti!

Maldito seja quem te maldisser,
bendito seja quem te abençoar!"

12.3

³⁰Isaac terminara de abençoar Jacó, e Jacó apenas deixara seu pai, quando seu irmão Esaú voltou da caça. ³¹Também ele preparou uma iguaria, que trouxe a seu pai. Depois lhe disse: "Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho; assim tua alma poderá abençoar-me". ³²Seu pai Isaac respondeu: "Quem és tu?" "Sou Esaú, teu filho primogênito", disse ele. ³³Isaac foi tomado de um violento tremor e disse: "Quem é, pois, que foi caçar e me trouxe caça? Comi de tudo antes de entrares. Abençoei-o, e abençoado ele será".

³⁴Ao ouvir as palavras de seu pai, Esaú soltou um grande grito, no auge da amargura, e disse a seu pai: "Ó meu pai, abençoa-me, também a mim!" ³⁵Ele respondeu: "Teu irmão veio fraudulentamente e tomou a bênção". ³⁶Esaú prosseguiu: "É por chamar-se Jacó que, por duas vezes, ele me suplantou? Tomou o meu direito de primogenitura, e eis que agora levou a bênção que era minha". E disse: "Não guardaste uma bênção para mim?"

25,26.
29-34;
Jr 9,3-4

Os 12,4:

Hb 11,20

³⁷Isaac tomou a palavra e disse a Esaú: "Vê! Fiz dele o teu chefe, dei-lhe todos os seus irmãos por servos. Provi-o de trigo e de vinho novo. Que posso fazer por ti, meu filho?" ³⁸Esaú respondeu a seu pai: "Só tens uma única bênção, meu pai? Abençoa-me também a mim!" Esaú levantou a voz e chorou. ³⁹Então Isaac tomou a palavra e disse:

"Vê, fora da terra gorda
será o teu habitat,
e longe do orvalho que está no céu.

Jc 24,4

⁴⁰Da tua espada viverás,
mas servirás a teu irmão
e, no decurso das tuas andanças,
romperás o seu jugo
de sobre teu pescoço".

s. A bênção de Judá em 49,8-12 contém, como a de Jacó aqui, um duplo aspecto: agrícola e político.

t. A bênção do pai envelhecido era ao mesmo tempo eficaz e irrevogável, no AT como em outros documentos do Antigo

Oriente. Encontram-se outras bênçãos de anciãos em Gn 49 e Dt 33.

u. De fato, após ter sido subjugado por Davi, Edom recuperou a sua independência.

27,6: **Partida de Jacó.** ^{28,5} "Esau tratou Jacó como inimigo por causa da bênção que obtivera de seu pai. Disse a si mesmo: "A época do luto por meu pai aproxima-se e poderei matar meu irmão Jacó!"

^{24,29} "Informaram Rebeca acerca dos propósitos de Esau, seu filho primogênito. Ela mandou chamar Jacó, seu filho caçula, e lhe disse: "Eis que teu irmão Esau quer vingar-se de ti, matando-te". ^{26,35:} ^{Ex 34,16;} ^{Dt 7,3-4;} ^{Nc 13,23-30;} ^{Esd 10} ^{27,43} Agora, meu filho, escuta-me; anda! Foge para a casa de meu irmão Laban em Haran".

^{24,29} ^{26,35:} ^{Ex 34,16;} ^{Dt 7,3-4;} ^{Nc 13,23-30;} ^{Esd 10} ^{27,43} "Habitarás com ele algum tempo até acalmar-se a cólera de teu irmão. Quando o furor de teu irmão se tiver desviado de ti e ele tiver esquecido o que lhe fizeste, mandarei procurar-te lá. Por que motivo seria eu privada dos meus dois filhos num só dia?"

^{26,35:} ^{Ex 34,16;} ^{Dt 7,3-4;} ^{Nc 13,23-30;} ^{Esd 10} ^{27,43} "Rebeca" disse a Isaac: "Estou desgostosa da vida por causa dessas filhas de Het. Se Jacó desposar uma como essas, dentre as filhas da região, para que viver?"

^{26,35:} ^{Ex 34,16;} ^{Dt 7,3-4;} ^{Nc 13,23-30;} ^{Esd 10} ^{27,43} **28** Isaac chamou Jacó e o abençoou. Deu-lhe esta ordem: "Não desposarás uma filha de Canaã, disse-lhe ele. ^{27,43} Vamos! Vai à planície de Arâm à casa

de Betuel, o pai de tua mãe. Ali, toma por mulher uma das filhas de Laban, o irmão de tua mãe.

³ Que o Deus Poderoso te abençoe, te torne fecundo e prolífico, para que te tornes uma assembléia de povos!

⁴ Que ele te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência, para que possuas a terra das tuas migrações, a terra que Deus deu a Abraão".

⁵ Isaac fez Jacó partir para a planície de Arâm, para junto de Laban, filho de Betuel, o arameu, irmão de Rebeca, a mãe de Jacó e de Esau.

⁶ Esau viu que Isaac abençoara Jacó e o enviara à planície de Arâm para ali tomar mulher, e que ao abençoá-lo, lhe dera esta ordem: "Não desposarás uma filha de Canaã". ⁷ Ora, Jacó, em obediência a seu pai e a sua mãe, partira para a planície de Arâm. ⁸ Esau compreendeu que as filhas de Canaã desagradavam a seu pai Isaac, ⁹ foi encontrar Ismael e, além das suas mulheres, desposou Maḥalat, filha de Ismael, filho de Abraão, a irmã de Nebaiot⁴.

JACÓ COM LABAN²

^{Os 12,5;} ^{Sb 10,10;} ^{Jo 1,51} ^{11,31;27,43} **O sonho de Jacó^b.** ¹⁰ Jacó saiu de Beer-Sheba e partiu para Haran. ¹¹ Em certo lugar foi surpreendido pelo pôr-do-sol e ali passou a noite. Tomou uma das pedras do local, fez dela seu travesseiro e deitou-se neste lugar. ¹² Ele teve um sonho: eis que da terra se erguia uma escada^d cujo topo atingia o céu; anjos de Deus^d subiam e desciam por ela.

¹³ O SENHOR se mantinha perto dele e disse: "Eu sou o SENHOR, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaac. A terra sobre a qual estás deitado, dá-la-ei a ti e à tua descendência. ¹⁴ Tua descendência será igual ao pó da terra. Espalhar-te-ás a oeste, a leste, a norte e a sul; em ti e na tua descendência serão abençoados todos os clãs do so-

v. Lit. *quer refazer suas forças às tuas custas matando-te* (e reencontrar assim o seu direito de primogenitura).

w. Haran, na Mesopotâmia do norte, onde mora Laban (cf. cap. 24).

x. Depois de matar seu irmão, o assassino deveria deixar seu clã e, portanto, sua mãe.

y. Continuação da tradição "sacerdotal" de 26,34-35. Segundo ela, o motivo da partida de Jacó não é a cólera de seu irmão (como na tradição "javista"), mas a obrigação de não desposar uma mulher alheia ao clã, a fim de manter a pureza do sangue e da fé.

z. Este texto põe em relevo a presença de elementos edomitas e árabes na descendência de Abraão.

a. Até o cap. 34 inclusive, a redação "javista" integra elementos "eloístas".

b. Geralmente se atribuem à tradição "javista" os vv. 13-16, 19a, 21b, e à tradição "eloísta" os vv. 11-12, 17-18, 20-21a, 22.

c. A *escada* (ou rampa com degraus) lembra as escadarias dos templos mesopotâmicos, com andares (cf. cap. 11) ou os textos egípcios das Pirâmides. Ela assegura a ligação entre o céu e a terra, sem deixar de respeitar a transcendência de Deus.

d. Anjos: cf. 6,2 nota; 16,7 nota.

26,3; 31,3,5; Dt 2,7 ¹⁵Vê! Eu estou contigo e te guardarei em toda parte aonde fores e te farei voltar para esta terra, pois não te abandonarei até eu ter cumprido tudo o que te disse".

¹⁶Jacó despertou do sono e exclamou: "Verdadeiramente, é o SENHOR que está aqui e eu não o sabia!" ¹⁷Teve medo e exclamou: "Como este lugar é terrível! É a própria casa de Deus, a porta do céu".

¹⁸Jacó levantou-se cedinho, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, erigiu-a em estela^f e derramou óleo em cima. ¹⁹Chamou este lugar de Betel^g — isto é, Casa de Deus —, mas anteriormente o nome da cidade era Luz.

²⁰Depois Jacó fez esta promessa: "Se Deus estiver comigo e me guardar na viagem que estou empreendendo, se me der pão para comer e roupas para vestir, ²¹se eu voltar são e salvo à casa de meu pai — o SENHOR se tomará meu Deus^h —, ²²esta pedra que erigi em estela será uma casa de Deus e, de tudo o que me deres, te darei o dízimoⁱ".

14,20; Am 4,4

29 Jacó encontra Raquel^j. ¹Jacó pôs-se a caminho e partiu para a terra dos filhos de Quedem^k. ²Olhou, e eis que havia um poço no campo. Havia ali três rebanhos de ovelhas deitados perto do poço, pois ali os rebanhos tomavam água. Uma grande pedra fechava a abertura do poço. ³Quando todos os rebanhos ali estavam reunidos, rolava-se a pedra de cima da abertura do poço, dava-se de beber às ovelhas e repunha-se a pedra no lugar, na abertura do poço.

24,11; Ex 2,16

⁴Jacó disse ao pessoal: "Meus irmãos, donde sois?" "Somos de Haran", responderam eles. ⁵Ele lhes disse: "Conheceis Laban, filho de Naḥor?" "Conhecemo-lo", responderam. ⁶Ele lhes disse: "Ele vai bem?" "Vai bem", responderam eles, "eis aí a filha dele, Raquel, que está chegando com as ovelhas". ⁷Ele prosseguiu: "Vede! Ainda é pleno dia, não é o momento de reunir o gado. Fazei beber as ovelhas e ide apascentá-las". ⁸Eles responderam: "Não podemos fazer isto enquanto os rebanhos não estiverem todos reunidos"; então se rola a pedra de cima da abertura do poço e fazemos as ovelhas beberem".

11,31; 27,43; 24,15

⁹Ele ainda falava com eles, quando Raquel chegou com as ovelhas que pertenciam a seu pai, pois ela era pastora. ¹⁰No momento em que Jacó viu Raquel, a filha de Laban, irmão da mãe dele, e as ovelhas de Laban, irmão de sua mãe, ele se adiantou, rolou a pedra de cima da abertura e fez as ovelhas de Laban, irmão de sua mãe, beberem. ¹¹Jacó beijou Raquel, levantou a voz e chorou. ¹²Jacó informou a Raquel que era o parente^m do pai dela e filho de Rebeca. Ela correu a informar isto a seu pai. ¹³No momento em que Laban ouviu falar de Jacó, filho da sua irmã, correu ao encontro dele. Abraçou-o e o beijou, conduzindo-o à sua casa; e Jacó lhe contou toda a história. ¹⁴Laban disse-lhe: "Tu és com certeza meus ossos e minha carneⁿ", e Jacó morou durante um mês com ele.

e. Esta bênção retoma as promessas feitas a Abraão nos caps. 12 e 13 (cf. também 15 e 22) e a Isaac no cap. 26.

f. As *estelas* (pedras erigidas) eram muito difundidas nos cultos do Antigo Oriente (cf. p. ex. as estelas de Guézer, de Biblos, de Assur...). Tinham diversas significações (cf. Ex 34,13 nota). Aqui, a estela comemora a proteção de Deus. Mais tarde, a legislação deuteronomica fará desaparecer essas pedras que favoreciam as práticas cananéias (Dt 7,5; 12,3; 16,22).

g. *Betel*, cujo nome significa *casa de Deus* (cf. v. 22), era um santuário importante ao norte de Jerusalém (cf. 12,8).

h. Estas palavras, que parecem um inciso, separaram a promessa de Jacó, que será executada em 35,14, das condições que ele impõe. Elas parecem supor um culto ao "Senhor, Deus de seu pai" em Betel, culto ao qual Jacó irá aderir.

i. O dízimo designava uma oferta à divindade entre os cananeus; havia também um imposto régio do dízimo no Antigo Oriente (cf. 14,20; 1Sm 8,15). Aqui Jacó conta o dízimo como um pagamento oferecido a Deus. O Dt insiste no aspecto de oferta do dízimo (assim em Dt 12,6,18; 14,17; 26,11), e a tradição "sacerdotal" o faz atribuir ao clero levítico (Nm 18,21 ss).

j. Este relato é essencialmente "javista".

k. Cf. 25,6 nota.

l. Talvez para fazer uma repartição justa da água entre os usuários.

m. Lit. o *irmão* (cf. 14,14 nota).

n. A fórmula utilizada por Laban exprime o parentesco (cf. 2,23).

Os 12,13 **O casamento de Jacó.** ¹⁵Laban disse a Jacó: "Por acaso me servirás gratuitamente por seres meu irmão? Dize-me qual será o teu salário". ¹⁶Ora, Laban tinha duas filhas, a mais velha chamada Leá e a caçula, Raquel. ¹⁷Leá tinha o olhar terno, e Raquel era bela de se ver e de se olhar. ¹⁸Jacó amava Raquel, e disse: "Eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha caçula". ¹⁹Laban prosseguiu: "Quanto a mim, prefiro dá-la a ti a dá-la a outro; fica comigo". ²⁰Jacó serviu sete anos por Raquel, e estes lhe pareceram apenas alguns dias, de tanto que a amava. ²¹Jacó disse então a Laban: "Dá-me a minha mulher. Meu tempo está cumprido e quero unir-me a ela".

Ct 8,6-7 ²²Laban reuniu toda a gente do lugar e fez um banquete. ²³Chegada a noite, Laban tomou sua filha Leá e a levou a Jacó, para que se unisse a ela; ²⁴e Laban deu sua serva Zilpá como serva à sua filha Leá. ²⁵E assim, de manhã... estava aí Leá! Jacó disse a Laban: "Que é que me fizeste? Não te servi por Raquel? Por que me enganaste?" ²⁶Laban respondeu: "Não é costume entre nós dar a caçula antes da mais velha. ²⁷Termina a semana das bodas com ela; e a outra também te será dada pelo serviço que ainda prestares em minha casa durante sete outros anos". ²⁸Foi o que Jacó fez. Terminou a semana de bodas de Leá, e Laban lhe deu sua filha Raquel por mulher. ²⁹Laban deu como serva à sua filha Raquel a sua serva Bilá. ³⁰Jacó uniu-se também a Raquel e amou Raquel bem mais que a Leá; e ele serviu ainda Laban durante mais sete anos.

Os filhos de Jacó. ³¹Quando o SENHOR viu que Leá não era amada, tornou-a fecunda, ao passo que Raquel permanecia estéril. ³²Leá engravidou e deu à luz um filho ao qual chamou de Rúben, pois, disse ela, "o SENHOR olhou" para a minha humilhação e agora o meu esposo me amará". ³³Ela engravidou novamente, deu à luz um filho e exclamou: "Sim, o SENHOR ouviu que eu não era amada e me deu também este", e o chamou de Simão. ³⁴Ela engravidou outra vez, deu à luz um filho e disse: "Desta vez, meu esposo se apegará a mim, pois dei-lhe três filhos"; razão pela qual o chamou de Levi. ³⁵Engravidou novamente, deu à luz um filho e exclamou: "Desta vez louvarei o SENHOR!" Eis por que o chamou de Judá. Ela parou de dar à luz.

30 ¹Vendo que não dava filhos a Jacó, Raquel passou a ter ciúme da sua irmã. Disse a Jacó: "Dá-me filhos, ou eu morro!" ²Jacó irritou-se contra Raquel, e exclamou: "Por acaso eu estou no lugar de Deus? Ele é que não permitiu ao teu seio carregar seu fruto!" ³Ela prosseguiu: "Aqui está minha serva Bilá, dorme com ela, e que ela dê à luz sobre os meus joelhos"; dela terei, também eu, um filho". ⁴Ela deu-lhe por mulher Bilá, sua serva, e Jacó se uniu a ela. ⁵Bilá engravidou e deu um filho a Jacó. ⁶Raquel exclamou: "Deus fez-me justiça! Ele também me ouviu e deu-me um filho". Eis por que o chamou Dan. ⁷Bilá, serva de Raquel, engravidou novamente e deu um segundo filho a Jacó. ⁸Raquel exclamou: "Por lutas de Deus, lutei com minha irmã e consegui prevalecer"; e o chamou Neftali.

49;
Sl 127,3;
128,3

1Sm 1,6;
Lc 1,7

o. Observe-se que, consoante Ex 21,4-6 (corroborado por outros textos do Antigo Oriente), o servo hebreu não podia levar consigo a mulher que lhe fora concedida por seu patrão, mesmo após um setenário. Aqui Laban aceita dar sua filha a Jacó, mas esse dom é considerado como um salário e, para prolongar mais 7 anos o trabalho de Jacó, ele irá lhe impor sua outra filha (v. 27).

p. As núpcias duram uma semana (cf. Jz 14,12).

q. O nome *Rúben* (r. *ubên*) se liga à raiz "ver" (*ra. ah*).

r. *Simão* é explicado pela palavra hebr. *shama*, que significa "ouvir, perceber, atender o pedido" (cf. 16,11 nota).

s. *Levi* é interpretado por um verbo hebr. que significa "apegar, aderir" (*lawah*). Aqui, é o pai que dá o nome, e não a mãe.

t. *Louvar* pode dizer-se em hebr. *yadah*, o que possibilita o trocadilho com *Judá* (*yehuda*). O autor encerra este primeiro grupo dos filhos de Jacó com a futura tribo real de Judá (cf. 49,10).

u. Para significar a adoção, o adotado era posto sobre os joelhos do adotante. Quanto à doação da escrava ao marido, cf. cap. 16.

v. *Dan*: de uma raiz verbal que significa *judgar*.

w. *Neftali* é explicado pela raiz hebraica *ptl*, *competição, luta, habilidade* (Pr 8,29; Jó 5,13). A "competitividade" de Deus vence a dos homens (cf. 2Sm 22,27). A exclamação de Raquel parece aludir aos combates empreendidos em conjunto por Neftali (ligado a Raquel) e Dan (ligado a Leá, irmã de Raquel).

⁹Quando Leá viu que havia parado de dar à luz, tomou sua serva Zilpá, que deu como mulher a Jacó. ¹⁰Zilpá, serva de Leá, deu um filho a Jacó. ¹¹Leá exclamou: "Que sorte!" Deu-lhe o nome de Gad^x. ¹²Em seguida Zilpá, serva de Leá, deu um segundo filho a Jacó. ¹³E Leá exclamou: "Que felicidade para mim! Pois as jovens proclamaram-me feliz", e lhe deu o nome de Aser^y.

Pr 31,28;
Ct 6,9;
Lc 1,48

¹⁴No tempo da colheita do trigo, Rúben partiu para os campos em busca de maçãs de amor^z. Trouxe-as à sua mãe Leá. Raquel disse a Leá: "Dá-me maçãs de amor do teu filho". ¹⁵Leá respondeu: "Não te basta me haveres tomado o esposo, e me tomas também as maçãs de amor do meu filho?" Raquel retrucou: "Pois bem! Que Jacó deite contigo esta noite em troca das maçãs de amor do teu filho". ¹⁶À noite, Jacó voltou dos campos. Leá saiu ao encontro dele e disse: "Virás a mim, pois te consegui em troca das maçãs de amor do meu filho". Ele deitou-se com ela naquela noite.

Ct 7,12-14

¹⁷Deus ouviu Leá, ela engravidou e deu um quinto filho a Jacó. ¹⁸Leá exclamou: "Deus me deu meu pagamento porque dei minha serva a meu esposo". Deu-lhe o nome de Issacar^a. ¹⁹Leá engravidou de novo e deu um sexto filho a Jacó. ²⁰Ela exclamou: "Deus me deu um belo presente! Desta vez, meu esposo reconhece a minha posição, pois lhe dei seis filhos"; e o chamou de Zabulon^b. ²¹Depois ela deu à luz uma filha que chamou de Diná.

Ism 1,27

²²Deus lembrou-se de Raquel, Deus a ouviu e tornou-a fecunda. ²³Ela engravidou, deu à luz um filho e exclamou:

"Deus finalmente tirou o meu opróbrio!"

²⁴Ela o chamou de José^c, dizendo: "Que o SENHOR me acrescente um outro filho!" 35,17

Jacó e Laban. ²⁵Depois de Raquel dar à luz José, Jacó disse a Laban: "Deixa-me partir para ir à minha casa, em minha terra. ²⁶Dá-me os meus filhos e minhas mulheres, aquelas pelas quais te servi, e irei embora. Bem sabes que trabalho realizei a teu serviço". ²⁷Laban disse-lhe: "Se, pois, encontrei graça a teus olhos...^d Eu soube por presságio^e que o SENHOR me abençoou por causa de ti". ²⁸Laban prosseguiu: "Fixa-me o teu salário e eu to darei". ²⁹Ele respondeu-lhe: "Tu mesmo sabes como te servi, e o que se tornou o teu rebanho comigo. ³⁰Teus bens eram bem pouca coisa antes de mim, mas aumentaram sobremaneira sob a minha direção: o SENHOR te abençoou. E agora, quando trabalharei, também eu, para a minha casa?" ³¹Laban disse: "Que te darei?" "Não me darás nada", respondeu Jacó. "Se aceitares o que vou dizer, voltarei para apascentar e guardar as tuas ovelhas. ³²Passarei hoje através de todo o rebanho e dele retirarei todo cordeiro malhado ou manchado — toda que for fecunda^f entre as ovelhas — e toda cabra manchada ou malhada, e este será o meu salário. ³³Futuramente, quando vieres verificar meu salário, tudo o que não for malhado ou manchado entre as cabras e — fecundo — entre as ovelhas, será prova contra mim, será roubo de minha parte". ³⁴Laban disse: "Pois bem, que seja como disseste".

³⁵Nesse mesmo dia, Laban retirou os bodes listrados e malhados, todas as ca-

x. *Gad* significa "sorte".

y. *Aser* (*asher*) evoca a felicidade. Voltamos a encontrar este mesmo termo no início das bem-aventuras ("Bem-aventurado aquele que..."), particularmente nos salmos (p. ex. Sl 1,1; 32,1-2; 112,1).

z. *Maçãs de amor* ou mandraígoras, planta à qual se atribuía uma força afrodisíaca.

a. O nome *Issacar* evoca o verbo *sakar*, "pagar".

b. *Zabulon* (*zebulun*): de *zebul*, que significa "príncipe".

c. O nome de *José* é explicado de duas maneiras: uma ("eloísta") pelo verbo *asaf* "tirar" (v. 23), e a outra ("javista") pelo verbo *yasaf* "acrescentar" (v. 24).

d. A frase não é completada, provavelmente porque o texto atual é resultado da união, aliás hábil, de duas tradições: "javista" e "eloísta".

e. Outra tradução: *enriqueci-me porque...*

f. *Fecunda*; outra tradução: *negra*. Mas este inciso, que perturba o equilíbrio do v. na repartição dos animais, parece ser uma inserção do segundo relato no primeiro. Trata-se não mais da cor do pelo dos animais, e sim da capacidade de reprodução dos mesmos (cf. vv. 38-39). *Traduzimos *ovelhas* onde está "carneiros" (ovinos) no sentido genérico.]

bras manchadas e malhadas; tudo o que Laban pegou — e os animais fecundos entre as ovelhas —, confiou-o a seus filhos.³⁶ e interpôs três dias de marcha entre si e Jacó.

Jacó apascentava o resto do rebanho de Laban.³⁷ Arranjou varas frescas de álamo, de amendoeira e de plátano. Fez nelas faixas brancas deixando a nu a camada de alburno das varas.³⁸ Expôs as varas com faixas diante dos animais nas pias dos bebedouros em que as ovelhas vinham beber; elas entravam em cio quando vinham beber.³⁹ Os animais acasalavam-se diante das varas; as fêmeas pariam filhotes listrados, malhados ou manchados.

⁴⁰Quanto às ovelhas que Jacó pôs de lado, voltou-as em direção ao que era listrado — tudo o que era fecundo no rebanho de Laban — e constituiu para si rebanhos separados, que não relacionou na conta dos animais de Laban.⁴¹ Toda vez que os animais robustos do rebanho se acasalavam, Jacó punha as varas debaixo dos olhos deles, nas pias dos bebedouros, para que se acasalassem diante das varas;⁴² ele não punha as varas quando se tratava de animais fracos. Os animais fracos eram para Laban, e os robustos para Jacó.^{31,9}

Fuga de Jacó. ⁴³E assim ele transbordava de bens. Passou a possuir numerosos rebanhos, servas e servos, camelos e jumentos.

31 ¹Ele soube que os filhos de Laban diziam: “Jacó apoderou-se de tudo o que pertencia a nosso pai, e foi às custas do nosso pai que ele se deu esta opulência”.² Jacó observou o semblante de Laban e viu que as relações deles não eram mais as de antes.³ O SENHOR disse

a Jacó: “Retorna à terra de teus pais e da tua família: eu estarei contigo”.⁴ Jacó mandou chamar Raquel e Leá para os campos em que se encontrava com o gado.⁵ Disse-lhes: “Vejo que o semblante do vosso pai não é mais comigo o mesmo que antes; mas o Deus de meu pai tem estado comigo.”⁶ Vós bem sabeis que servi a vosso pai com todas as minhas forças.⁷ Vosso pai zombou de mim, mudou dez vezes o meu salário, mas Deus não o deixou prejudicar-me.⁸ Quando ele declarava: “Terás como salário os animais malhados”, todo o gado produzia malhados; e quando ele declarava: “Terás como salário os listrados” todo o gado produzia listrados.⁹ Deus tirou de vosso pai o gado dele e o deu a mim.¹⁰ Ora, na época em que os animais se acasalam, levantei os olhos e vi em sonho os bodes listrados, malhados e pintados que cobriam as cabras.¹¹ O anjo de Deus disse-me em sonho: ‘Jacó!’ ‘Aqui estou’, respondi eu.¹² Ele prosseguiu: ‘Levanta os olhos e olha todos esses bodes listrados, malhados e pintados que cobrem as cabras, pois eu vi o que Laban está te fazendo.’¹³ Eu sou o Deus para o qual, em Betel, ungiste uma estela^h e lá me fizeste uma promessa. Agora, levanta-te, deixa esta terra e retorna à terra da tua parentela”.

¹⁴Raquel e Leá deram-lhe esta resposta: “Ainda temos uma parte e uma herança na casa de nosso pai?”¹⁵ Não nos considerou ele como estrangeiras, pois que nos vendeu e até comeu o nosso dinheiro?¹⁶ Assim, toda a fortuna que Deus tirou de nosso pai pertence a nós e a nossos filhos. Faze agora tudo o que Deus te disse”.

¹⁷Jacó se levantou e levou consigo seus filhos e suas mulheres sobre os came-

g. Os antigos admitiam que havia assim uma possibilidade de influir sobre a qualidade dos animais. Jacó é aqui apresentado como um camponês experimentado; sabe defender-se contra as astúcias do sogro, que lhe muda dez vezes o salário (cf. 31,7). Graças às varas listradas, também os animais que nascerão vão ser listrados e lhe pertencerão.

h. Cf. 28,19. Outra tradução possível: *Eu sou o Deus Betel...* O

texto poderia neste caso sugerir a existência de um culto ao deus Betel, atestado em particular na Fenícia e em Elefantina (cf. também 35,7 e Zc 7,2), e cujas funções serão assumidas pelo Deus de Israel.

i. Laban não deu às suas filhas o montante do dote que, segundo o costume, tinha o dever de deixar-lhes (cf. Código de Hamurabi, §§ 182ss.).

los. ¹⁸Levou consigo todo o seu rebanho — e todos os bens que adquirira, sendo o rebanho o que havia adquirido na planície de Arâm — para voltar à casa de seu pai Isaac, na terra de Canaã. ¹⁹Laban tinha ido tosquiado seu gado, e Raquel roubou os ídolos^k que pertenciam a seu pai.

Jz 17,5;
1Sm 19,13;
2Rs 23,24;
Os 3,4

²⁰Jacó enganou a vigilância de Laban, o arameu, tomando todas as precauções para não deixá-lo perceber a fuga. ²¹Fugiu com o que lhe pertencia, levantou-se, atravessou o Rio e se dirigiu rumo aos montes de Guilead^l. ²²No terceiro dia, informaram a Laban que Jacó havia fugido. ²³Laban tomou consigo seus irmãos^m, perseguiu-o durante sete dias de caminhada e o alcançou no monte de Guilead.

Acordo entre Laban e Jacóⁿ. ²⁴Deus veio encontrar de noite, em sonho, a Laban, o arameu, e lhe disse: “Guarda-te de dizer algo a Jacó, nem de bem nem de mal”.

²⁵Laban alcançou Jacó, que havia armado tenda na montanha; Laban fez o mesmo com seus irmãos nos montes de Guilead. ²⁶Laban disse a Jacó: “Que fizeste? Enganaste a minha vigilância e leveste contigo as minhas filhas como cativas de guerra. ²⁷Por que ocultaste a tua fuga e me enganaste, em vez de avisar-me? Eu te haveria deixado partir na alegria e com cantos, ao som do tamborim e da lira! ²⁸Não me deixaste beijar meus filhos e minhas filhas. Com isto, agiste insensatamente. ²⁹e tenho o poder de fazer-vos mal. Mas o Deus de vossos pais me disse na noite passada: ‘Guarda-te de dizer algo a Jacó, nem de bem nem de

Dr 21,10-14;
1Sm 30,2

mal’”. ³⁰Agora que foste embora porque suspiravas pela casa de teu pai, por que me roubaste meus deuses?” ³¹Jacó respondeu a Laban: “Tive medo e disse para comigo que me tirarias as tuas filhas”. ³²Quanto àquele em cujo poder encontras os teus deuses, perderá a vida. Na presença dos nossos irmãos, faz o reconhecimento do que te pertence e está comigo, e retoma-o”. Jacó não sabia que Raquel os tinha roubado.

³³Laban entrou na tenda de Jacó, depois na de Leá, em seguida na das duas servas, e não encontrou nada. Saiu da tenda de Leá para entrar na de Raquel.

³⁴Raquel tomara os ídolos e os ocultara na sela do camelo. Sentara-se em cima, e Laban revistou toda a tenda, sem nada encontrar. ³⁵Ela disse então a seu pai: “Que meu senhor não se irrite comigo se não posso levantar-me diante de ti, pois tenho aquilo que acontece às mulheres”. Ele revistou, sem achar os ídolos.

Lv 15,19-20

³⁶Jacó encolerizou-se e censurou fortemente Laban; exclamou: “Qual é a minha falta? Qual é o meu delito, para que te encolerizes contra mim?” ³⁷Revistando todas as minhas coisas, por acaso encontraste um único objeto da tua casa? Apresenta-o na presença de meus irmãos e dos teus irmãos^p, e que eles decidam entre nós dois! ³⁸Faz vinte anos que estou contigo, e nunca as tuas ovelhas nem tuas cabras abortaram! Não comi os cordeiros do teu rebanho. ³⁹O animal lacerado, eu não to apresentava; eu arcava com a perda. O animal que havia sido roubado, de dia como de noite, tu o reclamavas de mim! ⁴⁰Tenho sido devorado de dia pelo calor, de noite pelo frio, e o sono fugiu

j. Este inciso jurídico, de tradição “sacerdotal”, identifica o rebanho de Jacó com uma propriedade legítima.

k. Esses pequenos ídolos domésticos (terafim), reprovados em Israel, pertenciam ao herdeiro; por isso Raquel os apanha. Mas veremos como ela os tratará (v. 35).

l. O Rio, isto é, o Eufrates (cf. 15,18). Os montes de Guilead: região fértil além do Jordão, onde se chocarão arameus e israelitas na época dos Reis.

m. Não se trata dos seus irmãos no sentido estrito, mas de seus parentes (cf. 14,14 nota).

n. Nesse episódio, a tradição “javista” se refere a *Guilead* e a tradição “eloísta” a *Mispa* (ver vv. 48-49 nota).

o. Jacó responde aqui à pergunta do v. 27; no v. 32 responde à que precede (v. 30).

p. *Meus irmãos e teus irmãos*: trata-se sem dúvida das mesmas pessoas, dado o parentesco de Jacó com Laban (cf. também vv. 2,25,32,54).

q. Segundo a lei (Ex 22,12; cf. Am 3,12), o pastor que apresentasse (ao patrão) os restos de um animal lacerado (por uma fera) não tinha a obrigação de arcar com a perda da mesma.

dos meus olhos! ⁴¹Faz vinte anos que estou na tua casa, servi-te catorze anos em troca das tuas duas filhas e seis anos em troca de teu gado! Dez vezes mudaste o meu salário! ⁴²Se o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Terror de Isaac, não tivesse estado comigo, tu me terias deixado partir de mãos vazias. Mas Deus olhou para a minha humilhação e o cansaço das minhas mãos; na noite passada ele decidiu".

31.24,29

⁴³Laban respondeu a Jacó e disse: "Estas filhas são minhas filhas, estes filhos são meus filhos, as ovelhas são minhas ovelhas, tudo o que vês pertence a mim. Que vou fazer por minhas filhas, por elas hoje ou pelos filhos que elas geraram?"

21.32

⁴⁴Vamos, é hora de firmar uma aliança, eu e tu, e que haja uma testemunha entre mim e ti".

⁴⁵Jacó apanhou uma pedra e a erigiu em estela.

⁴⁶Jacó disse a seus irmãos: "Juntai pedras", e eles apanharam pedras com as quais fizeram um monte. Comeram ali em cima deste monte. ⁴⁷Laban o chamou de legar-Sahadutá, e Jacó o chamou de Galeed¹.

⁴⁸Laban disse: "Este monte é hoje testemunha entre mim e ti"; é por isso que

se lhe deu o nome de Galeed — Monte-da-Testemunha — ⁴⁹e de Mišpá — Lugar-da-espreita" —, pois a respeito dele havia dito: "Que o SENHOR faça a espreita entre mim e ti quando estivermos longe um do outro. ⁵⁰Se humilhares as minhas filhas, e se tomares mulheres além das minhas filhas, considera que Deus é testemunha entre nós, mesmo que não haja ninguém conosco".

Jz 11,10;
1Sm 12,5

⁵¹Laban disse a Jacó: "Eis o monte de pedras que interpus entre mim e ti, eis a estela. ⁵²Este monte de pedras é testemunha, esta estela é testemunha. De minha parte, juro não ultrapassar este monte na tua direção, e tu, de tua parte, juras não ultrapassar na minha direção este monte — e esta estela — sob pena de desgraça". ⁵³Que o Deus de Abraão e o Deus de Naḥor protejam o direito entre nós". Era o Deus do pai deles". Jacó jurou pelo Terror de Isaac, seu pai. ⁵⁴Jacó ofereceu um sacrifício na montanha. Convidou seus irmãos para a refeição; comeram a refeição² e passaram a noite na montanha.

26,30

32 ¹Laban levantou-se de manhã cedo, beijou seus filhos e filhas, abençoou-os e regressou para casa.

24,60

JACÓ E ESAÚ

Preliminares do encontro³. ¹Jacó prosseguia no seu caminho, quando sobrevieram mensageiros⁴ de Deus. ³Ao

vê-los, exclamou: "É um acampamento de Deus", e chamou este lugar de Maḥanaim⁵.

r. Outra tradução possível: *Parente de Isaac*. Trata-se em todo caso de um título divino.

s. O Antigo Oriente deixou-nos tratados deste tipo, que determinavam, quer a proteção da esposa, quer — como aqui — fronteiras entre os territórios; a divindade era testemunha e fiadora dessas alianças. Dependendo das tradições assumidas, "javista" ou "eloísta", a testemunha será, no presente relato, ora a estela, ora o monte de pedras relacionado com o nome da terra de Guilead.

t. *Guilead* é explicado aqui por *Galeed* (= "Monte da testemunha"), traduzido em aramaico por *legar Sahadutá*.

u. *Mišpá* (= "lugar da espreita") é aproximado de *maššebá* (= "estela"), cf. v. 51.

v. A ruptura de uma cláusula de um pacto acarretava a maldição prevista por este pacto. Outra tradução proposta: *para fazer mal*.

w. O autor observa que, mesmo que o texto invoque como testemunhas dois nomes divinos diferentes (*deus de Abraão* e *deus de Naḥor*), na realidade se trata de um só e mesmo Deus.

x. Via de regra, uma refeição selava a amizade, isto é, a solidariedade dos contratantes. A refeição significava uma comunidade de destino à qual a aliança conferia toda a sua força de obrigatoriedade jurídica. Quanto aos irmãos, cf. v. 23 nota.

y. Os vv. 4-14a geralmente são atribuídos à tradição "javista" e os vv. 2-3 e 14b-22, à tradição "eloísta".

z. Ou: *anjos*.

a. Contra o politeísmo da época, a Bíblia lembra com frequência que, para o patriarca, lá onde se encontra o anjo-mensageiro, ali se encontra verdadeiramente Deus (cf. cap. 16 e 18).

b. *Maḥané* significa "acampamento" e *Maḥanaim* quer dizer "dois acampamentos" (cf. v. 8); além disso, o autor "eloísta" joga com associação entre *maḥané* e *minhá*, isto é, "presente".

⁴Jacó enviou adiante de si mensageiros a seu irmão Esaú na terra de Seir, nos campos de Edom. ⁵Deu-lhes ordens e disse: "Falareis assim a meu senhor Esaú: Assim fala teu servo Jacó: morei com Laban e ali fiquei até agora. ⁶Possuo touros e jumentos, ovelhas, servos e servas, e fiz questão de enviar mensageiros para informar meu senhor Esaú, a fim de encontrar graça a seus olhos". ⁷Os mensageiros voltaram a Jacó e disseram: "Fomos à casa de teu irmão Esaú. Também ele caminha a teu encontro; há quatrocentos homens com ele". ⁸Jacó teve muito medo, e a angústia tomou conta dele. Repartiu em dois acampamentos os que estavam com ele, as ovelhas, os bois e os camelos, ⁹dizendo: "Se Esaú chegar a um dos acampamentos e o saquear, o outro acampamento poderá escapar".

33,1

¹⁰Depois Jacó exclamou: "Deus de meu pai Abraão, Deus de meu pai Isaac, SENHOR, tu que me disseste: 'Regressa para tua terra e tua parentela e eu te farei bem', ¹¹sou pequeno demais para todos os favores e toda a fidelidade que dispensaste a teu servo! Pois eu havia passado o Jordão só com o meu bastão e agora formo dois acampamentos. ¹²Eu te peço, salva-me da mão de meu irmão, da mão de Esaú, pois tenho medo dele. Tenho medo de que ele venha matar a mim e aos meus, a mãe com os filhos". ¹³Mas tu, tu me disseste: 'Quero fazer-te bem, e multiplicarei a tua descendência' como a areia do mar, que não se consegue contar, tamanha é sua quantidade!". ¹⁴Ele permaneceu aquela noite nesse lugar.

2Sm 7,18

Sl 31,2-3

59,2-10

28,13-14

21,29-30;

1Sm

25,18-19

Dos animais de que dispunha, Jacó tirou um presente para seu irmão Esaú: ¹⁵duzentas cabras, vinte bodes, duzentas

ovelhas e vinte carneiros, ¹⁶trinta camelas leiteiras com suas crias, quarenta vacas e dez touros, vinte jumentas e dez jumentos. ¹⁷Entregou às mãos dos seus servos cada rebanho separado e lhes disse: "Passai adiante de mim e deixai um espaço entre cada rebanho". ¹⁸Depois deu esta ordem ao primeiro servo: "Quando meu irmão Esaú te encontrar e te perguntar dizendo: 'A quem pertences? Para onde vais? A quem pertence este rebanho que te precede?', ¹⁹responderás: 'Ao teu servo Jacó. É um presente que ele envia a meu senhor Esaú, e ele em pessoa vem atrás de nós'. ²⁰Deu a mesma ordem ao segundo servo, depois ao terceiro, em seguida a todos os que caminhavam atrás dos rebanhos: "É da mesma maneira", disse ele, "que falareis a Esaú quando o encontrardes ²¹e lhe direis: 'Teu servo Jacó também vem atrás de nós'". Com efeito, ele dizia consigo mesmo: "Adoçarei o humor^f dele fazendo-me preceder por este presente; depois disto, vê-lo-ei face a face e talvez ele me dispense boa acolhida". ²²Assim, o presente passou adiante dele, mas ele mesmo permaneceu aquela noite no acampamento.

A travessia do Iaboq^h. ²³Naquela mesma noite, levantou-se, tomou suas duas mulheres, seus dois servos, seus onze filhos, e passou o vau do Iaboq.

²⁴Apanhou-os e os fez transpor a torrente, depois fez atravessar o que lhe pertencia; ²⁵e Jacó ficou sozinho. Um homem^l rolou com ele no pó até o romper da aurora. ²⁶Ele viu que não tinha condições de vencê-lo, e o homem atingiu Jacó na curva do fêmur^k, que se des-

Os 12,4-5;

Lc 22,44;

2Cor 12,

7-10

Dt 3,16

c. Com efeito, depois de haver tirado de seu irmão o direito de primogenitura e a bênção, que cabiam a Esaú, Jacó tivera de fugir da hostilidade do irmão (cf. 27,41-45).

d. Quanto a esta expressão, cf. Os 10,14 nota. — * [E aos meus está implicado em a mim.]

e. Cf. 28,14.

f. Lit. *Eu esfregarei o rosto dele* (para abrandá-lo).

g. Lit. *reerguerá a minha face* (depois de eu ter-me prostrado em terra).

h. Este célebre relato conserva certa obscuridade, talvez por

resultar da fusão de dois textos ("javista" e "eloísta"), talvez também porque a sua ambigüidade lhe vem das tradições que estão à base dele. A "luta de Jacó com o anjo" tem sido muitas vezes interpretada na tradição cristã como a imagem do combate espiritual do crente confrontado com o mistério de seu Deus.

i. Segundo o profeta Oséias (Os 12,5), tratava-se de um mensageiro de Deus, de um anjo; segundo o v. 31, de Deus em pessoa.

j. Lit. *se empoeirou com ele*, isto é, lutou com ele.

k. Lit. *a palma da coxa*, próxima à genitalia.

locou enquanto rolava com ele no pó. ²⁷Ele lhe disse: "Deixa-me, pois a aurora despontou". "Não te deixarei", respondeu Jacó, "antes que me tenhas abençoado".

²⁸Ele lhe disse: "Qual é o teu nome?" "Jacó", respondeu ele. ²⁹Ele prosseguiu:

^{35,10} "Não serás mais chamado Jacó, mas Israel^m, pois lutaste com Deus e com os homens e venceste". ³⁰Jacó perguntou-lhe: "Eu te peço, indica-me o teu nome".

^{Ex 3,13-14; Jz 13,17-18} "E por que", disse ele, "me perguntas o meu nome?" Ali mesmo, ele o abençoou.

³¹Jacó denominou este lugar Peniel — ^{Is 6,5} isto é, Face-de-Deus — pois "eu vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva".

³²O sol nascia quando ele passou Peniel^p. Jacó mancava de uma coxa. ³³É por isso que ainda hoje os filhos de Israel não comem o músculo da coxa que está localizado na curva do fêmur. Com efeito, ele havia ferido Jacó na curva do fêmur, no músculo da coxa^q.

^{Pr 16,7}

33 O encontro com Esaú. ¹Jacó levantou os olhos e viu que Esaú

^{32,7} chegava, tendo consigo quatrocentos

^{32,8} homens. Repartiu os filhos entre Leá, Raquel e as duas servas. ²Pôs à frente as servas e seus filhos, depois Leá e seus filhos, em seguida Raquel e José. ³Ele mesmo passou à frente deles e prostrou-se sete vezes em terra^r até aproximar-se de seu irmão. ⁴Esaú correu ao encontro dele, apertou-o ao peito, atirou-se ao pescoço dele e o beijou; eles choraram. ⁵Depois Esaú ergueu os olhos e viu as mulheres e os filhos. Ele disse: "Quem tens

^{45,15; Lc 15,20}

contigo?" "Os filhos que Deus concedeu ao teu servo", respondeu Jacó. ⁶As servas se aproximaram, elas e seus filhos, e depois se prostraram. ⁷Leá também se aproximou com seus filhos, e prostraram-se. Depois aproximou-se José, com Raquel, e eles também se prostraram.

⁸Esaú disse: "Que tens a ver com todo este acampamento que cruzei?" "Eu queria encontrar graça aos olhos do meu senhor", respondeu Jacó. ⁹Esaú prosseguiu: "Possuo muito, meu irmão; que fique para ti o que te pertence!" ¹⁰Jacó exclamou: "Não, eu te peço! Se pude encontrar graça aos teus olhos, aceitarás da minha mão o meu presente. Com efeito, já que vi a tua face como se vê a face de meu Deus, e já que me recebeste com benevolência, ¹¹recebe de mim o benefício que te foi trazido, pois foi Deus que me gratificou por isto; tenho tudo para mim". Ele insistiu, e Esaú aceitou.

¹²Esaú disse: "Levantemos acampamento e partamos. Eu caminharei a teu lado".

¹³Jacó respondeu-lhe: "Meu senhor sabe que as crianças são frágeis e que tenho a meus cuidados ovelhas e vacas que amamentam: se forem tocadas com pressa, mesmo só por um dia, todo o rebanho pode morrer. ¹⁴Que o meu senhor queira passar adiante deste seu servo. Quanto a mim, caminharei devagar, ao passo do rebanho que me precede e ao passo das crianças, até chegar perto de meu senhor em Seir". ¹⁵Esaú disse: "Desejo deixar contigo alguns dos que me acompanham". "Para quê?" respondeu ele. "Basta-me encontrar graça aos olhos de meu senhor!"

1. O nome não é um qualificativo qualquer. Exprime a função daquele que o leva, sua vocação, sua razão de ser. A mudança de nome, decidida por Deus (17.5.15) ou por um rei (2Rs 23.34; 24.17), corresponde a uma nova função.

m. Jacó se torna *Israel*. Este nome novo, que provavelmente significa *Que Deus se mostre forte*, é relacionado, no presente relato, com a energia que o patriarca mostrou na sua luta contra um ser sobrenatural e contra as forças da natureza, por ele representadas; o novo nome evoca as lutas que marcam o destino de Jacó e da sua descendência.

n. Revelar seu nome é entregar-se à interpretação. Deus recusa-se a responder, para salvaguardar o seu mistério; mas

concede a Jacó a bênção, pela qual ele lutara durante toda a vida.

o. Embora tenha enfrentado a Deus, Jacó permaneceu com vida (cf. Ex 33.20-23).

p. *Peniel* é o nome que é interpretado como "Face de Deus" (cf. Jz 8.8; 1Rs 12.25).

q. Jacó sai dessa noite do laboq abençoado, mas ferido; o corpo-a-corpo com Deus o atinge na carne, na sua força viril, como sugere a última frase do v.

r. Gesto atestado nas cartas protocolares da época.

s. Nesta delicada negociação, Jacó deseja manter a devida distância de Esaú, como fez com relação a Laban.

16Naquele dia mesmo, Esaú retomou seu caminho para Seir. 17Enquanto Jacó chegava a Sukot, onde construiu para si uma casa e onde fez cabanas para o seu rebanho; é por isso que denominou este lugar de Sukot — isto é, as cabanas¹.

25,20 **Jacó em Canaã.** 18Jacó, voltando da planície de Arâm, chegou são e salvo à cidade de Siquém, que fica na terra de Canaã, e acampou diante da cidade. 19Por cem peças de prata, adquiriu da mão dos filhos de Hãmor, pai de Siquém, uma parte do campo em que havia plantado sua tenda. 20Ali erigiu um altar que chamou de “El, Deus de Israel”².

49,5-7 **34 Violências em Siquém.** 1Diná, a filha que Leá dera a Jacó, saía para encontrar as jovens da terra”. 2Siquém, filho de Hãmor, o *hivita*³, príncipe daquela terra, viu-a, levou-a consigo, deitou-se com ela e a violou. 3Apegou-se com todo o seu ser a Diná, a filha de Jacó, enamorou-se da jovem e lhe falou de coração a coração. 4Siquém dirigiu-se a seu pai, Hãmor, e lhe disse: “Consegue-me esta menina como mulher”.

5Jacó veio a saber que ele tinha maculado a sua filha Diná; mas como seus filhos estivessem no campo com o rebanho, calou-se até a volta deles. 6Hãmor, pai de Siquém, saiu para falar com Jacó. 7Os filhos de Jacó voltaram do campo. Ao tomar conhecimento da coisa, esses homens se sentiram ultrajados e se irritaram violentamente com o fato, pois Siquém cometera uma infâmia em Israel.

deitando-se com a filha de Jacó; não se deve agir dessa forma. 8Hãmor falou com eles nestes termos: “Siquém, meu filho, está enamorado de vossa jovem com todo o seu ser. Dai-lha por mulher. 9Aliai-vos conosco através de casamento: vós nos dareis as vossas filhas e tomareis para vós as nossas. 10Morareis conosco, a terra estará aberta para vós; habitai-a, fazei nela os vossos negócios, nela tornai-vos proprietários”⁴.

11Siquém dirigiu-se ao pai da jovem e aos irmãos dela: “Que eu encontre graça a vossos olhos e vos darei o que me disserdes. 12Fazei-me imposições pesadas quando ao dote e à doação⁵, eu pagarei exatamente o que me disserdes, mas dai-me a jovem por mulher”. 13Os filhos de Jacó responderam a Siquém e a Hãmor, seu pai. Não sem fraude⁶, falaram com aquele que violentara Diná, a irmã deles. 14Disseram-lhes: “Não podemos fazer o que dizes e dar a nossa irmã a um homem incircunciso, pois isto seria para nós um opróbrio. 15Só vos daremos o nosso consentimento se vos tornardes iguais a nós, fazendo circuncidar todos os vossos varões. 16Dar-vos-emos as nossas filhas, tomaremos para nós as vossas, habitaremos convosco e formaremos um só povo. 17Se não aceitardes de nós a circuncisão, retomaremos a nossa jovem e partiremos daqui”. 18As palavras deles agradaram a Hãmor e ao filho dele, Siquém. 19O jovem não tardou a executar o que havia sido dito, pois queria a filha de Jacó. Ele era um dos mais influentes na casa de seu pai.

1. Sukot designa “cabanas” feitas de galhos de árvore.

u. El era o nome do deus supremo dos habitantes da região; por isso encontra-se este nome divino no nome dos lugares santos frequentados por Abraão (p. ex. 21,30). Para o autor bíblico, El é um nome do Deus de Israel, como havia sugerido o relato da travessia do laboço (32,29).

v. Este capítulo, de tradição “javista”, parece interpretar um assunto de família (a violação de Diná) como um conflito de populações (o pacto com os siquemitas, traiçoeiramente rompido pelos filhos de Jacó).

w. Estas relações com a gente da terra não estavam isentas de perigo, como foi sublinhado por ocasião do casamento de Esaú (26,35; 27,46).

x. Os *hivitas* eram uma antiga população de Canaã. Hãmor era o nome de um clã, e Siquém o da cidade perto da qual Abraão havia passado (12,6). Fala-se de aliança em Siquém também em Js 24 e Jz 9.

y. Estes sedentários eram os donos da terra; oferecem aos estrangeiros, que são os filhos de Jacó, direitos idênticos aos deles (v. 16).

z. O dote era pago pelo noivo aos pais da jovem; a doação constituía o patrimônio próprio daquela que se casava.

a. O autor, como também Jacó (v. 30), não aprova a maneira como os irmãos, e sobretudo Simeão e Levi, reagem ao ultraje feito a Diná.

²⁰Hamor e seu filho Siquém vieram à porta da sua cidade^b e falaram nestes termos a seus concidadãos: ²¹“Esta gente está em paz conosco, que habitem em nossa terra e que nela façam negócios, e que esta terra esteja amplamente aberta para eles; desposcemos as filhas deles e demos-lhes as nossas. ²²Todavia, esta gente só consentirá em habitar conosco para formar um só povo se todos os nossos varões forem circuncidados como os deles. ²³Se lhes dermos este consentimento para que possam habitar conosco, não passarão a pertencer a nós o seu rebanho e os seus bens?” ²⁴Todos os que saíam à porta da cidade ouviram Hamor e seu filho, Siquém; todos os varões foram circuncidados, todos os que saíam à porta da cidade.

²⁵Ora, no terceiro dia, quando os homens estavam docentes, os dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, entraram na cidade, a espada na mão, e com golpe certo mataram todos os varões. ²⁶Passaram ao fio da espada Hamor e seu filho, Siquém, retiraram Diná na casa de Siquém e se foram.

²⁷Os filhos de Jacó atacaram os feridos e pilharam a cidade porque haviam maculado sua irmã. ²⁸Apoderaram-se das ovelhas e dos bois que lhes pertenciam, dos seus jumentos, do que havia na cidade e no campo; ²⁹apossaram-se de todas as riquezas deles, de todas as suas crianças, suas mulheres, e pilharam tudo o que havia na casa.

³⁰Jacó disse a Simeão e a Levi: “Vós me trouxestes desgraça, tornando-me odioso aos habitantes da terra, canaanitas e perizitas. Sendo nós pouco numerosos, eles vão unir-se contra mim e abater-me, e serei exterminado, eu e a minha casa”.

³¹Eles responderam: “Podíamos deixar nossa irmã ser tratada como prostituta?”

35 De Siquém a Mamrê. ¹Deus disse a Jacó: “Vamos, sobe a Betel^d e ali pára. Levanta ali um altar para o Deus que te apareceu quando fugias do teu irmão Esaú”. ²Jacó disse à sua casa e a todos os que o acompanhavam: “Tirai os deuses do estrangeiro que estão no meio de vós. Purificai-vos e mudai as vossas roupas. ³Vamos! Subamos a Betel e ali levantarei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha aflição. Ele tem estado comigo no caminho pelo qual tenho andado”. ⁴Entregaram a Jacó os deuses do estrangeiro que tinham em mãos^e e os anéis que traziam nas orelhas; Jacó os enterrou debaixo do terebinto perto de Siquém. ⁵Deixaram o lugar, e Deus semeou o terror nas cidades das redondezas^f: ninguém perseguiu os filhos de Jacó^g.

⁶Jacó chegou a Luz, na terra de Canaã — isto é, Betel —, ele e todos os que o acompanhavam. ⁷Levantou ali um altar e chamou este lugar de “El-Betel”^h, pois foi lá que a divindade se revelara a ele quando fugia de diante de seu irmão.

⁸Deborá, a ama de Rebeca, morreu e foi enterrada abaixo de Betel, ao pé do carvalho que Jacó denominou “o Carvalho dos Prantos”.

⁹Deus apareceu ainda a Jacó quando ele voltou da planície de Arâm, e o abençoou. ¹⁰Deus lhe disse:

“Teu nome é Jacó.

Não serás mais chamado com o nome de Jacó,

Israel será o teu nome”.

E o chamou com o nome de Israel.

¹¹Deus lhe disse:

b. Cf. 23,10 nota.

c. Este cap. compõe-se de tradições diversas: “sacerdotal” para os vv. 9-13,15,22b,29, “javista” e “eloísta” para o restante.

d. Nova peregrinação de Jacó, que o conduz de Siquém até além de Betel. Esta partida é acompanhada de uma purificação do culto e da destruição dos ídolos.

e. Trata-se de pequenos ídolos, análogos aos que Raquel havia

dissimulado (cf. 31,19) e que eram segurados na mão. Os anéis e brincos eram muitas vezes símbolos divinos (cf. Jz 8,26).

f. O Deus que apareceu em Betel, chamado Terror (ou Parente) de Isaac, mantém a sua proteção sobre o patriarca.

g. O relato “javista” sobre o perigo arrostado por Jacó em Siquém (cf. 34,30s.) recomeça aqui depois do episódio “eloísta” da purificação do culto.

h. Cf. 28,19 nota e 33,20 nota.

17.1.5-6 “Eu sou o Deus Poderoso.

Sê fecundo e prolífico:

uma nação e uma assembléia de nações virão de ti,
e reis sairão dos teus rins.

12.7 ¹² A terra que dei a Abraão e a Isaac, eu a dou a ti;

à tua descendência depois de ti darei esta terra”.

¹³ Deus elevou-se para longe dele¹, do lugar em que lhe havia falado².

¹⁴ Jacó erigiu uma estela no lugar em que Deus havia falado com ele, uma estela^k de pedra sobre a qual fez uma libação e derramou óleo¹. ¹⁵ Jacó chamou Betel ao lugar onde Deus tinha falado com ele.

¹⁶ Deixaram Betel. Havia ainda uma certa distância antes de chegar a Efrata, quando Raquel deu à luz; e seu parto foi doloroso. ¹⁷ Ora, como ela tivesse dificuldade em dar à luz, a parteira lhe disse: “Não temas, pois tens um filho a mais”.

¹⁸ No seu último suspiro, no momento de morrer, ela o chamou de Ben-Oni — Filho-do-luto —, mas seu pai o chamou de Benjamin — Filho-da-direita^m. ¹⁹ Raquel morreu e foi enterrada no caminho que leva a Efrataⁿ, isto é, Bet-Lehem.

²⁰ Jacó erigiu uma estela sobre o túmulo: é a estela do túmulo de Raquel, ainda hoje.

²¹ Israel deixou o lugar e plantou a sua tenda além de Migdal-Êder^o. ²² Ora, enquanto Israel permanecia nessa região, Rúben foi deitar-se com Bilá, concubina de seu pai, e Israel ficou sabendo.

Os filhos de Jacó eram em número de doze:

²³ Filhos de Leá: Rúben, o primogênito de Jacó, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zabulon.

²⁴ Filhos de Raquel: José e Benjamin.

²⁵ Filhos de Bilá, serva de Raquel: Dan e Neftali.

²⁶ Filhos de Zilpá, serva de Leá: Gad e Aser.

Estes são os filhos de Jacó que lhe nasceram na planície de Arâm.

²⁷ Jacó chegou à casa de seu pai Isaac, em Mamrê de Qiriat-Arbá, isto é, Hebron, onde haviam morado Abraão e Isaac. ²⁸ Os dias de Isaac foram de cento e oitenta anos; ²⁹ Isaac expirou, morreu e foi reunido aos seus, idoso e cumulado de dias. Seus filhos Esaú e Jacó o enterraram.

36 Esaú em Edom^p. ¹ Eis a família de Esaú, que é Edom^q.

² Esaú desposou filhas de Canaã: Adá, filha de Elon, o hetita; Oholibamá, filha de Aná, filha de Sibeon, o hivitita; ³ Basmat, filha de Ismael e irmã de Nebaiot. ⁴ Adá deu a Esaú Elifaz, e Basmat lhe deu Reuel. ⁵ Oholibamá deu-lhe Ieúsh, Ialâm e Qôrah. Estes são os filhos que lhe nasceram na terra de Canaã.

⁶ Esaú tomou suas mulheres, seus filhos, suas filhas, todos as pessoas de sua casa, seu rebanho, todo o seu gado e todas as aquisições que fizera na terra de Canaã, e em seguida partiu para uma terra longe da presença de seu irmão. ⁷ Os bens deles eram, com efeito, consideráveis demais para poderem habitar juntos, e a terra na qual eram migrantes não tinha condições de atender às suas necessidades, devido

1Sm 4,20-21;
ICr 4,9-7,23

Rt 1,2;
Mq 5,1;
Mt 2,6
Jr 31,15;
Mt 2,18

49,3-4;
Lv 18,8

29,31-30,24

26,34;
28,9

Ez 23,4

13,6

i. Cf. 17,22.

j. Lit. no lugar em que ele havia falado com ele. Esta fórmula, que se reencontra nos vv. 14 e 15, é provavelmente aqui um acréscimo redacional.

k. Após ter recebido uma confirmação das bênçãos divinas no lugar santo de Betel, Jacó cumpre sua promessa em conformidade com 28,18,22.

l. No Antigo Oriente, a unção com óleo servia especificamente para consagrar objetos (pedra, altar...) e pessoas (em particular o rei, cf. 1Sm 10,1ss.).

m. Jacó muda um nome de mau agouro em um presságio favorável. A *direita* designa geograficamente o sul; a tribo de

Benjamin foi constituída de clãs estabelecidos ao sul da tribo de Efraim.

n. O clã de Efrata (Mq 5,1), vindo provavelmente de Efraim, estabeleceu-se em Belém (Bet-Lehem), e Davi nasceu dele.

o. Migdal-Êder (= “Torre do rebanho”) ficava bem perto da colina de Sião, onde Davi fundou o culto ao Senhor e Salomão construiu o seu Templo (cf. também Mq 4,8).

p. Este capítulo contém genealogias de tradição “javista”, nas quais são inseridos resumos de tradição “sacerdotal”.

q. O autor dá uma grande importância à descendência de Esaú, irmão mais velho de Jacó; Edom teve reis antes de Israel (v. 31). Estas genealogias em parte se sobrepõem.

32,4; Jz 5,4; Dt 33,2 aos seus rebanhos. ⁸Esaú passou a habitar na montanha de Seir: Esaú é Edom. ⁹Eis a família de Esaú, pai de Edom, na montanha de Seir:

¹⁰Eis os nomes dos filhos de Esaú: Elifaz, filho de Adá, mulher de Esaú e Reuel, filho de Basmat, mulher de Esaú.

¹¹Os filhos de Elifaz foram Teman, Omar, Şefô, Gatâm e Qenaz. ¹²Timná foi a concubina de Elifaz, filho de Esaú, e deu-lhe um filho, Amaleq. Estes são os filhos de Adá, mulher de Esaú.

¹³Eis os filhos de Reuel: Náhat, Zérah, Shamá e Mizá. Estes são os filhos de Basmat, mulher de Esaú. ¹⁴Eis os filhos de Oholibamá, filha de Aná, filha de Şibeon e mulher de Esaú: ela lhe deu Ieúsh, Ialâm e Qôrah.

¹⁵Eis os chefes dos filhos de Esaú: filhos de Elifaz, primogênito de Esaú: chefe Teman, chefe Omar, chefe Şefô, chefe Qenaz, ¹⁶chefe Qôrah, chefe Gatâm, chefe Amaleq. Estes são os chefes de Elifaz na terra de Edom, estes são os filhos de Adá.

¹⁷Eis os filhos de Reuel, filho de Esaú: chefe Náhat, chefe Zérah, chefe Shamá, chefe Mizá. Estes são os chefes de Reuel na terra de Edom; estes são os filhos de Basmat, mulher de Esaú.

¹⁸Eis os filhos de Oholibamá, mulher de Esaú: chefe Ieúsh, chefe Ialâm, chefe Qôrah. Estes são os chefes de Oholibamá, filha de Aná, mulher de Esaú.

¹⁹Estes são os filhos de Esaú e estes são os chefes deles. É Edom.

²⁰Eis os filhos de Seir, o *horita*, habitantes da terra: Lotan, Shobal, Şibeon, Aná, ²¹Dishon, Êşer e Dishan. Estes são os chefes *horitas*, filhos de Seir, na terra de Edom. ²²Os filhos de Lotan foram Hori e Hemâm; a irmã de Lotan foi Timná. ²³Eis os filhos de Shobal: Alvan, Manahat, Ebal, Şefô, Onâm. ²⁴Eis os filhos

de Şibeon: Aiá e Aná. Este Aná foi o que encontrou as águas⁴ no deserto apascentando os jumentos para Şibeon, seu pai. ²⁵Eis os filhos de Aná: Dishon e Oholibamá, filha de Aná. ²⁶Eis os filhos de Dishan: Hemdan, Eshban, Iitran e Keran. ²⁷Eis os filhos de Êşer: Bilan, Zavan, Aqan. ²⁸Eis os filhos de Dishan: Uş e Aran.

²⁹Eis os chefes *horitas*: chefe Lotan, chefe Shobal, chefe Şibeon, chefe Aná, ³⁰chefe Dishon, chefe Êşer, chefe Dishan. Estes são os chefes *horitas*, segundo seus clãs¹ na terra de Seir.

³¹Eis os reis que reinaram na terra de Edom antes de reinar um rei israelita: ³²Bela, filho de Beor, reinou sobre Edom e o nome da sua cidade era Dinabá. ³³Bela morreu e Iobab, filho de Zérah e Boşrá, reinou em seu lugar. ³⁴Iobab morreu, e Hushâm, da terra dos temanitas, reinou em seu lugar. ³⁵Hushâm morreu e Hadad, filho de Bedad, reinou em seu lugar. Ele derrotou Midian nos campos de Moab; o nome da cidade dele era Avit. ³⁶Hadad morreu e Samlá de Masreqá reinou em seu lugar. ³⁷Samlá morreu e Shaul de Rehobot do Rio² reinou em seu lugar. ³⁸Shaul morreu e Baalhanan, filho de Akbor, reinou em seu lugar. ³⁹Baalhanan, filho de Akbor, morreu e Hadar³ reinou em seu lugar; o nome da cidade dele era Paú. O nome de sua mulher era Mehetabel, filha de Matred, filha de Mē-Zahab.

⁴⁰Eis os nomes dos chefes de Esaú segundo seus clãs e suas localidades, a saber: chefe Timná, chefe Alvá, chefe Ietet, ⁴¹chefe Oholibamá, chefe Elá, chefe Pinon, ⁴²chefe Qenaz, chefe Teman, chefe Mibşar, ⁴³chefe Magdiel, chefe Irâm. Estes são os chefes de Edom segundo suas áreas, na terra de sua propriedade. Eis Esaú, o pai de Edom.

10,23;
Jó 1,1

1Cr 1,43-50
Nm 20,14

1Cr 1,51-54

r. *Seir* é considerado como um *horita*. Os *horitas* são provavelmente um resto da população *hurrita* que, temporariamente havia dominado a terra de Canaã.

s. Talvez fontes quentes. A tradução permanece hipotética; o texto sam. leu *emitas*, população privada de suas posses pelos moabitas (Dt 2,10).

t. *Segundo seus clãs*: texto gr. O hebr. tem: *segundo seus chefes*. u. O Rio comumente designa o Eufrates, mas aqui é pouco provável. Comparar Nm 22,5 nota.

v. *Hadar* é lido *Hadad* em 1Cr 1,50 e em certos manuscritos. Trata-se provavelmente de Hadad, o adversário de Salomão em 1Rs 11,14-22.

JACÓ PERDE SEU FILHO JOSÉ^w

37 ¹Jacó habitou na terra na qual seu pai fora migrante, a terra de Canaã. ²Eis a família^a de Jacó.

Os sonhos^a. José, com a idade de dezesseis anos, apascentava as ovelhas com seus irmãos.

35,25-26 José era um menino que acompanhava os filhos de Bilá e os filhos de Zilpá, mulheres de seu pai. Ele referiu ao pai as conversas mal-intencionadas deles^a.

³Israel preferia José a todos os seus irmãos, pois o tivera na velhice. Fez-lhe uma túnica principesca^a. ⁴e seus irmãos viram que o pai o preferia a todos eles; **44,20** tomaram ódio dele e não conseguiam mais falar-lhe amigavelmente. **Pr 18,19**

⁵José teve um sonho que deu a conhecer a seus irmãos, e eles o odiaram mais ainda. ⁶“Ouvi”, disse-lhes ele, “o sonho que tive. ⁷Estávamos amarrando feixes em pleno campo, quando meu feixe

se levantou e ficou de pé. Vossos feixes o cercaram e se prostraram diante dele”. ⁸Seus irmãos lhe responderam: “Querias reinar sobre nós como rei ou dominar-nos como dominador?” Odiaram-no ainda mais por seus sonhos e palavras.

⁹José teve ainda outro sonho que contou a seus irmãos: “Eis”, disse ele, “tive mais um sonho: o sol, a lua e onze estrelas prostravam-se diante de mim”. ¹⁰Ele o contou a seu pai como a seus irmãos. Seu pai o censurou e lhe disse: “Que sonho tiveste! Teremos nós, eu, tua mãe e teus irmãos, de vir prostrar-nos por terra diante de ti?” ¹¹Seus irmãos tiveram inveja dele, mas seu pai guardou o assunto consigo^b.

A venda e o rapto^c. ¹²Seus irmãos foram a Siquém^d apascentar o rebanho do pai. ¹³Jacó disse então a José: “Teus

Ex 2,14;
1Sm
10,27;
Sl 118,22;
Lc 19,14

At 7,9
42,9;
Dn 7,28;
Lc 2,19.51

35,4

w. Como 37,2 indica, os últimos cap. do Gn são dedicados aos filhos de Jacó. O papel principal é desempenhado por José, que assegura a seus irmãos a segurança sob a dominação egípcia. A tradição “sacerdotal”, que se encontra em 37,1-21 (e ainda em 41,46), só voltará a aparecer a partir de 46,6, na forma de resumos. O conjunto dos capítulos é, pois, de redação “javista” integrando numerosos elementos “eloístas”. A tradição “javista” ressalta a eficácia de Judá (cf. 37; 38; 44), que receberá a realeza (cap. 49). A tradição “eloísta” ressalta, mas de modo mais discreto, o papel de Rúben e orienta o relato para a preponderância de Efraim (cf. livro dos Juízes). Ela exalta a sabedoria e a nobreza de José, o jovem israelita que recebeu o Espírito de Deus (41,38) e que encontra em Deus a capacidade de interpretar os sonhos (40,8; 41,16), de conduzir os assuntos (45,5) e de perdoar as ofensas (50,19ss.). O Javista parece mais reticente quanto à habilidade de José-ministro, que acusa falsamente os irmãos de serem espiões (42,9), inventa um roubo para manter consigo Benjamin (44), pratica a adivinhação (44,5,15), aproveita a fome para dominar todo o Egito (47,13-31) e finalmente é obrigado a ceder ante a vontade de Jacó de dar vantagem a Efraim em detrimento de Manassés (48). O núcleo das tradições, aliás bastante próximas apesar das diferenças quanto aos detalhes, vem das tribos “josefitas” do Norte (Manassés e sobretudo Efraim) e de Benjamin, disputado pelo Norte e Sul.

O Javista, que já soube contar de maneira viva o casamento de Rebeca (24) e a frustração de Esaú (27), estabeleceu maravilhosamente os antecedentes do drama egípcio em função das rixas da família de Israel. No Eloísta, mais sóbrio, os dados que ele fornece inspiram-se mais na história do século VIII do que na do 2º milênio a.C. (cf. p. ex. o nome de Potifar, a menção aos eunucos ou às carroças transportando emigrantes...).
No seu conjunto, a história de José sublinha o fato de que

Deus, sem intervir de forma visível, conduz as coisas terrestres e faz tudo reverter para o bem, até as más intenções dos homens. A Providência divina vigiou sobre José e permitiu que ele fosse instrumento de salvação para seus irmãos (45,5-8; 50,20); esta libertação anuncia outras.

x. Fórmula típica da tradição “sacerdotal”. Cf. 2,4a nota. Os vv. 1-2 nada conservam da infância de José, além da hostilidade entre os filhos de Bilá e de Zilpá.

y. Os dois sonhos costumam ser atribuídos ao Eloísta. Efetivamente, no relato que segue, os sonhos caminham em pares. Mas aqui o primeiro sonho, que se relaciona com a vida agrícola e se refere à realeza, poderia ser do Javista, que se interessa por esses problemas. O segundo sonho diz respeito ao mundo astral. Segundo o v. 10, Raquel ainda está viva (cf. ao contrário 35,19, de tradição “javista”). Quanto aos sonhos, reveladores dos desígnios divinos no Antigo Oriente, cf. 31,10.

z. Supõe-se muitas vezes que se trata da má reputação deles, mas o texto insinua antes que eles nutriam más intenções contra uns ou outros.

a. Lit. *de mangas longas*, cf. 2Sm 13,18. As amplas vestes das cortes orientais, assírias ou hititas, não são práticas para o trabalho.

b. Jacó não exclui que os sonhos de José venham de Deus e se realizem posteriormente.

c. O texto atual funde duas tradições. Em uma, “javista”, Judá salva o menino, fazendo com que o vendam a uma caravana de ismaelitas. Na outra, “eloísta”, Rúben consegue fazê-lo apenas descer a uma cisterna; mas antes de ele vir retirá-lo, os midianitas o levam e Rúben o dá por morto (v. 30; cf. 42,22).

d. Essa frase é “eloísta”, pois segundo o cap. 34, “javista”, os irmãos de José tiveram de abandonar a região de Siquém, onde se tinham tornado odiosos.

irmãos estão na pastagem em Siquém, não é? Vai, eu te envio a eles". "Eis-me aqui", respondeu ele. ¹⁴"Vai ver", disse-lhe Jacó, "como estão passando teus irmãos, como vai o rebanho, e traze-me notícias". Foi do vale de Hebron que ele o enviou. E José foi a Siquém.

¹⁵Um homem o viu vagando no campo. O homem lhe perguntou: "Que procuras?" ¹⁶"Procuro meus irmãos", respondeu ele. ¹⁷"Indica-me onde estão apascentando". ¹⁸O homem respondeu: "Partiram daqui, pois ouvi-os dizer: Vamos a Dotan".

José foi atrás de seus irmãos, e os encontrou em Dotan. ¹⁹Eles o viram de longe. Antes de ele chegar perto, tramaram fazê-lo morrer. ²⁰Disseram um ao outro: "Eis que vem o homem dos sonhos. ²¹É o momento. Vamos! Matemo-lo e joguemo-lo nas cisternas. Diremos que um animal feroz o devorou^e e veremos o que resulta dos seus sonhos!"

²²Rúben^a ouviu e quis libertá-lo das mãos deles: "Não toquemos em sua vida", disse ele.

²³Para libertá-lo das mãos deles e restitui-lo a seu pai, Rúben lhes disse: "Não derrameis o sangue, jogai-o nesta cisterna no deserto, e não levanteis a mão contra ele".

²⁴Ora, no momento em que José chegou perto de seus irmãos, eles lhe tiraram a túnica, a túnica principesca com que estava vestido. ²⁵Apoderaram-se dele e o atiraram na cisterna; a cisterna estava

vazia, não continha água. ²⁶Em seguida sentaram-se para comer.

Levantando os olhos, viram uma caravana de ismaelitas que chegavam de Guilcad e cujos camelos transportavam goma adraganta, resina e ládano, para vendê-los no Egito^b. ²⁷Judá disse a seus irmãos: "Que vantagem haveria em matar nosso irmão e em ocultar o seu sangue?" ²⁸Vamos vendê-lo aos ismaelitas e não levantemos a mão contra ele, pois é nosso irmão, nossa carne". Seus irmãos lhe deram ouvidos.

²⁹Comerciantes midianitas, por ali passando, tiraram José da cisterna e o venderam por vinte siclos de prata aos ismaelitas, que o levaram para o Egito^c. ³⁰Quando Rúben voltou à cisterna, José não estava mais lá. Rasgou suas vestes ³¹e voltou a seus irmãos dizendo: "O menino não está mais lá! E eu, para onde irei?"

³²Apanharam a túnica de José e, depois de degolarem um bode, ensoparam-na no sangue. ³³Mandaram levar a túnica principesca ao pai dele, dizendo-lhe: "Encontramos isto. Verifica se é a túnica do teu filho ou não". ³⁴Ele a reconheceu e exclamou: "A túnica do meu filho! Um animal feroz o devorou, José foi despedaçado!" ³⁵Jacó rasgou as vestes^d, cingiu os rins de saco e guardou luto pelo seu filho durante longos dias. ³⁶Quando todos os seus filhos e suas filhas vieram para consolá-lo, recusou conforto, pois, dizia, "é em luto^e que

e. Dotan fica 30km ao norte de Siquém, não longe do território de Aser, filho da serva Zilpá. Gad, outro filho de Zilpá, também era um vizinho de José (Manassés), do outro lado do Jordão.

f. O próprio Jacó tirará a conclusão vendo a túnica manchada de sangue, sem que os irmãos precisem dizê-lo (vv. 31-33).

g. Rúben retomará a palavra no v. seguinte, e muitos pensam que aqui figurava primitivamente Judá (cf. v. 26). É uma das harmonizações devidas à fusão dos relatos. A menção de um homem no v. 15 também pode ser redacional.

h. A goma adraganta é o produto de uma árvore, talvez do gênero dos astrágalos; a resina ou bálsamo é provavelmente uma resina amarelada proveniente da pistácia; o ládano é uma resina odorífera tirada de uma rosa. Os egípcios apreciavam esses produtos exóticos, utilizados em particular para os tratamentos

médicos e para a preparação das múmias; Israel aconselhará a seus filhos a presenteá-los ao ministro (43,11).

i. Lit. *cobrir o sangue* para abafar a justiça (cf. Gn 4,10; Is 26,21; Ez 24,7-8; Jó 16,18). Os irmãos ouvem Judá, que faz falar a voz do sangue. Segundo 42,22, eles não ouviram a Rúben. j. Este fim do v. é harmonizante, pois no v. 36 os midianitas vendem José diretamente ao Egito.

k. Com essas últimas palavras, o irmão mais velho exprime seu desespero; seu subterfúgio fracassou. Os irmãos de José permanecem indiferentes ao desaparecimento dele; segundo 42,21, eles teriam até sido insensíveis ao menino que lhes pedia benevolência.

l. Sobre esses gestos de luto, cf. 2Sm 3,31; 1Rs 21,27. É provável que só se rasgasse um pedaço da veste.

m. O contrário da velhice feliz, pacífica e "farta de dias". Da mesma forma que Ezequias (Is 38,11) ou o Sl 115,17, Jacó não conta com o seu Deus depois da morte.

Zc 11,12;
Mt 26,15;
At 7,9

descerei para onde está meu filho, na morada dos mortos".

Seu pai o pranteou ³⁶e os midia-

nitas o venderam no Egito a Potifarⁿ, eunuco^o de Faraó e despenseiro-mor^p.

JUDÁ E SEUS FILHOS^q

38 ¹Ora, naquele tempo, Judá desceu de onde habitavam seus irmãos, e dirigiu-se à casa de um homem de Adulâm^r, que se chamava Hirá. ²Lá, Judá viu a filha de um canaanita^s chamado Shua. Tomou-a e deitou-se com ela, ³que engravidou e deu à luz um filho que chamou de Er. ⁴Ela engravidou novamente e deu à luz um filho, a quem chamou Onan. ⁵Depois, mais uma vez, deu à luz um filho, a quem chamou Shelá^t.

No tempo em que ela deu à luz Shelá, Judá se encontrava em Kezib^u, ⁶e ele tomou para Er, seu primogênito, uma mulher de nome Tamar^v. ⁷Er, primogênito de Judá, desagradou ao SENHOR, que o fez morrer^w. ⁸Judá disse então a Onan: "Vai deitar-te com a mulher de teu irmão. Cumpre com ela o teu dever de parente próximo do falecido e suscita uma descendência a teu irmão^x".

⁹Mas Onan sabia que a descendência não seria sua; quando se deitava com a mulher de seu irmão, deixava o sêmen perder-se na terra para não dar descendência a seu irmão. ¹⁰O que ele fazia desagradou ao SENHOR^y, que o fez morrer também a ele. ¹¹Judá disse então a Tamar, sua nora: "Permanece viúva na casa de teu pai até meu filho Shelá crescer". Dizia com efeito: "Ele não há de morrer como seus irmãos!" Tamar foi morar na casa de seu pai.

¹²Muito tempo passou e a mulher de Judá, a filha de Shua, morreu. Quando ficou consolado, Judá subiu a Timná^z com seu amigo Hirá, o adulamita, para tosquiar a rebanho. ¹³Informaram Tamar nestes termos: "Eis que teu sogro sobe a Timná para a tosquia^a do rebanho". ¹⁴Ela tirou suas vestes de luto, cobriu-se com um véu^b e, irreconhecível^c, sentou-se na

Rt 1.11-13

n. *Potifar* é a transcrição do nome egípcio *Pa-di-pa-Re*, "aquele que é dado por Re"; este nome com o artigo (pa) repetido não se encontra antes da 21ª dinastia (século XI-X a.C.).

o. A corte egípcia não conhecia eunucos, mesmo para guardar o harém, mas na Mesopotâmia, era este o caso, e o hebr. *saris* é a transcrição do cuneiforme *sha-reshi*. É possível que se tenha identificado um título egípcio com um título mesopotâmico, tomando ele o sentido lato de "oficial de corte", a menos que tenha havido harmonização entre as duas tradições, a de Potifar eunuco e a do despenseiro-mor.

p. O *sar hattabbaḥim* ("chefe de alimentação", cf. 1Sm 9,23; ou "despenseiro-mor" segundo uma terminologia medieval) não deve ser confundido com o *rah tabbaḥim*, chefe dos guardas babilônicos (2Rs 25,8). Era um alto funcionário da corte.

q. Este cap. "javista" trata dos dois filhos que Judá teve de Tamar e da preeminência de Péres, do qual sairá Davi (Rt 4.18-22).

r. Adulâm legou seu nome a uma gruta a sudoeste de Jerusalém (cf. Mq 1,15), na qual se refugiou Davi (1Sm 22,1) e a uma cidade régia cananéia próxima dali (Js 12,15). Trata-se de uma velha região cananéia com os seus clãs cananeus: Er, Onan, Shelá, que se mostrarão pouco tentados a ver em Sansão, o danita, um irmão a ser apoiado contra os filisteus (Jz 15,11).

s. Sobre os cananeus, cf. 10.15-19.

t. Segundo 1Cr 4,21, *Shelá* é o pai de *Er*. A operosa descendência de Shelá (1Cr 4,21-24) teria tido relações com Moab e Bet-Lehem.

u. *Kezib*, localidade desconhecida, que se deve relacionar com *Kozēb* de 1Cr 4,22 e com *Akzib*, cidade da mesma região (Js 15,44; Mq 1,14).

v. É possível que esta *Tamar* tenha alguma relação com a cidade de *Tamar* a sudoeste do mar Morto perto de Edom, onde houve um clã *Zérah* (cf. 36,13; 38,30).

w. Cf. 1Sm 2,6. Como em Gn 3,22; 4,5; 11,7, o Javista não sutaliza acerca da psicologia divina. Javé é para ele o soberano que decide sem apelação.

x. Judá aplica a lei do levirado (cf. Dt 25,5-10), conhecida entre outros povos, como a Assíria. O irmão do falecido assumia o encargo da viúva e a procriação de uma descendência para seu irmão morto sem herdeiro. O gesto de Onan servirá para designar o "onanismo" conjugal; aqui ele é inspirado não pelo temor de gerar, mas pelo desejo de ter a sua própria descendência.

y. Para o Javista, Deus tem a preocupação de garantir um herdeiro à tribo real de Judá (cf. 49,10).

z. Cidade de Judá freqüentada por Sansão (Jz 14,1; Js 15,10).

a. Esta era a ocasião de uma grande festa entre as tribos de criadores de ovelhas (cf. 1Sm 25,2-4; 2Sm 13,23).

b. Naquela época, a mulher só se cobria com o véu para as grandes circunstâncias, como o casamento (24,65; 29,23-25), ou para não ser reconhecida.

c. Outra tradução, muito provável: *ela disfarçou-se*.

entrada de Enáim^d, que está no caminho para Timná. Com efeito, estava vendo que Shelá tinha crescido, sem que ela lhe tivesse sido dada como mulher.

¹⁵Judá a viu e a tomou por uma prostituta^e, pois estava com o rosto coberto. ¹⁶No caminho foi ter com ela e disse: "Eis, eu me deito contigo!" Pois não tinha reconhecido que era sua nora. Ela respondeu: "Que me dás para comigo deitares?" ¹⁷"Envio-te um cabrito do rebanho", disse ele. Ela retrucou: "Aceito, se me deres um penhor até o enviases". ¹⁸"Que penhor te darei?", disse ele. "Teu sinete, teu cordão e o bastão^f que tens na mão", retrucou ela. Ele lhe deu, deitou com ela e ela engravidou dele. ¹⁹Ela se levantou, foi embora, retirou o véu e retomou suas roupas de viúva.

²⁰Judá enviou o cabrito por intermédio de seu amigo de Adulâm para reaver o penhor das mãos da mulher. O amigo não a encontrou ²¹e perguntou aos moradores do lugar: "Onde está a hieródula que estava no caminho em Enáim?" "Hieródula? Nunca houve ali!", responderam eles. ²²Ele voltou a Judá e lhe disse: "Não a encontrei, e os moradores do lugar até declararam que ali nunca

houve hieródula". ²³Judá prosseguiu: "Então, que fique com tudo^g! Não nos tornemos ridículos, eu que lhe mandei um cabrito e tu que não a encontraste!"

²⁴Ora, três meses depois, informaram a Judá: "Tua nora Tamar se prostituiu. Ainda mais, ei-la grávida da sua prostituição!" "Seja posta fora e queimada!" retrucou Judá. ²⁵Enquanto ela era posta fora, mandou dizer a seu sogro: "Estou grávida do homem^h ao qual pertence isto". Em seguida disse: "Reconhece, portanto, a quem pertencem este anel, estes cordões e este bastão!" ²⁶Judá reconheceu-os e disse: "Ela é justaⁱ e não eu, pois, de fato, eu não a dei a meu filho Shelá". Mas ele não mais a conheceu^h.

²⁷Ora, no tempo do parto dela, havia gêmeos em seu seio. ²⁸Durante o parto, um deles apresentou uma mão, e a parteira pegou e amarrou nessa mão um fio escarlate, dizendo: "Este saiu primeiro". ²⁹Depois ele recolheu a mão e saiu o irmão dele. "Que é que te acontecerá, pela brecha que abriste?" disse ela. Deu-se-lhe o nome de Péreş — isto é, a Brechaⁱ. ³⁰O irmão dele saiu em seguida, ele que tinha na mão o fio escarlate; deu-lhe o nome de Zérah^m.

Jr 22,24;
Ag 2,23;
Ct 8,6;
Jo 6,27

1Sm 24,18

Rt 4,12;
18-22;
Mt 1,3-6

d. Provavelmente Enâm de Js 15,34, a oeste de Timná.

e. Trata-se de hieródulas, ou prostitutas sagradas, que desempenhavam uma função nas festas religiosas (cf. v. 21, onde Judá usa o termo *qedeshá*, situando-se no contexto cultural). Os cananeus imaginavam a fecundidade divina ao modo da fecundidade humana (cf. o livro de Oséias); assim, a prostituição sagrada devia assegurar a fertilidade das terras e a fecundidade dos homens e dos rebanhos. Aqui, Tamar age levada pelo desejo de, a qualquer preço, dar um filho a seu marido falecido.

f. O *sinete*, com o *cordão* (ou "os cordões", v. 25) que o carregava, era a marca pessoal do indivíduo, uma espécie de documento de identidade. O *bastão* é aqui ou o bastão trabalhado, emblema da autoridade do chefe (antes do cetro real), ou o *bukdum*, cilindro de madeira utilizado nos contratos babilônios.

g. Outra tradução: *Que ela tome o que tem*; mas o hebr. teria: *Que ela guarde o que tomou*. Judá e o adulamita puseram-se em uma situação ambígua.

h. Punição rara, mas da qual temos traços na Bíblia (Lv 21,9 para a filha do sacerdote, que se prostitui; Jr 29,22-23) e no Antigo Oriente.

i. Lit. *para o homem*, pois no Antigo Oriente a mulher dá à luz para o varão (cf. também v. 18).

j. Ela é *justa* no sentido de que teve mais preocupação que Judá pela descendência do patriarca (não que o ato dela fosse perfeito sob todos os pontos de vista). Na Fenícia do século XIV a.C., a mulher que garantisse pela descendência real a prosperidade do reino era chamada *mulher da justiça do rei*.

k. Esta relação entre o sogro viúvo e sua nora foi, portanto, apenas ocasional, e o autor bíblico não gostaria que se visse nisto um exemplo a seguir.

l. Foi do clã de Péreş (= "brecha") que descendeu Davi, através de Rute (Rt 4,18-22); parece que este clã tenha deixado traços na região de Jerusalém (*Péres Uzá*, 2Sm 6,8; *Baal Peraşim*, 2Sm 5,20; *Har Peraşim*, 18,28,21).

m. O clã de Zérah era, portanto, reconhecido como o mais antigo. Era mais meridional e provavelmente de origem edomita (36,13). Atribui-se a cor vermelha a propriedade de afastar a infelicidade (cf. Js 2,21); Zérah, que se diz do levantar de um astro, evoca a cor vermelha em certas línguas semíticas.

SI 105,16-23;
Sh 10,13-14;
At 7,9-10

JOSÉ NO EGITO

39 José na casa de um egípcio, Potifar^a.

¹Tendo José descido ao Egito, Potifar, eunuco de Faraó, o despenseiro-mor egípcio, adquiriu-o das mãos dos ismaelitas que o haviam levado para lá. ²O SENHOR estava com José, que se demonstrou um homem eficiente^a.

Ele foi morar na casa de seu senhor, o egípcio. ³Este viu que o SENHOR estava com ele e fazia ter êxito nas mãos de José tudo o que empreendia. ⁴José encontrou graça aos olhos de seu senhor, que o contratou para seu serviço. Tomou-o por mordomo^b e confiou-lhe a administração de todos os seus bens.

⁵Ora, desde que o pôs à testa da sua casa e de todos os seus bens, o SENHOR abençoou a casa do egípcio por causa de José; a bênção do SENHOR estendeu-se a todos os bens dele, tanto na sua casa como nos seus campos. ⁶Deixou então todos os seus bens nas mãos de José e, tendo-o junto a si, não se ocupava de mais nada a não ser do alimento que comia^a.

José e a mulher de seu senhor^c. Ora, José era belo de rosto e de porte ⁷e, após esses acontecimentos, a mulher do seu senhor deitou-lhe os olhos e lhe disse: "Deita-te comigo". ⁸Mas ele recusou e disse à mulher de seu senhor: "Meu senhor me tem junto a si e não se ocupa

com nada na casa. Confiou todos os seus bens às minhas mãos. ⁹Até nesta casa, ele não me é superior^d, e não me privou de nada senão de ti, que és sua mulher. Como poderia eu cometer um mal tão grande e pecar contra Deus?" ¹⁰Todo dia, ela instigava José a deitar com ela e unir-se a ela, mas ele não a atendia. ¹¹Ora, no dia em que ele veio desempenhar o seu ofício, enquanto não se encontrasse na casa nenhum empregado, ¹²ela o pegou pelas vestes dizendo: "Deita-te comigo!" Ele lhe deixou sua veste na mão, fugiu e saiu da casa.

¹³Quando ela viu nas suas mãos a veste que ele lhe havia deixado ao fugir, ¹⁴chamou seus empregados e lhes disse: "Aí está! Trouxeram-nos um hebreu" para gozar de nós! Ele veio a mim para deitar-se comigo, e eu clamei em altos gritos. ¹⁵Então, desde que me ouviu levantar a voz e chamar, deixou sua veste a meu lado, fugiu e saiu de casa". ¹⁶Ela depôs a veste de José ao lado dela até seu marido voltar. ¹⁷Ela lhe fez a mesma revelação, dizendo: "Ele veio a mim para gozar de mim, este escravo hebreu que nos trouxeste. ¹⁸Desde o momento em que levantei a voz e chamei, deixou sua veste a meu lado e fugiu". ¹⁹Quando o senhor ouviu o que lhe dizia sua mulher — "Aí tens de que maneira teu escravo agiu para comi-

2Sm 12,13;
SI 51,6

Pr 5,3-8

Dn 13,24

1Sm 16,12
Pr 7,10-23;
Ec 1,7,23;
1Cor 6,9-13

n. O v. 1 é composto e identifica o egípcio casado que havia comprado José das mãos dos ismaelitas (Javista), com o eunuco Potifar, que o havia comprado dos midianitas (Eloísta). A redação JE viu um mesmo personagem neste rico egípcio e o despenseiro-mor, em cuja casa Faraó prenderá o copeiro-mor e o padeiro-mor (40,3, "eloísta"). Ela também identificou o despenseiro-mor com o comandante da fortaleza, na qual José, o copeiro-mor e o padeiro-mor estarão presos (cf. as duplicatas 39,3 e 23; 39,4b e 6). O conjunto do parágrafo é "javista".

o. Termo de sáboria administrativa e política; o Javista parece querer evitar o termo "sábio", que para ele é pejorativo (cf. Ex 1,10). O Eloísta, ao contrário, o utilizará (41,8.33.39); para ele, José é o sábio por excelência, que salva a vida dos seus.

p. Título egípcio dado àquele que administrava os domínios de um grande personagem, até de Faraó (41,40) e dos reis de Israel (1Rs 4,5).

q. Sobre as preocupações alimentares dos egípcios, cf. 43,32. r. Talvez o Javista utilize aqui o conto egípcio dos "dois ir-

mãos" (acusado falsamente pela cunhada depois de haver resistido às solicitações dela, o irmão mais moço só por milagre escapa ao furor do seu irmão mais velho). Este relato serve para introduzir a tradição do cativo de José na fortaleza, em companhia dos oficiais de Faraó. Talvez ele ainda evoque para o Javista o papel de certas mulheres de origem estrangeira (como as mulheres de Salomão) nas intrigas da corte, em contraste com a justiça de Tamar (38,26).

s. Cf. 39,6. José terá uma situação semelhante junto a Faraó (cf. 41,40 e 45,8).

t. O Javista coloca aqui o nome *Deus* e não o *Senhor* na boca dos interlocutores, sem dúvida porque o relato se passa no estrangeiro e porque os sábios egípcios falavam muitas vezes de Deus sem dar-lhe nome próprio nos seus escritos.

u. Sobre este termo, cf. 14,13. Ele retorna com frequência na história de José, pois os egípcios conheciam melhor os hebreus — muitos dos quais tinham sido feitos prisioneiros em Canaã — do que o grupo, mais restrito, dos israelitas.

go” —, ele se inflamou de cólera. ²⁰ Mandou prender José e trancafiá-lo na

fortaleza*, lugar de detenção para os prisioneiros do rei.

At 23-26

JOSÉ NA PRISÃO*

Enquanto lá se encontrava, na fortaleza, ²¹o SENHOR esteve com ele. Deu-lhe prova de amizade e lhe assegurou o favor do comandante da fortaleza. ²²Esse comandante entregou às mãos de José todos os prisioneiros da fortaleza; tudo o que ali se fazia, era ele que mandava fazê-lo. ²³O comandante da fortaleza não olhava nada daquilo que estava confiado a José, pois o SENHOR estava com ele; o que ele empreendia, o SENHOR o fazia ter êxito.

40 ¹Ora, depois desses acontecimentos, o copeiro-mor e o padeiro do rei do Egito* cometeram uma falta com relação a seu senhor, o rei do Egito.

²Faraó irritou-se contra dois de seus eunucos*, o copeiro-mor e o padeiro-mor, ³e os prendeu na casa do despenseiro-mor, na fortaleza, justamente o lugar em que José estava detido*. ⁴O despenseiro-mor confiou-os ao encargo de José, para que cuidasse deles.

Os sonhos dos oficiais*. Estavam presos desde certo tempo, ⁵quando ambos, o copeiro e o padeiro do rei do Egito, detidos na fortaleza*, tiveram na mesma noite um sonho. Cada um teve o seu próprio sonho com o seu próprio significado. ⁶De manhã, José veio a eles e os encontrou bem aflitos. ⁷Perguntou, pois, aos eunucos de Faraó que estavam presos com ele na casa de seu senhor: “Por

que estais com o semblante triste hoje?”

⁸“Tivemos um sonho”, responderam eles, ⁹“e não há ninguém capaz de interpretá-lo”. Então José lhes disse: “Não cabe a Deus interpretar? Contai-me como foi”.

¹⁰O copeiro-mor contou a José o sonho que tivera: “Sonhei que diante de mim estava uma vinha, ¹¹com três sarmentos na cepa. Ela deitou botões, sua flor se abriu e seus cachos deram uvas maduras. ¹²Eu tinha em mãos a taça de Faraó. Tomei os cachos, espremi-os em cima da taça de Faraó, que entreguei às mãos dele”.

¹³José lhe disse: “Eis a interpretação. Os três sarmentos representam três dias.

¹⁴Ainda três dias, e Faraó levantará novamente a tua cabeça*. Restabelecer-te-á no teu cargo e porás a taça nas mãos de Faraó segundo o estatuto de copeiro-mor que tinhas anteriormente. ¹⁵Mas se te lembrares de que estive contigo, quando fores bem-tratado, faze-me o favor de falar de mim a Faraó e de fazer-me sair desta casa. ¹⁶Com efeito, tiraram-me da terra dos hebreus e, mesmo aqui, não fiz nada para que me jogassem na masmorra”.

¹⁷Vendo que José dera uma interpretação favorável, o padeiro-mor lhe disse: “Eu também sonhei: três cestas de bolo estavam sobre a minha cabeça. ¹⁸Na cesta superior, havia de todas as iguarias que Faraó come, e os pássaros bicavam

v. A expressão é difícil de explicar; possivelmente ela derive a sua origem de um termo babilônico que significa “prisão”.

w. Os últimos vv. do cap. 39 são ainda “javistas”. O Senhor faz José ter êxito junto ao comandante, como havia feito junto ao egípcio. Depois o relato é “eloísta”.

x. Podem-se encontrar equivalências na administração egípcia; *aquele que degusta o vinho, aquele que cozinha os bolos*, funções de confiança, não necessariamente políticas.

y. Cf. 37,36 nota.

z. O fim do v. é redacional, identificando a casa do despenseiro-mor com a fortaleza, da qual não se falará mais depois do v. 5, nem mesmo no v. 15.

a. Houve os sonhos do jovem José, haverá os de Faraó (cf. nota a 37,2b; 41,1-7). “O sonhos anunciam o futuro, de dia como de noite”, dizia-se na *Sabedoria para Merikare*, obra egípcia do fim do 3º milênio.

b. Inciso harmonizante, cf. v. 3 nota.

c. Esta referência a Deus caracteriza a atitude do sábio José, no Eloísta.

d. A expressão tem um sentido favorável, mas em si o verbo pode significar *levantar* ou *tirar* e, com isto, terá uma significação totalmente diferente para o padeiro-mor.

e. Lit. *cisterna*, mesma palavra que em 37,22.29; também em 41,14 (onde a traduzimos por *masmorra*).

na cesta sobre a minha cabeça". ¹⁸José tomou a palavra e disse: "Eis a interpretação. As três cestas representam três dias. ¹⁹Mais três dias, e Faraó te levantará... a cabeça do corpo. Pendurar-te-á em uma árvore^f e os pássaros bicarão tua carne".

2Sm 21,10

²⁰Ora, no terceiro dia, que coincidia com o aniversário de Faraó^g, ele ofereceu um festim a todos os seus servos, e entre eles pôs em evidência^h o copeiro-mor e o padeiro-mor. ²¹Restabeleceu no seu cargo o copeiro-mor, que lhe punha a taça nas mãos, ²²e enforcou o padeiro-mor. Assim o havia interpretado José; ²³mas o copeiro-mor não falou de José e o esqueceu.

Mc 6,21

Ecl 9,15-18;
Lm 3,26

41 Os sonhos de Faraóⁱ. ¹Ora, ao cabo de dois anos, Faraó teve um sonho. Estava à beira do Nilo^j, ²e eis que do Nilo subiam sete vacas^k belas de aspecto e gordas de carne. Elas puseram-se a pastar nos juncos. ³Em seguida sete outras vacas subiram do Nilo depois delas, feias de aspecto e macérrimas. Elas ficaram de pé ao lado das primeiras à beira do Nilo, ⁴e as sete vacas de aspecto feio e macérrimas devoraram as sete vacas belas de aspecto e gordas. Então Faraó acordou.

ASCENSÃO DE JOSÉⁿ

José diante do Faraó. ¹⁴Faraó mandou chamar José, que foi às pressas tirado da

⁵Ele adormeceu novamente e sonhou uma segunda vez. Eis que sete espigas subiam de uma só haste, rechonchudas e apetitosas. ⁶Em seguida, depois delas, germinaram sete espigas finas e ressequidas pelo vento leste^l, ⁷e as espigas finas absorveram as sete espigas rechonchudas e cheias. Então Faraó acordou: era um sonho.

⁸De manhã, Faraó, com o espírito conturbado, mandou chamar todos os sacerdotes^m e todos os sábios do Egito. Contou-lhes os seus sonhos, mas ninguém conseguiu interpretá-los para Faraó. ⁹Foi então que o copeiro-mor se dirigiu a Faraó: "Devo hoje confessar a minha falta. ¹⁰Faraó se havia irritado contra seus servos e me havia prendido na casa do despenseiro-mor, eu junto com o padeiro-mor. ¹¹Tivemos um sonho na mesma noite, eu e ele, e cada sonho tinha a sua própria significação. ¹²Havia lá conosco um jovem hebreu, escravo do despenseiro-mor. Relatamos a ele os nossos sonhos. Ele os interpretou e deu a cada um a sua interpretação. ¹³Ora, sucedeu-nos exatamente como ele no-los havia interpretado: quanto a mim, fui restabelecido no meu cargo, e o outro, enforcaram-no".

Dn 2,1

Ex 7,11,22;
Dn 2,2; 5,7
Dn 2,27

40,1,23

Sl 105,2-21;

1Sm 2,8;

Pr 16,13;

At 7,10

Dn 2,25

f. Sobre este suplício, cf. Dt 21,22; 2Sm 4,12; 21,12.

g. Trata-se mais provavelmente do aniversário da coroação dele do que do aniversário de nascimento. Em algumas dessas festas, os oficiais entregavam as suas insígnias e, habitualmente, Faraó lhas restituía juntamente com as respectivas funções. No fim do 2º milênio existia no Egito também um período chamado de "repetição dos nascimentos".

h. Lit. *levantou a cabeça de*. O autor joga com os sentidos do verbo e da expressão (cf. vv. 13 e 19).

i. É como intérprete dos sonhos que José vai entrar na corte de Faraó. Trata-se de sonhos simbólicos, como os precedentes, como os de Guígamech na Babilônia, de Keshi entre os hititas, enfim os do justo sofredor babilônico. Eles são raros no Egito.

j. O Nilo e a sua inundação constituem a riqueza do Egito. Se a cheia é insuficiente, "os rios do Egito ficam a seco, a gente os atravessa a pé para procurar a água necessária aos navios para navegar. O leito deles tornou-se a margem... O vento do sul

expulsa o vento do norte", como se lamenta o profeta egípcio Neferti no início do 2º milênio.

k. Observe-se que a deusa Hator era representada sob a forma de uma vaca saindo dos juncos do Nilo para espalhar a fertilidade.

l. No Egito, o vento seco é o vento sul; ele é aqui substituído pelo terrível vento leste da Palestina.

m. Esses *sacerdotes* eram os "sacerdotes-leitores chefes" segundo a terminologia egípcia. São aqui os mais altos representantes da hierarquia. Os *sábios* são os altos funcionários, formados nas escolas de escribas. Essas duas categorias formam os clérigos da época, encarregados de responder às perguntas de Faraó.

n. Houve asiáticos elevados a altas funções, seja por ocasião do período de dominação dos estrangeiros denominados *hicsos* (1750-1580), seja no declínio da 19ª e 20ª dinastias (o usurpador Irsu). O relato é "eloísta".

o. Reis e nobres egípcios tinham barbas postiças, mas "todo queixo bem-educado tinha de ser escanhado" (J. Yoyotte).

a José: "Tive um sonho, e ninguém foi capaz de interpretá-lo. Mas ouvi dizer de ti que, após ouvir o relato dos sonhos, és capaz de interpretá-los". ¹⁶José respondeu assim a Faraó: "Mesmo sem mim, Deus saberia dar uma resposta salutar a Faraó"^p.

40,8;
Dn 2,11.28;
Mt 10,20;
2Cor 3,5

¹⁷Faraó disse então a José: "Eu estava sonhando e me via de pé à margem do Nilo. ¹⁸Eis que do Nilo subiam sete vacas boas de carne e belas de forma. Elas puseram-se a pastar nos juncos. ¹⁹Em seguida, sete outras vacas subiram depois delas, magras, bem feias de forma e raquíticas, tão feias como nunca vi em todo a terra do Egito. ²⁰As vacas raquíticas e feias devoraram as sete vacas gordas do início. ²¹Estas entraram no ventre daquelas, mas não se podia perceber que tivessem sido engolidas, a tal ponto o aspecto das magras permanecia tão feio quanto anteriormente. Então acordei, ²²mas para ver ainda em sonho sete espigas que subiam em uma só haste, rechonchudas e apetitosas. ²³Em seguida, depois delas, germinaram sete espigas endurecidas, finas e ressequidas pelo vento leste. ²⁴As espigas finas absorveram as sete espigas boas! Falei sobre isto com os sacerdotes, e ninguém foi capaz de esclarecer-me"^r.

Am 3,7;
Is 43,9.12;
44,7;
Dn 2,28;
Mc 13,23

²⁵José respondeu a Faraó: "O sonho de Faraó é um único sonho. Deus acaba de informar a Faraó sobre o que vai fazer. ²⁶As sete vacas boas representam sete anos, as sete espigas boas representam sete anos: trata-se de um só sonho. ²⁷As sete vacas raquíticas e feias que subiram

depois representam sete anos, assim como as espigas raquíticas e ressequidas pelo vento leste; serão sete anos de fome. ²⁸Esta é a palavra que eu tinha a dizer a Faraó. Deus revelou a Faraó o que vai fazer. ²⁹Sete anos de grande abundância vão vir em toda a terra do Egito. ³⁰Em seguida, depois deles, sobrevirão sete anos de fome^s, e se perderá a recordação de toda essa abundância na terra do Egito. A fome esgotará a terra ³¹e não se saberá mais o que é a abundância na terra por causa da fome que há de seguir, de tão dura que será. ³²Se o sonho ocorreu duas vezes^a a Faraó, é porque o assunto foi decidido por Deus e Deus vai apressar-se em realizá-lo.

2Rs 8,1

Is 46,10

³³E agora, Faraó descubra um homem inteligente e sábio^t para estabelecê-lo à testa da terra do Egito. ³⁴Que Faraó instale na terra comissários^u para cobrar a quinta parte da produção da terra do Egito durante os sete anos de abundância! ³⁵Eles coletarão todos os víveres desses sete anos bons que estão por vir e estocarão trigo sob a autoridade de Faraó como reservas de víveres nas cidades. ³⁶Será uma reserva para a terra com vistas aos sete anos de fome que sobrevirão à terra do Egito: assim a fome não despovoará a terra^v.

Dt 1,13;
At 6,3

José no poder. ³⁷Esta proposta agradou a Faraó e a todos os seus servidores. ³⁸Faraó disse-lhes: "Acharemos nós um homem no qual esteja como em José, o Espírito de Deus?"^w ³⁹E Faraó disse a José: "Uma vez que Deus te instruiu sobre tudo

At 7,10

Dn gr. 13,45

p. É na Mesopotâmia que a interpretação dos sonhos podia ser feita pelos deuses. Em face do Egito, o Elioísta lembra esta doutrina asiática, mas a interpreta em função da piedade de José. Cf. 40,8 nota.

q. Estas longas repetições, já encontradas no cap. 24, encontram-se também nos textos fenícios antigos (Ugarit), sobretudo quando se trata de sonhos, p. ex., a lenda do rei Keret.

r. Fomes de sete anos são conhecidas nas literaturas cuneiforme, fenícia e egípcia tardias.

s. Os números têm sua própria função nos presságios mesopotâmicos.

t. Essas qualidades são as dos assistentes de Moisés em Dt 1,13, de Salomão em 1Rs 3,12 e do rebento de Jessé em Is

11,2. Dadas pelo Espírito de Deus (v. 38, cf. Is 11,2-5), possibilitam ao homem de Estado responder às necessidades do seu povo.

u. Este v. tem uma perspectiva diversa do precedente: deixa entrever não mais a dominação de um homem, mas a de *comissários* cobrando no país um quinto da produção (cf. 47,24). Esses comissários ou prefeitos existiam em Canaã (Jz 9,28). No v. 48, José é quem realizará o programa *estabelecido* para os comissários, segundo os vv. 34-35.

v. Versículo importante para a doutrina do Espírito de Deus. Este, conferido aos reis quando da sua unção para dar-lhes a força de salvar o país (1Sm 10,6; 11,6; 16,13), é aqui comunicado a um sábio ministro (cf. também Dn 4,15; 5,11-14).

isso, não há ninguém que possa ser tão inteligente e tão sábio quanto tu. ⁴⁰Meu mordomo serás tu". Todo o meu povo submeter-se-á às tuas ordens e só pelo trono serei superior a ti". ⁴¹Faraó disse a José: "Vê: eu te constituo sobre toda a terra do Egito". ⁴²Retirou de sua mão o anel^a, que passou à mão de José; vestiu-o com roupas de linho e lhe pendurou ao pescoço o colar de ouro. ⁴³Depois fê-lo subir em seu segundo carro e diante dele proclamar: "Atenção!"

Faraó o constituiu, portanto, sobre toda a terra do Egito ⁴⁴e disse a José: "Eu-sou Faraó. Mas sem ti, ninguém levantará o dedo mínimo^c em toda a terra do Egito". ⁴⁵Em seguida, Faraó deu a José o nome de Šafnat-Panêah^a e lhe deu por mulher ^{46,20}Asenat^b, filha de Pôti-Fera^c, sacerdote de On. José partiu a inspecionar a terra do Egito.

⁴⁶José tinha trinta anos quando se apresentou na presença de Faraó, rei do Egito. Despediu-se dele para percorrer toda a terra do Egito^d.

⁴⁷Durante os sete anos de abundância, a terra produziu com fartura. ⁴⁸José coletou todos os víveres durante os sete anos que se sucederam na terra do Egito e os estocou nas cidades; estocou nos centros urbanos os víveres produzidos nos cam-

pos circunvizinhos. ⁴⁹Em seguida José acumulou trigo em quantidades enormes como a areia do mar, a ponto de ter de cessar de fazer a conta, pois não era mais mensurável.

⁵⁰Antes do ano em que sobreveio a fome, nasceram a José dois filhos^e, gerados para ele por Asenat, filha de Pôti-Fera, sacerdote de On. ⁵¹Ao primogênito ⁴⁸deu o nome de Manassés, pois, disse ele: "Deus pôs no meu crédito^f todas as minhas agruras e toda a casa de meu pai". ⁵²Ao mais moço deu o nome de Efraim^g pois, disse ele: "Deus me tornou fecundo na terra da minha aflição".

⁵³Os sete anos de abundância na terra do Egito chegaram ao fim, ⁵⁴e começaram a vir os sete anos de fome, conforme José o havia predito. A fome grassava em todos os países, mas em toda a terra do Egito havia pão.

⁵⁵Quando toda a terra do Egito sentiu fome, e o povo reclamou em altos gritos pão a Faraó, ele respondeu a todos os egípcios: "Ide procurar José, fazei o que ^{Jo 2,5}ele vos disser". ⁵⁶A fome grassava em toda a superfície da terra^h.

José abriu todos os depósitos estocados na cidade para vender grãos aos egípcios. A fome tornou-se rigorosa na terra do Egito.

PRIMEIRA DESCIDA DOS IRMÃOS DE JOSÉ

Jacó envia seus filhos ao Egitoⁱ. ⁵⁷O mundo inteiro vinha ao Egito para com-

prar cereais de José, pois a fome era rigorosa em toda a terra.

Sl 105,16;
At 7,11-12

w. Cf. 39,4 nota.

x. O *anel* (hebr. *tabbat* ut, derivado do egípcio *dtb*) é o selo do rei, que por vezes era transmitido quando da investidura de funcionários; assim Ramsés II declarou a Nebunef: "Tu serás sumo sacerdote de Amon. Seu celeiro e seus tesouros estão sob o teu selo". A doação de *roupas* e o *colar de ouro* eram antes recompensas por serviços prestados; mas o vizir tinha uma túnica de corte peculiar e o porte da roupa tinha valor simbólico, assim como o uniforme hoje em dia.

y. Tradução incerta; lit. *coração para ti* em egípcio (*'ib-r-k*). Outras traduções possíveis: de *joelhos*, ou então, o *superintendente* (sem. *abaraku*).

z. Lit. *mão ou pé*; expressão excepcional na Bíblia, que significa *não fará nada*.

a. Este nome contém o elemento egípcio significando a *vida*, mas hesita-se sobre o sentido do primeiro termo.

b. Lit. *a da deusa Neit*, honrada em Saís no Delta.

c. Mesmo sentido que Potifar, mas com ortografia diferente. On é o célebre santuário de Heliópolis, perto do Cairo.

d. Versículo de colorido "sacerdotal".

e. Eles estarão presentes quando Jacó vier, os abençoar e os adotar (cap. 48).

f. *Creditou* ou *fez esquecer*. Manassés pode ser explicado por um destes dois verbos; a tradução escolhida explica melhor como este nascimento é uma compensação pelas provações de José. Ver-se-á que ele não esqueceu nada. Além disso, José se tornará o verdadeiro chefe de família do seu pai (Gn 50,18-21).

g. *Efraim* é explicado por um verbo que quer dizer "frutificar".

h. Os vv. 54-56 combinam as diversas tradições de modo desorganizado. Era de se esperar a seguinte sequência: menção à fome (3 vezes nos vv. 54 e 56), abertura dos depósitos (v. 56), abundância de pão (v. 54).

i. A passagem é "eloísta", com alguns elementos "javistas".

42 ¹Vendo que havia cereais no Egito, Jacó disse a seus filhos: “Por que ficardes a olhar para um o outro?” ²Ele exclamou: “Ouvi dizer que havia cereais no Egito. Descei para lá e comprai ali cereais para que fiquemos em vida e não morramos”. ³Dez dos irmãos de José desceram^a para comprar cereais do Egito, ⁴mas a Benjamin, o irmão de José, Jacó não o enviou com seus irmãos, pois dizia: “Não deve acontecer dano a ele”.

⁵Como faziam outros, os filhos de Israel vieram comprar cereais, pois a fome grassava na terra de Canaã.

Primeiro encontro entre José e seus irmãos. ⁶José era o potentado da terra e vendia cereais a toda a população. Os irmãos de José chegaram e se prostraram diante dele, rosto em terra. ⁷José viu seus irmãos e os reconheceu, mas lhes escondeu a sua identidade e falou duramente com eles: “Donde vindes?”, disse-lhes. “Da terra de Canaã”, responderam eles, “para comprar víveres”.

⁸José reconheceu seus irmãos, mas eles não o reconheceram. ⁹Então José lembrou-se dos sonhos^m que havia tido acerca deles e lhes disse: “Sois espiões e viestes para detectar os pontos fracos da terra”. ¹⁰“Não, meu senhor”, responderam eles, “teus servos vieram para comprar víveres. ¹¹Todos nós somos filhos do mesmo homem, somos dignos de

confiança, teus servos não são espiões”. ¹²“Não!”, replicou-lhes ele. “Viestes para detectar os pontos fracos desta terra”.

¹³Eles retrucaram: “Nós, teus servos, éramos doze irmãos, filhos de um mesmo homem na terra de Canaã. O mais jovem está hoje com nosso pai e um de nós não vive mais”. ¹⁴“É como já vos disse: sois espiões”, exclamou José. ¹⁵“Eis aqui a prova pela qual ides passar: pela vida de Faraó”, não saireis daqui sem vosso irmão mais jovem vir para cá. ¹⁶Mandai um dentre vós apanhar vosso irmão. Quanto a vós, ficareis presos^o, e as vossas afirmações serão testadas: a verdade estaria convosco? Do contrário, pela vida de Faraó, sois verdadeiramente espiões!”

¹⁷Ele os prendeu a todos durante três dias^p. ¹⁸No terceiro dia, José disse-lhes: “Eis o que ides fazer para permanecerdes vivos. Quanto a mim, temo a Deus”. ¹⁹Seríeis vós dignos de fé? Que um dos vossos irmãos fique preso na casa em que estais encarcerados. Vós outros, ide levar cereais às vossas casas golpeadas pela fome. ²⁰Depois, trazei-me vosso irmão mais jovem. Então vossas afirmações serão confirmadas, e não morrereis”. Foi o que eles fizeram.

²¹Eles disseram entre si: “Infelizmente! Tornamo-nos culpados para com nosso irmão quando vimos a sua própria aflição. Ele nos pedia clemência^a e não o

37,30

20,11;
Pr 15,3337,18-27;
Nm 32,23

j. Expressão da linguagem falada para evocar palavrório ineficaz. As versões compreenderam ou: *Por que tardais?* ou: *Que temeis?* Jacó toma aqui a iniciativa da viagem ao Egito.

k. Tais descidas de grupos semíticos esfomeados para o Egito são assinaladas não somente pela Bíblia, mas pelos próprios textos egípcios. Embora benévola, a administração egípcia nem por isso deixava de exercer seu controle sobre esses grupos.

l. As narrações “javista” e “eloísta” foram intimamente fundidas e são difíceis de separar.

m. Estes sonhos (37,5-9) anunciavam a humilhação dos irmãos de José diante dele. Só o segundo sonho evocava a humilhação de José diante dele. Só o segundo sonho evocava a humilhação de José diante dele. Só o segundo sonho evocava a humilhação de José diante dele.

n. Fórmula egípcia de juramento.

o. Esta proposta faz crer que, no relato “javista”, um só irmão iria procurar Benjamin enquanto os demais ficariam prisioneiros, da mesma forma que um só irmão no v. 27 descobrirá que haviam devolvido o dinheiro a seu saco. Mas a redação final

harmonizou a narrativa em função da tradição “eloísta”, para a qual só Simeão ficava em cativeiro esperando o retorno de seus irmãos.

p. Como ele mesmo havia estado ali com o copeiro-mor e o padeiro-mor em 40,3.4.7. Retoma-se aqui a narrativa “eloísta” recomeça, continuação dos vv. 10 ou 11.

q. José os faz compreender que a vida deles está em perigo, da mesma forma que a sua havia estado em perigo por causa deles — o que Rúben lhes vai censurar. Mas José teme a Deus e sua justiça e não derrama o sangue inocente. O Eloísta sublinha este aspecto religioso das qualidades morais de um bom ministro, que não era ignorado pelos sábios egípcios. A justiça de José é generosa, pois pensa nas famílias esfomeadas.

r. Retomada da narração “javista”. Os irmãos são prisioneiros (cf. v. 16) e falam diante de José (v. 23), ao passo que no relato “eloísta” eles partem imediatamente (fim do v. 20) e é no caminho que Rúben lhes dá a lição (v. 22).

s. Este detalhe não foi conservado na narração do cap. 37.

Pr 12,14; escutam. Eis por que esta aflição nos
21,13 atinge”.

²²Rúben dirigiu-se a eles: “Por acaso eu não vos havia dito: ‘Não façais nenhum mal a este menino’? Mas não me ouvistes. Agora pede-se conta do sangue dele”.

²³Não sabiam que José estava entendendo, pois o intérprete servia de interme-diário. ^{43,30}²⁴Então José afastou-se deles para chorar, e em seguida voltou a eles e lhes falou”.

Retorno a Canaã. Ele tomou entre eles Simeão” e o fez amarrar sob os olhos deles. ²⁵Em seguida José deu ordem de encher de trigo as bagagens deles, de devolver o dinheiro de cada um ao respectivo saco e de dar-lhes provisões para a viagem. Assim agiu para com eles.

²⁶Carregaram seus cereais em seus jumentos e partiram. ²⁷Na parada, um deles abriu seu saco para dar forragem a seu jumento e viu o seu dinheiro! Eis que ele estava na boca do saco de trigo! ²⁸“Restituíram-me o meu dinheiro”, disse ele a seus irmãos. “Ei-lo aqui no meu saco de trigo!” Desfaleceu-lhes o coração e, terrificados, disseram entre si: “Que é que Deus nos fez?”

²⁹Eles chegaram à casa de seu pai Jacó na terra de Canaã e o informaram acerca de tudo o que lhes havia sucedido. ³⁰“O homem que é dono da terra”, disseram eles, “nos falou com dureza. Tratou-nos

como se estivéssemos espionando sua terra. ³¹Nós lhe respondemos: ‘Somos gente digna de fé e não espíões. ³²Éramos doze irmãos, filhos do nosso pai; um de nós já não vive, e o mais jovem está hoje com nosso pai na terra de Canaã’. ³³Este homem, o dono da terra, disse-nos então: ‘Eis como saberei se sois dignos de fé: deixai comigo um de vossos irmãos, tomai o que precisais para vossas casas golpeadas pela fome e parti. ³⁴Trazei-me então o vosso irmão mais moço, assim saberei que não sois espíões, mas gente digna de fé. Eu vos restituirei vosso outro irmão e podereis fazer vossos negócios no país’”.

³⁵Puseram-se a esvaziar seus sacos; em cada saco, encontrava-se uma bolsa com o dinheiro de cada um. Quando viram, eles e seu pai, as bolsas com seu dinheiro, tiveram medo”.

³⁶Seu pai, Jacó lhes disse: “Quereis privar-me dos meus filhos! Não há mais José, não há mais Simeão, e Benjamin, vós mo tomais! Tudo está contra mim”.

³⁷Rúben disse então a seu pai: “Poderás ^{43,9}fazer morrer meus dois filhos se eu não to reconduzir de volta. Considera-me como responsável por ele, e eu to reconduzirei”. ³⁸“Meu filho não descera ^{42,4}convosco”, replicou ele. “Seu irmão morreu, só me resta este. Se lhe acontecesse dano no caminho pelo qual ides partir, faríeis descer em aflição à morada dos mortos minha cabeça encanecida”.

1. Sobre a intervenção de Rúben, cf. 37,21 nota. Não havendo reencontrado José dentro da cisterna, seus irmãos o haviam acreditado morto, e a lei do talião exige agora vingança. No relato “javista”, eles o haviam vendido e por sua vez perdem a liberdade.

u. Gostaríamos de saber o que lhes disse. Mas o relato “javista” é aqui interrompido. As palavras eram provavelmente duras e explicariam o espanto do v. 28. Mas cf. v. 28 nota.

v. Passagem em grande parte “eloísta”.

w. Este v. não encaixa bem depois de 20b, segundo o qual os irmãos já obedeceram e deixaram José. Foi provavelmente a redação final que o deslocou. Como o irmão mais velho, Rúben, deve dirigir o grupo, a penhora recai sobre o segundo.

x. Podemos explicar o terror pânico que invade os irmãos perturbados pelas declarações de José e de Rúben. Lembrem-

-se da sua ação vil e pressentem a intervenção divina naquilo que lhes está sucedendo. Depois de terem sido tratados como espíões, seriam acusados de roubo? A segunda metade do v., formulada no plural, entender-se-ia melhor no v. 35, quando todos descobrem o seu dinheiro. Pode haver nisso uma harmonização do redator final, que se encontrava diante de duas tradições: uma, em que só um havia reencontrado seu dinheiro na primeira etapa, e outra, em que todos o reencontravam, mas no fim da viagem.

y. Este medo, ou temor de Deus, é menos violento que o terror do v. 28.

z. Jacó já havia pronunciado frase semelhante ao ver a túnica de José manchada de sangue (37,35). A fibra paterna de Jacó vibra tanto quanto a de Davi (2Sm 19,1), mas todos são obrigados a inclinar-se diante da dura realidade.

SEGUNDA VIAGEM AO EGITO

- 41.57 **43** Jacó aceita a partida de Benjamin*. ¹A fome continuava a pesar sobre a terra. ²Quando eles acabaram de consumir os cereais trazidos do Egito, seu pai lhes disse: "Voltai para comprar víveres". ³Judá respondeu-lhe: "O homem nos estipulou expressamente: 'Não sereis admitidos à minha presença' se vosso irmão não vier convosco". ⁴Se decides enviar conosco nosso irmão, descenderemos para comprar víveres; ⁵mas se não o enviareis, não descenderemos, já que o homem nos disse: "Não sereis admitidos à minha presença se vosso irmão não estiver convosco".
- 42.15-20 ⁶Israel replicou: "Por que me fizeste mal, informando a esse homem que tínheis mais um irmão?" ⁷Eles responderam: "O homem nos crivou de perguntas a respeito de nós e da nossa família: 'Vosso pai ainda vive?', dizia ele. 'Tendes um irmão?' Tínhamos de informá-lo sobre estes pontos. Tínhamos condição de saber que ele nos diria: 'Fazei descer para cá o vosso irmão?'". ⁸Judá disse então a seu pai Israel: "Deixa o menino ir comigo. Vamos! Partamos, para que
- 42.2 fiquemos em vida e não morramos, nós, tu mesmo e até os nossos filhos. ⁹Eu pessoalmente dou garantia, e poderás tomar satisfação se eu não to reconduzir; se eu não o devolver à tua presença, carregarei todos os dias a culpa disto diante de ti. ¹⁰Se não tivéssemos tardado tanto, já estaríamos de volta pela segunda vez".
- 42.37 ¹¹O pai deles, Israel, exclamou: "Se assim é, fazei-o. Apanhai, para levá-los nas vossas bagagens, produtos da terra para oferecê-los a esse homem: um pouco de
- resina, um pouco de mel, goma adraganta ^{37.25} e ládano, pistácio e amêndoas". ¹²Levai convosco uma segunda soma de dinheiro, levando de volta convosco o dinheiro depositado na boca dos vossos sacos de trigo; talvez tenha sido um engano. ¹³Tomai vosso irmão e parti, voltai a esse homem. ¹⁴Que o Deus Poderoso^d comova esse homem a vosso favor, que deixe vir embora vosso outro irmão, e Benjamin! ^{42.38} Quanto a mim, vou ficar privado de filho como se nunca tivesse tido nenhum".

Segundo encontro de José e seus irmãos: a refeição. ¹⁵Os homens levaram o presente, tomaram consigo a segunda soma de dinheiro e Benjamin. Partiram, desceram para o Egito e se apresentaram a José. ¹⁶Vendo Benjamin com eles, José disse a seu mordomo: "Trazes esses homens à minha casa, mata um animal e prepara-o, pois esses homens comerão comigo ao meio-dia". ¹⁷O homem executou o que dissera José e introduziu os homens na casa de José.

¹⁸Eles se assustaram por serem introduzidos na casa de José. "É por causa do dinheiro devolvido a nossos sacos de trigo quando da viagem precedente", exclamaram. "Levamos embora com os nossos jumentos^f para maltratar-nos, para cair-nos em cima e nos tratar como escravos". ¹⁹Aproximaram-se do mordomo de José e dirigiram-se a ele na entrada da casa: ²⁰"Ah, meu senhor", disseram. "Numa viagem anterior descemos para comprar víveres. ²¹Ora, quando chegamos à parada e abrimos os nossos sacos de ^{42.27-28}

a. Reencontramos aqui o relato "javista" com o seu colorido, sua vivacidade, seu estilo patético e sua psicologia. É Judá, e não mais Ruben, que intervém e dirige a discussão. Não há quase preocupação com a sorte de Simeão, e a acusação de espionagem é completamente esquecida. O ponto importante é ver José para poder comprar víveres. Talvez o relato "javista" primitivo trouxesse à cena exclusivamente a Judá (cf. 8-9) e possivelmente o texto atual se deva a uma harmonização levando em conta a tradição "eloísta" acerca do retorno de todos os irmãos exceto Simeão.

b. Lit. *não vereis a minha face*.

c. Seria que esses produtos, cujo odor o jovem José havia po-

dido respirar na caravana ismaelita (37.25) que o levava prisioneiro, evocam para ele o solo familiar? Cf. 27.27.

d. O Deus Poderoso (= *El Shadai*, cf. 17.1), nome dado pela tradição "sacerdotal" ao Deus dos patriarcas. Possivelmente este v. pertença a esta tradição, preocupada em não deixar crer que a sorte de Simeão era indiferente para seu pai.

e. Estas refeições familiares tinham uma grande importância na vida da corte (1Sm 20.24-27), mas podiam preparar alguma traição (2Sm 13.23-29).

f. Montaria privilegiada: antes da introdução do cavalo por volta de 1500, o jumento era uma riqueza.

trigo, o dinheiro de cada um se encontrava perto da boca de seu saco. Eis o dinheiro de cada um, bem-pesado, que trazemos de volta conosco. ²²Descemos trazendo conosco uma outra soma para a compra dos víveres. Não sabemos quem devolveu o nosso dinheiro aos nossos sacos de trigo". ²³"Ficai tranquilos e não tamedis", respondeu ele. "É o vosso Deus, o Deus de vosso pai, que depositou um tesouro nos vossos sacos. Eu tinha recebido o vosso dinheiro". Em seguida ele lhes soltou Simeão.

²⁴O homem introduziu-os na casa de José. Trouxe-lhes água para lavaram-se

os pés e deu forragem aos jumentos deles. ²⁵Eles prepararam o presente, espe-

rando a chegada de José, ao meio-dia; com efeito, haviam entendido que tomariam ali a sua refeição.

²⁶Quando José voltou para casa, apresentaram-lhe o presente que tinham consigo na casa e se prostraram diante dele até o chão. ²⁷Ele lhes perguntou como iam; em seguida disse: "Como vai vosso velho pai do qual me havíeis falado? Ainda vive?" ²⁸"Teu servo, nosso pai, vai bem", responderam eles; "ainda vive".

Eles se inclinaram e se prostraram. ²⁹Levantando os olhos, José viu Benjamin, seu irmão, o filho de sua mãe. "É este", disse ele, "o vosso irmão mais jovem do qual me falastes?" Em seguida disse:

"Deus te dê a graça, meu filho". ³⁰Emocionado até as entranhas à vista de seu irmão, apressou-se em procurar um lugar reservado para chorar. Dirigiu-se a seus aposentos. Ali chorou.

³¹Lavou o rosto e saiu de novo. Depois de se recompor, disse: "Servi a refeição".

³²Serviram-lhe a ele à parte, e a eles também. Os egípcios comiam com ele, à parte, pois aos egípcios não é lícito comer com os hebreus^h. Para eles isto seria uma abominação. ³³Os hebreus sentaram-se diante dele, o primogênito segundo seu direito de primogenitura e o mais moço segundo a sua idade jovem, olhando uns para os outros com espanto. ³⁴Ele mandou trazer-lhes pratos que tinha diante de si, mas o prato de Benjamin foi cinco vezes mais abundante que o de todos os demaisⁱ.

Com ele beberam à saciedade.

44 O retorno interrompido! ¹José deu ordens ao seu mordomo: "Enche de víveres os sacos de trigo desses homens, disse ele, tanto quanto possam comportar, e coloca o dinheiro de cada um perto da boca do saco. ²Perto da boca do saco de trigo do mais jovem, porás a minha taça de prata, assim como o preço do seu ce-real". Ele executou o que lhe dissera José.

³Quando despontou a manhã, deixaram-nos partir, eles e seus jumentos. ⁴Tinham deixado a cidade e ainda não se tinham afastado, quando José disse a seu mordomo: "Vamos! Corre atrás dessa gente, alcança-os e dize-lhes: 'Por que pagastes o bem com o mal?' ⁵Não há aqui o que serve o meu senhor para beber e para praticar a adivinhação? ⁶O que fizestes é mau".

⁷Quando despontou a manhã, deixaram-nos partir, eles e seus jumentos. ⁸Tinham deixado a cidade e ainda não se tinham afastado, quando José disse a seu mordomo: "Vamos! Corre atrás dessa gente, alcança-os e dize-lhes: 'Por que pagastes o bem com o mal?' ⁹Não há aqui o que serve o meu senhor para beber e para praticar a adivinhação? ¹⁰O que fizestes é mau".

¹¹O mordomo alcançou-os e repetiu-lhes essas palavras. ¹²Eles lhe responderam:

g. O *deus do pai* era invocado nos contratos e tratados (31.53). As refeições podiam também marcar a conclusão de um pacto (31.46.54). Em geral, o vassalo trazia um presente ao suserano quando se apresentava diante dele.

h. O autor conhece os tabus alimentares egípcios. Mas esta anotação tem um alcance que vai mais longe. Os egípcios não participam desta refeição de paz (como a parentela de Jacó havia participado da de Laban e de Jacó: 31.54) e portanto não estão ligados à casa de José; isto se perceberá depois da morte de José.

i. Benjamin recebe uma parte régia como a que será oferecida por Samuel a Saul antes da unção (1Sm 9.23-24). A homenagem de José a Benjamin pode evocar a do poderoso Efraim à realza benjaminita de Saul.

j. Também aqui, o Javista põe em destaque a destreza de

José, não sem uma indireta contra a habilidade dos sábios do Egito (cf. Is 19.11), a qual se havia infiltrado na corte de Jerusalém e que ele atacará no seu quadro das pragas do Egito (Ex 7-12). José encontra um método elegante para manter perto de si Benjamin deixando os irmãos partirem. Mas a solidariedade dos filhos de Israel será mais forte que o laço do sangue que unia José a Benjamin através de Raquel, a mãe comum dos dois.

k. Outra tradução: *e a respeito do que ele ia certamente praticar a adivinhação*. Este tipo de adivinhação (cf. v. 15), chamado "lecanomania", consistia em colocar uma gota de óleo sobre uma taça de água e em observar as formas que ela assumia. Esta prática parece antes de origem asiática, pois a magia egípcia era de outro tipo antes do período grego.

“Como pode o meu senhor dizer tal coisa? Teus servidores estão longe de cometer tais ações! ⁸O dinheiro que encontramos perto da boca dos nossos sacos de trigo, não to trouxemos de volta da terra de Canaã? Como poderíamos roubar prata ou ouro da casa de teu senhor? ⁹Que morra aquele dos teus servos com o qual porventura se achar o objeto! E nós seremos os escravos do meu senhor”.

¹⁰“Pois bem”, disse ele, “que seja como dizeis. Aquele com o qual se achar o objeto ^{Ex 20,15} se tornará meu escravo e vós estareis livres”. ^{22,8}“Rapidamente, depuseram seus sacos no chão, cada um o seu, e o abriram. ¹²O mordomo começou a revista pelo maior, terminou com o menor e a taça se encontrou no saco de Benjamin. ¹³Eles rasgaram as suas vestes, cada um recarregou seu jumento e voltaram à cidade.

^{Pr 21,30} **Novo diálogo: José se trai^m.** ¹⁴Judá e seus irmãos chegaram à casa de José. José ainda estava lá, eles caíram por terra diante dele. ¹⁵“Que ato cometestes!”, disse-lhe ele. “Não sabeis que um homem como eu pratica a adivinhação?” ¹⁶Judá respondeu: “Que poderíamos dizer ao meu senhor? Que palavras pronunciar? Que justificações apresentar? Foi Deus quem pôs a nu a falta dos teus servos”. Eis-nos aqui os escravos do meu senhor, nós e aquele com o qual se achou a taça”. ¹⁷“Longe de mim agir assim”, respondeu ele. “O homem com o qual se achou a taça será meu escravo; quanto a vós, subi sãos e salvos para a casa de vosso pai”.

¹⁸Judá aproximou-se dele e exclamou: “Ah, meu senhor! Permite a teu servo fazer ouvir uma palavra a meu senhor

sem que se irrite contra ele! Qual Faraó, tal és tu. ¹⁹Foi o meu senhor que perguntou a teus servos e lhes disse: ‘Tendes um pai e um irmão?’ ²⁰Respondemos ao meu senhor: ‘Temos um velho pai, e o menino que ele teve na sua velhice é bem jovem. O irmão dele morreu, ele ficou sendo o único de sua mãe, e seu pai o ama muito’. ²¹Então disseste a teus servos: ‘Trazei-mo, quero cuidar dele’. ²²Nós respondemos ao meu senhor: ‘Este menino não pode deixar seu pai, que morrerá se o menino o deixar’. ²³Então tu disseste a teus servos: ‘Se vosso irmão mais moço não descer convosco, ^{43,5} nunca mais sereis admitidos à minha presença’.

²⁴“Ora, quando subimos novamente a meu pai, teu servo, informamo-lo acerca das palavras do meu senhor. ²⁵Nosso pai disse: ‘Voltai para comprar-nos víveres’. ²⁶‘Não podemos descer’, respondemos-lhe. ‘Se o nosso irmão mais moço estiver conosco, descereis; pois não sereis admitidos à presença do homem, se nosso irmão mais moço não estiver conosco.’ ²⁷Meu pai, teu servo, nos disse então: ‘Sabeis que minha mulher’ só me deu dois filhos. ²⁸Um me deixou, e eu disse: ele com certeza foi despedaçado. ^{37,33} E nunca mais o revi. ²⁹E quereis levar-me embora mais este! Se lhe acontecesse dano, faríeis descer miseravelmente à morada dos mortos minha cabeça encaçada’.

³⁰“Se eu chegar agora à casa de meu pai, teu servo, sem que este menino esteja conosco, sua vida está de tal modo ligada à dele ³¹que morrerá, tão logo tiver constatado a sua ausência. Teus ser-

1. À acusação de José, os irmãos respondem protestando a lealdade deles.

m. O parágrafo é “javista”. Judá, por sua vez, inverte a situação mediante um belo discurso fortemente arquitetado, no qual o desinteresse rivaliza com o sentimento familiar.

n. Cf. v. 5, nota. José sugere que a ação dos irmãos era não somente culpável, mas tola.

o. Judá não confessa um crime que ele e seus irmãos não cometeram; ele não se situa no plano moral, invoca o fato de que Deus pôs em evidência a culpabilidade deles. Segundo este ponto de vista religioso, o ser humano se defronta com forças que não

controla, tem de reconhecer a sua fraqueza — que Deus torna manifesta. Ele não pode ir além disso.

p. José assume os reflexos humanitários dos sábios egípcios, mas os põe a serviço de certa habilidade.

q. Para protegê-lo, cf. Jr 39,12; 40,4.

r. Judá identifica-se com seu pai, que só pensa em Raquel, sua mulher preferida, e nós filhos dela; quase esquece que a sua própria mãe, Leá, também foi mulher de Jacó. Graças a Judá, Benjamin não será o único a beneficiar-se do poder de José; ficando perto dele na terra do Egito com as suas reservas, os onze outros serão fixados em uma boa província (47,11).

vos terão feito descer à morada dos mortos, na aflição, a cabeça encanecida de nosso pai, teu servo. ³²Fica sabendo que teu servo assumiu a garantia do menino diante de seu pai: 'Se eu não o reconduzir', disse eu, 'carregarei todos os dias a culpa disto perante meu pai'. ³³Deixa agora teu servo permanecer escravo do meu senhor em lugar do menino! Que este volte a subir com meus irmãos! ³⁴Com efeito, como poderia eu subir novamente a meu pai se este menino não estiver comigo? Que eu não veja a desgraça que golpearia meu pai!"

45 ¹José não conseguiu dominar-se diante de todos os que ali estavam perto dele. "Fazei sair todos os meus servos", exclamou ele. Ninguém estava presente quando ele se deu a reconhecer a seus irmãos. ²Ele soluçou tão forte que os egípcios o ouviram, mesmo a casa de Faraó.

Reconhecido por seus irmãos, José faz vir seu pai. ³"Eu sou José", disse ele a seus irmãos. "Meu pai ainda vive?" Mas seus irmãos não conseguiram responder-lhe, de tanto que tremiam diante dele.

⁴José disse a seus irmãos: "Chegai perto de mim". Eles se aproximaram. "Eu sou José, vosso irmão", disse ele, "eu, que vos vendestes no Egito". ⁵Mas não vos aflijais agora e não vos atormenteis

por me terdes vendido para cá, pois foi Deus quem me enviou antes de vós para conservar-vos a vida. ⁶Com efeito, é o segundo ano em que a fome grassa no meio da terra, e durante mais cinco anos não haverá nem amanhã nem colheitas. ⁷Deus enviou-me adiante de vós para constituir-vos reservas de alimento na terra, para possibilitar a muitos de vós escaparem. ⁸Portanto, não fostes vós que me enviastes aqui, mas Deus. Ele me promoveu a Pai^a de Faraó, senhor de toda a sua casa^a e regente^b de toda a terra do Egito. ⁹"Apressai-vos em subir novamente para meu pai para dizer-lhe: 'Assim fala José, teu filho: Deus promoveu-me senhor de todo o Egito, desce a mim sem demora. ¹⁰Tu habitarás na terra de Gôshen^c e estarás perto de mim, tu, teus filhos e teus netos, teu rebanho de ovelhas e bois e tudo o que te pertence. ¹¹É lá que proveirei à tua subsistência^d, para que não sejas privado de recursos, tu, tua casa e todos os teus, pois haverá ainda cinco anos de fome".

¹²Vós vedes com os vossos próprios olhos, e meu irmão Benjamin vê com os seus, que vos falo com a minha própria boca. ¹³Notificai a meu pai toda a importância que tenho no Egito e tudo o que pudesdes ver aqui; apressai-vos em fazer meu pai descer para cá".

Ex 32,32;
Est 8,6;
Rm 5,7-8;
9,3

At 7,13

50,15

37,28;
Sl 105,17

50,20;
Rm 8,28

41,42-43

46,28;
47,1-6;
50,8;
Ex 8,18;
9,26

At 7,14

s. Cf. 43,9.

t. José é vencido pela atitude de Judá, mas nenhum estrangeiro assistirá ao reencontro que selará a reconciliação dos irmãos.

u. Versículo redacional, que leva em conta a tradição segundo a qual o próprio Faraó e não José (46,31-34) toma a iniciativa de fazer vir Jacó (cf. 45,16-21).

v. A redação final do cap. foi bastante laboriosa, pois era preciso levar em conta duas tradições de igual importância. Segundo uma, José instalou sua família em terras de Gôshen, longe dos egípcios; para outra, provavelmente mais antiga, Faraó instalou a família no próprio Egito, dando-lhes as melhores coisas.

w. Segundo a outra tradição (44,31-34), esta questão de José já havia sido respondida no discurso de Judá.

x. O relato toma aqui um colorido "javista": (a) pela segunda vez, José se apresenta; (b) ele relembra ter sido vendido pelos irmãos (37,27).

y. Lit. *para estabelecer para vós um resto na terra*.

z. O relato retoma aqui um título egípcio, mas mudando-lhe o sentido. O "Pai do deus (Faraó)" no Egito era o sogro do rei ou o educador do futuro rei; em Israel, o "Pai" era o título de um rei ou de um ministro (Is 9,5; 22,21). O Deus de Israel — e não

Faraó — é aquele que deu a José a sua dignidade, a ponto de alimentá-lo até o soberano egípcio.

a. Ligeira transformação do título de mordomo, encarregado do domínio real (cf. 39,4 nota).

b. Expressão (correspondente mais ou menos ao egípcio *nb tawj*, "senhor do duplo país") também aplicada ao servo de Abraão envelhecido e munido por ele de plenos poderes (24,2).

c. Os egíptólogos renunciariam a encontrar *Gôshen* no Egito. Todos os comentadores admitem que, para o Javista, a família se estabeleceu um pouco à margem dos egípcios, em uma província oriental. Como o livro de José conhece um *Gôshen* em Simeão, no sul judaico (Js 10,41; 11,16; 15,51), que esteve sob dominação egípcia durante vários séculos (de 1580 ao século XII a.C.), parece que ali se deva localizar a instalação da família de Jacó segundo o Javista.

d. Versículo "eloísta", pois não se trata mais de instalar a família com seu gado, mas de assegurar-lhe a subsistência por outros meios, e o fim do v. repete o v. 6.

e. Esta carta (vv. 9b-11) corresponde plenamente a um conhecido modelo egípcio de missivas.

f. Fórmula que exprime mais a autoridade de quem fala do que a sua intimidade com seus interlocutores.

JACÓ NO EGITO

Os preliminares da partida^a. ¹⁴Ele atirou-se ao pescoço de seu irmão Benjamin, chorando, e Benjamin chorou ao pescoço dele. ¹⁵Beijou todos os seus irmãos e os cobriu de lágrimas, em seguida seus irmãos conversaram com ele. ¹⁶A notícia se fez ouvir na casa de Faraó: "Os irmãos de José chegaram!", comentava-se. Ora, Faraó e seus servos viram isto com bons olhos ¹⁷e Faraó disse a José: "Dize a teus irmãos: 'Fazei isto: esporei^b vossos animais, ide, dirigi-vos à terra de Canaã ¹⁸e trazei vosso pai e os vossos, em seguida voltai a mim para que eu vos ofereça as delícias da terra do Egito, e para que comais o melhor da terra!'.
^{47.6:}
^{SI 81,17}

¹⁹"Quanto a ti, transmite esta ordem: 'Fazei isto: tomai carroças^c na terra do Egito para vossos filhos e vossas mulheres, transportai vosso pai e voltai; ²⁰não lanceis olhar entristecido às vossas coisas^d, pois as delícias de toda a terra do Egito vos pertencerão'''.

²¹Foi o que fizeram os filhos de Israel. Por ordem de Faraó, José lhes deu carroças e provisões para a viagem. ²²A todos eles deu mudas de roupa, mas a Benjamin deu trezentos siclos de prata^e e cinco mudas de roupa. ²³Enviou igualmente a seu pai dez jumentos carregados das delícias do Egito e dez jumentas carre-

gadas de trigo, de alimento e de comestíveis para a viagem de seu pai. ²⁴Deixou então seus irmãos partirem e disse-lhes na partida: "Não vos deixeis abalar, pelo caminho^m".

²⁵Subindo de volta do Egito, chegaram à terra de Canaã, à casa de Jacó, seu pai, ²⁶e lhe anunciaram: "José ainda está vivo e eis que é regente sobre toda a terra do Egito!" Mas a mente de Jacó permaneceu insensível, pois não acreditava nesses. ²⁷Eles lhe repetiram então todas as palavras que José lhes havia dito. Em seguida ele viu as carroças que José enviara para transportá-lo, e o espírito do seu pai Jacó se reanimou. ²⁸"Basta", exclamou Israel, "meu filho José ainda está vivo; quero partir e vê-lo antes de morrer".
^{46,30}

46 Jacó reencontra José^e. Israel põe-se a caminho com tudo o que lhes pertencia.

Chegou a Beer-Sheba e ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai, Isaac^o. ²Em uma visão noturna^p, Deus dirigiu-se a Israel: "Jacó, Jacó". "Aqui estou", respondeu ele. ³Ele disse então: "Eu sou El, o Deus de teu pai. Não tenhas medo de descer ao Egito, pois lá farei de ti uma grande nação^q. ⁴Descerei contigo ao Egito e serei também eu que te farei subir

g. Também aqui, a redação foi laboriosa e harmonizou as ordens de Faraó e as disposições tomadas por José. O essencial do relato é "eloísta", com a ordem de Faraó e o transporte da família em carroças, enquanto o Javista faz vir a família com todos os rebanhos, mas não em carroças.

h. Outra tradução: *carregui*.

i. Lit. *gordura*, isto é, a parte melhor. A oferta é atraente; observe-se, porém, que não se trata da terra de Gôshen. * [Cf. 45,3, nota ao título.]

j. As *carroças* aqui não são carros leves puxados por cavalos e destinados à guerra ou aos desfiles. São grandes carroças puxadas por bois, como as vemos reproduzidas nos afrescos egípcios ou nos baixos-relevos assírios, carregados de bens, de emigrantes ou prisioneiros.

k. Segundo a tradição "eloísta", não é possível carregar tudo em carroças, enquanto segundo as tradições "javista" (4b,1) e "sacerdotal" (46,6), Israel leva consigo todos os seus bens.

l. Aproximadamente 3,4kg.

m. Outra tradução: *Não vos exciteis no caminho*; alusão às antigas rixas. Mas o verbo significa literalmente "ser abalado".

As missões difíceis começam muitas vezes por frases deste gênero (não, temais, não vos assusteis...). O texto parece indicar que, além das dificuldades do caminho, não será fácil fazer Jacó decidir-se a partir.

n. Este episódio nos é contado pelas três tradições. O texto "sacerdotal" resume a viagem e enumera o conjunto dos emigrantes graças a um quadro recapitulativo (vv. 5b-27). Para o Javista, Israel parte com todos os seus bens para Beer-Sheba, onde oferece um sacrifício. Beer-Sheba fica perto de Gôshen, para onde Judá precede seu pai, antes de José acorrer vindo do Egito (vv. 1.28-30). Para o Eloísta, Jacó vai ao Egito após uma visão noturna (vv. 2-4).

o. Sobre o *deus do pai*, cf. 28,13; 31,53 e 43,23 nota.

p. O hebr. traz *visões* no plural. Jacó recebe a ordem de ir ao Egito, ao passo que isto fora proibido a Isaac (26,2). Outras visões noturnas em 15,1; 28,12 (com termos diferentes); Nm 12,6 e 1Sm 3,15 (com o mesmo vocabulário).

q. Uma promessa semelhante e mais ampla havia sido feita a Abraão (12,2) e a Ismael (21,18); ela será proposta no deserto a Moisés (Ex 32,10; Nm 14,12), que a recusará.

SI 126,1;
 Jô 1,16;
 Lc 24,11

21,33;
 28,10
 15,1;
 31,24

26,23-25;
 28,13-15

^{50,1} novamente^r. José te fechará os olhos^u.
⁵Jacó deixou Beer-Sheba.

At 7.15

45.19-21

Os filhos de Israel transportaram seu pai Jacó, seus filhos e suas mulheres em carroças que Faraó tinha mandado para transportá-los. ⁶Tomaram seus rebanhos e seus bens^t que haviam adquirido na terra de Canaã. Jacó dirigiu-se para o Egito com todos os seus descendentes, ⁷seus filhos e os filhos dos seus filhos com ele, suas filhas e as filhas dos seus filhos. Fez vir com ele toda a descendência para o Egito.

Dt 26.5;

Nm 20.15;

Js 24.4;

Is 52.4;

Sl 105.23;

At 7.14-15

Ex 1.1-5;

Nm 26;

ICr 2-8

⁸Eis os nomes dos filhos de Israel que vieram ao Egito^u:

Jacó e seus filhos:

Primogênito de Jacó: Rúben. ⁹Filhos de Rúben: Hanok, Palu, Hesron, Karmi.

¹⁰Filhos de Simeão: Iemuel, Iamin, Ohad, Iakin, Sôhar, Shaul, o filho da cananéia.

¹¹Filhos de Levi: Guershon, Qehat e Merari.

38.3-10

¹²Filhos de Judá: Er, Onan, Shelá, Péreç e Zérah. Er e Onan morreram na terra de Canaã. Os filhos de Péreç foram Hesron e Hamul.

¹³Filhos de Issacar: Tolá, Puvá, Iob, Shimron.

¹⁴Filhos de Zabulon: Séred, Elon, Iahleel.

29.31-35

30.17-21

¹⁵Estes foram os filhos que Leá deu a Jacó na planície de Arâm, assim como sua filha Diná. Seus filhos e suas filhas contavam no total trinta e três pessoas.

¹⁶Filhos de Gad: Şifion e Hagui; Shuni e Eşbon, Eri, Arodi e Areli.

¹⁷Filhos de Aser: Iimná, Iishvá, Iishvi, Beriá e a irmã deles, Séräh. Filhos de Beriá: Hêber e Malkiel.

30.9-13

¹⁸Estes foram os filhos de Zilpá, que

Laban cedera à sua filha Leá, filhos que ela deu a Jacó: dezesseis pessoas.

¹⁹Filhos de Raquel, mulher de Jacó: José e Benjamin.

²⁰Nasceram a José na terra do Egito: Manassés e Efraim, que lhe foram dados por Asenat, filha de Pôti-Fera, sacerdote de On.

41.45-50-

52

²¹Filhos de Benjamin: Bela, Béquer, Ashbel, Guera e Naaman, Ehi, Rosh, Mupim, Hupim e Ard.

²²Estes foram os filhos de Raquel que foram dados a Jacó, no total, catorze pessoas.

30.22-24;

35.16-18

²³Filhos de Dan: Hushim.

²⁴Filhos de Neftali: Iahşeel, Guni, Iéşer, Shilêm.

²⁵Estes foram os filhos de Bilá, que Laban cedera à sua filha, Raquel, filhos que ela deu a Jacó. No total: sete pessoas.

30.1-8

²⁶Total das pessoas pertencentes a Jacó e originadas dele, que vieram ao Egito, sem contar as mulheres dos filhos dos seus filhos: setenta no total. ²⁷Filhos de José que lhe foram dados no Egito: duas pessoas. O total das pessoas da casa de Jacó que vieram ao Egito foi de setenta^u.

Ex 1.5;

Dt 10.22;

At 7.14

²⁸Jacó enviou Judá para José na sua frente, a fim de precedê-lo^u em Gôshen.

43.8;

44.16-34

Quando eles chegaram à terra de Gôshen, ²⁹José preparou seu carro e subiu a Gôshen ao encontro de seu pai, Israel. Apenas Israel o viu, José atirou-se ao pescoço dele e, ainda no pescoço dele, chorou. ³⁰Israel disse-lhe então: "Depois de ter visto a tua face, aceito morrer, pois ainda estás vivo^u".

45.14-15

45.28

A instalação na terra de Gôshen^u. ³¹José disse a seus irmãos e à casa de seu pai:

45.10

r. *Subir* é o termo que será empregado para o enterro de Jacó em terra de Canaã (50.5-7), mas o que é evocado é já a conquista de Canaã, a subida do Egito (Ex 3.8).

s. Lit. *porá (estenderá) sua mão sobre teus olhos*. Pôr (estender) as mãos é um gesto de bênção (48.13). Para o Eloísta, José é o grande homem da família.

t. O resumo "sacerdotal" une as duas tradições: a do transporte familiar com carroça e a da migração com todo o rebanho. Insiste na unidade da família.

u. Salvo variantes insignificantes, esta lista parece ser um resumo da lista mais antiga, atualmente em Nm 26.

v. Esta lista com números evoca os recenseamentos dos cati-

vos, realizados pelos escribas assírios e babilônicos por ocasião dos exílios, dos quais a estada no Egito é a figura. O total de setenta não deixa de evocar os setenta anos de cativeiro. Não é o v. 27a, que elimina do total os dois filhos de José, que explica a divergência entre o total deste v. e a cifra 66 do v. precedente; este último, talvez mais antigo, exclui Er e Onan, mortos antes da partida de Jacó. Uma outra tradição, recolhida pela tradução gr. e em At 7.14, conta setenta e cinco pessoas.

w. Tradução conjectural.

x. De acordo com esta passagem "javista", Faraó não tomara nenhuma iniciativa, já que é preciso informá-lo de tudo. José inventa um novo artifício para ter a autorização das autoridades egípcias.

"Vou subir para avisar Faraó e dizer-lhe:

45.16-18 "Meus irmãos e a casa de meu pai que estavam na terra de Canaã vieram a mim.

31.38; 37.12 "Esses homens são pastores e eram criadores de rebanhos. Trouxeram seus rebanhos de ovelhas e bois, e tudo o que lhes pertencia".

³²Por isso, quando Faraó vos convocar e vos perguntar qual é a vossa ocupação, ³³respondereis: "Teus servos foram criadores de rebanhos desde a sua juventude até agora; nós o somos, como nossos pais o foram". Podereis assim 43.32 habitar a terra de Gôshen, pois o egípcio abomina todo pastor".

47 ¹José veio, portanto, avisar Faraó e dizer-lhe: "Meu pai e meus irmãos vieram da terra de Canaã com suas ovelhas e bois e tudo o que lhes pertence; eles encontram-se na terra de Gôshen". ²Em seguida, do grupo dos seus irmãos tomou cinco homens que apresentou a Faraó, ³e este disse aos irmãos de José: "Qual é a vossa ocupação?" — "Teus servos são pastores", responderam eles, "nós o somos como nossos pais o foram".

⁴Eles disseram a Faraó: "Viemos para Dt 26.5 habitar na terra, pois não havia mais

pastagem para as ovelhas dos teus servos e a fome pesava sobre a terra de Canaã. Permite que os teus servos habitem agora na terra de Gôshen".

⁵Faraó disse a José: "Teu pai e teus irmãos vieram a ti". ⁶A terra do Egito está diante de ti, instala teu pai e teus irmãos no melhor local. Que habitem na terra de Gôshen. Se conheces entre eles homens capazes, faz deles meeiros para os meus próprios rebanhos".

⁷José levou seu pai Jacó e o apresentou a Faraó. Jacó abençoou Faraó, ⁸que lhe disse: "Quantos anos durou a tua vida?"

⁹"A duração das minhas migrações foi de cento e trinta anos!", respondeu Jacó. "Foi um tempo breve e mau, os anos da minha vida; eles não atingiram a duração dos anos vividos pelos meus pais no tempo das migrações deles". ¹⁰Depois de abençoar Faraó, Jacó despediu-se dele.

¹¹José instalou seu pai e seus irmãos e deu-lhes uma propriedade no melhor local da terra do Egito, na região de Ramsés, como Faraó prescrevera. ¹²José proveu à subsistência de seu pai, de seus irmãos e de toda a casa de seu pai, segundo o número dos filhos a alimentar.

14.19;
Ex 12.32

25.7;
35.28;
47.28

J6 14.1;
Sl 90.9;
Ef 5.16

Ex 1.11;
12.37

JOSÉ E OS EGÍPCIOS^a

¹³Não houve mais alimento em toda a terra, pois a fome pesava gravemente sobre ela. A terra do Egito e a terra de

Canaã desfaleciam por causa da fome.

¹⁴José arrecadou todo o dinheiro que se encontrava nas terras do Egito e de Canaã

y. As tribos são ainda tribos que trabalham com ovelhas e não os escravos "hebreus" (cf. 10.21 nota) em que se terão transformado no início do Ex.

z. O argumento só tem incidência se Gôshen estiver sob controle egípcio e ao mesmo tempo não tiver população egípcia, estando portanto localizado fora do Delta.

a. Este v. não é a continuação normal do v. 3, pois os irmãos falam novamente, sem terem sido perguntados por Faraó. Ademais, a língua hebraica distingue nitidamente a "estada" de caráter provisório e o "habitat" durável na terra de Gôshen — que são praticamente identificados no texto. Há, pois, traço de trabalho redacional nesta passagem.

b. No texto hebr. atual, Faraó parece não responder à pergunta dos irmãos, senão que ao contrário informa a José o que o ministro já sabe. Por isso, a totalidade dos especialistas reconhece que aqui a ordem das frases é melhor na versão gr. do que no texto hebr. Os vv. 5b-6a retomam a tradição "sacerdotal", que faz sequência a 46.5b-27: Faraó tem a iniciativa: ele tem conhecimento, antes mesmo de José,

da chegada da família e ordena que ela seja instalada no melhor lugar.

c. Este resumo "sacerdotal" (vv. 7-12), que faz sequência a 47.5b-6a, une as duas tradições: a da "estada" (v. 12), em que José conversa com sua família, e a da instalação (v. 11), onde Israel é proprietário. Ele dá a Jacó uma duração de vida superior à dos sábios egípcios (cf. 50.22) e submete o próprio Faraó à bênção do patriarca.

d. Este parágrafo é inteiramente "javista" e distingue nitidamente a condição dos egípcios e dos cananeus da dos israelitas em Gôshen. O Javista fornece mais um exemplo da habilidade de José, mas nada sugere que ele aprove esta maneira de encampar as terras, maneira que será censurada pelos profetas (Is 21; Is 5.8-10; Mq 2.1-5). Os abusos da administração eram conhecidos na literatura (*Conto do Camponês, Editado de Horemheb*). Aqui, o Javista faz contraposição entre o regime fundiário egípcio — para o qual, desde o Antigo Império, Faraó era proprietário de toda a terra — e os direitos das tribos israelitas sobre suas terras, mesmo com relação ao domínio do rei.

41.56-57 pela venda de cereais^e e canalizou este dinheiro para o palácio de Faraó. ¹⁵O dinheiro desapareceu das terras do Egito e de Canaã.

Todos os egípcios vieram ter com José e disseram: "Dá-nos de comer. Por que deveríamos morrer diante de ti, por falta de dinheiro?" ¹⁶"Dai-me vossos rebanhos", respondeu José, "ao preço dos vossos rebanhos eu vos darei de que comer, se o dinheiro faltar". ¹⁷Eles trouxeram seus rebanhos a José, que lhes entregou comida em troca dos cavalos, dos rebanhos de ovelhas e de bois, e dos jumentos. Ao preço de todos os rebanhos deles, ele lhes garantiu comida naquele ano.

¹⁸Passado aquele ano, vieram ao seu encontro no ano seguinte e lhe disseram: "Não ocultaremos a meu senhor que o dinheiro desapareceu e que os rebanhos de animais pertencem a meu senhor. Sobram diante de meu senhor apenas os nossos corpos e o nosso solo. ¹⁹Por que deveríamos morrer sob os teus olhos? Nosso solo não é nada sem nós. Compra-nos, a nós e o nosso solo, em troca de alimento; nós e o nosso solo estaremos a serviço de Faraó. Dá sementes, viveremos e não morreremos,

e o solo não será desolado". ²⁰José comprou então em proveito de Faraó toda a terra do Egito, pois cada egípcio vendeu seu campo, tão rigorosa era a fome. A terra passou a pertencer a Faraó^f.

²¹Quanto ao povo, fê-lo passar^g para as cidades de uma extremidade a outra do território egípcio.

²²Todavia José não comprou a terra dos sacerdotes, pois havia a favor deles um decreto de Faraó. Eles alimentavam-se das rações que lhes dava Faraó e não precisaram vender a sua terra^h.

²³José disse ao povo: "Hoje, portanto, eu vos adquiri em proveito de Faraó, a vós e a vossa terra. Tereis semente e podereis semear a terra. ²⁴Das colheitas, dareis um quinto a Faraóⁱ e ficareis com quatro partes para semear e para alimentar-vos, assim como os que vivem convosco e vossos filhos". ²⁵"Tu nos salvaste a vida", responderam eles. "Que possamos encontrar graça aos olhos do meu senhor e ser os escravos de Faraó." ²⁶José emitiu um decreto^k, em vigor ainda hoje, em relação ao solo do Egito: um quinto para Faraó. Só o solo dos sacerdotes não pertence a Faraó.

ÚLTIMOS ATOS DE JACÓ

As últimas vontades de Jacó^l. ²⁷Na terra do Egito, Israel habitou em terra de Gôshen; os israelitas^m tornaram-se lá proprietários, foram fecundos e muito

prolíficos. ²⁸Jacó viveu dezesete anos na terra do Egito, e a duração da vida de Jacó foi de cento e quarenta e sete anos.

e. Lit. *pelos cereais que esmagavam (compravam)*.

f. *De que comer* só está explicitamente escrito no sam. e no gr.

g. Talvez aqui esteja a origem da expressão bíblica: *o Egito, terra de servos (ou de servidão)*, onde tudo pertence a Faraó, em contraposição à terra de Israel, onde um Nabit tinha direito sobre a terra, mesmo contra a pretensão do rei (1Rs 21).

h. O sam. e o gr. têm *subjugou-o como escravo*. O texto hebr. parece ter pensado nas deportações da época assíria. Mas aconteceu aos egípcios, que dominavam Canaã, de transferirem "hebreus" indesejáveis do Líbano para a terra de Kush (Midian ou Núbia).

i. O autor alude aos numerosos decretos de isenção de tempos. Esta isenção de modo algum era total. O autor visa menos a um regime de isenção do que a um regime de subvenções em espécie, concedidas ao clero. Tal visão era relevante para o templo de Jerusalém, o qual, diversamente dos santuários locais, dependia intimamente do palácio e do sistema de subvenções

em espécie, que lhe assegurava o funcionamento (1Rs 4.7).

j. Este imposto egípcio de um quinto não está bem documentado. Conhece-se antes um imposto de cinco medidas por "arure" (unidade de superfície). Mas o autor impressionara-se com o sistema decimal dos egípcios, oposto ao sistema sexagesimal asiático, e insiste no número "cinco" (os 5 anos de 45,6; os 5 irmãos de 47,2).

k. O decreto (*hoq*) é o decreto "gravado" em pedra ou tabuinha, aqui e no v. 22. É o ato do príncipe; por isso o *mehoqêq* será o príncipe (Jz 5.9.14) e ao mesmo tempo o bastão de comando (Gn 49.10; Nm 21.18). Moisés (Ex 15.25) e Josué (Js 24.25) emitirão decretos que posteriormente se tornarão leis régias (Mq 6.16), antes de serem um elemento da legislação divina deuteronômica.

l. O parágrafo começa com um resumo "sacerdotal" (vv. 27-28) e continua com um texto "javista" sobre as últimas vontades de Jacó.

m. *Os israelitas*: não figura no texto.

Lm 1.11;
5.9;
Nc 5.3

45.6

41.34

Est 7.24

35.11;
46.3;
Dt 26.5;
Sl 105.24

49,29-32; 50,5-13 ²⁹Quando os dias da morte de Israel se aproximaram, ele chamou seu filho, José, e lhe disse: "Se encontrei graça a teus olhos, põe tua mão debaixo da minha coxa", dá prova de amizade e de fidelidade para comigo^o, não me enterando no Egito. ³⁰Eu jazerei junto de meus pais; tu me levarás para fora do Egito e me enterrarás no túmulo deles^o". "Farei como disseste", respondeu ele. ³¹Jacó prosseguiu: "Jura-mo". José jurou-lhe e Israel prostrou-se à cabeceira de seu leito^a.

48 **Bênção aos filhos de José.** ¹Ora, depois destes acontecimentos, disseram a José: "Teu pai está doente". Ele tomou consigo seus dois filhos, Manassés e Efraim. ²Informaram a Jacó dizendo: "Eis que o teu filho José vem a ti". Israel fez um esforço e sentou-se no leito. ³Jacó disse a José: "O Deus Poderoso apareceu-me em Luz^a, na terra de Canaã. Ele me abençoou ⁴e me disse: 'Vou tornar-te fecundo e prolífico para fazer de ti uma assembléia de povos'. Darei esta terra à tua descendência depois de ti em propriedade perpétua^a. 'E agora, estes dois filhos^a que te nasceram na terra do Egito antes que eu viesse a ti no Egito, eles são

meus. Efraim e Manassés serão meus, como Rúben e Simeão. ⁶Mas os filhos que geraste depois deles^a serão teus, e é sob o nome dos seus irmãos que serão convocados para receberem seu patrimônio". ⁷Quanto a mim, em minha volta da planície^a, a morte de Raquel me atingiu na terra de Canaã, no caminho, a certa distância da entrada de Efrata. Foi lá que a enterrei, no caminho de Efrata, que é em Bet-Lehem^a".

⁸Israel viu os filhos de José e exclamou: "Quem é?" ⁹José respondeu a seu pai: "São os filhos que Deus me deu aqui". ¹⁰"Segura-os, perto de mim para que eu os abençoe", prosseguiu ele.

¹¹A idade havia tornado pesado o olhar de Israel, ele não enxergava mais. Quando José os fez aproximarem-se, Israel os beijou e os abraçou. ¹²e em seguida disse a José: "Eu tinha acreditado impossível rever o teu rosto, e eis que Deus me fez ver até a tua descendência!" ¹³José os retirou dos joelhos^a de seu pai e prostrou-se com o rosto em terra.

¹⁴José tomou seus dois filhos, Efraim à sua direita, portanto à esquerda de Israel, e Manassés à sua esquerda, portanto à direita de Israel. Fê-los chegarem perto dele. ¹⁵Israel estendeu sua mão direita

n. Quanto a este gesto que acompanha o juramento, cf. 24,2. o. Terminologia das relações de amizade e de aliança (cf. 21,23; 24,12,14,49; 39,21). Estas expressões reencontram-se a propósito de Deus (cf. p. ex. 34,6; Nm 14,18).

p. O túmulo *deles*: este pronome possessivo não está de acordo com a tradição "javista" de 50,5 (para a qual Jacó tem o seu próprio túmulo). Talvez seja uma harmonização com a tradição "sacerdotal" de 49,29-31. — Ser sepultado com os pais faz parte de uma velha tradição nômade; era considerado como uma desgraça não entrar no túmulo familiar, cf. 1Rs 13,22; 14,13; Ez 6,5.

q. As versões entenderam mal o gesto e leram *maté* ("bastão, cetro"); cf. Hb 11,21 em vez de *mittá* ("leito"), mas cf. 48,2 e 49,33. É em seu leito de morte que as palavras do patriarca têm mais autoridade. O verbo hebr. é utilizado tanto para prostrar-se de rosto em terra como para virar-se de costas.

r. Este cap. comporta um resumo "sacerdotal" acerca dos direitos de Efraim e de Manassés (v. 3-7) sobre o túmulo de Raquel — situado agora perto de Belém (Bet-Lehem, donde o acréscimo "sacerdotal" de 35,19b) — e dois relatos, "javista" e "eloísta", sobre o lugar de Efraim e de Manassés no conjunto das tribos de Israel. No relato "javista" (vv. 1b,2b, que fazem sequência a 47,29-31; em seguida 10-14,17,19). Israel adota os filhos de José e dá a preferência ao caçula, contra a vontade do pai. No

relato "eloísta", José é informado (vv. 1a e 2a, que ignoram os vv. precedentes, em que José já está junto do pai); depois apresenta seus filhos ao pai (vv. 8-9), que abençoa José (vv. 15-16) e os filhos (v. 20), dando a José uma parte a mais do que aos irmãos dele: a *Siquem* manassita (v. 22).

s. Sobre *Luz*, que se tornou Betel, cf. 28,19.

t. A mesma fórmula encontra-se em 28,3.

u. Segundo a tradição israelita, nunca houve uma tribo de José, mas duas tribos, as de Efraim e de Manassés; aliás as duas meias-tribos de Manassés, a oriental (Makir) e a ocidental, sempre contaram como uma só. Cf. Nm 32,39-42; Dt 3,13-15.

v. Não são conhecidos estes outros filhos, que são provavelmente clãs incorporados pelas listas em uma e outra tribo — a menos que se trate de vizinhos como Iair e Argob.

w. Trata-se da convocação para sortear as partes da Terra Prometida (cf. Js 13-19).

x. Trata-se da planície de Arã em 25,20 etc.

y. O túmulo de Raquel ficava em Efraim, perto de Ramá (Jr 31,15). Por causa da presença de um clã efrateu em Belém (Bet-Lehem, Mt 5,1), foi situado mais tarde nesta cidade.

z. *Pôr entre os joelhos* é um gesto de adoção (cf. 30,3 e mais adiante 50,23). Aqui, depois de os filhos de José terem sido adotados por seu pai Jacó, José os retira para que sejam também abençoados por ele.

41,50-52

1Cr 5,1-2

36,16-20

Hb 11,21

27,1;

1Sm 4,15

37,35

sobre a cabeça de Efraim, que era o caçula, e sua mão esquerda sobre a cabeça de Manassés. Ele tinha invertido as mãos*, pois Manassés era o mais velho.

49.22-26 ¹⁵Ele abençoou José dizendo:

17.1;
24.40

"O Deus em cuja presença caminharam meus pais Abraão e Isaac, o Deus que foi meu pastor desde que existo até o presente dia,

49.24;
Sl 23.1;
80.2;
Ez 34.15-23;
Jo 10.1-18

¹⁶o anjo^b que me livrou de todo mal, que ele abençoe estes meninos, que graças a eles o meu nome seja invocado, como também os de meus pais, Abraão e Isaac, e que eles cresçam qual cardumes no meio da terra".

33.17

¹⁷José viu que seu pai havia posto a mão direita sobre a cabeça de Efraim e isto lhe desagradou. Pegou a mão de seu pai para desviá-la da cabeça de Efraim para a de Manassés. ¹⁸"Assim não, meu pai", disse-lhe, "pois o primogênito é este. Põe a tua mão direita sobre a cabeça dele". ¹⁹Mas seu pai recusou dizendo: "Eu sei, meu filho. Sei que também ele se tornará um povo, também ele será grande. No entanto, seu irmão mais novo será maior do que ele, e sua descendência será plenitude de nações".

25.23

²⁰Ele o abençoou naquele dia dizendo: ^{12.3}"Por ti, Israel pronunciará esta bênção: Que Deus te torne como Efraim e como Manassés!"

Ele pôs Efraim antes de Manassés.

²¹Israel disse a José: "Eu vou morrer, mas Deus estará convosco e vos fará voltar à terra dos vossos pais. ²²Quanto a mim, dou-te Siquém — uma parte a mais do que a teus irmãos —, que arrebatei ao poder dos emoritas pela espada e pelo arco^d".

15.16;
46.4

49 Bênção aos doze filhos de Jacó. Dt 33; Jz 5

¹Jacó convocou seus filhos e disse-lhes: "Reuni-vos para que eu vos anuncie o que vos acontecerá no futuro.

Nm 24.14

²Reuni-vos e ouvi, filhos de Jacó, ouvi Israel, vosso pai.

³Rúben^f, tu és o meu primogênito, meu vigor e as primícias da minha virilidade,

29.32;
Dt 33.6;

Jz 5.15-16;
Js 13.15-23

transbordante de energia^g, transbordante de força.

⁴Não transbordes como águas que fervem! Pois subiste à cama de teu pai, profanaste o leito no qual estou.

35.22

⁵Simeão e Levi^h são irmãos, seus acordosⁱ não passam de instrumentos de violência.

29.33-34;
Dt 33.8-11;

19.1-9

⁶Não quero vir ao seu conselho, não quero alegrar-me com a sua assembléia; pois na sua cólera mataram homens, e na sua arbitrariedade mutilaram touros^j.

34.25-31

⁷Maldita seja a cólera deles, tão violenta! E o furor deles, tão brutal! Reparti-los-ei em Jacó, dispersá-los-ei em Israel^k.

a. Lit. *confundido*: o contrário do discernimento dos sábios. Jacó e José estão de frente um para o outro; a direita de um é a esquerda do outro. O movimento de Jacó não é natural.

b. O anjo (no texto sam., o rei) talvez seja a figura divina encontrada por Jacó no laboço (32.31), denominada efetivamente anjo pelo profeta Oseias (Os 12.5). Ademais, há que observar que o Eloísta faz acompanhar Israel nas suas viagens não pelo próprio Deus, mas pelo anjo dele (Ex 23.20; 32.34).

c. Hebr. *shekém*, lit. *espádua*, termo empregado para designar certas colinas e encostas em forma de ombro. Palavra por palavra: *Eu te dei uma Siquém (shekém) sobre teus irmãos*. A espádua de animal era também uma porção especial.

d. O sentido é controverso. Trata-se certamente de um episódio militar, confirmado por 49.23. Mas a menção ao arco indica menos a região de shekém do que a futura região de Benjamim, onde se exerceu o terror de Deus em benefício de Jacó (35.5). Os benjaminitas eram renomados atiradores de arco (2Sm 1.18,22; 1Cr 8.40; 12.2; 2Cr 14.7), mas também o eram os seus predecessores perizitas. Talvez haja aqui uma alusão à realeza benjaminita de Saul, muito ligada a Efraim. Nos textos "eloístas", o emorita é o ocupante da terra quando da conquista (cf. 15.16).

e. Este texto "javista" é um esboço do destino das tribos, da mesma forma que a bênção de Isaac havia fixado os destinos do próprio Jacó e de Esaú (27.27-29.39-40). Este quadro de conjunto que dá a realeza a Judá faz alusão à situação histórica e geográfica das tribos. Ele é posterior ao Cântico de Deborah (Jz 5) e anterior às Bênções de Moisés (Dt 33). Aqui, trata-se mais das últimas vontades do moribundo.

f. Rúben é privado de seu direito de primogenitura por causa de seu incesto com Bilá (35.22).

g. Lit. *acrescimo a levar*. O primogênito devia carregar seu pai enfraquecido (lenda fenícia de Aghat), mas Ruben aprontou demais.

h. Simeão e Levi são instigadores do massacre de Siquém (cap. 34).

i. Outra tradição: *espadas*, mas o termo parece fazer alusão à expressão "cortar", isto é, "firmar uma aliança".

j. Sobre a mutilação desses animais no combate, cf. 2Sm 8.4.

k. Haverá grandes núcleos levíticos na Transjordânia, no oeste, nos confins de Edom, e famílias dispersas até o Egito (Moisés), mas quase nada no centro. Simeão estará no sul judaico, onde conhecerá alguns percalços. Reencontra-se este nome próprio no Egito do século XV a.C.

- 29,35; 1^a Judá¹, é a ti que os teus irmão celebra-
Dt 33,7; rão.
Js 15
- Tua mão pesará sobre a nuca dos teus
inimigos,
27,29 os filhos de teu pai se prostrarão diante
de ti.
- 9^a Tu és um leãozinho, ó Judá,
Ez 19,1-9; ó meu filho, tu voltaste do massacre!
Ap 5,5 Ele dobrou o joelho e se deitou como
um leão
Nm 23,24; e como uma leoa, quem o fará levantar?
24,9
- 10^a O cetro não se apartará de Judá,
Nm 24,17; nem o bastão de comando de entre os
seus pés^m.
- Ez 21,32 até que venha a quem ele pertence"
Sl 2: 110 e a quem os povos devem obediência^a.
- Zc 9,9; 11^a Ele que amarra seu jumento à vinha
Mt 21,2-6 e à cepa o filhote da sua jumenta,
ele pisou sua veste no vinho
Is 63,1-6; e sua túnica no sangue das uvas.
Ap 7,14; 19,13
- 12^a Seus olhos são mais carmesins que o
vinho
e seus dentes, mais brancos que o leite^p.
- 30,20; 13^a Zabulon^a terá sua morada na beira dos
Dt 33,18-19; mares.
5,14,18; Ele, tem navios no litoral,
19,10-16 e seus confins dominam Sídon.
- 14^a Issacar^a é um jumento ossudo 30,18;
que se deita num parque com duplo muro. Dt 33,18-19;
Jz 5,15;
- 15^a Ele viu que o repouso era bom Js 19,17-23
e a terra, agradável.
Ele dobrou a espinha ao jugo,
ele é bom para a corveia de escravo.
- 16^a Dan^a julgará seu povo 30,6;
como uma das tribos de Israel. Dt 33,22;
Jz 5,17;
- 17^a Dan será uma serpente no caminho, Js 19,40-48
uma áspide na vereda,
que morde os jarretes do cavalo,
e o seu cavaleiro cai de pernas para o ar.
- 18^a Na tua salvação, espero, ó SENHOR!¹ Is 25,9;
Sl 130,5-6
- 19^a Gad^a, uma tropa o assalta 30,11;
e ele assalta a retaguarda. Dt 33,20-21;
Jz 5,17
- 20^a De Aser^a vem a gordura, seu alimento, Js 13,24-28
e ele faz manjares de reis. 30,13;
- 21^a Neftali é uma corça em liberdade, Dt 33,24-25;
dando belos corços". Jz 5,17;
- 22^a José^a é o rebento de uma planta Js 19,24-31
frondosa, 30,8
rebenço de planta frondosa perto de uma
fonte; Dt 33,23;
Jz 5,18;
- 23^a Provocaram-no, brigaram com ele, Js 19,32-39
os arqueiros guerrearam contra ele, 30,24;
Dt 33,13-17;
- 24^a mas seu arco^a permaneceu firme Jz 5,14;
Js 13,29-31;
16-17

1. Judá é explicado pela raiz *ydh* ("confessar, louvar"). Esta tribo de população complexa, em grande parte cananéia (cf. cap. 38), será a tribo real de Davi em Hebron. Sobre a leoa, símbolo da vontade, cf. Nm 23,24; 24,9.

m. Talvez sentido metafórico, a compreender da sua descendência. Sobre o bastão de comando, cf. 47,26 nota.

n. Hebr. *shiloh*, entendido pelo targum e certas versões *shelô*, isto é, lit., que a ele (o cetro), donde a quem ele pertence. Ez 21,32 provavelmente alude a esta passagem; tratar-se-ia do herdeiro de Davi por excelência, talvez o novo Davi de Ez 34,23 e 37,24. A tradução aqui proposta é provável, mas é controversa pelos especialistas.

o. A realeza de Davi, de direito, era universal, como as realezas daquele tempo.

p. A vinha e os rebanhos, o vinho e o leite são a riqueza da tribo de Judá, que não tem os mesmos recursos que Efraim e Manassés.

q. *Zabulon*, de um termo fenício que significa "o patrão". Estabelecido na costa entre a Fenícia e o Carmelo (cf. Dt 33,18-19).

r. *Issacar*, de uma palavra que significa "louvor"; a tribo havia operado com transporte, como os ismaelitas de Gn 37,25 e outras tribos seminômades conhecidas pelas descobertas de Míri no Eufrates (século XVIII a.C.). Ainda combatendo na época dos Juízes (Jz 5,15), Issacar se submeteu aos cananeus da planície de Esdrelon, e depois, como Zabulon, operou com comércio quando da expansão fenícia (Dt 33,18-19).

s. *Dan*, de uma raiz que quer dizer "julgar". Inicialmente em contato mais ou menos feliz com Ruben (35,22; Bilá é sua mãe), ele se lança do *Bashan* (Dt 33,22), permanece um tempo a leste de Judá (episódios de Sansão), depois conquista uma cidade

fenícia, Laish (Jz 17-18), e serve, ao que parece, na marinha fenícia no tempo de Deborah (Jz 5,17). Laish-Dan é uma cidade-fronteira na grande estrada do Jordão para o Orontes; aqui, a tribo é encarregada de fazer a guerrilha aos invasores eventuais (cf. também Jr 4,15).

t. Trata-se provavelmente de uma exclamação litúrgica no meio do cântico, provocada talvez pela alusão ao papel "salutar" de Dan, guardião da fronteira.

u. As duas tribos de Bilá são separadas pelas duas tribos de Zilpá. *Gad* está na Transjordânia nos confins dos arameus, dos amonitas e dos árabes saqueadores. O Cântico de Deborah conhece o sob o nome de Guilead (Jz 5,17), e, da mesma forma que Ruben, não toma parte na campanha contra Sisera (Jz 4). Talvez tenha destruído Ruben (Dt 33,20-21) antes de chocar-se com o rei de Moab, Meshá, que o cita na sua inscrição (por volta de 840 a.C.).

v. De uma raiz que evoca o bem-estar. *Aser* habita as abundantes regiões de Haifa e do Carmelo, apreciadas pelos cozinheiros reais (cf. Dt 33,24).

w. Outra tradução, segundo o gr.: *terebinto que cresce, produzindo belos ramos*. *Neftali* estabelece-se na região arborizada do norte perto do Líbano, ocasião de disputa ou de reconciliação entre Leá e Raquel; foi a pátria de Baraq, herói do Cântico de Deborah na época dos Juízes (Jz 4,6).

x. *José* é considerado como uma só tribo. É a tribo mais rica quando da composição das "Bênçãos"; e continuará a sê-lo.

y. Outra tradução: *José é um touro novo* (cf. Os 10,11), *um touro novo perto de uma fonte; na pastagem, ele transpõe o muro*. z. Cf. 48,22 nota.

enquanto ele se defendia com os braços e com as mãos*.

Pela força^b do Indomável de Jacó,

pelo nome do Pastor, a Pedra de Israel^c,

²⁵ por El, teu pai, venha ele em tua ajuda,

pelo Deus Poderoso, ele te abençoe!

As bênçãos dos céus, do alto,

as bênçãos do abismo estendido debaixo da terra,

as bênçãos das mamas e do seio,

²⁶ as bênçãos de teu pai sobrepujaram

as bênçãos das montanhas antigas,

as fronteiras^d das colinas de outrora.

Que elas venham sobre a cabeça de José.

sobre a cabeleira do consagrado entre seus irmãos^e.

²⁷ Benjamin^f é um lobo, ele dilacera,

de manhã ele ainda come^g,

e de tarde reparte os despojos."

35,18;

Dt 33,12;

Jz 5,14;

17-18;

20-21;

Jz 18,11-28

Morte de Jacó^h. ²⁸Havia a todo doze tribos de Israel, e foi isso o que seu pai lhes disse quando as abençoou, dando a cada uma a sua bênção.

²⁹Deu-lhes em seguida as suas ordens e disse-lhes: "Vou juntar-me a meu povoⁱ. Enterrai-me junto de meus pais, na ca-

verna no campo de Efron, o hetita, ³⁰na caverna do campo de Makpelá, defronte a Mamrê na terra de Canaã, campo adquirido por Abraão de Efron, o hetita, a título de propriedade funerária. ³¹Foi lá que foram enterrados Abraão e sua mulher Sara, foi lá que foram enterrados Isaac e sua mulher Rebeca, foi lá que enterrei Leá^j. ³²O campo e a caverna que ali se encontram foram adquiridos dos filhos de Het".

³³Quando Jacó acabou de dar suas ordens a seus filhos, recolheu os pés ao leito, expirou e foi reunido aos seus. ^{48,2}

50 Funerais de Jacó^k. ¹José atirou-se sobre o rosto de seu pai, cobriu-o de lágrimas e o beijou. ^{46,4}

²Depois ordenou aos médicos a seu serviço que embalsamassem seu pai^l. Os médicos embalsamaram Israel, ³o que durou quarenta dias cheios, o tempo requerido para o embalsamamento. Os egípcios o prantearam setenta dias. ⁴Quando passou o tempo dos prantos, José disse à casa de Faraó: "Se encontrrei graça aos vossos olhos, tende a bondade de falar aos ouvidos de Faraó o seguinte:

a. Lit. e saltavam os braços das suas mãos.

b. Outra tradução: as mãos.

c. Os vv. 24-25 utilizam diversas expressões conhecidas alhures, mas aplicadas ao Deus de José e de Jacó. Assim, o *Indomável* de Jacó ou de Israel (Is 1,24) é um antigo nome que evoca o poder do cavalo ou do touro. O Deus de José é também chamado de *pastor* (como em 48,15), título há muito tempo dado aos reis e aos deuses, e de *pedra* (da mesma forma que mais tarde será designado como *rochedo*), mas o sentido aqui não é certo. Ele é ainda o *El* pai como no panteão fenício. Mas é enquanto *Deus de seu pai Jacó* que Deus dá a José bênçãos que ultrapassam as das forças da natureza divinizadas pelos predecessores de Israel.

d. As fronteiras: cf. Nm 34,7-8.

e. O *consagrado* entre seus irmãos (lit. *nazir de seus irmãos*) deixava crescer os cabelos para indicar sua consagração à divindade, força da natureza (Nm 6,5.18 notas; Sansão em Jz 13,7). A bela vegetação das encostas de Efraim e de Manassés sugeriu a imagem de *nazir de seus irmãos*, que retornará em Dt 33,16.

f. Alusão à mordência dos cães de Benjamin, da qual se queixaram não somente os clãs perizitas, mas também os guibeonitas (2Sm 21,1-14). Dt 33,12 insistirá, ao contrário, no pacífico estabelecimento de Benjamin em torno da morada do Altíssimo. Este final pouco lisonjeiro para Benjamin, e portanto para Saul, pode refletir os períodos de tensão entre Saul e Davi e o fato de este último ter sido obrigado a fugir do rei.

g. Outra tradução: ele come sua presa.

h. Os vv. 28-32 são de tradição "sacerdotal" e o v. 33, do Javista.

i. Aqui a expressão está no singular; ordinariamente está no plural (cf. 25,8 nota).

j. Em um esquema de conjunto que lhe é próprio, o texto "sacerdotal" agrupa na mesma cova familiar todos os patriarcas e suas esposas, com exceção de Raquel. Mas o cap. seguinte atesta outras tradições.

k. Um resumo "sacerdotal" destaca-se em 50,12-13. Os elementos "javistas" e "eloístas" são mais difíceis de determinar. Os dois funerais correspondem a duas sepulturas diferentes, uma em Canaã, a outra além do Jordão. Mas a redação os identificou, como reuniu o *Israel* do relato "javista" e o *Jacó* do relato "eloísta". O relato "eloísta" supõe um Egito em que os israelitas vivem no meio de uma população egípcia (v. 3b), ao passo que segundo o relato "javista" os israelitas em Gôshen (v. 8b) não coabitam com os egípcios (cf. 46,34b). Uma tradição transmitida por Eusébio e o mapa de Madaba situam a *Eira do Espinho* em Benjamin, perto de Bet-Hoglá, portanto em Canaã, o que nos leva a atribuir ao Javista o v. 10a (excetuada a harmonização *além do Jordão*) e os *funerais (misped)*, enquanto o luto (*ébel*) levaria a atribuir ao Eloísta o lugar chamado *Luto-do-Egito* com a presença dos egípcios (v. 7b, cf. 10b-11) além do Jordão, talvez perto de Bet-Shan, onde houve uma longa ocupação egípcia. Mas isto é hipotético, e as duas tradições, por mais interessantes que ambas sejam, são difíceis de separar no texto.

l. O embalsamento que transformava o corpo em múmia era por vezes praticado pelos médicos.

33,19; At 7,16
 46,32; Ex 10,9
 1Sm 31,13
 49,29
 23,19-20; At 7,16

⁵Meu pai me fez jurar dizendo: 'Eis que vou morrer. No túmulo que cavei para mim^m na terra de Canaã, é lá que me háis de enterrar'. Gostaria agora de subir para enterrar meu pai, e depois voltarei". ⁶Faraó deu a sua resposta: "Sobe para enterrar teu pai como ele te fez jurar". ⁷E José subiu a enterrar seu pai. Todos os servos de Faraó, os anciãos da sua casa e todos os anciãos da terra do Egito subiram com ele, ⁸assim como toda a casa de José, seus irmãos e a casa de seu pai. Só deixaram na terra de Gôshen suas crianças, ovelhas e bois.

⁹Até os carros e os cocheiros subiram com ele. A caravana era imponente.

¹⁰Chegaram à Eira do Espinho, além do Jordão. Lá celebraram funerais solenes e com muitas honras.

José observou pelo seu pai um luto de sete dias. ¹¹Os canaanitas que habitavam a terra viram este luto na Eira do Espinho e exclamaram: "É um luto cruel para o Egito!" Por isso denominou-se este lugar que fica além do Jordão "Luto-do-Egito".

¹²Os filhos de Jacó agiram em relação a ele segundo as ordens dele. ¹³Transportaram-no à terra de Canaã e o enterraram na caverna do campo de Makpelá, o campo adquirido por Abraão de Efron, o hetita, a título de propriedade funerária, defronte de Mamrê.

¹⁴Após o enterro de seu pai, José voltou ao Egito, ele, seus irmãos e todos os que haviam subido com ele para o enterro.

O fim de José. ¹⁵Vendo que o pai deles estava morto, os irmãos de José disse-

ram para consigo: "Se José fosse tratar-nos como inimigos e nos pagar todo o mal que lhe causamos..." ¹⁶Eles mandaram dizer a José: "Teu pai deu esta ordem antes morrer: ¹⁷Falareis assim a José: 'Por favor, perdoa' a transgressão e o pecado dos teus irmãos. Com certeza, eles te causaram muito mal, mas, te pedimos, perdoa agora a transgressão dos servos do Deus de teu pai". Quando lhe falaram assim, José chorou.

¹⁸Depois seus irmãos pessoalmente foram prostrar-se diante dele e lhe disseram: "Aqui estamos, teus escravos!" ¹⁹José respondeu-lhes: "Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus?" ²⁰Quiscstes fazer-me mal, Deus quis transformá-lo em bem: conservar a vida a um povo numeroso, como hoje se vê. ²¹A partir de agora, não temais, provei à vossa subsistência e à dos vossos filhos". Ele os reconfortou e lhes falou de coração a coração.

²²José habitou no Egito, ele e a casa de seu pai. José viveu cento e dez anos^p ²³e viu a terceira geração dos filhos de Efraim. Ademais, os filhos de Makir^r, filho de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José. ²⁴José disse a seus irmãos: "Vou morrer. Deus intervirá a vosso favor e vos fará subir novamente desta terra para a terra que prometeu por juramento^a a Abraão, Isaac e Jacó". ²⁵Em seguida José fez os filhos de Israel prestarem juramento: "Quando Deus intervier em vosso favor, fareis subir novamente meus ossos daqui".

²⁶José morreu com a idade de cento e dez anos. Embalsamaram-no e o depositaram em um esquife, no Egito.

m. Variante da tradição de Makpelá (cap. 23).
 n. O v. 22 parece "sacerdotal". No relato "javista" (vv. 15-17), os irmãos de José, temendo a hostilidade de seu irmão, invocam, para acobertar-se, uma última vontade de Jacó: são os servos do Deus do pai dele (cf. 31,53). José chora, como havia chorado no discurso de Judá, e com isto mostra que cede ao desejo de seus irmãos. No relato "eloísta", não se trata mais somente do pai e do Deus do pai, mas da maneira como Deus tira o bem do mal. Encontramos aqui, como em todo o relato "eloísta", uma teologia mais elaborada e orientada para o problema da salvação do povo (*conservar a vida*).

Morto José, Deus fará os israelitas subirem da terra do Egito (vv. 18-21, 23-26).

o. Lit. *tira* (a falta).

p. Têm-se vários exemplos literários de sábios egípcios falecidos com a idade ideal de cento e dez anos.

q. Meia-tribo estabelecida ao norte da Transjordânia (Nm 32,39-40; Dt 3,15).

r. É uma adoção como a de Efraim e Manassés por Israel em 48,12. A verdadeira descendência de José é, pois, a de Efraim.

s. Cf. 22,16; 26,3; 28,15.

t. O que será executado pelos israelitas (Ex 13,19).

Mt 6,12.14;
 Lc 17,3

37,7.9

45,5

Rm 12, 17-21;
 1Ts 5,15
 Pr 16,1;
 19,21;
 Rm 8,28

48,12

Ex 12,41

Dt 1,8;
 34,4

Ex 13,19;
 Js 24,32;
 Hb 11,22

ÊXODO

INTRODUÇÃO

A Introdução ao Pentateuco mostrou como foram compostos os cinco livros da Torá e o que eles representavam para a fé de Israel. O Êxodo¹, segundo livro do Pentateuco, é, por vezes, chamado “Evangelho do Antigo Testamento”: como um evangelho, o Êxodo anuncia a “boa nova” fundamental da intervenção de Deus na existência de um grupo de pessoas (4,31), a fim de fazê-las nascer para a liberdade e congregá-las em uma nação santa (19,4-6).

Para entrar no pensamento do livro, é preciso lembrar o que a saída do Egito significava para Israel.

1. A saída do Egito sempre foi considerada por Israel como um momento singular de sua história, acontecimento situado num plano diferente dos outros. É, na verdade, o evento criador de Israel, do qual dependerá toda a vida subsequente e ao qual inúmeras instituições, ritos e crenças deverão se referir; é também o evento ao qual, por sua vez, se reportarão as grandes esperanças nacionais. De fato, a rememoração da saída do Egito foi tão decisiva que passou a predominar sobre outros acontecimentos que, no plano estritamente histórico, tiveram a mesma influência sobre a vida do povo: a entrada em Canaã sob Josué e a progressiva tomada de consciência da unidade das doze tribos (Js 24), a instauração da realeza e a constituição de um Estado palestino sob Davi, bem como o exílio e a transformação de Israel em comunidade dispersa. Por mais importantes que tenham sido, esses fatos da história de Israel nunca suplantaram o acontecimento da saída do Egito e do tempo passado no deserto. Muito ao contrário, toda a reflexão teológica e histórica de Israel tem sido iluminada pelo “êxodo”. Foi, de fato, a época da juventude de um povo que Deus tomou sob seus cuidados (Os 11,1-4; Dt 8,11-16), mas que logo manifestou suas primeiras revoltas (Ex 14-17). A quem procurasse compreender o sentido desta ou daquela instituição, o ponto de referência era muitas

vezes oferecido pelos acontecimentos do Êxodo. Qual a razão de ser da Páscoa (12,26), da festa dos Pães sem fermento (13,8 e 12,39) ou da apresentação dos primogênitos (13,14-15)? A resposta não é: trata-se de um costume da terra onde moramos, mas: é uma recordação do que aconteceu por ocasião da saída do Egito. Outro exemplo: por que respeitar e ajudar os “migrantes”? Não é justamente porque nossa experiência em terra egípcia nos ensinou o que é a vida deles (22,20; 23,9)? Em suma, esse acontecimento tão importante, capaz de animar, através dos séculos, as instituições, ritos e leis de um povo, deve realmente ser considerado como o nascimento deste povo.

2. Além de ser o nascimento, o êxodo também foi para Israel o tempo privilegiado do encontro com Deus. A linguagem “miraculosa” do livro do Êxodo (cf. as “pragas” ou a “passagem do mar”) não deve enganar o leitor moderno, dando-lhe a impressão de estar diante de uma teologia ingênua, isto é, diante de uma teologia que concebesse a intervenção de Deus como um evento necessariamente estrondoso e de adesão obrigatória. Lendo o livro com atenção, percebemos que é perpassado por uma série de questões essenciais, ou seja, de contestações. Será que vão acreditar (4,1; 6,9; 14,31)? O Senhor está ou não no meio de nós (17,7)? Qual é o seu nome (3,13-15)? É possível vê-lo (33,18-23)? Por que Moisés nos arrasta a esta aventura perigosa e fatal (14,11; 16,3; 17,3; 32,1)? A essas questões e dúvidas, o livro dá a resposta da fé do povo de Israel. Esta fé amadureceu incessantemente no decurso dos séculos, até a elaboração final do livro do Êxodo (cf. a Introdução ao Pentateuco). Desde o dia em que Moisés deu a conhecer ao seu povo o Deus único a ser cultuado, o Deus da Aliança, Israel meditou longamente sobre o evento primeiro de sua existência nacional: este êxodo e esta aliança. Compreendeu que Deus interveio na história (cf. as pequenas “confissões de fé” em 13,9.16). Compreendeu quem era esse Deus, que

1. Êxodo: palavra grega que significa “saída”. O livro recebeu este nome do judaísmo alexandrino; seu nome hebraico é tradicionalmente fornecido pelas primeiras palavras do texto: (Estes são) os nomes.

havia suscitado e guiado a caminhada do povo, e qual era o seu nome. O Senhor, o Deus de Moisés e de Israel, é aquele que, sendo fiel a uma esperança por ele mesmo suscitada, respondeu ao grito de homens insatisfeitos e reduzidos à servidão (2,23-25). É aquele que, ao final, foi capaz de vencer todas as resistências (cf. caps. 7-11), encaminhando o seu povo para a liberdade (a tal ponto que a expressão Aquele que nos fez sair da terra do Egito tornou-se um de seus títulos principais, quase o seu nome). Desejando reunir a humanidade num povo que fosse o seu povo, ofereceu-lhe uma aliança e pediu-lhe que agisse de acordo com ela (19-24). Revelou sua paciência e sua misericórdia a um povo pecador (32-34). Tornou-se, enfim, presente junto ao povo pela mediação de Moisés, o profeta (33,7-11; 34,29-35), e mediante a liturgia celebrada pelo sacerdote Aarão no santuário legítimo (25,8; 40,34-35).

3. Assim, a saída do Egito não é apenas um acontecimento de outrora, mas uma realidade sempre viva. Tanto o Sl 114 como Js 4,22-24 reuniam na mesma celebração a passagem do mar realizada com Moisés e a do Jordão com Josué. O Sl 81 convidava a comunidade reunida "no dia da festa" a ouvir melhor do que os seus antepassados a voz que tinha ressoado por ocasião dos acontecimentos do Êxodo, e o Sl 95 acentuava que esta voz estava falando hoje. Na verdade, conforme o Sl 111,4, "o Senhor benevolente e misericordioso (cf. Ex 34,6) quis que seus milagres fossem lembrados". Com suas festas litúrgicas², Israel tem, por conseguinte, o ensejo de participar plenamente da libertação pascal e de entrar incessantemente na aliança inaugurada no Sinai. Desse modo, a liturgia dava a cada um a possibilidade de reviver periodicamente os acontecimentos da saída do Egito. Além disso, Israel olhou para o passado de modo ainda mais intenso por ocasião das grandes crises que abalaram a comunidade. Lembremos, por exemplo, a peregrinação feita pelo profeta Elias ao monte Horeb, às fontes da fé israelita (IRs 19), na época da crise cananéia, que, no tempo de Acab, conseguiu levar o reino do norte à apostasia. Da mesma forma, depois de Jeremias (Jr 31,31-34) e de Ezequiel (Ez 16,59-63; 37,20-28), que haviam anunciado uma nova aliança, o

Segundo Isaías proclamava que tinha chegado o tempo de um novo Êxodo (Is 43,16-21): a libertação maravilhosa de uma terra de cativo (Is 48,20-22; 49) viria ainda mais maravilhosamente acompanhada por uma libertação dos pecados (Is 40,2; 44,21-22) e por um apelo a que todas as nações se voltassem para aquele que, tendo salvado Israel, é capaz de salvar a todos (Is 45,4-25). Portanto, para ler o livro do Êxodo, é preciso estar lembrado de que, na elaboração progressiva do texto, Israel foi guiado por sua fé. "Em cada geração, cada qual deve considerar-se como tendo ele mesmo saído do Egito", dirá mais tarde o ritual judaico da Páscoa (cf. 13,8 nota).

4. Como livro de um povo a caminho, o Êxodo não é um livro acabado. Sendo um testemunho prestado à intervenção salvífica de Deus na história dos homens, alimenta a esperança de uma liberdade mais fundamental e mais definitiva. Nesta perspectiva, os autores do Novo Testamento consideravam a salvação trazida por Jesus Cristo como um cumprimento do êxodo de Israel. E para exprimir a novidade da experiência cristã foi justamente utilizada a linguagem do Êxodo, aliás, tal como ele era reinterpretado pelo judaísmo na era cristã³. A última ceia de Cristo, sua morte e sua glorificação foram compreendidas como sendo a sua Páscoa (Lc 22,14-20; Jo 13,1-3; 19,36). Outros textos (Jo 6; 1Cor 5,7; 10,2-4) utilizam os conceitos maná, nuvem, travessia do mar, água do rochedo, páscoa, pão sem fermento para falar do batismo e da eucaristia. O Apocalipse celebra Cristo como o Cordeiro pascal (Ap 5,6); no mesmo livro, os flagelos que se abatem sobre os adoradores da Besta são retomados das pragas do Egito (Ap 15,5-21); e os que participam do triunfo de Cristo sobre a Besta cantam novamente o cântico de Moisés (Ap 15,3); enfim, para descrever o surgimento do mundo novo, alude-se a um desaparecimento do mar (Ap 21,1). Todos os temas de uma leitura cristã do Êxodo foram abundantemente explorados pelos Padres da Igreja — aliás, menos em comentários contínuos do que em homilias pascais e catequese. Tudo isso explica a presença difusa dos temas do Êxodo na liturgia cristã. Sem pretender fazer um levantamento completo, mencionamos apenas a leitura da travessia do mar e o canto do hino de Moisés (Ex 14-

2. Cf. Ex 12,14, onde se diz que a Páscoa é um "memorial".

3. Por exemplo, no livro da Sabedoria e nos targumim.

15), retomados na noite da Páscoa tanto na liturgia bizantina como na liturgia romana⁴; ou então o lugar do decálogo no culto e na catequese das Igrejas.

5. O fato de o livro do Êxodo ter sido escrito para exprimir a fé do povo de Israel não significa que ele esteja baseado em fatos imaginários. Confrontando os dados da tradição bíblica com os dados agora melhor conhecidos da história do antigo Oriente Médio, percebemos que os estudos históricos não foram feitos em vão. Quanto a Moisés, hesitava-se em situá-lo entre o século XV (18ª dinastia, especialmente no reinado de Tutmés/Tutmósis III) e o século XIII (19ª dinastia; nos reinados de Seti I, Ramsés II ou Merneptá). Embora admitindo que a dominação egípcia da 18ª dinastia pode ter deixado vestígios na narração "javista", os historiadores geralmente mantêm a assim chamada cronologia "curta" (Êxodo no século XIII). No contexto político da região e da época, podemos representar-nos os fatos da seguinte maneira:

No século XVI, o Novo Império egípcio expulsa os invasores hicsos, que cento e cinquenta anos antes vieram da Ásia. No século XV, especialmente com Tutmés III, o Egito fortaleceu a sua dominação sobre os países cananeus. O século XIV foi marcado por um enfraquecimento do Egito, que passa pela crise religiosa dita de El-Amarna

(Amenófis IV, Tutankamon); seus vassalos cananeus estão sob a ameaça do crescente poderio hitita e da agitação fomentada por uma população de migrantes turbulentos chamados habiru pelos textos antigos⁵. Para restabelecer a ordem, um general, Horemheb, funda a 19ª dinastia (século XIII), que instala sua capital no delta do Nilo, empreende a fortificação da costa do Mediterrâneo e, com Ramsés II, vê-se obrigada a enfrentar o poderio hitita. Foi nessa época — supõe-se — que os egípcios utilizaram mão-de-obra semita, encontrada na região e cujas intenções, aliás, deixaram preocupada a administração. No entanto, Moisés (que talvez tenha sido formado, como outros semitas, para o serviço da política asiática de Faraó) conseguiu levar seus irmãos de raça para o deserto e organizar sua vida religiosa, esperando que esta gente, pertencente sobretudo à "casa de José" (tribos de Efraim e de Manassés) e à "casa de Levi", entrasse em Canaã sob Josué. Ai, outras tribos vão se unir a eles e ao "Deus que fez subir o seu povo da casa da escravidão".

Foi este o quadro humano em que Deus interveio para revelar a um povo de migrantes o desígnio de fazer deles a sua propriedade pessoal, um reino de sacerdotes e uma nação santa (19,5-6). Enfim, é aí que se inicia o conagração de todos os homens na aliança do Senhor.

4. No rito romano, esta leitura é seguida de uma prece assim formulada:

Ó Deus, vemos brilhar ainda em nossos dias as vossas antigas maravilhas. Ao passo que outrora manifestastes o vosso poder libertando um só povo da perseguição do Faraó, realizais agora a salvação de todas as nações fazendo-as renascer nas águas do batismo.

Concedei aos homens do mundo inteiro tornarem-se filhos de Abraão e acederem à dignidade de filhos de Israel.

5. O termo designa um estado social (refugiados estrangeiros, migrantes agrupados em bandos) ou um povo? Que ligação existe entre estes *habiru* e os *hebreus*? As soluções propostas para essas questões ainda não obtiveram o consenso dos especialistas.

ÊXODO

NASCIMENTO E VOCAÇÃO DE MOISÉS

1 A escravidão dos filhos de Israel. ¹Estes são os nomes^a dos filhos de Israel vindos ao Egito, acompanhando Jacó, cada um com sua família:

²Rúben, Simeão, Levi e Judá,

³Issacar, Zabulon e Benjamin,

⁴Dan e Neftali,

Gad e Aser.

⁵Os descendentes de Jacó^b eram, ao todo, setenta pessoas: José já estava no Egito. ⁶Mais tarde, morreram José, os seus irmãos e toda aquela geração. ⁷Os filhos de Israel frutificaram, aumentaram muito e se multiplicaram, tornando-se cada vez mais fortes: a terra estava ficando repleta deles^d.

⁸Então um novo rei, que não havia conhecido José, levantou-se sobre o Egito. ⁹Ele disse a seu povo: "Eis que o povo dos filhos de Israel é numeroso e forte demais para nós. ¹⁰Vamos, pois, tomar sábias medidas contra ele, a fim de que pare de multiplicar-se. Em caso de guerra, poderia juntar-se aos nossos inimigos, combater contra nós e sair^e da terra". ¹¹Impuseram-lhe então chefes de corvêia, para reprimi-lo com trabalhos forçados, e Israel construiu para Faraó as cidades-entrepósitos de Pitom e Ramsés^f.

¹²Mas quanto mais se tentava reprimi-lo,

tanto mais se multiplicava e se fortalecia. Vivia-se em obsessão por causa dos filhos de Israel!

¹³Os egípcios escravizaram, pois, os filhos de Israel com brutalidade ¹⁴e amarguraram-lhes a vida por meio de uma dura servidão, com a fabricação de argamassa e de tijolos, com trabalhos no campo e com todo tipo de servidão que brutalmente lhes impunham.

¹⁵O rei do Egito disse às parteiras dos hebreus^g, uma das quais se chamava Shifrá e a outra Puá: ¹⁶"Quando ajudardes as mulheres dos hebreus a darem à luz, olhai o sexo da criança^h. Se for um menino, matai-o. Se for uma menina, deixai-a viver". ¹⁷As parteiras, porém, temiam a Deus. Não fizeram o que o rei do Egito lhes ordenara e deixaram os meninos viver. ¹⁸Então, o rei do Egito as convocou e lhes disse: "Por que fizestes isso e deixastes viver os meninos?" ¹⁹As parteiras responderam a Faraó: "As mulheres dos hebreus não são como as egípcias; são cheias de vida: antes de a parteira chegar, já deram à luz!" ²⁰Deus tornou as parteiras eficazes, e o povo se multiplicou e se tornou bem forte.

²¹Ora, como as parteiras temessem a Deus, e Deus lhes houvesse dado uma

a. O livro se abre com um resumo do texto "sacerdotal" de Gn 46,8-27. É difícil distinguir, nos caps. 1 a 5, o que é de tradição "javista" e o que, de tradição "eloísta".

b. Lit. *personas saídas da casa de Jacó*.

c. *Setenta*: cf. Gn 46,27 e Dt 10,22. O gr. e um mss. hebr. de Qumran têm *setenta e cinco*, número que se encontra em At 7,14. O acréscimo de cinco unidades é provavelmente fornecido pelos netos de José, cujos nomes são mencionados pelo gr. em Gn 46,20.

d. Esta multiplicação dos filhos de Israel realiza a promessa feita aos patriarcas: a Abraão (Gn 12,2; 13,16; 15,5; 17,5-6), a Isaac (Gn 26,4,24), a Jacó (Gn 28,3,14; 35,11). Resta ser cumprida a promessa referente à posse da terra de Canaã.

e. Lit. *subiria para fora da terra*. Na Bíblia, *sobe-se* a Jerusalém. Poderíamos também entender: *submergeria a terra* (cf. Os 2,2).

f. Pitom e Ramsés situam-se na parte oriental do Delta do Nilo. A expressão traduzida por *cidades-entrepósitos* é um termo

militar em Ex 9,19. — A 19ª dinastia (século XIII a.C.), vendo-se obrigada a fortificar o Delta para enfrentar a ameaça hitita e as revoltas em Canaã, utilizou mão-de-obra seminômade encontrada no local. O clima de insegurança política explica o receio de Faraó (v. 10).

g. O termo *hebreus* não é uma designação da qual os israelitas normalmente se servissem para se autodenominar. Ao contrário, eram os estrangeiros — egípcios ou filisteus — que a utilizavam. Os israelitas a utilizam às vezes, sobretudo quando se dirigem a estrangeiros. A palavra talvez pudesse ser aproximada de *hapirulapiru* (encontrada em textos mesopotâmicos e egípcios do 2º milênio). Na Bíblia, pode designar uma população que inclui os israelitas, sem se limitar a eles (cf. 1Sm 13,3 nota).

h. Lit. *olhai as duas pedras*: esta expressão obscura pode designar um assento utilizado para dar à luz ou o sexo da criança. Não foi mais compreendida pelas antigas versões que traduzem livremente: *quando elas estiverem para dar à luz* (gr.), *quando tiver chegado o tempo de dar à luz* (lat.), *olhai o parto* (aram.).

descendência!²²Faraó deu esta ordem a todo o seu povo: "Todo menino recém-nascido, jogai-o ao Rio! Toda menina, deixai-a viver!"

Sh 11,6

At 7,20-29;

Hb 11,

23-27

2 Moisés: da corte de Faraó à terra de Midian. ¹Veio um homem da família de Levi e casou-se com uma mulher também descendente de Levi^k. ²Ela ficou grávida e deu à luz um filho. Vendo que era bonito, escondeu-o por três meses. ³Não conseguindo escondê-lo por mais tempo, arranhou-lhe uma arquinha^l feita de papiro, revestiu-a com betume e piche, nela pôs o menino e a levou para o meio dos juncos à beira do Rio. ⁴A irmã do menino ficou a distância para ver o que ia lhe acontecer. ⁵Ora, a filha de Faraó desceu para se lavar no Rio, enquanto suas acompanhantes andavam pela margem. Vendo a arquinha entre os juncos, mandou que sua criada a apanhasse. ⁶Abriu-a e viu a criança: era um menino chorando. Teve piedade dele e disse: "É uma criança dos hebreus". ⁷A irmã dele disse à filha de Faraó: "Queres que eu vá chamar uma ama de leite entre as mulheres dos hebreus? Ela poderia amamentar o menino para ti". ⁸"Vai", disse-lhe a filha de Faraó. E a moça chamou a mãe do menino. ⁹"Toma essa criança e amamenta-a para mim," — disse-lhe a filha de Faraó — "eu te darei salário". A mãe tomou o menino e o amamentou. ¹⁰O menino cresceu e ela,

então, o levou para a filha de Faraó. Ele se tornou um filho para ela, que lhe deu o nome de Moisés, pois dizia: "Eu o tirei das águas".

¹¹Nesses dias, Moisés, já crescido, saiu para junto de seus irmãos e observou as suas corvéias. Viu um egípcio bater num hebreu, um de seus irmãos. ¹²Virou-se para todos os lados e, vendo que não havia ninguém, matou o egípcio e o escondeu na areia. ¹³No dia seguinte, saiu de novo: viu dois hebreus brigando. Então disse ao culpado: "Por que bates em teu companheiro?" O homem respondeu: ¹⁴"Quem te estabeleceu como chefe e juiz sobre nós? Pensas que vais me matar como mataste o egípcio?" Moisés ficou com medo e disse a si mesmo: "O caso já é do conhecimento de todos!" ¹⁵Faraó ouviu falar do caso e procurou matar Moisés. Moisés, porém, fugiu da presença de Faraó. Estabeleceu-se na terra de Midianⁿ e se assentou à beira do poço^o. ¹⁶O sacerdote de Midian tinha sete filhas. Vieram tirar água e encher os bebedouros para matar a sede do rebanho de seu pai. ¹⁷Vindo, porém, os pastores para expulsá-las daí, levantou-se Moisés, socorreu-as e deu água ao rebanho. ¹⁸Voltando elas para junto de Reuel^p, seu pai, ele lhes disse: "Por que voltastes tão cedo, hoje?" ¹⁹Responderam: "Um egípcio nos livrou da mão dos pastores; foi ele que tirou água para nós e deu de beber ao rebanho!" ²⁰Ele disse a suas

i. Lit. *lhes fizera casas*. *lhes*: pode designar as parteiras, que recebem uma descendência como recompensa pela sua atitude, ou então o povo que, graças a elas, escapou da destruição planejada por Faraó.

j. O Nilo, com todas as suas ramificações.

k. O relato do nascimento de Moisés pode ser comparado com a epopéia contada no Oriente a respeito de Sargon de Agadê, grande conquistador mesopotâmico do século XXV a.C. Segundo esta epopéia, Sargon foi abandonado às escondidas por sua mãe, posto numa cesta de juncos calafetada com piche e levado pelo rio até o mundo divino, onde uma deusa o amou. Esse relato era ainda copiado no Egito pouco tempo antes da época do Êxodo. Se pôde ser utilizado como moldura para a tradição relativa a Moisés, é porque se quis inscrever o libertador de Israel no rol dos grandes personagens da história.

l. Este termo em hebr. designa a arca de Noé e não aparece fora destes dois contextos.

m. O nome *Moisés* (*Moshê*) é assim relacionado com o termo *mushah* (retirar de). Cf. Sl 18,17 = 2Sm 22,17. Pensa-se que a origem real desse nome é egípcia (cf. os nomes de faraós: *Ah-mósis*, *Tut-mósis*...). Utilizando-se de uma etimologia popular, o relato quer mostrar que Moisés é o primeiro que foi salvo.

n. Midian designa tribos nômades, que viviam a leste e no sul da Palestina. Moisés vai reencontrar ali o modo de vida dos patriarcas, seus ancestrais (nomadismo e pastoreio), como também as tradições patriarcais (segundo Gn 25,2, Midian pertence aos filhos de Abraão). Desse modo, Moisés estará apto a ouvir o chamado do Deus de seu pai Abraão (Ex 3,6).

o. Este poço talvez fosse tradicionalmente conhecido, já que é designado pelo artigo definido.

p. As diversas tradições dão ao sogro de Moisés nomes diferentes, sem tentar harmonizá-los: Reuel (2,18), litrô (3,1; 4,18; 18,1). Cf. ainda Nm 10,29; Jz 4,11.

filhas: "Mas onde é que ele está? Por que deixastes o homem? Chamai-o! Que venha comer!" ²¹E Moisés aceitou estabelecer-se junto a esse homem, que lhe deu Şiporá, sua filha. ²²Ela deu à luz um filho. Moisés o chamou de Guershom —
18,3 "migrante por lá" — porque dizia ele: "Tornei-me um migrante em terra estrangeira!"

Moisés chamado pelo Senhor e enviado em missão. ²³Ao fim desse longo período, o rei do Egito morreu. Os filhos de Israel geraram do fundo de sua servidão e clamaram. Do fundo da servidão, o seu clamor subiu até Deus. ²⁴Deus ouviu os seus lamentos e se lembrou de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó.
6,7 ²⁵Deus viu os filhos de Israel; Deus se apercebeu!...

3 ¹Moisés apascentava o rebanho de seu sogro litrô, sacerdote de Midian. Levando o rebanho além do deserto, chegou à montanha de Deus, ao Horeb".
At 7,30-35 ²O anjo do SENHOR apareceu-lhe numa chama de fogo, do meio da sarça". Moisés viu: a sarça ardia em fogo, mas não se consumia. ³Moisés disse então: "Vou chegar perto para ver esta grande visão: por que a sarça não queima?" ⁴O SENHOR viu que ele havia chegado perto

para ver, e Deus o chamou do meio da sarça: "Moisés! Moisés!" Ele disse: "Eis-me aqui!" ⁵Deus falou: "Não te aproximes! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa". ⁶E acrescentou: "Eu sou o Deus de teu pai, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó". Moisés cobriu o rosto, pois tinha medo de ver a Deus. ⁷O SENHOR disse: "Eu vi, vi a opressão de meu povo no Egito e ouvi-o clamar sob os golpes dos chefes de corvéia. Sim, eu conheço seus sofrimentos. ⁸Descei para libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, uma terra que mana leite e mel", para o lugar do canaanita, do hetita, do emorita, do perizita, do hivita e do iebusita. ⁹E agora, visto que o clamor dos filhos de Israel chegou a mim e eu vi a carga que os egípcios fazem pesar sobre eles, ¹⁰vai, pois! Eu te envio a Faraó. Faze sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel".

"Moisés disse a Deus: "Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?" ¹²"Eu estou contigo" — disse-lhe Deus. "E aqui está o sinal de que eu te enviei: quando tiveres feito sair o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha".

Mc 12,26p; At 3,13

Dt 2,7

At 7,7

q. Migrante: cf. 12,43 nota.

r. Lit. e Deus conheceu, expressão que parece truncada. O gr. leu, talvez com razão (cf. 6,3); e se fez conhecer por eles. Esse parágrafo é também um resumo histórico (cf. 1,1 nota, que na tradição "sacerdotal" prepara a revelação feita a Moisés (6,2-7,7)).

s. Rebanho de gado miúdo (ovelhas e cabras).

t. Montanha de Deus: cf. 4,27; 18,5; 24,13; 1Rs 19,8. É assim qualificada, seja porque Deus vai primeiramente aí se revelar a Moisés e depois a todo o povo (Êx 19), seja porque o local foi sempre considerado como um lugar santo.

u. Horeb: é o nome da montanha santa nas tradições originárias do Israel do Norte (eloísta, deuteronômista); na história de Elias por exemplo: 1Rs 19,8. As tradições javista e sacerdotal a chamam de Sinai.

v. Nestes textos antigos, a expressão anjo (ou enviado) do Senhor significa: o Senhor enquanto se manifesta.

w. Esta cena, em que Moisés de repente descobre o caráter sagrado do lugar onde se encontra a sarça, evoca a cena de Gn 28,11-22, quando Jacó faz a mesma experiência no santuário de Betel. O fenômeno misterioso de um fogo que queima sem consumir foi, na vida de Moisés, um acontecimento decisivo, no qual encontrou o Deus dos patriarcas (v. 6) e seu projeto a res-

peito dos homens (vv. 7-10). Na bênção de Dt 33,16, o Senhor é chamado *Aquele que mora na sarça*.

x. O encontro com Deus é vivido simultaneamente como um risco assustador, contra o qual o homem frágil e pecador quer se proteger, e como um acontecimento da graça, que chama a uma vida nova. Cf. Gn 28,17; 32,31; Ex 19,21; 33,20; Lv 16,2; Nm 4,20; Dt 5,24-25; Jz 6,22-23; 13,22; Is 6,5. Medo idêntico atinge as testemunhas da glória de Jesus manifestada por seus milagres, sua transfiguração ou sua ressurreição. Cf. Mt 17,6; 28,4; Mc 1,27; 2,12; 4,41; 15,42; 6,49-51; 16,5-8; Lc 4,36; 5,8-9; 5,26; 8,25,37,56; 24,5,37.

y. Expressão muito antiga. Já no mito cananeu de Báal, encontramos este refrão que celebra o retorno da abundância na natureza:

Os céus fizeram chover a gordura, os riachos fazem correr o mel.

z. Esta é a primeira menção ao serviço a Deus, questão crucial de todo o drama das "pragas do Egito" (7,16 etc.). Sacudindo o jugo da servidão a Faraó, o povo de Israel não vai entrar num estado de liberdade anárquica, mas vai fazer da liberdade um serviço a Deus regido pela lei da aliança. Passar da escravidão do serviço a Faraó à liberdade do serviço a Deus, disto é que se trata no Êxodo. Cf. Mt 6,24; Gl 5,13; Rm 6,13; 1Pd 2,16.

¹³Moisés disse a Deus: "Eu irei para junto dos filhos de Israel para lhes dizer: o Deus de vossos pais me enviou a vós. Se me perguntarem: Qual é o seu nome? — que lhes direi?" ¹⁴Deus disse a Moisés: "EU SOU AQUELE QUE SEREI". E disse: ¹⁵Assim falarás aos filhos de Israel: "EU SOU me enviou a vós". ¹⁶Deus ainda disse a Moisés: "Falarás assim aos filhos de Israel: O SENHOR^a, Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó^b, enviou-me a vós. É este o meu nome para sempre. É assim que me invocarão^d em todos os tempos. ¹⁷Vai, reúne os anciãos de Israel e dize-lhes: O SENHOR, Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, me apareceu dizendo: "Tomei a decisão de intervir em vosso favor, por causa de tudo o que vos fizeram no Egito. ¹⁸e reafirmo: eu vos farei subir da opressão do Egito para a

terra do canaanita, do hitita, do emorita, do perizita, do hivita e do iebusita, para a terra que mana leite e mel". — ¹⁹Ouvirão a tua voz^e e entrareis, tu e os anciãos de Israel, na casa do rei do Egito. Dir-lhe-eis: O SENHOR, o Deus dos hebreus, apresentou-se a nós; e agora precisamos ir ao deserto, a três dias de caminhada, para sacrificar ao SENHOR, nosso Deus. — ²⁰Mas eu sei que o rei do Egito não vos permitirá partir, a não ser que seja obrigado por uma mão forte^g. ²¹Estenderei, pois, minha mão e golpearei o Egito com todos os milagres que hei de fazer no meio dele. Depois disso, ele vos mandará partir. ²²Farei com que este povo conquiste o favor dos egípcios: e, então, quando partirdes, não tereis as mãos vazias: ²³toda mulher pedirá à sua vizinha e à que mora com ela objetos de prata, objetos de ouro e ves-

AULA 1
SOBRE
NOME
DEUS
— x —
Ver con
tudo
nada p

a. À pergunta do v. 13, o v. 15 responde dando o nome pedido: YHWH (pronunciado *lahvé* ou *Iahvé*) é o meu nome para sempre. Conforme a tradição "eloísta" (Ex 3,9-15) e a tradição "sacerdotal" (Ex 6,2-3), este nome só foi revelado no tempo de Moisés, ao passo que, segundo a tradição "javista", era conhecido e invocado desde os primórdios da humanidade (Gn 4,26).

O v. 14 surge como uma explicação doutrinal do nome que Israel dá a Deus. O nome de YHWH tem provavelmente uma origem pré-israelita; mas, seja como for, este texto fundamental quer, jogando com uma etimologia plausível (cf. Ex 2,10 nota), ligar esse nome a uma forma antiga do verbo *ser*, *ser atuante*: *hawah*. Outros textos (Ex 33,19; 34,6-7) esforçaram-se ainda por explicitar a riqueza contida no nome de YHWH. Mas a frase enigmática: *Eu sou* (ou *serei*) *aquele que sou* (ou *serei*) não desvela facilmente seu sentido.

Podemos compreender: *Eu sou quem sou*, isto é, não quero ou não posso dizer quem eu sou (cf. Gn 32,30; Jz 13,18, onde o anjo do SENHOR se recusa a dizer o nome). Como o contexto mostra que enfim Moisés fica realmente a par de um nome que pode servir de sinal, o v. 14 significa, segundo esta interpretação, que mesmo o nome de YHWH revelado no v. 15 não poderia exprimir totalmente o mistério de Deus. Deus não pode ser encerrado em palavras.

Podemos também compreender: *Eu sou aquele que é*, em oposição aos deuses que *não existem* (Is 43,10) ou que *são nada* (Is 41,24). A tradução grega (Septuaginta) deu esse sentido.

Podemos, enfim, levar em conta todos esses significados, observando que o contexto fala do Deus que está presente *com* Moisés para ajudá-lo na obra da salvação (3,12; 4,12.15) e que a forma verbal empregada tem, no hebraico, valor tanto de futuro como de presente. Neste caso, a frase *Eu sou quem serei* (ou *estarei*) quer afirmar: *Eu estou aí, convosco, na maneira que vereis*. Pela história da salvação dos homens é que Deus manifestará pouco a pouco quem ele é. Outros textos exprimiam o mesmo pensamento: Os 1,9 (por causa dos pecados do povo,

Deus disse: *eu não existo para vós*). Is 52,6 (conhecer o nome de Deus é conhecer que ele é *aquele que diz: Eis-me aqui!*). Do mesmo modo, a fórmula de Ap 1,4.8: *Ele é, Ele era e Ele vem*, é um desenvolvimento do *Eu sou* de Ex 3,14. Notemos, enfim, que Rashi, exegeta judeu da Idade Média, comentava assim: *Eu serei com eles nesta aflição o que serei com eles quando estiverem subjogados a outros reinos*.

b. Por volta do século IV a.C., surgiu o costume de não se pronunciar mais o nome de YHWH, de modo que para nós é difícil saber com que vogais era pronunciado. Em seu lugar, dizia-se *Adonai* (o Senhor), o que levou a versão grega a utilizar *Kyrios* (o Senhor), termo retomado pelo NT (cf. At 2,36; Fl 2,11). As formas abreviadas *Yah*, *Yahu*, já bem antigas, são utilizadas no grito de louvor *hallelu-yah* (Louvai o Senhor) e na formação de muitos nomes próprios: *Eliyáhu* (= Elias, "meu Deus, é o Senhor"); *Yehoshua* (= Josué, Jesus, "o Senhor salva").

c. Uma tradição judaica viu nesta denominação: *Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó*, o nome revelado para sempre neste v., reservando a Ex 6,3 a valorização do nome de YHWH. Cf. Mt 22,31-32.

d. Lit. é este o meu memorial, cf. Os 12,6. O nome é qualificado de *memorial* porque permite aos homens lembrar-se de quem é Deus, e faz Deus se lembrar dos homens que o invocam com este nome.

e. Estas intervenções (ou *visitas*) de Deus (cf. Gn 21,1; Ex 20,5) são acontecimentos pelos quais Deus manifesta a um indivíduo ou a um povo a sua vontade de salvar. Quer aconteçam para abençoar, como aqui, quer para punir, em todo caso estão destinadas à salvação da humanidade e manifestam a continuidade do designio salvífico de Deus até a vinda do próprio Deus em Jesus (Lc 1,68; 19,44).

f. *Ouvir a voz*: de alguém é estar atento e a ele obedecer.

g. Hebr. *nen mesmo por uma mão forte ou não que sua mão seja forte*. A tradução segue o texto gr.

tidos. Vós os poreis em vossos filhos e em vossas filhas. Assim, despojareis os egípcios^h”.

14.31 **4** ¹Moisés respondeu: “Mas... eles não acreditarão em mim, não ouvirão a minha voz. Dirão: O SENHOR não apareceu a ti!” ²O SENHOR lhe disse: “Que tens na mão?” ³“Um bastão”, respondeu. ⁴“Atira-o por terra.” Ele o atirou por terra. O bastão transformou-se em serpente, e Moisés fugiu dela. ⁵O SENHOR disse a Moisés: “Estende a mão e pega-a pela cauda”. Moisés estendeu a mão e a pegou. A serpente voltou a ser bastão em sua mão!. ⁶“É para que acreditem que o SENHOR te apareceu, o Deus de seus pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó”. ⁷O SENHOR ainda lhe disse: “Põe a mão no teu peito”. Ele pôs a mão no peito e, quando a retirou, estava com lepra, branca como neve. ⁸O SENHOR disse: “Repõe a mão no peito”. Ele repôs a mão no peito e a retirou: voltara ao normal!. — ⁹“Então, se não acreditarem em ti e não quiserem ouvir a voz^k do primeiro sinal, acreditarão na voz do segundo. ¹⁰Mas, se acontecer de não acreditarem nem mesmo nesses dois sinais e não ouvirem a tua voz, tomarás um pou-

Nm 12.10;
2Rs 5.27

co de água do Rio, derramando-a por terra. A água, que tiveres tirado do Rio, tornar-se-á sangue sobre a terra”.

¹¹Moisés disse ao SENHOR: “Por favor, Senhor, eu não tenho eloquência para falar, nem desde ontem, nem desde anteontem, nem mesmo depois que falaste a teu servo. Tenho a boca pesada e a língua também”. ¹²O SENHOR lhe disse: “Quem deu boca ao homem? Quem faz ficar mudo ou surdo, com vista ou cego? Não sou eu, o SENHOR? ¹³Vai, pois, Eu ESTOU com a tua boca e te instruirei sobre o que deverás dizer”.

Jr 1.6-10

¹⁴Moisés disse: “Por favor, SENHOR, envia a dizê-lo qualquer outro que queiras enviar!” ¹⁵“A cólera do SENHOR se inflamou contra Moisés e ele disse: “Não existe teu irmão, Aarão, o levita? Sei que ele tem facilidade para falar. Ei-lo que sai ao teu encontro; ao te ver, alegrar-se-á em seu coração. ¹⁶Tu lhe falarás e porás as palavras em sua boca. E eu, Eu ESTOU com a tua boca e com a sua boca e vos ensinarei o que fazer. ¹⁷Ele falará ao povo em teu lugar, ele será tua boca e tu serás seu deus”. ¹⁸Quanto a esse bastão, leva-o! Com ele farás os sinais”.

7.1-2

7.9; 17.5

PRIMEIRA MISSÃO JUNTO A FARAÓ

Fracasso. ¹⁹Moisés pôs-se a caminho. Voltou para junto de litrô, seu sogro, e lhe disse: “Devo ir embora e voltar aos meus irmãos no Egito para ver se ainda vivem”. litrô disse a Moisés: “Vai em paz!” ²⁰O SENHOR disse a Moisés em Midian: “Vai! Retorna ao Egito, porque

estão mortosⁿ todos os que procuravam tirar-te a vida”. ²¹Moisés tomou a mulher e os filhos, fê-los montar no jumento e voltou à terra do Egito. Moisés levava na mão o bastão de Deus. ²²O SENHOR disse a Moisés: “No caminho de volta, vê: farás diante de Faraó todos os pro-

Mt 2.20

h. O despojamento dos egípcios é um tema secundário das tradições sobre a saída do Egito: 11.2-3; 12.35-36. Cf. Gn 15.14. É difícil determinar a sua origem: relações de boa vizinhança entre egípcios e israelitas, o que fazia com que emprestassem uns aos outros objetos para a festa? despojos tomados pelo vencedor? explicação dada para a presença em Israel de objetos introduzidos pelo comércio? Tal como aparece no texto, o tema enfatiza por contraste a obstinação culposa de Faraó (11.3) e, com certa ironia triunfal, celebra a liberdade reencontrada. Para o desenvolvimento tardio do tema, veja Sb 10.17-20.

i. Estes prodígios anunciam 7.8-25. Parecem imbuídos de um clima de magia egípcia. Se os magos egípcios não tinham o poder de mudar um bastão em serpente, “mudavam” facilmente

uma serpente em bastão, deixando-a rigidamente imóvel. Israel, que teve de lutar em seu meio contra a sedução da magia, gostava de mostrar por meio destes detalhes que o poder do Senhor ou de seus representantes é, em todo caso, mais forte do que o de todos os procedimentos mágicos.

j. Lit. *como a sua carne*.

k. Cf. 3.18 nota.

l. Lit. *envia pois por meio de quem enviases*.

m. A situação de Aarão em relação a Moisés é aqui comparada à de um profeta em relação a Deus. Cf. Jr 1.9; 15.19.

n. O v. 19 (“javista”) transpõe para um discurso de Deus o que o v. 18 (“eloísta”) diz em estilo narrativo. Notar que, na tradição “eloísta”, Moisés parte sozinho, sem a sua família, cf. 18.2 nota.

dígnos para os quais te dei poder^a. Eu, porém, lhe enducrecei^b o coração e ele não deixará partir o povo. ²²Então dirás a Faraó: "Assim fala o SENHOR: Meu filho primogênito^c é Israel. ²³Eu te digo: Deixa partir meu filho para que me sirva. E tu, no entanto, te recusas a deixá-lo partir!

Dr 1,31;
14,1: 32,6;
Os 11,1

^{12,29} Pois eu vou matar teu filho primogênito".

Gn 32,
25-33

²⁴Ora, estando a caminho, no albergue, o SENHOR veio ao seu encontro e procurou matá-lo. ²⁵Şiporá tomou uma pedra afiada, cortou o prepúcio de seu filho e com ele tocou-lhe os pés, dizendo: "És para mim um esposo-de-sangue". ²⁶Então ele o deixou. Ela dizia "esposo-de-sangue" referindo-se à circuncisão^d.

²⁷O SENHOR disse a Aarão: "Vai ao encontro de Moisés no deserto". Ele foi. Encontrou-o na montanha de Deus e o beijou. ²⁸Moisés pôs Aarão a par de todas as palavras que o SENHOR lhe tinha incumbido de dizer e a par de todos os sinais que ordenara fazer.

²⁹Moisés e Aarão foram reunir todos os ^{3,16}anciãos dos filhos de Israel. ³⁰Aarão repetiu todas as palavras que o SENHOR dirigira a Moisés e realizou os sinais aos olhos do povo. ³¹E o povo acreditou. E compreenderam que o SENHOR interviera em favor dos filhos de Israel e que vira a sua opressão, e ajoelharam-se e se prosternaram.

5 Em seguida, Moisés e Aarão foram dizer a Faraó: "Assim fala o SENHOR,

Deus de Israel: 'Deixa partir o meu povo para que, em minha honra, faça uma peregrinação^e ao deserto'". ²Faraó respondeu: "Quem é o SENHOR para que eu escute a sua voz e deixe partir Israel? Não conheço o SENHOR e não quero deixar partir Israel". ³Eles disseram: "O Deus dos hebreus se apresentou a nós; devemos ir a três dias de caminhada no deserto para sacrificar ao SENHOR, nosso Deus, para que ele não se precipite sobre nós com a peste ou com a espada". ⁴O rei do Egito lhes disse: "Moisés e Aarão, por que quereis liberar o povo de seus trabalhos? Ide às vossas corvéias!" ⁵Faraó disse: "Justamente agora que o povo da terra^f é numeroso, quereis que eles cessem as corvéias!"

⁶Naquele dia, Faraó deu estas ordens aos chefes de corvéia e aos escribas do povo^g: ⁷"Não forneceréis mais, como antes^h, a palha para fabricar os tijolos. Eles mesmos irão recolher a palha. ⁸Obrigai-os a fazer a mesma quantidade de tijolos que fabricavam antes, sem um a menos. São todos uns preguiçosos! É por isso que clamam: 'Vamos sacrificar a nosso Deus!'!" ⁹Que a servidão pese sobre essa gente! Que trabalhem! E não fiquem se iludindo com palavras mentirosas!" ¹⁰Os chefes de corvéia e os escribas do povo saíram e foram dizer ao povo: "Assim fala Faraó: Não vos forneço mais palha. ¹¹Ides vós mesmos

o. Lit. *que eu pus em tua mão*.

p. Sobre o endurecimento de Faraó, cf. 7,3 nota.

q. Sobre os primogênitos, cf. 13,12 nota.

r. Estes três versículos enigmáticos (nos quais Moisés não é nomeado), antes de serem integrados em seu contexto atual, eram talvez uma pequena tradição midianita sobre a circuncisão do filho de Şiporá. Neste caso, *hutan damim* que, em hebraico, significa *esposo de sangue*, poderia ter o sentido primitivo de *protegido pelo sangue*. Assim a ameaça que, no v. 23, paira sobre o filho mais velho de Faraó pode ter levado o narrador a encaixar aqui o relato sobre a salvação do filho de Şiporá, em que também podemos ler um anúncio discreto da salvação dos primogênitos de Israel, graças ao sinal do sangue (12,13).

Em suas traduções parafraseadas, as versões gr. e aram. dão testemunho da fé de Israel no valor expiatório atribuído ao sangue da circuncisão. Mais tarde, quando, após a guerra de Adriano (135 d.C.), circuncidar os meninos constituía um delito passível de morte, os rabinos do século II comentavam esses versículos exaltando a grandeza da observância do mandamento da circuncisão.

s. Cf. Ex 23,14-17; 1Sm 1,3; 1c 2,41. Estas *peregrinações* são festas comunitárias celebradas em data fixa, em lugares santos. A festa que Moisés quer ir celebrar e que depois dos acontecimentos do êxodo estará imbuída de um novo sentido (cf. nota sobre a Páscoa, Ex 12,11) devia estar relacionada com o sacrifício que os pastores nômades ou seminômades ofereciam na primavera para obter a proteção de seus rebanhos (cf. v. 3). Os hebreus tinham provavelmente o costume de celebrar esta festa; mas, naquele ano, Faraó não quis autorizar o deslocamento, seja por razões de segurança das fronteiras (cf. 1,10), seja para assegurar o rendimento dos trabalhos.

t. *O povo da terra*: significa correntemente *os membros do povo*. Designa aqui a massa dos israelitas no Egito. — **[... que eles cessem]*, na continuação da frase, faz pensar no sábado dos israelitas; ver Gn 2,2; Ex 31,15.]

u. *Os chefes de corvéia* são egípcios, *os escribas do povo* são israelitas.

v. Lit. *como ontem e anteontem*. Da mesma forma, no v. seguinte.

recolhê-la, seja onde for! Vossa tarefa, porém, em nada será diminuída”.

¹²O povo se dispersou por toda a terra do Egito para recolher palha a ser amassada com barro”. ¹³Os chefes de corvêia pressionavam: “Completaí vossas tarefas! Cada dia, a quantidade exigida! Exatamente como antes, quando havia palha à disposição!” ¹⁴E os escribas dos filhos de Israel foram espancados, escribas que os chefes de corvêia de Faraó tinham imposto; diziam-lhes: “Por que não completastes a encomenda de tijolos de ontem e de hoje, como antes fazíeis?”

¹⁵Os escribas dos filhos de Israel foram queixar-se a Faraó: “Por que fazes isso com os teus servos? ¹⁶A palha não é mais fornecida aos teus servos, mas quanto aos tijolos, dizem-nos: ‘Fabricai-os!’ E eis que estão batendo em seus servos. É o teu povo que é culpado!” ¹⁷Ele retrucou: “Sois todos uns preguiçosos! Preguiçosos! É por isso que dizeis: Vamos sacrificar ao SENHOR. ¹⁸E agora, ide trabalhar. A palha não vos será fornecida, mas deveis fornecer a mesma quantidade de tijolos”. ¹⁹Os escribas dos filhos de Israel viram-se em situação difícil: “Não reduzireis a quantidade de tijolos. Cada dia, a quantidade exigida...”. ²⁰Saindo da audiência com Faraó, precipitaram-se sobre Moisés e Aarão, que os esperavam. ²¹Disseram-lhes: “Que o SENHOR constate e que ele julgue: por causa de vós, Faraó e seus servos nem suportam mais sentir

o nosso cheiro; estais lhes pondo a espada na mão para nos matar”.

²²Moisés voltou-se para o SENHOR e disse: “SENHOR, por que maltrataste este povo? Por que me enviaste? ²³Desde que vim ter com Faraó para falar em teu nome, ele tem maltratado este povo, e tu de modo algum libertaste o teu povo”.

6 ¹O SENHOR disse a Moisés: “Agora, verás o que vou fazer a Faraó: forçado por mão forte^a, deixá-los-á partir, forçado por mão forte, expulsá-los-á de sua terra!”

11.1

Moisés confirmado na missão. Genealogia. ²Deus falou a Moisés dizendo-lhe:

“Eu sou o SENHOR.

³Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como Deus Poderoso^b, mas sob o meu nome, ‘o SENHOR’, não me dei a conhecer a eles^c. ⁴Também estabeleci minha aliança^d com eles, para lhes dar a terra de Canaã, terra de suas migrações, onde eram migrantes. ⁵Enfim, ouvi o lamento dos filhos de Israel, escravizados pelos egípcios, e me lembrei de minha aliança.

2.24-25

“Por isso, diz aos filhos de Israel:

Eu sou o SENHOR.

Eu vos farei sair das corvêias do Egito. Libertar-vos-ei da sua servidão.

Eu vos reivindicarei^e com poder e autoridade^f.

w. Quando os egípcios faziam a colheita, cortavam apenas as espigas e deixavam a palha em pé.

x. Ou porque lhes foi dito: *não reduzireis...*, ou porque devem repeti-lo aos interessados.

y. Lit. *olhe contra vós*.

z. Não se indica de quem é a mão; trata-se, sem dúvida, da mão de Deus, cf. 3.19. Esta resposta de Deus à prece de Moisés, desencorajado pelo fracasso, é um anúncio das “pragas do Egito”. Faraó, que não quis ouvir a *palavra* de Deus, deverá dobrar-se sob a sua *mão forte*.

a. Os caps. 3 e 4 apresentavam um primeiro relato da vocação de Moisés, conforme as tradições “eloísta” e “javista”. Após o fracasso contado no cap. 5, é apresentado um segundo relato do seu chamado (6.2-7.7), tomado da tradição “sacerdotal”. De estilo bem solene, este texto fornece, sob a forma de afirmações divinas, as grandes etapas da salvação (da eleição de Abraão à posse da Terra Prometida). Cf. Dt 26.5-10; Js 24.2-13.

b. *Deus Poderoso*: em hebraico *El-Shadai*, cf. Gn 17.1 nota.

c. Cf. 3.4 nota.

d. A tradição “sacerdotal” repensou a história patriarcal utilizando a noção de aliança. Cf. Gn 17.2.

e. No pensamento jurídico antigo, o termo hebr. *ga'al*, traduzido por *reivindicar*, indica o direito de resgatar uma propriedade (Lv 25.23-24), de restabelecer um antigo ligame de posse. O *ga'al* é pois aquele que, por direito de parentesco, pode *reivindicar* os bens ou as pessoas de seus parentes mais próximos, quando esses bens ou essas pessoas foram alienados ou estão em perigo de sê-lo (Rt 2.20; 4.1-8); ele é também o vingador do sangue (Nm 35.10-28). Esse título foi dado a Deus (Is 41.14; Sl 19.15; Jó 19.25); depois da eleição gratuita de Abraão, os elos que unem Deus ao seu povo dão-lhe o direito de libertar Israel de qualquer escravidão.

f. Lit. *com braço estendido e grandes juízos*. Esses *juízos* são atos grandiosos, que manifestam uma decisão de Deus com relação aos homens.

⁷Tomar-vos-ei como meu povo, e para vós eu serei Deus.

Conhecereis que sou eu, o SENHOR, que sou vosso Deus: aquele que vos faz sair das corvéias do Egito.

⁸Eu vos farei entrar na terra que, com a mão erguida^a, dei a Abraão, a Isaac e a Jacó.

Eu vo-la darei em posse.

Eu sou o SENHOR^b.

⁹Moisés assim falou aos filhos de Israel, mas eles não o ouviram, a tal ponto desencorajados estavam pela dura servidão^b.

¹⁰O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹¹“Vai! Fala a Faraó, rei do Egito. Que ele deixe partir de sua terra os filhos de Israel!” ¹²Moisés, porém, falou assim diante do SENHOR: “Os filhos de Israel não me ouviram. Como Faraó haveria de ouvir a mim, que sou incircunciso de lábios?”

¹³O SENHOR falou a Moisés e a Aarão e lhes comunicou suas ordens aos filhos de Israel e a Faraó, rei do Egito, no intuito de fazer sair da terra do Egito os filhos de Israel.

¹⁴Estes são os chefes de suas famílias patriarcais^c:

Filhos de Rúben, o primogênito de Israel: Hãnok e Palu, Heşron e Karmi — estes são os clãs de Rúben.

¹⁵E filhos de Simeão: Iemuel, Iamin, Ohad, Iakin, Şôhar e Shaul, o filho da cananéia — estes são os clãs de Simeão.

¹⁶Estes são os nomes dos filhos de Levi, conforme a sua descendência: Guershon, Qehat e Merari. Levi viveu cento e trinta e sete anos.

¹⁷Filhos de Guershon: Libni e Shimeí, conforme os seus clãs.

¹⁸E filhos de Qehat: Amrâm, Iiçhar, Hebron e Uziel. Qehat viveu cento e trinta e três anos.

¹⁹E filhos de Merari: Maḥli e Mushi. São estes os clãs de Levi segundo a sua descendência.

²⁰Amrâm tomou por mulher sua tia, Iokébed; ela lhe deu dois filhos: Aarão e Moisés. Amrâm viveu cento e trinta e sete anos.

²¹E filhos de Iiçhar: Qôrah, Néfeg e Zikri. ²²E filhos de Uziel: Mishaél, Elşafan e Sitri.

²³Aarão tomou por mulher Elisheba, filha de Aminadab, irmão de Naḥshon; ela lhe gerou: Nadab, Abihu, Eleazar e Itamar.

²⁴E filhos de Qôrah: Assir, Elqaná e Abiasaf. São estes os clãs dos qorahitas.

²⁵Eleazar, filho de Aarão, havia tomado por mulher uma filha de Putiel; ela lhe deu um filho, chamado Pinhás.

Estes são os chefes de família dos levitas conforme os seus clãs.

²⁶Eis, pois Aarão e Moisés, aqueles a quem o SENHOR dissera: “Fazei sair da terra do Egito os filhos de Israel segundo seus exércitos”; ²⁷foram eles que falaram a Faraó, rei do Egito, para que deixasse sair do Egito os filhos de Israel. São estes Moisés e Aarão.

²⁸E no dia em que o SENHOR falou a Moisés, na terra do Egito, ²⁹no dia em que o SENHOR falou a Moisés: “Eu sou o SENHOR. Transmite a Faraó, rei do Egito, tudo o que eu te digo”, ³⁰Moisés respondeu na presença do SENHOR: “Eis que sou um incircunciso de lábios. Como Faraó 6.12haveria de me escutar?”

7 ¹Mas o SENHOR disse a Moisés:

“Vê, eu te estabeleci como um deus para Faraó, e teu irmão Aarão será teu profeta^k. ²Dirás tudo o que eu te ordenar e teu irmão Aarão falará a Faraó, para que deixe partir de sua terra os filhos de Israel; ³eu, porém, tornarei inflexível^l o co-

g. É um gesto de juramento: Nm 14,30; Ez 20,5-42; 36,7; 44,12; 47,14; Ne 9,15; Dt 32,40.

h. Lit. *por causa da brevidade do sopro e da dura escravidão*. i. O que significa: *eu que não posso abrir a boca*. Da mesma maneira figurativa, fala-se da circuncisão do coração (Dt 10,16) e dos ouvidos (Jr 6,10).

j. Esta genealogia retoma a de Gn 46. Mas, em vez de apre-

sentar a descendência dos doze filhos de Israel, detém-se no terceiro, Levi, ancestral dos principais heróis da saída do Egito: Aarão, Moisés, Qôrah (Nm 16), Eleazar (Nm 17,1; 20,25-28), Pinhás (Nm 25,7-13).

k. Cf. 4,16 nota.

l. O *endurecimento* de Faraó constitui o refrão que conclui o relato de cada “praga do Egito”. São utilizados três verbos (*en-*

At 7,36

ração de Faraó. Multiplicarei meus sinais e prodígios na terra do Egito, mas Faraó não vos ouvirá. Estenderei minha mão contra o Egito e com autoridade^m farei sair meus exércitos, meu povo, os filhos de Israel, para fora da terra do Egito. ⁵Então os egípcios conhecerão que eu sou o Se-

NHOR, quando estender minha mão contra o Egito; e farei sair do meio deles os filhos de Israel". ⁶Moisés e Aarão assim fizeram: fizeram exatamente o que o SENHOR lhes havia ordenado. ⁷Moisés tinha oitenta anos de idade e Aarão oitenta e três, quando falaram a Faraó.

Sr 45,2-3

SEGUNDA MISSÃO JUNTO A FARAÓⁿ. AS PRAGAS DO EGITO

⁸O SENHOR disse a Moisés e a Aarão: ⁹"Se Faraó vos falar assim: Fazei, pois, um prodígio! — então dirás a Aarão: Toma teu bastão, joga-o diante de Faraó, para que se torne um dragão!" ¹⁰Moisés e Aarão foram a Faraó e fizeram como o SENHOR ordenara. Aarão jogou seu bastão ante Faraó e seus servos, e o bastão tornou-se um dragão. ¹¹Faraó, por sua vez, chamou os sábios e os feiticeiros. E esses magos do Egito fizeram a mesma coisa com os seus sortilégios. ¹²Cada qual jogou o seu bastão, que se tornou um dragão. Mas o bastão de Aarão engoliu os seus bastões. ¹³O coração de Faraó, porém, ficou endurecido; não ouviu Moisés e Aarão, como o dissera o SENHOR.

2Tm 3,8

A água convertida em sangue (I). ¹⁴O SENHOR disse a Moisés: "Faraó está obs-

tinado. Recusa-se a deixar o povo partir. ¹⁵Vai a Faraó, de manhã, quando estiver saindo para as águas. Aguarda-o à beira do Rio, segurando nas mãos o bastão que se transformou em serpente. ¹⁶Dize a Faraó: O SENHOR, o Deus dos hebreus, me enviou para te dizer: Deixa partir meu povo para que me sirva no deserto; até agora, porém, tu não me escutaste. ¹⁷Assim fala o SENHOR: Nisto conhecerás que eu sou o SENHOR: vou ferir as águas do Rio com o bastão que tenho na mão e elas vão converter-se em sangue. ¹⁸Os peixes do Rio morrerão, o Rio tornar-se-á malcheiroso e os egípcios não poderão beber de suas águas". ¹⁹O SENHOR disse a Moisés: "Dize a Aarão: Toma o teu bastão, estende a mão sobre as águas do Egito — sobre seus riachos, seus canais, seus lagos, por toda parte onde

4,9;
Sl 78,44;
105,29;
Sh 11,1-14;
Ap 8,8;
16,3-7;
Is 15,9

durecer, obstinar-se, tornar inflexível) que exprimem o fechamento sobre si mesmo, a falta de maleabilidade. Às vezes, afirma-se que o próprio Faraó endureceu o coração [= mente] (7.13.14.22; 8.11.15.28; 9.7.34-35), outras vezes que Deus é quem causou esse endurecimento (4.21; 7.3; 9.12; 10.1.20.27; 11.10; 14.4.17). A primeira fórmula quer insistir na liberdade responsável do homem. A segunda é mais escandalosa: Deus quer o mal? (cf. Dt 2.30; Js 11.20). Dizer que Deus, sem querer o mal, o permite ou prevê e que o pensamento semita gosta dessas expressões chocantes (cf. Lc 14.26), tudo isso não é uma explicação suficiente. Na verdade, esse modo de pensar atinge o paradoxo do mistério do mal: por que essa loucura, esse endurecimento que leva os homens a fechar os olhos e os ouvidos quando Deus os chama? Por que, apesar disso, a vontade salvífica de Deus acaba se realizando (cf. Js 11.20; Ex 7.5; 14.4)? A Bíblia preferiu aqui justapor duas afirmações: o homem é responsável pelo próprio fechamento, e, por outro lado, a obstinação humana, que não impede a realização final do plano de Deus, parece estar incluída num projeto que a ultrapassa. Cf. Rm 9.18; Jo 15.22-24.

m. Lit. com grandes juízos. Cf. 6.6.

n. A seção das "pragas do Egito" forma um todo, terminando em 11.9-10 com dois vv. de recapitulação. Pelo estudo do texto,

porém, podemos distinguir materiais provenientes de, ao menos, duas tradições. Conforme uma, Moisés e Aarão, estreitamente ligados, são contrapostos aos *magos* e *Aarão* é quem tem o bastão milagroso: é a tradição "sacerdotal", reconhecível na introdução (7.8-13), nas pragas do sangue (7.19-20a.21b-22), das rãs (8.1-3.11b), dos mosquitos (8.12-15), dos furúnculos (9.8-12) e talvez no resumo de 11.9-10. O resto provém da tradição "javista", que celebra a soberania do Senhor sobre a natureza, e, segundo alguns estudiosos inclui elementos "eloístas". — As pragas do Egito são evocadas de modo global em Dt 26.6-8; Js 24.5; Sl 136.10-12; Ne 9.9-10; Jr 5.11-12, ao passo que os Sl 78.41-53 e 105.24-39 fornecem listas, aliás divergentes, de sete ou oito pragas. Muitas das características dessas descrições são detectáveis em Sh 11-18 e no livro do Apocalipse. — Não estamos diante de cronistas, mas de "profetas", que utilizam a lembrança de antigas calamidades para celebrar a entrada oficial do Senhor na história. A mesma maneira de argumentar encontra-se em Am 4.6-12, mas lá é Israel quem é golpeado e que endurece o coração.

o. A *serpente* da tradição "javista" (4.3; 7.15) tornou-se, na tradição "sacerdotal", um *dragão* ou antes um *monstro marinho*, animal fabuloso, hostil à ordem planejada por Deus, mas finalmente sujeitado (cf. Gn 1.21; Sl 74.13-14; 148.7). Em Ezequiel

existe água —; que se tornem sangue! Que haja sangue em toda a terra do Egito, nos recipientes de madeira e nos recipientes de pedra!”²⁰ Moisés e Aarão fizeram como o SENHOR lhes ordenara.

Ele ergueu o bastão e feriu a água do Rio sob o olhar de Faraó e de seus servos. Todas as águas do Rio se transformaram em sangue.²¹ Os peixes do Rio morreram. O Rio ficou malcheiroso, e os egípcios não puderam beber a água do Rio. Houve sangue em toda a terra do Egito.²² Os magos do Egito, todavia, fizeram a mesma coisa com os seus sortilégios. O coração de Faraó ficou endurecido e não ouviu Moisés e Aarão, como o dissera o SENHOR.

²³Saindo daí, Faraó voltou para casa sem levar a sério essas coisas.²⁴ Todos os egípcios cavaram poços à beira do Rio em busca de água potável, pois não podiam beber as águas do Rio.²⁵ Passaram-se sete dias desde que o Senhor golpeara o Rio.

SI 78,45; 105,30; Sb 16,3; 19,10; Ap 16,13

As rãs (II). ²⁶O SENHOR disse a Moisés: “Vai à casa de Faraó e dize-lhe: Assim fala o SENHOR: Deixa partir meu povo para que me sirva. ²⁷Se persistires em não deixá-lo partir, vou ferir todo o teu território com o flagelo das rãs. ²⁸O Rio pululará de rãs, subirão e entrarão em tua casa, no teu quarto, sobre o leito, na casa dos teus servos e de todo o teu povo, nos fornos e nas amassadeiras. ²⁹As rãs saltarão sobre ti, sobre teu povo e sobre todos os teus servos”.

8 ¹O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão: Estende a mão, com o teu bastão, sobre os riachos, os canais, os lagos e faz subir as rãs sobre a terra do Egito”. ²Aarão estendeu a mão sobre as águas do Egito. As rãs subiram, cobrindo todo o Egito. ³Mas com os seus sortilégios os magos fizeram o mesmo, fa-

zendo subir as rãs sobre toda a terra do Egito.

⁴Faraó chamou Moisés e Aarão e disse: “Pedi ao SENHOR para que afaste as rãs de mim e de meu povo, e eu deixarei partir o povo para que ofereça sacrifícios ao SENHOR”. ⁵Moisés disse a Faraó: “Digna-te fixar-me o momento^r no qual devo orar por ti, por teus servos e teu povo, a fim de fazer desaparecer as rãs de junto de ti e das tuas casas, para que fiquem apenas no Rio. ⁶Ele disse: “Amanhã”. Moisés respondeu: “Conforme disste e para que saibas que ninguém é como o SENHOR, nosso Deus, ⁷as rãs se afastarão de ti, de teus palácios, de teus servos e de teu povo, de modo a ficarem apenas no Rio”. ⁸Moisés e Aarão saíram de perto de Faraó. Moisés suplicou ao SENHOR a respeito das rãs com que havia castigado Faraó. ⁹O SENHOR agiu de acordo com a palavra de Moisés. As rãs morreram, desaparecendo das casas, dos pátios e dos campos. ¹⁰Foram recolhidas aos montões e a terra ficou malcheirosa. ¹¹Vendo que conseguira uma trégua, Faraó se obstinou. Não ouviu Moisés e Aarão, como o dissera o SENHOR.

Is 45,5-6

Os mosquitos (III). ¹²O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão: Estende teu bastão e golpeia o pó da terra; transformar-se-á em mosquitos^s por toda a terra do Egito”. ¹³Assim fizeram. Aarão estendeu a mão com o seu bastão e golpeou o pó da terra. E houve mosquitos sobre os homens e sobre os animais. Todo o pó da terra tornou-se mosquitos em toda a terra do Egito. ¹⁴Com seus sortilégios os magos tentaram igualmente produzir mosquitos, mas não conseguiram. E houve mosquitos sobre os homens e sobre os animais. ¹⁵Os magos disseram a Faraó: “É o dedo de Deus”. Mas o coração de Faraó ficou endurecido. Não

SI 105,31; Sb 19,10

Lc 11,20

(Êz 29,3; 32,2), esse dragão é descrito como o crocodilo, símbolo do Egito.

p. Lit. e nas madeiras e nas pedras. Notar a amplificação do v. 19 (“sacerdotal”) em comparação com o v. 17 (“javista”).

q. Lit. ele nem aplicou o seu coração nisso.

r. Lit. *Glorifica-te graças a mim: quando devo rezar...*? Fórmula de gentileza.

s. Poderia também ser traduzido por *insetos, piolhos* (assim o sir.).

t. A expressão tem paralelos: em egípcio, significa: *este instrumento* (o bastão de Aarão) *é o dedo de Deus* (ou de um deus).

ouviu Moisés e Aarão, como o dissera o SENHOR.

SI 78,45; 105,31 **Os insetos (IV).** ¹⁶O SENHOR disse a Moisés: “Levanta-te bem cedo e apresenta-te a Faraó, quando se dirigir para as águas. Dize-lhe: Assim fala o SENHOR: Deixa partir meu povo para que me sirva.

¹⁷Se não deixares partir meu povo, vou mandar insetos^u sobre ti, sobre teus servos, teu povo e teus palácios. Ficarão cheios de insetos as casas dos egípcios e até o mesmo o chão onde pisam. ¹⁸Naquele dia, farei distinção^v para a terra de Gôshen”, onde se encontra o meu povo: lá não haverá insetos, para que saibas que eu, o SENHOR, estou no meio da terra. ¹⁹Farei um gesto libertador^w, a fim de separar o meu povo do teu povo. Esse sinal acontecerá amanhã”. ²⁰O SENHOR assim fez. Os insetos entraram em massa no palácio de Faraó, nas casas dos seus servos e em todo o país, que ficou infestado deles.

SI 111,9

²¹Faraó chamou Moisés e Aarão e disse: “Ide, sacrificai a vosso Deus aqui nesta terra!” ²²Moisés respondeu: “Não convém agir assim, pois o sacrifício que oferecemos ao SENHOR, nosso Deus, é abominável aos egípcios^x. Poderíamos oferecer diante deles um sacrifício que lhes é abominável, sem que nos apedrejem?” ²³É a três dias de caminhada, no deserto, que queremos ir para sacrificar ao SENHOR, nosso Deus, da maneira que ele nos indicar”. ²⁴Faraó respondeu: “Eu vos deixarei partir e sacrificareis ao SENHOR, vosso Deus, no deserto. Mas não vades muito longe! Orai por mim”. ²⁵Moisés retrucou: “Pois bem, vou sair de junto de ti para orar ao SENHOR e amanhã os insetos se afastarão de Faraó,

de seus servos e de seu povo, contanto que Faraó pare de nos ludibriar, impedindo o povo de ir sacrificar ao SENHOR!” ²⁶Moisés saiu da casa de Faraó e orou ao SENHOR. ²⁷O SENHOR agiu de acordo com a palavra de Moisés: os insetos se afastaram de Faraó, de seus servos e do seu povo. Não ficou um sequer. ²⁸Mesmo desta vez, Faraó se obstinou, não deixando partir o povo.

9 A peste do gado (V). ¹O SENHOR disse a Moisés: “Apresenta-te a Faraó e dize-lhe: Assim fala o SENHOR, o Deus dos hebreus: Deixa partir meu povo para que me sirva. ²Se recusares deixá-lo partir, se teimares em retê-lo à força, ³a mão do SENHOR se levantará contra os rebanhos que estão nos teus campos, contra os cavalos, os jumentos, os camelos, os bois e as ovelhas: será uma peste terrível! ⁴O SENHOR fará distinção entre os rebanhos de Israel e os rebanhos dos egípcios. Nada do que pertence aos filhos de Israel morrerá. ⁵E o SENHOR fixou um prazo, dizendo: “Amanhã, o SENHOR fará acontecer isso na terra”. ⁶E o SENHOR fez isto, no dia seguinte: morreram^y todos os rebanhos dos egípcios, mas dos rebanhos dos filhos de Israel, não morreu uma só cabeça. ⁷Faraó mandou verificar: nem uma só morte nos rebanhos dos filhos de Israel! O coração de Faraó, porém, permanecia obstinado. Não deixou partir o povo.

SI 78,48;
Am 4,10;
Hab 3,5,17

Os furúnculos (VI). ¹O SENHOR disse a Moisés e a Aarão: “Tomai dois punhados de cinza de fogão. Moisés deverá lançá-la ao ar diante de Faraó. ²Espalhando-se como pó sobre toda a terra do Egito, provocará furúnculos cheios de

Ap 16,2,11

u. O gr. traduziu o termo por *mosca de cão*. Sua raiz evoca a idéia de fervilhamento.

v. Este tema da *distinção* feita por Deus entre Israel e o Egito assemelha-se ao tema da *eleição* de Israel. Reaparece em 9,4.26; 10,23; 11,7; 33,16.

w. Cf. Gn 45,10.

x. Lit. *Instaurarei uma redenção*. O gr. e a Vulg. têm um texto mais fácil: *Estabelecerei uma distinção* ou *Porei uma diferença* (cf. v. 18).

y. Aqui Faraó começa a fazer uma série de concessões (cf. 8,24; 10,7-11; 10,24), que Moisés rejeita como compromissos incompatíveis com a liberdade de servir a Deus.

z. Carneiros, bodes e touros figuravam entre os animais sagrados dos egípcios, impróprios portanto para os sacrifícios.

a. Amplificação literária, que é incoerente com o que se segue (os vv. 19 e 21, na realidade, falam dos rebanhos egípcios como se não tivessem morrido), mas isso não perturba a intenção didática desses capítulos.

pus^b nos homens e nos animais de toda a terra do Egito". ¹⁰Apresentaram-se diante de Faraó levando cinza de fogão. Moisés lançou-a ao ar e ela provocou furúnculos cheios de pus nos homens e nos animais. ¹¹Os magos não puderam permanecer diante de Moisés por causa dos furúnculos, pois os furúnculos cobriam os magos e todos os egípcios. ¹²O SENHOR, porém, endureceu^c o coração de Faraó, que não ouviu Moisés e Aarão, como o SENHOR o dissera a Moisés.

O granizo (VII). ¹³O SENHOR disse a Moisés: "Levanta-te de madrugada e apresenta-te a Faraó. Dize-lhe: Assim fala o SENHOR, o Deus dos hebreus: Deixa partir meu povo para que me sirva. ¹⁴Porque, desta vez^d, vou mandar todos os meus flagelos contra ti, contra teus servos e teu povo, a fim de que conheças que ninguém na terra é como eu. ¹⁵Se eu tivesse deixado minha mão se abater, teria atingido com a peste a ti e a todo o teu povo, de modo que terias desaparecido da terra. ¹⁶Mas eis por que te conservei: para te fazer ver a minha força e para que se publique o meu nome por toda a terra. ¹⁷Persistes em dificultar a saída do meu povo. ¹⁸Amanhã a esta hora, farei cair um granizo tão violento como nunca aconteceu no Egito desde a sua fundação^e até hoje. ¹⁹Manda, pois, abrigar os teus rebanhos e tudo o que nos campos te pertence. Serão atingidos pelo granizo e morrerão todo homem e todo animal que forem encontrados nos campos e não tiverem sido recolhidos em casa". ²⁰Entre os servos de Faraó, aqueles que temeram a palavra do SENHOR

abrigaram seus empregados e rebanhos^f; ²¹aqueles que não levaram a sério^g a palavra do SENHOR deixaram os empregados e os rebanhos nos campos.

²²O SENHOR disse a Moisés: "Estende a mão para o céu. Que caia o granizo sobre o Egito inteiro, sobre os homens, os animais e todas as plantas dos campos na terra do Egito". ²³Moisés estendeu seu bastão para o céu e o SENHOR desencadeou trovões e granizo^h. Raios se abateram sobre a terra, e o SENHOR fez cair granizo sobre toda a terra do Egito. ²⁴Granizo, raio misturado com granizo: foi tão violento que toda a terra do Egito nunca tinha visto algo semelhante desde que se tornou uma nação. ²⁵Em toda a terra do Egito, a chuva de pedras abateu tudo o que estava nos campos, homens e animais. O granizo feriu toda a erva dos campos e destruiu todas as árvores dos camposⁱ. ²⁶Poupou tão-somente a terra de Gôshen, onde se encontravam os filhos de Israel.

²⁷Faraó mandou chamar Moisés e Aarão, e disse-lhes: "Desta vez eu pequei^j. É o SENHOR que é o justo. Eu e meu povo somos os culpados. ²⁸Rogai ao SENHOR! Chega de raios e granizo! Eu vos deixarei partir. Não precisareis ficar por mais tempo". ²⁹Moisés lhe disse: "Ao sair da cidade, estenderei as mãos para o SENHOR. Não haverá mais trovão nem granizo. Assim conhecerás que a terra pertence ao SENHOR. ³⁰No entanto, eu bem sei que tu e teus servos ainda não temeis o SENHOR Deus".

³¹Foram atingidos o linho e a cevada; a cevada estava granando e o linho, florescendo. ³²Não foram atingidos o trigo e a

Sl 78,47-48;
105,32;
Sb 16,15-23;
Ap 8,7;
16,21; 30,30;
Ez 38,22

Rm 9,17

Nm 22,34;
1Sm 15,24;
26,21;
2Sm 12,13;
Sl 51,6

19,5;
Dt 10,14;
Sl 24,1

b. Doença de pele indeterminada. Cf. Dt 28,35; 2Rs 20,7; Jó 2,7.

c. Cf. 7,3 nota.

d. *Desta vez*: a 7ª praga, que vai se desenrolar numa cena de trovões, é introduzida com particular solenidade.

e. *Fundação do Egito*: esta expressão pode ter uma origem egípcia. Significa: depois que o Egito recebeu a própria organização. O v. 24 tem o mesmo sentido com uma expressão ligeiramente modificada. — Sabe-se quão raros são os temporais no Egito.

f. Este v. atesta uma atitude universalista, visto que mesmo

um egípcio pode encontrar a salvação, se temer o Senhor. Cf. Is 19,24-25.

g. Cf. 7,23 nota.

h. Lit. *deu vozes* (cf. Sl 29,3-9) e *granizo*.

i. A narrativa é feita por um palestino, ciente de que toda a vegetação, mesmo não sendo completamente destruída, é duramente atingida por semelhantes trovoadas. Homens e animais têm medo desse flagelo.

j. A 7ª praga, muito solene, chega ao favorável resultado de Faraó ter de confessar o próprio pecado, servindo-se da linguagem jurídica. Reconhece que Deus está no seu direito.

espelta, por serem tardios^k. ³³Moisés saiu da presença de Faraó e da cidade, e estendeu as mãos para o SENHOR. Não houve mais trovão, nem granizo, nem chuva a cair sobre a terra. ³⁴Faraó viu que chuva, granizo e trovões tinham cessado, mas continuou a pecar. Ele e os seus servos se obstinavam.

³⁵O coração de Faraó permaneceu endurecido. Não deixou partir os filhos de Israel, como o havia dito o SENHOR por intermédio de Moisés.

10 Os gafanhotos (VIII). ¹O SENHOR disse a Moisés: "Vai ter com Faraó, pois fui eu que quis a obstinação dele e a de seus servos, a fim de erigir no meio deles os sinais da minha presença^m e a fim de que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhosⁿ como eu fiz o que quis com os egípcios e dei-xei os meus sinais no meio deles. E vós conhecereis que eu sou o SENHOR". ²Moisés e Aarão foram a Faraó e lhe disseram: "Assim fala o SENHOR, o Deus dos hebreus: Até quando recusarás humilhar-te diante de mim? Deixa partir o meu povo para que me sirva. ³Se ainda recusares deixar partir o meu povo, de amanhã em diante farei vir os gafanhotos sobre o teu território. ⁴Cobrirão a terra de maneira que não se poderá mais vê-la. Comerão o resto do que foi poupado, ou seja, o resto do que o granizo vos deixou. Comerão todas as árvores que crescem no campo. ⁵Encherão as tuas casas, as casas dos teus servos e de todos os egípcios — coisa que não viram teus pais nem os pais dos teus pais desde que apareceram sobre a terra até o dia de hoje". Moisés virou-se e saiu da casa de Faraó.

⁷Os servos de Faraó lhe disseram: "Até quando esse indivíduo será uma armadi-

lha para nós? Deixa partir os homens^p para que sirvam ao SENHOR, seu Deus. Ainda não te apercebeste de que o Egito está perecendo?" ⁸Moisés e Aarão foram reconduzidos à presença de Faraó, que lhes disse: "Ide! Servi ao SENHOR, vosso Deus. Mas quem é que vai partir?" ⁹Moisés respondeu: "Iremos com nossas crianças e nossos idosos. Iremos com nossos filhos e nossas filhas, com nossas ovelhas e nossos bois. Porque esta é para nós uma peregrinação em honra do SENHOR". ¹⁰Faraó retrucou: "O SENHOR esteja convosco, se eu vos deixar partir com vossas crianças! Vede como sois mal-intencionados! ¹¹Não vai ser assim, não! Ide, portanto, só vós os homens, e servi ao SENHOR, pois é isso que estais querendo". E foram despedidos da presença de Faraó.

¹²O SENHOR disse a Moisés: "Estende a mão sobre a terra do Egito, a fim de chamar os gafanhotos: que venham sobre o Egito! Comam toda a vegetação da terra, tudo o que foi poupado pelo granizo!" ¹³Moisés estendeu o bastão sobre o Egito, e o SENHOR fez soprar um vento leste sobre o país, durante todo aquele dia e toda aquela noite. Ao amanhecer, o vento leste havia trazido os gafanhotos. ¹⁴Pairaram sobre toda a terra do Egito, pousando em todo o seu território: foi uma quantidade tão grande de gafanhotos como jamais tinha havido antes ou depois. ¹⁵A terra^q inteira ficou coberta e obscurecida por eles. Comeram toda a vegetação^r da terra e todos os frutos das árvores que sobraram depois do granizo. Não sobrou nada de verde sobre as árvores e nos prados de todo o Egito.

¹⁶Faraó apressou-se a convocar Moisés e Aarão dizendo: "Pequisei contra o SENHOR, vosso Deus, e contra vós. ¹⁷Digna-

k. Ao que parece, estes dois vv. querem explicar como, depois, os gafanhotos ainda encontrarão vegetação para destruir (cf. 10.5).

l. Cf. 7.3 nota.

m. Lit. *meus sinais*.

n. A frase indica que estes relatos se destinavam ao ensino religioso, à educação da fé do povo de Israel, durante o culto.

Cf. Dt 4.9; 6.20-23.

o. Lit. *o alho da terra*, quer dizer, a substância da terra, a própria terra. Cf. Nm 22.5-11.

p. Cf. 8.21 nota.

q. Cf. v. 5 nota.

r. Lit. *a erva do campo*.

s. Cf. 9.27 nota.

-te, pois, perdoar a minha falta mais uma vez. Rogai ao SENHOR, vosso Deus, para que ao menos afaste de mim esta morte". ¹⁸Moisés saiu da casa de Faraó e orou ao SENHOR. ¹⁹O SENHOR mudou o vento num fortíssimo vento oeste^a, que carregou os gafanhotos, repelindo-os para o mar dos Juncos. Não sobrou um só gafanhoto em todo o território egípcio.

²⁰Mas o SENHOR endureceu^a o coração de Faraó, que não deixou partir os filhos de Israel.

SI 105,28;
Sb 17,1-
18,4;
Ap 16,10-11

As trevas (IX). ²¹O SENHOR disse a Moisés: "Estende a mão para o céu. Venham trevas sobre toda a terra do Egito, trevas tais que seja preciso ficar tateando!" ²²Moisés estendeu a mão para o céu e, durante três dias, houve trevas espessas sobre todo o Egito. ²³Durante três dias, ninguém viu o irmão, nem se moveu do lugar. Mas para todos os filhos de Israel havia luz" onde moravam.

²⁴Faraó convocou Moisés e disse: "Ide! Servi ao SENHOR. Vossas ovelhas e vossos bois, porém, devem ficar. Os vossos filhos podem ir convosco". ²⁵Moisés retrucou: "És tu quem nos fornecerás os sacrifícios e os holocaustos que apresentaremos ao SENHOR, nosso Deus? ²⁶Nossos rebanhos irão conosco e não ficará uma cabeça^a sequer. Pois é deles que tomaremos as ofertas para o SENHOR, nosso Deus. E, antes de chegar ao local, nós mesmos não sabemos o que deveremos oferecer ao SENHOR".

²⁷O SENHOR, entretanto, endureceu^a o coração de Faraó, que não quis deixá-los partir.

²⁸Faraó disse a Moisés: "Some daqui! Guarda-te de ver a minha face. No dia em que voltares a ver a minha face, hás

de morrer!". ²⁹Moisés respondeu: "Seja como disseste! Não voltarei a ver a tua face!"

11 Anúncio da morte dos primogênitos (X). Conclusão sobre as pragas do Egito. ¹O SENHOR disse a Moisés: "Farei vir uma última praga sobre Faraó e sobre o Egito. Depois disso, ele vos deixará partir, e não só vos deixará ir, como também vos expulsará definitivamente daqui". ²Ordena pois ao povo que cada um peça objetos de prata e de ouro^b ao seu vizinho e à sua vizinha". ³E o SENHOR fez com que o povo granjeasse a simpatia dos egípcios. O próprio Moisés era, aliás, um homem muito respeitado na terra do Egito, tanto pelos servos de Faraó como pelo povo.

⁴Moisés disse: "Assim fala o SENHOR: Pela meia-noite, eu sairei pelo meio do Egito. ⁵Há de morrer todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó que deveria suceder-lhe no trono, até o primogênito da serva que está na mó e todo primogênito do gado. ⁶Em todo o Egito haverá um grande clamor, tal como não houve nem haverá jamais. ⁷Mas entre os filhos de Israel não se ouvirá sequer um cachorro rosar contra alguém, homem ou animal^c. Isso acontecerá para que saibais que o SENHOR faz distinção^d entre o Egito e Israel. ⁸Então, todos os servos aqui presentes descerão ao teu encontro e se prosternarão diante de mim, dizendo: Saí, tu e todo este povo que te acompanha^e. Depois disso, eu sairei". E Moisés, cheio de cólera, saiu da presença de Faraó.

⁹O SENHOR disse a Moisés: "Faraó não vai escutar-vos, embora meus prodígios se multipliquem na terra do Egi-

12.12

t. Lit. *um vento do mar*. Na Palestina, o mar fica a oeste.
u. Cf. 7,3 nota.
v. O gr. e a Vulg. compreenderam: *trevas que se possam apalpar*.
w. Quanto à oposição *trevas-luz*, cf. Gn 1,2-4; Is 9,1; Jo 1,5.
Como a luz é obra de Deus, as trevas evocam sua ausência. Mas, cf. SI 139,12; Jó 34,22; Ap 22,5.

x. Cf. 8,21 nota.

y. Lit. *nem uma unha (casco)*.

z. Cf. 7,3 nota.

a. O texto hebr. é bastante obscuro. Como em 6,1, parece jogar com a oposição dos dois verbos: *deixar partir e expulsar*. Faraó, que se recusava a dar qualquer *permissão*, viu-se obrigado a *forçar* o povo a deixar o Egito.

b. Cf. 3,21-22 nota.

c. Os cães, que são os primeiros a dar o alerta à noite, ficarão mudos: imagem de tranquilidade absoluta.

d. Cf. 8,18 nota.

e. Lit. *o povo que está nos teus passos*.

to". ¹⁰Moisés e Aarão haviam realizado todos esses prodígios diante de Faraó, mas o SENHOR tinha endure-

cido o coração de Faraó, que não deixou os filhos de Israel partirem da terra dele.

A SAÍDA DO EGITO

Lv 23,5-8;
Nm 9,1-14;
Dt 16,1-8;
Js 5,10;
2Rs 23,21-23;
2Cr 30;
35,1-18;
Ez 45,21-24;
Mt 26p

12 Páscoa, pães sem fermento e sacrifício dos primogênitos^f. ¹O SENHOR disse a Moisés e a Aarão na terra do Egito: ²"Este mês será para vós o início dos meses^g, será para vós o primeiro mês do ano. ³Falai assim a toda a comunidade de Israel:

No décimo dia deste mês, toda família, isto é, toda casa, tome um animal do rebanho^h. ⁴Se a família é muito pequena, tomará um animal juntamente com o vizinho mais próximo, conforme o número de pessoas. Escolhereis o animal de modo que dê para cada um comer. ⁵Será um animal sem defeito, macho, de um ano de idadeⁱ. Tomá-lo-eis entre os cordeiros ou entre os cabritos, ⁶mantendo-o preso até o décimo quarto dia desse mês.

Toda a assembléia da comunidade de Israel irá degolá-lo ao anoitecer^j; ⁷tomarão do seu sangue e o passarão nas duas ombreiras e na padieira da porta das casas onde se fará a ceia.

⁸Comerão a carne naquela mesma noite. Comê-la-ão assada ao fogo, com pães

sem fermento e ervas amargas. ⁹Não comais nada cru ou cozido na água, mas somente assado ao fogo, inclusive a cabeça e as patas e as entranhas.

¹⁰Não deixareis nada para o outro dia. O que sobrar, de manhã, será queimado.

¹¹Comereis assim: o cinto à cintura, as sandálias aos pés e o bastão na mão. Comereis às pressas.

É a Páscoa^k do SENHOR.

¹²Naquela noite passarei pela terra do Egito. Matarei todo primogênito na terra do Egito, desde os homens até os animais. Farei justiça contra todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR.

¹³O sangue passado nas casas em que estiverdes vos servirá de sinal. Vendo o sangue, passarei sobre vós. Não recebereis nenhum golpe destruidor, quando eu golpear a terra do Egito.

¹⁴Este dia vos servirá de memorial^l. Fareis esta peregrinação para celebrar o SENHOR. Vós o celebrareis de idade em idade — lei perene.

¹⁵Durante sete dias comereis pães sem fermento^m.

Lc 12,35;
1Pd 1,13

f. A seção 12,1-13,16 não se apresenta como um relato da saída do Egito, mas como um conjunto de textos litúrgicos (extraídos de tradições de épocas diversas) que mostra o modo de celebrar o memorial desta saída do Egito: festas e costumes diversos em Israel (Páscoa, semana dos pães sem fermento, resgate dos primogênitos) evocam cada qual um aspecto particular do que se passou *naquela dia*. Engastados em meio a textos litúrgicos, os vv. 29-42 enumeram algumas lembranças do acontecimento que dá seu sentido à liturgia celebrada.

g. Trata-se do mês de *abib* (ou das *espigas*) (cf. Dt 16,1) correspondente a março-abril e que mais tarde tomou o nome babilônico de *nisan* (cf. Ne 2,1; Est 3,7). Aqui se insiste no fato de que este mês primaveril se tornou o primeiro mês do ano. É que Israel conheceu primeiramente um ano que começava no outono (cf. Ex 23,16; 34,22). Quando sofreu influência babilônica, Israel adotou o calendário de primavera.

h. Lit. *uma unidade de gado miúdo*. Cf. v. 5.

i. Lit. *filho do ano*, o que significa: *nascido no ano*, ou mais exatamente, *com a idade de um ano*.

j. Lit. *entre as duas tardes*, seja entre o declínio do sol e o seu ocaso (fariseus e Talmude), seja entre o ocaso e a noite (samaritanos).

k. A origem do nome *Páscoa* (hebr.: *pesah*) permanece desconhecida; nos vv. 13 e 27 é relacionado com o verbo *pasah* (saltar, passar por cima, poupar). Sobre a existência de uma Páscoa antes de Israel, cf. 5,1 nota. Em Israel, esta festa recebeu um sentido novo: a festa anual dos pastores nômades tornou-se o memorial (cf. v. 14 e Ex 3,15 nota) de um acontecimento histórico em que Israel reconheceu um ato salvífico de Deus, fazendo-o passar da escravidão à liberdade, da morte à vida. Sobre a evolução do rito pascal na história de Israel, cf. Dt 16,1. A esperança, que a Páscoa israelita alimentava, foi cumprida em Jesus Cristo, a nossa Páscoa (1Cor 5,7); cf. Lc 22,15-16.

l. Memorial: cf. 3,15 nota.

m. A festa anual dos pães sem fermento (ou *ázimos*) pode ter como origem uma festa agrícola, celebrada no começo da colheita da cevada (cf. Dt 16,9). Era um rito de renovação, de reconhecimento: "Comiam pão feito com os grãos novos, sem fermento, quer dizer, sem nada que provenha da colheita antiga" (de Vaux). Adotando esta festa depois de sua entrada em Canaã, Israel lhe conferiu um significado novo relacionado com a saída do Egito (cf. 12,39). O ritual "sacerdotal" de Ex 12,1-20 uniu a Páscoa e a festa dos pães sem fermento. Mas calendários litúrgi-

Já no primeiro dia, fareis desaparecer o fermento das vossas casas. E quem, entre o primeiro e o sétimo dia, comer pão fermentado, será excluído de Israel.

¹⁶No primeiro dia, fareis uma reunião sagrada.

O mesmo acontecerá no sétimo dia.

Nesses dias não fareis trabalho algum. Cada qual poderá preparar apenas a sua refeição.

¹⁷Observareis a festa dos Pães sem fermento^a, pois precisamente nesse dia fiz sair da terra do Egito vossos exércitos. Observareis esse dia de idade em idade — lei perene.

¹⁸Comereis pães sem fermento desde o entardecer do dia catorze até o entardecer do dia vinte e um do primeiro mês.

¹⁹Durante sete dias não se encontrará fermento em vossas casas. E se alguém — migrante ou nativo da terra — comer pão fermentado, será cortado da comunidade de Israel.

²⁰Não comereis massa alguma fermentada. Onde quer que morardes, comereis pães sem fermento^a.

²¹Moisés chamou todos os anciãos de Israel e disse-lhes:

“Ide providenciar cordeiros para vossos clãs e imolai a Páscoa. ²²Tomareis um punhado de hissopo^a, molhá-lo-eis no sangue da bacia, aplicareis à padieira e às duas ombreiras das portas o sangue da bacia e, até o amanhecer, ninguém sairá pela porta de sua casa. ²³O SENHOR atravessará o Egito para feri-lo e verá o sangue na padieira e nas duas ombreiras das portas. Então ele passará adiante e não deixará que o Destruidor^a entre em vossas casas para ferir. ²⁴Observareis tudo isso. É um decreto válido para ti e teus filhos para sempre.

²⁵Observareis este rito^a quando tiverdes

entrado na terra que o SENHOR vos dará, como ele o disse.

²⁶Quando vossos filhos vos perguntarem: “Que rito é esse que estais celebrando?”, ²⁷direis: “É o sacrifício da Páscoa para o

SENHOR, que passou diante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e libertou nossas casas”.

O povo se ajoelhou e se prosternou. ²⁸Retirando-se, os filhos de Israel puseram mãos à obra. Fizeram exatamente o que o SENHOR ordenara a Moisés e Aarão.

²⁹À meia-noite, o SENHOR feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que devia sucedê-lo no trono, até o primogênito do

cativo na prisão e o primogênito do gado. ³⁰Naquela noite, levantaram-se Faraó, todos os seus servos e todos os egípcios, e houve um grande clamor no Egito, pois não havia uma casa sem um morto. ³¹De noite mesmo, ele convocou Moisés e Aarão para lhes dizer: “Levantai-vos! Sai do meio de meu povo, vós e os filhos de Israel. Ide e servi ao SENHOR como tínheis pedido. ³²Quanto às vossas ovelhas e bois, levai-os igualmente como tínheis pedido, e ide embora! Depois despedi-vos de mim”.

³³Os egípcios pressionavam o povo, e o deixaram partir rapidamente da terra, pois diziam: “Todos nós vamos morrer!” ³⁴O povo teve de levar consigo a massa ainda não fermentada. Envolvendo as amassadeiras nos mantos, carregavam-nas às costas. ³⁵Os filhos de Israel tinham agido de acordo com as recomendações de Moisés; haviam pedido aos egípcios objetos de prata, de ouro e vestes. ³⁶O SENHOR fizera com que o povo granjeasse a simpatia dos egípcios, que atenderam ao pedido deles. Assim despojaram os egípcios!

13,8,14;
Dt 6,20;
Js 4,6,21

Sl 78,51;
105,36;
135,8;
136,10;
Sb 18,5-19

Hb 11,28

cos mais antigos (Ex 23,15; 34,18) não estabelecem esta ligação. Quanto ao prolongamento cristão desta festa, cf. 1Cor 5,7-8.

n. Lit. *Observareis os pães sem fermento*.

o. O hissopo é uma planta aromática de hastes retas, com flores azuis ou avermelhadas. Forma um arbusto pequeno, mas pode crescer sobre ruínas (1Rs 5,13). Era utilizado nos diversos ritos de purificação (Nm 19,6; Sl 51,9; Hb 9,19).

p. Poderíamos traduzir: *a destruição*. No entanto, as versões antigas personificaram esse Destruidor. Gn 19,13 e 2Sm 24,16 apresentam “anjos” encarregados de uma missão semelhante.

q. Lit. *serviço*; cf. 3,12 nota.

r. Lit. *abençoi-me*. Abençoar designa, por vezes, a saudação de partida ou de chegada (Gn 47,10; 1Rs 8,66).

s. Cf. 3,22 nota.

Nm 33.1-5 ³⁷Os filhos de Israel partiram de Ramsés para Sukot¹ em número de aproximadamente seiscentos mil² homens a pé — os varões, sem contar as crianças. ³⁸Subiu Nm 1.46 com eles numerosa mescla de gente, com muitas ovelhas e bois, um imenso rebanho.

³⁹Cozeram a massa que tinham trazido do Egito. Resultou em pães sem fermento, por não ter chegado a fermentar. Dt 16.3; Is 52.12 Repentinamente expulsos do Egito, nem haviam podido fazer provisões³.

⁴⁰A permanência dos filhos de Israel no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Gn 15.13; Gl 3.17 ⁴¹E no fim dos quatrocentos e trinta anos, exatamente neste dia⁴, todos os exércitos do SENHOR saíram da terra do Egito.

⁴²Foi uma noite de vigília⁵ para o SENHOR, quando os fez sair da terra do Egito. Esta noite pertence ao SENHOR, é uma vigília para todos os filhos de Israel, de geração em geração.

⁴³O SENHOR disse a Moisés e Aarão: “Eis o ritual da Páscoa⁶”:

— Nenhum estrangeiro comerá dela.
— ⁴⁴Todo servo adquirido a preço de dinheiro, tu o circuncidarás e então ele poderá comer.

— ⁴⁵Nem o que mora convosco nem o assalariado poderão comer.
— ⁴⁶É numa só casa que se deve comê-la.
— Não levarás da carne para fora de casa.

Nb 9.12; Jo 19.36 — Não quebrarás os seus ossos.

— ⁴⁷Toda a comunidade de Israel celebrará a Páscoa.

— ⁴⁸Se um migrante residente no vosso meio quer celebrar a Páscoa para o SENHOR, que todo varão de sua casa seja circuncidado. Então poderá aproximar-se para celebrá-la, na qualidade de nativo da terra. Nenhum incircunciso a comerá.

— ⁴⁹A lei vale para o nativo e para o migrante residente entre vós⁷.

⁵⁰Todos os filhos de Israel assim fizeram. Fizeram exatamente o que o SENHOR havia ordenado a Moisés e Aarão.

⁵¹Exatamente neste dia, o SENHOR fez sair os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus exércitos.

13 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Consagra-me todo primogênito que abre o seio materno entre os filhos de Israel, tanto dos homens como do gado. Pertencem a mim”.

³Moisés disse ao povo: “Seja lembrado este dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão, pois foi com mão forte que o SENHOR vos fez sair de lá. Não se poderá comer pão fermentado. ⁴É hoje que saís, no mês das Espigas.

⁵Portanto, quando o SENHOR te houver introduzido na terra do canaanita, do hetita, do emorita, do hitita e do ieusita, terra que haveria de dar a ti, conforme jurou aos teus pais, terra que mana leite e mel,
— neste mesmo mês, realizarás este rito:

⁶Durante sete dias, comerás pão sem fermento.

O sétimo dia será um dia de festa para o SENHOR.

1. A localização desta Sukot egípcia é incerta. Não se deve, porém, confundir-la com a Sukot que está na Transjordânia perto do Jaboc (cf. Gn 33.17).

u. *Mil*: *élef* em hebraico. Em alguns textos (1Sm 10.19; Jz 6.15), este termo guardou seu velho sentido de *família, clã*, quer dizer, o número de soldados (“peões”) que um clã pode fornecer.

v. Esta observação permite à liturgia israelita transformar a festa agrícola dos pães sem fermento numa evocação da saída do Egito. Cf. 12.15 nota.

w. Quer dizer: *este dia* de festa em que se celebra a saída do Egito.

x. *Noite de vigília*: sobre esta expressão o targum palestinese baseou o poema das *quatro noites* vistas como etapas importantes do nascimento do povo de Deus: noite da criação, noite em que Abraão recebeu a promessa do nascimento de Isaac, noite da libertação do Egito, noite da realização definitiva da salvação. A Páscoa, de fato, era celebrada na esperança: o Messias — dizia-se — viria naquela noite.

y. Os vv. 43-49 apresentam uma legislação complementar sobre a Páscoa. Além de costumes muito antigos (cf. 46), esta legislação apresenta uma tentativa de determinar quem faz ou não faz parte da *comunidade de Israel* (v. 47), convidada a celebrar a festa. É um indicio de que Israel se encontra numa situação confusa, talvez na época da restauração pós-exílica. Fazem parte da comunidade, contanto que sejam circuncidados: 1) o *escravo*, que faz parte da família (v. 44); 2) o *migrante*, ou estrangeiro residente, estabelecido de maneira relativamente estável numa terra que não é sua, como os patriarcas em Canaã (6.4), os israelitas no Egito (22.20), Moisés em Midian (2.22) ou um israelita numa tribo que não fosse dele (Jz 9.16). Já que a sua situação era por vezes precária, a legislação de Israel cuidava de protegê-lo (Dt 24.17-21). Este estatuto religioso prepara o dos *proslitos* (cf. Mt 23.15). Contudo, outras categorias, menos assimiladas, como o servidor assalariado (*mercenário*) ou o estrangeiro de passagem (*morador, hóspede*), estão excluídas da Páscoa (v. 45), que pressupõe a pertinência dos participantes numa mesma comunidade de destino.

⁷Nestes sete dias serão consumidos pães sem fermento.

Não se achará pão fermentado e nem fermento em todo o teu território.

— ⁸Naquele dia transmitirás a teu filho este ensinamento: 'Foi por isso^a que o SENHOR agiu em meu favor quando de minha saída do Egito'.

— ⁹Com mão forte o SENHOR te fez sair do Egito: eis o que te servirá de sinal sobre a mão, de memorial entre os olhos, para que em tua boca esteja a lei do SENHOR^b.

— ¹⁰Anualmente, na data marcada, observarás este decreto.

¹¹Portanto, quando o SENHOR te houver introduzido na terra do canaanita — como o jurou a ti e a teus pais — e a tiver dado a ti, ¹²farás passar^c ao SENHOR tudo o que abre o útero materno e tudo o que abre a matriz do gado que te pertence: os machos pertencem ao SENHOR!

¹³Todo primogênito dos jumentos, tu o resgatarás com um cordeiro; caso não o queiras resgatar, quebrar-lhe-ás a nuca^d.

Todo primogênito de homem entre os teus filhos, tu o resgatarás. ¹⁴Quando teu filho, pois, te perguntar amanhã: 'Por que isso?' dir-lhe-ás: 'Com mão forte o SENHOR nos fez sair do Egito, da casa da servidão. ¹⁵Pois, como Faraó pusesse obstáculos à nossa partida, o SENHOR matou todo primogênito na terra do Egito, tanto dos homens como do gado. Por isso eu sacrifico ao SENHOR todo macho que abre o útero materno, mas resgato todo primogênito dentre meus filhos'.

¹⁶Com mão forte o SENHOR nos fez sair do Egito: eis o que te servirá de sinal sobre a mão e de marca entre os olhos^e.

A passagem do mar e o cântico de Moisés^f. ¹⁷Quando Faraó deixou partir o povo, Deus não o conduziu pela estrada da terra dos filisteus^g, embora fosse a mais direta. Deus disse a si mesmo: "Não aconteça que, vendo-se obrigado a lutar, o povo desista e volte ao Egito!" ¹⁸Deus fez o povo desviar para o deserto do mar dos Juncos^h. Foi em ordem de batalha

22,28; 34,19;
Nb 3,11-13;
18,15-18;
Dt 15,19-23;
Lc 2,23

Gr 50,25;
Js 24,32

z. Lit. tu anunciarás (hebr. *higgadtá*). Desta raiz verbal deriva o termo *hagadá* que, na literatura judaica, designa comentários da Escritura visando à edificação. Assim, a *hagadá da Páscoa* fornece ao pai de família temas, graças aos quais poderá responder às "perguntas dos filhos" (cf. Ex 12,26; Dt 6,20) e relembrar a libertação de Israel, ao explicar o porquê dos ritos.

a. Foi por isso: os comentários judaicos da Idade Média deram duas interpretações desse texto importante:

— Foi por causa disso: desse rito dos pães sem fermento, que o Senhor me libertou. Quer dizer, porque, subtraindo-me à escravidão do Faraó, eu me fiz concretamente o servo do Senhor, visto que o Senhor me libertou.

— Foi em vista disso: quer dizer, o Senhor me fez sair do Egito para que eu seja seu servo, para que observe o rito dos pães sem fermento.

*[Pode-se traduzir também: "É por causa daquilo que o Senhor fez..."]

Nos primeiros séculos de nossa era, a Mishná comenta assim esse versículo: "Em cada geração, é preciso considerar a si mesmo como saído do Egito".

b. Com tatuagens e o uso de objetos vários de piedade era possível indicar uma filiação étnica ou religiosa. A essas marcas materiais o nosso texto substitui a proclamação de uma palavra, exprimindo a fé de Israel e acompanhando a celebração de um rito prescrito (pães sem fermento ou oferenda dos primogênitos, no v. 16). Em Dt 6,8 e 11,18 encontramos fórmulas um pouco diferentes, que estão na origem do uso das *filactérias* entre os judeus (cf. Mt 23,5).

c. O sacrifício dos primogênitos é um caso especial de oferenda de qualquer primícia vegetal ou animal (cf. 22,28-29). Com

este costume bem antigo o homem religioso quer manifestar que ele não é o dono absoluto de nada. Não se apropriando das primícias (que são aquilo que há de mais santo e que representam toda a colheita), abandona-as à divindade, fazendo-as passar através da oferenda ou do sacrifício. Ao adotar esse costume, Israel fez questão de dar tratamento especial ao caso dos primogênitos humanos: sabemos do horror que a Bíblia demonstra pelos sacrifícios humanos. Cf. Lv 18,21 etc. E, além disso, Israel deu a esse rito um sentido novo, relacionado com a saída do Egito (vv. 14-15), como o fez em relação à Páscoa e à semana dos pães sem fermento.

d. O jumento, animal impuro (de fato, não *rumina* e não tem o casco fendido, cf. Lv 11,3), não é sacrificável: se não resgatado, deve ser morto de modo não ritual, sem efusão de sangue.

e. O relato bíblico da passagem do mar utiliza elementos das três tradições. Para a tradição "javista", que talvez incorpore a tradição "eloísta", um vento tempestuoso, varrendo as águas, permitiu a passagem de Israel, e os egípcios foram surpreendidos pelo retorno das águas (cap. 14: vv. 21 [em parte], 24-25 e 27). Cf. Sl 77 e 114, que associam tempestade e terremoto à travessia do mar. Para a tradição "sacerdotal", é a mão de Moisés que separa as águas e as faz voltar (cap. 14: vv. 21 [em parte] 22-23, 26, 28-29). — Tal como se apresenta, o relato sublinha o poder da fé (cf. 14,13-14,31) que, numa situação crítica, ousa arriscar tudo com base na Palavra de Deus.

f. No século XIII a.C., esta estrada ao longo do Mediterrâneo era guardada por fortalezas.

g. Mar dos Juncos (hebr.: *yam suf*): este termo podia originalmente designar uma espécie de golfo do Mediterrâneo (análogo ao atual lago Menzaleh) situado a leste do delta do Nilo, com penetração em terras onde cresciam juncos (cf. Ex 2,3). Em

que os filhos de Israel subiram da terra do Egito.

¹⁹Moisés tomou consigo os ossos de José, porque ele havia exigido um juramento dos filhos de Israel, dizendo-lhes: "Deus não deixará de intervir em vosso favor. Então fareis subir daqui os meus ossos convosco".

^{12,37;} ^{Nm 33,6} ^{Dt 1,33;} ^{Is 4,4-6;} ^{52,12; 60,19;} ^{Sl 78,14;} ^{105,39;} ^{Ne 9,12.19;} ^{Sb 10,17;} ^{18,3;} ^{Jo 8,12} ²⁰Partiram de Sukot e acamparam em Etâm, à beira do deserto. ²¹O SENHOR mesmo andava à frente deles: como coluna de nuvem^a durante o dia, para abri-
-lhes caminho, como coluna de fogo à noite, para iluminá-los. Assim podiam andar dia e noite. ²²De dia, a coluna de nuvem mantinha-se à frente do povo; e, à noite, a coluna de fogo.

14 ¹O SENHOR falou dizendo a Moisés:

^{2a}Fala aos filhos de Israel que voltem para acampar diante de Pi-Haĥirot, entre Migdol e o mar — isto é, acampai-
reis bem em frente de Báal-Sefon¹, à beira do mar. ³Então, Faraó dirá a respeito dos filhos de Israel: "Ei-los que andam vagueando enlouquecidos na terra! O deserto os encurralou!". ⁴"Eu endurecerei o coração de Faraó² e ele irá persegui-los. Mas eu me glorificarei à custa de Faraó e de todas as suas forças, e os egípcios conhecerão que eu sou o SENHOR". Assim fizeram.

⁵Foi anunciado ao rei do Egito que o povo fugira. Faraó e seus servos mudaram de idéia a respeito do povo, e disseram: "Que fizemos? Deixamos Israel abandonar nosso serviço!". ⁶Faraó atrelou o seu carro e levou consigo o seu povo. ⁷Tomou seiscentos carros de elite, e todos os carros do Egito, com seus escudeiros. ⁸O SENHOR endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, que perse-

guiu os filhos de Israel, mas os filhos de Israel saíam com a mão erguida³. ⁹Os egípcios — todos os carros de Faraó, seus cavaleiros e suas forças — perseguiram-nos e apanharam-nos acampados à beira do mar, perto de Pi-Haĥirot, defronte de Báal-Sefon.

¹⁰Faraó havia se aproximado. Ao levantarem os olhos, os filhos de Israel viram que o Egito viera atrás deles! Ficaram apavorados e clamaram ao SENHOR. ¹¹Disseram a Moisés: "É por não haver túmulos no Egito que nos fizeste sair de lá, para morrermos no deserto? Que fizeste conosco, tirando-nos do Egito? ¹²Não te havíamos dito no Egito: 'Deixai-nos em paz! sirvamos aos egípcios? Para nós é melhor servir aos egípcios do que morrer no deserto'". ¹³Moisés respondeu ao povo: "Não tendes medo! Coragem! E vede a salvação que o SENHOR hoje realizará para vós. Os egípcios que hoje vistes, nunca mais os vereis. ¹⁴É o SENHOR que combaterá por vós. De vossa parte, não fareis nada!"

¹⁵O SENHOR disse a Moisés: "Por que clamas a mim? Fala aos filhos de Israel: que se ponham a caminho!". ¹⁶E tu, ergue o bastão, estende a mão sobre o mar, divide-o: e que os filhos de Israel nele entrem a pé enxuto⁴. ¹⁷De minha parte, vou endurecer o coração dos egípcios para que venham no encalço deles e eu me glorifique à custa de Faraó e de todas as suas forças, de seus carros e de seus cavaleiros. ¹⁸Assim os egípcios conhecerão que eu sou o SENHOR, quando me houver glorificado às custas de Faraó, de seus carros e de seus cavaleiros".

¹⁹O anjo de Deus, que andava à frente do acampamento de Israel, deslocou-se e

seguida, o termo designou o mar Vermelho e seus dois braços que envolvem a península do Sinai: o golfo de Suez e o golfo de Áqaba (cf. 1Rs 9,26). — O deserto do mar dos Juncos é a parte ocidental do deserto do Sinai.

h. Sobre a presença de Deus na Nuvem, cf. Ex 19,9 nota.

i. Foi proposto situar Báal-Sefon ao sul do istmo de Suez, ou então sobre a costa do Mediterrâneo. Migdol significa o "fortim". Pi-Haĥirot, provavelmente, "a embocadura dos canais".

j. Cf. 7,3 nota.

k. Gesto de liberdade.

l. Lit. *sobre a terra seca*. Aqui, como em Gn 1,9, as águas se retiram para deixar aparecer a *terra seca*. A obra da salvação (passagem do mar) é vista como uma nova criação, a criação de um povo que Deus faz passar pela morte. Na realidade, o mar representava no pensamento antigo o mundo do incriado e da morte (Gn 1,2; Sl 18,5-6). A tradição de Israel sempre retomou e ampliou o relato da passagem do mar, a tal ponto que o evento foi cantado como o milagre por excelência (Sl 77,17-20; 106,9) e o livro de Isaías fala da volta do Exílio babilônico como de um novo Êxodo (Is 43,16-21).

16,3; 17,3;
Nm 11,4-6;
14,1-4;
20,2-5; 21,5;
Sl 106,7

postou-se na retaguarda. A coluna de nuvem também se deslocou da frente deles e ficou atrás, ²⁰inserindo-se entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel. Havia a nuvem, mas também havia trevas; então ela iluminou a noite. E não se aproximaram um do outro durante a noite inteira^m.

²¹Moisés estendeu a mão sobre o mar. Com um forte vento leste a soprar a noite toda, o SENHOR repeliu o mar e o pôs a seco. As águas se fenderam ²²e os filhos de Israel entraram no meio do mar a pé enxuto, enquanto as águas formavam uma muralha à direita e à esquerda deles. ²³Os egípcios — todos os cavalos de Faraó, seus carros e cavaleiros — perseguiram-nos, indo-lhes ao encalço até o meio do mar.

²⁴Ora, durante a vigília da manhã, da coluna de fogo e de nuvem, o SENHOR lançou o olhar sobre o acampamento dos egípcios, desencadeando o pânico no meio deles. ²⁵Travou^a as rodas de seus carros, impedindo-os de manobrá-los. O Egito disse: "Fujamos para longe de Israel, pois é o SENHOR que combate por eles contra o Egito!" ²⁶O SENHOR disse a Moisés: "Estende a mão sobre o mar: que as águas recaiam sobre o Egito, sobre seus carros e cavaleiros!". ²⁷Moisés estendeu a mão sobre o mar. Ao amanhecer, o mar voltou ao seu lugar, en-

quanto os egípcios, em fuga, iam-lhe ao encontro^p. E o SENHOR atirou os egípcios no meio do mar. ²⁸As águas voltaram e recobriram os carros e os cavaleiros. Não sobrou ninguém de todas as tropas de Faraó que haviam adentrado o mar, no encalço de Israel. ²⁹Os filhos de Israel, no entanto, andaram a pé enxuto no meio do mar, com uma muralha d'água à sua direita e à sua esquerda.

³⁰Naquele dia, o SENHOR salvou Israel da mão do Egito e Israel viu o Egito morto na orla do mar. ³¹Israel viu com que mão forte o SENHOR havia agido contra o Egito. O povo concebeu temor ao SENHOR, acreditou no SENHOR e em Moisés, seu servo.

15 ¹Então Moisés cantou com os filhos de Israel este cântico ao SENHOR. Disseram^q:

Quero cantar ao SENHOR,

ele se sobreexaltou!

Cavalo e cavaleiro precipitou no mar.

²Minha força e meu canto^r é o SENHOR^s. Para mim ele foi salvação.

É ele o meu Deus, eu o louvarei o Deus de meu pai, eu o exaltarei.

³O SENHOR é um guerreiro^t.

Seu nome é o SENHOR

⁴Carros e forças de Faraó, no mar os precipitou.

Dt 11,4

4,1,31;
Sl 106,12Is 43,21;
Sl 105,43;
106,12;
Sl 10,20-21;
Ap 15,3Is 12,2;
Sl 118,14

3,14

m. A tradução procura restabelecer o texto hebraico masorético. As versões antigas são muito divergentes:

- Grego da Septuaginta: *Houve escuridão e nuvem, e a noite passou, e eles não se juntaram uns aos outros durante a noite toda.*
- Grego de Símaco: *A noite era escuridão de um lado e luz do outro.*
- Targum aramaico: *Houve uma nuvem e escuridão para os egípcios, mas para Israel toda a noite foi luminosa. E eles não se aproximaram...*
- Vulgata latina: *A nuvem era tenebrosa e iluminava a noite, de modo que, durante todo o transcorrer da noite, não puderam aproximar-se um do outro.*

Com uma leve mudança de vogais, o texto poderia ser compreendido desta maneira (que dá um sentido próximo do da Septuaginta): *Houve nuvem e trevas, em seguida a noite se aclarou: eles não haviam se aproximado um do outro durante a noite toda.*

n. A noite estava dividida em três vigílias: primeira vigília, Lm 2,19; vigília da meia-noite, Jz 7,19; vigília da manhã, LSm 11,11 e aqui.

o. Traduzido de acordo com o sam., o gr. e o sir. Hebr.: *soltou*.

p. Fugindo adiante de Israel, os egípcios topam com o mar, que volta ao seu lugar, cf. v. 21.

q. A data de composição desse canto é incerta, embora contenha um núcleo antigo (por exemplo, a estrofe retomada por Miriâm no v. 21). Com a menção aos filisteus no v. 14, é difícil que seja da época de Moisés. O poema estabelece um paralelo entre as águas imobilizadas do mar dos Juncos (8) e os povos petrificados de medo (16) que deixam passar Israel, livre e conquistador. Assim, a séculos de distância, é sempre o mesmo Deus salvador que age. Cf. Is 43,16-21.

r. O termo traduzido *por canto* podia ter o sentido de *poder*, no estado antigo da língua.

s. Lit. *Yah*, abreviação do nome sagrado *ue Deus*.

t. Com esta afirmação lírica o poeta expressa sua admiração: Deus não está distante, não está ausente das lutas humanas pela justiça e pela liberdade (cf. Sl 12,6). Quanto a pontos de vista complementares sobre Deus e sobre a guerra, cf. Jr 21,5; Sl 46,10; 76,4. O gr. interpreta assim: *o Senhor é um arrebatador de guerras*.

A flor dos seus escudeiros
no mar dos Juncos pereceu.
⁵ Os abismos os recobrem.
Desceram, qual pedra, ao fundo.
⁶ A tua destra, SENHOR,
esplendorosa de poder,
a tua destra, SENHOR,
esmaga o inimigo.
⁷ Com soberana grandeza
abates os teus adversários.
A chama do teu furor
os devora como restolho.
⁸ Ao sopro das tuas narinas,
as águas se amontoaram*,
as ondas se ergueram como um dique,
os abismos coalharam no meio do mar.
⁹ O inimigo dizia:
Eu persigo e aprisiono,
reparto os despojos
e com eles sacio meu apetite.
Desembainha a espada.
Minha mão os despoja.
¹⁰ Fizeste soprar o teu vento,
o mar os recobriu.
Afundaram como chumbo
nas águas grandiosas.
¹¹ Quem é como tu entre os deuses,
SENHOR?
Quem é como tu, esplendoroso em
santidade*,
temível nos seus feitos*,
realizador de maravilhas?
¹² Estendeste a tua destra,
a terra os tragou.
¹³ Com tua fidelidade conduziste
o povo que reivindicaste.
Com tua força o guiaste
para a tua santa morada.

¹⁴ Os povos ouviram
e se apavoraram.
O temor se apoderou
dos habitantes da Filistéia.
¹⁵ Então ficaram apavorados
os chefes de Edom.
Tremor tomou conta
dos príncipes de Moab.
Todos os habitantes de Canaã estão
abalados.
¹⁶ Terror e pavor
caem sobre eles.
Sob o poder do teu braço
eles se calam, petrificados,
enquanto passa o teu povo, SENHOR,
enquanto passa o povo que adquiriste.
¹⁷ Tu o fazes entrar e o plantas
sobre a montanha que é teu
patrimônio.
Preparaste, SENHOR,
um lugar para que nele habites.
Tuas mãos fundaram
um santuário, ó SENHOR.
¹⁸ O SENHOR reina para todo o sempre!
¹⁹ A cavalaria de Faraó tinha penetrado
no mar, com seus carros e cavaleiros, e
o SENHOR fizera recuar sobre eles as águas
do mar; os filhos de Israel, porém, ha-
viam andado a pé enxuto no meio do mar.
²⁰ A profetisa Miriâm, irmã de Aarão,
pegou o tamborim. As mulheres todas a
seguiram, dançando e tocando os tambo-
rins. ²¹ E Miriâm entoou este canto:
"Cantai ao SENHOR.
Ele se sobreexaltou.
Cavalo e cavaleiro,
precipitou no mar!"

Sl 48,5-7

Sl 74,2

Sl 8,17

Sl 95,3;
96,10; 97,1;
98,6; 99,1

Jz 11,34;
1Sm 18,6;
2Sm 6,5

AS PRIMEIRAS ETAPAS NO DESERTO

A água de Mará. ²²Moisés fez Israel
partir* do mar dos Juncos e saíram para

o deserto de Shur. Andaram três dias no
deserto sem encontrar água. ²³Chegando

u. *Sopro das narinas*: expressão que significa a cólera. —
* [Na sequência do v., os *abismos* são as águas abismais que se
solidificam como *coalhada*.]

v. O gr., como também o paralelismo com o verso precedente,
favoreceria a tradução seguinte: *deslumbrante entre os santos*.

w. O termo significa igualmente *louvares, assuntos de louvor*.
Compreendendo *temível aos louvores*, a tradição rabínica de-
senvolveu aqui considerações de "teologia negativa": não pode-

mos louvar a Deus como convém, pois estamos sempre abaixo
dele.

x. O verbo *partir* significa literalmente *arrancar* (as estacas da
tenda), cf. Is 33,20. Serve para destacar as etapas de Israel no
deserto, 12,37; 13,20; 16,1; 17,1; 19,2 e, no livro dos Números,
especialmente o cap. 33. Israel retomou assim a caminhada inces-
sante dos patriarcas (cf. Gn 12,9); vai de acampamento em acam-
pamento, para o *repouso* esperado, cf. Js 21,43-45; Hb 4,1-11.

Nm 33,8 a Mará, não puderam beber a água de Mará, pois era amarga — daí o nome “Mará”⁷. ²⁴O povo murmurou⁸ contra Moisés, dizendo: “Que vamos beber?” ²⁵E ele clamou ao SENHOR, e o SENHOR lhe indicou uma espécie de árvore. Ele jogou um ramo na água e a água tornou-se doce.

Js 24,25; Ism 30,25 Foi aí que lhes fixou leis e costumes⁹. Foi aí que os pôs à prova.

²⁶Ele disse: “Se ouvires atentamente a voz do SENHOR, teu Deus, se fizeres o que é direito aos seus olhos, se prestares atenção aos seus mandamentos, se guardares todos os seus decretos, não te infligirei nenhuma das moléstias que infligi ao Egito, pois eu sou o SENHOR, que te curo”.

Is 19,22; 57,18-19; Jr 33,6; Os 6,1; Mi 3,20; Tb 12,3-15; Mt 8,1-17p ²⁷Chegaram a Elim, onde há doze fontes d'água e setenta palmeiras. Acamparam nesse lugar, perto da água.

SI 78,24; Jo 6,31; Nm 33,9-11 **16** O maná¹⁰. ¹Eles partiram de Elim, e toda a comunidade dos filhos de Israel chegou ao deserto de Sin, entre Elim e o Sinai, no dia quinze do segundo mês após a saída da terra do Egito. ²No deserto, toda a comunidade dos filhos de Israel murmurou¹¹ contra Moisés e Aarão. ³Os filhos de Israel lhes disseram: “Quem dera tivéssemos sido mortos pela mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão à vontade. Vós nos fizestes vir a este deserto para matar de fome toda esta assembléia!” ⁴O SENHOR disse a Moisés: “Vou

fazer com que do céu chova pão¹² para vós. O povo deverá sair para recolher, cada dia, a ração cotidiana, para que eu o ponha à prova: ele andarà ou não na minha lei? ⁵No sexto dia, ao prepararem o que foi recolhido, terão o dobro da colheita diária”.

⁶Moisés e Aarão disseram aos filhos de Israel: “Esta tarde, conhecereis que é o SENHOR que vos fez sair da terra do Egito; ⁷ao amanhecer, vereis a glória do SENHOR, ele ouviu vossas murmurações contra o SENHOR. Quem somos nós, para que murmureis contra nós?” ⁸Moisés explicou: “Vós a vereis, quando o SENHOR, à tarde, vos der¹³ carne para comer e, de manhã, pão à saciedade, porque o SENHOR ouviu as murmurações que resmungastes contra ele. Quanto a nós, que somos? Na realidade não murmurastes contra nós, mas contra o SENHOR”.

⁹Moisés disse a Aarão: “Dize a toda a comunidade dos filhos de Israel: ‘Aproximai-vos do SENHOR, pois ele ouviu as vossas murmurações’”. ¹⁰E quando Aarão estava falando a toda a comunidade dos filhos de Israel, voltaram-se para o deserto: eis que a glória do SENHOR havia aparecido na nuvem.

¹¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹²“Ouviste as murmurações dos filhos de Israel. Fala-lhes deste modo: ‘Ao entardecer, comereis carne; ao amanhecer, vos fartareis de pão e conhecereis que eu sou o SENHOR, vosso Deus’”. ¹³Naquela mesma tarde, vieram as codornizes¹⁴ e cobriram o acampamento; de manhã uma

24,16-17;
40,34-35;
Lv 9,23;
Nm 16,19;
17,7; 20,6

1R, 17,6

SI 78,26-31;
105,40;
Sg 16,2-4;
19,11-12

y. O hebr. *mará* significa “amarga”.

z. Na reflexão religiosa de Israel, o deserto aparece como o lugar privilegiado da *prova* e das *murmurações* (Ex 14,11; 15,24; 16,3; 17,1-7; 32; Nm 11,1-4; 12,1; 14,1-4; 16,3,14; 20,2-5; 21,5) de onde se pode sair vitorioso tão-somente pela fé e pela esperança (cf. SI 78; Hb 3,7-19). Na linha de Oséias (2,16-17) e de Jeremias (2,2), o cântico de Dt 32 pensa, ao contrário, que uma civilização de abundância é uma provação mais perigosa para a fé do povo de Deus. Cf. também a passagem de Jesus pelo deserto (Mt 4,1-11 par.).

a. Lit. *decreto* e *costume*. Nesta expressão podemos ver o vestígio de uma legislação que não mais se encontra neste lugar do texto.

b. Este cap., literariamente muito complexo, é bastante difícil de ser analisado. A estrutura central é constituída por um relato

“sacerdotal”, que baseia a lei do repouso sabático sobre o episódio do dom do maná. Deve ter recebido acréscimos de tipo litúrgico e integrado alguns vv. “javistas” (4-5; 13b-15; 21b; 27-30; 35b) que vêem no maná uma *prova*, anunciada em 15,25 e ligada à lei do sábado (cf. v. 30).

c. Com suas *murmurações* (cf. 15,24 nota), Israel rejeita a difícil aventura da saída do Egito e lhe distorce sistematicamente o sentido (v. 3).

d. O termo pode designar toda espécie de alimento.

e. Lit. *Moisés disse: Quando o Senhor vos der...* etc. Esse v. parece ser um comentário que procura identificar a *glória do Senhor* (v. 7) e o dom do alimento (v. 8).

f. O relato “sacerdotal” mesclou numa só narração a passagem das codornizes e o dom do maná. O “javista” anotou a chegada das codornizes só em Nm 11.

camada de orvalho circundava o acampamento. ¹⁴Quando evaporou, surgiu na superfície do deserto algo quebradiço, parecido com geada sobre a terra. ¹⁵À vista disso, os filhos de Israel disseram uns aos outros: "Man hu?" ("Que é isto?"), pois não sabiam o que era. Moisés lhes disse: "É o pão que o SENHOR vos dá para comer. ¹⁶Esta é a ordem que o SENHOR deu: Cada qual recolha o tanto que pode comer. Apanhareis um gômer^b por pessoa, conforme o número de pessoas em cada tenda". ¹⁷Os filhos de Israel assim fizeram. Uns recolheram mais, outros menos. ¹⁸O gômer servia de medida; quem tinha muito não teve de sobra, e quem tinha pouco não sentiu falta. Cada um havia colhido quanto podia comer.

¹⁹Moisés lhes disse: "Ninguém guarde para o dia seguinte!" ²⁰Alguns não escutaram Moisés e guardaram para o dia seguinte. O que guardaram ficou cheio de vermes e começou a feder. Moisés, então, se irritou contra eles.

²¹Todas as manhãs, recolhiam-no conforme a quantidade que cada um podia comer. Quando o sol esquentava, ele derretia.

²²No sexto dia, recolhiam o dobro de pão, ou seja, dois gômeres para cada um^l. Os responsáveis da comunidade vieram anunciá-lo a Moisés. ²³Ele lhes disse: "Aconteceu exatamente o que o SENHOR havia dito. Amanhã é sábado, dia de cessar o trabalho, consagrado ao SENHOR. Cozinhei o que deve ser cozido e fervei o que deve ser fervido. O que sobrar, deixai-o de reserva até o dia seguinte".

²⁴Eles o conservaram até a manhã seguinte, como ordenara Moisés. Não houve fedor nem vermes. ²⁵Moisés disse: "Comei-o hoje. Hoje é o sábado do SENHOR. Hoje não o encontrareis lá fora^l. ²⁶Devereis recolhê-lo durante seis dias, mas no sétimo dia é sábado: não haverá". ²⁷Ora, no sétimo dia, houve gente entre o povo que saiu para recolher e não encontrou nada. ²⁸O SENHOR disse a Moisés: "Até quando vos recusareis a guardar os meus mandamentos e as minhas leis? ²⁹Pensai bem: se o SENHOR vos deu o sábado, ele vos dá também, no sexto dia, o pão de dois dias. Cada qual fique no seu lugar. Ninguém saia de casa no sétimo dia". ³⁰O povo, pois, cessou no sétimo dia.

³¹A este alimento a casa de Israel deu o nome de maná. Era como semente de coriandro, de cor branca, com sabor de bolo de mel.

³²Moisés disse: "Eis o que o SENHOR ordenou: 'Guardai um gômer de reserva para vossos descendentes, a fim de que vejam o pão com que vos alimentei no deserto, ao fazer-vos sair da terra do Egito'". ³³Moisés disse a Aarão: "Toma um vaso^k, enche-o com um gômer de maná, põe-no diante do SENHOR, como reserva para os vossos descendentes". ³⁴Aarão o pôs, qual reserva, diante do Documento, conforme o SENHOR ordenara a Moisés^l. ³⁵Os filhos de Israel comeram maná durante quarenta anos, até chegarem em terra habitada. Comeram o maná até a sua chegada aos confins da terra de Canaã.

³⁶O gômer é a décima parte de uma efá^m.

Jo 6,31

2Cor 8,15

Gn 2,2-3;
Êx 31,15;
Lv 23,3

20,8-11;
23,12;
34,21;
Dt 5,12-15

Nm 11,7-8

Js 5,12

g. Trocadilho para explicar o nome *maná*. A seiva de um arbusto do deserto, que ressuada e se solidifica, pode servir de alimento complementar. A reflexão de Israel interpretou esse fato de várias maneiras. Para Nm 11,4-6; 21,5, o maná é apenas um alimento desprezível, uma simples guloseima para enganar a fome. Para textos mais tardios (Sl 105,40; 78,24-25; Ne 9,15.20; Sh 16,20-21), o maná aparece como um alimento maravilhoso, sinal da solicitude de Deus. Para Êx 16 (como para Dt 8,3), provém de Deus, mas como uma *prova*; é, na verdade, uma comida misteriosa e frágil (vv. 15 e 21), através da qual se passa a exigir a obediência à lei do sábado (vv. 27-30). Quando terminar o tempo do deserto, tempo de prova, o maná dará lugar aos

produtos da Terra Prometida (v. 35; cf. Js 5,12). Sobre o maná no NT, cf. Jo 6,32; 1Cor 10,3.

h. *Gômer* (= *ômer*), medida contendo cerca de 4,5 litros. * [Não confundir com *hômer*, 100 vezes mais.]

i. Pode-se também traduzir: *dois gômeres em vez de um*.

j. Lit. *no campo*, quer dizer, no espaço situado fora do acampamento.

k. O termo hebr. pode designar uma pequena jarra. O gr. explicitou: *vaso de ouro* (cf. Hb 9,4).

l. A expressão traduzida por *como reserva* significa igualmente *conforme o uso ritual*. Sobre o Documento, cf. 25,16 nota.

m. A efá é uma medida com cerca de 45 litros.

Nm 20,1-13

Nm 33,
12-14

17 A água de Massá e Meribá". Toda a comunidade dos filhos de Israel partiu do deserto de Sin, avançando por etapas, conforme as ordens do SENHOR. Acamparam em Refidim, mas ali não havia água para o povo beber. ²O povo discutiu com Moisés, dizendo: "Dai-nos água para beber". Moisés respondeu: "Por que discutis comigo? Por que pondeis o SENHOR à prova?"

³Naquele lugar o povo teve sede e murmurou^a contra Moisés: "A troca de que — dizia — fizeste-nos subir do Egito para cá? Para fazer-nos morrer de sede a mim, meus filhos e meus rebanhos?" ⁴Moisés clamou ao SENHOR: "Que devo fazer por este povo? Mais um pouco, e vão me apedrejar". ⁵O SENHOR disse a Moisés: "Passa à frente do povo e leva contigo os anciãos de Israel. Pega o bastão^a com que feriste o Rio, e vai. ⁶Ficarei diante de ti, lá sobre o rochedo", em Horeb. Golpearás o rochedo, brotará água e o povo beberá". Moisés assim fez, sob os olhos dos anciãos de Israel.

⁷Deu a esse lugar o nome de Massá e Meribá — Prova e Contenda — por causa da contenda dos filhos de Israel e por terem posto à prova o SENHOR, dizendo: "O SENHOR está ou não no meio de nós?"

O combate de Amaleq contra Israel. ⁸Então, Amaleq^a veio combater contra Israel em Refidim. ⁹Moisés disse a Josué: "Toma homens escolhidos e sai em combate contra Amaleq. Amanhã estarei de pé no topo da colina, com o bastão de Deus na mão. ¹⁰Tal como lhe havia dito Moisés, Josué entrou em combate contra Amaleq, enquanto Moisés, Aarão e Hur haviam subido ao cimo da colina. ¹¹Então, quando Moisés erguia a mão, Israel era o mais forte; quando baixava a mão", Amaleq era o mais forte. ¹²Como as mãos de Moisés ficassem pesadas, trouxeram uma pedra, puseram-na debaixo dele, e ele se sentou sobre ela. Um de cada lado, Aarão e Hur sustentavam-lhe as mãos, que assim se mantiveram firmes até o pôr-do-sol. ¹³E Josué passou Amaleq e seu povo ao fio da espada.

¹⁴O SENHOR disse a Moisés: "Escreve isto no livro^a, qual memorial, e faze-o chegar aos ouvidos de Josué:

Apagarei a memória de Amaleq, Apagá-la-ei de debaixo do céu!"

¹⁵Moisés construiu um altar, chamou-o "o SENHOR, meu estandarte" ¹⁶e declarou: "Porque u'a mão se levantou contra o trono do SENHOR, haverá guerra entre o SENHOR e Amaleq, de idade em idade!"

Is 43,20;
Sl 78,15-16;
105,41;
Sb 11,1-14;
Jo 7,38;
19,34
Dt 6,16;
9,22; 33,8;
Sl 81,8;
95,8

n. O v. 1, que situa o episódio de Massá-Meribá em Refidim (provavelmente ao sul do Sinai, Nm 33,14-15), provém da tradição "sacerdotal"; mas Nm 20,7-11 situa o mesmo fato em Qadesh, ao norte do Sinai. Os vv. 2-7 combinam a tradição "javista" e "eloísta". Este texto constitui uma reflexão de Israel sobre a caminhada no deserto: através das provações da fome (cap. 16), da sede (17,1-7), da guerra (17,8-16) e através da provação da fé (17,7).

o. Esse plural refere-se provavelmente a Moisés e Aarão. Aarão, porém, não é nomeado. O texto primitivo tinha talvez o singular *dá-nos*, como consta em muitos mss. hebr. e também no gr. e na Vulg.

p. Deus pode pôr o homem à prova (Gn 22; Ex 15,25), mas o homem também pode querer pôr Deus à prova, isto é, desafiá-lo, exigir sua intervenção como um direito. Cf. Is 7,12.

q. Cf. 16,2 nota.

r. O bastão de Moisés é o símbolo do poder divino (4,17) que age para, por meio dele, libertar Israel (pragas do Egito: 7,17; 9,23; 10,13; passagem do mar: 14,16). É a mesma força de Deus que aqui dá a Israel a possibilidade de vencer a sede (v. 5) e os inimigos amalequitas (v. 9).

s. Quanto aos comentários posteriores a respeito desse rochedo, cf. 1Cor 10,4.

t. A pergunta não levanta um problema especulativo sobre a

existência de Deus, mas exprime uma interrogação sobre a sua presença e a sua ação. Cf. 3,14 nota; 32,1 nota.

u. *Amaleq* designa tribos que habitam o Négueb (Nm 13,29; Jz 1,16). Desde o início, elas se opuseram à penetração israelita. Nós as reencontramos como adversários de Saul (1Sm 15) e de Davi (1Sm 30). As listas de Gn 36,12-16 ligam-nas à descendência de Esaú.

v. Pode-se também ligar *amanhã* ao que precede.

w. Deve-se aproximar esse gesto de Moisés, o bastão em mãos, a Js 8,18-26 e até mesmo com 2Rs 13,14-19. Trata-se de um gesto ritual de maldição dos inimigos, sinal e garantia de uma vitória, que não se deve unicamente aos esforços dos combatentes.

x. Não sabemos de que livro se trata. Cf. Nm 21,14. O gr. diz simplesmente *sobre um livro*. O termo traduzido por *livro* poderia aqui significar *inscrição*.

y. O início da frase é bastante enigmático. Mas, apesar de todas as divergências de tradução, trata-se de exprimir a luta implacável que opõe Israel e Amaleq; cf. Nm 24,20; Dt 25,17-19; 1Sm 15; 28,18; 1Cr 4,43, e o livro de Ester (Hamã — Est 3,1 — é na realidade apresentado como descendente de Agag, o rei amalequita de 1Sm 15). Assim, para além das tribos amalequitas, o pensamento expresso visa indicar em Amaleq o Inimigo por excelência e não lhe deixa esperança alguma. Ver a diferença em relação ao Egito ou à Babilônia, de quem Is 19,22-

18 O encontro de Moisés com Iitrô.

¹Iitrô, sacerdote de Midian, sogro de Moisés, ouviu falar de tudo o que Deus havia feito por Moisés e por Israel, seu povo: o SENHOR fizera Israel sair do Egito! ²Iitrô, sogro de Moisés, acolheu Sipurá, mulher de Moisés — depois que ela tinha sido mandada de volta^a — ³e seus dois filhos: um deles chamado Guershom — migrante-ali — pois havia dito: “Sou um migrante em terra estrangeira”; ⁴o outro recebeu o nome de Eliézer — meu Deus é socorro —, pois: “Foi o Deus de meu pai que veio em meu socorro e me livrou da espada de Faraó”. ⁵Iitrô, sogro de Moisés, seus filhos e sua mulher foram ao encontro de Moisés, no deserto, onde estava acampado, junto à montanha de Deus. ⁶Ele mandou dizer^b a Moisés: “Eu, Iitrô, teu sogro, estou vindo ao teu encontro, bem como tua mulher e seus dois filhos com ela”. ⁷Moisés saiu ao encontro do sogro, prostrou-se e o beijou. Trocaram saudações e entraram na tenda.

⁸Moisés contou ao sogro tudo o que o SENHOR havia feito a Faraó e ao Egito por causa de Israel, todas as dificuldades surgidas no caminho, das quais o SENHOR os tinha livrado. ⁹Iitrô exultou com todo o bem que o SENHOR tinha feito a Israel, libertando-o da mão dos egípcios. ¹⁰E Iitrô disse: Bendito seja o SENHOR, que vos libertou da mão dos egípcios e da mão de Faraó, que libertou o povo da mão dos egípcios! ¹¹Agora reconheço que o SENHOR foi maior que todos os deuses, não obstante a fúria deles contra os

seus^c. ¹²Iitrô, sogro de Moisés, participou de um holocausto e de sacrifícios oferecidos a Deus^d. Aarão e todos os anciãos de Israel vieram comer a refeição^e diante de Deus, com o sogro de Moisés.

¹³Ora^f, no dia seguinte, Moisés sentou-se para julgar o povo, e o povo ficou diante de Moisés, desde a manhã até o anoitecer. ¹⁴O sogro de Moisés viu tudo o que ele fazia pelo povo. “Que estás fazendo pelo povo?”, disse ele. “Por que atendes tu sozinho, enquanto o povo todo fica postado diante de ti, da manhã até a noite?” ¹⁵Moisés respondeu ao sogro: “É que o povo vem a mim para consultar a Deus. ¹⁶Se têm um litígio, eles me procuram. Julgo a questão que cada um tem com seu próximo e dou a conhecer os decretos de Deus e suas leis”. ¹⁷O sogro de Moisés lhe disse: “Tua maneira de agir não é boa. ¹⁸Vais te esgotar, e o mesmo acontecerá com este povo que está contigo. A tarefa é muito pesada para ti. Não podes cumpri-la sozinho. ¹⁹Agora, ouve a minha voz! Dou-te um conselho, e que Deus esteja contigo! Sê, pois, o representante do povo diante de Deus: apresentarás os problemas a Deus, ²⁰informarás as pessoas sobre os decretos e as leis, fazendo-as conhecer o caminho a seguir e a conduta a tomar. ²¹E mais: escolherás, dentre todo o povo, homens de valor tementes a Deus, dignos de confiança, incorruptíveis, e os estabelecerás como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. ²²Eles julgarão o povo permanentemente. A ti apresentarão só os assuntos mais

25 e Sl 87,4 anunciam a conversão. Segundo a “Mekilá sobre o Êxodo”, o rabi Eliézer dizia: “O Lugar (= Deus) jurou pelo trono de sua glória que, se qualquer uma das nações vier para se tornar prosélito, será recebida, mas não serão recebidos Amaleq e sua casa”.

z. O conjunto do cap. 18 é atribuído à tradição “eloísta”.

a. Conforme um texto “javista” (Ex 4,19-20a), deixando Midian, Moisés levou consigo a família, ao passo que para o relato “eloísta” (4,18.20b-23) ele havia partido sozinho. A notícia sobre o envio de Sipurá é um acréscimo “redacional” que procura harmonizar essas divergências.

b. Lit. *ele disse*.

c. Lit. *pois no problema em que estavam enfurecidos contra eles*. Expressão obscura. A frase foi truncada? O targum de

Ôngelos comentou: *pois por aquilo que os egípcios haviam imaginado para julgar Israel, por aquilo mesmo eles foram julgados*; e Rashi explicita: *pela água quiseram fazer perecer Israel, pela água eles mesmos pereceram*.

d. Entre Midian e o Israel das origens há não só laços familiares (casamento de Moisés), mas também afinidades religiosas. Cf. 2,15 nota; Nm 10,29-32.

e. Sobre a *refeição* tomada na presença de Deus, cf. 24,11, nota.

f. Os vv. 13-26 parecem querer autenticar, por um ato do próprio Moisés, a organização da sociedade israelita, em que alguns responsáveis em diversos níveis estão encarregados do bem comum (cf. Dt 17,8-13). Nm 11,11-30 e sobretudo Dt 1,9-18 apresentam textos paralelos, mas tomam a precaução de calar sobre o papel desempenhado pelo estrangeiro Iitrô.

graves; o que for menos importante, eles mesmos julgarão. Alivia a tua carga. Que eles te ajudem a carregá-la. ²³Se fizeres isso, Deus te dará as suas ordens, tu poderás agüentar e, além disso, todo esse povo voltará para casa em paz". ²⁴Moisés escutou a voz de seu sogro e fez tudo o que ele lhe dissera. ²⁵Em todo Israel, Moisés escolheu homens de valor e os

pôs à frente do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. ²⁶Eles julgavam o povo permanentemente. A Moisés apresentavam o que era mais grave, mas o que era menos importante, eles mesmos o julgavam.

²⁷E Moisés deixou partir seu sogro, que voltou à sua terra.

Nm 10,
29-32

NO DESERTO DO SINAI: A ALIANÇA^g

19 Proposta da aliança. ¹No terceiro mês após a saída do Egito, neste dia^h, os filhos de Israel chegaram ao deserto do Sinai. ²Partindo de Refidim, chegaram ao deserto do Sinai e acamparam no deserto. Israel acampou aí, diante da montanha. ³ao passo que Moisés subiu para Deus.

Da montanha, o SENHORⁱ o chamou, dizendo: "Dirás isto à casa de Jacó e transmitirás este ensinamento aos filhos de Israel: ⁴Vós mesmos vistes o que fiz ao Egito, como vos carreguei sobre asas de águia e vos fiz chegar até mim. ⁵Agora, pois, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança^j, sereis minha

parte pessoal^k entre todos os povos — pois a terra inteira me pertence — ⁶e vós sereis para mim um reino de sacerdotes^l e uma nação santa^m. Tais são as palavras que dirás aos filhos de Israel". ⁷Moisés voltou. Convocou os anciãos do povo e expôs-lhes todas estas palavras, tudo o que o SENHOR lhe ordenara. ⁸O povo todo respondeu, unânime: "Tudo o que o SENHOR disse, nós o poremos em prática". E Moisés referiu ao SENHOR as palavras do povo.

⁹O SENHOR disse a Moisés: "Eu virei a ti em densa nuvem", para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também acredite em ti para sempre". E

Ti 2,14
Dt 10,14-15

Js 24,16-24

4,5,31:
14,31

g. É para a aliança do Sinai (19,1-24,11) que tendiam a saída do Egito e a caminhada no deserto (cf. 3,12; 5,1-3; 6,7; 7,16: deixa partir o meu povo *para que ele me sirva*). Para compor estas páginas fundamentais, as diversas tradições foram fundidas de tal maneira que é difícil distingui-las; quanto ao cap. 19, não há acordo sobre este ponto entre os exegetas. — Ao que parece foi no decurso de uma tempestade na montanha que Israel percebeu a transcendência do Deus que guiava a sua caminhada. A tempestade, fenômeno ao mesmo tempo fascinante e fertilizador, era de fato, para os homens do antigo Oriente, uma das manifestações privilegiadas da divindade. Cf. Dt 4,11-12; Jz 5,4; Hab 3,3-16; Sl 18,8-16; 29; 50,3-5; 77,17-20; 97,2-5. Mas, em compensação, ver IRs 19,11-13. — Aqui, pelo fato de que a lembrança disso foi longamente evocada no culto, essa tempestade é descrita como uma liturgia: presença de um recinto sagrado (19,12), purificação ritual dos participantes (19,14-15), uso de instrumentos litúrgicos (19,13,16,19) e enfim os ritos sacrificais do cap. 24.

h. Esta data imprecisa — só menciona o mês — talvez quisesse designar o dia de Pentecostes (cf. 23,16 nota), cuja fixação permaneceu fluante por muito tempo.

i. Este parágrafo, que talvez seja um resumo "sacerdotal" sobre a aliança do Sinai, se antecipa ao relato de 24,3-8.

j. Uma *aliança* servia para fundar e regulamentar as relações entre grupos humanos. Encontrou-se o texto de alianças concluídas, no antigo Oriente, seja entre reis iguais, seja entre suseranos e seus vassallos. Israel pôde utilizar essa experiência política

para expressar o vínculo que o unia a Deus e que unia as tribos entre si. Se a aliança faz da vida de Israel um *diálogo* com Deus, nem por isso ela suprime a desigualdade entre os parceiros, pois a moral da aliança é antes de tudo *resposta* a uma iniciativa absolutamente gratuita de Deus. A obediência à lei da aliança, mais do que uma fonte de méritos, é uma ação de graças, um reconhecimento daquilo que Deus fez por primeiro.

k. Lit. *parte adquirida, propriedade*. Designando o tesouro do rei em 1Cr 29,3 e Ecl 2,8, a expressão é aplicada ao povo de Israel em Dt 7,6; 14,2; 26,18; Sl 135,4; Mt 3,17. Originariamente, era talvez a parte dos despojos que o chefe não destinava à partilha, mas reservava para si.

l. Pensa-se geralmente que a expressão se refere ao povo inteiro, encarregado de uma função sacerdotal entre Deus e o resto do mundo. Mas parece que na sua origem ela significa: "Não sereis uma simples nação, submissa a reis; pelo contrário, sereis dirigidos por sacerdotes", situação que se realizou na volta do Exílio. Ver 1Pd 2,9; Ap 1,6; 5,10.

m. As três expressões: *parte pessoal, reino de sacerdotes, nação santa* dizem que bênçãos Israel receberá, se *guardar a aliança*.

n. Lit. *na escuridão da nuvem*. A nuvem é o sinal da vinda de Deus, velada mas atuante: Ex 13,21-22; 40,34-38; IRs 8,10; Sl 18,10; 97,2. Em Lv 16,2,13 esta densa nuvem confunde-se com as nuvens de incenso que, no culto, simbolizam a presença oculta de Deus. No Evangelho, na transfiguração, a mesma nuvem indica a presença de Deus em Jesus: Mt 17,5.

Moisés transmitiu ao SENHOR as palavras do povo.

A manifestação de Deus. ¹⁰O SENHOR disse a Moisés: "Vai ao povo e santifica-o" hoje e amanhã. Que eles lavem as suas vestes ¹¹e estejam prontos para o terceiro dia, pois é no terceiro dia que o SENHOR descenderá sobre o monte Sinai, aos olhos de todo o povo. ¹²Fixa limites para o povo, dizendo: "Guardai-vos de subir à montanha e de pisar nos seus arredores". Quem tocar a montanha será morto! ¹³Mão alguma tocará no culpado; ele deverá ser lapidado, ou varado por flechas; animal ou homem, não sobreviverá. Quando ressoar o chifre de carneiro, alguns^p subirão à montanha". ¹⁴Moisés desceu da montanha em direção ao povo. Santificou o povo, eles lavaram suas vestes. ¹⁵e Moisés disse ao povo: "Estai prontos em três dias. Não vos aproximeis de mulher".

¹⁶Ora, quando amanheceu o terceiro dia, houve vozes^q de trovão e raios, pesada nuvem sobre a montanha e som fortíssimo de trompa. No acampamento, todo o povo tremia. ¹⁷Moisés fez sair o povo ao encontro de Deus fora do acampamento. Ficaram parados bem no sopé da montanha. ¹⁸O monte Sinai estava todo envolto em fumaça, pois o SENHOR descera ao monte em meio ao fogo. A fumaça subia, como a fumaça de uma fomalha, e toda a montanha estremecia violentamente. ¹⁹O som de trompa tornou-se mais forte: Moisés falava e Deus lhe respondia na voz do trovão. ²⁰O SENHOR desceu sobre o monte Sinai, ao cimo da monta-

nha, e o SENHOR chamou Moisés para o cimo da montanha. Moisés subiu. ²¹O SENHOR disse a Moisés: "Desce e adverte o povo para que não se precipite em direção do SENHOR para ver: muitos deles morreriam. ²²E santifiquem-se até mesmo os sacerdotes que se aproximam do SENHOR, de medo que o SENHOR irrompa contra eles". ²³Moisés disse ao SENHOR: "O povo não pode subir ao monte Sinai, uma vez que tu nos advertiste, dizendo: 'Delimita a montanha e considera-a sagrada!'". ²⁴O SENHOR lhe disse: "Volta a descer. Em seguida subirás com Aarão. Quanto aos sacerdotes e ao povo, não se apressem a subir para junto do SENHOR, por temor de que irrompa contra eles!". ²⁵Moisés desceu para junto do povo e disse-lhes...

20 Os termos da aliança: o decálogo.

¹E Deus falou todas estas palavras^r dizendo:

²"Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão:

³Não terás outros deuses diante de mim".

⁴Não farás para ti ídolos^s ou coisa alguma que tenha a forma de algo que se encontre no alto do céu, embaixo na terra ou nas águas debaixo da terra. ⁵Não te prosternarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu sou o SENHOR, teu Deus, um Deus ciumento^t, visitando a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração — se eles me odeiam —, ⁶mas provando a minha fidelidade a

Dt 5,6-21;
Jr 7,9; Os 4,2;
Mc 10,19p;
Rm 13,9

34,14;
Sl 81,10

34,17;
Lv 19,4;
26,1;
Dt 4,15-20;
27,15

34,14
Dt 4,24

34,7;
Nm 14,18;
Dt 7,9-10

o. Nesse contexto, *santificat(-se)* é preparar(-se) para participar de uma festa religiosa.

p. Cf. 24,1,9-11, onde se citam os nomes dos que têm o privilégio de acompanhar Moisés.

q. O mesmo termo hebr. significa *som, voz e trovão* (cf. Sl 29). Aqui trata-se do trovão: no v. 19, esse trovão vai tornar-se a voz de Deus. — ^r[*Trompa* (vv. 16,19) = *shofar*, chifre.]

r. A frase permanece inacabada.

s. O "decálogo" (ou as "Dez Palavras", Dt 4,13; 10,4) conserva-se aqui e em Dt 5,6-21, sob duas formas diferentes. Na sua origem, provavelmente só continha fórmulas bem curtas (cf. os vv. 13-16), que todavia receberam desenvolvimentos vários, o que explica as divergências dos dois textos. — Há diversas maneiras de contar *dez* mandamentos. A dos rabinos: vv. 2; 3-6; 7;

8-11; 12; 13; 14; 15; 16; 17. A contagem de Sto. Agostinho normalmente utilizada pelos católicos e luteranos: vv. 3-6; 7; 8-11; 12; 13; 14; 15; 16; 17a; 17b. A terceira, provavelmente mais fiel à sua origem, e que está em uso entre os ortodoxos e os reformados: vv. 3; 4-6; 7; 8-11; 12; 13; 14; 15; 16; 17.

t. Esta evocação dos benefícios de Deus dá sentido às exigências que seguem: cf. 19,5 nota; Jz 6,8-10; Am 2,10. Pode-se igualmente traduzir: *Sou eu, o Senhor, que sou teu Deus, por te haver feito sair da terra do Egito.*

u. Lit. *contra a minha face*. O Senhor proclama seu direito a ser reconhecido por Israel, com exclusão de qualquer outra divindade. Cf. Os 13,4.

v. Sobre a função religiosa da imagem, cf. Ex 32,1 nota.

w. Sobre o cume de Deus, cf. Ex 34,14 nota.

milhares de gerações — se eles me amam e guardam os meus mandamentos⁸.

Lv 19,12 ⁷Não pronunciarás o nome do SENHOR, teu Deus⁹, em vão, pois o SENHOR não deixa impune quem pronuncia o seu nome em vão.

16,23,29 ⁸Que se faça do dia de sábado um memorial, considerando-o sagrado⁹.

Lc 13,14 ⁹Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, ¹⁰mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades¹⁰. ¹¹Pois em seis dias o SENHOR fez o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas no sétimo dia repousou. Eis por que o SENHOR abençoou o dia de sábado e o consagrou¹¹.

Mt 15,4p; 19,18-19p; Ef 6,2-3 ¹²Honra¹² teu pai e tua mãe, a fim de que teus dias se prolonguem sobre a terra que o SENHOR, teu Deus, te dá.

Mt 5,21; Tg 2,11 ¹³Não cometerás homicídio.

Mt 5,27; Tg 2,11 ¹⁴Não cometerás adultério.

Sl 50,18-20 ¹⁵Não raptarás¹⁵.

¹⁶Não prestarás testemunho mentiroso contra teu próximo.

¹⁷Não cobiçarás a casa de teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu servo, sua serva, seu boi ou seu jumento, nada do que pertença a teu próximo.

A manifestação de Deus (continuação).

¹⁸Todo o povo percebia as vozes, os relâmpagos, a voz da trompa e a montanha a fumegar. O povo via, tremia e se mantinha à distância. ¹⁹Disseram a Moisés: "Fala-nos tu, e ouviremos, mas não nos fale Deus: seria a morte para nós!" ²⁰Moisés replicou ao povo: "Não temais! Pois Deus veio para vos provar, para que o seu temor esteja sobre vós e não pequeis." ²¹E o povo se manteve à distância. Moisés, no entanto, aproximou-se da nuvem densa²¹, onde estava Deus.

Os termos da aliança (desenvolvimentos): o "Código da Aliança". ²²O SENHOR disse a Moisés: "Assim falarás aos filhos de Israel: Vistes que foi do alto dos céus que vos falei. ²³Não me tratareis como um deus de prata nem como um deus de ouro — não fabricareis deus algum para vós.

x. Esse desenvolvimento sobre o castigo e o perdão divinos mostra o amadurecimento da teologia israelita. De início, acreditava-se que um pecador podia ser castigado nos seus descendentes, ao menos até os bisnetos (assim 2Rs 24,3 pensa que Joaquim foi castigado por causa de seu bisavô Manassés). Mais tarde, textos como Dt 7,10; 24,16; Jr 31,29-30; Ex 18 afirmam a responsabilidade própria de cada geração; o que explica as precisões aduzidas aqui: o castigo ou a graça são hereditários, se os descendentes perseveram na atitude dos antepassados.

y. Lit. *não levantarás o nome do Senhor, teu Deus, para uma coisa vã* (ou *falsa*). Israel recebeu a revelação do nome (cf. Gn 32,30) de Deus, a fim de poder louvá-lo, invocá-lo, fazê-lo conhecido das nações. Mas não deve servir-se dele para práticas obscuras e perigosas (falsos juramentos, magia, maldições etc.).

z. Como em Gn 2,1-3, o repouso do 7º dia é explicado aqui como um acabamento da criação (cf. Gn 2,2). Ver um significado diferente em Dt 5,12-15 e Ex 23,12.

a. Lit. *nas tuas portas*, isto é, dentro dos muros da cidade.

b. O verbo hebr. *consagrar* recebeu também o sentido de *desposar*. A tradição judaica, aliás, comparou o sábado a uma noiva alegremente acolhida por este cântico, entoado ao anoitecer de sexta-feira: *Vem, meu amigo, diante da noiva: acolhamos a face do sábado*.

c. Lit. *glorifica*. Sendo a *glória* de uma pessoa o seu valor real, *glorificar* alguém é dar-lhe toda a sua importância. *Glorificar* os pais é efetivamente reconhecer neles os instrumentos de Deus, fonte da vida. Cf. Mt 1,6; Sr 3,1-16. Este mandamento

obriga os filhos a darem assistência material aos pais idosos, cf. Mc 7,10-11.

d. Conforme uma tradição bem-atestada (Ex 21,16; os *midrashim* mais antigos; a exegese judaica de Raíshi), retomada por exegetas modernos, esse mandamento estaria proibindo apoderar-se de pessoas para reduzi-las à escravidão; desse modo, visaria toda e qualquer alienação da liberdade de outrem. Mas foi também legítimo ver aí uma proibição geral de roubar os bens de alguém.

e. O termo designa a *nuvem negra*, onde se dizia que Deus habitava: 1Rs 8,12; Sl 18,10. Cf. Ex 19,9 nota.

f. Assim chamado pelos comentadores modernos por causa de 24,7, o *código da aliança* contém leis "casuísticas", ou condicionais (por exemplo 21,2-11), análogas às de outros códigos do antigo Oriente (como o de Hamurabi) e que talvez tenham sua origem em decisões judiciais que originaram jurisprudência. O código contém igualmente leis "imperativas" (sobretudo a partir de 22,17), nas quais se reencontra o estilo do decálogo e de certas coletâneas de sabedoria egípcia. É dirigido a uma sociedade que se torna sedentária; ela começa a juntar a prática da agricultura à criação de gado. Podemos pois datar o código dos primeiros tempos da instalação dos israelitas em Canaã. O *código da aliança* foi ulteriormente inserido nos relatos sobre a aliança do Sinai. Com isso, a sua minuciosa regulamentação recebe um grande valor: é na vida de cada dia que o israelita é convidado a observar o decálogo e a viver o espírito da aliança (cf. 20,13 e 21,28-34).

Dt 5,23-31; Hb 12,18-19

Dt 12-26

²⁴Farás para mim um altar de terra, para aí sacrificar teus holocaustos e sacrificios de paz, tuas ovelhas e teus bois^a.

^{3,15} Em todo lugar onde eu fizer lembrar o meu nome, virei a ti e te abençoarei.

²⁵Contudo, se me fizeres um altar de pedras, não o construirás com pedras lavradas, porquanto, trabalhando-as com o cinzel, as profanarias^b. ²⁶Não subirás a meu altar por degraus, para que tua nudez não fique exposta¹.

Dt 27,5-6;
Js 8,31

21 ¹Eis as normas que lhes apresentaras:

²Quando comprares um escravo hebreu, ele servirá seis anos; no sétimo, poderá ir embora livre, sem nada pagar. ³Se entrou só, sairá só. Se tinha mulher, a mulher sairá com ele. ⁴Se o dono lhe deu uma mulher e ela lhe deu filhos e filhas, a mulher e seus filhos pertencerão ao dono, e ele sairá sozinho. ⁵Mas se o escravo declarar: 'Eu amo meu dono, minha mulher e meus filhos; não quero sair livre', ⁶o dono fará com que se aproxime de Deus¹ e se achegue à porta ou à ombreira, e então o dono lhe furará a orelha com um buril: ficará a seu serviço para sempre.

⁷E quando um homem vender a sua filha como escrava, ela não sairá como saem os escravos. ⁸Se ela desagradar ao patrão a ponto de ele não a querer mais, fará com que seja resgatada. Não terá o direito de vendê-la a um povo estrangeiro; isso seria traí-la^k. ⁹E se a quiser para seu filho, agirá com ela conforme o costume referente às filhas. ¹⁰Se o dono tomar outra escrava para si, não reduzirá o alimento, a vestimenta e a coabitação

Lv 25,35-55;
Dt 15,12-18;
Jr 34,14

com a primeira. ¹¹E caso não lhe providenciar essas três coisas, ela poderá sair gratuitamente, sem nada despende.

¹²Quem ferir mortalmente um homem será morto. ¹³Entretanto, para quem não esperou sua vítima de tocaia — foi Deus quem a fez cair em suas mãos¹ —, eu te indicarei um lugar, onde ele poderá refugiar-se. ¹⁴Mas quando um homem está encolerizado contra o próximo a ponto de matá-lo traiçoeiramente, tu o arrancarás até mesmo do meu altar para que morra.

20,13;
Lv 24,17;
Nm 35,9-34;
Dt 4,42;
19,1-13;
Js 20

¹⁵E quem ferir seu pai ou sua mãe será morto.

1Rs 2,
28-34

¹⁶E quem cometer um rapto — quer o homem tenha sido vendido ou ainda se encontre prisioneiro em suas mãos — será morto.

20,15;
Dt 24,7

¹⁷E quem insultar seu pai ou sua mãe será morto.

Lv 20,9;
Dt 21,18;
27,16;
Sr 3,16;
Mt 15,4p

¹⁸E quando dois homens brigam e um ferir o outro com uma pedra ou com uma pancada e o atingido cair de cama, mas não morrer, ¹⁹se puder levantar-se e ir para fora, apoiado em sua bengala, quem o feriu não será punido. Deverá apenas indenizá-lo pelos dias em que ficou parado^m e cuidar da sua recuperação até ficar curado.

²⁰E quando um homem ferir seu escravo ou sua escrava com a vara, e eles morrerem em suas mãos, deverá sofrer vingança. ²¹Mas se sobreviverem um ou dois dias, não serão vingados, pois eram dinheiro dele.

²²E quando homens em briga ferirem uma mulher grávida, mas a criança nascer sem problemaⁿ, será preciso pagar

g. Pode-se preferir a pontuação das versões gr. e lat. que inserem a separação somente após *meu nome*.

h. Pensava-se que, deixados em seu estado natural, os seres estariam mais aptos para entrar no serviço de Deus. Cf. 1Sm 6,7; 2Rs 2,20.

i. Sem estar completamente nu, como às vezes acontecia com os sacerdotes no Oriente (o que exprimia a vontade de se despojar de todo artifício ao aceder ao serviço divino), o sacerdote israelita originariamente só trajava uma tanga de linho (cf. 1Sm 22,18; 2Sm 6,14).

j. Lit. *do Deus*; constitui talvez a lembrança de uma antiga crença num Deus da família, presente junto à porta da casa.

O gr. traduziu: *do tribunal de Deus*, e o sir. *dos juízes* (cf. 82,1).

k. Uma serva era muitas vezes uma concubina; mas o patrão não podia dispor dela arbitrariamente. Cedê-la a um *estrangeiro* (que não é da família israelita) constituiria uma fraude contra ela.

l. A responsabilidade pelos encontros fortuitos é atribuída a Deus.

m. Podemos também compreender: *sua imobilização*.

n. Para o grego, que seguiu uma jurisprudência diferente, a sanção não varia conforme o dano que houve ou não, mas conforme o embrião se encontre já formado (v. 23) ou não-formado (v. 22).

uma indenização, a ser imposta pelo marido da mulher e decidida por arbitragem. ²³Mas se acontecer dano grave, pagarás vida por vida, ²⁴olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, ²⁵queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, contusão por contusão^p.

²⁶E quando um homem ferir o olho de seu escravo ou de sua escrava e o cegar, deixá-los-á em liberdade como paga por seu olho. ²⁷E se acaso arrancar um dente de seu escravo ou de sua escrava, deixá-los-á em liberdade como paga pelo dente^p.

²⁸E quando um boi matar a chifradas um homem ou uma mulher, o boi será apedrejado e não se poderá comer a sua carne^q. O dono do boi, no entanto, não será punido. ²⁹Se o boi, pelo contrário, já tinha o costume de atacar, e acontecer que, mesmo advertido, o dono não o vigiou e que o animal tenha causado a morte de um homem ou de uma mulher, o boi será apedrejado, e o dono, também ele, será morto. ³⁰Se lhe for imposta uma multa, ele dará em resgate de sua vida tudo o que lhe for exigido. ³¹Se o boi atacar um filho ou uma filha de alguém, proceder-se-á segundo esta mesma norma. ³²Se atacar um escravo ou uma escrava, o patrão receberá trinta siclos de prata, e o boi será apedrejado.

³³E quando um homem deixar aberta uma cisterna, ou então cavar uma cisterna sem tampá-la, e se um boi ou um jumento cair nela, ³⁴o proprietário da cisterna pagará uma indenização; reembolsará em dinheiro o proprietário do animal morto, que então lhe pertencerá.

³⁵E quando o boi de alguém atingir mortalmente o boi de um outro, venderão o boi vivo e dividirão o dinheiro. Quanto ao animal que foi morto, reparti-lo-ão igualmente. ³⁶Se era notório que esse boi já tinha o costume de atacar e seu proprietário não o vigiou, dará um outro boi em compensação por esse boi e o animal morto ficará sendo dele.

³⁷Quando um homem roubar um boi ou uma ovelha, e chegar a abatê-los ou vendê-los, dará cinco bois como indenização pelo boi e quatro ovelhas como indenização pela ovelha.

22 ¹Se um ladrão, surpreendido ao arrombar a parede^r, for mortalmente ferido, não haverá vingança de sangue por causa dele. ²Se o sol brilhava acima dele^t, haverá vingança de sangue por causa dele. ³'Ladrão deve pagar indenização': se não possui nada, ele mesmo será vendido em pagamento do seu roubo. ⁴Se o animal roubado — boi, jumento ou ovelha — for achado vivo em suas mãos, pagará o dobro em compensação.

⁵Quando um homem reduzir a pasto^u um campo ou uma vinha deixando seu gado pastar em campo alheio, pagará uma indenização com base no seu melhor campo ou na sua melhor vinha.

⁶Quando um fogo se propagar pelos espinheiros, e forem queimadas medas de trigo, colheitas ou campos^v, o incendiário deverá pagar uma indenização pelo incêndio.

⁷Quando um homem deixar sob a custódia do seu próximo dinheiro ou objetos, e eles forem roubados da casa dele, se for encontrado o ladrão, este terá de pagar o dobro como indenização. ⁸Se o

2Sm 12,6

Jr 2,34

Jz 9,15

Lv 5,20-26

Lv 24,20
Dt 19,21;
Ab 15

Lc 14,5

o. A lei do "talhão" é um princípio jurídico segundo o qual a pena deve ser proporcional à ofensa. Quer ser um progresso em relação à lei do mais forte, que se exprime em Gn 4,23. Mt 5,38-42 vai ainda mais longe com o seu apelo a ultrapassar as considerações jurídicas nas relações humanas.

p. Estes dois vv. indicam como, na realidade, a lei do "talhão" era aplicada.

q. Não se pode nem tocar (daí, o apedrejamento), nem comer um animal que tenha provocado a morte.

r. Era fácil furar as paredes de taipa das casas rudimentares,

onde animais e pessoas viviam juntos.

s. Quanto ao regime da "vingança do sangue" ou "vingança privada", cf. Nm 35,12.

t. Se o ladrão foi morto em pleno dia, julgava-se que o guarda dos animais havia ultrapassado os seus direitos; é considerado um assassino.

u. Os vv. 4-5 protegem a agricultura nascente contra os rebanhos e contra a imprudência de desbravadores que põem fogo no campo do vizinho.

v. São as três fases da colheita: trigo em montes, trigo não-cortado, trigo ainda verde.

ladrão não for encontrado, o dono da casa se aproximará de Deus, para que todos saibam se foi ou não foi ele quem pôs a mão no bem alheio. ⁹Para qualquer caso fraudulento quanto a um boi, jumento, ovelha, roupa ou objeto perdido do qual se venha a dizer: 'É este mesmo', o litígio movido pelas duas partes será levado até Deus. Aquele que Deus declarar culpado dará o dobro de indenização ao seu próximo.

⁹Quando um homem entregar à guarda de seu próximo um jumento, um boi, uma ovelha ou qualquer outro animal e acontecer que este venha a morrer, a se ferir ou a ser roubado, sem que isso tenha sido visto, ¹⁰neste caso deverá ser feito entre os dois adversários um juramento em nome do SENHOR^a, pelo qual se declara que um não pôs a mão nos bens do outro. O dono do animal aceitará^c e o outro não dará nenhuma indenização. ¹¹Mas se o animal foi roubado de junto dele, indenizará o dono. ¹²Se o animal foi esfaqueado^d, os restos serão apresentados como testemunho; não haverá indenização pelo animal esfaqueado.

¹³E quando um homem emprestar ao seu próximo um animal, que venha a se machucar ou a morrer na ausência do proprietário, o que emprestou deverá indenizar o proprietário. ¹⁴Se isso acontecer na presença do dono, o que emprestou não pagará indenização alguma. Se havia alugado o animal, pagará o preço do aluguel^e.

¹⁵E quando um homem seduzir uma virgem não prometida em casamento e se deitar com ela, deverá pagar o dote para tomá-la como esposa. ¹⁶Se o pai se

recusar a dá-la, o homem pagará em dinheiro como se costuma pagar pelo dote das virgens.

¹⁷Não deixarás uma feiticeira viver. Dt 18,10-11

¹⁸Quem tiver coito com um animal será morto. Lv 18,23; 20,15-16; Dt 27,21

¹⁹Quem sacrificar aos deuses será votado ao interdito, a não ser que seja ao SENHOR e tão-somente a ele.

²⁰Não explorarás nem oprimirás o migrante, pois fostes migrantes na terra do Egito. Lv 19,33-34; Dt 24,17-18; 27,19;

²¹Não maltratareis nenhuma viúva e nenhum órfão. ²²Se o maltratares e ele clamar a mim, ouvirei o seu clamor: ²³minha cólera se inflamará e eu vos matarei pela espada; vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos, órfãos. ²⁴Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao necessitado que está contigo, não agirás com ele como um agiota, não lhe cobrarei juros. ²⁵Se tomares o manto de teu próximo^a em penhor, devolvê-lo-ás ao pôr-do-sol, ²⁶pois o manto que lhe protege a pele é o seu único cobertor. Em que deitaria? E se acontecer de ele clamar a mim, hei de ouvi-lo, pois eu sou compassivo. Jr 22,3; Ez 22,7; Sl 146,9

²⁷A Deus não insultarás. E não amaldiçoarás quem tem responsabilidade no meio de teu povo. Lv 25,35-37; Dt 23,20-21; Sl 15,5; Ne 5,1-13

²⁸Não entregarás a outros^b os teus frutos maduros e o sumo do teu lagar. A mim darás o primogênito de teus filhos. ²⁹Farás o mesmo com teu boi e tuas ovelhas: o primogênito ficará sete dias com sua mãe, no oitavo dia, entregá-lo-ás a mim. Dt 24,10-13,17-18; Am 2,8

³⁰Sereis para mim homens santos. Não comereis a carne esfaqueada no campo^c. Jogá-la-eis aos cães. Dt 24,10-13,17-18; Am 2,8

³¹E quando um homem seduzir uma virgem não prometida em casamento e se deitar com ela, deverá pagar o dote para tomá-la como esposa. Dt 22,28-29; Os 2,16

³²Se o pai se recusar a dá-la, o homem pagará em dinheiro como se costuma pagar pelo dote das virgens. Dt 22,28-29; Os 2,16

³³Não deixarás uma feiticeira viver. Dt 18,10-11

³⁴Quem tiver coito com um animal será morto. Lv 18,23; 20,15-16; Dt 27,21

³⁵Quem sacrificar aos deuses será votado ao interdito, a não ser que seja ao SENHOR e tão-somente a ele. Lv 25,35-37; Dt 23,20-21; Sl 15,5; Ne 5,1-13

³⁶Não explorarás nem oprimirás o migrante, pois fostes migrantes na terra do Egito. Lv 19,33-34; Dt 24,17-18; 27,19;

³⁷Não maltratareis nenhuma viúva e nenhum órfão. ³⁸Se o maltratares e ele clamar a mim, ouvirei o seu clamor: ³⁹minha cólera se inflamará e eu vos matarei pela espada; vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos, órfãos. ⁴⁰Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao necessitado que está contigo, não agirás com ele como um agiota, não lhe cobrarei juros. ⁴¹Se tomares o manto de teu próximo^a em penhor, devolvê-lo-ás ao pôr-do-sol, ⁴²pois o manto que lhe protege a pele é o seu único cobertor. Em que deitaria? E se acontecer de ele clamar a mim, hei de ouvi-lo, pois eu sou compassivo. Jr 22,3; Ez 22,7; Sl 146,9

⁴³A Deus não insultarás. E não amaldiçoarás quem tem responsabilidade no meio de teu povo. Lv 25,35-37; Dt 23,20-21; Sl 15,5; Ne 5,1-13

⁴⁴Não entregarás a outros^b os teus frutos maduros e o sumo do teu lagar. A mim darás o primogênito de teus filhos. ⁴⁵Farás o mesmo com teu boi e tuas ovelhas: o primogênito ficará sete dias com sua mãe, no oitavo dia, entregá-lo-ás a mim. Dt 24,10-13,17-18; Am 2,8

⁴⁶Sereis para mim homens santos. Não comereis a carne esfaqueada no campo^c. Jogá-la-eis aos cães. Dt 24,10-13,17-18; Am 2,8

⁴⁷E quando um homem seduzir uma virgem não prometida em casamento e se deitar com ela, deverá pagar o dote para tomá-la como esposa. Dt 22,28-29; Os 2,16

⁴⁸Se o pai se recusar a dá-la, o homem pagará em dinheiro como se costuma pagar pelo dote das virgens. Dt 22,28-29; Os 2,16

Gn 31,39;
Am 3,12

Dt 22,
28-29;
Os 2,16

w. Lit. um juramento do Senhor.

x. Pode-se também compreender: retomar (o animal tal qual). y. Por uma fera.

z. V. difícil. Poderíamos também traduzir: se é um assalariado, receberá assim mesmo o salário.

a. Nas ruínas da fortaleza de Mesad-Hashabiáhu, situada perto de labné-lâm (entre Jafa e Ashdod), foi descoberto um texto do século VII a.C., em que um caifador reclama de um oficial de justiça o manto que lhe fora confiscado: ...*Teu servo havia terminado de ceifar, e estava armazenando nos dias anteriores ao sábado; ... então, apareceu Hoshaiáhu, filho de Shobai, tomou*

o manto de teu servo, quando eu já havia concluído minha ceifa. Já faz vários dias que ele tomou o manto de teu servo; e falarão em meu favor todos os meus irmãos, os que ceifam comigo no calor (da ceifa)... Na verdade, sou inocente de qualquer falta. Providência, pois, para que seja devolvido o meu manto... (conforme A. Lemaire).

b. A outros (deuses): cf. as censuras de Oséias (Os 2,7). O verbo aqui traduzido por: entregar a outros tem igualmente o sentido de: agir com atraso: pode-se, pois, também compreender: não tardarás (a oferecê-los a mim).

c. Pois não foi abatida ritualmente (Ex 23).

Dt 1.16-17;
16.18-20

23 ¹Não espalharás^d boatos sem fundamento. Não tomes o partido de um culpado, dando um testemunho falso^e.

²Não seguirás uma maioria que quer o mal, e não intervirás num processo inclinando-te em favor de uma maioria

Lv 19.15

parcial^f. ³Não favorecerás com parcialidade um fraco no seu processo.

Dt 22.1-4

⁴Quando deres com o boi do teu inimigo ou o seu jumento perdidos, tu os reconduzirás a ele.

⁵Ao vires caído, sob o peso da carga, o jumento de quem te odeia, longe de abandoná-lo, tu o ajudarás a ajeitar^g a carga^h.

⁶Não falsificarás o direito do teu pobreⁱ no seu processo. ⁷Manterás distância de uma causa mentirosa. Não mates um inocente nem um justo, pois eu não justifico um culpado.

Is 5.23;
Rm 4.5

⁸Não aceitarás propinas, pois a propina cega as pessoas lúcidas e compromete a causa dos justos.

Dt 27.25;
1Sm 8.3;
Sl 15.5

⁹Não oprimirás o migrante. Vós bem conheceis a vida de um migrante, pois fostes migrantes na terra do Egito.

¹⁰Durante seis anos, semearás a terra e recolherás o seu produto. ¹¹No sétimo ano, porém, tu o ceifarás e o deixarás; dele

Dt 15.1

comerão os pobres do teu povo, e o que eles deixarem ficará para o animal selvagem comer^j. Farás assim com tua vinha e com teu olival.

¹²Durante seis dias, farás tudo o que tens a fazer, mas, no sétimo

20.8;
34.21

dia, cessarás^k, a fim de que teu boi e teu jumento descansem e para que os filhos da tua escrava e o migrante retomem alento.

¹³Ficareis atentos a tudo o que eu vos disse: não invocareis o nome de outros deuses, nome que não se escutará na tua boca.

3.15;
Js 23.7

¹⁴Tu me celebrarás todo ano com três peregrinações: ¹⁵Guardarás a festa dos Pães sem fermento^l. Sete dias, comerás pães sem fermento, como te ordenei, no tempo fixado do mês das Espigas, pois foi então que saíste do Egito. E ninguém virá ver-me de mãos vazias^m.

34.18-23;
Dt 16.1-16;
Lv 23

¹⁶Observarás a festa da Ceifaⁿ, dos primeiros frutos do teu trabalho e daquilo que tiveres semeado nos campos, como também a festa da Colheita^o, saindo o ano^p, quando recolherás dos campos os frutos do teu trabalho.

¹⁷Três vezes ao ano, todos os teus homens virão ver^q a face de quem é o dono: o SENHOR.

¹⁸Não me oferecereis sacrifícios sangrentos acompanhados de pão fermentado^r; a gordura oferecida para me celebrar^s não

34.25

pernoitará até o dia seguinte. ¹⁹Trarás as primícias dos frutos do teu solo para a Casa do SENHOR, teu Deus. Não cozinharás um cabrito no leite de sua mãe^t.

34.26;
Dt 26.1-1134.26;
Dt 14.21

Recomendações antes da partida. ²⁰Enviarei um anjo adiante de ti para te guar-

34.10-16;
Dt 7
33.2;
Mt 3.1;

d. Ou então, se se trata do juiz: *Não receberás*. Assim o gr. e a Vulg.

e. Lit. *Não ponhas tua mão com um culpado sendo uma testemunha de erro*.

f. Lit. *um grande número para falsificar* (a justiça).

g. *Abandonar e ajeitar* formam um trocadilho em hebraico, com base em dois verbos homônimos.

h. *A carga*: acrescentado para fazer sentido.

i. Aquele de quem especialmente te ocupas.

j. Esse abandono da colheita, a cada sete anos, é um imposto entregue a Deus, o dono do solo, que o deixa para os pobres. Cf. Dt 14.19; 26.12-13. — Lv 25.1-7 entenderá de outra maneira este velho costume.

k. *Shabat*, mesmo verbo que em Gn 2.2 etc. O sábado tem aqui um objetivo humanitário. Cf. 20.8 nota.

l. Quanto à festa dos pães sem fermento, cf. 12.15 nota.

m. Lit. *minha face não será vista no vazio*. “Ver a face de Deus” = apresentar-se no santuário.

n. *A festa da Ceifa* (chamada *festa das Semanas* em Ex 34.22; Dt 16.9; Nm 28.26, e *festa de Pentecostes* no judaísmo grego; Tb 2.1; Mc 12.32) era uma festa agrícola que celebrava o fim da ceifa dos cereais. Israel provavelmente a tomou de empré-

stimo dos cananeus por ocasião de sua instalação na Palestina. Em época tardia, ela foi relacionada com um momento da história da salvação (cf. 19.1 nota), tornando-se a festa da aliança e do dom da lei no Sinai.

o. *A festa da Colheita*, festa agrícola de outono, tornou-se *festa das Tendos* (Dt 16.13; Lv 23.24) e, como as outras festas de Israel, foi enfim utilizada para celebrar um dos aspectos da saída do Egito, cf. Lv 23.42-43.

p. Quer dizer, no início do ano, contado aqui como começando no outono, *Cf. 12.2 nota.]

q. Aqui, como em Ex 34.23-24; Dt 16.16; Sl 42.3, o hebr. e o gr. atenuaram o antropomorfismo lendo o verbo no passivo: *ser visto diante da face de Deus*.

r. Cf. a lei sobre os pães sem fermento, Ex 12.15-20.

s. Ex 34.25 precisa que se trata da festa da Páscoa. Como as partes gordurosas eram especialmente consagradas (cf. Lv 3.16), não devem correr o risco de se estragar, nem permanecer até o dia seguinte, que é um dia profano.

t. Esse texto talvez faça alusão a um uso cultural cananeu, atestado por um texto de Ugarit, mas ele é questionável. O judaísmo interpretou essa norma proibindo o consumo de carne e laticínios numa mesma refeição.

Mt 11.10p;
Mc 1.2

dar no caminho e te fazer entrar no lugar que eu preparei. ²¹Presta-lhe atenção e ouve a sua voz. Não debes contrariá-lo. Ele não suportaria a vossa revolta, pois nele está o meu nome". ²²Se ouvires a sua voz e fizeres o que eu digo, serei o inimigo dos teus inimigos e o adversário dos teus adversários.

²³Quando o meu anjo tiver andado à tua frente e te houver feito entrar no território do emorita, do hetita, do perizita e do canaanita, do hivita e do iebusita e eu os tiver aniquilado, ²⁴não te prosternarás diante de seus deuses, nem os servirás, fazendo como aqueles costumam fazer. Deverás, porém, abater esses deuses e quebrar as suas estelas. ²⁵Se servirdes ao SENHOR, vosso Deus, ele abençoará teu pão e tua água. E afastarei de ti a doença. ²⁶Em tua terra não haverá mulher que aborte ou seja estéril. Eu te darei toda a tua parte de dias". ²⁷Enviarei adiante de ti o meu terror. Transtornarei qualquer povo em cujo território entrares. Far-te-ei ver os teus inimigos pelas costas". ²⁸Mandarei vespas^a à tua frente, que expulsarão diante de ti o hivita, o canaanita e o hetita. ²⁹Não vou expulsá-los diante de ti num só ano, para que a terra não se torne uma desolação e assim os animais selvagens se multipliquem em detrimento de ti". ³⁰Expulsá-los-ei pouco a pouco diante de ti, até que, tendo frutificado, possas receber a terra em patrimônio ³¹Estabelecerei o teu território desde o mar dos Juncos até o mar dos Filisteus, e do deserto até o Rio^e.

Quando eu tiver entregado em vossas mãos os habitantes da terra e tu os tiveres expulsado de diante de ti, ³²não firmarás aliança com eles e com seus deuses. ³³Não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim: passarias a servir aos seus deuses e isso viria a ser uma armadilha para ti".

SI 106.36

24 Conclusão da aliança. ¹Ele disse-lhe a Moisés: "Subi ao SENHOR, tu, Aarão, Nadab e Abihu^b, como também setenta anciãos de Israel, e vos prosternareis a distância. ²Só Moisés se aproximará do SENHOR. Eles não se aproximarão. E o povo não subirá com ele".

Js 24
2Rs 23.1-3
19.13

³Moisés veio transmitir ao povo todas as palavras do SENHOR e todas as normas. Todo o povo respondeu a uma só voz: "Todas as palavras que o SENHOR disse, nós as poremos em prática". ⁴Moisés escreveu^c todas as palavras do SENHOR. Levantou-se bem cedo e construiu um altar no sopé da montanha, com doze estelas para as doze tribos de Israel. ⁵Em seguida, enviou os jovens de Israel; eles ofereceram holocaustos e sacrificaram novilhos como sacrifícios de paz ao SENHOR. ⁶Moisés tomou a metade do sangue e o verteu em recipientes; com o resto do sangue, aspergiu o altar. ⁷Tomou o livro da aliança e o leu ao povo, que declarou: "Tudo o que o SENHOR disse, nós o poremos em prática, nós o ouviremos". ⁸Moisés tomou o sangue e com ele aspergiu o povo, dizendo: "Este é o sangue da aliança que o SENHOR firmou convosco, com base em todas estas palavras".

20.1: 21.1

Js 4.3-9.
20.24;
1Rs 18.31

SI 50.5

Mt 26.28p;
Hb 9.19-20;
10.29; 13.20

u. Quer dizer: ele possui toda a minha autoridade.
v. Lit. *eu completarei o número de teus dias*.
w. Lit. *colocarei todos os teus inimigos de costas para ti*.
x. Imagem do jargão militar (cf. Dt 7.20; Js 24.12). Alguns preferem traduzir: *desencorajamento, desmoralização*. Dt 1.44 e SI 118.12 comparam os inimigos a *abelhas*.
y. Israel procurou igualmente outras razões para explicar a lentidão de sua instalação na Palestina: cf. Jz 2.20-3.6; Sb 12.3-18.
z. Respectivamente o golfo de Ácaba, o Mediterrâneo, o deserto do Sinai e o Eufrates. São os limites do império de Davi e Salomão. Cf. 1Rs 5.1; SI 72.8.
a. É possível indicar as tradições, que foram reunidas no cap. 24. Na tradição "javista", a aliança é selada com um banquete

(vv. 1-2.9-11). Na tradição "eloísta", após o rito do sangue (vv. 3-8), Moisés e Josué sobem à montanha (v. 13), onde permanecem quarenta dias e quarenta noites (v. 18b) e de onde descenderão por ocasião da apostasia de Israel no cap. 32. Na tradição "sacerdotal", os vv. 15b-18a formam um elo entre 19.6 (reino de sacerdotes) e os caps. 25-31 e 35-40 (instituição do santuário e de seu sacerdócio): a *nuvem* e a *glória* vêm cobrir a *montanha* antes de encher o santuário (40.34-35).
b. Dois filhos de Aarão, cf. 6.23.
c. O documento de aliança é escrito seja por Moisés (24.4; 34.27), seja por Deus (24.12; 31.18; 34.1). No antigo Oriente, por ocasião de uma aliança (cf. 19.5 nota), era depositado nos templos de cada parceiro um documento escrito que devia ser lido periodicamente.

12 E Moisés subiu, como também Aarão, Nadab e Abihu e setenta dentre os anciãos de Israel. 13 Viram o Deus de Israel e, sob os seus pés, havia como que um pavimento de lazulita, de

uma limpidez semelhante ao fundo do céu. 14 Ele não ergueu a mão contra esses privilegiados filhos de Israel. Contemplaram a Deus, comeram e beberam^a.

INSTRUÇÕES DO SENHOR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO CULTO

12 O SENHOR disse a Moisés: "Sobe a mim na montanha e permanece lá, para que te dê as tábuas de pedra: a Lei e o mandamento que escrevi para que possas ensiná-los". 13 Moisés levantou-se com Josué, seu auxiliar, e Moisés subiu para a montanha de Deus, 14 depois de haver dito aos anciãos: "Aguardai-nos aqui até voltarmos a vós. Aarão e Hur, no entanto, ficarão convosco; quem tiver um assunto a tratar, dirija-se a eles". 15 Moisés subiu à montanha, então a nuvem cobriu a montanha. 16 A glória do SENHOR permaneceu sobre o monte Sinai e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, ele chamou Moisés do meio da nuvem. 17 A glória do SENHOR aparecia aos filhos de Israel como um fogo devorador, no cimo da montanha. 18 Moisés penetrou na nuvem e subiu ao alto da montanha. Moisés ficou na montanha quarenta dias e quarenta noites.

25 O SENHOR falou a Moisés dizendo: 2 Fala aos filhos de Israel que arrecadem um tributo para mim. Arrecadareis esse tributo de todos os homens de coração generoso. 3 Este será o tributo que deles arrecadareis: ouro, prata, bronze, 4 púrpura roxa e púrpura

vermelha, carmesim brilhante, linho, pêlo de cabra, 5 peles de carneiro tingidas de vermelho, peles de delfins, madeira de acácia, 6 óleo para as luminárias, aromas para o óleo de unção e perfume para queimar, 7 pedras de berilo e pedras de guarnição para o efod e o peitoral. 8 Eles me farão um santuário e eu morarei entre eles. 9 Vou te mostrar a planta da morada e o plano de todos os seus objetos: fareis tudo exatamente assim.

1Cr 28,19;
Ez 40,4

O interior da Morada: arca, mesa, candelabro. 10 Farão uma arca^a em madeira de acácia, com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. 11 Revestirá-a com placas de ouro puro por dentro e por fora, envolvendo-a numa moldura dourada. 12 Forjarás quatro argolas de ouro e as fixarás nos quatro pés da arca: duas de um lado e duas de outro. 13 Farás barras de madeira de acácia, revestindo-as de ouro; 14 e nas argolas introduzirás as barras, que servirão para carregar a arca. 15 As barras permanecerão fixas nas argolas, sem serem retiradas. 16 Na arca porás o Documento^b que eu te darei.

37,1-24

Dt 10,1-2

Sr 45,5;
Mt 17,1-8p

34,28;

Dt 9,9;

1Rs 19,9;

Mt 4,2p

d. O sacrifício de paz é concluído com um banquete alegre, que estabelece a comunhão entre os participantes e Deus (cf. 18,12). Observe que as alianças de Isaac e Abimelek (Gn 26,26-31) e de Jacó e Laban (Gn 31,54) são igualmente seladas por um banquete tomado em comum. O banquete da Ceia é também representado como banquete de aliança (Mt 28,28 par.; 1Cor 11,25).

e. Ensinar seja o povo, seja a Lei e o mandamento.

f. Os caps. 25-31 e 35-40, de tradição "sacerdotal", aproximam-se de Ez 40-48. Escrevendo provavelmente no tempo do exílio na Babilônia, quando o templo de Jerusalém havia sido queimado, os autores utilizam tradições antigas a respeito da arca e da tenda do deserto e as interpretam atribuindo a esses elementos antigos o esplendor do templo de Salomão, mas um templo de Salomão que seria desmontável e que poderia acompanhar o povo em sua caminhada. Dessa forma, mostrando aos

israelitas como o Senhor quis estar presente junto a seu povo (cf. 40,34-38) já antes da entrada na Palestina, a escola "sacerdotal" quer desviá-los da atração dos cultos babilônicos e convidá-los a permanecer fiéis às instituições nacionais confiadas ao clero aaronita. Além disso, mostrar a generosidade unânime do povo para a construção do santuário (35,4-36,7) e sua fidelidade à observância do sábado (31,12-17; 35,1-3), é dar um exemplo bem útil à comunidade que voltou do exílio (cf. Ag 1; Is 58,13-14).

g. A arca era um cofre com 1,25m de comprimento, 0,75m de largura e de altura. Durante um certo tempo ela abrigou o texto da aliança (1Rs 8,9) e era a garantia da presença de Deus. Ver Nm 10,33-36; Js 3,3-6; 1Sm 4-6; 2Sm 6; 1Cr 28,2; Sl 132; Jr 3,16-17.

h. O termo *documento* designa o documento oficial, a "Carta" que devia regulamentar a vida de Israel conforme os princípios da aliança, quer dizer, as tábuas da Lei depositadas na arca da

¹⁷Em seguida farás um propiciatório¹ de ouro puro, com dois côvados e meio de comprimento e com um côvado e meio de largura. ¹⁸Farás igualmente dois querubins² de ouro para serem soldados nas duas extremidades do propiciatório. ¹⁹Faze um querubim em uma extremidade e outro querubim na outra extremidade. Disporéis os querubins destacando-se do propiciatório, nas duas extremidades. ²⁰Os querubins estenderão suas asas para cima, para com elas protegerem o propiciatório. Eles estarão face a face e olharão para o propiciatório. ²¹Porás o propiciatório sobre a arca e, dentro dela, o Documento que te hei de dar. ²²Lá eu te encontrarei e, do alto do propiciatório, entre os dois querubins sobre a arca do Documento, comunicar-te-ei todas as ordens que preciso dar-te para os filhos de Israel.

²³Em seguida farás uma mesa em madeira de acácia, com dois côvados de comprimento, um de largura e um e meio de altura. ²⁴Revesti-la-ás de ouro puro emoldurando-a com um friso em ouro. ²⁵Cercá-la-ás com uma borda de um palmo, emoldurando a borda com um friso de ouro. ²⁶Farás quatro argolas de ouro e as porás nos quatro cantos dos pés da mesa. ²⁷Bem junto da borda serão fixadas as argolas para as barras, que servirão para erguer a mesa. ²⁸Farás barras de madeira de acácia e revesti-las-ás de ouro; elas servirão para erguer a mesa. ²⁹Far-lhe-ás pratos, taças, jarras e vasos que serão usados para as libações. Farás tudo isso em ouro puro. ³⁰E perpetuamente porás o pão de oferta³ sobre a mesa, diante de mim.

³¹Também farás um candelabro de ouro puro, trabalhado na forja, com a base e a haste, as corolas, os botões e as flores formando uma só peça. ³²Dos lados do

candelabro sairão seis ramos, três de um lado e três do outro. ³³Sobre um ramo haverá três corolas em forma de amêndoa com botão e flor, e sobre o outro ramo três corolas em forma de amêndoa, com botão e flor; e assim será nos seis ramos que saem do candelabro. ³⁴No próprio candelabro, quatro corolas em forma de amêndoa, com botões e flores: ³⁵um botão sob os dois primeiros ramos que saem do candelabro, um botão sob os dois ramos seguintes saídos do candelabro, um botão sob os dois últimos ramos saídos do candelabro; do mesmo modo, pois, para os seis ramos que saem do candelabro. ³⁶Botões e ramos formam um todo com ele; será fundido em uma só peça de ouro puro. ³⁷Far-lhe-ás sete lâmpadas; serão acesas de modo a iluminar o espaço que está à sua frente. ³⁸As espessidades e arandelas serão de ouro puro. ³⁹Ele e todos esses acessórios serão feitos com um talento de ouro puro. ⁴⁰Vê, pois, e faz segundo o plano que te foi mostrado sobre a montanha.

26 A morada. ¹A morada, tu a farás com dez tapeçarias de linho retorcido, púrpura roxa, púrpura vermelha e carmesim brilhante; nelas farás querubins — obra de artista. ²Comprimento de uma tapeçaria: vinte e oito côvados. Largura de uma tapeçaria: quatro côvados. Todas as tapeçarias terão as mesmas dimensões. ³Cinco tapeçarias serão juntas uma à outra, e as cinco restantes igualmente juntadas uma à outra. ⁴Farás laçadas de púrpura roxa na aba da primeira tapeçaria, na extremidade do conjunto. E farás o mesmo na aba da última tapeçaria do segundo conjunto. ⁵Porás cinquenta laçadas na primeira tapeçaria e cinquenta laçadas na extremida-

1Sm 4.4;
1Rs 6.23-28;
2Cr 3.10-13;
Sl 80.2

Nm 4.7;
1Rs 7.48;
2Cr 4.8

At 7.44;
Hb 8.5

36.8-38;
Nm 4.25;
31.32;
Hb 9.1-5

Nm 4.9-10;
1Rs 7.49;
2Cr 4.7

aliança. Esse termo foi também traduzido muitas vezes por *testemunho*.

i. O termo hebr. provém de um verbo que talvez signifique *cobrir* (cobrir um objeto, e cobrir os pecados) ou, preferivelmente, *apagar*. O propiciatório é a tampa da arca; em seguida, do fato de a arca ser considerada o escabelo de Deus sobre a terra, o propiciatório torna-se o lugar onde se pode encontrar

Deus no culto. Aspergido pelo sangue das vítimas no dia do grande perdão, é também o lugar onde são remidos os pecados. Cf. Lv 16.12-15; Rm 3.25 nota.

j. Cf. Gn 3.24. Aqui os querubins têm função de guardas diante da presença invisível de Deus.

k. Lit. *pão da face* ou *pão pessoal* de Deus. Cf. Lv 24.5-9; 1Sm 21.5.

de da tapeçaria do segundo conjunto, de maneira que as laçadas correspondam uma à outra. ⁶Farás cinquenta ganchos de ouro; por meio deles juntarás as tapeçarias uma à outra, e assim a morada formará um conjunto.

⁷Também farás tapeçarias com pêlo de cabra para formar uma tenda por cima da morada. Confeccionarás onze. ⁸Comprimento de uma tapeçaria: trinta côvados. Largura de uma tapeçaria: quatro côvados. As onze tapeçarias terão as mesmas dimensões. ⁹Juntarás cinco tapeçarias à parte, em seguida seis outras à parte; mas dobrarás a sexta tapeçaria sobre a entrada da tenda. ¹⁰Farás cinquenta laçadas na aba da primeira tapeçaria, ou seja, a última do conjunto, e cinquenta laçadas na aba da mesma tapeçaria do segundo conjunto. ¹¹Farás cinquenta ganchos de bronze; introduzirás os ganchos nas laçadas, de modo que a tenda forme um único conjunto. ¹²As tapeçarias da tenda terão uma sobra, que ficará livremente caída: metade da tapeçaria excedente cairá livremente para o lado de trás da morada¹; ¹³no sentido do comprimento das tapeçarias da tenda, haverá a sobra de um côvado, caindo livremente, para cobrir ambos os lados da morada. ¹⁴Para a tenda farás também uma cobertura com peles de carneiro tingidas de vermelho e, sobre ela, uma cobertura com peles de delfins.

¹⁵Em seguida farás, em madeira de acácia, os quadros^m para a morada, pon-do-os de pé ¹⁶Cada quadro terá dez côvados de comprimento e um côvado e meio de largura. ¹⁷Em cada quadro haverá dois encaixes justapostos: assim o farás em todos os quadros da morada. ¹⁸Des-ses quadros para morada, farás vinte em direção do Négueb, para o sul. ¹⁹E sob os vinte quadros farás quarenta socos de prata: dois socos sob um quadro para os seus dois encaixes e mais dois socos sob

outro quadro para seus dois encaixes.

²⁰Quanto ao outro lado da morada, na direção norte, haverá vinte quadros ²¹com seus quarenta socos em prata: dois socos sob um quadro e dois socos sob outro. ²²E no fundo da morada, na direção do marⁿ, farás seis quadros; ²³farás, além disso, dois quadros como contrafortes da morada, no fundo. ²⁴Estarão distanciados na base, mas terminarão juntos no topo, à altura da primeira argola: assim será quanto a esses dois quadros, que serão como dois contrafortes. ²⁵Haverá, por conseguinte, oito quadros, com seus socos em prata: dezesseis socos, dois socos sob um quadro e dois socos sob outro quadro.

²⁶Em seguida, farás vigas de madeira de acácia: cinco para os quadros do primeiro lado da morada. ²⁷cinco para os quadros do segundo lado da morada, cinco para os quadros do lado do fundo da morada, na direção do mar, ²⁸e a viga mediana, que vai de um ponto a outro, a meia altura dos quadros. ²⁹Revestirás de ouro os quadros, farás de ouro suas argolas, onde serão fixadas as barras, que também serão douradas. ³⁰Erguerás a morada segundo a norma que te foi mostrada sobre a montanha.

³¹Em seguida, farás um véu de púrpura roxa, de púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido; aí serão feitos querubins — obra de artista. ³²Fixarás o véu nas quatro colunas de acácia, revestidas de ouro, munidas com ganchos de ouro e erguidas sobre quatro socos de prata. ³³Fixarás o véu nos ganchos e, atrás dele, porás a arca do Documento. E o véu delimitará para vós a separação entre o lugar santo e o lugar santíssimo. ³⁴Porás o propiciatório sobre a arca do Documento no lugar santíssimo ³⁵e disporás a mesa diante do véu e o candelabro em frente à mesa, no lado sul da morada; a mesa, tu a deixarás no lado norte.

2Cr 3,14;
Mt 27,51p;
Hb 6,19;
10,20

1. Outra metade de tapeçaria é baixada sobre a parte dianteira, n. O autor deve imaginar não tanto tábuas inteiriças, mas simples *quadros*, mais leves, deixando ver as dez tapeçarias

preciosas com querubins (26.1), que formam as verdadeiras paredes da *morada*.

n. Isto é, para o oeste.

³⁶Também para a entrada da tenda farás uma cortina de púrpura roxa, de púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido: obra de bordador. ³⁷Para esta cortina farás cinco colunas de acácia, revestidas de ouro, com ganchos também de ouro, e cinco socos fundidos em bronze.

38,1-7,9-20

Nm 4,13-14;

1Rs 9,25;

2Rs 16,14-15;

2Cr 4,1;

Ez 43,13-17

27 Parte externa: o altar e o átrio.

¹“Em seguida farás o altar” em madeira de acácia: cinco côvados de comprimento, cinco côvados de largura — o altar será quadrado — e três côvados de altura. ²Nos seus quatro ângulos, farás chifres^p, formando um todo com o altar, o qual revestirás de bronze. ³Farás recipientes para as cinzas do altar, pás, aspersórios, garfos e braseiros; para todos esses acessórios utilizarás o bronze. ⁴Confeccionarás uma grelha, em forma de rede de bronze, cujas quatro pontas estarão munidas de argolas de bronze. ⁵Porás a grelha sob a moldura^q do altar, na base, chegando à meia-altura do altar. ⁶Além disso, farás barras para o altar, barras de madeira de acácia, que revestirás de bronze. ⁷Serão introduzidas nas argolas; ao ser carregado, o altar terá barras nos dois lados. ⁸Será oco, feito de tábuas. Ele deve ser feito como te mostrei sobre a montanha.

Nm 4,26;

1Rs 6,36;

8,64;

2Cr 4,9; 7,7;

Ez 40,17-47

⁹Em seguida, farás o átrio da morada. Do lado do Négueb, ao sul, o átrio terá um cortinado de linho retorcido, com cem côvados de comprimento para um só lado. ¹⁰Suas vinte colunas e seus vinte socos serão de bronze; os ganchos nas colunas e as varetas do cortinado serão de prata. ¹¹A mesma coisa do lado norte, no sentido do comprimento: cortinado

para cem côvados de extensão, as vinte colunas e seus vinte socos de bronze, os ganchos nas colunas e suas varetas de prata. ¹²Do lado do mar, no sentido da largura do átrio: cortinado para cinqüenta côvados, com suas dez colunas e seus dez suportes. ¹³Largura do átrio do lado leste, em direção do oriente: cinqüenta côvados; ¹⁴um cortinado de quinze côvados, com suas três colunas e seus três socos numa ala^r ¹⁵e, na outra ala, também quinze côvados de cortinado com suas três colunas e seus três socos. ¹⁶Para a porta do átrio, haverá uma cortina de vinte côvados, feita com púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido — trabalho de bordador —, quatro colunas e seus quatro socos. ¹⁷Todas as colunas do átrio estarão interligadas com varetas de prata, os seus ganchos serão de prata, e os seus socos de bronze. ¹⁸Comprimento do átrio: cem côvados. Largura: cinqüenta em cada extremidade^s. Altura: cinco côvados, linho retorcido — os socos serão de bronze. ¹⁹Para todos os acessórios da morada utilizados em todos os seus serviços, para todas as suas estacas e as estacas do átrio, o material usado será o bronze.

O óleo para o candelabro. ²⁰“Também ordenarás aos filhos de Israel que providenciem para a luminária óleo de oliveira, puro e virgem^t, a fim de que uma lâmpada fique constantemente acesa ²¹na tenda do encontro”, diante do véu que abriga o Documento.

Aarão e seus filhos proverão para que ela arda do entardecer ao amanhecer, diante do SENHOR: é uma lei perene para

Lv 24,2-4;

Nm 4,16;

1Sm 3,3

o. Conceção diferente do altar em 20,24.

p. Essas saliências constituíam a parte mais santa do altar: eram tocadas com o sangue das vítimas (cf. Lv 4); um fugitivo podia agarrar-se a esses chifres para invocar o direito de asilo, cf. 1Rs 1,50; 2,28. O chifre, símbolo de poder, aparece frequentemente representado em estátuas de deuses no antigo Oriente.

q. Palavra incerta. Levando-se em conta a altura do altar, é possível que seja um degrau destinado a facilitar o trabalho dos sacerdotes.

r. Lit. *ombro*.

s. Lit. *cinqüenta por cinqüenta*.

t. É o óleo obtido por trituração e escorrimento das olivas, antes da espemadura.

u. A *tenda do encontro* (também chamada *tabernáculo* ou *tenda da reunião*) é citada em várias tradições bíblicas. A *tenda* foi primeiramente considerada como o lugar onde se ia consultar a Deus para receber seus oráculos e onde Moisés se encontrava com Deus para receber as suas ordens (cf. 33,7-11). A tradição “sacerdotal” apresenta-a como o Templo em antecipação (cf. 25,1 nota), o lugar da morada divina.

os filhos de Israel de geração em geração.

39.1-31;
Sr 45,6-13

28 Os sacerdotes: suas vestes. ¹“Manda aproximar-se de ti, do meio dos filhos de Israel, teu irmão Aarão e seus filhos, para que exerçam meu sacerdócio — Aarão, Nadab e Abihu, Eleazar e Itamar, filhos de Aarão. ²Para teu irmão Aarão farás vestes sagradas” em sinal de glória e de majestade. ³E falarás a todos os sábios, que enchi com um espírito de sabedoria”, dizendo-lhes que confeccionem as vestes de Aarão para que ele seja consagrado para exercer o meu sacerdócio. ⁴Eis as vestes que farão: peitoral, efod, toga, túnica bordada, turbante e cinto. Confeccionarão, pois, vestes sagradas para teu irmão Aarão — e para seus filhos —, a fim de que exerça o meu sacerdócio. ⁵Utilizarão o ouro, a púrpura roxa, a púrpura vermelha, o carmesim e o linho.

⁶Farão o efod^a com ouro, púrpura roxa e púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido — obra de artista. ⁷Para prendê-lo, haverá duas correias de fixação nas duas extremidades. ⁸A faixa que está sobre o efod será trabalhada do mesmo jeito: em ouro, púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido. ⁹Tomarás duas pedras de berilo e sobre elas gravarás os nomes dos filhos de Israel: ¹⁰seis de seus nomes sobre a primeira pedra e os seis nomes restantes sobre a segunda pedra, pela ordem de seu nascimento. ¹¹Gravarás nas duas pedras os nomes dos filhos de Israel à maneira do cinzelador de pedras,

como se faz a gravura de um sinete. Engastá-las-ás em ouro. ¹²Porás as duas pedras nas correias do efod, essas pedras que são um memorial em favor dos filhos de Israel, e Aarão levará os seus nomes diante do SENHOR, sobre as duas correias, em memorial. ¹³Farás engastes em ouro ¹⁴e duas correntinhas de ouro puro trançadas em espiral; porás as correntinhas trançadas sobre os engastes.

¹⁵Farás também um peitoral^b para o julgamento — obra de artista; tu o farás a modo de efod, tu o farás em ouro, púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido. ¹⁶Dobrado ao meio, terá a forma quadrada, com um palmo de comprimento e um de largura. ¹⁷Provê-lo-ás de uma guarnição de pedras, com quatro fileiras de pedras:

— a primeira: sardônica, topázio e esmeralda. Esta será a primeira fileira;

— ¹⁸a segunda fileira: carbúnculo, lazulita e jaspe;

— ¹⁹a terceira fileira: ágata, cornalina e ametista;

— ²⁰e a quarta fileira: crisólito, berilo e ônix.

Serão afixadas com engastes de ouro. ²¹As pedras corresponderão aos nomes dos filhos de Israel, serão doze, como os seus nomes. Serão gravadas como um sinete, cada qual com o seu nome, porquanto há doze tribos. ²²Farás para o peitoral correntinhas de ouro puro, trançadas em espiral. ²³Farás para o peitoral duas argolas de ouro e fixarás as duas argolas nas extremidades do peitoral. ²⁴Fixarás os dois torçais de ouro às duas argolas, nas extremidades do peitoral, ²⁵e

Ez 28,13;
Sh 18,24;
Ap 21,19-20

v. O cap. 28 descreve as vestes sagradas do sumo sacerdote em Jerusalém (mas cf. 20.26, nota). Já para as tradições mais antigas, apresentar-se diante de Deus implicava mudar de roupa (cf. Gn 35.2; Ex 19.10); quer dizer, abandona-se o “profano” para ser “santo” diante de Deus. Sobre o simbolismo das vestes do sumo sacerdote, cf. Zc 3.3-5; Sr 50.5-11; Sh 18.24.

w. A confecção das vestes sacerdotais supõe que o artista tenha um *espírito de sabedoria*, que é mais do que a simples habilidade técnica.

x. Na Bíblia, este termo designa vários objetos: primeiramente, um antigo objeto cultual, destinado à adivinhação (cf. Jz 8.27; 1Sm 14.18); em seguida, o *efod de linho* (ou tanga) dos sacerdotes (cf. Ex 20.26 nota); enfim, o efod do sumo sacerdote,

colete fixado ao peito e sustentado por duas *correias*, que, no simbolismo das vestes do antigo Oriente (possivelmente ilustrado por um texto de Ugarit), podia representar a terra sustentando as colunas dos céus (cf. Sh 18.24; Sl 102.26-27). A esse simbolismo cósmico os sacerdotes de Jerusalém acrescentaram a menção aos doze filhos de Israel.

y. O *peitoral* era uma bolsa quadrada contendo o *Urim* e o *Tumim* (cf. v. 30). Originariamente era sem dúvida independente do efod; a tradição “sacerdotal”, porém, quis incorporá-lo de maneira estável ao traje do sumo sacerdote (vv. 22-28), talvez para significar que a tarefa dele não é tanto proferir oráculos ocasionais, mas, sim, carregar *perpetuamente* a responsabilidade do *julgamento* dos filhos de Israel, isto é, de sua conduta justa (v. 30).

fixará as duas extremidades nos torçais às duas pedras engastadas. Fixá-las-ás do lado de fora nas correias do efod.

²⁶Farás duas argolas de ouro, dispondo-as nas duas extremidades do peitoral, na parte voltada para o efod, por dentro. ²⁷Farás duas argolas de ouro e as fixará às duas correias do efod, na sua base, do lado de fora, junto do seu ponto de fixação, acima da faixa do efod. ²⁸O peitoral e o efod serão juntados um ao outro através de uma fita de púrpura roxa, de modo que o peitoral fique sobre a faixa do efod e não possa deslocar-se daí. ²⁹E quando entrar no santuário, Aarão levará sobre o seu coração, sobre o peitoral do julgamento, os nomes dos filhos de Israel, em memorial perene diante do SENHOR. ³⁰No peitoral do julgamento, porás o Urim e o Tumim; estarão sobre o coração de Aarão, quando ele entrar diante do SENHOR: Aarão levará, pois, perpetuamente, o julgamento dos filhos de Israel sobre o seu coração, na presença do SENHOR.

³¹Em seguida farás a capa do efod, toda de púrpura roxa. ³²Terá no meio uma abertura para a cabeça e em volta da abertura uma orla guarnecida — obra de tecelão; sua abertura será como a de uma couraça, ilacerável. ³³Na sua aba farás enfeites de púrpura roxa, de púrpura vermelha e carmesim brilhante — ao redor da aba toda — e entre eles porás sininhos de ouro: ³⁴um sininho de ouro, uma romã, um sininho de ouro, uma romã, ao redor da aba da capa. ³⁵Ela estará sobre Aarão quando ele officiar. Ouvir-se-á o som dos sininhos, quando ele entrar perante o SENHOR no santuário e quando de lá sair; assim, não morrerá.

³⁶Em seguida farás um florão^a de ouro puro e nele gravará 'Sagrado ao SE-

NHOR', como se grava um sinete. ³⁷Amará-lo-ás sobre uma fita de púrpura roxa e ficará sobre o turbante. Deverá ficar na parte anterior do turbante. ³⁸O florão estará sobre a fronte de Aarão, a fim de que possa carregar as faltas cometidas contra as coisas santas, todas as que são oferecidas e santificadas pelos filhos de Israel; estará perpetuamente sobre sua fronte, para que essas oferendas encontrem favor diante do SENHOR.

³⁹Em seguida, bordarás a túnica de linho, farás um turbante também de linho e farás um cinto — obra de bordador. ⁴⁰Para os filhos de Aarão farás túnicas, farás cintos, e também tiaras, em sinal de glória e de majestade. ⁴¹Com elas revestirás teu irmão Aarão e seus filhos, ungi-los-ás, conferir-lhes-ás a investidura^b, consagrá-los-ás, e eles exercerão o meu sacerdócio. ⁴²Confecciona-lhes calções de linho para cobrir a sua nudez; irão dos rins às coxas. ⁴³Aarão e seus filhos os vestirão, quando entrarem na tenda do encontro ou quando se aproximarem do altar para officiar no santuário, a fim de que não se carreguem de alguma culpa e morram. É lei perene para ele e sua descendência depois dele.

29 Os sacerdotes: sua consagração.

¹“Eis como farás para consagrá-los^d ao meu sacerdócio: toma um novilho e dois carneiros sem defeito, ²pão sem fermento, bolos sem fermento amassados com óleo e obreias sem fermento embebidas em óleo; serão feitos com farinha de trigo. ³Colocá-los-ás numa cesta e apresentarás a cesta, ao mesmo tempo que o novilho e os dois carneiros.

⁴Farás aproximarem-se Aarão e seus filhos na entrada da tenda do encontro e os lavarás com água. ⁵Tomará as vestes,

Lv 16.4

40.12-15;
Lv 8-10;
Sr 45.15-17

z. Esses termos de sentido incerto designam objetos utilizados para conhecer pela sorte a vontade de Deus (cf. 1Sm 14.41 gr.; Pr 16.33).

a. Esta flor de ouro, também chamada *insígnia da consagração*, conforme 39.30, era inicialmente um símbolo régio (cf. Sl 132.18).

b. Lit. *encherás as mãos deles*. Cf. Jz 17.5-12.

c. Cf. Ex 20.26 nota.

d. A liturgia de consagração do sumo sacerdote e dos sacerdotes, descrita nos vv. 1-35, inclui três ações: o banho de purificação (v. 4), a vestição (vv. 5-6.8-9) e a unção do único sumo sacerdote (v. 7), estendida a todos os sacerdotes conforme 40.15. Segue-se o oferecimento de vários sacrifícios (vv. 10-35), a fim de inaugurar as novas funções.

revestirás Aarão com a túnica, com a capa do efod, com o efod e o peitoral e o cingirás com a faixa do efod. ⁶Porás o turbante sobre sua cabeça e, sobre o turbante, a insígnia da consagração*. ⁷Em seguida, tomarás o óleo da unção, tu o derramarás sobre a sua cabeça e o ungirás^f. ⁸Tendo feito aproximarem-se os seus filhos, tu os revestirás com túnicas, ⁹cingi-los-ás com uma cinta — a Aarão e seus filhos —, cobrirás suas cabeças com tiaras, e em virtude de uma lei perene lhes pertencerá o sacerdócio. Conferirás a investidura a Aarão e seus filhos.

¹⁰Apresentarás o novilho diante da tenda do encontro. Aarão e seus filhos imporão as mãos sobre a cabeça do novilho. ¹¹Degolarás o novilho diante do SENHOR, na entrada da tenda do encontro. ¹²Tomarás do sangue do novilho e, com teu dedo, aplicá-lo-ás nos chifres do altar. Em seguida, derramarás o resto do sangue na base do altar. ¹³Tomarás toda a gordura que envolve as entranhas, o lobo do fígado, os dois rins com a gordura que os envolve e os queimarás no altar. ¹⁴Mas a carne do novilho, seu couro e suas fezes, tu os queimarás fora do acampamento. É um sacrifício pelo pecado.

¹⁵Em seguida tomarás o primeiro carneiro. Aarão e seus filhos imporão as mãos sobre a cabeça do carneiro. ¹⁶Degolarás o carneiro, tomarás seu sangue e aspergirás o contorno do altar. ¹⁷Dividirás o carneiro em quartos; lavarás suas entranhas e suas patas, pondo-as sobre os quartos e a cabeça. ¹⁸Farás queimar todo o carneiro no altar. É um holocausto para o SENHOR, é o perfume apacador de uma oferta consumida para o SENHOR.

¹⁹Em seguida, tomarás o segundo carneiro: Aarão e seus filhos imporão as mãos sobre a cabeça desse carneiro. ²⁰Degolarás o carneiro, tomarás do seu sangue e o porás no lóbulo da orelha direita de Aarão e no lóbulo da orelha de seus

filhos, sobre o polegar da mão direita e sobre o dedão do pé direito deles. E aspergirás com sangue o contorno do altar. ²¹Tomarás do sangue que está sobre o altar e do óleo de unção e farás a aspersão de Aarão e de suas vestes, e, juntamente com ele, de seus filhos e das suas vestes; assim serão santos Aarão e suas vestes, como também seus filhos e suas vestes. ²²Tomarás as partes gordurosas do carneiro — a cauda, a gordura que envolve as entranhas, o lobo do fígado, os dois rins e a gordura que os envolve — e também a perna direita, pois é um carneiro de investidura. ²³Incluirás ainda uma rosca de pão, um bolo feito no óleo e uma obreia na cesta dos pães sem fermento que está diante do SENHOR. ²⁴Depositarás tudo isso nas mãos de Aarão e nas mãos de seus filhos; deverão oferecê-lo com o gesto de apresentação diante do SENHOR. ²⁵Tomando tudo isso de suas mãos, queimá-lo-ás no altar, com o holocausto, como perfume apacador diante do SENHOR. É uma oferta consumida para o SENHOR. ²⁶Tomarás o peito do carneiro de investidura, aquele que é para Aarão, e o oferecerás com o gesto de apresentação diante do SENHOR: isso te caberá em partilha. ²⁷Consagrarás o peito apresentado e a perna que foi reservada — o que foi apresentado e o que foi reservado do carneiro que é destinado a Aarão e a seus filhos. ²⁸Isto constituirá para Aarão e seus filhos um direito perene sobre os filhos de Israel, pois é e será sempre um tributo da parte dos filhos de Israel, tomada dos seus sacrifícios de paz. Será um tributo para o SENHOR.

²⁹As vestes sagradas de Aarão passarão depois dele aos seus filhos, que as vestirão para a sua unção e investidura. ³⁰Durante sete dias, serão usadas pelo sacerdote que o suceder, um dos seus filhos, ou seja, aquele que entrar na tenda do encontro para oficiar no santuário.

Êx 5,2;
Fl 4,18

e. Cf. 28,36 nota.

f. A unção especial do sumo sacerdote só veio a existir depois

do exílio, quando recebeu certas prerrogativas régias (cf. 28,36 nota), por haver-se tornado chefe da comunidade.

³¹Tomando o carneiro de investidura, mandarás cozinhar a sua carne num lugar santo. ³²Aarão e seus filhos comerão, na entrada da tenda do encontro, a carne do carneiro e o pão que está na cesta. ³³Comerão o que serviu para o rito de absolvição, para a sua investidura e consagração. Nenhum profano o comerá, pois é sagrado. ³⁴Se, na manhã seguinte, sobrar algum pedaço da carne de investidura e do pão, queimarás os restos, dos quais nada se comerá, pois são sagrados. ³⁵Assim farás com Aarão e seus filhos, de acordo com tudo aquilo que te ordenei. Durante sete dias lhes conferirás a investidura. ³⁶Para o rito de absolvição prepararás, cada dia, um novilho em sacrifício pelo pecado. Oferecerás sobre o altar o sacrifício pelo pecado, fazendo o rito de absolvição. E o ungarás para que seja consagrado. ³⁷Durante sete dias realizarás o rito de absolvição sobre o altar e o consagrarás. Assim o altar será santíssimo e tudo o que toca o altar será santo.

Os dois holocaustos cotidianos. ³⁸Eis igualmente o que hás de preparar sobre o altar: cordeiros de um ano de idade, dois por dia*, perpetuamente. ³⁹O primeiro cordeiro, tu o prepararás ao amanhecer e o segundo cordeiro, tu o prepararás ao entardecer. ⁴⁰Com o primeiro cordeiro oferecerás também: a décima parte de um efá de farinha amassada com um quarto de hin^h de azeite virgem, e uma libação com um quarto de hin de vinho. ⁴¹Quanto ao segundo cordeiro, tu o prepararás ao crepúsculo. Farás com ele a mesma oferenda da manhã e a mesma libação: perfume aplacador, ofertas consumidas para o SENHOR. ⁴²Tal será o holocausto perpétuo que fareis de geração em geração, na entrada da tenda do

encontro diante do SENHOR, lá onde vos encontrarei para te falar. ⁴³Encontrarei os filhos de Israel nesse lugar, que será consagrado para a minha glória. ⁴⁴Consagrarai a tenda do encontro e o altar. Aarão e seus filhos, eu os consagrarai a fim de exercerem o meu sacerdócio. ⁴⁵Morarei entre os filhos de Israel e, para eles, serei Deus. ⁴⁶Reconhecereis que eu, o SENHOR, sou o seu Deus, eu que os fiz sair da terra do Egito para morar no meio deles. Sou eu, o SENHOR, que sou o seu Deus.

30 O altar dos perfumes. ¹Em seguida farás um altar para a queima do perfume¹; tu o farás de madeira de acácia. ²Um côvado de comprimento, um côvado de largura — ele será quadrado —, dois côvados de altura. Seus chifres formarão um todo com ele. ³Revesti-las de ouro puro — a parte de cima, as paredes em volta e os chifres. Far-lhe-ás uma moldura de ouro em redor. ⁴Farás duas argolas de ouro, abaixo da moldura, nos dois lados — tu as farás nos dois flancos — para aí encaixar as barras que servem para carregá-lo. ⁵Farás as barras em madeira de acácia, revestidas de ouro. ⁶O altar, tu o porás diante do véu que abriga a arca do Documento — diante do propiciatório que está acima do Documento¹ — lá onde eu te encontrarei. ⁷Aí Aarão há de queimar o perfume; queimá-lo-á todas as manhãs, quando preparar as lâmpadas: ⁸queimá-lo-á ao entardecer, quando as acender. É um perfume perpétuo diante do SENHOR, de geração em geração. ⁹Nesse altar não oferecereis perfume profano, nem holocausto, nem oferenda, nem fareis libações. ¹⁰Sobre os chifres do altar Aarão fará, uma vez ao ano, o rito de absolvição; com o sangue do sacrifício do gran-

37.25-28;
Nm 4.11;
1Rs 6.20-21;
2Cr 4.19;
Is 6.6;
Ez 41.22;
Ap 8.3-5

Lv 6.2-6;
Nm 28.3-8;
Sr 45.14

Lv 16.18

g. O uso de dois holocaustos cotidianos pertence ao Templo pós-exílico (cf. 2Rs 16.15 e mesmo Ez 46.13-15, onde se conhece apenas o holocausto da manhã). Este uso cessou no início de agosto do ano 70, durante o cerco de Jerusalém por Tito.

h. O *décimo de efá* mede cerca de 4.5 litros e o *hin* aproximadamente 7.5 litros.

i. Um altar dos perfumes existia no Templo de Salomão (1Rs 6.20-21); a arqueologia da Palestina apresentou diversos tipos desses altares, em terracota ou em pedra conforme as épocas. Cf. v. 34 nota.

j. Esta explicitação não se acha em vários mss. hebr. e gr.

de Perdão, uma vez ao ano fará sobre ele o rito da absolvição, de geração em geração. Este altar será santíssimo para o SENHOR".

38,25-28; Nm 1 **O imposto para o santuário.** ¹¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹²"Ao registrares o conjunto dos filhos de Israel sujeitos ao recenseamento, cada qual dará ao SENHOR o resgate de sua vida, na hora do seu recenseamento. Assim nenhum flagelo os atingirá por ocasião do recenseamento". ¹³Todo homem que for recenseado dará meio siclo, conforme o siclo do santuário, que vale vinte guerás; meio siclo como tributo para o SENHOR. ¹⁴Todo homem que for recenseado, de vinte anos para cima, pagará o tributo do SENHOR. ¹⁵Para pagar esse tributo do SENHOR em resgate de vossas vidas, os ricos não pagarão mais nem os pobres pagarão menos de meio siclo. ¹⁶Receberás dos filhos de Israel o dinheiro do resgate e o destinarás ao serviço da tenda do encontro. Para os filhos de Israel isso será, diante do SENHOR, um memorial do resgate de vossas vidas".

38,8; 1Rs 7,38; 2Rs 16,17; 2Cr 4,6 **A bacia.** ¹⁷O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁸"Farás uma bacia em bronze, com suporte de bronze, para as abluções. Tu a porás entre a tenda do encontro e o altar, e nela derramarás água. ¹⁹Aarão e seus filhos nela lavarão as mãos e os pés. ²⁰Quando entrarem na tenda do encontro, lavar-se-ão na água para não morrerem. Ou então, quando se aproximarem do altar para officiar, para queimar uma oferenda consumida para o SENHOR. ²¹Lavarão as mãos e os pés para não morrerem. Isto será para eles uma lei perene,

para ele e sua descendência, de geração em geração".

O óleo de unção e o incenso. ²²O SENHOR ^{37,29} dirigiu a palavra a Moisés: ²³"Providência também aromas de primeira qualidade de:

— mirra fluida: quinhentos siclos;
— cinamomo aromático: a metade, ou seja, duzentos e cinquenta siclos;
— cálam aromático: duzentos e cinquenta;

— ²⁴canela: quinhentos, em siclos de santuário, com um hin de óleo de oliva.

²⁵Com esses ingredientes farás o óleo santo de unção", mistura perfumada — obra de perfumista —; será o óleo de unção santa. ²⁶Com ele ungirás a tenda do encontro, a arca do Documento, ²⁷a mesa e todos os seus acessórios, o candelabro e seus acessórios, o altar dos perfumes, ²⁸o altar do holocausto e todos os seus acessórios, a bacia e seu suporte. ²⁹Tu os consagrarás e serão santíssimos; tudo o que os tocar será santo. ³⁰Também ungirás Aarão e seus filhos, tu os consagrarás para que exerçam o meu sacerdócio. ³¹Assim falarás aos filhos de Israel: "Este é o óleo de unção santa; a mim pertence, de geração em geração. ³²Não será derramado sobre o corpo de ninguém. Não imitareis a sua receita, pois é sagrado e permanecerá sagrado para vós. ³³Quem imitar esta mistura e a derramar sobre um profano será cortado de sua parentela".

³⁴O SENHOR disse a Moisés: "Providência essências aromáticas": estoraque, âmbar, gálbano perfumado e incenso puro, em partes iguais. ³⁵Com isso farás um perfume misturado — obra de perfu-

k. É o imposto pessoal para as necessidades do Templo, assunto tratado em Ne 10,33, mas com uma taxa diferente. Cf. Mt 17,24. A justificativa aduzida é ilustrada pela história do recenseamento de Davi, que ocasionou uma epidemia de peste. 2Sm 24,10-15.

l. Pois, diante de Deus, todas as vidas têm o mesmo valor.

m. *Óleo santo de unção*; também chamado *santo crisma*. Do termo hebr. referente à *unção* originou-se o nome *messias*; *crisma* provém da raiz grega correspondente, da qual se originou o nome *Cristo*. Com base nos usos profanos do óleo, a unção consagra as pessoas ou as coisas, impregnando-as de força (SI

92,11) e de alegria (SI 45,8; 104,15; 133,2). Quanto à unção dos reis, cf. 1Sm 10,1. Quanto à do sumo sacerdote, cf. Ex 29,7 nota. A unção do próprio santuário está ligada a um antigo costume de ungir as estelas (cf. Gn 28,18).

n. O sacrifício dos perfumes, indício de certo requinte (pois as essências perfumadas eram importadas da Arábia do Sul, cf. 1Rs 10,2; Jr 6,20), dava ao culto uma atmosfera de alegria. Significava a prece dos fiéis, conforme SI 141,2; Ap 5,8 e 8,4. Em Lv 16,2.13 é dado um outro sentido para a nuvem de incenso: cf. Ex 19,9 nota.

mista — salgado^o, puro, sagrado. ³⁶Convertermos uma parte dele em pó para ser posto diante do Documento, na tenda do encontro. Lá onde eu te encontrarei. Será santíssimo para vós. ³⁷E a receita do perfume que farás não será utilizada para o uso comum. Considerá-lo-ás consagrado ao SENHOR. ³⁸Quem dele fizer uma imitação para fruir do seu odor, será cortado da sua parentela”.

35,30-35

31 Os construtores do santuário. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²Vê: chamei pelo seu nome Beçalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. ³Eu o enchi com o espírito de Deus para que tenha sabedoria, inteligência, conhecimento e aptidão para todos os trabalhos: ⁴criação artística, escultura em ouro, prata e bronze, ⁵cinzeladura das pedras de guarnição, escultura em madeira, e toda espécie de trabalhos. ⁶Além disso, pus a seu lado Oholiab, filho de Ahisamak, da tribo de Dan, e infundi minha sabedoria no coração de cada sábio para que façam tudo o que eu te ordenei: ⁷a tenda do encontro, a arca para o Documento, o propiciatório que está por cima, ⁸todos os acessórios da tenda, a mesa e seus acessórios, o candelabro puro^o e todos os seus acessórios, o altar dos perfumes, ⁹o altar do holocausto e todos os seus acessórios, a hachá e seu

1Cr 2,20

suporte, ¹⁰as vestes litúrgicas^o, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão, as vestes que seus filhos hão de usar para exercer o sacerdócio, ¹¹o óleo de unção, o perfume a queimar para o santuário. Farão exatamente como eu te ordenei”.

O sábado. ¹²O SENHOR disse a Moisés: ^{35,1-3}

¹³“Dize aos filhos de Israel: Observareis, ainda, os meus sábados”, pois é um sinal entre vós e mim de geração em geração. ^{Ez 20,12}

para que se reconheça que sou eu, o SENHOR, que vos santifico. ¹⁴Guardareis o sábado, pois ele é sagrado para vós. Quem o profanar será morto. Sim, todo aquele que fizer algum trabalho nesse dia será eliminado do seio de sua parentela.

¹⁵Durante seis dias, cada qual fará o seu trabalho; no sétimo dia, porém, será sábado, cessação do trabalho, santidade para o SENHOR. Quem trabalhar no dia do sábado será morto. ^{Nm 15, 32-36}

¹⁶Os filhos de Israel guardarão o sábado para fazerem do sábado, de geração em geração, uma aliança perene. ¹⁷É para sempre, entre os filhos de Israel e mim, o sinal de que em seis dias o SENHOR fez o céu e a terra, mas que, no sétimo dia, ele cessou o trabalho e retomou alento”. ¹⁸Em seguida, tendo acabado de falar com Moisés sobre o monte Sinai, deu-lhe as duas tábuas do Documento, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus. ^{Is 24,5}

O BEZERRO DE OURO^o

Dt 9,7-

10,11;

Sl 106,

19-23

32 Ruptura da aliança. ¹O povo viu que Moisés tardava em descer da montanha. O povo reuniu-se em torno

de Aarão e disse-lhe: “Levanta-te! Faze-nos deuses que andem à nossa frente”, porque não sabemos o que aconteceu a ^{At 7,39-41}

o. As antigas versões traduziram: *bem misturado*.

p. Por causa do *ouro puro* de que é feito (25,31).

q. Termo hebr. de sentido incerto. Traduzido de acordo com as antigas versões.

r. Apesar de todo o trabalho que acaba de ser encomendado. Cf. 25,1 nota.

s. Cf. 20,8 nota.

t. Os caps. 32-34 recolheram tradições “javistas” e “eloístas”, mas a sua identificação exata é muito difícil. O texto como tal é uma reflexão sobre a aliança rompida e depois refeita. O povo pecador está sob a cólera de Deus (32,10); mas em resposta à prece de Moisés (32,11-13, 31-32; 33,12-16), à atuação enérgica dos levitas que permaneceram fiéis (32,25-29) e à penitência do

povo (33,4-6), Deus dá o seu perdão (32,14) — ele não castiga sem discernimento (32,33) nem imediatamente (32,34). Renova a sua aliança (34,1-28) e concede ao povo o benefício de ter sempre presente um profeta como Moisés (34,29-35). As antigas tradições que estão na base desse texto atestam a luta que Moisés deve ter sustentado para manter a pureza da aliança. A redação definitiva foi igualmente influenciada pela luta dos profetas (cf. Am 4,4; 5,5; 7,10-17; Os 8,5-6; 10,5) contra os bezerros erigidos por Jeroboão em Betel e em Dan (1Rs 12,26-33).

u. Pedindo que lhe sejam feitos deuses, o povo é infiel à segunda cláusula do decálogo (20,4). Quer possuir um ídolo, isto é, um objeto que, sem ser Deus, torne de certo modo Deus

esse Moisés, o homem que nos fez subir da terra do Egito. ²Aarão lhes disse: "Despojai-vos dos brincos de ouro que estão nas orelhas de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossas filhas, e trazei-mos". ³Todo o povo tirou os brincos de ouro, que tinham nas orelhas, e os levou a Aarão. ⁴Tomando o ouro das mãos deles, trabalhou-o com o buril para com ele fazer uma estátua de bezerro". Então disseram: "Estes são os teus deuses, Israel, aqueles que te fizeram subir da terra do Egito!" ⁵Vendo isso, Aarão construiu um altar diante da estátua. Em seguida, Aarão proclamou: "Amanhã, festa para o SENHOR!" ⁶No dia seguinte, desde o levantar, ofereceram holocaustos e apresentaram sacrifícios de paz. O povo sentou-se para comer e beber e levantou-se para se divertir.

⁷O SENHOR falou a Moisés: "Desce, pois o teu povo se perverteu, este povo que fizeste subir da terra do Egito. ⁸Não demoraram em se desviar do caminho que eu lhes havia prescrito. Fizeram para si uma estátua de bezerro, prosternaram-se diante dela, ofereceram-lhe sacrifícios e disseram: 'Estes são os teus deuses, Israel, aqueles que te fizeram subir da terra do Egito'". ⁹E o SENHOR disse a Moisés: "Estou vendo esse povo! É, na realidade, um povo de dura cerviz! ¹⁰E agora, deixa-me agir: que minha cólera se inflame contra eles. Vou eliminá-los. E farei de ti uma grande nação".

¹¹Moisés, porém, aplacou a face do SENHOR, seu Deus, dizendo: "Por que, SENHOR, tua cólera quer se inflamar contra o teu povo, que fizeste sair da terra do Egito, com grande poder e com mão

forte"? ¹²Por que diriam os egípcios: 'É por maldade que ele os fez sair! para matá-los nas montanhas! para apagá-los da face da terra!' Volta atrás do ardor da tua cólera e renuncia a fazer mal a teu povo. ¹³Lembra-te de Abraão, de Isaac e de Israel, teus servos, aos quais juraste por ti mesmo, aos quais dirigiste esta palavra: 'Eu multiplicarei a vossa descendência como as estrelas do céu, e toda esta terra de que falei, eu a darei à vossa descendência e eles a receberão como patrimônio para sempre'. ¹⁴E o SENHOR renunciou ao mal que — como havia dito — queria fazer ao seu povo.

¹⁵Moisés regressou e desceu da montanha com as duas tábuas do Documento na mão, tábuas escritas dos dois lados, escritas de uma parte e da outra; ¹⁶as tábuas eram obra de Deus e a escrita era a escrita de Deus, gravada sobre as tábuas. ¹⁷Josué ouviu o barulho das aclamações do povo e disse a Moisés: "Barulho de guerra no acampamento!". ¹⁸Mas Moisés disse:

"Não é nem o som dos cantos de vitória,

nem o som dos cantos de derrota. O que ouço é som de cantorias!"

¹⁹Ora, ao aproximar-se do acampamento, ele viu o bezerro e as danças. Moisés inflamou-se de cólera: arremessou as tábuas das mãos e as quebrou no sopé da montanha. ²⁰Tomando o bezerro que tinham feito, queimou-o, reduziu-o a pó, esparramou-o na superfície da água e fez com que os filhos de Israel a bebessem'.

²¹Moisés disse a Aarão: "Que te fez esse povo para o induzires a tão grande pecado?" ²²Aarão respondeu: "Que a cólera

Gn 12,7;
22,16-17;
26,3; 28,13

Nc 9,18

1Cor 10,7

33,3,5; 34,9;
Dt 9,6,13;
Pr 29,1;
Sr 16,11;
Br 2,30;
Al 7,51
Nm 14,12

Nm 14,13 20

visível e palpável. Significa rejeitar o Deus livre e invisível do Sinai para querer um Deus do qual se possa dispor à vontade, ainda que aparentemente a ele obedecendo.

v. O *buril* serve para gravar placas de metal que cobrem uma fôrma em madeira. Outros, porém, traduzem: *fez fundir num molde*.

w. Quanto às estelas do antigo Oriente, o deus da tempestade era por vezes representado de pé sobre um touro novo, símbolo de força e de fecundidade. Aqui, o *bezerro* (ou touro novo) não é propriamente divinizado, mas é o pedestal da divindade, mais ou menos como os querubins no templo de Jerusalém. A ima-

gem do bezerro, porém, foi banida do culto de Israel por causa de suas ligações com os mitos naturistas cananeus.

x. Cf. Gn 12,2. Deus fala de recomeçar tudo só com Moisés, como o tinha feito com Abraão.

y. Permanecendo solidário com o povo pecador, Moisés age como um verdadeiro profeta: Ism 12,19,23; Am 7,2-3 (cf. Sl 106,23). A sua intercessão não se baseia nos méritos do povo, mas na honra do próprio Deus e na fidelidade às suas promessas.

z. Esse último verbo não se acha em Dt 9,21. Trata-se talvez de um oráculo (teste judiciário, cf. Nm 5,11-28) para designar os verdadeiros culpados, os três mil que vão ser condenados (v. 28).

de meu senhor não se inflame! Tu mesmo sabes que o povo está infeliz. ²³Disseram-me: 'Faze-nos deuses que andem à nossa frente, porque esse Moisés, o homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu'. ²⁴Então eu lhes perguntei: 'Quem tem ouro?' Tirando-o de suas orelhas, deram-no a mim. Joguei-o ao fogo e saiu esse bezerro".

²⁵Moisés viu que o povo estava no abandono, que Aarão o havia abandonado, expondo-o à zombaria de seus adversários. ²⁶Moisés então se plantou na entrada do acampamento e disse: "Quem estiver do lado do SENHOR venha a mim!" Todos os filhos de Levi reuniram-se em volta dele. ²⁷Ele lhes disse: "Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: 'Cingi todos a espada à cintura, passai e repassai pelo acampamento de porta em porta e matai, quem o seu irmão, quem o seu amigo, quem o seu vizinho!'" ²⁸Os filhos de Levi executaram a palavra de Moisés e houve cerca de três mil mortos no meio do povo.

Dt 33,9

²⁹Moisés disse: "Recebi hoje a investidura da parte do SENHOR, cada um ao preço até mesmo de seu filho e de seu irmão. E que ele hoje vos dê a bênção".

³⁰Ora, no dia seguinte, Moisés disse ao povo: "Cometestes um grande pecado, mas agora vou subir para junto do SENHOR. Talvez eu alcance a absolvição do vosso pecado". ³¹Moisés voltou ao SENHOR e disse: "Infelizmente, esse povo cometeu um grande pecado: fizeram para si deuses de ouro. ³²Mas agora, se quiseres tirar o pecado deles... Se não, riscar-me do livro^a que escreveste". ³³O SENHOR respondeu a Moisés: "Aquele que pecou contra mim, esse será riscado do

Rm 9,3

meu livro^c. ³⁴E, agora, vai! Conduze o povo para o lugar que te indiquei. E o meu anjo andará adiante de ti. Mas no dia do ajuste de contas, eu os farei pagar pelo seu pecado". ³⁵E o SENHOR feriu o povo por ter fabricado o bezerro, esse que Aarão fizera.

Is 43;
Sl 69,29;
Dn 12,1;
Ap 3,5

33 Renovação da aliança. 'O SENHOR'

falou a Moisés: "Deixa esse lugar, tu e o povo que fizeste subir da terra do Egito, e sobe para a terra que prometi, com juramento, a Abraão, a Isaac e a Jacó, dizendo-lhes: 'É à tua descendência que a dou'. ²Enviarei um anjo diante de ti e expulsarei o canaanita, o emorita e o hetita, o perizita, o hivitita e o iebusita^d. ³Sobe para a terra que mana leite e mel. Eu não posso subir para lá no meio de ti, porque és um povo de dura cerviz e eu te exterminaria ainda a caminho". ⁴O povo ouviu esta palavra de desgraça e ficou de luto. Ninguém vestiu roupas de festa.

23,20

32,9

⁵O SENHOR disse a Moisés: "Dize aos filhos de Israel: 'Sois um povo de dura cerviz. Bastaria que eu ficasse um só instante no meio de vós, e já vos exterminaria. Pois bem! Despi-vos dos vossos trajes de festa, e saberei o que vos devo fazer". ⁶Então, a partir do monte Horeb, os filhos de Israel se desfizeram dos seus trajes festivos.

⁷Tomando a tenda, Moisés a armava^f a certa distância do acampamento chamando-a: "Tenda do encontro". E então, quem quisesse procurar o SENHOR saía na direção da tenda do encontro, que se achava fora do acampamento^g. ⁸E quando Moisés ia para a tenda, todo o povo se levantava, ficando cada um na en-
trada

Nm 12,4-8

a. O texto desse v. é muito incerto. Quanto à instituição do sacerdócio levítico, cf. Dt 33,9.

b. O texto talvez faça alusão às listas feitas por ocasião dos recenseamentos. Ser riscado dessas listas significava não fazer mais parte do povo.

c. Quanto à recusa da responsabilidade coletiva, cf. 20,6 nota.

d. Sem ligação aparente entre si, os parágrafos do cap. 33 estão, contudo, imbuídos da mesma inquietação já afirmada em 32,1: como irá Deus acompanhar o povo que deixa o Sinai? —

e acentuada em 32,34: o povo, que se tornou pecador, deve desesperar de ter a presença de Deus em seu meio?

f. Esse v., que faz a ligação com 32,34, separa os vv. 1 e 3, que formam uma só frase em hebr.

g. Lit. *armou-a para ele*, isto é, para Deus ou para Moisés ou para a arca (este termo é masculino em hebr.).

h. Segundo a tradição "sacerdotal", a tenda foi erguida no acampamento israelita (cf. Nm 2,2). Aqui ela é posta fora do acampamento: talvez pelo fato de se considerar o acampamento manchado pelo pecado. É preciso sair para encontrar a Deus.

da de sua tenda seguindo Moisés com os olhos até ele entrar na tenda. ⁹E, quando Moisés acabava de entrar na tenda, a coluna de nuvem descia, permanecendo na entrada da tenda, e falava com Moisés. ¹⁰Todo o povo via a coluna de nuvem parada sobre a entrada da tenda. Todos se levantavam e cada qual se prosternava na entrada da própria tenda.

^{Dr 34,10} ¹¹O SENHOR falava a Moisés, face a face, como se fala de pessoa a pessoa. Depois Moisés voltava ao acampamento, enquanto seu auxiliar, o jovem Josué, filho de Nun, não abandonava o interior da tenda.

^{Sr 46,1}

¹²Moisés disse ao SENHOR: "Vê! Tu mesmo me diseste: 'Faze subir este povo', mas não me deste a conhecer aquele que enviarás comigo. E, no entanto, havias declarado: 'Eu te conheço pelo nome', e também: 'Encontraste graça aos meus olhos'. ¹³Agora, pois, se verdadeiramente encontrei graça aos teus olhos, faze-me conhecer teu caminho e eu te conhecerei; assim, terei realmente encontrado graça aos teus olhos. E mais: considera que esta nação é o teu povo!"

^{SI 25,4}

¹⁴O SENHOR disse: "Irei em pessoa^b te dar sossego?" ¹⁵Moisés lhe respondeu: "Se não vieres em pessoa^a, não nos faças subir daqui. ¹⁶E com base em que poderemos reconhecer que eu e o teu povo encontramos graça aos teus olhos? Não será quando andares conosco e pelo fato de sermos, eu e o teu povo, diferentes de qualquer outro povo existente sobre a face da terra?" ¹⁷O SENHOR respondeu a Moisés: "O que acabas de dizer, eu te farei também, pois encontraste graça aos meus olhos e te conheço pelo nome".

^{Jz 3,11;}
^{SI 95,11;}
^{Hb 4,1-11}

¹⁸Moisés disse: "Faze-me portanto ver ^{Jo 1,14} a tua glória!" ¹⁹Ele respondeu: "Farei passar sobre ti todos os meus benefícios e proclamarei diante de ti o nome de 'SENHOR'. Concedo minha benevolência ^{3,15} a quem concedo benevolência e faço misericórdia a quem faço misericórdia^k". ^{Rm 9,15} ²⁰Ele disse: "Não podes ver a minha face, porque o humano não é capaz de me ver e continuar em vida". ²¹O SENHOR disse: "Eis aqui um lugar perto de mim. Ficará sobre o rochedo. ²²E quando a minha glória passar, eu te porei na fenda da rocha, abrigando-te com a mão, enquanto eu passar. ²³Em seguida, retirarei a mão e tu me verás de costas. A minha face, porém, não pode ser vista".

^{Dr 5,24;}
^{Jz 6,22-23;}
^{Is 6,5}

^{IRs 19,13}

34 ¹O SENHOR disse a Moisés: "Talha duas tábuas de pedra, como as primeiras. Escreverei sobre essas tábuas as mesmas palavras que escrevi sobre as primeiras, que tu quebraste. ²Estejas pronto para amanhã cedo. Ao amanhecer subirás ao monte Sinai e te prosternarás diante de mim, lá, no cume da montanha. ³Ninguém subirá contigo; não se veja ^{19,12-13} pessoa alguma em toda a montanha. Nem mesmo ovelhas e bois. Que eles não passem diante dessa montanha". ⁴Moisés talhou tábuas de pedra como as primeiras. Levantou-se bem de madrugada e, como o SENHOR lhe havia ordenado, subiu ao monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas de pedra.

^{31,18}

^{19,11}

⁵O SENHOR desceu na nuvem, permaneceu lá com ele, e Moisés^l proclamou o nome de "SENHOR". ⁶O SENHOR passou diante dele^m, proclamando: "O SENHOR, o SENHOR, Deus misericordioso e bene-

^{19,16}

^{Nm 14,18;}
^{Dr 4,31;}
^{Jl 2,13;}

h. Lit. *minha face irá*.

i. Lit. *se a tua face não vier*.

j. Ao pedido de Moisés, que quer se aproximar tanto quanto possível da realidade de Deus, o texto dá três respostas justapostas, como se o autor não se sentisse autorizado a simplificar o problema: 1. Não é possível conhecer a própria glória de Deus (isto é, sua realidade íntima), mas os efeitos de sua bondade, sua graça e sua ternura, que não são anônimos, mas vêm de Alguém que deu o seu nome: o Senhor (v. 19). 2. Deus mesmo permanece incognoscível, enquanto o homem vive sobre a terra (v. 20). 3. É possível ver Deus *de costas*, quer dizer, depois que ele passa, podem-se constatar os efeitos de sua glória na história e na criação. Mas não é possível *vê-lo na face*, isto é, de frente:

seria prever a sua ação, fixar-lhe um programa, ao passo que ele é soberanamente livre (vv. 21-23).

k. Gramaticalmente, pode ser uma fórmula evasiva (concedo minha benevolência a quem me agrada) ou uma afirmação reforçada (quando a concedo, minha benevolência é eficaz). Pelo contexto o segundo sentido é mais provável.

l. Lit. *ele proclamou*. Não estando expreso o sujeito, poderíamos também entender que Deus mesmo proclamou o seu nome.

m. Como a conclusão da aliança (cap. 19), a sua renovação (cf. v. 10) também é precedida de uma manifestação de Deus. Esta manifestação responde à promessa de 33,19-23 e revela que Deus é Senhor, porque é amor e perdão.

Jn 4,2; Na 1,3; Sl 78,38; 86,15; 103,8; 111,4; 112,4; 116,5; 145,8; Ne 9,17,31; 2Cr 30,9; Tg 5,11

volente, lento para a cólera, cheio de fidelidade e lealdade,⁷que permanece fiel a milhares de gerações, que suporta a iniquidade, a revolta e o pecado, mas que não deixa passar nada, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e a quarta geração".

8Moisés imediatamente se ajoelhou e se prosternou.⁹E disse: "Se verdadeiramente encontrei graça aos teus olhos, ó SENHOR, que o SENHOR ande no meio de nós. Este é um povo de dura cerviz, mas perdoarás a nossa falta e o nosso pecado, e farás de nós o teu patrimônio".

10Deus disse: "Vou firmar uma aliança. Diante de todo o teu povo, realizarei maravilhas, tais como não foram criadas em nenhuma parte sobre a terra e em nenhuma nação. E todo este povo que te cerca verá que é terrível a obra do SENHOR, a que vou realizar contigo. 11Observa bem o que hoje te ordeno. Vou expulsar diante de ti o emorita, o cananita, o hetita, o perizita, o hivitita e o ieubusita. 12Guarda-te de firmar aliança com os habitantes da terra para onde vais subir, pois seria uma armadilha no meio de ti. 13Mas demolireis os seus altares. Quebrareis as suas estelas". Despedaça-reis os vasos sagrados. 14Por conseguinte":

20,5 Não te prosternarás diante de outro deus, porque o nome do SENHOR é "Ciumento". Ele é um Deus ciumento. 15Não firmarás aliança com os habitantes da terra: ao se prostituírem com seus deuses e ao sacrificarem aos seus deuses, eles te chamariam e tu comerias de seus sacrifícios. 16Caso tomasses suas fi-

lhas para teus filhos, suas filhas se prostituíam com os seus deuses e levariam teus filhos a se prostituírem com eles.

17Não farás deuses em forma de estátua.

18Observarás a festa dos pães sem fermento⁹. Durante sete dias comerás pães sem fermento — é o que te ordenei — no tempo fixado do mês das Espigas, pois foi no mês das Espigas que saíste do Egito.

19Tudo o que abre o útero materno a mim pertence. Assim, farás de todo o teu rebanho ocasião de memorial¹, seja o primogênito do boi ou do cordeiro. 20O primogênito do jumento, porém, será resgatado com um cordeiro. Se não o resgatares, quebrar-lhe-ás a nuca². Resgatarás todo primogênito de teus filhos. E ninguém virá ver-me de mãos vazias.

21Trabalharás seis dias, mas no sétimo dia cessarás³, mesmo no período do amanho da terra ou das colheitas, tu cessarás.

22Celebrarás uma festa das Semanas⁴ para as primícias da ceifa do trigo — e a festa da Colheita⁵, no fim do ano.

23Três vezes por ano, todos os homens virão *ou a face*⁶ daquele que é Dono, o SENHOR, o Deus de Israel. 24Com efeito, quando eu tiver desapossado as nações diante de ti e houver alargado o teu território, ninguém cobiçará a tua terra no momento em que subires para ver a face do SENHOR, teu Deus, três vezes por ano.

25Não imolarás para mim sacrifícios sangrentos acompanhados de pão fermentado. A vítima sacrificada para a festa da Páscoa não pernoitará até o dia seguinte.

n. As *estelas* (pedras erguidas) podiam constituir a lembrança de um compromisso (cf. Gn 31,51-52; Ex 24,4; Js 24,26-27), o memorial de um falecido (cf. Gn 35,20; 2Sm 18,18) ou o sinal de uma presença divina (cf. Gn 28,18 nota); foram condenadas à medida que ofereciam o risco de serem assimiladas a ídolos talhados em pedra (cf. Lv 26,1).

Os *postes sagrados* (hebr. *asherá*) eram objetos de madeira, erguidos nos santuários cananeus em honra da deusa *Asherá* (cf. 1Rs 15,13 nota), mãe de Baal e protetora da vegetação. Cf. Dt 16,21; Jz 6,25-32.

o. Os vv. 14-26 são, por vezes, chamados o "decalógo javista" ou o "decalógo ritual" (cf. v. 28), mas não há acordo sobre a maneira de contar dez mandamentos. Representam uma tradição

preocupada com a pureza da fé e do culto. O texto é bastante próximo de 23,12-19.

p. Dizer que Deus é *ciumento* é afirmar que seu amor não tolera rivais. Não é ciumento com relação aos homens, mas a outros deuses, aos quais queriam associá-lo.

q. Sobre a festa dos pães sem fermento, cf. Ex 12,15 nota. r. Texto obscuro. Muitos corrigem de acordo com as versões antigas: *como também todo macho primogênito de teu rebanho, boi ou ovelha*. Quanto aos primogênitos, cf. Ex 13,12 nota.

s. Cf. 13,12 nota.

t. Verbo *shubut*. Cf. 20,8 e 23,12.

u. Cf. 23,16 nota.

v. Cf. 23,16 nota.

w. Cf. 23,17 nota.

23.19 ²⁶Trarás os primeiríssimos frutos de teu solo à casa do SENHOR, teu Deus.

Não cozinharás cabrito no leite de sua mãe”.

²⁷O SENHOR disse a Moisés: “Registra estas palavras, pois é com base nestas palavras que eu firmo uma aliança contigo e com Israel”. ²⁸Esteve, pois, ali com o SENHOR, quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão; não bebeu água. E escreveu sobre as tábuas as palavras da aliança, as dez palavras.

2Cor 3,7-18 ²⁹Ora, quando Moisés desceu do monte Sinai, tendo na mão as duas tábuas do Documento, ao descer da montanha, ele mesmo, Moisés, não sabia que a pele do seu rosto ficara irradiante⁹ ao falar com o SENHOR⁸. ³⁰Aarão e todos os filhos de Israel viram Moisés: a pele do

seu rosto irradiava! Temiam aproximar-se dele. ³¹Moisés os chamou; então, Aarão e todos os responsáveis pela comunidade aproximaram-se dele e Moisés lhes dirigiu a palavra. ³²Em seguida, aproximaram-se todos os filhos de Israel e ele lhes comunicou todas as ordens que o SENHOR lhe havia dado, sobre o monte Sinai. ³³Acabando de falar com eles, Moisés estendeu um véu sobre o rosto. ³⁴Quando entrava diante do SENHOR para falar com ele, retirava o véu até a hora da saída. Ao sair, comunicava aos filhos de Israel as ordens recebidas. ³⁵Os filhos de Israel viam que a pele do rosto de Moisés irradiava. Então Moisés voltava a pôr o véu sobre o rosto, até que voltasse a falar com o SENHOR⁸.

INSTAURAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES CULTUAIS^b

31.12-17 **35** O sábado. ¹Moisés reuniu toda a comunidade dos filhos de Israel e lhes disse: “Estas são as palavras que o Senhor mandou pôr em prática: ²durante seis dias cada qual fará o seu trabalho; no sétimo, porém, haverá para vós santidade, o sábado, cessação do trabalho para o SENHOR. Quem trabalhar nesse dia será morto. ³Onde quer que habiteis, não acendereis fogo em dia de sábado”.

A generosidade do povo e a habilidade dos operários. ⁴Moisés disse a toda a comunidade dos filhos de Israel: “Esta é a palavra que o SENHOR ordenou: ⁵Arrecadai entre vós um tributo para o SENHOR; todo coração generoso trará o tributo do SENHOR: ouro, prata, bronze, ⁶púrpura roxa e púrpura vermelha, carmesim brilhante, linho, pêlo de cabra, ⁷peles de carneiro tingidas de vermelho, peles de delfim, madeira de acácia, ⁸óleo para a luminária, aromas para o óleo de unção

e o perfume para queimar, ⁹pedras de berilo e pedras para ornar o efod e o peitoral. ¹⁰E que venham todos os sábios entre vós e executem tudo o que o SENHOR ordenou: ¹¹a morada com sua tenda, sua cobertura, seus ganchos, seus quadros, suas vigas, suas colunas com seus socos; ¹²a arca com suas barras, o propiciatório, o véu de separação; ¹³a mesa com suas barras, todos os acessórios e o pão de oferenda; ¹⁴o candelabro da luminária com seus acessórios, as lâmpadas e o óleo da luminária; ¹⁵o altar dos perfumes com suas barras, o óleo de unção, o perfume para queimar e a cortina da entrada, no ingresso da morada; ¹⁶o altar do holocausto com sua grelha de bronze, suas barras e todos os seus acessórios; a bacia com o seu suporte; ¹⁷os cortinados do átrio com suas colunas e seus socos e com a cortina da porta do átrio; ¹⁸as estacas da morada, as estacas do átrio e suas cordas; ¹⁹as vestes

x. Cf. 23,19 nota.

y. Em hebraico, *qaran* assemelha-se a *qéren*, que significa *chifre*. Daí a tradução da Vulg.: *seu rosto era cornudo*, e a iconografia correspondente (por exemplo, o *Moisés* de Miguelângelo). — Esta passagem sublinha a intimidade de

Moisés com Deus.

z. Lit. *com ele*.

a. Lit. *com ele*.

b. Os caps. 35-40 descrevem a execução das ordens dadas em 25-31. Remetemos às notas desses capítulos.

litúrgicas para officiar no santuário, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e as vestes que seus filhos usarão para exercer o sacerdócio”.

²⁰Toda a comunidade dos filhos de Israel retirou-se da presença de Moisés. ²¹Então, vieram todos os de coração animado e de espírito generoso, trazendo o tributo do SENHOR para as obras da tenda do encontro, para todo o seu serviço e para as vestes sagradas. ²²Vieram tanto homens como mulheres. Cada coração generoso trouxe broches, brincos, anéis, esferas — todos objetos de ouro, que cada um oferecia ao SENHOR com o gesto de apresentação do ouro. ²³Todo homem em cuja casa houvesse púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante, linho, pêlo de cabra, peles de carneiro tingidas de vermelho ou peles de delfins, trouxe essas coisas. ²⁴Quem tinha arrecadado um tributo de prata ou de bronze, trouxe este tributo para o SENHOR. Todo homem em cuja casa houvesse madeira de acácia, trouxe-a para todas as obras do serviço. ²⁵Todas as mulheres dotadas de sabedoria teceram com suas mãos e trouxeram, já prontos, a púrpura roxa e a púrpura vermelha, o carmesim brilhante e o linho. ²⁶Todas as mulheres dotadas de sabedoria teceram o pêlo de cabra. ²⁷Os responsáveis trouxeram as pedras de berilo e as pedras para ornar o efod e o peitoral, ²⁸como também os aromas e o óleo para a luminária, o óleo de unção e o perfume para queimar. ²⁹Homens ou mulheres, movidos por um coração generoso a trazerem o que era necessário para a obra que o SENHOR ordenara por intermédio de Moisés, todos eles, enquanto filhos de Israel, trouxeram tudo isso generosamente ao SENHOR.

pedras de guarnição, escultura em madeira e toda sorte de trabalhos artísticos. ³⁴Infundiu o dom de ensinar em seu coração, como também no de Oholiab, filho de Aãisamak, da tribo de Dan. ³⁵Encheu-os de sabedoria, para executarem todos os trabalhos do cinzelador, do artista, do bordador em púrpura roxa e em púrpura vermelha, em carmesim brilhante e linho, do tecelão — operários de toda profissão e artistas.

36 “Beçalel, Oholiab e todos os sábios em quem o SENHOR infundiu sabedoria e inteligência para saberem executar todas as obras do serviço do santuário, todos eles executarão tudo o que o SENHOR ordenou”.

²Moisés chamou Beçalel, Oholiab e todo homem cujo coração o SENHOR tinha enchido de sabedoria, para assumirem e executarem os trabalhos como voluntários. ³Recolheram, de junto de Moisés, todo o tributo que os filhos de Israel haviam trazido em vista dos trabalhos do serviço do santuário e de sua execução. Mas como ainda lhe trouxessem generosamente, manhã após manhã, ⁴todos os sábios que executavam as diversas obras do santuário deixaram um a um a obra de que se ocupavam, ⁵e disseram a Moisés: “O povo traz muito mais do que é preciso para os trabalhos que o SENHOR ordenou executar!” ⁶Moisés deu uma ordem, que foi comunicada no acampamento: “Que os homens e as mulheres parem de arrecadar tributo para o santuário!” O povo foi dissuadido de trazer mais. ⁷A arrecadação foi suficiente para a execução das obras e ainda sobrou.

A morada. ⁸Os operários mais experientes fizeram a morada com dez tapeçarias de linho retorcido, púrpura roxa, púrpura vermelha e carmesim brilhante. Fizeram querubins — obra de artista. ⁹Comprimento de uma tapeçaria: vinte e oito côvados. Largura de uma tapeçaria: quatro côvados. Todas as tapeçarias tinham as mesmas dimensões. ¹⁰Ele uniu cinco tapeçarias uma à outra, e as cinco outras,

31.1-11 ³⁰Moisés disse aos filhos de Israel: “Vede! O SENHOR chamou pelo nome Beçalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. ³¹Encheu-o do espírito de Deus para que tenha sabedoria, inteligência, conhecimento e aptidão para todos os afazeres: ³²criação artística, trabalhos em ouro, prata e bronze, ³³cinzeladura das

1Cr 29.
14-18

Ex 26

igualmente as uniu uma à outra. ¹¹Fez laçadas de púrpura roxa na franja da primeira tapeçaria, na extremidade do conjunto, e fez o mesmo na franja da última tapeçaria do segundo conjunto. ¹²Deu cinquenta laçadas na primeira tapeçaria e cinquenta laçadas na extremidade da tapeçaria do segundo conjunto, de modo a corresponderem entre si. ¹³Fez cinquenta ganchos de ouro, juntou as tapeçarias uma à outra por meio dos ganchos, e assim a Morada formou um todo.

¹⁴Em seguida, fez tapeçarias com pêlo de cabra para formar uma tenda por cima da Morada. Foram confeccionadas onze. ¹⁵Comprimento de uma tapeçaria: trinta côvados. E quatro côvados de largura. As mesmas dimensões para as onze tapeçarias. ¹⁶Ele juntou cinco tapeçarias à parte, e seis tapeçarias à parte. ¹⁷Deu cinquenta laçadas na franja da última tapeçaria do primeiro conjunto e cinquenta laçadas na franja da correspondente tapeçaria do segundo conjunto. ¹⁸Fez cinquenta ganchos de bronze para juntar a tenda num só conjunto. ¹⁹E fez para a tenda uma cobertura com peles de carneiro tingidas de vermelho, e sobre ela uma cobertura com peles de delfim.

²⁰Em seguida, fez os quadros para a Morada, em madeira de acácia, deixando-os em pé. ²¹Cada quadro tinha dez côvados de comprimento e um côvado e meio de largura. ²²Em cada quadro havia dois encaixes justapostos. Fez assim todos os quadros da Morada. ²³Desses quadros para a Morada, ele fez vinte em direção do Négueb, para o sul; ²⁴sob os vinte quadros fez quarenta suportes de prata: dois socos sob um quadro para os seus dois encaixes, em seguida dois socos sob outro quadro, para os seus dois encaixes. ²⁵Quanto ao outro lado da Morada, na direção norte, fez vinte quadros ²⁶com seus quarenta socos de prata, dois socos sob um quadro e dois socos sob outro quadro. ²⁷E no fundo da Morada, em direção ao mar, fez seis quadros; ²⁸fez igualmente dois quadros como contrafortes da Morada,

no fundo; ²⁹estavam mais distanciados na base, mas terminavam juntos no cume à altura da primeira argola: foi o que ele fez com estes dois quadros, ou seja, com os dois contrafortes. ³⁰Havia, portanto, oito quadros com seus socos de prata: dezesseis socos, dois sob cada quadro.

³¹Em seguida, fez as vigas em madeira de acácia: cinco para os quadros do primeiro lado da Morada, ³²cinco para os quadros do segundo lado da Morada, cinco para os quadros do lado da Morada que dá para o fundo, em direção ao mar. ³³Dispôs a viga mediana de modo a atravessar os quadros, a meia altura, de uma ponta à outra. ³⁴Revestiu de ouro os quadros e as barras, fazendo também de ouro as argolas para aí encaixar as barras de ouro.

³⁵Em seguida fez um véu de púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido; e ele fez querubins — obra de artista. ³⁶Para sustentar o véu fez quatro colunas de acácia, que revestiu de ouro, com ganchos também de ouro. Fundiu quatro socos de prata para as colunas.

³⁷Também para a entrada da tenda ele fez uma cortina de púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido — obra de bordador —, ³⁸com suas cinco colunas, seus ganchos, seus capitéis e suas molduras, que revestiu de ouro, e seus cinco socos de bronze.

37 O interior: arca, mesa, candelabro, altar dos perfumes. ¹Em seguida, Bešalel fez a arca em madeira de acácia. Tinha dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura, um côvado e meio de altura. ²Revestiu-a de ouro por dentro e por fora, envolvendo-a numa moldura de ouro. ³Forjou para ela quatro argolas de ouro fixadas nos seus quatro pés: duas argolas de um lado e duas argolas do outro. ⁴Fez barras de madeira de acácia e revestiu-as de ouro. ⁵Depois introduziu as barras nas argolas dos lados da arca, para transportar a arca.

25,10-40;
30,1-10,
22-38

⁶Em seguida fez um propiciatório em ouro puro, com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura. ⁷Fez também dois querubins de ouro, fundindo-os nas duas extremidades do propiciatório, ⁸um querubim em uma extremidade, outro querubim noutra extremidade. Ele fez os querubins destacando-se do propiciatório, a partir de suas duas extremidades. ⁹Os querubins estendiam suas asas para o alto para proteger o propiciatório com suas asas; ficavam um em face do outro e olhavam para o propiciatório.

¹⁰Em seguida fez a mesa de madeira de acácia com dois côvados de comprimento, um côvado de largura e um côvado e meio de altura. ¹¹Revestiu-a de ouro puro, emoldurando-a com um friso de ouro. ¹²Cercou-a com uma borda de um palmo, emoldurando a borda com um friso de ouro. ¹³Fundiu quatro argolas de ouro, fixando-as nos quatro cantos dos quatro pés da mesa. ¹⁴Bem junto da borda foram fixadas as argolas para as barras que servem para erguer a mesa. ¹⁵Fez as barras com madeira de acácia, revestindo-as de ouro, de modo a servirem para erguer a mesa. ¹⁶Fez de ouro puro os acessórios da mesa — pratos, taças, tijelas e jarras — com os quais se devem verter as libações.

¹⁷Em seguida fez o candelabro em ouro puro; ele fundiu o candelabro: sua base e sua haste, suas corolas, seus botões e suas flores, que formavam um todo com ele. ¹⁸Seis ramos saíam de seus lados, três ramos de um lado do candelabro e três ramos do outro lado do candelabro. ¹⁹Sobre um ramo havia três corolas em forma de amêndoa com botão e flor, e sobre o outro ramo três corolas em forma de amêndoa com botão e flor: o mesmo para as seis ramos que saíam do candelabro. ²⁰No próprio candelabro, quatro corolas em forma de amêndoa com botões e flores: ²¹um botão sob os dois primeiros ramos que saem do candelabro, outro botão sob os dois ramos seguintes que saem do candelabro, um

botão sob os dois últimos ramos que saem do candelabro: o mesmo para os seis ramos que saem do candelabro. ²²Botões e ramos formavam um todo com o candelabro, que fora fundido em uma só peça de ouro puro. ²³Fez também sete lâmpadas, com espevitadeiras e arandelas de ouro puro. ²⁴O candelabro e todos os seus acessórios, ele os fez com um talento de ouro puro.

²⁵Em seguida, fez em madeira de acácia o altar dos perfumes: um côvado de comprimento, um côvado de largura — era quadrado —, dois côvados de altura. Seus chifres formavam um todo com ele. ²⁶Revestiu-o com ouro puro — a parte de cima, as paredes em volta e os chifres do altar —, dando-lhe também uma moldura de ouro. ²⁷Debaixo da moldura, nos seus dois lados, nos dois flancos, fixou duas argolas de ouro por onde passam as barras que servem para carregar o altar. ²⁸Fez as barras em madeira de acácia e revestiu-as de ouro. ²⁹Fez o óleo da unção santa e o perfume puro para queimar — obra de perfumista.

38 O exterior: altar, bacia, átrio. ¹Em seguida fez o altar dos holocaustos em madeira de acácia: cinco côvados de comprimento, cinco côvados de largura — era quadrado — e três côvados de altura. ²Nos quatro ângulos fez chifres, que formavam um todo com o altar. Revestiu-o de bronze. ³Fez todos os acessórios do altar: os recipientes, as pás, os aspersórios, os garfos e os braseiros, acessórios que ele fez em bronze. ⁴Fez uma grelha para o altar em forma de uma rede de bronze, sob a borda do altar, da base até meia altura. ⁵Soldou quatro argolas nas quatro extremidades da grelha de bronze, para encaixar as barras. ⁶Ele fez as barras em madeira de acácia, revestindo-as de bronze. ⁷Nas argolas das laterais do altar introduziu as barras que serviam para carregá-lo. Ele o fez oco, de tábuas.

⁸Em seguida fez a bacia, em bronze, e seu suporte, de bronze, com os espelhos

27,1-19;
30,17-21

das mulheres que cumpriam seu serviço^c à entrada da tenda do encontro.

⁹Fez depois o átrio. Do lado do Négueb, no sul, o cortinado do átrio era de linho retorcido e tinha cem côvados de comprimento. ¹⁰Suas vinte colunas e seus vinte socos eram de bronze, os ganchos das colunas e as varetas do cortinado eram de prata. ¹¹O lado norte tinha cem côvados, com suas vinte colunas e seus vinte socos feitos de bronze; os ganchos das colunas e suas varetas eram de prata.

¹²Do lado do mar, havia um cortinado de cinqüenta côvados, com suas dez colunas e seus dez socos; os ganchos das colunas e as varetas do cortinado eram de prata. ¹³E do lado leste, para o oriente: cinqüenta côvados; ¹⁴havia, numa ala, quinze côvados de cortinado com suas três colunas e seus três socos. ¹⁵e, na outra ala — portanto, de um e outro lado da porta do átrio — havia também quinze côvados de cortinado, com suas três colunas e seus três socos.

¹⁶Os cortinados em volta do átrio eram todos de linho retorcido. ¹⁷Os socos das colunas eram de bronze; os ganchos das colunas e as varetas, de prata: seus capitéis eram revestidos de prata e todas as colunas do átrio estavam ligadas entre si com varetas de prata. ¹⁸A cortina da porta do átrio era obra de bordador: feita em púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido. Tinha vinte côvados de comprimento e cinco de altura — e era esta também a sua largura —, atingindo assim a altura dos cortinados do átrio. ¹⁹Suas quatro colunas e seus quatro socos eram de bronze; seus ganchos, de prata; os capitéis e as varetas do cortinado eram revestidos de prata. ²⁰Todas as estacas que fixavam a morada e o recinto do átrio eram de bronze.

Relatório dos materiais utilizados. ²¹Eis a lista das despesas feitas com a constru-

ção da Morada — Morada do Documento — cuja relação foi feita por ordem de Moisés. Esse serviço dos levitas foi realizado por intermédio de Itamar, filho do sacerdote Aarão. ²²Beşalei, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, executara tudo o que o SENHOR tinha ordenado a Moisés. ²³Colaborou com ele Oholiab, filho de Aqisamak, da tribo de Dan: como cinzelador e artista, bordador sobre púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho.

²⁴Total do ouro utilizado para os trabalhos, todos os trabalhos do santuário — era o ouro proveniente das ofertas —: vinte e nove talentos, setecentos e trinta siclos, medidos em siclos do santuário.

²⁵Prata das pessoas recenseadas da comunidade: cem talentos e mil setecentos e setenta siclos, medidos com siclos do santuário, isto é, ²⁶um beca por pessoa, ou, então, meio siclo, em siclos do santuário, para todo homem recenseado de vinte anos para cima, num total de seiscentos e três mil, quinhentos e cinqüenta. ²⁷Cem talentos de prata foram utilizados para fundir os socos do santuário e os socos do véu: cem socos com os cem talentos, um talento por soco. ²⁸Com os mil setecentos e setenta e cinco siclos, fez os ganchos das colunas, revestiu seus capitéis e os uniu por meio das varetas do cortinado.

²⁹Bronze proveniente das ofertas: setenta talentos e dois mil e quatrocentos siclos. ³⁰Com o que fez os socos da entrada da tenda do encontro, o altar de bronze e sua grelha de bronze, todos os acessórios do altar, ³¹os socos do recinto do átrio, os socos da porta do átrio, todas as estacas da morada e todas as estacas do recinto do átrio.

39 As vestes dos sacerdotes. ¹Com a púrpura roxa, a púrpura vermelha e o carmesim brilhante foram feitas as vestes litúrgicas para officiar no santuário.

30,11-16

Ex 28

c. ^c[Encontra-se aqui o mesmo verbo que em Nm 4,3 etc. indica o serviço obrigatório dos levitas substituindo o serviço

militar das outras tribos; cf. Nm 4,3 nota.]

rio e as vestes sagradas de Aarão, como o SENHOR o havia ordenado a Moisés.

²O efod foi feito com ouro, púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido. ³Das lâminas de ouro foram cortados fios para os entrelaçar com a púrpura roxa, a púrpura vermelha, o carmesim brilhante e o linho — obra de artista. ⁴Para fixá-lo foram feitas correias amarradas às suas duas extremidades. ⁵A faixa que fica por cima do efod era de feitio idêntico: de ouro, púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido, como o SENHOR o ordenara a Moisés. ⁶Depois de trabalhadas, foram engastadas as pedras de berilo, incrustadas no ouro, gravadas com os nomes dos filhos de Israel, do mesmo modo como se faz a gravura de um sinete. ⁷Sobre as correias do efod ele afixou essas pedras, que são um memorial em favor dos filhos de Israel, como o SENHOR o ordenara a Moisés.

⁸Fez também o peitoral — obra de artista — à maneira de um efod: com ouro, púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho retorcido. ⁹O peitoral era quadrado, tendo sido dobrado ao meio. Assim dobrado, tinha um palmo de comprimento e um de largura. ¹⁰Foi guarnecido com quatro fileiras de pedras:

- a primeira: sardônica, topázio e esmeralda; era a primeira fileira;
- ¹¹a segunda fileira: carbúnculo, lazulita e jaspe;
- ¹²a terceira fileira: ágata, cornalina e ametista;
- ¹³e a quarta fileira: crisólito, berilo e ônix.

Eram afixadas com engastes de ouro. ¹⁴As pedras correspondiam aos nomes dos filhos de Israel. Eram doze, como os seus nomes, gravadas como um sinete, cada uma com o seu nome, porquanto há doze tribos. ¹⁵Para o peitoral foram feitas correntinhas de ouro puro, trançadas em espiral, ¹⁶dois engastes de ouro e duas argolas de ouro, fixadas nas

duas extremidades do peitoral. ¹⁷Os dois torçais de ouro foram fixados nas duas argolas, nas extremidades do peitoral, ¹⁸ao passo que as duas pontas dos torçais foram amarradas nos dois engastes e nas correias do efod do lado de dentro. ¹⁹Fizeram duas argolas de ouro, que foram postas nas duas extremidades do peitoral na parte voltada para o efod, por dentro. ²⁰Fizeram também duas argolas de ouro, que foram afixadas nas duas correias do efod, na base, do lado de fora, junto do seu ponto de fixação, acima da faixa do efod. ²¹O peitoral e o efod foram juntados um ao outro por meio de uma fita de púrpura roxa, que passava pelas argolas de ambos, de modo que o peitoral ficava sobre a faixa do efod, e assim, não se deslocava daí. Foi feito tudo como o SENHOR o ordenara a Moisés.

²²Em seguida, fez a capa do efod, toda ela com púrpura roxa — obra de tecelão. ²³A abertura no meio da capa era como a de uma couraça, com uma orla ilacerável em volta da abertura. ²⁴Na aba da capa foram afixadas romãs de púrpura roxa, púrpura vermelha, carmesim brilhante e linho^d retorcido. ²⁵Sininhos de ouro puro foram postos entre as romãs na aba em volta de toda a capa, desta maneira: ²⁶um sininho, uma romã, um sininho, uma romã, sobre a aba em volta de toda a capa, a fim de poder officiar, como o SENHOR o ordenara a Moisés.

²⁷Fez igualmente túnicas de linho — obra de tecelão — para Aarão e seus filhos, ²⁸como também o turbante de linho, os enfeites das tiaras de linho, os calções de linho, feitos de linho retorcido; ²⁹e as faixas da cintura em linho retorcido, púrpura roxa, púrpura vermelha e carmesim brilhante — trabalho de bordador — como o SENHOR o ordenara a Moisés.

³⁰Em seguida, fez de ouro puro o florão, insígnia da sagração. Sobre ele foi gravada a inscrição, como se grava um si-

d. O termo *linho* não se encontra aqui na lista estereotipada dos tecidos, cf. 39,8.

nete: “Sagrado ao SENHOR”; ³¹e foi amarrado sobre o turbante com uma fita de púrpura roxa, como o SENHOR o ordenara a Moisés.

³²Assim foi concluído todo o serviço da morada da tenda do encontro, depois que os israelitas puseram mãos à obra. Fizeram exatamente o que o SENHOR ordenara a Moisés.

Entrega de toda a obra a Moisés. ³³A morada foi levada a Moisés:

- a tenda e seus acessórios, seus ganchos, quadros, vigas, colunas e socos, ³⁴a cobertura com pele de carneiro tingida de vermelho e a cobertura com peles de delfim, o véu de separação;

- ³⁵a arca do Documento, as barras e o propiciatório;

- ³⁶a mesa, todos os seus acessórios e o pão de oferta;

- ³⁷o candelabro puro, suas lâmpadas (uma fileira de lâmpadas), todos os seus acessórios, o óleo da luminária;

- ³⁸o altar de ouro, o óleo de unção, o perfume para queimar e a cortina da entrada da tenda;

- ³⁹o altar de bronze; sua grelha de bronze, suas barras e todos os seus acessórios;

- a bacia e o suporte;

- ⁴⁰os cortinados do átrio, suas colunas, seus socos, a cortina da porta do átrio, suas cordas, suas estacas e todos os acessórios do serviço da morada, para a tenda do encontro;

- ⁴¹as vestes litúrgicas para officiar no santuário, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e as vestes que seus filhos usam para exercer o sacerdócio.

⁴²Os filhos de Israel tinham executado todo o serviço de acordo com tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés. ⁴³Moisés viu todo o trabalho que haviam feito. Fizeram exatamente o que o SENHOR ordenara. Moisés, então, os abençoou.

meiro dia do primeiro mês, erguerás a morada da tenda do encontro. ³Nela porás a arca do Documento, ocultando-a atrás do véu. ⁴Trarás a mesa e a prepararás. Trarás o candelabro e acenderás as suas lâmpadas. ⁵Diante da arca do Documento porás o altar de ouro para o perfume, estendendo a cortina na entrada da morada. ⁶Em frente à entrada da morada da tenda do encontro, porás o altar do holocausto ⁷e, entre a tenda do encontro e o altar, a bacia, em que derramarás água. ⁸Erguerás o recinto do átrio e pendurarás a cortina à porta do átrio. ⁹Tomando o óleo de unção, ungirás a morada e tudo o que ela contém, tu a consagrarás, ela e todos os seus acessórios. E tudo isso será santo. ¹⁰Ungirás o altar do holocausto e todos os seus acessórios; consagra assim o altar, e ele será santíssimo. ¹¹Ungirás a bacia e o suporte, consagrando-a. ¹²Farás aproximarem-se Aarão e seus filhos à entrada da tenda do encontro. Tu os lavarás na água. ¹³Revestirás Aarão com as vestes sagradas, o ungirás e o consagrarás para que ele exerça o meu sacerdócio. ¹⁴Farás aproximarem-se os seus filhos, os revestirás com túnicas e ¹⁵os ungirás como a seu pai, para que exerçam o meu sacerdócio. A unção lhes conferirá assim um sacerdócio perpétuo, de idade em idade”.

¹⁶Moisés pôs mãos à obra. Fez exatamente o que o SENHOR lhe ordenara. ¹⁷Por conseguinte, no primeiro mês do segundo ano, no primeiro dia do mês, a morada foi erguida. ¹⁸Moisés ergueu a morada: assentou seus suportes, pôs seus quadros, armou suas vigas e ergueu as suas colunas. ¹⁹Estendeu a tenda sobre a morada, pondo a cobertura por sobre a tenda, como o SENHOR ordenara a Moisés. ²⁰Tomou o Documento e o guardou na arca, armou as barras sobre a arca, em cima da qual instalou o propiciatório. ²¹Trouxe a arca para a morada e estendeu o véu de separação para ocultar a arca do Documento, como o SENHOR ordenara a Moisés. ²²Levou a mesa para a tenda do encontro, para o lado norte da

30.26-29

29.1-35

40 Instruções para a consagração do santuário e dos sacerdotes. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“No pri-

Morada, do lado de fora do véu; ²³e pôs uma fileira de pães diante do SENHOR, como o SENHOR ordenara a Moisés. ²⁴Pôs o candelabro na tenda do encontro, de frente à mesa, no lado oposto da morada; ²⁵acendeu as lâmpadas diante do SENHOR, como o SENHOR ordenara a Moisés. ²⁶Pôs o altar de ouro na tenda do encontro, diante do véu, ²⁷e aí queimou o perfume, como o SENHOR ordenara a Moisés. ²⁸Estendeu a cortina na entrada da Morada. ²⁹Depois de ter erguido o altar do holocausto na entrada da Morada da tenda do encontro, ofereceu sobre ele o holocausto e a oferenda, como o SENHOR ordenara a Moisés. ³⁰Pôs a bacia entre a tenda do encontro e o altar e nela despejou água para as abluções. ³¹Moisés, Aarão e seus filhos aí lavavam as mãos e os pés. ³²Lavavam-se quando entravam na tenda do encontro e quando se apro-

ximavam do altar, como o SENHOR ordenara a Moisés. ³³Erigeu o átrio em volta da morada e do altar, e pôs a cortina na porta do átrio. Assim Moisés concluiu todos os trabalhos.

A glória do Senhor enche a morada.

³⁴A nuvem cobriu a tenda do encontro, e a glória do SENHOR encheu a morada.

³⁵Moisés não podia entrar na tenda do encontro, pois a nuvem aí permanecia e a glória do SENHOR enchia a morada.

³⁶Quando a nuvem se elevava acima da morada, os filhos de Israel iniciavam a partida para cada uma de suas etapas.

³⁷Se a nuvem, porém, não se elevava, não partiam até o dia em que se elevasse de novo. ³⁸A nuvem do SENHOR estava sobre a morada durante o dia. À noite, porém, havia fogo nela, aos olhos dos filhos de Israel, em todas as suas etapas*.

24.15-16;
1Rs 8.10-13;
2Cr 5.11
-6.2;
Is 6.3-4;
Ez 43.1-5;
Ap 15.8

Nm 9,
17-23

e. Vindo encher a morada com a nuvem, Deus legitima o santuário que o povo lhe erigiu conforme suas próprias indicações. É certamente apenas um santuário provisório, mas, en-

quanto se aguarda a construção do templo de Jerusalém, Deus já está presente no meio dos seus para guiar a sua caminhada até chegar à Terra Prometida.

LEVÍTICO

INTRODUÇÃO

LUGAR E FUNÇÃO DO LIVRO

O livro do Êxodo termina com a construção da Tenda do Encontro (40,16-33), que o Senhor imediatamente legitima, vindo instalar-se nela na nuvem (40,34-38).

As primeiras palavras do Levítico¹ exprimem a seu modo esta legitimação: enquanto no Êxodo o Senhor falava a Moisés sobretudo no cume do Sinai, agora é "da tenda da reunião" que o faz (1,1)².

Nos 27 capítulos deste livro, Deus transmite a seu povo "suas leis e seus costumes", pois "é pondo-os em prática que o homem tem a vida" (18,5). Em suma, vai explicar-lhes o bom uso dessa "tenda", para que seja verdadeiramente um lugar de "encontro": não aconteça que um erro ritual (1-10),

uma impureza física (11-16) ou uma infidelidade moral (17-26) cause obstáculo a essa comunhão vital³. Por isso tudo é descrito com tanta minúcia.

Contudo, o Levítico não apresenta senão certos aspectos do culto israelita. É talvez no saltério que se devam procurar as orações e os cantos que acompanhavam os ritos. São sobretudo os profetas (p. ex. Jr 7,3-11; Os 6,6) e os sábios (Sr 34,18-35,10) que lembram a Israel que a execução dos ritos não basta para proporcionar a salvação. Mas o que o Levítico quer fazer penetrar na consciência dos fiéis, e isto com uma insistência incansável, é que a comunhão com o Deus vivo é a verdade última do homem.

DATAÇÃO, ORIGEM E CONTEÚDO DO LIVRO

O texto, no seu estado atual e canônico, é de redação pós-exílica, embora reúna em um todo relativamente coerente elementos de origens diversas, alguns dos quais podem remontar a uma alta antiguidade. Na época em que o poder político do sacerdócio vai aumentando, já que não existe mais rei, e o profetismo está em vias de desaparecimento, os sacerdotes de Jerusalém reuniram e completaram, para as necessidades do Segundo Templo, diversas coleções de leis e de rituais.

Numa primeira seção (1-7), apresentam-se as diversas categorias de sacrifícios que o israelita pode (ou deve) oferecer a Deus, em certas circunstâncias. Não se trata de uma iniciação para o uso dos profanos, mas da codificação, para os iniciados, dos rituais, numa espécie de livro de referência. Em particular, nada se diz sobre a origem ou a significação dos sacrifícios e dos rituais. Só se pode constatar, por alusões ou com-

parações, que Israel hauriu o princípio dos sacrifícios das religiões do Antigo Oriente e que soube encher este quadro ritual com um conteúdo novo, correspondente à sua visão do mundo e ao seu conhecimento de Deus.

A segunda seção (8-10) descreve as cerimônias que se desenrolam por ocasião da investidura sacerdotal de Aarão e de seus filhos. Esses três capítulos talvez tenham constituído, na origem, a continuação direta do Êxodo, respondendo às prescrições do capítulo 29. Os sacerdotes aparecem ali com toda a clareza na sua função de mediação, que implica uma exigência particular de santidade, já que devem servir de intermediários entre o povo e o Deus santo.

A terceira seção (11-16) elenca diversas categorias de impurezas que impedem o homem de entrar em contato com Deus (praticamente: que o impedem de aproximar-se do santuário): o consu-

1. Este título designa o livro dos sacerdotes, membros da tribo sacerdotal de Levi. O título hebraico do livro consiste simplesmente na primeira palavra do texto: wayyiqrá = "ele chamou". Em sua totalidade, o livro faz parte da "tradição sacerdotal"; cf. Introd. geral ao Pentateuco.

2. Em alguma passagem, contudo (25,1; 26,46; 27,34), Deus ainda fala do topo do monte Sinai.

3. Para o Levítico, o culto e o sacerdócio constituem a mediação essencial entre Deus e o homem; outras correntes de pensamento do AT procuraram uma mediação na pessoa do rei ou do profeta.

mo de alimentos impuros, a impureza da mulher depois do parto, a lepra, a impureza sexual do homem ou da mulher. O capítulo 16, de certo modo, constitui o coração do livro: descreve a majestosa liturgia do Yom Kippur, o Dia do Grande Perdão, que chegou a ser chamado de "Sexta-feira Santa do Antigo Testamento".

A quarta seção engloba os capítulos 17-26, que geralmente são agrupados sob o título de Lei (ou Código) de Santidade. Uma vez que o Senhor é um Deus vivo e santo (qadosh, 11,44-45; 19,2; 20,26; 21,8), o povo que ele escolheu, que reservou para si, que lhe é consagrado (qadosh, 11,44-

45; 19,2; 20,7-26; 21,6-8), deve procurar tudo o que facilita a comunhão com Deus e evitar tudo o que, física ou moralmente, põe obstáculo a essa comunhão vital: não consumir o sangue, que é a sede da vida dada por Deus; recusar quaisquer relações sexuais anormais; respeitar a Deus enquanto único Deus, e o homem enquanto criatura de Deus; garantir a dignidade do sacerdócio e dos sacrifícios e celebrar fielmente as festas e os anos santos.

O capítulo 27, apêndice ao conjunto do livro, trata dos problemas de tarifação dos votos e dos resgates.

PEQUENO LÉXICO DO LEVÍTICO

A leitura do Levítico não é fácil. O estilo é muitas vezes monótono e bastante árido. Encontra-se nele certo número de termos técnicos, cujo valor é importante conhecer. Também é preciso ter consciência de certos traços da mentalidade hebraica e de certas instituições do povo de Israel. Não se deve, por exemplo, imaginar os sacerdotes de Israel à semelhança dos sacerdotes nas Igrejas cristãs de hoje: embora a palavra seja a mesma, ela não designa duas realidades idênticas. O pequeno léxico que se segue quer agilizar a compreensão do livro⁴.

1. Os sacrifícios. Em todas as religiões, o sacrifício é uma tentativa de entrar em relação mais íntima com a divindade; por isso a história das religiões o estudou essencialmente sob três pontos de vista: o sacrifício enquanto "dom" oferecido à divindade; o sacrifício operando uma "comunhão" com a divindade; o sacrifício visando a uma "expição" dos pecados e ao perdão por parte da divindade. Os sacrifícios israelitas dividem-se com bastante facilidade entre essas três categorias; dom: holocausto, oferenda vegetal, primícias; comunhão: sacrifício de paz; expiação: sacrifício pelo pecado, sacrifício de reparação.

No decorrer dos séculos e sob o peso das circunstâncias, desenvolveu-se uma evolução: refletindo sobre a ruína de Jerusalém e sobre o Exílio, Israel adquiriu uma consciência mais viva da força do pecado e da necessidade de perdão. Eis por que o Levítico enfatiza o papel reconciliador dos

sacrifícios, dando grande importância à absolvição pelo sangue e reduzindo as oferendas vegetais a complemento dos sacrifícios sangrentos.

a) **Acceptar:** o verbo (sempre no passivo, no Lv) e o substantivo correspondente (sempre em um sentido passivo) designam o acolhimento benévolo que Deus dá a um ofertante sincero, aceitando e aprovando o seu presente, quando o oferente obedece às regras rituais.

b) **Holocausto:** sacrifício de uma vítima totalmente consumida pelo fogo sobre o altar (exceção a pele, cf. 7,8). É o sacrifício que exprime por excelência a doação: o oferente não recebe nada da vítima sacrificada. Encontra-se o seu equivalente entre os gregos e em Ugarit, mas não entre os demais semitas.

c) **Memorial:** termo técnico que designa a parte de uma oferenda vegetal (com ou sem incenso) consumida sobre o altar. Quanto à significação da palavra, cf. 2,2 nota.

d) **Oferenda consumida:** termo geral que engloba tudo o que é queimado sobre o altar para Deus e, por extensão, a vítima toda inteira de tais sacrifícios. Parece, todavia, que o termo nunca é utilizado explicitamente para as partes queimadas do sacrifício pelo pecado. A etimologia da palavra é desconhecida, mas evoca por assonância a palavra hebraica para "fogo", donde a tradução: oferenda consumida, i.é., pelo fogo.

e) **Oferenda vegetal:** a palavra minhá designava originalmente o conjunto dos sacrifícios da cate-

4. As noções são tratadas na ordem das quatro seções do livro: sacrifício, sacerdócio, puro e impuro, santidade. Na primeira parte, os termos técnicos sacrificiais estão classificados por ordem alfabética.

goria do dom e da comunhão (Gn 4,3-5; 1Sm 2,17). Mais tarde, o termo especializou-se no sentido de oferenda não-sangrenta e foi substituído na aceção geral pelo termo presente (cf. tópico j).

f) Paz (sacrifício de -): por vezes é chamado também de sacrifício de "comunhão", ou sacrifício de "aliança". As partes gordas da vítima são queimadas sobre o altar para Deus, uma parte da carne é reservada aos sacerdotes e o resto é consumido pelo oferente, sua família e seus amigos. O Levítico distingue três formas específicas desse sacrifício,⁵ que correspondem a disposições internas dos oferentes, mais do que a rituais próprios: o sacrifício de louvor (7,12-15), o sacrifício votivo (7,16) e o sacrifício espontâneo (7,16). O sacrifício de paz, assim como o holocausto, tem o seu equivalente em Ugarit e entre os gregos, mas não entre os demais semitas.

g) Pecado (sacrifício pelo -): ele é difícil de ser distinguido do sacrifício de reparação (cf. tópico k): não se sabe se na origem se trata de dois sacrifícios diferentes, que pouco a pouco se teriam confundido, ou de um único sacrifício conhecido sob duas designações sinônimas, que os redatores teriam artificialmente distinguido no ritual ulterior.

A vítima varia segundo a qualidade ou os meios do delinquent; o sangue desempenha o papel mais importante, pois é ele que proporciona a absolvição; as gorduras são queimadas sobre o altar, como num sacrifício de paz; as carnes são consumidas pelos sacerdotes, salvo no caso em que o delinquent é um sacerdote ou o povo no seu conjunto, pois não se pode ao mesmo tempo oferecer um sacrifício pelo pecado e tirar proveito dele.

Este sacrifício não serve para obter o perdão de um pecado deliberado, mas visa restabelecer uma relação com Deus comprometida pelos pecados involuntários (cf. 4,2 nota) ou por um estado de impureza (cf. 14,19).

h) Perfume: no interior da tenda da reunião (e no Lugar santo do Templo) encontrava-se o altar dos perfumes (4,7), onde se queimava um perfume especialmente composto para este efeito (cf. Ex 30,34 nota).

À mesma raiz está ligado o termo freqüente no Lv e traduzido por "fazer fumar" (1,9 etc.), que

designa toda combustão de sacrifício sobre o altar dos holocaustos. O emprego deste verbo mostra como se entendia que Deus se beneficiava (na forma de "fumaça perfumada") da doação que lhe era feita.

i) Perfume aplacador: esta expressão está o mais das vezes em estrito paralelo com a expressão oferenda consumida (cf. tópico d) e, com exceção de um caso (4,31, qualificando o sacrifício pelo pecado), ela se refere a um sacrifício que se pode qualificar de oferenda consumida. Talvez na origem se trate do decalque hebraico de uma expressão acádica que aparece no relato babilônico do dilúvio, por ocasião do sacrifício oferecido pelo resgatado (cf. Gn 8,21). Ela exprime o desejo que o oferente sente de manter uma relação pacífica com um Deus benevolente.

j) Presente (cf. tópico e: oferenda vegetal): no "Código Sacerdotal" a palavra qorban designa qualquer espécie de sacrifício, e até oferendas não sacrificais (Nm 7). Significa literalmente aquilo que a gente "aproxima" de Deus (ou do altar), mas pouco a pouco a palavra adquiriu o sentido de "oferenda sagrada" ou de "objeto consagrado", sentido que o termo tem na boca de Jesus (Mc 7,11).

k) Reparação (sacrifício de -): (cf. tópico g: sacrifício pelo pecado). Na época do Segundo Templo, apesar da identidade dos ritos, o sacrifício de reparação parece ter-se distinguido do sacrifício pelo pecado, essencialmente pelo fato de vir acompanhado de uma reparação do mal causado (restituição ou reembolso com majoração de um quinto). Talvez ele diga respeito também a casos particulares e mais individuais que o sacrifício pelo pecado. Finalmente, ele não faz parte do ritual de nenhuma grande festa de Israel. Estes dois sacrifícios parecem constituir uma peculiaridade de Israel; não se encontra atestação certa de sacrifícios deste tipo em nenhum dos povos vizinhos ou contemporâneos.

l) Santíssimo (ou coisa santíssima): enquanto a expressão qôdesh qodashim (lit. santo dos santos) tem muitas vezes um sentido local, designando especialmente a segunda parte do santuário (tenda ou templo), conhecida também sob o nome de debir (quarto sagrado, cf. 1Rs 6,16), o redator do Levítico só a emprega para designar uma coisa consagrada a

5. Este número provavelmente não é exaustivo.

Deus e da qual, por conseguinte, não se pode fazer nenhum uso profano. Para ele, são essencialmente as partes dos sacrifícios “expiatórios” e das oferendas vegetais, reservadas exclusivamente aos sacerdotes, que são coisas ou oferendas santíssimas.

m) Santo: a palavra qôdesh designa ou qualifica uma grande variedade de coisas: pessoas, lugares, tempos, objetos, oferendas, atitudes. Cf. abaixo § 4.

2. O sacerdócio. *A imagem que o Levítico oferece do sacerdócio é o resultado de uma evolução de vários séculos, na qual se manifestaram influências diversas, religiosas, morais, sociais, políticas.*

Na época mais antiga, as funções sacerdotais (garantir a mediação entre o homem e Deus pela execução dos ritos e pela comunicação da vontade divina) não parecem ser exercidas exclusivamente por uma classe de especialistas. Os patriarcas, na qualidade de chefes de família, oferecem eles mesmos os sacrifícios (Gn 8,20; 15,9-10; 22,1-14).

Contudo, em torno dos lugares de culto (p. ex. Shilô, 1Sm 1-3; Dan, Jz 18,19-20.27-31) estabelecem-se famílias sacerdotais que garantiam o serviço do santuário e conservavam as tradições e os ritos. Em Jerusalém, Davi encontrou uma família sacerdotal (a de Sadoq) que talvez tivesse ligações com Malki-Sêdeq, o rei-sacerdote da época patriarcal (Gn 14,17-20). A importância adquirida por Jerusalém atraiu muitos sacerdotes dos outros lugares de culto; foram, aliás, obrigados a se reagrupar ali quando Josias decidiu centralizar todo o culto israelita em Jerusalém; mas este aporte de pessoal não deixou de criar litígios entre o pessoal ali instalado e os recém-chegados (2Rs 23,8-9).

Já no reinado de Salomão, havia-se assistido a lutas de influência entre duas famílias sacerdotais, a de Ebiatar e a de Sadoq, cujas origens não são claramente conhecidas. Os sadoquitas teriam acabado excluindo quase completamente os seus rivais do exercício do sacerdócio hierosolimitano (1Rs 2,26-27). O Exílio pôs fim a essas rixas, quando os dois grupos foram genealogicamente ligados a Aarão, fazendo deste último, membro da tribo de Levi, o primeiro sumo sacerdote, no ponto de partida de todo sacerdócio (1Cr 24,1-6).

Depois da volta do Exílio (538 a.C.), não sendo restaurada a realeza, é o clero que assume as rédeas do destino do povo. Aquele que se acabará chamando “sumo sacerdote” vai pouco a pouco

ocupando uma função equivalente à do rei: traz insígnias régias (8,9) e, como o rei pré-exílico, recebe a unção (8,12). A partir de Aristóbulo I (104-103 a.C.), torna-se explícito o que era implícito: o sumo sacerdote assume o título de rei.

O que importa é o que permaneceu imutável ao longo de toda esta evolução, a saber o caráter mediador do sacerdote, o qual, introduzido pela sua consagração na esfera do sacro, pode desempenhar o papel de intermediário autorizado.

3. O puro e o impuro. *A noção de impureza é bem próxima à de “tabu”, tal como os historiadores das religiões a encontram nos povos mais diversos. Ela supõe que o homem deseja viver uma vida enquadrada por regras estáveis, protegida da angústia do desconhecido. Consequentemente, tudo o que é excepcional, anormal, insólito, tudo o que é mudança, passagem de um estado a outro, aparece como uma ameaça, como a manifestação de um poder que zomba das regras conhecidas, como uma mancha contagiosa da qual é preciso proteger-se, afastando-se dela, ou da qual é preciso libertar-se, purificando-se.*

A impureza não é um ato culpável; com efeito, as obrigações da vida (maternidade, toalete dos mortos etc.) implicam necessariamente o homem num estado de impureza que o impede de entrar, pelo culto, em relação com o Deus santo, estado do qual ele tem de se purificar. O ato culpável acontece quando, estando em impureza, a pessoa age como se estivesse em estado de pureza (Lv 15,31). Ezequiel utilizará o vocabulário da impureza para qualificar os pecados de Jerusalém, incluídos os que eram cometidos contra a moral propriamente dita (cf. Ez 22,7). O pecado é com efeito a grande impureza que compromete a relação entre o homem e Deus.

O fato de as proibições de Lv 11-15 serem codificadas é o sinal de que quase não são mais vividas espontaneamente; o Levítico as coloca em relação com o Deus da aliança (11,44-45), o Senhor da vida, para quem devemos manter-nos puros.

O Novo Testamento é testemunha de vários debates sobre o valor dessas proibições (Mc 7,1-23; At 10; 1Cor 6,12-20).

4. A santidade. *A santidade é uma das noções capitais do Levítico, e de todo o Antigo Testamento. Ela tem parentesco com a noção de pureza.*

Fundalmente, a santidade designa todo o mistério insondável do Deus transcendente, do Deus absolutamente diferente, incomparável, inapreensível, inefável, do Totalmente-Outro inacessível ao homem. Dizer que o Senhor é santo é, pois, não tanto dar a Deus uma qualificação moral, mas antes afirmar que ele é radicalmente dessemelhante de tudo o que o homem conhece ou imagina.

No entanto — e isto também é um elemento constitutivo da sua santidade — este Deus transcendente permite ao homem aproximar-se dele (cap. 23); este Deus incompreensível dá-se conhecer e comunica a sua vontade (cap. 19): ele faz irradiar a sua santidade e quer fazer a humanidade participar dela: “Sede santos, pois eu sou santo...” (19,2). Ao escolher o povo de Israel, Deus o quer diferente dos demais; reserva-o para si, distinguindo-o e separando-o dos povos profanos, para que possa entrar em comunhão com o Deus santo. Esta eleição traz consigo uma exigência moral, consequência da santidade do povo eleito, mas que o leva a santificar-se constantemente, para permanecer nessa co-

munhão vital e manifestar assim aos olhos das outras nações a santidade do seu Deus.

Os homens não são os únicos a ser chamados de santos: tudo o que exprime a presença de Deus pode ser qualificado de santo:

- pessoas (p. ex. os sacerdotes, que penetram mais profundamente na esfera de Deus e que devem abster-se de diversas práticas legítimas, porém profanas, cap. 21-22);
- tempos (p. ex. o sábado, dia do Senhor, no decurso do qual se deve renunciar às ocupações profanas, Ex 20,8-11);
- lugares (p. ex. o santuário, no qual não têm direito de penetrar nem os profanos nem os estrangeiros, Hb 9,7-8; At 21,28);
- objetos (p. ex. o óleo de unção santa, que serve aos ritos de consagração e é proibido para qualquer uso profano, Ex 30,23-33).

Em suma, a noção de santidade comporta três idéias-força: separação de tudo o que é profano, consagração para entrar em comunhão com Deus, compromisso para fazer a vontade dele.

O LEVÍTICO NA BÍBLIA E NA VIDA DO CRENTE

O Levítico apareceu tarde demais na vida de Israel para poder influenciar de maneira sensível os demais livros do Antigo Testamento. Por outro lado, apresenta com exclusividade excessiva a “técnica” dos sacrifícios israelitas para ser citado com frequência no NT. As passagens citadas com maior frequência são tiradas sobretudo das leis morais do “Código da Santidade”. Mas a influência de um livro não se mede somente pelo número de citações que dele se fazem. Daí por que a influência do Levítico não é desprezível, embora indireta; com efeito, o culto praticado em Jerusalém consoante as regras codificadas no Levítico é o pano de fundo das reflexões do NT sobre o sacerdócio e o sacrifício de Cristo. Sem o Levítico, faltar-nos-iam muitos elementos para compreender como Paulo ou a epístola aos Hebreus (cf. Hebreus, Introdução § 8) interpretaram teologicamente a morte de Jesus.

Hoje o Levítico é talvez, entre os livros do AT, o menos lido pelos cristãos. Com efeito, ele não é de acesso fácil, e parece só falar de práticas que caducaram em virtude da nova Aliança. Mas é preciso entender bem esta “caducidade”. Ao aproveitar

gestos religiosos dos seus vizinhos ou ao criar novos para elaborar o seu ritual, Israel procurou fazer o culto que celebrava concordar com a fé que professava; o culto tinha a função de exprimir e realizar a reconciliação e a comunhão do povo santo com o Deus santo, em nome do qual pelejavam os profetas e todos os que zelavam pela pureza da fé em Israel. As festas, os ritos, os gestos variam com os tempos e os lugares, de acordo com o que se quer expressar e de acordo com os meios de que se dispõe para fazer isso. Mas permanece o desejo de exprimir a fé pela festa comunitária e pela linguagem do corpo. Nem as investidas proféticas contra um culto malcelebrado, nem o abandono dos ritos levíticos por parte do judaísmo, privado do seu Templo, e por parte do cristianismo, que reconheceu o valor único e definitivo do sacrifício de Cristo, nada disso abolir o fato de que o Levítico está presente na Bíblia. A presença dele responde à necessidade humana de exprimir a fé por gestos religiosos, ao mesmo tempo em que anuncia e prepara a vinda daquele que traz nas suas palavras e realiza na sua vida a reconciliação e a comunhão dos homens com Deus.

LEVÍTICO

I. RITUAL DOS SACRIFÍCIOS

6.2-6 1 – O holocausto^a

Ex 25.22 **1** ¹O SENHOR chamou Moisés e, da tenda do encontro, falou-lhe dizendo:

²Fala aos filhos de Israel; dirás a eles: Quando um dentre vós trazer um presente ao SENHOR, deveis trazer como presente um animal do gado ou do rebanho.

³Sendo um holocausto de gado o que se quer apresentar, apresenta-se um macho sem defeito^b; apresenta-se o animal na entrada da tenda da reunião, para ser aceito pelo SENHOR; ⁴impõe-se a mão sobre a cabeça da vítima^c, a qual é aceita em favor do oferente — para executar sobre ele o rito de absolvição —; ⁵dego-

Exd 8.35

la-se^d este animal diante do SENHOR; então os sacerdotes, filhos de Aarão, apresentam o sangue, depois aspergem com este sangue^e o contorno do altar que se encontra na entrada da tenda da reunião; ⁶tira-se a pele da vítima, e esta será cortada em pedaços por quartos; ⁷então os filhos do sacerdote Aarão acendem o fogo sobre o altar e dispõem a lenha sobre o fogo; ⁸os sacerdotes, filhos de Aarão, dispõem os quartos — incluídas a cabeça e a gordura — sobre a lenha disposta sobre o fogo do altar; ⁹lavam-se com água as vísceras e as patas^f, depois o sacerdote faz fumegar tudo no altar. É um holocausto, uma oferenda consumida, um perfume aplacador^g para o SENHOR.

¹⁰Sendo o que se apresenta para o holocausto um animal do rebanho, tomado

dentre os cordeiros ou os cabritos, apresenta-se um macho sem defeito; ¹¹é degolado do lado norte^h do altar, diante do SENHOR; então os sacerdotes, filhos de Aarão, aspergem com o sangue dele o contorno do altar; ¹²ele é cortado em pedaços por quartos — incluídas a cabeça e a gordura — e o sacerdote os dispõe sobre a lenha disposta sobre o fogo do altar; ¹³lavam-se com água as vísceras e as patas, em seguida o sacerdote apresenta e faz fumegar tudo no altar. É um holocausto, uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR.

¹⁴Sendo um holocausto de aveⁱ o que se quer apresentar ao SENHOR, então se traz um presente tomado dentre as rolinhas ou os pombos; ¹⁵o sacerdote o apresenta no altar, destronca a cabeça e a faz fumegar no altar; em seguida faz jorrar o sangue^j sobre a parede do altar; ¹⁶separa-se dela o papo com o seu conteúdo e joga-se o mesmo ao lado do altar, a leste, no local onde se depositam as cinzas gordas^k; ¹⁷racha-se a ave entre as asas — estas não são separadas —, e em seguida o sacerdote a faz fumegar no altar, sobre a lenha disposta sobre o fogo. É um holocausto, uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR.

Gn 15.10

2 – A oferenda vegetal^l

6.7-11;
Nm 15.1-6

2 ¹Quando se traz como presente ao SENHOR uma oferenda, o presente

a. Cf. Introd.

b. Lit. *inteiro* (cf. 3.9). O termo diz respeito à integridade física da vítima. Exclui as imperfeições naturais ou acidentais (cf. Mt 1.8) e a castração.

c. Lit. *sobre a cabeça do holocausto*. A palavra designa ao mesmo tempo o sacrifício e a vítima oferecida em sacrifício. Sobre a *imposição da mão*, cf. 4.4 nota.

d. Degolamento ritual, efetuado pelo ofertante. O gr. flexionando o verbo no plural, reserva este rito aos sacerdotes, em conformidade com 2Cr 29.22-24. — Ez 44.11 e 2Cr 35.6 dão este encargo aos levitas. Esta diversidade é um indicio da prática instável em certas épocas.

e. Sobre o significado do sangue nos sacrifícios, cf. 17.11 nota.

f. O conteúdo do intestino (e mesmo o do papo de um pássaro, cf. v. 16), materiais em decomposição são excluídos do sacrifício, da mesma forma que toda sujeira presa às patas de um animal.

g. Cf. Introd.

h. Esta era provavelmente a regra geral para os holocaustos; ver a razão provável em Ez 40.38-43.

i. O sacrifício de ave parece pouco praticado em Israel, cf. 5.7-10.

j. O sangue não deve ser queimado; é preciso fazê-lo sair por pressão.

k. Resíduo da combustão dos sacrifícios.

l. Cf. Introd.

deve consistir em farinha, sobre a qual se derrama azeite e se deita incenso; ²ele é trazido aos sacerdotes, filhos de Aarão; toma-se um punhado cheio — da farinha, do azeite, com todo o incenso —, e em seguida o sacerdote faz fumegar este memorial^m no altar. É uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR. ³O resto da oferenda é para Aarão e seus filhos; é uma parte santíssimaⁿ, pois provém das oferendas consumidas para o SENHOR.

⁴Quando trazes uma oferenda como presente, caso se trate de uma massa cozida ao forno, ela deve consistir em farinha, em forma de bolos sem fermento amassados ao azeite ou de obreias sem fermento untadas com azeite; ⁵se o que apresentas for uma oferenda cozida na assadeira, ela é de farinha amassada com azeite e sem fermento; ⁶depois de parti-la em pedaços, derramas azeite nela — é uma oferenda —; ⁷se o que apresentas for uma oferta cozida na frigideira, a farinha deve ser preparada no azeite; ⁸trazes a oferenda que foi assim preparada para o SENHOR; ela é apresentada ao sacerdote, que a aproxima do altar; ⁹desta oferenda, o sacerdote reserva o memorial, que faz fumegar no altar. É uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR. ¹⁰O resto da oferenda é para Aarão e seus filhos; é uma parte santíssima, porque provém das oferendas consumidas para o SENHOR.

¹¹Nenhuma oferenda que apresentardes ao SENHOR será preparada com massa fer-

mentada; com efeito, nunca fareis fumegar fermento^o nem mel a título de oferenda consumida para o SENHOR. ¹²A título de primícias, haveis de trazê-las de presente ao SENHOR, mas eles não subirão ao altar como perfume aplacador.

¹³A toda oferenda que apresentares, adicionarás sal^p; não omitirás nunca o sal da aliança do teu Deus sobre a tua oferta; com cada um dos teus presentes, apresentarás sal.

¹⁴Se apresentas ao SENHOR uma oferenda de primícias^q, é na forma de espigas tostadas ao fogo, esmagadas, de grão novo^r, que deves trazer a oferenda das tuas primícias; ¹⁵derramas nelas azeite e depositas nelas incenso — é uma oferenda —; ¹⁶em seguida o sacerdote faz fumegar o memorial delas — um pouco do grão esmagado, um pouco do azeite, com todo o incenso. É uma oferenda consumida para o SENHOR.

3 – O sacrifício de paz^s

3 ¹Se alguém apresenta um sacrifício de paz:

Sendo o apresentado uma cabeça de gado, seja macho ou fêmea, apresenta-se diante do SENHOR um animal sem defeito; ²impõe-se a mão sobre a cabeça da vítima apresentada, a qual é degolada à entrada da tenda do encontro; então os sacerdotes, filhos de Aarão, aspergem com seu sangue o contorno do altar; ³deste sacrifício de paz, apresenta-se, em oferenda consumida para o SENHOR, a gordura^t que envolve as vísceras, toda a

Ez 43.24

2Rs 4.42

7.11-21;
19.5-8;
22.21-25

m. O rito do *memorial* tinha por finalidade, seja atrair a atenção da divindade para que ela se lembrasse com benevolência do oferente, seja ser um penhor que lembra que a oferenda é total. Pode-se também pensar que o nome dele (que poderia significar: *Quero lembrar...*) era tirado de uma oração que acompanhava o gesto da oferta. Cf. Introd.

n. Cf. Introd. Pela combustão do *memorial*, a totalidade da oferenda é santificada, isto é, subtraída a todo uso profano; somente os sacerdotes, que foram consagrados (ou santificados, cf. Ex 28.41), podem comer dele.

o. A proibição do *fermento* e do *mel* poderia ser um indício da luta contra o culto cananeu, que admitia tais oferendas.

p. A significação do *sal* é dupla: 1) em oposição ao fermento (cf. Mt 13.33; 1Cor 5.6) e ao mel, ele tem propriedades conservadoras, e até purificadoras (cf. 2Rs 2.19-22); 2) é um condimento; à medida que a oferenda assume a forma de uma refeição oferecida à divindade, tem o seu lugar nas oferendas apresentadas

em sacrifício. Daí a expressão *o sal da aliança* (e a *aliança de sal*, em Nm 18.19 e 2Cr 13.5): trata-se de uma aliança perpétua, simbolizada pelo sal, que conserva o seu sabor para sempre.

q. As *primícias* das colheitas pertencem por direito ao Senhor, na mesma perspectiva que os *primogênitos* do homem e dos animais, cf. Ex 13.1-16. Aliás, estas duas palavras têm raiz comum.

r. Se for correta a interpretação de duas palavras raras e difíceis, começava-se por tostar ligeiramente as espigas novas sobre a chama, para descascá-las, em seguida se triturava grosseiramente o grão. (Não há como moer fino o grão novo, ainda mole.) s. Cf. Introd.

t. Quando não se oferece ao Senhor a totalidade de um animal, como se faz no holocausto, oferecem-se-lhe as partes gordas, consideradas os melhores pedaços (cf. 3.16; Gn 45.18; Sl 36.9; 63.6) e que, mais ou menos como o sangue, são consideradas como a sede de certas forças vitais (cf. 3.17).

que fica acima das vísceras ^{4c}e os dois rins, com a gordura aderente a eles e também aos lombos — quanto ao lobo do fígado^a, ele é separado, além dos rins —; ⁵em seguida os filhos de Aarão fazem isto fumegar no altar, além do holocausto^b que está sobre a lenha disposta sobre o fogo; é uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR.

⁶Sendo um animal do rebanho o que é apresentado, ao SENHOR como sacrifício de paz, apresenta-se um animal sem defeito, macho ou fêmea. ⁷Se o que se traz como presente é um cordeiro, ele é apresentado diante do SENHOR; ⁸impõe-se a mão sobre a cabeça da vítima apresentada, a qual é degolada diante da tenda da reunião; então os filhos de Aarão aspergem com o sangue dele o contorno do altar; ⁹deste sacrifício de paz, apresentam-se em oferenda consumida para o SENHOR as partes gordas: a cauda inteira^w — que é separada à altura do sacro —, a gordura que envolve as vísceras, toda a que fica acima das vísceras ^{10c}e os dois rins, com a gordura aderente a estes e aos lombos — quanto ao lobo do fígado, ele é separado, além dos rins —; ¹¹em seguida o sacerdote faz isto fumegar no altar; é uma oferenda consumida para o SENHOR. ¹²Se o que se apresenta é uma cabra, ela é apresentada diante do SENHOR; ¹³impõe-se-lhe a mão

sobre a cabeça e ela é degolada diante da tenda da reunião; então os filhos de Aarão aspergem com o sangue dela o contorno do altar; ¹⁴dela se leva como presente, em oferenda consumida para o SENHOR, a gordura que envolve as vísceras, toda a que estiver acima das vísceras, ^{15c}e os dois rins, com a gordura aderente a estes e aos lombos — quanto ao lobo do fígado, ele é separado, além dos rins —; ¹⁶em seguida o sacerdote faz fumegar estes pedaços no altar; é uma oferenda consumida, um perfume aplacador.

Toda gordura cabe ao SENHOR. ¹⁷É uma lei perene para vós de geração em geração, onde quer que habiteis^z: tudo o que é gordura e tudo o que é sangue, não comeis^z. 7.26; 17.10-14; 19.26; Gn 9.4; Dt 12.16,23; 15.23

4 – O sacrifício pelo pecado^z.

4 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Fala aos filhos de Israel: Quando se peca por inadvertência^a contra alguma das proibições do SENHOR, e se viola uma única delas^a:

³Se é o sacerdote consagrado pela unção^b que peca, tornando o povo culpado, ele apresenta ao SENHOR, em razão do pecado que cometeu, um novilho sem defeito, em sacrifício pelo pecado; ⁴traz o novilho à entrada da tenda da reunião, diante do SENHOR; impõe a mão^c sobre a

6.17-22;
Nm 15.
22-29

u. Os babilônios praticavam correntemente a adivinhação pela observação do lobo do fígado (= hepatomancia). Ao mandar oferecer a Deus esta parte do fígado, talvez se quisesse impedir que esta prática se infiltrasse na religião de Israel.

v. O holocausto oferecido a cada manhã, cf. 6.5; Ex 29.38-42.

w. A cauda, particularmente gorda em certas raças de ovelhas, é reservada ao Senhor.

x. Cf. 7.26; 23.3.14.21.31. A autoridade do Deus de Israel não está limitada a um território e àqueles que o habitam; ele é o Senhor de um povo que escolheu para si (Ex 20.2), e permanece ali, onde quer que habite este povo, pois a terra inteira me pertence (Ex 19.5). Assim, a proibição de consumir gordura e sangue é válida em qualquer lugar, mesmo que o ritual dos sacrifícios só seja aplicável a Jerusalém.

y. Cf. Introd.

z. O pecado por descuido ou por inadvertência opõe-se ao pecado intencional ou deliberado (cf. Nm 15.22-31). Falar de pecado involuntário mostra que se atribui tanta importância às consequências objetivas de um ato quanto às intenções subjetivas do seu ator. O pecado, mesmo involuntário, gera uma desordem que exige reparação através dos sacrifícios e dos ritos de absolvição.

a. Lit. contra todos os mandamentos do Senhor que não se fazem e cometendo-se um só dentre eles. Um mandamento negativo é um mandamento redigido em forma de proibição (p. ex. Não comerás homicídio, Ex 20.13, por oposição à ordem: Honra teu pai e tua mãe, Ex 20.12).

b. Lit. o sacerdote ungido, ou o sacerdote-messias (o hebr. *mashiah* e o gr. *khristos* geraram, respectivamente, as palavras Messias e Cristo). Este título designa o sumo sacerdote que, quando da sua consagração (cf. 8.12; Ex 29.1 nota), recebe uma unção de óleo santo. Primitivamente este rito fazia parte da consagração do rei (cf. 1Sm 10.1; 16.12-13). Depois do desaparecimento dos reis, foi introduzido no ritual da consagração do sumo sacerdote, transformado em chefe da comunidade.

Sobre a aplicação a Jesus dos títulos de Messias (ou Cristo) e de sumo sacerdote, cf. Hb. Introd. e caps. 9-10.

c. A imposição da mão não tem por objetivo fazer passar o pecado do homem para o animal; se fosse este o caso, seria impensável consumir a carne portadora do pecado (cf. 6.18-19), e mais ainda oferecer este animal em sacrifício ao Senhor (cf. 16.21 nota). O gesto, que faz parte também do ritual do holocausto (1.4), exprime certa identificação da vítima com o oferente: através da vítima, é o próprio oferente que se dá a Deus.

cabeça do novilho e o degola diante do SENHOR; ⁵o sacerdote consagrado pela unção toma do sangue do novilho e o traz à tenda da reunião; ⁶o sacerdote mergulha o dedo no sangue e, com este sangue, diante do SENHOR, asperge sete vezes o lado visível do véu do lugar santo; ⁷em seguida o sacerdote aplica deste sangue nos chifres do altar do perfume aromático que está na tenda do encontro, diante do SENHOR, e derrama todo o resto do sangue do novilho na base do altar do holocausto, que fica à entrada da tenda do encontro. ⁸Todas as partes gordas do novilho sacrificado pelo pecado, ele as separa: a gordura que envolve as vísceras, toda a que está acima das vísceras, ⁹e os dois rins, com a gordura que adere a eles e aos lombos — quanto ao lobo do fígado, separa-o, além dos rins —, ¹⁰exatamente como estas mesmas partes são separadas do touro do sacrifício de paz; em seguida o sacerdote as faz fumegar sobre o altar do holocausto. ¹¹A pele do novilho, toda a sua carne, inclusive a cabeça e as patas, as vísceras e os excrementos, ¹²em uma palavra, todo o resto do novilho, ele o faz levar para fora do acampamento, a um lugar puro^d, lá onde se despejam as cinzas gordurosas, e o queima sobre um fogo de lenha: é queimado no lugar onde se despejam as cinzas gordurosas.

¹³Se é toda a comunidade de Israel que, por inadvertência, comete uma falta e o caso é ignorado pela assembléia, se violaram uma única de todas as proibições do SENHOR e se tornaram assim culpados, ¹⁴quando tal pecado vem a ser conhecido, a assembléia apresenta em sacrifício pelo pecado um novilho, que é levado diante da tenda do encontro; ¹⁵os anciãos da comunidade^e impõem a mão sobre a cabeça do novilho, diante do

SENHOR, e se degola o novilho diante do SENHOR; ¹⁶o sacerdote consagrado pela unção traz uma parte do sangue do novilho à tenda do encontro; ¹⁷o sacerdote mergulha o dedo na porção que apanhou de sangue e, diante do SENHOR, asperge sete vezes o lado visível do véu; ¹⁸depois aplica deste sangue nos chifres do altar que está diante do SENHOR, na tenda do encontro, e despeja todo o resto do sangue na base do altar do holocausto, que fica na entrada da tenda do encontro. ¹⁹Todas as partes gordas, separa-as e as faz fumegar no altar. ²⁰Trata este novilho como tratou o novilho sacrificado para o pecado — é assim que o trata. Quando o sacerdote tiver executado sobre a assembléia o rito da absolvição, o pecado é perdoado. ²¹Ele manda levar o novilho para fora do acampamento e o queima, como queimou o novilho anterior. Este é o sacrifício pelo pecado da assembléia.

²²Se é um príncipe^f que peca, que viola por inadvertência uma única de todas as proibições do SENHOR, seu Deus, e se torna assim culpado, ²³caso se lhe der a conhecer o pecado que cometeu neste ponto, ele traz como presente um bode, um macho sem defeito; ²⁴impõe a mão sobre a cabeça do bode e o degola no lugar em que se degola o holocausto, diante do SENHOR. É um sacrifício pelo pecado. ²⁵Com o dedo, o sacerdote apanha do sangue da vítima sacrificada pelo pecado e o aplica nos chifres do altar do holocausto; depois derrama o resto do sangue na base do altar do holocausto. ²⁶Todas as partes gordas, fá-las fumegar no altar, como as do sacrifício de paz. Quando o sacerdote tiver executado sobre o príncipe o rito de absolvição do pecado, este lhe é perdoado.

²⁷Se for um homem do povo^g que peca por inadvertência, que viola uma única

Nm 15.
27-28

d. As partes do animal que não são nem queimadas sobre o altar nem consumidas não podem ser depositadas em um lugar qualquer, pois são santificadas pelo fato do sacrifício. Para este efeito está reservado um lugar fora do acampamento, um lugar puro, isto é protegido de todo uso profano (cf. 6.4), onde os restos são queimados de maneira não sacrificial.

e. Os *anciãos* são os representantes de toda a comunidade.

f. Na época patriarcal e durante a estada no deserto, o título de

príncipe (nusi) é dado a chefes de tribos entre os povos vizinhos de Israel (Gn 25.16; Nm 25.18), e no próprio Israel (Nm 7.2; 13.2). Sua menção no Lv corresponde antes ao uso que dele fazem Ezequiel e Esdras (cf. Ez 45 e as notas; Esd 1.8 nota).

g. Lit. *alguém do povo da terra*, isto é um simples particular. Cf. 2Rs 11.14 nota. Esta expressão ainda não tem o sentido pejorativo que assumirá na literatura rabínica: "Os que ignoram a Lei" ou "não a praticam".

das proibições do SENHOR e se torna culpado, ²⁹caso lhe derem a conhecer o pecado que cometeu, ele traz como presente uma cabra, uma fêmea sem defeito, pelo pecado que cometeu; ³⁰impõe a mão sobre a cabeça da vítima sacrificada pelo pecado e degola a referida vítima no mesmo lugar que o holocausto; ³¹com o dedo, o sacerdote apanha do sangue e o aplica nos chifres do altar do holocausto; depois despeja todo o resto do sangue na base do altar. ³²Todas as partes gordas, separa-as, como são separadas quando do sacrifício de paz, e o sacerdote as faz fumar no altar em perfume aplacador para o SENHOR. Quando o sacerdote tiver executado sobre o culpado o rito da absolvição, o pecado lhe é perdoado. ³³Se é um cordeiro que ele traz de presente como sacrifício pelo pecado, traz uma fêmea sem defeito; ³⁴impõe a mão sobre a cabeça da vítima sacrificada pelo pecado e a degola em sacrifício pelo pecado, no lugar em que se degola o holocausto; ³⁵com o dedo, o sacerdote apanha do sangue da vítima e o aplica nos chifres do altar do holocausto; em seguida despeja todo o resto do sangue na base do altar. ³⁶Todas as partes gordas, separa-as, como são separadas do cordeiro do sacrifício de paz, e o sacerdote as faz fumar no altar, além das oferendas queimadas do SENHOR. Quando o sacerdote tiver executado sobre o culpado o rito de absolvição do pecado que este cometeu, o pecado lhe é perdoado.

A) EXEMPLOS CONCRETOS

5 ¹Quando um indivíduo peca pelo fato de, tendo ouvido a fórmula de imprecação e sendo testemunha por ter visto ou ter sabido alguma coisa, não declara o que sabe, então carrega o peso da sua falta;

²ou então quando um indivíduo, sem se dar conta, toca qualquer coisa de impuro

— cadáver de animal selvagem impuro, ^{11.1-47} cadáver de animal doméstico impuro, cadáver de bicho impuro —, então se torna impuro e culpado;

³ou então quando, sem dar-se conta, toca uma impureza humana — qualquer ¹²⁻¹⁵ impureza que torna impuro —, então, desde o momento em que fica sabendo, se torna culpado;

⁴ou então quando um indivíduo, sem se dar conta, deixa seus lábios pronunciarem um juramento irrefletido, que lhe causa mal ou lhe traz proveito — em toda questão em que um homem pode ^{SI 15.4} fazer um juramento irrefletido —, então, desde quando ficar sabendo, se torna culpado^h.

⁵Quando um indivíduo é culpado em um desses casos, deve confessar em que pecou, ⁶em seguida trazer, a título de reparação para o SENHOR, por causa do pecado que cometeu, uma fêmea do rebanho, ovelha ou cabra, como sacrifício pelo pecado; então o sacerdote executará sobre ele o rito de absolvição do pecado.

B) CASOS DE INDIGÊNCIA ¹

⁷Se alguém não tiver meios para conseguir um animal do rebanho miúdo, pode trazer ao SENHOR, a título de reparação pelo pecado cometido, duas rolinhas ou dois pombos, um servindo para um sacrifício pelo pecado e o outro, para um holocausto. ⁸Ele os traz ao sacerdote, o qual apresenta primeiro o do sacrifício pelo pecado: destronca-lhe a cabeça adiante da nuca — mas não a separa —; ⁹com o sangue da vítima, asperge a parede do altar; em seguida faz jorrar o resto do sangue na base do altar: é um sacrifício pelo pecado. ¹⁰Do segundo, faz um holocausto de acordo com a norma. Quando o sacerdote tiver executado sobre ele o rito de absolvição do pecado que cometeu, este lhe é perdoado.

h. Hebr. acrescenta: *em um desses casos*, palavras retomadas do início do v. 5.

i. Ao prever um ritual menos dispendioso para pobres, o código mostra que os ritos não são a causa da purificação (se assim fosse, teriam de ser cumpridos a todo custo), senão que a expri-

mem no plano simbólico. Idêntica dispensa em 12,8; 14,21; 27,8. Os vv. 11-13 não propõem uma diminuição suplementar das prestações — pois um décimo de efá de farinha (aprox. 4 litros) não deve ter apresentado um valor tão inferior ao das duas aves —, mas pelo menos a farinha é algo que sempre se pode ter à mão.

11Se alguém não tiver à mão duas rolinhas ou dois pombos, pode até trazer como presente pelo pecado cometido um décimo de efá de farinha em sacrifício pelo pecado. Não derrama nela azeite nem coloca incenso, pois é um sacrifício pelo pecado. 12Ele a traz ao sacerdote; o sacerdote toma um punhado cheio a título de memorial e o faz fumar no altar, além das oferendas consumidas para o SENHOR; é um sacrifício pelo pecado. 13Quando o sacerdote tiver executado sobre ele o rito de absolvição do pecado cometido em um desses casos, o pecado lhe é perdoado. O sacerdote executa o ritual como no caso da oferta^m.

7.1-7 5 – O sacrifício de reparação^l.

14O SENHOR falou a Moisés dizendo: 15“Quando alguém cometeu um sacrilégio, pecando por inadvertência contra os direitos sagrados^l do SENHOR, deve trazer, a título de reparação para o SENHOR, um carneiro sem defeito, apanhado do rebanho e valendo um certo número de siclos de prata — conforme o siclo do santuário^m — para oferecê-lo em sacrifício de reparação. 16Aquilo de que privou o santuário, reembolsa-o acrescentando o quinto, e o entrega ao sacerdote. Quando o sacerdote tiver feito sobre ele o rito de absolvição por meio do carneiro do sacrifício de reparação, o pecado lhe é perdoado.

17Se alguém pecou sem o saber, violando uma única de todas as proibições do SENHOR, torna-se culpado e carrega o peso da sua falta. 18Ele trará ao sacerdote um carneiro sem defeito, apanhado do rebanho, segundo o valor indicado para o sacrifício de reparação. Quando o sacerdote tiver feito sobre ele o rito de absolvi-

ção do pecado cometido por inadvertência e sem saber, o pecado lhe é perdoado. 19É um sacrifício de reparação; pois a pessoa tinha de fato culpa diante do SENHOR”.

20O SENHOR falou a Moisés dizendo: 21“Quando alguém peca e comete um sacrilégio para com o SENHOR, seja mentindo a seu compatriotaⁿ a respeito de um objeto recebido em depósito, de um objeto tomado emprestado ou de um objeto roubado, seja explorando seu compatriota, 22seja mentindo a propósito de um objeto perdido que encontrou, se ademais pronunciar um falso juramento acerca de uma dessas ações que constituem pecados, 23aquele que assim pecou e se tornou culpado deve restituir o que roubou, ou o que extorquiu de seu compatriota, ou o que recebeu em depósito, ou o objeto perdido que encontrou, 24ou todo objeto a propósito do qual pronunciou um falso juramento; reembolsa-o por inteiro, acrescentando o quinto do preço, e o entrega a seu legítimo proprietário no dia em que se revela culpado^o. 25A título de reparação para o SENHOR, trará ao sacerdote um carneiro sem defeito, apanhado dentre o rebanho, segundo o valor indicado para um sacrifício de reparação. 26Quando o sacerdote tiver feito sobre ele diante do SENHOR o rito da absolvição, o pecado lhe é perdoado, pouco importa o que tiver feito para tornar-se culpado”.

6 – Prescrições rituais complementares para uso dos sacerdotes^p.

6 1O SENHOR falou a Moisés dizendo: 2“Dá a Aarão e a seus filhos as prescrições seguintes:

J. Outra tradução segundo as versões antigas: *o resto cabe ao sacerdote como no caso da oferta*.

k. Cf. Introd.

l. Os direitos sagrados do Senhor são essencialmente as primícias e os dízimos, cf. 27.9-33; Dt 14.22-29; 26.1-15. A elas podem-se acrescentar as oferendas santas (cujo consumo é reservado às famílias sacerdotais, cf. 22.1-16) e o que é prometido através de voto ou atingido por um interdito. Quando se peca por inadvertência, existe a possibilidade de resgatar-se, mas se o pecado for voluntário (cf. Js 7), só a morte pode expiar a falta.

m. Cf. Nm 3,47 nota.

n. As faltas em relação aos compatriotas são atentados à própria soberania de Deus, o Senhor de Israel, que se considera lesado quando um membro do seu povo é lesado.

o. Poder-se-ia também compreender: *no dia em que se oferece o sacrifício de reparação*.

p. Os capítulos 1-5 prescrevem o ritual dos sacrifícios essencialmente do ponto de vista dos ofertantes. Os capítulos 6-7 lembram sobretudo os deveres e os direitos dos oficiais.

1.1-17 Este é o ritual do *holocausto*:

O holocausto permanece a noite inteira sobre o braseiro do altar, até de manhã, e o fogo sobre o altar o consome.³O sacerdote veste a sua túnica de linho e veste o seu calção de linho sobre o corpo⁴; retira as cinzas gordurosas que provêm da combustão do holocausto sobre o altar e joga-as ao lado do altar; ⁴tira então suas vestes e reveste outras; leva as cinzas gordurosas para fora do acampamento, a um lugar puro. ⁵Quanto ao fogo sobre o altar, ele queimará ali sem nunca apagar-se; toda manhã o sacerdote acende nele lenhas, dispõe o holocausto e faz ali fumegar as partes gordas dos sacrifícios de paz. ⁶Um fogo perpétuo queimará sobre o altar, sem nunca apagar-se.

2Mc 1.
18-36

2.1-16 ⁷Este é o ritual da *oferenda*:

Os filhos de Aarão a apresentarão perante o SENHOR, diante do altar. ⁸Reserva-se um punhado — da farinha da oferenda, do azeite com todo o incenso que se encontra sobre a oferenda — e se faz fumegar no altar: perfume aplacador, memorial para o SENHOR. ⁹O que sobra, Aarão e seus filhos o comem; e comem-no sem fermento, em lugar santo; eles o comem no átrio da tenda do encontro; ¹⁰não se cozinha fermentado. É a parte que lhes dou das oferendas consumidas que me são oferecidas; é santíssimo, como o que sobra do sacrifício pelo pecado ou do sacrifício de reparação. ¹¹Tudo varão^q que fizer parte dos filhos de Aarão pode comer disso; é, de geração em geração, direito que vos é dado para sempre sobre as oferendas consumidas do SENHOR; tudo o que toca nisso está santificado^s.

¹²O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹³“Eis o presente que, no dia da sua unção, Aarão, assim como seus filhos, tra-

zem ao SENHOR: um décimo de efá de farinha como oferenda perpétua, metade de manhã, metade ao entardecer; ¹⁴ela é preparada sobre uma assadeira com azeite e tu a trazes bem misturada; apresentarás os pedaços desta oferenda de massa^t como perfume aplacador para o SENHOR. ¹⁵Aquele dentre seus filhos que o suceder como sacerdote consagrado pela unção faz o mesmo: é um direito para sempre; far-se-á fumegar totalmente para o SENHOR. ¹⁶Toda oferenda de um sacerdote é total^u: dela não se come nada”.

¹⁷O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹⁸“Fala a Aarão e a seus filhos:

Este é o ritual do *sacrifício pelo pecado*: 4.1-5.13

A vítima do sacrifício pelo pecado é degolada no lugar em que é degolado o holocausto, diante do SENHOR; é uma coisa santíssima. ¹⁹É o sacerdote que preside a este sacrifício que pode comê-la, e é em lugar santo que ela é comida, no átrio da tenda do encontro. ²⁰Tudo o que toca a carne da vítima está santificado; se o seu sangue salpicar a veste, tu lavarás em lugar santo a parte salpicada; ²¹um recipiente de argila em que a vítima foi cozida deve ser quebrado, mas se ela tiver sido cozida em recipiente de bronze, este é limpad e enxaguado na água^v. ²²Tudo varão dentre os sacerdotes pode comê-la; é coisa santíssima. ²³Mas não deve ser comida nenhuma vítima de um sacrifício pelo pecado, da qual se tiver trazido sangue à tenda do encontro para fazer o rito de absolvição no lugar santo; ela deve ser queimada.

Ag 2.11-12

⁷ Este é o ritual do *sacrifício de reparação*: 5.14-26

É uma coisa santíssima. ²No lugar em que se degola o holocausto, degola-se a vítima do sacrifício de reparação, e em

q. Lit. *sobre a sua carne*. Talvez o mesmo eufemismo que em 15.2. Cf. Ex 20.26; 28.42.

r. Cf. 6.22; 7.6. Outras partes das vítimas podem ser comidas pelas filhas das famílias sacerdotais, cf. 10.14; 22.12-13.

s. O texto é ambíguo; não se sabe se se trata de uma oferenda que o sumo sacerdote deve oferecer todos os dias desde a sua unção, ou de uma oferenda que, naquele dia, ele junta à oferenda perpétua.

t. Lit. *as massas da oferenda de pedaços*. Tradução incerta.

u. Os sacerdotes, enquanto representantes de Deus, recebem uma parte dos sacrifícios; mas quando eles mesmos oferecem sacrifícios, é lógico que não possam ao mesmo tempo ser beneficiários dos mesmos.

v. Estes ritos têm por objetivo neutralizar os efeitos do contato das carnes sagradas com diversos objetos. Os mesmos princípios são aplicáveis aos recipientes que se tornaram impuros, cf. 11.32-33.

seguida com o sangue dela o sacerdote asperge o contorno do altar; ³ele apresenta todas as partes gordas dela: a cauda, a gordura que envolve as vísceras, ⁴os dois rins com a gordura que adere a eles e aos lombos — quanto ao lobo do fígado, ele é separado, além dos rins —; ⁵então o sacerdote faz fumegar estes pedaços no altar: é uma oferenda consumida para o SENHOR. Este é o sacrifício de reparação.

6.22 ⁶Todo varão dentre os sacerdotes pode comer dele, e é em lugar santo que isso se come: é coisa santíssima. ⁷Tal como é o sacrifício pelo pecado, assim é o sacrifício de reparação: um único ritual para os dois. A vítima cabe ao sacerdote que executou o rito da absolvição.

⁸*Quanto ao sacerdote que apresenta o holocausto de alguém, cabe-lhe* a pele do holocausto que apresentou. ⁹Toda oferenda que foi cozida ao forno, assim como toda oferenda preparada na frigideira ou na assadeira, cabe ao sacerdote que a apresentou. ¹⁰Toda oferenda, tanto amassada com óleo como seca, cabe ao conjunto dos filhos de Aarão, a cada um em proporção igual⁷.

¹¹Este é o ritual do *sacrifício de paz* que se apresenta ao SENHOR:

¹²Se alguém o apresenta para acompanhar o “louvor”, apresentam-se para o sacrifício de louvor bolos sem fermento amassados com azeite, obreias sem fermento untadas com azeite e bolos feitos de farinha bem misturada e amassada com azeite; ¹³además dos bolos, traz-se como presente pão fermentado para

acompanhar o sacrifício de paz oferecido em louvor; ¹⁴apresenta-se um bolo de cada espécie; é um tributo para o SENHOR, e cabe ao sacerdote que fez a aspersão do sangue do sacrifício de paz. ¹⁵Quanto à carne do sacrifício de paz oferecido em louvor, ela é comida no próprio dia em que for apresentada, sem nada deixar de lado para o dia seguinte.

¹⁶Se o sacrifício apresentado for “votivo” ou “espontâneo”, ele é comido no mesmo dia em que se apresenta o sacrifício; no dia seguinte pode-se comer o que sobra dele; ¹⁷mas o que sobrar da carne do sacrifício deverá ser queimado no terceiro dia. ¹⁸Se mesmo assim se comesse, no terceiro dia, da carne do sacrifício de paz, aquele que o apresentasse não poderia ser aceito; seu sacrifício não seria considerado: tornou-se carne deteriorada; todo aquele que a comesse carregaria o peso da sua falta. ¹⁹Além disso, a carne que tiver tocado algo de impuro não deve ser comida, deve ser queimada.

No que concerne à carne^b: todo aquele que é puro pode comer da carne; ²⁰mas aquele que, encontrando-se em estado de impureza, comesse da carne do sacrifício de paz oferecido ao SENHOR, seria cortado da sua parentela^c; ²¹e aquele que tivesse tocado o que quer que seja de impuro, impureza humana, animal impuro ou todo animal proibido e impuro e depois comesse da carne do sacrifício de paz oferecido ao SENHOR, este seria cortado da sua parentela^c.

22,30

22,18-23;
Nm 15,3;
Sl 22,26;
50,14;
56,13;
66,13;
116,14,18
Dt 16,10;
Ez 46,12Esd 1,4;
3,5;
2Cr 31,14

22,3-7

11-15

w. Os vv. 8-10, que saem do contexto do sacrifício de reparação, parecem ter sido acrescentados neste lugar do texto, por causa do verbo *caber a*, que fixa os direitos dos oficiais.

x. Lit. *cabe a ele, ao sacerdote*.

y. Lit. *cada um como seu irmão*.

z. O sacrifício de *louvor* parece ser um sacrifício de paz oferecido por ocasião de uma solenidade (cf. Nm 15,3). É sem dúvida a expressão mais acabada do sacrifício israelita; a imolação da vítima (cf. Sl 50,14,23; 56,13) vinha acompanhada pelo *louvor*, isto é a proclamação — sob a forma da ação de graças — das obras de Deus (cf. p. ex. Sl 105; 106; 107).

a. As denominações dos sacrifícios *votivo* e *espontâneo* designam mais os motivos dos sacrifícios que categorias especiais do sacrifício de paz. Como indica o nome, o primeiro é o cumpri-

mento de um voto, e o segundo é independente de qualquer prescrição e de qualquer promessa.

b. A proibição de comer da carne de um sacrifício pode ter duas causas: ou o estado da própria carne (carne estragada, vv. 17-19a), ou o estado de impureza do consumidor (vv. 19b-21). A carne em 19b retoma, portanto, o v. 15 e designa a carne própria para o sacrifício e para o consumo.

c. *Cortado da sua parentela* provavelmente não significa uma execução capital (expressa por *ele será morto*, cf. 20,2). Na sua origem, a expressão podia designar a exclusão do faltoso da comunidade tribal; mais tarde ela parece corresponder a uma excomunhão da comunidade religiosa. De qualquer forma, o faltoso é privado dos seus vínculos vitais com a comunidade humana, e entregue às mãos de Deus, o qual por sua vez agirá segundo a sua justiça (cf. 20,6).

7 – Prescrições rituais gerais para uso do povo

²²O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²³“Fala aos filhos de Israel: tudo o que for gordo, de boi, de ovelha ou de cabra, não comeis; ²⁴a gordura de um animal morto e a gordura de um animal dilacerado podem servir a qualquer uso, mas não deveis comê-la. ²⁵Pois, todo aquele que comesse a gordura de um animal do qual tivesse apresentado alguma coisa em oferta consumida para o SENHOR, por ter comido disso, seria cortado da sua parentela.

²⁶Tudo o que for sangue, de ave ou de animal, não comereis, onde quer que habita; ²⁷todo aquele que comesse de qualquer sangue seria cortado da sua parentela”.

²⁸O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁹“Fala aos filhos de Israel: aquele que apresenta o seu sacrifício de paz ao SENHOR traz-lhe a parte que deve oferecer-lhe”; ³⁰com suas próprias mãos ele traz as ofertas queimadas do SENHOR, isto é, as partes gordas; e as traz, além do peito que é preciso oferecer com o gesto de apresentação^d diante do SENHOR; ³¹então o sacerdote faz fumar as partes gordas no altar, ao passo que o peito cabe a Aarão e

a seus filhos ³²e ao sacerdote dais a coxa direita a título de parte reservada^f dos vossos sacrifícios de paz; ³³esta coxa direita cabe em partilha àquele dos filhos de Aarão que apresenta o sangue e a gordura do sacrifício de paz. ³⁴Com efeito, o peito do rito de apresentação e a coxa que é a parte reservada, tomei-os dos filhos de Israel, dos seus sacrifícios de paz, e dei-os ao sacerdote Aarão e a seus filhos, a título de direito perene, da parte dos filhos de Israel. ³⁵Esta é a parte de Aarão e a parte de seus filhos, das ofertas consumidas do SENHOR, desde o dia em que tiverem sido aproximados para exercer o sacerdócio a serviço do SENHOR. ³⁶parte que o SENHOR prescreveu aos filhos de Israel darem a eles, desde o dia em que os tiver ungido; esta é uma lei perene para eles, de idade em idade^g”.

³⁷Este é o ritual do holocausto e da oferta, do sacrifício pelo pecado e do sacrifício de reparação, da investidura e do sacrifício de paz. ³⁸que o SENHOR prescreveu a Moisés sobre a montanha do Sinai, no dia em que ordenou aos filhos de Israel que trouxessem seus presentes ao SENHOR no deserto do Sinai.

II. RELATO DA INVESTIDURA DOS PRIMEIROS SACERDOTES^h

1 – Consagração de Aarão e de seus filhos

⁸¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Toma Aarão com seus filhos, as vestes e o óleo de unção, o novilho do sacrifício para o pecado e os dois carneiros, e a cesta dos pães sem fermento. ³Em seguida reúne toda a comunidade na entrada da tenda do encontro”.

⁴Moisés fez o que lhe ordenara o SENHOR, e a comunidade reuniu-se na en-

trada da tenda do encontro. ⁵Então Moisés disse à comunidade: “Eis o que o SENHOR mandou fazer”. ⁶E Moisés fez aproximarem-se Aarão e os filhos deste, e os lavou na água; ⁷vestiu a túnica em Aarão, cingiu-o com o cinto, revestiu-o com o manto e lhe vestiu o efod; cingiu-o com a faixa do efod e o envolveu com ela; ⁸colocou sobre ele o peitoral e pôs dentro os Urim e os Tumim; ⁹pôs o turbante sobre a cabeça dele, e fixou na

6,12-16;
Ex 29,1-37;
40,9-15

d. Lit. *traz ao Senhor o seu presente tomado de seu sacrifício de paz*.

e. O gesto (ou o rito, v. 34) de *apresentação* (proveniente de uma raiz que exprime um movimento de *vaivém*) indica que o objeto é oferecido a Deus, o qual o restitui ao sacerdote, seu representante no meio do povo.

f. A coxa direita é *reservada*, lit. *alçada* (também isto em um gesto ritual, cf. nota anterior) em favor do oficiante. Não somen-

te se trata de um dos melhores pedaços, senão que ela também está localizada perto dos órgãos de reprodução, portanto do mistério da vida.

g. A regulamentação dos cap. 6 e 7 sobre os direitos dos sacerdotes lembra os textos de Ne 10 e 12,44-13,31. Ela pode datar do mesmo período pós-exílico, época em que o sacerdócio conheceu dificuldades econômicas, das quais se tem um eco em Mt 3,7-10 h. Cf. *Introd.*

parte dianteira do turbante o florão de ouro¹, insígnia da sagração, conforme o SENHOR ordenara a Moisés.

Ex 30,22-33

¹⁰Moisés tomou o óleo de unção. Com ele ungiu e consagrou o tabernáculo e tudo o que este continha; ¹¹aspergiu o altar sete vezes, depois ungiu o altar e todos os seus acessórios, assim como a bacia com o seu suporte, para consagrá-los; ¹²derramou deste óleo de unção sobre a cabeça de Aarão e o ungiu para sagrá-lo.

¹³Moisés fez aproximarem-se os filhos de Aarão, revestiu-os com túnica, cingiu-os com o cinto e cobriu com tiaras, conforme o SENHOR ordenara a Moisés.

¹⁴Fez aproximar o novilho do sacrifício pelo pecado; Aarão e seus filhos impuseram a mão sobre a cabeça do novilho; ¹⁵Moisés o degolou e recolheu o sangue; com o dedo aplicou deste sangue nos chifres do contorno do altar, que purificou de seu pecado²; derramou o sangue na base do altar, consagrando-o e fazendo sobre ele o rito de absolvição; ¹⁶Moisés tomou toda a gordura que está acima das vísceras, o lobo do fígado, os dois rins com a sua gordura, e os fez fumegar no altar; ¹⁷o novilho como tal, pele, carne e excrementos, foi queimado fora do acampamento, conforme o SENHOR ordenara a Moisés.

Ez 43,20

¹⁸Ele apresentou o carneiro do holocausto; Aarão e seus filhos impuseram a mão sobre a cabeça do carneiro; ¹⁹Moisés o degolou e aspergiu o contorno do altar com o sangue dele; ²⁰Moisés partiu o carneiro em quartos, fazendo fumegar a cabeça, os quartos e a gordura dele; ²¹Moisés lavou na água as vísceras e as patas, e fez fumegar no altar o carneiro inteiro; foi um holocausto, um perfume aplacador, foi uma oferenda consumida para o SENHOR, conforme o SENHOR ordenara a Moisés.

²²Ele apresentou o segundo carneiro como carneiro de investidura; Aarão e seus filhos impuseram a mão sobre a cabeça do carneiro; ²³Moisés o degolou

e recolheu o sangue; aplicou deste sangue no lóbulo da orelha direita de Aarão, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito; ²⁴Moisés fez aproximarem-se os filhos de Aarão, e aplicou sangue no lóbulo da orelha direita deles, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito; em seguida Moisés aspergiu o contorno do altar com o sangue; ²⁵tomou as partes gordas — a cauda, toda a gordura acima das vísceras, o lobo do fígado e os dois rins com a sua gordura — assim como a coxa direita; ²⁶da cesta dos pães sem fermento que se encontra diante do SENHOR, tomou uma torta sem fermento, uma torta com azeite e uma obreia, que colocou por cima das gorduras e da coxa direita; ²⁷entregou tudo às mãos de Aarão e às mãos de seus filhos, e o fez oferecer com o gesto de apresentação, diante do SENHOR. ²⁸Moisés o retomou das mãos deles e o fez fumegar no altar com o holocausto; foi um sacrifício de investidura, um perfume aplacador, foi uma oferenda consumida para o SENHOR. ²⁹Moisés tomou o peito e o ofereceu com o gesto de apresentação diante do SENHOR; do carneiro de investidura, foi isto o que coube a Moisés em partilha, conforme o SENHOR ordenara a Moisés. ³⁰Moisés tomou do óleo de unção e do sangue que estava sobre o altar, e com ele aspergiu Aarão e as suas vestes, da mesma forma que os seus filhos e as vestes deles; foi assim que sagrou Aarão e suas vestes, da mesma forma que os seus filhos e as vestes deles.

³¹Moisés disse a Aarão e a seus filhos: “Fazei cozinhar a carne na entrada da tenda do encontro; é ali que a comereis, com o pão que se encontra no cesto da investidura, conforme ordenei ao dizer: ‘Aarão e seus filhos a comerão’”. ³²O resto de carne e de pão, queimá-lo-eis. ³³E durante sete dias não deixareis a entrada da tenda do encontro, até o momento em

i. Sobre *efod*, *peitoral*, *Urim e Tumim*, *florão de ouro*, ver as notas em Ex 28,6.15.30.36.

j. Este sacrifício é o primeiríssimo oferecido sobre o altar (cf.

9,1 nota), o qual deve primeiro ser libertado do seu caráter profano (*seu pecado*) através de um rito de absolvição e de consagração.

que se completarem os dias da vossa investidura; pois durante sete dias vos será conferida a investidura^k.³⁴ Como foi feito hoje. O SENHOR ordenou que assim se procedesse, para executar sobre vós o rito de absolvição.³⁵ Vós permanecereis na entrada da tenda do encontro dia e noite durante sete dias; em seguida podereis assegurar o serviço do SENHOR sem morrerdes. Foi isto que me foi ordenado”.

³⁶Aarão e seus filhos executaram todas as ordens que o SENHOR havia dado por intermédio de Moisés.

2 – Primeiros sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes^l

9 ¹Ora, no oitavo dia^m, Moisés chamou Aarão e seus filhos, assim como os anciãos de Israel. ²Disse a Aarão: “Providencia um bezerro para um sacrifício pelo pecado e um carneiro para um holocausto, ambos sem defeito, e apresenta-os diante do SENHOR. ³Em seguida dirigirás estas palavras aos filhos de Israel: “Tomai um bode para um sacrifício pelo pecado, assim como um bezerro e um cordeiro de um ano”, ambos sem defeito, para um holocausto, ⁴um touro e um carneiro para um sacrifício de paz a ser oferecido diante do SENHOR, e uma oferenda amassada com azeite; pois é hoje que o SENHOR vos aparecerá”.

⁵Eles levaram para a frente da tenda do encontro o que Moisés havia ordenado, e em seguida toda a comunidade aproximou-se e ficou de pé diante do SENHOR. ⁶Moisés disse: “Eis o que o SENHOR vos mandou fazer, a fim de que vos apareça

a glóriaⁿ do SENHOR”. ⁷Depois Moisés disse a Aarão: “Aproxima-te do altar, oferece o teu sacrifício pelo pecado e o teu holocausto, para executar o rito de absolvição em teu benefício e em benefício do povo^o, depois oferece o presente do povo, para executar o rito de absolvição em seu favor, como o SENHOR ordenou”.

⁸Aarão aproximou-se do altar e degolou o bezerro do sacrifício pelo próprio pecado; ⁹os filhos de Aarão apresentaram-lhe o sangue; ele molhou o dedo no sangue e aplicou deste sangue nos chifres do altar; derramou o sangue na base do altar; ¹⁰fez fumegar no altar a gordura, os rins e o lobo do fígado da vítima, conforme o SENHOR ordenara a Moisés; ¹¹carne e pele, queimou-as fora do acampamento. ¹²Ele degolou o holocausto; os filhos de Aarão entregaram-lhe o sangue com o qual aspergiu o contorno do altar; ¹³eles entregaram-lhe o holocausto em quartos — incluída a cabeça —, e o fez fumegar sobre o altar; ¹⁴lavou as vísceras e as patas e as fez fumegar no altar com o holocausto.

¹⁵Depois apresentou os dons do povo: tomou o bode do sacrifício pelo pecado do povo, degolou-o e ofereceu-o como primeira vítima; ¹⁶apresentou o holocausto, e o ofereceu segundo a norma; ¹⁷apresentou a oferenda: apanhou um punhado cheio dela que fez fumegar sobre o altar, além do holocausto da manhã; ¹⁸degolou o touro e o carneiro oferecidos pelo povo em sacrifício de paz; os filhos de Aarão entregaram-lhe o sangue com o qual aspergiu o circuito do altar; ¹⁹as partes gordas do touro e as

k. Lit. *enêherão as vossas mãos*, sinal da investidura. Cf. Jz 17,3-12.

l. Segundo a tradição “sacerdotal”, exceção feita dos sacrifícios requeridos pela investidura de Aarão e dos filhos deste e realizados por Moisés (cap. 8), não foi oferecido nenhum sacrifício até este momento. (Os relatos de sacrifícios oferecidos por Noé, Gn 8,20-21, e por Abraão, Gn 12,7-8; 22,13, provêm de outras tradições.)

m. Os oito dias formam uma única celebração, sendo que os sete primeiros são apenas a preparação do oitavo, no qual os sacerdotes que acabam de ser consagrados exercem pela primeira vez o seu sacerdócio, e isto, na sua plenitude: ofe-

recem em uma única cerimônia os quatro tipos principais de sacrifícios.

n. Cf. Ex 12,5 nota.

o. O v. 4 falava da aparição do próprio Senhor. A *glória* é o sinal visível da presença de um Deus que não se pode ver sem morrer (cf. Jz 13,22). Note-se a gradação sábia e comedida na proximidade de Deus: em Ex 16,10 a *glória do Senhor* aparece ao longe na nuvem; em Ex 24,16, ela se instala sobre a montanha do Sinai, e Moisés penetra nela; em Ex 40,34-38 ela enche a Morada; em Lv 9,6,23, ela aparece de perto ao povo inteiro.

p. O gr., ao ler e em favor da tua casa, conservou provavelmente um texto melhor.

do carneiro, a saber, a cauda, a gordura que envolve as vísceras^q, os rins e o lobo do fígado, ²⁰colocaram-nas sobre os peitos e ele as fez fumegar no altar; ²¹Aarão ofereceu os peitos e a coxa direita com o gesto de apresentação diante do SENHOR, conforme Moisés tinha ordenado. ²²Erguendo então as mãos acima do povo, Aarão o abençoou^r, depois voltou a descer, após acabar de oferecer o sacrifício pelo pecado, o holocausto e os sacrifícios de paz.

²³Moisés e Aarão entraram na tenda do encontro, depois saíram novamente para abençoar o povo. Então a glória do SENHOR apareceu a todo o povo; ²⁴um fogo saiu de diante do SENHOR e devorou sobre o altar o holocausto e as gorduras^s. O povo inteiro viu isto; eles gritaram de alegria^t e se prosternaram.

3 – Normas para o luto, as bebidas fermentadas e o consumo dos sacrifícios

10 ¹Ora, Nadab e Abihu, filhos de Aarão, tomando cada um o seu incensório, puseram neles fogo sobre o qual depuseram perfume; apresentaram assim, diante do SENHOR, um fogo profano, que ele não lhes tinha ordenado^u. ²Então um fogo saiu diante do SENHOR e os devorou; e morreram diante do SENHOR.

³Moisés disse a Aarão: “Bem que o SENHOR o havia dito:

‘Por aqueles que se aproximam de mim eu quero ser santificado,

e diante do povo inteiro eu quero ser glorificado”^v.

Aarão entoou uma lamentação^w. ⁴Mas Moisés chamou Mishael e Elşafan, filhos de Uziel, tio de Aarão, e disse-lhes: “Aproximai-vos! Retirai vossos irmãos de diante do lugar santo, para fora do acampamento”. ⁵Depois de se aproximarem, levaram-nos, vestidos com sua túnica, para fora do acampamento, como dissera Moisés. ⁶Moisés disse então a Aarão, assim como aos filhos deste, Eleazar e Itamar: “Não desgrenheis os vossos cabelos, não rasgueis vossas vestes, para não morreres e assim não atraídes a cólera contra toda a comunidade. São todos os vossos irmãos da casa de Israel que prantearão os que o SENHOR destruiu pelo fogo”. ⁷Quanto a vós, não deveis abandonar a entrada da tenda do encontro, para que não morrais, pois estais marcados com o óleo da unção do SENHOR”. Eles agiram de acordo com a palavra de Moisés.

⁸O SENHOR falou a Aarão dizendo: ⁹“Tu e teus filhos, não bebais nem vinho nem bebida inebriante, quando tiverdes de ir à tenda do encontro; assim não morrereis. É uma lei perene para vós, de geração em geração. ¹⁰É para terdes condição de distinguir o sagrado do profano, o que é impuro do que é puro, ¹¹e de ensinar aos filhos de Israel todos os decretos que o SENHOR promulgou para eles por intermédio de Moisés”.

¹²Moisés falou a Aarão, e a Eleazar e Itamar, os filhos que lhe restavam: “Tomai

2Sm 6,18;
1Rs 8,
14.54-55

Ex 16,7;
1Rs 8,10-11;
2Cr 7,1-3

Nm 17,2

Nm 16,35;
2Rs 1,10-14

Ez 44,20

2Cr 24,18;
25,15;
28,11,13;
Ne 13,18

8,1-36

Is 28,7;
Ez 44,21

Ez 44,23

q. Lit. *aquilo que envolve*. Cf. 3,3,9.14 etc.
r. Fórmulas de bênção foram-nos conservadas, p. ex., em Nm 6,24-26; 1Rs 8,56-58; Sl 134,3; Sr 50,23-24.

s. Dizer que o fogo que consome o holocausto vem diretamente de Deus (cf. igualmente os sacrifícios de Gn 15,17; Jz 6,21; 1Rs 18,38; 1Cr 21,26) significa que o sacrifício é aceito, que atingiu o seu objetivo. Se o primeiro sacrifício oferecido por Aarão depois da instituição do santuário e do sacerdócio é assim aceito, todos os sacrifícios oferecidos em virtude desta instituição são de certo modo declarados legítimos.

t. O povo participa vendo, aclamando e prosternando-se. Mas, embora neste cap. se trate de *sacrifício de paz* (vv. 4.18.22), não se fala da participação do povo através de uma refeição comunitária (ao contrário, cf. Ex 18,12; 24,11). Isto corresponde à tendência do Lv. que considera o holocausto superior ao sacrifício de paz. — Os gritos de alegria não são gritos desordenados, mas aclamações rituais (cf., p. ex., Sl 95,1).

u. Importa pouco saber em que a oferenda de Nadab e Abihu não era conforme; o paradigma dos vv. 1-5 tem por finalidade introduzir a lei sobre o luto dos sacerdotes (vv. 6-7). Veja-se um paradigma do mesmo estilo em 24,10-23.

v. Poder-se-ia também compreender, com a maioria das versões antigas e dos comentaristas: *Aarão se manteve em silêncio*. (O hebr. conhece dois verbos homônimos, que significam *calar-se* e *lamentar-se*.) Contudo, uma lamentação (ritual) parece caber melhor aqui nesta história de luto.

w. Os cabelos desgrenhados (ou, com mais frequência, a cabeça raspada, cf. Jó 1,20), as vestes rasgadas (Gn 37,34) e as lamentações (Gn 23,2) são as manifestações tradicionais e legítimas do luto (em contrapartida, as incisões no corpo são absolutamente reprovadas pela tradição “sacerdotal”, Lv 19,28). Essas práticas não são permitidas aos sacerdotes, uma vez que, como representantes do Deus vivo e santo, não podem ter conexão com a morte e com tudo o que esta implica de impureza.

6.12-16 a oferenda, depois de retirardes o que são oferendas queimadas do SENHOR, e comei-a sem fermento, ao lado do altar, pois é uma parte muito santa. ¹³Comê-la-eis em lugar santo, pois é o direito, para ti e teus filhos, sobre as oferendas queimadas do SENHOR. Esta é a ordem que recebi. ¹⁴Quanto ao peito do rito de apresentação e à coxa do rito do tributo, comê-los-eis em lugar puro^x, tu, da mesma forma que teus filhos e tuas filhas, pois são o direito concedido a ti e a teus filhos sobre os sacrifícios de paz dos filhos de Israel. ¹⁵Esta coxa que é parte reservada e este peito do rito de apresentação, os oferentes os levam com as partes gordas para queimar, para oferecê-los com o gesto de apresentação diante do SENHOR; em seguida eles cabem a ti, da mesma forma que a teus filhos, como direito perene, conforme o SENHOR ordenou^y.

¹⁶Quando Moisés inquiriu pelo bode do sacrifício pelo pecado, descobriu que o haviam queimado. Encolerizou-se contra Eleazar e Itamar, os filhos que restavam a Aarão: ¹⁷“Por que não comestes a vítima no lugar santo^z, pois é uma parte santíssima? O SENHOR vo-la concedeu para tirar o pecado da comunidade e para que se faça em favor dela o rito de absolvição diante do SENHOR. ¹⁸Já que o sangue não foi levado ao interior do lugar santo, devêis comer a vítima no lugar santo, como eu havia ordenado”. ¹⁹Aarão falou a Moisés: “Ouve: neste dia, em que eles apresentaram diante do SENHOR o sacrifício pelo pecado e o seu holocausto, eis o que me aconteceu... Aprovaria o SENHOR que eu comesse da vítima pelo pecado em tal dia?” ²⁰Moisés concordou com o que acabava de ouvir.

III. INSTRUÇÕES SOBRE O PURO E O IMPURO^a

Dt 14.3-20; Mc 7.19; At 10.9-16 **11** **1** – Animais puros e impuros^b

¹O SENHOR falou a Moisés e a Aarão dizendo: ²“Falai aos filhos de Israel:

Dentre todos os animais terrestres, estes são os que podereis comer: ³os que têm o casco fendido^c e ruminam, esses, podereis comê-los. ⁴Assim, entre os animais que ruminam ou que têm tal casco, não deveis comer os seguintes:

o camelo, pois ruma, mas não tem tal casco: para vós ele é impuro;

⁵o hírace^d, pois ruma, mas não tem tal casco: para vós ele é impuro;

⁶a lebre, pois ruma^e, mas não tem tal casco: para vós ela é impura;

⁷o porco, pois tem o casco fendido, mas não ruma: para vós ele é impuro.

⁸Não deveis nem comer da carne deles nem tocar o seu cadáver; para vós eles são impuros.

⁹Entre todos os animais aquáticos, eis o que podeis comer: todo animal aquático, de mar ou de rio, que tiver barbatanas e escamas, podeis comer; ¹⁰mas todos os que não tiverem barbatanas nem escamas, nos mares e nos rios — dentre tudo o que pulula na água^f, dentre todos

x. Não se deve confundir o lugar *puro* do v. 14 com o lugar *santo* do v. 13, que é o átrio da tenda (6.9.19), nem aliás com o lugar *puro* mencionado em 4.12; 6.4 e que está localizado fora do acampamento.

y. Lv 6.18-22 prevê que os sacerdotes consumam a carne do sacrifício pelo pecado.

z. Texto obscuro e tradução incerta.

a. Os caps. 11-16 reúnem regulamentações israelitas tradicionais sobre o *puro* e o *impuro*, como figuram, por exemplo, em Dt 14. Sobre o conceito de impureza, cf. Introd.

b. Se certos animais são proibidos para o consumo, não é somente por motivos estéticos ou higiênicos, nem porque estavam ligados a cultos idolátricos. É provavelmente porque, em um passado longínquo e por motivos hoje desconhecidos, foram

associados simbolicamente a poderes ameaçadores. No início da nossa era, a exegese alegórica (*Carta de Aristéias*, *Filón*, *Orígenes*) procurará dar uma razão moral para essas proibições: p. ex. os animais ferozes são proibidos para que o homem saiba que deve evitar a violência, etc. A tradução de certos nomes de animais permanece hipotética.

c. Lit. *que possuem cascos e que têm uma rachadura nos cascos*.

d. Pequeno paquiderme do porte de um coelho, que vive em bandos nas rochas, na África do Norte e no Oriente Próximo.

e. O movimento dos lábios da lebre fez com que ela fosse classificada entre os ruminantes.

f. O hebr. entende provavelmente por *o que pulula* os animais que vivem em colônias inumeráveis, e por *seres vivos* os que se pode contar um a um.

os seres vivos que há nas águas — vos são proibidos^a ¹¹e vos ficarão proibidos; ^{11,43}não deveis comer da sua carne, e considerareis proibido o seu cadáver; ¹²todo animal aquático sem barbatanas nem escamas vos é proibido.

¹³Dentre as aves, estas são as que considerareis proibidas; não devem ser comidas, são proibidas: a águia, o abutre, a águia-marinha, ¹⁴o milhafre, as diversas espécies de abutres, ¹⁵todas as espécies de corvos, ¹⁶o avestruz, a coruja, a gai-vota, as diversas espécies de gaviões, ¹⁷o mocho, o alcatraz, a coruja uivante, ¹⁸a coruja das torres^b, a gralha^c, o abutre branco, ¹⁹a cegonha, as diversas espécies de garças, a poupa e o morcego.

²⁰Todo inseto alado que anda sobre quatro patas vos é proibido. ²¹Todavia, de todos os insetos alados que andam sobre quatro patas, estes são os que podeis comer: os que, além das patas, têm pernas traseiras mais longas, permitindo-lhes saltar sobre a terra firme. ²²Estes são os que podeis comer: as diferentes espécies de gafanhotos, acrídeos, grilos e locustídeos^d. ²³Mas todo inseto alado que tem simplesmente quatro patas vos é proibido.

²⁴Além disso, esses animais vos tornam impuros — todo aquele que tocar o cadáver deles é impuro até a tarde, ²⁵e todo aquele que carregar o cadáver deles deve lavar suas vestes e é impuro até a tarde —; ²⁶todos os animais que têm o casco não-fendido ou que não ruminam — para vós são impuros: todo aquele que os tocar é impuro. ²⁷Da mesma forma, todos os quadrúpedes que caminham sobre a planta dos pés são impuros para vós; todo aquele que tocar o cadáver deles é impuro até a tarde, ²⁸e todo aquele que carregar o cadáver deles deve lavar suas vestes e é impuro até a tarde, pois para vós eles são impuros.

²⁹Dos animais que pululam sobre a terra firme, eis os que, para vós, são impuros: a toupeira^k, o rato, as diversas espécies de grandes lagartos, ³⁰o furão, o lagarto, a salamandra, a lagartixa e o camaleão. ³¹Estes são entre todos os animais que pululam sobre a terra, os que considerareis impuros. Todo aquele que os tocar quando mortos, é impuro até a tarde. ³²E se um deles cair morto sobre qualquer objeto, este se torna impuro, quer seja um utensílio de madeira, um vestido, uma pele ou um saco, em suma, um utensílio que sirva a qualquer uso que seja; ele tem de ser passado em água, é impuro até a tarde, quando então se torna puro. ³³Se um deles cair em qualquer recipiente de barro, todo o conteúdo se torna impuro e deveis quebrar o recipiente; ³⁴se se espalhar desta água sobre qualquer alimento comestível, este se torna impuro; e da mesma forma uma bebida potável se torna impura, qualquer que seja o recipiente que a contenha. ³⁵Se o cadáver de um deles cair sobre algum objeto, este se torna impuro; um forno ou um fogão, deveis demoli-lo, pois são impuros e portanto os considerareis impuros; ³⁶todavia, no que concerne à fonte e à cisterna, a massa de água^l permanece pura, mas aquele que tocar o cadáver^m se torna impuro; ³⁷se cair um dos cadáveres deles sobre grão destinado a semear, o grão permanece puro; ³⁸mas se já se derramou água sobre o grãoⁿ e sobre este cair um desses cadáveres, considerareis o grão como impuro.

³⁹Se vier a morrer um animal que vos serve de alimento, aquele que toca o cadáver será impuro até a tarde; ⁴⁰o que comer desse cadáver deve lavar suas vestes e será impuro até a tarde; aquele que transportar esse cadáver deve lavar suas vestes e será impuro até a tarde.

g. Além de designar o tabu, este termo (tb. nos vv. seguintes) evoca o que é detestável, abominável, imundo.

h. O gr. compreendeu *galinha sultana* e a Vulgata, *cisne*.

i. Tradicionalmente entendido como *pelicano*; mas, segundo Is 34.11 e Sf 2.14, esta ave habita nas ruínas, e segundo o Sl 102.7, no deserto.

j. O hebr. enumera quatro espécies de gafanhotos (diferentes

das que são mencionadas em Jl 1-2) não identificados. Damos aqui simplesmente quatro nomes que designam insetos aparentados.

k. O gr. e a Vulg. compreenderam *doninha*.

l. As fontes de água são por si mesmas purificadoras.

m. Para tirá-lo fora da água.

n. Para cozinhá-lo e consumi-lo.

⁴¹Todos os animais que pululam sobre a terra são considerados proibidos: não se pode comê-los. ⁴²Todos esses animais que pululam sobre a terra, quer se desloquem sobre o ventre ou sobre quatro ou mais patas, não os comereis, pois são considerados proibidos. ⁴³Não vos torneis proibidos vós mesmos, com todos esses animais

que pululam, não vos deixeis contaminar por eles para não ficardes impuros por causa deles. ⁴⁴Pois eu sou o SENHOR vosso Deus; santificar-vos-eis, portanto, para serdes santos, pois eu sou santo; não vos torneis vós mesmos impuros com todos esses animais que pululam e se agitam sobre a terra. ⁴⁵Pois fui eu o SENHOR que vos fiz subir da terra do Egito, a fim de que, para vós, eu seja Deus; deveis, portanto, ser santos, pois eu sou santo".

⁴⁶Estas são as instruções referentes aos animais, às aves e a todos os seres vivos que se agitam nas águas ou que pululam sobre a terra. ⁴⁷Elas servem para distinguir o que é impuro do que é puro, e os animais que se podem comer daqueles que não se podem comer.

2 – Purificação da mulher que deu à luz¹

12 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ^{2a}Fala aos filhos de Israel: "Se uma mulher grávida der à luz um menino, é impura durante sete dias, o mesmo período que por ocasião da sua indisposição menstrual. ³No oitavo dia, circuncida-se o prepúcio da criança; ⁴em seguida, durante trinta e três dias, a mulher espera a purificação do seu sangue²; não toca nenhuma coisa santa e não vai ao santuário até completar-se o seu tempo

de purificação. ⁵Se ela der à luz uma menina, durante duas semanas ela é impura, como no caso da indisposição; em seguida, durante sessenta e seis dias, ela espera a purificação do seu sangue³. ⁶Ao terminar o seu tempo de purificação, para um menino ou para uma menina, ela leva ao sacerdote, à entrada da tenda do encontro, um cordeiro de um ano de idade, para um holocausto, e uma rola ou um pombo para um sacrifício pelo pecado; ⁷o sacerdote os apresenta diante do SENHOR, e quando tiver feito sobre ela o rito de absolvição, ela está purificada da sua perda de sangue".

Estas são as instruções referentes à mulher que dá à luz um menino ou uma menina.

^{8a}Se ela não conseguir um cordeiro, tome duas rolinhas ou dois pombos⁴, o primeiro para um holocausto e o segundo para um sacrifício pelo pecado; quando o sacerdote tiver feito sobre ela o rito da absolvição, ela estará purificada."

Lc 2,24

3 – A lepra⁵

A) A LEPROSA DA PESSOA

13 ¹O SENHOR falou a Moisés e a Aarão dizendo:

Nm 12,10;
2Rs 5;
Dt 24,8-9;
Sl 38; Jb 2

^{2a}Caso se forme na pele de alguém um tumor, um darto ou uma mancha lustrosa, e isto se torne uma doença⁶ do tipo da lepra, a pessoa é levada ao sacerdote Aarão ou a um dos sacerdotes, filhos seus; ³o sacerdote procede ao exame do mal da pele: se na parte doente o pêlo se tiver tornado branco e isto parecer formar uma depressão na pele, é uma doença do tipo de lepra; após o exame, o

o. Para entender a impureza ocasionada pelo parto, é preciso recordar o conceito primitivo de impureza, diferente da noção de falta moral (cf. Introd.). O parto é causa de impureza, por vir acompanhado de uma perda involuntária de sangue (o que é sempre sentido como um mistério inquietante). Julgou-se necessário marcar por um rito a renovação da vida no grupo social.

p. Lit. *ela permanece no sangue de purificação*, ou seja, ela aguarda ser purificada do seu corrimento de sangue.

q. O nascimento de uma menina era geralmente considerado como uma bênção menor que o de um menino. Por isso exigia-se um período de purificação mais longo.

r. Cf. 5,7 nota.

s. A *lepra* designa aqui doenças variadas da pele (dermatoses), e não somente a doença que conhecemos hoje por este nome (a Hanseníase); a palavra aplica-se até ao bolor que pode carcomer as vestes ou os muros. Em oposição à saúde, que é o estado normal, a lepra, como aliás toda doença, é um estado insólito: é preciso proteger o grupo das forças misteriosas que agem no caso, declarando a impureza do homem ou da coisa doente. O sacerdote desempenha aqui o papel de um especialista, encarregado de decidir se existe realmente impureza ou não.

t. Lit. *golpe*. A mesma palavra designa a doença, o doente (v. 4) ou a mancha de uma roupa (v. 47).

sacerdote declara a pessoa impura.⁴Se se tratar de uma mancha lustrosa e branca na pele, e não parecer formar uma depressão na pele, e os pêlos não se tiverem tornado brancos, o sacerdote deixa o doente em isolamento durante sete dias; ⁵no sétimo dia, o sacerdote procede ao exame: se o mal tiver ficado visivelmente estacionário, sem estender-se pela pele, o sacerdote deixa o paciente em isolamento por um segundo período de sete dias; ⁶no sétimo dia, o sacerdote procede a um segundo exame; se a parte doente estiver descolorida e o mal não se propagou pela pele, o sacerdote o declara puro: é um simples dartro; o indivíduo lava suas vestes, depois do que está puro; ⁷mas se o dartro se propagar pela pele, depois do exame pelo sacerdote em vista de uma declaração de pureza, o paciente vem para um novo exame por parte do sacerdote; ⁸o sacerdote procede ao exame: uma vez que o dartro se tiver propagado pela pele, o sacerdote o declara impuro: é a lepra.

⁹Se uma pessoa for atingida por uma doença do tipo da lepra, é levada ao sacerdote; ¹⁰o sacerdote procede a um exame; se houver um tumor branco na pele, que tenha feito os pêlos se tornarem brancos e deixe à mostra a carne viva, ¹¹trata-se de uma lepra inveterada na sua pele; o sacerdote o declara impuro; não se dá ao trabalho de deixá-lo em isolamento, pois é manifestamente impuro.

¹²Mas se esta lepra se puser a espalhar-se pela pele, a ponto de cobrir toda a pele do doente, da cabeça aos pés, segundo o que o sacerdote puder averiguar, ¹³este procede a um exame: uma vez que a lepra cobre o seu corpo inteiro, declara puro o doente; pois uma vez que se tornou todo branco, é puro. ¹⁴Mas a partir do dia em que se vir nele a carne viva, ele se torna impuro; ¹⁵o sacerdote procede ao exame da carne viva, e o declara impuro: a carne é impura, é a lepra; ¹⁶ou então, se a carne viva novamente se tornou branca, o indivíduo se apresenta ao

sacerdote; ¹⁷o sacerdote procede ao exame: uma vez que a parte doente se tornou branca, o sacerdote declara pura esta doença: o indivíduo é puro.

¹⁸Se houve na pele de alguém um furúnculo já curado, ¹⁹mas no lugar do furúnculo se formar um tumor branco, ou uma mancha lustrosa de um branco avermelhado, o paciente vem para um exame junto ao sacerdote; ²⁰o sacerdote procede ao exame: se a mancha parecer afundada na pele e os pêlos se tornaram brancos, o sacerdote o declara impuro: é uma doença do tipo de lepra, que se está formando no furúnculo; ²¹se, ao contrário, quando o sacerdote proceder ao exame, não se encontrar nenhum pêlo branco, e a mancha não tiver afundado na pele, e até diminuído, o sacerdote deixa o paciente em isolamento durante sete dias; ²²se a mancha realmente se tiver propagado pela pele, o sacerdote o declara impuro: é uma doença*; ²³mas se a mancha lustrosa permaneceu estacionária, sem propagar-se, é a cicatriz do furúnculo; o sacerdote o declara puro.

²⁴Outro caso: se alguém tiver uma queimadura na pele, causada pelo fogo, e na queimadura aparecer uma mancha lustrosa branco-rosada, ou branca, ²⁵o sacerdote procede ao exame: se o pêlo se tornou branco na mancha lustrosa e esta parecer formar uma depressão na pele, é a lepra que está se formando na queimadura; o sacerdote o declara impuro: é uma doença do tipo da lepra; ²⁶se, ao contrário, quando o sacerdote proceder ao exame, não houve pêlo branco na mancha, e esta não afundar na pele e a mancha descolorir, o sacerdote deixa o paciente em isolamento durante sete dias; ²⁷no sétimo dia, o sacerdote procede ao exame: se a mancha realmente se tiver propagado pela pele, o sacerdote declara o paciente impuro: é uma doença do tipo lepra; ²⁸mas se a mancha lustrosa permaneceu estacionária, sem propagar-se pela pele, se diminuiu, é uma inflamação devida à quei-

Nm 12,14-15

madura; o sacerdote o declara puro: é a cicatriz da queimadura.

²⁹Se um homem ou uma mulher forem atingidos de algum mal na cabeça ou no queixo, ³⁰o sacerdote procede ao exame do mal: se a chaga parecer formar uma depressão na pele e houver pêlo arruivado e rarefeito, o sacerdote o declara impuro: é a tinha, isto é a lepra da cabeça ou do queixo; ³¹se, ao contrário, quando o sacerdote proceder ao exame dessa tinha, ela não parecer formar uma depressão na pele, embora não haja ali pêlo preto, o sacerdote deixa durante sete dias em isolamento o paciente afetado de tinha; ³²no sétimo dia, o sacerdote procede ao exame do mal; se a tinha não se tiver propagado e não houver pêlos arruivados, se a tinha não parecer formar uma depressão na pele, ³³o paciente se barbeia, mas sem barbear a parte com tinha; em seguida o sacerdote deixa por uma segunda vez em isolamento de sete dias o doente de tinha; ³⁴no sétimo dia, o sacerdote procede ao exame da tinha: se a tinha não se propagou pela pele, e não parecer formar uma depressão na pele, o sacerdote o declara puro; depois de lavar suas vestes, o paciente está puro; ³⁵mas se a tinha se propagar pela pele após a declaração de pureza, ³⁶o sacerdote procede ao exame: uma vez que a tinha se propagou sobre a pele, o sacerdote nem sequer investiga se há pêlo arruivado; o paciente é impuro; ³⁷mas se a tinha visivelmente estacionou e nasceu pêlo preto, é que a tinha está curada e ele é puro; por isso o sacerdote o declara puro.

³⁸Se na pele de um homem ou de uma mulher se formarem manchas lustrosas brancas, ³⁹o sacerdote procede a um exame: se essas manchas sobre a pele forem de um branco-pálido, é urticária que se formou na pele; o indivíduo é puro.

⁴⁰Se um homem perder os cabelos, tem a cabeça calva, ele é puro; ⁴¹se perder os cabelos da frente, tem a testa calva, é puro;

⁴²mas se na calvície da cabeça ou da fronte aparecer uma contusão de cor branco-rosada, é uma lepra que está se alastrando, no alto da cabeça ou na fronte; ⁴³o sacerdote procede ao exame: se a inflamação na parte doente for de um branco rosado, no alto da cabeça ou na fronte, e parecer semelhante a uma lepra da pele, ⁴⁴trata-se de um leproso, ele é impuro; o sacerdote o declara impuro; o mal o atingiu na cabeça.

⁴⁵O leproso assim doente deve andar com vestes rasgadas, os cabelos soltos e o bigode coberto e deve gritar: "Impuro! Impuro!"; ⁴⁶ele é impuro enquanto for impuro o mal que o atingiu; ele morará sozinho e estabelecerá a sua morada fora do acampamento*.

Nm 5,2;
2Rs 15,5

B) A LEPPA DAS VESTES

⁴⁷Se uma veste estiver manchada de lepra, seja ela veste de lã ou de linho, ⁴⁸tecido ou tricô* de linho ou de lã, couro ou todo objeto confeccionado em couro, ⁴⁹se a mancha se tornar esverdeada ou avermelhada sobre a veste ou o couro, sobre o tecido ou o tricô, ou sobre todo objeto de couro, é uma mancha de lepra; procede-se a um exame por parte do sacerdote; ⁵⁰o sacerdote procede ao exame da mancha, em seguida deixa o objeto manchado em isolamento durante sete dias; ⁵¹no sétimo dia, procede ao exame da mancha; se a mancha se propagou pela veste, pelo tecido ou o tricô, ou pelo couro — qualquer que seja o objeto de couro —, é uma mancha de lepra maligna; o objeto é impuro; ⁵²queima-se a veste, o tecido ou o tricô de lã ou de linho, ou todo objeto de couro que tiver esta mancha; por ser uma lepra maligna, o objeto tem de ser queimado; ⁵³ao contrário, se, ao proceder o sacerdote ao exame, a mancha não se tiver propagado sobre a veste, sobre o tecido ou o tricô, ou sobre todo objeto de couro,

v. Cf. Jó 2,7-8. Impõem-se ao "leproso" ritos de luto, que advertem os outros a manterem distância de um ser impuro e que significam que este está excluído do mundo normal dos

vivos.

w. O Talmud e o hebr. moderno compreendem estas duas palavras no sentido de *corrente* e *trama*.

⁵⁴o sacerdote manda lavar o objeto manchado, em seguida o isola durante um segundo período de sete dias; ⁵⁵depois de lavada a mancha, o sacerdote procede a um exame; se a mancha não tiver mudado de aspecto, mesmo que ela não se tenha propagado, o objeto é impuro; tu o queimas; é uma veste, carcomida, do lado avesso ou do lado direito; ⁵⁶ao contrário, quando o sacerdote procede ao exame, se a mancha tiver diminuído após a lavagem, arranca-a da veste ou do couro, do tecido ou do tricô: ⁵⁷mas se alguma coisa reaparecer sobre a veste, sobre o tecido ou sobre o tricô, ou sobre todo objeto de couro, é uma lepra que se está propagando: queimas o objeto manchado. ⁵⁸A veste, o tecido ou o tricô, ou todo objeto de couro, que lavares e do qual desaparecer a mancha, é lavado uma segunda vez e se torna puro". ⁵⁹Estas são, no tocante à mancha de lepra sobre uma veste de lã ou de linho, sobre um tecido ou um tricô, ou sobre todo objeto de couro, as instruções que permitem declará-lo puro ou impuro.

Mt 8,4p;
Lc 17,14

C) A PURIFICAÇÃO DO LEPROSO ³

14 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²Este é o ritual relativo ao leproso, a ser observado no dia da sua purificação:

- Quando ele é conduzido ao sacerdote, ³o sacerdote sai do acampamento e procede a um exame.

Se o leproso estiver curado da doença do tipo lepra,

- ⁴o sacerdote manda tomar, para aquele que se está purificando: duas aves vivas, puras, madeira de cedro, púrpura carmesim e hissopo;
- ⁵o sacerdote manda degolar a primeira ave em cima de um recipiente de barro contendo água de fonte;

Ex 12,22;
Nm 19,6.18;
Sl 51,9;
Hb 9,19

- ⁶toma a ave viva com a madeira de cedro, a púrpura carmesim e o hissopo;
- molha-os, incluindo a ave viva, no sangue da ave que foi degolada sobre a água de fonte;
- ⁷efetua sete aspersões sobre aquele que se purifica da lepra;
- declara-o puro;
- faz a ave viva voar para o campo ^{16.10.20-22} aberto;
- ⁸aquele que se purifica lava suas vestes, raspa todos os cabelos, lava-se na água e então está puro;
- em seguida dirige-se ao acampamento, mas permanece sete dias fora da sua tenda;
- ⁹no sétimo dia, raspa todos os pêlos, cabeça, barba e as sobrancelhas; raspa todos os pêlos;
- lava suas vestes, lava seu corpo na água, e então está puro.
- ¹⁰no oitavo dia, toma dois cordeiros sem defeito, uma ovelha sem defeito, com um ano de idade, três décimos de efá de farinha, em oferenda amassada com azeite, e um log^a de azeite;
- ¹¹o sacerdote que preside a purificação leva o homem que está se purificando, bem como os presentes dele, à presença do SENHOR, na entrada da tenda do encontro;
- ¹²o sacerdote toma o primeiro cordeiro e o apresenta em sacrifício de reparação, com o log de azeite;
- oferece-os com o gesto de apresentação diante do SENHOR;
- ¹³degola o cordeiro no lugar em que se degola a vítima do sacrifício pelo pecado e o holocausto, no lugar santo; — de fato, acontece com o sacrifício de reparação o mesmo que com o sacrifício pelo pecado: ele cabe ao sacerdote; é uma coisa santíssima;

x. Lit. no alto da cabeça ou na fronte, mesma expressão que no v. 43.

y. O ritual de purificação do leproso conservou elementos antigos que exprimem de forma simbólica a eliminação da impureza: expulsão da ave viva (cf. o bode "para Azazel", 16.20-26), raspagem dos pêlos e lavagem das vestes. Na perspectiva da

tradição "sacerdotal", estes ritos constituem apenas uma etapa preparatória para os sacrifícios do oitavo dia.

z. O texto enumera o conjunto das rubricas a serem observadas. Seu estilo faz pensar em uma espécie de "check-list", de ajuda para a memória. Daí a disposição tipográfica adotada.

a. Medida de capacidade que contém pouco mais de meio litro.

- ¹⁴o sacerdote apanha sangue da vítima de reparação;
- o sacerdote o aplica no lóbulo da orelha direita daquele que se purifica, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito;
- ¹⁵o sacerdote toma o log de azeite;
- deita um pouco na mão esquerda;
- ¹⁶o sacerdote molha o indicador direito no azeite que se encontra na mão esquerda;
- com o dedo efetua sete aspersões de azeite diante do SENHOR;
- ¹⁷do que sobrar de azeite na sua mão, o sacerdote aplica no lóbulo da orelha direita daquele que se purifica, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito, por cima do sangue da vítima de reparação.
- ¹⁸o resto de azeite que está na sua mão, o sacerdote o põe na cabeça daquele que se purifica;
- o sacerdote faz sobre ele o rito de absolvição diante do SENHOR;
- ¹⁹o sacerdote procede ao sacrifício pelo pecado;
- executa o rito de absolvição sobre aquele que se purifica da sua impureza;
- em seguida degola o holocausto;
- ²⁰o sacerdote faz subir ao altar o holocausto e a oferenda;
- o sacerdote faz sobre ele o rito da absolvição.

Então, ele está purificado.

²¹Se a pessoa é pobre demais^b para conseguir tudo isso, toma só um cordeiro, para o sacrifício de reparação com gesto de apresentação, para se fazer sobre ele o rito da absolvição, um só décimo de efá de farinha amassada com azeite, para a oferenda, um log de azeite ²²e duas rolinhas ou dois pombos — o que puder conseguir —; um se destina ao sacrifício pelo pecado, o outro ao holocausto.

- ²³No oitavo dia, ele os conduz ao sacerdote, na entrada da tenda do

encontro, diante do SENHOR, para a sua purificação;

- ²⁴o sacerdote toma o cordeiro de reparação e o log de azeite;
- o sacerdote os oferece com o gesto de apresentação diante do SENHOR;
- ²⁵ele degola o cordeiro de reparação;
- o sacerdote toma do sangue da vítima de reparação;
- aplica-o no lóbulo da orelha direita daquele que vai se purificar, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito;
- ²⁶o sacerdote deita um pouco de azeite sobre a mão esquerda;
- ²⁷com o indicador direito, o sacerdote efetua diante do SENHOR sete aspersões com o azeite que está na sua mão esquerda;
- ²⁸do azeite que está em sua mão, o sacerdote aplica no lóbulo da orelha direita daquele que se purifica, no polegar da sua mão direita e no polegar do seu pé direito, nos pontos em que aplicou sangue da vítima de reparação;
- ²⁹o resto de azeite que está em sua mão, o sacerdote o põe na cabeça daquele que se purifica, para executar sobre ele o rito de absolvição diante do SENHOR;
- ³⁰com uma das rolinhas ou com um dos pombos — pouco importa o que a pessoa conseguiu —, ³¹com uma das aves que conseguiu, faz um sacrifício pelo pecado, e com o outro, um holocausto que acompanha a oferenda;
- o sacerdote executa o rito de absolvição sobre aquele que se purifica, diante do SENHOR^c.

³²Estas são as instruções acerca de um doente de lepra que não consegue arranjar o necessário para a sua purificação.

D) A LEPROSA DAS CASAS^e

³³O SENHOR falou a Moisés e a Aarão

b. Cf. 5,7 nota.

c. Trata-se ainda de velhos costumes retomados pelo clero de Jerusalém. As manchas anormais que se formam nos muros das

casas supõem-se provocadas pelas mesmas potências perigosas contra as quais o homem quer se proteger (cf. Introd.). Este exemplo mostra bem que a impureza não é uma categoria moral.

dizendo: ³⁴“Quando tiverdes entrado na terra de Canaã que vos dou em posse, se eu atingir com uma mancha de lepra uma casa dessa terra que vos pertencerá, ³⁵o dono da casa irá anunciar ao sacerdote: “Parece-me que há como que uma mancha na minha casa”. ³⁶O sacerdote mandará esvaziar a casa antes que ele, o sacerdote, entre para proceder ao exame da mancha; assim, nada do que se encontrava na casa será considerado impuro; feito isto, o sacerdote entrará para proceder ao exame dessa casa; ³⁷ele procederá ao exame da mancha; se a mancha, nas paredes da casa, se apresentar em forma de cavidades esverdeadas ou avermelhadas, se ela parecer afundar na parede, ³⁸o sacerdote sairá da casa, até o limiar da porta, e isolará a casa durante sete dias. ³⁹No sétimo dia, o sacerdote voltará e procederá ao exame: se a mancha se tiver propagado às paredes da casa, ⁴⁰o sacerdote mandará arrancar as pedras que estão manchadas e jogá-las fora da cidade em lugar impuro; ⁴¹fará raspar todo o interior da casa e despejar fora da cidade, em lugar impuro, a terra que se terá raspado; ⁴²tomar-se-ão outras pedras para substituir as primeiras, e se tomará outra terra para rebocar novamente a casa.

⁴³Se a mancha voltar a aparecer na casa depois de se terem arrancado as pedras, depois de raspar a casa e rebocá-la, ⁴⁴o sacerdote procederá a um exame: se a mancha se tiver propagado na casa, é uma lepra maligna na casa; esta é impura; ⁴⁵demolir-se-á a casa, tudo o que são pedras, madeira e reboque da casa, e ela será levada para fora da cidade a um local impuro. ⁴⁶Aquele que entrasse na casa durante todo o período de isolamento se tornaria impuro até a tarde; ⁴⁷aquele que dormisse na casa deveria lavar as suas vestes; aquele que comesse na casa de-

veria lavar as suas vestes. ⁴⁸Ao contrário, se, quando o sacerdote entrar e proceder ao exame, a mancha não se tiver propagado na casa depois da nova rebocagem da casa, o sacerdote declarará pura a casa, pois o mal foi curado.

- ⁴⁹Para purificar a casa do seu pecado^d,
- ele tomará duas aves, madeira de cedro, púrpura carmesim e hissopo;
 - ⁵⁰degolará a primeira ave por cima de um recipiente de barro contendo água de fonte;
 - ⁵¹tomará a madeira de cedro, o hissopo, a púrpura carmesim e a ave viva;
 - molhá-los-á no sangue da ave degolada e na água de fonte;
 - efetuará sete aspersões sobre a casa — ⁵²é assim que purificará a casa do seu pecado, através do sangue da ave, da água da fonte, da ave viva, da madeira de cedro, do hissopo e da púrpura carmesim —;
 - ⁵³fará voar embora a ave viva para fora da cidade, para campo aberto;
 - executará o rito de absolvição sobre a casa.

Então ela está purificada”. ⁵⁴Esta é a instrução relativa a toda doença do tipo de lepra, tinha, ⁵⁵lepra de roupa ou de casa, ⁵⁶dartro e mancha lustrosa; ⁵⁷ela instrui sobre quando algo fica impuro ou puro. Esta é a instrução relativa à lepra.

4 – As impurezas sexuais^e.

15 ¹O SENHOR falou a Moisés e a Aarão dizendo: ²“Falai aos filhos de Israel; vós lhes direis:

Se algum homem é afetado por um corrimento nos seus órgãos^f, este corrimento o torna impuro. ³Eis em que consiste a impureza devida ao seu corrimento — seja que os seus órgãos deixem escapar o corrimento ou que fiquem obstruídos, sua impureza é a seguinte^g —:

Nm 5,2;
2Sm 3,29

d. A tradição “sacerdotal” interpreta a impureza das casas como um *pecado* que necessita de um *rito de absolvição* (vv. 53).

e. A legislação que segue visa tanto às doenças venéreas (vv. 2-15) quanto às manifestações de uma vida sexual normal (vv. 16-30). Tudo o que diz respeito à vida sexual faz com que o homem se depare com os mistérios do nascimento e da vida. As

proibições são uma espécie de “cordão sanitário” encarregado de impedir essas potências misteriosas de virem inquietar, como por uma espécie de contágio, o âmbito da vida ordinária.

f. Lit. *sua carne*, eufemismo.

g. O texto sam. diz: *Seja que os seus órgãos deixem escapar o corrimento ou que fiquem obstruídos, ele é impuro. Durante*

⁴Toda cama em que se deitou o homem atingido de corrimento é impura; todo objeto em que ele se sentou é impuro.

⁵Quem tocar essa cama deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e será impuro até a tarde.

⁶Quem se sentar sobre o objeto em que se sentou o homem afetado de corrimento deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e será impuro até a tarde.

⁷Quem tocar o corpo do homem afetado de corrimento deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e será impuro até a tarde.

⁸Se o homem atingido de corrimento cuspir sobre alguém que é puro, este deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e será impuro até a tarde.

⁹Toda sela sobre a qual viajou o homem afetado de corrimento é impura.

¹⁰Todo aquele que tocar um objeto que ficou debaixo desse homem será impuro até a tarde; quem transportar tal objeto deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e é impuro até a tarde.

¹¹Toda pessoa que o homem afetado de corrimento tocou, sem haver-se lavado as mãos na água, deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e é impura até a tarde.

¹²Um recipiente de barro que tiver sido tocado pelo homem afetado de corrimento deve ser quebrado, e todo recipiente de madeira deve ser lavado na água.

¹³Para ser purificado de seu corrimento, o homem conta sete dias até a sua purificação e lava suas vestes; lava o corpo em água de fonte, e então está purificado. ¹⁴No oitavo dia, traz duas rolinhas ou dois pombos e se apresenta diante do SENHOR, na entrada da tenda do encontro, para entregá-los ao sacerdote. ¹⁵Com um, o sacerdote faz um sacrifício pelo pecado, e com o outro, um

holocausto; o sacerdote faz sobre ele, diante do SENHOR, o rito de absolvição do seu corrimento.

¹⁶Quando um homem expeliu sêmen, Dt 23,11-12 deve lavar o corpo inteiro na água e é impuro até a tarde; ¹⁷toda a roupa e todo couro atingidos pelo sêmen expelido devem ser lavados na água, e são impuros até a tarde.

¹⁸Quando uma mulher teve relações sexuais com um homem, ambos devem lavar-se na água e são impuros até a tarde^h.

¹⁹Quando uma mulherⁱ é afetada por um corrimento, quando corre sangue dos seus órgãos, ela está durante sete dias na sua indisposição, e todo aquele que a tocar é impuro até a tarde.

²⁰Tudo sobre que ela se tiver deitado em estado de indisposição é impuro, e tudo em que se tiver sentado é impuro. Gn 31,34-35

²¹Todo aquele que tocar a cama dela deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e é impuro até a tarde.

²²Todo aquele que tocar um objeto no qual ela se tiver sentado, deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e é impuro até a tarde.

²³Se algo se encontra sobre sua cama ou sobre o objeto em que ela se sentou, ao tocar nisso fica-se impuro até a tarde.

²⁴Se um homem deitar com ela, e a menstruação dela o atingir, ele é impuro durante sete dias; toda cama em que ele se deitar é impura.

²⁵Quando uma mulher é atingida por uma hemorragia durante vários dias fora do seu período de menstruação, ou a hemorragia se prolongar além do seu tempo de menstruação, sua impureza dura enquanto durar a hemorragia; ela é impura, da mesma forma que durante os seus dias de menstruação. Mt 9,20p;

tudo o período em que os seus órgãos deixarem escapar o corrimento ou se entupirem, a impureza dele é a seguinte. O gr. seguiu este texto longo, traduzindo-o bizarramente. Como acontece muitas vezes no Lv, a Vulg. dá um texto livre e resumido.

h. Isto não implica que as relações conjugais sejam consideradas como um pecado (cf. Gn 1,28), pois impureza não significa pecado. Cf. 15,1 nota.

i. Em quase todas as sociedades primitivas, as regras da mulher constituem a impureza mais temida. Elas despertam tanto as emoções provocadas por toda manifestação da vida sexual como a angústia sentida diante do sangue que corre sem que se tenha querido. O caráter regular desta indisposição não é suficiente para fazê-la considerar como um acontecimento da vida "normal".

²⁶Enquanto durar a hemorragia, toda cama em que ela se deitar é como a cama do seu período de menstruação; e todo objeto em que ela se sentar é impuro, como é impuro quando da sua menstruação.

²⁷Todo aquele que os tocar torna-se impuro; deve lavar suas vestes, lavar-se na água, e é impuro até a tarde.

²⁸Se a hemorragia dela terminou¹, conta sete dias, e em seguida é purificada. ²⁹No oitavo dia, toma duas rolinhas ou dois pombos e os leva ao sacerdote, na entrada da tenda do encontro. ³⁰O sacerdote faz com um deles um sacrifício pelo pecado, e com o outro, um holocausto; o sacerdote faz sobre ela, diante do SENHOR, o rito da absolvição do corrimento que a tornava impura.

³¹Exigireis dos filhos de Israel que se mantenham afastados, quando estiverem em estado de impureza²; assim não morrerão por causa da sua impureza, isto é, por terem tornado impura a minha morada que está no meio deles³.

³²Estas são as instruções referentes àquele que é afetado por um corrimento, àquele que expele sêmen, tornando-se impuro, ³³àquele que tem a sua indisposição menstrual, em suma, àquele ou àquele que é afetado de corrimento, assim como ao homem que deita com uma mulher impura.

5 – O dia do Grande Perdão⁴

16 ¹O SENHOR falou a Moisés depois da morte dos dois filhos de Aarão — os que haviam morrido ao se aproximarem diante do SENHOR⁵. ²O SENHOR disse a Moisés: “Dize a Aarão que não entre a qualquer tempo⁶ no santuário, para além do véu, diante do propiciatório⁷ que se encontra sobre a arca, e assim ele não morrerá quando eu aparecer na nuvem, acima do propiciatório.

³Eis o que Aarão deve ter para entrar no santuário: um novilho destinado a um sacrifício pelo pecado e um carneiro para um holocausto; ⁴veste uma túnica sagrada, de linho, veste calções de linho no corpo, cinge-se com um cinto de linho, e na cabeça terá um turbante de linho⁸ — estas são vestes sagradas; ele as veste, portanto, depois de ter lavado o corpo na água —; ⁵e da parte da comunidade dos filhos de Israel, recebe dois bodes destinados a um sacrifício pelo pecado e um carneiro para um holocausto.

⁶Aarão apresenta o novilho do sacrifício pelo seu próprio pecado e faz o rito de absolvição a seu favor e em favor da sua casa. ⁷Toma os dois bodes e os põe diante do SENHOR, na entrada da tenda do encontro. ⁸Aarão tira sorte sobre os dois bodes: uma sorte “para o SENHOR”, uma sorte “para Azazel⁹”. ⁹Aarão apre-

23,26-32;
Nm 29,7-11;
Hb 9,7

Hb 6,19

Ex 28,
39-43

j. Lit. se ela estiver purificada da sua hemorragia.

k. Lit. fareis os filhos de Israel afastarem-se por causa da sua impureza. Poder-se-ia também compreender: fareis os filhos de Israel afastarem-se da impureza deles (a impureza das pessoas de que se tratou neste capítulo).

1. O Lv 16 trata do Dia do Grande Perdão (ou Dia das Expições, em hebr. *Yom Kippur*), festa que se tornará tão importante, que a tradição judaica muitas vezes a chama pura e simplesmente de *O Dia*. Contudo, trata-se de uma festa introduzida bastante tarde no calendário israelita: sem dúvida depois da reforma de Esdras; não se faz alusão a ela em Ne 8, que no entanto trata da atividade litúrgica durante o sétimo mês. Descrita no fim das *Instruções sobre o puro e o impuro*, a solenidade era primitivamente uma grande purificação, proporcionando a cada ano o meio para livrar Israel das impurezas de todos os tipos, contrárias em decorência das necessidades da vida ou por ignorância. Ela evoluiu, para tornar-se cada vez mais uma liturgia do perdão dos pecados propriamente ditos, na qual Israel exprime ao mesmo tempo a sua viva consciência de ser pecador e a sua fé em um Deus que perdoa. Mas a tradição judaica não considerou este perdão como automático; no fim do tratado “O Dia”, a Mishná diz: *Se alguém disser: “Eu peço, mas o Dia do Grande Per-*

dão expiará”, o Dia do Grande Perdão não expia. Para as faltas que ocorrem entre o homem e Deus, o Dia do Grande Perdão as expia; mas para as que ocorrem entre o homem e o seu semelhante, o Dia do Grande Perdão não as expia, enquanto um não se reconciliar com o outro (Mishná Yomá, 8,9).

Lv 16 combina um ritual do “bode emissário” (vv. 8-10, 20-22, 26), que o sacerdote de Jerusalém sem dúvida colheu de antigos costumes locais, e disposições sacrificiais conformes ao espírito de Lv 1-4.

m. Esta indicação, que remete para Lv 10,1-2, revela que as regras referentes à aproximação do Senhor (vv. 2-5) talvez outrora estivessem ligadas à regulamentação de Lv 10, e que foram separadas dali após a introdução de Lv 11-15.

n. O Dia do Grande Perdão era o único dia do ano em que o sumo sacerdote penetrava atrás do véu que escondia o Lugar santíssimo. Cf. Sr 50,5; Hb 9,7.

o. Cf. Ex 25,17 nota.

p. Note-se que o sumo sacerdote não assume as magníficas vestes descritas em Ex 28. Para executar o rito da grande purificação, ele se apresenta na simplicidade do linho branco.

q. O gr. e a Vulg. compreenderam esta palavra como *bode emissário*; outros (uma versão árabe, Ráshi), como uma indica-

senta o bode sobre o qual caiu a sorte "para o SENHOR", e com ele faz um sacrifício pelo pecado. ¹⁰Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte "para Azazel", ele é apresentado vivo diante do SENHOR, para fazer sobre ele o rito de absolvição enviando-o a Azazel, no deserto'.

14.7

¹¹Aarão apresenta o novilho do sacrifício pelo seu próprio pecado, e faz o rito de absolvição em seu favor e em favor da sua casa; depois degola este novilho do sacrifício pelo seu próprio pecado. ¹²Toma um incensório cheio de carvões ardentes tirados do altar que está diante do SENHOR, e dois punhados cheios de perfume para queimar, em pó, e os leva para trás do véu. ¹³Põe o perfume sobre o fogo diante do SENHOR e a nuvem de perfume recobre o propiciatório que está sobre o Documento'. Assim não morrerá. ¹⁴Ele apanha do sangue do novilho e, com o dedo, faz aspersão sobre o lado oriental do propiciatório; depois, diante do propiciatório, efetua com o dedo sete aspersões de sangue. ¹⁵Degola o bode do sacrifício pelo pecado do povo, e leva o sangue para trás do véu; procede com este sangue como procedeu com o do novilho: faz aspersão com ele sobre o propiciatório e diante do propiciatório. ¹⁶Faz sobre o santuário o rito da absolvição das impurezas dos filhos de Israel e das rebeldias deles, isto é, de todos os seus pecados; faz o mesmo com a tenda do encontro que permanece com eles, no meio das suas impurezas. ¹⁷Não deve haver ninguém na tenda do encontro quando ele entra aí para fazer o rito de absolvição no santuário, até que saia: faz o rito de absolvição em favor de si mesmo, em favor da sua casa

e em favor de toda a assembléia de Israel.

¹⁸Sai em direção ao altar que está diante do SENHOR e faz sobre ele o rito de absolvição; toma sangue do novilho e sangue do bode, e aplica sobre os chifres do contorno do altar. ¹⁹Com o dedo, efetua sete aspersões de sangue sobre o altar, purifica-o das impurezas dos filhos de Israel e o santifica.

²⁰Quando tiver acabado de fazer o rito de absolvição para o santuário, para a tenda da reunião e para o altar, apresenta o bode vivo. ²¹Aarão impõe as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo: confessa sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões, isto é, todos os seus pecados, e os impõe sobre a cabeça do bode; em seguida o manda ao deserto sob a guia de um homem designado para isso. ²²O bode leva embora sobre si todas as iniquidades deles para uma terra estéril.

Quando tiver mandado o bode para o deserto, ²³Aarão se dirige para a tenda do encontro, tira as vestes de linho que vestiu para entrar no santuário e as depõe ali. ²⁴Lava o corpo na água em lugar santo, em seguida põe as suas vestes; sai e oferece o seu holocausto e o do povo; faz o rito de absolvição a seu favor e a favor do povo; ²⁵faz fumegar no altar a gordura das vítimas pelo pecado.

²⁶Aquele que conduziu o bode "para Azazel" lava as suas vestes e lava o corpo na água, e depois disso entra novamente no acampamento. ²⁷O novilho pelo pecado e o bode pelo pecado, cujo sangue foi levado ao santuário para o rito de absolvição, manda-se levá-los para fora do acampamento e são queimados, pele, car-

Ex 44,19

Hb 13,11,13

ção geográfica; mas outros, provavelmente com razão, vêem aí o nome de um demônio, de uma espécie de sátiro frequentador dos lugares estereis.

r. Ritos análogos encontram-se em muitas civilizações. Compreendem essencialmente dois elementos: a transferência simbólica das impurezas e dos pecados sobre um ser ou um objeto, e a eliminação deste último (cf. vv. 21-22).

s. Os vv. 6-10 apresentaram em resumo o conjunto da cerimônia; os vv. 11-28 retomam o todo em detalhe.

t. A nuvem de incenso evoca a *nuvem* na qual Deus está ao mesmo tempo presente e escondido (cf. Ex 19,9 nota). Assim o

incenso significa que Deus está presente (sem o que o culto não teria sentido), mas invisível (pois senão, não se conseguiria permanecer vivo, cf. Ex 33,20). Sobre o Documento, cf. Ex 25,16 nota.

u. Sobre a função purificadora do sangue, cf. 17,11 nota.

v. Pela imposição das duas mãos (que não se deve confundir com a imposição da mão, cf. 4,4 nota) realiza-se a transferência dos pecados do povo sobre o "bode emissário". Este último, que a partir daí não pode mais servir como vítima sacrificial, é levado ao deserto, residência do demônio Azazel e das potências demoníacas em geral.

ne e excrementos. ²⁸Quem os queimou deve lavar suas vestes e lavar o corpo na água, e depois volta a entrar no acampamento.

²⁹“Esta é para vós uma lei perene: no sétimo mês, no dia dez do mês, jejuareis e não executareis nenhum trabalho, nem o nativo da terra nem o migrante que mora entre vós. ³⁰Com efeito, é nesse dia que se faz sobre vós o rito de absolvição que vos purifica. Diante do SENHOR sereis puros de todos os vossos pecados. ³¹É para vós um sábado, cessação do trabalho, dia em que jejuareis. Lei perene.

³²Quem realiza o rito de absolvição é o sacerdote que recebeu a unção e a investidura para exercer o sacerdócio no lugar de seu pai. Põe as vestes de linho, vestes sagradas; ³³faz o rito de absolvição para o santuário consagrado; fá-lo para a tenda do encontro e para o altar; fá-lo sobre os sacerdotes e sobre todo o povo reunido.

³⁴Esta é para vós uma lei perene quanto à absolvição, uma vez por ano, de todos os pecados dos filhos de Israel”.

E Aarão fez o que o SENHOR ordenara a Moisés.

IV. LEI DE SANTIDADE*

1 – Respeito pelo sangue

17 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Fala a Aarão, a seus filhos e a todos os filhos de Israel. Tu lhes dirás: Esta é a ordem que o SENHOR deu:

³Se algum homem da casa de Israel degolar um boi, um cordeiro ou uma cabra no acampamento — ou até o degolar fora do acampamento — ⁴sem trazê-lo à entrada da tenda do encontro para o levar como presente ao SENHOR, diante da morada do SENHOR, responderá pelo sangue que derramou: tal homem será cortado do meio do seu povo. ⁵Assim os filhos de Israel levarão os animais que gostariam de sacrificar em pleno campo;

levá-los-ão ao sacerdote, na entrada da tenda do encontro, para o SENHOR; sacrificá-los-ão ao SENHOR a título de sacrifício de paz; ⁶o sacerdote aspergirá com este sangue o altar do SENHOR na entrada da tenda do encontro, e fará fumer a gordura em perfume aplacador para o SENHOR; ⁷assim não imolarão mais seus sacrifícios a essas espécies de bode” ^{2Rs 23,8; 2Cr 11,15} aos quais se presta um culto devasso^b. De idade em idade isto é para eles uma lei perene.

⁸Tu lhes dirás: Se um homem, que faz parte da casa de Israel ou dos migrantes que aí moram, oferecer um holocausto ou um sacrifício, ⁹sem trazê-lo à entrada

w. Os vv. 29-34 fornecem detalhes complementares: data da festa; obrigação do jejum e do descanso sabático; realização do rito somente pelo sumo sacerdote, com exclusão dos simples sacerdotes.

x. Cf. Introd.

y. Cf. Gn 9,4. Com a afirmação, duas vezes repetida no v. 14: *a vida de toda criatura é o sangue dela*, se relaciona certo número de considerações teológicas e de consequências práticas importantes para Israel: sendo Deus o senhor da vida, o sangue, sede da vida, está reservado exclusivamente a ele. Por conseguinte: 1) o sangue não pode ser consumido (vv. 10-12,14; cf. 3,17), pois isto seria um crime de lesa-majestade divina e revelaria uma vontade humana de apossar-se, de certo modo, da vitalidade de um outro ser, que só pertence a Deus. 2) O sangue não pode ser derramado de qualquer forma: todo abate de gado é um ato religioso; é um sacrifício, oferecido ao Senhor (vv. 5-7). 3) O sangue não pode ser derramado em qualquer lugar: o sacrifício só pode realizar-se na proximidade imediata do santuário (vv. 3-4,8-9). 4) Tratando-se de um animal morto na caça e impróprio para o sacrifício, o sangue é derramado ritualmente na terra e recoberto de pó (v. 13).

Para a “tradição sacerdotal”, estas normas são aplicáveis literalmente na perspectiva de um Israel vivendo no deserto, agrupado no acampamento ao redor da tenda do encontro. O Dt (12,13-28), que tem em vista um Israel espalhado em toda a terra de Canaã, fará uma distinção entre o sacrifício propriamente dito, realizado no santuário central e único, e o abate profano do gado, em qualquer lugar do país.

z. Isto é, fora da cidade do Templo.

a. A palavra hebr. (que significa lit. *o peludo*) designa ao mesmo tempo o *bode* (cf. cap. 16) e uma espécie de demônio que habita nos lugares áridos e desolados (Is 13,21; 34,14), demônio que as pessoas representavam sob uma forma animal (sátiro), e cujas boas graças os filhos de Israel poderiam ser tentados a atrair para si através de sacrifícios.

b. Lit. *aos “peludos” atrás dos quais eles se prostituem*. Prostituir-se seguindo falsos deuses é prestar culto a estes, antes que — ou ao mesmo tempo que — ao Senhor (cf. Ex 34,15-16). Foi o profeta Oséias que primeiro explorou o tema simbólico da prostituição para designar a infidelidade de Israel.

da tenda do encontro para fazer um sacrifício para o SENHOR, tal homem será cortado da sua parentela.

¹⁰Se um homem que faz parte da casa de Israel ou dos migrantes que aí moram consumir sangue, voltar-me-ei contra o que tiver consumido o sangue, para cortá-lo do meio do seu povo; ¹¹pois a vida de uma criatura está no sangue; e eu vo-lo dei, sobre o altar, para a absolvição da vossa vida. Com efeito, o sangue proporciona a absolvição por ser a vida^a. ¹²Eis por que eu disse aos filhos de Israel: 'Ninguém dentre vós deve consumir sangue, e nenhum migrante que mora entre vós deve consumir sangue'.

¹³Se um homem que faz parte dos filhos de Israel ou dos migrantes que moram entre eles apanhar na caça um animal ou uma ave que se come, derramará o sangue e o cobrirá com terra; ¹⁴pois a vida de toda criatura é o seu sangue, enquanto estiver em vida^d; por isso eu disse aos filhos de Israel: 'Não consumireis o sangue de nenhuma criatura, pois a vida de toda criatura é o seu sangue; aquele que consumir o sangue deve ser eliminado'.

¹⁵Todo aquele, nativo ou migrante, que comer de um animal morto ou dilacerado, deve lavar suas vestes, lavar-se na água, ficando impuro até a tarde; então estará purificado^e. ¹⁶Se não lavar nem suas vestes nem seu corpo, carregará o peso da sua falta^f.

3.17; 7.26;
19.26;
Dt 12.16.23;
15.23

Hb 9.22

7.24; 22.8;
Ex 22.30;
Dt 14.21;
Ez 4.14

2 – Respeito pela união conjugal^f

Ex 20.14

18 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²Fala aos filhos de Israel; tu lhes dirás: Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ³Não façais o que se faz na terra do Egito, onde habitastes; não façais o que se faz na terra de Canaã, onde vou fazer-vos entrar; não sigais as suas leis; ⁴ponde em prática os meus costumes e cuidai de seguir as minhas leis. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

Ex 23.24

⁵Observai as minhas leis e os meus costumes: é pondo-os em prática que o homem tem a vida^a. Eu sou o SENHOR.

⁶Ninguém dentre vós se aproximará de alguém de sua parentela para descobrir a sua nudez^b. Eu sou o SENHOR.

Dt 4.1;
5.32-33;
6.24; 8.1;
Pr 4.4;
Ne 9.29;
Lc 10.28;
At 7.38;
Rm 10.5;
Gl 3.12

⁷Não descobrirás a nudez de teu pai, nem a de tua mãe; porquanto ela é tua mãe, não descobrirás a sua nudez.

⁸Não descobrirás a nudez de uma mulher de teu pai; é a própria nudez de teu pai.

20.11;
Gn 35.22;
Dt 23.1;
27.20;

⁹Não descobrirás a nudez de tua irmã, seja ela filha de teu pai ou filha de tua mãe, tenha ela nascido na casa ou fora.

Am 2.7
20.17;
Dt 27.22

¹⁰Não descobrirás a nudez da filha do teu filho ou da filha de tua filha; é a tua própria nudez.

¹¹Não descobrirás a nudez da filha de uma mulher de teu pai; tendo nascido de teu pai, ela é tua irmã.

20.17

¹²Não descobrirás a nudez da irmã de teu pai; ela é da mesma carne de teu pai.

20.19

¹³Não descobrirás a nudez da irmã de tua mãe; pois ela é da mesma carne que tua mãe.

e. Embora a construção da frase hebraica não seja habitual, e a tradução contenha uma parte de interpretação, uma coisa está clara: o sangue desempenha uma função importante nos ritos de absolvição. Quaisquer que sejam as origens desta ideia, a "tradição sacerdotal" quer sobretudo fundi-las em uma decisão de Deus que reservou o sangue aos ritos de perdão, subtraindo-o assim ao consumo profano. Os comentaristas divergem quanto à interpretação do papel do sangue no sacrifício: para uns, o essencial está em matar o animal, o qual, por substituição, assumiria o lugar do homem culpado; para outros, o essencial está em entrar em contato com o sangue, isto é, com a própria vida, com o altar ou o propiciatório (cf. Ex 25.17 nota), o que significaria que é restabelecida a união vital entre o Deus vivo e o homem que havia pecado.

d. Tradução possível de uma frase difícil: lit. *pois a alma* (= a vida) *de toda carne* (= ser feito de carne) *é o seu sangue na sua alma* (ou: *na sua vida*).

e. Este parágrafo, do estilo de 11.39-40, parece ter sido acrescentado artificialmente ao que precede, pelo fato de que um animal morto por um animal selvagem não foi sagrado: comer a carne dele, portanto, equivaleria também a comer sangue.

f. O essencial deste cap. será retomado em 1.v 20, do ponto de vista dos dispositivos penais a serem aplicados aos faltosos. Aqui, trata-se antes de tudo de uma advertência contra exemplos lamentáveis que não devem ser seguidos: (v. 3a), o Egito¹, por exemplo, praticava o casamento entre parentes próximos; Canaã (v. 3b) é para todo o AT o símbolo do descaramento sexual (cf. Gn 9.22), incluindo a homossexualidade (= sodomia, Gn 19.4-9) e, ao que parece, a bestialidade (um texto de Ugarit fala do coito do deus Baal com uma novilha).

g. Ezequiel (10.11.13.21) fala nos mesmos termos das leis divinas que são fontes de vida.

h. Eufemismo significando as relações sexuais.

- 20.20 ¹⁴Não descobrirás a nudez do irmão de teu pai, aproximando-te da mulher dele; ela é tua tia.
- 20.12 ¹⁵Não descobrirás a nudez da tua nora; por ser ela a mulher de teu filho, não descobrirás a sua nudez.
- 20.21 ¹⁶Não descobrirás a nudez da mulher de teu irmão; é a própria nudez de teu irmão.
- 20.14;
Dt 27.23 ¹⁷Não descobrirás a nudez de uma mulher e da sua filha; não tomarás, para descobrir-lhe a nudez, nem a filha do seu filho nem a filha da sua filha; elas são da mesma carne que ela; seria perversidade.
- Gn 29,
15-30 ¹⁸Não tomarás por esposa a irmã de tua mulher, com o risco de provocar rivalidades¹ descobrindo a nudez dela enquanto tua mulher estiver viva.
- 20.18 ¹⁹Não te aproximarás, para descobrir-lhe a nudez, de uma mulher que está impura em razão da sua menstruação.
- 20.10;
2Sm 11.4 ²⁰Não terás relações sexuais com a mulher do teu compatriota, o que te tornaria impuro.
- Dt 12.31;
2Rs 17.17;
Jr 7.31;
19.5; 32.35;
Sl 106,
37-38 ²¹Não entregarás um dos teus filhos para fazê-lo passar ao Môlek², e não profanarás o nome do teu Deus. Eu sou o SENHOR.
- 20.13;
Gn 19.5;
Jz 19.22 ²²Não deitarás com um homem como se deita com mulher; isto seria uma abominação.
- 20.15-16;
Ex 22.18;
Dt 27.21 ²³Não deitarás com um animal, o que te tornaria impuro; e nenhuma mulher se oferecerá a um animal para ter coito com ele; seria uma depravação.
- ²⁴Não vos torneis impuros por nenhuma dessas práticas; pois é por causa delas que se tornaram impuras as nações

que eu expulso de diante de vós. ²⁵A terra tornou-se impura, e eu lhe pedi contas da sua iniquidade; por isso a terra vomitou seus habitantes.

²⁶Quanto a vós, guardai as minhas leis e os meus costumes, e não pratiqueis nenhuma dessas abominações: nem o nativo nem o migrante que mora entre vós; ²⁷todas essas abominações, os homens que habitavam a terra antes de vós as praticaram, e a terra tornou-se impura. ²⁸Assim a terra não vos vomitará por a terdes tornado impura, como vomitou a nação que vos precedeu; ²⁹mas todo aquele que praticar uma ou outra dessas abominações será cortado do meio do seu povo.

³⁰Guardai as minhas observâncias, sem praticar essas leis abomináveis que se praticavam antes de vós, e não vos torneis impuros por tais ações. Eu sou o SENHOR, vosso Deus”.

3 – “Sede santos, pois eu sou santo”

19 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

²Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel³; tu lhes dirás: Sede santos, pois eu sou santo, eu, o SENHOR, vosso Deus. 11.44;
Ex 22.30;
1Pv 1.16

³Cada um de vós deve ter temor à sua mãe e a seu pai, e observar os meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. 19.30

⁴Não vos volteis para os falsos deuses⁴, não fabriqueis para vós deuses em forma de estátua. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. 26.1;
Ex 20.23;
34.17;

⁵Quando imolardes ao SENHOR um sacrifício de paz, fazei-o de maneira a Dt 27.15;
2Rs 17.16;
7.11-18

i. Lit. *para rivalizar*; a menos que esta expressão rara deva interpretar-se mais simplesmente *para ser uma segunda esposa*; ou ainda (outra raiz) *para uma reclusão* = *para o teu harém*.

j. Esta proibição dos sacrifícios de crianças surpreende, no capítulo sobre o respeito à união conjugal; mas cf. a mesma associação no cap. 20.

k. Este nome divino evoca para ouvidos hebraicos duas idéias: o título de *Rei* e a palavra *Vergonha*; é o *Rei da Vergonha*. Lembra também o nome do deus dos amonitas, *Milkom* (1Rs 11.5; 2Rs 23.13), e o de um deus mesopotâmico, *Malik*. Observe-se finalmente que em Cartago, o termo *molk* designava um sacrifício de criança. A ortografia habitual, *Molac*, provém da transcrição latina do nome na Vulg.

l. O denominador comum de todos estes preceitos diversos é a *santidade de Deus*, que deve transparecer em todos os atos e

em todas as circunstâncias da vida do povo que está *consagrado* (*qadosh*) ao Deus *santo* (*qadosh*).

m. No Lv. somente duas vezes Moisés recebe a ordem de dirigir-se diretamente a *toda a comunidade de Israel*: aqui, e em 8.3-5, por ocasião da investidura dos sacerdotes. Isto talvez sublinhe a seu modo a importância dos preceitos que seguem: a atitude moral do povo é capital no que concerne à sua comunhão com Deus, da mesma forma que a mediação do sacerdócio.

n. Os vv. 3-4 recordam, em vocabulário, estilo e ordem diferentes, alguns mandamentos do decálogo (Ex 20.3-6.8-12). — * [No v. 3, *temor* tem o sentido de respeito.]

o. Lit. *os nadaz*, palavra que designa várias vezes os ídolos (Is 2.18-20). O termo (*elilim*), embora de origem diferente, faz assonância com o nome de Deus (*elohim*).

serdes aceitos: ⁶Ele é comido no dia do sacrifício e no dia seguinte; o que sobrar dele, no terceiro dia será queimado; ⁷se mesmo assim se comesse dele no terceiro dia, seria carne deteriorada, não seria ato aceito; ⁸o que dele comesse carregaria o peso de uma falta por haver profanado o que é consagrado ao SENHOR; e seria cortado da sua parentela.

23.22: Dt 24,19-22

⁹Quando fizerdes a colheita das vossas terras, não farás a colheita no teu campo até o limite extremo; não apanharás as espigas deixadas no campo depois da tua ceifa; ¹⁰também não rebuscarás a tua vinha e não juntarás os frutos caídos; deixá-los-ás para o pobre e para o migrante^p. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

5,21-23; Jr 7,9; Os 4,2 Ex 20,15 Ex 20,16 Ex 20,7; Mt 5,33

¹¹Não cometais rapto, não mintais, não cometais falsidade em detrimento de um compatriota. ¹²Não pronunciéis falso juramento acobertados sob o meu nome; profanarias o nome do teu Deus. Eu sou o SENHOR.

Dt 24,14-15; Tg 5,4

¹³Não explores o teu próximo e não o roubes; o pagamento de um assalariado não deve permanecer em tuas mãos até o dia seguinte^q; ¹⁴não insultes um surdo e não ponhas obstáculo diante de um cego; é assim que terás temor a teu Deus. Eu sou o SENHOR.

Dt 27,18

¹⁵Não cometais injustiça nos vossos julgamentos: não dês vantagem ao fraco e não favoreças o grande, mas julga com justiça o teu compatriota; ¹⁶não te mostres caluniador da tua parentela e não levantes uma acusação que faça derramar o sangue^r do teu próximo. Eu sou o SENHOR.

¹⁷Não tenhas nenhum pensamento de

ódio contra o teu irmão, mas não hesites em repreender o teu compatriota, para não te onerares com um pecado em relação a ele; ¹⁸não te vingues e não sejas rancoroso em relação aos filhos do teu povo: é assim que amarás o teu próximo como a ti mesmo^s. Eu sou o SENHOR.

Mt 18,15p

Rm 12,19 Sr 10,6; Jr 3,12; Sl 103,9 Mt 5,43; 19,19; 22,39p; Rm 13,9; Gl 5,14; Tg 2,8

¹⁹Observai as minhas leis: não acasales duas espécies diferentes do teu gado; não semeies no teu campo duas sementes diferentes; não uses vestes de pano híbrido, tecido de duas fibras diferentes^t.

Dt 22,9-11

²⁰Se um homem tiver relações sexuais com uma mulher e se tratar de uma serva reservada a alguém, mas nem resgatada nem alforriada, isto dá lugar a uma indenização^u; não são castigados com a morte, pois ela não estava alforriada; ²¹o homem traz um carneiro à entrada da tenda do encontro, em sacrifício de reparação ao SENHOR; ²²quando, através do carneiro de reparação, o sacerdote tiver feito sobre ele diante do SENHOR o rito de absolvição do pecado que cometeu, este pecado lhe é perdoado.

²³Quando tiverdes entrado na terra e tiverdes plantado qualquer árvore frutífera, considerareis o seu fruto como algo incircunciso^v; durante três anos ele será incircunciso para vós, não se comerá dele; ²⁴no quarto ano, todo fruto será consagrado ao SENHOR em uma festa de louvores^w; ²⁵no quinto ano, comereis dele; é assim que a vossa colheita irá aumentando. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

²⁶Não comais nada em cima do sangue^x; não pratiqueis nem adivinhação, nem encantamentos; ²⁷não arredondeis o corte

Dt 18,10; 2Rs 21,6; 2Cr 33,6

p. Sem o respeito para com o próximo, e em particular para com o próximo pobre e fraco (migrante, v. 10; assalariado, v. 13; portador de defeito físico, v. 14), é a própria coesão da comunidade que está ameaçada. O deixar no campo a respiga é um antiquíssimo costume agrário, uma oferenda ao espírito do campo; esta prática não é rejeitada por Israel, mas transformada em lei social.

q. Lit. *não passará a noite contigo até a manhã*.

r. Lit. *não tomes posição contra o sangue*, fórmula de estilo jurídico.

s. Esta afirmação (combinada com Dt 6,5) foi retomada por Jesus para exprimir o essencial da Lei de Moisés (Mt 22,37-39 e par.). Para o Rabi Aqibá (50-135 d.C.), "este é um princípio fundamental da Lei".

t. Estas misturas aparecem como manifestações de desordem em uma criação ordenada por Deus. Possivelmente estivessem presentes nelas também certos elementos de magia.

u. Ou então: *a uma investigação* (gr.), *a um castigo* (lat., uram.); na linha dessa última interpretação, uma parte da tradição judaica viu aí uma indicação da flagelação.

v. O homem *incircunciso* é considerado como *impuro*, donde o emprego metafórico dessa expressão para significar que os frutos dos três primeiros anos são impróprios tanto para serem consumidos como para serem oferecidos a Deus.

w. Tal festa, provavelmente de caráter privado, é desconhecida alhures. O nome dela só reaparece em Jz 9,27, onde está associado às manifestações de júbilo das vindimas.

x. Cf. 1Sm 14,32 nota.

de vossa cabeleira, e não suprimas a tua barba nos lados³; ²⁰não façais incisões no corpo por causa de um defunto, e não façais tatuagem em vosso corpo. Eu sou o SENHOR.

²⁹Não desonres tua filha prostituindo-a, para que a terra não se prostitua e não se encha de perversidade; ³⁰Observai os meus sábados, e reverenciai o meu santuário. Eu sou o SENHOR.

³¹Não pratiqueis a adivinhação: não a procureis, pois tomar-vos-ia impuros⁴. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

³²Levanta-te diante de cabelos brancos, e sê cheio de respeito por um ancião; é assim que terás o temor do teu Deus. Eu sou o SENHOR.

³³Quando um migrante vier morar junto a ti, na vossa terra, não o explorareis; ³⁴esse migrante que mora entre vós, tratá-lo-eis como um nativo, como um de vós⁵; amá-lo-ás como a ti mesmo; pois vós mesmos fostes migrantes na terra do Egito. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

³⁵Não cometais injustiça naquilo que está regulamentado: nas medidas de comprimento, de peso e de capacidade; ³⁶tende balanças justas, pesos justos, efá justa e hin justo. Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos fiz sair da terra do Egito.

³⁷Observai todas as minhas leis e todos os meus costumes e ponde-os em prática. Eu sou o SENHOR⁶.

4 – Dispositivos penais^b

20 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²Falarás aos filhos de Israel:

Todo filho de Israel ou migrante morando em Israel que entregar um de seus filhos a Môlek^c será castigado com a morte: o povo da terra o apedrejará; ³de minha parte, voltar-me-ei contra esse homem e o cortarei do meio do seu povo, por ter entregue uma das suas crianças ao Môlek e ter assim tornado impuro o meu santuário e profanado o meu nome santo. ⁴Se, para evitar castigá-lo com a morte, o povo da terra quisesse tapar os olhos quando esse homem entrega um dos seus filhos ao Môlek, ⁵eu mesmo me voltaria contra esse homem e contra o seu clã e os cortaria do meio do seu povo, a ele e a todos os que o seguissem na prostituição^d com o Môlek^e.

⁶ Aquela que se prostituir praticando a adivinhação^f, eu me voltarei contra ele e o cortarei do meio do seu povo. ⁷Santificai-vos, portanto, para serdes santos, pois eu sou o SENHOR, vosso Deus.

⁸Observai as minhas leis e ponde-as em prática. Eu sou o SENHOR, que vos santifico. ⁹Assim:

Quando um homem insulta seu pai ou sua mãe, será castigado com a morte; ele insultou pai e mãe, seu sangue recai sobre ele^g.

¹⁰Quando um homem comete o adultério com a mulher do seu próximo^h, serão castigados com a morte, tanto o homem adúltero como a mulher adúltera.

¹¹Quando um homem deita com uma mulher de seu pai, descobre a nudez de seu pai; ambos serão mortos, o sangue deles recai sobre eles.

Dt 12,31;
2Rs 17,17;
Jr 7,31;
19,5; 32,35;
Sl 106,
37-38

Ex 20,12;
21,17;
Dt 21,18-21;
27,16;
Mt 15,4p

18,20;
Ex 20,14;
Dt 22,22;
Jo 8,1-11

18,8;
Dt 23,1;
27,20;
1Cor 5,1

y. Provavelmente trata-se de evitar certas práticas dos povos vizinhos, que podiam ter um valor ritual ou mágico; da mesma forma no v. subsequente, no que concerne às incisões e às tatuagens.

z. Lit.: *Não vos volteis para os médiuns, nem para os espíritos*. A expressão *mediuns e espíritos* designa tanto as potências evocadas como as pessoas por intermédio das quais elas são evocadas: necromantes e adivinhos, cf. 2Rs 21,6; 23,24.

a. A legislação sobre os migrantes visa geralmente a integrá-los na comunidade israelita: cf. Ex 12,43 nota.

b. Cf. 18,1 nota.

c. Cf. 18,21 nota.

d. Cf. 17,7 nota.

e. O tradutor gr. parece ter usado um texto hebr. que falava de

Milkam, o deus dos amonitas, ou talvez dos *Molekim* (no plural, o que designaria estátuas da divindade).

f. A adivinhação (cf. 19,31 e nota; 20,27) é assemelhada a uma prostituição, isto é, a uma idolatria.

g. Ou então: *que seu sangue recai sobre ele*; da mesma forma nos vv. 11,12 etc. A expressão significa que esse homem é verdadeiramente culpado; sua morte, portanto, é imputável exclusivamente a ele. Cf. Js 2,19.

h. Lit. *E um homem que comete adultério com a mulher de um homem que comete adultério com a mulher do seu próximo*. Parece termos aqui um caso de ditografia, mas bastante antigo, pois volta a encontrar-se nas traduções gr., lat., sir. e aram. A rigor poder-se-ia compreender a frase como segue: *Quando um homem comete adultério com uma mulher casada, quando comete adultério com a mulher do seu próximo...*

¹²Quando um homem deita com a sua nora, ambos serão mortos; o que fizeram é depravação; seu sangue recai sobre eles.

¹³Quando um homem deita com um homem como se deita com mulher, o que ambos fizeram é uma abominação; serão mortos, o sangue deles recai sobre eles.

¹⁴Quando um homem toma por esposa uma mulher e a mãe dela, é perversidade: são queimados, ele e elas; assim não haverá perversidade no meio de vós.

¹⁵Quando um homem deita com um animal, será morto, e matareis o animal.

¹⁶Quando uma mulher se aproxima de algum animal para ter coito com ele, deverás matar a mulher e o animal; eles serão mortos, o sangue deles recai sobre eles.

¹⁷Quando um homem toma por esposa sua irmã, filha de seu pai ou filha de sua mãe, e vê a nudez dela, e ela vê a nudez dele, é uma torpeza; serão eliminados, sob os olhos dos filhos do seu povo; por haver descoberto a nudez da sua irmã, ele carrega o peso da sua iniquidade.

¹⁸Quando um homem deita com uma mulher menstruada e descobre a nudez dela, já que ele desnudou a fonte do sangue que ela está perdendo, e ela mesma pôs a descoberto esta fonte, os dois serão cortados do meio do seu povo.

¹⁹Não descobrirás a nudez da irmã da tua mãe ou da irmã de teu pai; já que desnudou aquela que é da mesma carne que ele, ambos carregam o peso da sua iniquidade.

²⁰Quando um homem se deita com sua tia, descobre a nudez de seu tio; os dois carregam o peso de seu pecado, morrerão sem filhos¹.

²¹Quando um homem toma por esposa a mulher de seu irmão, é uma mácula²;

ele pôs a descoberto a nudez de seu irmão, serão privados de filhos.

²²Observai todas as minhas leis e todos os meus costumes, e ponde-os em prática, para que não vos vomite esta terra na qual vou fazer-vos entrar para ali instalá-los. ²³Não sigais as leis da nação que vou expulsar diante de vós; porque eles praticaram tudo isto, eu os aborreci ²⁴Mas a vós eu disse:

‘Sereis vós a possuir o solo deles, e sou eu que vo-lo dou em posse: terra que mana leite e mel!’

Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos distingi do meio dos povos. ²⁵Por isso, fazei a distinção entre animais puros e impuros, e entre aves impuras e puras, a fim de não vos tornardes proibidos junto com esses animais, essas aves e tudo o que rasteja sobre o solo — os que eu distingi, para que os tenhais como impuros.

²⁶Pertencei a mim, santos como eu sou santo, eu, o SENHOR; e eu vos distingi do meio dos povos para que pertençais a mim.

²⁷ — Quando um homem ou uma mulher se prestarem à adivinhação, serão mortos; serão apedrejados, o sangue deles recai sobre eles”.

5 – Dispositivos referentes aos sacerdotes

A) PROIBIÇÕES REFERENTES À VIDA PRIVADA

21 ¹O SENHOR disse a Moisés: “Dirige-te aos sacerdotes, filhos de Aarão; tu lhes dirás:

Que um sacerdote não se torne impuro por um defunto na sua parentela, ²exceto por um próximo, da mesma carne que ele: sua mãe, seu pai, seu filho, sua filha, seu irmão; ³por sua irmã, se esta for virgem — pois então, não pertencendo a

i. Ruptura de estilo: 19a está redigido no estilo do cap. 18; o estilo do cap. 20 recomeça em 19b.

j. A expressão pode significar ou que não terão filhos, ou que serão privados dos seus filhos.

k. A mesma palavra é empregada nos caps. 12 e 15 para designar, num sentido mais técnico, a menstruação.

l. O v. 26 forma a conclusão dos caps. 19–20; cf. 19.2, em uma formulação bem semelhante.

m. Repetição do v. 6, para precisar o tipo de punição infligida aos culpados (apedrejamento).

gida aos culpados (apedrejamento).

n. Tendo os sacerdotes por tarefa pôr o povo em contato com o Deus vivo e santo, devem evitar o mais possível o contato com a morte (cf. 10.6 nota) e com as realidades profanas ou profanas (21.1–15). Na mesma perspectiva, um membro defeituoso de uma família sacerdotal está excluído a título definitivo do exercício do sacerdócio (21.16–24); e é proibido a um sacerdote em estado de impureza consumir oferendas santas (22.1–16).

Ex 3.8,17;
Nm 13,27;
Dt 6.3;
Js 5.6;
Jr 11.5;
Ez 20.6,15

19.31; 20.6;
Dt 18.11;
1Sm 28.3;
2Rs 23.24;
Is 8.19; 19.3

10.6-7

outro homem, ela ainda faz parte de seus próximos" —, por ela, pode tornar-se impuro. ⁴Ele, que é um chefe^o entre a sua parentela, não se torne impuro com o risco de profanar-se.

19.27-28;
Dt 14,1

⁵Os sacerdotes não levarão tonsura na cabeça, nem rasparão a barba nos lados, nem farão incisões em seus corpos^o; ⁶serão consagrados ao seu Deus e não profanarão o nome do seu Deus; como eles apresentam as oferendas queimadas do SENHOR, o alimento do seu Deus, estarão em estado de santidade; ⁷não tomarão por esposa uma mulher prostituída ou desonrada; não tomarão uma mulher repudiada pelo seu marido^o; pois o sacerdote está consagrado ao seu Deus; ⁸tu o considerarás santo, pois é ele que apresenta o alimento do teu Deus; ele será santo para ti, pois eu sou santo, eu, o SENHOR, que vos santifico.

⁹Se a filha de um sacerdote se desonrar, prostituindo-se, é a seu pai que ela desonra: ela será queimada.

¹⁰Quanto ao sumo sacerdote, destacado entre os seus irmãos, aquele sobre cuja cabeça foi derramado o óleo de unção e que recebe a investidura para vestir as vestes^o, que ele não desgrenhe os cabelos nem rasgue suas vestes; ¹¹que não vá ter com nenhum defunto e não se torne impuro, nem por seu pai, nem por sua mãe; ¹²que ele não saia do santuário, para não profanar o santuário do seu Deus, pois foi

10,7 marcado pela unção de óleo do seu Deus. Eu sou o SENHOR. ¹³Que tome por esposa uma mulher ainda virgem; ¹⁴que não tome nem uma viúva, nem uma mulher repudiada, nem uma mulher que se desonrou

prostituindo-se; ao contrário, que tome por esposa uma jovem da sua parentela; ¹⁵que assim, portanto, ele não introduza uma descendência profana na sua parentela, pois eu sou o SENHOR, que o santifico".

B) IMPEDIMENTOS PARA O SACERDÓCIO

¹⁶O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹⁷"Fala a Aarão: De idade em idade, que nenhum dos teus descendentes que for defeituoso se aproxime para apresentar o alimento de seu Deus; ¹⁸efetivamente todo aquele que tiver um defeito não deve aproximar-se, seja ele cego ou coxo, de nariz defeituoso ou de membros disformes^o, ¹⁹tendo fratura na perna ou no braço, ²⁰corcunda ou anão, afetado por uma mancha no olho, uma sarna ou um darto, ou com os testículos esmagados. ¹ 56.3-5

²¹Nenhum descendente defeituoso do sacerdote Aarão deve aproximar-se para apresentar as oferendas do SENHOR; por ser defeituoso, que não se aproxime para apresentar o alimento do seu Deus; ²²ele pode comer do alimento do seu Deus, das oferendas santíssimas e das oferendas santas; ²³mas não deve ir até o véu, nem aproximar-se do altar, pois é defeituoso, a fim de não profanar o meu santuário e o seu conteúdo^o, pois eu sou o SENHOR, que os santifico".

²⁴Assim falou Moisés a Aarão, a seus filhos e a todos os filhos de Israel.

C) PROIBIÇÕES REFERENTES AO CONSUMO DOS SACRIFÍCIOS

22 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

²"Fala a Aarão e a seus filhos a respeito dos casos em que^o, para não profa-

o. Pelo seu casamento, a mulher é incorporada à família e ao clã de seu marido e, por conseguinte, perde seus vínculos legais com a família de seu pai.

p. Tradução incerta. Gr.: *Ele não se tornará impuro "de improviso" na sua parentela.* Aram., sir. e lat.: *Ele não se tornará impuro "para um chefe" do seu povo.* A ausência da esposa na lista dos vv. 2-3 levou certos tradutores a discernir uma menção a ela aqui (com ou sem correção de texto): *(Se ele for) marido, que não se torne impuro;* mas esta interpretação é bastante improvável.

q. O que é proibido ao povo (19.27), o é com mais razão aos sacerdotes.

r. Segundo esta legislação, o sacerdote pode desposar uma viúva; sensivelmente na mesma época, Ez 44.22 é mais rigoroso,

pois só autoriza o casamento com uma viúva em se tratando da viúva de um sacerdote.

s. Sobre os ritos de investidura, cf. cap. 8. O sumo sacerdote, em razão da sua posição, deve até evitar o que é excepcionalmente admitido para os sacerdotes.

t. Estes dois últimos defeitos não estão claramente definidos; gr.: *que tem o nariz ou as orelhas cortadas;* lat.: *que tem o nariz pequeno demais ou grande demais ou torcido.*

u. Lit. *os meus santuários*, isto é, o próprio santuário com todos os objetos sacros que este contém.

v. *dos casos em que é completado segundo o contexto*, para o sentido. O hebr. utiliza uma fórmula elíptica que tem dado muito trabalho aos tradutores antigos e modernos; alguns traduzem

narem meu santo nome, devem manter-se afastados das santas oferendas que os filhos de Israel me consagram; eu sou o SENHOR. ³Tu lhes dirás:

De idade em idade, todo homem da vossa descendência que, em estado de impureza, se aproximar das santas oferendas que os filhos de Israel consagram ao SENHOR, será eliminado de diante de mim. Eu sou o SENHOR.

⁴Nenhum descendente de Aarão, atingido de lepra ou de um fluxo, deve comer das santas oferendas antes de estar purificado; vale o mesmo para aquele que tocou todo ser contaminado pelo contato com um cadáver, para aquele que teve ejaculações seminais, ⁵para aquele que tocou qualquer animal que torne impuro ou uma pessoa que torne impuro, qualquer que seja esta impureza. ⁶Aquele que teve tais contatos é impuro até a tarde e só pode comer das santas oferendas depois de ter lavado o corpo na água; ⁷desde o pôr-do-sol, ele está puro: aí então pode comer das santas oferendas, pois é o seu alimento. ⁸Ele não deve comer animal morto ou dilacerado, o que o tornaria impuro; eu sou o SENHOR.

⁹Que eles guardem as minhas observâncias e não se onerem com um pecado a propósito do alimento seu; se o profanassem, morreriam em consequência; eu sou o SENHOR, que os santifico.

¹⁰Nenhum profano deve comer do que é santo; nem o que mora com um sacerdote nem o seu assalariado devem comer do que é santo; ¹¹mas se um sacerdote adquiriu uma pessoa a preço de dinheiro, esta última pode comer, da mesma forma que o servo nascido na casa; estes podem comer da comida dele. ¹²Uma filha de sacerdote, que desposou um profano, não deve comer daquilo que foi

reservado dentre as santas oferendas; ¹³mas se uma filha de sacerdote se tornou viúva ou foi repudiada, se não tiver filhos e tiver voltado para a casa de seu pai como no tempo da sua juventude, então pode comer da comida de seu pai, embora nenhum profano possa comer dela. ¹⁴Se alguém, por descuido, comer do que é santo, deve restituir o equivalente ao sacerdote, acrescentando um quinto.

¹⁵Que eles não profanem as santas oferendas dos filhos de Israel, as que eles reservam para o SENHOR; ¹⁶carregariam o peso de uma falta que exige reparação, ^{5.14-16}se comessem dessas santas oferendas, pois eu sou o SENHOR, que os santifico".

6 – Disposições relativas às vítimas

¹⁷O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹⁸"Fala a Aarão, a seus filhos e a todos os filhos de Israel; tu lhes dirás:

Quando uma pessoa que faz parte da casa de Israel ou dos migrantes que moram em Israel quer trazer um presente em holocausto, como os que se trazem ao SENHOR em decorrência de votos ou espontaneamente, ¹⁹se quiserdes ser aceitos, trazei um macho sem defeito, tirado dos rebanhos de bois, ovelhas ou cabras; ²⁰não apresenteis nenhum animal que tenha algum defeito, pois não seríeis aceitos.

Dt 17,1;
Mt 1,8

²¹Quando uma pessoa, para cumprir um voto ou espontaneamente, apresentar ao Senhor um sacrifício tirado do gado ou do rebanho, se quiser ser aceito, o animal deve ser sem defeito; não se encontre nele nenhum defeito; ²²nem cegueira, nem fratura, nem amputação, nem verruga, nem sarna, nem darto^a. Não apresenteis nada assim ao SENHOR, e não leveis nada disso ao altar a título de oferta consumida para o SENHOR. ²³Se uma

palavra por palavra: *Dize a Aarão... que se abstenha...*, o que é um contra-senso; outros buscam uma solução seja enfraquecendo o sentido do verbo (... *de tomar cuidado...*), seja procurando-lhe um sentido derivado (... *de fortificar-se...*).

w. Lit. a propósito disso.

x. O relato de Ism 21,2-7, dado como exemplo por Jesus em Mt 12,3-4 e par., mostra que a lei podia ser aplicada com uma certa flexibilidade em caso de necessidade.

y. Cf. Ex 21,4.

z. Pela mesma razão já invocada em 21,1 nota, as vítimas devem estar num estado de integridade física que corresponda à santidade e à perfeição de Deus. Um animal defeituoso é uma injúria à plenitude de vida e de força que reside em Deus (cf. Mt 1,8).

a. A palavra traduzida por *verruca* é por vezes também compreendida como *supuração*. A palavra traduzida por *darto* (aqui e em 21,20) é diferente da que se encontra em 13,6-8.

cabeça de gado ou de rebanho for disforme ou atrofiada, podes fazer com ela um sacrifício espontâneo, mas para sacrifício votivo não será aceita. ²⁴Não apresenteis ao SENHOR um animal com os testículos machucados, esmagados, arrancados ou cortados^b; não façais isto em vossa terra. ²⁵Da mão de um estrangeiro, não recebais tais animais para apresentá-los como alimento ao vosso Deus; a mutilação que lhes foi infligida constitui um defeito neles, eles não seriam aceitos em vosso favor”.

Ex 22,29 ²⁶O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁷“Depois do nascimento, um novilho, um cordeiro ou um cabrito permanecerão sete dias com sua mãe; a partir do oitavo dia, eles serão aceitos se forem apresentados como oferta consumida para o SENHOR. ²⁸Mas não degoleis no mesmo dia um animal, vaca, ovelha ou cabra, e o seu filhote”.

7,15 ²⁹Quando imolardes ao SENHOR um sacrifício de louvor, fazei-o de maneira a serdes aceitos: ³⁰ele é comido no mesmo dia, sem nada deixar para o dia seguinte. Eu sou o SENHOR.

³¹Observaréis os meus mandamentos e os poreis em prática. Eu sou o SENHOR. ³²Não profanareis o meu santo nome, a fim de que eu seja santificado no meio dos filhos de Israel; eu sou o SENHOR, que vos santifico. ³³Aquele que vos fez sair da terra do Egito, a fim de para vós ser Deus, eu sou, o SENHOR”.

11,45; 25,38;
26,45;
Jr 11,4;
24,7

b. A integridade dos órgãos de transmissão da vida é indispensável para que uma vítima seja aceita pelo Deus da vida, mesmo em sacrifício espontâneo; o fim do v. não repete a proibição de oferecer tais animais, mas proíbe a prática da castração em Israel, em qualquer das quatro formas mencionadas.

c. Esta prescrição, como a precedente, inspira-se provavelmente na luta contra usos cananeus.

d. Este capítulo não explica o sentido das festas, que se supõe conhecido; recorda o seu ritual, do duplo ponto de vista dos sacrifícios a oferecer e das suspensões do trabalho.

e. A palavra *met ed* significa *encontro*, donde a expressão *tenda do encontro* (cf. Ex 33,7); designa também a *feira* celebrada em datas fixas e em lugares prescritos, e no decurso do qual se realiza a reunião entre Deus e seu povo (Ex 29,43). A nossa tradução procura exprimir os dois aspectos desta realidade: *feira*, vv. 2a,4,37 e 44; *encontro*, vv. 2b e 44.

f. O *sábado* é uma instituição que recebeu duas significações em Israel: momento em que todos devem fazer a experiência da

7 – As festas de Israel^d

23 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Fala aos filhos de Israel; tu lhes dirás: As festas solenes^e do SENHOR são aquelas em que deveis convocar reuniões sagradas. Estes são os encontros solenes comigo:

³Durante seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia é o *Sábado*^f, cessação de trabalho, com reunião sagrada, dia em que não realizais nenhuma tarefa: é o sábado do SENHOR, onde quer que habiteis.

⁴Estas são as festas solenes do SENHOR, as reuniões sagradas que deveis convocar nas datas fixadas:

⁵No primeiro mês^g, no dia catorze do mês, no crepúsculo^h, é a *Páscoa*ⁱ do SENHOR.

⁶No dia quinze desse mês, é a *Festa dos Pães sem fermento*^j para o SENHOR. Durante sete dias comercis pães sem fermento; ⁷no primeiro dia tereis uma reunião sagrada: não executareis nenhum trabalho servil^k; ⁸em cada um dos sete dias, apresentareis ao SENHOR uma oferta consumida; no sétimo dia haverá uma reunião sagrada; não executareis nenhum trabalho servil”.

⁹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁰“Fala aos filhos de Israel; tu lhes dirás: ‘Quando tiverdes entrado na terra que vos dou e ali fizerdes a colheita, levarcis ao sacerdote o *Primeiro Feixe*^l, primícias da vossa colheita; ¹¹o sacerdote oferecerá o feixe diante do SENHOR para que sejais

Ex 23,14-19;
34,18-23;
Nm 28-29;
Dt 16,1-17

liberdade recebida na saída do Egito (Ex 23,12; Dt 5,12-15) e dia que antecipa a entrada no repouso divino definitivo (Gn 2,2; Ex 20,8-11; 31,17). O sábado, festa semanal, está bem localizada no capítulo sobre as reuniões solenes com o Senhor. Todavia, ele não é uma festa anual — o que explica seu lugar à parte, encabeçando a lista, e a presença, no v. 4, de uma segunda introdução, paralela ao v. 2c.

g. Do ano que começa na primavera, mês esse que leva o nome de *nisan* (março-abril). Cf. Ex 12,2 nota.

h. Cf. Ex 12,6 nota.

i. Sobre a *Páscoa*, cf. sobretudo Ex 12.

j. A festa dos *Pães sem fermento* (cf. Nm 28,16-25) está ligada por sucessão temporal à da Páscoa, mas tem uma origem independente, num ambiente de agricultores, enquanto a Páscoa é uma festa de criadores de gado (cf. Ex 12,15 nota).

k. Lit. *trabalho de servidão*, daí a tradução, tradicional desde S. Jerônimo: “trabalho servil”.

l. A festa do *Primeiro Feixe* e a dos “cinquenta dias” emoldu-

accitos; ele o oferecerá no dia seguinte ao sábado^m. ¹²No dia em que oferecerdes o feixe, fareis ao SENHOR o holocausto de um cordeiro sem defeito, de um ano de idade, ¹³tendo como oferenda: dois décimos de efá de farinha amassada com azeite — é uma oferenda consumida para o SENHOR, um perfume aplacador — e como libação de vinho: um quarto de hin. ¹⁴Não comereis nem pão, nem espigas tostadas, nem grão novo antes desse dia preciso em que trouxerdes o presente do vosso Deus. Esta é uma lei perene para vós de idade em idade, onde quer que habiteis.

¹⁵Contareis sete semanas a partir do dia seguinte ao sábado, isto é, a partir do dia em que tiverdes levado o feixe do rito de apresentação; as sete semanasⁿ serão completas. ¹⁶Até o dia seguinte ao sétimo sábado, contareis, portanto, cinqüenta dias^o, e apresentareis ao SENHOR uma oferenda da nova colheita: ¹⁷onde quer que habiteis, haveis de trazer de vossa casa, para o rito de apresentação, dois pães feitos de dois décimos de efá de farinha e cozidos em massa fermentada; são *As Primícias* para o SENHOR. ¹⁸Além do pão, apresentareis sete cordeiros sem defeito, da idade de um ano, um novilho e dois carneiros, e serão sacrificados em holocausto para o SENHOR; com a oferenda e as libações deles, é uma oferenda consumida, um perfume aplacador para o SENHOR. ¹⁹Com um bode, fareis um sacrifício pelo pecado; e com dois cordeiros da idade de um ano, um sacrifício de paz; ²⁰o sacerdote os oferecerá diante do SENHOR com o gesto de apresentação, os dois cordeiros ao mesmo tempo que o

pão de primícias. São coisas santas para o SENHOR, que caberão ao sacerdote. ²¹Para este dia exato, fareis uma convocação e tereis uma reunião sagrada; não executareis nenhum trabalho servil. Esta é uma lei perene para vós, de idade em idade, onde quer que habitardes.

²²Quando fizerdes a colheita nas vossas terras, não farás a colheita do teu campo até o limite extremo e não respirarás a tua colheita; deixá-la-ás para o pobre e o migrante: eu sou o SENHOR, vosso Deus¹.

²³O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁴Fala aos filhos de Israel: no sétimo mês, no primeiro dia do mês, é para vós um dia de cessação do trabalho, um *Dia de recordação e de aclamação*^q, com reunião sagrada. ²⁵Não executareis nenhum trabalho servil, e apresentareis uma oferenda consumida ao SENHOR¹.

²⁶O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁷Além disso, no dia dez desse sétimo mês, que é o *Dia do Grande Perdão*^r, fareis uma reunião sagrada, jejuareis, e apresentareis uma oferenda consumida ao SENHOR; ²⁸não executareis nenhum trabalho neste dia, pois é um dia de Grande Perdão, no qual se faz sobre vós o rito de absolvição diante do Senhor, vosso Deus. ²⁹Assim, todo aquele que não jejuasse em tal dia seria cortado da sua parentela; ³⁰e todo aquele que executasse algum trabalho neste dia, eu o faria desaparecer do meio do seu povo. ³¹Não executareis nenhum trabalho: esta é uma lei perene para vós, de idade em idade, onde quer que habiteis. ³²É para vós um sábado, cessação do trabalho, dia em que

ram o período da colheita. A oferta do primeiro feixe tem por objetivo dessacralizar a ceifa, espécie de rito paralelo à "circuncisão" das árvores, em 19.23-25. É proibido consumir desta colheita (v. 14) antes do dia da festa.

m. A tradição judaica estava dividida acerca da data deste sábado: os saduceus a fixavam no sábado que caísse nos sete dias dos *Pães sem fermento*; os fariseus, no próprio dia da Páscoa, que podia ser qualquer dia da semana.

n. Lit. *sabados*.

o. A festa dos "Cinqüenta dias" (= Pentecostes), chamada também *festa da Ceifa* (cf. Ex 23.16 nota), ou ainda a *festa das Semanas* (Ex 34.22), é uma ampla ação de graças que se situa no fim da colheita dos cereais.

p. Este v., quase idêntico a 19.9, parece ter sido encaixado aqui por causa da menção à ceifa.

q. Lit. *memorial de aclamação*. A festa do primeiro dia do sétimo mês (ou festa da Aclamação. Nm 29.1, cf. nota) é provavelmente um resquício atrofiado das celebrações anteriores da lua nova (início do ano lunar). A lua nova do sétimo mês (no ano que começa na primavera) pôde substituir pelo fato de que precedentemente coincidia com o início do ano de outono (setembro-outubro). No judaísmo posterior, que reintroduziu o ano começando no outono, esta festa tomou o nome de *Rosh ha-Shanáh* (Ano Novo), festa marcada em especial por três toques diferentes do *shofar* (trompa feita de chifre).

r. Cf. 16.2 nota.

jejuareis. Desde a tarde do dia nove do mês até à tarde do dia seguinte*, observareis o vosso sábado”.

³³O SENHOR falou a Moisés dizendo:

³⁴Fala aos filhos de Israel: O dia quinze desse sétimo mês é a *Festa das Tendus*⁴, que dura sete dias, em honra do SENHOR; ³⁵no primeiro dia se fará uma reunião sagrada; não executareis nenhum trabalho servil. ³⁶Cada um dos sete dias, apresentareis uma oferenda consumida ao SENHOR. No oitavo dia, fareis uma reunião sagrada e apresentareis uma oferenda consumida ao SENHOR: é o encerramento da festa⁵; não executareis nenhum trabalho servil.

³⁷Estas são as festas solenes do SENHOR, nas quais deveis convocar reuniões sagradas, para apresentar ao SENHOR, em oferenda consumida, um holocausto ou uma oferenda, um sacrifício de paz ou libações, segundo o ritual de cada dia, ³⁸além dos sábados⁶ do SENHOR, e além dos dons e de todos os sacrifícios votivos ou espontâneos que ofereceis ao SENHOR.

³⁹Além disso, no dia quinze do sétimo mês, após haverdes colhido os produtos da terra, ireis em peregrinação festejar o SENHOR durante sete dias; no primeiro dia, cessação do trabalho, no oitavo dia, cessação do trabalho; ⁴⁰no primeiro dia vos munireis de belos frutos, de folhas de palmeiras, de ramos de árvores frondosas ou de salgueiros das torrentes, e estareis na alegria⁷ durante sete dias diante do SENHOR, vosso Deus. ⁴¹Fareis esta peregrinação para festejar o SENHOR, sete dias por ano; esta é uma lei perene para vós de idade em idade: no sétimo mês fareis

esta peregrinação; ⁴²habitareis debaixo da tenda durante sete dias; todo nativo de Israel deve habitar debaixo da tenda, ⁴³para que de idade em idade saibais que eu fiz os filhos de Israel habitarem debaixo da tenda, quando os fiz sair da terra do Egito; eu sou o SENHOR, vosso Deus”.

⁴⁴Assim falou Moisés aos filhos de Israel a respeito dos encontros festivos com o SENHOR⁸.

8 – Duas disposições relativas ao santuário

24 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

²Ordena aos filhos de Israel que te providenciem para a luminária azeite de oliva, puro e virgem, a fim de se acender uma lâmpada perpétua⁹ diante do véu do Documento, na tenda do encontro. Aarão disporá a lâmpada de modo que ela queime da tarde até a manhã diante do SENHOR, perpetuamente⁹. Esta é uma lei perene para vós, de geração em geração. ⁴Sobre o candelabro puro⁹ ele disporá as lâmpadas que queimarão diante do SENHOR, perpetuamente.

⁵Apanharás farinha; farás cozinhar bolos, sendo cada um feito com dois décimos de efá de farinha; ⁶hás de amontoá-los em duas pilhas de seis sobre a mesa pura⁹, diante do SENHOR; ⁷porás sobre cada pilha incenso puro⁹; ele servirá de memorial no lugar do pão; será uma oferenda consumida para o SENHOR; ⁸todo dia de sábado, eles serão dispostos diante do SENHOR perpetuamente, da parte dos filhos de Israel; é uma aliança⁹ perene. ⁹Isto caberá a Aarão e a seus filhos; co-

Ex 25,31-40;
27,20-21;
Nm 4,16;
1Sm 3,3

Ex 25,30;
1Sm 21,5-7;
Mt 12,4p

1. 24,5

s. Lit. da tarde até a tarde.

t. Ou mais exatamente *festa das choças* ou *das cabanas*; antigamente, *festa da Colheita* (Ex 23,16 nota; 34,22). O uso de levantar choças de galhos de árvores vem provavelmente de um costume camponês (fiscalização dos pomares, no momento da colheita); ele possibilitou ligar esta festa com a história da saída do Egito (vv. 42-43). Na tradição judaica, o Sl 81 é um elemento da liturgia dessa festa.

u. O oitavo dia não pertence mais à festa propriamente dita; é antes uma transição para a volta à vida normal.

v. Os sacrifícios prescritos para dias de festa não substituem os previstos pelo ritual ordinário do sábado (Nm 28,9-10), se somam a eles, da mesma forma que aos sacrifícios votivos e espontâneos.

w. O termo hebr. designa júbilo e folgedos coletivos no contexto de uma festa religiosa.

x. Lit. *Moisés disse aos filhos de Israel as reuniões festivas (méd, cf. v. 2 nota) do Senhor*. *ITOB, lit.: *Então Moisés disse aos filhos de Israel como encontrar o Senhor quando das festas solenes*.

y. Lit. *Aarão a disporá (a lâmpada) desde a tarde até a manhã diante do Senhor, perpétua*.

z. Cf. Ex 31,8 nota.

a. Provavelmente de *ouro puro*, como o candelabro do v. 4, a não ser que se insista na pureza (ou na purificação) ritual da mesa.

b. O gr. acrescenta: *e sal* (cf. 2,13).

c. Ou *obrigação* decorrente da aliança.

merão este pão em um lugar santo^d, pois é para eles coisa santíssima tomada das oferendas consumidas do SENHOR; é um direito perene^e.

1R 21 9 – Punição da blasfêmia. Lei do talião^f

10 Havia entre os filhos de Israel um filho de mãe israelita e de pai egípcio. Em pleno acampamento engalfinharam-se este filho da mulher israelita e um outro homem, que era israelita; 11 o filho da mulher israelita blasfemou o NOME^g e o insultou; por isso o levaram à presença de Moisés. — A mãe dele chamava-se Shelomit, filha de Dibri, da tribo de Dan. — 12 Pusaram-no sob custódia, aguardando uma ordem precisa da parte do SENHOR.

13 Então o SENHOR falou a Moisés dizendo: 14 “Faze sair do acampamento aquele que insultou; que todos os que o ouvirem imponham suas mãos sobre a cabeça dele, e que a comunidade inteira o apedreje. 15 E tu falarás assim aos filhos de Israel:

Nm 15, 35-36; Js 7,25; At 7,58 Se um homem insultar o seu Deus, deve carregar o peso de seu pecado; 16 assim, aquele que blasfema o nome do SENHOR será morto; a comunidade inteira o apedrejará; migrante ou nativo, será levado à morte por haver blasfemado o NOME^h.

Ex 20,13; 21,12 17 Se um homem ferir mortalmente um ser humano, quem quer que seja, será morto. 18 Se bater até matar um animal pagará seu valor — vida por vida.

19 Se um homem ferir um compatriota, far-se-á a ele o que ele fez: 20 fratura por

fratura, olho por olho, dente por dente; infligir-se-á a ele o mesmo ferimento que ele infligiu ao outro.

21 Quem bater num animal até matá-lo deve pagar seu valor; quem bater em um homem até matá-lo é levado à morteⁱ.

22 Tercis uma só legislação: a mesma para o migrante e para o nativo; pois eu sou o SENHOR, vosso Deus^j.

23 Assim falou Moisés aos filhos de Israel. Fez-se então sair do acampamento aquele que havia insultado, e foi apedrejado. Os filhos de Israel fizeram assim o que o SENHOR ordenara a Moisés.

10 – Os anos santos.

A) O ANO SABÁTICO^k

Dt 15,1-11

25 1 Sobre o monte Sinai, o SENHOR dizendo a Moisés: 2 “Fala aos filhos de Israel; dirás a eles: Quando tiverdes entrado na terra que eu vos dou, a terra observará um sábado para o SENHOR: 3 durante seis anos, semearás o teu campo; durante seis anos, podarás a tua vinha e farás a colheita; 4 o sétimo ano será um sábado^l, um ano de cessação de trabalho para a terra, um sábado para o SENHOR; não semearás o teu campo; não podarás a tua vinha; 5 não ceifarás o que tiver brotado por si mesmo desde a última ceifa; não colherás os cachos da tua vinha não-podada^m; será um ano sabático para a terra. 6 O sábado da terra garantirá comida para vós, para ti, teu servo, tua serva, o assalariado ou

d. Cf. 10,14 nota.

e. Os vv. 10-16 e 23 apresentam no mesmo estilo que o cap. 10 um paradigma que tem por objetivo introduzir uma prescrição divina relativa à blasfêmia e à punição da mesma.

f. O nome do Senhor (cf. v. 16). O temor de *pronunciar em vão* o nome divino (Ex 20,7) levou pouco a pouco os judeus a simplesmente não mais pronunciá-lo, mas a substituí-lo por outras expressões como “o Senhor”, “o Nome”, “os Céus” etc. Cf. Ex 3,15 nota.

g. Lit. *um nome*; sam. e aram. *lêem o Nome*; gr. e lat.: *o nome do Senhor*.

h. Os vv. 17-22 dão disposições legislativas redigidas no estilo do “Código da aliança” (Ex 20,22-23,19). Talvez se tenha procurado a “ordem precisa” (v. 12) de que se precisava para castigar o blasfemador em uma pequena coleção de leis; neste caso, se deve ter citado toda essa coleção ou parte da mesma.

i. O ritmo e paralelismo do v. podem ser indício de antiguidade.

j. Qualquer que seja a origem desta instituição (intuição de que a terra precisa de descanso; ou o deixar periodicamente a

colheita aos pobres, como em Ex 23,10-11), para Lv 25,1-7 o ano sabático faz a própria terra entrar no grande ritmo de trabalho-descanso que regula já a vida do homem no quadro da semana. Esses períodos de descanso voluntário possibilitam aos homens exprimir a Deus a sua submissão confiante e lhes lembram que não são máquinas de produção.

k. O texto dos vv. 4-7 não é homogêneo. Não se sabe se a terra inteira tem de ficar em descanso no sétimo ano (já que os cereais e as vinhas são citadas apenas a título de exemplo) ou se só são proibidas as colheitas e vindimas, ficando autorizadas as demais culturas. Além disso, não se vê com clareza se é absoluta a proibição de fazer a colheita e a vindima (o que parece dizer o v. 5) ou se a proibição incide apenas sobre o modo de fazer: ficaria proibida a colheita organizada pelo proprietário, mas cada um, inclusive o proprietário, poderia servir-se do que tiver crescido por si só (v. 6).

l. Lit. *teu nazir*; o nazir (cf. Nm 6,5) deve deixar crescer a cabeleira, a qual é comparada à vinha não podada.

aquele que mora contigo, em suma, os que vivem em teu meio. ⁷Quanto ao teu gado e aos animais selvagens da tua terra, alimentar-se-ão de tudo o que a terra produzir.

B) O JUBILEU^m

⁸Contará sete semanas de anos, isto é sete vezes sete anos; este período de sete semanas de anos representará, portanto, quarenta e nove anos. ⁹No sétimo mêsⁿ, no dia dez do mês, farás ressoar a trompa para uma aclamação; no dia do Grande Perdão fareis ressoar a trompa em toda a vossa terra; ¹⁰declarareis santo o quinquagésimo ano e proclamareis na terra a libertação para todos os habitantes; será para vós um jubileuⁿ; cada um de vós voltará ao seu patrimônio, e cada um de vós voltará a sua clã. ¹¹Será um jubileu para vós, o quinquagésimo ano: não semearéis, não ceifareis o que tiver brotado por si, não vindimareis a vinha que não foi tratada, ¹²pois será um jubileu, será santidade para vós. Comereis o que brotar nos campos.

¹³Nesse ano do jubileu, cada um de vós retomará a sua propriedade. ¹⁴Se fazeis comércio — quer vendas alguma coisa a teu compatriota, quer compres alguma coisa dele —, que ninguém dentre vós explore o seu irmão^p: ¹⁵comprará do teu compatriota levando em conta os anos decorridos desde o jubileu, e ele te venderá levando em conta os anos de co-

lheitas. ¹⁶Quanto mais anos faltarem, tanto maior será o teu preço de compra; quanto menos anos faltarem, tanto menor será o teu preço de compra; pois o que ele te vende é um certo número de colheitas. ¹⁷Que ninguém dentre vós explore o seu compatriota; é assim que terás o temor do teu Deus. Pois eu sou o SENHOR, vosso Deus. ¹⁸Ponde em prática as minhas leis; observai os meus costumes e ponde-os em prática: e habitareis com segurança na terra. ¹⁹A terra dará o seu fruto, comereis à saciedade, e nela habitareis com segurança.

²⁰Talvez digais: 'Que iremos comer no sétimo ano^q, já que não semearmos, nem juntaremos a nossa colheita?' ²¹Pois bem! Mandarei a minha bênção sobre vós no sexto ano, e este produzirá a colheita necessária para três anos. ²²No oitavo ano, podereis semear, mas comereis da antiga colheita; até o nono ano, até se constituir a sua colheita, podereis comer da antiga.

²³A terra não será vendida em caráter perpétuo, pois a terra é minha^r; não passais de migrantes e moradores na minha propriedade; ²⁴por isso, em toda essa terra que tereis em posse, concedereis o direito de resgate^s sobre as terras. ²⁵Se teu irmão tiver dívidas e tiver de vender uma parte da sua propriedade, o que tiver direito de resgate, isto é, seu parente mais próximo, virá resgatar o que seu irmão vendeu; ²⁶se um homem não tiver

Sl 39.13

Rt 4.1-12

m. Não há certeza de que tal legislação tenha um dia sido aplicada em Israel; mas ela apresenta um duplo ideal: a liberdade adquirida na saída do Egito (cf. v. 55) deve ser reencontrada por todos os filhos de Israel, e as propriedades recebidas em partilha na entrada em Kenã (cf. Js 13-21) não podem ser alienadas para sempre. — 1Rs 21 mostra quanto era viva a vontade de conservar o patrimônio familiar. Js 61 refere-se ao ano do jubileu, e Jesus de Nazaré se apresentará como o portador desta boa notícia da liberdade reencontrada (Lc 4.21).

n. É depois de decorridos quarenta e nove anos — contados de outono a outono (sétimo mês, isto é depois das colheitas) — que começa o ano do jubileu, que é o quinquagésimo ano.

o. Jubileu vem do hebr. *yobel* = carneiro [*Ex 19.13], daí chifre de carneiro podendo servir como instrumento de música. No v. 9 usa-se outro termo: *shofar* (= chifre, daí trompa).

p. Lit. *Se vendeis mercadoria a teu compatriota, ou se comprares da mão do teu compatriota, não exploreis cada um o seu irmão*.

q. A pergunta denota a preocupação de alguns em face de um ano sem colheita. A resposta considera o caso ainda mais complicado do ano jubilar que se segue a um sétimo ano, resultando em dois anos sucessivos sem colheita. Se não há motivo para preocupação no que concerne ao ano do jubileu, muito menos cabe preocupação no que tange ao ano sabático. O *oitavo ano* (v. 22) designa qualquer ano que se siga a um ano sabático; mesmo que se possa semear e colher, não se terá necessidade dessa colheita imediatamente. A antiga será suficiente até a colheita do nono ano.

r. *A terra pertence a mim, e os filhos de Israel são meus servos* (v. 55): os dois pilares sobre os quais se assentam todas as prescrições deste cap. O que pertence ao Senhor não pode ser alienado, pelo menos não em caráter definitivo. — **A terra de que aqui se fala é a terra de Israel, o que não proíbe uma compreensão mais universal hoje.*

s. O tema do *resgate* (das propriedades, vv. 23-34; e sobretudo das pessoas, vv. 47-54) passou por um desenvolvimento teológico notável; cf. Ex 6.6 nota.

ninguém para exercer o direito de resgate, e se ele tiver recursos próprios para efetuar o resgate, ²⁷contará os anos decorridos desde a venda, restituirá a diferença a seu comprador, e depois retornará a sua propriedade. ²⁸Mas se não conseguir ele mesmo os recursos para fazer esta restituição, o objeto da venda permanecerá nas mãos do adquirente até o ano do jubileu; a terra ficará livre^t no jubileu, e o homem retornará a sua propriedade.

²⁹Se alguém vender uma casa de moradia numa cidade fortificada^u, o direito de resgate se estende até encerrar-se o ano da venda; o direito de resgate é temporário^v. ³⁰Se a casa não foi resgatada no prazo de um ano inteiro, a casa que se encontra numa cidade fortificada pertencerá sem retorno ao adquirente, em seguida aos descendentes dele; ela não sairá das mãos dele no jubileu. ³¹As casas das aldeias não-fortificadas serão consideradas como situadas nos campos da terra; haverá direito de resgate, e no jubileu a casa ficará livre.

³²Os levitas terão sempre um direito de resgate sobre as cidades levíticas^w, sobre as casas de sua propriedade nessas cidades. ³³Mesmo que um outro levita a tenha comprado, a venda de uma casa — de uma cidade que é propriedade levítica — será rescindida por ocasião do jubileu; pois trata-se de casas de cidades levíticas; é a propriedade deles no meio dos filhos de Israel^x. ³⁴Quanto a um campo no terreno em redor das cidades deles, este não pode ser vendido, pois é a propriedade perene deles.

³⁵Se teu irmão tem dívidas e não tem com que te pagar^y, tu o sustentarás, seja ele um migrante ou um morador^z, a fim de que ele possa sobreviver a teu lado. ³⁶Não auras dele nem juros nem lucro; é assim que terás o temor de teu Deus, e teu irmão poderá sobreviver a teu lado. ³⁷Não lhe emprestarás teu dinheiro para auferir juros, não lhe darás do teu alimento para auferir lucro. ³⁸Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus, que vos fiz sair da terra do Egito para dar-vos a terra de Canaã, a fim de que eu seja Deus para vós.

³⁹Se teu irmão tiver dívidas contigo e se vender a ti, não lhe imporás tarefa de escravo^{aa}; ⁴⁰tratá-lo-ás como um assalariado ou como um morador; ele será teu servo até o ano do jubileu; ⁴¹então ele sairá da tua casa com os seus filhos e voltará a seu clã; voltará à propriedade dos seus pais. ⁴²Com efeito, os que fiz sair da terra do Egito são meus servos; não devem ser vendidos como se vendem escravos. ⁴³Não dominarás sobre ele com brutalidade; é assim que terás o temor do teu Deus.

⁴⁴Quanto aos servos e servas que vieres a ter^{bb}, comprá-los-eis entre as nações que vos cercam; ⁴⁵podereis também comprá-los entre os filhos dos moradores que vivem entre vós, ou em um dos clãs deles que habitam entre vós tendo-se radicado na vossa terra. Eles serão vossa propriedade, ⁴⁶que deixareis em herança a vossos filhos, a fim de que, depois de vós, os possuam como plena propriedade. A eles, podereis tê-los como escravos para sempre, mas vossos irmãos, os filhos de Israel..., ninguém da tua casa dominará seu irmão com brutalidade.

Dt 15,7-8

Ex 22,24;
Dt 23,20-2111,45; 22,33;
26,45;
Jr 11,4;
24,7Ex 21,2-6;
Dt 15,12-18;
Jr 34,8-16Nm 35,1-8;
Js 21,1-42;
Ez 48,13-14;
1Cr 6,39-66t. Lit. *sairá*; idem nos vv. 30 e 31.u. Lit. *cidade de muralla*.

v. Uma casa de moradia na cidade é um lugar de residência que se pode perder sem com isso perder seu ganha-pão, enquanto o pedaço de terra (vv. 23-28) e a casa anexa (v. 31) são instrumentos de trabalho.

w. As cidades levíticas gozam de um estatuto específico: a tribo de Levi não recebeu propriedade territorial, mas somente algumas cidades. O único patrimônio do levita é a sua casa; por isso se lhe aplica a legislação em vigor no tocante às propriedades fundiárias.

x. Tradução incerta, mas baseada na tradição judaica antiga atestada por Rashi.

y. Lit. *Se teu irmão se tornou pobre, e a mão dele vacila contigo*. Ver também vv. 39 e 47.

z. Observe-se que aqui o *migrante* e o *morador* são semelhantes aos irmãos; cf. já 19,33-34.

aa. O "Código da aliança" (Ex 21,2) admitia uma servidão de seis anos, com libertação no sétimo ano. A tradição "sacerdotal", em época diferente e também em uma situação social diferente, recusa a escravidão, mas admite um serviço de assalariado até ao próximo jubileu, ou seja, no máximo durante quarenta e nove anos.

bb. O princípio da escravidão não é contestado. A única restrição diz respeito à origem dos escravos dos israelitas: não se admitem israelitas escravos de israelitas.

⁴⁷Se um migrante ou morador que vive contigo tiver recursos financeiros, e teu irmão tiver dívidas com ele e vender-se a este migrante que é teu morador, ou a um descendente de um clã de migrante^e,

⁴⁸haverá para teu irmão, mesmo depois da venda, um direito de resgate: um dos irmãos dele pode resgatá-lo; ⁴⁹um tio ou um primo-irmão^d pode resgatá-lo, alguém que seja da mesma carne que ele, do seu próprio clã, pode resgatá-lo; ou então, se ele tiver os recursos para isto, ele mesmo pode resgatar-se. ⁵⁰Neste caso, em entendimento com o adquirente, contará o número de anos entre o ano em que se vendeu e o do jubileu, de sorte que o preço de venda seja proporcional ao número de anos, pela tarifa de um assalariado diário. ⁵¹Se faltarem ainda muitos anos, restituirá, como preço de resgate, uma parte proporcional do preço da aquisição. ⁵²Se só faltarem poucos anos até o jubileu, fará a sua conta, e restituirá um preço de resgate proporcional ao número de anos. ⁵³De ano em ano, o homem poderá permanecer como assalariado na casa do seu adquirente, mas não deixará este último dominar sobre ele com brutalidade^e. ⁵⁴Se ele não for resgatado de uma dessas maneiras, sairá livre com seus filhos no ano do jubileu.

C) RECORDAÇÃO DA ALIANÇA^f

⁵⁵“Pois é para mim que os filhos de Israel são servos; são meus servos^g, eles, a quem fiz sair da terra do Egito. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

26 ¹Não fabriqueis para vós falsos deuses, não crijais para o vosso uso nem ídolo nem estela, e na vossa terra

não ergais pedra esculpida^h para prosternar-vos diante dela: pois eu sou o SENHOR, vosso Deus.

²Observai os meus sábados e reverenciái o meu santuário. Eu sou o SENHORⁱ.

19.3-30;
Jr 17.21-27

D) BÊNÇÃOS

³“Se seguirdes as minhas leis, se observardes os meus mandamentos e os puserdes em prática, ⁴eu vos darei as chuvas na sua estação; a terra dará os seus produtos e as árvores dos campos darão seus frutos; ⁵entre vós, a debulha durará até a vindima, e a vindima durará até a sementeira; comereis do vosso pão a fartar e habitareis com segurança em vossa terra; ⁶estabelecerei paz na terra; vós vos deitareis sem que nada venha perturbar-vos; farei desaparecer da terra os animais nocivos; a espada não passará mais na vossa terra; ⁷perseguires os vossos inimigos, que cairão sob a vossa espada; ⁸cinco dentre vós perseguirão cem, e cem perseguirão dez mil, e os vossos inimigos cairão sob a vossa espada; ⁹eu me voltarei para vós; eu vos farei frutificar e vos multiplicarei; mantereis a minha aliança convosco; ¹⁰comereis das colheitas mais antigas, tirareis uma colheita antiga para dar lugar à nova; ¹¹porei a minha morada no meio de vós; não terei aversão a vós; ¹²caminharei no meio de vós; eu para vós serei Deus, e vós sereis para mim o povo. ¹³Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos fez sair da terra dos egípcios, para que não sejais mais seus servos; fui eu que quebrei as cangas do vosso jugo e vos fiz caminhar de cabeça erguida.

Dx 11.13-15;
28.1-14;
Sl 37.29;
Pr 2.21-22
Ez 34.26-27

Am 9.13

Lc 12.16-21

Ez 36.28;
Jr 17.27;
2Cor 6.16;
Ap 21.3

E) MALDIÇÕES

¹⁴“Se não me escutardes e não puserdes

Dt 28.15-68;
Am 4.6-12;
Dn 9.11

c. Não se nega a um estrangeiro residente na terra o direito de possuir um escravo israelita, mas este direito está submetido a duas restrições: direito de resgate em qualquer tempo (vv. 48-52), ou então libertação do escravo no ano do jubileu (v. 54).

d. Lit. *ou então seu tio (paterno) ou então o filho do tio dele (paterno)*. A sequência irmão (v. 48) – tio – primo – alguém da mesma carne (v. 49) indica sem dúvida segundo que ordem os próximos devem cumprir o seu dever de resgate.

e. Lit. *ele não dominará sobre ele com brutalidade à vista dos seus olhos*. O caso parece ser o de um homem que chegou a resgatar-se, mas decidiu permanecer como assalariado a serviço do seu antigo proprietário. Os compatriotas têm direito de con-

trole sobre o modo como o respectivo é tratado.

f. O texto sobre os anos santos continua com uma exortação construída a partir dos princípios da teologia da aliança: êxodo do Egito e mandamentos (25.55-26.2), a obediência como garantia da felicidade (26.14-39), a conversão sempre possível, pois Deus é fiel (26.40-45). Cf. exortação análoga em Dt 26.16-30.20.

g. Cf. 26.16 e Ex 3.12 nota.

h. Ou *pedra pintada*; lit. *pedra com imagem*.

i. Já que a exortação diz respeito à lei sobre os anos sabáticos, não se enumera o conjunto dos mandamentos do decálogo; menciona-se somente o primeiro, que é fundamental, e o do sábado.

em prática todos os meus mandamentos. ¹⁵Se rejeitardes as minhas leis, se tiverdes aversão aos meus costumes a ponto de não pôr em prática todos os meus mandamentos, quebrando assim a minha aliança, ¹⁶então, eis o que farei¹:

Mobilizarei contra vós, para apavorar-vos, o definhamento e a febre, que esgotam a vista e acabam com a vida. Fareis em vão vossas sementeiras, serão vossos inimigos que se alimentarão delas. ¹⁷Voltarei a minha face contra vós e sereis vencidos pelos vossos inimigos: os que vos odeiam dominarão sobre vós, e fugireis sem que ninguém vos persiga.

¹⁸Se com tudo isso não me ouvirdes, vou infligir-vos pelos vossos pecados uma correção sete vezes pior. ¹⁹Quebrei o vosso orgulhoso poder, tornarei o vosso céu duro como ferro e a vossa terra dura como bronze; ²⁰esgotareis as vossas forças em vão, a terra não dará mais os seus produtos e as árvores da terra não darão mais os seus frutos.

²¹Se vos opuserdes a mim e não quiserdes me escutar, infligir-vos-ei golpes sete vezes piores, à medida dos vossos pecados: ²²enviarei contra vós os animais selvagens, que vos roubarão vossos filhos, que aquilatarão o vosso gado e que vos dizimarão a ponto de tornar desertos os vossos caminhos.

²³Se continuardes a não aceitar a minha correção e, pelo contrário, vos opuserdes a mim, ²⁴também eu me oporei a vós, também eu vos golpearci sete vezes pelos vossos pecados. ²⁵Farei vir sobre vós a espada^a encarregada de vingar a Aliança, vós vos recolhereis nas vossas cidades,

mandarei a peste ao vosso meio, e sereis entregues às mãos do inimigo. ²⁶Quando eu vos privar de pão¹, dez mulheres poderão cozinhar o vosso pão em um forno só; o pão que elas vos levarão será racionado, e comereis sem vos saciar.

²⁷Se apesar disso não me escutardes e vos opuserdes a mim, ²⁸eu me oporei a vós, cheio de furor; eu mesmo vos corrigirei sete vezes pelos vossos pecados.

²⁹Comereis a carne dos vossos filhos, comereis a carne das vossas filhas. ³⁰Suprimirei os vossos lugares altos^m, farei desaparecer os vossos altares de perfumeⁿ; amontoarei vossos cadáveres sobre os dos vossos ídolos e vos terei aversão. ³¹Reduzirei vossas cidades a ruína, deixarei em desolação os vossos santuários; não respirarei mais os vossos perfumes aplacadores; ³²eu mesmo espalharei a desolação na terra, e vossos inimigos que virão habitá-la ficarão estupefatos. ³³Quanto a vós, dispersar-vos-ei entre as nações e desembainharei a espada contra vós; vossa terra se tornará uma desolação e vossas cidades, montões de ruínas.

³⁴Então a terra cumprirá os seus sábados, durante todos esses dias de desolação em que vós mesmos estareis na terra dos vossos inimigos; então a terra cessará o trabalho e cumprirá os seus sábados; ³⁵durante todos esses dias de desolação, ela cessará o trabalho, para compensar os sábados em que não pôde cessar, quando habitáveis nelaⁿ.

³⁶Quanto àqueles que dentre vós restarem, levá-los-ei a desfalecer na terra dos vossos inimigos. O simples ruído de uma folha que cai^p os perseguirá; fugirão

Is 3,1

Is 4,1

Jr 19,9;
Ez 5,10;
Lm 2,20;
4,10Ez 6,3;
2Cr 14,4Is 1,7;
Jr 34,22;
Pr 10,30

2Cr 36,21

Ez 21,12

Pr 28,1

Ez 33,28

Dt 11,17

Ez 5,17;
14,15

Ez 21,14-22

j. Quatro vezes os castigos ameaçadores são multiplicados pelo número simbólico de sete, donde uma graduação dramática: pilhagem das colheitas por parte do inimigo (vv. 16-17), esterilidade do solo (vv. 18-20), irrupção dos animais ferozes (vv. 21-22), guerra, peste e fome (vv. 23-26), ruína total e exílio (vv. 27-39).

k. A *espada*, a *fome* e a *peste*: três palavras que resumem as desgraças de uma cidade sitiada, e que retornam com frequência na pregação profética contemporânea da ruína de Jerusalém: Jr 21,7; 38,2; 42,17-22; 44,13; Ez 5,12-17; 6,11-12; 7,15; etc.

l. Lit. *quando eu vos quebrar o bastão de pão*, cf. Ez 4,16; 5,16; 14,13; Sl 105,16. A expressão significa quer o bastão sobre o qual se enfiava a reserva de pão (pães em forma de coroa), quer metaforicamente o pão enquanto sustento da vida.

m. Cf. 1Rs 3,4.

n. Segundo Rushi e certos comentadores modernos, tratar-se-ia antes de ídolos relacionados com cultos solares.

o. Estes vv. indicam claramente que o cap. 26 é uma exortação a observar a legislação do cap. 25. Se o povo não quiser respeitar os anos sabáticos, o Senhor fará com que o solo recupere os anos de descanso dos quais foi privado. Esta interpretação do Exílio como tempo de *desolação* (isto é, solo transformado em deserto) e de sábado forçado será retomada em 2Cr 36,20-22 e favorecerá as especulações cronológicas de Dn 9 sobre as *setenta semanas de anos*, por ocasião da grande desolação do tempo de Antíoco IV (167-164 a.C.).

p. Lit. *uma folha levada embora* (pelo vento).

como se foge diante da espada, e cairão sem sequer serem perseguidos; ³⁷tropearão um sobre o outro como diante da espada, e no entanto não há perseguidor. Não ficareis em pé diante dos vossos inimigos; ³⁸perecereis entre as nações, e a terra dos vossos inimigos vos devorará. ³⁹Os que, dentre vós, restarem, perecerão

Ez 4,17 por causa das suas iniquidades, na terra dos vossos inimigos; mas também por causa das iniquidades de seus pais, além das próprias, eles perecerão⁴.

F) PERSPECTIVAS DE CONVERSÃO

⁴⁰Mas eles confessarão sua falta e a de seus pais, dizendo que cometeram um sacrilégio para comigo, que até se opuseram a mim. ⁴¹que então eu me opus a eles e os conduzi para a terra dos seus inimigos; ou então, um dia, o coração incircunciso deles se humilhará e o castigo deles se cumprirá. ⁴²Lembrar-me-ei da minha aliança com Jacó; lembrar-me-

Jr 4,4: 9,25:
At 7,51

Is 40,2
Gn 28,13-22

ei também da minha aliança com Isaac e da minha aliança com Abraão; lembrar-me-ei da terra. ⁴³Assim, quando a terra for abandonada por eles, quando a terra cumprir os seus sábados durante o tempo em que eles a deixarem na desolação, quando o castigo deles se cumprir por terem rejeitado os meus costumes e mostrado aversão às minhas leis, ⁴⁴mesmo então, quando estiverem na terra dos seus inimigos, não os terei rejeitado nem sentido aversão a eles a ponto de exterminá-los e de romper a minha aliança com eles, pois eu sou o SENHOR, seu Deus. ⁴⁵Eu me lembrarei, em favor deles, da aliança concluída com os seus antepassados, que fiz sair da terra do Egito sob os olhos das nações, a fim de que para eles eu seja Deus, eu, o SENHOR".

Gn 26,3-4
Gn 17,1-14
Lc 1,72-73

Lm 3,22-23;
31-32;
5,21-22

11,45; 22,33;
25,38;
Jr 11,4;
24,7

⁴⁶Estes são os decretos, os costumes e as leis que SENHOR estabeleceu entre si e os filhos de Israel, na montanha do Sinai, por intermédio de Moisés.

APÊNDICE: TARIFAÇÃO DAS PROMESSAS

27 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²Fala aos filhos de Israel; dirás a eles: quando se cumpre um voto que se fez ao Senhor baseando-se no valor de uma pessoa, ³aqui estão os valores:

Para um homem de vinte a sessenta anos, o valor é de cinquenta siclos de prata — em moeda do santuário;

⁴para uma mulher, o valor é de trinta siclos;

⁵para alguém entre cinco e vinte anos, o valor de um rapaz é de vinte siclos, o de uma moça, de dez siclos;

⁶para alguém entre um mês e cinco anos de idade, o valor de um menino é de cinco siclos de prata, a o de uma menina, de três siclos de prata;

⁷para alguém de sessenta anos ou mais, o valor de um homem é de quinze siclos, o de uma mulher, de dez siclos.

⁸Se alguém é pobre demais para ater-se ao valor fixado, apresenta ao sacerdote o beneficiário da promessa, para que o sacerdote faça a avaliação; o sacerdote avalia em função dos recursos daquele que fez a promessa¹.

q. Como o conjunto dos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis, este v. exprime o pensamento de que são responsáveis pela catástrofe não somente os homens que conheceram a ruína de Jerusalém, mas também todas as gerações do passado. Cf. Ex 20,6 nota.

r. Por crer que a aliança é uma iniciativa absolutamente gratuita da parte de Deus, Israel acredita também que jamais as faltas do homem porão fim às suas relações com Deus. Deus pode sempre retomar a iniciativa de um novo início, suscitando a conversão dos homens (Dt 4,29-31; 30,1-10). Os vv. 40-41 evocam as grandes "confissões dos pecados", frequentes na oração de Israel depois do Exílio e das quais temos exemplos em Sl 106; *Dn gr.* 3,26-45; *Dn* 9,4-19; *Esd* 9; *Br* 1,15-3,8.

s. Lv 27 regulamenta algumas questões financeiras. Tarifas semelhantes foram encontradas em Cartago e em Marselha, gravadas na pedra e provenientes dos templos fenícios destas cidades, datando aproximadamente do ano 200 a.C. A de Marselha, a mais bem-conservada, determina, em função do animal sacrificado e do tipo de sacrifício, o que cabe aos sacerdotes e ao fiel por ocasião de cada sacrifício. Lv 27 trata de uma outra questão: trata-se de fixar uma equivalência monetária para as diversas pessoas ou posses que um fiel pode consagrar ao Senhor; assim o fiel poderá eventualmente ser libertado das suas obrigações entregando a soma adequada.

t. A "tarifa de Marselha" também contém uma cláusula em favor dos pobres. Cf. Lv 5,7; 12,8; 14,21.

⁹Caso se trate de um animal tomado dentre aqueles que se pode trazer como presente ao SENHOR, todo animal que se terá dado ao SENHOR é coisa santa; ¹⁰ele não é substituído nem trocado: nem um bom em troca de um ruim, nem um ruim em troca de um bom. Se mesmo assim se chegar a trocar um animal por um outro, o animal trocado e o outro serão coisas santas.

¹¹Em se tratando de um animal impuro, dos que não se pode trazer como presente ao SENHOR, leva-se o animal ao sacerdote; ¹²o sacerdote o avalia para ver se é bom ou ruim, e há que ater-se à avaliação do sacerdote; ¹³se se quiser resgatá-lo, acrescente-se um quinto à avaliação.

¹⁴Se se consagra a casa como coisa santa para o SENHOR, o sacerdote a avalia para ver se é boa ou má, e há que ater-se ao valor fixado pelo sacerdote. ¹⁵Se aquele que consagrou a sua casa quiser resgatá-la, acrescenta um quinto ao preço da avaliação, e ela lhe pertence.

¹⁶Se alguém consagra ao SENHOR algum campo de sua propriedade, o valor é em função do que nele se pode semear: cinquenta siclos de prata por *hômér*^u de semente de cevada; ¹⁷se alguém consagra o seu campo desde o ano do jubileu, há que ater-se a este valor; ¹⁸se alguém consagra o seu campo após o jubileu, o sacerdote calcula a soma em função dos anos que faltam até o ano do jubileu, e há redução do valor fixado. ¹⁹Se aquele que consagrou o seu campo faz questão de resgatá-lo, acrescenta um quinto ao preço da avaliação, e o campo cabe a ele. ²⁰Se, sem resgatar o campo, o vender a alguém, não existirá mais direito de resgate, ²¹e o campo, no momento da sua liberação no jubileu, será coisa santa para o SENHOR, como um campo votado pelo interdito^v; tornar-se-á propriedade do

sacerdote. ²²Se se consagra ao SENHOR um campo comprado, que não fizer parte da propriedade hereditária, ²³o sacerdote calcula o montante do valor dele até o ano do jubileu, e este montante é entregue no próprio dia; é uma coisa santa para o SENHOR. ²⁴Por ocasião do ano do jubileu, o campo voltará àquele de quem havia sido comprado, àquele a quem pertence a propriedade fundiária.

²⁵Toda avaliação será feita em siclos do santuário. O siclo vale vinte *guerás*.

²⁶Evidentemente, um homem não pode consagrar um primogênito do seu gado, pois, como primogênito, já pertence ao SENHOR; boi ou ovelha, pertence ao SENHOR. ²⁷Em se tratando de animal impuro, pode-se resgatá-lo, acrescentando um quinto à avaliação; se ele não for resgatado, é vendido segundo a avaliação.

²⁸Ademais, de tudo o que se possui — homem, animal ou campo de sua propriedade —, o que se votou ao SENHOR pelo interdito não pode ser vendido nem resgatado: tudo o que é votado ao interdito é coisa santíssima para o SENHOR; ²⁹e todo homem votado ao interdito não pode ser resgatado: será morto.

³⁰Todo dízimo da terra, recolhido sobre os produtos da terra ou sobre os frutos das árvores, pertence ao SENHOR: é coisa santa para o SENHOR. ³¹Se alguém faz questão de resgatar algo do seu dízimo, acrescenta um quinto. ³²Todo dízimo de boi ou ovelha, isto é, todo décimo animal que passa sob o cajado^w é coisa santa para o SENHOR; ³³não se investiga se é bom ou ruim, e tampouco se faz troca; se mesmo assim se chega a fazer uma troca, o animal trocado e o outro serão coisas santas: não se poderá resgatá-los^z.

³⁴Estes são os mandamentos que o SENHOR deu a Moisés para os filhos de Israel, sobre a montanha do Sinai.

Nm 3,47;
Ex 45,12

Ex 13,1-2;
11-16;
22,28-29

Nm 18,14

Nm 18,21;
Dt 14,22-29

Jr 33,13

u. Medida de capacidade, de aproximadamente 450 litros.
v. Cf. Dt 2,34 nota.

w. Alusão ao método utilizado para escolher os animais do dízimo sem trapaça. Rashi o descreve assim: Quando se recolhe

o dízimo, faz-se os animais passarem, um depois do outro, por uma porta e se bate cada décimo animal com um cajado colorido de vermelho, para reconhecer que ele é designado como dízimo

NÚMEROS

INTRODUÇÃO

O livro dos Números, assim chamado pelos tradutores gregos por causa dos recenseamentos que constituem o objeto dos primeiros capítulos, é o mais complexo dos livros do Pentateuco.

Plano do livro. Se nos ativermos às grandes linhas, descobriremos três partes:

- a primeira prolonga e completa a apresentação das instituições descritas no Êxodo e no Levítico: recenseamentos (cap. 1–4), dedicação do santuário (7), consagração dos levitas (8);
- na segunda, Israel deixa o Sinai (10) para atravessar o deserto, onde deverá andar errante durante quarenta anos (11–14; 16–17; 20). Finalmente, ele chega à Transjordânia, aos limites da terra de Moab (21); é lá que se situam os episódios das bênçãos de Bileã (22–24) e a apostasia de Bet-Peor (25);
- a terceira começa com um novo recenseamento (26) e contém sobretudo as disposições tomadas por Moisés para a partilha dos territórios conquistados (32) ou a conquistar (27; 34–36). Encontra-se ali também o relato de uma expedição contra a tribo de Midian (31) e o resumo das etapas da marcha de Israel do Egito às margens do Jordão (33).

Portanto, o livro tem a forma de um relato, mas o seu movimento de conjunto com frequência é encoberto pela complexidade dos detalhes. Além disso, contém numerosos elementos legislativos: alguns estão incorporados ao relato (17,3-5; 31,21-47); outros, de redação mais recente, são intercalados em diversos lugares sem que se veja qual a sua relação com o contexto (caps. 5; 6; 9; 15; 19; 28–30).

É possível esclarecer muitos detalhes e reconstituir em parte a história do texto com a ajuda das teorias modernas da pesquisa do Pentateuco (cf. Introdução ao Pentateuco). Elas não permitem, porém, explicar a unidade do livro. O princípio desta unidade deve ser buscado no tema tratado, resumido com muita exatidão pelo título hebraico do livro: Bamidbar, isto é, No deserto.

Israel no deserto. A maior parte dos textos reunidos em Números referem-se, efetivamente, ao período durante o qual Israel permaneceu nos desertos que margeiam a Palestina a sul e sudeste.

Os acontecimentos deste período não são facilmente compreensíveis para o historiador. O mais certo é que diversas tribos seminômades se encontraram na península do Sinai e ao sul da Transjordânia e foram se associando progressivamente para formar um povo. Algumas tribos haviam fugido do Egito (por volta de 1230), outras vinham de outras paragens. Se é impossível determinar a duração exata deste processo, é possível, com a Bíblia, relacioná-la com lugares em torno dos quais gravitam os relatos das três partes dos Números: o lugar santo do Sinai (1–10), o grupo de oásis de Qadesh (13–14; 20), as planícies de Moab, no vale inferior do Jordão (21–36).

Quando um povo nasce dessa maneira, sobretudo numa região muito isolada, sua formação geralmente não deixa vestígios nos documentos dos povos vizinhos; os textos egípcios e os vestígios arqueológicos permitem apenas situar os movimentos das tribos israelitas no conjunto das migrações seminômades que se desenvolveram ao longo de todo o 2º milênio em direção à Palestina. Mas as origens de Israel deixaram lembranças duradouras na memória das próprias tribos: vitórias (21; 31), derrotas (20,21; 21,1), incidentes diversos (11,1-3; 25,1-6), conflitos entre as tribos (que se podem adivinhar em 14,23-24; 16,1; 32,6) e mesmo os menores dos itinerários percorridos (21,10-20; 33,1-49), que, aliás, coincidem com as rotas seguidas pelos nômades até época recente.

Quanto a este período, em que Israel começou a adquirir consistência, a Bíblia procura sobretudo dar-lhe o significado global. A estada no deserto foi para Israel ocasião de uma experiência religiosa privilegiada, que conserva valor para todas as gerações seguintes. Com frequência este período será apresentado como um ideal ao qual se deveria procurar voltar, ao menos parcialmente. A Bíblia dá muitas interpretações desta época excepcional: a de Oséias (tempo dos esposais:

Os 2,16-25; da mesma forma Jr 2,2-3), a do Deuteronômio (período de educação: Dt 8,2-6), a de Ezequiel (tempo da infidelidade: Ez 20). Números, único livro inteiramente consagrado a este tema, conserva sobretudo três aspectos: Israel era então um povo em marcha, não estabelecido de modo permanente; era um povo isolado, subtraído a toda influência estrangeira; era um povo em formação, no qual subsistiam ainda muitos problemas fundamentais por resolver.

Um povo em formação. O livro consiste em uma série de relatos que continuam os do Êxodo. E aqui, como no Êxodo, podem-se distinguir três tramas narrativas: as tradições "sacerdotal" (P), "javista" (J) e "eloísta" (E). Mas elas estão melhor amalgamadas e, no conjunto, o relato é coerente e livre de repetições inúteis. É sobretudo por suas intenções teológicas que as três tradições se distinguem. Para J e E, trata-se de expor a história da primeira geração de Israel, deixando aos leitores a responsabilidade de extrair lições para a sua época. P, pelo contrário (da mesma forma que E em alguns casos), procura justificar as instituições que recomenda, narrando sua origem e descrevendo seu funcionamento.

As três tradições estão de acordo quanto aos acontecimentos essenciais da travessia do deserto, que aparece como um período de ajustamento, cujos fatos mais salientes são crises, frequentemente dramáticas. As duas primeiras crises figuram no Êxodo (Ex 17 e 32), e Números conta ao menos mais dez: duas no cap. 11, uma no cap. 12, uma em 13-14, duas ou três em 16-17, uma em 20,2-13, uma em 21,4-9, uma ou duas em 25. O povo frequentemente se nega a caminhar, a persistir numa aventura que o amedronta e na qual não acredita mais; contesta a autoridade de seus chefes, suas decisões e até mesmo o plano de Deus. Os chefes, e sobretudo o próprio Senhor, terão de tomar medidas drásticas com esse povo recalcitrante: uma geração inteira será condenada. Mas o desígnio de Deus se realizará, ainda que seja na geração seguinte: o povo chegará à terra que o Senhor lhe destinou.

Este objetivo polariza todo o relato. Apesar das tentativas malogradas (14,39-45; 20,14-21), apesar dos cadáveres que juncam o deserto (14,29; 26,65), o povo avança para a Terra prometida (33); e a ocupação da Transjordânia (21,21-35) é o prelúdio da entrada vitoriosa em Canaã.

Moisés. Impossível seria esta longa caminhada sem a presença do chefe, cuja importância as três tradições timbram em sublinhar: Moisés. Mas sua importância é enfatizada de maneira diferente em cada uma delas. A tradição "eloísta" (e em certa medida a "javista") oferece-nos um retrato particularmente vivo e rico: o Moisés que ela apresenta é de uma grande verdade humana, com suas fraquezas (16,15; 20,10-12) e seus desalentos (11,11-15). Não há dúvida de que o traço dominante nele é sua fidelidade total a uma missão complexa e ingrata: sua oração várias vezes salvará o povo em revolta contra ele (12,13; 14,13-19; 16,22; 17,10-13). É homem de oração que vive com o Senhor numa intimidade excepcional (12,6-8), o que o situa acima de todos os profetas, dos quais ele é protótipo.

Completamente diferente é a imagem que dele apresentam os textos "sacerdotais". Nestes, com frequência, Moisés não passa de um porta-voz pessoal dos desígnios do Senhor. Afinal de contas, seu nome não passa de um carimbo de autenticidade apostado a uma regulamentação, sobretudo se ela é tardia. Os textos "sacerdotais" põem-lhe ao lado a figura de seu irmão Aarão, o sumo sacerdote, cuja função muitas vezes consiste apenas em permanecer ao lado de Moisés, quando este comunica a Israel as ordens de seu Deus. O fato de que se faça questão de colocar o nome de Aarão ao lado do de Moisés, às vezes mesmo sem levar em consideração a correção gramatical (9,7; 20,10), indica claramente qual é o objetivo desses textos: justificar a situação que os relatos mostram estabelecida desde a morte de Moisés: o sumo sacerdote (Eleazar, filho de Aarão) tem o monopólio da revelação divina e detém a mais alta autoridade sobre o povo (27,21).

A visão "sacerdotal" do povo de Deus. Esta maneira de escrever a história é característica dos textos "sacerdotais". Sua intenção é descrever as instituições do povo de Deus que corresponderão exatamente à sua teologia. Regulamentos, recenseamentos (1; 4; 26), ordens de caminhada (10,13-32) ou de acampamento (2), relatos, tudo concorre para esboçar da maneira mais viva o quadro ideal do povo de Deus. O fato de que os textos P suponham a organização das instituições acabada antes da partida do Sinai (ao passo que para J e E quase tudo ainda está por criar) mostra bem que para eles a existência de Israel é impensável fora deste

quadro, descrito freqüentemente com minúcia impressionante.

A teologia que justifica estas instituições é particularmente rica, e aqui só podemos citar alguns de seus elementos:

1. Israel, em P, não é um povo em armas, uma nação engajada na vida política internacional, mas uma comunidade dedicada ao culto do Senhor.

2. Nesta sociedade tudo é regulamentado, diretamente e nos menores detalhes, pelas decisões do Senhor. Israel é literalmente governado pela palavra de Deus.

3. É um povo em marcha, ao menos até sua instalação em Canaã e nenhum texto prevê a fixação do santuário, concebido em vista da vida nômade. Nenhum lugar santo, nenhum templo fixo poderia monopolizar a presença do Senhor. A única localização que o Deus de Israel permite é habitar no meio de seu povo, numa tenda situada no centro do acampamento ou no centro da comunidade em marcha.

4. Esta presença permanente é, ao mesmo tempo, tranquilizadora e temível. Como é possível que o Deus santo possa morar no meio de uma comunidade de pecadores, sem que eles, a cada instante, corram o risco de ser fulminados (17,28)? A instituição dos sacerdotes e levitas permite contornar este perigo. Estes homens, especialmente escolhidos, são a parede entre o povo e a presença divina (1,53; 17,11); somente eles podem obter a absolvição dos pecados, que fazem pesar sobre a comunidade a ameaça da cólera divina (8,19; 17,12). São estas duas funções, sem as quais a comunidade não poderia sobreviver, que justificam seus privilégios (16,3-8; 18,8-19).

O povo de Deus nas outras tradições. Mais difícil seria encontrar uma síntese tão acabada nos textos derivados das tradições "javista" e "eloísta". Nelas se encontram muitos elementos importantes que completam o quadro do Israel ideal apresentado por P e iluminam o conjunto da história do povo.

Os textos "javistas", que seguem sobretudo as tradições das tribos do sul, estão mais atentos aos aspectos humanos da história. Como no Gênesis, insistem no alcance universal do destino do povo abençoado (Nm 22 e 24). E fixam balizas importantes para a introdução da monarquia davídica (24,7.17-19), que será a coroação da história das origens de Israel.

Nos textos "eloístas", mais fragmentários, pode-se notar um sentido mais claro da unidade do povo, a condenação de toda tendência separatista (16,12-34; 32) e, sobretudo, os primeiros esboços da instituição profética (11,25-29; 12,1-6).

Atualidade dos Números. O livro dos Números é, ao mesmo tempo, o quadro idealizado do povo santo e a história muito realista da primeira fase de sua existência. Este duplo título confere-lhe um interesse permanente. Na descrição idealizada, o povo de Deus poderá encontrar sempre um modelo. Não que deva imitar servilmente as instituições que foram a expressão concreta do ideal de Israel; mas pode ler ali alguns dos princípios aos quais deve adaptar sua vida. Assim a Igreja terá sempre necessidade de Números para lembrar-lhe que ela é um povo em marcha, um povo de profetas, regido pela palavra de Deus, dedicado ao culto do Senhor.

No relato das revoltas do povo em formação, o povo de Deus encontra uma advertência permanente. É neste capítulo que os profetas e os Salmos apelam para os acontecimentos do período do deserto (Mq 6,3-5; Ez 16; 20; 23; Sl 78,17-40; 81,12-17; 95,8; 106,14-33 etc.). É também o que faz S. Paulo quando remete os coríntios aos relatos do Êxodo e de Números: "Estes fatos lhes aconteciam para servir de exemplo e foram postos por escrito para instruir a nós" (1Cor 10,11). É claro que a Igreja de hoje não deve procurar reconhecer sua própria história nos relatos de Números. Mas as múltiplas crises atravessadas por Israel no deserto são o efeito de leis que parecem valer para toda comunidade de crentes reunidos pela palavra de Deus; a reflexão de Números sobre estas crises poderia ajudar a Igreja a enfrentar melhor as que ela, por sua vez, deve atravessar.

O sistema de instituições dos textos "sacerdotais" baseia-se numa consciência aguda do pecado do povo; as revoltas ilustram este estado de pecado, mas é uma realidade permanente, um mal crônico. Uma das mensagens mais notáveis de Números é a escolha deste povo de pecadores, separado para levar a bênção à humanidade inteira e para permitir que Deus esteja presente no meio dos homens. É uma mensagem que a Igreja sempre deverá voltar a escutar para permanecer fiel à sua vocação à santidade, sem perder de vista a realidade dos homens que ela reúne.

NÚMEROS

ÚLTIMAS ORDENS ANTES DA PARTIDA DO SINAI^a

PRIMEIRO RECENSEAMENTO

1 ¹O SENHOR falou a Moisés no deserto do Sinai, na tenda do encontro, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano depois da saída do Egito, dizendo: ²"Fazei o recenseamento de toda a comunidade dos filhos de Israel^b por clãs e por famílias, indicando os nomes de todos os varões, um por um. ³Tu e Aarão recenseai por exércitos^c os homens de vinte anos para cima, todos os que servem no exército de Israel. ⁴Que haja convosco um homem de cada tribo, um homem que seja chefe de família. ⁵Eis os nomes dos homens que vos assistirão: para Rúben^d, Elişur, filho de Shedeur; ⁶para Simeão, Shelumiel, filho de Şurishadai; ⁷para Judá, Naşshon^e, filho de Aminadab; ⁸para Issacar, Netanel, filho de Şuar; ⁹para Zabulon, Eliab, filho de Helon; ¹⁰quanto aos filhos de José: para Efraim, Elishamá, filho de Amihud; para Manassés, Gamliel, filho de Pedaşur; ¹¹para Benjamin, Abidan, filho de Guideoni; ¹²para Dan, Ahiézer, filho de

Amishadai; ¹³para Aser, Paguiel, filho de Okran; ¹⁴para Gad, Eliasaf, filho de Deuel^f; ¹⁵para Neftali, Ahiirá, filho de Enan". ¹⁶Foram estes os delegados^g da comunidade, os responsáveis pelas respectivas tribos patriarcais; eles eram os chefes dos milhares^h de Israel. ¹⁷Moisés e Aarão tomaram como auxiliares estes homens que haviam sido designados. ¹⁸Eles reuniram toda a comunidade, no primeiro dia do segundo mês, e os filhos de Israel estabeleceram suas genealogiasⁱ por clãs e por famílias, recenseando os nomes dos homens de vinte anos para cima, um por um. ¹⁹Como o SENHOR lhe havia ordenado, Moisés os recenseou no deserto do Sinai.

²⁰Resultado para os filhos de Rúben, primogênito de Israel: fazendo o levantamento, um por um, dos nomes de todos os de sexo masculino de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ²¹davam para a tribo de Rúben um efetivo de 46.500^j.

Ap 7,4-8

Ex 6,23

a. Todo o início do livro até 10,28 pertence à tradição "sacerdotal".

b. Aqui está um primeiro recenseamento que serve para avaliar as forças de Israel antes de partir para a conquista da terra prometida. Um segundo recenseamento, no cap. 26, preparará a partilha desta terra. Em ambos os casos, enfatiza-se que o Senhor comanda a operação que, sem isto, se tornaria um sacrilégio (cf. 2Sm 24). Ex 30,11-16 (que dá uma regulamentação geral para os recenseamentos) também insiste neste aspecto. — *Por famílias*, lit. *casas dos antepassados*. À época em que o texto foi redigido, era a única unidade independente no interior das tribos. Às vezes, a expressão é aplicada também ao clã e até mesmo à tribo.

c. A palavra *şabá* geralmente designa o serviço militar (assim nos vv. 20,22 etc.) ou o conjunto das forças armadas de um país (assim no início desde v. 3). Aqui designa as tropas fornecidas por uma tribo: cerca de 50.000 homens, segundo a maneira de calcular do autor.

d. A ordem das tribos não é a de Ex 12,4. É mais ou menos a de Gn 35,23-26, à exceção das últimas três. A lista detalhada a partir do v. 20 segue ainda uma ordem diferente, passando Gad antes de Judá.

e. *Naşshon* talvez seja o sogro de Aarão citado em Ex 6,23,

ou então o antepassado de David mencionado em Rt 4,18-22. No segundo caso, a lista dataria do século XII.

f. Em 2,14, *Deuel* é chamado de Reuel, como o sogro de Moisés; em hebr., as letras D (dālet) e R (resh) facilmente se confundem.

g. Lit. *os chamados*, cf. 16,2 e 26,9. Enquanto em 26,9 se encontra um participio, aqui e em 16,2 tem-se um nome que parece designar uma função precisa, infelizmente muito mal conhecida.

h. Antes da monarquia, cada tribo organizava por si mesma a mobilização de suas tropas. Cada clã tinha de fornecer um contingente chamado *milhar*, qualquer que fosse seu efetivo (cf. Ex 12,37 nota).

i. A lista genealógica é a prova legal de que se pertence ao povo de Deus (cf. Esd 2,61-63).

j. Sem dúvida, deve-se compreender: 46 contingentes totalizando 500 homens. O mesmo para os versículos seguintes. Estes dados poderiam vir de um documento do século XII (cf. v. 7 nota). Mas também é possível que estes números sejam totalmente artificiais, e que tenham um significado simbólico que nos escapa. Em todo caso, o autor entende 46.500, o que dá para todo o exército 603.550 homens (v. 46); Israel teria, então, uma população de pelo menos três milhões, cifra evidentemente inverossímil.

²²Para os filhos de Simeão: fazendo o levantamento, um por um, dos homens recenseados, de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ²³davam para a tribo de Simeão um efetivo de 59.300.

²⁴Para os filhos de Gad: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e famílias ²⁵davam para a tribo de Gad um efetivo de 45.650.

²⁶Para os filhos de Judá: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ²⁷davam para a tribo de Judá um efetivo de 74.600.

²⁸Para os filhos de Issacar: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ²⁹davam para a tribo de Issacar um efetivo de 54.400.

³⁰Para os filhos de Zabulon: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ³¹davam para a tribo de Zabulon um efetivo de 57.400.

³²Quanto aos filhos de José: para os filhos de Efraim: fazendo o levantamento de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ³³davam para a tribo de Efraim um efetivo de 40.500.

³⁴Para os filhos de Manassés: fazendo

o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ³⁵davam para a tribo de Manassés um efetivo de 32.200.

³⁶Para os filhos de Benjamin: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ³⁷davam para a tribo de Benjamin um efetivo de 35.400.

³⁸Para os filhos de Dan: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ³⁹davam para a tribo de Dan um efetivo de 62.700.

⁴⁰Para os filhos de Aser: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ⁴¹davam para a tribo de Aser um efetivo de 41.500.

⁴²Para os filhos de Neftali: fazendo o levantamento dos nomes de todos os homens de vinte anos para cima que serviam no exército, suas listas genealógicas por clãs e por famílias ⁴³davam para a tribo de Neftali um efetivo de 53.400.

⁴⁴Estes são, pois, os efetivos recenseados por Moisés, Aarão e os doze responsáveis de Israel — um homem por tribo^k.

⁴⁵Todos os filhos de Israel recenseados por famílias, os de vinte anos para cima que serviam no exército de Israel, ⁴⁶davam um efetivo total de 603.550^l.

⁴⁷Os levitas não participaram do recenseamento como tribo patriarcal^m.

ORGANIZAÇÃO DO ACAMPAMENTO

⁴⁸O SENHOR falou a Moisés dizendo:

⁴⁹“Somente da tribo de Levi não farás o recenseamento, nem incluirás seus mem-

bros no levantamento dos filhos de Israel. ⁵⁰Encarregarás os levitas da morada Ex 25-27 do Documento, de todos os seus utensí-

k. Lit. *um homem por casa dos antepassados*. Excepcionalmente, traduzimos esta expressão por *tribo* como exige o sentido: *eles eram um homem por tribo, cada um pela tribo de sua casa dos antepassados*.

l. Ex 12,37 apresenta o número redondo de 600.000. Aqui temos o total dos vv. 20 a 42. *Se milhar* designa um contingente

de algumas dezenas de homens apenas (cf. v. 21 nota), obtém-se um total de 5.500 homens, e isto, na época da saída do Egito, já teria constituído um exército importante.

m. Os levitas, livres de obrigações militares, não estão incluídos neste recenseamento. São recenseados separadamente (cf. cap. 3 e 4).

lios e de todo o seu material. Eles a carregarão com todos os seus utensílios, assegurarão o seu ministério e acamparão em torno dela. ⁵¹Quando a morada partir, os levitas a desmontarão; quando a morada se detiver, os levitas a montarão. O profanoⁿ que se aproximar será morto.

⁵²Os filhos de Israel acamparão cada qual em seu acampamento, cada qual em seu grupo de exércitos.⁵³Quanto aos levitas, acamparão em torno da morada do Documento, o que evitará um desencadeamento de cólera^p contra a comunidade dos filhos de Israel. Os levitas desempenharão o serviço da morada do Documento^{18,3}.

⁵⁴Foi isto que fizeram os filhos de Israel; fizeram exatamente o que o SENHOR ordenara a Moisés.

2 ¹O SENHOR falou a Moisés e Aarão dizendo: ²Os filhos de Israel acamparão cada qual em seu grupo de exércitos, sob as insígnias de sua tribo; acamparão a certa distância em torno da tenda do encontro.

³Na frente^q, a leste, acamparão os exércitos que formam o grupo^r do acampamento de Judá. O chefe dos filhos de Judá é Nahshon, filho de Aminadab: ⁴o efetivo de seu exército: 74.600 homens. ⁵Acamparão com ele: a tribo de Issacar ⁷e a tribo de Zabulon^s. ⁶O chefe dos filhos de Issacar: Netanel, filho de Suar; ⁶o efetivo de seu exército: 54.400 homens. ⁷E o chefe dos filhos de Zabulon, Eliab, filho de Helon; ⁸o efetivo de seu exército: 57.400 homens. ⁹Total dos efetivos do campo de Judá: 186.400 para os três exércitos. Eles serão os primeiros a partir.

¹⁰Ao sul, os exércitos que formam o grupo do acampamento de Rúben. O chefe dos filhos de Rúben: Elişur, filho de Shedeur; ¹¹o efetivo de seu exército: 46.500 homens. ¹²Acamparão com ele: a tribo de Simeão ¹⁴e a tribo de Gad. ¹²O chefe dos filhos de Simeão era Shelumiel, filho de Şurishadai; ¹³o efetivo de seu exército: 59.300 homens. ¹⁴E o chefe dos filhos de Gad: Eliasaf, filho de Reuel; ¹⁵o efetivo de seu exército: 45.650 homens. ¹⁶Total dos efetivos do campo de Rúben: 151.450 para os três exércitos. Eles partirão em segundo lugar.

¹⁷Em seguida partirá a tenda do encontro — o acampamento dos levitas — no centro dos acampamentos. Parte-se na mesma ordem do acampamento, cada um em sua categoria, um bloco depois do outro.

¹⁸A oeste, os exércitos que formam o grupo do acampamento de Efraim. Chefe dos filhos de Efraim: Elishamá, filho de Amihud; ¹⁹o efetivo de seu exército: 40.500 homens. ²⁰Com ele, a tribo de Manassés ²²e a tribo de Benjamin. ²⁰Chefe dos filhos de Manassés: Gamliel, filho de Pedasur; ²¹o efetivo de seu exército: 32.200 homens. ²²E o chefe dos filhos de Benjamin: Abidan, filho de Guideoni; ²³o efetivo de seu exército: 35.400 homens. ²⁴Total dos efetivos do campo de Efraim: 108.100 para os três exércitos. Eles partirão em terceiro lugar.

²⁵Ao norte, os exércitos que formam o bloco do acampamento de Dan. Chefe dos filhos de Dan: Ahiézer, filho de Amishadai; ²⁶o efetivo de seu exército:

n. Lit. *o estranho*, isto é, todo aquele que não pertence à tribo de Levi.

o. Lit. *cada qual na sua insígnia*: “insígnia” (*dégel*) designa em Nm uma unidade de três “exércitos”.

p. A presença de Deus no meio de seu povo constitui, ao mesmo tempo, uma proteção e um perigo; o povo deve guardar distância por causa de seu pecado (cf. 2,2; 17,28). Os levitas foram escolhidos para servir de parede de proteção.

q. O documento já utilizado no cap. 1 (cf. 1,21 nota) permite ao redator “sacerdotal” esboçar a imagem do povo ideal. Sua descrição se parece com a de Ez 48,30-34, mas se aplica ao povo em marcha. As tribos são divididas em torno do santuário, em grupos de três, nos quatro pontos cardeais. São enumeradas na mesma ordem como no cap. 1, partindo do leste. Mas é preciso notar que Judá passou ao primeiro lugar,

o que corresponde à situação preponderante da tribo a partir de 721. A ordem de marcha e de acampamento corresponde mais à de uma procissão do que de uma campanha. O autor talvez se inspire nas cerimônias praticadas na época dos Juízes (cf. Sl 68,28). Esta hipótese seria confirmada pelo fato de que não se prevê nenhum lugar determinado para a população civil, que estava forçosamente presente na travessia do deserto, ao passo que podia ser deixada à parte por ocasião de uma celebração de alguns dias.

r. Grupo, cf. 1,52 nota. Os exércitos são aqui as tropas que cada uma das tribos fornecia.

s. No texto, *e a tribo de Zabulon* está no começo do v. 7. A clareza da tradução exige o deslocamento destas palavras. Da mesma forma, as primeiras palavras dos vv. 14, 22 e 29 são apresentadas em 12, 20 e 27.

62.700 homens. ²⁷Acamparão com ele: a tribo de Aser (²⁹) e a tribo de Neftali. ²⁷Chefe dos filhos de Aser: Paguiel, filho de Okran; ²⁸o efetivo de seu exército: 41.500 homens. ²⁹E o chefe dos filhos de Neftali, Aḥirá, filho de Enan; ³⁰o efetivo de seu exército: 53.400 homens. ³¹Total dos efetivos do campo de Dan: 157.600. Eles partirão em último lugar, um grupo depois do outro".

³²Eis o efetivo dos filhos de Israel contados por tribos, o total dos efetivos dos acampamentos contados por exércitos: 603.550¹. ³³Os levitas não participaram do recenseamento dos filhos de Israel; tal era a ordem dada pelo SENHOR a Moisés. ³⁴Foi isto que fizeram os filhos de Israel. Acamparam em grupos de exércitos e partiram, por clãs e por famílias, segundo a ordem dada pelo SENHOR a Moisés.

ESTATUTO DOS LEVITAS

3 Os levitas a serviço dos sacerdotes.

¹Eis os descendentes de Aarão e de Moisés*, na época em que o SENHOR falou a Moisés no monte Sinai.

Ex 6,23; 28,1 ²Estes são os nomes dos filhos de Aarão: Nadab, o primogênito, Abihu, Eleazar e Itamar. ³Tais são os nomes dos filhos de Aarão, sacerdotes consagrados

Ex 30,30; Lv 8,12; 30,33 pela unção e investidos da função sacerdotal. ⁴Nadab e Abihu morreram diante

26,61; Lv 10,1-2 do Senhor, por terem apresentado diante dele um fogo profano. Morreram no deserto do Sinai sem deixar filhos. Foram Eleazar e Itamar* que exerceram o sacerdócio na presença de seu pai Aarão.

⁵O SENHOR falou a Moisés dizendo: ⁶"Faze aproximar-se a tribo de Levi e põe-na à disposição do sacerdote Aarão, para serem os auxiliares dele". ⁷Eles estarão a seu serviço e a serviço de toda a comunidade² diante da tenda do encontro, para assegurar o ofício da morada.

⁸Cuidarão de todos os utensílios da tenda do encontro e estarão a serviço dos filhos de Israel para assegurar o ofício da morada³. ⁹Assim, doarás os levitas a Aarão e a seus filhos; eles lhe serão doados, verdadeiramente doados⁴, da parte dos filhos de Israel. ¹⁰Estabelecerás Aarão e seus filhos em seu cargo para que exerçam seu sacerdócio; o profano que se aproximar será morto⁵.

¹¹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹²"Eis que eu, eu mesmo, tomo dentre os ^{8,16}filhos de Israel os levitas, em troca de todos os primogênitos, de todos os filhos de Israel nascidos de primeiro parto⁶. Os levitas me pertencem. ¹³Porque todo primogênito me pertence: no dia em que feri todos os primogênitos na terra do Egito, consagrei-me a mim todos os primogênitos em Israel, tanto os do homem como os dos animais: eles me pertencem. Eu sou o SENHOR!"

8,17;
Ex 13,1-16;
22,27-29;
34,19

t. Cf. 1,46 nota.

u. Cf. 1,47 e nota.

v. A lista só comporta os descendentes de Aarão. Por outro lado, Aarão e Moisés não estão aqui recenseados entre os levitas (ao contrário de 26,59 e Ex 6,20). Segundo a tradição "sacerdotal", a escolha dos sacerdotes precede a dos levitas; para Dt, é o inverso (Dt 10,8-9; 18,1-8).

w. Šadoq, sumo sacerdote no tempo de Salomão, apelará para Eleazar, ao passo que seu rival Ebiatar (2Sm 20,25) se vincula a Itamar.

x. Os levitas são claramente diferenciados dos sacerdotes; são radicalmente inferiores a eles. Esta situação parece resultar da reforma de Josias em 622 (2Rs 23,8-9). Mas enquanto para Josias — o que é confirmado por Ezequiel (Ez 44) — os levitas são sacerdotes degradados, para a tradição "sacerdotal" são leigos promovidos ao serviço do santuário (cf. 16,8-11).

y. Outra tradução possível: *eles assegurarão o serviço devido pela comunidade*. De fato, esta não podia realizá-lo sem perigo de morte (17,28).

z. O papel dos levitas é muito reduzido e só vale para o período nômade de Israel. Pode-se perguntar em que consistirá depois que o povo se tiver instalado em Canaã. É verdade que a tradição "sacerdotal" não considera a fixação do santuário do deserto, menos ainda a construção de um templo; a morada devia, por enquanto, continuar a se deslocar através do país.

a. *Doados* ("netineus") é, aparentemente, um termo técnico para designar servidores do templo de categoria inferior (cf. Esd 2,43; Ne 7,46), praticamente escravos (cf. Js 9,27). Esta instituição tem equivalentes fora de Israel ["os oblatos"].

b. 18,15 precisa que os primogênitos consagrados a Deus devem ser entregues aos sacerdotes. Visto que os levitas substituem os primogênitos, eles são dados ao sacerdote para estarem a seu serviço (cf. vv. 6-9).

Recenseamento geral dos levitas. ¹⁴O SENHOR falou a Moisés no deserto do Sinai dizendo: ¹⁵“Faze o recenseamento dos filhos de Levi por famílias e por clãs: recensearás todos os levitas de sexo masculino a partir de um mês”. ¹⁶Moisés os recenseou segundo a ordem do SENHOR, como ele lhe havia ordenado.

Ex 6.16-19 ¹⁷Os filhos de Levi, pelos nomes, eram estes: Guershon, Qehat e Merari. ¹⁸Eram estes, por clãs, os nomes dos filhos de Guershon: Libni e Shimeí. ¹⁹Os filhos de Qehat, por clãs: Amrâm, Iișchar, Hebron e Uziel. ²⁰Os filhos de Merari, por clãs: Maḥli e Mushi. Tais eram os clãs dos levitas recenseados por famílias.

²¹Descendentes de Guershon: o clã dos libnitas e o clã dos shimeítas; estes eram os clãs dos guershonitas. ²²Contando todos os guershonitas de sexo masculino a partir de um mês, seu número chegava a 7.500. ²³Os clãs dos guershonitas acampavam atrás da morada, a oeste. ²⁴O chefe de família dos guershonitas era Eliasaf, filho de Lael. ²⁵O serviço dos filhos de Guershon na tenda do encontro tinha por objeto a morada e a tenda, sua cobertura, a cortina da entrada da tenda do encontro. ²⁶Os cortinados e a cortina de entrada do átrio que circunda a morada e o altar, como também as cordas necessárias para todo o trabalho de montagem.

Ex 26: 27

²⁷Descendentes de Qehat: o clã dos amramitas, o clã dos iışcharitas, o clã dos hebronitas e o clã dos uzielitas; tais eram os clãs dos qehatitas. ²⁸O número total dos qehatitas de sexo masculino a partir de um mês era de 8.600, e estavam encarregados do serviço do santuário. ²⁹Os clãs dos filhos de Qehat acampavam ao lado da morada, ao sul. ³⁰O chefe de família dos clãs dos qehatitas era Elișafan, filho de Uziel. ³¹Seu serviço tinha por objeto: a arca, a mesa, o candelabro, os altares e os utensílios do san-

Ex 25,10-40;
27,1-8;
30,1-10

tuário que servem para o culto, como também o véu e todos os trabalhos de montagem. ³²O chefe supremo dos levitas era Eleazar, filho do sacerdote Aarão; ele era encarregado dos homens que asseguravam o serviço do santuário.

Ex 26,31-35

³³Descendentes de Merari: o clã dos maḥlitas e o clã dos mushitas; estes eram os clãs de Merari. ³⁴Contando todos os meraritas de sexo masculino a partir de um mês, seu número chegava a 6.200. ³⁵O chefe de família dos clãs de Merari era Șuriel, filho de Abihail; eles acampavam ao lado da morada, ao norte. ³⁶O serviço designado aos filhos de Merari tinha por objeto os quadros da morada, suas vigas, suas colunas e socos, como também todos os seus utensílios e todos os trabalhos de montagem; ³⁷assim como as colunas que rodeiam o átrio, com seus socos, estacas e cordas. ³⁸Os que acampavam diante da morada, a leste — isto é, diante da tenda do encontro, ao oriente — eram Moisés, Aarão e seus filhos: eles exerciam o serviço do santuário na intenção dos filhos de Israel. O profano que se aproximasse seria morto.

Ex 27,9-19

³⁹O efetivo total dos levitas que Moisés e Aarão^d recensearam por clãs segundo a ordem do SENHOR — todos os levitas de sexo masculino a partir de um mês — era de 22.000^d.

Os levitas substituem os primogênitos.

⁴⁰O SENHOR disse a Moisés: “Faze o recenseamento de todos os primogênitos de sexo masculino dos filhos de Israel a partir de um mês e faz a soma de todos os seus nomes. ⁴¹Tu me reservarás os levitas — Eu sou o SENHOR — em troca de todos os primogênitos dos filhos de Israel. Da mesma forma, tu me reservarás os animais dos levitas em troca de todos os primogênitos dos rebanhos dos filhos de Israel”. ⁴²Moisés recenseou to-

e. Aqui, o nome de Aarão é marcado com um sinal especial nos mss. hebr.

d. O total dos efetivos dados neste cap. chegaria a 22.300. Pode ser que haja aqui um erro de copista para um dos números, a não ser que os 300 levitas que faltam aqui sejam precisamente

os primogênitos da tribo de Levi; não podendo servir para resgatar outros primogênitos, não são contados.

e. Esta prescrição não se encontra em outra parte. Normalmente, é prescrito sacrificar os primogênitos do rebanho sem resgatá-los (Ex 13,12; 22,29, Dt 15,19-23).

dos os primogênitos dos filhos de Israel, como o SENHOR lhe havia ordenado. ⁴⁰O total dos primogênitos de sexo masculino, cujos nomes foram tomados, recenseados a partir da idade de um mês, deu um total de 22.273^f. ⁴¹O SENHOR disse a Moisés: ⁴²"Toma os levitas em troca de todos os primogênitos dos filhos de Israel e o rebanho dos levitas em troca do rebanho de Israel^g; os levitas me pertencem. Eu sou o SENHOR. ⁴³Para o resgate dos 273 primogênitos dos filhos de Israel que excedem o número dos levitas^h, ⁴⁴tomas cinco siclos por cabeça — pelo siclo do santuário, vinte guérás o sicloⁱ. ⁴⁵Dará esse dinheiro a Aarão e a seus filhos como resgate dos primogênitos excedentes." ⁴⁶Moisés recebeu o dinheiro do resgate daqueles cujo número excedia o número dos primogênitos resgatados pelos levitas. ⁴⁷O dinheiro que recebeu provindo dos primogênitos dos filhos de Israel: 1.365 siclos do santuário. ⁴⁸E Moisés deu o dinheiro do resgate a Aarão e a seus filhos, segundo a ordem do Senhor, como o Senhor havia ordenado a Moisés.

Lv 27.6

Lv 5.15;

27.3.25

Ex 35.12;
39.34; 40.21Ex 25.23-30;
Lv 24.5-9Ex 25.31-39;
35.14Ex 25.23-25;
30.1-6;
39.38Ex 27.3;
38.3

4 Funções dos levitas. ¹O Senhor falou a Moisés e a Aarão dizendo: ²"Dentre os filhos de Levi, fizeti o recenseamento dos filhos de Qehat, por clãs e por famílias^j, ³de todos aqueles de trinta a cinquenta anos^k que devem cumprir serviço^l trabalhando na tenda do encontro. ⁴Eis a tarefa dos filhos de Qehat na tenda do encontro: encarregar-se dos objetos santíssimos. ⁵Quando se levanta

o acampamento, Aarão e seus filhos vêm desprender o véu de separação e com ele cobrem a arca do Documento^m; ⁶põem por cima uma capa de pele de delfim, sobre o conjunto estendem um pano de púrpura roxa, e fixam as barras da arca. ⁷Sobre a mesa de oferta estendem um tecido de púrpura roxa e põem ali os pratos, os copos, as tigelas e os alguidares de libação; o pão perpétuo ficará sobre esta mesa. ⁸Sobre tudo isto estendem um pano de carmesim brilhante e o cobrem com uma capa de pele de delfim; depois fixam as barras da mesa. ⁹Em seguida tomam um pano de púrpura roxa para cobrir o candelabro que serve de luminária, com suas lâmpadas, suas espevitadeiras e arandelas e todos os vasos de óleo empregados no seu serviço. ¹⁰Eles o colocam com todos os seus acessórios sobre uma capa de pele de delfim e o colocam sobre seu andarⁿ. ¹¹Sobre o altar de ouro estendem um pano de púrpura roxa, o recobrem com uma cobertura de pele de delfim e fixam suas barras. ¹²Depois tomam todos os objetos litúrgicos dos quais se servem para officiar no santuário; depositam-nos num pano de púrpura roxa e os recobrem com uma capa de pele de delfim e os colocam em seu andar. ¹³Eles tiram as cinzas do altar e sobre ele estendem um pano de púrpura roxa; ¹⁴põem sobre ele todos os utensílios que se empregam no ofício: os braseiros, os garfos, as pás, os aspersórios, todos os utensílios do altar. Estendem por cima uma capa de pele de delfim e fixam

f. Este número não é compatível com o total apresentado em 1.46, pois implicaria uma média de cinquenta filhos por família! Estamos diante de números que provêm de diferentes fontes e que o autor não procurou harmonizar.

g. Só neste recenseamento é que os levitas servem de preço de resgate para os primogênitos. Ulteriormente serão observadas as prescrições de Ex 13.13 e Nm 18.16.

h. Os números apresentados nos vv. 43 e 49 fazem aparecer um excedente de 273 primogênitos com relação ao número dos levitas; o v. 41 apresenta-os como sendo do mesmo número.

i. 5 siclos = 57g de prata. Havia vários sistemas de pesos e medidas, o que explica a precisão: siclos do santuário e 20 guérás (1 guérá = cerca de 0,6g) o siclo.

j. Aqui, os clãs levíticos não são citados segundo a ordem

tradicional de Ex 6.16 e Nm 3.17. Qehat é relacionado em primeiro lugar, pois as suas funções são as mais nobres.

k. Cf. 8.24 e nota.

l. O serviço do santuário substitui para os levitas o serviço militar a que todos os filhos de Israel estão sujeitos. Isto ressalta que, para a tradição "sacerdotal", os levitas são fundamentalmente pessoas leigas. Para os sacerdotes não se emprega a expressão *cumprir (seu) serviço* (= *šabá*), mesma raiz que "exército".

m. Só os sacerdotes podem aproximar-se dos objetos santíssimos. Devem-se tomar todas as precauções para evitar que os levitas os toquem ou mesmo os vejam (cf. vv. 15 e 20).

n. I. lit. o *bastão*, a *vara*. Pode ser que se trate de uma vara à qual estaria suspenso um fardo contendo os objetos a transportar (cf. 13.23). Mas isto é pouco provável, dado o volume dos objetos enumerados nestes vv.

as barras do altar. ¹⁵No momento de levantar acampamento, Aarão e seus filhos acabam de acondicionar o santuário e todos os seus utensílios; vêm os filhos de Qehat para transportá-los. Não tocarão no santuário, pois isto seria sua morte. É o que carregam os filhos de Qehat na tenda do encontro. ¹⁶Eleazar, filho do sacerdote Aarão, fica encarregado de cuidar do óleo da luminária, do perfume para queimar, da oferenda perpétua^o e do óleo de unção; tem a superintendência de toda a morada e de tudo o que nela se encontrar, tanto do santuário como de seus utensílios".

¹⁷O SENHOR falou a Moisés e Aarão dizendo: ¹⁸"Não exponhais o grupo dos clãs de Qehat a ser cortado do meio dos levitas. ¹⁹Portanto, a fim de que vivam e não sejam feridos de morte ao se aproximarem do lugar santíssimo, fazei com eles o seguinte: Aarão e seus filhos virão pô-los cada qual diante de sua tarefa, diante daquilo que devem carregar. ²⁰Assim, não virão olhar o santuário, nem sequer por um instante: seria sua morte!"

²¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²²"Faze também o recenseamento dos filhos de Guerшон, por famílias e por clãs. ²³Recensearás todos os homens de trinta a cinquenta anos que devem cumprir serviço, isto é, realizar uma tarefa na tenda do encontro. ²⁴Eis a tarefa dos clãs dos guershonitas, o que devem fazer e o que devem carregar: ²⁵carregar as tapeçarias

da morada assim como a tenda do encontro com sua cobertura — a capa de pele de delfim que a recobre —, a cortina da entrada da tenda do encontro. ²⁶os cortinados do átrio, a cortina da entrada da porta do átrio que circunda a morada e o altar, assim como as cordas e todos os seus instrumentos de trabalho: tudo o que foi dado^o aos guershonitas para sua tarefa. ²⁷É sob as ordens de Aarão e dos seus filhos que se executará toda esta tarefa dos filhos dos guershonitas, o que eles deverão carregar e fazer; em matéria de serviço, vós determinareis tudo o que devem carregar. ²⁸Esta é a tarefa dos clãs dos filhos dos guershonitas na tenda do encontro, este é seu ofício sob a direção do sacerdote Itamar, filho de Aarão.

²⁹Quanto aos filhos de Merari, os recensearás por clãs e por famílias. ³⁰Recensearás todos os de trinta a cinquenta anos que devem cumprir serviço realizando as tarefas da tenda do encontro. ³¹Eis o que lhes compete carregar — todo seu serviço a cumprir na tenda do encontro —: os quadros da morada, suas vigas, suas colunas e seus socos, ³²as colunas que rodeiam o átrio com seus suportes, estacas, e cordas, assim como todos os seus instrumentos de trabalho. Designareis a cada um os objetos que lhe toca carregar. ³³Tal é a tarefa dos clãs dos filhos de Merari — eis toda a tarefa que lhes cabe na tenda do encontro, sob a direção do sacerdote Itamar, filho de Aarão".

RECENSEAMENTO DOS LEVITAS EM ATIVIDADE

³⁴Moisés, Aarão e os responsáveis pela comunidade recensearam os filhos de Qehat por clãs e por famílias^q, ³⁵todos os homens de trinta a cinquenta anos que deviam cumprir serviço trabalhando na tenda do encontro. ³⁶O efetivo de seus clãs era de 2.750 homens^r. ³⁷Este era o efetivo dos recenseados dos clãs qeha-

titas, todos os que trabalhavam na tenda do encontro — os que Moisés e Aarão recensearam, segundo a ordem que o SENHOR havia dado por intermédio de Moisés. ³⁸Eis o efetivo dos filhos de Guerшон — contando por clãs e por famílias ³⁹todos os homens de trinta a cinquenta anos que deviam cumprir serviço

o. É a oferenda de farinha que acompanha os dois holocaustos cotidianos (28,5).

p. Lit. *o que foi feito para eles e eles trabalharão*.

q. É este segundo recenseamento dos levitas. Relaciona-se

melhor com o de todo Israel (cap. 1), ao passo que o primeiro recenseamento (3,15-39) depende de outra tradição.

r. Este número é incompatível com os do 3,28, também os seguintes são incompatíveis com os vv. correspondentes do cap. 3.

Ex 27,20;
30,22-23,34

Ne 10,34

Ex 26,1-13

3.20

3.36,37

3.25-26

trabalhando na tenda do encontro —: ⁴⁰o efetivo de seus clãs e de suas famílias era de 2.630 homens. ⁴¹Este era o efetivo dos clãs dos filhos de Guerшон — de todos os que trabalhavam na tenda do encontro — no recenseamento que, por ordem do SENHOR, Moisés e Aarão realizaram.

⁴²Eis o efetivo dos clãs de Merari — contando por clãs e por famílias ⁴³todos os homens de trinta e cinquenta anos que deviam cumprir serviço trabalhando na tenda do encontro —: ⁴⁴o efetivo de seus clãs era de 3.200 homens. ⁴⁵Este era o efetivo total dos clãs dos filhos de Merari

no recenseamento feito por Moisés e Aarão, segundo a ordem que o SENHOR havia dado por intermédio de Moisés.

⁴⁶Eis o efetivo total dos levitas que Moisés, Aarão e os responsáveis por Israel recensearam — contando por clãs e por famílias ⁴⁷todos os homens de trinta a cinquenta anos que deviam realizar na tenda do encontro um serviço de montagem ou de carga —: ⁴⁸seu efetivo total era de 8.580 homens. ⁴⁹Por ordem do SENHOR e sob a direção de Moisés, designou-se a cada um o que devia fazer e o que devia carregar; cada qual tinha o encargo que o SENHOR havia prescrito a Moisés¹.

PRESCRIÇÕES RITUAIS

5 Casos de exclusão. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Ordena aos filhos de Israel que despeçam do acampamento todo leproso, assim como toda pessoa acometida de corrimento ou impura pelo contato com um morto. ³Tanto homens como mulheres, vós os enviareis para fora do acampamento. Que não tornem impuro o acampamento dos filhos de Israel, no meio dos quais eu habito”. ⁴E assim fizeram, como o SENHOR havia dito a Moisés.

Reparação dos delitos. ⁵O SENHOR falou a Moisés dizendo: ⁶“Fala aos filhos de Israel: Quando um homem ou uma mulher se tornam infiéis ao SENHOR⁷ cometendo um dos pecados em que costuma cair todo ser humano”, tal pessoa é culpada. ⁷Confessarão o pecado que cometeram; o culpado restituirá àquele a quem prejudicou o objeto e mais um quinto de

seu valor. ⁸Se a vítima não tiver parente a quem se possa restituir o objeto do delito, este objeto deverá ser restituído ao SENHOR, isto é, ao sacerdote, sem contar o carneiro expiatório por meio do qual se fará o rito de absolvição para o culpado⁸.

⁹Todos os tributos reservados pelos filhos de Israel dentre todas as coisas santas que apresentam ao sacerdote⁹ pertencem a este. ¹⁰As coisas santas de cada um lhe pertencem; aquilo que cada um dá ao sacerdote, a este pertence¹⁰”.

A lei sobre o ciúme. ¹¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹²“Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Pode ocorrer a um homem que sua mulher se conduza mal e lhe seja infiel, ¹³que outro tenha relações com ela sem que seu marido saiba, que ela se tenha maculado em segredo sem que haja testemunha contra ela ou sem que tenha sido surpreendida em flagran-

s. Outra tradução possível: *por ordem do Senhor, foram recenseados por intermédio de Moisés, cada qual em vista de seu trabalho e de seu encargo.*

t. Outra tradução possível: *assim como seus prepostos, os que o Senhor havia designado a Moisés.*

u. As leis dos caps. 5 e 6 não têm relação evidente com o contexto. O redator “sacerdotal” situou-as aqui para uni-las à revelação do Sinai que termina no cap. 10. Pelo estilo e pelo espírito, elas estão bastante próximas da *Lei de Santidade* (Lv 17-26) e das *Leis de Pureza* (Lv 11-16).

v. A infidelidade ao Senhor consiste aqui numa injustiça para

com um homem. Deus é o fiador da justiça nas relações humanas; toda infração à justiça ofende o próprio Deus.

w. Outra tradução possível: *cometendo um dos pecados que prejudicam o homem* (isto é, um pecado contra outra pessoa).

x. Esta disposição completa a legislação de Lv 5.20-26, acrescentando o caso de a pessoa lesada ter falecido.

y. A comparação com Lv 7.8 sugere outro corte da frase, embora gramaticalmente pouco verossímil: *que eles trazem (ao Senhor, acrescenta o gr.), pertencem ao sacerdote, a ele.*

z. Outra tradução possível: *Cada qual dispõe de suas coisas santas, mas o que ele dá ao sacerdote pertence a este último.*

Lv 13.45-46

Lv 15.3;
Dt 23.11-12
19.11

Lv 22.
10-16

Lv 7.7-10

Lv 5,11

te; ¹⁴se então um espírito de ciúme vier sobre o marido, e este desconfiar de sua mulher, estando ela efetivamente maculada, ou se um espírito de ciúme vier sobre o marido que desconfia de sua mulher, sem que ela se tenha maculado, ¹⁵o homem conduzirá sua mulher ao sacerdote. Apresentará por ela a oferenda exigida: um décimo de efá^a de farinha de cevada. Não derramará óleo sobre a oferenda, nem porá incenso, pois é uma oferenda de ciúme, uma oferenda de denúncia, que delata uma falta. ¹⁶O sacerdote fará a mulher se aproximar e a fará comparecer diante do SENHOR. ¹⁷O sacerdote tomará água santa^b num vaso de barro, tomará do pó do chão da morada e o deitará na água. ¹⁸O sacerdote fará a mulher comparecer diante do SENHOR e lhe desgrenhará os cabelos^c; porá em suas mãos abertas a oferenda de denúncia, isto é, a oferenda de ciúme, ao passo que ele mesmo terá à mão a água de amargura que traz consigo a maldição. ¹⁹O sacerdote fará a mulher jurar e lhe dirá: 'Se não é verdade que um homem se deitou contigo, que te conduziste mal e que te maculaste traindo teu marido, sejam preservada da maldição que esta água de amargura traz!'. ²⁰Mas se, ao invés, te entregaste à perdição com alguém que não era o teu marido, se te maculaste e se um homem que não é teu marido teve relações contigo...' ²¹O sacerdote fará com que ela preste o juramento de impreciação, dizendo-lhe: 'Que o SENHOR faça de ti, no meio de teu povo, o exemplo que se cita nas impreciações e

nos juramentos^d. Que faça teu seio definhar e teu ventre inchar. ²²Esta água que traz a maldição vai penetrar tuas entranhas para fazer inchar o teu ventre e definhar teu seio'. E a mulher responderá: 'Amém, amém!'. ²³Depois o sacerdote porá por escrito estas impreciações e as dissolverá^e na água de amargura. ²⁴Fará a mulher beber da água de amargura que traz a maldição; esta água que traz a maldição a penetrará, para amargura. ²⁵O sacerdote tomará da mão da mulher a oferenda de ciúme, apresentá-la-á ao SENHOR e a porá sobre o altar. ²⁶O sacerdote tomará um punhado de farinha da oblação como memorial^h e a queimará sobre o altar; depois, o sacerdote fará a mulher beber dessa água. ²⁷Ele a fará beber a água e acontecerá o seguinte: se ela se tiver maculado e tiver sido infiel a seu marido, a água que traz a maldição a penetrará, para amargura; seu ventre inchará e seu seio definhará. E esta mulher se tornará para seu povo o exemplo que se cita nas impreciações. ²⁸Se, pelo contrário, esta mulher não se maculou, mas se manteve pura, será inocentada e será fecundaⁱ".

Lv 2,2:
5,12

²⁹Esta é a lei sobre o ciúme para uma mulher que se entregou à licenciosidade, enganando o marido e maculando-se, ³⁰ou para um homem tomado por um espírito de ciúme e que suspeita de sua mulher: ele a fará comparecer diante do SENHOR e o sacerdote lhe aplicará todas as prescrições desta lei. ³¹O marido ficará isento de falta, mas a mulher responderá pela falta dela^j.

a. Um décimo de efá = 4,5 litros.

b. O sentido dessa expressão nos escapa: tratar-se-ia de uma água conservada no santuário ou da água de uma fonte sagrada?

c. Provavelmente é um sinal de penitência (derivado dos gestos de luto), exatamente como o pó amontoado no chão.

d. Água de amargura, isto é, água tóxica, água maléfica (cf. Ex 15,23-25). O rito é comparável aos "juízos de Deus" (ordálios) praticados no Antigo Oriente e na Europa Medieval. Este tipo de julgamento era usado toda vez que faltavam provas para acusar ou absolver o réu. Entre os semitas, de boa vontade recorria-se, com este objetivo, às águas dos rios ou das fontes. Os nomes de certas fontes: *En-Mishpat* ("fonte do julgamento", Gn 14,7), *Meribá* ("processo", Nm 20,13) poderiam conservar a lembrança destes costumes. — Se os procedimentos combinados por

este ritual têm uma origem mágica, são reinterpretados no sentido da fé no Senhor, fiador da moralidade no seio do povo.

e. Lit. *faça de ti uma impreciação e um juramento*. Cf. Is 65,15; Jr 42,18.

f. *Amém* = "Certamente, é verdade". Por esta palavra, a mulher subscreve as palavras pronunciadas contra ela pelo sacerdote. Cf. Dt 27,15-26.

g. Outra forma deste ritual consistia em fazer o réu comer o texto da impreciação (cf. Ez 8,2-3,3).

h. Cf. Lv 2,2 nota.

i. Não se censura ao marido o fato de ter desconfiado injustamente de sua mulher. Não se considera a hipótese de que uma mulher possa impor uma prova semelhante ao marido de quem desconfiasse. A situação jurídica da mulher é claramente infe-

O NAZIRADO

6 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ^{2a}Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: 'Quando um homem ou uma mulher se comprometer^l por voto de nazirado^k a consagrar-se ao Senhor, ^{3a}o nazir se absterá de vinho e de bebidas alcoólicas: não beberá nem vinagre de vinho nem vinagre de álcool^l; não beberá nenhuma espécie de suco de uva e não comerá nem uvas frescas, nem secas. ⁴Durante todo o tempo de seu nazirado, não comerá produto algum feito com o fruto da videira, nem com as sementes nem com a casca^m. ⁵Durante todo o tempo de seu voto de nazirado, a navalha não passará sobre sua cabeça; até que se complete o tempo pelo qual se consagrou ao SENHOR, ele será santo e deixará crescer livremente os cabelos de sua cabeçaⁿ.

⁶Durante todo o tempo de sua consagração ao SENHOR, ele não se aproximará de um morto^o: ⁷sejam seu pai, sua mãe, seu irmão ou sua irmã, ele não se tornará impuro por contato com eles, ao morrerem, visto que traz sobre a cabeça a consagração^p de seu Deus. ⁸Durante todo o tempo de seu nazirado, ele será santo para o SENHOR. ⁹Se alguém morrer de morte súbita perto dele, tornando impura sua cabeça consagrada^q, ele raspará a cabeça no dia de sua purificação; ele a raspará no sétimo dia, ¹⁰e no oita-

vo dia levará ao sacerdote duas rolas ou dois pombinhos, à entrada da tenda do encontro. ¹¹O sacerdote oferecerá um em sacrifício pelo pecado e o outro em holocausto, e oficiará para o nazir o rito de absolvição do pecado^r que tiver cometido por causa deste morto. Neste mesmo dia, o nazir santificará sua cabeça. ¹²se consagrará de novo ao SENHOR para o tempo do nazirado que ele havia determinado para si e levará um cordeiro de um ano como sacrifício de reparação^s. Os dias precedentes não serão contados, pois seu nazirado foi tornado impuro^t.

¹³Eis a lei referente ao nazir: no dia em que se completa o tempo de seu nazirado, ele é conduzido à entrada da tenda do encontro ¹⁴e apresenta uma oferenda ao SENHOR: um cordeiro de um ano sem defeito, em holocausto, uma ovelha de um ano, em sacrifício pelo pecado^u, e um carneiro sem defeito, em sacrifício de paz; ¹⁵um cesto de pão sem fermento, feito de flor de farinha, bolos amassados com azeite, e obreias sem fermento, untadas com azeite, junto com a oferenda e as libações requeridas. ¹⁶O sacerdote os leva à presença do SENHOR e ele^v oferece seu sacrifício pelo pecado e seu holocausto. ¹⁷Quanto ao carneiro, ele^v o oferece ao SENHOR, em sacrifício de paz, com

Lv 5,7;
12,8; 14,22;
15,14-29

At 21,
23-24

Ex 29,2-3;
Lv 2,4;
7,12

19,11-16;
Lv 14,8-22

rior à do homem; neste ponto, a legislação israelita progrediu apenas lentamente.

J. Lit. *se distingue*. O verbo empregado aqui implica a idéia de um ato extraordinário ou maravilhoso.

k. Este nazirado temporário parece derivado do nazirado perpétuo (Jz 13,5; 1Sm 1,11; Lc 1,15; cf. também Am 2,11). Este compromisso é deixado à iniciativa de cada um e é acessível tanto às mulheres como aos homens. Só conhecemos parcialmente os pormenores das práticas que o caracterizam e o seu significado. Nm 6, que é praticamente o único texto que trata do nazirado, descreve sobretudo os ritos do fim do compromisso.

l. O vinagre misturado com água era uma bebida comum no mundo mediterrâneo (Rt 2,14; Mt 27,48par.).

m. Esta oposição aos produtos da vinha é uma forma de recusa da vida sedentária. Era característica de certos grupos, como os rekabitas (Jr 35,5-8).

n. O costume tem equivalentes fora de Israel, por exemplo, no Egito. A cabeleira parece ter sido um símbolo de força (cf. a história de Sansão, Jz 16-17-30).

o. O *nazir*, da mesma forma que o sumo sacerdote (Lv 21,1-

11), está obrigado a observar mais estritamente as regras de pureza ritual (cf. cap. 19).

p. A mesma palavra, *nézer*, designa o nazirado e o sinal exterior deste estado: os cabelos longos. A palavra significa também "diadema régio" e "insígnia do sumo sacerdote" (Ex 29,6). A consagração do *nazir* tem, pois, certa analogia com a do rei e a do sacerdote.

q. A lei só prevê as violações acidentais da pureza ritual. Não se diz o que aconteceria se o *nazir* violasse deliberadamente seu voto: haveria uma sanção? É claro que haveria uma falta para com Deus (cf. 30,3).

r. *Pecado* tem aqui o sentido fraco de "falta" de ordem ritual e involuntária.

s. Objetivamente, o Senhor foi lesado e tem direito a uma reparação.

t. Este sacrifício talvez se refira às faltas involuntárias cometidas pelo *nazir* (cf. 15,27-29).

u. O sujeito do verbo *oferecer* não é evidente. Não se pode excluir que seja o próprio *nazir*.

v. Cf. v. 16 nota.

At 21.24

o cesto de pão sem fermento; além disso, o sacerdote fará a oferta e a libação requeridas^w. ¹⁸Então o nazir raspa na entrada da tenda do encontro a cabeça consagrada, toma os cabelos de sua cabeça consagrada e os lança ao fogo^x que arde sob o sacrifício de paz. ¹⁹O sacerdote tomará a espádua do carneiro, já cozida^y, com um bolo sem fermento do cesto e uma obreia sem fermento; põe tudo nas mãos do nazir depois que ele tiver raspado o sinal de seu nazirado. ²⁰O sacerdote

os apresenta ao SENHOR com o gesto de apresentação; é uma coisa santa que pertence ao sacerdote, além do peito que ele apresenta e da coxa que ele reserva como tributo^z. Depois disso, o nazir poderá beber^a vinho. ²¹Tal é a lei referente a um nazir que faz um voto; tal é o presente que ele deve ao SENHOR por seu nazirado, sem contar o que ele poderá dispor a mais^b. Ele agirá conforme o voto por ele pronunciado segundo a lei do nazirado que assumiu.

Lv 7.34;
10.14

FÓRMULA DE BÊNÇÃO

²²O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²³Fala a Aarão e seus filhos e dize-lhes:

Eis com que termos abençoareis os filhos de Israel:

SI 121.7

²⁴O SENHOR te abençoe e te guarde^c!

²⁵O SENHOR faça resplandecer sobre ti seu olhar^d e te conceda sua graça!

²⁶O SENHOR volte para ti seu olhar^e e te dê a paz^f!

²⁷Assim porão o meu nome^g sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei^h.

SI 4.7;
31.17; 67.2;
119.135
SI 122.6

INSTAURAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES CULTUAIS: FIM

Ex 40.17

7 Oferendas para a dedicação do santuário. ¹No dia em que Moisés terminou de erigir a morada, ele a ungiu e a consagrou, com todos os seus acessórios, bem como o altar, com todos os seus acessórios; ele fez a sua unção e consagraçãoⁱ. ²Os responsáveis por Israel, chefes de suas respectivas tribos, trouxeram seu presente^j. Eram os responsáveis pelas tribos, os que haviam dirigido o recenseamento. ³Trouxeram seu presente diante do SENHOR: seis carros cobertos^k e

doze bois; um carro para dois chefes e um boi para cada um; apresentaram-nos diante da morada. ⁴O SENHOR disse a Moisés: ⁵“Recebe os presentes que te trouxeram; serão utilizados para os trabalhos da tenda do encontro. Tu os entregarás aos levitas, a cada um segundo as necessidades de seu ofício”. ⁶Moisés recebeu os carros e os bois, e os entregou aos levitas. ⁷Deu dois carros e quatro bois aos filhos de Guer-shon, segundo as necessidades de seu ofício. ⁸E os outros quatro carros, com os

3.18.21

w. Lit. sua oferta e sua libação, isto é, a oferta e a libação do sacrifício (cf. 15.4-16).

x. Os cabelos do nazir eram sagrados. Devia-se queimá-los para evitar toda profanação.

y. A legislação “sacerdotal” quer que a parte do sacerdote lhe seja entregue crua (cf. Lv 7.6.31-34). Aqui aparece o vestígio de um ritual atestado também em 1Sm 2.14-15.

z. Aqui o sacerdote recebe mais do que a parte habitual (peito e coxa) que de certa forma constituía seu salário.

a. Lit. beberá. Pode-se entender no sentido de que a proibição é revogada, ou de que o ritual comporta o gesto de beber.

b. Lit. o que sua mão alcançar, aquilo sobre que puder pôr a mão.

c. O emprego da segunda pessoa do singular para designar Israel pertence ao estilo litúrgico tradicional, usado especialmente no Dt.

d. Lit. que o Senhor faça brilhar para ti sua face, hebraísmo que equivale a: “Que ele te mostre seu rosto sorridente”.

e. Lit. que o Senhor levante seu rosto para ti, hebraísmo que significa: “Olhar com benevolência, acolher”.

f. No sentido forte que o hebr. dá à palavra paz: “plenitude de felicidade”.

g. Apõem o nome do Senhor como uma assinatura ou selo indicando a pertença do povo a seu Deus (cf. Is 44.5; Ez 9.4; Ap 7.3; 14.1 etc.). Esta pertença é para Israel a fonte das bênçãos que ele recebe.

h. A bênção se funda na crença na eficácia da palavra. Pronunciar três vezes o nome de Deus da aliança é dar nova atualidade à aliança, às suas promessas como às suas exigências.

i. Temos aqui a continuação de Ex 40.33. Segundo Nm 1.1, o recenseamento de Nm 1-4 tivera lugar um mês depois desta consagração. Portanto, a narrativa volta atrás.

j. Esta oferta não estava prevista pelas leis de Ex e Lv.

k. O sentido da palavra *shub* é incerto. Segundo as versões e alguns autores judaicos, trata-se de “carros cobertos”. Outros tradutores propõem “carros de carga, carroças” (assírio: *šumbu*).

oito bois, ele os deu, por intermédio do sacerdote Itamar, filho de Aarão, aos filhos de Merari segundo as necessidades de seu ofício^k. ^{3.20} Mas nada entregou aos filhos de Qehat, pois a função que lhes incumbia era transportar os objetos sagrados sobre os ombros^l.

^{Ez 43, 18-26} Os chefes trouxeram a oferenda para a dedicação^m do altar no dia em que se faz sua unção. Os chefes apresentaram seus presentes diante do altar. ¹¹O SENHOR disse a Moisés: "A cada dia um dos chefes trará a sua oferenda para a dedicação do altar".

¹²Naḥshon, filho de Aminadabⁿ, da tribo de Judá, foi quem trouxe sua dádiva no primeiro dia. ¹³O seu presente foi: uma bandeja de prata pesando 130 siclos^o, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ¹⁴uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ¹⁵um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ¹⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ¹⁷e, para o sacrifício de paz^p, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Naḥshon, filho de Aminadab.

¹⁸No segundo dia, apresentou sua oferenda Netanel, filho de Şuar, chefe de Issacar. ¹⁹Trouxe seu presente que consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ²⁰uma taça de ouro de dez siclos, cheia de perfume; ²¹um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ²²um bode para o sacrifício pelo pecado; ²³e, para o sacrifício de paz,

dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Netanel, filho de Şuar.

²⁴No terceiro dia, foi a vez do chefe dos filhos de Zabulon, Eliab, filho de Helon. ²⁵Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ²⁶uma taça de ouro de dez siclos, cheia de perfume; ²⁷um novilho, um carneiro de um ano para o holocausto; ²⁸um bode para o sacrifício pelo pecado; ²⁹e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Eliab, filho de Helon.

³⁰No quarto dia, foi a vez do chefe dos filhos de Rúben, Elişur, filho de Shdeur. ³¹Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ³²uma taça de ouro de dez siclos, cheia de perfume; ³³um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ³⁴um bode para o sacrifício pelo pecado; ³⁵e, para o sacrifício da paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Elişur, filho de Shdeur.

³⁶No quinto dia, foi a vez do chefe dos filhos de Simeão, Shelumiel, filho de Şurishadai. ³⁷Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ³⁸uma taça de ouro de dez siclos, cheia

k. Os meraritas tinham as cargas mais importantes. Segundo 4.31-32 e Ex 38.21ss., eles tinham de transportar 70 toneladas de metal, sem contar a madeira e os tecidos.

l. Os objetos mais santos só podem ser transportados ao ombro.

m. Lv 9 se contentou com uma descrição muito mais sumária da consagração do santuário. Para enfatizar a importância deste ato, Nm 7 retomou o relato de uma oferenda extraordinária, cujo contexto original não é mais conhecido; é pouco provável que se tenha realizado durante a estada no deserto. A palavra *dedicação*

(*hanuká*) encontra-se aqui pela primeira vez e depois só se encontrará em Ne 12.27-43 e 2Cr 7.9. Apenas a partir de 164 a.C. haverá uma festa anual da dedicação do templo (1Mc 4.59; Jn 10.22).

n. Os nomes são os dos caps. 1 e 2. A ordem das tribos é a do cap. 2.

o. 130 siclos = ± 1,5kg; 70 siclos = ± 800g; 10 siclos = 115g.

p. Temos assim, para inaugurar o altar, os três principais tipos de sacrifícios (cf. Lv Introd.). Note-se que se trata das oferendas pessoais dos chefes e não das tribos.

de perfume; ³⁹um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁴⁰um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁴¹e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Shelumiel, filho de Şurishadai.

⁴²No sexto dia, foi a vez do chefe dos filhos de Gad, Eliasaf, filho de Deuel. ⁴³Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ⁴⁴uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁴⁵um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁴⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁴⁷e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Eliasaf, filho de Deuel.

⁴⁸No sétimo dia, foi a vez do chefe dos filhos de Efraim, Elishamá, filho de Amihud. ⁴⁹Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário, — ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ⁵⁰uma taça de ouro de dez siclos, cheia de perfume; ⁵¹um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁵²um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁵³e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Elishamá, filho de Amihud.

⁵⁴No oitavo dia, foi a vez do chefe dos filhos de Manassés, Gamliel, filho de Pedaşur. ⁵⁵Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ⁵⁶uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁵⁷um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁵⁸um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁵⁹e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cor-

deiros de um ano. Este foi o presente de Gamliel, filho de Pedaşur.

⁶⁰No nono dia, foi a vez do chefe dos filhos de Benjamin, Abidan, filho de Guideoni. ⁶¹Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada com azeite para a oferenda; ⁶²uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁶³um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁶⁴um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁶⁵e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros. Este foi o presente de Abidan, filho de Guideoni.

⁶⁶No décimo dia, foi a vez do chefe dos filhos de Dan, Ahiézer, filho de Amishadai. ⁶⁷Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ⁶⁸uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁶⁹um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁷⁰um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁷¹e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Ahiézer, filho de Amishadai.

⁷²No décimo primeiro dia, foi a vez do chefe dos filhos de Aser, Paguiel, filho de Okran. ⁷³Seu presente consistia em: uma bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos do santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferenda; ⁷⁴uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁷⁵um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁷⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁷⁷e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Paguiel, filho de Okran.

⁷⁸No décimo segundo dia, foi a vez do chefe dos filhos de Neftali, Ahirá, filho de Enan. ⁷⁹Seu presente consistia em: uma

bandeja de prata pesando 130 siclos, uma bacia de prata de 70 siclos — em siclos de santuário —, ambas cheias de farinha amassada no azeite para a oferta; ⁸⁰uma taça de ouro de 10 siclos, cheia de perfume; ⁸¹um novilho, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁸²um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁸³e, para o sacrifício de paz, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Este foi o presente de Aḥirá, filho de Enan.

⁸⁴Esta foi a oferta dos chefes de Israel para a dedicação do altar, no dia da sua unção: doze bandejas de prata, doze bacias de prata, doze taças de ouro. ⁸⁵Cada bandeja de prata pesava 130 siclos e cada bacia, 70 siclos. Estes objetos perfaziam um total de 2.400 siclos de prata, em siclos do santuário⁸⁶, ⁸⁶doze taças de ouro cheias de perfume pesando dez siclos cada um — em siclos do santuário. Os vasos perfaziam um total de 120 siclos de ouro. ⁸⁷O gado destinado ao holocausto perfazia um total de doze novilhos, doze carneiros e doze cordeiros de um ano, com as ofertas requeridas; e doze bodes para o sacrifício pelo pecado. ⁸⁸O gado destinado ao sacrifício de paz compreendia um total de vinte e quatro bois, sessenta carneiros, sessenta bodes e sessenta cordeiros de um ano. Esta foi a oferta para a dedicação do altar, após a unção.

⁸⁹Quando Moisés⁹⁰ entrava na tenda do encontro para falar com o SENHOR, ouvia

a voz que lhe falava do alto do propiciatório, entre os dois querubins — o propiciatório⁹¹ estava sobre a arca do testemunho. E ele lhe falava⁹².

8 O candelabro do santuário. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²"Fala a Aarão e dize-lhe: Quando acenderes as lâmpadas, as sete lâmpadas deverão iluminar o que está à frente do candelabro³". ³Foi o que fez Aarão: à frente do candelabro, acendeu as lâmpadas como o SENHOR ordenara a Moisés. ⁴Eis como era feito o candelabro⁴: era forjado em ouro batido, forjado desde a base até a flor. O candelabro foi feito segundo o modelo que o SENHOR mostrara a Moisés.

Consagração dos levitas. ⁵O SENHOR falou a Moisés dizendo: ⁶"Toma os levitas do meio dos filhos de Israel e purificá-os⁵". ⁷Eis como agirás para purificá-los: faz sobre eles uma aspersão de água lustral⁶; devem passar uma navalha sobre todo o corpo, lavar suas vestes e purificar-se⁷. ⁸Tomará um novilho com a oferta de farinha⁸ amassada no azeite. E tomarás um segundo novilho para o sacrifício pelo pecado. ⁹Farás os levitas se aproximarem da tenda do encontro e reunirás toda a comunidade de Israel. ¹⁰Farás os levitas se aproximarem do SENHOR, e os filhos de Israel lhes impo-
rão as mãos⁹. ¹¹Depois Aarão apresentará os levitas como uma oferta apresenta-
da¹⁰ ao SENHOR pelos filhos de Israel, e

Ex 25,31-40;
37,17-24

3.5-13

Lv 14,8-9

3.6-8

q. 2.400 siclos = ± 27,5kg; 120 siclos = ± 1,4kg.

r. Fragmento isolado que completa Ex 33,7-11 e prepara Nm 12,4-8.

s. Para o propiciatório, cf. Ex 25,17 nota. Ex 25,22 também faz do propiciatório o lugar de onde o Senhor fala a Moisés.

t. É a fórmula habitual de introdução de um discurso. Falta a continuação? Não se sabe qual é o sujeito da frase: o Senhor ou Moisés?

u. O sentido deste v. não é claro. Pode-se pensar que se trate de virar a mecha de uma das sete lâmpadas, de modo que ilumine para a frente.

v. Cf. Ex 25,31-40; 37,17-24.

w. Trata-se mais de uma purificação ritual do que de uma consagração. Para os sacerdotes, havia os dois ritos (Lv 8), o que sublinha sua superioridade.

x. Lit. *água do sacrifício pelo pecado*. Talvez seja a água lustral de 19,9 (cf. também 5,17 e Lv 14,4-7).

y. É mais ou menos o rito de purificação dos leprosos (Lv 14,8-9).

z. Lit. *com sua oferta de farinha*. Cf. 15,4-12.

a. A imposição das mãos pode ter vários sentidos:

— impunha-se a mão às vítimas que iam ser imoladas (Ex 29,10; Lv 3,2,8; 4,4 nota);

— o gesto era empregado para uma transmissão de poderes (27,18; Dt 34,9);

— encontra-se também no rito do bode expiatório (Lv 16,20-22) para realizar uma transferência de culpabilidade;

— por fim, servia para transmitir uma bênção (Gn 48,14).

Aqui, o sentido preponderante é o primeiro: os levitas são a oferta da comunidade (cf. vv. 11-15).

b. A palavra empregada normalmente designa o "rito de apresentação" (cf. Lv 7,30; 23,17). Evidentemente, é empregada no sentido figurado. A oferta dos levitas concretiza a ideia de que são dados ao Senhor no lugar dos primogênitos (3,11-13,45).

eles serão destinados a assegurar o culto ao SENHOR. ¹²Os levitas porão as mãos sobre a cabeça dos novilhos^c. Oferece os novilhos ao SENHOR, um em sacrifício pelo pecado e o outro em holocausto, para fazer sobre os levitas o rito de absolvição.

^{3.6} ¹³Porás os levitas diante de Aarão e diante de seus filhos^d, e os apresentarás como uma oferenda entregue ao SENHOR. ¹⁴Separarás os levitas do meio dos filhos de Israel, e eles me pertencerão. ¹⁵Depois disso, os levitas virão servir à tenda^e do encontro. Tu os purificarás, pois, e os apresentarás como uma oferenda apresentada.

^{3.12} ¹⁶Porque eles me são dados, verdadeiramente doados, entre os filhos de Israel: eu os tomo para mim em troca de todos os que nasceram de um primeiro parto, isto é, de todos os primogênitos dos filhos de Israel. ¹⁷Pois todo primogênito dentre os filhos de Israel me pertence, tanto entre os homens como entre os animais domésticos. No dia em que feri todos os primogênitos na terra do Egito, eu os consagrei a mim. ¹⁸Mas tomo os levitas em troca de todos os primogênitos dos filhos de Israel ¹⁹e os dou a Aarão e a seus filhos: dentre os filhos de Israel, os levitas lhes serão dados para assegurar o culto dos filhos de Israel na tenda do encontro e para fazer sobre eles o rito de absolvição^f. Assim os filhos de Israel não serão mais feridos por minha cólera, por se terem aproximado do lugar santo^g.

^{3.41} ²⁰E assim fizeram Moisés, Aarão e toda a comunidade dos filhos de Israel com

relação aos levitas. Os filhos de Israel agiram para com eles exatamente como o SENHOR havia ordenado a Moisés a respeito dos levitas. ²¹Os levitas fizeram sua purificação e lavaram suas vestes. Aarão os apresentou em oferenda apresentada ao SENHOR, e fez sobre eles o rito da absolvição para os purificar. ²²Depois disso, os levitas foram desempenhar seu ofício na tenda do encontro, sob os olhos de Aarão e de seus filhos. Procedeu-se com os levitas conforme o SENHOR ordenara a Moisés a respeito deles.

Tempo de serviço dos levitas. ²³O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁴“Eis as disposições referentes aos levitas: a partir de vinte e cinco anos^h, o levita deve cumprir serviço encarregando-se dos trabalhos da tenda do encontro. ²⁵Aos cinquenta anos, ele deixará o serviço ativo: não estará obrigado ao trabalho. ²⁶Ele assistirá seus irmãos para garantir o ofícioⁱ na tenda do encontro, mas não estará obrigado ao trabalho. Estas são as disposições que estabelecerás para o ofício dos levitas”.

9 A data da Páscoa. ¹O SENHOR falou a Moisés^j no deserto do Sinai, no segundo ano após a saída da terra do Egito, no primeiro mês, dizendo: ²“Celebrem os filhos de Israel a Páscoa na data fixada. ³Será no dia catorze deste mês, ao crepúsculo^k, que a celebrareis. Celebrá-la-eis seguindo exatamente o ritual da Páscoa e seus costumes”. ⁴Moisés disse

c. A oferenda se realiza numa dupla substituição; os levitas substituem o povo e os novilhos oferecidos em sacrifício substituem os levitas.

d. *Pôr diante* significa “pôr a serviço de” (cf. 3.6). Portanto, os levitas estão a serviço dos sacerdotes, mas só se menciona isto de passagem. Essencialmente, pertencem ao Senhor.

e. *Servir à tenda*: expressão inabitual. Sam., gr. têm: *assegurar os trabalhos da tenda*.

f. Este rito normalmente é reservado aos sacerdotes (Êx 30.10; Lv 4.20,26.31; Nm 15.25 etc.). Este é o único caso em que é atribuído aos levitas.

g. Portanto, os levitas são delegados da comunidade para assegurar o culto, visto que a aproximação do santuário é proibida aos outros israelitas sob pena de morte (17.28).

h. Prescrição mais recente do que se vê em 4.3, que fixava a idade mínima em 30 anos. A idade foi rebaixada para remediar

a insuficiência do número de levitas em serviço. Pela mesma razão, a nova regulamentação, mesmo mantendo a aposentadoria aos 50 anos, autoriza o levita com mais de 50 anos a exercer ainda uma atividade auxiliar na morada (v. 26). Cf. 1Cr 23.24,27; 2Cr 31.17. — Esd 3.8 baixa ainda mais a idade para o início da atividade.

i. Há várias explicações possíveis: o levita que chegou ao limite de idade ainda pode realizar tarefas menores; ou então, pode desempenhar o papel de supervisor ou de guarda (a palavra traduzida por *ofício* pode significar também “guarda”).

j. Recuo com relação ao conjunto da narrativa. Estas prescrições tiveram de ser executadas antes da partida do Sinai e é por isso que são inseridas aqui, na descrição dos preparativos da partida.

k. Lit. *entre as duas tardes*. Cf. Êx 12.6 nota.

aos filhos de Israel que celebrassem a Páscoa. ⁵Celebraram-na no deserto do Sinai, no dia catorze do primeiro mês, ao entardecer. Os filhos de Israel fizeram exatamente o que o SENHOR havia ordenado a Moisés.

⁶Ora, alguns homens encontravam-se em estado de impureza por terem tocado num morto¹; não podendo celebrar a Páscoa nesse dia, dirigiram-se a Moisés e Aarão nesse dia mesmo. ⁷"Estamos em estado de impureza, disseram-lhe, por termos tocado num morto; por que nos é proibido trazer nosso presente" ao SENHOR na data fixada como todos os filhos de Israel?" — ⁸"Aguardai, disse-lhe Moisés, para que eu saiba o que o SENHOR ordena a vosso respeito." ⁹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁰"Fala nestes termos aos filhos de Israel: Quando um homem estiver em estado de impureza por ter tocado num morto ou estiver fazendo uma longa viagem" — isto vale para vós e para os vossos descendentes — celebrará a Páscoa em honra do SENHOR. ¹¹Mas é no dia catorze do segundo mês, ao entardecer, que os homens a celebrarão; comerão o cordeiro com os pães sem fermento e as ervas amargas. ¹²Não guardarão nada para o dia seguinte, nem lhe quebrarão os ossos; celebrarão a Páscoa exatamente de acordo com o seu ritual. ¹³Mas se um homem que se encontra em estado de pureza e não está de viagem negligencia a celebração da

Páscoa, será cortado de sua parentela; por não ter trazido seu presente ao SENHOR na data fixada, este homem arcará com as consequências de seu pecado". ¹⁴Se um migrante que mora entre vós celebra a Páscoa em honra do SENHOR, ele seguirá o ritual da Páscoa e seus costumes; tereis um único ritual, tanto para o migrante como para o natural da terra".

A nuvem sobre a morada. ¹⁵No dia em que foi erguida a morada², a nuvem cobriu a morada, isto é, a tenda do Documento. De tarde, ela estava sobre a morada com a aparência de um fogo³, até a manhã seguinte. ¹⁶Assim era constantemente; a nuvem cobria a morada⁴ e, durante a noite, tinha a aparência de um fogo⁵. ¹⁷Cada vez que a nuvem se elevava acima da tenda, os filhos de Israel partiam; no lugar onde a nuvem parava, ali acampavam os filhos de Israel. ¹⁸Segundo a ordem do SENHOR, os filhos de Israel partiam; segundo a ordem do SENHOR, acampavam⁶. Permaneciam acampados durante todo o tempo em que a nuvem pairava sobre a morada. ¹⁹Quando a nuvem permanecia longamente sobre a morada, os filhos de Israel asseguravam o serviço ao SENHOR⁷ e não partiam. ²⁰Às vezes, a nuvem permanecia poucos dias sobre a morada. — Segundo a ordem do SENHOR acampavam; segundo a ordem do SENHOR, partiam. — ²¹Em outras ocasiões, a nuvem só permanecia

Ex 13,22;
40,34-38

2Cr 30,15

Ex 12,8

Ex 12,46;
Jd 19,36

1. Pode-se ver aqui a maneira habitual de introduzir uma lei no código "sacerdotal": um caso concreto levanta o problema, e Moisés apresenta a solução revelada pelo Senhor (cf. 15,32-36; Lv 24,11-16).

m. Esta maneira de conceber a Páscoa como uma "oferenda" é própria deste texto.

n. O v. 6 apresentava um caso apenas. Aqui, já temos dois, o que mostra que o princípio é geral: qualquer que seja a razão que tenha impedido de celebrar a festa na data certa, a Páscoa deve ser celebrada no mês seguinte. É uma prática essencial, que não pode ser omitida em caso algum.

o. Estas *consequências* = a pena de morte: o culpado é excluído do povo por causa de sua falta.

p. Aparece aqui a sequência de Ex 40,34-38. *Tenda e morada* são confundidas (como em Ex 40,2), quando na origem sem dúvida se tratava de objetos distintos. A *tenda* encontrava-se no exterior do acampamento (Ex 33,7; Nm 11,26,30) e a *nuvem* só aparecia de maneira intermitente (11,25; 14,10; 17,7 etc.); a

morada, pelo contrário, estava no centro do acampamento (2,17) e a *nuvem* residia af de modo permanente.

q. Antes mesmo da construção de qualquer santuário, a *nuvem* e o *fogo* apareciam como sinais da presença divina (Ex 24,15-18), especialmente para guiar o povo em sua marcha (Ex 13,21; Nm 14,14). A *nuvem* fixa-se sobre a morada, como mais tarde encherá o templo de Salomão (1Rs 8,10): é o sinal de que o Senhor toma posse de seu santuário.

r. Lit. *cobriam-na*. As versões acrescentam: *de dia*.

s. A *nuvem* cobre a morada de noite e de dia e se torna luminosa durante a noite.

t. Os movimentos do acampamento são diretamente comandados pelo Senhor por meio dos movimentos da nuvem. Os vv. seguintes explicam mais detalhadamente aquilo que os vv. 17 e 18 apresentam resumidamente. O povo de Deus é um povo sempre em marcha sob a direção do Senhor, que reside no meio dele.

u. Sabe-se, por outros textos, que esse serviço era assegurado pelos levitas em nome dos filhos de Israel (3,38).

desde a tarde até a manhã seguinte; quando ela se elevava de manhã, eles partiam. Ou ainda, ela permanecia um dia e uma noite; quando se elevava, eles partiam. ²²Enquanto a nuvem se demorava sobre a morada, dois dias, um mês ou por mais tempo, os filhos de Israel per-

maneciam acampados e não partiam; quando se elevava, eles partiam. ²³Segundo a ordem do SENHOR, eles acampavam; segundo a ordem do Senhor, partiam. Garantiam o serviço do SENHOR de acordo com as instruções que o SENHOR havia dado por meio de Moisés.

DO SINAI ÀS PLANÍCIES DE MOAB

O POVO SE PÕE A CAMINHO

10 As trombetas de prata. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ^{2a}Manda fazer duas trombetas de prata — tu as farás de metal batido^w —; servir-te-ão para convocar a comunidade e fazer partir os acampamentos. ³Quando estas trombetas soarem, toda a comunidade se reunirá junto a ti, à entrada da tenda do encontro. ⁴Mas se soar apenas uma trombeta, serão os responsáveis, os chefes dos milhares^x de Israel que se reunirão junto de ti. ⁵Quando derdes um sinal modulado^y, os acampamentos estacionados a leste partirão. ⁶Quando derdes um segundo sinal modulado, partirão os acampamentos estacionados ao sul^z. Será dado um sinal modulado para as partidas. ⁷Mas para convocar a assembléia, dareis um sinal contínuo e não modulado. ⁸Serão os filhos de Aarão, os sacerdotes, que farão soar estas trombetas^a; elas vos servirão para um ritual perene por todas as gerações. ⁹Quando, na vossa terra, tiverdes de partir para a guerra

contra o inimigo que vos oprime, por meio destas trombetas dareis um sinal modulado^b. Dessa forma, a vossa lembrança será evocada diante do SENHOR^c, vosso Deus, e sereis salvos dos vossos inimigos. ¹⁰Quando tiverdes um dia de regozijo, solenidades, neomênias, fareis soar essas trombetas para acompanhar vossos holocaustos e vossos sacrifícios de paz; e elas serão como a memória de vós diante de vosso Deus. Eu sou o SENHOR, vosso Deus^d.

2Cr 13,12
Os 5,8;
1Cor 15,52;
Ap 8,6-13

2Rs 11,14;
2Cr 29,
27-28

Ordem de marcha dos acampamentos. ¹¹No segundo ano, no dia vinte do segundo mês^d, a nuvem se elevou acima da morada do testemunho. ¹²Os filhos de Israel partiram do deserto do Sinai, cada um por seu turno, e a nuvem se deteve no deserto de Paran. ¹³Era a primeira vez que partiam por ordem do SENHOR, transmitida por Moisés^e. ¹⁴Em primeiro lugar, partiu o grupo do acampamento dos filhos de Judá com seus exércitos^f. O exér-

v. Lit. dias, o que poderia significar "um ano".

w. Lit. em obra forjada. Trata-se de trombetas retas de cerca de um metro de comprimento (*hasosyot*). Serviam sobretudo no templo (cf. 1Cr 15,24; 2Cr 5,12), mas aqui se lhes atribui um uso militar sobre o qual não temos outras informações. — ¹⁰O termo não é o mesmo que alhures indica o instrumento de convocação, p. ex. Ex 19 (*shofar*, "trompa").]

x. Cf. 1,16 nota.

y. A palavra hebr. *terúá* geralmente designa as aclamações de uma multidão, por exemplo, na sagração de um rei (23,21; 1Rs 34,40). Quando se trata do som de um instrumento, a *terúá*, pelo que sabemos, era uma espécie de trinado.

z. Nada se diz dos outros acampamentos, visto que a continuação é evidente. O gr. contido completo: quando derdes um terceiro sinal, o acampamento do oeste partirá etc.

a. Em todo o Oriente, a *trombeta reta* era um instrumento raro, reservado aos sacerdotes. Cf. 10,1 nota.

b. A campanha assume assim um caráter sagrado, o que era tradicional em Israel antes da realza (Dt 20; 23,15). A guerra era travada com Deus ao lado, e até em seu nome, sob sua direção.

c. Encontra-se aqui o traço de um uso muito antigo. Os povos da Antiguidade acreditavam na eficácia das trompas e trombetas para chamar seus deuses e amedrontar os deuses inimigos.

d. Se completarmos este dado com Ex 19,1, veremos que a estada no Sinai durou exatamente doze meses.

e. Para este v. são possíveis dois sentidos: a) para esta primeira partida a ordem foi dada excepcionalmente por Moisés e não pela nuvem, como o prevê 9,18; b) era a primeira vez que adotavam o dispositivo indicado por Moisés em nome do Senhor (cap. 2).

f. É a ordem prevista no cap. 2. Os dois grupos mais numerosos foram respectivamente a vanguarda (Judá) e a retaguarda (Dan).

cito dos filhos de Judá sob as ordens de Nahshon, filho de Aminadab, ¹⁵o exército da tribo dos filhos de Issacar, sob as ordens de Netanel, filho de Şuar, ¹⁶o exército da tribo dos filhos de Zabulon, sob as ordens de Eliab, filho de Helon. ¹⁷A morada foi desmontada; os filhos de Guershon e os filhos de Merari partiram, transportando a morada.

¹⁸O grupo do acampamento de Rúben partiu com seus exércitos; o exército de Rúben estava sob as ordens de Elişur, filho de Shedeur, ¹⁹o exército da tribo dos filhos de Simeão, sob as ordens de Shelumiel, filho de Şurishadai; ²⁰o exército da tribo dos filhos de Gad, sob as ordens de Eliasaf, filho de Deuel. ²¹Em seguida, partiram os qehatitas, levando o santuário; os outros levantavam a morada antes de eles chegarem. ²²Em seguida partiu o grupo do acampamento dos filhos de Efraim com seus exércitos. O exército dos filhos de Efraim estava sob as ordens de Elishamá, filho de Amihud, ²³o exército da tribo dos filhos de Manassés, sob as ordens de Gamliel, filho de Pedaşur, ²⁴o exército da tribo dos filhos de Benjamin, sob as ordens de Abidan, filho de Guideoni. ²⁵Por fim, partiu na retaguarda de todos os acampamentos, o grupo do acampamento dos filhos de Dan, com seus exércitos. O exército dos filhos de Dan estava sob as ordens de Ahiézer.

filho de Amishadai, ²⁶o exército da tribo dos filhos de Aser, sob as ordens de Paguiel, filho de Okran, ²⁷o exército da tribo dos filhos de Neftali, sob as ordens de Aşirá, filho de Enan. ²⁸Foi nesta ordem que partiram os filhos de Israel com seus exércitos. Eles partiram...

Quem vai guiar o povo? ²⁹Moisés disse a Hóbab, filho de Reuel, o Midianita, seu sogro: "Partimos para o lugar do qual o SENHOR disse: 'Eu vo-lo dou'. Vem conosco. Faremos com que participes da felicidade que o SENHOR prometeu a Israel". ³⁰Hóbab respondeu: "Não irei; quero ir para a minha terra, para a minha parentela". ³¹Moisés insistiu: "Não nos abandonem! Tu conheces os lugares onde devemos acampar no deserto, e tu nos servirás de guia". ³²E se vieses conosco, quando alcançarmos o bem que o SENHOR nos quer conceder faremos com que participes dele".

³³Partiram da montanha do SENHOR¹ para uma caminhada de três dias^m. A arca da aliança do SENHOR havia partido antes deles para esta marcha de três dias, a fim de reconhecer o lugar onde poderiam acampar. ³⁴A nuvem do SENHOR os cobria durante o dia, no momento em que deixavam o acampamento.

³⁵Quando a arca partiaⁿ, Moisés dizia: "Levanta-te, SENHOR! Teus inimigos se

g. Aqui é especificado o plano de 2.17: os levitas partem em dois grupos separados.

h. Reencontramos aqui e até o fim do cap. 14 a tradição "javista", combinada com elementos "eloístas". Podemos atribuir ao Eloísta, sem dúvida, 10.33-36; 11.17.24-30; 12. Nos caps. 13-14, esta tradição complexa é combinada com a tradição "sacerdotal".

i. Israel tinha necessidade de guias para atravessar o deserto. Para isto, Moisés dirige-se aos midianitas, tribo do deserto à qual estava ligado por sua mulher Şiporá. — O texto não é claro, pois não se sabe se Hóbab (cf. Jz 1.16; 4.11) ou Reuel (Ex 2.18) é o sogro de Moisés, tanto mais que Ex 18.1 lhe dá o nome de *litró*. Há várias tradições divergentes que aliam Moisés seja aos qenitas (Hóbab é qenita), seja aos midianitas (Reuel, *litró*). A primeira deve ter suplantado a segunda quando a hostilidade entre Midian e Israel se desenvolveu (25.17-18; 31.1-18). Poder-se-ia esclarecer o texto supondo que Reuel é nome de tribo, o que daria Hóbab, o *reuelita*, ou então dando a *hotén*, "sogro", o sentido mais amplo que ele às vezes tem: "parente por aliança". j. Lit. *tu serás nossos olhos*: expressão corrente entre os nômades.

k. Não sabemos se, finalmente, Hóbab aceitou. A única indicação que permitiria supor isto é fornecida por Jz 4.11, que assinala a presença de seus descendentes na Palestina. A tradição "javista" sobre Hóbab é interrompida. O guia humano é substituído pela arca, graças à qual o Senhor conduz o seu povo pessoalmente. Os vv. 33-36 são "eloístas": descrevem um povo a caminho, seguindo a arca, avançando para a terra na qual se há de instalar. A tradição "sacerdotal", ao invés, situa a arca no meio do povo: para esta tradição, Israel já encontrou sua estrutura definitiva, apesar de ainda estar a caminho.

l. É o único caso em que o Sinai é designado dessa forma. Habitualmente é a "montanha de Deus".

m. Quando da saída do Egito, previa-se que uma marcha de três dias precederia um sacrifício (Ex 3.18; 5.3). É possível que as três etapas aqui mencionadas preparem a celebração de uma festa que não deixou vestígios no relato.

n. Na edição "masorética" do texto hebr., um sinal especial indica que os vv. 35 e 36 não estão em seu lugar. Efetivamente, estão pouco ligados ao contexto; o gr. transpõe o v. 34 para depois do v. 36, o que seria mais lógico.

dispersarão, teus adversários fugirão de diante de ti!" ³⁶E quando ela estaciona-

va, dizia: "Volta, SENHOR!³⁷... Inumeráveis são os milhares de Israel".

PRIMEIRAS ETAPAS, PRIMEIRAS CRISES

11 ¹Certo dia, o povo se entregou a lamentações², e o SENHOR as ouviu com desgosto. Ao ouvi-las, o SENHOR se inflamou de cólera. O fogo do SENHOR³ devastou o povo e devorou uma extremidade do campo. ²O povo lançou brados a Moisés, que intercedeu junto ao SENHOR; e o fogo se apagou. ³Deu-se⁴ a este lugar o nome de Tabeerá⁵, porque o fogo do SENHOR ardera entre os filhos de Israel.

O povo reclama carne. ⁴Houve entre eles uma mescla⁶ de gente que foi tomada pela cobiça; os próprios filhos de Israel se puseram a chorar: "Quem nos dará carne para comer?" ⁵Lembramo-nos do peixe que comíamos de graça no Egito, dos pepinos, dos melões, das verduras, das cebolas, do alho! ⁶Entretanto agora nossa vida definha; nada mais temos! Nada vemos além de maná⁷. ⁷O maná era parecido com a semente de coentro; tinha a aparência do bdélio⁸. ⁸O povo se dispersava para recolhê-lo; em seguida, o moíá na mó ou o pisava num pilão; cozia-o em panelas e fazia bolos. O maná tinha o gosto de bolo amassado no azeite. ⁹À noite, quando o orvalho caía sobre o acampamento, caía também o maná. ¹⁰Moisés ouviu o povo

que chorava, agrupado por clãs, cada qual à entrada de sua tenda. A ira do SENHOR se inflamou em viva cólera e Moisés levou a coisa⁹ a mal. ¹¹"Por que, disse ele ao SENHOR, queres fazer mal a teu servo? Por que caí em desgraça diante de ti, a ponto de me impores o jugo de todo este povo?" ¹²Fui eu, porventura, quem concebi todo este povo? Fui eu quem o pus no mundo, para que me digas: "Leva-o em teu regaço como uma ama¹⁰ carrega a criança", e isto até a terra que prometeste a seus pais? ¹³Onde encontrarei carne para dar a todo este povo que me segue em lágrimas e me diz: "Dá-nos carne para comer?" ¹⁴Não posso carregar sozinho todo este povo; é muito pesado para mim. ¹⁵Se é assim que me tratas, dá-me antes a morte! — se é que ao menos encontrei graça a teus olhos! Que eu não tenha de sofrer minha triste sorte!" ¹⁶O SENHOR disse a Moisés: "Reúne-me setenta anciãos de Israel, homens que sabes serem anciãos e escribas do povo. Tu os levarás à tenda do encontro; lá eles se apresentarão contigo. ¹⁷Eu descerei ali e te falarei; tomarei um pouco do espírito¹¹ que está em ti para pô-lo neles; carregarão contigo o fardo do povo e não estarás

Ex 16,13-15

Ex 16,31

Ex 32,11

Ex 18,22

o. Este v., sem dúvida malconservado, é muito discutido. *Volta, Senhor...* evoca o retorno da arca a um santuário fixo, depois de uma expedição de curta duração. Os críticos procuraram reconstituir uma frase completa: *volta para as miríades de Israel*; outros corrigem *shubá*, "volta", por *shebá*, "assenta-te", que corresponderia bem ao *levanta-te* do v. 35; mas nem assim a seqüência do v. fica melhor explicada.

p. Lit. *o povo era como carpideiras*. Deve tratar-se de uma lamentação ritual semelhante à dos cultos cananeus (cf. Ez 8,14).

q. Sem dúvida alguma é da tenda — que a tradição "javista-eloísta" (Ex 33,7) supõe fora do acampamento — que parte o fogo devastador.

r. Lit. *ele deu*. O sujeito poderia ser Moisés.

s. *Tabeerá* significa "incêndio", destruição completa pelo fogo. t. Cf. Ex 12,38.

u. Outra tradução possível: *os filhos de Israel puseram-se a chorar em alta voz*, ou ainda, com o gr.: *os próprios filhos de Israel assentaram-se para chorar*.

v. O *coentro* é uma graminha cujos grãos moídos servem de condimento. O *bdélio* é a resina de uma árvore da Arábia. Deve-se notar que este texto insiste no caráter natural do maná, ao passo que Ex 16 e Dt 8,2-3 (e mais ainda Sb 16,20-21) sublinham seu aspecto miraculoso.

w. Não se percebe muito bem o que Moisés leva a mal: a atitude do povo, a cólera do Senhor ou sua própria situação?

x. O hebr. *omên* significa literalmente "aquele ou aquela que carrega um bebê", mas sem o alimentar. *Ama* é apenas uma tradução aproximada, na falta de um termo vernáculo que corresponda exatamente ao hebr.

y. Lit. *que eu não viva na minha pena*, expressão que os copistas judeus substituíram ao original *em tua pena*, isto é, na pena que me infliges.

z. *Espírito* designa aqui o conjunto das qualidades que Deus concede a um homem em vista de determinada missão. No v. 29, tratar-se-á propriamente do *Espírito do Senhor*, a fonte do espírito vital dado a cada homem e de diversos *espíritos* concedidos a certos membros do povo de Deus (juizes, reis, profetas, artesãos).

mais sozinho para levá-lo. ¹⁸E dirás ao povo: 'Santificai-vos para amanhã e preparai-vos para comer carne'. Pois apresentastes ao SENHOR esta queixa: quem nos dará carne para comer? Estávamos tão bem no Egito! Por isso, o SENHOR vos dará carne, e vós a comereis, ¹⁹e não comereis apenas um dia ou dois, nem cinco, dez ou vinte, ²⁰mas durante todo um mês, até que saia pelas vossas narinas, até que vos provoque fastio. Tudo isto acontecerá porque rejeitastes o SENHOR que está no meio de vós e porque apresentastes esta queixa: então, por que saímos do Egito?"

²¹Moisés disse: "Este povo no meio do qual me encontro conta seiscentos mil homens de infantaria; e tu dizes: 'Eu lhe darei carne e terão de comer durante um mês inteiro'! ²²Mesmo que se abatessem para eles rebanhos de ovelhas e bois, ser-lhes-iam suficientes? Se fosse possível pescar para eles todos os peixes do mar, ser-lhes-iam suficientes?" ²³O SENHOR disse a Moisés: "Seria tão curto o braço^b do SENHOR? Agora verás se minha palavra se realiza ou não para ti".

Os setenta anciãos. ²⁴Moisés saiu da tenda e relatou ao povo as palavras do SENHOR; reuniu setenta dos anciãos do povo, e os dispôs em torno da tenda. ²⁵O SENHOR desceu na nuvem e lhe falou: tomou um pouco do espírito que estava em Moisés para dá-lo aos setenta anciãos. Quando o espírito pousou sobre eles, puseram-se a profetizar^c, mas não continuaram. ²⁶Dois homens haviam permanecido no acampamento; um deles se chamava Eldad e o outro Medad; o espí-

rito pousou sobre eles — com efeito, eles estavam na lista, mas não tinham saído para ir à tenda — e profetizavam no acampamento^d. ²⁷Um jovem correu e foi avisar a Moisés: "Eldad e Medad estão profetizando no acampamento!" ²⁸Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude era o auxiliar de Moisés, interveio: "Moisés, meu senhor, proíbe-os!" ²⁹Moisés replicou: "Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo do SENHOR se tornasse um povo de profetas, sobre o qual o SENHOR pusesse seu espírito!" ³⁰Moisés voltou para o acampamento e com ele os anciãos de Israel.

As codornizes. ³¹Levantou-se um vento enviado pelo SENHOR; trouxe do mar codornizes e as abateu sobre o acampamento e em todo o derredor, numa extensão de um dia de marcha, de um lado e do outro do acampamento; elas cobriam a terra numa espessura de dois côvados. ³²E o povo esteve de pé todo aquele dia, toda aquela noite e o dia seguinte para recolher as codornizes. Quem recolheu menos recolheu dez hômetros^e. Eles as estenderam^f em redor de todo o acampamento. ³³A carne estava ainda entre seus dentes, e ainda não haviam acabado de mastigá-la quando o SENHOR se inflamou de cólera contra o povo e lhe desferiu um golpe fortíssimo^g. ³⁴Deu-se a este lugar o nome de Qibrot-Taavá — Sepulcros da cobiça —, pois foi ali que se enterrou a multidão dos que se tinham deixado levar pela cobiça.

Moisés, único mediador. ³⁵De Qibrot-Taavá, o povo partiu para Haaserot. Estavam em Haaserot,

a. Para uma refeição sagrada é necessário estar em estado de pureza ritual. Com mais razão ainda deve-se purificar o coração para acolher uma intervenção de Deus. Sem estas disposições de abertura e de pureza, não se pode encontrar a Deus sem risco (cf. Ex 19,10-15,22).

b. Lit. *a mão*.

c. *Profetizar* tem aqui seu sentido primitivo de "entrar em transe, cair em êxtase" (cf. 1Sm 10,10ss.). Essas manifestações, que caracterizam a profecia em suas origens, não são senão um elemento acessório e transitório da presença do espírito dado pelo Senhor. Não se encontra isto em Moisés, embora ele tenha recebido a parte mais importante desse espírito de profecia.

d. O dom do espírito não está ligado a um lugar. Não é distribuído ao acaso; é dado somente aos que Deus escolheu por intermédio de Moisés.

e. 10 hômetros equivaliam a pouco mais do que 4 metros cúbicos. A maior parte das mercadorias eram medidas em volume e não em peso.

f. Estendiam-se para fazê-las secar. Era a única maneira possível de conservação no deserto.

g. Esta fome canina, este desejo ardente de carne, eram uma recusa de contentar-se com o alimento enviado por Deus, o maná. O povo rejeitava com isso toda ação de Deus, o que exprime o rigor do castigo: *um golpe*, isto é, uma "epidemia".

12 ¹quando Miriâm — e também Aarão — criticou Moisés por causa da mulher kushita que ele havia tomado por esposa; pois ele havia depositado uma kushita^h. ²Eles disseram: “Porventura o SENHOR falou somente a Moisés? Não falou também a nós?” E o SENHOR os ouviu. ³Moisés era um homem muito humilde, mais humilde que qualquer outro sobre a terra. ⁴Subitamente, o SENHOR disse a Moisés, Aarão e Miriâm: “Saí os três para a tenda do encontro”. Os três foram para lá. ⁵O SENHOR desceu numa coluna de nuvem e se deteve à entrada da tenda; chamou Aarão e Miriâm, e ambos se adiantaram^k. ⁶Ele disse: “Ouve as minhas palavras: se há entre vós um profeta, é numa visão que eu, o SENHOR, me dou a conhecer a ele; é num sonho que lhe falo. ⁷Assim não se dá com o meu servo Moisés, ele que é meu homem de confiança para toda a minha casa; ⁸falo-lhe de viva voz! — deixando-me ver — e não em linguagem cifrada; ele vê a forma^m do SENHOR.

Hb 3,2

PRIMEIRA TENTATIVA DE PENETRAÇÃO EM CANAÃ

13 A missão dos doze exploradores. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Envia homens para explorar a terra de Canaã, que eu dou aos filhos de Israel. Enviareis um homem por tribo, cada um pela tribo de seus pais; serão todos to-

Como, pois, ousais criticar meu servo Moisés?”

⁹O SENHOR se inflamou de cólera contra eles e se retirou. ¹⁰A nuvem retirou-se de cima da tenda, e eis que Miriâm tinha ficado com lepra: estava branca como a neve. Aarão voltou-se para ela e viu que estava com lepra. ¹¹Ele disse a Moisés: “Ó, meu senhor, peço-te, não faças cair sobre nós o pecado que cometemos, insensatos e pecadores que fomos! ¹²Ó, que Miriâm não se torne como o natimorto, cuja carne já está meio consumida ao sair do seio de sua mãe!” ¹³Moisés clamou ao SENHOR: “Ó Deus, digna-te curá-la!” ¹⁴E o SENHOR disse a Moisés: “Se seu pai lhe cuspiu no rosto, não ficaria ela coberta de vergonha por sete dias? Seja ela, pois, excluída do acampamento durante sete dias; depois disso, retorne a seu lugar”. ¹⁵Excluiu-se, pois, Miriâm do acampamento durante sete dias, e o povo não partiu antes que ela retomasse o lugar”. ¹⁶Depois disso, o povo partiu de Hazerot e foi acampar no deserto de Paran.

5,2-3
Lv 13,46

Dt 1,19-40

13 A missão dos doze exploradores. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Envia homens para explorar a terra de Canaã, que eu dou aos filhos de Israel. Enviareis um homem por tribo, cada um pela tribo de seus pais; serão todos to-

mos dentre os responsáveis pelos filhos de Israel.” ³Por isso, conforme a ordem do SENHOR, Moisés os enviou do deserto de Paran; todos os homens eram chefes dos filhos de Israel^p. ⁴Eis seus nomes: da tribo de Rúben, Shamua, filho

h. *Kushita* normalmente significa etíope, mas talvez também midianita (Hab 3,7 põe em paralelo *Kushan* com *Midian*). Este v. levanta muitos problemas: trata-se de Siporá, a mulher midianita de Moisés (Ex 2, 21) ou de uma segunda mulher que teria desposado neste momento? Qual é o objeto das críticas de Miriâm: o casamento de Moisés com uma estrangeira, o fato de que tome uma segunda mulher, ou ainda (como pensa toda a tradição judaica) o fato de que se tenha separado de sua mulher “kushita”?

i. Ex 15,20 dá a Miriâm o título de profetisa. Nenhum texto, pelo contrário, fala de revelações feitas somente a Aarão.

j. Subentende-se “do acampamento”. Nos relatos “eloístas”, a tenda é imaginada fora do acampamento (cf. Ex 33,7).

k. Lit. *saíram*, isto é, separaram-se do grupo. Pode-se também supor que haja aqui outro relato, que o v. 4 não conhece; neste caso dever-se-ia compreender: “eles saíram do acampamento”.

l. Lit. *de boca em boca*, o que evoca um diálogo, um intercâmbio entre duas pessoas (cf. Ex 33,11 e Dt 34,10).

m. A palavra *temuná*, “forma, silhueta”, poderia designar, como em Ex 33,20-23, uma pessoa vista de costas. A *forma* distingue-

-se, em todo caso, da *face* do Senhor, que Moisés, como qualquer outro homem, não poderia ver sem morrer.

n. Os comentaristas judeus sublinham este fato de que todo mundo, inclusive o Senhor, deva esperar Miriâm. A importância que os textos atribuem à irmã de Moisés relaciona-se com o papel que ela desempenhou junto a Moisés, quando ele era criança.

o. Neste episódio mesclam-se dois relatos, um “sacerdotal” (P), quase completo, o outro “javista” (J), reduzido a fragmentos. Distinguem-se por detalhes geográficos (P situa a cena em Paran e J em Qadesh) e históricos (P associa Josué e Caleb, o que J não faz), e sobretudo pela significação dada à expedição: para J é uma missão de reconhecimento que prepara a invasão; para P, um ato jurídico, a inspeção do território do qual se vai tomar posse (cf. Lc 22,18).

p. No cap. 1, mencionam-se os chefes das tribos. Aqui, trata-se de chefes subalternos, chefes de clãs ou de famílias. Seus nomes não são mencionados em outros lugares, a não ser os de Josué e de Caleb.

de Zakur; ⁵da tribo de Simeão, Shafat, filho de Hori; ⁶da tribo de Judá, Kaleb,^q filho de Iefuné; ⁷da tribo de Issacar, Igal, filho de José; ⁸da tribo de Efraim, Hoshea, filho de Nun; ⁹da tribo de Benjamim, Palti, filho de Rafu; ¹⁰da tribo de Zabulon, Gadiel, filho de Sodi; ¹¹da tribo de José — da tribo de Manassés — Gadi, filho de Susi; ¹²da tribo de Dan, Amiel, filho de Guemali; ¹³da tribo de Aser, Setur, filho de Mikael; ¹⁴da tribo de Neftali, Nahbi, filho de Vofsi; ¹⁵da tribo de Gad, Güel, filho de Maki.

¹⁶Estes são os nomes dos homens que Moisés enviou para explorar a terra; Moisés deu a Hoshea, filho de Nun, o nome de Josué^r.

¹⁷Moisés os enviou para explorar a terra de Canaã. "Subi pelo Négueb, disse-lhes; escalai a montanha!"^s e vereis como é a terra, se o povo que a habita é forte ou fraco, se a população é escassa ou numerosa. ¹⁸Vereis se a terra habitada por esse povo é boa ou má e se as cidades em que mora são acampamentos ou fortalezas. ¹⁹Vereis se a terra é fértil ou estéril, se tem matas ou não. Esforçai-vos para trazer frutos da terra." — Com efeito, era a época das primeiras uvas. — ²¹Subiram e exploraram a terra desde o deserto de Sin até Rehob, junto a Lebô-Hamat^t. ²²Subiram pelo Négueb e chegaram até Hebron, onde viviam Aşiman,

Sheshai e Talmi, descendentes dos anaquitas^u. — Hebron havia sido fundada sete anos antes de Tânis no Egito^y. — ²³Chegaram até o vale de Eshkol^z, onde cortaram um ramo de videira com um cacho de uvas que levaram numa vara transportada por dois homens^z. Colheram também romãs e figos. ²⁴Este lugar passou a ser chamado vale de Eshkol — vale do Cacho — por causa do cacho que os filhos de Israel colheram ali.

²⁵Ao cabo de quarenta dias, voltaram da expedição feita à terra. ²⁶Vieram ao encontro de Moisés, Aarão e toda a comunidade de Israel, no deserto de Paran, em Qadesh^z. Prestaram-lhe contas, bem como a toda a comunidade, e mostraram-lhe os frutos da terra. ²⁷Fizeram a Moisés o seguinte relato: "Fomos para a terra à qual nos enviaste, e realmente é uma terra que mana leite e mel; aqui estão os frutos!"^z ²⁸Todavia, o povo que a habita é poderoso, as cidades são imensas fortalezas, e chegamos até a ver ali os descendentes dos anaquitas. ²⁹Amaleq habita a região do Négueb; os یتیتים, os icbussitas e os emoritas moram na montanha e os canaanitas habitam na orla marítima^z e ao longo do Jordão^z. ³⁰Kaleb fez calar o povo que se opunha a Moisés: "Vamos!", disse ele, subamos e apoderemo-nos da terra; certamente chegaremos a dominá-la". ³¹Mas os homens que haviam

Ex 3,8

Gn 15,19:
Ex 3,17

q. Kaleb pertencia ao clã de Quenaz (cf. Js 14,6), aliado à tribo de Judá.

r. Era de se esperar que este v. aparecesse depois do v. 11. s. O novo nome *Yehoshua* (Josué, Jesus) contém o nome de YHWH, o Senhor; não é o caso dos outros nomes da lista. A tradição "sacerdotal" quer enfatizar desta forma que os homens nascidos antes do Êxodo ainda não conheciam o Senhor. A aliança do Sinai os põe em relação com ele; a mudança do nome de Josué simboliza esta nova situação. Mas indica também, como em toda a Bíblia, uma mudança de personalidade, ligada à sua nova função de auxiliar de Moisés. Nenhum relato explícito quando se realizou esta mudança de nome; a forma Josué já figura em Ex 17,9-14; 24,13; 32,17; 33,11.

t. A *montanha* designa aqui os montes da Judéia. Vê-se pelo v. 22 que, na perspectiva "javista", a exploração se limitou ao sul deste maciço, ao passo que para a tradição "sacerdotal" ela se estende a todo o futuro território de Israel.

u. O *deserto de Sin* (a nordeste de Qadesh) constitui, segundo 34,4, o limite meridional da Terra Prometida. *Rehob* (cf. Jz 18,28) não foi identificado, mas devia estar próximo de *Lebô-Hamat* que, segundo 34,8 e Js 13,5, marca o limite setentrional do país.

Portanto, o relato "sacerdotal" faz os exploradores percorrerem a terra de ponta a ponta, o que representa um trajeto de 600km. No relato "javista" (v. 22), eles não ultrapassam Hebron, a 120km de Qadesh.

v. Os *anaquitas* habitavam as montanhas da Judéia antes da chegada de Israel. Deste povo conhecemos apenas o nome, e bem depressa a lenda se apoderou dele; assim é que os anaquitas eram considerados gigantes (v. 33; Dt 2,10; 9,2; Js 11,21).

w. Os arqueólogos fixam por volta de 1730 a.C. a reconstrução de Tânis (no delta do Nilo), na época da migração dos hicsos.

x. Vale ao norte de Hebron.

y. A palavra hebr. pode designar também uma *padrão* (4,10 etc.).

z. Na realidade, *Qadesh* está no deserto de Sin (20,1; 33,36). Temos aqui a junção entre os dois relatos, o "sacerdotal" que situa o povo no deserto de Paran e o "javista" que o situa em Qadesh.

a. Trata-se do Mediterrâneo. Temos aqui (na pena do Javista) a descrição mais precisa em toda a Bíblia das populações palestinas. A menção aos *amalequitas*, que já se haviam mostrado inimigos de Israel (Ex 17,8-16), é um argumento a mais para desencorajar o povo.

subido com ele disseram: "Não podemos atacar este povo, pois é mais forte do que nós". ³²E começaram a depreciar^b, diante dos filhos de Israel, a terra que haviam explorado: "A terra que percorremos para explorar, diziam eles, é uma terra que devora seus habitantes^c e todas as pessoas que vimos lá eram homens de grande estatura. ³³E vimos lá esses gigantes, os filhos de Anaq, da raça dos gigantes; tínhamos a impressão de sermos gafanhotos diante deles, e foi precisamente desta forma que eles nos viram".

Lv 26,38;
Ez 36,13

Gn 6,4

14 O povo se recusa a avançar. ¹Toda a comunidade, em coro, se pôs a clamar; e o povo passou a noite chorando. ²Todos os filhos de Israel protestaram contra Moisés e Aarão; a comunidade inteira lhes disse: "Oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito! Oxalá tivéssemos morrido nesse deserto! ³Por que o SENHOR nos traz para esta terra onde seremos passados ao fio da espada? Nossas mulheres e crianças serão capturadas. Não seria melhor que voltássemos para o Egito?" ⁴E diziam uns aos outros: "Nomeemos um chefe e voltemos para o Egito!" ⁵Moisés e Aarão prostraram-se com o rosto por terra diante de toda a comunidade dos filhos de Israel reunidos. ⁶Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Iefuné, que haviam tomado parte na exploração da terra, rasgaram suas vestes. ⁷Disseram a toda a comunidade dos filhos de Israel: "Esta terra que fomos explorar é uma terra excelente! ⁸Se o SENHOR nos for propício, nos levará para

Ex 14,11-12;
16,3

At 7,39

esta terra e nos dará esta terra que mana leite e mel. ⁹Não vos revolteis contra o SENHOR; não temais a gente desta terra; pois nós os engoliremos de uma só vez! A sombra de seus deuses^d afastou-se deles, ao passo que o SENHOR está conosco. Não temais!"

Moisés se interpõe entre Deus e seu povo. ¹⁰Toda a comunidade falava em apedrejá-los, quando a glória do SENHOR apareceu a todos os filhos de Israel sobre a tenda do encontro. ¹¹O SENHOR falou a Moisés: "Até quando este povo me desprezará? Até quando se recusará a acreditar em mim, apesar de todos os sinais^e que realizei no meio deles? ¹²Vou feri-los com a peste e privá-los de sua herança, e farei de ti um povo maior e mais poderoso do que este". ¹³Moisés disse ao SENHOR^f: "Egípcios ouviram^g que foi tua força que fez este povo subir do meio deles, ¹⁴e eles o disseram também aos habitantes desta terra; eles ouviram que tu, SENHOR, estás no meio deste povo; que és tu, SENHOR, que te revelas a eles olhos nos olhos^h; tua nuvem se detém sobre eles; tu mesmo os precedes de dia numa coluna de nuvem, de noite numa coluna de fogo. ¹⁵E farias perecer todo este povo como um só homem? Então os povos que ouviram falar do teu renome diriam: ¹⁶'O SENHOR não foi capaz de fazer este povo entrar na terra que lhe havia prometido; eis por que os massacrrou no deserto'. ¹⁷Que agora o poder de meu Senhor se desdobre! Falaste nestes termos: ¹⁸'Eu sou o SENHOR, lento para a cólera e cheio de bondade fiel, que tolero

Ex 32,10-13

Ex 32,11-14;
Dt 9,25-299,15-16;
12,5;
Ex 13,21-22

1Cor 10,5

Ex 20,5-6;
34,6-7;
Dt 5,9-10;

b. Encontra-se aqui o relato "sacerdotal" que confere ao relatório dos exploradores um conteúdo puramente negativo.

c. Isto é, uma terra onde a vida é impossível porque é malsã, estéril, infestada de animais selvagens; ou ainda porque ali a guerra campeia sem repouso (cf. Ez 36,13-15).

d. Isto é, a proteção de seus deuses. Também a proteção do Senhor é comparada a uma *sombra* em vários textos: Sl 91,1; 121,5; Lm 4,20; Lc 1,35.

e. Outra tradução possível, mas menos justificada: *de crer em mim e em meus sinais*.

f. Toda vez que intercede pelo povo (Ex 32,12; Dt 9,25), Moisés desenvolve este argumento: ao intervir na história de Israel, Deus se comprometeu de maneira irrevogável. Ele não

pode contradizer-se sem comprometer a própria honra (cf. Ez 36,16-23).

g. Esta frase, sem dúvida incompleta, é surpreendente: os egípcios ficaram sabendo não porque tenham ouvido dizer, mas porque viram. Mas os relatos do Êxodo mostram que os acontecimentos que cercaram a partida de Israel foram bem localizados, referindo-se apenas aos habitantes do delta do Nilo. *Egípcios*, de resto, apresenta-se aqui sem artigo; portanto, a palavra não designa todos os egípcios.

h. Esta expressão, que só se encontra em Is 52,8 (mas num contexto diferente), indica a proximidade do Senhor, a intimidade na qual introduz seu povo. Não significa que Israel veja o Deus invisível.

Jn 4,2
SI 86,15;
103 a iniquidade e a rebeldia, mas sem nada deixar passar, e que visita a iniquidade dos pais nos filhos até três ou quatro gerações'. ¹⁹Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, como o pede a grandeza de tua bondade e como suportaste este povo desde o Egito até aqui".

²⁰O SENHOR respondeu: "Perdão, como tu pedes. ²¹Contudo, certo como eu vivo e a glória¹ do SENHOR enche toda a terra, ²²nenhum desses homens que viram a minha glória e os sinais que realizei, no Egito e no deserto, e que já me puseram à prova dez vezes, sem me escutar, ²³nenhum deles, eu juro, verá a terra que prometi a seus pais; nenhum dos que me desprezaram a verá. ²⁴Mas meu servo Kaleb², visto que outro espírito o anima e que me seguiu sem hesitação, eu o levarei para a terra na qual esteve; seus descendentes tomarão posse dela. ²⁵Mas os amalequitas e os canaanitas habitarão a planície³. A partir de amanhã, dai meia volta e retornai ao deserto, em direção ao mar dos Juncos⁴".

A primeira geração é condenada. ²⁶O SENHOR falou a Moisés e a Aarão dizendo: ²⁷"Até quando me importunará esta comunidade malvada que não cessa de protestar contra mim? Ouvi muito bem os protestos que os filhos de Israel não cessam de proferir contra mim. ²⁸Dize-lhes, pois: 'Certo como eu vivo^m — oráculo do SENHOR —, juro que vos tratarei de acordo com o que vos ouvi dizerⁿ'. ²⁹É

neste deserto que tombarão vossos cadáveres, vós todos que fostes recenseados a partir da idade de vinte anos, todos vós que protestastes contra mim! ³⁰Eu juro, não entrareis na terra em que fiz juramento^p de vos estabelecer, a não ser Kaleb, filho de Iefuné, e Josué, filho de Nun. ³¹Quanto a vossos filhos, dos quais dissetes que seriam capturados, eu os guiarei para lá; conhecerão a terra que vós não quisestes. ³²Quanto a vós, os vossos cadáveres tombarão neste deserto. ³³Vossos filhos serão pastores neste deserto^p durante quarenta anos; eles carregarão o castigo de vossas infidelidades^q até que vossos cadáveres estejam todos espalhados neste deserto. ³⁴Assim como a vossa exploração da terra durou quarenta dias, da mesma forma, à razão de um ano por um dia, carregareis durante quarenta anos^r os sofrimentos de vossas faltas e sabereis quanto custa incorrer na minha reprovação^s. ³⁵Eu falei, eu mesmo, o SENHOR; juro que assim agirei contra toda esta comunidade malvada que se uniu contra mim: todos eles findarão neste deserto; aqui morrerão^t". ³⁶Quanto aos homens que Moisés havia enviado para explorar a terra e que, ao voltar, falando mal da terra excitaram contra ele toda a comunidade, ³⁷esses que tiveram a malvadeza de desacreditar a terra, morreram de morte brutal^u diante do Senhor. ³⁸Josué, filho de Nun, e Kaleb, filho de Iefuné, foram os únicos sobreviventes dos que tinham ido explorar a terra.

1. A glória do Senhor é seu poder, a intensidade de seu ser. São também as manifestações deste poder, tanto na natureza como na história. Assim, a terra dá testemunho da grandeza de seu criador; neste sentido pode-se dizer que está cheia da glória do Senhor (cf. Is 6,3; SI 57,6; Jz 1,20; Rm 1,20). Da mesma forma, Israel pôde descobrir a glória de seu Deus nos acontecimentos de sua história (cf. v. 22).

j. Kaleb é o nome de um clã, aliado de Judá, que se instalou ao sul do maciço da Judéia (Jz 1,20). A conquista rápida e fácil do território de Hebron pelos kalebitas (cf. Js 14,6-15) é explicada aqui (e em 32,12; Dt 1,36) pela atitude exemplar de seu antepassado. Outros textos (Js 14,6-14) relacionam Kaleb com o clã dos genizitas, aliados dos edomitas.

k. Kaleb só ocupará as regiões montanhosas; as planícies serão ocupadas a leste pelos cananeus e ao sul pelos amalequitas (cf. 13,29 e Jz 1,19).

l. Trata-se, aqui, do golfo de Áqaba (cf. 33,10 nota).

m. Lit. *eu vivo, oráculo do Senhor! Se não vos tratar...*

n. Israel, no v. 2, lamentava-se por não ter morrido no deserto: o Senhor vai pegá-lo pela palavra.

o. Lit. *onde eu levantara a mão para vos instalar* (cf. Ex 6,8).

p. Isto é, "nômades". Os desertos da península sinaitica não são totalmente áridos, e os nômades vivem ali parcialmente da criação de animais.

q. Lit. *prostituições*, que aqui têm o sentido figurado corrente entre os profetas.

r. *Quarenta dias e quarenta anos* (cf. 33,38; Ex 16,35; Dt 1,3; 2,7; 8,2; Js 5,6) são números redondos e não nos oferecem uma verdadeira explicação.

s. Lit. *de um golpe*, com uma praga. Geralmente emprega-se a palavra para as epidemias (cf. 11,33 nota).

Hb 3,17

14,3;
Dt 1,39

At 7,36

Fracasso de uma tentativa temerária.

³⁹Moisés relatou estas palavras a todos os filhos de Israel, e o povo entrou em grande luto. ⁴⁰No dia seguinte, de madrugada, subiram ao cume da montanha. Diziam: "Aqui estamos! Vamos subir para o lugar que o SENHOR designou; é verdade, nós pecamos". ⁴¹"Que fazeis lá?" disse Moisés. Estais transgredindo a ordem do SENHOR! Isso não dará certo. ⁴²Não subais, pois o SENHOR não está no meio de vós; não vades fazer-

-vos derrotar por vossos inimigos. ⁴³Os amalequitas e os canaanitas¹ estão diante de vós, e vós caireis sob suas espadas; visto que deixastes de segui-lo, o SENHOR não estará convosco."

⁴⁴Eles, porém, insistiram em subir ao cume da montanha, ao passo que nem a arca da aliança do SENHOR² nem Moisés se afastaram do acampamento. ⁴⁵Os amalequitas e os canaanitas que habitavam nessas montanhas desceram, derrotaram-nos e desbarataram-nos até Hormá³.

Dt 1,42-44

PRESCRIÇÕES DIVERSAS*

15 As oferendas vegetais. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²"Fala aos filhos de Israel, dizendo-lhes: Quando tiverdes entrado⁴ na terra onde tereis vossas moradias, e que eu vos darei, ³se oferecerdes oferendas consumidas ao SENHOR, um holocausto ou um sacrifício de animais pequenos ou grandes — seja para cumprir uma promessa, seja como sacrifício espontâneo, seja por ocasião de vossas solenidades —, se oferecerdes, pois, oferendas de agradável perfume, ⁴aquele que oferece este presente ao SENHOR apresentará uma oferenda de um décimo⁵ de farinha amassada com um quarto de hin de azeite; ⁵e como vinho para a libação, oferecereis um quarto de hin com o holocausto ou o sacrifício, se se trata de um cordeiro. ⁶Tratando-se de um carneiro, farás uma oferenda de dois décimos de farinha amassada com um terço de hin de azeite, ⁷e um terço de hin de vinho para a libação; apresentará ao SENHOR essas oferendas consumidas de odor aplacador. ⁸Se ofereceres

ao SENHOR um novilho em holocausto ou em sacrifício — para cumprir uma promessa ou como sacrifício de paz —, ⁹juntamente com o novilho será apresentada uma oferenda de três décimos de farinha amassada com meio hin de azeite; ¹⁰e como vinho para a libação, apresentarás meio hin. Estes serão oferendas queimadas de odor aplacador para o SENHOR. ¹¹Assim se fará para um novilho, para um carneiro, para um cordeiro ou uma cabra. ¹²Qualquer que seja o número dos animais que oferecerdes, assim fareis para cada um, qualquer que seja seu número. ¹³É assim que toda pessoa natural da terra oferecerá seus sacrifícios, quando apresentar ao SENHOR oferendas consumidas de odor aplacador. ¹⁴Se um migrante vier morar no meio de vós, ou se já estiver no meio de vós há várias gerações, ao oferecer ao SENHOR oferendas consumidas de odor aplacador, ele o fará como vós fazeis. ¹⁵Como assembleia tereis um só ritual para vós e para o migrante⁶ que mora no meio

Lv 24,22

t. Estes nomes não têm aqui o sentido preciso que tinham no v. 25. Dt 1,44 dá a estas mesmas populações o nome de *emoriitas* (*amorreus*), termo ainda mais geral.

u. Esta indicação explica como se realizou o anúncio do v. 42. Uma das funções da arca era assegurar a presença do Senhor no meio dos grupos; outras funções são atribuídas à arca em 7,89; 10,33 e Dt 10,1-5.

v. *Hormá* (cf. 21,3 e Jz 1,17) estava 4km a leste de Beer-Sheba. O revés de Israel tinha sido apenas parcial, visto que permanecia de posse do Négueb; mas este não era a terra prometida.

w. Aqui reencontramos a tradição "sacerdotal".

x. Como muitas outras leis do Pentateuco, estas só entrarão

em vigor depois da instalação em Canaã. A entrada nesta terra será um motivo suplementar para observá-las, em sinal de reconhecimento pelo dom do Senhor a seu povo. — Sobre estas oferendas existem outras prescrições mais antigas em Lv 6,13 e Ez 46,5-14.

y. Isto é, um décimo de *efá*, ou seja, entre um e dois litros. O *hin* valia entre dois e quatro litros. O principal elemento do sacrifício é a carne; acrescenta-se a ele uma oferenda de bolos ou de massa e uma libação de vinho, para constituir uma refeição completa (cf. Ex 29,40-41; Lv 2,1-10; Jz 9,9,13; 1Sm 1,24 etc).

z. O *migrante* é aqui totalmente assimilado (cf. também Ex 12,48-49).

de vós; será um ritual perene diante do SENHOR, para vós como para o migrante, por todas as gerações. ¹⁶Haverá uma só lei, uma só regra para vós e para o migrante que mora no meio de vós”.

Tributo sobre o pão. ¹⁷O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁸“Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: uma vez que tiverdes entrado na terra à qual vou conduzir-vos, ¹⁹quando comerdes do pão da terra, reservareis um tributo para o SENHOR. ²⁰Como primícias de vossas fornadas*, reservareis um pão a título de tributo; reservá-lo-eis do mesmo modo como o tributo da colheita^b. ²¹Das primícias das vossas fornadas, dareis um tributo ao Senhor; e assim por todas as gerações”.

Ritual para a expiação das faltas involuntárias. ²²Quando, por inadvertência, faltardes contra um desses mandamentos que o SENHOR ditou a Moisés — ²³todos os que o SENHOR vos prescreveu por intermédio de Moisés — desde o dia em que o SENHOR os prescreveu e de então em diante, de geração em geração, ²⁴e se esta falta involuntária foi cometida inadvertidamente pela comunidade^c, a comunidade inteira oferecerá ao SENHOR um novilho em holocausto de odor agradável, com a oferenda e a libação requeridas segundo o costume, assim como também um hode em sacrifício pelo pecado. ²⁵O sacerdote fará a absolvição por toda a comunidade dos filhos de Israel, e o perdão lhes será concedido. Pois se trata de uma falta por inadvertência, e eles ofereceram seu presente, oferendas consu-

midas para o SENHOR, como também seu sacrifício pela inadvertência. ²⁶O perdão será concedido a toda a comunidade dos filhos de Israel como também ao migrante que mora entre eles; porque foi todo o povo que ficou comprometido com esta inadvertência. ²⁷Se for uma só pessoa que cometeu uma falta por inadvertência, ela apresentará uma cabra de um ano como sacrifício pelo pecado. ²⁸O sacerdote fará diante do SENHOR o rito da absolvição da falta por inadvertência por esta pessoa que o cometeu; fará por esta pessoa o rito da absolvição, e o perdão lhe será concedido, ²⁹quer se trate de um filho de Israel, de um nativo ou de um migrante que mora entre eles; tereis uma única lei para aquele que comete uma falta por inadvertência.

³⁰Mas a pessoa que age deliberadamente^d, seja um nativo ou um migrante, comete uma injúria contra o SENHOR; tal pessoa será cortada de seu povo. ³¹Visto que desprezou a palavra do SENHOR e violou os seus mandamentos, é mister que seja eliminada^e: sua culpa lhe é imputada.

Um caso de violação do sábado. ³²No tempo em que os filhos de Israel estavam no deserto, um homem foi flagrado apanhando lenha em dia de sábado^f. ³³Os que o flagraram apanhando lenha levaram-no a Moisés, Aarão e toda a comunidade. ³⁴Foi posto sob guarda, porque ainda não se havia determinado qual a pena que lhe seria imposta. ³⁵Então o SENHOR disse a Moisés: “Este homem deve ser morto; toda a comunidade o apedrejará^g, fora do acampamento”. ³⁶To-

Lv 4,27-31

a. Poder-se-ia traduzir também: *masseiras* ou *massas* (cf. Ez 44,30; Ne 10,38). Daí no mesmo, visto que o grão era moído no mesmo dia e a farinha era usada imediatamente. É do pão de cada dia que se retira a parte reservada. Esta oferenda completava (ou substituíria) a oferenda das primícias depois da batidura.

b. Lit. *na eira*.

c. Na ótica dos textos “sacerdotais”, uma falta contra a vontade de Deus acarreta automaticamente a maldição. Afastar-se da lei do Senhor é separar-se da fonte da vida. Se a falta é involuntária, a ordem destruída será restabelecida por um sacrifício de reconciliação, o *rito de absolvição* frequentemente mencionado (Lv 4,2 nota, 14,22-30; 16,13-16), mas nunca descrito com precisão.

d. Lit. *com a mão elevada*. A falta voluntária não pode ser

reparada por meio de um rito. O culpado deve ser eliminado do meio do povo pela morte; mas não se diz de que maneira. O pecador pode ser eliminado pelo próprio Senhor (Dt 2,15; Nm 14,37) ou executado pela comunidade.

e. Lit. *deveras cortada*. Cf. Lv 7,20 nota.

f. A proibição de acender fogo era, desde a origem, um dos elementos essenciais da prática do sábado. O caso exposto aqui serve para introduzir uma lei ainda mais severa: a proibição de preparar o fogo. Sobre a pena de morte devida a toda violação do sábado, cf. Ex 31,14; 35,2. Sobre a maneira pela qual a lei é introduzida, cf. 9,6 nota.

g. O apedrejamento permitia uma execução coletiva, na qual cada um podia sentir-se diretamente responsável pela manuten-

da a comunidade o levou para fora do acampamento; foi apedrejado até a morte. Foi isto que o SENHOR havia ordenado a Moisés.

As franjas das vestes. ³⁷O SENHOR disse a Moisés: ³⁸“Fala aos filhos de Israel que façam uma franja^a nas bordas de suas vestes — isto vale para as gerações futuras — e ponham um fio de púrpura na franja em torno da veste. ³⁹Ele vos servi-

rá para formar a franja; ao vê-lo vos lembraréis de todos os mandamentos do SENHOR e os cumprireis, e não vos deixareis arrastar por vossos corações e vossos olhos que vos levariam à infidelidade¹. ⁴⁰Assim pensareis em cumprir todos os meus mandamentos e sereis santos para o vosso Deus. ⁴¹Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito² para ser, para vós, Deus. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.”

Ex 20,2;
Lv 22,33;
26,45

O POVO CONTESTA A AUTORIDADE DE MOISÉS E AARÃO^a

^{Jd 11}
^{Ex 6,16} **16** **Revolta de Qôrah.** ‘Qôrah,’ filho de Iîshear, filho de Qehat, filho de ^{Dt 11,6} Levi, arrastou Datan e Abirâm, filhos de Eliab e On^m, filho de Péletⁿ, descendentes de Rúben. ²Levantaram-se contra Moisés, juntamente com duzentos e cinquenta filhos de Israel; tratava-se de responsáveis da comunidade^o, delegados da reunião^p, pessoas de renome. ³Revoltaram-se contra Moisés e Aarão: “Basta! disseram-lhes. Todos os membros da comunidade são santos^q, e o SENHOR está no meio deles; com que direito vos elevais acima da assembléia do SENHOR?” ⁴Ao ouvir estas palavras, Moisés prostrou-se com o rosto em terra. ⁵Depois disse a Qôrah e a todo o seu grupo: ²Mt 2,19 “Amanhã cedo, o SENHOR fará conhecer

quem lhe pertence, quem é santo e quem é admitido a aproximar-se dele; aquele que ele escolher será admitido a aproximar-se do SENHOR^r. “Fazei, pois, isto: providenciari incensórios, vós, Qôrah e todo o seu grupo, ⁷e amanhã ponde fogo neles; deitai incenso sobre o fogo na presença do SENHOR. E o homem que o SENHOR escolher, esse é que será santo. Isto é tudo, filhos de Levi!”

Lv 10,1-3

“Moisés disse ainda a Qôrah: “Escutai, pois, filhos de Levi! ⁹Será muito para vós que o Deus de Israel vos tenha separado da comunidade de Israel para vos admitir junto de si, a fim de servir à morada do SENHOR e representar a comunidade quando oficiais por todos? ¹⁰Ele vos chamou para perto dele^s, a ti e a todos os

Dt 10,8

ção da ordem. Era também a expressão de que o culpado era rejeitado pela comunidade, visto que ninguém o tocava.

^h. A lei chegou até a codificar as normas de vestir, como sinal distintivo do povo de Israel. Dt 22,12 indica um costume um pouco diferente, sem dúvida mais antigo. O v. 39 dá à franja um significado simbólico que não é puramente artificial: dado o uso litúrgico da púrpura (Ex 28,28; 39,21.31), o fio púrpúreo evoca a consagração do povo.

ⁱ. Lit. *seguindo-os, vos prostituiríeis* (cf. 14,33 nota).

^j. Recordação da fórmula que abre o decálogo (Ex 20,2) e funda o direito do Senhor de impor sua lei. Os vv. 37-41 constituem com Dt 6,4-9 e 11,13-21 o *Shemá*, profissão de fé e oração diária dos israelitas.

^k. Esta passagem resulta da fusão de dois relatos: o “javista-elofista” (revolta de Datan e Abirâm contra Moisés) e o “sacerdotal” (revolta de Qôrah contra Aarão). — Este capítulo é citado inúmeras vezes na Bíblia. Dt 11,16 se refere ao primeiro relato apenas; Jd 11, ao segundo, enquanto Sl 106,16-18 e Sr 45,18 supõem os dois relatos fundidos.

^l. O texto hebr., que resulta da fusão das duas narrativas, não pode ser traduzido exatamente. Poderíamos entendê-lo ao menos de duas outras maneiras: 1) *Qôrah, filho de Iîshear... ganhou —*

ao passo que Datan e Abirâm... se levantaram contra Moisés — 250 dos filhos de Israel. 2) *Qôrah, filho de Iîshear... se revoltou. E Datan e Abirâm se levantaram contra Moisés, como também 250 filhos de Israel.*

^m. On: localidade não mencionada alhures. Talvez seja uma leitura errônea.

ⁿ. Em 26,5.8, o pai de Eliab é chamado de *Palu*, nome que talvez devesse ser posto no lugar de Pélet, que não se encontra em outro lugar. O texto seria reconstituído assim: *Abirâm, filho de Eliab, ele mesmo filho de Palu, filho de Rúben.*

^o. Trata-se de Datan e de Abirâm ou dos 250 que, segundo o relato que segue, parecem ser levitas? É difícil decidir. A expressão designa em 13,3 os chefes subalternos das tribos.

^p. Cf. 1,16.

^q. Santos. Cf. Lv Introd.

^r. *Aproximar-se* para trazer uma oferenda ou, neste caso, oferecer o incenso, é uma função propriamente sacerdotal (cf. Ex 30,7-8).

^s. Para a lista das funções levíticas, cf. Dt 10,8. A distinção entre sacerdotes e levitas, que não parece admitida por Dt 18,1-8, impôs-se definitivamente sob Josias (2Rs 23,8-9). Nm 16, da mesma forma que Ez 44,1-14, mostra que o problema ainda foi

teus irmãos levitas. E ainda ambicionais o sacerdócio! ¹¹Foi por isso que tu e todo o teu grupo vos unistes contra o SENHOR! Quem é Aarão, pois, para que murmurais contra ele?"

Revolta de Datan e Abirâm. ¹²Moisés mandou chamar Datan e Abirâm, filhos de Eliab. Eles declararam: "Não subiremos àquela terra. ¹³Acaso não é suficiente que nos tenhas feito subir de uma terra que mana leite e mel" para fazer-nos morrer no deserto? Pretendes ainda mandar em nós? ¹⁴Na realidade, tu não nos levaste para uma terra que mana leite e mel! Não nos deste em patrimônio nem campos, nem vinhas! Julgas que este povo é cego? Não subiremos!" ¹⁵Moisés ficou extremamente irado e disse ao SENHOR: "Não consideres a sua oferta". ¹⁶Não tomei deles um asno sequer, e não fiz mal a nenhum deles".

Qôrah ou Aarão? Deus vai julgar. ¹⁶Moisés disse a Qôrah: "Tu e teu grupo deveis estar amanhã diante do SENHOR, tu, eles e Aarão. ¹⁷Tome cada qual seu incensório; neles deitareis o incenso e cada um de vós apresentará diante do SENHOR seu incensório — ao todo duzentos e cinquenta; da mesma forma Aarão e tu, cada qual com o seu". ¹⁸Cada um tomou o seu incensório, pôs fogo nele e depositou incenso em cima, e puseram-se à porta da tenda do encontro, com Moisés e Aarão. ¹⁹Qôrah reuniu diante

deles todo o seu grupo³ à entrada da tenda do encontro. Então a glória do SENHOR apareceu a toda a comunidade, ²⁰e o SENHOR falou a Moisés e Aarão dizendo: ²¹"Apartai-vos da gente deste grupo; vou devorá-los num instante". ²²Eles se prosternaram, rosto por terra, e disseram: "Ó Deus, Deus que dispões do sopro de toda criatura⁴, te irritaste com toda a comunidade quando um só homem peca!"

27.16;
Jô 12.10
Gn 18.16-33

Castigo de Datan e de Abirâm. ²³O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁴"Dize à comunidade que se afaste das proximidades da morada de Qôrah. Datan e Abirâm". ²⁵Moisés levantou-se para ir ao encontro de Datan e Abirâm; os anciãos de Israel o seguiram. ²⁶Ele dirigiu a palavra à comunidade: "Afastai-vos, pois, das tendas destes maldosos, não toqueis em nada daquilo que lhes pertence, para não perecerdes vós também por causa de todos os seus pecados!" ²⁷Eles se afastaram das proximidades da morada de Qôrah, Datan e Abirâm; Datan e Abirâm haviam saído e se postado à entrada de suas tendas com suas mulheres, seus filhos e seus netos. ²⁸Moisés declarou: "Nisto reconheceréis que foi o SENHOR quem me enviou para realizar todos estes feitos e que não os fiz por minha iniciativa; ²⁹se essas pessoas morrerem de morte natural, se sofrerem a sorte de todo mundo, então não terá sido o SENHOR a enviar-me. ³⁰Mas se o SENHOR fizer algo de extraordinário⁵, se a terra, abrindo sua

discutido posteriormente. Segundo seu costume, o relato "sacerdotal" justifica a instituição por meio de um fato: narra aqui um "juízo de Deus".

t. Visto que Aarão recebeu de Deus seu sacerdócio, contestar seu privilégio é ir contra a disposição de Deus.

u. Blasfêmia caracterizada. Os adversários de Moisés aplicam ao Egito, terra de escravidão, os termos reservados à Terra Prometida. O gr. e outras versões antigas eliminaram a blasfêmia ao ler: *de ter-nos feito subir para uma terra...*

v. Lit. *Fareis cegos os olhos desta gente?*

w. Moisés, neste relato, é duro e vingativo; em geral, os autores bíblicos se empenham mais em valorizá-lo (12.3; 14.13; 16.22), e até mesmo em idealizá-lo (cf. sobretudo Dt 1; 9; 34).

x. Gr. um objeto precioso. Com efeito, o jumento era um animal caro, cujo valor devia aproximar-se do preço de um novilho (Ex 21.33; 22.4.9). A boa lógica faria esperar, aqui, a menção a um objeto de pouco valor.

y. Podemos hesitar entre dois sentidos para esta palavra: 1) *comunidade*: Qôrah procura associar todo o povo às suas reivindicações; 2) *grupo*, isto é, só os partidários de Qôrah, que talvez não se identifiquem com os 250 homens que oferecem incenso (v. 35).

z. O criador dá a todo ser vivo o sopro de vida que o anima (Gn 2.7). Mas é também ele que tira este sopro quando quer (cf. Sl 104.29.30).

a. Moisés já tem a certeza de ser poupado (v. 21), mas pede que esta garantia seja estendida a todos os inocentes.

b. A palavra *morada* é reservada geralmente ao santuário. Na origem, o texto "sacerdotal" devia trazer: "... que se afaste da morada (do Senhor)": de fato, é em torno dela que se reuniram os homens de Qôrah. Os nomes de *Qôrah*, *Datan* e *Abirâm* foram juntados quando da fusão dos dois relatos.

c. Lit. *criar uma criação*. O sentido primitivo do verbo *bará*, "criar", é provavelmente "talhar", "cortar". Insistindo neste significado, poder-se-ia traduzir aqui: *se o Senhor talhar uma fenda...*

goela, os engolir com tudo o que lhes pertence, se descerem vivos à morada dos mortos, sabereis que essa gente desprezou o SENHOR". ³¹Mal acabava de pronunciar todas estas palavras, quando a

SI 106,17

terra se fendeu sob os pés deles. ³²Abrindo sua goela, ela os engoliu com suas famílias^d — assim como toda gente de Qôrah e todos os seus bens. ³³Desceram vivos à morada dos mortos e a terra os recobriu com tudo o que lhes pertencia. Assim desapareceram do seio da assembléia. ³⁴Aos seus gritos, todo o povo de Israel em torno deles fugiu, dizendo: "Fujamos, senão a terra nos engolirá também!"

Castigo dos partidários de Qôrah e rito comemorativo. ³⁵O SENHOR fez irromper um fogo que consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso^e.

SI 106,18

17 ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²"Dize ao sacerdote Eleazar, filho de Aarão, que retire os incensórios do meio das chamas, pois eles são sagrados^f, e espalhe o fogo longe. ³Os incensórios destes homens, que pagaram por seu pecado com a vida, devem ser reduzidos a lâminas para recobrir o altar^g, pois foram trazidos à presença do SENHOR e são sagrados. Servirão de sinal aos filhos de Israel". ⁴O sacerdote Eleazar tomou os incensórios de bronze oferecidos por aqueles que foram queimados; os incensórios foram transformados em lâminas para fazer deles o revestimento do altar. ⁵É uma recordação para os filhos de Israel, a fim de que o profano — isto é, o homem que não pertence à descendência

de Aarão — não se aproxime para queimar incenso diante do SENHOR; e isto para que não venha a sofrer a sorte de Qôrah e de seu grupo, sorte que o SENHOR lhe predissera por intermédio de Moisés^h.

Revolta do povo. ⁶No dia seguinte, toda a comunidade dos filhos de Israel protestou contra Moisés e Aarão: "Fizestes morrer o povo do SENHOR!" ⁷"Ora, enquanto a comunidade se insurgia contra eles, Moisés e Aarão se dirigiram para a tenda do encontro. E eis que a nuvem a cobria: a glória do SENHOR apareceu. ⁸Moisés e Aarão vieram para diante da tenda do encontro. ⁹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁰"Retirai-vos do meio desta comunidade, pois vou aniquilá-la num instante!" Eles se prosternaram com o rosto por terra ¹¹e Moisés disse a Aarão: "Toma o incensório, põe nele fogo do altar e em cima, o incenso, e vai depressa para a comunidade; faz sobre ela o rito da absolviçãoⁱ, porque o SENHOR desencadeou^j sua cólera: o flagelo^k já começou". ¹²Aarão tomou o incensório como Moisés lhe havia dito, correu para o meio da assembléia e, efetivamente, o flagelo já havia começado no meio do povo. Pôs o incenso e fez o rito da absolvição pelo povo. ¹³Permaneceu entre os mortos e os vivos, e o flagelo cessou. ¹⁴As vítimas do flagelo somaram 14.700, sem contar os que haviam morrido por causa de Qôrah. ¹⁵Aarão voltou para junto de Moisés na entrada da tenda do encontro; o flagelo havia cessado.

O bastão de Aarão. ¹⁶O SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁷"Fala aos filhos de Is-

d. Este relato, mais antigo do que aquele que se refere a Qôrah (que reaparece, aliás, no fim do v.), ainda admite as punições coletivas, ao contrário do ponto de vista afirmado no v. 22 ("sacerdotal").

e. O fogo, que sem dúvida saiu da tenda (cf. 11,1), devora Qôrah e seus partidários. Eles não são punidos, como os filhos de Aarão (Lv 10,1), por terem utilizado outro fogo que não o do altar, mas por terem usurpado uma função litúrgica reservada à família de Aarão.

f. São sagrados porque tocados pelo fogo divino. O mesmo se dá com as brasas dos incensórios.

g. Segundo Ex 27,2, o altar já tinha seu revestimento de bronze. Trata-se de um novo revestimento ou estaria o texto tentando explicar (dando-lhe valor de sinal comemorativo) a origem e o sentido das chapas que Ex 27 apenas menciona?

h. Cf. 16,7, que não é tão preciso. Talvez este v. se refira a outra forma do relato, diferente da do cap. 16, atualmente perdida.

i. Aqui Moisés não interveém como de costume pela oração de intercessão, mas por um rito expiatório (cf. 15,24 nota).

j. Lit. *saiu de diante do Senhor* (cf. 16,46).

k. Provavelmente uma epidemia fulminante que, aos poucos, vai se estendendo.

rael e faz com que te entreguem um bastão¹ por tribo^m, isto é, doze bastões, entregues por todos os seus responsáveis de tribos. Escreverás o nome de cada um deles no bastão. ¹⁸No bastão de Levi, escreverás o nome de Aarãoⁿ, pois só haverá um único bastão para cada chefe de triboⁿ. ¹⁹Levarás os bastões para a tenda do encontro — diante do Documento^p — onde me encontro convosco. ²⁰O homem cujo bastão florescer será o que escolhi: assim afastarei de mim os protestos que os filhos de Israel proferem contra vós”. ²¹Moisés falou aos filhos de Israel e cada um dos seus chefes entregou-lhe um bastão, um bastão para cada chefe de tribo, ou seja, doze bastões; o bastão de Aarão estava no meio dos outros^q. ²²Moisés pôs os bastões diante do SENHOR na tenda do Documento. ²³No dia seguinte, Moisés entrou na tenda do

Ex 25.22

Hb 9.4

Documento e viu que o bastão de Aarão, da casa de Levi, havia florescido: um botão havia despontado, uma flor havia desabrochado e amêndoas haviam amadurecido. ²⁴Moisés tomou todos os bastões de diante do SENHOR para mostrá-las a todos os filhos de Israel; viram-nas e cada um retomou sua vara. ²⁵O SENHOR disse a Moisés: “Torna a levar a vara de Aarão para diante do Documento e guarda-a como sinal para os rebeldes. Assim afastarás de mim seus protestos e eles não serão feridos de morte”. ²⁶Assim procedeu Moisés; fez o que o SENHOR lhe havia ordenado.

²⁷Os filhos de Israel disseram a Moisés: “Vê! Nós morremos, nós perecemos! Todos nós perecemos! ²⁸Quem quer que se aproxime — quem quer que se aproxime da morada do SENHOR — morre; iremos todos ser destruídos até o último?”

PRESCRIÇÕES DIVERSAS^r

18 Sacerdotes e levitas. ¹O SENHOR disse a Aarão: “Tu, teus filhos e tua família^s respondereis pelas faltas com relação ao santuário^t, e tu e teus filhos respondereis pelas faltas com relação ao vosso sacerdócio. ²Deixarás também que teus irmãos da tribo de Levi, a tribo de teu pai, se aproximem contigo do santuário^t; serão teus auxiliares e te ajudarão; mas tu e teus filhos permaneceréis diante da tenda do Documento”. ³Aqueles estarão a teu serviço e a serviço de toda

3.6-9

3.10

17.12-13

a tenda, sem contudo se aproximarem dos utensílios do santuário^t, nem do altar, para não expor ninguém à morte, nem eles nem vós. ⁴Serão teus auxiliares^s, assumirão o ofício da tenda do encontro, todos os trabalhos da tenda; nenhum profano^v se juntará a vós. ⁵E vós deveis assumir o ofício do santuário e o do altar; assim os filhos de Israel não ficarão mais expostos a uma explosão de cólera. ⁶Estás vendo que eu mesmo escolho entre os filhos de Israel vossos irmãos, os

l. Bastão de comando, sinal da autoridade de chefe. Alguns autores pensam que era de madeira verde, o que explicaria melhor a continuação do relato.

m. Lit. *casa de seu pai*: esta expressão geralmente designa a família, mas o contexto exige a tradução *tribo*.

n. Aarão, que, segundo Ex 6,16-20, pertencia a uma família pouco importante da tribo de Levi, é apresentado aqui como o responsável da tribo. Esta nova situação se exprime pela subordinação dos levitas aos sacerdotes, introduzida em 3.6-9 e Ez 44.

o. Visto que a tradição “sacerdotal” conta doze tribos sem Levi (cap. 1; 2; 26), o bastão de Levi é o décimo terceiro.

p. Cf. Ex 16.34.

q. Cf. v. 18 nota.

r. Este conjunto pertence à tradição “sacerdotal”.

s. São bem distintas as responsabilidades da “família”, isto é,

da tribo de Levi, toda ela ocupada na “morada”, e a dos filhos de Aarão, únicos investidos do sacerdócio.

t. A palavra pode significar também os *objetos sagrados* (10.21) ou as *oferendas* (18.29). As faltas de que se trata aqui são essencialmente as faltas ao ritual (cf. Ex 28.38). Este cap. conclui logicamente o cap. 17. Os sacerdotes e os levitas se aproximarão do santuário representando os outros e assumirão os riscos de que se fala em 17.38, o que em parte justifica seus privilégios.

u. Aqui se leva em consideração o aspecto positivo das funções sagradas, e não mais seus riscos. A situação dos levitas em face os sacerdotes é descrita em 3.5-9.

v. Outra tradução possível: *enquanto tu e teus filhos estareis...*

w. Cf. 4.20.

x. A palavra hebr. deriva da raiz *lawah*, que poderia explicar o nome de Levi (hebr. *levi*).

y. Cf. 1.51 nota.

3,9: levitas, doando-os a vós: eles são doados
8,5-19 ao SENHOR, a fim de fazer o serviço da
tenda do encontro. ⁷Tu e teus filhos
exercereis o sacerdócio em tudo o que se
refere ao altar e ao que está atrás do véu:
vós desempenhareis as vossas funções.
Dou-vos o sacerdócio, é a função que
vos atribuo. O profano que se aproximar
morrerá”.

Renda dos sacerdotes. ⁶O SENHOR falou
a Aarão: “Eis que eu mesmo te confio o
cuidado daquilo que a mim for tributado
de tudo o que é consagrado pelos filhos
de Israel. Concedo-te este privilégio,
como também a teus filhos, em virtude
de uma lei perene. ⁹Eis o que te pertencerá
das oferendas santíssimas^a que não
são queimadas: todos os presentes, isto
é, todas as oferendas de farinha, todos os
sacrifícios pelo pecado e todos os sacrifi-
cícios de reparação que me oferecerem;
estas oferendas santíssimas vos pertencem,
a ti e a teus filhos. ¹⁰Vós as come-
reis no lugar santíssimo. Todos os ho-
mens poderão comer delas. Tu as consi-
derarás sagradas. ¹¹Isto também te per-
tencerá: os tributos^b reservados das ofe-
rendas dos filhos de Israel, de tudo aqui-
lo que eles apresentam^c; eu as dou a ti
como também a teus filhos e filhas, em
virtude de uma lei perene. Todos os da
tua casa que estiverem em estado de
pureza comerão delas. ¹²O melhor do
azeite novo, o melhor do vinho novo e
do trigo, as primícias oferecidas ao SE-

NHOR te dou. ¹³Pertencem a ti também os
primeiros produtos da sua terra que o
povo oferecer ao SENHOR. Deles come-
rão todos os que, na tua casa, estiverem
em estado de pureza. ¹⁴Será teu também
tudo o que em Israel for votado ao
interdito^d. ¹⁵Por fim, pertencerão a ti to-
dos os primogênitos apresentados ao
SENHOR^e, os primogênitos de toda criatu-
ra, do homem e dos animais. Todavia,
farás resgatar o primogênito do homem
e farás resgatar os primogênitos dos ani-
mais impuros. ¹⁶Farás resgatar com a
idade de um mês o que deve ser resga-
tado, ao preço que deves indicar^f, isto é,
cinco siclos de prata — siclos do santuá-
rio, vinte guerdas cada siclo. ¹⁷Mas não
farás resgatar o primogênito da vaca, nem
o da ovelha, nem o da cabra: eles são
sagrados^g. Derramarás seu sangue sobre
o altar e queimarás sua gordura como
oferendas queimadas de agradável odor
ao SENHOR. ¹⁸A carne te pertencerá, da
mesma forma que te pertencem o peito
oferecido por apresentação e a coxa di-
reita. ¹⁹Em virtude de uma lei perene dou
a ti, a teus filhos e a tuas filhas todos os
tributos que os filhos de Israel reservam
para o SENHOR dentre as coisas santas^h.
Esta é — para ti e teus descendentes —
uma aliança consagrada pelo salⁱ, perene
aos olhos do SENHOR”. ²⁰O SENHOR disse
a Aarão: “Não terás patrimônio na terra
deles, nem terás parte alguma no meio
deles. Eu é que serei tua parte e teu
patrimônio^j no meio dos filhos de Israel”.

Ex 13,12:
23,19

Lv 27,28

Ex 13,11-16:
34,19-20
3,40-41

Lv 7,14-16:
29-36

Ex 44,
28-30

Dt 10,9:
18,1-2:
Js 13,14:
Ex 44,28

z. *Atrás do véu* (Ex 26,31-34) isto é, no lugar santíssimo. Só
o sumo sacerdote tinha acesso a ele (Lv 16,2-3).

a. As *oferendas santíssimas* compreendem: o sacrifício pelo
pecado (Lv 4), o sacrifício de reparação (Lv 5) e as oferendas de
farinha que só acompanham. A parte das oferendas que não era
queimada só podia ser consumida pelos sacerdotes e no santuá-
rio (cf. Lv Introd.).

b. A parte *reservada em tributo* é a parte do sacerdote em
todas as oferendas, agora as *santíssimas*. Esta parte pode ser
consumida fora do santuário.

c. Ou seja, o que passa pelo rito de apresentação (cf. Lv 7,30).

d. Cf. Lv 27,21-29. Na legislação “sacerdotal”, a prática do in-
terdito não comporta mais a destruição dos objetos consagrados.

e. Apenas este texto atribui os primogênitos aos sacerdotes.
Para os primogênitos humanos, naturalmente é o preço do res-
gate que lhes é dado.

f. Lit. *tu avaliarás*. É difícil entender, depois desta palavra, a
indicação de um preço fixo (5 siclos = 57g de prata). Provavel-
mente há justaposição de um costume antigo (o próprio sacerdo-
te fixava o preço) e do uso que se impôs mais tarde (tarifa
uniforme).

g. Lit. *coisa santa*, isto é, destinada ao sacrifício. O culto
israelita não admitia outros animais a não ser esses três.

h. Lit. *todos os tributos das coisas santas que os filhos de
Israel tributaram*.

i. O *sal*, garantindo a conservação dos alimentos, simboliza
uma realidade inalterável (Lv 2,13). *Aliança* tem aqui o sen-
tido característico desta palavra nos textos “sacerdotais”:
disposição tomada por Deus em favor de alguém, sem con-
trapartida.

j. Isto significa que os sacerdotes viverão das oferendas feitas
a Deus pelo conjunto do povo.

Lv 27,30-33;
Dt 14,22-29

Renda dos levitas. ²¹“Quanto aos filhos de Levi, dou-lhes em patrimônio todos os dízimos recebidos em Israel em troca dos seus serviços, os serviços da tenda do encontro. ²²Assim os filhos de Israel não mais se aproximarão da tenda do encontro com o risco de carregar um pecado que causaria sua morte. ²³Os levitas é que desempenharão os serviços da tenda do encontro; eles responderão por suas culpas — lei perene para os vossos descendentes. Eles não receberão patrimônio no meio dos filhos de Israel^k. ²⁴mas eu dou como patrimônio aos levitas os dízimos que os filhos de Israel reservarão como tributo para o SENHOR. É por isso que lhes disse que não receberão patrimônio entre os filhos de Israel”.

²⁵O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²⁶“Dirás aos levitas: Quando receberdes da parte dos filhos de Israel os dízimos que vos dou como patrimônio, reservareis um dízimo dos dízimos como tributo para o SENHOR. ²⁷Scrá para vós matéria de tributo, da mesma forma que, para os outros, o trigo tomado da eira e o vinho novo tomado do lagar. ²⁸Assim vós também reservareis o débito do SENHOR de todos os dízimos que receberdes dos filhos de Israel; disto, dareis o tributo do SENHOR ao sacerdote Aarão. ²⁹De tudo o que vos for dado, reservareis sem restrição o tributo que é devido ao SENHOR; dentre as melhores de todas estas coisas, reservareis a oferenda santa.

³⁰“Tu lhes dirás também: Quando vos reservardes em tributo o melhor de tudo

isto, isto será para vós, levitas, o equivalente do produto da eira e do lagar. ³¹Vós o comereis com vossas famílias^l, em qualquer lugar, pois este é vosso salário em troca de vossos serviços na tenda do encontro. ³²Não sereis culpados de pecado algum por vos reservar o melhor destas coisas; não estareis profanando as oferendas santas dos filhos de Israel e não sereis feridos de morte”.

19 Preparação da água lustral. ¹O

SENHOR falou a Moisés e Aarão dizendo: ²“Eis as disposições da lei^m que o SENHOR prescreveu: Dize aos filhos de Israel que te tragam uma novilha vermelhaⁿ, sem tara nem defeito, um animal que não tenha sido submetido ao jugo^o. ³Entregá-la-eis ao sacerdote Eleazar; será levada para fora do acampamento e degolada na sua presença. ⁴O sacerdote Eleazar tomará com o dedo um pouco do sangue da novilha e com ele fará sete vezes a aspersão em direção à fachada da tenda do encontro^p. ⁵Depois queimar-se-á a novilha sob seus olhos; o couro, a carne e o sangue, como também os excrementos, serão queimados. ⁶O sacerdote^q tomará madeira de cedro, hissopo e carmesim brilhante e os lançará no meio do braseiro onde arde a novilha. ⁷Em seguida, o sacerdote lavará suas vestes e banhará seu corpo na água, após o que voltará ao acampamento, mas permanecerá em estado de impureza até a tarde^r. ⁸Aquele que tiver queimado a novilha também lavará suas vestes na água e

Lv 14,4.
6.49

k. De fato, a tribo tinha terras, mas dispersas através de todo o país (cf. cap. 35).

l. Os dízimos não têm mais o caráter sagrado que lhes dava, por exemplo, Dt 12,17; 14,23. Não é mais do que um imposto.

m. Esta fórmula de introdução, que só se reencontra em 31,21, é inabitual. Temos aqui um ritual muito antigo, mas que só tardiamente tomou lugar no Pentateuco, sem estar integrado num conjunto narrativo ou legislativo. O próprio conteúdo não foi adaptado à teologia “sacerdotal”: este ritual comporta muitos elementos mágicos, como podem ser encontrados em Lv 14,1-7; Nm 5,17-28; Dt 21,1-9 etc.; e muitos detalhes estão em contradição com a legislação “sacerdotal” (por exemplo, o papel do sacerdote).

n. Em muitos países mediterrâneos atribuíam-se um valor mágico aos animais vermelhos. Na Bíblia, somente neste lugar se fala

de vacas vermelhas, mas às vezes se fala de outros animais vermelhos (Zc 1,8; 6,2; Ap 6,4-7; 12,3).

o. O emprego de animais que o homem ainda não utilizou, como também de materiais brutos, é característico dos antigos rituais semíticos (Ex 20,25; Dt 21,3-4; cf. também Mc 11,2; Lc 19,30). Acreditava-se que estes animais e estes objetos conservavam forças misteriosas ainda intactas.

p. Este gesto de aspersão a distância só é mencionado aqui. Parece ser uma forma de oferenda do sangue que significa a oferenda de todo o animal. Encontra-se um gesto análogo em Lv 4,6.

q. Aqui se pira de falar de Eleazar, para retomar a formulação geral que convém a uma lei.

r. Normalmente, um homem impuro não deve entrar no acampamento antes do entardecer (Dt 23,12). Mas abre-se uma exceção para o sacerdote.

banhará seu corpo na água, permanecendo em estado de impureza até a tarde. ⁹Um homem em estado de pureza recolherá as cinzas da novilha e as depositará fora do acampamento, num lugar puro. A comunidade dos filhos de Israel se servirá delas como de uma reserva para a água lustral¹. É um sacrifício pelo pecado². ¹⁰Quem tiver recolhido as cinzas da novilha lavará também suas vestes e permanecerá em estado de impureza³ até a tarde. Será uma lei perene para os filhos de Israel, como também para o migrante que morar entre eles.

Casos de impureza. ¹¹“Quem tocar um cadáver — quaisquer restos mortais — ficará impuro por sete dias”. ¹²Ele fará sua purificação com esta água⁴ no terceiro dia, e no sétimo dia ficará puro. Mas se não fizer sua purificação no terceiro dia, não será puro no sétimo. ¹³Todo aquele que tocar um morto — os restos mortais de um ser humano que acaba de morrer — e não fizer sua purificação, contaminará a morada do SENHOR: tal pessoa será cortada de Israel⁵. Visto que não foi aspergida com a água lustral, está impura: conserva seu estado de impureza.

¹⁴Eis a lei: quando alguém morre numa tenda, quem quer que entre na tenda e quem quer que se encontre na tenda ficará impuro por sete dias. ¹⁵E todo reci-

piente aberto — sem pano amarrado por cima — ficará impuro⁶. ¹⁶Todo aquele que, pelos campos, tocar em homem morto pela espada, um cadáver, uma ossada humana ou um túmulo, ficará impuro por sete dias. ¹⁷Para este homem impuro, tomar-se-á cinza do braseiro do sacrifício pelo pecado⁷, e ela será posta num vaso, no qual se deita água viva⁸. ¹⁸Um homem em estado de pureza⁹ tomará um ramo de hissopo, que molhará nesta água, e fará a aspersão da tenda e de todos os recipientes, como também das pessoas que aí se encontram, e do homem que tiver tocado a ossada, o homem assassinado, o cadáver ou o túmulo. ¹⁹O homem puro fará a aspersão do homem impuro no terceiro e no sétimo dia; no sétimo dia, ele o terá purificado de seu pecado. Então o outro lavará suas vestes, se banhará na água¹⁰ e, à tarde, estará puro. ²⁰Mas se um homem se tornar impuro e não fizer sua purificação, será cortado do meio da assembléia, pois contaminaria o santuário do SENHOR; não foi aspergido com água lustral: está impuro. ²¹Esta será para eles uma lei perene. Aquele que fizer a aspersão com a água lustral lavará suas vestes. E aquele que tiver tocado a água lustral ficará impuro até a tarde. ²²Tudo aquilo que o homem impuro tocar ficará impuro, e a pessoa que o tocar ficará impura até a tarde.”

s. Ou seja, um lugar que se teve o cuidado de não contaminar.

t. Lit. *água de impureza* ou talvez *água de aspersão* (a mesma raiz pode dar os dois sentidos). O v. 17 indica como se prepara esta água lustral: não importa quem faça isso. Encontra-se em quase todas as religiões uma água lustral deste gênero, preparada a partir de cinzas.

u. A tradição “sacerdotal” talvez queira transformar em “sacrifício pelo pecado” um rito que, segundo as normas “sacerdotais”, não era um verdadeiro sacrifício visto que não era realizado no altar. A menos que “sacrifício pelo pecado” tenha aqui o sentido amplo de “rito de purificação”, que convém à aspersão da água lustral.

v. A vaca vermelha tem um caráter sagrado (de acordo com o v. 2, deve ter as mesmas qualidades dos animais sacrificados): ela contamina todos os que entraram em contato com ela. Esta antiga noção do sagrado subsistirá tenaz: é encontrada no costume judaico de lavar as mãos depois de ter tocado, para ler ou para copiar, num rolo das Escrituras. O objeto sagrado “mancha” as mãos daquele que o toca e esta “mancha” deve ser lavada (cf. Lv 6,18-21).

w. Os vv. 11-13, que interrompem a exposição do ritual, sublinham a necessidade da purificação. O homem impuro compromete a relação entre Deus e o povo no culto. Se ele recusar purificar-se, deverá ser eliminado.

x. Lit. *com ela*, ou seja, provavelmente: “com a água” (cf. 31,23). Em outros casos, a purificação exige, além disso, um sacrifício (Lv 5,2-6; 14,10-12; Nm 6,9-11).

y. Cf. Lv 7,20 nota.

z. Para evitar a contaminação, o recipiente deve ser fechado com uma tampa. Note-se a noção muito concreta da impureza, concebida como um fluido que uma tampa fechada impede de entrar num recipiente.

a. Isto é, da vaca vermelha (cf. v. 9).

b. Ou seja, água de fonte (cf. Lv 14,5).

c. Note-se que não é exigida a intervenção de um sacerdote (cf. v. 2 nota). Parece que na forma primitiva deste ritual o sacerdote não desempenhava papel algum (cf. Dt 21,5 nota).

d. Temos aqui outro rito de purificação, que completa a aspersão. Em outros lugares (Lv 15; Dt 23,12), este rito é empregado sozinho e considerado suficiente. Trata-se de dois costumes independentes, fundidos aqui.

A CAMINHO DA TERRA PROMETIDA

Ex 17.1-7

20 As águas de Meribá. ¹Toda a comunidade dos filhos de Israel chegou ao deserto de Sín no primeiro mês e o povo se estabeleceu em Qadesh^a. Foi lá que Miriâm morreu, e ali foi enterrada. ²Não havia água para a comunidade, e esta se insurgiu contra Moisés e Aarão. ³O povo entrou em contenda^f com Moisés; diziam: "Oxalá tivéssemos morrido quando nossos irmãos pereceram diante do SENHOR! ⁴Por que levastes a assembléia do SENHOR a este deserto, para aqui mortermos, nós e nossos rebanhos? ⁵Por que nos fizestes subir do Egito e nos trouxestes para este lugar miserável? Não é um lugar próprio para sementeiras, nem para a figueira, a vinha ou a romãzeira^g; nem água para beber existe aqui". ⁶Moisés e Aarão deixaram a assembléia e vieram para a entrada da tenda do encontro; prosternaram-se rosto por terra e a glória do SENHOR lhes apareceu. ⁷O SENHOR falou a Moisés dizendo: ^h"Toma o bastão^e e, com teu irmão Aarão, reúne a comunidadeⁱ; diante deles fareis ao rochedo, e ele dará sua água. Farás jor-

rar água do rochedo para eles, e darás de beber à comunidade e a seus rebanhos". ⁹Segundo a ordem que recebera, Moisés tomou o bastão que se encontrava diante do SENHOR. ¹⁰Moisés e Aarão reuniram a assembléia diante do rochedo e disseram: "Escutai, pois, rebeldes! Acaso poderemos nós fazer jorrar água^k deste rochedo?" ¹¹Moisés levantou a mão; com seu bastão, bateu no rochedo duas vezes. A água jorrou em abundância, e a comunidade pôde beber, como também seus rebanhos. ¹²O SENHOR disse a Moisés e Aarão: "Visto que, não acreditando em mim, não manifestastes minha santidade^l diante dos filhos de Israel, não fareis entrar esta assembléia na terra que lhe dei^m". ¹³Essas são as águas de Meribá — Contenda — onde os filhos de Israel entraram em contenda comⁿ o SENHOR; e ele manifestou sua santidade.

1Cor 10,4

Edom recusa passagem a Israel^o. ¹⁴De Qadesh, Moisés enviou mensageiros ao rei de Edom^p para dizer-lhe: "Assim fala teu irmão, Israel: Conheces todas as di-

Jz 11, 16-26

e. 13.26 ("javista-elofista") já situava o povo em Qadesh. Segundo o itinerário "sacerdotal", pelo contrário, Israel só chegou lá depois de quarenta anos no deserto (33.36-37). Esta incerteza sobre a data explica, sem dúvida, a ausência do ano. Este relato complexo é uma reinterpretação "sacerdotal" do relato de Ex 17.1-7.

f. O episódio é apresentado sob a forma de um processo: o Senhor resolve o litígio entre Moisés e o povo, como em muitos outros relatos. Mas este é o único caso em que Deus não dá razão a Moisés, o que supõe que a acusação do povo tinha fundamento.

g. Todos estes elementos são característicos da Terra Prometida, cf. 13.23; Dt 8.7-8; Jz 1.12; Ag 2.19. Portanto, Qadesh é o contrário da Terra Prometida, e Moisés é criticado por ter instalado Israel ali (v. 1). É a esta falta que se refere a sentença do v. 12.

h. Lit. *O bastão*. Segundo o v. 9, poderia ser o de Aarão; mas em Ex 17.5 — em que este v. se inspira — trata-se do bastão de que Moisés se servia para os milagres perpetrados no Egito.

i. O nome *Aarão* foi acrescentado ao relato primitivo (análogo de Ex 17). É um dos elementos da refundição "sacerdotal" do relato, segundo o qual o milagre devia realizar-se pela simples palavra de Moisés e Aarão, sem a intervenção do bastão.

j. Moisés desobedeceu duplamente à ordem que recebera no v. 8: em lugar de falar à rocha, falou ao povo e bateu na rocha. Provavelmente consistiu nisto, segundo o relato "sacerdotal", a falta que acarretou a exclusão de Aarão e de Moisés (20.24; 27.14; Dt 32.52).

k. Estas palavras podem ser compreendidas como a expressão de uma dúvida de Moisés.

l. Deus *manifestou sua santidade*, mostrou sua grandeza realizando um milagre em favor de seu povo. Mas, por seu comportamento, Moisés e Aarão criaram obstáculo a esta revelação; violaram a significação do prodígio.

m. Segundo Dt 1.37; 3.26, foi por causa das faltas do povo que Moisés foi excluído. Nm 20, com os textos que dele dependem (cf. v. 10 nota), explica sua exclusão por uma falta pessoal, que pode ser identificada nos vv. 4-5 ou em 8-10. Em ambos os casos, existe basicamente uma falta de fé por parte de Moisés; nenhum outro texto fala disto.

n. Este v. explica o nome de *Meribá* pelo verbo *rib*, "contender", que já se encontrava no v. 3. Como em muitos outros relatos (Ex 17.2 por exemplo), as críticas feitas a Moisés são consideradas pelo Senhor como feitas a si mesmo. A conclusão normal seria uma punição do povo e não de Moisés. Este v. parece ser, pois, um vestígio de um relato mais antigo, narrando um conflito verificado em Meribá e que havia custado muito caro a Israel; encontram-se algumas alusões a este fato em Dt 33.8; Sl 81.8; 95.8; 106.32. A redação "sacerdotal" transformou totalmente o sentido do episódio, mas parece que esta mudança já se verificou numa etapa mais antiga da formação do texto.

o. Este relato se liga, indubitavelmente, à redação "javista". p. Cf. Jz 11.16-17. A partir da batalha de Hormá (14.45), os amalequitas e os canaanitas fecharam a Israel a estrada direta em direção ao norte. Por isso, Israel tenta alcançar a Palestina pelo leste, contornando o mar Morto.

ficuldades que tivemos de enfrentar.

Dt 26,5-10 ¹⁵Nossos pais desceram ao Egito, onde permanecemos por longos dias, mas os egípcios nos maltrataram, a nós e a nossos pais. ¹⁶Clamamos ao SENHOR, e ele ouviu nosso clamor: ele enviou um anjo para nos fazer sair do Egito. Eis-nos agora em Qadesh, cidade situada nos confins de teu território. ¹⁷Por isso, deixa-nos atravessar a tua terra! Não atravessaremos nem os campos, nem os vinhedos; não beberemos a água dos poços; seguiremos a estrada real sem nos desviar para a direita ou para a esquerda, até atravessarmos o teu território". ¹⁸Mas Edom lhe respondeu: "Não passarás pelo meu território, do contrário sairei armado ao teu encontro". ¹⁹Disseram-lhe os filhos de Israel: "Subiremos pela estrada; e se bebermos de tua água, eu e meus animais, pagar-te-ei o preço. Peço-te apenas uma coisa: passar a pé". ²⁰Mas Edom respondeu: "Não passarás!" E marchou contra ele com muita gente e grande força". ²¹Assim Edom recusou-se a deixar passar Israel por seu território, e Israel se afastou dele.

Morte de Aarão^q. ²²Eles partiram de Qadesh, e toda a comunidade dos filhos de Israel chegou a Hor-a-Montanha. ²³O SENHOR disse a Moisés e a Aarão em Hor-a-Montanha, na fronteira da terra de Edom: ²⁴"Aarão vai ser arrebatado para unir-se à sua parentela", pois não deve entrar na terra que vou dar aos filhos de Israel, visto que fostes rebeldes à minha

voz, nas águas de Meribá^r. ²⁵Toma, pois, Aarão e Eleazar, seu filho, e faze-os subir a Hor-a-Montanha. ²⁶Tomarás as vestes^s de Aarão e revestirás seu filho Eleazar; depois Aarão será arrebatado, ele morrerá lá". ²⁷Moisés fez como o SENHOR lhe ordenara e, sob os olhos de toda a comunidade, subiram a Hor-a-Montanha. ²⁸Moisés tomou as vestes de Aarão e com elas revestiu seu filho Eleazar; e Aarão morreu lá, no cume da montanha. ²⁹Toda a comunidade viu que Aarão expirara, e toda a casa de Israel chorou durante trinta dias.

Ex 29,29
33,38;
Dt 10,6

21 Primeira vitória contra os canaanitas^t. ¹Os canaanitas — o rei de Arad^u habitava o Négueb — ficaram sabendo que Israel avançava pelo caminho dos Atarim; combateram Israel e fizeram prisioneiros dentre eles. ²Então Israel fez esta promessa ao SENHOR: "Se consentires em entregar este povo em minhas mãos, votarei suas cidades ao interdito"^x. ³O SENHOR escutou a voz de Israel e entregou-lhe os canaanitas. Israel os votou ao interdito, tanto eles como suas cidades. Deu-se a este lugar o nome de Horma^y.

33,40

A serpente de bronze. ⁴Partiram de Hor-a-Montanha pelo caminho do mar dos Juncos^z, contornando a terra de Edom, mas o povo perdeu a coragem pelo caminho. ⁵O povo se pôs a criticar a Deus e Moisés: "Por que nos fizestes subir do Egito, para morrermos no deserto? Pois aqui não há nem pão nem água, e esta-

Dt 2,1

q. Lit. *uma mão forte*. A expressão é geralmente utilizada ao se falar do Senhor e para os milagres do Êxodo.

r. Reencontramos aqui a tradição "sacerdotal".

s. Para esta expressão, cf. Gn 25,8.

t. Pode-se ver aqui uma explicação do nome *Meribá* a partir da raiz *meri*, "ser rebelde". O v. 13 dá outra explicação.

u. Da mesma forma como havia revestido Aarão com suas vestes sacerdotais (Lv 8,7-9), Moisés reveste seu filho (cf. Ex 29,29-30). Moisés deve tirar estas vestes de Aarão antes de sua morte para que elas não fiquem impuras pelo contato com o cadáver. v. Esta passagem é atribuída à tradição "javiista".

w. Estas palavras foram acrescentadas ao relato primitivo; as diferentes testemunhas do texto não estão de acordo sobre o nome: *Arad* (cidade do Négueb, cf. Jz 1,16) ou *Gadar* (segundo o sir.).

x. Entre os povos semitas, o chefe de uma tropa anunciava antes da batalha qual a parte dos despojos que ele se reservava; para os soldados, esta parte estava sob *interdito* (*herem*). Nas guerras de Israel, cujo chefe era o próprio Senhor, é a ele que cabe esta parte: ela deve ser totalmente sacrificada, destruída. Em 33,55 e Dt 7,1-5, o interdito lançado sobre as populações de Canaã e seus santuários tem em vista preservar Israel da sedução dos cultos canaanitas.

y. O nome *Horma* se parece com *herem*, "interdito" (mesma etimologia em Jz 1,17). O relato procura explicar o nome da localidade já citada em 14,45, onde se vê que a cidade já estava ocupada pelos israelitas.

z. Este v. dá sequência a 20,29. *Mur dos Juncos* designa aqui, como em 14,25, o golfo de Acaba. Portanto, Israel toma a direção do sul, para contornar Edom, margeando sua fronteira oeste.

mos entojados deste alimento de miséria!" "Então o SENHOR enviou contra o povo serpentes abrasadoras^b que o mor-
deram, e morreu muita gente em Israel.

⁷O povo foi ter com Moisés, dizendo: "Pecamos ao criticar o SENHOR e ao criticar-te a ti; intercede junto ao SENHOR para que afaste de nós as serpentes!" Moisés intercedeu pelo povo, "e o SENHOR lhe disse: "Manda fazer uma serpente abrasadora^c e fixa-a numa haste: todo aquele que for mordido e olhar para ela, terá sua vida salva". ⁹Moisés fez uma serpente de bronze e a fixou numa haste; e quando uma serpente mordida um homem, este olhava a serpente de bronze e tinha a sua vida salva.

Conquista da Transjordânia: vitória sobre Sihon e Og. ¹⁰Os filhos de Israel partiram e acamparam em Obot; ¹¹depois partiram de Obot e acamparam em Iiê-Abarim^d, no deserto em frente de Moab, do lado do sol nascente. ¹²Partiram dali e acamparam às margens da torrente do Zéred. ¹³Partindo daí, acamparam do outro lado do Arnon, que passa pelo deserto descendo do território dos emoritas; com efeito, o Arnon marca a fronteira de Moab, entre Moab e os emoritas. ¹⁴Eis por que se diz no livro das Guerras do SENHOR.

"Vaheb em Sufá e suas torrentes;
o Arnon ¹⁵e suas gargantas
que descem para o sítio de Ar

e margeiam a fronteira de Moab".

¹⁶Partindo de lá chegaram a Beer — o Poço. Foi neste Beer que o SENHOR disse a Moisés: "Reúne o povo, e eu lhe darei água". ¹⁷Então Israel cantou este cântico: "Sobe, poço! Aclamai-o!

¹⁸Poço cavado por chefes, perfurado pelos nobres do povo, com seus cetros, com seus bastões" — ... do deserto, eles foram^e para Mataná; ¹⁹de Mataná a Naḥaliel, de Naḥaliel a Bamot, ²⁰e de Bamot ao vale que se abre para os campos de Moab, o cume da Pisgá sobreolhando^f o deserto^g.

²¹Israel enviou mensageiros a Sihon, rei dos emoritas, para lhe dizer: ²²"Deixanos passar por tua terra; não nos desviaremos nem pelos campos nem pelos vinhedos, e não beberemos água dos poços; seguiremos a estrada real durante toda a travessia do teu território". ²³Mas Sihon não permitiu que Israel atravessasse o seu território; reuniu toda sua gente e saiu ao encontro de Israel no deserto. Chegou a láhaş, onde deu combate a Israel. ²⁴Israel feriu-o a golpes de espada e se apoderou de sua terra, desde o Arnon até o laboq e até o limite dos filhos de Amon, cuja fronteira estava fortificada. ²⁵Israel tomou todas as cidades dos emoritas, em Heshbon e em todos os seus arredores^h. ²⁶Pois Heshbon era a cidade de Sihon, rei dos emoritas, que anteriormenteⁱ havia guerreado o rei

a. Lit. *leve*, com um matiz pejorativo (cf. 11.6).

b. Isto é, de picada ardente, muito venenosa (cf. Is 6.2.6; 14, 29; 30.6).

c. O símbolo do deus que cura (uma serpente enrolada numa vara) era frequentemente representada na Antiguidade. Nosso relato poderia ser uma tentativa de assimilação de um culto pagão prestado a algum deus. São eliminados os elementos estranhos à fé de Israel: é o próprio Senhor quem oferece a seu povo este meio de cura.

d. Cf. 33.44. Os montes *Aburim* formavam a encosta ocidental do planalto de Moab. Um redator acrescentou o fim do v. para harmonizar o texto com a linha geral do relato "javista-elofista", segundo a qual Israel contornou Edom e Moab pelo deserto, a leste. Mas as etapas enumeradas nos vv. 12.13.18-20, indicam antes que Israel atravessou Edom e Moab pelo vale da Arábá (cf. Dt 2.8.29).

e. Antiga coleção de textos épicos da qual esta citação é o único fragmento conservado. Estes poucos versículos, bastante

obscuros, servem simplesmente para ilustrar a afirmação do v. 13: o Arnon marca a fronteira de Moab ao norte.

f. É difícil identificar o episódio a que alude o texto. Aparecem quase as mesmas palavras de 20.8, mas não é possível saber se trata do mesmo acontecimento.

g. *Eles foram*, acrescentado para a clareza da tradução, não figura no texto. Supomos que o itinerário recomeça aqui; mas se esperaria: *de Beer* (que se encontra no gr.) e não: *do deserto*.

h. Lit. *o cume da Pisgá e ele se levanta diante do deserto*. Propomos uma correção do texto hebr. "masorético" a partir do texto sam. que traz: *o cume da Pisgá que se levanta* (cf. 23.28). A palavra traduzida por *sobreolhar* significa mais precisamente: "contemplar do alto".

i. *Deserto* traduz *yeshimon*, que com frequência designa o deserto de Judá, que efetivamente se vê da Pisgá (Ras-es-Siaga, 710m).

j. Lit. *suas filhas*.

k. Lit. *primeiro*, o que talvez indique que em Moab a realeza era uma instituição recente.

de Moab e lhe havia arrebatado toda a sua terra, até o Arnon. ²⁷Por isso os poetas¹ dizem:

“Vinde a Heshbon! Seja ela reconstruída e restaurada, a cidade de Siḥon!

Jr 48,45-46 ²⁸Um fogo saiu de Heshbon, uma chama da cidade de Siḥon: devorou Ar em Moab, os senhores das alturas do Arnon.

²⁹Ai de ti, Moab! Estás perdido, povo de Kemosh^m! Seus filhos tornaram-se fugitivos e suas filhas, cativas de Siḥon, rei emorita!

³⁰Nós os traspassamos a flechadas; desde Heshbon até Dibon, tudo pereceu; assolamos até Nôfah, tudo o que se estende até Medebá”.

³¹Israel estabeleceu-se na terra dos emoritas. ³²Moisés mandou fazer um reconhecimento de lazer; apoderaram-se de seus arredores, e Moisésⁿ expulsou os emoritas que ali se encontravam. ³³Depois, tomando outra direção, subiram pela estrada do Bashan; Og, rei do Bashan, marchou contra eles, com todo seu povo, para lhes dar combate em Edrei. ³⁴O SENHOR disse a Moisés: “Não o temas! Entrego-o em tuas mãos, ele, todo o seu povo e sua terra; tu o tratarás como trataste Siḥon, rei dos emoritas que reinava” em Heshbon”. ³⁵Derrotaram-no, a ele, a seus filhos e a todo seu povo, a tal ponto que não restou um sobrevivente sequer; e tomaram posse de sua terra.

OS ORÁCULOS DE BILEÂMⁿ

22 Balaq recorre a Bileâm. ‘Os filhos de Israel partiram de novo; acamparam nas planícies de Moab^a, além do Jordão, na altura de Jericó’.

²Balaq, filho de Şipor, viu o que Israel fez aos emoritas. ³Moab inquietou-se muito ao ver esse povo tão numeroso; Moab entrou em pânico ao ver os filhos

de Israel ⁴e disse aos anciãos de Midiân: “Agora esta multidão vai devorar tudo em torno de nós, como um boi devora a erva dos campos”. Balaq, filho de Şipor, era rei de Moab nessa época. ⁵Enviou mensageiros a Bileâm, filho de Beor, em Petor junto ao rio^a, sua terra de origem¹, para fazer-lhe este apelo: “Apareceu aqui

1. Temos aqui um poema de origem emorita introduzido nas tradições de Israel por clãs que podem ter pertencido ao reino de Siḥon, antes de se associar a Israel.

m. Kemosh é o deus de Moab (cf. Jz 11,24). Seus filhos e suas filhas, mencionadas na frase seguinte, são os membros de seu povo.

n. O sujeito de *expulsou* não é expresso. É lógico pensar que seja Moisés, como no começo do v.

o. Pode-se traduzir também *que residia*.

p. A história de Bileâm, sem vínculo determinado com a narrativa da marcha para Canaã, foi objeto de, ao menos, dois relatos distintos, entremeados ao longo dos caps 22-24. Segundo um deles (“eloísta?”), Bileâm era um adivinho arameu ou emorita, adorador do Senhor, de quem recebia a própria inspiração; ele não cedeu às instâncias do rei de Moab, antes de ter sido expressamente autorizado por Deus a fazê-lo. De acordo com o outro relato (“javista?”), ele era midianita (cf. 31,8); pôs-se a caminho para atender ao apelo de Balaq sem a permissão de Deus; barrado pelo anjo, teve de retornar, e Balaq, em pessoa, teve de ir procurá-lo.

Os dois relatos derivam de uma tradição muito antiga, segundo a qual Bileâm era um mago de temível poder (cf. v. 6). Esta tradição atesta a antiga concepção de bênçãos e maldições: uma vez pronunciadas, eram irreversíveis. O Senhor só podia preservar seu povo das maldições de Bileâm impedindo o adivinho de

proferi-las. Trata-se, pois, de uma tradição estranha a Israel, que os relatos “javista” e “eloísta” assimilaram, apresentando Bileâm como um profeta do Senhor (apesar das resistências dele, conforme um dos relatos). Mas a Bíblia também conservou a imagem primitiva de um Bileâm hostil a Israel: Nm 31,8,16; Dt 23,5; Js 13,22; 24,9; 2Pd 2,15-16; Ap 2,14.

q. A expressão *planície de Moab* designa a região situada ao norte do mar Morto e compreende o Jordão e os planaltos da Transjordânia. A planície de Jericó se situa exatamente em frente: cf. Is 4,13; 5,10.

r. Lit. *além do Jordão de Jericó*. Portanto o narrador se situa na Palestina e não com o povo cuja história narra.

s. O *Rio* geralmente designa o Eufrates, e isto estaria de acordo com a tradição que faz Bileâm vir de Arâm (Nm 23,7; Dt 23,5), isto é, do Médio-Eufrates, região onde existiam importantes movimentos proféticos. Contudo, o mesmo nome designa também um rio da terra de Edom (Gn 36,37), e Petor poder-se-ia identificar com uma localidade desta região. A segunda localização se harmoniza melhor com o contexto; se Bileâm vinha de Edom, compreende-se que Balaq apelasse a ele. Deve-se notar que em hebr. as consoantes dos nomes Edom e Arâm podem facilmente ser confundidas.

t. Lit. *a terra dos filhos do seu povo* ou *a terra de sua parentela*. Poder-se-ia ler também: *terra dos filhos de Amav*, população do norte da Síria.

um povo saído do Egito que cobre a face da terra: eis que se estabeleceu diante de mim! ⁶Vem, pois, eu te suplico, e maldiz para mim esse povo, pois ele é mais forte do que eu; talvez assim possa eu vencê-lo e expulsá-lo da terra. Pois eu sei que aquele a quem abençoa abençoado está, e a quem amaldiçoa amaldiçoado está”.

⁷Os anciãos de Moab e os anciãos de Midian partiram, pois, levando consigo a retribuição para o adivinho. Chegaram a Bileâm e transmitiram-lhe as palavras de Balaq. ⁸Bileâm disse-lhes: “Passai a noite aqui; eu vos darei a resposta de acordo com o que o SENHOR me disser”. Os dignitários de Moab ficaram na casa de Bileâm. ⁹Deus veio a Bileâm e disse-lhe: “Quem são estes homens que se encontram em tua casa?” ¹⁰Bileâm disse a Deus: “Balaq, filho de Şipor, rei de Moab, mandou-me dizer: ‘Eis que o povo que saiu do Egito cobre a face da terra. Vem, pois, amaldiçoa-o para mim; quem sabe, então conseguirei combatê-lo e rechaçá-lo’”. ¹¹Deus disse a Bileâm: “Não irás com eles nem amaldiçoarás este povo, pois é bendito”. ¹²Na manhã seguinte, Bileâm levantou-se e disse aos dignitários de Balaq: “Voltai para a vossa terra, pois o SENHOR se recusa a me deixar ir convosco”. ¹³Os dignitários de Moab levantaram-se e voltaram para junto de Balaq; disseram-lhe: “Bileâm não quis vir conosco”.

¹⁴Mas Balaq enviou ainda outros dignitários, desta vez mais numerosos e mais importantes do que os primeiros. ¹⁵Ao chegarem a Bileâm, disseram-lhe: “Assim fala Balaq, filho de Şipor: Por favor, não te recuses a vir ter comigo, ¹⁶pois te cumularei de honras” e farei tudo o que me disseres. Vem, pois, e amaldiçoa para mim este povo.” ¹⁷Bileâm respondeu aos servos de Balaq: “Mesmo que Balaq me desse toda a prata e todo o ouro que cabe em sua casa, eu não poderia fazer uma

coisa, pequena ou grande, contrária à ordem do SENHOR, meu Deus. ¹⁸Por isso, ficai aqui também vós esta noite, esperando que eu chegue a saber o que o SENHOR ainda tem a me dizer.” ¹⁹Deus veio a Bileâm, durante a noite, e lhe disse: “Se estes homens vieram te chamar, vai, parte com eles. Mas só farás o que eu te disser”.

A jumenta mais clarividente do que o adivinho.

²¹Na manhã seguinte, Bileâm levantou-se, selou sua jumenta e partiu com os dignitários de Moab. ²²Mas, vendo-o partir, Deus se encheu de cólera, e o anjo do SENHOR postou-se na estrada para barrar-lhe a passagem enquanto andava, montado em sua jumenta, acompanhado de seus dois servos. ²³A jumenta viu o anjo do SENHOR postado no caminho, tendo nas mãos a espada desembainhada; ela se desviou da estrada e enveredou pelos campos. Bileâm bateu na jumenta para fazê-la voltar ao caminho. ²⁴Então o anjo do SENHOR pôs-se num caminho estreito que passava no meio das vinhas, entre dois muros. ²⁵A jumenta viu o anjo do SENHOR e encostou-se ao muro. Como ela apertasse o pé de Bileâm contra o muro, ele tornou a bater nela. ²⁶O anjo do SENHOR tomou-lhe a dianteira, mais uma vez, para postar-se numa passagem estreita onde não havia possibilidade de passar nem à direita nem à esquerda. ²⁷A jumenta viu o anjo do SENHOR; caiu debaixo de Bileâm, que se encheu de cólera e a espancou a bordoada. ²⁸O SENHOR fez a jumenta falar, e ela disse a Bileâm: “Que te fiz eu para que me espanques por três vezes?” ²⁹Disse-lhe Bileâm: “É que zombaste de mim! Se eu tivesse uma espada nas mãos, te mataria imediatamente!” ³⁰A jumenta disse a Bileâm: “Não sou tua jumenta, na qual montas desde sempre? Acaso é meu costume agir assim contigo?” —

Ct 8,7;
Jó 28,15-19;
Sh 7,9

u. *Honras* significa aqui: honorários, retribuição. Cf. Ex 20,12 nota e Pr 3,9.

v. Aqui começa o segundo relato (cf. 22,1, nota ao título), que parece depender da tradição “javista”, embora fosse

apresentado o anjo do Senhor, o que geralmente é uma característica dos relatos “eloístas”. Este segundo relato ignora a permissão que Deus concede a Bileâm nos vv. anteriores.

"Não", disse ele. ³¹O SENHOR abriu os olhos de Bileâm, que viu o anjo do SENHOR postado na estrada, tendo nas mãos a espada desembainhada; inclinou-se e prosternou-se rosto por terra. ³²Então o anjo do SENHOR lhe disse: "Por que batestes na tua jumenta por três vezes? Como vês, eu vim barrar-te o caminho, porque, para mim, trata-se de uma viagem empreendida irrefletidamente. ³³A jumenta me viu e, por três vezes, desviou-se de mim. Se ela não se tivesse desviado, te haveria matado imediatamente, enquanto ela teria permanecido com vida". ³⁴Bileâm disse ao anjo do SENHOR: "Peguei, pois não reconheci que estavas parado diante de mim, no caminho. Agora, se esta viagem não te agrada, voltarei". ³⁵Mas o anjo do SENHOR lhe disse: "Vai com estes homens, mas só dirás a palavra que eu te disser". Bileâm foi, pois, com os dignitários de Balaq.

³⁶Informado da vinda de Bileâm, Balaq foi ao seu encontro em Ir-Moab, na fronteira marcada pelo Arnon, no limite de seu território^a. ³⁷Disse-lhe Balaq: "Acaso não enviei bastante gente para te chamar? Por que não vieste? Será que não tenho condições de tratar-te com honra?" ³⁸Bileâm respondeu a Balaq: "Pois bem, vim a ti; poderei agora dizer alguma coisa? Direi a palavra que Deus puser em minha boca". ³⁹Bileâm partiu com Balaq e chegaram a Qiriat-Hușot. ⁴⁰Balaq ofereceu um sacrifício de animais grandes e pequenos e enviou parte deles a Bileâm e aos dignitários que o acompanhavam.

Primeiro oráculo de Bileâm. ⁴¹Na manhã seguinte, logo cedo, Balaq tomou Bileâm e o fez subir a Bamot-Baal^b, de onde se via^c uma parte do povo.

23 ¹Bileâm disse a Balaq: "Edifica-me aqui sete altares e prepara-me aqui sete novilhos e sete carneiros". ²Balaq fez como lhe dissera Bileâm; e Balaq, com Bileâm, ofereceu um novilho e um carneiro sobre cada altar^d. ³Bileâm disse a Balaq: "Permaneço de pé junto a teu holocausto, enquanto eu me retiro. Talvez o SENHOR venha ao meu encontro; comunicar-te-ei a palavra que ele me fizer conhecer, qualquer que seja". E foi andando pela estrada. ⁴Deus veio ao encontro de Bileâm, que lhe disse: "Fiz erigir os sete altares e oferecer um novilho e um carneiro em cada um deles".

⁵Então o SENHOR pôs na boca de Bileâm uma palavra e lhe disse: "Volta para junto de Balaq; é assim que lhe falarás". ⁶Bileâm voltou para junto de Balaq e o encontrou de pé junto ao seu holocausto, com todos os dignitários de Moab. ⁷Então proferiu seu encantamento^e nestes termos:

"Balaq me fez vir de Arâm^f; o rei de Moab me chamou^g dos montes do Oriente:

'Vem! Lança imprecações por mim contra Jacó!

Vem! Vota Israel à reprovação!'

⁸Como amaldiçoarei aquele a quem Deus não amaldiçoou?

Como votaria à reprovação aquele que o SENHOR não reprovou?

⁹Quando do cume dos rochedos o contemplo,

w. *Se ela não se tivesse* traduz uma palavra hebr. que geralmente significa: "talvez"; mas neste contexto, "talvez" seria incompreensível.

x. *Fronteira e território* traduzem a mesma palavra hebr. O fim do v. parece ter sido acrescentado posteriormente. O Arnon normalmente era a fronteira de Moab ao norte; mais de uma vez, porém, Moab se estendeu para além dele (assim no século IX, no reinado de Meshá). *Ir-Moab* encontra-se às margens do Arnon, perto de Aroer.

y. Talvez seja o mesmo lugar que o Bamot de 21.19. Mas pode-se tratar também de um nome comum: "Os lugares altos de Baal".

z. A noção quase material da maldição quer que aquele que a pronuncia enxergue os que ele tem em vista.

a. Enquanto em 22.40 se pode perguntar a que deus é oferecido o sacrifício, aqui certamente se trata de um holocausto oferecido ao Deus de Israel para obter uma revelação de sua parte (cf. Jz 6.25).

b. *Encantamento* traduz o hebr. *mushal*, que com frequência se traduz por "poema" ou por "provérbio". A palavra designa essencialmente uma sentença ritmada. É sob esta forma que os adivinhos pronunciavam suas maldições.

c. *Arâm*, cf. 22.5 nota: os montes do Oriente da orla montanhosa do deserto da Síria, que pode valer par o Médio-Eufrates, pátria de Bileâm, segundo uma das tradições. Mas pode-se compreender também os montes de Qedem, região entre a Fenícia e a Síria.

d. Verbo acrescentado para a clareza da tradução.

quando do alto das colinas o observo.
vejo um povo que habita à parte^e
e não se inclui no número das nações.

¹⁰ Quem poderia contar o pó de Jacó,
o número^f das multidões^g de Israel?
Que eu mesmo morra da morte dos
justos^h
e que meu fim seja semelhante ao
dele!ⁱ

Segundo oráculo de Bileâm. ¹¹Balaq disse a Bileâm: “Que me fizeste? Chamei-te para amaldiçoar meus inimigos e eis que os cobres de bênçãos!” ¹²Bileâm respondeu: “Quando falo, não devo ater-me ao que o SENHOR põe em minha boca?” ¹³Balaq retrucou: “Vem, pois, comigo a outro lugar de onde verás este povo — tu não vias mais que uma parte dele, não o estavas vendo por completo^j — e deste lugar, amaldiçoa-o para mim!”

¹⁴Levou-o a um ponto de observação^k no cume da Pisgá, construiu sete altares e ofereceu um novilho e um carneiro sobre cada altar. ¹⁵Bileâm disse-lhe: “Permanece de pé junto a teu holocausto, enquanto eu vou ali esperar...” ¹⁶O SENHOR veio ao encontro de Bileâm, pôs-lhe na boca uma palavra e depois disse: “Volta para junto de Balaq; é assim que falarás”. ¹⁷Bileâm voltou para junto de Balaq e o encontrou de pé junto a seu

holocausto com os dignitários de Moab. Balaq lhe perguntou: “Que disse o SENHOR?” ¹⁸Então, Bileâm proferiu seu encantamento nestes termos:

“Levanta-te, Balaq, escuta!
Dá-me atenção, filho de Şipor!

¹⁹ Deus não é um homem, para que minta,
nem um filho de Adão, para que se retrate.

MI 3,6

Acaso ele fala para depois não agir?
Diz ele uma palavra para depois não executá-la?

²⁰ Recebi o encargo de abençoar,
pois ele abençoou^l, e não me retratarei.

²¹ Não se observa calamidade em Jacó,
não se vê sofrimento^m em Israel.
O SENHOR, seu Deus, está com ele;
no meio dele é aclamado o reiⁿ.

²² Deus o fez sair do Egito;
ele^o possui a força do búfalo.

²³ Não há augúrio em Jacó,
nem adivinhação em Israel^p;
No devido tempo diz-se a Jacó,
a Israel, o que Deus faz.

²⁴ Eis um povo que se levanta qual leoa,
que se ergue como um leão.

24,9:
Dt 33,20;
Gn 49,9

Não se deita antes de ter devorado
a presa
e bebido o sangue de suas vítimas^q.

²⁵Balaq disse a Bileâm: “Se não o amaldiçoas, ao menos não o abençoes”.

e. *Viver à parte* é para Israel uma exigência de sua fé, sempre ameaçada pelo ambiente circundante (cf. Dt 7.1-6; 33.28). Ser posto à parte por seu Deus é também um título de glória.

f. Muitas razões (testemunho das versões antigas, regras do paralelismo poético) convidariam a corrigir *mispar*, “número”, por *mi safar*, “quem poderia contar?”; mas não chegam a ser decisivas.

g. A palavra traduzida por *multidões* pode também ser compreendida de outra forma: “o quarto de Israel”, “a areia que é Israel”, “o acampamento de Israel” (sam.j.), “os clãs de Israel” (gr.).

h. *Os justos* são aqui os filhos de Israel.

i. Outra tradução possível: *que minha posteridade seja como ele*.

j. Balaq parece pensar que Bileâm fez um julgamento demasiadamente positivo de Israel porque só enxergava uma parte dele. Por isso imagina ser possível outra tentativa, pois a bênção não alcançava mais que uma pequena parte do povo (cf. 22.41 nota); ainda é possível amaldiçoar o resto!

k. Lit. *um terreno de sentinelas*. Talvez se trate de um nome

próprio. A Pisgá parece ter feito parte de uma “terra de ninguém” entre Israel e Moab.

l. Sam. e gr. *eu abençoei*.

m. Outra tradução possível: *ele* (isto é, Deus) *não observa delito em Jacó, não vê maldade (opressão, abuso) em Israel*.

n. O rei aclamado é o Senhor. Cf. Dt 33.5 nota; Is 33.22; Sl 24.7-10; 93.1; 96.10; 97.1; 98.4-6; 99.1 etc. Contudo alguns autores pensam que poderia tratar-se do rei de Israel acenado em 24.17: David ou seu descendente, o Messias.

o. Não se sabe com certeza se este pronome designa Deus ou Israel. É mais provável que seja o povo (cf. Dt 33.17; Sl 92.11). Poder-se-ia traduzir também: *ele* (Deus) *vale para eles a força de um búfalo*. A palavra traduzida por *força* pode significar também: “chifres”, “ímpeto”, “supremacia”.

p. Embora estranhas ao contexto, as afirmações deste v. são importantes: Deus se revela a seu povo não por meios mágicos e irracionais, mas por sua palavra, transmitida por um homem (cf. Dt 18.14-18). Se não existisse o fim do v., poder-se-ia pensar em outra tradução para os dois primeiros estíquios: *não há augúrio que possa alguma coisa contra Jacó, nem adivinhação contra Israel*: é precisamente isso que Bileâm constata.

²⁶E Bileâm respondeu: "Não te havia eu dito: 'Farei tudo o que o SENHOR disser'?"

Terceiro oráculo de Bileâm. ²⁷Balaq disse a Bileâm: "Vem, pois! Vou levar-te para outro lugar^a; talvez Deus permita que de lá amaldições por mim esse povo". ²⁸Então Balaq levou Bileâm para o cume do Peor, que se ergue diante do deserto^c. ²⁹Disse-lhe Bileâm: "Edifica-me aqui sete altares e prepara-me aqui sete novilhos e sete carneiros". ³⁰Balaq fez conforme lhe disse Bileâm; depois ofereceu um novilho e um carneiro sobre cada altar.

24 ¹Bileâm viu que o SENHOR se comprazia em abençoar Israel; por isso não foi, como das outras vezes, em busca de presságios^d, mas voltou-se para o deserto. ²Levantando os olhos, Bileâm viu Israel acampado por tribos. O espírito de Deus veio sobre ele^e, e ele proferiu seu encantamento nestes termos:

"Oráculo de Bileâm, filho de Beor^f,
oráculo do homem de olhar penetrante^g,
⁴ oráculo daquele que ouve as palavras de Deus,

que vê aquilo que o Poderoso lhe mostra,
quando cai em êxtase e seus olhos se abrem:

⁵ Como são belas tuas tendas, Jacó,
tuas moradas, Israel!

⁶ Elas se espalham como torrentes;
semelhantes a jardins à beira de um rio,
como aloés^h plantados pelo SENHOR,

como cedros junto às águas.

⁷ A água transborda de seus baldesⁱ,
suas sementeas são copiosamente regadas.
Seu rei supera Agag^j,
sua realza se eleva...

⁸ Deus o fez sair do Egito;
ele^k possui a força do búfalo.
Devora as nações adversas,
quebra-lhes os ossos,
atinge-as com suas flechas.

⁹ Agacha-se, deita-se como um leão, 23.24
como uma leoa; quem o faria levantar-se?
Bendito seja quem te abençoar, Gn 12.3;
e maldito, quem te amaldiçoar!" 27.29

Últimos oráculos de Bileâm. ¹⁰Balaq encolerizou-se contra Bileâm; bateu palmas e lhe disse: "Chamei-te para que amaldiçoasses os meus inimigos, e eis que pela terceira vez os cobres de bênçãos!
¹¹Já que é assim, volta para tua terra! Eu disse que te cumularia de honras; mas eis que o SENHOR te priva destas honras^l".

¹²Bileâm lhe respondeu: "Porventura não disse eu, expressamente, aos mensageiros que me enviaste: ¹³'Ainda que Balaq me desse toda a prata e todo o ouro que cabem em sua casa, não poderia transgredir a ordem do SENHOR, trazendo felicidade ou desgraça^m por minha própria iniciativa. O que o SENHOR disser, isso eu direiⁿ? ¹⁴Pois bem, agora vou para junto dos meus; mas vem, quero avisar-te^o daquilo que fará este povo no

q. Os dois poemas do cap. 23 pertencem à tradição "eloísta" e sem dúvida prolongam o primeiro relato do cap. 22. Os poemas do cap. 24 são "javistas" e se relacionam com o segundo relato do cap. 22. No texto "javista" primitivo, 23.29 devia seguir 22.40. Os vv. 27 e 28 foram acrescentados para assegurar uma transição entre os dois conjuntos.

r. Peor: cf. 25.3. Deserto: cf. 21.20 nota.

s. Até aqui, Bileâm buscava inspiração em procedimentos divinatórios difíceis de precisar.

t. Neste relato "javista", Bileâm fala sob o efeito de uma súbita inspiração, em êxtase (cf. 2Rs 3.15), ao passo que no cap. 23 recebia a mensagem antecipadamente e tinha tempo para refletir sobre ela. Aqui se apresenta como um "vidente" que emprega uma linguagem muito figurada.

u. O texto apresenta Bileâm como se ainda não se tivesse falado dele. Isto indica que o poema é independente do relato em que se enquadra e, sem dúvida, muito mais antigo.

v. Outras traduções possíveis: *de olho perfeito* (gr., targ.), *de olhar misterioso, de olho aberto*.

w. O gr., supondo uma ligeira diferença de vocalização, lê: *tendas*.

x. Lit. *de seus dois baldes*. Deve tratar-se de baldes que funcionam alternadamente num poço. O gr. traduziu de maneira muito diferente, inspirando-se no v. 17: *Um homem sairá de sua descendência e dominará numerosos povos. Seu rei prevalece...* (cf. Gn 49.10; Is 9.5; 11.1).

y. Agag, rei de Amaleq foi vencido por Saul (1Sm 15.8). O poema poderia referir-se ao primeiro rei de Israel e, através dele, a toda a monarquia israelita.

z. Cf. 23.22 nota.

a. Desta vez Balaq não insiste. Despede Bileâm, sem dar-lhe o pagamento (cf. 22.17). Ele se considera desobrigado com relação a Bileâm, e lança sobre o Senhor a responsabilidade pela ruptura do contrato.

b. Outra tradução possível: *transgredir a ordem do Senhor no que quer que seja*.

c. Esta palavra geralmente significa "aconselhar". Talvez esteja ali a fonte da tradição (atestada em 31.16) segundo qual

transcorrer dos tempos". ¹⁵Então proferiu seu encantamento nestes termos:

"Oráculo de Bileâm, filho de Beor, oráculo do homem de visão penetrante, ¹⁶oráculo daquele que ouve as palavras de Deus,

que possui a ciência do Altíssimo^d, que vê aquilo que lhe mostra o Onipotente, quando cai em êxtase e seus olhos se abrem.

¹⁷Eu o vejo, mas não é para agora; observo-o, mas não de perto: De Jacó sobe uma estrela^f, de Israel surge um cetro^g que esmaga as ténporas de Moab^h e dizima todos os filhos de Shet^h.

¹⁸Edomⁱ será terra conquistada; Seir será terra conquistada por seus inimigos — Israel mostra sua força.

Jr 48,45

¹⁹De Jacó surgiu um dominador; faz perecer o que resta da cidade^j".

²⁰Bileâm viu também Amaleq^k e proferiu seu encantamento nestes termos: "Amaleq, primeira das nações! Mas seu futuro é a ruína".

²¹Depois viu os qenitas^l e proferiu seu encantamento nestes termos:

"Tua morada está sólida e teu ninho^m instalado sobre a rocha.

²²Contudo, Qáin será presa das chamas, e finalmente Ashurⁿ te fará prisioneiro".

²³Por fim, proferiu seu encantamento^o nestes termos:

"Que desgraça! quem sobreviverá à ação de Deus?

²⁴Eis navios de Kitim^p...

Dn 11,30

Oprimirão Ashur, oprimirão Êber^q; também ele corre para a ruína".

²⁵Bileâm foi embora e voltou para sua terra; e Balaq foi para seu lado.

EM PEOR: ISRAEL TRAI O SENHOR^r

25 ¹Israel estabeleceu-se em Shitim, e o povo começou a entregar-se à

I Cor 10,8

prostituição com as filhas de Moab. ²Elas convidaram o povo para os sacrifícios a Ap 2,14

Bileâm teria aconselhado Balaq a atrair Israel à idolatria através de mulheres (cf. 25,1.2 e Ap 2,14).

d. Isto é, a ciência comunicada pelo Altíssimo e não o conhecimento pelo qual Deus conhece.

e. No Oriente, a *estrela* era o sinal dos deuses e dos reis (cf. Mt 2,2). O oráculo sem dúvida visava a David, vencedor de Moab (2Sm 8,2). Mas através dele, refere-se também a toda a sua dinastia (que sempre será inimiga encarniçada de Moab) e, finalmente, ao Messias.

f. O *cetro*, primitivamente um cassetete (o que explica o v. seguinte), é um símbolo tradicional da realeza. Continuando sua interpretação messiânica, o gr. lê *um homem em lugar de um cetro*.

g. Outras traduções possíveis: *que faz estourar as fronteiras de Moab, os confins dos filhos de Shet*, ou: *que esmaga as ténporas de Moab, e o crânio* (correção segundo sam. e Jr 48,45) *de todos os filhos de Shet*.

h. Esta expressão designa os moabitas. Os textos assírios e egípcios mencionam uma tribo do sudeste palestino cujo nome, *shutu*, é próximo do de *Shet*. Haverá uma relação com o filho de Adão (Gn 4,25)? O nome não aparece mais na Bíblia, a não ser em Lc 3,38.

i. Sem nenhuma advertência, o oráculo é estendido a *Edom*, designado também pelo nome de *Seir*, que é o do maciço montanhoso que ele habitava. Bileâm vai passar em revista todos os povos aparentados com Israel e que participavam um pouco de sua bênção. Seus oráculos parecem ser ditos antigos que se repetiam a propósito destes povos.

j. Sem dúvida se trata da capital de Moab, ou localidade de Ir-Moab ("a cidade de Moab") às margens do Arnon, citada em 22,36.

k. O olhar sobre as regiões circunvizinhas continua: *Amaleq*, povo nómade da península do Sinai, hostil a Israel (Ex 17,8-16; Dt 25,17).

l. Os *qenitas* (ou "Cains"), a sudeste da Judéia (Gn 15,19; 1Sm 27, 10), foram os aliados de Israel (10,29; Jz 1,16; 4,11), mas também dos amalequitas (1Sm 15,6).

m. Em hebr. *qên*, jogo de palavras com *qáin*, *Caim*.

n. *Ashur* pode designar a Assíria, mas também a população da planície de Jezreel, mencionada em Gn 25,3 e 2Sm 2,9, junto da qual uma parte dos qenitas teve de se refugiar, enquanto os outros se dispersavam pelo resto da Palestina (Js 15,13,19; Jz 4,11).

o. A última maldição não tem destinatário. O gr. e outros testemunhas do texto acrescentaram: *ele viu Og*, o rei do Bashan, de que fala 21,33.

p. Kitim designa Chipre, mas também toda a parte oriental do Mediterrâneo. Os invasores vindos do mar provavelmente são os filisteus, que por longo tempo disputaram a Palestina com os israelitas.

q. Para *Ashur*, cf. v. 22 nota. *Êber* é o grupo de povos ao qual pertencem Israel e os povos citados desde o v. 18. Estão unidos por certo favor do Senhor, mas Israel toma a dianteira do grupo em detrimento dos outros.

r. Este cap. é formado por dois relatos, um dos quais ("javista") fala das *filhas de Moab* (vv. 1-5), e o outro ("sacerdotal") de uma *midianita* (vv. 6-18). Segundo 22,4, moabitas e midianitas eram aliados, mas habitavam regiões muito distantes uns dos outros. Por isso parece que se trata de dois acontecimentos diferentes. O v. 18, que os funde num só, é obra de um redator.

seus deuses; o povo comeu e prosternou-se diante desses deuses. ³Israel se pôs sob o jugo do Báal de Peor, e o SENHOR se encheu de cólera contra ele. ⁴O SENHOR disse a Moisés: "Toma todos os chefes do povo e faze-os suspender⁴ diante do SENHOR, em face do sol, para que a cólera ardente do SENHOR se afaste de Israel". ⁵Moisés disse aos juízes de Israel: "Cada um de vós mate aqueles de seus homens que se puseram sob o jugo do Báal de Peor!"

⁶E eis que um dos filhos de Israel, trazendo uma midianita, veio para junto de seus irmãos; e isto sob os olhos de Moisés e de toda a comunidade dos filhos de Israel, quando choravam à entrada da tenda do encontro. ⁷Vendo isto, o sacerdote Pinhas, filho de Eleazar, filho de Aarão, levantou-se no meio da comunidade; tomou uma lança, ⁸seguiu o israelita até a alcova⁸ e traspassou a ambos, o israelita e a mulher, na alcova desta mulher. Então cessou a praga que feria os filhos de Israel. ⁹O número das vítimas desta praga foi de 24.000.

¹⁰O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹¹"O sacerdote Pinhas, filho de Eleazar, filho de Aarão, afastou meu furor dos filhos de Israel, mostrando-se, no meio deles, ciumento no meu lugar. Por isso não exterminei os filhos de Israel sob os golpes do meu ciúme. ¹²Por isso, disse-lhe: dou-lhe minha aliança para a paz. ¹³Será para ele e para os seus descendentes. Esta aliança lhe garantirá o sacerdócio para sempre, visto que se mostrou ciumento por seu Deus e realizou o rito de absolvição pelos filhos de Israel".

¹⁴O israelita que foi morto — aquele que foi morto junto com a midianita — chamava-se Zimri, filho de Salu, responsável por uma família de Simeão. ¹⁵E a mulher que foi morta, a midianita, chamava-se Kozbi, filha de Sur; este era chefe de um clã, isto é, de uma família de Midian.

¹⁶Então o SENHOR falou a Moisés dizendo: ¹⁷"Atacai os midianitas e vencidos. ¹⁸Porque vos provocaram pela perfídia que usaram convosco no caso de Peor e no caso de Kozbi, filha de um chefe de Midian, sua irmã, que foi morta no dia da praga devida ao caso de Peor".

Ex 32, 25-29;
Dt 33,8-11;
Lv 1,8

INSTRUÇÕES PARA A PARTILHA DA TERRA⁹

Gn 46,8-25 **Segundo recenseamento de Israel.** ¹Depois desta praga,

26 ²o SENHOR disse a Moisés e ao sacerdote Eleazar, filho de Aarão: ³"Fazei um levantamento⁹ por famílias de toda a comunidade dos filhos de Israel, de todos os de vinte anos para cima que servem no exército de Israel". ⁴Moisés e o sacerdote Eleazar falaram-lhes nas planícies de Moab, às margens do Jordão,

na altura de Jericó. Disseram: ⁴"Haverá um recenseamento⁹ dos homens de vinte anos para cima, como o SENHOR ordenou a Moisés".

Eis os filhos de Israel⁹ que haviam saído da terra do Egito: ⁵Rúben, primogênito de Israel. Filhos de Rúben: de Hanok saiu o clã dos hanokitas; de Palu, o clã dos paluítas; ⁶de Heşron, o clã dos heşronitas; de Karmi, o clã dos karmitas.

s. Sobre Báal de Peor, cf. Os 9,10 nota.

t. O sentido desta palavra não é certo. Em todo caso, trata-se de um castigo exemplar (cf. 2Sm 21,6).

u. Trata-se de uma tenda para uso religioso que abrigava uma sacerdotisa midianita, seja em vista da prostituição sagrada, seja em vista da adivinhação.

v. Exceto, talvez, para o cap. 32 (ver 32,1 nota), lemos daqui até o fim do livro a tradição "sacerdotal".

w. Deve ter havido um novo recenseamento, visto que todos os que haviam sido objeto do primeiro tinham morrido no deserto (v. 64). O texto deste cap. combina uma lista dos efetivos das

tribos análoga à do cap. I com uma lista dos clãs que compõem as tribos (cf. Gn 48,8-37; Ex 6,14-25). Como sempre, a hierarquia dos clãs é expressa por relações de filiação. Este recenseamento deve preparar ao mesmo tempo a campanha da Palestina (daí a lista dos efetivos) e a divisão da terra (por clãs, cf. 33,54).

x. *Haverá um recenseamento* não figura no texto, que é visivelmente lacunoso.

y. É a introdução primitiva da lista das tribos; não está harmonizada com o contexto, que supõe um recenseamento do povo depois da morte da geração do Êxodo, e não no momento da saída do Egito.

⁷Estes eram os clãs dos rubenitas; seu efetivo era de 43.730 homens. ⁸Filhos^a de Palu: Eliab ⁹e os filhos de Eliab: Nemuel, Datan e Abirâm. Foram estes dois, Datan e Abirâm, delegados da comunidade, que se haviam insurgido contra Moisés e Aarão; faziam parte do grupo de Qôrah quando se insurgiram contra o SENHOR. ¹⁰Abrindo a goela, a terra os engoliu, como também a Qôrah, quando morreu seu grupo e o fogo devorou 250 homens; eles serviram de exemplo. ¹¹Mas os filhos de Qôrah não pereceram.

¹²Filhos de Simeão, por clãs: de Nemuel^b saiu o clã dos nemuelitas; de Iamin, o clã dos iaminitas; de Iaquin, o clã dos iaquinitas; ¹³de Zérah^c, o clã dos zerahitas; de Shaul, o clã dos shaulitas. ¹⁴Tais eram os clãs dos simeonitas: 22.200 homens.

¹⁵Filhos de Gad, por clãs^d: de Şefon saiu o clã dos şefonitas; de Hagi, o clã dos hagitais; de Shuni, o clã dos shunitas; ¹⁶de Ozni, o clã dos oznitas; de Eri, o clã dos eritas; ¹⁷de Arod, o clã dos aroditas; de Areli, o clã dos arelitas. ¹⁸Tais eram os clãs dos filhos de Gad; seu efetivo: 40.500 homens.

¹⁹Filhos de Judá: Er e Onan — Er e Onan morreram na terra de Canaã^e. ²⁰Eis, pois, os filhos de Judá por clãs: de Shelá, saiu o clã dos shelanitas; de Pereş, o clã dos parşitas; de Zérah^c, o clã dos zerahitas. ²¹Os filhos de Pereş foram estes: de Heşron saiu o clã dos heşronitas; de Hamul, o clã dos hamulitas. ²²Tais foram os clãs de Judá; seu efetivo: 76.500 homens.

²³Filhos de Issacar, por clãs: de Tolá saiu o clã dos tolaítas; de Puá, o clã dos

punitas; ²⁴de Iashub, o clã dos iashubitas; de Shimron, o clã dos shimronitas. ²⁵Tais eram os clãs de Issacar; seu efetivo: 64.300 homens.

²⁶Filhos de Zabulon, por clãs: de Séred saiu o clã dos sarditas; de Elon, o clã dos elonitas; de Iahelel, o clã dos iahelelitas. ²⁷Tais eram os clãs de Zabulon; seu efetivo: 60.500 homens.

²⁸Filhos de José, por clãs: Manassés e Efraim. ²⁹Filhos de Manassés: de Makir saiu o clã dos makiritas — Makir gerou Guilead^f; de Guilead saiu o clã dos guileaditas. ³⁰Eis os filhos de Guilead: de Lêzer saiu o clã dos iezeritas; de Hêleq, o clã dos heleqitas; ³¹de Asriel, o clã dos asrielitas; de Shekem, o clã dos shekemitas; ³²de Shemidá, o clã dos shemidaítas; de Hêfer, o clã dos heferitas. ³³Şeloşhad, filho de Hêfer, não teve filhos, apenas filhas. As filhas de Şeloşhad chamavam-se: Maşlâ, Noá, Hoğlá, Milká e Tirşá^g. ³⁴Tais eram os clãs de Manassés; seu efetivo: 52.700 homens.

³⁵Eis os filhos de Efraim, por clãs: de Shutelâş saiu o clã dos shutelaşitas; de Beker, o clã dos bakritas; de Taşan, o clã dos taşanitas. ³⁶E eis os filhos de Shutelâş: de Eran, o clã dos eranitas. ³⁷Tais eram os clãs dos filhos de Efraim; seu efetivo: 32.500 homens. Tais eram os filhos de José no recenseamento por clãs^h.

³⁸Filhos de Benjamin, por clãs: de Bela saiu o clã dos belaitas; de Ashbel, o clã dos ashbelitas; de Aşirâm, o clã dos aşiramitas; ³⁹de Şefufâm, o clã dos şufamitas; de Hufâm, o clã dos hufamitas. ⁴⁰Os filhos de Bela foram: Ard e Naamanⁱ, o clã dos ardaitas e, saído de Naaman, o clã dos naamitas. ⁴¹Tais eram os

z. *Filhos* está no plural e, contudo, nomeia-se apenas um. A fórmula habitual foi repetida automaticamente. Ajuntou-se à lista um fragmento de outra lista mais detalhada, depois uma evocação dos acontecimentos apresentados no cap. 16. Esta glosa (vv. 8-11) se refere ao cap. 16 em sua forma atual (cf. 16,1 nota).

a. Lit. *haste, estandarte, sinal de reunião* (como a serpente de 21,8), 16,33-34 não tinha esta explicação.

b. Em Gn 46,10 e Ex 6,15 era chamado *lemuel*. Talvez haja uma confusão com o Nemuel do v. 9.

c. Mesmo nome no v. 20 na tribo de Judá. Talvez se deva ler aqui, com Gn 46,10 e Ex 6,15. *Sôhar*

d. Nosso texto não concorda com Gn 46,16.

e. O texto-base só começa no v. 20. Precede-o a menção aos dois primeiros filhos para ter em conta a genealogia de Gn 38,3-10; 46,12.

f. Em Js 17,1-2, os filhos de *Guilead* são apresentados como filhos de Manassés; portanto representam clãs iguais a Makir, ao passo que aqui são subclãs.

g. Estes nomes são de cidades da Transjordânia. É um grupo tardiamente anexado a Manassés.

h. Lit. segundo seus clãs.

i. Sam. acrescenta: *saído de Ard*.

filhos de Benjamin no recenseamento por clãs;¹ seu efetivo: 45.600 homens.

⁴²Eis os filhos de Dan, por clãs: de Shuham saiu o clã dos shuhamitas; estes eram os clãs^k de Dan, no recenseamento por clãs^l. ⁴³Todos os clãs dos shuhamitas: um efetivo de 64.400 homens.

⁴⁴Filhos de Aser, por clãs: de limná, saiu o clã de limná; de Ishvi, o clã dos ishvitais; de Beriá, o clã dos beriitas. ⁴⁵Saídos dos filhos de Beriá: de Héber, o clã dos hebritais; de Malkiel, o clã dos malkielitas. ⁴⁶A filha de Aser chamava-se Sérah. ⁴⁷Tais eram os clãs dos filhos de Aser; seu efetivo: 53.400 homens.

⁴⁸Filhos de Neftali, por clãs: de Iahseel saiu o clã dos iahseelitas; de Guni, o clã dos gunitais; ⁴⁹de Iêser, o clã dos ieşeritas; de Shilêm, o clã dos shilemitais. ⁵⁰Tais eram os clãs de Neftali no recenseamento por clãs; seu efetivo: 45.500 homens.

⁵¹O efetivo dos filhos de Israel: 601.730^m.

34.13; Jz 14,1-2 **Indicações gerais para a partilha da terra.** ⁵²O SENHOR falou a Moisés dizendo: ⁵³“Entre estes clãs é que será repartida a terra; as partes serão proporcionais ao número de pessoas. ⁵⁴A um clã mais importante, darás uma parte maior, e a um clã menos numeroso, darás uma parte menor. A cada qual será dada uma parte correspondente a seu efetivo. ⁵⁵A partilha da terra só poderá ser feita por sorteio. Receberão suas partes de acordo com o número de pessoas das tribos de seus pais. ⁵⁶O sorteio decidirá a parte que cabe a cada um, tendo em conta o maior ou menor número”.

Gn 46,11 **Segundo recenseamento dos levitas.** ⁵⁷Estes são os efetivos dos levitas no re-

censeamento por clãs: de Guershon saiu o clã dos guershonitas; de Qehat, o clã dos qehatitas; de Merari, o clã dos meraritas”. ⁵⁸Eis os clãs de Levi: o clã dos libnitas, o clã dos hebronitas, o clã dos mahlitais, o clã dos mushitas, o clã dos qorahitas. — Qehat gerou Amrâm. ⁵⁹A mulher de Amrâm que se chamava Iokébed, filha de Levi, que Levi teve de sua mulherⁿ no Egito. Ela deu a Amrâm: Aarão, Moisés e Miriâm, sua irmã. ⁶⁰De Aarão nasceram Nadab, Abihu, Eleazar e Itamar. ⁶¹Nadab e Abihu morreram por terem apresentado ao SENHOR um fogo profano. ⁶²O efetivo dos levitas chegava a 23.000, contando todos os levitas de sexo masculino a partir de um mês. Eles não haviam sido recenseados com os filhos de Israel, pois não lhes fora atribuída nenhuma parte no meio dos filhos de Israel.

Conclusão do recenseamento. ⁶³Esses foram os que Moisés e o sacerdote Eleazar recensearam quando fizeram o recenseamento dos filhos de Israel na planície de Moab, às margens do Jordão, na altura de Jericó. ⁶⁴Entre eles, não restava mais um só homem dentre os que Moisés e o sacerdote Aarão haviam recenseado quando fizeram o recenseamento dos filhos de Israel no deserto de Sinai. ⁶⁵Pois o SENHOR lhes havia dito que morreriam no deserto; com efeito, não restara mais nenhum deles a não ser Kaleb, filho de Iefuné, e Josué, filho de Nun.

27 Casos particulares de sucessão: direito de herança das mulheres. ¹Então se apresentaram as filhas de Şelofhad,^p

14.26-38

j. Cf. v. 37 nota. Os vv. 38-41 apresentam dos clãs de Benjamin um quadro muito diferente do de Gn 46,21.

k. A tribo, pouco numerosa (Jz 18,2), só tem um clã. Mas visto que é contada como tribo à parte, conservam-se as fórmulas habituais.

l. Cf. v. 37, nota.

m. Este total difere um pouco do de 1,46. Pode-se notar que Benjamin é mais numeroso do que no primeiro recenseamento; Simeão e Efraim são menos numerosos.

n. Temos aqui a divisão clássica (cf. 3,17). O v. 58 dá outra, completamente diferente, que parece indicar que, em certa época, os levitas só residiam no território de Judá.

o. Lit. *que o deu à luz para Levi*. O sujeito deve ser a mulher de Levi, cujo nome falta no texto. De acordo com Ex 6,20, *filha de Levi* deve ser tomado em sentido próprio; nascida no Egito, Iokébed era muito mais jovem que seus irmãos, e isto explica que ela pudesse casar com seu sobrinho. Mas neste caso, Moisés e Aarão deveriam ter nascido menos de quarenta anos depois da instalação de Israel no Egito, o que contradiz a cronologia usual, mais de acordo com as indicações de Gn 15,16.

p. Na base deste episódio deve haver uma tradição histórica sobre a instalação de alguns clãs de Manassés na Transjordânia. Nosso texto deduz disto um princípio jurídico, que

26.29-33 filho de Hêfer, filho de Guilead, filho de Makir, filho de Manassés; pertenciam a um dos clãs de Manassés, filho de José. Elas se chamavam Maḥlá, Noá, Hōglá, Milká e Tiršá. ²Apresentaram-se diante de Moisés, do sacerdote Eleazar, dos responsáveis e de toda a comunidade, à entrada da tenda do encontro. ³Disseram-lhes: "Nosso pai morreu no deserto; não fazia parte do bando, não era dos que se aliaram contra o SENHOR no bando de Qôrah; ele morreu por causa de seu próprio pecado⁴. Ora, ele não tinha filhos. ⁴O nome de nosso pai haveria de desaparecer de seu clã só por não ter tido filhos? Dá-nos a nós mesmas uma propriedade⁵ como aos irmãos do nosso pai".

14.29 ⁵Moisés apresentou o caso delas diante do SENHOR. ⁶E o SENHOR disse a Moisés: 36.2 ⁷"As filhas de Şelofḥad têm razão; tu lhes darás uma propriedade em herança como aos irmãos de seu pai, e lhes transmitirás a herança de seu pai. ⁸E dirás aos filhos de Israel: 'Se um homem morrer sem deixar filhos, transmitireis sua herança à sua filha. ⁹Se não tiver filha, dareis sua herança a seus irmãos. ¹⁰Se não tiver irmãos, dá-la-eis aos irmãos de seu pai. ¹¹E se seu pai não tiver irmãos, vós a dareis ao parente mais próximo que houver em seu clã: este é que tomará posse. Esta será para os filhos de Israel uma regra de direito, conforme as ordens que o SENHOR deu a Moisés".

Josué sucede a Moisés. ¹²O SENHOR disse a Moisés: "Sobe a esta montanha da cordilheira dos Abarim⁶ e contempla a terra que dou aos filhos de Israel. ¹³Tu a verás, e depois serás arrebatado para unir-te à tua parentela⁷, como teu irmão Aarão. ¹⁴Porque fostes rebeldes à minha voz no deserto de Şin, quando a comunidade contendeu comigo e eu vos ordenei que manifestásseis minha santidade aos seus olhos, fazendo jorrar a água". Trata-se das águas de Meribá de Qadesh, no deserto de Şin.

¹⁵Então Moisés disse ao SENHOR: ¹⁶"Que o SENHOR⁸, o Deus que dispõe do sopro⁹ de toda criatura, designe um homem que seja posto à frente da comunidade. ¹⁷que saia e entre diante deles", que os faça sair e os faça entrar; assim a comunidade do SENHOR não será como ovelhas sem pastor". ¹⁸O SENHOR respondeu a Moisés: "Toma a Josué, filho de Nun; é um homem inspirado¹⁰. Tu lhe imporás a mão¹¹, ¹⁹apresentá-lo-ás ao sacerdote Eleazar como também a toda a comunidade e o empossarás em seu cargo¹² sob seus olhos. ²⁰Dar-lhe-ás uma parte do teu poder¹³, a fim de que toda a comunidade dos filhos de Israel lhe obedeça. ²¹Ele se apresentará diante do sacerdote Eleazar, que, diante do SENHOR, solicitará por ele a decisão do Urim¹⁴. Segundo esta decisão¹⁵ eles sairão e entrarão, ele e todos os filhos de Israel — toda a comunidade".

Dt 31.1-8; 3.28

Dt 3.27; 32.48-52

20.1-13

16.22

Jo 10.9

IRs 22.17; Ez 34.5; Mt 9.36; Jo 10.12; Ex 24.13

Ex 28.30; 1Sm 28.6

ele autentica atribuindo-o à autoridade de Moisés (segundo o procedimento "sacerdotal" habitual). Não há dúvida de que esta regra de direito é tardia em Israel, mas desde muito conhecida na Mesopotâmia.

q. Não sabemos se se trata de um pecado pessoal particular ou simplesmente da falta coletiva de sua geração (cf. cap. 14).

r. Note-se a importância dada ao patrimônio de raiz: era o sinal visível da família e a base de sua subsistência (o que explica a legislação de Lv 25).

s. É a cadeia que domina o leste do Jordão e o mar Morto. O contexto indica claramente que estes montes estão fora da terra de Israel.

t. Lit. *serás reunido aos teus* (cf. Gn 25.8).

u. Note-se que aqui Moisés fala ao Senhor na terceira pessoa, o que é muito raro.

v. O que qualifica o chefe pedido (v. 18) é o sopro de vida, mas talvez também as disposições. Só o Senhor sabe quem é capaz.

w. Ou seja, que comandará o exército. A expressão deriva da

imagem do pastor, corrente em toda a Antiguidade (cf. IRs 22.17; Ez 34.5 etc.).

x. Lit. *em que está o espírito*. O espírito é o conjunto das qualidades dadas pelo Senhor (cf. Dt 34.9); são decorrentes de um incremento vital (cf. v. 16 e nota). Josué é apresentado como alguém que ainda não é conhecido.

y. O sentido deste gesto é o de uma transmissão de poderes e também de uma comunicação da personalidade ou do espírito que anima Moisés (cf. Dt 34.9). Cf. 8.10 nota.

z. Lit. *tu lhe ordenarás*. É um termo técnico do cerimonial de transmissão de poderes.

a. Esta palavra, que não figura em nenhum outro lugar do Pentateuco, designa o *poder* mais no sentido de força vital do que no sentido de autoridade.

b. Cf. Ex 28.30 nota.

c. Lit. *por sua ordem*, o que se poderia entender também como significando a de decisão do sacerdote. Josué não estará, como Moisés, em contato direto com o Senhor; estará, pois, sob a dependência do sacerdócio. Esta ideia, própria da tradição "sa-

²²Moisés fez como o SENHOR lhe havia ordenado; tomou Josué e o apresentou ao sacerdote Eleazar e a toda a comunidade.

²³Eleazar impôs-lhe as mãos e o estabeleceu em seu cargo, como o SENHOR lhe havia dito por intermédio de Moisés.

DI 31,23;
34,9

28 Oferendas ordinárias e oferendas dos dias de festa. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo: ²“Ordena o seguinte aos filhos de Israel: tereis o cuidado de trazer-me, no tempo fixado, os presentes que me são devidos, meu alimento^d, sob a forma de oferendas queimadas de agradável odor. ³Tu lhes dirás: estas são as oferendas consumidas que apresentareis ao SENHOR: diariamente, dois cordeiros de um ano, sem defeito, a título de holocausto perpétuo. ⁴O primeiro cordeiro será oferecido^e de manhã e o segundo ao entardecer^f, ⁵com uma oferenda de um décimo de efá de farinha amassada num quarto de hin de azeite de olivas quebradas^g. ⁶É um holocausto perpétuo, tal como foi praticado no monte Sinai^h, uma oferenda queimada de odor aplacador ao SENHOR. — ⁷A libação exigida é de um quarto de hin para o primeiro cordeiro — libação de vinho forteⁱ a ser oferecido ao SENHOR no santuário. ⁸O segundo cordeiro será oferecido ao entardecer; será oferecido com a mesma oferenda e a mesma libação da manhã. É uma oferenda consumida de odor aplacador para o SENHOR.

EX 29,38-46

EX 29,39

⁹No sábado, serão oferecidos dois cordeiros de um ano, sem defeito, com uma oferenda de dois décimos de farinha amassada com azeite e a libação exigida.

¹⁰É o holocausto do sábado que, a cada sábado, se acrescenta ao holocausto perpétuo e à libação concomitante.

¹¹No começo de cada mês^j, apresentareis ao SENHOR o holocausto de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano — animais sem defeito — ¹²com uma oferenda de três décimos de farinha amassada no azeite para cada novilhão; para o carneiro, uma oferenda de dois décimos de farinha amassada no azeite; ¹³e para cada cordeiro, uma oferenda de farinha amassada no azeite, de um décimo cada vez^k. É um holocausto de odor aplacador, uma oferenda consumida para o SENHOR. ¹⁴As libações requeridas são: meio hin de vinho por novilhão, um terço de hin por carneiro e um quarto de hin por cordeiro. Este é o holocausto de neomênia, que seja oferecido a cada neomênia do ano. ¹⁵Além disso, um bode oferecido ao SENHOR em sacrifício pelo pecado; ele será oferecido além do holocausto perpétuo e da libação concomitante.

¹⁶No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês, é a Páscoa^l em honra do SENHOR. ¹⁷O décimo quinto dia deste mês é dia de festa: durante sete dias se comerão pães sem fermento. ¹⁸No primeiro dia, haverá uma reunião sagrada; não

EX 46,4-5;
Mt 12,5

Ez 46,6-7

15,4-12

EX 12,1-13;
Lv 23,5-8;
Dt 16,1-8;

EX 12,14-20;
23,15; 34,18;

Lv 23,5-14;
Dt 16,1-2

cerdotal”, só pode ter nascido depois do desaparecimento da realeza. Mas a idéia de consultar a Deus antes de uma operação militar faz parte dos costumes mais antigos.

d. Lit. *meu pão*. Os sacrifícios aqui são nitidamente apresentados como o alimento — pois é isso que significa *oferenda consumida* — do Senhor, concepção que outros textos rejeitam (Sl 50,13); na época em que foi redigido este ritual, o risco de uma interpretação materialista destas expressões já desaparecera. Com efeito, temos aqui um ritual mais tardio, bem posterior ao Exílio, que completa todos os outros rituais do Pentateuco. Ele apresenta sob forma de agenda litúrgica (cf. Lv 23,2-38; Ez 45,18-46,15) os usos da época recente, que é a do autor.

e. Lit. *tu farás*.

f. Cf. Ez 12,6 nota.

g. Isto é, de azeitonas esmagadas no pilão, mas não prensadas.

h. Sabe-se que no século VIII (2Rs 16,15) já havia um holocausto a cada manhã e uma oferenda a cada tarde. O v. 6 faz remontar a prática dos dois holocaustos diários à aliança do

Sinai (cf. Ex 29,38-46), dando a entender que depois foi abandonada; no tempo de Ezequiel não havia mais do que um holocausto (Ez 46,13-15).

i. Lit. *de bebida alcoólica*. Não se conhece outro exemplo de libações deste gênero no ritual israelita. De resto, o sentido da palavra é bastante vago e os comentaristas antigos já davam diferentes interpretações: “vinho velho” (Targum), “vinho de palma” (Teodoreto, Crisóstomo).

j. Lit. *de vossos meses*. Em Israel, como em todo o Oriente, festejam-se os inícios de mês, isto é, as luas novas (neomênias). Estas festas com frequência são associadas ao sábado (2Rs 4,23; Is 1,13; Am 8,5; Os 2,13) e devem ter um significado próximo do de uma consagração do tempo. Mas nelas trabalhava-se normalmente.

k. Lit. *um décimo, um décimo* o que alguns autores compreendem como *um décimo de décimo*, ou seja, um centésimo.

l. Note-se que a Páscoa não comporta sacrifício público: o cordeiro pascal é imolado e comido dentro do quadro da família (cf. Ex 12,1-11).

fareis nenhum trabalho servil. ¹⁹Apresentareis ao SENHOR oferendas consumidas em holocausto: dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano — tomareis animais sem defeito — ²⁰com a oferenda exigida de farinha amassada no azeite: três décimos para um novilho e dois décimos para um carneiro. ²¹Para cada um dos sete cordeiros se acrescentará um décimo por vez. ²²E também um bode em sacrifício pelo pecado, para fazer o rito da absolvição em vosso favor. ²³Fareis isto, além do holocausto da manhã, que é o holocausto perpétuo. ²⁴A cada dia, durante sete dias, oferecereis também alimento ao SENHOR, oferendas consumidas de odor apacador; serão oferecidos além do holocausto perpétuo e a libação concomitante. ²⁵No sétimo dia, fareis uma reunião sagrada; nesse dia não fareis nenhum trabalho servil.

²⁶No dia das primícias, quando apresentardes ao SENHOR a oferenda da nova colheita, para a festa das semanas, fareis uma reunião sagrada; não realizareis nenhum trabalho servil. ²⁷Apresentareis ao SENHOR um holocausto de odor apacador: dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano, ²⁸com a oferenda exigida de farinha amassada no azeite: três décimos para cada novilho, dois décimos para o carneiro ²⁹e, para cada um dos sete cordeiros, um décimo por vez. ³⁰Além disso, um bode para fazer o rito de absolvição em vosso favor. ³¹Vós os oferecereis com as libações concomitantes, além do holocausto perpétuo e da oferenda que o acompanha — tomareis animais sem defeito.

29 No sétimo mês, no primeiro dia do mês, fareis uma reunião sagrada. Não fareis nenhum trabalho servil. Será para vós um dia de aclamação^m. ²Ofe-

recereis ao SENHOR um holocausto de odor apacador: um novilho, um carneiro, sete cordeiros de um ano — animais sem defeito — ³com a oferenda exigida de farinha amassada no azeite: três décimos para o novilho, dois décimos para o carneiro ⁴e, para os sete cordeiros, um décimo por cordeiro. ⁵Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, para fazer o rito da absolvição em vosso favor. ⁶Sem contar o holocausto de neomênia com sua oferenda e o holocausto perpétuo com sua oferenda, como também as libações concomitantes — segundo os costumes que a eles se referem —: é uma oferenda consumida de odor apacador para SENHOR.

⁷No décimo dia deste sétimo mêsⁿ, fareis uma reunião sagrada. Jejuareis e não fareis nenhum trabalho servil. ⁸Apresentareis ao SENHOR um holocausto de odor apacador: um novilho, um carneiro, sete cordeiros de um ano — tomareis animais sem defeito — ⁹com a oferenda exigida de farinha amassada no azeite: três décimos para o novilho, dois décimos para o carneiro ¹⁰e, para cada um dos sete cordeiros, um décimo por vez. ¹¹Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o sacrifício pelo pecado do dia do Grande Perdão e o holocausto perpétuo com sua oferenda, assim como as libações^o concomitantes.

¹²No décimo quinto dia do sétimo mês^p, fareis uma reunião sagrada. Não fareis nenhum trabalho servil. Celebrareis o SENHOR numa peregrinação de sete dias. ¹³Apresentareis em holocausto ao SENHOR uma oferenda queimada de odor apacador: treze novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros de um ano — serão animais sem defeito — ¹⁴com a oferenda exigida de farinha amassada no azeite: três décimos para cada um dos treze

Lv 16,29-34;
23,26-32;
Ez 45,18-20

Ex 23,16;
34,22;
Lv 23,15-21;
Dt 16,9-12

Ex 23,16;
Lv 23,33-43;
Dt 16,13-15

Lv 23,
24-25

m. Primitivamente grito de guerra (Js 6,5; Sf 2,26; Am 1,14), esta *aclamação* servia sobretudo para a sagração de um rei (23,21). Depois do desaparecimento da realeza israelita, o Senhor é aclamado como rei de seu povo. Muitos autores pensam que esta *festa da Aclamação* tinha grande importância antes do Exílio e que se parecia com a festa babilônica do Ano Novo. O judaísmo

conservou para este dia, que traz o nome de "começo do ano" (Rosh-ha-Shaná), o costume de fazer soar a trombeta (cf. 10,10). n. É o dia do Grande Perdão, cf. Lv 16.

o. Uma libação acompanha o "sacrifício pelo pecado", como o holocausto.

p. É a festa das Tendias. Cf. Lv 23,33-43.

novilhos, dois décimos para cada um dos dois carneiros ¹⁵e um décimo para cada um dos catorze cordeiros. ¹⁶Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo, sua oferta e sua libação. ¹⁷No segundo dia: doze novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ¹⁸com a oferta e as libações exigidas para os novilhos, os carneiros e os cordeiros, quantas houver, segundo os costumes. ¹⁹Além disso, um bode pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e as libações concomitantes. ²⁰No terceiro dia: onze novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ²¹com a oferta e as libações exigidas pelos novilhos, carneiros e cordeiros, quantas houver, segundo os costumes. ²²Além disso, um bode pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e a libação concomitante. ²³No quarto dia: dez novilhos, dez carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ²⁴com a oferta e as libações exigidas para os novilhos, os carneiros e os cordeiros, quantas houver, segundo os costumes. ²⁵Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e a libação concomitante. ²⁶No quinto dia: nove novilhos, dez carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ²⁷com a oferta e as libações exigidas pelos novilhos, os carneiros e os cordeiros, quantas houver, segundo os costumes. ²⁸Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e a libação concomitante. ²⁹No sexto dia: oito novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ³⁰com a oferta e as libações exigidas para os novilhos, os carneiros e os cordeiros, quantas houver, segundo os costumes.

³¹Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e a libação concomitante. ³²No sétimo dia: sete novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros de um ano — animais sem defeito — ³³com a oferta e as libações exigidas para os novilhos, os carneiros e os cordeiros, quantas houver, segundo os costumes que lhes dizem respeito. ³⁴Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta e a libação concomitante. ³⁵No oitavo dia, será o encerramento de vossa festa: não realizareis nenhum trabalho servil. ³⁶Apresentareis em holocausto ao SENHOR uma oferta consumida de odor agradável: um novilho, um carneiro, sete cordeiros de um ano — animais sem defeito — ³⁷com a oferta e as libações exigidas para o novilho, o carneiro e os cordeiros, quantos houver, segundo os costumes. ³⁸Além disso, um bode em sacrifício pelo pecado, sem contar o holocausto perpétuo e sua oferta, e a libação concomitante.

³⁹“Eis o que oferecereis ao SENHOR nas datas que vos são fixadas, sem falar de vossos sacrifícios votivos, de vossos sacrifícios espontâneos, holocaustos, ofertas de farinha, libações e sacrifícios de paz”.

30 ¹Moisés disse aos filhos de Israel tudo o que o SENHOR lhe havia ordenado.

Os votos da mulher estão sujeitos à autoridade do homem. ²Moisés falou aos chefes de tribos de filhos de Israel: ³“Eis a ordem que o SENHOR deu: ³Se um homem fizer um voto ao SENHOR ou tiver assumido para consigo mesmo^q um compromisso sob juramento, não violará sua palavra: agirá exatamente segundo o que saiu de sua boca. ⁴Se uma mulher, ainda jovem, morando com seu pai, fizer um

Dr 23,21-23
Mt 5,33

q. Esta fórmula de introdução não se encontra em nenhum outro lugar no Pentateuco. Temos aqui uma legislação muito detalhada que não se parece com nenhum dos conjuntos legislativos da Bíblia. Ela define a capacidade jurídica da mulher em

materia de promessas e de contratos, sublinhando sua dependência em relação a seu pai e seu marido.

r. Lit. *para atar uma obrigação sobre sua alma*, o que pode significar: quer o compromisso de privar-se de alguma coisa

voto ao SENHOR ou assumir um compromisso para consigo mesma, ⁵e se o pai, sabendo que ela fez o voto ou assumiu o compromisso para consigo mesma, nada lhe disser, todos os seus votos serão válidos, todo compromisso assumido para consigo mesma será válido. ⁶Mas se seu pai desaprovou, no mesmo dia em que tomou conhecimento, todos os seus votos, todos os compromissos assumidos para consigo mesma serão nulos. O SENHOR a considerará desobrigada, pois seu pai a desaprovou. ⁷E se ela vier a se casar, estando obrigada por seus votos ou por um compromisso que escapou de seus lábios, ⁸e se seu marido, ao tomar conhecimento, nada lhe disser no dia em que é informado, seus votos permanecerão válidos, os compromissos que tiver assumido para consigo mesma permanecerão válidos. ⁹Mas se seu marido a desaprovou, no mesmo dia em que tomar conhecimento, ele anula o voto que a obrigava e o compromisso que havia escapado de seus lábios e que havia assumido para consigo mesma; e o SENHOR a considerará desobrigada.

¹⁰Pelo contrário, o voto de uma viúva ou de uma mulher repudiada será válido, qualquer que seja o compromisso que ela tiver assumido. ¹¹Mas se foi na casa de seu marido que ela fez um voto ou assumiu um compromisso sob juramento, ¹²e se o seu marido, sabendo do fato, nada lhe disser, nem fizer oposição, então todos os seus votos serão válidos, todo compromisso que tiver assumido para consigo mesma permanecerá válido. ¹³Mas se seu marido decidir anulá-los, no mesmo dia em que foi informado, tudo o que ela tiver formulado em matéria de

votos e de compromissos será nulo. Visto que seu marido os anulou, o SENHOR a considerará desobrigada. ¹⁴Qualquer que seja a voto ou o juramento pelo qual ela se obrigou a jejuar, seu marido é que o validará ou anulará. ¹⁵E se seu marido nada lhe disser até o dia seguinte, tornará válidos todos os votos ou compromissos que a obrigavam: ele os torna válidos pelo fato de nada dizer no dia em que tomou conhecimento. ¹⁶Mas se decidir anulá-los depois do dia em que tomou conhecimento, terá de responder pela falta de sua mulher".

¹⁷Estas são as leis que o SENHOR prescreveu a Moisés referentes a um homem e sua mulher, ou a um pai e sua filha que, jovem ainda, estiver morando na casa dele.

31 Represálias contra Midian. ¹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

²"Vinga os filhos de Israel pelo mal que os midianitas lhes fizeram; depois, te juntarás à tua parentela". ³Moisés disse ao povo: "Armem-se alguns dentre vós, a fim de partir para a guerra. Marcharão contra Midian para exercer a vingança do SENHOR sobre Midian. ⁴Enviareis para a guerra mil homens por tribo, de todas as tribos de Israel". ⁵Dos milhares de Israel se forneceram, à razão de mil por tribo, doze mil homens armados para a guerra. ⁶Moisés enviou-os à guerra, juntamente com o sacerdote Pinhas, filho de Eleazar, que tinha em mãos as alfaias do santuário e as trombetas para os sinais. ⁷Fizeram guerra contra Midian, como o SENHOR o havia ordenado a Moisés, e mataram todos os homens. ⁸Além dessas vítimas, mataram também os reis

(sentido sugerido pelo v. 14), portanto um voto de abstinência (por exemplo, o nazirado: cap. 6); quer um compromisso qualquer, por exemplo, um contrato. A palavra *issar*, "obrigação, vínculo", não se encontra em outra parte e seu sentido é difícil de precisar.

s. Este v. ficaria melhor depois do v. 16; de resto, parece ser uma adição posterior.

t. Esta lei consagra a autoridade do marido de maneira mais extensa, visto que a decisão dele é automaticamente retificada por Deus.

u. Lit. de um dia para outro.

v. A ruptura de uma promessa é uma injustiça feita a Deus, portanto uma falta. O marido assume a responsabilidade, mas somente no caso em que, depois de ter dado tacitamente sua aprovação, mude de idéia; se não invalidar a promessa imediatamente, perderá seu direito de o fazer.

w. Este relato, extremamente esquemático e provavelmente tardio (tradição "sacerdotal"), continua 25,16-18. Descreve uma expedição análoga à que Saul fez contra Amaleque (1Sm 15,7-9). É apresentada como uma guerra santa, travada em nome do Senhor.

de Midian: Evi, Requem, Šur^x, Ħur e Reba, os cinco reis Midiânitas; passaram também ao fio da espada Bileâm, filho de Beor^y. ⁹Os filhos de Israel levaram cativas as mulheres de Midian com suas crianças; tomaram todos os seus animais, todos os seus rebanhos, todos os seus bens. ¹⁰Incendiaram todas as cidades em que habitavam os midianitas e todos os seus acampamentos. ¹¹Em seguida, tomaram todos os despojos e tudo o que haviam capturado, homens e animais. ¹²Levaram cativos, butim e despojos a Moisés, ao sacerdote Eleazar e à comunidade dos filhos de Israel; conduziram-nos ao acampamento nas planícies de Moab que margeiam o Jordão, na altura de Jericó.

¹³Moisés, o sacerdote Eleazar e todos os responsáveis da comunidade saíram ao encontro deles, fora do acampamento. ¹⁴Moisés irritou-se contra os chefes designados para comandar as tropas, chefes de mil e chefes de cem, que voltavam desta expedição. ¹⁵Disse-lhes: "Como? Deixastes com vida todas as mulheres?" ¹⁶Foram justamente elas que — no caso de Bileâm^z, — incitaram os filhos de Israel a serem infieis ao SENHOR, quando do acontecido em Peor; daí a praga que veio sobre toda a comunidade do SENHOR. ¹⁷Matai agora todas as crianças de sexo masculino e todas as mulheres que conheceram varão em união sexual. ¹⁸Mas todas as meninas que ainda não conheceram varão em união sexual, conservai-as em vida para vós. ¹⁹Quanto a vós, acampai fora do acampamento durante sete dias^a. Vós todos que matastes alguém ou tocastes um cadáver fareis vossa purificação no terceiro e no

sétimo dia, tanto vós como vossos prisioneiros. ²⁰Purificai também todas as roupas, todos os objetos de couro, todos os tecidos em pêlo de cabra e todos os objetos de madeira".

²¹O sacerdote Eleazar disse aos soldados que haviam ido à guerra: "Eis as disposições da lei que o SENHOR prescreveu a Moisés^b: ²²o ouro, a prata, o bronze, o ferro, o estanho, o chumbo. ²³todas as coisas que suportam o fogo, vós as fareis passar pelo fogo e elas serão purificadas; será feita também a purificação pela água lustral^c. E fareis passar pela água tudo o que não suporta o fogo. ²⁴Lavareis vossas vestes no sétimo dia e ficareis puros; depois disso, podereis novamente entrar no acampamento".

A partilha dos despojos. ²⁵O SENHOR disse a Moisés: ²⁶"Com o sacerdote Eleazar e os chefes de família da comunidade, fazei a contagem daquilo que foi capturado, tanto em homens como em animais. ²⁷Dividirás os despojos entre os combatentes que fizeram a campanha e toda a comunidade^d. ²⁸Como taxa para o SENHOR tributarás, da parte destinada aos combatentes que fizeram a guerra, um de cada quinhentos, tanto de pessoas como de bois, jumentos e ovelhas. ²⁹Tomarás isso da parte que lhes pertence, e darás ao sacerdote Eleazar como tributo devido ao SENHOR. ³⁰Da parte que pertence aos filhos de Israel, tomarás um em cada cinquenta, tanto de pessoas como de bois, jumentos e ovelhas, de todos os animais; e os darás aos levitas que desempenham o ofício da morada do SENHOR". ³¹Moisés e o sacerdote Eleazar fizeram o que

x. Em 25.15 Šur tem apenas o título de chefe de clã. Estes cinco chefes, que Js 13.21-22 diz serem aliados de Siḥon, tiveram sua importância incrementada pela tradição, que tende sempre a exagerar o poder dos inimigos vencidos.

y. Cf. nota ao título de 22.1.

z. Poder-se-ia traduzir também: *sobre a palavra de Bileâm*, isto é, a conselho dele (cf. 24.14s). Esta intervenção de Bileâm junto aos midianitas não é mencionada nos caps. 22-25: pertence a outra tradição.

a. O contato com os mortos acarreta impureza ritual (cf. 19. 11-16).

b. Temos aqui a mesma fórmula introdutória de 19.2.

É possível que os vv. 21-23 tenham pertencido ao ritual do cap. 19.

c. O texto combina muitos usos. Originalmente, a purificação devia ser feita seja pelo fogo, seja pela água pura, segundo a natureza do objeto. Aqui se acrescenta o emprego da água lustral (cf. 19.9.17-18).

d. Em Israel, utilizaram-se também outras regras para a partilha dos despojos entre os combatentes e a comunidade (p. ex. 1Sm 30.24-25). Em geral, os combatentes e sobretudo o chefe eram muito mais favorecidos do que aqui.

e. As partes respectivas dos sacerdotes e dos levitas estão assim numa proporção de um para dez (cf. 18.26-18).

o SENHOR ordenara a Moisés. ³²O que havia sido capturado, o que restava dos despojos que as tropas em campanha haviam capturado, elevava-se a 675.000 cabeças de ovelhas, ³³72.000 de gado, ³⁴e 61.000 jumentos; ³⁵quanto às pessoas humanas, isto é, as mulheres que não conheceram varão em união sexual, havia ao todo 32.000. ³⁶A metade atribuída aos que haviam feito a guerra chegava a um total de: 337.500 cabeças de ovelhas; ³⁷a taxa para o SENHOR em ovelhas foi de 675 cabeças; ³⁸— bois: 36.000 cabeças, das quais 72 constituíram a taxa para o SENHOR; ³⁹— jumentos: 30.500, dos quais 61 constituíram a taxa para o SENHOR; ⁴⁰— pessoas humanas: 16.000, das quais 32 constituíram a taxa para o SENHOR. ⁴¹Moisés deu ao sacerdote Eleazar a taxa reservada para o SENHOR, como o SENHOR lhe ordenara. ⁴²Quanto à metade atribuída aos filhos de Israel, que Moisés havia subtraído aos homens que haviam feito a guerra, ⁴³esta metade atribuída à comunidade consistia em 337.500 cabeças de ovelhas, ⁴⁴36.000 bois, ⁴⁵30.500 jumentos ⁴⁶e 16.000 pessoas humanas. ⁴⁷Desta parte, pertencente aos filhos de Israel, Moisés tomou um em cada cinquenta dos homens e dos animais e os deu aos levitas que garantem o ofício da morada do SENHOR, como o SENHOR lho ordenara.

⁴⁸Os que haviam comandado as unidades em campanha, chefes de mil e chefes de cem, aproximaram-se de Moisés ⁴⁹e lhe disseram: “Teus servos fizeram a conta dos combatentes que estavam sob nossas ordens: não nos falta nenhum homem. ⁵⁰Em consequência disso, trazemos de presente para o SENHOR, para fazer o rito da absolvição sobre nossas pessoas diante do SENHOR, os objetos de

ouro, braceletes, pulseiras, anéis, brincos, colares que cada um encontrou”. ⁵¹Moisés e o sacerdote Eleazar receberam deles este ouro: eram objetos trabalhados. ⁵²Todo o ouro que reservaram como tributo para o SENHOR deu um total de 16.750 siclos^f, oferecido pelos chefes de mil e os chefes de cem. ⁵³Os soldados tinham saqueado cada um para si^g. ⁵⁴Então Moisés e o sacerdote Eleazar receberam o ouro dos chefes de mil e de cem; trouxeram-no para a tenda do encontro ^{10.10;} para servir aos filhos de Israel de memorial ^{17.5} diante do SENHOR.

32 As tribos de Gad, Rúben e Makir se instalam a leste do Jordão.

¹Os filhos de Rúben e os filhos de Gad^h tinham rebanhos numerosos, consideráveis. Olhando a terra de lazerⁱ e a terra de Guilcad, viram que a região era apropriada para rebanhos. ²Por isso, os filhos de Gad e os filhos de Rúben vieram dizer a Moisés, ao sacerdote Eleazar e aos responsáveis pela comunidade: ³“Atarot, Dibon, lazer, Nimrá, Heshbon, Elealê, Sebâm, Nebô e Beonⁱ, esta terra que o SENHOR conquistou à frente da comunidade de Israel, é uma terra apropriada para rebanhos; ora, teus servos têm rebanhos. ⁴Se achamos graça a teus olhos, disseram, que esta terra seja dada como propriedade a teus servos; não nos faças atravessar o Jordão”.

⁵Mas Moisés disse aos filhos de Gad e aos filhos de Rúben: “Como? Vossos irmãos vão partir para a luta e vós permanecereis aqui? ⁶Por que desencorajais os filhos de Israel para que não passem à terra que o SENHOR lhes deu? ⁷Foi precisamente assim que procederam vossos pais quando os enviei, de Qadesh-Barnea,

f. Ou seja, cerca de 190kg.

g. Não está claro o sentido desta frase. Provavelmente quer dizer que, além da parte tributada dos despojos comuns, os chefes tributam outra parte dentre os pequenos objetos que cada soldado em particular recuperou.

h. Este relato, que desenvolve Dt 3,18-20, não pode ser atribuído com certeza a nenhuma das tradições do Pentateuco. As duas tribos de Rúben e de Gad se haviam instalado de maneira independente. Moisés deve regularizar esta situação; ele a rati-

fica, mas fixando as duas condições que as tribos devem preencher para que possam pertencer à federação israelita.

i. lazer: 12km a oeste da atual Amã (cf. 21,32); Guilcad: 25km mais ao norte. As duas regiões são limítrofes, mas o Jaboc que as separa justifica a distinção.

j. Este nome é uma contração de *Baal Meon* (v. 38). Os levitas enumerados neste v. estão ao sul da terra de lazer, no antigo reino de Siḥon. Não era isto que anunciava o v. 1, que deve ser uma glosa inspirada nos vv. 34-38.

para fazer um reconhecimento da terra!
 13,23-33 ⁹Subiram até o vale de Eshkol e, depois de terem feito o reconhecimento da terra, desencorajaram os filhos de Israel, dissuadindo-os de entrar na terra que o SENHOR lhes dava. ¹⁰Nesse dia, o SENHOR se inflamou em cólera e jurou: ¹¹“Esses homens que subiram do Egito, da idade de vinte anos para cima, jamais verão a terra que prometi a Abraão, Isaac e Jacó, visto que hesitaram em me seguir!” ¹²Só foram isentos Kaleb, filho de Iefuné, o qenizita^a, e Josué, filho de Nun, porque seguiram o SENHOR sem hesitação. ¹³O SENHOR se inflamou em cólera contra Israel e os fez vaguar pelo deserto durante quarenta anos, até desaparecer toda a geração que fez o que desagradava ao SENHOR. ¹⁴E vós, raça de pecadores, eis que tomais o lugar de vossos pais para atijardes a cólera do SENHOR contra Israel! ¹⁵Pois se deixardes de segui-lo¹ ele prolongará ainda mais a permanência de Israel no deserto, e assim tereis provocado a perda de todo este povo”.

¹⁶Aproximando-se dele, disseram-lhe: “Vamos construir” aqui cercados para os nossos rebanhos e cidades para os nossos filhos. ¹⁷Mas nós, nos apressaremos em tomar as armas, a fim de marchar à frente dos filhos de Israel, até que os tenhamos feito entrar no lugar que lhes é destinado. Nossos filhos permanecerão aqui nas cidades fortificadas, onde ficarão protegidos contra os moradores da terra. ¹⁸Nós não voltaremos às nossas casas até que cada um dos filhos de Israel tome posse de seu patrimônio. ¹⁹Mas não participaremos com eles da partilha, do outro lado do Jordão, pois nosso patrimônio se encontra deste lado, a leste do Jordão”.

²⁰Disse-lhes Moisés: “Se agirdes assim, se pegardes em armas diante do SENHOR”

para entrar em combate, ²¹se todos os vossos guerreiros passarem o Jordão diante do SENHOR, até que tenha expulsado todos os seus inimigos diante dele, ²²se só voltardes quando a terra estiver submetida ao SENHOR, estareis desobrigados para com o SENHOR e para com Israel, e esta terra será vossa propriedade perante o SENHOR. ²³Mas se não agirdes assim, pecareis contra o SENHOR. E sabeí que vosso pecado vos perseguirá”. ²⁴Construí cidades para os vossos filhos e cercados para os vossos rebanhos. Mas deveis cumprir o voto saído de vossa boca”.

²⁵Os filhos de Gad e os filhos de Rúben disseram a Moisés: “Teus servos acatarão as ordens de meu senhor. ²⁶Nossas mulheres e nossos filhos, nossos rebanhos e todos os nossos animais permanecerão aqui, nas cidades do Guilead. ²⁷E os teus servos, todos armados para a guerra, passarão diante do SENHOR, para combater, como o disse meu senhor”.

²⁸Moisés deu ordens a este respeito ao sacerdote Eleazar, a Josué, filho de Nun, e aos chefes de família dos filhos de Israel². ²⁹Disse-lhes: “Se os filhos de Gad e os filhos de Rúben passarem o Jordão convosco, todos armados para entrar em combate diante do SENHOR, quando a terra estiver subjugada, vós lhes dareis em posse a terra de Guilead. ³⁰Mas se não passarem armados convosco, terão sua propriedade no meio de vós na terra de Canaã”³. ³¹Os filhos de Gad e os filhos de Rúben replicaram: “Faremos o que o SENHOR disse a teus servos. ³²Passaremos armados diante do SENHOR à terra de Canaã; mas para nós, a propriedade que será nosso patrimônio se encontra deste lado do Jordão”.

³³Moisés deu aos filhos de Gad, aos filhos de Rúben, e à metade da tribo de

Js 1,12-15

k. Cf. Js 14,6-14. O parentesco entre as tribos de Kaleb e de Qenaz é atestado em Jz 1,13 e 1Cr 4,15.

l. Lit. *se vos desviardes de detrás dele*.

m. Os gaditas e os rubenitas falam como se sua instalação fosse fato consumado, e é sem dúvida assim que as coisas devem ter acontecido.

n. Diante do Senhor provavelmente significa: “Sob suas or-

dens”, a menos que não seja: “diante da arca do Senhor”, visto que ela acompanhava as tropas em campanha.

o. Lit. *sabei vosso pecado, que ele vos encontrará*.

p. Moisés sabe que não estará mais lá para controlar a execução das promessas feitas pelas duas tribos.

q. Isto é, uma região menos favorável à criação de animais. Por isso, a instalação em Canaã, na Terra Prometida, seria para estas tribos uma punição.

Manassés^r, filhos de José, o reino de Sihon, rei dos emoritas, e o reino de Og, rei do Bashan: a terra com suas cidades conforme suas fronteiras, as cidades da terra que as cerca ³⁴Os filhos de Gad reconstruíram Dibon, Atarot, Aroer, ³⁵Atrot-Shofan, lazer, logbohá, ³⁶Bet-Nimrá, Bet-Haran^u; construíram estas cidades-fortes, e também cercados para os rebanhos. ³⁷Os filhos de Rúben reconstruíram Heshbon, Elealê, Qiriatáim, ³⁸Nebô, Báal-Meon — cujos nomes foram mudados — e Sibmá. Deram outros nomes^t às cidades que haviam reconstruído.

^{26.29; Jz 13.31} ³⁹Os filhos de Makir, filho de Manassés^r, foram para o Guilead, conquistaram a terra e expulsaram os emoritas que ali se encontravam. ⁴⁰Então Moisés deu o Guilead a Makir, filho de Manassés, que ali se instalou. ⁴¹Iair, filho de Manassés, foi e apoderou-se de seus acampamentos e deu-lhes o nome de acampamentos^t de Iair. ⁴²Nôbah^u foi e tomou Qenat e as localidades circunvizinhas; e deu-lhe seu próprio nome, Nôbah^u.

33 Do Egito ao Jordão: as etapas de Israel. 'Estas são as etapas' que os filhos de Israel percorreram quando saíram da terra do Egito com seus exércitos, sob a direção de Moisés e Aarão. ²Moisés registrou os pontos de partida

quando saíram por ordem do SENHOR. São estas suas etapas conforme seus pontos de partida^t:

³Partiram de Ramsés no primeiro mês, ^{Ex 12.37} no décimo quinto dia deste mês. Foi no dia depois da Páscoa que os filhos de Israel saíram livremente^t, sob os olhos de todos os egípcios, ⁴enquanto estes sepultavam os que dentre eles foram feridos pelo SENHOR ao fazer justiça contra seus deuses, isto é, todos os primogênitos. ⁵Os filhos de Israel partiram de Ramsés e acamparam em Sukot. ⁶Em seguida, partiram de Sukot e acamparam em Etâm, ^{Ex 12.12} nos confins do deserto. ⁷Partiram de Etâm e voltaram em direção de Pi-Haĥirot, que está diante de Báal-Sefon, e acamparam diante de Migdol. ⁸Partidos de diante de Pi-Haĥirot^t, alcançaram o deserto atravessando o mar e, depois de três dias de marcha no deserto de Etâm, acamparam em Mará. ⁹Partiram de Mará e chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras; foi ali que acamparam. ¹⁰Partidos de Elim, acamparam junto ao mar dos Juncos^b. ¹¹Partidos do mar dos Juncos, acamparam no deserto de Sin. ¹²Partidos do deserto de Sin, acamparam em Dofqá^c. ¹³Partidos de Dofqá, acamparam em Alush. ¹⁴Partidos de Alush, acamparam em Refidim, onde o povo não encontrou água para beber. ¹⁵Partidos de Refidim, acamparam no deserto do Sinai. ¹⁶Partidos do deserto

Ex 14.1-2

Ex 15, 22-23

Ex 15.27

Ex 17.1, 19.2

r. A menção a esta meia-tribo deve ter sido acrescentada por um redator que queria levar em consideração os vv. 39-42. A instalação do clã manassita de Makir (26.29), que vinha do oeste, não tem relação com a de Rúben e Gad.

s. Estas cidades estão entre o Arnon e o Jaboc superior. O setor de Rúben é muito reduzido e cercado pelo de Gad. Em Js 13.15-28, as cidades são repartidas de outra forma entre as tribos.

t. Lit. *nomes*. Gr. e sir.: *seus nomes* (isto é, os das cidades), e isto significaria que os rubenitas retomaram os nomes antigos.

u. A metade oriental da tribo usava o nome de Makir, ao passo que a metade ocidental se chamava simplesmente Manassés. Isto pode fazer supor que Makir tenha sido por muito tempo um grupo independente, antes de ser unido a Manassés.

v. A palavra *hawwot* geralmente é compreendida como designação das cidades de tendas, acampamentos. O nome permaneceu quando se passou às construções duradouras.

w. Estas duas informações sobre *Nôbah* (v. 42) e *Iair* (v. 41) talvez tenham a finalidade de explicar dois nomes de lugares, unindo-os ao sistema oficial das tribos. Pode-se ver nestes vv.

39-42 o vestígio da mais antiga tradição sobre a conquista da Palestina (cf. Jz 1): os clãs israelitas conquistaram seu território independentemente uns dos outros. Mas a concepção que se impôs no Pentateuco e em Js atribui a divisão dos territórios à autoridade de Moisés.

x. Este resumo (tradição "sacerdotal") agrupa os dados dos relatos de Ex e Nm com outros dos quais ele é o único testemunho: algumas etapas desta lista não são mencionadas em nenhum outro lugar.

y. Lit. *seus pontos de partida por estações*.

z. Lit. *de mão erguida* (cf. Ex 14.8).

a. *De diante de Hahiro* = *mippenê hahiro* deve ser uma falha de cópia em vez de *mippi hahiro* = *de Pi-Haĥirot*.

b. Não se trata do braço do mar atravessado miraculosamente. Pelas próximas etapas, vê-se que se trata de um ponto da costa do golfo de Suez. *Mar dos Juncos* designa os dois braços do mar Vermelho, mas geralmente se trata do golfo de Ácaba.

c. Este ponto de partida talvez seja o lugar egípcio chamado Serabit el-Khadim, a leste da península, célebre pelas inscrições semitas muito antigas que ali foram encontradas.

11,34 do Sinai, acamparam em Qibrot-Taavá.
 17Partidos de Qibrot-Taavá, acamparam em Haşerot. 18Partidos de Haşerot, acamparam em Ritmá. 19Partidos de Ritmá, acamparam em Rimón-Péres. 20Partidos de Rimón-Péres, acamparam em Libná. 21Partidos de Libná, acamparam em Risá. 22Partidos de Risá, acamparam em Qehelata. 23Partidos de Qehelata, acamparam no monte Shéfer. 24Partidos do monte Shéfer acamparam em Haradá. 25Partidos de Haradá, acamparam em Maqhelot. 26Partidos de Maqhelot, acamparam em Taḥat. 27Partidos de Taḥat, acamparam em Térah. 28Partidos de Térah, acamparam em Mitqá. 29Partidos de Mitqá, acamparam em Hashmoná. 30Partidos de Hashmoná, acamparam em Moserot. 31Partidos de Moserot, acamparam em Benê-laaqan. 32Partidos de Benê-laaqan, acamparam em Hor-Guidgad. 33Partidos de Hor-Guidgad, acamparam em Iotbata. 34Partidos de Iotbata, acamparam em Abroná. 35Partidos de Abroná, acamparam em Eşion-Gueber. 36Partidos de Eşion-Gueber, acamparam no deserto de Şin, que é Qadesh. 37Partidos de Qadesh, acamparam em Hor-a-Montanha, nos confins da terra de Edom. 38Por ordem do SENHOR, o sacerdote Aarão subiu à montanha de Hor e lá morreu, quarenta anos depois da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no quinto mês, no primeiro dia do mês. 39Aarão tinha cento e vinte e três anos quando morreu na montanha de Hor. 40Os canaanitas — o rei de Arad habitava o Négueb, na terra de Canaã — ficaram sabendo da chegada dos filhos de Israel. 41Partidos da montanha de Hor, acamparam em Şalmoná. 42Partidos de Şalmoná, acamparam em Punon. 43Partidos de Punon, acamparam em Obot. 44Partidos de Obot, acamparam

em liê-Abarim, na fronteira de Moab.

45Partidos de liê, acamparam em Dibon-
 -Gad. 46Partidos de Dibon-Gad, acamparam em Almon-Diblataima. 47Partidos de Almon-Diblataima, acamparam nos montes Abarim, defronte de Nebô. 48Partidos dos montes Abarim, acamparam na planície de Moab, à margem do Jordão, na altura de Jericó. 49Acamparam à margem do Jordão, de Bet-Ieshimot até Abel-Shitim, na planície de Moab.

Instruções para a conquista. 50O SENHOR falou a Moisés na planície de Moab, junto ao Jordão, na altura de Jericó, dizendo: 51“Fala aos filhos de Israel e diz-lhes: Quando tiverdes atravessado o Jordão para entrar na terra de Canaã, 52expulsareis de diante de vós todos os habitantes da terra, fareis desaparecer todos os seus ídolos de pedra, fareis desaparecer todas as suas estátuas de metal fundido e suprimireis todos os seus lugares altos. 53Tomareis posse da terra e nela habitareis; pois é a vós que dou esta terra em posse. 54Dividireis a terra entre os vossos clãs por sorteio. A um clã mais numeroso, dareis um patrimônio maior e, a um clã menos numeroso, um patrimônio menor. Cada qual terá sua parte no lugar que lhe for atribuído por sorteio; distribuireis o patrimônio entre as tribos de vossos pais. 55Mas, se não expulsardes de diante de vós os habitantes da terra, os dentre eles que deixardes serão como espinhos nos vossos olhos e agulhões nos vossos flancos. Eles vos incomodarão na própria terra em que habitareis, 56e farei convosco o que pensei fazer com eles”.

34 As fronteiras da terra. 1O SENHOR falou a Moisés dizendo: 2“Dá aos filhos de Israel as seguintes ordens:

d. Não dá para fazer uma só etapa de Eşion-Gueber a Áin-Qêdes, tradicional sítio de Qadesh. O *Qadesh* aqui citado deve ser buscado em outra parte, sem dúvida a leste do golfo de Ácaba.
 e. *Punon* deve ser identificado com a atual Fenân, no vale da Arábia; ali se exploram minas de cobre desde a Antiguidade. O episódio da “serpente de bronze” (21.8) pode ter-se verificado neste setor.

f. O itinerário avança a leste dos montes Abarim, detendo-se a menos de 15km do mar Morto. 21.10-20 supõe mais ou menos a mesma rota: ela atravessa Moab e o reino de Siḥon.

g. O sentido desta palavra, atestado também em Lv 26.1, talvez seja mal conhecido. As versões antigas dão traduções muito variadas: *guaritus* (gr.), *tempos* (targ.), *estelas* (Vulg.). Sobre os *lugares altos*, cf. Dt 12.2 nota.

Êx 23,24,33;
Dt 7,2-5;
12,2-3

26,53-56

Js 23,13

Dt 10,6-7

20,22-23

20,22-29

21,1-3

21,10-11

Quando entrardes na terra de Canaã, cis qual será a terra que vos caberá em patrimônio: a terra de Canaã, com as seguintes fronteiras^h.³Vosso limite meridional começará no deserto de Şin e avançará margeando Edom. A leste, vossa fronteira meridional partirá da extremidade do mar do Sal. ⁴Depois vossa fronteira se voltará ao sul para a subida dos Aqrabim, passará por Şin e alcançará o sul de Qadesh-Barnea. Continuará por Haşar-Adar e passará por Aşmonⁱ. ⁵De Aşmon, a fronteira se inclinará em direção à torrente do Egito^j para terminar no mar. ⁶Quanto à fronteira oeste, o grande mar^k vos servirá de fronteira^l; será vossa fronteira ocidental. ⁷E vossa fronteira setentrional, que demarcareis desde o grande mar até Hor-a-montanha^m, será esta: ⁸Partindo de Hor-a-montanha, a demarcareis até Lebô-Hamat. A fronteira terminará em Şedad. ⁹depois prosseguirá em direção a Zifron e terminará em Haşar-Enan. Esta será vossa fronteira setentrional. ¹⁰Para vossa fronteira leste, traçareis uma linha de Haşar-Enan a Shefan. ¹¹A fronteira descenderá de Shefan em direção a Riblá, ao oriente de Áin; depois descenderá até a margem oriental do mar de Kinéretⁿ; ¹²por fim, descenderá até o Jordão para chegar ao mar do Sal. Esta será vossa terra, com as fronteiras que a cercam^o.

Novas indicações para a partilha.

¹³Moisés deu aos filhos de Israel as seguintes instruções: "Esta é a terra em que

sorteareis para cada um seu patrimônio, 26.52-56 a terra que o SENHOR ordenou fosse dada às nove tribos e à meia-tribo". ¹⁴Com efeito, a tribo dos filhos de Rúben com suas famílias e a tribo dos filhos de Gad com suas famílias, assim como a metade da tribo de Manassés, já receberam seu patrimônio. ¹⁵Estas duas tribos e a meia-tribo já receberam seu patrimônio além do Jordão, na altura de Jericó, a leste, no Levante".

¹⁶O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹⁷"Estes são os nomes dos homens que vos atribuirão os patrimônios na terra: o sacerdote Eleazar e Josué, filho de Nun.

¹⁸Além disso, tomareis um responsável por tribo para fazer a partilha da terra. ¹⁹Eis os nomes^p destes homens: para a tribo de Judá, Kaleb, filho de Iefuné. ²⁰Para a tribo dos filhos de Simeão, Shemuel, filho de Amihud. ²¹Para a tribo de Benjamin, Elidad, filho de Kison. ²²Para a tribo dos filhos de Dan, responsável: Buqi, filho de logli. ²³Para os filhos de José, para a tribo dos filhos de Manassés, responsável: Haniel, filho de Efod; ²⁴para a tribo dos filhos de Efraim, responsável: Qemuel, filho de Shiftân. ²⁵Para a tribo dos filhos de Zabulon, responsável: Elişafân, filho de Parnak. ²⁶Para a tribo dos filhos de Issacar, responsável: Paltiel, filho de Azân. ²⁷Para a tribo dos filhos de Aser, responsável: Aşihud, filho de Shelomi. ²⁸Para a tribo dos filhos de Neftali, responsável: Pedahel, filho de Amihud". ²⁹Tais são os homens aos quais o SENHOR ordenou fi-

Js 14.1-5

Js 14.1: 19.51

h. Lit. a terra de Canaã segundo suas fronteiras. A descrição das fronteiras corresponde à de Js 15, com frequência ao pé da letra. Mas aqui as fronteiras são determinadas antecipadamente, de modo que Moisés tenha a responsabilidade de sua fixação, como em todas as instituições de Israel.

i. Segundo as indicações deste v. ("sacerdotal"). o Négueb está amplamente englobado no território de Israel.

j. O wadi el-Arish que se lança no Mediterrâneo a sudoeste de Gaza. Muitos dos comentadores antigos viam nele o braço oriental do Nilo.

k. O grande mar é o Mediterrâneo. Visto que está a oeste da Palestina, a palavra mar com frequência designa o oeste: assim no começo deste v. Na realidade, a costa mediterrânea jamais constituiu a fronteira de Israel, cujo território só em alguns pontos tocava o mar.

l. Lit. o grande mar e fronteira. Esta expressão elíptica, que se

encontra também em Dt 3.16.17, é difícil de explicar. Sam. e gr. explicaram-na trocando uma consoante; seu texto é traduzido assim: o grande mar faz fronteira.

m. Este Hor não é o de 20.22. Os antigos comentadores viam nesta montanha o Líbano (cf. Dt 11.24) ou mesmo o Taurus, na Cilícia. A fronteira norte não é descrita em Js 15, que leva em consideração o fato de a tribo de Dan ainda não estar instalada. Nm 34 é o único texto que conservou o documento do qual Js 15 só cita o início.

n. Mais tarde *lago de Genesaré ou mar de Tiberíades*. O nome é o da antiga cidade de Kinéret (Khirbet el-Ureima) mencionada pelo faraó Tutmés III (século XV).

o. Aqui trata da metade ocidental de Menashé (cf. 32.39 nota).

p. Estes nomes são naturalmente diferentes dos de 1.5-15, visto que a primeira geração desapareceu, com exceção de Kaleb (cf. 14.26-38).

zessem a partilha entre os filhos de Israel, na terra de Canaã.

Jr 21,1-42

35 As cidades levíticas. ¹O SENHOR falou a Moisés na planície de Moab, junto ao Jordão, na altura de Jericó dizendo: Disse-lhe: ²"Ordena aos filhos de Israel que cedam uma parte de seu patrimônio aos levitas, cidades onde poderão se estabelecer. E lhes dareis também terrenos em torno destas cidades. ³As cidades lhes pertencerão para que nelas habitem, e os terrenos serão para seus rebanhos, seus bens e todos os seus animais. ⁴Os terrenos destas cidades que dareis aos levitas se estenderão, a partir do muro da cidade, mil côvados ao seu redor. ⁵Medireis, fora da cidade, dois mil côvados para o lado oriental, dois mil côvados para o lado meridional, dois mil côvados para o lado ocidental, dois mil côvados para o lado setentrional, ficando a cidade no centro^q. São os terrenos que eles terão em torno de suas cidades. ⁶As cidades que cedereis aos levitas são as seis cidades de refúgio^r que instituireis para que os homicidas nelas encontrem refúgio; a estas cidades acrescentareis outras quarenta e duas. ⁷Ao todo, as cidades que cedereis aos levitas serão quarenta e oito, cada uma com seus terrenos. ⁸Tais cidades, que tomareis da propriedade dos filhos de Israel, as tomareis em maior número dos que têm mais, e em menor número dos que têm menos. Cada tribo cederá de suas cidades aos levitas na proporção do patrimônio que lhe coube".

26,54

Cidades de refúgio para os homicidas.

Dt 4,41-43;

19,1-13

Jr 20,1-9

⁹O SENHOR falou a Moisés dizendo:

¹⁰"Dize aos filhos de Israel: Quando atravessardes o Jordão para entrar na terra de Canaã, ¹¹escolhereis^s cidades que vos servirão de cidades de refúgio. Um homicida que tiver matado involuntariamente encontrará ali refúgio. ¹²Estas cidades vos servirão de refúgio para permitir-vos escapar do vingador^u. O homicida não será morto antes de ter comparecido diante da comunidade para ser julgado. ¹³Entre as cidades que reservareis, tereis seis cidades de refúgio; ¹⁴reservareis três do outro lado do Jordão e três na terra de Canaã. Serão cidades de refúgio.

¹⁵Estas seis cidades servirão de refúgio tanto para os filhos de Israel como para o migrante e para o morador no meio deles; todo aquele que tiver matado involuntariamente, nelas encontrará refúgio. ¹⁶Se foi com um objeto de ferro que feriu sua vítima e causou sua morte, é um homicida; e o homicida será morto. ¹⁷Se feriu e causou a morte lançando uma pedra^v que pode matar, é um homicida; e o homicida será morto. ¹⁸Ou ainda, se feriu e causou a morte com um objeto de madeira que pode matar, é um homicida; e o homicida será morto. ¹⁹É o vingador^w que matará o homicida: ele é que o matará quando o encontrar.

²⁰Se alguém feriu sua vítima com ódio ou lhe lançou alguma coisa com maldade causando-lhe a morte, ²¹se o esmurrou com hostilidade causando-lhe a morte, aquele que feriu deve morrer: é um homicida. É o vingador que matará o homicida quando o encontrar. ²²Mas se foi fortuitamente e sem hostilidade que empurrou sua vítima, ou se lhe lançou um objeto qualquer sem maldade, ²³ou se,

q. Aqui o terreno parece quadrado, enquanto que no v. 4 seria circular. Provavelmente se trate de duas legislações sucessivas, dando a segunda delas um território maior aos levitas.

r. Os vv. 9-29 tratam de *cidades de refúgio*, e por isso logicamente deveriam preceder os vv. 1-8 sobre as *cidades levíticas*.

s. O verbo hebr. significa geralmente: "encontrar". Por isso, se poderia entender também que Israel encontrou em Canaã cidades de refúgio já existentes. De fato, a instituição das cidades de refúgio era conhecida fora de Israel.

t. O encarregado de matar o assassino é o parente mais próximo da vítima. Esta vingança não é mais do que um caso par-

ticular do dever que cada um tem de defender os direitos de seus próximos. A palavra traduzida aqui por *vingador* é traduzida em outros contextos por *fiador*, *redentor*, *aquele que tem o direito de resgate* (Lv 25,25) etc.

u. Lit. *pedra de mão*. A mesma expressão se encontra num textougarítico onde o contexto indica claramente que se trata de uma pedra lançada por uma funda. Por analogia, pode-se compreender *madeira de mão* do v. 18 no sentido de: projétil de madeira (flecha, dardo etc.).

v. Para *vingador* está aqui a expressão completa que se traduziria lit. por *redentor do sangue*.

sem vê-la, a atingiu com uma pedra qualquer que podia matar — fazendo cair esta pedra sobre a vítima, causou-lhe a morte — se, portanto, fez isto sem hostilidade e sem lhe querer mal, ²⁴a comunidade julgará entre o que feriu e o vingador segundo estas regras: ²⁵A comunidade salvará o homicida da mão do vingador e o levará para a cidade de refúgio^w onde se havia refugiado. Ali permanecerá até a morte do sumo sacerdote consagrado com o óleo santo.^x ²⁶Mas se o homicida decidir sair do território da cidade de refúgio onde se havia refugiado, ²⁷e o vingador o encontrar fora do território de sua cidade de refúgio e o matar, o vingador não comete crime. ²⁸O homicida permanecerá, pois, na cidade de refúgio até a morte do sumo sacerdote. Depois da morte deste, voltará para a terra de sua propriedade. ²⁹De geração em geração, esta será para vós uma regra de direito, onde quer que habiteis.

³⁰Em todos os casos de homicídio, o homicida só será morto depois do depoimento de várias testemunhas. Ninguém será condenado à morte com base no depoimento de uma só testemunha. ³¹Não aceitareis compensação^y pela vida de um homicida que merece a morte; ele será morto. ³²Também não aceitareis compensação para deixá-lo buscar refúgio numa cidade de refúgio ou voltar a morar na própria terra antes da morte do sacerdote. ³³Não profanareis a terra onde estais; pois o sangue, ele profana a terra^z, e não é possível lavar a terra do sangue que nela foi derramado a não ser com o sangue daquele que o derramou. ³⁴Não macularás a terra onde habitas, no meio da qual eu habito, pois eu sou o SENHOR, que habito no meio dos filhos de Israel^{aa}.

36 Casos particulares de sucessão; regra para o casamento de herdeiros.

¹Apresentaram-se, então, os chefes de família do clã dos filhos de Guilead, filhos de Makir, filho de Manassés, um dos clãs dos filhos de José. Pediram a palavra diante de Moisés e diante dos responsáveis, chefes de tribo dos filhos de Israel. ²Disseram-lhe: “O SENHOR ordenou a meu senhor que se desse a terra aos filhos de Israel, repartindo-a por sorteio. E meu senhor recebeu do SENHOR a ordem de dar o patrimônio de nosso irmão Seloḥḥad às suas filhas. ³Ora, se elas se casarem com um homem de outra tribo dos filhos de Israel, sua parte será subtraída ao patrimônio de nossos pais e será acrescentada ao da tribo na qual elas entrarão; será subtraída ao patrimônio que nos cabe. ⁴Quando chegar o ano do jubileu^{ab} para os filhos de Israel, a parte dessas mulheres será acrescentada ao patrimônio da tribo à qual vão pertencer e será subtraída ao patrimônio da tribo de nossos pais”.

⁵Por ordem do SENHOR, Moisés deu aos filhos de Israel as seguintes instruções: “Os filhos da tribo de José têm razão. ⁶Eis, pois, a ordem que o Senhor dá com relação às filhas de Seloḥḥad: elas se casarão com quem quiserem, desde que se casem com alguém de um clã^b da tribo de seu pai. ⁷Assim, entre os filhos de Israel um patrimônio não passará de uma tribo para outra; os filhos de Israel permanecerão vinculados, cada um, ao patrimônio da tribo de seus pais. ⁸Toda filha que possuir uma herança numa das tribos dos filhos de Israel só poderá casar com alguém de um clã da tribo de seu pai. Assim os filhos de Israel possuirão o patrimônio de seus pais, cada um

w. Lit. a cidade de seu refúgio.

x. Em muitos países, a entronização de um rei, e, conseqüentemente a morte de seu predecessor, tem como resultado uma anistia geral. Esta prerrogativa foi estendida ao sumo sacerdote, que, na legislação “sacerdotal”, tem todos os poderes do rei e recebe como ele a unção (cf. Ex 29.7).

y. Uma vida humana não tem preço; não há compensação pecuniária possível para um homicídio (cf. Sl 49.8.9). Este valor

eminente atribuído à vida humana é característico de Israel (cf. Gn 9.5-6; Ex 21.12; Lv 24.17).

z. Visto que é o símbolo da vida (Lv 17.11; Dt 12.23) dada por Deus, o sangue é sagrado. Derramar o sangue injustamente é abusar de uma coisa sagrada e cometer uma profanação. A terra que absorve este sangue fica profanada (cf. Gn 4.10-11).

aa. Ano foi acrescentado para a clareza da tradução. Sobre o jubileu, cf. Lv 25.

b. Lit. mas elas serão mulheres para um clã da tribo.

por sua parte. ⁹Uma herança não passará de uma tribo à outra; cada uma das tribos dos filhos de Israel permanecerá vinculada ao seu patrimônio”.

¹⁰As filhas de Şeloḡad fizeram como o SENHOR ordenara a Moisés. ¹¹Maḡlá, Tirtsá, Ḥoglá, Milká e Noá, filhas de Şeloḡad casaram-se com os filhos de seus tios. ¹²Casaram-se, pois, com ho-

mens pertencentes às famílias dos filhos de Manassés, filho de José. E sua parte de herança permaneceu na tribo à qual pertencia o clã de seu pai.

¹³Tais são as ordens e as regras que o SENHOR prescreveu aos filhos de Israel por intermédio de Moisés, na planície de Moab, às margens do Jordão, na altura de Jericó.

DEUTERONÔMIO

INTRODUÇÃO

Um livro à parte no Pentateuco. O Deuteronômio constitui uma unidade de um gênero particular, pelo fato de conter a quase totalidade de uma das quatro grandes tradições do Pentateuco, a tradição D (ver a Introdução ao Pentateuco); traços das outras tradições aparecem no fim do livro, a partir do cap. 31.

Entre a primeira e a última página do livro, os acontecimentos históricos não progridem: desde o começo, situam-se além do Jordão, na terra de Moab (1,5), e é lá que Moisés morre (34,5). O conteúdo é, contudo, muito mais coerente do que no restante do Pentateuco: apesar de algumas rupturas ou retomadas, os caps. 1-30 se apresentam como um discurso de Moisés ao povo, uma espécie de testamento espiritual pronunciado antes de sua morte, no limiar da Terra Prometida. Enfim e principalmente, o estilo dessas exortações didáticas impressiona por sua unidade e originalidade. Expressões características retornam seguidamente, muito semelhantes, em todo o livro, embora nunca absolutamente idênticos. Por exemplo: entrar na posse da terra que o Senhor jurou dar a vossos pais...; procurar o Senhor no lugar que o Senhor, vosso Deus, escolherá entre todas as vossas tribos para ali estabelecer o seu nome...; guardar o mandamento, as leis e os costumes que eu vos dou para pô-los em prática...; amar e servir o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de todo o teu ser... etc. Ora, muitas destas expressões estilísticas reaparecem nos discursos e reflexões que pontuam os livros de Josué, dos Juízes, de Samuel e dos Reis. O parentesco literário com estes livros leva a duvidar da unidade entre o Deuteronômio e o restante do Pentateuco, ao qual, no entanto, a tradição ligou o Deuteronômio, para formar um grande conjunto literário dominado pela pessoa de Moisés.

Uma pregação da Aliança. O Deuteronômio se caracteriza por sua forma retórica. Os caps. 12-26 contêm, é verdade, uma espécie de código de leis e costumes para pôr em prática, o que explica o título, "Deuteronômio", isto é, "segun-

da lei", que lhe deram os tradutores da Septuaginta (cf. 17,18). Mas este título não se ajusta bem à obra, pois nem mesmo a parte central tem a ordenação e a forma literária de um código de leis. Os diversos temas abordados, dos quais muitos são uma retomada do "Código da Aliança" de Ex 20-23, constituem antes o objeto de um ensino acompanhado de exortações, de apelos e de advertências. Assim, por exemplo, o ensinamento sobre a libertação dos escravos hebreus (15,12-18) retoma e desenvolve a lei de Ex 21, 2-6 numa linguagem de catequista ou de pregador, e não tanto de legislador.

O ensino se dirige a todo Israel (1,1; 34,12). Observa-se, entretanto, uma curiosa oscilação do discurso entre a interpelação em tu e em vós, freqüentemente dentro de um mesmo desenvolvimento, até dentro de uma mesma frase, e isto sem razão aparente. Por exemplo, em 6,1-3, o discurso que começa em vós (v.1) passa ao tu (v. 2-3a) para cair no vós (v. 3b) e retornar ao tu (v. 3c), atritos que a tradução não pensou dever atenuar. Eles seriam o resultado da combinação de duas tradições paralelas, do mesmo modo que se produziu entre as diversas tradições do livro do Gênesis? É pouco provável, porque, isoladas as passagens em tu, as passagens em vós não formam um conjunto contínuo. Parecem antes constituir uma camada secundária que reforça e desenvolve o texto em tu. Este fenômeno é um primeiro sinal que trai uma composição literária em etapas sucessivas.

E mais importante é que o discurso em tu não visa ao israelita individualmente, mas ao povo inteiro, interpelado como o parceiro pessoal do Senhor (cf., por exemplo, 6,4-5 ou 9,1). Esta interpelação coletiva poderia não ser mais do que uma forma estilística de ensinamento. É, porém, mais verossímil que ela tenha origem em certas cerimônias litúrgicas, nas quais Israel inteiro efetivamente se reunia em assembléia para escutar, como um só homem, a lei de seu Deus. As alusões às celebrações litúrgicas do santuário de Siquém, ao pé dos montes Ebal e Garizim (27, 11-14), e a ordem de ler esta Lei diante de todo Israel, no

final dos sete anos, precisamente no ano da Remissão, durante a festa das Tendias, quando todo Israel virá ver a face do Senhor, teu Deus, no lugar que ele tiver escolhido (31,10-11), parecem conservar a lembrança de uma festa periódica, durante a qual o povo todo, reunido em Siquém, renovava sua aliança com o Senhor, escutando a proclamação de sua lei e comprometendo-se a pô-la em prática. Js 24, que narra a assembléia de Siquém como um acontecimento único, talvez seja, de fato, a lembrança de uma celebração periodicamente renovada, cuja liturgia comportasse os seguintes elementos: recordação da história do povo (vv. 2-13), exortação a servir apenas ao Senhor (vv. 14-15), compromisso do povo (vv. 16-24), e conclusão da aliança, acompanhada da proclamação da Lei (vv. 25-26a) e da citação de testemunhas (vv. 26b-27). Ora, o plano do Deuteronômio segue uma ordem muito semelhante: recordação do passado e exortação (1-11), proclamação da Lei (12,1-26,15), compromisso mútuo (26,16-19), promessas e ameaças (27,1-30,18), citação de testemunhas (30,19-20). Se, entretanto, os discursos do Deuteronômio não são situados em Siquém, é porque não se podia contradizer a tradição segundo a qual Moisés não atravessou o Jordão. Mas esta vasta pregação, situada antes da entrada na Terra Prometida, parece mesmo ser o eco das cerimônias celebradas em Siquém, antes do período real.

Com o surgimento da realza, esta festa da aliança perdeu sua importância em proveito de outras celebrações, sobretudo em Jerusalém. Mas o ensino da lei da aliança se perpetuou. Provavelmente quando saiu de seu quadro litúrgico primitivo, abandonou o tu comunitário e começou a interpelar os israelitas usando o vós, como a indivíduos pessoalmente responsáveis.

Quanto ao portador deste ensino, sua maneira de falar mostra que seu papel não é exatamente o de um profeta. O profeta transmite uma palavra direta do Senhor a seu povo; o próprio Deus se lhe apresenta num discurso em primeira pessoa. Aqui, pelo contrário, Moisés se serve da primeira pessoa para designar a si mesmo, enquanto evoca o Senhor usando a terceira pessoa (por exemplo 9,9s.). Os textos insistem de bom grado no papel mediador de Moisés: é a ele que o Senhor se dirige para revelar sua lei, e é ele quem recebe a

ordem de a transmitir e explicar ao povo (5,5; 6,1; 9,9-10,5). Ora, esta atividade mediadora de Moisés parece ter sido mantida em Israel pelos levitas: a "bênção das doze tribos" lhes reconhece a tarefa de ensinar os costumes a Jacó e a lei a Israel (33,10); é a eles que Moisés encarrega de ler a lei por ocasião da festa de renovação da aliança (31,10-11); são eles os associados a Moisés na grande liturgia de Siquém (27,9). Moisés desempenhou, sem nenhuma dúvida, o papel de fundador no ensinamento da lei da aliança: depois dele, os levitas prolongaram o seu ministério, velando ativamente pela transmissão desta tradição. Eles continuaram pondo o seu ensino na boca de Moisés, para conferir-lhe continuidade e autoridade. Mas as alusões às circunstâncias de épocas ulteriores mostram que os levitas desenvolvem e atualizam sempre de novo a tradição em função das tentações diversas que se apresentam: o orgulho que espreita o povo instalado na Terra Prometida (8,11-20), a atração dos cultos cananeus (12,2-3), o absolutismo dos reis (17,14-20), a resignação passiva do Exílio (4,25-31). Não se trata apenas de repetir uma lei que continua válida, mas de fazer compreender o seu fundamento e exigência central. Os recursos do ensino da sabedoria são postos em ação (cf. Dt 4,5-8 e Pr 2,6; Dt 4,40 e Pr 3,2; Dt 8,5 e Pr 3,11-12; Dt 16,19 e Pr 17,23 etc.) para abrir a mente e o coração dos israelitas e convencê-los a adotar um estilo de vida conforme a aliança que o Senhor conclui com eles.

Assim o Deuteronômio é a vasta coletânea na qual se fixou progressivamente por escrito a pregação levítica, cuja fonte era Moisés, e que acompanhou Israel com suas exortações, admoestações e promessas desde o limiar da Terra Prometida até a hora do Exílio na Babilônia.

Um documento reformador. Quais são as etapas principais desta longa elaboração literária? Um importante acontecimento, já entrevisto pelos Padres da Igreja, permite precisar a época na qual o Deuteronômio conheceu sua primeira fixação. O livro dos Reis narra, em 2Rs 22, que no 18º ano do reinado de Josias, isto é, em 622, foi descoberto em Jerusalém o livro da lei (2Rs 22,8.11) ou livro da aliança (2Rs 23,2.21). Impressionado pelas ameaças contidas neste livro, o rei reuniu todo o povo, renovou solenemente a

aliança e proclamou uma reforma do culto. Ora, o programa desta reforma (2Rs 23,4-20) corresponde à exigência básica do Deuteronômio: a destruição de todos os santuários de província e a centralização do culto em Jerusalém (Dt 12). O documento publicado por Josias parece ser, pois, o Deuteronômio, muito certamente numa forma primitiva mais breve.

De onde vinha este livro? A surpresa provocada por sua descoberta mostra que ele não podia ser muito recente. Pensou-se na purificação do culto por Ezequias, menos de um século antes, que já tendia a centralizar o culto em Jerusalém (2Rs 18,4.22), mas tal hipótese não se funda ainda sobre nenhum documento escrito. A coletânea primitiva poderia então ter sido composta após o malogro desta primeira reforma, quando, sob o funesto reinado de Manassés, refloresceram os cultos idolátricos (2Rs 21), portanto, durante a primeira metade do século VII. A coletânea primitiva exprime as tendências reformadoras dos meios levíticos, que lutam contra o sincretismo religioso e o relaxamento social, apoiando-se nas tradições mais autênticas do antigo Israel.

Estes levitas eram, em sua maioria, refugiados que tinham escapado do reino de Israel do Norte, quando das invasões assírias, antes da queda de Samaria em 722. Eles levavam para Judá e Jerusalém uma tradição que havia sido singularmente negligenciada e que demorou quase um século para se fazer ouvir e, depois, ser oficialmente reconhecida. Fazendo do culto centralizado em Jerusalém uma retomada das primitivas cerimônias de aliança em Siquém, o Deuteronômio restaurou, em pleno período real, uma ética da aliança surgida da revelação a Moisés.

A obra acabada e seu plano. O documento que servira de base à reforma de Josias continuou a se enriquecer. Reforçaram-se as exortações em apoio a este ou àquele mandamento (cf. 28,45-68), intercalaram-se pregações (cf. 4,15-31 ou 9,7-10,11), acrescentaram-se peças antigas referentes aos mesmos temas (cf. 5,6-22 ou 27,11-26). Um redator deuteronômista, aparentado àqueles que deram forma aos "Profetas anteriores" (cf. Introd. aos Livros Proféticos: os profetas e a história), adicionou ao início do livro um discurso

profético (caps. 1-3) e o munuiu de uma nova conclusão (caps. 31-34), que garante a transição com a seqüência da história do povo eleito, de Moisés ao Exílio, vasto afresco que se estende até os livros dos Reis (cf. as introduções a Josué e a Reis).

Assim acabado, o Deuteronômio apresenta um plano geral em três partes, seguidas de uma conclusão, que serve simultaneamente de conclusão ao Pentateuco:

1ª parte: dois discursos de introdução, um de estilo mais narrativo (1,6-4,44), e o outro, mais exortativo (4,45-11,32);

2ª parte: as leis (12-26), acompanhadas de alguns fragmentos litúrgicos (27 e 28);

3ª parte: as exortações finais (29 e 30);

Conclusão do livro e do Pentateuco: as tradições sobre a morte de Moisés (31-34).

Os grandes temas do livro. Se bem que tenha sido elaborado no decurso de um longo período com materiais muito variados, o Deuteronômio representa a reflexão e a pregação de um grupo coerente e muito apegado às tradições. É, então, possível ensaiar uma síntese do conjunto das idéias do livro, acima da diversidade dos elementos que o compõem¹. Pode-se encontrar como que a chave de sua mensagem na declaração muito densa de 29,28:

As coisas ocultas pertencem ao Senhor, nosso Deus, e as coisas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, a fim de que sejam postas em prática todas as palavras desta Lei.

Al se encontra como que o resumo dos temas centrais do Deuteronômio: mistério de Deus, eleição de um povo na continuidade de sua história, exigência de ação englobando todos os níveis da vida.

a) O Deus de Israel. Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é Um (6,4). Eis a referência fundamental para Israel, o ponto de partida e de convergência de todo o pensamento e de toda ação.

Israel pode dizer nosso Deus. Com efeito, enquanto o Senhor é apresentado só uma vez como o criador da humanidade (4,32), ele é reconhecido antes de tudo como aquele que se manifestou ao longo da história de seu povo. Desta história o Deuteronômio narra apenas alguns poucos epi-

1. As referências entre parênteses geralmente remetem às notas.

sódios, mas sua pregação é continuamente sustentada por uma referência às etapas fundamentais: a promessa feita aos "pais" (4,31), a saída do Egito (7,19), o dom da lei no Horeb (5,5), a travessia do deserto (8,2), a entrada, para uma longa vida de felicidade (4,40), na boa terra (1,25) outrora prometida. Para o autor, esta última etapa, apresentada como futura no quadro do discurso de Moisés, evidentemente faz parte das ações de Deus cuja memória é preciso guardar sem cessar (4,9). Através destes acontecimentos, é o poder de seu Deus que Israel viu com seus olhos — aliás, o Senhor foi quem lhe deu um olhar capaz de o reconhecer nos seus atos (29,3). De acordo com isso, encontra-se no coração do Deuteronômio o "credo" de Israel, que desde os tempos mais antigos consiste na recordação dos feitos grandiosos do Senhor na vida do seu povo; às vezes formulado explicitamente (6,21-23; 11,2-6; 26,5-9), ele subjaz ao texto todo.

Os acontecimentos do passado são assim o grande sinal da fidelidade de Deus a seu povo. Outro sinal consiste na presença dos porta-vozes do Senhor. A este título, Moisés desempenhou outrora um papel único (34,10.11), que se perpetua na Lei que ele promulgou; entretanto, ao longo da vida de Israel, os profetas (18,15) e — de outro modo — os levitas (33,8) são testemunhas e intérpretes do Senhor, mediadores entre ele e os homens. Graças a tantos sinais, Israel pode reconhecer que seu Deus é um Deus próximo (4,7), que se comprometeu com ele numa aliança (26,17) porque o ama (6,5).

Para Israel, o Senhor é único: os pretensos outros deuses não passam de madeira ou pedra (4,28). E este caráter único deve ser manifestado de modo deslumbrante: é nesta perspectiva que o Deuteronômio, por primeiro, introduz o princípio do santuário único (12,5), onde a assembléia de Israel (5,22) se deve encontrar unânime como no Horeb. Elimina-se, assim, tudo o que pode dividir o culto prestado ao Senhor (6,4). A própria Lei é um sinal de unidade: é impressionante constatar que, mesmo quando se apresenta a longa série de leis e costumes, fala-se com amor da Lei, do mandamento (1,5; 5,31; 6,1); a Lei constitui o caminho único por onde o povo inteiro deve seguir. O monoteísmo do Deuteronômio alcança desse modo uma concepção unitária de toda a vida: um só Deus, um só santuário, uma só Lei, um só povo.

b) O povo de Deus. Israel sabe, portanto, que o único Senhor fez dele sua porção pessoal (7,6; 28,10), seu povo santo (7,6), cumulado gratuitamente (9,5), apesar de sua pequenez (7,8), e tratado como um filho (1,31). Esta escolha de Deus, cuja fonte está nos acontecimentos do passado, renova-se em cada geração (11,2; 29,14), tão bem que, de século em século, o povo deve reconhecer que seu Deus o interpela hoje (1,10).

O que supõe, evidentemente, uma resposta ativa que comprometa todo o povo. Trata-se de circuncidar o coração (10,16), de entrar na aliança com o mais profundo do próprio ser. É preciso rejeitar todo comprometimento com os povos pagãos e seus deuses (4,19; 17,3), para viver da Palavra (6,8), escutá-la, guardá-la e ser fiel à Lei em todos os seus detalhes: em resumo, é preciso amar o Senhor com todo o coração, com todas as forças (6,5). É assim que se pode ser justo (6,25) e fazer da vida inteira um testemunho de fé; mesmo a guerra não está excluída deste âmbito (20,14).

Além disso, por esta fidelidade à Lei, Israel acede aos eventos de salvação, pois sua obediência consiste finalmente em ir às conseqüências de seus encontros com Deus (5,15). Porque o Senhor conduziu seu povo até a terra de Canaã, é preciso oferecer-lhe as primícias desta terra (26,5); em memória dos tempos do Êxodo, é necessário celebrar as festas (16,1.3.12) e o sábado (5,15); porque Israel foi oprimido no Egito, deve agora respeitar os pobres (10,18) e evitar oprimir quem quer que seja (24,18-22), até mesmo o egípcio (23,8). É na evocação do Êxodo que o Deuteronômio encontra a ocasião de superar a estreiteza de visão que habitualmente o faz excluir o estrangeiro do âmbito da solidariedade (14,21; 15,3; 23,21; 28,12). E toda a vida do povo, incluindo os pormenores da existência, torna-se um memorial dos acontecimentos de sua salvação.

A lei do respeito aos pobres ocupa neste conjunto um lugar capital. Isto se percebe pela leitura, por exemplo, das prescrições relativas ao dízimo trienal (14,28), à remissão das dívidas (15,1), à libertação dos escravos (15,12-18), à respiga das plantações e ao rebusco das vinhas (23,25-26). O próprio rei deve, quanto possível, viver como um pobre (17,15). Tal insistência impunha-se particularmente no tempo da redação da parte mais antiga do livro; a unidade do povo estava então comprometida pelo desequilíbrio social: uma classe rica, cada vez mais

poderosa, se opunha ao povo, cada vez mais miserável: era urgente recordar que, em nome de um passado comum, todos os filhos de Israel eram irmãos, e trazer à ordem do dia a luta em favor dos pobres (15,4). Os pregadores deste tempo eram otimistas: eles acreditavam num Israel capaz de responder ao apelo de Deus e de fazer realmente de sua vida um memorial dos eventos de salvação (12,28; 26,16-19).

Entretanto, não se pode deixar de sentir que ali, na verdade, se desenvolve um drama. A vida assim concebida é uma ocasião constante de encontro com Deus. Ela supõe para o homem uma fidelidade de todos os instantes, e esta fidelidade está, em princípio, a seu alcance (30,14). Dois caminhos se abrem: o da fidelidade e da felicidade, e o da revolta e infelicidade (11,27-28). É preciso escolher, comprometendo assim todo o futuro (30,15-20). Mas que sucede de fato? Também aqui, a história responde, mas sua resposta não é tranquilizadora. Desde o tempo do Êxodo, o povo se revoltou sempre cessar, e foram necessárias a intercessão sempre renovada de Moisés e a fidelidade incansável de Deus para que Israel não perecesse sob o merecido golpe da cólera (9,7). O que acontecerá nas subsequentes épocas da história da salvação, isto é, neste hoje, no qual cada um é chamado a se decidir? Esse caráter dramático da situação tinha sido pressentido pelos primeiros pregadores. Mas chega uma hora em que toda ilusão deve desaparecer: Israel não se mostra, de modo algum, capaz de escolher o Senhor e de chegar, assim, à vida; o povo está votado à catástrofe. Os últimos autores do Deuteronômio, contemporâneos do Exílio, não podem deixar de dizê-lo claramente (28,15; 29,21).

O pensamento do Deuteronômio, porém, não leva ao desespero. O pecado do homem não terá a última palavra: dia virá em que Deus agir de modo a que o povo se converta e obtenha o perdão (30,3). Mas, nesse ínterim, será necessário aceitar a prova e o sofrimento, e deles tirar a lição, decidindo-se, enfim, a mudar o coração.

O Deuteronômio na Bíblia. O Deuteronômio detém, nas Escrituras, um lugar importante. Não apenas porque a tradição judaica nele encontra o seu credo fundamental, o "Shemá Israel": Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é Um (6,4); nem mesmo porque Jesus dele extrai o maior dos mandamentos: Amarás o Senhor teu

Deus com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças (6,5). A tradição deuteronômica, pelo espírito particular que a anima, influencia profundamente outras correntes do Antigo Testamento. Frequentemente se têm apontado as afinidades de vocabulário e temas entre o Deuteronômio e a mensagem de Jeremias, cujo ministério segue de perto a reforma de Josias: o esquecimento dos benefícios do Senhor (Jr 2,4-7; Dt 6,10-13), a circuncisão do coração (Jr 4,4; cf. Dt 10,16), a nova aliança (Jr 31,31-34; cf. Dt 30,1-10). Estes são temas tipicamente deuteronômicos. A convergência de estilo entre o Deuteronômio e os discursos é reflexões que marcam as grandes etapas da história, através dos livros de Josué (Js 1 e 23), dos Juizes (Jz 2,6-3,6), de Samuel (1Sm 12) e dos Reis (1Rs 8; 2Rs 17), revela a influência do Deuteronômio sobre o autor deste vasto afresco historiográfico: como o Deuteronômio, este autor se interessa sobretudo pelo templo de Jerusalém e pela obediência aos mandamentos da lei; ele considera a lei do Deuteronômio como a chave de compreensão da história. O tema da escolha entre os dois caminhos, um que leva à vida e outro, à morte (cf. Dt 30), prolonga-se amplamente no ensino ético do judaísmo ulterior, bem como no evangelho (Mt 7,13-14). E sabe-se como a solidariedade ativa para com os irmãos mais pobres, cuidado constante do Deuteronômio e fermento da vida comunitária judia, inscrever-se-á no coração do evangelho.

O Deuteronômio hoje. O Deuteronômio pode trazer alguma contribuição ao cristão do século XX? A maior parte dos seus preceitos se refere a um estado social e cultural bem diverso do nosso. Além disso, a própria Lei não caducou desde que o Cristo instaurou o regime da graça e do espírito (cf. Rm 3,28; 6,14; Gl 3,23; 5,18)?

Aqui é mister repetir que o Deuteronômio, antes de ser uma coletânea de preceitos, é uma reflexão sobre os fundamentos de toda a nossa obediência a Deus, a saber sua ação na vida e na história de seu povo. O que determina a existência dos crentes é, então, o reconhecimento, no duplo sentido de descoberta de uma presença e de resposta a um dom.

Por outro lado, os próprios preceitos, se não requerem como tais nossa adesão, são formulados de maneira a poder nos iluminar. Com efeito,

todo este ensino é dominado pela vontade de encontrar uma fidelidade autêntica no coração de um mundo que se transforma (cf. 15,1 e nota).

Na hora presente, quando todos os crentes de todas as confissões se interrogam sobre o fundamento da moral, o Deuteronômio oferece o exemplo muito significativo de uma lei que não quer se impor do exterior, mas que procura enraizar-se na reflexão e na decisão do coração. É uma moral raciocinada, lúcida, adulta, verdadeira sabedoria (4,5-8). Pois se é na história que se encontra a Deus, é em função dos acontecimentos salvíficos que se deve orientar a conduta de cada dia.

Este livro ensina também a moral do amor em atos: o amor do Senhor compromete todos os âmbitos da existência humana, da política à higiene, da vida social ou familiar ao reencontro do irmão, até mesmo ao respeito pelo animal (22,7) ou pela árvore (20,19). Cada situação nos põe ante uma escolha pró ou contra o Senhor, na qual se decide nosso futuro, pois seremos julgados pelos nossos atos, e, muito particularmente, pela nossa atitude para com os pobres.

O Deuteronômio nos fala ainda pela insistência em ressaltar o caráter gratuito e empenhativo da obediência exigida do povo de Deus. Com efeito, a lei não indica ao povo as condições a preencher para poder entrar na Terra Prometida, mas as conseqüências que decorrem da eleição e da herança recebida em Canaã. Ao mesmo tempo, porém, o pregador deuteronomista enfatiza o caráter comprometedor desta observância: ele faz derivar, da lei, promessas de felicidade para aqueles que a praticam e ameaças de infelicidade para aqueles que a transgridem: pois a lei da aliança põe o povo diante de uma questão de vida ou de morte (30,15-20). O Deuteronômio mantém o equilíbrio entre estes dois traços característicos da obediência: gratuidade e compromisso. Equilíbrio difícil a conservar e que, já no judaísmo ulterior — mas também em diversas confissões cristãs —, se esvairá freqüentemente numa ética de méritos ou no moralismo. Entre todos os testemunhos bíblicos, o Deuteronômio representa uma das bases mais fecundas para a redescoberta de uma moral adulta, equilibrada e vivencial.

DEUTERONÔMIO

PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS (1,1-4,44)

4,45-49

1 'Eis as palavras que Moisés dirigiu a todo Israel, além do Jordão, no deserto, na Arabá, defronte de Suf, entre Paran, Tôfel, Laban, Hazerot e Di-Zahab. ²Há onze dias de marcha do Horeb a Qadesh-Barnea, em direção à montanha de Seir^a. ³Ora, no quadragésimo ano, no décimo primeiro mês, no primeiro dia do mês, Moisés falou aos filhos de Israel, conforme tudo o que o SENHOR lhe ordenara para eles. ⁴Depois de ter derrotado Sião, rei dos amoritas, que residia em Heshbon, e depois de ter derrotado, em Edrei, a Og, o rei de Bashan, que residia em Ashtarot, ⁵além do Jordão, na terra de Moab, Moisés se pôs a lhes expor esta Lei:

2,24-3,8;
Nm 21,21-35

27,8

Ordem de partida. ⁶No Horeb, o SENHOR, nosso Deus, assim nos falou: "Há muito tempo que permaneceis nesta montanha; ⁷voltai-vos para partir^b, entrai nas montanhas dos amoritas e junto a todos os seus vizinhos, na Arabá, na Montanha, na Baixada, no Négueb e na Costa, na terra dos cananeus e no Líbano, até o grande rio, o Eufrates^c. ⁸Vede^d, eu vos entrego a terra: entrai e tomai posse da terra que o SENHOR jurou dar a vossos pais, Abraão, Isaac e Jacó, e à sua descendência depois deles".

Gn 12,7;
28,13

Instituição dos juízes. ⁹Naquele tempo eu vos disse: "Eu não posso carregar-vos sozinho; ¹⁰o SENHOR, vosso Deus, vos

16,18-20;
17,8-13; 25,
1-3; Ex 18,
13-26; Nm
11, 11-17

fez numerosos, e eis que sois hoje^e tão numerosos quanto as estrelas do céu. ¹¹Que o SENHOR, o Deus de vossos pais, vos multiplique ainda mil vezes mais e vos abençoe conforme vos prometeu. ¹²Como eu sozinho poderei suportar vossos rancores, reclamações e contestações? ¹³Trazei aqui, de vossas tribos, homens sábios, inteligentes e experimentados: eu farei deles vossos chefes". ¹⁴E vós me respondestes: "O que nos dizes para fazer é bom". ¹⁵Então, escolhi chefes de tribos, homens sábios e experimentados, e os constituí vossos chefes: chefes de mil, de cem, de cinquenta, de dez e escribas^f para vossas tribos.

10,22;
Gn 15,5;
22,17

¹⁶Então, dei ordens a vossos juízes: "Ouvireis as causas de vossos irmãos, e decidireis com justiça as pendências de cada um com seu irmão, ou com o migrante que mora no meio dele^g". ¹⁷Não sereis parciais no julgamento: escutai tanto o pequeno como o grande, não tendais medo de ninguém, pois o julgamento pertence a Deus. Se uma causa vos parecer muito difícil, submetei-a a mim, e eu a ouvirei." ¹⁸E, então, eu vos dei ordens a respeito de tudo o que tínheis a fazer.

Jo 7,51

10,17;
Pr 24,23;
Tg 2,9

Exploração de Canaã e primeira infidelidade do povo. ¹⁹Depois partimos do Horeb; atravessamos este grande e terrível deserto que vistes, a caminho da

Nm 13-14

29,4;
7,19

a. As indicações geográficas dos vv. 1b-2 não se encontram mais no resto do Dt. Talvez se trate de adições ao texto primitivo, extraídas, em parte, de Nm.

b. *Voltai-vos para partir* (lit. *Voltai-vos e parti*): modo de falar freqüente nestes primeiros caps. (1,40; 2,18; 3,1; cf. 9,15; 10,5), evocando cada vez uma nova direção determinada pelo Senhor na caminhada do seu povo.

c. Esta enumeração evoca as diversas regiões da Terra Prometida, estendida a limites que Israel jamais alcançou (cf. Ex 23,31 nota).

d. Lit. *Vê*.

e. O *hoje* do qual o Dt fala constantemente (cf. 4,48.39; 5,1;

6,6; 7,11; 8,1; 11,26; 26,17.18; 30,15) designa conjuntamente o dia em que Moisés se dirige a Israel, no limiar da Terra Prometida, e o dia em que o Senhor interpela o leitor do livro; assim a palavra de Moisés atinge o fiel de todos os tempos, para chamá-lo a dar graças e a se comprometer resolutamente com o serviço do Senhor.

f. É difícil precisar o papel exato destes *escribas* freqüentemente mencionados em Dt (16,18; 20,5.8.9; 29,9; 31,28), assim como em Ex, Js (p. ex. 3,2) e Cr (p. ex. 1Cr 23,4). Esta instituição é, sem dúvida, bem posterior à saída do Egito, e é por anacronismo que o autor do Dt a fez remontar até Moisés.

g. Cf. Ex 12,43 nota.

montanha dos emoritas^b, conforme o SENHOR, nosso Deus, nos ordenara, e chegamos a Qadesh-Barnea. ^{Nm 13,26} ²⁰Eu vos disse: “Chegastes à montanha dos emoritas, que o SENHOR, nosso Deus, nos dá. ²¹Vede: o SENHOR, teu Deus, te entregou esta terra. Sobe, toma posse dela, conforme te prometeu o SENHOR, o Deus de teus pais. Não temas! Não te deixes abater!” ²²Então, todos vós vistes a mim e me dissestes: “Enviemos, pois, homens à nossa frente: eles farão para nós um reconhecimento da terra e um relatório sobre o caminho pelo qual devemos subir e sobre as cidades às quais chegaremos”. ²³Isto me pareceu bom, e tomei dentre vós doze homens, um por tribo. ²⁴Eles se voltaram para subir à montanha. Chegando aos desfiladeiros de Eshkol, eles os exploraram. ²⁵Colheram frutos da terra, que, ao descer, trouxeram nas mãos para nós; e nos fizeram seu relatório. Diziam: “A terra que o SENHOR, nosso Deus, nos dá é uma terra boa!”

²⁶Mas vós vos recusastes a subir até ela; vos revoltastes contra as ordens do SENHOR, vosso Deus, ²⁷deblatardes sob vossas tendas, dizendo: “É por ódio a nós que o SENHOR nos fez sair da terra do Egito! É para nos entregar às mãos dos emoritas! É para nos exterminar!” ²⁸Para onde subiremos, então? Nossos irmãos fizeram dissipar-se nossa coragem, dizendo: “É um povo maior e mais forte do que nós, com cidades grandes fortificadas, elevadas até o céu; chegamos a ver ali descendentes dos anaquitas^{k1}!” ²⁹E eu vos disse: “Não tremais e não tendes medo!” ³⁰O SENHOR, vosso Deus, que marcha à vossa frente, ele mesmo combaterá por vós, como o fez por vós, sob os vossos olhos, no Egito ³¹e no deserto,

onde viste o SENHOR, nosso Deus, te carregar como alguém carrega o seu filho, ao longo de todo o caminho que percorrestes para chegar a este lugar”. ³²E neste caso, não pusestes vossa fé no SENHOR, vosso Deus, ³³ele que, a fim de encontrar para vós um lugar de acampamento, marchava à vossa frente no caminho, no fogo durante a noite, para vos iluminar o caminho por onde seguíeis, e na nuvem durante o dia.

³⁴O SENHOR escutou as palavras que dizíeis. Ele se irritou e fez este juramento: ³⁵“Nenhum destes homens, ninguém desta geração má verá a terra boa que jurei dar a vossos pais, ³⁶exceto Kaleb, filho de Iefuné: ele a verá, e eu lhe darei, bem como a seus filhos, a terra que ele pisou, pois seguiu o SENHOR sem reservas.” ³⁷Mesmo contra mim, o SENHOR se encolerizou por vossa causa. Ele disse: “Mesmo tu não entrarás nela!” ³⁸Josué, filho de Nun, que está a teu serviço, ele entrará; encoraja-o, pois será ele quem a dará como patrimônio a Israel. ³⁹E vossos filhos, dos quais dizíeis que seriam feitos escravos, vossos filhos, que não sabem ainda distinguir o bem do mal, eles nela entrarão. É a eles que eu a darei, eles é que dela tomarão posse. ⁴⁰Mas vós, voltai-vos para partir ao deserto, em direção do mar dos Juncos”.

⁴¹Vós me respondestes: “Pecamos contra o SENHOR! Vamos subir e combater, conforme tudo o que o SENHOR, nosso Deus, nos ordenou”. Cada um de vós tomou o seu instrumento de combate, e acreditastes que poderíeis subir facilmente a montanha. ⁴²Então o SENHOR me disse: “Dizei-lhes: não subireis! Não combatareis, pois eu não estou em vosso meio! Não vos exponhais à derrota diante dos vossos inimigos!” ⁴³Eu vos falei,

h. O nome de emoritas designa aqui o conjunto das antigas populações da Terra Prometida, e sua *montanha* é o país todo.
i. O Dt repete sem cessar que a terra dada pelo Senhor a seu povo é *boa* (1.25.35; 3.25; 4.21.22; 6.18; 8.7.10; 9.6; 11.17). A palavra evoca não apenas a beleza da região e sua fertilidade, mas, com maior amplitude, a felicidade (cf. 4.40 nota) com a qual o Senhor deseja cumular os seus, estabelecendo-os na terra que escolheu para eles, e que, há muito tempo, prometera a seus

país. Israel deve maravilhar-se, sempre de novo, diante desta dádiva da graça divina, a fim de que seu reconhecimento o estimule à obediência; entretanto, ele não poderá desfrutar esta *boa terra*, a não ser que permaneça no serviço daquele que a concedeu (cf. 4.25.26).

j. Lit. *fortificados no céu*: refere-se antes às escarpas do sítio do que à altura das muralhas.

k. Sobre a população temível, cf. 2.10.21; 9.2 e Nm 13.22 nota.

^{29,3}
Os 11.3-4

Ea 13.21

Nm 14.24

3.26; 4.21;
32.51

3.21.26-28;
31.3,7-8.14-
15.23; 34.9;
Nm 27,
18-23

Nm 14.3

31.17
28.7

mas vós não me escutastes; vos revoltastes contra as ordens do SENHOR e, em vossa presunção, subistes à montanha. ⁴⁴Então os emoritas, que moram nesta montanha, vieram contra vós e, como um enxame de abelhas, vos perseguiram; e vos despedaçaram de Seir até Hormá.

SI 118,12

⁴⁵E voltastes e chorastes diante do SENHOR; mas o SENHOR não escutou vossa voz e não vos deu ouvido. ⁴⁶E ficastes por longo tempo em Qadesh, todos os dias que ali ficastes¹.

2 ¹Depois nos viramos para partir rumo ao deserto, em direção do mar dos Juncos, como o SENHOR mo havia dito, e contornamos demoradamente a montanha de Seir.

Travessia pacífica de Edom, de Moab e de Amon. ²Depois o SENHOR me disse:

³Há muito tempo que contornais esta montanha: voltai-vos para o norte! ⁴Dai ao povo esta ordem: ide passar pelo território de vossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam Seir. Eles terão medo de vós, mas tomai cuidado: ⁵não os ataqueis! Nada vos darei na terra deles, nem mesmo onde apoiar a planta dos pés, pois foi a Esaú que eu dei a posse da montanha de Seir. ⁶O alimento que comerdes, vós o adquirireis a preço de dinheiro; e até a água que beberdes, vós a providenciareis junto a eles a preço de dinheiro. ⁷Pois o SENHOR, teu Deus, te abençoou em todas as tuas ações, ele conheceu tua caminhada neste grande deserto; há quarenta anos o SENHOR, teu Deus, está contigo^m e de nada sofreste falta¹. ⁸Depois, partindo do meio de nossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam Seir, passamos pela rota da Arabá, que vem de Elat e Eşion-Guêber. Muda-

23,8;
Nm 20,14-21

At 7,5

2,28

mos de direção para atingir o deserto de Moab.

⁹E o SENHOR me disse: “Não ataqueis Moab, não entreis em combate contra ele; ^{23,4-7} não te darei posse nenhuma em sua terra, ^{2,19} pois foi aos filhos de Lot que eu dei a posse de Ar. ¹⁰Outrora os emitas o habitavam, um povo grande, numeroso e de elevada estatura, como os anaquitas; ^{1,28;} ¹¹eles eram considerados como refaítas”, ^{Nm 13,22-33} à maneira dos anaquitas, mas os moabitas os chamavam emitas; ¹²do mesmo modo, antigamente, tinham habitado em Seir os horitas; os filhos de Esaú os desalojaram e exterminaram de diante de si, e habitaram seu lugar, como Israel fez na terra em cuja posse se encontra, aquela que o SENHOR lhe deu”. ¹³Agora, levantai-vos! passai os desfiladeiros do Zéred!” E atravessamos os desfiladeiros do Zéred. ¹⁴A duração de nossa caminhada desde Qadesh-Barnea até a passagem dos desfiladeiros do Zéred foi de trinta e oito anos — até que toda a geração de combatentes tivesse desaparecido inteiramente do acampamento, conforme o Senhor lhes tinha jurado; ¹⁵e a própria mão do SENHOR estivera sobre eles para eliminá-los do acampamento, até que desaparecessem por completo.

1,35;
Nm 14,29-30;
1Cor 10,
1-5

¹⁶E quando a morte fez desaparecer totalmente do meio do povo todos estes combatentes, ¹⁷o SENHOR me falou deste modo: ¹⁸“Tu vais passar hoje pelo território de Moab, através de Ar. ¹⁹Chegarás diante dos filhos de Amon. Não os ataques, nem traves combate contra eles. Nada te farei possuir na terra dos filhos de Amon, pois aos filhos de Lot é que assegurei sua posse. ²⁰— Era considerada também como uma região de refaítas; os refaítas a habitaram antes, e os amo-

2,9
23,4;
Gn 19,30-38
2,11

1. Pode-se compreender igualmente: *durante o tempo em que deveis aí permanecer*. Nm 14,34 aproxima os 40 anos do castigo aos 40 dias de exploração; não se percebe claramente se Dt vê as coisas da mesma maneira.

m. *O Senhor está com seu povo* (cf. Dt 20,1; 1Rs 8,57; Is 7,14; 41,10). E está mais particularmente com seus chefes, especialmente Davi — a quem, talvez, a fórmula tenha sido inicialmente aplicada (1Sm 16,18; 18,14; 2Sm 7,9 etc.) —, mas também Isaac (Gn 26,3), Jacó (Gn 28,15), José (Gn 29,32), Moisés

(Ex 3,12; cf. 3,14 nota), Josué (Dt 21,23; Js 1,5), Guideon (Jz 6,12), Ezequias (2Rs 18,7), Jeremias (Jr 1,8). E Jesus será chamado *Emanuel*. “Deus conosco” (Mt 1,23; cf. Js 7,14).

n. Sobre os *refaítas*, cf. 3,11 nota.

o. A conquista por Edom de seu território é posta aqui em paralelo com a instalação de Israel em Canaã: o autor dá a entender que os destinos históricos de Israel e de outros povos possuem pontos em comum, e que o Deus de Israel se interessa também pelas “nações” (cf. 2,5.12.19.22).

nit as chamavam de zanzumitas; ²¹eles foram um povo grande, numeroso e de elevada estatura, como os anaquitas, mas ^{1.28} o SENHOR os exterminara de diante dos amonitas, que os desapossaram e habitaram no lugar deles. ²²O SENHOR fez o mesmo em favor dos filhos de Esaú, que habitam em Seir, exterminando de diante deles os *horitas*: eles os desapossaram e habitaram no lugar, até hoje; ²³e aos avitas, que habitavam os povoados até Gaza, exterminaram-nos os *kaftoritas*^p, vindos de Kaftor, e habitaram no lugar deles.—

Nm 21, 21-32 **Ocupação do reino de Siḥon.** ²⁴“Levantai-vos, parti, atravessai os desfiladeiros do Arnon! Vede, eu entreguei às tuas mãos Siḥon, o emorita, rei de Heshbon, e a sua terra. Começa a te apossar dela, trava combate contra ele! ²⁵Neste dia, começa a provocar o terror e o medo a ti no rosto dos povos que habitam sob todos os céus; quando ouvirem falar de ti, tremerão e se atemorizarão diante de ti”.

²⁶Então, do deserto de Qedemot, enviei mensageiros a Siḥon, rei de Heshbon, com palavras de paz: ²⁷“Deixa-me passar através da tua terra pela estrada! Irei pela estrada, sem me desviar nem para a direita, nem para a esquerda: ²⁸o alimento que eu comer, tu mo fornecerás a preço de dinheiro, e a água que eu beber, tu me darás a preço de dinheiro. Deixa-me simplesmente passar a pé, ²⁹como mo permitiram os filhos de Esaú que habitam em Seir, e os moabitas que habitam em Ar, até que eu atravessasse o Jordão, para chegar à terra que o SENHOR, nosso Deus, nos dá”. ³⁰Mas Siḥon, rei de Heshbon, não nos quis deixar passar por seu território, pois o SENHOR, teu Deus, tinha tornado inflexível o seu espírito e obstinado o seu coração, para entregá-lo às tuas mãos, naquele dia. ³¹E o SENHOR me disse: “Vê, eu comeci a te entregar

Siḥon e a sua terra; começa a tomar posse da sua terra.” ³²Siḥon saiu a nosso encontro, ele e todo o seu povo, para combater em Iáhas. ³³E o SENHOR, nosso Deus, o entregou a nós: nós o derrotamos, e a seus filhos e a todo o seu povo.

³⁴Então, ocupamos todas as suas cidades e votamos ao interdito^q toda cidade: os homens, as mulheres e as crianças; não deixamos sobreviver nenhum resto^r. ³⁵Guardamos apenas o gado como despojo, bem como o butim das cidades que tínhamos ocupado. ³⁶De Aroer, que está à beira do desfiladeiro do Arnon, e da cidade que está no fundo do desfiladeiro, até Guilead, não houve para nós cidade inexpugnável: o SENHOR, nosso Deus, nos entregou tudo. ³⁷Só da terra dos emoritas não te aproximate: toda a beirada dos desfiladeiros do laboq, as cidades da montanha e todos os lugares que o Senhor nos tinha proibido.

3 Ocupação do reino de Og. ¹Nós nos voltamos para subir em direção do Bashan, mas Og, rei do Bashan, veio contra nós, ele e todo o seu povo, para combater em Edrei. Nm 21, 33-35

²O SENHOR me disse: “Não tenhas medo dele, pois eu o entreguei em tuas mãos, com todo o seu povo e o seu território. Tu o tratarás como trataste Siḥon, rei dos emoritas, que residia em Heshbon”. ³E o SENHOR, nosso Deus, ainda entregou em nossas mãos Og, rei do Bashan, e todo o seu povo, que derrotamos, sem dele deixar sobreviver nenhum resto. ⁴Então ocupamos todas as suas cidades e não há entre eles cidade que não tenhamos capturado. Eram sessenta cidades, toda a região de Argob, no Bashan, onde reinava Og, ⁵só contando as cidades fortificadas com alta muralha e porta dupla com ferrolhos, sem contar um grande número de povoados^s. ⁶E os votamos ao interdito,

1R 4.13

p. Trata-se dos filisteus (cf. Gn 10,14; Am 9,7). O nome de *Kaftor* designa às vezes Creta, às vezes a costa sul da Ásia Menor. q. A concepção do *interdito* limitado às pessoas, que se encontra aqui e em 3,6, é diferente da concepção clássica, que com-

porta a destruição de todos os bens, atestada em 13,16.18 (sobre o sentido do *interdito*, cf. Nm 21,2 nota; Dt 20,4 nota; 20,18 nota). O *interdito* é ainda mencionado, sem detalhes, em 7,2.26; 20,17. r. Lit. nós não fizemos restar sobrevivente.

2,34 como fizéramos contra Siĥon, rei de Ĥeshbon. Tínhamos votado ao interdito toda cidade: os homens, as mulheres e as crianças. ⁷E tomamos como despojo todo o gado e o saque das cidades.

Nm 32 **Partilha do Guilead.** *Tínhamos, então, tomado a terra dos dois reis emoritas do outro lado do Jordão, desde os vales do Arnon até o monte Hermon ⁹ — o povo de Sídôn chama o Hermon de Sirion; os emoritas, porém, o chamam de Seni —. ¹⁰Tínhamos tomado todas as cidades do Planalto, todo o Guilead e todo o Bashan, até Salká e Edrei, as cidades do Bashan onde Og reinava. ¹¹— Ora, Og, rei do Bashan, era o único que restava dos últimos refaítas^s; e seu leito, um leito de

SI 135,11;
136,19-20

Js 13,25

ferro, não é o que se vê em Rabá dos filhos de Amom? Tem nove côvados de comprimento e quatro de largura, em côvados comuns —. ¹²Nós tínhamos tomado posse desta região.

Js 13,15-28

Js 13,29-31

A metade dos montes do Guilead e suas cidades, desde Aroer, na beira dos desfiladeiros do Arnon, eu a dei à gente de Rúben e de Gad. ¹³O restante do Guilead e todo o Bashan, o reino de Og, eu o dei à metade da tribo de Manassés. Toda a região do Argob e todo o Bashan chama-se a terra dos refaítas. ¹⁴Iair, filho de Manassés, tomou toda a região do Argob até o território dos gueshuritas e maakaitas. Ele denominou com o seu nome estes lugares do Bashan: até hoje se chamam “acampamentos de Iair”. ¹⁵A Makir dei o Guilead. ¹⁶À gente de Rúben e de Gad dei o território que vai de Guilead até o Arnon — o fundo dos vales servin-

Nm 32,41;
Js 13,30;
Jz 10,4;
IRs 4,13;
1Cr 2,23
Gn 50,23

do de fronteira^s — e até o Jaboc, fronteira dos filhos de Amom, ¹⁷com a Arabá — o Jordão servindo de fronteira — de Kinéret^s ao mar da Arabá, o mar Salgado, sob as encostas da Písgá, a leste.

3,27;
Nm 21,20;
3,17; 4,49
34,1

¹⁸Então, vos^s dei minhas ordens: “O SENHOR, vosso Deus, vos deu a posse desta terra. Vós todos, os guerreiros, passareis o Jordão armados para o combate, adiante dos vossos irmãos, os filhos de Israel; ¹⁹apenas vossas mulheres, vossas crianças e vossos rebanhos — sei que tendes muito gado — permanecerão nas cidades que eu vos dei, ²⁰até que o SENHOR conceda o repouso a vossos irmãos como concedeu a vós, e que eles também possuam a terra que o Senhor, vosso Deus, lhes deu do outro lado do Jordão, e que cada um de vós retorne à posse daquilo que vos doei”.

Nm 32,
17-32

²¹Então, ordenei a Josué: “Viste com teus próprios olhos tudo o que o SENHOR, vosso Deus, fez a estes dois reis; o SENHOR fará o mesmo a todos os reinos que vais encontrar do outro lado. ²²Não tenhais medo deles, pois o SENHOR, vosso Deus, combate por vós”.

1,38
29,3

Súplica de Moisés. ²³Então, implorei a graça do SENHOR: ²⁴“Senhor DEUS, tu começaste a fazer ver a teu servo tua grandeza e a força de tua mão. Há um deus no céu ou sobre a terra que iguale teus atos e tuas proezas? ²⁵Permite que eu atravessasse para o outro lado, e que eu veja a boa terra que está do outro lado do Jordão, esta boa montanha e o Líbano!”

1,25

²⁶Mas o SENHOR se enfureceu contra mim por vossa causa e não me escutou^s. O SE-

1,37

s. Trata-se de aglomerações não-fortificadas, onde se alojam os camponeses, que as abandonam em caso de perigo para se refugiar nas cidades fortificadas.

t. O nome *refaítas* designa aqui uma das populações da terra de Canaã, que parece ter deixado uma fama particularmente terrível (cf. Gn 14,5; 2Sm 21,15-22). A mesma palavra designa, contudo, os *trespassados*, habitantes do Sheol (cf. Is 14,9; 26,14,19; SI 88,11-13).

u. Lit. *côvados de homem*. Esta medida deve valer 45cm. Há outro côvado maior, de origem babilônica, valendo 52cm (cf. Ez 40,5).

v. Lit. *o meio dos desfiladeiros e fronteira*. Esta expressão elíptica se encontra no v. seguinte (lit. *o Jordão e a fronteira*),

bem como em Nm 34,6; Js 13,23,27; 15,12,47. Seu sentido permanece incerto.

w. Os vv. 16-17 delimitam um território situado a leste do Jordão, entre o *Jaboc* e o *Arnon*. A menção a *Kinéret* (Genesaré) é a única que sai deste quadro. Trata-se, talvez, de outra localidade com o mesmo nome.

x. Estas ordens se dirigem às tribos da Transjordânia. Instaladas em primeiro lugar, elas devem permanecer na vanguarda do povo, sem deixar de ser solidárias com as tribos que receberão sua parte somente depois da travessia do Jordão.

y. A tradição de que Moisés não pôde entrar na Terra Prometida e morreu antes da travessia do Jordão (34,5-6) é unânime. Vê-se nisto o efeito de uma decisão do Senhor (31,2; 34,4). A

NHOR me disse: "Basta! Pára de me falar deste assunto! ²⁷Sobe ao cume da Pisgá, eleva teus olhos para o ocidente e para o norte, para o sul e para o oriente; olha com os teus olhos: não atravessarás este Jordão! ²⁸Dá tuas ordens a Josué, torna-

^{1.38} -o forte e corajoso, pois ele é quem atravessará o Jordão adiante deste povo, ele é quem lhes dará em patrimônio a terra que estás vendo".

²⁹E permanecemos no vale, diante de ^{4.46; 34.6} Bet-Peor.

^{6.4; Lv 18.5} **4 O dom da Lei.** ¹E agora, Israel, escuta as leis e os costumes que eu mesmo vou ensinar-vos a pôr em prática: assim vivereis e entrareis para tomar posse da terra que vos dá o SENHOR, o Deus de vossos pais. ²Nada acrescentareis às palavras dos mandamentos que eu vos dou, e nada tirareis; assim guardareis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos dou.

^{29.3} ³Vistes com os vossos olhos o que o SENHOR fez em Báal-Peor; todos aqueles que tinham seguido o Báal de Peor foram exterminados do teu meio pelo SENHOR.

^{1.10} vosso Deus, ⁴enquanto vós, os partidários do SENHOR, estais vivos ainda hoje. ⁵Vede, eu vos ensino as leis e os costumes, conforme o SENHOR, meu Deus, me ordenou, para que os ponhais em prática, quando estiverdes na terra para cuja posse vos encaminhai. ⁶Vós os guardareis e os porcis em prática: é o que vos tornará sábios e entendidos aos olhos dos povos, que escutarão todas

estas leis; eles dirão: "Esta grande nação só pode ser um povo sábio e entendido!"

⁷Com efeito, que grande nação tem deuses que tanto se aproximam dela quanto o SENHOR, nosso Deus, o faz toda vez que o invocamos? ⁸E que grande nação tem leis e costumes tão justos quanto toda esta Lei que hoje vos apresento? ⁹Mas toma cuidado, guarda-te bem de esquecer^a as coisas que viste com teus próprios olhos. Que, em todos os dias da tua vida, elas não saiam do teu coração. Tu as darás a conhecer a teus filhos e a teus netos.

A revelação do Horeb. ¹⁰Estavas de pé ^{Ex 19}

na presença do SENHOR, teu Deus, no Horeb, no dia em que o SENHOR me disse: "Reúne o povo diante de mim; eu os farei escutar minhas palavras para que aprendam a me temer durante todos os dias de sua vida sobre a face da terra, e para que o ensinem a seus filhos". ¹¹Na-

aquele dia, vos aproximastes e vos postastes ao pé da montanha: ela estava em chamas, abrasada até o céu, nas trevas das nuvens e da noite espessa. ¹²E o SENHOR vos falou do meio das chamas: uma voz falava e vós a escutáveis, mas não distinguíeis nenhuma forma. Não havia nada além da voz. ¹³Ele vos comunicou sua aliança, as dez palavras^c, que ele vos ordenou pôr em prática, e ele as escreveu sobre duas tábuas de pedra. ¹⁴E a mim, o SENHOR ordenou, então, que vos ensinasse as leis e os costumes para que os ponhais em prática na terra em que ides entrar, a fim de tomar posse dela.

maioria dos textos vê a razão disso na revolta do povo no deserto: Moisés é solidário com a geração que saiu do Egito e é punido não por causa de sua própria falta, mas por causa da falta do povo, como é dito aqui (cf. 1.37; 4.21; Sl 106.32). Entretanto, certos textos vêem a causa na incredulidade de Moisés e de Aarão em Meribá (32.51; cf. Nm 20.12 nota, 27.12-14).

z. Depois das evocações históricas do início do livro, o cap. 4 inaugura a pregação deuteronomica propriamente dita, com seus temas característicos (cf. Introd.).

a. O Dt insiste de bom grado sobre o fato de que o Senhor e sua palavra são próximos de Israel (cf. 30.14), e de que Deus está no meio do seu povo (6.15; 7.21).

b. Com insistência, o Dt adverte o povo contra o perigo de esquecer o seu Senhor (6.12; 8.11,14,19; 26.13; 32.18) e os acontecimentos do Horeb (4.9,23) e do deserto (9.7). Com a

mesma insistência, aliás, ele exorta o povo a se lembrar do seu Senhor (8.18), da servidão do Egito da qual foi libertado (5.15; 7.18,19; 15.15; 16.3; 24.18), e das experiências ricas em ensinamentos vividas no deserto (8.2; 9.7; 24.9; 25.17; cf. 32.7). Por estes dois temas paralelos, a pregação deuteronomica não entende manter apenas a memória dos acontecimentos, dos quais o tempo separa cada dia mais as gerações posteriores. Visa, sobretudo, dirigir o seu povo conscientizando-o do alcance sempre atual do que o Senhor realizou no Êxodo, uma vez por todas. Lembrar-se torna-se, então, considerar os acontecimentos desta época particular da história como a norma que é preciso seguir, sem nunca perdê-la de vista, em todos os âmbitos da vida.

c. Este é o nome dado pela Bíblia (cf. 10.14; Ex 34.28) ao que temos o hábito de designar como "os dez mandamentos". fórmula desconhecida na Bíblia.

Advertência contra a idolatria^d. ¹⁵Tende cuidado com vós mesmos. No dia em que o Senhor vos falou no Horeb, do meio das chamas, não vistes forma alguma. ¹⁶Não vos corrompais fabricando um ídolo, uma forma qualquer de divindade^e, imagem de um homem ou de uma mulher, ¹⁷imagem de qualquer animal da terra, de qualquer pássaro que voa no céu, ¹⁸imagem de qualquer réptil que rasteja sobre o solo ou de qualquer peixe que vive nas águas sob a terra.

¹⁹Não eleves os olhos para o céu a fim de olhar o sol, a lua e as estrelas, todo o exército dos céus, e seres induzido a te prosternar diante deles e a servi-los. Pois eles são a parte que o SENHOR, teu Deus, deu a todos os povos que se encontram sob o céu^f; ²⁰mas a vós, o SENHOR vos tomou e vos fez sair do Egito, dessa fornalha de fundir o ferro^g, a fim de vos tomardes seu povo, seu patrimônio, como hoje se vê.

²¹O SENHOR se encolerizou contra mim por vossa causa e jurou que eu não atravessaria o Jordão e não entraria na boa terra que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio. ²²Vou, pois, morrer nesta terra, sem ter atravessado o Jordão; mas vós ireis atravessá-lo e entrar na posse daquela boa terra. ²³Guardai-vos de esquecer a aliança que o SENHOR, vosso Deus, firmou convosco e de fazer qualquer ídolo, qualquer forma de tudo o que SENHOR, teu Deus, te proibiu de repre-

sentar. ²⁴Pois o SENHOR, teu Deus, é um fogo devorador, é um Deus ciumento.

²⁵Quando tiveres filhos e netos e estiveres já há muito tempo na terra, se vos corromperdes e fabricardes um ídolo, uma forma de qualquer coisa que seja, se fizerdes o que é mal aos olhos do SENHOR, teu Deus, a ponto de irritá-lo, ²⁶então, tomo hoje como testemunhas contra vós o céu e a terra: desaparecereis logo da terra em cuja posse entrareis do outro lado do Jordão, e não prolongareis ali os vossos dias: sereis totalmente exterminados. ²⁷O SENHOR vos dispersará entre os povos, e não restará de vós nada além de um pequeno número no meio das nações para onde o SENHOR vos tiver levado^h. ²⁸Lá servireis a deuses que são obra de mão humana, de madeira, de pedra, incapazes de ver e de ouvir, de comer e de sentir.

²⁹Lá, então, procurareis o SENHOR, teu Deus: tu o encontrarás, se o procurares com todo o teu coração, com todo o teu ser. ³⁰Quando estiveres na aflição, quando tudo isto te ocorrerⁱ, nos dias futuros, voltarás ao SENHOR, teu Deus, e escutarás sua voz. ³¹Pois o SENHOR, teu Deus, é um Deus misericordioso: ele não te deixará, não te destruirá, não esquecerá a aliança jurada a teus pais^j.

A maravilha da eleição. ³²Interroga, pois, os dias do princípio, anteriores a ti, desde o dia em que Deus criou a humanidade sobre a terra^k, interroga de um lado

d. Temos aqui um desenvolvimento e uma justificação do segundo mandamento do decálogo (5.8; Ex 20.4; cf. Ex 32.1 nota).

e. A palavra traduzida por *divindade* é um vocábulo raro, cujo sentido não é claro (cf. Ex 8.3,5; 2Cr 33.7,15).

f. A adoração dos astros pelos israelitas foi sempre estritamente condenada (17.3 nota; cf. 2Rs 17.16; 23.4; Jr 8.2; Ez 8.16), mas o mesmo não se dá com os outros povos, pois não conhecem o Senhor. O Dt reconhece assim certa realidade às religiões pagãs (cf. tb. 29.25; 32.8 nota); mais tarde, afirmar-se-á que todo homem é chamado a reconhecer os astros como signos do verdadeiro Deus, e os adoradores deles serão condenados, não sem matizes aliás (cf. Sb 13.1-9).

g. Lit. *fornalha de ferro* (ou *para o ferro*). O calor insuportável da fornalha evoca a situação intolerável do Israel escravo. Não se trata do tema da purificação no crisol, que se encontra em outros textos bíblicos (cf. Is 1.25; 1Pd 1.7).

h. Esta ameaça do exílio não tem nenhuma relação com a

época de Moisés. Ela corresponde a um período mais tardio, sem que se possa precisar se se trata do tempo em que pesava sobre Israel a ameaça do desastre, ou da época quando este desastre já se realizara.

i. Pode-se compreender também: *e que todas estas palavras te atingirão*.

j. Para o Dt, o Senhor é o Deus dos "pais", Abraão, Isaac e Jacó (cf. 1.21); foi a eles que o Senhor jurou dar ao povo a terra de Canaã (1.8,35; 6.10; 8.1; 10.11; 26.3); foi porque ele os amava que escolheu e libertou Israel (4.37; 7.8); ligou-se a eles (10.15), concluiu uma aliança com eles (7.12). Esta aliança compromete toda a sua descendência, e ela se renova pessoalmente para cada geração até agora (10.15). Entretanto, o Dt, de um outro ponto de vista, insiste também nos privilégios da geração do êxodo (cf. 11.2 nota).

k. Israel, primeiramente, reconheceu o Senhor como o Deus presente na história do povo (cf. 4.31 nota). À medida que se aprofunda a reflexão, descobre-se que ele é também o Criador,

a outro do universo¹; algo tão grandioso aconteceu? Ouviu-se falar de algo semelhante?

7.6-8 ³³Aconteceu a algum povo escutar, como tu, a voz de um Deus falando do meio das chamas e permanecer vivo?

5.24-26 ³⁴Será que houve um deus que tentasse

Ex 20, 18-20 vir escolher para si uma nação dentre as demais, por meio de provas, sinais e

7.19; 26.8; 29.2; 34.11; prodígios, por combates, por sua mão forte e braço estendido, por grandes terrores, do modo como o SENHOR, vosso

Ex 7-12 Deus, fez em vosso favor no Egito, sob os teus olhos?

1.30 ³⁵A ti foi concedido ver, para saberes que o SENHOR é que é Deus: não há outro além dele. ³⁶Do céu, ele te deu a escutar

29.3 sua voz para te educar; sobre a terra, ele te fez ver seu grande fogo e, do meio das

32.39; Mc 12.32 chamas, escutaste suas palavras^m. ³⁷Porque ele amava teus pais, escolheu a sua descendência depois delesⁿ e te fez sair do Egito diante dele^o por meio de sua grande força. ³⁸para desapossar diante de

6.4 8.5; 11.2 ti nações maiores e mais fortes do que tu, para te fazer entrar na terra deles e

7.8-13; 6.5; 23.6

7.7

dá-la a ti em patrimônio, como hoje se vê. ^{1.10}

³⁹Considera hoje e medita: o SENHOR é que é Deus, no alto, nos céus, embaixo, sobre a terra; e não há outro. ⁴⁰Guarda suas leis e seus mandamentos que hoje te dou para tua felicidade^p e a dos teus filhos depois de ti, para que prolongues os teus dias sobre a terra que o SENHOR, teu Deus, te concede todos os dias.

Apêndice: as três cidades de refúgio na Transjordânia. ⁴¹Foi então que Moisés separou três cidades do outro lado do Jordão, a leste, ⁴²como lugares de refúgio para o homicida que matasse involuntariamente seu próximo, um homem que ele não odiasse previamente^q. Refugiando-se numa destas cidades, o homicida terá a vida salva. ⁴³São: Béser, no deserto, na região do Planalto, para a gente de Rúben; Ramot-de-Guilead para a gente de Gad; e Golan-no-Bashan, para a gente de Manassés.

19.1-13; Ex 21.13; Nm 35.9-34

⁴⁴Esta é a Lei que Moisés transmitiu aos filhos de Israel^r.

SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS (4,45-11,32)

1.1-5 ⁴⁵Eis as exigências, as leis e os costumes que Moisés proclamou para os filhos de Israel quando saíram do Egito, ⁴⁶quando estavam do outro lado do Jordão, no vale diante de Bet-Peor. Era no território de Sihon, rei dos emoritas, que residia em Heshbon. Moisés e os filhos de Israel o tinham vencido quando da saída do Egito, ⁴⁷e tinham tomado posse de sua terra e da terra de Og, rei de Bashan — eram os dois reis dos emoritas, do outro lado do Jordão, a oriente — ⁴⁸desde Aroer, que

está à beira dos desfiladeiros do Arnon, até o monte Sion^s, isto é, o Hermon, ⁴⁹com toda a Arábá, do outro lado do Jordão, a leste, e até o mar da Arábá, sob as encostas da Pisgá. ^{3.27}

5 Revelação do Decálogo. ¹Moisés convocou todo Israel e lhe disse:

Escuta Israel, as leis e os costumes que hoje proclamo aos vossos ouvidos; vós os aprendereis e cuidareis de pô-los em prática. ^{6.4}

aquele que está na fonte da humanidade e de todas as coisas. Esta é a única passagem do Dt em que se confessa que Deus é o Criador, o que já se encontra em Amós (cf. Am 4,13 nota) e, sobretudo, na segunda parte de Isaías (cf. Is 40,28) e na tradição "sacerdotal" (cf. Gn 1,1 nota).

l. Lit. de um extremo ao outro do céu.

m. A voz (inarticulada) do Senhor é a tempestade; suas palavras são os mandamentos transmitidos por Moisés.

n. Hebr.: sua descendência depois dele; talvez este singular remeta a Jacó. Corrigimos segundo as versões.

o. Traduz-se também: por sua face, isto é, manifestando a sua presença.

p. Na *bou terra* que Deus lhe dá (cf. 1.25, nota), Israel deve encontrar a *felicidade* (5,16.29; 6,3.18; 10,13; 12.25.28; 19,13; 22,7; 30,9.15); as duas palavras são aparentadas em hebr. E uma das formas características desta felicidade é que, em paz nesta terra, o homem possa *prolongar seus dias* (4.26.40; 5,33; 11,9; 17,20; 22,7; 30,18; 32,47). Encontra-se um tema análogo na literatura sapiencial (cf. Pr 3,2).

q. Lit. *nem ontem, nem anteontem*.

r. Esta frase pode fazer parte da introdução do segundo discurso.

s. O nome de *Sion* dado ao Hermon não é o mesmo que Sion (Sião), a cidadela de Jerusalém. A ortografia difere em hebr.

²O SENHOR, nosso Deus, firmou uma aliança conosco no Horeb. ³Não foi com nossos pais que o SENHOR firmou esta aliança, é conosco que estamos hoje aqui, todos vivos. ⁴O SENHOR falou convosco face a face, sobre a montanha, no meio das chamas; ⁵e eu permanecia entre o

Gn 32,31;
Ex 33,11

5,23-30

Ele disse⁶:

Ex 20,2-17

⁶“Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão.

⁷Não terás outros deuses diante de mim.

⁸Não farás nenhum ídolo, nada que tenha a forma do que há em cima no céu, embaixo na terra ou nas águas debaixo da terra.

⁹Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, pois eu sou o SENHOR, teu Deus, um Deus ciumento, visitando a iniquidade dos pais nos filhos, por três ou quatro gerações — se eles me odeiam —, ¹⁰mas provando a minha fidelidade a milhares de gerações — se elas me amam e guardam meus mandamentos.

6.5

¹¹Não pronunciarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, pois o SENHOR não deixa impune quem pronuncia seu nome em vão.

Mc 2,27

¹²Que se guarde o dia do sábado, considerando-o sagrado, conforme o SENHOR, teu Deus, te ordenou. ¹³Trabalharás du-

rante seis dias, fazendo todo o teu trabalho. ¹⁴mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem algum de teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades, a fim de que o teu servo e a tua serva repousem como tu. ¹⁵Tu te lembrarás de que, na terra do Egito⁶, eras escravo e que o SENHOR, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. Eis por que o SENHOR, teu Deus, te ordenou guardar o dia do sábado⁷.

6.21; 26.6;
Ex 22,20;
23,9;
Lv 19,34;
1Cr 29,15

¹⁶Honra teu pai e tua mãe, conforme o SENHOR, teu Deus, te ordenou, a fim de que teus dias se prolonguem e que sejas feliz⁸ sobre a terra que o SENHOR, teu Deus, te dá.

¹⁷Não cometerás homicídio.

¹⁸Não cometerás adultério.

¹⁹Não raptarás.

24.7

²⁰Não prestarás testemunho falso contra teu próximo.

²¹Não cobiçarás a mulher do teu próximo. Não pretendarás a casa do teu próximo, nem seus campos, nem seu servo, sua serva, seu boi ou o seu jumento, nada do que pertença a teu próximo⁹.

²²O SENHOR falou estas palavras a toda a vossa assembléia¹⁰, sobre a montanha, do meio das chamas, das nuvens e da noite espessa, com voz poderosa, e nada lhes acrescentou¹¹; ele as escreveu sobre duas tábuas de pedra, que me deu.

4.11

4.2

4.13

t. Apresentação do decálogo (vv. 6-21) numa versão um pouco diferente da de Ex 20,1-17 e, provavelmente mais antiga. Para as passagens comuns, ver as notas de Ex 20. As notas aqui só concernem às passagens próprias do Dt.

u. A lembrança de que o Senhor fez viver, outrora, a seu povo no Egito é o fundamento sobre o qual o Dt apóia mais frequentemente suas exigências para a vida de hoje (cf. 10,19; 15,15; 16,1.3.12; 23,8; 24,18.22, e a declaração inicial que funda o decálogo, logo acima, v. 6). Assim, a ação histórica de Deus no Egito é, para o israelita, a norma do seu comportamento, como o é, para o cristão, a ação histórica de Deus em Jesus Cristo (cf. p. ex. Fl 2,1-11).

v. A motivação do mandamento do sábado é diferente da que se lê em Ex 20,8-11. Antes do que à criação, o Dt liga esta instituição à história da salvação, relembando a libertação do Egito e fazendo dela um símbolo da liberdade do povo de Deus. Esta liberdade se estende inclusive, por solidariedade, aos escravos (23,16), aos migrantes e até aos animais domésticos (25,4).

w. Esta menção à felicidade ligada à obediência é própria da versão deuterônica do decálogo (cf. 4,40 nota).

x. Este verbo é peculiar à versão deuterônica do decálogo. Ele evoca uma preocupação imoderada, apaixonada e reivindicatória (Nm 11,4; 2Sm 23,15; Am 5,18).

y. Por este termo, o Dt designa o povo reunido ao pé do monte Horeb para concluir a aliança e receber a Lei (9,10; 10,4; 18,16; 31,30). É assembléia cultural “típica”, que constitui Israel como povo do Senhor (23,2-9; cf. Js 8,35; 1Rs 8,22). A tradição “sacerdotal” prefere usar o termo *comunidade* (Lv 8,4; Nm 1,2.53, etc.). Às vezes, encontram-se os dois termos juntos (Ex 12,6; Lv 8,3). Neste caso o gr. traduz por *synagōgē* (“sinagoga”), que designará, mais tarde, a assembléia religiosa judia. Mas *assembléia* é mais comumente traduzido em gr. por *ekklesia* (“igreja”), que os cristãos assumirão para designar a comunidade da nova aliança.

z. Esta configuração dá ao decálogo seu caráter “canônico”: é um texto normativo, estabelecido de uma vez por todas e ao qual nada há a acrescentar (cf. 4,2; 13,1).

Ex 20, 18-21; 1Tm 2,5 **Moisés, mediador entre Deus e os homens.** ²³Quando escutastes a voz, que vinha do meio das trevas, da montanha abrasada em fogo, todos os vossos chefes de tribos e vossos anciãos se aproximaram de mim ²⁴e me disseram da vossa parte: "O SENHOR, nosso Deus, nos fez ver sua glória e sua grandeza, e ouvimos sua voz do meio do fogo; hoje vimos que Deus pode falar ao homem e deixá-lo vivo! ²⁵E agora, por que morrer devorados por este grande fogo? Se continuamos a escutar a voz do SENHOR, nosso Deus, morreremos. ²⁶Aconteceu alguma vez a um homem escutar, como vós, a voz do Deus vivo, falando do meio das chamas, e permanecer vivo? ²⁷Portanto, é a ti que cabe aproximar-te para escutar todas as palavras do SENHOR, nosso Deus. Tu nos repetirás tudo o que o SENHOR, nosso Deus, te disser, e nós o escutaremos e o poremos em prática".

²⁸O SENHOR escutou todas as palavras que vós me dirigíeis. O SENHOR me disse: "Escutei todas as palavras que este povo te dirigiu. Fizeram bem em falar assim. ²⁹Oxalá seu coração tenha decidido temer-me e observar todos os meus mandamentos todos os dias, para a felicidade perene deles e dos seus filhos! ³⁰Vai lhes dizer: 'Voltai a vossas tendas!' ³¹E tu permanece aqui comigo. Vou te dizer todo o mandamento, as leis e os costumes que lhes ensinarás para que eles os ponham em prática na terra que eu lhes dou, a fim de que dela tomem posse."

³²Estareis atento a agir conforme vos ordenou o SENHOR, vosso Deus, sem vos desviardes nem para a direita, nem para a esquerda. ³³Andareis sempre pelo caminho que o SENHOR vosso Deus vos prescreveu, a fim de que permaneçais em vida, sejais felizes e prolongueis vossos dias na terra da qual ides tomar posse.

6 "Amarás o Senhor teu Deus". ¹Eis o mandamento, as leis e os costumes que o SENHOR, vosso Deus, ordenou vos ensinasse a pôr em prática na terra para onde ides passar para tomar posse, ²a fim de que temas o SENHOR, teu Deus, tu, teu filho e o filho do teu filho, guardando todos os dias de tua vida todas as suas leis e mandamentos que eu te dou, para que teus dias se prolonguem. ³Tu escutarás, Israel, e cuidarás de pô-los em prática: assim serás feliz, e vos tornareis muito numerosos, como te prometeu o SENHOR, o Deus de teus pais, em uma^b terra que mana leite e mel.

⁴ESCUTA, Israel! O SENHOR, nosso Deus, é o SENHOR que é UM^c. ⁵Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças^d. ⁶As palavras dos mandamentos que hoje te dou estarão presentes no teu coração; ⁷tu os repetirás^e a teus filhos; tu lhes falarás deles quando estiveres em casa e quando andares pela estrada, quando estiveres deitado e quando estiveres de pé; ⁸tu farás deles um sinal amarrado à tua mão, uma faixa entre teus olhos^f; ⁹tu os inscreverás sobre as om-

a. Lit. e dissestes.

b. A proposição em está ausente do texto hebr.

c. Este v. é a primeira frase da profissão de fé tradicional de Israel, designada pela sua primeira palavra, *shema*, "escuta". Os mss., para sublinhar este v. capital, escrevem o começo e o fim em caracteres maiores, indicados aqui por maiúsculas. A fórmula o Senhor (que é) Um afirma antes de mais nada que o Deus de Israel não pode ser dividido, como poderiam fazer crer as imagens e os múltiplos santuários contra os quais luta justamente o Dt (cf. 12, 2-12). A tradução o único Senhor (que se encontra no NT) não dá conta senão de uma parte do sentido do hebr. (cf. Mc 12,29 nota). A tradução habitual no judaísmo é: O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um.

d. Deus, no Dt, é o Deus que ama o seu povo (4,37; 7,8.13; 10,15; 23,6). É também o Deus que se pode e que se deve não

somente temer, mas amar (5,10; 6,5; 7,9; 10,12; 11,1.13.22; 13,4; 19,9; 30,6.16.20), o que, sem dúvida, jamais se ousara dizer antes do Dt. Este amor se exprime pelo compromisso total do homem, evocado pela forma tríplice, que reencontramos em 2Rs 23,25 (o Evangelho lhe acrescentará um quarto termo, cf. Mc 12,30 par.). No Dt encontra-se com frequência a fórmula dupla com todo o teu coração, com todo o teu ser, ligada a amar (10,12; 30,6), mas também a procurar a Deus (4,29), a servi-lo (10,12), a praticar e guardar os mandamentos (26,16), a escutar o Senhor (30,2) e a voltar a ele (30,2.10); estes diferentes verbos evocam muito bem as formas concretas que o amor do povo por seu Deus deve revestir, à imagem do amor de Deus pelos seus (10,18).

e. Palavra de significado incerto.

f. Cf. Ex 13,9 nota e 13,16. A palavra de Deus é o que marca

breiras da porta de tua casa e na entrada de tua cidade^a.

¹⁰Quando o SENHOR, teu Deus, te houver feito entrar na terra que a teus pais,
^{1.25} Abraão, Isaac e Jacó, jurou dar-te — terra de cidades grandes e boas, que tu não construíste, ¹¹de casas cheias de todo o tipo de coisas boas, que ali não puseste, de eisternas bem-preparadas, que não cavaste, de vinhas e oliveiras, que não plantaste —, então, quando tiveres comido até te saciares, ¹²cuida de não esqueceres o SENHOR, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão. ¹³É ao SENHOR, teu Deus, que temerás; só a ele servirás, por seu nome é que prestarás juramento. ¹⁴Não seguireis outros deuses, dentre aqueles dos povos que vos rodeiam, ¹⁵pois o SENHOR, teu Deus, é um Deus ciumento no teu meio. Cuida para que a cólera do SENHOR, teu Deus, não se inflame contra ti, e que ele não te extermine da superfície da terra. ¹⁶Não poreis o SENHOR, vosso Deus, à prova, como o fizestes em Massá.
¹⁷Guardareis atentamente os mandamentos, as exigências e as leis do SENHOR, vosso Deus, o que ele te prescreveu. ¹⁸Farás o que é reto e bom aos olhos do SENHOR, para seres feliz e entrares na posse da boa terra que o SENHOR prometeu com juramento a teus pais, ¹⁹repelindo para longe de ti todos os teus inimigos, como o SENHOR o prometeu.
²⁰E amanhã, quando teu filho te perguntar: “Por que essas exigências, essas leis e esses costumes que o SENHOR, nosso Deus, vos prescreveu?”, ²¹dirás a teu filho^b: “Éramos escravos de Faraó no Egito, mas com mão forte, o SENHOR nos fez sair do Egito. ²²O SENHOR realizou sob

nossos olhos grandes sinais e grandes prodígios, para a desgraça do Egito, de Faraó e de toda a sua casa. ²³Quanto a nós, fez com que saíssemos de lá, para nos fazer entrar na terra que prometeu com juramento a nossos pais, e para nos a dar. ²⁴O SENHOR nos ordenou que puséssemos em prática todas estas leis e temêssemos o SENHOR, nosso Deus, para que sejamos felizes todos os dias, e que ele nos conserve vivos, como hoje se vê. ²⁵E seremos justos^c se velarmos para pôr em prática todo este mandamento diante do SENHOR nosso Deus, como ele nos ordenou.

7 Israel ante as nações. ¹Quando o SENHOR, teu Deus, te tiver feito entrar na terra cuja posse vens assumir, e ele tiver expulsado de diante de ti numerosas nações, o hetita, o guirgashita, o emorita, o canaanita, o perizita, o hivita e o iebusita, sete nações mais poderosas e mais fortes do que tu, ²quando o SENHOR, teu Deus, os tiver entregue a ti e tu os tiveres vencido, votá-los-ás por completo ao interdito. Não firmarás aliança com eles, não lhes concederás perdão. ³Não contratarás casamento com eles, não darás tua filha a seus filhos, e não tomarás suas filhas^d para o teu filho, ⁴pois isso afastaria teu filho do meu seguimento^e e ele serviria a outros deuses^f; a cólera do SENHOR se inflamará contra vós e logo ele te exterminaria. ⁵Mas assim fareis com estas nações: seus altares, os demolireis; suas estelas, quebrareis; seus vasos sagrados, estilhaçareis; seus ídolos, queimareis. ⁶Pois tu és um povo consagrado ao SENHOR, teu Deus; é a ti que o SENHOR, teu Deus, escolheu^g para vir a ser o povo que é sua

a pertença de Israel a seu Deus. Os judeus piedosos adquiriram o hábito de amarrar à testa e ao punho um sinal concreto desta ligação interior à Lei, pedaços de pergaminho onde estão escritas as palavras da Lei (as “filactérias”, cf. Mt 23,5).

g. Lit. *sobre as ombreiras de tua casa e sobre as portas da cidade*.

h. Sobre esta confissão de fé, cf. 26,5 nota.

i. Lit. *e será para nós uma justiça* (cf. 24,13) A justiça do homem é o comportamento daquele que, respondendo à vontade de Deus e se mostrando solidário com seu próximo, realiza a

vocação humana, de tal modo que Deus o aprova e acolhe como seu amigo (cf. Gn 15,6 e Tb Dt 9,4-6).

j. Lit. *seu filho, sua filha*.

k. Talvez se trate do seguimento de Moisés. Porém, é mais provável que esta advertência deva ser atribuída ao próprio Deus (cf. 11,14 nota).

l. Lit. *eles serviriam a outros deuses*: o verbo no plural já tem em vista todos os filhos infiéis.

m. O povo é *santo* (cf. 14,2,21; 26,19; 28,9), porque pertence totalmente ao Senhor. Não é uma qualidade que possufse por si

Ex 19,5-6; Rm 9,4; Tt 2,14; 1Pd 2,9 parte pessoal entre todos os povos que estão sobre a face da terra.

7Se o SENHOR se ligou a vós e vos escolheu, não foi por serdes o mais numeroso dentre todos os povos, pois sois o menor de todos os povos. ⁸Mas se o SENHOR, com mão forte, vos fez sair e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito, é porque o SENHOR vos ama e mantém o juramento feito a vossos pais".

9Conhecerás que o SENHOR, teu Deus, é quem é Deus, o Deus verdadeiro; ele guarda sua aliança e sua fidelidade durante mil gerações em favor dos que o amam e guardam seus mandamentos, ¹⁰mas ele paga em troca a quem o odeia, ele o faz desaparecer; ele não deixa esperar quem o odeia, ele paga em troca diretamente.

11Guardarás o mandamento, as leis e os costumes que hoje te ordeno pôr em prática. ¹²E porque ouvireis estes costumes, e os guardareis e poreis em prática, o SENHOR, teu Deus, conservará a aliança contigo e a fidelidade que jurou a teus pais. ¹³Ele te amará, abençoará e multiplicará, e abençoará o fruto do teu seio e o fruto do teu solo, teu trigo, teu vinho novo, teu óleo, tuas vacas prenhes e tuas ovelhas mães, na terra que a teus pais ele jurou te daria. ¹⁴Serás abençoado, mais que todos os povos, não haverá esterilidade em ti, nem para os homens, nem para as mulheres, nem para o teu gado. ¹⁵O SENHOR afastará de ti todas as doenças e todas as fúnestas epidemias do Egito, que bem conheces; ele não as infligirá a ti, mas as enviará a todos os que te odeiam. ¹⁶Suprimirás todos os povos que o SENHOR, teu Deus, te entregar, sem teres pena deles; não servirás a seus deuses: isto seria uma armadilha para ti.

mesmo, mas uma condição de vida particular a ele conferida por sua eleição, por sua separação por parte do Senhor, como o explica o fim do v. Esta pertença acarreta um comportamento: obriga-o a romper com a maneira de viver dos outros povos (cf. 12,31; 18,9,14) para se conformar à vontade de seu Senhor.

n. A pequenez de Israel contrasta com a grandeza da eleição da qual ele é objeto (cf. Ez 16,1-14; Is 51,1-2; 1Cor 1,26-31). A eleição não se explica senão pelo amor do Senhor (cf. 4,32-38).

17Se dizes: "Estas nações são mais numerosas do que eu, como as poderei desapossar?", ¹⁸"não tenhas medo delas! Evocarás a memória do que o SENHOR, teu Deus, fez a Faraó e a todo o Egito, ¹⁹essas grandes provas que viste com teus próprios olhos, esses sinais e prodígios, a lembrança da mão forte e do braço estendido do SENHOR, teu Deus, quando te fez sair de lá". Pois bem, o SENHOR, teu Deus, agirá do mesmo modo com todos os povos que poderias temer. ²⁰Sim, o SENHOR, teu Deus, enviará contra eles o vespão, até o desaparecimento dos que sobraem ou se esconderem de ti. ²¹Não tremas diante deles, pois no teu meio está o SENHOR, teu Deus, um Deus grande e terrível. ²²O SENHOR, teu Deus, expulsará estas nações de diante de ti pouco a pouco: tu não poderás suprimi-las logo, pois de outro modo os animais selvagens se multiplicarão contra ti. ²³Contudo, o SENHOR, teu Deus, te entregará estas nações e nelas infundirá um grande pânico, até que sejam exterminadas. ²⁴Ele entregará seus reis em tuas mãos, e farás seu nome desaparecer de debaixo do céu; nenhum se sustentará diante de ti, até que os tenhas exterminado. ²⁵Os ídolos de seus deuses, vós os queimareis. Não te deixes laçar pelo desejo de guardar para ti o seu revestimento em prata ou ouro, pois é uma abominação para o SENHOR, teu Deus. ²⁶Não admitirás um objeto abominável na tua casa, pois serias votado ao interdito, como ele. Tu o reprováras completamente e o considerarás uma abominação, pois está votado ao interdito.

8 A educação de Israel no deserto.

1Todo o mandamento que hoje te dou, cuidareis de praticá-lo, a fim de que

Ela subtrai a Israel todo motivo de se orgulhar (cf. Am 9,7); ela o chama ao maravilhamento e à gratidão atuante (cf. 1Jo 4,10-11).
o. São dois termos raros (cf. 28,4,18,51), que designam quer os filhotes, quer as matrizes do gado ou do rebanho.

p. Este verbo *sair* já basta para evocar a salvação concedida quando da saída do Egito (cf. 5,15 nota; 1,27; 5,6; 6,12; 8,14; 9,7; 13,6,11; 16,3; 29,24). O êxodo é o tipo de todas as libertações vindouras (cf. Is 43,16-20; 48,20-21; Jr 23,7-8).

vivais, vos torneis numerosos e tomeis posse da terra que o SENHOR prometeu a vossos pais por meio de juramento. ²Lembrar-te-ás de todo o caminho que o SENHOR, teu Deus, te fez percorrer durante quarenta anos no deserto, para que experimentasses a pobreza. Assim ele te provou^q, para conhecer o que havia no teu coração^r e saber se irias ou não observar seus mandamentos. ³Ele te impôs a pobreza, te fez sentir fome e te deu a comer o maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te levar a reconhecer que nem só de pão vive o homem, mas que ele vive de tudo o que sai da boca do SENHOR: ⁴Durante quarenta anos, teu manto não se desgastou, nem teu pé inchou! ⁵e, quando refletês, reconheces que o SENHOR, teu Deus, te educava como alguém educa seu filho.

A Terra Prometida e suas tentações.

⁶Guardarás os mandamentos do SENHOR, teu Deus, seguindo seus caminhos e temendo-o.

⁷O SENHOR, teu Deus, te fez entrar numa terra boa, terra de torrentes, de fontes, de águas subterrâneas jorrando na planície e na montanha, ⁸terra de trigo e de cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de óleo de oliva e de mel, ⁹terra onde comerás pão à vontade, onde nada te faltará, terra cujas pedras contêm ferro^s e cujas montanhas têm minas de cobre. ¹⁰Comerás até ficares saciado e bendirás o SENHOR, teu Deus, pela boa terra que ele te terá dado.

¹¹Guarda-te de esquecer o SENHOR, teu Deus, não observando os seus mandamentos, seus costumes e suas leis, que

hoje te dou. ¹²Se tu comes à saciedade, se constróis belas casas para tua moradia, ¹³se tens muito gado e muitos rebanhos, bastante prata e ouro, muitos bens de todo tipo, ¹⁴não vás te tornar orgulhoso e esquecer o SENHOR, teu Deus. Foi ele quem te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; ¹⁵foi ele quem te conduziu neste deserto grande e terrível, povoado de serpentes abrasadoras^t e de escorpiões, terra de sede, onde não se encontra água: foi ele quem fez jorrar água do rochedo de granito para ti, ¹⁶foi ele quem, no deserto, te deu a comer o maná, desconhecido por teus pais, a fim de te impor a pobreza e te provar, para tomar feliz o teu futuro. ¹⁷Não vás dizer a ti mesmo: "Foi pela força do meu punho que cheguei a esta prosperidade", ¹⁸mas lembra-te de que o SENHOR, teu Deus, é quem te terá concedido a força de alcançar a prosperidade, para confirmar sua aliança jurada a teus pais, como hoje se vê.

¹⁹E se, algum dia, vieres a esquecer o SENHOR, teu Deus, se seguires outros deuses, se os servires e te prosternares perante eles, eu atesto contra vós hoje: desaparecereis completamente: ²⁰como as nações que o SENHOR fez desaparecer diante de ti, do mesmo modo desaparecereis, por não terdes escutado a voz do SENHOR, vosso Deus.

9 Israel não é mais justo que as nações. ¹Escuta, Israel! Hoje vais atravessar o Jordão para desapossar nações maiores e mais poderosas do que tu, com suas grandes cidades fortificadas, elevadas até o céu, ²e um grande povo de elevada estatura, os anaquitas. Tu o sabes,

q. Sobre o tema da provação no deserto, cf. 33,8 nota; Ex 15,24 nota; 17,2 nota.

r. Outra interpretação possível: *para que percebas o que existe dentro do teu coração*.

s. O que sai da boca do homem ou do Senhor é a palavra (23,24; Nm 30,3,13; Jr 17,16; Sl 89,35). O maná não sai da boca de Deus, mas, anunciado pela palavra divina (cf. Ex 16,4), é o sinal da eficácia e da fidelidade desta palavra.

t. Estes pormenores (retomados em Ne 9,21) não figuram em nenhuma outra parte do Pentateuco. O entusiasmo e o reconhecimento provocam, na meditação de Israel, um progressivo crescimento das maravilhas do Êxodo, nas quais se revelam a gran-

deza e a misericórdia de Deus (cf. tb v. 9).

u. Lit. *com* (a ajuda de) *teu coração*.

v. O *ferro*, descoberto mui tardiamente no Oriente Médio (cerca de 1200a.C.), tem grande prestígio no mundo bíblico, onde representa o ápice do progresso da técnica e do armamento (cf. o leito de Og. 3,11; os utensílios agrícolas de 1Sm 13,20; o equipamento de Golias em 1Sm 17,7 e, muito mais tarde, o emprego do ferro como símbolo do terrível império selêucida, em Dn 2,40; 7,7 etc.).

w. As *serpentes abrasadoras* se encontram também em Nm 21,6. O mesmo adjetivo *abrasador* serve para designar os "serafins" de Is 6,2 nota.

ouviste dizer: Quem pode resistir aos filhos de Anaq? ⁴Hás de reconhecer hoje que é o SENHOR, teu Deus, quem atravessa o Jordão à tua frente como um fogo devorador; é ele quem os exterminará; é ele quem os abaterá diante de ti. Tu os desapossarás e os farás desaparecer imediatamente, como o SENHOR te prometeu.

⁴Quando o SENHOR, teu Deus, os tiver expulsado de diante de ti, não digas de ti para ti: "Já que sou justo, o SENHOR me concedeu entrar na posse desta terra". O SENHOR desapossou estas nações de diante de ti porque elas são culpadas. ⁵Não é porque sejas justo, ou porque tenhas o coração reto, que vais tomar posse da terra dessas nações: na verdade, é porque essas nações são culpadas que o SENHOR, teu Deus, as expulsou de diante de ti. O SENHOR agiu assim para cumprir sua palavra, como ele jurou a teus pais, a Abraão, Isaac e Jacó. ⁶Reconhece que não é por seres justo que o SENHOR, teu Deus, te concede a posse desta boa terra, pois tu és um povo de dura cerviz.

O bezerro de ouro: a iniquidade de Israel. ⁷Lembra-te e não te esqueças de que irritaste o SENHOR, teu Deus, no deserto. Desde o dia em que saíste da terra do Egito até vossa chegada aqui, fostes rebeldes contra o SENHOR.

⁸No Horeb, irritastes o SENHOR, e o SENHOR se encolerizou contra vós, a ponto de querer exterminar-vos. ⁹Quando eu subi à montanha para receber as tábuas de pedra, as tábuas da aliança que o SENHOR firmara convosco, fiquei na montanha quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. ¹⁰O SENHOR me deu as duas tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus, onde estavam reproduzidas todas as palavras que o SENHOR havia pronunciado para vós sobre a mon-

tanha, no meio das chamas, no dia da assembleia. ¹¹Ao final dos quarenta dias e quarenta noites, o SENHOR me deu as duas tábuas de pedra, as tábuas da aliança. ¹²Então, o SENHOR me disse: "Levanta-te, desce imediatamente, porque teu povo se corrompeu, este povo que fizeste sair do Egito; eles não demoraram em se desviar do caminho que eu lhes havia prescrito e fabricaram para si uma estátua de metal fundido!" ¹³E o SENHOR me disse: "Vejo este povo: é um povo de dura cerviz! ¹⁴Deixa-me agir! Vou exterminá-los, apagar o seu nome de sob o céu; mas de ti farei uma nação mais poderosa e numerosa do que eles". ¹⁵Eu me voltei para descer da montanha, esta montanha toda abrasada, tendo em minhas duas mãos as duas tábuas da aliança. ¹⁶E vi: vós pecastes contra o SENHOR vosso Deus, fabricando para vós um bezerro de metal fundido; não tardastes em vos desviar do caminho que o SENHOR vos prescrevera. ¹⁷Então tomei as duas tábuas, arremessei-as de minhas duas mãos e as quebrei ante vossos olhos.

O bezerro de ouro: a intercessão de Moisés. ¹⁸Lancei-me por terra diante do SENHOR: como da primeira vez, durante quarenta dias e quarenta noites, não comi pão, nem bebi água, por causa de todos os pecados que havíeis cometido, praticando o que é mau aos olhos do SENHOR, a ponto de irritá-lo. ¹⁹Eu temia a cólera e o furor do SENHOR, irritado contra vós a ponto de querer eliminar-vos; mas o SENHOR, ainda desta vez, escutou-me. ²⁰O SENHOR também se encolerizou grandemente contra Aarão, a ponto de querer exterminá-lo; então orei também por Aarão. ²¹E tomei o pecado que havíeis feito, o bezerro, eu o queimei, despeda-

x. Lit. não digas no teu coração; cf. Rm 10,6.

y. Nova reflexão sobre o caráter gratuito dos dons de Deus a seu povo (cf. 4,32-38; 7,7-8). Contudo, a expulsão das nações da face de Israel é justificada aqui como uma punição da falta que elas cometeram. Também Israel é ameaçado de ser despojado, se desobedecer (cf. 7,4; 8,19-20).

z. Dt 9,7-10,11 retoma Ex 32-34, insistindo no fato de que Israel, desde o começo, não cessa de se revoltar contra o seu Deus. Diante da história das generosidades de Deus ergue-se, acusadora, a história das infidelidades do povo. Moisés se mantém entre os dois como mediador e reconciliador. E o Senhor permanece como aquele que perdoa sempre: o novo dom da Lei é sinal disso.

cei, esmigalhei; reduzi-o a pó, e atirei o pó na torrente que desce da montanha.

6,16; Nm 11 1,19-46 ²²Irritastes o SENHOR em Tabecrá, em Massá, em Qibrot-Taavá. ²³E quando o SENHOR, em Qadesh-Barnea, vos mandou seguir, dizendo: "Subi, e tomai posse da terra que vos dou", vós vos rebelastes

Ez 23; Sl 78,8; At 7,51 contra as ordens do SENHOR, vosso Deus, e não pusestes nele a vossa fé, nem escutastes a sua voz. ²⁴Fostes rebeldes contra o SENHOR desde o dia em que vos conheci.

²⁵Portanto, lancei-me por terra diante do SENHOR durante quarenta dias e quarenta noites, permanecendo prosternado diante dele, pois o SENHOR tinha falado de vos exterminar. ²⁶Orei ao SENHOR e lhe disse: "Senhor DEUS, não destruas teu povo, teu patrimônio, que em tua grandeza resgataste e fizeste sair do Egito pela força de tua mão. ²⁷Lembra-te de teus servos, Abraão, Isaac e Jacó; não dês atenção à obstinação deste povo, à sua impiedade, a seu pecado. ²⁸Que não se diga, na terra de onde nos fizestes sair: 'O SENHOR não foi capaz de fazê-los entrar na terra que lhes prometera e, como os odiava, fê-los sair para que morressem no deserto'. ²⁹É, apesar de tudo, o teu povo, teu patrimônio, que fizeste sair por tua grande força e por teu braço estendido!"

32,27; Nm 14,16; Sl 115,2

10 O bezerro de ouro: o perdão do Senhor. ¹Então o SENHOR me disse:

4,13 "Talha duas tábuas de pedra como as primeiras e vem a mim sobre a montanha. Farás também uma arca de madeira. ²Sobre as tábuas escreverei as palavras que estavam sobre as primeiras, que quebras-te; depois porás as tábuas na arca".

³Fiz uma arca em madeira de acácia, talhei duas tábuas de pedra, iguais às

primeiras, e subi à montanha, tendo nas mãos as duas tábuas. ⁴E ele escreveu nas tábuas a mesma escritura da primeira vez, as dez palavras que o SENHOR proclamara para vós sobre a montanha, do meio das chamas, no dia da assembléia. E o SENHOR me entregou as tábuas. ⁵Depois virei-me para descer da montanha; coloquei-as na arca que fizera, e nela estão guardadas, como o SENHOR me ordenara.

⁶Os filhos de Israel partiram dos poços de Benê-laaqan para Moserá^a. — Foi lá que Aarão morreu e foi sepultado; seu filho Eleazar se tornou sacerdote em seu lugar. — ⁷Dali partiram para a Gudgodá, e da Gudgodá para Iothata, uma região de torrentes.

⁸Então o SENHOR separou a tribo de Levi^a para transportar a arca da aliança do SENHOR, permanecer diante do SENHOR, officiar para ele e bendizer o seu nome, como o faz ainda hoje. ⁹Por isso Levi não tem patrimônio nem parte como seus irmãos; pois o SENHOR é o seu patrimônio, conforme o SENHOR, teu Deus, lhe prometera.

¹⁰Deste modo, eu tinha permanecido sobre a montanha, como dantes, por quarenta dias e quarenta noites, e o SENHOR me tinha escutado mais uma vez: o SENHOR não quis te destruir. ¹¹E o SENHOR me disse: "Levanta-te! Vai à frente do povo para dar o sinal de partida; eles entrarão na posse da terra que a seus pais eu jurei lhes daria".

A lei de amor e de obediência. ¹²E agora, Israel, o que o SENHOR, teu Deus, espera de ti? Ele espera apenas que temas o SENHOR, teu Deus, seguindo todos os seus caminhos, amando e servindo o SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, ¹³guardando os

1,7

Nm 33, 30-32

Nm 33,38; 20,22-29

31,9,25

9,9

6,5

a. Os vv. 23-24 intercalam no relato um sumário de outros episódios da revolta de Israel contra seu Deus; talvez eles formassem, primitivamente, a sequência do v. 8. O relato do bezerro de ouro recomeça no v. 25.

b. A narrativa é interrompida pelas duas curtas notícias dos vv. 6-7 e 8-9. O itinerário dado pela primeira destas notícias não parte do Horeb; refere-se, portanto, a uma etapa da caminhada de Israel posterior à do cap. 10.

c. A segunda notícia concerne aos *levitas*, distinguidos, aqui, dos sacerdotes (cf. v. 6, enquanto 18,1-8 só fala de "sacerdotes levitas", cf. Nm 16,10 nota). Eles são separados para o culto. O texto não liga claramente esta escolha à história do bezerro de ouro, como o faz Ex 32,25-29 (cf. tb Dt 33,8 nota). Parece antes ligá-la à construção da arca (cf. vv. 1,5), da qual os levitas são os portadores.

mandamentos do SENHOR e as leis que
4.40 hoje te dou para tua felicidade.

¹⁴Sim, ao SENHOR, teu Deus, pertencem os céus e os céus dos céus^d, a terra e tudo o que nela se encontra! ¹⁵Mas é a
4.31 teus pais que o Senhor se ligou para os amar; e, depois deles, à sua descendência, isto é, a vós, que ele escolheu entre
4.37 todos os povos, como hoje se vê.

¹⁶Circuncideis, portanto, o vosso coração^e; não endurecereis vossa cerviz. ¹⁷Pois
30.6 é o SENHOR, vosso Deus, que é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o grande Deus, poderoso e terrível, o imparcial e o incorruptível. ¹⁸que faz justiça ao órfão e à viúva, e que ama o migrante, dando-lhe pão e manto^f. ¹⁹Ama-
1Tm 6,15; Ap 17,14; 19,16 reis o migrante, pois fostes migrantes na terra do Egito.

²⁰Ao SENHOR, teu Deus, temerás e servirás, a ele te ligarás, por seu nome jurarás. ²¹Ele é o teu canto de louvor, ele é teu Deus, que fez por ti estas grandes e
6.13 terríveis coisas que viste com teus olhos. ²²Teus pais não eram senão setenta quando
29.3 desceram ao Egito, e agora o SENHOR teu Deus te tornou tão numeroso quanto
Gn 46,27; Ex 1,5; At 7,14 as estrelas do céu.

^{6.5} **11** Amarás o SENHOR teu Deus e guardarás suas observâncias, suas leis, seus costumes e seus mandamentos, todos os dias.

Compreender a obra de Deus. ²Hoje conheceis — o que não acontece com
29.3 vossos filhos^g, que nem conheceram, nem

viram — a lição do SENHOR, vosso Deus, ^{4.36; 21.18} sua grandeza, sua mão forte, seu braço estendido^h;

— ³seus sinais e suas ações, o que ele, ^{4.34; Ex 7-11} em pleno Egito, fez a Faraó, rei do Egito e a todo a sua terra;

— ⁴o que ele fez ao exército egípcio, a seus cavalos e a seus carros, fazendo desabar sobre eles a água do mar dos Juncos, quando eles vos perseguiram — e o SENHOR os suprimiu até o dia de hoje;

— ⁵o que ele vos fez no deserto, até vossa chegada a este lugar;

— ⁶o que ele fez a Datan e Abirâm, ^{Nm 16} filhos de Eliab, filho de Rúben, que a terra, abrindo sua goela, engoliu, no meio de todo o Israel, com sua família, suas ^{1.1} tendas e todas as pessoas que seguiam os seus passos.

⁷Foi com vossos próprios olhos que vistes toda a ação grandiosa do SENHOR! ^{29.3} Guardareis, pois, todo o mandamento que hoje te dou, a fim de que sejais corajosos e entreis na posse da terra para a qual ides atravessar para dela tomar posse. ⁹a fim de que vossos dias se prolonguem sobre a ^{4.40} terra que o SENHOR jurou a vossos pais lhes daria, bem como à sua descendência — terra que mana leite e mel.

A terra pela qual Deus zela. ¹⁰Decerto, a terra onde tu entras para dela tomar posse não é como a terra do Egito, de onde saístes: lá plantavas tuas sementes e irrigavas com o péⁱ como numa horta; ¹¹a terra onde entrareis para dela tomar posse é uma terra

d. *Céus dos céus*, como *Deus dos deuses* e *Senhor dos senhores* (v. 17), é uma fórmula superlativa. Estas palavras designam o céu em toda a sua grandeza e esplendor. É possível que a fórmula tenha outrora evocado uma hierarquia de vários universos celestes. Uma idéia semelhante ressurgirá no judaísmo tardio (cf. 2Cor 12,2).

e. Sem ignorar a circuncisão física, sinal da aliança (cf. Gn 17,10), o Dt fala, como Jeremias (Jr 4,4), de *circuncisão do coração* (cf. tb. Rm 2,29): o que o Senhor espera do seu povo não é apenas a prática sincera dos ritos da Lei, mas a adesão da pessoa inteira e a transformação interior. Atribuída aqui ao esforço do homem, esta circuncisão do coração será apresentada em 30,6 como o efeito da ação de Deus, único capaz de levar seu povo a viver no verdadeiro amor.

f. O *órfão*, a *viúva*, o *estrangeiro* são os elementos indefesos na população; a este título, eles têm direito à solicitude do Senhor e de seu povo (cf. 14,29; 16,11-14; 24,17.

19-21; 26,12-13; 27,19; Ez 22,7; Zc 7,10; Mt 3,5; Sl 94,6; 146,9).

g. Esta observação enfatiza o privilégio da geração que viveu pessoalmente os acontecimentos da saída do Egito (cf. 5,3). O que eles viram com seus próprios olhos levou-os a crer, e seu testemunho é a base sobre a qual as gerações posteriores são chamadas a crer por sua vez (cf. Jo 20,29). Entretanto, Abraão, Isaac e Jacó são também privilegiados, e igualmente cada geração é, por sua vez, escolhida (cf. 4,31 nota).

h. Aqui começa uma espécie de profissão de fé em forma de hino (cf. 26,5 nota), onde são recapitulados quatro altos feitos da pedagogia de Deus: as pragas do Egito (v. 3), o milagre do mar (v. 4), as etapas no deserto (v. 5) e a punição dos revoltados (v. 6). Porque neles Deus se revela soberano e ameaçador, estes acontecimentos manifestam a gravidade do apelo à fé e à obediência.

i. Alusão às técnicas egípcias de irrigação do solo: as valas eram abertas ou fechadas com o pé.

de montanhas e vales, que bebe a chuva do céu. ¹²uma terra que é zelada pelo SENHOR, teu Deus: os olhos do SENHOR, teu Deus, sem cessar estão sobre ela, do princípio ao fim do ano. ¹³E se escutardes verdadeiramente meus mandamentos que hoje vos dou, amando o SENHOR, vosso Deus, e servindo-o com todo o vosso coração, com todo o vosso ser, ¹⁴a seu tempo darei a chuva de que vossa terra precisa, a chuva do outono e a da primavera. Colherás teu trigo, teu vinho novo e teu azeite; ¹⁵darei erva a teus animais nos pastos, e tu comerás à saciedade.

¹⁶Guardai-vos de vos deixar seduzir em vosso coração, de vos desviardes, de servir a outros deuses e de vos prosternar diante deles. ¹⁷Pois então a cólera do SENHOR se inflamaria contra vós; ele fecharia o céu e não haveria mais chuva, a terra não daria mais os seus produtos, e vós desapareceríeis rapidamente da boa terra que o SENHOR vos dá.

¹⁸Ponde estas minhas palavras em vós, em vosso coração, fiz com elas um sinal preso à vossa mão, uma faixa entre vossos olhos. ¹⁹Ensina-las-eis a vossos filhos, repetindo-as para eles, quando tu estiveres em casa ou seguires pela estrada, quando estiveres deitado ou de pé; ²⁰tu as inscreverás nas ombreiras da porta de tua casa e na entrada de tuas cidades, ²¹para que os vossos dias e os de vossos filhos, na terra que o SENHOR jurou dar a vossos pais, durem tanto quanto o céu acima da terra.

²²Porque, se guardardes verdadeiramente todo este mandamento que vos ordeno

pôr em prática, amando o SENHOR, vosso Deus, seguindo todos os seus caminhos e ligando-vos a ele, ²³o SENHOR desapossará todas as nações diante de vós, e desapossareis nações maiores e mais poderosas do que vós. ²⁴Todos os lugares que a planta de vossos pés pisarem vos pertencerão; o vosso território abrangerá desde o deserto até o Líbano, desde o rio Eufrates até o mar Ocidental. ²⁵Ninguém vos resistirá, e o SENHOR espalhará o terror e o temor de vós sobre toda a terra que pisardes, conforme vo-lo prometeu.

Bênção e maldição. ²⁶Vede: eu ponho hoje diante de vós bênção e maldição: ²⁷a bênção, se escutardes os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que hoje vos dou; ²⁸a maldição, se não escutardes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos prescrevo, para seguides outros deuses, que não conheceis.

²⁹Quando o SENHOR, teu Deus, te tiver feito entrar na terra na qual vais entrar para dela tomar posse, então, porás a bênção sobre o monte Garizim e a maldição sobre o monte Ebal ³⁰ — lá, do outro lado do Jordão, seguindo na direção do poente, na terra do cananeu que habita a Arábá, diante de Guilgal, junto dos carvalhos de Morek.

³¹Pois atravessareis o Jordão para ir tomar posse da terra que o SENHOR, vosso Deus, vos dá: tomareis posse dela e a habitareis. ³²Cuidareis de pôr em prática todas as leis e costumes que eu hoje ponho diante de vós.

AS LEIS DO SENHOR (12,1-26,19)

12 ¹Eis as leis e costumes que cuidareis de pôr em prática, na terra que o SENHOR, o Deus de teus pais, te deu como posse, para todos os dias de tua vida sobre a terra.

O santuário único. ²Suprimireis completamente todos os lugares onde as nações que ireis desapossar serviram a seus deuses, sobre as montanhas elevadas¹, sobre as colinas e sob todas as árvores

1. O discurso toma subitamente a forma de uma palavra dirigida diretamente por Deus a seu povo (vv. 14-15), para indicar que Deus se compromete pessoalmente como garante da realização das promessas (cf. 28,20; 29,4 nota).

k. Esta observação, com indicações difíceis de precisar, pretende situar o santuário de Siquém, onde era periodicamente celebrada a aliança (cf. 27,1 nota).

l. Este v. e o seguinte são uma boa descrição dos elementos do

2R 16,4;
Jr 2,20

7.5 verdejantes. ³Demolireis os seus altares e quebrareis suas estelas; seus vasos sagrados, os queimareis; os ídolos dos seus deuses, quebrareis; suprimireis os seus nomes deste lugar^m. ⁴Não procedereis como eles, em relação ao SENHOR, vosso Deus, ⁵porque somente o procurareis no lugar que o SENHOR, vosso Deus, houver escolhido entre todas as tribos para ali estabelecer o seu Nomeⁿ, para ali morarⁿ; para lá é que irás. ⁶Para lá levareis vossos holocaustos, vossos sacrifícios, vossos dízimos e vossos tributos voluntários^p, vossas oferendas votivas, vossos dons espontâneos, os primogênitos de vosso gado e de vosso rebanhoⁿ. ⁷Lá comereis na presença do SENHOR, vosso Deus, e permanecereis na alegria com vossa casa por todos os empreendimentos, que o SENHOR, teu Deus, em ti terá abençoado.

⁸Não procedereis conforme fazemos aqui, hoje, cada um fazendo aquilo que é direito a seus próprios olhos. ⁹Pois ainda não entrastes no lugar de repouso^r, no patrimônio que o SENHOR, teu Deus, te dá, ¹⁰mas ides atravessar o Jordão e habitar na terra que o SENHOR, vosso Deus, vos dá em patrimônio: ele vos concederá o repouso em face de todos os vossos

inimigos ao redor, e ali habitareis em segurança. ¹¹Será no lugar escolhido pelo SENHOR, vosso Deus, para nele fazer habitar o seu nome, que levareis tudo o que vos ordeno: vossos holocaustos, vossos sacrifícios, vossos dízimos, vossos tributos voluntários e tudo o que tiverdes escolhido para fazer oferendas votivas ao SENHOR. ¹²Estaréis na alegria diante do SENHOR, vosso Deus: vós, vossos filhos, vossas filhas, vossos servos, vossas servas, bem como o levita que está em vossas cidades^s, pois ele não tem parte nem patrimônio convosco.

¹³Guarda-te de oferecer teus holocaustos em alguns dos lugares que aí verás; ¹⁴é apenas no lugar escolhido por Deus, em uma de tuas tribos, que oferecerás teus holocaustos; lá farás tudo o que te ordeno. ¹⁵Entretanto, poderás, como quiseres, abater animais^t e comer carne em todas as tuas cidades, conforme a bênção que o SENHOR, teu Deus, te houver concedido. Tanto o impuro como o puro dela comerão, como se fosse carne de gazela ou de cervo^u. ¹⁶Contudo, não comereis o sangue: derramá-lo-ás na terra, como água. ¹⁷Não poderás comer em tuas cidades o dízimo do teu trigo, do teu vinho novo, do teu óleo, nem os primogênitos

culto cananeu: o santuário se situa no topo de uma colina, para estar mais perto do céu, a árvore copada simboliza a vida; o altar dos sacrifícios é rodeado de postes de madeira ou de pedras erguidas, e o ídolo assinala a presença da divindade local.

m. O texto não diz claramente se se trata dos nomes dos povos ou dos seus deuses. É preferível pensar nesses últimos, por oposição ao Senhor que "porá o seu nome" no lugar que ele tiver escolhido (v. 5). No Próximo Oriente antigo, o nome evoca a presença ativa de um ser; aquele que conhece o nome de uma divindade pode, invocando-o, fazê-la agir em seu favor. Cf. Ex 3,15 nota e 20,7 nota.

n. A lei do santuário único, vigorosamente defendida por certo número de passagens do Dt (12; 14,22-29; 15,19-23; 16; 17,8-13; 18,1-8; 26,2-15), mesmo aparentemente desconhecida em outras passagens do livro, está na origem da glória do Templo de Jerusalém. É possível, entretanto, que, em sua primeira redação, esta lei visasse a outro santuário, o de Siquém (cf. 11,30 nota; Js 8,30-35), ou o de Shiló (Jr 7,12).

Celebrar o culto em um único lugar é afirmar que o Senhor é Um (6,4); é subtrair a religião às influências e costumes pagãos que podiam subsistir nos santuários cananeus transformados em santuários do Deus de Israel. É também manifestar a unidade do povo a serviço do Senhor.

O cap. 12 traz três desenvolvimentos sucessivos (vv. 2-7,8-

12,13-19), os vv. 5, 11 e 14 contendo a formulação dessa lei propriamente.

o. A fórmula *para ali morar*, mal articulada ao restante da frase no hebr., talvez seja uma adição posterior.

p. Lit. *o tributo de vossa mão*.

q. Esta lista quer englobar a totalidade das diversas formas de sacrifícios israelitas, que o Lv estudia uma a uma (cf. Lv, Introd.).

r. O *repouso* evoca aqui (e no v. 10) o fim da longa caminhada no deserto e das lutas de conquista; a instituição do santuário é o sinal desta paz dada por Deus (cf. 1Rs 8,56; Sl 95,11; Hb 3,11-4,11).

s. Lit. *dentro de vossas portas-de-cidade*, isto é, no interior de vossas cidades (cf. 16,5; Ex 20,10 nota).

t. O Dt emprega o mesmo termo quando se trata de oferecer um animal em sacrifício (17,1; 18,3; 27,7) e quando se trata, como aqui, de abater um animal para o consumo doméstico. Com efeito, estas duas ações têm um significado religioso, e primitivamente o abate ordinário se fazia nos santuários locais. A supressão dos santuários locais em proveito do santuário único torna irre realizável esta prática; o abate domiciliar é agora autorizado, com a condição de serem observadas as regras relativas ao sangue (v. 16). Os sacrifícios propriamente ditos são estritamente reservados ao santuário central (vv 11,13-14,26-27).

u. Esta caça é alimento profano, permitido a todos (cf. 14,5).

de teu gado nem de teu rebanho, nem de qualquer oferenda votiva que fizeres, nem os dons espontâneos e os tributos voluntários; ¹⁸só os comerás na presença do SENHOR, teu Deus, no lugar que o SENHOR, teu Deus, tiver escolhido; tu comerás deles com teu filho, tua filha, teu servo, tua serva e o levita que reside em tuas cidades; estareis na alegria diante do SENHOR, teu Deus, por todos os teus empreendimentos. ¹⁹Guarda-te de negligenciar o levita, durante todos os dias em que estiveres em tua terra!

²⁰Quando o SENHOR, teu Deus, tiver aumentado teu território conforme sua promessa, e disseres: "Vou comer carne", porque queres^v comer carne, comerás quanto quiseres. ²¹Se o lugar que o SENHOR, teu Deus, tiver escolhido para nele estabelecer o seu nome for longe de tua casa, abaterás do teu gado e do teu rebanho, que o SENHOR, teu Deus, te houver dado, procedendo como determinei, e comerás dele em tuas cidades, quanto quiseres. ²²Sim, poderás comer dele como se come carne de gazela ou cervo; comerão juntos o homem que estiver impuro com o que estiver puro. ²³Cuida firmemente, porém, de não comer o sangue, pois o sangue é a vida, e não comerás a vida com a carne; ²⁴tu não o comerás: tu o derramarás na terra como a água.

²⁵Tu não o comerás; assim, serás feliz, tu e teus filhos depois de ti, porque terás feito o que é reto aos olhos do SENHOR.

²⁶As únicas coisas que levarás ao lugar que o SENHOR houver escolhido serão as que tiveres consagrado e tuas oferendas votivas. ²⁷Farás teus holocaustos, carne e sangue, sobre o altar do SENHOR, teu Deus; o sangue dos teus sacrifícios^w será

derramado sobre o altar do SENHOR, teu Deus, e a carne, tu a comerás.

²⁸Observa e escuta todas as palavras dos mandamentos que te dou; assim serás feliz, tu e teus filhos depois de ti para sempre, porque terás feito o que é bom e reto aos olhos do SENHOR, teu Deus.

A armadilha dos santuários cananeus.

²⁹Quando o SENHOR, teu Deus, tiver destruído diante de ti as nações em cujo território vais entrar para expulsá-las, quando tu as tiveres desapossado e estiveres habitando na terra delas, ³⁰toma cuidado para não caíres na armadilha de imitá-las, depois que elas tiverem sido exterminados diante de ti; toma o cuidado de não escolheres os seus deuses, dizendo: "Assim como estas nações servem a seus deuses, será que devo proceder assim também?" ³¹Por causa do SENHOR, teu Deus, não procederás ao modo delas, pois fizeram em honra dos seus deuses tudo o que é abominação diante do SENHOR, tudo o que ele detesta: até seus filhos e suas filhas, eles os queimavam para seus deuses!

13 Repressão das incitações à idolatria.

¹Cuidareis de praticar todas as palavras dos mandamentos que eu vos dou; nada lhes acrescentarás, nada lhes tirarás.

²Se surgir em teu meio um profeta ou um visionário^x — mesmo que ele te anuncie um sinal ou um prodígio, ³e mesmo que o sinal ou o prodígio prometido^y se realizem —, se ele disser: "Sigamos e sirvamos a outros deuses", deuses que não conheces, ⁴não darás ouvido às palavras deste profeta ou às visões deste vi-

v. Os vv. 20-25 retomam o que já foi dito antes, nos vv. 15-19, precisando, contudo, que a autorização do abate fora do santuário só concerne aos israelitas que vivem longe.

w. A palavra *sacrifício* designa aqui, por oposição aos holocaustos, nos quais a vítima era completamente queimada, os "sacrifícios de paz" (cf. Lv 3), nos quais se consome a carne, em sinal de comunhão com o Senhor (cf. Lv 19,5-8). O Dt menciona só estes dois tipos de sacrifício.

x. Lit. *um sonhador de sonhos* (cf. Jr 23,25).

y. O profeta frequentemente faz seguir-se à sua mensagem um sinal miraculoso, que serve para autenticar a origem divina de suas palavras. Assim Moisés (Ex 4,30-31), Elias (1Rs 18,36-39), Isaías (Is 7,14), etc. O mesmo sucede com os milagres de Jesus (Mt 9,6-7; Jo 10,37-38). Mas o falso profeta é também capaz de certos sinais, como os magos de Faraó (Ex 7,11; cf. Mt 24,24; At 8,11; 2Ts 2,9; Ap 13,13). Onde a advertência contra este gênero de demonstração e a indicação de um critério de discernimento mais seguro: o conteúdo da mensagem profética. Cf. tb. 18,21 nota.

Gn 9,4

4,40

6,18;
12,8,28Lv 1,5;
17,11

4,40

12,25

7,25

2Rs 17.
25,287,25;
Lv 18,26-30Lv 18,21;
2Rs 16,3;
23,10;
Ez 16,21

4,2

Jr 23;
Mt 24,24p;
Ap 13,14

8,2; 1Cor 11.19 sionário; pois o SENHOR, vosso Deus, nisto vos provará, para saber se sois amantes do SENHOR, vosso Deus, com todo o vosso coração, de todo o vosso ser. 6,5 Seguireis o SENHOR, vosso Deus; a ele temereis; guardareis os seus mandamentos; escutareis a sua voz; a ele servireis; a ele vos ligareis. 6,6 Esse profeta ou visionário será executado por ter pregado a 7,19 revolta contra o SENHOR, vosso Deus, que vos fez sair da terra do Egito e te resgatou da casa da servidão; esse homem te queria desviar do caminho que o SENHOR, teu Deus, te prescreveu seguir. Extirparás o mal do teu meio. 17,7.12; 19,13.19; 21,9.21; 22,21.22; 24,7; 1Cor 5.13; 28,54.56; Lv 19.18 7,16 Se teu irmão, filho de tua mãe, ou teu filho, ou tua filha ou a mulher que cinges a teu coração, ou teu próximo, que é como tu mesmo, vierem escondidos te fazer esta proposta: "Vamos servir a outros deuses!" — esses deuses que nem tu, nem teu pai conheceis. 6,14 Entre os deuses de povos próximos ou longínquos, que vos rodeiam de um lado ao outro do território —, não aceitarás, não o escutarás, não te compadecerás, não terás piedade dele, nem o defenderás; 7,16 pelo contrário: tens o dever de matá-lo. Tua mão será a primeira a causar-lhe a morte, e a mão de todo o povo continuará; 1,1 tu o apedrejarás, e ele morrerá por ter procurado arrastar-te para longe do SENHOR, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão. 1,12 Todo Israel ouvirá falar disso e não se cometerá mais esse mal no teu meio. 17,13; 19,20; 21,21

13,1 Se, em uma das cidades que o SENHOR, teu Deus, te concede para nela habitares, ouvires dizer 14,1 que gente sem nenhum valor^a saiu do meio de ti e arrasou os habitantes de sua cidade, dizendo: "Vamos servir a outros deuses!", deuses que nem conheceis, 15,1 então investigarás, te informarás, procederás a um inquérito aprofundado; e, uma vez verdadeiramente estabelecido o fato de que esta abominação foi cometida em teu meio, 16,1 passarás ao fio da espada todos os habitantes desta cidade: tu a votarás ao interdito com tudo o que ali se encontrar, e passarás o seu rebanho ao fio da espada. 17,1 Juntarás o saque no meio da praça e queimará totalmente a cidade com todo o seu saque, para o SENHOR, teu Deus; ela será uma ruína para sempre; jamais será reconstruída. 18,1 Não porás a mão sobre nada do que foi votado ao interdito. Assim, o SENHOR acalmará o ardor de sua cólera, dar-te-á e demonstrará sua ternura e te tornará numeroso segundo o que prometeu a teus pais, 19,1 pois terás escutado a voz do SENHOR, teu Deus, guardando todos os seus mandamentos, que hoje te dou, e fazendo o que é reto aos olhos do SENHOR, teu Deus. 4,31

14 Ritos fúnebres proibidos ao povo santo. 1,1 Sois filhos para o SENHOR, vosso Deus. Não fareis incisões em vosso corpo, nem usareis a tonsura no alto da testa^a por um morto^d. 2,1 Pois és um povo consagrado ao SENHOR, teu Deus; foi a ti que o SENHOR escolheu, para te tornar o 18,1.2.4 26,14 7,6

z. Texto sam.: *Teu irmão, filho do teu pai ou de tua mãe*. Esta referência ao pai, o membro mais importante da família poligâmica, pertence, provavelmente, ao texto original.

a. A execução por *apedrejamento* tem dupla significação: por um lado, o culpado de ter atentado contra o que é sagrado torna-se intocável, e trata-se de fazê-lo morrer sem encostar-lhe a mão (Ex 19,13; 21,28 nota; Nm 15,35 nota). Por outro, como o indica bem este v., tal rito obriga todos os membros do povo a se dessolidarizar com o culpado, tomando parte na execução (cf. Js 7,25: "Todo Israel o apedrejou..."). Por vezes, a lapidação serve até de sepultura: o culpado é recoberto por um monte de pedras, como Akan (Js 7,26). Por seu perdão, Jesus questiona o apedrejamento, enfatizando, de um lado, a solidariedade de todos os homens na culpa e restabelecendo, por outro, a comunhão com o culpado (cf. Jo 8,2-11).

b. Lit. *homens filhos de Belial*. Esta expressão, que poderia ser traduzida por "pessoas que representam o que não serve para nada", designa agentes de desordem, que se precipitam para a própria ruína (Jz 19,22; 20,13; 1Sm 2,12; 25,25; Pr 16,27 etc.). Expressão semelhante para caracterizar o "pensamento desarrazoado" em Dt 15,9).

c. Lit. *entre os olhos*.

d. Trata-se de ritos de luto que Jeremias menciona sem parecer reprová-los (Jr 16,6; 41,5; cf. também 7,29). Os pagãos os praticam igualmente (1Rs 18,28; Jr 47,5). Se a lei os proíbe aqui (cf. também Lv 19,27-28; 21,5), é para se opor a toda prática que tenderia a divinizar os mortos, a cultuá-los. O termo que traduzimos por *por um morto* (cf. 26,14 nota) poderia aludir a Mot, divindade fenícia (cf. Is 28,15).

povo por ele adquirido entre todos os povos sobre a face da terra.

Carnes autorizadas e proibidas. ³Não comerás nada de abominável.

Lv 11,1-19 ⁴Eis os animais que podeis comer: o boi, o carneiro, a cabra, ⁵o cervo, a gazela, o gamo, o cabrito montês, o antílope, o órix e a cabra selvagem^e. ⁶Podeis comer todo animal que tenha o casco fendido em duas unhas e que rume.

⁷Porém, entre os animais ruminantes e entre os animais que têm o casco fendido, não comereis os seguintes: o camelo, a lebre, o hírace, que ruminam, mas não têm tal casco; eles são impuros para vós.

⁸E o porco, que tem tal casco, mas não ruma, é impuro para vós: não deveis comer sua carne, nem tocar em sua carcaça.

⁹Entre os animais aquáticos, eis os que podeis comer: todo animal que tiver barbatanas e escamas, podeis comer; ¹⁰mas não comereis o que não tiver barbatanas e escamas; para vós é impuro.

¹¹Todo pássaro puro, podeis comê-lo.

¹²Mas eis os pássaros que não comereis: a águia, o gipactio, a águia marinha, ¹³o milhafre negro, o abutre e as diferentes espécies do milhafre vermelho, ¹⁴todas as espécies de corvos, ¹⁵o avestruz, a coruja, a gaivota, as diversas espécies de gavião, ¹⁶o mocho, o íbis e o grão-duque, ¹⁷o pelicano, o abutre branco, o alcatraz, ¹⁸a cegonha, as diversas espécies de garça, a poupa e o morcego. ¹⁹Todo inseto alado é impuro para vós; não o comereis. ²⁰Todo o animal que tem asas e é puro, podeis comê-lo.

Lv 17,15; 22,8 ²¹Não comereis nenhum animal que morreu por si mesmo; tu o darás ao migrante que mora em tua cidade, e ele

poderá comê-lo; ou, então, vende-o ao migrante. Pois tu és povo consagrado ao SENHOR, teu Deus. 7,6

Não farás cozinhar um cabrito no leite de sua mãe. Ex 23,19; 34,26

O dízimo anual e o dízimo trienal.

²²Todo ano, separarás o dízimo^f de todo o produto que tiveres semeado e que houver brotado nos teus campos. ²³Na presença do SENHOR, teu Deus, no lugar 12,5

que ele houver escolhido para nele fazer habitar o seu nome, comerás o dízimo do teu trigo, de teu vinho novo e de teu azeite, e os primogênitos de teu gado e de teu rebanho; assim aprenderás a temer o SENHOR, teu Deus, todos os dias.

²⁴E, quando a distância for muito longa para que possas levar teu dízimo, se o lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido para ali estabelecer o seu nome 12,21 for longe de tua morada, e se o SENHOR teu Deus te houver cumulado de bênçãos, ²⁵então, trocarás teu dízimo por dinheiro, tomarás o dinheiro em tua mão e irás ao lugar que o SENHOR houver escolhido. ²⁶Lá trocarás o dinheiro por qualquer coisa que tu quiseses: boi ou ovelha, vinho, bebidas fermentadas, e tudo o que te apetece: e comerás ali, na presença do SENHOR, teu Deus; estarás na alegria com os da tua casa. ²⁷Não deixarás de lado o levita que mora em tuas cidades, ele que não tem parte nem patrimônio contigo.

²⁸Cada três anos, separarás todo o dízimo dos teus produtos daquele ano, mas o deporás em tua cidade^g; ²⁹então, virão o levita — ele que não tem nem parte nem patrimônio contigo —, o estrangeiro, o órfão e a viúva que moram em tuas cidades, e comerão à vontade, para que 10,18

e. Fora dos dois primeiros, os nomes dos animais que figuram neste v. são desconhecidos em outros passos e sua tradução, conjectural.

f. Como o nome indica (tanto em hebr. como em port.), o *dízimo* é um imposto da décima parte. Contudo, é possível que, em certos períodos, a taxa tenha variado. É também provável que nem tudo fosse consumido na refeição no santuário, mas que uma parte fosse entregue aos levitas (cf. Nm 18,21-32). A novidade do Dt é que o dízimo deve ser doravante levado ao santuário central e consumido ali.

g. O *dízimo trienal* (cf. tb. 26,12,15) se distingue dos outros anos por dois aspectos: não é levado ao santuário, e é inteiramente destinado aos desfavorecidos (dos quais os levitas fazem parte). Os dois aspectos estão ligados: antes do Dt convidavam-se todos os deserdados à refeição sagrada, que tinha lugar no santuário local; doravante, indo ao santuário central, não se pode convidar mais que o levita (v. 27); os outros recebem sua parte a cada três anos, mas desta vez recebem tudo.

o SENHOR, teu Deus, te abençoe em todas as tuas ações.

15 O sétimo ano: a remissão das dívidas. ¹Cada sete anos^h, farás a remissão das dívidas¹.

²Eis em que consiste esta remissão: todo proprietário que tiver cedido um empréstimo a seu próximo² abrirá mão dos seus direitos^h, e não pressionará³ seu próximo ou o seu irmão, porque foi proclamada a remissão em honra do SENHOR. ³Poderás exigir o pagamento do estrangeiro; mas o que possuíres e estiver com teu irmão, disso abrirás mão.

⁴No entanto, não haverá pobres em teu meio^m, de tal modo o SENHOR te haverá cumulado de bênção na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio para dela tomares posse. ⁵desde que escutes atentamente a voz do SENHOR, teu Deus, cuidando de pôr em prática todo este mandamento, que hoje te dou. ⁶Pois o SENHOR, teu Deus, te abençoará conforme te prometeu; então, emprestarás a penhor a numerosas nações, e tu mesmo não pedirás empréstimo a penhor; dominarás muitas nações, mas elas não te dominarão.

⁷Se houver em teu meio um pobre, um dos teus irmãos, numa de tuas cidades, na terra que o SENHOR te dá, não endurecerás o teu coração e não fecharás a mão

para o teu irmão pobre,⁸ mas tu lhe abrirás largamente tua mão e lhe concederás todos os empréstimos a penhor que vier a necessitar. ⁹Guarda-te de ter em teu coração um pensamento vil, calculando: "Estamos perto do sétimo ano, ano da remissão", e olhando com dureza o teu irmão pobre, nada lhe dês. Pois, então, ele invocará o SENHOR contra ti, o que seria um pecado para ti. ¹⁰Tu lhe darás generosamente, em vez de lhe dar a contragosto; deste modo o SENHOR, teu Deus, te abençoará em todas as tuas ações, em todos os teus empreendimentos.

¹¹E porque não cessará de haver pobres no meio da terra, eu te dou este mandamento: abrirás tua mão largamente para teu irmão, para teu indigente e para teu pobre na tua terra.

O sétimo ano: a alforria dos escravos

hebreus. ¹²Se dentre teus irmãos hebreus, um homem ou uma mulher se tiver vendido a ti, e se ele te serviu como escravo durante seis anos, no sétimo ano, tu o deixarás partir livre de tua casa. ¹³E quando tu o deixares partir livre de tua casa, não o deixarás partir de mãos vazias; ¹⁴cobri-lo-ás de presentes com o produto de teu rebanho, de tua eira e de teu lagar: pois o que lhe deres te vem da bênção do SENHOR, teu Deus. ¹⁵Tu te lembrarás de que eras escravo na terra do

h. Este período de sete anos lembra o ritmo ao qual estavam submetidos os trabalhos do campo; segundo Ex 23.10-11, a colheita devia ser abandonada a cada sete anos, em sinal dos direitos do Senhor sobre a terra (cf. Lv 25.2-7). Estendido ao domínio das dívidas, o ritmo de sete anos fica fixado no calendário. Este não é o caso da obrigação de dar liberdade ao escravo hebreu no sétimo ano (vv. 12-18), sendo o período contado para cada um a partir da data de sua queda em escravidão.

i. A velha lei agrária é aplicada aqui a um novo setor da vida, o da economia comercial vivida pela sociedade urbana da época dos reis. O Dt adapta assim a lei à nova situação econômica, para sublinhar os direitos do Senhor sobre o conjunto da vida social de Israel; ele aplica às dívidas o termo que Ex 23.11 utilizava para o abandono das colheitas (hebr. *shamut*, *shemittat*). O alcance exato da instituição não é definido. Trata-se de uma moratória, adiando em um ano o pagamento das dívidas, ou de uma anistia total das dívidas contraídas nos seis anos precedentes? A advertência do v. 9 se compreende melhor no caso de anistia definitiva, mas também faz entrever as dificuldades para a aplicação de tal medida.

j. Fórmula jurídica difícil: ou cabe ao credor devolver ao devedor o penhor entregue em reconhecimento da dívida e de lhe expressar assim o seu quitamento; ou se trata de o empenhador renunciar a reclamar ao devedor a soma que lhe avançara, abandonando assim o seu empréstimo.

k. Lit. *sua mão remeterá*; é a imagem da mão que se abre para deixar fluir o que retinha (mesma expressão no versículo 3).

l. O credor não tem o direito de levar o devedor ao tribunal para forçá-lo a quitar sua dívida ou para fazer dele o seu escravo, se ele é insolúvel (cf. v. 12).

m. Esta observação deixa entrever a visão profunda da Lei: a existência de pobres é uma espécie de desmentido infligido à felicidade à qual o Senhor destina o seu povo. Importa, então, que Israel aprenda a superar esta anomalia, mesmo sendo ela inevitável (cf. vv. 7 e 11); a solidariedade entre irmãos e a generosidade para com os pobres são, portanto um aspecto de sua fé nas promessas de Deus.

n. Lit. *tu lhe porás em torno ao pescoço um colar colhido no teu rebanho...*

15.4;

Mc 14.7p;
Jo 12.8

15.8

Ex 21.2-6;
Jo 8.35

5.15

Egito e que o SENHOR, teu Deus, te resgatou. Por isso é que hoje te dou este mandamento.

¹⁶Mas se este escravo te diz: "Não desejo sair de tua casa", porque te ama, a ti e aos de tua casa, e porque ele é feliz em tua casa, ¹⁷então, tomarás uma punção e lhe fixarás a orelha contra a ombreira de tua porta^o, e ele será para ti um escravo perpétuo. Agirá do mesmo modo em relação a tua serva.

¹⁸Não julgues muito difícil deixá-lo partir livre de tua casa, pois, tendo te servido durante seis anos, ele te fez lucrar duas vezes mais do que um assalariado; e o SENHOR, teu Deus, te abençoará em tudo o que fizeres.

A consagração dos primogênitos.

¹⁹Todo primogênito macho que nascer do teu gado e do teu rebanho, tu o consagrarás ao SENHOR, teu Deus; não farás teus trabalhos com um primogênito de teu gado, nem tosquiá-lo um primogênito de teu rebanho; ²⁰é diante do SENHOR, teu Deus, que o comerás^p, cada ano, com os de tua casa, no lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido.

²¹Mas se o animal tiver um defeito, se ele for manco ou cego, ou tiver qualquer outro defeito, não o sacrificarás ao SENHOR, teu Deus; ²²tu o comerás em tuas cidades. O homem que é impuro e aquele que é puro poderão comê-lo juntos, como se fosse gazela ou cervo. ²³Contudo, não comerás o seu sangue: tu o deramarás na terra, como água.

16 As três festas de peregrinação^q.

¹Observa o mês das Espigas e celebra a Páscoa^r para o SENHOR, teu Deus, pois foi no mês das Espigas que o SENHOR, teu Deus, te fez sair do Egito, durante a noite. ²Farás o sacrifício da Páscoa para o SENHOR, teu Deus, com animais do teu rebanho e do teu gado, no lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido para nele fazer habitar o seu nome^s. ³Nesta refeição, não comerás pão levedado; durante sete dias, comerás pães sem fermento^t — pão da miséria, pois foi com pressa que saíste da terra do Egito — para te lembrares, todos os dias de tua vida, do dia em que saíste da terra do Egito. ⁴Não se achará levedo nem em tua casa, nem em todo o teu território durante sete dias; e da carne que tiveres abatido^u, na tarde do primeiro dia, nada sobrá da noite para a manhã. ⁵Não poderás fazer o sacrifício da Páscoa em qualquer das cidades que o SENHOR, teu Deus, te concede: ⁶só celebrarás o sacrifício da Páscoa no lugar escolhido pelo SENHOR, teu Deus, para nele fazer habitar o seu nome, à tarde, ao pôr-do-sol, no exato momento em que saíste do Egito^v. ⁷Cozinharás o animal^w e o comerás no lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido, e, de manhã, te voltarás para retornar a tuas tendas. ⁸Durante seis dias, comerás pães sem fermento; no sétimo dia, dar-se-á o encerramento da festa para o SENHOR, teu Deus. Não farás trabalho algum.

⁹Contarás sete semanas; a partir do dia em que a foice for lançada na seara é

^o. Retornado das prescrições paralelas do "código da aliança" (Ex 21,2-6), este gesto arcaico simboliza o laço legítimo e definitivo do escravo com a casa do seu senhor. Nada tem de infamante, nem de cruel, e confere ao israelita que opta pelo serviço do seu senhor o estatuto jurídico particular de "escravo perpétuo".

^p. Trata-se da refeição sacrificial familiar anual, celebrada no santuário (cf. 14,23). Se, pelo contrário, o animal tem algum defeito, é comido em uma refeição comum, domiciliar (v. 22).

^q. Sobre as festas de Israel, cf. Ex 5,1 nota.

^r. Sobre a Páscoa, cf. notas a Ex 5,1 e 12,11.

^s. A lei deuteronomica é aqui diferente da de Ex 12,3-11: de um lado, os sacrifícios abrangem também o gado bovino; de outro, a imolação e a festa têm lugar no santuário central. É, sem dúvida, a introdução deste último elemento que faz a novidade

da Páscoa celebrada sob Josias (2Rs 23,21-23), após a descoberta do livro da Lei (cf. Introd.).

^t. Sobre os pães sem fermento e seu vínculo com a Páscoa, cf. Ex 12,15 nota. Sente-se aqui a vontade de unificar as duas celebrações. O rito dos pães sem fermento é explicado, como a Páscoa, pelas condições da saída do Egito.

^u. Compreenda-se *sacrificado* (cf. 12,15 nota).

^v. O termo traduzido *por tempo preciso* pode designar tanto uma "data", como uma "hora". Em Ex 12,29-31, a partida é feita após a morte dos primogênitos egípcios, no meio da noite; mas o pôr-do-sol marca o início desta gloriosa noite de libertação.

^w. *O animal*: adição. Ex 12,8-9 fala aqui de *fazer assar*. O termo do Dt é mais genérico; implica talvez a possibilidade de um outro modo de cozinhar.

que contarás as sete semanas. ¹⁰Porque celebrarás a festa das Semanas, em honra do SENHOR, teu Deus, levando-lhe dons espontâneos na medida das bênçãos com que o SENHOR, teu Deus, te houver cumulado. ¹¹No lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido para ali fazer habitar o seu nome, estarás na alegria em presença do SENHOR, teu Deus, com teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, o levita que reside em tuas cidades, o migrante, o órfão e a viúva, que vivem em teu meio. ¹²Lembrar-te-ás que no Egito eras escravo^a, guardarás estas leis e as porás em prática.

¹³Quanto à festa das Tend^{as}, tu a celebrarás durante sete dias, quando houveres recolhido tudo o que vem de tua eira e do teu lagar. ¹⁴Estarás na alegria de tua festa, com teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, o levita, o migrante, o órfão e a viúva, que residem em tuas cidades. ¹⁵Durante sete dias, celebrarás peregrinação em honra do SENHOR, teu Deus, ao lugar em que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido, pois o SENHOR, teu Deus, te terá abençoado em todos os produtos de teu solo e em todas as tuas ações; e serás todo alegria.

¹⁶Três vezes por ano, todos os teus varões irão ver a face do SENHOR, teu Deus^a, no lugar que ele houver escolhido: na peregrinação dos Pães sem fermento, na das Semanas e na das Tend^{as}.
Ninguém irá ver a face do SENHOR de mãos vazias: ¹⁷cada qual fará uma oferta com as próprias mãos, segundo a bênção que o SENHOR, teu Deus, te deu.

Regras para os juízes. ¹⁸Constituirás juízes e escribas para tuas tribos, em

todas as cidades que o SENHOR, teu Deus, te concede; e eles exercerão com justiça sua jurisdição sobre o povo.

¹⁹Não defraudarás o direito, não alimentarás parcialidade, não aceitarás presentes, pois o presente cega os olhos dos sábios e compromete a causa dos justos. ²⁰Procurarás a justiça, nada além da justiça, a fim de viver e tomar posse da terra que o SENHOR, teu Deus, te concede.

Práticas culturais proibidas. ²¹Não erguerás nenhum poste de madeira^a ao lado do altar que construirás para o SENHOR, teu Deus. ²²Não crigrás para ti nenhuma dessas estelas que o SENHOR, teu Deus, detesta.

17 ¹Não sacrificarás ao SENHOR, teu Deus, um boi ou um carneiro que sejam defeituosos, pois isto é uma abominação para o SENHOR, teu Deus.

²Se houver em teu meio, ou em uma das cidades que o SENHOR, teu Deus, te concede, um homem ou uma mulher que fazem o que é mau aos olhos do SENHOR, teu Deus, transgredindo sua aliança, ³servindo a outros deuses e prosternando-se diante deles, diante do sol, da lua ou de todo o exército celeste^b, o que eu não ordenei: ⁴se te transmitirem tal informação, ou se tu o ouvires dizer, investigarás a fundo; uma vez verdadeiramente estabelecido que esta abominação foi cometida em Israel, ⁵levarás às portas de tua cidade^c o homem ou a mulher que tiverem cometido esta maldade; tu os apedrejarás e eles morrerão. ⁶Sua condenação à morte será feita mediante o depoimento de duas ou três testemunhas. Não haverá condenação à morte com base no depoimento de uma só testemunha.

x. A festa das *Semanas* (cf. Ex 23.16 e nota) é aqui ligada à libertação do Egito, como a Páscoa, sem mais detalhes.

y. Sobre esta festa, cf. Ex 23.16 e nota.

z. Cf. Ex 23.17 nota.

a. Outra tradução possível: *nenhum poste sagrado e nenhuma árvore sagrada ao lado do altar.*

b. Mesma expressão que em Gn 2.1 para designar o conjunto das estrelas. Além de 4.19, é esta a única passagem do Dt que adverte contra o culto aos astros. Em outros textos, os *outros deuses* são, preferentemente, as divindades locais

dos cananeus (cf. 6.14; 7.4; 13.8 etc.). A menção aos astros parece relacionada com a época da supremacia babilônica, quando o culto aos astros exerceu grande atração sobre Judá (cf. 2Rs 21.3-5; 23.4-5 e as notas: Jr 8.2; 19.13). Observe-se o caráter solene do fim do v., onde aparece um *eu* que representa Moisés, ou, talvez, o próprio Deus (cf. 11.4 nota).

c. Lit. *a tuas portas*. É à porta da cidade que se assenta o tribunal (cf. 21.19). Mas é também diante da porta, fora da cidade, que se executam os condenados (cf. 22.24).

24.17; 25.1

10,17
Ex 23,8;
Pr 17,23

7,5

7,25

13,15

13,11

19,15

13,10; 7A mão das testemunhas será a primeira
Jo 8,7 a provocar-lhe a morte, depois a mão de
todo o povo se encarregará de fazê-lo.
13,6 Erradicarás o mal do meio de ti.

2Cr 19, 8-11 **Recurso ao tribunal do santuário.** ⁸Se
for muito difícil para ti julgar da natureza
de um caso de sangue derramado, litígio
ou ferimentos — questões levadas
ao tribunal de tua cidade^d —, pôr-te-ás a
caminho para subir ao lugar que o SENHOR,
teu Deus, tiver escolhido. ⁹Irás procurar os
sacerdotes levitas^e e o juiz que estiver em
função naqueles dias; e os consultarás^f, e eles
te comunicarão a sentença. ¹⁰Procederás conforme
a sentença que te houverem comunicado no
lugar que o SENHOR tiver escolhido, e
cuidarás de pôr em prática todas as suas
instruções. ¹¹Segundo a instrução que te
tiverem dado e segundo a sentença que
tiverem pronunciado, procederás, sem te
desviares da palavra que te tiverem comu-
nicado nem para a direita, nem para a
esquerda.

12Mas o homem que tiver agido com
18,5-7 presunção, sem escutar o sacerdote que
lá estiver oficiando em honra do SENHOR,
teu Deus, e sem escutar o juiz, este
morrerá. Extirparás o mal de Israel.
13,6 13Todo o povo ouvirá falar do caso, tem-
13,12 merá, e não se tornarão mais presunçosos.

Prescrições para o rei. ¹⁴Quando tiveres
entrado na terra que te dá o SENHOR,
teu Deus, tomado posse dela e a habita-
res, e quando então disseres: “Desejo
constituir um rei à minha frente, como
todas as nações ao redor”, ¹⁵quem consti-
tuíres à tua frente deverá ser, seguramente,
um rei escolhido pelo SENHOR, teu
Deus^g. É dentre os teus irmãos que toma-
rás um rei para constituir-lo à tua frente;
não poderás constituir à tua frente um es-
trangeiro, um que não seja teu irmão.

¹⁶Ele, porém, não deverá possuir nu-
merosos cavalos, ou levar de volta o povo
para o Egito a fim de conseguir um gran-
de número de cavalos, porque o SENHOR
vos disse: “Não, não voltareis por essa
estrada!” ¹⁷Ele não deverá também ter um
grande número de mulheres, desviando
o seu coração. Também não deverá dis-
por de muito dinheiro ou ouro.

¹⁸E tendo subido a seu trono real, escre-
verá para si mesmo, num livro, uma cópia
desta lei^h, que os sacerdotes e os levitas
lhe transmitirão. ¹⁹Ela permanecerá a seu
lado, e ele a lerá todos os dias de sua vida,
para que aprenda a temer o SENHOR, seu
Deus, guardando todas as palavras desta
Lei e todas as suas prescrições, a fim de
pô-las em prática, ²⁰sem se tomar orgu-
lhoso perante os seus irmãos, nem se des-
viar do mandamento, nem para a esquer-
da, nem para a direita, a fim de prolongar,

d. A fórmula, muito genérica, designa uma causa difícil de decidir, pois não corresponde exatamente a um dos casos previstos em lei (por exemplo, no código penal de Ex 21,12-22,16). A instituição de um tribunal supremo, cujas decisões fazem jurisprudência, é uma das medidas que acompanham a centralização do culto e a concentração do clero no santuário local (cf. 12,5 nota). A atividade deste tribunal é atestada depois do Exílio por 2Cr 19,10. Suas competências serão exercidas mais tarde pelo “grande Sinédrio”, presidido pelo sumo sacerdote (cf. Mc 14,53-64; At 22,5), enquanto “pequenos sinédrios” subsistem nas comunidades locais (cf. Mt 10,17; Mc 13,9).

e. Este apelativo caracteriza o clero que celebra no santuário central (cf. 17,18; 18,1; 24,8; 27,9) e o distingue dos outros levitas dispersos pela terra (cf. 12,12,18; 18,6 etc.), os quais não usaram seu direito de participar neste serviço (18,6-8). O juiz, mencionado ao lado dos sacerdotes, ou é um deles, especialmente encarregado desta função, ou é um magistrado pertencente ao corpo judiciário estabelecido pelo rei (cf. 16,18-20).

f. Os não está no texto; a ausência da definição da pessoa à qual dirigir a consulta dá a entender que, por intermédio dos

sacerdotes, é ao próprio Deus que se interroga para conhecer sua vontade na questão em causa; cf. Am 5,4: *Procurai-me...*, onde o verbo hebr. é o mesmo.

g. A reticência de toda esta passagem para com a *realiza-*ção mostra que seu autor já conhece os perigos aos quais sucumbiram os reis de Israel: poderio, riqueza, orgulho (cf. 1Sm 8,10-18). Notar-se-á, contudo, que a *realiza-*ção, apresentada aqui como uma resposta ao pedido do povo (cf. 1Sm 8,4-9), se funda na eleição do rei pelo próprio Deus, tanto quanto a existência do povo se funda na sua própria eleição (4,32-38). Por isso, o rei se beneficia da mesma promessa de perenidade que o povo, desde que obedeça ele também à Lei. Isto é, o rei é totalmente solidário com o povo e está, como qualquer outro membro do povo de Israel, a serviço do Senhor.

h. O gr. verteu de maneira inexacta a expressão *cópia da Lei* por *conforme a Lei (deuteronomium)*, e assumiu o termo para dar ao livro o título que se conservou até hoje. Na realidade, o livro é antes uma adaptação comentada da Lei do que uma nova lei; cf. Introd.

para ele e para seus filhos, os dias de sua realeza no meio de Israel.

33,8-11 **18** Os direitos dos levitas. ¹Os sacerdotes levitas, toda a tribo de Levi, não terão nem parte nem patrimônio com Israel: por alimento terão as oferendas consumidas¹ do SENHOR e seu patrimônio. ²O levita não terá patrimônio entre os seus irmãos: é o SENHOR o seu patrimônio, conforme ele lhes prometeu.

10,9 ³Eis quais serão os direitos dos sacerdotes sobre o povo e sobre os que imolam em sacrifício um boi ou um carneiro: serão dadas ao sacerdote a espádua, as bochechas e a pança¹. ⁴Tu lhe darás as primícias do teu trigo, do teu vinho novo, do teu azeite, bem como da tosquia de tuas ovelhas. ⁵Pois é ele que o SENHOR, teu Deus, escolheu, com seus filhos, dentre todas as tribos, para que lá permanecessem, todos os dias, oficiando no nome do SENHOR.

26,1-11 ⁶Se um levita chega de uma de tuas cidades onde reside, não importa em que lugar de Israel, venha livremente ao lugar que o SENHOR tiver escolhido: ⁷oficiará no nome do Senhor, seu Deus, como todos os seus irmãos levitas que ali permanecem na presença do SENHOR*. ⁸Terão todos uma parte igual para se alimentar, além do que cada um poderá dispor da venda dos bens paternos¹.

2Rs 23,8-9 **Falsos e verdadeiros portadores da palavra do Senhor.** ⁹Quando tiveres entrada na terra que te dá o SENHOR, teu Deus, não aprenderás a agir de modo abominá-

vel como agem aquelas nações: ¹⁰não haverá no meio de ti ninguém que faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, que interroge os oráculos, pratique sortilégios, magia, encantamentos ¹¹enfeitiçamentos, recorra à adivinhação ou consulte os mortos. ¹²Todo homem que assim proceder é uma abominação para o SENHOR, e é por causa de tais abominações que o SENHOR, teu Deus, desapossa as nações diante de ti. ¹³Serás perfeito na adesão ao SENHOR, teu Deus.

¹⁴Estas nações, que desapossarás, dão ouvidos aos que praticam sortilégios e consultam os oráculos. Mas o SENHOR, teu Deus, não quis nada disto para ti*: ¹⁵será um profeta como eu que o SENHOR, teu Deus, para ti suscitará, do meio de ti, dentre teus irmãos*; a ele é que dareis ouvidos. ¹⁶Foi isso que pediste ao SENHOR, teu Deus, no Horeb, no dia da assembleia, quando disseste: "Não quero voltar a ouvir a voz do SENHOR, meu Deus, não quero mais olhar este grande fogo, não quero morrer!" ¹⁷Então o SENHOR me disse: "Eles fizeram bem em dizer isso. ¹⁸É um profeta como tu que suscitarei do meio dos teus irmãos; porei minhas palavras em sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar. ¹⁹E se alguém deixar de ouvir as minhas palavras, as que o profeta tiver proferido em meu nome, eu mesmo lhe pedirei contas. ²⁰Mas se o profeta tiver a presunção de dizer em meu nome uma palavra que eu não lhe ordenei dizer, ou se ele falar em nome de outros deuses, o profeta é quem morrerá". ²¹Talvez te perguntes: "Como reco-

i. Cf. Lv. Introd.

j. Esta regra sobre a parte reservada aos sacerdotes nos sacrifícios é diferente da legislação "sacerdotal", que lhes atribui o peito e o pernil direito (cf. Lv 7,31-34; 10,14; Nm 6,20; 18,18-19).

k. Nova medida de equidade em favor dos descendentes da tribo de Levi, privados de patrimônio e freqüentemente reduzidos a viver da generosidade pública: todos eles têm o direito de vir officiar no santuário central e de viver da renda das oferendas, pelo mesmo título do clero já em serviço em Jerusalém. Entretanto este direito parece não ter sido reconhecido, segundo 2Rs 23,8-9, que dá a entender que os recém-chegados devem se contentar com um status inferior.

l. Texto difícil, cujo sentido é incerto. O levita não tem patrimônio com seus irmãos (v. 2); seus bens paternos não

são, por conseguinte, terras; trata-se, talvez, de casas e de bens móveis.

m. Lit. *Mas a ti o Senhor, teu Deus, nada concedeu de semelhante.*

n. Depois de Moisés, considerado aqui como o primeiro dos profetas (cf. 34,10 nota), Deus enviará outros profetas, portadores de sua palavra, mas também suscetíveis de a ele desobedecer. O judaísmo posterior, lendo este texto num sentido mais preciso, via nele o anúncio de um profeta excepcional, por vezes identificado com o Messias. Esta tradição se encontra nas interrogações do povo a respeito de Jesus (Jo 1,21; 6,14; 7,40). Entretanto, este jamais se refere a ela formalmente (embora se possam ver alusões a Dt 18,15 em Mc 9,7 par., bem como em Lc 24,27.44 e Jo 1,45; 5,46). A pregação cristã primitiva vê, explicitamente, em Jesus o profeta anunciado pelo Dt (At 3,22; 7,37).

nheceremos que não é uma palavra proferida pelo SENHOR^o?"²²Se o que o profeta disser em nome do SENHOR não se realizar, não acontecer, então não será uma palavra dita pelo SENHOR. Por presunção é que o profeta a proferiu. Não debes temê-lo!

19 As cidades de refúgio ^{4,41-43} Quando o SENHOR, teu Deus, houver destruído ^{12,29} diante de ti as nações cuja terra ele te concede e tu as tiveres desapossado, quando habitares as suas cidades e suas casas, ²separarás três cidades em tua terra, cuja posse o SENHOR, teu Deus, te dá; ³farás um plano das estradas^p e dividirás em três a superfície da tua terra, que o SENHOR, teu Deus, te dá como patrimônio; assim haverá um lugar de refúgio para todo homicida.

⁴O homicida poderá refugiar-se nelas, para salvar a própria vida, no seguinte caso: quando tiver matado involuntariamente o seu próximo, um homem a quem não odiasses previamente. ⁵Assim, o homem que vai à floresta com outro para derrubar árvores: sua mão se deixa arastar pelo machado no momento de golpeá-la, o ferro cai do cabo e atinge o outro, matando-o; este homem poderá se refugiar em uma dessas cidades e terá a vida salva. ⁶Que não possa o vingador^q, em seu furor, segui-lo e surpreendê-lo, aproveitando a extensão da estrada^r, e o matar. Com efeito, o homicida não incorre em pena de morte, pois não tinha tido ódio à vítima. ⁷Eis por que te ordeno: "Separarás três cidades."

⁸E se o SENHOR, teu Deus, aumentou teu território, conforme jurou a teus pais, e te dá toda a terra que lhes prometeu

conceder ⁹— porque terás guardado e praticado todo este mandamento que hoje te dou, amando o SENHOR, teu Deus, e seguindo todos os seus caminhos —, então, acrescentarás mais três cidades às três primeiras^s. ¹⁰Deste modo, o sangue de um inocente não será derramado em tua terra, que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio: tal sangue cairá sobre ti.

¹¹Mas quando um homem odeia a seu próximo, o agarra, o atira ao chão, se joga sobre ele e o golpeia gravemente, a ponto de matá-lo, se este homem se refugia numa destas cidades, ¹²os anciãos de sua cidade enviarão para lá alguém que o prenda, e o entregarão nas mãos do vingador para que morra. ¹³Não terás pena dele. Acabarás em Israel com o derramamento de sangue inocente e serás feliz.

Quanto aos limites territoriais. ¹⁴Não deslocarás os limites do terreno do teu vizinho, segundo o que estabeleceram os que chegaram primeiro, no patrimônio que receberás na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá como posse.

O papel das testemunhas. ¹⁵Uma testemunha não se apresentará sozinha contra um homem que tenha cometido um crime, ou um pecado, ou uma falta, quaisquer que sejam; só se pode proceder à instrução do caso mediante as declarações de duas ou três testemunhas.

¹⁶Caso se apresente contra um homem uma testemunha falsa acusando-o de transvio, ¹⁷os dois homens que assim entrarem em litígio diante do SENHOR comparecerão diante dos sacerdotes e juízes que estiverem em função naqueles dias.

o. Distinguir os verdadeiros dos falsos profetas é, em Israel, um problema dramático, para o qual este texto tenta dar resposta. Mas, isolado, este critério da realização das predições é insuficiente; é menos importante do que o do conteúdo da mensagem e de sua coerência com a ação e a palavra de Deus.

p. Expressão elíptica. Também poderia se tratar de avaliar as distâncias a percorrer até cada uma das cidades de refúgio, ou ainda de garantir livre acesso a elas.

q. Sobre o costume da vingança familiar, cf. Nm 35,12 nota e, abaixo, o v. 12.

r. Uma repartição geográfica das cidades de refúgio malfeita exporia o homicida involuntário, que se encontrasse numa região distante, a ser alcançado no caminho, sem a possibilidade de alcançar a cidade onde teria o direito de se refugiar.

s. Estas três novas cidades se encontravam a leste do Jordão (cf. 4,41-43). A expansão territorial de Israel se faz aqui da Cisjordânia para a Transjordânia, o que é, sem dúvida, verdadeiro do ponto de vista histórico, mas não corresponde à visão tradicional dos acontecimentos (cf. 3,8-20).

17,6;
Mt 18,16;
Jo 8,17-18;
2Cor 13,1;
1Tm 5,19;
Hb 10,28

17,9

¹⁸Os juízes procederão a inquéritos aprofundados; eles descobrirão que a testemunha é uma testemunha mentirosa: acusou o seu irmão com fraude. ¹⁹Tratá-lo-eis do mesmo modo como ele pretendia tratar seu irmão. Eliminarás o mal do teu meio. ²⁰O resto do povo ouvirá falar do caso, temerá, e assim se deixará de fazer o mal em teu meio. ²¹Não terás pena: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.

20 A guerra santa. ¹Quando saíres para combater teus inimigos¹, se enxergares cavalos ou carros, um povo mais numeroso do que tu, não debes temê-los, pois

^{2.7} o SENHOR, teu Deus, está contigo, ele que te fez subir da terra do Egito.

²Quando estiverdes a ponto de entrar em combate, o sacerdote se adiantará e falará ao povo. ³Ele lhe dirá: "Ouve, Israel! Vós avançais hoje para combater vossos inimigos: que vossa coragem não esmoreça; não temais, nem vos precipiteis, não tremais diante deles. ⁴Pois o SENHOR, vosso Deus, marcha convosco", para combater em vosso favor contra vossos inimigos, para vir em vosso socorro".

⁵E assim falarão ao povo os escribas: "Encontra-se aqui um homem que tenha construído uma casa nova, e não a tenha ainda inaugurado?" Que ele se vá, regresse à sua casa, para que não morra em combate e um outro inaugure a sua casa. ⁶Há aqui um homem que tenha plantado um vinhá e ainda não tenha colhido seus primeiros frutos? Que se vá, retorne à sua casa, para que não morra em combate e um outro colha seus primeiros frutos. ⁷Há aqui um homem que tenha escolhido uma noiva e ainda não a tenha

desposado? Que se vá, retorne à sua casa, para que não morra em combate e um outro despose a sua noiva". ⁸Os escribas falarão ainda ao povo o seguinte: "Há aqui um homem que tenha medo, e cuja coragem está esmorecendo? Que ele se vá, retorne à sua casa, para que não faça os seus irmãos perderem a coragem como ele". ⁹E quando os escribas tiverem terminado de falar ao povo, constituirão² chefes militares à frente do povo.

¹⁰Quanto te aproximares de uma cidade para combatê-la, tu lhe farás propostas de paz. ¹¹Se ela te responde: "Façamos a paz!" e te abre as portas, todo o povo que ali se encontra será obrigado à corvêia para ti e te servirá. ¹²Mas se ela não fizer a paz contigo e travar combate, tu a cercarás; ¹³o SENHOR, teu Deus, a entregará em tuas mãos, e tu passarás todos os seus varões ao fio da espada. ¹⁴Conservarás apenas, como saque, as mulheres, as crianças, os animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos; tu te alimentarás dos despojos dos teus inimigos, com o que o SENHOR, teu Deus, te concedeu. ¹⁵Procederás deste modo com todas as cidades que estiverem muito afastadas de ti e não se situarem entre as cidades das nações que se seguem.

¹⁶Mas nas cidades dos povos seguintes, que o SENHOR, teu Deus, te dá como patrimônio, não deixarás subsistir nenhum ser vivo. ¹⁷Com efeito, votarás ao interdito o hetita, o emorita, o canaanita, o perizita, o hivita e o iebusita, conforme o SENHOR, teu Deus, te ordenou, ¹⁸a fim de que eles não te ensinem a repetir todas as abomináveis ações que eles fazem para seus deuses³: cometeríeis um pecado contra o SENHOR, vosso Deus.

t. O Dt considera a guerra como um fato. Não se trata, pois, de prescrevê-la ou proibi-la, mas de afirmar e de efetivar, neste âmbito também, a autoridade absoluta do Senhor sobre a vida e sobre a história do seu povo.

u. O Senhor não é apenas um aliado poderoso para Israel; é ele quem combate, por assim dizer, em lugar do seu povo (cf. Js 6; Jz 7,1-8; 1Sm 7,10, e, mais ainda, 2Cr 20,20-25, onde a vitória se dá antes da intervenção do exército). Sendo o vencedor, o Senhor tem o direito ao saque, donde a lei do interdito, que se aplica estritamente à conquista de Canaã (cf. 2,34 nota; Nm 21,2 nota).

v. O ponto comum das três prescrições de 20,5-7 é o caráter sagrado de todos os primórdios. Inaugura-se, deste modo, toda casa, e, com mais razão ainda, a casa do Senhor, cuja "dedicação" é designada pelo mesmo termo (cf. 1Rs 8,63; Sl 30,1; 1Mc 4,59; Jo 10,22).

w. Ou: serão constituídos.

x. Lit. se ela te responde: Paz.

y. Aqui se tem uma nova justificativa do interdito (cf. 20,4 nota), alegando o perigo de contaminação da idolatria.

Js 16,10;
17,13;
Jz 1,28-35;
1Rs 9,21

2,35

2,34

7,1

18,9

28,30;
Lc 14,18-20

¹⁹Quando submeteres uma cidade a prolongado cerco, combatendo-a para dela te apossares, não brandirás o machado para destruíres suas árvores, pois te sustentarás com os seus frutos: tu não as abaterás! Porventura a árvore do campo será um ser humano para que seja assediada por ti? ²⁰Só cortarás a árvore que reconheceres não ser frutífera, utilizando-a para o cerco da cidade que te combate, até que esta caia.

cima do lugar onde se quebrou a nuca da novilha, ⁷e declararão: "Não foram nossas mãos que derramaram este sangue, nem nossos olhos o viram. ⁸Absolve. SENHOR, a Israel, teu povo que resgataste, e não ponhas no meio de Israel, teu povo, a efusão do sangue inocente". E eles serão absolvidos da efusão de sangue. ⁹E tu terás eliminado do teu meio a efusão do sangue inocente, fazendo o que é reto aos olhos do SENHOR. Mt 27.24

21 O rito em caso de um homicídio anônimo. ¹Se, na terra cuja posse o SENHOR, teu Deus, te dá, for encontrado jazendo nos campos um homem vítima de homicídio, sem que se saiba quem o matou, ²teus anciãos e juízes sairão para medir a distância até as cidades situadas em torno da vítima; ³verificar-se-á qual é a cidade mais próxima da vítima: os anciãos desta cidade tomarão uma novilha, que ainda não tenha sido posta no trabalho, nem atrelada na canga; ⁴os anciãos da cidade farão descer a novilha para uma torrente permanente, para um lugar nem cultivado, nem semeado; ali, na corrente, eles quebrarão a nuca da novilha.

O casamento com uma prisioneira.

¹⁰Quando saíres para combater o teu inimigo, e o SENHOR, teu Deus, o entregar em tuas mãos e fizeres prisioneiros, ¹¹se vires entre os prisioneiros uma bela jovem e te afeiçoares a ela e a tomares para torná-la tua mulher, ¹²tu a farás entrar em tua casa: ela raspará a cabeça, cortará as unhas, ¹³retirá o manto que usava quando foi aprisionada^c, e morará em tua casa. Ela chorará seu pai e sua mãe pelo tempo de uma lua, e, em seguida, virás a seu encontro, desposando-a, e ela será tua mulher.

⁵Então, os sacerdotes, filhos de Levi, se adiantarão, pois são eles que o SENHOR, teu Deus, escolheu para officiar em honra do SENHOR e bendizer o seu nome, e são as suas declarações que decidem todo litígio e todo caso de ferimento^b.

¹⁴Se acontece, porém, que ela não mais te agrade, deixá-la-ás partir livremente; não deverás vendê-la por dinheiro, nem dela tirar proveito^d, pois a possuíste.

⁶E todos os anciãos da cidade que se tiverem aproximado da vítima de homicídio lavarão as mãos na torrente, para

O direito do primogênito. ¹⁵Quando um homem tem duas mulheres^e, uma a quem ele ama e outra a quem não ama^f, se tanto uma como a outra lhe dão filhos, e se o mais velho é o filho da mulher que ele não ama, ¹⁶então, no dia em que distri-

z. Deus preparou para os homens os dons da criação (cf. Gn 1.29; Sl 104.14-15), e Israel tem incumbência de respeitá-los.

a. O ritual dos vv. 1-9 traí sua origem arcaica: a novilha, bem como o lugar de sua morte, não devem ser profanados pelo uso; o animal é morto de um modo especial, e seu sangue não desempenha nenhum papel, ao contrário dos ritos de expiação; enfim, a água corrente serve para lavar a região de um defeito que pesa perigosamente sobre ela. Mas a lei de Israel reinterpreta este velho rito e dele faz uma ocasião especial de proclamação de inocência (v. 7), acompanhada de uma prece para que o Senhor liberte o país de uma falta não-expiada (v. 8).

b. Note-se que os levitas não têm aqui nenhuma tarefa específica a cumprir. O rito primitivo não contava, sem dúvida, com sua presença. Sua intervenção é conforme ao papel principal que lhes pertence segundo o Dt (cf. Nm 19.18 nota).

c. Os três atos de despojamento são o sinal da ruptura com sua vida passada e de sua passagem para uma existência nova em Israel.

d. Verbo raríssimo, que alguns traduzem por *maltratar*. Só é empregado outra vez em 24.7.

e. Note-se que a *bigamia* é apresentada como um estado de fato. O papel da Lei consiste em combater as consequências infelizes em nome de uma justiça melhor. Sucede o mesmo em muitos outros casos (cf. 21.17.22; 22.13; 24.1).

f. Lit. *que ele a odeia* (igualmente na sequência destes três vv.). *Amar* e *odiar* não concernem primeiramente à vida sentimental, mas descrevem o comportamento prático com referência ao outro. Amar é agir pelo bem e felicidade do outro; odiar é deixá-lo de lado, e até não mais suportar sua presença (cf. Gn 29.30.31; 1Sm 1.5).

buir seus bens em herança a seus filhos, não poderá conceder o direito de primogenitura ao filho da mulher que ele ama, em detrimento do mais velho, que é filho da mulher que ele não ama. ¹⁷Ao contrário, ele deve reconhecer o mais velho, o filho da mulher que ele não ama, e dar-lhe sua parte em dobro^a de tudo quanto lhe pertence: este filho, primícias da virilidade do pai, tem direito aos privilégios da primogenitura.

onde moras, ou se não o conheceres, recolherás seu animal dentro de tua casa, onde ficará até que teu irmão o venha reclamar; então, tu lho entregarás. ³Procederás do mesmo modo para com o seu jumento; procederás do mesmo modo com relação ao seu manto; procederás do mesmo modo com relação a qualquer objeto que teu irmão tiver perdido e tu tiveres encontrado: não poderás te esquivar.

⁴Não te esquivarás se vires o jumento ou boi do teu irmão cair no caminho: não deixarás de ajudar o teu irmão a levantá-lo. Ex 23.5

O filho rebelde. ¹⁸Quando um homem tem um filho transviado e rebelde, que não escuta nem seu pai, nem sua mãe, se eles lhe dão lições e ele não os escuta, ¹⁹então seu pai e sua mãe o tomarão e o levarão aos anciãos de sua cidade, à porta de sua localidade. ²⁰Dirão aos anciãos: "Aqui está nosso filho, um transviado e rebelde, que não nos escuta; é um devasso e um bêbado!" ²¹Todos os homens de sua cidade o apedrejarão, e ele morrerá. Eliminarás o mal do teu meio; todo Israel ouvirá falar do caso e temerá.

Proibição de travestimento. ⁵Uma mulher não usará vestes de homem; um homem não se vestirá com um manto de mulher, pois quem quer que assim proceda é uma abominação para o SENHOR, teu Deus. 7,25

Os pássaros no ninho. ⁶Se encontrares em teu caminho, não importa se sobre uma árvore ou no chão, um ninho com passarinhos ou com ovos, e a mãe deitada sobre os passarinhos ou sobre os ovos, não pegarás a mãe com seus filhotes; ⁷deves deixar livre a mãe, e poderás pegar os filhotes para ti¹. Assim serás feliz, e prolongarás os teus dias. Lv 22.28
4,40

O condenado enforcado numa árvore.

²²Se um homem, por seu pecado, tiver incorrido na pena de morte, e tu o tiveres feito morrer enforcado numa árvore^b, ²³seu cadáver não passará a noite na árvore; debes enterrá-lo no mesmo dia; pois o enforcado é uma maldição de Deus. Não tornarás impura tua terra, que o SENHOR, teu Deus, te deu em patrimônio.

Segurança das casas. ⁸Se construíres uma casa nova, farás um parapeito beirando o teto: não tornarás tua casa responsável por uma efusão de sangue^c, se acontecer que alguém caia do teto.

22 Respeito aos bens do próximo.

¹Não te esquivarás, se vires extraviado o boi ou o carneiro do teu irmão: não deixarás de o reconduzir de volta a teu irmão. ²Se este irmão não estiver perto de

Misturas proibidas. ⁹Não semearás em tua vinha uma segunda espécie^d de planta; senão tudo se tornará sagrado de vez¹, tanto o que tiveres semeado como o fru-

g. O direito do filho primogênito a uma dupla fração da herança faz parte do direito consuetudinário da família, que a lei não questiona (cf. v. 15 nota). A lei protege a família contra o arbítrio das decisões paternas.

h. A execução pela força também é um dado consuetudinário, que a lei não questiona (cf. v. 15 nota). O mesmo termo hebr. designa a *árvore* e o *madeiro* (cf. 16,21 nota). Onde a aplicação desta passagem à crucificação de Jesus e à sua sepultura no próprio dia de sua morte (Gl 3,13; cf. Mt 27,57-60; Jo 19,31; At 5,30; 10,39; 1Pd 2,24).

i. Esta lei, difícil de explicar, repousa, sem dúvida sobre o respeito devido à maternidade, pela qual se transmite o dom do Senhor, que é a vida.

j. Lit. *tu não porás sangue sobre a tua casa*.

k. Outra tradução (menos provável, em razão do contexto): *dois tipos de semente além da vinha*.

l. A mistura é proibida por causa de interdições primitivas, que se impõem sem que se esclareçam os motivos (ver Lv 19,19 nota). Daí resulta uma proibição de uso análoga à que toca às coisas reservadas a Deus, donde o uso do termo *sagrado*.

to de tua vinha. ¹⁰Não trabalharás com um boi e um jumento juntos. ¹¹Não usarás um tecido mesclado de lã e linho.

Nm 15, 37-39; Mt 23,5 **As franjas nas cobertas.** ¹²Porás franjas nas quatro bordas da coberta com que te cobrirás.

Leis sobre a integridade da mulher^m.

¹³Quando um homem tomou uma mulher, esteve com ela, e depois deixou de querê-la, ¹⁴se ele denunciar-lhe a conduta e a difamar publicamente, dizendo: "Esta mulher que tomei não era virgem quando me aproximei dela", ¹⁵então o pai e a mãe da jovem pegarão a prova da sua virgindade e a apresentarãoⁿ aos anciãos na porta da cidade. ¹⁶O pai da jovem dirá aos anciãos: "É minha filha, eu a dei a este homem para ser sua mulher, e ele deixou de querê-la. ¹⁷E eis que ele denuncia sua conduta e me diz: 'Não encontrei a tua filha virgem'. Pois bem, aqui está a prova da virgindade de minha filha!" E abrirão o lençol^p na presença dos anciãos da cidade. ¹⁸Os anciãos desta cidade prenderão este homem para punilo: ¹⁹impor-lhe-ão uma multa de cem siclos de prata^q, que darão ao pai da jovem, pois este homem difamou uma virgem de Israel. Ela será sua mulher, e ele não poderá mandá-la embora durante toda a sua vida.

22,29 ²⁰Mas se for verdade que a jovem não era virgem, ²¹será levada à porta da casa do seu pai; os homens da cidade a apedrejarão, e ela morrerá, pois cometeu uma infâmia em Israel, prostituindo-se na casa do seu pai. Eliminarás o mal do teu meio.

13,6 ²²Se for um homem pego em flagrante Jo 8,5 deitado com uma mulher casada, ambos

morrerão, o homem que deitou com a mulher e a mulher mesma. Eliminarás o mal de Israel.

13,6

²³Se uma jovem virgem é noiva de um homem, e um outro homem a encontra na cidade e deita com ela, ²⁴levareis os dois para a porta da cidade e os apedrejareis, e eles morrerão: a jovem porque, estando na cidade, não gritou por socorro; e o homem porque possuiu a mulher do seu próximo. Eliminarás o mal do teu meio.

13,11

²⁵Se for nos teus campos que o homem encontrar a jovem noiva, a tomar à força e deitar com ela, o homem que deitar com ela será o único a morrer; ²⁶nada farás à jovem, pois ela não cometeu pecado que mereça a morte; é semelhante ao caso de um homem que se atira sobre seu próximo e o mata: ²⁷ele a encontrou no campo, a jovem noiva gritou e ninguém veio em seu socorro.

²⁸Se um homem encontra uma jovem virgem, que não é noiva, dela se apodera e a possui, e se são pegos em flagrante, ²⁹então, o homem que deitou com a jovem dará ao pai dela cinquenta siclos de prata^r; e, já que a possuiu, ela será sua mulher, e ele não poderá mandá-la embora enquanto viver.

Gn 34; 2Sm 13

23 ¹Um homem não tomará uma das mulheres do seu pai^s; ele não atentará contra os direitos do seu pai^t.

27,20; Gn 35,22; 1Cor 5,1

As pessoas excluídas da assembleia.

²Um homem com testículos esmagados, ou um homem com o membro cortado não entrarão na assembleia do SENHOR.

Is 56,3-5; Mt 19,12; At 8,36

³O bastardo^u não entrará na assembleia do SENHOR: nem mesmo a sua décima geração entrará na assembleia do SENHOR.

5,22

m. Todas estas leis se situam no quadro de uma sociedade na qual a preponderância masculina é admitida como um fato (cf. 21,15 nota). Seu fim é o de regular equitativamente os conflitos entre os homens a respeito da mulher.

n. Lit. *pois ele a odiou* (cf. 21,15 e nota).

o. Lit. *tomarão e apresentarão a virgindade da jovem mulher*; trata-se do lençol do v. 17.

p. Sobre o qual deitaram os recém-casados.

q. Lit. *cento de prata*. A multa não era avaliada em moedas (que não existiam naquela época), mas em peso do metal bruto.

r. Lit. *cinquenta de prata* (cf. v. 19). A multa é metade da prevista no v. 19. A falta considerada como a mais grave é o atentado contra a reputação do pai, guardião da integridade de sua filha.

s. Trata-se de uma mulher do seu pai que não seja sua própria mãe.

t. Lit. *ele não levantará a beira do manto do seu pai*. Alusão ao gesto pelo qual o esposo se compromete a proteger sua mulher e se torna o cabeça do casal (cf. Rt 3,9; Ez 16,8).

u. Hebr. *mamzer*; o termo designa provavelmente a criança nascida de uma união ilícita (cf. Zc 9,6). A tradição judaica

4.37

54

Lv 15.16

20.4

7.6

1 Sm
30,11-15;
Em 8-21

Gn 38,
21-22;
Os 4,14
IRs 14,24;
15,12;
22,47;
2Rs 23.7;
Jb 36,14

Ex 22.24

Nm 30,3:
Ecl 5,3-4:
Pr 20,25:
Sl 66,13:
Mt 5,33

z. O paralelismo com o v. 18 indica que se trata de um homem entregando-se à prostituição sagrada. O termo não é necessariamente pejorativo; pode evocar também a fidelidade do cão a seu mestre, e designa, em certos cultos orientais, um sacerdote especialmente consagrado a uma divindade. É a única passagem do AT que emprega o termo neste sentido. O judaísmo tardio o aplicará aos pagãos (cf. Mt 15,26-25) e Paulo o emprega contra certos inimigos da Igreja (cf. Fl 3,2 nota). Excluindo os "cães" da nova Jerusalém. Ap 22,15 retoma o termo num sentido muito próximo da prescrição de Dt 23,19.

²³Mas se renunciare a fazer votos, não será pecado para ti. ²⁴O que sai de teus lábios, cuida de pô-lo em prática, de acordo com o voto espontâneo ao SENHOR, teu Deus, que formulaste com tua própria boca.

24.19-21 **O sustento do viandante.** ²⁵Se entras na vinha do teu próximo, comerás tantas uvas quantas quiseses, à vontade; mas nada leves de lá. ²⁶Se entras nos trigais do teu próximo, poderás arrancar espigas com a mão, mas não farás passar a foice na messe do teu próximo.

Mt 12.1p

24 Proibição de retomar a mulher repudiada.

¹Caso um homem tome uma mulher e a despose e, mais tarde, encontrando nela qualquer coisa que o envergonhe, deixe de olhá-la favoravelmente, redija para ela uma ata de repúdio e lhe entregue, mandando-a embora de sua casa^a. ²quando, então, a mulher sai da casa, vai e se torna mulher de um outro. ³se o outro deixa de querê-la^c, redige para ela um ato de repúdio e lho entrega, mandando-a embora da sua casa, ou então, se o outro homem que a tomou por mulher morre. ⁴neste caso, seu primeiro marido, que a tinha despedido, não poderá retomá-la como esposa, depois que ela foi tornada impura^d. É uma abominação diante do SENHOR; não lançarás no pecado a terra que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio.

Is 50.1;
Jr 3.1-8;
Mt 5.31;
19.3-9p

Os 3.1-3

7.25

20.7;
Lc 14.20

Isenção do jovem recém-casado. ⁵Se um homem é recém-casado, não partirá para o exército, ninguém o procurará em sua casa para nenhum compromisso; ele será isento de tudo para permanecer em sua casa durante um ano, e ele será a alegria da mulher que desposou.

a. Lit. *nada meterás em tuas coisas*
b. Como em outros casos (cf. 21.15 nota), a lei supõe conhecida a prática geral e estuda aqui apenas um caso particularmente difícil. O repúdio com obrigação de entregar atestado escrito à esposa divorciada é um fato admitido, que em nenhum lugar da Bíblia é objeto de lei explícita.
c. Lit. *a odeia* (cf. 21.15 nota).
d. A mulher repudiada não é impura em si mesma (a segunda

Lei sobre os penhores. ⁶Não se tomará como penhor o moinho, nem mesmo a mó, pois isto seria tomar a própria vida em penhor.

Rapto de um israelita. ⁷Caso suceda que um homem cometa um rapto contra a pessoa de um dos seus irmãos entre os filhos de Israel e venda sua vítima para disso tirar proveito, o autor do rapto morrerá. Eliminarás o mal do teu meio.

5.19;
Ex 21.16
21.14
13.6

Prescrição em caso de lepra. ⁸Toma cuidado com as doenças do tipo da lepra, observando perfeitamente e pondo em prática tudo o que vos ensinarem os sacerdotes levitas: cuidai de proceder segundo as ordens que eu lhes dei. ⁹Lembra-te do que o SENHOR, teu Deus, fez a Miriâm em vosso caminho, quando da saída do Egito.

Lv 13-14
Nm 12.10

Lei sobre os penhores (continuação).

¹⁰Se concederes um empréstimo qualquer a teu próximo, não entrarás em sua casa para pegares um penhor. ¹¹Ficarás do lado de fora, e o homem a quem fizeste o empréstimo levar-te-á o penhor lá fora.

24.6
Am 2.8

¹²Se for um miserável, não te deitarás tendo em teu poder o seu penhor. ¹³Deverás devolver o seu penhor ao pôr-do-sol; ele se cobrirá com o seu manto e te abençoará; e serás justo diante do SENHOR, teu Deus^c.

Ex 22.
25-26

Respeito ao assalariado. ¹⁴Não explorarás um assalariado necessitado e pobre, quer seja ele um dos teus irmãos, quer seja um migrante que resida em tua terra, em tuas cidades. ¹⁵No mesmo dia, tu lhe pagarás o seu salário; o sol não se porá sem que o tenhas pago; porque se trata de um necessitado, e ele aguarda

Lv 19.13;
Jó 31.39;
Tg 5.4

união não lhe é proibida); ela o é somente em relação a seu antigo marido. A origem desta proibição está, sem dúvida em velhas concepções sacrais (as relações com o segundo homem tornam nefasta a retomada da primeira união). Mas esta lei tem sobretudo uma significação social: a proibição deve impedir de repudiar as mulheres levemente, porque é sabido que não se pode voltar atrás da decisão tomada.

e. Lit. *isto será para ti uma justiça* (cf. 6.25 nota).

impacientemente o seu salário; que ele não clame contra ti ao SENHOR: seria um pecado para ti.

Responsabilidade individual. ¹⁶Os pais não serão mortos por causa dos seus filhos; os filhos não serão mortos por causa dos seus pais; cada qual será condenado à morte por causa do seu próprio pecado^f.

^{16.19; 27.19; Am 2.7-8} **Medidas em favor dos pobres.** ¹⁷Não defraudarás o direito de um migrante ou de um órfão^g. Não tomarás em penhor as

^{5.15} vestes de uma viúva. ¹⁸Recordar-te-ás de que eras escravo no Egito e que o SENHOR, teu Deus, te resgatou de lá. Por isso eu te ordeno que cumpras esta palavra.

^{23.25-26; Lv 19.9-10 23.22; Rt 2.15-16} ¹⁹Se fazes a colheita no teu campo e esqueces alguma gavela no campo, não voltas para apanhá-la. Será do migrante, do órfão e da viúva, a fim de que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em todas as tuas ações. ²⁰Ao sacudir os galhos de tuas oliveiras, não o farás uma segunda vez: o que sobrar será do migrante, do órfão e da viúva. ²¹Quando colheres as uvas em tua vinha, não passarás uma segunda vez: o que sobrar será do migrante, do ^{5.15} órfão e da viúva. ²²Tu te recordarás de que foste escravo na terra do Egito: é por isso que te ordeno que ponhas em prática esta palavra.

25 Regras de equidade para os juízes. ¹Quando dois homens tiverem um litígio entre si, irão a julgamento

e serão julgados; declarar-se-á o inocente inocente e o culpado, culpado.

²Se o culpado merece ser açoitado, o juiz o fará deitar no chão e ser açoitado com um número de golpes proporcional à sua culpa. ³Não serão dados mais do que quarenta golpes, para evitar que, passando desse limite, fique ferido gravemente^h e teu irmão se torne desprezível a teus olhos.

^{16.18-20; Is 5.20; Am 2.6; 5.12}

^{2Cor 11.24}

O boi na eira. ⁴Não amordaçarás o boi que pisoteia o trigoⁱ.

^{22.6-7 1Cor 9.9; 1Tm 5.18}

O direito à posteridade: o levirato. ⁵Se irmãos habitam juntos e um deles morre sem ter filhos, a mulher do falecido não pertencerá a um estranho, fora da família; seu cunhado^j irá ter com ela, tomá-la-á por esposa e cumprirá o seu dever de cunhado. ⁶O primeiro filho que ela der à luz perpetuará o nome do irmão falecido; assim seu nome não será apagado de Israel.

^{Rt 4; Mc 12.19p}

⁷E se o homem não deseja desposar sua cunhada, ela subirá à porta, aos anciãos, e lhes dirá: "Meu cunhado recusou-se a perpetuar o nome do meu irmão em Israel, ele se recusou a cumprir seu dever de cunhado para comigo". ⁸Os anciãos da cidade o convocarão e lhe falarão. Ele ficará em pé e dirá: "Não desejo desposá-la". ⁹Sua cunhada avançará para ele na presença dos anciãos; ela lhe tirará a sandália do pé e lhe cuspirá no rosto; depois tomará a palavra e dirá: "É assim que se faz com o homem que não reconstrói a casa de seu irmão!" ¹⁰E em Israel será chamado de "a casa do descalço".

^{9.14}

f. Aqui se encontra um importantíssimo princípio de direito penal, em oposição ao costume primitivo que punia frequentemente a família juntamente com o culpado (cf. Js 7.24-25). A partir deste cuidado de justiça humana, refletir-se-á sobre o comportamento do Deus-juiz para com seu povo: enquanto o decálogo conhece a punição dos descendentes (cf. Dt 5.9), afirmar-se-á mais tarde que Deus só atenta para o culpado; já Dt 7.10 deixa entender isso, e Ezequiel (18.1-20) o dirá com grande insistência (cf. tb. Jr 31.29-30).

g. Hebr. de um estrangeiro órfão. Seguimos neste passo as traduções antigas.

h. Poder-se-ia traduzir assim: *de modo que, no caso de continuar a golpeá-lo mais, teu irmão...*

i. No tempo da colheita, as espigas cortadas rentes são amon-

toadas na eira, onde se faz circular um boi ou um jumento, às vezes atrelado a uma espécie de grade, a fim de debulhar o grão (cf. Is 28.28). Trata-se de não impedir o animal de comer enquanto trabalha. Mesmo cuidado para com os animais em 22.4.6-7. O apóstolo Paulo aplica este mandamento ao direito do trabalhador de receber o seu salário (1Cor 9.9; 1Tm 5.18).

j. O termo *yubām*, que se emprega aqui (traduzido por *levir* na Vulgata, donde o nome de *levirato* dado a esta prática), designa um parente próximo, talvez exclusivamente o cunhado, como é o caso. Recorre-se ao feminino para designar a cunhada (v. 7 e Rt 1.15), e à forma verbal correspondente para descrever o ato pelo qual o parente *cumpr*e o seu dever (vv. 5 e 7). Um caso semelhante é evocado em Gn 36.6-8. Em Rt 4.5-6, o dever do levirato é ligado ao resgate do patrimônio.

Golpe proibido numa rixa. ¹¹Quando um homem e seu irmão entram em luta^a, e a mulher de um deles se aproxima para livrar seu marido da mão do seu adversário, se ela estende a mão para pegar as partes vergonhosas deste, ¹²cortarás as mãos desta mulher. Não terás pena¹.

7.16

Honestidade no comércio. ¹³Não terás em tua bolsa dois pesos diferentes^m, um grande e um pequeno; ¹⁴não terás em tua casa duas medidas diferentesⁿ, uma grande e uma pequena: ¹⁵terás um peso intacto e justo, uma medida intacta e justa, para que teus dias se prolonguem na terra que te dá o SENHOR, teu Deus. ¹⁶Pois todo homem que assim age, todo homem que comete injustiça é uma abominação para o SENHOR, teu Deus.

4.40

7.25

Condenação dos amalequitas. ¹⁷Lembra-te do que Amaleq te fez em vosso caminho, quando da saída do Egito. ¹⁸Como ele veio a teu encontro na estrada e destruiu, à retaguarda de tua coluna, todos os que se demoravam, enquanto estavas exausto e extenuado; ele não te deu a Deus. ¹⁹Portanto, quando o SENHOR, teu Deus, te der o repouso em face de todos os teus inimigos que te rodeiam, na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio para dela tomares posse, tu apagarás de sob o céu a memória de Amaleq. Não o esqueças!

9.14;

Ex 17.14

26 A oferta das primícias. A confissão de fé. ¹Quando chegares à terra

que o SENHOR, teu Deus, te dá em patrimônio, quando tiveres tomado posse dela e a habitares, ²separarás uma parte das primícias de todos os frutos do teu solo, os frutos que obtiveres de tua terra, que o SENHOR, teu Deus, te dá. Tu os guardarás num cesto, e irás ao lugar que o SENHOR, teu Deus, houver escolhido para ali fazer habitar o seu nome. ³Irás procurar o sacerdote que estiver em função naquele dia e lhe dirás:

18.4;
Ex 13.12

12.5

"Declaro, hoje ao SENHOR, teu Deus^o, que cheguei à terra que o SENHOR jurou a nossos pais nos concederia".

⁴O sacerdote receberá o cesto de tua mão o depositará diante do altar do SENHOR, teu Deus.

⁵Então, na presença do SENHOR, teu Deus, tomarás a palavra^q:

"Meu pai era um arameu errante^a. Ele desceu ao Egito, onde viveu como migrante, com um pequeno número de pessoas que o acompanhavam.

10.19,22

Lá ele se tornou uma grande nação, forte e numerosa. ⁶Mas os egípcios nos maltrataram, nos reduziram à pobreza, nos impuseram dura servidão.

Ex 1.11

⁷Então, clamamos ao SENHOR, o Deus de nossos pais, e o SENHOR escutou nossa voz; viu quão pobres éramos, infelizes e oprimidos.

⁸O SENHOR nos fez sair do Egito com sua mão forte e seu braço estendido, por meio de grande terror, sinais e prodígios; ⁹e nos fez chegar a este lugar, deus-nos esta terra, terra que mana leite e mel.

4.34

k. Este *irmão* é ou o próprio irmão do homem em questão (cf. v. 5), ou um outro israelita (cf. 22.1-4; 23.20-21 etc.).

l. Prescrição ligada ao respeito da sexualidade e de seus tabus. — É este o único caso em que o AT prevê a pena de mutilação, no entanto muito frequente nos códigos dos povos vizinhos, p. ex. o código de Hamurabi. Em Mt 5.30, Jesus reinterpreta tal sanção para revelar que o pecado coloca todo homem diante de uma questão de vida ou de morte.

m. Lit. *pedra e pedra*. Para vender uma mercadoria, pesa-se na balança, onde se pesa igualmente a prata para o pagamento, ocasionando a tentação de ter dois jogos de pesos diferentes para o uso nas duas operações.

n. Lit. *efá e efá*. Trata-se da medida de capacidade para os cereais (cerca de quarenta litros).

o. Pelo título *o Senhor teu Deus*, o fiel reconhece a relação

particular que Deus estabeleceu com o sacerdote, ao mesmo tempo que adere pessoalmente a este Deus (cf. 1Rs 17.12; 2Rs 2.14). Gr. *o Senhor, meu Deus*.

p. A cada ano, por ocasião da colheita, o cananeu celebrava uma festa em honra de Ba'al, divindade da fecundidade e da vegetação. Israel, porém, sabe que só deve dar graças a seu Senhor, de quem tudo recebeu, em particular esta "boa terra" (cf. 1.25 nota), ao longo de uma história na qual Deus manifestou seu poder. Por isto modifica o espírito dessa festa, e sua profissão de fé é então centrada sobre a ação de Deus nos acontecimentos, em especial durante o período privilegiado que é o tempo do Êxodo. Encontram-se outros resumos análogos em Js 24.2-13; Sl 105; 136, e, mais tardiamente, Jr 5.6-19 (cf. tb. as fórmulas ainda mais condensadas de Dt 6.21-23; 11.3-6 e 1Sm 12.8).

q. Trata-se de Israel, pai das doze tribos, chamado aqui de

¹⁰E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que me deste, SENHOR!"

Tu os depositarás diante do SENHOR teu Deus, te prosternarás na presença do SENHOR teu Deus ¹¹e te alegrarás por toda a felicidade que o SENHOR te concedeu, a ti e à tua casa, com o levita e o migrante que estão no teu meio.

O dízimo trical. Profissão de obediência. ¹²No terceiro ano, ano do dízimo, quando tiveres separado todo o dízimo sobre a totalidade de tua colheita, quando o tiveres dado ao levita, ao migrante, ao órfão e à viúva, e quando eles tiverem comido à saciedade em tua cidade, ¹³então, na presença do SENHOR, teu Deus, dirás:

"Tirei da casa a parte sagrada, e a dei ao levita, ao migrante, ao órfão e à viúva, conforme todo o mandamento que me deste, sem transgredir nem esquecer teus mandamentos; ¹⁴dela nada comi enquanto estava de luto, nada tirei quando estava impuro, dela nada dei a um morto".

Escutei a voz do SENHOR, meu Deus, e procedi conforme tudo o que ele me ordenou.

¹⁵Olha do alto de tua santa morada, do alto do céu, abençoa Israel, teu povo, e o solo que nos deste, como juraste a nossos pais, esta terra que mana leite e mel".

Conclusão: compromisso mútuo de Deus e de Israel. ¹⁶Hoje, o SENHOR, teu Deus, te ordena que ponhas em prática estas leis e estes costumes: observa-las e os porás em prática de todo o teu coração e de todo o teu ser.

¹⁷Hoje levaste o SENHOR a declarar¹ que ele se torna para ti Deus, e que andarás nos seus caminhos, que guardarás suas leis, seus mandamentos e seus costumes, que escutarás a sua voz.

¹⁸E hoje o SENHOR te levou a declarar que tu te tornas para ele o povo que é sua parte pessoal, como ele to prometeu, e que guardarás todos os seus mandamentos, ¹⁹que ele te fará superior em honra, fama e esplendor a todas as nações que ele constituiu, e que, assim, venhas a ser um povo santo para o SENHOR, teu Deus, conforme ele to prometeu.

A ALIANÇA: CELEBRAÇÃO E SANÇÃO (27,1-28,68)

27 A grande liturgia de Siquém¹.

Moisés, juntamente com os anciãos de Israel, deu ao povo esta ordem: "Guardai todo o mandamento que hoje vos dou. ²No dia em que atravessardes o Jordão para a terra que te dá o SENHOR, teu Deus, tomarás grandes pedras, que erguerás e pintarás com cal. ³Nelas inscreverás todas as palavras desta Lei,

quando tiveres atravessado o Jordão. Deste modo, poderás entrar na terra que te dá o SENHOR, teu Deus, terra que mana leite e mel, como te prometeu o SENHOR, o Deus de teus pais. ⁴Quando tiverdes atravessado o Jordão, ergueréis estas pedras, conforme a ordem que hoje eu vos dou, sobre o monte Ebal"; e as pintarás com cal. ⁵Lá construirás um altar

Ex 20,25

arameu, como seus antepassados em Gn 25,20; 28,5; 31,20,24. A palavra traduzida por *errante* não evoca apenas o nômade, mas aquele que não encontra o seu caminho, como a ovelha "perdida" no deserto (mesma palavra em Jr 50,6; Ez 34,4,16; Sl 119,176; cf. Lc 15,4-6).

r. Esta declaração feita no santuário (*diante do Senhor*) tem por fim garantir a consagração e verificação públicas de um ato que é realizado privadamente: o dízimo foi, com efeito, separado e distribuído nos povoados, sem o controle dos sacerdotes (cf. 14,28 nota).

s. Por estas três fórmulas, o fiel afirma que se recusou a praticar certos ritos pagãos, dos quais não podemos conhecer exatamente nem o conteúdo nem o significado (cf. 14,1 nota).

t. Único caso na Bíblia de semelhante declaração dupla, ca-

da um dos parceiros da aliança obtendo a declaração do outro. Não se trata de um contrato entre duas partes iguais, cada qual determinando *seus próprios* compromissos, mas de duas declarações muito semelhantes, evocando cada uma o papel das *duas* partes.

u. Esta liturgia, celebrada no santuário de Siquém, no centro do país, entre os dois montes de Ebal e Garizim (cf. Gn 12,6; Js 24,1; 1Rs 12,1) comportava, provavelmente, sacrifícios de aliança, uma proclamação da Lei (cf. 31,10-13) e a recitação solene, pelos dois grupos, junto aos dois montes, das bênçãos e das maldições (cf. Dt 28; Lv 26), que confrontam Israel com a gravidade da exigência desta Lei (cf. 11,26-30 e nota).

v. O texto sam. lê neste passo: *sobre o monte Garizim*. Parece ter existido um santuário antigo no cume do Ebal: ele é

ao SENHOR, teu Deus, um altar feito de pedras não lavradas com ferro; ⁶com pedras intactas construirás o altar do SENHOR, teu Deus; ali farás subir holocaustos para o SENHOR, teu Deus. ⁷Oferecerás sacrifícios de paz, ali comerás e estarás na alegria na presença do SENHOR, teu Deus. ⁸Escreverás sobre as pedras todas as palavras desta Lei; expõe-nas bem".

1,5 ⁹E Moisés*, com os sacerdotes levitas, disse a todo Israel: "Silêncio! Ouve, Israel! Hoje, o SENHOR, teu Deus, fez com que te tornasses povo para ele. ¹⁰Escutarás a voz do SENHOR, teu Deus; porás em prática os seus mandamentos* e as suas leis, que hoje te dou".

¹¹Naquele dia, Moisés deu ao povo esta ordem: ¹²"Eis os que estarão sobre o monte *Garizim para abençoar o povo, quando tiveres atravessado o Jordão: Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamin. ¹³E eis os que estarão sobre o monte Ebal para a maldição: Rúben, Gad, Aser, Zabulon, Dan e Neftali.

33,8 **As doze maldições.** ¹⁴"Os levitas, com voz forte, proclamarão a todos os homens de Israel*:

7,25 ¹⁵Maldito o homem que fabrica um ídolo ou uma estátua — abominação para o SENHOR, obra de mãos de artesão — e o instalar ocultamente!" E todo o povo responderá, dizendo: "Amém!"

referido aqui e em Js 8,30-32. Bem mais tarde, por ocasião do cisma entre samaritanos e judeus (séc. IV a.C.), um santuário edificado sobre o Garizim serviu de lugar de culto aos samaritanos, donde o retoco que dos mss. sam. Este santuário foi profanado por Antíoco Epifanes (2Mc 6,2), depois destruído por João Hircano em 129, mas o Garizim permaneceu como a montanha santa dos samaritanos (cf. Jo 4,21). Ainda hoje, a comunidade samaritana de Haifa e de Naplusa ali celebra, todo ano, a Páscoa.

w. Os vv. 9 e 10 formam uma unidade à parte: eles contêm uma breve pregação recordando a conclusão da aliança e as obrigações que dela decorrem. Esta passagem não pode se referir a Siquém, aonde Moisés não chegou: mas os levitas já exerciam junto a Moisés o ofício de pregadores da aliança que lhes tocou em Siquém.

x. Texto consonântico: *seu mandamento*.

y. A proclamação, feita aqui apenas pelos levitas, não pertence ao diálogo evocado pelos vv. 11-13. É um antigo texto litúrgico, que apresenta, sob a forma de maldição, as exigências de santidade que a aliança comporta. Trata-se de faltas ocultas que escapam às sanções dos homens, mas não às de Deus. Uma série

¹⁶Maldito aquele que desprezar* seu pai e sua mãe!" e todo o povo dirá: "Amém!" Ex 21,17; Lv 20,9

¹⁷Maldito aquele que deslocar os limites do terreno do seu vizinho!" E todo o povo dirá: "Amém!" 19,14

¹⁸Maldito aquele que fizer um cego perder a direção!" E todo o povo dirá: "Amém!"

¹⁹Maldito aquele que defraudar o direito do migrante, do órfão e da viúva!" E todo o povo dirá: "Amém!" 16,19

²⁰Maldito aquele que deitar com a mulher do seu pai, pois atenta contra os direitos de seu pai!" E todo o povo dirá: "Amém!" Lv 18,8 23,1

²¹Maldito aquele que se deitar com um animal!" E todo o povo dirá: "Amém!" Ex 22,18

²²Maldito aquele que se deitar com sua irmã, seja ela filha de seu pai ou de sua mãe!" E todo o povo dirá: "Amém!"

²³Maldito aquele que se deitar com a mãe de sua mulher!" E todo o povo dirá: "Amém!" Lv 18,17

²⁴Maldito aquele que golpear seu próximo às escondidas!" E todo o povo dirá: "Amém!"

²⁵Maldito aquele que se deixar corromper para fazer morrer um inocente!" E todo o povo dirá: "Amém!"

²⁶Maldito aquele que não confirmar as palavras desta Lei para pô-las em prática!" E todo o povo dirá: "Amém!" 2Rs 23,24; Gl 3,10

primitiva de dez maldições parece ter sido completada por uma primeira fórmula, de estilo mais desenvolvido (v. 15), e por uma conclusão recapitulativa (v. 26).

z. *Amém*, fórmula solene, oriunda de um verbo hebr. designativo do que é sólido e digno de confiança, utilizado para descrever o ato de fé (cf. 1,32; 1s 7,9) e donde são também derivados os termos *verdade* (*émeter*) e fidelidade (*emundá*). Responder "Amém" é reconhecer a validade da palavra pronunciada e se comprometer com ela pessoalmente, sendo esta palavra uma maldição que cairá sobre o desobediente (cf. Nm 5,22; Ne 5,13), uma ordem à qual a pessoa se liga para obedecer (cf. Jr 11,15; 1Rs 1,36), ou um voto do qual se espera o cumprimento (cf. Jr 28,6). É pelo Cristo que podemos responder "Amém" à palavra do Pai (2Cor 1,20); ele próprio é "o Amém" (Ap 3,14).

a. Verbo que evoca o que é pequeno e derrisório, frequentemente em oposição a *glorificar* ou a *honrar* (cf. Ex 20,12 nota).

b. Lit. *ele soergue a bainha do manto do seu pai* (cf. 23,1 notas). Uma lista completa de proibições de casamento entre os parentes se encontra em Lv 18,6-18.

c. Sua meia-irmã (cf. Lv 18,9).

d. Lit. *por ferir a vida de um sangue inocente*.

11.26-30; 30.15-20; Ex 23.20-33; Lv 26.3-13

28 Promessas de felicidade. ^{1a}Se escutares verdadeiramente a voz do SENHOR, teu Deus, cuidando de pôr em prática todos estes mandamentos que hoje eu te dou, então o SENHOR, teu Deus, te tornará superior a todas as nações da terra: ^{2a}e estas serão as bênçãos que virão sobre ti e te envolverão^f, porque terás escutado a voz do SENHOR, teu Deus:

^{28.16} ^{3a}Bendito serás na cidade, bendito serás no campo.

^{7.13; 28.11,18,51; Lc 1.42} ^{4a}Bendito será o fruto do teu ventre, do teu solo e dos teus animais, tanto de tuas vacas prenhes como de tuas ovelhas grávidas.

^{28.17} ^{5a}Bendito será teu cesto e tua amassadeira^g.

^{28.19} ^{6a}Bendito serás ao chegar e ao sair.

^{28.25} ^{7a}Quando teus inimigos se levantarem contra ti, o SENHOR fará com que sejam vencidos diante de ti^h; saídos contra ti por um mesmo caminho, fugirão de diante de ti por sete caminhos diferentes.

^{28.20} ^{8a}O SENHOR ordenará que a bênção esteja contigo em teus celciros e em todos os teus empreendimentos, e ele te abençoará na terra que te dá o SENHOR, teu Deus.

^{7.6} ^{9a}O SENHOR te constituirá em povo consagrado para ele, como te jurou, porque terás guardado os mandamentos do SENHOR, teu Deus, e terás andado nos seus caminhos: ^{10a}todos os povos da terra verão que o nome do SENHOR foi proclamado sobre tiⁱ, e te temerão. ^{11a}O SENHOR te concederá a felicidade, fazendo superebundar o fruto do teu ventre, de teus animais e do teu solo, no solo que o SENHOR jurou a teus pais te dar. ^{12a}O SENHOR abrirá para ti o maravilhoso reservatório do seu céu, para fazer cair, a seu tempo,

a chuva sobre a tua terra, e assim abençoar todas as tuas ações.

Concederás empréstimos a numerosas nações, e tu mesmo não terás de pedir emprestado. ^{13a}O SENHOR te destinará o primeiro lugar, não o último. Irás sempre mais alto e não descerás, porque terás escutado os mandamentos do SENHOR, teu Deus, que hoje eu te ordeno guardar e pôr em prática, ^{14a}pois não te terás desviado nem para a direita, nem para a esquerda dos caminhos que hoje eu vos prescrevo, e não terás seguido outros deuses para servi-los.

Ameaças de infelicidade. ^{15a}Mas se não escutas a voz do SENHOR, teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos e suas leis, que hoje eu te dou, eis as maldições que virão sobre ti e te atingirão^j:

^{16a}Maldito serás na cidade, maldito serás no campo.

^{17a}Maldito será teu cesto e tua amassadeira.

^{18a}Maldito será o fruto do teu ventre e de teu solo, bem como as vacas prenhes e as ovelhas grávidas.

^{19a}Maldito serás ao chegar e ao sair.

^{20a}O SENHOR te enviará desgraça, pânico e ameaças em todos os teus empreendimentos, até que sejas exterminado e de repente desapareças, por causa do mal que terás feito ao me abandonar.

^{21a}O SENHOR te fará pegar uma peste, que acabará por te eliminar da terra em cuja posse estarás entrando. ^{22a}O SENHOR te fará definhir, ter febre, inflamação, ardências, seca^k, ferrugem e fungo, que te perseguirão até que desapareças.

e. A palavra *éres*, aqui e em outras passagens traduzida como *terra*, pode também designar o "mundo" inteiro (cf. 28.49). Pode-se indagar se se trata aqui das populações de Canaã (cf. 11.22-24) ou de todas as do universo.

f. As *bênçãos* (e mais adiante as maldições, v. 15) surgem diante de Israel como objetos materiais ou até seres vivos. Não se trata de simples palavras, mas de realidades concretas e vivas, e, uma vez que seus atos as desencadearam, o homem não é mais senhor delas (cf. Gn 27.33-40).

g. O *cesto*, onde são postos os produtos do solo (cf. 26.2,4), e a *amassadeira*, que serve para descansar a massa do pão, evocam aqui o alimento cotidiano.

h. Dizer que os inimigos são derrotados *diante* de Israel é

dizer que são vencidos *por* Israel (cf. 1.42), mas também que eles foram derrotados *sob os olhos de Israel* pelo Senhor (cf. 20.4 nota).

i. Esta fórmula evoca a pertença de Israel ao Senhor, que o marcou com o seu nome para dele fazer *o povo por ele adquirido* como parte pessoal (cf. 7.6).

j. As ameaças de infelicidade, bastante mais desenvolvidas que as promessas de felicidade, são descritas com expressões frequentemente próximas das empregadas pelos profetas (cf. os paralelos na margem).

k. Hebr. *espada*, termo que dificilmente se enquadra nesta enumeração; trocando as vogais, temos *seca*, como já o fez a Vulg. A *ferrugem* e o *fungo* são doenças dos cereais.

²³Teu céu, acima de tua cabeça, será de bronze, e a terra, sob teus pés, será de ferro. ²⁴Em lugar de chuva, o SENHOR fará cair cinza e poeira sobre a tua terra; descerão do céu sobre ti, até que sejas exterminado.

²⁵O SENHOR fará com que sejas derrotado diante dos teus inimigos: saído contra eles por um mesmo caminho, fugirás de diante deles por sete caminhos diferentes. Inspirarás horror a todos os reinos da terra. ²⁶Teu cadáver servirá de presa a todas as aves do céu e aos animais de tua terra, sem que ninguém os venha espantar.

²⁷O SENHOR te ferirá com furúnculos do Egito e abcessos, eczema e sarna das quais não poderás sarar. ²⁸O SENHOR te ferirá de loucura, cegueira e demência. ²⁹Em pleno meio-dia, tatearás como um cego nas trevas e não conseguirás encontrar teu caminho; nunca mais passarás de um homem explorado e despojado; e ninguém que venha em teu socorro!

³⁰A noiva que tiveres escolhido, um outro com ela se deitará; a casa que tiveres construído, não a habitarás; da vinha que tiveres plantado, não colherás sequer seus primeiros frutos. ³¹Teu boi será abatido ante teus olhos, e não comerás de sua carne; levarão de diante de ti o teu jumento e não o terás de volta; tuas ovelhas serão entregues aos teus inimigos, sem que ninguém venha em teu socorro. ³²Teus filhos e tuas filhas serão entregues a outro povo; teus olhos se esgotarão à força de espreitar por eles todos os dias, mas nada poderás fazer. ³³O fruto do teu solo e todo o produto do teu trabalho serão comidos por um povo que não conheces, e tu nunca mais passarás de um homem explorado e alquebrado. ³⁴Mergulharás na loucura à força de observar o que tiveres ante os olhos.

³⁵O SENHOR te ferirá com furúnculos malignos nos joelhos e nas coxas, e não poderás sarar; tu os terás da planta dos pés ao alto da cabeça.

³⁶O SENHOR te levará, a ti e ao rei que tiveres posto à tua frente, para uma nação que nem tu, nem os teus pais conheceis, e lá servirás a outros deuses: madeira e pedra! ³⁷Tu te tornarás o espanto, a fábula e a zombaria de todos os povos entre os quais o SENHOR te levará.

³⁸Semearás nos campos muita semente, mas pouco colherás, pois o gafanhoto tudo devastará. ³⁹Plantarás vinhas e delas cuidarás, mas não beberás o vinho, nem mesmo farás a vindima, pois o verme terá comido tudo. ⁴⁰Terás oliveiras em todo o teu território, mas não terás óleo para ungir teu corpo, pois as azeitonas cairão. ⁴¹Porás no mundo filhos e filhas, que não serão para ti, pois serão levados cativos. ⁴²De todas as árvores e do fruto do teu solo os insetos se apoderarão.

⁴³O migrante que mora no teu meio elevar-se-á mais alto do que tu, e tu cairás mais e mais baixo. ⁴⁴Ele é que emprestará a ti, e tu não terás com que emprestar a ele. Ele vai ser o primeiro, e tu, o último.

⁴⁵Todas estas maldições virão sobre ti, te perseguirão e te atingirão, até que sejas exterminado, pois não terás escutado a voz do SENHOR, teu Deus, guardando os seus mandamentos e suas leis, que ele te ordenou. ⁴⁶Tudo isto te acontecerá, como sinal e prodígio, a ti e a tua descendência, para sempre.

⁴⁷Por não teres servido ao SENHOR, teu Deus, na alegria e no contentamento do teu coração, quanto tinhas de tudo em abundância, ⁴⁸servirás aos inimigos que o SENHOR te enviará, na fome, na sede, na nudez e na privação de tudo. Ele porá um jugo de ferro no teu pescoço, até que te extermine. ⁴⁹O SENHOR arremessará contra ti uma nação vinda de longe, do extremo do mundo, voando como uma águia, uma nação da qual não entenderás a língua, ⁵⁰uma nação de rosto duro, que não respeita o velho, nem tem piedade

da criança.⁵¹ Ela comerá do fruto dos teus rebanhos e do teu solo, até que sejas exterminado; ela nada deixará para ti do teu trigo, do teu vinho novo, do teu azeite, de tuas vacas prenhes e de tuas ovelhas grávidas, até que te faça desaparecer.⁵² Ela te sitiara em todas as tuas cidades, até que se desmoronem, em toda a tua terra, teus altos muros fortificados, nos quais pões tua confiança; ela te sitiara em todas as tuas cidades, em toda a tua terra, que o SENHOR, teu Deus, te dá.

Lv 26,29; 2R 6, 2R-29; Jr 19,9

Is 47,1

Is 13,7

2R,4R

⁵³E tu comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que o SENHOR, teu Deus, te deu — durante o cerco, na miséria à qual te terão reduzido os teus inimigos.⁵⁴ O homem mais delicado e mais refinado em teu meio olhará com olho mau para seus irmãos, para a mulher que cingiu ao coração e para os filhos que tiver conservado.⁵⁵ Com medo de ter de dar uma parte da carne dos seus filhos que ele vai comer sem deixar resto — durante o cerco, na miséria à qual te terão reduzido os teus inimigos em todas as tuas cidades.⁵⁶ A mulher mais delicada e mais refinada em teu meio, aquela que nem sonha em apoiar a planta do pé no chão, de tão refinada e delicada que é, olhará com olho mau para o homem que cingiu ao coração, para seu filho e para a sua filha.⁵⁷ Para o rebento que saiu de entre suas pernas, para os filhos que ela pôs no mundo; pois, na privação de tudo, ela os devorará às escondidas — durante o cerco, na miséria a que te tiverem reduzido os inimigos, em tuas cidades.

⁵⁸Se não te esforçares para pôr em prática todas as palavras desta Lei, as que estão escritas neste livro, temendo este nome glorioso e terrível, 'o SENHOR, teu

Deus',⁵⁹ então, o SENHOR te ferirá excessivamente, a ti e à tua descendência, com chagas graves e tenazes, doenças malignas e tenazes.⁶⁰ Fará sobrevirem sobre ti todas as epidemias que temeste no Egito, e elas se colarão a ti.⁶¹ E mesmo todas as doenças e todas as chagas que não são mencionadas neste livro da Lei, o SENHOR as desencadeará contra ti, até que sejas exterminado.⁶² Só restará de vós um pequeno número de pessoas, de vós que fostes tão numerosos quanto as estrelas do céu, porque não escutaste a voz do SENHOR, teu Deus.⁶³ E assim como o SENHOR se comprazia em vós para vos fazer felizes e numerosos, ele se comprazera em fazer-vos desaparecer e vos exterminar, e vós sereis arrancados do solo onde tu estais entrando para dele tomar posse.

⁶⁴O SENHOR te dispersará entre todos os povos, de um extremo a outro da terra, e lá servirás a outros deuses, que nem tu, nem teus pais conhecestes: madeira e pedra!⁶⁵ E, em meio a estas nações, não terás sossego, nem mesmo lugar para apoiar a planta de teu pé; e lá o SENHOR te dará um coração angustiado, um olhar que se extingue, uma existência que se esvai.⁶⁶ Tua vida estará suspensa diante de ti, tremarás noite e dia, não terás mais confiança em tua vida.⁶⁷ De manhã, dirás: 'Quem me dera chegue a tarde!'; c, de tarde, dirás: 'Quem me dera chegue a manhã!'; por causa do tremor que atingirá teu coração e da visão que se oferecerá aos teus olhos.

⁶⁸E o SENHOR te fará voltar em barcos para o Egito, pelo caminho do qual eu te tinha dito: "Nunca mais o vereis!" E lá vós mesmos vos poreis à venda, para ser servos e servas de teus inimigos, mas não haverá comprador!"

ÚLTIMO DISCURSO DE MOISÉS (28,69–30,20)

⁶⁹Eis as palavras da aliança que o SENHOR ordenou a Moisés concluir com os filhos de Israel na terra de Moab, além da aliança que ele tinha concluído com eles no Horeb.

29 Lembrança das grandes obras de Deus. 'Moisés convocou todo Israel e lhe disse:

Vós mesmos visteis tudo o que o SENHOR fez ante vossos olhos na terra do

1,1

Egito, a Faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra: ²as grandes provações que vistes com os vossos olhos, esses sinais e esses grandes prodígios. ³Entretanto, até hoje, o SENHOR não vos deu um coração para reconhecer, nem olhos para ver, nem ouvidos para escutar^m.

Rm 11,8 ⁴Euⁿ vos conduzi durante quarenta anos pelo deserto: vossos mantos não estavam gastos sobre vossos ombros, e tua sandália não estava gasta em teu pé. ⁵E não foi pão que comestes, e não foi vinho nem bebidas fermentadas que bebestesⁿ: era preciso que reconhecesses que sou eu o SENHOR, vosso Deus. ⁶Depois chegastes até aqui; Sihon, rei de Heshbon, e Og, rei do Bashan, vieram contra nós, para nos combater, e nós os vencemos. ⁷Nós tomamos a sua terra, a demos em patrimônio aos membros da tribo de Rúben e de Gad, e à metade da tribo de Manassés.

Jc 1,7 ⁸Guardareis as palavras desta aliança e as poreis em prática, para terdes bom êxito em tudo o que fizerdes.

Seriedade das palavras da aliança.

4,10 ⁹Hoje, vós todos estais de pé diante do SENHOR, vosso Deus: vossos chefes, vossas tribos, vossos anciãos, vossos escribas, todos os homens de Israel, ¹⁰vossos filhos, vossas mulheres, e o migrante que mora contigo, no teu acampamento, para derrubar para ti árvores no campo ou para te servir como aguadeiro; ¹¹ali estarás para entrares na aliança do SENHOR, teu Deus, proclamada com imprecensõesⁿ, aliança que o SENHOR, teu Deus, hoje firma contigo, ¹²para te constituir, hoje,

28,9 como povo para si, e ser ele mesmo Deus para ti, conforme to prometeu e conforme jurou a teus pais, a Abraão, Isaac e Jacó. ¹³Esta aliança, proclamada com imprecensões, não a concluo somente convosco, ¹⁴mas com aquele que está aqui conosco, na presença do SENHOR, nosso Deus, tanto quanto com aquele que não está, hoje, aqui conoscoⁿ.

¹⁵Sabeis como nos demoramos na terra do Egito e como passamos em meio às nações por onde passastes. ¹⁶Vistes os horrores e os ídolos que elas possuem em seu meio: madeira, pedra, prata e ouro! ¹⁷Que não exista entre vós nenhum homem, mulher, família ou tribo cujo coração se afaste, hoje, do SENHOR, nosso Deus, para servir aos deuses destas nações; que não haja entre vós nenhuma raiz de planta que produza veneno ou absinto. ¹⁸E se acontecer que, depois de terdes ouvido estas imprecensões, alguém se acredite abençoado e diga: “Estou repleto, porque teimeei em seguir minhas idéias; pois está certo, terra molhada não tem mais sede”, ¹⁹o SENHOR nem pensará em perdoá-lo; a cólera do SENHOR e o seu ciúme se inflamarão contra esse homem, todas as imprecensões escritas neste livro desabarão sobre ele, e o SENHOR apagará seu nome de sob o céu. ²⁰O Senhor o separará de todas as tribos de Israel, para sua desgraça, de acordo com todas as imprecensões da aliança escritas neste livro da Lei.

At 8,23;
Hb 12,15

Ap 22,18

9,14

28,61

A ameaça realizada. ²¹E eis o que dirá a geração que vem, vossos filhos que sur-

m. O Deus de Israel não se contenta em “fazer ver”, aos seus, as manifestações de seu poder (1.19.31; 3.21.24; 4.3.9.35; 5.24; 7.19; 10.21; 11.2.7; 29.1.2): intervém neles, para lhes dar um olhar e um coração novos, que os levem a conhecer que essas manifestações são realmente a obra dele, a fim de que criam nele (Ex 14.31; cf. Mt 16.17; Lc 24.31; At 16.14). A frase é, com efeito, dirigida aos ouvintes da pregação deuteronômica, que são, por conseguinte, privilegiados em relação à geração do Êxodo (cf. 4.31 nota).

n. Os vv. 4-5 tomam de repente a forma de um discurso do próprio Deus, para sublinhar que é a ele que Israel deve sua sobrevivência no deserto (cf. 11.14 nota; 28.20).

o. O maná e a água do rochedo não têm nada em comum com o alimento e a bebida preparadas pelo homem.

p. Lit. *na aliança... e na imprecensão*: o compromisso para servir ao Senhor vem acompanhado de um juramento imprecatório, pelo qual o fiel reconhece ao Senhor o direito de o punir em caso de desobediência (vv. 19-20). Entrando na aliança, o fiel destrói as pontes atrás de si e confessa que a infidelidade não pode ser senão o caminho da morte.

q. A Aliança compromete não só a geração do Êxodo, mas todas as gerações ulteriores, todos os ouvintes da pregação deuteronômica.

r. Lit. *coisa dessedentada suprime a que tem sede*: provavelmente expressão proverbial, evocando a saciedade do homem do qual todos os desejos são atendidos, como na parábola do homem rico (Lc 12.19).

s. Os vv. 21-27 antecipam as catástrofes nacionais de 721 e

girão depois de vós, e o estrangeiro que virá de uma terra distante, quando virem as chagas desta terra e as doenças com que a SENHOR o tiver ferido: ²²“Toda a sua terra reduzida a enxofre, sal e fogo: nenhuma sementeira, nenhuma vegetação, nenhuma planta cresce aqui, como em Sodoma e Gomorra, Admá e Şeboim, que o SENHOR devastou em sua cólera e em seu furor!” ²³E todas as nações exclamarão: “Por que o SENHOR tratou deste modo esta terra? Por que se inflamou esta imensa cólera?” ²⁴E responder-se-á: “Foi porque abandonaram a aliança do SENHOR, Deus de seus pais, que firmara com eles ao fazê-los sair da terra do Egito. ²⁵Foram servir a outros deuses e se prosternaram diante deles — diante de deuses que eles não conheciam e que o SENHOR não lhes tinha dado em quinhão — ²⁶e a cólera do SENHOR se inflamou contra esta terra, e ele fez cair-lhe em cima toda a maldição escrita neste livro. ²⁷O SENHOR, em sua cólera, em seu furor, em sua grande ira, os arrancou de seu solo expulsando-os para outra terra, como hoje se vê.”

²⁸As coisas ocultas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, e as coisas reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, a fim de que sejam postas em prática todas as palavras desta Lei.

30 O retorno para o Senhor. ¹E quando acontecerem a ti todas estas coisas, a bênção e a maldição que eu havia posto diante de ti, então refletirás”, no meio de todas as nações para as quais o SENHOR, teu Deus, te houver conduzido; ²voltarás ao SENHOR, teu Deus, e escutarás sua voz, tu e teus filhos, de todo o teu coração, de todo o teu ser, seguindo

tudo o que hoje te ordeno. ³O SENHOR, teu Deus, fará voltar teu destino, ele te mostrará sua ternura e te congregará de novo dentre todos os povos entre os quais o SENHOR, teu Deus, te houver dispersado”. ⁴Mesmo se tiveres sido levado para o extremo do mundo, de tão longe o SENHOR, teu Deus, te congregará, dali te recuperará. ⁵O SENHOR, teu Deus, te fará reingressar na terra que teus pais possuíram, e tu a possuirás; ele te fará mais feliz e numeroso do que foram teus pais.

⁶O SENHOR, teu Deus, te circuncidará o coração, a ti e à tua descendência, para que ames o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de todo o teu ser, a fim de que vivas; ⁷e o SENHOR, teu Deus, realizará todas essas imprecações contra teus inimigos cheios de ódio que te houverem perseguido. ⁸Então, voltarás a escutar a voz do SENHOR, porás em prática todos os seus mandamentos, que eu hoje te dou. ⁹O SENHOR, teu Deus, te dará a felicidade em todas as tuas ações, fazendo superabundar o fruto do teu ventre, de teus rebanhos e do teu solo, pois o SENHOR novamente se comprazera em tua felicidade, como se comprovou em relação aos teus pais, ¹⁰pois tu escutarás a voz do SENHOR, teu Deus, guardando os seus mandamentos e suas leis, escritas neste livro da Lei, e terás voltado ao SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser.

A palavra bem próxima. ¹¹Sim, este mandamento, que hoje te dou, não é excessivo para ti, não está fora do teu alcance. ¹²Não está no céu: pois então se diria: “Quem subiria por nós até o céu para trazê-lo até nós, a fim de que possamos ouvi-lo e praticá-lo?” ¹³Não está

587 e procuram explicá-las como a realização das maldições da aliança contra aqueles que a transgridem. É um apelo dirigido aos exilados para que se arrependam e se comprometam de novo, com lealdade (cf. 4,25-31).

1. Esta palavra de sabedoria reconhece os limites do conhecimento humano; só Deus conhece todas as coisas; mas ela também afirma que o homem é responsável pela parte do mistério que Deus lhe revela. Esta parte é contida na Lei, cujo ensino funda

tudo o conhecimento verdadeiro e cuja prática orienta a vida de todo ser humano.

u. Lit. tu (os) farás voltar para o teu coração.

v. Apesar da gravidade das ameaças visando o povo no caso de infidelidade (cf. 28,15 nota), a última palavra cabe à ternura de Deus; ele não saberia renunciar a seu projeto que quer garantir a Israel a felicidade e a vida sem fim.

além dos mares; pois então se diria: "Quem atravessaria por nós os mares, para trazê-lo até nós, a fim de que possamos ouvi-lo e praticá-lo?" ¹⁴Sim, a palavra está bem perto de ti, está em tua boca e em teu coração, para que a ponhas em prática".

¹⁷Mas se teu coração se desvia, se não o escutas, se te deixas arrastar a prostrar-te diante de outros deuses e servi-los, ¹⁸eu hoje vos declaro: desaparecereis totalmente, não prolongareis vossos dias no solo em cuja posse vais entrar, quando atravessares o Jordão.

^{11,26; 28,1,15} **Conclusão: escolher a vida.** ¹⁵Vê: hoje ponho diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. ¹⁶eu, que hoje te ordeno ames o SENHOR, teu Deus, andes nos seus caminhos, guardes os seus mandamentos, suas leis e seus costumes. Então, viverás e te tornarás numeroso, e o SENHOR, teu Deus, te abençoará na terra onde entras para dela tomares posse.

¹⁹Hoje, tomo como testemunhas contra vós o céu e a terra: foi a vida e a morte que pus diante de ti, a bênção e a maldição. Escolherás a vida, para que vivas, tu e tua descendência, ²⁰amando o SENHOR, teu Deus, escutando a sua voz e ligando-te a ele. Nisto está a tua vida e tua longevidade, para habitares no solo que o SENHOR, teu Deus, jurou dar a teus pais, a Abraão, Isaac e Jacó.

ADEUS E MORTE DE MOISÉS* (31,1-34,12)

31 Investidura de Josué, entrega da Lei a Israel e apresentação do cântico.

^{1,1} Em seguida, Moisés dirigiu estas palavras a todo Israel; ²disse-lhe: "Tenho hoje cento e vinte anos: não sou mais capaz de manter minha função, e o SENHOR me disse: 'Não atravessarás este Jordão!' ³É o SENHOR, teu Deus, que vai atravessar adiante de ti, ele exterminará as nações adiante de ti e tu as desapossarás. É Josué que vai atravessar adiante de ti, como disse o SENHOR. ⁴O SENHOR procederá em relação a estas nações como procedeu com Sihon e Og, reis dos amoritas, e com a terra deles: ele os exterminou. ⁵O SENHOR os entregará a vós, e procedereis com eles conforme todo o mandamento que vos dou. ⁶Sede fortes e corajosos, não temais, não tremais diante deles, pois é o SENHOR, teu

Deus, quem caminha contigo: ele não te deixará, não te abandonará."

⁷Depois, Moisés chamou Josué, e, na presença de todo Israel, disse-lhe: "Sê forte e corajoso, pois tu és quem entrarás com este povo na terra que o SENHOR jurou dar a seus pais; tu és quem lhe dará em patrimônio. ⁸É o SENHOR quem marcha adiante de ti, é ele quem estará contigo, não te deixará, nem te abandonará; não temas, nem te deixes abater".

⁹Moisés escreveu esta Lei e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, que conduzem a arca da aliança do SENHOR, e a todos os anciãos de Israel. ¹⁰E Moisés lhes deu esta ordem: "Cada sete anos, por ocasião do ano da remissão, na festa das Tendas, ¹¹quando todo Israel vier ver a face do SENHOR, teu Deus, no lugar que ele houver escolhido, lerás esta Lei" na

Gn 28,15;

Js 1,5;

Hb 13,5;

Nm 27,18-23

33,8

10,8

15,1

16,13

1,1

16,16

Js 8,32-35;

2Rs 23,1-3;

Ne 8

w. Numa linguagem que recorda a dos livros sapienciais (cf. Pr 8,31; Sr 24,11; Sb 1,6), esta passagem afirma que, pela revelação feita a Moisés, o Senhor se aproximou dos humanos (cf. 4,7; 29,28) e que lhes é possível compreender e realizar o que ele espera deles. Jeremias (31,31-34) e Ezequiel (36,25-27), pelo contrário, só conceberão uma intimidade deste nível depois de uma nova intervenção do Senhor para recriar o homem pecador.

x. Estes quatro últimos caps. formam simultaneamente a conclusão geral do Pentateuco e a transição com o livro de Josué. Neles se reconhece o estilo narrativo do discurso-prefácio dos

caps. 1-3, bem como as exortações que reaparecem no início do livro de Josué (cf. Dt 31,7-8 e Js 1,5-6). É principalmente a obra do redator deuteronomista. Contudo, algumas passagens ulteriormente acrescentadas relevam da tradição sacerdotal, que contribui com o seu testemunho sobre a morte de Moisés (32,48-52 e 34,7-9). Além disso, dois poemas foram adicionados a essa conclusão: o cântico do cap. 32 e as bênçãos do cap. 33, cuja origem poderia remontar à época pré-monárquica. Uma nota final (34,10-12) serve de fecho ao conjunto do Pentateuco.

y. Sobre a liturgia da aliança e a proclamação da Lei, veja 27,1 nota.

presença de todo Israel, que a escutará.
 4,10 ¹²Congregarás o povo, os homens, as mulheres, as crianças, o migrante que reside em tuas cidades, para que ouçam e aprendam, e temam o SENHOR, vosso Deus, cuidando de observar todas as palavras desta Lei. ¹³E seus filhos, que a ignoram, ouvirão, e aprenderão a temer o SENHOR, vosso Deus, todos os dias em que viveis no solo em cuja posse entrareis quando atravessardes o Jordão”.

¹⁴E o SENHOR disse a Moisés: “Eis que se aproximam os dias em que vais morrer. Chama Josué; ambos vos apresentareis na tenda da reunião, e eu lhe darei minhas ordens”. Moisés e Josué foram apresentar-se na tenda do encontro.⁴ ¹⁵O SENHOR se fez ver na tenda, na coluna de nuvem, e a coluna de nuvem se elevava à entrada da tenda.

¹⁶O SENHOR disse a Moisés: “Eis que adormecerás junto de teus pais; e este povo começará a se prostituir, seguindo os deuses dos estrangeiros, que estão na terra no meio da qual ele entra; ele me abandonará, quebrará minha aliança que firmei com ele. ¹⁷Minha cólera se inflamará contra ele naquele dia. Eu os abandonarei e lhes esconderei minha face. Então, ele se fará devorar a grandes desgraças e grandes aflições o atingirão. Naquele dia, ele dirá: ‘Se estas desgraças me atingiram, não é porque meu Deus não está mais comigo?’” ¹⁸Mas eu, naquele dia, continuarei a esconder a minha face, por causa do mal que ele terá feito, voltando-se para outros deuses. ¹⁹Agora, escrevei para vós este cântico, ensinai-o aos filhos de Israel, ponde-o em sua boca, a fim de que este cântico me sirva de testemunho contra os filhos de Israel.
 31,26; Jo 5,45 ²⁰Com efeito, farei este povo entrar no solo que mana leite e mel, que prometi com juramento a seus pais; ele comerá à

saciedade, engordará, e depois se voltará para outros deuses; ele os servirá, desprezará-me e quebrará minha aliança; ²¹e, quando grandes desgraças e grandes aflições o tiverem atingido, este cântico deporá contra ele, como um testemunho, porque sua descendência jamais deixará de repeti-lo. Com efeito, conheço bem o projeto que ele está prestes a realizar hoje, antes mesmo que eu o faça entrar na terra que com juramento prometi”. ²²E, naquele dia, Moisés escreveu este cântico e o ensinou aos filhos de Israel.

²³O SENHOR deu suas ordens a Josué, filho de Nun, e lhe disse: “Sê forte e corajoso, pois serás tu que introduzirás os filhos de Israel na terra que eu lhes prometi em juramento; e eu estarei contigo”.

²⁴E, quando Moisés acabou de escrever todas as palavras desta Lei num livro, ²⁵deu ordem aos levitas, portadores da arca da aliança do SENHOR: ²⁶“Tomai este livro da Lei e ponde-o junto da arca da aliança do SENHOR, vosso Deus; ele ficará ali como um testemunho contra ti. ²⁷Pois conheço tuas revoltas e a dureza de tua cerviz: se hoje, então, enquanto estou vivo em vosso meio, vos revoltastes contra o SENHOR, que acontecerá depois de minha morte? ²⁸Reuni junto a mim todos os anciãos de vossas tribos e vossos escribas; vou pronunciar estas palavras a seus ouvidos, vou tomar em testemunho contra eles o céu e a terra. ²⁹Pois eu o sei: após minha morte ireis corromper-vos totalmente e afastar-vos do caminho que vos prescrevi; e nos dias vindouros a desgraça virá a vosso encontro, porque tereis feito o que é mau na presença do SENHOR, a ponto de irritá-lo com vossas ações”.

Cântico em honra do Rochedo de Israel. ³⁰E Moisés pronunciou integral-

z. A *tenda do encontro* (cf. notas a Ex 27,21; 33,7) não é mencionada pelo Dt senão nesta passagem, que representa portanto um motivo da tradição “eloísta”.

a. O “cântico de Moisés” é uma meditação lírica, como se encontram diversas, atribuídas a diferentes personagens (Moisés: Ex 15; Ana: 1Sm 2; Davi: 2Sm 22; Maria, Zacarias e Simeão:

Lc 1 e 2). Aqui se trata de uma composição amplamente posterior aos acontecimentos da saída do Egito e da conquista, considerados como pertencentes a um longínquo passado (cf. vv. 7-8); pensa-se em geral que o texto data do tempo do Exílio.

Embora relacionado por alguns com o gênero literário do “testamento”, o cântico de Moisés parece antes evocar o desenrolar

mente as palavras deste cântico aos ouvidos de toda a assembléia de Israel:

4,26 **32** ¹O céu, dá ouvidos, e eu falarei; terra, escuta as palavras que vou pronunciar!

²Que minhas instruções se espalhem como a chuva,

que minha palavra caia como o orvalho, qual aguaceiro sobre a relva, qual chuva sobre a grama.

³Proclamarei o nome do SENHOR; reconheci a grandeza de nosso Deus!

⁴É ele o Rochedo^b, perfeita é sua ação, todos os seus caminhos são judiciosos; é o Deus fiel. injustiça nele não há, ele é justo e reto.

⁵Para ele nada são senão corrupção, por causa de sua tara, já não são filhos^c, mas uma geração perversa e transviada.

⁶Isto é o modo de tratar o SENHOR, povo idiota e sem sabedoria? Não é ele o teu pai que te deu a vida? Foi ele quem te fez e constituiu.

⁷Lembra-te dos dias de outrora, remonta o curso dos anos, de geração em geração;

pergunta a teu pai, e ele te ensinará, a teus anciãos, e eles te dirão:

⁸Quando o Altíssimo deu às nações seu patrimônio,

quando separou os filhos de Adão, ele fixou os territórios dos povos, segundo o número dos filhos de Israel^d.

⁹Pois o apanágio do SENHOR é o seu povo, e Jacó, o patrimônio que lhe cabe. 7,6; Zc 1,16

¹⁰Ele encontra seu povo na terra do deserto Jr 2,26; Ez 16,6; Os 13,5

nas solidões repletas de urros selvagens:

ele o envolve, o instrui, vela sobre ele como a pupila dos seus olhos. SI 17,8

¹¹Ele é como a águia, encorajando sua ninhada: Ex 19,4

plana sobre seus filhotes, desdobra toda a sua envergadura, toma-os e os conduz sobre suas asas^e.

¹²O SENHOR conduz sozinho o seu povo, nenhum deus estranho o acompanha. Gn 24,27; Ex 13,21; 15,13; SI 80,2

¹³Fá-lo cavalgar os outeiros da terra, para que se nutra dos frutos dos campos: fá-lo sugar o mel das fendas da pedra; dá-lhe o azeite amadurecido sobre o granito dos rochedos, SI 81,17; Jb 29,6

¹⁴a manteiga das vacas e o leite das ovelhas, a gordura dos cordeiros, dos carneiros de Bashan e dos bodes, e também a flor do trigo; tu bebes o sangue das uvas fermentado.

¹⁵Assim Ieshurun^f engordou, mas escoiceou — ficaste gordo, robusto, corpulento —, ele deixou o SENHOR, que o fez, desonrou seu Rochedo, sua salvação. 33,5,26 31,20

¹⁶Dão-lhe estrangeiros como rivais^h, por meio de abominações o ofendem. 32,21

de um processo entre o Senhor e o seu povo; o culpado é castigado, mas não definitivamente condenado, pois a vitória do Senhor consiste na salvação gratuita do povo que ele escolheu. As articulações do poema são as seguintes: abertura do processo (vv. 1-6); benefícios do Senhor (vv. 7-14); rebelião de Israel (vv. 15-18); anúncio do castigo (vv. 19-25); julgamento de Deus contra os inimigos de Israel (vv. 26-35); ruína dos falsos deuses e triunfo do Senhor (vv. 36-42); aclamação final (v. 43).

b. O AT dá freqüentemente ao Senhor o nome de *Rochedo*, que evoca simultaneamente o abrigo seguro e o fundamento inabalável sobre o qual é possível se manter ou construir a própria casa (cf. 32,31; 2Sm 23,3; Is 26,4; 30,29; 44,8; Hab 1,12; SI 18, 3,32; 31,4; 92,16; Mt 7,24-25; 16,18 nota).

c. Significado incerto.

d. Tradução do texto hebr. tradicional. Outros compreendem: *segundo os limites dos filhos de Israel*. Mas o gr. e os mss. de Qumran atestam uma outra versão que é, provavelmente, a original: *segundo o número dos filhos de Deus*. Tratar-se-ia de seres divinos, mais ou menos identificados com os deuses pagãos (cf. Jó 1,6; 2,1; 38,7; SI 29,1; 89,7) e que o Senhor teria

posto como guardiães das nações (cf. 4,19), ele próprio estando em ligação direta com Israel. Este reconhecimento implícito dos outros deuses deve ter parecido chocante mais tarde, provocando a correção do texto.

e. Lit. *ele a toma* (sua ninhada), *a conduz*. Alguns viajantes relatam que as águias e os abutres se comportam assim quando seus filhotes aprendem a voar: "... eles traçam sobre eles grandes círculos... e, depois de cada tentativa, as crias vêm repousar sobre as asas dos seus pais" (P. Buis).

f. Alguns pensam que o texto evoca uma cavalcada triunfal de Israel através das colinas. Mas a expressão empregada se aplica sempre à cavalcadura que se monta, e não ao terreno percorrido: os outeiros (com sua forma de "garupa") são a montaria sobre a qual Deus instala aprazivelmente seu povo.

g. Este sobrenome de Israel (cf. 33,5,26; Is 44,2) é sem dúvida um diminutivo de *yashur*, "direito"; é então mais favorável que o nome de "Jacó" (cf. Gn 25,26 nota).

h. Lit. *eles o fizeram ter ciúmes dos estrangeiros* (igualmente no v. 21). Estes "estrangeiros" são os deuses dos outros povos (cf. Is 43,12; Jr 2,25).

- SI 106,37; 17 oferecem sacrifícios aos demônios que
1CoR 10,20; não são Deus,
Ap 9,20
11,28 a deuses que eles não conhecem,
recém-chegados ontem,
que vossos pais não temiam.
- 18 Negligenciaste o Rochedo que te gerou.
32,6 esqueceste o Deus que te pôs no mundo.
- 19 O que o SENHOR viu indignou-o:
seus filhos e suas filhas o irritaram.
- 31,17 20 Ele disse: "Esconderei deles a minha
face,
verei qual será o seu futuro.
- 32,5 Pois é uma geração pervertida,
filhos nos quais não se pode confiar.
- 32,16 21 Deram-me por rival quem não é Deus,
irritaram-me com seus ídolos vãos.
- Am 9,7; 22 Pois bem! Eu lhes darei por rival quem
Rm 10,19; não é povo.
11,11
1CoR 10,22 com uma nação idiota eu os irritarei.
11,17
- 22 Sim, um fogo flamejou de minhas
narinas,
queimou até o fundo do Sheol,
devorou a terra e seus frutos,
abrasou os fundamentos das montanhas.
- 23 Amontoarei desgraças sobre eles;
32,42; atirarei contra eles minhas flechas.
Ez 5,16;
SI 38,3;
77,18;
Jô 6,4
28,48,53-57
- 24 Quando estiverem esgotados de fome,
devorados pelo raioⁱ, por meu dardo
amargo,
soltarei contra eles os dentes dos
animais
Lv 26,22
e o veneno das serpentes que rastejam
no pó.
- 25 Lá fora, a espada levará os seus filhos,
lá dentro, reinará o pavor;
o rapaz terá a mesma sorte que a virgem,
28,50 a criancinha de peito cairá com o
homem encanecido.
- 26 Eu disse: Vou despedaçá-los^j,
farei desaparecer sua lembrança de
entre os homens.
- 9,14; 27 Temi, porém, ser vexado pelo inimigo.
SI 34,17 Que seus adversários não se enganem,
nem digam: 'Isto fez a nossa mão erguida!
- Is 10,13-14
- Não foi o SENHOR quem o fez!^k
- 28 Pois é uma nação cujos projetos
desmoronam,
eles não têm entendimento.
- 29 Se fossem sábios, eles o compre-
deriam,
teriam entendimento para o seu futuro:
- 30 "Como um só homem poderia perse-
guir mil,
e dois somente, pôr dez mil em fuga,
se estes não tivessem sido vendidos por
seu Rochedo,
entregues pelo SENHOR?
- 31 Pois o rochedo de nossos inimigos não
se compara ao nosso Rochedo,
e eles mesmos têm aviso disto^{k*}.
- 32 Sua vinha proveio das vinhas de Sodoma,
das plantações de Gomorra;
suas uvas são uvas venenosas,
seus cachos amargos.
- 33 Seu vinho é veneno de dragão,
cruel peçonha^l de cobra.
- 34 Não está aí o que retenho^m,
o que selei em minhas reservas?
- 35 A mim pertencem a vingança e a
retribuiçãoⁿ,
no momento em que o seu pé vacilar,
pois o dia de sua desgraça está próximo,
o que lhes preparei não tardará."
- 36 O SENHOR fará justiça a seu povo,
mudará em favor dos seus servos,
quando vir que suas mãos enfraquecem,
e que não há mais escravo nem
homem livreⁿ.
- 37 Dirá, então: "Onde estão seus deuses,
e o rochedo onde se refugiavam?
- 38 Onde estão os que comiam a gordura
de seus sacrifícios
e bebiam o vinho de suas libações?
Que se levantem e venham em vosso
auxílio,
que neles encontreis esconderijo!
- 39 Muito bem! Vede agora:
sou eu, e mais ninguém.
- 4,35;

i. A palavra aqui traduzida por *raio* se encontra entre os fenícios designando o deus da tempestade. Pode-se também traduzir por *febre*.

j. Sentido incerto.

k. Texto difícil. Alguns fazem incidir a negação inicial sobre todo o v. e traduzem: *nem nossos inimigos são juízes*. O gr. traduz: *e nossos inimigos são estúpidos*.

l. O hebr. tem, neste v., dois termos diferentes para dizer *veneno*.

m. Lit. *não está guardado junto de mim?*

n. Texto citado por Rm 12,19 e Hb 10,30 sob uma forma ligeiramente diversa: *a mim a vingança, sou eu quem retribuirei*.

o. Sobre esta expressão, cf. 1Rs 14,10 nota.

Is 43,11; Os 13,4; At 4,12 sem deus nenhum a meu lado,
sou eu que faço morrer e faço viver;
depois de quebrantar, eu dou a cura;
ninguém tira algo de minha mão.
Jo 10,29 Ap 10,5-6 ⁴⁰ Sim, ergo a mão para o céu,
e declaro: 'Eu vivo, para sempre!'
Hab 3,11 ⁴¹ Se afio minha espada fulgurante,
se minha mão brande o julgamento,
faço minha vingança recair sobre meus
adversários,
7,10 dou o troco àqueles que me odeiam.
⁴² Enquanto minha espada se farta de
carne,
32,23 embriagarei minhas flechas com o sangue,
Jz 5,2 o sangue dos mortos e dos prisioneiros,
das cabeças cabeludas do inimigo."
⁴³ Nações^p, aclamai seu povo,
Lc 21,22; Ap 6,10; 19,2 pois ele vai vingar o sangue de seus
servos,
21,8 fará recair a vingança sobre seus servos,
absolverá assim seu solo e seu povo^q.
⁴⁴ Moisés, acompanhado de Hoshca', fi-
lho de Nun, veio, então, pronunciar to-
das as palavras deste cântico aos ouvi-
dos do povo.
⁴⁵ E quando Moisés acabou de dirigir to-
das estas palavras a todo Israel, ⁴⁶ ele lhe
disse: "Ponde no coração todas as pala-
vras com as quais eu hoje testemunho
contra vós, e ordenai a vossos filhos que
ponham em prática todas as palavras des-
ta Lei. ⁴⁷ Pois não se trata de uma palavra
sem importância para vós; esta palavra é

vossa vida, e é graças a ela que prolonga-
reis vossos dias no solo na posse do qual
entrareis, quando atravessardes o Jordão". 4,40

Anúncio da morte de Moisés. ⁴⁸ Neste Nm 27, 12-23
mesmo dia, o SENHOR disse a Moisés:
⁴⁹ "Sobe nesta montanha da serra dos 34,1
Abarim, no monte Nebô, que está na terra
de Moab, diante de Jericó, e olha a terra
de Canaã, que hoje dou como proprieda-
de aos filhos de Israel. ⁵⁰ Depois morre
na montanha à qual tiveres subido, para
que te reúnas à tua parentela — como teu
irmão, Aarão, que morreu em Hor-a-
-Montanha, e se reuniu à sua parentela
—, ⁵¹ pois vós cometestes uma infideli-
dade contra mim, entre os filhos de Is-
rael, nas águas de Meribá-de-Qadesh, no
deserto de Sin, quando não reconhecestes
minha santidade! no meio dos filhos de
Israel. ⁵² Verás esta terra diante de tua face,
mas não entrarás nesta terra que eu dou
aos filhos de Israel". 3,27

33 Bênção das doze tribos de Israel. Gn 49

'Esta é a bênção que Moisés, o ho-
mem de Deus, concedeu aos filhos de
Israel, antes de morrer. ² Ele disse:

O SENHOR veio do Sinai, SI 68,18
por eles se elevou no horizonte pelos
lados de Seir, Jz 5,4
resplandeceu desde o monte Paran, Hab 3,3
chegou a Meribá-de-Qadesh',

p. Esta aclamação final existe sob uma forma mais longa no gr.
e nos mss. de Qumran (estes últimos omitem a passagem que
colocamos entre parênteses):

Céus, rejubilai-vos com ele!

que todos os filhos de Deus se prosternem diante dele.

(Nações, rejubilai-vos com seu povo,

e que todos os anjos de Deus sejam fortes para ele.)

Pois o sangue de seus filhos é vingado;

ele vingará e fará recair sua vingança sobre seus inimigos.

Ele retribuirá àqueles que o odeiam;

o Senhor purificará a terra que é de seu povo.

Dois passagens deste final longo são citadas por Rm 15,10 e
Hb 1,6.

q. Lit. *seu solo seu povo*. Outros compreendem (como o gr.
citado na nota p): *o solo que é de seu povo*.

r. *Hoshea* ou *Oséias* ("ele salva") é o nome primitivo que Moí-
sés troca por *Josué* (*Iehoshua*, "é o Senhor que salva"). cf. Nm 13,
16 e nota. Sobre a troca de nomes na Bíblia, cf. Gn 32,28 nota.

s. Os vv. 48-52 pertencem à tradição "sacerdotal". Eles são
uma retomada parcial de Nm 27,12-23. O relato "sacerdotal" da
vida de Moisés termina em Dt 34,1a.7-9.

t. Lit. *vós não me santificastes*, o que significa ou: "Vós não
reconhecestes que eu era capaz de agir soberanamente", ou: "Vós
não permitistes que minha santidade se manifestasse". Sobre os
motivos do castigo de Moisés, cf. 3,27 nota.

u. A "bênção de Moisés" se compõe de dois elementos distin-
tos: de um lado um hino que celebra o Deus de Israel, recordan-
do suas obras em favor do seu povo, hino cujas duas partes
servem de quadro ao conjunto do cap. (vv. 2-5 e 26-29); por
outro lado, constituindo a parte central, uma coleção de palavras
que evocam o destino particular das diversas tribos (vv. 6-25).
Esta coleção desempenha papel semelhante ao de Gn 49: como
o patriarca Jacó o fez para com seus dez filhos, Moisés orienta
por uma palavra solene, em forma de voto ou de prece, o destino
futuro de cada uma das tribos. Assim sua obra atingirá seus
efeitos benéficos mesmo após a sua morte. As situações evocadas
nestes vv. 6-25 refletem a época que se seguiu à instalação das
tribos em Canaã e que precedeu sua unificação no seio do reino
de Davi. O texto original é bem malconservado nos mss., sobre-
tudo o do hino, o que obriga todos os tradutores a formular
conjeturas.

v. Correção de duas palavras hebr.: *chegou além das miríades*

desde o sul, em direção das Encostas*,
por eles.

³ Sim, tu que amas os povos*,
todos os santos estão em tua mão.
Eles se prosternaram a teus pés;
eles recolhem* o que vem de tua palavra.

⁴ Moisés nos prescreveu uma Lei, dada
em posse à assembléia de Jacó,

32.15 ⁵ e Ieshurun teve um rei*, quando se
Js 24 reuniram os chefes do povo,
e, ao mesmo tempo, as tribos de Israel.

⁶ Que Rúben viva e não morra,
e que subsista sua gente pouco numerosa.

⁷ E sobre Judá, eis o que ele diz:
Escuta, SENHOR, a voz de Iehudá,
reúne-o a seu povo*;
que suas mãos tomem sua própria
defesa,

e tu sejas seu auxílio contra os adversários.

⁸ E sobre Levi*, ele diz*:
Teu Tumim* e teu Urim pertencem ao
homem que te é fiel,

6.16; Ex 17.1-7
que fizeste passar pela prova de Massá,
pela contenda nas águas de Meribá*,

⁹ ele que disse de seu pai e de sua mãe:
Não os vi!

Ex 32. 25-29; Mt 10.37p
que se recusou a reconhecer os seus
irmãos,

e ignorou seus filhos.
Eles guardaram a tua palavra,
eles velam pela tua aliança,

¹⁰ ensinam* teus costumes a Jacó,
tua Lei a Israel;

1Sm 2.28
apresentam o perfume* a tuas narinas,

a oferenda total sobre teu altar.

¹¹ Abençoa, SENHOR, sua bravura,
e aceita favoravelmente a obra de suas
mãos;
esmaga os rins dos que se levantam
contra ele,
e que os que o odeiam não voltem a se
erguer.

¹² Sobre Benjamin, ele diz:
Querido do SENHOR, 2Ts 2.13
ele repousa em segurança 33.28
naquele que o protege todos os dias
e que se descansa em suas colinas*.

¹³ Sobre José, ele diz:
Seja sua terra abençoada pelo SENHOR,
com o melhor dom do céu, o orvalho, Gn 49.25
e com o abismo que fica embaixo;

¹⁴ com o melhor do que o sol faz brotar
e com o melhor do que germina a cada
lua,

¹⁵ com os excelentes dons das montanhas
antigas Gn 49.26;
e com o melhor das colinas eternas; 1Iab 3.6

¹⁶ com a melhor parte de tudo o que a
terra contém
e o favor d'Aquele que mora na sarça:
que tudo isto coroe a cabeça de José,
a frente daquele que é consagrado
entre os seus irmãos.

¹⁷ Ele é o seu touro primogênito, honra a
ele!
Seus chifres são chifres de búfalo, SI 92.11
com eles ele fere os povos,
todas as extremidades da terra de vez.

de santidade (cf. Jd 14 nota). A evocação da aparição no Sinai
no início do v. induz a ler aqui uma alusão à estada em Qadesh
(cf. 1.19-46).

w. *Encostas*: correção de vogais segundo 3.17. Foi a última
etapa da caminhada no deserto, antes do ingresso na Terra Prometida.

x. *Povos*: o termo evoca provavelmente as tribos de Israel,
nitidamente designadas nos vv. 4-5.

y. Lit. *ele recolhe*.

z. Este *rei* parece ser o próprio Senhor, doravante o único
Senhor de Israel; mas pode-se considerar também que se trate do
rei de Israel, cuja instalação é obra do Senhor (cf. SI 2.2.7).

a. Judá aparece aqui destacado das outras tribos; é o ponto de
vista dos israelitas fixados no centro e no norte do país. Em Gn
49.8-12 se faz entender o contrário em relação a Judá: a admiração
entusiasta própria das tradições do sul.

b. A Levi, exemplo de zelo pelo Senhor, se devolve a função
de consultar o Senhor e de ensinar sua vontade. É a tribo sacer-
dotal, guardiã das tradições da aliança (cf. 10.8 nota). Sobre o

problema causado aos levitas da província pela centralização
deuteronomica do culto, cf. 18.1-8 e as notas. Entretanto o v. 11
faz alusão a uma atividade guerreira, que aparece também em
Gn 49.5-7.

c. O gr. completa assim: *dá a Levi os teus Tumim...*

d. Sobre o *Tumim* e o *Urim*, instrumentos de consulta a Deus,
cf. Ex 28.30 nota.

e. Jogos de palavras sobre *Massá* e *Meribá* — *Prova e Con-*
tenda (cf. Ex 17.7; Nm 20.13 nota).

f. Este verbo é aquele do qual se deriva a palavra *torá*, que
designa a Lei. Esta é a fixação por escrito de uma tradição viva
pela qual os levitas ensinam ao povo a vontade do Deus da
aliança.

g. Ou a *fumaça* (dos sacrifícios).

h. Lit. *entre os seus ombros* (cf. 32.13 nota); alusão ao santuá-
rio situado na região das colinas pertencentes a esta tribo, talvez
Shilô (1Sm 1-3). Poder-se-ia tratar também do templo de Jeru-
salém, pois esta cidade é, às vezes, considerada como pertencen-
te a Benjamin.

Eis as miríades de Efraim, os milhares de Manassés!

¹⁸ Sobre Zabulon, ele diz:

Alegra-te, Zabulon, em tuas expedições, e tu, Issacar, sob tuas tendas!

¹⁹ Eles convocam os povos sobre a montanha¹,

onde oferecem os sacrifícios prescritos; drenam a abundância dos mares, as reservas ocultas na areia^k.

²⁰ Sobre Gad, ele diz:

Bendito seja aquele que faz dilatar Gad! Como um leão, ele se instalou, destroçando a espádua, ou mesmo a cabeça da presa.

²¹ Pôs os olhos nas primícias,

lá onde se encontra a parte reservada ao cetro;

reuniu os chefes do povo.

pôs em obra a justiça do SENHOR e suas decisões em favor de Israel.

²² Sobre Dan, ele diz:

Dan é um filhote de leão, que se arroja do Bashan!

²³ Sobre Neftali, ele diz:

Neftali está saciado de favor, cumulado da bênção do SENHOR, que ele tome posse do ocidente¹ e do sul.

²⁴ Sobre Aser, ele diz:

Aser seja o filho bendito entre todos, seja ele favorecido entre seus irmãos, que ele mergulhe seu pé no azeite^m;

²⁵ sejam de ferro e de bronze teus ferrolhos,

tua forçaⁿ dure tanto quanto teus dias.

²⁶ Ninguém é comparável a Deus, Ieshurun, a ele que ocorre em teu socorro,

cavalgando os céus

e as nuvens, no seu poder!

²⁷ O Deus dos tempos antigos é um refúgio:

é um braço operante desde sempre, aqui embaixo;

na tua presença expulsou o inimigo, e disse: Extermina!

²⁸ Confiante, Israel repousa;

corre sozinha a fonte de Jacó para uma terra de trigo e de vinho novo, cujo céu se derrama em orvalho.

²⁹ Feliz és tu, Israel!

quem é semelhante a ti, povo socorrido pelo SENHOR?

Ele é o escudo que te vem em auxílio, e também, a espada que te dá altivez. Teus inimigos te bajularão em vão, tu calcarás aos pés as alturas de sua terra.

34 Morte de Moisés. 'Moisés subiu das estepes de Moab ao monte Nebô, no cume da Pisgá, diante de Jericó, e o SENHOR lhe fez ver toda a terra: o Guilead até Dan, ²todo Neftali, a terra de Efraim e de Manassés e todo o território de Judá até o mar Ocidental, ³o Négueb e o Distrito, o vale de Jericó, cidade dos palmares, até Şôar. 'E o SENHOR lhe diz:

"Eis a terra que prometi em juramento a Abraão, a Isaac e a Jacó, dizendo-lhes. 'Eu a dou à tua descendência'. Eu faço com que a vejas com teus próprios olhos, mas não atravessarás para lá".

'E Moisés, o servo do SENHOR, ali morreu, na terra de Moab, conforme a declaração do SENHOR. 'E ele o enterrou' no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-Peor, e até hoje a ninguém foi dado conhecer o lugar de sua sepultura. 'Moisés tinha cento e vinte anos quando morreu;

i. Efraim e Manassés formam juntos a casa de José (cf. Gn 48,13-20).

j. Esta montanha é provavelmente o Tabor, a cavaleiro dos territórios de Zabulon e Naftali. O santuário edificado no seu cume serve de ponto de encontro de várias tribos (cf. "os povos" do v. 3) e talvez mesmo aos cananeus. Foi no Tabor que Baraq reuniu o exército de Israel antes de combater contra Sisera (Jz 4,12-16).

k. Alusão ao proveito que estas duas tribos tiravam do comércio marítimo dos vizinhos fenícios, e, provavelmente da fabricação do vidro a partir da areia do mar.

l. Lit. *do mar*, situado na Palestina do lado do ocidente. Como o território de Neftali se situava ao leste da Galiléia, poderia tratar-se também do "mar da Galiléia".

m. O azeite é freqüentemente na Bíblia a imagem da abundância.

n. Tua força: palavra de sentido desconhecido, traduzida de acordo com o contexto.

o. O sujeito do verbo é sem dúvida o Senhor, embora se pudesse compreender também: foi enterrado. Encontra-se em Jd 9 relativamente ao mistério desta sepultura, uma alusão sem dúvida inspirada nos apócrifos judeus.

SI 92,13-15 sua vista não se tinha enfraquecido e sua vitalidade não o havia abandonado.

Nm 20,29 ¹Os filhos de Israel choraram Moisés nas estepes de Moab durante trinta dias. Depois terminaram os dias do pranto de luto por Moisés; ²Josué, filho de Nun, estava repleto de um espírito de sabedoria, pois Moisés lhe impusera as mãos; e os filhos de Israel o escutaram, para proceder conforme as ordens que o SENHOR dera a Moisés.

1,38
2Rs 2,15;
Is 11,2;
Nm 27,18;
At 6,6

¹⁰Nunca mais em Israel surgiu um profeta como Moisés^p, a quem o SENHOR conhecia face a face, ¹¹a quem o SENHOR enviara para cumprir todos esses sinais e todos esses prodígios^q na terra do Egito, diante de Faraó, de todos os seus servos e de toda a sua terra: ¹²Moisés, que procedera com todo o poder de sua mão, suscitando todo esse grande terror ante os olhos de todo Israel.

Ex 33,11;
1Cor 13,12
4,34
Ex 14,31
1,1

p. Afirmando que nunca mais houve um profeta *como Moisés*, este texto parece contradizer 18,15-18 (cf. 18,15 nota) e tb. Nm 12,6-7 (para este último texto, Moisés não é um "profeta"). A tradição sempre oscilou entre o caráter único de Moisés e sua li-

gação à linhagem dos homens de Deus das gerações posteriores.

q. Esta fórmula afirma tanto mais a grandeza inigualável de Moisés que em todos os outros lugares os *sinais e prodígios* são feitos pelo próprio Deus (cf. 4,34 e referências paralelas).

OS LIVROS PROFÉTICOS

INTRODUÇÃO

O título de *Profetas* que a tradição judaica deu, pelo menos a partir do século II a.C., ao conjunto dos livros que se estende de Josué a Malaquias, cobre gêneros literários bem diversos: por um lado, são crônicas oficiais das cortes reais de Jerusalém e da Samaria, listas de pessoas ou de lugares conservadas nos santuários e que desempenham o papel de bibliotecas, e sobretudo, relatos de estilo popular em que a história é quase sempre prolongada por traços legendários que tendem a glorificar um herói, uma tribo ou lugar privilegiado. Por outro lado, existem os livros nomeadamente atribuídos a profetas. A tradição judaica introduziu uma divisão no interior deste conjunto visivelmente heteróclito: distingue entre *primeiros profetas*, que correspondem àquilo que comumente denominamos “os livros históricos” (Josué, Juízes, Samuel, Reis), e *últimos profetas* (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores), aqueles que habitualmente intitulamos “os profetas”. Esta distinção não deve ser entendida em sentido cronológico, como se o primeiro grupo tivesse sido composto antes do segundo; ela visa apenas exprimir o lugar respectivo que lhes cabe na coleção dos escritos bíblicos, pois do ponto de vista estritamente cronológico, a anterioridade literária estaria antes do lado do segundo grupo.

Profetismo e profetas. Os fenômenos proféticos aparecem também fora de Israel. Na Mesopotâmia, em Canaã e no Egito conhecemos, desde o segundo milênio, o caso de homens e de mulheres que, geralmente em estado de êxtase, falam em nome da divindade que os enviou, e certas formas da linguagem deles se aproximam muito do estilo bíblico. Mas enquanto alhures o profetismo permaneceu marginal e episódico, assumiu em Israel um lugar tão central que marcou profundamente a religião, as instituições políticas e até as estruturas sociais. Em Israel, os profetas têm um nome: abstração feita dos grupos de profetas anônimos, ativos sobretudo no tempo de Samuel, eles aparecem como personalidades fortes, revestidas de uma au-

toridade que vem da sua ligação direta com Deus. Os relatos de vocação, que ocupam em vários livros um lugar essencial, e a narração, pelo próprio profeta ou por um dos seus próximos, dos momentos importantes de sua vida, tinham por finalidade autenticar a sua mensagem. O termo *nabi*, com o qual se designa o profeta, e que suplantou os termos “vidente” (ISm 9,9) e “homem de Deus”, designa um homem que fala ou um homem que foi chamado, isto é, a quem foi dirigida uma palavra. Com efeito, a palavra é o meio de ação mais importante dos profetas; mesmo quando eles se manifestam por estranhos gestos de alcance simbólico ou pelo engajamento político e militar, é pela palavra que são verdadeiramente profetas. O discurso profético recorre a todas as formas de linguagem: os oráculos (ou “mensagens”) da parte de Deus constituem o elemento mais freqüente e mais específico, mas encontram-se nele também a narração, a parábola, o provérbio e até o hino. O conteúdo de suas parábolas é tão diverso quanto a forma, mas sempre a palavra dos profetas é a palavra de Deus numa situação precisa da história.

Forte e fundamentalmente ligados a Deus, os profetas estão também ligados à história. Convictos de que Deus está ao mesmo tempo nos acontecimentos e acima deles, e de que o povo de Israel tem uma missão histórica, os profetas aí estão para lembrar esta certeza, e o fazem através da advertência, da exortação, da censura e da consolação. Mesmo falando sempre em situações concretas e conseqüentemente únicas, trazem, como mensageiros de Deus, uma palavra que ultrapassa as circunstâncias imediatas e que merece não somente ser ouvida, mas também transmitida.

Propagadas primeiro por via oral e guardadas vivas na memória do povo, as profecias foram também — e sem dúvida, bem cedo — redigidas, seja pelos próprios profetas (p. ex. Is 8,16; Jr 36), seja pelos seus discípulos. A transmissão das palavras dos profetas respondia a uma dupla preocupação: a *conservação* e a *atualização*. Era preciso, na medida do possível, conservar a forma ori-

ginal na qual tinham sido pronunciadas, e isto, tanto por respeito ao profeta como por respeito a Deus. No que concerne à atualização, ela levava necessariamente a acrescentar, às palavras originais do profeta, palavras novas que, embora procurando respeitar o espírito dele, interpretavam a sua mensagem e deviam servir de canal para uma melhor transmissão. Entre os livros proféticos, os de Isaías, de Miquéias e de Jeremias são os que mais levam a marca dessa adaptação. A razão dessa atualização está no fato de que tudo o que haviam feito e dito os profetas pertencia, afinal, ao conjunto do povo, o qual, através deles, lia a sua própria história e encontrava nos exemplos desses homens de Deus o estímulo adequado para ser e para voltar a ser o povo de Deus.

As palavras dos profetas foram recolhidas à medida que foram pronunciadas, e a presença de pequenas coleções com sobrescritos particulares no interior dos livros proféticos é um indício dessa formação progressiva (p. ex. Is 2,1; 13,1; Jr 14,1; 21,1...). Mas parece que um trabalho de reagrupamento de grande envergadura foi feito durante o Exílio e depois dele. As razões determinantes foram várias: o desaparecimento do Templo de Jerusalém, assim como de outras instituições, tais como a realeza, levaram a comunidade israelita a voltar-se mais para o documento escrito como autoridade normativa em matéria de fé e de prática religiosa. Por outro lado, os acontecimentos mostraram ter sido um grande erro dispensar tão pouca atenção às palavras dos profetas. Recolheram-se então essas palavras para tirar a lição daquilo que ocorrera.

Dois princípios presidiram a esta nova leitura: por respeito à história, tentou-se agrupar as palavras dos profetas segundo uma ordem *cronológica*; ao mesmo tempo — os dois objetivos nem sempre foram facilmente conciliáveis —, os colecionadores introduziram nos textos uma ordem *sistemática*, agrupando de um lado os oráculos que anunciavam o juízo sobre o povo de Israel e sobre as nações e de outro lado, os que continham promessas. A aplicação desses dois princípios resultou em certa desordem, que muitas vezes desorienta o leitor e que a crítica literária por vezes consegue clarear, sem contudo resolver todos os enigmas. É claro, por exemplo, que no livro de Isaías o conjunto que começa no cap. 40, e que provém de uma época completamente diversa da

dos capítulos 1-39, se destina a mostrar que em Deus a restauração e a salvação têm a última palavra; em Ezequiel, cujo livro foi menos retrabalhado, encontra-se uma ordem análoga. Aliás, é preciso reconhecer que, com bastante frequência, a cronologia e a teologia se encontram: assim, antes do Exílio, é preponderante o anúncio do juízo, mas ao contrário, depois do Exílio, os profetas enfatizam uma aliança restaurada, fundada na obediência e no amor. Mas aí talvez tenhamos uma simplificação da realidade histórica, pois anúncio do juízo e promessa da salvação muitas vezes devem ter coexistido.

Considerando, mais do que o teor geral, o conteúdo preciso dos oráculos proféticos, podemos dizer que estes estavam voltados ao mesmo tempo para o passado e para o futuro. A história por eles vivida, os profetas a interpretam à luz de certas grandes tradições do passado: assim, o êxodo do Egito, que conferiu a Israel a sua identidade, é evocado por quase todos os profetas, e a escolha de Davi e da sua dinastia ocupa um lugar mais ou menos equivalente. Êxodo do Egito e aliança davídica eram fatos do passado, mas que abriam uma perspectiva para o futuro. O povo está sempre em marcha, ou seja, na situação do Êxodo, expressa entre outras coisas pelo ritual pascal; e a realeza de Davi é o ponto de partida de uma realeza mais definitiva, o reino messiânico.

Profetas e história. É a partir dos profetas propriamente ditos que convém ler os livros "históricos" que, no cânon hebraico, lhes estão associados organicamente. Várias razões militam em favor de tal leitura. Com efeito, nesses livros (= *primeiros profetas*), os profetas ocupam um lugar preponderante: assim, dos 47 capítulos dos livros dos Reis, nada menos de 22 são dedicados a relatos em que os atores principais são, não tanto os reis quanto os profetas Ahiá de Shilô, Elias, Eliseu, Miquéias, filho de Imlã, e Isaías. Observar-se-á também o lugar que ocupam os discursos postos na boca de Josué, de Samuel ou de personagens anônimos. Inspirando-se nestas constatações, uma tradição, que no judaísmo se tornou quase oficial, quer que, na sua maior parte, os livros que vão de Josué aos Reis tenham sido compostos por profetas: é o ponto de vista de Flávio Josefo (*Contra Apião* I 8). Segundo o Talmud (*Baba Batra* 15a), o livro de Josué teria

sido escrito por Josué e terminado, após a morte dele, por Eleazar e Pinhás: Samuel teria escrito os Juízes, assim como o livro que traz o nome dele, ao passo que os elementos posteriores à sua morte teriam sido escritos pelos profetas Gad e Natan etc. Estas opiniões não resistem ao testemunho dos próprios livros bíblicos, mas não é inconcebível que os profetas, como também os sábios, tenham consignado por escrito antigas tradições nacionais, inclusive as que encontraram lugar no Pentateuco. Um testemunho indireto provém do livro das Crônicas, que menciona entre as suas fontes vários escritos de profetas, Samuel, Gad, Natan, Shemaia, Idô, informações que provavelmente não são puramente imaginárias. Sobre tudo importante é o lugar preciso em que, nos livros históricos, aparecem os profetas. Encontramo-los nas origens da realeza, por ocasião do cisma das dez tribos, no momento do perigo arameu, do sincretismo religioso sob Acab, da invasão assíria, da descoberta da Lei sob Josias. Todos esses eventos-chave estão ligados à pessoa de um ou de vários profetas. É a palavra do profeta que orienta esses acontecimentos; poder-se-ia quase dizer que ela os cria. No momento em que os acontecimentos ocorriam, os profetas talvez só tivessem uma intuição desta ligação entre a história e a palavra deles, embora a relação deles com Deus lhes conferisse um caráter de certeza: mas com o passar do tempo, esta ligação se tornou objeto de uma elaboração mais sistemática. Assim, durante o Exílio, o Segundo Isaías (40-55) indica uma correspondência entre as coisas anunciadas pelos profetas e as que ele vê realizando-se sob os seus olhos, encontrando aí a demonstração da superioridade e da unicidade do Deus de Israel. Mais tarde, lendo os livros dos profetas (Dn 9,2), o autor de Daniel encontrará inspiração para esboçar uma teologia da história universal, em que Deus aparecerá como o senhor dos tempos.

Os livros históricos dão da história uma interpretação profética, o que não está em contradição com o seu autêntico valor documental. O aspecto profético desses livros lhes vem não somente do grupo dos *últimos profetas*, mas também do livro que os precede imediatamente na ordem atual do cânon, o Deuteronômio. Este livro tem duas faces: uma voltada para o Pentateuco, do qual constitui a conclusão, a outra para os livros históricos (*primeiros profetas*), dos quais constitui a intro-

dução. Qualquer que seja o meio ambiente que deu origem ao Deuteronômio, o seu parentesco com os profetas é inegável e, na sua preocupação pela continuidade, ele visa mostrar a filiação do profetismo com o próprio Moisés (Dt 18,15ss.). Nenhum profeta, é verdade, reivindica explicitamente o patrocínio de Moisés, mas também é verdade que nenhum deles o recusaria.

Esta é também a atitude do historiador ao qual devemos o conjunto de Josué a Reis, muitas vezes qualificado como "historiador deuteronomista". A personalidade desse autor, em que alguns não enxergam mais do que um compilador, é menos fácil de ser apreendida que a de outros autores bíblicos, pois ela não se prolonga em uma coletividade ou uma escola. Entretanto, mui discretamente ele nos dá, no fim da sua obra, uma espécie de assinatura que nos ilumina sobre a sua época e sobre a sua teologia: em 2Rs 25,27 se diz que o rei da Babilônia "reergueu a cabeça" do rei ioiakin, deportado há 37 anos, fazendo-o sair da sua prisão, falando-lhe com bondade e elevando o trono dele acima dos tronos dos reis que estavam com ele na Babilônia. Isto ocorreu no ano de 561; o povo encontrava-se em pleno exílio, sem esperança aparente de ver o fim do exílio num futuro próximo. Ora, este pequeno sinal vem justamente lembrar que a promessa que até ali orientou a história não está aniquilada, se bem que alhures o autor insista no fato de que as desgraças atuais são o resultado lógico de uma sequência de infidelidades. O autor coincide exatamente com o ponto de vista dos profetas, que viam na história uma sucessão de juízos divinos e de reintegrações na graça.

Uma obra histórica de síntese, como o é o conjunto dos *primeiros profetas*, pode nascer em uma época feliz, quando se constata a realização de uma longa e difícil expectativa; pode também nascer num momento em que um passado glorioso parece estar desmoronando. Os *primeiros profetas* querem chamar para uma volta, mas não vêm a salvação em uma simples volta à época mosaica, por mais importante que sejam para eles as figuras desses novos Moisés que são Samuel e Elias. O historiador dos *primeiros profetas* não esquece a outra intervenção divina na história, que é a aliança com David. Sem dúvida, houve mais reis ruins do que bons, e vários deles foram a causa da infidelidade de Israel, induzindo-o a associar Báal

ao Senhor e a preferir a política das alianças e dos blocos à manutenção do lugar único que Deus quis para Israel no meio das nações. Mas, para este historiador, a realeza constitui também a brecha pela qual Israel entrou nos conflitos dos reinos para ser ali o instrumento e o testemunho de outro Reino. Num momento em que estas certezas pareciam definitivamente comprometidas, era útil lembrar ao povo que elas continuavam a manter a sua validade.

Começando pela promessa de Deus a Josué de dar-lhe a terra (Js 1,1-9) e terminando com a menção à elevação de Ioiakin, a obra muitas vezes heterogênea se apresenta sob o signo da unidade. Terra e reino podem momentaneamente não existir, mas serão restabelecidos, tão certo como não rui por terra nenhuma das palavras ditas por Deus, mas sempre encontra a sua realização (cf. Js 21,45; 23,14; 1Sm 3,19; 1Rs 8,56; 2Rs 10,10). Enquanto isso, os leitores reencontrarão a sua identidade

meditando os feitos de Deborah, de Gideon, de Samuel, de David, testemunhas da fidelidade de Deus às suas promessas. A recordação dos grandes atos de Deus, apresentados com intuito didático, ao mesmo tempo como narração e como exortação, deverá fazer evitar a recaída nos erros dos pais. Inspirado pelos profetas, o historiador ao qual devemos a coleção dos *primeiros profetas*, por sua vez, inspirará aqueles que se dedicarão a dar aos livros dos *últimos profetas* a sua forma definitiva, harmonizando-os com uma tradição que adquirira um valor e uma função de certo modo canônicos.

As duas partes do grupo dos *profetas* estão intimamente unidas, sendo proveitoso fazer uma leitura conjunta de ambas. Teremos então melhores condições para situar os profetas na história e para melhor perceber na história a palavra que cria os acontecimentos e que os transcende continuando a interpelar-nos nas nossas situações de hoje.

JOSUÉ

INTRODUÇÃO

Seguindo-se ao Pentateuco, o livro de Josué inicia a narrativa de uma etapa — e não a menor — da história de Israel. Conforme a tradição judaica, ele faz parte do grupo dos “Profetas anteriores” (Josué, Juízes, Samuel e Reis).

O Livro de Josué pode facilmente ser dividido em duas partes, seguidas de três conclusões (caps. 22, 23 e 24):

1. A conquista da terra prometida (1–12). Após um capítulo de introdução (1), Josué envia espiões a Jericó; eles são acolhidos com hospitalidade por Rahab. Os israelitas atravessam o Jordão à altura de Jericó e acampam em Guilgal (3–4), onde se efetua uma circuncisão e uma primeira celebração da Páscoa em terra canaanita (5). Na Palestina central, a conquista principia com a tomada de Jericó (6), depois com a de Ai (8), na decorrer da qual é descoberto o pecado de Akan (7). A seguir, Josué faz uma aliança com os guibeonitas (9), e isto provoca uma coalizão dirigida pelo rei de Jerusalém contra Israel, resultando na batalha de Guibeon (10). Na Palestina do norte, Israel tem de enfrentar uma nova coalizão dirigida pelo rei de Hãzor, cuja cidade foi incendiada pelos israelitas (11). No cap. 12, um quadro recapitula a lista das cidades conquistadas.

2. A repartição territorial entre as doze tribos (13–19), à qual se podem juntar as enumerações das cidades de refúgio (20) e das cidades levíticas (21).

3. Conclusões: as tribos transjordanianas que participaram da conquista (1,12–16) são remetidas por Josué para seu patrimônio além do Jordão (22,1–6). Nesta primeira conclusão, enxerta-se o episódio da construção de um altar por estas tribos, ocasião de um pacto solene entre as doze tribos (22,7–34).

O cap. 23 constitui o testamento de Josué, sucessor de Moisés.

O cap. 24 nos apresenta, em aparente paralelismo com o precedente, a aliança firmada por Josué em Siquém.

Deste rápido resumo depreende-se que um só personagem domina o conjunto das narrativas: Jo-

sué, filho de Nun, pertencente à tribo de Efraim (Nm 13,8.16). O seu nome é, por si só, todo um programa. Josué significa: “O Senhor salva”. Narra uma tradição bíblica que Moisés lhe mudou o nome de Hoshea (Oseías) para Iehoshua (Josué) (Nm 13,16), definindo-lhe um novo destino.

Outras personagens bíblicas também receberam este nome que, na época do Novo Testamento, resultou em “Jesus” para os judeus de língua grega (cf. Hb 4,8). Para os primeiros cristãos, isto facilitaria a aproximação entre a atividade de Jesus como salvador e a de Josué como condutor do povo rumo à terra do repouso.

No Pentateuco, Josué vive à sombra de Moisés: com ele sobe à montanha de Deus, segundo Ex 24,13; vela pela Tenda do Encontro (Ex 33,11); por vezes, desempenha um papel militar de destaque (Ex 17,8–16). Ao saber que não atravessaria o Jordão para conduzir o povo à Terra Prometida, Moisés confiou esta missão a Josué (Nm 27,18–23; Dt 31,7–8).

O Livro de Josué não pode ser lido como um registro que referisse ponto por ponto as etapas da conquista e instalação de Israel em Canaã. Sem dúvida, a crítica moderna cada vez mais reconhece o valor das tradições em que ele se funda. Mas, entre os acontecimentos que ele se refere (fim do século XIII) e a data da redação final do livro, medeiam vários séculos. Por outro lado, a imagem — que este documento propõe — de uma conquista total de Canaã pelo conjunto da liga das tribos não resiste à crítica histórica. Canaã só foi efetivamente conquistada no tempo de David (século X). Antes disso, como o próprio livro repetidas vezes sugere, os canaanitas, ao invés de serem todos exterminados, mantiveram-se nas planícies e não raro houve coexistência entre eles e os israelitas (cf. 15,63; 16,10; 17,12.18). Por ocasião da morte de Josué, somos informados de que um amplo território ainda ficava por conquistar, embora já houvesse sido repartido pelas tribos (13–23).

Qual a perspectiva em que se deve ler este livro? Como é que ele, aos poucos, se formou? Uma

leitura atenta mostra que, em Js 2-10, estamos diante de tradições particulares das tribos de Benjamin e Efraim, ou seja, unicamente das tribos do centro, vinculadas ao santuário de Guilgal e mesmo ao de Betel. Este primeiro conjunto foi compilado no fim do século X. A esta altura, Josué conduzia todo o povo, entidade maldefinida no livro, mas que de fato representa os guerreiros de algumas tribos que participaram da saída do Egito. Todavia, bem mais que ao aspecto militar — que não deixa de ter importância —, deve-se ser sensível à dimensão cultural e à apresentação litúrgica dos materiais. A travessia do Jordão (3-4) com a presença da Arca, réplica da travessia do mar dos Juncos, constitui uma entrada processional na Terra Prometida. Em Js 5, a menção à circuncisão seguida da primeira Páscoa celebrada com os produtos da região representa uma seqüência eminentemente litúrgica.

Nesta base, uma releitura foi feita por um redator pertencente à escola que produziu o Deuteronomio e que nele se baseou para meditar a história passada de Israel à luz das experiências recentes (séculos VII-VI). Esta meditação é particularmente perceptível nos grandes discursos dos caps. 1 e 23, sem contar inúmeros retoques com relação à obra anterior. A conquista é apresentada como obra de “todo Israel” (cf. 10,28-39). A menção reiterada às tribos transjordanianas frisa o propósito de manter a unidade do povo numa época em que ela estava em perigo (cf. 1,12-16; 12,1-6; 13,8-32; 22,1-6).

Paralelamente, exprime-se uma preocupação muito viva com a fidelidade de Israel ao seu Deus, que a convivência com as demais nações pode comprometer a todo momento; pois a Aliança supõe um compromisso incondicional. Só nesta perspectiva é que se torna compreensível a insistência no extermínio dos povos que habitam Canaã e na necessidade de votá-los ao interdito (6,17.21; 11,12.14). Esta medida, que, a uma simples leitura das narrativas, poderia nos chocar, é mais teórica do que real. Ela foi imaginada posteriormente, por causa da experiência do perigo de idolatria, do qual Israel não escapou.

Mais positivamente, o interesse dos redatores tem em mira a terra que Deus prometeu aos antepassados do povo. Por isso, a segunda parte do livro (13-19), muito menos influenciada pelo trabalho de edição deuteronomista, comporta uma

demarcação de fronteiras e listas de cidades para cada uma das doze tribos de Israel. Temos aí documentos muito preciosos sobre a divisão tradicional da terra entre os membros da liga israelita. Alguns deles podem remontar ao período que precede a realeza de Davi, mas não se podem excluir complementos mais tardios, em função da respectiva evolução da situação em Judá e Israel durante o período monárquico.

Além da redação deuteronomista, pode-se reconhecer na elaboração do Livro de Josué uma influência dos meios sacerdotais. Em certos capítulos, o papel do sacerdote Eleazar ou do seu filho Pinhas chega a suplantar o de Josué (14,1; 19,51; 21,1; 22,13.30.32), e a maioria desses relatos está vinculada ao santuário de Shilô.

Se levarmos em conta esse extenso trabalho redacional, teremos uma noção mais exata daquilo que, do ponto de vista histórico, se deve esperar do Livro de Josué. Não há dúvida de que a apresentação da conquista sob a guia exclusiva de Josué procede de uma sistematização que não nos deve impedir de perceber a complexidade dos fatos. Por exemplo, nada se diz da conquista de Betel, que entretanto é referida em Jz 1,22-26. A tomada de Siquém não aparece em nenhum relato, sinal provável de que houve uma instalação pacífica, por um acordo com os habitantes desta cidade. A conquista de Hebron e Debir é atribuída a Josué (Js 10,36-39), ao passo que ficamos sabendo em outro lugar que o verdadeiro conquistador de Hebron foi Kaleb, e o de Debir, Otniel (15,13-14; 15,17 e Jz 1,11-13).

Para restabelecer a verdade histórica deste período, freqüentemente se invocou o testemunho da arqueologia. De fato, as escavações empreendidas em cidades antigas não raro atestam violentas destruições, ocorridas na passagem da Idade do Bronze Recente — que termina por volta de 1200 — para a Idade do Ferro. Já que a entrada dos israelitas em Canaã é datada por volta de 1230, houve a tentação de atribuir a eles essas destruições. Mas não se podem descartar, por um lado, rivalidades entre as cidades-estados canaanitas, por outro, a presença nesta época de invasores de outra origem. O argumento arqueológico perde então sua força. Todavia, uma cidade como Hazor, cuja destruição é situada pelos arqueólogos no fim do século XIII, pode efetivamente ter sido incendiada pelos israelitas, confor-

me atesta Js 11,10-11. No caso de Jericó, os indícios arqueológicos revelaram-se decepcionantes quanto a este período, e a narrativa de Js 6 tem mais a aparência de uma liturgia guerreira do que de um relato circunstanciado do cerco contra a cidade. Não se pode deixar de admitir que o texto bíblico nem sempre dá resposta às perguntas que nós lhe fazemos.

Muito mais do que Josué, a personagem central do livro é a Terra Prometida. O que era objeto da promessa no Pentateuco encontra aqui cumprimento. Por isso, houve quem chegasse a falar de um Hexateuco, acrescentando Josué ao Pentateuco. A Terra é o lugar da fidelidade de Deus para com seu povo e do povo para com seu Deus.

Penhor da aliança entre Deus e Israel, ela não é um símbolo inanimado, mas um convite vivo e insistente ao homem de assumir a realidade criada para santificá-la. A ocupação de Canaã e sua divisão cadastral entre os filhos de Israel cumprem a promessa patriarcal renovada por Deus a Moisés. Não devemos nos deter ante a aridez das enumerações topográficas, mas partilhar a alegria do redator que pormenoriza a herança dada por Deus às tribos.

O Livro de Josué afirma que a Terra é simultaneamente dom e constante objeto de conquista. Há nisto uma nunca resolvida tensão entre o presente e o futuro, constitutiva da existência do povo de Deus.

34 **1 Investidura de Josué.** ¹Após a morte de Moisés, o servo do SENHOR^a, o SENHOR disse ao auxiliar^b de Moisés, Josué, filho de Nun: ²"Moisés, meu servo, morreu. Agora pois, levanta-te, atravessa este Jordão aqui, tu e todo este povo, rumo à terra que eu lhes dou — aos filhos de Israel". ³Tudo lugar que a planta de vossos pés pisar, eu vo-lo dei^d, como disse a Moisés; ⁴desde o deserto e o Líbano aí, até o grande Rio, o Eufrates, todo a terra dos hetitas^e, e até o Grande Mar, ao poente, tal será o vosso território^f. ⁵Ninguém te poderá resistir ao longo de tua vida. Assim como eu estava com Moisés, estarei contigo; eu não te faltarei, não te abandonarei. ⁶Sê forte e corajoso, pois és tu que darás em patrimônio a este povo a terra que jurei a seus pais lhes daria. ⁷Sim, sê forte e muito corajoso; sê atento em agir conforme a Lei que meu servo Moisés te prescreveu. Não te desvies dela nem para a direita nem para a esquerda, a fim de seres bem-sucedido em toda parte onde fores. ⁸Este livro da Lei não se afastará da tua boca, murmurá-lo-ás^g dia e noite, a fim de que tenhas o cuidado de agir conforme tudo o que nele se acha escrito, porque então tornarás prósperos os teus caminhos, então terá êxito. ⁹Não foi o que te pres-

crevi: sê forte e corajoso? Não tremas, não te assustes, pois o SENHOR, teu Deus, estará contigo^h, onde quer que fores".

Instruções e preparativos para a travessia do Jordão.

¹⁰Então Josué ordenou aos escribas do povo: ¹¹"Percorrei o acampamento e dai esta ordem ao povo: ¹²'Preparai provisões, pois daqui a três dias atravessareis este Jordão aqui, para entrar na posse da terra cujo domínio o SENHOR, vosso Deus, vos dá'. ¹³A seguir, Josué assim falou aos rubenitas, aos gaditas e à meia-tribo de Manassés: ¹⁴"Lembra-vos da ordemⁱ que vos deu Moisés, servo do SENHOR: o SENHOR, vosso Deus, vos conceda o repouso^k; ele vos deu esta terra. ¹⁵Vossas mulheres, vossas crianças e vossos rebanhos ficarão na terra que Moisés vos deu do outro lado do Jordão^l. Vós, porém, todos os guerreiros valentes, em ordem de batalha, passareis adiante dos vossos irmãos e os ajudareis, ¹⁶até que o SENHOR conceda o repouso aos vossos irmãos como a vós, e também eles possuam a terra que o SENHOR, vosso Deus, lhes dá. Depois voltareis à terra que é vossa posse e possuireis essa terra que Moisés, servo do SENHOR, vos deu do outro lado do Jordão, a oriente". ¹⁷Eles responderam a

a. No AT, esse título é quase sempre reservado a Moisés, e Js fornece disso numerosos exemplos. A tradição bíblica considera Moisés como o servo por excelência (cf. 1Cr 6,34; 2Cr 24,9; Dn 9,11. Por esse título e pela evocação da morte de Moisés, a introdução liga-se a Dt 34,5. Deus continua velando sobre seu povo, dando-lhe um chefe na pessoa de Josué.

b. Título que Josué recebe no Pentateuco (Ex 24,13; 33,11; Nm 11,28).

c. A expressão falta na maioria dos mss. g. Pode ser uma glosa destinada a precisar o pronome pessoal.

d. Observe-se o "passado profético": para Deus, o dom já foi feito, ao passo que só a conquista pelas tribos há de realizar a vontade divina, mediante uma ação complexa.

e. Ausente do texto gr. e do texto paralelo do Dt 11,24, talvez a expressão seja tardia; encontra-se nos documentos neobabilônicos para designar a Síria-Palestina.

f. Os limites desse território são simultaneamente tradicionais e novos; estribam-se em descrições antigas (Gn 15,18; Dt 11,24; IRs 5,1,4), mas, tomando como limite oriental o Eufrates, o

autor quer englobar o território das tribos da Transjordânia na Terra Santa. O ponto de vista é o da geografia teológica (cf. também Ex 23,31; Dt 1,7; Sl 78,8).

g. Trata-se de uma leitura em voz baixa, mas audível, conforme o modo de ler usual na Antiguidade (cf. Sl 1,2; At 8,28).

h. Lit. *o Senhor teu Deus contigo*. Promessa de assistência válida para o presente e o futuro.

i. As tribos da Transjordânia devem participar da travessia e da conquista que, como ações de Deus, dizem respeito a todo o povo. Temos aí um exemplo de solidariedade eclesial antecipada. Em 22,1-8, Josué mandará estas tribos de volta para seu território.

j. Lit. *a palavra que Moisés vos prescreveu*.

k. O tema do repouso, já presente em Dt 3,20 (cf. a nota), desempenha um papel importante no livro; torna a se encontrar particularmente em 21,44; 22,4; 23,1.

l. O outro lado do Jordão aqui só pode designar a Transjordânia. Expressão reveladora, que manifesta o ponto de vista de quem escreveu o texto, já que Josué e as tribos ainda se encontram na Transjordânia.

Josué: "Nós faremos tudo o que nos prescreveste, e iremos para onde quer que nos envies. ¹⁷Assim como obedecemos em tudo a Moisés, a ti obedeceremos. ¹⁸Sim, o SENHOR, teu Deus, estará contigo assim como estava com Moisés. ¹⁹Todo aquele que for rebelde à tua voz e não obedecer às tuas palavras em tudo o que nos tiveres mandado, será morto. Sim, sê forte e corajoso!"

1.5.9; 3.7;
6.27

2 Espiões enviados a Jericó. ¹De Shitim^m, Josué, filho de Nun, enviou dois homensⁿ para espionar discretamente: "Ide ver, disse-lhes, a terra de Jericó". Eles foram, entraram na casa de uma prostituta chamada Raḥab^b e ali pernottaram. ²Anunciou-se ao rei de Jericó: "Eis que homens, filhos de Israel, entraram aqui esta noite para explorar a terra". ³Então o rei de Jericó mandou dizer a Raḥab: "Manda sair os homens que vieram a ti — os que entraram na tua casa" —, pois foi para espiar toda a terra que vieram". ⁴Mas a mulher tomou os dois homens e os escondeu. A seguir, disse: "Sim, esses homens vieram a mim, mas eu não sabia de onde eram. ⁵Quando fecharam a porta da cidade à noite, eles saíram. Eu não sei para onde foram. Persegui-os depressa, que os alcançareis". ⁶Ora, ela os fizera subir ao terraço⁴ e os dissimulara entre as hastes de linho por ela arrumadas sobre o terraço. ⁷Os homens os perseguiram em direção ao Jordão, no rumo dos vaus, e foi fechada a porta da cidade logo que os perseguido-

res saíram. ⁸Os espias ainda não se tinham deitado, quando ela subiu ao terraço onde eles estavam ⁹e disse àqueles homens: "Eu sei^r que o SENHOR vos entregou a terra, que o pavor caiu sobre nós e que todos os habitantes da terra tremeram diante de vós. ¹⁰Pois ouvimos dizer que o SENHOR secou diante de vós as águas do mar dos Juncos, quando da vossa saída do Egito, e o que vós fizestes aos reis dos emoritas, além do Jordão, Siḥon e Og, que votastes ao interdito. ¹¹Nós o ouvimos, e nossa coragem dissolveu-se: cada qual perdeu o fôlego diante de vós, pois o Senhor, vosso Deus, é Deus lá em cima nos céus e aqui embaixo na terra. ¹²E agora jurai-me pelo SENHOR, já que eu procedi lealmente para convosco, que também procedereis lealmente para com minha família. Dai-me um sinal certo ¹³de que deixareis viver meu pai, minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs, tudo o que lhes pertence, e que nos poupareis da morte". ¹⁴Os homens lhe disseram: "Nossa vida responderá pela vossa, contanto que não divulgéis a nossa missão. Quando o SENHOR nos tiver dado a terra, agiremos para contigo com benevolência e lealdade". ¹⁵A seguir, com uma corda, ela os fez descer pela janela, pois sua casa ficava sobre o muro de fortificação⁵; ela morava sobre a muralha. ¹⁶Ela lhes disse: "Dirigi-vos para a montanha, não aconteça que os vossos perseguidores vos descubram; esconder-vos-eis ali durante três dias, até a volta dos que vos perse-

9.9-10;
Ex 14

12.2-5;
13.15-31
Dt 2.24-3.17

Dt 4.39

6.22-25

m. *Shitim* designa um lugar denominado "as Acácias" e deve ser idêntico à Abel-Shitim citada em Nm 33.49; é a última etapa das tribos antes da travessia do Jordão, cf. Nm 25.1; Js 3.1.

n. Esse tipo de narrativa, o envio de espies, está estreitamente ligado às tradições da conquista (cf. Nm 13-14; Dt 1.19-25; Jz 18). Toda a passagem é dominada por uma perspectiva teológica: quando regressam, os espies (vv. 23-24) proclamam que Deus entregou verdadeiramente a região. Esta proclamação suscita nas tribos um ato de fé na ação do Senhor.

o. Difícil determinar a origem de Raḥab e de seu clã, mas o papel desempenhado por esta mulher sempre foi tido como exemplar. Flávio Josefo e a tradição targumica pretendiam tê-la na conta de estalajadeira; Hb 11.21 e Tg 2.25 mantêm o dado primitivo, sem deixar de louvar a fé e a dedicação da Raḥab. Em Mt 1.5, esta mulher é contada entre os ancestrais do Messias.

p. Intenção deste esclarecimento é atenuar o sentido sexual que poderia ter a expressão *vieram a ti*, ao qual o contexto confere muita probabilidade: cf. 2Sm 11.4; 12.24; 16.21; 20.3.

q. O teto das casas palestinas é um terraço de terra batida, cujo acesso é uma escada. A colheita de linho, que se fazia antes da do centeio (abril), podia facilmente secar ali.

r. A situação está carregada de ironia pelo contraste entre o *Eu não sabia* dos vv. 4-5 e o *Eu sei* do v. 9, que abre uma verdadeira confissão de fé contendo elementos deuteronômicos (vv. 10b, 11b). Por seu vocabulário, o v. 9b está muito próximo de Ex 15.15.16.

s. A casa de Raḥab devia estar encostada às fortificações, e alguns compartimentos davam diretamente para o exterior. As escavações arqueológicas mostraram a verossimilhança desta disposição.

guem; depois disso podereis seguir vosso caminho". ¹⁷Os homens disseram-lhe: "Eis como cumpriremos o juramento que nos fizeste prestar: ¹⁸quando entrarmos na terra, atarás este cordão de fio escarlate na janelá pela qual nos fizeste descer; reunirás contigo, em casa de teu pai, tua mãe, teus irmãos e toda a tua família. ¹⁹Se um de vós atravessar as portas da tua casa e sair, seu sangue lhe recairá sobre a cabeça^a e nós ficaremos quites; mas quem quer que esteja contigo em tua casa, seu sangue recairá sobre nossas cabeças, se nele botarem as mãos. ²⁰No entanto, se divulgares nossa missão, ficaremos quites do juramento que nos fizeste prestar". ²¹Ela disse: "Seja como falastes!" Logo os despediu, e eles foram embora. Então ela atou o cordão escarlate à janela. ²²Eles partiram e dirigiram-se para a montanha, onde permaneceram três dias, até a volta dos que os perseguiram. Ora, os perseguidores os tinham procurado por todo o caminho e não os encontraram. ²³Então os dois homens descenderam da montanha; atravessaram e vieram ter com Josué, filho de Nun, e referiram-lhe tudo com que se encontraram". ²⁴Disseram a Josué: "Na verdade, o SENHOR entregou toda esta terra em nossas mãos, e também todos os habitantes da terra tremaram diante de nós".

2,9

3 A travessia do Jordão. ¹Josué levantou-se de manhã cedo. Ele e todos os filhos de Israel partiram de Shitim e chegaram ao Jordão; ali passaram a noi-

te, antes de o atravessar. ²Ora, ao cabo de três dias^b, os escribas percorreram o acampamento ³e deram esta ordem ao povo: "Quando virdes a arca da aliança do SENHOR, vosso Deus, e os sacerdotes levitas^c que a carregam, então deixareis o lugar em que estais e a seguireis — ⁴contudo, haja entre vós e ela uma distância de cerca de dois mil côvados^d; não vos acerqueis dela —, assim sabereis qual o caminho que deveis seguir, pois nunca passastes por este caminho antes".

⁵A seguir, Josué disse ao povo: "Santificai-vos, pois amanhã o SENHOR fará maravilhas no meio de vós". ⁶Josué disse aos sacerdotes: "Tomai a arca da aliança e passai adiante do povo". Eles tomaram a arca da aliança e caminharam adiante do povo.

⁷O SENHOR disse a Josué: "Hoje vou começar a enaltecer-te à vista de todo Israel, para que saibam que estarei contigo^e como estava com Moisés. ⁸Quanto a ti, darás a seguinte ordem aos sacerdotes que carregam a arca da aliança: 'Ao chegardes à beira das águas do Jordão, no Jordão vos deteréis'". ⁹Josué disse aos filhos de Israel: "Aproximai-vos e ouvi as palavras do SENHOR, vosso Deus". ¹⁰Depois Josué disse: "Nisto sabereis que o Deus vivo está no meio de vós e que, na verdade, ele desalojará diante de vós o canaanita, o hetita, o hitita, o perizita, o guirgashita, o emorita e o iebusita". ¹¹Eis que a Arca da Aliança do Senhor de toda a terra^f vai passar adiante de vós pelo

7,13;
Ex 19,10,15

1,5,17

Os 2,1;
Sl 42,3;
84,3

t. Lit. *seu sangue sobre sua cabeça*. Expressão de valor jurídico, cf. Lv 20,9,11; Mt 27,25; At 5,28.

u. Lit. *tudo o que os tinha encontrado*, ou seja, "tudo o que lhes sucedera". A tradução esforçou-se por conservar algo do jogo de palavras cheio de ironia entre o fracasso dos perseguidores e o relatório dos enviados de Josué.

v. Esta indicação cronológica retoma a de Js 1,11. Os escribas (cf. 1,10) dão ordens, tratam dos problemas de recrutamento e dispensa (Dt 20,5,8-9). Tornam a ser encontrados em Js 8,33; 23,2; 24,1; sua menção depende do Dt e do seu conceito da guerra santa.

w. Os sacerdotes levitas, que também figuram em Js 8,33, são citados com frequência em Dt: 17,9 (cf. nota); 18,1; 24,8; 27,9. O intuito desta curiosa expressão é sugerir que todos os levitas podiam exercer as funções sacerdotais no Templo de Jerusalém. De modo mais geral, a presença dos sacerdotes e da

arca transforma a travessia do Jordão numa verdadeira ação litúrgica.

x. A distância que o povo devia manter atrás da arca é de 900m; esta precisão é provavelmente uma glosa que frisa a santidade da arca, pois nela Deus manifesta sua presença.

y. Lit. *nem ontem, nem anteontem*.

z. Promessa de assistência divina a Josué, sucessor de Moisés; Js 4,14 assinala a realização desta promessa. O tema já estava presente desde a introdução.

a. Esta lista de sete povos aparece igualmente em Dt 7,1; Js 24,11. Habitualmente a lista só comporta seis nomes. Cf. Js 9,1; 11,3; 12,8.

b. Poder-se-ia também traduzir: *Senhor de todo o país*. Talvez seja mesmo este o sentido original (cf. 3,13; Mq 4,13; Sl 97,5), que posteriormente adquiriu um sentido universalista (Zc 4,14; 6,5; 2,5; Ap 11,4).

Jordão. ¹²E agora tomai doze homens dentre as tribos de Israel, um homem por tribo. ¹³Quando tocar as águas do Jordão a planta dos pés dos sacerdotes que carregam a arca do SENHOR, o Senhor de toda a terra, as águas do Jordão, as águas que descem de cima, serão cortadas e pararão numa só mole^c.”

SI 114.3

¹⁴Ao deixar o povo suas tendas para atravessar o Jordão, os sacerdotes que carregavam a arca da aliança estavam à frente do povo. ¹⁵Quando os que carregavam a arca chegaram ao Jordão, e os pés dos sacerdotes que carregavam a arca se molharam na água da ribanceira — pois o Jordão transborda por todas margens durante o tempo todo da ceifa^d —, ¹⁶então, as águas que descem de cima pararam, elas se ergueram numa só mole, muito longe, em Adã, cidade que fica ao lado de Sãtan^e, e as que descem rumo ao mar da Arabá, o mar do Sal, foram cortadas completamente, e o povo atravessou, em frente de Jericó.

¹⁷E os sacerdotes que carregavam a arca da aliança do SENHOR detiveram-se em terra seca, no meio do Jordão, imóveis, ao passo que todo Israel atravessava a pé enxuto, até que toda a nação acabou de atravessar o Jordão.

4 Construção do memorial da travessia^f.

¹Ora, logo que toda a nação acabou de atravessar o Jordão, o SENHOR disse a Josué: ²“Tomai doze homens entre o povo, um homem por tribo^g e ordenai-lhes: ‘Levai daqui, do meio do Jordão, do lugar onde se imobilizaram os pés dos sacerdotes, doze pedras; vós as fareis passar convosco e as depositareis na parada onde passardes a noite’”. ⁴A se-

guir, Josué chamou os doze homens que havia designado dentre os filhos de Israel, um homem por tribo; ⁵c Josué lhes disse: “Passai à frente da arca do SENHOR, vosso Deus, até o meio do Jordão, e cada um carregue uma pedra no ombro, de acordo com o número das tribos dos filhos de Israel, ⁶para servir de sinal no meio de vós^h. Quando amanhã vossos filhos vos perguntarem: ‘Que significam essas pedras para nós?’, ⁷dir-lhes-cis: ‘É que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da aliança do Senhor, quando ela passou o Jordão! As águas do Jordão foram cortadas e essas pedras servirão de memorial para os filhos de Israel para sempre’”. ⁸Foi assim que os filhos de Israel fizeram o que Josué lhes ordenara: levaram doze pedras do meio do Jordão, como o SENHOR dissera a Josué, de acordo com o número das tribos dos filhos de Israel e as fizeram passar consigo até a parada, onde as depositaram.

4.21-24

⁹Josué mandou erguer doze pedras no meio do Jordão, no lugar tocado pelos pés dos sacerdotes que carregavam a arca da aliança, e elas ali estão até o presente dia.

¹⁰Os sacerdotes que carregavam a arca detiveram-se no meio do Jordão até que se cumprisse plenamente a palavra que o SENHOR ordenara a Josué dizer ao povo, conforme tudo o que Moisés ordenara a Josué, e o povo apressou-se a atravessar.

¹¹Ora, quando todo o povo acabou de atravessar, a arca do SENHOR passou, bem como os sacerdotes, adiante do povo. ¹²À frente dos filhos de Israel passaram os filhos de Rúben, os filhos de Gad e a

c. Intencionalmente, o acontecimento é equiparado à travessia do mar dos Juncos; *numa só mole* lembra Ex 15,8 (mesmo termo traduzido por *dique*). Pode-se comparar essa brutal e milagrosa parada do Jordão com o desbarraicamento das margens desse rio em 1267, segundo um relato árabe.

d. A travessia do Jordão pelas tribos efetuou-se por ocasião da enchente do rio, na época da fusão das neves nas montanhas do norte. A sega é a do centeio (2,6 nota), fato que o gr. acentuou.

e. Texto difícil; o gr. compreendeu de forma diferente. Adã, talvez citada em Os 6,7, é uma cidade próxima do Jordão.

f. Este capítulo contém pelo menos duas tradições, que ambas terminam na construção de um círculo de doze pedras, um dentro do Jordão (v. 9), o outro em Guilgal (v. 20).

g. Primeira explicação do círculo de doze pedras (vv. 2, 3, 8). Note-se que os verbos estão no plural; pode ser um indício de que, na origem, a ordem de Deus era dada diretamente aos anciãos do povo e não só a Josué.

h. Primeira catequese litúrgica que atualiza para as gerações futuras a travessia do Jordão. Semelhante formulação encontra-se igualmente em Ex 12,26; 13,8.14; Dt 6,20.

meia-tribo de Manassés¹, em ordem de batalha, conforme o que lhes dissera Moisés: ¹³cerca de quarenta mil homens de infantaria ligeira passaram adiante do SENHOR para o combate, rumo à planície de Jericó². ¹⁴Naquele dia, o SENHOR engrandeceu Josué à vista de todo Israel, e tiveram-lhe temor³, como o tiveram a Moisés, todos os dias da vida dele.

¹⁵Então o SENHOR disse a Josué: ¹⁶"Manda os sacerdotes que carregam a arca do Documento⁴ subir do Jordão". ¹⁷E Josué ordenou aos sacerdotes: "Subi do Jordão". ¹⁸Ora, quando os sacerdotes que carregavam a arca da aliança do SENHOR subiram do meio do Jordão — logo que a planta dos pés dos sacerdotes se destacou para alcançar terra enxuta —, as águas do Jordão retornaram ao seu lugar e correram como antes⁵ ao longo de suas margens. ¹⁹O povo subiu do Jordão no dia dez do primeiro mês⁶ e acampou em Guilgal⁷, na extremidade oriental de Jericó.

²⁰Quanto às doze pedras que haviam tirado do Jordão, Josué as mandou erigir em Guilgal. ²¹E disse aos filhos de Israel: "Amanhã, quando vossos filhos perguntarem a seus pais: 'Que significam essas pedras?'", ²²vós informareis os vossos filhos, dizendo: 'Israel atravessou aqui o Jordão a pé enxuto; ²³o SENHOR, Ex 14 vosso Deus, fez secar adiante de vós as águas do Jordão até que o houvésses atravessado, assim como o SENHOR, vosso Deus, fizera com o mar dos Juncos, que secou adiante de nós até que o hou-

véssemos atravessado. ²⁴a fim de que todos os povos da terra saibam quão forte é a mão do SENHOR, a fim de que temais o SENHOR, vosso Deus, todos os dias"⁸.

5 Circuncisão dos israelitas em Guilgal. 'Ora, todos os reis dos emoritas',

que se encontravam além do Jordão, a ocidente, e todos os reis dos canaanitas, que habitavam em frente do mar, souberam que o SENHOR secara as águas do Jordão diante dos filhos de Israel até que nós o tivéssemos atravessado⁹; sua cora- 2.11 gem se dissolveu e perderam o alento diante dos filhos de Israel.

²Naquele tempo, o SENHOR disse a Josué: "Faze para ti facas de sílex¹ e põe-te novamente a circuncidar os filhos de Israel". ³Josué fez para si facas de sílex e circuncidou os filhos de Israel sobre a colina dos Prepúcios². ⁴Eis o motivo pelo qual Josué os circuncidou. Todo o povo que saíra do Egito, os homens, todos os guerreiros, tinham morrido no deserto, no caminho, após a saída do Egito. ⁵Ora, todo o povo que saíra do Egito estava circuncidado, mas todo o povo dos que nasceram no deserto, no caminho, após a saída do Egito, não fora circuncidado. ⁶Com efeito, os filhos de Israel tinham andado quarenta anos no deserto, até desaparecer toda a nação dos guerreiros saídos do Egito; eles não tinham escutado a voz do SENHOR, que então jurara não deixá-los ver a terra que jurara a seus pais dar-nos, terra que mana

Nm 32,13;
Dt 2,14

Dt 8,20;
28,15.45.62

Dt 2,14

1. Execução da ordem dada por Josué a essas mesmas tribos em 1,12-15.

j. Cf. Nm 22,1 nota.

k. O emprego deste verbo, que quase sempre exprime o temor sagrado do homem diante de Deus, é surpreendente, pois se diz que o povo deve temer Josué. Só Samuel (1Sm 12,18) e Salomão (1Rs 1,51) são objetos desse temor, na qualidade de homens investidos no cargo de governar o povo. Moisés e Josué, enquanto chefes do povo, prefiguram essa função real.

l. Expressão única no livro de Js; talvez uma modificação tardia da expressão mais corrente: *arca da aliança*, ou um indicio da influência da terminologia sacerdotal (Ex 25,16.22; 30,6.36).

m. Cf. 3,4 nota.

n. Data da preparação da Páscoa segundo Ex 12,3. Este v. prepara a celebração da Páscoa referida em Js 5,10-12.

o. *Guilgal*, cujo nome significa *círculo*, ainda não foi localizada; o local não devia ficar longe do Jordão, ao norte de Jericó.

p. Segunda catequese litúrgica que relaciona o círculo de pedras ao evento salvífico da travessia. * [Cf. nota a 4,6.]

q. A ação de Deus tem dupla finalidade: o terror apodera-se de todos os povos e Israel teme o Senhor.

r. Este v. relaciona-se bastante intimamente com 4,24; as duas últimas expressões do v. já ocorreram em 2,11.

s. Observe-se a aparição da primeira pessoa do plural, que denota uma intenção de atualização litúrgica, cf. 5,6.

t. O rito da circuncisão é praticado com facas de sílex, cf. Ex 4,25, sinal da antiguidade do rito. A continuação do texto (vv. 4-7) vai tentar explicar, num estilo um tanto pesado, esta incircuncisão dos israelitas que parecia chocante, pois a circuncisão, sinal da aliança (confere Gn 17,10-11, nota), era necessária para a participação na Páscoa, conforme Ex 12, 44.48.

u. Este nome remete ao rito que se devia praticar nas proximidades do santuário de Guilgal.

De 6,3; 11,9 leite e mel¹. ⁷Foram seus filhos que ele estabeleceu em lugar deles; a estes é que Josué circuncidou, pois eram incircuncisos, já que não os tinham circuncidado no caminho. ⁸Ora, quando se acabou de circuncidar toda a nação, eles permaneceram no mesmo lugar, no acampamento, até a cura². ⁹E o SENHOR disse a Josué: "Hoje eu fiz rolar para longe de vós o opróbrio do Egito". E aquele lugar foi chamado com o nome de Guilgal até o presente dia³.

Primeira Páscoa em Canaã. ¹⁰Os filhos de Israel acamparam em Guilgal e celebraram a Páscoa no décimo quarto dia do mês⁴, à tarde, na planície de Jericó. ¹¹E eles comeram produtos da terra, no dia seguinte à Páscoa, pães sem fermento e espigas tostadas⁵ naquele mesmo dia. ¹²E o maná cessou no dia seguinte, depois de comerem produtos da terra⁶. Não mais houve maná para os filhos de Israel, que, naquele ano, comeram os produtos da terra de Canaã.

Manifestação do chefe do exército do Senhor. ¹³Ora, estando Josué perto de Jericó⁷, ergueu os olhos e viu: eis um homem à sua frente, tendo na mão a espada desembainhada⁸. Josué dirigiu-se a ele e disse-lhe: "És a nosso favor ou a favor dos nossos adversários?" ¹⁴"Não, disse ele, eu sou o chefe do exército do SENHOR. Agora venho"⁹. Então Josué se lançou rosto por terra¹⁰, prosternou-se e disse-lhe: "Que diz o meu Senhor ao seu servo?" ¹⁵O chefe do exército do SENHOR disse a Josué: "Tira as sandálias dos teus pés, pois o lugar em que estás é santo"¹¹. Assim fez Josué.

Nm 22, 33.31

Ex 23,20; 32,34

Ex 3,5

6 Liturgia guerreira em torno de Jericó. ¹Jericó estava cerrada e encerrada¹ por causa dos filhos de Israel²: ninguém saía e ninguém entrava.

²Disse o SENHOR a Josué: "Vê, eu te entreguei Jericó e seu rei, seus valentes guerreiros³. ³E vós, todos os homens de guerra, girareis em torno da cidade, dando a volta à cidade uma vez; assim proce-

v. Esta tentativa de explicação deriva do estilo deuterônômico.
w. O rito não pôde ser praticado de imediato nos guerreiros que deviam enfrentar os cananeus. cf. Gn 34,25. Há aqui uma narração abreviada que se explica perfeitamente do ponto de vista litúrgico.

x. Nova explicação do nome *Guilgal* (cf. 4,19 nota), apoiando-se num trocadilho originário de um verbo hebr. que significa *rolar*; o lugar significaria *rolamento*. Difícil é perceber o que o texto entende por *oprobrio do Egito*; provavelmente se trata da incircuncisão da geração do deserto.

y. Esta data é a da Páscoa em Ex 12,6 e foi preparada por Js 4,19. A festa foi celebrada na planície de Jericó e não no santuário de Guilgal, o que está de acordo com seu caráter familiar (Ex 12,1-11).

z. A menção a espigas tostadas no quadro da Páscoa é peculiar ao nosso texto; ordinariamente só se faz menção a elas para as oblações das primícias (Lv 2,14; 23,14).

a. O maná cessa (cf. Ex 16). É o fim de um período — a vida no deserto — e o início de um novo — o da vida sedentária em Canaã. A evocação da Páscoa e a manducação dos produtos da terra acentuam esta ruptura.

b. Lit. em *Jericó*. Certas versões e as traduções modernas matizam, talvez sem razão, a preposição, porque Jericó ainda não fora conquistada.

c. A cena aqui descrita deve ser cotejada com outros textos bíblicos, tais como 2Sm 24,16 e 1Cr 21,16. O chefe do exército seria então um anjo, mas essa designação supõe que o Senhor está rodeado de uma corte celeste da qual é rei. No seu estado atual, a narrativa serve de introdução ao capítulo seguinte.

d. A resposta termina de forma abrupta e seria de se esperar um desenvolvimento.

e. Embora sejam de uso prostrações também diante dos homens (Gn 23,7; 2Sm 1,2), o gesto de Josué revela que o chefe do exército não se distingue realmente do próprio Deus, fato que é enfatizado no v. 15.

f. A ordem que Josué recebe é idêntica à recebida por Moisés em Ex 3,5. Sobre essa base, pretendeu-se ver na narrativa a declaração de fundação de um santuário. Nota-se em nosso livro a preocupação de assemelhar Josué à grande figura de Moisés, chefe do povo, que continua sendo um modelo.

g. O hebr. emprega o mesmo verbo sob duas formas diferentes: a tradução esforçou-se por manter o jogo de palavras.

h. Para este cap., o texto gr. é indiscutivelmente mais curto que o hebr.; as divergências, por demais numerosas entre os dois textos, não foram anotadas.

i. Apesar das repetições e redundâncias, é bastante fácil perceber a estrutura da narrativa: ordem de Deus a Josué (vv. 2-5), transmissão desta ordem aos sacerdotes (v. 6), depois ao povo (vv. 7-10), execução da ordem (vv. 11-16,20). — Esta narrativa comporta simultaneamente traços litúrgicos e traços guerreiros. O povo é constituído pelo conjunto dos guerreiros; o clamor é parte dos ritos da guerra e deve ser emitido no momento do assalto (1Sm 17,20.52); da mesma forma o som da trompa, que serve para apavorar o inimigo e semear o pânico (Jz 7,8-20). A arca, associada tanto à guerra como às procissões litúrgicas, estabelece o vínculo entre os dois inseparáveis aspectos da narrativa. A procissão, a importância do número sete, a menção aos sacerdotes que precedem a arca ou a carregam manifestam o caráter litúrgico do conjunto. Em tais condições, torna-se difícil definir as circunstâncias da conquista de Jericó.

j. Mesma expressão que em 1,14. Normalmente, ela se aplica unicamente aos israelitas.

derás durante seis dias. ⁴Sete sacerdotes levarão as sete trompas de chifre de carneiro^k adiante da arca. No sétimo dia, girareis em redor da cidade sete vezes e os sacerdotes farão soar as trompas. ⁵Quando ressoar o chifre de carneiro^l — quando ouvirdes o som da trompa —, todo o povo soltará um grande clamor^m; a muralha da cidade cairá sobre si mesma e o povo subirá, cada qual reto à sua frente”.

⁶Josué, filho de Nun, chamou os sacerdotes e lhes disse: “Tomai a arca da aliança e que sete sacerdotes levem sete trompas de chifre de carneiro adiante da arca do SENHOR.” ⁷Ele disse ao povo: “Passai e dai a volta à cidade, mas a vanguardaⁿ passe diante da arca do SENHOR”. ⁸Tudo aconteceu como Josué dissera ao povo: os sete sacerdotes que levavam as sete trompas de chifre de carneiro adiante do SENHOR passaram, fazendo soar as trompas. A arca da aliança do SENHOR os seguia. ⁹A vanguarda marchava à frente dos sacerdotes, que faziam soar as trompas, e a retaguarda^o seguia a arca; marchavam fazendo soar as trompas.

¹⁰Josué deu esta ordem ao povo: “Não clamareis, não fareis ouvir a vossa voz e nenhuma palavra sairá de vossa boca até o dia em que eu vos disser: ‘Clamai’; então clamareis”.

¹¹A arca do SENHOR girou em volta da cidade para contorná-la uma vez, a seguir recolheram-se ao acampamento e lá passa-

ram a noite. ¹²Josué se levantou de manhã cedo^p e os sacerdotes tomaram a arca do SENHOR: ¹³os sete sacerdotes que levavam as sete trompas de chifre de carneiro à frente da arca do SENHOR, recomeçaram a marchar fazendo soar as trompas. A vanguarda marchava diante deles e a retaguarda seguia a arca do SENHOR; marchavam fazendo soar as trompas. ¹⁴Giraram uma vez ao redor da cidade no segundo dia, depois voltaram ao acampamento. Assim fizeram durante seis dias. ¹⁵Ora, no sétimo dia, eles se levantaram ao romper da aurora e giraram sete vezes ao redor da cidade conforme o mesmo rito^q; foi só neste dia que deram sete voltas ao redor da cidade. ¹⁶À sétima vez, os sacerdotes fizeram soar as trompas, e Josué disse ao povo: “Clamai, pois o SENHOR vos entregou a cidade. ¹⁷A cidade^r será votada ao interdito^s para o Senhor, ela e tudo o que nela se encontra. Só viverá Rahab, a prostituta, ela e todos os que estiverem com ela na sua casa, pois escondeu os mensa- ^{2.6}geiros que enviamos. ¹⁸Quanto a vós, guardai bem o interdito, não aconteça que cobiceis^t e tomeis algo do que está sob interdito, e transfiris o interdito para o acampamento de Israel, causando sua desgraça. ¹⁹Toda a prata, o ouro e os objetos de ^{Nm 31.54}bronze e ferro, tudo será consagrado ao SENHOR, e entrará no tesouro do SENHOR”.

²⁰O povo clamou e as trompas soaram. Quando o povo escutou o som da trompa,

k. Aqui, não se devem imaginar instrumentos metálicos, mas simples “berrantes” de chifre de carneiro. Esse chifre de animal, no qual se sopra sem o auxílio de um bocal, só é capaz de produzir um mugido, algo assustador. O seu uso na liturgia (Lv 25.9; 2Cr 15.14) confirma o que foi dito em 6.2 nota.

l. Expressão muito parecida em Ex 19.13, texto litúrgico. m. Também o *clamor* combina o aspecto guerreiro com o litúrgico, cf. Lv 23.24; Nm 29.1; 2Sm 6.15; Esd 3.11.

n. Termo bastante raro, cf. Nm 32.21.27.29; 1Cr 12.23; 2Cr 20.21; 28.14.

o. Termo tardio e raro, cf. Nm 10.25; Is 52.12; 58.8.

p. A expressão *levantar-se de manhã cedo*, já encontrada em 3.1, ressalta em Js a manhã dos dias de grande importância, cf. 7.16; 8.10.

q. A palavra hebr. que costuma significar “juízo”, “decisão”, “direito” tem aqui um sentido menos judiciário e mais geral.

r. Os vv. 17-19 interrompem o fio da narrativa; visam preparar o fim da história de Rahab (vv. 22-25) e o episódio do cap. 7 (comp. 6.18 com 7.21.25).

s. Dentro do quadro da guerra santa, cuja condução e vitória são da alçada de Deus, cabe ao homem nada guardar para si e tudo consagrar ao verdadeiro vencedor por uma destruição radical. Este rito foi praticado por outros povos além de Israel, particularmente pelos moabitas, segundo reza a inscrição do seu rei Meshá (séc. IX). Contudo, não obstante os textos de Dt (13.16-19; 20.16-18), raramente o interdito foi praticado de forma absoluta. Segundo Js 8.2.27; 11.14, os israelitas podiam guardar para si o gado e os despojos da cidade conquistada. Acresce que as prescrições deuterônômicas que ordenavam a matança dos moradores das cidades cananéias (cf. Js 6.21; 10.28-39) tinham por finalidade evitar qualquer contaminação com os cultos idolátricos; mas foi uma prescrição teórica, raramente posta em prática, mesmo quando da conquista.

t. O hebr. *leu votar ao interdito*; com o gr., é melhor ler *cobiçar*, como em Js 7.21.

u. Trata-se da parte do butim que era consagrada a Deus e depositada em um templo. No v. 24, a expressão usada parece designar o templo de Jerusalém.

Hb 11.30

soltou um grande clamor e a muralha desmoronou sobre si mesma; o povo subiu para a cidade, cada qual reto à sua frente, e apoderaram-se da cidade.²¹ Eles votaram ao interdito tudo o que se achava na cidade, tanto homem como mulher, jovem como ancião, touro, ovelha e jumento, passando tudo ao fio da espada.

A salvação para a casa de Raḥab.

²²Josué disse aos dois homens que haviam espionado a terra: "Entraí na casa da prostituta e fazei sair esta mulher e tudo o que lhe pertence, conforme lhe jurastes".²³ Os jovens que tinham espionado entraram lá e fizeram sair Raḥab, seu pai, sua mãe, seus irmãos e tudo o que lhe pertencia; eles fizeram sair todos os do seu clã e os instalaram fora do acampamento de Israel.²⁴ Quanto à cidade, incendiaram-na, bem como tudo o que nela se achava, exceto a prata, o ouro e os objetos de bronze e de ferro, que entregaram ao tesouro da Casa do SENHOR.²⁵ Josué concedeu a vida a Raḥab, a prostituta, à sua família e a tudo o que lhe pertencia; ela pôde morar no meio de Israel até o presente dia, pois escondera os mensageiros que Josué enviara para espionar Jericó.

²⁶Naquele tempo, Josué mandou pronunciar este juramento: "Maldito seja perante o SENHOR o homem que se levantar para reconstruir esta cidade, Jericó. Ao preço do seu primogênito lhe lançará os fundamentos, ao preço do seu filho mais novo lhe fixará as portas".

²⁷O SENHOR esteve com Josué, cuja fama estendeu-se por toda a terra. 1.5

7 Infidelidade de Akan e derrota diante de Ai. 'Os filhos de Israel cometeram um ato de infidelidade' com relação ao interdito: Akan, filho de Karmi, filho de Zabdi, filho de Zérah, da tribo de Judá, apossou-se do que estava interdito, e a ira do Senhor inflamou-se contra os filhos de Israel'.

22.20.
1Cr2.7

²Josué enviou homens de Jericó a Ai, que fica perto de Bet-Áven, a leste de Betel, e disse-lhes: "Subi para espionar a terra". Os homens subiram para espionar Ai^a, voltaram para junto de Josué e disseram-lhe: "Não suba todo o povo! Subam cerca de dois ou três mil homens para atacar Ai! Não imponhas fadiga ao povo inteiro, pois aquela gente é pouco numerosa". "Cerca de três mil homens subiram, então, mas tiveram de fugir adiante dos homens de Ai. ⁵Os homens de Ai mataram-lhes cerca de trinta e seis homens e os perseguiram para além da porta da cidade, até Shebarim; eles os mataram na descida. A coragem do povo dissolveu-se e sumiu como água.

⁶Josué rasgou as vestes, caiu de rosto em terra diante da arca do SENHOR até o anoitecer, ele e os anciãos de Israel, e jogaram pó sobre a cabeça". Josué disse: "Ah! Senhor DEUS, por que induziste este povo a atravessar o Jordão? Teria sido para entregar-nos às mãos do emorita e fazer-nos perecer? Ao menos tivéssemos nós resolvido estabelecer-nos além do

v. Cf. Dt 23.15, o acampamento de Israel é santo e a presença da família de Raḥab, composta de estrangeiros, o tornaria impuro.

w. Relativamente à lei do interdito, Raḥab e sua família constituíam uma exceção que o redator justifica invocando a fé desta mulher (cf. 2.9-11) e o auxílio que prestou a Israel. No conceito dos redatores, o caso dos guibeonitas (Js 9) constitui uma segunda exceção (cf. Js 11.19).

x. A realização deste prognóstico de Josué encontra-se em 1Rs 16.34.

y. A expressão *cometer um ato de infidelidade* pertence ao vocabulário de Ez, dos textos sacerdotais e do Cronista.

z. A premonição de Josué (6.18) revelou-se ineficaz: o pecado de Akan permite explicar o fracasso militar diante de Ai, mas o v. introdutório, revelando o nome do culpado, suprime a tensão cuidadosamente mantida na sequência da narrativa.

a. O texto hebr. parece fazer de Bet-Áven um lugar distinto de Betel, mas para os profetas Oséias (4.15; 5.8; 10.5) e Amós (5.5), Bet-Áven é um nome derrisório para designar Betel. Esta identidade é confirmada por Js 18.12. O texto gr. lcu simplesmente: *que está perto de Betel*.

b. Deve-se comparar esta breve narrativa de espionagem com Js 2, cf. 2.1 nota.

c. Os gestos feitos por Josué e os anciãos são característicos dos ritos de lamentação, muito parecidos com os ritos de luto: rasgar as roupas (Gn 44.13; 1Sm 4.12; Jl 2.13; 1Mc 3.47; 4.39), cair de rosto em terra (1Mc 4.40; 4.11), lançar pó na cabeça (1Sm 4.12; Ez 27.30; Ne 9.1; 2Mc 10.25; 14.15). A liturgia penitencial prolonga-se até o anoitecer (Jz 20.23.26; 21.2; 1Sm 14.24; 2Sm 1.12) e se realiza no santuário, que pode ser o de Guilgal.

Jordão! ⁸Por favor, Senhor, que direi, agora que Israel virou as costas diante dos inimigos? ⁹Os canaanitas e todos os habitantes desta terra o saberão, se voltarão contra nós e suprimirão nosso nome desta terra. Que poderás então fazer pelo teu grande nome^d?"

¹⁰O SENHOR disse a Josué: "Levanta-te! Por que jazes prostrado, rosto em terra?"

At 5.1-11

¹¹Israel pecou; sim, eles transgrediram a minha aliança, a que eu lhes prescrevera; sim, tomaram o que era interdito, chegaram a roubar, dissimular, esconder entre suas bagagens; ¹²os filhos de Israel não poderão enfrentar seus inimigos, eles virarão as costas diante dos inimigos, pois estão manchados por um interdito; eu deixarei de estar convosco, se não eliminardes o interdito que está no meio de vós. ¹³Levanta-te, santifica o povo. Dirás: 'Santificai-vos para amanhã, pois assim fala o SENHOR, Deus de Israel: um interdito está no meio de ti, Israel; não poderás enfrentar teus inimigos enquanto não tiveres erradicado o interdito que está no meio de vós'. ¹⁴Aproximar-vos-eis de manhã, por tribos^e, e a tribo que o SENHOR houver designado aproximar-se-á por clãs, e o clã que o SENHOR houver designado aproximar-se-á por casas, e a casa que o SENHOR houver designado aproximar-se-á, homem por homem. ¹⁵Aquele que houver sido designado como responsável pelo interdito será queimado pelo fogo, ele e tudo o que lhe pertence, pois transgrediu a aliança do SENHOR e cometeu uma infâmia em Israel^f."

¹⁶Josué se levantou de manhã bem cedo e mandou que Israel se aproximasse por

tribos; a tribo de Judá foi designada^g; ¹⁷mandou aproximar-se os clãs de Judá e foi designado o clã dos zerafitas; mandou aproximar-se o clã dos zerafitas, casa por casa, e a casa de Zabdi foi designada. ¹⁸Depois, mandou aproximar-se a casa de Zabdi, homem por homem, e Akan, filho de Karmi, filho de Zabdi, filho de Zerafi, da tribo de Judá, foi designado. ¹⁹Josué disse a Akan: "Meu filho, dá glória ao SENHOR, Deus de Israel, e rende-lhe louvor; conta-me o que fizeste; não me escondas nada". ²⁰Akan respondeu a Josué e lhe disse: "Na verdade, fui eu que pequei contra o SENHOR, Deus de Israel, e eis de que modo agi: ²¹eu tinha visto nos despojos um manto de Shinear^h, de beleza única, duzentos siclos de prata e um lingote de ouro que pesava cinquenta siclos. Eu os cobicei e deles me apossei; eles estão escondidos na terra no meio da minha tenda e a prata está por baixo". ²²Josué mandou mensageiros, que correram à tenda: tudo estava de fato escondido na tenda de Akan e a prata estava por baixo. ²³Tiraram os objetos do meio da tenda e os trouxeram a Josué e a todos os filhos de Israel: depositaram-nosⁱ diante do SENHOR.

²⁴Josué levou Akan, filho de Zerafi, bem como a prata, o manto e o lingote de ouro^j, seus filhos e filhas, seu touro, seu jumento, suas ovelhas, sua tenda e tudo o que lhe pertencia. Todo Israel o acompanhou e fizeram-nos subir ao vale de Akor^k. ²⁵E Josué disse: "Por que nos trouxe a desgraça^l? Que o SENHOR, neste dia, traga sobre ti a desgraça!" Todo Israel o lapidou; e eles o queimaram e

d. O tom dos vv. 7-9 lembra o das preces de Moisés pronunciadas durante a estada no deserto, cf. Ex 32.11-13; Nm 14.13-16; Dt 9.26-29.

e. Toda esta passagem é muito instrutiva acerca da estrutura social do povo que se reparte em tribos, clãs, casas e famílias.

f. Formulação antiga (Gn 34.7; Jz 20.6.10; 2Sm 13.12-13) que pertence à língua jurídica das tribos.

g. O verbo hebr. designa uma forma de julgamento por sorteio. Essa técnica é bem-atestada por 1Sm 14.41-42 (texto gr.), onde o culpado é apontado usando-se fichas divinatórias, *urim e tumim*.

h. Nome antigo aplicado pela Bíblia (Gn 10.10; 11.2; Dn 1.2) à região das cercanias de Babilônia.

i. Conforme Js 6.19.24, os objetos de metal devem ser depositados no tesouro do templo. O verbo hebr. significa propriamente *fundir os metais*, o que não quadra bem com o manto de Shinear.

j. Ao passo que, no v. 23, os objetos são depositados diante do Senhor, aqui eles são levados com Akan para serem queimados com ele. Temos aí uma das numerosas dificuldades deste cap., no qual se podem descobrir diversas intervenções redacionais.

k. Conforme o contexto, o vale de Akor deve estar situado em algum lugar entre Jericó e Ai; Os 2.17 confirma tal localização. Todavia, segundo Js 15.7, o vale de Akor encontra-se em território judaíta. Pode-se pensar numa transposição de tradição.

l. Já encontrado em Js 6.18, o verbo *causar desgraça* (*'akar*) está em assonância com o lugar do castigo, Akor. O trocadilho

apedrejaram^m. ²⁶Ergueram sobre ele um grande montão de pedras até hoje existente. Então aplacou-se a ardente cólera do SENHOR. Por isso é que até hoje aquele lugar recebeu o nome de "Vale de Akor".

8 Tomada de Ai. ¹O SENHOR disse a Josué: "Não temas e não te deixes abater. Toma contigo todo o povo em pé de guerra"; levanta-te, sobe contra Ai. Vê, eu te entreguei o rei de Ai, seu povo, sua cidade e sua terra.² Tratarás Ai e seu rei como trataste Jericó e seu rei³; contudo podereis tomar para vós como presa os seus despojos e seu gado⁴. Arma uma emboscada contra a cidade, pelo lado de trás".

³Josué levantou-se com todo o povo em pé de guerra, a fim de subir contra Ai. Josué escolheu trinta mil homens, valentes guerreiros, e, à noite, os enviou. ⁴Dera-lhes esta ordem: "Vede! Vós ficareis de emboscada contra esta cidade, por detrás dela: não vos afasteis demais da cidade e ficai de prontidão. ⁵Eu e todo o povo que está comigo aproximar-nos-emos da cidade. Quando eles saírem ao nosso encontro como da primeira vez, fugiremos deles, ⁶e eles sairão atrás de nós até que os tenhamos atraído para longe da cidade, pois dirão: 'Eles fogem de nós como da primeira vez', e nós fugiremos adiante deles. ⁷Vós, então, surgireis da emboscada e ocupareis a cidade; o SENHOR, vosso Deus, a entre-

ga em vossas mãos. ⁸Quando vos apoderardes da cidade, atear-lhe-eis fogo; procedereis de acordo com a palavra do SENHOR. Eis a ordem que eu vos dou". ⁹Josué os enviou e eles foram para o local da emboscada; puseram-se entre Betel e Ai, a oeste de Ai. Josué passou aquela noite no meio do povo.

¹⁰Josué levantou-se de manhã cedo, inspecionou o povo e, a seguir, subiu contra Ai com os anciãos de Israel à frente do povo. ¹¹Todo o povo em pé de guerra que estava com ele subiu, avançou, chegou diante da cidade e acampou ao norte de Ai, ficando o vale entre eles e Ai. ¹²Josué tomou cerca de cinco mil homens⁷ e os dispôs de emboscada entre Betel e Ai, a oeste da cidade. ¹³O povo montou acampamento ao norte da cidade e sua retaguarda⁸ a oeste da cidade; naquela noite, Josué dirigiu-se para o meio da planície. ¹⁴Ora, quando o rei de Ai viu isto, ele e todo o seu povo, os homens da cidade levantaram-se às pressas e saíram para combater Israel num lugar que fica defronte da Arábia; mas ele não sabia que havia uma emboscada contra ele atrás da cidade. ¹⁵Josué e todo Israel fizeram-se de derrotados diante deles e fugiram em direção ao deserto. ¹⁶Toda a população da cidade sublevoou-se, a fim de persegui-los. Perseguram, pois, a Josué e foram atraídos para longe da cidade. ¹⁷Em Ai e Betel⁹ não ficou um homem que não tivesse saído atrás de Israel; tinham deixado a cidade aberta

é intraduzível. Numa parte da tradução gr. e em ICr 2,7, o nome de Akan foi lido Akar, reforçando assim o trocadilho.

m. A execução de toda a família do culpado (cf. Nm 16,32) é um uso antigo, a ser supresso numa legislação mais recente (Dt 24,16; cf. Jr 31,30; Ez 18,4).

n. Lit. *todo o povo de guerra*. Mesma expressão em Js 8,3,11; 10,7; 11,7.

o. A conquista de Ai figura na narrativa como obra de todo Israel. Contudo, a estrutura da narrativa é muito parecida com a de Jz 20,14-48, que refere o castigo sofrido pela tribo de Benjamin em consequência do crime de Guibeá. Ambos os textos têm muitos elementos em comum: fracasso militar, lamentação, ardil de guerra sob forma de emboscada e fuga simulada, incêndio da cidade. Por outro lado, pesquisas arqueológicas recentes mostraram que, na época de Josué, o sítio de Ai estava abandonado havia tempo e deve ter sido ocupado pacificamente pelos israel-

litas. Provável é, pois, que Js 8 constitua uma lenda de conquista destinada a justificar a posse por Benjamin de um território que poderia ser reivindicado por outras tribos. A origem histórica da narrativa seria, nesta hipótese, uma polémica territorial entre tribos, pouco depois do enfraquecimento de Benjamin.

p. A sorte do rei de Jericó não está descrita em Js 6, mas alude-se a ela em 10,1,28,30 e 12,9.

q. Este abrandamento do interdito é previsto em Dt 2,35; 3,7; cf. Js 6,17 nota.

r. Este número não corresponde ao indicado no v. 3. Parece que os vv. 3-9 são um desenvolvimento baseado nos vv. 10-13 para permitir a transmissão, aos homens emboscados, da ordem de Deus a Josué.

s. Lit. *seu calcanhar*.

t. A menção a Betel está ausente no texto gr. e deve ter sido acrescentada posteriormente a nosso texto.

enquanto perseguiram Israel. ¹⁸O SENHOR disse a Josué: "Estende em direção de Ai^u o dardo que tens na mão, pois eu a entregarei a ti". Josué estendeu na direção da cidade o dardo que tinha na mão. ¹⁹Apenas estendera a mão, os da emboscada surgiram às pressas da sua posição, correram, entraram na cidade e apoderaram-se dela; depois, apressaram-se a atear-lhe fogo.

²⁰Os homens de Ai voltaram-se e olharam: eis que a fumaça da cidade subia para o céu; ninguém encontrou força para fugir nem para um lado nem para o outro; o povo que fugia rumo ao deserto deu meia volta contra o que o perseguia. ²¹Josué e todo Israel viram que os da emboscada se apossaram da cidade e que subia fumaça da cidade; voltaram e atacaram os homens de Ai. ²²Os outros saíram da cidade a seu encontro; os homens de Ai, cercados por todos os lados, ficaram no meio de Israel, que os bateu até não lhes deixar nem sobrevivente nem fugitivo. ²³Quando ao rei de Ai, eles o apanharam vivo e o trouxeram a Josué.

²⁴Ora, quando Israel acabou de matar todos os habitantes de Ai no campo, no deserto onde os tinham perseguido, e todos foram abatidos pelo fio da espada até o extermínio, todo Israel voltou para Ai e passou-a ao fio da espada. ²⁵O total dos que caíram naquele dia, homens e mulheres, foi de doze mil, todos de Ai. ²⁶Josué não recolheu a mão que estendia o dardo enquanto não votou ao interdito todos os habitantes de Ai. ²⁷Israel tomou para si como butim apenas o gado e os despojos da cidade, conforme a palavra que o SENHOR prescrevera a Josué. ²⁸Josué

queimou Ai e a transformou em ruína^v para sempre, num lugar deserto que ainda hoje existe. ²⁹Quanto ao rei de Ai, ele o pendurou numa árvore^w até o entardecer e, quando o sol se pôs, Josué mandou descer o cadáver da árvore: lançaram-no à entrada da porta da cidade e ergueram sobre ele um grande montão de pedras que ainda hoje existe.

10.27;
Dt 21.22-23

7.26

Construção de um altar e leitura da lei no monte Ebal. ³⁰Josué construiu um altar para o SENHOR, Deus de Israel^x, sobre o monte Ebal^y. ³¹conforme o que Moisés, o servo do SENHOR, ordenara aos filhos de Israel, como está escrito no livro da Lei de Moisés: altar de pedras brutas, que não haviam sido lavradas por nenhuma ferramenta^z. E sobre ele ofereceram holocaustos ao SENHOR e imolaram sacrifícios pacíficos. ³²E ali, Josué inscreveu nas pedras uma cópia da Lei que Moisés escrevera diante dos filhos de Israel. ³³Todo Israel, com seus anciãos, seus escribas e seus juizes, estava de pé, de ambos os lados da arca, diante dos sacerdotes levitas, os que carregam a arca da aliança do SENHOR, tanto o migrante como o nativo, metade diante do monte Garizim, metade diante do monte Ebal, segundo a ordem que dera Moisés, o servo do SENHOR, de primeiro abençoar o povo de Israel. ³⁴Depois disso, Josué leu todas as palavras da Lei — bênção e maldição^a — conforme tudo o que está escrito no livro da Lei. ³⁵Não houve uma palavra de quantas Moisés prescrevera que Josué não lesse diante de toda a assembléia de Israel, inclusive mulheres, crianças, bem como os migrantes que viviam no meio deles.

Dt 11.29

u. O gesto de Josué recorda o de Moisés em Ex 17.9.
v. Note-se que o nome *Ai* significa em hebr. "montão de pedras", *tell*.

w. Lit. *na árvore*. A presença do artigo definido talvez indique que o redator se refira a uma árvore bem conhecida na região.

x. Esta notícia concernente à construção de um altar sobre o monte Ebal nas vizinhanças de Siquém interrompe o fio da narrativa, já que em Js 9.6 os israelitas ainda se encontram no acampamento de Guilgal. Aliás, a tradução gr. inseriu este episódio entre 9.2 e 9.3, sem que isto proporcione melhor

seqüência. Js 8.30-35, redação mui provavelmente tardia, indica a execução das prescrições mencionadas em Dt 11.29-32; 27.1-8.11-13.

y. O monte Ebal e o monte Garizim (v. 33) são duas montanhas que dominam a cidade de Siquém, antigo lugar de reunião para as tribos, cf. 24.1.

z. A construção deste altar obedece às prescrições do Código da Aliança (Ex 20.24-26), cf. Dt 27.5.

a. Esta leitura da Lei refere-se ao que vem exarado em Dt 27.11-13 e talvez em Dt 28, que comporta bênçãos e maldições.

9 Aliança com os guibeonitas. ¹Ora, ao sabermos disso, todos os reis que se encontravam além do Jordão^b, na Montanha, na Baixada e em todo o litoral do Grande Mar, na proximidade do Líbano — hetitas, emoritas, canaanitas, perizitas, hivitais, iebusitas — ²coligaram-se para combater de comum acordo contra Josué e contra Israel.

³Os habitantes de Guibeon souberam o que Josué fizera com Jericó e Ai. ⁴Eles, portanto, agiram com astúcia: começaram a se disfarçar^d, tomaram sacos gastos para seus jumentos, odres de vinho gastos, rotos e recosidos; ⁵puseram nos pés sandálias gastas e remendadas e, sobre si, roupas puídas; todo o pão de suas provisões estava seco e reduzido a migalhas. ⁶Foram ter com Josué no acampamento de Guilgal e disseram-lhe, assim como aos homens de Israel: “Viermos de uma terra longínqua. Agora, pois, concluí uma aliança conosco”. ⁷Os homens de Israel disseram aos hivitais: “Talvez habiteis no meio de nós? Como poderíamos concluir uma aliança convosco?” ⁸Mas eles disseram a Josué: “Nós somos teus servos”. E Josué lhes disse: “Quem sois e donde vindes?” ⁹Eles lhe disseram: “Teus servos vêm de uma terra longínqua, por causa do SENHOR, teu Deus, pois tivemos notícia da sua fama, de tudo o que fez no Egito¹⁰ e de tudo o que fez com os dois reis dos emoritas que se achavam além do Jordão, Sihon, rei de Heshbon e Og, rei do Bashan, que morava em Ashtarot. ¹¹Os nossos anciãos e todos os moradores da nossa terra nos disseram: ‘Tomai convosco provisões

para a viagem; ide ao encontro deles e dir-lhes-eis: Nós somos vossos servos’. Agora, pois, firmai uma aliança conosco. ¹²Eis nosso pão: estava quente quando nos abastecemos de provisões em nossas casas, no dia em que partimos para vir ter convosco; agora, ei-lo seco e em migalhas. ¹³Estes odres de vinho que tínhamos enchido quando estavam novos, eis que estão rotos; nossas roupas e sandálias, ei-las gastas em consequência duma mui longa jornada”.

¹⁴Os israelitas^f lançaram mão das suas provisões, sem consultar o SENHOR^g. ¹⁵Josué fez as pazes com eles e firmou com eles uma aliança que lhes concedia a vida; os responsáveis da comunidade^h fizeram-lhe o juramento.

¹⁶Ora, ao cabo de três dias, depois de terem concluído uma aliança com eles, os filhos de Israel vieram a saber que aquela gente era sua vizinha e morava no meio deles. ¹⁷Os filhos de Israel partiram e, no terceiro dia, entraram em suas cidades que eram Guibeon, Kefirá, Beerot e Qiriat-Iearimⁱ. ¹⁸Os filhos de Israel não os atacaram, porque os chefes da comunidade lhes haviam feito o juramento pelo SENHOR, Deus de Israel, mas toda a comunidade murmurou contra os responsáveis.

¹⁹Todos os chefes disseram a toda a comunidade: “Nós lhes fizemos um juramento pelo SENHOR, Deus de Israel; doravante, não os podemos maltratar. ²⁰Eis o que lhes faremos: conceder-lhes-emos a vida para que a ira não venha sobre nós por causa do juramento que lhes fizemos”. ²¹Tendo os chefes dito a respeito deles: “Que vivam!”, tornaram-

b. Compare-se esta introdução com 5,1; 10,1; 11,1. A lista das regiões é parecida à de Dt 1,7, a dos povos é idêntica à de Dt 20,17 e Js 12,8.

c. O ardil dos guibeonitas, que consiste em fazer Israel acreditar que eles vêm de uma terra muito distante, torna possível a outorga de uma aliança. Conforme Dt 20,10-18, embora se possa admitir uma aliança dessas com as cidades afastadas, o mesmo não deve acontecer com cidades próximas de Israel, às quais deve-se aplicar o interdito.

A historicidade de um acordo entre Israel e os guibeonitas não pode ser posta em dúvida e é confirmada por 2Sm 21.

d. Em vez de *disfarçar-se*, alguns mss. hebr. e versões leram

outro verbo, que significa *abastecer-se de provisões* e que aparece em 9,12.

e. Os guibeonitas querem, a qualquer preço, firmar uma aliança com Israel. Ao declararem-se *servos*, aceitam o estatuto de vassalos.

f. Lit. *os homens*. A tradução procurou eliminar a ambigüidade; não pode tratar-se dos guibeonitas, e sim dos israelitas, que, lançando mão de suas provisões, concluem a aliança solicitada. O texto gr. leu aqui *os chefes*, como no v. 15.

g. Lit. *eles não interrogaram a boca do Senhor*.

h. *Responsáveis da comunidade*. A expressão pertence ao estilo sacerdotal, cf. Ex 16,22; 34,31.

i. Essas quatro cidades acham-se agrupadas a noroeste de Jerusalém.

-se lenhadores e aguadeiros^j para toda a comunidade, de acordo com o que os chefes lhes disseram. ²²Josué chamou-os e lhes falou: "Por que nos enganastes dizendo: 'Nós habitamos muito longe', quando habitais no meio de nós?" ²³Doravante, sois malditos e nenhum de vós deixará de ser servo — lenhador e aguadeiro — para a casa do meu Deus". ²⁴Em resposta a Josué, eles disseram: "De fato, muitas vezes fora referido a teus servos o que prescrevera o SENHOR, teu Deus, ao seu servo Moisés: dar-vos toda esta terra e exterminar todos os habitantes desta terra diante de vós. Tivemos muito medo de vós; foi por isso que agimos deste modo. ²⁵Agora, eis-nos em teu poder; trata-nos como te parecer bom e justo". ²⁶Assim os tratou Josué, livrando-os do poder dos filhos de Israel, que não os mataram. ²⁷Naquele dia, Josué os constituiu lenhadores e aguadeiros para a comunidade e para o altar do SENHOR até o presente dia, no local que Deus escolhesse^k.

10 Coalizão contra Guibeon e Israel

¹Ora, Adoni-Sêdeq^l, rei de Jerusalém, soube que Josué tinha-se apoderado de Ai e a votara ao interdito, que tratara Ai e seu rei como tratara Jericó e seu rei e que os habitantes de Guibeon tinham feito as pazes com Israel e habitavam no meio deles. ²Daí ter-se gerado grande temor, porque Guibeon era uma cidade grande, tanto quanto as cidades reais, maior do que Ai, e todos os seus homens eram guerreiros. ³Adoni-Sêdeq, rei de Jerusalém, mandou dizer a Hohâm, rei de Hebron, a Pireâm, rei de Iarmut, a Iafia, rei de Lakish e a Debir^m, rei de Eglon:

"Subi a mim, socorrei-me e ataquemos Guibeon, pois ela fez as pazes com Josué e os filhos de Israel". ⁵Tendo-se unido, os cinco reis emoritas — o rei de Jerusalém, o rei de Hebron, o rei de Iarmut, o rei de Lakish e o rei de Eglon — subiram com todas as suas tropas, para sitiarem Guibeon e a atacar.

⁶Os homens de Guibeon mandaram dizer a Josué, no acampamento de Guilgal: "Não faltes com a tua ajuda aos teus servos; subi até nós rapidamente para nos salvar e socorrer, pois todos os reis emoritas que habitam na Montanha coligaram-se contra nós". ⁷Josué subiu de Guilgal e com ele todo o povo em pé de guerra e todos os valentes guerreiros.

⁸O SENHOR disse a Josué: "Não temas, pois eu os entreguei a ti; nenhum deles resistirá diante de ti". ⁹Josué os atacou de improviso: pois subira de Guilgal durante a noite. ¹⁰O SENHOR os pôs para fugir diante de Israel e infligiu-lhes uma grande derrota em Guibeon; ele os perseguiu em direção à subida de Bet-Horon e os derrotou até Azeqá e Maqedáⁿ.

¹¹Ora, enquanto eles fugiam de Israel e se encontravam na descida de Bet-Horon, o SENHOR lançou dos céus contra eles grandes pedras^o até Azeqá, e eles morreram. Foram mais numerosos os que morreram pelas pedras de granizo do que os que os filhos de Israel mataram à espada. ¹²Então Josué falou ao SENHOR, naquele dia em que o SENHOR entregara os emoritas aos filhos de Israel, e disse, em presença de Israel:

"Sol, detém-te sobre Guibeon, Lua, sobre o vale de Aialon!"

¹³E o sol parou e a lua imobilizou-se^p até a nação ter-se vingado dos seus ini-

9,3-15

1s 28,21

1s 28,17;
30,30

Ha 3,11

j. Os guibeonitas estão reduzidos a um estatuto inferior no meio de Israel.

k. Quanto a esta expressão, cf. Dt 12,14.26; 15,20; 17,10; 31,11.

l. O texto gr. leu *Adoni-Bêzeq*, sob a influência de Jz 1,5-7, onde o texto hebr. menciona um rei de Jerusalém com este nome.

m. Normalmente, *Debir* é um nome de cidade, e sua conquista é relatada em 10,38-39; talvez o mesmo valha para *Iafia*, citada como nome de cidade em 19,12.

n. A menção a *Maqedá* prepara o episódio dos cinco reis escondidos na gruta, vv. 16-27.

o. A seqüência do v. indica que se trata de pedras de granizo. A expressão merece ser conservada, pois torna a encontrar-se em 10,18.27 para falar das pedras que bloqueiam a entrada da gruta de Maqedá. Isso representa, sem dúvida, a fusão de duas tradições primitivamente distintas.

p. A partir do v. 12, o redator emprega uma fonte antiga para evocar o combate perto de Guibeon. Josué pronuncia uma espécie de encantamento, cujo sentido exato é difícil de definir. Trata-se de uma citação poética comentada pelo redator, que percebe nela um verdadeiro milagre (vv. 13b-14). Esta é também a concepção do *Sirácida* no seu elogio a Josué, cf. Sr 46,4.

migos. Não está isso escrito no livro do Justo? O sol se imobilizou no meio dos céus e não se apressou a tramontar durante quase um dia. ¹⁴Nem antes, nem depois, houve um dia comparável a este dia em que o SENHOR obedeceu a um homem, pois o SENHOR combatia por Israel. ¹⁵Josué e com ele todo Israel voltaram ao acampamento, em Guilgal.

Os cinco reis na gruta de Maqedá.

¹⁶Ora os cinco reis tinham fugido e se escondido na gruta, em Maqedá. ¹⁷Anunciou-se a Josué: "Os cinco reis foram descobertos, escondidos na gruta, em Maqedá". ¹⁸Josué disse: "Rolai grandes pedras na entrada da gruta e postai homens junto dela para vigiá-la. ¹⁹Quanto a vós, não vos detenhais, persegui vossos inimigos e cortai-lhes a retaguarda; não os deixeis entrar em suas cidades, pois o SENHOR, vosso Deus, vo-los entregou". ²⁰Ora, quando Josué e os filhos de Israel acabaram de infligir-lhes esta grande derrota até seu extermínio, alguns conseguiram escapar e entrar nas cidades fortificadas. ²¹Todo o povo voltou em paz para o acampamento, junto a Josué em Maqedá; ninguém resmungou^r contra os filhos de Israel.

²²Então Josué disse: "Abri a entrada da gruta e fazei sair da gruta esses cinco reis". ²³Assim procederam, e fizeram sair na direção de Josué os cinco reis: o rei de Jerusalém, o rei de Hebron, o rei de Iarmut, o rei de Lakish e o rei de Eglon. ²⁴Ora, depois que mandaram sair esses cinco reis na direção de Josué, chamou este todos os homens de Israel e disse aos comandantes dos homens de guerra que o acompanhavam: "Aproximai-vos e ponde o vosso pé sobre a nuca desses reis". Eles se aproximaram e puseram os

pés sobre a nuca dos reis. ²⁵Josué disse-lhes: "Não temais e não vos deixeis abater^s. Sede fortes e corajosos, pois é assim que o SENHOR tratará todos os inimigos que tereis de combater". ²⁶Depois disso, Josué golpeou os reis, matando-os, e mandou pendurá-los em cinco árvores: e ali ficaram, pendurados até o entardecer^t. ²⁷Ao pôr-do-sol, Josué deu 8,29 ordem de os descer das árvores e jogá-los na gruta onde se tinham escondido. Rolaram grandes pedras na entrada da gruta, e elas ainda estão ali até o presente dia.

Conquista das cidades do sul. ²⁸Naquele dia, Josué apoderou-se de Maqedá e passou-a, bem como seu rei, ao fio da espada; votou-a ao interdito, ela e todas as pessoas que nela se achavam; não deixou um sobrevivente e tratou o rei de Maqedá como tratara o rei de Jericó^u.

²⁹Josué, e com ele todo Israel, passou de Maqedá a Libná e empreendeu o combate com Libná. ³⁰O SENHOR também a entregou, com seu rei, às mãos de Israel, que a passou ao fio da espada com todas as pessoas que nela se achavam; não deixou um sobrevivente e tratou seu rei como tratara o rei de Jericó.

³¹Josué, e com ele todo o Israel, passou de Libná a Lakish, sitiou-a e a guerreou. ³²O SENHOR entregou Lakish às mãos de Israel, que se apoderou dela no segundo dia; passou-a ao fio da espada com todas as pessoas que nela se encontravam, assim como tratara Libná. ³³Então Horâm, rei de Guézer, subiu para socorrer Lakish^v, mas Josué o derrotou, assim como seu povo, a ponto de não lhe deixar sobrevivente.

³⁴Josué, e com ele todo Israel, passou de Lakish a Eglon; eles a sitiaram e a

q. A palavra de Josué foi conservada no Livro do Justo, coletânea hoje desaparecida, que ainda é citada em 2Sm 1.18; 1Rs 8.53. (gr.), que remete a um Livro do Canto, sem dúvida em consequência de uma leitura errada do hebreu.

r. Lit. *afiou sua língua*, cf. Ex 11.7.

s. Mesma expressão em 8.1.

t. O destino dos cinco reis é o mesmo que o do rei de Ai (8.29). Segundo Dt 21.22-23, o cadáver não devia ser dei-

xado na árvore à noite; devia ser enterrado antes do pôr-do-sol.

u. A partir deste v., a descrição da conquista do sul de Canaã torna-se muito esquemática; as expressões usadas indicam a influência da escola deuteronomista.

v. A cidade de Guézer só seria incorporada ao domínio israelita na época de Salomão (1Rs 9.16). Destarte, é mister fazer as devidas ressalvas à apresentação que temos aqui.

guerrearão. ³⁵Apoderaram-se dela naquele dia e passaram-na ao fio da espada. Naquele dia, ele votou ao interdito todas as pessoas que nela se achavam, da mesma forma como tratara Lakish.

³⁶Josué, e com ele todo Israel, subiu de Eglon a Hebron* e a guerreou. ³⁷Apoderaram-se dela e passaram-na ao fio da espada, assim como o seu rei, todas as suas cidades e todas as pessoas que nela se encontravam. Não lhe deixou sobrevivente algum, da mesma forma como tratara Eglon. Votou-a ao interdito, bem como todas as pessoas que nela se encontravam.

³⁸Josué, e com ele todo Israel, voltou-se para Debir* e a guerreou. ³⁹Apoderou-se dela bem como do seu rei e de todas as suas cidades; passaram-na ao fio da espada e votaram ao interdito todas as pessoas que nela se encontravam. Josué não deixou sobrevivente. Tratou Debir e seu rei como tratara Hebron e como tratara Libná e seu rei.

⁴⁰Josué conquistou toda a terra; a Montanha, o Négueb, a Baixada, as Encostas, assim como todos os seus reis. Não deixou sobrevivente e votou ao extermínio todo ser vivo, conforme prescrevera o SENHOR, Deus de Israel.

⁴¹Josué derrotou-os desde Qadesh-Barnea até Gaza e toda a terra de Gôshen até Guibeon*. ⁴²Josué apoderou-se de todos esses reis e das suas terras de uma só vez, pois o SENHOR, Deus de Israel, combatia em prol de Israel. ⁴³A seguir, Josué, e com ele todo Israel, voltou para o acampamento, em Guilgal.

11 Batalha junto às águas de Merom. ¹Ora, quando Iabin, rei de Haşor, soube disso, enviou mensageiros a Iobab, rei de Madon, ao rei de Shimron, ao rei de Akshaf*, ²bem como aos reis que habitavam a Montanha do Norte, a Arábá ao sul de Kinarot, a Baixada e os cimos de Dor a oeste. ³Os canaanitas estavam a leste e a oeste; os emoritas, os hetitas, os perizitas e os iebusitas na Montanha, os hivitais ao pé do Hermon, na terra de Mişpá. ⁴Partiram eles com todas as suas tropas, povo tão numeroso quanto os grãos de areia na praia do mar, com um número muito grande de cavalos e carros. ⁵Todos esses reis marcaram encontro e vieram acampar juntos, perto das águas de Merom, para combater Israel.

⁶O SENHOR disse a Josué: "Não os temas*, pois amanhã, a esta mesma hora, eu, eu os entregarei todos, mortos, a Israel; cortarás os jarretes de seus cavalos e queimarás seus carros". ⁷Josué e todo o povo em pé de guerra investiram contra eles de improviso, perto das águas de Merom, e caíram sobre eles*. ⁸O SENHOR os entregou às mãos de Israel, que os derrotou e perseguiu até Sidon-a-Grande e até Misrefot-Máim e até o vale de Mişpá a leste. Ele os destroçou a ponto de não lhes deixar nenhum sobrevivente. ⁹Josué fez com eles o que lhe dissera o SENHOR: cortou os jarretes de seus cavalos e queimou seus carros.

Conquista de Haşor. ¹⁰Naquele tempo, Josué voltou e apoderou-se de Haşor; abateu seu rei com a espada. De fato, Haşor^d

Jz 4,1-23;
Sl 48,5

Dt 7,1

Jz 1,9;
Dt 1,7

w. Conforme a tradição, a cidade de Hebron fora conquistada por Kaleb (14,13-15; 15,13-14).

x. Segundo Js 15,15-17 e Jz 1,12-15, quem tomou a cidade de Debir foi Otniel, irmão de Kaleb.

y. As conquistas de Josué estendem-se desde um limite sul, cujos pontos extremos são Qadesh-Barnea e Gaza, e um limite norte, marcado por Gôshen, que fica na terra de Judá, como em Js 15,51, e por Guibeon.

z. Em lugar de *Madon* e *Shimron*, o gr. leu *Maron* e *Sintoön*, o que permite uma melhor identificação. Todas essas cidades localizam-se na Alta Galiléia ou, pelo menos, ao norte da planície de Jezreel. De sorte que Israel se defronta com nova coalizão.

a. A estrutura desta narrativa assemelha-se muito à de 10,8-10.

b. Discute-se o sentido desta ordem. Deveria ela ser interpre-

tada como um modo de proceder típico de um povo seminômade? Conforme 2Sm 8,3-4, Davi agiria do mesmo modo com o exército de Hadadêzer. Ação inusitada, a destruição de carros e cavalos é indubitavelmente um ato religioso. Já que o Senhor concede a vitória, torna-se inútil organizar um esquadrão de carros e uma cavalaria.

c. Parte dos mss. gr. acrescenta: *desde a montanha*.

d. As escavações arqueológicas mostraram que Haşor, situada em Tel Waqqas, era realmente capital de um vasto reino; os textos egípcios e os textos de Mâri no Eufrates confirmam esta importância. A cidade foi destruída no fim do Bronze Recente, época em que se situa a chegada dos israelitas em Canaã. Ela readquiriu grande importância na época da realeza; Salomão, depois Acab fizeram dela uma cidade fortificada (cf. 1Rs 9,15).

fora outrora capital de todos esses reinos. ¹¹Passaram ao fio da espada todos os que nela se achavam^f, votando-os ao interdito; não sobrou nenhum ser vivo e queimaram Haşor. ¹²Josué apoderou-se de todas as cidades desses reis e de todos os seus reis e os passou ao fio da espada; ele os votou ao interdito conforme prescrevera Moisés, servo do SENHOR. ¹³Todavia, Israel não queimou nenhuma de todas as cidades que se erguiam sobre suas colinas, com exceção de Haşor, que Josué queimou. ¹⁴Todos os despojos dessas cidades e o gado, os filhos de Israel tomaram-no para si como butim; todavia passaram todos os seres humanos ao fio da espada até sua destruição; não deixaram nenhum ser vivo. ¹⁵Como o SENHOR prescrevera a Moisés, seu servo, assim Moisés o prescrevera a Josué e assim fez Josué: não omitiu nada de tudo o que o SENHOR prescrevera a Moisés.

Consumação da conquista. ¹⁶Assim Josué tomou aquela terra: a Montanha, todo o Négueb, toda a terra de Gôshen, a Baixada, a Arabá, a montanha de Israel e sua baixada. ¹⁷Desde o monte Halaq, que se ergue na direção de Seir, até Báalgad no vale do Líbano ao pé do monte Hermon, apoderou-se de todos os seus reis, feriu-os e os matou. ¹⁸Durante numerosos dias, Josué guerreou todos esses reis. ¹⁹Nem uma só cidade fez as pazes com os filhos de Israel, com exceção dos hivitais que habitam em Guibeon; todas as outras foram tomadas pelas armas. ²⁰De fato, o SENHOR resolvera endurecer-lhes o coração para que empreendessem guerra contra Israel, a fim de

votá-los ao interdito, de sorte que não houvesse misericórdia para eles e se pudesse exterminá-los, como o SENHOR prescrevera a Moisés.

Guerra contra os anaquitas. ²¹Naquele tempo, Josué veio exterminar os anaquitas^f da Montanha, de Hebron, de Debir, de Anab, de toda a montanha de Judá e de toda a montanha de Israel. Josué votou-os ao interdito com suas cidades. ²²Não sobrou nenhum dos anaquitas na terra dos filhos de Israel. Contudo, alguns subsistiram em Gaza, Gat e Ashdod. ²³Josué tomou a terra toda, conforme tudo o que o SENHOR dissera a Moisés, e deu-a em patrimônio a Israel, repartindo-a segundo as tribos. E a terra descansou, livre de guerra.

12 Resumo das conquistas de Israel.

¹Eis^g os reis da terra que os filhos de Israel derrotaram e de cuja terra se apossaram além do Jordão, a oriente, desde o vale de Arnon até o monte Hermon, assim como toda a Arabá do lado leste: ²Siḥon^h, rei dos emoritas, que habitava Heshbon; ele dominava desde Aroer, que fica na orla dos desfiladeiros do Arnon, o fundo dos desfiladeiros, bem como a metade do Guilcad, até os desfiladeiros do laboq, fronteira dos filhos de Amon; ³a seguir a Arabá até o mar de Kinerotⁱ, a leste, e até o mar da Arabá, o mar do Sal, a leste, na direção de Bet-Ieshimot, ao sul abaixo das encostas da Pisgá e seus arredores. ⁴Depois o território de Og, rei do Bashan, um dos últimos refaítas^j, que habitava Ashtarot e Edrei. ⁵Ele dominava o monte Hermon, Salká e todo o Bashan até os limites dos

e. Esta conclusão retoma a fraseologia de 10.28-39 para aplicá-la à conquista do Norte. Aqui torna-se evidente o processo de generalização.

f. Esta última menção nos traz de volta ao sul de Judá, estando a conquista de Hebron e Debir contada em 10.36-39. Povo lendário, os anaquitas são localizados conforme a tradição bíblica em Hebron e seus arredores (Nm 13.22; Js 15.13-14).

g. Este cap. recapitula os domínios israelitas, de uma parte na Transjordânia (vv. 1-6), de outra na Cisjordânia (vv. 7-24).

h. De acordo com a concepção deuterônômica (Dt 2.26-3.17),

a Transjordânia era dividida em dois reinos, antes da chegada dos israelitas. Na realidade, os dois reis, Siḥon e Og, só possuíam reinos muito pequenos, um centralizado em torno de Heshbon, o outro em torno de Edrei. A respeito dos emoritas, veja-se 1Rs 21.26 nota.

i. O mar de Kinerot é o lago de Tiberíades, que o NT designa com o nome de mar de Tiberíades ou da Galiléia (Mt 4.18; 15.29; Jo 6.1; 21.1). O mar da Arabá, também chamado mar do Sal, é o atual mar Morto.

j. Cf. Dt 2.11 nota.

Dt 20, 16-17

Dt 2,10-11; Jz 1,20

Dt 3,8

Dt 1,4

Dt 3,16

Dt 3,17; 4,49

Dt 1,4; 3,11

Dt 3,10-14

9,3-14

gueshuritas e dos maakatitas^k, bem como a metade do Guilead, território de Sihon, rei de Heshbon. ⁶Moisés, o servo do SENHOR, e os filhos de Israel derrotaram-nos; e Moisés, o servo do SENHOR, deu tudo isso como posse aos rubenitas, aos gaditas e à meia-tribo de Manassés.

⁷Eis os reis da terra que Josué e os filhos de Israel derrotaram tendo atravessado o Jordão^l, a oeste, desde Baal-Gad no vale do Líbano até o monte Halaq, que se ergue na direção de Seir. Josué deu tudo isso em posse às tribos de Israel, segundo sua repartição ^{na} Montanha, na Baixada, na Arabá e sobre as Encostas, no deserto e no Négueb^m; o hetita, o emorita, o kenaanita, o perizita, o hivitita e o iebusita.

⁹O rei de Jericó, um.

O rei de Ai, que fica ao lado de Betel, umⁿ.

¹⁰O rei de Jerusalém, um.

O rei de Hebron, um.

¹¹O rei de Iarmut, um.

O rei de Lakish, um.

¹²O rei de Eglon, um.

O rei de Guézer, um.

¹³O rei de Debir, um.

O rei de Guéder, um.

¹⁴O rei de Hormá, um.

O rei de Arad, um.

¹⁵O rei de Libná, um.

O rei de Adulâm, um.

¹⁶O rei de Maqedá, um.

O rei de Betel, um.

¹⁷O rei de Tapúah, um.

O rei de Hêfer, um.

¹⁸O rei de Afeq, um.

O rei de Lasharonⁿ, um.

¹⁹O rei de Madon, um.

O rei de Haşor, um.

²⁰O rei de Shimron-Meroonⁿ, um.

O rei de Akshaf, um.

²¹O rei de Taanaq, um.

O rei de Meguido, um.

²²O rei de Qédesh, um.

O rei de Ioqcâm no Carmelo, um.

²³O rei de Dor, na planície de Dor, um.

O rei de Goim, em Galilⁿ, um.

²⁴O rei de Tirşá, um.

Total dos reis: trinta e um.

13 Territórios a conquistar. ¹Josué estava velho e em idade avançada, quando o SENHOR lhe disse: "Ficaste velho, em idade avançada. Ora, o resto da terra de que ainda se deve tomar posse é considerável. ²Eis a terra que resta: todos os distritos dos filisteus e todos os dos gueshuritas, ³desde Sihor^l, que está defronte do Egito, até o território de Eqrn ao norte, que deve ser considerado como canaanita; há os cinco tiranos dos filisteus: o de Gaza, o de Ashdod, o de Ashkelon, o de Gat e o de Eqrnⁿ, e há os avitas"; ⁴desde o sul, toda a terra dos canaanitas e Meará que é dos sidônios, até Afeqá, até a fronteira dos emoritas^m, ⁵a

k. Cf. Dt 3,14.

l. Lit. *além do Jordão*. A expressão tem o sentido contrário da do v. 1; agora se olha desde a Transjordânia, palco dos vv. 1-6. Os termos geográficos retomam os de 11,17.

m. A enumeração das grandes regiões da Cisjordânia já se encontra em Dt 1,7, com exceção das Encostas já mencionadas em Js 10,40 e que devem situar-se defronte da Pisgá (cf. 12,3). A lista dos povos é idêntica à de Js 9,1; Dt 20,17, cf. Js 7,1.

n. Jericó e Ai são mencionadas com base nos relatos de Js 2-8. A sequência da lista talvez seja um documento antigo que poderia remontar ao fim do séc. X a.C. O texto grego traz algumas diferenças e totaliza vinte e nove reis.

o. O hebr. compreendeu *Lasharon* como um nome de cidade, mas *Sharon* é o nome de uma região (cf. Is 33,9 nota), que originalmente deve ter servido para caracterizar a cidade de Afeq, como indicado pelo gr.

p. O gr. leu aqui dois topônimos distintos, *Shimoon* e *Maron*, cf. 11,1 nota. A tradução dessa lista não procurou corrigir o hebr.

q. O hebr. leu *Guilgal*, nome de cidade, enquanto é de se esperar um nome de região, tal como o leu o gr.

r. *Tirşá*, ao norte da atual Naplusa, tornar-se-ia uma das primeiras capitais do reino do Norte (cf. 1Rs 14,17). Continuará a sê-lo até a fundação de Samaria por Omri (1Rs 16,24).

s. Neste cap. e nos seguintes, decide-se a partilha de Canaã entre as tribos de Israel. Para o autor ou os autores, é a ocasião de celebrar a terra boa oferecida por Deus a seu povo (cf. Introd.) e de estabelecer simultaneamente o direito inalienável aos bens de raiz, tanto de Israel como povo, como de cada família em particular. Com base na firmeza desta estrutura, foi possível estabelecer instituições religiosas tais como o ano sabático, o jubileu (cf. Lv 25,1 nota).

t. *Shihor*: torrente que traça a fronteira com o Egito; mas este nome é por vezes aplicado ao Nilo (cf. Is 23,3; Jr 2,18).

u. Expulsos do Egito por Ramsés III no início do século XII, os filisteus, que são parte dos "povos do mar", instalaram-se ao longo da costa palestina e constituíram uma federação de cinco cidades, dirigidas por cinco chefes denominados *tiranos*.

v. *Avitas*: cf. Dt 2,23.

w. Nesse texto, os emoritas designam o antigo reino de Amurru, situado pelos textos egípcios ao norte de Canaã.

Jz 3,1

Jl 4,4

12,5

Jz 3,3;

16,5;

1Sm 5,8

11,22;

15,45-47;

Jz 1,18

terra dos guiblitais^x e todo o Líbano a oriente, desde Báal-Gad, ao pé do monte Hermon, até Lebô-Hamat; ^{11.17; 12.7} todos os habitantes da montanha, desde o Líbano até ^{Nm 13.21; 34.8} Misrefot-Máim, todos os sidônios. Eu mesmo os desapossarei diante dos filhos de Israel; tu debes apenas destinar isso em patrimônio a Israel, conforme te prescrevi. ^{Nm 34.13} Agora pois, reparte essa terra, para que seja o patrimônio das nove tribos e da meia-tribo de Manassés^y. ^{Nm 32; Dt 3.12-17} Com esta última^z, os rubenitas e os gaditas receberam o patrimônio que Moisés lhes deu além do Jordão, a leste, conforme Moisés, o servo do SENHOR, lhes tinha dado: ^{12.6} a partir de Aroer, que fica na orla dos desfiladeiros do Amon e a partir da cidade que está no fundo dos desfiladeiros, todo o planalto de Medebá até Dibon, ^{Nm 21.30} todas as cidades de Siḥon, rei dos emoritas, que reinava em Heshbon, até a fronteira dos filhos de Amon; ¹¹o Guilead e o território dos gueshuritas e dos maakatitas, bem como todo o monte Hermon e todo o Bashan até Salká; ¹²no Bashan, todo o reino de Og, que reinava em Ashtarot e em Edrei e que restava como um dos últimos refaítas^a. Moisés os tinha derrotado e desapossado. ¹³Mas os filhos de Israel não desapossaram os gueshuritas nem os maakatitas; por isso Gueshur e Maakat continuaram habitando no meio de Israel até hoje. ^{Dt 3.14} Só à tribo de Levi ele não deu patrimônio^b; as ofertas dadas^c ao SENHOR, Deus de Israel, essas serão seu patrimônio, como ele lhe dissera. ^{Gn 49.3-4; Dt 33.6} Moisés deu à tribo dos filhos de Rúben uma parte^d segundo seus clãs. ¹⁶Tiveram o território que se estende a partir de Aroer na orla dos desfiladeiros do Amon e a

cidade que está no fundo dos desfiladeiros, todo o planalto perto de Medebá; ¹⁷Heshbon e todas as cidades que estão no planalto: Dibon, Bamot-Báal, Bet-Báal-Meon, ^{Nm 32; 37-38; Jr 48.1-21.23.32} Iâhaş, Quedmot, Mefáat, ¹⁸Qiriatáim, Sibmá, Şeret-Shaḥar nos contrafortes da planície, ¹⁹Bet-Peor, as encostas da Pisgá e Bet-Ieshimot, ²¹todas as cidades do planalto, todo o reino de Siḥon, rei dos emoritas, que reinava em Heshbon. Moisés o derrotara, assim como aos chefes de Midian: Evi, Reqem, Şur, Hur, Reba,^e vassalos de Siḥon, que habitavam a região. ²²Entre suas vítimas estava Bileâm, filho de Beor, o adivinho que os filhos de Israel tinham passado ao fio da espada^f. ²³A fronteira dos filhos de Rúben era o Jordão e seus arredores. Este foi o patrimônio dos filhos de Rúben segundo seus clãs: as cidades e suas aldeias.

²⁴Moisés deu à tribo de Gad, aos filhos de Gad, uma parte segundo seus clãs. ^{Gn 49.19; Dt 33.20-21} Eles receberam como território lazer, todas as cidades do Guilead e a metade da terra dos filhos de Amon até Aroer, que fica defronte de Rabá; ^{Nm 21.32; 32.34-36} a seguir, desde Heshbon até Ramat-Mişpê e Betonim e desde Maḥanáim até o limite de Lodebar^g; ^{Gn 32.3; 33.17} e na planície, Bet-Harâm, Bet-Nimrá, Sukot, Şafon, resto do reino de Siḥon, rei de Heshbon, com o Jordão e seus arredores até a extremidade do mar de Kinéret^h, além do Jordão, a leste. ^{Nm 26.15} Esta é a herança dos filhos de Gad segundo seus clãs: as cidades e suas aldeias.

²⁹Moisés deu à meia-tribo de Manassés, à meia-tribo dos filhos de Manassés, uma parte segundo seus clãs. ³⁰Tiveram por território desde Mahanáim, todo o Bashan, todo o reino de Og, rei do Bashan,

x. Habitantes de Guebal, a futura Biblos, na costa libanesa.

y. A partir daqui e até a menção à outra meia-tribo de Manassés no v. 8, o gr. permite resgatar um texto sem dúvida mais completo: *desde o Jordão até o Grande Mar no Oriente; tu lhe darás o Grande mar e suas adjudências.*

z. O hebr. leu *com ela*, o que designa a outra meia-tribo de Manassés. O gr. traz um texto um pouco diferente.

a. Cf. Dt 2.11 nota.

b. Os textos são unânimes em atestar que a tribo de Levi não recebeu território em partilha (cf. v. 33; 14.3-4; cf. Nm 18.20; Dt 18.8-9).

c. Lit. *ofertas consumidas*. Cf. Lv 1.9; 2.2; 3.5.

d. Uma parte: exigida pelo verbo e pelo contexto, esta palavra não aparece todavia no texto hebr., o mesmo acontecendo nos vv. 24 e 29.

e. Esta lista de nomes encontra-se também em Nm 31.8; na maioria são nomes de cidades.

f. Acerca deste episódio, cf. Nm 22-24; 31.8.

g. O hebr. leu *Lidbir*, o que não passa de uma outra vocalização de Lodebar, nome de uma localidade citada também em 2Sm 9.4.5; 17.27; Am 6.13.

h. Cf. para uma outra vocalização, Js 12.3.

Nm 32,41: e todos os acampamentos de lair que
Dt 3,14 estão no Bashan, sessenta cidades.³¹ A metade do Guilcad, Ashtarot e Edrei, cidades do reino de Og no Bashan, couberam aos filhos de Makir, filho de Manassés, isto é, à metade dos filhos de Makir, segundo seus clãs.

Gn 50,23; Nm 26,29; Dt 3,15 ³²Aí está o que Moisés deu em patrimônio na planície de Moab, além do Jordão, na altura de Jericó, a leste.³³ Mas à tribo de Levi, Moisés não deu patrimônio; o SENHOR, Deus de Israel, é quem é seu patrimônio, como ele lho havia dito.

14 Territórios da Cisjordânia. 'Eis o

que os filhos de Israel receberam em patrimônio na terra de Canaã, o que lhes deram em patrimônio o sacerdote Eleazar¹, Josué, filho de Nun, e os chefes de famílias^k das tribos dos filhos de Israel: ²o patrimônio de cada uma foi atribuído por sorteio, como o SENHOR prescrevera^l por intermédio de Moisés para as nove tribos e a meia-tribo. ³Pois Moisés dera às duas tribos e à meia-tribo um patrimônio do outro lado do Jordão, e aos levitas não dera patrimônio no meio dos outros. ⁴Na realidade, os filhos de José formavam duas tribos, Manassés e

Nm 34, 13-15 Efraim, mas aos levitas não se deu parte alguma na terra, a não ser cidades para

Lv 25,34; Nm 35,2-8; Js 21 nelas residirem, bem como terrenos para seus rebanhos e seus bens. ⁵Os filhos de Israel procederam conforme o SENHOR prescrevera a Moisés e repartiram a terra. ⁶Os filhos de Judá vieram ter com Josué em Guilgal, e Kaleb, filho de Iefuné, o qenizita^m; lhe disse: "Bem sabes o que o SENHOR disse a Moisés, homem de Deus, sobre mim e ti, em Qadesh-Barnea". ⁷Eu tinha quarenta anos quando Moisés, o servo do SENHOR, me en-

Nm 34, 26,65; Sr 46,9 viu de Qadesh-Barnea para espionar a terra, e eu lhe fiz o relatório segundo a minha consciência". ⁸Meus irmãos que haviam subido comigo fizeram a cora-

Nm 13,6; 26,65; Sr 46,9 gem do povo se esvaír, ao passo que, da minha parte, eu seguia sem reservas o SENHOR, meu Deus. ⁹Naquele dia, Moisés fez este juramento: 'Eu juro que a terra que teu pé calcou será para sempre teu patrimônio e o de teus filhos, pois seguiste sem reserva o SENHOR, meu Deus'. ¹⁰Agora, eis que o SENHOR me fez viver segundo sua palavra, ou seja, quarenta e cinco anos desde que o SENHOR disse esta palavra a Moisés, quando Israel caminhava no deserto; e agora eis-me hoje com oitenta e cinco anos. ¹¹Hoje tenho tanta força quanta na época em que Moisés me enviou em missão: tenho hoje a mesma força que eu tinha então para combater e para manter a minha função^p. ¹²Dá-me pois esta montanha de que o SENHOR falou naquele dia, pois naquele dia sou-

bestei que lá se encontravam os anaquitas^q, bem como grandes cidades fortificadas. Talvez o SENHOR esteja comigo e eu tome posse delas, como o SENHOR prometeu". ¹³Josué abençoou Kaleb, filho de Iefuné, e lhe deu Hebron como herança. ¹⁴Por isso, Kaleb, filho de Iefuné, o qenizita, recebeu Hebron em patrimônio até o presente dia, porque ele seguira sem reserva o SENHOR, Deus de Israel. ¹⁵O nome de Hebron era outrora Qiriat-Arbá^r: Arbá fora o maior homem entre os anaquitas. E a terra descansou, livre de guerra^s.

15 O quinhão da tribo de Judá. 'Este é o quinhão da tribo dos filhos de Judá segundo seus clãs: ele se estendia em direção à fronteira de Edom, no deserto de Şin, rumo ao sul, na direção de

i. O autor fala a partir de onde ele se situa, a Cisjordânia.
j. O sacerdote Eleazar é filho de Aarão e pai de Pinhas (cf. Ex 6,23.25). É sucessor do seu pai no sacerdócio (cf. Nm 20,26-28). Tal intervenção do sacerdote, nesta passagem do livro de Js, bem como em outros trechos (cf. 17,4; 19,51; 21,1), revela influência redacional sacerdotal. Nestas passagens, Josué passa para uma posição secundária.
k. Cf. Ex 6,25; Nm 32,28.
l. Cf. Nm 26,55; 33,54.

m. Quanto à pertença de Kaleb ao clã de Qenaz, cf. Nm 32,12. n. Cf. Nm 14,24.30-31 e Dt 1,36.

o. Lit. *conforme o que estava com o meu coração*.

p. Lit. *sair e entrar*, cf. Nm 27,21; Dt 28,6; 31,2; 1Rs 3,7. O emprego em hebr. desses dois verbos de sentido oposto serve para descrever a totalidade da ação de um guerreiro.

q. Cf. 11,21.

r. Esta dualidade de nomes já é evocada em Gn 23,2.

s. Mesma conclusão em 11,23.

Dt 1,28

Dt 1,36

Nm 14,24

Nm 13,28;
Dt 1,28;
3,5;
9,1-2Jz 1,20;
Js 10,36;
15,13Gn 49,8-12;
Dt 33,7

Teman. ²Sua fronteira meridional estendia-se da extremidade do mar do Sal, a partir da Língua¹ que está defronte do Négueb. ³prolongava-se para o sul pela encosta dos Aqrabim e passava por Şin, depois subia ao sul de Qadesh-Barnea e passava por Heşron, subia para Adar e virava para Qarqaa. ⁴passava por Aşmon, prolongava-se até a Torrente do Egito² e terminava no mar. "Esta será para vós a fronteira meridional". ⁵A leste, o limite era o mar do Sal, até a foz do Jordão. Do lado norte, ele partia da laguna³ na foz

Timná. ¹¹A fronteira se prolongava pelo flanco de Eqrón ao norte, desviava-se para Shikaron, ultrapassava a montanha de Baalá, prolongava-se até Iabneel e terminava no mar⁴. ¹²O limite ocidental era o Grande Mar e suas adjacências. Tal é, por todos os lados, o território dos filhos de Judá, segundo seus clãs.

¹³A Kaleb, filho de Iefuné, foi dada uma parte entre os filhos de Judá, conforme a ordem do SENHOR a Josué, a saber, Qiriat-Arbá, que é Hebron⁵ — Arbá era o pai de Anaq. ¹⁴Kaleb expulsou daí os três filhos de Anaq, Sheshai, Aşiman e Talmai, descendentes de Anaq⁶. ¹⁵Daí, ele subiu contra os habitantes de Debir; o nome de Debir era anteriormente Qiriat-Séfer⁷. ¹⁶Kaleb disse: "Àquele que desbaratar Quiriat-Séfer e a conquistar, dar-lhe-ei como esposa minha filha Aksá⁸". ¹⁷Otniel⁹, filho de Qenaz e irmão de Kaleb, conquistou a cidade, e Kaleb deu-lhe como esposa sua filha, Aksá.

¹⁸Ora, desde que ela chegou, incitou-o a pedir a seu pai um campo. Ela apeou, pois, do jumento, e Kaleb lhe disse: "Que queres?" ¹⁹Ela respondeu: "Faze-me um favor¹. Já que me deste uma terra do Négueb, dá-me também pântanos". Ele deu-lhe os pântanos de cima e os pântanos de baixo.

²⁰Este foi o patrimônio da tribo dos filhos de Judá, segundo seus clãs. ²¹As cidades da extremidade da tribo dos filhos de Judá, do lado da fronteira de Edom, no Négueb, eram: Qabşeel, Êder,

18,19 do Jordão. ⁶A fronteira subia a Bet-Hoglá, passava ao norte de Bet-Arabá e subia até a Pedra de Bohan, filho de Rúben; ⁷a fronteira subia para Debir⁸ pelo vale de Akor e, ao norte, virava para Guilgal⁹ que está diante da encosta de Adumim, ao sul da Torrente. Passava junto às águas de En-Shémesh e terminava em En-Roguel¹⁰. ⁸A fronteira subia a escarpa de Ben-Hinom¹¹, no flanco meridional dos iebusitas — ou seja, Jerusalém —; a seguir, o limite subia até o cume da montanha que fica diante da ravina de Hinom, a oeste, na extremidade da planície dos refaítas, ao norte. ⁹A fronteira se desviava desde o cume da montanha até a nascente das águas de Neftôah, prolongava-se até Iim¹², na montanha de Efron e desviava-se rumo a Baalá — isto é, Qiriat-Iearim. ¹⁰De Baalá, a fronteira virava para oeste, rumo ao monte Seir¹³, passava pelo flanco da montanha das Florestas ao norte — isto é, Kesalon —, descia para Bet-Shémesh e passava por

18,16;
2R 23,10;
Jr 7,31-32;
19,2,6;
32,35

9,17;
1Cr 13,6

t. A Língua é a faixa de terra que avança no mar Morto a sudoeste e deve ser diferenciada daquela de que fala o v. 5, que fica ao norte.

u. A torrente do Egito é um curso de água que desemboca no Mediterrâneo ao sul de Gaza. Ela forma a fronteira tradicional entre Canaã e o Egito.

v. Esta descrição de fronteira volta aos dados de Nm 34,3-5. w. Lit. *língua de mar*, cf. 15,2 nota.

x. Esta localidade de Judá deve ser diferenciada da cidade do mesmo nome próxima de Hebron e mencionada em 10,38-39; 11,21; 12,13.

y. Esta Guilgal não é a mesma que se menciona na primeira parte de Js.

z. Um dos dois mananciais de Jerusalém, na confluência do Qidron e da Geena (cf. nota seguinte).

a. Situado ao sul da cidade de Jerusalém, o vale servia de

lixeria para a mesma. O "vale dos filhos de Hinom", às vezes, abreviado por *guê hinom*, deu origem ao termo "geena".

b. Hebr. *rumo às cidades*. O nome da cidade é reconstituído segundo o grego.

c. Deve-se distinguir este monte Seir daquele que fica em Edom, d. O mar, sem outra determinação, sempre designa o Mediterrâneo: chamam-no também "o Grande Mar", cf. v. 12.

e. Cf. 14,15 nota.

f. Cf. Nm 13,22.

g. Para todo o desenvolvimento dos vv. 15-19, cf. Jz 1,10-15.

h. Para este pormenor folclórico, encontram-se numerosos paralelos extrabíblicos. Cf., na Bíblia, por ex., Davi que desposou Mikal, filha de Saul, após suas façanhas contra os filisteus: 1Sm 18,20-27.

i. Primeiro juiz em Israel, segundo Jz 3,9.

j. Lit. *bênção*. Cf. Gn 33,11.

2Cr 26,6
23,4;
Nm 34,6

10,38-39
11,21;
12,13

14,6,14

19,2-9

2Sm 23,20;
Ne 11,25

lagur, ²²Qiná, Dimoná, Adeadá, ²³Qédesh, Haşar-litnan⁴, ²⁴Zif, Telem, Bealot, ²⁵Haşor-a-Nova, Qeriot-Heşron — ou seja, Ne 11, 26-27 ²⁷Haşar-Gadá, Heshmon, Bet-Pélet, ²⁸Haşar-Shual, Beer-Sheba e arredores¹. ²⁹Baalá, Iim, Eşem, ³⁰Eltolad, Kesil, Hormá, ³¹Şiqqlag, Madmaná, Sansaná, ³²Lebaot, Şilhiim, En-Rimon^m: ao todo vinte e nove cidadesⁿ, com as aldeias que delas dependem.

³³Na Baixadaⁿ: Eshtaol, Şoreá, Ashná, ³⁴Zanôah, En-Ganim, Tapúah, Enâm, ³⁵Iarmut, Adulâm, Sokô, Azcáq, ³⁶Shaarâim, Aditâim, Guederá, Guederotâim: quatorze cidades com suas aldeias.

³⁷Şenan, Hadashá, Migdal-Gad, ³⁸Dilean, Mişpê, Ioqteel, ³⁹Lakish, Boşqat, Eglon, ⁴⁰Kabon, Laşmâs, Kitlish, ⁴¹Guederot, Bet-Dagon, Naamá, Maqedá: dezesseis cidades com suas aldeias.

⁴²Libná, Éter, Ashan, ⁴³Iiftah, Ashná, Neşib, ⁴⁴Queilá, Akzib, Mareshá: nove cidades e suas aldeias.

⁴⁵Eqron, com suas cidades dependentes e aldeias: ⁴⁶a partir de Eqron e para o oeste, tudo o que fica perto de Ashdod e suas aldeias; ⁴⁷Ashdod com suas cidades dependentes e aldeias, Gaza com suas cidades dependentes e aldeias até a Torrente do Egito, o Grande Mar e suas adjacências^p.

⁴⁸Na Montanha: Shamir, Iatir, Sokô, ⁴⁹Daná, Qiriat-Saná — ou seja Debir —, ⁵⁰Anab, Eshtomô, Anim, ⁵¹Gôshen, Ho-

lon, Guilô; onze cidades com suas aldeias.

⁵²Arab, Dumá, Eshean, ⁵³Ianum, Bet-Tapúah, Afeqá, ⁵⁴Humtá, Qiriat-Arbá — ou seja, Hebron —, Şior; nove cidades e suas aldeias.

⁵⁵Maon, Karmel, Zif, Iutá, ⁵⁶Jezreel, lorqueâm^q, Zanôah, ⁵⁷Qáin, Guibeá, Timná: dez cidades com suas aldeias. ⁵⁸Halhul, Bet-Şur, Guedor, ⁵⁹Maarat, Bet-Anot, Elteqon: seis cidades com suas aldeias^r. ⁶⁰Qiriat-Baal — ou seja, Qiriat-Iearim —, Rabá: duas cidades e suas aldeias.

⁶¹No Deserto: Bet-Arabá, Midin, Sekaká, ⁶²Nibshan, Ir-Melâh, En-Guedi: seis cidades com suas aldeias.

⁶³Quanto aos ieubistas, que habitam Jerusalém^s, os filhos de Judá não puderam desapossá-los. Por isso, os ieubistas moram com os filhos de Judá em Jerusalém até o presente dia.

16 O quinhão das tribos de Efraim e de Manassés. 'O quinhão dos filhos de José¹ partia do Jordão, perto de Jericó, a leste das águas de Jericó²; era o deserto que sobe de Jericó para a montanha de Betel. ³Ele se prolongava de Betel até Luza³, passava em direção da fronteira dos arakitas⁴ em Atarot, ⁵descia para o oeste, em direção da fronteira dos ialetitas, até o território de Bet-Horon Inferior e até Guézer, para terminar no mar. ⁶Os filhos de José, Manassés e Efraim⁵, tiveram assim seu patrimônio.

k. O hebr., não o gr., leu dois nomes de cidade.
l. Versículo traduzido com o gr. e com Ne 11,27. O hebr. leu um topônimo.

m. O hebr. compreendeu como se fossem duas cidades, mas se trata de uma só, como o demonstram o gr. e Ne 11,29.

n. O total não corresponde à enumeração que precede. Isto talvez se explique pela transmissão problemática e também pela adição de cidades simeonitas (cf. Is 19,2-7) ao patrimônio da tribo de Judá.

o. As cidades de Judá estão repartidas por regiões: a *Baixada* representa as colinas do oeste, a *Montanha* é a de Judá, o *Deserto* domina o mar Morto e igualmente tem o nome de Judá.

p. O texto hebr. diz literalmente: *e o mar a fronteira e seus arredores*. Traduzimos de acordo com a leitura masorética tradicional.

q. Com 1Cr 2,44 e o texto gr. do v. O hebr. leu *loqdeâm*.

r. Na seqüência do v. 59, o gr. apresenta um complemento importante: *Teqou, Efrata — isto é, Bet-Lehem — Peor, Etâm, Kulon, Tutâm, Sorês, Kerem, Gulim, Beter, Manahat: onze cida-*

des com suas aldeias. Esta lista constituiu um distrito de Judá e deve ser primitiva.

s. Esse texto supõe que os ieubseus ainda habitavam Jerusalém — que só será conquistada na época de Davi (cf. 2Sm 5,6-9). Para a expressão, comparar com Jz 1,21.

t. Por esta expressão devem-se compreender as tribos de Manassés e Efraim (cf. v. 4).

u. Trata-se da fonte ao pé de Tell-es-Sultan, localidade de Jericó, e que é mais conhecida pelo nome de fonte de Eliseu.

v. Embora Gn 28,19; Js 18,13 e Jz 1,22-26 identifiquem Luz e Betel, o texto de Js as distingue, decerto com boas razões, pois Betel é o antigo santuário cananeu que deu seu nome à cidade vizinha, Luz.

w. Grupo sem dúvida cananeu, nos arredores de Betel (cf. 2Sm 15,32; 16,16). O mesmo sucede com os ialetitas, v. 3.

x. A despeito da ordem desses dois nomes, deve-se notar que o território de Efraim é descrito antes do de Manassés; a respeito disso, cf. 17,17 nota.

1Sm 24,1;
Ez 47,10;
Cl 1,14;
4,13

Gn 49.
22-26;
Dt 33,13-17

7,2; 8,9,17

2Sm 15,32

1Cr 7,32-33
10,10
10,33;
12,12

5Esta é a fronteira dos filhos de Efraim, segundo seus clãs: o limite de sua herança a leste era Atrot-Adar até Bet-Horon Superior. 6A oeste, a fronteira prolongava-se para Mikmetat ao norte e virava para leste em Taanat-Shilô, que ultrapassava a leste em direção a Ianoah. 7A seguir, descia de Ianoah para Atarot e Naaratá, alcançava Jericó e prolongava-se até o Jordão. 8De Tapúah, a fronteira ia em direção a oeste até a torrente de Qaná, para alcançar o mar. Este foi o patrimônio da tribo dos filhos de Efraim segundo seus clãs. 9sem contar as cidades reservadas aos filhos de Efraim no meio do patrimônio dos filhos de Manassés: todas essas cidades com suas aldeias. 10Mas eles não desapossaram os canaanitas que habitavam Guézer; por isso os kenaanitas ficaram morando no meio de Efraim até o presente dia, mas foram reduzidos a trabalhos servis.

17 Este é o quinhão da tribo de Manassés, sendo o primogênito de José. Makir, primogênito de Manassés, pai de Guilead, teve o Guilead e o Bashan, pois era homem de guerra. 2E para os outros filhos de Manassés, segundo seus clãs: os filhos de Abiézer, os filhos de Hêleq, os filhos de Aziel, os filhos de Shekem, os filhos de Héfer e os filhos de Shemidá, ou seja, os filhos homens de Manassés, filho de José, segundo seus clãs.

3Selofoad, filho de Héfer, filho de Guilead, filho de Makir, filho de Manassés, não teve filhos, mas somente filhas, cujos nomes são: Mahlá, Noá, Hóglá, Milká e Tirzá. 4Elas se apresentaram ao sacerdote Eleazar, a Josué, filho de Nun,

e aos chefes e disseram: "O SENHOR prescreveu a Moisés que nos desse um patrimônio no meio de nossos irmãos!" Foi-lhes dado, conforme a ordem do SENHOR, um patrimônio no meio dos irmãos dos seu pai. 5Coubaram portanto dez partes a Manassés, sem contar a terra de Guilead e o Bashan, que ficam do outro lado do Jordão. 6De fato, as filhas de Manassés receberam um patrimônio no meio dos filhos dele, mas a terra do Guilead pertenceu aos outros filhos de Manassés.

7A fronteira de Manassés partia de Aser a Mikmetat, defronte de Siquém; ela ia na direção de lamin, na direção de Iashib. 8En-Tapúah. 9Manassés possuía a terra de Tapúah, mas Tapúah, no limite de Manassés, era dos filhos de Efraim. 10A fronteira descia para a torrente de Qaná, ao sul da torrente. Essas cidades eram de Efraim, no meio das cidades de Manassés. O limite de Manassés ficava ao norte da Torrente e acabava no mar. 11Ao sul, era de Efraim, e ao norte, de Manassés; o mar era o seu limite. Faziam divisa com Aser ao norte e Issacar a leste. 12Em Issacar e em Aser, Manassés teve Bet-Shean e suas cidades dependentes, Ibleâm e suas cidades dependentes, os habitantes de Dor e suas cidades dependentes, os habitantes de En-Dor e suas cidades dependentes, os habitantes de Taanak e suas cidades dependentes, os habitantes de Meguido e suas cidades dependentes, sendo a terceira cidade a que se situa na planície de Dor. 13Mas os filhos de Manassés não puderam tomar posse dessas cidades, e os canaanitas obstinaram-se em morar nesta terra. 14Quando os filhos de Israel ficaram bastante

y. Guézer foi dada pelo faraó a Salomão por ocasião do seu casamento com a princesa egípcia, cf. 1Rs 9,16-17.

z. O início deste cap. nos transporta de forma inesperada para a Transjordânia. É o caso de se perguntar se Makir não se instalou primeiro na Cisjordânia.

a. Quanto aos outros filhos de Manassés, cf. Nm 26,29.

b. Sob pretexto de uma apresentação genealógica, trata-se de fato — já que as filhas têm nomes de cidades — de uma disputa territorial entre clãs de Manassés.

c. Através do pedido apresentado aos chefes, descobre-se a importância de salvaguardar direitos inalienáveis sobre os territórios recebidos em "patrimônio" (cf. Nm 27,1-11; 36,1-12).

Este último termo é uma palavra-chave de Js e indica a realização da promessa divina e o respeito mútuo das tribos de Israel nesta matéria.

d. Hebr. *rumo aos habitantes*. Com o gr. pode-se restituir o início de um complexo nome de cidade.

e. A descrição da fronteira de Manassés é obscura. Decerto o redator precisou conciliar informações que correspondiam a situações de épocas diversas. Na origem, a fronteira ficava ao sul da torrente; mais tarde, por ocasião da preponderância de Efraim, ela foi recuada para o norte da torrente.

f. Trata-se de uma glosa para precisar a posição de Dor, cf. Js 12,23.

fortes, submeteram os canaanitas à corvêa, mas não puderam desapossá-los^a.

Gn 48, 19-20; Nm 26,34,37 14Assim falaram os filhos de José a Josué: "Por que me deste em patrimônio um só quinhão, quando sou um povo numeroso, a tal ponto me abençoou o SENHOR até agora?" 15Josué lhes disse: "Se és um povo numeroso, sobe então à floresta e desmatarás^b um lugar para ti na terra dos perizitas e dos refaítas, já que a montanha de Efraim é muito exígua para ti". 16Os filhos de José disseram-lhe: "A montanha não nos bastará, tanto mais que há carros de ferro^c entre todos os canaanitas que habitam a região da planície, tanto entre os que estão em Bet-Shean e suas dependências como entre os da planície de Jezreel". 17Então, Josué disse à casa de José — a Efraim e Manassés^d —: "Tu és um povo numeroso, e grande é tua força; não terás um quinhão único. 18Receberás a montanha, embora seja uma floresta; desmatá-la-ás e será tua até as extremidades. Desapossarás os canaanitas, muito embora tenham carros de ferro e sejam fortes".

13,1; Jz 18,19 Dt 1,13 16,4; 17,17 19,18; Jz 6,33; 2Rs 10, 1-11; Os 1,5 11,6; Dt 20,1

18 Sorteio em Shilô entre as sete tribos restantes. 1Toda a comunidade dos filhos de Israel reuniu-se em Shilô^e, e ali se instalou a tenda do encontro. A terra estava-lhes submissa. 2Restavam entre os filhos de Israel sete tribos às quais não fora destinado patrimônio. 3Josué disse aos filhos de Israel: "Até

quando esperareis antes de ir tomar posse da terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos deu? 4Designai três homens por tribo e eu os mandarei. Eles levantar-se-ão e percorrerão a terra, farão dela uma descrição correspondente a seu patrimônio e voltarão a mim. 5Reparti-la-ão entre si em sete partes! Judá permanecerá no seu território ao sul e a casa de José no seu, ao norte. 6Quanto a vós, fazei a descrição da terra correspondente às sete partes e trazei-a a mim aqui. Eu lançarei a sorte para vós aqui", diante do SENHOR, nosso Deus. 7Mas não haverá quinhão entre vós para os levitas, pois seu patrimônio é o sacerdócio do SENHOR. Quanto a Gad, Rúben e a meia-tribo de Manassés, receberam no oriente, além do Jordão, o patrimônio^f que lhes deu Moisés, o servo do SENHOR".

8Os homens se levantaram e partiram. Josué deu a seguinte ordem aos que iam fazer a descrição da terra: "Ide, percorrei a terra, fazei a sua descrição e voltai a mim, e aqui, eu deitarei para vós a sorte diante do SENHOR, em Shilô". 9Os homens foram, atravessaram a terra e fizeram sua descrição por escrito, conforme as cidades, em sete partes. A seguir, foram juntar-se a Josué no acampamento, em Shilô. 10Josué deitou para eles sortes diante do SENHOR, em Shilô, e Josué fez ali a partilha da terra para os filhos de Israel, conforme suas repartições.

g. Como em 15,63 e 16,10, temos aqui um testemunho que reconhece não ter sido todo o território conquistado no tempo de Josué; cf. Jz 1,27-28.

h. O verbo *desmatar* (ou *talhar*; cf. v. 18) oferece em hebr. a particularidade de ser o mesmo que se traduz habitualmente por *criar* (cf. Gn 1,1). Cf. Ez 23,47.

i. Os carros de ferro, que só podiam ser manobrados na planície, permitiram que os canaanitas nela se mantivessem. Ao invés, a montanha teve de ser concedida aos invasores israelitas durante a primeira fase da sua ocupação da terra. Posteriormente os reis de Israel providenciaram para si mesmos a posse de carros de guerra (cf. 1Rs 5,6; 10,26; 20,21; Is 2,7).

j. Vale ressaltar a ordem desses dois nomes, pois o mais moço é citado antes do primogênito, provável indicação da superioridade, nesta época, de Efraim sobre Manassés, como é revelado pela rivalidade a respeito de Tapuáh no v. 8. Outros textos (Nm, 26,28,37; Js 14,4 e 16,4) trazem a ordem Manassés-Efraim, sem dúvida mais antiga.

k. Depois de Guilgal (cf. 4,20; 14,6), Shilô tornou-se um dos lugares de reunião da confederação israelita. Ali se tomavam decisões de ordem religiosa, ou mesmo militar, concernentes à totalidade ou a uma parte das doze tribos de Israel, antes da criação da realza. O seu núcleo é constituído, segundo esse texto, pela *Tenda do Encontro*, na qual estava depositada a arca da aliança, que vimos muitas vezes mencionada em Js 3; 4; 6. Nesta perspectiva é que se deve compreender o termo *comunidade*, que designa o conjunto das tribos de Israel, reunidas numa fé única. A respeito da Tenda do Encontro, cf. Ex 27,21 nota.

l. E não mais nove partes e meia, como em 13,7, porque Judá e a casa de José (15-16) já receberam sua parte na Cisjordânia.

m. *Lançar a sorte*: elemento novo na formulação. Nos outros capítulos do livro, traduzimos a palavra *sorte* por *quinhão*. Trata-se provavelmente de fichas ou tocos de madeira divinatórios, cujo modo de cair em sentido favorável ou desfavorável era interpretado. Cf. 7,16 nota.

n. Cf. 13,8.

12,6; Nm 32,33

11,23; 12,7 Nm 26, 52-56

Gn 49,27;
Dt 33,12

15,8,10-11

7,2

16,2

16,5

15,60

15,9

Benjamin. ¹¹A sorte designou a tribo dos filhos de Benjamin segundo seus clãs. O território que lhes coube por sorte ficava entre o dos filhos de Judá e o dos filhos de José. ¹²Do lado norte, sua fronteira partia do Jordão, subia ao flanco de Jericó ao norte, subia pela montanha para o oeste e alcançava o deserto em Bet-Áven. ¹³Daí, a fronteira passava em Luz, no flanco sul de Luz — ou seja Betel —; a fronteira descia até Atrot-Adar, na montanha que está ao sul de Bet-Horon Inferior. ¹⁴A fronteira desviava-se e virava para o lado do oeste, rumo ao sul desde a montanha que fica em frente de Bet-Horon no sul e ia dar em Qiriat-Báal, que é Qiriat-Iearim, cidade dos filhos de Judá. Este era o lado ocidental. ¹⁵O lado meridional começava em Qiriat-Iearim. A fronteira prolongava-se para lim^o e rumo à nascente das águas de Neftôah. ¹⁶Ela descia para a extremidade da montanha que está defronte ao vale de Ben-Hinom, que fica na planície dos Refaías a norte. Ela descia pelo vale de Hinom no flanco sul dos iebusitas^o e descia para En-Roguel. ¹⁷Desviava-se ao norte e alcançava En-Shémesh e Guelilot, que está defronte da subida de Adumim, depois descia até a Pedra de Bohan, filho de Rúben^o. ¹⁸Passava pelo flanco norte, defronte a Arabá^o, e descia rumo à Arabá. ¹⁹A fronteira passava pelo flanco de Bet-Hoglá ao norte e terminava na laguna do mar do Sal^o, na extremidade sul do Jordão. Este era o limite sul. ²⁰O limite do lado leste era o Jordão. Esta era o patrimônio dos filhos de Benjamin, segundo seus clãs, com seus limites por todos os lados. ²¹As cidades da tribo de

Benjamin segundo seus clãs eram: Jericó, Bet-Hoglá, Êmeq-Queşiş, ²²Bet-Arabá, Şemaráim, Betel, ²³Avim, Pará, Ofra, ²⁴Qefar-Amoná, Ofni, Gueba: doze cidades e suas aldeias — ²⁵Guibeon, Ramá, Beerot, ²⁶Mişpê, Kefirá, Moşá, ²⁷Requem, Irpeel, Tarafá, ²⁸Şelá, Élef, os iebusitas, ou seja Jerusalém¹, Guibeá, Qiriat-Iearim^o: catorze cidades e suas aldeias. Esta foi a herança dos filhos de Benjamin segundo seus clãs.

19 Simeão. ¹Da segunda vez, a sorte coube a Simeão, à tribo dos filhos de Simeão segundo seus clãs. Seu patrimônio ficava no meio do patrimônio dos filhos de Judá. ²Receberam em patrimônio Beer-Sheba, Shemá^o, Moladá^o, ³Haşar-Shual, Balá, Eşem, ⁴Eltolad, Betul, Hormá, ⁵Şiclag, Bet-Markabot, Haşar-Susá, ⁶Bet-Lebaot, Sharuhan: treze cidades^o e suas aldeias; ⁷En-Rimon, Éter e Ashan: quatro cidades^o e suas aldeias; ⁸todas as aldeias situadas em volta dessas cidades até Baalat-Beer, que é Ramá, ao sul. Este foi o patrimônio dos filhos de Simeão segundo seus clãs. ⁹O patrimônio dos filhos de Simeão foi tomado da porção dos filhos de Judá, pois a parte dos filhos de Judá era demasiado grande para eles e foi assim que os filhos de Simeão receberam seu patrimônio no meio daquele dos filhos de Judá.

Zabulon. ¹⁰Da terceira vez, a sorte designou os filhos de Zabulon segundo seus clãs. A fronteira de sua herança estendia-se até Sarid; ¹¹ela subia para o oeste e Maralá, tocava Dabéshet, depois a tor-

15,6,61
Jr 13,4-7
1Sm 13,17
21,17;
1R, 15,22
9,3,17;
Jz 20,1;
1Sm 7,5;
Jr 31,15
Jz 19,12;
1Sm 10,5

Gn 49,5;
1Cr 4,28-33

15,42

1Sm 30,27

Gn 49,13;
Dt 33,
18-19

o. Hebr. *rumo ao mar*, mas trata-se aqui do mesmo topônimo de Js 15,2,9.

p. Designação de Jerusalém, como em Js 18,28.

q. Embora descrita em sentido inverso, a fronteira é a que já foi indicada para a tribo de Judá em 15,5-9. *Guelilot* é idêntica a Guilgal de 15,7.

r. Designação abreviada de *Bet-Arabá* (Js 15,6; 18,22).

s. Cf. 15,5 nota.

t. Aqui, a cidade de Jerusalém está incluída entre as cidades de Benjamin, mas há que se lembrar que esta cidade não foi conquistada por essa tribo, cf. Jz 1,21. Foi somente no reinado de Davi que a cidade foi conquistada e anexada ao território de Judá.

u. Enquanto o hebr. leu *Guibeat-Qiriat*, o gr. permite restituir ao texto dois nomes distintos: *Guibeá* (cf. 1Sm 7,1; 2Sm 6,3) e *Qiriat-Iearim* (Js 15,60); as duas localidades eram próximas uma da outra.

v. O hebr. lê *Sheba*, mas o gr. conservou o nome antigo, que também se encontra em Js 15,26.

w. Numa época antiga, o território da tribo de Simeão foi englobado no de Judá; desde então, numerosas cidades que lhe são atribuídas neste cap. 19 já constam da lista das cidades atribuídas a Judá segundo 15,21-32; cf. aqui o v. 9.

x. A conta dá 14, não 13.

y. Cf. Js 15,32 nota. O total de quatro cidades só se explica se, com o hebr., se transforma o nome *En-Rimon* em duas cidades.

- rente que está defronte de loqueâm. ¹²De Sarid virava para o leste, ao oriente, no limite de Quislot-Tabor, prolongava-se para Dabrat e subia para lafia. ¹³Daí, passava a leste de Gat-Héfer, Ita-Qasim, continuava até Rimom, que está virada para Neá. ¹⁴A fronteira contornava Rimom ao norte, rumo a Hanaton, e terminava no vale de Iiftah-El, ¹⁵com Qatat, Nahalal, Shimron, Iidálá, Bet-Lehem: doze cidades e suas aldeias. ¹⁶Este foi o patrimônio dos filhos de Zabulon segundo seus clãs, essas cidades e suas aldeias.
- ¹⁷Da quarta vez, a sorte coube a Issacar, aos filhos de Issacar segundo seus clãs. ¹⁸Sua fronteira estendia-se rumo a Jezreel^a, Kesulot, Shunê^m, ¹⁹Hafaráim, Shion, Anaharát, ²⁰Rabit, Quishion, Ébeš, ²¹Rémet, En-Ganim^b, En-Hadá, Bet-Paşêš, ²²A fronteira tocava Tabor^c, Shahašimá, Bet-Shêmesh, e terminava no Jordão: dezesseis cidades e suas aldeias. ²³Este foi o patrimônio dos filhos de Issacar segundo seus clãs: essas cidades e suas aldeias.
- ²⁴Da quinta vez, coube a sorte à tribo dos filhos de Aser, segundo seus clãs. ²⁵Sua fronteira era Helqat, Hali, Bêten, Akshaf, ²⁶Alamélek, Ameid, Misheal; tocava o Carmelo^d a oeste e Shihor-Libnat; ²⁷virava, no oriente, em Bet-Dagon, tocava Zabulon e o vale de Iiftah-El, ao norte de Bet-Êmeq e de Neiel; prolongava-se para Kabul à esquerda, ²⁸e para Abdon^e, Rehob, Hamon e Qaná até Sidon-a-Grande. ²⁹A fronteira
- virava para Ramá até a Fortaleza de Tiro^f, e a fronteira virava para Hósá e terminava em Maḥaleb^g, Akzib, ³⁰Aco^h, Afeq, Rehob: vinte e duas cidades com suas aldeias. ³¹Este foi o patrimônio da tribo dos filhos de Aser segundo seus clãs: essas cidades e suas aldeias.
- ³²Da sexta vez, a sorte coube aos filhos de Neftali, aos filhos de Neftali segundo seus clãs. ³³Sua fronteira ia desde Hêlef, desde Elon, por Şaananim, Adami-Néqeb, Iabneel, até Laqum, e terminava no Jordão. ³⁴A fronteira virava para o oeste em Aznot-Tabor e daí prolongava-se para Huqoq. Tocava Zabulon pelo sul e Aser pelo oeste, e Judá do Jordão pelo lado do oriente. ³⁵As cidades fortificadas eram: Şidim, Şer, Hamat, Raqat, Kinéret. ³⁶Adamá, Ramáⁱ, Haşor, ³⁷Qédesh, Edrei, Ein-Haşor, ³⁸Iiron, Migdal-El, Horê^m, Bet-Anat, Bet-Shêmesh; dezenove cidades e suas aldeias. ³⁹Este foi o patrimônio da tribo dos filhos de Neftali segundo seus clãs: essas cidades e suas aldeias.
- ⁴⁰Da sétima vez, a sorte coube à tribo dos filhos de Dan, segundo seus clãs. ⁴¹A fronteira de seu patrimônio era Şoréá, Eshtaol, Ir-Shêmesh, ⁴²Shaalabin, Aialon, Iitlá, ⁴³Elon, Timnata, Eqrón, ⁴⁴Elteqêl, Guibeton, Baalat, ⁴⁵Iehud, Benê-Beraq^k, Gat-Rimon, ⁴⁶as águas do Iarqon^l, Raqon, com o território que está diante de Jafa^m. ⁴⁷Mas o território dos filhos de Danⁿ escapou deles; então os

z. *Bet-Lêhem* de Zabulon; distinga-se do seu homônimo em Judá (cf. Mt 5,1).

a. Não confundir com Jezreel de Judá, Js 15,56. Alguns reis do Norte estabelecerão em Jezreel de Issacar sua residência de verão (cf. 1Rs 18,45). Seu nome foi dado a todo o vale fértil que atravessa a Galiléia de leste a oeste. Este nome, helenizado, tornou-se Esdrelon.

b. *En-Ganim*: localidade diferente da mencionada em 15,34. Mesma observação no que se refere a Bet-Shêmesh do v. 22 (cf. 15,10) e a Bet-Dagon no v. 27 (cf. 15,41).

c. Esta cidade deu nome ao monte Tabor, nos confins das tribos de Zabulon, Issacar e Neftali.

d. Aqui, ao invés do Carmel de 15,55, trata-se do monte Carmelo.

e. Segundo Js 21,20. O hebr. lê Ebron.

f. Trata-se da ilha fortificada defronte de Tiro continental, aqui denominada *Ḥosá*; cf. 2Sm 24,7.

g. Mal-lido pelo hebr., este nome se encontra em uma lista de cidades conquistadas por Senaquerib, e sob a forma *Aḥlah* em Jz 1,31.

h. O hebr. lê *Umá*, mas vários mss. gregos lêem aqui *Aco*, cf. Jz 1,31.

i. Diversas cidades da Palestina têm o nome de *Ramá*, "elevação, altura". Encontrou-se outra no v. 29. A mesma observação vale também para *Edrei*, v. 37, e *Bet-Shêmesh*, v. 38.

j. *Elteqêl* é mencionada nas listas de cidades conquistadas por Senaquerib com o ortografia *altuq*.

k. *Benê-Beraq* (a sudeste de Jafa) encontra-se nas mesmas listas de Senaquerib com a forma de *Band-Barqa*.

l. O *Iarqon* desemboca no Mediterrâneo em Jafa.

m. *Jafa* (= Iafô, gr. *Ioppê*, cf. At 9,36) fica próxima a Tel-Aviv.

n. O território dos danitas, inicialmente situado no centro da Cisjordânia e próximo do Mediterrâneo, foi abandonado em tro-

filhos de Dan subiram, fizeram guerra contra Leshem^o e apossaram-se dela. Passaram-na ao fio da espada e tomaram posse dela. Estabeleceram-se ali e deram a Leshem o nome de Dan, que era o do seu ancestral Dan. ⁴⁰Este foi o patrimônio da tribo dos filhos de Dan segundo seus clãs, essas cidades e suas aldeias.

⁴¹Depois que acabaram de assumir seu patrimônio na terra, conforme seus limites, os filhos de Israel deram, em seu meio, um patrimônio a Josué, filho de Nun. ⁴²Conforme a ordem do SENHOR, eles lhe deram a cidade que ele pedira, Timnat-Sérah^p na montanha de Efraim. Ele reconstruiu a cidade e nela se estabeleceu.

⁴³Estes são os patrimônios que o sacerdote Eleazar, Josué, filho de Nun, e os chefes de família das tribos dos filhos de Israel destinaram por sorteio, em Shilô, diante do SENHOR, na porta da Tenda do Encontro. Eles concluíram assim a divisão da terra.

20 As cidades de refúgio. ¹Disse o SENHOR a Josué: ²"Fala aos filhos de Israel: providenciai para vós cidades de refúgio, das quais vos falei por intermédio de Moisés". ³Para lá poderá fugir o homicida que matou alguém involuntariamente, sem querer, e elas serão para vós um refúgio contra o vingador do sangue. ⁴O homicida fugirá para uma dessas cidades, deter-se-á na entrada da porta da cidade e exporá seu caso aos anciãos desta cidade: eles abrigarão este

homem na cidade junto deles e lhe darão um lugar para morar com eles. ⁵Se o vingador do sangue o perseguir, eles não poderão entregar-lhe o homicida, pois foi sem querer que ele feriu seu próximo, e não porque previamente o odiasse. ⁶Ele se estabelecerá nesta cidade até que compareça em juízo diante da comunidade, até a morte do sumo sacerdote então em função; a seguir o homicida voltará e entrará novamente na sua cidade, na sua casa, na cidade de onde tinha fugido".

⁷Por isso, consagraram Qédesh na Galiléia, na montanha de Neftali, Siquém na montanha de Efraim e Qiriat-Arbá, que é Hebron, na montanha de Judá. ⁸Além do Jordão, a leste de Jericó, estabeleceram Béser no deserto, sobre o planalto da tribo de Rúben. Ramot-de-Guilcad, da tribo de Gad, e Golan no Bashan, da tribo de Manassés.

⁹Estas foram para todos os filhos de Israel e para o migrante que reside em seu meio as cidades designadas, a fim de que nelas se pudesse refugiar qualquer homem que houvesse matado involuntariamente: com isso ele não morreria pela mão do vingador do sangue antes de ter comparecido diante da comunidade.

21 As cidades levíticas. ¹Os chefes de família dos levitas apresentaram-se ao sacerdote Eleazar, a Josué, filho de Nun, e aos chefes de família das tribos dos filhos de Israel. ²e falaram-lhes em Shilô, na terra de Canaã, dizendo: "O

ca de um território muito setentrional à volta da antiga cidade de Leshem (Laiish), rebatizada de Dan. Isto torna compreensível o fato de se designar a totalidade do território israelita pela expressão estereotipada: "De Dan a Beer-Sheba" (cf. Jz 20,1; 1Sm 3,20).
o. O nome *Laiish* é documentado pelos textos egípcios, desde a época antiga, fato que confirma ter sido a cidade de Dan assim chamada anteriormente. A mudança de nome significa mudança de destino.

p. Ver 24,30. Cf. Jz 2,9, onde a cidade tem o nome de Timnat-Heres.

q. Surge aqui um novo problema, e impressiona-nos o cuidado, tantas vezes expresso em Js, de executar ao pé da letra as ordens de Moisés tais como são referidas nos livros anteriores. Sobre as cidades de refúgio, cf. Ex 21,13; Nm 35,6.11.14; Dt 4,41-42; 19,2. Dt 4,41-42 apenas fornece a lista das três últimas cidades, mas parece que o número de seis cidades de refúgio não demorou a se tornar tradicional, cf. Dt 19,9. Conforme

Nm 35,6, as seis cidades em apreço acrescentam-se às 42 outorgadas aos levitas.

r. A respeito de toda esta exposição, há que se referir a Nm 35,9-34.

s. Herdeiros de uma estrutura tribal, os *anciãos* desempenham uma função judicial muito importante, mas a sua atividade exerceu-se também no domínio militar (8,10) e religioso (7,6).

t. Iguais diretivas em Nm 35,25.28.

u. Essas três cidades de refúgio situadas na Cisjordânia gozavam de grande prestígio religioso por causa do seu santuário. É verossímil que sua escolha ratifique o direito de asilo reconhecido a esses lugares santos. Pode-se acrescentar ademais que essas cidades, bem como as do v. 8, eram cidades levíticas; cf. Js 21,11.21.27.32.36.38.

v. A menção ao *migrante* (cf. 8,33) talvez seja um acréscimo tardio. Os textos jurídicos da Bíblia dedicam grande atenção ao migrante, cf. Ex 22,20; 23,9; Lv 19,10.33-34; 23,22.

19,37;
1Cr 6,61
1Cr 6,52
14,15;
15,13.54
21,11.13;
1Cr 6,42
Dt 4,41-43

14,1: 17,4

18,1

SENHOR prescreveu por intermédio de Moisés que nos dessem cidades para residência^a com seus terrenos para nosso gado^b. ³Os filhos de Israel deram do seu patrimônio aos levitas as seguintes cidades com seus terrenos^c conforme a ordem do SENHOR.

⁴A sorte designou os clãs dos qehatitas^d; assim, uma parte desses levitas, filhos do sacerdote Aarão, recebeu por sorteio treze cidades da tribo de Judá, da tribo de Simeão e da tribo de Benjamin. ⁵Os demais filhos de Qehat receberam por sorteio dez cidades dos clãs da tribo de Efraim, da tribo de Dan e da meia-tribo de Manassés. ⁶Os filhos de Guer-shon receberam por sorteio treze cidades no Bashan, dos clãs da tribo de Issacar, da tribo de Aser, da tribo de Neftali e da meia-tribo de Manassés. ⁷Os filhos de Merari, segundo seus clãs, receberam doze cidades da tribo de Rúben, da tribo de Gad e da tribo de Zabulon. ⁸Os filhos de Israel deram aos levitas essas cidades e seus terrenos, sorteando-as, conforme prescrevera o SENHOR por intermédio de Moisés.

⁹Da tribo dos filhos de Judá e da tribo dos filhos de Simeão, deram as seguintes cidades, aqui indicadas por seus nomes: ¹⁰aos filhos de Aarão pertencentes aos clãs dos qehatitas entre os filhos de Levi — pois a sorte lhes coube por primeiro —, ¹¹deram Qiriat-Arbá, que é Hebron, na montanha de Judá, com os terrenos que a rodeiam. — Arbá era pai de Anó^q. — ¹²Mas os campos da cidade e das aldeias, deram-nas como propriedade a Kaleb, filho de Iefuné. ¹³Aos filhos do sacerdote Aarão, deram como ci-

dades de refúgio^a para o homicida: Hebron com seus terrenos, Libná com seus terrenos, ¹⁴latir com seus terrenos, Eshtmoa com seus terrenos, ¹⁵Holon com seus terrenos, Debir com seus terrenos, ¹⁶Ashan^b com seus terrenos, Iutá com seus terrenos, Bet-Shémesh com seus terrenos: nove cidades tomadas destas duas tribos.

¹⁷Da tribo de Benjamin: Guibeon com seus terrenos, Gueba com seus terrenos, ¹⁸Anatot com seus terrenos, Almon com seus terrenos: quatro cidades. ¹⁹Total das cidades dos sacerdotes, filhos de Aarão: treze cidades com seus terrenos.

²⁰Os clãs levíticos dos demais filhos de Qehat receberam por sorteio cidades da tribo de Efraim. ²¹Deram-se-lhes como cidades de refúgio para o homicida: Siquém com seus terrenos na montanha de Efraim, Guézer com seus terrenos, ²²Qibzáim com seus terrenos, Bet-Horon com seus terrenos: quatro cidades.

²³Da tribo de Dan: Elteqê com seus terrenos, Guibeton com seus terrenos, ²⁴Aialon com seus terrenos. Gat-Rimon com seus terrenos: quatro cidades.

²⁵Da meia-tribo de Manassés: Taanak com seus terrenos, libeâm^c com seus terrenos: duas cidades. ²⁶Total das cidades para os clãs dos outros filhos de Qehat: dez, com seus terrenos.

²⁷Aos filhos de Guer-shon, dos clãs levíticos, deram-se como cidades de refúgio para o homicida, na meia-tribo de Manassés: Golan no Bashan, com seus terrenos, Beeshtérá com seus terrenos: duas cidades. ²⁸Na tribo de Issacar: Quishion com seus terrenos, Dabrat com seus terrenos, ²⁹Iarmut com seus terrenos, En-Ganim com seus terrenos: qua-

15.42-55;
1Cr 6.40-44

19.7

18.24-25;
1Cr 6.45

1Rv 2.26;
Jr 1.1

16.3-10;
1Cr 6.
51-53

20.7

19.40-45
1Cr 6.54

17.11;
1Cr 6.55

1Cr 6.
56-61

20.8;
Dt 4.43

19.20-21

1Cr 6.39-45

14.15;
15.13

14.6-15;
15.13-14

w. Trata-se de 48 cidades levíticas repartidas por todas as tribos de Israel (cf. v. 41), de que fala Nm 35, e entre as quais constam as cidades de refúgio para o homicida involuntário (cf. Js 20). x. Cf. Nm 35.6-7.

y. A respeito dos filhos de Levi, divididos em clãs qehatitas, guershonitas e meraritas, é mister referir-se em particular a Nm 3-4.

z. Aqui, diz-se que Arbá é pai de Anó^q; em outro passo, diz-se que é o maior dos anaquitas; cf. 11.21 nota. Em 15.13, é chamado pai de Anáq, cf. Nm 13.28.33.

a. Após ter sido interrompida no v. 12 pela menção ao quinhão de Kaleb, que nada tem a ver com as propriedades dos le-

vitais, a lista das cidades qehatitas recomeça aqui repetindo Hebron, já citada no v. 11. Daí, no v. 19, o total parcial das cidades desta região: 13 cidades pertencentes a uma subdivisão do clã dos qehatitas. Aliás, a partir daqui, o número das cidades de refúgio difere do referido no cap. 20, já que se imagina serem as 48 cidades levíticas um refúgio para o homicida involuntário. Observa-se que as seis cidades especificamente destinadas para este fim conforme Js 20 também se encontram na lista do cap. 21.

b. Com o gr., cf. Js 15.42; 19.7. O hebr. lê Ain.

c. A lista paralela de 1Cr 6 dá no v. 55 o nome de Bileâm (= libeâm) em vez de Gat-Rimon, que temos aqui no hebr., cidade já mencionada no v. 24.

19,25-28 tro cidades. ³⁰Na tribo de Aser: Misheal com seus terrenos, Abdon com seus terrenos, ³¹Helkat com seus terrenos, Rehob com seus terrenos: quatro cidades. ³²Na tribo de Neftali, deram-se como cidades de refúgio para o homicida: Qédesh na Galiléia com seus terrenos, Hamot-Dor com seus terrenos, Şartan com seus terrenos: três cidades. ³³Total das cidades dos guershonitas, segundo seus clãs: treze cidades com seus terrenos.

1Cr 6, 62-66
19,11-15
13,18; 20,8
13,25-26
20,8

³⁴Aos outros levitas dos clãs dos filhos de Merari deram-se, da parte da tribo de Zabulon: Ioqueam com seus terrenos, Qartá com seus terrenos, ³⁵Rimoná^d com seus terrenos, Nahalal com seus terrenos: quatro cidades. ³⁶Além do Jordão de Jericó, na tribo de Rúben: Béşer, a cidade de refúgio para o homicida, no deserto do planalto, assim como seus terrenos, láhas com seus terrenos, ³⁷Quedemot com seus terrenos, Mefáat com seus terrenos: quatro cidades. ³⁸Da tribo de Gad, deram-se como cidades de refúgio para o homicida: Ramot no Guilead com seus terrenos, Maḥanaim com seus terrenos, ³⁹Heshbon com seus terrenos, Iazer com seus terrenos: total dessas cidades: quatro. ⁴⁰Total das cidades que couberam por sorte aos outros filhos de Merari, segundo seus clãs, pertencentes aos clãs dos levitas: doze cidades.

⁴¹Total das cidades levíticas no meio da propriedade dos filhos de Israel: quarenta e oito cidades com seus terrenos. ⁴²Cada uma dessas cidades era cercada por seus terrenos; era o mesmo para todas as cidades.

⁴³O SENHOR deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; tomaram pos-

se dela e nela se estabeleceram. ⁴⁴O SENHOR concedeu-lhes descanso por todos os lados, conforme prometera a seus pais; nenhum de todos os seus inimigos pôde resistir diante deles; o SENHOR os libertou de todos os seus inimigos. ⁴⁵De todas as palavras excelentes que o SENHOR dissera à casa de Israel, nem uma só falhou; todas se cumpriram.

1.5; 2.24;
10.8; 23.9;
Dt 7.24;
11.25

23.14;
Is 55.11

22 Regresso das tribos transjordânicas para o próprio território.

¹Então Josué chamou os rubenitas, os gaditas e a meia-tribo de Manassés^a. ²Disse-lhes: "Observastes tudo o que prescrevera Moisés, servo do SENHOR, e obedecestes à minha voz em tudo o que vos prescrevi. ³Durante longos anos e até o dia de hoje, não desamparastes os vossos irmãos; atentastes em guardar os mandamentos do SENHOR, vosso Deus. ⁴Agora, já que o SENHOR, vosso Deus, concedeu descanso a vossos irmãos como lho havia dito, agora podeis partir para vossas tendas^b, para a terra que vos pertence e que Moisés, o servo de Deus, vos deu além do Jordão. ⁵Ficai bem atentos para pôr em prática o mandamento e a Lei que Moisés, o servo de Deus, vos prescreveu; amai o SENHOR, vosso Deus; andai em todos os seus caminhos, observai seus mandamentos, aderi a ele, servi-o com todo o vosso coração e todo o vosso ser". ⁶Josué os abençoou e os despediu; e eles se foram para suas tendas.

1.12-18;
Nm 32,
Dt 29
Dt 3,18-20

Dt 6.2.25

21.44

Gn 18,19;
Dt 5,29;
6,5-6;
9,16; 30-20;
1Rs 2,3;
1Sm 12,
20-24

14,13

⁷A uma das meia-tribos de Manassés, Moisés dera uma parte no Bashan; à outra meia-tribo, Josué deu uma parte com seus irmãos aquém do Jordão, no ocidente.

13,29-31
17,1-13

d. Na lista paralela de 1Cr 6 (v. 62) temos *Rimonô*, enquanto o hebr. traz *Dimnû*. O nome antigo é o que se encontra em Js 19,13.

e. Os vv. 36-37 estão ausentes nos mais antigos mss. hebr. Aparecem no gr., na Vulg. e na lista paralela de 1Cr 6,63-64. O total de doze cidades fornecido no v. 40 exige a reconstituição desses vv., cujas cidades são levadas em conta.

f. Antes deste v., o gr. repete os elementos indicados em 19,49-50 a respeito da porção da herança de Josué em Timnat-Sérach; acrescenta uma indicação sumária repetida em 24,30 (gr.): le-hoshua transportou para Timnat-Sérach as facas de pedra que serviram para a circuncisão dos israelitas durante o Êxodo (cf. 5,3). Os vv. 43-45 são uma conclusão geral dos cap. 13-21 na qual o redator recorda o cumprimento da promessa de Deus (cf. Introd.).

g. Depois de ter participado da conquista da Cisjordânia, a pedido de Josué (1.12-18), essas duas tribos e meia são mandadas de volta para seu território na Transjordânia, segundo a promessa que lhes fora feita (1.15).

h. Cf. o v. 8. Expressão de origem nômade que os israelitas conservaram depois da sua instalação em Canaã. Ela significa voltar para casa e traduz, ocasionalmente, um certo isolacionismo (cf. 1Rs 12,16), matiz que pode não estar ausente do resto deste capítulo.

i. O mandamento e a Lei designam as prescrições mosaicas que formam a Torá. A exortação de Josué convidando essas tribos à fidelidade para com Deus é de inspiração deuteronomica; cf. Dt 6: 10; 11: 19; 28; 30.

Quando Josué os mandou de volta para suas tendas, abençoou-os igualmente. ^{6.19-24} "Disse-lhes: "Voltai para vossas tendas com grandes riquezas e rebanhos muito numerosos, com prata, ouro, bronze, ferro, vestimentas em grande quantidade^j. Reparti com vossos irmãos os despojos dos vossos inimigos".

8,27

Construção de um altar perto do Jordão. ⁹Assim foram embora os filhos de Rúben, os filhos de Gad e a meia-tribo de Manassés: eles deixaram os filhos de Israel em Shilô, na terra de Canaã^k, a fim de irem para a terra do Guilead, terra de sua propriedade, cuja posse receberam por ordem do SENHOR, por intermédio de Moisés. ¹⁰Assim chegaram a Guelilot^l do Jordão, que fica na terra de Canaã, e os filhos de Rúben, os filhos de Gad e a meia-tribo de Manassés construíram ali um altar perto do Jordão, altar de aparência grandiosa^m. ¹¹Os filhos de Israel tomaram conhecimento de que se dizia: "Os filhos de Rúben, os filhos de Gad e a meia-tribo de Manassés construíram um altar em frente da terra de Canaãⁿ, em Guelilot do Jordão, do lado dos filhos de Israel". ¹²Apenas os filhos de Israel o souberam, reuniram toda a comunidade dos filhos de Israel em Shilô, a fim de lançar uma investida contra eles. ¹³Os filhos de Israel enviaram aos filhos de Rúben, aos filhos de Gad e à meia-tribo de Manassés, na

região do Guilead, Pinhás, filho do sacerdote Eleazar, ¹⁴bem como dez chefes com ele, um chefe por família para todas as tribos de Israel, sendo cada um cabeça da sua família patriarcal, de conformidade com os milhares de Israel". ¹⁵Eles se acercaram dos filhos de Rúben, dos filhos de Gad e da meia-tribo de Manassés, na terra do Guilead, e falaram-lhes nestes termos: ¹⁶"Assim fala toda a comunidade do SENHOR: Que infidelidade é esta que cometeis contra o Deus de Israel, que vos afastais hoje do SENHOR construindo para vós um altar e vos revoltais hoje contra o SENHOR? ¹⁷Não vos basta o crime de Peor? Até hoje não nos purificamos dele, apesar do flagelo que caiu sobre a comunidade do SENHOR! ¹⁸E vós estais a vos apartar do SENHOR! Hoje revoltai-vos contra o SENHOR, amanhã será ele quem se irritará contra toda a comunidade de Israel. ¹⁹Ora pois, se a terra de que sois possuidores é impura^q, passai para a terra da propriedade do SENHOR, onde se encontra a morada do SENHOR; sede proprietários no meio de nós, mas não vos revolteis contra o SENHOR, não vos revolteis contra nós construindo outro altar ao lado do altar do SENHOR, nosso Deus. ²⁰Quando Akan, filho de Zérah, cometeu infidelidade contra o interdito, não foi contra a comunidade inteira de Israel que sobreveio a ira? Ora ele não foi o único que pereceu por causa de sua culpa".

Nm 25,7-13;
Js 24,33;
Jz 20,28
9,14-15,18;
17,4
14,1; 21,1
Nm 1,16;
10,4,36

Nm 27,17
31,16;
Sl 74,2

Dt 12;
Lv 17,8-9

7,1,11-12;
Nm 16,22

7,1-26
9,20

j. O tema das riquezas levadas pelas três tribos não deixa de recordar a partida de Israel do Egito (cf. Ex 3,21-22; 11,2; 12,35-36). Os canaanitas são despojados como o foram os egípcios.

k. É de notar aqui que *Canaã* designa especificamente a Cisjordânia; cf. v. 32. Esta indicação prepara a narrativa que vai se seguir. Antes de voltar ao seu território, as tribos transjordanianas querem ter um altar na terra de Canaã.

l. *Guelilot*. Parece tratar-se aqui de um nome de lugar; foi por isso que uma parte das versões leram como se houvesse Guilgal, o que não é impossível, cf. 18,17 nota.

m. A construção deste altar seria interpretada pelas outras tribos como uma iniciativa separatista, pois o altar da comunidade estava em Shilô. Este episódio foi relido pelos meios sacerdotais ciosos da unidade do santuário, como aparece já em Dt 12, Cf. Js 18,1 nota. Para as demais tribos, a ereção de um altar afigurava-se como uma revolta contra Deus, a qual não deixaria de acarretar um castigo para a comunidade inteira (cf. v. 18).

n. Apesar do acúmulo de informações de ordem topográfica, paira uma incerteza quanto à localização deste altar. Seja como

for, o texto parece atribuir o título de filhos de Israel apenas às nove tribos e meia.

o. A composição da delegação enviada à Transjordânia, aparentemente arcaizante, revela estruturas político-religiosas vistas pelos olhos dos círculos sacerdotais. A primazia do sacerdote Pinhás é significativa. Cf. Ex 6,25.

p. A respeito deste episódio de *Baal-Peor* e do papel desempenhado nesta ocasião por Pinhás, cf. Nm 25,3-9; Dt 4,3.

q. Como recorda o v. 17, o pecado de Baal-Peor continua a deixar impura a Transjordânia, em contraste com a terra de Canaã, onde está o santuário do Senhor. Daí o convite às tribos de além-Jordão para que se juntem às de Canaã.

r. Cf. Ex 25-26; Lv 15,31; 17,4; Nm 16,9.

s. De acordo com o princípio da responsabilidade coletiva ("personalidade corporativa"), a infidelidade de um dos membros da comunidade repercute imediatamente em todos os demais. A intervenção das nove tribos é concebida, por conseguinte, como legítima defesa contra um membro doente que contamina o corpo inteiro.

²¹Os filhos de Rúben, os filhos de Gad e a meia-tribo de Manassés responderam aos chefes dos milhares de Israel e disseram-lhes: ²²"Deus, Deus o SENHOR, Deus, Deus o SENHOR o sabe, e Israel o saberá!". Se foi por revolta, se foi por infidelidade contra o SENHOR, não nos salve ele neste dia! ²³Se erigimos para nós um altar para nos desviar do SENHOR e se foi para oferecer nele holocaustos ou oblações, se foi para fazer sacrifícios de paz", que o SENHOR nos peça contas disso! ²⁴Pelo contrário, foi por preocupação que o fizemos, pensando na eventualidade de que amanhã vossos filhos possam dizer a nossos filhos: "Que há de comum entre nós e o SENHOR, Deus de Israel?" ²⁵Entre nós e vós, filhos de Rúben e filhos de Gad, o SENHOR fixou uma fronteira, o Jordão. Vós não tendes parte alguma no que é do SENHOR!" Vossos filhos induziriam nossos filhos a deixar de temer o SENHOR. ²⁶Então, refletimos: "É preciso que erijamos este altar, não para holocaustos nem para sacrifícios, ²⁷mas como testemunho entre nós e vós, e entre nossos descendentes, de que é realmente o serviço do SENHOR que estamos cumprindo diante de sua face, com nossos holocaustos e com nossos sacrifícios de paz, a fim de que amanhã vossos filhos não digam a nossos filhos: vós não tendes parte no que é do SENHOR. ²⁸Dissemos: 'Se amanhã vierem com esta fala a nós e aos nossos descendentes, diremos: Vede a própria forma" do altar do SENHOR que nossos pais ergueram, não para holocaustos ou sacrifícios, mas como testemunho entre nós e vós..." ²⁹Longe

de nós o pensamento de nos revoltar contra o SENHOR e de nos desviar hoje do SENHOR, construindo um altar para holocaustos, oblações e sacrifícios, além do altar do SENHOR, nosso Deus, que está diante da sua morada!" ³⁰Quando o sacerdote Pinhas, os responsáveis da comunidade e os chefes dos milhares de Israel que estavam com ele ouviram essas palavras pronunciadas pelos filhos de Rúben, os filhos de Gad e os filhos de Manassés, deram-se por satisfeitos. ³¹Pinhas, filho do sacerdote Eleazar, disse aos filhos de Rúben, aos filhos de Gad e aos filhos de Manassés: "Hoje sabemos que o SENHOR está no meio de nós, já que não cometestes infidelidade contra o SENHOR. Por isso, livrastes os filhos de Israel da mão do SENHOR". ³²Pinhas, filho do sacerdote Eleazar, e os responsáveis deixaram os filhos de Rúben e os filhos de Gad e regressaram, da terra do Guilead, para a terra de Canaã, junto dos filhos de Israel, a quem tudo referiram. ³³Os filhos de Israel deram-se por satisfeitos e bendisseram a Deus, renunciaram a desfechar contra eles um ataque e assolar a terra que os filhos de Rúben e os filhos de Gad habitavam. ³⁴Os filhos de Rúben e os filhos de Gad chamaram o altar: "Sim, ele é 'testemunha' entre nós de que o SENHOR é Deus".

23 Testamento de Josué. 'Muito tempo depois de ter o SENHOR concedido o repouso a Israel diante de todos os seus inimigos dos arredores, Josué, que envelhecera e se adiantara em anos, ²convocou todo Israel, seus anciãos, seus che-

Gn 18,25;
44,7,17

Dt 12,5-14

Gn 34,18;
41,37;
Dt 1,23

Lv 26,11

1Cr 9,1;
2Cr 29,19;
Dn 9,7

Ex 9,3;
1Rs 18,46

22,12
1Cr 29,20

11,23;
21,24;
22,4

t. Fórmula de imprecuação muito solene, cujos ecos se encontram em Sl 50,1; cf. Dt 10,17.

u. Conforme a legislação levítica (cf. Lv 1; 2; 3), os sacrifícios só podem ser oferecidos a Deus sobre o altar da entrada da Tenda do Encontro.

v. Efetivamente a história de Israel mostra que, em geral, as tribos implantadas na Transjordânia foram consideradas como secundárias. As três tribos em apreço não desempenharam papel determinante no destino do povo. Note-se aqui a ausência de Manassés, porque ele tem também uma parte de território na Cisjordânia, cf. vv. 32,34.

w. A forma: o termo é sacerdotal e torna a ser encontrado em

particular num profeta como Ezequiel. A feitura do altar devia ter características particulares para manifestar a pertença dos adoradores ao mesmo culto que o resto das tribos. Na mente dos acusados, não havia ali um segundo altar ao lado do de Shilô, que permanecia único. O altar construído pelas tribos da Transjordânia não passa de uma réplica dele, cuja finalidade principal é servir de testemunha.

x. Note-se a ausência de menção aos filhos da meia-tribo de Manassés (cf. vv. 25 e 32-33). Além disso, o v. é elíptico; há imprecisão quanto ao nome real dado ao altar, pois o fim do v. é uma explicação do nome, e não o próprio nome. É provável que ele fosse chamado simplesmente "Ed", isto é, Testemunha.

fes, seus juizes e escribas³ e lhes disse: "Estou velho, de idade avançada. ⁴Vós mesmos vistes tudo o que o SENHOR, vosso Deus, fez contra todas essas nações por vossa causa, pois foi o SENHOR, vosso Deus, quem combateu por vós". ⁵Vede, eu fiz caber como patrimônio a vossas tribos essas nações que subsistem, bem como todas as nações que destrucei, desde o Jordão até o Grande Mar, ao poente. ⁶O SENHOR, vosso Deus, em pessoa as repele por vossa causa, desapossando-as, de sorte que tomareis posse da sua terra, conforme vos disse o SENHOR, vosso Deus". ⁷Sede, pois, bem fortes⁸ e velai por agir conforme tudo o que está escrito no livro da Lei de Moisés, sem apartar-vos nem à direita nem à esquerda. ⁸Não entreis no território dessas nações que subsistem junto de vós, não comereis o nome de seus deuses, não jureis por eles, não os sirvais e não vos prosterneis diante deles". ⁹Mas se vos apegardes ao SENHOR, vosso Deus, como fizestes até o presente dia, ¹⁰então o SENHOR desapossará diante de vós nações grandes e poderosas; ora ninguém vos pôde resistir até o presente dia". ¹¹Um só de vós persegue mil deles, pois é o SENHOR, vosso Deus, quem combate por vós, como vo-lo disse. ¹²Tende pois muito cuidado convosco mesmos: amai o SENHOR, vosso Deus". ¹³Mas se vos desviardes e vos aliardes ao resto dessas nações que subsistem junto de vós, se contraídes matrimônios com elas, se fordes ter com elas e elas vieram ter convosco, ¹⁴sabei com

certeza que o SENHOR, vosso Deus, não continuará a desapossar essas nações diante de vós; elas serão para vós uma rede e uma armadilha, um chicote para vossos flancos e espinhos em vossos olhos, até que desapareçais desta boa terra¹ que o SENHOR, vosso Deus, vos deu. ¹⁵Eis que eu, hoje, me vou, como se irão todas as coisas terrestres²; vós porém, reconhecei com todo o vosso coração e todo o vosso ser que não ficou sem efeito nenhuma palavra de todas as palavras favoráveis que o SENHOR, vosso Deus, dissera a vosso respeito. Tudo vos sucedeu³, não houve uma só dessas palavras que tenha ficado sem efeito. ¹⁶Pois bem! Assim como se realizaram as palavras favoráveis que o SENHOR, vosso Deus, vos dissera, assim também o SENHOR realizará contra vós todas as palavras adversas, até vos ter erradicado desta terra boa que o SENHOR, vosso Deus, vos deu. ¹⁷Se transgirdes a aliança do SENHOR, vosso Deus, aliança que ele vos prescreveu, e se fordes servir a outros deuses e vos prosternardes diante deles, a cólera do SENHOR inflamar-se-á contra vós e logo desaparecereis da boa terra que ele vos deu".

24 A aliança de Siquém. ¹Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém¹ e convocou os anciãos de Israel, seus chefes, seus juizes e seus escribas; eles se apresentaram na presença de Deus². ³Josué disse a todo o povo³: "Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: 'Do outro lado do

Ex 23,33;
34,12;
Nm 33,55

Dt 4,26;
11,17

Dt 28,
15-68

7,15

Dt 4,26;
11,16-17

17,7; 20,7

23,2;
Dt 29,9;
Dt 12,5,7;
1Sm 10,19
7,13

y. Cf. 8,33 e 24,1 para uma enumeração semelhante.
z. A respeito desta expressão, cf. v. 10; 10,14,42. A recordação dos feitos de Deus contra Canaã estruturava-se conforme o modelo do Deuterônimo, ao celebrar as vitórias de Deus contra o Egito, cf. Dt 7,17-24. A guerra contra os inimigos é sobretudo uma guerra de Deus, da qual os israelitas têm o privilégio de participar e cujos principais beneficiários são eles mesmos.
a. O princípio fundamental da fé israelita é que Deus é o Senhor da história. Os acontecimentos são antecipados pela promessa. Cf. Ex 23,27-31; 34,11; Nm 33,53; Dt 11,23.
b. A mesma ordem fora dada ao próprio Josué, cf. Js 1,6,9,18.
c. Esta é a causa e a justificação, ao ver do autor do livro, da atitude intransigente de Israel com respeito aos cananeus (cf. v. 13).
d. Pelo equilíbrio de suas notações, o autor esmera-se em mostrar quanto o homem está associado à obra divina; a história é conduzida por Deus, mas o seu desenvolvimento depende paradoxalmente da fidelidade do homem.

e. Novo resumo da Lei de Moisés, recordando o de 22,5; desta vez porém a fórmula é ainda mais breve; cf. Dt 6,4.

f. Esta boa terra é um dom ao qual deve responder a fidelidade de Israel. A impureza, à imitação dos povos canaanitas, provocaria a exclusão de Israel desta terra, cf. Ex 23,32-33; Dt 8,19-20; 11,13-17; 28. Portanto nada há de mágico na relação de Deus para com seu povo.

g. Por este termo, Josué evoca sua morte próxima. Cf. 1Rs 2,2. h. Cf. 21,45.

i. Josué não está mais em Shilô (18,1 nota), mas em Siquém, cidade-santuário da liga das doze tribos.

j. Expressão técnica do agrupamento solene no centro da confederação, onde provavelmente se achava a arca da aliança. Aqui, Josué age como chefe da liga, na qualidade de sucessor de Moisés.

k. O discurso de Josué que aqui começa comporta elementos antigos, mas remodelados e postos na moldura da renovação da aliança. Percebe-se nele a influência da liturgia. Depois de um

Rio¹ é que habitaram outrora os vossos pais, Térah, pai de Abraão e pai de Naḥor^m, e eles serviam a outros deuses.

Gn 31.19;
35.2-4 ¹Eu tomei vosso pai Abraão do outro lado do Rio e o conduzi através de toda a

Gn 12.5-9 terra de Canaã, multipliquei sua posteridade e dei-lhe Isaac. ⁴A Isaac, dei Jacó e

Gn 36.6-8;
Dt 2.4 Esau e dei como posse a Esau a montanha de Seir. Mas Jacó e seus filhos desceram para o Egito. ⁵A seguir, enviei

Gn 46.1-27
Ex 1.1-7
At 7.1 Moisés e Aarão e feri o Egito com minhas ações no meio dele, e depois eu vos fiz sairⁿ. ⁶Fiz sair vossos pais do Egito e

2.10; 4.23;
Ex 14.9 chegastes até o mar. Os egípcios perseguiram vossos pais até o mar dos Juncos com carros e cavaleiros. ⁷Vossos pais clamarão ao SENHOR, que interpôs trevas entre vós e os egípcios, fez com que o mar voltasse sobre eles, e o mar os recobriu. Vossos olhos viram o que fiz com o Egito. Ficastes no deserto durante longos diasⁿ. ⁸Eu vos trouxe até a terra dos emoritas que habitam além do Jordão,

Dt 4.34 mas eles guerrearam contra vós. Eu vo-los entreguei e vós tomastes posse de sua terra, eu os suprimi diante de vós^p.

2.10; 9.10;
Dt 2;
26-3.11 ⁹Balaq, filho de Şipor, rei de Moab, levantou-se para guerrear Israel. Mandou buscar Bileâm, filho de Beor, para que vos amaldiçoasse. ¹⁰Mas eu não quis ouvir Bileâm: ele foi obrigado a vos abençoar e eu vos livreí de sua mão^q. ¹¹Atravessastes

o Jordão e chegastes a Jericó. Os senhores de Jericó guerrearam contra vós — o emorita, o perizita, o canaanita, o hetita, o perizita, o ḥivita e o iebusita —, mas eu vo-los entreguei^r. ¹²Enviei adiante de vós vespões que perseguiram diante de vós ambos os reis dos emoritas^s; não foi por tua espada nem por teu arco^t. ¹³Eu vos^u dei uma terra na qual não tínheis labutado, cidades que não tínheis construído e onde estais morando, vinhedos e oliveis que não tínheis plantado e cujos frutos comeis!

¹⁴“Agora pois”, temei o SENHOR e servi-o com integridade e fidelidade. Afastai os deuses aos quais vossos pais serviram do outro lado do Rio e no Egito, e servi ao SENHOR”. ¹⁵Mas, se não vos apraz servir ao SENHOR, escolhei hoje a quem quereis servir^v: ou os deuses que vossos pais serviram quando estavam do outro lado do rio, ou os deuses dos emoritas^w, cuja terra habitais. Eu e minha casa serviremos ao SENHOR”. ¹⁶O povo respondeu: “Que abominação seria para nós abandonar o SENHOR para servir a outros deuses^x! ¹⁷Pois é o SENHOR que é nosso Deus, ele que nos fez subir, nós e nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão. Ele realizou ante nossos olhos estes grandes sinais: protegeu-nos ao longo de todo o caminho que percorremos e entre todos os povos no meio dos quais passamos^y. ¹⁸O SENHOR

prefácio, há uma primeira parte de retrospectiva histórica que vem desde os patriarcas até o “hoje” do povo, que tira o alimento da terra doada por Deus (vv. 2-13). Nessa evocação histórica, é de se notar a ausência de qualquer menção aos acontecimentos do Sinai.

l. O Eufrates.

m. Sobre a ascendência de Abraão, cf. Gn 11.26-27. Note-se que Térah tem um nome que sugere um culto prestado ao deus Lua.

n. Ex 4; 7-12; 12.41. Note-se a alternância nos vv. 5-8 do emprego da segunda pessoa do plural e da terceira, o que traduz a influência da liturgia sobre este texto.

o. Ex 14.19-24; Nm 14.26-28. Cf. Js 5.6.

p. Nm 21.

q. Nm 22-24.

r. Js 3-4; a informação sobre Jericó depende de uma tradição independente, transmitida em Js 6. Acerca da lista dos sete povos, cf. Js 3.11.

s. Ex 23.28; Dt 7.20.

t. Mesmo pensamento em 23.9-10.

u. Note-se a alternância do singular e do plural da segunda pessoa, fenômeno frequente em discurso direto no Deuterônimo. Para todo este trecho, cf. Dt 6.10-13.

v. Após a evocação do passado (vv. 2-13), Josué agora convida ao compromisso de servir a Deus e descreve as condições que dele decorrerão para o futuro.

w. Novo resumo da Lei (cf. 22.5; 23.11.14) com dois verbos-chave: *temer* e *servir*, a indicar o compromisso de toda a pessoa para com Deus. Note-se que existe uma tradição bem-atestada da idolatria de Israel no Egito, cf. Ez 20.7-8; 23.3.

x. Josué põe alguns clãs, provavelmente aqueles que não desceram ao Egito, diante de uma opção capital, que acarretará sua integração nas tribos da aliança ou sua rejeição. De fato, trata-se de se decidir a favor do Deus do Êxodo e da Conquista, em suma, da história, contra as divindades cananêas ou mesopotâmicas (cf. v. 14). Em geral, na Bíblia, o verbo *escolher* tem Deus como sujeito e não o homem. A escolha de Deus deve corresponder agora a escolha do homem.

y. O emorita é representante dos povos pré-israelitas em Canaã. z. Aqui, quem responde a Josué é um povo que já se comprometeu com o Senhor. Se o povo não obedecer ao Deus vivo, tornar-se-á idólatra. Conforme a mentalidade bíblica, não há meio-termo.

a. O povo reitera liturgicamente a confissão de fé de Josué (vv. 2.15). O estilo é deuteronomico (cf. Introd.).

expulsou diante de nós todos os povos, em particular os emoritas que habitam a terra. Também nós serviremos ao SENHOR, pois é ele o nosso Deus".¹⁹ Josué disse ao povo: "Não sereis capazes de servir ao SENHOR^b, pois ele é um Deus santo^c, um Deus ciumento^d, que não tolerará vossas rebeldias e vossos pecados^e.²⁰ Quando abandonardes o SENHOR e servirdes a deuses estrangeiros, ele se voltará contra vós para vos afligir, ele vos consumirá, depois de vos ter beneficiado".²¹ Disse o povo a Josué: "Não, pois serviremos ao SENHOR".

²²Josué disse ao povo: "Vós sois testemunhas contra vós mesmos de que sois vós que optastes pelo SENHOR para servi-lo". Eles responderam: "Somos testemunhas".²³ Agora, pois, afastai os deuses estrangeiros que estão no meio de vós e inclinai vosso coração^b para o SENHOR, o Deus de Israel".²⁴ O povo respondeu a Josué: "Serviremos ao SENHOR, nosso Deus, e obedeceremos à sua voz".²⁵ Naquele dia, Josué firmou uma aliança com o povo; determinou-lhe leis e costumes^f em Siquém.²⁶ Josué escreveu essas palavras no livro da Lei de Deus^g. Tomou uma grande pedra^h, que mandou erguer ali, debaixo do carvalhoⁱ, no santuário do SENHOR.²⁷ Josué disse a todo o povo: "Eis, esta pedra ser-

virá de testemunho contra vós, pois ela escutou os ditos do SENHOR, quando falou conosco"; ela servirá de testemunho contra vós, não aconteça que renegueis vosso Deus".

²⁸Josué despediu o povo, cada qual para seu patrimônio^o.

Morte e sepultamento de Josué.²⁹ Após esses fatos, Josué, filho de Nun, servo do SENHOR, morreu na idade de cento e dez anos.³⁰ Sepultaram-no no território de seu patrimônio, em Timnat-Serah^p, na montanha de Efraim, ao norte do monte Gáash^q.³¹ Israel serviu ao SENHOR durante toda a vida de Josué e toda a vida dos anciãos que ainda viveram depois de Josué^r e conheciam toda a obra que o SENHOR realizara em prol de Israel^s.³² Quanto à ossada de José, que os filhos de Israel tinham levado do Egito, sepultaram-na em Siquém^t, no lote do campo que Jacó comprara por cem moedas de prata^u dos filhos de Hamor, pai de Siquém; esta ossada fez parte do patrimônio^v dos filhos de José.

³³Morreu também Eleazar, filho de Aarão, e sepultaram-no na colina de seu filho Pinhas; esta lhe fora dada na montanha de Efraim.

Dt 6.4,13; 10.21

Ex 23.15; Dt 4.25-26; 28.63

Ex 24.3,7

Gn 35.2-4; 1Sm 7.3

Dt 29.11-12; Ne 10.1

Gn 35.4; Jz 9.6

Gn 31.48,52; Dt 31.26

Is 59.13; Jr 5.12

Gn 15.1; 22.1.20; 39.7; 40.1; 48.1; Jz 2.8

Hb 11.22

At 7.16

22.13; Jz 20.28

17.15; 24.30

b. Advertência realista que supõe uma experiência concreta da parte do povo e a pregação profética.

c. Cf. Lv 19.2; Is 6.3.

d. Cf. Ex 20.5; Dt 4.24; Na 1.2.

e. Cf. Ex 23.21; Na 1.2-3.

f. A sequência histórica de bênção seguida de maldição tomou o lugar da simples alternativa entre essas duas consequências possíveis da atitude diante da aliança, tais como eram expostas nos textos antigos de tratados, bíblicos ou extrabíblicos.

g. O conceito dos vv. 21-22 é sem dúvida mais recente do que o do v. 27, onde a testemunha contra o povo é uma pedra.

h. Sede da vontade, do caráter, centro da personalidade.

i. Cf. Ex 15.25 nota; 1Sm 30.25.

j. É a primeira vez que deparamos esta expressão na Escritura; ela só reaparecerá em Ex 8.18; 9.3; 2Cr 17.9.

k. Motivo paralelo ao de Gn 31.45.51.52; cf. Jz 22.28.34.

l. O carvalho de Siquém, famoso na tradição, cf. Gn 12.6; 35.4; Jz 9.6.37. Serve de monumento natural e simboliza o poder do Deus tutelar.

m. Na sua perenidade, a pedra recordará aos homens de memória curta o acontecimento deste dia. Ela é sinal indestrutível e, eventualmente, censura flagrante.

n. A fórmula soa aqui num tom pessimista, de conformidade com as advertências de Josué: vv. 19-20.22.

o. Cf. Jz 2.6.

p. Cf. 19.50.

q. Cf. Jz 2.9.

r. Antes deste v., o gr. traz um texto que os mss. hebr. desconhecem: *E depuseram junto dele, no túmulo onde o sepultaram, as fúas de sílex com que circuncidara os filhos de Israel em Guilgal, quando os fez sair do Egito, conforme o que lhes ordenara o Senhor. Elas aí estão até o dia de hoje* (cf. 21.43 nota).

s. Lit. que prolongaram dias depois de Josué.

t. O v. é repetido em Jz 2.7. Na realidade, ele é uma preparação para a etapa seguinte da história de Israel, o tempo dos Juizes. Eram necessários sucessores para o chefe intrépido e fiel que foi Josué. Aliás, o livro encerra-se (v. 33) com a constatação da morte de um outro responsável pela fidelidade de Israel, o sacerdote Eleazar. Como é manifesto, a história de Israel não termina aqui.

u. A exortação de José foi atendida: Gn 50.25; cf. Ex 13.19. Com isso, o livro de Josué, depois de ter aberto uma saída para o porvir, liga-se ao passado. Conclui-se um capítulo da história, que não é o último, nem o primeiro.

v. Recordação dos títulos de nobreza de Siquém (cf. Gn 33.19), um dos centros da confederação. Cf. 24.1 nota.

w. Cf. Gn 33.19.

x. Com base em Gn 33.19, a Vulg. e a versão sir. entenderam que o que se tornou herança dos filhos de José foi o campo.

JUÍZES

INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao livro de Josué e pertencendo, como ele, ao grupo dos "Primeiros Profetas", o livro dos Juízes nos dá um resumo da vida das tribos durante um dos períodos mais obscuros da história do povo de Israel, aquele que se segue à conquista e precede o aparecimento da instituição da monarquia.

O plano do livro. O plano do livro se descobre facilmente. Uma primeira introdução (cap. 1) apresenta a instalação das tribos em Canaã com seus sucessos e fracassos. A situação das tribos, cuja ação não parece concertada, é a de uma existência ameaçada pela presença das cidades cananéias no território designado para cada tribo. Essa situação, que está em contradição com a promessa de Deus, recebe uma primeira explicação (2,1-5). Após essa exposição preliminar, que nos remete ao período da conquista, abre-se o período dos Juízes propriamente dito (2,6-16,31), introduzido por um prólogo que dá o sentido religioso dessa etapa da história das tribos (2,6-3,6). Ao passo que a época de Josué era de fidelidade, a dos Juízes nos é apresentada como a da infidelidade. Em seguida, dá-se uma história fragmentária das ações dos Juízes, que são doze, mas cujas notícias são de amplitude variada: Otniel (3,7-11), Ehud (3,12-30), Shamgar (3,31), Deborah e Baraq (4-5), Gideon e Abimélek (6,1-9,57), Tolá (10,1-2), Iair (10,3-5), Jefté (10,6-12,7), Iíshã (12,8-10), Elon (12,11-12), Abdon (12,13-15), Sansão (13,1-16,31).

A compilação termina com dois apêndices que mostram a anarquia reinante em Israel antes da instauração da monarquia. Um narra a migração dos danitas e as origens do santuário de Dan (17-18), o outro narra o crime cometido pelos habitantes de Guibeá e a guerra empreendida pelas tribos contra Benjamin, que se recusava a punir os culpados (19-21).

Juízes e salvadores. Os personagens apresentados por este livro são genericamente chamados "Juízes", mas convém examinar a abrangência desse título. No plural, designando aqueles que

Deus escolheu para salvar seu povo, o termo aparece, neste livro, apenas em 2,16-18; mas se este emprego é raro no texto, a designação do período pré-monárquico como "tempo dos Juízes" é conhecida pela tradição bíblica (2Sm 7,11; 2Rs 23,22; Rt 1,1). No entanto, se o título "juiz" está praticamente ausente das narrações, encontra-se com frequência o verbo "julgar" para descrever a ação dos heróis do livro (3,10; 4,4; 10,1-5; 12,7.8-15; 15,20; 16,31). Observar-se-á todavia que este verbo se encontra mais frequentemente nas informações que enquadram as narrativas, o que pode indicar um emprego redacional. Mesmo neste caso, o verbo não adquire simplesmente o sentido de "fazer justiça", mas de "comandar, governar". A esse respeito, o uso português do verbo "julgar" não deixa perceber essa acepção, porque a língua hebraica concorda com as línguas vizinhas para designar por este verbo uma verdadeira função de autoridade. Para citar apenas um exemplo, o termo "juiz" nos textos de Mâri designa altos funcionários dotados de amplos poderes.

Se alguns personagens julgaram Israel, não é certo que todos aqueles cujos grandes feitos são reportados tenham tido essa função, porque um outro verbo qualifica a ação daqueles que chamamos os Juízes: "salvar" (3,31; 6,15; 10,1). Nessa perspectiva, Otniel e Ehud são qualificados como "salvadores" (3,9.15). Mais geralmente Deus é aquele que salva seu povo pela escolha de um homem que realiza concretamente a salvação (3,9; 6,36-37; 7,7; 10,13). Encontramo-nos, então, diante de uma dualidade de expressões que remete muito provavelmente a uma dualidade de perspectivas, que a leitura do livro dos Juízes deixa entrever.

Mesmo que não se tenha certeza quanto à composição do livro, podem-se descobrir tradições ou ciclos de relatos que tiveram uma existência anterior e independente. Assim as notícias sobre os Juízes menores (10,1-5; 12,8-15) devem provir de uma lista antiga que não fornecia mais que informações sucintas. Aliás, a história de Jefté, que

separa em duas essa lista, permite averiguar como foi possível passar da personagem do juiz à do salvador, pois Jefté foi um e outro. Os relatos sobre os outros Juizes se apóiam sobre tradições antigas que foram ampliadas, completadas e fundidas. Esses relatos foram reunidos em uma coletânea que poderia ser chamada de "livro dos salvadores"? É uma hipótese que ainda exige verificação, mas que não deixa de ser provável.

O quadro teológico. *Mas além dessas tradições e dessas coletâneas, o livro dos Juizes oferece um quadro teológico que chama a atenção, porque fornece o ensinamento religioso dos acontecimentos relatados. Essa perspectiva teológica encontra-se particularmente no prólogo (2,6-3,6), no início do capítulo 6 (vv. 7-10) e na introdução à história de Jefté (10,6-16).*

Ela se caracteriza por uma série de fórmulas estereotipadas: os filhos de Israel fizeram o que é mau aos olhos do Senhor (2,11; 3,7.12; 4,1; 6,1; 10,6; 13,1), fórmula que pode ser esclarecida por outra: eles abandonaram o Senhor e serviram a Báal e às Astartes (2,11.13; 3,7; 10,6). A consequência dessa infidelidade é então indicada: O Senhor os entregou às mãos de tal ou tal inimigo (2,14; 3,8; 4,2; 6,1; 10,7). A seguir, vem a fórmula, os filhos de Israel clamaram ao Senhor (3,9.15; 4,3; 6,6; 10,10). À súplica de seu povo, o Senhor responde suscitando Juizes (2,16) ou um salvador (3,9.15). Enfim, na conclusão dos relatos, aparecem outras fórmulas: o inimigo foi humilhado sob a mão de Israel (3,30; 8,28, cf. 4,23-24) ou ainda: a terra esteve em repouso durante tantos anos (3,11.30; 5,31; 8,28).

Dessas fórmulas se depreende uma lógica religiosa de quatro termos: o pecado acarreta o castigo, mas o arrependimento do povo conduz ao envio de um salvador. Encontramo-nos assim em face de uma teologia da história que posteriormente foi adicionada a esses relatos e que se aplica a todo Israel; contudo este quadro nem sempre corresponde ao que sabemos da história dos Juizes.

Se, agora, se procurar atribuir essa teologia a um ou a mais redatores, pode-se pensar nos deuteronomistas, mas ainda assim se trata de uma hipótese que não se impõe sem restrição. A mencionada tese teológica, com seus quatro momentos sucessivos (pecado, castigo, arrependimento e

salvação), não se encontra com esta mesma precisão nos outros livros que compõem a "história deuteronomista", que vai do Deuterônomo ao livro dos Reis. Por outro lado, a multiplicidade de introduções, as diferentes explicações dadas para o retardamento da conquista (2,6-3,6), a vontade de atingir o número de doze Juizes, segundo o número das tribos, indicam uma redação escalonada ao longo do tempo. A perspectiva teológica deve ter sido influenciada pelos redatores deuteronomistas, mas não se pode afirmar que a tenham inventado, ainda que a tenham reforçado.

Os apêndices do livro (17-21), que recolhem igualmente tradições antigas, foram acrescentados durante ou após o Exílio, pois fazem uso de um vocabulário que se encontra nos escritos sacerdotais. Mais difícil é situar a época em que foi acrescentada a introdução de Jz, que contém informações antigas, bastante marcadas pela tendência de fazer a apologia da tribo de Judá.

O livro dos Juizes e a história. *Malgrado todas as incertezas que pairam sobre a redação do livro dos Juizes, ele continua a ser para o historiador a única fonte de informações sobre o período que vai da morte de Josué à instauração da monarquia, mas sua utilização suscita numerosos problemas. Os relatos permitem fazer uma idéia do período dos Juizes; oferecem-nos um quadro da história de certas tribos em que nada nos autoriza a afirmar uma unidade política, nem mesmo sob a forma de uma liga de doze tribos. Trata-se de histórias de grupos que revelam afinidades ou hostilidades entre certas tribos, de relatos de combates para conservar o território já adquirido, mas tudo isso é fragmentário e se nos oferece sem o cuidado de uma ordem cronológica.*

Com efeito, o livro dos Juizes não contém nenhuma data; apenas a duração de cada judicatura é indicada, mas se forem somados os números fornecidos para cada juiz, obtém-se uma duração de 410 anos, o que não é compatível com os outros dados cronológicos da história de Israel. A maior parte dos números provém dos redatores, e, se é certo que cada um tem sua própria lógica, é quase impossível restabelecê-la e compreendê-la. Aliás, o uso freqüente do número 40, que indica o tempo de vida ativa de um indivíduo, manifesta o caráter aproximativo dos dados do livro dos Juizes. Na verdade, a cronologia do período

dos Juízes deve ser obtida considerando tanto os inícios do período da realeza como a data da entrada em Canaã. Com efeito, o conjunto das tradições relatadas deve situar-se entre 1200 e 1020 a.C., sendo esta segunda data a do estabelecimento da monarquia.

Um livro da fé de Israel. Documento instigante e difícil para o historiador, o livro dos Juízes é antes de tudo uma obra suscitada pela fé de Israel. Desde os mais antigos textos que o compõem, tal como o Cântico de Debora (Jz 5), descobre-se esta convicção: o Deus de Israel é aquele que sustenta seu povo nas horas difíceis. Essa experiência teológica foi estendida a todo Israel, e o quadro teológico do livro ainda reforçou a intuição original, insistindo na fraqueza de Israel e

na paciência de Deus, que, incansavelmente, envia homens para libertar as tribos da opressão.

É certo que os heróis do livro dos Juízes estão enraizados num tempo em que os costumes eram rudes e as idéias morais não correspondiam às nossas. A astúcia de um Ehud, o assassinato de Sisera por Iael, o sacrifício da filha de Ifrah, os amores de Sansão podem nos chocar, mas, através desses relatos, que não procuram edulcorar a realidade, é necessário aprender a descobrir a ação de Deus, que conduz um povo dando-lhe chefes animados pelo Espírito (3,10; 6,34; 11,29; 13,25; 14,6.19; 15,14). Esses homens prefiguravam o rei que devia receber o Espírito do Senhor para dirigir o povo com justiça, e o próprio rei era o presságio do Messias, sobre quem repousaria o Espírito de múltiplos dons (Is 11,2).

JUÍZES

INTRODUÇÕES

1 Sucessos e fracassos das tribos quando da instalação em Canaã.

¹Aconteceu que após a morte de Josué^a os filhos de Israel consultaram^b o SENHOR dizendo: "Quem dentre nós subirá primeiro contra os canaanitas para combatê-los?" ²O Senhor disse: "É Judá que subirá. Eis que entreguei a terra em suas mãos". ³Judá disse a Simeão^c, seu irmão: "Sobe comigo para o meu quinhão^d de terra e combatamos os canaanitas. Depois eu também irei contigo a teu quinhão". E Simeão foi com ele. ⁴Judá subiu, e o SENHOR entregou em suas mãos os canaanitas e os perizitas. Em Bézeq^e, eles derrotaram dez mil dentre eles. ⁵Eles encontraram Adoni-Bézeq^f, em Bézeq, e lhe deram combate; derrotaram os canaanitas e os perizitas. ⁶Adoni-Bézeq fugiu, mas eles o perseguiram e o capturaram e lhe cortaram os polegares das mãos e dos pés^g. ⁷Adoni-Bézeq disse: "Setenta^h reis cujos polegares das mãos e dos pés tinham sido cortados ajuntavam os restos debaixo de minha mesa. Aqui-lo que eu fiz, Deus me retribuiu". Ele foi levado para Jerusalém e lá morreu.

^aOs filhos de Judá atacaram Jerusalém e se apossaram dela; eles a passaram ao fio da espada e entregaram a cidade ao fogoⁱ. ⁹Depois disso, os filhos de Judá descenderam para combater os canaanitas que habitavam a Montanha, o Négueb e a Baixada.

¹⁰Depois, Judá marchou contra os canaanitas que habitavam em Hebron — o nome de Hebron era antes Qiriat-Arbá^j — e feriram Sheshai, Aĥiman e Talmai.

¹¹De lá, Judá marchou contra os habitantes de Debir^k — o nome de Debir era antes Qiriat-Séfer. ¹²Kaleb disse: "Aquele que ferir Qiriat-Séfer e dela se apossar, eu lhe darei por mulher minha filha Aksá". ¹³Otniel, filho de Qenaz, o irmãos mais novo de Kaleb, tomou a cidade, e Kaleb lhe deu por mulher sua filha Aksá.

¹⁴Ora, desde sua chegada, ela o incitou a pedir a seu pai um campo^l. Ela desceu de seu jumento, e Kaleb lhe disse: "Que queres?" ¹⁵Ela lhe disse: "Faz-me um favor. Já que me deste uma terra do Négueb, dá-me também reservatórios de água", e Kaleb deu-lhe os reservatórios de cima e os reservatórios de baixo.

a. A morte de Josué, já relatada em Js 24,29-31, o será também, mais ou menos nos mesmos termos, em Jz 2,8-10. Isto indica que Jz 1, mesmo fornecendo informações históricas de grande interesse, serviu de prefácio ao livro dos Jz apenas em época tardia.

b. A consulta se fazia geralmente em um santuário: tendo o consultante feito uma pergunta (cf. Jz 18,5; 20,18,23), lançavam-se as sortes sagradas contidas no efod (cf. Jz 8,27) para obter uma resposta por meio de um sim ou de um não.

c. Originariamente, a tribo de Simeão obteve uma parte de herança ao sul da tribo de Judá (Js 19,1-9), mas a seguir ela foi incorporada a essa última. O texto reflete uma situação antiga.

d. Cada tribo de Israel recebeu um lote de terra quando da partição da Terra Santa (Js 13-21). Essa parte patrimonial é considerada como um dom de Deus, mas que precisa ser conquistada.

e. Bézeq, localização incerta, malgrado a existência de um Khirbet Ibbizq na estrada entre Siqém e Bet-Shean. O contexto sugere, no entanto, uma cidade mais ao sul, relativamente próxima de Jerusalém.

f. Frequentemente se procurou modificar o nome de Adoni-Bézeq para Adoni-Şédeq, por causa de Js 10,1-27, e assim fazer dele um rei de Jerusalém, o que o v. 7 poderia dar a entender.

g. Mas é preferível conservar o nome, único vestígio de uma tradição que logo se obscureceu.

h. Esta mutilação torna incapaz para o manejo do arco.

i. Setenta é um número redondo que quer traduzir a idéia de um grande número, mas não deve ser tomado literalmente.

j. Jerusalém aparece aqui como conquistada pela tribo de Judá desde a instalação em Canaã e, de fato, ela é a cidade judaíta por excelência. Historicamente sua conquista remonta somente à época de David, o judaíta (2Sm 5), e sua população não foi exterminada. O texto nos oferece, pois, uma verdadeira apologia de Judá, porque essa tribo, e só ela, teria expulsado todos os canaanitas de seu território.

k. A conquista de Hebron já foi relatada em Js 15,13-14, mas em vez de o ser pelo clã de Kaleb somente, a cidade é aqui conquistada por toda a tribo de Judá. Ver também Jz 1,20.

l. Essa informação sobre a conquista de Debir encontra-se, quase palavra por palavra, em Js 15,16-19. Judá aparece como o conquistador da cidade no v. 11, quando, na verdade, se trata do clã de Otniel, de acordo com a sequência do texto.

m. De acordo com as versões, pode-se traduzir, como seria mais lógico: Desde sua chegada ele a incitou a pedir a seu pai um campo.

Nm 24, 21-22; 10,29-32; Ex 2,16-22 ¹⁶Os filhos de Qeni^m, sogro de Moisés, subiram da cidade das Palmeiras^m com os filhos de Judá para o deserto de Judá, que fica ao sul de Arad^m. Eles vieram habitar com o povo^p.

¹⁷Judá marchou com Simeão, seu irmão. Eles combateram os canaanitas que habitavam Şefat^m e votaram-na ao interdito. A cidade foi chamada Hórmá. ¹⁸Judá apoderou-se de Gaza e de seu território, de Ashqelon e de seu território^r. ¹⁹O SENHOR esteve com Judá, que tomou posse da Montanha; mas não chegaram a despossar os habitantes da planície, pois estes tinham carros de ferro^s.

Nm 14,24; Js 14,13 ²⁰Conforme a palavra de Moisés, Hebron foi dada a Kaleb, que dela desapossou os três filhos de Anaq. ²¹Quanto aos iebeuseus que habitavam em Jerusalém, os filhos de Benjamin não os desapossaram, e os iebeuseus habitaram Jerusalém com os filhos de Benjamin até o dia de hoje^t.

Gn 28,19; Js 18,13 ²²A casa de José^u também subiu, mas, para Betel, e o SENHOR estava com ela. ²³A casa de José mandou fazer um reconhecimento de Betel; o nome da cidade antes era Luz. ²⁴Os espiões viram um

homem sair da cidade e lhe disseram: "Mostra-nos, pois, por onde se entra na cidade, e nós daremos prova de lealdade para contigo". ²⁵Ele mostrou-lhes por onde se entra na cidade, e eles passaram a cidade ao fio da espada, mas deixaram partir o homem e todo o seu clã. ²⁶Esse homem foi para a terra dos hebetitas^v e construiu uma cidade com o nome de Luz; este é seu nome ainda hoje. Js 6,21

²⁷Manassés não desapossou^w nem Bet-Shean e seus arredores, nem Taanak e seus arredores, nem os habitantes de Dor e seus arredores, nem os habitantes de Libeã e seus arredores, nem os habitantes de Meguido e seus arredores, e os canaanitas continuaram habitando esse território. ²⁸Mas quando Israel se tornou forte, impôs a corvêia aos canaanitas^x; na realidade, porém não os desapossou.

²⁹Efraim não desapossou os canaanitas que habitavam em Guézer^y, e os canaanitas habitaram Guézer no meio de Efraim. Js 16,10

³⁰Zabulon não desapossou os habitantes de Qitron^z nem os de Nahalol; os canaanitas habitaram no meio de Zabulon, mas foram submetidos à corvêia. Js 19, 10-16

m. O gentílico *qeni*a aqui é tratado como um nome próprio, para enfatizar que o clã conquistou um parentesco com Moisés por meio de aliança.

n. Designação que se aplica a Jericó em Dt 34,3 e Jz 3,13. No entanto, pode-se tratar de Tamar, localizada ao sul do mar Morto, o que corresponderia melhor à localização.

o. Hoje Tell Arad, ao sul de Hebron. O *deserto de Judá*, compreendido como expressão geográfica, não pode ser ao sul de Arad, de onde as muitas tentativas de corrigir o texto atestadas pelas versões. O redator quis, sem dúvida, ressaltar a pertença desse deserto à tribo de Judá.

p. O gr. tem: *com o povo de Amaleq*. Esta menção a Amaleq é indubitavelmente antiga e deve ter desaparecido do hebr. em função da ordem dada em Dt 25,19: *Apagarás a memória de Amaleq*.

q. Localização incerta. Se se aproximar este texto de Nm 21, 1-3, pode-se identificar esta cidade com Arad, mas Js 12,14 distingue as duas cidades. O nome de *Hórmá* retoma as consonantes do verbo hebraico que significa *votar ao interdito*.

r. Essas três cidades são filistéias e só foram submetidas ao poder judeu sob David. Por isso não há dúvida de que a versão grega introduziu aqui uma negação para restabelecer a verdade histórica; mas isso é desconhecer a intenção do redator: Judá verdadeiramente expulsou os povos estrangeiros de seu território e nisso se mostrou fiel a Deus.

s. Único retoque, discreto aliás, ao quadro ideal consagrado à tribo de Judá: diante dos carros de ferro dos canaanitas, ela se viu desarmada; por isso, ela não cometeu falta.

t. Não obstante o v. 8, atribui-se à tribo de Benjamin uma responsabilidade por não ter tomado Jerusalém (cf. Js 18,28), porque a coexistência com os iebusitas podia ter consequências religiosas. Haveria aqui uma crítica ao benjaminita Saul? David aparece então como aquele que cumpriu o que seu predecessor deveria ter realizado. Para uma outra apresentação, ver Js 15,63.

u. Expressão antiga (2Sm 19,21; 1Rs 11,28), que engloba as tribos de Manassés e de Efraim, talvez a de Benjamin. *Betel* é atribuída aos benjaminitas em Js 18,22, mas pertence realmente à tribo de Efraim. As escavações arqueológicas feitas em Beitin, sítio de Betel, parecem sugerir uma destruição da cidade no final do século XIII, porém, de acordo com o texto bíblico, a conquista da cidade só foi possível graças à traição de um habitante. Sobre a mudança de nome, cf. Gn 28,19.

v. Cf. Js 1,4 nota.

w. Mesma lista de cidades em Js 17,12-13, mas em ordem diferente.

x. A corvêia como prestação de serviços imposta pelo rei aos povos vencidos só foi organizada em Israel após a instituição da realza, talvez sob David (2Sm 20,24), mas certamente sob Salomão (1Rs 9,20-22).

y. Malgrado uma menção discreta a *Guézer* em Js 10,33, que não implica sua conquista, a cidade só entrou para o domínio israelita à época de Salomão, e de maneira pacífica (1Rs 9,16).

z. Cf. Js 19,15, onde *Qitron* deve ser identificada com Qat-Net. Nesta introdução sobre a situação das tribos, Issacar não figura; numa época antiga, essa tribo formava uma só com a de Zabulon.

Js 19, 24-31 ³¹Aser não desapossou os habitantes de Aco^a, nem os de Sídön, Aḥlab, Akzib, Ḥelbá, Afiq e Rehob. ³²Os ascritas habitaram no meio dos canaanitas^b que habitavam a região, pois eles não os haviam desapossado.

Js 19, 32-39 ³³Neftali não desapossou os habitantes de Bet-Shémesh^c, nem os de Bet-Anat, e habitou entre os canaanitas que habitavam a região, mas os habitantes de Bet-Shémesh e os de Bet-Anat foram submetidos à corvéia.

Js 19, 47; Jz 17-18 ³⁴Os emoritas^d acuraram os filhos de Dan para a montanha, não os deixando descer para a planície. ³⁵Os emoritas continuaram habitando em Har-Heres^e, Aialon e Shaalbim, mas quando a mão da casa de José se tornou mais pesada, eles foram submetidos à corvéia. ³⁶O território dos emoritas se estende desde a subida dos Aqrabim^f, desde o Rochedo e dali para cima.

2Rs 14,7

2 Oráculo sobre a conduta de Israel.

¹O anjo do SENHOR^g subiu de Guilgal^h a Bokimⁱ e disse: "Eu vos fiz subir do Egito e vos introduzi na terra que tinha prometido com juramento a vossos pais. Eu disse: 'Jamais romperei minha aliança convosco; ²e não fareis aliança com os habitantes desta terra; derrubareis os seus altares'. Mas não ouvistes a minha voz. Não foi assim que agistes? ³Então

Ex 23,32;
34,12;
Dt 7,2;
Dt 12,3;
6,10

eu disse: 'Não os expulsarei de diante de vós; eles serão para vós uma armadilha^j e seus deuses serão para vós uma cilada''". ⁴Ora, desde que o anjo do SENHOR dirigiu estas palavras a todos os filhos de Israel, o povo soltou gritos, e choraram. ⁵Eles deram a este lugar o nome de Bokim e ali ofereceram sacrifícios ao SENHOR.

Ex 22,33;
34,12
Dt 7,16

Morte de Josué^k. ⁶Josué despediu o povo, e os filhos de Israel foram cada um para seu patrimônio, a fim de tomar posse da terra. ⁷O povo serviu ao SENHOR durante toda a vida de Josué e durante toda a vida dos anciãos que sobreviveram a Josué e que tinham visto toda a grande obra que o SENHOR fizera em favor de Israel. ⁸Josué, filho de Nun, servo do Senhor, morreu com a idade de cento e dez anos. ⁹Ele foi sepultado no território de seu patrimônio, em Timnat-Heres, na montanha de Efraim, ao norte do monte Gáash. ¹⁰E depois, toda aquela geração se reuniu a seus pais; após ela surgiu outra geração, mas esta não tinha conhecido^l nem ao SENHOR, nem à obra que ele realizara em favor de Israel.

Js 24,28

Js 24,31

Js 24, 29-30

Js 19,50

Abandono de Deus e castigo^m. ¹¹Os filhos de Israel fizeram o que é mau aos olhos do SENHOR e serviram aos Baalimⁿ.

a. Cf. Js 19,29-30, onde há uma lista de cidades atribuídas à tribo de Aser.

b. Em comparação com os vv. 29-30, a fórmula é invertida e traduz uma diferença de situação com relação às tribos precedentes.

c. Essas duas cidades se encontram no território de Neftali; sua localização é incerta, mas deve ser procurada na Alta-Galiléia.

d. Os emoritas, primitiva população de Canaã, habitam a planície, em oposição aos canaanitas, que habitam a montanha. Essa distinção não é habitual, porque em outros textos bíblicos são os canaanitas que habitam a planície (Nm 13,29; Js 5,1; Jz 1,19).

e. Segundo Js 19,42, essas cidades são atribuídas à tribo de Dan, mas é significativo que seja a casa de José e não a tribo de Dan que submete os habitantes destas cidades à corvéia.

f. Sobre a subida dos Aqrabim, cf. Nm 34,4; Js 15,3.

g. Cf. Gn 16,7 nota.

h. Cf. Js 4,19 nota.

i. Bokim significa os Chorões; o sítio não foi localizado. Pode-se aproximar essa menção do Carvalho dos Prantos situado perto de Betel (Gn 35,8).

j. As versões leram o termo *adversários*, mas o texto hebraico

deve ser conservado, cf. Js 23,13. Notem-se o estilo e a teologia deuteronomícos do trecho.

k. Os vv. 6-10 são quase idênticos ao texto de Js 24,28-31, ainda que a ordem dos vv. seja diferente.

l. O verbo hebr. tem o sentido forte de *reconhecer* na fé, cf. Dt 11,2.

m. Em face da fidelidade de Israel no tempo de Josué (vv. 6-9), esta seção apresenta o período dos Juizes como uma sucessão de infidelidades. E-nos oferecida uma interpretação religiosa desta época segundo uma lógica de quatro tempos: falta (vv. 11-13), castigo (vv. 14-15a), desolação que implica certo arrependimento (v. 15b), libertação (v. 16), sendo cada libertação seguida de uma recaída.

n. Nome do deus cananeu da tempestade, que originariamente significava simplesmente *Senhor*. Aqui é um termo genérico para designar os deuses da região. Cada cidade honrava o deus Baal como deus da cidade, donde o plural. Os israelitas foram atraídos pelo deus Baal, senhor do solo e da fertilidade, e lhe prestaram culto. O profeta Oséias, no século VIII, atesta o favor de que gozava nessa época o deus cananeu.

¹²Eles abandonaram o SENHOR, o Deus de seus pais, que os fizera sair da terra do Egito, e serviram a outros deuses dentre os dos povos que habitavam em torno deles; eles se prosternaram diante deles e ofenderam ao SENHOR. ¹³Abandonaram o SENHOR e serviram a Báal e às Astartes^a. ¹⁴A cólera do SENHOR se inflamou contra Israel: ele os entregou nas mãos dos salteadores que os pilhavam e os vendeu a seus inimigos em redor deles. Não foram mais capazes de enfrentar seus inimigos. ¹⁵Em todas as suas expedições, a mão do SENHOR erguia-se contra eles para sua desgraça, como o SENHOR o havia dito e jurado; sua aflição tornou-se extrema. ¹⁶Então o SENHOR suscitou juízes^b que os libertaram daqueles que os pilhavam. ¹⁷Mas não ouviram nem mesmo seus juízes, pois se prostituíram com outros deuses e se prosternaram diante deles; bem depressa se desviaram do caminho por onde caminharam seus pais, que tinham ouvido os mandamentos do SENHOR; eles não agiram da mesma forma. ¹⁸Quando o SENHOR lhes suscitava juízes, o SENHOR estava com o juiz e os livrava de seus inimigos durante toda a vida do juiz, porque o SENHOR se deixava comover por seu pranto diante daqueles que os oprimiam e maltratavam. ¹⁹Mas, quando o juiz morria, eles começaram a se perverter, ainda mais que seus pais, seguindo outros deuses, servindo-os e prosternando-se diante deles; eles não renunciavam a nada de suas práticas e de sua conduta obstinada.

²⁰A cólera do SENHOR se inflamou contra Israel. Ele disse: "Já que esta nação transgrediu minha aliança, aquela que eu havia prescrito a seus pais, e já que ela não ouviu a minha voz, ²¹também eu não vou mais desapossar diante dela nenhuma dessas nações que Josué deixou intocadas antes de morrer".

²²Era para pôr Israel à prova por meio delas^c e saber se ele guardaria ou não o caminho do SENHOR, caminhando nele como seus pais o fizeram. ²³Também o SENHOR deixou subsistir essas nações, sem desapossá-las logo, e ele não as entregou a Josué.

3 ¹Eis as nações que o SENHOR deixou subsistir para, por meio delas, provar Israel, todos os que não tinham conhecido todas as guerras de Canaã; ²— foi somente para instruir as gerações dos filhos de Israel, para ensinar-lhes a guerra, somente porque antes não a tinham conhecido —: ³cinco tiranos filisteus, todos os canaanitas, os sidônios, os hivitas que habitavam a montanha do Líbano, desde a montanha de Báal-Hermon até Lebô-Hamat.

⁴Isso serviu para pôr Israel à prova por meio delas: para saber se eles ouviriam os mandamentos que o SENHOR prescrevera a seus pais por meio de Moisés. ⁵Os filhos de Israel habitaram no meio dos canaanitas, dos hetitas, dos emoritas, dos perizitas, dos hivitas e dos iebusitas; ⁶eles tomaram suas filhas por esposas e deram suas filhas aos filhos deles; e serviram a seus deuses.

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS JUÍZES

I. OTNIEL

⁷Os filhos de Israel fizeram o que é mau aos olhos do SENHOR: eles se esqueceram

do SENHOR, seu Deus, e serviram aos Baalim e às Asherás^d. ⁸A cólera do SENHOR se inflamou contra Israel e ele os

a. Associada a Báal, Astarte é a deusa do amor e da fecundidade; seu culto era bastante difundido em todo o Médio Oriente antigo.

b. Termo que não evoca unicamente uma função judiciária. É qualificado de *juiz* aquele que, suscitado por Deus, salva uma ou várias tribos de uma situação de desolação, cf. Introd.

c. A presença das nações pagãs diante de Israel é problemática, porque parece contradizer a promessa de Deus, que se havia

comprometido a expulsar os ocupantes de Canaã. Dá-se uma explicação a respeito dessa presença: Deus prova a fidelidade de seu povo.

d. *Asherá*, conhecida pelos textos de Ugarit sob o nome de Athirat, é a esposa do deus El. Frequentemente associada na Bíblia a Báal, *asherá* designa ao mesmo tempo a divindade cananéia e o poste sagrado que se erguia perto dos santuários como símbolo de fecundidade (Dt 16,21).

2,3;
Js 23,13

Js 13,1-5

Js 13,3-5

Ex 3,8,17

2,13

vendeu a Kushan-Rishatáim^s, rei de Arâm-dos-Dois-Rios^t; os filhos de Israel serviram a Kushan-Rishatáim durante oito anos. ⁹Os filhos de Israel clamaram ao SENHOR, e o SENHOR suscitou para eles um salvador^u, que os salvou; Otniel, filho de Qenaz, irmão mais novo de Kaleb. ¹⁰O espírito do SENHOR^x esteve sobre ele e ele julgou Israel. Ele partiu para guerrear, e o SENHOR entregou-lhe Kushan-Rishatáim, rei de Arâm, e sua mão teve poder contra Kushan-Rishatáim. ¹¹A terra ficou em repouso^y por quarenta anos; depois Otniel, filho de Qenaz, morreu.

II. EHUD

¹²Os filhos de Israel recomeçaram a fazer o que é mau aos olhos do SENHOR, e o SENHOR atiquou Eglon, rei de Moab^z, contra Israel, pois eles faziam o que é mau aos olhos do Senhor. ¹³Eglon aliou-se aos filhos de Amon e Amaleq^a, a seguir se pôs em campanha e venceu Israel; eles tomaram posse da cidade das Palmeiras^b. ¹⁴Os filhos de Israel serviram a Eglon, rei de Moab, durante dezoito anos. ¹⁵Os filhos de Israel clamaram ao SENHOR e o SENHOR suscitou-lhes um salvador, Ehud, filho de Guerá, benjaminita,

que era canhoto^a. Por seu intermédio, os filhos de Israel enviaram um tributo a Eglon, rei Moab.

¹⁶Ehud fez um punhal de dois gumes, com o comprimento de um cômedo^b, e ele o atou sob suas vestes contra sua coxa direita. ¹⁷Ele apresentou o tributo a Eglon, rei de Moab; ora Eglon era um homem muito gordo^c. ¹⁸Assim que apresentou o tributo, Ehud retirou com as pessoas que tinham trazido o tributo. ¹⁹mas tendo chegado aos Ídolos que estão perto de Guilgal^d, voltou e disse: "Tenho para ti uma palavra confidencial, ó rei!" Este disse: "Silêncio!"^e, e todos aqueles que estavam junto dele se retiraram.

²⁰Ehud aproximou-se de Eglon, quando este estava sentado no seu privativo e fresco quarto de cima. Ehud disse: "Tenho uma palavra de Deus para ti", e o rei se levantou do seu trono. ²¹Ehud estendeu a mão esquerda, tomou o punhal sobre a coxa direita e o cravou no ventre do rei. ²²Até mesmo o cabo entrou após a lâmina, e a gordura se fechou sobre a lâmina, pois Ehud não retirara o punhal do ventre do rei. A seguir, Ehud saiu pela abertura^f. ²³Tendo antes fechado as portas do quarto de cima atrás de si e posto a tranca, saiu pelo vestibulo. ²⁴De-

s. O nome do rei significa: *O kushita de dupla maldade*. Esse nome de derrisão deve conservar um elemento antigo, porque, de acordo com Hab 3,7, Kushan está em paralelo com a terra de Midian. Com base em Gn 36,34 pode-se também ver aí o nome de um clã edomita.

t. Enquanto o nome próprio do rei e a menção a Otniel (cf. Jz 1,11-15) remetem para o sul de Canaã, o termo geográfico designa a Mesopotâmia do norte, cf. Gn 24,10 nota. Pode-se também corrigir *Arâm* para *Edom*, mas, nesse caso, a menção aos dois rios não corresponde.

u. Mesma fórmula para Ehud em 3,15. Libertador no plano militar, o juiz adquiria por isso um papel que podia ir além desse quadro.

v. O caráter carismático do juiz é bem marcado por essa vinda do espírito de Deus, cf. 6,34; 11,29; 13,25; 14,6,19. Esta apresentação do juiz prefigura a dos primeiros reis, Saul (1Sm 10,6,10) e David (1Sm 16,13), cf. Is 11,2.

w. Tema que volta como um refrão (3,30; 5,31; 8,28). A duração do *repouso* está fixada normalmente em quarenta anos, isto é, o tempo de uma geração.

x. Instaurado no século XIII, o reino de Moab encontra-se na Transjordânia e sua fronteira norte é o Arnon. No entanto, os moabitas procuraram, sem cessar, expandir-se além dessa fronteira; na época de Ehud, eles conseguiram estabelecer-se não

somente na planície a nordeste do mar Morto, mas também em Jericó.

y. Na época dos Juízes, os amalequitas continuaram sendo o principal inimigo das tribos de Israel (6,3,33; 7,12; 10,12). Instalados ao sul de Judá, certos grupos devem ter transmigrado em direção norte, entregando-se a rapinas contra os sedentários. Isso pode explicar a menção a uma montanha de Amaleq em Efraim (12,15; cf. 5,14).

z. Designação de Jericó, cf. 1,16 nota.

a. Literalmente: *um homem com a mão direita atada*.

b. Medida de comprimento, desconhecida em outros lugares da Bíblia.

c. Esclarecimento que prepara a sequência do relato e tende a ridicularizar o inimigo moabita.

d. Sobre *Guilgal*, cf. Js 4,19 nota. Os *ídolos* devem ser postes ou pedras talhadas, talvez dispostas em círculo. A narrativa supõe a existência de um lugar sagrado nessa localidade.

e. Trata-se provavelmente de uma fórmula para dar por encerrada uma sessão.

f. A palavra traduzida por *abertura* é única na Bíblia, mas é documentada pelo acádio. Trata-se provavelmente do buraco das latrinas. O início do v. 23: *e ele saiu pelo vestibulo* poderia ser um esclarecimento destinado a explicar o vocábulo raro do v. 22.

pois que saiu, os servos do rei vieram e olharam: eis que as portas do quarto de cima estavam trancadas. Disseram: "Certamente ele está cobrindo os pés^a no cômodo fresco". ²⁵Eles esperaram, até que começaram a ficar inquietos: o rei não abria a porta do quarto de cima. Então pegaram a chave, abriram a porta, e eis que seu senhor jazia por terra, morto. ²⁶Quanto a Ehud, escapara enquanto eles tardavam; com efeito, ele já tinha ultrapassado os ídolos e fugido para a Seirá^b.

²⁷Ora, logo que chegou, ele fez ressoar a trompa na montanha de Efraim; os filhos de Israel desceram com ele da montanha, ele à frente. ²⁸Ele lhes disse: "Segui-me, pois o SENHOR entregou em vossas mãos vossos inimigos, os moabitas". Eles desceram atrás dele, ocuparam os vauos do Jordão que pertenciam a Moab e não deixaram ninguém atravessar. ²⁹Naquele tempo, derrotaram Moab, cerca de dez mil homens, todos possantes e valentes, e ninguém escapou. ³⁰Naquele dia, Moab foi humilhado sob a mão de Israel e a terra ficou em repouso por oitenta anos.

III. SHAMGAR

^{2Sm 23, 11-12} ³¹Após Ehud houve Shamgar, filho de Anat^d. Ele derrotou os filisteus, em nú-

mero de seiscentos homens, com uma aguilhada de bois; ele também salvou Israel.

IV. DEBORÁ E BARAQⁱ

4 A vitória de Taanak. ¹Tendo morrido Ehud, os filhos de Israel começaram a praticar o que é mau aos olhos do SENHOR. ²O SENHOR os entregou a labin^k, rei de Canaã, que reinava em Haşor. O comandante de seu exército era Siserá^l, porém este habitava em Harôshet-Gaim^m. ³Os filhos de Israel clamaram ao SENHOR, porque Siserá tinha novecentos carros de ferro e tinha oprimido duramente os filhos de Israel durante vinte anos.

⁴Ora Deborah^a, uma profetisa, mulher de Lapidot, julgava Israel naquele tempo. ⁵Ela atendia sob a Palmeiraⁿ de Deborah, entre Ramá^p e Betel, na montanha de Efraim, e os filhos de Israel subiam a seu encontro em casos de arbitragem^q. ⁶Ela mandou chamar Baraq^r, filho de Abinoam, de Qédesh de Neftali, e lhe disse: "O Senhor, Deus de Israel, verdadeiramente deu uma ordem. Vai, reúne^s no monte Tabor e toma contigo dez mil homens entre os filhos de Neftali e os filhos de Zabulon. ⁷Eu atrairei para ti, para a torrente do Qishon^t, Siserá, coman-

1Sm 12,9;
Sl 83,10

Hb 11,32

5,21;
Sl 83,10

g. Expressão que significa: *satisfazer uma necessidade natural*, cf. 1Sm 24,4.

h. Nome geográfico maldocumentado, que pode designar a região ao norte de Jericó.

i. Sem dúvida oriundo de Bet-Anat (cf. 1,33). *Shamgar* traz um nome hurrita, que se encontra em 6. Esta informação foi inserida por certos mss. das versões após 16,31. Muitos indícios sugerem que ela foi introduzida tardiamente no livro dos Juízes.

j. O livro dos Juízes oferece duas tradições sobre a importante vitória de Taanak, um relato em prosa (cap. 4) e um poema (cap. 5). O evento relatado é de grande interesse histórico e religioso. Por um lado, assiste-se aqui a um esforço das tribos para se libertarem do domínio das cidades cananéias. Por outro lado, o papel desempenhado pela profetisa Deborah manifesta a importância que será reconhecida ao movimento profético no reino de Israel. Deus aparece aqui como aquele que dá a vitória a seu povo.

k. *labin*, rei de Haşor, já foi mencionado em Js 11,1 e sua cidade foi conquistada por Josué (Js 14,10-11; 12,19). A menção a esse rei volta nos vv. 17,23-24, mas não se encontra no cântico de Deborah. Pode-se supor que houve uma confusão entre dois episódios diferentes na fase da redação.

l. *Siserá*, cujo nome não é semita, parece ser o chefe dos

inimigos que as tribos devem combater. De acordo com 5,28-30 ele faz papel de rei.

m. Localização incerta, mas o sítio de el-Harithiyeh, alguns quilômetros a sudeste de Haifa, poderia muito bem ter conservado o nome antigo.

n. Seu nome significa *Abelha*. Deborah é ao mesmo tempo profetisa como era Miriã, irmã de Moisés (Ex 15,20), e juíza, cf. v. 5.

o. Provavelmente, Deborah exercia suas funções sob esta árvore, e a tradição guardou a sua lembrança. Trata-se talvez da mesma árvore perto da qual foi sepultada Deborah, a nutriz de Ribqá (Gn 35,8).

p. Er-Ram, a norte de Jerusalém.

q. Lit. *para o julgamento*. Deborah tinha de resolver os conflitos entre indivíduos ou entre grupos.

r. Da tribo de Neftali. Baraq — cujo nome significa *Relâmpago* — vai, não obstante suas hesitações, desempenhar um papel de destaque na batalha, como confirma o poema (5,12.15).

s. Lit. *atrai*. Mesmo verbo do v. 7. Aqui serve para traduzir a ação do homem, lá a ação de Deus.

t. Pequeno riacho, o Nahr el-Muqatta, que corre ao pé do Carmelo antes de se lançar no Mediterrâneo a norte de Haifa; é mencionado em 5,21.

dante do exército de Iabin, bem como seus carros e suas tropas, e eu o entregarei em tuas mãos". ⁸Baraq lhe disse: "Se vieres comigo, eu irei, mas se tu não vieres comigo, não irei!". ⁹Ela disse: "Eu irei contigo; todavia, no caminho por onde andas, a glória não estará sobre ti, pois é a uma mulher que o SENHOR entregará Sisera". Deborah levantou-se e foi ao encontro de Baraq em Qédesh. ¹⁰Baraq convocou Zabulon e Neftali em Qédesh. Dez mil homens subiram nos seus passos, e Deborah subiu com ele.

1.16 ¹¹Héber, o qenita, tinha se separado de Qáin, dos filhos de Hobab, sogro de Moisés, e havia armado sua tenda até o carvalho de Şaanaim, perto de Qédesh.

¹²Foi comunicado a Sisera que Baraq, filho de Abinoam, subira ao monte Tabor.

¹³Então Sisera convocou todos os seus carros, novecentos carros de ferro, bem como todo o povo que estava com ele, desde Harôshet-Goim até a torrente do Qishon. ¹⁴Deborah disse a Baraq: "Levanta-te! Este é o dia em que o SENHOR entregou Sisera em tua mão. Sim, o SENHOR saiu diante de ti". Baraq desceu do monte Tabor, tendo dez mil homens atrás de si. ¹⁵Então, diante de Baraq, o SENHOR

5.21: SI 83,10
Ex 14,24 pôs em debandada Sisera, todos os seus carros e todo o seu exército — ao fio da espada. Sisera desceu de seu carro e fugiu a pé. ¹⁶Baraq perseguiu os carros e o exército até Harôshet-Goim; todo o exército de Sisera caiu sob o fio da espada; não restou um sequer.

¹⁷Ora, Sisera fugia a pé para a tenda de Iael, mulher de Héber, o qenita, porque havia paz entre Iabin, rei de Haşor, e a

casa de Héber, o qenita. ¹⁸Iael saiu ao encontro de Sisera e lhe disse: "Pára, meu senhor, fica comigo, não temas". Ele permaneceu junto dela, em sua tenda, e ela o cobriu com uma coberta. ¹⁹Ele lhe disse: "Podes dar-me um pouco de água para beber? Tenho sede". Ela abriu um odre de leite, deu-lhe de beber e voltou a cobri-lo. ²⁰Ele lhe disse: "Posta-te à entrada da tenda e se alguém chegar e te perguntar: 'Há alguém aqui?', tu dirás: 'Não'". ²¹Mas Iael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, lançou mão do martelo, entrou para junto dele calmamente e cravou-lhe na têmpora a estaca, que foi enfiar-se na terra; Sisera que — cansado — dormia profundamente, morreu. ²²Ora, Baraq tinha iniciado a perseguição a Sisera! Iael saiu-lhe ao encontro e lhe disse: "Vem, e eu mostrarei o homem que procuras". Ele entrou com ela, e eis que Sisera jazia, morto, com a estaca na têmpora.

²³Naquele dia, Deus humilhou Iabin, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel. ²⁴A mão dos filhos de Israel tornou-se cada vez mais pesada contra Iabin, rei de Canaã, até que abatessem Iabin, rei de Canaã.

5 O Cântico de Deborah. ¹Naquele dia, Deborah e Baraq, filho de Abinoam, cantaram dizendo:

²"Quando, em Israel, se faz consagração total^d, quando o povo se oferece livremente, bendize o SENHOR.

³Escutai, ó reis! Prestai ouvidos, ó soberanos!

u. O grego acrescenta: *porque eu não sei em que dia o anjo do Senhor me dará o sucesso.*

v. Nome do ancestral dos qenitas, segundo Nm 24,21.

w. Segundo Nm 10,29, Hobab é o sogro de Moisés; o termo hebr. designa um parentesco por aliança, cf. 1,16.

x. Sítio a ser localizado no território de Neftali (cf. Js 19,33), o que corresponde muito bem à geografia.

y. Diante de um Baraq hesitante em se engajar, Deborah fala com a decisão de uma mulher que crê na intervenção de Deus.

z. A última expressão pode ser uma glosa tardia indicando o meio do qual Deus se serve para pôr o exército de Sisera em debandada.

a. Essa mulher, cujo papel foi discretamente anunciado no v. 9, vai realizar a promessa feita por Deborah a Baraq.

b. Em relação ao que precede, o final do versículo é elíptico; uma parte da versão grega tem um texto diferente: *ele sobressaltou-se entre seus joelhos* (os de Iael), *caiu sem forças e morreu.*

c. Este poema é um dos mais antigos textos da Bíblia e sua composição deve estar muito próxima dos acontecimentos relatados. Por causa dessa antiguidade, o texto comporta numerosas dificuldades de tradução.

d. Lit. *desatam-se as cabeleiras*. Alusão provável a um rito da guerra santa, que tem valor de consagração. Outra tradução possível: *Quando em Israel os chefes comandam.*

ao SENHOR eu quero cantar;
eu quero celebrar o SENHOR, Deus de Israel.

Dt 33,2 ⁴ SENHOR, quando saíste de Seir*,
quando partiste da estepe de Edom,
a terra tremeu, os céus se derramaram^f,
as nuvens se derramaram em água,

⁵ as montanhas se abaixaram^g diante do
Dt 33,2 SENHOR (o do Sinai),
diante do SENHOR, o Deus de Israel.

⁶ Nos dias de Shamgar, filho de Anat^h,
4.17 nos dias de Iael, as caravanas cessaram
e os que viajavamⁱ andavam por
desvios.

⁷ As aldeias foram abandonadas,
estavam abandonadas em Israel,
até que tu te levantaste, ó Deborah,
até que tu te levantaste, mãe em Israel.

⁸ Escolheram-se deuses novos;
então a guerra estava às portas;
mal se enxergava um escudo e uma
lança

1Sm 13,
19-22

para quarenta mil homens em Israel.

⁹ Meu coração pensa nos comandantes
de Israel,
os que, dentre o povo, se oferecem
livremente.

Bendizei o SENHOR!

¹⁰ Vós que montais jumentas brancas,
vós que sentais sobre tapetes
e vós que caminhaís pela estrada,
meditai.

¹¹ Pela voz dos pastores^j, entre os
bebedouros,
lá contam-se as vitórias do SENHOR,
as vitórias de sua força em Israel.

Então o povo do SENHOR desceu às
portas.

¹² Desperta, desperta, Deborah!
Desperta, desperta, lança um canto.
Levanta-te, Baraq, reconduz teus
prisioneiros, filho de Abinoam.

¹³ Então o que escapara^k desceu entre os
nobres,
o povo do SENHOR desceu por mim
entre os guerreiros.

¹⁴ De Efraim, desceram os que têm
raízes em Amaleq^l,
Benjamin desceu atrás de ti, com tuas
tropas.

De Makir desceram comandantes, Nm 32,39;
e de Zabulon, os que levam o bastão Js 17,1
de administrador^m;

¹⁵ os chefes de Issacar estão com Deborah.
Como Issacar, Baraq se precipita a pé
na planície.
Nos clãs de Rúben, grandes são as
resoluções!

¹⁶ Por que ficaste entre as bagagens
a ouvir o som da flauta para os
rebanhos?

Nos clãs de Ruben, grandes são as
interrogações!

¹⁷ Guilead habita além do Jordão. Nm 32,1
E Dan, por que mora em barcosⁿ?
Aser permanece à beira-mar,
habitando perto de seus portos.

¹⁸ Zabulon é um povo que arriscou a vida
até morrer,
assim como Neftali, sobre os outeiros
do campo^o.

¹⁹ Vieram os reis, combateram,

e. Nome da região que se estende ao sul do mar Morto. Deus é aqui aquele que vem do deserto para marchar à frente das tribos, cf. Sl 68,8.

f. O v. 4 apresenta uma série de traços típicos das descrições teofânicas, cf. Sl 68,9. Deus se manifesta por seu poder sobre os elementos da natureza, em particular a chuva, por meio da qual ele salva o seu povo, cf. vv. 20-21.

g. Outra tradução: *escorreram*.

h. Sobre Shamgar, cf. 3,31.

i. Lit. *aquelas que caminhavam pelas veredas*. A presença de canaanitas na planície impedia a livre circulação entre as tribos do norte e as que ocupavam a montanha de Efraim.

j. Lit. *os que repartem*, expressão que visa ao trabalho dos pastores junto às fontes.

k. O termo traduzido por *o que escapou (surid)* pode ser um trocadilho com o nome de um clã de Zabulon (cf. Gn 46,14; Nm

26,26). Um povoado pertencente à tribo de Zabulon se chama Surid (Is 19,10,12).

l. Apresentação pouco simpática da tribo de Efraim, aparentemente visando à presença de uma montanha de Amaleq no território tribal (cf. 3,13 nota). Os vv. 14-18 oferecem uma lista antiga de tribos, na qual se notará a ausência de Judá e de Simeão.

m. O termo traduzido por *administrador* designa, em outros contextos, o *secretário* ou o *escriba*.

n. Esta curiosa notícia sobre Dan poderia insinuar que os membros dessa tribo alugavam seus serviços como marinheiros dos navios, talvez fenícios.

o. Se a batalha se desenrolou na planície próxima de Meguido, Neftali e Zabulon não podem ter desempenhado sua ação na parte elevada da região. É provável que este ditado se referisse, na sua origem, à batalha das águas de Merom (Js 11,5-9), porque em hebraico há um trocadilho entre *elevação* e o nome de Merom.

e guerrearam os reis de Canaã em Taanak, perto das águas de Meguido; mas não conseguiram despojos de prata.

²⁰ Do alto dos céus as estrelas combateram, de suas órbitas, combateram^p Siserá.

²¹ A torrente do Qishon os arrastou, a torrente antiga, a torrente do Qishon! Avança, ó minh'alma, com coragem!

²² Então os cascos dos cavalos martelaram o solo, com o galope, o galope dos corredores.

²³ Amaldiçoai Meroz^a, diz o anjo do SENHOR.
Amaldiçoai com maldições seus habitantes, porque não vieram em socorro do SENHOR, em socorro do SENHOR com os guerreiros.

²⁴ Bendita seja entre as mulheres Iael, mulher de Héber, o genita, entre as mulheres que vivem sob a tenda seja bendita!

²⁵ Ele pedia água, ela lhe deu leite; na taça dos nobres ela apresentou a coalhada.

²⁶ Ela estendeu sua mão para a estaca e sua destra para o martelo do trabalhador; martelou Siserá e quebrou-lhe a cabeça; esmagou e traspassou-lhe a têmpora.

²⁷ Ele tomba aos pés dela, cai, jaz; a seus pés, ele sucumbe e cai. Onde sucumbiu, caiu aniquilado.

²⁸ Pela janela se inclina e olha a mãe de Siserá, através das grades:

‘Por que seu carro demora a vir? Por que atrasa a marcha de seus carros?’

²⁹ A mais sábia de suas princesas lhe responde, replica-lhe dizendo:

³⁰ ‘Não será porque recolhem e dividem os despojos?’

Uma escrava, duas escravas para cada guerreiro, um butim de tecido colorido para Siserá, um butim de tecidos, um bordado, um tecido colorido, dois bordados para o pescoço das cativas’.

³¹ Assim pereçam todos os teus inimigos, ó SENHOR, e teus amigos^a sejam como o sol quando se levanta em sua força’.

2Sm 23,4;
Dn 12,3;
Mt 13,43

E a terra esteve em repouso durante quarenta anos.

3,11,30;
8,28

V. GUIDEON E ABIMÉLEK'

6 Opressão midianita'. 'Os filhos de Israel fizeram o que é mau aos olhos do SENHOR; e o SENHOR os entregou a Midian' durante sete anos. 'A mão de Midian foi forte contra Israel. Por causa de Midian, os filhos de Israel passaram a ocupar as fendas das montanhas, as grutas e os pontos escarpados. 'Ora, cada vez que Israel semeava, Midian subia, assim como Amaleq e os filhos do Oriente'; eles subiam para invadi-lo. 'Acam-pavam perto dos israelitas, pilhavam os produtos da terra até nas proximidades

p. Os textos de Ugarit falam várias vezes de "a chuva que as estrelas derramaram". A mesma concepção aqui, mas a chuva não é senão o instrumento de Deus que combate por Israel.

q. Localizada em Khibet Marus ao sul de Qedesh de Neftali, essa cidade é amaldiçoada porque não tomou parte no combate.

r. O texto hebr. lê: *para o pescoço do butim*, mas esse butim são as jovens capturadas, a melhor parte dos despojos.

s. O texto hebr. leu: *seus amigos*, mas com certas versões podemos ler: *teus amigos*.

t. O ciclo de Guideon e de Abimélek (Jz 6-9), um dos conjuntos narrativos mais vivazes de todo o livro, divide-se em três grandes partes: 1. a origem da missão de Guideon (6,1-32); 2. as campanhas lideradas por Guideon contra os midianitas (6,33-8,21); 3. tentativas por uma realza (8,22-9,57).

u. A introdução dessa história (6,1-10) foi fortemente marcada pelos temas (sobretudo nos vv. 1.2a.6a.7-10) que se encontram no início do próprio livro (2,6-3,6): infidelidade de Israel, opres-

são inimiga suscitada pelo Senhor, súplica a seu Deus pelos israelitas em aflição e, enfim, o envio por Deus de um "salvador" que liberta o povo da opressão estrangeira. Para o redator, a opressão midianita representa o castigo da infidelidade do povo. O pecado de Israel não é especificado, mas depreende-se do discurso do profeta nos vv. 7-10, situando esse pecado antes de tudo no culto prestado aos deuses dos emoritas.

v. *Midian* é atestada no AT como um grande povo nômade. Israel reconheceu nele ora um parente (Gn 25,2-6) e um aliado (Ex 2,15-22; 3,1; 18,1-12; Nm 10,29-32), ora um inimigo perigoso (Nm 22,4,7; 25,6-18; 31), o que é o caso para a época dos Juízes.

w. A menção aos amalequitas e aos filhos do Oriente (cf. 3,13; 6,33; 7,12) talvez seja uma adição redacional. Mas não é certo, cf. 3,13 nota. *Os filhos do Oriente* (cf. 7,12; 8,10) são um grupo nômade vagamente definido, permanecendo provavelmente na Transjordânia do norte e no deserto sírio (cf. Gn 29,1; Nm 23,7; Ez 25,4.10).

de Gaza e não deixavam nenhum meio de subsistência em Israel, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos. ⁵Eles subiam, com seus rebanhos; com suas tendas, chegavam numerosos como gafanhotos^x — eles e seus camelos eram inúmera-veis — e entravam na terra para arrasá-la. ⁶Desse modo, Israel enfraqueceu-se grandemente por causa de Midian, e os filhos de Israel clamaram ao SENHOR.

⁷Ora, como os filhos de Israel clamavam ao SENHOR por causa de Midian, ⁸o SENHOR enviou aos filhos de Israel um profeta^y que lhes disse: “Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Sou eu que vos fiz subir do Egito e que vos fiz sair da casa da escravidão. ⁹Eu vos libertei da mão dos egípcios e de todos os que vos oprimiam; eu os expulsei de diante de vós e vos dei a sua terra. ¹⁰Eu vos disse: ‘Eu sou o SENHOR, vosso Deus. Não temais os deuses dos emoritas, cuja terra habitais!’ Mas não escutastes a minha voz!”

Vocação de Guideon^z. ¹¹O anjo do SENHOR^a veio sentar-se sob o terebinto de

Ofrá^b, que pertencia a loash, do clã de Abiêzer^c. Guideon, seu filho, estava batendo o trigo no lagar para subtraí-lo a Midian^d. ¹²O anjo do SENHOR lhe apareceu e disse: “O Senhor está contigo”, ¹³Guideon lhe disse: “Perdão, meu senhor! Se o SENHOR está conosco, por que nos aconteceu tudo isso? Onde estão todas as maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: ‘Não é verdade que o SENHOR nos fez subir do Egito?’ Ora, agora, o SENHOR nos abandonou entregando-nos a Midian”.

¹⁴O SENHOR se voltou para ele e disse: “Vai com esta força que tens e salva Israel de Midian. Sim, sou eu quem te envia!” ¹⁵Mas Guideon lhe disse: “Perdão, meu senhor, como salvarei Israel? Meu clã^e é o mais insignificante de Manassés, e eu sou o mais jovem da casa de meu pai!” ¹⁶O SENHOR lhe respondeu: “Eu estarei contigo: assim derrotarás os midianitas todos, ao mesmo tempo”. ¹⁷Guideon lhe disse: “Se verdadeiramente achei graça a teus olhos, manifesta-me, por um sinal, que és tu quem me

x. A metáfora dos gafanhotos (cf. também 7,12) associa a noção de grande número à da devastação total e irreversível. Cf. Jr 46,23; Jl 1,1-2,11; Am 7,1-2; Na 3,15. Essas incursões de nômades são ou migrações sazonais que destroem as colheitas no pé, ou pilhagens em vista de butim: os vv. 3-5 parecem combinar lembranças desses dois fenômenos.

y. Essa intervenção de um profeta anônimo deve provavelmente ser atribuída a um redator deuteronômista. Nas partes mais antigas do livro (cf. 2,1-5; 6,11-22; 13,2-24), assim como no Gênesis, Deus dá a conhecer sua vontade por um anjo. No seu discurso, o profeta opõe a infidelidade de Israel à grande intervenção histórica do Senhor em favor de seu povo: a libertação do Egito e o dom da terra de Canaã. A mesma oposição entre os benefícios de Deus no passado e a indignidade de Israel se encontra também em 2,2-3,12; 10,11-14; 1Sm 2,27-36; 10,18-19. Ela foi sentida sobretudo a partir da pregação dos grandes profetas (Am 2,6-16; 3,1-2; Os 2,4-15; Is 1,2-3; 5,1-7 etc.).

z. A vocação de Guideon pode ser comparada, por um lado, às vocações de Moisés (Ex 3) e de Jeremias (Jr 1), e, por outro, às teofanias concedidas aos patriarcas (notadamente Gn 16,7-14; 18,1-15; 21,14b-19; 28,10-22).

a. *O anjo do Senhor* é o enviado e o representante de Deus. Ele não tem personalidade independente de Deus e frequentemente é um substitutivo literário para o próprio Deus. Os vv. 14,16,23 mostram claramente que é o Senhor em pessoa que aparece a Guideon sob a forma de seu anjo. Como nos outros relatos, é somente no final da aparição que o homem percebe a identidade divina de seu visitante (v. 22; cf. 13,16-21; Gn 18,1-15; 22,23-33; Js 5,13-15).

b. A *Ofrá* de Abiêzer se situa no território de Manassés. Não

deve ser confundida com a Ofrá de Benjamin (Js 18,23). Sua localização é incerta, mas é necessário procurá-la ao norte de Siquém. O *terebinto* (cf. também v. 19) designa aqui uma árvore sagrada, tal como existia nas proximidades da maior parte dos santuários cananeus e israelitas (Siquém: Gn 12,6; 35,4; Js 24,26; Jz 9,37; Betel: Gn 35,8; Jz 4,6; 1Rs 13,14; Guibeá: 1Sm 14,2; 22,6; Mamrê: Gn 13,18; 18,1; Beer-Sheba: Gn 21,33).

c. Clã da tribo de Manassés. Cf. Js 17,2.

d. O trigo é normalmente batido na eira, lugar exposto aos ventos e conseqüentemente visível de longe. A ameaça dos midianitas é tal que Guideon é obrigado a bater o trigo em um lugar escondido, nesse caso, no lagar (talhado no rochedo).

e. Essa fórmula de saudação ou de bênção é ainda corrente entre os árabes de hoje. No fundo ela exprime um voto (cf. Rt 2,4), mas Guideon (v. 13) a toma no sentido afirmativo, a fim de poder contestar o otimismo de seu visitante. Por isso, no v. 16, o Senhor afirma-lhe solenemente: *Eu estarei contigo!* (ou: *Eu estou contigo*), recorrendo assim ao formulário das promessas de assistência feitas por Deus aos responsáveis do povo (Gn 26,3,24; 28,15; 31,3; Ex 3,12; Dt 31,23; Js 1,9; 3,7; Is 41,10; Jr 1,8 etc.).

f. Lit. *meu milhar*.

g. Como Moisés (Ex 3,11), Saul (9,21), Salomão (1Rs 3,7) e Jeremias (Jr 1,6), Guideon tenta se subtrair ao apelo divino, apoiando-se em sua pouca idade e na fraqueza de seu clã. Mas Deus converte freqüentemente a hierarquia estabelecida pelos homens, escolhendo os caçulas e os fracos para realizar seus desígnios: Isaac (Gn 21,12), Jacó (Gn 25,23), José (Gn 37,7), Efraim (Gn 48,19), Saul (1Sm 10,17-24), David (1Sm 16,1-13).

falas^b. ¹⁸Peço-te, não te afastes daqui até que eu volte a ti, a tempo de trazer meu presente^c e de depositá-lo diante de ti". O SENHOR disse: "Permanecerei até teu retorno".

¹⁹Guideon foi preparar um cabrito e, com um efa^d de farinha, fez pães sem fermento. Ele pôs a carne num cesto e o caldo numa panela, depois trouxe tudo isso para debaixo do terebinto e lho apresentou. ²⁰O anjo de Deus lhe disse: "Toma a carne e os pães sem fermento, coloca-os sobre esta pedra e derrama o caldo!" Assim fez Guideon. ²¹O anjo do SENHOR estendeu a extremidade do bastão que tinha na mão e tocou a carne e os pães sem fermento. O fogo saiu do rochedo^e e consumiu a carne e os pães sem fermento. Depois, o anjo do SENHOR desapareceu a seus olhos. ²²Então Guideon viu que era o anjo do SENHOR e disse: "Ah! Senhor DEUS, eu vi o anjo do SENHOR face a face!" ²³O SENHOR lhe disse: "A paz esteja contigo! Não temas; não morrerás". ²⁴Neste lugar, Guideon construiu um altar ao SENHOR e ele o chamou "O SENHOR é paz". Até hoje, esse altar ainda está em Ofra de Abiézer.

A demolição do altar de Báal. ²⁵Ora, nessa noite, o SENHOR disse a Guideon: "Toma o novilho que pertence a teu pai,

o novilho de segunda barrigada, de sete anos^g. A seguir, demolirás o altar de Báal que teu pai possui^h e quebrarás o poste sagradoⁱ que está ao lado. ²⁶A seguir, construíras para o SENHOR, teu Deus, um altar bem completo^j, no topo desta colina^k; então, tomarás o novilho de segunda barrigada e o oferecerás em holocausto sobre a lenha do poste sagrado que despedaçaste". ²⁷Guideon tomou dez homens entre seus servos e fez como o SENHOR lhe havia dito. Mas porque temia a gente da casa de seu pai e os habitantes da cidade, ao invés de fazê-lo de dia, ele o fez à noite. ²⁸De manhã bem cedo, ao se levantar, os habitantes da cidade viram que o altar de Báal estava demolido e o poste sagrado ao lado, quebrado, e que o novilho de segunda barrigada tinha sido oferecido em holocausto sobre o altar que acabara de ser erigido. ²⁹Disseram uns aos outros: "Quem fez isso?" Tendo indagado e tomado informações, disseram: "Foi Guideon, filho de loash, quem fez isso!" ³⁰Os habitantes da cidade disseram a loash: "Manda que teu filho saia e que ele morra, porque pôs abaixo o altar de Báal e derrubou o poste sagrado que estava ao lado". ³¹loash disse a todos os que estavam ao seu redor: "Compete a vós defender Báal? Cabe a vós vir em

h. O pedido de Guideon antecipa, ao mesmo tempo, o v. 21 e os vv. 36-40. O pedido de um sinal para confirmar uma promessa recebida não é considerado uma falta de fé. Cf. Gn 15,8; Ex 4,1-9; 33,16; 2Rs 20,8-11; Is 7,10-14.

i. O termo hebr. utilizado é ambíguo. Pode ser traduzido seja por *dom* (profano), seja por *oferenda* (sacrificial). Guideon ainda não sabe se seu interlocutor é um homem ou se ele é Deus.

j. Medida de capacidade. As estimativas modernas vão de 22 a 45 litros.

k. Queimando as oferendas, o anjo do Senhor transforma o dom ou oferenda apresentada por Guideon em um holocausto. O sacrifício é aceito. O fogo que jorra repentinamente sem ter sido aceso e sem ser alimentado por um "combustível" é um sinal da teofania que confirma, às vezes, a consagração de um santuário. Cf. Ex 3,2-6; Lv 9,24; 1Rs 18,38; 1Cr 21,26; 2Cr 7,1.

l. Segundo a concepção israelita, um homem que vê a Deus, mesmo por inadvertência, deve morrer. Cf. 13,22; Gn 32,31; Ex 3,6; 33,20-32; Is 6,5.

m. Dando ao altar o nome de "O Senhor é paz" (cf. 1Rs 5,26 nota), Guideon responde ao oráculo divino do v. 23. O ato de dar nome a um altar tem sempre a característica de uma profis-

são de fé. Ele completa a consagração do lugar santo. Cf. Gn 33,20; 35,7; Ex 17,15-16; Js 22,34.

n. O episódio dos vv. 25-32 é talvez uma variante do episódio precedente. Um e outro motivam a ação de Guideon por uma revelação divina. Todos os dois desembocam na construção de um altar em Ofra. Não obstante — e os compiladores do ciclo de Guideon o perceberam muito bem —, os dois episódios se encadeiam perfeitamente: luta pela terra (vv. 11-24) implica a luta pelo Senhor (vv. 25-32), pois é ele que deu a posse da terra a Israel.

o. O texto testemunha à sua maneira que todo macho surgido de uma primeira barrigada era sacrificado ao Senhor (Ex 13,15) e indica que o novilho que Guideon vai sacrificar estava na engorda.

p. Trata-se do altar do deus Báal no seu santuário local. Cf. 2,11 nota. loash provavelmente era o seu guardião.

q. *O poste sagrado (asherá)*, imagem da árvore sagrada, é o símbolo da deusa Ashera. Cf. 3,7 nota.

r. *Bem completo*, em contradição aparente com a lei de Ex 20,25. Trata-se, aqui, de fazer aparecer o contraste entre o novo altar do Senhor e o altar demolido de Báal. No entanto a tradução proposta é incerta. Lit. *em ordem*.

s. Trata-se de uma localização diferente da do altar mencionada no v. 24.

seu socorro? Todo aquele que defender Báal deve ser morto antes do amanhecer! Se Báal é Deus, que ele mesmo defenda sua causa", pois foi seu altar que Guideon demoliu". ³²Naquele dia, chamaram Guideon de Ierubáal¹, dizendo: "Que Báal defenda sua causa contra ele", pois ele demoliu seu altar.

Preparação da campanha contra Midian. ³³Todo Midian, assim como Amaleq e os filhos do Oriente, se reuniram de comum acordo, atravessaram o Jordão e acamparam na planície de Jezreel. ³⁴O espírito do SENHOR revestiu Guideon², que fez ressoar a trompa, e o clã de Abiêzer foi convocado a segui-lo. ³⁵Ele enviou mensageiros por todo Manassés, que também fora convocado a segui-lo. Depois ele enviou mensageiros às tribos de Aser, de Zabulon e de Neftali, que subiram a seu encontro³.

³⁶Guideon disse a Deus: "Se queres salvar Israel por minha mão, como disteste⁴, ³⁷eis que vou estender sobre a eira um velo de lâ; se cair orvalho somente sobre o velo, e toda a terra permanecer seca, saberei que queres salvar Israel por

minha mão, como disteste". ³⁸E assim se deu: quando, no dia seguinte, Guideon se levantou, ele espremeu o velo e o orvalho escorreu, uma taça cheia de água. ³⁹Guideon disse a Deus: "Que tua cólera não se inflame contra mim se eu falo ainda uma vez⁵. Permite-me que eu faça uma última vez a prova do velo: que unicamente o velo permaneça seco e que haja orvalho sobre toda a terra". ⁴⁰Naquela noite, Deus fez assim: só o velo permaneceu seco e houve orvalho sobre toda a terra⁶.

7 Campanha de Guideon a oeste do Jordão⁷. Ierubáal — isto é, Guideon — levantou-se de madrugada, ele e todo o povo que estava com ele, e acamparam perto de En-Harod⁸, ao passo que o acampamento de Midian se encontrava mais a norte, do lado da colina de Moré⁹, na planície.

²⁰O SENHOR disse a Guideon: "É muito numeroso o povo que está contigo para que eu entregue Midian em suas mãos. Israel poderia gloriar-se às minhas custas e dizer: 'A minha mão me salvou'. ²¹Portanto, proclama isto ao povo: "Todo

t. Esse inciso, fora de propósito na réplica irônica de Iosh, deve-se provavelmente a um glossador.

u. É recorrendo à ironia e apoiando-se na sua convicção da impotência de Báal que Iosh consegue salvar seu filho. A mesma ironia aparecerá na arenga de Elias com os profetas de Báal sobre o monte Carmelo (1Rs 18,27).

v. O nome *Ierubáal*, cujo sentido primitivo é provavelmente *Báal pleiteia para ele*, é aqui tomado no sentido inverso. Essa etimologia popular está preparada no v. 31 pelo triplice emprego do verbo *pleitear* (*defender*). Há razões para se pensar que Guideon, o vencedor dos midianitas, e Ierubáal, o pai de Abimelec (cf. 9,1), tenham sido, na origem, duas personagens distintas. Eles teriam sido confundidos porque ambos eram originários de Ofra. No cap. 9 tratar-se-á apenas de Ierubáal. No entanto, não é possível dividir o texto dos capítulos 6-8 entre essas duas tradições.

w. Sobre o *espírito do Senhor*, cf. 3,10 nota. O espírito *revestiu Guideon*, ou seja, envolveu-o como uma veste. Cf. 1Cr 12,19; 2Cr 24,20.

x. A campanha contra Midian foi conduzida por um grupo restrito de tribos (cf. também 7,23). Pode ser que na origem da tradição o clã de Abiêzer tenha sido o único envolvido (cf. 8,2).

y. Alusão aos vv. 15-16. Malgrado essa alusão (cf. também v. 37), os vv. 36-40 provavelmente remontam a uma tradição independente do relato de vocação (vv. 11-24). Com efeito, trata-se de *Deus*, ao passo que as outras partes do relato falam do *Senhor* ou do *anjo do Senhor*. A respeito do pedido de um sinal, cf. v.

17 nota. Este pequeno episódio deve mostrar que a campanha contra Midian é, antes de tudo, obra de Deus. O sinal parece, no entanto, pedido por Guideon não tanto para seu proveito próprio, mas antes para legitimar sua campanha aos olhos de suas tropas.

z. As precauções de Guideon no falar relembram as de Abraão em Gn 18,30,32.

a. Se a primeira prova pode corresponder à ordem natural das coisas, a segunda é propriamente miraculosa.

b. O relato da vitória de Guideon sobre os midianitas na planície de Jezreel tem uma pré-história literária complicada. Na sua base, esse relato remonta certamente a uma tradição histórica transmitida pelo clã de Abiêzer. Mas essa tradição sofreu vários remanejamentos.

c. A "fonte do tremor", provavelmente *Áin Djalud*, ao pé do monte Guideá, cerca de quinze quilômetros a oeste de Beisan.

d. A "colina do adivinho", hoje o *djebel Dahi*, ou "pequeno Hermon", ao pé do qual se encontrava a cidade de Shunem.

e. Para o narrador, o episódio da redução do exército de Guideon (vv. 2-7) tem uma finalidade teológica: Guideon combaterá com um exército muito reduzido, a fim de que a glória da vitória se reverta unicamente a Deus e não possa ser atribuída à força humana (cf. Dt 8,17-18; 9,4-6; Is 10,13-15; Am 6,13). No plano histórico, todavia, é possível que este episódio tenda a conciliar duas tradições diferentes: uma segundo a qual várias tribos (Manassés, Aser, Zabulon e Neftali, cf. 6,35; 7,23-24) contribuíram para a derrota de Midian; outra segundo a qual o

o que teme e treme^f volte e fuja pelo monte Guilcad!" Vinte e dois mil homens dentre o povo voltaram; restaram dez mil.

⁴O SENHOR disse a Guideon: "Este povo é ainda demasiado! Faze-o descer à margem do rio, e lá eu o porei à prova para ti. Assim, aquele do qual eu te disser: 'Que ele vá contigo', esse irá contigo, e todo homem do qual eu disser: 'Que ele não vá contigo', esse não irá!" ⁵Então, Guideon fez o povo descer para a beira da água, e o SENHOR disse a Guideon: "Todo o que lambe a água com a língua como um cão, tu o porás à parte, e, da mesma forma, todo aquele que se puser de joelhos para beber". ⁶Ora, o número daqueles que lambeiram levando a mão à boca^h foi de trezentos homens, ao passo que todo o resto do povo se pôs de joelhos para beber água. ⁷O SENHOR disse a Guideon: "É com os trezentos homens que lambeiramⁱ que vos salvarei e que entregarei Midian entre tuas mãos. Que o restante do povo volte para suas casas". ⁸Os trezentos tomaram as provisões que o povo tinha, assim como suas trompas, e depois Guideon despediu o restante dos homens de Israel cada um para sua tenda, retendo, porém, os trezentos. O acampamento de Midian estava abaixo do seu, na planície.

⁹Ora, naquela noite, o SENHOR disse a Guideon: "Levanta-te, desce ao acampamento, porque eu o entreguei em tuas mãos. ¹⁰Mas se tiveres medo de descer, desce ao acampamento com Purá, teu servo. ¹¹Ouvirás o que dizem. Tua cora-

gem será fortificada, e poderás fazer uma incursão no acampamento". Ele desceu pois com Purá, seu servo, até os postos avançados do acampamento^j. ¹²Midian, Amaleq e todos os filhos do Oriente se estendiam na planície, numerosos como gafanhotos; não se podiam contar seus camelos, tão numerosos quanto os grãos de areia à beira-mar. ¹³Quando Guideon chegou, eis que um homem contava um sonho a seu companheiro: "Escuta, dizia ele, tive um sonho: eis que uma migalha de pão de cevada rolava pelo acampamento de Midian, chegou até a tenda, chocou-se contra ela provocando sua queda e destruindo-a, de sorte que a tenda ficava derrubada^k!" ¹⁴Seu companheiro respondeu-lhe e disse: "Isso só pode ser a espada de Guideon, filho de loash^l, o israelita. Deus entregou em suas mãos Midian e todo o acampamento". ¹⁵Quando Guideon ouviu a narração desse sonho e sua interpretação, ele se prosterrou, a seguir voltou ao acampamento de Israel e disse: "Levantai-vos, porque o SENHOR entregou em vossas mãos o acampamento de Midian".

¹⁶Guideon dividiu os trezentos homens em três grupos^m. Entregou a todos trompas para tocar e cântaros vazios com tochas dentro. ¹⁷Ele lhes disse: "Olhareis para mim e fareis como eu! Quando eu tiver chegado às proximidades do acampamento, o que eu fizer, fazei-o também. ¹⁸Farei ressoar a trompa, eu e todos os que estiverem comigo; vós também fareis soar a trompa ao redor do acampamento, e gritareis: "Pelo SENHOR e por Guideon!"

ataque decisivo foi levado a cabo apenas pelo clã de Abiêzer (cf. 7.7.16-22; 8.2).

f. *Treme (hared)*, alusão a En-Harod. A isenção dos fracos, codificada em Dt 20.8 (cf. 1Mc 3.56), tem motivo religioso. O medo provém de uma falta de fé no Senhor, e é essencial eliminar aqueles que ameaçam solapar a fé do exército.

g. Alguns mss. grs. acrescentam: *tu os porás à parte*.

h. Lit.: *por meio de sua mão até a boca*. Alguns mss. grs. leram: *com sua língua*.

i. O sentido exato da prova é difícil de ser estabelecido. O narrador visa a dois grupos entre os soldados: uns, pondo-se de joelhos, podem beber comodamente pondo a boca na água, como o fariam um boi ou um cavalo; os outros contentam-se em levar com vivacidade um pouco de água até a boca na concha da mão,

lambendo como um cão. Guideon parece pois querer escolher os homens mais intrépidos, aqueles que se refrescam rapidamente. O critério seria então análogo ao do v. 3. Outros supõem que esse critério incomum poderia ter sido previamente combinado entre Guideon e seus homens do clã de Abiêzer. A explicação mais provável, todavia, é que o critério escolhido é puramente convencional e que a única finalidade da prova é assegurar a eliminação do maior número.

j. Lit.: *até o limite dos homens armados que estavam no campo*.

k. A tenda simboliza os midianitas nômades; o pão de cevada, os israelitas sedentários. Para outros sonhos simbólicos e premonitórios, cf. Gn 37.5-11; 40; 41.

l. *Guideon, filho de loash* é provavelmente uma glosa.

m. A mesma táctica é atestada em 9.43; 1Sm 11.11; 13.17.

¹⁹Guideon e os cem homens que estavam com ele chegaram ao limite do acampamento no início da vigília da meia-noite^a; as sentinelas acabavam de se revezar. Eles fizeram soar as trompas e quebraram os cântaros que tinham na mão.²⁰Então, os três grupos fizeram soar as trompas e quebraram os cântaros; seguravam as tochas com a mão esquerda e com a mão direita a trompa que faziam soar, e gritavam: "Espada pelo SENHOR e por Guideon!"²¹Enquanto permaneciam de pé ao redor do acampamento, cada um em seu lugar, todo o acampamento se pôs a correr, a lançar gritos e fugir.²²Enquanto ressoavam as trezentos trompas, o SENHOR fez com que em todo o acampamento cada um dirigisse sua espada contra seu companheiro^b, e todos fugiram até Bet-Shitá, do lado de Sererá^c, e até a margem de Abel-Meholá, perto de Tabat.

²³Então foram convocados os homens de Israel de Neftali, de Aser e de todo Manassés^d, e perseguiram Midian.²⁴Guideon enviou mensageiros por toda montanha de Efraim para dizer: "Descei ao encontro de Midian e ocupai antes deles as fontes de Bet-Bará como também o Jor-

dão". Todos os homens de Efraim foram convocados e ocuparam os pontos de água até Bet-Bará como também o Jordão.²⁵Eles prenderam dois chefes de Midian, Oreb e Zeeb. Mataram Oreb no rochedo de Oreb e Zeeb no Lagar de Zeeb^e. Depois continuaram na perseguição até Midian e trouxeram a Guideon as cabeças de Oreb e Zeeb de além do Jordão.

8 ¹Os homens de Efraim disseram a Guideon: "Que significa esse modo de proceder para conosco, não nos convocando quando partias para combater Midian? E discutiram violentamente com ele.²Guideon lhes disse: "Que fiz eu em comparação convosco? Acaso a rebusca de Efraim não vale mais que a vindima de Abiêzer?³Foi em vossa mão que Deus entregou os chefes de Midian, Oreb e Zeeb. Que poderia eu ter feito de semelhante a vós?" Assim que ele pronunciou essa palavra, sua animosidade contra ele se acalmou^f.

Campanha de Guideon a leste do Jordão^g.⁴Guideon chegou ao Jordão e o atravessou, ele e os trezentos homens que estavam com ele. Apesar de exaustos, continuavam na perseguição^h.⁵Ele disse

n. Os israelitas dividiam a noite em três vigílias de quatro horas, cf. Ex 14,24; 1Sm 11,11. O ataque de Guideon é pois desencadeado por volta de 23h. Mais tarde, os judeus adotaram o costume romano de quatro vigílias noturnas (cf. Mc 6,48; 13,35).

o. Fazendo uma relação com v. 18, pode-se perguntar se a palavra *espada* não foi introduzida secundariamente no grito de guerra a partir do v. 14. Note-se, em todo caso, que as armas dos israelitas não desempenham nenhum papel nesse episódio.

p. Os israelitas obtêm a vitória sem desfechar nenhum golpe. O ruído das mornças quebradas, o som das trompas, o grito de guerra e o clãro das tochas foram suficientes para semear o pânico no acampamento de Midian (cf. Js 6); é o próprio Senhor quem põe o inimigo em debandada. Uma vez mais, o narrador insiste sobre o *soli Deo gloria*. Cf. 7,2 nota.

q. Talvez seja preferível ler *Seredá* (cf. 1Rs 11,26), ou *Šartan* (1Rs 7,46). Todos os lugares mencionados neste versículo parecem situar-se na região de Beisan. Os midianitas tentam atingir e atravessar o Jordão.

r. Não sabemos se se trata daqueles que tinham sido mandados embora de seu meio nos vv. 3,8, ou se é caso de um novo contingente. Com relação a 6,35, notar-se-á a ausência de Zabulon.

s. O episódio dos vv. 24-25, relatando a captura e a morte de Oreb ("corvo") e de Zeeb ("lobo") nos rochedos associados a seus nomes, remonta provavelmente a uma tradição local de origem efraimita.

t. A rebusca é a colheita das uvas que restam após a vindima (cf. Mt 7,1; sobre a respiga, cf. Is 17,6). Sob as aparências de um cumprimento, a resposta de Guideon (vv. 2-3a) é uma ironia velada: sem a vindima de Abiêzer, não teria havido a rebusca de Efraim. Mas os efraimitas não captam a ponta de ironia (v. 3b). As pretensões dos efraimitas à hegemonia são bem-conhecidas (cf. Gn 48,13-20; Jz 12,1-6). Os vv. 1-3 nos mostram como essas pretensões eram avaliadas pelos manassitas.

u. Com 8,4-21, o narrador nos oferece o relato de outra campanha de Guideon contra os midianitas, que, desta vez, se desenrola na Transjordânia. Reconhece-se hoje que essa campanha não é simplesmente a sequência daquela que é relatada em 7,1-8,3. Estamos em presença de duas tradições históricas independentes. Com efeito, o episódio de 8,4-21 não apresenta os midianitas como acabando de sofrer uma derrota, cf. a resposta da gente de Sukot e de Penuel (vv. 6,8). Ademais, os chefes dos midianitas não são os mesmos: aos "chefes" Oreb e Zeeb (7,25; 8,3) correspondem aqui os "reis" Zebah e Šalmuná (8,5 etc.). Enfim, Guideon não está em perseguição de um exército em debandada, mas busca vingar a morte de seus irmãos no monte Tabar (8,17-19). O episódio de 8,4-21 é caracterizado por um conhecimento muito preciso da geografia transjordânica (cf. vv. 10-13); poderia tratar-se de uma tradição originária da Transjordânia.

v. Ao invés do hebr.: *Apesar de exaustos, continuavam na perseguição*, algumas versões lêem simplesmente *exaustos e famintos*, o que corresponde muito bem ao contexto primitivo e à sequência do relato.

aos habitantes de Sukot^w: “Dai, peço-vos, obreias de pão à tropa que me segue, porque estão esgotados, e eu estou perseguindo Zébah e Šalmuná, reis de Midian”^x. “Mas os chefes de Sukot responderam: “Tens, já, em teu poder Zébah e Šalmuná^y, para que demos pão a teu exército?”^z “Pois bem, replicou Guideon, quando o SENHOR tiver entregue em minha mão Zébah e Šalmuná, eu vos acoitarei com os espinhos do deserto e os cardos”^a. “De lá ele subiu a Penuel^b e falou aos habitantes do mesmo modo, e os habitantes de Penuel lhe responderam como tinham respondido os habitantes de Sukot. “Ele disse aos habitantes de Penuel: “Se eu voltar são e salvo, demoliarei esta torre!”^c “Zébah e Šalmuná encontravam-se em Qarqor^d com seu exército, aproximadamente quinze mil homens, tudo o que restava de todo o exército dos filhos do Oriente. Com efeito, haviam tombado cento e vinte mil homens que sabiam manejar a espada^e. “Guideon subiu pela estrada dos nômades^f, a leste de Nôbah e Iogbohá^g, e derrotou o exército, quando este pensava estar seguro. “Zébah e Šalmuná empre-

nderam a fuga, mas Guideon os perseguiu, capturou os dois reis de Midian, Zébah e Šalmuná, e semeou o pânico em todo o exército^f.

¹³Guideon, filho de Ioash, voltou do combate pela subida de Heres^h. “Ele aprisionou um jovem de Sukot, ao qual interrogou e que lhe indicou por escritoⁱ os chefes de Sukot e seus anciãos: setenta e sete homens^j. “Ele então procurou os habitantes de Sukot e lhes disse: “Eis aqui Zébah e Šalmuná, a propósito dos quais vós me desafiastes, dizendo: ‘Tens já em teu poder^k Zébah e Šalmuná, para que demos pão a teus homens cansados?’”^l “Ele prendeu os anciãos da cidade, tomou espinhos do deserto e cardos e fez os homens de Sukot conhecê-los^m. “Demoliu também a torre de Penuel e massacrar os homens da cidade.

¹⁴Depois disse a Zébah e a Šalmuná: “Como eram os homens que matastes no Taborⁿ?” Eles responderam: “Eles eram como tu. Cada um deles tinha a aparência de um filho de rei”^o. “Ele lhes disse: “Eram meus irmãos, filhos de minha mãe”^p. “Certo como vive o SENHOR, se vós os tivésseis deixado viver, eu não vos

w. Cidade situada no vale do Jordão ao norte da desembocadura do Iaboq. Sukot pertencia à tribo de Gad, cf. Js 13,27.

x. Zébah e Šalmuná, que significam respectivamente *Vítima* e *Sombra acuada*, são talvez deformações irônicas dos nomes dos “reis” midianitas, ou antes nomes fictícios que lhes tenham sido dados pelos narradores em vista de sua sorte posterior (v. 21).

y. Lit.: *A palma de Zébah e de Šalmuná já está em tua mão?* Não dando nenhum chance de sucesso a Guideon, os notáveis de Sukot são cuidadosos em não provocar represálias da parte dos midianitas dando viveres à tropa manassita. Isso mostra que o episódio de 8.4-21 pressupõe que os midianitas ainda não estavam vencidos.

z. Outra tradução possível: *eu vos pisotearei sob (ou como) os espinhos do deserto e os cardos*.

a. Cidade situada no curso do Iaboc, identificada em geral com *Tulul ed-Dahab*, mais ou menos 8km além de Sukot. Penuel (*rosto de Deus*) é mencionada também em Gn 32,31-32; 1Rs 12,25.

b. Lugar desconhecido.

c. A segunda parte do v. estabelece um liame com o relato de 7,1-8,3. Essas especificações, que aliás contêm números exagerados, são provavelmente redacionais.

d. Lit.: *daqueles que habitam sob as tendas*.

e. Nôbah aparece em Nm 32,42 como o nome de um clã e de um distrito manassita na Transjordânia. Iogbohá, que é mencionada em Nm 32,35, como uma cidade gadita, foi identificada com *Adjbehait*, 13km a oeste de Amã na estrada de es-Salt.

f. Alguns lêem com o grego: *ele destruiu todo o exército*.

g. Localização desconhecida.

h. Fato bastante surpreendente: o rapaz sabe escrever, o que supõe que, tendo-se tornado alfabetica, a escrita não era mais reservada exclusivamente aos escribas.

i. Número superlativo que não deve ser tomado ao pé da letra. Cf. Gn 4,24; Mt 18,22. Para o número *setenta*, cf. também Jz 8,30; 9,2; Gn 46,27; 2Rs 10,1.

j. Cf. 8,6 nota.

k. Texto incerto. As versões lêem: *com os quais ele pisoteou os homens de Sukot*. Cf. também v. 7 nota. O suplício dos habitantes de Sukot e de Penuel é particularmente cruel — comparado ao de Zébah e de Šalmuná no v. 21 — porque a recusa de assistência por parte dos israelitas pesa mais gravemente do que os atos de guerra cometidos por um inimigo (cf. Jz 21,8-11). Todavia, não se exclui que o narrador bíblico julgue a vingança de Guideon excessiva.

l. Guideon alude a uma batalha no monte Tabor. Essa batalha, da qual o AT não conservou nenhuma lembrança, está aparentemente sem relação com o enfrentamento do cap. 7.

m. A resposta dos reis de Midian não é necessariamente adulação. É antes de tudo uma bravata. Os irmãos de Guideon foram mortos porque foram considerados chefes. As leis da guerra foram aplicadas.

n. Em um regime de poligamia, os filhos da mesma mãe são unidos por um laço ainda mais estreito do que os meio-irmãos. Cf. Gn 43,29; Dt 13,7; Ct 8,1.

mataria". ²⁰A seguir, ele disse a Iéter, seu filho mais moço: "Levanta-te e mata-os!". Mas o jovem não tirou sua espada, porque tinha medo, pois ainda era muito moço. ²¹Zébañ e Şalmuná disseram então: "Levanta-te tu mesmo e fere-nos, pois tal o homem tal sua bravura!". Então Guideon se levantou e matou Zébañ e Şalmuná, depois tomou as meias-luas que estavam no pescoço de seus camelos.

Fim da carreira de Guideon. ²²Os homens de Israel disseram a Guideon: "Sê tu mesmo nosso soberano, e depois o teu filho, e a seguir o filho de teu filho, porque nos salvaste da mão de Midian". ²³Guideon lhes disse: "Não serei eu vosso soberano, nem meu filho. O SENHOR seja vosso soberano!"

²⁴Disse-lhes ainda Guideon: "Desejaria fazer-vos um pedido: Dai-me, cada um, um anel de vossos despojos!" Com efeito, os vencidos tinham anéis de ouro, pois eram ismaelitas. ²⁵Eles responderam: "Sim, os daremos a ti!" Eles estenderam um manto e nele lançaram, cada qual, um anel de seus despojos. ²⁶O peso dos anéis de ouro que ele havia pedido se elevou a mil e setecentos siclos de ouro,

sem contar as meias-luas, os brincos e as vestes de púrpura que os reis de Midian portavam, e sem contar os colares que estavam no pescoço de seus camelos. ²⁷Com eles Guideon fez um efod, que instalou na sua cidade, em Ofrá. Todo Israel ia lá para se prostituir diante do efod, que se tornou uma armadilha para Guideon e para a sua casa.

²⁸Assim Midian foi humilhado diante dos filhos de Israel e não mais levantou a cabeça. A terra esteve em repouso por quarenta anos, durante a vida de Guideon.

²⁹Ierubáal, filho de Ioash, foi-se e permaneceu em sua casa. ³⁰Guideon teve setenta filho, saídos de seu sangue, porque ele tinha muitas mulheres. ³¹Também sua concubina que se encontrava em Siquém deu-lhe um filho, ao qual ele deu o nome de Abimélek. ³²Guideon, filho de Ioash, morreu após uma velhice feliz e foi sepultado no túmulo de Ioash, em Ofrá de Abiêzer.

³³Mas após a morte de Guideon, os filhos de Israel começaram a se prostituir aos Baalim, adotando Báal-Berit como deus. ³⁴Os filhos de Israel não se lembravam mais do SENHOR, seu Deus, que os libertara da mão de todos os seus inimigos.

o. O pai deve ensinar a seu filho o dever sagrado da vingança do sangue. Mas talvez se trate também de humilhar os reis vencidos, fazendo-os tombar sob os golpes de um adolescente (cf. Jz 9.54). Na época antiga, a vingança do sangue é considerada como uma obrigação à qual ninguém pode se subtrair. Cf. Gn 4.14-15.23-24; Nm 35.19-29; Js 20.1-3; 2Sm 3.27.30; 14.7; 21.1-9.

p. Citando um provérbio popular, os dois reis opõem Guideon a seu jovem filho, manifestando destaque que preferem ser mortos por aquele que eles consideram igual a um rei (v. 18).

q. Sem que a palavra "rei" seja pronunciada, é na verdade a realeza hereditária que os israelitas oferecem a Guideon.

r. O mesmo argumento contra a realeza é invocado também em 1Sm 8.7; 12.12. As três passagens poderiam, pois, exprimir a teologia do redator deuteronomista. Mas pode-se perguntar se a resposta de Guideon não é mais uma aceitação do que uma recusa da oferta que lhe é feita. Tudo parece indicar que Guideon-Ierubáal tenha realmente exercido uma realeza, mesmo que tenha sido apenas sobre um Israel embrionário (compreendendo provavelmente Manassés, Efraim, Aser e Zabulon). Cf. 8.24-27; 9.1-2.

s. *Ismaelitas* é aparentemente tomado aqui no sentido genérico de nômades ou de caravaneiros. Cf. Gn 37.25-28; 39.1.

t. Como Aarão em Ex 32.2-3 (cf. também Gn 35.2-4). Guideon pede aos israelitas que lhe deem jóias, para que ele possa fazer delas um objeto de culto. Era o gesto de Guideon considerado

pela tradição primitiva como a oferenda legítima de uma parte dos despojos ao Senhor (cf. Nm 31.28-30.50; 2Sm 8.11-12) ou como um ato de idolatria censurável (cf. Ex 32). O redator deuteronomista, em todo caso, opta pela segunda possibilidade (v. 27b). O fim da carreira de Guideon é assim posto sob uma luz um tanto ambígua.

u. O *efod* pode designar aqui tanto um receptáculo para as sortes sagradas, que serviam para a adivinhação, como uma espécie de estátua divina. Cf. Jz 17.5; 18.14-20; 1Sm 2.28; 14.3; 21.9-10; 23.6.9; 30.7; Os 3.4 etc. Sobre o efod, cf. Ex 28.6 nota. v. Conclusão estereotipada do redator deuteronomista. Cf. 3.11.30; 5.31.

w. Os vv. 29-31, que falam de Ierubáal e de seus filhos, preparam o relato do cap. 9.

x. Lit. *saídos de sua coxa*, cf. Gn 46.26; Ex 1.5.

y. Tipo de casamento segundo o qual a esposa ou a concubina permanece na casa de seu pai. Seu marido pode fazer-lhe visitas. Cf. também o casamento de Sansão, Jz 14.

z. Conclusão clássica de uma "vida de juiz". Cf. 10.2.5; 12.7.10.12.15; 16.31.

a. Reencontramos nos vv. 33-35 a bem-conhecida teologia do redator deuteronomista. Cf. 2.19; 3.12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1.

b. *Baal-Berit* (cf. 9.4) ou *El-Berit* (9.46), o deus da aliança ou dos juramentos. Trata-se provavelmente do deus El ou Báal com um qualificativo siquemita.

gos que os circundavam; ³⁵e não deram prova de nenhuma lealdade para com a casa de Ierubáal-Guideon por todo o bem que fizera a Israel.

9 A realza de Abimélek.¹ Abimélek,

filho de Ierubáal, foi a Siquém ao encontro dos irmãos de sua mãe, para lhes falar, bem como a todo o clã da casa paterna de sua mãe, e lhes disse: ²“Falai pois assim a todos os proprietários de Siquém^d: que é melhor para vós, ser dominados por setenta homens, todos filhos de Ierubáal, ou ser dominados por um só homem? Lembrai-vos de que eu sou de vossos ossos e de vossa carne”. ³Os irmãos de sua mãe repetiram todas as palavras de Abimélek a todos os proprietários de Siquém, e seu coração optou por Abimélek, porque diziam a si mesmos: “É nosso irmão”. ⁴Eles lhe deram pois setenta siclos de prata do templo de Báal-Berit^f, com os quais Abimélek contratou vagabundos e aventureiros que marchavam atrás dele. ⁵A seguir, entrou na casa de seu pai em Ofrá e matou seus irmãos, os filhos de Ierubáal, setenta homens de uma só vez^g. Só restou Iotâm, o filho mais novo de Ierubáal, que se escondera. ⁶Todos os proprietários de Siquém e toda Bet-Milô^h se reuniram e foram proclamar rei a Abimélek perto do terebintoⁱ e da estela que está em Siquém.

⁷Isto foi anunciado a Iotâm. Ele se pôs no cimo do monte Garizim, elevou a voz e clamou, e depois lhes disse: “Ouvi-

-me, proprietários de Siquém, e que Deus vos ouça. ⁸As árvores se tinham posto a caminho para ungir aquele que seria o seu rei^j. Disseram à oliveira: ‘Reina sobre nós’. ⁹A oliveira lhes disse: ‘Renunciarei a meu óleo, que deuses e homens em mim apreciam, para ir agitar-me acima das árvores?’ ¹⁰As árvores disseram à figueira: ‘Vem tu reinar sobre nós’. ¹¹A figueira lhes disse: ‘Renunciarei a minha doçura e a meu bom fruto para ir agitar-me sobre as árvores?’ ¹²Então as árvores disseram à vinha: ‘Vem tu reinar sobre nós’. ¹³A vinha lhes disse: ‘Renunciarei a meu vinho, que alegra os deuses e os homens, para agitar-me sobre as árvores?’ ¹⁴Então as árvores disseram ao espinheiro: ‘Vem tu reinar sobre nós’. ¹⁵Mas o espinheiro disse às árvores: ‘Se é com lealdade que me dais a unção para que eu seja vosso rei, então vinde abrigar-vos sob a minha sombra. Mas se não for assim, um fogo sairá do espinheiro e devorará os cedros do Líbano’. ¹⁶Agora, pois, se agistes com lealdade e integridade proclamando Abimélek rei, se agistes corretamente com relação a Ierubáal e à sua casa, se agistes para com ele segundo o mérito de suas ações^k” — enquanto meu pai combateu por vós, arriscou a vida, vos libertou das mãos de Midian, ¹⁷vós, hoje, vos levantastes contra a casa de meu pai; vós matastes seus filhos, setenta homens ao mesmo tempo, e proclamastes rei a Abimélek, o filho de sua escrava, sobre os proprietários de Siquém, porque ele é vosso

2Rs 14,9;
Ez 17

Lv 2;
Sl 104,15;
Is 10,1;
16,13

Sl 104,15;
Sr 31,27-
28; Ec 1 9,7

2Rs 10,
1-17;
11,1-3

e. Abimélek conseguirá impor-se como rei de Siquém, mas essa realza será um fracasso. O relato vai manifestar uma violenta hostilidade para com a instituição da realza e reflete, sem dúvida, a influência dos círculos proféticos do futuro reino de Israel.

d. São proprietários de terra que gozam de certo bem-estar e formam um grupo importante. Eles desempenham um papel na proclamação do rei e têm uma influência política inegável.

e. Esta expressão traduz um parentesco estreito, cf. Gn 29,14 nota.

f. Esta indicação permite supor que existia um tesouro do Templo, cf. Js 6,19,24.

g. O hebr. pode ser traduzido: *sobre uma mesma pedra*, mas é uma expressão idiomática que será retomada em 9,18, cf. Zc 3,9.

h. A expressão significa: *Casa do Aterro* e deve designar a

acrópole da cidade, que recebe, nos vv. 46-49, o nome de *Migdal-Siquém*. Torre de Siquém. Essas designações certamente aludem a um bairro fortificado e a seus habitantes.

i. Como em hebr. o nome dessas árvores é quase idêntico, o terebinto deve ser identificado com o carvalho perto do qual Josué ergueu uma estela por ocasião da aliança de Siquém (Js 24,26).

j. A fábula retomada por Iotâm no seu discurso é um dos mais velhos exemplos da literatura sapiencial israelita, que tomará um grande impulso a partir da época de Salomão. Há, aí, uma expressão violentamente crítica a respeito da instituição da realza, que era considerada inútil.

k. A continuação dessa frase irônica encontra-se no v. 19. Os vv. 17-18 constituem um inciso que restabelece a verdade dos fatos.

irmão —, ¹⁹se, pois, agistes neste dia com lealdade e integridade para com Ierubáal e sua casa, encontraí vossa alegria em Abimélek e que ele encontre sua alegria em vós! ²⁰Se assim não for, um fogo sairá de Abimélek e devorará os proprietários de Siquém e de Bet-Milô; e um fogo sairá dos proprietários de Siquém e de Bet-Milô e ele devorará Abimélek”.

²¹Iotâm desapareceu, tomando o caminho da fuga e foi para Beer¹; e habitou longe da presença de Abimélek, seu irmão. ²²Abimélek governou Israel durante três anos. ²³e depois Deus interpôs um espírito mau entre Abimélek e os proprietários de Siquém, e os proprietários de Siquém tornaram-se iníciis a Abimélek. ²⁴Com efeito, era necessário que o crime cometido contra os setenta filhos de Ierubáal fosse imputado e que o sangue deles caísse sobre Abimélek, seu irmão, que os matara, e sobre os proprietários de Siquém, que o impeliram a matar seus irmãos. ²⁵Os proprietários de Siquém fizeram emboscadas contra ele no cimo das montanhas e pilhavam todos os que passavam pelo caminho^m; e Abimélek foi informado disso.

²⁶Ora, Gáal, filho de Ébed, passava em direção a Siquém com seus irmãos, e os proprietários de Siquém confiaram nele. ²⁷Eles saíram para os campos para vindimar suas vinhas; eles pisaram a uva, depois organizaram alegres festas. Foram ao templo de seu deus, comeram e beberam, depois amaldiçoaram Abimélek. ²⁸Gáal, filho de Ébed, disse: “Quem é esse Abimélek com relação a Siquém para que nós lhe sejamos submissos? O

filho de Ierubáal e Zebul, seu lugar-tenente, não eram eles submissosⁿ aos homens de Hamor, pai de Siquém? Por que deveríamos nos submeter a ele?” ²⁹Ah! se ao menos me confiassem esse povo, como eu descartaria Abimélek!” E dizia a Abimélek: “Aumenta teu exército e vem para o combate”.

³⁰Zebul, governador da cidade, soube das palavras de Gáal, filho de Ébed, e ardeu em cólera^p. ³¹E enviou secretamente mensageiros a Abimélek para dizer-lhe: “Gáal, filho de Ébed, chegou a Siquém com seus irmãos, e eis que subvertem a cidade contra ti. ³²Agora, pois, levanta-te à noite, tu e a tropa que está contigo, e embosca-te no campo. ³³De manhã, ao romper do sol, partirás e lançarás um ataque contra a cidade. Quando Gáal e todo o povo que está com ele sair ao teu encontro, tu o tratarás segundo as circunstâncias”.

³⁴Abimélek, com toda a tropa que estava com ele, se levantou, à noite, e eles emboscaram-se perto de Siquém, em quatro grupos. ³⁵Gáal, filho de Ébed, saiu e se pôs à entrada da cidade. Então saíram da emboscada Abimélek e a tropa que estava com ele. ³⁶À vista da tropa, Gáal disse a Zebul: “Vê, uma tropa está descendo do cimo das montanhas”. Mas Zebul lhe disse: “É a sombra das montanhas que tomas por homens”. ³⁷Gáal, retomando a palavra, disse: “Vê, há gente descendo do lado do Umbigo da Terra^q e um outro bando está vindo pelo caminho do Carvalho dos Adivinhos^r”. ³⁸Zebul lhe disse: “Onde está tua língua”, tu que dizias: “Quem é esse Abimélek para que lhe sejamos submissos?” Acaso não é essa

ISm 16.14;
IRs 22.23;
Is 19.14;
29.10

1. Esta localidade, cujo nome é conservado no árabe el-Bireh, encontra-se no território de Issacar, a sudeste do monte Tabor.

m. Essas emboscadas têm por finalidade privar Abimélek dos direitos que ele cobrava das mercadorias que transitavam por Siquém.

n. Gáal lembra que os israelitas outrora haviam concluído uma aliança com Hamor, o príncipe hitita de Siquém (Gn 34); consequentemente, eles devem se considerar os vassallos dos proprietários de Siquém.

o. Tendo bebido muito (v. 27), Gáal afirma propósitos plenos

de ressentimento para com Abimélek, que controla a vida de Siquém, lançando-lhe um verdadeiro desafio.

p. Abimélek não habita em Siquém e Zebul, seu representante na cidade, faz jogo duplo. Sem se opor frontalmente a Gáal, informa secretamente Abimélek a respeito do que se passa.

q. Designação de uma colina sobre as encostas de uma das montanhas que rodeiam Siquém. Esse nome se encontra também em Ez 38.12.

r. Árvore que pode ser identificada com o Carvalho de Moré (Gn 12.6; Dt 11.30).

s. Lit. onde está tua boca?

tropa que desprezas? Sai, pois, agora e dá-lhe combate". ³⁹Gáal saiu à frente dos proprietários de Siquém e combateu contra Abimélek. ⁴⁰Mas Abimélek perseguiu Gáal, que fugiu dele. Numerosas vítimas caíram até a entrada da porta. ⁴¹Depois Abimélek residiu em Arumá^t e Zebul expulsou Gáal e seus irmãos para que não residissem em Siquém.

⁴²Ora, no dia seguinte, a população saiu para o campo e isso foi anunciado a Abimélek. ⁴³Este tomou sua tropa e a dividiu em três grupos; a seguir ele se pôs em emboscada no campo. Quando viu sair da cidade a população, caiu sobre ela e a arrasou. ⁴⁴Abimélek e o grupo que estava com ele avançaram e tomaram posição à entrada da porta da cidade, enquanto os outros dois grupos se lançaram sobre todos os que estavam no campo e os derrotaram. ⁴⁵Abimélek combateu durante todo o dia contra a cidade, a seguir se apoderou dela e massacróu toda a população que ali se encontrava; ele demoliu a cidade e semeou sal sobre ela^u. ⁴⁶Quando todos os proprietários de Migdal-Siquém^v souberam da notícia, foram para a caverna do templo de El-Berit. ⁴⁷Foi comunicado a Abimélek que todos os proprietários de Migdal-Siquém estavam reunidos. ⁴⁸Então Abimélek subiu o monte Şalmon, ele e toda a tropa que estava com ele; tomando um machado na mão, cortou um galho de árvore, que levantou e pôs aos ombros, e disse à tropa que estava com ele: "O que me vistes fazer, apressai-vos em fazer como eu". ⁴⁹Todos os homens da tropa cortaram cada um um galho e seguiram a

^{9,20} Abimélek. Depois amontoaram os galhos

contra a caverna e atearam fogo à caverna sobre os que aí se encontravam. Desse modo, morreram igualmente todos os habitantes de Migdal-Siquém, cerca de mil homens e mulheres.

Morte de Abimélek. ⁵⁰Depois Abimélek pôs-se a caminho de Tebes^z; ele a sitiou e tomou. ⁵¹Havia, no meio da cidade, uma torre fortificada, onde se haviam refugiado todos os homens e todas as mulheres, bem como os proprietários da cidade. Após ter fechado a porta atrás de si, subiram para o terraço da torre. ⁵²Abimélek se aproximou da torre, atacou-a e se aproximou da porta da torre para lhe atear fogo. ⁵³Então uma mulher lançou uma mó^x sobre a cabeça de Abimélek e esmagou-lhe o crânio. ⁵⁴Abimélek chamou imediatamente seu escudeiro^y e disse-lhe: "Tira tua espada e mata-me, para que não digam a meu respeito: 'Foi uma mulher quem o matou'". Então seu escudeiro o transpassou e ele morreu. ⁵⁵Quando os homens de Israel viram que Abimélek estava morto, foram cada um para sua casa.

⁵⁶Deus fez recair sobre Abimélek o mal que tinha feito a seu pai matando seus setenta irmãos. ⁵⁷Deus fez recair sobre a cabeça dos homens de Siquém toda sua maldade. Foi assim que se cumpriu sobre eles a maldição de Iotâm, filho de Ierubáal.

VI. TOLÁ

10 ¹Após Abimélek foi Tolá, filho de Puá^z, filho de Dodô, da tribo de Issacar, que se levantou para salvar Israel; ele habitou em Shamir^a, na monta-

t. Localizada perto de Siquém no Khirbet el-Ormah.

u. Porque o sal é o símbolo da esterilidade, esse ato vota a terra de Siquém à maldição. Essa conclusão a respeito do destino da cidade antecipa o relato seguinte, no qual os habitantes da acrópole são vistos deixando a cidade para se refugiar em um lugar sagrado.

v. A respeito de Migdal-Siquém, cf. v. 6a nota. A gruta do templo de Baal-Berit não pode se encontrar na cidade, cuja destruição acaba de ser narrada, mas deve se situar na encosta do monte Ebal, que traz um nome próprio, Şalmon (v. 48). Porque esse era um lugar sagrado, os habitantes esperavam beneficiar-

-se do direito de asilo ligado ao santuário. A astúcia de Abimélek lhe permite atingir seus objetivos sem violar esse direito.

w. Hoje Tubas, alguns quilômetros a nordeste de Siquém.

x. Como o hebr. o indica, trata-se da mó móvel de um pequeno moinho doméstico.

y. Lit.: o moço que trazia suas armas.

z. Tolá e Puá são nomes de clãs da tribo de Issacar, cf. Gn 46,13; Nm 26,23; 1Cr 7,1.

a. Shamir não foi localizada. A montanha de Efraim é aqui uma designação geográfica, cf. Js 20,7. A tribo de Efraim toma seu nome da região onde ela se implantou.

nha de Efraim. ²Ele julgou Israel durante vinte e três anos; morreu e foi sepultado em Shamir.

VII. IAIR

^{1Cr 2, 21-23} ³Depois dele foi Iair^b, o guileadita, que se levantou; ele julgou Israel durante vinte e dois anos. ⁴Ele tinha trinta filhos, ^{12.14} que montavam trinta jumentos e que possuíam trinta cidades^c, chamadas até hoje Acampamentos de Iair^d, na região de Guilead^e. ⁵Iair morreu e foi sepultado em Qamon.

VIII. JEFTÉ

^{2.11; 3.7.12; 4.1; 6.1} ^{2.13} **Ataque dos amonitas contra Israel.** ⁶Os filhos de Israel começaram a fazer o que é mau aos olhos do SENHOR. Serviram aos Baalim e às Astartes, aos deuses de Arâm, aos deuses de Sídon, aos deuses de Moab, aos deuses dos filhos de Amon e aos deuses dos filisteus. Eles abandonaram o SENHOR e não o serviram mais. ⁷A cólera do SENHOR inflamou-se contra Israel, e ele os entregou aos filisteus^f e aos filhos de Amon. ⁸Estes despedaçaram os filhos de Israel naquele ano e, durante dezoito anos^g, todos os filhos de Israel que estavam além do Jordão, na terra dos emoritas, em Guilead. ⁹Os filhos de Amon atravessaram o Jordão para guerrear igualmente Judá, Benjamin e a casa de Efraim, e a desolação de Israel foi extrema. ¹⁰Então os filhos de Israel clamaram ao SENHOR dizendo: "Pecamos

contra ti, porque abandonamos nosso Deus para servir aos Baalim". ¹¹O SENHOR disse aos filhos de Israel: "Quando os egípcios, os emoritas, os filhos de Amon, os filisteus, ¹²os sidônios, Amaleq e Meon^h vos oprimiram e clamastes a mim, acaso não vos salvei de suas mãos? ¹³Mas vós me abandonastes e servistes a outros deuses. Por isso, não vou tornar a salvar-vos. ¹⁴Id! Clamai aos deuses que escolhesteis. Que venham eles em vosso socorro no tempo de vossa desolação!" ¹⁵Os filhos de Israel disseram ao SENHOR: "Pecamos. Trata-nos em tudo como parecer bom a teus olhos; mas livra-nos, hoje!" ¹⁶Eles erradicaram os deuses estrangeiros de seu meio e serviram ao SENHOR, que não pôde suportarⁱ o sofrimento de Israel.

¹⁷Os filhos de Amon foram convocados e acamparam em Guilead. Os filhos de Israel se reuniram e acamparam em Mispa. ¹⁸O povo, os chefes de Guilead^j, disseram uns aos outros: "Qual o homem que empreenderá o combate contra os filhos de Amon? Esse será o chefe^k de todos os habitantes de Guilead".

11 ¹Jefté, o guileadita, um valente ^{Hb 11.32} guerreiro, era filho de uma prostituta, e Guilead^l o gerara. ²A esposa de Guilead gerou-lhe também filhos, e quando os filhos desta mulher cresceram, expulsaram Jefté dizendo-lhe: ^{Gn 21.10} "Não receberás patrimônio na casa de nosso pai, pois és filho de outra mulher". ³Jefté fugiu para longe de seus irmãos e permaneceu na terra de Tob^m. Aventureiros

b. Iair é o nome de um clã de Manassés instalado na região de Guilead, cf. Nm 32.41; Dt 3.14; 1Rs 4.13.

c. O texto hebr. leu a palavra *jumentinhos*, mas as versões trazem a palavra *cidades*, que é preferível.

d. Os acampamentos (ou *aduares*) representam aglomerações de tendas instaladas por seminômades. Sobre os *acampamentos de Iair*, cf. Js 13.30 e os textos citados na nota do v. 3. Em número de trinta, os acampamentos de Iair constituíam a metade da confederação de Argob, cuja população era sem dúvida de origem estrangeira (Dt 3.14).

e. A atual Qamm, a meio caminho entre o lago de Kinéret e Ramot-de-Guilead.

f. Indicação anacrônica, pois os filisteus não são mais mencionados na sequência da narração.

g. Texto obscuro. Uma dessas indicações cronológicas pode ser secundária ou deslocada.

h. O texto hebr. leu *Maon*, um nome de cidade. Com uma vocalização diferente, pode-se ler o nome de um povo (cf. 2Cr 26.7) que vivia no sul, entre os edomitas e os filisteus. Os mss. gr. têm quer Canaã, quer Midian.

i. Lit.: e sua alma se tornou curta diante do sofrimento de Israel.

j. Esse esclarecimento não corresponde ao que será dito a seguir, cf. 11.11. Pode ser uma glosa.

k. O termo tem valor militar, cf. 11.8.9.11. Ver também 1Sm 15.17 e 2Sm 23.13.18.

l. *Guilead* é normalmente o nome de uma região, mas em Jz 5.17 designa uma tribo. Jefté é aqui considerado como gerado pelo ancestral de todos os que habitam a região de Guilead.

m. Hoje et-Tayibeh, no extremo norte de Guilead, cf. 2Sm 10.6.8.

se associaram a Jefté e participavam de suas incursõesⁿ.

⁴Ora, ao final de certo tempo, os filhos de Amon^o fizeram guerra a Israel. ⁵Como os filhos de Amon fizessem guerra a Israel, os anciãos de Guilead foram procurar Jefté na terra de Tob. ⁶Eles lhe disseram: "Vem, sê nosso comandante^p, e poderemos combater os filhos de Amon". ⁷Jefté disse aos anciãos de Guilead: "Não fostes vós que me odiastes e me expulsastes da casa de meu pai? Por que me procurais, agora que estais em dificuldades?" ⁸Os anciãos de Guilead disseram a Jefté: "Se agora voltamos a ti, é para que venhas conosco, para que combatas os filhos de Amon e para que sejas o nosso chefe, o chefe de todos os habitantes de Guilead". ⁹Jefté disse aos anciãos de Guilead: "Se vós me fazeis voltar para combater os filhos de Amon e para que o SENHOR os entregue a mim, então serei o vosso chefe". ¹⁰Os anciãos de Guilead disseram a Jefté: "O SENHOR será testemunha^q entre nós, se não agirmos como tu dissesse". ¹¹Jefté partiu com os anciãos de Guilead, e o povo o pôs à sua testa como chefe e comandante. Jefté repetiu todas as suas palavras diante do SENHOR em Mispa^r.

Conversações com os amonitas. ¹²Jefté enviou mensageiros ao rei dos filhos de Amon para lhe^s dizer: "Que há entre ti e mim para que venhas a mim, para guerrear a minha terra?" ¹³O rei dos filhos de Amon respondeu aos mensageiros de Jefté: "É porque Israel, quando subia do Egito, se apossou de minha terra desde o

Arnon até o laboq e até o Jordão. Agora devolve-ma pacificamente".

¹⁴Jefté tornou a enviar mensageiros ao rei dos filhos de Amon ¹⁵e disse-lhe: "Assim fala Jefté: Israel não tomou a terra de Moab, nem a terra dos filhos de Amon. ¹⁶Com efeito, quando subia do Egito, Israel caminhou pelo deserto até o mar dos Juncos e chegou a Qadesh¹. ¹⁷Israel enviou mensageiros ao rei de Edom dizendo: 'Permite-me atravessar teu território. Mas o rei de Edom não lhe deu ouvidos. Ele também os enviou ao rei de Moab, que não consentiu, e Israel permaneceu em Qadesh. ¹⁸Depois ele marchou pelo deserto, contornou a terra de Edom e a terra de Moab e, vindo do oriente, aproximou-se da terra de Moab. Eles acamparam além do Arnon e não entraram no território de Moab, pois o Arnon é a fronteira de Moab. ¹⁹Israel enviou mensageiros a Siḥon, rei dos emoritas, rei de Heshbon, e Israel lhe disse: 'Permite-me que eu atravesse tua terra até meu destino'. ²⁰Mas Siḥon não deu crédito a Israel e negou a travessia de seu território; reuniu todo o seu povo^s, que acampou em láhas e combateu Israel. ²¹O SENHOR, Deus de Israel, entregou Siḥon e todo o seu povo a Israel, que os venceu. Israel tomou posse de toda a terra dos emoritas que habitavam aquela região. ²²Eles se aposaram de todo o território dos emoritas, desde o Arnon até o laboq, desde o deserto até o Jordão. ²³E agora que o SENHOR, Deus de Israel, desapossou os emoritas diante do seu povo Israel, tu queres desapossá-lo? ²⁴Não possuis o que

Dr 2,26-37

Dr 2,17-23

n. Lit.: *sairam*. Tomado em sentido absoluto, esse verbo pertence ao vocabulário técnico da guerra. Não se trata aqui de um exército regular.

o. Os amonitas se encontram a leste do território ocupado pelas tribos de Israel instaladas na Transjordânia e têm como capital Rabá, atual Aman. Eles fazem parte dos inimigos suscitados por Deus contra Israel (Jz 6-7).

p. Termo técnico para designar um chefe militar, cf. Js 10,24. q. Lit.: *ouvindo*. Deus ouve as palavras do pacto e intervirá se uma das partes não for fiel ao compromisso assumido.

r. O acordo concluído entre Jefté e os anciãos de Guilead é solenemente celebrado no santuário. Deus é aquele que vela pela fidelidade dos contratantes. Com efeito, *Mispa* significa *espreita*,

cf. Gn 31,49, e esse nome comum é por vezes especificado como Mispa-de-Guilead (11,29).

s. Expressão semítica que traduz uma divergência entre duas pessoas, até mesmo certa hostilidade, cf. 2Sm 16,10; 19,23; 1Rs 17,18; 2Cr 35,21. É a primeira vez no AT que se menciona um rei dos amonitas, mas pode ser que Jefté se dirija a esse rei como se se tratasse do rei de Moab, o que é sugerido pelo contexto, cf. v. 24 nota.

t. A instalação em Qadesh e a recusa do rei de Edom são narradas mais longamente em Nm 20,1.14-21.

u. Lit.: *até meu lugar*. Toda esta passagem é diretamente retomada de Nm 21,21-26.

v. Cf. Nm 21,23.

Kemosh*, teu deus, te fez possuir? E tudo o que o SENHOR, nosso Deus, nos entregou em posse, não o possuíramos nós? ²⁵E agora, vales mais do que Balaq*, filho de Şipor, rei de Moab? Acaso procurou ele litígio com Israel, a ponto de fazer-lhe a guerra? ²⁶Quando Israel se estabeleceu em Heshbon e em suas dependências em Aroer[†] e em suas dependências em todas as cidades que estão às margens do Arnon, há trezentos anos[‡], por que não as retomaste naquele tempo? ²⁷Quanto a mim, não pequei contra ti; tu és que agiste mal para comigo fazendo-me guerra. Que o SENHOR, o Juiz, julgue hoje entre os filhos de Israel e os filhos de Amon". ²⁸Mas o rei dos amonitas não prestou ouvido às palavras que Jefté ordenara lhe fossem transmitidas.

3.10 A promessa de Jefté. ²⁹O espírito do SENHOR estava sobre Jefté. Jefté passou por Guilead e Manassés, depois por Mişpê-de-Guilead, e de Mişpê-de-Guilead ele atravessou as fronteiras dos filhos de Amon. ³⁰Jefté fez um voto* ao SENHOR e disse: "Se verdadeiramente me entregas os filhos de Amon, ³¹quem quer que saia das portas de minha casa ao meu encontro, quando eu voltar são e salvo do meio dos filhos de Amon, esse pertencerá ao SENHOR e eu o oferecerei em holocausto". ³²Jefté atravessou a fronteira dos filhos de Amon para fazer-lhes a guerra, e o SENHOR os entregou a ele. ³³Ele os bateu desde Aroer até as proximidades de^b Minit, isto é, vinte cidades, e até Abel-

-Keramim. Foi uma grande derrota; assim os filhos de Amon foram rebaixados diante dos filhos de Israel.

³⁴Quando Jefté voltou para casa em Mişpá, eis que sua filha saiu ao seu encontro, dançando e tocando tamborim^c. Era sua filha única; ele não tinha além dela nem filho, nem filha. ³⁵Assim que a viu, ele rasgou suas vestes^d e disse: "Ah! minha filha, tu me afundas no desespero; tu és daqueles que me trazem desgraça; quanto a mim, falei demais^f diante do SENHOR e não posso voltar atrás". ³⁶Mas ela lhe disse: "Meu pai, tu falaste demais diante do SENHOR; trata-me segundo a palavra que saiu de tua boca, pois o SENHOR obteve vingança de teus inimigos, os filhos de Amon". ³⁷Depois ela disse a seu pai: "Que isto me seja concedido; deixa-me só durante dois meses para que eu erre pelas montanhas e chore a minha virgindade.^g eu e minhas companheiras". ³⁸Ele lhe disse: "Vai"; e ele a deixou partir durante dois meses; ela se foi com suas companheiras e chorou sua virgindade nas montanhas. ³⁹Ao cabo de dois meses, voltou para junto de seu pai e ele cumpriu sobre ela o voto que pronunciara. Ela não tinha conhecido homem. Tornou-se um costume em Israel que, ⁴⁰de ano em ano, as filhas de Israel vão celebrar^h a filha de Jefté, o guileadita, quatro dias por ano.

Nm 30,3;
Ec 5,3-52

Cr 35,25

12 Alteração com os efraimitas. ¹Os homens de Efraimⁱ foram convocados e passaram rumo a Şafon^j. Disseram

1Sm 14,
24-45

2Rs 3,27;
Gn 22,1-19;
Mq 6,7

w. *Kemosh* é, na realidade, o deus de Moab, cf. Nm 21,29. A existência de deuses das nações é admitida, assim como o seu poder.

x. Sobre *Balaq*, cf. Nm 22,2-21.

y. Cf. Js 13,25-26.

z. Indicação cronológica introduzida secundariamente no relato, e inaproveitável.

a. Pelo seu voto, Jefté faz a Deus a promessa de sacrificar alguém se ele obtiver a vitória sobre os amonitas. Uma vez pronunciado, o voto deve ser mantido, e Jefté não pensa furtar-se a ele, malgrado as circunstâncias. O narrador, no entanto, não se pronuncia sobre a moralidade desse voto quando os sacrifícios humanos eram proibidos em Israel. O rigor do voto, que aqui parece inviolável, se atenuará com o tempo, cf. Lv 27,1-25.

b. Lit.: *até tua chegada* u ("até se chegar a").

c. Mesma expressão em Ex 15,20. Essas manifestações de alegria eram habituais após uma vitória, cf. 1Sm 18,6.

d. Em sinal de lamentação, cf. Js 7,6 nota.

e. Lit.: *tu me fazes cair de joelhos*.

f. Lit.: *eu abri a boca grandemente*, cf. v. 36 e Jó 35,16.

g. Naquela época, era desonra para uma mulher não se casar e sobretudo, não dar à luz filhos. O dom de uma posteridade era considerado bênção de Deus.

h. Mesmo verbo em 5,11, mas as versões leram o verbo *lamentar-se*.

i. A vitória de Jefté desperta a suscetibilidade dos efraimitas, tribo poderosa que quer preservar a supremacia sobre as outras tribos, cf. 8,1-3.

j. Cidade da tribo de Gad, segundo Js 13,27 situada a norte de Sukot, perto da desembocadura do Jaboç.

a Jefe: "Por que atravessaste a fronteira dos filhos de Amon para lhes fazer guerra sem nos ter convocado a marchar contigo? Vamos queimar tua casa por cima de ti". Jefe respondeu: "Eu estava num grande conflito, eu e meu povo, com os filhos de Amon. Quando apelei para vós, não me salvastes de sua mão. Quando vi que não viríeis como meu salvador, arrisquei minha vida e atravessei a fronteira dos filhos de Amon; o SENHOR os entregou a mim. Por que subistes hoje a minha casa para me provocar à guerra?"⁴ A seguir Jefe reuniu todos os homens de Guilead e combateu Efraim; os homens de Guilead bateram os efraimitas, porque eles tinham dito: "Vós sois fugitivos de Efraim, gente de Guilead, no meio de Efraim, no meio de Manassés".⁵ Guilead tomou os vãos do Jordão, que davam para Efraim. Ora, quando um fugitivo de Efraim dizia: "Deixa-me passar", os homens de Guilead lhes diziam: "És efraimita?". Se ele respondesse: "Não", então eles lhe diziam: "Pois bem! fala Shibólet". Ele dizia: "Sibólet", porque não conseguia pronunciar como convém. Então era preso e degolado junto aos vãos do Jordão. Tombaram naquele tempo quarenta e dois mil homens de Efraim.

Jefe julgou Israel durante seis anos; depois Jefe, o guileadita, morreu e foi sepultado em sua cidade, Mişpê-de-Guilead.

3,28; 7,24

k. Lit.: *pus minha alma na minha mão*.

l. Frase enigmática. Os efraimitas parecem reprovar à tribo de Jefe o fato de ela ter adquirido autonomia, quando outrora pertencia à casa de José, em particular à tribo de Manassés (cf. Nm 26,29).

m. A diferença de pronúncia de um mesmo vocábulo, que significa *espiga*, revela as diferenças dialetais existentes entre as tribos.

n. O hebr. têm: *nax cidades de Guilead*, o que é impossível manter; a tradução proposta se apoia sobre uma parte da versão grega, que permite restabelecer o nome da cidade.

o. Bet-Lehem de Zabulon (cf. Js 19,15), a noroeste de Nazaré.

p. Essa política de exogamia devia permitir aumentar a influência do juiz. Aliás, as informações a respeito dos juizes menores insistem frequentemente sobre o grande número de filhos (10,4; 12,14).

q. Elon é, ao mesmo tempo, nome de uma cidade e de um clã de Zabulon (Gn 46,14; Nm 26,26).

IX. IIBŞAN

"Depois dele, foi Iibşan de Bet-Lehem" que julgou Israel. Ele tinha trinta filhos e trinta filhas. Estas ele as casou com gente de fora e fez vir de fora trinta moças para seus filhos. Ele julgou Israel durante sete anos. Iibşan morreu e foi sepultado em Bet-Lehem.

X. ELON

"Depois dele, foi Elon de Zabulon que julgou Israel. Ele julgou Israel durante dez anos. Elon de Zabulon morreu e foi sepultado em Elon na terra de Zabulon.

XI. ABDON

"Depois dele, foi Abdon, filho de Hilel, de Pircaton, que julgou Israel. Ele tinha quarenta filhos e trinta netos que cavalgavam setenta jumentos. Ele julgou Israel durante oito anos. Abdon, filho de Hilel, de Pircaton, morreu e foi sepultado em Pircaton na terra de Efraim, na montanha de Amaleq.

XII. SANSÃO

13 Anúncio do nascimento de Sansão. Os filhos de Israel começaram a fazer o que é mau aos olhos do SENHOR, e o SENHOR os entregou aos filisteus durante quarenta anos.

Havia um homem de Şoreá, do clã dos danitas, que se chamava Manôah. Sua

2,17;
3,7,12;
4,1; 6,1;
10,6

r. Este nome foi lido como *Selem* pela versão gr.

s. Hoje Farata, a 12km a sudoeste de Naplusa (cf. *IMc* 9,50).

t. Cf. 10,4. O jumentinho deve ser uma montaria de chefe, segundo 5,10.

u. A versão gr. leu: *na região de Shualim*, cf. 1Sm 9,4, mas é sem dúvida uma correção; uma montanha de Amaleq pode ter existido em Efraim (3,13 nota; 5,14).

v. Os capítulos 13-16 do livro dos Juizes narram a gesta de Sansão, na qual a força desse homem contrasta com sua fragilidade diante das mulheres. Todas essas narrações são belas histórias populares, às quais não faltam nem a ironia nem a sátira para com o inimigo filisteu. O aspecto religioso é igualmente bem marcado, porque a força de Sansão vem de Deus e seu próprio nascimento é um verdadeiro dom de Deus.

w. Localidade atribuída à tribo de Dan, segundo Js 19,41, mas que após a migração dos danitas para o norte (Jz 17-18) passará a fazer parte do domínio da tribo de Judá (Js 15,33).

Gn 11,30; 18,11; 1Sm 1,2; Lc 1,7
mulher era estéril, ela não tinha filhos. ³⁰O anjo do SENHOR apareceu a esta mulher e lhe disse: "Sei que és estéril, que não tens filhos, mas tu conceberás e darás à luz um filho." ³¹Doravante, abstém-te de beber vinho ou bebida alcoólica, não comas nada de impuro, ³²porque vais conceber e dar à luz um filho. A navalha não passará sobre sua cabeça^a, porque esse menino será consagrado a Deus^b desde o seio materno e é ele que começará a salvar Israel da mão dos filisteus". ³³Depois disso, a mulher voltou para casa e disse a seu marido: "Um homem de Deus veio a mim; seu aspecto era semelhante ao do anjo de Deus, de tão temível que era. Eu não lhe perguntei de onde era e ele não me revelou seu nome. ³⁴Ele me disse: 'Eis que conceberás e darás à luz um filho. Doravante, não bebas vinho, nem bebida alcoólica; nada comas de impuro, porque o menino será consagrado a Deus desde o seio materno até o dia de sua morte'".

³⁵Então Manôah implorou ao SENHOR e disse: "Imploro, Senhor, que o homem de Deus que nos enviaste venha mais uma vez até nós e nos explique o que devemos fazer ao menino quando ele nascer". ³⁶Deus ouviu a prece de Manôah, e o anjo de Deus veio outra vez ao encontro da mulher; ela estava sentada no campo, e Manôah, seu marido, não estava com ela. ³⁷Imediatamente a mulher correu para anunciar a seu marido e lhe disse: "Eis o homem que, outro dia, veio até mim e me apareceu". ³⁸Manôah, erguendo-se,

seguiu a mulher, foi ao encontro do homem e disse: "És tu o homem que falou a esta mulher?" E ele respondeu: "Sim, sou eu". ³⁹Manôah lhe disse: "Agora, já que tua palavra vai se realizar, qual será a norma para o menino? Qual será a conduta que se deve ter para com ele?" ⁴⁰O anjo do SENHOR disse a Manôah: "Tudo o que eu mencionei a esta mulher, que ela se abstenha disso^c; ⁴¹ela não deve comer nada do que provém do fruto da vinha; não beberá nem vinho nem bebida alcoólica; não comerá nada de impuro e deve observar o que lhe prescrevi". ⁴²Manôah disse ao anjo do SENHOR: "Permite que te retenhamos e te preparemos um cabrito". ⁴³O anjo do SENHOR disse a Manôah: "Mesmo que me retivesse, eu não comeria de teu pão, mas se quiseres fazer um holocausto, oferece-o ao SENHOR". Manôah não sabia que era o anjo do SENHOR^d. ⁴⁴Manôah disse ao anjo do SENHOR: "Qual é o teu nome, para que possamos honrar-te quando tuas palavras se realizarem?" ⁴⁵O anjo do SENHOR lhe disse: "Por que indagas o meu nome? Ele é misterioso". ⁴⁶Manôah tomou um cabrito e a oferenda^e e ofereceu sobre o rochedo^f ao SENHOR, àquele cuja ação é misteriosa^g. Manôah e sua mulher olhavam^h. ⁴⁷Ora, enquanto a chama subia do altar para o céu, o anjo do SENHOR subiu na chama do altar. Vendo isso, Manôah e sua mulher se proster-naram com a face por terra. ⁴⁸O anjo do SENHOR não apareceu mais a Manôah e a

Ex 3,13-15;
Ap 19,13

Lv 9,24

x. Esta prescrição se aplica ao nazir, isto é, àquele que é especialmente consagrado a Deus, cf. Nm 6,1-8 sobre o nazirado. Aqui a proibição feita ao nazir de beber bebidas fermentadas é reportada à mãe, sem dúvida para marcar que o menino é consagrado desde o seio materno.

y. Lit.: *nazir de Deus*. Essa consagração de Sansão vinculava-se a uma missão, a de fazer recuar os filisteus, mas os relatos vão mostrar que se trata mais de golpes realizados por um homem forte e astucioso do que de uma verdadeira libertação do jugo filisteu em favor de uma tribo. Propriamente Sansão não é nem juiz, nem libertador.

z. Retomada das ordens já dadas à mulher (v. 4), mas com uma maior insistência em relação a tudo aquilo que provém da vinha, cf. Nm 6,4.

a. A refeição que Manôah quer oferecer lembra a de Guideon (6,19-22); aqui como lá é transformada em sacrifício.

b. Esse inciso, muitas vezes considerado estar fora de lugar, deve permitir ao leitor compreender o estranho diálogo. Manôah ignora a identidade de seu visitante, mas procura descobri-la.

c. O anjo se recusa a dizer seu nome. Não há resposta para a pergunta (cf. Gn 32,30). Esse nome é misterioso, qualificativo que relembra o título de "maravilhoso conselheiro" dado ao messias (Is 9,5).

d. O termo designa uma oferenda vegetal, sem dúvida feita de farinha, cf. 6,19-21.

e. Este rochedo, que devia ser bem conhecido, serve de altar, como na história de Guideon (6,20).

f. Essa expressão, que está em relação com o v. 18, poderia ser o nome do altar, da mesma maneira que o altar de Guideon se chamava o *Senhor é paz* (6,24).

g. Esta especificação deve ser uma adição, pois a mesma expressão se encontra no v. 20b.

sua mulher. Então Manôah soube que era o anjo do SENHOR. ²²Manôah disse a sua mulher: "Certamente vamos morrer, porque vimos a Deus!". ²³Mas sua mulher lhe disse: "Se o SENHOR desejasse nos fazer morrer, ele não teria aceito de nossas mãos nem holocausto nem oferenda; ele não nos teria feito ver tudo isso e não nos teria, ao mesmo tempo, comunicado tais instruções". ²⁴A mulher deu à luz um filho e chamou-o Sansão. O menino cresceu e o SENHOR o abençoou. ²⁵Foi em Mahanê-Dan, entre Şoreá e Eshtaol, que o espírito do SENHOR começou a impelir Sansão.

Hb 11,32

1R 12,12;
Js 19,41

14 Casamento de Sansão. ¹Sansão desceu a Timná^a e reparou numa mulher dentre as filhas dos filisteus. ²Ele subiu para anunciar a seu pai e à sua mãe^c e lhes disse: "Em Timná, reparei numa mulher dentre as filhas dos filisteus. Agora, ide tomá-la para ser minha esposa". ³Seu pai e sua mãe lhe disseram: "Não há mulheres entre as filhas de teus irmãos e no meu povo" para que vós tomar mulher dentre os filisteus, esses incircuncisos?" Mas Sansão disse a seu pai: "Toma-a para mim, porque é ela que me agrada". ⁴Seu pai e sua mãe não sabiam que isso provinha do SENHOR, que procurava uma ocasião para se confrontar com os filisteus; naquele tempo os filisteus dominavam Israel.

⁵Sansão desceu pois para Timná, com seu pai e sua mãe. Quando chegavam

aos vinhedos de Timná, eis que um leão novo veio, rugindo, ao seu encontro. ⁶O espírito do SENHOR^b penetrou nele, e Sansão, sem ter nada em mãos, dilacerou o leão em duas partes, como se parte um cabrito, mas ele nada disse a seu pai e a sua mãe do que fizera. ⁷A seguir desceu a Timná, falou àquela mulher e ela lhe agradeceu.

1Sm 17,
34-37;
2Sm 23,20

⁸Dias depois, ele voltou para desposá-la, mas fez um desvio para ver o cadáver do leão, e eis que havia na carcaça do leão um enxame de abelhas e mel. ⁹Ele recolheu do mel na palma da mão e, enquanto caminhava, comeu do mel. Quando chegou à casa de seu pai e de sua mãe, deu-lhes mel, eles comeram, mas não lhes contou que havia colhido o mel na carcaça do leão.

Um enigma proposto aos filisteus. ¹⁰Depois seu pai^d desceu ao encontro da mulher, e Sansão promoveu lá um festim, pois é assim que fazem os jovens. ¹¹Ora, desde que o viram, designaram trinta companheiros^e para ficar com ele. ¹²Sansão lhes disse: "Proponho-vos um enigma. Se me revelardes o seu sentido no decorrer dos sete dias do festim, se vós o encontrardes, então vos darei trinta túnicas e trinta jogos de roupa. ¹³Mas se não puderdes me revelar, vós é que me dareis trinta túnicas e trinta jogos de roupa". Eles então lhe disseram: "Propõe teu enigma; estamos atentos". ¹⁴Sansão lhes disse:

1R 10,1-2;
Ex 17,2

h. Ver a Deus, é, segundo o sentimento religioso da época, expor-se à morte. cf. 6.22-23.

i. Sansão (hebr. *Shimshon*) é um nome próprio derivado de um termo hebr. que significa *sol*. A cidade de Bet-Shémesh, *casa do sol*, não está longe de Şoreá, e pode-se pensar que o nome de *Shimshon* fosse comum na região.

j. Nome que significa *acampamento de Dan* e que pode ser reportado à época em que Dan não tinha um lugar fixo (cf. 18,1).

k. Hoje Khirbet Tibná, perto de Bet-Shémesh. Cidade danita (Js 19,43), próxima do território de Judá (Js 15,10). Timná devia estar nas mãos dos filisteus na época de Sansão.

l. A menção ao pai e à mãe de Sansão nos vv. 2,3a,4 é surpreendente e pode ter sido acrescentada sob influência do cap. 13. No v. 3b, Sansão se dirige apenas ao pai, cf. nota seguinte.

m. As versões leram: *teu povo*, mas o texto hebr. pode ser mantido se for o pai de Sansão quem fala.

n. Epíteto que caracteriza os filisteus no AT (15,18; 1Sm 14,6;

17,26-36; 31,4; 2Sm 1,20; 1Cr 10,4); a circuncisão era praticada não apenas entre tribos de Israel, mas também entre os povos vizinhos, exceto entre os filisteus.

o. Adição tardia devida ao contexto antecedente, mas em contradição com o v. 6.

p. O espírito de Deus (cf. 13,25; 14,19; 15,14) investe Sansão e se encontra no princípio de sua força extraordinária. No fim de sua vida, Sansão reconhece que Deus está na origem dessa força (16,28).

q. Malgrado o hebraico, o sujeito do verbo deveria ser Sansão, o que seria mais apropriado, mas essa menção ao pai responde ao v. 3b.

r. Sansão contrata um tipo de casamento no qual a mulher continua habitando a casa de seu pai; o esposo não parecia pagar o dote, mas quando vem ver sua mulher, ele lhe traz presentes (15,1). Da mesma forma, o festim é celebrado na casa da mulher e os companheiros que devem acompanhar os esposos são todos filisteus.

"Do que come saiu o que é comido e do que é forte saiu o que é doce".

Ao final de três dias, os jovens não tinham podido desvelar o sentido do enigma. ¹⁵Ora, no sétimo dia, disseram à mulher de Sansão: "Seduz teu marido para que ele nos revele o sentido do enigma; senão, nós te queimaremos, a ti e à casa de teu pai. É para nos espoliar que nos convidaste?" ¹⁶A mulher de Sansão o perseguiu com seus lamentos. Ela lhe dizia: "Tu me odeias; tu não me amas. Não me revelaste o sentido do enigma que propuseste aos filhos do meu povo". Ele lhe disse: "Eu não o revelei nem mesmo a meu pai e a minha mãe, e a ti eu o revelaria?" ¹⁷Ela o perseguiu com seus lamentos durante os sete dias de duração do festim. No sétimo dia, ele lhe revelou o sentido, porque o havia atormentado; e ela revelou o sentido do enigma aos filhos de seu povo. ¹⁸Ao sétimo dia, antes do pôr-do-sol, os habitantes da cidade disseram a Sansão:

"Que é mais doce do que o mel, que é mais forte que o leão?"

Ele lhes respondeu:

"Se não tivésseis arado com minha jumenta",
não teríeis decifrado meu enigma".

¹⁹Então o espírito do SENHOR penetrou nele. Sansão desceu a Ashqelon, matou trinta de seus habitantes, tomou seus despojos e entregou-os àqueles que tinham revelado o sentido do enigma. Fervendo de cólera, ele subiu para a casa de seu pai. ²⁰Quanto à mulher de Sansão, foi dada ao companheiro que lhe tinha servido como acompanhante de honra.

15 Vingança de Sansão. ¹Ora, algum tempo mais tarde, na época da colheita do trigo, Sansão fez uma visita à sua mulher, levando-lhe um cabrito e declarou: "Quero ficar junto de minha mulher, no quarto de dormir". O pai de sua mulher, porém, não permitiu que ele entrasse ²e disse a Sansão: "Na verdade, eu disse a mim mesmo que devias ter muito ódio por ela e a dei a teu acompanhante de honra". Mas sua irmã mais nova não valeria mais que ela? Toma-a, pois, no lugar da outra!" ³Sansão lhe disse: "Destaque, estou quite com os filisteus; eu vou fazer-lhes mal!"

⁴Sansão saiu, prendeu trezentas raposas, tomou tochas e, dispondo as raposas cauda contra cauda, colocou uma tocha no meio entre as duas caudas. ⁵A seguir, ateou fogo às tochas e, largando as raposas nos trigais dos filisteus, incendiou tanto as pilhas de feixes como o trigo em pé, e até mesmo vinhedos e oliveais. ⁶Os filisteus disseram: "Quem fez isso?" Responderam-lhes: "Foi Sansão, o genro do timnita, porque este tomou a mulher dele e a deu a seu acompanhante de honra". Os filisteus subiram e queimaram a mulher e seu pai". ⁷Sansão lhes disse: "Já que agiste assim, eu não terei sossego enquanto não me vingar de vós". ⁸Ele os arrasou, inflingindo-lhes grande derrota. A seguir, desceu para morar numa fenda do rochedo de Etâm".

Sansão e a queixada de jumento. ⁹Os filisteus subiram para acampar em Judá e avançaram contra Lēhī. ¹⁰Os homens de Judá lhes disseram: "Porque subistes

s. Esta indicação do texto hebr. desfaz a progressão do relato, cf. v. 17; certas versões leram: *no quarto dia*.

t. Mediante leve correção e em função de 15,1, o texto hebr. pode ser lido: *antes que ele entre no quarto de dormir*.

u. Por meio desta metáfora, Sansão faz notar que sem sua mulher os convivas não teriam podido resolver o enigma. Nas cartas de el-Amarna, encontra-se várias vezes esse aforismo: "Meu campo assemelha-se a uma mulher sem marido, porque não é arado".

v. O sogro de Sansão se refere ao que se passou durante o casamento (14,16), mas Sansão ignora que sua mulher foi dada

a um outro. Este é um dos companheiros que cercavam os esposos, aquele que estava mais especialmente encarregado de zelar pelo bom desenrolar da festa; nessa condição ele é o acompanhante de honra (14,20; 15,6). cf. Jo 3,29.

w. A ameaça proferida em 14,15 encontra aqui sua realização, mas de maneira inesperada. No fim do v. as versões leram: *e a casa de seu pai*, sem dúvida sob a influência de 14,15.

x. Lit.: *derrotou-os coxa sobre quadril*.

y. Lugar escarpado, que se encontra no território de Judá (v. 9).

z. Localidade próxima do território filisteu (cf. 2Sm 23,11), cujo nome significa *queixo*, o que prepara a sequência do relato.

contra nós?" Os filisteus responderam: "Subimos para prender Sansão, para tratá-lo como ele nos tratou". ¹¹Três mil homens de Judá desceram para a fenda do rochedo de Etâm e disseram a Sansão: "Não sabes que os filisteus têm o domínio sobre nós? Que nos fizeste?" Ele lhes disse: "Como me trataram, eu os tratei". ¹²Eles lhe disseram: "Descemos para te prender, para entregar-te aos filisteus". Sansão lhes disse: "Jurai-me que vós mesmos não me abateis". ¹³Eles lhe disseram: "Não, queremos apenas te prender e te entregar nas mãos deles; não queremos te matar". Eles o amarraram com duas cordas novas e o fizeram subir do rochedo. ¹⁴Quando chegou perto de Lēhi, os filisteus vieram a seu encontro lançando grandes gritos, mas o espírito do SENHOR penetrou nele; as cordas que atavam seus braços se tornaram como fios de linho consumidos pelo fogo, seus nós se desfizeram ao redor de suas mãos. ¹⁵Depois, tendo encontrado uma queixada de jumento ainda fresca, estendeu a mão, recolheu-a e com ela feriu mil homens. ¹⁶Sansão disse:

"Com uma queixada de jumento eu os almofacei",

com uma queixada de jumento mil
homens eu feri".

¹⁷Ora, assim que ele acabou de falar, jogou para longe de si a queixada; por isso o lugar passou a se chamar Rámat-Lēhi. ¹⁸Como tivesse muita sede, Sansão invocou o SENHOR dizendo: "Foste tu que concedeste por meio de teu servo esta grande vitória. Agora vou morrer de sede e cair na mão dos incircuncisos?" ¹⁹Então Deus abriu a cavidade que está em Lēhi e dela saiu água. Sansão bebeu, recobrou forças e se reanimou. Eis por que se deu o nome de En-Qoré à fonte que até hoje se encontra em Lēhi.

²⁰Sansão julgou Israel na época dos filisteus durante vinte anos. ^{16.31}

16 Nova façanha de Sansão. ¹Sansão foi a Gaza^a. Lá ele viu uma prostituta e foi até ela^b. ²Foi dito ao povo de Gaza: "Sansão esteve aqui". Eles fizeram ronda e vigiaram durante toda a noite à porta da cidade. Durante toda a noite eles permaneceram tranqüilos dizendo a si mesmos: "Esperemos a luz da manhã e então o mataremos". ³Sansão, porém, permaneceu deitado somente até meia-noite e, no meio da noite, levantou-se, agarrou as folhas da porta da cidade assim como as duas ombreiras, arrancou-as, com a tranca^c, colocou-as sobre os ombros e as transportou até o cimo da montanha que está em frente de Hebron^d.

Dalilá e a captura de Sansão. ⁴Ora, depois disso, Sansão amou, do lado dos vales do Soreq^e, uma mulher que se chamava Dalilá. ⁵Os tiranos dos filisteus subiram para encontrá-la e lhe disseram: "Seduze-o e vê por que sua força é tão grande e como poderemos dominá-lo e prendê-lo para subjugá-lo; e nós te daremos, cada um, mil e cem siclos de prata". ⁶Dalilá disse a Sansão: "Revela-me, por que tua força é tão grande e como deverias ser amarrado para que fiques subjugado". ⁷Sansão lhe disse: "Se eu fosse amarrado com sete cordas de arco novas, ainda não secadas, eu me tornaria fraco e seria semelhante a qualquer homem". ⁸Os tiranos dos filisteus fizeram trazer a ela sete cordas de arco novas que não tinham sido secadas, e Dalilá o amarrou com as cordas. ⁹A emboscada estava a postos no seu quarto, e ela gritou para ele: "Sansão, os filisteus sobre ti". Ele rompeu as cordas de arco como se rompe o cordão de estopa que pega

14.15-17

a. Lit.: *um montão, dois montões*, o que não faz muito sentido. A tradução se apóia no gr.

b. Lugar que significa: *Alto da queixada*.

c. Por alusão ao v. 18, esse nome significa: *fonte daquele que invoca*.

d. Uma das cinco grandes cidades filistéias, cf. 13.3.

e. A expressão pode ter um sentido sexual, cf. Js 2,3 nota.

f. Trava de madeira com a qual se fechava a porta da cidade à noite.

g. Hebron está 70km a leste de Gaza, o que é uma distância considerável.

h. Pequeno vale a oeste de Soreá.

fogo. Mas não se descobriu o segredo de sua força.

¹⁰Então, Dalilá disse a Sansão: "Fizeste troça de mim e me disseste mentiras. Agora, revela-me, pois, como deverias ser amarrado". ¹¹Ele lhe disse: "Se me prendessem fortemente com cordas novas com as quais não houver sido feito nenhum trabalho, eu me tornaria fraco e seria semelhante a qualquer homem".

¹²Dalilá tomou cordas novas, com as quais o amarrôu, e a seguir gritou para ele: "Sansão, os filisteus sobre ti". A emboscada estava a postos no quarto, mas ele rompeu as cordas que tinha nos braços como se fosse fio. ¹³Dalilá disse a Sansão: "Até agora brincaste comigo e disseste mentiras. Revela-me, pois, como deverias ser amarrado". Sansão lhe disse: "Se trançasses sete tranças de minha cabeleira^l na urdidura de um tear e se as prensasses com um pente de tecelão^j, então eu me tornaria fraco e seria semelhante a qualquer homem". ¹⁴Ela o fez dormir, teceu sete tranças de sua cabeleira com a urdidura, prensou-as com o pente, e depois gritou: "Sansão, os filisteus sobre ti". Ele despertou do sono e arrancou o pente^k, o tear e a urdidura^l.

¹⁵Dalilá lhe disse: "Como podes dizer: 'Eu te amo', quando teu coração não está comigo? Três vezes brincaste comigo e não me revelaste por que tua força é tão grande". ¹⁶Ora, como todos os dias ela o pressionasse com suas palavras e o importunasse, Sansão, impacientado até a morte, ¹⁷abriu o coração e lhe disse: "A navalha jamais passou sobre minha cabeça^m, porque eu sou consagrado a Deus

desde o seio de minha mãe. Se meu cabelo fosse cortado, então minha força se afastaria para longe de mim, eu me tornaria fraco e seria semelhante a todos os homens". ¹⁸Dalilá viu que ele tinha aberto o coração e mandou chamar os tiranos dos filisteus dizendo-lhes: "Subi, agora, pois ele me abriu o seu coração". Os tiranos dos filisteus subiram ao encontro dela, trazendo o dinheiro na mão. ¹⁹Ela fez Sansão adormecer sobre seus joelhos e chamou um homem que cortouⁿ as sete tranças de sua cabeleira; então ele começou a enfraquecer^o e sua força se afastou para longe dele. ²⁰Dalilá lhe disse: "Sansão, os filisteus sobre ti". Ele despertou de seu sono e disse: "Eu me sairei como das outras vezes, eu me livrarei", mas não sabia que o SENHOR se afastara para longe dele. ²¹Os filisteus o agarraram e furaram seus olhos; eles o fizeram descer a Gaza e prenderam-no com uma dupla corrente de bronze. Sansão girava a mó na prisão. ²²Mas, depois de raspados, os cabelos de sua cabeça começaram a crescer de novo.

Última vingança e morte de Sansão.

²³Ora, os tiranos dos filisteus se reuniram para oferecer um grande sacrifício a Dagon^p, seu deus, e para se entregarem a regozijos. Eles diziam: "Nosso deus entregou Sansão, nosso inimigo, em nossas mãos". ²⁴O povo viu Sansão^q e eles louvavam a seu deus dizendo:

"Nosso deus entregou em nossas mãos nosso inimigo,

aquele que devastava nossa terra e multiplicava nossos mortos".

l. Com esta cena, o desfecho se aproxima segundo inteligente progressão, pois a cabeleira de Sansão é o sinal de sua consagração, cf. 13.5.

j. A partir de: e se tu os prensasses, o hebr. oferece um texto mais curto; os vv. 13-14 devem ser completados pelas versões.

k. O hebr. leu a palavra *estaca*, que pode facilmente ser confundida com o termo que designa o pente de tecelão.

l. Gr. acrescenta: não se descobriu o segredo de sua força, cf. v. 9.

m. Sansão evoca sua consagração em termos que relembram as circunstâncias de seu nascimento (13.5).

n. O hebr. traz: *ela cortou*, mas as versões leram no masculino, que é o mais normal.

o. Aqui também o hebr. leu: *ela começou a reduzi-lo à impotência*, dando a entender que Dalilá parece vingar-se de Sansão; mas as versões trazem o masculino, o que parece preferível.

p. Divindade de origem emorita, cujo culto tinha-se expandido em Canaã (cf. Js 15.41; 19.27). Dagon é considerado pelos filisteus como seu deus (cf. 1Sm 5.2-7).

q. Lit.: o povo o viu. Texto obscuro, porque não se sabe qual é o complemento do verbo. Se se trata de Sansão, o v. não está correto, pois ele ainda não chegou (v. 25). Alguns autores pensam que se trata da estátua do deus que era levada em procissão, mas o texto nada diz de semelhante.

²⁵Ora, como o coração deles estivesse alegre, disseram: "Chamai Sansão e que ele nos divirta". Mandaram buscar Sansão na prisão e ele os divertiu. Puseram-no então entre as colunas. ²⁶Sansão disse ao moço que o levava pela mão: "Guia-me e faz com que eu toque as colunas sobre as quais repousa o templo, para que eu me apóie nelas". ²⁷O templo estava repleto de homens e mulheres; estavam lá todos os tiranos dos filisteus e sobre o terraço cerca de três mil homens e mulheres que se haviam divertido com Sansão. ²⁸Sansão invocou o SENHOR e disse: "Rogo-te, Senhor DEUS, lembra-te de mim e torna-me forte, mesmo que seja só por esta vez. ó Deus, para que eu exerça contra os filisteus uma

única vingança por meus dois olhos". ²⁹Depois Sansão apalhou as duas colunas do meio sobre as quais repousava o templo e apoiou-se contra elas, em uma com seu braço direito e em outra com seu braço esquerdo. ³⁰Sansão disse: "Que eu morra com os filisteus!" A seguir, se recurvou com força, e o templo desmoronou sobre os tiranos e sobre todo o povo que ali se encontrava. Os mortos que ele matou com sua morte foram mais numerosos do que os que tinha feito morrer durante sua vida. ³¹Seus irmãos e toda a casa de seu pai desceram e o levaram; subiram e sepultaram-no, entre Şorecá e Eshtaol, no túmulo de Manôah, seu pai. Sansão julgara Israel durante vinte anos¹.

A TRIBO DE DAN⁵

17 O santuário de Miká. ¹Havia um homem da montanha de Efraim que se chamava Mikáiehu'. ²Ele disse à sua mãe: "Os mil e cem siclos de prata que te foram tirados e a propósito dos quais proferiste uma maldição que tu mesma me repetiste", pois bem, esta prata está comigo; fui eu que tomei!" Sua mãe disse: "Sejas bendito do SENHOR, meu filho!" ³Ele devolveu pois os mil e cem

siclos de prata à sua mãe, mas ela lhe disse: "Com efeito, consagrei por mim mesma" esta prata ao SENHOR na intenção de meu filho, para fazer um ídolo e uma imagem de metal². Também vou dá-la a ti agora". ⁴Assim, quando ele devolveu a prata à sua mãe, ela tomou duzentos siclos de prata que entregou ao fundidor. Ele fez da prata um ídolo e uma imagem de metal que foi levada para

r. Retoma uma indicação já dada em 15.20.

s. Os capítulos 17-18 e 19-21 são apêndices ao livro dos Juizes. Com efeito, esses dois relatos não falam de uma opressão estrangeira e não fazem intervir nenhum "salvador" comparável aos "juizes maiores" dos capítulos 3-16. Foram acrescentados ao livro dos Juizes na época pós-exílica por um redator favorável à realza. A finalidade dessa inserção era provavelmente ilustrar a anarquia na qual o povo de Israel vivia antes da instauração da monarquia (cf. ainda 17.6; 18.1; 19.1; 21.25) e fazer a transição entre a epopeia dos Juizes e a história das origens da monarquia relatada nos livros de Samuel.

O primeiro relato (caps. 17-18) narra a história da migração da tribo de Dan de seu território inicial, situado a oeste de Benjamim, para seu novo território ao norte, no vale de Hulê (cf. 18.1 nota). Nessa perspectiva, a narrativa se interessava sobretudo pelas origens do santuário fundado pelos danitas e por seu sacerdócio. Não se sabe se o relato primitivo era favorável ou não a Dan e a seu santuário. Em todo caso, o redator pós-exílico utilizou o relato para fins polêmicos contra a anarquia e a heterodoxia cultural. Mas à medida que esse relato remonta a uma tradição danita, ele poderia ter tido no início um sentido mais positivo.

t. O nome *Mikáiehu*, que desde o v. 5 será abreviado por

Miká, significa *Quem é como o Senhor?* *Miká* é o mesmo nome que o do profeta habitualmente transcrito por Miquéias.

u. Lit.: *até mesmo o dissesse aos meus ouvidos*. Pode-se perguntar se a mãe de Miká proferiu uma maldição contra o ladrão sem suspeitar que o culpado era seu próprio filho.

v. Abençoando seu filho, a mãe pretende anular, ou, pelo menos, neutralizar a maldição que ela proferiu contra o ladrão de seu dinheiro. Cf. 2Sm 21.3; 1Rs 2.44-45.

w. Lit. *por minha mão*.

x. *Ídolo e imagem de metal*. O *ídolo* (esta palavra designa em geral um ídolo esculpido na madeira ou na pedra) e *imagem de metal* (literalmente *imagem fundida*) são aqui justapostas como em Dt 27.15. É possível, todavia, que o texto primitivo tenha mencionado apenas uma só imagem pela qual devesse entender um *ídolo de metal fundido*. O termo *imagem de metal*, que aliás está ausente em 18.20-21 e deslocado em 18.17-18, poderia ser uma informação secundária destinada a mostrar que o ídolo na verdade tinha sido fabricado com os duzentos siclos de prata entregues ao fundidor pela mãe de Mikáiehu. A expressão composta poderia também designar um ídolo de madeira recoberto de lâminas de prata. Os ídolos, que parecem tolerados em nosso relato, são proscritos pela Lei divina (cf. Ex 20.4; Dt 27.15).

a casa de Mikáihu.⁷ "Ora, este homem, Miká, tinha uma estela divina". Ele mandou fazer um efod^b e terafim^c, depois deu a investidura^d a um de seus filhos, que se tornou seu sacerdote. "Naquele tempo não havia rei em Israel; cada um fazia o que era certo a seus olhos."

18.1; 19.1;
21.25

⁷Ora, havia um jovem de Bet-Lehem de Judá, do clã de Judá, que era levita^e e residia lá como migrante. "Esse homem saiu da cidade de Bet-Lehem de Judá para encontrar um lugar onde residir como migrante. Ele chegou à montanha de

Dt 18,6

^{18.2} Efraim e, enquanto viajava, chegou à casa de Miká. ⁹Miká lhe disse: "De onde vens?" "Eu sou um levita de Bet-Lehem de Judá, respondeu-lhe ele, e estou a caminho, procurando um lugar onde residir como migrante". ¹⁰Então Miká lhe disse: "Fica comigo e sê para mim um pai^g e um sacerdote. De minha parte, dar-te-ei dez siclos de prata por ano, as vestes

de que precisas e tua alimentação". O levita foi embora^h. "Depois o levita consentiu em permanecer na casa desse homem, que considerou o jovem como um de seus filhos. ¹²Miká deu a investidura ao levita; o jovem tornou-se seu sacerdote e permaneceu na casa de Miká. ¹³Miká disse: "Agora sei que o SENHOR agirá para meu bem, pois este levita tornou-se meu sacerdote".

18 Os danitas em busca de um territórioⁱ.

¹Naqueles dias, não havia rei em Israel. Ora, naquele tempo, a tribo dos danitas procurava um patrimônio onde morar, porque até aquele dia não lhe havia sido atribuído patrimônio no meio das tribos de Israel. ²Os filhos de Dan enviaram, então, cinco homens de seu clã, guerreiros seus, desde Şoreá e Eshtaol, para explorar a terra e fazer o reconhecimento. Eles lhes disseram: "Ide

17.6

13.2

y. O texto hebraico dos vv. 2-4 parece um tanto confuso; por isso, foi frequentemente corrigido. A tradução respeita a ordem e a forma do texto hebr. Depreende-se do texto que a mãe de Mikáihu decidira consagrar a Deus todo ou parte do dinheiro roubado, caso fosse encontrado.

z. Miká. Cf. v. 1 nota.

a. Lit.: *casa de deuses* (ou *casa de Deus*, em hebr. *bet Elohim*). A expressão, sem dúvida, não designa um santuário privado, como o entenderam a maior parte dos tradutores, mas antes uma estela de pedra (bétilo) que atestava a presença divina. Esse sentido é atestado por *bet Elohim* em Gn 28,17.22 e nas inscrições aramaicas de Sfíré.

b. Sobre o efod, cf. 8.27 nota e Ex 28,6 nota.

c. Os (ou o) *terafim* são ídolos domésticos. Cf. Gn 31,19-35; 1Sm 19,13. Como o efod e a *bet Elohim* (cf. Gn 28,17.22), os terafim podem servir para a adivinhação (cf. 1Sm 15,23; Os 3,4; Ez 21,26; Zc 10,2); inicialmente tolerados (cf. 18,14.20; 1Sm 19,13-16), os terafim acabaram sendo proscritos (cf. 1Sm 15,23; 2Rs 23,24).

d. *Deu a investidura*, literalmente *enchou a mão*; o mesmo no v. 12. Cf. Ex 28,41; 29,9; Lv 8,33. Essa expressão estereotipada alude a um rito de consagração que comportava a entrega ao novo sacerdote de uma porção do animal a ser oferecido em sacrifício. Cf. Ex 29,22-24; 40,12-15; Lv 8,27. A investidura de um membro de sua própria família talvez não seja inabitual nessa época, mas o v. 13 mostra que o próprio Miká experimenta alguma hesitação quanto à validade do sacerdócio de seu filho. O v. 5 enumera os acessórios do culto do Senhor, tal como era praticado nas regiões rurais na época. Sem ser considerado heterodoxo pelo relato primitivo de Jz 17-18, esse culto é manifestamente reprovado pelo redator pós-exílico (cf. v. 6), cf. 1Rs 12,31.

e. *Bet-Lehem de Judá*, a fim de distingui-la de *Bet-Lehem de Zabulon* (Js 19,15; Jz 12,8).

f. O v. 7 está sobrecarregado. O inciso *clã de Judá* é controverso. O jovem é chamado "levita", seja porque é um descendente da tribo de Levi (cf. 18,30), seja porque pertence à casta

dos levitas itinerantes. Em todo caso, ele é um especialista do culto e da adivinhação instalado como "migrante" junto a um clã de Bet-Lehem. Cf. Dt 12,12.18-19. É significativo que também o levita de Jz 19 seja associado a Bet-Lehem.

g. *Pai*, cf. 18,19. O sacerdócio pertence inicialmente ao pai de família (cf. v. 5; 11,31-39; 13,19). A qualificação "pai" torna-se em seguida um título de honra atribuído a dignitários religiosos (2Rs 2,12; 5,13; 6,21; 13,14, cf. "padre") ou mesmo leigos (Gn 45,8; 1Sm 24,12) particularmente respeitados. A outorga desse título não impede que Miká considere o levita como um de seus "filhos" (v. 11).

h. O levita começa por dar seqüência a sua busca e acaba por aceitar a proposição de Miká.

i. Miká pensa ter agora em mãos todos os trunfos para alcançar a bênção do Senhor (cf. 2Sm 6,12). Mas como o ouvinte da narrativa já pressente, a presença desse levita de nada valerá para Miká.

j. A migração de Dan é atestada também por Js 19,40-48. Ela corresponde com toda evidência a um acontecimento histórico. Os danitas não conseguiram firmar-se no seu território, situado a oeste de Benjamin, porque os amoritas os empurraram em direção à montanha (cf. Jz 1,34). A migração deve ter-se realizado muito cedo, porque a presença de Dan no seu novo território é pressuposta não somente por Gn 49,17 e Dt 33,22, mas provavelmente também por Jz 5,17. Não se sabe se a migração foi feita por toda a tribo de Dan ou se atingiu apenas uma parte dessa tribo. De qualquer modo, Dan parece ter sido uma tribo tão pequena que é chamada de "clã" em 18,2.11.29; 13,2. Cf. Gn 46,23. Segundo 18,11.16.17 ela conta com 600 homens armados, o que mostra que as cifras de Nm 1,39; 26,42; 1Cr 12,36 são muito exageradas. Se a maior parte da tribo sem dúvida migrou para o norte, certo número de famílias danitas poderia ter permanecido no seu antigo território. É o que sugere a história do danita Sansão. Ainda que posterior à migração de Dan — já que nela os filisteus substituíam os amoritas como inimigos

reconhecer a terra!¹ Os cinco homens alcançaram a montanha de Efraim e chegaram à casa de Miká, onde passaram a noite.³ Quando estavam perto da casa de Miká, reconheceram a voz¹ do jovem levita e, dirigindo-se para perto dele, lhe disseram: "Quem te fez vir para cá? Que fazes nesse lugar? Que te detém aqui?"⁴ Ele lhes respondeu: "Miká fez por mim tal e tal coisa: ele me contratou, e eu me tornei seu sacerdote".⁵ Eles lhe disseram: "Consulta Deus⁶, para que saibamos se a viagem que empreendemos será bem-sucedida".⁶ O sacerdote lhes disse: "Ide em paz! A viagem que empreendeis está sob o olhar do SENHOR!"

Os cinco homens se foram e chegaram a Láish⁷. Viram que a população que aí se encontrava habitava em segurança, à maneira dos sidônios⁸, tranqüila e confiante. Não havia quem falasse com autoridade na terra, ali ninguém exercia nenhum poder⁹. Os habitantes de Láish estavam longe dos sidônios e não dependiam de ninguém¹⁰.¹¹ Os cinco homens voltaram para junto de seus irmãos em Şoreá e Eshtaol, e seus irmãos lhes disseram: "Que pensais a respeito?"¹² Eles responderam: "Levantemo-nos! Subamos contra eles¹³, pois vimos a terra: ela é excelente. Mas vós, vós ficais sem dizer nada! Que vossa inércia não vos impeça de partir, de entrar nessa terra e tomar pos-

se dela.¹⁴ Quando nela entrardes, estareis em meio a um povo confiante. A região está bem aberta, porque Deus a entregou a vossas mãos. É um lugar onde não falta nenhum dos bens da terra".

Então partiram de lá, do clã dos danitas, de Şoreá e de Eshtaol, seiscentos homens equipados com armas de guerra.¹⁵ Eles subiram para acampar em Qiriat-learim¹⁶, em Judá. É por isso que esse lugar se chama Maḥanê-Dan¹⁷ até o dia de hoje. Ele se encontra a oeste de Qiriat-learim.¹⁸ De lá, eles passaram pela montanha de Efraim e chegaram à casa de Miká.¹⁹ Os cinco homens que tinham ido explorar a terra — quer dizer Láish — tomaram a palavra e disseram a seus irmãos: "Sabeis que há nesta casa um efod, terafim, um ídolo e uma imagem em metal fundido? E agora, deveis saber o que tendes a fazer".²⁰ Eles se dirigiram para esse lado, entraram na casa do jovem levita, a casa de Miká, e lhe perguntaram como estava.²¹ Enquanto os seiscentos danitas, equipados com suas armas de guerra, tomavam posição à entrada da porta.²² Os cinco homens que tinham ido explorar a terra foram por cima, entraram e tomaram o ídolo, o efod, os terafim e a imagem de metal fundido, enquanto o sacerdote se mantinha à entrada da porta, assim como os seiscentos homens equipados com armas de guerra.

dos danitas —, esta história se desenrola na região de Şoreá, de Eshtaol e Maḥanê-Dan (13.2.25; 16.31).

k. As grandes guerras de conquista são frequentemente precedidas pelo envio de exploradores ou espiões. Cf. Nm 13-14; Js 2.

l. Os espiões parecem conhecer o levita. Mas pode ser o seu dialeto que eles reconhecem.

m. A consulta ao oráculo fazia parte das competências dos sacerdotes, e dos levitas em particular, cf. Dt 33.8. Os acessórios necessários estão à sua disposição, cf. 17.5 nota.

n. A cidade de Láish (chamada Leshem em Js 19.47) é conhecida pelos textos extrabíblicos. Láish significa "leão", donde o trocadilho de Dt 33.22. A cidade será rebatizada de Dan ("juiz") pelos danitas (cf. Js 19.47). O nome aparentemente se perpetuou na designação atual do lugar: *Tell el-Qadi* (colina do juiz). Sua localização: perto de uma das fontes do Jordão, 5km a oeste de Bânias (Cesaréia de Filipe).

o. Como os fenícios, os habitantes de Láish se dedicavam ao comércio e passavam por uma população pouco belicosa. Talvez Láish mantivesse relações comerciais e políticas com Sídón, o que explicaria a informação do v. 7b.

p. Frase difícil, que traduz a ausência de uma autoridade capaz de mobilizar um exército. O relato da conquista de Láish é um dos raros relatos de tomada de cidade no AT que não mencionam um rei.

q. O gr. lê: *eles não dependiam de Arâm*, o que correspondia bem ao quadro histórico e geográfico. — *Ninguém*: lit. *nenhum homem*; a confusão entre *homem* (*adâm*) e *Arâm* é bastante frequente.

r. *Que pensais a respeito?* A pergunta pressupõe concluído o relatório dos exploradores. Notar-se-á que o povo tem dificuldades em participar do entusiasmo dos exploradores (v. 9; cf. Nm 14.1-4).

s. O gr. acrescenta *porque fomos, e percorremos a terra até Láish e vimos a população que a habita com toda confiança, à maneira dos sidônios. Eles estão longe de Sídón e não têm nenhuma relação com a Síria (= Arâm)*.

t. *Qiriat-learim*, "cidade das florestas", hoje *Abu-Gosh*, cerca de 15 quilômetros a oeste de Jerusalém. Cf. 1Sm 6.21; 7.1; 2Sm 6.2.

u. *Maḥanê-Dan*, "acampamento de Dan". Cf. 13.25.

1Sm 25.17

¹⁸Como os que entraram na casa de Miká tivessem tomado o ídolo, o efod, os terafim e a imagem de metal fundido, o sacerdote lhes disse: "Que fazeis?" ¹⁹"Calá-te, disseram-lhe eles, põe a mão sobre a boca" e vem conosco! Sejas para nós um pai e um sacerdote. Vale mais que tu
17.10 sejas o sacerdote da casa de só um homem ou de uma tribo e de um clã em Israel?" ²⁰O sacerdote ficou com o coração cheio de alegria, tomou o efod, os terafim assim como o ídolo e entrou no meio da tropa^a.

²¹Retomando seu rumo, eles se foram, tendo posto à frente os não-combatentes^b, o rebanho e as bagagens. ²²Já se tinham afastado da casa de Miká quando os homens que habitavam as casas próximas à de Miká se amotinaram e se puseram a perseguir os filhos de Dan. ²³Lançaram gritos na direção dos filhos de Dan, que, dando meia-volta, disseram a Miká: "Por que amotinas essa gente?" ²⁴Ele respondeu: "Vós tomastes os deuses que eu tinha feito para mim^c, bem como ao sacerdote, e fostes embora. Que me resta? E como podeis me dizer: 'Por quê?'" ²⁵Os filhos de Dan lhe replicaram: "Não te faças mais ouvir! Senão homens exasperados pode-

riam cair sobre vós, e perderias a vida, tu e tua casa". ²⁶Os filhos de Dan seguiram caminho, e Miká, vendo que eles eram mais numerosos que ele, deu meia-volta e voltou para sua casa.

Tomada de Láish. Fundação da cidade de Dan e de seu santuário. ²⁷Eles entretanto, levando consigo o objeto feito por Miká e o sacerdote que estivera a seu serviço, caíram sobre Láish, sobre sua população tranqüila e confiante; passaram-na ao fio da espada e incendiaram a cidade^d. ²⁸Não houve ninguém para vir salvá-la, porque era longe de Sídón e não dependia de ninguém. Com efeito, ela estava na planície que se estende para Bet-Rehob. Eles reconstruíram a cidade e nela se estabeleceram. ²⁹Deram à cidade o nome de Dan, de acordo com o nome de Dan, seu pai, que tinha nascido de Israel; mas à origem o nome dessa cidade era Láish. ³⁰Os filhos de Dan erigiram o ídolo. Iehonatan, filho de Guershom, filho de Moisés^e, e depois seus filhos, foram sacerdotes da tribo dos danitas até a época da deportação da terra^f. ³¹Eles instalaram o ídolo feito por Miká, e ele permaneceu ali durante o tempo que subsistiu a casa de Deus em Shilô^g.

Nm 13.21

Js 19.47

Gn 31.23

v. Os vv. 16-18 contêm repetições e carecem de clareza. Certas versões grs. omitem o v. 17b ou os vv. 17c-18a. Os objetos de culto são tomados pelos cinco emissários ou pela maioria os danitas? Quem se mantém à entrada da porta? Quis-se explicar as incoerências destes vv. pela presença de duas fontes, mas as tentativas de reconstrução permanecem incertas. Segundo a lógica do relato, é provável que os objetos de culto sejam tomados pelos emissários. Eles subiram ao andar superior pela escada externa. Quando tornam a descer, braços carregados, são interceptados pelo sacerdote que permaneceu na soleira da porta com o grosso da tropa.

w. Gesto que exprime o silêncio. Cf. Mq 7.16; Jô 21.5; 29.9; 40.4; Pr 30.32; Sb 8.12.

x. O narrador não procura camuflar a falta de lealdade e o oportunismo do sacerdote.

y. Este termo, que pode ser traduzido por *crianças*, engloba também as mulheres e os idosos, isto é, todos aqueles que não podem lutar. A disposição assumida pelos danitas explica-se, seja pela mobilidade restrita dos não-combatentes, seja principalmente pelo cuidado em abrigá-los de eventuais represálias.

z. O hebr. pode ser lido também: *o deus que eu fiz para mim*.

a. Tudo se passa sem nenhuma iniciativa nem autorização divina.

O estilo enumerativo desse v. não consegue disfarçar o desprezo irônico do narrador pelos danitas: *o objeto feito por Miká (o feliço)*, para designar os ídolos! Não se poderia ser mais severo para com o culto de Dan e seus servidores. Aliás, a destruição de uma cidade isolada e o massacre de uma população pacífica e confiante não podem passar por um feito de armas particularmente heróico!

b. O hebr. lê: *Menashé*, todavia com um *n* suspenso, isto é, grafado acima da linha do texto. Ofendidos pela idéia de que um sacerdote idólatra possa descer de Moisés, copistas introduziram um *n*, a fim de sugerir a leitura *Menashé* (rei ímpio, cf. 2Rs 21) e não *Moshé*. Pela primeira vez ficamos sabendo o nome do jovem levita de 17.7-13; 18.3-6.17-20; *Iehonatan* ("o Senhor deu"). Ele não apenas é levita, mas se vincula à descendência de Moisés. Cf. Ex 2.22; 18.3; 1Cr 23.15.

c. Trata-se provavelmente da deportação sob Tiglat-Piléser III em 734 a.C. Cf. 2Rs 15.29.

d. O santuário de Shilô foi provavelmente destruído pelos filisteus por ocasião da batalha de Ében-Ézer, 1Sm 4.11. Cf. Jr 7.12; 26.6.9. Mas talvez seja preferível ler *Láish*.

A TRIBO DE BENJAMIN^c

19 O crime de Guibeá. ¹Ora, naqueles dias — então não havia rei em Israel^f —, um levita que residia no interior da montanha de Efraim tomou uma concubina de Bet-Lehem de Judá^g. ²Sua concubina irritou-se contra ele^h e o deixou e foi para a casa de seu pai, em Bet-Lehem de Judá, onde permaneceu por certo tempo, quatro meses. ³Seu marido partiu a seu encontro para falar a seu coraçãoⁱ e reconduzi-la. Tinha consigo seu servo e dois jumentos. Sua concubina fê-lo entrar na casa de seu pai. O pai da jovem mulher o viu e, cheio de alegria, veio ao seu encontro. ⁴Seu sogro, o pai da jovem, o reteve, e ele permaneceu na casa dele durante três dias; eles comeram e beberam e ali passaram a noite^j. ⁵Ora, no quarto dia, eles se levantaram de manhã cedo, e o levita se preparava para partir, quando o pai da jovem disse a seu

Gn 18,5

genro: “Restaura-te comendo um pedaço de pão, depois partireis^k!” ⁶Tendo-se sen-

tado, eles comeram e beberam, os dois juntos. O pai da jovem disse ao homem: “Consente em passar a noite e que teu coração se alegre!” ⁷Como o homem se preparasse para partir, seu sogro insistiu com ele, de sorte que ele mudou de opinião e passou a noite no lugar. ⁸No quinto dia, ele se levantou de manhã bem cedo para partir, mas o pai da jovem lhe disse: “Restaura-te, eu te peço, demorai-vos^l até o cair do dia”. E os dois comeram juntos. ⁹O homem se preparava para partir, ele, sua concubina e seu servo, mas seu sogro, o pai da jovem, lhe disse: “Eis que o dia declina, é quase tarde; pernoitai pois! Eis que o dia declina, passa a noite aqui e que teu coração se alegre! Amanhã de manhã, vós vos poreis a caminho e alcançarás tua tenda”. ¹⁰Mas o homem não quis passar a noite. Levantou-se, partiu, e chegou a ver Iebus — isto é, Jerusalém^m —, tendo consigo seus dois jumentos arreados e sua concubina.

Js 22,4

e. Os caps. 19–21, que constituem o segundo “apêndice” ao livro dos Juízes (cap. 17 nota), relatam a guerra contra a tribo de Benjamin, com suas causas e suas consequências. A narrativa se apresenta em três seções: 1. o motivo da guerra: o crime de Guibeá (cap. 19); 2. o desenvolvimento da guerra: a convocação das tribos e as operações militares, isto é, os reveses iniciais, a emboscada e a vitória final dos israelitas (cap. 20); 3. as consequências da guerra: a decisão dos israelitas de reabilitar os sobreviventes benjaminitas e de providenciar mulheres para eles (cap. 21). A narrativa tem uma pré-história literária complicada e sob muitos aspectos obscura. Parece que o relato primitivo, que punha em cena os *homens de Israel*, foi consideravelmente ampliado por um redator, que falava dos *filhos de Israel*. O relato sofreu também vários remanejamentos redacionais importantes, aos quais se deve notadamente a menção ao santuário de Betel em 20,18.23.26–28; 21,2–4. É por isso que esses caps. se apresentam sob uma forma bastante confusa. As numerosas repetições prejudicam a clareza da exposição. Na sua redação definitiva, a narrativa é indubitavelmente muito tardia. Israel é apresentado como uma comunidade religiosa (20,1; 21,10.13.16) ou como uma *assembleia* (20,2; 21,5.8). Ora, esses termos só aparecem na época exílica ou pós-exílica. A unidade de Israel é idealizada, e os números são manifestamente fantasiosos (20,2.10.15.17.21.25.34.35.44.45.46; 21,10; mas para a tradição antiga, veja 20,16.31.39.47). Aliás, notam-se reminiscências de outros relatos do AT (19,15–25 relembra Gn 19,1–11; 20,18 é paralelo de 1,1–2; e 20,29–43 assemelha-se a Js 8,3–25), mas não se vê sempre em sentido se exerce a influência. A despeito de todos esses indícios de elaboração redacional, o relato da guerra contra Guibeá remonta certamente a uma tradição histórica autêntica. O crime de Guibeá parece ser conhecido de Oséias

(Os 9,9; 10,9). Mas os exegetas estão divididos quanto ao alcance que convém dar a esses acontecimentos. A guerra contra Guibeá marcou o declínio da tribo de Benjamin ou está, ao contrário, na origem da emancipação e da independência dessa tribo (cf. Gn 35,16–20)? O papel predominante de Benjamin na época de Saul é em todo caso pouco compatível com a idéia de um enfraquecimento permanente dessa tribo.

f. Clausula redacional do redator pós-exílico. Cf. 17,6.

g. O levita desse relato, como o de 17,7, está associado a Bet-Lehem de Judá. Cf. 17,7 nota.

h. Uma disputa se desencadeou entre o levita e sua mulher. Indo pessoalmente a Bet-Lehem, o levita reconhece uma parte de responsabilidade nessa ruptura e busca a reconciliação com sua mulher.

i. Ou seja, procurar, com amor e ternura, fazer com que ela ouça suas razões ou consolá-la. Cf. sobretudo Os 2,16 nota; Gn 34,3; 50,21; Rt 2,13; Js 40,2.

j. A hospitalidade oriental, tal como descrita nos vv. 3–9, se perpetuou entre os árabes até nossos dias. Essa cena contrasta com a dos vv. 15–26, onde as leis da hospitalidade serão calçadas aos pés.

k. Um anfitrião oriental procura sempre retardar a partida de seus convidados. Isso em geral dá lugar a longas trocas de gentilezas. Cf. Gn 24,54–59; 33,12–17. Mas aqui pode-se perguntar se o sogro não teve algum pressentimento da desgraça que estaria por vir. No entanto, será exatamente o atraso causado à partida que obrigará o levita e sua concubina a passar a noite em Guibeá.

l. Alguns tradutores propõem: *Eles se demoraram*.

m. O trajeto de Bet-Lehem a Jerusalém feito no dorso de jumento leva mais ou menos duas horas. O nome de Iebus (cf. 2Sm 5,6–8; 1Cr 11,4–8) parece ter sido dado pelos israelitas à

¹¹Quando chegaram perto de Iebus, o dia já declinara, e o servo disse ao seu senhor: "Vamos, façamos parada na cidade dos iebusitas que aqui estão, e lá passemos a noite!" ¹²Seu senhor lhe disse: "Não nos demoraremos nesta cidade de estrangeiros, onde não há filhos de Israel. Avançaremos até Guibea". ¹³Vamos, disse ele a seu servo, dirijamo-nos para uma dessas localidades, e passaremos a noite em Guibea ou em Ramá". ¹⁴Avançando mais, se foram, e o sol se punha quando já estavam perto de Guibea em Benjamin". ¹⁵Desviavam pois por esse lado, para passar a noite em Guibea. O levita entrou e sentou-se na praça da cidade, mas ninguém os acolheu em sua casa para passar a noite".

¹⁶E eis que um ancião voltava, à tarde, de seu trabalho nos campos. Era um homem da montanha de Efraim, mas residia em Guibea, ao passo que os homens da localidade eram benjaminitas". ¹⁷Levantando os olhos, ele viu o viajante na praça da cidade: "Para onde vais, disse-lhe o ancião, e de onde vens?" ¹⁸Ele lhe respondeu: "Partimos de Bet-Lehem de Judá, e nos dirigimos para o interior da montanha de Efraim. É de lá que sou. Fui a Bet-Lehem de Judá. Freqüento a casa do SENHOR, mas ninguém me acolhe em sua casa. ¹⁹Não obstante, temos palha e forragem para nossos jumentos;

tenho também pão e vinho para mim, para tua serva e para o rapaz que acompanha teu servo; nada nos falta". ²⁰O ancião respondeu: "Que a paz esteja contigo! Certamente, todas as tuas necessidades estarão a meu encargo, mas não passes a noite na praça!" ²¹Ele os fez entrar em sua casa e deu forragem aos jumentos. Os viajantes lavaram os pés, comeram e beberam.

Gn 18,4

²²Enquanto se reconfortavam, eis que homens da cidade, gente sem valor, cercaram a casa, bateram violentamente na porta e disseram ao ancião, dono da casa: "Faz sair este homem que entrou em tua casa para que nós o conheçamos". ²³O proprietário da casa saiu e lhes disse: "Não, meus irmãos, eu vos peço, não cometais o mal. Agora que este homem entrou em minha casa, não cometais esta infâmia!" ²⁴Eis minha filha, que é virgem, eu a farei sair. Abusai dela e fazei dela o que desejais. Mas, para com este homem não cometais uma infâmia desta espécie!" ²⁵Os homens não quiseram ouvi-lo. Então o levita tomou sua concubina e a levou para fora, para eles. Eles a conheceram e a maltrataram toda a noite até o amanhecer, e ao raiar da aurora a abandonaram.

Gn 19,4s

²⁶Ao amanhecer, a mulher veio cair à entrada da casa do homem junto ao qual estava seu marido, permanecendo por

Gn 19,1-11;
Os 9,9;
10,9

Gn 24,25

Jerusalém canaanita, de acordo com o nome de sua população, os iebusitas (cf. 1,21; Js 15,8; 18,16.28). É certo (cf. v. 12) que a cidade permaneceu canaanita, até o reinado de David (2Sm 5,6-10), mas ela levou o nome de Jerusalém (Urusalim) pelo menos a partir do século XIX a.C.

n. *Guibea* ("colina"), chamada também *Guibea de Benjamin* (1Sm 13,2) ou *Guibea de Saul* (1Sm 11,4), foi identificada com o *Tell el-Ful*, 6km a norte de Jerusalém. Guibea não deve ser confundida com Gueba (*Djeba*, Js 18,24; Jz 20,33; 1Sm 14,5), nem com Guibeon (*el-Djib*), Js 9,17 etc.

o. *Ramá* ("elevação"), hoje *er-Ram*, encontra-se 3km a norte de Guibea na estrada Jerusalém-Betel-Siquem (cf. 21,19).

p. O pôr-do-sol determina a escolha do local de pernoite. É impossível seguir caminho após o cair da noite. Cf. Gn 28,11; *Jc 24,29?].

q. A praça da cidade, onde se desenrolava a vida pública, localizava-se sempre na entrada da porta principal da cidade.

r. Na época em que ainda não existiam albergues, a hospedagem dos viajantes era considerada um dever elementar de todo dono de casa. A partir deste v. começam numerosas semelhanças com o relato da visita dos anjos a Sodoma. Cf. Gn 19,2.

s. Como em Gn 19, não é um nativo que oferece hospitalidade aos visitantes. O hospedeiro é um compatriota do levita (cf. v. 1).

t. O levita enfatiza o contraste entre o fato de ele ter acesso à casa do Senhor e ninguém querer recebê-lo na própria casa.

u. Lit.: *regozijavam seu coração*, mesma expressão dos vv. 6 e 9.

v. Cf. Gn 19,4. *Homens sem valor*, literalmente *homens (dos) filhos de Belial*, Cf. 13,14; 1Sm 1,16; 2,12; 10,27; 1Rs 21,10.

w. A ambigüidade do convite é apenas aparente; como em Gn 19,5, o verbo *conhecer* é usado em sentido sexual.

x. O ancião invoca a lei da hospitalidade. Cf. Gn 19,6-8.

y. O hebr. antecipa acrescentando: *e sua concubina*. Como Lot (cf. Gn 19,8), o ancião está prestes a oferecer o que ele tem de mais precioso para poupar seu hóspede.

z. Do ponto de vista de um leitor moderno, o comportamento do levita é ignóbil. Contudo pode ser que, entregando sua concubina, o levita procure antes de tudo poupar o efraimita e sua filha. Os dois homens consideram a violação das leis da hospitalidade como mais grave do que a violação de uma mulher. O desfecho mortal desse estupro exigirá, porém, a vingança de sangue (cf. 19,29-30; 20,4-7).

terra até o raiar do dia^a. ²⁷Seu marido se levantou de manhã cedo, abriu a porta da casa e saiu para retomar o caminho, e eis que sua concubina jazia à entrada da casa, as mãos sobre a soleira. ²⁸“Levanta-te, disse-lhe ele e partamos!” Nada de resposta^b. Então ele a montou sobre seu jumento, e o homem partiu e chegou ao lugar onde morava. ²⁹Tendo chegado em casa, ele pegou uma faca, e tomando sua concubina, cortou-a, membro por membro, em doze pedaços que enviou^c a todo o território de Israel^d. ³⁰Ora, quem quer que visse isso dizia: “Jamais aconteceu nem se viu coisa semelhante desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito até hoje!” O levita tinha dado esta ordem aos homens que havia enviado: “Assim falarei a todos os homens de Israel: ‘Aconteceu coisa semelhante desde o dia em que os filhos de Israel subiram da terra do Egito até este dia?’ Refleti sobre isto, deliberai e pronunciái-vos!”

20 A guerra punitiva contra Benjamin^f. ¹Todos os filhos de Israel saíram e a comunidade se reuniu^g, como um só homem, desde Dan até Beer-Sheba^h, bem como a terra de Guilead, junto do SENHOR em Mispaⁱ. ²Os chefes^j de todo o povo, todas as tribos de Israel se apresentaram à assembléia do povo de Deus,

quatrocentos mil^k homens de infantaria, ^{20.17} treinados no manejo da espada. ³Os filhos de Benjamin souberam que os filhos de Israel tinham subido a Mispa.

Os filhos de Israel disseram: “Relatai-nos como se deu esse crime”. ⁴O levita, o marido da mulher que tinha sido assassinada, respondeu: “Foi em Guibeá, em Benjamin, onde eu chegara, eu e minha concubina, para lá passarmos a noite. ⁵Os proprietários de Guibeá se levantaram contra mim e, durante a noite, cercaram a casa onde eu estava; queriam me matar, e abusaram de minha concubina a ponto de tirar-lhe a vida^l. ⁶Tomei minha concubina, cortei-a em pedaços e a enviei a todo o território do patrimônio de Israel, porque eles cometeram um impudícia com uma infâmia em Israel^m. ⁷Vós todos, filhos de Israel, trocai idéias e deliberai aqui mesmo!” ⁸Todo o povo se levantou como um só homem dizendo: “Nenhum dentre vós voltará para sua tenda, e ninguém retornará para sua casa. ⁹E agora, eis o que faremos a Guibeá: subiremos contra ela, lançaremos a sorte ¹⁰e tomaremos, em todas as tribos de Israel, dez homens sobre cem, cem sobre mil e mil sobre dez mil para providenciar provisão para o povo, para aqueles que irão tratar Guibeá de Benjamin de acordo com toda a infâmia que ela cometeu em Israel”. ¹¹Todos os homens de

a. Se, na véspera, a noite não terminava de cair (vv. 9.11.14), o narrador dá agora a impressão de um dia que não chega a despontar (vv. 25b.26a.b.27).

b. O gr. acrescenta: *porque ela estava morta*. Os narradores se abstêm em geral de todo comentário sobre o estado de espírito de seus personagens, mas a simples enumeração dos fatos já é evocadora.

c. Lit.: *e ele a enviou*. Cf. 20.6.

d. Um rito análogo — o envio de doze pedaços de uma junta de bois despedaçados — é executado por Saul em 1Sm 11.7, igualmente em Guibeá.

e. A passagem: *O levita tinha dado esta ordem... até este dia*, omitida por erro no texto hebr., foi reconstituída segundo o gr.

f. Cf. 19.1 nota.

g. O redator pós-exílico, cujo estilo é particularmente manifesto nos vv. 1-2, concebe Israel como comunidade religiosa. Esse termo só aparece após o Exílio. Cf. 12.3; 16.1; 34.31; Lv 4.13; 8.3-5; 16.5; 19.2; Nm 1.18; 16.9; 27.17; 31.16; 32.4; Js 9.18; 22.18. Com efeito, a campanha contra Benjamin foi pro-

vavelmente conduzida por um grupo restrito de tribos, se não o tiver sido apenas pela tribo de Efraim.

h. Desde Dan até Beer-Sheba, expressão convencional para designar toda a extensão do território israelita. Cf. 1Sm 3.20; 2Sm 17.11.

i. Junto do Senhor em Mispa, isto é, no santuário do Senhor em Mispa. A Mispa (“a vigia”) de Benjamin (cf. v. 3; 21.1.5; 1Sm 7.5-7; 10.17; 1Mc 3.46), hoje Tell en-Nashé, 13km a norte de Jerusalém, não deve ser confundida com a Mispa de Guilead (10.17; 11.11.34; Gn 31.49).

j. Lit.: *os ângulos*, isto é, *as pedras angulares*. Cf. 1Sm 14.38; Is 19.13.

k. Como nos vv. 15.17.21.25.34.35.45.46, os números são fantasiosos. Os documentos antigos dão números mais modestos. Cf. 5.8; 7.16; 18.11; 20.16.31.39.47; 2Sm 15.18.

l. Cf. 19.22-28. *Es queriam me matar*: detalhe que não é mencionado no relato do cap. 19.

m. *Infâmia em Israel*: delito sexual ou sacrilégio que punha em questão a própria comunidade sacral. Cf. 19.24; 20.11; Gn 34.7; Dt 22.21; Js 7.15; 2Sm 13.12.

Israel se uniram contra a cidade, agrupados como um só homem.

¹²As tribos de Israel enviaram homens a toda a tribo de Benjamin para lhe dizer: "Que crime é este que se deu entre vós?" ¹³E agora, entregai esses homens sem valor que estão em Guibeá, para que nós os matemos e para que extirpemos o mal em Israel". Os filhos de Benjamin não quiseram ouvir a voz de seus irmãos, os filhos de Israel¹⁴.

¹⁴Vindo de suas cidades, os filhos de Benjamin se reuniram em Guibeá para partir em guerra contra os filhos de Israel. ¹⁵Naquele dia, os filhos de Benjamin vindos das cidades, se apresentaram para o recenseamento: eram vinte e seis mil homens que sabiam manejar a espada¹⁵, sem contar os habitantes de Guibeá, cujo recenseamento assinala setecentos homens de elite¹⁶. ¹⁶Dentre todo esse povo havia setecentos homens de elite canhotos¹⁷. Cada um deles podia, com a pedra de sua funda, atirar num cabelo sem errar. ¹⁷Os homens de Israel também se apresentaram para o recenseamento; sem contar Benjamin, eram quatrocentos mil que sabiam manejar a espada, todos homens de guerra. ¹⁸Eles partiram e subiram a Betel para consultar Deus, e os filhos de Israel disseram: "Quem de nós será o primeiro a subir para combater os filhos de Benjamin?" E o SENHOR

disse: "É Judá que subirá primeiro!"

¹⁹Os filhos de Israel se levantaram de manhã cedo e acamparam perto de Guibeá. ²⁰Tendo saído para combater Benjamin, os homens de Israel se dispuseram em ordem de batalha defronte de Guibeá. ²¹Os filhos de Benjamin saíram de Guibeá e, naquele dia, abateram vinte e dois mil homens de Israel. ²²O povo dos homens de Israel se recuperou e de novo se organizou em linha de batalha no lugar onde se tinham disposto no primeiro dia. ²³Os filhos de Israel subiram para chorar diante do SENHOR até a tarde, e consultaram o SENHOR: "Devo ainda encetar combate contra os filhos de Benjamin, meu irmão?" O SENHOR respondeu: "Subi contra ele!" ²⁴No segundo dia, os filhos de Israel se aproximaram dos filhos de Benjamin. ²⁵Neste segundo dia, Benjamin saiu de Guibeá ao encontro deles e abateram ainda dezoito mil homens dentre os filhos de Israel, todos treinados no manejo da espada. ²⁶Todos os filhos de Israel e todo o povo subiram e foram a Betel; lá eles choraram sentados diante do SENHOR, e jejuaram naquele dia até a tarde^{21.4} e ofereceram holocaustos e sacrifícios de paz diante do SENHOR. ²⁷Os filhos de Israel consultaram o SENHOR. Com efeito, a arca da aliança de Deus encontrava-se nesse lugar, naquele tempo²⁸. ²⁸Pinhas, filho de

n. Os vv. 12-13 podem ser uma adição secundária, pois a assembleia de Mispa (vv. 1-11) parece não ter encarado a tentativa de uma solução negociada.

o. Fórmula típica do Dt e dos redatores deuteronomistas. Cf. Dt 17,12; 19,13.

p. A atitude dos benjaminitas corresponde, hoje ainda, ao código de honra dos beduínos árabes. O sheik não tem o direito de entregar um membro de seu clã, mesmo quando ele seja culpado de um crime. A solidariedade do "sangue" é mais forte que a exigência da justiça.

q. Os números diferem segundo os testemunhos. Alguns mss., grs., sir., e lats. dão 25.000, outros manuscritos grs. bem como Josefo indicam 23.000. O v. 35 fixa 25.100, e o v. 46 em 25.000 o número dos mortos benjaminitas. Segundo o v. 47, haveria 600 sobreviventes.

r. A menção a esses *setecentos* vem provavelmente do v. seguinte, s. Cf. 3,15 nota.

t. Betel (cf. vv. 26-28; 21 2-4), hoje *Beitin*, 17km ao norte de Jerusalém na estrada de Siquém. O AT vincula ao santuário de Betel a memória do patriarca Jacó (Gn 28,10-22; 31,13; 35,1-15). Jeroboão aí erigirá um dos seus bezerros de ouro (1Rs 12,28-

33). Amós e Oséias condenarão o culto de Betel (Am 3,14; 4,4; 5,5-6; Os 10,15). O santuário será finalmente destruído por Josias em 622 (2Rs 23,15-18).

u. Em Israel, como no mundo antigo em geral, era normal consultar o oráculo divino antes de empreender uma batalha. Cf. Jz 1,2; 20,23-28; 1Sm 7,5-12; 14,37; 23,2.4.9-12; 30,7-8; 2Sm 2,1; 5,19,23-24; 1Rs 22,6.15. A pergunta feita pelos israelitas não tem sentido no contexto, e a resposta que recebem não tem consequências para a continuidade das operações. Parece que esse v., devido a um redator judaíta pós-exílico, sofreu influências de Jz 1,1-2.

v. Cf. 2,4; 21,2; Nm 11,4; 14,1; 1Sm 11,4; Ecd 10,1.

w. Cf. v. 18 nota. Desta vez a pergunta feita tem um sentido, mas o v. 22 estaria melhor situado após o v. 23. A ordem atual deve-se provavelmente a um remanejamento redacional.

x. Estar sentado no chão para chorar (cf. Is 3,26; 47,1; Jó 2,13; Sl 137,1; Ecd 9,3) e jejuar (cf. 1Sm 7,6; 2Sm 12,16): sinais de luto e de humilhação.

y. O inciso dos vv. 27b-28a, mencionando a presença da *arca da aliança* em Betel e o sacerdócio de *Pinhas*, é provavelmente uma glosa. Aos olhos dos redatores pós-exílicos, antes da cons-

Eleazar, filho de Aharon, estava à frente dela naqueles dias. Disseram: "Devo eu ainda sair para combater os filhos de Benjamin, meu irmão, ou devo renunciar?" O SENHOR respondeu: "Subi, porque amanhã eu o entregarei em vossas mãos".

Jz 8,4 ²⁹Israel pôs homens de emboscada ao redor de Guibeá^a. ³⁰No terceiro dia, os filhos de Israel subiram contra os filhos de Benjamin e tomaram posição contra Guibeá como das outras vezes. ³¹Os filhos de Benjamin saíram ao encontro do povo, eles se deixaram atrair para longe da cidade e começaram, como das outras vezes, a fazer vítimas entre o povo, cerca de trinta homens de Israel, sobre as estradas que sobem uma para Betel, outra para Guibeá^a, em campo aberto. ³²Os filhos de Benjamin disseram: "Ei-los derrotados diante de nós como das outras vezes". Mas os israelitas tinham dito a si mesmos: "Fugiremos e os atrairemos para longe da cidade, para as estradas". ³³Todos os homens de Israel, saindo de sua posição, puseram-se em ordem de batalha em Báal-Tamar, enquanto a emboscada de Israel, de sua posição, caía sobre o ponto fraco de Gueba^b. ³⁴Dez mil homens de elite escolhidos em todo Israel puseram-se em face de Guibeá; a batalha foi encarniçada, mas os benjaminitas não sabiam que a desgraça caía sobre eles. ³⁵O SENHOR derrotou Benjamin diante de Israel e, naquele dia, os filhos de Israel fizeram perecer em Benjamin vinte e cinco mil e cem

homens, todos treinados no manejo da espada. ³⁶Os filhos de Benjamin viram que tinham sido vencidos.

Os homens de Israel cederam terreno a Benjamin, porque contavam com a emboscada que haviam feito contra Guibeá. ³⁷A emboscada se precipitou sobre Guibeá com toda pressa, desdobrou-se e golpeou toda a cidade ao fio da espada. ³⁸Ora, havia um acordo entre os homens de Israel e os da emboscada: os últimos deviam fazer subir da cidade um sinal de fumaça. ³⁹Os homens de Israel fizeram meia-volta na batalha^c, e Benjamin começou a fazer vítimas entre os homens de Israel, cerca de trinta homens. "Verdadeiramente, diziam eles, ei-los completamente batidos diante de nós como na primeira batalha!" ⁴⁰Mas o sinal, uma coluna de fumaça, tinha começado a subir da cidade e, quando Benjamin se voltou, eis que a cidade inteira subia em chamas ao céu^d. ⁴¹Os homens de Israel tinham, pois, feito meia-volta, e os homens de Benjamin ficaram aterrorizados, porque viam que a desgraça caía sobre eles. ⁴²Eles deram as costas aos homens de Israel, rumo ao deserto, mas a batalha estava em seu calcanhar e os que vinham das cidades os massacravam, atacando pelo flanco^e. ⁴³Benjamin foi cercado e perseguido sem descanso^f, foi pisoteado até diante de Gueba^g, do lado do sol levantante. ⁴⁴De Benjamin caíram dezoito mil homens, todos homens valentes. ⁴⁵Voltando as costas, fugiram para o deserto, rumo ao rochedo de Rimom^h. Foram co-

Jz 8,20

trução do Templo de Jerusalém, sacrifícios só podiam ser oferecidos diante da arca da aliança. A glosa parece ter sido introduzida a fim de legitimar os sacrifícios mencionados no v. 26. Com efeito, a arca da aliança estava depositada durante o período dos Juízes no santuário de Shilô (cf. Js 18,1; 1Sm 1; 4,4). Pinhas, filho de Eleazar (cf. Ex 6,25; Nm 25,7-11; 31,6; Js 22,13.30-32; 24,33), também poderia ter pertencido ao santuário de Shilô, pois um dos filhos de Eli levará seu nome (cf. 1Sm 1,3; 2,34; 4,4.11).

z. A batalha decisiva contra os benjaminitas será ganha graças a uma emboscada. Esse episódio (vv. 29-46), que tem numerosas afinidades com a narração da tomada de Ai (Js 8,3-25), está no entanto muito confusa no seu estado atual. Quando a batalha parece terminada no v. 36a, ela volta a ser narrada no v. 36b. Diversas repetições e contradições dificultam formular uma ideia

precisa do desenvolvimento do combate. Só a seção dos vv. 36b-44 é relativamente homogênea.

a. Alguns tradutores propõem ler: *em Guibeon*.

b. Sobre *Gueba*, cf. 19,12 nota.

c. Não se sabe como compreender essa "meia-volta": ou os homens de Israel voltam as costas aos benjaminitas e simulam a fuga, ou, ao contrário, deixam de fugir e afrontam seus inimigos.

d. Lit.: e *vem da cidade do holocausto da cidade subia aos céus*.

e. *Os que vêm das cidades* parecem ser os benjaminitas mencionados nos vv. 14-15, e eles poderiam contribuir para o massacre da tropa que saía de Guibeá.

f. *Sem descanso*: o hebr. não tem a preposição.

g. O hebr. leu: *Guibeá*.

h. *Rimom* ("a romanzeira"), hoje *Rammun*, 9km a nordeste de Guibeá.

lhidos cinco mil pelos caminhos, e a perseguição continuou até o extermínio¹, e ainda foram mortos dois mil.

⁴⁶O total dos benjaminitas que caíram naquele dia foi de vinte e cinco mil homens que sabiam manejar a espada, todos homens valentes. ⁴⁷Seiscentos homens deram as costas e fugiram para o deserto, rumo ao rochedo de Rimon, e permaneceram no rochedo de Rimon por quatro meses. ⁴⁸Os homens de Israel retornaram contra os filhos de Benjamin e os passaram ao fio da espada, desde os habitantes das cidades¹ até o rebanho e tudo o que encontrassem. Ademais, eles incendiaram todas as cidades que encontravam.

21 **Reabilitação e renascimento da tribo de Benjamin**¹. "Os homens de Israel tinham feito este juramento em Mispa: "Nenhum de nós dará sua filha em casamento a um benjaminita". ²O povo veio a Betel e lá permaneceu sentado até a tarde, diante de Deus. Lançaram gritos e derramaram abundantes lágrimas¹. ³"O SENHOR, Deus de Israel, diziam, por que ocorreu faltar a Israel hoje uma de suas tribos?" ⁴No dia seguinte, o povo se levantou bem cedo e, tendo construído um altar nesse lugar, ofereceu holo-

caustos e sacrifícios de paz. ⁵Os filhos de Israel disseram: "Qual é, dentre todas as tribos de Israel, a que não subiu para a assembleia diante do SENHOR?" Com efeito, havia sido prestado um juramento solene contra todo aquele que não tivesse subido para junto do SENHOR em Mispa: "Ele será morto". ⁶Os filhos de Israel foram tomados de piedade por Benjamin, seu irmão⁸. "Hoje, diziam eles, uma tribo foi eliminada de Israel. ⁷Que faremos para encontrar mulheres para aqueles que restam, uma vez que juramos pelo SENHOR não lhes dar nossas filhas em casamento?"

⁸Então eles disseram: "Há alguém dentre as tribos de Israel que não subiu para junto do SENHOR em Mispa?" E eis que de labesh de Guilead, ninguém tinha vindo ao acampamento, à assembleia⁹. ⁹Quando o povo se apresentou para o recenseamento, viu-se que não havia nenhum dos habitantes de labesh de Guilead. ¹⁰A comunidade enviou para lá doze mil homens dentre os guerreiros e lhes deu esta ordem: "Ide e passai os habitantes de labesh de Guilead ao fio da espada, sem poupar as mulheres e as crianças". ¹¹Eis o que fareis: votareis ao interdito todo varão e toda mulher que já conheceu homem⁸.

i. O hebr. leu aqui um topônimo, *Guileon*, mas pode-se ver aqui o mesmo verbo que será utilizado em Jz 21.6.

j. Lit. *desde a cidade habitada*.

k. A população das cidades benjaminitas tendo sido exterminada, era preciso encontrar mulheres para os seiscentos sobreviventes refugiados no deserto. A esse respeito, pelo menos duas tradições diversas foram reunidas nesse cap. Segundo a primeira versão, foram dadas aos benjaminitas as filhas de labesh, após a destruição dessa cidade (cf. v. 8 nota). De acordo com a segunda versão, os benjaminitas conseguiram arrumar mulheres raptando as moças de Shilô por ocasião de uma festa popular. Essas duas tradições foram harmonizadas no v. 14 (*mas não encontraram suficientes para eles*). Nenhuma das duas versões parece ter sido transmitida sob a sua forma primitiva e as duas sofreram importantes remanejamentos redacionais.

l. Cf. 20.18.26-28. O início do cap. 21 faz parte de importantes remanejamentos redacionais: menção ao santuário de Betel (cf. 19.1 nota; 20.28 nota), apresentação de Israel como uma assembleia (cf. 19.1 nota) agindo de modo muito unificado. Cf. 20.1 nota.

m. Cf. v. 8. Trata-se de um outro juramento, diferente do do v. 1. A recusa a participar de uma ação guerreira da liga das doze tribos é considerada um ato de traição. Cf. Jz 5.15b-17.23; 12.3. A cidade de labesh (cf. v. 8) se preparará, a um duplo título,

à operação projetada (vv. 10-14). Por um lado, ela cai sob o golpe da maldição do v. 5; por outro, apenas ela não está ligada pelo juramento do v. 1, pois não participou da assembleia de Mispa. Mas pode ser que, numa outra versão, simplesmente se tenha pedido aos habitantes de labesh que dessem suas filhas aos benjaminitas, pois só eles o poderiam fazer sem se tornar perjuros. Isso explicaria não somente a sobrevivência da labesh histórica, mas também a origem dos laços de amizade entre labesh e a tribo de Benjamin (cf. v. 8 nota).

n. A misericórdia dos israelitas para com a tribo de Benjamin ameaçada de extinção responde à mesma motivação da ação punitiva do cap. 20. Em ambos os casos, trata-se de preservar a integridade da liga das doze tribos.

o. A cidade de labesh, provavelmente situada nas proximidades do *wadi Yabis* entre o Jaboc e o Jarmuc, parece ter mantido ligações de amizade com Guibeá e com a tribo de Benjamin. Essas ligações reaparecerão na história de Saul. Cf. 1Sm 11; 31.11-13; 2Sm 2.4-7; 21.12.

p. Esta passagem (vv. 10-12) lembra sob certos aspectos a expedição contra Midian. Cf. Nm 31.5-6.15-18. Provavelmente é devido a um redator pós-exílico.

q. O gr. esclarece: "*Mas deixareis as virgens viverem*". E foi isso que fizeram. A sequência do texto mostra que isso estava subentendido.

¹²Entre os habitantes de Iabesh-de-Guilead, encontraram quatrocentas virgens, que não conheceram homem^r, e conduziram-nas ao campo, em Shilô, que está na terra de Canaã^s.

¹³Toda a comunidade enviou porta-vozes aos filhos de Benjamin que estavam no rochedo de Rimom^t e eles lhes anunciaram a paz. ¹⁴Os benjaminitas voltaram, nesse momento, e lhes foram dadas as mulheres deixadas vivas dentre as de Iabesh-de-Guilead, mas não encontraram o suficiente para eles.

¹⁵O povo teve piedade de Benjamin, porque o SENHOR tinha feito uma brecha nas tribos de Israel. ¹⁶Os anciãos da comunidade disseram então: "Que faremos para que os que restam tenham mulheres, já que as mulheres de Benjamin foram exterminadas? ¹⁷Pode Benjamin ter uma posteridade^u, disseram eles, para que não seja apagada uma tribo de Israel? ¹⁸Nós não podemos lhes dar nossas filhas em casamento". Com efeito, os filhos de Israel tinham feito este juramento: "Maldito seja quem der uma mulher a Benjamin". ¹⁹Mas eles disseram: "Há, todos os anos, a festa do SENHOR, em

Shilô^w, ao norte de Betel, a leste do caminho que sobe de Betel a Siquém, e ao sul de Leboná^x." ²⁰A seguir, deram esta ordem aos filhos de Benjamin: "Ide emboscar-vos nas vinhas! ²¹Observai, e quando as filhas de Shilô saírem para dançar em coros^y, saíreis das vinhas e vos apossareis cada um de uma mulher dentre as filhas de Shilô, e depois ireis para a terra de Benjamin". ²²Se por acaso seus pais ou irmãos^z vierem procurar querela conosco^b, nós lhes diremos: "Sede generosos para com eles, pois ninguém dentre nós tomou mulher durante a guerra^c; ademais, vós mesmos não podeis dá-las a eles; do contrário, seríeis culpados". ²³Os filhos de Benjamin agiram assim. Dentre as dançarinas que raptaram, levaram mulheres em número igual ao seu. Eles partiram, regressaram para seu patrimônio^d, reconstruíram suas cidades e habitaram nelas.

²⁴A partir de então, os filhos de Israel se dispersaram cada um para sua tribo e para seu clã, e de lá, cada um regressou para seu patrimônio. ²⁵Naquele tempo, não havia rei em Israel; cada um fazia o que era certo a seus olhos^e.

r. Lit.: *que não conheceram homem pelo leito de um varão*.
s. Trata-se de uma glosa posterior, preparando o episódio dos vv. 19-23. Segundo os vv. 1.2-4, o acampamento se encontrava ou em Mispa, ou em Betel.

t. Cf. 20.45.47.

u. O hebr. lê: *posse de uma sobrevivência para Benjamin*.

v. Cf. vv. 1.7.

w. *A festa do Senhor*. A palavra *festa* implica normalmente em hebr. uma peregrinação. Contudo, não parece tratar-se aqui de uma das três festas anuais celebradas por Israel (cf. Ex 34, 18-27), pois apenas as jovens de Shilô são visadas (cf. vv. 21-22). Trata-se antes de uma festa local da vindima (cf. v. 21). Isso poderia ser um indício de que a população de Shilô era de origem canaanita. O fato de os benjaminitas serem convidados a raptar as moças de Shilô vai no mesmo sentido. Apesar do v. 22b, os habitantes de Shilô talvez não fossem nessa época membros integrais da comunidade israelita.

x. *Shilô*, hoje *Khirbet Seilun*, a leste da estrada Betel-Siquém, encontra-se 15km a norte de Betel e 5km a leste de *Leboná* (hoje *Luban*). É no santuário de Shilô que se encontrava a arca da aliança antes de sua captura pelos filisteus. Cf. 18.31; Js 18.18; 1Sm 1-4.

y. Essas danças certamente tinham uma função religiosa. Cf.

Ex 32.17-19, 2Sm 6.5, 14-16; 1Rs 18.26; Sl 150.4. Os coros de danças são formados sobretudo pelas donzelas e pelas mulheres. Cf. Ex 15.20; 1Sm 18.6; Jz 11.34.

z. Na tradição primitiva, os benjaminitas tinham provavelmente feito esse rapto por iniciativa própria, e não em resposta a um convite da comunidade israelita. A dificuldade para um clã nascente encontrar mulheres é tema freqüente nas lendas da Antiguidade. Cf. Gn 31 (o rapto de Lea e Raquel por Jacó). Exemplo clássico é o rapto das sabinas pelos companheiros do Rômulo por ocasião de uma festa.

a. Os pais e os irmãos serão lesados, pois as moças serão tomadas sem que tenha havido o pagamento de um dote. Cf. Gn 34.5-31; 2Sm 13.20-29.

b. Alguns mss. grs. leram: *vós*. Mas são os anciãos do povo de Israel que falam e que tomam sobre si as conseqüências da astúcia.

c. Os anciãos recordam que as virgens de Iabesh poderiam ter sido a parte dos despojos dos homens de Israel, mas que estes não haviam tirado proveito da guerra. Os pais das filhas de Shilô deviam então dar prova de igual generosidade, cf. nota ao início do v.

d. Isto é, a parte que coube a cada tribo por ocasião da partilha da Terra Prometida. Cf. Nm 18.20; 26.62; Js 13.23; 19.51.

e. Conclusão do redator pós-exílico. Cf. 17.6; 18.1; 19.1.

LIVROS DE SAMUEL

INTRODUÇÃO

O título dos livros. A divisão de Samuel em dois livros é muito recente. Uma nota masorética a 1Sm 28,24 indica que o “centro do livro” se encontrava neste lugar. Os tradutores gregos devem ter copiado a tradução em dois rolos, que intitularam 1º e 2º livro dos Reinados. Tal divisão, seguida pela Vulgata (que os chamava 1º e 2º livro dos Reis), se impôs às bíblias hebraicas a partir dos séculos XV/XVI.

A comparação do texto hebraico com o da versão grega revela importantes divergências. É pouco provável que os Setenta tenham agido por conta própria nas adições e omissões constatáveis no texto grego. Os escassos vestígios já publicados do texto hebraico encontrado em Qumran mostram um texto hebraico às vezes mais próximo daquele que parece ter servido de base à Septuaginta. Por outro lado, a antiguidade destas testemunhas não basta para provar que estejam fornecendo o “texto autêntico”. A versão grega, ou antes, seu substrato hebraico, pode ter procurado eliminar algumas duplicatas ou contradições e representa provavelmente uma recensão menos espinhosa que a transmitida pelos masoretas. As duas recensões deviam ainda coexistir no início da era cristã.

O título Samuel reflete uma antiga tradição rabínica que dava o profeta Samuel por autor destes livros (Baba Batra 14b). Rabinos posteriores, tomando ao pé da letra 1Cr 29,29-30, supuseram que a obra de Samuel, depois de sua morte, fora continuada pelos profetas Natan e Gad (Baba Batra 15a).

Por mais antiga que seja, a própria definição dos livros de Samuel tem algo de artificial. Percebe-se particularmente que os caps. 21–24 de 2Sm interrompem uma narrativa relativamente homogênea quanto ao estilo e argumento, relatando as vicissitudes internas do reino de David e conduzindo à ascensão de Salomão. Os dois primeiros capítulos de 1Rs pertencem a esse conjunto antigo, cuja unidade foi rompida pela inserção de 2Sm 21–24. Esta inserção é comparável à de Jz 17–21, constituída de apêndices que interrom-

pem a série de histórias de juízes-salvadores que 1Sm parece continuar.

O conteúdo dos livros. Na sua disposição atual, as diversas partes dos livros de Samuel parecem encadeadas segundo uma ordem cronológica, desconsiderados os “Suplementos” de 2Sm 21–24. A primeira parte (1Sm 1–7) narra a carreira de Samuel desde seu nascimento e vocação profética, até o momento em que se tornou um grande juiz, salvador de Israel. O ambiente é o das guerras contra os filisteus, das quais se retêm sobretudo os episódios referentes ao destino da arca de Shilô.

Quando Samuel envelhece, o povo, sob a pressão do perigo externo, vem pedir-lhe um rei. Esta iniciativa provoca objeções do profeta, defensor da teocracia. Não obstante, ele acede ao desejo dos anciãos de Israel e confere a investidura a Saul. Instalado o rei, Samuel se retira. A discussão em torno à realeza e os relatos da ascensão de Saul ocupam os capítulos 8–12 de 1Sm, constituindo a 2ª parte deste livro.

A 3ª parte (1Sm 13–15) focaliza as guerras de Saul contra os filisteus e os amalequitas. Estas guerras são vitoriosas, mas já se acumulam sombras sobre o rei: ele se torna culpado de dois atos de desobediência à vontade divina, e Samuel lhe revela sua destituição, anunciando-lhe, em termos explícitos, que David o vai substituir.

A carreira de David, desde sua apresentação a Saul até o momento de sua sagração como rei, é narrada no conjunto complexo que se chama “história da ascensão” de David (1Sm 16–2Sm 5). Sagração, ainda criança, por Samuel. David entra para o serviço de Saul e se distingue pela vitória gloriosa sobre um gigante filisteu. Torna-se grande chefe de guerra e conquista a afeição de todos, particularmente de Jônatan, o filho de Saul. Mas ele inspira a Saul um ciúme mórbido, que tenta por várias vezes, sem êxito, desembaraçar-se de seu rival. David deve fugir e, perseguido por Saul, começa uma vida errante que o conduz a pôr-se a serviço dos filisteus, sem contudo empunhar armas contra seu próprio povo. Quando Saul e Jônatan tombam

diante dos filisteus na batalha de Guilboa, David continua a luta contra os sucessores de Saul e anda de vitória em vitória, enquanto a casa de Saul vai enfraquecendo.

A 5ª parte (2Sm 6–8) é a dobradiça do díptico que constitui a história de David nos livros de Samuel. A instalação da arca de Shilô em Jerusalém consagra a cidade conquistada por David como capital de seu reinado, e a profecia de Natan estabelece em favor da dinastia davídica o princípio de hereditariedade monárquica. A notícia do cap. 8 lembra que o fundador da monarquia de Jerusalém foi também o conquistador de um verdadeiro império.

O segundo painel do díptico é representado pelos caps. 9–20 de 2Sm (aos quais convém acrescentar 1Rs 1–2). É a relação dos acontecimentos que desaguam na entronização de Salomão. Muito espaço ocupa o relato do nascimento de Salomão e as circunstâncias que o acompanham. Depois relata-se como foram eliminados da sucessão os filhos de David que poderiam representar obstáculo ao destino de Salomão: Amon, Absalão (e Adonias).

Introduzidos por ocasião de uma pausa no relato da “sucessão de David”, os apêndices de 2Sm 21–24 agrupam, em torno a duas composições líricas e notícias referentes a diversas pessoas, as relações de duas catástrofes naturais e de seu esconjuro, relatos que não conseguiram lugar nos capítulos precedentes, a despeito de seu significado histórico e religioso.

Os livros de Samuel e a história de Israel. Os livros de Samuel abrangem um longo período da história israelita, sendo possível determinar-lhe ao menos o termo final. Levam-nos até a velhice de David, alguns anos, ao que parece, antes de ascensão de Salomão em 970 a.C. Não é tão fácil situar na história os episódios iniciais, mergulhados na mesma indefinição cronológica que as histórias dos Juízes. Desta época remota, subsistem em Samuel tradições contendo elementos com incontestável sabor de autenticidade: as informações a respeito da dominação filistéia, particularmente o monopólio do ferro conservado pelos filisteus (1Sm 13,19-21), os relatos de guerras, ricos em indicações topográficas precisas e verificáveis (1Sm 13; 17; 31), os das peregrinações de David fugitivo. A tensão entre “Israel” e “Judá”, que se percebe nas histórias dos con-
-

tos entre David e a casa de Saul e da rebelião de Absalão, é um dado de valor sólido. Malgrado a ausência de fontes externas, não podemos desmerecer o que nos ensina 2Sm 8 sobre as guerras de David: somente a constituição de um Império davídico, bem no começo do 1º milênio, quando tanto o Egito como a Assíria estão na defensiva, pode explicar a prosperidade do reinado de Salomão, tendo Israel então acesso ao Mediterrâneo e ao Mar Vermelho. As notícias sobre os funcionários de David (2Sm 8,15-18; 20,23-26) e o recenseamento de que fala 2Sm 24 atestam uma vontade decidida de organizar o território e marcam uma mudança significativa em relação ao tempo de Saul, cujo aparato de defesa não passava de um embrião de exército permanente. Em compensação, não se devem perguntar a Samuel informações seguras quanto ao início da realeza. O perigo filisteu certamente pode explicar a iniciativa dos anciãos que vêm pedir um rei a Samuel, mas, quando e onde aconteceu isso? A tradição de 1Sm 11, mostrando em Saul o vencedor dos amonitas e o salvador de labesh de Gilead, tem para si as melhores garantias, segundo o estudo interno; mas será historicamente compatível com os outros relatos de sua entronização? Saul foi coroado em Ramá, em Mispa, em Guilgal ou, sucessivamente, nestes diversos lugares? A cronologia do reino de Saul continua totalmente desconhecida. A notícia de 1Sm 13,1 indica que dela não se tem lembrança.

Elementos de uma compilação. Os livros de Samuel não são uma crônica que acompanhe os acontecimentos passo a passo. São uma obra literária que reúne materiais heterogêneos, às vezes muito antigos. Reúne tradições orais que devem remontar aos próprios dias de Saul e David, mas cujo estado original já não se distingue com clareza por trás da forma escrita, páginas escritas provavelmente no reinado de Salomão e complementações introduzidas depois da ruína do Estado em 587, quando os livros de Samuel receberam seu lugar na obra atribuída à escola histórica chamada “deuteronomista” (Josué–Juízes–Samuel–Reis), tão facilmente reconhecível por sua fraseologia e estilo.

Há certo consenso quanto a ver na “história da sucessão de David” (2Sm 9–20 + 1Rs 1–2) um relato relativamente homogêneo, cujas características literárias lembram às vezes de tão perto o

autor "javista" do Pentateuco que se chegou a ver essas páginas como o vestígio de uma antiga história nacional que iniciava pelo relato da criação do homem (Gn 2). O relato da revolta de Absalão, rico em observações precisas, como registradas ao vivo, deve ser obra de uma testemunha dos acontecimentos e não pode ter sido publicado muito tempo depois. Constitui o núcleo da "história da sucessão", e recebeu como prefácio a história do nascimento de Salomão (2Sm 9-12) e como conclusão, a do fracasso de Adonias (1Rs 1-12); de modo que estes capítulos poderiam chamar-se também a "história da ascensão de Salomão". Não obstante a objetividade de tom, percebe-se nitidamente a tendência do autor.

A composição do conjunto precedente (1Sm 16-2Sm 5), à qual se podem acrescentar elementos antigos da profecia de Natan (2Sm 7) e a história da arca (2Sm 6), é bem mais difícil de ser rastreada. Se a história da ascensão ou do advento ao trono de David é melhor estruturada do que geralmente se acredita (vê-se que narradores e redatores procuraram construir simetrias), a presença de duplicatas chama a atenção: a entrada de David no serviço de Saul, o atentado malogrado de Saul contra David, a intervenção de Jônatan a favor de David, a aproximação de David aos filisteus, a denúncia da gente de Zif, o episódio em que David poupa Saul, tudo isso é narrado duas vezes. Por isso, vários exegetas acreditaram que estes capítulos continuavam os "documentos" constitutivos do Pentateuco. Contudo, parece antes que na maioria dos casos estamos diante de tradições diferentes (já fixadas, quer oralmente, quer por escrito), que os narradores e redatores decidiram conservar e que tentaram organizar balizando sua coleção por fórmulas de moldura e sublinhando por palavras-chave os temas dominantes de cada parte. Apesar destas duplicatas, a história da ascensão de David apresenta tanta afinidade com a da sucessão que se é inclinado a pensar que os autores pertenciam ao mesmo ambiente: escribas da corte de Jerusalém, selecionando e codificando tradições orais já elogiosas ao rei. O processo de idealização de David, nitidamente perceptível nesta parte, prolonga-se a uma etapa ulterior da redação: 1Sm 16, narrando a unção de David por Samuel, serve evidentemente para pôr o segundo rei no mesmo nível que o primeiro e encontra-se intimamente ligado ao cap. 15, de incontestável caráter secundário.

Os capítulos consagrados às guerras de Saul são uma compilação. Encontram-se aí tradições antigas sobre as guerras do tempo de Saul contra os filisteus e das quais o verdadeiro herói é Jônatan, o amigo de David; a tendência é claramente hostil a Saul (1Sm 13-14). A narrativa da campanha contra Amaleq (1Sm 15) tem bases bem menos seguras nas tradições antigas. É um enfeite literário introduzido talvez para marcar a falência da realeza de Saul, culpado por infringir um mandamento divino. A destituição de Saul é a introdução necessária da história de David, que a segue de imediato.

A parte de 1Sm onde são tratadas as origens da realeza (8-12) não tem uma história menos complexa atrás de si. Também aí encontram-se compilados elementos de origem diversa. Alguns são antigos, apesar de retoques secundários. Assim a história das jumentas, certamente adaptação de uma lenda benjaminita (9-10,16), uma tradição acerca da escolha do rei por sorteio, em Mispá (10,17-27), a narração do cap. 11, onde Saul aparece favoravelmente, sob os traços de um juiz carismático vitorioso sobre o inimigo amonita. O cap. 8 expõe desde o início o problema teológico levantado pela própria instituição da monarquia. Condena o desejo do povo que pede um rei, embora indique também que o Senhor acaba consentindo. Hoje tende-se a ver nos "costumes do rei", contra os quais Samuel adverte seus compatriotas, a lembrança de práticas características dos reis "como as nações os possuíam" por volta do fim do 2º milênio, antes do que uma condenação antecipada de práticas iníquas dos reis de Israel. A base do cap. 8 seria então mais antiga do que se acreditou durante longo tempo. Contudo, convém reconhecer que o discurso de Samuel no cap. 8 foi retocado por um redator deuteronomista, bem como diversos outros discursos que figuram nos livros de Samuel (é o gênero literário que mais se presta a ampliações). E é ao deuteronomista só que se deve atribuir o sermão de despedida de Samuel no cap. 12. Em toda esta parte não aparece um juízo acerca de Saul. Ele é simplesmente apresentado, e de diversas maneiras, como eleito do Senhor. Parece haver aqui maior interesse pela instituição monárquica do que pelo primeiro detentor da dignidade real.

A primeira parte do livro (1Sm 1-7) é dominada pela figura de Samuel. É apresentado como espé-

cie de tipo ideal do homem religioso; ele é, ao mesmo tempo, associado ao santuário e investido com uma missão profética. Procura-se também mostrar nele o verdadeiro salvador de sua época (talvez com uma ponta polêmica contra Saul, cf. 1,27-28). Insiste-se na eleição de Samuel, para evidenciar naquele que consagrou os reis o agente credenciado por Deus. Outros elementos dos caps. 1-7 tomam sentido quando se levam em consideração as preocupações principais do conjunto dos livros de Samuel: as aventuras da arca são relatadas com tantos detalhes, porque contribuem para glorificar o móvel sagrado do qual David fez o "paládio" de sua capital; o anúncio do "sacerdote fiel", em 2,27-36, serve para a glória de uma instituição da era salomônica, o sacerdócio *şadoquita*; a antítese elevação/queda (lembrada de modo lapidar em 2,7) domina a história de Samuel, oposto a Eli e seus filhos, mas também a de David oposto a Saul e sua casa. A lenda de Samuel não carece de nexos com o que se segue a ela. Pode-se atribuir a um doutrinário regalista a compilação de tradições antigas que constitui os capítulos 1-6. O cap. 7, onde se reconhecem a preocupação e o estilo do historiador deuteronomista, foi recomposto por este autor no intuito de fazer dele a conclusão da história dos Juízes.

Lições acerca da realeza. A descoberta das tendências político-religiosas dos narradores e escritores permite formular algumas hipóteses quanto à composição dos livros de Samuel. Com efeito, mais que um longo capítulo da história antiga de Israel, estes livros são um ensinamento do qual convém perceber os pontos principais.

O tema dominante é o da realeza. Não se procura encobrir a ambigüidade de sua instituição. Israel tem por rei o Senhor. O que representa então um soberano humano? O problema é resolvido em favor da instituição monárquica, já que, afinal, o Senhor e seu intermediário, Samuel, presidem à designação de Saul. Se, contudo, a iniciativa do povo é condenada sem cerimônia, talvez seja para significar que a realeza de um homem, por direito, não procede da vontade humana e sim, da autoridade divina, e que a monarquia israelita não é nem democrática, nem autocrática, mas permanece subordinada à teocracia. Talvez procure-se sugerir que Saul pessoalmente tenha sofrido por ter sido "pedido" (o sentido de seu

nome em hebraico). O nimbo legendário que envolve a figura de Samuel realça a supremacia do homem religioso mediador da vontade divina. Insiste-se na natureza religiosa das faltas que provocam a queda de Saul, para indicar que o rei não deve invadir um domínio que não é seu. A isso associa-se o interesse dos livros de Samuel pelos objetos, práticas e pessoas do culto (particularmente quanto à arca, intocável segundo 2Sm 6,7, e quanto ao altar de Jerusalém, 2Sm 24).

O rei por excelência é David. Ele é fortemente idealizado, sobretudo na história de seus inícios, pelos relatos de suas façanhas, da afeição que ele inspira, de sua magnanimidade e modéstia, embora não se esconda que sua carreira foi a de um soldado que teve sorte. Não falta a observação da submissão que este rei ideal demonstra em relação ao Senhor e suas instâncias e o seu cuidado em consultar a vontade divina. Assim, ele aceita a reprimenda do profeta Natã, em conseqüência de seu pecado de adultério, o que mostra que, em Israel, o rei não está acima da lei. Mas, à diferença de Saul, David não é punido na sua descendência; ele recebe a segurança de ver reinar no seu lugar um de seus filhos. Este filho é Salomão, cujo advento se vê preparado pelo amor que Deus lhe tem desde o nascimento. Nossos livros são portanto uma apologia da dinastia judaíta. Segundo a profecia de Natã (2Sm 7), cujo teor essencial não foi modificado pela redação deuteronomista, a casa de David deve ocupar para sempre o trono de Jerusalém, pouco importa quais sejam as faltas pessoais dos que exercem nela a monarquia.

Esta idéia religiosa, expressa provavelmente num tempo em que a monarquia judaíta se considerava segura de um longo porvir, teve uma sorte extraordinária, que valeu aos livros de Samuel seu lugar na história da salvação. Virá um dia em que os reis se terão culpabilizado de tantas faltas que a própria realeza parecerá condenada; o veredicto definitivo será pronunciado sobre ela em 587. Não obstante, não se deixará de acreditar na garantia eterna concedida por Deus à casa de David, e esperar-se-á com confiança o advento de um filho de David digno das promessas feitas ao seu antepassado. Trata-se do Messias, por um lado, rei ideal mas, por outro, descendente carnal daquele que o Senhor tinha eleito por volta do ano 1000 antes de nossa era.

PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

SAMUEL, A ARCA E OS FILISTEUS*

1 Nascimento e infância de Samuel.

^{9.1;}
^{Jz 13.2;}
^{17.1; 19.1} **1** Havia um homem de Ramatáim-
-Sofim^b, na montanha de Efraim. Cha-
mava-se Elqaná, filho de Ierohâm, filho
de Elihu, filho de Tohu, filho de Şuf, um
efratita^c.

^{Gn 29.31} **2** Tinha duas mulheres; uma se chama-
va Haná e a outra Peniná. Peniná tinha
filhos, mas Haná não. **3** Todos os anos,
este homem subia de sua cidade a Shilô,
para se prosternar diante do SENHOR de
todo poder^d e lhe oferecer um sacrifício^e.
Lá eram sacerdotes do Senhor os dois
filhos de Eli, Hofni e Pinhas.

^{DI 12.18} **4** Chegou o dia em que Elqaná devia
oferecer o sacrifício. Tinha o costume de
dar porções do sacrifício à sua esposa
Peniná e a todos os filhos e filhas dela.
5 Mas a Haná, dava uma porção escolhida^f,
porque era Haná quem ele amava, se bem
que o Senhor a tivesse tornado estéril.
^{Gn 16.4-6} **6** Além disso, sua rival não cessava de lhe
dirigir afrontas para humilhá-la, porque
o SENHOR a tinha tornado estéril.

7 Assim agia Elqaná todos os anos, cada
vez que Haná subia à Casa do SENHOR; e
Peniná lhe dirigia afrontas deste modo.
Haná, então, pôs-se a chorar e não quis
comer. **8** Seu marido Elqaná lhe disse:
^{Rt 4.15} **9** "Haná, por que estás chorando? Por que

não queres comer? Por que tens o cora-
ção triste? Não sou eu para ti mais que
dez filhos?"

10 Depois de terem comido e bebido em
Shilô, Haná se levantou. O sacerdote Eli
estava sentado em sua cadeira à entrada
do Templo do SENHOR. **11** Cheia de amara-
ção, ela dirigiu ao SENHOR a sua oração,
chorando, entre abundantes lágrimas.
12 Fez então a seguinte promessa: "SENHOR
de todo poder, se te dignares olhar para
a miséria de tua serva e lembrar-te de
mim, não olvidando tua serva e dando-
lhe um menino^g, eu o entregarei ao SE-
NHOR, para todos os dias de sua vida, e a
navalha não passará sobre sua cabeça^h".

13 Enquanto ela orava assim prolonga-
damente diante do SENHOR, Eli observa-
va sua boca. **14** Haná falava baixinho, con-
sigo mesma. Somente seus lábios se mo-
viam. Não se podia ouvir a sua voz. Eli
a tomou por bêbada. **15** Eli lhe disse: "Até
quando estarás bêbada? Vai curar essa
bebedeira". **16** Haná lhe respondeu: "Não,
meu senhor, eu não estou embriagada.
Não bebi vinho, nem outra bebida inebriante.
Estava apenas abrindo meu co-
ração diante do SENHOR. **17** Não trates tua
serva como se fosse uma vagabundaⁱ,
porque foi o excesso de dor e de amar-

a. 1Sm 1-7 conta a infância de Samuel em Shilô (1.1-4.1a), a derrota de Eben-Ezer, a tomada, o aprisionamento e o retorno da arca (4.1b-7.1), enfim a vitória de Eben-Ezer. A primeira parte do relato culmina em 3.19-4.1a. A vitória narrada em 1Sm 7 repara o desastre do cap. 4. Samuel, apresentado como um profeta (3.20), é também dado (em 4.18 e 7.15) como o sucessor de Eli no ofício de juiz. Assim, o conjunto de 1Sm 1-7 atualmente é dominado pela figura de Samuel. As passagens em que Samuel não aparece (2.12-17.22.25.27-36; 4.1b-7.1) pertencem a tradições independentes, referentes a Shilô e à arca (cf. 4.1 nota).

b. Ramatáim (as duas alturas), chamada Arimatéia em Mt 27.57 e Jo 19.38 (a NE de Lida), é idêntica a Ramá (a altura, v. 19; 2.11; 7.17 etc.). Em lugar de Şofim (os sentinelas), se propõe ler: um şufita.

c. Um efratita (cf. Jz 12.5; 1Rs 11.26) ou, segundo alguns, um membro do clã judaíta de Efrata (cf. Gn 35.19 nota; 1Sm 17.12. Rt 1.2).

d. O título do Senhor, Şebaot, é aqui traduzido segundo o gr. de 2Sm 5.10; em sir. e aram., é simplesmente transcrito. Significa os exércitos (lat.: o Senhor dos exércitos). Discute-se qual seria a natureza exata desses exércitos: exércitos de Israel, exércitos celestes (anjos, estrelas), deuses cananeus, cf. Gn 2.1 nota. Em todo caso, o título aparece ligado à arca (cf. 1Sm 4.4; 2Sm 6.2).

e. O santuário de Shilô, em território efratita, parece ter tido grande importância na época dos Juizes (cf. Jz 21.19-23), ao menos para as tribos da Palestina central.

f. Tradução incerta. Talvez a expressão hebraica signifique que Elqaná dava ostensivamente uma parte a Haná. Sir.: uma dupla parte; gr. (lendo de outro modo): somente uma parte; lat.: uma só parte, com tristeza.

g. Lit. uma descendência de homens.

h. Este pormenor indica que o jovem Samuel foi consagrado ao Senhor como o fora também Sansão (Jz 13.5; 16.17): ele é um nazir (cf. Nm 6.1-21). Cf. Sr 46.13.

i. Lit. uma filha de Belial, cf. 2.12 nota.

gura que me fez falar até agora". ¹⁷Eli lhe respondeu: "Vai em paz, e que o Deus de Israel te conceda o que lhe pediste". ¹⁸Ela disse: "Que tua serva encontre graças aos teus olhos!" A mulher foi-se embora, alimentou-se, e seu rosto já não era como antes.

¹⁹Eles se levantaram bem cedo, prosternaram-se diante do Senhor e voltaram para sua casa em Ramá. Elqaná conheceu sua mulher Haná, e o Senhor lembrou-se dela.

²⁰Passado o tempo, Haná, que estava grávida, deu à luz um filho. Chamou-o Samuel, porque, disse ela, "foi ao SENHOR que eu o pedi". ²¹Elqaná, seu marido, subiu com toda a família para oferecer ao SENHOR o sacrifício anual e cumprir sua promessa^k. ²²Haná não foi junto, porque, disse ela ao marido: "Esperemos até que o menino seja desmamado, então eu o levarei, ele se apresentará diante do SENHOR e ficará lá para sempre". ²³Elqaná lhe disse: "Faze o que te parecer melhor. Permanece aqui até que o tenhas desmamado; também o SENHOR manterá a sua palavra^m". A mulher ficou em casa e aleitou o seu filho, até que o desmamou. ²⁴Quando o menino desmamou, ela o fez subir consigo e, levando três tourosⁿ, uma medida de farinha e um odre de vinho, introduziu-o na casa do SENHOR, em Shilô. Ali o menino passou a servir. ²⁵Imolaram o touro e conduziram a criança a Eli. ²⁶Haná lhe disse: "Por favor, meu senhor! Certo como tu vives, meu senhor, eu sou aquela mulher que esteve

aqui, junto de ti, orando ao Senhor; ²⁷e por este menino que eu orava, e o Senhor me concedeu o pedido que lhe fiz. ²⁸Eu, por minha vez, o cedo ao SENHOR. Para todos os dias da sua vida, ele é cedido ao SENHOR. E ali, diante do Senhor, ele se prosternou".

2 O cântico de Haná^p. 'Então Haná orou dizendo:

- "Tenho o coração alegre, graças ao SENHOR, e a fronte erguida, graças ao SENHOR, minha boca abre-se contra os meus inimigos: eu me alegro por tua vitória.
- ² Ninguém é santo como o SENHOR, não há nenhum além de ti. Não há Rochedo que se assemelhe ao nosso Deus.
- ³ Não repitais assim palavras altivas, não saia insolência de vossa boca: o SENHOR é um Deus que sabe, é ele quem pesa as ações^q.
- ⁴ O arco dos guerreiros foi quebrado, e os que vacilavam cingem-se de força.
- ⁵ Os saciados saem em busca de pão, e os famintos param^r. A estéril dá à luz sete vezes, e a mãe de muitos filhos fenece.
- ⁶ O SENHOR faz morrer e faz viver, faz descer ao Sheol e de lá voltar.
- ⁷ O SENHOR torna pobre e enriquece, rebaixa, e também exalta.
- ⁸ Ergue o fraco da poeira e retira o pobre do monturo, para fazê-los sentar-se com os príncipes

Sl 5,12;
Is 61,10
Sl 89,18.25;
112,9
Sl 35,21
Sl 9,15;
20,6
Ex 15,11
2Sm 7,22;
Is 64,3
Sl 18,32;
Is 44,8
Sl 94,4
Sl 73,11
Pr 16,2;
21,2
Sl 37,15
Sl 18,33
Sl 113,9
Dt 32,39;
Os 6,1-2
Jn 2,7;
Sl 30,4
Sl 37,34
Sl 113,7-8

j. A explicação do nome dado pela mãe (cf. Gn 29,31-30,24) suscita um problema, porque conviria melhor ao nome de Saul, que significa "pedido", ao passo que não sabemos com certeza a etimologia de Samuel. Por isso, alguns exegetas pensaram que este relato de nascimento originariamente fizesse parte da lenda de Saul. É até possível a repetição do verbo "pedir" (*sha'al*) nesta passagem (vv. 17.20.27) indique uma ponta polêmica: o autor quer sugerir que a criança pedida e depois entregue ao Senhor era Samuel, e não Saul.

k. Lit. para sacrificar o sacrifício anual e seu voto.

l. Um fragmento de Qumran acrescenta: *Dele farei um nazir para sempre*.

m. Ignora-se a qual palavra da Senhor se alude. A frase retoma um motivo caro aos historiadores deuteronomistas (cf. Dt

9,5; 2Sm 7,25; 1Rs 2,4; 6,12; 8,20; 12,15) e parece ter sido acrescentada.

n. Texto de Qumran, gr. e sir.: *um touro de três anos*. Qumran e gr. acrescentam: *e pão*.

o. O masculino singular é embaraçoso. Segundo os rabinos, trata-se de Elqaná ou de Samuel. Texto de Qumran: *ela se prosternou*; lat. e sir.: *eles se prosternaram*; a frase falta no gr.

p. Este hino de louvor, que inspirou o cântico de Maria (Lc 1,46-55), celebra antes de tudo a inversão das condições, que beneficiou a estéril Haná (vv. 3-8). Samuel e, depois dele, David, também se beneficiarão disso (cf. v. 11 nota). O final do hino (vv. 9-10) aproxima-se dos salmos reais (Sl 2,8; 18,14; 72,8).

q. "Texto lido", seguido também pelo gr. e o lat. "Texto escrito": *as ações não se sustentam*.

r. Lit. *cessam* (de trabalhar).

e atribuir-lhes o lugar de honra.

SI 75,4: Pois ao SENHOR pertencem as colunas
104,5 da terra,

ele pôs sobre elas o mundo.

SI 91,12 ⁹ Ele guardará os passos de seu fiel^s,

SI 37,20 mas os maus perecerão nas trevas,

SI 33,16 pois não é pela força que o homem
triumfa.

SI 18,14-15 ¹⁰ Os adversários do SENHOR serão
esmagados,

SI 96,13: no céu, contra eles tropejará.

SI 98,9 O SENHOR julgará a terra inteira.

SI 89,25: Dará o poder ao seu rei,

132,17 erguerá a frente de seu messias¹."

¹¹Elqaná voltou para sua casa em Ramá.

O menino entretanto servia ao SENHOR²,
na presença do sacerdote Eli.

Os filhos de Eli. ¹²Os filhos de Eli eram homens vadios³, que não conheciam o SENHOR⁴. ¹³Para com o povo, esses sacerdotes se comportavam da seguinte maneira: quando alguém oferecia um sacrifício, o ajudante do sacerdote se aproximava enquanto ainda se cozinhava a carne. Trazia então nas mãos um garfo de três dentes. ¹⁴Ele o enfiava na travessa, no tacho, no caldeirão ou na panela. Tudo o que o garfo trazia, o sacerdote o tomava para si. Assim procediam com todos os israelitas que vinham a Shilô. ¹⁵Mais ainda, antes de se queimar a gordura⁵, o ajudante do sacerdote vinha dizer ao homem que oferecia o sacrifício: "Dá a carne para o sacerdote assá-la. Ele não aceitará de ti carne co-

zida, mas somente a carne crua". ¹⁶Se o homem lhe dizia: "Deixa primeiro queimar a gordura, depois toma tudo o que desejares", ele respondia: "Não, é agora que tu me deves dar, senão eu a tomo à força". ¹⁷O pecado dos ajudantes era muito grande diante do SENHOR, porque estes homens tratavam com desprezo a oferta feita ao SENHOR.

Samuel em Shilô. ¹⁸Samuel, no entanto, servia na presença do SENHOR; era um menino vestindo o efod⁶ de linho. ¹⁹Cada ano, sua mãe lhe fazia um pequeno manto, que lhe levava, quando subia com o seu marido para oferecer o sacrifício anual. ²⁰Eli abençoava Elqaná e sua mulher. Ele dizia: "Que o SENHOR te conceda uma descendência desta mulher, em troca daquele que foi cedido ao SENHOR!" E eles retornavam à casa de Elqaná. ²¹Como o SENHOR intervisse em favor de Haná, ela voltou a conceber e deu à luz três filhos e duas filhas, enquanto o pequeno Samuel crescia diante do SENHOR.

Os filhos de Eli. ²²Eli envelhecera. Ele ouvia contar como seus filhos se comportavam diante dos israelitas, e também que eles se deitavam com as mulheres que prestavam serviço⁷ à entrada da tenda do encontro. ²³Ele lhes disse: "Por que fazeis semelhantes coisas? O que ouço dizer de mal a vosso respeito, é todo o povo que o diz. ²⁴Cessai de agir assim,

EX 38,8

s. O *fiel* ("texto escrito") é provavelmente o rei. "Texto lido": *seus fiéis*.

t. *Messias* (gr. *Cristo*) aparece aqui como título real. Significa *ungido*, o rei que recebe a unção, seja da parte do povo (David segundo 2Sm 2,4 e 5,3), seja da parte de Deus (Saul segundo 1Sm 10,1; David segundo 1Sm 16,13). *Messias* é também o título do sacerdote (sucessor de) Aurão, cf. Lv 4,3 e Ex 28,41.

u. Insiste-se (cf. 2,18 e 3,1) no fato de que Samuel serve ao Senhor. Os filhos de Eli, ao contrário, estão apenas em busca de carne para si. Sua má conduta (2,12-17) e seu cinismo (vv. 22-25) ocasionarão um primeiro anúncio de castigo (vv. 27-36), depois um segundo, comunicado ao próprio Samuel (3,11-14). A desgraça da família de Eli contrasta com o crescimento e o progresso de Samuel (2,21,26; 3,19, cf. Lc 1,80; 2,40,52), assim como o declínio de Saul contrastará com a ascensão de David.

v. Lit. *filhos de Belial*, expressão bastante frequente em Sm

para designar os inimigos de Deus e do rei (assim 1Sm 10,27; 25,17). Belial ou Beliar tornou-se mais tarde o nome próprio do espírito das trevas (cf. 2Cor 6,15 nota). Ver Na 2,1 nota.

w. Gr. e lat. unem o início do v. 13 ao final do v. 12: *que ignoravam o Senhor e o modo de agir dos sacerdotes em relação ao povo*.

x. Não observância da regra consignada em Lv 3,3-5,9-11,14-16, que ordena queimar a gordura logo que a vítima tenha sido degolada.

y. Vestimenta para o culto, usada também pelos sacerdotes de Nob (1Sm 22,18) e por David quando se punha junto da arca (2Sm 6,14). Distingue-se do efod, que continha objetos divinatorios (1Sm 2,28) e fazia parte das alfaías do sumo sacerdote (cf. Ex 28,6 nota).

z. O mesmo termo que se encontra em Ex 38,8 e cujo sentido é incerto. *|Cf. Ex 38,8; Nm 4,3 e notas.|

meus filhos, não é nada bonito o falatório que ouço o povo do SENHOR espalhar^a!

²⁵Se um homem peca contra outro, Deus será juiz. Mas se um homem peca contra Deus, quem terá ele por árbitro?" Mas eles não escutaram a voz de seu pai. É que o Senhor queria fazê-los morrer.

Ex 4,21;
Js 11,20;
Is 6,9-10

²⁶Entretanto, o menino Samuel crescia em tamanho e beleza diante do SENHOR e diante dos homens.

Lc 2,52

Oráculo de um homem de Deus. ²⁷Um homem de Deus^b veio encontrar-se com Eli e lhe disse: "Assim fala o SENHOR: Bem que me revelei à casa de teu pai quando ela estava no Egito, em poder da casa de Faraó^c. ²⁸Eu escolhi teu pai dentre todas as tribos de Israel para fazer dele o meu sacerdote, que subisse ao meu altar, fizesse queimar o incenso e usasse o efod em minha presença. Dei à casa de teu pai tudo o que oferecem os filhos de Israel. ²⁹Por que pisais o meu sacrifício e a minha oferta que ordenei oferecer em minha Morada^d? E por que honras teus filhos mais do que a mim, fartando-vos com o melhor de todas as oferendas de Israel, meu povo?" ³⁰Por isso — oráculo do SENHOR, Deus de Israel — eu disse: 'Tua casa e a casa de teu pai caminharão para sempre em minha presença'. Mas agora — oráculo do SENHOR — longe de mim tal coisa! Pois eu honro aqueles que me honram, mas os que me desprezam caem em desprezo. ³¹Eis que virão dias em que quebrarei teu braço e o braço da

Sl 18,26

casa de teu pai: não haverá mais ancião em tua casa. ³²Tu verás na Morada^e um rival e todo o bem que ele fará a Israel; mas na tua casa não haverá jamais um ancião. ³³Contudo, mantereis um dos teus^f junto de meu altar, para consumir os teus olhos e corroer a tua vida; mas todos os descendentes de tua casa morrerão no vigor da idade. ³⁴Terás um sinal disso naquilo que acontecerá aos teus dois filhos, Hofni e Pinhas: ambos morrerão no mesmo dia. ³⁵Então suscitarei para mim um sacerdote confiável^g. Ele agirá de acordo com o meu coração e o meu desejo. Eu lhe construirei uma casa estável^h. Ele caminhará sempre na presença do meu messias. ³⁶E todo aquele que de tua casa sobreviver virá prostrar-se diante dele para receber uma moedinha de prata e um pãoⁱ, e lhe dirá: 'Incorpora-me, eu te suplico, em qualquer função sacerdotal, para que eu tenha um pedaço de pão para comer'".

Lv 26,16

4,11

Nm 25,
12-13

3 Vocação de Samuel^j. ¹O menino Samuel servia ao SENHOR em presença de Eli. A palavra do SENHOR era rara naqueles dias, as visões não eram frequentes.

²Certo dia, Eli estava deitado no lugar de costume. Seus olhos começavam a enfraquecer. Ele já não enxergava. ³A lâmpada de Deus^k ainda não se apagara, e Samuel estava deitado no Templo do SENHOR, onde se encontrava a arca de Deus^l. ⁴O SENHOR chamou Samuel. Ele respondeu: "Eis-me aqui!" ⁵Correu para junto de Eli e lhe disse: "Eis-me aqui,

4,15

Gn 22,1;
31,11;
Ex 3,4;
Is 6,8

a. O final do v. 6 é compreendido assim pelo aram. Outras versões trazem: *fazeis o povo do Senhor transgredir*.

b. Este termo para designar um profeta se encontra ainda, para Samuel, em 9,6. É mais frequente no livro dos Reis.

c. A tradição sobre a origem do clero de Shilô é corroborada pelo nome de Pinhas, que é egípcio. Ela é independente das tradições conservadas no Pentateuco.

d. Tradução bastante incerta, inspirada pelo lat., aram. e pelos comentários rabínicos. *Morada* é um nome poético do Templo (Sl 68,6; 71,3, etc.); surpreende que aqui não venha precedido de uma preposição de lugar. O gr. se baseia num hebraico diferente em algumas letras: *Olhaste para o meu sacrifício com um olhar impudente*.

e. Mesma dificuldade que no v. 29.

f. Lit. (*haverá*) *para ti um homem que não suprimirei...* (cf. 1Rs 2,4, etc.). Entende-se aqui que subsistirá alguém na

família de Eli, para ocupar a posição subalterna que será a sua. g. Trata-se de Šadoq, que substituirá Ebiatar, destituído por Salomão e exilado em Anatot (1Rs 2,26-27).

h. *Estável* traduz a mesma palavra hebraica que significa *confiável*, no v. 35a. Uma *casa estável* é uma linhagem que não se extinguirá, como a dinastia real segundo 2Sm 7,16.

i. Lit. *um disco de pão*. Trata-se de pães em forma de pão sírio, ainda em uso no Oriente.

j. Até aqui dado como servo do santuário, Samuel, no cap. 3, é apresentado como um profeta (cf. v. 20), apto a entender diretamente a palavra do Senhor e dela receber a visão. O autor acumula em Samuel os traços característicos dos homens religiosos para melhor mostrar nele o intermediário de Deus.

k. Cf. Ex 27,20-21; Lv 24,2-4.

l. Deus vai revelar-se junto da arca, acima da qual reside, cf. Ex 25,22.

pois me chamaste". Ele respondeu: "Eu não te chamei. Volta a te deitar". E ele foi deitar-se. ⁶O SENHOR chamou Samuel outra vez. Samuel se levantou e foi ao encontro de Eli e lhe disse: "Eis-me aqui, pois me chamaste". Ele respondeu: "Eu não te chamei, meu filho, volta a te deitar". ⁷Samuel ainda não conhecia o SENHOR. A palavra do SENHOR ainda não fora revelada a ele. ⁸O SENHOR chamou Samuel pela terceira vez. Ele se levantou e foi ao encontro de Eli e lhe disse: "Eis-me aqui, pois me chamaste". Eli compreendeu então que o SENHOR chamava o menino. ⁹Eli disse a Samuel: "Volta a te deitar e, se te chamar, dirás: Fala, SENHOR, o teu servo escuta". E Samuel foi deitar-se no lugar de costume. ¹⁰O SENHOR veio e se fez presente. Chamou, como das outras vezes: "Samuel, Samuel!" Samuel disse: "Fala, o teu servo escuta". ¹¹O SENHOR disse a Samuel: "Eis que vou fazer uma coisa em Israel que fará tinar os ouvidos de quem a ouvir. ¹²Nesse dia, cumprirei contra Eli tudo o que eu disse a respeito de sua casa, do começo ao fim. ¹³Eu lhe anuncio que farei justiça contra a sua casa, para sempre, por sua culpa. Ele sabia que seus filhos insultavam a Deus", e, apesar disso, não os repreendeu. ¹⁴Eis por que juro à casa de Eli: Nada, jamais, apagará a culpa da casa de Eli, nem sacrifício, nem oferenda". ¹⁵Samuel permaneceu deitado até de manhã, depois abriu as portas da Casa do SENHOR. Samuel temia contar a visão a Eli. ¹⁶Eli

chamou Samuel e lhe disse: "Samuel, meu filho". Ele respondeu: "Eis-me aqui". ¹⁷Ele disse: "Qual é a palavra que ele te dirigiu? Não me escondas, eu te peço. Que Deus te faça o pior", se me ocultares uma palavra sequer de tudo o que ele te disse". ¹⁸Então Samuel lhe referiu todas as palavras, sem nada ocultar. Eli disse: "Ele é o SENHOR. Faça o que lhe aprouver".

¹⁹Samuel cresceu. O SENHOR estava com ele e não deixou sem efeito nenhuma de suas palavras. ²⁰Todo o Israel, de Dan a Beer-Sheba, soube que Samuel era acreditado como profeta do SENHOR.

²¹O SENHOR continuou a aparecer em Shilô. O SENHOR, de fato, se revelava a Samuel, em Shilô, pela palavra do SENHOR. **4** ¹e a palavra de Samuel era dirigida a todo Israel.

Derrota contra os filisteus. A tomada da arca. Israel partiu para a guerra contra os filisteus. Acampou perto de Ében-Êzer, e os filisteus, em Afeq. ²Os filisteus tomaram posição diante de Israel, o combate aumentou, e Israel foi derrotado pelos filisteus. Nas linhas de batalha, em campo aberto, abateram cerca de quatro mil homens. ³O povo voltou ao acampamento, e os anciãos de Israel disseram: "Por que o SENHOR hoje nos entregou à derrota diante dos filisteus? Vamos buscar a arca da aliança do SENHOR, em Shilô; que ela venha para o meio de nós e nos salve das mãos de nossos inimigos!" ⁴Enviaram algumas

2,26;
2Sm 5,10

2Sm 5,12
2Cr 35,18;
At 13,20

Nm 22,22

2Rs 21,12;
Jr 19,3

2,27-36

29,1

m. Em lugar de Deus (gr.). o texto traz *eles mesmos*, mas os rabinos reconheceram que se tratava de uma correção reverenciosa.

n. Alguns traduzem: ... *Nada apagará a culpa da casa de Eli no que concerne ao sacrifício e à oferenda*.

o. Lit. *Que Deus faça assim e que faça ainda assim*, fórmula de impreciação que se encontra em 14,44; 20,13; 25,22; 2Sm 3,9,35; 19,14; 1Rs 2,23; 2Rs 6,31; Rt 1,17.

p. Lit. *não deixou cair por terra*. A mesma expressão se encontra em 2Rs 10,10.

q. Limites setentrional e meridional de *tudo Israel*, como em Jz 20,1; 2Sm 3,10; 17,11; 24,2,15; 1Rs 5,5. Pretende-se com isso indicar que o poder profético de Samuel era reconhecido pelo conjunto das tribos. A indicação é tão anacrônica quanto o título de *profeta* (cf. 9,9).

r. Este nome significa *pedra do socorro* (cf. 7,12, onde o nome é justificado).

s. Descobriu-se em 4,1b o início de uma "história da arca", que se prolonga até 7,1 e compreende também 2Sm 6,1-20a. Em seu estado atual, porém, o relato de 1Sm 4 é inseparável dos caps. precedentes. Eli conserva os mesmos traços: é um ancião (4,15,18), correto apesar de sua fraqueza em relação aos filhos; suas últimas inquietações são pela arca de Deus (4,13). A morte dos filhos de Eli é mencionada apenas de passagem, porque já anunciada em 2,34 e 3,13. O relato da derrota e de sua consequência, a tomada da arca, talvez pertencesse, sob uma forma mais curta, a uma tradição histórica à base dos caps. 5 e 6.

t. A intervenção da arca na batalha é apresentada aqui como um fato excepcional. É atestada, contudo, em 2Sm 11,11 e nos relatos de Js 3-4 e 6. É desse trono do Senhor (v. 4) que se

pessoas a Shilô. De lá trouxeram a arca da aliança do SENHOR de todo poder, que se assenta sobre os querubins⁴. Junto da arca da aliança do SENHOR, estavam os dois filhos de Eli, Hofni e Pinhas. ⁵Ora, quando a arca da aliança do SENHOR chegou ao acampamento, todos os israelitas prorromperam numa ruidosa oração⁵, e a terra tremeu. ⁶Os filisteus ouviram o som da ovação e disseram: "Que significa o som dessa ruidosa ovação no acampamento dos hebreus?"⁶ Eles compreenderam que a arca do SENHOR chegara ao acampamento. ⁷Os filisteus tiveram medo, porque, diziam, "um deus chegou ao acampamento". E disseram: "Ai de nós! Pois ontem e anteontem não era assim. ⁸Ai de nós! Quem nos arrancará das mãos desse deus poderoso? É o deus que feriu os egípcios com toda espécie de desgraças no deserto". ⁹Coragem! Sede homens, ó filisteus, para que não venhais a servir aos hebreus, como eles foram vossos escravos. Sede homens e combatei!" ¹⁰Os filisteus travaram batalha. Israel foi derrotado e cada um fugiu para as suas tendas⁷. A derrota foi muito dura: dentre os israelitas, caíram trinta mil soldados de infantaria. ¹¹A arca de Deus foi capturada e os dois filhos de Eli, Hofni e Pinhas, morreram. ¹²Um homem de Benjamin saiu correndo da frente de batalha e chegou em Shilô no mesmo dia, com as vestes rasgadas e a cabeça

coberta de terra⁸. ¹³Quando ele chegou, Eli estava sentado em sua cadeira, vigiando à beira do caminho, pois seu coração palpitava pela arca do SENHOR. O homem veio, pois, trazer a notícia à cidade, e toda a cidade prorrompeu em gritos. ¹⁴Eli ouviu os gritos e perguntou: "Que significa o barulho que faz essa multidão?" O homem se apressou em dar a notícia a Eli. ¹⁵Eli estava com noventa e oito anos. Tinha o olhar parado e não enxergava mais. ¹⁶O homem disse a Eli: "Sou eu que cheguei da frente de batalha. Fugi das fileiras hoje mesmo". Ele disse: "Que se passou, meu filho?" ¹⁷O mensageiro respondeu: "Israel fugiu diante dos filisteus; o povo sofreu pesadas perdas, os teus dois filhos, Hofni e Pinhas, estão mortos e a arca de Deus foi capturada". ¹⁸Quando ele mencionou a arca de Deus, Eli caiu de sua cadeira para trás, ao lado da porta, quebrou a nuca e morreu, pois era um homem velho e pesado. Ele tinha sido juiz de Israel durante quarenta anos⁹.

¹⁹Sua nora, a mulher de Pinhas, estava grávida e já próxima do parto. Ao saber a notícia da tomada da arca de Deus, da morte de seu sogro e de seu marido, curvou-se e deu à luz, pois lhe sobrevieram as dores. ²⁰Como ela estivesse para morrer, aquelas que a assistiam lhe disseram: "Anima-te: é um filho que puseste no mundo". Ela não respondeu, nem pres-

Gn 35,17

2Sm 10,12

Jz 13,1

espera a salvação e a vitória (cf. Nm 10,35-36). Segundo o nosso relato, a arca não é um objeto que se possa manipular inconscientemente: aos israelitas, ela não traz a vitória esperada; na Filistéia (5) e em Bet-Shelesh (6,19), sua presença provoca devastações; mais tarde, causa a morte de Uzá (2Sm 6,6-7). Talvez o narrador queira sugerir que o lugar próprio da arca é em Jerusalém (cf. 2Sm 15,25), na *obscuridade* (1Rs 8,12) da *câmara sagrada da Casa, no lugar santíssimo* (1Rs 8,6), longe dos olhares indiscretos (1Sm 6,19) e dos contatos, mesmo acidentais (2Sm 6,6). Pois o Senhor é o Deus santo (1Sm 6,20; cf. Is 6,3), o totalmente outro, o inapreensível, que exige de seu povo a santidade (Lv 11,44-45, etc.). Relacionado ao castigo dos filhos de Eli, o desastre de Ében-Ézer ilustra desde já o ensinamento de Jr 7 (onde os vv. 12 e 14 se referem a Shilô): se não se quer corresponder às exigências de Deus, de nada serve colocar-se ao abrigo de um santuário.

u. O mesmo título aparece em 2Sm 6,2; 2Rs 19,15; Is 37,16; SI 80,2; 99,1; 1Cr 13,6. A arca é o trono do Senhor que toma assento, invisível, sobre os querubins (cf. 1Rs 6,23 nota).

v. A ovação aqui é ainda um grito de guerra, como em Js 6,5,20 (cf. Am 1,14). Esse grito passará para a liturgia da arca e do Templo (2Sm 6,15; SI 27,6; 33,3; 47,6; 89,16; 150,5).

w. Para os filisteus, os israelitas são *hebreus* (cf. v. 9; 13,19; 14,11; 29,3), mas 14,21 mostra que os israelitas tinham então consciência de serem distintos dos hebreus. O termo poderia designar uma população flutuante e tomar, na boca dos filisteus, um significado satírico, como na boca dos egípcios em Gn 39,17; 41,12; Ex 1,16; 2,6.

x. Os filisteus confundem aparentemente as pragas do Egito (Ex 7-11) e a derrota de Faraó no mar dos Juncos (Ex 14).

y. As *tendas* designam o domicílio: cf. Js 22,6-8; Jz 7,8; 1Sm 13,2, etc.

z. Em sinal de luto (cf. 2Sm 1,2-12; 18,19-32 e Gn 37,29; Jz 11,35; Ez 27,30).

a. O estilo, ofegante, é o de 2Sm 1,4 e 11,23-24.

b. Com esta indicação, o redator insere Eli na lista dos Juizes (cf. Jz 3,10-11; 4,4; 10,2-3; 12,7-14; 15,20; 16,31; 1Sm 7,15).

tou atenção. ²¹Deu ao menino o nome de I-Kabod, que significa: não há mais glória: "A glória", disse ela, foi banida de Israel" — aludindo à tomada da arca de Deus, ao seu sogro e ao seu marido. ²²Ela tinha dito: "A glória foi banida de Israel", porque a arca de Deus fora capturada.

5 Cativo e volta da arca. ¹Os filisteus tinham, portanto, se apossado da arca de Deus. Eles a transportaram de Ében-Êzer a Ashdod. ²Os filisteus tomaram a arca de Deus, levaram-na à casa de Dagon^d e a expuseram ao lado de Dagon. ³No dia seguinte, os ashdoditas se levantaram bem de manhã, e eis que Dagon estava caído por terra diante dela, diante da arca do SENHOR. Eles tomaram Dagon e o restituíram ao seu lugar. ⁴No outro dia, novamente levantaram bem cedo, e eis que Dagon estava caído por terra diante dela^e, diante da arca do SENHOR. A cabeça de Dagon e suas duas mãos, cortadas, encontravam-se sobre a soleira da porta. Pelo menos restava ainda alguma coisa de Dagon^f. ⁵Por isso ainda hoje em Ashdod, os sacerdotes de Dagon e todos aqueles que entram na casa de Dagon não pisam na soleira de Dagon^g.

⁶A mão do SENHOR pesou sobre os ashdoditas e fez devastações entre eles. Ele os feriu com tumores^h, a Ashdod e a seu território. ⁷Quando os habitantes de Ashdod viram o que estava acontecendo, disseram: "Que a arca do Deus de Israel não permaneça mais conosco, porque ele fez pesar duramente a sua mão sobre nós e sobre Dagon, nosso deus!" ⁸Convidaram todos os príncipes dos filisteus a se

reunirem com eles e lhes disseram: "Que podemos nós fazer com a arcaⁱ do Deus de Israel?" Eles responderam: "É para Gat que deve ser transferida a arca do Deus de Israel". E a arca do Deus de Israel foi transferida.

⁹Ora, depois que a transferiram, a mão do SENHOR se voltou contra a cidade, e houve extremo pânico. O SENHOR feriu os habitantes da cidade, pequenos e grandes, e saíram-lhes tumores. ¹⁰Eles enviaram a arca de Deus a Eqrn. Mas, logo que a arca de Deus chegou a Eqrn, os eqronitas puseram-se a gritar: "Trouxeram para mim a arca do Deus de Israel para me fazer perecer, a mim e a meu povo!" ¹¹Eles convidaram todos os príncipes dos filisteus a se reunir. Disseram: "Devolvei a arca do Deus de Israel, que ela volte para o lugar onde estava e não me faça perecer, a mim e a meu povo". Havia, de fato, pânico mortal em toda a cidade, pois a mão de Deus pesara duramente sobre ela. ¹²Os habitantes que não estavam mortos tinham sido afligidos com tumores, e o grito de consternação da cidade subia até o céu.

6 ¹A arca do SENHOR permaneceu sete meses no território dos filisteus. ²Os filisteus apelaram aos sacerdotes e aos adivinhos dizendo: "Que podemos fazer com a arca do SENHOR? Indicai-nos como podemos devolvê-la ao seu lugar". ³Eles disseram: "Se quereis devolver a arca do Deus de Israel, não a mandeis sem nada. Ao contrário, tende todo cuidado de lhe fornecer uma reparação. Então sereis curados e sabereis por que sua mão não se apartava de vós^k". ⁴Eles responderam: "Que espécie de reparação devemos lhe

14,20;
Dt 7,23;
Is 22,5

Ex 10,7

Ex 2,23

c. A glória, comparada em Ex 24,17 a um fogo devorador, manifesta em Ex 16,10 e 24,16-17 a presença divina aparecendo na nuvem do deserto e no Sinai. Ela encheu a Morada segundo Ex 40,34-35 e o Templo segundo I Rs 8,10-11. Aqui, é posta em relação à arca, como em I Rs 8,1-11 (cf. também Is 6,1-4).

d. Sobre Dagon, cf. Jz 16,23 nota.

e. Diante da arca. Versões: *caído com o rosto em terra*.

f. O sentido da última frase não é seguro. Grego e latim *Restava apenas o tronco* (aramaico e sir: *o corpo*) de Dagon.

g. Gr. acrescenta: *eles pulam por cima*, costume antigo que consiste em não pisar na soleira da porta de um templo.

h. A palavra hebr. traduzida por *tumor* parece designar inchaço. Versões: *Ele os atingiu por detrás*; segundo Flávio Josefo (*Antiquidades judaicas* 6,3), os filisteus foram atingidos com disenteria; segundo os comentários rabínicos, tratava-se de hemorroidas; os exegetas modernos pensaram na peste bubônica (propagada pelos ratos).

i. Ou: *Que faremos da arca?*

j. Supõe-se que é o príncipe de Eqrn quem fala.

k. A última frase antecipa o v. 9.

oferecer?" Eles disseram: "De acordo com o número dos príncipes dos filisteus, cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, porque é uma mesma praga que os atingiu¹ a todos, como também aos vossos príncipes. ⁵Fareis portanto imagens dos vossos tumores e dos ratos que devastaram a vossa terra e dareis glória ao Deus de Israel. Talvez sua mão se torne mais leve sobre vós, sobre os vossos deuses e sobre a vossa terra. ⁶De que serve endurecer o vosso coração, como fizeram os egípcios e Faraó? Quando Deus fez o que quis com eles, não deixaram o povo partir? ⁷Fabricai, pois, um carro novo e tomai duas vacas que amamentam e ainda não carregaram o jugo. Atrelai as vacas ao carro e separai delas as suas crias, que reconduzireis ao estábulo. ⁸Tomai a arca do SENHOR e ponde-a sobre o carro. Os objetos de ouro que lhe oferecereis em reparação, ponde-os num cofre ao lado dela e a deixareis partir. ⁹Vereis então: se ela tomar o caminho de sua terra, subindo em direção de Bet-Shémesh, foi ele quem nos causou este grande mal. Se não, saberemos que não foi a sua mão que nos atingiu, mas um mero acidente". ¹⁰Assim fizeram: tomaram duas vacas que amamentavam, atrelaram-nas ao carro e retiveram seus bezerros no estábulo. ¹¹Puseram a arca do SENHOR sobre o carro, assim como o cofre, os ratos de ouro, e as imagens de seus tumores. ¹²As vacas tomaram diretamente o caminho de Bet-Shémesh. Seguiram, mugindo, pelo mesmo caminho", sem se desviar, nem para a direita, nem para a esquerda, e os príncipes dos filisteus caminharam atrás delas até o limite de Bet-Shémesh. ¹³Os

habitantes de Bet-Shémesh estavam colhendo o trigo no vale. Levantando os olhos, perceberam a arca e se alegraram ao vê-la. ¹⁴Chegando ao campo de Josué de Bet-Shémesh, o carro parou. Havia ali uma grande pedra. Racharam a madeira do carro e ofereceram as vacas em holocausto ao SENHOR. ¹⁵Os levitas" desceram a arca do SENHOR e o cofre onde se encontravam os objetos de ouro que estavam com ela. Eles os depuseram sobre a grande pedra. Os habitantes de Bet-Shémesh ofereceram holocaustos e imolaram sacrifícios ao SENHOR nesse dia. ¹⁶Os cinco príncipes dos filisteus, vendo isso, voltaram a Eqrón no mesmo dia.

¹⁷Eis os tumores de ouro que os filisteus ofereceram em reparação ao SENHOR: um por Ashdod, um por Gaza, um por Ashqelon, um por Gat e um por Eqrón. ¹⁸E os ratos de ouro: de acordo com o número de todas as cidades dos filisteus dependentes dos cinco príncipes, desde a cidade fortificada até a aldeia sem muralhas... e até a planície da grande pedra", onde puseram a arca do SENHOR. Ainda hoje essa pedra se encontra no campo de Josué de Bet-Shémesh.

¹⁹O SENHOR feriu os habitantes de Bet-Shémesh, porque tinham olhado para a arca do SENHOR. Ele feriu setenta homens do povo — cinqüenta mil homens^p. O povo ficou de luto, porque o SENHOR o feriu duramente. ²⁰Os habitantes de Bet-Shémesh disseram: "Quem poderá manter-se na presença do SENHOR, esse Deus Santo?" e: "Para quem subirá ele, quando nos deixar?" ²¹Enviaram mensageiros a Qiriat-Iearim, para lhes dizer: "Os filisteus devolveram a arca do SENHOR. Descei e fazei-a subir até vós."

Js 7,19;
Jn 9,24

Ex 7,13

Ex 12,31

2Sm 6,3

Nm 19,2;
Dt 21,3

2Sm 24,22

Js 13,3

Mi 3,2;
Sl 76,8

1. Versões: *que vos atingiu a todos*.

m. As vacas querem voltar aos seus bezerros, mas são compelidas a avançar pelo Senhor, sentado no trono acima da arca.

n. Como em Js 3,3; 2Sm 15,24 e 1Rs 8,4, os levitas são os portadores da arca, conforme Dt 10,8. Mas, não se fala disso em outros relatos que tratam do deslocamento da arca (7,1; 2Sm 6). Pode-se pensar, portanto, que a referência aos levitas foi introduzida por um redator querendo recordar que somente eles eram habilitados a levar a arca.

o. Texto obscuro. Emendamos a palavra *pedra*, ausente do texto hebraico. Gr.: *e até a grande pedra*. Tem-se a impressão de que foi omitida uma preposição. Os exegetas modernos preferem ler: *Testemunha, a grande pedra...*

p. O gr. e o sir. juntam os dois números (50.070); o lat. e o aram. compreendem 70 homens de alto escalão e 50.000 homens do povo; alguns entendem 70 de uma população total de 50.000. Mas trata-se antes do aumento, feito por um redator, do número inicial de 70 (apresentado por Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas* 6,18) ou então da combinação de duas tradições diferentes.

7 ¹Os habitantes de Qiriat-learim vieram e fizeram subir consigo a arca do SENHOR. Conduziram-na à casa de Abinadab, sobre a colina, e consagraram seu filho Elcazar para guardar a arca do SENHOR.

Samuel, juiz e intercessor. Vitória sobre os filisteus. ²Desde o dia da instalação da arca em Qiriat-learim passou-se muito tempo, cerca de vinte anos, quando toda a casa de Israel se pôs a suspirar pelo SENHOR. ³Samuel disse então a toda a casa de Israel: "Se é de todo coração que voltais ao SENHOR, retirai do meio de vós os deuses do estrangeiro e as Astartes. Dirigi vossos corações ao SENHOR, servi somente a ele, e ele vos arrancará das mãos dos filisteus". ⁴Os filhos de Israel lançaram fora os Baalim e as Astartes e só serviram ao SENHOR.

⁵Samuel disse: "Reuni todo Israel em Mispa. Eu intercederei em vosso favor junto ao SENHOR." ⁶Eles se reuniram em Mispa. Buscaram água e a derramaram diante do SENHOR. Nesse dia jejuaram e declararam naquele lugar: "Nós pecamos contra o SENHOR". E Samuel julgou os filhos de Israel em Mispa.

⁷Os filisteus souberam que os filhos de Israel estavam reunidos em Mispa e os príncipes dos filisteus subiram contra Israel. Os filhos de Israel souberam disso e sentiram medo dos filisteus. ⁸Os filhos de Israel disseram a Samuel: "Não permanecemos mudo! Não nos abandones!

Clama ao SENHOR, nosso Deus, para que nos salve da mão dos filisteus!" ⁹Tomou Samuel um cordeirinho de leite e ofereceu-o todo inteiro em holocausto ao SENHOR. Samuel suplicou ao SENHOR em favor de Israel, e o SENHOR lhe respondeu.

¹⁰Enquanto Samuel oferecia o holocausto, os filisteus avançaram para combater Israel. Mas o SENHOR, nesse dia, trovejou estrondosamente contra os filisteus. Ele os encheu de pânico, e foram derrotados diante de Israel. ¹¹Os israelitas saíram de Mispa e perseguiram os filisteus, combatendo-os até abaixo de Bet-Kar. ¹²Samuel tomou uma pedra e a pôs entre Mispa e O Dente. Ele a chamou de Eben-Ezer, isto é, Pedra do Socorro, "porque, disse ele, até aqui" o SENHOR nos socorreu".

¹³Os filisteus foram humilhados e não voltaram mais a penetrar no território de Israel. E a mão do SENHOR esteve contra os filisteus durante todos os dias de Samuel. ¹⁴As cidades que os filisteus tinham tomado de Israel voltaram a pertencer a Israel, de Egron a Gat. Também o território delas, Israel o libertou dos filisteus. Houve paz entre Israel e os amorreus. ¹⁵Samuel foi juiz de Israel durante todos os dias de sua vida. ¹⁶A cada ano ele percorria Betel, Guilgal e Mispa e julgava Israel em todos esses lugares. ¹⁷Voltava em seguida para Ramá, porque ali estava a sua casa. Ali julgava Israel e ali construiu um altar ao SENHOR.

q. 1Sm 7 é a conclusão de 1-7, e mesmo da história dos juízes, como bem indica a recapitulação dos vv. 13-17 (cf. 14,47-48,52). O desastre militar de Eben-Ezer (4.1; 5.1) foi vingado no mesmo lugar (7.12), graças à oração de Samuel (7,8-9), mas também graças a uma conversão de Israel, que rejeita os deuses cananeus (v. 4) e expia sua falta na assembléia cultual de Mispa (vv. 5-6). A repetida menção a Mispa (vv. 5,6,7,11,12,16; cf. Jz 20.1 e 1Sm 10.17) talvez indique o lugar de origem da lenda. O estilo do relato não é mais o mesmo da "história da arca" (cf. 4.1 nota). As expressões utilizadas reaparecem no cap. 12, do qual seções inteiras encontram no cap. 7 seus correspondentes aproximativos (7,3-5 e 12,19-25; 7,5-12 e 12,16-18).

r. Sobre os Baalim e Astartes, cf. Jz 2.13 nota.

s. A libação de água, acompanhando o jejum (cf. Jz 20.26; Is

58,2-7) e a confissão da culpa é um ritual de expiação. A água derramada arrasta com ela o pecado. É uma prática atestada em diversas religiões, mas a Bíblia não apresenta outro testemunho disso.

t. Ao afastar o inimigo pela sua oração, Samuel é apresentado como um novo Moisés (cf. Ex 17,8-13 e Jr 15.1; Sl 99,6; Sr 46,16-18).

u. O pânico provocado pelo Senhor é um sinal da guerra santa (cf. Js 10,10; Jz 4.15), como também a presença da tempestade (Js 10,11; Jz 5,20-21).

v. Ou: *até agora*.

w. Esta conclusão, destinada a glorificar Samuel como chefe de Israel (juiz itinerante, segundo v. 16), não corresponde à situação descrita em 1Sm 13-14 (cf. 9.16). Foi David quem pôs fim à hegemonia dos filisteus (2Sm 8.1).

Jz 3,30;
4,23;
8,28; 11,33

4.1

17,52

SAMUEL E A REALEZA*

8 Pedido de um rei. 'Samuel envelheceu e deu seus filhos como juízes a Israel.

²Seu filho primogênito chamava-se Ioel, o segundo Abiá. Eram juízes em Beer-Sheba. ³Mas seus filhos não seguiram seus passos. Guiando-se pelo lucro, aceitavam presentes e pervertiam o direito.

2,12;
Ex 23,8;
Dt 16,19

⁴Todos os anciãos de Israel se reuniram e vieram ao encontro de Samuel em Ramá. ⁵Eles lhe disseram: "Eis que te tornaste velho e teus filhos não seguem os teus passos. Agora, pois, dá-nos um rei para nos julgar como todas as nações". ⁶Desagradou a Samuel que eles dissessem: "Dá-nos um rei para nos julgar". E Samuel intercedeu junto ao SENHOR. ⁷O SENHOR disse a Samuel: "Escuta a voz do povo em tudo aquilo que te pedem^a. Não é a ti que rejeitam, mas a mim. Não querem mais que eu reine sobre eles^b". ⁸Como fizeram desde o dia em que os fiz subir do Egito até hoje, abandonando-me para servir a outros deuses, assim fazem também contigo. ⁹Agora, pois, escuta a sua voz. Mas não deixes de adverti-los: ensina-lhes como governará o rei que reinará sobre eles^c".

8,20;
Dt 17,14;
Ez 20,32;
Est 3,8

Jz 10,13;
1Rs 9,9;
Sl 74,17

¹⁰Samuel transmitiu todas as palavras do SENHOR ao povo que lhe pedia um rei. ¹¹Disse: "Eis como governará o rei que reinará sobre vós^d: tomará vossos filhos para encarregá-los de seus carros e de sua cavalaria e terão de correr na frente de seu carro. ¹²Ele os tomará para fazer deles chefes de mil e chefes de cinquenta, para lavrar sua lavoura, para colher a sua colheita, para fabricar suas armas e o equipamento de seus carros. ¹³Tomará vossas filhas como perfumistas, cozinheiras e padeiras. ¹⁴Tomará os vossos melhores campos, as vossas vinhas e vossos olivais. Ele os tomará e os dará aos seus servos. ¹⁵Cobrarão o dízimo de vossas searas e de vossas vinhas para dá-lo aos seus eunucos e servos. ¹⁶Tomará vossos servos e vossas servas, os melhores de vossos jovens, e os vossos jumentos para pô-los a seu serviço. ¹⁷Cobrarão o dízimo de vossos rebanhos. Vós mesmos, enfim, sereis seus escravos. ¹⁸Naquele dia, gritareis por causa do rei que tiverdes escolhido^e, mas, o SENHOR não vos responderá, naquele dia^f".

2Sm 15,1;
1Rs 1,5

22,7
2Sm 18,1

Mq 3,4

x. Como 1Sm 7, o cap. 8 é aparentado ao cap. 12 (alusão à velhice de Samuel e aos seus filhos em 8,15 e 12,2: oposição acentuada entre a atitude de Samuel, segundo 12,3-5, e a do rei, segundo 8,11-18). Esses três capítulos mantêm reservas à instituição monárquica. Costuma-se aproximar também deles 10,17-27, sobretudo por causa do v. 19, muito próximo de 8,7 e de 12,17. Mas 10,17-27 parece conservar uma tradição independente (segundo 10,24 é o Senhor quem escolhe o rei, ao passo que em 8,18 a escolha é atribuída aos israelitas; 12,13 procura conciliar os dois dados). 1Sm 9,1-10,16 faz ouvir um som diferente, pois não exprime reserva alguma em relação ao rei. Geralmente se reconhece no cap. 11 um relato antigo, mas hesitava-se em ver nele a continuação de 9,1-10,16, que parece ser mais tardio que o relato da expedição de Saul contra os amonitas. 1Sm 8-12 reúne, portanto, diferentes tradições sobre as origens da monarquia. A aparente incompatibilidade se deve à diversidade e até à oposição de pontos de vista e, talvez, também ao desaparecimento, no relato atual, da cronologia dos acontecimentos. Assim o episódio de 11,1-11, em que Saul age como juiz-libertador, poderia ser anterior à dominação filistéia; o poder de Saul talvez se tenha estendido progressivamente, e as etapas de sua ascensão teriam sido sancionadas por assembleias do povo, primeiramente, pelo que parece, em Guilgal (11,15), depois em Mispa (10,17). A adesão de certas tribos, e especialmente de Efraim, à realza do benjaminita Saul

deve ter encontrado oposição: 1Sm 8 poderia ser um eco longínquo dessas discussões (cf. v. 11 nota).

y. Embora reprovando o desejo do povo, o Senhor parece ceder, autorizando Samuel a satisfazer esse desejo (cf. v. 22).

z. As funções de Juiz (isto é, de soberano) e de chefe de guerra (cf. v. 20) pertenciam, por direito, ao Senhor (cf. 12,12; Jz 8,22-23), que podia, em certas ocasiões, delegá-las a homens, os Juizes, para exercê-las temporariamente. Esta velha concepção da realza divina é distinta da representação ulterior do Senhor-rei dominando em seu Templo (Is 6,5; Sl 47,8-9).

a. Quer-se ver, muitas vezes, nos vv. 11-18, uma reflexão anti-monarquista inspirada por longa experiência dos abusos da realza em Israel: assim no v. 11 se vê uma alusão aos carros de Salomão (cf. 1Rs 5,6; Dt 17,16) e no v. 14, uma censura aos monarquistas, dos quais a história de Nabot (1Rs 21,1-24) sem dúvida é apenas um exemplo. Mas os costumes dos reis denunciados aqui correspondem a práticas conhecidas desde o 2º milênio através dos arquivos cuneiformes da Síria (Alalakh, Ugarit). Por isso, considera-se que Samuel expõe aos israelitas os inconvenientes resultando da adoção de um regime monárquico idêntico ao das nações desse tempo, regime não conforme às tradições e aos interesses de uma sociedade de pequenos proprietários livres, que não sentiam a necessidade de um rei, a não ser para melhor resistir às pressões externas.

b. Saul não será escolhido pelo povo, mas designado pelo Senhor (9,15; 10,24; 11,6).

¹⁹Mas o povo não quis ouvir a voz de Samuel. "Não, disseram eles. É um rei que teremos. ²⁰E seremos, também nós, como todas as nações. Nosso rei nos julgará, sairá à nossa frente e combaterá os nossos combates". ²¹Samuel ouviu todas as palavras do povo e as repetiu aos ouvidos do SENHOR. ²²O SENHOR disse então a Samuel: "Escuta a sua voz e dá-lhes um rei". Samuel disse aos israelitas: "Volte cada um para a sua cidade".

9 Saul e as jumentas. ¹Havia em Ben-jamin um homem chamado Qish, filho de Abiel, filho de Şeror, filho de Bekorat, filho de Afiaş, filho de um benjaminita. Era um valente guerreiro. ²Ele tinha um filho chamado Saul, bonito e de valor. Nenhum dos filhos de Israel se equiparava a ele. Dos ombros para cima, ele ultrapassava todo o povo. ³As jumentas de Qish, o pai de Saul, tinham-se perdido. Qish disse a seu filho Saul: "Toma, pois, contigo um dos criados e parte à procura das jumentas". ⁴Ele percorreu a montanha de Efraim, percorreu o território de Shalishá, sem encontrar. Percorreram o território de Shaalim, e nada. Percorreu o território de Benjamin, sem encontrar.

⁵Quando chegaram ao território de Şuf, Saul disse ao criado que o acompanhava: "Vamos voltar. Temo que meu pai não pense mais nas jumentas, mas se inquiete por nossa causa". ⁶O criado lhe disse: "Mas há nesta cidade um homem de Deus. É um homem conhecido. Tudo o que diz acontece seguramente. Vamos até lá. Talvez nos esclareça sobre a viagem que fizemos". ⁷Saul disse ao seu

criado: "Está bem. Vamos até lá. Mas, que levaremos para esse homem? Não há mais pão em nosso alforje e não é conveniente oferecer ao homem de Deus as provisões de viagem". Que nos resta?" ⁸O criado retomou a palavra para responder a Saul: "Tenho comigo exatamente um quarto de siclo de prata. Eu o darei ao homem de Deus e ele nos esclarecerá sobre a nossa viagem". ⁹Outrora, em Israel, tinha-se o costume de dizer quando alguém ia consultar a Deus: "Vinde, vamos procurar o vidente". Porque o "profeta" de hoje outrora era chamado "vidente". ¹⁰Saul disse ao seu criado: "Falaste bem. Vamos até lá". E eles foram à cidade onde se encontrava o homem de Deus.

¹¹Estavam subindo a ladeira da cidade, quando encontraram moças que saíam para buscar água. Perguntaram a elas: "O vidente está aqui?" ¹²Elas lhes responderam: "Sim. Bem à tua frente! Agora apressa-te, ele veio à cidade hoje, porque hoje há um sacrifício público no lugar alto". ¹³Tão logo chegueis à cidade, o encontrareis, antes que suba ao lugar alto para comer. O povo não deve comer antes de sua chegada, pois é ele quem deve abençoar o sacrifício: depois disso os convidados poderão comer. Agora, pois, subi, porque hoje o encontrareis". ¹⁴Subiram, então, à cidade.

Entraram na cidade, e eis que Samuel saía ao encontro deles, para subir ao lugar alto. ¹⁵Um dia antes, o SENHOR avisara^a Samuel da chegada de Saul. Ele lhe tinha dito: ¹⁶"Amanhã, a esta hora, eu te enviarei um homem da terra de Benjamin, tu o ungirás como che-

e. A história do encontro de Saul com Samuel (9.1-10.16) visava realçar os dons deste *vidente* (cf. 9.6; 10.2-7.9), apresentado como o inspirador da ação de Saul contra os filisteus (cf. 10.5; 13) e talvez também contra os amonitas (10.6 deve ser comparado com 11.6). A tradição mais antiga parece ter sido aumentada a partir de um relato da unção de Saul por Samuel (9.15-17.20-21; 10.1) e da explicação de um velho refrão (10.10-13). Essa tradição não foi conservada a título de anedota, mas para ilustrar a iniciativa todo-poderosa do Senhor, que conduz os dois protagonistas um em direção a outro.

d. O pão cozido que Saul levava ao sair de casa teria sido um presente conveniente (cf. 2Rs 4.42; 1Rs 14.3), mas simples pro-

visões de viagem (a palavra hebraica, difícil, foi entendida assim pelo sir.), não eram apresentáveis. Ora, não se consulta um adivinho sem lhe dar uma retribuição (Nm 22.7; 2Rs 5.15).

e. Área de culto, muitas vezes situada sobre uma elevação fora da cidade e que, em alguns casos, comportava anexos (cf. 1Rs 12.31), especialmente uma sala (v. 22) utilizada para as refeições sacrificais.

f. O texto hebraico parece hesitar entre *hoje* e *imediatamente*. O estilo dos vv. 12-13 parodia a tagarelice das moças.

g. Lit. *descobrir o ouvido* (afastando as mechas que o cobrem), expressão figurativa, que reaparece em 20.2.12.13; 22.8.17; 2Sm 7.27; Jó 33.16; 36.10.15; Rt 4.4.

1.1;
1Cr 8.33

10.23; 16.7

Gn 36.24;
Jz 5.10;
10.4;
12.14

Gn 24.11

1Rs 3.4

At 9.10-16

16.3.13

Jz 13,5;
2Sm 3,18

fe^b do meu povo Israel, e ele salvará o meu povo das mãos dos filisteus. Pois vi meu povo e seu clamor chegou até mim".
17Samuel reparou em Saul. Logo o SENHOR lhe disse: "Este é o homem de quem te falei; ele dominará o meu povo".

16,3

18Saul se aproximou de Samuel no meio da porta e disse: "Peço-te que me indiques onde é a casa do vidente". 19Samuel respondeu a Saul: "Sou eu o vidente. Sobe na minha frente ao lugar alto. Hoje comereis comigo. Amanhã de manhã eu te deixarei partir e te mostrarei tudo o que te preocupa. 20Quanto às tuas jumentas, que há três dias se perderam, não penses mais nelas: já foram encontradas. E a quem pertence tudo o que há de precioso em Israel? Não é a ti e a toda a casa de teu pai?" 21Saul respondeu: "Não sou eu benjaminita, de uma das menores tribos de Israel, e minha família não é a última de todas as famílias da tribo de Benjamin? Por que me falas desse modo?"

Ex 3,11;
4,1;
Jz 6,15;
1Sm 18,18

22Samuel tomou Saul e seu criado, fê-los entrar na sala e lhes deu um lugar na cabeceira dos convidados — eram uns trinta homens. 23Samuel disse ao cozinheiro: "Serve a porção que te dei, aquela da qual eu te disse: Guarda à parte". 24O cozinheiro trouxe o pernil e a rabadá. Serviu-os a Saul e disse: "Eis o que sobrou. Serve-te: come! Pois foi guardado para ti, para esta ocasião, quando foi dito: Eu convido o povo". Nesse dia, portanto, Saul comeu com Samuel. 25Desceram em seguida do lugar alto para a cidade, e ele se entreteve

Jz 14,11

1Rs 1,25

com Saul no terraço^k. 26Eles se levantaram cedo. E, ao raiar da aurora, Samuel chamou Saul no terraço. Disse-lhe: "Levanta-te! Eu vou te reconduzir". Saul se levantou e ambos saíram, ele e Samuel.

27Desceram até o limite da cidade; então, Samuel disse a Saul: "Manda o teu criado adiante de nós". Ele passou adiante. "E tu, espera agora, para que eu te faça ouvir a palavra de Deus".

10

1Samuel tomou o frasco^l de azeite, e o derramou sobre a cabeça de Saul e o beijou. Disse: "Não foi o SENHOR que te ungiu como chefe de seu patrimônio"? 2Hoje, depois de me ter deixado, encontrarás dois homens junto ao sepulcro de Raquel, na fronteira de Benjamin, em Şelşá. Eles te dirão: 'As jumentas que foste procurar já foram encontradas. Agora teu pai esqueceu o caso das jumentas e se preocupa por vossa causa. Ele diz: Que posso eu fazer por meu filho?' 3Dali, passando adiante, chegarás ao carvalho de Tabor. Aí virão ao teu encontro três homens que vão a Deus em Betel, um levando três cabritos, o outro três pães, e o terceiro um odre de vinho. 4Eles vão te saudar e te dar dois pães. Tu os receberás de suas mãos. 5Em seguida chegarás a Guibeá de Deus, onde residem os prefeitos^o filisteus. Ao entrar na cidade, te defrontarás com um bando de profetas descendo do lugar alto, precedidos de harpas, tambores, flautas e cítaras. Eles estarão em transe profético. 6Então o espírito do SENHOR virá sobre ti, entrarás em transe

9,16

Jz 20,18

h. É discutível o sentido preciso do termo hebraico assim entendido: chefe, preposto, príncipe, chefe designado, herdeiro presuntivo. No princípio talvez designasse um chefe militar. Este título continuou estimado em Israel do Norte (2Sm 5,2-3; 6,21; 1Rs 1,35; 14,7; 16,2).

i. Tradução incerta; talvez: o pernil e o que está acima dele. j. É provavelmente o cozinheiro quem fala, e não Samuel (gr., lat.). Ao terminar, ele lembra o que lhe disse Samuel. O estilo é confuso, talvez de propósito: as explicações do cozinheiro parecem querer recobrir uma expressão desajeitada, eis o que sobrou, que arriscava dar a Saul a impressão de não ser esperado.

k. Gr.: Ele desceu do lugar alto para a cidade. Estenderam uma coberta para Saul no terraço, e ele se deitou.

l. O frasco, como em 2Rs 9,1-3, e não chifre, como em 1Sm 16,1.

m. O patrimônio do Senhor designa aqui o povo (cf. Dt 4,20; 9,26,29; 32,9; 1Rs 8,51,53; 2Rs 21,14 etc.). Em 1Sm 26,19; 2Sm 14,16; 20,19; 21,3, trata-se ao mesmo tempo do povo e da terra. No gr., o v. 1 apresenta duas frases a mais: *És tu que comandarás o povo do Senhor e o libertarás das mãos de seus inimigos. E eis para ti o sinal de que o Senhor te ungiu como chefe de seu patrimônio.*

n. O túmulo de Raquel estaria situado, portanto, junto à fronteira entre Benjamin e Efraim (cf. Jr 31,15). A glosa de Gn 35,19, que identifica Efrata a Bet-Lehem, corresponde à localização, hoje tradicional, do túmulo de Raquel à entrada de Bet-Lehem.

o. Assim entende o aram. (cf. 13,3); outras versões: o posto.

com eles e serás transformado em outro homem^p. ⁷Quando perceberes esses sinais, faz tudo o que estiver ao teu alcance, porque Deus está contigo. ⁸Descerás antes de mim a Guilgal, onde irei ter contigo para oferecer holocaustos e sacrifícios de paz. Terás de me esperar sete dias até que eu venha ter contigo. Então eu te farei saber o que deves fazer!”.

⁹Assim que Saul voltou as costas para deixar Samuel, Deus lhe mudou o coração, e naquele mesmo dia realizaram-se todos esses sinais. ¹⁰Quando chegaram a Guibeá, um bando de profetas veio ao seu encontro. Então o espírito de Deus se apossou dele, e Saul entrou em transe juntamente com eles. ¹¹Todos os que o conheciam de longa data o viram: ele agia como profeta em meio aos profetas! E entre o povo se disse: “Que aconteceu ao filho de Qish? Também Saul entre os profetas?” ¹²Um homem do lugar interveio para dizer: “E quem é o pai deles?” Por isso, se tornou um provérbio a frase: “Também Saul entre os profetas?”

¹³Assim que voltou do transe, Saul chegou ao lugar alto^s. ¹⁴Seu tio perguntou a ele e a seu servo: “Aonde fostes?” Ele respondeu: “À procura das jumentas. Mas nada encontramos e fomos ter com Samuel”. ¹⁵O tio de Saul disse: “Conta-me, por favor, o que vos disse Samuel”. ¹⁶Saul respondeu ao seu tio: “Ele nos fez saber com clareza que as jumentas já

havam sido encontradas”. Mas nada contou sobre o que Samuel^l lhe dissera a respeito da realeza.

Saul designado por sorte. ¹⁷Samuel convocou o povo para junto do SENHOR, em Mispa. ¹⁸Ele disse aos filhos de Israel: “Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Sou eu que fiz Israel subir do Egito e que vos libertei das mãos do Egito e de todos os reinos que vos oprimiam. ¹⁹E vós, hoje, rejeitastes o vosso Deus”, ele que vos livra de todos os vossos males e de todas as vossas aflições. E lhe dissesdes: ‘Tu nos darás um rei’. Agora, pois, apresentai-vos diante do SENHOR, por tribos e por clãs”.

²⁰Samuel mandou que se aproximassem todas as tribos de Israel: a tribo de Benjamin é que foi escolhida. ²¹Mandou que se aproximasse a tribo de Benjamin, segundo a ordem de seus clãs: o clã de Matri é que foi escolhido. Em seguida, foi escolhido Saul, filho de Qish. Procuraram-no, mas não o encontraram. ²²Consultaram ainda o SENHOR: “Alguém mais veio para cá?” O SENHOR respondeu: “Ei-lo escondido entre as bagagens”. ²³Depressa foram buscá-lo, e ele se apresentou no meio do povo: ele ultrapassava todo o povo dos ombros para cima. ²⁴Samuel disse a todo o povo: “Estais vendo a quem o SENHOR escolheu? Não há outro igual a ele em todo o povo.” Então o aclamaram gritando: “Viva o

8,8; 12,6-8

Jz 6,8-9;
Ex 20,214,40-42;
Js 7,16-181Rs 1,39;
2Rs 11,12

p. No seu estado atual, o texto apresenta a posseção de Saul pelo Espírito do Senhor como uma consequência da unção (cf. 16,13). Essa posseção se manifesta somente no momento do encontro de Saul com os extáticos, cujo transe é contagioso (cf. 19,23-24). Ela deveria qualificar Saul para façanhas de guerra (cf. 11,6; Jz 3,10). Em nosso relato, que visa sobretudo ao acesso de Saul ao poder (os presentes dos quais fala o v. 3 são homenagens prestadas ao rei, cf. 16,20), os efeitos da unção são indicados de modo mais vago. Observe-se, contudo, que as fórmulas do v. 7 têm implicações militares (cf. Jz 9,33 e Jz 6,16; 1Sm 17,37b).
q. Este v. redacional prepara 13,7b-15a. A menção aos *sacrifícios de paz* estabelece um laço secundário com 11,15.

r. Esta expressão não é muito clara. O povo se pergunta de quem esses profetas são discípulos, ou então quer simplesmente dizer que são gente sem pai, e portanto, desprezíveis.

s. O gr. parece basear-se num texto hebr. lendo: *a Guibeá* (região de Saul segundo 10,26; 11,4); o sir. leu: *da lugar alto* (aquele de 9,12).

t. Todo o relato sugere que a investidura de Saul se deu em segredo (a unção aconteceu por ocasião de um encontro aparentemente fortuito; a posseção de Saul pelo espírito de Deus se deu sob o aspecto de um transe profético). Tudo isso seria para fazer crer que o acontecido devia ser ignorado dos filisteus?

u. Cf. 8,1 nota.

v. Como em 8,7, o pedido por um rei aparece aqui como uma rejeição da realeza divina. O Senhor, porém, aceitou o pedido (cf. 8,7,9,22) e escolheu ele mesmo (10,24) o rei que estabeleceu sobre Israel (12,13). Os poderes desse rei serão codificados numa “constituição” (10,25) — mui provavelmente diferente daquilo que enuncia 8,11-18 — apresentada por Samuel, intérprete do Senhor. O Senhor é, portanto, o soberano de seu povo (cf. 12,14); e o rei, seu lugar-tenente, não é um monarca absoluto.

w. Percebe-se aqui a combinação de uma tradição segundo a qual Saul é designado pela sorte com outra, na qual o rei é qualificado por seu valor (cf. 9,2).

rei!" ²⁵Samuel expôs ao povo o direito do rei e o escreveu num livro, que depositou diante do SENHOR. Em seguida, Samuel despediu todo o povo, cada um para sua casa. ²⁶Também Saul foi para sua casa em Guibeá. Partiram com ele homens valentes, a quem Deus tocara o coração^x. ²⁷Os vadios, porém, disseram: "Como poderá esse nos salvar?" Eles o desprezaram e não lhe levaram presentes^y. Mas Saul permaneceu indiferente^z.

11 Expedição e vitória contra os amonitas.

¹Nahash, o amonita, levantou-se contra labesh de Guilcad, e a assediou. Todos os habitantes de labesh disseram a Nahash: "Faze conosco uma aliança e nós te serviremos." ²Nahash, o amonita, lhes respondeu: "Eis como farei aliança convosco: vazarei a cada um de vós o olho direito. Infligirei esta vergonha a todo Israel". ³Os anciãos de labesh lhe disseram: "Dá-nos sete dias. Enviaremos mensageiros a todo o território de Israel e, se ninguém vier nos salvar, sairemos ao teu encontro para nos render." ⁴Os mensageiros chegaram em Guibeá de Saul e transmitiram estas palavras aos ouvidos do povo. O povo explodiu em soluços. ⁵Naquele momento, Saul voltava do campo, atrás de seus bois. Saul disse: "Por que o povo está chorando?" Contaram-lhe o que disseram os habitantes de labesh. ⁶O espírito de Deus sobreveio a Saul, quando ele ouviu essas palavras, e ele foi tomado de violenta cólera. ⁷Agarrou uma junta de bois e os despedaçou e, por intermédio de

mensageiros, enviou os pedaços a todo o território de Israel^a, com este recado: "A todo aquele que não partir para a guerra com Saul e Samuel^b, assim se fará a seus bois!" O SENHOR fez cair o terror sobre o povo e eles marcharam como se fossem um só homem. ⁸Saul os passou em revista em Bézeq: havia trezentos mil filhos de Israel e trinta mil homens de Judá^c. ⁹Foi dito então aos mensageiros que tinham vindo: "Assim direis aos habitantes de labesh de Guilcad: Amanhã, à hora mais quente do dia, vos chegará o socorro". Os mensageiros foram informar os habitantes de labesh. Eles se alegraram. ¹⁰Os habitantes de labesh disseram: "Amanhã sairemos ao vosso encontro, e nos tratareis como vos aprouver^d".

¹¹No dia seguinte, pois, Saul repartiu o povo em três grupos. Eles penetraram no acampamento na vigília da manhã e atacaram os amonitas até a hora mais quente do dia. Os sobreviventes se dispersaram; nem dois restaram juntos. ¹²O povo disse a Samuel: "Quais são aqueles que diziam: 'Reinará Saul sobre nós?' Entregai-nos essa gente para que os matemos". ¹³Saul disse: "Ninguém será morto num dia como este, porque hoje o SENHOR alcançou uma vitória em Israel^e".

¹⁴Samuel disse ao povo: "Vinde e vamos a Guilgal: ali renovaremos^f a realzação". ¹⁵Então todo o povo foi a Guilgal. Lá fizeram rei a Saul, na presença do SENHOR, em Guilgal, ofereceram sacrifícios de paz, na presença do SENHOR, e Saul e todos os habitantes de Israel se entregaram a grande alegria.

x. Constituição de embrião de exército permanente. cf. 14,52. y. O v. 27 constitui unidade com 11,12-13. Esta tradição, que atualmente enquadra a expedição contra os amonitas, conserva a lembrança de uma oposição ao novo rei (cf. 8,1 nota).

z. O gr. leu a última frase: *E aconteceu, cerca de um mês depois, que...* e faz dela o início do cap. 11. Confirmado por Qumran, onde se encontra um texto mais longo.

a. O comportamento de Saul, possuído pelo espírito de Deus, é próprio de um juiz-libertador (cf. Jz 3,10; 6,34; 11,29; 14,6,19; 15,14). O procedimento de mobilização evoca Jz 19,29, mas, por detrás do relato dessa execução simbólica, pode-se discernir a lembrança de um ritual de aliança (entre Saul ou Israel e o povo de labesh) mediante o esquartejamento de animais (cf. Gn 15,10,17; Jr 34,18).

b. *E Samuel é* acréscimo de um redator.

c. Os números, inverossímeis, e a menção a Judá indicam uma adição tardia.

d. A expressão *sair ao encontro de*, retomada do v. 3, no qual se falava de Nahash, parece implicar submissão. Segundo o gr. e a maior parte dos comentaristas, trata-se de uma declaração do povo de labesh a Nahash, a fim de enganar-lo quanto às suas intenções. Poder-se-ia entender também que o povo de labesh se dirige aos enviados de Saul, a quem entrega sua sorte.

e. Cf. Ex 14,24 nota.

f. Para os vv. 12-13, cf. 10,27 nota.

g. A redação concilia as suas tradições, a de Mişpá (10,17) e a de Guilgal (11,15), cf. 8,1 nota.

12 Discurso de despedida de Samuel^h.

¹Samuel disse a todo Israel: "Eis que escutei a vossa voz em tudo o que me dissesdes: fiz reinar sobre vós um rei. ²E agora, eis que o rei caminha diante de vós. Eu estou velho, meus cabelos brancos, e meus filhos estão convosco. Fui eu que caminhei diante de vós, desde a minha juventude até hoje. ³Aqui estou. Testemunhai a meu respeito diante do SENHOR e do seu messias: a quem tomei o boi e a quem tomei o jumento? A quem explorei ou a quem oprimi? De quem extorqui dinheiro para fechar os olhos sobre o seu caso? Eu vos restituirei". ⁴Eles disseram: "Tu não nos exploraste. Tu não nos oprimiste. Tu nada extorquistes de ninguém". ⁵Ele lhes disse: "O SENHOR é testemunha contra vós, e seu messias é testemunha, neste dia, de que nada encontrastes em minha mão". Responderam: "Ele é testemunha". ⁶E Samuel disse ao povo: "O SENHORⁱ — que agiu com Moisés e Aarão^j e fez subir vossos pais da terra do Egito!"

⁷"E agora, de pé! Diante do SENHOR, eu vou citar contra vós todos os atos de justiça do SENHOR^k realizados a favor de vós e de vossos pais. ⁸Quando Jacó chegou ao Egito, vossos pais clamaram ao SENHOR, e o SENHOR enviou Moisés e Aarão, que fizeram vossos pais sair do Egito e os instalaram neste lugar. ⁹Mas eles esqueceram o SENHOR, seu Deus, e ele os vendeu a Siserá, chefe do exército

de Haçor, aos filisteus e ao rei de Moab, que lhes fizeram guerra. ¹⁰Então, clamaram ao SENHOR: "Nós pecamos, porque abandonamos o SENHOR e servimos aos Baalim e às Astartes. Agora, livra-nos das mãos de nossos inimigos e nós te serviremos". ¹¹E o SENHOR vos enviou Ierubáal, Bedan^l, Jefté e Samuel, ele vos livrou das mãos dos vossos inimigos em redor, e habitastes em segurança. ¹²Mas quando vistes que Naçash, o rei dos filhos de Amon, vinha para vos atacar^m, então me dissesdes: "Não, é um rei que ensinará sobre nós!" E no entanto, o SENHOR, vosso Deus, é vosso rei. ¹³Agora pois, eis o rei que escolhesteis, que pedistesⁿ, e eis que o SENHOR vos deu um rei. ¹⁴Se temerdes ao SENHOR, se o servirdes, se escutardes sua voz, sem vos revoltar contra as ordens^o do SENHOR, então vós e o rei que reina sobre vós continuareis a seguir o SENHOR, vosso Deus^p.

¹⁵Mas se não escutardes a voz do SENHOR, se vos revoltardes contra as ordens do SENHOR, a mão do SENHOR vos atingirá, assim como a vossos pais^q.

¹⁶Agora ainda uma vez, olhai e vede este grande prodígio que o SENHOR realizará sob os vossos olhos. ¹⁷Não é agora a colheita do trigo? Invocarai o SENHOR, e ele fará trovejar e chover. Compreendei, pois, e vede o grande mal que cometestes aos olhos do SENHOR, pedindo um rei para vós". ¹⁸Samuel invocou o SENHOR, e o SENHOR fez trovejar e chover naquele

Jz 13-16;
Jz 3,12-30Jz 6,32
Jz 10-12Dt 12,10;
25,19Sl 44,5;
68,25

Dt 13,5

Dt 1,26,43;
28,15Dt 2,15;
Jz 2,15

Dt 18,16

Ex 20,17

8,16;
Nm 16,15

Jz 4-5

h. 1Sm 12 tem sido relacionado com o discurso de despedida de Josué (Js 23), mas 1Sm 12 não é um simples sermão. Samuel presta contas de sua administração ao povo (vv. 1-6), cita em testemunho contra ele os atos de justiça do Senhor (vv. 7-15), opera um milagre (vv. 16-18) e assim leva o povo, arrependido, a solicitar a sua intercessão. Samuel a concede multiplicando encorajamentos, conselhos e ameaças (vv. 19-25). Os vv. 1-5 e 16-25 correspondem a seções dos caps. 7 e 8 (cf. 7,2; 8,1 e notas aos títulos). A recordação histórica dos vv. 8-12 é aparentada a Jz 2;12-14; 3,7-9 e sobretudo 10,10-15 (textos aparentemente compostos por redatores e influenciados pela liturgia).

i. Gr.: *Testemunha* (é) o Senhor... Mas a simples menção ao nome divino é suficiente para exprimir a ideia (cf. 20,12).

j. Versões (salvo a aram.): *que fez Moisés e Aarão*. A associação de Aarão a Moisés revela a origem tardia da passagem (cf. Js 24,5).

k. Lit. *as justias do Senhor* (cf. Mq 6,5). São as vitórias do Senhor combatendo por Israel (Jz 5,11) e mostrando que o di-

reito está do lado de Deus. Elas servem de argumentos no processo dirigido contra Israel culpado. A construção utilizada (lit. *as justias do Senhor que ele fez convosco e com os vossos pais*) insinua talvez que, agindo como agiu, o Senhor se mostrou fiel ao seu desígnio e à sua aliança (cf. v. 22 nota).

l. Um juiz de nome Bedan não é mencionado em outro lugar. O gr. e o sir. leram: *Baraq* (Jz 4,6); o aram. interpretou: *Sansão* (da tribo de Dan).

m. A ameaça amonita (e não filistéia) teria, portanto, levado o povo, segundo esta tradição, a pedir um rei (cf. 7,13 e 8,5).

n. Cf. 8,1 nota.

o. Lit. *a boca*.

p. Muitas vezes se traduz: "*Se temerdes o Senhor... (e) se seguirdes o Senhor...* (está bem)". Mas se pode compreender o fim do v. como uma promessa *sob* condição: se fordes fiéis, o Senhor permanecerá o chefe supremo que seguireis, vós e vosso rei (cf. 2Sm 15,13 nota).

q. Aram. e sir.: *como vossos pais*; gr.: *vós e vosso rei*.

Ex 14,31: mesmo dia, e todo povo teve grande
Js 4,14: medo do SENHOR e de Samuel'.

¹⁹E todo o povo disse a Samuel: "Intercede por teus servos junto ao SENHOR, teu Deus, a fim de que não venhamos a morrer, porque a todos os nossos pecados juntamos ainda o mal de pedir para nós um rei". ²⁰Samuel disse ao povo: "Não temais. É verdade que fizestes todo esse mal. No entanto, não vos afasteis do SENHOR, mas servi ao SENHOR de todo o vosso coração. ²¹Não vos afasteis, pois isso seria para seguir nulidades que não servem para nada e que

não podem salvar, pois não passam de nulidades. ²²De fato, o SENHOR não abandonará o seu povo, por causa de seu grande Nome, porque o SENHOR quis fazer de vós o seu povo". ²³Quanto a mim, seria abominável pecar contra o SENHOR deixando de interceder em vosso favor. Eu vos ensinarei o caminho bom e reto. ²⁴Somente temei o SENHOR e servi a ele com lealdade, de todo o vosso coração. Vede como ele se mostrou grande em vosso favor! ²⁵Mas, se fizerdes o mal, sereis aniquilados, vós e o vosso rei."

Rm 11,2

Jl 2,20;
Sl 126,2-3
Js 24,20

AS GUERRAS DE SAUL

13 Revolta contra os filisteus. 'Saul tinha... anos', quando se tornou rei, e ele reinou dois anos sobre Israel'. ²Saul escolheu para si três mil homens de Israel: dois mil homens estavam com Saul, em Mikmá^s e sobre a montanha de Betel, e mil com Jônatan, em Guibeá de Benjamin. Ele despediu

o resto do povo, cada um para as suas tendas.

³Jônatan matou o prefeito dos filisteus que estava em Guibeá, e os filisteus souberam disso. Saul fez soar a trompa em toda a terra para dizer: "Que o saibam os hebreus!" ⁴Todo Israel soube da notícia: Saul matara o prefeito dos filis-

10,5

2Sm 2,2;
18,16

r. A chuva em estação seca é prodígio assustador, lembrando ao povo que não convém antecipar decisões divinas (quanto à realeza). Este prodígio funda também a autoridade de Samuel, espécie de mediador entre Deus e os homens, como Moisés.

s. Cf. Sl 94,14.

t. Cf. Js 7,9; Ez 20,9.14.22.44; 36,22; Sl 79,9-10, etc.

u. Cf. a "fórmula da aliança" de Dt 26,17-18; 27,9; 29,12, etc. v. Os caps. 13-15 não são homogêneos. À base de 13 e 14, podem-se reconhecer tradições autênticas sobre os combates travados contra os filisteus numa área restrita, no coração do território de Benjamin, mas não se pode situá-los com exatidão na história do reinado de Saul. Os episódios conservados parecem destinados a valorizar a figura de Jônatan. É ele quem toma a iniciativa da guerra de libertação (13,3); é sua incursão solitária que provoca o pânico entre os inimigos (14,1-5); enfim é para ele que vai a afeição do povo (14,45), como irá mais tarde para David (cap. 18). O papel militar de Saul é, em comparação, quase insignificante. É em assuntos religiosos que o rei interveém, e nem sempre com conhecimento de causa: a proibição de comer que ele impõe aos combatentes sob pena de morte é uma iniciativa intempestiva, que não parece corresponder a nenhuma regra admitida, e que o autor reprova ao mostrar Jônatan sendo libertado pelo povo. Não é de admirar que o primeiro relato da rejeição de Saul pelo Senhor (13,7b-15a) tenha sido inserido num contexto desfavorável ao primeiro rei e que se explique essa rejeição por uma ingerência de Saul no domínio do sagrado. O cap. 15 é de outra tonalidade: o relato da expedição de Saul contra os amalequitas apresenta menor garantia de autenticidade (cf. 15,2 nota, 5 nota) e supõe um conjunto já constituído de tradições nacionais. Saul é apresentado aí como culpado de

infringir uma lei divina explicitamente formulada (15,1 nota), e a condenação em que ele incorre não concerne somente à sua linhagem, como em 13,13-14, mas também à sua pessoa. Tendo sido inseridos após os caps. 9-12, que tratam da realeza, os caps. 13-15 tendem a mostrar que Saul não é o detentor conveniente do poder que Deus fez instituir em favor de seu povo. Assim se prepara um lugar para o advento de David.

w. O redator ignorava a idade de Saul no momento de sua aparição, ou um número terá desaparecido. Lat.: *Saul tinha um ano de idade*; aram.: *Como uma criança de um ano*; sir.: *Quando Saul tinha reinado um ano ou dois*; gr. não traduz o v. 1.

x. A duração do reinado (dois anos) é pouco provável. Mais tarde, se supôs que Saul tivesse reinado quarenta anos (Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas* 6,378; At 13,21). A fórmula indicando a idade do rei no momento de seu advento e a duração de seu reinado baliza a cronologia dos reis de Judá (cf. 2Sm 2,10; 5,4; 1Rs 14,21; 22,42; 2Rs 8,17.26; 12,1-2; 14,2; 15,2.33; 16,2; 18,2; 21,1.19; 22,1; 23,31.36; 24,8.18).

y. Segundo os vv. 5 e 16, são os filisteus que acampam em Mikmá (cerca de 12 km a nordeste de Jerusalém). Será que o v. 2 antecipa um fato posterior à vitória relatada no cap. 14 ou seria vestígio de uma tradição independente? A indicação de 13,15 contradiz a de 14,2.

z. O gr. supõe: *Guibeá*. Gueba (cerca de 3 km a sudoeste de Mikmá) é uma localidade distinta de Guibeá (6 km a norte de Jerusalém), mas é comum inverter-se os dois nomes (cf. 14,2 nota).

a. Cf. 4,6 nota. Os israelitas podiam contar com os serviços de mercenários ou de aliados hebreus não-israelitas. O gr., que parece querer identificar os hebreus com os israelitas, faz Saul dizer: *os escravos se revoltaram*.

2Sm 10,6; 16,21 teus e Israel se tornara insuportável aos filisteus. O povo se mobilizou em torno a Saul em Guilgal^b.

5Os filisteus se concentraram para combater Israel^c. Eles tinham trinta mil carros, seis mil cavaleiros e uma tropa tão numerosa quanto a areia das praias. Eles vieram acampar em Mikmás, a oriente de Bet-Áven^d. 6Os homens de Israel se viram em perigo, pois o povo estava sendo encurralado. O povo se escondeu em grutas, buracos, penhascos, covas e cisternas. 7Alguns hebreus^e atravessaram até mesmo o Jordão para alcançar o território de Gad e de Guilead.

Saul estava ainda em Guilgal^f, e junto dele todo o povo tremia. 8Saul esperou sete dias para o encontro com Samuel, mas Samuel não veio a Guilgal, e o povo abandonou Saul e se dispersou. 9Saul disse: "Trazei-me o holocausto e os sacrifícios de paz". E ele ofereceu o holocausto^g. 10Quando ele acabava de oferecer o holocausto, chegou Samuel. Saul saiu ao seu encontro para saudá-lo. 11Samuel disse: "Que fizeste?" Saul respondeu: "Quando vi que o povo me abandonava e se dispersava, que tu não chegavas para o encontro combinado, e que os filisteus estavam concentrados em

Mikmás, 12disse a mim mesmo: 'Agora os filisteus vão descer e me atacar em Guilgal, sem que eu tenha aplacado o SENHOR'. Então, vi-me forçado, e ofereci o holocausto". 13Samuel disse a Saul: "Agiste como um insensato! Não guardaste o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te prescrevera^h. De fato, o SENHOR teria estabelecido para sempre a tua realeza sobre Israel, 14mas, agora, o teu reino não subsistirá. O SENHOR procurou para si um homem segundo o seu coração e o SENHOR o instituiu chefe de seu povoⁱ, pois não observaste o que te havia prescrito o SENHOR". 15Samuel pôs-se a caminho e subiu de Guilgal^j a Guibeá de Benjamin.

Saul passou em revista a tropa que se achava com ele: cerca de seiscentos homens^k. 16Saul, seu filho Jônatan e a tropa que se achava com eles permaneciam em Gueba de Benjamin, ao passo que os filisteus acampavam em Mikmás.

17O comando de ataque saiu do acampamento filisteu em três grupos. O primeiro grupo tomou a direção de Ofrá, na terra de Shual. 18O segundo grupo tomou a direção de Bet-Horon, o terceiro se dirigiu para a fronteira que domina o vale das Hienas, para o lado do deserto.

b. A menção a Guilgal prepara os vv. 7b-15a.

c. O v. parece introduzir um relato de batalha (cf. 1Sm 17,1; 28,1; 31,1; 2Sm 21,15). A continuação deve encontrar-se nos vv. 16-18 (que situam em Mikmás o acampamento dos filisteus).

d. Este nome, que significa *casa do nada*, é um apelido satírico dado a Betel (*casa de Deus*, que permanece no texto sir.). Isso mostra que a passagem foi retocada no tempo em que Betel se tornara um santuário cismático (1Rs 12,28-33; Os 4,15; 5,8; 10,5). Gr.: *diante de Bet-Horon, no oriente*.

e. Gr.: *os transeuntes*.

f. Interrompendo o relato dos preparativos do combate, que será retomado em 15b, o parágrafo 7b-15a se liga a 10,8 e 11,14. A semana de espera imposta a Saul significa que ele deve, antes de tudo, submeter-se à vontade de Deus, transmitida por Samuel, ao invés de agir imediatamente, mesmo que as circunstâncias sejam prementes. O atraso de Samuel deixa Saul numa situação trágica e o leva a dar início aos atos sagrados que competia a Samuel realizar. O chefe de guerra interveio desse modo num domínio reservado ao homem religioso. Quase contra a sua própria vontade, Saul desobedece ao mandamento do Senhor (v. 13), o que determina a sua rejeição. Segundo o cap. 15, é igualmente após uma falta de ordem cultural que a realeza de Saul é repelida, de modo ainda mais radical.

g. O costume de oferecer sacrifícios antes do combate é conhecido no antigo Oriente. Quase não é atestado na Bíblia,

mas note-se que Samuel sacrificou antes da batalha, segundo 7,9.

h. Não se vê bem qual mandamento Saul podia infringir, dado que ele esperou pelo menos sete dias (v. 8, cf. 10,8). A frase parece ter sido introduzida por um historiador deuteronomista, cujo vocabulário se pode reconhecer aqui, e a infração a que ele se refere poderia ser aquela que se presume em 15,18-19. O deuteronomista parece ter transformado uma condenação de Saul em condenação de sua linhagem (*o Senhor teria estabelecido para sempre tua realeza* significa, de fato, "o Senhor teria feito de ti um fundador de dinastia", cf. 2Sm 7,12; 1Rs 9,5); assim, o texto sugere uma progressão entre o primeiro relato da rejeição de Saul e o segundo, em que Saul é destituído imediatamente e em pessoa (15,16). Percebe-se aí uma idéia característica do historiador deuteronomista: a transmissão da realeza é assegurada apenas se o rei for sem culpa (cf. 1Rs 2,4; 8,25 e também Sl 132,12).

i. A escolha de David está decidida (cf. 16; 2Sm 6,21; 1Rs 8,16). O revés de Saul não impede o Senhor de manter a iniciativa em favor de seu povo.

j. O gr. acrescenta: e o resto do povo subiu atrás de Saul ao encontro dos guerreiros. Quando chegaram de Guilgal a Gueba de Benjamin...

k. Seiscentos é um número redondo, muitas vezes dado para o efetivo de uma tropa (Jz 3,31; 18,11.16.17; 20,47; 1Sm 14,2; 23,13; 27,2; 30,9; 2Sm 15,18).

¹⁹Não se encontrava mais ferreiro em todo o território de Israel¹, porque os filisteus diziam: "Não convém que os hebreus fabriquem espadas ou lanças". ²⁰Todos os israelitas desciam, pois, aos filisteus para amolar cada qual sua relha, sua enxada, seu machado ou seu buril^m. ²¹A amolagem custava dois terços de sicloⁿ para as relhas, para as enxadas, ...^o, os machados, e o conserto dos agulhões. ²²Por isso, no dia do combate, a tropa de Saul e de Jônatan estava desprovida de espadas e de lanças. Não obstante, para Saul e seu filho Jônatan, foram encontradas. ²³Um destacamento de filisteus saiu em direção ao passo de Mikmás.

14 Jônatan vitorioso contra os filisteus. ¹Um dia, Jônatan, filho de Saul, disse ao seu escudeiro: "Vem, avancemos até o destacamento dos filisteus que está do outro lado". Mas ele nada disse ao seu pai. ²Saul estava sentado no limite de Guibeá, debaixo da romãzeira que está em Migron^p. Estavam com ele cerca de seiscentos homens. ³Ahiá, filho de Ahitub, irmão de I-Kabod, filho de Pinhas, filho de Eli, o sacerdote do SENHOR, em Shilô, trazia o efod^q. O povo não sabia que Jônatan partira. ⁴Em um dos desfiladeiros que Jônatan procurava transpor para atacar o destacamento dos filisteus, havia de cada lado uma ponta de rochedo, uma era chamada Boşes e a outra Sene. ⁵Uma das pontas está voltada para o norte, em frente de Mikmás, e a outra para sul, em frente de Gueba.

Jônatan disse ao seu escudeiro: "Vem, avancemos até a guarnição desses incircuncisos. Talvez o SENHOR faça alguma coisa por nós. De fato, nada impede que o SENHOR nos dê a vitória^r, quer sejamos numerosos ou não". ⁷Seu escudeiro respondeu: "Faze tudo o que tens em mente". Avança, e eu te sigo, conforme tua idéia". Jônatan disse: "Vamos caminhar na sua direção e ser descobertos por seus homens. ⁹Se eles nos disserem: 'Alto lá! Esperai até que cheguemos a vós!', nós permaneceremos no local e não subiremos em direção a eles. ¹⁰Mas se disserem: 'Subi até nós!', subiremos, pois o SENHOR os entregou em nossas mãos. Teremos nisso um sinal". ¹¹Então ambos se mostraram à guarnição dos filisteus. Os filisteus disseram: "Eis que os hebreus saem das tocas onde estavam escondidos". ¹²Os homens da guarnição se dirigiram a Jônatan e ao seu escudeiro e lhes disseram: "Subi até nós. Temos algo a vos ensinar". Jônatan disse ao seu escudeiro: "Sobe atrás de mim. O SENHOR os entregou na mão de Israel". ¹³Jônatan subiu, usando mãos e pés, seguido pelo seu escudeiro. Os filisteus caíam sob os golpes de Jônatan, e seu escudeiro, que vinha atrás, arrematava-os. ¹⁴Este primeiro massacre levado a cabo por Jônatan e seu escudeiro atingiu cerca de vinte homens, sobre um terreno de apenas meio sulco de superfície". ¹⁵Isto causou terror no acampamento, no campo e em todo o povo. A guarnição e a tropa de choque foram tomados de pavor. A terra tremeu; foi um terror de Deus.

13,6; 14,22

7,10

Jl 2,10;
Am 8,8

1. Ao mesmo tempo que nos fornece uma informação histórica interessante (os filisteus querem manter o monopólio do metal), o parêntese dos vv. 19-22 realça a vitória dos israelitas relatada no cap. 14.

m. Tradução conjectural de um termo que parece idêntico ao que traduz *relha*. Poderia tratar-se de derivados de duas raízes homófonas, uma significando "trabalhar", e a outra "gravar".
n. Lit. *O preço imposto (tera) dois terços de siclo*.

o. Expressão enigmática. O gr. parece ter lido: *três siclos para amolar os machados*; daí a proposta de certos autores modernos: "um terço de siclo para amolar os machados". O lat. e comentários rabínicos entenderam: *tridentes*.

p. O nome do lugar, *Migron*, situa bem o episódio na região de Mikmás e de Gueba (cf. Is 10,28-29), de acordo com 13,16 e 14,5. Mas Guibeá era a cidade de Saul (11,4; 15,34; cf. 10,26)

e sua residência habitual (22,6; 23,19; 26,1), e a cena descrita em 14,2 se parece com a de 22,6. Foi por isso que a tradição quis encontrar o nome de Guibeá neste relato (14,2,16).

q. Trata-se de um instrumento divinatório (cf. 2,18 nota). Esta indicação prepara o v. 18 e a cena dos vv. 36-42.

r. Jônatan fala como soldado de guerra santa, cf. 7,2-8; 1Sm 17,45-47.

s. Gr.: *Faze tudo a que se inclina teu coração*.

t. Presságio solicitado, como em Gn 24,14. É ainda a linguagem própria da guerra santa, cf. Js 6,2; 8,1,7,18; 10,8, etc.

u. Lit.: *sobre aproximadamente meio sulco numa jreira de campo*. As versões divergem bastante: lat. e aram.: *sobre a metade de um sulco que uma junta de bois traça num dia*; gr.: *com projéteis e pedras do campo*; sir.: *como talhadores de pedra e condutores de junta de bois no campo*.

¹⁶Em Guibecá de Benjamin, as sentinelas de Saul estavam à espreita. Viram a multidão que se espalhava em todas as direções. ¹⁷Saul disse aos que estavam com ele: "Fazei a chamada e vede quem se afastou do meio de nós". Fizeram a chamada: faltavam Jônatan e seu escudeiro. ¹⁸Saul disse a Ahíá: "Traz para cá a arca de Deus". Naquele dia a arca de Deus estava entre os israelitas". ¹⁹Ora, enquanto Saul falava com o sacerdote, a agitação aumentava no acampamento dos filisteus. Saul disse ao sacerdote: "Retira a tua mão". ²⁰Saul e todos os que estavam com ele chegaram ao campo de batalha. Os filisteus tinham puxado da espada uns contra os outros, e a confusão era total. ²¹Os hebreus, que antes estavam a serviço dos filisteus e que tinham subido ao acampamento com eles, desertaram para se reunir a Israel, ao lado de Saul e de Jônatan. ²²Todos os homens de Israel que se tinham escondido na montanha de Efraim, ao saber da derrota dos filisteus, puseram-se também a persegui-los, combatendo-os. ²³Naquele dia o SENHOR deu a vitória a Israel, e o combate se estendeu para lá de Bet-Aven". ²⁴Os israelitas tinham sofrido naquele dia^a, pois Saul obrigara o povo por esta imprecação: "Maldito seja o homem que tomar algum alimento^b antes do entardecer, antes que me tenha vingado de meus

inimigos". E ninguém do povo tinha provido qualquer alimento.

Jônatan salvo pelo povo. ²⁵Todo o povo^c entrara na floresta. Havia mel à flor do chão". ²⁶Quando o povo entrou na floresta, eis que ali escorria mel. Ninguém, contudo, levava a mão à boca, porque o povo tinha medo do juramento. ²⁷Mas Jônatan não tinha ouvido seu pai impor ao povo o juramento. Ele estendeu o bastão que tinha na mão e molhou a ponta no mel^b, depois levou a mão à boca. Seu olhar clareou". ²⁸Alguém do povo interveio e disse: "Teu pai impôs ao povo um juramento solene, nestes termos: 'Maldito seja aquele que tomar algum alimento hoje'. E o povo está exausto". ²⁹Jônatan disse: "Meu pai trouxe a desgraça à terra. Vede como tenho o olhar claro por ter experimentado um pouco desse mel. ³⁰Quanto mais se, hoje, o povo se tivesse alimentado com os despojos encontrados junto ao inimigo, o golpe dado contra os filisteus não teria sido mais forte?"

³¹Naquele dia, eles derrotaram os filisteus, desde Mikmás até Aialon. O povo, completamente exausto, ³²se atirou^d sobre os despojos. Lançou mão das ovelhas, bois e bezerras, os degolou no chão e comeu em cima do sangue^e. ³³Contaram a Saul: "O povo, disseram, está pecando contra o SENHOR, ao comer em

Jg 7,22;
Ez 38,21

13,3

13,6

Js 6,26

14,17

Js 10,12

v. Gr.: Saul disse a Ahíá: "Traz o efod". Pois, naquele tempo, era ele quem trazia o efod diante de Israel. Esta leitura está mais de acordo com o v. 3, mas é possível que a arca do texto hebr. queira designar uma caixa contendo os elementos para a consulta da sorte, identificável ao efod divinatório, e que um redator, querendo reconhecer nesta arca a arca da aliança capturada pelos filisteus, tenha acrescentado 18b. A consulta da vontade divina precede a participação na guerra (cf. 23,2,9-12; 28,6; 30,7-8). Aqui, Saul manda interromper a consulta.

w. Cf. 13,5 nota. O gr. apresenta um outro texto para 23b: A batalha se estendeu além de Bet-Aven (variante: Bet-Horon). Todo o povo estava com Saul, cerca de dez mil homens. A batalha se estendeu a toda cidade na montanha de Efraim.

x. Gr.: Saul cometeu um grande erro naquele dia.

y. O jejum preparatório poderia ser uma prática da guerra santa, mas, dado que faltava uma situação paralela, pode-se pensar que aqui se trata de uma decisão arbitrária de Saul.

z. Lit. toda a terra, como em 27,9 (população); 2Sm 15,23 (país). Gr.: E toda a terra almoçou (!).

a. Não se trata de mel de colméias, talvez nem mesmo do mel de abelhas selvagens. O termo hebraico designa uma substân-

cia açucarada: poderia ser melado, ou uma exsudação vegetal melada.

b. Gr., lat., sir.: no favo de mel; aram.: no ninho do mel. A palavra hebraica traduzida por favo é talvez o nome próprio da matéria açucarada. É, de fato, aparentado a um termo hebraico que designa o mel em Ct 5,1.

c. "Texto escrito" (e o gr.): e seus olhos viram: "texto lido" (e outras versões): e seus olhos se esclareceram.

d. "Texto escrito" (e sir.): Além disso, dado que o povo não comeu... o golpe... não foi bastante forte.

e. "Texto lido" e versões (mesmo verbo que em 15,19): o "texto escrito" apresenta um verbo homófono de fazer que parece significar dirigir-se de noite em direção a... (cf. v. 34).

f. Ainda que o gr. e o lat. confundam esta expressão com comer com o sangue (proibido em Gn 9,4; Lv 17,10-11), comer em cima do sangue é uma prática distinta, proibida em Lv 19,26 (cf. Ez 33,25) ao mesmo tempo que a adivinhação. Ela consistia em estabelecer uma comunhão com os demônios ou os espíritos dos mortos, que habitam os inferos, partilhando com eles o sangue derramado sobre o solo. A pedra que Saul fez rolar (v. 33) corta a comunicação entre os homens e as potências subterrâneas.

cx 5,7: 6,7 cima do sangue!" Saul disse: "Sois uns traidores! Rolai até mim, logo, uma grande pedra!" ³⁴Saul disse: "Espalhai-vos entre o povo e dizei: Traga-me cada um seu boi ou seu carneiro. Podeis degolá-los e comê-los aqui, sem pecar contra o SENHOR, comendo em cima do sangue". Nessa noite todo o povo levou cada um o boi que tinha à mão, sangrando-o naquele local. ³⁵Foi assim que Saul construiu um altar ao SENHOR. Este foi o primeiro altar que ele construiu ao SENHOR.

7,17:
Jz 6,24

³⁶Saul disse: "Desçamos à noite atrás dos filisteus, nós os saquearemos até o raiar do dia e não deixaremos sobreviver nenhum deles". Disseram: "Faze tudo o que te parecer certo". O sacerdote disse: "Aproximemo-nos de Deus aqui mesmo". ³⁷Saul consultou a Deus: "Devo descer e perseguir os filisteus? Tu os entregarás nas mãos de Israel?" Mas, nesse dia,

28,6
Js 7,11-18

Deus não lhe respondeu. ³⁸Saul disse: "Aproximai-vos, vinde aqui, chefes do povo. Examinai bem em que consistiu o pecado de hoje. ³⁹Sim, certo como vive o SENHOR, o salvador de Israel, mesmo que se trate de uma falta de meu filho Jônatan, sua morte estará marcada". Ninguém em todo o povo lhe respondeu. ⁴⁰Saul disse então a todo Israel: "Vós todos ponded-vos de um lado; eu e meu filho Jônatan ficaremos do outro". O povo disse a Saul: "Faze o que te parece certo". ⁴¹E Saul disse ao SENHOR: "Deus de Israel, dá uma resposta completa!" Jônatan e Saul foram designados e o povo foi posto fora da questão. ⁴²Saul disse: "Lançai a sorte entre mim e meu filho Jônatan." E Jônatan foi apontado. ⁴³Saul disse a Jônatan: "Conta-me o que fizeste". Jônatan lhe contou. Ele disse: "Sim, eu

experimentei um pouco de mel com a ponta do bastão que tinha na mão. Estou pronto para morrer". ⁴⁴Saul disse: "Que Deus faça o pior! Sim, tua morte está marcada, Jônatan!" ⁴⁵O povo disse a Saul: "Jônatan, que trouxe essa grande vitória a Israel, vai morrer? Isso seria abominável. Certo como vive o SENHOR! Não cairá um só cabelo de sua cabeça, pois foi por estar com Deus que ele hoje agiu assim". Então o povo libertou Jônatan e ele não morreu. ⁴⁶Saul deixou de perseguir os filisteus, e estes voltaram para a sua terra.

2Sm 4,11:
1Rs 1,52

Informação sobre o reino de Saul^h.

⁴⁷Quando Saul se apoderou da realeza sobre Israel, fez guerra contra seus inimigos, de todos os lados, contra Moab, contra os filhos de Amon, contra Edom, contra os reis de Šobá e contra os filisteus. E para onde quer que se voltasse, causava ruína! ⁴⁸Ele mostrou sua valentia, abatendo Amaleq e arrancando Israel da mão daquele que o saqueava.

⁴⁹Eram filhos de Saul: Jônatan, Ishviⁱ e Malki-Shua. Os nomes de suas duas filhas eram: Merab, a mais velha, e Mikal, a caçula. ⁵⁰A mulher de Saul chamava-se Aĥinoam, filha de Aĥimáas. O chefe de seu exército era Abner, filho de Ner, tio de Saul. ⁵¹Qish era o pai de Saul, e Ner, o pai de Abner; era filho de Abiel. ⁵²Houve guerra encarniçada contra os filisteus, enquanto Saul viveu. Quando Saul reparava em algum guerreiro, algum valente, ele o escolhia^k.

18,17-20

Jz 7,19-21

15 Combate contra Amaleq. ¹Samuel disse a Saul: "Foi a mim que o SENHOR enviou^l para te ungir como rei^m

g. Gr. supõe: *E Saul disse: "Senhor, Deus de Israel, por que não respondeste hoje a teu servo? Se a falta está em mim ou em Jônatan, meu filho, Senhor, Deus de Israel, dá Uriim: se a falta estiver em Israel, teu povo, dá Tunim"* (cf. Ex 28,30 nota). A palavra *Tunim* e aquela que traduz *completo* são idênticas pelas suas consoantes.

h. Notícia comparável às de 1Sm 7,13-17 (cf. 7,2 nota); 2Sm 2,8-11; 3,2-5; 5,4-5,13-16; 8,1-14,15-18; 20,23-26.

i. Lit.: *ele fazia mal*; versões (exceto aram.): *era vitorioso* (cf. 2Sm 8,6,14).

j. Gr. leu: *Ishyô (homem de YIWH)*. Poderia ser então o mesmo personagem que o Eshbâal (Ishbâal, o homem do *Dono*) de 1Cr 8,33; 9,39, o qual 2Sm 2,8, etc. chama de Ishbôset (substituindo um termo significando *vergonha* ao nome de *Dono*, que outrora podia ser aplicado a YHWH, mas no qual os escribas reconheciam o deus cananeu Bâal).

k. Cf. 10,26 nota.

l. Fórmula caracterizando a missão de um profeta (cf. Jz 6,8; 13,8; 2Sm 12,1; 2Rs 2,2,4,6, etc.). De modo mais claro ainda, que 13,7b-15a, o cap. 15 apresenta Samuel como um profeta (cf.

sobre seu povo Israel. Escuta, portanto, a voz, as palavras do SENHOR. ²Assim fala o SENHOR de todo poder: Vou pedir contas a Amaleq pelo que fez a Israel, barrando-lhe o caminho, quando subia do Egito". ³Vai, pois, agora, e combate Amaleq. ^{14,48; 28,18} Deveis votar ao interdito tudo o que lhe pertence. Não lhe pouparás nada. Entregarás tudo ao extermínio: homens, mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos".

^{11,8} "Saul convocou o povo e o passou em revista em Telaim". Havia duzentos mil na infantaria e, de Judá, dez mil homens. ⁵Chegando à cidade de Amaleq, Saul armou uma emboscada no leito da torrente. ⁶Saul disse aos qenitas: "Fugi, retirai-vos, deixai as fileiras de Amaleq, para que eu não te trate como a ele", pois tu agiste com fidelidade para com todos os filhos de Israel, quando subiam do Egito". Os qenitas se retiraram, portanto, do meio dos amalequitas. ⁷Saul atacou Amaleq, desde Hailá até a entrada de Shur, que está defronte do Egito". ⁸Apri-sionou vivo Agag, rei de Amaleq, e votou o povo todo ao interdito, ao fio da espada. ⁹Mas Saul e o povo pouparam Agag e o melhor das ovelhas, dos bois e das segundas barrigas, os cordeiros e tudo o que havia de bom; e eles não consentiram votá-los ao interdito. Mas

tudo produto sem valor e de má qualidade eles votaram ao interdito.

¹⁰A palavra do SENHOR veio a Samuel, nestes termos: ¹¹"Eu me arrependo de ter feito rei a Saul, pois ele se afastou de mim e não executou as minhas palavras." Samuel foi tomado de emoção e clamou ao SENHOR durante toda a noite. ¹²Samuel se levantou bem de manhã para ir ao encontro de Saul. Disseram a Samuel: "Assim que chegou a Karmel", Saul erigiu para si um monumento, depois partiu para mais longe e desceu a Guilgal". ¹³Samuel chegou perto de Saul, e Saul lhe disse: "Bendito sejas da parte do SENHOR! Eu executei a palavra do SENHOR." ¹⁴Samuel disse: "Que são esses balidos que ouço e esses mugidos que ferem os meus ouvidos?" ¹⁵Saul disse: "Eles os trouxeram" dos amalequitas. O povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois para sacrificá-lo ao SENHOR, teu Deus. Quanto ao resto, o votamos ao interdito". ¹⁶Samuel disse a Saul: "Basta! Vou te anunciar o que o SENHOR me disse nesta noite". Ele lhe disse: "Fala". ¹⁷Samuel disse: "Ainda que sejas pouca coisa aos teus próprios olhos, não és o chefe das tribos de Israel? O SENHOR te ungiu como o rei de Israel". ¹⁸O SENHOR te enviou em expedição e te disse: 'Vai. Tu votarás ao interdito esses

3,20), que transmite a Saul as ordens do Senhor (vv. 2-3) e lhe anunciará a destituição (vv. 23,26). As ordens do Senhor são concernentes aqui ao interdito, uma prática da guerra santa (cf. Js 6,17 nota) à qual os profetas do Norte permaneceram fiéis (cf. IRs 20,35-43) e sobre a qual insistiu o Dt (Dt 7,2; 13,16; 20,17). As intervenções de profetas na escolha e destituição dos reis são muitas vezes mencionadas nas tradições históricas de Israel do Norte, desde Ahia de Shilô (IRs 11,29-39; 14,1-18) até Elias, Eliseu e seus discípulos (IRs 17-2 Rs 9; 13,14-25).

m. Ao falar de *rei*, e não de *chefe* como em 9,16 (cf. nota), o autor parece se apoiar no relato de 9,1-10,16, já desenvolvido em história da união de Saul (cf. 9,1 nota); comparar 15,1 com 9,15-17 e 15,17 com 9,21; 10,1.

n. O autor utiliza a tradição histórica de Ex 17,8-16 (cf. Dt 25, 17-19), mas parece querer aumentar o papel de Amaleq, antigo adversário das tribos meridionais. O relato da expedição de Saul contra Amaleq contrasta com o das incursões de David (1Sm 30), mais preciso e mais sóbrio. Por causa de Nm 24,20, Amaleq se tornou no judaísmo o tipo por excelência do inimigo de Israel.

o. Telâm ou Telem, cidade do Négueb. cf. Js 15,24.

p. A cidade não tem nome, pois os amalequitas eram nômades.

q. Os qenitas estão instalados no Négueb (Jz 1,16; 1Sm 27,10;

30,29), mas podem errar como nômades até o norte (Jz 4,11). A graça concedida aos qenitas parece responder à tradição que faz de um deles o sogro de Moisés (Jz 4,11; cf. Nm 10,29-32).

r. Lit. *para que eu não te junte a ele*; aram. e sir.: *para que eu não te faça perecer com ele*.

s. Esses são os limites do território percorrido pelos nômades ismaelitas segundo Gn 25,18. Gn 10,7,29 convida a situar Hailá em plena Arábia.

t. Agag só é mencionado em Nm 24,7. Como no caso de Amaleq, seu nome adquiriu um valor simbólico (cf. Est 3,1).

u. Tradução incerta, inspirada em Qimhi, que considera também: *animais do ano*; aram. e sir.: *animais cevados*; gr.: *viveres*; lat.: *vestes*.

v. Outra fórmula característica das histórias de profetas (2Sm 7,4; IRs 12,22; 13,20; 17,2,8, etc.), muito frequente em Jr. Ex. Zc.

w. Localidades ao sul de Hebron (Js 15,55; 1Sm 25,2).

x. Gr.: *Eu os trouxe*.

y. A característica do interdito é a destruição total do butim da guerra (cf. Dt 13,17).

z. O primeiro ponto do ato de acusação consiste em relembra-r a Saul sua qualidade de rei. O rei deve obediência apenas ao

Ex 9,27: pecadores, os amalequitas, e os comba-
 10,16: terás até o extermínio'. ¹⁹Por que não
 Jr 50,14: escutaste a voz do SENHOR? Por que te
 Lm 4,22 precipitaste sobre os despojos e fizeste o
 que é mal aos olhos do SENHOR?" ²⁰Saul
 disse a Samuel: "Eu obedeci à voz do
 SENHOR. Parti em expedição para onde o
 SENHOR me tinha enviado. Trouxe para
 cá Agag, rei de Amaleq, e votei Amaleq
 ao interdito. ²¹O povo reteve dos despo-
 jos as ovelhas e bois, o melhor daquilo
 que o interdito atingia, para sacrificar ao
 SENHOR, teu Deus, em Guilgal". ²²Samuel
 disse então:

"O SENHOR gosta mais de holocaustos
 e de sacrifícios

do que da obediência à voz do
 SENHOR?

Não! A obediência é preferível ao
 sacrifício,

e a docilidade à gordura de carneiros.

²³Mas a rebeldia equivale ao pecado de
 adivinhação".

a obstinação equivale à feitiçaria^b.

Porque rejeitaste a palavra do SENHOR
 ele te rejeitou, não és mais rei".

²⁴Saul disse a Samuel: "Pequei, trans-
 gredi a ordem do SENHOR e as tuas pala-
 vras. Tive medo do povo e obedeci-lhe.

²⁵Agora, eu te suplico, perdoa o meu
 pecado e volta comigo, para que eu me
 prosterne diante do SENHOR". ²⁶Samuel
 disse a Saul: "Eu não voltarei contigo,

porque rejeitaste a palavra do SENHOR; o
 SENHOR te rejeitou, e não és mais rei de
 Israel".

²⁷Quando Samuel se voltou para partir,
 Saul^d agarrou a ponta de seu manto, que
 ficou arrancada. ²⁸Samuel lhe disse: "Ho-
 je o SENHOR arrancou de ti a realeza de
 Israel e a entregou a um outro^e, melhor
 que tu". ²⁹E também: "O Esplendor de
 Israel^f não mente, nem se arrepende, por-
 que Ele não é um homem e nada tem do
 que se arrepender". ³⁰Saul disse: "Pe-
 quei, mas eu te suplico, honra-me diante
 dos anciãos de meu povo e diante de
 Israel. Volta comigo, e me prosternarei
 diante do SENHOR, teu Deus". ³¹Samuel
 voltou, em companhia de Saul, e Saul se
 prosternou diante do SENHOR.

³²Samuel disse: "Trazei-me Agag, rei
 de Amaleq". Agag veio em sua direção
 com um ar satisfeito^g. Ele dizia consigo:
 "Seguramente, afastou-se a amargura da
 morte". ³³Samuel disse: "Como tua espá-
 da privou as mulheres de seus filhos, que
 assim tua mãe, entre as mulheres, fique
 sem seu filho!" E Samuel executou^h Agag
 na presença do SENHOR, em Guilgal.
³⁴Samuel partiu para Ramá e Saul foi para
 sua casa, em Guibeá de Saul. ³⁵Samuel
 não viu mais Saul até o dia de sua morteⁱ.
 É que Samuel chorava por Saul, porque
 o SENHOR se arrependera de ter feito Saul
 reinar sobre Israel.

Senhor e não deve ceder aos desejos do povo. Saul, que se gaba
 de ter sido respeitoso das ordens divinas (v. 20), é incapaz de se
 desculpar em relação a esse ponto e se sente constrangido à
 confissão (v. 24).

a. Cf. Dt 18,10.

b. Lit. *crime e terafim* (Símaco: *o crime dos ídolos*). Os ob-
 jetos sagrados chamados *terafim*, lícitos em época remota (Gn
 31,19; Jz 17,5; 1Sm 19,13; cf. Os 3,4 nota) foram condenados
 formalmente, a partir da reforma de Josias, segundo 2Rs 23,24.

c. É uma condenação mais radical do que a de 13,14 (cf. 13,13
 nota).

d. O sujeito de *agarrou* não é bem claro em hebraico. Al-
 guns compreenderam que Samuel arrancou o manto de Saul ou
 seu próprio manto. É melhor entender, com o gr. e o sir., que
 Saul agarrou o manto de Samuel, tentando reter o profeta. O
 rasgo do manto é um acidente cujo significado Samuel explica
 a Saul (v. 28), e não um gesto profético comparável ao de Ahii
 (1Rs 11,30).

e. Como em 13,14, o nome de David não é pronunciado, mas

essa clara alusão a David prepara o cap. 16 (cf. igualmente 15,26
 e 16,1).

f. Esse título não é dado ao Senhor em outro lugar. Gr. (*E
 Israel será rasgado em dois*) se inspirou em 1Rs 11.

g. Indicação teológica que se inspira em Nm 23,19 e traz um
 corretivo aos vv. 11 e 35. Talvez se quisesse sugerir que a des-
 tituição do primeiro rei não implicava uma condenação da mo-
 narquia exercida à maneira de David.

h. Tradução conjectural, inspirando-se em *Áquila* e *aram.*; gr.:
cambaleando; segundo Qimhi e Gersônidas: *acorrentado*. A
 incerteza que pesa sobre o sentido dessa palavra explica uma
 hesitação, na continuação do v., entre *a morte é amarga* (gr.,
 sir.) e *a morte se afastou*, leituras combinadas no texto recebido.

i. O sentido preciso do verbo traduzido assim é incerto. Gr.:
massacrar; Teodociação: *ele o torturou*; outras versões: *cortou
 em pedaços*. Ao executar na pessoa do rei a condenação à morte
 prevista pelo interdito, Samuel se põe no lugar de Saul, que
 acaba de ser destituído.

j. Esta passagem parece ignorar a história de 1Sm 19,24.

ASCENSÃO DE DAVID E QUEDA DE SAUL^k**16** **Unção de David.** ¹O SENHOR disse a

Samuel: "Vais chorar Saul por muito tempo ainda, quando eu próprio já o rejeitei para que não seja mais rei de Israel?" Enche teu chifre de óleo e parte.

²Eu te envio à casa de Jessé, o betlehemita, porque vi entre os seus filhos o rei que me convém." ³Disse Samuel: "Como posso ir lá? Se Saul souber, ele me matará". O SENHOR disse: "Tomarás contigo uma vitela e dirás: 'Venho para oferecer um sacrifício ao SENHOR.' Na ocasião do sacrifício, convidarásⁿ Jessé. Então eu mesmo te farei saber o que debes fazer. Ungirás para mim aquele que eu te indicar".

⁴Samuel fez o que o SENHOR lhe disse-ra. Chegou a Bet-Lehem, e os anciãos vieram, tremendo^o, ao seu encontro. Disseram: "É uma ocasião feliz que te traz^p aqui?" ⁵Ele respondeu: "Sim^q. É para sacrificar ao SENHOR que eu vim. Santificai-vos^r, e vireis comigo ao sacrifício". Ele santificou Jessé e seus filhos e os convidou ao sacrifício.

⁶Quando chegaram, Samuel reparou em Eliab e disse consigo mesmo: "Certamente o messias do SENHOR está diante dele^s". ⁷Mas o SENHOR disse a Samuel: "Não consideres a sua aparência nem sua alta estatura. Eu o rejeito^t. Aqui não se trata daquilo que os homens vêem": os homens vêem aquilo que salta à vista, mas o SENHOR vê o coração^v". ⁸Jessé chamou Abinadab e o fez passar diante de Samuel, mas ele disse: "Este também não. O SENHOR não o escolheu". ⁹Jessé fez passar Shamá, mas Samuel disse: "Este também não. O SENHOR não o escolheu". ¹⁰Jessé fez assim passar sete de seus filhos^w diante de Samuel, e Samuel disse a Jessé: "O SENHOR não escolheu nenhum deles".

¹¹Samuel disse a Jessé: "Os jovens estão todos ar?" Jessé respondeu: "Falta ainda o mais jovem. Ele está cuidando do rebanho". Samuel disse a Jessé: "Manda-o buscar. Não nos poremos à mesa antes da sua chegada". ¹²Então Jessé o

IRs 1,39

Is 11,1;

Mq 5,1;

Rt 4,17-22

Dt 17,15

16,19;

17,15

k. Ainda que fortemente ligado ao cap. 15 (cf. nota), o cap. 16 é considerado como o começo da "história da ascensão de David", que se completa em 2Sm 5 com a instalação do rei de Judá e de Israel em Jerusalém. Esta coleção de tradições, à qual não faltam duplicatas (16,14-23 e 17,55-18,5; 18,6-16 e 19,8-10; 19,1-7 e 20,1-21,1; 21,11-16 e 27; 24 e 26), não é uma compilação desordenada, mas um conjunto bem-construído. A evocação da guerra opondo os filisteus a Israel serve ao narrador para balizar o relato (17,1; 19,8; 23,1; 28,1; 31,1; 2Sm 5,25). Cada episódio é claramente delimitado pela anotação dos movimentos dos personagens, e todo o relato põe em oposição a derrota de Saul e os progressos de David (cf. 2Sm 3,1 e 5,10), explicados por uma fórmula que retorna como um refrão, *o Senhor estava com ele* (1Sm 16,18; 17,37; 18,12.14.28; 20,13; 2Sm 5,10). Toda a história foi escrita visando à glória de David, de quem se sublinha a lealdade em relação a Saul (24,11; 26,23), a humanidade (o calor de sua amizade por Jônatan), a magnanimidade (em relação a Abner, 2Sm 3, e a Ishbôset, 2Sm 4) e o apego ao seu povo, mesmo quando o herói se vê constrangido a servir aos filisteus (1Sm 27,8-12; 29,2-5; 30,26-31).

l. 16,1a retoma os motivos e expressões do cap. precedente (15,26.35). Assim como 1Sm 15, 1Sm 16,1-13 se inspira no relato de 9,1-10,16: Samuel unge David por ocasião de uma cerimônia religiosa local, assim como ungiu Saul (comparar 16,11 e 9,23-24); o segredo envolvendo a unção do rei parece agora justificado pelo medo que Saul inspira (16,2; cf. 10,16 nota), mas a intervenção do Senhor na "seleção" do rei (16,3.6-12) faz crer que o autor utilize também a tradição de 10,17-27, muito embora a escolha de David seja efetuada pela mediação profética de Samuel e não pela consulta das sortes (cf. 10,22 nota).

m. Reticência do profeta em cumprir sua missão (cf. Jr 1,6; Ex 3,11). De agora em diante, Saul é considerado perigoso. Admite-se que seja presa de um espírito mau (cf. 16,14).

n. Gr., sir.: *convidarás ao sacrifício*.

o. Lit. *tremem*, mas aram.: *se reuniram*, sir.: *saíram*; alguns compreendem: *se apressaram*. De fato, o medo dos betlehemitas com a chegada de Samuel não parece justificado.

p. A interrogação figura apenas no gr. e lat. A expressão (lit. *[em] paz tua vinda*) poderia ser entendida como uma simples fórmula de acolhimento, à qual Samuel responderia, no início do v. 5, com *Paz! ou Salve!* Um texto de Qumran e gr. têm no final do v. 5: *(ô) vident!* (cf. 9,11).

q. Lit. (Em) *paz!*

r. A *santificação* é aqui a preparação de um ato litúrgico (cf. Ex 19,10; Js 3,5; 7,13).

s. Samuel crê a princípio que a estatura de Eliab o qualifique para a realeza, como um novo Saul (cf. 9,2; 10,23). Mas o Senhor escolheu o menor (o princípio da escolha divina já é aquele que Paulo anunciará em 1Cor 1,26-29: *o que é fraco aos olhos do mundo, Deus escolheu para confundir o que é forte*).

t. A fórmula de rejeição, aplicada aqui somente a Eliab, faz crer que o autor tire partido de uma tradição pouco favorável ao irmão mais velho de David (cf. 17,28).

u. Gr.: *não é segundo o modo que o homem olha que Deus vê*; lat. e sir.: *não julgo segundo o que vê o homem*.

v. Sob formas diversas, essa ideia retorna com frequência (cf. IRs 8,39; Jr 11,20; 12,3; 17,10; 20,12; Sl 7,10; 17,3; 44,22; 139,23; Pr 15,11; 17,3; 21,2; 24,12).

w. A indicação é conforme a 17,12-14. Em 1Cr 2,13-15, fala-se de sete filhos de Jessé.

mandou vir. Ele tinha a tez clara¹, um belo rosto e uma aparência agradável. O SENHOR disse: "Levanta-te, unge-o: é ele".¹³ Samuel apanhou o chifre de óleo e o ungiu, em meio a seus irmãos, e o espírito do SENHOR desceu sobre David a partir desse dia¹⁴. Samuel se pôs a caminho e partiu para Ramá.

15.34

David a serviço de Saul¹. ¹⁴O espírito do SENHOR se retirara de Saul e um espírito maligno, vindo do SENHOR, o atormentava. ¹⁵Os servos de Saul lhe disseram: "Eis que um espírito maligno vindo de Deus te atormenta. ¹⁶Que fale nosso senhor. Teus servos estão à tua disposição; eles procurarão um homem que saiba tocar a cítara; assim, quando um espírito maligno vindo de Deus te assaltar, ele tocará e isso te aliviará".

18.10; 19.9

¹⁷Saul disse aos seus servos: "Procurai-me, então, um bom músico e trazei-o a mim". ¹⁸Um dos criados respondeu: "Eu vi, justamente, um filho de Jessé, o betleemita. Ele sabe tocar, é valente, hábil no combate, fala com inteligência, é de belo aspecto. E o SENHOR está com ele". ¹⁹Saul enviou mensageiro a Jessé. Ele lhe disse: "Envia-me teu filho David, aquele

SI 89.20

17.37; 18.12.14; 20.13; 2Sm 5.10; 1Rs 1.37

que se ocupa do rebanho". ²⁰Jessé tomou um jumento, pão², um odre de vinho e um cabrito, e mandou seu filho David levá-los a Saul.

²¹David chegou à presença de Saul e se pôs a seu serviço. Saul sentiu uma viva afeição por ele³, e David se tornou o seu escudeiro. ²²Saul mandou dizer a Jessé: "Que David permaneça a meu serviço, pois ele me agrada". ²³Assim, quando o espírito de Deus acometia Saul, David tomava a cítara e tocava. Então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o espírito maligno se retirava dele.

17 David e Goliath¹. ¹Os filisteus reuniram suas tropas para a guerra. Eles se concentraram em Sokô de Judá e acamparam em Sokô e Azeqá², em Éfeso-Damim. ²Saul e os homens de Israel se reuniram e acamparam no vale do Terebinto³, e se puseram em ordem de batalha contra os filisteus. ³Os filisteus ocupavam a montanha de um lado, e os israelitas ocupavam a montanha do outro lado; no meio entre eles havia o vale.

13.5; 14.52; 19.8; 23.1; 28.1; 31.1

⁴Um campeão saiu do acampamento⁴ filisteu. Chamava-se Goliath e era natural de Gat⁵. Sua estatura era de seis côvados

x. Lit. *ele era vermelho* (gr. e lat.: *ruivo*), adjetivo aplicado em outro lugar somente a Esaú (Gn 25.25). Sendo o vocabulário das cores impreciso em hebraico, parece preferível usar a respeito de David "rosado" (ou "claro"), porque o adjetivo reaparece em 17.42, e se o detalhe físico que ele denota inspira desprezo ao filisteu, é que contribui para qualificar David como uma criança.

y. Lit. *a partir desse dia e doravante*. Embora o verbo que denota a posseção pelo espírito seja o mesmo usado para Saul em 10.6.10; 11.6 (cf. 10.6 nota), a determinação suplementar lida aqui sugere que a irrupção do espírito do Senhor sobre David não é um fenômeno passageiro, mas inaugura um estado permanente (cf. Is 11.2).

z. Bem-delimitado pela retomada de termos do v. 14 no final do v. 23 (inclusão), este relato da entrada de David para o serviço de Saul está habilmente ligado ao desenvolvimento precedente (o espírito do Senhor que veio sobre David é aquele que abandonou Saul; ao sair, o espírito do Senhor deixa lugar ao mau espírito; cf. Mt 12.43-45). Apresenta uma versão do surgimento de David diferente da de 17.55-18.5.

a. Em relação ao poder reconhecido à música, cf. 2Rs 3.15.

b. Este retrato de David, que o adorna de todas as virtudes, supõe conhecidas as suas façanhas militares (cf. 2Sm 17.8.10), mas o relato insiste mais sobre David músico. Lido em seguida a 16.13, permitiu ver em David o cantor inspirado (cf. 1Cr 16.7; Sr 47.8).

c. Lat.: aram., sir.: *um jumento carregado de pães*; gr.: *uma carga* (?) de pães. Trata-se talvez do presente que Jessé manda

levar a Saul, em sua homenagem; segundo outros, seria o equipamento de um jovem abastado partindo para a guerra santa e entrando, por isso mesmo, para o serviço do rei (cf. 14.52).

d. David atrai o afeto de todos (cf. 18.1.5.16.20.22.28; 20.17).

e. Os vv. 12.31.38b.41.48b.50.55-58, como também 18.1-6a, faltam no gr. (ms. Vaticanus). Ou os tradutores omitiram essas seções para eliminar as repetições e as contradições, ou não as encontraram no texto hebraico que traduziram. Seja como for, esses vv. (sobretudo 17.12.31.55-58; 18.1-5) não parecem pertencer à mesma camada que o restante do cap. e são, provavelmente, mais antigos.

f. Cf. Js 15.35.

g. O vale do Terebinto (cf. v. 19 e 21.10) é o Wadi es-Sant, uns vinte km a sudoeste de Bet-Lehem.

h. Gr.: *dos fileiros* (cf. vv. 8.10.20.21.22.23.45.48).

i. Neste relato, o campeão é chamado 29 vezes simplesmente *o filisteu*. O nome de Goliath é mencionado somente nos vv. 4 e 23, e, fora deste cap., em 21.10; 22.10 e 2Sm 21.19, que situa em Gob (Guibeton?) a vitória de um dos heróis de David, chamado Elhanan, sobre Goliath de Gat, *cujas hastes da lança era como o fuso dos tecelões*. Como, em 1Sm 17.23, o nome de Goliath é mencionado numa aparente adição interrompendo a frase, suspeita-se que foi também acrescentado ao v. 4 e que se pretendeu identificar com o Goliath, vítima de Elhanan, um filisteu anônimo abatido por David em combate singular. Ou então foi atribuída a David, amplificando-a, a façanha realizada por Elhanan.

e um palmo^j. ⁵Usava um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas. O peso da couraça era de cinco mil siclos de bronze^k. ⁶Trazia nas pernas perneiras de bronze, e um dardo de bronze a tiracolo. ⁷A haste^l de sua lança era como o fuso de tecelão, e a ponta de sua lança pesava seiscentos ciclos de ferro. À sua frente marchava o escudeiro.

⁸Ele tomou posição e desafiou as fileiras de Israel. Ele lhes disse: "Por que saístes para vos pôr em linha de batalha? Não sou eu o filisteu e vós, os escravos de Saul? Escolhei um homem e que ele desça para junto de mim! ⁹Se ele for bastante forte para lutar comigo e me vencer, nós seremos vossos escravos. Se eu for mais forte que ele e o vencer, vós sereis nossos escravos e nos servireis". ¹⁰O filisteu disse: "Hoje, lanço um desafio às fileiras de Israel: dai-me um homem para que lutemos juntos!" ¹¹Saul e todo Israel ouviram as palavras do filisteu e ficaram esmagados de terror^m.

¹²David era o filho desse efratitaⁿ, o de Bet-Lehem de Judá, que se chamava Jessé e tinha oito filhos. Esse homem era idoso no tempo de Saul e fornecera homens^o. ¹³Os três filhos mais velhos de Jessé tinham partido para a guerra, seguindo Saul. Os três filhos de Jessé que tinham ido para a guerra chamavam-se: o mais velho, Eliab, o segundo, Abinadab, e o terceiro, Shamá. ¹⁴David era o mais jovem. Os três mais velhos tinham seguido Saul, ¹⁵mas David ia a Saul e

voltava para apascentar o rebanho de seu pai, em Bet-Lehem^p.

¹⁶O filisteu se aproximava de manhã e à tarde, e assim se apresentou durante quarenta dias.

¹⁷Jessé disse a seu filho David: "Toma para teus irmãos esta medida de grão tostado e estes dez pães, e corre ao acampamento para levá-los aos teus irmãos. ¹⁸E leva estes dez queijos ao chefe de mil. Informa-te sobre a saúde dos teus irmãos e traz uma garantia deles. ¹⁹Saul está com eles e com todos os homens de Israel no vale do Terebinto, em guerra contra os filisteus".

²⁰David levantou-se de madrugada, deixou o rebanho com um vigia, tomou sua carga, pôs-se a caminho, conforme a ordem de Jessé, e chegou ao acampamento. O exército, saindo para a batalha, lançava o grito de guerra. ²¹Israelitas e filisteus tomaram posição, frente a frente. ²²David deixou sua carga, da qual já se desembaraçara, nas mãos de um carregador, e em seguida correu à frente de combate e foi saudar seus irmãos. ²³Enquanto falava com eles, eis que saiu, das fileiras^q filistéias, o campeão chamado Goliat, o filisteu de Gat^r. Ele pronunciou as palavras costumeiras^s e David ouviu. ²⁴Ao ver tal homem, todos os homens de Israel tiveram muito medo e fugiram. ²⁵Os homens de Israel diziam: "Vistes esse homem que apareceu? É para desafiar Israel que ele vem. Se alguém o vencer, o rei o fará muito rico. Ele lhe dará sua filha, e cumulará de privilégios^t a sua família em Israel".

j. Mais de 2,80m.

k. Cerca de 60kg.

l. "Texto lido" e versões: "texto escrito": *a flecha*, o que talvez corresponda melhor ao contexto em se tratando do armamento metálico do campeão. A descrição da haste da lança parece provir de 2Sm 21.19 e ter sido introduzida aqui ao mesmo tempo que o nome de Goliat (cf. v. 4 nota).

m. A continuação do relato parece que se deve ler no v. 32 (cf. v. 1 nota).

n. Sir.: *de um efratita* (isto é, aqui, de um membro do clã judaíta de Efrata, cf. 1.1 nota). O demonstrativo, no hebr., é provavelmente um retouco do redator, que se esforça para ligar a 16.14-23 um relato diferente da entrada de David a serviço de Saul. Salvo *David* e esse demonstrativo, o v. 12 constitui uma típica fórmula de introdução narrativa (cf. Jz 13.2; 17.1; 1Sm 1.1; 9.1).

o. Lit. *ele viera com homens*. Lat.: *era um idoso entre os homens*; aram.: *um idoso contado entre a elite*; sir.: *um idoso avançado em idade*.

p. Os vv. 15 e 16 são uma tentativa de harmonização entre tradições. O v. 15 reata 17.12-31 a 16.14-23; o v. 16 a 17.4.8.

q. "Texto lido", aram., sir.: "texto escrito": *as trincheiras* (?); lat.: *do acampamento*.

r. Cf. v. 4 nota.

s. Esta alusão às palavras dos vv. 8-10 foi acrescentada pelo redator.

t. Gr. (segundo Orígenes) e sir.: *fará livre sua família*; lat.: *isento de tributo*; aram.: *livre e grande*. Normalmente se compreende como gr. e sir., a palavra traduzida por *livre* que se encontra também em Ex 21.2. Mas esta palavra parece idêntica a um termo que designa, nos documentos administrativos sírios do 2º milênio, uma categoria de pessoas a serviço do rei.

Gn 7.4;
Ex 24.18;
Nm 13.25

18.13;
22.7

2Sm 2.14

18.27;
Js 15.16

²⁶David perguntou aos homens que estavam perto dele: "Que se fará ao homem que vencer esse filisteu e tirar o opróbrio de Israel? De fato, quem é esse filisteu incircunciso para desafiar as linhas de batalha do Deus vivo?" ²⁷Responderam-lhe do mesmo modo: "Eis o que se fará ao homem que o vencer".

De 5,26;
Jr 10,10;
26,36

²⁸Eliab, seu irmão mais velho, ouviu David conversando com os homens. Encolerizou-se contra ele e lhe disse: "Então, por que desceste até aqui? Com quem deixaste tua mancheia de ovelhas no deserto? Conheço bem tua insolência e tuas más intenções: é para ver a batalha que desceste." ²⁹David respondeu: "Que fiz eu? Eu apenas perguntei". ³⁰Ele se afastou e, dirigindo-se a um outro, lhe repetiu a questão. Deram-lhe a mesma resposta de antes.

³¹Todavia, as palavras pronunciadas por David foram ouvidas e relatadas a Saul. Este o mandou vir. ³²David disse a Saul: "Que ninguém perca a coragem por causa desse filisteu; teu servo irá combatê-lo". ³³Saul disse a David: "Não és capaz de ir lutar contra esse filisteu; não passas de uma criança, e ele é um guerreiro desde sua juventude". ³⁴David disse a Saul: "Teu servo era pastor em casa de seu pai. Se vinha um leão, ou mesmo um urso*, roubar uma ovelha do rebanho, ³⁵eu o perseguia, batia nele e arrancava a presa de sua goela. Quando ele me atacava, eu o agarrava pela juba e o matava. ³⁶Teu servo venceu tanto o leão como o urso. Esse filisteu incircunciso será como um deles, porque desafiou as fileiras do Deus vivo". ³⁷David disse*: "O SENHOR que me arrancou das garras do leão e do urso,

ele me arrancará das mãos deste filisteu". Saul disse a David: "Vai, e que o SE- 16,18
NHOR esteja contigo".

³⁸Saul vestiu David com sua própria 18,4
armadura, pôs sobre sua cabeça um capacete de bronze e o revestiu de uma couraça. ³⁹David cingiu também a espada de Saul* sobre a armadura e tentou em vão caminhar, pois não estava acostumado. David disse a Saul: "Eu não poderei caminhar com tudo isto; não estou habituado". Desembaraçou-se então daquilo. ⁴⁰Tomou o cajado em sua mão, escolheu cinco pedras bem lisas no riacho, guardou-as em seu alforje de pastor, sua bolsa, e, com a funda na mão, avançou contra o filisteu*.

⁴¹O filisteu, precedido de seu escudeiro, pôs-se a caminhar, aproximando-se sempre mais de David. ⁴²O filisteu olhou c, quando percebeu David, o desprezou, pois era uma criança de tez clara e bela aparência. ⁴³O filisteu disse a David: "Por acaso sou um cachorro, para que venhas a mim armado de bastões?" E, pelo nome 2Sm 3,8
de seus deuses, o filisteu amaldiçoou David. ⁴⁴O filisteu disse a David: "Vem cá, eu darei tua carne às aves do céu e aos animais do campo". ⁴⁵David disse ao filisteu: "Tu vens contra mim armado de espada, lança e dardo; eu, porém, venho a ti armado com o nome do SENHOR de 20,8-9
todo poder, o Deus das fileiras de Israel, que desafiaste. ⁴⁶Hoje mesmo, o SENHOR te entregará em minhas mãos, eu te ferirei e te deceparei a cabeça. Hoje mesmo, eu darei os cadáveres do exército filisteu às aves do céu e aos animais da terra. E toda a terra saberá que há um Deus para Israel*. ⁴⁷E toda esta assembléia saberá:

1Rs 18,37;
20,13,28;
2Rs 19,19

u. Nas guerras do Senhor (18,17; 25,28), o Deus vivo está no meio de seu povo (Js 3,10), cujos inimigos são os seus (Jz 5,31; 1Sm 30,26). As fileiras de Israel (17,8.10.45) são as fileiras do Deus vivo (v. 36), que é ele mesmo o Deus das fileiras de Israel (v. 45). Desafiar esses exércitos (v. 10) é desafiar o Senhor (v. 45), o Deus vivo (cf. 2Rs 19,4.16). Este motivo é desenvolvido na chamada mais recente do cap. 17 (cf. v. 1 nota). A chamada mais antiga é menos carregada de teologia; os vv. 25-27, em particular, parecem sobretudo se preocupar com a recompensa prometida ao campeão vitorioso. Esse v. 26b, quase idêntico ao v. 36b, parece ser uma inserção do redator.

v. O urso é considerado mais perigoso que o leão, cf. Am 5,19.
w. Esta retomada falta no gr. Revelaria ela a inserção secundária da reflexão teológica que segue, ou seria um traço do estilo épico?

x. Gr.: *Ele (Saul) cingiu David com sua espada.*

y. As pesadas armas do filisteu (vv. 5-7), a tentativa infrutuosa da armadura de Saul (vv. 38-39), os instrumentos de pastor levados por David (v. 40) ilustram um dos temas da guerra santa: quando é o próprio Senhor quem combate, os meios humanos podem ser irrisórios (cf. 14,6 nota).

z. Versões: ... *em Israel.*

não é pela espada, nem pela lança que o SENHOR concede a vitória, mas a guerra pertence ao SENHOR.^a e ele vos entregará em nossas mãos".

⁴⁶Enquanto o filisteu se movimentava para enfrentar David e se aproximava mais e mais, David correu com pressa para tomar posição e enfrentar o filisteu.

⁴⁷David prontamente meteu a mão no seu alforje, retirou dali uma pedra, lançou-a com a funda e feriu o filisteu na testa. A pedra se cravou na sua testa e ele tomou com o rosto por terra. ⁴⁸Assim David triunfou contra o filisteu com a funda e a pedra. Ele feriu o filisteu e o matou. Não havia espada nas mãos de David.

⁴⁹David correu, parou junto ao filisteu, tomou sua espada, desembainhando, e com ela arrematou o filisteu, decepando-lhe a cabeça. Vendo que seu herói estava morto, os filisteus puseram-se em fuga. ⁵⁰Os homens de Israel e de Judá se levantaram e, lançando o grito de guerra, perseguiram os filisteus até a entrada do vale^b e até as portas de Ebron. ⁵¹Depois de uma perseguição encarniçada, os israelitas voltaram e saquearam o acampamento dos filisteus. ⁵²David apanhou a cabeça do filisteu e a levou a Jerusalém, e as armas, guardou-as em sua própria tenda^c.

David é apresentado a Saul^d. ⁵³Vendo David partir para enfrentar os filisteus, Saul dissera a Abner, o chefe do exército: "De quem esse moço é filho, Ab-

ner?" E Abner respondera: "Por tua vida, ó rei, eu não sei". ⁵⁴O rei dissera então: "Pergunta tu mesmo de quem esse jovem é filho". ⁵⁵Quando David voltou, depois de ter matado o filisteu, Abner o tomou consigo e o levou à presença de Saul. Ele trazia em suas mãos a cabeça do filisteu. ⁵⁶Saul lhe perguntou: "Moço, de quem és filho?" David respondeu: "Sou o filho de teu servo Jessé, o betlehemita^e."

18 Assim que David terminou de falar com Saul, Jônatan se apegou a David e começou a amá-lo tanto quanto a si. ²Naquele dia, Saul reteve David e não o deixou voltar para a casa de seu pai. ³Então Jônatan fez aliança com David, porque o amava como a si mesmo. ⁴Jônatan tirou o manto que vestia e o entregou a David, assim como suas vestes, até mesmo sua espada, seu arco^f e seu cinturão. ⁵Nas expedições, por toda parte onde Saul o enviava, David era bem-sucedido. Saul o pôs à frente dos homens de guerra. Ele era bem-visto por todo o povo e também pelos servos de Saul.

Ciúmes de Saul^g. ⁶Por ocasião de sua volta, quando David retornou após ter abatido o filisteu, as mulheres vinham de todas as cidades de Israel ao encontro do rei Saul, cantando e dançando^h ao som de tamborins, de gritos de alegria e de sistrosⁱ. ⁷E as mulheres, tocando e dançando, cantavam em coro:

a. A guerra (pertence) ao Senhor, cf. Ex 15,3. O discurso de David nos vv. 45-47 tem afinidades deuteronômicas (*dar como pasto às aves do céu e aos animais da terra* é uma expressão de Dt 28,26; Jr 7,33; 16,4; 19,7; 34,20).

b. Gr.: até a entrada de Gat.

c. No seu contexto, a indicação constitui um anacronismo. O autor deve ter levado em conta uma tradição segundo a qual David teria conservado como troféu a cabeça do filisteu e a depositara em Jerusalém quando se tornou sua capital (2Sm 5,6-12). Vê-se por esse detalhe que o relato foi redigido bem depois dos acontecimentos que descreve. A alusão às *armas* contradiz 21,10 e 22,10, a não ser que se deva distinguir a espada das armas defensivas, consideradas aqui como principal butim de David (cf. 2Sm 8,10).

d. Nova versão da entrada de David a serviço de Saul, independente da de 16,14-23 e certamente mais antiga (cf. 17,1 nota).

e. Este v. faz inclusão com o v. 12 (cf. nota).

f. Cf. 2Sm 1,17 nota.

g. Seguindo-se à lenda que engrandece o heroísmo de David menino, 18,6-30 relata a rápida ascensão de David após sua entrada a serviço de Saul. Todo o capítulo insiste na afeição que David inspira a todos (Jônatan, Mikal, o povo), salvo a Saul, de quem se apodera um ciúme doentio explicado pela influência de um espírito maligno.

h. Lit. *cantando* ("texto lido" e versões: "texto escrito": *para olhar*) e *com danças*. O v. parece ter sido retocado de modo a situar a alegria das mulheres após a vitória sobre Goliath. No seu estado primitivo, mostrava as cantoras festejando David ao voltar de uma dessas expedições que Saul lhe confiava.

i. Tradução incerta. O termo hebraico, não atestado em outro lugar, poderia designar instrumentos de metal.

19,1-7; 20,23,16-18; 2Sm 1,26

vv. 14-16,30

18,22

Ex 15,20; Jz 5: 11,34; Jr 15,12

21.12; 29.5 "Saul matou milhares, mas David, dezenas de milhares".
 *Saul ficou muito irritado. A coisa lhe desagradou. Ele disse: "Atribuem a David dezenas de milhares, e a mim, apenas milhares. Só lhe falta a realeza!"⁹ A partir desse dia, Saul não olhava mais David com bons olhos.

Primeiro relato do atentado frustrado^k.

¹⁰No dia seguinte, um espírito maligno vindo de Deus atacou Saul, e ele começou a delirar em sua casa. David tocava seu instrumento, como nos outros dias, e Saul tinha em sua mão a lança. ¹¹Saul brandiu a lança e disse: "Vou cravar David na parede!" Mas David, por duas vezes, se esquivou. ¹²Saul teve medo de David, porque o SENHOR estava com ele e abandonara Saul. ¹³Saul o afastou de perto de si e o nomeou chefe de mil. David saía e voltava à frente do povo. ¹⁴Ele era bem-sucedido em todas as expedições, e o SENHOR estava com ele. ¹⁵Vendo seus grandes sucessos, Saul teve medo dele. ¹⁶Mas todo Israel e Judá o amavam, porque era David que saía e voltava à sua frente.

Casamento de David^l. ¹⁷Saul disse a David: "Eis a minha filha mais velha,

^{17.25} Merab. É ela que eu te darei por mulher. Mas sê valoroso no meu serviço e trava as guerras do SENHOR". Saul dizia consi-

go mesmo: "Não levantemos a mão contra ele, que o façam os filisteus". ¹⁸David respondeu a Saul: "Quem sou eu, qual é a minha linhagem", a família de meu pai, em Israel, para que eu venha a ser o genro do rei?" ¹⁹Mas, chegada a ocasião em que Merab, filha de Saul, devia ser dada a David, ela foi dada como esposa a Adriel de Meholá^a.

²⁰Mikal, filha de Saul, se apaixonou por David. Informaram a Saul, e isso lhe pareceu bem. ²¹Dizia consigo Saul: "Eu a darei a ele, para que ela seja uma armadilha para ele, e os filisteus ponham nele as mãos." Saul disse portanto a David em duas ocasiões: "Hoje serás o meu genro". ²²Saul deu esta ordem aos seus servos: "Falai a David em segredo. Dizei-lhe: O rei te quer bem e todos os seus servos te estimam. Torna-te, portanto, genro do rei!" ²³Os servos de Saul repetiram essas palavras aos ouvidos de David. David replicou: "Parece-vos pouca coisa ser o genro do rei? Ora, eu sou um homem pobre e desprezível". ²⁴Os servos de Saul lhe comunicaram essas palavras: "Eis, disseram eles, como David falou".

²⁵Saul respondeu: "Assim direis a David: O rei não quer dote^a algum, mas apenas cem prepúcios de filisteus", para tirar vingança dos inimigos do rei". Saul esperava assim fazer cair David nas mãos dos filisteus. ²⁶Os servos de Saul relataram a David essas palavras. A proposta

2Sm 11.15

j. A primeira e a última frase do v. 8 faltam no gr. (ms. Vaticanus); também os vv. 10-11.12b.17-19.21b.26b.29b-30 (cf. 17.1 nota).

k. Evocados pela alusão do v. 9 ao ciúme de Saul, os vv. 10-11 constituem uma duplicata de 19.9-10. Enquanto o segundo relato do atentado frustrado parece indicar que David tocava seu instrumento por acaso, 18.10 precisa que ele o faz *como nos outros dias*. David é portanto um citarista profissional, como em 16.14-23. O atentado de Saul contra David tocando música parece ser um elemento antigo da tradição, que tocou a imaginação, porque a música era considerada capaz de apaziguar os espíritos (cf. 16.16 nota).

l. O casamento de David e de Mikal pertence provavelmente à antiga tradição. Os esposais de David e de Merab, relatados de modo muito menos circunstanciado, são uma amplificação aparentemente inspirada no relato das núpcias de Jacó e das duas filhas de Laban (Gn 29.15-30), e que tende a acentuar a espezteira de Saul. Segundo a história primitiva, David devia adquirir Mikal ao preço de cem prepúcios de filisteus (v. 25, cf. 2Sm

3.14). Ampliando, supôs-se que David já teria matado cem filisteus para obter a mão de Merab (daí os *duzentos prepúcios* do v. 27 e, talvez, a indicação misteriosa do v. 21; cf. nota), assim como Jacó trabalhara sete anos por Leá e sete anos por Raquel.

m. Versões: *que (foi) minha vida*. Uma denominação antiga para a *linhagem*, conservada em árabe, não foi mais compreendida e foi confundida com aquela, homônima, de *vida*. O *clã de meu pai* parece ser uma glosa antiga para a *linhagem*.

n. Cf. 2Sm 21.8 nota.

o. Lit. *por (ou: em) duas*. Isto é, talvez, *ao preço do dobro* (cf. v. 17 nota). Gr. (ms. Alexandrinus) e sir.: *a propósito das duas* (filhas); aram.: *por uma das duas tu serás meu genro*.

p. Talvez se queira salientar a modéstia de David ao lhe atribuir tais palavras.

q. Aquilo que o noivo dá ao pai da moça (cf. Gn 34.12; Ex 22.15).

r. Os *prepúcios* designam os troféus, porque os filisteus são os *incircuncisos* por excelência (cf. Jz 14.3; 15.18; 1Sm 14.6; 17.26.36; 31.4; 2Sm 1.20).

pareceu boa a David, para se tornar genro do rei. O prazo não tinha ainda expirado.²⁷ David aprontou-se e partiu com os seus homens. Matou entre os filisteus, duzentos homens. David trouxe seus prepúcios, que foram contados diante do rei, para que David pudesse se tornar genro do rei. E Saul lhe deu por esposa sua filha Mikal.

²⁸Saul viu e compreendeu que o SENHOR estava com David e que Mikal, filha de Saul¹, o amava. ²⁹Saul temeu David mais ainda e se tornou definitivamente hostil a ele. ³⁰Os chefes dos filisteus fizeram uma incursão. A cada uma de suas incursões, David alcançava mais sucesso que todos os servos de Saul, de modo que seu nome se tornou ilustre.

20 19 Jônatan intervém em favor de David.

¹Saul comunicou a seu filho Jônatan e a todos os seus oficiais o seu projeto de levar David à morte. Jônatan, filho de Saul, tinha grande afeição por David. ²Jônatan informou David: "Meu pai Saul, disse ele, procura matarte. Fica de sobreaviso amanhã de manhã. Busca um refúgio e esconde-te. ³Quanto a mim, sairei e permanecerei junto ao meu pai no campo onde estiveres. Falarei a meu pai a teu respeito. Verei o que há e te informarei".

⁴Jônatan falou a Saul, seu pai, em favor de David. Ele lhe disse: "Que o rei não peque contra seu servo David, pois ele não cometeu nenhuma falta contra ti", e seus feitos são de grande vantagem para ti. ⁵Arriscou sua vida, matou o filisteu, e o SENHOR concedeu assim uma grande vitória a todo Israel. Tu mesmo viste e te alegraste. Por que haverias de pecar derramando sangue inocente, fazendo David morrer sem motivo?" ⁶Saul

ouviu a voz de Jônatan e fez este juramento: "Certo como vive o SENHOR, David não será morto!" ⁷Jônatan chamou David e lhe contou todas essas palavras. Depois Jônatan conduziu David a Saul, e David esteve a seu serviço como antes.

27.25;
28m 21.16;
24.4

Segundo relato do atentado frustrado.

⁸Como a guerra recomeçasse, David partiu para combater os filisteus¹. Levou-os a uma grande derrota, e todos fugiram diante dele.

⁹Um espírito maligno, vindo do SENHOR, se apoderou de Saul. Ele estava sentado em sua casa com a lança na mão, enquanto David tocava um instrumento. ¹⁰Saul tentou com sua lança cravar David na parede, mas David se esquivou ao golpe de Saul, e a lança de Saul se cravou na parede. David se pôs em fuga e escapou² naquela mesma noite.

18.10-11

David salvo por Mikal. ¹¹Saul enviou emissários à casa de David para vigiá-lo e matá-lo na manhã seguinte. Sua esposa Mikal informou a David e lhe disse: "Se não salvars tua vida esta noite, amanhã serás morto". ¹²Mikal fez David descer pela janela. Ele se pôs em fuga¹ e salvou-se. ¹³Mikal tomou o ídolo², deitou-o sobre o leito com um emaranhado³ de pele de cabra à cabeceira, e o cobriu com uma coberta.

Sl 59

Jz 16.2

¹⁴Saul enviou mensageiros para se apoderar de David. Mikal disse: "Ele está doente". ¹⁵Saul enviou os emissários para que vissem David. Disse-lhes: "Trazei-o para cá no seu leito para que eu o mate". ¹⁶Quando os emissários entraram, no leito havia apenas o ídolo, com o emaranhado de pele de cabra à cabeceira! ¹⁷Saul disse a Mikal: "Por que tu me enganaste desta maneira? Deixaste escapar meu inimigo e

Jz 2.15;
2Cor 11.
32.33

22.8

2Sm 23.
10.12

Dt 19.
10.13;
21.8-9;

s. Alusão ao prazo fixado para as núpcias (cf. Gn 29.21).

t. No lugar de Mikal, filha de Saul, gr. traz: todo Israel.

u. A inocência de David em relação a Saul (cf. 20.1.8; 24.12) é um ponto sobre o qual toda a história da ascensão de David insiste.

v. Sobre esta introdução, cf. 16.1 nota.

w. Salvar-se ou escapar é uma das palavras-chave dos caps. 19-23 (cf. 19.10.12.17.18; 20.29; 22.1; 23.13). O verbo tem

conotação religiosa e sugere que David é salvo mais por Deus do que por si mesmo.

x. Fugir é também um verbo-chave de 19-23 (19.12.18; 20.1; 21.11; 22.17.20; 23.6). Cf. ainda 27.4; 2Sm 4.3 e, no relato da sucessão, 2Sm 13.34.37.38; 15.14; 19.10; 1Rs 2.7.39.

y. Lit. O terafim, cf. 15.23 nota.

z. Palavra de sentido incerto; lat., aram., sir.: um tosão; gr.: um fígado de cabra.

ele se salvou!" Mikal disse a Saul: "Foi ele que me disse: 'Deixa-me partir! Ou será que te devo matar?'"

Saul e David em Ramá. ¹⁸Assim David se salvou pela fuga, chegou à casa de Samuel em Ramá e o informou de tudo o que Saul lhe fizera. Ele e Samuel foram morar em Naiot^a. ¹⁹Vieram dizer a Saul: "Eis que David se encontra em Naiot de Ramá". ²⁰Saul enviou emissários para prender David. Foram ver a

^{10,5} comunidade^b dos profetas que estavam profetizando, presididos por Samuel. O espírito de Deus se apoderou dos emissários de Saul e eles também entraram em transe. ²¹Contaram-no a Saul, que

^{2Rs. 1,9-14} enviou outros emissários. Também estes entraram em transe. Saul enviou um terceiro grupo de emissários. Também eles entraram em transe. ²²Ele mesmo partiu para Ramá e chegou à grande cisterna que se encontra em Sekô. Perguntou: "Onde estão Samuel e David?" Responderam-lhe: "Em Naiot de Ramá!"

²³Ele se dirigiu para Naiot de Ramá. O espírito de Deus se apoderou dele também, e ele continuou a caminhar em estado de transe até sua chegada em Naiot de Ramá. ²⁴Também ele se despojou de suas vestes e ficou em transe, também ele, diante de Samuel. Depois, nu, caiu por terra e permaneceu assim durante todo esse dia e toda a noite. Eis por que se diz^c: "Também Saul entre os profetas?"

20 Jônatan facilita a partida de David^d.

¹David fugiu de Naiot de Ramá e veio dizer a Jônatan: "Que fiz eu? Qual é a minha falta? Qual é o meu crime diante de teu pai, para que ele queira tirar-me a vida?" ²Jônatan lhe respondeu: "Isso seria abominável! Tu não morrerás. Meu pai nada^e faz sem antes me dizer. Por que meu pai me esconderia justamente isso? É impossível".

³David ainda jurou dizendo: "Teu pai sabe muito bem que eu gozo do teu favor; ele disse consigo: 'Que Jônatan de nada saiba, para que não sofra'. Mas, certo como vive o SENHOR e tu vives, não há mais que um passo entre mim e a morte!" ⁴Jônatan respondeu a David: "Farei por ti o que desejares".

⁵David disse a Jônatan: "Amanhã é lua nova, e eu deveria sentar-me com o rei para comer. Mas tu me deixarás partir, e me esconderei no campo até a tarde, pela terceira vez^f. ⁶Se teu pai pedir conta da minha ausência, tu lhe dirás: 'David insistiu comigo para ter a permissão de ir rápido a Bet-Lehem, sua cidade, porque celebram ali o sacrifício anual para todo o clã'. ⁷Se o rei disser: 'Está bem', teu servo está tranquilo. Mas se ele se encolerizar, saibas que já decidi a minha perdição. ⁸Age com lealdade para com o teu servo, porque o fizeste entrar contigo numa aliança em nome do SENHOR. Além disso, se sou culpado no que quer que seja, mata-me tu mesmo; por que me fazer comparecer diante de teu pai?" ⁹Jônatan replicou: "Isso

24.12:
26.18

18.1; 19.1

2Sm 9.1

18.3

a. "Texto lido" e lat.; "texto escrito": *Navit* (gr.: *Awath*). Talvez não seja um nome próprio de lugar, mas um nome comum significando *celas* (cf. 2Rs 6.1-2); assim parece ter compreendido aram., que parafraseia: *a escola*.

b. Interpretação tradicional de um termo ocorrendo só aqui.

c. Segunda aplicação do dito de 10.12 (cf. 10.6 nota). O transe, aqui, já não é o revestimento da infusão do espírito, como em 10.10, mas o abandono definitivo de Saul pelo espírito. O rei, que talvez estivesse acima dos profetas, conforme 10.12, lhes está agora submisso. A nudez com efeito, significa a vergonha (cf. 2Sm 6.20).

d. O cap. 20 representa tradição diversa das recolhidas no cap. 19 acerca das primeiras vicissitudes de David. Situa-se antes da ruptura, pois, segundo 20.6.18.25-29, David tem ainda lugar perto de Saul. O início de 20.1 poderia ser uma fórmula de transição arrumada pelo redator. A heterogeneidade do

cap. é flagrante. Distingue-se uma narrativa na qual David é personagem quase passiva, que recebe sua conduta ditada por Jônatan e que se coloca como inferior ao filho de Saul (v. 18-39). Uma primeira revisão, percebida nos vv. 3-11, pelo contrário, mostra David tomando a iniciativa do estratagema; este parágrafo caracteriza-se por uma técnica de estilo, a paronomásia infinitiva, impossível de ser traduzida (há seis exemplos, nos vv. 3.5.6.7.9). Uma segunda revisão, nos vv. 12-17 e 40-42, apresenta David como o futuro rei, ao qual Jônatan antecipadamente jura obediência, e desenvolve o tema da aliança entre os dois heróis, tema tradicional segundo 18.3 (cf. v. 15 nota).

e. Lit. *nada faz*; de importante nem de insignificante.

f. Lit. *a terceira*. Lat. e aram.: *até a tarde do terceiro dia*; sir.: *até a terceira tarde*; ausente do gr. A indicação provém do v. 12 (cf. nota).

seria abominável! Se eu realmente soubesse que meu pai decidiu a tua perdição, hei de te informar, te juro". ¹⁰David disse a Jônatan: "Quem me informará, se teu pai te responder duramente?" ¹¹Jônatan disse a David: "Vamos ao campo". E foram ambos para o campo^g.

¹²Jônatan disse a David: "Pelo SENHOR^h, o Deus de Israel, amanhã pela terceira vezⁱ, por esta hora, vou sondar as intenções de meu pai. Se tudo for favorável a David e, nesse caso, eu não te fizer saber, ¹³que o SENHOR faça a Jônatan o pior! Se aprouver a meu pai fazer cair sobre ti a desgraça, eu te avisarei, te farei partir, e tu irás embora tranquilo. E que o SENHOR esteja contigo, como esteve com meu pai! ¹⁴Se eu permanecer vivo, agirás para comigo com a fidelidade que exige o SENHOR^k? E se eu morrer^l, ¹⁵nunca afastarás de minha casa a tua fidelidade^m, mesmo quando o SENHOR afastar os inimigos de David, um por um, da face da terra?" ¹⁶E Jônatan firmou um pactoⁿ com a casa de David: "... e o SENHOR pedirá contas a David, ou antes, a seus inimigos!" ¹⁷Jônatan, na amizade que lhe tinha — pois o amava como a si mesmo — também, fez David^o prestar juramento.

¹⁸Jônatan lhe disse^q: "Amanhã é lua nova. Pedirão conta da tua ausência, porque a tua cadeira ficará vazia. ¹⁹Recomeçarás a agir depois de amanhã". Descerás bastante^r. Irás ao lugar onde estavas escondido no dia daquele caso^s e te assentarás perto da pedra Ézel^t. ²⁰Eu atirarei três flechas para o lado, exercitando tiro ao alvo. ²¹Então mandarei o moço dizendo: 'Vai! Procura as flechas!' Se eu gritar para o moço: 'As flechas estão atrás de ti, apanha-as!', podes vir^u e estejas tranquilo; pela vida do SENHOR, nada está acontecendo. ²²Mas se eu dizer ao moço: 'As flechas estão mais para lá de ti', vai-te embora, porque o SENHOR te faz partir. ²³Quanto ao assunto de que tratamos, tu e eu, o SENHOR está entre mim e ti para sempre^v". ²⁴Então David se escondeu no campo.

Chegou a lua nova e o rei se pôs à mesa para a refeição. ²⁵O rei sentou-se em seu lugar, como de costume, numa cadeira encostada à parede. Jônatan se levantou^w. Abner sentou-se ao lado de Saul. O lugar de David ficou vazio. ²⁶Nesse dia, Saul nada disse, pois pensava: "Foi um acidente. Ele não está puro^x". Certamente é isso^y". ²⁷No dia seguinte, o se-

g. O hebr. é elíptico, lit. *quem me informará... ou do que teu pai responderá de duro*; supra-se: *(do que teu pai responderá de favorável)*. O gr. leu se em vez de do que.

h. Lit. O Senhor; sir.: *testemunha (é) o Senhor*; cf. 12.6 nota. i. Lit. a terceira. Lat. e aram.: *depois de amanhã*; sir.: *à terceira hora*; gr.: *uma terceira vez (ou três vezes)*. Parece que são contados dois encontros anteriores de Jônatan e Saul (alusão a 19.1.4 ou a um episódio que se perdeu?).

j. Lit. isto e acrescenta aquilo (cf. 3.17). A fórmula de imprecisão vale para toda a promessa de Jônatan.

k. Lit. a fidelidade do Senhor. Gr.: *tu agirás comigo com fidelidade*.

l. Texto difícil. Entendeu-se, também: *... de sorte que não morreréi (porque) tu não retirarás de minha casa a tua fidelidade*. m. A diferença de 18.3, a aliança empenha explicitamente David em relação à posteridade de Jônatan. A formulação evoca a da aliança do Senhor com David (2Sm 7.12.15-16; 1Rs 3.6; Sl 89) e sugere que David aqui é superior a Jônatan. A fidelidade de David ao seu compromisso será ilustrada por sua atitude em relação a Mefibôset (2Sm 9; 21.7).

n. Assim entendem o lat. e o aram.; sir.: *e Jônatan se levantará com os da casa de David*.

o. Lit. ... e pedirá contas aos inimigos de David. A inserção da palavra *inimigos* antes de "David" atenua a fórmula ameaçadora; o mesmo procedimento se encontra em 25.22 (cf. nota) e

2Sm 12.14. Aqui, todas as versões conservaram *os inimigos de David*, mas o eufemismo é reconhecido por Rushi e Qimhi.

p. Gr.: *Jônatan fez ainda um juramento a David*.

q. Cf. vv. 5-6: retomada do diálogo interrompido pelos vv. 12-17 (cf. v. 1 nota).

r. Lit. *tu furás uma terceira vez* (cf. 1Rs 18.34) ou: *(se) tu fazes uma terceira vez*. O contexto (v. 27) é que levou a compreender: *tu o furás no terceiro dia* (depois de amanhã) ou: *(se) tu o fazes no terceiro dia*.

s. Alusão topográfica imprecisa; talvez: *Tu irás longe em direção ao sul*. Lat.: *Tu descerás às pressas*; a leitura das outras versões. Tu serás muito procurada, é bastante mais clara (*Se tu recomences depois de amanhã, tua ausência será muito notada*).

t. Talvez seja uma referência a 19.2 ou a um episódio perdido que falava de duas fugas de David (cf. v. 12 nota). Gr. e lat.: *no lugar onde tu deverás esconder-te no dia em que é permitido trabalhar*, isto é, no dia seguinte à festa.

u. Tomado como nome próprio pelo lat.; sir.: *esta pedra*; gr. supõe: *este monte de pedras*.

v. Sir.: *Se eu disser ao moço: "... apanha-as e vem"*.

w. Gr. e aram.: *Senhor é testemunha entre mim e ti* (cf. 12.6 nota).

x. Gr.: *Jônatan se pôs em frente*.

y. Saul supõe que David se tornou impuro por uma poluição (cf. Lv 7.21; 15.16; Dt 23.11).

z. Lit. *Ele não está puro, porque não está puro*.

gundo dia de lua nova, o lugar de David permaneceu vazio. Saul disse a seu filho Jônatan: "Por que o filho de Jessé não compareceu à refeição, nem ontem, nem hoje?" ²⁸Jônatan respondeu a Saul: "David insistiu para ir até Bet-Lehem. ²⁹Ele me disse: 'Deixa-me partir, eu te peço, pois temos um sacrifício de família na cidade', e: 'Meu próprio irmão me convidou. Portanto, se gozo de teu favor, permite-me ir ver os meus irmãos'. Eis por que ele não compareceu à mesa do rei". ³⁰Saul encolerizou-se contra Jônatan e lhe disse: "Filho de uma transviada! Sei muito bem que tomas partido pelo filho de Jessé, para a tua vergonha e para a vergonha do sexo de tua mãe! ³¹Pois enquanto o filho de Jessé estiver vivo sobre a terra, tu não estarás seguro, nem o teu reinado. Agora trata de buscá-lo, e traze-o a mim, porque ele merece a morte". ³²Jônatan respondeu a seu pai Saul e disse: "Por que ele deve ser morto? Que fez ele?" ³³Saul brandiu a lança contra ele para atingi-lo. Jônatan soube então que a morte de David já era coisa decidida da parte de seu pai. ³⁴Jônatan, ardendo em cólera, levantou-se da mesa e não comeu nada nesse segundo dia de lua nova, aflito por causa de David, porque seu pai o insultara.

³⁵No dia seguinte, pela manhã, Jônatan saiu para o campo, ao encontro de David. Ele levava consigo um mocinho. ³⁶Ele disse ao moço: "Corre e busca as flechas que vou atirar!" O moço correu, e Jônatan atirou a flecha de modo a ultrapassá-lo. ³⁷O moço chegou ao lugar onde se encontrava a flecha que Jônatan atirara. Jônatan gritou ao moço: "Não está a fle-

cha para lá de ti?" ³⁸Jônatan gritou ainda ao moço: "Rápido, apressa-te, não fiques parado!" O moço de Jônatan apanhou a flecha e voltou em direção a seu senhor. ³⁹O moço de nada sabia; mas Jônatan e David sabiam.

⁴⁰Jônatan deu suas armas ao seu moço e lhe disse: "Vai levá-las à cidade!" ⁴¹O moço retornou. David se levantou do lado do meio-dia^c. Ele caiu com rosto por terra e se prostrou três vezes. Depois eles se abraçaram e choraram juntos até que David superou a emoção^d. ⁴²Jônatan disse a David: "Vai tranquilo, pois, um e outro, prestamos este juramento em nome do SENHOR: Que o SENHOR esteja para sempre entre mim e ti, entre a tua descendência e a minha descendência!"

21 ¹David se pôs a caminho e foi embora. E Jônatan voltou à cidade.

David em Nob. ²David chegou a Nob^f, à casa do sacerdote Ahimélek^g amedrontado. Ahimélek veio ao encontro de David e lhe disse: "Por que estás sozinho e sem escolta?" ³David disse ao sacerdote Ahimélek: "O rei me deu uma ordem^h e me disse: 'Ninguém deve saber nada a respeito da missão que te confiei'. Quanto aos meus companheiros, marquei encontro com eles em tal lugar. ⁴Mas, que tens à mão? Dá-me cinco pães ou o que se encontrar". ⁵O sacerdote respondeu a David: "Não tenho comigo pão comum, mas somente pão consagrado, se contu-
do teus moços se tiverem absterido de mulher". ⁶David respondeu ao sacerdote: "Certamente! As mulheres nos foram proibidas, assim como anteriormente, quando eu partia em campanha: os per-

a. Lit. de uma (mulher) desviada por rebelião.

b. Versículo de transição entre os dois relatos (cf. v. 1 nota); o redator evoca a partida do escudeiro encarregado de recolher as flechas, a fim de deixar Jônatan e David se encontrar a sós.

c. Sir.: do lado da pedra; gr. supõe: do monte de pedras; aram. dá também o mesmo texto que no v. 19 (cf. nota).

d. Tradução incerta. Gr.: até o esgotamento; outras versões: David chorou mais. Poder-se-ia entender também: (Jônatan) elevou-se até David (ou seja, "tornou-se seu igual").

e. Gr. e aram.: o Senhor será testemunha entre mim e ti, como no v. 23.

f. A localização de Nob (cf. 22.9.11.19; Is 10.32; Ne 11.32) é discutida. Talvez sobre o monte Escopo, bem a leste de Jerusalém.

g. Filho de Ahitub (segundo 22.9), filho de Pinhas, filho de Eli de Shilô (14.3).

Muitas vezes identificado com Ahia de 14.3, mas trata-se antes de um irmão deste último.

h. David evita apresentar-se como um fugitivo, a fim de obter a ajuda de Ahimélek, o que mostra sua astúcia. Mais adiante (22.22), este episódio aparece como a causa do conflito entre Saul e os sacerdotes de Shilô.

tences dos moços se conservavam em estado de santidade. Esta viagem é profana, mas realmente, hoje, é santificada pelos pertences¹.” O sacerdote lhe deu, pois, pão consagrado, porque não havia outro pão, senão os pães da oblação², aqueles que são removidos da mesa do SENHOR, para ali se pôr pão quente, no dia em que os retiram.

“Ora, naquele mesmo dia, achava-se ali, retido na presença do SENHOR, um dos servos de Saul. Chamava-se Doeg, o edomita, e era chefe dos pastores de Saul³.”

“David disse a Ahimélek: “Tens à mão uma lança e uma espada? Não trouxe comigo nem minha espada, nem meus pertences, porque a missão do rei era urgente”. “O sacerdote disse: “Há a espada de Goliat, o filisteu que mataste no vale do Terebinto⁴; ela está ali, envolta num manto atrás do efod⁵. Se queres levá-la contigo, toma-a, pois não há outra por aqui”. David disse: “Não há outra igual. Dá-me essa”.

David entre os filisteus. “Naquele dia, David se pôs a caminho e fugiu para longe de Saul. Chegou à casa de Akish, o rei de Gat. “Os servos de Akish disseram-lhe: “Não é esse David, o rei do país? Não é dele que se cantava dançando: ‘Saul matou milhares, mas David, dezenas de milhares?’” “David ficou impressionado com essas palavras⁶ e teve muito medo de Akish, rei de Gat. “Então ele

simulou loucura⁷ aos seus olhos; se pôs a divagar ao cair nas suas mãos, a traçar sinais nas folhas da porta⁸ e a babar na barba. “Akish disse então aos seus servos: “Bem vedes que é um louco. Por que o trouxestes a mim?” “Será que tenho falta de loucos, para me trazerdes mais esse, para fazer loucuras perto de mim? Será que esse indivíduo vai entrar na minha casa?”

22 David chefe de bando. “David partiu dali e se refugiou na caverna de Adulâm⁹. Seus irmãos e toda a casa de seu pai souberam disso e desceram para juntar-se a ele. “Então se reuniram em volta dele todas as pessoas em dificuldade, todos os endividados, todos os descontentes, e ele se tornou seu chefe. Havia com ele cerca de quatrocentos homens.

“David partiu dali para Mispe de Moab¹⁰. Ele disse ao rei de Moab: “Permite que meu pai e minha mãe fiquem convosco até que eu saiba o que Deus fará por mim”. “Ele os conduziu à presença do rei de Moab, e com ele moraram todo o tempo em que David permaneceu no seu refúgio.

“O profeta Gad¹¹ disse a David: “Não permaneças em teu refúgio. Vai-te embora e volta ao país de Judá!” David partiu e chegou à floresta de Héret.

O massacre dos sacerdotes de Nob.

“Saul soube que David e seus companhei-

i. Tradução incerta de uma passagem equívoca, talvez de propósito. Como David fala da castidade de seus homens, fato característico da guerra santa (cf. 2Sm 11.11), é tentador ver um eufemismo nos *pertences*, lit. *as coisas, os instrumentos* ou *os vasos dos moços*. Mas a palavra traduzida por *pertences* tem às vezes o sentido mais específico de *alforje* (cf. 9.7). Pode-se também compreender (cf. gr. e comentários rabínicos): *Certamente as mulheres nos foram proibidas, ... os alforjes dos moços estavam em estado de santidade. Esta viagem é profana, mas ... será santificada pelo* (conteúdo dos) *alforjes, isto é, pelo pão consagrado*.

j. Cf. Ex 25.30 nota; Lv 24.5-9; Mt 12.3-4.

k. O v. estabelece a ligação com o cap. 22 (9.18.22).

l. Referência do redator ao relato do cap. 17 (cf. v. 4 nota) na sua forma atual.

m. O instrumento divinatório do qual o sacerdote dispõe (cf. 2.18; 14.3; 23.6; 30.7). Doeg acusa mais tarde Ahimélek de ter interrogado o Senhor em favor de David (22.10).

n. Os vv. 11-16 contam um novo subterfúgio de David, a quem os filisteus, conhecedores de sua reputação, vão tratar mal. Este relato apresenta um tom diverso do dos caps. 27 e 29, consagrados às relações de David com os filisteus. Celebra-se aqui a astúcia de David, como nos vv. 1-10 (cf. 23.22b).

o. Lit. *David pôs essas palavras em seu coração*.

p. Lit. *ele alterou seu julgamento*.

q. Gr., lat.: *a tamborilar nas folhas da porta*; sir.: *sentar-se na soleira da porta*.

r. Cidade da Shefelá (ou Baixada), cf. Gn 38.1 nota.

s. Alusão passageira aos laços particulares ligando a família de David aos moabitas (cf. Rt 4.22; Mt 1.5-6).

t. O papel do profeta Gad (cf. 2Sm 24) é comparável ao do sacerdote Ahimélek, segundo 22.10, e ao do sacerdote Abiatar, segundo 23.9-12; 30.7-8. As ordens do Senhor, transmitidas pelo profeta ou pelo sacerdote, dirigem os movimentos de David (cf. também 23.4; 2Sm 2.1; 5.19.23).

2Sm 23.13

2Sm 15.1-6

24.33;
2Sm 5.17

ros tinham sido localizados. Saul estava sentado em Guibeá, lança em punho, à sombra da tamargueira que está sobre a colina^a, e todos os seus oficiais mantinham-se de pé em redor dele. ⁷Saul disse aos seus oficiais, que estavam de pé junto dele: "Escutai, pois, benjaminitas! Será que o filho de Jessé vos dará também, a todos vós, campos e vinhas, vos nomeará chefes de mil e chefes de cem, ⁸para terdes, todos vós, conspirado contra mim? Ninguém me informa quando meu filho pactua com o filho de Jessé, nenhum de vós se preocupa comigo, ninguém me revela que meu filho instigou meu servo contra mim, para que ele me arme emboscadas, como ocorre no dia de hoje". ⁹Doeg, o edomita respondeu — ele estava de pé junto aos servos de Saul^b —: "Eu vi o filho de Jessé, ele chegou em Nob, em casa de Ahimélek, filho de Ahitub. ¹⁰Ahimélek consultou o SENHOR para ele, lhe deu provisões, e lhe entregou a espada de Goliath, o filisteu". ¹¹Então o rei mandou chamar Ahimélek, filho de Ahitub, e toda a sua família, os sacerdotes de Nob. E vieram todos eles ter com o rei. ¹²Saul disse: "Escuta-me, filho de Ahitub!" Ele respondeu: "Eis-me aqui, meu senhor". ¹³Saul lhe disse: "Por que conspirastes contra mim, tu e o filho de Jessé? Tu lhe deste pão e espada, consultaste Deus para ele, a fim de que se levante contra mim e me arme emboscadas, como se vê hoje". ¹⁴Ahimélek respondeu ao rei: "Há entre os teus servos alguém tão fiel quanto David? Ele é o genro do rei e se tornou membro de tua guarda real^c, ele é honrado em tua

casa. ¹⁵Foi só naquele dia que comecei a consultar a Deus para ele^d? Que a abominação venha sobre mim! Ó rei, não atribuas isso ao teu servo, nem a toda minha família, porque o teu servo ignorava absolutamente tudo^e a respeito desse caso". ¹⁶O rei disse: "Tu morrerás, Ahimélek, tu e toda a casa de teu pai!" ¹⁷O rei disse aos batedores que estavam de pé junto dele: "Virai-vos^f, matai os sacerdotes do SENHOR, porque eles também ajudaram David. De fato, sabiam que ele estava fugindo e não me informaram". Mas os servos do rei se recusaram a levantar a mão contra os sacerdotes do SENHOR^g.

¹⁸O rei disse então a Doeg: "Vira-te e investe contra os sacerdotes!" Doeg, o edomita, se virou e investiu, ele mesmo, contra os sacerdotes. Fez morrer, naquele dia, oitenta e cinco homens que vestiam o efod de linho. ¹⁹Em Nob, a cidade dos sacerdotes, ele passou ao fio da espada os homens e as mulheres, todas as crianças, até as de peito, os bois, os jumentos e as ovelhas — ao fio da espada. ²⁰Um filho de Ahimélek, filho de Ahitub, se salvou. Chamava-se Ebiatar. Fugiu e foi para junto de David. ²¹Ebiatar informou David que Saul matara os sacerdotes do SENHOR. ²²David disse a Ebiatar: "Logo percebi, naquele dia, que Doeg, o edomita, estava lá e não deixaria de informar Saul. Fui eu quem fez o caso se voltar^h contra toda a casa de teu pai". ²³Fica comigo e não tenhas medo, quem atentar contra a tua vida, atentará também contra a minha; junto de mim, estás sob guarda seguraⁱ.

u. Cf. 14,2 nota. — *Oficiais*, lit. *servos*.

v. Lat., aram.: *ele comandava os servos de Saul*; gr.: ... *as mudas de Saul*.

w. Aram.: *ele é chefe...*; gr.: *ele é chefe de todo teu mando*; lat., sir.: *ele guarda teu mando*.

x. Frase interrogativa, segundo gr., lat. e Rashi, voltando a dizer: "Não foi naquele dia que comecei a consultar Deus para David?"; frase afirmativa segundo Qimhi: Ahimélek reconheceria o fato, protestando sua boa fé. O verbo traduzido por "começar" pode também significar "profanar" (Êx 39,7) e sua raiz é a mesma que a da palavra traduzida por "abominação".

y. Lit. *nada sabia de insignificante nem importante* (cf. 20,2).

z. Áquila, Teodocião: *vai cercar*; gr.: *ide adiante*.

a. A narrativa toma partido, contra Saul, a favor dos sacerdotes de Nob, diferentemente do cap. 21, onde David zomba deles.

b. Gr., lat., sir.: *eu sou culpado*; aram.: *eu fui a causa do que aconteceu à casa de teu pai*. O verbo poderia ser traduzido: *eu causei*, segundo o hebraico pós-bíblico, mas a passagem emprega 4 vezes este mesmo verbo no sentido de *voltar, retornar* (vv. 17,18,22).

c. Lit. *contra toda pessoa da casa de teu pai*.

d. Sacerdote de David (2Sm 20,25). Ebiatar será desterrado para Anatot por Salomão (1Rs 2,26-27; cf. 1Sm 2,35 nota).

SI 105,15

2,18

15,3

23 David em Queilá e em Horehsh.

¹Trouxeram a David esta notícia: "Os filisteus fazem guerra contra Queilá e saqueiam as eiras". ²David consultou o SENHOR: "Devo ir e combater os filisteus?" O SENHOR respondeu a David: "Vai, vencerás os filisteus e salvarás Queilá." ³Os homens de David lhe disseram: "Mesmo aqui, em Judá, temos medo. Que acontecerá se formos a Queilá, contra as fileiras dos filisteus?"

⁴David consultou mais uma vez o SENHOR. O SENHOR lhe respondeu: "A caminho! Desce a Queilá, porque vou entregar os filisteus em tuas mãos."

⁵David partiu para Queilá, acompanhado de seus homens, e combateu os filisteus. Levou os rebanhos deles e infligiu-lhes um golpe muito duro. David salvou, portanto, os habitantes de Queilá.

⁶Ora, quando Ebiatar, filho de Ahimélek, fugiu para junto de David em Queilá, ele trouxera consigo o efod*. ⁷Informaram a Saul que David entrara em Queilá, e Saul disse: "Deus o entregou" em minhas mãos, porque trancou-se a si mesmo, ao entrar numa cidade com porta e tranca."

⁸Saul mobilizou todo o povo para descer a Queilá sitiá-lo David e seus homens. ⁹David soube que era contra ele que Saul preparava um golpe maldoso e disse ao sacerdote Ebiatar: "Traz o efod". ¹⁰David disse: "SENHOR, Deus de Israel, teu servo ouviu dizer que Saul tem a intenção de vir a Queilá para destruir a cidade por causa de mim". ¹¹Os cidadãos¹ de Queilá me

entregarão em suas mãos²? Descerá Saul, como teu servo ouviu dizer? SENHOR, Deus de Israel, digna-te informar a teu servo!" ^{14,37} O SENHOR respondeu: "Ele descerá". ¹²David disse: "Os cidadãos de Queilá me entregarão, a mim e a meus homens, nas mãos de Saul?" O SENHOR respondeu: "Eles vos entregarão em suas mãos". ¹³David, portanto, se pôs a caminho com os seus homens — cerca de seiscentos homens³ —; eles partiram de Queilá e foram a outro lugar⁴. Informaram a Saul que David escapara de Queilá e ele desistiu da expedição.

¹⁴David permaneceu no deserto, nos penhascos. Habitou na montanha, no deserto de Zif⁵. Durante todo esse tempo, Saul o procurou, mas Deus não o entregou em suas mãos. ¹⁵David soube que Saul se pusera em campanha para tirar-lhe a vida. David estava no deserto de Zif, em Horehsh⁶.

¹⁶Jônatan, filho de Saul, se pôs a caminho e foi ter com David, em Horehsh⁷. Ele encorajou David em nome de Deus. ¹⁷Disse: "Não tenhas medo. A mão de meu pai Saul não te alcançará. Tu reinarás sobre Israel, e eu serei o teu segundo; mesmo Saul, meu pai, sabe muito bem disso". ¹⁸Os dois firmaram uma aliança diante do SENHOR. David permaneceu em Horehsh e Jônatan voltou para a sua casa.

David escapa a Saul⁸. ¹⁹Alguns habitantes de Zif subiram ao encontro de Saul

14,10-12;
2Sm 5,19

9,16; 11,3;
2Sm 3,18

13,15; 14,2
25,13; 27,2
30,9

18,3; 20,17

Sl 54,2

e. Queilá é uma cidade da Baixada (cf. Js 15,44), ao sul de Adulm (1Sm 22,1 nota).

f. Cf. 22,5 nota.

g. Gr., lat.: *Abiatar descera a Queilá com o efod*; aram.: *Abiatar fizera descer o efod*. O personagem de Ebiatar (nas vers.: Abiatar) e sua técnica de adivinhação estão no centro desta pericope mostrando como David é mesmo guiado por Deus.

h. Lit. talvez: *o tratou como um estrangeiro*. As versões e os comentários rabínicos compreendem: *o entregou*, salvo o gr.: *o vendeu* (cf. Jz 2,14; 3,8).

i. Sublinha-se a solicitude de David por uma cidade de Judá.

j. Lit. *os donos* (assim sir.); lat.: *os homens*; aram.: *os habitantes*.

k. Gr. (ms. Vaticanus) no início do v. 11a: *(A cidade) será bloqueada?* e no v. 12b: *Ela será bloqueada*. Os hemistíquios 11b e 12a estão ausentes de gr.

l. As duas narrativas de consulta de oráculo, por David, a respeito de Queilá, em 23,2-4 e 10-12 são bem-equilibradas. Cada

vez David faz duas perguntas (2a/4a; 11/12) e cada vez a primeira pergunta é dupla.

m. Gr.: *quatrocentos homens*, harmonizando com 22,2.

n. Lit. *eles foram por onde foram*.

o. O deserto de Zif está a sudeste de Hebron (cf. Js 15,55).

p. 3km a sudoeste de Zif.

q. Utilizando, provavelmente, tradições de diversas localidades de Judá, o narrador parece querer fazer da visita de Jônatan uma pausa entre duas aventuras peculiarmente movimentadas de David. Antecipando a conclusão de 2Sm 5,12, sem eliminar a incerteza do futuro a esta altura de seu relato (dado que Jônatan, a quem esperta um destino trágico, espera se tornar o segundo de David), desperta a atenção e suscita a emoção de um auditório que certamente não ignorava o desenlace final (cf. 24,21-23).

r. Como os vv. 7-13, os vv. 19-28 contam como David escapa à perseguição de Saul, a quem se apossavam em entregá-lo: os habitantes de Zif agem da mesma maneira que os cidadãos de

em Guibeá. Disseram-lhe: "Não se esconde David entre nós, nos penhascos de Horeth, sobre a colina de Hakilá," que se encontra ao sul da estepe?"²⁰Então, quando quiseres descer, ó rei, desce; e nós o entregaremos nas mãos do rei!"²¹Saul disse: "Sede abençoados pelo Se-

22,8 NHOR, porque tivestes pena de mim!"²²Idem! Assegurai-vos ainda, reconhecei e vede bem em que lugar ele deixou pistas". Alguém o viu? Disseram-me, com efeito, que ele é muito astuto.²³Vede bem e reconhecei todos os abrigos onde ele pode se esconder. Voltareis a me ver quando estiverdes seguros, e eu partirei convosco. Então, se ele estiver na terra, revistarei todos os clãs de Judá para descobri-lo".

Mq 5.1

24Eles se puseram a caminho em direção a Zif, precedendo Saul. David e seus homens estavam no deserto de Maon²⁵, na planície, ao sul da estepe.²⁶Saul e seus homens partiram à sua procura. David recebeu a informação. Ele desceu ao Rochedo e permaneceu no deserto de Maon. Saul o soube, e perseguiu David no deserto de Maon.²⁶Saul caminhava num flanco da montanha, David e seus homens, no outro. David acelerava a marcha, a fim de escapar de Saul. Saul e seus homens estavam a ponto de alcançar e cercar David e os seus para capturá-

-los,²⁷quando um mensageiro veio dizer a Saul: "Vem depressa porque os filisteus fizeram uma incursão na terra".²⁸Saul deixou então de perseguir David e marchou ao encontro dos filisteus. Eis por que deram a esse lugar o nome de "Rochedo da Incerteza".

24 David poupa Saul. ¹David subiu de lá e se estabeleceu nas escarpas de En-Guedi. ²Quando Saul voltou da perseguição aos filisteus, o informaram, dizendo: "David se encontra agora no deserto de En-Guedi." ³Saul tomou três mil homens de elite de todo o Israel e partiu em busca de David e de seus homens nos Rochedos dos Cabritos. ⁴Chegou aos apriscos de ovelhas que havia perto da estrada. Lá se encontra uma caverna. Saul foi ali se agachar. Ora, David e seus homens estavam sentados no fundo da caverna. ⁵Os homens de David lhe disseram: "Este é o dia do qual o SENHOR te falou: Eis que vou entregar teu inimigo em tua mão, e trata-lo-ás como bem te aprouver". David levantou-se e cortou furtivamente a ponta do manto de Saul. ⁶Depois, porém, David sentiu seu coração bater, porque cortara a ponta do manto de Saul. ⁷Disse aos seus homens: "Seja eu abominável ao SENHOR, se fizer

23.7.12.14: 26,8

Qeila (v. 12). O refúgio de David indicado no v. 19 (que foi retocado, cf. nota) é aquele do qual fala o v. 15b, mas o v. 24 supõe que David se retirou a uma dezena de km em direção ao sul, na região de Maon.

s. A colina de Hakilá está situada, segundo alguns, uma dezena de km a leste de Zif. A indicação, tida por incompatível com a menção a Horeth (cf. v. 15 nota), mostraria que o v. foi retocado para se tornar conforme a 26,1-3, tendo 26,1 uma formulação quase idêntica à de 23,19.

t. Esta indicação parece ser tomada do v. 24.

u. Lat.: vede... quem o tenha visto ali; sir.: que aquele que o viu ponha aí os pés.

v. O deserto de Maon, próximo de Karmel (15,12 nota), está ao sul do deserto de Zif. A história de Saul e do pessoal de Zif parece continuar em 26,3. É aqui interrompida para ceder lugar a duas outras tradições. Entre duas narrativas tendo por cenário o deserto de Maon (23,24-28; 25) situa-se um primeiro encontro de David e Saul, em En-Guedi (24).

w. Explicação de um nome de lugar (cf. 2Sm 5,20; 6,8) permitindo um jogo de palavras: de fato, pode-se compreender a Rocha escorregadia, ou a Rocha das Separações (de Saul e de David), ou a Rocha da Incerteza (Saul que podia estar indeciso sobre que partido tomar).

x. Sobre as relações do cap. 24 com cap. 26, cf. 26,1 nota. Distingue-se, à base do cap. 24, um relato primitivo contando como David poupou Saul, que o perseguia (cf. 23,8.25). Dele subsistem elementos nos vv. 4.5b.8b.9a.12.13a. Esse relato, que já sublinhava a magnanimidade e a lealdade de David em relação a Saul, foi ampliado pela tradição e pela redação: foi o Senhor quem entregou Saul na mão de David (vv. 5.11.19; cf. 26,8.23), mas David recusou levantar a mão contra o seu senhor (vv. 7.9.11; cf. 26,17.18.19), o messias do Senhor (vv. 7.11; cf. 26,9.11.16.23); ele confiou sua causa ao Senhor (vv. 13-16; cf. 26,26.31.33.39). Os narradores devem ter igualmente desenvolvido a emocionante cena dos vv. 17-23 (cf. 26,17-25), fazendo com que o próprio Saul anuncie que David será o rei (v. 21; cf. 23,17; 25,28-30) e relembre a aliança entre David e Jônatan (v. 22; cf. 23,18).

y. David está agora 25km a leste de Zif, nas proximidades do mar Morto.

z. Lit. cobrir os pés, eufemismo para "satisfazer uma necessidade natural".

a. Atirar as vestes de alguém equivale a feri-lo em sua honra. David não o faz sem remorso (2Sm 24,10: "Sentiu seu coração bater"), pois a função do rei continua respeitável.

isso ao meu soberano, o messias do SENHOR. Eu não estenderei a mão contra ele, pois é o messias do SENHOR." ^{9.16; 31.4; 2Sm 1.14} Com essas palavras, David conteve o ânimo de seus homens. Não lhes permitiu que se lançassem sobre Saul. Saul se pôs de pé, deixou a caverna e seguiu caminho.

^{26.23} "Então, David se levantou, saiu da caverna e gritou para Saul: "Meu senhor, o rei!" Saul olhou para trás. David se inclinou, com o rosto por terra, e se prostrou. ^{26.21} David disse a Saul: "Por que dás ouvidos àqueles que dizem que David procura a tua desgraça? ^{23.17} Ainda hoje viste com os teus próprios olhos que o SENHOR te entregou na minha mão, hoje, quando estavas dentro da caverna; falaram em te matar^b, mas eu tive pena de ti e disse: 'Não estenderei a mão contra o meu senhor, pois ele é o messias do SENHOR'.

^{25.26.31} ^{26.20; 2Sm 3.8; 16.9} Olha, ó meu pai, e vê aqui em minha mão a ponta do teu manto. Se cortei a ponta de teu manto e não te matei, reconhece e vê que não há em mim nem maldade, nem rebelião, e que não pequei contra ti^c. És tu que me persegues para tirar-me a vida. ^{28.3} Que o SENHOR seja juiz entre mim e ti! Que o SENHOR me vingue de ti^d! Mas não levantarei a mão contra ti. ^{28.3} Como diz o antigo provérbio: 'Que a maldade venha dos malvados!' Mas eu não levantarei a mão contra ti. ^{28.3} Atrás de quem saiu em campanha o rei de Israel? Atrás de quem moves a perseguição? Atrás de um cão morto! Atrás de uma pulga! ^{28.3} O SENHOR será juiz. Que ele julgue entre mim e ti. Que ele exami-

ne e defenda a minha causa e que me faça justiça, livrando-me de tua mão!" ^{25.39; Sl 35.23; 43.1; 119.154}

^{26.17} Quando David terminou de dizer essas palavras a Saul, Saul disse: "É a tua voz, meu filho David?" E Saul se pôs a soluçar alto. ^{26.21} Ele disse a David: "Tu és justo, não eu, pois me fizeste o bem, enquanto eu te fiz o mal. ^{26.21} Tu manifestaste hoje a bondade com que te comportas em relação a mim. O SENHOR me entregara em tuas mãos, e não me mataste. ^{23.17} Quando um homem encontra seu inimigo, acaso o deixa seguir livremente o seu caminho? Que o SENHOR te recompense pelo que me fizeste hoje. ^{20.14-16} Agora, eu sei: tu serás rei e a realza de Israel permanecerá em tuas mãos. ^{20.14-16} Jura-me, pelo SENHOR, que não suprimirás a minha descendência depois de mim e não farás desaparecer o meu nome da casa de meu pai". ^{20.14-16} David prestou juramento a Saul. Em seguida Saul voltou para casa, enquanto David e seus homens subiam para o seu refúgio.

25 David e Abigáil. ^{28.3} Morreu Samuel^f.

Todo Israel se reuniu para os funerais. Sepultaram-no em sua casa, em Ramá. David pôs-se a caminho e desceu para o deserto de Paran^g. ^{1.1}

^{Est 2.7} Havia em Maon um homem que tinha propriedades em Karmel^h. Era muito rico este homem. Possuía três mil ovelhas e mil cabras. Estava em Karmel para a tosquia de seu rebanhoⁱ. ^{Est 2.7} O homem chamava-se Nabal, e sua mulher, Abigáil. A mulher era inteligente e bela, mas o homem era rude e mau; ele era kalebita^j.

b. Gr.: *eu não quis te matar*; lat.: *pensei em te matar*; aram.: *os outros falavam em te matar*; sir.: *meus companheiros falavam em te matar*.

c. Cf. 19.4 nota.

d. David apela para a sentença divina (vv. 13.16; cf. 16.5; Jz 11.27). Ele confia sua causa ao Senhor e conta com ele para vingá-lo (cf. Dt 32.35.43; Jr 11.20; 15.15; 20.12; Sl 94.1). A vingança pessoal fica excluída (Lv 19.18; Rm 12.19), mas a justiça conserva seus direitos, mesmo na economia nova (cf. Ap 6.10; 19.2) em que o amor deve estender-se também aos inimigos (Mt 5.43-48).

e. O provérbio poderia ilustrar o que o próprio Saul declarara em 18.17. O fim do v. não pertence ao provérbio, mas retoma o fio do discurso de David.

f. Observação cronológica, no estilo de Dt 34.5; Js 24.29-30; Jz 2.8-9; 8.32; 10.2.5; 12.7.10.12.15.

g. Gr.: *Maon*, cf. v. 2. O deserto de Paran (Gn 21.21; Nm 10.12; 12.16; 13.3.26) é mais meridional que a região na qual os cap. 22-26 situam as peregrinações de David perseguido por Saul. Às vezes se pensa que se trate aqui de outro lugar com mesmo nome.

h. Sobre Maon e Karmel, cf. 23.24 nota.

i. A tosquia das ovelhas, que se faz na primavera, é ocasião de uma grande festa, cf. 2Sm 13.23-24.

j. Segundo o "texto lido", lat. e aram., trata-se de um membro do clã de Kaleb (cf. Js 15.13-19; Jz 1.10-15). Como o nome de Kaleb evoca o de *cão*, sir. traduz: *um cão*, e gr.: *clínico*. "Texto escrito": *era como seu coração*, isto é, "seu coração era tão mau quanto seu nome" (cf. v. 25 nota).

⁴Ao saber, no deserto, que Nabal tosquia suas ovelhas, ⁵David enviou-lhe dez de seus moços. David disse aos moços: "Subi a Karmel. Ireis ao encontro de Nabal e o saudareis em meu nome. ⁶Direis: Feliz ano! Paz a ti, paz a tua casa, paz a tudo o que te pertence! ⁷Soube que há tosquia em tua casa. Quando teus pastores estiveram conosco, não os molestamos e não perderam coisa alguma durante todo o tempo em que estiveram em Karmel. ⁸Pergunta aos teus servos e eles te informarão. Que os meus moços encontrem em tua casa um acolhimento favorável, porque chegamos em dia de festa! Dá, eu te peço, o que podes dar aos teus servos e a teu filho David".

⁹Tendo chegado, os moços de David repetiram a Nabal, em nome de David, todas essas palavras e ficaram aguardando. ¹⁰Nabal respondeu aos servos de David: "Quem é David e quem é o filho de Jesse? Há hoje em dia muitos escravos que escapam da casa de seu senhor. ¹¹E eu tomaria meu pão, minha água, a carne que mandei abater para os meus tosquiaadores, e daria a essa gente que veio não sei de onde?" ¹²Os moços de David deram meia-volta e regressaram. Ao chegar, relataram tudo isso a David. ¹³David disse a seus homens: "Cada um cinja a sua espada!" Cada um deles cingiu sua espada. David também cingiu a dele. Cerca de quatrocentos homens subiram atrás de David, enquanto duzentos ficaram com a bagagem.

¹⁴Um dos moços informou Abigail, a mulher de Nabal: "Eis, disse ele, que David enviou do deserto mensageiros para apresentar seus cumprimentos ao nosso amo; e nosso amo os agrediu. ¹⁵Esses homens foram muito bons para nós.

Não fomos molestados e não perdemos coisa alguma, durante todo o tempo que circulamos com eles, quando estávamos no campo. ¹⁶Foram nosso amparo, noite e dia, durante todo o tempo que estivemos com eles, apascentando as ovelhas. ¹⁷Agora, pois, considera e vê o que podes fazer, pois a destruição de nosso amo e de toda a sua casa é questão decidida. E ele é um idiota, com quem não se pode falar".

¹⁸Abigail tomou depressa duzentos pães, dois odres de vinho, cinco ovelhas já preparadas, cinco medidas de grão tostado, cem cachos de uva passa e duzentas tortas de figo; pôs tudo sobre jumentos. ¹⁹Disse aos servos: "Passai à minha frente. Eu vos seguirei". Mas nada disse a Nabal, seu marido.

²⁰Enquanto ela descia as encostas da montanha, montando um jumento, David e seus homens também desciam em sua direção. Ela os encontrou. ²¹David já tinha dito a si mesmo: "Foi em vão que, no deserto, protegi todos os bens desse homem, sem que nada se perdesse. Ele me retribuiu o mal pelo bem. ²²Que Deus faça o pior a David — ou antes aos seus inimigos" — se, de agora até amanhã cedo, de tudo o que lhe pertence, eu deixar com vida algo do que urina contra o muro!" ²³Quando avistou David, Abigail se apressou em descer do jumento. Ela se prostrou diante de David, com o rosto por terra. ²⁴Depois lançou-se a seus pés e disse: "A mim, meu senhor, cabe a culpa! Possa tua serva falar aos teus ouvidos! Escuta as palavras de tua serva. ²⁵Que o meu senhor não dê atenção a esse idiota, a Nabal, porque ele merece o nome^e que tem: ele se chama Infame, e a infâmia gruda nele. Eu, po-

Jr 1,18; 15,20

Est 7,7

2Sm 14,9; Gn 27,13

k. Isto é, *Vós direis*: "Que seja também assim no próximo ano" (Rashi); gr. e, talvez, sir., entenderam igualmente que se tratava de um augúrio de bom ano. Mas a expressão traduzida no próximo ano é única, e se poderia compreender: *Vós assim fulareis ao vivo*. Aram. e Qimhî: ... *por tua vida* (fazendo parte da mensagem); lat.: *Vós direis*: "Que meus irmãos tenham a salvação..." l. i. it. *um bom dia* (cf. Est 8,17).

m. A delicadeza da expressão não dissimula que David age como chefe nômade, disposto a fazer Nabal pagar pela proteção

concedida aos seus rebanhos.

n. Mesmo eufemismo que em 20,16 (cf. nota). Gr.: *a David*, sô: *a seu servo David*.

o. O sentido dessa expressão é discutido. Segundo Rashi, trata-se de um cão, segundo Gersônidas, de um macho. Poderia também tratar-se de um menino.

p. O nome de Nabal significa, de fato, *louco*, *insensato* (Sl 14,1) ou *infame* (cf. Jó 30,8). O comportamento de Amom em 2Sm 13,12 é indicado por um termo derivado desse nome.

rém, tua serva, não tinha visto os moços que meu senhor enviara. ²⁶Contudo, meu senhor, certo como vive o SENHOR e tu vives, foi o SENHOR que te impediu de incorrer em homicídio^q e de triunfar por tuas próprias mãos. Que os teus inimigos, aqueles que desejam o mal ao meu senhor, reconheçam agora a sorte de Nabal! ²⁷Que esta homenagem que tua escrava traz a meu senhor seja entregue aos moços que acompanham os passos de meu senhor. ²⁸Perdoa, eu te suplico, a falta de tua serva^r.

Na verdade, o SENHOR não deixará de construir a meu senhor uma casa estável,

2,35; 2Sm 7,16 1K,17 1Rs 1,52 porque o meu senhor combate as guerras do SENHOR. Que não se encontre mal algum em ti, ao longo de toda a tua vida^s.

²⁹Alguns se levantaram, a fim de perseguir o meu senhor e de atentar contra os seus dias, mas a vida de meu senhor permanecerá guardada no boral dos vivos junto do SENHOR, teu Deus, enquanto a vida de teus inimigos, o SENHOR a arremessará para longe, da cavidade de sua funda^t. ³⁰Quando o SENHOR cumprir ao meu senhor tudo o que disse de bom a teu respeito, ele te estabelecerá chefe de Israel^u. ³¹Tu não deves pisar em falso derramando sangue sem motivo; meu senhor não deve tropeçar querendo triunfar por si mesmo^v. E quando o SENHOR tiver feito o bem ao meu senhor, te lembrarás de tua serva^w.

³²David disse a Abigail: "Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, que hoje te enviou ao meu encontro! ³³Bendito seja teu bom senso, bendita sejas tu mesma,

por me teres impedido hoje de chegar ao derramamento de sangue e de triunfar por minhas próprias mãos! ³⁴Mas, certo como vive o SENHOR, o Deus de Israel, que me impediu de te fazer mal, se não tivesses vindo tão depressa ao meu encontro, não teria sobrado a Nabal, de agora ao amanhecer, nada do que urina contra o muro! ³⁵David recebeu de sua mão o que ela trouxera e lhe disse: "Volta em paz para tua casa. Vê: escutei a tua voz e atendi".

³⁶Abigail voltou para junto de Nabal. Ele dava em sua casa um festim, um verdadeiro festim de rei. Nabal tinha o coração cheio de alegria. Estava completamente embriagado. Ela nada lhe contou até o raiar do dia. ³⁷Na manhã seguinte, quando Nabal curtira o vinho, sua mulher lhe contou o que se passara. Então o coração de Nabal morreu em seu peito e ele ficou como que petrificado. ³⁸Uns dez dias depois, o SENHOR feriu Nabal, e ele morreu.

³⁹David soube que Nabal morrera e disse: "Bendito seja o SENHOR, que defendeu a minha causa, nessa afronta que me fizera Nabal, e que deteve seu servo de praticar o mal. Quanto à maldade de Nabal, o SENHOR a fez recair sobre sua cabeça^x".

David mandou pedir Abigail em casamento. ⁴⁰Os servos de David foram ter com Abigail, em Karmel, e lhe falaram nestes termos: "David nos enviou a ti para tomar-te como sua esposa". ⁴¹Ela se levantou, se prostrou com o rosto por terra e disse: "Tua serva é uma escrava pronta para lavar os pés dos servos de

25,22

Jz 16,25; 19,6; 2Sm 13,28

26,10; 2Sm 12,15

24,16

25,31

Jz 9,57; 1Rs 2,44

Lc 7,44

q. I. it. *ao sangue* (derramado).

r. Antecipando os vv. 36-38, esta frase foi provavelmente acrescentada por um redutor. O relato primitivo devia contar como Abigail afastara de sua casa as repessálias de David, lembrando a este que a vingança pertence ao Senhor (cf. 24,13,16). Foi ampliado de modo a fazer Abigail anunciar o reino de David (vv. 28,30,31b; cf. 23,17; 24,21; 26,25).

s. Formando inclusão com o início do v. 24, esta frase encerra a primeira parte do discurso de Abigail. A segunda parte parece ter sido sobrecarregada, no v. 28b, antecipando o triunfo de David.

t. Invocando em seu arrazoado os futuros êxitos de David, Abigail sente-se obrigada a apresentá-los como recompensa de uma conduta impecável. A profecia de Natã (2Sm 7) sublinha,

ao contrário, que tais conquistas são uma graça do Senhor e não fruto dos méritos de David.

u. Deus é comparado a um fundibulário. Ele guarda junto de si, em seu alforje, a vida daqueles que ele preserva. Os outros são atirados ao longe, como as pedras de uma funda. Este v. é com frequência relembrado no cabeçalho dos epítáfios judaicos.

v. O título de *chefe*, conferido a Saul (cf. 9,16 nota), é também dado a David em 1Sm 13,14; 2Sm 5,2; 6,21; 7,8. O v., como 2Sm 3,9-10; 5,2, alude a uma promessa de Deus a David, garantindo-lhe, ao que parece, a sucessão de Saul.

w. Lit. *Que isto não seja para o meu senhor um obstáculo* (proveniente) *do coração...; triunfar ele mesmo*. A vida de David está em segurança junto do Senhor (cf. v. 29), e o Senhor o livrará de seus inimigos. David não deve, portanto, procurar vingar-se,

meu senhor". ⁴²Abigãil se apressou em partir. Montou seu jumento e, acompanhada de cinco de suas servas, seguiu os mensageiros de David. Assim ela se tornou sua mulher.

⁴³David desposara também Ahinoam de Jezreel¹. As duas foram suas esposas.

^{25m 3, 13-16} ⁴⁴Saul tinha dado sua filha Mikal, esposa de David, a Palti, filho de Laish, natural de Galim².

^{23.19; 24.1-2} **26 David poupa Saul**. ¹Os habitantes de Zif vieram a Saul em Guibeá.

Eles lhe disseram: "Não está David escondido na colina de Hailá³, defronte da estepe?" ²Saul se pôs a caminho e desceu ao deserto de Zif, acompanhado de três mil homens, os melhores de Israel, para procurar David no deserto de Zif. ³Saul acampou na colina de Hailá, situada defronte da estepe, perto da estrada. David permanecia no deserto. Ele soube que Saul viera persegui-lo no deserto. ⁴David enviou exploradores e soube que, de fato, Saul tinha chegado. ⁵David se pôs a caminho e chegou ao lugar onde acampava Saul. David observou o lugar onde estavam deitados Saul e Abner, filho de Ner, o chefe de seu exército⁴. Saul estava deitado no centro e a tropa acampava em volta dele.

⁶David tomou a palavra e disse a Ahimelek, o hetita, e a Abishai, filho de Seruiá e irmão de Ioab⁵: "Quem quer descer comigo ao acampamento, até Saul?"

Abishai disse: "Eu descerei contigo." ⁷David e Abishai chegaram, de noite, bem junto da tropa. Saul estava deitado, dormindo no acampamento, sua lança fincada no chão à sua cabeceira. Abner e a tropa dormiam em volta dele.

⁸Abishai disse a David: "Hoje Deus entregou teu inimigo em tuas mãos. Permite-me cravá-lo ao solo com um só golpe de lança; não precisarei de um segundo". ⁹David disse a Abishai: "Não o mates! Quem poderia estender a mão contra o messias do SENHOR⁶ e permanecer impune?" ¹⁰E disse David: "Certo como vive o SENHOR! É o SENHOR quem há de feri-lo, quando chegar a hora de sua morte ou quando ele descer ao combate para ali perecer". ¹¹Que o SENHOR me castigue se eu estender a mão contra o messias do SENHOR! Toma, pois, a lança que está a sua cabeceira e o cantil de água, e vamos embora". ¹²Tomou David a lança e o cantil de água que estavam à cabeceira de Saul, e se foram. Ninguém viu nada, ninguém se deu conta, ninguém despertou. Todos dormiam, porque um torpor enviado pelo SENHOR⁷ caíra sobre eles.

¹³David passou para o outro lado e parou ao longe, no cimo do monte. Havia entre eles uma longa distância. ¹⁴David gritou para a tropa e para Abner, filho de Ner: "Abner, vais me responder?" Abner respondeu: "Quem és tu que gritas aos ouvidos do rei?" ¹⁵David disse a Abner: "Não és tu um homem? Quem é

x. Cf. Js 15.56.

y. Cf. Is 10.30.

z. O cap. 26 apresenta o mesmo esquema narrativo do cap. 24 (denúncia a Saul; Saul põe-se a caminho; a respectiva situação de Saul e de David, com vantagem desse último; David consegue um objeto-testemunho: reconhecimento e diálogo à distância; separação); e as duas passagens têm muitas expressões semelhantes ou comuns (cf. os paralelos). Embora os dois episódios paralelos procurem igualmente celebrar a magnanimidade e lealdade de David, diversos detalhes distinguem os dois capítulos. O encontro não aconteceu por sorte, como sugere 24.3, mas agora é David quem toma a iniciativa de provocar Saul, conforme 26.6. O David do cap. 26 é menos modesto que o do cap. 24. O papel desempenhado pelos *homens de David* em 24.5-8 é desempenhado agora por Abishai (26.8-11), cujo zelo intempestivo (cf. v. 8 nota) o autor parece querer denunciar. Observe-se enfim o toque milagroso introduzido no v. 12 e o interesse pelo culto manifestado no v. 19 (cf. nota).

a. 23.19 falava de *habitantes de Zif* de modo indefinido. Aqui o narrador os supõe conhecidos. Talvez seja um indício do caráter secundário do v. 1.

b. Cf. 23.19 nota.

c. *Abner, chefe do exército* de Saul, é mencionado em 14.50; 17.55; 2Sm 2.8. Parece que foi introduzido de modo secundário no relato (cf. v. 16 nota). Sua introdução ocasionou também a de Abishai, inimigo fidalgo de Abner (2Sm 2).

d. Sobrinho de David, segundo 1Cr 2.16, Abishai receberá o comando da guarda real após a desgraça de seu irmão Ioab (2Sm 20.6).

e. A proposta violenta atribuída a Abishai, que serve para salientar a moderação de David, está de acordo com o caráter do personagem tal qual se revela em 2Sm 16.9; 19.22.

f. Cf. 24.1 nota.

g. Este v., que pertence talvez à camada mais antiga do relato, exprime a mesma idéia que 24.13 (cf. nota).

h. Esta expressão (cf. Gn 2.21 nota) introduz um toque de milagre no relato.

teu igual em Israel? Por que, então, não guardaste o rei, teu senhor? Alguém do povo veio para matar o rei, teu senhor.

¹⁶Não é hom o que fizeste. Pela vida do SENHOR, vós mereceis! a morte, por não ter velado sobre o vosso amo, o messias do SENHOR. Olha agora onde estão a lança do rei e o cantil de água que estavam à sua cabeceira". ¹⁷Saul reconheceu a voz de David e disse: "É a tua voz, meu filho David?" David respondeu: "É a minha voz, meu senhor e rei". ¹⁸E disse: "Por que meu senhor persegue o seu servo? Que fiz eu, ou que mal existe em mim?"

¹⁹E agora, que meu senhor, o rei, se digne escutar as palavras de seu servo. Se é o SENHOR quem te impele contra mim, que ele respire o perfume de uma oferta! Mas se são homens, que sejam malditos diante do SENHOR por me ter expulsado.

²⁰hoje, e excluído do patrimônio do SENHOR, dizendo: "Vai servir a outros deuses!" ²¹E agora, que meu sangue não se derrame por terra, longe da face do SENHOR, porque o rei de Israel saiu a combater em busca de uma simples pulga, como quem persegue uma perdiz" nos montes".

²²Disse Saul. "Pequei! Volta, meu filho David! Não te farei mais nenhum mal, pois hoje minha vida foi preciosa aos teus olhos. Sim, eu agi como louco, me enganei profundamente". ²³David respondeu: "Eis aqui a lança do rei". Que um dos rapazes atravessasse e venha pegá-la.

²⁴Que o SENHOR retribua a cada um o que tem feito de justo e de sincero. Foi o SENHOR que te entregou hoje em minhas mãos, mas recusei estender a minha mão

contra o messias do SENHOR. ²⁵Assim como no dia de hoje tua vida foi preciosa para mim, assim também minha vida seja preciosa aos olhos do SENHOR, e que ele me livre de todo perigo". ²⁶Saul disse a David: "Bendito sejas tu, meu filho David! Sim, tu farás grandes coisas e serás seguramente bem-sucedido". David seguiu seu caminho e Saul voltou para casa.

²⁷David entre os filisteus". ¹David disse consigo mesmo: "Apesar de tudo, um dia desses vou perecer pelas mãos de Saul. Nada melhor a fazer do que me pôr a salvo na terra dos filisteus. Então Saul deixará de me procurar por todo o território de Israel, e eu terei escapado de suas mãos". ²David se pôs a caminho com seiscientos companheiros e passou para o lado de Akish, filho de Maok, rei de Gat. ³David habitou junto de Akish, em Gat, ele e seus homens, cada qual com sua família; David com suas duas mulheres, Ahinoam de Jezreel e Abigail, mulher de Nabal, de Karmel. ⁴Informaram a Saul que David se refugiara em Gat, e Saul cessou de procurá-lo.

⁵David disse a Akish: "Se queres favorecer-me, dá-me uma vila no campo, onde eu possa residir. Por que teu servo haveria de residir junto de ti na cidade real?" ⁶No mesmo dia, Akish lhe deu Siqlag. Por isso Siqlag se tornou propriedade dos reis de Judá até hoje. ⁷A estada de David em território filisteu durou um ano e quatro meses.

⁸David subiu com os seus homens e fizeram incursões contra os geshuritas,

i. A passagem do singular (*o que fizeste*) para o plural (*vós mereceis*) indica que a menção a Abner deve ter sido acrescentada à da tropa nos vv. 14-16.

j. Deus aparece aqui como o dono caprichoso que o culto pode apaziguar. Conforme 24.13.16, Deus é antes um justo juiz.

k. O deserto aparece aqui como o domínio de "outros deuses" (cf. Lv 16.10). Longe do *patrimônio do Senhor* — de sua terra e de seu povo (cf. 2Rs 5.17 nota) —, David não pode mais servir ao Senhor.

l. Gr.: *para buscar minha vida*.

m. O termo traduzido, em todas as versões, por *perdi*, encontra-se somente em Jr 17.11. Poder-se-ia também traduzi-lo: *aquele que grita (quando persegue aquele que grita nas montanhas)*, isto é, David.

n. "Texto lido" e versões: "texto escrito": *eis a lança, (ó) rei*.

o. À diferença de 21.11-16 (cf. 21.11 nota), o cap. 27 não procura dissimular que David se pôs a serviço do inimigo de Israel. Repousa portanto em tradição mais próxima dos fatos que este episódio divertido. Ao passo que no cap. 21 David é apenas um fugitivo isolado, o cap. 27 o mostra na frente de uma tropa e em posição de poder. Quer insistir no cuidado que David teve de poupar seu próprio povo e na habilidade que para isso empregou, a ponto de fazer dele um mestre do jogo duplo (v. 11; 28.2).

p. A localização de Siqlag (cf. Js 15.31; 19.5) é incerta (talvez Tell el-Khuweilfe, cerca de 17km a norte-nordeste de Beer-Sheba).

Gn 20.1-18; 26.1-14

23.13

25.42-43; 30.5; 2Sm 2.2; 3.2-3

2Sm 4.3; 6.8; 18.18; 29.3

30,1-20 os guirzitas e os amalequitas^q, pois estes são os povos que habitam a região desde sempre^r, em direção de Shur, até a terra de Egito. ^{15,7} "David massacrava a população, não deixando com vida nem homem, nem mulher, arrebatando ovelhas e bois, jumentos, camelos e vestimentas. Ao voltar, apresentava-se a Akish. ¹⁰Quando Akish perguntava: "Onde é que fizestes a incursão hoje?", David respondia: "Contra o Négueb de Judá", ou: "Contra o Négueb dos ierahmeelitas", ou: "No Négueb dos quenitas". ¹¹David não permitia que trouxessem com vida a Gat, nem homem, nem mulher. "de medo, dizia ele, que falando viessem a nos trair". Assim fez David^t e tal foi sua conduta durante todo o tempo que residiu no território filisteu". ¹²Akish estava seguro a respeito de David. Dizia consigo mesmo: Israel nem agüenta mais o cheiro de David, seu povo, e portanto ele será meu servo para sempre".

28 Os filisteus em guerra contra Israel. Saul e a necromante. ¹Naqueles dias os filisteus reuniram suas tropas para entrar em guerra e combater Israel'. Akish disse a David: "Deves saber que partirás comigo para a guerra, tu e teus homens". ²David respondeu a Akish: "Sim, tu saberás então o que fará o teu servo". Akish disse a David: "Pois bem: te farei para sempre minha guarda pessoal".

³Ora, Samuel morrera, e todo Israel celebrara os lamentos fúnebres sobre ele e o sepultara em Ramá, sua cidade^u; e Saul abolira a necromancia^v em todo o país.

⁴Os filisteus se reuniram e vieram acampar em Shunê. Saul congregou todo Israel e acamparam em Guilboa^w. ⁵Saul observou o acampamento dos filisteus. Ele teve medo, e seu coração tremeu fortemente. ⁶Saul interrogou o SENHOR, mas o SENHOR não lhe respondeu, nem pelos sonhos, nem pelo Urim, nem pelos profetas^x. ⁷Saul disse aos seus servos: "Procurai-me uma necromante, ^{16,17} para que eu possa consultá-la". Seus servos lhe disseram: "Há uma necromante em En-Dor." ⁸Saul se disfarçou, ^{18, 14,2} trocando suas vestes, e partiu, acompanhado de dois homens. Chegaram, à noite, à casa da mulher. Saul disse a ela: "Exerce para mim a necromancia e evoca-me^y aquele que te dei". ⁹A mulher lhe respondeu: "Olha, tu deves saber o que fez Saul: ele suprimiu do país a necromancia. Por que me armas essa cilada mortal?" ¹⁰Saul jurou pelo SENHOR: "Certo como vive o SENHOR, disse ele, tu não corres risco algum neste assunto". ¹¹A mulher perguntou: "A quem devo evocar?" Ele respondeu: "Evoca-me Samuel". ¹²A mulher viu Samuel e deu um grande grito. A mulher disse a Saul: "Por que me enganaste? Tu és Saul!"

q. Os gueshuritas são vizinhos dos filisteus, segundo Js 13,2; os guirzitas ("texto escrito"; no "texto lido": *gueseritas*) não são mencionados em outro lugar; sobre os amalequitas, cf. 15,2 nota.

r. Gr. parece ter lido aqui um nome de lugar: *desde Elâm*. Alguns corrigem em: *desde Telâm*, segundo mss. gregos e 15,4 s. Os ierahmeelitas são aparentados aos judaítas, segundo 1Cr 2,9; sobre os quenitas, cf. 1Sm 15,6 nota.

t. Versões: *dizendo: assim fez David*.

u. David não traz consigo prisioneiros vivos, para que o fim exato de suas expedições não seja revelado e Akish creia que está atacando Judá (cf. v. 12), quando, na realidade, ele ataca os nômades que fazem incursões contra os judaítas (cf. 30,14,16). v. Cf. 16,1 nota.

w. Resposta equivocada de David. A continuação direta dos vv. 1-2 se lê no cap. 29.

x. V. 3 lembra parenteticamente a nota cronológica de 25,1 (a morte de Samuel) para fornecer um elemento necessário à compreensão do que se segue.

y. *Necromancia* traduz um binômio hebraico cuja significação

precisa é discutida (cf. Lv 19,31) e que designa talvez os instrumentos do necromante, proibidos em toda a Lei (Lv 19,31; 20,6,27; Dt 18,11; cf. 2Rs 21,6; 23,24; Is 8,19; 19,3). O relato de 28,3-25 apresenta novamente Saul numa situação trágica (o rei se sente constrangido a recorrer a uma prática proibida e a desobedecer contra a sua própria vontade), como no cap. 15, com o qual 1Sm 28,3-25 oferece algumas afinidades: referência à expedição de Saul contra os amalequitas (v. 18), às práticas divinatórias proibidas (cf. 15,23), ao manto de Samuel (v. 14, cf. 15,27), à destituição de Saul em favor de David (v. 17, cf. 15,28).

z. O monte Guilboa está ao sul da planície de Jezreel, e Shunê está diante dele, a nordeste (En-Dor se encontra a nordeste de Shunê). Essas indicações topográficas convêm ao relato da última batalha de Saul contra os filisteus (cap. 31). Além disso 28,3-25 situa o leitor às vésperas da morte de Saul na batalha de Guilboa (v. 19, cf. 31,1-6).

a. São os três modos lícitos de adivinhação no antigo Israel.

b. I. it. *faça subir para mim*. De fato, o fantasma surge dos infernos (Sheol).

¹³O rei lhe disse: "Não tenhas medo. Que é que viste?" A mulher respondeu a Saul: "Eu vi um deus^d que subia da terra". ¹⁴Disse-lhe então: "Que aparência tem ele?" Ela respondeu: "É um velho que vem subindo. Está envolto num manto". Saul reconheceu então que era Samuel. Inclinou-se com a face por terra e se prostrou.

30,6;
2Sm 24,14

¹⁵Samuel disse a Saul: "Por que me perturbaste, fazendo-me subir?" Saul respondeu: "Estou em grande angústia. Os filisteus me fazem guerra, e Deus se retirou para longe de mim. Não me responde mais, nem por meio de profetas, nem por sonhos. Por isso te chamei, para que me faças saber o que devo fazer".

Is 63,10;
Lm 2,5

¹⁶Disse Samuel: "E por que me interrogas, se o SENHOR se retirou para longe de ti e se tornou teu adversário? ¹⁷O SENHOR agiu conforme tinha dito por meu intermédio: O SENHOR arrancou de ti a realeza e a entregou a um outro, a David.

15,28;
1Rs 11,11;
13,31

¹⁸Porque não obedeceste à voz do SENHOR e não saciaste sua cólera contra Amaleq, o SENHOR, hoje, te tratou desse modo. ¹⁹E o SENHOR te entregará, a ti e a Israel, na mão dos filisteus. Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo, e o SENHOR entregará também o exército de Israel na mão dos filisteus".

²⁰Imediatamente, Saul caiu estendido por terra, aterrorizado pelo que Samuel dissera. Além disso, já estava sem forças, porque não comera nada durante todo dia e toda a noite. ²¹A mulher aproximou-se de Saul e o viu inteiramente transformado. Ela lhe disse: "Estás vendo que

tua escrava te ouviu. Arrisquei minha vida, mas obedeci às ordens que me deste. ²²Agora, por tua vez, ouve também a voz de tua escrava. Deixa-me servir-te um pedaço de pão para que comas e tenhas força ao retomar o caminho". ²³Ele recusou dizendo: "Eu não comerei". Mas seus servos, e também a mulher, insistiram, e ele obedeceu. Levantou-se e sentou num divã. ²⁴A mulher tinha em casa um bezerro cevado. Matou-o depressa. Tomou farinha, amassou e fez pães sem fermento. ²⁵Serviu a Saul e a seus servos, e eles comeram. Em seguida puseram-se a caminho e foram embora naquela mesma noite.

29 David despedido pelos filisteus.

¹Os filisteus reuniram todas as suas tropas em Afeq^f. Os israelitas acamparam perto da fonte que existe em Jezreel.

²Os príncipes dos filisteus desfilavam à frente das centenas e dos milhares. David e seus homens desfilavam por último, com Akish. ³Os chefes dos filisteus disseram: "Que fazem aqui esses hebreus?" Akish respondeu aos chefes dos filisteus: "É David, o servo de Saul, rei de Israel! Há um ano ou dois que está comigo e nada encontrei nele que possa reprová-lo, desde que chegou^g até hoje". ⁴Os chefes dos filisteus se irritaram contra Akish e lhe disseram: "Manda que esse homem volte para o lugar que lhe destinaste. Que ele não desça conosco para o combate, que não o tenhamos como adversário^h durante o combate. Que melhor preço encontraria ele para se reconciliar com o

c. A mulher deve pensar que somente Saul era capaz de pedir a evocação de Samuel.

d. Os antigos semitas, às vezes, chamavam *deus* o espírito de um defunto.

e. Gr.: *Amanhã, tu e teus filhos (vós) haveis de sucumbir*, tradução tendenciosa visando evitar que se creia que Saul, rejeitado, pudesse partilhar, depois de sua morte, a mesma morada que Samuel, o que é, de fato, a idéia antiga, expressa no texto hebraico.

f. Situada junto à nascente do rio de Jafa e lugar de concentração dos filisteus quando vão atacar Israel (cf. 4,1). Afeq está uns sessenta km a sudeste do palco do episódio contado em 28,3-35. O cap. 29 nos leva ao momento em que os filisteus empreendem a luta, da qual 28,1-2 relata os preparativos. No

decorrer dessa luta, Saul perecerá. O autor quer sublinhar que David não tomou parte na batalha e apresenta uma razão inteiramente favorável a David: ele consegue não participar da guerra contra Israel, permanecendo, ao mesmo tempo, fiel a Akish.

g. Cf. 4,6 nota; gr.: *esses homens que desfilam*; sir.: *por que também esses desfilam?*

h. Lit. *desde o dia em que ele caiu* (isto é, talvez, "caiu aos meus pés para se render"); aram.: *desde o dia em que desertou vindo ter comigo*.

i. A palavra hebraica é *satan*, que designa mais precisamente um delator (cf. Jó 1,6 nota). Os chefes dos filisteus receiam de fato que David venha a traí-los para voltar às boas graças de Saul (cf. 14,21). *Os homens que aqui estão* pode ser uma maneira de dizer "nós" (cf. lat., sir.).

seu senhor, senão as cabeças destes homens que aqui estão? ⁵Por acaso não é esse David do qual se cantava dançando: ^{18,7: 21,12} 'Saul matou milhares, mas David, dezenas de milhares?'

⁶Akish chamou David e lhe disse: "Certo como vive o SENHOR, tu és um homem direito. Sinto prazer em te ver entrar e sair ^{18,13,16} comigo do acampamento, pois não encontrei mal algum em ti desde o dia em que vieste a mim até hoje. Mas não és bem-visto pelos príncipes. ⁷Volta, portanto, e vai em paz. Assim nada farás que desagrade aos príncipes dos filisteus". ⁸David respondeu a Akish: "Mas que fiz eu? Que encontrei de reprovável em teu servo, desde o dia em que entrei a teu serviço até hoje, para que eu não possa partir e combater os inimigos de meu senhor o rei?" ⁹Akish respondeu a David: "Eu bem sei. Tu me és agradável como um anjo de Deus^j. Mas os chefes dos filisteus disseram: 'Que ele não suba conosco para o combate'. ¹⁰Levanta-te, pois, de manhã bem cedo, assim como os servos de teu senhor que te acompanham^k. Levantareis bem cedo e, logo ao raiar do dia, partireis". ¹¹David se levantou de madrugada, ele e seus homens, para partir logo de manhã e voltar ao território dos filisteus. Então os ^{29,1} filisteus subiram a Jezreel.

30 Campanha contra Amaleq^l. ¹No terceiro dia, quando David e seus ^{27,8} homens chegaram a Şiqlag, os amalequitas tinham feito uma incursão no Négueb e em Şiqlag. Saquearam e incendiaram Şiqlag, ²aprimosaram as mulheres, os pequenos e os grandes, sem matá-los, levaram-nos consigo e retomaram o seu caminho.

³Quando David e seus homens chegaram à cidade, viram que ela fora incen-

diada e que suas mulheres, seus filhos e suas filhas haviam sido levados. ⁴David e seus companheiros puseram-se a chorar e a soluçar até que não tivessem mais força. ⁵As duas mulheres de David tinham sido aprisionadas, Ahinoam de Jezreel e Abigail, mulher de Nabal, de Karmel. ⁶David estava numa grande angústia, porque o povo falava em apedrejá-lo. Cada um deles estava cheio de amargura, pensando em seus filhos e em suas filhas. Mas David retomou a coragem, graças ao SENHOR, seu Deus.

⁷David disse ao sacerdote Ebiatar^m, filho de Ahimélek. "Traz-me o efod, por favor". Ebiatar trouxe o efod a David. ⁸David perguntou ao SENHOR: "Se eu perseguir esse bando de saqueadores, conseguirei alcançá-los?" O SENHOR lhe disse: "Parte em sua perseguição. Tu os alcançaras e libertaras os teus". ⁹David partiu com seiscentos de seus companheiros e chegaram à torrente de Besor. Os outros permaneceram ali. ¹⁰David continuou a perseguição com quatrocentos homens. Duzentos homens permaneceram no lugar, impedidos de atravessar a torrente de Besorⁿ.

¹¹Encontraram no campo um egípcio. Eles o detiveram e o conduziram a David. Deram-lhe pão para comer e água para beber. ¹²Deram-lhe também uma torta de figos e dois cachos de uva passa. Depois de ter comido, o homem recobrou alento, pois durante três dias e três noites não comera nem bebera nada.

¹³David lhe disse: "A quem pertences e de onde vens?" Ele respondeu: "Sou um jovem egípcio, escravo de um amalequita. Meu amo me abandonou, há três dias atrás, doente". ¹⁴Fomos nós que fizemos uma incursão no Négueb dos kereteus^o, ^{27,10} no de Judá, e no Négueb de Kaleb, e

j. O anjo é um modelo de beleza (cf. Jz 13,6) e de inteligência (cf. 2Sm 14,17; 19,28). David seduziu Akish como seduziu Saul, Jônatan, Mikal e todo Israel.

k. Gr. acrescenta ainda: e ireis ao lugar que vos indiquei (Şiqlag, cf. 27,6). Não guardes em teu coração nenhum pensamento funesto, porque tens o meu favor.

l. À parte os vv. 21-25 (cf. v. 25) nota, o cap. 30 é a continuação direta do anterior. Contém muitos detalhes precisos remon-

tando à tradição mais antiga. Por seu realismo e verossimilhança, contrasta com o do cap. 15.

m. Cf. 22,23 nota.

n. Lat. cansados demais para, sir.; cuidando de que não se atravessasse a torrente; cf. v. 25 nota.

o. Os kereteus, aparentados com os filisteus, fornecerão mercenários a David, quando se tornar rei (cf. 2Sm 8,18; 15,18; 20,7,23; 1Rs 1,38.44).

25,42-43;
27,3;
2Sm 2,2;
2,3

23,9-13
2,18

22,2; 25,13

incendiamos Siqlag". ¹⁵David lhe perguntou: "Poderás me conduzir a esse bando?" Ele respondeu: "Jura-me por Deus que não me matarás, nem me entregará na mão de meu amo, e eu te conduzirei até esse bando".

¹⁶Então ele serviu de guia a David. Os amalequitas estavam espalhados por toda a região, comendo, bebendo e festejando por causa do enorme butim que haviam carregado da terra dos filisteus e de Judá. ¹⁷David os massacrou desde a aurora até a tarde do dia seguinte. Ninguém escapou, exceto quatrocentos jovens que montaram camelos e fugiram. ¹⁸David salvou tudo o que tinha sido roubado pelos amalequitas; em particular, salvou suas duas mulheres. ¹⁹Não ficou faltando ninguém, dentre pequenos e grandes, dentre seus filhos e suas filhas, nem o que quer que seja do butim e de tudo o que fora saqueado. David recuperou tudo. ²⁰David retomou também as ovelhas e os bois. Aqueles que caminhavam diante desse rebanho para conduzi-lo, diziam: "Este é o butim de David".

²¹David foi encontrar os duzentos homens que por estarem exaustos demais para segui-lo, foram deixados na torrente de Besor. Eles saíram ao encontro de David e de sua tropa. David se aproximou com a tropa e os saudou. ²²Então

10,27

²³Mas disse David: "Meus irmãos, não

podeis proceder assim com aquilo que o SENHOR nos deu. Ele nos protegeu e entregou em nossas mãos o bando que nos tinha atacado. ²⁴Quem vos poderia dar ouvidos nesse assunto? Tal a parte daquele que desce ao combate, tal é a parte daquele que fica com as bagagens; farão a partilha juntos". ²⁵A partir desse dia, isso se tornou uma lei e um costume em Israel, válidos ainda hoje".

²⁶Chegando a Siqlag, David enviou partes do butim aos anciãos de Judá, seus compatriotas, e mandou lhes dizer: "Eis como homenagem para vós uma parte do butim tomado dos inimigos do SENHOR". ²⁷Ele enviou parte aos de Betel, aos de Ramot' do Négueb, aos de Iatir, aos de Aroer, aos de Sifmot, aos de Eshtmoa, aos de Rakal, aos das cidades dos ierahmeclitas, aos das cidades qenitas, aos de Hormá, aos de Bor-Ashan, aos de Atak, aos de Hebron, e a todos os lugares onde David e seus homens tinham andado".

27,10

31 Batalha de Guilboa e morte de Saul. 'Combatiam os filisteus contra Israel. Os homens de Israel' fugiram

diante dos filisteus. As vítimas tombavam mortas no monte Guilboa. ²Os filisteus se puseram a perseguir Saul e seus filhos. Mataram Jônatan, Abinadab e Malki-Shua, os filhos de Saul. ³O peso do combate se concentrou sobre Saul. Os arqueiros o descobriram. À vista dos arqueiros, ele sentiu um arrepio de espanto. ⁴Saul disse ao seu escudeiro: "Desembainha a tua espada e transpassa-me, para que não venham a me transpassar esses incircuncisos e zombem de mim".

28,4;
2Sm 1,6

p. Versões (exceto aram.): *conosco*. Os homens falam em nome da tropa; daí o singular no texto hebraico (cf. 2Sm 19,43-44).

q. Preparados pela indicação do v. 10b, os vv. 21-25 constituem digressão erudita, atribuindo a David uma regra de partilhar o butim considerando o direito dos que não combateram na primeira linha. Esta regra é comparável, mas não idêntica à que Nm 31,27 atribui a Moisés.

r. Lit. *ao seu compatriota* (coletivo, em oposição a *aos anciãos de Judá*); gr.: *a seus compatriotas*; sir.: *e aos compatriotas deles*.

s. A menção a *Betel* surpreende, nesta enumeração de localidades meridionais; também se propõe ler "Betul" (cf. Js 19,4); gr.: *Beth-sur* (cf. 1Cr 2,45).

t. Gr.: *Ramá*, cf. Js 19,8.

u. A generosidade de David lhe assegurará o apoio dos judaitas, dos quais se tornará rei em Hebron (2Sm 2,1-4).

v. Esta introdução (cf. 13,5 nota; 16,1 nota) se apresenta aqui como uma retomada: o narrador continua o relato interrompido em 29,11b. A morte de Saul é relatada sem compaixão ou emoção. A semelhança que o v. 4 estabelece entre Saul e Abimelek (cf. Jz 9,54) não fala a favor de Saul.

Mas o escudeiro se recusou, porque tinha muito medo. Então Saul tomou a espada e se atirou sobre ela. ⁵Seu escudeiro, vendo que Saul estava morto, atirou-se também sobre a espada e morreu com ele. ⁶Saul, seus três filhos, seu escudeiro, bem como todos os seus homens, morreram juntos naquele mesmo dia.

⁷Quando viram a derrota de Israel e a morte de Saul e de seus filhos, os israelitas que moravam além do vale* e além do Jordão abandonaram suas cidades e fugiram. Chegaram então os filisteus e se instalaram nelas.

⁸No dia seguinte, os filisteus vieram para despojar as vítimas. Encontraram Saul e seus três filhos que jaziam no

monte Guilboa. ⁹Cortaram a cabeça de Saul e o despojaram de suas armas. Fizeram-na circular então na terra dos filisteus, proclamando a notícia^a nos seus templos^c e diante do povo. ¹⁰Depositarão as armas de Saul no templo das Astartes e pregaram o seu cadáver na muralha de Bet-Shean.

¹¹Ora, os habitantes de Iabesh de Gilead^d souberam o que os filisteus fizeram a Saul. ¹²Os mais corajosos se puseram a caminho, andaram durante toda a noite e retiraram da muralha de Bet-Shean os corpos de Saul e de seus filhos. Voltaram então a Iabesh, onde os queimaram. ¹³Recolheram os ossos e os sepultaram sob a tamargueira de Iabesh, e depois jejuaram durante sete dias^e.

2Sm 21.
13-14

w. Os israelitas que habitam ao norte da planície (ou vale) de Jezreel, onde os filisteus tinham estabelecido seu acampamento (28,4 nota).

x. Lat., aram., sir.: *enviaram (mensageiros) a anunciar a notícia...*

y. Lit. *a casa de seus ídolos*; gr.: *aos seus ídolos*.

z. Os habitantes de Iabesh estão ligados aos benjaminitas (cf. Jz 21,8-14) e especialmente a Saul (cf. 1Sm 11,7 nota). David lhes será grato por sua iniciativa, não sem os encorajar a aderir à sua realeza (2Sm 2,4-7).

a. Sete dias é a duração normal dos ritos de luto (Gn 50,10), dos quais o jejum faz parte (cf. 2Sm 1,12: 3,35).

SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

1 David é informado da morte de Saul^b. 'Foi depois da morte de Saul' que David voltou, tendo já derrotado Amaleq. David permaneceu dois dias em Siqlag. ²No terceiro dia, chegou um homem vindo do acampamento de Saul. Trazia as vestes rasgadas e a cabeça coberta de terra^d. Ao chegar junto de David, caiu por terra e se prostrou. 'David lhe disse: "De onde vens?"' Ele respondeu: "Escapei do acampamento de Israel". 'David lhe perguntou: "Que se passou? Conta-me". Disse ele: "O povo foi derrotado, muitos do povo tombaram, estão mortos; também Saul e seu filho Jônatan morreram". 'David perguntou então ao jovem que o informava: "Como sabes que Saul e também seu filho Jônatan estão mortos?" 'O jovem respondeu: "Eu me encontrava, por acaso, no monte Guilboa. Ali estava Saul, apoiado sobre sua lança, enquanto carros e cavaleiros o cercavam de perto. 'Ele se voltou e me viu. Ele me chamou e eu repondi: 'Eis-me aqui!' 'Perguntou-me: 'Quem és tu?' Disse-lhe: "Sou um amalequita". 'Pedi-lhe então: 'Vem para junto de mim e mata-me, pois fui tomado de um mal-estar', embora tenha ainda todo o meu sopro". ¹⁰Perma-

neci junto dele e o matei, porque sabia que não haveria de sobreviver à derrota. Em seguida apanhei o diadema^a que ele trazia sobre a cabeça e o bracelete que estava no seu braço. Trago-os comigo para o meu senhor".

¹¹David tomou então suas vestes e rasgou-as. Todos os seus companheiros fizeram o mesmo. ¹²Celebraram a lamentação fúnebre, choraram e jejuaram^b até o entardecer, por causa de Saul, de seu filho Jônatan, do povo do SENHOR e da casa de Israel, porque haviam tombado pela espada.

¹³David perguntou ao jovem que o informava: "De onde és tu?" Ele respondeu: "Sou filho de um migrante amalequita". ¹⁴David lhe disse: "Como não reaceste estender a mão para matar o messias do SENHOR?" ¹⁵David chamou um de seus jovens e disse: "Avança e mata-o". E o jovem o abateu. ¹⁶David disse então: "Que teu sangue caia sobre tua cabeça, porque testemunhaste contra ti mesmo, dizendo: Fui eu quem matou o messias do SENHOR".

Lamento de David sobre Saul e Jônatan^c. ¹⁷David entoou esta lamenta-

b. Percebe-se à base do cap. 1 um antigo relato, comparável a 3.28-39, contando como David foi informado da morte de Saul e de Jônatan, através de um foragido (vv. 1-4), celebrou um dia de luto (vv. 11-12) e pronunciou uma lamentação (vv. 17-27). Parece que o autor quis relatar com exatidão o uso do tempo de David no momento da morte de Saul. Esse relato foi ampliado nos vv. 5-10 por uma narração detalhada da morte de Saul, diferente da que se encontra em 1Sm 31.3-5 e provavelmente posterior: Saul não é ameaçado pelos arqueiros, como em 1Sm 31.3, mas por carros (v. 6); em lugar do escudeiro de 1Sm 31, passa a intervir um jovem amalequita que, embora dizendo ter obedecido a Saul, bem parece se vangloriar de ter dado a morte ao adversário de David e entrega ao próprio David as insígnias da realeza (v. 10).

ao relatar o castigo do amalequita (vv. 13-16), o autor sublinha mais uma vez a lealdade de David para com Saul (cf. 1Sm 24.1 nota) e volta a lembrar que o messias do Senhor é intocável (cf. 1Sm 24.7.11; 26.9.11.23).

c. Lit. *E aconteceu depois da morte de Saul*; mesma fórmula em Gn 25.11; Js 1.1; Jr 1.1; cf. 2Rs 1.1.

d. Cf. 1Sm 4.12 nota.

e. Cf. 1Sm 4.17 nota.

f. Ou: *cámbira*, tradução incerta. Gr. e sir.: *vertigem*; aram.: *tremor*; lat.: *angústias*.

g. O diadema é uma insígnia real (cf. 2Rs 11.12; SI 89.40; 132.18). Será retomado pelo sumo sacerdote (cf. Ex 28.36 nota).

h. Alusão aos dois ritos de luto: as lágrimas (cf. Gn 37.35; 50.1; Nm 20.29; Dt 34.8; 2Sm 3.32.34) e o jejum (cf. 1Sm 31.13; 2Sm 3.35).

i. A intensidade de sentimento perceptível na elegia não deve fazer esquecer a arte refinada de sua composição. Os vv. 19-25 apresentam uma estrutura rigorosamente concêntrica: 25b reproduz 19a e 25a reproduz 19b quase nos mesmos termos. A dor das *filhas de Israel* (v. 24) corresponde ao regozijo das *filhas dos filisteus* (v. 20); a seção central (vv. 21-23) celebra os heróis mortos evocando suas armas, as de Saul (vv. 21b e 22b) e, bem no centro, o arco de Jônatan (v. 22a), chave-de-abóbada do poema, do qual talvez tenha tirado seu título (v. 18). No exato momento em que Saul desaparece e que termina a primeira etapa da carreira de David, parece que o poeta quis focalizar a figura de Jônatan, como se a amizade do filho de Saul e de David justificasse a elevação deste último à realeza. Pode-se comparar com 1Sm 18.4, onde a entrega das armas de Jônatan

ção sobre Saul e sobre seu filho Jônatan.

¹⁸ Disse:

(*Para ensinar aos filhos de Judá. Arco^k. Está escrito no livro do Justo^l.*)

¹⁹ A nobreza^m de Israel, sobre tuas colinas foi abatida!

Tombaram os heróis!

²⁰ Não o publiqueis em Gat, não o anuncieis nas ruas de Ashqelon, para que as filhas dos filisteus não se regozijem,

que as filhas dos incircuncisosⁿ não saltem de alegria.

²¹ Ó montes de Guilboa, nem o orvalho, nem a chuvaⁿ, nem campos fecundos^p vos cubram! Pois ali foi desonrado o escudo dos heróis.

^{1s 21.5} o escudo de Saul, não ungido com óleo^q

²² mas com o sangue das vítimas^r, com a gordura de heróis; o arco de Jônatan, que jamais recuou, e a espada de Saul, que não voltava seca^s.

²³ Saul e Jônatan, tão queridos^t, inseparáveis na vida e na morte, mais rápidos que as águias, mais valentes que os leões!

²⁴ Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos cobria de púrpura^u e de enfeites

e com jóias de ouro ornava vossos vestidos.

²⁵ Tombaram heróis em pleno combate! Jônatan, sobre as tuas colinas foi abatido!

²⁶ Quanta pena sinto por ti, Jônatan, meu irmão!

Eu te amava tanto^v!

1Sm 18,1

Tua amizade era para mim maravilhosa, mais bela que o amor das mulheres.

²⁷ Tombaram os heróis! Pereceram as armas de guerra!

2 David em Hebron. 'Depois disso',

David consultou o SENHOR: "Devo subir a uma das cidades de Judá?" O SENHOR lhe respondeu: "Sobe". Perguntou então: "Para onde devo subir?" O SENHOR disse: "Para Hebron." ²David subiu para lá, com suas duas mulheres, Ahinoam de Jezreel e Abigail, mulher de Nabal, de Karmel. ³David fez subir também seus companheiros, cada um com sua família, e eles se instalaram nas cidades de Hebron. ⁴Vieram os habitantes de Judá e ali ungiram a David como rei sobre a casa de Judá⁵. Vieram dizer a David: "Foram os habitantes de Iabesh de Gilead que sepultaram Saul". ⁵David enviou mensageiros aos habitantes de Iabesh de Gilead dizendo: "Benditos

3,2:
1Sm 27,3

1Sm 30,
27-31

1Sm 31,11

1Sm 23,21

(e particularmente de seu arco) se reveste, com toda a probabilidade, de um caráter simbólico. A elegia termina com uma espécie de coda, na qual essa amizade é recordada (v. 26) e os temas essenciais do poema são retomados (v. 27).

j. O v. 18 é tão enigmático quanto muitos dos títulos dos salmos. *Para ensinar se lê no Sl 60,1. Segundo Jr 9,19; Ez 19,14; 32,16; 2Cr 35,25 ensinavam-se os cantos de luto.*

k. Palavra-chave do poema (cf. v. 17 nota), *arco* parece servir, aqui, de termo mnemotécnico. Lat., sir., aram. (e comentários rabínicos): *para ensinar os filhos a atirar com arco: arco* não se encontra no gr.

l. Cf. Js 10,13 nota. Sir. parece ter lido: *no livro de canto*.

m. Sir.: *gazela* (homófono de *honra* em hebraico) *Israel*; gr.: *ergue uma estela, Israel, pelos que morreram*; *Áquila: examina... aqueles que morreram*. A repetição do hemistíquio no v. 25b sugere que a *nobreza de Israel* no espírito do poeta é precisamente Jônatan.

n. Os filisteus (cf. 1Sm 18,25 nota).

o. Lit. (que não haja) *sobre vós nem orvalho, nem chuva*. Gr., lat. e aram. acrescentam o verbo *descer*.

p. Lit. *nem campos* (submetidos a) *tributo ou imposto* (cf. Nm 15,20-21; Dt 12,6.17; Ez 20,40).

q. *Não ungido com óleo*: lat. refere a Saul (*como se não tivesse sido ungido*); sir.: *que fora ungido com óleo*.

r. As versões destacam o v. 22 do v. 21 e compreendem: *o arco de Jônatan não recuava para longe do sangue das vítimas*.

s. Lit. *sem ter servido*.

t. Lit. *amados e encantadores*.

u. Ou: *de escarlate* (mesmo termo encontrado em Gn 38,28; Ex 25,4).

v. Lit. *Tinhas para mim muito encanto*.

w. Lit. *Aconteceu depois disso*, fórmula banal de transição (diferente da de 1,1), que reaparece em 8,1; 10,1; 13,1; 15,1. O trabalho redacional nos caps. 1-5 é perceptível na inserção de breves notícias históricas (2,10-11; 3,2-5; 5,4-5,13-16) e sobretudo de fórmulas de encaixe que sublinham o movimento dos relatos, ao marcar o fortalecimento de David e o enfraquecimento da casa de Saul (3,1,6; 4,1; cf. 1Sm 2,11 nota); são as últimas etapas da ascensão de David (cf. 1Sm 16,1 nota).

x. Nota-se de novo que David não deixa de consultar o Senhor antes de tomar uma decisão (cf. 1Sm 22,5 nota). A dupla pergunta deve refletir o procedimento real dos oráculos (cf. 1Sm 23,2-4,10-12).

y. A unção concedida a David pelos seus compatriotas, dos quais ele captara a benevolência (cf. 1Sm 30,31 nota), representa provavelmente a realidade histórica (cf. 5,3 nota; 1Rs 5,15; 2Rs 23,30). A unção conferida por Samuel (1Sm 16,1 nota) sublinha intenção teológica: o rei é de fato o eleito do Senhor.

sejais pelo SENHOR, vós que cumpristes este ato de fidelidade para com vosso senhor Saul e lhe destes sepultura. “Que o SENHOR aja em relação a vós com fidelidade e lealdade. Também eu usarei de bondade para convosco, porque agistes desse modo. “E agora, estejam firmes vossas mãos. Sede homens valentes! Sim, o vosso senhor Saul está morto, mas sabei que a casa de Judá me ungiu como rei”.

Notícia sobre os reinos de Ishbôshet e de David. “Abner, filho de Ner, chefe do exército de Saul”, levava consigo Ishbôshet, filho de Saul^a, e o fizera passar para Maḥanaim^b. “Ali o constituiu rei sobre Guilead, sobre os asheritas, sobre Jezreel, como também sobre Efraim, Benjamin e sobre todo Israel”. “Ishbôshet, filho de Saul, tinha quarenta anos quando se tornou rei de Israel, e reinou dois anos^c. Mas a casa de Judá seguia David. “O tempo que David passou em Hebron como rei da casa de Judá foi de sete anos e seis meses.

Batalha de Guibeon. “Abner, filho de Ner, e os servos de Ishbôshet, filho de Saul, partiram de Maḥanaim em direção a Guibeon. “Ioab^d, filho de Šeruiá, e os servos de David também partiram. Encontraram-se todos junto ao reservatório de Guibeon e se instalaram de um lado e do outro do reservatório. “Abner disse a

Ioab: “Que se levantem os jovens e lutem diante de nós”. Respondeu Ioab: “Sim, que eles se levantem!” “Levantaram-se e foram contados: doze para Benjamin e para Ishbôshet, filho de Saul, e doze dos servos de David. “Cada um agarrou a cabeça do adversário e transpassou-lhe o flanco com a espada, e assim tombaram todos juntos. Esse lugar foi chamado o Campo das Rochas^f. Fica em Guibeon. “O combate foi muito duro nesse dia^g. Abner e os homens de Israel foram derrotados diante dos servos de David. “Encontravam-se lá os três filhos de Šeruiá: Ioab, Abishai e Asahel. Asahel tinha os pés ligeiros como os de uma gazela do campo. “Asahel se pôs a perseguir Abner e o seguiu sem se desviar, nem para a direita, nem para a esquerda. “Abner se voltou e disse: “És tu, Asahel?” Ele respondeu: “Sou eu mesmo”. “Abner lhe disse: “Desvia-te para a direita ou para a esquerda, agarra um dos jovens e toma para ti seus despojos”. Mas Asahel não quis se afastar e deixar de persegui-lo. “Abner disse de novo a Asahel: “Afasta-te e deixa de me perseguir! Ou seria preciso eu te prostrar por terra? Como poderia eu encarar teu irmão Ioab?” “Mas Asahel não quis se afastar. Então Abner o feriu no ventre com o cabo de sua lança. A lança lhe saiu pelas costas. Ele caiu e morreu ali mesmo. Ora, todos os que chegavam ao lugar onde Asahel tinha caído morto se detinham. 20,12

z. Cf. 1Sm 26,5 nota.

a. Cf. 1Sm 14,49 nota.

b. Cidade da Transjordânia, cf. Gn 32,3; 2Sm 17,24.

c. Destinada a introduzir o relato da batalha de Gabaon, a notícia serve para delimitar a extensão do reino de Saul, herdado por Ishbôshet. Discute-se para saber se Judá deve ser incluído na expressão *tudo Israel*. O relato das expedições de Saul em território judaíta (1Sm 23,19-28; 26,1-25) e o da entrada de David para o serviço de Saul (1Sm 16,14-23; 17,12-14) indicariam que, ao menos para o redator, Saul reinava também sobre Judá.

d. Cf. 1Sm 13,1 nota.

e. Irmão de Abishai (1Sm 26,6 nota e 26,8 nota) e tão violento quanto este (cf. 2Sm 3,22-30; 18,10-15; 20,8-10), comandante do exército de David (8,16; 20,23), vencedor dos amonitas (10,12), dedicado a David, mas rude e intransigente (19,6-8), Ioab será num momento substituído por Amasá (19,14; 20,4), logo após a morte de Absalão, para quem anteriormente conse-

guira o regresso (14), mas a quem não perdoava a revolta. Ele se livrará de Amasá e retomará a chefia do exército (20,10-11). Mas os assassinatos por ele cometidos e, sobretudo, o apoio que dará a Adonias (1Rs 1,7) lhe valerão a execução por ordem de Salomão (1Rs 2,28-35). Sem esconder que o assassínio de Abner por Ioab (3,22-30) foi um erro — já que Abner se preparava para trair Ishbôshet (3,12) —, o autor quis explicar este gesto pela morte de Asahel.

f. Sir. transcreve o topônimo hebraico; lat. compreende em sentido figurado: *o Campo dos Duros*; aram.: *o Campo dos Mortos*; gr. (*o Campo dos Adversários*) supõe um outro termo hebraico que significa ao mesmo tempo *flanco* e *adversário* (1Sm 23,28 contém semelhante jogo de palavras sobre um nome de lugar).

g. A ordália não tendo resultado em nada, os dois partidos iniciam a batalha. O autor gravou dela só uma série de combates individuais, descritos talvez de acordo com certas convenções literárias, mas localizados com grande precisão.

²⁴Ioab e Abishai se lançaram em perseguição de Abner. Ao pôr-do-sol, chegaram em Guibeat-Amá^h, a leste de Guia^h, no caminho do deserto de Guibeon. ²⁵Os filhos de Benjamin se agruparam atrás de Abner, formando um só bloco e se detiveram no alto de uma colina. ²⁶Abner gritou para Ioab: "A espada não cessará de devorar? Não sabes que isto terminará mal? Quando enfim ordenarás aos teus homens que desistam dessa perseguição fratricida?" ²⁷Ioab respondeu: "Certo como vive Deus! Se não tivesses falado, os homens não teriam desistido dessa perseguição fratricida senão amanhã de manhã!" ²⁸Ioab fez soar a trompa, todo o povo parou, deixando de perseguir Israel, e não se combateu mais. ²⁹Abner e seus homens caminharam pela Arábá durante toda a noite. Passaram o Jordão, percorreram todo o Bitron^k, e chegaram a Mahanáim^l. ³⁰Quando Ioab deixou de perseguir Abner, reuniu todo o povo. Faltaram ao chamado, dentre os servos de David, dezenove homens, além de Asahel. ³¹Os servos de David tinham abatido trezentos e sessenta homens, dentre os benjaminitas e a gente de Abner. ³²Levaram Asahel e o sepultaram no túmulo de seu pai, em Bet-Lehem. Ioab e seus homens caminharam durante toda a noite e, ao raiar do dia, chegaram a Hebron.

3 ¹Foi longa a guerra entre a casa de Saul e a casa de David. David ia se fortalecendo, mas a casa de Saul se enfraquecia sempre mais.

1Sm 14:52

Filhos de David nascidos em Hebron^m. ²Nasceram filhos a David, em Hebron. Seu primogênito foi Amnon, de Ahinoam de Jezreel; ³o segundo, Kileab, de Abigail, mulher de Nabal, de Carmel; o terceiro, Absalão, filho de Maaká, filha de Telmai, rei de Gueshurⁿ; ⁴o quarto, Adonias^o, filho de Haguit; o quinto, Shafatíá, filho de Abital; ⁵o sexto litreâm, nascido de Eglá, mulher de David. Esses nasceram a David, em Hebron^p.

1Sm 14:49-51

Negociação de Abner e seu assassinato. ⁶Enquanto havia guerra entre a casa de Saul e a casa de David, Abner reforçava sua posição na casa de Saul^q. ⁷Saul tivera uma concubina que se chamava Rispa, filha de Aia^r. Ishbôset disse a Abner: "Por que te aproximaste da concubina de meu pai?" ⁸A estas palavras, Abner sentiu uma grande cólera e disse: "Sou eu, por acaso, um cabeça de cão, um judaíta? Até hoje agi com fidelidade para com a casa de teu pai Saul, para com seus irmãos e seus amigos. Não te deixei cair nas mãos de David. E agora, queres me pedir conta por uma falta com essa mulher?" ⁹Que Deus faça a Abner o

18,16:20,22

Jz 16,31; 1Sm 31,13

h. Ou: *a colina de Amá* (gr.); lat. e Qimhi (com uma dúvida); *a colina do aqueduto* (mesma palavra, bastante discutida, em 8,1).

i. Lit. *Quando enfim dirás ao povo para sair de detrás de seus irmãos?*

j. Lit. *Se não tivesses falado, então seria a partir de amanhã que o povo teria cessado de perseguir cada um a seu irmão.* Poder-se-ia também compreender: *Se não tivesses falado* (cf. v. 14), *seria desde esta manhã que os homens teriam suspendido a perseguição* (comentários rabínicos).

k. Nome próprio de lugar segundo aram. (na Transjordânia segundo os comentários rabínicos); sir. *Gueshur* (cf. 3,3 nota), por interpretação análoga à do gr.; *a* (região) *costeando* (o Jordão); Áquila e lat.: *Bet-Horon*. Talvez nome comum que designa uma *ravina* ou *depressão* no terreno; também se supôs que significasse *a manhã*.

l. Gr. e lat.: *ao acampamento*.

m. Esta notícia parece atraída pela referência do v. 1 *à casa de David*.

n. Principado arameu (15,8), vizinho do Bashan segundo Js

12,5. Absalão, em sua fuga, ali procurará refúgio junto ao seu avô (13,37-38; 14,23).

o. Após a morte trágica de Amnon (13,28-29), e depois da de Absalão (18,14-15), Adonias podia esperar a sucessão de David (1Rs 1,5 nota). Ele será excluído por Salomão e executado por ordem deste (1Rs 2,23-25).

p. Os filhos de David nascidos em Jerusalém são enumerados em 5,13-16.

q. Poder-se-ia também traduzir: *contra* (ou: *à custa de*) *a casa de Saul*.

r. Sobre Rispa, cf. 21,8-11.

s. Ishbôset começa a desconfiar da influência crescente de Abner. A ação que lhe reprova exprime uma pretensão ao poder (cf. 16,20-22; 1Rs 2,13); o harém do rei defunto passava a seu sucessor (12,8).

t. Lit. *uma cabeça de cão que* (pertence) *a Judá*. As últimas palavras talvez sejam uma adição, hostil aos kalebitas que estavam integrados a Judá e cujo nome evocava o de *cão* (cf. 1Sm 25,3 nota).

u. Cf. 1Sm 3,17 nota.

pior", se eu não fizer por David o que o SENHOR lhe jurou": ¹⁰"retirar a realeza da casa de Saul e estabelecer o trono de David sobre Israel e sobre Judá, desde Dan até Beer-Sheba"". ¹¹Ishbôshet não pôde responder uma palavra sequer a Abner, porque tinha medo dele.

¹²Abner enviou mensageiros a David em seu próprio nome^a. Dizia: "A quem pertence a terra?" E: "Firma uma aliança comigo e te darei mão forte para reunir todo Israel em torno de ti". ¹³David respondeu: "Está bem. Vou firmar uma aliança contigo. Só uma coisa exijo de ti: não compareças diante de mim, sem antes me trazer Mikal, filha de Saul, quando vieres para te apresentar". ¹⁴David enviou mensageiros a Ishbôshet dizendo: "Entrega minha mulher Mikal, que adquiri por cem prepúcios de filisteus". ¹⁵Ishbôshet mandou buscá-la em casa de seu marido Paltiel, filho de Láish. ¹⁶Seu marido a acompanhou; ele a seguiu, chorando, até Bahurim^b. Mas Abner lhe disse: "Vai-te embora. Volta!" E ele voltou.

¹⁷Abner se pôs em contato com os anciãos de Israel. Disse-lhes: "Há muito tempo desejais ter a David como rei. ¹⁸É chegado o momento de agir. De fato, o SENHOR falou a respeito de David: 'Pela mão de meu servo David, eu salvarei meu povo, Israel, da mão dos filisteus e da mão de todos os seus inimigos'". ¹⁹Abner confiou isso aos ouvidos dos benjaminitas. Depois Abner foi a Hebron contar aos ouvidos de David tudo o que

tinha a aprovação de Israel e de toda a casa de Benjamin.

²⁰Acompanhado de vinte homens, Abner veio encontrar-se com David, em Hebron. David ofereceu um banquete a Abner e aos seus companheiros. ²¹Abner disse a David: "Passarei a reunir todo Israel em redor de meu senhor o rei. Firmarão uma aliança contigo^c e reinarás por toda parte onde desejares". David despediu Abner e este partiu em paz.

²²Mas, eis que os servos de David e Ioab voltavam de uma expedição, trazendo consigo enorme butim. Abner já não estava mais em Hebron, junto de David, pois este o deixara partir em paz. ²³Quando Ioab e todo o exército chegaram, foram dizer a Ioab: "Abner, o filho de Ner, veio ter com o rei e este o deixou partir em paz". ²⁴Ioab foi ao encontro do rei e lhe disse: "Que fizeste? Eis que Abner veio ter contigo! Por que o deixaste partir assim? ²⁵Tu conheces Abner, o filho de Ner. Foi para te enganar que ele veio, para conhecer tuas idas e vindas e saber tudo o que fazes". ²⁶Depois que saiu da presença de David, Ioab enviou mensageiros atrás de Abner. Eles o fizeram voltar da cisterna de Sirá^b, sem que David o soubesse. ²⁷Quando Abner chegou de volta a Hebron, Ioab o chamou à parte, ao interior da porta, como para lhe falar tranquilamente. Ali, feriu-o mortalmente no ventre, para vingar o sangue de seu irmão Asahel. ²⁸Quando David veio a saber disso, exclamou: "Eu e meu reino somos para

v. Para esta expressão, comparar 1Rs 1,30. Para a referência dos vv. 9-10 quanto à promessa divina feita a David, cf. 1Sm 25,30 nota. O autor insiste no excesso de Abner pondo-lhe na boca estas palavras.

w. Cf. 1Sm 3,20 nota.

x. Lit. *sob ele* (isto é, "sob o nome de Abner escrito no cabeçalho da mensagem"); aram.: *desde seu lugar*; ausente do sir.; Qimhi compreende: *em segredo*; gr.: *a Telâm, onde ele estava, de surpresa, dizendo...*

y. Localidade benjaminita, a leste do monte das Oliveiras, próxima da estrada que liga Jerusalém ao vale do Jordão (16,5; 19,17-18).

z. *Eu salvarei* é a leitura das versões e de alguns mss. hebraicos. *Ele salvará*, do texto recebido, explica-se por uma passagem abrupta ao estilo indireto ou por uma reminiscência de 1Sm

9,16. De fato, o historiador parece aplicar a David o que o v. citado diz a propósito de Saul. Se o sujeito é, na verdade, o Senhor, a iniciativa divina aqui é mais fortemente sublinhada que em 1Sm 9,16. A recordação das guerras contra os filisteus que marca a história da ascensão de David (cf. 1Sm 16,1 nota) se encaminha em direção à sua própria conclusão: é David quem triunfará dos filisteus (5,25; 8,1) e de todos os inimigos de Israel (7,1-9; 8,1-14).

a. Do modo como é apresentada por Abner, a monarquia israelita se fundamenta sobre parceiros iguais (cf. 1Rs 12,4). 5,3 insinua, ao contrário, que David, superior aos *anciãos de Israel*, toma a iniciativa da aliança.

b. Segundo uma opinião que se pode atribuir a Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas* 7,34), a cisterna de Sirá estaria cerca de 4km ao norte de Hebron.

sempre inocentes, perante o SENHOR, do sangue de Abner, o filho de Ner. ²⁹Que ele recaia sobre a cabeça de Ioab e de toda a sua família! Que nunca deixe de existir na casa de Ioab^c quem seja atingido por corrimento ou por lepra^d, quem empunhe o fuso^e, ou caia sob o fio da espada, ou lhe falte o pão!" ³⁰Foi por ter-lhes matado o irmão Asahel, na batalha de Guibeon, que Ioab e seu irmão Abishai assassinaram Abner.

³¹David disse a Ioab e a todo o povo que estava com ele: "Rasgai vossas vestes, cingi-vos de saco^f e celebrai o luto diante de Abner". E o rei David ia seguindo atrás do féretro. ³²Sepultaram Abner em Hebron. O rei se pôs a soluçar junto ao túmulo de Abner e todo o povo derramou lágrimas. ³³Depois o rei entoou

l. 17 um lamento sobre Abner. Ele disse:

"Teria de morrer Abner como morre um infame^g?"

³⁴Tuas mão não estavam algemadas, nem teus pés presos em grilhões. Como se cai diante de criminosos, tu caíste".

E todo o povo começou a chorar sobre ele.

³⁵Todo povo veio em seguida a David para fazê-lo tomar algum alimento enquanto ainda era dia. Mas David fez este juramento: "Que Deus me faça o pior, se, antes do pôr-do-sol, eu provar pão ou qualquer outro alimento!" ³⁶Todo o povo soube disso e o aprovou; como também tudo o que o rei fazia recebia a aprovação de todo o povo. ³⁷Todo o povo e

todo Israel compreenderam, naquele dia, que o assassinio de Abner, o filho de Ner, nada tinha a ver com o rei. ³⁸O rei disse aos seus servos: "Não sabeis que um chefe, que um grande homem, tomou hoje em Israel?" ³⁹Eu, hoje, sou fraco, apesar da unção real, e esses homens, os filhos de Şeruiá, são mais duros do que eu. Mas que o SENHOR retribua ao mau conforme sua maldade!"

4 Assassinato de Ishbôset. 'O filho de Saul soube que Abner morrera em Hebron. Suas mãos fraquejaram e todo Israel ficou consternado.

²A serviço do filho de Saul estavam dois homens, dois chefes de bando. Um se chamava Baaná e o outro Rekab. Eram filhos de Rimom, o beerotita, dos filhos de Benjamin — porque Beerot era considerada também parte de Benjamin^h. ³Os habitantes de Beerot fugiram para Guetáim e ali permaneceram como migrantes até os nossos dias. ⁴Jônatan, filho de Saul, tinha um filho aleijado das duas pernas. Tinha ele cinco anos quando chegou de Jezreel a notícia a respeito de Saul e Jônatan. Sua ama o tomou e fugiu com ele, mas ela tinha tanta pressa de fugir que o menino caiu e ficou manco. Chamava-se Mefibôsetⁱ.

⁵Os filhos de Rimom de Beerot, Rekab e Baaná, puseram-se a caminho e chegaram à casa de Ishbôset^j, na hora mais quente do dia. Ele estava deitado, fazendo a sesta. ⁶Penetraram então no interior da casa carregando trigo^k, e o feriram no

c. Lit. *Que não seja eliminado da casa de Ioab...* (cf. 1Sm 2.33 nota).

d. Cf. Lv 13-15.

e. Isto é, "reduzido à condição própria das mulheres"; gr.: *se apóie num bustão* (enfermo); aram.: *que subsista graças a um salário*. Mais radicalmente hostil a Ioab do que o contexto, esta maldição parece acrescentada por um redator. É pouco compatível com o v. 31.

f. Veste de luto (Gn 37.34; 1Rs 21.27; 2Rs 6.30; 19.1-2; Is 15.3, etc.).

g. Isto é, talvez, de uma morte brutal, semelhante à de Nabal, o infame (1Sm 25.38).

h. Situada 16km a norte de Jerusalém, Beerot é cidade guibeonita segundo Js 9.17 e atribuída a Benjamin em Js 18.25. O autor insiste em que Abner foi vítima da gente de sua tribo (cf. 3.37).

i. 1Cr 8.34 e 9.40 lhe dão o nome de *Meribáal*. Mefibôset representa provavelmente uma deformação satírica de *Mipibáal*, da boca do Dono (cf. 1Sm 14.49 nota). Ao fazer aqui menção a este enfermo (cf. 9; 16.1-4; 19.25-31), o autor enfatiza o alcance do assassinato de Ishbôset: para suceder eventualmente a Saul não resta mais que um aleijado (cf. 9.3; outra informação em 21.8).

j. Cf. 1Sm 14.49 nota.

k. Aram.: ... *como comerciantes de trigo*; alguns mss. latinos acrescentam: *furtivamente*; sir. apresenta (em lugar de *carregados de trigo*): *os celerrados (o) agarraram*; gr. traz uma versão inteiramente diferente do v.: *A porteira limpava o trigo. Elu cochilou e dormiu. Os irmãos Rekab e Baaná entraram furtivamente na casa*. O gr. suprime a contradição entre v. 6 e 7 do hebr. Os vv. 7 e 8 parecem pertencer a uma segunda redação.

22,23: ventre. Em seguida Rekab e seu irmão
3,27 Baaná escaparam.

7 Tinham entrado na casa, quando ele estava deitado em seu leito, no quarto de dormir; feriram-no mortalmente e o decapitaram. Depois levaram sua cabeça e caminharam durante toda a noite pela Arabá. 8 Trouxeram a cabeça de Ishbôseth a David, em Hebron e disseram ao rei: "Eis a cabeça de Ishbôseth, o filho de Saul, teu inimigo, que queria tirar-te a vida. O SENHOR concedeu, hoje, ao meu senhor o rei uma total vingança contra Saul e sua descendência".

16,11;
Ex 4,19;
IRs 19,10,14
22,48;
1Sm 24,43

9 David respondeu aos filhos de Rimom de Beerot, Rekab e Baaná, seu irmão: "Certo como vive o SENHOR, que me libertou de todo perigo! 10 Aquele que me anunciou 'Saul morreu', cuidava também de ser portador de boa notícia. Mas eu o mandei prender e executar em Siqlag. Foi essa a recompensa pela sua boa notícia!

1Sm 26,24;
IRs 1,29
1,5-10,
13-16

11 Com maior razão, quando bandidos mataram um homem justo, em sua casa, sobre seu leito, não devo eu pedir contas de seu sangue, que está sobre vossas mãos, e vos suprimir da face da terra?" 12 David deu ordem aos moços. Estes os mataram, decepam-lhes as mãos e os pés, e os penduraram junto ao tanque de Hebron. Tomaram a cabeça de Ishbôseth e sepultaram-na no túmulo de Abner, em Hebron.

1,15

3,32

5 David rei de Israel. Sobre o reinado de David. 1 Todas as tribos de Israel vieram ao encontro de David em Hebron e lhe disseram: "Eis que somos teus ossos e tua carne".

2 Há muito tempo, quando Saul era ainda nosso rei, tu fazias Israel entrar e sair. 3 O SENHOR te disse: "És tu que apascentarás Israel meu povo; és tu que serás o chefe de Israel".

1Sm 18,16

4 Todos os anciãos de Israel vieram ao encontro do rei em Hebron, e o rei David concluiu com eles uma aliança em Hebron, diante do SENHOR. E eles ungiram a David como rei de Israel.

5 David tinha trinta anos quando se tornou rei. Reinou durante quarenta anos. 6 Em Hebron, reinou sobre Judá, durante sete anos e seis meses, e, em Jerusalém, reinou trinta e três anos sobre todo Israel e Judá.

David se instala em Jerusalém. 1 O rei e seus homens marcharam sobre Jerusalém contra os iebusitas que habitavam a região. Disseram a David: "Não entrarás aqui, a não ser desalojando os cegos e os coxos". 2 Isso queria dizer: "David não entrará aqui". 3 David se apoderou da fortaleza de Sião — a cidade de David". 4 Naquele dia, disse David: "Quem quiser ferir o iebusita deve alcançar o canal!"

Jr 31,8

1. Verbo frequente no Dt (13,6; 17,7.12, etc.), cf. também Jz 20,13; 1Rs 22,47.

m. O v. 1 fala de *todas as tribos de Israel* (cf. 1Sm 2,28; 9,21; 10,19.20; 15,17; 2Sm 15,2.10; 19,10; 20,14; 24,2), o v. 3 vai falar só de *todos os anciãos de Israel* (cf. 3,17; 17,4.15). A amplificação e os motivos teológicos apresentados nos vv. 1-2 permitem reconhecer aqui a obra do redator, que aparentemente quis fazer prevalecer a escolha do rei por Deus sobre a investitura popular da qual o v. 3 conserva a memória.

n. Fórmula que exprime parentesco (cf. Gn 2,23; 29,14; Jz 9,2; 2Sm 19,13-14).

o. Cf. 3,9 nota.

p. Cf. 7,7; Jr 23,1-4; Ez 34; Mq 5,3; Sl 78,70-72.

q. Cf. 1Sm 25,30 nota.

r. David se torna rei dos israelitas em virtude de uma aliança que ele próprio lhes concede (cf. 3,21 nota). Entre Judá (cf. 2,4) e Israel existirá, portanto, uma união pessoal, frágil em caso de crise. Absalão (15,2-6.10), e depois Sheba (20,1-22) tentarão apoiar-se em Israel. Mas a ruptura só acontecerá sob Roboão (1Rs 12). Será que existia também uma aliança entre o rei de Judá e seus súditos? 2Rs 11,17 pode ser interpretado neste sentido, mas 2Sm 2,4 silencia sobre esse ponto.

s. Cf. 1Sm 13,1 nota; 2Sm 2,10-11.

t. Os iebusitas são os antigos habitantes de Jerusalém (Js 15,63; Jz 1,21).

u. Os iebusitas se recusam a render-se: mesmo os inválidos vão opor-se à entrada de David. Lat. (cf. aram.): *Aqui não entrarás a não ser repelindo cegos e coxos que afirmam: "David não entrará aqui"*; gr. *Não entrarás aqui, porque os cegos e os coxos se opõem a isso dizendo...*

v. Essa fortaleza estava situada sobre o monte Sião, entre os vales do Cedron e do Tiropeon, ao sul da elevação onde David construiu um altar (24,18-25) e Salomão, o Templo (1Rs 6).

w. O nome de *Cidade de David* dado pelo rei à fortaleza (v. 9) manifesta a sua intenção de fazer dela sua capital. A situação geográfica de Jerusalém, entre Israel e Judá, garantia a independência necessária ao soberano do reino unido.

x. O sentido do termo traduzido por *canal* é incerto (encontra-se apenas no Sl 42,8); lat.: *calhas* ou *galerias*; Áquila: *fonte*; Símaco: *parapeito*. Poderia ser o túnel que dava acesso à fonte de Guihon, desde a cidade; a tomada dessa passagem subterrânea permitia entrar de surpresa na cidade (cf. Jz 1,24-25). Outra tradução (cf. lat., aram., sir.): *quem ferir o iebusita e atingir...* ("receberá uma recompensa", subentendido, cf. 1Cr 11,6). Gr.:

Quanto aos coxos e aos cegos, eles enojam David". É por isso que se diz: "Cegos e coxos não entrarão na Casa".⁹ David se instalou na fortaleza e a chamou "Cidade de David". Em seguida David construiu tudo ao redor, desde Milô¹⁰ até o interior. ¹⁰David se tornava sempre mais forte e o SENHOR, o Deus de todo poder, estava com ele^b.

1Sm 3,19
1Sm 10,7;
20,13

¹¹Hirâm, rei de Tiro, enviou uma embaixada a David, com madeira de cedro, carpinteiros e pedreiros, para erguer as paredes, e eles construíram uma casa para David. ¹²David compreendeu então que o SENHOR o estabelecera rei sobre Israel e exaltava sua realeza por causa de Israel seu povo.

7,12-13;
1Rs 2,24;
9,5

Os filhos de David nascidos em Jerusalém. ¹³David tomou ainda concubinas e mulheres em Jerusalém, após ter chegado de Hebron, e nasceram a David filhos e filhas.

3,2-5

¹⁴São estes os nomes daqueles que lhe nasceram em Jerusalém: Shamua, Shobab, Natan e Salomão; ¹⁵Iibhar, Elishua, Néfé e Iafia; ¹⁶Elishamá, Eliadá e Elifélet.

Vitória contra os filisteus. ¹⁷Os filisteus souberam que David tinha sido ungido rei

1Sm 13,3

sobre Israel. Todos os filisteus subiram, portanto, à procura de David. Ao saber disso David desceu à fortaleza.¹⁸ Os filisteus chegaram e se espalharam pelo vale dos Refaítas. ¹⁹David consultou o SENHOR: "Devo subir contra os filisteus? Tu os entregarás em minhas mãos?" O SENHOR respondeu a David: "Sobe. Eu entregarei os filisteus em tuas mãos". ²⁰David chegou a Báal-Peraşim e, lá, David os derrotou. Disse então: "O SENHOR fez uma brecha entre os meus inimigos, como uma brecha aberta pelas águas!" Foi por isso que se deu a esse lugar o nome de Báal-Peraşim, isto é, "Dono das Brechas". ²¹Ali abandonaram seus ídolos, e David e seus homens os levaram.

2,1; 5,23;
1Sm 23,4;
10-12

1Sm 14,10

6,8;
Js 7,26

²²Novamente subiram os filisteus e se espalharam pelo vale dos Refaítas. ²³David consultou o SENHOR, que lhe respondeu: "Não debes atacar pela frente. Passa pela retaguarda deles e os atingirás pelo lado das amoreiras. ²⁴Quando ouvires um ruído de passos no cimo das amoreiras, então presta atenção! É o SENHOR que sai à tua frente para combater o exército dos filisteus". ²⁵David procedeu como o SENHOR lhe ordenara e derrotou os filisteus desde Gueba^d até a entrada de Guézer.

A ARCA, A DINASTIA E AS GUERRAS DE DAVID

6 A arca em Jerusalém. ¹David reuniu de novo toda a elite de Israel, trin-

ta mil homens. ²David se pôs a caminho e partiu, ele e todo o povo que estava

10,9;
1Sm 24,3;
26,2

Que se aproxime com um punhal quem quiser ferir o ieubista, os coxos, os cegos e aqueles que odeiam David.

y. David inverte o propósito dos ieubistas: só pode haver desprezo aos combatentes improvisados aos quais os assediados estão prontos a apelar.

z. Segundo Lv 21,18, um cego ou um coxo não pode exercer o sacerdócio. O provérbio ligado aqui a uma palavra de David queria excluí-los mesmo do Templo (ver, em contraste, Mt 21,14).

a. Indicação anacrônica: o Milô (*aterro*) será construído somente sob Salomão para nivelar o terreno entre o Templo e o palácio real (cf. 1Rs 9,15,24; 11,27). David é apresentado como percursor de Salomão no v. 11 (cf. 1Rs 5,15), ao qual se liga o v. 12.

b. Cf. 1Sm 16,1 nota; 2Sm 2,1 nota. *Poder* (em hebr. *şebant*): cf. 1Sm 1,3 nota.

c. Pode-se perguntar se a reação dos filisteus à sagração de David como rei de Israel não precedeu a tomada de Jerusalém. Nesse caso, o episódio narrado nos vv. 17-25 teria sido deslocado, e a fortaleza não seria Sião (vv. 7,9), mas o refúgio

(mesmo termo em hebr.) de 1Sm 22,4-5; 24,23; 2Sm 23,14, isto é, a caverna de Adulâm (1Sm 22,1; 2Sm 23,13). De fato, 2Sm 23,13-14 menciona ao mesmo tempo Adulâm, o vale dos Refaítas (cf. v. 22), localizado a sudoeste de Jerusalém (cf. Js 15,8; 18,16), e o refúgio. Mas, talvez, a instalação definitiva de David em Jerusalém não se tenha seguido imediatamente à tomada da cidade, e é de Hebron que ele *desce* à fortaleza de Sião. O desdobramento dos filisteus no vale dos Refaítas parece indicar sua intenção de atacar Sião (vv. 18,22). Não se sabe exatamente onde se encontrava Báal-Peraşim (v. 20), mas existe a nordeste da Jerusalém davidica um vale das Amoreiras (cf. vv. 23-24; Sl 84,7). Uma ofensiva dos filisteus contra Sião é, portanto, admissível. Em todo caso foi isso que o autor quis sugerir aqui.

d. Gr. e 1Cr 14,16: *Guibeon* (cf. Is 28,21). É a conclusão típica de um relato de vitória (cf. Js 10,10; Jz 4,16; 7,22; 11,33; 20,45; 1Sm 7,11; 14,22-23; 17,52): o inimigo é repellido até suas fronteiras (Guézer está no limite do território filisteu).

e. Continuação do cap. 5 — pois supõe os filisteus venci-

com ele, partiram de Baalê-Judá^f para transportar a arca de Deus, sobre a qual foi pronunciado um nome^g, o Nome do SENHOR de todo poder, que se assenta sobre os querubins. ³Puseram a arca de Deus sobre um carro novo e a levaram da casa de Abinadab, situada sobre a colina. Uzâ e Ahiô, filhos de Abinadab^h, conduziam o carro novo. ⁴Conduziram-no da casa de Abinadab, situada sobre a colina, com a arca de Deus, e Ahiô caminhava diante da arca. ⁵David e toda a casa de Israel dançavam com entusiasmoⁱ diante do SENHOR, ao som de todos os instrumentos de cipeste^j, das cítaras, das harpas, dos tamborins, dos sistros e dos címbalos. ⁶Chegaram à cira de Nakon^k. Uzâ fez um gesto em direção à arca de Deus e a segurou, porque os bois a iam derrubar. ⁷A cólera do SENHOR se inflamou contra Uzâ e, ali mesmo, Deus o feriu por causa dessa falta^l. E ele morreu ali, ao lado da arca de Deus. ⁸David ficou consternado, porque o SENHOR tinha aberto uma brecha, lançando-se contra Uzâ. Ainda hoje o lugar se chama a Brecha de Uzâ.

⁹Nesse dia, David teve medo do SENHOR e disse: "Como poderia vir à minha casa a arca do SENHOR?" ¹⁰Por isso David

renunciou transportar a arca do SENHOR para junto de si, na cidade de David. Ele a mandou para a casa de Obed-Edom, o guitita^m. ¹¹A arca do SENHOR permaneceu na casa de Obed-Edom, o guitita, durante três meses, e o SENHOR abençoou a Obed-Edom e toda a sua casa. ¹²Vieram contar a David: "O SENHOR abençoou a casa de Obed-Edom e tudo o que lhe pertence, por causa da arca de Deus". Então David foi e fez subir a arca de Deus da casa de Obed-Edom à cidade de David, com grande alegria. ¹³Quando os que carregavam a arca do SENHOR davam seis passos, ele oferecia em sacrifício um touro e um bezerro cevado. ¹⁴David dançava rodopiando com todas as suas forças diante do SENHOR — David estava cingido com um efod de linho". — ¹⁵David e toda a casa de Israel fizeram subir a arca do SENHOR entre aclamaçõesⁿ e ao som da trombeta. ¹⁶Quando a arca do SENHOR entrou na cidade de David, Mikal, filha de Saul, olhou pela janela, viu o rei David, que saltava e rodopiava diante do SENHOR, ela, então, o desprezou no seu coração^o. ¹⁷Introduziram a arca do SENHOR e a expuseram^p no lugar preparado para ela, no meio da tenda que David lhe tinha armado^q. E David ofere-

1Sm 5.7;
10-11;
6.20
1Sm 7.1

Gn 30.30;
39.5

Jz 5.28;
2Rs 9.
30-33

1Rs 8.6

dos —, o cap. 6 às vezes tem sido considerado como seqüência e coroamento da "história da arca" de 1Sm 4.1b-7.1. É certo que o autor de 2Sm 6 está muito ligado ao móvel sagrado do qual David fez o paládio de seu reino e ao clero que o servia desde o tempo do santuário de Shilô: parece até investir contra os usurpadores que tocam a arca sem ter o direito para tanto (vv. 6-8).

f. Apesar das versões (lat. e sir.: *os homens de Judá*; aram.: *as cidades da casa de Judá*; gr.: *os príncipes de Judá*), é preciso reconhecer aqui o nome de uma localidade, Baalá de Judá (assim aparece em 1Cr 13.6), identificada com Qiriat-Iearim (Js 15.9), chamada também Qiriat-Baal (Js 15.60; 18.14), onde foi depositada a arca segundo 1Sm 7.1.

g. *Pronunciar o nome* é um ato jurídico que marca uma tomada de posse (cf. 5.9; 12.28; Is 4.1; Sl 49.12). A arca é, portanto, propriedade do Senhor. Talvez aí se encontre a origem da teologia do Nome (cf. 7.13 nota).

h. Gr.: *Uzâ e seus irmãos, filhos de Abinadab*. Uzâ poderia ser uma abreviação do nome de Eleazar dado em 1Sm 7.1. O nome Ahiô é parecido com "seu irmão", em hebr.

i. O verbo denota entusiasmo (cf. 1Sm 18.7), mas, talvez, também um certo desregramento (cf. vv. 21-22); aram.: *cantavam louvores*.

j. Lit. *todas as madeiras de cipeste*; lat.: *todas as madeiras trabalhadas*; gr.: *os instrumentos em acordo, com força e com cânticos* (cf. 1Cr 13.8).

k. Gr.: *Nôdab* (variante *Nakôr*); 1Cr 13.9: *Kidôn*.

l. Tradução conjectural inspirada no aram.: Áquila: *loucura*; gr. (Orígenes): *precipitação*; lat.: *ato irrefletido*; sir.: *porque tinha estendido a mão* (cf. 1Cr 13.10). Uzâ se esqueceu de que se tratava da arca do Senhor e de que o contato, direto ou indireto, com Deus comporta um perigo de morte (cf. Ex 19.21-24; 20.19; 33.20; Lv 16.2; Nm 4.15.20; Dt 5.24-26; Jz 6.22-23; 13.22; 1Sm 6.19; Is 6.5). 1Cr 15.12-15 e os comentários rabínicos vêem aqui uma violação da regra que prescreve aos levitas levar a arca, *as barras sobre seus ombros* (cf. Ex 25.13-16; Nm 4.5-6; cf. também 1Sm 6.15 nota).

m. Sem dúvida um mercenário filisteu originário de Gat (cf. 15.18-22; 18.2), onde David tinha residido (1Sm 27 e 29). Segundo alguns trata-se de um habitante de Guitita (cf. 4.2 nota).

n. David traz uma veste sacerdotal (cf. 1Sm 2.18 nota).

o. Cf. 1Sm 4.5 nota.

p. Unida à história da arca, a intervenção de Mikal, neste relato (nos vv. 16 e 20-23) traz à baila a história da sucessão ao trono de David (cf. 9.1 nota). Por ter desprezado o culto da arca, a filha de Saul (cf. 1Sm 18.20-28) não dará um herdeiro a David; ela será excluída dessa *benção*, com a qual Obed-Edom foi cumulado (v. 11), e será efetivamente humilhada diante das outras mulheres (cf. v. 22).

q. Expressão idêntica em 1Sm 5.2.

r. Apesar da presença do mesmo verbo hebraico (*armar para*

ceu holocaustos¹ diante do SENHOR e sacrificios pacíficos. ¹⁸Quando David terminou de oferecer o holocausto e os sacrificios pacíficos, ele abençoou o povo¹ em nome do SENHOR de todo poder. ¹⁹Depois mandou distribuir a todo o povo, a toda a multidão de Israel, aos homens e às mulheres, uma obreia de pão, um bolo de tâmaras e uma torta de uva passa² por pessoa, e todo povo se retirou, cada um para sua casa. ²⁰Entrou então David para abençoar a sua casa. Mikal, filha de Saul, veio ao encontro de David e lhe disse: "Como se fez honrar, hoje, o rei de Israel, desnudando-se diante das servas de seus escravos, como faria um homem da ralé!" ²¹David respondeu a Mikal: "É diante do SENHOR que me escolheu³ e me preferiu a teu pai e a toda a sua casa, para me estabelecer como chefe sobre o povo do SENHOR, sobre Israel, é diante do SENHOR que manifesto minha alegria.

1Sm 25,30

²²Eu me abaixarei ainda mais e me humilharei aos meus próprios olhos, mas, junto das servas de que falaste, junto delas, serei honrado⁴". ²³E Mikal, filha de Saul, não teve filho até o dia de sua morte.

7 Profecia de Natan¹. ¹Quando o rei foi residir em sua casa e o SENHOR lhe concedeu repouso, afastando da vizinhança todos os seus inimigos², ²o rei disse ao profeta Natan³: "Vê, eu residio numa casa de cedro⁴, enquanto a arca de Deus se encontra no meio de uma tenda feita de lona⁵". ³Natan respondeu ao rei: "Tudo o que tens a intenção de fazer, vai e executa-o, pois o SENHOR está contigo". ⁴Ora, essa mesma noite a palavra do SENHOR veio a Natan, nestes termos: ⁵"Vai dizer ao meu servo David⁶: Assim fala o SENHOR: Serás tu que me construirás uma Casa para que nela eu residas⁷". ⁶Em casa

1Rs 8, 17-18

1Sm 10,7

Nm 22,8-13; 19-20;

1Sm 9,

15-17;

1Rs 14,5;

2Rs 20,4-6

ou *erguer para*), a tenda erguida por David não é a *Tenda do encontro* da qual falam as antigas tradições sobre Moisés e que estava armada fora do acampamento (Ex 33,7 notas; cf. Nm 11,24,26; 12,5,10; Dt 31,14-15), nem a tenda da tradição sacerdotal (cf. Ex 27,21, etc.; 29,42-43; 30,36), da qual Js 18,1; 19,51; 1Sm 2,22 (cf. Sl 78,60) indicam a presença em Silô, 2Cr 1,3,6,13 em Guibeon, e 1Rs 8,4 em Jerusalém. Mesmo 1Cr 15,1; 16,1; 2Cr 1,4 distinguem a *Tenda do encontro* daquela que armou David e que existia ainda quando do advento de Salomão (1Rs 1,39; 2,28-30).

s. O rei oferece os holocaustos (cf. 24,25; 1Rs 3,4,15; 8,63-64; 9,25; 2Rs 16,12-13). Trata-se de uma antiga prerrogativa, contra a qual 1Sm 13,7b-15a parece opor-se (cf. 1Sm 13,7 nota). 2Cr 26,16-20 reserva ao sacerdote a oferenda de incenso e a recusa ao rei.

t. Cf. 1Rs 8,14-55. Esta bênção solene é ainda um ato sacerdotal (cf. Nm 6,22-27).

u. Tradução conjectural. Gr.: *uma obreia, um pão e um filho*; lat.: *uma obreia, um assado de carne bovina e um filho de flor de farinha*; aram.: *uma obreia, uma porção e uma parte*; sir.: *uma obreia, um pedaço de carne e um bolo* (ou: *um copo de vinho*).

v. Cf. 1Sm 13,14 nota; 15,28 nota; 16; 1Rs 8,16; Sl 78,70; 1Cr 28,4; 2Cr 6,3-6.

w. Este futuro rebaixamento de David talvez seja seu adultério com Bat-Sheba e sua condenação por Natan, compensados, porém, pela honra da concepção de Salomão (caps. 11-12).

x. 7,1-17 é construído sobre uma dupla antítese: 1^o, não é David quem construirá uma Casa (o Templo) para o Senhor (vv. 5-7), mas o Senhor é quem fará uma casa (uma dinastia) para David (vv. 11b-12); 2^o, não é David quem construirá o Templo, mas o seu filho Salomão (v. 13). A primeira antítese exprime uma idéia religiosa. Ela destaca a instituição da dinastia da obra do Templo para mostrar a gratuidade do favor divino concedido a David: ao fazer dele o fundador de uma linhagem real, o Senhor

coroou seus benefícios, recordados nos vv. 8,9,11. A segunda antítese corresponde a uma realidade histórica: apesar de seus êxitos, David não teve tempo de realizar a intenção que o v. 2 lhe atribui, nem de empreender a construção, longa e onerosa, que seria realizada por seu filho (1Rs 6). Ainda que sua justaposição pareça resultado de composição secundária, essas duas afirmações podem remontar à época de Salomão e revelar a opinião dos escribas da corte, ligados à dinastia e ao Templo. A redação deuteronomista do discurso de Natan, claramente perceptível (cf. de modo particular v. 1 nota, v. 10 nota, v. 13 nota), não apagou a idéia mestra mais antiga. Posta na junção da história da ascensão de David (cf. 1Sm 16,1 nota) e da história de sua sucessão (cf. 9,1 nota), a "profecia de Natan" é o ponto culminante dos livros de Samuel. Ao deixar clara a eleição da dinastia de David, ela é uma das fontes da idéia messiânica.

y. Mesmas expressões agrupadas em Dt 12,10; Js 21,44; 1Rs 15,18; cf. também 1Sm 12,11.

z. Profeta da corte que interveio para censurar David no cap. 12 e que será o articulador da ascensão de Salomão (1Rs 1). A tradição fez de Natan um dos historiadores de David (cf. 1Cr 29,29).

a. A casa construída com a cooperação de Hirã de Tiro (5,11), como também será mais tarde o Templo (1Rs 5,20).

b. Termo freqüente em Ex 26 e 36 (onde traduzimos por *tapetarias*), mas a *tenda* armada por David é distinta desta *Morada do deserto* ou *Tenda do encontro* (cf. 6,17 nota).

c. Cf. 3,18; 7,8; 1Rs 11,13,32,34,36,38; 14,8; 2Rs 19,34; 20,6; Js 37,35; Jr 33,21,22,26; Sl 89,4,21; 1Cr 17,4,7 e, para designar o messias, Ez 34,23,24; 37,24,25.

d. *Residir* (lit. *sentar-se*) é uma das palavras-chave do capítulo (cf. vv. 1,2,6,18). As interrogações dos vv. 5 e 7 podem ser entendidas como protestos contra a construção, feita por um homem, de uma morada destinada a Deus. Percebe-se aí uma fonte da polêmica de At 7,48 contra o Templo. É possível que uma declaração do oráculo primitivo, referente a David, tenha

alguma residi desde o dia em que fiz subir do Egito os filhos de Israel até o dia de hoje. Andei perambulando sob uma tenda^a, abrigado numa morada. ⁷Durante todo o tempo em que caminhei com todos os filhos de Israel, porventura dirigi uma só palavra a uma das tribos^f de Israel que estabeleci, apascentando^g Israel meu povo, para dizer: "Por que não me edificastes uma Casa de cedro?" ⁸Agora dirás ao meu servo David: Assim fala o SENHOR de todo poder: Fui eu que te tirei das pastagens, de detrás do rebanho, para seres o chefe^h de Israel, meu povo. ⁹Estive contigo em toda parte por onde andaste. Destruí diante de ti todos os teus inimigos. Eu te fiz um nome tão grande quanto o nome dos grandes da terraⁱ. ¹⁰Determinarei um lugar para Israel, meu povo; eu o implantarei^j e ele morará em seu lugar. Não mais tremerá, e criminosos não voltarão a oprimi-lo como outrora, ¹¹e como desde o dia^k em que instituí juizes sobre Israel, meu povo. Eu te darei repouso, afastando todos os teus inimigos^l. E o SENHOR te anuncia: o SE-

NHOR te fará uma casa. ¹²Quando teus dias estiverem completos e repousares com os teus pais^m, elevarei tua descendência depois de ti, um descendente gerado por ti mesmoⁿ, e estabelecerei firmemente sua realza. ¹³Será ele que construirá uma Casa para meu Nome^o, e eu estabelecerei^p para sempre seu trono real. ¹⁴Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho^q, e se cometer alguma falta, eu o corrigirei, servindo-me de homens como bastão^r e de humanos para nele bater. ¹⁵Mas minha fidelidade não se afastará dele^s, como a retirei de Saul, a quem afastei de diante de ti^t. ¹⁶Tua casa e tua realza serão para sempre estáveis diante de ti, e teu trono, confirmado para sempre". ¹⁷Foi conforme todas estas palavras e conforme toda esta visão que Natã falou a David.

A resposta de David. ¹⁸O rei David veio sentar-se na presença do SENHOR, e disse: "Quem sou eu, Senhor DEUS, e qual é minha casa, para que me tenhas feito chegar até aqui?" ¹⁹Mas isso era ainda

IRs 15,4;
At 2,30
5,12;
1Sm 13,13;
IRs 2,24
Ex 15,17;
SI 9,8;
48,9; 87,5;
2Cor 6,18

SI 89,31-35
1Sm 13,14;
15,28;
16,14
1Sm 25,28;
IRs 11,38
IRs 2,45

J6 2,8,13

Ex 3,11;
Jz 6,15;
1Sm 9,21;
IRs 18,18;
SI 151,1

sido ampliada no momento de sua redação, num tempo em que a raína de Jerusalém tinha motivado certo desinteresse em relação ao Templo (cf. IRs 8,27; Is 66,1-2).

e. Cf. 6,17 nota.

f. Uma das tribos poderia ser a de Efraim, cujo santuário, Shilô, seria assim definitivamente desacreditado (cf. SI 78,60-67-68). Entendeu-se também um dos chefes (lit. *ceiros*) que eu estabeleci para apascentar Israel, assim Qimhi, e cf. 1Cr 17,6, que lê: *juizes*.

g. Cf. 5,2 nota.

h. Cf. 1Sm 9,16 nota; 25,30 nota.

i. Isto é, "Farei de ti um rei à igualdade dos maiores": alusão à constituição por David de um verdadeiro império (cf. 8). Sir.: *Eu te farei um nome...*

j. Mesma expressão em Ex 15,17; Jr 24,6; 32,41; 42,10; 45,4; Ez 36,36; Am 9,15; SI 44,3. Segundo os comentários rabínicos, o v. 10 anuncia a segurança que Israel conhecerá sob o cetro de uma dinastia; na realidade, trata-se antes da esperança de uma restauração nacional concebida pelo redator que escreve após a queda da realza.

k. Formulação idêntica em Dt 4,32; 9,7; Jr 7,25; 32,31; Ag 2,18. l. Esta frase constitui uma inclusão com o v. 1, elaborada pelo redator deuteronomista ao qual devemos também o v. 10. A última frase do v. 9 parece ser um vestígio da profecia primitiva e continua o v. 9.

m. Mesma expressão em Gn 47,30; Dt 31,16; é muito frequente nos livros dos Reis (IRs 1,21; 2,10, etc.).

n. Lit. *aquele que sairá de tuas entranhas* (cf. Gn 16,11; Gn 15,4). Este esclarecimento constitui uma transição entre o cole-

tivo *descendência*, que designa a linhagem davidica (cf. 22,51; SI 89,5,30,37 e Jo 7,42; Rm 1,3; 2Tm 2,8), e o *descendente* imediato (cf. Gn 4,25) do qual fala o v. 13, isto é, Salomão.

o. 1Cr 17,12: *É ele que me construirá uma casa; gr.: É ele que me construirá uma casa, para o meu Nome*. A referência ao Nome é um traço teológico deuteronomista (cf. Dt 12,5,11,21; 14,23-24; 16,2,6,11; 26,2; IRs 3,2; 5,17,19; 8,17,18,19,20,44,48; 9,3,7; 11,36; 14,21; 2Rs 21,4,7).

p. *Estabelecer* é ainda uma palavra-chave do capítulo (cf. vv. 12,16,24,26 e 1Sm 13,13; 2Sm 5,12; IRs 2,24). A diferença do v. 12, concernente ao reinado pessoal de Salomão, o fim do v. 13 garante o trono à sua dinastia.

q. O Senhor reconhece o rei como seu filho adotivo (SI 2,7; cf. 89,27). A fórmula é aplicada, no NT, à entronização messiânica de Jesus (cf. Lc 3,22 nota; At 13,33 nota; Hb 1,5 nota; 5,5).

r. Lit. *eu o corrigirei com um bastão de homens*, isto é, "consistindo em homens" (Rashi); Qimhi compreende: "um bastão do qual os homens se servem para corrigir seus filhos". O rei não está acima das leis, suas faltas pessoais serão castigadas (cf. 12,9-12), mas, contrariamente ao princípio de Ex 20,5; 34,7; Nm 14,18; Dt 5,9, sua descendência nada sofrerá por causa delas e continua segura de reinar para sempre. Encontra-se aí o essencial daquilo que 23,5 e SI 89,29 chamam de "aliança do Senhor com David".

s. Gr., lat., sir.: *não afastarei dele minha fidelidade*.

t. Gr.: *como a afastarei daqueles que retirei de diante de mim; sir.: ... de Saul, que te precedeu, que retirei de diante de mim; 1Cr 17,13: ... daquele que te precedeu*.

pouco aos teus olhos, Senhor DEUS, e falaste também para a casa de teu servo para o futuro longínquo. Essa é a lei do homem^a, Senhor DEUS. ²⁰E o que poderia David ainda te dizer, pois tu mesmo conheces o teu servo, Senhor DEUS? ²¹Por causa de tua palavra e conforme o teu coração, completaste esta grande obra, dando-a a conhecer ao teu servo. ²²Tu és grande, Senhor DEUS, não há ninguém igual a ti, e não há Deus além de ti, segundo tudo o que ouvimos com os nossos ouvidos. ²³Que outra nação há sobre a terra semelhante a Israel, teu povo, esse povo que Deus resgatou para fazer dele seu povo, dando-lhe um nome^b e realizando em vosso^c favor esta grande obra e por teu país coisas terríveis? Que nação é comparável ao teu povo, que resgataste do Egito, dessa nação e de seus deuses? ²⁴E tu estabeleste Israel como teu povo, para fazer dele teu povo para sempre, e tu, SENHOR, te tornaste Deus para eles. ²⁵E agora, SENHOR Deus, a palavra que pronunciaste sobre teu servo e sobre sua casa, guarda-a para sempre e faz como disseste. ²⁶Que teu Nome seja exaltado para sempre, e que se diga: 'O SENHOR de todo

poder é Deus sobre Israel'. E que a casa de teu servo David permaneça firme em tua presença. ²⁷De fato, foste tu, SENHOR de todo poder, Deus de Israel^d, que preveniste^e o teu servo, dizendo: 'Eu te construirei uma casa'. Por isso teu servo teve coragem de te dirigir esta oração. ²⁸E agora, Senhor DEUS, tu que és Deus, tuas palavras são verdade e comunicaste essa felicidade a teu servo. ²⁹Queiras, pois, abençoar a casa de teu servo, para que ela permaneça sempre em tua presença. Pois foste tu, Senhor DEUS, que falaste, e por tua benção a casa de teu servo será abençoada para sempre".

8 As guerras de David^f. 'Depois disso', David derrotou os filisteus^g e os submeteu. David retirou dos filisteus sua hegemonia^h. ²Derrotou os moabitas e os mediu com cordel, fazendo-os deitar por terraⁱ. Mediu-os assim: dois cordéis, matar; um cordel completo, deixar viver. E os moabitas tornaram-se servos de David, submetidos ao tributo. ³David venceu Hadadézer, filho de Rehob, rei de Šobá^j, quando este pretendia fazer voltar sua mão sobre o rio Eufrates^k.

u. Expressão obscura. *O homem* poderia ser David falando de si mesmo. Qimhi compreende: "É esse o atributo do grande homem". Pode-se também compreender como interrogação (que em hebraico, às vezes, é marcada apenas pelo tom): *É essa a lei do homem?* (a saber, receber tal favor), ou: *É esse um ensinamento humano?*

v. Ou: *dando a si mesmo um nome*, isto é, "conseguindo assim algum renome" (cf. v. 9); assim compreendem lat. e Qimhi (cf. 1Cr 17,21: *te dando um nome*). Mas o verbo hebraico, diferente do usado no v. 9, significa mais exatamente *impor (um nome)*. Ao dar um nome a Israel, o Senhor indicou que esse povo lhe pertence (cf. 6,2 nota).

w. O autor se deixa levar pelo estilo da pregação, dirigindo-se à comunidade.

x. Os títulos divinos assim são agrupados 32 vezes nos relatos e discursos em prosa de Jr.; em outro lugar, somente em Is 11,10; 37,16; Sf 2,9 e 1Cr 17,24.

y. Cf. 1Sm 9,15 nota.

z. 2Sm 8 é comparável a certas notícias espalhadas nos relatos precedentes (cf. 1Sm 14,47 nota); a insistência dos vv. 7-12 nos despojos conquistados recorda, além disso, extratos de anais reais, como 1Rs 10,16-20; 14,25-28; 2Rs 12,5-19. Na disposição atual do livro, o cap. 8 faz inclusão com 5,17-25 (relatos de guerra, correspondendo a 8,1-14) e 5,13-16 (lista de nomes, correspondendo a 8,15-18), para emoldurar os caps. 6 e 7, que constituem a chave-de-abóbada do conjunto. Ao mesmo tempo, David é apresentado como fundador de um império, depois que já foi

mostrado como fundador de um culto (cap. 6) e de uma dinastia (cap. 7). Apesar de lacônico e de apresentar um ritmo próprio de documento oficial, o cap. dá informações históricas verossímeis, se não verificáveis, sobre os sucessos de David no exterior. O estabelecimento da hegemonia israelita sobre os povos circunvizinhos explica a prosperidade do reino de Salomão e a nostalgia que essa época deixou na consciência nacional.

a. Cf. 2,1 nota.

b. Os filisteus são os primeiros a ser mencionados, porque na ótica dos relatos anteriores são eles os inimigos mais obstinados de Israel (cf. 1Sm 16,1 nota). Mas talvez os adversários sejam elencados segundo os pontos cardais: oeste (filisteus), leste (moabitas), norte (araméus) e sul (edomitas).

c. Tradução bastante aproximativa de uma locução que só aparece aqui, lit., talvez, *as amarras do cotovelo* (os prisioneiros eram amarrados na altura dos cotovelos para serem apresentados ao vencedor). Símaco e lat. dão uma interpretação próxima a essa: *Áquila: o reforço do aqueduto*; aram.: *a instituição do côvado* (?); sir.: *Ramat* (ou: *a colina*) de Gama (cf. 2,24 nota); gr.: *a (região) delimitada*.

d. Ou: *quando os deitara por terra* (isto é, "depois de os ter vencido").

e. Reino arameu do Antilíbano, mencionado também em 10,6,8; 1Sm 14,47; 1Rs 11,23; Sl 60,2.

f. "Texto lido", 1Cr 18,3 e versões; "texto escrito": *o Rio* (que não pode ser senão o Eufrates).

⁴David lhe tomou mil e setecentos cavaleiros e vinte mil soldados de infantaria. Mandou David cortar os jarretes de todos os cavalos de carro. Conservou, contudo, cem parelhas^a. ⁵Os arameus de Damasco vieram em socorro de Hadadézer, rei de Šobá. Mas David matou vinte e dois mil homens dos arameus. ⁶David estabeleceu então prefeitos em Arâm de Damasco, e os arameus se tornaram servos de David, submetidos ao tributo. O SENHOR concedeu vitória a David, por onde quer que fosse.

⁷David tomou os escudos de ouro^b que usavam os servos de Hadadézer e os levou para Jerusalém. ⁸E nas cidades de Hadadézer, Betañ e Berotai, o rei David conseguiu uma enorme quantidade de bronze.

⁹Tôï^c, rei de Emat, soube que David derrotara todo o exército de Hadadézer. ¹⁰Tôï mandou seu filho Iorâm^d ao rei David para o saudar e o felicitar por ter guerreado Hadadézer e o ter vencido, pois Hadadézer era adversário de Tôï. Iorâm levava objetos de prata, de ouro e de bronze. ¹¹O rei David os consagrou tam-

bém ao SENHOR, juntamente com a prata e o ouro já consagrados e provenientes de todas as nações conquistadas. ¹²de Arâm, de Moab, dos filhos de Amon^e, dos filisteus e de Amaleq, como ainda dos despojos de Hadadézer, filho de Reñob, rei de Šobá.

¹³E David ganhou renome, quando voltou depois de abater os arameus^f, no vale do Sal, em número de dezoito mil. ¹⁴Estabeleceu então prefeitos em Edom; foi em todo Edom que ele estabeleceu prefeitos^g, e todos os edomitas se tornaram servos de David. O SENHOR concedeu vitória a David, por onde quer que ele fosse.

Os funcionários de David. ¹⁵David reinou sobre todo Israel. David administrava o direito e a justiça a todo o seu povo.

¹⁶Ioab^h, filho de Šeruiaⁱ, comandava o exército; Iehoshafat, filho de Ahilud, era o chanceler^j; ¹⁷Šadoq, filho de Añitub^k, e Añimélek, filho de Ebiatar, eram sacerdotes; Saraia^l era secretário; ¹⁸Benaiahu, filho de Iehoiadá, comandava^m os kereteus e os peleteus; e os filhos de David eram sacerdotesⁿ.

g. Parece, portanto, que David começou a fazer uso de carros de guerra (cf. v. 15), armamento que terá sua importância sob Salomão (1Rs 10.26-29). No entanto, a velha hostilidade israelita contra os cavalos e os carros, que constituíam a força dos exércitos profissionais, não cessou de se manifestar (cf. Dt 17.16; Is 31.1; Os 1.7; Mq 5.9; Sl 20.8, etc.).

h. Cf. 2Rs 10.11. O termo hebr. é às vezes traduzido por escudos (mas veja Jr 51.11). Esse *ouro* poderia ser cobre amarelado; o reino de Šobá possuía minas de cobre.

i. 1Cr 18.9, gr. e lat.: *Tou*.

j. 1Cr 18.10: *Hadorâm*; o Cronista parece ter ficado chocado que um arameu levasse um nome contendo um elemento identificável com YHWH e lhe ter dado como substituto o elemento *húd*, que se aplica a uma divindade aramaica.

k. A expedição contra os amonitas é a única que foi relatada com alguma precisão (10.6-14; 11; 12.26-31), provavelmente porque essa vitória de David foi contemporânea ao nascimento de Salomão.

l. Alguns mss. hebr., gr. e sir.: os *edomitas* (cf. 1Cr 18.12; Sl 60.2). Fala-se de Edom no v. 14, e o *vale do Sal* (cf. 2Rs 14.7) é a depressão que se prolonga ao sul do mar Morto, chamada *mar do Sal* em Gn 14.3; Nm 34.3, etc. Pode ser que um membro da frase tenha sido omitido e foi suprido segundo o lat., *abatendo dezoito mil* (homens de Edom).

m. A repetição não é ociosa. Serve para sublinhar que David conquistou a totalidade do território edomita. Edom, que tinha

recuperado sua independência após a morte de David (1Rs 11.14-22.25b), foi reconquistado em parte por Amasias (2Rs 14.7) e por seu filho Azarias (2Rs 14.22; cf. também Am 9.12).

n. Cf. 2.13 *azari*.

o. O *chanceler* deve divulgar no país as ordens do rei e serve de chefe do cerimonial. Esta alta função existia no Egito e na Mesopotâmia.

p. A ligação de Šadoq à família sacerdotal que tinha exercido essa função em Shilô (cf. 1Sm 21.2 nota) parece artificial. Propõe-se ler, conforme 20.25: *Šadoq e Ebiatar, filho de Añimélek, filho de Añitub* (cf. 1Sm 22.20). As origens de Šadoq são obscuras e discutidas: supõe-se que era um sacerdote guibonita ou iebusita. É certo que suplantou Ebiatar, logo no início do reino de Salomão (1Rs 2.35, cf. 1Sm 2.35 nota), de modo que os *filhos de Šadoq* serão apresentados, mais tarde, como os únicos sacerdotes legítimos (Ez 40.46; 44.15; 48.11).

q. É chamado de *Shishá* em 1Rs 4.3, o que é apenas uma transcrição do nome egípcio para *escriba*. O *escriba* era encarregado da correspondência oficial.

r. Verbo acrescentado segundo lat., aram., sir. Sobre os *kereteus*, cf. 1Sm 30.14 nota. *Peleteus* talvez seja apenas uma variante de *filisteus*.

s. O Cronista (cf. 1Cr 18.17) e as versões (gr.: *prefeitos do palácio*; aram. e sir.: *príncipes*) não quiseram admitir que os filhos de David tenham sido sacerdotes.

A SUCESSÃO AO TRONO DE DAVID¹

9 David e Mefibôshet". ¹David perguntou: "Haverá ainda algum sobrevivente da casa de Saul, para que eu possa agir com fidelidade para com ele, em atenção a Jônatan?" ²A casa de Saul tinha um criado chamado Šibá. Trouxeram-no a David, e o rei lhe perguntou: "Tu és Šibá?" Ele respondeu: "Teu servo". ³Disse o rei: "Não há mais homem algum da casa de Saul" para que eu possa cumprir em relação a ele um ato de fidelidade que Deus confirme?" ⁴Šibá respondeu ao rei: "Há ainda um filho de Jônatan, paralítico das duas pernas". ⁵O rei lhe perguntou: "Onde está ele?" Šibá disse ao rei: "Ele está na casa de Makir, filho de Amiel, de Lo-Debar." ⁶O rei David mandou buscá-lo na casa de Makir, filho de Amiel, em Lo-Debar. ⁷Mefibôshet, filho de Jônatan, filho de Saul, chegou junto ao rei. Ele se curvou e se prostrou. David disse: "Mefibôshet". Ele

respondeu: "Eis aqui o teu servo". ⁸David lhe disse: "Não tenhas medo algum. Quero agir com fidelidade para contigo, em consideração a teu pai, Jônatan. Eu te restituirei todas as terras de teu avô Saul e tu tomarás as tuas refeições à minha mesa". ⁹Ele se prostrou e disse: "Quem é este teu servo, para que voltes o teu olhar para um cão morto como eu?" ¹⁰O rei chamou Šibá, o criado de Saul, e lhe disse: "Tudo o que pertencia a Saul e a toda a sua casa, eu o dou ao filho do teu senhor. ¹¹Cultivarás a terra para ele, tu, teus filhos e teus servos. Trarás o que servir de alimento ao filho do teu senhor. E, Mefibôshet, filho do teu senhor, tomará suas refeições à minha mesa". Ora, Šibá tinha quinze filhos e vinte servos. ¹²Šibá disse ao rei: "Teu servo fará tudo o que meu senhor e rei ordenar a seu servo. Mas que Mefibôshet coma à minha mesa? como um dos filhos do rei". ¹³Mefibôshet tinha

1Sm 24.15

t. Utilizada desde o cap. 6 (cf. 6.16 nota) e integrando, provavelmente, o fundo antigo do oráculo de Natan (no mínimo 7.11b.16). A "história da sucessão ao trono de David" constitui os caps. 9–20 de 2Sm e os caps. 1–2 de 1Rs, que se podem tomar por um relato contínuo. Tem por objetivo mostrar como foram afastados os filhos de David que deveriam ocupar o trono prioritariamente: Amnon (13), Absalão (14–20) e Adonias (1Rs 1–2). Não surpreende que o nascimento de Salomão e suas circunstâncias, o adultério de David e a guerra amonita (10–12) tenham ocupado o início de um relato por detrás do qual se perfila, em filigrana, aquele que, de fato, sucedeu a David. Longe de querer apresentar uma história completa e contínua do reino de David, o autor escolheu alguns episódios aptos a ilustrar seu projeto: ele pretende mostrar que Salomão é o herdeiro de David que o Senhor escolheu, eliminando os concorrentes eventuais ou reais. Estas intenções do autor, sem dúvida, eu escreba da corte, são expressas com tanta discrição (ver, contudo, as notas sobre 12.1; 15.34; 17.1; 19.9) que foi possível considerar esses capítulos como uma peça de história profana. A objetividade aparente se deve talvez ao fato de que o autor foi testemunha direta de certos acontecimentos relatados (algumas cenas dão a impressão de ter sido pintadas ao vivo), ou que ele compôs sua obra numa época em que a recordação desses acontecimentos era ainda recente. Por isso, David envelhecendo é apresentado de maneira mais realista que o herói da "história da ascensão" (cf. 1Sm 16.1 nota).

u. Ainda que não se refira aos filhos de David, o cap. 9 pode ser vinculado à história da sucessão. De fato, para que Salomão possa reinar, a posteridade de Saul deve ser eliminada. Mefibôshet é um enfermo (cf. 4.4 nota), aparentemente inofensivo, mas capaz de fazer valer seus direitos em caso de crise (cf. 16.3). A atitude de David a seu respeito, justificada pela aliança contraída entre

David e Jônatan, pai de Mefibôshet (1Sm 18.3; 20.16; 23.18), permite ao autor demonstrar a fidelidade de seu herói, mas não consegue dissimular que a proteção concedida a Mefibôshet o submetia a vigilância. Ao tratar com brandura o neto de Saul, David provavelmente procurou se reconciliar com os partidários do primeiro rei, ainda numerosos. Do mesmo modo, o perdão que David concede a um deles, Shimeí, filho de Guera, em circunstâncias difíceis (16.5–12, cf. 19.17–24), parece um ato político que o autor transforma em elogio à magnanimidade do rei (mas ver, em contraste, 1Rs 2.9). O último episódio da história da sucessão é a execução de Shimeí por ordem de Salomão (1Rs 2.36–46): significa a suspensão da hipoteca que o partido de Saul fazia pesar sobre o destino de Salomão. Estranho à história da sucessão, o cap. 21 revela que a política de David em relação aos descendentes de Saul foi, de fato, muito mais brutal. Alguns opinam que o relato do cap. 9 originariamente seria a continuação daquilo que agora é cap. 21.1–13.

v. A questão e a resposta supõem já realizados os acontecimentos narrados no cap. 21 (cf. 21.7–8). O historiador da sucessão evita contar de novo esse episódio, que os partidários de Saul não perdoavam a David (cf. 16.7–8).

w. Lit. *que eu realize para com ele a fidelidade de Deus*. A aliança concluída com Jônatan obrigava David em relação à descendência desse último (cf. 1Sm 20.15.42). A fidelidade ao juramento prestado nessa ocasião (cf. 21.7; 1Sm 20.17) devia expressar-se em atos.

x. *Makir*, de Lo-Debar em Guilead, é, segundo 17.27, um dos que são fiéis a David. 9.4 faz supor que ele já se ligou a David.

y. Lat., *à tua mesa*; gr.: *E Mefibôshet comia à mesa de David*; sir.: *à mesa do rei*. Šibá parece emitir um tímido protesto contra a ordem de David.

um filho pequeno chamado Mikás^c. E todos os que residiam na casa de Šibá estavam a serviço de Mefibôshet. ¹³Mefibôshet residia em Jerusalém, porque tomava suas refeições à mesa do rei. Ele era paralítico das duas pernas.

10 Primeira campanha amonita*.

2.1 ¹Aconteceu, depois disso, que morreu o rei dos filhos de Amon e que seu filho Hanun tornou-se rei em seu lugar. ²David disse então: "Agirei em relação a Hanun, filho de Naḥash^b, com a mesma fidelidade que seu pai teve para comigo". David enviou-lhe, por intermédio de seus servos, seus pêsames pela morte de seu pai. E os servos de David chegaram à terra dos filhos de Amon. ³Mas os príncipes dos filhos de Amon^c disseram a Hanun, seu senhor: "Imaginas que David quis honrar teu pai, quando enviou mensageiros para te consolar? Não será antes para explorar a cidade, para a espionar^d e arruiná-la, que David te enviou os seus servos?" ⁴Hanun prendeu então os servos de David, lhes fez raspar a metade da barba, cortou suas vestes pela metade, até a altura das nádegas, e os despediu. ⁵Informaram disso a David, e ele mandou alguém ao seu encontro, porque esses homens estavam cobertos de vergonha. O rei lhes mandou dizer: "Ficai em Jericó até que vossa barba cresça. Só depois voltareis".

⁶Os filhos de Amon viram que se tinham tornado odiosos a David. Mandaram to-

mar a seu soldo os arameus de Bet-Rehob^e Jz 9.4 e os arameus de Šobá, ou seja, vinte mil homens a pé, o rei de Maaká com mil homens, e os habitantes de Tob^f, doze mil homens. ⁷David soube disso e enviou Ioab e todo o exército de guerreiros^g. ⁸Os filhos de Amon saíram e puseram-se em linha de batalha à entrada da porta. Os arameus de Šobá e de Rehob, e os habitantes de Tob e de Maaká ficaram à parte, em campo aberto. ⁹Ioab viu que devia enfrentar a luta, tanto pela frente como pelas costas. Escolheu então homens em toda a elite de Israel e estabeleceu uma linha de combate contra os arameus. ¹⁰Confiou o resto da tropa ao seu irmão Abishai^h e estabeleceu uma linha de combate em frente dos filhos de Amon. ¹¹E disse: "Se os arameus forem mais fortes do que eu, tu virás em meu socorro. E se os filhos de Amon forem mais fortes que tu, eu irei em teu socorro. ¹²Sê forte, e mostremos fortes, por nosso povo e pelas cidadesⁱ de nosso Deus. E faça o SENHOR o que lhe aprouver". ¹³Então Ioab e sua tropa avançaram para combater os arameus. Estes, porém, fugiram adiante dele. ¹⁴Quando os filhos de Amon viram os arameus em fuga, também eles fugiram adiante de Abishai, e entraram na cidade. Ioab voltou da guerra contra os filhos de Amon, retornando a Jerusalém.

¹⁵Os arameus viram que tinham sido derrotados diante de Israel. Reuniram-se todos. ¹⁶Hadadézer^j enviou mensageiros e mobilizou todos os arameus que esta-

1Sm 4.9;
1Rs 20.22

1Sm 3.18

12.31

z. A própria existência desse filho jovem, que não é mencionado em outro lugar, podia deixar alguma esperança aos partidários de Saul (cf. v. 1 nota).

a. O conjunto formado pelos caps. 10-12 apresenta notável estrutura concêntrica. As extremidades são ocupadas por um relato das operações militares: contra Amon (10.1-11.1 + 12.26-31), o centro pela intervenção de Natã (11.27b-12.15a, perícopes complexas, ver v. 12.1 nota), e ambos os lados deste centro por uma narrativa objetiva do que se passou na corte de David (11.2-27a + 12.15b-25).

b. Naḥash, mencionado em 1Sm 11.1; 12.12.

c. A atitude dos príncipes amonitas relembra a de Ioab em 3.24-25.

d. O envio de espiões é um estratagema bastante conhecido (Nm 13.32; Dt 1.24; Js 2.1; 6.22.23.25; 7.2; 14.7; Jz 18.2.14.17).

e. Segundo Jz 18.28, Bet-Rehob está nas proximidades de Dan. Maaká (cf. Js 13.11) e Tob (cf. Jz 11.3.5) encontram-se na

mesma região (norte da Transjordânia). Sobre o reino de Šobá, cf. 8.3 nota.

f. Lit. o *homem de Tob*. No contexto, *homem* parece ser um coletivo, como na expressão o *homem de Israel* (15.13, etc.), mas em certos documentos do antigo Oriente o *homem de...* designa o rei. As versões transcrevem: *Ishtob*.

g. Lit. *todo o exército, os guerreiros*. Trata-se do exército profissional (cf. 16.6; 20.7; 23.8-39; 1Rs 1.8.10), que 20.23 distingue de *todo o exército, Israel*, chamado em 10.17 e 11.1 *todo Israel*, isto é, todo o povo mobilizado. Nessa primeira expedição, David incluiu apenas tropas de elite.

h. Cf. 1Sm 26.6 nota.

i. Lat.: *a cidade* (entendendo "Jerusalém", cf. Sl 48.9).

j. Hadadézer é o rei de Šobá, iniciador da coalizão aramaica, segundo 8.3.5. Quanto a 10.15-19a e 8.3-6, parecem ser duas versões dos mesmos acontecimentos, cuja cronologia nos escapa. Os dois relatos apresentam divergências notáveis (8.3 parece

vam do outro lado do Rio. Eles chegaram então a Hclâm^k. Sobak, chefe do exército de Hadadézer, estava à sua frente. ¹⁷David foi informado disso. Reuniu todo Israel, passou o Jordão e chegou a Helâm. Os arameus se puseram em linha de combate em frente de David e travaram combate com ele. ¹⁸Mas os arameus fugiram adiante de Israel. David matou setecentas parselhas de cavalos dos arameus e quarenta mil cavaleiros. Feriu também Sobak, chefe do exército arameu, que morreu lá mesmo. ¹⁹Todos os reis, servos de Hadadézer, viram que tinham sido derrotados diante de Israel. ²⁰Fizeram, portanto, a paz com Israel, e o serviram. E os arameus tiveram medo de voltar a socorrer os filhos de Amon.

Js 10,14

11 Segunda campanha amonita.

David e Bat-Sheba. 'Ora, por volta' do ano, na época em que os reis^m costumam partir para a guerra, David enviou loab com todos os seus servos e todo Israel^a e eles massacraram os filhos de Amon e sitiaram Rabá. David permaneceu em Jerusalémⁿ.

²Numa tarde, David levantou-se da cama e pôs-se a passear pelo terraço do palácio real. Do alto do terraço, avistou uma mulher que se banhava. A mulher era muito bonita. ³David mandou tomar informações sobre essa mulher e lhe disseram: "Ora, é Bat-Sheba, filha de Eliâmⁿ, mulher de Uriá, o hetita". ⁴David enviou emissários para buscá-la. Ela veio ter com ele, e ele deitou-se com ela. Ela acabava de se purificar de sua impureza^l. Depois voltou para casa.

⁵A mulher ficou grávida. Mandou informar a David, comunicando: "Estou grávida". ⁶David mandou dizer a loab: "Envia-me Uriá, o hetita". loab enviou, pois, Uriá a David. ⁷Uriá veio ter com ele. David indagou dele como ia loab e o povo e a guerra. ⁸Depois David disse a Uriá: "Desce à tua casa, para lavar tuas pernas". Uriá saiu do palácio real e atrás dele seguiu um presente do rei^l. ⁹Mas Uriá dormiu à porta da casa do rei, com os outros servos de seu senhor, e não desceu à sua própria casa. ¹⁰Foram então dizer a David: "Uriá não desceu à sua casa". David disse a Uriá: "Não chegaste de viagem? Por que não desceste à tua casa?" ¹¹Uriá respondeu a David: "A arcaⁿ, Israel e Judá moram em cabanas. E irei eu à minha casa para comer, beber e deitar-me com minha mulher?" Juro por tua vida, por tua própria vida, não farei tal coisa!" ¹²David disse a Uriá: "Permanece aqui ainda hoje, e amanhã eu te mandarei de volta". Uriá permaneceu em Jerusalém, naquele dia e no dia seguinte^a. ¹³David o convidou. Ele comeu e bebeu em sua presença, e David o embriagou. ¹⁴À tarde Uriá saiu e foi deitar-se no seu leito, entre os servos de seu senhor, mas não desceu à sua casa. ¹⁵Na manhã seguinte, David escreveu uma carta a loab e a enviou por intermédio de Uriá. ¹⁶Escrevera nessa carta: "Destacai Uriá para a primeira linha, onde mais forte for o combate. Depois vos afastareis dele. Ele será atingido e morrerá".

Gn 43, 31-34

1Rs 21,8-9; 2Rs 10,1

¹⁶loab, que sitiava a cidade, destacou Uriá para onde sabia estarem guerreiros valentes. ¹⁷Os habitantes da cidade saí-

de confundir Rehob e Sobá, que 10,6 distingue; as cifras de 8,4 diferem das de 10,18; sobretudo, 8,3-6 não vincula a guerra contra os arameus à primeira expedição de David contra os amonitas).

k. Talvez Alemá de 1Mc 5,26, no Hauran.

l. Na primavera, cf. 1Rs 20,22 nota.

m. "Texto lido" e versões. "Texto escrito": *as mensageiros*.

n. Cf. 10,7 nota.

o. O v. poderia ser seguido imediatamente por 12,26 (cf. 10,1 nota). A recordação da estada de David em Jerusalém, que explica 12,27, serviu de introdução ao adultério. A continuidade é restabelecida em 1Cr 20,1, porque o cronista julgou o episódio

de Bat-Sheba pouco conforme à imagem idealizada que pretendia dar de David.

p. *Filha de Amiel*, segundo 1Cr 3,5.

q. Cf. Lv 15,19.

r. Provavelmente iguarias da mesa do rei (cf. Gn 43,34).

s. Cf. 1Sm 4,3 nota. Quando de sua fuga diante de Absalão, David se recusará a trazer consigo a arca (2Sm 15,24-29). A expedição contra os amonitas parece marcar a última aparição da arca em campo de batalha.

t. A continência era exigida dos que combatiam na guerra santa (cf. 1Sm 21,6 nota).

u. Gr. (recensão luciana) e sir. ligam *E no dia seguinte* ao v. 13.

11.23; 10.8 ram e atacaram Ioab. Houve vítimas entre o povo, entre os servos de David, e Uriá, o hetita, morreu também. ¹⁸Ioab mandou informar David de todas as circunstâncias desse combate. ¹⁹Deu a seguinte ordem ao seu mensageiro: "Quando terminares de relatar ao rei todas as circunstâncias do combate, ²⁰se o rei ficar furioso e te disser: 'Por que vos aproximastes da cidade para dar combate? Não sabíeis que iriam atirar do alto do baluarte?' ²¹Quem matou Abimélek, filho de Ierubéshet"? Não foi acaso uma mulher que lhe atirou uma pedra de moinho do alto da muralha, e assim morreu ele, em Tebêš? Por que vos aproximastes do baluarte?", então tu lhe dirás: "Teu servo Uriá, o hetita, morreu também".

Jz 9,50-54

Jz 9,40

1Sm 31,3

2,26;
Dt 32,42;
Is 31,8

²²O mensageiro partiu e foi relatar a David tudo o que Ioab lhe ordenara. ²³O mensageiro disse a David: "Aqueles homens eram mais fortes do que nós. Saíram em nossa direção em campo aberto, mas nós os rechaçamos até a entrada da porta. ²⁴Os arqueiros então atiraram contra os teus servos do alto do baluarte. Houve mortos entre os servos do rei, e teu servo Uriá, o hetita, morreu também". ²⁵David respondeu ao mensageiro: "Assim falarás a Ioab: 'Não te aflijas com esse caso. A espada devora ora de um lado, ora de outro. Reforça o ataque contra a cidade e arrasa-a'. Encoraja-o assim".

²⁶A mulher de Uriá soube que seu marido Uriá tinha morrido e chorou por seu marido. ²⁷Passado o luto, David mandou buscá-la e a acolheu em sua casa. Ela se tornou sua esposa e lhe deu um filho. Mas o que David fizera desagradou ao SENHOR.

12 Punição do adultério e nascimento de Salomão. ¹O SENHOR enviou

Natan a David. Ele foi encontrá-lo e lhe disse: "Havia dois homens numa cidade, um rico e outro pobre. ²O rico tinha ovelhas e bois em quantidade. ³O pobre nada possuía, senão uma ovelhinha, só uma, bem pequena, que ele comprara. Ele a criava. Ela crescia em sua casa, junto com seus filhos. Ela comia de sua mesa, bebia de sua tigela e dormia em seus braços. Era para ele como uma filha. ⁴Um hóspede chegou à casa do rico. Ele não teve a piedade de tomar de suas ovelhas ou bois para preparar uma refeição ao viajante que chegara em sua casa. Ele tomou a ovelhinha do pobre e a preparou para o homem que o visitava".

Rt 4,10

⁵David se inflamou de cólera contra esse homem e disse a Natan: "Certo como vive o SENHOR, o homem que fez isso merece a morte. ⁶Ele recomensará quatro vezes pela ovelhinha, por ter feito isso e por não ter tido piedade!". ⁷Natan disse a David: "Tu és esse homem! Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Fui eu que

1Sm 20,31;
26,167,8-9
Jz 6,8-9;
1Sm 10,1

v. Deformação do nome Ierubáal, cf. 1Sm 14,49 nota.
w. Talvez seja para esconder que executou ordem de David (v. 15) que Ioab anuncia ao mensageiro uma ira do rei, ira que o gr. menciona expressamente no v. 22 (*David irou-se contra Ioab*), fazendo David repetir as palavras que Ioab lhe atribuiu nos vv. 20-21. Mas esta ira é pouco compatível com a rápida resignação do rei que se percebe no v. 25; os vv. 19-21 provavelmente foram sobrecarregados.

x. Percebe-se à base do cap. 12 um antigo relato que compreendia certamente os vv. 15b-25: doença e morte do primeiro filho de Bat-Sheba, nascimento de Salomão, chamado Iedidíá. A idéia fundamental é a que está presente em 7,1-17 (cf. 7,1 nota): apesar dos crimes de David, sua dinastia será estabelecida. O nascimento da criança *amada do Senhor* é o sinal disso. Talvez seja para salientar a nova aceitação de David diante de Deus, que o autor conta a história desse nascimento logo antes do relato sobre a vitória definitiva contra os amonitas pela tomada de sua capital (vv. 26-31). Na primeira parte do cap. 12 (vv. 1-15a), a parábola de Natan, a confissão de David, o perdão

divino que salva a vida do pecador, o anúncio da morte do primeiro filho de Bat-Sheba (vv. 1b-7a, 13-15a) são mais antigos que o centro da perícopa, revisto por um redator deuteronomista, que explica pelo princípio da retribuição certos eventos ulteriores: David tomou a mulher de um outro, por isso suas mulheres lhe serão tomadas (vv. 11-12; anunciando 16,20-22; cf. 3,7 nota); mandou matar Uriá, por isso sua própria vida correrá risco (pelas revoltas descritas a partir do cap. 15), sendo que este motivo pode visar a toda a monarquia israelita, que vai sucumbir à guerra.

y. O envio de um profeta da parte do Senhor é indicado do mesmo modo em Jz 6,8 e 1Sm 12,8,11. A formulação do v. 1a foi provavelmente modificada pelo redator responsável pelo remanejamento dos vv. 7b-10. A intervenção de um profeta, excepcional na história da sucessão, onde tanto espaço é dado às intrigas e paixões humanas (cf. 9,1 nota), realça o significado teológico ligado ao episódio.

z. Natan propõe a David uma parábola judicial levando o rei a pronunciar sobre um caso fictício uma sentença aplicável a um caso real: o dele mesmo (cf. cap. 14 e 1Rs 20,35-43). O crime

Is 10,18 te ungi rei de Israel e te arranquei das mãos de Saul. ⁸Eu te dei^a a casa do teu senhor e pus nos teus braços as mulheres do teu senhor; eu te dei a casa de Israel e de Judá; e se isso é pouco, eu te darei mais ainda. ⁹Por que então desprezaste a palavra do SENHOR^b e fizeste o que lhe desagradava? Tu feriste à espada Uriá, o hetita. Tomaste sua mulher para fazer dela tua mulher, e a ele mesmo, mataste-o pela espada dos filhos de Amon. ¹⁰Pois bem, a espada jamais se afastará de tua casa, porque me desprezaste e tomaste a mulher de Uriá, o hetita, para fazer dela tua mulher. ¹¹Assim fala o SENHOR^d: Eis que vou^e fazer surgir de tua própria casa a tua desgraça. Aos teus próprios olhos, tomarei tuas mulheres e as darei a um outro. Ele deitará^f com tuas mulheres à luz deste sol. ¹²Tu agiste em segredo, mas eu farei tudo isso diante de todo Israel e à luz do sol. ¹³David disse então a Natã: "Pequei contra o SENHOR". Disse Natã a David: "O SENHOR, por sua parte, passou por cima^g do teu pecado. Não morrerás. ¹⁴Mas, dado que neste caso, ofendeste gravemente o SENHOR — ou antes, seus inimigos^h — o filho que te nasceu, ele morrerá". ¹⁵E Natã foi para sua casa.

O SENHOR feriu o filho que a mulher de Uriá tinha dado a David e ele adoeceu.

¹⁶David implorou a Deus pelo menino. Ele se pôs a jejuar e, quando se recolhia em sua casa, passava a noite deitado no chão.

¹⁷Os anciãos de sua casa insistiram para que se levantasse do chão, mas ele recusou e não tomou alimento algum com eles.

¹⁸No sétimo dia, a criança morreu. Os servos de David tinham receio de lhe comunicar que o menino tinha morrido. Diziam: "Quando a criança estava viva, nós lhe falamos e não nos ouviu. Agora como podemos lhe dizer: 'O menino morreu'? Ele cometeria uma desgraça!" ¹⁹David viu que seus servos cochichavam entre si e compreendeu que a criança estava morta. David perguntou aos seus servos: "O menino morreu?" Responderam-lhe: "Sim, ele morreu". ²⁰Então David se levantou do chão, lavou-se, pôs perfume e mudou as vestes. Depois entrou na Casa do SENHOR e se prosternou. Voltou à sua casa, pediu que lhe servissem uma refeição e comeu. ²¹Seus servos lhe disseram: "Por que procedes assim? Quando a criança estava viva, jejuavas e choravas por causa dela, e agora que morreu, te levantas e tomas uma refeição?" ²²Ele respondeu: "Quando a criança estava ainda viva, eu jejuava e chorava, porque dizia a mim mesmo: 'Quem sabe? Talvez o SENHOR tenha piedade de mim, e a criança viva'. ²³Mas agora, morreu. Por que haveria de jejuar? Acaso posso fazê-la voltar ainda? Sou eu que vou ao encontro dela, mas ela não voltará para mim".

²⁴David consolou Bat-Sheba, sua mulher. Foi procurá-la e deitou com ela. Ela deu à luz um filho e David lhe deuⁱ o nome de Salomão. O SENHOR o amou^k ²⁵e o mandou dizer por intermédio do profeta Natã, e ele lhe deu o nome de Iedidíá — isto é, Amado do SENHOR —, por causa do SENHOR.

descrito na ficção, materialmente, não passa de um simples roubo, mas, por causa de seu caráter odioso, merece a morte (vv. 5 e 13); o v. 6, que lembra a letra da lei acerca do roubo (Ex 21,37), é provavelmente um acréscimo.

a. O mesmo verbo hebr. ocorre em Jz 6,9; 1Sm 2,28.

b. Gr. (recensão lucianica) e Teodociação: *desprezaste o Senhor*. — A palavra pode ser uma inserção reverente do texto recebido, ou então ter sido omitida nas supramencionadas versões sob a influência do v. 10.

c. As últimas palavras do v. 5 encontram-se em Dt 24,4.

d. A mesma fórmula em 7,3; 1Sm 2,27 e, nas tradições "javistas" do Êxodo, Ex 7,17,26; 8,16; 11,4.

e. Esse futuro próximo é freqüente nas tradições "javistas" do Êxodo (cf. Ex 8,17; 9,18; 10,4; 16,4; 17,6; 34,11).

f. Mesma expressão no v. 24, em 11,4,11; 13,11 e, nas

tradições "javistas", Gn 19,32,34,35; 30,15,16; 39,7,12,14. g. Lit. *fez passar ou deixou passar* (cf. 24,10).

h. Lit. *os inimigos do Senhor*. Eufemismo (cf. 1Sm 20,16 nota; 25,22 nota). O anúncio da morte da criança prepara a transição para o relato, mais antigo, dos vv. 15b-25; permite também legitimar o nascimento de Salomão, já que o pecado de David foi expiado por esta morte.

i. Destaca-se aqui um detalhe que manifesta em David uma piedade de índole pessoal; e que não se conforma aos hábitos (ver, como contraste, 1,12; 3,35).

j. "Texto escrito": *e lhe deu*; "texto lido", aram. e sir.: *e ela lhe deu*. Mesma hesitação encontramos nas versões de Is 7,14.

k. Na ideologia real do antigo Oriente, o rei é muitas vezes apresentado como "amado" da divindade, cf. Is 48,14. O fim desta história certamente foi escrito para a glória de Salomão.

1Rs 2,2

Gn 4,26;
5,29; 38,3

Conquista de Rabá. ²⁶Ioab atacou Rabá dos filhos de Amon e se apoderou da cidade real. ²⁷Ioab enviou mensageiros a David. Ele disse: "Ataquei Rabá. Eu me apossei até mesmo da cidade das águas. ²⁸Agora reúne! o resto do povo, vem situar a cidade e apoderar-te dela, senão eu mesmo a poderia tomar, e então ela levaria o meu nome". ²⁹David reuniu todo o povo, partiu para Rabá, a atacou e apoderou-se dela. ³⁰Tirou da cabeça de seu rei a coroa; pesava ela um talento de ouro^a, com pedras preciosas^b; foi posta sobre a cabeça de David. E ele levou os despojos da cidade em enorme quantidade. ³¹Quanto à sua população, ele a fez partir, destinando-a a manejar a serra, as picaretas de ferro e os machados de ferro^c. E os pôs a fabricar tijolos^d. Assim procedia ele com todas as cidades dos filhos de Amon. Depois David e todo o povo retornaram a Jerusalém.

13 Amnon e Tamar. ¹Eis o que aconteceu depois. Absalão, filho de David, tinha uma irmã muito bonita, chamada Tamar. Amnon, filho de David, ficou apaixonado por ela. ²Atormentava-se Amnon a ponto de adoecer por sua irmã Tamar, pois ela era virgem, e, aos olhos de Amnon, parecia difícilimo conseguir dela alguma coisa. ³Amnon tinha um amigo, chamado Ionadab, filho de

Shimeá^e, irmão de David. Ionadab era um homem muito sagaz^f. ⁴Disse-lhe: "Por que, filho do rei, ficas mais deprimido a cada manhã? Não queres me explicar?" Amnon lhe respondeu: "É por causa de Tamar, a irmã de meu irmão Absalão. Estou apaixonado por ela". ⁵Ionadab lhe disse: "Deita-te em tua cama e finge-te doente. Quando teu pai vier te ver, tu lhe dirás: 'Permite que minha irmã, Tamar, venha me dar de comer. Que ela prepare o alimento à minha vista, para que eu veja; que ela mesma me sirva, e eu comerei'". ⁶Amnon se deitou e fingiu-se doente. O rei veio vê-lo e Amnon disse ao rei: "Permite que minha irmã, Tamar, venha preparar à minha vista duas tortas; que ela me sirva, e eu comerei". ⁷David mandou dizer a Tamar em sua casa: "Vai à casa de teu irmão, Amnon, e prepara-lhe a refeição". ⁸Tamar foi à casa de seu irmão, Amnon. Ele estava deitado. Ela tomou a massa, a amassou, preparou as tortas à vista dele e as cozinhou. ⁹Depois tomou a frigideira e serviu-lhe, mas ele não quis comer. Amnon disse: "Manda que todos saiam daqui". E todos os que estavam ao lado dele saíram. ¹⁰Amnon disse a Tamar: "Traz a comida para o meu quarto, serve-me, e eu comerei". Tamar tomou as tortas que tinha preparado e os levou a seu irmão Amnon em seu quarto. ¹¹Ela as serviu para que co-

Gn 40.7

2Rs 8.29;
9.16Gn 18.6;
Ex 12.39Gn 34.3
Pr 13.12;
Jr 12.16

1. O autor de 11.1 já falou de *tudo Israel* (cf. 10.7 nota). O pedido de Ioab mostra que a mobilização tinha sido apenas parcial.

m. Lit. e meu nome será pronunciado sobre ela; cf. 6.2 nota.
n. O peso é tão grande (35kg) que se deve compreender, segundo Qimhi, que a coroa estava *por cima de*, e não *sobre* a cabeça do rei.

o. O hebr. tem o singular, *pedra preciosa*, provavelmente coletivo; lat. e sir. trazem o plural. Supôs-se também que se tratava de uma única pedra preciosa e que David a tomara para ornar sua coroa.

p. Esta frase parece significar que David submeteu os amonitas cativos a trabalhos forçados. Aram. (cf. 1Cr 20.3) compreende que David os entregou ao suplício, por meio dos instrumentos enumerados.

q. Lit. *Ele os fez passar às fôrmas de tijolos*. Tradução incerta do "texto lido" (seguido pelo gr. e lat.). A expressão *fôrma de tijolos* reaparece em Na 3.14, e a realidade à qual se faz alusão aqui parece evocar Ex 1.14. Qimhi e Gersônidas compreenderam: "Ele os fez passar pelo forno de tijolos" e recordam a

propósito disso 2Rs 16.3. Poder-se-ia ler o "texto escrito": *Ele os fez passar para Malken* (nome de lugar?). Aram. (e Rashi): *... pelas ruas* (ou *... pelos mercados*?); sir.: *... à medição*.

r. A violação de Tamar é a causa da morte de Amnon e está na origem do conflito entre David e Absalão. Um acidente provocado pelas paixões humanas é o ponto de partida dos acontecimentos trágicos que se encadeiam na "história da sucessão", sem que se perceba a intervenção de Deus. Se o autor, ao compor o seu relato, teve intenções moralizantes, elas não foram de modo algum acentuadas: a própria exposição dos fatos representa a lição. O estilo, a precisão dos detalhes concretos, a fineza das anotações psicológicas (cf. v. 15), a arte de contar uma história escabrosa recordam bastante certos relatos "jávistas" do Gn (em particular Gn 19: 34; 37: 39).

s. Em 1Sm 16.9; 17.13, ele é chamado de Shamá (abreviação de Shimeá).

t. Lit. *um homem sábio*, como em 1Rs 2.9 (cf. Gn 41.33; Pr 16.14; 29.9). Comparar: *uma mulher sábia*, 14.2; 20.16.

u. Tradução conjetural. Gr. *pãezinhos*; lat. *bebidas*; aram. *bolinhos*.

Dt 22,25 messe. Ele a segurou e lhe disse: "Vem! deita-te comigo, minha irmã!" ¹²Ela lhe disse: "Não, meu irmão, não me violentes, pois isso não se faz em Israel. Não cometes tal infâmia. ¹³Para onde carregaria eu minha vergonha? E tu serias considerado um infame em Israel. Fala ao rei. Ele não proibirá que te cases comigo". ¹⁴Mas ele não quis ouvi-la. Dominou-a e a violentou, deitando com ela. ¹⁵Amnon passou então a ter por ela um ódio violento. Sim, o ódio que sentiu era mais violento que o amor que antes tinha tido por ela. Disse-lhe Amnon: "Levanta-te. Vai-te embora!" ¹⁶Ela lhe respondeu: "Não", pois mandar-me embora seria pior do que o mal que já me fizeste". Mas ele não quis ouvi-la. ¹⁷Chamou o criado que o servia e lhe disse: "Expulsa essa moça de minha casa e tranca a porta atrás dela!" ¹⁸Ela vestia túnica de princesa*, pois assim se trajavam as filhas do rei quando virgens. O servo de Amnon a fez sair e trancou a porta atrás dela. ¹⁹Tamar tomou cinza e derramou sobre a cabeça, rasgou sua túnica de princesa, pôs as mãos na cabeça e afastou-se gritando*. ²⁰Seu irmão Absalão lhe disse: "Teu irmão, Amnon, esteve contigo? Cala-te, por ora, minha irmã. É teu irmão. Não penses mais nisso". Tamar permaneceu abandonada em casa de seu irmão Absalão. ²¹O rei David soube desse caso e ficou muito irritado*. ²²Absalão não disse mais palavra alguma ao seu irmão Amnon, pois ficou com ódio* dele, por causa da violência que fizera à sua irmã, Tamar.

Assassinato de Amnon e fuga de Absalão.

²³Dois anos mais tarde, realizava-se a tosquia* dos rebanhos de Absalão, em Báal-Hazor, perto de Efraim*. Absalão estava convidando todos os filhos do rei. ²⁴Absalão veio ter com David e lhe disse: "Este é o meu pedido. Eis^d que na casa de teu servo se faz a tosquia. Que o rei e seus servos queiram acompanhar o teu servo". ²⁵O rei respondeu a Absalão: "Não, meu filho, eu te peço*, não iremos todos, para não te sermos pesados". Ele insistiu, mas o rei não quis ir e o abençoou. ²⁶Absalão disse: "Permite ao menos que meu irmão, Amnon, nos acompanhe". O rei respondeu: "Por que te acompanharia ele?" ²⁷Absalão insistiu, e o rei deixou partir com ele Amnon e todos os seus outros filhos*.

²⁸Absalão disse aos seus criados: "Vede bem! Quando Amnon tiver o coração alegre sob o efeito do vinho e eu vos disser: 'Feri Amnon!', vós o matareis. Não tenhais medo. Não sou eu que vos ordeno? Coragem, e mostrai-vos valentes!" ²⁹Os criados de Absalão fizeram a Amnon o que Absalão ordenara. Então todos os filhos do rei se levantaram, montaram, cada um em sua mula, e fugiram.

³⁰Eles ainda estavam a caminho, quando chegou a David a seguinte notícia: "Absalão assassinou todos os filhos do rei e não ficou um só". ³¹O rei se levantou, rasgou suas vestes e se lançou por terra. Todos os seus servos permaneciam lá, de pé, com as vestes rasgadas*. ³²Ionadab, filho de Shimeá, irmão de David,

v. Irmã de Absalão, Tamar é apenas meia-irmã de Amnon; seu casamento seria lícito segundo o antigo uso (cf. Gn 20,12), abolido mais tarde (Lv 18,11; 20,17; Dt 27,22).

w. Gr. (recensão lucianica): *Não, meu irmão, pois...*

x. O termo hebraico se encontra apenas em Gn 37,3.23.32, para designar a vestimenta de José.

y. Manifestações de luto e de dor, cf. 1,2; 1Sm 4,12 nota; Is 61,3; Jr 2,37; Est 4,1,3.

z. Mesma expressão em 3,8; Gn 4,5; 34,7; Nm 16,15; 1Sm 18,8; cf. Gn 4,6; 31,36; 1Sm 15,11; 20,7; 2Sm 6,8; 19,43. David está zangado, mas deixa passar. A "história da sucessão" nota, várias vezes, a confusão e a fraqueza de David (cf. 14; 18,4; 19,9; 1Rs 1,6). Gr. acrescenta: *mas ele não causou aborrecimentos a seu filho Amnon, porque o amava, por ser ele seu primogênito*, texto inspirado, talvez, em 1Rs 1,6.

a. O ódio de Absalão pelo seu irmão (cf. 37,4.5.8, e também Gn 4,1-16) não precisava de explicação. A referência à violação de Tamar é provavelmente secundária e parece inspirar-se, na sua formulação, em Dt 22,24.

b. Cf. 1Sm 25,2 nota.

c. Cf. Jo 11,54 nota.

d. Lit. *Eis que te peço*. Esse apelo à atenção (cf. 14,21) é próprio do estilo "javista" (cf. Gn 12,11; 16,2; 18,27.31; 19,2.8.19.20; 27,2).

e. Ainda um traço do estilo "javista"; cf. Gn 13,8; 18,3.30.32; 19,7.18, etc.

f. Gr., *influenciado provavelmente por 1Sm 25,36, acrescenta: Absalão deu um banquete, um verdadeiro banquete de rei*.

g. Gr., lat.: *E todos os seus servos que se encontravam com ele tinham rasgado suas vestes*.

Gn 38, 12-13

19,36

19,40

1Sm 25,36; Est 1,10

2,7

1,11; 3,31 12,16

tomou a palavra e disse: "Que meu senhor não diga que mataram todos os jovens, os filhos do rei. Não. Somente Amnon foi morto. Isso estava nos lábios de Absalão desde que sua irmã, Tamar, foi violentada. ³³Que meu senhor o rei não fique pensando que todos os filhos do rei estão mortos. Não. Somente Amnon morreu".

Gn 4.14 ³⁴Absalão fugiu^h.

O moço que estava de sentinela levantou os olhos e viuⁱ uma multidão que descia, atrás dele, pela encosta da montanha^j. ³⁵Jonadab disse ao rei: "Eis que chegam os filhos do rei. Tudo se passou como disse o teu servo". ³⁶Mal acabava de falar, chegaram os filhos do rei, e prorromperam em soluços. O rei e todos os seus servos também choraram muito.

³⁷Absalão fugiu e foi para junto de Talmai, filho de Amihud, de Gueshur^k. E, durante todo esse tempo David guardou luto por seu filho.

19.2;
Gn 37.34

A volta de Absalão^l. ³⁸Quanto a Absalão, ele fugiu e foi para Gueshur, onde permaneceu três anos. ³⁹O rei David deixou de se inclinar para Absalão, pois estava desolado com a morte de Amnon^m.

Gn 24.67;
38.12

14 ¹Ioab, filho de Şeruiá, compreendeu que o coração do rei estava contra Absalão. ²Ele mandou buscar em Teqoaⁿ uma mulher sagaz e lhe disse: "Finge estar de luto, veste roupas de luto, não te perfumes, em suma, sê como uma mulher que há muito tempo está de luto por um morto. ³Depois, vai ao encontro do

rei e fala-lhe deste modo". E Ioab lhe ditou o que devia dizer^o. ⁴A mulher de Teqoa foi falar ao rei. Ela caiu com o rosto por terra, se prostrou e disse: "So-
corro, ó meu rei!" ⁵O rei lhe perguntou: "Que tens?" Ela respondeu: "Ai de mim! Sou viúva. Meu marido morreu. ⁶Tua serva tinha dois filhos. Os dois discutiram no campo. Não havia ninguém para separá-los. Um deles golpeou seu irmão e o matou. ⁷Então todo o clã se voltou contra a tua serva. Disseram: 'Entregamos o fraticida. Nós o executaremos para pagar pela vida do irmão que ele assassinou — e assim eliminaremos também o herdeiro'. Apagarão assim a brasa que me resta, não deixando a meu marido nem nome, nem posteridade sobre a face da terra". ⁸O rei disse: "Vai para casa. Darei ordens a teu respeito". ⁹A mulher de Teqoa disse ao rei: "A culpa caia sobre mim, meu senhor o rei, e sobre minha família^p. O rei e seu trono são inocentes disso". ¹⁰O rei respondeu: "Aquele que te disser alguma coisa, tu o trarás a mim. Ele não voltará mais a te incomodar". ¹¹Ela disse: "Que o rei se digne mencionar o SENHOR, teu Deus, para que o vingador do sangue^q não aumente ainda o massacre, fazendo perecer o meu filho". Ele respondeu: "Certo como vive o SENHOR, nem mesmo um cabelo de teu filho cairá por terra!" ¹²A mulher disse: "Permite à tua serva dizer ainda uma palavra ao meu senhor o rei". Ele respondeu: "Fala". ¹³Disse a mulher: "E por que então concebeste um projeto seme-

1Sm 25.
23-41

2Rs 6.26

2Rs 4.1

Gn 4.8

21.17

1Sm 24.22

1R 28;
24.3.23;
1Sm 25.29;
1Rs 1.17;
10.9;
SI 45.8

1Sm 14.45;
1Rs 1.52;
At 27.34
Gn 44.18

h. Cf. 1Sm 19.12 nota.

i. Lit. *ele viu e eis que* (cf. 18.24), expressão freqüente no "Javista" (cf. Gn 8.13; 19.28; 24.63; 26.8; 29.2; 33.1; 37.25; Ex 3.2).

j. Gr. acrescenta: *O sentinela veio informar o rei e disse: "Vi homens que chegam pelo caminho de (Bet) Horon (?) na encosta da montanha"*.

k. Cf. 3.3 nota.

l. Do mesmo modo que Natan em 12.1-6, Ioab quer levar David a se pronunciar sobre um caso fictício que simboliza a situação da família real e do povo. Como Natan em 1Rs 1.11-37, Ioab recorre à mediação de uma mulher. O relato apresenta numerosas afinidades com as tradições (principalmente "javistas") do Gn e com certas passagens de 1Sm (sobretudo 1Sm 25).

m. Versões: *O rei David parou de ser contra Absalão, pois consolara-se da morte de Amnon*. Conforme as versões, Ioab

aproveita um novo sentimento de David; conforme o hebr., procura mudar-lhe a idéia.

n. Pátria de Amós (cf. Am 1.1), ao sul de Jerusalém.

o. Lit. *Ioab pôs as palavras em sua boca* (cf. v. 19). A expressão aparece para qualificar Aarão como o porta-voz de Moisés (Ex 4.15) e Bileã como intérprete de Deus (Nm 22.38; 23.3.12.16; cf. também Dt 31.19; Is 51.16; 59.21).

p. Formulação elíptica ("Sobre mim, a falta... se teu ato tiver conseqüências infelizes"), provindo talvez da linguagem oral, semelhante no que diz Abigail em 1Sm 25.24 (cf. também Gn 27.13, na boca de Rebeca).

q. Sobre a vingança do sangue, cf. 3.27.30; sobre o vingador do sangue, Nm 35.16-29; Dt 19.4-13; Js 20. O termo não é apropriado a este drama familiar, mas toda a história não passa de uma parábola.

lhante contra o povo de Deus? Segundo o que acaba de dizer, o rei declara culpado a si mesmo, não permitindo retornar aquele que banuiu". ¹⁴Sim, nós morreremos, como a água que se derrama por terra e não pode mais ser recolhida, mas Deus não se arrebatou e ele tomou suas disposições para que não seja banido para longe dele! aquele que foi banido. ¹⁵Se eu vim dizer ao meu senhor o rei o que acabo de dizer, é que o povo me causou medo. Tua serva disse a si mesma: 'Vamos falar ao rei. Talvez o rei faça o que disser sua escrava'. ¹⁶Como o rei consentisse em libertar seu escravo das mãos do homem que queria excluir do patrimônio de Deus, a mim e ao meu filho, ¹⁷tua serva disse a si mesma: 'Possa a palavra do meu senhor o rei contribuir para o apaziguamento. Pois meu senhor o rei é como o anjo de Deus: ouve o bem e o mal'. Que o SENHOR, teu Deus, esteja contigo".

¹⁸O rei respondeu à mulher: "Nada me escondas do que vou te perguntar". A mulher disse: "Que meu senhor o rei se digne falar". ¹⁹O rei perguntou: "Não é a mão de loab que te guia em todo esse caso?" A mulher respondeu: "Por tua vida, meu senhor o rei, ninguém pode escapar nem para a direita, nem para a esquerda de tudo o que afirmou meu

senhor o rei. Sim, foi teu servo loab que me deu ordens, foi ele que ditou à tua serva tudo o que ela deveria dizer. ²⁰Foi para mudar a situação que teu servo loab fez isso, mas meu senhor é sábio, tão sábio quanto o anjo de Deus: sabe tudo o que se passa na terra".

²¹O rei disse a loab: "Está bem. O caso está decidido. Vai e traz de volta o jovem Absalão". ²²Loab se lançou com o rosto por terra, se prostrou e bendisse o rei. Disse loab: "Eu, teu servo, hoje sei que conto com o teu favor, ó rei, meu senhor, pois o rei fez o que teu servo pediu". ²³Loab se pôs a caminho e partiu para Gueshur. Trouxe então de volta Absalão a Jerusalém. ²⁴O rei disse: "Que ele se retire para sua casa e não compareça à minha presença". Absalão se retirou para sua casa e não compareceu à presença do rei.

²⁵Não havia em todo Israel ninguém tão belo quanto Absalão, e tão elogiado quanto ele: da planta dos pés ao alto da cabeça, ele era sem defeito. ²⁶Ele cortava os cabelos no final de cada ano, quando sua cabeleira já estava ficando muito pesada. Quando os cortava, costumava-se pesar sua cabeleira: duzentos siclos^b, pelo peso do rei. ²⁷Nasceram a Absalão três filhos^c e uma filha, chamada Tamar. Era uma mulher de grande beleza.

r. Tendo conseguido a resposta desejada, a mulher retira a máscara e força o rei a se lembrar do fratricida Absalão, que ele banira. A vida do príncipe é tão necessária ao povo de Deus quanto é para a viúva o filho da parábola.

s. Foi também traduzido: *e Deus não retira a vida (sír.)*, ou: *Deus não levanta a vida* (isto é, Deus não fará reviver Amnon); gr.: *e Deus receberá a alma*; lat.: *e Deus não quer que a alma pereça*. A locução hebraica, empregada aqui de modo absoluto, significa em outro lugar *inclinou seus desejos para alguma coisa* (Dt 24,15; Sl 24,4; Pr 19,18; Os 4,8). A paixão humana, comparada a uma jangada desgobernada, é alheia a Deus, cujos planos são refletidos.

t. Longe do povo e da terra que constituem o patrimônio de Deus (v. 16; cf. 1 Sm 10,1 nota), Absalão, como outrora David (1 Sm 26,19), sente-se exilado, longe do Senhor.

u. Povo é equívoco. Entende-se normalmente o clã da mulher da qual fala a parábola. Mas a palavra só aparece no v. 13, onde designa o povo de Deus. Parece, portanto, que agora a mulher expõe suas preocupações reais.

v. Por este termo, a mulher se refere a si mesma.

w. Ao recordar o papel que assumiu na parábola, a mulher se identifica com o povo ameaçado de ruína, se David não se reconciliar com seu filho.

x. Enquanto juiz supremo, o rei tem o poder de discernir o bem e o mal, e participa assim de uma prerrogativa divina (cf. Gn 2,9,17; 3,5,22). Mas o bem e o mal pode significar também "tudo", cf. v. 20. Para salvaguardar a transcendência divina, compara-se o rei ao anjo de Deus.

y. Lit. *que encontrei graça aos teus olhos*. Do mesmo modo que no "Javista" (conforme Gn 6,8 nota: 18,3; 19,19; 30,27, etc.), esta expressão aparece na "história da sucessão" seja em sentido profano (14,22; 16,4), seja em sentido teológico (15,25). Tirada da linguagem corrente, ela comporta vários aspectos que uma tradução uniforme deixaria escapar.

z. Lit. *e que ele não veja o meu rosto* (cf. vv. 28,32; 3,13). Forçado pela manobra de loab a fazer voltar Absalão, com consequência desastrosa, David continua hostil ao filho.

a. A notícia relativa a Absalão (vv. 25-27) parece representar uma tradição popular, comparável, pelo tom, às que se referem aos heróis de David e que foram agrupadas nos "suplementos" do livro (21,15-22; 23,8-39). A semelhança entre v. 24b e 28b revela sua inserção secundária.

b. Mais de 2kg!

c. Segundo 18,18, Absalão não tinha filhos.

1Rs 3,28
Pr 25,2

1Sm 9,2
Dt 28,35;
Jó 2,7

²⁸Absalão permaneceu dois anos em Jerusalém sem comparecer à presença do rei. ²⁹Absalão mandou chamar Ioab para enviá-lo ao rei, mas Ioab não quis vir a ele. Mandou outra mensagem, mas ele não quis vir. ³⁰Disse então aos seus servos: "Vede, ao lado do meu, o campo de Ioab, onde há cevada: ide e ateai fogo nele". Os servos de Absalão, portanto, puseram fogo no campo.

Jz 15.4-5

³¹Ioab veio então encontrar-se com Absalão em sua casa e lhe disse: "Por que os teus servos puseram fogo no campo que me pertence?" ³²Absalão respondeu a Ioab: "É que eu te mandei chamar para vir aqui, a fim de enviar-te ao rei e dizer: 'Por que voltei de Geshur? Seria melhor para mim ter ficado lá. Agora quero ser admitido à presença do rei, e, se há culpa em mim, que ele me mande matar!'" ³³Ioab apresentou-se ao rei e o informou^d. O rei mandou chamar Absalão, que veio ter com ele e se prostrou com o rosto por terra diante do rei. Então o rei beijou Absalão.

1Sm 20.8

15 A revolta de Absalão^e. "Depois disso, Absalão providenciou para si um carro e cavalos, e também cinquenta homens que corriam diante dele^f. ²Levantando-se bem cedo, Absalão se punha à beira do caminho da porta da cidade. Toda vez que um homem tinha um processo e devia apresentar-se ao rei para pedir justiça, Absalão o interpelava e lhe dizia: "De que cidade és tu?" Ele res-

Dt 25.1

pondia: "Teu servo é de uma das tribos de Israel^g". ³Então lhe dizia Absalão: "Vê, tua causa é boa e justa, mas não há da parte do rei ninguém para te escutar". ⁴Absalão dizia: "Ah! se eu fosse juiz^h nesta terra, é a mim que viriam todos aqueles que têm um processo para julgar, e eu lhes faria justiça!" ⁵E quando o homem se aproximava para se prostrar diante deleⁱ, ele estendia a mão, o seguava e o beijava. ⁶Absalão agia desse modo com todos os israelitas que se apresentavam ao rei para pedir justiça. E Absalão ganhava para si todos os habitantes de Israel.

1Sm 22.2;
1Rs 3.11

⁷No fim do quadragésimo ano^j, Absalão disse ao rei: "Permite que eu vá a Hebron, a fim de cumprir um voto que fiz ao SENHOR. ⁸Teu servo fez um voto enquanto vivia em Geshur, em Arâm. Prometeu: 'Se o SENHOR me reconduzir a Jerusalém, eu servirei ao SENHOR'. ⁹O rei lhe respondeu: "Vai em paz". Ele se pôs a caminho e foi a Hebron.

Dt 23.22

13.37

Gn 28.20-21

1Sm 1.17;
20.42;
2Rc 5.19;
Mc 5.34;
Lc 7.50;
At 16.36

¹⁰Absalão enviou emissários a todas as tribos de Israel para dizer-lhes: "Quando ouvirdes o som da trompa^k, podeis dizer: Absalão se tornou rei em Hebron".

¹¹Duzentos homens de Jerusalém acompanharam Absalão. Eram convidados, partiram inocentemente. Nada sabiam do que estava para acontecer.

1Sm 9.
13.22;1Rs 1.
41.49

¹²Enquanto Absalão oferecia os sacrificios, mandou buscar Ahitôfel, o guilonita^l, conselheiro de David, em sua

1Rs 1.9.
19.25;
16.23

d. Segundo vv. 28-33, Ioab tem mais reservas em relação a Absalão do que o início do cap. fez pensar.

e. Explorando um descontentamento dos israelitas do Norte, cujos motivos não são evidenciados, e também de certos judaítas que ele procura vincular à sua causa (a escolha de Hebron é significativa, vv. 7-10, cf. 2.1-4), Absalão prepara, sem querer, a revolta de Sheba (20.1-22), que comprometerá momentaneamente a frágil unidade da dupla monarquia (cf. 5.3 nota).

f. Assumindo uma guarda pessoal, Absalão se apresenta como rei (cf. 1Sm 8.11). A mesma informação a respeito de Adonias em 1Rs 1.5.

g. São as tribos do Norte, como em 15.10; 19.10; 20.14 (cf. 5.1).

h. Julgar é função do rei, cf. 14.17 nota. Absalão deixa entender que a seu pai falta imparcialidade e com isso prejudica Israel.

i. Gesto de cortesia em uso na corte (18.21; 24.20; 1Rs

1.16.31.53; 2.19). É mencionado na história de José (Gn 37.7.9.10; 42.6; 43.26) e do Êxodo (Ex 11.8). Ver ainda Gn 23.7; 27.29; 49.8; 1Sm 2.36; 2Rs 2.15.

j. Lit. *ao término de quarenta anos*. Trata-se dos quarenta anos do reinado de David? Se fosse uma indicação cronológica precisa, seria facilmente compatível com 5.4-5 e 1Rs 2.11. Por isso, muitos preferem a leitura do gr. (recensão luciânica) e sir.: *ao término de quatro anos*.

k. O toque do shofar é um chamado às armas (Jz 3.27; 6.34; 1Sm 13.3), mas também um elemento do ritual de entronização (1Rs 1.34; 2Rs 9.13; cf. Sl 47.6).

l. Os personagens são levados à cena habilmente: do lado de Absalão, Ahitôfel (vv. 12.31), o conselheiro temível (cf. 16.20-23; 17.1-4), e os homens de Israel; do lado de David, os servos do rei (vv. 15.18; cf. 2.13 nota), em particular seus fiéis mercenários e, entre eles, Itai de Gat (vv. 19-22), os sacerdotes Sadoc e Ebiatar, cada um com seu filho (vv. 24-29), enfim Hushai, o

cidade de Guilô^m. A conspiração cresceu, e o partido de Absalão tornou-se cada vez mais importante.

SI 3.1 **A fuga de David.** ¹³Um informante veio dizer a David: "O coração dos homens de Israel se voltou para Absalão".

¹⁴David disse a todos os seus servos que estavam com ele em Jerusalém: "A caminho. Fugamos. Não podemos escapar de Absalão. Apressai-vos em partir, senão ele se apressará⁹ em nos alcançar⁹, para nos destruir e passar a cidade ao fio da espada". ¹⁵Os servos do rei lhe disseram: "Qualquer que seja a decisão do meu senhor o rei, teus servos estão firmes". ¹⁶O rei partiu a pé⁹ com toda a sua família, mas o rei deixou dez concubinas para cuidar da casa. ¹⁷O rei partiu a pé com todo o povo e se detiveram na última casa.

ISm 9,27

¹⁸Todos os seus servos passavam ao lado dele, todos os kereteus e todos os peleteus¹. Todos os guititas², seiscentos homens que o tinham seguido desde Gat, passaram adiante do rei. ¹⁹O rei disse a Itai, o guitita: "Por que também tu virias conosco? Volta e fica com o outro rei³, pois tu és um estrangeiro, um exilado até para tua localidade". ²⁰Chegaste ontem, e hoje eu te faria andar conosco, quando

ISm 27

eu mesmo, nem sei para onde vou? Volta e leva contigo os teus irmãos. Fidelidade e lealdade!" ²¹Itai respondeu ao rei e lhe disse: "Certo como vive o SENHOR e vive meu senhor o rei, onde estiver meu senhor o rei, para a morte ou para a vida, lá também estará o teu servo". ²²David disse a Itai: "Vai. Passa". Itai, o guitita, passou com todos os seus homens e toda a criançada que estava com ele".

²³Tudo o país chorava em alta voz, enquanto todo o povo passava. O rei passava na torrente do Cedron e todo o povo passava em frente do caminho da margem do deserto. ²⁴Também Şadoq estava ali, e com ele todos os levitas, carregando a arca da aliança de Deus⁴. Depuseram a arca de Deus, e Ebiatar subiu até que todo o povo que saía da cidade acabasse de passar. ²⁵O rei disse a Şadoq: "Leva de volta a arca de Deus para a cidade. Se o SENHOR me for favorável, ele me reconduzirá e me permitirá revê-la, como também a sua Morada. ²⁶Mas se ele declarar: 'Não quero saber de ti', pois bem, que ele faça de mim o que lhe aprouver!" ²⁷O rei disse ao sacerdote Şadoq: "Olha, volta em paz à cidade. Teu filho Aşimaaş e Ionatan, filho de Ebiatar, vossos dois filhos estarão convosco. ²⁸Vede, vou me demorar nas

2,6;
Gn 24,27;
Js 2,14;
SI 57,4;
61,8; 85,11;
89,15;
Pr 3,3;
20,28
Rt 1,16;
Lc 9,57;
22,33;
Jo 12,24

ISm 14,25
1Rs 2,37;
Jo 18,1

SI 27,4;
84,2
10,12;
ISm 3,18

arakita, que será encarregado por David de contrabalançar a influência de Ahitôfel (vv. 32-37).

m. Cidade da montanha de Judá (cf. Js 15,51), cerca de dez km a noroeste de Hebron.

n. Lit. *foi atrás de Absalão*. Os partidários de um pretendente, os fiéis a um chefe ou a um mestre seguem a este (2,10; 20,2.11.13.14; 1Rs 1,35.40; 2,28; 12,20; 16,21.22; 2Rs 9,18.19; 11,15; Mt 4,20; 16,24; Mc 1,18; Jo 12,19.26; Cf. ISm 12,14 nota).

o. Expressão tipicamente "javista" (Gn 18,7; 24,18.20.46; 27,20, etc.) que aparece também em ISm 4,14; 17,48; 23,27; 25,18.23.34.42; 28,24; 2Sm 19,17.

p. Mesmo verbo em Gn 31,25; 44,4.6; Ex 14,9; 15,9; Js 2,5; ISm 30,8; 2Rs 25,5.

q. Como a expressão *o rei partiu a pé* do início do v. 6, é retomada no começo do v. 17, pode-se considerar que a menção às concubinas, encarregadas de guardar a casa (cf. 16,21-22; 20,3), aqui é uma adição, na linha de 12,11-12 (cf. 12,1 nota); em contraste, veja 19,6.

r. Cf. 8,18 nota; 20,7.23; 1Rs 1,38.44.

s. Cf. 6,10 nota; 18,2.

t. Lit. *o rei* (Absalão). Neste texto, David parece praticamente resignado, talvez por estar esperando o socorro de Deus, como em diversos episódios anteriores (cf. ISm 19,10 nota).

u. Gr., lat., sir.: *de teu lugar*.

v. Gr.: *E que o Senhor aja para contigo com misericórdia e lealdade*. lat.: *Porque deste prova de fidelidade e de lealdade*, aram.: *E age em relação a eles com...* explicitam de modo diferente a fórmula elíptica do hebraico.

w. Acompanhando muitas vezes a menção a *mulheres*, o termo hebraico assim traduzido deve designar os filhos. Seu emprego sem ligação com *as mulheres* se encontra ainda na história "javista" de José (Gn 43,8; 47,12.24; 50,8.21).

x. O v. foi retocado por um redator que julgava necessária a presença dos levitas junto à arca (cf. ISm 6,15 nota), embora a função de Ebiatar não apareça claramente no texto atual. A fórmula *a arca da aliança de Deus* é excepcional: encontra-se apenas em 1Cr 16,6; Jz 20,27 (adição) e ISm 4,4 (texto igualmente sobrecarregado). O fim do v. evoca, em sua formulação, Js 3,17; 4,1.10.

y. Os vv. 25-26 (cf. 16,10-12) mostram a submissão de David à vontade de Deus. Essa atitude religiosa não o impede de agir com decisão e habilidade. Ele aproveita o retorno da arca a Jerusalém para organizar um serviço de informação, no qual os filhos dos dois sacerdotes vão desempenhar um papel essencial (cf. 17,15-22). Aşimaaş reaparece como mensageiro em 18,19-30, e Ionatan, em 1Rs 1,42-48.

passagens² do deserto, até que alguma palavra vossa me traga notícias". ²⁹Šadoq e Ebiatar levaram de volta a arca de Deus a Jerusalém e lá permaneceram.

³⁰David subia pela subida das Oliveiras, subia chorando; trazia a cabeça coberta e caminhava de pés descalços³. ^{19.5} Todo o povo que o acompanhava levava a cabeça coberta. Subiam, subiam chorando. ³¹David declarou: "Ahitôfel está entre os que conjuraram com Absalão". David disse^b: "Eu te peço, SENHOR, enlouquece os conselhos^c de Ahitôfel!"

³²Ao chegar David ao cume, lá onde se adora a Deus, veio ao seu encontro Hushai, o arakita, com a túnica rasgada e cabeça coberta de terra. ³³Disse-lhe David: "Se passas comigo, tu me serás pesado". ³⁴Mas se voltares à cidade e disseres a Absalão: 'Serei teu servo, ó rei; como outrora fui servo de teu pai, agora serei teu servo', então poderás, em meu proveito, desfazer os conselhos de Ahitôfel. ³⁵Não terás ao teu lado, ali, os sacerdotes Šadoq e Ebiatar? Tudo o que ouvires na casa do rei comunicarás aos sacerdotes Šadoq e Ebiatar. ³⁶Eles têm ali consigo os seus dois filhos: Ahimáaš, com Šadoq e Ionatan, com Ebiatar. Tu me transmitirás por seu intermédio tudo o que ouvires dizer". ³⁷E Hushai, o ami-

go de David^d, voltou à cidade, no momento em que Absalão entrava em Jerusalém.

16 David e Šibá. ¹David passara um pouco adiante do cume, quando Šibá, o criado de Mefibôshet, veio ao seu encontro com dois burros de carga^f, trazendo duzentos pães, cem medidas de uva passa, cem figos e um odre de vinho. ²O rei perguntou a Šibá: "Que é isso?" Šibá respondeu: "Os jumentos servirão de montaria à família do rei; o pão^g e os figos servirão de alimento aos jovens e o vinho, de bebida para os que estiverem cansados no deserto". ³Disse o rei: "Mas onde está o filho do teu senhor?" Šibá respondeu ao rei: "Ficou em Jerusalém, porque dizia: 'Hoje a casa de Israel^h me devolverá o reino de meu pai'". ⁴Então o rei declarou a Šibá: "Todos os bensⁱ de Mefibôshet de agora em diante serão teus". Šibá respondeu: "Eis-me aqui prostrado. Que eu conte sempre com o favor^j de meu senhor o rei".

David e Shimeí. ⁵O rei David chegava a Baḥurim^k, quando dali saiu um homem. Era do mesmo clã da casa de Saul e chamava-se Shimeí, filho de Guerá. Ele saiu proferindo maldições^l. ⁶Atirava pe-

z. "Texto lido" (com substituição de duas letras) e versões: *nas estepes do deserto* (como em 17,16). O "texto escrito" apresenta um derivado do verbo *passar*, que é a palavra-chave da perícope, onde aparece nove vezes.

a. Sinal de luto adequado, ao que parece, à execução de ritos expiatórios e propiciatórios.

b. Segundo o hebr., é a Deus que David faz esta declaração, quando de sua visita ao monte das Oliveiras. Segundo um texto de Qumran e as versões, deve-se entender *Anunciou-se a David*.

c. Se convém traduzir assim o verbo hebr., o v. prepara 16,21, onde Ahitôfel dá um conselho nocivo a Absalão. Pode-se entender também: *vai encontrar loucos*, e ver aí o anúncio de 17,1-3,14.

d. Este título honorífico (cf. 16,16; 1Rs 4,5) aparece no gr. desde o v. 32.

e. As disputas de David com a casa e o partido de Saul balizaram a história da sucessão (cf. 16,1-13; 19,16-31; 1Rs 2,8-9,36-46). cf. 9,1 nota. Šibá, fiel a David que lhe proporcionou uma situação invejável junto a Mefibôshet (9,9), vem informar o rei a respeito das pretensões do neto de Saul (16,3). e David se apressa em recompensar essa fidelidade (16,4). Shimeí é o típico partidário de Saul, não perdendo a David sua crueldade em relação à linhagem do rei morto (v. 8 nota). No seu infortúnio, David suporta com resignação as invectivas de Shimeí (vv. 10-12).

Vitorioso, ele perdoará esse adversário feroz (19,24), mas, para assegurar a tranquilidade de sua dinastia, não hesitará em registar a morte de Shimeí entre seus últimos desejos (1Rs 2,8-9).

f. Mesma expressão em Jz 19,10; cf. Jz 19,3; 2Sm 17,23; 19,27; 1Rs 2,40.

g. "Texto lido" e versões: "texto escrito": *(os jumentos servirão...)* para o combate. Essa doação de alimentos significa talvez que Šibá reconhece em David o seu rei (cf. 1Sm 10,6 nota; 16,20).

h. *Casa de Israel* designa aqui o reino do Norte (cf. 1,12; 12,8) e se opõe à *casa de Judá* (2,4,7,10,11). A história da arca (6,5,15; cf. 1Sm 7,2,3) fala, ao contrário, de *toda a casa de Israel*, incluindo Israel e Judá.

i. Lit. *tudo o que* (pertence) a... expressão familiar às tradições "javistas", cf. Gn 24,36; 25,5; 31,1,21; Ex 9,19; Nb 16,33; Js 2,13.

j. Lit. *possa eu encontrar graças aos teus olhos*, cf. 14,22 nota. k. Cf. 3,16 nota.

l. *Amaldiçoar*, no sentido de *proferir maldições* é o verbo-chave desta passagem (vv. 5,7,9,10,11,13; cf. 19,22; 1Rs 2,8). David aceita a maldição que os males do momento representam e deixa ao Senhor o cuidado de lhe restituir a felicidade (vv. 11-12). Mas o homem que amaldiçoou David não conseguirá amaldiçoar seu herdeiro legítimo (1Rs 2,9 nota).

dras em David e em todos os servos do rei, embora todo o povo e todos os guerreiros estivessem à direita e à esquerda de David. ^{10,7} ^{IRs 22,19} E eis o que Shimei dizia em suas maldições: "Vai, vai-te, embora, sanguinário vadio!" ¹⁰ O SENHOR fez recair sobre ti todo o sangue da casa de Saul^a, em lugar de quem te tornaste rei. O SENHOR entregou o reino nas mãos de teu filho Absalão, e eis que te achas na desgraça, porque és um homem sanguinário". ^{9,8} ^{ISm 24,15} Abishai, filho de Şeruiá, disse ao rei: "Por que esse cão morto há de amaldiçoar meu senhor o rei? Deixa-me passar e cortar-lhe a cabeça". ^{4,7} ^{ISm 17,46; 2Rs 6,32} O rei respondeu: "Que há entre mim e vós?, filhos de Şeruiá? Se ele amaldiçoar, e se o SENHOR lhe ordenou: 'Amaldiçoar David', quem poderia dizer-lhe: 'Por que fizeste isso?'" ^{IRs 1,6} David disse a Abishai e todos os seus servos: "Se meu filho, aquele que saiu de minhas entranhas, conspira contra a minha vida, com mais forte razão esse benjaminita! Deixai-o amaldiçoar, se o SENHOR assim lhe ordenou. ^{7,12} Talvez o SENHOR considere a minha miséria^a e me faça o bem em lugar de sua maldição de hoje". ^{15,25-26; Lc 22,49-51; Gn 29,32; 31,42; Ex 3,7; 4,31; Dt 26,7} ¹³ David prosseguia o seu caminho, acompanhado de seus homens, enquanto Shimeí avançava pela encosta da montanha, ao lado dele, continuando a maldizer e a atirar pedras, ao lado dele. Também levantava poeira.

¹⁴ O rei e toda a sua tropa chegaram extenuados. Lá^a, retomaram fôlego.

Deliberações. ¹⁵ Absalão e toda a tropa dos homens de Israel^a tinham chegado a Jerusalém. Ahitôfel estava com ele.

¹⁶ Quando Hushai, o arakita, o amigo de David, se aproximou de Absalão, Hushai disse a Absalão: "Viva o rei! Viva o rei!"

¹⁷ Absalão disse a Hushai: "É essa a tua fidelidade para com o teu amigo? Por que não partiste com o teu amigo?"

¹⁸ Hushai disse a Absalão: "Não, aquele que o SENHOR escolheu, e todo este povo e todos os homens de Israel, é a ele que eu quero pertencer", é com ele que eu quero ficar.

¹⁹ Além disso, a quem vou servir? Não é a seu filho? Assim como estive a serviço de teu pai, estarei também a teu serviço".

²⁰ Absalão disse a Ahitôfel: "Deliberaí entre vós sobre o que devemos fazer".

²¹ Ahitôfel disse a Absalão: "Aproxima-te das concubinas de teu pai, que ele deixou para cuidar da casa. Assim todo Israel^a saberá que te tornaste odioso a teu pai, e o braço de todos os teus partidários será fortalecido com isso".

²² Armaram para Absalão uma tenda sobre o terraço e Absalão aproximou-se das concubinas de seu pai aos olhos de todo Israel.

²³ Os conselhos dados por Ahitôfel, naquele tempo, tinham valor de oráculo^a. Assim eram

ISm 10,24;

IRs 1,25-31

34,39;

Sl 72,15

10,12;

ISm 3,18

21,6;

Dt 17,15;

ISm 10,24;

Sl 89,4

20,3

10,6;

ISm 13,4

2,7;

Jz 7,11

11,2

m. Lit. *homem de sangue* (cf. 21,1) e *homem de Belial* (20,1; ISm 25,25); cf. *filhos de Belial* (ISm 2,12 nota).

n. Cf. 9,3 nota.

o. A brutalidade de Abishai observada no v. 9 (cf. ISm 26,8) e a repulsa de David, no v. 10, onde Shimeí é apresentado como irresponsável, parecem pertencer a outra redação que os vv. anteriores.

p. Cf. 19,23; IRs 17,18 nota; Mc 1,24 nota; Jo 2,4 nota.

q. "Texto lido": *ele amaldiçoou assim porque o Senhor lhe disse...* ou (cf. gr., aram.): *que ele amaldiçoou assim, já que...*

r. "Texto lido": *meu olho* (parafraseado em aram.: *as lágrimas de meu olho*); "texto escrito": *meu pecado*; gr., lat., sir.: *minha miséria*.

s. "Em Bahurim" (cf. v. 5), segundo os comentários rabínicos, mas é provável que um nome de lugar tenha desaparecido do texto. Gr. (recensão lucifânica) supriu: *perto do Jordão*.

t. Lit. e *todo o povo*, o *homem de Israel*. O *povo* está ausente do gr. (ms. Vaticanus). O coletivo o *homem de Israel* designa em 19,42-44 e 20,2 os habitantes do norte em oposição aos judaítas. Cf. 16,15.18; 17,14.24.

u. "Texto lido" e versões. "Texto escrito": *Aquele que o Senhor escolheu...*, não é (mais com ele) que eu quero ficar, lei-

tura aparentemente destinada a afastar a idéia de que Absalão possa ser considerado o eleito do Senhor.

v. Preparado por 12,11-12 e 15,16b-17a, o episódio das concubinas de David em 16,21-22 poderia fazer parte da história da sucessão, pois a tomada de posse do harém real é um gesto simbólico da usurpação (cf. 3,7 nota). Mas a duplicata constituída pelas primeiras palavras de 16,21 e 17,1 sugere, antes, que este episódio foi introduzido por um redator desejando denegrir Absalão, inspirando-se talvez em Gr 35,22, cf. 15,16 nota.

w. Na história da sucessão, a expressão *todo Israel* pode designar: 1) todos os israelitas, compreendendo inclusive os judaítas (12,12; 17,10; IRs 1,20; 2,15; provavelmente também 16,21.22; cf. 8,15; 14,25); 2) todo povo mobilizado (10,17; 11,1; 17,11.13; cf. 10,7 nota); 3) todos os israelitas do Norte (15,6; 18,17; 19,12).

x. Lit. *naqueles dias* (cf. Gn 6,4; Jz 20,27.28; ISm 3,1). Normalmente essa fórmula serve de introdução cronológica vaga (cf. Ex 2,11.23; Jz 17,6; 18,1; 19,1; 21,25; ISm 28,1; 2Rs 10,32; 15,37; 20,1, etc. e, no NT, Mt 3,1 nota).

y. Lit. *... como quando se* ("texto lido"); *alguém* *interroga a palavra de Deus*. Consultar um oráculo é *interrogar Deus* ou *interrogar o Senhor*.

todos os conselhos de Ahitôfel, tanto para David como para Absalão.

17 ¹Ahitôfel^a disse a Absalão: "Deixa-me escolher doze mil homens e partirei em perseguição de David, ainda esta noite. ²Cairei sobre ele quando estiver no limite de suas forças, eu o deixarei horrorizado, toda sua tropa fugirá e ferirei o rei quando estiver sozinho. ³Assim farei todo o povo voltar para ti. Attingir o homem que procuras resultará na volta de todos"; e o povo todo estará em paz^b". ⁴O conselho pareceu acertado a Absalão e a todos os anciãos de Israel^c. ⁵Disse Absalão: "Chama^d ainda Hushai, o arakita. Ouçamos o que também ele tem a dizer". ⁶Hushai veio ter com Absalão, e Absalão lhe disse: "Assim falou Ahitôfel. Devemos fazer o que ele disse? Se não, fala por ti mesmo". ⁷Hushai respondeu a Absalão: "Desta vez^e, o conselho de Ahitôfel não é bom". ⁸E Hushai prosseguiu: "Tu bem conheces teu pai e seus homens: são guerreiros e estão furiosos como uma urso que perdeu seu filhote no campo. Teu pai é um homem de guerra e não passará a noite com o povo^f". ⁹Agora mesmo deve estar escondido numa gruta ou em outro lugar qualquer. Ora, desde que começar a haver vítimas entre os nossos, alguém saberá e poderá dizer: 'Houve derrota no povo que

segue Absalão!" ¹⁰Então, até mesmo o valente, com um coração de leão, perderá a coragem, porque todo Israel sabe que teu pai é bravo guerreiro, e que seus companheiros são homens valentes. ¹¹Eis o que eu aconselho: que se reúna junto de ti todo Israel^h, desde Dan até Beer-Sheba, tão numeroso quanto a areia das praias, enquanto tu mesmoⁱ sairás para o combate. ¹²Nós o alcançaremos em qualquer lugar onde esteja. Cairemos sobre ele como o orvalho sobre a terra; e dele e de seus companheiros já não restará mais ninguém. ¹³Se ele entrar numa cidade para se recompor, todo Israel trará cordas a essa cidade, e nós o arrastaremos^k até a torrente, até não mais se encontrar ali nem mesmo um calhau". ¹⁴Absalão e todos os homens de Israel disseram: "O conselho de Hushai, o arakita, é melhor que o conselho de Ahitôfel". De fato, o SENHOR tinha decidido frustrar o conselho de Ahitôfel, que era o melhor, a fim de trazer a desgraça sobre Absalão.

¹⁵Hushai disse aos sacerdotes Šadoq e Ebiatar: "Eis o que Ahitôfel aconselhou a Absalão e aos anciãos de Israel, e eis o que eu aconselhei. ¹⁶Agora, pois, apresai-vos em informar a David. Dizei-lhe: 'Não pares esta noite nas estepes do deserto; deves ainda passar adiante; se não,

z. O cap. 17 é o eixo de toda a história da revolta: contra toda expectativa, os conselhos de Ahitôfel não são aceitos (*conselho* e *conselheiro* são as palavras-chave do capítulo), e o plano de David tem êxito (cf. 15,34). Mas o perigo não está definitivamente afastado, e o relato volta a encontrar sua tensão nas aventuras dos espíes do rei (vv. 15-20). Enquanto David, prevenido, atravessa o Jordão, Ahitôfel percebe imediatamente as consequências de sua derrota e se suicida (vv. 21-23).

a. Lit. *Como a volta de todos (será) o homem que procuras; gr.: E furei com que todo o povo volte para ti, como a jovem esposa volta a seu marido. Tu queres apenas a vida de um só homem...*

b. Mesma expressão em 20,9; Gn 43,27; 1Sm 25,6. Aqui, (em) *paz* significa ao mesmo tempo *são e salvo* e *pacificado*.

c. A presença dos *anciãos de Israel* (cf. 3,17; 5,3) é uma indicação suplementar a respeito da ligação oficial dos israelitas do Norte com Absalão (15,12; 16,5 notas).

d. Gr., lat., sir.: *Chamai*... A diferença de Ahitôfel, Hushai, num estilo pomposo, vende conselhos estratégicos que beiram o grotesco. O David que ele evoca no v. 8 se parece mais com o chefe de bando dos inícios do que com o rei já idoso forçado a

fugir. Parece que o autor dos vv. 5-14 quer ridicularizar Absalão e os homens de Israel que se deixam seduzir deste jeito. A reflexão teológica do v. 14 está em contraste com o costumeiro recato da história da sucessão.

e. Lat.: *Devemos fazer o que ele disse ou não? Qual é o teu parecer?*

f. Hábil concessão de Hushai à opinião comum.

g. Com essas palavras, Hushai sugere que David, prevendo o estratagema aconselhado por Ahitôfel, há de preparar uma emboscada mortal.

h. Ahitôfel preconizou a intervenção imediata de uma força de pouca importância. Hushai recomenda a mobilização de *toda Israel* (cf. 10,7 nota; 16,21 nota), o que não se pode realizar sem lentidão.

i. Lit. *tua face*. Mesma expressão em Ex 33,14.15.

j. Gr., lat., sir.: *no meio dele*.

k. Versões: *nós a arrastaremos*. Mas o rei, seus homens e a cidade que os acolhe não constituem mais que um, daí, talvez, o masculino do texto hebraico.

l. As pedras da torrente ficarão escondidas pelos cadáveres ou a cidade será destruída até os alicerces.

SI 89,20

23,8-23

1Sm 3,20

Js 11,4;

1Sm 13,5;

1Rc 4,20

Lv 26,25

15,34;

Ne 4,9

15,28

serão engolidos, de uma só vez, o rei^m e todo o povo que o acompanha^m. 17^{15,27} Ionatan e Aĥimáas estavam esperando em En-Roguelⁿ. Uma empregada devia ir informá-los, e eles iriam informar o rei David, pois não podiam ser vistos entrando na cidade. 18^m Mas um jovem os viu e foi contar a Absalão. Os dois, então, partiram a toda pressa e chegaram à casa de um homem de Baĥurim. Havia um poço no pátio e eles desceram para dentro dele. 19^A mulher tomou uma lona e estendeu-a sobre a boca do poço. Espalhou por cima grãos de cereais, e assim não se percebia nada. 20^{Os} servos de Absalão entraram em casa dessa mulher e perguntaram: "Onde estão Aĥimáas e Ionatan?" A mulher lhes respondeu: "Eles passaram... a água". Eles procuraram, sem encontrar ninguém, e voltaram a Jerusalém.

21^{Após} a partida deles, os outros saíram do poço e foram informar o rei David. Disseram a David: "A caminho. Depressa, passai a água^p. Eis qual é o conselho de Aĥitôfel acerca de vós". 22^{David} se pôs a caminho, e também todo o povo que estava com ele, e todos passaram o Jordão. Ao amanhecer não restava um só^q que não tivesse atravessado o Jordão.

23^{Quando} Aĥitôfel percebeu que seu conselho não era seguido, selou seu ju-

mento, pôs-se a caminho e foi para a sua casa, em sua cidade. Deu as suas ordens à família e se enforcou^r. Depois de sua morte, foi sepultado no túmulo de seu pai.

David em Maĥanáim. 24^{David} chegou a Maĥanáim^m, enquanto Absalão atravessava o Jordão, ele e todos os homens de Israel com ele. 25^{Absalão} pusera Amasá² à testa do exército, em lugar de Ioab. Amasá era filho de um homem chamado litrá, o israelita, que se uniraⁿ a Abigal, filha de Naĥash e irmã de Šeruiá, a mãe de Ioab. 26^{Israel} e Absalão acamparam no território do Guilead.

27^{Logo} que David chegou a Maĥanáim, Shobi, filho de Naĥash, de Rabá dos filhos de Amon, Makir, filho de Amiel de Lo-Debar, e Barzilai, o guileadita de Roguelim, 28^{trouxeram} colchões, cobertas, vasilhas, e também trigo, cevada, farinha, grãos torrados, favas, lentilhas, grãos torrados, 29^{mel}, manteiga, ovelhas e carne de boi^q que entregaram a David e ao povo que estava com ele, para que se alimentassem, pois diziam: "O povo sofreu fome, cansaço e sede no deserto".

18 Derrota e morte de Absalão^s.

David passou em revista o povo que estava com ele e pôs à sua frente chefes

m. Na história antiga que recomeça no v. 15 (retocado depois da inserção de 5-14), Hushai é apenas um espião, como confirma 16.35. Em vez de *serão engolidos...*, o rei (David) e... alguns entendem: *informar-se-á o rei* (Absalão); mesma forma verbal em Jó 37.20.

n. Sobre En-Roguel, a fonte do Pisoeiro, cf. Js 15.7 nota; 18.16; 1Rs 1.9 nota.

o. Termo hebraico desconhecido. Sugeriu-se: *reservatório, canal*, ou, corrigindo o texto, "passaram daqui em direção à água". Gr.: *eles atravessaram um pouco de água* (recensão luciânica; *atravessaram depressa*); lat.: *atravessaram depressa após ter bebido um pouco de água*; aram.: *eles já atravessaram o Jordão*; sir.: *partiram daqui, porque procuraram água e não a encontraram*.

p. A água designa o Jordão (v. 22; cf. Js 3.15.16; 2Rs 2.8.14; 6.5).

q. Mesma formulação em Ex 9.7; 14.28; Jz 4.16.

r. Inspirado por um sentimento de derrota, mais que pelo temor de represálias, o suicídio de Aĥitôfel é único em seu gênero em todo o AT (os outros suicídios narrados são casos de combatentes encurralados em situação de derrota, cf. Jz 9.54; 1Sm 31.4-6; 1Rs 16.18; 2Mc 14.41-46). Em Mt 27.5, o relato da

morte de Judas emprega o mesmo verbo utilizado aqui na tradução grega.

s. Cf. 2.8 nota.

t. Esta nomeação será confirmada por David, desejoso de atrair os judaítas e afastar Ioab (19.14), mas este último se apressará em se desembrasar de seu primo (20.4-10; cf. 2.13 nota).

u. I.ê. *que tinha ido a...* A expressão parece aplicar-se aqui a um relacionamento de concubinato (cf. 16.21.22; 20.3; Gn 16.2; 30.3.4). A observação denigra Amasá e seu irmão Ioab, cf. 3.39; 1Sm 26.8.

v. No texto hebr. o verbo aparece no v. 29. Gr. supõe: ... *trouxeram leitões, cobertores...* — * [O objeto grãos torrados é mencionado duas vezes.]

w. Tradução hipotética: Teodociação: *vitelos de leite*; lat.: *vitelos cevados*; sir., aram. (e comentários rabínicos): *queijos de (leite de) vaca*; gr. se contenta em transcrever o termo hebraico. Sobre um significado possível desses dons, cf. 16.2 nota.

x. Inserida posteriormente, pelo que parece, a notícia relativa ao monumento de Absalão (v. 18) sublinha a divisão do texto em duas partes, que a dupla menção à fuga de Israel (18.17b e 19.9b) seria suficiente para indicar. A segunda parte do relato inclui, portanto, 19.1-9.

de mil e chefes de cem. ²Depois David deu ao povo o sinal da partida: um terço foi confiado a Ioab, um terço a Abishai, filho de Şeruiá, irmão de Ioab, um terço a Itai, o guitita. O rei disse ao povo: "Também eu sairei" convosco". ³O povo disse:

21.17 "Tu não deves sair. Pois, se fugirmos, não se dará atenção a nós; mesmo se morresse a metade de nós, não nos darão atenção; mas agora trata-se de dez mil como nós^b. É melhor que possas socorrer-nos da cidade". ⁴O rei lhes disse: "Farei o que vos aprovar". O rei se prosternou junto da porta, enquanto o povo saía em grupos de cem e de mil. ⁵O rei deu esta ordem a Ioab, a Abishai e a Itai: "Em consideração a mim, tratai com brandura o jovem Absalão!" ⁶Todo o povo ouviu o rei dar esta ordem a respeito de Absalão.

1Sm 29.2 ⁷O povo saiu para o campo ao encontro de Israel e a batalha teve lugar na floresta de Efraim^d. ⁸Ali, o povo de Israel foi derrotado diante dos servos de David^e. Houve muitas perdas nesse dia: vinte mil homens. ⁹O combate se estendeu por toda a região. Nesse dia a floresta devorou mais 17.9 homens dentre o povo do que a espada.

¹⁰Absalão encontrou-se por acaso diante dos servos de David. Absalão montava um mulo, e o mulo se enfiou por baixo da ramagem entrelaçada de um grande terebinto. A cabeça de Absalão prendeu-se no terebinto, e ele se achou entre o 13.29 céu e a terra^f, enquanto o mulo que esta-

va debaixo dele passava adiante. ¹⁰Um homem o viu e veio dizer a Ioab: "Vi Absalão suspenso num terebinto". ¹¹Ioab disse a quem o informava: "Então, tu o viste? Por que não o feriste e abateste ali mesmo? Eu te deveria então dez siclos de prata e um cinturão". ¹²O homem respondeu a Ioab: "Mesmo que eu tivesse agora em minhas mãos mil siclos de prata, não estenderia a mão contra o filho do rei, porque foi aos nossos ouvidos que o rei deu esta ordem a ti, como também a Abishai e a Itai; 'Cuidai para que ninguém toque no jovem Absalão'". 18.5

¹³Aliás, se eu tivesse cometido essa desobediência contra sua vida^h, nada escaparia ao rei, e tu tirarias o corpo fora". 14.20

¹⁴Ioab respondeu: "Não vou ficar esperando assim diante de ti!" Apanhou três chuços e os cravou no coração de Absalão, que estava ainda vivoⁱ no meio do terebinto. ¹⁵Depois, dez jovens, os escudeiros de Ioab, cercaram^k Absalão e o golpearam até matá-lo. ¹⁶Ioab fez soar a trompa, e o povo deixou de perseguir Israel, porque Ioab reteve o povo. ¹⁷Pegaram Absalão e o lançaram na floresta, dentro de uma grande fossa, e ergueram por cima um monte enorme de pedras^l. Todo o Israel debandara, cada um para as suas tendas. 19.9; 1Sm 4.10

O monumento de Absalão. ¹⁸Ainda em vida, Absalão resolvera erigir para si a 1Sm 15.12

y. Gr. (recensão luciânica): *E David dividiu o povo em três*. z. O desenvolvimento introduzido por estas palavras (vv. 2b-4) apresenta um David convencional (um valente que pretende ainda combater na primeira linha) e exalta a função real explicando por que David não combateu.

a. *Sair*: partir numa expedição militar: cf. 2.12.13; 11.1; 20.7; 21.17. 1Sm 13.23; 17.8.20; 18.5.30; 19.8; 23.15; 26.20.28.1.

b. Gr., Sínaco, lat.: *mus tu es como dez mil dentre nós*.

c. Para seu velho pai, o usurpador continua sendo o *jovem Absalão* (vv. 12.29.32; cf. 14.21). O êxito do combate interessa menos a David que a sorte de seu filho. Ao receber a notícia da morte de Absalão, ele esquecerá o resto (19.1-5).

d. Gr. (recensão luciânica): *floresta de Mahanaim* (cf. 17.24.27).

e. Os *servos de David* são seus guardas, como em 2.13; 3.22; 11.17.

f. Versões: *e ele ficou suspenso*. Aproximando esta frase a 14.26, Flávio Josefo e a Mishná acreditaram que Absalão ficou pendurado pela cabeleira.

g. Versões: *Poupai-me o jovem Absalão*.

h. "Texto escrito", seguido pelo gr. (cf. 1Sm 28.9); "texto lido": *contra mim*, ou: *com o perigo de minha vida* (cf. 1Rs 2.23).

i. Gr. (recensão luciânica): *Bem, vou começar diante de ti*. Esta leitura está apoiada parcialmente pelo gr., lat. (e sir., que traduz com mais lógica: *antes de ti*).

j. Mesma expressão em Gn 43.27.28; 46.30; 1Sm 20.14; 1Rs 20.32. Nota-se desacordo entre os vv. 10-14 e v. 5 acerca da morte de Absalão. Vv. 10-14 parecem representar uma versão tendenciosa, marcada pela ideologia real e hostil a Ioab. Observe-se o contraste com os vv. 20-22, onde Ioab modera a impaciência de Ahimáias e 19.6-8, onde Ioab encontra as palavras para tirar David de seu desespero.

k. Assim compreendem gr. e aram. Lat.: *correram*; sir.: *se voltaram* (cf. 1Sm 22.17.18). Os tradutores modernos também hesitam.

l. Comparar com a sepultura de Akan e do rei de Ai (Js 7.26; 8.29; cf. ainda Js 10.27).

estela^m que se encontra no vale do Rei, porque ele dizia: "Não tenho filhos para perpetuar meu nome". Deu, portanto, o seu nome à estela. Até hoje a chamam o monumento de Absalão.

David recebe a notícia da morte de Absalãoⁿ. ¹⁹Disse Aḥimáaš, filho de Šadoq: "Deixa-me correr e levar ao rei a boa notícia de que o SENHOR lhe fez justiça livrando-o das mãos de seus inimigos". ²⁰Ioab lhe disse: "Tu não serias hoje portador de uma boa notícia. Levá-la-ás noutro dia, mas hoje não levarias uma boa notícia, porque se trata da morte do filho do rei". ²¹E ioab disse a um kushita: "Vai informar ao rei o que viste". O kushita prostrou-se diante de ioab e partiu correndo. ²²Aḥimáaš, filho de Šadoq, disse, de novo, a ioab: "Aconteça o que acontecer, deixa-me ir também atrás do kushita". Ioab respondeu: "Para que correr, meu filho, sem levar uma boa notícia que te valeria uma recompensa?" — ²³"Aconteça o que acontecer, eu irei". Disse ele: "Vai!" Aḥimáaš correu pelo caminho da planície^s do Jordão e ultrapassou o kushita.

²⁴David estava sentado entre as duas portas^t. A sentinela subiu ao terraço da porta, sobre a muralha. Levantou os olhos e viu um homem que vinha correndo sozinho. ²⁵A sentinela gritou para avisar o rei. O rei disse: "Se ele está sozinho, é porque vem dar uma boa notícia". Quando o homem se aproximava, ²⁶a sentinela avistou um outro homem a correr. Gritou então ao porteiro: "Eis que um ho-

mem vem correndo sozinho". O rei disse: "Esse também traz uma boa notícia". ²⁷A sentinela disse: "Reconheço o modo de correr do primeiro: é como corre Aḥimáaš, filho de Šadoq". Disse o rei: "É um homem de bem. Ele vem para dar uma notícia muito boa". ²⁸Aḥimáaš gritou e disse ao rei: "Tudo vai bem". Prostrou-se com o rosto por terra diante do rei e disse: "Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que entregou os homens que se tinham revoltado" contra meu senhor, o rei!" ²⁹O rei perguntou: "Tudo vai bem com o jovem Absalão?" Aḥimáaš respondeu: "Vi muita agitação no momento em que ioab enviou um servo do rei junto com este teu servo, mas não sei qual o motivo". ³⁰Disse o rei: "Põe-te aqui de lado e espera". Ele se pôs de lado e ficou ali. ³¹Chegou então o kushita. O kushita disse: "Receba meu senhor o rei a boa notícia: hoje o SENHOR te fez justiça, livrando-te da mão de todos os teus adversários". ³²O rei disse ao kushita: "Tudo vai bem com o jovem Absalão?" O kushita respondeu: "Que tenham a mesma sorte desse jovem os inimigos de meu senhor o rei e todos os adversários que procuram a tua desgraça!"

19 Então o rei tremeu. Subiu para o quarto que fica por cima da porta e se pôs a chorar. Ele dizia enquanto caminhava: "Meu filho, Absalão, meu filho, meu filho! Absalão, por que não morri eu em teu lugar? Absalão, meu filho, meu filho!" ²Preveniram a ioab: "Eis, lhe disseram, o rei chora e se lamenta por causa de Absalão". ³Nesse dia a vi-

m. Cf. Gn 35,20 (túmulo de Raquel). Flávio Josefo (*Antiquidades judaicas* 7,243) situa o monumento de Absalão (e o vale do Rei, cf. Gn 14,17) a "dois estádios de Jerusalém". O atual "túmulo de Absalão" no vale do Cedron é, na realidade, da época helenística.

n. Esta tradição contradiz 14,27. Conforme um texto de Ugarit, um filho tem o dever de erigir a estela funerária para o pai.

o. Lit. *chamou a estela segundo seu nome*, expressão jurídica atestada sobretudo nos textos de origem sacerdotal (cf. Gn 48,6; Ex 28,11.21; 39,6.14; Dt 3,14; 25,6; 1Rs 16,24; Ez 48,31; Esd 2,61; Ne 7,63).

p. Comparar as cenas análogas (porém mais convencionais) de 1,2-4; 11,22-24; 1Sm 4,12-18.

q. Cf. Gn 2,10 nota. A presença de kushitas entre aqueles que

convivem com o rei é ainda atestada no tempo de Jeremias (cf. Jr 38,7-13).

r. Gr., lat., sir. acrescentam: *Ele disse*.

s. Lit. *o círculo*, ou: *o Distrito do Jordão* (cf. Gn 13,10; 19,17, etc.).

t. No cômodo coberto e guarnecido de banquetas, disposto entre a porta exterior e a porta interior da cidade. O edifício comportava um andar (cf. 19,1) e um terraço com acesso à muralha (18,24).

u. Gr., sir.: *em direção à porta*.

v. Gr. (recensão lucianica): *aproximou-se*.

w. Lit. *que tinham levantado a mão* (cf. 20,21).

x. Lit. *de todos aqueles que se levantaram contra ti* (cf. v. 32; Dt 28,7; Sl 3,2; 92,12, etc.).

Lm 5,15 tória se transformou em luto para todo o povo, porque o povo ouviu dizer nesse dia: "O rei está muito angustiado por causa de seu filho". "O povo, nesse dia, entrou furtivamente na cidade, como faria um povo envergonhado de ter fugido ao combate. ^{15,30} "O rei cobrira o rosto e gritava em alta voz: "Meu filho, Absalão, Absalão, meu filho, meu filho!"

"Ioab veio à procura do rei no interior da casa e lhe disse: "Hoje cobres de vergonha o rosto de todos os teus servos que, hoje, salvaram a tua vida, a dos teus filhos e de tuas filhas, a das tuas mulheres e das tuas concubinas. ⁷Amas aqueles que te detestam e detestas aqueles que te amam. Hoje deste a conhecer que chefes e servos nada são para ti. Pois bem, hoje compreendo que, se Absalão estivesse vivo e todos nós, mortos, acharias isso normal, hoje. ⁸Agora levanta-te e vai dar ânimo aos teus servos. Juro pelo SENHOR, se não fores, ninguém passará contigo esta noite, e isso será para ti um mal maior que todos os males que cáram sobre ti desde tua juventude até agora". ⁹Então o rei se levantou e veio assentar-se à porta, e foi anunciado a todo o povo: "Eis que o rei está assentado à porta!" E todo o povo compareceu à presença do rei.

A volta de David⁷. Israel fugira, cada um para sua tenda. ¹⁰Em todas as tribos de Israel, o povo todo discutia. Dizia-se: ^{10,17} "O rei nos libertou da mão de nossos ^{3,18} inimigos, nos livrou da mão dos filisteus, e agora teve de fugir da terra para escapar de Absalão. ¹¹Quanto a Absalão, ^{5,17} que tínhamos ungido para ser o nosso

chefe, morreu na guerra. Que esperais ainda para trazer o rei de volta?"

¹²Do seu lado, o rei David mandou dizer aos sacerdotes ⁷Adoq e ⁸Ebiatar: "Falai aos anciãos de Judá" e dizei-lhes: "Por que seríeis vós os últimos a trazer de volta o rei para a casa, quando o que diz todo Israel chegou até o rei em sua casa? ¹³Vós sois meus irmãos. Vós sois meus ossos e minha carne". Por que seríeis os últimos a fazer o rei voltar?" ¹⁴E direis a Amasá: "Não és tu meus ossos e minha carne? Que Deus me faça o pior, se não substituíres Ioab como chefe permanente de meu exército!" ¹⁵David mudou a opinião de todos os homens de Judá, como de um só homem⁸. Mandaram, então, dizer ao rei: "Volta, tu e todos os teus servos!"

Shimeí. ¹⁶O rei voltou e chegou até o Jordão. Judá tinha vindo a Guilgal para encontrar-se com o rei e fazê-lo atravessar o Jordão. ¹⁷Shimeí, filho de Guará, o benjaminita de Bahurim, se apressou em descer com os homens de Judá ao encontro do rei David. ¹⁸Estavam com ele mil homens de Benjamin, como também ⁹Shibá, o criado da casa de Saul, com seus quinze filhos e seus vinte servos. Eles deviam se precipitar ao Jordão adiante do rei, ¹⁹enquanto a jangada atravessava^d, para fazer passar a família do rei e executar tudo o que lhe parecesse bem. Shimeí, filho de Guará, lançando-se aos pés do rei, enquanto este atravessava o Jordão, ²⁰disse-lhe: "Que o meu senhor não me tenha por culpado. E não te lembres do mal que teu servo cometeu no dia em que o rei meu se-

y. Ainda que Absalão tenha feito tudo para os unir a si, os israelitas do Norte, decepcionados com a sua derrota, são os primeiros a pensar em voltar a David. Este comunica isso aos judaítas, seus compatriotas, pelos quais ele deseja ser reconhecido em primeiro lugar. Suscita entre estes e os israelitas uma emulação que vai criar nova tensão (vv. 41-44). No caminho da volta, David vai reencontrar os personagens típicos que encontrara ao fugir de Jerusalém (cf. 16,1): Shimeí, Shibá e Mefibôset. Magnânimo em relação a esses últimos, mostra-se para com Barzilai tão grato quanto atencioso.

z. Como os *anciãos de Israel* junto de Absalão (cf. 17,4 nota).

os *anciãos de Judá* (1Sm 30,26; 2Rs 23,1) pareciam exercer aqui o papel de conselheiros (cf., talvez, 1Rs 12,6-16).

a. Cf. 5,1 nota.

b. Cf. 17,25 nota. O afastamento de Ioab parece servir para facilitar a adesão dos judaítas, por razões que desconhecemos.

c. Lit. *Ele inclinou o coração de todos os homens de Judá como se fosse um só homem*.

d. Lat. *eles atravessaram o vau*; sir.: *eles prepararam a passagem* (ou: *as barcas?*); gr.: *eles puseram tudo em dia*. O termo traduzido por *jangada* (segundo os comentários rabínicos) significa *passagem* em 15,28.

nhor deixou Jerusalém. Que o rei não guarde isso no coração! ²¹Pois teu servo reconhece: eu pequei. Mas, hoje, sou o primeiro de toda a casa de José^e a descer ao encontro de meu senhor o rei". ²²Abishai^f, filho de Şeruiá, interveio e disse: "Há algum motivo para que Shimeí^g não seja morto, ele que amaldiçoou o messias do SENHOR?" ²³David disse: "Que há entre mim e vós, filhos de Şeruiá, para que vos comporteis hoje como acusadores a meu respeito? Num dia como este poderá alguém ser condenado à morte em Israel? Acaso não estou hoje seguro de ser o rei de Israel?" ²⁴O rei disse a Shimeí: "Tu não morrestás". E o rei jurou.

^{4.4: 16.1-4} **Mefibôshet.** ²⁵Mefibôshet, filho de Saul, desceu ao encontro do rei. Ele não cuidara de seus pés, nem de seu bigode, nem lavara suas vestes, desde o dia em que o rei saíra até esse dia em que voltou são e salvo. ²⁶Quando veio a Jerusalém^h ao encontro do rei, este lhe perguntou: "Por que não vieste comigo, Mefibôshet?" ²⁷Ele respondeu: "Meu senhor o rei, meu servo me enganou. Meu servo tinha dito a si mesmo: 'Vou selar minha jumenta, montá-la e partir com o rei' — pois teu servo é coxo. ²⁸Ele caluniou teu servo perante meu senhor o rei. Mas meu senhor o rei é como o anjo de Deus. Faze pois o que te parecer melhor. ²⁹De fato, para meu senhor o rei, toda a casa de meu pai não contava senão como gente que merecia a morte e, contudo, aceitaste teu servo entre aqueles que comem à tua mesa. Tenho ainda algum

direito? Que posso ainda reclamar do rei?" ³⁰O rei lhe disse: "Por que continuar a falar? Eu o declaro: Tu e Şibá repartireis as terras". ³¹Mefibôshet disse ao rei: "Que ele tome tudo para si, já que meu senhor o rei voltou para casa são e salvo".

Barzilai. ³²Barzilai, o guileadita, descera de Roguelim. Atravessou o Jordão com o rei, despedindo-se dele perto do Jordão. ³³Barzilai era muito idoso, ele tinha oitenta anos. É ele que tinha provido ao sustento do rei quando este se retirara a Maḥanāim, porque Barzilai era um homem muito importante. ³⁴O rei disse a Barzilai: "Continua comigo e eu proveerei ao teu sustento junto de mim em Jerusalém". ³⁵Barzilai respondeu ao rei: "Quantos anos de vida me restam ainda para subir com o rei a Jerusalém? ³⁶Tenho hoje oitenta anos. Posso ainda distinguir o que serve do que não presta? Teu servo pode apreciar ainda o que come e o que bebe? Posso ainda ouvir a voz dos cantores e das cantoras? Por que teu servo seria então um peso a meu senhor o rei? ³⁷Por pouco teu servo passaria o Jordão com o rei. Mas por que o rei me daria tal recompensa? ³⁸Permite a teu servo voltar, e que eu possa morrer na minha cidade perto do túmulo de meu pai e de minha mãe. Mas aqui está o teu servo Kimhâm. Que ele continue com meu senhor, o rei, e faz por ele o que for bom aos teus olhos". ³⁹O rei disse: "Que Kimhâm continue comigo e farei por ele o que te agradar, e tudo o que de mim desejares, eu te farei". ⁴⁰Todo o povo

e. Lat. traduz: *primeiro de toda a casa de José*. As outras versões são equívocas (*primeiro de ou antes*) e não sem razão. De um lado, não parece certo que Shimeí, o benjaminita, que se faz acompanhar por mil homens de Benjamin (v. 18), se considere como sendo parte da *casa de José* (a expressão designava outrora as tribos de Efraim e Manasses, cf. Js 17,17; Jz 1,22.23.35; 1Rs 11,28). De outro lado, *toda a casa de José* poderia aplicar-se ao conjunto do reino do Norte, distinto da *casa de Judá* (2,7.10.11); conforme 3,19, Benjamin se ligou a David ao mesmo tempo que Israel.

f. O protesto de Abishai (dando o título *messias do Senhor*, excepcional para David) e a repulsa do rei (cf. 16,9) foram introduzidos pelo revisor hostil aos filhos de Şeruiá e imbuído da

ideologia real. O v. 24 poderia ser a continuação do v. 21. g. Lit. *Será que, por isso, não se condenará à morte Shimeí?* Por isso se refere ao que precede, isto é, à "submissão" (Qimbi) de Shimeí, e não ao que se segue (*porque ele amaldiçoou*), como entendem os modernos.

h. Enquanto a cena anterior (vv. 16-24) e a seguinte (vv. 32-40) acontecem na proximidade do Jordão, Mefibôshet encontra David em Jerusalém. A indicação confirmada pelo v. 31 (*na sua casa*) mostra que a tradição situava o episódio depois da reinstalação de David. O autor a deslocou para fazer corresponder um episódio da volta a um episódio da fuga (16,1-4).

i. David não está totalmente convencido pela bajulação de Mefibôshet e não anula completamente a decisão de 16,4.

passou o Jordão, e o rei também passou.
 13,25 Depois o rei abraçou Barzilai e o abençoou. E ele voltou para a sua casa¹. ¹O rei prosseguiu em direção a Guilgal, e Kimhâm ficou com ele.

Israel e Judá. Todo o povo de Judá e a metade do povo de Israel tinham feito o rei passar². ²Aproximando-se do rei, os homens de Israel lhe declararam: "Por que os nossos irmãos, os homens de Judá, se apossaram de ti e fizeram passar o Jordão ao rei e à sua família, enquanto todos os homens de David estavam com ele?" ³"Todos os homens de Judá responderam aos homens de Israel: "O rei é mais próximo de mim. E por que te irritas com isso? Por acaso comemos alguma coisa à custa do rei? Ou reservaram alguma coisa para nós?" ⁴"Os homens de Israel responderam aos homens de Judá: "Tenho dez vezes mais direito do que tu sobre o rei e mesmo sobre David¹. Por que fizeste tão pouco caso de mim? Não fui eu por primeiro que falei de fazer voltar o meu rei?" ⁵Mas as palavras dos homens de Judá tiveram mais força que as dos homens de Israel.

20 Revolta de Sheba^m. ¹"Encontrava-se ali, casualmente", um canalha chamado Sheba, filho de Bikri, um benjaminita. Ele tocou a trompa e declarou:

"Nós não temos parte com David, nem patrimônio com o filho de Jessé.

Cada qual para as suas tendas, ó Israel!" ^{1Rs 12,16}
²Todos os homens de Israel voltaram atrás, abandonando David para seguir ^{15,13} Sheba, filho de Bikri. Mas os homens de Judá permaneceram apegados ao seu rei, desde o Jordão até Jerusalém.

³David voltou para seu palácio em Jerusalém. O rei tomou as dez concubinas que deixara para guardar o palácio e as manteve numa dependência sob guarda. Ele proveu ao seu sustento, mas não mais se aproximou delas. Elas permaneceram isoladas até o dia de sua morte, qual viúvas de marido vivo¹.

⁴O rei disse a Amasá²: "Convoca-me dentro de três dias todos os homens de Judá. Depois apresenta-te aqui". ⁵Amasá foi convocar os homens de Judá, mas demorou-se além do prazo fixado por David. ⁶David disse a Abishai³: "Agora, Sheba, filho de Bikri, vai nos causar mais dano do que Absalão. Toma, pois, os servos de teu mestre e ^{17,1} parte em perseguição a Sheba, para que ele não encontre para si cidades fortificadas e escape aos nossos olhos". ⁷Atrás de Abishai partiram os homens de Ioab, os kereteus, os peleteus e ^{8,1x: 10,7} todos os valentes⁴. Eles saíram de Jerusalém em perseguição de Sheba, filho de Bikri.

⁸Estavam perto da grande pedra que se acha em Guibeon, quando Amasá chegou diante deles. Ioab trajava sua roupa militar, sobre a qual trazia um cinturão com uma espada¹ dentro de sua bainha e ^{15m 17, 38-39; 18,4} amarrada à altura dos rins. Quando ele

J. O episódio de Barzilai desenvolve a alusão de 17,27 a este personagem e prepara sobretudo a decisão de David quanto ao testamento registrada em 1Rs 2,7, como 19,16-24 prepara 1Rs 2,8-9. Pode-se pensar que o trecho é inspirado por realidades do reino de Salomão, cuja corte talvez seja evocada no v. 36.

k. Ao passo que o v. 41b fala do povo e da metade do povo de Israel, o v. 42 fala dos homens e de todos os homens de Israel. A segunda redação parece mais antiga que a primeira.

l. Lit. *Tenho dez partes no rei e mesmo em David, eu mais que tu*. As dez tribos (cf. 1Rs 11,31) têm mais direito sobre o rei que a única tribo de Judá, mesmo o rei sendo judaíta. Gr. acrescenta: *sou teu irmão mais velho*. Certos termos desta polêmica correspondem a realidades políticas posteriores à época de David.

m. Seqüela da revolta de Absalão, a insurreição de Sheba, filho de Bikri, manifesta a hostilidade latente entre as tribos e a fragilidade da união em torno de uma pessoa (cf. 5,3 nota);

aqui se anuncia a ruptura que será consumada sob Roboão (1Rs 12).

n. Pode-se compreender, com o gr.: *fora convocado* (à assembléia de Guilgal, cf. Nm 1,16).

o. O hebr. apresenta dois termos que rimam entre si, o primeiro deriva do substantivo *viúva* e o segundo do substantivo *vida*. Gr.: *viúvas vivas*; lat.: *vivendo na viuvez*; aram.: *viúvas cujo marido estava ainda vivo*; sir.: *elas se tornaram viúvas*. Notícia provindo do autor de 16,21-22.

p. Cf. 17,25 nota; 19,14.

q. Sir.: *a ioab*.

r. Tradução incerta. Gr. (recensão luciânica) supõe: *que não nos escape; gr.: não cubra de sombra os nossos olhos; aram.: e não nos ponha em dificuldade*.

s. Estes são os corpos constituindo o exército profissional.

t. Gr.: *estava cingido com uma espada*.

saiu, ela caiu". ⁹Ioab disse a Amasá: "Tu do bem, meu irmão?" A mão direita de Ioab tocou a barba de Amasá, para beijá-lo. ¹⁰Amasá não reparara a espada que estava na mão de Ioab. Este o feriu no ventre, e suas entranhas se derramaram por terra. Amasá morreu sem que Ioab precisasse dar-lhe um segundo golpe.

Ioab, com seu irmão Abishai, pôs-se a perseguir Sheba, filho de Bikri. ¹¹Um dos moços de Ioab permanecera perto de Amasá. O moço disse: "Quem for partidário de Ioab, quem estiver a favor de David, siga Ioab!" ¹²Enquanto isso, Amasá rolara em seu próprio sangue no meio da estrada, e o homem percebeu que todo o povo se detinha ali. Então ele removeu Amasá do caminho para o campo e atirou sobre ele uma cobertura, quando viu que todos os que passavam perto dele se detinham. ¹³Depois que o retirou do caminho, todos os homens passaram, seguindo Ioab na perseguição de Sheba, filho de Bikri. ¹⁴Este percorreu todas as tribos de Israel até chegar a Abel-Bet-Maaká, a todos os beritas*. Mas estes não ligaram* e passaram a persegui-lo. ¹⁵Eles* vieram assediá-lo em Abel-Bet-Maaká. Eles levantaram um aterro contra a cidade atingindo a altura da antemuralha. Todo o povo que estava com Ioab solapava a muralha para fazê-la ruir. ¹⁶Uma mulher sagaz se pôs a gritar: "Es-

cutai! Escutai! Dizei a Ioab: 'Aproximate daqui. Eu quero te falar'". ¹⁷Ioab aproximou-se dela, e a mulher lhe disse: "És tu, Ioab?" Ele respondeu: "Sou". Ela lhe disse: "Escuta as palavras de tua serva". Ele respondeu: "Estou escutando". ¹⁸Ela prosseguiu nestes termos: "Sempre se deve dizer antes de tudo: 'Que se consulte Abel, e a questão está resolvida'". ¹⁹"Eu sou o que há de mais pacífico* e mais seguro em Israel. E tu procuras destruir uma cidade-mãe em Israel. Por que queres arruinar o patrimônio do SENHOR?" ²⁰Ioab respondeu e disse: "Abominação, abominação sobre mim, se eu arruinar e se eu destruir!" ²¹Não se trata disso. Mas um homem da montanha de Efraim, chamado Sheba, filho de Bikri, se revoltou contra o rei David. Entregai-me somente ele, e eu levantarei o cerco da cidade". A mulher disse a Ioab: "Está bem. A cabeça dele te será jogada por cima da muralha". ²²A mulher participou a todo povo o seu parecer tão sensato. Cortaram então a cabeça de Sheba, filho de Bikri, e a jogaram para Ioab. Ioab fez soar a trompa, levantaram o cerco e se dispersaram, cada qual na direção de suas tendas. Ioab regressou a Jerusalém, para junto do rei.

Os funcionários de David^b. ²³Ioab comandava todo o exército de Is-

u. Lit. e *ele saiu* e (mesmo movimento em Jz 3.24) *ela caiu*. Gr.: e a espada saiu e caiu; aram: *ele saiu e caminhou*. Apesar de sua concisão, o texto não é incompreensível: no momento em que Ioab avança em direção de Amasá, sua espada cai por terra (o que não deve ter sido por acaso); ao se inclinar para abraçar Amasá, Ioab apanha discretamente sua espada com a mão esquerda e, se levantando, fere Amasá no ventre. É com a mão esquerda que Ehud apunhalou Eglon, conforme Jz 3.21. Assim como o assassinato de Abner pelo próprio Ioab, em 3.22-30, também o de Amasá é contado com frieza. Explica-se com igual facilidade. Sube-se que Ioab tinha sido destituído por Absalão em proveito de Amasá (17.25). David parece ter sido forçado a manter essa nomeação, mas dá um jeito para tornar o cargo impossível para Amasá, a fim de dar seu lugar a Abishai, irmão de Ioab (20.4-6). A sequência mostra Ioab novamente à testa das tropas.

v. Cidade do norte de Israel, nas proximidades de Dan (cf. 1Rs 15.20; 2Rs 15.29).

w. Palavra desconhecida. Lat. supõe: e todos os jovens; gr. parece supor: e todos os bikritas (isto é, membros do clã de Sheba, filho de Bikri); gr. (recensão lucianica) e sir.: e todos as

cidades (ligadas a Abel-Bet-Maaká, conforme a pontuação do hebr.).

x. "Texto escrito": "texto lido" e versões (exceto sir., que não traduz): *remirar-se*. O enigma da palavra *berim* torna todo o v. ininteligível. Se é um nome étnico, trata-se de partidários de Sheba que o seguem, ou de adversários que o perseguem? Optamos pela segunda hipótese.

y. Há muita hesitação acerca do sentido do que se segue. A mulher pára o ataque brutal de Ioab apresentando-lhe, ao que parece, que os israelitas escolherão seu partido na guerra civil em função daquilo que Ioab tiver feito a Abel.

z. Ao passo que Ioab começou a atacar a cidade sem perguntar se queria talvez a paz (cf. Dt 20.10). Agiu portanto com uma brutalidade que só podia prejudicar sua causa.

a. A mulher sensata (lit. *sábia*, v. 16, cf. 14.2) fala em nome da cidade, como a mulher de Teqoa se identifica com o povo de Deus (cf. 14.16 nota). Seu discurso convence Ioab, que nesta história é descrito sem animosidade.

b. O cap. 20 conclui o relato da revolta de Absalão e de suas consequências imediatas: graças à decisão de Ioab, a ordem é restabelecida no reino. A lista dos funcionários de David (vv.

rael^c. Benaia, filho de Iehoiadá, comandava os kereteus e os peleteus.
²⁴Adorâm^d estava à frente da corvéia. Iehoshafat, filho de Añilud, era o arauto;

²⁵Sheva era secretário; Şadoq e Ebiatar eram sacerdotes. ²⁶Havia também Irá, o iairita^e; David o tinha como sacerdote.

APÊNDICES^f

Gn 12,10;
26,1

21 Fome e execução dos descendentes de Saul^f. Houve, no tempo de David, uma fome que durou três anos consecutivos. David consultou o SENHOR^h, e o SENHOR disse: "Isso visa a Saul e a essa família sanguináriaⁱ, porque ele matou os guibeonitas". ²O rei convocou os guibeonitas e lhes falou sobre isso. Os guibeonitas^j não faziam parte dos filhos de Israel^k, mas se ligavam aos remanescentes dos emoritas. Os filhos de Israel se tinham comprometido com eles mediante juramento. Saul, porém, no seu excesso de zelo pelos filhos de Israel e

Dt 3,11;
Js 13,12

1Sm 14,24;
Sl 37,1

de Judá, procurara eliminá-los. ³Por isso disse David aos guibeonitas: "Que devo fazer por vós^l, e como posso eu fazer reparação^m, para que abençoeis o patrimônioⁿ do SENHOR?" ⁴Os guibeonitas lhe disseram: "Não temos com Saul e sua casa uma questão de prata ou de ouro, nem é o caso de fazermos morrer qualquer um de Israel^o". O rei respondeu: "Farei por vós tudo o que disserdes". ⁵Eles disseram ao rei: "O homem que pretendeu nos exterminar e que já nos acreditou eliminados de todo o território de Israel, ⁶que nos sejam entregues sete

Dt 7,22-23

23-26, em simetria com 8,16-18) recorda, a seu modo, a estabilidade do poder. A divisão, que é assim marcada na história da sucessão (retomada em 1Rs 1), não se apresenta, portanto, inteiramente artificial: decorreram vários anos entre a revolta de Absalão e os últimos dias de David.

c. Lit. *tudo o exército, Israel*, cf. 10,7 nota.

d. *Adorâm* (cf. 1Rs 12,18) é chamado de *Adonirâm* em 1Rs 4,6; 5,28.

e. Sobre Iair, cf. Nm 32,41; Dt 3,14; Js 13,30; 1Rs 4,13.

f. Os seis apêndices agrupados em 2Sm 21-24, que interrompem a história da sucessão de David e fizeram de *Samuel e Reis* livros distintos, se correspondem dois a dois: o começo e o fim tratam do esconjuro religioso de uma calamidade (fome em 21,1-14, peste em 24); com as anedotas referentes aos quatro campeões filisteus derrotados pelos companheiros de David (21,15-22) faz par à lista dos valentes de David (23,8-39); no centro, estão um salmo real (22 = Sl 18) e o poema intitulado *Últimas palavras de David* (23,1-7). Este plano concêntrico pode ser resultado de uma intercalação sucessiva dos suplementos que foram recolhidos. Pode também corresponder a uma intenção do último redator que aproveitou a pausa marcada no relato pela volta à paz interna (cf. 20,23 nota) para inserir composições líricas (cf. Gn 49; Dt 32-33) e, em torno delas, talvez, tradições históricas que antes não tinham encontrado lugar. As notícias sobre os valentes de David e sobre os campeões filisteus são comparáveis àquelas que indicam uma pausa nos capítulos precedentes (cf. 1Sm 14,47-52; 2Sm 8; 20,23-26). As narrativas referentes à fome e à peste contam episódios importantes que o historiador da sucessão de David não tinha conservado, talvez porque um não era segundo as suas intenções (21), e outro, estranho às suas preocupações principais (24).

g. A prece do rei hitita Mursil II (séc. XIV) atribui à violação de um tratado a calamidade que devastou o país. O mesmo acontece aqui: a penúria tem como causa a violação de um tratado que Israel concluía com os habitantes de Guibeon (cf. Js 9,4

nota). Para fazê-la cessar, David entrega aos guibeonitas sete descendentes daquele que perjurou. Sua execução tem toda a aparência de um ritual de fertilidade, destinado a atrair a chuva (vv. 6,9-10). Ao mesmo tempo que esconjurava a fome, David conseguia desemburçar-se de eventuais concorrentes. O historiador da sucessão não ignorava tal acontecimento (cf. 9,3 nota), mas sua preocupação em mostrar a clemência de David para com os descendentes de Saul (cf. 9,1 nota) o proibia de relatá-lo. Por isso, o episódio foi relegado aos "Suplementos". A tradição que o transmitia deixou no capítulo traços de seu primeiro estágio, nos vv. 1,2a.4a.6.8-10. A redação sublinha que o rei agiu segundo a vontade do Senhor, fazendo apenas justiça aos guibeonitas, sem deixar de ter piedade de Saul e de seus familiares. Os retoques se reconhecem pela linguagem tardia e parecem ter sido feitos por um redator que conhecia a história de David tal qual a relatam os capítulos precedentes.

h. Lit. *David procurou a face do Senhor*. A mesma expressão se encontra em Os 5,15, onde o contexto, litúrgico, faz alusão à volta da chuva (cf. Os 6,3 nota).

i. Lit. *casa de sangue*; cf. 16,7 nota. Gr.: *a falta cai sobre Saul e sobre a sua casa, porque ele levou os guibeonitas a uma morte sangrenta*.

j. A lembrança histórica dos guibeonitas parece ter sido introduzida pelo redator (cf. Js 9,15-20).

k. Mesma expressão em Jz 19,12; 1Rs 9,20.

l. Mesma expressão em Gn 27,37; Ex 17,4 (tradições "eloísta"); 1Sm 10,2; 2Rs 4,2.

m. O mesmo verbo hebraico é traduzido por *absolver* ou *celebrar o rito de absolvição* nos textos "sacerdotais". Trata-se, portanto, de uma reparação cultural, visando obter a *bênção* capaz de neutralizar a maldição que sofre o país.

n. Cf. 1Sm 10,1 nota.

o. Os guibeonitas não querem ter por vítima um israelita qualquer, ou então recordam discretamente que o direito de vida e de morte não lhes pertence.

de seus descendentes, e nós os esquitejaremos^p diante do SENHOR, em Guibeá de Saul^q, o escolhido^r do SENHOR". O rei respondeu: "Eu os entregarei".^s Mas o rei poupou a Mefibôshet, filho de Jônatan, filho de Saul, por causa do juramento pelo SENHOR que existia entre eles — entre David e Jônatan, filho de Saul. ^tO rei tomou os dois filhos que Rispa^u, filha de Aiá, tinha dado a Saul, Armoni e Mefibôshet, e os cinco filhos que Mikal, filha de Saul, dera a Adriel^v, filho de Barzilai, de Meholá, ^we os entregou nas mãos dos guibeonitas, que os esquitejaram sobre a montanha diante do SENHOR. Os sete sucumbiram juntos. Foram executados nos primeiros dias da colheita, no início da colheita da cevada^x.

^y"Rispa, filha de Aiá, tomou um saco" e o estendeu sobre o rochedo, desde o começo da colheita até que a água do céu caiu sobre eles. Ela não permitiu às aves do céu pousarem sobre eles durante o dia, nem os animais selvagens durante a noite. ^z"Informaram a David sobre o que fizera Rispa, filha de Aiá, a concubina de Saul. ^{aa}David foi buscar os ossos de Saul e os de Jônatan, seu filho, com os cidadãos de Iabesh de Gilead, que os tinham roubado da praça de Bet-Shean, onde os filisteus os haviam pendurado,

no dia em que derrotaram Saul, em Guilboa. ^{ab}Ele trouxe de lá os ossos de Saul e de seu filho Jônatan, e recolheram os ossos dos supliciados. ^{ac}Enterraram os ossos de Saul e de seu filho Jônatan na terra de Benjamin, em Sela, no túmulo^{ad} de Qish, seu pai. Fizeram, assim, tudo o que o rei ordenara. Depois disso, Deus se mostrou propício^{ae} ao país.

Heróis da guerra contra os filisteus.

^{af}Houve ainda um combate entre os filisteus e Israel. David desceu, juntamente com os seus servos, para combater os filisteus. David se sentiu fatigado. ^{ag}Iishbi-be-Nob^{ah}, que pertencia aos descendentes de Harafá^{ai}, e cuja lança pesava trezentos siclos^{aj}, peso do bronze, e que estava equipado^{ak} de novo, falava em matar David. ^{al}Mas Abishai^{am}, filho de Sereuiá, veio em seu auxílio e feriu de morte o filisteu. Foi então que os homens de David lhe rogaram dizendo: "Não saias mais conosco para o combate, a fim de que não apagues a lâmpada^{an} de Israel". ^{ao}Depois disso, houve também um combate contra os filisteus, em Gob. Foi então que Sibekai de Hushá matou Saf, descendente de Harafá.

^{ap}Houve ainda um combate contra os filisteus, em Gob. Elhanan, filho de Iaaaré-

p. O sentido deste verbo é incerto. Gr.: *expor ao sol* (cf. Nm 25.4); Áquila: *empalar*; lat.: *crucificar*; sir.: *sacrificar*. Parece que implica o deslocamento dos membros dos supliciados, pois se encontra em Gn 32.26, indicando que a articulação da coxa de Jacó foi deslocada.

q. Gr.: Áquila, Símaco: *em Guibeon de Saul*.

r. É a única passagem onde Saul recebe esse título. Lat. (tendencioso): *ourora o eleito do Senhor*.

s. Sobre Mefibôshet, cf. 4.4; 9.6-13; 16.3-4; 19.25-31.

t. Sobre Rispa, cf. 3.7.

u. Segundo 3.15, Mikal se tornara esposa de Paltiel (chamado Palti em 1Sm 25.44); Adriel é o nome do marido de Merab, filha mais velha de Saul (cf. 1Sm 18.19). Por isso adota-se muitas vezes uma leitura do gr. (reensão luciânica): *Merab* (em lugar de *Mikal*). Esta leitura talvez seja para harmonizar, assim como a paráfrase aramaica (*os cinco filhos de Merab que Mikal criara*). As tradições devem ter hesitado quanto ao nome do rival de David.

v. A colheita da cevada (cf. Rt 1.22; 2.23) se faz por ocasião da Páscoa.

w. Cf. 3.31 nota; 1Rs 21.27.

x. A mesma formulação em 2.32; 4.12; 17.23; Jz 8.32; 16.31.

y. O mesmo verbo em 24.25.

z. Os vv. 15-22 são às vezes associados a 5.17-22, mas se distinguem desta passagem pela ausência do elemento religioso e de toda elaboração literária. Poderia ser um indício daquilo que serviu de fonte para o primeiro historiador de David.

a. Transcrição do "texto lido" (também lat. e aram.); gr.: *Ieshbi*; "texto escrito"; e *habitaram em Nob*.

b. Cf. vv. 18.20.22. Gr.: *de Rafa*, aram.: *do gigante* pretendem reconhecer o singular do termo *refaim* (cf. Gn 14.5) neste vocábulo misterioso que talvez designasse um corpo militar filisteu. O fim do v. 15 e o início do v. 16 são traduzidos em gr. (reensão luciânica): *Dadu, filho de Iôas, que era um dos descendentes dos gigantes*, e em sir.: *David, Ioaab e Abishai foram aterrorizados por um gigante*.

c. Cerca de 3,5kg. Compare essas indicações, plausíveis, com o peso fantástico das armas de Goliat em 1Sm 17.5-7.

d. Lit. *cingido*. Gr.: *com uma maça*; Símaco: *com uma espada*; lat., sir.: *com uma espada nova*; aram.: *com um cinturão novo*.

e. Sobre Abishai, cf. 1Sm 26.6 nota.

f. A lâmpada acesa, como a brasa da lareira em 14.7, indica que ainda há vida numa casa. A imagem significa, portanto, que a vida do rei é necessária à existência da nação.

1Sm 20,
14-16,42

1Sm 17,46

Gn 50,25;
Ex 13,19

1Sm 31,
11-13

Jz 18,28

18,3

1Rs 11,36;
15,4;
2Rs 8,19

1Cr 20,4-8

-Oreguim*, de Bet-Lehem, matou Goliath de Gat, cuja haste de lança era como um fuso de tceclão^h.

²⁰Houve ainda um combate em Gat. Havia ali um guerreiro que tinha seis dedos nas mãos e seis dedos nos pés, ao todo vinte e quatro dedos. Ele também era descendente de Harafá. ²¹Ele lançou um desafio a Israel. E Iehonatan, filho de Shimeá, irmão de David, o matou.

1Sm 17,10

1Sm 13,3

²²Esses quatro eram descendentes de Harafá, em Gat, e tombaram sob os golpes de David e de seus servosⁱ.

SI 18

22 Salmo de David^l. ¹David dirigiu ao SENHOR as palavras deste cântico, no dia em que o SENHOR o livrou da mão de todos os seus inimigos e da mão de Saul. ²Ele disse:

O SENHOR é minha rocha, minha fortaleza, meu libertador.

³Deus, o rochedo onde me refugio, meu escudo, arma de minha vitória, minha cidadela,

meu abrigo, meu salvador, tu me salvas dos violentos.

⁴Louvado seja ele! Eu invoquei o SENHOR e venci meus inimigos.

⁵As vagas da morte me cercavam, as torrentes de Belial me surpreenderam.

⁶Os laços do Sheol me rodearam, as ciladas da morte estavam armadas diante de mim.

⁷Na minha aflição, eu clamei pelo SENHOR, eu clamei pelo meu Deus. De seu Templo, ele ouviu a minha voz; meu grito chegou aos seus ouvidos.

⁸Então a terra tremeu e abalou-se; os alicerces dos céus estremeeceram, foram abalados quando ele manifestou a sua ira.

⁹De suas narinas ergueu-se uma fumaça, de sua boca, um fogo devorador com brasas ardentes.

¹⁰Ele desdobrou os céus e desceu, espessa nuvem sob os seus pés.

¹¹No carro do querubim, ele voou, surgindo sobre as asas do vento.

¹²Ele fez das trevas que o envolviam seu abrigo,

água acumulada, nuvens sobre nuvens!

¹³Um clarão o precedeu, brasas chamejaram.

¹⁴O SENHOR tropeja do alto dos céus, o Altíssimo faz ouvir a sua voz.

¹⁵Lançou as flechas e os dispersou; o relâmpago, e os afugentou.

¹⁶E o fundo do mar apareceu. Os fundamentos do mundo ficam a descoberto,

pela increpação do SENHOR, pelo sopro exalado por suas narinas.

¹⁷Das alturas, ele me manda segurar, retira-me das grandes águas.

¹⁸Liberta-me de meu inimigo poderoso, desses adversários mais fortes do que eu.

¹⁹No dia de minha derrota, eles me afrontaram, mas o SENHOR foi meu apoio.

²⁰Libertou-me, deu-me campo aberto; salvou-me, pois me ama.

²¹O SENHOR me trata conforme a minha justiça, me trata conforme a pureza de minhas mãos,

²²pois eu guardei os caminhos do SENHOR, não fui infiel ao meu Deus.

²³Todas as suas leis sempre estiveram diante de mim, e de seus mandamentos não me desvio.

²⁴Fui íntegro para com ele, e me guardei de toda falta.

²⁵Então o SENHOR me retribuiu segundo a minha justiça, segundo minha pureza, que ele viu com seus próprios olhos.

²⁶Com o fiel, tu és fiel;

g. I. lit. *florestas de tceclões*. O texto parece corrompido, pois o termo *tceclão* aparece no final do v. em sir.: *filho de Maluf, o tceclão*; 1Cr 20,5; *Elhanan, filho de Iair* (são usadas as mesmas consoantes do termo hebraico significando floresta).

h. Cf. 1Sm 17,4 nota. Aram. identifica Elhanan e David. Outra tentativa de harmonização encontra-se em 1Cr 20,5; Elhanan teria matado um irmão de Goliath.

i. David não combateu pessoalmente os quatro filisteus. Ce-deu-se-lhe o mérito das façanhas de seus servos?

j. Em grande parte, uma ação de graças por uma vitória, este salmo régio fornecia uma conclusão poética adequada para a história das rebeliões de Absalão e de Sheba. Insiste também na reciprocidade das relações entre Deus e o homem (cf. vv. 21-27) e parece assim influenciado, à diferença de 23,1-7, pela teologia

- com o nobre íntegro, és íntegro.
- ²⁷ Com o puro, tu és puro;
com o perverso, és tortuoso.
- ²⁸ Tornas vencedor um povo humilhado,
mas atiras teu olhar sobre os que se exaltam.
- ²⁹ Minha lâmpada, SENHOR, és tu;
o SENHOR ilumina minhas trevas.
- ³⁰ Contigo eu salto o fosso,
com o meu Deus transponho a muralha.
- ³¹ Deste Deus, perfeito é seu caminho,
a palavra do SENHOR deu prova de seu valor.
Ele é o escudo dos que nele se refugiam.
- ³² Quem é Deus, senão o SENHOR?
Quem é Rochedo, senão nosso Deus?
- ³³ Este Deus é meu baluarte,
ele me faz percorrer um caminho perfeito.
- ³⁴ Ele torna os meus pés como os das corças.
Ele me mantém nas minhas alturas.
- ³⁵ Ele adentra minhas mãos para o combate,
e meus braços retesam o arco de bronze.
- ³⁶ Tu me dás teu escudo vencedor,
tua solicitude me engrandece.
- ³⁷ Tu alargas meus passos,
e meus tornozelos não vacilam.
- ³⁸ Persigo meus inimigos, eu os aniquilo,
não volto antes de os ter aniquilado.
- ³⁹ Eu os devorei, os massacrei, eles não se levantam mais,
caíram sob os meus pés.
- ⁴⁰ Cinges-me de vigor para o combate,
Fazes curvar debaixo de mim os agressores.
- ⁴¹ Dos meus inimigos me apresentas a nuca,
exterminei os meus adversários.
- ⁴² Eles gritam, mas ninguém os socorre,
clamam ao SENHOR, mas ele não lhes responde.
- ⁴³ Faço deles poeira,
eu os esmago, os pisoteio como a lama das ruas.
- ⁴⁴ Livraste-me das revoltas de meu povo.
Tu me conservas à testa das nações.
Um povo desconhecido se põe a meu serviço;
- ⁴⁵ estrangeiros me cortejam,
à primeira palavra, me obedecem;
- ⁴⁶ estrangeiros desmoronam,
fora de seus redutos estão cercados.
- ⁴⁷ Ele vive, o SENHOR! Bendito seja o meu Rochedo!
Que triunfe Deus, o rochedo de minha vitória!
- ⁴⁸ Este Deus, ele me concede a vingança e submete a mim os povos.
- ⁴⁹ Tu me subtraís aos meus inimigos,
me fazes triunfar contra os meus agressores e me libertas dos homens violentos.
- ⁵⁰ Por isso eu te dou graças, ó SENHOR, entre as nações!
E em honra do teu nome, eu canto:
- ⁵¹ Ele concede grandes vitórias ao seu rei,
demonstra felicidade ao seu messias, a David e a sua dinastia, para sempre.

23 Últimas palavras de David^a. 'Eis as últimas palavras de David:

Oráculo¹ de David, filho de Jessé, oráculo do homem posto no alto^m, messias do Deus de Jacó e favorito dos cânticos de Israelⁿ.

22,51:
1Sm 2,10

² O espírito do SENHOR fala por mim, e sua palavra está na minha língua.

Mt 22,43

³ O Deus de Israel disse, o Rochedo de Israel me declarou: "Governa os homens segundo a justiça aquele que governa no temor de Deus".

Dt 32,31;
Is 30,29;
Sl 78,35

⁴ E como a luz da manhã, ao levantar do sol,

gia deuteronomista. O texto é quase idêntico ao Sl 18, onde se encontram as notas necessárias.

k. Comparável ao testemunho lírico de Jacó (Gn 49) pela posição que recebeu (cf. 21,1 nota), este poema celebra a justiça do rei através de uma imagem (vv. 3b-4) evocando o Sl 72,6 e, no v. 5, a aliança do Senhor com David, tema desenvolvido no Sl 89,29-38 (cf. 2Sm 7,14 nota). A justiça do rei e a harmonia que ela produz no reino são as consequências desse empenho espontâneo do Senhor em favor de David e de sua linhagem.

l. O texto hebraico apresenta o termo técnico usado normal-

mente para introduzir um oráculo profético (cf. Nm 24,3.4.15.16). David é assimilado aos profetas, porque está cheio do espírito do Senhor (cf. v. 2; 1Sm 16,13; Is 11,2).

m. Gr.: ... *que o Senhor elevou à condição de messias do Deus de Jacó*; sir.: ... *que pôs o jugo do messias e do Deus de Jacó*.

n. Sob a influência da tradição que atribui a David a composição dos Salmos (cf. Sr 47,8), lat., sir., aram. e os comentários rabínicos compreenderam: *o cantor favorito de Israel*. Gr.: (*Eis...*) *os cantos favoritos de Israel*.

numa manhã sem nuvens

— desse brilho, depois da chuva, a relva brota da terra —,

⁵ não é assim, não é, minha casa junto de Deus?

Pois ele me concedeu uma aliança eterna, ordenada em tudo e bem guardada?

Meus triunfos todos, tudo o que agrada, não os faz germinar?

Is 61,11

⁶ Mas os vadios são todos como o espinho^a que se rejeita.

Is 33,12

Não os arrancam por bráçadas?⁷

⁷ Quem os toca usa^a ferro e haste de lança: são queimados, queimados no lugar.

1Cr 11,

11-47

Os valentes de David^a. ⁸Eis os nomes dos valentes de David:

"Aquele que se mantinha em seu lugar", um tahkemonita^a, era chefe dos que usavam a couraça^a. É ele que..." sobre oitocentas vítimas de uma só vez.

⁹Depois dele, Eleazar, filho de Dodô, filho de um afohita. Ele estava entre os três guerreiros que acompanhavam David, quando desafiaram os filisteus ali reunidos para o combate. Os homens de Israel se retiraram. ¹⁰mas ele permaneceu firme e combateu os filisteus até que sua mão, fatigada, se crispou sobre a espada; e o SENHOR operou uma grande vitória naquele dia. O povo voltou atrás dele, mas somente para recolher os despojos.

1Sm 11,13;

19,5

^a. Antítese à relva do v. 4.

^p. Versões: *não se pode upanhá-los com a mão*. Mas o movimento da frase em hebraico é o mesmo que obriga a traduzir com uma interrogação os hemistíquios 5a e b.

^q. Lit. *se enche*; sir.: *é com o cabo do machado e com o ferro que são upanhados*. A imagem sugere que os vadios devem ser combatidos com armas.

^r. A perícope é menos homogênea que 21,15-22, embora tratando também do pessoal militar de David. Distinguem-se aqui: 1) tradições diversas a respeito de três valentes conhecidos pelo nome, mas desconhecidos alhures (vv. 8-12); 2) as aventuras heróicas de três combatentes anônimos pertencendo ao corpo dos Trinta (vv. 13-17); 3) três notícias simétricas acerca das façanhas de dois grandes guerreiros de David, Abishai e Benaiahu, obscuramente definidos em relação aos Três e os Trinta (vv. 18-23); 4) a lista dos Trinta (vv. 24-39).

^s. Gr.: *leboste*, o canaanita; recensão luciânica: *lesbaul*, filho de Thekemani (o que levou a reconstituir, em hebraico, "Ishbôset", cf. 1Sm 14,49 nota); 1Cr 11,11: *lusbobed*, filho de Hakmoni.

^t. O termo hebraico, que se encontra também no v. 18 ("texto escrito", se assemelha a um derivado do numeral *três*. Gr.:

¹¹Depois dele veio Shamá, filho de Aguê, o ararita. Os filisteus se reuniram num só corpo^a. Havia nesse lugar um campo coberto de lentilhas, e o povo fugia diante dos filisteus. ¹²Ele se postou no meio do campo, o recuperou, combateu os filisteus; e o SENHOR operou uma grande vitória.

¹³Três dos Trinta^a desceram em companhia^a, no tempo da colheita^a, e vieram ter com David, na gruta de Adulâm^a. Uma guarnição de filisteus acampava no vale dos Refaítas. ¹⁴David estava então em seu refúgio, e um posto de filisteus se encontrava em Bet-Lehem. ¹⁵David manifestou este desejo: "Quem me dará a beber a água da cisterna que está na porta de Bet-Lehem?" ¹⁶Os três guerreiros penetraram no acampamento dos filisteus, retiraram água da cisterna junto à porta de Bet-Lehem, trouxeram-na e ofereceram a David. Ele, porém, não quis bebê-la e a ofereceu em libação do SENHOR. ¹⁷Disse: "Que o SENHOR me abomine se eu fizer tal coisa! Este é o sangue dos homens que foram até lá, pondo em perigo suas vidas!" E ele não quis bebê-la. Eis o que fizeram esses três guerreiros.

¹⁸Abishai, irmão de Ioab e filhos de Şeruiá, era o chefe dos que usavam a couraça^a. Foi ele quem brandiu sua lança contra trezentas vítimas e alcançou reno-

primeiro do terceiro; sir.: *primeiro da terceira fileira*; lat.: *o primeiro dos três*. Há, em ugarítico, um nome de metal que parece ser homônimo ao numeral, daí a tradução proposta a título de hipótese.

^u. Duas palavras incompreensíveis que inspiraram aos antigos diversas parafrases (lat.: *semelhante a um minúsculo gorgulho*). Os modernos geralmente suprem com a tradução: "Foi ele quem brandiu sua lança", por analogia com o v. 18.

^v. Gr., sir.: *pura* (apanhar) *os animais*; segundo Qimhi: *em um vilarejo*; segundo outros, nome próprio de lugar: Lēhi (cf. Jz 15,17).

^w. "Texto lido" e versões: "texto escrito": *dos "Trinta" entre os trinta*, isto é, "alguns dos trinta", como se *trinta* fosse a designação própria do batalhão de elite e de seus membros.

^x. Lit. *cabeça* (que pode designar uma unidade militar, grupo ou seção em 1Sm 13,17-18); aram. e sir.: *três dos trinta chefes*; lat.: *antes*; as palavras faltam no gr.

^y. Gr.: *em Kusôn*; foi proposta a tradução "numa trincheira". z. Cf. 5,17 nota.

^a. "Texto escrito" (cf. v. 8 nota); "texto lido", gr. e lat.: *dos três*; sir.: *dos trinta*; aram.: *dos valentes*.

me entre os Três^b. ¹⁹De fato, ele recebeu mais honra do que os Três, e se tornou seu chefe, mas não se igualou aos Três.

^{20.23} ²⁰Benaiahu, filho de Iehoiadá, filho de um homem valoroso^c, cheio de grandes feitos, originário de Qabzeel, foi quem

^{8.2} feriu os dois Ariel^d de Moab. Foi ele quem desceu para abater um leão na cisterna, num dia de neve. ²¹Foi ele também quem matou um egípcio, homem de elevada estatura. O egípcio tinha na mão uma lança. Avançou em direção do egípcio com um bastão, arrancou-lhe a lança

1Sm 17.43

1Sm 17.51

da mão e o matou com própria lança dele. ²²Eis o que fez Benaiahu, filho de Iehoiadá, e obteve renome entre os Três valentes. ²³Ele recebeu mais honra que os Trinta, mas não se igualou aos Três. David o integrou a sua guarda pessoal.

^{2.18} ²⁴Asahel, irmão de Iobab, era contado entre os Trinta^e, e também Elhanan, filho de Dodô, de Bet-Lehem. ²⁵Shamá, o harodita, Eliqá, o harodita, ²⁶Héles, o paltita, Irá, filho de Iqesh, o tequoíta, ²⁷Abiézer, o anatotita, Mebunai, o hushatita, ²⁸Shelmon, o ahojita, Mahrai, o netofatita, ²⁹Héleb, filho de Baaná, o netofatita, Itai, filho de Ribai, de Guibeá dos benjaminitas, ³⁰Benaiahu, um pircatonita, Hidai, das Torrentes de Gáash, ³¹Abi-Albon, o arbatita, Azmávet, o barhumita,

³²Eliabá, o shaalbonita. Os filhos de Iashen: Iehonatan, ³³Shamá, o hararita, Ahiâm, filho de Sharar, o ararita, ³⁴Elifélet, filho de Ahasbai, filho do maakatita, Eliâm, filho de Ahitôfel, o guilonita, ³⁵Hesrai, o karmelita, Paarai, o arbita, ³⁶Igael, filho de Natan de Sobá, Bani, o gadita, ³⁷Seleq, o amonita, Nahrai, o beerotita, escudeiro de Iobab, filho de Seruiá, ³⁸Irá, o iitrita, Gareb, o iitrita, ³⁹Uriá, o hetita. Ao todo trinta e sete^f.

18.15

11.3

24 Recenseamento e peste^g. ¹A ira do SENHOR se inflamou ainda contra os israelitas, e ele instigou^h David contra eles dizendo: “Vai, faze o recenseamento de Israel e de Judá.” ²O rei disse a Iobab, chefe do exércitoⁱ, que estava com ele: “Percorre todas as tribos de Israel, de Dan a Beer-Sheba^j e fazei o recenseamento do povo para que eu conheça o seu número”. ³Iobab disse ao rei: “Que o SENHOR, teu Deus, aumente o povo cem vezes mais, e que meu senhor, o rei, o contemple com os seus próprios olhos! Mas por que meu senhor o rei deseja tal coisa?” ⁴A ordem do rei, contudo, se impôs a Iobab e aos chefes do exército, e Iobab se pôs a caminho com os chefes do exército real^k para recensear o povo de Israel. ⁵Passaram o Jordão e acamparam

1Cr 21

Nm 25.3;

32.13;

Js 7.1;

Jz 2.14-20;

3.8; 10.7;

2Rs 13.3

Dt 1.11;

Pr 14.28

b. Isto é, juntamente com o tahkemonita, com Eleazar e com Shamá. Sir. traduziu *trinta* ao invés de *três*, e também nos vv. 19.22.23.

c. “Texto lido”: “texto escrito”: *filho de Ish-Hai* (gr. recensão luciânica: *filho de Jessé* [Ishai]); lat. e sir.: *um homem valoroso*; falta no gr.

d. O sentido desse termo não é claro. Gr.: *os dois filhos de Ariel* (*Ariel* é nome de pessoa em Ecd 8.16); sir.: *valentes*; aram.: *príncipes*; lat.: *leões*. Comparando com *Ariel* de Isaías (cf. Is 29.1 nota), Gersônidas pensou que se tratasse de uma fortaleza. Mas o verbo *ferir* indica que aqui se trata de seres vivos, provavelmente guerreiros moabitas cujo título poderia ser: *leão de Deus*, ou seja “leão magnífico”.

e. A lista dos *Trinta* apresentada a partir do v. 24 ultrapassa esse número porque conta trinta e um nomes. Ignora-se, além disso, quantos seriam os filhos de Iashen mencionados no v. 32. Acidentes na transmissão podem ter corrompido o documento (há numerosas divergências com a lista dos heróis apresentada em 1Cr 11.26-47), mas se levará também em consideração que o corpo dos Trinta pode ter sofrido modificações em sua composição, no decorrer do tempo.

f. Talvez seja este o número preciso e tradicional do efetivo dos *Trinta*. Não é absolutamente seguro que se deva contar entre

eles os três valentes dos vv. 8-12, nem Abishai (vv. 18-19) e Benaiahu (vv. 20-23).

g. À base deste cap. encontra-se, com certeza, uma série de tradições que remontam até a época de David: a realização de um recenseamento (medida pouco apreciada pelas populações e que deveria ter sido respaldada por precauções religiosas, cf. Ex 30.12-13); a lembrança de uma peste da qual Jerusalém foi preservada, a fundação de um altar na *eira de Arayna*, o *iebusita* (identificada, em 2Cr 3.1, com a área do templo de Salomão). O autor que recolheu estes elementos fez do pecado do recenseamento uma “feliz culpa” (cuja iniciativa estava com Deus, conforme o v. 1), resultando em benefício público: a instauração de um culto expiatório.

h. A idéia de que tenha sido o Senhor a *instigar* (a mesma expressão ocorre em 1Sm 26.19) David incomodou o Cronista, que atribuiu essa iniciativa a Satanás (1Cr 21.1; cf. Jó 2.3).

i. Gr. (recensão luciânica): *e os chefes do exército* (cf. v. 4; 2Rs 9.5).

j. Cf. 1Sm 3.20. A tradição primitiva devia tratar somente de *recensear* o povo (o mesmo verbo ocorre em 1Sm 11.8; 13.15; 15.4).

k. Lit. *diante do rei*; gr. (recensão luciânica), lat. sir.: *saiu... da presença do rei*.

Dt 2,36 em Aroer¹, ao sul da cidade que está no desfiladeiro da torrente de Gad^m, depois foram em direção a lazerⁿ. ⁶Chegaram a Guilcad e na região baixa, a Hodshiⁿ. Atingiram Dan-Iáan^p e, continuaram o circuito rumo a Sídón^q. ⁷Entraram na Fortaleza-de-Tiro e em todas as cidades dos hevitais e dos canaanitas. Depois partiram para o Négueb de Judá, em direção de Beer-Sheba. ⁸Percorreram assim toda a terra e, ao cabo^r de nove meses e vinte dias, regressaram a Jerusalém. ⁹Ioab entregou ao rei os dados do recenseamento do povo: Israel contava oitocentos mil homens aptos para a guerra, capazes de manejar a espada, e Judá, quinhentos mil homens.

¹⁰David sentiu o seu coração bater, depois de ter recenseado o povo. David disse ao SENHOR: "Foi grave o pecado que eu cometi! Agora, SENHOR, digna-te passar por sobre a falta do teu servo, porque me comportei como um louco".

¹¹Quando David se levantou, na manhã seguinte, a palavra do SENHOR tinha chegado ao profeta Gad, o vidente^s de David, nestes termos: ¹²"Vai dizer a David: Assim fala o SENHOR: Faça pesar sobre ti três ameaças^t. Escolhe uma delas e a executarei". ¹³Gad foi então procurar David e o informou. Disse-lhe: "Queres sete anos^u de fome em tua terra, ou três

meses de derrota diante do inimigo que te persegue, ou três dias de peste em tua terra? Reflete, agora, e vê o que devo responder àquele que me enviou".

¹⁴David respondeu a Gad: "Estou em grande angústia... Caiamos antes nas mãos do SENHOR, porque grande é a sua misericórdia^v, mas que eu não caia nas mãos dos homens!"

¹⁵"O SENHOR mandou a peste a Israel, a partir daquela manhã até o tempo estabelecido, e morreram, dentre o povo, de Dan a Beer-Sheba, setenta mil homens. ¹⁶O anjo estendeu a mão na direção de Jerusalém para a destruir, mas o SENHOR renunciou a maltratá-la^w, e disse ao anjo que exterminava^x o povo: "Basta. Retira agora a tua mão". Ora, o anjo do SENHOR estava junto à eira de Aravna^y, o iebusita.

¹⁷David falou ao SENHOR, quando viu o anjo que afligia o povo. Disse: "Fui eu quem pecou e fui eu quem praticou o mal, mas estas ovelhas, que fizeram elas? Que tua mão pese sobre mim e sobre a minha família!"

¹⁸Nesse dia, Gad foi ter com David e lhe disse: "Sobe e ergue um altar ao SENHOR na eira de Aravna, o iebusita^z".

¹⁹David subiu como lhe dissera Gad, segundo a ordem do SENHOR. ²⁰Aravna olhou e viu o rei e seus servos, que se aproximavam dele. Aravna saiu e se pros-

1Rs 8,37;
Jr 21,7;
Ez 6,11;
7,15; 12,16;
14,12-20
1Sm 28,15

Jz 2,18;
Jn 3,9-10

Jz 6,21-24

Ez 34,31;
Sl 78,70-72
1Sm 5,9;
7,13; 12,15
7,14;
3,29; 14,9

1. Na Transjordânia, junto à fronteira de Moab (Nm 32,34; Dt 2,36, etc.).

m. Cf. Dt 2,36; Js 13,9.16. Gr. (recensão luciânica): *começaram por Aroer e pela cidade que está no meio da torrente, os gaditas...*

n. No território de Gad, cf. Nm 21,32; 32,1.3.35; Js 13,25; 21,39.

o. Tradução conjectural de um texto incerto (Hodshi é desconhecido). Gr. (recensão luciânica): *à terra dos hevitais, em Qadesh*; sir, omite o v. 6. Também foi proposta a leitura: "ao pé do Hermon".

p. Lat.: *Dan-a-floresta*. A repetição de Dan em gr. supõe: *chegaram em Dan e, de Dan, continuaram...*

q. Sídón e a Fortaleza-de-Tiro não pertenciam ao reino de David, mas essas duas cidades estavam junto à fronteira norte do país (cf. Js 19,28-29). O itinerário dos recenseadores nos vv. 5-7 parece percorrer as fronteiras de um reino davidico ideal e não pode passar por informação sobre um recenseamento autêntico. Oferece semelhanças com a literatura deuteronomista.

r. *Ao cabo de* (em sentido temporal) aparece em passagens relativamente tardias (assim Gn 8,3; Dt 14,28; Ez 3,16).

s. Cf. 1Sm 22,5 nota. Gad é ainda chamado de *vidente* em 1Cr

29,29; 2Cr 29,25, assim como outros profetas (Am 7,12; 2Cr 9,29; 12,15; 19,2); em 1Sm 9,9 é usada outra palavra hebraica. Aqui, o profeta não é somente um mensageiro de Deus junto dos homens; deve também levar a Deus a resposta do homem (no caso, a escolha de David), cf. 1Sm 12,23.

t. A tríade dos castigos (espada, fome, peste) é mencionada mais de quinze vezes em Jr e sete vezes em Ez. Foi inserida nos vv. 11-15 por um redator.

u. Duração convencional dos períodos de fome (cf. Gn 41,27).

v. A ideia da misericórdia divina é sublinhada nos textos líricos (Sl 51,3; 69,17; 119,157), no Dt (4,31; 13,18; 30,3) e em Jr.

w. Ao passo que o v. 15 faz intervir diretamente o Senhor, o v. 16 fala do anjo, o que mostra a diferença das redações.

x. Lit. *arrependeu-se do mal*. A mesma expressão ocorre em Jr 26,13.19; 42,10. Cf. Ex 32,14; Jr 18,8; Jl 2,13; Jn 3,10; 4,2.

y. Este anjo é comparável ao *Destruidor* (ou *Exterminador*) de Ex 12,23.

z. "Texto escrito": *Haorna*; gr.: *Orna*; 1Cr 21,15; *Ornan*.

a. Assim como o povo sofreu pela culpa do rei, David acredita poder expiar pelo povo.

b. Esta intervenção de Gad parece interromper um diálogo direto entre o Senhor e David.

trou diante do rei, rosto por terra. ²¹Disse Aravna: "Por que meu senhor o rei vem à casa de seu servo?" David respondeu: "Para comprar a tua eira, a fim de construir nela um altar ao SENHOR.

Gn 23,8-16

24,25;

Nm 17,

13,15;

Sl 106,30

Assim o flagelo será afastado do povo". ²²Aravna disse a David: "Que meu senhor o rei tome aquilo que lhe aprouver para oferecer o holocausto. Estás vendo, os bois servirão para o holocausto, o carro e a atrelagem dos bois fornecerão a lenha". ²³Tudo isso, o rei Aravna

1Sm 6,14;

1Rs 19,21

deu ao rei". Aravna disse ao rei: "Que o SENHOR, teu Deus, te seja propício!"

²⁴Mas o rei respondeu a Aravna: "Não. Eu venho comprá-la pelo seu preço, e não quero oferecer ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que nada custam. E David comprou a eira e os bois por cinquenta siclos de prata. ²⁵Ali, David construiu um altar ao SENHOR e ofereceu holocausto e sacrifícios pacíficos. O SENHOR se mostrou propício à terra e o flagelo foi afastado de Israel.

21,14

24,21

c. Assim traduzem lat. e aram. (gr. e sir. omitem o rei). Segundo a opinião de alguns, trata-se do vestígio de uma tradição que

fazia de Aravna um rei iebusita (cf. Rashi, Qimhi, Gersônidas). Outra tradução: *Tudo isso, ó rei, Aravna vai dar ao rei.*

LIVROS DOS REIS

INTRODUÇÃO

Os Livros dos Reis cobrem um longo período da história de Israel. Os acontecimentos mais antigos, os últimos dias de David (1Rs 1,1-2,10), remontam a 972 a.C. aproximadamente, ao passo que a reabilitação do rei ioiakin (2Rs 25,27-30) data de 561 a.C. Ora, como o indica a lista dos livros bíblicos, os Livros dos Reis fazem parte dos Profetas Anteriores. Isto deve alertar o leitor para o fato de que, conquanto esses livros sejam ricos em dados históricos, não devem ser considerados primordialmente como livros históricos. Por seu conteúdo podem, de preferência, ser definidos como uma reflexão teológica sobre um período da história de Israel em que este povo era governado por reis.

Conteúdo dos Livros dos Reis

A) Fim do reinado de David e reinado de Salomão (1Rs 1-11)

David e a shunamita — Pretensões de Adonias à realeza — Reação do partido de Salomão e sua sagração em Guihon: 1Rs 1,1-40

Fracasso da conspiração de Adonias: 1Rs 1,41-53

Recomendações de David a Salomão: 1Rs 2,1-11
Sorte reservada a Adonias, a seus dois principais cúmplices e a Shimeí: 1Rs 2,12-46

Aparição do Senhor a Salomão — Julgamento de Salomão: 1Rs 3

Os grandes do reino — Administração de Salomão — Sabedoria de Salomão: 1Rs 4,1-5,14

Aliança com Hīrām, rei de Tiro, e preparativos para a construção do Templo: 1Rs 5,15-32

Construção do Templo e dos edifícios reais — Fabricação dos objetos de metal destinados ao Templo: 1Rs 6-7

Transferência da arca e dedicação do Templo — Nova aparição do Senhor a Salomão: 1Rs 8,1-9,9

Atividades diversas de Salomão: 1Rs 9,10-28

Visita da rainha de Shebá — Riquezas de Salomão: 1Rs 10

Pecado de Salomão — Revoltas no exterior — Anúncio do cisma a Jeroboão pelo profeta Ahiá: 1Rs 11

B) Do cisma ao fim do reino de Israel (1Rs 12-2Rs 17)

Cisma político e religioso — Jeroboão, rei de Israel: 1Rs 12

Profecia contra Betel: 1Rs 13

Ahiá anuncia a morte do filho de Jeroboão: 1Rs 14,1-20

Roboão, Abiã e Asá, reis de Judá: 1Rs 14,21-15,24

Nadab, Baeshá, Elá, Zimri, Omri e Acab, reis de Israel: 1Rs 15,25-16,34

Ciclo de Elias — A grande seca: Elias no Karit, depois em Sarepta; ressurreição do filho da viúva; o sacrifício do Camelo; Elias no Horeb 1Rs 17-19

Duas campanhas de Arâm contra Israel: cerco de Samaria e campanha em Afeq; intervenção de um profeta: 1Rs 20

Ciclo de Elias (continuação) — A vinha de Nabot: 1Rs 21

Campanha de Acab e de Josafat contra Arâm; intervenção de Miqueias; morte de Acab: 1Rs 22,1-40

Josafat, rei de Judá: 1Rs 22,41-51

Acazias, rei de Israel: 1Rs 22,52-54

Ciclo de Elias (fim) — A morte de Acazias — Ascensão do profeta; Eliseu, o herdeiro do espírito de Elias: 2Rs 1-2

Iorâm, rei de Israel: 2Rs 3,1-3

Ciclo de Eliseu — Expedição contra Moab — Alguns milagres: o milagre do óleo; ressurreição do filho da shunamita; saneamento da sopa envenenada; multiplicação dos pães; cura do leproso Naaman; o ferro que flutua; um destacamento arameu afetado de cegueira — Segundo cerco de Samaria pelos arameus — Os bens da shunamita — Escolha de Hazael como rei de Arâm: 2Rs 3,4-8,15
Iorâm e Acazias, reis de Judá: 2Rs 8,16-29

Ciclo de Eliseu (continuação): unção real sobre Iehu. Proclamação de sua realeza sobre Israel: 2Rs 9,1-13

Iehu, rei de Israel — A repressão ao baalismo: assassinato de Iorâm, de Acazias e de Izébel; exterminação da família real de Israel e dos irmãos de Acazias; exterminação de todos os servos de Báal: 2Rs 9,14-10,36

Reino de Ataliá em Judá — O sacerdote Ioiadá escolhe Joás para rei de Judá: 2Rs 11

Restauração do Templo — Ameaça dos arameus a Jerusalém: 2Rs 12

Joacaz e Joás, reis de Israel: 2Rs 13,1-13

Ciclo de Eliseu (fim): morte do profeta, seguida de dois milagres: 2Rs 13,14-25

Amasias, rei de Judá: 2Rs 14,1-22

Jeroboão II, rei de Israel: 2Rs 14,23-29

Azarias, rei de Judá: 2Rs 15,1-7

Zacarias, Shalum, Menahê, Peqahíá e Péqah, reis de Israel: 2Rs 15,8-31

Iotâm e Acáz, reis de Judá — Coalizão siro-efraimita; apelo à Assíria: 2Rs 16

Oséias, último rei de Israel — Tomada de Samaria e deportação — Reflexões sobre a causa da ruína do reino de Israel — Deportação de populações estrangeiras para Samaria; sincretismo religioso: 2Rs 17

C) Do fim do reino de Israel ao fim do reino de Judá (2Rs 18-25).

Ezequias, rei de Judá — Invasão assíria e intervenção de Isaías: 2Rs 18-19

Cura de Ezequias e embaixada babilônica; intervenções de Isaías: 2Rs 20

Manassés e Amon, reis de Judá: 2Rs 21

Josias, rei de Judá — Descoberta do livro da Lei — Reforma em Judá e em Israel: 2Rs 22,1-23,30

Joacaz, Joaquim, Ioiakin, reis de Judá — Primeira deportação: 2Rs 23,31-24,17

Sedecias, último rei de Judá — Ruína de Jerusalém e deportação: 2Rs 24,18-25,21

Godolias, governador de Judá; seu assassinato; parte da população foge para o Egito: 2Rs 25,22-26

Ioiakin é agraciado: 2Rs 25,27-30

Origem dos Livros dos Reis. Os Livros dos Reis, atualmente, nos são apresentados sob a forma de dois livros bem distintos. Na realidade, porém, os manuscritos da Bíblia hebraica constituem uma única obra. A divisão em dois livros deve ser atribuída a escritores gregos do século III a.C. Esta divisão, que paulatinamente acabou por prevalecer, cortou em dois — e de modo pouco hábil — o reino de Acázias (iniciado em 1Rs 22,52-54 e terminado em 2Rs 1), bem como o “ciclo de Elias” (iniciado em 1Rs 17 e terminado em 2Rs 1).

Considerados em si mesmos, os Livros dos Reis não constituem uma unidade fechada, vale dizer,

não foram concebidos independentemente de outros livros bíblicos. Já se emitiu a hipótese de que, primitivamente, fizessem parte de um conjunto histórico abrangendo os livros de Josué (talvez até mesmo o Deuteronômio), dos Juizes, de Samuel e dos Reis. Poder-se-ia até identificar um sinal dessa possibilidade no fato de 1Rs 1,1-2,11 ser a continuação imediata de 2Sm, que relatava o reino de Davi. Tal unidade é pressuposta para explicar a ulterior separação entre os dois livros (Sm e Rs).

A análise dos Livros dos Reis acima apresentada permite avaliar a diversidade de conteúdo desses livros, bem como as diferenciações entre os elementos que os compõem. O próprio autor menciona a utilização de elementos anteriores e cita algumas fontes às quais recorreu. Tal formação indica que a obra não nasceu de uma só feita, mas foi executada em diversas etapas. De fato, 1Rs 11,41; 14,19,29 etc. falam respectivamente de um livro dos “AtoS de Salomão”, de “Anais dos reis de Israel” e de “Anais dos reis de Judá”, que serviram de ponto de partida para a redação do texto que atualmente possuímos.

Mas os trechos que se referem a esses AtoS ou a esses Anais representam tão-somente uma parte de nossos livros. O autor, para sua obra, serviu-se ainda de outras fontes: parece, por exemplo, que teve conhecimento de arquivos provenientes do Templo (cf. 1Rs 4,1-6.7-19; 5,7-8). Em que proporções essas outras informações se constituíam em textos já escritos, ou será que provinham de meras tradições orais? A história da rainha de Shebá (1Rs 10,1-13) origina-se de uma tradição à parte. Os relatos concernentes ao rei Acab advêm de duas procedências muito diferentes: de um lado há textos que o condenam com o maior rigor, do outro, há textos que o mostram como um rei valoroso (1Rs 22,9,35). O que nos foi relatado sobre o rei Josias (2Rs 22,1-23,30) provém talvez em parte de outra fonte que não os Anais oficiais.

Ao lado dos relatos concernentes aos reis, há outras passagens mais peculiarmente dedicadas aos profetas e que constituem reminiscências conservadas por seus discípulos. Tais relatos foram anexados aos que se referem aos reis, de um lado, porque pertencem à mesma época e, de outro, porque narram as intervenções desses profetas junto aos reis. Assim compreendida, a obra contém os três grandes “ciclos” ou seqüências de relatos sobre os profetas Elias, Eliseu e Isaías,

sem falar de trechos mais abreviados sobre Ahíá, Miquéias, filho de Imli, ou a respeito de algum profeta que tenha permanecido no anonimato (1Rs 13; 2Rs 21,10-15).

Como foi possível reunir em um todo esses diferentes elementos? Aborda-se aqui um dos problemas mais difíceis da obra. É evidente que o autor que escreveu 2Rs 25,27-30 não é o mesmo que, falando na condição de contemporâneo dos acontecimentos relatados, descreveu a arca do Templo em 1Rs 8,7, ou narrou os fatos de 1Rs 9,21: deveria ter vivido mais de quatrocentos anos! A quem atribuir, então, a composição de Reis? Aventam-se várias hipóteses; a que aqui se propõe reúne a aprovação de grande número de exegetas.

Com os livros de Josué (alguns sábios incluíam até mesmo o Deuteronômio), dos Juízes e de Samuel, os Livros dos Reis constituiriam uma só e mesma obra.

Um primeiro redator teria composto os capítulos que abrangem de 1Rs 12 a 2Rs 20. Para essa elaboração, ter-se-ia baseado, de um lado, em uma cronologia dos reis de Judá e de Israel, e de outro lado, em textos de que faziam parte, em todo caso, os Atos de Salomão e os Anais dos Reis de Judá e de Israel. Provavelmente, utilizou também elementos da tradição oral, sem falar do que lhe tenha sido possível descrever como testemunha, pois ele parece ter presenciado a ruína de Jerusalém em 587 a.C. Pensou-se até que esse autor fosse um sacerdote que teria escrito por volta de 580 a.C. na própria Palestina.

Ainda na própria Palestina, uma geração mais tarde, em 550 a.C. aproximadamente, e antes do regresso dos exilados de Babilônia, um segundo redator teria retomado o trabalho de seu antecessor, completando-o com outros relatos e tradições de que dispunha. Assim, as lembranças que encontrara sobre David e a história de sua sucessão (as passagens de 2Sm que têm sua sequência em 1Rs 1,1-2,11) e textos sobre o cerco de Jerusalém (2Rs 18-19, paralelos a Is 36-39). Em sua obra teria também introduzido o que a tradição narrava sobre a visita da rainha de Shebá. Em vista da importância que os profetas e a Lei de Moisés desempenham em sua obra (que abrange de Js a 2Rs), chegou-se a pensar que esse segundo redator fosse oriundo do âmbito dos profetas e que, talvez, ele pessoalmente fosse um discípulo do profeta Jeremias.

Finalmente, por volta do final do século VI a.C., alguns acréscimos menores teriam sido incorporados ao livro, por escribas provenientes do âmbito dos levitas.

A cronologia dos Livros dos Reis. A cronologia dos Livros dos Reis apresenta problemas intrincados. Só foi possível determiná-la, partindo-se de uns raros pontos de referência que estabeleciam um contato seguro entre a História de Israel e a do Oriente Próximo. Alguns textos egípcios, os Anais e os documentos provenientes dos reis da Assíro-Babilônia foram especialmente valiosos para indicar com precisão a data de alguns acontecimentos.

Excetuando-se esses pontos fixos, os dados fornecidos pelos Livros dos Reis são muitas vezes difíceis de interpretar. Em primeiro lugar, as datas dos reinos de Judá são contadas com base nos reinados dos reis de Israel, e vice-versa, o que acarreta sempre certo número de imprecisões. Além disso, alguns erros de copistas (interversões ou confusões de números) introduziram aqui e ali certa desordem cronológica. Mais ainda, se sabemos com precisão que Salomão (1Rs 1) e Iotâm (2Rs 15,5) foram um e outro co-regentes de seus pais, podemos admitir que também tenham existido outros casos de co-regência, provocando assim certas defasagens de difícil avaliação, quando se trata de fixar uma escala cronológica para os diferentes reinos.

Descobriu-se, enfim, que não existe, para os Livros dos Reis, apenas uma ordem cronológica, mas diversos sistemas cronológicos, que se atropelam uns aos outros e cujas origens remontam às próprias fontes desses livros. Obtêm-se, assim, três resultados diferentes, conforme o critério adotado: para determinado período, somam-se ou os dados bíblicos concernentes aos reinos de Judá, ou ao reino de Israel, ou os dados fornecidos pelos sincronismos. Por exemplo, para o período que se estende do cisma até o término do reino de Acab (933-853), isto é, 80 anos de cronologia tal como a reconstituímos, o total dos reinos é de 84 anos para Judá, de 78 anos para o reino do Norte e, para os dados conseguidos pelos sincronismos, de 75 anos.

A cronologia aqui utilizada tenta levar em conta as mais recentes descobertas arqueológicas.

Teologia dos Livros dos Reis. Estes livros são, primordialmente, uma reflexão teológica sobre a

história do povo e dos reis. A história como tal é às vezes tratada de maneira muito sucinta: por exemplo, o reino de Omri, um dos grandes reis de Israel, é narrado com extrema superficialidade (1Rs 16,23-26); o cerco de Samaria, que se estendeu por três anos, e o desmoronamento do reino do Norte são resumidos em poucos versículos (2Rs 17,3-6; 18,9-12). Como se viu acima, os Livros dos Reis fazem realmente parte de uma grande obra histórica impregnada pela teologia deuteronomista (e, mediante esta, pela teologia dos profetas), como podem revelar seu vocabulário e a multiplicidade de expressões deuteronomistas (quanto à teologia do Deuterônomo, veja-se a Introdução a esse livro). Apenas alguns temas particularmente importantes dos Livros dos Reis são aqui ressaltados.

A) A realza. A obra contém toda uma teologia da realza, tal como a concebiam o autor deuteronomista e o profetismo. Um verdadeiro rei é aquele que guarda os preceitos do Senhor... anda em seus caminhos, observa suas leis, seus mandamentos, suas normas e exigências, conforme está escrito na Lei de Moisés (1Rs 2,3). A função real consiste em governar o povo com sabedoria e justiça, inclusive em “servi-lo” (1Rs 12,7), pois esse povo é propriedade de Deus (cf. 1Rs 3,8-9). A fidelidade ao Senhor e a dedicação em celebrá-lo corretamente o culto em Jerusalém constituem exigências imperiosas, e para cada reinado é feita uma rápida avaliação a esse respeito. Ora, raros são os reis que recebem aprovação! Em sua grande maioria são julgados severamente. Trinta e quatro vezes ressoa o refrão: Ele fez o mal aos olhos do Senhor. E não faltarão exemplos. Múltiplas são, com efeito, as infidelidades ao Senhor: cultos idólatras, construção de templos e altares dedicados a falsos deuses, consulta a deuses estrangeiros, opressões e violências de toda sorte contra o povo, perseguições aos profetas do Senhor, guerras empreendidas sem a aprovação de Deus, sacrifícios de crianças.

Uma das grandes acusações que o autor lança contra os reis (principalmente contra os do reino do Norte), é a de terem levado Israel a pecar, isto é, de o terem arrastado às celebrações contrárias à Lei. Conquanto alguns reis se tenham arrependido e se tenham considerado perdoados, o quadro é tão sombrio que a ruína dos reinos de Israel

e, depois, de Judá é vista como a consequência justa e necessária dos pecados cometidos pelos reis e dos que eles induziram seus súditos a cometer.

B) David e sua dinastia. Acima da série dos reis de Judá paira a figura do fundador da dinastia, David, chamado por vezes o “servo” de Deus (p. ex., 1Rs 3,6; 8,24; 11,13). Sua fidelidade ao Senhor, sua piedade — idealizada — vão servir de parâmetro para que se avalie o procedimento de seus sucessores. Assim é que Salomão caminha segundo as prescrições de David, seu pai (1Rs 3,3) ou que Asá fez o que é reto aos olhos do Senhor, como David, seu pai (1Rs 15,11). Ou que Josias seguiu exatamente o caminho de seu pai David (2Rs 22,2). Em 13,2, dir-se-á explicitamente que é na condição de filho de David que esse Josias porá termo à impiedade de Israel. Mas tal certificado de conformidade a David é conferido muito parcimoniosamente; o profeta Ahiá, ao contrário, especifica que Jeroboão não foi como David (1Rs 14,8).

Para o autor dos Reis, a desobediência dos sucessores de David foi a causa direta tanto do cisma entre os reinos de Israel e de Judá (1Rs 11,9-11), como da ruína deste último (cf. 2Rs 23,26s). Todavia, apesar da ameaça contida em 1Rs 2,4: se teus filhos procederem bem... jamais algum dos teus descendentes deixará de ocupar o trono de Israel (cf. 2Sm 7,12-16), esse autor vê perpetuar-se a promessa do Senhor à dinastia davídica. Deus conserva “uma lâmpada” (um príncipe da dinastia) em Jerusalém “por causa de David” e da promessa que lhe fizera (1Rs 15,11; 2Rs 8,19).

Enfim, os Livros dos Reis terminam com uma mensagem de esperança: o último descendente da dinastia davídica, apesar de deportado para a Caldéia, vê sua situação transformar-se. O rei de Babilônia manda-o “trocar suas vestes de prisioneiro” e concede-lhe a graça de comer todos os dias à mesa real.

C) Jerusalém e o Templo. Profundamente imbuídos do pensamento deuteronomista, os Livros dos Reis atribuem importância considerável a Jerusalém e ao culto celebrado no Templo. Acima de tudo, Jerusalém é a cidade “escolhida” por Deus (1Rs 8,12). Em seguida, é a cidade do Templo, e 1Rs 8,15-19 recorda que esse Templo tem como

origem o desejo de David de construir uma Casa “para o nome do SENHOR” (cf. 2Sm 7,1-16). A importância do santuário é claramente definida na oração de Salomão (1Rs 8,23-53), por ocasião da dedicação do Templo: este é na verdade o lugar do “encontro” (cf. a Tenda do Encontro, Ex 33,7) de Israel com seu Deus em todas as circunstâncias da vida nacional. Também o relato da reforma de Josias (2Rs 22-23) é dominado pelo Templo: no Templo se encontra o rolo da Lei, é em primeiro lugar o Templo que é purificado, e é o Templo que, doravante, deverá centralizar toda a vida sacrificial de Israel. Essa reforma marcou a tal ponto o autor bíblico que ele mencionará como que se desculando a antiga prática de oferecer sacrifícios fora de Jerusalém (1Rs 3,2; 22,44; 2Rs 12,4; 14,4; 15,4.35), conquanto, historicamente falando, o fato fosse perfeitamente legítimo (cf. Elias no Carmelo, 1Rs 18).

Graças à importância central atribuída ao Templo, os sacerdotes desempenhavam uma função preponderante na celebração do culto. Segundo a reforma de Josias, somente aos sacerdotes, e especificamente os de origem levítica, será reservado o direito de oferecer sacrifícios. 1Rs 8,1-6 já evoca o papel que desempenharam por ocasião da dedicação do Templo de Salomão. Enfim, aos sacerdotes é atribuído a preservação da dinastia davídica no momento em que Ataliá tentava extinguí-la (2Rs 11). O autor chega a enfatizar que Joás fez o que é reto aos olhos do Senhor porque o sacerdote ioiadá o educara (2Rs 12,3). E já fora um sacerdote que ungira Salomão (1Rs 1,39).

Em face da ordenação rigorosa de um culto centralizado em Jerusalém e dirigido por sacerdotes levitas, o autor dos Livros dos Reis manifesta total desaprovção à iniciativa tomada por Jeroboão de organizar o culto em outros santuários, como em Dan e em Betel. Seria esse o “pecado de Jeroboão” ou o “caminho de Jeroboão” (expressões que se repetem umas vinte vezes) e que ele condena radicalmente, como vinte vezes ainda acusará o mesmo rei de ter “levado Israel a pecar”, e seus sucessores, de o terem imitado. Para o autor, a desobediência à ordem de não oferecer sacrifícios senão em Jerusalém é tão grave que bastaria tão-somente essa inobservância para acarretar um julgamento global de condenação para o reinado de um rei, mesmo que este, em outras situações, houvesse testemunhado sua fide-

lidade ao Senhor, derrubando os altares de Báal (cf. 2Rs 3,1-3). Tais práticas cismáticas serão deploradas ainda após a ruína de Samaria (2Rs 17,32).

D) O profetismo. Nos Livros dos Reis, lugar de destaque é reservado aos profetas e às suas intervenções, quer em atos, quer em palavras. Não apenas Elias e Eliseu deram origem a tradições muito extensas, mas também outros profetas se vêem revestidos de grande autoridade: Natã, Shemaia, Ahia, Miqueias, Isaías, a profetisa Huldá. Ao lado dos milagres que lhes são atribuídos (principalmente a Elias e a Eliseu), a ação política que desenvolvem é considerada essencial. Assim, é Natã quem induz David a escolher Salomão como seu sucessor (1Rs 1,11-17), é Elias quem recebe a missão de ungir Hazeel como rei de Arã e Iehu como rei de Israel (1Rs 19,15s.; cf. 2Rs 9,1-3; 8,11-13). São os profetas que destroem reis e dinastias, pronunciando sobre os mesmos oráculos mortais: assim procedeu Ahia com Jeroboão (1Rs 14,10-11), Elias com Acab (1Rs 21,21-24). Em outra passagem, Isaías prediz a vitória do rei da Babilônia (2Rs 20,14-19). Em outras circunstâncias, porém, são eles que anunciam a vitória dos reis de Israel sobre seus inimigos (Eliseu: 2Rs 7,1; 13,17-19; Isaías: 2Rs 19), ou que intervêm por ocasião das operações militares (um profeta anônimo: 1Rs 20,13-14; Miqueias: 1Rs 22,19-28; Eliseu: 2Rs 3,9-19; 6,8-7,20). No relato da ruptura entre Israel e Judá, aparece um profeta com o objetivo de impedir uma guerra civil (Shemaia: 1Rs 12,22-24). Enfim, Elias intervém junto a Acab para acusá-lo de ter violado — e de que maneira — o direito ancestral de propriedade (1Rs 21,3-17s.).

Em todas essas situações, os profetas falam em nome do Senhor, proclamando seus apelos à obediência e suas promessas de proteção. É evidente a intenção que os move: fazer respeitar a Lei e o direito em Israel, como é possível observar ainda no papel que desempenha a profetisa Huldá por ocasião da descoberta do texto legislativo que irá acarretar a reforma de Josias (2Rs 22,14-20). Os profetas também atuam tanto no terreno religioso como no da moral ou da política, pois tudo deve ser submetido ao único “rei” de Israel (Is 6,5; 44,6; Zc 14,16; cf. Introd. aos Salmos: os cânticos do “Reino”).

PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

FIM DO REINADO DE DAVID E REINADO DE SALOMÃO

1 David e a shunamita. ¹Envelhecera o rei David e se encontrava em idade avançada; cobriam-no de roupas, sem conseguir, no entanto, aquecê-lo. ²Disseram-lhe os servos: "Deveriam procurar para meu senhor o rei uma jovem que estivesse a serviço do rei e lhe servisse de mulher. Partilharia teu leito^a, e meu senhor o rei, sentiria calor^b". ³Procuraram uma bela jovem por todo o território de Israel; encontraram Abishag, uma shunamita, e trouxeram-na ao rei. ⁴Era uma jovem extremamente bela, que lhe servia de mulher e cuidava dele. Entretanto, o rei não a conheceu^c.

Js 19,18

2Sm 3,4

2Sm 20, 23,25

2Sm 8, 17,18

Pretensões de Adonias à realeza. ⁵Adonias, filho de Haguit^d, assumia ares de príncipe, dizendo: "Sou eu quem reinará". Providenciou para si uma carruagem e cavalos e tomou uma escolta de cinquenta homens que corriam à sua frente^e. ⁶Seu pai, durante sua vida, nunca o repreendera, dizendo: "Por que ages assim?" Além disso, era também belíssimo, e sua mãe dera-o à luz depois de Absalão^a. ⁷Entrou ele em entendimentos com Iobab, filho de Şeruiá, e com o sacerdote Ebiatar, que o apoiaram. ⁸Todavia, nem o sacerdote Şadoq, nem Benaiáhu, filho de Iehoiadá, nem o profeta Natã, nem Shimeí, nem Reí ou os valentes de David eram partidários de

Adonias. ⁹Ele ofereceu em sacrifício^b carneiros, bois e bezerras cevados junto à pedra resvaladiça, do lado de En-Roguel¹, e convidou todos os seus irmãos, os filhos do rei, e todos os homens de Judá que estavam a serviço do rei. ¹⁰No entanto, não convidou o profeta Natã, nem Benaiáhu, nem os valentes, nem seu irmão Salomão.

Reação do partido de Salomão. Sua sagração em Guihon. ¹¹Natã disse então a Bat-Sheba, mãe de Salomão: "Não soubeste que Adonias, filho de Haguit, se fez rei, sem o conhecimento de nosso senhor David?" ¹²Agora, escuta! Vou dar-te um conselho: salva a tua vida e a de teu filho Salomão. ¹³Vai, entra nos aposentos do rei David e dize-lhe: 'Não foste tu, meu senhor o rei, quem fez este juramento à tua serva: É teu filho Salomão que reinará depois de mim, e é ele que há de sentar-se no meu trono?' Por que, então, Adonias se tornou rei?" ¹⁴E, enquanto ainda estiveres lá, falando com o rei, entrarei eu, por minha vez, e confirmarei tuas palavras".

2Sm 11,3; 12,24

¹⁵Bat-Sheba entrou nos aposentos do rei, no quarto particular. Estava o rei muito velho, e Abishag, a shunamita, o servia. ¹⁶Bat-Sheba inclinou-se e prostrou-se diante do rei; disse-lhe ele: "Que desejás?" ¹⁷Ela respondeu: "Meu senhor, fi-

a. Lit. *ela dormiria em teu seio*.

b. A respeito do remédio preconizado, cf. Ecl 4,11.

c. Na verdade, a jovem devia, senão ocupar o lugar, pelo menos representar eventualmente o papel da rainha, que estava idosa. Ela não foi, contudo, a "mulher do seu seio": Dt 13,7; 28,54; cf. Gn 16,5; Mt 7,5. O autor bíblico menciona aqui, discretamente, a impotência de Davi, a qual, no pensar antigo, era a prova de sua inaptidão para reinar. Compreendemos, assim, ainda melhor, as tentativas dos que o cercavam de se apoderarem do trono.

d. Uma das mulheres de David (cf. 2Sm 3,2-5). Adonias era meio-irmão de Absalão e também meio-irmão de Salomão.

e. A posição ocupada por Adonias, bem como sua idade, faziam dele o sucessor natural de David, embora este não o houvesse designado expressamente como tal. Adonias acreditou, pois,

que podia intrigar o pai e forçar as hesitações do mesmo; o autor bíblico, porém, julga o caso do ponto de vista de Salomão e condena essa tentativa.

f. Os batedores que antecedem uma pessoa ilustre ou nobre são sinal de sua autoridade.

g. Este v. parece enumerar os títulos de Adonias à sucessão de David: a aprovação tácita do rei à conduta de seu filho, a beleza deste último (cf. 1Sm 16,12,18), seu lugar de filho mais velho após a morte de Absalão.

h. Um ato religioso acompanharia normalmente a entronização de um novo rei. E foi quase como rei que Adonias convidou para tomar parte em sua mesa os parentes mais próximos.

i. Quer dizer, na fonte do Pisoeiro, a sudeste de Jerusalém, no vale do Cedron, na fronteira de Judá e Benjamin (Js 15,7; 18,16), e chamada atualmente Bir-Ayyub (Poço de Jó).

zeste à tua serva este juramento, pelo SENHOR, teu Deus: 'É teu filho Salomão quem reinará depois de mim, e é ele que há de sentar-se no meu trono'. ¹⁸Ora, eis que Adonias se proclamou rei e, no entanto, meu senhor o rei, de nada sabes! ¹⁹Ele ofereceu em sacrifício touros, bezerras cevadas e carneiros em quantidade e convidou todos os filhos do rei, assim como o sacerdote Ebiatar e o chefe do exército Ioab, mas não convidou teu servo Salomão. ²⁰Quanto a ti, meu senhor o rei, todo Israel tem os olhos fixos em ti para que lhe anuncies quem há de sentar-se no trono depois de meu senhor o rei. ²¹Quando meu senhor o rei, tiver adormecido com seus pais, eu e meu filho Salomão seremos tratados como criminosos^k".

²²Falava ela ainda com o rei, quando entrou o profeta Natan. ²³Anunciaram ao rei: "Está aí o profeta Natan!" Ele apresentou-se perante o rei, prostrou-se diante dele, o rosto por terra. ²⁴e disse: "Meu senhor, o rei, foste tu que ordenaste isso: 'Adonias reinará depois de mim e é ele que se há de sentar no meu trono'? ²⁵Pois ele desceu hoje (a En-Roguel!), ofereceu em sacrifício touros, bezerras cevadas e carneiros em quantidade, e convidou todos os filhos do rei, os chefes do exército e o sacerdote Ebiatar; eles estão comendo e bebendo em sua presença, dizendo: 'Viva o rei Adonias!' ²⁶Entretanto, a mim, teu servo, ao sacerdote Şadoq, a Benaiáhu, filho de Ioadá, e a teu servo Salomão, não nos convidou. ²⁷É de fato, por ordem de meu senhor o rei, que isso se está passando? Todavia, não deste a

conhecer a teu servo quem haveria de sentar-se no trono de meu senhor o rei, depois de ti". ²⁸O rei David respondeu: "Chamai-me Bat-Sheba!" Ela compareceu diante do rei e permaneceu de pé em sua presença. ²⁹O rei fez este juramento: "Certo como vive o SENHOR, que me libertou de toda a angústia, ³⁰como eu te jurei pelo SENHOR, Deus de Israel: 'É teu filho Salomão quem reinará depois de mim, é ele quem vai sentar-se no trono em meu lugar'. Hoje mesmo tomarei providências neste sentido". ³¹Bat-Sheba inclinou-se, a face por terra, prostrou-se diante do rei e disse: "Viva para sempre meu senhor o rei David".

³²O rei David disse então: "Chamai o sacerdote Şadoq, o profeta Natan e Benaiáhu, filho de Ioadá!" Apresentaram-se eles ao rei. ³³Ele lhes disse: "Tomai convosco os servos de vosso senhor; instalai meu filho Salomão em minha própria mula" e fazei-o descer a Guihon". ³⁴Lá, o sacerdote Şadoq e o profeta Natan lhe administrarão a unção que o sagrará rei de Israel, enquanto fareis ressoar a trompa e aclamareis: 'Viva o rei Salomão!' ³⁵Subireis depois atrás dele, e ele virá sentar-se em meu trono; é ele que reinará em meu lugar, é ele que eu constituo chefe de Israel e de Judá". ³⁶Benaiáhu, filho de Iehoiadá, respondeu ao rei: "Amém! Assim fala o SENHOR, o Deus de meu senhor o rei. ³⁷Como o SENHOR esteve com meu senhor o rei, assim há de estar com Salomão; ele há de elevar seu trono ainda mais alto que o de meu senhor o rei David. ³⁸O sacerdote Şadoq, o profeta Natan, Benaiáhu, filho de

j. Lit. *quem se vai sentar no trono de meu senhor o rei, depois dele?* Não se trata de uma abdicação de David, mas da indicação de um co-regente, costume amplamente atestado na Antiguidade.

k. O acesso de um rival ao poder se fazia acompanhar do extermínio de todo o partido oposto, a fim de evitar qualquer possível reivindicação futura. Cf. Jz 9,5; 1Rs 15,29; 2Rs 10,1-17; 11,1.

L. A En-Roguel: acrescentado para maior clareza do texto.

m. Gesto particularmente honorífico. Cf. Est 6,7-9.

n. Fonte no flanco da colina de Jerusalém e da qual o rei Ezequias, cerca de dois séculos e meio mais tarde, desviou as águas para o interior da cidade, por meio de um canal talhado

na rocha: confira 2Rs 20,20; 2Cr 32,30; Sr 48,17. Em nossos dias, essa fonte é chamada Ein-Sitti-Mariam, ou Umm-ed-Daraj.

o. Lit. *ungi-lo-ão rei*. A unção, rito muito antigo, devia pôr o novo rei numa relação muito especial com Deus e conferir-lhe uma força e vitalidade quase sobrenaturais.

p. *Chefe*: a palavra hebraica usada aqui distingue-se da palavra *rei*; é o primeiro título recebido pelos reis israelitas. Cf. 1Sm 9,16 nota. (Outros termos hebraicos são também traduzidos pelo vocábulo *chefe*.) A realeza de David caracterizava-se pela união que realizara entre os dois grupos constituídos pelas tribos de Judá e Israel. O velho rei determina particularmente que a unidade deve continuar.

lehoiadá, assim como os kereteus e os peleteus^q apcaram; instalaram Salomão sobre a mula do rei David e conduziram-no a Guihon. ³⁹O sacerdote Şadoq apañou na Tenda^r o chifre de óleo e administrou a Salomão a unção que o sagrava rei. Ao som da trompa, todo o povo gritou: "Viva o rei Salomão!" ⁴⁰O povo subiu atrás dele a tocar flauta^s e a exultar de júbilo, a tal ponto que a terra estalava com seus clamores.

Fracasso da conspiração de Adonias.

⁴¹Adonias e todos os seus convidados ouviram os clamores quando acabavam de comer. Ioab também ouviu o som da trompa e perguntou: "Por que este tumulto na cidade?" ⁴²Falava ele ainda, quando chegou Ionatan, filho do sacerdote Ebiatar. Adonias lhe disse: "Vem, és um homem de valor; com certeza tens uma boa nova a anunciar". ⁴³Ionatan respondeu a Adonias: "De modo algum! Nosso senhor, o rei David, proclamou rei a Salomão! ⁴⁴O rei enviou com ele o sacerdote Şadoq, o profeta Natan, Benaiáhu, filho de Ioiadá, os kereteus e os peleteus; e instalaram-no na mula do rei. ⁴⁵O sacerdote Şadoq e o profeta Natan fizeram-lhe a unção real em Guihon, de onde regressaram cheios de alegria. A cidade entusiasmou-se. É este o rumor que ouvis. ⁴⁶Sim, Salomão já se sentou no trono real. ⁴⁷Mais ainda: os servos do rei vieram felicitar^u nosso senhor, o rei David, dizendo: 'Que teu Deus torne o nome de Salomão ainda mais célebre do que o teu, e que ele engrandeça o seu trono ainda mais que o teu'. O rei prosternou-se, sobre o seu leito, ⁴⁸e assim falou: 'Bendito

seja o SENHOR, Deus de Israel', porque me deu hoje alguém^v para sentar-se em meu trono e meus olhos podem vê-lo". ⁴⁹Todos os convivas de Adonias estremeram, levantaram-se e fugiram, cada um para seu lado. ⁵⁰Quanto a Adonias, com medo de Salomão, levantou-se e foi abraçar-se aos chifres do altar. ⁵¹Salomão foi informado nestes termos: "Adonias, com medo do rei Salomão, foi abraçar-se aos chifres do altar, dizendo: 'Que o rei Salomão jure hoje que não matará o seu servo à espada!'" ⁵²Salomão disse: "Se ele proceder como homem de bem, não cairá um só de seus cabelos na terra; se nele, porém, se encontrar qualquer maldade, morrerá". ⁵³O rei Salomão enviou mensageiros para fazê-lo descer do altar. Ele prostrou-se diante do rei Salomão, e este disse: "Volta para tua casa!"

Lc 21,18

2 Recomendações de David a Salomão.

¹Como se aproximasse o momento de sua morte, David transmitiu suas ordens a seu filho Salomão. ²"Eu me vou pelo caminho de tudo o que é da terra; sê firme, sê um homem! ³Guarda os preceitos do SENHOR, teu Deus, anda em seus caminhos, observa suas leis, seus mandamentos, suas normas e exigências, conforme está escrito na Lei de Moisés. Se o fizeres, serás bem-sucedido em tudo quanto realizares e empreenderes. ⁴e o SENHOR cumprirá a palavra que me disse: 'Se teus filhos procederem bem, se andarem diante de mim com lealdade, com todo o coração e com todo o seu ser, sim, jamais faltará algum dos teus no trono de Israel'.

Js 23,14

Dt 8,6

2Sm 7, 12-16

q. Mercenários de origem estrangeira a serviço pessoal do rei. Cf. 2Sm 8,18.

r. Servia ela de santuário em Jerusalém, antes da construção do Templo por Salomão (2Sm 6,17). É lá que se conservava um chifre especialmente reservado às unções rituais.

s. A aclamação fazia parte do ritual da entronização. O acontecimento se apresenta como que englobando todo o povo, ao contrário da tentativa pessoal de Adonias (cf. 2Rs 11,13; 21,24; 23,30).

t. Sir., aram. e um ms. gr. conservaram um texto talvez melhor: *executando danças* (rituais).

u. Lit., *bendizer*, isto é, "fazer votos", "saudar", "felicitar".

v. No v. 47, os servos diziam: *teu Deus*. David percebe as coisas na perspectiva de todo o povo.

w. O gr. acrescenta aqui: *de minha raça*; o sir. e o aram. falam de um filho.

x. Não se podia levantar a mão contra alguém que se agarrasse aos chifres do altar (cf., entretanto, 2,28-34).

y. Note-se a rispidez da ordem: *poder-se-ia esperar um "vai em paz!"* A ordem do rei talvez seja um convite a Adonias para abandonar, daí por diante, toda atividade política (cf. 21,24; 22,17).

⁵Além disso, sabes o que me fez loab, filho de Şeruiá, sabes o que ele fez aos dois chefes do exército de Israel. A Abner, filho de Ner, e a Amasias, filho de Iéter^a: ele os matou, derramando em tempo de paz o sangue da guerra^b; manchou com o sangue da guerra a cintura de seus rins e a sandália de seus pés^b. ⁶Age conforme tua sabedoria^c, mas não permitas que suas câs desçam em paz à morada dos mortos. ⁷Por outro lado, usa de benevolência para com os filhos de Barzilai de Guilcad: permite que eles sejam teus comensais^d, pois tiveram para comigo a mesma bondade quando eu fugia de teu irmão Absalão^e. ⁸Olha, porém; acha-se perto de ti Shimeí, filho de Guerá, benjaminita de Bañurim, que me amaldiçoou de maneira atroz no dia da minha partida para Mañanaim; mas ele veio ao meu encontro no Jordão, e assim lhe jurei pelo SENHOR: 'Não te matarei com a espada'^f. ⁹Não o consideres, porém, quite comigo, pois tu és um homem sábio; saberás o que lhe debes fazer: farás descer no sangue suas câs à morada dos mortos^g".

¹⁰David adormeceu junto a seus pais e foi sepultado na Cidade de David. ¹¹A duração do reinado de David sobre Israel foi de quarenta anos; reinou sete anos em Hebron e trinta e três^h anos em Jerusalém.

Sorte reservada a Adonias, a seus cúmplices e a Shimeí. ¹²Salomão sentou-se no trono de David, seu pai, e sua realeza

firmou-se consideravelmenteⁱ. ¹³Adonias, filho de Haguít, procurou Bat-Sheba, mãe de Salomão. Disse-lhe ela: "Tua visita é de paz?" Ele respondeu: "Sim". ¹⁴Em seguida ele disse: "Tenho uma palavra a dizer-te". — "Fala!" respondeu ela. — ¹⁵"Bem sabes que a realeza me pertencia, e que todo Israel se voltava para mim a fim de que eu fosse rei^j. Contudo, a realeza afastou-se de mim e desviou-se para meu irmão; e é pela vontade do SENHOR que ele a conseguiu. ¹⁶Tenho agora apenas um pedido a fazer-te: não me repilas". Ela lhe disse: "Fala!" ¹⁷Respondeu ele: "Rogo-te que digas ao rei Salomão, que não há de recusá-lo, que me dê por mulher Abishag, a shunamita^k". ¹⁸Bat-Sheba respondeu: "Está bem! falarei eu mesma ao rei a teu respeito". ¹⁹Bat-Sheba entrou nos aposentos do rei Salomão para falar sobre Adonias. O rei levantou-se ao seu encontro e se prostrou diante dela; a seguir, sentou-se em seu trono e mandou instalar outro para a mãe do rei; ela sentou-se à sua direita^l. ²⁰Ela disse: "Gostaria de fazer-te um pequeno pedido! Não me rejeites". Respondeu-lhe o rei: "Pede, minha mãe! Não te repelirei". ²¹Ela disse: "Seria possível dar como esposa Abishag, a shunamita, a teu irmão Adonias?" ²²O rei Salomão respondeu a sua mãe: "Por que pedes Abishag, a shunamita, para Adonias? Pede antes a realeza para ele, já que é meu irmão mais velho! Para ele, para o sacerdote Ebiatar, para loab, filho

Gn 4.5:
25,23

2Sm 16,5-8

2Sm 19,
18-23

1Cr 29,27

z. Cf. 2Sm 3,26-27 e 20,8-10.

a. Lit. *derramando na paz o sangue da guerra*. Matar em tempo de guerra não era assassinato que atraísse vingança punitiva.

b. O rei podia ser considerado diante de Deus — e da opinião pública — responsável pelos atos praticados por seus servos. Os dois assassinatos cometidos por loab deixam em situação delicada a pessoa do rei. Assim o compreendeu certo ms grego, que chega a traduzir: "... o sangue da guerra sobre a cintura de meus rins e a sandália de meus pés".

c. Isto é: "usa de habilidade".

d. Comer à mesa de um rei significava ser seu protegido (cf. 2Rs 25,29-30) ou, em outros casos, ser guardado à vista (2Sm 9,10-11); trata-se aqui do primeiro caso.

e. Cf. 2Sm 17,27-29; 19,32-40.

f. Cf. 2Sm 16,5-13; 19,17-24.

g. Uma vez pronunciada, uma maldição não podia ser revogada;

contudo, suprimindo-se-lhe o autor, era possível escapar à mesma. David, em sua longanimidade, até então não interviu. Como a maldição pudesse recair sobre seu filho, encarregou-o de proteger-se, eliminando Shimeí. Mais do que uma vulgar vingança, essa dupla execução é antes uma purificação das taras que poderiam ameaçar a dinastia.

h. Não se pode datar com segurança o início do reinado de David. Deve-se situá-lo por volta do ano 1000 a.C.

i. Começo da realização da promessa de Natã a David (2Sm 7). A fórmula final do v. é quase idêntica à do v. 46.

j. Lit. *pôs o seu rosto sobre mim para reinar*.

k. Possuir a mulher do rei podia ser considerado como um sinal de direito ao trono. Cf. v. 22 e 2Sm 3,7; 16,21-22.

l. A Rainha-Mãe gozava em Israel e nos povos vizinhos de honrarias especiais. Cf. 15,13; Jr 13,18. Estar sentado à direita de alguém era esta lugar de honra. Cf. Sl 45,10; 110,1.

de Şeruiá^m!" ²³O rei Salomão jurou pelo SENHOR, dizendo: "Que Deus me faça o pior! Foi ao preço de sua vida que Adonias pronunciou essa palavra!" ²⁴Agora, certo como vive o SENHOR, que permitiui firmar-me solidamente, fazendo-me sentir no trono de David, meu pai e, conforme sua palavra, me introduziu numa linhagem realⁿ, hoje mesmo Adonias será morto". ²⁵O rei Salomão enviou Benaiáhu, filho de Ioiadá; este lançou-se sobre Adonias e o matou.

²⁶Quanto ao sacerdote Ebiatar, o rei lhe disse: "Vai para Anatotⁿ, para tuas terras, porque és um homem digno de morte; entretanto, não te matarei hoje, porque levaste a arca do Senhor DEUS à frente de David, meu pai, e partilhaste de todas as suas provações". ²⁷Salomão demitiu Ebiatar de sua função de sacerdote do SENHOR, a fim de cumprir a palavra que o SENHOR falara, em Shilô, contra a casa de Eli^p. ²⁸A notícia chegou até Iobab. — Iobab tomara partido por Adonias, mas não por Absalão. — Ele então se refugiou na Tenda do SENHOR, agarrando-se aos chifres do altarⁿ. ²⁹Comunicaram ao rei Salomão: "Iobab refugiou-se na Tenda do SENHOR e está ao lado do altar". Salomão enviou Benaiáhu, filho de Ioiadá, dizendo: "Vai, lança-te sobre ele!" ³⁰Benaiáhu entrou na Tenda do SENHOR e disse a Iobab: "Assim fala o rei: Sai!"; mas Iobab disse: "Não! Morrerei aqui!" Benaiáhu contou ao rei a maneira pela qual Iobab falara e respondera. ³¹O rei lhe disse: "Faze como ele disse: lança-te sobre ele, e depois o enterrarás. Afastarás assim de mim e da

casa de meu pai o sangue inocente derramado por Iobab. ³²O SENHOR faz o sangue dele recairⁿ sobre sua cabeça, porque ele se lançou contra dois homens mais justos e melhores do que ele e os matou com a espada, sem o conhecimento de David, meu pai: Abner filho de Ner, chefe do exército de Israel, e Amasá, filho de Iéter, general do exército de Judá. ³³Que o sangue deles recaia para sempre sobre a cabeça de Iobab e de todos os seus descendentes! Mas para David, sua posteridade, sua casa e seu trono haverá felicidade para todo o sempre, da parte do SENHOR!" ³⁴Benaiáhu, filho de Ioiadá, subiu, lançou-se contra Iobab e o matou; Iobab foi enterrado em sua casa, no deserto. ³⁵Para a chefia do exército, o rei destacou Benaiáhu e no lugar de Ebiatar pôs o sacerdote Şadoq. ³⁶O rei fez chamar à sua presença Shimeí e lhe disse: "Constrói para teu uso uma casa em Jerusalém; habitarás a cidade e dela não sairás para onde quer que seja". ³⁷Se te acontecer sair um dia e atravessar a torrente do Cedron, saibas que tua morte está marcada; teu sangue recairá sobre tua cabeça!" ³⁸Shimeí disse ao rei: "Está certa esta palavra; teu servo fará como ordenou meu senhor o rei"; e Shimeí permaneceu longo tempo em Jerusalém.

³⁹Três anos depois, entretanto, dois servos de Shimeí fugiram para junto de Akish, filho de Maaká, rei de Gat. Avisaram a Shimeí: "Teus servos estão em Gat". ⁴⁰Shimeí levantou-se, selou o juízo e partiu para junto de Akish, em Gat, em busca de seus servos. Shimeí fez apenas uma viagem de ida e volta

2Sm 3, 26-27

2Sm 20, 8-10

IRs 5,26

2Sm 15, 24-29

1Sm 22, 20-23

m. Salomão reage mais energeticamente ainda porque é rei há pouco tempo. Ele percebe imediatamente os dois homens que estão por trás de Adonias. As versões dizem: *ele tem por si Abiatar... e Iobab*.

n. *Ele fez-me uma casa*.

o. Aldeia que será a do profeta Jeremias, cerca de 5km a norte de Jerusalém.

p. Cf. 1Sm 2,30-36.

q. Adonias já havia praticado o mesmo gesto. Cf. 1,50, nota. r. Iobab se julga ameaçado unicamente em virtude de sua participação na tentativa de golpe de estado de Adonias; no entanto, Salomão persegue-o também como criminoso; cf. 2,5. A lei (Ex 21,14) não permite que o assassino voluntário seja protegido,

nem mesmo pelo altar. — Antes da ordem de Salomão a Benaiáhu, o texto grego traz estas palavras: Salomão mandou dizer a Iobab: "Que te aconteceu para que tenhas fugido para o altar?" Iobab disse: "Tive medo de ti e fugi para o Senhor".

s. Lit. *faz voltar*. O sangue recai sobre a cabeça do culpado e de seus descendentes. Cf. 2Sm 3,29; Sl 7,17; Mt 27,24-25. Ver, contudo, Ez 18.

t. Shimeí está assim guardado à vista e privado de contato com os membros de seu clã.

u. Isto é: "Serás tu mesmo responsável por tua morte".

v. Apesar da vitória de David sobre os filisteus, seus principais não deixaram de existir. Em duas ocasiões, aliás, David procurara refúgio junto de Akish, rei de Gat (1Sm 21,11; 27,2).

para trazer seus servos de Gat. ⁴¹Fizeram saber a Salomão que Shimeí tinha ido de Jerusalém a Gat e estava de volta. ⁴²O rei mandou chamar Shimeí e lhe disse: "Não te fiz jurar pelo SENHOR e não te avisei: 'No dia em que saíres da cidade para onde quer que seja, tua morte estará marcada?' Disseste-me: 'Está certa a palavra que ouvi...' ⁴³Por que não respeitaste o juramento feito diante do SENHOR" e a ordem que te dei?" ⁴⁴Em seguida o rei disse a Shimeí: "Conheces, e teu coração sabe todo o mal que fizeste a David, meu pai; por isso, o SENHOR faz recair tua maldade sobre tua cabeça. ⁴⁵O rei Salomão, contudo, será abençoado e o trono de David firmar-se-á para todo o sempre diante do SENHOR". ⁴⁶O rei deu uma ordem a Benaiáhu, filho de Ioiadá; este avançou, lançou-se sobre Shimeí, e o matou. Foi assim que a realza se consolidou na mão de Salomão.

3 Aparição do Senhor a Salomão. ¹Salomão tornou-se genro de Faraó^a, rei do Egito; casou-se com a filha dele e se

instalou na Cidade de David^b, até concluir a construção de sua própria casa, da Casa do SENHOR e da muralha em torno de Jerusalém^c. ²No entanto, o povo continuava a oferecer os seus sacrifícios nos lugares altos^d, porque, até aquela época, ainda não se havia construído uma Casa para o nome do SENHOR^e. ³Salomão amou o SENHOR, de modo que andou segundo as prescrições de David, seu pai; todavia, era nos lugares altos que ele oferecia os seus sacrifícios e queimava incenso^f.

⁴O rei dirigiu-se a Guibeon, para ali oferecer um sacrifício, por ser o principal lugar alto — Salomão oferecerá mil sacrifícios sobre este altar. ⁵Em Guibeon, o SENHOR apareceu uma noite em sonho a Salomão; e Deus lhe disse: "Pede! Que posso dar-te?" ⁶Salomão respondeu: "Trataste com grande fidelidade teu servo David, meu pai, porque ele caminhou diante de ti com lealdade, justiça e retidão de coração para contigo; conservaste-lhe uma grande fidelidade, dando-lhe um filho que está sentado em seu

2Sm 5.7

2Cr 1.7-13

2Sm 7.15

^a Lit. *o juramento do Senhor*. Salomão se reveste da autoridade de Deus para executar Shimeí e lançar sobre ele toda a responsabilidade por uma execução dessa sorte. O v. 45 especifica a vontade de Salomão de permanecer alheio a tal acontecimento.

^x Este casamento é, antes de tudo, uma aliança política, que valeu a Salomão a cidade de Guézer, que controlava a estrada litorânea (9.16). Não se pode identificar com certeza o nome do faraó em questão.

^y Trata-se da antiga fortaleza de Jerusalém (2Sm 5.7-9) conquistada por David. Lá, uma casa particular será construída para a filha do Faraó (1Rs 7.8).

^z A cidade de Jerusalém cresceu muito no decorrer dos séculos. As fortificações de Salomão (cf. 9.15), cujo traçado conhecemos hoje muito imperfeitamente, constituem uma das primeiras etapas do desenvolvimento da cidade.

^a Os lugares altos (cf. também 1Sm 9.12 nota) são elevações — naturais ou artificiais — sobre as quais os canaanitas ofereciam habitualmente sacrifícios aos seus deuses e praticavam certos ritos religiosos: ritos de fertilidade, culto aos mortos, prostituição sagrada. Os lugares altos eram providos de um altar e, sobretudo, de uma estela, provável símbolo da divindade, e de um poste sagrado, símbolo talvez da deusa Asherah ou, então, símbolo viril. Associados aos lugares altos, encontram-se muitas vezes árvores sagradas, provavelmente símbolos de fertilidade; sua presença talvez remonte aos tempos do nomadismo. Quando os hebreus se instalaram na Palestina, sofreram intensa influência das práticas dos canaanitas e se puseram a oferecer, nos mesmos lugares altos, seus sacrifícios ao Senhor. Com toda a razão, os lugares altos tornaram-se cada vez mais suspeitos aos

olhos dos profetas (Os 10.8; Am 7.9; Jr 3.2; Ez 20.28-29 etc.) e a todo um movimento cujos ecos percebemos nos livros dos Reis. O sincretismo que reinava nos lugares altos suscitava e mantinha no espírito dos adoradores muitos equívocos quanto à pessoa e à natureza da divindade que ali se adorava. No tempo de Salomão, ainda não se havia tomado consciência do perigo que os lugares altos representavam para a fé dos israelitas. Já sob Ezequias (2Rs 18.4), mas principalmente durante o reinado de Josias, em 622 a.C., foi proibido oferecer sacrifícios nos lugares altos (2Rs 22-23, particularmente 23.5.15.19); e qualquer cerimônia desse gênero devia ser celebrada no Templo de Jerusalém. Estas disposições só foram aplicadas muito superficial e momentaneamente. O uso dos lugares altos só veio a terminar com o Exílio em Babilônia.

^b O nome, no pensamento hebraico, é o equivalente da própria pessoa.

^c Os versículos 2 e 3 parecem ter sido escritos para desculpar Salomão de haver oferecido sacrifícios no lugar alto de Guibeon.

^d Este relato é importante, porquanto mostra que em Israel o rei era considerado intermediário entre Deus e o povo. É através da pessoa do rei que Deus governa; o rei é seu instrumento. Esta passagem mostra também que Salomão, como seus ilustres predecessores, os reis e os juizes, estava em contato direto com o Senhor e, portanto, era rei não somente por direito hereditário — sempre contestável — mas pela vontade de Deus. Mostra-se, enfim, que Salomão não considerava sua função como um privilégio pessoal, mas como um ministério a exercer em favor do povo do Senhor: ele não pede favores pessoais (cf. v. 11) e sim, a sabedoria, i. é, a faculdade de assumir eficazmente seu cargo, para o bem do povo.

trono^f. ⁷Agora, SENHOR, meu Deus, és tu que fazes teu servo reinar no lugar de David, meu pai, e eu não passo de um homem muito jovem^f, que não sabe governar^g. ⁸Teu servo se encontra no meio de teu povo, daquele povo que escolheste, tão numeroso que não se pode contar nem calcular, em virtude de sua multidão. ⁹É preciso que dês a teu servo um coração atento, para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal; de fato, quem seria capaz de governar o teu povo, este povo tão importante^h?"

¹⁰Este pedido agradou o SENHOR. ¹¹Deus lhe disse: "Já que me fizeste este pedido e não solicitaste nem longa vida, nem riqueza, nem a morteⁱ de teus inimigos, e sim o discernimento para governar com retidão, ¹²pois bem, vou agir segundo tuas palavras; dou-te um coração sábio e perspicaz, de modo que não houve teu igual antes de ti, nem haverá depois. ¹³Concedo-te até o que não pediste: tanto as riquezas como a glória, de tal modo que durante toda a tua vida não haverá, entre os reis, ninguém igual a ti. ¹⁴Se, como David, teu pai, andares pelos meus caminhos, observando minhas leis e mandamentos^j, prolongarei tua vida^k". ¹⁵Salomão despertou; tal foi o seu sonho. — Ele regressou a Jerusalém e permaneceu diante da arca da aliança do SENHORⁱ. Ofereceu holocaustos e sacrifícios de paz^m e deu um banquete para todos os seus servos.

Julgamento de Salomão. ¹⁶Duas prostitutas vieram então apresentar-se ao rei.

¹⁷Uma delas disse: "Suplico-te, meu senhor: eu e esta mulher moramos na mesma casa, e eu dei à luz enquanto ela aí se encontrava. ¹⁸Três dias após o meu parto, também esta mulher deu à luz. Ora, estávamos juntas, sem mais ninguém na casa; estávamos só nós duas. ¹⁹O filho desta mulher morreu durante a noite, porque ela se deitou em cima dele. ²⁰Ela se levantou no meio da noite, tomou o meu filho que estava a meu lado — tua serva dormia — e deitou-o em seu seio, deixando no meu o filho dela, morto. ²¹Levantei-me de manhã para amamentar o meu filho, mas ele estava morto. Quando clareou o dia, olhei atentamente, mas não era o meu filho, aquele que eu dera à luz". ²²A outra mulher disse: "Não! O vivo é o meu filho, o morto é o teu"; mas a primeira continuava a dizer: "Não! Teu filho é o morto e o meu é o vivo". Assim falavam elas diante do rei. ²³Então o rei falou: "Esta diz: 'Meu filho é o vivo, e o teu é o morto'; e aquela diz: 'Teu filho é o morto e o meu é o vivo'". ²⁴Disse o rei: "Trazei-me uma espada!" Apresentaram ao rei uma espada. ²⁵E o rei disse: "Cortai o menino vivo pelo meio, e dai metade a uma e metade à outra". ²⁶A mãe do filho vivo disse ao rei — pois sentiu suas entranhas se moverem por causa do filho: "Perdão, meu senhor! Dai-lhe a criança viva, mas não a mateis!" Ao passo que a outra dizia: "Ele não será nem teu nem meu! Cortai!" ²⁷Então o rei tomou a palavra e disse: "Entregai à primeiraⁿ o menino vivo, e não o mateis; ela é a mãe".

e. Salomão reconhece aqui o início do cumprimento da promessa feita pelo profeta Natã a seu pai David: 2Sm 7 (em especial os vv. 12 e 16).

f. Mesma idéia em Jr 1.6.

g. Lit. *que não sabe sair e entrar*.

h. O rei é considerado o sucessor dos Juízes. Está encarregado de fazer reinar no meio do povo o direito e a ordem de Deus; será também responsável diante dele por sua maneira de estabelecer o direito (cf. Sb 8.9-12). O salmo 72 nos dá uma visão idealizada do reino de Salomão.

i. Lit. *a alma*, isto é, a pessoa ou a vida.

j. Expressão estereotipada. Cf. Dt 4.40; 6.2; 26.17; 1Rs 11.38; Jr 32.11 etc.

k. Numa época em que a duração média da vida era muito

mais curta que agora, viver muito tempo era sinal de uma bênção especial. Para o israelita, a felicidade consistia em poder viver até "fartar-se de dias" (Gn 25.8; cf. Sr 47.12-14).

l. A alusão ao retorno a Jerusalém e à presença do rei diante da arca foi provavelmente acrescentada por algum teólogo sacerdotal posterior, contrafeito com a idéia de que Salomão tenha oferecido tantos sacrifícios num lugar de culto como Guibeon (cf. vv. 2 e 3 nota).

m. Quanto aos sacrifícios, cf. Lv 1-7.

n. Este trecho quer mostrar um exemplo da "sabedoria" de Salomão, sabedoria essa que não é uma aptidão para filosofar, mas um discernimento para reconhecer e estabelecer a verdade em casos concretos.

o. Lit. *dai-lhe*, à que se dirigiu ao rei em primeiro lugar.

²⁸Israel inteiro ouviu falar do julgamento realizado pelo rei e temeram-no, porquanto viram que havia nele uma sabedoria divina^p para fazer justiça.

1Cr 3.13

4 Os grandes do reino. Administração de Salomão. ¹Salomão reinava sobre todo Israel^q. ²Eis os chefes que estavam a seu serviço: o sacerdote Azariashu, filho de Sadoq; ³os secretários Elihoref e Ahiá, filhos de Shishá; o chanceler Josafat, filho de Ahiud; ⁴o chefe do exército Benaíahu, filho de Ioiadá; os sacerdotes Sadoq e Ebiatar; ⁵o chefe dos prefeitos, Azariashu, filho de Natan; o sacerdote e amigo do rei, Zabud, filho de Natan; ⁶o chefe do palácio, Ahiashar; o chefe das corvéias, Adonirâm, filho de Abdá. ⁷Salomão tinha doze prefeitos para a totalidade de Israel, que proviam às necessidades do rei e de sua casa; um mês por ano, cada um deles assegurava o abastecimento. ⁸Eis seus nomes:

o filho de Hur, na montanha de Efraim;
⁹o filho de Déqer, em Maqas, Shaalbim, Bet-Shémesh e em Elon-Bet-Hanan.

¹⁰o filho de Hésed, em Arubot, ao qual tocava Sokô e toda a região de Hêfer;

¹¹o filho de Aminadab: toda a crista de Dor; Tafat, filha de Salomão, era sua mulher.

¹²Baaná, filho de Ahiud: Taanak e Meguido, e toda Bet-Shean, que fica ao lado de Şartan e abaixo de Jezreel, desde

Bet-Shean até Bet-Meholá, para lá de loquoâm;

¹³o filho de Guéber, em Ramot-de-Guilead; a ele tocavam os acampamentos de Iair, filho de Manassés^r, que estão no Guilead; e também as terras de Argob, no Bashan, e sessenta grandes cidades com muralhas e ferrolhos de bronze;

¹⁴Ahinadab, filho de Idô, em Maḥanaim;

¹⁵Ahimáas, em Neftali. Também este casou com uma filha de Salomão, Basmat;

¹⁶Baaná, filho de Hushai, em Aser e em Bealot;

¹⁷Josafat, filho de Paruaḥ, em Issacar;

¹⁸Shimeí, filho de Elá, em Benjamin;

¹⁹Guéber, filho de Uri, na terra de Guilead, terra de Sihon, rei dos emoritas, e de Og, rei do Bashan; e um prefeito na terra^s.

²⁰Judá e Israel eram numerosos como a areia à beira-mar^t. Tinham o que comer e o que beber e eram felizes^u.

5 ¹Salomão dominava sobre todos os reinos a partir do Rio^v, sobre a terra dos filisteus e até a fronteira do Egito^w. Eles pagaram tributo a Salomão e lhe serviram durante toda a sua vida. ²Os víveres consumidos pela casa de Salomão, diariamente^x, subiam a trinta kores de sêmola e sessenta kores de farinha; ³dez bois cevados e vinte bois de pasto, cem ovelhas, além de veados, gazelas, cabritos e gansos cevados^y. ⁴Pois ele dominava sobre toda a região de Transeufra-

p. Lit. *sabedoria de Deus*: superlativo hebraico.

q. O autor bíblico especifica que a sucessão do reino do Norte ainda não ocorrera.

r. Salomão retoma as grandes linhas da administração de David e conserva a seus serviços os funcionários de seu pai ou membros da família deles (cf. 2Sm 8.16). Depois da lista dos ministros que cercavam o rei, vem a dos coletores de impostos nos distritos que lhes eram atribuídos. Os lugares geográficos aqui citados são por vezes de difícil identificação.

s. Cf. 2Sm 15.37 nota.

t. As personagens aqui citadas apenas pelo nome paterno, pertencem, provavelmente (como já era o caso em Ugarit), a dinastias de funcionários especialmente destinados ao serviço do rei. Parece-nos que devemos abandonar a hipótese segundo a qual o texto dependeria de uma lista cuja margem estaria deteriorada e da qual os nomes próprios dos personagens teriam desaparecido.

u. Cf. Nm 32.41; Dt 3.14; Js 13.30.

v. Isto é, Judá. Talvez nos surpreenda a ausência do nome deste prefeito; sua tarefa talvez fosse desempenhada pelo próprio administrador Ahiashar, mencionado no v. 6. Caso semelhante será encontrado na organização do reino do Norte, cf. 18.3-5.

w. Provavelmente há aqui uma alusão à promessa feita aos patriarcas. Gn 22.17; 32.13; 41.49; Js 11.4; Jz 7.12; etc.

x. Imagem da paz e de uma grande prosperidade: 1Sm 30.16; Ecl 2.24; 3.13.

y. Os vv. 1-14 do hebr. correspondem, em certas traduções que dependem do gr., a 4.21-34.

z. Isto é, desde o Eufrates.

a. Fronteira ideal do reino onde a "Torre do Egito" (8.65) e o rio Eufrates constituem as fronteiras meridional e setentrional. Cf. Dt 1.1; 11.24; Js 1.4.

b. Esta lista, que talvez não seja exagerada, dá uma idéia da importância da corte de Salomão.

c. Outros traduzem *cucos*. Mas a criação de gansos é conhecida no Oriente, tanto na Mesopotâmia como no Egito.

tênia^d, desde Tífsah até Gaza, sobre todos os reis da Transeufratênia. Viviam em paz com todas as regiões limítrofes em redor.^e Judá e Israel permaneceram em segurança, cada qual debaixo de sua vinha e de sua figueira, de Dan até Beer-Sheba, durante toda a vida de Salomão.^f Salomão tinha quarenta mil estalas^g para os cavalos de seus carros e doze mil cavaleiros.

⁷Cada um no seu mês, os prefeitos^h já mencionados abasteciam o rei Salomão e todos os que tomavam parte com ele na mesa real, não deixando que lhe faltasse alguma coisa. ⁸Quanto à cevada e à forragem para os cavalos e as parelhas, traziam-nas ao lugar onde permanecia o rei, cada um segundo as ordens recebidas.

Mq 4,4;
Zc 3,10;
Sr 47,13

Ecl 1,16

Sabedoria de Salomão. ⁹Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência em profusão, bem como uma abertura de espírito^h abundante como a areia à beira do mar. ¹⁰A sabedoria de Salomão ultrapassou a de todos os filhos do Oriente e a do Egito.ⁱ Ele foi o mais sábio dos homens; mais sábio do que Etan, o ezrahita, e do que Heman, Kalkol e Dardá, filhos de Maḥol, e seu nome era conhecido em todas as nações vizinhas. ¹²Pronunciou três mil provérbios, e seus cânticos são em número de mil e cinco. ¹³Falou das árvores: tanto do cedro do Líbano como do hissopo, que brota nos muros; falou dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes. ¹⁴De todos os povos e da parte de todos os reis da terra que ouviram falar da sabedoria do rei Salomão, vieram pessoas ouvir as palavras de sua sabedoria.

1Cr 2,6

Sr 47,16

Aliança com Hiram, rei de Tiro; preparativos para a construção do Templo. ¹⁵Hiram, rei de Tiro, enviou seus servos a Salomão, pois soubera que ele havia sido sagrado rei em lugar de seu pai; ora, Hiram fora sempre amigo de David. ¹⁶Salomão mandou dizer a Hiram: ¹⁷"Sabes que David, meu pai, por causa das guerras que o cercaram, não pôde construir uma Casa para o nome do SENHOR, seu Deus, até que o SENHOR pusesse os seus inimigos sob a planta do seu pé". ¹⁸Agora, porém, o SENHOR, meu Deus, concedeu-me paz de todos os lados; não há mais adversários, nem ameaça de calamidade. ¹⁹Tenho a intenção de construir uma Casa para o nome do SENHOR, meu Deus, conforme a palavra do SENHOR a David, meu pai: "Teu filho, aquele que sentarei em teu lugar no trono, é ele que construirá essa casa para meu nome". ²⁰Ordena agora que me cortem cedros do Líbano; meus servos estarão com os teus servos; dar-te-ei o salário de teus servos, de acordo com tudo o que disseres, pois sabes que não há ninguém entre nós que saiba cortar árvores como os sidônios". ²¹Hiram alegrou-se muito ao ouvir as palavras de Salomão e disse: "Bendito seja hoje o SENHOR, que deu a David um filho sábio para governar esse povo numeroso!" ²²Hiram mandou dizer a Salomão: "Recebi tua mensagem. Mandar-te-ei toda a madeira de cedro e de cipreste que desejares. ²³Meus servos fã-la-ão descer do Líbano até o mar; e eu a transportarei pelo mar em comboios flutuantes até o lugar que me indicares; lá a descarregarei, e tu a levarás. Por teu lado, desejo que forneças víveres à mi-

2Sm 5,11;
2Cr 2,2

2Sm 7,
12-13

Sr 47,13

2Cr 2,7-11

d. Região entre o Eufrates e o Mediterrâneo vista desde a Mesopotâmia; devemos recordar que o autor escreveu no Exílio ou empregou uma fórmula oficial da burocracia persa.

e. Salomão teria controlado as rotas comerciais de vastíssima região; os direitos de pedágio por ele recebidos eram fonte de grandes lucros.

f. Outros traduzem *parelhas* (de cavalos), igualmente possível. A cifra de quatro mil em 2Cr 9,25 é mais verossímil.

g. O versículo 7 retoma o fio do texto de 4,19, interrompido pelas notas introduzidas mais tarde, talvez mesmo depois do Exílio.

h. Lit. *largura do coração*. O coração era considerado sede da inteligência. Cf. 3,9; Os 7,11; Jó 34,10.34; Sl 139,23.

i. A sabedoria oriental antiga é bem conhecida por sua riqueza e pela perfeição das formas, no Egito e, em particular na Mesopotâmia. É aos escritos sapienciais que se faz aqui alusão. A sabedoria de Salomão tornou-se tradicional (Cf. Sr 47,14-17), e numerosos escritos bíblicos e extra-bíblicos lhe têm sido atribuídos (cf. IRs 5,12-13).

j. As razões invocadas aqui por Salomão discordam das de 2Sm 7,1-16. — *Seu pé* = "texto escrito"; o "texto lido" entendeu *meus pés*.

nha casa". ²⁴Assim, Hiram forneceu a Salomão madeira de cedro e de cipreste, tanta quanto ele quis. ²⁵E Salomão deu a Hiram vinte mil kores de trigo como alimento para sua casa, e vinte kores de óleo virgem. Salomão fornecia isto cada ano a Hiram. ²⁶O SENHOR dera a Salomão a sabedoria, conforme lhe havia dito: a harmonia entre Hiram e Salomão foi perfeita; fizeram, ambos, uma aliança¹.

²⁷O rei Salomão organizou uma corvêia entre todo Israel: trinta mil homens^m.

²⁸Enviou-os ao Líbano, dez mil por mês, alternadamente; ficavam um mês no Líbano e dois meses em casa. Adonirâm era o chefe das corvêias. ²⁹Salomão tinha ainda setenta mil carregadores e oitenta mil cortadores de pedra na montanhaⁿ.

³⁰sem contar os chefes que os prefeitos de Salomão puseram à frente das obras, os três mil e trezentos homens que comandavam o povo na execução do trabalho. ³¹O rei mandou extrair grandes pedras, pedras trabalhadas, destinadas aos alicerces da Casa, pedras talhadas. ³²Os operários de Salomão, os de Hiram e o povo de Guebalⁿ puseram-se a cortar e a

preparar madeira e pedras para construir a Casa.

6 Construção do templo. ¹No ano quatrocentos e oitenta após a saída dos filhos de Israel da terra do Egitoⁿ, no quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel, no mês de Ziv, que é o segundo do ano, ele construiu a Casa do SENHOR.

²A Casa que o rei Salomão construiu para o SENHOR tinha sessenta côvados de comprimento, vinte de largura, trinta de alturaⁿ.

³O vestibulo que precede a grande sala da Casa tinha vinte côvados de comprimento, medidos sobre a largura da Casa, e dez côvados de largura, medidos no prolongamento da Casaⁿ.

⁴O rei fez na Casa janelas com marcos e gradesⁿ. ⁵Construiu, encostada às paredes da Casa, em todo o seu redor, junto às paredes da grande sala e do santuário, uma nave lateral, fazendo assim quartos anexos em redorⁿ.

⁶O andar inferior da nave tinha cinco côvados de largura, o do meio, seis, e o terceiro sete; pois fizeram o contorno exterior da Casa com muros em recuo, para evitar encaixar as vigas

k. A palavra hebraica *shalom*, muito frequente na Bíblia, aqui se encontra traduzida por *harmonia perfeita*. Muitas vezes, é traduzida por *peiz*, mas seu sentido ultrapassa de longe o deste vocábulo (cf. Jr 14,13 nota). Além da ausência de guerra (Zc 9,10), designa na realidade o dom que inclui todos os outros: bem-estar (Jr 23,17), felicidade (IRs 2,33), saúde (Gn 43,28), prosperidade (Sl 72,7), segurança (Zc 8,10), salvação (Is 55,12), relações sociais equilibradas (aqui e Jô 38,22), harmonia entre Deus e os homens (Ez 34,25), a vida vivida em plenitude (Is 26,3; Pr 3,2). O Senhor mesmo (Jz 6,24) e o rei vindouro (Mq 5,4) são *shalom*. O termo é empregado quando alguém se aproxima de alguém para lhe desejar bem-estar (ISm 25,6; cf. Jo 20,21), ou para se informar a respeito de seu bem-estar (2Rs 5,21) ou de suas boas intenções (2Rs 9,11).

l. Muitas vezes, o AT utiliza a palavra *aliança* no sentido de favor concedido por um superior ao inferior, como o Senhor o concederia ao povo de Israel ou um rei ao adversário vencido (20,34). Aqui, a aliança é um contrato econômico entre dois monarcas aparentemente iguais.

m. Se Salomão foi um grande rei, todavia não deixou de ser também um rei à maneira dos soberanos das "outras nações" (cf. ISm 8,5.11-18), especialmente pela instituição da *corvêia*; IRs 9,15.20-22 parece reservar este trabalho aos não-israelitas, o que é confirmado por IRs 12,18. A *corvêia* já existia no tempo de David (cf. 2Sm 20,4).

n. Provavelmente escravos prisioneiros de guerra.

n. l. é. Biblos, na Fenícia.

p. Esta data é o resultado de um cálculo erudito (e tardio), que

faz intervir o número dos sacerdotes em função, desde Aarão a Sadoc, multiplicando-o por 40 (duração tradicional de uma geração). A indicação segundo a qual o mês de ziv é o segundo do ano é igualmente tardia: corresponde ao calendário babilônico, introduzido na Palestina séculos mais tarde. O início do reinado de Salomão pode ser fixado aproximadamente em 972 a.C.

q. O côvado antigo (cf. Ez 40,5 nota) media cerca de 52 cm; quer dizer que o Templo tinha cerca de 31m de comprimento, 10m de largura, 15m de altura. Estranhemos a exigüidade da construção; mas, na antigüidade, o Templo era antes de tudo a residência da divindade e não, como nossas igrejas e catedrais, um local destinado à reunião dos fiéis. Salomão construiu o Templo exatamente para depositar nele a arca da aliança, considerada o trono do Senhor. Compare-se esta descrição à da tenda do deserto (Êx 26) e à do novo Templo projetado por Ezequiel (Ez 40-42).

r. O Templo de Salomão, que o hebraico chama a "Casa", compreendia três partes: 1) um *ulâm*, que chamamos vestibulo, mas que talvez afluores possa significar uma sala; 2) um *hekul* designa a totalidade da casa do Senhor e então a traduzimos por "Templo"; 3) um *dehir*, situado bem no fundo, que chamamos câmara sagrada e às vezes é designado pelo nome de "lugar santíssimo".

s. Tradução aproximada de uma palavra que designa um elemento arquitetônico pouco conhecido.

t. Palavra diversamente traduzida. Trata-se provavelmente de uma espécie de anexo feito de três séries (lit. *lados*) de quartos, superpostas e encostadas (v. 6b) na parede principal da casa.

nas paredes da Casa^u. ⁷A construção da Casa se fez com pedras trabalhadas na pedreira, de modo que durante a construção não se ouviu ruído algum de martelo, picareta ou qualquer outra ferramenta^v. ⁸A entrada do anexo inferior^w situava-se do lado direito da Casa^x. Por meio de alçapões, podia-se alcançar o anexo do meio, e daí o terceiro. ⁹Após terminar a construção do Templo e promover seu acabamento, Salomão recobriu-o com um forro, com tábuas e armação^y de cedro. ¹⁰Construiu em torno de toda a Casa a nave lateral, com uma altura de cinco côvados^z; ela se ligava à Casa por meio de troncos de cedro.

¹¹A palavra do SENHOR veio a Salomão: ¹²"Construíste esta casa! Mas se andares segundo as minhas leis, se agires segundo minhas normas e guardares todos os meus mandamentos, procedendo em conformidade, cumprirei a teu respeito minha palavra, que falei a David, teu pai". ¹³Permanecerei no meio dos filhos de Israel e não abandonarei meu povo Israel^{bb}.

At 7,47 ¹⁴Salomão construiu a Casa e a terminou^c. ¹⁵Em seguida ergueu as paredes internas da Casa, com tábuas de cedro, desde o pavimento até as traves do teto^d — revestindo o interior de madeira — e cobriu o pavimento da Casa com tábuas de cipreste. ¹⁶Depois construiu, revestido com tábuas de cedro indo do pavimento às traves, um espaço de vinte côvados, que formava o fundo da Casa. Do interior, ele

fez um santuário, um lugar santíssimo. ¹⁷A Casa, isto é, a grande sala que precede o santuário^e, tinha quarenta côvados. ¹⁸O madeiramento de cedro que se achava no interior da Casa exibia esculturas em forma de colóquintidas e flores entreabertas^f. Tudo era feito de cedro, não se via a pedra. ¹⁹Na parte central da Casa, no interior, Salomão dispôs uma câmara sagrada, a fim de nela instalar^g a arca da Aliança do SENHOR.

²⁰Diante da câmara sagrada de vinte côvados de comprimento, vinte de largura e vinte de altura, e que o rei fizera recobrir de ouro fino, achava-se o altar, que foi revestido de cedro. ²¹Salomão cobriu também de ouro fino o interior da Casa e passou cadeias de ouro diante do santuário, que fez recobrir totalmente de ouro. ²²Fez revestir de ouro toda a Casa, a Casa inteira; todo o altar destinado à câmara sagrada, ele o fez recobrir de ouro. ²³Na câmara sagrada, ele fez dois querubins^h em madeira de oliveira. Sua altura era de dez côvados: ²⁴Uma asa do primeiro querubim media cinco côvados, e a outra asa, cinco. Ao todo, dez côvados da extremidade de uma asa à outraⁱ. ²⁵Dez côvados para o segundo querubim; mesma dimensão e mesma forma para os dois querubins. ²⁶A altura do primeiro querubim era de dez côvados; mesma altura para o segundo. ²⁷Ele pôs os querubins no meio da Casa, no interior. Os querubins tinham as asas estendidas: a asa do

u. O *recuo* da parede, de andar em andar, servia de ponto de apoio às vigas dos tetos dos diferentes andares.

v. O v. 7 interrompe a descrição da nave lateral (vv. 5-10). Observação de um escriba posterior querendo evidenciar a santidade dos lugares.

w. *Inferior*, segundo o gr. e o aram. Lit. *andar do meio*, incompreensível.

x. Isto é, ao sul; cf. 7,39.

y. Termo pouco claro. Em 2Rs 11.8.15 designa aparentemente fileiras de soldados. No entanto, pensamos em fileiras de vigas. z. Cf. vv. 5-6: cinco côvados por andar, portanto quinze côvados ao todo.

a. A construção da Casa só tem sentido na perspectiva da obediência ao Senhor. Daí a recordação da promessa feita a David (2Sm 7).

b. A função real não é apenas uma honra e um privilégio; da atitude religiosa do rei depende a presença do Senhor no meio de seu povo. Cf. 2Rs 17.7-8; 24.3-4.19-20.

c. Os vv. 11-14 faltam no gr.; 11-13 são provavelmente fruto da reflexão teológica de algum escriba deuteronomista, o qual acrescentou o v. 14 para retomar o fio da narrativa.

d. Tradução conforme o gr. Se aqui a expressão do hebr., *até as paredes do teto*, pode ser compreensível, ela deixa inteiramente de o ser no v. 16.

e. Lit. *que está diante de mim*, incompreensível. A tradução acompanha a Vulg.

f. Lit. *escapados de flores*.

g. O hebr. apresenta aqui uma palavra incompreensível, que se torna clara se invertermos duas consoantes.

h. Os querubins eram personagens conhecidas havia muito na mitologia mesopotâmica. Seu papel e representação variam; aqui são, provavelmente, quadrúpedes alados com cabeça humana e cuja função era proteger a arca que recobriam (cf. Gn 3.24; Ez c. 10; 28.14.16; 41.18).

i. Lit. *das extremidades de suas asas às extremidades de suas asas*.

primeiro querubim tocava uma das paredes e a asa do segundo tocava a outra parede; e suas duas asas, as que se achavam no meio da Casa, tocavam-se, asa contra asa. ²⁸Ele cobriu também de ouro os querubins¹.

²⁹Sobre todo o contorno das paredes da Casa, no interior e no exterior, o rei fez esculpir querubins, palmas e flores entreabertas. ³⁰E fez revestir de ouro o pavimento da Casa, no interior e no exterior. ³¹Pôs, na entrada da câmara sagrada uma porta com folhas em oliveira, a padieira e as ombeiras formando um quinto do conjunto². ³²Sobre as duas folhas em oliveira ele fez esculpir querubins, palmas e flores entreabertas, e as cobriu de ouro; e o ouro foi também aplicado sobre os querubins e as palmas. ³³Fez o mesmo com a entrada da grande sala: ombeiras em oliveira formando um quarto do conjunto³, ³⁴e duas folhas de cipreste; dois painéis móveis para a primeira folha e dois para a segunda⁴. ³⁵Mandou esculpir neles querubins, palmas e flores entreabertas, que revestiu de ouro ajustado à escultura. ³⁶Em seguida construiu o átrio interno; três fileiras de pedras talhadas e uma fileira de pranchas de cedro.

³⁷No mês de ziv do quarto ano⁵, foram postos os alicerces da Casa do SENHOR. ³⁸E durante o undécimo ano, no mês de bul, que é o oitavo, a Casa foi acabada em todo o seu conjunto e em todos os seus pormenores. Salomão a construiu em sete anos.

7 Construção dos edifícios reais.

¹Salomão construiu também sua pró-

pria casa; foram necessários treze anos para que fosse totalmente acabada⁶.

²Construiu a casa da Floresta do Líbano⁷: cem côvados de comprimento, cinquenta de largura, trinta de altura. Repousava sobre quatro fileiras de colunas de cedro, sobre as quais foram dispostas pranchas também de cedro. ³Por cima, um revestimento de cedro, posto sobre as vigas laterais⁸ sustentadas pelas colunas, quarenta e cinco, quinze por fileira; ⁴havia três fileiras de janelas emolduradas; cada janela dessas três fileiras era alinhada com outra janela. ⁵Todas as aberturas, com seus montantes, tinham forma quadrada, e as janelas eram alinhadas uma com outra em três fileiras. ⁶Ele fez a sala das colunas: cinquenta côvados de comprimento, trinta de largura; e na frente, um pórtico de colunas, com um alpendre na fachada. ⁷Construiu a sala do trono, onde fazia justiça, e a sala do julgamento, que era revestida de cedro, do pavimento às traves do teto. ⁸Quanto à casa em que residia, achava-se em pátio diferente daquele em que se situava a casa destinada à sala do trono; tinha, porém, a mesma forma. Para a filha do Faraó, que desposara, Salomão fez cons- 3.1

truir uma casa do mesmo formato que esta sala⁹. ⁹Todas essas construções eram feitas de pedras lavradas, nas dimensões das pedras de cantaria, e serradas a serrote, no lado interno e externo¹⁰. Havia-as desde os alicerces até as cornijas¹¹ e, do lado externo, até o grande pátio. ¹⁰Para os alicerces: pedras lavradas, grandes pedras de dez e oito côvados. ¹¹Em cima dos

j. Os querubins, não eram, pois, de ouro maciço, e sim, conforme uma técnica frequentemente utilizada outrora, de madeira coberta por uma lâmina de ouro.

k. Tradução hipotética de passagem obscura e corrompida; o sentido dos termos técnicos nos escapa.

l. Cf. v. 31 nota.

m. Cf. v. 31 nota.

n. Cerca de 968 a.C.

o. Trata-se do palácio real, complexo de construções englobando: 1. a casa da Floresta do Líbano (v. 2); 2. a sala das colunas (v. 6); 3. a sala do trono (v. 7); 4. a residência propriamente dita de Salomão e da filha de Faraó (v. 8).

p. Assim chamada porque a multidão das colunas em cedro do

Líbano lembrava uma floresta. Notar-se-á que as dimensões que nos são dadas fazem dela um edifício mais vasto que o próprio Templo (cf. 6.2).

q. Lit. os lados.

r. Como esta sala, isto é, como a sala do trono, seja do ponto de vista da arquitetura, seja do das dimensões.

s. O autor especifica que as pedras são talhadas de acordo com as melhores técnicas da época: são cortadas a serra, não talhadas ao cinzel.

Para a filha de Faraó, que devia ser a rainha ou uma das mulheres mais honradas de Salomão, eram necessários aposentos dignos do reino de onde viera.

t. Tradução hipotética; termo de arquitetura desconhecido.

alicerces, havia pedras lavradas, nas dimensões das pedras de cantaria, e cedro. ¹²Contornando o grande pátio, havia três fileiras de pedras lavradas e uma de pranchas de cedro, o mesmo acontecendo com o átrio interior da Casa do SENHOR e seu pórtico.

Fabricação dos objetos em metal destinados ao Templo. ¹³O rei Salomão mandou que se contratasse Hirâm^a de Tiro, ¹⁴filho de uma viúva da tribo de Neftali e de pai tírio. Operário do bronze, Hirâm tinha grande habilidade, inteligência e bom gosto para qualquer trabalho no bronze. Ele veio ter com o rei Salomão e executou todas as suas obras. ¹⁵Modelou^a duas colunas de bronze; a altura da primeira coluna era de dezoito côvados, e era preciso um fio de doze côvados para cercar a segunda. ¹⁶Fez também, em bronze fundido, dois capitéis que deviam encimar o alto dessas colunas. A altura do primeiro era de cinco côvados; a do segundo, também cinco côvados. ¹⁷Ele fez entrelaçados, um trabalho de entrelaçados, festões em forma de guirlandas, para os capitéis que se achavam no alto das colunas; sete para o primeiro capitel, sete para o segundo. ¹⁸Fez romãs^a: duas fileiras cercavam um entrelaçado e deviam cobrir os capitéis que estavam no alto das colunas. Fez o mesmo com o outro capitel. ¹⁹Os capitéis que encimavam as colunas do pórtico tinham forma de lótus e mediam quatro côvados. ²⁰Mas nos capitéis que estavam sobre as duas colunas, igualmente no alto,

ao longo do engrossamento que havia para lá dos entrelaçados, foram fixadas em fileiras circulares as duzentas romãs; havia-as no segundo capitel. ²¹Ergueu essas colunas perto do vestibulo do Templo; ergueu a coluna direita e chamou-a Iakin; ergueu a esquerda e chamou-a Bôaz^a. ²²O alto das colunas tinha forma de lótus. A obra das colunas foi levada a bom termo.

²³Ele fez, em metal fundido, o Mar^a. Tinha ele dez côvados de diâmetro e era de forma circular. Tinha cinco côvados de altura e, para rodeá-lo seria necessário um cordel de trinta côvados. ²⁴Coloquintidas circundavam a borda do Mar, dez a cada côvado; circundavam-no completamente. Estas coloquintidas, em duas fileiras, tinham sido fundidas junto com o Mar. ²⁵Este repousava sobre doze bois: três voltados para o norte, três para o oeste, três para o sul e três para o leste. O Mar estava sobre eles, cujas ancas se voltavam para dentro. ²⁶Sua espessura era de um palmo, e sua borda era dobrada como a borda de uma taça em forma de lótus; tinha a capacidade de dois mil bates^a.

²⁷Fez depois, em bronze dez suportes^b. Cada suporte tinha quatro côvados de comprimento, quatro de largura e três de altura. ²⁸Eis como eram feitas esses suportes: eram construídos de painéis presos entre travessas; ²⁹sobre os painéis, entre as travessas, havia leões, touros e querubins; havia-os também nas travessas superiores; e sob os leões e os touros, havia volutas em relevo. ³⁰Cada su-

2Cr 4.2-5.14

u. Não confundir com o rei do mesmo nome e da mesma cidade (cf. 2Sm 5,11 e 1Rs 5,15). Os metalurgistas de outrora eram muito considerados, e sua arte tão admirada que as mitologias antigas conheceram artesãos-deuses.

v. Gr. *fundiu*; mas o verbo hebr. pode aludir à modelagem do molde das colunas.

w. Os versículos 17-22 perderam quase totalmente o sentido para nós, que ignoramos os termos técnicos da arquitetura antiga; além disso, o texto foi mal transmitido. Estamos, portanto, reduzidos por vezes à tradução literal e a hipóteses.

x. Com dois mss. hebr., fazemos a interversão das palavras *romãs* e *colunas*, sem a qual o v. não teria sentido.

y. A razão de ser e a significação destas duas colunas perma-

necem misteriosas, apesar das diversas tentativas de explicação que têm sido propostas. *Iakin* significa: "estabelece firmemente"; e *Bôaz*: "nele a força" (cf. Rt. Introd.).

z. Este vasto recipiente parece ter sido uma representação simbólica do Oceano cósmico. Em compensação, é muito difícil determinar com exatidão para que servia (as indicações de 2Cr 4,6 são demasiado limitativas); as hipóteses apresentadas são apenas parcialmente satisfatórias.

a. Cerca de 80.000 litros, o que se coaduna mal com as medidas do v. 23.

b. Esses *suportes*, espécie de carrinhos de rodas, sustentavam as *hucias* que se podiam transportar assim no pátio do templo. Serviam provavelmente para abluções, e talvez tivessem um sentido simbólico, que desconhecemos.

porte comportava quatro rodas de bronze e apoios para os quatro pés da bacia. Estes apoios eram fundidos e se achavam sob a bacia, fora das volutas. ³¹A boca da bacia^c, em cada suporte, estava no interior de um quadro que ela ultrapassava de um côvado na altura; era arredondada e tinha a forma de um soco; media um côvado e meio. Esculturas ornamentavam o rebordo da boca. Os painéis eram quadrangulares, não redondos. ³²As quatro rodas se achavam abaixo dos painéis, e as chavetas^d das rodas estavam na ossatura da base. O diâmetro das rodas era de um côvado e meio. ³³As rodas eram como as de um carro: chavetas, aros, raios, cubos, tudo em metal fundido. ³⁴Os quatro apoios que estavam em cada ângulo do suporte formavam uma só peça com ele^e. ³⁵No alto de cada suporte, havia um círculo de meio côvado de altura e na sua parte superior, esteios; os painéis da base formavam um conjunto com eles. ³⁶Sobre as superfícies planas, os esteios e os painéis, ele gravou querubins, leões e palmas erguidas^f, com volutas ao redor. ³⁷Assim fez ele os dez suportes: cada qual do mesmo metal, com a mesma dimensão e a mesma forma.

Hirâm concluiu, pois, toda a obra que devia fazer para o rei Salomão na Casa do SENHOR: ⁴¹as duas colunas, as volutas dos dois capitéis que encimam essas colunas, os dois entrelaçados, para cobrir as duas volutas dos capitéis que estão no cimo das colunas; ⁴²as quatrocentas romãs para os dois entrelaçados — duas fileiras de romãs para cada cordão —, para cobrir as duas volutas dos capitéis que estão sobre as colunas, ⁴³os dez suportes e as dez bacias colocadas sobre eles, ⁴⁴o Mar — único — com os doze bois embaixo, ⁴⁵os recipientes, as pás, as bacias de aspersão. Todos estes objetos que Hirâm fez para Salomão na Casa do SENHOR eram de bronze polido.

⁴⁶Foi na região do Jordão, entre Sukot e Şartan¹, que Salomão fez fundir todas essas peças em moldes de argila. ⁴⁷Mandou instalar todos esses objetos; e sua quantidade era tão grande que não foi possível avaliar o peso do bronze¹.

⁴⁸Salomão mandou fazer também todos os objetos destinados à Casa do SENHOR: o altar, de ouro; a mesa sobre a qual se apresentava o pão da oferta, de ouro; ⁴⁹os cinco candelabros da direita e os cinco da esquerda, postos diante da câmara sagrada, de ouro fino; os florões, as lâmpadas, as pinças, de ouro; ⁵⁰as tigelas, as espediteiras, as bacias de aspersão, as taças, os incensórios, de ouro fino; os frontões das portas da Casa que dão para o lugar santíssimo, os das portas da Casa que dão para a grande sala, de ouro. ⁵¹Quando foi levada a termo toda a obra que o rei Salomão fizera na Casa

Ex 30,
17-21

³⁸Ele fez dez bacias de bronze. Cada bacia podia conter até quarenta bates^g; cada bacia media quatro côvados. Havia uma bacia sobre cada uma dos dez suportes. ³⁹Ele dispôs cinco suportes do lado direito da Casa e cinco do lado esquerdo; quanto ao Mar, situou-o do lado direito, voltado para o sudeste. ⁴⁰Ele fez também recipientes^h, pás e bacias de aspersão.

Ex 27,3

Ex 25,
23-30

Lv 10,1

c. Lit. *sua boca*. A bacia estava, portanto, dentro do conjunto rolante constituído pelo "suporte", mas a borda superior da bacia ultrapassava o conjunto cerca de um côvado.

d. Lit. *as mãos*: provavelmente, peças destinadas a manter as rodas no lugar.

e. Lit. *fora (desde) do suporte seus apoios*.

f. Texto hebr. obscuro, interpretado com o auxílio do gr.

g. Cerca de 1.600 litros.

h. Como no v. 45, onde se encontra a mesma enumeração, e acompanhando vários mss. hebr., o gr. e a Vulg., lê-se aqui *recipientes em lugar de bacias*.

i. O vale do Jordão já tinha sido um centro de metalurgia bem antes do reinado de Salomão. O solo argiloso prestava-se, de

modo particular, à confecção de moldes, ao mesmo tempo que a proximidade de florestas e a direção dos ventos facilitavam o aquecimento dos (altos) fornos. Até hoje, Sukot não foi identificado com certeza.

j. As minas do rei Salomão tornaram-se lendárias. De fato, toda a região situada entre o sul do mar Morto e o golfo de Ácaba deixou vestígios de atividade metalúrgica: minas e fundições para o tratamento de minério.

A época a que remontam esses trabalhos é controversa. Poderia ser o tempo dos Faraós, quando os egípcios ainda ocupavam a Palestina, antes da chegada dos israelitas. Se datam de Salomão, no entanto, foram sem dúvida uma das razões de sua prosperidade.

do SENHOR, ele mandou trazer os objetos sagrados por David, seu pai: a prata, o ouro e os utensílios, para depositá-los nos tesouros da Casa do SENHOR^k.

2Sm 8,11

Ex 25,16;
Dt 10,1-5;
Hb 9,4

2Cr 5,2-9

8 Transferência da arca e dedicação do templo. Salomão reuniu os anciãos de Israel, todos os chefes das tribos e os chefes das famílias dos filhos de Israel em Jerusalém — junto do rei Salomão —, para fazer subir da Cidade de David, isto é, de Sião, a arca da aliança do SENHOR^l. Todos os homens de Israel reuniram-se junto do rei Salomão, no mês de etanim^m, no sétimo mês, durante a festa. Quando todos os anciãos de Israel haviam chegado, os sacerdotes carregaram a arca. Levaram a arca do SENHOR, a tenda da reunião e todos os objetos sagrados que se achavam na tenda — foram os sacerdotes e os levitas que os levaramⁿ. O rei Salomão e toda a comunidade de Israel a ele reunida, presente com ele diante da arca, sacrificaram tantas ovelhas e bois que não se poderia contar nem enumerar. Os sacerdotes levaram a arca da aliança do SENHOR para seu lugar, na câmara sagrada da Casa, no lugar santíssimo sob as asas dos querubins^o. — De fato, os querubins, abrindo suas asas sobre o lugar da arca, formavam um dossel protetor sobre ela e suas barras. Eram as barras tão compridas que se lhes viam as extremidades do lugar santo que precede a câ-

Ex 25,
13-15

mara sagrada. Mas não eram vistas de fora. Ainda estão lá hoje^p. Não há nada na arca, senão as duas tábuas de pedra, depositas ali por Moisés, no Horeb, quando o SENHOR firmou a aliança^q com os filhos de Israel à saída do Egito. — Ora, quando os sacerdotes saíram do lugar santo, a nuvem^r encheu a Casa do SENHOR, e os sacerdotes ali não podiam ficar^s para seu serviço, por causa da nuvem, pois a glória do SENHOR encheu a Casa do SENHOR. Então Salomão falou:

Ap 15,8;
Ex 40,
34-35

“Disse o SENHOR que queria habitar na escuridão!

2Cr 6,1-40

Sl 18,12;

1Tm 6,16

2Sm 7,13

¹³ Foi realmente para ti que construí uma casa principesca,

Sl 132,14

uma morada onde sempre habitarás”.

Voltou-se o rei e abençoou toda a assembléia de Israel — toda ela permanecia de pé. Disse ele: “Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, que com sua boca falou a David, meu pai, e com sua mão cumpriu o que prometeu: “Desde o dia em que fiz Israel, meu povo, sair do Egito, não escolhi nenhuma cidade entre todas as tribos de Israel”, para aí construir uma Casa onde estaria o meu nome”; mas escolhi David para ser o chefe de Israel, meu povo” David, meu pai, desejou muito construir uma casa para o nome do SENHOR, Deus de Israel. Mas o SENHOR disse a David, meu pai: “Desejaste muito construir uma casa para o meu nome e fizeste bem”. Contudo, não és tu que irás construir essa Casa, e sim, teu

2Sm 7,
12-13

k. Os textos fazem distinção entre os tesouros da Casa do Senhor (1Rs 15,18; 2Rs 12,19; 24,13) e os tesouros da casa do rei (1Rs 14,26; 15,18; 2Rs 14,14; 16,8; 18,15). Esses tesouros serão eventualmente utilizados pelos reis para pagar tributos ao inimigo, que às vezes saberá também servir-se a si mesmo.

l. 2Sm 6 narra como a arca tinha sido depositada em Sião por David. Para Sião, cf. 2Sm 5,7 nota.

m. Em setembro-outubro; o mês dos etanim, i. é, dos rios permanentes; era o mês em que ainda corriam alguns cursos d'água no fim de um verão em que nunca chove. Cf. v. 65 nota.

n. Esta observação, provavelmente devida a um autor sacerdotal, pode indicar com precisão que nenhum profano se aproximou da arca. Cf. 2Sm 6,3-7.

o. Cf. 6,23-28.

p. Por estas palavras, vê-se que o autor reproduz aqui um documento pré-exílico.

q. No livro do Dt, as tábuas de pedra são, de fato, chamadas tábuas da aliança (Dt 9,9.11.15).

r. A nuvem que já havia acompanhado Israel no deserto e que significava a presença do Senhor. Cf. Ex 13,21-22; 33,9-10; 40,38 nota.

s. Ou: não puderam. O imperfeito sugere melhor que esse acontecimento se produzia também em outras circunstâncias. Cf. Ex 40,34-35; Is 6,3-4; Ez 45,1-5.

t. Na ocasião em que David conquistou Jerusalém (2Sm 5,6-9), ela pertencia aos iebusitas e não fazia parte do território de nenhuma das tribos israelitas repartidas na Palestina.

u. O gr. conservou um texto que poderia ser original, e que é idêntico ao das Crônicas: mas eu escolhi Jerusalém, para que meu nome aí estivesse.

v. Salomão justifica o reinado de David e de sua dinastia, e recorda a promessa anunciada por Natan em 2Sm 7.

w. 2Sm 7,5-7 representa uma tradição teológica algo reticente a respeito do Templo, ao passo que aqui o autor bíblico, embora sugerindo a tradição de 2Sm 7,1-16, se mostre sutilmente a favor da construção do Templo.

filho, saído de teus rins: ele é quem construirá essa Casa para o meu nome'. ²⁰O SENHOR confirmou a palavra que dissera: eu sucedi a David, meu pai, sentei-me no trono de Israel, como o SENHOR dissera, construí esta Casa para o nome do SENHOR, Deus de Israel. ²¹E nela destinei um lugar à arca em que se encontra a aliança* que o SENHOR firmou com os nossos pais, quando os fez sair da terra do Egito".

²²Salomão postou-se diante do altar do SENHOR, na presença de toda a assembléia de Israel; ergueu as mãos para o céu ²³e disse: "SENHOR, Deus de Israel, não há Deus como tu, nem lá em cima no céu, nem embaixo, na terra, para guardar a aliança e a benevolência* para com teus servos que caminham em tua presença de todo o coração. ²⁴Guardaste tuas promessas a teu servo David, meu pai: o que havias dito com tua boca, cumpreste-o com tua mão, como hoje se vê.

²⁵Agora, SENHOR, Deus de Israel, guarda, em favor de teu servo David, meu pai, a palavra que lhe falaste: 'Nunca há de faltar um dos teus para sentar-se diante de mim no trono de Israel, contanto que teus filhos vigiem seu procedimento, caminhando em minha presença, como tu o fizeste'. ²⁶Verifique-se, pois, agora, Deus de Israel, a promessa que pronunciaste para David, meu pai! — ²⁷É verdade que Deus poderia habitar sobre a terra*? Os próprios céus e o céu dos céus não te podem conter! Quanto menos esta Casa que construí! — ²⁸Atende^b à oração e à súplica de teu servo, SENHOR meu Deus! Ouve o grito e a oração que teu

servo hoje te dirige! ²⁹Estejam teus olhos abertos sobre esta Casa dia e noite, sobre o lugar do qual disseste: 'Aqui estará meu nome'. Ouve a prece que teu servo dirige a esse lugar! ³⁰Digna-te ouvir a súplica que teu servo e Israel, teu povo, dirigem a este lugar! Ouve-a no lugar em que habitas, no céu; ouve e perdoa.

³¹Caso um homem peque contra outro, e lhe imponham um juramento com maldição e ele venha proferir esse juramento perante o teu altar^d, nesta Casa, ³²tu, lá do alto do céu, ouve-o; age, julga entre teus servos, declara culpado o culpado, fazendo-lhe cair sobre a cabeça a sua conduta; e declara inocente o inocente, tratando-o conforme sua inocência.

³³Depois que Israel, teu povo, tiver sido derrotado pelos seus inimigos, por haver pecado contra ti, se então ele voltar para ti, celebrar teu nome, orar e te suplicar nesta Casa, ³⁴ouve-o lá do céu, perdoa o pecado de Israel, teu povo, e traze-o de volta à terra que deste a seus pais.

³⁵Quando o céu se fechar e deixar de chover porque o povo pecou contra ti, se ele vier orar neste lugar, celebrar teu nome e se arrepender de seu pecado porque o afligiste, ³⁶ouve-o lá do céu, perdoa o pecado de teus servos e de Israel, teu povo — tu lhe ensinas o caminho realmente bom por onde deve andar —, dá chuva à terra que deste em patrimônio a teu povo.

³⁷Haja fome na terra, haja peste, venham a ferrugem, a mangra, os gafanhotos, as locustas, cerque o inimigo as cidades da terra^e, seja qual for o flagelo ou

Dt 4,35-39

Is 66,1; At 17,24

Dn 9,17

Dt 12,11

Lv 26,17; Jz 2,13-14

Dt 11,17; Jr 3,2-3

Dt 28,21-22,38

x. Neste v., a palavra *aliança* tem dois sentidos: 1) a *relação* que une o Senhor ao seu povo; 2) por extensão, o *documento* que sela esta união, ou seja, as tábuas da Lei encerradas na arca; cf. Dt 10,5.

y. Antes do Exílio (587 a.C.), os reis não eram apenas os chefes militares e políticos, mas podiam eventualmente officiar como sacerdotes, como aqui o indica, com precisão, a menção ao altar. Eram intermediários reais de Deus junto ao povo e do povo diante de Deus. Mais tarde, a separação entre a realeza e o altar se tornará mais definida (Ez 45-46; Zc 4).

z. A *benevolência* (palavra muitas vezes traduzida por *fidelidade* ou *solidariedade*) de Deus em sua aliança é um dos artigos fundamentais da fé do povo de Israel; cf. Dt 7,9,12; Dn 9,4; Ne 1,5; 9,32; etc.

a. O gr. acrescenta: *com os homens*. Salomão admira a benevolência do Senhor que, em sua graça, se limita, para permanecer no meio de seu povo (cf. Jo 1,14; 2Cor 8,9).

b. Lit. *Voltar-te-ás para*.

c. O autor bíblico sabe muito bem que a presença de Deus não se restringe ao Templo; cf. Is 66,1; At 7,48; 17,24; Hb 9,11,24.

d. Trata-se aqui de uma espécie de "juízo de Deus": as duas partes pronunciam maldições na presença do Senhor, um contra aquele que o prejudicou, o outro contra si mesmo, para protestar inocência. Salomão pede a Deus, o único a conhecer a verdade, que cobre do homem a palavra que proferiu e faça recair sobre o eventual culpado as maldições que ele mesmo invocara.

e. Lit. *na terra de suas portas*. Com o gr. e o sir., poderia traduzir-se em *uma de suas cidades*.

a doença, ³⁸seja qual for o motivo da prece, seja qual for o motivo da súplica, que ela venha de uma pessoa particular ou de todo Israel, teu povo^f, quando este tomar consciência do flagelo que atinge seu coração e estender a mão para esta Casa, ³⁹ouve-o, tu, lá do céu, da morada onde habitas; perdoa, age e trata-o segundo toda a sua conduta, já que conheces o seu coração — na verdade somente Tu conheces o coração de todos os filhos dos homens —, ⁴⁰para que os filhos de Israel venham a temer-te durante todos os dias que passarem na terra que deste aos nossos pais. ⁴¹Até o estrangeiro^g, que não pertence a Israel, teu povo, se ele vier de uma terra distante por causa do teu nome — ⁴²porque se ouvirá falar de teu grande nome, de tua mão poderosa e de teu braço estendido —, se ele vier orar nesta Casa, ⁴³ouve-o, tu, lá do céu, do lugar onde habitas, faz tudo o que o estrangeiro te pedir, a fim de que todos os povos da terra conheçam teu nome e, como Israel, teu povo, tenham temor a ti e saibam que teu nome foi pronunciado sobre esta Casa que construí.

⁴⁴Quando o teu povo partir para a guerra contra seus inimigos, seguindo a direção na qual o enviáres^h, se ele rogar ao SENHOR, virado para a cidadeⁱ que escolheste e para a Casa que construí para teu nome, ⁴⁵ouve lá do céu a sua oração e sua súplica e faz triunfar o seu direito.

⁴⁶Quando os filhos de Israel tiverem pecado contra ti — pois não existe homem que não peque —, quando te tiveres irritado contra eles, quando os tiveres entregado aos inimigos, e os vencedores os tiverem levado cativos para uma terra inimiga, distante ou próxima, ⁴⁷se,

então, na terra em que estiverem cativos, eles refletirem e se arrependerem, dirigindo-te suas súplicas na terra dos vendedores, dizendo: 'Somos pecadores, praticamos o mal, somos culpados'; ⁴⁸se voltarem a ti de todo o coração e de todo o seu ser, na terra dos inimigos para a qual tiverem sido levados, e se rogarem a ti, virados para a sua terra, a terra que deste a seus pais, virados para a cidade que escolheste e para a Casa que construí para teu nome, ⁴⁹ouve lá do céu, da morada em que habitas, sua oração e súplica e faz triunfar o seu direito. ⁵⁰Perdoa ao teu povo que pecou contra ti, perdoa todas as suas revoltas contra ti; faz com que se apiedem deles os que os retêm no cativeiro; que tenham piedade deles; ⁵¹pois trata-se de teu povo e de teu patrimônio, dos que fizeste sair do Egito, do meio da fornalha de fundir ferro^j. ⁵²Abram-se os teus olhos à súplica de teu servo e de Israel, teu povo, e ouve-os, todas as vezes que invocando-te clamarão. ⁵³Pois foste tu que os separaste para ti como patrimônio, dentre todos os po-

Dt 4,20;
9,26-29

Dt 7,6-8

vos da terra, como o havias dito por intermédio de Moisés, teu servo, quando tiraste nossos pais para fora do Egito, ó Senhor DEUS^k. ⁵⁴Logo que Salomão acabou de dirigir ao SENHOR toda esta oração e esta súplica, ele se levantou da frente do altar do SENHOR, onde estava ajoelhado^l. Com as mãos estendidas para o céu, ⁵⁵de pé, abençoou em alta voz a assembléia de Israel, dizendo: ⁵⁶"Bendito seja o SENHOR, que deu um lugar de repouso a Israel, seu povo, tal como havia dito. Nenhuma das boas palavras que ele dissera por Moisés, seu servo, ficou sem efei-

Dt 12,10;
Js 21,44-45

Dt 28,63-64

f. Outra possível tradução: *a favor de todo homem, a favor de todo Israel, teu povo, quando cada um...*

g. O universalismo que se vê desmentar aqui (e também em 2Rs 5) só encontra equivalente durante e após o Exílio: Is 56,6-7; Zc 8,20-23; Jn: Rt; e conhecerá o pleno desabrochar no NT.

h. Alusão à "guerra santa" levada a efeito por Israel durante o tempo do estabelecimento em Canaã. O autor realça o contraste entre a direção em que o povo é enviado e aquela em que deve orar.

i. Este costume de orar voltado para Jerusalém deve ter sido praticado sobretudo durante o Exílio (cf. Dn 6,11).

j. Não se conhecia, naquela época, lugar onde a temperatura pudesse ser mais elevada que nos fornos de minério de ferro. Encontra-se a mesma expressão para designar o Egito em Dt 4,20; Jr 11,4.

k. Uma das marcas da fé, em Israel, como a exprime toda esta passagem, é que ela se baseia nos atos de Deus operados no passado: escolha do povo e libertação da escravidão egípcia. O passado garante a presença de Deus junto ao seu povo, tanto no presente como no futuro. Cf. também v. 23 nota.

l. Lit. *da genuflexão de joelhos*.

to^m. ⁵⁷Que o SENHOR, nosso Deus, esteja conosco, assim como esteve com nossos pais; que ele não nos falte com sua proteção, nem nos abandone; ⁵⁸que ele incline para si os nossos corações, a fim de que andemos em todos os seus caminhos e observemos os seus mandamentos, as leis e as normas que ele prescreveu a nossos pais". ⁵⁹Que estas súplicas que acabo de dirigir ao SENHOR estejam dia e noite diante dele, nosso Deus, para que ele faça justiça a seu servo, assim como a Israel, seu povo, conforme as necessidades de cada dia; ⁶⁰de tal sorte que todos os povos da terra saibam que é o SENHOR que é Deus, e não existe outro^o. ⁶¹Seja íntegro^o o vosso coração em relação ao SENHOR, nosso Deus, a fim de que caminhéis segundo suas leis e observeis seus mandamentos, como hoje o fazeis".

⁶²O rei, e todo Israel com ele, ofereceram sacrifícios diante do SENHOR. ⁶³Salomão ofereceu em sacrifício — eram sacrifícios de paz que ofereceu ao SENHOR — vinte e duas mil cabeças de gado e cento e vinte mil ovelhas. Foi assim que o rei e todos os filhos de Israel realizaram a dedicação da Casa do SENHOR. ⁶⁴Nesse dia, o rei consagrou o interior do átrio que fica na frente da Casa do SENHOR. Lá, ele ofereceu os holocaustos, a oferenda e a gordura dos sacrifícios de paz, pois o altar de bronze que fica diante do SENHOR era demasiado pequeno para conter o holocausto, a oferenda e a gordura dos sacrifícios de paz.

⁶⁵Foi naquele sétimo mês^o que Salomão celebrou a festa, e todo Israel com ele: era uma grande assembleia, vinda de Lebô-Hamat até a torrente do Egito^o, que esteve diante do SENHOR, nosso Deus, durante sete dias mais sete dias^o, ou seja, durante catorze dias. ⁶⁶No oitavo dia, Salomão despediu o povo. Eles saudaram^o o rei e foram para suas tendas^o, alegres e de coração contente por causa de todo o bem que o SENHOR fizera a David, seu servo, e a Israel, seu povo^o.

9 Nova aparição do Senhor a Salomão^o. ¹Quando Salomão acabara de construir a Casa do SENHOR e a casa do rei, e realizara tudo o que lhe aprouve, ²apareceu-lhe o SENHOR pela segunda vez, como havia feito em Guibeon^o. ³O SENHOR lhe disse: "Ouviste a oração e a súplica que me dirigiste: consagrei esta casa que me construístes, a fim de nela fixar meu nome para sempre^o; meus olhos e meu coração estarão nela sempre. ⁴Quanto a ti, se caminhares em minha presença como David, teu pai, com um coração íntegro e com retidão, agindo conforme tudo o que te ordenei, se observares minhas leis e minhas normas^o, ⁵manterei para sempre o teu trono real sobre Israel, como o disse a David, teu pai: 'Jamais faltará um dos teus para sentar-se no trono de Israel'. ⁶Todavia, se vós e vossos filhos vierdes a afastar-vos de mim, ou não observardes as leis e as normas que vos prescrevi, se prestardes culto a ou-

Nm 7,1-3;
Eccl 6,16-17

m. Lit. *cuiu*. Para a mesma idéia, cf. Js 23,45; 23,14; 1Sm 3,19; 2Rs 10,10; Est 6,10; Jr 6,9.

n. A bondade de Deus impõe à obediência; cf. Ef 2,10.

o. Aqui se exprime claramente o monoteísmo.

p. Ou seja, fiel ao Senhor: Ex 20,3. Cf. 1Rs 11,4; 15,3,14.

Para o contrário, cf. Os 10,2; Sl 12,3.

q. Lit. *naquele tempo*, mas segundo 8,2 *naquele sétimo mês*, i. é, no mês de *etanim*. Esta festa da dedicação (v. 63) corresponde à do outono, a festa dos Tabernáculos, que marcava o fim da estação seca e o momento em que, voltando a chuva, o Senhor restituía a vida à terra sedenta.

r. Lebô-Hamat: provavelmente não Hamat no Orontes, mas "talvez uma localidade na Transjordânia, ao sul de Damasco" (Elliger). O v. nos dá aqui as fronteiras ideais do reino (cf. 5,1 nota).

s. A menção a essa segunda semana talvez seja uma adunção.

O v. seguinte (v. 66) fala somente em oito dias.

t. Lit. *eles bendisseram o rei*.

u. Expressão herdada da vida nômade; cf. Jz 19,9; 20,8; 1Sm 13,2; 1Rs 12,16.

v. Não há distinção aqui entre o bem da dinastia davídica e o do povo. Mais tarde, considerados pelos profetas como maus pastores, serão os reis acusados de causar a desgraça do povo; cf. Jr 10,21; 23,1-4; Ez 34,1-10.

w. Numerosas expressões desta passagem também se encontram em Dt e Jr.

x. Cf. 3,5-14.

y. Pôr o nome de alguém num lugar significa que esse lugar lhe pertence e que essa pessoa ali reside. A expressão é deuteronômica (Dt 12,5,21; 14,24).

z. *Observar as leis e normas do Senhor* é uma expressão estereotipada da literatura deuteronômica (Dt 4,1,5,8,14 etc.).

Dt 6,2;
10,13
Dt 28,15;
Jr 24,6

tros deuses e vos prosternardes diante deles. ⁷então exterminarei Israel da face da terra que lhe dei; lançarei para longe de minha face esta Casa que consagrei ao meu nome, e Israel se tornará a fábula e a zombaria de todos os povos. ⁸Quem passar pelas vizinhanças desta Casa tão elevada ficará estupefato e exclamará: 'Por que razão o SENHOR agiu assim para com esta terra e em relação a esta Casa?' ⁹E responder-lhe-ão^b: 'Porque eles abandonaram o SENHOR, seu Deus, que fez sair seus antepassados da terra do Egito; porque eles aderiram a outros deuses, prosternando-se diante deles e os servindo; é por isso que o SENHOR fez cair sobre eles toda essa desgraça'".

Dt 28,37;
Jr 24,9Jr 18,16;
19,8;
49,17;
50,13

Atividades diversas de Salomão. ¹⁰Pas-saram vinte anos, durante os quais Salomão construiu as duas casas, a Casa do SENHOR e a casa do rei. ¹¹Como Hiram, rei de Tiro, tivesse fornecido a Salomão madeira de cedro e de cipreste e ouro à vontade^c, o rei Salomão deu a Hiram vinte cidades da região da Galiléia^d. ¹²Hiram saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe dera, mas elas não foram de seu agrado. ¹³Disse ele: "Que cidades me deste, meu irmão!" E foram chamadas Terra de Kabul^e, nome que conservam até hoje. ¹⁴Hiram enviou ao rei cento e vinte talentos de ouro^f.

¹⁵Eis como fora a corvéia imposta pelo rei Salomão para construir a Casa do SENHOR, sua própria casa, o Milô, a muralha de Jerusalém, Haşor, Meguido e Gué-

zer — ¹⁶o Faraó, rei do Egito, iniciara uma campanha e tomou Guézer; incendiou-a depois de massacrar os canaanitas que ali residiam e presenteou com ela a sua filha, que era mulher de Salomão; ¹⁷e Salomão reconstruiu Guézer —, Bet-Horon Inferior, ¹⁸Baalat e Tamar do Deserto, na Terra^g, ¹⁹bem como todas as cidades de entreposto que lhe pertenciam, as cidades de guarnição para os carros e as cidades de guarnição para os cavaleiros. Salomão construiu também tudo o que lhe aprouve em Jerusalém, no Líbano e em toda a terra submetida à sua autoridade. ²⁰Restava numerosa população de emoritas, hetitas, perizitas, hivitas e ieubusitas, que não pertenciam aos filhos de Israel. ²¹Seus filhos que tinham ficado na terra e que os filhos de Israel não conseguiram votar ao interdito, Salomão os recrutou para a corvéia, até hoje. ²²Salomão não reduziu à servidão nenhum dos filhos de Israel, porque eles eram homens de guerra, seus servos, seus chefes, seus escudeiros, os comandantes de seus carros e de seus cavaleiros^h. ²³Eis o número dos chefes dos intendent designados para as obras de Salomão: quinhentos homens comandavam o povo que executava os trabalhosⁱ.

²⁴Foi somente quando a filha de Faraó subiu da Cidade de David e veio para a casa construída para ela por Salomão, que ele edificou o Milô.

²⁵Três vezes por ano^j, Salomão oferecia holocaustos e sacrifícios de paz sobre o altar que edificara para o SENHOR,

2Cr 8,3-10

Jz 3,1-5;
Dt 20,17Dt 20,
16-18

2Cr 8,11

a. Lit. *assobiarei*. Cf. Jr 18,16.

b. O diálogo imaginário entre os transeuntes espantados e um interlocutor impessoal se inspira no estilo de Jeremias (Jr 16,10-11; 22,8-9); cf. Dt 29,23-25.

c. Lit. *de acordo com todo o seu prazer*. V. 11a é um parêntese recordando as circunstâncias relatadas em 5,22-25, para justificar a venda de uma parte do reino por Salomão. Na realidade, o contexto narra um novo negócio (v. 14).

d. Na realidade, não passavam de aldeias.

e. Se existe uma relação entre a observação de Hiram e este nome, isso poderia significar *como nada*; propõe-se também o sentido de *pântano*; cf. Js 19,27.

f. Tendo variado o valor do "talento", pode-se calcular esse peso em um mínimo de 3.600 kg.

g. As versões e vogais do texto recebido compreenderam

Tadmor, isto é, Palmira. Entretanto, é mais provável que a cidade em questão esteja situada na Terra, ou seja, em Judá (cf. 4,19), embora seja difícil determinar-lhe exatamente a localização.

h. Embora o texto ponha em evidência uma diferença entre a situação dos israelitas e a dos descendentes dos canaanitas, não é menos verdade que Salomão agiu como potentado absoluto, utilizando para seu serviço todos os que desejava (a respeito da corvéia entre os próprios israelitas, cf. 5,26-28; 11,28).

i. Nos vv. 20-23, o autor, de inspiração deuteronomista, parece ter desejado atenuar a impressão desfavorável provocada pela narrativa de 5,27-32, onde se diz que Salomão levou homens de todo Israel à corvéia.

j. Nas festas dos Pães Ázimos, das Semanas e dos Tabernáculos; cf. Ex 23,7; Dt 16,16.

e queimava incenso sobre o altar que se achava diante do SENHOR. Assim dava ele à Casa sua razão de ser. ²⁶O rei Salomão construiu uma frota em Eşion-Guéber, que fica perto de Eilat, na praia do mar dos Juncos^k, na terra de Edom. ²⁷Hirâm mandou para os navios seus servos, marujos que conheciam bem o mar; eles estavam com os servos de Salomão. ²⁸Eles chegaram até Ofir^l e de lá trouxeram ouro, quatrocentos e vinte talentos, que fizeram chegar até o rei Salomão.

2Cr 8,17-18

2Cr 9,1-12; Mt 12,42p

Jz 14,12-18

10 **Visita da rainha de Shebá. Riqueza de Salomão.** ¹A rainha de Shebá^m ouvira falar do renome que Salomão conquistara, graças ao nome do SENHORⁿ; e veio testá-lo com enigmas. ²Chegou a Jerusalém com um séquito imponente, camelos carregados de aromas, ouro em grande quantidade e pedras preciosas. Tendo chegado à presença de Salomão, falou-lhe de tudo o que a preocupava. ³Salomão respondeu a todas as suas perguntas: nenhuma foi tão difícil que o rei não pudesse responder. ⁴A rainha de Shebá viu toda a sabedoria de Salomão, a casa que ele construía, ⁵os alimentos de sua mesa, os alojamentos de seus servos, a qualidade de seus empregados e de suas librés, seus copeiros, os holocaustos que ele oferecia na Casa do SENHOR e ficou estupefata. ⁶E disse ao rei: "É realmente verdade o que ouvi dizer em minha terra a respeito de tuas palavras e de tua sabedoria. ⁷Não quis acreditar no que me contavam enquanto não viesse e visse com meus próprios olhos; e eis que não me haviam revelado nem a

metade! Ultrapassas em sabedoria e em qualidade a reputação de que eu ouvira falar. ⁸Feliz a tua gente", felizes os teus servos, que podem ficar sempre contigo e ouvir tua sabedoria. ⁹Bendito seja o SENHOR, teu Deus, a quem aprouve elevar-te ao trono de Israel; foi por amar Israel para sempre que o SENHOR te constituiu rei, para que exerças o direito e a justiça". ¹⁰Ela deu ao rei cento e vinte talentos de ouro, perfumes em grande quantidade e pedras preciosas. Nunca mais chegaram tantos aromas quantos a rainha de Shebá deu a Salomão.

¹¹Os navios de Hirâm que transportaram o ouro de Ofir^p trouxeram também grande quantidade de madeira de sândalo e pedras preciosas. ¹²Com esta madeira de sândalo, o rei fez balaustradas para a Casa do SENHOR e a casa do rei, bem como cítaras e harpas para os cantores. Nunca mais chegou madeira de sândalo, nem se tornou a vê-la até hoje.

¹³O rei Salomão concedeu à rainha de Shebá tudo o que ela desejou pedir, sem contar os presentes que ele lhe deu, dignos da mão do rei Salomão. Depois ela partiu e retomou o caminho de sua terra, ela e seus servos.

¹⁴O peso de ouro recebido anualmente por Salomão era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro^q, ¹⁵sem contar o que recebia dos viajantes, do tráfico dos negociantes, de todos os reis do Ocidente^r e de todos os governadores do território.

2Cr 9,13-28

¹⁶O rei Salomão mandou fazer duzentos escudos grandes de ouro batido, para os quais eram necessários seiscentos siclos de ouro por escudo, ¹⁷e trezentos es-

k. Cf. Ex 13,18 nota. Eşion-Guéber foi também, naquela época, um grande centro metalúrgico.

l. *Ofir*, região célebre pelo ouro que nela se encontrava. Sua localização não pôde ser determinada com certeza. Acha-se, provavelmente, na costa da Arábia, embora tenha sido também procurada na África do Sul e na Índia.

m. O jeito fabular da narrativa não exclui, de modo algum, um pano de fundo histórico apontando arranjos comerciais entre Salomão e a Arábia. Na realidade, não se sabe ao certo onde o autor dos *Reis* localizava o reino de Shebá (cf. Gn 10,28; Is 60,6; Ez 27,22; Sl 72,10). Quer parecer, todavia, que um reino sabeu, no sul da Arábia, teria conhecido um período florescente, aproximadamente entre 900 e 450 a.C., devido provavelmente

às suas transações com a Índia. A narrativa se encontra nas tradições abissínia e muçulmana; nesta última, a rainha tem o nome de Balkis.

n. *Grças ao nome do Senhor*: essas palavras rompem o fio da frase hebraica e parecem ter sido acrescentadas; o texto paralelo de 2Cr 9,1 traz simplesmente: *ouvira falar do renome de Salomão*.

o. Algumas versões dizem: *Felizes tuas mulheres*.

p. Cf. 9,28 nota.

q. Esta cifra de 666 pode-se considerar fabulosa. Correspondia a um mínimo de 20.000 kg! Encontra-se também em Ap 13,18.

r. O texto paralelo das Crônicas (2Cr 9,14) e as versões antigas falam da Arábia. Cf. 1Rs 10,1 nota.

cudos pequenos de ouro batido, para os quais eram necessários três minas de ouro por escudo. O rei os depositou na casa da Floresta do Líbano^s. ¹⁸O rei mandou fazer ainda um grande trono de marfim^t e o revestiu de ouro fino. ¹⁹Tinha o trono seis degraus^u e espaldar arredondado^v; de cada lado do assento havia encostos para os braços^w. Dois leões se achavam ao lado dos braços do trono, ²⁰e doze a cada lado nos seis degraus. Nunca se fez algo semelhante em nenhum reino. ²¹Todas as taças do rei Salomão eram de ouro, e de ouro fino eram todos os objetos da casa da Floresta do Líbano; nenhum era de prata, pois não se fazia caso dela no tempo de Salomão. ²²Pois o rei tinha no mar os navios de Tarshish^x, que navegavam com os de Hirâm e, a cada três anos, voltavam carregados de ouro, prata, marfim, macacos e pavões^y. ²³O rei Salomão tornou-se o maior de todos os reis da terra em riqueza e sabedoria. ²⁴Toda a terra procurava chegar à presença de Salomão para ouvir a sabedoria que Deus pusera em seu coração. ²⁵Cada qual lhe trazia oferendas: objetos de prata e de ouro, vestes, armas, perfumes, cavalos e mulas; e isto a cada ano.

²⁶Salomão fez reunir seus carros e cavaleiros. Ele possuía mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, que fez levar^z às cidades de guarnição e para junto dele, em Jerusalém. ²⁷O rei fez com que a prata em Jerusalém se tornasse tão

comum quanto as pedras, e os cedros tão numerosos quanto os sicômoros da Baxada^a. ²⁸Os cavalos de Salomão provinham do Egito e de Qevê^b, onde eram comprados pelos mercadores do rei. ²⁹Um carro proveniente do Egito custava seiscentas peças de prata e um cavalo, cinquenta. Acontecia o mesmo com todos os reis dos hititas e de Arâm, que os importavam por intermédio daqueles mercadores.

11 Pecado de Salomão. ¹O rei Salomão amou numerosas mulheres estrangeiras^c: além da filha de Faraó, amou moabitas, edomitas, amonitas, sidônias, hititas. ²Eram elas oriundas das nações a respeito das quais o SENHOR dissera aos filhos de Israel: "Não ireis ter com elas, nem elas convosco, porquanto desviariam para seus deuses os vossos corações^d". Foi justamente a essas nações^e que o rei Salomão se apegou por causa dos seus amores. ³Ele teve setecentas mulheres de estirpe principesca e trezentas concubinas. Suas mulheres desviaram-lhe o coração.

⁴No tempo da velhice de Salomão, suas mulheres atraíram-lhe o coração para outros deuses, e seu coração não mais pertenceu sem reservas ao SENHOR, seu Deus, ao contrário do coração de David, seu pai. ⁵Salomão prestou culto a Astarte, deusa dos sidônios, e a Milkôm, abominação dos amonitas. ⁶Salomão fez o mal

2Cr 1,14-17
Dt 17,16;
1Rs 5,6

s. A casa da Floresta do Líbano (7.2) parece ter servido também de arsenal. Cf. Is 22.8.

t. Quer dizer, incrustado de marfim.

u. Estes seis degraus, mais o próprio trono que representa um sétimo, ao que parece, constituíam um símbolo do mundo com os seus sete céus.

v. Arredondado como o haviam sido os tronos dos reis do Egito, de Micenas e de Chipre. Poder-se-ia ler também (sem modificar as consoantes do texto): e uma cabeça de novilho detrás. O rei Salomão, que não se acha a salvo da censura de sincretismo, teria aí utilizado, para decorar o seu trono, uma velha representação cananéia da divindade. Cf. 12.28.

w. Lit. mãos.

x. Tarshish, lugar geográfico mal determinado, talvez na Espanha ou no mar Negro, o que significava estar na extremidade do mundo conhecido. Um "navio de Tarshish" era um navio de comércio capaz de ir até países distantes. Cf. 22.49; Ez 27.12; Jn 1.3.

y. Tradução tradicional. Alguns pensam que se trata de determinar espécie de macaco.

z. Com as Crônicas e várias versões, e mediante ligeira modificação das vogais, poder-se-ia ler: acantonou.

a. A planície costeira ao longo do Mediterrâneo. Cf. Am 8.14.

b. De preferência a Egito (Misráim), deveria ler-se Musri que fica na região do Cáucaso. Qevê (ou Qevá, segundo o gr.), seria a Cilícia.

c. Trata-se, na maioria dos casos, de casamentos "políticos", pelos quais Salomão fazia aliança com soberanos vizinhos. Os números dados pelo v. 3 — no total de mil, número simbólico — parecem ter sido ampliados pela tradição, a fim de aumentar ainda mais a fama e a reputação do rei. Cf. Ecl 2.8; Sr 47.19.

d. Quanto à proibição de se aliar às nações, cf. Ex 23.32-33; 34.12-16; Dt 7.1-4; Js 23.12.

e. Parece que aqui se trata das nações, como em Js 23.12. O hebr. também permite compreender que foi aos deuses estrangeiros que Salomão se aliou.

aos olhos do SENHOR^f e não o seguiu integralmente o SENHOR como David, seu pai. ⁷Foi então que Salomão edificou, na montanha que fica diante de Jerusalém^g, um lugar alto^h para Kemosh, abominação de Moab, e também para Môlek, abominação dos filhos de Amon. ⁸E fez o mesmo para os deuses de todas as suas mulheres estrangeiras, que ofereciam incenso e sacrifícios aos seus deuses. ⁹O SENHOR irritou-se contra Salomão, porque seu coração se desviara dele, o Deus de Israel, que lhe aparecera duas vezes ¹⁰e lhe ordenara exatamente que não seguisse outros deuses, mas Salomão não obedeceu ao que o SENHOR lhe ordenara. ¹¹O SENHOR disse a Salomão: "Já que procedes assim e não guardaste minha aliança, nem as leis que te prescrevi, vou arrancar-te a realza e a darei a um dos teus servos. ¹²Entretanto, por causa de David, teu pai, não o farei durante a tua vida; arrancá-la-ei da mão de teu filho. ¹³Mas não te arrebatarei toda a realza; haverá uma tribo que darei ao teu filho, por causa de David, teu pai, e por causa de Jerusalém, que escolhi".

Revolta no exterior. ¹⁴O SENHOR suscitou um adversárioⁱ para Salomão: Hadad, o edomita, da linhagem real de Edom. ¹⁵Isto se tinha produzido quando David combateu Edom^j. — Foi quando Ioab, chefe das tropas, fora enterrar os mortos e matara todos os varões de Edom. ¹⁶Ioab e todo Israel, com efeito, ali ficaram seis meses, até ter suprimido todos os varões de Edom. ¹⁷Hadad fugira para o Egito com os edomitas que faziam parte dos servos de seu pai. Hadad não passava

então de um rapazinho. ¹⁸Partiram de Midian e chegaram a Paran. Levando consigo homens de Paran, alcançaram o Egito e foram ter com o Faraó, rei do Egito. Este deu uma casa a Hadad, proviu o seu sustento e lhe deu uma terra. ¹⁹Hadad tinha conquistado o favor de Faraó, que lhe dera por mulher sua cunhada, irmã de Taḥpenês, a rainha-mãe. ²⁰A irmã de Taḥpenês lhe dera um filho, Guenubat, e Taḥpenês o educara^k no interior da casa do Faraó. Guenubat residia na casa do Faraó, no meio de seus filhos^l.

²¹No Egito, Hadad soube que David adormecera com seus pais e que Ioab, chefe das tropas, também morrera. Hadad disse ao Faraó: "Deixa-me voltar para minha terra". ²²O Faraó lhe disse: "Mas que te falta perto de mim para que, de repente, queiras voltar para a tua terra?" — "Nada, mas deixa-me partir assim mesmo".

²³Deus suscitou outro inimigo contra Salomão: Rezon, filho de Eliadá, que fugira de Hadadêzer, rei de Sôbá, seu senhor. ²⁴Ele reunira alguns homens em torno de si e se tornara chefe de um bando. Como David os matava, tinham ido para Damasco, onde se estabeleceram e reinaram. ²⁵Rezon foi inimigo de Israel durante toda a vida de Salomão. O mal que Hadad praticou é este: detestou Israel. Ele reinou sobre Arâm^m.

2Sm 8,3-8

Anúncio do cisma a Jeroboão pelo profeta Ahiá. ²⁶Jeroboão, filho de Nabat, era um efraimita da Şeredáⁿ; o nome de sua mãe era Şeruá, e era viúva; ele estava a serviço de Salomão e levantou a

f. Fórmula deuteronômica (Dt 4,25; 9,18; 17,2; 31,29) de uso freqüente nos Reis.

g. Isto é, no monte das Oliveiras, chamado *monte da Destruição* em 2Rs 23,13.

h. Cf. 3,2 nota.

i. Em hebr. *satan*, palavra que aqui ainda não tem conteúdo teológico.

j. O gr. e o sir. recomendariam uma tradução mais enérgica: *quando David devastara Edom*.

k. I. it. *desmamado*. O desmame no interior do palácio significa que a criança, desde este momento, foi criada como um

membro da família de Faraó. O gr. igualmente traz: *ela o havia criado*. Cf. Ex 2,9-10.

l. Diante do poderio crescente de David, Faraó tinha boas razões para apoiar os adversários dele.

m. Ao que parece, tem-se confundido o jovem Hadad de Edom do v. 14 com os numerosos reis homônimos que reinaram mais tarde sobre Arâm e foram inimigos do reino do Norte (Israel). Tal confusão estaria na origem do texto grego, que tem *Edom*, em vez de *Arâm*.

n. A Şeredi se encontraria cerca de 45km a nordeste de Jerusalém, em pleno território do futuro reino do Norte.

mão contra o rei²⁷. Eis em que ocasião ele se rebelou contra o rei: Salomão construiu o Milô, para fechar a brecha da cidade de David, seu pai. ²⁸Esse homem, Jeroboão, era valente guerreiro. Salomão observava o jovem enquanto ele trabalhava; designou-o, pois, para dirigir toda a corvêia da casa de José. ²⁹Naquele tempo, saindo Jeroboão de Jerusalém, o profeta Ahiá de Shilô o encontrou no caminho; Ahiá estava coberto com um manto novo e ambos se achavam sozinhos no campo. ³⁰Ahiá tomou o manto novo que trazia e o rasgou em doze pedaços. ³¹Disse em seguida a Jeroboão: "Toma dez pedaços, pois assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Eis que vou arrebatar o reino da mão de Salomão e te darei dez tribos^o. ³²E a única tribo^q que ele terá, será por causa de meu servo David e da cidade

11.13 de Jerusalém, que escolhi entre todas as tribos de Israel. ³³Isto porque me abandonaram e se prosternaram diante de

11.5-7 Astarte, deusa dos sidônios, diante de Kemosh, deus de Moab e diante de Milkom, deus dos filhos de Amon; não andaram em meus caminhos, nem fizeram o que é reto aos meus olhos, segundo minhas leis e minhas normas, como David, o pai dele^r. ³⁴Nada tirei do reino da mão de Salomão, porque o constituí chefe durante todos os dias de sua vida, por causa de meu servo David, que esco-

lhi, e que guardou os meus mandamentos e minhas leis. ³⁵Mas arrebatarei a realza das mãos de seu filho e dá-la-ei a ti, a saber, dez tribos. ³⁶A seu filho darei uma tribo, a fim de que meu servo David tenha sempre uma lâmpada^s diante de mim em Jerusalém, a cidade que escolhi para mim, a fim de nela estabelecer o meu nome. ³⁷Quanto a ti, tomar-te-ei e reinarás onde quer que o desejares, e serás rei de Israel. ³⁸Se obedeceres a tudo quanto eu te prescrever, se andares em meus caminhos e fizeres o que é reto aos meus olhos, guardando minhas leis e mandamentos como o fez meu servo David, estarei contigo e edificarei para ti uma dinastia estável^t, como a que edifiquei para David, e te darei Israel. ³⁹Humilharei assim a raça de David, mas não para sempre^u".

⁴⁰Salomão procurou matar Jeroboão, mas este levantou-se e fugiu para o Egito, para junto de Shishaq^v, rei do Egito, onde permaneceu até a morte de Salomão.

⁴¹Os demais atos de Salomão, tudo o que fez, e sua sabedoria, não se acha escrito no livro dos Anais^w de Salomão?

⁴²A duração do reinado de Salomão em Jerusalém, sobre todo Israel, foi de quarenta anos^x. ⁴³Em seguida Salomão adormeceu junto aos seus pais e foi sepultado na cidade de David, seu pai. Seu filho Roboão se tornou rei em seu lugar.

2Rs 8.19;
Sr 47.22

o. A expressão hebr. *levantar a mão* não corresponde necessariamente a uma tentativa de assassinato. Pode tratar-se de uma revolta, especialmente contra a corvêia. O texto bíblico perdeu os pormenores do acontecimento e se concentra na profecia de Ahiá (vv. 23-29), escrita no estilo deuteronomista.

p. O gesto profético tinha tanta importância quanto a palavra; tornava-a visível, sensível, eficaz. Cf. 22.11; Jr 27.1-8; 28.1-4; 10-11; Ez 37.15-22; etc.

q. Para o redator deuteronomista, somente Judá teria permanecido fiel à dinastia davídica; parece, contudo, que Judá compreendia, de fato, uma segunda tribo assimilada por ele, seja Simeão, seja Benjamin (12.21).

r. Depois dos verbos no plural, surpreende o singular (*o pai dele*, referindo-se a Salomão). Aliás, algumas versões trazem os verbos da frase no singular; todavia, o redator e o aram. tinham no espírito tanto o povo como o rei, daí os verbos no plural.

s. A *lâmpada* é o sinal de uma dinastia viva (2Sm 14.7). A presença permanente da lâmpada diante do Senhor em Jerusalém implica, portanto, a estabilidade da dinastia davídica. Cf. 15.4; 2Rs 8.19; Sl 18.29.

t. A promessa de uma dinastia estável é feita nos mesmos termos que para David (2Sm 7.16) e para o sacerdote Sadoc (1Sm 2.35).

u. O autor, provavelmente por influência dos profetas, exprime aí sua esperança de que a divisão do reino seja apenas temporária. Cf. Is 11.13-14; Jr 3.18; 23.5-6; 31.1; 33.7; Ez 37.22; Os 2.2; Mq 2.12; Zc 9.10.

v. Esse rei (em egípcio *Sheshonq*), de origem líbia, fundou a 22ª dinastia (950 a 730 a.C.). Reinou de 950 a 929 e invadiu a Palestina (cf. 14.25-26), como o haviam feito muito remotamente os Faraós, dos quais ela se tornara possessão até por volta da metade do século XVI a.C.

w. Lit. *o livro das palavras*. Era o rolo onde se consignavam, à medida que aconteciam, as decisões e empreendimentos dos reis de Israel e de Judá (cf. 14.19,29; 15.23 etc., onde se lê a mesma fórmula estereotipada). Infelizmente esses documentos originais se perderam e os livros dos Reis e das Crônicas só trazem ecos deles. Escritos semelhantes existiam em todos os reinos do antigo Oriente-Próximo.

x. Salomão reinou de cerca de 972 a 933 a.C.

DO CISMA AO FIM DO REINO DE ISRAEL

2Cr 10,1-11,4

12 Cisma político e religioso. Jeroboão, rei de Israel. 'Roboão dirigiu-se a Siquém, pois fora para lá' que todo Israel¹ viera a fim de proclamá-lo rei. ²Entretanto, quando Jeroboão, filho de Nebat, veio a sabê-lo, ele ainda se achava no Egito, porque fugira para longe da presença do rei Salomão e residia no Egito³. ³Mandaram chamar Jeroboão, e este se apresentou, com toda a assembléia de Israel; falaram a Roboão nestes termos: ⁴"Teu pai tornou duro o nosso jugo; alivia agora a dura servidão de teu pai e o pesado jugo que ele nos impôs, e te serviremos". ⁵Ele lhes disse: "Ide, e voltai a mim dentro de três dias^b". E o povo se foi. ⁶O rei Roboão pediu o conselho dos anciãos que haviam estado a serviço de seu pai Salomão quando ele vivia: "Como me aconselhaiis que responda a este povo?" ⁷Eles responderam: "Se hoje te fizeres o servo^c deste povo e a ele servires, se lhe responderes com boas palavras, eles serão sempre teus servidores". ⁸Contudo, Rehabeém desprezou o conselho que lhe haviam dado os anciãos e se aconselhou com os jovens que tinham crescido com ele e estavam a seu serviço. ⁹Disse-lhes ele: "E vós, o que aconselhaiis? O que devemos responder a esse povo que me disse: 'Alivia o jugo que teu pai nos impôs'?" ¹⁰Os jovens que tinham crescido com ele responderam-lhe: "Eis o que dirás a esse povo que te falou assim: 'Teu pai tornou pesado o nosso jugo, mas tu, alivia-o para nós';

eis o que lhe dirás: 'Meu dedo mínimo é mais grosso do que os rins^d de meu pai; ¹¹doravante, já que meu pai vos impôs pesado jugo, eu aumentarei o peso desse jugo; meu pai vos corrigiu com chicotes, eu vos corrigirei com correias farpadas!'"

¹²Jeroboão e todo o povo vieram ter com Roboão ao terceiro dia, conforme lhe dissera o rei: "Voltai a mim dentro de três dias". ¹³O rei respondeu duramente ao povo; desprezando o conselho que os anciãos lhe haviam dado, ¹⁴falou ao povo segundo o conselho dos jovens: "Meu pai tomou pesado o vosso jugo; eu aumentarei o seu peso; meu pai vos corrigiu com chicotes, eu vos corrigirei com correias farpadas". ¹⁵O rei não escutou o povo; e foi este o meio que o SENHOR empregou indiretamente para cumprir a palavra que dissera a Jeroboão, filho de Nabat, por intermédio de Ahijá de Shilô.

¹⁶Todo o Israel viu que o rei não o escutara; o povo lhe replicou:

"Que parte temos nós com David? Nenhum patrimônio com o filho de Jessé! Para as tuas tendas^f, Israel!

Agora ocupa-te^g com a tua casa, David!"

E Israel voltou para suas tendas. ¹⁷Roboão, porém, continuou a reinar sobre os filhos de Israel que moravam nas cidades de Judá^h. ¹⁸O rei Roboão delegou Adorâm, o chefe das corvéiasⁱ, mas Israel inteiro lapidou-o e ele morreu; o rei Roboão mal conseguiu subir ao seu carro e fugir para Jerusalém. ¹⁹E Israel se revoltou até hoje^j contra a casa de David.

y. Siquém, cuja importância foi considerável desde a instalação de Israel na Palestina (cf. Js 24,1), parece ter permanecido como centro religioso até aquela época.

z. *Tudo Israel* designa, aqui como em qualquer outra passagem deste capítulo (vv. 16.18.20), as dez tribos separatistas que constituirão o reino do Norte. Já é este, aliás, o sentido desta expressão em 2Sm 2,9; 4,1; 5,5.

a. Gr., Vulg. e 2Cr 10,2 trazem: *ele voltou do Egito*.

b. Isto é, "depois de amanhã".

c. Encontra-se aqui a noção de que um rei não reina para si mesmo, mas para o bem — o serviço — do povo; cf. 3,5 nota. d. Os rins eram considerados a sede da força.

e. Lit. *escorpiões*, "chicotes terminados por pequenos ganchos de metal semelhantes a anzóis" (Dhorme).

f. Grito de revolta (cf. 2Sm 20,1), mas não de guerra (cf. 8,66 nota). Antigas testemunhas assinalam que temos aqui um dos dezoito casos em que os "escritas" se permitiram modificar o texto hebr. que trazia primitivamente: *aos teus deuses* (em hebr., basta inverter duas letras); quiseram eles suprimir tal vestígio de politeísmo!

g. As versões gr., aram. e sir. leram: *apascenta a tua própria casa*.

h. Trata-se de membros das tribos dissidentes que habitavam o território ainda fiel a Roboão.

i. "Por tolíce ou provocação, Roboão enviou aos revoltosos o funcionário que lhes era mais odioso" (de Vaux).

j. Esta nota permite datar a redação do conjunto desta narrativa antes do momento da ruína do reino da Samaria.

²⁰Tão logo Israel inteiro soube que Jeroboão tinha voltado^k, mandaram-no chamar ao lugar onde se achavam reunidos e fizeram-no rei de todo Israel. Para acompanhar a casa de David, houve apenas a tribo de Judá^l. ²¹Roboão chegou a Jerusalém e reuniu toda a casa de Judá e a tribo de Benjamin, ou seja, cento e oitenta mil guerreiros de elite, para combater a casa de Israel, a fim de restituir o reino a Roboão, filho de Salomão.

²²Mas a palavra de Deus veio ao homem de Deus Shemaia: ²³"Dize a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, a toda a casa de Judá e de Benjamin, e também ao resto do povo: ²⁴"Assim fala o SENHOR: Não deveis subir para combater contra vossos irmãos, os filhos de Israel; volte cada qual para sua casa, pois fui eu que provoquei este acontecimento". Eles ouviram a palavra do SENHOR e regressaram, para andar conforme a palavra do SENHOR^m.

²⁵Jeroboão fortificou Siquém, na montanha de Efraim, e ali se estabeleceu. Em seguida saiu e fortificou Penuelⁿ.

²⁶Jeroboão disse a si mesmo: "Conforme as coisas se apresentam, o reino bem poderia voltar para a casa de David. ²⁷Se este povo continuar a subir para oferecer sacrifícios na Casa do SENHOR, em Jerusalém, o seu coração voltará para seu senhor, Roboão, rei de Judá; quanto a

mim, acabarão por matar-me e voltarão para Roboão, rei de Judá^o". ²⁸O rei Jeroboão teve a idéia de fazer dois bezerros de ouro e disse ao povo: "Subistes demasiadas vezes a Jerusalém; eis teus deuses, Israel, que te fizeram subir da terra do Egito^p". ²⁹Ele pôs um em Betel, e o outro, instalou-o em Dan^q — ³⁰foi nisto que consistiu o pecado^r. O povo caminhou em procissão diante de um dos bezerros até Dan^s; ³¹Jeroboão construiu casas dos lugares altos^t, e das pessoas tomadas do meio do povo fez sacerdotes, sem que fossem filhos de Levi. ³²Jeroboão celebrou uma festa no oitavo mês, no décimo quinto dia do mês, como a festa que se celebrava em Judá, e subiu ao altar. Fez o mesmo em Betel, sacrificando aos bezerros que mandara fabricar. E estabeleceu em Betel os sacerdotes dos lugares altos que instituíra. ³³Subiu ao altar que erigira em Betel, no décimo quinto dia do oitavo mês, data que marcara segundo a própria idéia! Celebrou uma festa para os filhos de Israel e subiu ao altar para ali queimar incenso^u.

Ex 32,4-8;
Sr 47,23

Cn 28,19;
Am 5,5

2Cr 11,15

13 Profecia contra Betel. ¹Um homem de Deus veio de Judá a Betel enviado por uma palavra do SENHOR, enquanto Jeroboão queimava oferendas sobre o altar. ²E gritou contra o altar, a uma ordem do SENHOR: "Altar! Altar!

k. Há uma ligeira diferença entre os dados deste v. e a relação que dão os vv. 3 e 12 quanto à data da intervenção de Jeroboão.

l. Cf. 11,32 nota.

m. Segundo 14,30 e 15,6, a guerra teve efetivamente lugar entre os dois reinos.

n. Siquém parece ter sido a primeira capital do reino do Norte, mas tão-somente durante um período bastante curto. Tirzá, e mais tarde Samaria, são mais conhecidas. Estas transferências de capital são o reflexo da instabilidade que vai caracterizar as dinastias do reino. Penuel foi fortificada provavelmente por motivos estratégicos.

o. As duas últimas palavras, repetidas, faltam na versão grega.

p. Na realidade — ao contrário do hebr. e de todas as versões —, poder-se-ia traduzir: *Eis teu Deus, Israel, que te fez subir da terra do Egito*. [O sujeito *Elohim* pode ser traduzido pelo singular ou pelo plural, mas o verbo aqui está no plural.] Pois Jeroboão, retomando a fórmula clássica "fazer subir da terra do Egito", pretende realmente permanecer fiel ao único Senhor, que libertou o seu povo da servidão. Não tem a intenção de fazer com que os seus súditos adorem outros deuses, mas de lhes dar "in loco" o que iam buscar em Jerusalém. Aliás, em Ex 32,1-6,

muito semelhante à nossa narrativa e onde também se trata dos *deuses*, a festa celebrada diante dos bezerros de ouro é chamada "festa em honra do Senhor" (v. 5). Os bezerros de ouro só foram objeto de condenação por parte dos profetas a partir de Oséias (cf. Os 13,2 nota). É possível que o plural do verbo, lido aqui, como em Ex 32,1,4,8 e em 1Rs 14,9, se deva a esta reação profética. Sobre a significação dos bezerros de ouro, cf. Ex 32,4 nota.

q. Jeroboão, com grande habilidade, escolheu dois santuários já célebres (cf. Gn 12,8; 28,10-22; Jz 17 e 18; Am 3,14; 7,13).

r. O autor dos livros dos Reis faz constantemente alusão (dezenove vezes) a este "pecado" ou ao "caminho" pelo qual Jeroboão, rei de Israel, arrastou o seu povo (cf. Introd.).

s. Provavelmente uma procissão de instalação semelhante à descrita em 2Sm 6,13-15.

t. Cf. 3,2 nota.

u. Em toda esta passagem, o autor bíblico quer mostrar quanto Jeroboão desobedeceu aos mandamentos do Deuteronômio: ereção de lugares altos (Dt 12,2), festas celebradas fora de Jerusalém (Dt 16,5-6.11), usurpação da função cultural por israelitas que não pertenciam à tribo de Levi (Dt 18,5), novo calendário.

Assim fala o SENHOR: Eis que um filho vai nascer na casa de David; seu nome será Josias^v. Sobre ti ele oferecerá em sacrifício os sacerdotes dos lugares altos, que sobre ti queimam incenso; e sobre ti serão queimadas ossadas humanas^w.^{2R 23, 15-16} No mesmo dia, o homem de Deus deu um sinal, dizendo: "Este é o sinal que o SENHOR anunciou:

Eis que o altar se fenderá,

E a gordura que nele está se derramará^x."

⁴Ao ouvir a palavra que o homem de Deus bradara contra o altar de Betel, o rei Jeroboão estendeu a mão que estava sobre o altar, dizendo: "Prendei-o!" Mas a mão que estendera contra o homem de Deus secou e ele não pôde trazê-la de volta a si.⁵O altar fendeu-se e a gordura se derramou do altar, segundo o sinal dado pelo homem de Deus por ordem do SENHOR.⁶O rei tomou a palavra e disse ao homem de Deus: "Aplaca o SENHOR^y, teu Deus, eu te suplico, e intercede por mim^z para que minha mão volte a mim". O homem de Deus aplacou o SENHOR, e a mão do rei voltou a ele, tornando-se como era antes.⁷O rei falou ao homem de Deus: "Entra em minha casa para restaurar as forças e dar-te-ei um presente".⁸O homem de Deus disse ao rei: "Ainda que me desses a metade de tua casa, eu não entraria nela, não comeria pão e não beberia água nesse lugar.⁹Porquanto esta é a ordem que recebi — palavra do SENHOR —: Não comerás pão, não beberás água e não voltarás pelo mesmo caminho por onde fostes".¹⁰E ele se foi por

outro caminho, e não voltou pelo caminho que tomara para ir a Betel.

¹¹Havia um velho profeta que morava em Betel. Seus filhos foram contar-lhe^a tudo o que o homem de Deus fizera naquele dia em Betel; contaram a seu pai as palavras que ele dissera ao rei.¹²O pai lhes perguntou: "Por que caminho ele se foi?" Seus filhos se informaram^b sobre o caminho pelo qual partira o homem de Deus vindo de Judá.¹³Ele disse aos filhos: "Selai o jumento!" Eles o selaram e ele montou.¹⁴Ele perseguiu o homem de Deus e o alcançou quando este se sentara sob um terebinto. Perguntou-lhes: "És tu o homem de Deus que veio de Judá?" Ele respondeu: "Sou eu!"¹⁵Ele lhe disse: "Vem comigo até minha casa, e come um pouco de pão".¹⁶O homem de Deus lhe respondeu: "Não posso nem voltar, nem ir contigo; não comerei pão nem beberei água contigo neste lugar,¹⁷pois foi-me dito pela palavra do SENHOR: Não comerás pão nem beberás água neste lugar, e não voltarás pelo caminho que tomaste para ir".¹⁸O profeta lhe disse: "Eu também sou profeta como tu, e um anjo me disse — palavra do SENHOR —: Fá-lo voltar contigo para tua casa, e que ele coma pão e beba água". Ele lhe mentia^c.¹⁹O homem de Deus voltou com ele, comeu pão em sua casa e bebeu água.

²⁰Ora, estando eles sentados à mesa, a palavra do SENHOR veio ao profeta que o fizera voltar;²¹e o velho profeta gritou ao homem de Deus que viera de Judá:

v. "A menção ao rei reformador Josias é uma profecia *post factum*, a menos que o nome do rei seja uma glosa posterior" (Gray).

w. Este pormenor significa a profanação total do altar (cf. 2Rs 23,14-16). Aram., sir. e Vulg. têm e *ele* queimará.

x. A gordura da vítima era a parte do sacrifício reservada especialmente a Deus (Lv 3,16). Se ela se derramasse, seria profanada, o que significava a perda de qualquer valor e eficácia do sacrifício.

y. Lit. *aplica a face (irada) do Senhor*.

z. Sobre o papel de intercessor do homem de Deus, cf. Ex 32,11; 1Sm 7,5; 12,19; Jr 7,16; 37,3; Is 53,12.

a. Lit. *Seu filho veio e lhe contou*. As versões e a sequência da narrativa trazem o plural, adotado aqui pela coerência.

b. Lit. *virum*. Várias versões trazem: *seus filios lhe fizeram ver*.

c. Por esta mentira, o velho profeta, ligado ao santuário de Betel, tentava salvar este das maldições pronunciadas contra ele. Com efeito, se o velho profeta conseguisse fazer parar o "gesto profético" do homem de Deus, esse gesto, conforme o modo de pensar daquela época, devia perder sua eficácia automaticamente. Ora, o "gesto profético" do homem de Deus não consistia somente em pronunciar um oráculo (v. 2), mas também em vir de Judá e para lá voltar em uma só viagem. Interromper a viagem daquele homem era, portanto, anular o seu gesto e, ao mesmo tempo, a sua profecia. Se o velho profeta, levando à sua casa o homem de Deus, pôde crer por um instante que o conseguira, a intervenção do Senhor por meio do leão significava que Deus recolocava a mão sobre seu mensageiro e velaria ele próprio para que se realizasse o oráculo contra Betel.

"Assim fala o SENHOR^d: Porque desobedeceste à ordem^e do SENHOR e não observaste o mandamento que te havia dado o SENHOR, teu Deus, ²²porque voltaste, comeste pão e bebeste água no lugar acerca do qual ele te dissera: 'Não comas pão ali e não bebas água', teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais^f". ²³Depois que o homem de Deus comeu pão e bebeu, o velho profeta selou o jumento do profeta que ele fizera voltar, ²⁴e este foi embora. Um leão encontrou-

^{20,36} -o no caminho e o matou. Seu cadáver jazia no caminho, enquanto o jumento permanecia de um lado dele e o leão do outro^g. ²⁵Alguns transeuntes viram o cadáver estendido no caminho e o leão ao seu lado. Falaram a respeito disto na cidade onde morava o velho profeta. ²⁶O profeta que o fizera voltar ouviu falar no acontecido e disse: "É o homem de Deus! Aquele que desobedeceu à ordem do SENHOR! O SENHOR entregou-o ao leão, que lhe esmagou os ossos^h e o matou, conforme a palavra que o SENHOR lhe havia dito".

²⁷Disse aos filhos: "Selai o jumento!" Eles o selaram ²⁸e ele partiu; encontrou o cadáver estendido no caminho, enquanto o jumento e o leão se mantinham a seu lado. O leão não havia comido o cadáver, nem triturara os ossos do jumentoⁱ. ²⁹O profeta tomou o cadáver do homem de Deus, deitou-o sobre o jumento e o levou de volta. O velho profeta regressou à sua cidade para celebrar o luto e

sepultar o homem de Deus. ³⁰Depositou o cadáver em seu próprio túmulo e celebraram-lhe o luto: "Ai, meu irmão!" ³¹Depois de sepultá-lo disse aos filhos: "Quando eu morrer, enterrai-me no túmulo em que o homem de Deus está sepultado. Deitareis meus ossos ao lado dos dele^k". ³²Porque ela se cumprirá, a palavra que ele gritou — palavra do SENHOR — contra o altar que se acha em Betel e contra todas as casas dos lugares altos que estão nas cidades de Samaria^l".

³³Apesar disso, Jeroboão não renunciou à sua má conduta. Continuou a tomar homens do meio do povo e a constituir-los sacerdotes dos lugares altos. Conferia a investidura^m a quem o quisesse para se tornar sacerdote dos lugares altos. ³⁴Nisto consistiu o pecado da casa de Jeroboão, e é por isso que ela foi destruída e desapareceu da superfície da terra.

14 **Ahiá anuncia a morte do filho de Jeroboão.** ¹Naquele tempo, Abiá, filho de Jeroboão, adoeceu. ²Jeroboão disse à sua mulher: "Levanta-te, disfarça-te para que não se saiba que és a mulher de Jeroboão, e depois vai a Shilô. Ali vive o profeta Ahiá, o qual me disse que eu seria rei deste povoⁿ". ³Levarás contigo dez pães, bolos e um pote de mel e irás ter com ele^o. Ele te fará saber o que acontecerá ao menino". ⁴A mulher de Jeroboão fez assim: levantou-se, partiu para Shilô e chegou à casa de Ahiá. Ora, Ahiá já não podia enxergar porque

d. O velho profeta, que tentara contrariar os planos de Deus, está ele mesmo encarregado de anunciar que Deus continua senhor da situação.

e. Lit. *a boca*. Cf. Is 30,2.

f. O costume de possuir uma sepultura da família é anterior à chegada dos israelitas à Palestina, e era de maior importância ser ali enterrado de pai a filho. Cf. Gn 23; 49,30; 2Rs 22,20; Is 14,19; Jr 8,1-2; Ne 2,5.

g. Esta narrativa procura demonstrar que a existência de um profeta está ligada à obediência absoluta que ele deve à palavra recebida diretamente do Senhor, e contra a qual nenhuma interferência, mesmo "angélica", pode prevalecer (cf. Gl 1,8).

h. Lit. *quebrou-o*. Cf. a expressão *quebrar os ossos* em Is 38,13.

i. Este pormenor procura realçar o fato de que o leão não matou para aplacar a fome, mas simplesmente para cumprir a vontade divina. Cf. 2Rs 17,25.

j. Fórmula ritual de lamentação funerária. Cf. Jr 22,18; 34,5. k. Por causa da narrativa de 2Rs 23,16-18, o gr. e a antiga versão latina escreveram: *É ao lado de seus ossos que me colocareis, a fim de que os meus ossos sejam salvos com os ossos dele*.

l. Anacronismo: Samaria só foi construída, nomeada e elevada a capital do reino a partir de Omri, i. é, cerca de meio século mais tarde (cf. 16,24); é mais tarde ainda que o nome de Samaria foi empregado para designar, como aqui, o conjunto das dez tribos separadas Ez 16,46; Os 7,1.

m. Lit. *ele enchia a mão*. Cf. Ex 28,41; 29,9.33.35; Nm 3,3; Jz 17,5.12.

n. Cf. 11,29-39.

o. Era normal trazer um presente para um profeta ao qual se queria consultar (cf. Nm 22,7; 1Sm 9,7-8). Estes presentes, muito modestos, correspondem ao disfarce da mulher do rei.

a velhice lhe paralisara o olhar. ⁵O SENHOR dissera a Ahiá: "Eis que a mulher de Jeroboão está a caminho, para encontrar contigo uma palavra^p a respeito de seu filho doente. Falar-lhe-ás de tal e tal modo. Quando ela chegar, far-se-á passar por outra pessoa". ⁶Assim que Ahiá ouviu-lhe o ruído dos passos, quando ela chegou à porta, ele disse: "Entra, mulher de Jeroboão! Por que te fazes passar por outra? Eu te fui enviado para te falar duramente. ⁷Vai e dize a Jeroboão: 'Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Levantei-te do meio do povo e fiz de ti o chefe de meu povo Israel'. ⁸Arrebatei a realza da casa de David e a dei a ti; mas não foste como meu servo David, que guardou os meus mandamentos e me seguiu de todo o seu coração, fazendo sempre o que é reto aos meus olhos; ⁹agiste ainda pior do que todos os teus predecessores; e chegaste até a fazer para ti outros deuses e estátuas, de modo a irritar-me; viraste as costas para mim! ¹⁰Por isso atrairei uma desgraça^q sobre a casa de Jeroboão; eliminarei todos os varões^r da gente de Jeroboão, escravo ou livre^s em Israel; varrerei os descendentes da casa de Jeroboão como se varre o esterco até acabar. ¹¹Todo membro da casa de Jeroboão que morrer na cidade será comido pelos cães; e todo membro que morrer no campo, será comido pelas aves", pois o SENHOR falou". ¹²E tu, levanta-te, volta para tua casa; no momento em que teus pés penetrarem na cidade, o menino morrerá. ¹³Todo Israel guardará o luto por ele e o enterrará, pois será o único da casa de Jeroboão a entrar num túmulo; pois só nele, na casa de

Jeroboão, se encontrou alguma coisa que agradasse ao SENHOR, o Deus de Israel. ¹⁴O SENHOR suscitará para Israel um rei que eliminará a casa de Jeroboão. E isso acontecerá hoje. Como? Agora mesmo. ¹⁵O SENHOR vai ferir Israel, que se tornará como o caniço que treme nas águas. Ele extirpará Israel desta boa terra que deu a seus pais e dispensá-lo-á para a outra margem do Rio', porque fabricaram para si postes sagrados, irritando assim o SENHOR. ¹⁶Ele abandonará Israel por causa dos pecados cometidos por Jeroboão e daqueles que este induziu Israel a cometer".

¹⁷A mulher de Jeroboão levantou-se partiu e chegou a Tirsa^t. No momento em que alcançava o limiar da casa, o menino morreu. ¹⁸Enterraram-no, todo Israel guardou luto por ele, conforme a palavra que o SENHOR tinha dito por intermédio de seu servo Ahiá, o profeta.

¹⁹Os demais atos de Jeroboão: guerras, reinado, tudo isso está escrito no livro dos Anais dos reis de Israel^u. ²⁰A duração do reino de Jeroboão foi de vinte e dois anos^v; ele adormeceu junto de seus pais, e seu filho Nadab se tornou rei em seu lugar.

Roboão, rei de Judá. ²¹Roboão, filho de Salomão, tornou-se rei de Judá. Roboão tinha quarenta e um anos quando se tornou rei, e reinou durante dezessete anos^w em Jerusalém, a cidade que o SENHOR escolhera entre todas as tribos de Israel para nela estabelecer o seu nome^x. O nome da mãe de Roboão era Naamá, a amonita. ²²Judá^y fez o mal^z aos olhos do SENHOR e, pelos pecados por ele cometi-

2Cr 12,
13-14

p. Isto é, um oráculo.

q. Expressão que está na boca do profeta Natan a propósito da elevação de David (2Sm 7,8). Para a palavra *chefe*, cf. 1,35 nota.

r. Farei cair uma desgraça: cf. 2Rs 21,12.

s. Lit. *os que urinam contra a parede*. Cf. 1Sm 25,22 nota.

t. Tradução hipotética de uma expressão (lit. *retido e deixado*) cujo sentido jurídico original se perdeu.

u. Mesma fórmula profética contra Baeshá (16,4) e contra Acab (21,24).

v. I. é, o Eufrates. Há aqui uma alusão ao exílio na Assíria.
w. Tirsa, outrora cidade real canaanita, foi capital do reino de Israel até Omri (16,24).

x. Como um estribilho, esta fórmula aparece constantemente, com pequenas variantes, no fim de cada reinado dos reis de Judá e de Israel.

y. Jeroboão reinou de 933 a 911 a.C.

z. Roboão reinou de 933 a 916 a.C.

a. Alude-se aqui ao lugar privilegiado que Jerusalém ocupava em comparação com os santuários cismáticos de Israel. Cf. Dt 12,5.11; 14,24; 1Rs 8,16; 11,36; e Jr 3,17.

b. Alguns mss. gr. falam aqui de Roboão, em lugar de Judá.

c. Fórmula deuteronômica encontrada constantemente nos Livros dos Reis.

dos, provocou o seu ciúme ainda mais do que o haviam feito seus pais. ²⁴Como aqueles, estes construíram para seu uso lugares altos^d, estelas e postes sagrados, sobre todas as colinas elevadas e toda árvore verdejante; ²⁴houve até hieródulos^e na terra. Agiram imitando exatamente as abominações das nações que o SENHOR havia desapossado diante dos filhos de Israel^f.

²⁵No quinto ano do reinado de Roboão, Shishaq, rei do Egito, subiu para atacar Jerusalém^g. ²⁶Tomou os tesouros da Casa do SENHOR e da casa do rei. Levou absolutamente tudo; até mesmo todos os escudos de ouro^h que Salomão fizera. ²⁷O rei Roboão substituiu-os por escudos de bronze e confiou-os aos chefes das guardas que guardavam a porta do palácio real. ²⁸Cada vez que o rei se dirigia à Casa do SENHOR, os guardas levavam esses escudos; depois traziam-nos de volta à sala dos guardas.

²⁹Os demais atos de Roboão, tudo o que ele fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ³⁰Houve continuamente guerra entre Roboão e Jeroboãoⁱ. ³¹Roboão adormeceu junto de seus pais e com eles foi sepultado na cidade de David. — E o nome de sua mãe era Naamá, a amonita. Seu filho Abiã^j tornou-se rei em seu lugar.

15 Abiã rei de Judá. ¹No décimo oitavo ano do reinado de Jeroboão,

filho de Nebat, Abiã tornou-se rei de Judá. ²Reinou três anos em Jerusalém^k. O nome de sua mãe era Maaká, filha de Absalão^l. ³Imitou todos os pecados que seu pai cometera antes dele, e seu coração não foi inteiramente fiel para com o SENHOR, seu Deus, ao contrário do que tinha sido o coração de David, seu pai^m. ⁴Foi realmente por causa de David que o SENHOR, seu Deus, lhe concedeu uma lâmpadaⁿ em Jerusalém, suscitando-lhe um filho para a preservação de Jerusalém; ⁵foi porque David tinha feito o que é reto aos olhos do SENHOR e em nada se afastara do que lhe havia sido ordenado, durante toda a sua vida, exceto na ques- ^{2Sm 11}ção de Uriá, o hetita. — ⁶Houve guerra entre Roboão e Jeroboão todos os dias enquanto viveram^o.

⁷Os demais atos de Abiã, tudo o que fez, não está escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? Houve guerra entre Abiã e Jeroboão. ⁸Abiã adormeceu junto de seus pais, e sepultaram-no na cidade de David. Seu filho Asá se tornou rei em seu lugar. ^{2Cr 13, 22-23}

Asá, rei de Judá. ⁹No vigésimo ano ^{2Cr 14}do reinado de Jeroboão, rei de Israel, Asá, rei de Judá, tornou-se rei. ¹⁰Ele reinou quarenta e um anos em Jerusalém^p; o nome de sua mãe era Maaká, filha de Absalão^q. ¹¹Asá fez o que é reto aos olhos do SENHOR, como David, seu pai. ¹²Expulsou da terra os hieródulos^r e

d. Cf. 3,2 nota; cf. 2Rs 16,4; 17,10; Jr 2,20.

e. A religião cananita, baseada no ciclo das estações, comportava ritos de fertilidade. A prostituição ocupava nela importante lugar simbólico; os santuários possuíam entre seu pessoal "hieródulos" — ao que parece, prostitutos de ambos os sexos (Dt 23,18) —, que se achavam à disposição dos visitantes (homens e mulheres) desses santuários. Cf. 15,12; 22,47; 2Rs 23,7. Essa "prostituição sagrada" foi uma ameaça constante à integridade e à pureza da fé em Israel.

f. Expressão característica do estilo do Deuteronômio (Dt 4,38; 9,4-5; 18,12).

g. Após o cisma do antigo reino de Salomão, o Egito aproveitou-se da fraqueza de Roboão para atacá-lo; sabia poder contar com Jeroboão, ao norte (11,40). O acontecimento não pode ser datado com exatidão. Sobre Shishaq, cf. 11,40 nota.

h. Cf. 10,16-17; este ataque de Shishaq não significou a conquista de Jerusalém, mas Faraó obrigou Roboão a pagar enorme tributo.

i. Cf. 12,24 e nota.

j. Vários mss. lêem *Abiã*, que é a ortografia habitual deste nome nas Crônicas.

k. Abiã reinou de 915 a 913 a.C.

l. Não se sabe se este Absalão se identifica com o filho de David (cf. 2Sm 2,3).

m. David é chamado "pai" de todos os descendentes que lhe sucederam no trono de Jerusalém.

n. Cf. 11,36 nota.

o. Este v., ausente do gr., é uma duplicata de 14,30.

p. Asá reinou de 912 a 871 a.C.

q. Nosso texto dá a Asá e ao seu pai Abiã a mesma mãe! A tradição relativa aos nomes e ascendências das rainhas-mães não é muito segura. No gr. lê-se *Ana*.

r. Cf. 14,24 nota.

s. A raiz desta palavra faz pensar que se trata de uma escultura, enfim, de um ídolo. Contudo, as vogais seriam de uma palavra que significa "estrupe". Teríamos aqui uma reação is-

suprimiu todos os ídolos* fabricados por seus pais. ¹³E até mesmo privou sua mãe.

^{2Cr 15, 16-19} Maaká, de sua função de rainha-mãe¹ por haver ela feito um ídolo infame para Asherá². Asá despedaçou seu ídolo infame e o queimou no vale do Cedron.

^{2Rs 23,4 6,12} ^{7,51} ^{2Cr 16,1-6} ¹⁴Contudo, os lugares altos não desapareceram. O coração de Asá, porém, permaneceu integralmente fiel ao SENHOR durante toda a sua vida. ¹⁵Trouxe para a Casa do SENHOR o que seu pai e ele próprio tinham consagrado: prata, ouro e alfaías.

¹⁶Houve guerra entre Asá e Baeshá, rei de Israel, durante toda a sua vida. ¹⁷Baeshá, rei de Israel, atacou Judá e fortificou Ramá³, para barrar o caminho⁴ ao rei de Judá, Asá. ¹⁸Tomou este toda a prata e o ouro que restavam nos tesouros da casa do SENHOR e na casa do rei. O rei Asá os pôs nas mãos dos seus servos, para os enviar a Ben-Hadad⁵, filho de Tabrimon, filho de Hezion, rei da Síria, que residia em Damasco, dizendo: ¹⁹"Existe uma aliança entre mim e ti, entre meu pai e o teu. Envio-te de presente prata e ouro. Rompe, pois, tua aliança com Baeshá, rei de Israel, para que ele não suba mais contra mim"⁶. ²⁰Ben-Hadad atendeu ao pedido do rei Asá; mandou contra as cidades de Israel os generais do seu exército e devastou Ion, Dan, Abel-Bet-Maaká, toda a região de Kinnerot⁷ e ainda toda a terra de Neftali. ²¹Ao

saber disto, Baeshá suspendeu a fortificação de Ramá e permaneceu em Tirşá⁸. ²²Então o rei Asá convocou todo o povo de Judá, sem exceção, e levaram as pedras e a madeira de Ramá de que Baeshá se servira para fortificá-la. O rei Asá, com esse material, fortificou Gueba-de-Benjamin e Mişpá.

²³Todos os demais atos de Asá, todos os seus grandes feitos, tudo o que fez, as cidades que construiu, tudo isso não está escrito nos Anais dos reis de Judá, salvo que em sua velhice foi acometido de uma doença nos pés? ²⁴Asá adormeceu junto de seus pais e com eles foi sepultado na Cidade de David, seu pai. Seu filho Josafat se tornou rei em seu lugar.

Nadab, rei de Israel. ²⁵Nadab, filho de Jeroboão, se tornou rei em Israel no segundo ano do reinado de Asá, rei de Judá. Reinou durante dois anos sobre Israel⁹. ²⁶Fez o mal aos olhos do SENHOR: seguiu o caminho de seu pai e imitou o pecado que induzira Israel a cometer. ²⁷Baeshá¹⁰, filho de Ahiá, da casa de Issacar, conspirou contra ele e o assassinou em Guibeton, que pertencia aos filisteus, no momento em que Nadab e todo o Israel sitiavam essa cidade¹¹. ²⁸Baeshá matou Nadab no terceiro ano do reinado de Asá, rei de Judá, e reinou em seu lugar¹². ²⁹Logo que subiu ao trono, exterminou toda a casa de Jeroboão, não deixando a Jero-

raelita posterior contra os ídolos pela combinação de antigas consoantes e novas vogais.

t. A Rainha-Mãe gozava de peculiar autoridade e honrarias.
u. *Asherá* era uma antiga divindade cananéia, muito conhecida graças aos textos de Ugarit. Com o tempo, foi muitas vezes confundida com Astarte. Era de preferência representada por uma árvore ou um poste sagrado. Esta forma de idolatria era um "horror" para a teologia dos profetas.

v. Ramá era um posto militar, 8km ao norte de Jerusalém.

w. Lit. *para não dar nem saída nem entrada*.

x. Nome de vários reis de Damasco. Trata-se aqui de Ben-Hadad I, cujo nome se acha ainda numa estela erguida por ele em honra do deus Melqart (c. 800 a.C.). Ben-Hadad II (cf. 20.1-34; 2Rs 6,24; 8,7.9) é conhecido por seus desentendimentos com Acab; foi assassinado por Hazael (2Rs 8,14). Ben-Hadad III é filho de Hazael (2Rs 13,24s).

y. A política dos reinos de Judá e Israel foi constantemente prejudicada por um jogo deplorável de alianças com os príncipes aramaicos de Damasco (ou mesmo com os reis da Assíria,

da Babilônia e do Egito). Eram eles solicitados alternativamente pelos reis israelitas, que gastavam fortunas com estas negociações. Os profetas sempre se opuseram a essa política. Mas acontecia também que Judá e Israel fizessem aliança contra seus vizinhos (cf. 22,4).

z. Localidades situadas bem a norte do reino de Baeshá, não longe da fronteira de Arâm. Sobre Kinnerot, cf. Js 12,3 nota.

a. O gr. e a Vulg. trazem: *Ele voltou para Tirşá*, o que é possível.

b. Nadab reinou de 911 a 910 a.C.

c. É o mesmo Baeshá de que falavam os vv. 16-22.

d. Os filisteus, mesmo depois de derrotados por David, continuaram a ser, durante vários séculos, uma ameaça para os israelitas, e Guibeton, exatamente, passou diversas vezes das mãos de uns para as dos outros. Provavelmente a cidade ficava a oeste de Guézer, na planície costeira.

e. O reino de Israel conhecerá assim até nove dinastias diferentes, por vezes muito efêmeras, e quatro delas foram representadas por um só monarca. No reino de Judá, ao contrário, todos os reis pertencerão à dinastia davídica.

boão ninguém^f que escapasse ao extermínio, segundo a palavra que o SENHOR falara por intermédio de seu servo Ahiá de Shilô^a, ³⁰a respeito dos pecados de Jeroboão, os que ele cometera e os que induzira Israel a cometer, a ponto de irritar o SENHOR, Deus de Israel.

³¹Os demais atos de Nadab, tudo o que fez, não está escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ³²Houve guerra entre Asá e Baeshá, rei de Israel, enquanto viveram.

Baeshá, rei de Israel. ³³Durante o terceiro ano do reinado de Asá, rei de Judá, Baeshá, filho de Ahiá, tornou-se rei de todo Israel, em Tirśá, durante vinte e quatro anos^b. ³⁴Fez o mal aos olhos do SENHOR; seguiu o caminho de Jeroboão e imitou o pecado que ele levava Israel a cometer^c.

16 ¹A palavra do SENHOR veio a Iehu^d, filho de Hanani, a respeito de Baeshá: ²"Porque te levantei do pó e te estabeleci chefe de meu povo de Israel^e, mas seguiste o caminho de Jeroboão e fizeste pecar meu povo Israel, a ponto de me irritar com seus pecados, ³vareirei Baeshá e sua casa e torná-la-ei como a casa de Jeroboão, filho de Nebat. ⁴Todo membro da casa de Baeshá que morrer^f na cidade será comido pelos cães, e todo membro de sua casa que morrer no campo será comido pelas aves^g".

⁵O resto dos atos de Baeshá, o que ele fez e suas proezas, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ⁶Baeshá adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em Tirśá. Seu filho Elá se tornou rei em seu lugar. — ⁷Assim, por intermédio do profeta Iehu, filho de Hanani, a palavra do SENHOR se

apresentou a Baeshá e sua casa, por um lado por causa de todo o mal que ele fizera aos olhos do SENHOR, irritando-o pela obra de suas mãos a ponto de se tornar semelhante à casa de Jeroboão, e por outro, porque destruíra esta última^m.

Elá, rei de Israel. ⁸No vigésimo sexto ano do reinado de Asá, rei de Judá, Elá, filho de Baeshá, tornou-se rei de Israel em Tirśá e reinou durante dois anosⁿ. ⁹Seu servo Zimri, chefe da metade dos carros, conspirou contra ele. O rei se encontrava então em Tirśá, onde se embriagava em casa de Arśá, intendente do palácio. ¹⁰Zimri entrou, feriu Elá e o matou, no vigésimo sétimo ano do reinado de Asá, rei de Judá, e se tornou rei em seu lugar. ¹¹Logo que se tornou rei e sentou no trono, exterminou toda a casa de Baeshá, não lhe deixando restar varão^o, nem resgatador, nem próximo^p. ¹²Zimri aniquilou toda a casa de Baeshá, conforme a palavra que o SENHOR dissera por intermédio do profeta Iehu contra Baeshá, ¹³contra todos os seus pecados e os pecados de Elá, seu filho, pecados que eles haviam cometido e que induziram Israel a cometer, a ponto de irritar o SENHOR, Deus de Israel, por meio de seus ídolos vãos.

¹⁴Os demais atos de Elá e tudo o que fez, não se acha isso escrito no livro dos reis de Israel?

Zimri, rei de Israel. ¹⁵No vigésimo sétimo ano do reinado de Asá, rei de Judá, Zimri tornou-se rei por sete dias, em Tirśá^q; o povo fazia então campanha contra Guibeton^r, que pertencia aos filisteus. ¹⁶O povo que estava em campanha soube da notícia: "Zimri fez uma conspiração e assassinou o rei". Então, no mes-

Jr 12,20-13,2

f. Lit., não deixou nenhum *supra*. Cf. 1,21 nota.

g. Cf. 14,10.14.

h. Baeshá reinou de 910 a 887 a.C.

i. Cf. 11,28; 15,26.

j. Não se confunda este profeta com o rei do mesmo nome (cf. 2Rs 9-10), não obstante talvez seja ele o vidente que, em 2Cr 19,2, se dirige a Josafat.

k. Cf. 14,7 nota.

l. Lit. o morto de Baeshá. Cf. 14,11 nota.

m. O v. 7 é um acréscimo que dá nova razão para o castigo de Baeshá: o massacre de toda a casa de seu predecessor. Talvez se deva tal ótica à influência de Oséias (cf. Os 1,4 nota, a respeito de uma mudança dinástica idêntica, operada na violência).

n. O rei Elá reinou de 887 a 886 a.C.

o. Cf. 14,10 nota; 1Sm 25,22 nota.

p. Cf. Ex 6,6 nota; Nm 35,12; Jó 19,25; Rt 2,20.

q. Zimri reinou em 886 a.C.

r. Cf. 15,27 nota.

mo dia, no acampamento, todo Israel constituiu Omri, chefe da tropa, como rei de Israel. ¹⁷Omri, e com ele todo Israel, subiram de Guibeton e vieram sitiá-lo. ¹⁸Quando Zimri viu que a cidade fora tomada, entrou no torreão da casa do rei; incendiou a casa do rei sobre si e morreu. ¹⁹Isto sucedeu por causa dos pecados que cometera, fazendo o mal aos olhos do SENHOR, seguindo o caminho de Jeroboão e imitando o pecado que este cometera, induzindo Israel a pecar.

²⁰Os demais atos de Zimri e a conspiração por ele tramada, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel?

²¹Então o povo de Israel se dividiu em duas facções: metade do povo acompanhou Tibni, filho de Guinat, para fazê-lo rei; a outra metade seguiu Omri. ²²O partido de Omri prevaleceu sobre o de Tibni, filho de Guinat. Tibni morreu e Omri tornou-se rei^a.

Omri, rei de Israel. ²³No trigésimo primeiro ano do reinado de Asá, rei de Judá, Omri tornou-se rei de Israel. Ele reinou durante doze anos^b, seis anos em Tiršá. ²⁴Em seguida comprou de Shémer, por dois talentos de prata, a montanha da Samaria. Fortificou a montanha e chamou a cidade que construíra de Samaria^c, segundo o nome de Shémer, o proprietário da montanha. ²⁵Omri fez o mal aos

vv. 30,33

olhos do SENHOR e agiu pior do que todos os seus antecessores. ²⁶Seguiu em tudo o caminho de Jeroboão, filho de Nebat, e imitou os pecados que este induzira Israel a cometer, a ponto de irritar o SENHOR, o Deus de Israel, com seus ídolos vãos.

²⁷Os demais atos de Omri, o que ele fez, os grandes feitos que realizou, não se acha isso escrito nos Anais dos reis de Israel? ²⁸Omri adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em Samaria. Seu filho Acab se tornou rei em seu lugar.

Acab, rei de Israel. ²⁹Acab, filho de Omri, tornou-se rei de Israel no trigésimo oitavo ano do reinado de Asá, rei de Judá. Acab, filho de Omri, reinou durante vinte e dois anos sobre Israel em Samaria^d.

³⁰Acab, filho de Omri fez o mal os olhos do SENHOR, mais do que todos os seus antecessores. ³¹E, como se não bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nebat, tomou por mulher Izébel, filha de Etbéal^e, rei dos sidônios, e prestou culto a Báal, prosternando-se diante dele. ³²Erigiu um altar para Báal na casa que lhe edificara em Samaria^f. ³³Acab ergueu o poste sagrado^g e continuou a agir de maneira a irritar ao SENHOR, o Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que o haviam precedido. — ³⁴Em seu tempo, Hiel de Betel fortificou Jericó^h; ao preço de Abirâm, seu primogênito, lançou-lhe os alicercesⁱ, e ao preço

s. Não temos outras informações a respeito deste cisma de pouca importância, que surgiu no interior do reino do Norte. O autor bíblico, pouco favorável a Omri, evita falar nele, cuja origem talvez seja canaanita e não israelita; o que conta para o escritor é menos a grandeza histórica deste rei do que sua indiferença em relação ao Deus de Israel. É preciso, todavia, recordar que Omri foi um grande rei e o fundador de uma breve, mas poderosa dinastia, que reinou de 886 a 841 a.C.

t. Ele reinou de 886 a 875 a.C.

u. Um dos sinais do poderio de Omri é ter construído Samaria (Shomron) muito solidamente (c. 880 a.C.), sobre uma colina até então deserta, e ter podido impô-la como capital definitiva do reino de Israel. A organização do local foi continuada por Acab, filho de Omri (16,32) e por Jeroboão II (2Rs 14,23). O esplendor político da cidade, porém, não iludiu os profetas, que denunciaram o orgulho de Samaria e seu paganismo (Am 4,1; Os 8,5; Mq 1,5; Is 28,1). Depois de altos e baixos em sua rivalidade com Damasco (2Rs 6,24-25), a cidade sofreu prolongado

sítio e foi tomada pelos assírios em 722 a.C. (2Rs 17,5-6), que fizeram dela uma capital de província, o que ela era ainda sob o domínio persa (cf. Esd 4,10; Ne 3,34). Samaria conheceu novo brilho na época helenística e, sobretudo, durante o império romano. Atualmente dela restam somente ruínas e uma pequena aldeia, Sebastie.

v. Reinou de 875 a 853 a.C.

w. *Etbéal* significa "Baal com ele".

x. Não somente Acab é infiel ao Deus de Israel, mas ele pagania sua capital (cf. 11,7-8), depois de se ter aliado a uma pagã de Sidon.

y. Cf. 15,13 nota.

z. Jericó deixara de ser uma cidade forte havia séculos, mas seu território continuava habitado. Esta reconstrução da cidade talvez tivesse por meta proteger a fronteira oriental da Palestina contra as incursões moabitas.

a. Expressão é pouco clara em hebr. É muitas vezes compreendida como significando que Hiel teria sacrificado e enterrado

de Segub, seu filho mais moço, assentou-lhe as portas, segundo a palavra do SENHOR anunciada por intermédio de Josué, filho de Nun.

Sr 48,1-11

17 Elias em Karit e Sarepta durante a grande seca. ¹Elias, o tishbita, habitante de Guilead, disse a Acab: "Certo como vive o SENHOR, o Deus de Israel, a quem sirvo: não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser se a minha palavra o ordenar". ²A palavra do SENHOR veio a Elias: ³"Vai-te daqui: dirige-te para o oriente e esconde-te na torrente de Karit, a leste do Jordão. ⁴Assim poderás beber da torrente, e eu ordenei aos corvos^e que te alimentem". ⁵Ele partiu, e agiu conforme a palavra do SENHOR; foi morar na torrente de Karit, a leste do Jordão. ⁶Os corvos lhe traziam pão e carne de manhã, pão e carne à tarde; e ele bebia na torrente. ⁷Ao fim de certo tempo, a torrente secou, porque não mais chovera na região.

Lc 4,25-26;
Tg 5,17;
Ap 11,6

Ex 16,8-12

⁸Veio-lhe então a palavra do SENHOR: ⁹"Levanta-te, vai para Sarepta", que pertence a Sídón, e ali habitarás; ordenei a uma viúva daquele lugar que te sustente". ¹⁰Ele se levantou, partiu para Sarepta e alcançou a entrada da cidade. Havia lá uma mulher, uma viúva, que apanhava lenha. Chamou-a e disse: "Por favor, vai buscar-me um pouco d'água num cântaro, para que eu beba!" ¹¹Ela foi buscá-la. Ele chamou-a e disse: "Traz também,

2Rs 4,1-17

pois, um pedaço de pão em tua mão!"

¹²Ela respondeu: "Certo como vive o SENHOR, teu Deus! Não tenho nada preparado^e, tenho apenas um punhado de farinha na vasilha e um pouco de óleo na jarra; quando apanhar alguns pedaços de lenha, voltarei à casa e prepararei esses alimentos para mim e o meu filho; comeremos e depois morreremos". ¹³Elias lhe disse: "Não temas^h! Volta e faz o que disseste; somente fazes antes para mim, com o que tens, um pequeno bolo e traze-o; em seguida prepararás o alimento para ti e o teu filho. ¹⁴Pois assim fala o SENHOR, o Deus de Israel:

A vasilha de farinha não se esvaziará, a jarra de óleo não se esgotará,

até o dia em que o SENHOR fizer chover sobre a superfície do solo".

¹⁵Ela foi embora e fez como Elias havia dito; comeram ela, ele e sua família durante dias". ¹⁶A vasilha de farinha não se esvaziou e a jarra de óleo não se esgotou, segundo a palavra do SENHOR anunciada por intermédio de Elias.

Ressurreição do filho da viúva. ¹⁷Eis o que sucedeu após estes acontecimentos: o filho daquela mulher, dona da casa, adoeceu. Sua moléstia foi tão violenta que já nem sequer respirava. ¹⁸A mulher disse a Elias: "Que há entre mim e tiⁱ, homem de Deus? Vieste à minha casa para lembrar-me o meu pecado e fazer meu filho morrer". ¹⁹Respondeu-lhe ele:

2Rs 4,8-37

seus filhos sob os fundamentos das paredes e portas de Jericó, mas semelhante prática não é atestada com certeza em Canaã. Pode-se também pensar na morte natural dos dois filhos de Hiel; como teria coincido com a época das obras, viu-se nela a execução da profecia de Josué (Js 6,26).

b. A ausência de chuva e de orvalho será menos uma punição pela impiedade de Israel do que um *sinai* do Senhor de que é ele, e não Baal (o deus canaanita da chuva e de fertilidade), quem concede a chuva necessária à vegetação e à vida. O cap. 18 ressaltará a onipotência e o domínio do Senhor sobre os elementos. As profecias de Oséias reafirmam a mesma verdade.

c. Certos comentadores lêem *uns árabes*, mediante ligeira modificação das vogais; esta hipótese seguiria a linha de outros textos bíblicos que mostram estrangeiros vindo em socorro do povo de Deus: Gn 42-47; Rt 1,1; 1Sm 27,1; 1Rs 17,8-9.

d. *Sarepta*, cidade fenícia, hoje Sarafand, perto da costa mediterrânea, 15km ao sul de Sídón. Cf. Ab 20; Lc 4,25-26.

e. Lit. *Não tenho bolo*. Enquanto o termo pão (v. 11), que tem

um sentido muito geral, indica o alimento básico de uma população agrícola, o termo "bolo" especifica o modo costumeiro de preparar o "pão".

f. A viúva e os órfãos, privados da presença do chefe de família, eram, por este fato, os oprimidos da sociedade de então (cf. Ex 1,23; 10,2). Muitas vezes só podiam viver de esmolas, que eram mesquinhas nas épocas de fome.

g. Acha-se aqui uma promessa de Deus. Cf. Gn 15,1; 26,24; 46,3; Js 8,1; Jz 6,23; Is 7,4; Jr 1,8; Lc 1,30; 2,10 etc.

h. Espécie de repetição do milagre do maná para a mulher confiante na palavra de Deus. Cf. Ex 16,21; Js 5,12.

i. Lit. *Que a mim e a ti?*, semitismo muito comum na Bíblia, e que exprime a distância que uma pessoa toma em relação a outra. Cf. Jz 11,12; 2Sm 19,23; 2Rs 3,13; Mc 1,24; Jo 2,4.

j. As desgraças eram muitas vezes consideradas castigo de uma culpa: a mulher pensa, portanto, que a presença do homem de Deus em sua casa lembrou ao Senhor o pecado pelo qual já lhe tomara o marido, e vai ainda tomar-lhe o filho. Torna, pois,

"Dá-me teu filho!" Tomou-o dos braços da mulher, levou-o para o quarto de cima, onde morava, e deitou-o em sua cama.

²⁰Depois invocou o SENHOR, dizendo: "SENHOR, meu Deus, quereis afligir até essa viúva, para cuja casa vim como migrante, a ponto de matar-lhe o filho?"

²¹Elias estendeu-se três vezes sobre o menino e invocou o SENHOR, dizendo: "SENHOR, meu Deus, que a respiração deste menino volte a ele!" ²²O SENHOR ouviu a voz de Elias, e a respiração do menino lhe voltou, e ele viveu. ²³Elias tomou o menino, desceu com ele do quarto de cima e deu-o à sua mãe. Elias disse: "Olha! Teu filho está vivo". ²⁴A mulher disse a Elias: "Sim, agora sei que és um homem de Deus e que a palavra do SENHOR está verdadeiramente em tua boca^k".

18 O sacrifício no Carmelo. ¹Muitos dias se passaram e, no terceiro ano^l, a palavra do SENHOR veio a Elias: "Vai, mostra-te a Acab; vou fazer chover sobre a superfície do solo". ²Elias saiu para mostrar-se a Acab.

A fome devastava então Samaria. ³Acab mandou chamar Obadiáhu, intendente do palácio. — Ora, Obadiáhu era um homem muito temente ao SENHOR; ⁴assim, quando Izébel fizera eliminar os profetas do SENHOR, Obadiáhu tinha tomado cem profetas e os escondera em grupos de cinquenta em duas cavernas^m, alimentando-os com pão e água. — ⁵Acab disse a Obadiáhu: "Percorre a terra, vai a todas as fontes e a todas as torrentes": talvez encontremos erva e possamos manter a vida dos cavalos e burros e não precise-

mos matar uma parte dos animaisⁿ". ⁶Repartiram entre si a terra a ser percorrida. Acab partiu só, por um caminho, e Obadiáhu por outro. ⁷Enquanto Obadiáhu caminhava, Elias veio ao seu encontro. Obadiáhu o reconheceu; prostrou-se com o rosto por terra e disse: "És tu realmente, meu senhor Elias?" ⁸Ele lhe respondeu: "Sou eu! Vai dizer ao teu senhor: Elias está aí!" ⁹Obadiáhu disse: "Que pecado cometi, para que entregues assim o teu servo nas mãos de Acab para que ele me mate?" ¹⁰Certo como vive o SENHOR, teu Deus, não há nação nem reino em que meu senhor Acab não tenha mandado procurar-te; quando lhe diziam: 'Ele não está aqui', ele fazia aquele reino e aquela nação jurarem que não te haviam achado. ¹¹E agora me dizes: 'Vai dizer ao teu senhor: Elias está aí!' ¹²Mas, assim que eu te deixar, o espírito do SENHOR te arrebatará^o não sei para onde; e eu irei avisar a Acab, que não te encontrará e então me matará. No entanto, teu servo teme o SENHOR desde a sua juventude. ¹³Não contaram a meu senhor o que fiz quando Izébel matava os profetas do SENHOR? Escondi cem profetas do SENHOR, cinquenta em duas cavernas, e os provi de pão e água. ¹⁴E agora me dizes: 'Vai dizer a teu senhor: Elias está aí!...'? Ele me matará!" ¹⁵Elias disse: "Certo como vive o SENHOR de todo poder, a quem sirvo, hoje mesmo me apresentarei diante de Acab". ¹⁶Obadiáhu partiu ao encontro de Acab e deu-lhe a notícia. Acab saiu para encontrar Elias. ¹⁷Quando Acab viu Elias, disse-lhe: "És tu mesmo, ave agourenta^p de Israel?" ¹⁸Ele lhe disse: "Não sou eu o agourento

Elias responsável pelo acontecido. Cf. 18,9; Lc 13,1 nota; Jo 9,2-3 notas; 5,14.

k. O verdadeiro profeta é aquele cuja boca anuncia uma mensagem autêntica do Senhor. Cf. Dt 18,18; Jr 1,9; 15,19.

l. No terceiro ano após o anúncio da época de seca (17,1).

m. As cavernas, numerosas em Israel, frequentemente serviram de refúgio (Gn 19,30; 1Sm 22,1; 24,3 etc.).

n. A seca foi tão intensa que não houve mais a possibilidade de encontrar erva a não ser nos vales, onde pôde permanecer um pouco de umidade.

o. As descobertas arqueológicas tornaram célebres as estrebrias reus de Acab em Hazer e Meguido; como essas representavam

a arma mais eficaz do reino, não parece por demais surpreendente que o rei em pessoa e o intendente do palácio cuidem de sua subsistência em época de crise.

p. Cf. 17,18 nota.

q. A ação do espírito do Senhor se mostra muito variada (Jz 3,10; 6,34; 11,29; 13,25 etc.); aqui considera-se que o espírito transporta Elias de um lugar para outro, a fim de que ele possa escapar de seus inimigos (2Rs 2,16; cf. At 8,29,39).

r. A palavra hebr. aqui empregada é de difícil equivalência. Pode-se encontrá-la em Gn 34,30; Js 6,18; 7,25. Denota uma situação religiosa anormal, insustentável e originada por uma ação maléfica. Acab responsabiliza Elias de ter mergulhado Is-

de Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque abandonaste os mandamentos do SENHOR e prestastes culto aos Baalim^{16,31}.¹⁹ Agora, pois convoca ao monte Carmelo, junto a mim, todo Israel¹, bem como os quatrocentos e cinquenta profetas de Báal e os quatrocentos profetas² de Asherá, que comem à mesa de Izébel.²⁰ Acab mandou procurar todos os filhos de Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo.²¹ Elias aproximou-se de todo o povo e disse: "Até quando dançareis num pé e noutro"? Se é o SENHOR que é Deus, segui-o, e se é Báal, segui-o!" Mas o povo não lhe respondeu uma só palavra.²² Elias disse ao povo: "Sou o único profeta do SENHOR que resta, ao passo que os profetas de Báal são quatrocentos e cinquenta.²³ Dêem-nos pois dois novilhos; eles escolherão um, fá-lo-ão em pedaços e o porão sobre a lenha, mas sem acender o fogo; e farei o mesmo com o outro novilho; pô-lo-ei sobre a lenha, mas não acenderei o fogo.²⁴ Depois invocareis o nome de vosso deus, enquanto eu invocarei o nome do SENHOR. O Deus que responder pelo fogo, é ele o Deus". Todo o povo respondeu: "A proposta é boa".²⁵ Elias disse aos profetas de Báal: "Escolhei vós um novilho e preparai-o, já que sois mais numerosos; invocai o nome do vosso deus, mas não acendeis o fogo".²⁶ Eles tomaram o no-

vilho que ele lhes dera, prepararam-no e depois invocaram o nome de Báal, desde a manhã até o meio-dia, dizendo: "Báal, responde-nos!" Mas não houve nem voz, nem quem respondesse. E dançaram em torno do altar que tinham erguido.²⁷ Então, ao meio-dia, Elias escameceu-os dizendo: "Gritai mais forte, é um deus; tem preocupações, necessitou ausentar-se, teve de sair; talvez esteja dormindo e é preciso que desperte".²⁸ Eles gritaram mais forte e, segundo seu costume, se retalharam a golpes de espada e de lança, até ficarem cobertos de sangue.²⁹ Passado o meio-dia, vaticinaram³ até a hora da oferenda⁴. Mas não houve voz, nem alguém que respondesse, nem reação alguma.

³⁰Elias disse a todo o povo: "Aproximai-vos de mim!" E todo o povo se aproximou dele. Ele restaurou o altar do SENHOR, que tinha sido demolido⁵.³¹ Tomou doze pedras, segundo o número das tribos dos filhos de Jacó⁶, a quem esta palavra do SENHOR fora dirigida: "Teu nome será Israel".³² Com essas pedras, Elias reconstruiu um altar em nome do SENHOR; em seguida, ao redor do altar, cavou um fosso com a capacidade de duas seás de grãos;³³ dispôs a lenha, cortou o novilho em pedaços e colocou-o em cima.³⁴ E ele disse: "Enchei de água quatro talhas e derramai-as sobre o ho-

Ex 24,4;
Js 4,3-5

Gn 32,29;
35,10

rael em tal situação por haver ordenado a seca (17,1)! Elias por sua vez, acusa Acab de ter provocado, por sua idolatria, a desgraça de Israel (v. 18).

s. Quanto a Báal, cf. Jz 2,13 nota.

t. Próximo da Fenícia, o Carmelo foi um lugar de culto de todas as religiões que se sucederam na Palestina, e especialmente do baalismo. "Karmel" também era o nome dado a uma divindade que presidia à tempestade e à chuva, à semelhança de Báal.

u. Israel não é o único povo da Antiguidade que teve profetas. As nações vizinhas também tiveram videntes, adivinhos, extáticos e inspirados, e os próprios autores bíblicos os chamam de "profetas".

v. Se o pensamento de Elias parece claro: "Escolhei entre o Senhor e Báal, em vez de adorar ao mesmo tempo um e outro", a expressão que emprega não o é tanto e tem sido traduzido de diversas maneiras: "Até quando claudicareis das duas pernas (jarretes)?"¹, "Até quando claudicareis dos dois pés?"², "Até quando saltitareis, hesitando, na encruzilhada dos caminhos?"³. O v. 26 mostra que Elias se refere a uma *dança ritual* fenícia em honra da divindade.

w. A crítica pertinente de Elias visa, por um lado, à maneira demasiado humana pela qual se representavam as divindades kenanitas. Por outro, prende-se ao fato de que Báal (ao contrário do Senhor, vivo, sempre presente e ativo) era considerado como um deus periodicamente ausente, ou adormecido, ou até momentaneamente morto, como o demonstram os textos de Ugarit.

x. Esta prática, que é uma cerimônia fúnebre em honra de Báal, se acha atestada nos textos de Ugarit: por ocasião da morte do Báal, o deus El "faz a floresta ressoar com seus clamores, rasga as faces e o queixo, lava a articulação do braço (o ombro) e o peito como se fosse um jardim. Rasga suas costas (formando ai) como um vale, eleva a voz e grita..." (texto Gordon 67 VI 18-23).

y. Lit. *profetizaram*. Cf. v. 19 nota.

z. A oferenda da tarde. Cf. 2Rs 16,15 e Sl 141,2.

a. Demolido pelos israelitas partidários do baalismo.

b. Referência às doze estrelas erguidas por Moisés (Ex 24,4). Apesar da divisão em dois reinos, a tradição religiosa sempre considerou o povo uma unidade de doze tribos: Is 8,14; Jr 31,1.31; 16,14s; Ez 37,16-19; etc.

locausto e sobre a lenha^c!” Disse ele: “Mais uma vez!” E eles o fizeram uma segunda vez; e ele disse: “Uma terceira vez!” E eles fizeram uma terceira vez.³⁵ A água derramou-se em volta do altar e encheu o fosso. ³⁶ Chegada a hora da oferta, o profeta Elias aproximou-se e disse: “SENHOR, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, saibam todos hoje que és o Deus de Israel, que eu sou o teu servo^d e que foi graças a tua palavra que fiz todas estas coisas. ³⁷ Responde-me, SENHOR, responde-me: que este povo conheça^e que és tu, SENHOR, que és Deus; que és tu que conduzes a ti o coração do teu povo”.

Ex 3,6;
Mt 22,32p

Lv 9,24;
Jz 6,21

³⁸ O fogo do SENHOR desceu e devorou o holocausto, a lenha, as pedras, o pó, e absorveu a água que estava no fosso. ³⁹ Vendo isso, todo o povo se lançou com a face por terra e disse: “É o SENHOR que é Deus; é o SENHOR que é Deus!” ⁴⁰ Elias lhes disse: “Prendei os profetas de Báal! Que nenhum escape!” E prenderam-nos. Elias fê-los descer à torrente do Qishon, onde os degolou. ⁴¹ Elias disse então a Acab: “Vai, come e bebe!” Pois o roncar da chuva se fez ouvir^f. ⁴² Acab veio comer e beber, enquanto Elias subiu ao cimo do Carmelo e se prosternou por terra com a cabeça entre os joelhos. ⁴³ Disse ele ao seu servo: “Sobe e olha na direção do mar!” Ele subiu, olhou e disse: “Não há nada”. Sete vezes Elias lhe disse: “Volta!” ⁴⁴ Na sétima vez o servo disse:

“Vejo uma nuvenzinha, do tamanho da palma da mão, que se eleva do mar”. Elias respondeu: “Vai, diz a Acab: ‘Manda preparar o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha’”.

19 Elias no Horeb. Eliseu designado sucessor. ¹ Acab informou ¹ Izébel

acerca de tudo que Elias havia feito acerca dos que passara ao fio da espada, todos os profetas. ² Izébel mandou um mensageiro a Elias para dizer-lhe: “Que os deuses^g me façam o pior se amanhã, à mesma hora, eu não tiver feito com a tua vida o mesmo que fizeste com a deles!”

18,40

³ Diante disso^h, Elias levantou-se e partiu para salvar a vidaⁱ; chegou a Beer-Sheba, que pertencia a Judá, e lá deixou o seu servo. ⁴ Quanto a ele, seguiu para o deserto, que ficava a um dia de caminhada. Ao chegar, sentou-se debaixo de uma giesteira isolada^j. Pediu a morte e disse: “Não agüento mais! Agora, SENHOR, tira a minha vida, pois não valho mais do que meus pais”.

Nm 11,15

⁵ Depois deitou-se e adormeceu debaixo de uma giesteira solitária. Eis, porém, que um anjo do SENHOR o tocou e lhe disse: “Levanta-te e

c. A aspersão de água destinava-se provavelmente a marcar o poder de Deus e a fé do profeta Elias; talvez fosse também um rito, simbolizando a chuva esperada.

d. A intervenção de Deus deve também legitimar o ministério de Elias. Cf. Ex 4,5; Nm 16,28; Jó 12,28-30; 1Cor 4,1-5; 2Cor 10,18.

e. “Conhecer”, em hebraico, significa mais do que um conhecimento racional; poder-se-ia aqui traduzir por *fazer a experiência, estar convencido, crer*. Com efeito, o acontecimento do Carmelo tem como motivação a fé que Israel deposita no Senhor. Cf. v. 21.

f. Alusão provável a uma refeição que se seguisse a um sacrifício.

g. Elias ouve com antecedência a chuva anunciada pelo fogo do Senhor.

h. As primeiras chuvas do outono podem ser extremamente violentas e impedir toda a circulação.

i. A expressão designa a intervenção repentina de Deus sobre

um profeta, a fim de fazê-lo falar e agir em seu nome. Aqui, Deus dá a Elias a força de percorrer de uma só vez os 27km que separavam o Carmelo de Jezreel. Cf. 2Rs 3,15; Ez 1,3; 3,22 etc.

j. Lit. *anunciou*. As versões gr. e sir. leram um texto aparentemente melhor: ... e como ele matura pela espada todos os profetas.

k. Izébel, pagã e politeísta, fala dos deuses no plural. Cf. 2,23. l. Vários mss. hebr. e as versões gr. e sir. supõem a leitura: *ela teve medo* (wayyirā, em lugar de wayyar).

m. Lit. *por sua vida*. Elias precisa esconder-se de novo. Cf. cap. 17.

n. O autor pretende mostrar a solidão do profeta num deserto quase total.

o. Certos comentadores julgaram ver aí uma confissão dos pecados do profeta. De fato, parece que, desanimado em face do fracasso de seus esforços, ele deseja a morte no deserto, como seus ancestrais hebreus durante o Êxodo (cf. Nm 14,22-23).

come!" ⁶Ele olhou: junto à cabeça havia um bolinho cozido, pedras aquecidas e uma bilha com água; ele comeu, bebeu e deitou-se novamente. ⁷O anjo do SENHOR voltou, tocou-o e disse: "Levanta-te e come, senão o caminho será demasiado longo para ti". ⁸Elias levantou-se, comeu e bebeu e depois, fortificado por aquele alimento, caminhou quarenta dias e quarenta noites^p até a montanha de Deus, o Horeb^q. ⁹Chegou ali, na caverna^r, e lá passou a noite. — Veio-lhe a palavra do SENHOR: "Por que estás aqui, Elias?" ¹⁰Respondeu: "Eu ardo de ciúme^s pelo SENHOR, o Deus de todo poder: os filhos de Israel abandonaram a tua aliança^t, demoliram os teus altares e mataram à espada os teus profetas; só eu fiquei, e procuro tirar-me a vida". — ¹¹O SENHOR lhe disse: "Sai e permanece no alto da montanha, diante do SENHOR: porque o SENHOR vai passar". Houve diante do SENHOR um vento forte e violento, que raspava as montanhas e fendia os rochedos; mas o SENHOR não estava no vento. Após o vento, houve um terremoto; o SENHOR não estava no terremoto. ¹²Depois do terremoto, houve um fogo; o SENHOR não estava no fogo. E depois do fogo, o sussurrar de um sopro ténue^u. ¹³Então, ouvindo-o, Elias velou o rosto

Rm 11,3

Rm 11,4

com o manto^v; saiu e postou-se à entrada da caverna. Uma voz dirigiu-se a ele: "Por que estás aqui, Elias?" ¹⁴Ele respondeu: "Eu ardo de ciúme pelo SENHOR, Deus dos poderes: os filhos de Israel abandonaram a tua aliança, demoliram os teus altares e mataram à espada os teus profetas; só eu fiquei, e agora querem tirar-me a vida". ¹⁵Disse-lhe o SENHOR: "Vai, retoma o caminho em direção ao deserto de Damasco. Quando chegares, ungirás Hazael^x como rei de Arâm; ungirás Iehu, filho de Nimshi, como rei de Israel^y; e ungirás Eliseu, filho de Shafat, de Abel-Meholá, como profeta em teu lugar^z". ¹⁷Todo homem que escapar à espada de Hazael será morto por Iehu, e todo homem que escapar à espada de Iehu, será morto por Eliseu; ¹⁸mas deixarei em Israel um resto^a de sete mil homens, todos aqueles cujos joelhos não se dobraram diante do Báal e cujas bocas não o beijaram^{aa}".

¹⁹Ele partiu de lá e encontrou Eliseu, filho de Shafat, que estava trabalhando; ele devia lavrar uma área de doze jeiras e estava na duodécima. Elias passou perto dele e jogou sobre ele o seu manto^b. ²⁰Eliseu abandonou os bois, correu até Elias e disse: "Deixa-me abraçar meu pai e minha mãe, e seguir-te-ci". Elias lhe

p. O número quarenta tem, por diversas vezes, valor simbólico na Bíblia. Evoca, aqui, os 40 anos passados no deserto pelo povo de Deus (Nm 14,33), bem como a estada de Moisés na montanha (Ex 24,18; 34,28; Dt 9,9; cf. Mt 4,2).

q. *Horeb*: cf. Ex 3,1 nota. A montanha de Deus, ao que parece, se tornara um local de peregrinação antes mesmo do tempo de Elias. Este quis retemperar sua fé nas fontes da revelação do Senhor.

r. Trata-se de uma caverna bem determinada pela tradição, aquela onde se pensava que o próprio Moisés habitara. Cf. Ex 33,21-23.

s. *O termo *ciúme*, *qinná*, corresponde bem ao simbolismo evocado pelo nome de Báal ("marido") e ao simbolismo da "paixão" do Senhor por seu povo (cf. Os etc.).

t. Algumas versões trazem: *Os filhos de Israel te abandonaram*.

u. Lit. *O ruído (voz) de um silêncio ténue*. Para Elias, este silêncio devia ser tão inquietante e cheio de significado quanto o vento, o terremoto ou o fogo. Mas se estes anunciavam uma ação negativa, destruidora da parte de Deus (cf. vv. 15-17), o "sussurrar de um sopro ténue" deve ser posto em relação com a ação positiva, criadora ou salvífica do Senhor, que manteve no seu povo e para ele um remanescente vivo e crente, os sete mil

homens de que o v. 18 falará. O silêncio que envolve a vinda do Senhor talvez seja também uma nota antibaísta, já que Báal era o deus da tempestade.

v. Nenhuma criatura pode ver a Deus face-a-face; deve, portanto, ocultar o rosto diante dele. Cf. Ex 33,20-23; Is 6,5. Ex 33,11 é uma exceção.

w. A respeito da ascensão de Hazael, cf. 2Rs 8,7-15.

x. Sobre a ascensão de Iehu e seu reinado, cf. 2Rs 9-10.

y. Sobre a atividade profética de Eliseu, cf. 2Rs 2-8. Acha-se aí a única menção à união de um profeta.

z. Não somente Deus conserva um resto em seu povo nos tempos de apostasia (18,21-22) e perseguição (18,13), mas, no momento em que vai usar de rigor contra Israel — é o caso aqui —, ele vela pela segurança desse remanescente fiel.

a. Lit. *Todos os pares de joelhos que não se dobraram... todas as bocas que não o beijaram*. Trata-se de gestos de adoração. Cf., de um lado, 1Rs 8,54; Is 45,23; Dn 6,11 etc., e de outro, Os 13,2; Jó 31,27.

b. Pensava-se outrora que as vestes, ou todos os objetos pertencentes a uma pessoa, representavam essa pessoa e conservavam alguma coisa de seu poder: Elias, por este gesto, dirigia uma vocação profética a Eliseu. Cf. 2Rs 2,13-14; 4,29-31; Lc 8,44; At 19,12.

disse: "Vai! Volta! Que te fiz eu?"²¹ Eliseu não o seguiu; voltou, tomou a junta de bois, que ofereceu em sacrifício, e com o equipamento dos bois cozinhou as carnes deles e deu à sua gente para comer^d. Depois partiu, seguiu Elias e se pôs a seu serviço.

20 Cerco de Samaria por Arâm. Intervenção de um profeta.

¹Ben-Hadad^e, rei de Arâm, reuniu todo o seu exército: tinha consigo trinta e dois reis, bem como cavalos e carros. Ele subiu, cercou Samaria e atacou-a. ²Enviou mensageiros a Acab, rei de Israel, ³para lhe dizer: "Assim fala Ben-Hadad: Tua prata e teu ouro são meus; tuas mulheres e teus mais belos filhos são meus". ⁴O rei de Israel respondeu: "É como o dizes, meu senhor e rei; sou teu, assim como tudo o que possuo". ⁵Os mensageiros voltaram e disseram: "Assim fala Ben-Hadad: Mande dizer-te: 'Entregar-me-ás tua prata, teu ouro, tuas mulheres e teus filhos'. ⁶De fato, amanhã, na mesma hora, enviar-te-ei os meus servos para revistar tua casa e as casas de teus servos. Então em tudo o que os teus olhos^f possam ter desejado eles hão de pôr a mão e de tudo se apoderarão". ⁷O rei de Israel convocou todos os anciãos da terra e disse: "Bem vedes que esse homem quer a minha perda! Quando me exigiu as mulheres, os filhos, a prata e o ouro, nada lhe recusei". ⁸Todos os anciãos e todo o povo lhe disseram: "Não atendas e, principalmente, não aceites!". ⁹Disse ele aos mensageiros de Ben-Hadad: "Dize a meu senhor o rei: Tudo o que mandaste pedir a teu servo a primeira vez, eu o

farei, mas isto não posso fazer". Os mensageiros se foram e comunicaram-lhe a resposta. ¹⁰Ben-Hadad mandou dizer a Acab: "Que os deuses^h me façam o pior se a poeira de Samaria bastar para todos os meus acompanhantes receberem dela um punhado!". ¹¹O rei de Israel respondeu: "Falai à vontade!ⁱ Mas o que cinge as armas não se gabe como se já as estivesse tirando!". ¹²Ora, ouvindo estas palavras, Ben-Hadad, que estava bebendo nas tendas com os reis, disse aos servos: "Ao ataque!". E eles formaram para atacar a cidade.

¹³Mas um profeta aproximou-se de Acab, rei de Israel, e lhe disse: "Assim fala o SENHOR: Viste esta grande multidão? Vou entregá-la hoje em tuas mãos e conhecerás que sou o SENHOR". ¹⁴Acab disse: "Por intermédio de quem^k a entregarás?" E ele respondeu: "Assim fala o SENHOR: Pela elite dos chefes de distrito". Perguntou Acab: "Quem começará o combate?" Respondeu ele: "Tu!". ¹⁵Ele passou em revista a elite dos chefes de distrito: eram duzentos e trinta e dois. Depois deles, passou em revista o povo todo, todos os filhos de Israel, ou seja, sete mil homens. ¹⁶Saíram ao meio-dia, enquanto Ben-Hadad se embriagava nas tendas com os reis, os trinta e dois reis que o assistiam. ¹⁷Saiu em primeiro lugar a elite dos chefes de distrito; Ben-Hadad procurou informar-se^m e lhe contaram: "Saíram homens de Samaria". ¹⁸Disse ele: "Se vieram para a paz, capturai-os vivos; se vieram para o combate, capturai-os vivos!". ¹⁹Os que tinham saído da cidade eram a elite dos chefes de distrito, e o exército os seguia. ²⁰Cada

Jr 9,22-23;
Sl 20,8

c. Cf. Lc 9,61-62.

d. Lit. *um povo*. i. é, ao seu clã, à sua família. Este sacrifício é um sinal da entrada em seu novo ofício.

e. Trata-se de Ben-Hadad II (cf. 15,18 nota). Os trinta e dois vasos de que fala este v. indicam que seu poder era bastante considerável. Pode-se datar este acontecimento por volta de 856 a.C.

f. Tal pedido podia significar a submissão completa de Acab, mas não acarretava necessariamente a rendição efetiva e imediata do que era pedido. A resposta de Acab mostra que foi realmente assim que ele compreendeu a exigência.

g. O gr. o *sir*. e a Vulg. leram: *tudo o que for desejável a seus*

olhos... A presença dos servos de Ben-Hadad em Samaria implicava, além do pagamento imediato de um tributo como ato de vassalagem, a rendição e pilhagem da cidade.

h. Ben-Hadad fala como pagão politeísta. Cf. 19,2.

i. Lit. *Falai!*

j. O equivalente do ditado seria: "Não se deve vender o couro antes de matar o boi".

k. Lit. *por quem*.

l. Elite no sentido técnico militar: os jovens.

m. Lit. *mandou* (subentendido: saber quais as notícias). Gr.: *mandou-se avisar ao rei da Síria*.

um deles feriu o seu homem. Os arameus fugiram, e Israel os perseguiu. ²¹Ben-Hadad, rei de Arâm, escapou a cavalo com outros cavaleiros. Depois o rei de Israel saiu e atacou cavalos e carros; infligiu aos arameus uma grande derrota.

²²O profeta aproximou-se do rei de Israel e lhe disse: "Vai adiante corajosamente, mas pensa no que deves fazer, pois no ano que vem" o rei de Arâm subirá para atacar-te".

Nova campanha de Arâm. Intervenção do mesmo profeta. ²³Os servos do rei de Arâm lhe disseram: "O Deus deles é um Deus das montanhasⁿ: por isso foram mais fortes do que nós. Contudo, se os combatermos na planície, certamente seremos mais fortes do que eles. ²⁴Faze isto: Afasta todos os reis de seu posto e substitui-os por governadores. ²⁵Quanto a ti, recruta um exército tão forte como o que perdeste, cavalo por cavalo, carro por carro; combatamos na planície e, com certeza, seremos mais fortes do que eles". Ele os ouviu e seguiu seus conselhos. ²⁶Assim, no ano seguinte, Ben-Hadad passou Arâm em revista e seguiu para Afeq, a fim de combater Israel. ²⁷Os filhos de Israel foram passados em revista e, devidamente abastecidos, partiram para combater os arameus. Os filhos de Israel acamparam diante deles, semelhantes a dois pequenos rebanhos de cabras, enquanto Arâm enchia a terra^q. ²⁸O homem de Deus^r aproximou-se e falou ao rei de Israel, dizendo-lhe: "Assim fala o SE-

NHOR: Porque os arameus disseram: 'O SENHOR é um Deus das montanhas, e não da planície', entregarei às tuas mãos toda essa multidão, e conhecereis que sou o SENHOR". ²⁹Acamparam um diante do outro durante sete dias. No sétimo dia, travou-se a batalha e os filhos de Israel abateram cem mil infantes arameus em um só dia. ³⁰Os sobreviventes fugiram para a cidade de Afeq, mas a muralha caiu sobre esses vinte e sete mil sobreviventes. Ben-Hadad mesmo fugira e tinha entrado na cidade, onde se escondia de quarto em quarto^s. ³¹Seus servos lhe disseram: "Ouvimos dizer que os reis da casa de Israel eram misericordiosos. Vamos cingir de saco os nossos rins e atar os cotovelos acima da cabeça^t e vamos ter com o rei de Israel; talvez ele te poupe a vida". ³²Cingiram-se com sacos, amarraram os cotovelos acima da cabeça e apresentaram-se ao rei de Israel, dizendo: "Teu servo Ben-Hadad roga-te: 'Condede-me a vida!'" Disse Acab: "Ele ainda está vivo? Ele é meu irmão!" ³³Os homens, percebendo nessas palavras um sinal favorável, apressaram-se em ver nelas uma indicação da parte^u de Acab e, por sua vez, disseram: "Ben-Hadad é teu irmão". Acab disse: "Ide buscá-lo". Ben-Hadad veio à presença de Acab e este o fez subir em seu próprio carro^v. ³⁴Disse-lhe Ben-Hadad: "Restituo-te as cidades que meu pai tomou do teu^w. Instalarás teus bazares em Damasco^x como meu pai o fez em Samaria". — "E eu^y, feita esta aliança, te

n. Depois da primeira investida da infantaria, o próprio Acab interveio com sua possante cavalaria (cf. 18.5 nota).

o. Lit. *Ao voltar a ano*, i. é, ao voltar a primavera, que é o momento mais favorável para uma expedição militar. Cf. 2Sm 11.1.

p. Cf. Gn 17.1 nota. Os arameus politeístas pensavam que os deuses protetores de cada povo tinham poder apenas sobre o território ocupado por aquele povo. Como a Samaria era montanhosa, os arameus pensavam que privariam os israelitas do auxílio do Senhor, levando a batalha para a planície.

q. O autor bíblico quer enfatizar a desproporção numérica dos exércitos que se enfrentam, a fim de evidenciar melhor a grandeza da intervenção do Senhor, que dá a vitória a Acab.

r. O profeta de que se falou nos vv. 13 e 22.

s. Lit. *ele entrara na cidade, de quarto em quarto*; neste sentido, cf. 22.25. A expressão também poderia significar *em um quarto retirado*, cf. 2Rs 9.2.

t. Lit. *ponhamos cordas sobre a cabeça*. O saco era um sinal da humilhação aceita, e as cordas, com que os vencedores muitas vezes amarravam os cotovelos dos prisioneiros, eram sinal de cativo.

u. Lit. *Possa eu viver!*

v. No Oriente-Próximo, os reis de bom grado se chamavam de "irmãos". Tratando Ben-Hadad de "irmão", Acab lhe dava um sinal de toda a benevolência de que usaria para com ele.

w. O "texto recebido" é incompreensível. A tradução se baseia nas versões.

x. O carro real de Acab. O rei honra aquele que poderia tratar como escravo e prisioneiro. Cf. v. 42 nota.

y. Cf. 15.20.

z. Ben-Hadad concede a seu vencedor o direito de exportar livremente mercadorias para Damasco.

a. É Acab que responde.

deixarei partir". Acab concluiu uma aliança em seu favor e o deixou partir.

³⁵Um dos filhos dos profetas^b disse a seu companheiro, por ordem do SENHOR: "Fere-me, peço-te!" Mas o homem se recusou a feri-lo. ³⁶Disse-lhe então o profeta: "Porque não escutaste a voz do SENHOR, assim que me deixares um leão te atacará". Afastou-se dele; um leão encontrou o homem e o atacou. ³⁷O profeta encontrou outro homem e lhe disse: "Fere-me, peço-te!" O homem atacou-o e o feriu. ³⁸O profeta postou-se no caminho pelo qual devia passar o rei; ele se fizera irreconhecível, usando uma faixa que lhe escondia os olhos. ³⁹Quando o rei passava, gritou-lhe: "Teu servo tinha saído para tomar parte na batalha, quando alguém, que se retirava do combate, me trouxe um homem^c, dizendo: 'Vigia este homem! Se ele vier a faltar, tua vida responderá pela dele, ou então pagarás um talento de prata'". ⁴⁰Ora, enquanto o teu servo estava ocupado com uma e outra coisa, o homem desapareceu!" O rei de Israel lhe disse: "Seja qual for o teu julgamento, tua sentença tu mesmo a proferiste". ⁴¹O profeta arrancou rapidamente a faixa que lhe cobria os olhos, e o rei de Israel reconheceu que era um dos profetas^d. ⁴²Este lhe disse: "Assim fala o SENHOR: Porque deixaste escapar de tua mão a vida do homem que eu tinha condenado, tua vida responderá pela sua, e teu povo pelo seu". ⁴³O rei de Israel voltou para casa sombrio e contrariado.

21 A vinha de Nabot. Intervenção de Elias. ¹Eis o que sucedeu depois desses acontecimentos. Nabot de Jezreel possuía em Jezreel uma vinha que ficava ao lado do palácio de Acab, rei de Samaria^e. ²Acab disse a Nabot: "Cede-me tua vinha para servir-me de horta, já que fica bem ao lado de minha casa; dar-te-ei em seu lugar uma vinha melhor. Mas se isto não te convém, posso pagar-te em dinheiro o seu valor". ³Nabot respondeu a Acab: "Pelo SENHOR! Seria um sacrilégio de minha parte dar-te a herança de meus pais". ⁴Acab voltou para casa sombrio e contrariado por causa do que lhe dissera Nabot de Jezreel: "Não te darei a herança de meus pais". Estendeu-se na cama com o rosto voltado para a parede^f, e não quis comer. ⁵Sua mulher, Izébel, veio ter com ele e perguntou-lhe: "Por que estás tão contrariado e não queres comer?" ⁶Ele respondeu: "Porque falei a Nabot de Jezreel e lhe disse: 'Cede-me a tua vinha por dinheiro, ou, se for melhor para ti, dar-te-ei outra vinha em seu lugar'. Mas ele respondeu: 'Não te darei minha vinha'". ⁷Sua mulher, Izébel, lhe disse: "Mas és tu que exerces a realeza em Israel! Levanta-te! Come, e que teu coração se alegre! Eu é que te darei a vinha de Nabot de Jezreel!" ⁸Ela escreveu cartas em nome de Acab e selou-as com o selo do rei; enviou-as aos anciãos e notáveis da cidade de Nabot, e que moravam com ele. ⁹Escreveu nessas cartas: "Proclamai um jejum, e fazei Nabot sen-

Ez 46,18

b. A expressão alude à existência dos profetas que viviam em grupo, e dos quais se pode dizer que eram profetas "profissionais". Cf. 22,6; 2Rs 2,3-5.7.15-17; Am 7,14.

c. Um prisioneiro feito por ele.

d. Os "filhos de profetas" talvez trouxessem na testa sinais distintivos: tatuagens, ou incisões, que o profeta dissimulara com sua roupa ou uma espécie de capuz.

e. Ben-Hadad era, de direito, prisioneiro do Senhor, e não de Acab. Este não podia dispor dele à sua vontade, porquanto a vitória fora de Deus, e não do rei (cf. v. 28 e nota a 27). Segundo a Lei, um prisioneiro do Senhor não podia ser agraciado (Dt 7,2); Acab, desobedecendo, pronunciara, ele também, a própria condenação (cf. 2Sm 12,5-7).

f. Este título, raro (cf. 2Rs 1,3) ao lado do de "rei de Israel", faz alusão sobretudo à condição de Acab como latifundiário: além de uma residência suntuosa em Jezreel (1Rs 18,45-46),

Samaria lhe pertencia por herança de seu pai (16,24). Talvez o autor bíblico queira salientar a cupidez de Acab (cf. Is 5,8), que procura se satisfazer à custa de um pequeno vinhateiro.

g. A atitude de Nabot não é simples apego sentimental à terra de seus pais, mas fidelidade "teológica" à parte da terra que o Senhor confiara a seu clã (cf. Nm 36,7; Lv 25,13). Além disso, esta posse fundamentava o direito de cidadania de seu proprietário, ao passo que o fato de receber outra terra das mãos do rei o levaria a uma situação de maior dependência em relação a este.

h. *Pura a parede*, acrescentado com a Vulg. Gr. *cobriu o rosto*.

i. *Izébel*, de origem fenícia, não podia compreender que em Israel a realeza não fosse absoluta, mas tivesse por limite a autoridade de Deus, ou seja, o direito de Nabot. Cf. Dt 17,14-20; 1Rs 3,5 nota; 12,7 nota.

- tar-se na primeira fila da assembleia. ¹⁰Fa-
zei com que dois homens, dois vagabun-
dos, sentem-se diante dele e testemunhem
contra ele^j, dizendo: 'Amaldiçoaste^k a
Deus e ao rei!' Faizei-o sair e lapidai-o
até que morra!^l ¹¹Os homens da cidade
de Jezreel, anciãos e notáveis que mora-
vam na cidade, agiram segundo a ordem
de Izébel, tal como estava escrito nas car-
tas que ela lhes enviara. ¹²Proclamaram
um jejum e fizeram Nabot sentar-se na
primeira fila da assembleia. ¹³E dois vaga-
bundos vieram sentar-se à frente dele.
Puseram-se a acusar Nabot perante o povo,
dizendo: "Nabot amaldiçoou a Deus e ao
rei". Fizeram-no sair da cidade, apedreja-
ram-no e ele morreu. ¹⁴Mandaram dizer a
Izébel: "Nabot foi lapidado e morreu".
¹⁵Assim que Izébel soube que Nabot mor-
rera, ela disse a Acab: "Levanta-te, e toma
posse da vinha que Nabot de Jezreel recu-
sou ceder-te por dinheiro, pois Nabot já
não vive; está morto". ¹⁶Quando Acab
ouviu que Nabot morrera, levantou-se para
descer à vinha de Nabot de Jezreel, a fim
de tomar posse dela.
- ¹⁷Então a palavra do SENHOR foi dirigi-
da a Elias, o tishbita: ¹⁸"Levanta-te, vai
procurar Acab, rei de Israel em Samaria.
Ele está na vinha de Nabot, para onde
foi, a fim de tomar posse dela. ¹⁹Falar-
lhe-ás nestes termos: 'Assim fala o SE-
NHOR: Depois de teres cometido um as-
sassinato, pretendes também tornar-te
proprietário?' Dir-lhe-ás: 'Assim fala o
SENHOR: No lugar em que os cães lambe-
ram o sangue de Nabot, eles também
lamberão o teu'". ²⁰Acab disse a Elias:
- "Então tornaste a encontrar-me, ó meu
inimigo?" Ele respondeu: "Tornei a en-
contrar-te, porque te prestaste a uma ação
que é má aos olhos do SENHOR. ²¹Farei
cair sobre ti uma desgraça: varrer-te-ei e
eliminaré os varões^m da casa de Acab,
escravos ou homens livresⁿ em Israel. ²²Tornarei a tua casa semelhante à de
Jeroboão, filho de Nebat, e à casa de
Baeshá, filho de Ahíá, por causa da ofen-
sa cometida por ti e porque induziste
Israel ao pecado".
- ²³O SENHOR falou também a respeito
de Izébel: "Os cães devorarão Izébel na
propriedade de Jezreel. ²⁴Todo membro
da casa de Acab que morrer na cidade
será comido pelos cães, e todo membro
que morrer no campo será comido pelas
aves do céu".
- ²⁵Realmente, não houve ninguém que
como Acab se entregasse a fazer o que é
mau aos olhos do SENHOR, desviado como
era por sua mulher Izébel. ²⁶Ele agiu de
mancira sumamente abominável, prestan-
do culto aos ídolos, exatamente como os
emoritas^r, que o SENHOR destituira de
diante dos filhos de Israel.
- ²⁷Quando Acab ouviu estas palavras,
rasgou as vestes, vestiu um saco por sobre
a pele e jejuou; dormia sobre o saco e
caminhava a passos lentos. ²⁸A palavra
do SENHOR foi dirigida a Elias, o tishbita:
²⁹"Viste como Acab se humilhou diante
de mim? Porque ele se humilhou dian-
te de mim, não farei vir a desgraça du-
rante sua vida; é durante a vida de seu
filho que farei cair uma desgraça sobre a
sua casa".

j. A lei exigia pelo menos duas testemunhas, para que o depoimento fosse válido (Dt 17,6).

k. Lit. *abençoaste*, por eufemismo.

l. Segundo Dt 22,27, amaldiçoar a Deus e ao rei merecia a morte. A presença de duas testemunhas e a intervenção dos anciãos salvavam as aparências da justiça. A morte de Nabot — e provavelmente também de seus filhos, que teriam herdado a vinha contestada (cf. 2Rs 9,26; Js 7,24-25) — devia permitir que o rei entrasse na posse dos bens do defunto.

m. Cf. 14,10 nota; 1Sm 25,22 nota.

n. Cf. 14,10 nota.

o. Alusão aos cultos idolátricos incentivadas por Acab e sua esposa.

p. Os vv. 23-24 e 25-26 são possivelmente uma adição inse-

rada mais tarde no corpo da narrativa. Os vv. 22 e 27 se com-
pletam perfeitamente.

q. Cf. 14,11, onde se encontra a mesma fórmula profética.

r. Os emoritas (em sumério *mar.tu*) têm seu nome prova-
velmente derivado da cidade de *Mári*, a leste da Mesopotâ-
mia, que era um dos seus centros importantes no segundo
milênio. Os emoritas se espalhavam entre o Eufrates e o
Mediterrâneo, bem como na Síria e em Canaã. Talvez já
sedentários no 3º milênio, construíram uma série de pequeni-
nos reinos de tipo feudal (cidades-estado). Comerciantes e
artífices, os emoritas traficavam objetos de couro, mas sobre-
tudo de metal, principalmente bronze. Eram também criados
de gado. Na Bíblia, "emorita" é, muitas vezes, sinônimo
de "canaanita".

22 Acab e Josafat contra Arâm. Intervenção de Miquéias. Morte de Acab.

¹Passaram-se três anos sem guerra entre Arâm e Israel. ²No terceiro ano, Josafat, rei de Judá, desceu³ e veio ter com o rei de Israel. ³Dissera este aos seus servos: "Sabeis que Ramot-de-Guilead nos pertence, e hesitamos em retomá-la das mãos do rei de Arâm!" ⁴Disse ele a Josafat: "Queres vir comigo à guerra contra Ramot-de-Guilead?" Josafat respondeu ao rei de Israel: "Para mim o mesmo que para ti, para meu povo o mesmo que para o teu, para minha cavalaria o mesmo que para a tua". ⁵Josafat disse ainda a Acab: "Consulta antes a palavra do SENHOR". ⁶O rei de Israel reuniu os profetas, cerca de quatrocentos homens, e lhes perguntou: "Posso atacar Ramot-de-Guilead ou devo desistir?" Eles responderam: "Vai! O SENHOR vai entregá-la nas mãos do rei". ⁷Josafat disse: "Não há mais por aqui algum profeta do SENHOR por meio do qual possamos consultá-lo?" ⁸O rei de Israel disse a Josafat: "Há ainda um homem através do qual podemos consultar o SENHOR, mas eu o detesto, porque jamais profetiza a meu respeito o bem, mas sempre o mal: é Miquéias, filho de Imlá". O rei Josafat disse: "Não fale assim o rei!" ⁹O rei de Israel chamou um funcionário e disse: "Depressa! Trazei-me aqui Miquéias, filho de Imlá!"

¹⁰O rei de Israel e Josafat, rei de Judá, em trajes de grande cerimônia, sentaram cada um no seu trono, na esplanada, à

entrada da porta de Samaria, e todos os profetas entraram em transe para profetizar diante deles. ¹¹Sedecias, filho de Canaã, tendo feito para si chifres de ferro, disse: "Assim fala o SENHOR: Com estes chifres derrotarás Arâm até exterminá-lo!" ¹²Todos os profetas profetizavam do mesmo modo, dizendo: "Sobe a Ramot-de-Guilead, e vencerás! O SENHOR entregará a cidade nas mãos do rei".

¹³O mensageiro que tinha ido chamar Miquéias lhe disse: "Eis as palavras dos profetas: são unânimes em predizer coisa boa para o rei. Seja a tua palavra semelhante à deles! Anuncia coisa boa!"

¹⁴Miquéias disse: "Certo como vive o SENHOR, o que o SENHOR me disser, é isso que direi!" ¹⁵Aproximou-se do rei, que lhe perguntou: "Miquéias, podemos guerrear contra Ramot-de-Guilead, ou devemos desistir?" Ele respondeu: "Vai! Terás sucesso! O SENHOR a entregará nas mãos do rei!" ¹⁶O rei lhe disse: "Quantas vezes precisarei fazer-te jurar que dirás somente a verdade em nome do SENHOR?" ¹⁷Miquéias respondeu:

"Vi todo Israel disperso nas montanhas

como ovelhas sem pastor";

o SENHOR disse:

"Essa gente³ não tem guia;

volte cada um em paz para sua casa!"

¹⁸O rei de Israel disse a Josafat: "Não te disse que ele nunca profetiza o bem para mim, mas sempre o mal?" ¹⁹Miquéias lhe disse: "Pois bem! escuta a palavra do SENHOR⁴. Vi o SENHOR senta-

Is 30,10

Nm 22,18

2Cr 18,1-34

Dt 4,41-43

2Rs 3,11

s. Jerusalém (o Templo) fica a 744 metros de altitude, ao passo que Samaria se acha a apenas 430 metros.

t. Josafat põe todas as suas forças à disposição de Acab, manifestando assim a unidade dos dois povos (cf. 2Rs 3,7).

u. Não se partia para a guerra sem ter procurado saber qual era a vontade do Senhor. Cf. Jz 1,1; 20,18; 1Sm 14,37; 23,2-4; Jr 21,2.

v. Na Antiguidade, os chifres simbolizavam a força, até mesmo a divina. Sobre o gesto profético, cf. 11,31 nota. Mede-se aqui a distância que separa a falsa profecia da verdadeira. O grupo de quatrocentos profetas achava-se ali sobretudo para dar ao rei "o apoio moral que ele desejava", ao passo que um verdadeiro profeta "não era um agente da comunidade tentando forçar Deus, auto-sugestionando-se, mas um instrumento da revelação da vontade de Deus para com a comunidade" (Gray).

w. Esta primeira resposta de Miquéias, em sentido favorável, pode ser interpretada de duas maneiras: de um lado, pode-se admitir que o profeta ainda não recebera de Deus a resposta a dar (cf. 2Sm 7,3), e então fala de acordo com o que ouve ao seu redor; de outro lado, de acordo com a maioria dos comentadores, pode-se ver aí uma resposta irônica, que faz esperar e deve tornar ainda mais surpreendente o oráculo que vai pronunciar em seguida.

x. Alusão aos maus pastores que são os reis de Israel e de Judá. Cf. Jr 10,21; 23,1-2; Ez 34,5-6; Mt 9,36.

y. Isto é, os soldados do exército mobilizado.

z. Miquéias vai descrever a "visão" que teve (e que o hebreu chama "palavra"), para mostrar ao rei que esta profecia é realmente uma revelação, e não palavras provocadas pela má vontade, como insinuou Acab no v. 18.

do em seu trono e todo o exército celeste de pé junto dele, à sua direita e à sua esquerda".²⁰ O SENHOR disse: 'Quem seduzirá Acab, para que ele suba e pereça em Ramot-de-Guilead?' Um falava de um modo, outro de modo diferente.²¹ Então um espírito adiantou-se^b, apresentou-se diante do SENHOR e disse: 'Eu o seduzirei'. Perguntou o SENHOR: 'De que maneira?'²² Ele respondeu: 'Irei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas'. O SENHOR lhe disse: 'Tu o seduzirás; aliás, tens poder para tanto. Vai, e faz assim'.²³ Portanto, se o SENHOR pôs um espírito de mentira na boca de todos os teus profetas, é porque ele próprio decretou a tua perda".

²⁴Sedecias, filho de Kenaaná, aproximou-se, esbofeteou Miquéias e perguntou: "Por onde o espírito do SENHOR saiu de mim para te falar?"²⁵ Miquéias respondeu: "Pois bem! Vê-lo-ás no dia em que fores de quarto em quarto para te esconder".²⁶ O rei de Israel disse: "Prenhe Miquéias, leva-o a Amon, governador da cidade e a Joás, filho do rei,²⁷ e dize-lhes: 'Assim fala o rei: aprisionai este homem e alimentai-o com rações reduzidas de pão e água, até que ele volte são e salvo'".²⁸ Miquéias disse: "Se na verdade voltares são e salvo, é porque o SENHOR não falou por mim". — Depois disse: "Povos todos, ouvi!"

²⁹O rei de Israel e Josafat, rei de Judá, subiram a Ramot-de-Guilead. Disse

o rei de Israel a Josafat: "Vou disfarçar-me para entrar em combate^d. Tu, porém, veste a tua própria roupa".³⁰ O rei de Israel disfarçou-se e entrou em combate.³¹ O rei de Arã havia dado aquela ordem aos seus trinta e dois chefes de carro: "Não ataqueis ninguém, pequeno ou grande, mas somente o rei de Israel".³² Assim, quando os chefes dos carros viram Josafat, disseram: "Decerto é ele o rei de Israel", e dirigiram-se contra ele para atacá-lo; Josafat pôs-se a gritar.³³ Então os chefes dos carros, percebendo que aquele não era o rei de Israel, afastaram-se dele^e.³⁴ Mas um homem, retesando o seu arco ao acaso^f, feriu o rei de Israel entre as peças da couraça^g. O rei disse ao condutor de seu carro: "Volta a rédea e leva-me para fora do campo de batalha, porque estou ferido".³⁵ O combate foi tão violento naquele dia que tiveram de deixar o rei em seu carro, diante de Arã; mas ao cair da tarde ele morreu. O sangue de seu ferimento escorreu pelo fundo do carro.³⁶ Ao pôr-do-sol, fez-se ouvir no campo de batalha este clamor^h: "Cada um para sua cidade, cada um para sua terra!"³⁷ Após sua morte, o rei foi levado de volta a Samaria, onde o enterraramⁱ.³⁸ Enquanto se lavava o carro na piscina de Samaria e os cães lambiam o sangue de Acab, as prostitutas ali se lavavam, conforme a palavra que dissera o SENHOR^j.

Ez 14,9

Jr 20,1-2

Dt 18,22;
Jr 28,9

a. A imagem do Senhor entronizado no meio de personagens celestes é muito conhecida na Bíblia (Is 6,1-2; Sl 114; 93,2; 97,1-2; Ap 4,2-4 etc.). Aqui, como um rei oriental, ele consulta os membros de sua corte. Cf. Jô 1,6.

b. Alguns compreendem que este espírito é um dos membros da corte celeste mencionada no v. 19. Outros vêem nela o espírito de Deus que se manifesta ao profeta. Não é ainda o Espírito Santo de que fala o NT.

c. Lit. *povos, todos eles*. São estas as primeiras palavras do livro do profeta Miquéias. Podem ter sido acrescentadas em consequência de uma confusão entre estes dois profetas, por causa da similitude de seus nomes.

d. O rei de Israel não quer chamar a atenção sobre si mesmo: disfarça-se em simples soldado para entrar na batalha. O contexto nos obriga a traduzir segundo as versões, ao passo que o hebr. diz: *disfarça-te e vai ao combate*, o que contradiz a segunda parte do v.

e. Puderam perceber isso, seja por causa do sotaque hieroso-

limita de Josafat, seja porque seu grito de guerra era diferente do grito do rei de Israel.

f. Lit. *em sua inocência*, i. é, que, visando a um inimigo qualquer diante dele, não sabia que era Acab. Pode-se também compreender (*atirou*) *em sua perfeição*, i. é, (como também o compreendeu o gr.), atingindo o alvo.

g. Lit. *entre as presilhas e as escamas*. As escavações arqueológicas, de fato, revelaram restos de couraças feitas de placas de metal que deviam ser ligadas umas às outras como escamas.

h. Lê-se nas versões: *O arauto passou no campo*.

i. Lit. *O rei morreu e chegou a Samaria; depois enterraram o rei em Samaria*. Talvez fosse preferível seguir o gr.: *cada um para sua terra, pois o rei morreu; e partiram para Samaria e sepultaram o rei em Samaria*.

j. O redator deste v. esquece que foi em Jezreel, e não em Samaria, que Nabot foi morto. A notícia sobre as prostitutas é um insulto cruel à memória do rei: seu sangue ter-se-ia misturado ao do menstruo das prostitutas!

³⁹Os demais atos de Acab, tudo o que fez, a casa de marfim^k que construiu e as cidades que edificou^l, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel?⁴⁰Acab adormeceu junto de seus pais. Seu filho Acazias tornou-se rei em seu lugar.

Josafat, rei de Judá. ⁴¹Josafat, filho de Asá, tornou-se rei de Judá no quarto ano do reinado de Acab, rei de Israel. ⁴²Josafat tinha trinta e cinco anos quando se tornou rei, e reinou em Jerusalém durante vinte e cinco anos^m. O nome de sua mãe era Azubá, filha de Shilhi. ⁴³Seguiu em tudo o caminho de Asá, seu pai, fazendo o que é reto aos olhos do SENHOR. ⁴⁴No entanto, os lugares altos não desapareceram: o povo continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso aliⁿ. ⁴⁵Josafat fez as pazes com o rei de Israel^o.

⁴⁶Os demais atos de Josafat, os grandes feitos que realizou, suas guerras, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ⁴⁷Ele varreu da terra os últimos hieródulos que restavam do tempo de

Asá^p, seu pai. ⁴⁸Não havia então um rei estabelecido em Edom^q. ⁴⁹Josafat fez construir navios de Tarshish^r para ir buscar ouro^s em Ofir; mas não o conseguiu, porque os navios naufragaram em Eşion-Gueber^t. ⁵⁰Então Acazias, filho de Acab, pediu a Josafat: "Permite que os meus servos embarquem com os teus!" Josafat, porém, não o quis. ⁵¹Josafat adormeceu junto de seus pais e com eles foi sepultado na Cidade de David. Seu filho Iorâm reinou em seu lugar.

2Cr 21,1

Acazias, rei de Israel. ⁵²Acazias, filho de Acab, tornou-se rei de Israel em Samaria, no décimo sétimo ano do reinado de Josafat, rei de Judá. Reinou sobre Israel durante dois anos^u. ⁵³Fez o mal aos olhos do SENHOR, seguiu o caminho de seu pai, de sua mãe e de Jeroboão, filho de Nebat, que induzira Israel ao pecado. ⁵⁴Prestou culto a Báal e prosternou-se diante dele; e ofendeu o SENHOR Deus de Israel, exatamente como o fizera o seu pai.

k. As escavações feitas em Meguidô revelaram o poderio e a riqueza da cidade. O resto das decorações em marfim esculpido, que foram encontrados, mostram o nível artístico atingido naquela época, ao mesmo tempo que explicam a veemência de um Amós contra o luxo do reino. Cf. Am 3,15; 6,4.

l. Acab continuou particularmente as obras de seu pai Omri em Samaria, e fez de Meguido e Haşor duas renomadas praças-fortes. Quaisquer que sejam as censuras que se possam fazer a Acab, ele foi, no terreno político, um grande e poderoso rei. Uma inscrição de Salmanasar III, rei da Assíria, relata que, por ocasião da batalha de Qarqar (853), no Eufrates, Acab foi um de seus mais temíveis adversários. Com os mil infantas que alinhou e os dois mil carros que forneceu à coalizão (o maior dos contingentes de carros), era ele, efetivamente, um dos monarcas mais poderosos da região entre o Mediterrâneo e a Assíria.

m. Ele reinou de 870 a 846 a.C.

n. Cf. 3,2 nota.

o. Josafat foi o primeiro a fazer cessar o estado de beligerância entre os dois reinos. Por duas vezes, vemo-lo fazer aliança com o rei de Israel: 22,4; 2Rs 3,7.

p. Cf. 15,12. Sobre os prostitutos sagrados, cf. 14,24 nota.

q. Poder-se-ia também traduzir: *Não havia rei em Edom; era um prefeito que praticava o ofício de rei*. Cf. 2Sm 8,14; 2Rs 8,20.

r. *Fez construir navios*: "texto lido"; "texto escrito": *(tinha) dez navios*. — A resp. dos navios de Tarshish, cf. 10,22 nota.

s. Cf. 9,28. Lit. *a Ofir para o ouro*.

t. Cf. 9,26. Josafat tentou, mas em vão, retomar a grande

tradição comercial de Salomão.

u. Acazias reinou de 853 a 852 a.C.

SEGUNDO LIVRO DOS REIS

1 Elias e a morte de Acázias, rei de Israel¹.

^{3,5;} Moab revoltou-se contra Israel². ^{Nm 24,17; 1Sm 14,47; 2Sm 8,2; Sl 60,10} Acázias, tendo caído da sacada de seu quarto-de-cima em Samaria, ficou gravemente ferido. Enviou, então, mensageiros, dizendo-lhes: "Ide consultar Báal-Zebub³, deus de Ebron⁴, para saber se ficarei curado de minhas feridas!" ^{8,9-10} Então, o anjo do SENHOR⁵ falou a Elias, o tishbita: "Levanta-te! Vai ao encontro dos mensageiros do rei de Samaria e dize-lhe: 'Acaso não existe Deus em Israel, para que tenhaís de consultar Báal-Zebub, o deus de Ebron? ^{Is 8,9; Jr 2,11-13} Eis por que assim fala o SENHOR: Do leito ao qual subiste, jamais descerás, pois tua morte está marcada'". ^{Gn 2,17; Ez 3,18; 18,24} E Elias partiu.

⁵ Os mensageiros voltaram para junto do rei, que lhes disse: "Por que voltastes?" ⁶ Eles responderam: "Um homem veio ao nosso encontro e nos disse: 'Ide, voltai para junto do rei que vos enviou e dizei-lhe: Assim fala o SENHOR: Acaso não existe Deus em Israel, para que mandes consultar Báal-Zebub, deus de Ebron? Por isso, do leito ao qual subiste, jamais

descerás, pois tua morte está marcada'". ⁷ O rei indagou: "Como era esse homem que foi ao vosso encontro e vos disse tais palavras?" ⁸ Eles responderam: "Era um homem que usava uma veste de pêlos e uma tanga de peles em torno dos rins". Então o rei disse: "É Elias, o tishbita!"

⁹ O rei enviou ao encontro de Elias um chefe de cinquenta, com seus cinquenta homens. Este subiu. Pois Elias estava sentado no cimo da montanha⁶. O oficial lhe disse: "Homem de Deus⁷, o rei ordenou: Desce!" ¹⁰ Mas Elias respondeu ao chefe de cinquenta: "Se sou um homem de Deus, desça o fogo do céu e te devore a ti e aos teus cinquenta!" ¹¹ O fogo desceu do céu e o devorou, bem como aos seus cinquenta⁸.

¹¹ Novamente, o rei enviou ao encontro de Elias um chefe de cinquenta, com seus cinquenta homens. O oficial tomou a palavra, dizendo: "Homem de Deus, assim fala o rei: Desce imediatamente!" ¹² Mas Elias respondeu: "Se sou um homem de Deus, desça o fogo do céu e te devore a ti e a teus cinquenta!" O fogo

Ex 18,21;
Dt 1,15;
1Sm 8,12

1Rs 17,24

Lc 9,54

v. O relato da morte de Acázias é a sequência de 1Rs 22,52-54, onde se indicam, segundo as fórmulas estereotipadas, o início e a duração do seu reinado e sua infidelidade ao Senhor.

w. Essa revolta só foi provocar uma expedição da parte de Israel sob o sucessor de Acázias, cf. 3,4-27; este último foi impedido de realizá-la em virtude de um acidente mortal.

x. Lit. *O senhor das moscas*, que o gr. interpretou *Baal-mosca*. Esse nome seria um trocadilho ridículo para uma divindade filistéia; os evangelhos (Mt 10,25 e par.) teriam conservado o nome primitivo *Beel-Zebul*, Báal-o-Príncipe, divindade adorada pelos canaanitas antes da entrada dos hebreus na Palestina. Cf. Mt 12,24 nota.

y. Uma das cinco cidades dos filisteus.

z. Lit. *se eu sobreviver a esta enfermidade*. A falta do rei consiste em consultar um deus estrangeiro: ao encontro dos mensageiros do rei, surge Elias, o inflexível adversário do baalismo. 1Rs 18,40. Cf. 2Rs 8,8, onde um rei estrangeiro, Ben-Hadad de Arã, consulta o Senhor por intermédio de Eliseu.

a. O anjo do Senhor, como em 1Rs 19,5.7. Em todas as outras passagens, é a palavra do Senhor que vem a Elias: 1Rs 17,2,8; 18,1; 19,9; 21,17.18. A intervenção do anjo aqui é significativa: a mesma palavra hebraica designa o mensageiro e o anjo; aos mensageiros do rei, que vão em busca de um deus estrangeiro,

o anjo do Senhor, por intermédio de Elias, anuncia uma morte próxima e inevitável.

b. Lit. *homem peludo, felpudo*, assim no gr. e na Vulg., mas a palavra *veste* deve ser subentendida. A veste de pêlos (Zc 13,4) tanto quanto a tanga de pele (Mt 3,4 e Mc 1,6) caracterizam a indumentária dos profetas.

c. Trata-se de uma verdadeira expedição à mão armada contra o profeta; perseguições semelhantes já haviam sido empreendidas contra Elias (1Rs 18,10 e 19,2), mas ele conseguira fugir. É notável sua atitude resoluta em tal circunstância: ele permanece no cimo da montanha, a saber, do Carmelo. 1Rs 18,19.

d. Sinônimo arcaico de "profeta", cf. 1Rs 12,22; 17,18.24 e, principalmente, 1Rs 20,28 passagem em que *homem de Deus* designa o profeta dos vv. 13 e 22. Título habitualmente dado a Eliseu; a Elias é atribuído tão-somente em duas passagens, que apresentam contatos literários com o ciclo de Eliseu.

e. O fogo, isto é, o raio considerado como um instrumento nas mãos de Deus. Habitualmente o fogo é dito *cair do céu*. Gn 19,24; 1Rs 18,30; Jó 1,16. O verbo *descer*, aqui, corresponde à palavra do rei: *desce*, conforme a ordem do profeta: *que o fogo desça*. O fogo devora os inimigos de Deus e seus enviados, cf. Nm 16,35; 26,10; Ap 20,9; compare-se com Lc 9,54-55.

f. Considere-se o tom autoritário do segundo emissário e, em contrapartida, no v. 13, a atitude de deferência do terceiro.

de Deus desceu do céu e o devorou, bem como aos seus cinquenta.

¹³O rei enviou um terceiro chefe de cinquenta com seus cinquenta homens. Este terceiro subiu, mas ao chegar à montanha, dobrou os joelhos diante de Elias e suplicou-lhe, dizendo: "Homem de Deus, minha vida e a de teus servos, estes cinquenta, sejam preciosas aos teus olhos!" ¹⁴Eis que o fogo desceu do céu e devorou os dois primeiros chefes de cinquenta, bem como as suas tropas. Agora, contudo, que minha vida seja preciosa aos teus olhos!"

¹⁵O anjo do SENHOR falou a Elias, dizendo: "Desce com ele, nada tens a temer de sua parte!" Elias se levantou, desceu e, em companhia do oficial, foi ter com o rei, ¹⁶a quem disse: "Assim fala o SENHOR: Por teres enviado mensageiros a fim de consultarem Baál-Zebub, deus de Ebron — acaso não existe Deus em Israel cuja palavra possas consultar? —, por isso, do leito ao qual subiste, não descerás, pois tua morte está marcada".

¹⁷Acazias morreu conforme a palavra que o SENHOR dissera por intermédio de Elias. Como ele não tinha filhos, lorâm^g se tornou rei em seu lugar, no segundo ano de lorâm, filho de Josafat, rei de Judá^h.

¹⁸Os demais atos de Acazias, o que fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israelⁱ?

2 Ascensão de Elias. Eliseu herda seu espírito. ¹Eis o que aconteceu quando o SENHOR fez Elias subir ao céu, em meio a uma tempestade^j.

Elias e Eliseu deixavam Guilgal^k. ²Elias disse a Eliseu: "Fica aqui, peço-te, pois

o SENHOR me envia a Betel"^l. Eliseu respondeu: "Certo como vive o SENHOR e tu vives, não te deixarei!" E desceram a Betel. ³Os filhos de profetas^m que se achavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu e lhe disseram: "Sabes que o SENHOR hoje vai arrebatarte teu amo pelos ares, por cima de tua cabeça?"ⁿ Repondeu ele: "Já sei, calai-vos!" ⁴Elias lhe disse: "Eliseu, fica aqui, peço-te, pois o SENHOR me envia até Jericó". Ele respondeu: "Certo como vive o SENHOR e tu vives, jamais te deixarei". E chegaram a Jericó. ⁵Os filhos de profetas que estavam em Jericó aproximaram-se de Eliseu e lhe disseram: "Sabes que hoje o SENHOR vai arrebatarte teu amo pelos ares, por cima de tua cabeça?" Ele respondeu: "Já sei; calai-vos!" ⁶Elias lhe disse: "Fica aqui, peço-te, pois o SENHOR envia-me ao Jordão". Ele respondeu: "Certo como vive o SENHOR e tu vives, não te deixarei!" E ambos partiram. ⁷Cinquenta filhos de profetas saíram e foram postar-se diante do Jordão, distante de Elias e Eliseu, que se detiveram às margens do rio. ⁸Então Elias tirou^o o manto, enrolou-o e bateu com ele sobre as águas, que se separaram, deixando-os passar a pé enxuto^p. ⁹Enquanto atravessavam, Elias disse a Eliseu: "Pede o que desejas que faça por ti, antes que eu seja arrebatado para longe de ti!" Eliseu respondeu: "Seja-me concedida uma dupla^q parte de teu espírito!" ¹⁰Ele disse: "É difícil o que pedes. Se me vires quando eu for arrebatado para longe de ti, ser-te-á concedido o que pedes; caso contrário, não o será"^r.

4,30;
1Sm 20,3;
25,26
1Rs 19,
16,19-21

1Rs 19,19

g. Vulg. e sir. acrescentam *seu irmão* depois de *lorâm*.

h. O sincronismo entre os reinos não concorda com 3,1 e 8,16. Cf. Introdução aos Reis e Quadro cronológico.

i. Fórmula redacional final. cf. 1Rs 14,19 nota.

j. A tempestade e a tormenta são símbolos clássicos das manifestações de Deus. Esd 29,6; Jr 23,19; 25,32; Ez 1,4; Na 1,3; etc.

k. Não se trata de Guilgal a leste de Jericó (Js 4,19) mas da cidade situada entre Shilô e Betel, atual Jiljiliya, ou ainda de Guilgal perto do Garizim, atual Gulegil.

l. *Betel*, atual Beitin, célebre por seu santuário patriarcal (Gn 12,8; 28,10-22; 35,1-15), que Jeroboão elevou a nível de santuário nacional, rival do de Jerusalém (1Rs 12,28-33) e onde Amós profetizará, Am 7,13.

m. Cf. 1Rs 20,35 nota.

n. *Pelos ares*, acrescentado para facilitar o sentido do texto. o. Habitualmente traduz-se por: *tomou (seu manto)*, mas o verbo hebraico tem, por vezes, o sentido de tirar uma veste. Quanto ao fato de que Elias usava o manto, cf. v. 13.

p. Cf. a passagem do mar dos Juncos e a do Jordão pelos israelitas, Ex 14,16,22 e Js 3,13-17.

q. Lit. *um bocado de dois*. Era a parte da herança atribuída ao primogênito (Dt 21,17): Eliseu pedira que lhe fosse concedido ser o herdeiro espiritual de Elias. O espírito de Elias, isto é, o espírito profético, Is 42,1; 61,1; Ez 2,2; 3,12; etc.; cf. tb. Os 9,7.

r. Elias pessoalmente não pode fazer de Eliseu um profeta (cf., entretanto, 1Rs 19,16 e 19-21); a ele é possível tão-somente

"E aconteceu que, enquanto prosseguiam o caminho a conversar, um carro de fogo e cavalos de fogo os separaram um do outro; e Elias subiu ao céu em meio à tempestade". ¹²Eliseu, vendo isto, exclamou: "Meu pai! Meu pai! Carros e cavalaria de Israel!" Em seguida, não mais o viu. Tomou então suas vestes e rasgou-as pelo meio". ¹³Apanhou o manto que caíra dos ombros de Elias e voltou para o Jordão, detendo-se à margem. ¹⁴Retirou o manto que caíra dos ombros de Elias e, com ele, bateu sobre as águas, dizendo: "Onde está o SENHOR", o Deus de Elias?" Ele bateu, pois, nas águas, e elas se separaram, e Eliseu atravessou. ¹⁵Os filhos de profetas, os de Jericó, que o haviam avistado desde a outra margem, disseram: "O espírito de Elias repousa sobre Eliseu". E indo ao seu encontro, prostraram-se por terra diante dele. ¹⁶dizendo-lhe: "Com teus servos há aqui cinquenta homens valorosos. Deixa-os partir em busca de teu amo. Talvez o espírito do SENHOR o tenha arrebatado e lançado sobre alguma montanha ou em algum vale". Eliseu disse: "Não envieis ninguém!" ¹⁷Mas eles tanto o importunaram que ele acabou dizendo:

"Enviai-os, então!" Enviaram, pois, cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias sem conseguir encontrá-lo. ¹⁸Voltaram depois para junto de Eliseu, que permanecera em Jericó; e ele lhes disse: "Não disse que não fôsseis?"

¹⁹Os habitantes de Jericó disseram a Eliseu: "Como pode ver meu senhor, a estada na cidade é agradável, todavia a água é ruim e a região, estéril". Eliseu disse: ²⁰"Trazei-me uma tigela nova e ponde sal dentro!" Trouxeram-na a ele.

²¹Eliseu encaminhou-se para o lugar onde as águas nasciam e, lançando ali o sal, disse: "Assim fala o SENHOR: Eu saneio estas águas e elas não mais causarão morte ou esterilidade". ²²As águas tornaram-se saudáveis até hoje, conforme a palavra que Eliseu dissera.

²³Dali, subiu a Betel. Enquanto subia pelo caminho, alguns meninos saíram da cidade e se puseram a escarnecê-lo: "Vai, rapado! Vai!" ²⁴Voltando-se, ele os olhou e amaldiçoou em nome do SENHOR. Então saíram do bosque duas ursos, que despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos. ²⁵Depois disso dirigiu-se ao Monte Carmelo e de lá voltou a Samaria.

Nm 16,19
At 1,2

Nm 11,25;
Js 11,2;
IPd 4,14

Ex 3,14;
R,3;
At 8,39

Ex 15,25

Lv 26,22

indicar o sinal que o designará como tal: Eliseu talvez veja o que está oculto aos homens, uma vez que o profeta é essencialmente um vidente.

s. Carro e cavalos de fogo simbolizam o poderio do Senhor. 6,17. Arrebatados pela tempestade, transportam Elias ao céu (*IMc* 2,58; *Sr* 48,9).

t. Grito de dor de Eliseu no momento da partida definitiva de seu senhor; mesma exclamação na boca de Joás, rei de Jezeel, no momento da morte de Eliseu, 13,14. *Carros e cavalaria de Israel* significam que a força invencível do povo reside no profeta.

u. Alguém rasga suas vestes em sinal de luto (*Gn* 37,34; *2Sm* 1,11, etc.) ou ainda em sinal de grande desgraça ou de profunda dor (*Gn* 37,29; 44,13; *Js* 7,6 etc.).

v. Lit. de cima dele.

w. Cf. Jr 2,6-8 e Jó 35,10.

x. Não se veja aqui uma repetição da ação, mas apenas um reforço verbal para realçar o fato — a relacionar com o que se segue — de que também Eliseu realizou o milagre da separação das águas. O manto de Elias, doravante usado por Eliseu, é o sinal da presença de Deus sobre ele.

y. Nem a informação dos filhos de profetas sobre o arrebatamento de Elias ao céu (v. 5), nem o fato de ter presenciado o milagre operado por Eliseu com o manto de Elias (vv. 14-15) foram suficientes para dissipar a dúvida sobre a sorte reservada a Elias; o espírito do SENHOR arrebatou o profeta não se sabe para

onde (*IRs* 18,12). A busca infrutífera certifica-os apenas de que Elias realmente foi arrebatado deste mundo. Cf. o arrebatamento de Henoc (*Gn* 5,24) e o de Jesus (*Lc* 24,51). Por ocasião da transfiguração, aparecem ao lado de Jesus Moisés e Elias, cuja glorificação era celebrada nas tradições bíblicas e extrabíblicas.

z. Lit. da cidade.

a. Lit. privado de prole: esterilidade que se estende aos homens e aos animais tanto quanto às plantas.

b. O sal, segundo o pensamento dos antigos, tem poder de purificação, e por isso era usado em alguns sacrifícios. *Lv* 2,13 nota; *Ex* 43,24. A tigela deve ser nova, isto é, pura: idêntica exigência para os animais, *Nm* 19,12; *Dt* 21,3-4.

c. Trata-se da nascente situada perto da primitiva Jericó e que se identifica com Ain-Sultan, fonte do Sultão. A tradição cristã denominou-a Fonte de Eliseu.

d. De Jericó a Betel passa-se de 250 m abaixo do nível do mar para 880 acima.

e. Lit. Sobe, careca! Sobe, careca!

f. Os dois relatos dos vv. 19-24 atestam o poder de Eliseu: ele atrai benefícios para os que reconhecem sua autoridade; mas, em contrapartida, acarreta maldições para os que desprezam o homem de Deus.

g. A última etapa da viagem é Samaria. Dali, os exércitos de Israel partem em expedição contra Moab; entre eles se encontra Eliseu. 3,11.

3 Iorâm, rei de Israel. Expedição contra Moab; intervenção de Eliseu. ¹No décimo ano do reinado de Josafat, rei de Israel, Iorâm, filho de Acab, tornou-se rei de Israel, em Samaria, e reinou durante doze anos^b. ²Fez o mal aos olhos do SENHOR, não, porém como seu pai e sua mãe, pois fez desaparecer a estela de Báal que seu pai erigira^c. ³Persistiu no pecado que Jeroboão, filho de Nabat, induzira Israel a cometer e dele não se afastou^d.

⁴Meshá, rei de Moab, era criador de rebanhos; pagava ao rei de Israel um tributo de cem mil cordeiros e de cem mil carneiros bem fornidos de lã^e. ⁵Ao morrer Acab, o rei de Moab revoltou-se contra o rei de Israel. ⁶O rei Iorâm saiu imediatamente^f de Samaria e passou em revista todo Israel. ⁷Depois partiu e mandou dizer a Josafat, rei de Judá: "O rei de Moab revoltou-se contra mim. Queres vir comigo combater Moab?" Respondeu: "Subirei; para mim o mesmo que para ti, para meu povo o mesmo que para o teu, para minha cavalaria o mesmo que para a tua"^g. ⁸E acrescentou: "Por qual caminho subiremos?" Ele respondeu: "Pelo caminho do deserto de Edom"^h.

⁹O rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edomⁱ puseram-se a caminho. Durante sete dias, percorreram o caminho, e en-

tão veio a faltar água para a tropa, e para os animais de carga.¹⁰ O rei de Israel disse: "Ah! o SENHOR certamente convocou estes três reis para entregá-los nas mãos de Moab". ¹¹Josafat disse: "Não há por aqui algum profeta do SENHOR, para que possamos consultar o SENHOR?" Um dos servos do rei de Israel, tomando a palavra disse: "Aqui vive Eliseu, filho de Shafat, que derramava água nas mãos de Elias"^j. ¹²Josafat disse: "A palavra do SENHOR está com ele"^k. O rei de Israel, assim como Josafat e o rei de Edom, desceram a seu encontro. ¹³Eliseu disse ao rei de Israel: "Que há entre mim e ti? Vai procurar os profetas de teu pai e de tua mãe"^l. O rei de Israel retrucou: "Não fales assim, pois o SENHOR certamente convocou estes três reis para entregá-los nas mãos de Moab". ¹⁴Eliseu disse: "Certo como vive o SENHOR de todo poder, a quem sirvo, se não fosse em consideração a Josafat, rei de Judá, nenhuma atenção eu te daria e nem sequer olharia para ti!" ¹⁵Agora, trazei-me um músico!" Enquanto o músico tocava, a mão do SENHOR pousou sobre Eliseu^m. ¹⁶Ele disse: "Assim fala o SENHOR: Cavai um grande número de fossos neste vale!" ¹⁷Assim fala o SENHOR: Não vereis vento nem chuva, todavia este vale se encherá de água e bebereis vós, vossos rebanhos e vossos animais de carga. ¹⁸Mas isto será pouco

10,29; 13,11;
14,24; 15,9,18;
24,28;
1Rs 12,26-32;
13,33-34;
14,16;
15,26,34;
16,2,19,26 etc.

1Rs 17,1;
18,15

Ez 1,3;
3,14; 8,1;
33,22; 37,1

h. Iorâm reinou de 852 a 841 a.C. Quanto ao sincronismo entre os reinos, cf. Introd. aos Reis, Quadro cronológico, e também 1,17 nota.

i. Cf. 1Rs 16,32-33. A supressão da estela de Báal em Samaria é atribuída em 10,26 aos partidários de Iehu.

j. Ao julgamento emitido sobre o reinado de Iorâm, em que figuram os clichês e fórmulas do redator deuteronomista, segue-se um relato popular composto para glorificar o profeta Eliseu.

k. Lit. *carneiros-lã*: Trata-se certamente, de uma espécie que fornece lã em abundância. Alguns traduzem por *carneiros que têm sua lã ou ainda, a lã de cem mil carneiros*. Provavelmente se tratava de um tributo anual, como em 17,3-4. A estela de Meshá, descoberta em 1868 em Diban, antiga Dibon, na Transjordânia, menciona a sujeição de Moab a Omri, rei de Israel, e a revolta do rei Meshá durante o reinado do filho de Omri. O livro dos Reis não dá nenhuma indicação a respeito da época da sujeição de Moab; quanto à revolta, esta só se teria desencadeado após a morte de Acab. Note-se, também, que, de acordo com a estela, as cidades reconquistadas a Israel acham-se ao norte do Arnon; todavia, a reconstrução ao sul do Arnon da

capital Qorqah e de outras cinco cidades levam a supor que houve combates no sul de Moab, onde se situam precisamente os acontecimentos narrados em 3,4-27.

L. Lit. *naquele dia*.

m. Cf. 1Rs 22,4 nota.

n. O desvio pelo sul do mar Morto oferecia a vantagem de permitir a junção de Edom, então vassalo de Judá (1Rs 22,48-49), e também a de surpreender Moab pela retarguada.

o. Quanto ao governo em Edom, cf. 1Rs 22,48 e 2Rs 8,20.

p. Cf. 1Rs 22,7 onde o mesmo Josafat desempenha uma função análoga. Em ambos os relatos a atitude religiosa do rei de Judá contrasta com a dos reis de Israel.

q. Gesto do servo e do discípulo familiar, 1Rs 19,21; condição que o torna merecedor de toda a confiança de Josafat.

r. Cf. Jr 23,22 e 27,18. O Senhor está com o profeta pelo dom de sua palavra, cf. Dt 18,18; 1Sm 3,19-21 e Jr 1,8-9.

s. Cf. 1Rs 17,18 nota.

t. Trata-se dos profetas de Báal, 1Rs 18,19 e 19,1.

u. A música favorece a inspiração, Ex 15,20; 1Sm 10,5.

v. Cf. 1Rs 18,46 nota.

aos olhos do SENHOR, pois ele entregará Moab em vossas mãos. ¹⁹Destruireis todas as cidades fortificadas e todas as cidades importantes; derrubareis todas as árvores frutíferas; tapareis todas as fontes; devastareis todas as terras cultivadas, lançando nelas pedras". ²⁰De manhã, à hora da oferenda, a água se pôs a correr, descendo de Edom, e toda a região ficou alagada.

²¹Entretanto, todos os moabitas souberam que os reis subiram para combatê-los. Convocaram todos os homens em idade de cingir o talabarte e acima, os quais tomaram posição na fronteira. ²²Entretanto, ao amanhecer, quando se levantaram e o sol brilhava sobre as águas, os moabitas viram à sua frente as águas vermelhas como sangue. ²³Disseram: "É sangue! Certamente os reis lutaram entre si a golpes de espada e mataram-se uns aos outros. E agora, Moab, à pilhagem!" ²⁴E aproximaram-se do acampamento de Israel. Então surgiram os israelitas e atacaram os moabitas, que se puseram em fuga diante deles. Eles, porém, penetraram em Moab e os atacaram. ²⁵Demoliram as cidades, e cada um deles atirava a sua pedra nos campos cultivados, co-

brindo-os de pedras. Tapavam todas as fontes e abatiam todas as árvores frutíferas; por fim, nada mais restou que as muralhas de Qir-Harés^e, que os fundibulários cercaram e atacaram. ²⁶Quando o rei de Moab viu que a batalha estava perdida, tomou consigo setecentos homens armados de espada, para abrir caminho até o rei de Edom^b, mas eles não o conseguiram. ²⁷Tomou então seu filho primogênito, que mais tarde devia reinar em seu lugar, e ofereceu-o em holocausto sobre a muralha^c. Produziu-se, então, grande raiva contra os israelitas, que fugiram dali e voltaram para sua terra^d.

Is 16,7-11;
Jr 48,31-36

4 O milagre do óleo. A mulher de um dos filhos de profetas^e implorou a Eliseu: "Teu servo, meu marido, morreu, e sabes que ele temia o SENHOR. Ora, veio o credor com a intenção de tomar meus dois filhos para fazê-los escravos^f". ²Perguntou-lhe Eliseu: "Que posso fazer por ti? Dize-me, que possuis em tua casa?" Ela respondeu: "Tua serva nada tem em casa, a não ser um pouco de óleo para perfumar-me^g". ³Ele disse: "Vai e pede a teus vizinhos que te emprestem vasos, muitos vasos vazios, no maior número

Sl 34,10;
103,17;
112,1-2;
115,13-14

w. Foi também em uma hora de oferenda que houve uma intervenção divina em IRs 18,29; Lc 1,10.

x. Mobilização geral dos jovens e dos homens de idade madura.
y. As últimas palavras deste v. não têm sentido no texto hebreu, nem escrito, nem lido. A tradução proposta segue a versão grega.

z. A derrubada das árvores frutíferas é condenada por Dt 20,19.

a. Lit. *a ponto de não deixar senão pedras em Qir-Harés*. Qir-Harés, Qorqah segundo a estela de Meshá, atual Kerak, na Transjordânia, era a capital de Moab, situada sobre um rochedo escarpado, a cidade dificilmente poderia ser expugnada.

b. Edom era um aliado pouco seguro para Judá e Israel (cf. 3,23), depois que um novo príncipe indígena (cf. 3,9 e 8,20) substituiu os prefeitos instalados pelos reis de Judá.

c. A imolação de uma vítima humana era uma oferenda especialmente valiosa para a divindade, cf. Jz 11,30-40; Mq 6,7.

d. A fuga precipitada dos israelitas, não obstante seus êxitos militares, é bem provável que tenha sua origem no temor religioso que se abateu sobre eles na presença da cólera de Kemosh, o deus nacional dos moabitas (cf. Nm 21,29; IRs 11,7; Jr 48,46). Durante muito tempo, em Israel, acreditou-se na existência e no poder dos deuses estrangeiros; o poder do Deus de Israel era absoluto somente dentro dos limites do território de Israel. Cf. Gn 31,53; Jz 11,24; ISm 26,19 e também Dt 32,8 nota. Foi contra essa crença que reagiram os relatos semelhantes ao da vitória de Afeq (IRs 20,23-20) e principalmente a narrativa do sacrifício de Elias sobre o monte Carmelo (IRs 18).

e. Os textos de 4,1-8,15 pertencem ao "ciclo de Eliseu" (que continua em 9,1-13 e em 13,14-25). Relatam uma série de milagres realizados pelo profeta Eliseu, seja em favor dos "filhos de profetas" (cf. IRs 20,35 nota; Am 7,14 nota), seja em favor de israelitas notáveis (a shunamita) ou de estrangeiros (Naaman), seja ainda em favor de todo o povo, vítima da guerra (6,8-7,20). Evocam também algumas de suas intervenções na vida política de Israel ou na dos estados vizinhos (cf. 8,7-15 e mais adiante 9,1-13).

f. Simultaneamente personagem temível e tiumaturgo popular, Eliseu é associado às confrarias (os "filhos de profetas") que defendem, então, a pureza da fé javista contra o baalismo ambiente; foi provavelmente no seio de tais confrarias que se conservaram cuidadosamente, mas sem rigor cronológico, as lembranças dos gestos prodigiosos que permitiram ver em Eliseu uma pessoa igual a Elias e até mesmo a Moisés; lembranças essas que, principalmente, testemunhavam a permanência da presença benéfica de Deus.

g. O antigo costume da escravidão em caso de dívida não resgatada era praticado em Israel, cf. Ex 21,2-6; Lv 25,39-55; Dt 15,12-18; Is 50,1; Jr 34,14; Am 2,6; Ne 5,1-13; Mt 18,25.

h. Lit. *tão-somente para poder ungir-me de óleo*. Trata-se provavelmente de um resto de óleo perfumado, guardado desde a morte do marido. Durante o período de luto, as pessoas se abstinham da unção com óleo: 2Sm 12,20 e principalmente 14,2; cf. também Dt 28,40 e Mq 6,15.

possível, ⁴depois entra, fecha a porta atrás de ti e de teus filhos e derrama o óleo naqueles vasos. Cada vaso que ficar cheio, põe de lado". ⁵Ela o deixou, e fechou a porta atrás de si e dos filhos. Depois, à medida que os filhos lhe traziam os vasos, ela os ia enchendo de óleo. ⁶Quando os vasos ficaram cheios, ela disse a um de seus filhos: "Traz-me mais um vaso!" Ele respondeu: "Não há mais nenhum". Então o óleo parou de correr. ⁷Ela foi informar o homem de Deus, que disse: "Vai, vende o óleo e paga tua dívida, depois, tu e teus filhos, vivereis com o restante^h".

Ressurreição do filho da shunamita.

⁸Certo dia, Eliseu passou por Shunê. Ora, havia ali uma mulher muito rica, que instou com ele para que fizesse uma refeição em sua casaⁱ. Depois disso, cada vez que ele passava por ali, ia até lá fazer uma refeição. ⁹A mulher disse ao marido: "Sei que esse homem que vem sempre à nossa casa é um santo homem de Deus. ¹⁰Façamos-lhe, pois, no terraço, um pequeno quarto^j; lá, ele poderá se retirar quando vier à nossa casa. Deixaremos ali para seu uso uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada".

¹¹Um dia Eliseu veio à casa deles, retirou-se para o quarto-de-cima e lá se deitou. ¹²Disse então a seu servo Guehazi: "Chama essa shunamita!" Ele a chamou, e ela apresentou-se a seu servo. ¹³Eliseu disse a seu servo: "Dize-lhe: Tu nos deste todas as provas de consideração. Que posso fazer por ti? Queres que eu te recomende ao rei ou ao chefe do exército?" Mas ela respondeu: "Eu vivo em paz no

meio do meu povo^k". ¹⁴Eliseu disse: "Mas, que posso fazer por ela?" Guehazi respondeu: "Pobre mulher! Não tem filhos e o marido já é idoso". ¹⁵Eliseu disse: "Chama-a!" Ele a chamou, e ela se deteve à entrada^l. ¹⁶Eliseu disse: "No próximo ano, por essa mesma época, terás um filho em teus braços". Ela respondeu: "Não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva^m". ¹⁷A mulher concebeu e deu à luz um filho, no ano seguinte, na mesma época, como Eliseu lho disseraⁿ.

¹⁸A criança cresceu. Certo dia, foi ter com o pai, que estava junto aos ceifadores. ¹⁹Ele disse a criança: "Minha cabeça! Minha cabeça!" O pai disse a um dos servos: "Leva-o à sua mãe!" ²⁰O servo o levou e o entregou à mãe. Até o meio-dia, a criança ficou nos joelhos da mãe, depois morreu. ²¹Então ela subiu e estendeu-o no leito do homem de Deus^o, fechou o acesso a ele e saiu. ²²Chamou o marido e disse-lhe: "Peço-te que me mandes um dos servos com uma jumenta! Vou depressa à casa do homem de Deus e volto". ²³Ele disse: "Por que queres ir vê-lo hoje? Não é lua nova nem sábado". Ela respondeu: "Não te preocupes^p!" ²⁴Mandou selar a jumenta e disse ao servo: "Leva-me, vai andando e não te detenhas durante o caminho, a menos que te avise". ²⁵Partiu e foi ter com o homem de Deus no monte Carmelo.

Logo que o homem de Deus a avistou, ainda ao longe, disse a Guehazi, seu servo: "Lá vem nossa shunamita!" ²⁶Corre-lhe ao encontro e pergunta-lhe: "Como vais? Teu marido vai bem? A criança está bem?" Ela respondeu: "Está tudo bem!" ²⁷Tendo chegado à montanha, jun-

1,9

Gn 21,1;
Sl 113,9

h. Compare-se esse milagre com o realizado por Elias em favor da viúva de Sarepta, 1Rs 17,8-16.

i. Lit. *comer pão*; tal expressão, porém, se estende a qualquer alimento. cf. Jz 13,15-16; 1Sm 14,24-28. — Quanto a Shunê, cf. Js 19,18.

j. Lit. *façamos, pois, um pequeno quarto-de-cima com paredes*. Trata-se de uma construção definitiva e não de um abrigo provisório, tenda ou cabana de ramos. 1Sm 9,25; 2Sm 16,22 e Ne 8,16.

k. Lit. *moro com meu povo*. A shunamita não necessita de proteção especial. Basta-lhe viver em paz em meio à seu clã.

l. A mulher permanece no limiar da porta, um pouco afastada, à semelhança de Sará (Gn 18,10).

m. Como Sará (Gn 18,12-15), a mulher hesita em acreditar na promessa.

n. O anúncio feito à shunamita do nascimento de um filho evoca o do nascimento de Isaac (Gn 18,1-15). Nos dois relatos, o feliz e inesperado acontecimento surge como a recompensa pela hospitalidade oferecida ao mensageiro divino.

o. É um gesto de esperança. cf. 1Rs 17,19.

p. A neomênia ou *lua nova* e o *sábado* eram dias de repouso. Am 8,5 nota. Nesses dias festivos, era hábito consultar o Senhor por intermédio de pessoas santas.

q. Lit. *paz*. A mulher não informa o marido sobre a morte do filho. Ela quer evitar explicações que a possam retardar.

to do homem de Deus, abraçou-lhe os pés. Guehazi aproximou-se para afastá-la, mas o homem de Deus disse: "Deixai, pois ela está amargurada e o SENHOR mo escondeu; nada me revelou".²⁸ Ela disse: "Porventura fui eu que pedi um filho a meu senhor? Não te havia eu pedido que não me acalentasses com ilusões!"

1Rs 18,46

²⁹Eliseu disse a Guehazi "Cinge teus rins, toma meu bastão em tuas mãos e vai! Se encontrares alguém, não o saúdes e, se alguém te saudar, não lhe respondas". Encostará meu bastão ao rosto do menino".³⁰ Então a mãe do menino disse: 2.2 "Certo como vive o SENHOR e tu vives, não te deixarei!" Eliseu ergueu-se e a acompanhou.³¹ Guehazi os havia precedido: ele encostara o bastão ao rosto do menino, mas este não emitira voz, nem sinal de vida. Guehazi voltou pois ao encontro de Eliseu e o informou, dizendo: "O menino não despertou".

³²Eliseu chegou à casa da shunamita e, realmente, o menino jazia morto sobre seu leito.³³ Eliseu entrou, fechou-se no quarto com o menino e orou ao SENHOR.³⁴ Depois, deitando-se sobre o menino, pôs sua boca sobre a boca dele, seus olhos sobre os olhos dele, suas mãos sobre as mãos dele, e permaneceu estendido sobre ele". A carne da criança se aqueceu.³⁵ Eliseu desceu e pôs-se a andar de um lado para o outro da casa; depois subiu novamente para se estender sobre ele. Então o menino espirrou sete vezes e

depois abriu os olhos.³⁶ Eliseu chamou Guehazi e disse: "Chama a shunamita!" Ele a chamou; ela veio à presença de Eliseu, que lhe disse: "Leva teu filho!"³⁷ Ela lançou-se a seus pés, prostrou-se por terra, depois tomou seu filho e saiu.

Saneamento da sopa envenenada. ³⁸Eliseu voltou a Guilgal, quando a fome reinava na terra^b. Como os filhos de profetas estivessem sentados à sua frente, disse a seu servo: "Toma a panela grande e prepara uma sopa para os filhos de profetas".³⁹ Um deles, então, encaminhou-se para o campo, a fim de colher verduras. Encontrando uma videira selvagem, dela colheu pepinos selvagens^c, enchendo o manto com eles. Voltou e cortou-os em pedaços e lançou-os na panela de sopa, pois não se sabia do que se tratava.⁴⁰ A sopa foi então servida aos homens, que, mal a provaram, puseram-se a gritar, dizendo: "Homem de Deus, a morte está na panela!" E não puderam comer.⁴¹ O homem de Deus disse: "Trazei-me farinha!" E ele jogou-a na panela, dizendo: "Serve aos homens para que comam!" E já não havia nada de nocivo na panela.

Multiplicação dos pães. ⁴²Veio um homem de Báal-Shalisha e trouxe para o homem de Deus pão das primícias: um saco com vinte pães de cevada e de trigo novo^d. Disse Eliseu: "Distribui-os aos homens para que comam!"⁴³ Seu ajudan-

r. O profeta esperava que o Senhor lhe houvesse revelado o que a própria mulher lhe comunica; cf. 1Rs 14,5 e Jr 11,18-19.

s. Lit. *não me tranqüilizes*. A shunamita comunica sua desgraça em forma de censura: por que lhe haver concedido a graça de um filho, se lhe seria tirado?

t. Para realizar uma longa caminhada ou algum trabalho importante, levantavam-se as beiradas da túnica, que se prendiam em volta da cintura, 9,1; cf. também Ex 12,11 e, em sentido simbólico, como sinal de vigilância, Lc 12,35 e 1Pd 1,13.

u. *Saudar*, lit. *abençoar*. As fórmulas de saudação eram longas; o servo não devia perder tempo com as mesmas.

v. A semelhança do manto de Elias (cf. 2,14), o bastão de Eliseu participa do poder de que o próprio profeta se acha investido: cf. Ex 4,17 e 1Rs 19,19 nota.

w. Cf. 1Rs 17,19-21; nesta passagem, porém, os gestos de Elias são descritos com muitas minúcias: o contato com o cadáver, a fim de aquecê-lo, o movimento de vaivém pela casa, o sétuplo espirro, abertura dos olhos.

x. Espirrar é sinal de retorno do sopro de vida às narinas, cf. Gn 2,7 e 7,22. Compare-se com Lc 8,55. O número sete significa uma volta definitiva à vida.

y. Cf. 1Rs 17,23, onde é o próprio Elias que desce com a criança e a entrega à mãe.

z. Os dois relatos de ressurreição (1Rs 17,17-24 e 2Rs 4,18-37) têm mais de um traço em comum.

a. O *Guilgal* de 2Rs 2,1, onde havia também um grupo de filhos de profetas.

b. A fome durará sete anos, de acordo com 8,1.

c. Isto é, colofuntidas, planta trepadeira cujos frutos amargos constituem um violento purgativo.

d. O pão das primícias é o pão feito com o trigo novo, Lv 23,17. Traziam-se então aos homens de Deus os produtos da recente colheita; na legislação sacerdotal as primícias constituem um dos tributos devidos ao clero, Lv 23,20.

e. Cf. Mt 14,16 e par., passagens em que os discípulos de Jesus recebem a ordem de distribuir o pão pela multidão.

te replicou: "Como poderia eu distribuí-los para cem pessoas?" Eliseu repetiu: "Distribui-os aos homens para que comam! Assim fala o SENHOR: 'Comerão e ainda há de sobrar'". ⁴O ajudante distribuiu os pães em presença do povo. Eles comeram, e ainda houve sobra, de acordo com a palavra do SENHOR^k.

eu sou Deus, capaz de fazer morrer e de fazer viver^k, para que aquele homem me envie alguém para ser por mim curado da lepra? Notai, pois, e vede que se trata de uma provocação!"

Dt 32,39;
1Sm 2,6;
Sl 30,3-4

⁸Quando Eliseu, o homem de Deus, soube que o rei de Israel rasgara as vestes, mandou dizer ao rei: "Por que rasgaste tuas vestes? Venha Naaman ter comigo e ficará sabendo que há um profeta em Israel!"⁹Naaman partiu com seus cavalos e seu carro e parou à entrada da casa de Eliseu^m. ¹⁰Eliseu enviou-lhe um mensageiro para dizer: "Vai! Lava-te sete vezes no Jordão: tua carne tornar-se-á saudável e serás purificado". ¹¹Naaman indignou-se e partiu, dizendo: "Eu pensava comigo: 'Com certeza ele vai sair de casa, invocar o nome do SENHOR, seu Deus, e, passando a mão sobre o lugar infectado', libertar o leproso. ¹²Acaso os rios de Damasco^o, o Abaná e o Parpar não valem mais que todas as águas de Israel? Não poderia eu ter-me lavado neles para ser purificado?" E, voltando as costas, retirou-se com furor. ¹³Seus servos, porém, aproximaram-se dele e lhe disseram: "Meu pai^p, se o profeta te houvesse ordenado fazer algo extraordinário, não o terias feito? Quanto mais que ele te disse apenas: 'Lava-te e serás purificado'". ¹⁴Então Naaman desceu ao Jordão e mergulhou sete vezes no rio, conforme a palavra do homem de Deus. Sua carne tornou-se semelhante à de uma criança, e ele ficou limpo. ¹⁵Com toda

5 Cura do leproso Naaman; castigo do servo de Eliseu. ¹Naaman, chefe

Lc 4,27

do exército do rei de Arâm, era um homem estimado por seu senhor, um favorito^h, porque, graças a ele, o SENHOR dera a vitória a Arâmⁱ. No entanto, esse homem, valente guerreiro, era leproso.

²Os arameus tinham saído para uma incursão em Israel e trazido como escrava uma juvenzinha que ficara a serviço da mulher de Naaman. ³Ela disse à sua senhora: "Ah! se meu amo pudesse ir ter com o profeta que está em Samaria! Ele o livraria da lepra". ⁴Naaman foi contar a seu senhor essas palavras: "Eis o que disse a jovem que veio da terra de Israel". ⁵Disse o rei de Arâm: "Põe-te a caminho! Vou enviar uma carta ao rei de Israel". Naaman partiu, levando consigo dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez vestes para mudar^j. ⁶Naaman apresentou ao rei de Israel a carta, que dizia: "Ao mesmo tempo em que esta carta te chegar às mãos, saibas que envio-te meu servo Naaman, para que o livres de sua lepra". ⁷Lida a carta, o rei rasgou as vestes, dizendo: "Porventura

2.12: 19.1

f. Cf. Lc 9,13 e Jo 6,9, onde se fazem observações semelhantes sobre a desproporção entre a pequena quantidade de alimento e o número de pessoas que devem ser saciadas.

g. Cf. Mt 14,20 par. e Jo 6,12, onde os restos são recolhidos cuidadosamente.

h. Lit. *elevado quanto ao rosto*, isto é, uma pessoa que pode falar olhando nos olhos de seu senhor. Cf. Is 3,3; 9,14; Jó 22,8.

i. Trata-se de uma vitória sobre Israel: a alusão ao Deus de Israel e o tom autoritário da carta do rei de Arâm (cf. v. 6) o atestam.

j. Tudo está generosamente previsto para a viagem (Gn 45,22) e principalmente para os presentes que seriam oferecidos ao profeta, cf. 1Rs 14,3.

k. É Deus quem cura, como é ele quem fere, Dt 32,39; Os 6,1; Jó 5,18. Em caso de doença, exclamava-se: "Cura-me!" Jr 17,14;

Sl 6,3. Por ocasião de uma cura, confessava-se: "Tu me curaste". Sl 30,3; 103,3.

l. Por esta passagem vê-se que a missão do profeta não é apenas falar em nome de Deus, mas também ser o portador de seu poder de curar e de dar a vida. Cf. Is 61,1; Mt 11,5 e par. m. Naaman se detém na entrada da casa, onde fica à espera de que Eliseu lhe vá ao encontro. Ele somente entrará na casa do profeta depois de sua cura, para agradecer-lhe, v. 15.

n. Lit. *o lugar*; cf. Mt 8,3 e par., onde igualmente se relata a cura de um leproso.

o. O *Abaná*, chamado Amaná em Ct 4,8, bem como nas versões aram. e sir., atual Nahar Baradí, nasce do Antilibano. O Parpar é provavelmente o Nahar el-Awagi, que corre ao sul de Damasco.

p. O mesmo título é dado a Saul por David, 1Sm 24,12. Alguns interpretam: *Vamos!*

a sua comitiva ele retornou ao homem de Deus. Entrando, deteve-se diante dele e lhe disse: "Agora reconheço que não há Deus em toda a terra a não ser em Israel. Aceita, pois, agora, um presente da parte do teu servo".¹⁶ Mas Eliseu respondeu: "Certo como vive o SENHOR a quem sirvo, nada aceitarei!" Naaman instou com ele para que aceitasse, mas Eliseu recusou.¹⁷ Naaman disse: "Já que recusas, permite que se dê a teu servo a quantidade de terra que duas mulas possam carregar, porque teu servo não oferecerá holocaustos nem sacrifícios a outros deuses, mas tão-somente ao SENHOR".¹⁸ Entretanto, que o SENHOR perdoe a teu servo o seguinte procedimento: quando meu amo entra na casa de Rimom para se prosternar, ele se apóia no meu braço, e então eu também me prosterno na casa de Rimom. Que o SENHOR se digne perdoar esse gesto a teu servo".¹⁹ Eliseu lhe respondeu: "Vai em paz!" Depois que Naaman já se achava a certa distância de Eliseu,²⁰ Guehazi, o criado de Eliseu, o homem de Deus, disse de si para si: "Meu amo foi muito complacente com aquele arameu, Naaman, recusando os presentes que ele lhe trouxe. Certo como vive o SENHOR, vou correr ao seu encalço para ver se consigo alguma coisa!"²¹ Guehazi precipitou-se atrás de Naaman. Ao vê-lo correr atrás dele, Naaman desceu às pressas de seu carro para ir-lhe ao encontro e disse: "Como vais?"²² O outro respondeu: "Bem! Meu senhor envia-me para que te diga: 'Agora mesmo chegaram dois jovens filhos de profetas, vindos da

montanha de Efraim; por favor, dá-me para eles um talento de prata e duas mudas de veste".²³ Naaman disse: "Toma, pois, dois talentos". E instou com o outro para que aceitasse. Atou então os dois talentos de prata e duas mudas de veste em dois sacos que entregou a dois de seus criados, a fim de que os levassem à frente de Guehazi.²⁴ Tendo chegado ao Ôfel, Guehazi tomou-lhes os sacos das mãos e os guardou em casa; depois despediu os dois homens, que partiram.²⁵ Ele mesmo foi apresentar-se ao seu senhor. Eliseu perguntou-lhe: "Guehazi, de onde vens?" Respondeu ele: "Teu servo não foi a lugar algum".²⁶ Eliseu, porém, lhe disse: "Acaso não estava presente minha mente quando um homem desceu às pressas do seu carro para ir ao teu encontro? Será esta a ocasião de obterses dinheiro, vestes, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas,²⁷ agora que a lepra de Naaman vai se apegar a ti e à tua descendência para sempre?" Guehazi deixou Eliseu: ele estava leproso e branco como a neve".

6 O ferro que flutua. Os filhos de profetas disseram a Eliseu: "O lugar em que nos sentamos diante de ti é demasiado pequeno para nós. Permite-nos ir até o Jordão, e ali, cada um de nós apanhará uma viga de madeira, a fim de construirmos aqui um abrigo para nos sentar". Ele respondeu: "Ide!" Um deles disse: "Peço-te que também venhas com teus servos". Ele respondeu: "Sim, irei". E partiu em companhia deles. Che-

1Rs 5,26

q. Cf. 1Rs 14,3 nota.

r. A terra de Israel, habitada pelo Senhor, servirá para erguer o altar onde Naaman lhe oferecerá sacrifícios. Uma terra estrangeira é impura, maculada pela presença dos ídolos. Am 7,17; Os 9,3-4.

s. Divindade venerada em Damasco; cf. os nomes teóforos aramaicos de Tab-Rimom (1Rs 15,18) e de Hadad-Rimom (Zc 12,11).

t. Eliseu permite tais sinais exteriores de idolatria em virtude da situação do neófito. Tal tolerância se opõe à intransigência dos judeus da época pós-exílio. Tb 1,10-12; 1Mc 1,62-63. Iehu, por artifício, na verdade, não tem escrúpulo algum em oferecer sacrifícios a Baal, 10,18-27.

u. O Ôfel, provavelmente, designa um bairro da cidade de Samaria. Havia, igualmente, um Ôfel em Jerusalém, cf. Is 32,14; Mq 4,8 nota; 2Cr 27,3; 33,14, e em Dibon (estela de Meshá).

v. Lit. não seguiu meu coração? O coração é a sede das faculdades psíquicas. Eliseu teve a visão da cena que acabara de se passar; cf. 1Rs 14,5; 2Rs 6,8-12,32-33 e principalmente Jo 1,48; 4,16-19; 6,61 etc.

w. A aparição de manchas brancas era sintoma de lepra: Ex 4,6; Lv 13,3; Nm 12,10.

x. Sentar-se diante de alguém, para escutá-lo falar com autoridade e não para residir em sua presença; cf. Gn 43,33; 2Rs 4,38 e principalmente Ez 8,1; 14,1; 20,1, em que os anjos permanecem sentados diante do profeta para lhe ouvir as palavras. Trata-se aqui de construir um abrigo, um lugar de reunião, e não um grupo de cabanas onde residiriam os filhos de profetas; cada um deles deve cortar tão-somente uma viga de madeira.

gando ao Jordão, puseram-se a cortar as árvores. ⁵Estando um deles derrubando a sua árvore, o ferro do machado caiu na água. Ele gritou: "Ah, meu senhor, eu o havia pedido emprestado!" ⁶O homem de Deus perguntou: "Onde caiu?" O outro mostrou-lhe o lugar. Eliseu cortou um pedaço de madeira e jogou-o na água; o ferro, então, apareceu flutuando. ⁷Eliseu disse: "Retira-o!" O homem estendeu a mão e o apanhou.

Um destacamento arameu afetado de cegueira. ⁸O rei de Arâm estava em guerra com Israel. Toda vez que, ao deliberar com seus servos, ele dizia: "Acamparemos em tal lugar", ⁹o homem de Deus mandava avisá-lo: "Toma cuidado; não passes por aquele lugar, pois os arameus descenderam justamente para lá"; ¹⁰e o rei de Israel, então, enviava homens para o tal lugar designado pelo homem de Deus. Ele ia advertindo o rei, que ficava de sobreaviso. E isso aconteceu mais de uma vez.

¹¹Perturbou-se o coração do rei de Arâm, e ele convocou seus servos, dizendo: "Não poderíeis informar-me quem dentre nós está do lado do rei de Israel?" ¹²Um de seus servos respondeu: "Ninguém, meu senhor e rei; mas Eliseu, o profeta de Israel, é capaz de revelar ao rei de Israel até mesmo as palavras que dizes em teu quarto de dormir". ¹³Ele disse: "Ide, vede onde ele se encontra, para que eu o mande prender!" Disse-lhe: "Ele está em Dotan". ¹⁴O rei enviou àquele lugar cavalos, carros e uma tropa poderosa, que, chegando à noite, sitiaram a cidade. ¹⁵Ao alvorecer, o ajudante do homem de Deus levantou-se e

saiu; viu que uma tropa cercava a cidade com cavalos e carros, e disse a Eliseu: "Ah! meu senhor! Que vamos fazer?" ¹⁶E ele respondeu: "Não tenhas medo! Os que estão conosco são mais numerosos do que os que estão com eles". ¹⁷Eliseu orou, dizendo: "SENHOR, abre-lhe os olhos e que ele veja!" O SENHOR abriu os olhos ao ajudante e ele viu a montanha repleta de cavalos e carros de fogo que cercavam Eliseu⁴.

¹⁸Os arameus descenderam até Eliseu, que orou assim ao SENHOR: "Fere de cegueira a esse povo!" E o SENHOR feriu-os de cegueira, conforme a súplica de Eliseu. ¹⁹Eliseu lhes disse: "Não é este o caminho, nem esta é a cidade. Segui-me, vou conduzir-vos até o homem que estais procurando". E conduziu-os a Samaria. ²⁰Logo que entraram em Samaria, Eliseu disse: "SENHOR, abre os olhos desses homens, e vejam!" O SENHOR abriu-lhes os olhos, e eles viram que estavam em Samaria. ²¹Vendo-os, o rei de Israel perguntou a Eliseu: "Meu pai^b, devo matá-los?" ²²Ele respondeu: "Não os mates. Acaso tens o hábito de matar os que fazes prisioneiros com tua espada e com teu arco? Serve-lhes pão e água, para que comam e bebam e depois voltem ao seu senhor". ²³O rei mandou-lhes servir uma lauta refeição; eles comeram e beberam; a seguir despediu-os, e eles voltaram ao seu senhor. E os bandos arameus não mais fizeram incursões na terra de Israel^d.

Segundo cerco de Samaria pelos arameus; intervenção de Eliseu. ²⁴Algum tempo depois, Ben-Hadad, rei de Arâm, reuniu todas as suas tropas e subiu, a fim de sitiar Samaria^f. ²⁵Sobreveio, então, uma

17.5;
1Rs 20.1

y. Atual Tell-Dotan, 22km a norte de Samaria; foi o lugar do encontro de José com seus irmãos, Gn 37,17.

z. Cf. 2,10. Abrem-se os olhos do servo para que vejam a proteção poderosa com que o Senhor envolve seu profeta; cf. Nm 22,31 e 24,4.16.

a. O mesmo prodígio em Gn 19,11. Cf. Sh 19,17; At 13,11.

b. Título de veneração dado ao profeta, 2,12; 13,14.

c. O rei julga que aqueles prisioneiros devem ser sujeitos ao interdito, portanto, mortos. O profeta lembra-o de que Deus não poderia ser menos misericordioso que o rei, o qual habitualmente agracia os próprios prisioneiros (cf. 1Rs 20,31).

d. O final do v. não está de acordo com os vv. 24-31, em que é narrado o cerco de Samaria empreendido pelo rei de Arâm. O relato dos vv. 8-23 não indica com precisão nem o nome do rei de Arâm (Ben-Hadad II, Hazael ou Ben-Hadad III), nem o do rei de Israel (Iorâm, Jeú ou Joakaz); todo o relato está centrado nas múltiplas e extraordinárias intervenções de Eliseu.

e. Expressão que só estabelece um elo bem ténue com os vv. precedentes; cf. Jz 16,4; 2Sm 2,1; 8,1; 10,1; 13,1 etc.

f. Tratar-se-ia de Ben-Hadad II, que já quisera empreender o sítio de Samaria, cf. a nota relativa a 1Rs 20,1. Outros atribuem essa guerra a Ben-Hadad III, filho de Hazael.

grande fome em Samaria^a. A cidade sofreu um cerco tão rigoroso que uma cabeça de jumento chegou a custar oitenta siclos de prata e um quarto de qab de excremento de pombo^b valia cinco siclos de prata.

²⁶Ora, aconteceu que estando o rei de Israel passando por um dos muros, uma mulher gritou para ele: "Socorro, meu senhor o rei!" ²⁷Ele disse: "Se o SENHOR não te quer socorrer, com que te poderia eu socorrer? Com os produtos da eira de trigo ou do lagar?" ²⁸E disse-lhe o rei: "Que queres?" Ela respondeu: "Essa mulher me disse: 'Dá teu filho, e nós o comeremos hoje; amanhã comeremos o meu'. ²⁹Cozinhamos, pois, o meu filho e o comemos^c. No dia seguinte eu lhe disse: 'Dá teu filho e nós o comeremos', mas ela havia escondido o filho^d. ³⁰Quando o rei ouviu as palavras da mulher, rasgou as vestes e, como estava passando sobre a muralha, o povo pôde ver que sob as roupas^e, em cima da pele, ele vestia um saco. ³¹E o rei disse: "Que Deus me faça o pior, se a cabeça de Eliseu, filho de Shafat, hoje, ainda lhe ficar sobre os ombros^f!" ³²Eliseu estava em casa, e os anciãos sentados ao seu lado^g, quando o rei lhe enviou um dos seus palacianos. Mas, antes que o mensageiro chegasse até ele, Eliseu disse aos anciãos: "Vede! Aquele filho de assassino^h manda alguém para que me corte a cabeça. Tão logo

chegue esse mensageiro, fechai a porta e empurrai-o com ela! Mas, já não estou ouvindo o ruído dos passos de seu senhor a segui-lo?" ³³Eliseu ainda falava com eles quando o mensageiro veio ter com ele e lhe disse: "Esta desgraça vem do SENHOR! Que poderei ainda esperar do SENHOR?"

7 ¹Eliseu respondeu: "Escutai a palavra do SENHOR: Assim fala o SENHOR: Amanhã à mesma hora, na porta de Samariaⁱ uma seá de farinha custará um siclo e duas seás de cevada um siclo^j. ²O escudeiro em cujo braço o rei se apoiava tomou a palavra e disse: "Ainda que o SENHOR abra as janelas no céu^k, seria possível que tal palavra se realizasse?" Eliseu replicou: "Pois bem! Tu o verás com teus próprios olhos, mas não comearás". ³Às portas da cidade estavam quatro leprosos^l, que disseram entre si: "Por que ficaremos nós aqui à espera da morte? ⁴Se dissermos: 'Vamos entrar na cidade', já que ali reina a fome, ali morreremos; se ficarmos aqui, também não escaparemos. Vamos, pois, e passemos ao acampamento dos arameus. Se nos pouparem a vida, viveremos, se nos matarem, morreremos!" ⁵À hora do crepúsculo, levantaram-se e encaminharam-se para o acampamento dos arameus, e o percorreram de ponto a ponta, sem encontrar vitalma^m. ⁶É que o SENHOR fizera ouvir no acampamento dos arameus um

g. Período de fome provocado pelo sítio da cidade, que não se deve confundir com o de 8.1, consequência da seca.

h. O *qab* era uma medida de cerca de dois litros; *excremento de pombo* designa provavelmente um prato bem trivial.

i. Nas reservas reais já faltavam pão e vinho.

j. Atos tão execráveis eram praticados em caso de sítio; cf. Lv 26.29; Dt 28.53-57; Jr 19.9 e Lm 2.20; 4.10.

k. O rei é interpelado para proferir um julgamento entre as duas mulheres; cf. 1Rs 3.16-28.

l. Lit. *no interior*. O rei se humilha diante de Deus, mas secretamente; por cima do saco, conserva as vestes reais.

m. A cólera do rei contra Eliseu deixa perceber que o profeta tem algo a ver com a desgraça que aflige a cidade.

n. Eles tinham ido consultar o homem de Deus; cf. Ez 8.1; 14.1.

o. Alusão a Acab, que fizera perecer os profetas do Senhor e Nabot (quanto à morte deste último, cf. 1Rs 21.19, em que se encontra o mesmo verbo; em 1Rs 21.29 foi dito que a desgraça viria no reinado do filho de Acab: o rei de Israel seria, portanto, lorâm, filho de Acab).

p. O rei de Israel, acompanhado por seu escudeiro (cf. 7.2) seguiu de perto seu mensageiro. Ele vai estar presente durante o diálogo que se travará entre este último e o profeta, cf. 7.17.

q. O mensageiro fala em nome do rei e, naquela circunstância, na presença do rei, cuja diligência pessoal é sinal de uma mudança de atitude: ele não mais vem para agredir o profeta mas para consultá-lo.

r. O mercado se situava na entrada das cidades.

s. É o desmoronamento dos preços, sinal de superabundância.

t. As janelas do céu (cf. Gn 7.11. 8.2; Is 24.18; Mt 3.10) deviam servir para que os vóteres chovessem sobre a terra provenientes dos reservatórios celestes. Alguns textos do 3º milênio fazem alusão a semelhantes chuvas de cereais (Épopéia de Gilgamesh).

u. Lit. *à entrada da porta*. Os leprosos eram mantidos afastados das regiões habitadas, fora do acampamento, cf. Lv 13.46 nota (Nm 5.2; 2Rs 15.5; Lc 17.12).

v. Nos versículos 6-7 aparece a explicação da ausência do inimigo do acampamento.

ruído de carros, um ruído de cavalos, um ruído de uma tropa numerosa. Então os arameus disseram uns aos outros: "O rei de Israel deve ter pago soldo aos reis dos hititas e aos reis do Egito para nos atacarem".⁷ Ao anoitecer, portanto, tinham-se levantado e fugido, abandonando tendas, cavalos, jumentos e deixando o acampamento tal como estava: tinham fugido para salvar a própria vida".⁸ Tendo percorrido todo o acampamento, os leprosos entraram numa tenda; ali comeram, beberam e levaram prata, ouro e vestes, que foram esconder. Depois voltaram ainda uma vez e entraram noutra tenda, carregaram o que ali se achava e foram também esconder quanto haviam pilhado.

"Depois disseram uns aos outros: "Não estamos agindo corretamente. Hoje é dia de boa nova. Se calarmos e esperarmos o alvorecer, não escaparemos ao castigo; vamos, pois, entremos na cidade e informemos a casa real".⁹ Partiram e chamaram os porteiros da cidade^a, aos quais deram a seguinte informação: "Estivemos no acampamento dos arameus e lá não havia ninguém, nem se ouvia nenhuma voz humana; somente cavalos e jumentos atrelados e tendas abandonadas".¹⁰ Os porteiros chamaram os que estavam no interior do palácio e informaram a casa real.¹¹ O rei levantou-se durante a noite e disse aos seus servos: "Vou pô-los a par do que os arameus maquinaram contra nós: sabendo que estamos famintos, saíram do acampamento para se esconderem no campo, pensando: 'Vendo-se sitiados, os habitantes sairão da cidade, nós os capturaremos vivos e penetraremos em sua cidade'".¹² Um dos servos tomou a palavra e disse: "Tomemos cinco cavalos dos que restam ainda na cidade, acontecerá com eles o mesmo que vai acontecer com todo o povo de Israel,

com toda a multidão de israelitas que caminha para seu fim. Enviemo-los e veremos!"¹³ Tomaram dois carros com os cavalos, que o rei enviou para seguir as pisadas do exército dos arameus, dizendo: "Ide ver!"¹⁴ Eles partiram, seguindo o rasto dos arameus até o Jordão, e viram que toda a estrada estava juncada de vestes e objetos que os arameus haviam abandonado na precipitação da fuga. Os mensageiros voltaram para dar a notícia ao rei.¹⁵ Então o povo saiu e saqueou o acampamento dos arameus. Então uma seá de farinha passou a custar um siclo e duas seás de cevada, um siclo, conforme a palavra do SENHOR.

¹⁷O rei confiara a guarda da porta da cidade ao escudeiro em cujo braço ele se apoiava; o povo, porém, o esmagou contra a porta, e ele morreu, como o predissera o homem de Deus, falando do rei quando descia com ele.¹⁸ Com efeito, quando o homem de Deus dissera ao rei: "Duas seás de cevada custarão um siclo e uma seá de farinha custará um siclo amanhã, a essa mesma hora, na porta de Samaria",¹⁹ o escudeiro tomara a palavra para dizer ao homem de Deus: "Ainda que o SENHOR abrisse janelas no céu, seria possível que tal palavra se realizasse?", e Eliseu respondera: "Pois bem! Tu o verás com teus próprios olhos, mas não comerás".²⁰ Foi o que lhe acontecera: o povo esmagara o escudeiro contra a porta, e ele morrera^a.

8 O rei de Israel faz justiça à shunamita. Eliseu falou com a mulher cujo filho fizera reviver^a, dizendo: "Levanta, parte com tua família e emigra para onde te for possível, pois o SENHOR chamou a fome^b, que virá sobre a terra por sete anos".² A mulher levantou-se e fez o que o homem de Deus lhe dissera: partiu com

w. Lit. *eles fugiram para a própria vida*. — O v. 8 reata com o relato da chegada dos leprosos ao acampamento dos hebreus.
x. Cf. 2Sm 18,24-27, onde se indica com precisão a função dos porteiros de uma cidade.

y. Não obstante o anúncio do fim do cerco e do abandono do acampamento por parte do inimigo, o rei ainda hesita em acreditar.

z. Os vv. 18-20 pretendem realçar o castigo reservado ao escudeiro em virtude de sua descrença na palavra do profeta.

a. Cf. 4,18-37.

b. Os flagelos se acham às ordens do Senhor, cf. Gn 41,25-32; Jr 25,29; Ag 1,11; Sl 105,16 etc. A fome provocada pela seca se estende a toda região. cf. 6,25 nota.

sua família e emigrou à terra dos filisteus, onde permaneceu durante sete anos.

³Ao cabo de sete anos, a mulher retornou à terra dos filisteus e foi implorar ao rei a devolução de sua casa e de seu terreno^c. ⁴O rei estava justamente falando com Guehazi^d, o servo do homem de Deus, e lhe dizia: “Conta-me, pois, todos os prodígios feitos por Eliseu!” ⁵Guehazi relatava ao rei como Eliseu fizera reviver o morto, no exato momento em que a mulher cujo filho ele fizera reviver veio apelar ao rei por sua casa e seu terreno. Guehazi disse: “Meu senhor o rei, eis a mulher e eis o seu filho, que Eliseu fez reviver!” ⁶O rei interrogou a mulher, que lhe narrou o ocorrido. O rei designou um oficial para acompanhá-la, dizendo: “Faze com que lhe seja restituído tudo o que lhe pertence, bem como todos os rendimentos do seu terreno, a partir do dia em que ela deixou o país até agora”.

Eliseu anuncia a Hazeel que ele reinará em Arâm. ⁷Eliseu dirigiu-se a Damasco, enquanto Ben-Hadad^e, rei de Arâm, estava enfermo. Informaram ao rei: “O homem de Deus veio aqui”. ⁸O rei disse a Hazeel: “Toma contigo um presente^f e vai ter com o homem de Deus; consulta o SENHOR por seu intermédio, dizendo: ‘Sairei vivo desta enfermidade?’” ⁹Hazeel foi ter com Eliseu, levando como presente tudo quanto havia de melhor em Damasco — uma carga de quarenta camelos. Ao chegar, deteve-se diante de Eliseu e dizia: “Teu filho^h Ben-Hadad,

rei de Arâm, me envia a ti para perguntar-te: ‘Sairei vivo desta enfermidade?’” ¹⁰Eliseu respondeu: “Vai dizer-lhe: ‘É certo que viverás’”, contudo o SENHOR me fez ver que ele morrerá”. ¹¹A seguir, seu rosto se imobilizou, tornando-se extremamente rígido; e o homem de Deus chorou. ¹²Hazeel indagou: “Por que chora o meu senhor?” Eliseu respondeu: “Porque sei o mal que farás aos filhos de Israel: incendiarás suas fortalezas, passarás seus jovens ao fio da espada, esmagarás suas crianças, rasgarás o ventre das mulheres grávidas”. ¹³Hazeel disse: “Que é, pois, esse teu servo, esse cão, para fazer tais coisas?” Eliseu retrucou: “O SENHOR me mostrou que tu serás rei sobre Arâm”.

¹⁴Hazeel deixou Eliseu e regressou a seu senhor, que lhe perguntou: “Que te disse Eliseu?” Ele respondeu: “Ele me disse: É certo que viverás”. ¹⁵No dia seguinte, Hazeel tomou um cobertor, mergulhou-o na água e estendeu-o sobre o rosto do rei, que morreu. Hazeel se tornou rei em seu lugar.

Iorâm, rei de Judá. ¹⁶No quinquagésimo ano do reinado de Iorâm, filho de Acab, rei de Israel — Josafat era então rei de Judá — Iorâm, filho de Josafat, rei de Judá, tornou-se rei. ¹⁷Tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, reinando durante oito anos em Jerusalém^a. ¹⁸Seguiu o caminho dos reis de Israel, como o fizera a casa de Acab, porquanto sua mulher era filha de Acab^b. Ele fez o mal aos olhos do SENHOR. ¹⁹Mas o SENHOR

10,32-33;
12,17;
13,3-7,22

2Cr 21,1-20

1Rs 16,
30-33;
21,25;
22,53

1Rs 19,15

3,11;
Ex 18,15;
1Sm 9,9;
1Rs 22,8
etc.

c. Tendo ficado sem proprietário, os bens da mulher tornaram-se propriedade do rei. Quanto ao fato de ter ela apelado ao rei como juiz, cf. 1Sm 8,5; 2Sm 14,4-11; 1Rs 3,16-28 e 2Rs 6,26-29.

d. Poderia causar espanto o fato de que Guehazi, afetado por uma lepra permanente, de acordo com 5,27, tenha sido admitido à presença do rei, mas não se deve procurar estabelecer vínculos lógicos e cronológicos exatos entre os relatos de caráter hagádico.

e. Ben-Hadad II, cf. 1Rs 20,1 nota.

f. Cf. 1Rs 14,3 nota.

g. Compare-se com 1,2, passagem em que o rei, igualmente enfermo, manda consultar um deus estrangeiro. A cura de Naaman deve ter concorrido para o renome do profeta em Damasco.

h. Cf. 6,21 nota.

i. Pode causar estranheza que o profeta aconselhe abertamente

a mentir; cf. 1Rs 13,18; 22,15-17; Jr 38,24-27. “Texto escrito”: *Vai dizer: É certo que não viverás.*

j. O profeta chora em razão da sorte reservada a seu povo; cf. Jr 4,19; 13,17; 14,17; Le 19,41-44.

k. Repressálias que atingem o futuro de um povo em sua fonte, cf. 15,16; Am 1,13; Os 14,1.

l. Termo de desprezo, 1Sm 17,43. Os horrores anunciados por Eliseu deixam ver que Hazeel será famoso tanto por seu poder, quanto por sua crueldade.

m. Fora Elias quem recebera a missão de ungir Hazeel como rei de Arâm, cf. 1Rs 19,15; Eliseu mais não faz que anunciar a Hazeel o designio de Deus sobre sua pessoa.

n. Iorâm reinou de 848 a 841 a.C.

o. Ataliá, v. 26 e cap. 11.

IRs 11,32: não quis destruir Judá, por causa de
SI 18,1; David, seu servo, pois prometera dar a
36,1: David, bem como a seus filhos, uma lâmpa-
89,4,21: da para sempre^p.
132,10 etc.

²⁰No seu tempo, Edom se rebelou contra o poder de Judá e elegeu seu próprio rei^a. ²¹Iorâm partiu para Šair^r com todos os seus carros. Tendo-se levantado à noite, derrotou os edomitas que o tinham cercado, bem como os chefes dos carros^s; o povo fugiu para suas tendas^t. ²²Assim, o povo permaneceu revoltado contra o jugo de Judá até hoje^u. Naquele tempo, também se revoltou Libná.

²³Os demais atos de Iorâm, tudo o que fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ²⁴Iorâm adormeceu junto de seus pais na Cidade de David. Seu filho Acázias se tornou rei em seu lugar.

Acázias, rei de Judá. ²⁵No décimo segundo ano do reinado de Iorâm, filho de Acab, rei de Israel, Acázias, filho de Iorâm, rei de Judá, tornou-se rei. ²⁶Acázias tinha vinte e dois anos quando se tornou rei, e reinou durante um ano em Jerusalém^v. Sua mãe chamava-se Ataliá e era filha de Omri^w, rei de Israel. ²⁷Seguiu o caminho da casa de Acab e fez o mal aos olhos de SENHOR, à semelhança da casa de Acab com a qual era aparentado. ²⁸Com Iorâm, filho de Acab, partiu para combater Hazael, rei de Arâm, em Ramot-de-Guilead^x. Os arameus, porém, feriram Iorâm. ²⁹O rei Iorâm voltou, pois, a Jezreel para se tratar dos ferimentos recebidos dos arameus em Ramá,

quando combatia Hazael, rei de Arâm. Então Acázias, filho de Iorâm, rei de Judá, desceu a Jezreel para visitar Iorâm, filho de Acab, que estava ferido.

9 Iehu ungido e proclamado rei de Israel. 'O profeta Eliseu chamou um dos filhos de profetas e lhe disse: "Cinge teus rins^y, toma nas mãos um frasco de óleo e vai a Ramot-de-Guilead^z. ²Lá chegando, procura por Iehu, filho de Josafat^a, filho de Nimshi. Entrarás, fá-lo-ás se levantar do meio de seus irmãos e o levarás ao aposento mais retirado^b. ³Tomarás o frasco com óleo e o derramarás sobre a sua cabeça, dizendo: 'Assim fala o SENHOR: Por esta unção, sagro-te rei sobre Israel!' Em seguida, abrirás a porta e fugirás, sem espera". ⁴O moço, o jovem profeta, partiu para Ramot-de-Guilead^z e ali chegou justamente na ocasião em que os chefes do exército se achavam sentados. Ele disse: "Chefe, tenho uma palavra para dizer-te!" Iehu indagou: "A qual de nós?" Ele disse: "A ti, chefe!" ⁵Iehu levantou-se e entrou na casa. O jovem derramou-lhe o óleo sobre a cabeça, dizendo: "Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Por esta unção, sagro-te rei sobre o povo do SENHOR, sobre Israel. ⁷Exterminarás a casa de Acab, teu senhor, e eu vingarei o sangue dos meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do SENHOR^d, derramado pela mão de Izébel. ⁸Toda a casa de Acab perecerá, e suprimirei da casa de Acab todo varão, escravo ou livre, em Israel^e. ⁹Tornarei a casa de Acab semelhante à

IRs 20,35

p. Cf. IRs 11,36 nota.

q. Cf. IRs 22,48 nota.

r. Local desconhecido, provavelmente situado na terra de Edom.

s. Não é claro se são os chefes dos carros dos edomitas que são derrotados ou os de Judá que são cercados.

t. Expressão herdada do nomadismo, que significa que cada um volta à sua própria casa. Cf. Jz 19,9; 20,8; 1Sm 4,10; 2Sm 18,17; IRs 12,16.

u. Sob Amásias, rei de Judá, o território de Edom seria em parte reconquistado. 14,7.

v. Acázias reinou em 841 a.C.

w. De fato, Ataliá era filha de Acab, mas Omri pode ser nomeado aqui por ser chefe de dinastia; cf. o título de "filho de David" dado a todos os de sua descendência.

x. Cf. IRs 22,1-38 onde igualmente se relata uma expedição realizada em conjunto por Israel e Judá contra Arâm, em Ramot-de-Guilead.

y. Cf. 4,29 nota.

z. Por intermédio de um filho de profeta, Eliseu cumpriu a missão confiada a Elias (IRs 19,16). Hazael tentava retomar Ramot-de-Guilead a Israel. cf. IRs 22,3.

a. Não confundir com o rei de Judá do mesmo nome.

b. Lit. *de quarto em quarto*, cf. IRs 20,30 nota.

c. Quanto à unção régia, cf. 1Sm 10,1.

d. A respeito da exterminação dos profetas e dos servos do Senhor, cf. IRs 18,4; 19,10; 21,15.

e. Lit. *aquele que urina contra a parede, ligado ou livre em Israel*, cf. 1Sm 25,22 nota; IRs 14,10.

de Jeroboão, filho de Nebat, e à de Baeshá, filho de Ahia^f. ¹⁰Quanto a Izébel, os cães a devorarão nas terras de Jezreel, sem que ninguém a possa sepultar". Depois abriu a porta e fugiu.

¹¹Iehu saiu para reunir-se aos servos de seu senhor. Perguntaram-lhe: "Está tudo bem? Por que veio procurar-te esse exaltado?" Ele respondeu: "Conheceis bem aquele homem e sua cantilena". ¹²Eles, porém, replicaram: "Estás mentindo! Põe-nos a par!" Iehu respondeu: "Tudo quanto ele me disse foi: 'Assim fala o SENHOR: Por esta união, sagro-te rei de Israel!'" ¹³Imediatamente cada um tomou seu manto, lançando-o a seus pés, sobre os degraus^b e, ao som da trompa, clamaram: "Iehu é rei!"

Iehu assassina o rei de Israel, o rei de Judá e Izébel. ¹⁴Iehu, filho de Josafat, filho de Nimshi, conspirou contra Iorâm, no momento em que este, com todo Israel, defendia Ramot-de-Guilead, contra Hazeel, rei de Arâm. ¹⁵O rei Iorâm voltara a Jezreel, a fim de se tratar dos ferimentos que lhe foram infligidos pelos arameus no combate contra Hazeel, rei de Arâm. Disse Iehu: "Se vos aliastes a mim, que^k ninguém, saia da cidade para levar a notícia a Jezreel!" ¹⁶Iehu subiu em seu carro e partiu para Jezreel. Iorâm achava-se acamado ali e Acázias, rei de Judá, fora visitá-lo. ¹⁷A sentinela postada no alto da torre de Jezreel, vendo aproximar-se a tropa de Iehu, anunciou: "Estou vendo uma tropa!" Iorâm disse: "Chama um cavaleiro e envia-o ao seu encontro, a fim de indagar: 'É a paz?'" ¹⁸O cavaleiro partiu ao encontro da tropa e disse: "Assim fala o rei: 'É a paz?'" Iehu respondeu: "Que te importa a paz? Faze

meia-volta e segue-me!" A sentinela anunciou: "O mensageiro chegou até ele, mas não volta". ¹⁹O rei enviou um segundo cavaleiro, que chegou até eles e disse: "É a paz?" Iehu respondeu: "Que te importa a paz? Faze meia-volta e segue-me!" ²⁰A sentinela novamente anunciou: "O mensageiro chegou até eles, mas não volta. Pela maneira de conduzir o carro, parece Iehu, filho de Nimshi, pois corre como louco". ²¹Iorâm disse: "Atrelai meu carro!" E atrelaram-lhe o carro. Iorâm, rei de Israel, e Acázias, rei de Judá, cada um no seu próprio carro, partiram ao encontro de Iehu, o qual alcançaram nas terras de Nabot de Jezreel.

²²Ao ver Iehu, disse Iorâm: "É a paz, Iehu?" Este respondeu: "Como? Paz, enquanto continuam as prostituições e as incontáveis magias de tua mãe, Izébel?" ²³Iorâm virou as rédeas e fugiu, dizendo a Acázias: "Traição, Acázias!" ²⁴Mas Iehu, que tomara o seu arco, atingiu Iorâm entre as espáduas; a flecha saiu tendo-lhe traspassado o coração^l, e ele caiu morto em seu carro. ²⁵Iehu ordenou a seu escudeiro Bidqar: "Tira-o daqui e joga-o no campo que era propriedade de Nabot de Jezreel. Lembra-te, quando estávamos juntos no carro, seguindo Acab, seu pai, o SENHOR proferiu um oráculo contra ele: ²⁶'Vi perfeitamente, e não há muito tempo, o sangue de Nabot e de seus filhos — oráculo do SENHOR. E, nesta mesma propriedade, far-te-ei pagar — oráculo do SENHOR!'" Agora, pois, retira Iorâm e joga-o nessa propriedade, de acordo com a palavra do SENHOR".

²⁷Vendo isso, Acázias, rei de Judá, fugiu pelo caminho de Bet-Gan. Iehu perseguiu-o e disse: "Feri-o também! E fe-

f. Cf. IRs 21.22-23.

g. Aparentava-se, por vezes, certo desprezo em relação aos profetas, por causa da exaltação de suas palavras e da originalidade de suas atitudes; cf. ISm 10.11-12; 2Sm 6.14-16; Jr 29.26; Os 9.7 e também Jo 10.20.

h. Talvez os degraus de um trono real. O ato de sentar-se no trono era sinônimo de tomada do poder. IRs 16.11; 2Rs 11.19; 13.13.

i. Os ritos essenciais da sacração real figuram nos vv. 6-13: A união por meio de um profeta, o reconhecimento do fato pela

elite da nação, o som da trompa e a aclamação "viva o rei!"; cf. IRs 1.34-39 e 2Rs 11.12.

j. Cf. 8.29.

k. Lit. *Se é vosso sentimento*, cf. v. 13.

l. Lit. *através de seu coração*.

m. A profecia aqui citada e as circunstâncias nas quais foi proferida não são encontradas em outras passagens. O castigo que atingiu Iorâm, filho de Acab, é, não obstante, o cumprimento da profecia de Elías, IRs 21.29.

riram-no^a em seu carro, na subida de Gur, perto de Iibleâm. Ele ainda fugiu para Meguido, onde morreu^u. ²⁸Seus servos o transportaram num carro até Jerusalém e o sepultaram no túmulo de seus pais na Cidade de David. ²⁹Acazias se tornara rei sobre Judá no décimo primeiro^p ano de Iorâm, filho de Acab.

³⁰Iehu estava prestes a entrar em Jezreel, quando Izébel soube da sua chegada. Ela, então, pintou os olhos, enfeitou a cabeça e pôs-se à janela. ³¹No momento em que Iehu transpunha a porta da cidade, ela disse: "É a paz, Zimri, assassino de seu senhor^q?" ³²Ele ergueu os olhos para a janela e disse: "Quem está comigo, quem?" Dois ou três cunucos inclinaram-se para ele. ³³Ele disse: "Jogai-a daí abaixo!" Eles a jogaram. Parte do sangue de Izébel salpicou a parede e os cavalos; Iehu pisotcou-a^r. ³⁴Iehu entrou, comeu, bebeu e, em seguida, disse: "Ocupai-vos daquela maldita e sepultai-a, pois é filha de rei". ³⁵Eles saíram para sepultá-la, mas encontraram apenas o crânio, os pés e as palmas das mãos. ³⁶Voltaram para dar a notícia a Iehu, que disse: "O SENHOR realizou o que anunciara por intermédio de seu servo Elias, o tishbita: 'Na propriedade de Jezreel, os cães devorarão a carne de Izébel'. ³⁷e o cadáver de Izébel transformar-se-á em estercoⁱ em pleno campo, na propriedade de Jezreel, de modo que não se poderá dizer: Isto é Izébel'".

10 Iehu extermina as famílias reais de Israel e de Judá¹. Acab tinha

setenta^x filhos em Samaria. Iehu escreveu algumas cartas e enviou-as a Samaria, aos anciãos, chefes de Jezreel e aos preceptores^w dos filhos de Acab¹, a fim de lhes dizer: ²"Assim que esta carta vos chegar às mãos, vós, que tendes convosco os filhos de vosso senhor, bem como carros, cavalos, uma cidade fortificada e armas, ³vede qual dos filhos de vosso senhor é o melhor e o mais leal, ponde-o no trono de seu pai e combatei pela casa de vosso senhor".

⁴Eles, porém, profundamente amedrontados, disseram uns aos outros: "Dois reis¹ não conseguiram manter-se diante dele, como nos manteríamos nós?" ⁵O intendente do palácio, o prefeito da cidade, os anciãos e os preceptores mandaram dizer a Iehu: "Somos teus servos e faremos tudo o que nos disseres. Não proclamaremos nenhum rei. Faze o que melhor te parecer". ⁶Escreveu-lhes Iehu uma segunda carta para dizer-lhes: "Se estais comigo e sois obedientes à minha voz, tomai as cabeças de todos os filhos de vosso senhor e vinde ter comigo em Jezreel, amanhã, à mesma hora". Ora, os setenta filhos do rei haviam voltado para as casas dos grandes da cidade que os educavam. ⁷Logo que receberam a carta, eles se apoderaram dos filhos do rei, degolaram todos os setenta e, em seguida, meteram as suas cabeças em cestos, que enviaram a Iehu, em Jezreel. ⁸Um mensageiro foi informá-lo: "Trouxeram as cabeças dos filhos do rei". Iehu disse: "Ide expô-las em dois montes, à entrada

n. *Eferirum-no*: palavras acrescentadas para o sentido, com as versões gr., sir., e lat.

o. Cidade onde morrerá outro rei de Judá, Josias, igualmente de modo trágico, 23.29-30. A respeito de Iibleâm e Meguido, cf. Js 17.11 e Jz 1.27.

p. Cf. 8.25, onde se lê: no décimo segundo ano.

q. A alusão a Zimri, também assassino de um rei de Israel, e cujo reinado durou tão-somente sete dias, não carece de ironia, 1Rs 16.8-20.

r. De acordo com outras versões, são os cavalos que pisoteiam Izébel. O hebr. tem o verbo no singular. *Iehu* foi acrescentado para esclarecer o sentido.

s. A respeito de Elias, o tishbita, e sua profecia, cf. 1Rs 21.23.

t. Ao invés de sepultado, o cadáver será abandonado. Cf. Jr

8.2; 9.21; 16.4, 25.33; Sl 83.11.

u. A respeito do extermínio das famílias reais, cf. 1Rs 15.29 nota. Veja-se também Os 1.4 nota.

v. *Setenta*, número simbólico que se encontra para a dinastia de Jacó (Gn 46.27; Ex 1.5; Dt 10.22), para a de Guideon-Ierubáal (Jz 8.30; 9.2) e para a de Abdon (Jz 12.14). No que concerne a esse número, veja-se também Ex 24.1 e Nm 11.16.

w. Gr. e Vulg. trazem: *aos chefes da cidade (Samaria, no gr.)*, *aos anciãos e aos preceptores*, tradução que se concilia melhor com o v. 5, no qual se distingue estas três categorias de pessoas.

x. *Filho*, acrescentado para o sentido, com o gr.

y. Iehu lança um desafio cheio de ironia aos que se sentissem tentados de tomar o partido da dinastia dos omridas.

z. Trata-se de Iorâm de Israel e de Acazias, de Judá, 9.23-28.

9,14-24

da cidade*, até o amanhecer!" "De manhã, Iehu saiu e, de pé, disse a todo o povo: "Vós sois justos! De fato, eu conspirei contra o meu senhor e o matei; mas a estes, quem os matou?" "Sabai, pois, que nem uma só palavra do SENHOR, nenhuma daquelas que proferiu contra a casa de Acab, ficará sem efeito: o SENHOR realizou o que predissera por intermédio de seu servo Elias^b".

¹¹Iehu matou em Jezreel todos os que restavam da casa de Acab, todos os notáveis, seus familiares e seus sacerdotes, sem deixar nenhum sobrevivente^c.

¹²Em seguida, pôs-se a caminho, dirigindo-se para Samaria. Durante a caminhada, em Bet-Êqed-dos-Pastores^d, ¹³encontrou os irmãos de Acázias, rei de Judá. Iehu lhes perguntou: "Quem sois?" Eles responderam: "Somos irmãos de Acázias. Estamos descendo para apresentar nossos votos aos filhos do rei e aos filhos da rainha-mãe". ¹⁴Ele disse: "Apanhai-os vivos!" Apanharam-nos vivos e os mataram junto à cisterna de Bet-Êqed. Eram quarenta e dois; nenhum deles escapou.

¹⁵Partindo dali, encontrou Ionadab, filho de Rekab^f, que vinha ao seu encontro. Iehu o saudou e lhe disse: "Acaso teu coração é tão leal para com o meu coração, quanto o meu é leal para com o teu?" Ionadab responde: "Sim!" — "Se é assim, dá-me tua mão". E Ionadab lhe deu a mão. Iehu, então, fê-lo subir no carro a seu lado, ¹⁶dizendo: "Vem comigo e vê meu ciúme pelo SENHOR!" E juntos viajaram no carro de Iehu. ¹⁷Chegando a Samaria, Iehu matou todos os que restavam da casa de Acab e se achavam

na cidade: exterminou a sua casa, conforme a palavra que o SENHOR dissera a Elias^a.

Exterminação de todos os servos de Báal. ¹⁸Em seguida Iehu reuniu todo o povo e disse: "Acab serviu a Báal de modo mesquinho. Iehu o servirá com muito mais generosidade. ¹⁹Agora convoca-me todos os profetas de Báal^b, todos os que lhe servem, todos os seus sacerdotes: que ninguém falte, porquanto desejo oferecer um grande sacrifício a Báal. Quem faltar, não sobreviverá. Ora, Iehu preparava um engodo para aniquilar os que serviam a Báal. ²⁰Iehu disse: "Que se proclame uma santa assembléia em honra de Báal!" Fez-se a convocação,²¹ que Iehu mandou apregoar por todo Israel. Vieram todos os que serviam a Báal, sem que ninguém faltasse. Entraram todos na casa de Báal, ficando a casa completamente¹ cheia. ²²Iehu disse então ao encarregado do vestiário: "Traz vestes para todos os servos de Báal". E ele lhes trouxe as vestes¹. ²³Iehu e Ionadab, filho de Rekab, chegaram à casa de Báal. E disse Iehu aos que serviam a Báal: "Verificai se, porventura, não se acha entre vós algum dos servos do SENHOR e se estão apenas aqui servos de Báal. ²⁴Iehu e Ionadab entraram, a fim de oferecer sacrifícios e holocaustos. Ora, do lado de fora Iehu colocara oitenta homens, dizendo: "Se algum de vós deixar escapar um único desses homens que entrego em vossas mãos, responderá com a própria vida pela do fugitivo^b". ²⁵Logo que acabou de oferecer o holocausto, Iehu disse aos batedores e escudeiros: "Entraí,

a. Lit. à entrada da porta. As cabeças degoladas são ali expostas à semelhança de troféus, cf. 1Sm 17,51 e 54; 31,9-10.

b. Cf. 1Rs 21,21 e 29.

c. Cf. 1Rs 1,21 nota.

d. Provavelmente Bet-Qad, a 5 km a leste de Bet-Gan, isto é, Djenim.

e. Cf. 1Rs 11,19 e 15,13. Trata-se aqui de Izébel. A viagem dos irmãos de Acázias nos faz supor que estes ainda ignoravam o extermínio da dinastia dos omrídas por Iehu.

f. Descendentes de Rekab e contemporâneos de Jeremias, empenhavam-se em seguir o ideal da vida nômade (cf. Jr 35, 5-11); consideravam a vida agrícola e sedentária como a causa

de todas as infidelidades ao Deus de seus pais. Ionadab vê em Iehu um zeloso restaurador da religião dos antepassados.

g. Terceira alusão à profecia de Elias, como em 9,36 e 10,10. Com essa interferência, o autor sagrado justifica o extermínio total da família de Acab, executada por Iehu. Veja-se, todavia, 10,31 nota.

h. Cf. 1Rs 18,19,40.

i. Lit. de uma extremidade à outra. Trata-se do Templo de Báal, construído por Acab, 1Rs 16,32.

j. Vestes litúrgicas das quais os fiéis de Báal deviam revestir-se para a celebração do seu culto; cf. 22,14.

k. Lit. sua vida em lugar da vida dele. Cf. 1Rs 20,39,42.

matai-os e que ninguém escape!" E eles passaram-nos ao fio da espada. Após tê-los lançado fora da cidade¹, os batedores e escudeiros voltaram novamente à cidade onde se encontrava a casa de Báal; ²⁶retiraram as estelas^m da casa de Báal e a queimaram. ²⁷Destruída a estela de Báal, demoliram a casa de Báal, da qual fizeram uma cloaca que existe até os nossos dias.

²⁸Iehu exterminou Báal de Israel. ²⁹Mas,
 3.3 Iehu não se absteve dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, levava Israel a cometer: os bezerros de ouro que estavam em Betel e em Danⁿ. ³⁰O SENHOR disse a Iehu: "Porque procedeste com retidão, fazendo o que é certo aos meus olhos, e trataste a casa de Acab exatamente como eu queria, teus filhos até a quarta geração assentar-se-ão no trono de Israel". ³¹Mas Iehu não se empenhou em caminhar de todo o coração na lei do SENHOR, o Deus de Israel, não se abstenendo dos pecados que Jeroboão levava Israel a cometerⁿ.

³²Naqueles dias, o SENHOR começou a retalar o território de Israel. De fato, Hazeel venceu os israelitas ao longo de toda a sua fronteiraⁿ. ³³Desde o Jordão para o oriente, toda a terra do Guilead, dos gaditas, dos rubenitas, dos manassitas, desde Aroer, situado nos desfiladeiros do Arnon, e mais o Guilead e o Bashan.

³⁴Os demais atos de Iehu, tudo quanto fez, todos os seus grandes feitos, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ³⁵Iehu adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em Samaria. Seu filho Joacaz se tornou rei em seu lugar. ³⁶Iehu reinou sobre Israel, em Samaria, durante vinte e oito anos^q.

11 O sacerdote Iehoiadá depõe Ataliá e faz proclamar Joás rei de Judá.

¹Ao saber que seu filho morrerá', Ataliá, mãe de Acázias', decidiu que toda a descendência real' deveria perecer. ²Iehosheba, porém, filha do rei Iorã e irmã de Acázias, conseguira retirar Joás, filho de Acázias, do meio dos filhos do rei que seriam mortos, e o colocou juntamente com sua ama no aposento reservado aos leitosⁿ; ocultaram-no, assim, aos olhos de Ataliá, e ele escapou da morte. ³Durante seis anos, enquanto Ataliá reinava na terra', Joás permaneceu escondido com sua ama na Casa do SENHOR.

⁴No sétimo ano, Iehoiadá mandou chamar os chefes-de-cem dos karitasⁿ e dos guardas e fê-los vir à sua presença na Casa do SENHOR. Firmou com eles uma aliança que os beneficiava e fê-los prestar juramento na Casa do SENHOR. Depois mostrou-lhes o filho do rei. ⁵Deu-lhes então a seguinte ordem: "Eis o que ides fazer: a terça parte de vossos homens que entra

2Cr 22, 10-23, 21

Ex 18, 21.25

1. *Fora da cidade*, acrescentado para o sentido.
 m. De acordo com alguns mss. e as versões, convém ler *a estela*. Cf. v. 26 e 13.6.

n. Cf. 1Rs 12.28-29.

o. Os vv. 29 e 31, introduzidos pelo autor deuteronomista, lembram que a fidelidade ao Senhor por parte de Iehu foi muito relativa. Se Iehu é louvado pelo autor de Reis por seu impiedoso massacre, em contrapartida, recebe julgamento severo por parte de Oséias; cf. Os 1.4 nota.

p. Trata-se da região de fronteira transjordânica, dividida entre as tribos de Gad, Rúben e a metade da tribo de Manassés, Dt 3,12-13; Js 22.9-13. Quanto à instalação de tais tribos na Transjordânia, cf. Nm 13. Os vv. 32-33 referem-se ao início da grande humilhação de Israel. Hazeel, após ter sofrido grandes perdas por ocasião das duas últimas campanhas de Salomão III na Síria (841 e 838), empreende a reconstrução de Damasco e leva esta cidade ao apogeu de sua glória. Não apenas Israel perde todo o território do Guilead (vv. 32-33 e Am 1.3), mas também toda a região da Cisjordânia é pisoteada por Hazeel, que chega a tomar Gat e ameaçar Jerusalém (12.18). No reinado do filho

e sucessor de Iehu e no início do reinado de seu neto, em fins do séc. IX e início do séc. VIII, Israel não é mais que "pó que se calca aos pés", possui tão-somente dez carros (13.7) e fica reduzido a nada pelo cruel poderio de Hazeel e seu filho Ben-Hadad III (13.3; Am 1.3-4).

q. Iehu reinou de 841 a 814 a.C.

r. Cf. 9.27-29.

s. *Ataliá*, neta de Omri e filha de Acab, reis de Israel, esposa de Iorã, rei de Judá, 8.18.26.

t. O extermínio de toda a dinastia davídica, Ataliá, filha do rei de Israel, tentava garantir para si mesma a realeza sobre Judá. Caso tivesse tido êxito, seu designio teria posto fim à promessa do Senhor a David; cf. 1Rs 1.21 nota.

u. Esse aposento devia situar-se nos anexos do Templo (cf. 1Rs 6.5).

v. Ataliá reinou de 841 a 835 a.C.

w. Mercenários estrangeiros que, com os batedores (cf. 1Sm 22.7; 1Rs 14.27), formavam a guarda pessoal do rei. No tempo de David, os kereteus e peleteus (2Sm 8.18; 15.18; 1Rs 1.38) exerceram uma função análoga no momento da sagração do rei Salomão.

em serviço no sábado^a e monta guarda à casa do rei, ⁶a terça parte que guarda a porta de Sur^b e a terça parte que fica a postos na porta situada atrás dos batidores^c montarão guarda à Casa para controlar-lhe o acesso^a. ⁷As duas seções constituídas pelos que deixam o serviço no sábado montarão guarda à Casa do SENHOR, junto do rei^b. ⁸Fareis um círculo em torno do rei, cada qual empunhando a sua arma. Quem quiser forçar a passagem através de vossas fileiras, seja morto. Permanecei ao lado do rei, aonde quer que ele vá^c.

⁹Os chefes de cem agiram de acordo com o que lhes ordenara o sacerdote Iehoiadá. Cada qual tomou seus homens, tanto os que entravam de serviço no sábado como os que o deixavam. Dirigiram-se todos para junto do sacerdote Iehoiadá. ¹⁰O sacerdote entregou aos chefes-de-cem a lança^d e os escudos do rei Davi^e, que se achavam na Casa do SENHOR^f. ¹¹Os batedores, empunhando as armas, postaram-se desde o lado direito da Casa até o lado esquerdo, perto do altar e da Casa, de modo a cercar o rei^g.

¹²Então Iehoiadá mandou sair o filho do rei, pôs-lhe o diadema^h sobre a cabeça e entregou-lhe as insígnias da realezaⁱ. Proclamaram-no rei e deram-lhe a unção^j, depois aplaudiram-no gritando: "Viva o rei^k!"

¹³Ataliá, ouvindo o clamor do povo que acorria, encaminhou-se em direção ao mesmo e seguiu para a Casa do SENHOR. ¹⁴Ela olhou e viu o rei que permanecia de pé sobre o estrado, segundo o costume da época^l; os chefes e os tocadores das trombetas mantinham-se ao lado do rei; toda a população da terra^m estava alegre, e ressoavam as trombetasⁿ. Ataliá rasgou as vestes, exclamando: "Conspiração! Conspiração!" ¹⁵O sacerdote Iehoiadá ordenou aos chefes de cem encarregados da tropa: "Fazei-a sair de vossas fileiras! E todo aquele que a seguir seja morto à espada!" De fato, o sacerdote dissera: "Não convém que seja morta na Casa do SENHOR^o". ¹⁶Agarraram Ataliá e, quando ela chegava à casa do rei pela porta dos Cavalos^p, mataram-na ali mesmo.

¹⁷Iehoiadá firmou entre o SENHOR, o rei e o povo, uma aliança, a fim de que ele fosse um povo para o SENHOR^q; firmou

x. O serviço da guarda semanal devia começar no sábado. Foi precisamente esse o dia escolhido para a proclamação do rei Joás.

y. *A porta de Sur*, chamada em 2Cr 23,5 *porta da Fundação*, não foi identificada.

z. Porta que se situa além da sala reservada aos batedores e denominada no v. 19 *porta dos batedores*.

a. *Para controlar-lhe o acesso*, tradução hipotética. O acesso à esplanada do Templo fica assim controlado para evitar qualquer invasão de forças armadas.

b. O próprio Templo, onde o filho do rei fica escondido, é guardado por duas seções suplementares, a fim de assegurarem a proteção imediata do rei.

c. I. it. *em sua saída e sua entrada*.

d. O hebr. emprega o singular (talvez se tratasse da arma tomada por David a Goliath e primitivamente guardada no santuário de Nob, 1Sm 21,10). O gr., o sir. e a Vulg., bem como par. 2Cr 23,9, usam o plural.

e. A respeito dos escudos tomados por David e por ele oferecidos ao Senhor, cf. 2Sm 8,7.11. Depois da passagem de Shishaq, no reinado de Roboão (1Rs 14,25-26), parece surpreendente que a lança e os escudos de David ainda se achem no Templo; mas a entrega das armas de David tem um alcance simbólico; acaso não são aqueles homens encarregados de salvar a dinastia em perigo?

f. O costume de colocar as armas no santuário, especialmente as tomadas ao inimigo, é mencionado em outras passagens, cf. 1Sm 21,10; 31,10; 2Sm 8,11.

g. Os batedores formavam assim um semicírculo ao redor do Templo, a fim de proteger a saída do futuro rei.

h. Cf. 2Sm 1,10 nota; Jr 13,18; Sl 89,40.

i. É também aceitável a tradução: *e remete-lhe a carta*; esta poderia ser ou um rolo com o texto das duas tabuas do Decálogo, chamada carta ou documento (Ex 25,16), e que o rei se comprometia a obedecer e a fazer obedecer (cf. Dt 17,18-20), ou um rolo com as cláusulas da aliança entre o Senhor e a Casa de David, ou ainda uma espécie de direito régio (1Sm 10,25).

j. O rito da unção régia é atestado em muitas outras passagens: sobre Saul (1Sm 9,16 e 10,1), sobre David (2Sm 2,4 e 5,3), sobre Salomão (1Rs 1,39), sobre Iehu (2Rs 9,3,6).

k. Cf. 1Rs 1,34,39.

l. Era o lugar reservado ao rei, no Templo.

m. Lit. *tudo o povo da terra*. Antes do Exílio, a expressão, sempre usada no singular, designa o conjunto da população, distinto do rei, dos notáveis, dos chefes, dos sacerdotes e dos profetas, cf. 15,5; 16,15; Jr 1,18; 34,19; Ez 45,22 etc. Após o Exílio, em Esd e Ne, a expressão, sempre no plural ("as populações"), designa os habitantes não-judaicos da Palestina.

n. Cf. 1Rs 1,39-40.

o. O cadáver macularia o Templo, Nm 19,11-16; cf. 2Rs 23,14.

p. Segundo Jr 31,40, a porta dos Cavalos se situaria na muralha oriental de Jerusalém, mas em Ne 3,28, ao que parece, trata-se da porta do palácio real que comunicava com o recinto do Templo.

q. Fórmula que caracteriza a aliança do Senhor com Israel no Horeb: Dt 4,20; 7,6; 14,2; Jr 11,4, etc... Trata-se, pois, não tanto de uma nova aliança, quanto da renovação da aliança mosaica.

também uma aliança entre o rei e o povo^r.
¹⁸Em seguida, toda a população dirigiu-se para a casa de Báal, demoliu-a, quebrou completamente seus altares e suas estátuas e, diante dos altares, matou o sacerdote de Báal, Matan. O sacerdote Iehoiadá estabeleceu uma vigilância na Casa do SENHOR ¹⁹e reuniu os chefes-de-cem, os karitas, os batedores e todo o povo da terra. Fizeram depois o rei descer da Casa do SENHOR e, pela porta dos batedores, dirigiram-se à casa do rei. Joás sentou-se no trono dos reis^s. ²⁰Todo o povo da terra se alegrou, e a cidade ficou em paz. Quanto a Ataliá, eles a tinham matado à espada na casa do rei.

2Cr 24,1-14

12 Joás, rei de Judá; restauração do Templo. ¹Joás tinha sete anos quando se tornou rei. ²Foi no sétimo ano do reinado de Iehu que Joás se tornou rei, e ele reinou durante quarenta anos em Jerusalém^t. Sua mãe chamava-se Šibiá e era de Beer-Sheba. ³Durante toda a sua vida, Joás fez o que é reto aos olhos do SENHOR, pois foi o sacerdote Iehoiadá que o educara^v. ⁴Não obstante, os lugares altos não desapareceram, e o povo continuava a oferecer sacrifícios e a queimar incenso sobre os mesmos.

14,4;
 15,4.35;
 1Rs 22,44

⁵Joás disse aos sacerdotes: "Todo o dinheiro consagrado que trazem à Casa do SENHOR, a moeda corrente^w, as taxas individuais doadas de acordo com as possibilidades de cada um^x, todo o dinheiro que cada um conforme sua generosidade traz à Casa do SENHOR^y, ⁶recebam-no os sacerdotes para si mes-

mos, cada qual dos seus conhecidos, mas que o empreguem na restauração das avarias da Casa onde quer que sejam encontradas^z".

⁷Ora, no vigésimo terceiro ano do reinado de Joás, os sacerdotes ainda não haviam reparado as avarias da Casa do SENHOR. ⁸O rei Joás convocou o sacerdote Iehoiadá, bem como os outros sacerdotes, e lhes disse: "Por que não reparastes as avarias da Casa? Doravante não mais receiveis o dinheiro da parte de vossos conhecidos, pois é para as avarias da Casa que o devíeis entregar". ⁹Os sacerdotes concordaram em não mais receberem o dinheiro do povo e não mais se encarregarem da restauração da Casa. ¹⁰O sacerdote Iehoiadá tomou um cofre, fez-lhe um orifício na tampa e colocou-o ao lado do altar, à direita de quem entra na Casa do SENHOR. Os sacerdotes que guardavam o limiar^a ali depositavam todo o dinheiro que era levado à Casa do SENHOR. ¹¹Quando verificavam que havia muito dinheiro no cofre, o secretário do rei e o sumo sacerdote^b subiam, a fim de recolher o dinheiro que se achava na Casa do SENHOR. ¹²Conferido o dinheiro, passavam-no às mãos dos empreiteiros encarregados das obras e responsáveis pela Casa do SENHOR; estes o empregavam para pagar os carpinteiros, os construtores que trabalhavam na Casa do SENHOR, ¹³os pedreiros e os canteiros, e para comprar madeira e pedras de cantaria destinadas à reparação das avarias da Casa do SENHOR; em suma, para todas as despesas necessárias à restauração da Casa

r. Quanto à aliança entre o rei e seus súditos, cf. 2Sm 5,3; Jr 34,8.

s. O ato de sentar-se no trono caracteriza a tomada do poder, cf. 1Rs 1,48 e 16,11.

t. Joás reinou de 835 a 796 a.C.

u. A instrução do jovem rei devia centrar-se especialmente no conhecimento da Lei do Senhor (cf. Dt 17,18-19): uma das principais funções sacerdotais era o ensino da Lei, cf. Dt 31,9-13; Jr 18,18; Ez 7,26; Mq 3,11.

v. Lit. o dinheiro que circula, cf. Gn 23,16.

w. Lit. o dinheiro que cada um lança em função de seu valor pessoal, Lv 27,2-8.

x. Lit. todo o dinheiro que cada um leva à Casa do Senhor, em razão do desejo que lhe subia ao coração. Quanto à expres-

são *subir ao coração de alguém*, cf. Is 65,17; Jr 3,16 e 51,50; Ez 38,10.

y. Primeiras informações pormenorizadas sobre a manutenção do edifício do Templo, desde sua construção por Salomão. Por determinação do rei, os sacerdotes são obrigados a reservar uma parte do dinheiro oferecido pelos fiéis para as obras de restauração do Templo.

z. Estes não eram simples porteiros, mas altos dignitários do Templo: são mencionados logo após o chefe dos sacerdotes e do segundo sacerdote em 23,4; 25,18; Jr 52,24. Eram eles encarregados de receber as oferendas do povo, 2Rs 22,4.

a. Isto é, o sacerdote Iehoiadá. Título que só se encontra em três outras passagens preexílicas (22,4,8 e 23,4); seria pós-exílico.

do SENHOR. ¹⁴Todavia, com o dinheiro oferecido à Casa do SENHOR não se fizeram taças de prata, nem espevitadeiras, nem bacias, nem trombetas, nem utensílios algum de ouro ou de prata para a Casa do SENHOR^b. ¹⁵Essas somas eram entregues aos empreiteiros das obras, que as usavam na restauração da Casa do SENHOR; ¹⁶nem se pediam contas àqueles que as recebiam para pagar os operários, pois agiam com honestidade. ¹⁷O dinheiro oferecido pelos sacrifícios de reparação e pela expiação dos pecados não se destinava à Casa do SENHOR, mas ficava para os sacerdotes^c.

2Cr 24, 23-27 Invasão dos arameus; assassinato do rei.

¹⁸Então Hazael, rei de Arâm, subiu para atacar Gat e dela se apossou. Em seguida, preparou-se para subir a fim de combater Jerusalém^d. ¹⁹Joás, rei de Judá, tomou todos os objetos consagrados por Josafat, Iorâm e Acázias, seus pais, reis de Judá, e também os objetos que ele próprio consagrara, todo o ouro que se achava nos tesouros da Casa do SENHOR e da casa do rei e os enviou a Hazael, rei de Arâm, que se afastou de Jerusalém^e.

²⁰Os demais atos de Joás, tudo quanto fez, não está isso escrito no livro dos Anais de Judá? ²¹Seus servos se sublevaram e conspiraram contra ele. Mataram Joás em Bet-Milô, quando descia para Silá^f. ²²Iozakar, filho de Shimeat, e Iehozabad, filho de Shomer, o feriram e ele morreu. Sepultaram-no com seus pais,

na Cidade de David. Seu filho Amasias se tornou rei em seu lugar.

13 Joacaz, rei de Israel. ¹No vigésimo terceiro ano do reinado de Joás, filho de Acázias, rei de Judá, Joacaz, filho de Iehu, tornou-se rei de Israel em Samaria, reinando durante dezessete anos^g. ²Ele fez o mal aos olhos do SENHOR, repetindo os pecados que Jeroboão, ^{3,3}filho de Nebat, induzira Israel a cometer, e deles não se afastou. ³A ira do SENHOR se inflamou^h contra Israel, que ele entregou durante todo aquele tempo às mãos de Hazael, rei de Arâm e às de Ben-Hadadⁱ, filho de Hazael. ⁴Joacaz, todavia, aplacou o SENHOR^j, que o ouviu, porque vira a opressão que Israel fora obrigado a suportar e que lhe fora imposta pelo rei de Arâm. ⁵O SENHOR deu a Israel um salvador^k. Os filhos de Israel escaparam das mãos de Arâm e passaram a habitar as suas tendas como antes. ⁶Contudo, não se afastaram dos pecados que a casa de Jeroboão induzira Israel a cometer; neles persistiram, e até o poste sagrado^l continuou de pé em Samaria. ⁷A Joacaz nada mais foi deixado como forças armadas que cinquenta cavaleiros, dez carros e dez mil soldados de infantaria, uma vez que o rei de Arâm havia exterminado todos os outros, tratando-os como pó pisado ao pé^m.

⁸Os demais atos de Joacaz, tudo quanto fez, seus grandes feitos, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Is-

b. Talvez se deva relacionar tal economia com o tributo pago a Hazael, vv. 18-19.

c. O dinheiro, provavelmente a taxa que acompanhava tais sacrifícios, devia pertencer aos sacerdotes, bem como a carne das vítimas, Lv 4,2-24; 5,2-13 e 7,1-7.

d. Quanto a Hazael, cf. 10,32 nota. — Gat, que jai fora cidade filistéia, mas no reinado de Jeroboão deixara de sê-lo, tornou-se um baluarte de Judá.

e. Cf. 1Rs 15,18-19, onde Asá, rei de Judá, dispõe dos tesouros do Templo e do palácio para ganhar o apoio de um rei de Arâm; cf. também 1Rs 14,26, em que o Templo é despojado por Shishaq, rei do Egito.

f. Bet-Milô, provavelmente o Milô de 1Rs 9,15 e 2Sm 5,9. Silá, localidade ainda não identificada.

g. Joacaz reinou de 820 a 803 a.C. Quanto ao sincronismo entre os reinos, cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico.

segundo o qual ele teria começado a reinar no décimo sexto ano do reinado de Joás.

h. Expressão deuteronomista: Dt 6,15; 7,14; 11,17; 29,26.

i. Ben-Hadad III, cf. notas 1Rs 15,18; Am 1,4.

j. Lit. *aplacou a face do Senhor*; mesma expressão em 1Rs 13,6.

k. Encontra-se novamente a linguagem estereotipada do livro dos Jz: o pecado de Israel e a cólera do Senhor; o arrependimento e o envio de um salvador; cf. Jz 2,11-19; 3,7-9 e 12-15, etc. Trata-se de toda a filosofia religiosa do Dt que se aplica aos acontecimentos históricos. A vitória de Israel sobre Arâm só aconteceu no reinado de Joás, sucessor de Joacaz, vv. 22-25.

l. Erigida por Acab, 1Rs 16,33. Cf. todavia, 2Rs 10,26.

m. Esse v. se relaciona intimamente com o v. 3, do qual é separado pela reflexão teológica dos vv. 4-6. Quanto àquela grande humilhação de Israel, cf. 2Rs 10,32 nota.

rael? ⁹Joacaz adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em Samaria. Seu filho Joás se tornou rei em seu lugar.

Joás, rei de Israel. ¹⁰No trigésimo sétimo ano do reinado de Joás, rei de Judá, Joás, filho de Joacaz, tornou-se rei de Israel em Samaria, por dezesseis anos.

¹¹Fez o mal aos olhos do SENHOR e não se afastou de nenhum dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, induzira Israel a cometer, mas neles persistiu.

¹²Os demais atos de Joás, tudo o que fez, seus grandes empreendimentos, suas guerras contra Amasias, rei de Judá, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ¹³Joás adormeceu junto de seus pais, e Jeroboão sentou-se em seu trono. Joás foi sepultado com os reis de Israel, em Samaria.

Enfermidade e morte de Eliseu; dois milagres póstumos. ¹⁴Eliseu caiu doente, da enfermidade que o levaria à morte. Joás, rei de Israel, desceu para visitá-lo e chorou sobre a face dele, dizendo: "Meu pai! Meu pai! Carros e cavalaria de Israel!" ¹⁵Eliseu lhe disse: "Toma um arco e algumas flechas!" Joás tomou um arco e flechas. ¹⁶Eliseu disse ao rei de Israel: "Retesa o arco!", e ele o retesou. Eliseu pôs suas mãos sobre as do rei ¹⁷e disse: "Abre a janela que dá para o oriente!" Joás abriu-a. Eliseu lhe disse: "Atira!", e ele atirou. Eliseu disse: "É a flecha da vitória do SENHOR, a flecha da

vitória sobre Arâm. Vencerás Arâm em Afeq até o extermínio". ¹⁸Eliseu disse a Joás: "Toma as flechas!" Ele as tomou. Eliseu disse ao rei de Israel: "Golpeia a terra!" Ele golpeou três vezes e depois parou. ¹⁹O homem de Deus irritou-se com ele e disse: "Se tivesses golpeado cinco ou seis vezes, terias golpeado Arâm até o extermínio. Agora, porém, só o golpearas três vezes".

²⁰Eliseu morreu e foi sepultado. Ora, no princípio do ano, bandos vindos de Moab penetravam na terra. ²¹Acontece que, enquanto se sepultava um homem, avistou-se um desses bandos; apressadamente depositaram o morto no sepulcro de Eliseu e partiram. Ao tocar os ossos de Eliseu, o homem recobrou a vida e se pôs de pé.

²²Hazeel, rei de Arâm, havia oprimido Israel durante toda a vida de Joacaz, ²³mas o SENHOR compadeceu-se dos filhos de Israel, mostrou-lhes sua ternura e voltou-se para eles por causa de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó; ele não quis destruí-los; até então não os havia rejeitado para longe de sua presença. ²⁴Hazeel, rei de Arâm, morreu, e seu filho, Ben-Hadad, se tornou rei em seu lugar. ²⁵Joás, filho de Joacaz, retomou das mãos de Ben-Hadad, filho de Hazeel, as cidades que este último, durante a guerra, havia tomado das mãos de Joacaz, seu pai. Joás derrotou Ben-Hadad três vezes e recuperou as cidades de Israel.

n. Joás reinou de 803 a 787 a.C. O sincronismo entre os reinos não concorda exatamente com o apresentado no v. 1. Cf. Quadro Cronológico, segundo o qual ele teria começado a reinar no trigésimo terceiro ano do reinado de Joás.

o. Guerra narrada em 14,8-14. Em 14,15-16, encontra-se novamente a informação dos vv. 12-13 sobre Joás, mas com algumas variantes.

p. Compare-se o v. 13 com 14,16: a fórmula empregada não é a que habitualmente se encontra em Rs.

q. A morte de Eliseu e a vitória de Joás sobre Arâm, vv. 14-25, deveriam logicamente figurar antes da notícia dos vv. 12-13.

r. Chora-se abraçado ao rosto, cf. Gn 50,1, ou ao pescoço de alguém, cf. Gn 45,14; 46,29.

s. Mesma exclamação feita por Eliseu no momento em que Elias é arrebatado, cf. 2,12 nota.

t. Afeq, cf. 1Rs 20,30, passagem em que essa cidade é igualmente o lugar do reencontro entre Israel e Arâm. O gesto sim-

bólico de Joás (lançar uma flecha em direção ao oriente, i. é, de Arâm) — do qual participa Eliseu —, é mais que uma simples predição: é um modo de influenciar os acontecimentos, cf. Ex 17,8-13 e Js 8,18-26.

u. O segundo gesto simbólico, mais ainda que o primeiro, tem como objetivo agir sobre o futuro.

v. Os ossos de Eliseu têm o mesmo poder que o profeta possuía em vida, 4,32-37.

w. Cf. v. 3.

x. A aliança com Abraão, Isaac e Jacó, vale dizer, o juramento feito pelo Senhor aos patriarcas concernente à doação de Canaã a seus filhos, é um tema característico do Deuterônimo: Dt 1,8; 6,10; 9,5-27; 29,12; 34,4.

y. Alusão ao Exílio, cf. 17,20; 24,20; Jr 7,15.

z. Frequentemente, o reino vassalo se aproveitava da troca de poder no reino suzerano para recuperar a independência, cf. 1,1 e 3,5.

2Cr 25.1-28

14 Amasias, rei de Judá. ¹No segundo ano do reinado de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel. Amasias, filho de Joás, rei de Judá, tornou-se rei. ²Ele tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou durante vinte e nove anos em Jerusalém^a. Sua mãe chamava-se Ichoadin e era de Jerusalém. ³Ele fez o que é reto aos olhos do SENHOR, não da mesma maneira que David, seu pai, mas agiu exatamente como Joás, seu pai. ⁴Contudo, os lugares altos não desapareceram; o povo continuava a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos.

12.4

⁵Depois que a realeza se consolidou em suas mãos, Amasias matou os seus servos que haviam assassinado o rei, seu pai^b. ⁶Mas não mandou matar os filhos dos assassinos, de acordo com o que está escrito no livro da Lei de Moisés^c, onde o SENHOR ordenou: *Os pais não serão mortos por causa dos seus filhos; os filhos não serão mortos por causa dos pais; cada um morrerá por seu próprio pecado*^d.

⁷Foi ele que venceu Edom no vale do Sal^e, matando dez mil homens, e que, no decurso da guerra, apoderou-se de Sela^f, chamando-a loqtecl^g, nome que conserva até hoje.

⁸Então Amasias enviou mensageiros a Joás, filho de Joacaz, filho de Iehu, rei de Israel, a fim de lhe dizer: "Vem, para que nos enfrentemos!" ⁹Joás, rei de Israel, mandou dizer a Amasias, rei de Judá: "O

cardo do Líbano mandou dizer ao cedro do Líbano; 'Dá tua filha como esposa a meu filho!' Mas o animal selvagem do Líbano passou e pisoteou o cardo^h. ¹⁰Decerto, venceste Edom e teu coração se orgulha. Gloriam-te, mas fica em tua casa! Por que empenhar-te numa guerra infaus-ta e sucumbir, tu, e Judá contigo?"

¹¹Amasias, contudo, não o escutou. Joás, rei de Israel, subiu e eles se enfrentaram, ele e Amasias, rei de Judá, em Bet-Shémeshⁱ de Judá. ¹²Judá foi derrotado por Israel, e cada um fugiu para sua tenda^j. ¹³Em Bet-Shémesh, Joás, rei de Israel, fez prisioneiro a Amasias, rei de Judá, filho de Joás, filho de Acazias; em seguida, dirigiu-se para Jerusalém e fez uma brecha de quatrocentos côvados na muralha de Jerusalém, desde a porta de Efraim até a porta do Ângulo^k. ¹⁴Levou todo o ouro e toda a prata, todos os objetos que se encontravam na Casa do SENHOR e nos tesouros da casa do rei, como também reféns, e voltou para Samaria.

¹⁵Os demais feitos de Joás, o que ele fez, suas proezas, suas guerras com Amasias, rei de Judá, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ¹⁶Joás adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em Samaria com os reis de Israel. Seu filho Jeroboão se tornou rei em seu lugar^l.

¹⁷Amasias, filho de Joás, rei de Judá, viveu quinze anos^m após a morte de Joás,

a. Amasias reinou de 811 a 782 a.C. Quanto ao sincronismo entre os reinados, cf. Introdução e Quadro Cronológico. A data de 811 deixa supor que tenha havido co-regência de Joás e de Amasias, de 811 a 796; cf. 12.2 nota.

b. Cf. 12.21-22.

c. O livro da Lei de Moisés (cf. Js 8.31; 23.6; Ne 8.1) e a Lei de Moisés (cf. 1Rs 2.3; 2Rs 23.25; Dn 9.13) designam, na verdade, o Dt. A citação segue quase literalmente Dt 24.16.

d. Os vv. 5-6 são uma aplicação da lei sobre a responsabilidade individual, cf. Dt 24.16 nota; Jr 31.29-30 e, principalmente, Ez 18.

e. Esse vale, a atual Arabá, estende-se desde o sul do mar Morto, ou mar Salgado (cf. Gn 14.3 e Dt 3.17), até o Golfo de Ácaba, 2Sm 8.13.

f. Vale dizer "A Rocha", geralmente identificada com Petra, a capital dos nabateus. Tal identificação é atualmente contestada.

g. A substituição de nome significa a mudança de dono: Amasias dá à cidade o nome de uma pequena cidade de Judá, cf. Js 15.38.

h. O rei de Israel responde por uma parábola do mesmo estilo que a de Iotã, Jz 9.8-15. A aliança do espinheiro com o cedro representa um êxito para o espinheiro, mas que este não fique embevecido, pois a desgraça o aguarda.

i. Cf. Js 15.10.

j. Após uma derrota, cada um dos combatentes procurava voltar à casa rapidamente. Quanto à expressão *cada um para suas tendas* (plural, no hebr.), cf. 8.21 nota.

k. A porta de Efraim, situada ao norte de Jerusalém, é mencionada em Ne 8.16 e 12.39; a do Ângulo, a nordeste da cidade, é mencionada em Jr 31.38. A seção da muralha demolida, cerca de 180m, deixava Jerusalém à mercê do reino de Israel.

l. A informação dos vv. 15-16 sobre Joás, em meio a um relato centrado sobre um rei de Judá, explica-se pela importância dada ao rei de Israel em sua vitória sobre Amasias; é bem provável que o relato dos vv. 8-14, onde se fala desdenhosamente de Judá e de seu rei, provenha de uma redação israelita.

m. Cf. o Quadro Cronológico, segundo o qual ele teria sobrevivido a Joás apenas seis anos.

filho de Joacaz, rei de Israel. ¹⁸Os demais feitos de Amasias, não se acha isso escrito nos livros dos Anais dos reis de Judá? ¹⁹Contra ele, tramaram uma conspiração em Jerusalém, obrigando-o a fugir para Lakishⁿ. Mandaram, então, persegui-lo em Lakish, onde foi morto. ²⁰Transportaram-no sobre cavalos e sepultaram-no em Jerusalém junto a seus pais, na Cidade de David. ²¹Todo o povo de Judá tomou Azarias, que tinha então dezesseis anos, e o proclamou rei em lugar de seu pai Amasias. ²²Foi ele que reconstruiu Eilatⁿ e a entregou a Judá, depois que o rei Amasias adormeceu junto de seus pais.

Jeroboão II, rei de Israel. ²³No décimo quinto ano do reinado de Amasias, filho de Joás, rei de Judá, Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, tornou-se rei da Samaria, reinando durante quarenta e um anosⁿ. ²⁴Ele fez mal aos olhos do SENHOR e não se afastou de nenhum dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, induzira Israel a cometer.

²⁵Foi ele quem restabeleceu o território de Israel, desde Lebⁿ-Hamatⁿ até o mar da Arabáⁿ, segundo a palavra que o SENHOR, o Deus de Israel, havia dito por intermédio de seu servo, o profeta Jonas, filho de Amitai, que era de Gat-Hêferⁿ.

²⁶Na verdade, o SENHOR vira a amarássima

humilhação de Israelⁿ; já não havia escravo, nem livreⁿ, nem ninguém para socorrer Israel. ²⁷O SENHOR não dissera que ele apagaria o nome de Israel de sob o céuⁿ. Salvou-os pela mão de Jeroboão, filho de Joás.

²⁸Os demais atos de Jeroboão, tudo quanto fez, seus grandes feitos, suas guerras — ele devolveu a Israel Damasco e Hamat, que haviam pertencido a Judáⁿ —, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ²⁹Jeroboão adormeceu junto a seus pais, os reis de Israel. Seu filho Zacarias se tornou rei em seu lugar.

15 Azarias, rei de Judá. ¹No vigésimo sétimo ano do reinado de Jeroboão, rei de Israel, Azarias, filho de Amasias, rei de Judá, tornou-se rei. ²Tinha dezesseis anos quando se tornou rei e ele reinou durante cinquenta e dois anos em Jerusalémⁿ. Sua mãe chamava-se Ieqoliahⁿ e era de Jerusalém. ³Fez o que é reto aos olhos do SENHOR, exatamente como Amasias, seu pai. ⁴No entanto, o povo continuava a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos, que não desapareceram. ⁵O SENHOR feriu o rei e ele virou leprosoⁿ até o dia de sua morte. Por isso, viu-se obrigado a residir em uma casa afastadaⁿ e Iotâm, filho do rei e chefe do palácio, governouⁿ o povo da terra.

n. Cidade fortificada de Judá, situada no caminho de Gaza a Jerusalém, identificada com Tell-ed-Duvcir (cf. Js 10,3), tomada primeiro pela Assíria (2Rs 18,14) e depois pela Babilônia (Jr 34,7). Nem a conspiração contra o rei de Judá, nem tampouco a de 12,21-22 logrou acabar com a dinastia davídica.

o. Pode-se observar a importância da reconquista do porto de Eilat para o comércio exterior, cf. 1Rs 9,26; 22,49. Eilat será novamente perdida no reinado de Acaz, 2Rs 16,6.

p. Jeroboão reinou de 787 a 747 a.C. Quanto ao sincronismo entre os reinos, cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico, segundo o qual o início do reinado de Jeroboão coincidiu com o vigésimo quinto ano do reino de Amasias.

q. Cf. 1Rs 8,65 nota.

r. Trata-se do mar Morto, ou Salgado (Js 3,16).

s. Nada se conhece a respeito de tal profecia. Por outro lado, a esse profeta é que são atribuídos os fatos e gestos relatados no livro que tem seu nome. In 1.1. — Gat-Hêfer, cf. Js 19,13.

t. Tradução que segue as versões gr., sir. e a Vulg. O hebr., provavelmente por causa de um erro de copista, deveria ser traduzido como segue: *a humilhação muito instrutiva de Israel*, ou

ainda: *a humilhação por demais rebelde de Israel*, o que não se ajusta ao contexto.

u. Cf. 1Rs 14,10 nota.

v. *Apagar o nome de alguém sob o céu*, i. é, exterminá-lo, é uma expressão do redator deuteronomista. Dt 7,24; 9,14; 25,19 e 29,19.

w. Ao invés do hebr. *a Judá em Israel*, o sir. tem lit.: *a Israel*. A alusão a Judá deve ser conservada: talvez queira lembrar que a conquista de Damasco é atribuída a David e que, na mesma época, o rei de Emat foi prestar um ato de submissão ao rei David, 2Sm 8,5-6 e 9-10.

x. Reinou de 781 a 740, portanto, quarenta e dois anos. Quanto ao sincronismo entre os reinados, cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico: a ascensão de Azarias teria sido no sétimo ano do reinado de Jeroboão II.

y. A lepra é um dos flagelos de Deus, cf. Nm 12,10-15; 2Rs 5,27. Para o Cronista, a causa é uma grave transgressão cultural, 2Cr 16,21.

z. Tradução hipotética. O leproso era excluído da comunidade; cf. Lv 13,46 nota; 2Rs 7,3 nota.

a. O título de *chefe (intendente) do palácio* (lit. *sobre a*

“Os demais atos de Azarias, tudo quanto fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ⁷Azarias adormeceu junto de seus pais e foi sepultado com eles na Cidade de David. Seu filho Iotâm reinou em seu lugar.

Zacarias, rei de Israel. ⁸No trigésimo oitavo ano do reinado de Azarias, rei de Judá, Zacarias, filho de Jeroboão, tornou-se rei de Israel em Samaria por seis meses^b. ⁹Fez mal aos olhos do SENHOR, como o haviam feito seus pais. Não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, induzira Israel a cometer. ¹⁰Shalum, filho de Iabesh, conspirou contra ele, feriu-o na presença do povo^c, matou-o e se tornou rei em seu lugar.

3,3

¹¹Os demais atos de Zacarias, eis que isso^d está escrito no livro dos Anais dos reis de Israel. ¹²Tal era a palavra que o SENHOR dissera a Iehu: “Teus filhos até a quarta geração sentar-se-ão no trono de Israel”. E assim sucedeu.

Shalum, rei de Israel. ¹³No trigésimo nono ano do reinado de Ozias^f, rei de Judá, Shalum, filho de Iabesh, tornou-se rei e reinou durante um mês em Samaria^g. ¹⁴Menaêhem, filho de Gadi, subiu de Tirsa^h, e veio até Samaria. Ali atacou Shalum, filho de Iabesh, matou-o e tornou-se rei em seu lugar.

¹⁵Os demais atos de Shalum, a conspiração que ele tramou, eis que issoⁱ está escrito no livro dos Anais dos reis de

Israel. ¹⁶Foi então que Menaêhem atacou Tirsah e todos os que ali se encontravam, bem como todo o seu território, a partir de Tirsa; atacou-os, porque não lhe haviam aberto as portas da cidade^j, e rasgou o ventre de todas as mulheres grávidas^k.

Menaêhem, rei de Israel. ¹⁷No trigésimo nono ano do reinado de Azarias, rei de Judá, Menaêhem, filho de Gadi, tornou-se rei de Israel, e reinou durante dez anos^l em Samaria. ¹⁸Fez o mal aos olhos do SENHOR e durante toda a sua vida não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, induzira Israel a cometer.

3,3

¹⁹Pul^m, rei da Assíria, invadiu a terra, mas Menaêhem deu a Pul mil talentos de prata, a fim de que ele o apoiasse, ajudando-o a consolidar a realza em sua mão. ²⁰Menaêhem obteve essa quantia cobrando em Israel um imposto de todas as pessoas abastadas, para dá-lo ao rei da Assíria — a saber: cinquenta siclos de prata por pessoa. Com isso, o rei da Assíria retirou-se e não ficou na terra.

²¹Os demais atos de Menaêhem, tudo quanto fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Israel? ²²Menaêhem adormeceu junto de seus pais. Seu filho Peqahia se tornou rei em seu lugar.

Peqahia, rei de Israel. ²³No quinquagésimo ano do reinado de Azarias, rei de Judá, Peqahia, filho de Menaêhem, tornou-se rei de Israel, em Samaria, por dois

casa) é dado a diversos personagens, 1Rs 4,6; 16,9; 18,3; 1s 22,15. É o único caso de co-regência indicado explicitamente na Bíblia.

b. Zacarias reinou em 747 a.C., data que coincidiria com o trigésimo quinto ano de Azarias; cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico.

c. *Na presença do povo*: tradução hipotética; gr.: *em libedm*.

d. *Eis que isso*, em lugar da fórmula corrente *Não está isso*, encontra-se diversas vezes, mais adiante.

e. Cf. 10,30.

f. Ozias é uma variante do nome do rei Azarias, que se encontra em 2Cr 26-27 e nos profetas, Am 1,1; Os 1,1; 1s 1,1; 6,1; e Zc 14,5. Pode-se encontrá-lo ainda, três vezes, em 2Rs apenas no cap. 15. Em contrapartida, em 1Cr 3,12 lê-se “Azarias”. Alguns aventaram a hipótese de uma duplicidade de nomes para reis de Judá: um relativo ao nascimento e outro, à coroação: Azarias-

-Ozias; em outras passagens Joacaz-Shalum (2Rs 23,30; Jr 22,11 e 1Cr 3,15); Eliaquim-Joaquim (2Rs 23,34); Matanias-Sedecias (24,17) e talvez até Iedidias-Salomão (2Sm 12,24-25).

g. Shalum reinou em 746 a.C. Quanto ao sincronismo, cf. v. 8 nota.

h. Antiga capital do reino de Israel; cf. 1Rs 14,17 nota, e também 15,21.33 e 16,8.

i. Cf. v. 11 nota.

j. *As portas da cidade*, acrescentado para o sentido.

k. Cf. 8,12 nota.

l. Menaêhem reinou de 746 a 738 a.C. Quanto ao sincronismo, cf. v. 8 nota.

m. Nome adotado por Tiglat-Pileser III (745-727), rei da Assíria, quando estendeu seu reinado a Babilônia. Menaêhem de Samaria figura em seus Anais em meio aos seus tributários, entre Rezin de Damasco e Hiram de Tiro (campanha de 738).

anos". ²⁴Fez mal aos olhos do SENHOR e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, levava Israel a cometer.

²⁵Seu escudeiro, Péqah, filho de Remaliáhu, conspirou contra ele; feriu Peqahíá, junto com Argob e Ariê em Samaria, na torre da casa do rei. Tinha cinqüenta homens, filhos dos guileaditas^o. Assassinou Peqahíá e se tornou rei em seu lugar.

²⁶Os demais atos de Peqahíá, tudo quanto fez, eis que isso^o está escrito no livro dos Anais dos reis de Israel.

Péqah, rei de Israel. ²⁷No quinquagésimo segundo ano do reinado de Azarias, rei de Judá, Péqah, filho de Remaliáhu, tornou-se rei de Israel, em Samaria, por vinte anos^o. ²⁸Fez o mal aos olhos do SENHOR e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nebat, levava Israel a cometer.

²⁹No tempo de Péqah, rei de Israel, Tiglat-Pileser, rei da Assíria, veio apoderar-se de Ion, Abel-Bet-Maaká, Ianôah, Qédesh, Haşor, o Guilead, a Galiléia e toda a terra de Neftali; em seguida, deportou seus habitantes para a Assíria^a.

³⁰Oseías, filho de Elá, tramou uma conspiração contra Péqah, filho de Remaliáhu, feriu-o mortalmente e se tornou rei em seu lugar, no vigésimo ano do reinado de Iotâm, filho de Ozias^a.

³¹Os demais atos de Péqah, tudo quan-

to fez, eis que isso está escrito no livro dos Anais dos reis de Israel.

Iotâm, rei de Judá. ³²No segundo ano do reinado de Péqah, filho de Remaliáhu, rei de Israel, Iotâm, filho de Ozias, rei de Judá, tornou-se rei. ³³Ele tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou dezesesseis anos em Jerusalém^l. Sua mãe chamava-se Ierushá e era filha de Şadoq. ³⁴Ele fez o que é reto aos olhos do SENHOR, agindo exatamente como seu pai Ozias. ³⁵Não obstante, os lugares altos não desapareceram; o povo continuava a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos. Foi ele que construiu a porta Superior da Casa do SENHOR^o.

³⁶Os demais atos de Iotâm, tudo o que ele fez, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ³⁷Naqueles dias, o SENHOR começou a enviar contra Judá Reşin, rei de Arâm, e Péqah, filho de Remaliáhu^o. ³⁸Iotâm adormeceu junto de seus pais e foi sepultado na Cidade de David, seu pai. Seu filho Acaz se tornou rei em seu lugar.

16 Acaz, rei de Judá; coalizão siro-efraimita; apelo à Assíria. ¹No décimo sétimo ano do reinado de Péqah, filho de Remaliáhu, Acaz, filho de Iotâm, tornou-se rei. ²Acaz tinha vinte anos quando se tornou rei, e reinou durante dezesesseis anos em Jerusalém^o. Ele não

n. Peqahíá reinou de 738 a 737 a.C. O ano de 738 coincidiria com o terceiro ano de Iotâm; cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico.

o. Habitantes do Guilead, na Transjordânia, 2Sm 17.27; 19.32; 1Rs 2.7.

p. Cf. v. 11 nota.

q. Péqah reinou de 737 a 732 a.C., seis anos, portanto. Quanto ao sincronismo, cf. v. 23 nota.

r. Nova expedição de Tiglat-Pileser contra Israel (cf. v. 19) e primeira alusão a uma deportação dos habitantes, Ion e Abel-Bet-Maaká, cidades situadas a norte e a oeste de Dan e tomadas outrora por Ben-Hadad I, rei de Arâm, a Baeshá, rei de Israel (1Rs 15.20); Ianôah, cuja localização não foi identificada. Qédesh e Haşor, no território de Neftali (cf. Js 19.37; Jz 4.6 etc.). A campanha contra essas cidades ter-se-ia realizado em 734. Quanto ao Guilead e à Galiléia, foram tomadas durante a campanha de 732. Foi a pedido de Acaz, rei de Judá, que o rei da Assíria empreendeu tais campanhas. 16.5,7-9; Is 7.16 e 8.4.23 fazem alusão às mesmas.

s. Comparem-se 15.30 e 17.1, passagens em que o sincronismo

entre os reinados se mostra diferente. De acordo com os vv. 32-33, o reinado de Iotâm de Judá teve início no segundo ano do reinado de Péqah de Israel e durou dezesesseis anos, levando-se em conta a co-regência. Segundo os Anais de Tiglat-Pileser, foi este mesmo que colocou Oseías no trono de Samaria. "Eles (o povo de Israel) derubaram o seu rei Péqah, e eu estabeleci sobre eles Oseías como rei. Recebi deles dez talentos de ouro, mil (!) talentos de prata como tributo..."

t. Iotâm reinou de 740 a 735 a.C.; durante seis anos, portanto. Levando-se em conta a co-regência, seu reinado teve a duração de dezesesseis anos. Foi contemporâneo de Menahém, Peqahíá e Péqah, reis de Israel, e o início de seu reinado coincidiria com o oitavo ano do reinado de Menahém. Cf. Quadro Cronológico.

u. A porta Superior é certamente a que Jr em 20.2 chama porta Superior de Benjamin, situada ao norte de Jerusalém.

v. Primeira alusão à guerra siro-efraimita contra Judá. A ameaça vai pesar principalmente no tempo de Acaz.

w. Reinou de 735 a 716 a.C.; durante vinte anos, portanto. Quanto ao sincronismo das datas, cf. Introd. aos Reis e Quadro

agiu como David, seu pai³, fazendo o que é reto aos olhos do SENHOR, seu Deus.

³Seguiu, ao contrário, o caminho dos reis de Israel, chegando até a fazer passar seu filho pelo fogo⁴, conforme os abomináveis costumes das nações que o SENHOR havia desapossado diante dos filhos de Israel⁵. ⁴Ele ofereceu sacrifícios e queimou incenso nos lugares altos, nas colinas e abaixo de toda árvore verdejante⁶.

⁵Então Reşin, rei de Arâm, e Péqah, filho de Remaliáhu, rei de Israel, subiram para atacar Jerusalém. Sitiaram Acaz, mas não puderam travar combate⁷. — ⁶Naquele tempo, o rei de Arâm restituía Eilat a Arâm; expulsara dali os judaítas, e os edomitas vieram instalar-se em Eilat, até hoje⁸. — ⁷Acaz enviou mensageiros a Tiglat-Piléser, rei da Assíria, para dizer-lhe: "Sou teu servo e teu filho⁹; sobe e liberta-me das mãos do rei de Arâm e das mãos do rei de Israel, que se insurgiram contra mim!" ⁸E Acaz, tomando a prata e o ouro que se achavam na Casa do SENHOR e nos tesouros da casa real, enviou-os de presente ao rei da Assíria⁹. ⁹O rei da Assíria o atendeu e, pessoalmente, subiu para atacar Damasco, de que se apoderou; em seguida, deportou seus habitantes para Qir e mandou matar Reşin¹⁰.

¹⁰O rei Acaz se dirigiu a Damasco para ali encontrar Tiglat-Piléser, rei da Assíria.

Vendo o altar que ali se achava, enviou ao sacerdote Uriá um modelo e um plano do mesmo, para que dele se fizesse uma reprodução perfeita¹¹. ¹¹O sacerdote Uriá construiu o altar, seguindo fielmente todas as indicações enviadas de Damasco pelo rei Acaz, e isso, antes mesmo que este houvesse voltado de Damasco.

¹²Logo que o rei regressou de Damasco, viu o altar e, aproximando-se, subiu ao mesmo; ¹³fez, então, queimar sobre o altar seu holocausto e sua oferenda, derramou ali sua libação, que aspergiu com o sangue de seus sacrifícios de paz. ¹⁴Quanto ao altar de bronze que se achava diante do SENHOR¹², retirou-o da frente da Casa, lugar que ocupava entre o novo altar e a Casa do SENHOR, e instalou-o ao lado do novo altar, a norte. ¹⁵A seguir, o rei Acaz ordenou ao sacerdote Uriá: "Farás queimar o holocausto da manhã e a oferenda da tarde¹³, o holocausto e a oferenda do rei, o holocausto, a oferenda e as libações de todo o povo da terra sobre o altar grande¹⁴; sobre ele derramarás o sangue de todos os holocaustos e de todos os sacrifícios. Quanto ao altar de bronze, dele decidirei". ¹⁶O sacerdote Uriá fez tudo quanto lhe ordenara o rei Acaz. ¹⁷O rei Acaz recortou os painéis das bases e delas também arrancou as bacias; fez descer o Mar de bronze que

1Rs 12,33

Ez 46,4-7

Cronológico. O início do reinado de Acaz coincidiria com o terceiro ano do reinado de Péqah, rei de Israel.

x. Quanto à retidão de David, cf. 1Rs 15,5. Um julgamento ainda mais rigoroso foi proferido contra os sucessores de Acaz, com exceção de Ezequias e Josias, cf. 2Rs 21,20-22; 23,32-37; 24,9.19.

y. Primeira alusão ao sacrifício de crianças, sacrifícios estes condenados pela legislação deuteronomista, Dt 12,31 e 18,10; pelos profetas, Jr 7,31; 19,6; 32,35; Ez 16,20-21; 20,26; 23,39 e pela Lei de Santidade, Lv 18,21; 20,2-5. Tal insistência leva-nos a supor que tal prática se tenha amplamente expandido em Israel: no reino do Norte, 2Rs 17,17; e no reino do Sul, 2Rs 16,3; 21,6.10.

z. Expressão característica da literatura deuteronomista, Dt 4,38; 9,4-5; 18,12; Js 13,6; 23,9; Jr 2,21, etc. Quanto às *abominações* (*abomináveis costumes*) das nações, cf. 1Rs 14,24 nota.

a. Cf. 1Rs 14,23 e também Dt 12,2; 2Rs 17,10; Is 57,5; Jr 2,20; 3,6.13; Ez 6,13.

b. A coligação entre Arâm e Israel contra Judá implica grande ameaça à dinastia davídica, cf. Is 7,1-9. Compare-se esse v. com Is 7,1.

c. A perda de Eilat, aqui assinalada, mostra a fraqueza de

Acaz e explica seu apelo à Assíria. Ao invés de *edomitas* ("texto lido"), aram. e sir. consignam *araméus* (que corresponde ao "texto escrito"). A leitura *edomitas*, porém, é a mais bem atestada. Por isso, e também pelo fato de Eilat pertencer a Edom, e não a Arâm, pretendeu-se ler "Edom" em lugar do segundo "Arâm" (confusão gráfica). Nossa tradução segue o hebr., o gr. e a Vulg. Permitindo que os edomitas se instalassem em seu antigo porto (Dt 2,8), Reşin conquista para sua causa Edom, que figura entre os aliados da coligação siro-efraimita.

d. Acaz declara-se vassallo do rei da Assíria, a quem doravante permanecerá unido. — A partir desse momento, Jerusalém perdeu sua independência. Não obstante, o pedido de auxílio feito a Tiglat-Piléser provocou a expedição assíria contra Israel, mencionada em 15,29, e contra Arâm, da qual se tratará no v. 9.

e. Cf. 1Rs 15,19.

f. Em 732 a.C. Cf. Am 1,5 nota.

g. O relato dos vv. 10-18 acentua as graves transgressões cultuais praticadas pelo rei Acaz.

h. Cf. 1Rs 8,64 e 9,25.

i. O holocausto da manhã, cf. Lv 9,17, e a oblação da tarde, cf. Esd 9,5.

j. De acordo com 1Rs 8,64, o altar de bronze se tornara pequeno.

repousava sobre os bois, e o colocou sobre um pedestal de pedras. ¹⁸Em consideração ao rei da Assíria, modificou a tribuna do Sábado, construída na parte interna^k da Casa do SENHOR, bem como a entrada do rei situada em sua parte externa^l.

¹⁹Os demais atos de Acáz, tudo quanto fez, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ²⁰Acáz adormeceu junto de seus pais e foi sepultado com eles na Cidade de David. Seu filho Ezequias se tornou rei em seu lugar.

17 Oséias, último rei de Israel. ¹No décimo segundo ano do reinado de Acáz, rei de Judá, Oséias, filho de Elá, tornou-se rei de Israel, em Samaria, por nove anos^m. ²Fez o mal aos olhos do SENHOR, mas não tanto quanto os reis de Israel que o haviam precedidoⁿ.

³Salmanasar, rei da Assíria^o, subiu para combatê-lo; Oséias, porém, submeteu-se a ele, pagando-lhe um tributo. ⁴Contudo, o rei da Assíria descobriu que Oséias conspirara; na verdade, ele não só enviara mensageiros a Sô, rei do Egito^p, como também deixara de entregar o tri-

buto ao rei da Assíria, como o fazia anualmente^q.

O rei da Assíria, então, mandou-o prender e agrilhoar em prisão. ⁵Depois o rei da Assíria subiu para atacar toda a região, e subiu contra a Samaria, que sitiou durante três anos. ⁶No nono ano do reinado de Oséias, o rei da Assíria apoderou-se de Samaria^r e deportou os israelitas para a Assíria^s. Fê-los residir em Halah^t bem como nas margens do Habor, rio de Gozan e ainda nas cidades da Média^u.

Dt 28,36;
Os 9,3;
Am 5,27

Reflexões sobre as causas da ruína do reino do Norte. ⁷Isso aconteceu porque os filhos de Israel pecaram contra o SENHOR, seu Deus, que os fizera subir do Egito, e os libertara da mão de Faraó, rei do Egito e também porque passaram a temer outros deuses^v. ⁸Seguiram as leis das nações que o SENHOR desapossara diante de Israel^w e as leis que os reis de Israel haviam estabelecido^x. ⁹Os filhos de Israel entregaram-se a práticas reprováveis contra o SENHOR seu Deus: construíram lugares altos em todas as suas cidades, nas torres de guarda como nas cidadelas^y; ¹⁰erigiram estelas e postes sagra-

Ex 32,4-8;
Lv 11,45;
Dt 20,1;
Jz 2,1; 6,8;
1Sm 8,8;
10,18; 12,6;
2Sm 12,28;
Jr 2,6; 11,7;
16,14; 23,7;
Am 2,10;
3,1; 9,7;
Mq 6,4;
Sl 81,11
etc.

k. Designaria um lugar coberto, utilizado especialmente no sábado, dia de afluência ao Templo.

l. No Templo devia haver uma entrada especial para o rei (cf. 1Cr 9,10 e Ez 46,1-3), bem como um lugar reservado para ele, 2Rs 11,14 e 23,3. Todas as modificações prescritas por Acáz, inclusive a construção de um altar novo, ao que parece, foram feitas com o intuito de agradar ao rei da Assíria.

m. Reinou de 732 a 724 a.C. Há dúvida quanto ao sincronismo: 732 corresponderia ao quarto ano de reinado de Acáz, cujo reino se teria estendido de 735 a 716. Cf. Quadro Cronológico.

n. Para a fórmula restritiva, cf. 3,2.

o. Em assírio *Shulmanusharidu*; é filho de Tiglat-Pikéser (cf. 15,29 e 16,7.10, chamado Pul em 15,19). Reinou de 726 a 722 a.C.

p. Segundo alguns, deve-se ler *Sevé* e identificar este personagem com Sibé, generalíssimo do exército egípcio, mencionado pelos Anais de Sargom II, rei da Assíria. Recentemente aventou-se outra hipótese: tratar-se-ia de Tefnakht, rei de Saís; é possível que houvesse confusão e se tivesse dado ao rei o nome da cidade em que ele reinava.

q. A aliança com o Egito e o fato de não ser enviado o tributo anual eram sinais de revolta, cf. 3,4-5.

r. Samaria teria sido conquistada no final do reinado de Salmanasar V (726-722); em 722: o nono ano coincide com o cativeiro de Oséias e o início do cerco de Samaria, vv. 4-5.

s. Nos Anais assírios, a deportação é atribuída a Sargom II que, segundo dizem, levou 27.290 prisioneiros. Foi a segunda deportação dos súditos do reino de Israel para a Assíria, cf. 15,29 nota.

t. *Halah*, situada na Alta-Mesopotâmia, cf. Gn 10,11; *Habor*, principal afluente do Eufrates, cuja nascente se encontra perto de Guzan (em hebr. *Gozan*); a Média situa-se a leste da Assíria, para além do Tigre, cf. Gn 10,2. Assim, os deportados são dispersados por diversos territórios conquistados pela Assíria, a fim de que desistam de qualquer possibilidade de desforra.

u. Ao libertar Israel do Egito, o Senhor tinha-o definitivamente escolhido para que fosse seu povo (Ex 3,8.17; 19,5; Dt 7,7-8; Am 2,10; 3,1-2; Os 11,1; 13,4-5 etc.); e o Senhor é o Deus de Israel, com exclusão de qualquer outra divindade. O abandono do Senhor por Israel é o pecado máximo. Notem-se as expressões deuteronomistas desse v., como a aposição de "Deus" a "Senhor" (mais de 300 vezes no Dt), e, com a mesma aposição, à fórmula *pecar contra o Senhor* (Dt 20,18); como também as expressões *fazer subir da terra do Egito* (Dt 20,1) e *outros deuses* (Dt 5,7; 6,14; 7,4; 8,19; 11,26.28; 13,3.7.14 etc.).

v. Quanto às nações, cf. 1Rs 14,24 nota.

w. Alusão às inovações atribuídas a Jeroboão I, cf. 1Rs 12,26-32, e consideradas como o pecado máximo dos reis de Israel e do seu povo, cf. v. 19. Toda a história da monarquia é, primordialmente, um julgamento que se faz sobre o comportamento do rei em relação à Aliança. Entre as regras dadas ao rei por Dt figura a leitura diária do livro da Lei, Dt 17,18-20.

x. Lit. *desde a torre das sentinelas até a cidade fortificada*; expressão para designar todas as localidades habitadas, pequenas e grandes.

dos e todas as colinas elevadas e em baixo de toda árvore verdejante^y, ¹¹e em todos os lugares altos, queimaram incenso à semelhança das nações que o SENHOR deportara de diante deles. Praticaram más ações a ponto de irritar o SENHOR. ¹²Serviram aos ídolos^z, enquanto o SENHOR lhes havia dito: "Não fareis tal coisa!"

¹³O SENHOR advertira Israel e Judá^a mediante todos os seus profetas, todos os videntes, dizendo: "Abandonai vossos maus caminhos^b, observai meus mandamentos e decretos^c, de acordo com toda a Lei que prescrevi a vossos pais^d e que vos transmiti por intermédio de meus servos, os profetas^e". ¹⁴Eles, porém, não lhe obedeceram; endureceram a nuca^f, como a haviam endurecido seus pais, que não acreditaram no SENHOR, seu Deus.

¹⁵Desprezaram suas leis, como também a Aliança que ele firmara com seus pais e as exigências que lhes tinha lembrado. Correram atrás de nulidades e ficaram reduzidos a nada^g. Seguiram as nações vizinhas, conquanto o SENHOR lhes houvesse prescrito que não agissem como elas. ¹⁶Abandonaram todos os mandamentos do SENHOR, seu Deus, e fabricaram para si duas estátuas de bezerros^h; erigiram um poste sagradoⁱ, prosterna-

ram-se diante de todo o exército celeste^j e serviram a Báal^k. ¹⁷Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas; consultaram os oráculos e praticaram a adivinhação^l. Entregaram-se a fazer o mal aos olhos do SENHOR, a ponto de irritá-lo. ¹⁸O SENHOR, por isso, tomou-se de violenta cólera contra Israel; rejeitou-os de sua presença^m. Restou apenas a tribo de Judá.

¹⁹Entretanto, também Judá não observou os mandamentos do SENHOR, seu Deus, e seguiu as leis que Israel havia estabelecido. ²⁰O SENHOR rejeitou toda a descendência de Israel; humilhou-os e entregou-os nas mãos dos saqueadores, a fim de bani-los para longe de sua presençaⁿ.

²¹Quando o SENHOR^o arrancou Israel da Casa de David e Jeroboão, filho de Nebat, foi constituído rei, Ierobeão levou Israel a desviar-se para longe do SENHOR, levando-o a cometer um grande pecado^p.

²²Os filhos de Israel imitaram todos os pecados que Jeroboão cometera; não se abstiveram de nenhum deles. ²³até que o SENHOR os afastasse de diante dele, como falara por intermédio de todos os seus servos, os profetas. Israel foi deportado para longe de sua terra, para a Assíria, até hoje^q.

y. Cf. 16,4 nota.

z. Cf. 1Rs 15,12 nota.

a. A alusão a Judá talvez seja um acréscimo, cf. v. 20 nota.

b. O apelo à conversão é formulado como em Jr 18,11; 25,5; 35,15; Ez 33,11 e Zc 1,4. Cf. At 3,19 e Rm 2,4.

c. Fórmula do deuteronomista (doze vezes em Dt, por ex. 6,2; 10,13).

d. Trata-se da Lei do código deuteronomico, onde a palavra *Torá*, Lei, é repetida cerca de 20 vezes; cf. 14,6 nota.

e. Expressão que se encontra a primeira vez em Am 3,7, mas é usada principalmente em Jeremias, 7,25; 25,4; 26,5, etc.

f. I. é, resistiram às ordens do Senhor, Dt 10,16; Jr 7,26; 17,23; 19,15. Israel é um povo que enrijeceu a nuca: Ex 32,8; 33,3,5; 34,9 e Dt 9,6.

g. Essas últimas palavras são as mesmas que as encontradas em Jr 2,5.

h. Quanto aos *bezerros* de Betel e de Dan, cf. 1Rs 12,28.

i. Símbolo da deusa Asherah (cf. 1Rs 15,13 nota), erguido por Acab, 1Rs 16,33.

j. *O exército dos céus*, aqui os astros, considerados como objeto de culto, cf. Dt 4,19; 17,3; 2Rs 21,3,5; 23,4-5; Jr 8,2; 19,13. O culto dos astros no reino de Judá surge com Manassés, por influência assiro-babilônica.

k. Deus cananita, para o qual Acab havia construído um templo e erguido um altar em Samaria, 1Rs 16,32.

l. Com algumas variantes, encontra-se a mesma enumeração em Dt 18,10. Quanto aos sacrifícios de crianças, cf. 2Rs 16,3 nota.

m. Alusão ao Exílio, v. 23; 23,27; 24,3 e Jr 32,31.

n. Os vv. 19-20 contém uma reflexão sobre o pecado de Judá e seu castigo e consideram a deportação de Judá como fato consumado: esses vv. supõem uma deportação total dos habitantes israelitas. Em contrapartida, o v. 18 informa que somente a tribo de Judá foi poupada. O v. 18 e os vv. 19-20 pertencem, pois, a duas épocas diferentes: uma anterior à deportação para Babilônia e outra, posterior.

o. *O Senhor*, adição para esclarecer o sentido. O cisma político foi vontade de Deus, 1Rs 11,29-39 e 12,24.

p. Ao longo dos dois livros dos Reis, *Jeroboão* aparece como o tipo do rei apóstata, 1Rs 15,34; 16,19,26 etc.; em contrapartida, David é considerado o tipo do rei ideal, 1Rs 11,13; 15,3; 2Rs 14,3; 22,2 etc.

q. Quando o povo de Deus *não se afasta* do pecado de idolatria, Deus *o afasta* de sua presença pelo exílio: a Terra Prometida só é dada a Israel se este permanecer fiel ao Senhor. Esse tema é constante no Dt.

Deportação de estrangeiros para a Samaria; sincretismo religioso. ²⁴O rei da Assíria mandou vir gente de Babilônia, de Kut, de Avá, de Hamat e de Sefarvaim, estabelecendo-os nas cidades da Samaria, em lugar dos filhos de Israel. Assim, tomaram posse da Samaria e passaram a habitar as suas cidades. ²⁵Ora, quando começaram a instalar-se naquela região, como não temiam o SENHOR, o SENHOR enviou contra eles leões, que os matavam! ²⁶Disseram, pois, ao rei da Assíria: "As nações que deportaste e estabeleceste nas cidades da Samaria ignoram a maneira de honrar o Deus dessa terra". Esse deus enviou contra elas leões, e eis que as mataram, porque não conheciam a maneira de honrar o deus daquela terra". ²⁷Então o rei da Assíria deu esta ordem: "Mandai para lá um dos sacerdotes deportados de Samaria, que ele passe a residir ali e ensine ao povo a maneira de honrar o deus daquela terra". ²⁸Um dos sacerdotes que haviam sido deportados de Samaria foi, pois, habitar Betel; ele os instruiu sobre como temer o SENHOR.

²⁹Na realidade, cada nação fabricou o seu próprio deus e o colocou nas casas dos lugares altos que os samaritanos^r haviam construído. Cada nação agiu assim, nas cidades em que residia: ³⁰os de

Babilônia fizeram um Sukot-Benot; os de Kut, um de Nergal; os de Hamat, uma Ashimá; ³¹os de Avá, um Nibhaz e um Tartaq; os de Sefarvaim continuavam a queimar seus filhos em honra de Adramélek e de Anamélek, deuses de Sefarvaim". ³²Também temiam ao SENHOR e dentre sua própria gente constituíram sacerdotes dos lugares altos para oficiarem em seu nome nas casas dos lugares altos. ³³Ao mesmo tempo que tinham temor ao SENHOR, continuavam a servir a seus próprios deuses, segundo o rito das nações de onde haviam sido deportados. ³⁴Ainda hoje eles agem conforme os ritos antigos: não temem o SENHOR^s, não agem de acordo com os mandamentos e com os ritos que passaram a ser os seus, nem conforme a Lei e os preceitos que o Senhor prescreveu aos filhos de Jacó, aos quais deu o nome de Israel. ³⁵O SENHOR tinha firmado uma aliança com eles e ordenara: "Não temereis outros deuses, não vos prosternareis diante deles, nem os servireis nem lhes oferecereis sacrifícios". ³⁶O SENHOR que vos fez subir da terra do Egito com grande poder e com braço estendido, a ele é que deveis temer; é diante dele que deveis prosternar-vos; é a ele que deveis oferecer sacrifícios. ³⁷Empenhai-vos em pôr em prática os mandamentos e os ritos, a Lei e os

Dt 9.29;
Jr 27.5;
32.17

r. Após as reflexões teológicas sobre as causas da ruína do reino do Norte (vv. 7-23), o autor nos informa acerca da origem dos samaritanos (vv. 24-41); o relato, um tanto preconceituoso, deve provir de uma fonte judaíta.

s. Kut, ao norte da Babilônia e a leste do Eufrates; Hamat, sobre o Oronte, cidade importante cujo nome se estendia a todo um território, cf. 23.33. As cidades de Avá e de Sefarvaim não são identificadas. As populações dessas cidades vencidas, à semelhança dos israelitas, são igualmente deportadas.

t. Em Ezequiel, os animais ferozes figuram entre os flagelos de Deus, 5.17; 14.15.21.

u. Na concepção desses povos, o Senhor não passa de um deus entre os outros deuses; ele é tão-somente o deus da terra que eles ocupam (cf. 1Rs 20.23 nota) e ao qual é imprescindível prestar o culto que lhe é devido. Cf. 1Sm 26.19, onde abandonar Israel equivale a ver-se condenado a servir outros deuses.

v. Uma das funções do sacerdote era ensinar a Lei, cf. Jr 18.18; Ez 7.26 e Mq 3.11.

w. Quanto às casas construídas pelos samaritanos nos lugares altos, cf. 1Rs 12.31; 13.32.

x. Sukot-Benot, lit. *cabanus para moças*, presumivelmente destinadas às hieródulas; mas talvez se dissesse Sikut, nome de

uma divindade astral, Am 5.26 nota. Nergal, deus babilônico dos infernos; Ashimá, cf. Am 8.14 nota; Nibhaz e Tartaq, divindades desconhecidas; assim também Adramélek e Anamélek; todavia a palavra mélek, na composição de tais nomes, pode sugerir Môlek, ao qual igualmente se ofereciam sacrifícios de crianças, cf. 2Rs 23.10 nota.

y. O v. 34, em que os samaritanos são apresentados como *os que não temem o Senhor*, parece contradizer o v. 33, em que os vemos *temendo o Senhor*. Essa aparente contradição provém de duas acepções diferentes do verbo *temer*: por um lado, os samaritanos manifestam um temor *religioso* (terror sagrado; culto escrupulosamente observado); por outro lado, no entanto, não manifestam para com o Senhor nenhum temor *moral* (como a obediência aos seus preceitos que, justamente, proíbem adorar simultaneamente o Senhor e os ídolos). Os vv. 34-41 formam um todo; cf. o início do v. 34 e o final do v. 41 *até hoje*; mesma alusão aos *ritos antigos* no v. 34 e no v. 40. Não é absurdo pensar que o autor sagrado tenha em mente os habitantes de Samaria tomados em sua totalidade, os estrangeiros tanto como os israelitas deixados em Samaria e que constituem a maior parte de sua população, denunciando-lhes o sincretismo. O estilo e o tom exortativo assemelham-se aos do Dt e aos do profeta Jeremias.

preceitos que para vós escreveu; não temereis outros deuses. ³⁸Não esqueçais a aliança que firmei convosco; não temereis outros deuses. ³⁹É ao SENHOR, vosso Deus, que deveis temer, é ele que vos libertará das mãos de todos os vossos inimigos". ⁴⁰Mas eles não o ouviram;

ao contrário, continuaram a agir de acordo com o rito antigo. ⁴¹Assim, pois, essas nações, ao mesmo tempo que tinham temor ao SENHOR, continuavam a servir a seus ídolos. Como agiram os seus pais, da mesma maneira agem ainda hoje seus filhos e seus netos⁴.

DO FIM DO REINO DE ISRAEL AO FIM DO REINO DE JUDÁ

2Cr 29-31

18 Ezequias, rei de Judá. ¹No terceiro ano do reinado de Oséias, filho de Elá, rei de Israel, Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá, tornou-se rei. ²Tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou durante vinte e nove anos em Jerusalém^a. Sua mãe chamava-se Abi e era filha de Zacarias. ³A semelhança de David, seu pai^b, fez o que é reto aos olhos do SENHOR. ⁴Foi ele que fez desaparecer os lugares altos, quebrou as estelas, cortou o poste sagrado^c e esfacelou a serpente de bronze que Moisés fabricara; pois, até então, os filhos de Israel lhe tinham oferecido incenso: chamavam-na Nehushtan^d. ⁵Ezequias pôs sua confiança no SENHOR, o Deus de Israel. Não houve entre seus sucessores rei igual a ele em Judá, nem entre seus antecessores^e. ⁶Permaneceu fiel ao SENHOR, sem nunca dele se afastar. Ele guardou os mandamentos que o SENHOR prescrevera a Moisés. ⁷O SENHOR estava com ele; ele tinha êxito em tudo que em-

prendia^f. Insurgiu-se contra o rei da Assíria e livrou-se de sua sujeição^g. ⁸Derrotou os filisteus, chegou até Gaza e invadiu seu território, tanto as torres de vigia como as cidades fortificadas^h.

Alusão à tomada de Samaria. ⁹No quarto ano do reinado de Ezequias, no sétimo de Oséias, filho de Elá, rei de Israelⁱ, Salmanasar^j, rei da Assíria, subiu a fim de atacar Samaria e sitiou-a. ¹⁰Ao cabo de três anos, os assírios dela se apoderaram. No sexto ano do reinado de Ezequias, o nono de Oséias, rei de Israel, Samaria foi conquistada. ¹¹O rei da Assíria deportou Israel para a Assíria, conduzindo-os para Halaḥ, às margens do Habor, rio de Gozan e para as cidades da Média^k, ¹²porquanto não tinham escutado a voz do SENHOR, seu Deus, mas violaram sua aliança: tudo quanto Moisés, servo do SENHOR, prescrevera, eles não o tinham escutado, nem posto em prática^l.

z. É dessa fusão de populações que se originaram os samaritanos, desprezados pelos judeus e mantidos a distância de sua comunidade religiosa, cf. Ecd 4,1-24; Lc 9,51-56; 10,29-37 e Jo 4,9,22.

a. Reinou de 716 a 687 a.C. Para o sincronismo, cf. Introdução aos Reis e Quadro Cronológico. Contudo, convém lembrar que Ezequias teria sido associado ao trono por volta de 728, data que mais ou menos coincide com o terceiro ano do reinado de Oséias de Israel.

b. Compare-se com 14,3; 15,3; 16,2. A respeito da retidão do rei David, cf. 1Rs 15,5 e 2Rs 17,21 final da nota.

c. Quanto aos lugares altos, cf. 1Rs 3,2 nota. Seus antecessores os haviam poupado (1Rs 3,3; 14,23; 15,14; 22,44; 2Rs 12,4; 15,4,35). Ao destruí-los, Ezequias dá o primeiro passo para a centralização do culto no "lugar escolhido por Deus", que, naquela época, só pode designar o Templo de Jerusalém, cf. Dt 12,11-14. Quanto à destruição das estelas e postes sagrados, cf. Ex 34,13 e Dt 7,5.

d. Os israelitas viam nesse objeto em forma de serpente (em hebraico *nahush*), a serpente de bronze erguida por Moisés (Nm 21,6-9; alusão em Jo 3,14) e a adoravam.

e. Far-se-á um julgamento semelhante sobre Josias, 23,25.

f. A conexão entre a observância da Lei e o êxito na vida é um tema deuteronomista: Dt 5,29; 17,11; 28,14; 29,8; Js 1,7-8.

g. Quanto à revolta de Ezequias, cf. v. 14 nota. Na verdade, a situação política de Judá permanecia muito precária depois que Acab solicitara o apoio da Assíria contra Arâm e Israel, cf. 16,7-9. No entanto, durante os primeiros anos de seu reinado, Ezequias pudera aproveitar as perturbações que marcaram o início do governo de Senaquerib, para se libertar do jugo assírio: atesta esse fato o êxito de sua campanha contra os filisteus, então submetidos aos assírios.

h. Sobre essa expressão, cf. 17,9 nota.

i. Quanto ao sincronismo dos vv. 9-10, cf. v. 2 nota.

j. Cf. 17,3 nota.

k. Cf. 17,6 nota.

l. Breve reflexão sobre a ruína de Samaria e de seu reino, descrita no estilo deuteronomístico-profético: *escutar (ouvir) a voz do Senhor, (vosso, teu, seu...) Deus*, Dt 8,20; 13,19; 15,5; 26,14; 27,10; 28,1-2 etc.; Jr 3,25; 7,28; 26,13; e seis vezes em outras passagens de Jr: *transgredir a aliança*, Dt 17,2; 26,13; Js 7,15; 23,16; Os 6,7; 8,1; Jr 34,18; *Moisés, servo do Senhor*, Dt 34,5; Js 1,1; e ainda dezesseis vezes em Js.

2Cr 32,1-8;
Is 36,1

Campanha de Senaquerib contra Judá e Jerusalém. ¹³No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, subiu às cidades fortificadas de Judá e apoderou-se^m de todas elas. ¹⁴Ezequias, rei de Judá, mandou dizer ao rei da Assíria, que se achava em Lakish*: "Cometi uma falta^a. Não me ataquês; a tudo quanto me impuseres, submeter-me-ei". O rei da Assíria fixou para Ezequias, rei de Judá, um tributo de trezentos talentos de prata e de trinta talentos de ouro^p. ¹⁵Ezequias entregou toda a prata que se achava na casa do SENHOR e nos tesouros da casa do rei^q. ¹⁶Foi nessa época que Ezequias desfez as portas do Templo do SENHOR e as ombreiras, que ele próprio, rei de Judá, revestira de metal; entregou-os ao rei da Assíria.

2Cr 32,9-15
Is 36,2-37,9

Ameaça do rei da Assíria a Jerusalém. ¹⁷De Lakish, o rei da Assíria enviou a Ezequias, em Jerusalém, o generalíssimo, o oficial superior e seu ajudante de campo^r, acompanhados de poderoso exército. Eles subiram e chegaram a Jerusalém. Subiram e, ao chegar^s, postaram-se junto ao aqueduto do reservatório superior que se encontra na estrada do campo do Pisoeiro^t. ¹⁸Exigiram a presença do rei^u. O intendente do palácio, Eliaqim,

o filho de Hilqiáhu, o secretário Shebná e o chanceler Ioah, filho de Asaf, foram ter com eles. ¹⁹Disse-lhes o ajudante de campo: "Dizei a Ezequias: Assim fala o grande rei, o rei da Assíria*: De onde te vem essa confiança em que te apoias? ²⁰Pois disseste: 'Basta-me uma palavra para encontrar conselho e força na guerra!' Em quem, pois, colocaste tua confiança para que te insurjas contra mim? ²¹Eis que puseste tua confiança no apoio daquele caniço quebrado, o Egito, que penetra e traspasa a mão de quem nele se apoia: tal é Faraó, o rei do Egito, para todos os que nele depositam sua confiança! ²²Se me disserdes: 'No SENHOR, nosso Deus, é que pusemos a nossa confiança!', acaso não eram dele os altares e os lugares altos que Ezequias fez desaparecer, dizendo a Judá e a Jerusalém: 'É em Jerusalém, diante deste altar, que vos prosternareis'?" ²³Lança, pois, um desafio a meu Senhor, o rei da Assíria, e te darei dois mil cavalos se, todavia, te for possível encontrar cavaleiros para montá-los! ²⁴Como serias capaz de fazer recuar um simples governador, o menor dos servos de meu senhor, tu, que puseste tua confiança no Egito, para obter carros e cavaleiros?" ²⁵Porventura, será sem o consentimento do SENHOR que subi

m. *Senaquerib*, em Assíria, *Sin-ahhé-eriba*, filho de Sargon II, reinou de 704 a 681 a.C. A campanha e as ameaças do rei da Assíria (18.13-19.37) com algumas variantes acham-se relatadas em Is 36-37; também 2Cr 32,1-21 apresenta um relato resumido. Os Anais assírios contêm pormenores interessantes sobre as campanhas de Senaquerib, principalmente sobre a que se realizou na Palestina em 701 a.C., na qual o rei se gabou de haver tomado quarenta e seis cidades fortificadas a Ezequias.

n. *Lakish*, cf. 14.19 nota. Parece que Senaquerib instalou ali seu quartel-general. Note-se que os vv. 14-16 faltam em Is 36.

o. Provavelmente, aliando-se ao Egito contra a Assíria, cf. vv. 20-21, mas também revoltando-se no início de seu reinado, cf. v. 7 nota.

p. De acordo com os Anais assírios, a taxa paga por Ezequias era de trinta talentos de ouro e de oitocentos talentos de prata. Compare-se esta última cifra em vs. 15.19-20 em que Menahém oferece mil talentos de prata a Pul.

q. Cf. 16.8, onde Acáz tem o mesmo procedimento, mas para solicitar o apoio da Assíria contra Arã e Israel; cf. também 1Rs 15.18.

r. É provável que os dois relatos em que o rei da Assíria ameaça Jerusalém (18.17-19.9a e 19.9b-37) se refiram à mesma campanha de Senaquerib: seja à de 701, de que tratam os vv. 13-

16, seja à que se realizaria entre a co-regência de Tirhaça (19.9), cerca de 690, e a morte de Ezequias, em 687. Esses dois relatos refletem o pensamento e o estilo de Is.

s. Lit. o *Turtan* (título assírio desconhecido por outras fontes), o *grande eunuco* e o *grande copeiro*. Is 36,2 menciona apenas o terceiro personagem que, de fato, é o porta-voz do rei.

t. A alusão à subida e à chegada a Jerusalém falta em Is 36.

u. Foi na extremidade desse canal que se realizou o encontro entre Isafas e Acáz, Is 7.3.

v. Essas palavras faltam em Is 36.3.

w. O *grande rei*, título oficial do rei da Assíria, cf. Os 5.13 nota e 10.6.

x. Alusão provável ao apelo que Ezequias fez ao Egito.

y. Cf. Is, que denuncia a política dos partidários da aliança com o Egito. Is 18.2; 20.5-6; 30.1-7 e 31.1-3.

z. Em *Jerusalém* falta em Is. A reforma de Ezequias, v. 4, fora mal-vista pelo povo. O ajudante de campo usa tal fato para indispor o povo contra o rei.

a. Quanto aos *carros e cavaleiros* do Egito, cf. Is 31.1. Os Anais do rei da Assíria relatam que, efetivamente, a cavalaria egípcia foi completamente vencida: "Infligi-lhes uma derrota, fiz prisioneiros vivos os condutores dos carros e seus chefes, bem como os condutores de carros do rei de Kush".

contra este lugar^b, para atacá-lo e devastá-lo? Foi o SENHOR que me disse: Sobe contra essa terra, e devasta-a!”

²⁶Eliachim, filho de Hilquías, Shebná e Ioaç disseram ao ajudante de campo: “Por favor, fala aos teus servos em aramaico, pois o compreendemos; mas não nos fales na língua de Judá^d em presença do povo que está sobre a muralha”. ²⁷O ajudante de campo respondeu-lhes: “Acaso foi a teu amo e a ti que meu senhor me enviou para dizer estas palavras? Não foi aos homens sentados sobre a muralha e que, à vossa semelhança, serão reduzidos a comer os próprios excrementos e a beber a própria urina?” ²⁸O ajudante de campo permaneceu de pé e, com voz forte e na língua de Judá, gritou, falando nestes termos: “Ouvi a palavra do grande rei, do rei da Assíria! ²⁹Assim fala o rei: Não vos engane Ezequias, pois ele não é capaz de vos libertar de minha mão!” ³⁰Que Ezequias não vos persuada a confiar no SENHOR, dizendo: “Certamente o SENHOR vos libertará, e esta cidade não será entregue na mão do rei da Assíria!” ³¹Não deis ouvidos a Ezequias, pois assim fala o rei da Assíria: “Fazei comigo um pacto de amizade^e, rendei-vos a mim, e cada qual poderá comer os frutos de sua vinha e de sua figueira^h e beber a água de sua cisterna, ³²até que eu venha buscar-vos para vos conduzir a uma terra semelhante à vossa, terra de trigo e vinho novo, terra de pão e de vinhas, terra de oliveiras, azci-

te fresco e melⁱ, a fim de que ali possais viver e não morrer”. Não deis ouvidos a Ezequias, pois ele vos engana, dizendo: “O SENHOR vos libertará”. ³³Acaso puderam os deuses das outras nações libertar suas terras das mãos do rei da Assíria? ³⁴Onde estão os deuses de Hamat e de Arpad? Onde se acham os deuses de Sefarvaim, de Hená e de Ivá? Porventura libertaram Samaria de minha mão^k? ³⁵De todos os deuses daquelas terras, qual foi o que pôde libertar sua terra de minha mão, para que o SENHOR também seja capaz de salvar Jerusalém de minha mão?” ³⁶O povo permaneceu em silêncio e não lhe respondeu uma só palavra, pois tal fora a ordem do rei: “Nada lhe responderéis!”

³⁷O intendente do palácio, Eliachim, filho de Hilquías, o secretário Shebná e o chanceler Ioaç, filho de Asaf, voltaram à presença de Ezequias e, com as vestes rasgadas, relataram-lhe as palavras do ajudante de campo.

19 ¹Tendo-os ouvido, o rei Ezequias rasgou as vestes, cobriu-se de saco^m e foi à Casa do SENHOR. ²Em seguida, enviou o intendente do palácio, Eliachim, o secretário Shebná e os sacerdotes mais antigos, todos vestidos de saco, ao encontro do profeta Isaías, filho de Amôšⁿ, ³para que lhe dissessem: “Assim fala Ezequias: Este é um dia de angústia, de castigo e de opróbrio! Filhos estão prestes a nascer, mas não há força para dá-los à luz!” ⁴Talvez o SENHOR, teu Deus,

Gn 37,34;
2Sm 3,31;
Est 4,1

b. *Contra esta terra*, em Is.

c. Isaías considera a Assíria como a executora do castigo decretado pelo Senhor contra Judá, Is 7,17-25 e 10,5-6.

d. O *aramaico* não era compreendido senão pelos letrados. A *língua de Judá*, i. é, o hebraico, era a língua da terra. Cf. Ne 13,24.

e. O ajudante de campo ameaça sitiá-la cidade, o que iria provocar a fome; cf. 6,24-25.

f. O hebr. registra: *de tua mão*; tendo em vista o contexto, foram seguidas as versões.

g. I. é. *fazei uma bênção comigo*.

h. *Vinha e figueira*, sinais de vida pacífica, cf. 1Rs 5,5; Os 2,14; Mq 4,4; Zc 3,10.

i. Compare-se com Dt 7,13; 11,14; 12,17; 14,23; Os 2,10,24, etc. O texto de Is é mais sóbrio.

j. Em relação a *Hamat, Sefarvaim e Ivá* (se todavia se pode

identificar esta última com *Ava*), cf. 2Rs 17,24 nota. *Arpad*, a norte de Alepo, Is 10,9; *Hená*, não identificada. *Hená e Ivá* faltam em Is 36,19.

k. Alguns mss. gr. acrescentam ainda: *Onde estão os deuses de Samaria?*

l. Para o ajudante de campo, o Senhor não passa de um deus nacional; à semelhança dos outros deuses, não lhe será possível salvar sua terra. À época pensava-se de bom grado que cada deus um território determinado, sua “porção”.

m. Em sinal de luto, cf. Gn 37,34; Is 22,12; Jr 48,37; Ez 27,31; Am 8,10.

n. O apelo aos profetas, em caso de guerra, era de uso corrente tanto da parte dos reis de Israel como da parte dos reis de Judá: 1Rs 22,8; 2Rs 3,11; 6,8 etc.

o. Cf. Os 13,13. Imagem usada para significar a situação desesperadora em que se encontra Jerusalém.

escute todas as palavras ditas pelo ajudante de campo, que seu senhor, o rei da Assíria, enviou para insultar o Deus Vivo^p e o castigue pelas palavras que o SENHOR, teu Deus, tenha ouvido! Faze subir até ele uma prece em favor do resto que ainda subsiste^q”.

⁵Os servos do rei Ezequias foram ter com Isaías,⁶que lhes disse: “Assim direis a vosso senhor: Assim fala o SENHOR: Não temas as palavras que ouviste e pelas quais os servos do rei da Assíria me ultrajaram! ⁷Eis que, sob a minha inspiração^r, o rei da Assíria voltará à sua terra, ao receber determinada notícia; eu o farei perecer pela espada na sua própria terra”.

⁸O ajudante de campo, informado de que o rei da Assíria partira de Lakish¹, foi encontrá-lo em Libná, onde se achava em combate. ⁹Ora, o rei recebeu a seguinte notícia a respeito de Tirhaqa, rei de Kush²: “Ele saiu em campanha para te atacar!”

Nova ameaça do rei da Assíria contra Jerusalém. Novamente o rei da Assíria enviou mensageiros a Ezequias a fim de lhe dizerem: ¹⁰“Assim falareis a Ezequias, rei de Judá: Não te engane o teu Deus em quem confias, dizendo: ‘Jerusalém não será entregue à mão do rei da Assíria!’ ¹¹Tu mesmo sabes o que os reis da Assíria fizeram a todos os países: votaram-nos ao interdito. E tu, tu serias libertado? ¹²Acaso os deuses das outras

nações salvaram-nas quando meus pais devastaram Gozan, Haran, Résef e os filhos de Éden que estavam em Telasar?” ¹³Onde estão os reis de Hamat, de Arpad, de Lair, de Serfavaím, de Hená e de Ivá?”

¹⁴Ezequias tomou a carta das mãos dos mensageiros, leu-a e subiu à Casa do SENHOR. Desencolou-a na presença do SENHOR. ¹⁵e orou diante do SENHOR, dizendo: “SENHOR, Deus de Israel, tu que te assentas acima dos querubins^s, e que és o único Deus de todos os reinos da terra, pois foste tu que fizeste o céu e a terra”, ¹⁶inclina teu ouvido, SENHOR, e ouve; abre os teus olhos, SENHOR, e vê! Escuta as palavras de Senaquerib que mandou insultar o Deus Vivo! ¹⁷É verdade, SENHOR, que os reis da Assíria devastaram as nações e seus territórios. ¹⁸“Lançaram ao fogo seus deuses, mas esses deuses não eram Deus; não passavam de obra de mão humana, madeira e pedra, e os reis da Assíria os destruíram”. ¹⁹Mas tu, SENHOR, nosso Deus, salva-nos das mãos de Senakerib, e todos os reinos da terra saberão que só tu, ó SENHOR, és Deus”.

Intervenção do profeta Isaías. ²⁰Isaías, filho de Amôz, mandou dizer a Ezequias: “Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Sim, ouvi a súplica que me dirigiste a respeito de Senakerib, rei da Assíria.

²¹Eis a palavra que o SENHOR pronuncia contra ele^b:

Ex 31,17;
Jr 32,17;
2Cr 2,11;
At 4,24;
14,15

Dt 32,17;
Jr 2,11;
16,20;
Os 8,6

Is 37,21-35

p. Cf. Os 2,1 nota.

q. O resto, vale dizer, o território de Judá, ou até mesmo o que está sobrando dele após o desastre de 701; cf. Is 1,8-9; 4,3; 10,21 etc.

r. Lit. *eu lhe darei um espírito*.

s. Quanto à partida precipitada de Senaquerib, cf. v. 9 e principalmente vv. 35-36.

t. Cf. 18,14 nota.

u. *Kush* ou a *Etiópia*, cf. Gn 2,13; 10,6-8. *Tirhaqa* (nos documentos egípcios Taharqa e nos Anais assírios Tarqu) reinou de 690 a 664 a.C.

v. *Gozan*, cf. 17,6; *Haran*, cf. Gn 11,31; 12,5; 27,43; *Résef*, entre Palmira e o Eufrates; *os filhos de Éden*, isto é, os habitantes de Bet-Éden, em assírio *Beth-Adiní*, situada além do Eufrates (cf. Ez 27,23); em lugar de *Telasar*; desconhecido, propõe-se que se leia Tell-Basar, em assírio *Tell-Baseri*, sobre o Médio Eufrates, w. Verifica-se a mesma enumeração, e na mesma ordem, que

em 18,34, embora aqui se encontre intercalado o nome de Lair, importante centro próximo da fronteira persa, a nordeste da atual Bagdá. Ao mencionar dois pontos extremos do império tais como Arpad e Lair, o ajudante de campo quer mostrar o poderio da Assíria em toda a sua extensão.

x. Cf. Ex 25,18 nota e ainda 1Sm 4,4; 2Sm 6,2.

y. Profissão de fé no Deus único e universal, contrastando com a ideia de deus nacional de 18,33-35 e 19,10-13.

z. A descrição dos ídolos é feita de acordo com o estilo do Dt e dos profetas: *obra de mão humana*, Dt 4,28; 31,29; Os 14,4; Is 2,8 e, principalmente, Jr 1,16; 2,28; 44,8 etc.; *deuses de madeira e de pedra*, Dt 4,28; 28,36.64; Jr 2,27; 3,9; Ez 20,32 etc.

a. Cf. 1Rs 8,60, onde se exprime a mesma preocupação de ver as nações se aliarem ao Deus único e que tem exclusivamente o poder de salvar.

b. O Senhor responde à súplica do rei por intermédio de seu profeta Isaías. O poema, intensamente marcado pela influência

Ela te despreza e zomba de ti,
a virgem, a filha de Sião;
atrás de ti^c, meneia a cabeça
a filha de Jerusalém^d.

²² A quem insultaste e ultrajaste?
Contra quem elevaste a voz
e lançaste olhares altivos?
Contra o Santo de Israel^e.

²³ Por teus mensageiros, insultaste o
SENHOR.

SI 20,^h e disseste: 'Com o arremesso dos meus
carros,

galguei o cimo das montanhas,
nos píncaros inacessíveis do Líbano,
para derrubar os bosques de cedros,
os seus ciprestes mais altos,
e atingir o topo mais elevado, seu par-
que florestal.

²⁴ Cavei e bebi águas estrangeiras,
sob a planta dos meus pés,
sequei todos os canais do Egito^f.

²⁵ Ignoras, porventura, que desde há muito
idealizei esse projeto,
que desde os tempos antigos,
o formei^g?

Agora, o realizo:
Cabe-te reduzir a montes de pedras
as cidades fortificadas.

²⁶ Seus habitantes têm a mão curta^h;
confundidos, eles desmoronaramⁱ,
assemelham-se à erva dos campos
e à relva do gramado,
às plantas que brotam sobre o telhado,

ao trigo atingido pela ferrugem antes
de amadurecer.

²⁷ Quando te sentas, quando saís e
quando entras, SI 139,1-4
eu o sei,
e também quando tremes de raiva
contra mim.

²⁸ Porque tremeste de raiva contra mim
e tua arrogância subiu a meus ouvidos,
porei um anel em teu nariz
e um freio em teus lábios^j;
e far-te-ei voltar pelo caminho
por onde vieste.

²⁹ E eis o que te servirá de sinal:
este ano comerão o restolho
e, no ano seguinte, o que germinar es-
pontaneamente,
no terceiro ano, porém,
semeai, ceifai, plantai vinhas
e comei-lhes os frutos^k.

³⁰ Pois o que escapou, da casa de Judá,
o que foi deixado,
novamente lançará raízes na profundidade
e produzirá frutos no seu topo,

³¹ porque de Jerusalém sairá um resto
e da montanha de Sião os que escaparam^l.
O ciúme do SENHOR fará isso^m.

³² Eis por que assim fala o SENHOR sobre
o rei da Assíria:
Ele não entrará nesta cidade,
e nela não lançará flechas,
nem a atacará com escudos,
e não erguerá aterrosⁿ contra ela.

deste último, pode-se dividir da seguinte maneira: vv. 21-22, palavras do profeta ao rei da Assíria; vv. 23-24, propostas insolentes do rei da Assíria; vv. 25-28, resposta do Senhor ao rei da Assíria; vv. 29-31, resposta do Senhor a Ezequias; vv. 32-34, outra resposta do Senhor a Ezequias.

c. Aqui em sinal de zombaria: cf. SI 22,8; Jó 16,4; Lm 2,15; Mt 27,39 e Mc 15,29. Em outros contextos, é sinal de horrível espanto, cf. SI 64,9; 109,25.

d. *A virgem, filha de Sião*, cf. Lm 2,15 (a filha de Sião, cf. Is 1,8; 10,32 etc.; Jr 4,31; Mq 1,13; 4,8; Sf 3,14) e *a filha de Jerusalém* (cf. Mq 4,8; Sf 3,14; Zc 9,9; Lm 2,13.15 etc.) são personificações poéticas de Sião-Jerusalém. Note-se que semelhantes expressões são utilizadas para designar cidades estrangeiras tais como Babilônia, Sídon, Dibon, e ainda para indicar povos, como Edom ou Judá (cf. Lm 4,3 *a filha de meu povo*).

e. Expressão característica de Is, cf. Is 1,4 nota.

f. Os cedros e ciprestes do Líbano e os canais do Egito são a fonte das riquezas e do orgulho dessas regiões. Trata-se de uma descrição poética das orgulhosas pretensões do rei da Assíria. Compare-se com Is 10,7-11.13-14.

g. Compare-se com o final de Is 22,11.

h. Imagem para significar a fraqueza dos territórios conquistados: Nm 11,23 e Is 50,2, onde a mesma imagem é empregada pelo Senhor, mas de forma interrogativa e irônica.

i. Cf. Is 20,3.

j. *O anel* no nariz, como para os prisioneiros, Ez 19,4,9; cf. também os baixos-relevos assírios. *O freio* na boca, à semelhança do que se coloca em um animal que se pretende domar, SI 32,9.

k. Sinal profético descrito no mesmo estilo de IRs 13,3-5; Jr 44,29-30 e cujo sentido aparece com bastante nitidez: a libertação só se realizará após um tempo de provações. *Semeiar, ceifar e comer* o produto das colheitas significa o retorno à vida pacífica e normal.

l. Cf. o tema do pequeno resto e dos sobreviventes em Is 1,9; 4,2-4; 6,13; 10,21-22, etc.

m. Cf. o final de Is 9,6.

n. Por ocasião de um cerco, os sitiados arremessavam suas flechas abrigando-se atrás de escudos fixos; sob a proteção de suas flechas erguiam plataformas (cf. Jr 6,6; Ez 4,2 e 26,8), graças às quais podiam alcançar o topo da muralha.

³³ O caminho que tomou, ele o retomará; nesta cidade não entrará — oráculo do SENHOR —;

³⁴ protegerei esta cidade para a salvar, em consideração a mim e a meu servo David³⁵.

³⁵ Naquela noite, o anjo do SENHOR saiu e, no acampamento dos assírios, exterminou cento e oitenta e cinco mil homens³⁶. Ao levantar de manhã, só se viam cadáveres, mortos! ³⁶ Senakerib, rei da Assíria, pôs-se em fuga; voltou para Nínive e lá permaneceu. ³⁷ Ora, como ele se prosternasse na casa de seu deus Nisrok³⁸, seus filhos³⁹ Adramélek e Saréser mataram-no à espada, e depois fugiram para a terra de Ararat⁴⁰. Seu filho Asaradon se tornou rei em seu lugar⁴¹.

20 Enfermidade e cura de Ezequias⁴².

¹ Naqueles dias⁴³, Ezequias foi atingido por enfermidade mortal. O profeta Isaías, filho de Amôs, foi ter com ele e lhe disse: “Assim fala o SENHOR: Dá ordens à tua casa, pois vais morrer e não escaparás!” ² Ezequias voltou o rosto para a parede e orou ao SENHOR, dizendo: ³ “Ah! SENHOR, lembra-te de que andei em tua presença com fidelidade e pureza de

coração, fazendo o que é reto aos teus olhos”. E Ezequias chorou copiosamente. ⁴ Isaías ainda não saíra do pátio central⁴⁴, quando lhe veio a palavra do SENHOR: ⁵ “Volta e dize a Ezequias, chefe do meu povo: ‘Assim fala o SENHOR, o Deus de David, teu pai: Ouvi tua oração e vi tuas lágrimas’. Pois bem, vou curar-te! Dentro de três dias subirás à Casa do SENHOR⁴⁵. ⁶ Acrescento quinze anos a teus dias. Libertarei a ti e a esta cidade das mãos do rei da Assíria; protegê-la-ei em consideração a mim e a meu servo David⁴⁶”.

⁷ E disse Isaías: “Trazei um bolo de figos!” Trouxeram-lhe um, e o aplicaram sobre os tumores do rei, que ficou curado.

⁸ Ezequias disse a Isaías: “Por qual sinal⁴⁷ saberei que o SENHOR me curará e que, dentro de três dias, poderei subir à Casa do SENHOR?” ⁹ Isaías respondeu: “Eis o sinal para saberes que o SENHOR cumpriará a palavra que falou: queres que a sombra avance ou retroceda dez graus?” ¹⁰ Ezequias disse: “Para a sombra é fácil avançar dez graus, mas não retroceder dez graus”. ¹¹ Então o profeta Isaías invocou o SENHOR que fez a sombra recuar dez graus do lugar a que descera nos degraus de Acaz⁴⁸.

1Rs 2.4;
3.6
1Rs 8.61;
11.4;
15.3.14

o. Jerusalém é a um só tempo a cidade onde reside o Senhor (cf. Is 60.14; Sl 46.5; 48.9; 87.3; 101.8) e a cidade de David, cf. 2Sm 5.7.9; 6.10. A esse duplo título, a cidade deve sua salvação; e era na sua sobrevivência que se baseava a esperança do pequeno resto.

p. Cf. Is 17.14 e Jr 48.21. Quanto ao anjo exterminador, cf. Gn 19.13; Ex 12.23 e 2Sm 24.16. *Aquela noite* poderia evocar a noite em que os primogênitos do Egito foram abatidos pelo exterminador, cf. Ex 12.12-13. Segundo Heródoto, o exército assírio teria sido invadido por ratos, o que teria provocado a peste no acampamento.

q. O deus Nisrok não figura no panteão assírio-babilônico; talvez se trate do deus assírio Nusku ou de Marduk, de Babilônia.

r. Seus filhos, acréscimo ao texto recebido, de acordo com diversos mss. hebr., as versões e Is 37.38. Adramélek também aparece como nome de uma divindade em 17.31; mencionam-se estátuas divinas em um relato da morte de Senaquerib que se encontra nos Anais de seu neto Assurbanipal.

s. Ararat: a Armênia, cf. Gn 8.4.

t. Asaradon reinou de 680 a 669 a.C.

u. Relato paralelo, com algumas variantes, em Is 38.1-8. 21-22, inserindo uma longa súplica de Ezequias, vv. 9-20.

v. *Naqueles dias* (cf. 2Rs 10.32; 15.37) é indicação cronológica muito vaga. De fato, a enfermidade de Ezequias e a embaiada de Merodak-Baladan certamente seriam anteriores à campanha de Senaquerib contra Jerusalém; caso contrário, os quinze

anos de sobrevida concedidos ao rei levariam a supor que o cerco a Jerusalém tenha ocorrido antes de 701; cf. v. 6 e principalmente v. 13 (nota).

w. Lit. *saido do pátio do meio* (“texto lido”); trata-se de um dos pátios do palácio real; cf. 1Rs 7.8-9 e 12; Jr 36.20. Essa primeira parte do v. falta em Is 38.4.

x. Cf. Sl 39.13; 56.9.

y. A promessa da cura e da subida ao templo não é mencionada no texto hebr. de Is 38.5.

z. Cf. 19.34 nota. *Por minha causa e por causa de meu servo David* falta em Is 38.6.

a. Ezequias pede um sinal, isto é, um milagre que garanta a profecia do v. 6; cf. Jz 6.17-40; Is 7.10.

b. Os vv. 7-8, com algumas variantes, são mencionados em Is nos vv. 21-22, após a súplica do rei. O v. 7 parece provir de outra fonte: separa inabilmente o v. 6 de 8-11 (verifica-se a mesma desordem em Is 38.21-22), desordem à qual tradutores modernos procuram remediar deslocando esse v. para depois de 11, em 2Rs 20, e para depois de 22, em Is 38; além do mais, o emprego de um bolo de figos como remédio (atestado nos textos de Ugarit como remédio de cavalo!) reduz o aspecto miraculoso da cura explicitamente atribuída ao Senhor nos vv. 5 e 8-9.

c. Durante muito tempo pensou-se que os *degraus de Acaz* se referissem a um quadrante solar provido de uma haste projetando uma sombra sobre uma superfície plana graduada. O rolo de Is encontrado em Qumran registra os *degraus do aposento su-*

Embaixada de Merodak-Baladan e intervenção de Isaías^d. ¹²Naquele tempo, Merodak-Baladan^e, filho de Baladan rei de Babilônia, enviou cartas e presentes a Ezequias, porquanto fora informado de que este se achava enfermo^f. ¹³Regozizou-se^g Ezequias com a vinda dos mensageiros^h e mostrou-lhes todo o seu acervo, a prata, o ouro, os aromas, o óleo perfumado, seu arsenal e tudo quanto se encontrava em seus tesouros; nada houve em sua casa e em seus domínios que Ezequias não lhes houvesse mostradoⁱ.

¹⁴O profeta Isaías foi procurar Ezequias para dizer-lhe: "Que te disseram aqueles homens e de onde vinham?" Ezequias respondeu: "Vinham de uma terra longínqua, de Babilônia". ¹⁵Isaías perguntou ainda: "Que viram em teu palácio?" E Ezequias respondeu: "Viram tudo quanto havia no palácio, nada ficou em meus tesouros que não lhes tivesse mostrado". ¹⁶Isaías declarou a Ezequias: "Ouve a palavra do SENHOR: ¹⁷Dias virão em que será levado para Babilônia tudo que existe em teu palácio e tudo quanto teus antepassados amalharam até hoje; nada restará, diz do SENHOR. ¹⁸Levarão vários dos teus filhos, dos que de ti nasceram, dos que tu geraste: serão feitos eunucos no palácio do rei de Babilônia^k". ¹⁹Eze-

quias respondeu a Isaías: "Está certa a palavra do SENHOR que proferiste". Ele pensava: "Não significa, porventura, a paz e a esperança nos meus dias?"

²⁰Os demais atos de Ezequias, seus grandes feitos, o que ele fez, o reservatório e o canal construídos para levar água até a cidade^l, não está isso escrito nos Anais dos reis de Judá? ²¹Ezequias adormeceu junto de seus pais^m. Seu filho Manassés se tornou rei em seu lugar.

21 Manassés, rei de Judá. ¹Manassés ^{2Cr 33,1-20} tinha doze anos quando se tornou rei, e reinou durante cinquenta e cinco anos em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Hefsi-bahⁿ. ²Ele fez o mal aos olhos do SENHOR, imitando os atos abomináveis das nações que o SENHOR havia despossado diante dos filhos de Israel^o. ³Reconstruiu os lugares altos que seu pai Ezequias fizera desaparecer^p. Ergueu altares a Báal, erigiu um poste sagrado como fizera Acab, rei de Israel^q e prosternou-se perante todo o exército celeste, ao qual serviu^r. ⁴Edificou altares na Casa do SENHOR, a respeito da qual o SENHOR dissera: "Em Jerusalém estabecerei meu nome^s". ⁵Nos dois átrios da Casa do SENHOR^t construiu altares dedicados a todo o exército celeste. ⁶Fez passar seu

perior de Acuz (Is 38,8. cf. 2Rs 23,12); tratar-se-ia dos degraus de uma escada externa dando acesso a esse aposento, cuja sombra se projetaria sobre os degraus.

d. Relato quase literalmente paralelo em Is 39.

e. De acordo com vários mss. hebr., as versões gr. e sir. e Is 39,1. deve-se ler *Merodak* ao invés de *Berodak* do "texto recebido". Trata-se do rei de Babilônia, Marduk-Apalidina (cf. o nome de Marduk, deus nacional de Babilônia). *Merodak-Baladan*, que reinou de 721 a 710 a.C., teve de entregar a região a Sargon II da Assíria, mas voltou em 703, após a morte deste último (em 705). Essa segunda data é a que melhor convém a nosso texto.

f. Is 39,1 registra ainda: e que ele se restabelece. O rei de Babilônia que acabara de reconquistar a independência quer ter como aliado o rei de Judá.

g. De acordo com diversos mss. hebr., versões gr. sir. e lat., e Is 39,2. deve-se ler o verbo *samah*, alegrar-se, ao invés de *shama*, aprender, do "texto recebido".

h. Lit. *A respeito deles*.

i. A exibição de todas as riquezas reais deve ter ocorrido antes que Ezequias tivesse de entregá-las a Senaquerib (cf. 18,15-16).

j. A intervenção do profeta é duplamente justificada: Isaías tolerava dificilmente o acúmulo de riquezas (cf. Is 2,7 e sua diatribe contra o luxo das mulheres, 3,16-26); tolerava ainda

menos os conchavos políticos com vistas a uma aliança que implicava a visita de cortesia do rei de Babilônia, cf. Is 10,20; 30,1-7; 31,1-3.

k. Provavelmente o poeta visa à deportação para Babilônia da família real e de toda a elite de Judá (em 597 e 587, ou seja, um século após).

l. Quanto aos trabalhos empreendidos por Ezequias para levar água até a cidade, cf. Is 22,11; 2Cr 32,30; Jr 48,17. No século passado descobriu-se o famoso canal cavado na rocha, com uma inscrição comemorativa no interior.

m. A fórmula corrente e foi sepultado na cidade de David não consta deste texto: de acordo com 2Cr 32,33, Ezequias foi sepultado num túmulo à parte.

n. Reinou de 687 a 642 a.C., quarenta e seis anos.

o. *Hefsi-bah*, i. é. *nela está meu prazer*. De acordo com Is 62,4, tal será o nome da nova Jerusalém.

p. Sobre as abominações das nações, cf. 1Rs 14,24 nota.

q. Cf. 18,4 nota.

r. Cf. 1Rs 16,32-33.

s. Cf. 17,16 nota.

t. Cf. 1Rs 14,21 nota.

u. Quanto aos dois átrios do Templo, cf. Jr 36,10, que se refere ao átrio superior, e 2Cr 20,5 que alude ao novo átrio.

filho pelo fogo"; praticou encantamentos e magia, instituiu necromantes e adivinhos". Ele irritou o SENHOR de tanto fazer o mal a seus olhos. ⁷O ídolo de Ashera^a que ele fabricara, instalou-o na Casa da qual o SENHOR dissera a David e a seu filho Salomão: "Nesta casa, bem como em Jerusalém, que escolhi entre todas as tribos de Israel, estabelecerei meu nome para sempre. ⁸Assim, não deixarei que os passos de Israel vagueiem longe da terra que dei a seus pais, contanto que eles se empenhem em agir segundo o que lhes ordenei, em conformidade com toda a Lei que meu servo Moisés lhes ordenou". ⁹Eles, porém, não lhe obedeceram; Manassés os desviou a ponto de eles praticarem o mal ainda mais que as nações que o SENHOR exterminara diante dos filhos de Israel.

¹⁰Então o SENHOR falou por intermédio dos seus servos, os profetas, dizendo: ¹¹"Porque Manassés, rei de Judá, cometeu essas ações abomináveis, e, porque fez o mal mais que o haviam feito antes dele os emoritas^a, e ainda porque induziu Israel a pecar com seus ídolos^a, ¹²por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel: 'Eis que atrairei sobre Jerusalém e Judá uma desgraça tal que fará tinir os dois ouvidos de quem dela tiver conhecimento'. ¹³Estenderei sobre Jerusalém o cordão de Samaria e o nível da casa de Acab^b. Limparei Jerusalém como se limpa um prato: limpa-se e depois se

vira para baixo. ¹⁴Abandonarei o resto de meu patrimônio^c; entregá-lo-ei nas mãos de seus inimigos, servirão de presa e despojo para todos seus inimigos; ¹⁵pois fizeram o mal a meus olhos e não cessaram de me ofender, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje^d". ¹⁶Manassés derramou também o sangue inocente^e em tal quantidade que dele encheu Jerusalém completamente^f, sem falar do pecado que ele induziu Judá a cometer, fazendo o mal aos olhos do SENHOR.

¹⁷Os demais atos de Manassés, tudo quanto fez, o pecado que cometeu, não está isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ¹⁸Manassés adormeceu junto de seus pais e foi sepultado no jardim de sua casa, o jardim de Uzã^a; seu filho Amon se tornou rei em seu lugar.

Amon, rei de Judá. ¹⁹Amon tinha vinte e dois anos quando se tornou rei, e ele reinou durante dois anos em Jerusalém^b. Sua mãe chamava-se Meshulmet; e era filha de Haruș, de Iotbá. ²⁰À semelhança de seu pai Manassés, Amon fez o mal aos olhos do SENHOR. ²¹Seguiu exatamente o caminho que seu pai seguira. Serviu os ídolos a que seu pai servira e prosternou-se diante deles. ²²Abandonou o SENHOR, o Deus de seus pais, e não seguiu o caminho do SENHOR.

²³Os servos de Amon conspiraram contra o rei e o mataram em sua casa^c. ²⁴O

2Cr 33,
21-25

v. Cf. 16,3 nota.

w. Práticas formalmente proibidas por Dt 18,10-11; cf. Is 2,6; 8,19; Mq 5,11. Sobre a adivinhação, ver 1Sm 28,3 e nota.

x. Cf. 1Rs 15,13 nota.

y. Cf. 1Rs 21,26 nota.

z. Cf. 1Rs 15,12 nota.

a. Cf. Jr 19,3. Note-se que a expressão *atrairei uma desgraça* é característica de Jr, 6,19; 11,11; 19,3; 45,5. A expressão final do v. é provavelmente uma expressão proverbial, cf. 1Sm 3,11 e Jr 19,3.

b. Estender o cordão sobre uma cidade, seja para destruí-la, Lm 2,8, seja para reconstruí-la, Jr 31,39. *O cordão de Samaria* e o *nível da casa de Acab* significam que Jerusalém e a dinastia ali reinante terão a mesma sorte que Samaria e a casa de Acab.

c. Israel é o *patrimônio* do Senhor, cf. Dt 4,20; 9,26; 1Sm 10,1; 1Rs 8,53; Is 19,25; Jr 10,16; Mq 7,14,18 e, principalmente, os Salmos. O *resto de seu patrimônio* é a tribo de Judá. Compare este v. com Jr 12,7.

d. O tema da infidelidade do povo desde a saída do Egito até o presente dia é caro a Jr (3,25 e principalmente 7,25-26). Nessas vv. 10-15 encontramos as idéias de Jr, bem como sua expressão *meus servidores, os profetas*.

e. Trata-se das condenações à morte de inocentes (cf. Dt 19,13; 21,8-9; Jr 7,6; 22,3,17; 26,15), especialmente dos que protestaram contra a introdução do paganismo por Manassés, e também do sangue derramado por ocasião dos sacrifícios humanos (cf. Jr 19,4; Sl 106,38). A tradição judaica (Talmud; Ascensão de Isaias) atribui a Manassés a morte de Isaias, cf. Hb 11,37 nota.

f. Lit. *borda a borda*.

g. Nem Manassés, nem Amon, v. 26, foram sepultados na cidade de David. Já em relação a Ezequias (20,21) notou-se a ausência da fórmula corrente. Cf. 1Rs 13,22 nota.

h. Amon reinou de 642 a 640 a.C.

i. Houve outras conspirações contra os reis de Judá, cf. 12,21; e 14,19.

povo da terra¹, porém, matou todos os que haviam conspirado contra o rei Amon e, em seu lugar, constituiu rei a seu filho Josias.

²⁵Os demais atos de Amon, o que ele fez, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ²⁶Sepultaram-no em seu túmulo, no jardim de Uza^k. Seu filho Josias reinou em seu lugar.

22 Josias, rei de Judá; descoberta do livro da Lei.

¹Josias tinha oito anos quando se tornou rei, e reinou durante trinta anos em Jerusalém¹. Sua mãe chamava-se Iedidá, era filha de Adaíá e natural de Boşqat^m. ²Fez o que é reto aos olhos ao SENHOR e seguiu exatamente o caminho de seu pai Daviⁿ, sem desviar-se nem para a direita, nem para a esquerdaⁿ.

³No décimo oitavo ano de seu reinadoⁿ, o rei Josias enviou o secretário Safan, filho de Aşaliáhu, filho de Meshulâm, à casa do SENHOR, dizendo-lhe: ⁴"Vai ter com Hîlqiáhu, o sumo sacerdoteⁿ, para que ele faça a soma do dinheiro levado à Casa do SENHOR e recolhido junto ao povo pelos guardas do limiar^r. ⁵Seja o dinheiro entregue aos empreiteiros encarregados das obras de restauração e aos responsáveis pela Casa do SENHOR para pagarem aos que, na Casa do SENHOR, trabalham na reparação das avarias: ⁶carpinteiros, construtores e pedreiros; e para

que se comprem vigas e pedras de cantaria para a restauração da Casa. ⁷Mas que ninguém lhes peça contas do dinheiro entregue em suas mãos, pois são confiáveis no que fazemⁿ".

⁸O sumo sacerdote Hîlqiáhu disse ao secretário Safan: "Encontrei na Casa do SENHOR o livro da Lei!" E Hîlqiáhu entregou o livro a Safan que o leu. ⁹O secretário Shafan foi ter com o rei, a fim de lhe prestar contas de sua missão, e disse: "Teus servos recolheram o dinheiro encontrado na Casa e o entregaram nas mãos dos empreiteiros das obras, responsáveis pela Casa do SENHOR". ¹⁰Depois o secretário Shafan comunicou ao rei: "O sacerdote Hîlqiáhu entregou-me um livro". E Shafan leu perante o rei. ¹¹Este, ao ouvir as palavras do livro da Leiⁱ, rasgou as vestes. ¹²Em seguida, ordenou ao sacerdote Hîlqiáhu, a Ahiqâm, filho de Shafan, a Akbor, filho de Mikaíá, ao secretário Shafan e a Asaíá, servo do rei: ¹³"Ide consultar o SENHORⁿ para mim, para o povo, para toda Judá, a respeito das palavras desse livro que foi encontrado; pois grande é a ira do SENHOR que se inflamou contra nós, porque nossos pais não obedeceram às palavras desse livro e não agiram de acordo com o que ali se acha escritoⁿ".

¹⁴O sacerdote Hîlqiáhu, Ahiqâm, Akbor, Shafan e Asaíá foram ter com a profetisa Huldá^a, mulher de Shalum, guarda do

2Cr 34,1-2

2Cr 34,8-28

2,12; 19,1;
Gn 37,29;
Jz 11,35;
Esd 9,6 etc.

j. A fidelidade da tribo de Judá e de seu povo à dinastia davídica manifestou-se muitas vezes no decorrer da história de Judá, cf. 1Rs 12,20; 2Rs 14,21 e 23,30. Existe aí um contraste impressionante com o reino de Israel, que conheceu, nos seus duzentos e dez anos de história, numerosas mudanças de dinastias, cf. 1Rs 15,28 nota.

k. Cf. v. 18 nota.

l. Reinou de 640 a 609 a.C.

m. Localidade situada na Baixada (Js 15,39), isto é, na planície que margeia o Mediterrâneo (Shefelá).

n. Quanto à retidão do rei David, pai da dinastia, cf. 1Rs 11, 33,38; 14,8; 15,5. Repete-se, com variantes, o mesmo julgamento, a respeito de alguns reis de Judá: Asá, em 1Rs 15,11; Josafat, em 22,43; Joás, em 2Rs 12,3; Amasias, em 14,3; Azarias, em 15,3; Iotâm, em 15,34; Ezequias, em 18,3 e, finalmente, aqui, a respeito de Josias. A expressão fazer o que é reto aos olhos do Senhor é tipicamente deuteronomista: Dt 6,18; 12,25; 13,19; 21,9. Retidão essa que se manifesta pela observância dos mandamentos.

o. A fórmula final do v. 2 é característica do Dt: Dt 2,27; 5,32; 17,11,20; 28,14; cf. também Js 1,7; 23,6.

p. Em 622 a.C.

q. Cf. 2Rs 12,11 nota.

r. A função dos sacerdotes *guardas do limiar*, a do secretário do rei e a do sacerdote-chefe, em relação ao dinheiro que o povo doava ao Templo para sua restauração, haviam sido estabelecidas pelo rei Joás, 12,10-16. Josias mais não faz que aplicar uma legislação velha aproximadamente de 200 anos.

s. A expressão *livro da Lei* encontra-se apenas em Dt 28,61; 29,20; 30,10; 31,26; Js 1,8; 8,34. Trata-se aqui, no mínimo, da seção legislativa do Dt, que vai inspirar a Josias sua reforma religiosa.

t. As palavras do livro da Lei, cf. Dt 17,18-19; 28,58; 31,24; Js 8,34.

u. Consultava-se o Senhor por intermédio de um profeta, 1Rs 22,7-8; Jr 21,2; cf. também 1Rs 14,5.

v. Outras profetisas também são mencionadas na Bíblia: Miriâm, Ex 15,20; Deborah, Jz 4,4; Noadía, Ne 6,14; Ana, Lc

vestiário*, filho de Tiqvá, filho de Harhás. Ela morava no bairro novo^a de Jerusalém. Eles a consultaram, ¹⁵e ela lhes respondeu: "Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim: ¹⁶'Assim fala o SENHOR: Vou atrair uma desgraça⁷ sobre este lugar e sobre seus habitantes, cumprindo todas as palavras do livro que o rei de Judá leu. ¹⁷Porque me abandonaram e queimaram incenso a outros deuses, irritando-me por todas as obras de suas mãos⁸, minha ira inflamou-se contra este lugar e não se apagará!'" ¹⁸Contudo, ao rei de Judá que vos enviou para consultar o SENHOR, direis o seguinte: 'Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Tu ouviste bem estas palavras, ¹⁹porquanto teu coração foi tocado e te humilhaste perante o SENHOR, quando escutaste as palavras que proferi contra este lugar e seus habitantes — este lugar tornar-se-á desolação e maldição^b —; e, já que rasgaste as vestes, chorando em minha presença, pois bem, eu também ouvi^c — oráculo do SENHOR —; ²⁰por isso, vou reunir-te a teus pais; reunir-te-ás a eles em paz, no túmulo, e teus olhos nada verão da desgraça que atrairei sobre este lugar¹". Os emissários levaram a resposta ao rei.

v. 11

2Cr 34, 29-33

23 A reforma de Josias em Judá e Israel. 'O rei mandou dizer a todos

2.36. Não se trata nem de Jeremias, nem de Sofonias, mas de *Huldá*, provavelmente porque ela morava nas proximidades do Templo, onde seu marido exercia o cargo de sacerdote.

w. Certamente algum funcionário do Templo, encarregado das vestes litúrgicas. Também no templo de Báal, em Samaria, havia um empregado que exercia semelhante função (10.22).

x. Lit. na segunda, cf. Sf 1.10. O novo quartirão de Jerusalém, construído a nordeste do Templo, teria sido protegido por uma muralha edificada por Ezequias.

y. Cf. 21.12 nota.

z. Vale dizer, os ídolos, cf. 19.18 nota.

a. Cf. Jr 7.20 e 17.27.

b. Expressão característica de Jr: 24.9; 25.18; 26.6; 42.18; 44.8.22; 49.13.

c. Esta longa frase torna-se clara quando se observa a oposição que há entre seu início (v. 18) e seu fim: *Tu ouviste bem essas palavras, porquanto... e pois bem, eu também ouvi*. Outros tradutores julgam que o início corresponde a uma frase inacabada: *As palavras que ouviste! Porquanto...*

d. *Homens de Judá e habitantes de Jerusalém*, expressão característica de Jr: 4.4; 11.2; 17.25; 18.11; 32.32 etc.; igual-

os anciãos de Judá e de Jerusalém que se reunissem em sua presença. ²Em seguida, subiu à Casa do SENHOR, em companhia de todos os homens de Judá e de todos os habitantes de Jerusalém: sacerdotes, profetas e todo o povo, pequenos e grandes^d. Fez-lhes, então, a leitura de todas as palavras do livro da aliança encontrado na Casa do SENHOR. ³De pé sobre o estrado^e, o rei firmou diante do SENHOR a aliança que obriga a seguir o SENHOR, a guardar seus mandamentos, suas exigências e decretos, de todo o coração e com todo o seu ser^f, observando as palavras dessa aliança^g escritas no livro. Todo o povo se comprometeu a cumprir a aliança.

Ex 24.7

⁴O rei então ordenou ao sumo sacerdote Hilqiáhu, aos segundos sacerdotes e aos guardas do limiar^h, que mandassem retirar do Templo do SENHORⁱ todos os objetos fabricados em honra de Báal, de Asherá e de todo o exército celeste^j. Queimaram-nos fora de Jerusalém, nos campos do Cedron, e levaram as cinzas para Betel^k. ⁵Ele pôs fim aos falsos sacerdotes^l que os reis de Judá haviam estabelecido para queimar incenso nos lugares altos das cidades de Judá e das cercanias de Jerusalém; como também aos que queimavam incenso em honra de Báal, do sol, da lua, das constelações e de todo o exército celes-

mente os sacerdotes e os profetas: 4.9; 13.13; 26.7-8.11.16; e ainda: *todo o povo, pequenos e grandes*: 8.10; 42.1.8.

e. Lugar reservado ao rei, no Templo.

f. *De todo seu coração e de todo seu ser*, fórmula de Dt: 4.29; 10.12; 11.13; 13.4; 26.16; 30.2.10. *Mandamentos, exigências e decretos do Senhor*, mesma enumeração que em Dt 6.17.

g. Cf. Dt 28.69; 29.8; Jr 11.2.3.6.8.

h. *Aos segundos sacerdotes*, cf. 25.18, onde lemos o singular ao invés do plural. A função do segundo sacerdote parece estar bem definida em Jr 20.1-2 e 29.24-29. Quanto aos *guardas do limiar*, cf. 2Rs 12.10 nota.

i. O termo hebr. *hekal* às vezes designa uma parte da Casa do Senhor, a *grande sala*, cf. 1Rs 6.3 e alhures. Aqui, porém, parece designar todo o conjunto do edifício e os seus átrios (cf. v. 6; igualmente em 24.13 e Jr 7.2-4, onde a expressão aparece paralelamente a *Casa do Senhor*).

j. Objetos fabricados em honra das divindades, no reinado de Manassés, 21.3-7.

k. Cf. v. 15.

l. Cf. Os 10.5 nota. A sorte reservada a essa categoria de sacerdotes difere da dos sacerdotes aos quais se referem os vv. 8-9.

te". ⁶Transportou, da Casa do SENHOR para fora de Jerusalém, o poste sagrado", que ali foi queimado, reduzindo-o a cinzas, que lançou na vala comum". ⁷Demoliu as casas dos prostitutos sagrados⁸ que se achavam na Casa do SENHOR, e onde as mulheres teciam vestes⁹ para Ashera. ⁸Mandou vir das cidades de Judá todos os sacerdotes e profanou os lugares altos em que estes sacerdotes haviam queimado incenso, desde Gueba até Beer-Sheba¹⁰. Destruíu os lugares altos das portas: o que se encontrava junto à entrada da porta de Josué, chefe da cidade, à esquerda de quem passasse pela porta da cidade. ⁹No entanto, os sacerdotes dos lugares altos não podiam subir ao altar do SENHOR situado em Jerusalém; a eles só se permitia comer os pães ázimos em companhia de seus irmãos¹¹.

¹⁰Ele profanou também o Tôfet que ficava no vale de Ben-Hinom, para que a ninguém mais fosse possível passar seu filho ou sua filha pelo fogo em honra de Môlek¹². ¹¹Pôs fim aos cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao sol, na entrada da Casa do SENHOR, perto do aposento do eunuco Netan-Mélek, situado nos anexos, e queimou os carros do sol. ¹²O rei também demoliu os altares que se achavam sobre o terraço de Acáz¹³,

erguidos pelos reis de Judá, bem como os altares construídos por Manassés nos dois átrios da Casa do SENHOR¹⁴; arrancou-os dali e atirou as cinzas no vale do Cedron. ¹⁵O rei profanou ainda os lugares altos que se encontravam diante de Jerusalém, ao sul do monte da Destruição¹⁵, e que Salomão, rei de Israel, edificara em honra de Astarte, execrável ídolo dos sidônios; de Kemosh, execrável ídolo de Moab; e de Melcom, abominação dos filhos de Amon¹⁶. ¹⁴Quebrou as estelas, derrubou os postes sagrados e encheu seus lugares de ossos humanos¹⁷.

¹⁵Josias igualmente demoliu o altar que estava em Betel¹⁸, lugar alto construído por Jeroboão, filho de Nebat, a fim de arrastar Israel ao pecado; destruiu esse altar bem como seu lugar alto; queimou o lugar alto, reduziu-o a cinzas e lançou às chamas o poste sagrado. ¹⁶Depois, tendo-se voltado, Josias percebeu os túmulos que se encontravam ali na montanha; mandou que trouxessem as ossadas daquelas sepulturas e queimou-as sobre o altar; profanou-o segundo a palavra do SENHOR proclamada pelo homem de Deus¹⁹, o homem que anunciara essas coisas. ¹⁷E Josias indagou: "Que monumento é esse, que estou vendo?" Os

m. Mesma enumeração que em Dt 4,19, excetuando-se a alusão a Baál; além disso, em lugar da palavra *estrelas* aparece o termo *constelações*, proveniente do babilônio.

n. Cf. 1Rs 15,13 nota; 16,33.

o. Lit. *a sepultura dos filhos do povo*, cf. Jr 26,23.

p. Cf. 1Rs 14,24 nota.

q. Lit. *teciam casas*. A tradução baseia-se na versão gr.

r. Territórios que limitam ao norte e ao sul o reino de Judá.

s. Quanto aos pães ázimos, cf. Ex 12,15 nota. Apesar da legislação deuteronomica prever para os sacerdotes das províncias os mesmos direitos de que gozavam os sacerdotes de Jerusalém (Dt 18,6-8), os sacerdotes dos lugares altos não puderam usufruir das prerrogativas do sacerdócio oficial.

t. O vale do filho de Hinom (*Guê-Ben-Hinom*, Jr 7,31-32; 19,2,6; 32,35), delimita Jerusalém ao sudoeste; também chamado vale de Hinom (*Guê-Hinom*, Js 15,8; 18,16; Ne 11,30), tornou-se o protótipo da *Geena*, cf. Mt 5,22 nota e Ap 14,10 nota. Cf. Jr 2,23 nota e Jr 19,6. A respeito dos sacrifícios de crianças pelo fogo, cf. 2Rs 16,3 nota. Quanto ao Tôfet, cf. Jr 7,31 nota. Môlek (Moloc nas versões gr. e lat.) pode ter designado inicialmente um gênero de sacrifício, sacrifício humano, praticado nos meios semíticos ocidentais. Na Bíblia (cf. Lv 18,21; 20,2-5; 2Rs 23,10 e Jr 32,35), este termo, que geralmente se

relaciona com o sacrifício de uma criança, parece designar uma divindade. Observe-se que o deus dos amonitas, chamado Milkom em 1Rs 11,5, é também chamado Môlek no v. 7; é ainda esta palavra que entra na composição dos nomes dos deuses Adramélek e Anamélek (cf. 2Rs 17,31, que igualmente trata de sacrifícios de crianças pelo fogo em honra desses deuses). Cf. Lv 18,21 nota.

u. Quanto ao culto praticado nos terraços das casas, cf. Jr 19,13.

v. Cf. 2Rs 21,5 nota.

w. Trata-se do monte das Oliveiras (cf. aram. e gr.), que o hebr., em virtude de uma alteração ortográfica, chama *monte da Destruição*.

x. Cf. 1Rs 11,5-8,33.

y. O contato com um cadáver tornava a pessoa impura, Lv 21,1,11; Nm 9,6; 19,11. Compare-se com 18,4, onde o rei Ezequias quebra as estelas e corta o poste sagrado.

z. Em razão do enfraquecimento da Assíria, a reforma religiosa estende-se ao reino do Norte, sobre o qual Josias havia conquistado novamente certa autoridade. O rei ataca primeiro Betel, cujo santuário fora o centro do culto nacional desse reino.

a. Com o gr., dever-se-ia inserir aqui uma passagem ausente do "texto recebido": *quando Jeroboão permanecia junto do altar, durante a festa, Josias, tendo-se voltado, levantou o olhar*

habitantes da cidade responderam: "É a sepultura do homem de Deus que veio de Judá e anunciou as coisas que acabas de fazer sobre o altar de Betel". ¹⁸Ele disse: "Deixai-a, e ninguém toque em seus ossos!" Deixaram, pois, aqueles ossos intactos, bem como os do profeta que viera de Samaria.

¹⁹Josias mandou também demolir todas as casas dos lugares altos que se achavam nas cidades de Samaria e que os reis de Israel construíram, irritando o SENHOR. Agiu em relação a esses como agira em Betel. ²⁰Nos seus altares imolou todos os sacerdotes dos lugares altos que ali se achavam e neles queimou ossos humanos. Em seguida regressou a Jerusalém.

²¹O rei ordenou a todo o povo: "Celebrai a Páscoa do SENHOR, vosso Deus, em conformidade com o que está escrito neste livro da aliança". ²²Desde os tempos em que os juízes governaram Israel, e durante todo o período dos reis de Israel e de Judá, jamais se celebrara uma Páscoa semelhante àquela. ²³Foi no décimo oitavo ano do reinado de Josias^c que essa Páscoa do SENHOR foi celebrada em Jerusalém. ²⁴Josias igualmente aboliu os necromantes, adivinhos e terafins, os ídolos e toda a sordidez^d que se viam na terra de Judá e em Jerusalém, a fim de que se cumprissem as palavras da Lei inscritas no livro que o sacerdote Hilciah^e encontrara na Casa do SENHOR^f.

²⁵Não houve entre os seus antecessores um rei que, como ele^g, se tivesse convertido ao SENHOR de todo o seu coração, com todo o seu ser e com todas as suas forças^h, em plena conformidade com a Lei de Moisésⁱ; nem surgiu igual depois dele. ²⁶Todavia o SENHOR não reprimiu o ardor da grande cólera que o inflamava contra Judá, em razão das ofensas que Manassés cometera contra ele. ²⁷O SENHOR disse: "Até mesmo Judá repeliarei de minha presença, como já repeli Israel^j; rejeitarei esta cidade que escolhi, Jerusalém, e a Casa a respeito da qual eu havia dito: Ali estará meu nome^k".

²⁸Os demais atos de Josias, tudo quanto fez, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ²⁹No seu tempo o faraó Nekô^l, rei do Egito, subiu em direção ao Eufrates para se juntar ao rei da Assíria. O rei Josias marchou ao seu encontro, mas o faraó, assim que o viu, matou-o em Meguido^l. ³⁰Como estivesse morto, seus servos o transportaram num carro e o conduziram de Meguido a Jerusalém, onde o sepultaram em seu túmulo. O povo da terra elegeu Joacaz, filho de Josias^m, a quem eles ungiram e constituíram rei em lugar de seu pai.

Joacaz, rei de Judá. ³¹Joacaz tinha e três anos quando se tornou rei e reinou durante três meses em Jerusalémⁿ. Sua mãe chamava-se Hamutal, filha de Irmeiah^u.

até o túmulo do homem de Deus: provavelmente esta parte do texto desapareceu da versão hebr. em virtude de uma confusão atribuída à repetição da expressão *o homem de Deus*. Toda essa passagem faz alusão a 1Rs 12,33-13,32.

b. Cf. Dt 16,1-7. Essa Páscoa, celebrada no Templo de Jerusalém e não mais, como anteriormente, em cada cidade e em cada família (cf. Ex 12,21-23), transformava-se em uma peregrinação ao único santuário.

c. Quanto à data da descoberta do livro da Lei, cf. 22,3,8.

d. Os dois primeiros nomes dessa lista figuram em Dt 18,11 e os dois últimos, em Dt 29,16. Quanto aos *terafim* (ídolos que representavam as divindades domésticas, Gn 31,19,34), que o profeta Oseias ainda não condenava (Os 3,4 nota), são aqui assimilados a tudo quanto a legislação do Dt condena.

e. Cf. 22,8.

f. Encontra-se a mesma expressão em Dt 6,5. Cf. também Mc 12,30 e Lc 10,27: Mt porém omite a palavra "força".

g. Cf. 14,6 nota.

h. Cf. 18,5.

i. Cf. 17,18 nota.

j. O tema da escolha de um lugar em que o Senhor estabelecerá seu nome e no qual habitará é tipicamente deuteronômico. Dt 12,5,21; 14,23; 16,2,6,11; 26,2; cf. também 1Rs 14,21 nota.

k. O faraó Nekô reinou de 609 a 594 a.C. O rei do Egito marcha para socorrer o último rei da Assíria, cujas duas cidades principais Nínive e Assur caíram em 614 e 612, vencidas pelos babilônios e medos. Josias interveio para impedir a junção dos exércitos assírios e egípcios.

l. Um outro rei de Judá também foi morto em Meguido, 9, 27-28.

m. Cf. 21,24 nota. Joacaz é chamado Shalum em Jr 22,11 e 1Cr 3,15; a respeito do duplo nome cf. 2Rs 15,13 nota.

n. Em 609 a.C.

2Cr 35, 26-27

2Cr 36,1-4

de Libná. ³²Ele fez o mal aos olhos do SENHOR, exatamente como o fizeram os seus pais^o. ³³O faraó Nekô aprisionou-o em Riblá, no território de Hamat^o, a fim de impedi-lo que continuasse reinando em Jerusalém. O faraó Nekô impôs à terra um tributo de cem talentos de prata e um talento de ouro^o. ³⁴Constituiu rei a Eliaqim, filho de Josias, no lugar de Josias, seu pai, e mudou seu nome para Joaquim^r. Quanto a Joacaz, o faraó o fizera prisioneiro; foi deportado para o Egito, onde morreu.

³⁵Joaquim entregou a prata e o ouro ao faraó Nekô; e para dar ao faraó a soma exigida, impôs ao povo da terra à força um tributo em prata e ouro, a pagar de acordo com as possibilidades de cada um, para dá-lo ao faraó Nekô.

Joaquim rei de Judá. ³⁶Joaquim tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou durante onze anos em Jerusalém^s. Sua mãe chamava-se Zebidá, filha de Pedaiá, de Reumá^t. ³⁷Ele fez o mal aos olhos do SENHOR, exatamente como o fizeram os seus pais^s.

24 ¹No seu tempo, Nabucodonosor, rei de Babilônia, entrou em campanha^u; Joaquim, durante três anos, lhe foi submisso, mas depois virou-se e revoltou-se contra ele. ²O SENHOR^r enviou contra Joaquim bandos de caldeus, bandos de arameus, bandos de moabitas e bandos de amonitas; enviou-os contra Judá para

aniquilá-lo, de acordo com a palavra que o SENHOR proferira por intermédio dos seus servos, os profetas^t. ³Foi unicamente por ordem do SENHOR que tudo isso aconteceu a Judá, para afastá-lo de sua presença^r. Foi por causa dos pecados de Manassés e de tudo quanto este fizera, ⁴e também por causa do sangue inocente^t que derramara, enchendo com ele Jerusalém, que o Senhor não quis perdoar.

⁵Os demais atos de Joaquim, tudo quanto fez, não se acha isso escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? ⁶Joaquim adormeceu junto aos seus pais. Seu filho loiakin reinou em seu lugar. ⁷O rei do Egito não saiu mais de sua terra, porque o rei da Babilônia se apossara de tudo quanto lhe havia pertencido, desde a torrente do Egito até o rio Eufrates^s.

loiakin, rei de Judá. Primeira deportação de Judá. ⁸loiakin tinha dezoito anos quando se tornou rei, e reinou três meses em Jerusalém^s. Sua mãe chamava-se Neçushtá, filha de Elnatan de Jerusalém. ⁹Ele fez o mal aos olhos do SENHOR exatamente como o havia feito seu pai.

¹⁰Naquele tempo, os servos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, marcharam contra Jerusalém. A cidade sustentou o cerco. ¹¹Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi pessoalmente atacar a cidade que seus servos haviam sitiado. ¹²Então loiakin, rei de Judá, foi ao encontro do rei de Babilônia, em companhia de sua

2Cr 36,9-10

Jr 22,18
2Cr 36,5-8

o. *Seus pais*, e não *seu pai* como na fórmula corrente, que aqui é abandonada por causa do julgamento elogioso a Josias, pai de Joacaz, 22,2 e 23,25.

p. *Riblá*, situada no vale do Oronte, era vinculada ao território cuja capital era Hamat, cf. Jr 39,5-6; 52,9-10 e 26. O rei da Babilônia instalara ali seu quartel-general.

q. Tributo modesto, se comparado ao referido por 15,19-20 e 18,14-15, mas demasiadamente oneroso para um reino que caminhava para a ruína.

r. A mudança de nome caracterizava a dependência. O novo nome podia ser também o recebido por ocasião da coroação, cf. 2Rs 15,13 nota.

s. Joaquim reinou de 609 a 598 a.C. Era mais velho que seu irmão e antecessor Joacaz; cf. v. 31.

t. Localidade identificada com Arumá, perto de Siquém, cf. Jr 9,41.

u. Cf. v. 32 nota.

v. Lit. *subiu*. O nome de *Nabucodonosor* nos vem das versões

gr. e lat.; na língua de Babilônia *Nabu-Kudur-usur* e em hebr. *Nebukadnessar*. Ele reinou de 605 a 562 a.C. Depois de pôr fim ao império assírio, Babilônia venceu o Egito na batalha de Karkemish, em 605 (cf. Jr 46,2 nota), vitória que lhe garantiu o acesso à Síria e à Palestina, cf. v. 7. A revolta de Joaquim deve situar-se por volta de 600.

w. Conforme o hebr., Vulg. e sir., foi o próprio Senhor que lançou contra Judá, culpado, as tropas inimigas a soldo de Nabucodonosor. Cf. Is 5,26; 7,18-20; 10,6; Jr 1,15; 25,9, etc. O gr. atribui a incursão desses bandos estrangeiros a Nabucodonosor.

x. Cf. 17,13 nota. Realização das profecias de Huldá, 22, 16-20, e de Jr 25,9; 32,28; 36,29.

y. Cf. 17,18 nota e 17,23 nota.

z. Cf. 21,16 nota. Manassés permanece o principal culpado, cf. 21,11-15 e 23,26-27.

a. Cf. 1Rs 5,1 nota.

b. De meados de dezembro de 598 a 16 de março de 597.

mãe, seus servos, seus chefes e seus oficiais. Durante o oitavo ano de seu reinado^c, o rei de Babilônia o fez prisioneiro. ¹³Conforme o SENHOR dissera^d, Nabucodonosor se apoderou de todos os tesouros da Casa do SENHOR e da Casa real; quebrou todos os objetos de ouro que Salomão, rei de Israel, fabricara para o Templo do SENHOR. ¹⁴Deportou toda Jerusalém, todos os chefes, todas as pessoas de posses, ou seja, dez mil deportados, todos os artífices em metal e os ferreiros; não deixou restar senão o povo da terra de condição humilde. ¹⁵Deportou Ioiakin para Babilônia, bem como a mãe do rei^e, suas mulheres, seus oficiais e os principais da terra; levou-os em deportação de Jerusalém para Babilônia. ¹⁶Todos os homens ricos, em número de sete mil, os artífices em metal e os ferreiros, em número de mil, todos os militares valorosos, o rei da Babilônia os levou em deportação a Babilônia^f. ¹⁷Em lugar de Ioiakin, o rei de Babilônia constituiu rei a seu tio Matanías, cujo nome mudou para Sedecias^g.

Sedecias, último rei de Judá. Ruína de Jerusalém e deportação^h. ¹⁸Sedecias tinha vinte e um anos quando se tornou rei, e reinou durante onze anos em Jerusalémⁱ. Sua mãe chamava-se Hamutal, fi-

lha de Iirmiahu, de Libná^j. ¹⁹Ele fez o mal aos olhos do SENHOR, exatamente como fizera Joaquim^k.

²⁰Foi por causa da cólera do SENHOR que isso aconteceu a Jerusalém e a Judá, a ponto de rejeitá-los de sua presença^l.

Sedecias insurgiu-se contra o rei de Babilônia^m.

25 ¹No nono ano do reinado de Se- Jr 39.1-10
decias, no décimo mês, no dia dez do mêsⁿ, Nabucodonosor, rei de Babilônia, chegou diante de Jerusalém com todas as suas tropas. Tomou posição contra ela, e construíram-se aterros ao seu redor. ²A cidade sustentou o assédio até o décimo primeiro ano do reinado de Sedecias.

³No dia nove do mês^o, enquanto a fome se agravava na cidade e a população nada mais tinha para comer, ⁴abriram uma brecha na cidade. Durante a noite, todos os combatentes fugiram^p pela porta situada entre os dois muros, que dá para o jardim do rei^q, e tomaram o caminho da Arabá^r, conquanto os caldeus estivessem acampados ao redor da cidade. ⁵As tropas caldeias perseguiram o rei, que alcançaram na planície de Jericó; todas as suas tropas haviam sido dispersadas e o abandonaram. ⁶Os caldeus capturaram o rei e o fizeram subir a Riblá^s e, levando-o até o rei de Babilônia, anunciaram-lhe

^{2Cr 36, 11-16; Jr 52.1-11}
c. Trata-se do dia 16 de março de 597, que marca o término daquele oitavo ano, de acordo com o cômputo de 2Rs (aqui e em 25.8, bem como em Jr 52.12, cômputo judaico, enquanto em Jr 52.28-29 teríamos o cômputo babilônico: sétimo ano).
d. Realização da profecia de Isaías feita a Ezequias, cf. 20.17-18.
e. A respeito da deportação do rei e de sua mãe, cf. Jr 22.24-26, em que Ioiakin é chamado de *Konidhu*. Quanto ao nome duplo, cf. 2Rs 15.13 nota.
f. Os vv. 12 e 15 se seguem perfeitamente. Quanto aos vv. 14 e 16, são duplicatas em que as cifras apresentadas diferem (dez mil e oito mil) e parecem exageradas em comparação com Jr 52.28 (três mil e vinte e três).
g. Cf. 23.34 nota.
h. Jr 52 reproduz com ligeiras variantes 2Rs 24.18-25.21 e 25.27-30.
i. Reinou de 597 a 587 a.C.
j. Sedecias nasceu da mesma mãe que Joacaz (23.31) e foi o terceiro filho de Josias que subiu ao trono.
k. Joaquim, o seu irmão, e não Ioiakin, seu sobrinho e antecessor imediato. Embora o reinado deste último tenha merecido

um julgamento tão severo quanto o do primeiro, cf. 23.37 e 24.9, convém lembrar que Ioiakin, depois de passar 37 anos na prisão, mereceu o favor do rei da Babilônia; cf. 25.27-30.

l. Este v. serve de introdução ao relato da ruína de Jerusalém e da deportação de Judá, consumada pelo fim narrado em 25.20. Cf. 17.23 nota.

m. Como em relação a seu irmão Joaquim, cf. 24.1. A revolta do rei de Judá provoca a invasão do país.

n. Fim de dezembro de 589 a.C.

o. Jr 39.2 e 52.6 indicam com precisão que esse fato ocorreu no *décimo primeiro ano, no quarto mês, do reinado de Sedecias*, isto é, em fins de junho de 587 a.C.

p. Fugiram, acréscimo para o sentido. Jr 52.7 precisa: e *saiam da cidade*; cf. também Jr 39.4.

q. A porta entre as duas muralhas deve situar-se perto do reservatório do mesmo nome, cf. Is 22.11; essa porta abria-se para o jardim do rei, que se achava na parte sudeste da cidade, cf. Ne 3.15.

r. Designa o vale do lado ocidental do Jordão, cf. Dt 11.30 e Js 8.14.

s. Cf. 23.33 nota.

suas decisões¹. ⁷Degolaram os filhos de Sedecias sob os seus olhos, e depois Nabucodonosor vazou-lhe os olhos² e conduziu-o a Babilônia agridado com dupla corrente de bronze³.

⁸No quinto mês, no dia sete do mês, no décimo nono ano⁴ do reinado de Nabucodonosor, rei de Babilônia, Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal e servo⁵ do rei de Babilônia, chegou a Jerusalém. ⁹Incendiou a Casa do SENHOR e a casa do rei, bem como todas as casas de Jerusalém; ateou fogo também em todas as casas dos notáveis. ¹⁰Todas as tropas dos caldeus que acompanhavam o chefe da guarda pessoal demoliram a muralha que cercava Jerusalém. ¹¹Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, deportou o resto do povo que ainda permanecia na cidade e os desertores que se haviam aliado ao rei de Babilônia⁶, bem como a população restante. ¹²O chefe da guarda pessoal deixou uma parte do povo humilde da terra, a fim de que cultivassem pomares e campos⁷.

¹³Os caldeus quebraram as colunas de bronze da Casa do SENHOR, bem como os suportes e o Mar de bronze que se achavam na casa do SENHOR⁸, levando todo o bronze para Babilônia. ¹⁴Tomaram as bacias, as pás, as espevitadeiras, as taças e todas as alfaías de bronze destinadas ao culto. ¹⁵O chefe da guarda pessoal tomou os incensórios e as bacias de aspersão, tanto as de ouro como as de prata. ¹⁶Quanto às duas colunas, ao Mar — único — e os suportes que Salomão

mandara fabricar para a Casa do SENHOR, é impossível avaliar o peso do bronze daquelas peças. ¹⁷A primeira coluna tinha dezoito côvados de altura, e encimava-a um capitel de bronze de três côvados de altura⁹, que tinha ao seu redor entrelaçados e romãs, tudo em bronze. E como ela era também a segunda coluna, com seus entrelaçados.

¹⁸O chefe da guarda pessoal prendeu Seraia, o sacerdote-chefe¹⁰ e Şcfaniáhu, o segundo sacerdote¹¹. ¹⁹Também capturou na cidade o oficial responsável pelos soldados e cinco homens que faziam parte do serviço pessoal do rei¹² e que se encontravam ainda na cidade; capturou também o secretário, chefe do exército encarregado do recrutamento do povo da terra e, dentre estes, sessenta homens que se achavam na cidade. ²⁰Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, os fez prisioneiros e os conduziu ao rei da Babilônia, em Riblá¹³. ²¹O rei de Babilônia feriu e matou-os em Riblá, território de Hamat. E assim foi Judá deportado para longe de sua terra.

Godolias, governador de Judá; seu assassinato; parte da população foge para o Egito. ²²Sobre o povo que ficara em Judá, ali deixado por Nabucodonosor, rei de Babilônia, o rei nomeou para governá-lo Godolias, filho de Ahikam¹, filho de Shafan. ²³Quando todos os chefes das tropas, bem como seus homens,

Jr 40,7-9

t. Em Jr, o rei da Babilônia é quem anuncia a decisão a Sedecias. A expressão é característica de Jr: 1,16; 4,12; 39,5 e 52,9.

u. Ação atribuída explicitamente ao rei da Babilônia em Jr 52,10, que acrescenta: *ele degolou também, em Riblá, todos os chefes de Judá*.

v. Baixos-relevos assírios mostram o rei da Assíria vazando pessoalmente com a lança os olhos dos prisioneiros; cf. Jz 16,21, onde Sansão é condenado ao mesmo castigo.

w. Jr acrescenta: *onde ele o deixou no cárcere até o dia de sua morte*.

x. Fins de julho de 587 a.C. Em Jr 52,12 lê-se: *dez do mês ao invés de sete*.

y. Esse Nabuzaradan é igualmente conhecido através de documentos babilônicos onde aparece encabeçando uma lista de funcionários reais, com o nome de Nabuzeridinâm.

z. Quanto à sorte reservada aos desertores, cf. Jr 21,9.

a. Compare-se este v. com Jr 39,10.

b. Cf. 1Rs 7,15-37.

c. Cf. 1Rs 7,16 e Jr 52,22, onde os capitais têm cinco côvados de altura. Além disso, Jr especifica a espessura das colunas, bem como o número das romãs que contornavam o entrelaçado.

d. Este título encontra-se mui raramente na Bíblia, cf. os paralelos Jr 52,24; 2Cr 19,11; 24,6,11; 26,20 e, de forma mais desenvolvida, o *sacerdote-chefe da casa de Şadoq*, em 2Cr 31,10. Note-se que *sacerdote-chefe* de 2Cr 24,11 suplantou o *suno sacerdote* de 2Rs 12,11.

e. Cf. 2Rs 23,4 nota.

f. Cf. 2Rs 12,10 nota.

g. Lit. *que viam a face do rei*. Em Jr eles são um número de sete.

h. Cf. 2Rs 23,33 nota.

i. Sobre Ahikam, filho de Shafan, cf. 22,12 e Jr 26,24.

souberam que o rei de Babilônia constituiu Godolias governador, vieram ao encontro de Godolias em Mispá^l, acompanhados de seus homens: Iishmael, filho de Netaniá, Iohanan, filho de Qarêah, Seraia, filho de Tanhumet de Netofá^k, Iaaazaniáhu, filho do maakatita^l.

²⁴Godolias lhes fez, bem como a seus homens, essa solene declaração: "Não tendes medo de fazer parte dos servos dos caldeus^m! Permanecei na terra, servi ao rei de Babilônia e sereis felizes". ²⁵Todavia, no sétimo mêsⁿ do seu governo, Iishmael, filho de Netaniá, filho de Elishamá, de sangue real, veio com dez homens, e eles mataram Godolias, bem como os judeus e caldeus que com ele se achavam em Mispáⁿ. ²⁶Todo o povo, pequenos e grandes^p, e ainda os chefes das

tropas, puseram-se a caminho, fugindo para o Egito com medo dos caldeus^q.

Ioiakin é agraciado. ²⁷Durante o trigésimo sétimo ano da deportação de Ioiakin, rei de Judá^r, no dia vinte e sete do décimo segundo mês^r, Evil-Merodak^t, rei de Babilônia, no mesmo ano em que se tornou rei, agraciou e libertou^u Ioiakin, rei de Judá. ²⁸Falou-lhe amistosamente e deu-lhe um assento mais elevado que o dos outros reis que partilhavam sua sorte em Babilônia^v. ²⁹Fê-lo abandonar suas vestes de prisioneiro, e Ioiakin passou a tomar suas refeições constantemente na presença do rei, enquanto durou sua vida. ³⁰Sua subsistência, a subsistência cotidiana, lhe foi assegurada pelo rei, diariamente^w, durante todos os dias de sua vida^x.

j. Estando Jerusalém em ruínas, Guedaliá se fixa em Mispá, antigo lugar de reunião das tribos. Cf. Jz 20.1.3; 21.1.5; 1Sm 7.5-7, etc.

k. Segundo Esd 2.22 e Ne 7.26, *Netofá* se encontra em Judá; cf. também 2Sm 23.28-29.

l. Homem do clã de Maaká, concubina de Kaleb, cf. 1Cr 2.48.

m. Poder-se-ia traduzir também: *nada temais da parte dos servos dos caldeus*, mas o texto paralelo Jr 40.9 não justifica tal tradução.

n. Dois meses, portanto, após os acontecimentos relatados nos vv. 8-21, se o ano for o mesmo.

o. Relato paralelo mais desenvolvido em Jr 41.1-3.

p. Cf. 23.2 no final da nota.

q. A fuga para o Egito é objeto de um longo relato em Jr 41.16-43.7. Esses refugiados, provavelmente, se tornaram as colônias judaicas de Elefantina, de Assuan, do Alto-Egito e também do Delta.

r. Em 561 a.C.

s. Em Jr 52.31, dia 25 em lugar de dia 27 do mês.

t. *Evil-Merodak*, em babilônio Awil-Marduk, nome teóforo que significa *homem de Marduk*; cf. Merodak-Baladan (20.12 nota), que reinou de 561 a 560 a.C.

u. Lit. *ergueu a cabeça de Ioiakin, rei de Judá, fora da prisão* (cf. Gn 40.13-20), o que Jr expressa claramente, acrescentando: *e fê-lo sair da prisão*.

v. É possível que outros reis, prisioneiros com Ioiakin, tenham igualmente merecido as boas graças do rei da Babilônia. Mais tarde, a liberalidade dos reis persas não se manifestou apenas em relação aos habitantes da Judéia.

w. Jr acrescenta *até o dia de sua morte*. Num texto administrativo de Babilônia, o rei Ioiakin figura numa lista de personagens às quais se destinavam rações alimentares.

x. O fato de comer à mesa do rei é sinal de benevolência, cf. IRs 2.7 nota. O perdão concedido ao rei de Judá no exílio é sinal de esperança num futuro melhor. Em Jr os deportados são os herdeiros e os depositários das esperanças messiânicas (Jr 24.4-7).

ISAÍAS

INTRODUÇÃO

I. A FORMAÇÃO DO LIVRO

Sob o nome de Isaías encontra-se reunido um conjunto de 66 capítulos que, segundo indícios evidentes, não datam todos da mesma época. O fato de um livro ter uma pluralidade de autores não tem em si nada de surpreendente: muitos outros livros do Antigo Testamento apresentam um caráter compósito; mas, enquanto estes últimos são em geral anônimos, o livro de Isaías se apresenta sob o nome de um personagem, Isaías, que viveu em uma época bem precisa da história de Israel (1,1). A tese de um único autor teve e continua tendo os seus adeptos. A opinião tradicional judaica e cristã foi expressa pelo Sirácida (século II a.C.) o qual, depois de ter falado da atividade do profeta sob o rei Ezequias, diz “que ele viu o fim dos tempos e consolou os aflitos de Sião... anunciou o futuro e as coisas escondidas antes de acontecerem” (Sr 48,24-25). Todavia, a pluralidade de autores não impede que se fale da “unidade” do livro, mas tal unidade tem de ser procurada numa continuidade que se estende por vários séculos e na permanência de determinados temas.

A prova mais manifesta da pluralidade de autores aparece no início do cap. 40, onde começa a assim chamada obra do Segundo ou Dêutero-Isaías: sem nenhuma transição visível, vemos-nos transportados do século VIII para pleno período do Exílio (século VI). Não se fala mais uma única vez de Isaías, e a Assíria é substituída pela Babilônia, cujo nome é mencionado com frequência, assim como o do rei dos medos e dos persas, Ciro, conquistador da Babilônia e artífice do regresso dos judeus à terra deles (41,2; 44,28; 45,1). Com o cap. 40 começa um novo livro, ao qual serão dedicados parágrafos especiais da presente introdução.

Por mais importantes que sejam, os caps. 40-66 não são a única parte do livro seguramente posterior à época de Isaías. Olhando de perto, constata-se que os caps. 36-39 constituem a repetição — com importantes variações, é verdade — de

um texto histórico que se encontra também no livro dos Reis (2Rs 18,13-20,19). Os caps. 34-35 revelam uma característica exílica e apresentam parentesco com a obra do Segundo Isaías. Finalmente, o conjunto constituído pelos caps. 24-27, correntemente denominado “o apocalipse de Isaías”, está muito longe da mentalidade e das representações dos homens do século VIII. No interior dos conjuntos habitualmente referidos ao próprio profeta (1-12; 13-23; 28-33), há ainda certo número de fragmentos que os comentadores consideram de época posterior.

Convém, portanto, constatar o caráter heterogêneo do livro e não procurar provar artificialmente a unidade de autor. Tentar apresentar a formação do livro de Isaías é, porém, uma tarefa em grande parte hipotética. O término definitivo do livro situa-se depois do Exílio, e mesmo depois do retorno pressuposto pelos caps. 56-66. Os redatores tinham à sua disposição não somente trechos esparsos, mas verdadeiras coletâneas. Pode-se admitir que o núcleo do livro de Isaías é constituído por elementos com dominante autobiográfica, notadamente o relato, pelo próprio profeta, da sua vocação ao ministério profético (cap. 6).

Que o próprio profeta tenha praticado a escrita é atestado por textos como 8,1.16 e 30,8, mas é provável que a redação de bom número dos seus oráculos não tenha sido feita por ele, e sim, por seus discípulos, agindo sob a sua ordem, ou algum tempo mais tarde, quando era preciso mostrar a concordância entre os acontecimentos e as palavras pronunciadas. O círculo dos discípulos de Isaías parece ter sido constituído primeiro pela sua própria família: seus filhos, que ele associou ao seu ministério, dando-lhes nomes simbólicos, e sua mulher, que é denominada “a profetisa” em 8,3. Ampliado em seguida, este círculo de discípulos — alguns chegam a falar de uma verdadeira escola de Isaías — deve ter desenvolvido uma atividade literária a partir dos oráculos do mestre. Deve também ter constituído ou pelo menos

prefigurado o resto fiel que, depois da catástrofe, seria o germe do novo povo de Deus.

Sobre o número e a dimensão das coletâneas preexistentes que entraram na composição do livro de Isaías, só podemos, evidentemente, fazer conjecturas. O conjunto dos oráculos e histórias reunidos foi inserido num esquema convencional que reencontramos na maioria dos outros livros proféticos, em particular em Jr e Ez, e que comportava três partes:

- a) profecias de julgamento sobre Israel;
- b) profecias de desgraças sobre os povos estrangeiros;
- c) promessas de salvação, principalmente para Israel.

Contudo, como as diversas coletâneas que entraram na composição do livro já estavam constituídas, por vezes segundo o mesmo esquema, no

momento da sua redação definitiva, elas resistiram em parte a este enquadramento geral. No interior dos caps. 1-39, podemos encontrar as seguintes subdivisões:

- 1. Introdução ao conjunto do livro, constituída por uma seleção de oráculos de épocas diversas e destinada a fornecer um resumo da pregação do profeta.
- 2-12. Profecias sobre Israel e Judá, que na sua maioria estão entre as mais antigas de Is.
- 13-23. Oráculos sobre as nações estrangeiras.
- 24-27. Conjunto com dominante apocalíptica.
- 28-33. Oráculos diversos de promessas e de ameaças sobre Israel e sobre Judá (cf. 2-12).
- 34-35. Outros fragmentos apocalípticos.
- 36-39. Relatos sobre a atividade de Isaías no momento da campanha de Senaquerib contra Jerusalém.

II. O PROFETA ISAÍAS

A atividade do profeta. Livro aberto, incessantemente ampliado, o livro de Isaías poderia ser comparado a uma biblioteca, talvez a biblioteca profética por excelência. Mas este aspecto de antologia põe justamente em relevo o papel essencial desempenhado pelo profeta Isaías enquanto vivo e, depois da sua morte, na memória do povo. Este personagem extraordinário foi chamado a profetizar enquanto era ainda relativamente jovem, em 740, e sua atividade se estendeu por um período de, no mínimo, quarenta anos. Seu aparecimento no cenário da história coincide com o período de prosperidade conhecido por Judá sob o longo reinado de Ozias (ou Azarias, cf. 2Rs 15,1-7), mas que tinha como contrapartida o desenvolvimento do luxo, o advento de uma classe de proprietários que açambarcavam todas as terras, o esmagamento dos pobres. O profeta só pode estigmatizar o que considera como o contrário da justiça querida por Deus e anunciar a cólera dele. Alguns anos antes, Amós falara na mesma linguagem ao povo da Samaria.

É no começo do reinado de Acáz (2Rs 16,1-20) que Isaías desponta no primeiro plano da atualidade política: enquanto Arâm, cuja capital é Damasco, e Israel, cuja capital é Samaria, tentam levantar-se contra o poder cada vez mais ameaçador da Assíria, o rei Acáz de Judá, ao contrário, estima que a melhor solução é submeter-se à

proteção do rei da Assíria, o que lhe vale uma expedição punitiva da parte dos seus dois vizinhos, que querem forçá-lo a entrar na coalizão deles. Esta expedição fracassa, porém Acáz continua sua política assirífila. Após esses acontecimentos, que se situam em torno de 734, o profeta parece haver-se retirado, por sua vontade ou à força, da vida pública durante dez anos. Ele assiste impotente à ascensão progressiva da potência assíria, que se irá fazer sentir em várias províncias do reino de Israel, fazendo-o ruir em 722.

Quando Ezequias sucede a Acáz, em 716 (2Rs 18-20), Isaías retorna ao primeiro plano do cenário político. Todavia, se o novo rei se demonstra um fiel do Senhor, não se deixa aconselhar pelo profeta na condução dos negócios. Isaías sempre se opôs, por motivos religiosos, à aliança de Judá com o Egito e com outros povos vizinhos, mesmo para opor-se à Assíria, quaisquer que fossem as boas razões que pudessem recomendar tais alianças. Ao oportunismo político, Isaías sempre opôs as exigências da fidelidade ao Senhor, em virtude da qual lhe foi dado ver, na Assíria, ora o bastão da cólera de Deus para a punição do povo rebelde, ora o inimigo-tipo, cuja arrogância não podia ficar impune.

A retirada dos exércitos de Senaquerib de diante de Jerusalém, em 701, fora anunciada pelo profeta. Este evento deve ter favorecido o seu

prestígio, a despeito das suas profundas divergências com os chefes políticos acerca das causas e das conseqüências do que acabava de suceder.

Chegou-se a supor que Isaías era aparentado à família real, mas a sua autoridade lhe vem antes de tudo da sua missão profética. Embora procurado por causa de seus conselhos, Isaías era seguido apenas por uma minoria. Os representantes oficiais da religião, sacerdotes e profetas, não o ouviram e até o afligiram com os seus sarcasmos. A tradição que faz de Isaías um mártir é certamente apócrifa (pseudepígrafo intitulado *Ascensão de Isaías e Hb 11,37*): parece, de acordo com o sobrescrito do livro (1,1), que ele não estava mais vivo no tempo do rei perseguidor, Manassés, mas percebe-se nesta lenda o eco de uma opinião, muitas vezes confirmada pelos fatos, segundo a qual a existência profética é, humanamente falando, a experiência do fracasso.

As qualidades essenciais de Isaías — autoridade, nobreza, fé em Deus e compaixão pelo seu povo — aparecem na sua linguagem, que se conforma a certas regras tradicionais do oráculo profético, que ele aplica com um domínio da língua até então desconhecido: são freqüentes os trocadilhos, muitas vezes cheios de humor, as aliterações, as assonâncias, as metáforas. Como para os sábios junto aos quais se formou, a realidade lhe parece carregada de sentido. Os elementos da natureza, o fogo, a terra, a água e o vento se lhe apresentam sob o seu duplo aspecto de poder de vida e de morte e exprimem o duplo aspecto de Deus, ao qual não se consegue escapar, assim como não se escapa também à realidade que nos cerca. Tudo isto é dito com notável concisão, sem nenhuma palavra supérflua, o que permite distinguir certas frases rasas e redundantes do livro, das palavras autênticas do profeta. Se a linguagem tem não somente poder de expressão, mas também força de criação, é sem dúvida em Isaías que encontramos a melhor ilustração bíblica disto.

A mensagem do profeta. A mensagem do profeta está intimamente ligada à sua pessoa e às circunstâncias em meio às quais foi levado a exercer a sua atividade: Isaías fala sempre em e para situações precisas, e a sua atitude depende daquilo que ele vive com o povo. É impossível reduzir

esta mensagem a um conteúdo esquemático sem sacrificar-lhe a originalidade. Contudo, já que este profeta, sempre presente ao Deus eterno sentado em seu trono, está também presente ao mundo com sua história e suas dificuldades, podemos encontrar na certas constantes mensagem de Isaías.

Deus é para ele o Santo, o que pode ser traduzido pelo termo de transcendência; mas o Deus Santo é o Santo de Israel, isto é, ele tenciona ligar-se ao seu povo. A expressão Santo de Israel só aparece mui raramente fora do conjunto do nosso livro e pode ser considerada como característica da teologia da escola de Isaías. A santidade de Deus é ciumenta, não tolera ser compartilhada com ídolos, nem no plano religioso nem no plano político. Ao ser humano — em Isaías a ligação com o povo nunca exclui a visão da humanidade inteira — importa tomar consciência desta verdade, cuja evidência só pode ser negada pelo insensato, e viver em coerência com ela. São, portanto, sempre condenados, quaisquer que sejam as circunstâncias, o orgulho, a idolatria sob todas as formas, a confiança que se deposita nas armas e nas manobras pelas quais as pessoas pensam subtrair-se ao olhar de Deus.

Este Deus transcendente tem uma história, que não se desenrola independentemente da história do mundo, mas tampouco coincide sempre com ela: o plano ou o conselho (desígnio) de Deus, do qual Isaías gosta de falar, é o de um Deus escondido, muitas vezes desconcertante e incompreensível, mas sempre mais sábio que os conselheiros considerados hábeis. Inteiramente convicto da soberania do plano de Deus, nem por isso o profeta deixa de atribuir grande importância à atividade e até à iniciativa dos homens, que nunca são salvos ou condenados sem que eles mesmos o queiram. É tudo isso que está contido no termo *fé*, que designa uma atitude permanente para a qual Isaías sempre conclamou o povo. Trata-se de uma fé enérgica, a ponto de parecer absurda e contrária à opinião comum, como no momento da guerra siro-efraimita: Sem firme confiança não vos firmareis, isto é, se não crerdes firmemente, não sereis consolidados (7,9). Mas esta fé vigorosa é também feita de calma e de humilde confiança (30,15).

Esta firmeza exigida do homem deve apoiar-se nos sinais que Deus deu da sua santidade e da sua vontade de estabelecer a sua realeza de um

modo perfeito (cf. tema da terra repleta do conhecimento de Deus, 11,9). O trono celeste tem a sua réplica no trono de David estabelecido em Jerusalém. Isaías está fortemente ancorado na tradição davidica e, embora considere que a sucessão dinástica possa ser rompida, o rei ideal do futuro será sempre, para ele, um filho de David: seu messianismo é um messianismo régio. A dinastia de David está estabelecida em Jerusalém, que é não somente o centro de Judá, de Israel e do antigo império davidico, mas também, segun-

do uma antiga tradição retomada e renovada por Isaías, o centro do mundo, para o qual convergirão todas as nações (2,1-6). David e Jerusalém, eis dois temas principais da sua mensagem, para os quais não cessou de chamar a atenção dos seus ouvintes, e que os discípulos dele retomaram amplamente, adaptando-os às circunstâncias novas: tanto o messianismo como o papel central e universal de Jerusalém permanecerão no centro da segunda (4-55) e da terceira (56-66) parte do livro.

III. O SEGUNDO OU DÊUTERO-ISAÍAS

Época e ministério do profeta. A mensagem dos capítulos 40 a 55 do livro de Isaías é datada pelo fato de ela anunciar o triunfo dos persas, a derrota dos babilônios e a libertação bem próxima dos israelitas exilados na Mesopotâmia. Portanto, esta mensagem foi pronunciada entre 550 e 539, isto é, após as primeiras vitórias de Ciro II, o Grande (41,2-3), sobre Astiages (550) e sobre Cresus (546), e antes da sua campanha contra a Babilônia (Is 45-48), na qual ele penetra, sem combate, em 539, saudado como libertador, uma vez que o último monarca babilônio, Nabônides, pelas suas inabilidades, levantou contra si a maioria dos seus súditos.

Opositores notórios de Nabônides, os sacerdotes caldeus atribuíam os sucessos do rei persa ao deus supremo deles, Marduk (Jr 50,2), e seus acólitos Bel e Nehô (Is 46,1). Até na colônia israelita, alguns estariam propensos a ver nos acontecimentos uma intervenção desses falsos deuses, mas o nosso profeta anônimo, o Segundo Isaías, permanece vigilante no meio dos seus irmãos exilados: lembra-lhes que o único soberano do mundo é o Senhor. Seguro de estar falando em nome dele (Is 48,16), anuncia-lhes a salvação, isto é, a libertação do jugo babilônico, a volta à Terra Santa e a restauração de Jerusalém.

A libertação vai pôr fim a um exílio de "sete semanas de anos" (587-538); operada de maneira desconcertante por um "messias" pagão, Ciro (Is 45,1), ela fará os israelitas passarem da humilhação para a exaltação. O retorno deles à Terra Santa aparecerá como um Êxodo novo e mais belo que o antigo: recordando a saída do Egito, ele enfatizará a fidelidade de Deus ao seu designio; eclipsando a saída do Egito, ele deixa entrever a

realização definitiva deste mesmo designio, o Reino de Deus universal (Is 52,7-10). Como este Reino deve instaurar-se a partir de Jerusalém, a Cidade Santa conhecerá uma restauração deslumbrante: é graças a ela que a salvação operada por Deus se manifestará a todos os homens sem exceção.

Se o segundo elemento desta salvação, o novo Êxodo, está presente ao longo de todo o livro (caps. 40-55), o primeiro (queda da Babilônia, libertação por Ciro) ocupa sobretudo os caps. 40-48, e o terceiro (restauração de Sião, insistência no universalismo da salvação), sobretudo os caps. 49-55. Por conseguinte, existem provavelmente duas fases no ministério do Segundo Isaías.

A) Primeira fase (caps. 40-48). O profeta, embora proclamando a salvação, retifica quatro desvios:

- aos desanimados que acusam o Senhor de abandoná-los (40,27) lembra as duas razões para ter esperança: por um lado, o Senhor criou o mundo e o seu poder reflete no universo; por outro, escolheu Israel, e a sua fidelidade brilha na história;

- aos desavergonhados que acusam o Senhor de mostrar-se ingrato (43,22-24) o profeta retruca que ingratos são eles, pois acumularam crimes, causa de suas desgraças (43,24-28);

- aos escandalizados que censuram o Senhor pela escolha de um libertador pagão (45,8-10) o Segundo Isaías mostra a petulância deles, criaturas em face do Criador (45,11-13);

- aos que se deixaram seduzir pelos deuses da Babilônia, dispensadores da prosperidade desta, o profeta demonstra a inconsistência desses feti-

ches, seja nos processos em que o verdadeiro Deus, comparado aos falsos, se mostra o único capaz de anunciar e de fazer o futuro, seja em sátiras contra essas pretensas divindades, tão ineficazes quanto os seus ídolos vacilantes (41,24; 42,17; 44,21; 46,8; 48,5).

Tal é o conteúdo desta primeira fase. Com o fim do capítulo 48, chegamos ao ponto-chave da obra e pressentimos uma virada na vida do profeta: abandonam-se temas, aparecem outros, e a partir daqui a sua pregação se dirige, ao que parece, sobretudo à elite de Israel (cf. 48,22 nota).

B) Segunda fase (caps. 49–55). A mensagem que o profeta destina aos mais fiéis comporta três aspectos marcantes:

1. A situação deles vai conhecer uma reviravolta espetacular:

- perseguidos (51,7-8), como o profeta (50,4-11), eles serão consolados (51,1-8);
- oprimidos, ver-se-ão salvos.

2. A restauração de Sião é celebrada, na esteira do profeta Oséias e dos seus imitadores, e a reconciliação conjugal entre Deus, o esposo, e a comunidade, sua esposa: viúva, Jerusalém reencontrará o seu marido; estéril, ela vai novamente dar à luz; infiel, ela vai ser reassumida pelo seu Senhor, cuja aliança é indefectível (49,14-26; 51,9–52,12; 54).

3. A conversão das nações ao verdadeiro Deus, ao Deus de todos, é cada vez mais ressaltada: essas nações aparecem, sucessivamente:

- maravilhadas diante da salvação operada por Deus (49,7; 52,10; e já 40,5);
- prosternadas diante de Deus e desejosas de conhecê-lo (49,23; 55,5; e já 45,14-15.23-25);
- iluminadas e transformadas pelo autêntico servo de Deus, testemunha da verdadeira fé diante do universo (49,2,6; 53,11).

Os servos e o Servo de Deus. Ao longo da mensagem que acabamos de resumir, o Segundo Isaías empregou vinte e uma vezes a palavra “servo”, uma só vez no plural (54,17), uma vez no sentido pejorativo de escravo (49,7), e dezenove vezes no sentido positivo de servo de Deus. Em catorze casos, este servo recebe um nome próprio: é “Israel” ou “Jacó”, isto é, o povo de Israel no seu conjunto. Em cinco casos, o servo permanece anônimo, e é preciso perguntar-se, de acordo com

o contexto, quem é designado por este título em 42,1; 44,26; 50,10; 52,13; e 53,11. Será ainda Israel? Será um grupo restrito personificado? Será um indivíduo? Além disso, as cinco passagens supracitadas visam a uma só e mesma personificação, ou a várias? Um só e mesmo personagem, ou vários? Todas estas hipóteses podem ser defendidas, e de fato o têm sido.

Se, num primeiro tempo, nos ativermos ao sentido imediato dos textos no seu contexto, a palavra “servo” pode designar, conforme o caso: Israel no seu conjunto, Israel na sua elite, o próprio Segundo Isaías, e finalmente o rei persa Ciro.

1. O servo Israel como povo. Nos caps. 41–48, o povo de Israel é efetivamente qualificado como o servo do Senhor. Em relação ao resto do Antigo Testamento, isto representa uma novidade; só se encontram alguns outros textos, raros e tardios, em que semelhante denominação é aplicada a Israel (Jr 30,10; Sl 136,22). Ao conferir-lhe este título, o profeta sublinha que o povo eleito entrou, desde a sua libertação da escravidão egípcia, no serviço divino, não somente na dependência do Senhor, mas também em sua intimidade, a ponto de receber dele revelações sobre o seu desígnio, bem como a força de colaborar na implantação deste. Em 41,8-16 e 44,1-5, vê-se com que afeição Deus se inclina sobre o seu servo Israel.

2. O servo Israel na sua elite. No interior do povo de Deus, opera-se uma seleção; a partir do cap. 49, o profeta, recusado por uma parte dos seus ouvintes (50,6-9.11), volta-se para o grupo dócil à palavra de Deus (50,10). Este grupo, que nunca mais será designado pelas palavras paralelas Israel-Jacó, continua sendo, porém, sempre Israel (49,3), mas um Israel reduzido a uma elite, um resto (46,3): se lhe aplicarmos 49,5-6, a primeira tarefa dele seria reerguer os sobreviventes de Israel tomados em seu conjunto, e sua tarefa maior seria levar a luz às nações. Para certos comentadores, o poema 52,13–53,12 também poderia ser aplicado à elite de Israel.

3. O Segundo Isaías, servo ele mesmo. O nosso profeta em pessoa pertenceu a essa elite. Deportado e além disso perseguido, teve de primeiro buscar reconforto junto a Deus, para poder reconfortar os seus compatriotas como discípulo atento; recolheu as palavras do seu Senhor, depois as transmitiu. Ao fazer isto, deparou com ceticismo e hostilidade; todavia, mesmo sob os

ultrajes, permaneceu firme, tendo a certeza de, na fidelidade a Deus, confundir os seus perseguidores e fortificar os que acreditaram nele (50,4-11).

4. O servo *Ciro*. Os que acolhem a mensagem do profeta, com isto mesmo aceitam as suas declarações, chocantes para muitos, sobre a missão de *Ciro*. O rei persa é também ele, sem dúvida, um servo de Deus. O Senhor é o soberano que faz triunfar o projeto de *Ciro*, ao dizer: *Jerusalém* seja habitada!, e *Ciro* é o servo que faz triunfar o projeto do Senhor dizendo: *Jerusalém* seja reconstruída! (44,26-28).

E em contraste com as estátuas fúteis dedicadas aos falsos deuses (41,24,29), não seria *Ciro* o eleito de Deus, animado pelo sopro de Deus (42,1)? Com a maneira benevolente que a história lhe reconhece, *Ciro* seria então aquele que fará admitir por todas as nações o julgamento decretado pelo Senhor; ao instaurá-lo, ele não esmagará as vítimas da Babilônia, juncos dobrados sob a força do jugo, mechas apagadas pela detenção. Sem esmorecer, *Ciro* cumprirá até o fim a sua missão: servo do servo Israel, favorecerá, ao restabelecer este último, o cumprimento do desígnio de Deus, que é iluminar os homens com a sua luz e uni-los na sua aliança (42,1-7).

São estas algumas das interpretações que se podem propor; dão conta dos textos, com maior ou menor propriedade, mas não são as únicas possíveis.

Por exemplo, os judeus helenizados que produziram a tradução grega (Septuaginta) não hesitaram em dar um nome ao servo anônimo de 42,1, e escreveram: *Eis aqui o meu servo Jacó*, que eu apóio, Israel meu eleito... Na lógica desta interpretação, é Israel que propõe às nações o direito exigido por Deus e "a Lei" que Deus lhe confiou, para que a transmita ao mundo.

O Targum, comentário em aramaico, originado da explicação oral do texto hebraico, oferece exegeses diversas no que tange aos oráculos que falam de um "servo" de Deus. De data incerta e, para muitos dos seus capítulos, de redação tardia, posterior ao advento da era cristã, ele tenderia a ler nas páginas dolorosas as provações de Israel e, nas páginas gloriosas, os triunfos do messias vindouro. Sem querer encontrar a qualquer custo nas interpretações do Targum o atestado de uma tradição judaica pré-cristã, reteremos simplesmente que a literatura targúmica re-

conhece em Is 50,10, nos traços do "servo", o profeta que denominamos o Segundo Isaías; e que, em 52,13 como em 42,1 e 43,10, essa literatura não hesita em escrever: "Meu Servo: o Messias".

Os oráculos do Segundo Isaías são ricos de sentido e abertos para o futuro; as realizações efetuadas por este ou aquele indivíduo, este ou aquele grupo escondido sob o título anônimo de "servo", permanecem parciais e limitadas: nenhuma pode pretender, ao que parece, ter esgotado a missão em escala mundial anunciada pelo Segundo Isaías.

Para o Novo Testamento, vários textos do Segundo Isaías concernem diretamente à pessoa e à obra de Jesus, o servo perfeitamente justo (50,9; 53,9), cuja morte é aceita como sacrifício de expiação (53,10: afirmação bem nova e única no Antigo Testamento), e a quem foi prometida, para além da morte, uma vida intensa e fecunda (53,9-12).

O rosto de Deus. O nosso profeta traça um esboço impressionante do rosto de Deus, cujos principais traços são os seguintes:

Deus, repete ele, é único e absolutamente incomparável, nenhuma divindade existe ao lado dele. Nenhum ser pode existir antes ou depois dele, pois ele é eterno (43,10; 44,6). Anterior a tudo, ele está também na origem de tudo; sozinho, ele cria tudo (44,24). O verbo criar, reservado ao agir divino, conhece com o Segundo Isaías um aumento repentino do seu índice de frequência: dezesseis empregos sobre quarenta e quatro (certos) no Antigo Testamento. Além disso, o profeta inova, quando qualifica de criação o surgimento do povo israelita (43,1.7.15), e ganha de Jr 31,22, quando fala de criação a propósito do novo Êxodo (41,20; 48,7). Deus, com efeito, põe o seu poder de criador a serviço do seu projeto de salvação: por ter tirado os elementos do caos primitivo e os seus filhos do degredo egípcio (51,9-10), ele poderá tirar os seus fiéis deportados do exílio babilônico, e o seu gesto salvador aparecerá como uma nova explosão de força criadora (41,17-20).

Isto, tanto mais que a salvação não se destina exclusivamente ao povo de Israel, mas a todos os povos do mundo. Antes de criar Israel, o Deus de todos, o Deus universal criou a humanidade (45,12); antes de fazer aliança com Abraão, fez

aliança com Noé (54,9). Ele nunca esquece a totalidade dos homens, aqui designada por uma série de sinônimos: a humanidade ou os filhos de Adão, toda carne, a multidão, a que remonta à noite dos tempos (44,7); os povos; as nações; as cidades, os clãs; as ilhas longínquas; as extremidades ou os confins da terra. Todos esses povos, sem exceção, permanecem sob o império de Deus; eles estão na sua mão de Todo-poderoso, leves e frágeis a despeito da sua soberba (40,6-7.15-17; 51,6); estão diante do seu olhar de Juiz, que lhes lembra que o mal gera a infelicidade (47); são levados à escuta dos seus apelos de Salvador, que os convida todos à alegria da salvação (45,22-24; 55,3-5).

Visões tão amplamente universais não anulam os privilégios de Israel; pelo contrário, os supõem. Aquele que é o absolutamente Santo (40,25) é também o Santo de Israel (mencionado doze vezes). Se, com efeito, o verdadeiro Deus é reconhecido por todos, é porque o é, de modo preeminente, em um povo-testemunha (43,10-12; 44,8), especialmente escolhido, chamado, enviado ao mundo. Esta comunidade crente invoca Abraão (41,8; 51,2), Jacó (43,27), Judá (48,1), David (55,3), e mesmo que não mencione Moisés nestes capítulos, recorda incessantemente a obra dele, o Êxodo, penhor da salvação vindoura e promessa para o povo — no presente, humilhado — de uma posteridade não apenas mantida, mas incessantemente ampliada. O Senhor, com efeito, nunca cessou de ajudar os seus, de apoiá-los, de carregá-los, de suportá-los, de instruí-los, de guiá-los, de associá-los ao plano de salvação que, contrariamente aos falsos deuses, só ele é capaz de anunciar e fazer triunfar.

A constância que o Senhor manifesta na realização do seu desígnio leva no Segundo Isaías um nome bem especial: sua justiça, vinte e oito vezes mencionada, quase sempre designando bem mais do que o aspecto favorável da justiça judicial ou do que a repartição eqüitativa garantida pela justiça distributiva; esta justiça aparece antes como a misericordiosa fidelidade segundo a qual Deus cumpre as suas promessas de salvação, tanto que justiça e salvação são praticamente identificadas (45,8.21; 46,13; 51,5.6.8).

O fato de que Deus salva — repete-se isto vinte e duas vezes — dá testemunho do seu amor fiel e da sua solicitude constante, que é não somente a

de um pastor ou de um rei (40,11; 41,21; 43,15; 44,6; 52,7), mas também e sobretudo a de um pai pelos seus filhos (43,6; 45,10-11), de uma mãe pelos seus filhos (49,15-16), de um esposo pela sua esposa (54). Seu amor é tal, que ele suporta e supera o pecado humano, embora repetido e grave, e chega até a apagá-lo (43,25; 44,22) e perdoá-lo totalmente (55,7).

A salvação outorgada por Deus apresenta dois aspectos: de um lado, Deus liberta, livra, alforria e sobretudo resgata (cf. 41,14 e dezesseis outras passagens); por outro, Deus reagrupa e reconforta ou, se preferirmos, consola. É este verbo, primeira palavra da coletânea e nove vezes repetida, que deu tom à nossa obra, muitas vezes chamada de “Livro da consolação”. Tal reconforto traz mais do que a libertação da desgraça e do mal, mais do que o congraçamento de uma comunidade recobrando uma vida pacífica e boa; ele comporta além disso o reflexo, naqueles que dele se beneficiam, do próprio brilho de Deus. Este “brilho” divino é expresso pela palavra glória (sete vezes), que em hebraico significa primeiramente “peso”: o Deus que “pesa muito” dá a Israel o “ter muito peso”, graças a Deus, nos destinos do mundo (43,4), para finalmente manifestar a sua glória a toda carne (40,5). O mesmo brilho divino é também traduzido pela palavra esplendor, repetida cinco vezes, dizendo o profeta que Deus “ilustrou em Israel o seu esplendor” (44,23) e quer “através de Israel ilustrar o seu esplendor” (49,3). Ao longo do livro inteiro exprime-se o contraste entre o miserável trabalho dos artesãos que esculpem laboriosamente ídolos, aos quais tentam em vão dar um “esplendor” humano (44,13), e a obra deslumbrante do Criador, que vitoriosamente modela crentes aos quais comunica realmente o seu “esplendor divino”.

Este é o rosto de Deus que o Segundo Isaías nos faz entrever. Diante desse Deus tão generoso para com os homens, estes últimos são convidados ao acolhimento e à ação de graças. Para suscitar o acolhimento, o profeta convida seus irmãos a voltar ao Senhor (44,22; 55,7; etc.), a procurá-lo (51,1), a freqüentá-lo (55,6), a ouvi-lo (cap. 48 etc.), a desfrutar sua revelação que alimenta mais do que o pão (55,2). Para estimular a ação de graças, o Segundo Isaías multiplica os invitatórios fervorosos, impelindo seus ouvintes a cantar a Deus (42,10), a louvá-lo até a exaltação (41,16 e

seis outras vezes), a aclamá-lo (42,11 e onze outras vezes), a exultar (41,16; 49,13), a explodir de júbilo (54,1), a testemunhar júbilo e entusiasmo (51,3.11). Este concerto deve reunir não somente os exilados, mas todos os filhos de Israel, não somente os israelitas, mas todos os povos, não

somente todos os povos da terra, mas a própria terra e todos os elementos do cosmo, o céu e os seus astros, o mar e as suas profundezas, para fazer ressoar o hino à alegria de um universo que celebra de maneira unânime o Deus que quer a coesão do mundo e a união da humanidade.

IV. O TERCEIRO OU TRITO-ISAÍAS

A coletânea. Quando se passa de Is 40–55 a Is 56–66, descobrem-se semelhanças de pensamento e de vocabulário, mas também uma diferença de tom, expressões novas e diversidade maior entre as diferentes peças que compõem esses últimos capítulos. Eis por que os comentadores têm assumido em relação a eles três posições divergentes:

— alguns os consideram uma compilação, uma montagem artificial de trechos muito diversos quanto aos seus autores e às suas datas; esta explicação supõe que exista certa disparidade entre os poemas do nosso livrinho: com efeito, parece difícil atribuí-los todos a um mesmo autor; mas nem por isso se deve renunciar precipitadamente a descobrir relativa unidade entre os mesmos;

— outros pensam que os caps. 56–66 ainda provêm do Segundo Isaías, retornado do exílio e enfrentando em Jerusalém os problemas da reinstalação na Terra Santa. Mas, por um lado, é pouco provável que o profeta se tenha plagiado a si mesmo, deformando os seus próprios achados (cf. 40,3 e 57,14; 52,12 e 58,8; 49,23 e 60,16, etc.), e por outro lado, as diferenças entre as duas coletâneas são ainda mais importantes que as semelhanças;

— outros biblistas, finalmente, acreditam que os onze últimos capítulos do livro de Isaías são em grande parte, senão na totalidade, a obra de um único e mesmo profeta, que se inspira no Segundo Isaías, e que exerce seu ministério em Jerusalém nos dois primeiros decênios subseqüentes ao fim do Exílio.

A este Terceiro Isaías podem-se atribuir os capítulos 60–62, que apresentam grande coerência entre si; não há razão decisiva para recusar-lhe 56,9–57,21 nem 58, nem 59, nem 65, nem a maior parte de 66, ainda que estes dois últimos capítulos, intimamente aparentados, sejam por vezes considerados como um conjunto à parte. Os dois poemas que mais se sobressaem são 63,1–6 e 63,7–64,11; se talvez não provêm do nosso profeta, pelo

menos foram cuidadosamente inseridos na sua obra, e o segundo corresponde bem às preocupações dele. Finalmente, é possível que 66,18–24 seja um apêndice devido a editores e que 56,1–8, quizá pronunciado após a reconstrução do Templo (520–515), seja um trecho mais tardio que o resto, encaixado no início do livrete em razão dos seus contatos literários com o Segundo Isaías (56,5 lembra 55,13; 56,1 retoma 46,13 e 51,5.6.8).

O profeta e o seu ministério. O profeta anônimo parece intervir entre os anos 537 e 520. Um primeiro grupo de exilados voltou, sob a direção do governador Sheshbazar, príncipe de Judá (Esd 1,8–11; 5,14; 1Cr 3,18 gr.). Lançaram-se as fundações do Templo (Esd 5,16), mas muito cedo, em razão das dificuldades internas e externas, interromperam-se os trabalhos; foi preciso contentar-se com restabelecer o altar, para nele recomeçar um culto sumário (Esd 3). Pouco a pouco voltam outras caravanas de exilados, uma delas com Josué, o sumo sacerdote, e Zorobabel, neto de Ioiakin, que sucede a Sheshbazar nas funções de alto comissário delegado pelo poder persa.

Sob a autoridade desses homens, é uma comunidade heterogênea que, em Jerusalém e ao redor da cidade santa, tem de se reconstituir. Distinguem-se nela quatro elementos:

1. Os judeus retornados do exílio (Esd 2; Ne 7); entre eles figuram muitos sacerdotes; pertencem na maioria às tribos de Judá, Simeão e Benjamim; devem enfrentar alguma dificuldade para reinstalar-se em territórios abandonados ou espoliados.

2. Os judeus que haviam permanecido na terra: nas suas fileiras encontram-se seguramente fiéis, mas também idólatras que entendem muito mal o zelo (“ciúme”) religioso dos recém-chegados; vários deles devem ter-se instalado em detrimento dos exilados e não estão dispostos a ceder os direitos de propriedade que estes últimos reivindi-

cam. Esta dupla divisão (religiosa e social) aparece em numerosas passagens.

3. Os estrangeiros: muitos haviam podido estabelecer-se na Judéia durante o Exílio; outros vêm trazer-lhes a sua mão-de-obra (60,10; 61,5); outros acompanham israelitas no momento da volta deles a Sião (cf. 60,9; 66,20). Em que medida esses estrangeiros, cada vez mais numerosos, poderão integrar-se ao povo de Deus?

4. Os judeus que permaneceram na diáspora, os que estão longe (57,19), mas para os quais é preciso manter impedido o caminho da volta (57,14; 62,10), os que o Senhor ainda quer congregar em torno dos privilegiados que já reagrupou (56,8).

A partir desses diversos elementos, o profeta quer refazer um povo unido e santo. Mas choca-se com quatro dificuldades maiores:

- uma crise da esperança do povo, provocada pelo retardamento da salvação;
- uma depravação tenaz: o culto aos ídolos;
- uma divisão do povo exacerbada pelas circunstâncias: o ódio entre irmãos;
- um risco agravado pela conjuntura: o menosprezo aos estrangeiros.

A crise da esperança provém da desilusão que se apodera dos repatriados: os muros de Jerusalém continuam arrasados, esperando por... Neemias (445-433); o Templo não saiu do esboço e só será reconstruído — menos belo que antes — entre 520 e 515; as condições de vida são penosas, em razão dos entraves externos (da parte dos samaritanos) e internos (da parte dos que haviam ficado na terra). Tendendo ao desânimo, os fiéis, em meio a tantas provações, dirigem ao Senhor uma série de recriminações indefinidamente repetidas no tocante ao adiamento da salvação e à aparente inércia do Senhor. Para calar essas queixas, o Terceiro Isaías por uma parte denuncia o pecado, obstáculo à vinda da salvação, e por outra, reafirma a fidelidade de Deus, fonte infalível desta salvação.

O profeta quer, além disso, converter os idólatras, que buscam apoio nos falsos deuses e se entregam a práticas depravadas, como: sacrifícios humanos, prostituição sagrada, uso de animais impuros para o culto (65,4; 66,3.17), necromancia (65,4), veneração de Mêlek/Moloc (57,9), ou de outras pretensas divindades como Gad e Meni (65,11). Para desviá-los das suas

aberrações, o Terceiro Isaías brande duas ameaças: a impotência dos falsos deuses, incapazes de salvar, e o poder do verdadeiro Deus, cujo julgamento é inevitável.

Os que rompem a aliança com o seu Deus rompem-na automaticamente com os seus irmãos: com efeito, quantas divisões na população judaica! Observe-se ali governantes incapazes que praticam a extorsão (56,8-57,1); pessoas que exploram o seu próximo; brutalidades, recusas de ajuda mútua, violações da justiça, exclusões arbitrárias etc. Vigorosamente, o profeta denuncia esses delitos e mostra a incompatibilidade deles com um culto que se quer autêntico (cap. 58 etc.).

Se com tanta freqüência assim se trata o irmão israelita, como será a conduta para com o hóspede estrangeiro? Em relação aos descendentes de nacionalidade estrangeira, os caps. 56-66 do livro de Isaías manifestam posturas diferentes:

- algumas passagens pedem o aniquilamento das nações que se obstinassem no mal (cf. 63, 3-6; 64,1 e 66,15-16.24; mais 69,18c e 60,12, que provavelmente são glosas);
- outras páginas mostram as nações a serviço de Jerusalém (60,3-11.13-17; 61,5-9; 62,2-8; 66,12);
- contudo, os problemas mais candentes surgem a propósito da eventual admissão do estrangeiro no grêmio do povo de Deus; esses não-judeus temem ser discriminados (56,3), mas os oráculos de Is 56-66 lhes abrem belas perspectivas: os filhos de Israel devem não somente assistir a qualquer errante em dificuldade (58,7), mas além disso admitir no seu Templo os estrangeiros convertidos (56,3-7) e até talvez considerar a possibilidade de vê-los ascender ao sacerdócio (66,21).

O rosto de Deus. Ao ouvir formular todas essas exigências divinas, já adivinhamos os traços do rosto de Deus esboçado pelo Terceiro Isaías.

Ele nos lembra de passagem (enquanto o Segundo Isaías sublinhava isto longamente) que o Senhor é o incomparável (64,3) e o eterno (57,15). Que ele é o criador, o nosso profeta também não-lo repete, porém mais raramente que o seu predecessor: se sabe que Deus fez todos os seres (66,2), acrescenta sobretudo — e isto é importante — que o Senhor vai criar céus novos e uma terra nova (65,17; cf. 66,22); alhures, especifica

que Deus cria o louvor dos corações convertidos (57,19) e uma nova Jerusalém (65,18).

Criador de tudo, o Senhor é o Deus de todos. Vimos acima a atitude de acolhimento universal que Deus prescreve aos seus em favor dos estrangeiros. Ele inspira ao seu profeta que favoreça o universalismo enfatizando a responsabilidade pessoal: não são todos os filhos de Israel indistintamente que, pelo simples fato de pertencer ao povo escolhido, serão seguramente salvos; entre eles figuram fiéis, mas também ímpios. Se o fato de ser israelita não é garantia de salvação, o fato de ser não-israelita também não barra acesso a ela. Pelo contrário, o Senhor chama a si todos os povos (56,7; 66,18).

O conagração das nações deve-se fazer graças a Israel, cujos privilégios são mantidos. Aquele que é absolutamente o Santo (57,15) permanece o Santo de Israel (mencionado duas vezes, em 60,9.14). Sem dúvida, Israel-Jacó, enquanto povo, não é mais interpelado nos caps. 56-66, ao passo que o fora dezessete vezes no Segundo Isaías; sem dúvida, o termo eleitos figura sempre no plural, para designar os crentes em oposição aos apóstatas, enquanto no singular ele designava o povo eleito, no Segundo Isaías; mas outras expressões lembram as predileções divinas pela posteridade de Jacó e de Judá (65,9), pela nação dirigida por Moisés (63,11-12) e que permanece para sempre o povo de Deus, sua parte escolhida, seu herdeiro, tendo por capital Jerusalém destinada a tornar-se a metrópole religiosa do mundo.

Equipando o seu povo para uma missão universal, Deus testemunha assim um amor absolutamente fiel (65,16), o do único Pai verdadeiro (63,8.16; 64,7), dotado de atenções profundamente maternais (66,13). Cheio de compaixão (63,9), chega a perdoar, esquecendo e curando o mal

cometido (57,16-18; 64,8). Para salvar, ele resgata, reconforta ou consola e reagrupa, dando a seus amigos a sua glória e o seu esplendor. Fazendo isto, manifesta a sua justiça, isto é, sua fidelidade absoluta às suas promessas, inquebrantavelmente mantidas a despeito do pecado dos homens. A esses temas já encontrados no Segundo Isaías, o Terceiro acrescenta com insistência o do julgamento de Deus, que se exerce fatalmente, em detrimento dos maus (estrangeiros ou mesmo israelitas) e em vantagem dos bons (israelitas ou mesmo estrangeiros). Com efeito, o Senhor entra em julgamento não somente em favor de Israel, mas com Israel; não somente com Israel, mas com todas as nações do mundo, e a sua sentença universal será decisiva e definitiva (66,16.24).

Diante desse Deus fiel para amar, poderoso para salvar, infalível para julgar, os homens têm de tomar posição — para sua infelicidade se o recusam, para a sua alegria se o acolhem. Seu acolhimento supõe conversão, louvor jubiloso, mas também obediência pressurosa: enquanto o Segundo Isaías só falava uma vez do temor do Senhor, o Terceiro Isaías o menciona quatro vezes; outro traço original, que só tem paralelo no livro de Esdras: o profeta convida seus ouvintes a tremer (de zelo) à palavra de Deus (66,2-5). Este serviço do Senhor traz consigo uma boa conduta moral e requer também uma grande fidelidade cultural: no Terceiro Isaías, o Templo é mencionado doze vezes, a montanha santa cinco vezes, e os termos que indicam atos de culto são muito numerosos (o sábado, três vezes; o sacerdócio, o altar, os sacrificios, os jejuns). É que, segundo o nosso profeta, moral e religião são inseparáveis: seria tão vão pretender amar o próximo sem amar a Deus, quanto pretender amar a Deus sem amar o próximo.

V. O LIVRO DE ISAÍAS NA TRADIÇÃO BÍBLICA

Finalmente, o livro de Isaías, com todas as partes que o compõem, entrou no cânon dos livros proféticos como uma única obra. A partir daí, ele inicia uma nova história. Da descoberta, em Qumran, de vários fragmentos e de um rolo inteiro do livro de Isaías (que denominaremos o principal ms. de Qumran), podemos concluir que para os membros da comunidade essênia, que se con-

sideravam o verdadeiro Israel, o resto fiel, Isaías representava todo um programa. Com o texto do principal manuscrito de Qumran, é-nos restituído o mais antigo manuscrito bíblico, mais de mil anos anterior ao texto massorético: ele apresenta, em relação a este último, variantes bastante numerosas, das quais serão assinaladas, nas notas, as que não são puramente ortográficas e que podem

ser esclarecedoras para o sentido. O interesse suscitado pelo livro de Isaías nos meios judaicos aparece também na tradução grega chamada a Septuaginta: esta por vezes apresenta um texto tão diferente do texto hebraico que se deve ver nela, mais do que uma tradução, uma adaptação. É todavia útil à medida que dá acesso ao texto hebraico do qual ela surgiu, e tem também o seu interesse como testemunha de uma releitura de Isaías pela comunidade judaica alexandrina.

Juntamente com os Salmos, o livro de Isaías é aquele do qual o NT tirou mais citações, sendo algumas delas explícitas, ao passo que outras são reminiscências bem perceptíveis. É sabido que o anúncio do nascimento do Emanuel em 7,14 é retomado em Mt 1,22-23. Segundo os evangelistas, o ensinamento das parábolas tem por efeito endurecer os ouvintes (Mt 13,14; Mc 4,12; cf. Is 6,10).

Imagens importantes como as da vinha ou da pedra angular são freqüentes no NT. O culto dos lábios oposto à obediência do coração (Mt 15,8 e Is 29,13), o escurecimento dos astros nos quadros que descrevem os últimos tempos (Mt 24,29 e Is 13,10), os temas do ramo, da cepa e sobretudo do servo, têm ajudado os leitores cristãos a compreender o Cristo a partir do livro de Isaías e a se compreender a si mesmos como o povo de Deus, sempre confrontado com as promessas de renovação e a iminência do juízo. Poder-se-ia também falar do lugar de Isaías na iconografia e na hinologia: os portais das catedrais, as iluminuras dos livros de piedade, o hinário cristão reeditam todos, à sua maneira, o livro de Isaías, tanto é verdade que no decurso da história raramente a revelação foi melhor expressa e a fé, mais interpelada do que por esta extraordinária testemunha de Deus.

ISAÍAS

I. PRIMEIRA PARTE DO LIVRO DE ISAÍAS

1 ¹Visão de Isaías^b, filho de Amós, que ele viu a respeito de Judá e de Jerusalém^c, nos dias de Ozias, de Jotâm, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá^d.

Israel não conhece

²Ouvi, ó céus! Terra, presta ouvido!^e
É o SENHOR que fala:

^{63,8} Fiz filhos crescerem, criei-os^f,
mas eles se revoltaram contra mim.

³ Um boi conhece o seu proprietário
e um jumento, a manjedoura na casa
do seu dono^g;

Israel não conhece,
meu povo não compreende.

Quase como Sodoma

⁴ Desgraça! Nação pecadora^h,
povo carregado de crimes,
raça de malfetores,
filhos corrompidos.

^{Gn 6.12} Eles abandonaram o SENHOR,
^{Dt 28.20;} desprezaram o Santo de Israelⁱ,
^{Jr 1.16} eles se esquivaram.

^{Jr 5.3} ⁵ Onde golpear-vos ainda,
vós que persistis na rebelião?

Toda cabeça está doente, todo
coração extenuado^j.

⁶ Da planta dos pés à cabeça,
nada de intacto: Sl 38,4,8

ferimentos, chagas, cicatrizes recentes,
nem limpas, nem atadas, nem
umedecidas com óleo. Lc 10,34

⁷ Vossa terra está desolada, vossas
cidades, queimadas,
vosso solo, na vossa frente
estrangeiros o devoram:
está desolado, como revirado pelo
invasor^k. 6,11

⁸ A filha de Sião vai ficar
como uma choça numa vinha,
como um abrigo num pepinal,
como uma cidade sitiada^l.

⁹ Se o SENHOR de todo poder não nos Rm 9,29
tivesse deixado alguns sobreviventes^m,
seríamos como Sodoma, semelhantes
a Gomorraⁿ.

Não há culto sem justiça

¹⁰ Ouvi a palavra do SENHOR, ó grandes
de Sodoma, Gn 18,20
dai ouvidos à instrução do nosso Deus,

a. Esta palavra, que designa aqui o conjunto do livro, enfatiza menos os fenômenos propriamente visionários do que o aspecto de revelação, que confere aos seus oráculos a verdadeira autoridade que possuem.

b. O nome *Ishaihu* significa "o Senhor salva" ou "salvação do Senhor". A forma *Isaías* provém da Septuaginta, via a Vulgata, seguida entre nós por todas as Igrejas. Vários personagens tiveram este nome, todos posteriores ao profeta: ICr 25.3.15; 26.25; Esd 8.7.19; Ne 11.7.

c. *Judá e Jerusalém*: denominação restritiva — pois Is também profetizou sobre o reino de Samaria e sobre as nações —, mas explicável pelo interesse especial que o redator pós-exílico do sobrescrito (v. 1) tinha por Judá e Jerusalém.

d. A atividade do profeta situa-se de meados do séc. VIII aos primeiros anos do séc. VII.

e. A invocação dos céus e da terra é um elemento da linguagem jurídica. São chamados a servir de testemunhas tanto para a conclusão de um acordo solene como para a ruptura do mesmo: Dt 30.19; 31.28; 32.1; Sl 50.4.

f. O povo de Israel é chamado *filho de Deus* em Os 2.1; 11.1; Ex 4.22; Jr 3.19; 31.20. Na origem, este título parece ter sido reservado ao rei: Is 9.5; Sl 2.7. Aplicado ao povo, o título indica menos a filiação do que a educação por parte do pai.

g. Os animais são muitas vezes citados como modelos na li-

teratura sapiencial: Pr 6.6; 30.25-26 e talvez Is 11.6. O evangelho apócrifo do Pseudo-Mateus (14) tirou dessa passagem o boi e o jumento do presépio de Natal.

h. Como nos processos, o profeta começa por instruir o ato de acusação contra Judá.

i. *Santo de Israel* é um título que Is dá muitas vezes a Deus. Fora de Is (caps. 1-66), só se encontra em 2Rs 19.22; Jr 50.29; 51.5; Sl 71.22; 78.41; 89.19. Cf. 6.3 e nota.

j. Melhor que: *toda a cabeça e toda o coração*.

k. Lit. *como uma perturbação de estrangeiros*, provavelmente os assírios.

l. Alusão à situação de Jerusalém no ano 701. A cidade ficou sozinha no meio de um país devastado.

m. O conceito de "resto" (os sobreviventes ou escapados), que ocupa um lugar importante na mensagem do profeta, tem provavelmente a sua origem nas catástrofes das quais este foi testemunha e nas quais viu como que um juízo de Deus sobre o seu povo. O fato de este julgamento não ter acabado em um extermínio completo o convenceu de que a escolha do povo não era contestada e de que o "resto" era uma manifestação da graça divina, que porém exigia uma resposta da parte daqueles que eram objeto dessa escolha e graça.

n. *Sodoma e Gomorra*. cf. Gn 19; Dt 29.22; Is 13.19; Am 4.11; Sf 2.9; Rm 9.29.

povo de Gomorra^o.

Am 5,22;
Sl 50,8 ¹¹De que me serve a multidão dos
vossos sacrifícios? diz o SENHOR^r.

Os holocaustos de carneiros, a
gordura dos bezerrinhos,
estou farto deles.

O sangue dos touros, dos cordeiros,
e dos bodes,
não os quero mais.

¹²Quando vindes apresentar-vos diante
de mim,
quem vos pede^a que piseis os meus átrios?

¹³Cessai de trazer oferendas vãs:
a fumaça, tenho-lhe horror!

Lua nova, sábado, convocação de
assembléia...

não agüento mais crimes e festas^r.

¹⁴As vossas luas novas e as vossas
solenidades,

detesto-as,
são um fardo para mim,
estou farto de suportá-las.

Jr 15,6

¹⁵Quando estendeis as mãos, cubro os
olhos,
podeis multiplicar as orações, não as
escuto:

1,15;
59,3 vossas mãos estão cheias de sangue^r.

¹⁶Lavai-vos, purificai-vos.

Tirai do alcance do meu olhar as
vossas más ações,
cessai de fazer o mal.

Jr 4,4

¹⁷Aprendeí a fazer o bem,
procurai a justiça,

chamai à razão o espoliador^r,
fazei justiça ao órfão,
tomai a defesa da viúva.

Ex 22,21;
Jó 31,17

¹⁸Vinde e discutamos, diz o SENHOR^r.
Se os vossos pecados são como o
escarlate,

Mq 6,2

tornar-se-ão brancos como a neve.

Sl 51,9

Se são vermelhos como o carmesim,
tornar-se-ão como a lã.

¹⁹Se quiserdes ouvir,

comereis o melhor da terra.

Jr 2,7

²⁰Se vos recusardes, se vos obstinardes,
é a espada que vos comerá.

Lv 26,6,25;
Dt 32,42

A boca do SENHOR falou.

Jerusalém purificada

²¹Oh!^r Transformou-se em prostituta^r
a cidade fiel, plena de justiça,
refúgio do direito e agora dos assassinos?

Ez 16
Sl 89,15;
97,2

²²Tua prata transformou-se em escória,
teu melhor vinho está misturado com
água.

²³Teus chefes são rebeldes,
cúmplices dos ladrões.

Os 9,15

Todos eles amam presentes,
correm atrás de gratificações^r.

Não fazem justiça ao órfão
e a causa da viúva não chega até eles.

²⁴Eis por que — oráculo do Senhor

DEUS de todo poder,
o Indomável de Israel^r —,
desgraça! Prevalecerei sobre os meus
adversários,

o. Novo oráculo, ligado ao precedente pela menção a *Sodoma e Gomorra*. Sobre a tradução de *torá* por *instrução*, cf. 2,3; 8,16,20.

p. O conteúdo da *instrução* do profeta é uma crítica ao culto sacrificial em uma situação precisa. Embora sem entregar-se a uma crítica radical, ele enuncia com vigor os princípios de um discernimento: a) o valor do culto não está ligado à multiplicação dos ritos (v. 12); b) o culto só pode ser oferecido por homens cuja vida se conforme às exigências de Deus para com aqueles que buscam a sua face (v. 17); c) o culto não pode substituir os deveres mais elementares para com o próximo, especialmente o fraco: cf. 22,20; Dt 24,17; 27,19. Parece, portanto, que esta *instrução* (como as de Am 5,25; Os 6,6; Jr 7,22) visa menos à supressão do culto sacrificial do que a sua reforma e o seu aprofundamento.

q. Lit. *que pede isto das vossas mãos*, evocando provavelmente as oferendas.

r. A condenação incide sobre as solenidades celebradas por aqueles que cometeram *crimes* (injustiças, crimes, práticas mágicas).

s. O sangue dos oprimidos talvez tenha sido evocado pelo sangue das vítimas sacrificiais.

t. Pode-se também compreender: *fazei justiça ao oprimido*, conservando apenas as consoantes do hebr., como faz o gr.

u. Fórmula de diátribe jurídica (como no v. 2) introduzindo aqui uma promessa de perdão que se realizará à medida que o povo corresponder.

v. Este trecho (vv. 21-28) começa no estilo das "lamentações", empregado pelo livro que leva este nome e por Am 5,1.

w. Única passagem em que Isaías emprega a propósito de Israel, a imagem da *prostituta*, que tinha sido amplamente utilizada por Os (1,2; 2,7; 3,3 etc.) e que será retomada por Jr e Ez.

x. A lei proibia aos administradores da justiça aceitar presentes e pronunciava uma maldição contra aquele que se servisse do cargo para condenar à morte um inocente: Ex 23,8; Dt 16,19; 27,25; Is 5,23.

y. Essa expressão (e o seu equivalente, *o Indomável de Jacó*, Gn 49,24; Is 49,26; 60,16; Sl 132,2,5) é certamente bem antiga. Ela sublinha o poder do Senhor, empregando uma denominação que designa também o touro.

vingar-me-ei dos meus inimigos.

- ²⁵ Voltarei a minha mão contra ti:
com o sal refundirei as tuas escórias,
eliminaréi todas as tuas impurezas⁴.

Jr 2,22;
Ez 22,18ss

- ²⁶ Farei os teus juízes voltarem a ser^a
como outrora,
teus conselheiros como antigamente:
^{60.14} Então te chamarão de Cidade-Justiça,
Cidade Fiel.

- ²⁷ São será salva pela justiça
e os convertidos nela, pela eqüidade.

- ²⁸ Rebeldes e pecadores juntos serão
quebrados,
os que abandonam o SENHOR
desaparecerão.

Contra as árvores sagradas

- ²⁹ Ficareis decepcionados com os
terebintos
que tanto amáveis,
tereis vergonha dos vossos jardins de
predileção^b.

64,5;
Sl 1,3

- ³⁰ pois sereis então como o terebinto de
folhagem murcha,
como jardim privado de água.

- ³¹ O homem forte transformado em estopa
e seu trabalho^c sendo a centelha,
ambos se inflamarão juntos
e ninguém apagará.

Jr 21,12;
Am 5,6

z. Este v. retoma o fio do v. 22. Para obter prata aquecia-se o chumbo argenteífero com ferro, para separar a prata do chumbo. Em caso de não dar certo, a prata ficava misturada ao chumbo. Recorria-se então a um novo procedimento de purificação através de uma mistura de potassa e de soda; cf. Jr 6,29; Ez 22,18.

a. *Voltarei* (v. 25)... *Farei voltar a ser* é a mesma palavra em hebr.; encabeçando os vv. 25 e 26, ela mostra a ligação entre a imagem e a sua significação. — A mesma raiz encontra-se em “convertidos”, v. 27b.

b. O profeta se insurge contra os ritos naturistas dos cultos de fecundidade herdados de Canaã, que se praticam nos jardins (cf. 17,10; Os 4,13). Textos posteriores mostram que esses cultos foram populares durante muito tempo: Jr 2,20.23; Is 57,5; 65,3; 66,17.

c. O *trabalho*, aqui, é a atitude daquele que se entrega aos cultos idolátricos: é comparável a uma árvore dessecada que se torna rapidamente presa das chamas: 5,24; 9,4.17-18; 10,16-17; 26,11; 29,6; 30,27.30.33; 33,11.

d. Este v. provavelmente serve de título para o conjunto formado pelos caps. 2-12.

e. Os vv. 2-4 se reencontram com algumas variantes e um acréscimo em Mq 4,1-3, o que parece depor a favor de uma fonte comum, na qual se teriam inspirado os redatores dos dois livros.

f. O profeta tem em vista aqui as peregrinações ou subidas regulares por ocasião das grandes festas em Jerusalém (cf. Dt

2 ¹O que viu Isaías, filho de Amôs a respeito de Judá e de Jerusalém^d.

Todas as nações afluirão a Jerusalém

- ² No futuro^e, ocorrerá que a montanha
da Casa do SENHOR
será estabelecida no cume das montanhas Zc 14,4
e dominará sobre as colinas.

Todas as nações a ela afluirão. SI 72,11

- ³ Povos numerosos pôr-se-ão em
marcha e dirão:

“Vinde, subamos à montanha do SENHOR^f,
à casa do Deus de Jacó^g.” Zc 8,3;
SI 24,3

Ele mostrará os seus caminhos,
e caminharemos pelas suas veredas^h.
Sim, é de São que vem a instrução^h
e de Jerusalém, a palavra do SENHOR.

- ⁴ Ele será juiz entre as nações,
o árbitro de povos numerososⁱ.
De suas espadas forjarão relhas,
das suas lanças, podadeiras.

Nação contra nação
não brandirá mais a espada,
não se aprenderá mais a guerra^j.

- ⁵ Vinde, casa de Jacó,
caminhemos à luz do SENHOR^k. SI 56,14;
Pr 6,23

O dia do Senhor^l

- ⁶ Sim, abandonaste o teu povo, a casa
de Jacó.

16,16; SI 122,4). No futuro todas as nações participarão delas: Is 60,3; 66,20; Zc 8,20-22; 14,16-17.

g. A expressão *Deus de Jacó* não se encontra alhures em Is, mas é frequente nos SI (46,8; 75,10; 76,7; 84,9).

h. Como em 1,10, a palavra de Deus é denominada uma *instrução* (*torá*, cf. 8,16 e nota; 42,4), isto é, uma diretriz que não basta conhecer, mas que é preciso viver no concreto da existência.

i. Essa função judicial de Deus será também a do rei messiânico: cf. 11,3.4; 16,5. Aqui, ela ultrapassa de longe os limites do reino de Israel.

j. O fim das guerras faz parte da maioria das representações escatológicas, onde é o próprio Senhor quem quebra as armas de guerra: Os 2,20; Zc 9,10; SI 46,10; aqui, as nações se encarregam disso, de comum acordo, depois de receberem a encenação divina. Em Jl 4,10, a profecia de Is e de Mq é convertida no seu contrário. Esta visão de paz (cf. 1Rs 5,26 nota) está provavelmente em relação com o próprio nome de Jerusalém, “cidade de paz”.

k. A *luz* é símbolo de salvação, sobretudo quando é a de Deus: cf. 10,17; 60,1. A instrução é igualmente comparada à luz em SI 119,105; Pr 6,23.

l. Os vv. 6-22 se ligam ao v. 5 pela menção à *casa de Jacó*; o oráculo dos vv. 6-22 parece ter visado ao reino de Samaria (Israel) antes de sua queda em 722.

- Eles são submergidos pelo Oriente,
 57,3 têm tantos adivinhos quanto os filisteus,
 Dt 18,10 e demasiados filhos de estrangeiros.
 7 Sua terra está cheia de prata e de ouro^m:
 não têm limites os seus tesouros.
 Dt 17,16; Sl 20,8 Sua terra está cheia de cavalos:
 não tem limite o número dos seus carros.
 8 Sua terra está cheia de ídolos:
 eles prosternam-se diante da obra das
 17,8 próprias mãos,
 diante daquilo que os seus dedos
 fabricaram.
 9 Eles deverão dobrar-seⁿ, os humanos,
 o homem será rebaixado
 — tu não poderias perdoar-lhes.
 Os 10,8; Lc 23,30; Ap 6,15 10 Entra nas rochas, esconde-te no pó
 diante do terror do SENHOR
 e do brilho da sua majestadeⁿ.
 37,29; Lc 1,51 11 O olhar orgulhoso dos humanos será
 rebaixado,
 os homens soberbos deverão dobrar-se:
 e nesse dia, só o SENHOR será exaltado.
 12 Pois haverá um dia para o SENHOR
 de todo poder,
 contra tudo o que é orgulhoso,
 soberbo e arrogante^p
 e que será rebaixado:
 10,34 13 contra todos os cedros do Líbano
 orgulhosos e arrogantes,
 33,9 e todos os carvalhos do Bashan^q,
 14 contra todas as montanhas soberbas
 e todas as colinas arrogantes,
 15 contra todas as altas torres
 e todas as muralhas inacessíveis,
 16 contra todos os navios de Tarshish^r 1Rs 22,49
 e todos os barcos suntuosos.
 17 O orgulho dos humanos deverá
 dobrar-se,
 os homens soberbos serão rebaixados:
 nesse dia, só o SENHOR será exaltado 2Sm 22,3;
 18 — e todos juntos, os ídolos Sl 46,8
 desaparecerão.
 19 Entrai nas cavidades dos rochedos
 e nos antros do chão,
 diante do terror do SENHOR
 e do brilho de sua majestade
 quando ele se levantar para
 aterrorizar a terra. Nm 10,35;
 20 Naquele dia, os humanos jogarão às Sl 82,8
 toupeiras e aos morcegos os seus ídolos
 de prata e os seus ídolos de ouro, que fa-
 bricaram para diante deles se prosternarⁿ.
 21 Irão para os buracos dos rochedos,
 para as fendas da rocha,
 diante do terror do SENHOR
 e do brilho de sua majestade,
 quando ele se levantar para
 aterrorizar a terra.
 22 Deixai, portanto, o homem^t, ele não
 passa de um sopro no nariz: Gn 2,7;
 que é que ele vale afinal? Jô 7,7

3 Anarquia em Jerusalém

1 Sim, o Senhor DEUS de todo poder
 subtrai a Jerusalém e a Judá
 sustento e apoioⁿ.

m. Alusão ao período de prosperidade que houve em Israel sob Jeroboão II e em Judá sob Ozias (2Rs 14,25; 2Cr 26,7; 27,3). A multidão dos carros de guerra era considerada como infidelidade à aliança, pois era uma garantia humana e, conseqüentemente, menosprezo da fé. No futuro desejado por Deus, os carros de guerra e os cavalos desaparecerão: cf. 31,1; Am 2,15; 4,10; Os 14,4.

n. O homem que se dobrava *prostrando-se* diante dos ídolos deverá deixar-se *dobrar* pelo Senhor. **[Os humanos = Adão.]*

o. O terror do Senhor e o brilho da sua majestade evidenciam, respectivamente, a atividade de Deus, que se levanta para julgar a terra, e o esplendor régio do soberano celeste: cf. Sl 7,7; 9,20; 82,8 e Sl 21,6; 29,2; 104,1 etc.

p. O pecado-tipo que leva o Senhor a intervir por ocasião do seu dia é o orgulho, e as imagens que seguem (vv. 13-16: árvores, montanhas, fortalezas, navios) são, cada uma delas, a ilustração de tal pecado. Quanto à representação do Dia do Senhor, cf. Am 5,18 e nota.

q. O Bashan é a parte da Transjordânia situada entre o maciço do Hermon e o Jarmuc, no sul da atual Síria. Essa região era

célebre pelos carvalhos: cf. Ez 27,6; Zc 11,2.

r. Tarshish talvez seja a Tartessos dos gregos, cidade localizada na costa sudeste da Espanha (ver também Jn 1,3 nota). Esses navios devem ter sido o mais belo florão da frota criada por Salomão, e a expressão provavelmente designa também as embarcações que navegavam em outras direções, cf. 23,1.14; 60,9. **[Cf. os "transatlânticos".]*

s. Passagem em prosa, acrescentada para esclarecer quais são os habitantes das cavidades dos rochedos e dos antros do chão.

t. Observação de um leitor, provavelmente oriundo dos ambientes sapienciais. Ausente do gr., esta observação resume o conjunto do parágrafo: o homem, que não passa de um sopro, não merece que se deposite a confiança nele. A mesma idéia pode ser vista em Jó 10,20; 7,16-17; 25,6 e em certos salmos: 8,5; 9,21; 10,18; 39,5-7; 89,48; 102,12; 103,15; 144,3-4.

u. O termo significa também *bastão*. Nesse sentido, pode evocar um emblema de dignidade (cf. Nm 21,18). Na lista dos sustentos não figuram nem o rei nem os sacerdotes, o que parece indicar que não se contestava nem a dinastia nem o Templo.

todo sustento de pão, todo sustento de água,

² o valente e o homem de guerra, o juiz e o profeta, o adivinho^v e o ancião^w,

³ o oficial^x e o dignitário, o conselheiro, o perito em magia^y e o especialista em sortilégios.

⁴ Por chefes lhes darei garotos, que os governarão segundo seus caprichos.

⁵ No povo, um molestará ao outro, cada um a seu próximo. O garoto levantar-se-á contra o idoso, o homem de nada contra o notável^z.

⁶ Irmão atacará irmão na casa paterna: "Tens uma veste^a, serás o nosso chefe, estejam sob tua autoridade esses escombros^b".

⁷ Então o outro exclamará: "Não sou curandeiro, na minha casa não há pão nem veste: não façais de mim um chefe do povo".

⁸ Jerusalém tropeça, Judá desmorona. Seus propósitos e seus atos para com o SENHOR não passam de revolta diante da sua glória.

⁹ A expressão do seu rosto testemunha contra eles,

¹⁰ proclamam o seu pecado como Sodoma, não o escondem. Desgraçados! Preparam sua própria desgraça.

¹¹ Dizei: o justo é feliz, pois comerá o fruto de suas ações.

¹¹ Infeliz o mau, ai dele, pois será tratado segundo mereçam seus atos^c.

¹² Ó meu povo! O seu tirano é uma criancinha, quem governa são mulheres^d. Ó meu povo! Os que te conduzem te desencaminham, invertem o rumo do teu caminho.

Processo contra os responsáveis

¹³ O SENHOR levanta-se para o processo, está de pé para julgar os povos.

¹⁴ O SENHOR cita em juízo os anciãos e os chefes do povo: Fostes vós que devorastes a vinha, o despojo dos pobres está nas vossas casas.

¹⁵ Com que direito esmagais o meu povo^e e calcais aos pés o rosto dos pobres^f? — Oráculo do Senhor DEUS de todo poder^g.

Contra o luxo das senhoras^h

¹⁶ O SENHOR disse: Já que as filhas de Sião são orgulhosas, e andam de pescoço esticado distribuindo olhadelas, caminhando a passos saltitantes fazendo tilintar os guizos dos seus pés.

¹⁷ O Senhor cobrirá de sarna o crânio das filhas de Sião, o Senhor lhes descobrirá o sexo.

¹⁸ Nesse dia, o Senhor as despojará dos seus adornos:

v. O adivinho: função herdada do mundo pagão (Js 13,22; 1Sm 6,2), reprovada pelo Dt (18,14). Os livros proféticos aproximam os adivinhos dos falsos profetas. Mq 3,5-7; Jr 27,9; 29,8; Is 44,25; Zc 10,2.

w. O ancião: dignidade de origem tribal (Ex 3,16,18; 2Sm 5,3), transformada em uma magistratura no regime real: 1Rs 21,8; Dt 25,5-10.

x. Lit. o chefe de cinquenta.

y. Ou o artesão.

z. Lit. o homem leve contra o homem de peso.

a. Trata-se da veste longa e ampla que podia servir de cobertura à noite. Quem a usava, nas circunstâncias descritas, podia iludir as pessoas desassistidas e desamparadas.

b. Esses escombros formam um monte em que se tropeça. A imagem enfatiza fortemente o grau de anarquia do povo.

c. Essa máxima sapiencial lembra, em face da anarquia, que cada um colhe o que semeou: Pr 12,14; Sl 128,2.

d. Texto difícil. Talvez faça alusão ao início do reinado de Acáz ou de Ezequias, quando a rainha-mãe, que em Judá tinha um título oficial (cf. 1Rs 15,13), pode ter exercido uma influência preponderante. Mas o termo *mulheres* pode também ser entendido em um sentido figurativo para sublinhar ironicamente a incapacidade dos governantes de então: cf. v. 4 e Na 3,13. A maioria das versões leram *extatores* em vez de *mulheres*.

e. Os chefes e anciãos interpelados abusam do seu poder judicial: cf. 1,23,26; 5,23; 10,1,2; Lv 19,13; Pr 22,22-23.

f. Rosto indica a dignidade.

g. A fórmula de conclusão ressalta a solenidade desse oráculo. h. Esse oráculo visa primeiramente ao luxo e à riqueza, que constituem um insulto à dignidade dos pobres; dirige-se também contra as práticas idolátricas e mágicas de origem estrangeira, às quais parecem aludir várias palavras. Pelo menos a metade desses termos de toalete feminina só aparecem aqui no AT, e a tradução deles é aproximativa.

guizos^l, sóis, luas^l,
¹⁹ pingentes^k, braceletes, véus,
²⁰ turbantes, pulseiras^l,
 correntinhas, talismãs^m, amuletos,
²¹ anéis^a, argolas de nariz,
²² vestidos de festa^a, cachecóis, xales,
 bolsas de mão^p,
²³ espelhos^a, camisas de linho, faixas^r,
 mantilhas^r.
²⁴ Em vez de perfume, podridão,
 de cinto, uma corda,
 de tranças caprichadas, cabeça
 raspada,
 de roupa fina, tanga de saco,
 uma marca infamante^l em vez de
 beleza.

As viúvas de Jerusalém

Os 14,1 ²⁵ Teus varões cairão sob a espada,
 tua elite, no combate.
²⁶ As tuas portas^a gemerão e se
 lamentarão;
 47,1; despojada, estarás sentada no chão.
 Lm 2,10 ⁴ 'Nesse dia, sete' mulheres se atra-
 rão a um só homem dizendo-lhe:
 "Proveremos à nossa comida,
 proveremos ao nosso vestir,
 desde que possamos usar o teu nome":
 tira a nossa desonra!"

Gn 30,23;
 Lc 1,25

- l. Ou talvez correntinhas ou anéis de bronze com guizos usa-
 dos nos pés.
 j. Meias luas e sóis eram usados ao redor do pescoço.
 k. Lit. *gotas*, provavelmente pérolas.
 l. Usados nos tornozelos.
 m. Lit. *casas de vida*, que deviam garantir uma proteção mágica
 àqueles que as usavam. Cf. o *bornal dos vivos* mencionado em
 ISm 25,29.
 n. O *anel* servia de selo e trazia o mais das vezes o nome do
 proprietário.
 o. Devem ter sido vestidos brancos: cf. Zc 3,4.
 p. Peça de pano ou de couro na qual se segurava o dinheiro
 (cf. 2Rs 5,23).
 q. Ou talvez: peça de roupa mais ou menos transparente.
 r. Enroladas ao redor da cabeça.
 s. Véus leves.
 t. Lit. *quemadura*. As indicações do v. 24 referem-se aos
 tratamentos que se dispensavam aos cativos e que são com fre-
 quência representados nos baixos-relevos assírios.
 u. A menção às *portas* (cf. Lm 1,4; 2,9), como alhures à terra
 (24,4; 33,9; Os 4,3; Jl 1,10), às *portagens* (Am 1,2), aos muros
 (Lm 2,8) torna mais impressionante ainda a imagem da viúva
 sentada no chão, chorando a perda dos seus filhos.
 v. O número *sete*, que é o da totalidade, designa aqui simples-
 mente um grande número.
 w. Na realidade, a mulher não assumia o nome do marido:

O Senhor protegerá os sobreviventes de Jerusalém

² Naquele dia, o que o SENHOR fará 6,13;
 germinar^a 53,2
 será a honra e a glória,
 e o que a terra produzir
 fará o orgulho e o prestígio
 dos sobreviventes de Israel. 10,20;
³ Então, o resto de Sião, os que 37,31
 sobram de Jerusalém
 serão chamados santos^a:
 todos serão inscritos em Jerusalém MI 3,16
 a fim de que vivam^a.
⁴ Quando o Senhor tiver limpo as
 imundícies das filhas de Sião^a
 e lavado Jerusalém do sangue que
 nela se derramou
 pelo sopro do julgamento, por um
 sopro de incêndio,
⁵ ele criará em todo lugar da montanha
 de Sião,
 sobre as assembléias,
 uma nuvem, de dia,
 e de noite, uma fumaça com o brilho
 de um fogo em flama. Os 7,6;
 E acima de tudo, a glória do SENHOR Lm 2,3
⁶ será um dossel^b, uma choupana de
 folhagem
 dando sombra nos dias de grande calor

este era simplesmente pronunciado quando da conclusão do
 casamento, o que implicava um direito de posse e um dever de
 proteção (Ex 21,10). A condição de uma mulher não-casada era
 sempre considerada como triste e desonrosa (Dt 25,5-6; cf. Is
 54,1). Para escapar a essa condição, na situação evocada pelo
 profeta, as mulheres recorrem a uma solução de desespero, com-
 prometendo-se a prover elas mesmas ao seu sustento.

x. Lit. *o germe do Senhor*. A expressão, paralela a *o que a
 terra produz* (lit. *o fruto da terra*), designa primeiramente a
 prosperidade que se seguirá à catástrofe geral, descrita nos ter-
 mos empregados para a felicidade dos tempos messiânicos (Am
 9,13; Is 61,11; Sl 72,16). A perspectiva do profeta estende-se
 também ao renascimento do povo que, reduzido inicialmente a
 um *resto*, se tornará um *germe* chamado a um futuro glorioso.
 O termo será finalmente aplicado à própria pessoa do Messias
 (Jr 23,5; 33,15; Zc 3,8; 6,12; Sl 132,17).

y. Sobre o *resto*, cf. 1,9 e nota. Sobre *santos*, cf. 6,3 e nota.
 z. Lit. *todo inscrito para a vida em Jerusalém*: aqui está uma
 das raízes da representação do *livro da vida*, que conhecerá um
 grande desenvolvimento, sobretudo na literatura apocalíptica (Ex
 32,32; Sl 69,29; 87,6; Ez 13,9; Ap 13,8 etc.)

a. A expressão *as filhas de Sião* (como alhures a *filha de Sião*)
 designa aqui o conjunto da população de Jerusalém. É provavel-
 mente a proximidade de 3,16 que explica esta forma no plural.

b. Lit. *por cima do todo, a glória (será) um dossel*; *será uma
 choupana...*

25.4; e servindo de refúgio e de abrigo
SI 14.6 contra a borrasca e a chuva^c.

5 O bem-amado e sua vinha

¹Que eu cante para o meu amigo
o canto do bem-amado e de sua vinha^d;
Meu bem-amado possuía uma vinha
em outeiro fértil.

²Ali revolveu a terra, retirou as pedras,
plantou uma cepa selecionada^e,
No meio, construiu uma torre^f
e cavou também um lagar.
Esperava dela uvas boas,
só colheu uvas más.

Dt 32,32

³Agora, habitantes de Jerusalém e
gente de Judá,
sede juízes entre mim e minha vinha^g.

⁴Podia eu fazer pela minha vinha
mais do que fiz?
Eu esperava dela uvas boas;
por que produziu uvas más?

⁵Pois bem, vou ensinar-vos
o que vou fazer com a minha vinha:
retirar a cerca, para que seja
devorada pelo fogo,
abrir uma brecha no muro, para que
seja pisoteada.

SI 80,13

⁶Farei dela um encosta desolada^h,
não será nem podada nem sachada,
brotarão espinheiros e sarças,
e proibirei as nuvens
de chover sobre ela.

Dt 11,14;
Am 4,7

⁷A vinha do SENHOR de todo poder é
a casa de Israel
e a gente de Judá é a planta que ele
amava.

Jr 31,20

Ele esperava dela o direito,
e eis assassinatosⁱ.
Esperava dela a justiça,
e eis clamores^j.

1,21

Seis "ais" contra os grandes de Judá^k

Ai^k dos que juntam casa a casa,
campo a campo,
até ocuparem todo o lugar
e serem os únicos a morar no meio
da terra^l.

IRs 21,
1-16;
Mq 2,2

⁹Aos meus ouvidos soou o juramento
do SENHOR de todo poder:
Numerosas casas, grandes e belas,
serão votadas à desolação por falta
de morador.

Am 3,7

¹⁰Dez jeiras^m de vinha não produzirão
mais do que uma ânforaⁿ,
dez medidas de semente produzirão
só uma^o.

¹¹Ai dos que madrugam em busca de
bebidas fortes,
e até alta noite se aquecem com o vinho.
¹²A harpa e a lira, o tamborim e a flauta
acompanham suas bebedeiras,

56,12;
Am 6,4ss;
Pr 23,29s

mas não observam o que faz o SENHOR
nem vêm o que realizam suas mãos^p.
¹³Eis por que o meu povo será deportado

29,23;
SI 143,5

c. Enumeração, por parte de um glosador (vv. 5-6), das principais manifestações de Deus e da sua proteção nos relatos do Êxodo: *nuvem, fumaça, fogo*, que acompanham a conclusão da aliança, evocada aqui pelo *dossel* nupcial (cf. SI 19,5; JI 2,16). Esses acontecimentos são recordados em Jerusalém, onde se concentra toda a glória divina, e outras representações vêm somar-se a esta, como a da *choupana* (festa das *Tendas*).

d. A imagem da *vinha* aplicada ao povo encontra-se várias vezes na Bíblia: Is 3,14; 27,2-5; Jr 2,21; 12,10; Ez 17,6; Os 10,1; SI 80,9-17; Mt 20,1; 21,33; Jo 15. Ela exprimia bem a aliança de Deus com o seu povo, aliança aparentada à união conjugal (cf. Os 1-3), já que a vinha é também o símbolo do amor: Ct 1,6-14; 2,15; 8,12. Este poema é na sua origem um canto de amor, transformado pelo poeta em parábola de julgamento.

e. Lit. *vermelho dourado* (fr. *vermeil*), cf. Jr 2,21.

f. A *torre* mostra bem o proprietário cuida de sua vinha. O mais das vezes, as pessoas se contentavam com uma choça de folhagem, cf. 1,8.

g. A mudança de pessoa indica a passagem da descrição para a interpelação, do relato para a invectiva.

h. Termo difícil, que provavelmente designa um lugar saqueado e impróprio para a cultura.

i. A palavra traduzida por *assassinatos* (*mispah*, palavra rara em hebr.) foi escolhida para fazer assonância com *mishpat* (= *direito*). O mesmo acontece com *justiça* (*sedáqá*) e *grito* (*se'áqá*).

j. *Clamores* (dos infelizes): a expressão se encontra também em Ex 37,9; SI 9,13.

k. Começo de uma série de oráculos de comprimento desigual, introduzidos pela palavra *ai*: vv. 8,11,18,20,21,22. Um sétimo oráculo semelhante se encontra em 10,1-4. Podem-se datar esses oráculos do início do ministério de Isaias sob o reinado de Acas.

l. Ao açambarcar as terras, criando assim um proletariado, os grandes entram em contradição flagrante com a vontade do Senhor que doou a terra (Dt 1,8; Jr 24,10 etc.), ele que prescreveu a partilha (Js 13-21) e cuja lei protege os direitos dos pobres sobre a terra (Lv 25,23-28; Dt 15,1-11).

m. Lit. *dez cangas*, isto é, dez vezes a superfície que uma parcela de bois consegue arar em um dia (aproximadamente 25 ares), o que dá em torno de 2,5ha. Cf. Lv 26,20; Dt 28,38.

n. Lit. *um único bar*.

o. Lit. *um ôliver de semente produzirá uma efá*, portanto muito menos.

p. A obra do Senhor, que o livro de Is designa com quatro termos diferentes, é um dado-chave da linguagem teológica do

por sua falta de conhecimento^a.

A elite morrerá de fome

e a massa ressecará de sede.

Am 8,13

Hab 2,5

¹⁴ Então o Sheol abrirá a goela de par em par

e inchará a garganta;

a nobreza e a massa descerão para lá com sua alegre algazarra.

¹⁵ Eles deverão dobrar-se, os humanos, o homem será rebaixado, os orgulhosos terão de baixar os olhos.

¹⁶ O SENHOR de todo poder será exaltado no seu julgamento

e o Deus santo se mostrará santo pela sua justiça^f.

Nm 20,13;

Ez 20,41

17,2;

32,14

¹⁷ Cordeiros ali pastarão como na sua pastagem,

e cabritos cevados roerão sobre as ruínas^g.

¹⁸ Ai dos que puxam a culpa com as cordas da impostura^h,

e o pecado com tirantes de carro.

¹⁹ E dizem: "Que ele se apresse,

que apresse a sua obra para que a vejamos.

Que se apresente e se realize o plano do Santo de Israel.

e tomaremos conhecimentoⁱ".

Jr 17,15;

2Pd 3,3s

Mq 3,2;

Pr 17,15

²⁰ Ai dos que chamam de bem o mal e de mal, o bem.

Fazem da escuridão a luz e da luz, a escuridão.

Fazem passar por amargo o que é doce e por doce, o amargo.

²¹ Ai dos que a seus próprios olhos são sábios^j,

29,14;

Rm 11,25;

12,16

profeta. Ele sempre fala dela no singular, para mostrar que a ação de Deus, apesar da sua diversidade, se desenrola segundo um plano único: cf. 5,19; 28,21; 31,1; 45,11.

q. * [No sentido típico de Is: o não "conhecer" a Deus: cf. 1,3.] r. Aqui trata-se provavelmente da justiça que pune, mas com freqüência se trata da justiça que salva; assim em 30,18, cf. nota.

s. Outra tradução: *nômade alimentar-se-ão nas ruínas em que estavam os animais gordos*.

t. As cordas da impostura podem fazer pensar em práticas mágicas (nós) com as quais se tentava provocar ou apressar os acontecimentos: cf. Sl 119,61; Jó 18,10; Ez 13,18.

u. Os adversários ridicularizam algumas das afirmações mais constantes do profeta sobre a obra e o plano de Deus, sobre o Santo de Israel, sobre o conhecimento do Senhor: cf. 28,9-10; 30,11 e também Am 5,18.

v. O profeta não ataca a classe dos sábios, com os quais aliás tem numerosas afinidades de linguagem e de pensamento, mas

do seu ponto de vista, inteligentes.

²² Ai dos heróis de bebedeiras, campeões de coquetéis^w.

²³ Ao culpado declaram justo por um presente

e ao inocente recusam a justificação.

²⁴ Por isso, como a palha é devorada pelo fogo

e o restolho^x desaparece na chama, eles apodrecerão pela raiz

e a flor deles acabará em pó, pois rejeitaram a instrução do

SENHOR de todo poder, desprezaram a palavra do Santo de Israel.

1,4

A cólera do Senhor^y

²⁵ Eis por que a cólera do SENHOR se inflamou contra o seu povo,

ele estende a mão para golpeá-lo; as montanhas tremem,

os cadáveres são como lixo no meio da rua.

Apesar de tudo isso a sua cólera não se desviou

e a sua mão continua estendida.

Hab 3,6;

Sl 18,8;

Dt 28,26;

Jr 7,33

A ameaça de uma nação longínqua

²⁶ Ele ergue um estandarte para uma nação longínqua^z,

assobia-lhe das extremidades da terra, e eis que ela se apressa e chega veloz.

²⁷ Nenhum dos seus homens está cansado, nenhum tropeça.

nenhum está sonolento, nem adormecido.

Os cintos não estão desatados,

11,12;

Jr 4,6;

50,2;

7,18

56,10;

Na 3,18

aqueles que pensam poder dispensar-se de consultar o conselho de Deus. Os Pr criticam, da mesma forma que Is, os que são sábios a seus próprios olhos: cf. Pr 3,7; 26,12; 28,11.

w. Lit. *homens corajosos para misturar as bebidas fortes*. Por esse mesmo termo deve-se entender um álcool de cereais misturado com especiarias.

x. Trata-se das hastes que ficam no campo depois da colheita das espigas, e que são presa fácil para o vento ou o fogo, cf. 33,11; 40,24; 47,14.

y. O v. 25 parece estar fora de contexto. Está logicamente ligado ao conjunto 9,7-10,4, pois o seu final é o que se encontra em 9,11,16,20 e 10,4.

z. Só pode ser a Assíria, nação localizada a mais de mil quilômetros de Jerusalém, mas que representava então um perigo do qual os ouvintes do profeta estavam profundamente conscientes, cf. 7,20; 8,4,7; 10,5; 14,25; 19,23; 20,1; 30,31; 31,8; 36-37.

os cordões das sandálias não estão rompidos.

SI 45,6 ²⁸ Suas flechas estão aguçadas, todos os seus arcos estão retesados. São tidos por sílex os cascos dos seus cavalos, Jr 47,3 por um turbilhão, as rodas dos seus carros^a.

²⁹ O rugido dela é o de uma leoa, Jr 2,15; ela ruge como filhotes de leão^b. Os 5,14 brame, agarra sua presa, arrebatá-a, e ninguém lhe arranca.

³⁰ Mas, naquele dia, bramirão contra ela^c, como o bramido do mar. Olhar-se-á para a terra e eis: trevas e angústia, e a luz será obscurecida por espesso nevoeiro.

6 A vocação de Isaías. ¹No ano da morte do rei Ozias^d, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e excelso.

2Rs 15,32;
2Cr 26,
22-23
1Rs 22,19;
Am 9,1

A cauda de sua veste enchia o Templo^e.

² Acima dele permaneciam serafins^f. Cada um tinha seis asas: duas para cobrir o rosto, duas para cobrir os pés^g e duas para voar. Ez 1,11

³ Eles gritavam um para o outro: "Santo, santo, santo, o SENHOR de todo poder^h, sua glória enche a terra inteira!" SI 29,9

⁴ Os gonzos das portasⁱ puseram-se a tremer

à voz daquele que gritava, e o Templo se enchia de fumaça^k.

⁵ Eu disse então: "Ai de mim! Estou perdido^l, sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de lábios impuros e meus olhos viram o rei, o SENHOR de todo poder^m". Jz 6,22; 13,22; Jô 42,5

⁶ Um dos serafins voou para mim, tendo na mão uma brasaⁿ

a. O avanço rápido dos exércitos assírios deve-se ao excelente equipamento da infantaria (v. 27), ao corpo de arqueiros (início do v. 28) que permitia os ataques-surpresa, e à grande resistência dos cavalos e dos carros (fim do v. 28, cf. 36,8).

b. O leão era muitas vezes associado à grande deusa mesopotâmica *Ishtar*, e é possível que figurasse nos emblemas do exército. Os reis assírios gostavam de comparar-se ao leão em cólera, e o profeta Nahum comparará Nínive à toca do leão (Na 12-14). O rugido do leão é também evocado pelo grito dado pelos combatentes no momento de iniciar a batalha, e que tinha por finalidade semear o pânico no acampamento adversário (Jr 4,19): via-se neste grito a voz do próprio Deus (Am 3,8). Essas imagens eram tanto mais eloquentes pelo fato de, no tempo de Isaías, ser frequente a presença de leões na Palestina, especialmente no vale do Jordão.

c. Este v., que só artificialmente se liga ao que precede, faz alusão à reviravolta da situação que virá da Assíria, também ela por sua vez castigada: cf. 10,12; 30,31. Para além da inversão da situação, ele evoca também a intervenção de poderes sobrenaturais, a volta do caos com as suas águas ameaçadoras e atingindo todos os povos.

d. Entre 740 e 736, dependendo de maneira como se interpreta a difícil cronologia do livro dos Reis, 740 é a data mais provável.

e. Isto é, a grande sala do Templo, cf. 1Rs 6,3-5,17.

f. A palavra significa *ardente*. Na sua origem, designa uma temível serpente do deserto (Nm 21,6,8; Dt 8,15), representada com asas (Is 14,29; 30,6) e cuja efígie de bronze é honrada no Templo de Jerusalém até o reinado de Ezequias (2Rs 18,4). A palavra serve aqui para descrever os seres híbridos (serpentes aladas com rosto e mãos de homem, imagináveis segundo certas representações conhecidas na iconografia oriental antiga) que estão a serviço de Deus e devem até esconder o rosto dele. Seu aspecto *ardente* talvez faça deles símbolos do relâmpago, quan-

do a manifestação de Deus se assemelha a uma tempestade, como é o caso aqui, segundo o v. 4.

g. Eufemismo, designando provavelmente o sexo, cf. Ex 4,25.

h. Sem dúvida, trata-se de uma aclamação já utilizada no culto de Is, pois encontram-se similares no Egito. Ela se torna aqui a expressão fundamental de uma teologia que constituirá o núcleo da mensagem de Isaías (cf. 1,4; 5,19,24; 10,20; 12,6; 17,7; 29,19; 30,11,15; 31,1; 37,23) e comandará a atitude que ele exige perante Deus, o *Santo de Israel*. A teologia da *santidade* de Deus (que acarreta e exige a do povo) reaparecerá em Ezequiel, em Is 40-55 e em certas tradições sacerdotais conservadas em Jerusalém (cf. sobretudo Lv 17-26). Sobre o nome o *Senhor o todo-poderoso*, cf. Gn 2,1 e 1Sm 6,3 notas.

i. Outra fórmula litúrgica (cf. Nm 14,21), por vezes utilizada como doxologia nos Salmos (SI 72,19; cf. 57,6,12; 108,6), como o seu equivalente egípcio nos hinos ("enche-te toda a terra com a tua beleza").

j. Lit. *Os gonzos do limiar*, isto é, provavelmente os gonzos verticais nas pedras do limiar e sobre os quais giravam as folhas da porta. Traduz-se também por vezes: *Os postes de pedra do limiar* (portanto as ombreiras da porta), mas esta tradução parece menos exata.

k. O abalo dos lugares, a voz (evocando o trovão) e a *fumaça* (evocando a que sobe do altar do incenso, mas também a nuvem que enche o Templo em 1Rs 8,10; cf. Ex 40,34) lembram a maioria das grandes teofanias (ou manifestações de Deus) do AT (notadamente Ex 19,16-19; 20,18; Is 4,5; SI 18,8-14; 29; 68,9,34; 77,18-19; Jô 37,2-4).

l. Outra tradução possível: *Estou reduzido ao silêncio*. Sabemos que não se pode ver a *face de Deus* sem morrer (Ex 3,6; 33,20; Jz 6,22; 13,22; 1Rs 19,13; cf. Ex 20,19; Dt 5,26; 18,16, onde se trata apenas de ouvir a voz de Deus).

m. Ou talvez uma *pedra ardente* semelhante àquelas sobre as

- Ap 8,3-5 que recolhera com pinças de sobre o altar.
- ⁷ Com ela tocou-me a boca" e disse:
"A partir do momento em que isto tocou os teus lábios,
a tua falta está removida, teu pecado está apagado".
- 40,6 ⁸ Ouvi então a voz do SENHOR que dizia:
1Rs 22,20 "A quem hei de enviar? Quem irá por nós?"
e eu disse: "Aqui estou, envia-me!"
- ⁹ Ele disse: "Vai, dirás a este povo:
Com os ouvidos, ouvi, mas não compreendereis,
com os olhos, olhai, mas não conhecereis.
- 43,8; Mc 4,12 ¹⁰ Embota^o o coração deste povo,
Zc 7,11 torna pesados seus ouvidos,
tapa-lhe os olhos!
- Jr 5,21 Que ele não veja com os seus olhos,
nem ouça com os seus ouvidos!
Que seu coração não compreenda!

quais se cozinha o pão (1Rs 19,6) e que se teria encontrado sobre o altar do incenso.

n. A purificação da boca confirma a vocação do profeta e prepara a sua missão (cf. 1,9; Ez 2,8; Dn 10,16).

o. *Apagado*: esta palavra, que muitas vezes se traduz por *expiado* ou *perdoado*, tem um sentido técnico que se refere à absolvição do pecado (cf. Ez 29,36-37; Is 22,14; Jr 18,23). A palavra *kippur* (cf. Lv 16 e a nota) tem a mesma raiz.

p. Lit. *Torna gordo*, portanto mais ou menos paralisado, incapaz de funcionar. A pregação de Isaías dirige-se a ouvintes rebeldes (1,2-5.19-20; 3,8; 9,8-9; 30,1) e que não querem compreender (cf. notadamente 30,9-11). Por isso ela tem como efeito endurecer os corações (29,9-12), e o profeta sem dúvida acaba de fazer a experiência disto com o rei Acáz (7,2.12-13; 8,6.14-15), no momento em que redige o relato da sua vocação como uma espécie de prefácio ao conjunto 6,1-9,6, que correntemente se denomina o "livrinho do Emanuel". Isaías não é o único profeta que recebe uma missão desse gênero (cf. Jr 1,10; Ex 2,3-10; 3,4 etc.). A propósito do endurecimento cf. também Ex 7,3 nota.

q. Outra tradução possível: *Que de novo ele não se cure*; mas não se vê bem no contexto a que antecedente poderia referir-se esta "cura nova", ao passo que a "conversão" é a consequência normal do fato de ouvir, de ver, de compreender. O NT lê em Is 6,9-10 a recusa que se opõe à pregação de Jesus. Ver Mt 13,13-15; Mc 4,12; Lc 8,9; Jo 12,40; At 28,25-27 e notas.

r. Intercessão que lembra a de Moisés (Ex 32,11-13; Dn 9,26-29).

s. Outra tradução possível: *inculto* ou *baldio*. A palavra traduzida aqui por *solo* designa mais especialmente o terreno.

t. Lit. *para queimar*, mesma expressão que em 5,5, onde se trata da vinha, símbolo da casa de Israel (a mesma palavra pode significar *pastar* e *queimar*). O fogo é destruidor (cf. 1,31; 5,24; 9,17-18; 10,16-17 etc. e também Ex 24,17; Nm 11,1), mas também purificador (1,25; 6,6-7; Nm 31,21-23 etc.).

Que não se converta e seja curado^q!"

¹¹ Eu disse então: "Até quando, Senhor?"

Ele disse: "Até que as cidades sejam devastadas, sem habitantes,
as casas sem ninguém,
o solo devastado e desolado".

¹² O SENHOR enviará gente para longe e haverá grande desolação
no meio da terra.

¹³ E se subsistir ainda um décimo,
também ele será entregue ao fogo^l,
como o carvalho e o terebinto
abatidos".

dos quais sobra apenas a cepa
— semente santa é a cepa^r.

7 A Acáz: não tenhas medo. ¹Nos dias de Acáz, filho de Iotâm, filho de Ozias, rei de Judá, Reşin, rei de Arâm, e Péqah, filho de Remaliâu, rei de Israel, subiram contra Jerusalém para atacá-la, mas não conseguiram dar-lhe assalto^s.

u. O texto masorético e muitos mss. grs. trazem *quando o abatem* em vez de *abatidos* (Qumran). Na realidade, o sentido é o mesmo. O carvalho e o terebinto são árvores que se encontram nos lugares sagrados (1,29; cf. Gn 12,6; 13,18; Js 24,26; Jz 9,6; Os 4,13; Ez 6,13 etc.).

v. Esta frase final é por vezes considerada como uma glosa. Efetivamente ela falta em muitos mss. grs., o que pode ser explicado pelo salto visual involuntário de uma palavra para a mesma palavra repetida um pouco mais adiante. — A palavra traduzida aqui por *cepa* tem o mais das vezes o sentido de *esteia*, *objeto erigido* e habitualmente designa uma pedra levantada, ao passo que a *cepa* é designada por outra palavra (em Is 11,1 e Jó 14,8). Talvez o poeta faça alusão aqui a um pilar ou poste de madeira mais alto que uma cepa comum, como o poste do templo de Báal (designado com a mesma palavra), entregue ao fogo por ordem de Iehu (2Rs 10,26; cf. 3,2 e 1Rs 16,33). Seria então um símbolo cultural (e ao mesmo tempo dinástico, se o compararmos ao seu equivalente egípcio) portador, segundo a explicação que dá o presente contexto, da esperança de uma posteridade santa. O tema do *resto* apareceria assim no fim dessa mensagem de desgraça como em 1,27; 4,2; 7,3; 10,22 etc. Aliás, reencontramo-lo nos oráculos messiânicos dos capítulos seguintes.

w. Segundo 2Rs 16,5, chegaram a levar o cerco até diante da cidade. *Arâm* designa aqui o reino arameu de Damasco. Este v. resume rapidamente a situação à qual se referem os oráculos dos cap. 7 e 8, a da guerra siro-efraimita. As campanhas vitoriosas de Tiglat-Pileser III, rei da Assíria, já haviam atingido, em 738, Damasco e Samaria: Resin e Menahém tinham sido obrigados a pagar tributo. Em 736-735, estando Tiglat-Pileser ocupado no norte com campanhas contra os medos e os armênios, Reşin organiza uma coalizão contra ele e faz entrar nela Péqah, o usurpador, novo dono de Samaria. O rei Iotâm de Judá já tinha sido sondado pelos coligados antes de morrer e provavelmente recusou (cf. 2Rs 15,37). O jovem Acáz, que sem dúvida lhe sucede em 735, enfrenta os coligados (segundo 2Cr 28,5-7) e

²Foi anunciado à casa de David: “Arâm tomou posição^a em Efraim”. Então seu coração e o coração do seu povo ficaram agitados como as árvores da floresta são agitados pelo vento. ³O SENHOR disse a Isaias: “Sai ao encontro de Acáz, tu e teu filho Shear-lashub^b, para a extremidade do canal do reservatório superior, na direção do caminho do Piseiroiro^c. ⁴Dirás a ele:

Procura ficar calmo, não tenhas medo!
Que o teu coração não desfaleça
por causa dessas duas achas de lenha fumegantes^b,
sob o efeito da ardente cólera
de Reşin e de Arâm, e do filho de Remaliáhu^c.

⁵Pois Arâm — com Efraim e o filho

de Remaliáhu — decidiu a tua perda dizendo:

⁶Subamos contra Judá para intimidá-lo, penetremos em sua casa para trazê-lo a nós^d
e instalemos lá como rei o filho de Tabeel^e.

⁷Assim fala o Senhor DEUS:

Isto não ficará de pé, isto não sucederá!^{8,10c}
⁸Pois a cabeça de Arâm é Damasco,^{SI 33,10}

e a cabeça de Damasco é Reşin — ainda sessenta e cinco anos e Efraim destroçado, cessará de ser um povo^f —;

⁹a cabeça de Efraim é Samaria, e a cabeça da Samaria é o filho de Remaliáhu^g.

Sem firme confiança, não vos firmareis^h”. ^{2Cr 20,20}

sofre grandes perdas. Acossado pela ameaça que os últimos dirigem então contra a sua capital e a sua dinastia, dispõe-se a apelar à Assíria, ao preço de um pesado tributo e de um reconhecimento de soberania (2Rs 16). É no momento em que o rei amadurece essa decisão carregada de consequências para a independência da dinastia eleita, que Isaias é enviado a ele.

x. A casa real, portanto o palácio, a corte, mas primeiramente a dinastia eleita, cuja estabilidade está garantida pelas promessas divinas (cf. 2Sm 7,8-16; SI 89,20-38; 132,11-12 etc.) e que as intenções dos coligados questionam (cf. v. 6).

y. Lit. *pousou sobre Efraim*, o que sugere a imagem do pássaro ou do inseto que pousa (cf. v. 19; 11,2). Pode-se também traduzir *se apoiou sobre*, isto é, *fez aliança com* (cf. gr.).

z. Nome simbólico (cf. 8,1-4,18; Os 1,4-9), que significa: *Um resto voltará ou Um resto se converterá*. Este filho deve ter nascido depois da vocação do profeta (cujo relato termina com uma nota de esperança, cf. 6,13). Ele é o símbolo vivo de uma promessa que diz respeito sobretudo a Judá (cf. *décimo* de 6,13, e o contexto onde reaparece Shear-lashub em 10,21-23). A presença dele junto de seu pai, ordenada pelo Senhor, convida insistentemente o rei à confiança.

a. Encontramos os mesmos pontos de referência topográficos a propósito do lugar em que os emissários de Sennakerib vêm encontrar os de Ezequias em 701 (cf. 36,2 e 2Rs 18,17). Este *reservatório superior* (isto é, a bacia reguladora da fonte de Guíhon, debaixo da escada que atualmente desce a ela, antes que um eventual reservatório de água de chuva no norte ou no noroeste da cidade) era o ponto de partida de um canal que corria a céu aberto no flanco da colina, e que servia para a irrigação dos *jardins reais*, fora da fortaleza. Para impedir os assediadores esperados de utilizar e controlar esse canal, Acáz o faz derivar para o *reservatório inferior* (mencionado em 22,9), provavelmente cavado ao mesmo tempo e que geralmente é identificado com a atual Birket el-Hamra, na saída do Tiropeon. O *campo do Piseiroiro* deve estar relacionado com a *fonte do Piseiroiro* (1Rs 1,9), o atual *poço de Jô*, na confluência do Guê-Hinom e do Qidron. A via que conduzia a ele devia costear o canal (com o qual é também relacionada em 36,2 e 2Rs 18,17), pelo menos em uma parte do seu percurso. É, portanto, essa direção (a do sudeste da cidade, na proximidade da fortaleza) que Isaias toma

para encontrar Acáz, na extremidade do canal, sem dúvida no local em que começam os trabalhos de derivação. É portanto no próprio lugar em que o rei adota as medidas para sustentar o assédio, que o profeta vem convidá-lo à confiança.

b. Imagem da fraqueza (cf. 42,3) que preludia a morte (43,17; cf. Jr 25,10; Jô 18,5-6) e notadamente a extinção de uma família (2Sm 14,7): é o que vai suceder à casa real de Damasco e à família do *filho de Remaliáhu* (que não está ligado a nenhuma dinastia), ao passo que a *lâmpada* de Davi permanecerá sempre acesa (cf. 2Rs 8,19).

c. Sem dúvida, trata-se de um esclarecimento acrescentado à primeira redação do oráculo, na qual só se devia falar de *Arâm*, principal promotor da coalizão (cf. campanha em Edom segundo 2Rs 16,6 e documentos assírios para os anos 733 e 732).

d. Lit. *arrombemo-lo* (ou *façamos-lhe uma fenda*) em direção a nós.

e. A entronização desse novo rei, que se uniria aos coligados contra a Assíria, poria fim à dinastia de Davi. Este *filho de Tabeel* (cf. vocalização do gr. e de Esd 4,7), de origem aramaica, talvez fosse, como o *filho de Remaliáhu* antes da sua usurpação, um alto funcionário com cargo hereditário (cf. designação semelhante dos prefeitos de Salomão em 1Rs 4,8, nota) da corte de Damasco ou mesmo da de Jerusalém.

f. Frase intercalada entre dois disticos que se correspondem e que glosa o segundo. O prazo dado nos leva a 670, no fim do reinado de Asaradon da Assíria. Ora, sabemos por Esd 4,2 (cf. Esd 4,10 e 2Rs 17,24, que parecem indicar várias deportações diferentes) que alguns dos estrangeiros estabelecidos no país no tempo de Dario faziam remontar a sua instalação a Asaradon. Talvez esta transferência de população tenha acarretado a eliminação e a deportação dos últimos efraimitas autóctones.

g. Cada reino subsiste pelo seu rei... e não subsistirá por muito tempo. Talvez seja preciso subentender um terceiro par: a cabeça de Judá é Jerusalém e a cabeça de Jerusalém é a casa de Davi (ou: é o Senhor, o Todo-poderoso).

h. Lit. *Se não creres* (ou *tiverdes confiança*), *não sereis firmados*. O hebr. emprega aqui duas formas do mesmo verbo. Pode-se também traduzir: *Se não agüentardes, não vos sustentareis*, ou ainda: *Se não agüentardes firmes, não sereis firmados*. O gr. e o sir. trazem: *não compreendereis*.

O sinal do Emanuel. ¹⁰O SENHOR falou ainda a Acáz nestes termos: ¹¹"Pede um sinal¹ para ti ao SENHOR, teu Deus; pede-o nas profundezas ou eleva teu pedido às alturas"². ¹²Acáz respondeu: "Não pe-direi, não porei o SENHOR à prova"³.

¹³Ele⁴ disse então:

Ouvi, pois, casa de David!

É pouco para vós cansardes os homens⁵,
quereis cansar também o meu Deus?

¹⁴Pois bem, o SENHOR mesmo vos dará um sinal:

Eis que a jovem⁶ está grávida e dá à luz um filho e lhe dará⁷ o nome de Emanuel⁸.

¹⁵Ele se alimentará⁹ de coalhada e de mel, sabendo¹⁰ rejeitar o mal e escolher o bem¹¹.

¹⁶Antes mesmo que a criança saiba rejeitar o mal e escolher o bem, o solo de cujos dois reis tens medo ficará desolado¹².

¹⁷O SENHOR fará vir sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai,

Gn 16,11;
Jz 13,3;
Mt 1,23;
Lc 1,31
v. 22

vv. 23-25;
6,12
17,1-3;
2Rs 15,29;
16,9

i. Provavelmente em outra ocasião, mas pouco tempo depois e a propósito da mesma situação dramática.

j. Em Is, um *sinal* não é necessariamente um milagre, mas sempre um fato que o interlocutor pode ter sob os olhos imediatamente ou pouco depois, e que deve ajudá-lo a esperar com certeza um acontecimento mais longínquo no tempo (cf. 8,18; 20; 37,30; 38,7-8).

k. É também possível ler, com muitos intérpretes: *do fundo do Sheol* em vez de: *pede-o nas profundezas*. A oposição entre o mundo de cima e o mundo de baixo sublinha aqui o caráter solene da proposta e a importância do evento em questão (cf. Dt 33,13; Jó 11,8).

l. Referindo-se aos textos amigos (Ex 17,2), Acáz falta com o respeito à vontade de Deus, evitando a opção pela confiança incondicional nesse Deus, cujo poder atinge todos os âmbitos do universo.

m. Segundo o início do v. 10, o Senhor, mas segundo o v. 13 (*meu Deus*), o próprio Isaías. Dá no mesmo.

n. Alusão provável ao fato de que uma parte notável do povo de Jerusalém, cujo *coração agitado* (v. 2) não se inclina necessariamente na mesma direção que o do rei, se separa da dinastia de David, tornada impopular, e parece disposta a acolher favoravelmente o *filho de Tabeel* (podendo este último até ser o chefe de tal facção, se for um alto funcionário de Jerusalém).

o. O sinal dado pelo próprio Senhor é o nascimento de um menino. A *jovem* da qual se trata aqui é provavelmente a jovem por excelência, i. é, a esposa real, que recebe a mesma designação em certos textos mais antigos de Ugarit. Essa explicação parece em todo caso preferível às que vêem aqui qualquer jovem mulher então grávida no reino de Judá, ou ainda a esposa do próprio Isaías. Com efeito, o oráculo se dirige à casa de Davi, numa situação em que a própria dinastia está em causa: é, portanto, normal que o nascimento anunciado seja o do herdeiro dinástico. O gr. traduziu aqui *jovem por virgem*. Desde o séc. II a.C., e talvez já antes, parte da tradição judaica viu neste nascimento excepcional, ainda esperado, o nascimento virginal do messias. Na estirpe de Mt 1,23, a tradição cristã antiga aplicou este oráculo a Maria, mãe de Jesus, o herdeiro por excelência da dinastia davídica.

p. Lemos *ela lhe dará* (lit. *ela chamará*) com o texto massorético; mas um ms. de Qumran traz *ele chamará*, ao passo que as versões hesitam entre *tu chamarás* (a maioria dos mss. grs.), *vós chamareis* (velha versão lat. e certos mss. grs.) e *chamar-se-á* (Vulg.). As consoantes do texto massorético podem ser lidas *ela chamará* ou *tu chamarás* (com tu masculino ou feminino). O fato de a mãe (e particularmente a rainha, no Egito) impor à criança o nome não tem nada de extraordinário: cf. Gn 29,32-35; 30,24; 35,18; 1Sm 4,21 etc.). Se retivermos o *tu* (mas-

culino ou feminino; no segundo caso, a palavra seria dirigida à futura mãe supostamente presente), só se pode tratar do herdeiro real.

q. *Emanuel* significa *Deus conosco* (cf. Dt 2,7 nota). Talvez seja uma fórmula de aclamação litúrgica, pois uma expressão similar (*O Senhor de todo poder está conosco*) aparece no refrão do Sl 46; cf. Mq 3,11; Sf 3,15; Nm 23,21; Am 5,14 etc. Esta fórmula assume aqui o valor de um nome simbólico (cf. v. 3; 8,1-4,18), que não é atestado alhures no AT como nome pessoal, e que traz uma promessa de salvação. — A criança da qual se trata reaparece em 8,8 (cf. 8,10) como um penhor de vitória para Judá, que é denominado *a terra* dele. Dado o caráter dinástico da crise à qual se refere todo o livrinho (cf. além das notas precedentes, contraste de Acáz entregando seu filho ao fogo segundo 2Rs 16,3; conclusão do *livrete* com o oráculo 8,23-9,6, que incontestavelmente diz respeito a um descendente de David), tem-se fundamento para pensar que se trata do herdeiro real. Para além de Ezequias, que decepcionará em grande parte as esperanças nele depositadas, o próprio profeta e seus discípulos depois dele sem dúvida leram o oráculo numa perspectiva nova, a do anúncio de outro descendente de David no qual se afirmará pouco a pouco os traços do messias, único capaz de garantir um estado de prosperidade perfeita, a ser descrito em termos paradisíacos.

r. A *coalhada* e o *mel* são um alimento selecionado (oferecido aos deuses nos rituais babilônicos), símbolo de abundância (cf. Dt 32,13, certos textos de Ugarit e a expressão análoga *terra que mana leite e mel* em Ex 3,8 etc.) e também sinal de uma economia de tipo "pastoril" (diversamente, p.ex., do óleo e do vinho, sinais de uma vida "agrícola"). A expressão voltará a ser encontrada mais tarde em 21Ienoc 8,5, a propósito do paraíso.

s. Certas traduções preferem *para saber a sabendo*. O nexo entre um ato de *comer* e o conhecimento do bem e do mal aparece igualmente em Gn 2-3.

t. Expressão de um discernimento que é condição da felicidade. Isto pode aplicar-se ao discernimento mínimo da criança (Dt 1,39), mas também à sabedoria de que o rei necessita para julgar o seu povo (2Sm 14,17; 1Rs 3,9) e assegurar-lhe a prosperidade, sabedoria que justamente falta a Acáz. Esta forma de sabedoria é afinal uma prerrogativa divina, como mostra o relato de Gn 2-3, em particular 3,5. No contexto paradisíaco em que é apresentado, o *Emanuel* é capaz de assegurar a seu povo prosperidade e felicidade, pelo exercício de uma sabedoria divina.

u. Este v. dá um ponto de referência cronológico para o acontecimento do qual o nascimento do Emanuel é o sinal: o fim do perigo siro-efraimita. Aqui, *rejeitar o mal e escolher o bem* deve certamente ser compreendido no seu sentido mínimo (cf. critério do mesmo gênero dado em 8,4): antes de a criança anunciada

dias tais como não houve
desde que Efraim se separou de Judá⁷
— o rei da Assíria⁸.

x,7-8

¹⁸ Sucederá, nesse dia⁹,
que o SENHOR assobiará para as moscas
que estão na extremidade dos canais
do Egito

Dt 1.44

e as abelhas que estão na terra da Assíria⁹.

¹⁹ Elas virão e pousarão todas⁴
nos barrancos íngremes e nas fendas
dos rochedos,
em todos os cerrados e em todas as
pastagens⁵.

²⁰ Nesse dia, o SENHOR raspará,
com uma navalha alugada além do Rio
— com o rei da Assíria⁶ —,
a cabeça e o pêlo dos pés⁷.
Também a barba será retirada.

²¹ Sucederá, nesse dia, que cada um
manterá,

do gado, uma novilha, e do rebanho,
duas ovelhas. v. 25:
11.6

²² Devido à abundante produção de leite,
comer-se-á coalhada;
sim, é de coalhada e de mel que se
alimentarão

todos os que permanecerem no meio
da terra⁸. 1.9;
6.13

²³ Sucederá, nesse dia,

que todo lugar em que havia mil
cepas de vinha
valendo mil moedas de prata, Ct 8.11
se transformará em espinheiros e sarças⁹.

²⁴ Com flechas e arco ali se entrará⁹, 5.28
pois a terra toda se transformará em
espinheiros e sarças. 32.13

despertar para a razão, os reinos de Damasco e de Samaria serão devastados. É efetivamente o que vai começar a partir de 734 e acabar, em 732, na anexação do reino de Damasco e no desmembramento do de Samaria (ver mapa no fim do volume).

v. O oráculo começado no v. 13 termina sem dúvida aqui. Os dias tais, como não houve desde o cisma devem normalmente ser dias semelhantes aos de antes do cisma (contado por 1Rs 12). Como o oráculo de 9.1-6, este v. parece, pois, anunciar a volta dos territórios do norte à monarquia davídica (cf. Am 9.11; Mq 5.1-2).

w. As palavras o rei da Assíria, acrescentadas no fim do v., constituem provavelmente uma glosa, devida a um copista que entendeu o v. como uma ameaça e quis precisar qual devia ser o instrumento de punição. De resto, o rei da Assíria não ameaçava Judá em 735.

x. Estas primeiras palavras do v. 18 indicam provavelmente o início de um novo oráculo, mas pronunciado, como os que seguem (vv. 20.21-22.23-25), por ocasião da guerra siro-efraimita e consequentemente acrescentado ao oráculo fundamental do Emanuel (vv. 13-17) para esclarecer o sentido dele.

y. Geralmente se vê aqui uma invasão de insetos devastadores. Com efeito, os seres aos quais o Senhor assobia não são necessariamente gente de guerra (Zc 10.8 difere, neste ponto, de Is 5.26); a abelha (por vezes símbolo de hostilidade, é verdade, cf. Dt 1.44 e Sl 118.12) é o inseto que fabrica o mel (Jz 18.8) e não o vespão ou a vespa, que o Senhor envia diante do seu povo para fazer seus inimigos morrerem (Ex 23.28; Dt 7.20; Js 24.12); a mosca, enfim, não é nem o tãvã perigoso (Jr 46.20), nem o enxame de mosquitos (ou de outros insetos perigosos) das pragas do Egito (Ex 8.17; Sl 78.44; 105.31): é um inseto relacionado com Babil (portanto com o gado de grande porte: cf. 2Rs 1.3-6) e em particular com a novilha (em Ugarit, evocando o leite (cf. pastagens, no v. 19), como a abelha evoca o mel).

z. Como havia pousado, de forma aliás pacífica, o exército de Aram em Efraim (v. 3).

a. Outra tradução possível: *hebedouro* (em vez de *pastagens*), o que explicaria ainda melhor a presença e o papel das moscas do v. 18. Seria que o v. 19 não sugere que mesmo nos lugares de mais difícil acesso se encontrará o leite e o mel (cf. vv. 15 e 22)?

b. Provavelmente glosa da mesma mão que a do v. 17, mas

que aqui não faz senão precisar o sentido incontestável da metáfora empregada (cf. 8.7, a propósito do Rio). O v. 20 anuncia uma intervenção militar assíria que devastará a terra e será seguida de uma deportação (os cativos eram raspados por completo, cf. 3.24 e Ez 5.1, e o fato de ter a barba raspada era particularmente desonrante, cf. 2Sm 10.4-6). Tratar-se-á da campanha assíria de 734-732 (seguida de uma deportação no tocante a Damasco e às províncias setentrionais da Palestina), da de 722-721 (deportação da Samaria) ou da de 701 (deportação dos habitantes das praças fortes provinciais de Judá)?

É possível que este pequeno oráculo da navalha tenha sido intercalado aqui (a propósito do que esperava Samaria em 721 ou Judá em 701) para precisar o sentido que se dava então ao que antecede (vv. 18-19). Por volta de 701, em todo caso, o conjunto da passagem (vv. 17-19) deve ter sido lido numa perspectiva que é ainda a da maioria dos comentadores modernos: o reino de Judá será devastado pelos exércitos assírios.

c. Eufemismo, cf. 6.2.

d. Provavelmente a gente de Judá (cf. v. 3, nota), pelo menos no sentido primitivo do texto. Este pequeno oráculo (vv. 21-22) constitui então um comentário do v. 15, explicando o consumo diário de coalhada pela abundante produção de leite, já que a terra do Emanuel é o reino de Judá (cf. v. 14 nota). Além disso, a palavra hebr. empregada para aqueles que permanecerem designa antes um "excedente" do que "gente deixada à sua conta" (cf. ao contrário, o nome de Shear-lashub, v. 3 nota), o que confirma o caráter otimista deste oráculo.

e. Cf. 5.6, onde também se trata de vinha. Haverá também uma alusão aos espinhos e cardos que invadiram o Éden depois da falta de Adão (cf. Gn 3.8)? Se os oráculos precedentes parecem comentar o v. 15 (coalhada e mel, volta de Judá a um estado pastoril de paz e de prosperidade), o v. 23 retoma talvez o v. 16 (devastação de Samaria e em especial dos seus ricos vinhedos, cf. 28.1). Perspectiva idêntica em 8.1-4.

f. Lit. *pelos flechas e pelo arco ele virá aí*. Em vez de traduzir por um fraseado impessoal e de compreender que o país transformado em espinheiros e sarças não poderá mais ser senão um território de caça, é possível ver neste v. uma glosa da mesma origem que as dos vv. 17 e 20, deixando entender que a devastação descrita aqui será devida ao arco e às flechas do rei da Assíria.

²⁵ Quanto a todas as montanhas que eram lavradas a enxada, o medo dos espinheiros e do matagal ali não virá²⁶:
5,5: será pastagem de bois e pasto de ovelhas.
32.14

8 Maher-Shalal-Hash-Baz. ¹O SENHOR me disse: Toma um grande sinete cilíndrico^h e nele grava, com um escopro comumⁱ: para Maher-Shalal-Hash-Baz —
10.6 para Pronto-Despojo-Rápida-Pilhagem^j”.
²E tomei por testemunhas^k pessoas dignas

de fé: Uriá, o sacerdote, e Zacarias, filho de Ieberekiahu^l. ³Aproximei-me da profetisa^m, ela concebeu e deu à luz um filho. O SENHOR disse-me: “Chama-oⁿ Maher-Shalal-Hash-Baz, ⁴pois antes que a criança saiba dizer ‘papai’ e ‘mamãe’^o, hão de trazer as riquezas de Damasco e o despojo de Samaria à presença do rei da Assíria”.
17.1ss 7.20

Siloé e o Eufrates

⁵ O SENHOR falou-me ainda nestes termos:

⁶ Visto que este povo recusa^p

g. Pode-se também traduzir, com a maioria dos intérpretes: *tu não virás aí por medo dos espinheiros e do matagal*, mas neste caso não se vê como conciliar *espinhos e matagal com pastagem e pasto*. De resto, o ponto-chave deste oráculo talvez seja a evocação da volta à vida pastoril.

h. *Sinete cilíndrico*, de preferência a *tabuinha*, tradução muitas vezes adotada. Não temos aqui nem o termo técnico que designa a tabuinha, nem o que designa o selo plano, de uso corrente naquela época; a raiz da palavra aqui empregada sugere um objeto cilíndrico. Se se trata de um selo cilíndrico, compreende-se que este deva ser de grande porte para que se possa escrever nele um nome próprio bastante longo e se escreva só este nome, precedido da preposição que geralmente se encontra nos selos, diante do nome do proprietário. Além disso, não temos aqui a palavra *estilete* (cf. Jr 8.8; 17.1; Sl 345.2; Jó 19.24), mas uma palavra que designa antes um *escopro* (cf. Ex 32.4, onde o mesmo utensílio é usado para a confecção do bezerro de ouro). Ainda que o texto empregue o termo *geral escrever* e não a palavra *gravar* (Ex 28.9.36), o cilindro-selo de que se servirá Maher-Shalal-Hash-Baz durante toda a sua vida para assinar, e que seu pai recebe sem dúvida a ordem de preparar, é provavelmente um objeto de pedra. — Notemos, de resto, que outras passagens mostram que os profetas recebem por vezes a ordem de escrever (cf. p. ex. 30.8; Jr 30.2; 36.2; Hab 2.2).

i. Lit. *um escopro de homem*. Sem dúvida trata-se de um utensílio utilizável por um não-especialista para preparar um selo.

j. Pode-se também traduzir: *Depressa o despojo, rapidamente a pilhagem*.

k. Segundo o texto masorético. Mas o v. precedente convidaria a ler o imperativo: *E toma-me por testemunhas*, como fizeram o principal ms. de Qumran, o gr. e o Targum. Se são necessárias testemunhas para esta inscrição do nome simbólico antes da concepção da criança, é talvez porque o oráculo subentendido já se terá parcialmente realizado no momento do nascimento e da imposição do nome.

l. Na falta do rei Acaz, ao qual Isaías não se dirige mais, as testemunhas escolhidas são personagens consideráveis, do círculo do rei, o que pode dar à atestação delas um valor oficial. Uriá, o *sacerdote*, é o primeiro sacerdote e o chefe do sacerdócio de Jerusalém (cf. Js 17.4; 1Sm 23.9; 2Sm 15.27; 1Rs 1.7-8; 4.2; 2Rs 11.9 etc.); com certeza, não é um amigo pessoal de Isaías, pois aceitará sem dificuldades as ordens de Acaz, que fará edificar em Jerusalém um altar à moda assíria, segundo o modelo de Damasco (2Rs 16.10-12). A outra testemunha, de acordo com 2Rs 18.2 e 2Cr 29.1, é o pai da mãe de Ezequias, portanto o sogro do rei Acaz. Todo ato jurídico requer pelo menos duas testemunhas (Dt 19.15; 17.6; 1Rs 21.13 etc.).

m. Este termo é aplicado alhures em toda parte a mulheres que têm elas mesmas funções proféticas, sejam casadas (Jz 4.4; 2Rs 22.14 e 2Cr 334.22) ou não (Ex 15.20; Ne 6.14). Dever-se-á concluir daí que a esposa de Isaías, da qual certamente se trata aqui, tinha tais funções? O fato de ela ser mãe de filhos que são, juntamente com o pai, *sinais e presságios em Israel* (8.18; cf. 7.3), espécies de oráculos vivos, talvez seja suficiente para justificar aqui o seu título de *profetisa*. Toda a família de Oséias é profética neste sentido (Os 1.1-9).

n. Aqui, é o pai que dá o nome. A despeito da semelhança das fórmulas, isto não é necessariamente um argumento a favor da leitura *tu (o) chamarás* (com sujeito no masculino) em 7.14, onde quase com certeza se trata de um nascimento régio, sem que o pai seja mencionado.

o. Ponto de referência cronológico enunciado com a mesma fórmula que em 7.16: *antes que a criança saiba...* mas o prazo dado aqui é mais curto que o dado a propósito do Emanuel: uma criança é capaz de dizer “papai” e “mamãe” antes de possuir um mínimo de discernimento moral. Por outro lado, a transferência das riquezas de Damasco e de Samaria para a Assíria só se realizará em 732. Por isso, provavelmente se deva datar o nascimento desse filho de Isaías no ano de 734, quando o exército assírio já penetrara na Síria-Palestina, mas ainda não tinha chegado a Damasco, centro da coalizão. A concepção da criança, precedida de pouco pela solene inscrição do nome dela (cf. v. 3), deve portanto ser situada na segunda metade de 735, i. é, na época provável do cerco de Jerusalém assinalado por 2Rs 16.5, quando Acaz já decidira recorrer à proteção assíria e talvez já tivesse enviado uma delegação com esse fim. No momento mais forte da crise, Isaías teria assim inscrito, diante de testemunhas autorizadas, este nome de significação ambígua, no qual se pode ouvir que os sitiadores da hora virão eles mesmos pilhar a capital deles (segundo 8.4, que anuncia a vitória total da Assíria), mas também que a Assíria (que Acaz vai chamar em socorro) também não deixará de espoliar Judá (conforme as perspectivas dos vv. 5-8). Teria Isaías justamente utilizado um selo cilíndrico (coisa que se tornara bem rara na Palestina na sua época, mas de uso corrente na Assíria) para fazer compreender que tudo isso (a coalizão e o reconhecimento voluntário de vassalagem) acabaria beneficiando exclusivamente a Assíria?

p. Outra tradução possível: *despreza, desdenha. Este povo é evidentemente o de Judá (como em 28.11.14; 29.13), o qual, como o seu rei, também não crê — ainda que se oponha à política dele e prefira outra — nas promessas do Senhor de salvação da cidade santa.*

as águas de Siloé^q que deslizam mansamente
 30.15 e se alegra^r a respeito de Reşin
 7.1.4.8-9 e do filho de Remaliáhu,
 7 por causa disso, o Senhor fará subir
 contra eles^r
 as águas poderosas e abundantes do Rio!
 — o rei da Assíria e toda a sua glória".
 Este se levantará por toda parte
 acima do seu leito^r,

transporá todas as suas ribanceiras.
 * Invadirá Judá, transbordará, inundará, 10.28-32
 chegará até o pescoço, 30.28
 e a extensão das suas margens^r
 encherá a amplidão da tua terra, Emanuel!^r 1.7:
 36.1

Emanuel, sinal de vitória
 * Tremem^r povos, ficai destrozados!^r
 Prestai atenção, todas as regiões
 longínquas da terra!^r

q. *Siloé* (*Shiloh*) significa emissário, conduto, canal (da raiz que significa enviar, cf. Jo 9.7). Não se trata aqui do túnel perfurado apenas no reinado de Ezequias (cf. 2Rs 20.20; 2Cr 32.30 e a inscrição descoberta na saída desse túnel), mas provavelmente do canal descoberto por Meistermann em 1902 (de aproximadamente 50cm de largura, a céu aberto, mas por vezes penetrando no rochedo e também por vezes recoberto de lajes) que desembocava na antiga piscina de Siloé (cf. Ne 3.15), a atual Birket el-Hamra e datado sem dúvida de Acáz. Isaías estaria, portanto, fazendo aqui alusão ao próprio canal desviado por Acáz (cf. 7.3 nota), e mais precisamente (já que o contexto não faz nenhuma alusão aos trabalhos estratégicos do rei) à parte desse canal situada a montante do desvio e cujas águas tranquilas, com vazão regular, tinham inicialmente por finalidade irrigar o vale e em particular os "jardins do rei" (Ne 3.15; cf. 2Rs 25.4; Jr 39.4; 52.7). — De resto, qualquer que seja o canal em pauta, com certeza se trata de um escoadouro da fonte do Guihon, única fonte de Jerusalém e símbolo da proteção que o Senhor exerce sobre a cidade na qual ele fixou residência e cuja vida cotidiana ele garante (cf. 12.3; Jr 2.13; opondo as águas vivas do Senhor às cisternas artificiais). As águas do Guihon, além disso, servem para a consagração dos reis davídicos (cf. 1Rs 1.38 e talvez Sl 110.7), através dos quais o Senhor assegura a seu povo uma existência pacífica e independente.

r. É o sentido próprio do termo hebr. aqui empregado. Parafraseando um pouco, o gr. e a Vulg. compreenderam: *Visto que este povo não quer (rejeita)... mas quer ter como rei (prefere)...* Trata-se, pois, dos que preferem os chefes da coalizão à dinastia davídica (*águas de Siloé*, cf. nota anterior) e dos quais já se falou (cf. 7.13 nota). Da mesma forma que o rei, de quem não querem mais saber, também eles não têm confiança no seu Senhor. Também eles são responsáveis pelo que vai suceder e beneficiará ao rei da Assíria. Outra tradução possível: *Visto que este povo... derrete diante (ou desfalece na presença de) Reşin...* supondo que as pessoas em questão simplesmente compartilham os temores e os sentimentos de Acáz. Pode-se ainda traduzir: *as águas de Siloé que deslizam mansa e alegremente*, considerando *Reşin* e o filho de *Remaliáhu* como uma glosa paralela à do v. 7: o rei da Assíria e toda a sua glória.

s. Ou: *sobre eles, por cima deles*.

t. O Eufrates (cf. 7.20; 27.12; Js 24.2.14-15 etc.). Este Rio por excelência transborda todo ano na primavera, que é também a época das campanhas militares (cf. 2Sm 11.1). A invasão é ainda comparada a uma inundação em 17.12-14 (cf. 5.30) e em Jr 46.7; 47.2; 51.42; Dn 9.26; 11.10 e 40.

u. Provavelmente glosa da mesma mão e da mesma época (701) que as já encontradas no cap. 7 (vv. 20 e talvez 24). Aqui como em 7.20, a glosa não faz senão definir o que a imagem do Rio já dizia sem ambigüidade. — O oráculo (vv. 5-8) supõe que o sucesso do projeto dos coligados parece próximo, o que *alegra*

os seus partidários em Judá, mas o recurso à Assíria (2Rs 16.7-8) sem dúvida já aconteceu e vai acarretar a submersão da região pela invasão de um protetor cujas exigências não conhecerão limites. É precisamente o que ocorre sob o reinado de Ezequias, em 711, e mais ainda em 701 (sendo poupada exclusivamente Jerusalém, por milagre): entende-se que o oráculo tenha assumido então uma atualidade nova e que ele tenha sido relido e glosado. — Em 701 como em 734, e nesse meio tempo (723-722; 720; 714-711), o oráculo permitirá lembrar que, para Judá, as consequências da expansão assíria não são resultado de fatalidade (ou de uma preponderância do deus vencedor), mas da vontade do Senhor, que pune o seu povo incrédulo. A Assíria não passa de um instrumento nas mãos do Senhor (cf. 5.26; 10.3-6) e o triunfo dela, de resto, não durará muito (10.7-19; 14.25). Submetida, mesmo contra a sua vontade, ao poder do Senhor, ela não há de impor a sua dominação ao *Santo de Israel*.

v. Ou: *Ele transbordará em todo o seu percurso (ao longo dele todo)*. A imagem talvez sugira as exações que aumentam incessantemente.

w. Ou ainda: *o desdobramento das suas asas* (imagem empregada a propósito do inimigo que se abate sobre um país em Jr 48.40-41; 49.22; cf. Os 8.1). Poder-se-ia imaginar que este desdobramento de asas simbolize a proteção do Senhor sobre a terra (cf. Sl 17.8; 36.8; 57.2; 61.5; 91.4; Rt 2.12), mas isso implicaria uma ruptura entre 8b e o que precede, e parece preferível ligar esta imagem à da inundação, sendo que as *asas* do rio seriam as suas ribanceiras.

x. *Emanuel* (cf. 7.14) parece aqui evocado por contraste: a incredulidade do povo que rejeita as promessas divinas e a dinastia eleita acarretará a punição do país ao qual o Emanuel devia trazer uma prosperidade paradisíaca. Povo e rei, com efeito, agora rejeitaram definitivamente a promessa de 7.14-17, ainda reiterada em 8.1. Todavia, nem por isso esta promessa é anulada, e é graças ao Emanuel que o Rio se limitará a *passar* em Judá e só o atingirá *até o pescoço*, sem conseguir aniquilá-lo. O castigo será severo, mas Judá não perecerá sob a invasão assíria (cf. tema do *Resto*, 7.3.25 notas). Aliás, o triunfo final de Judá é o tema do trecho seguinte (vv. 9-10).

y. A palavra pode também ser traduzida por *desencadeai-vos, soltai gritos ou sede quebrados*, conforme a raiz da qual a palavra se deduz. O sentido que escolhemos parece o mais provável de acordo com o contexto. Mudando-se uma letra, pode-se também ler com o gr.: *ficai sabendo* — o que combinaria bem com o paralelo: *Prestai atenção*.

z. Cf. 7.8 (mesma palavra) e o paralelo do v. 10 (projeto *reduzido a fragmentos, desarticulado*). Outra tradução possível: *ficai consternados* (cf. 20.5 e 37.27) ou *desencorajados*.

a. Cf. 18.3, onde os *habitantes da terra* são convidados a *ouvir*. É também de *longe* que virá o julgamento do Senhor segundo 10.3 e 30.27, e atingirá *ao longo*, segundo 17.13. Mas

Cingi vossas armas^b e ficai destroçados!

Cingi vossas armas e ficai destroçados^c!

¹⁰ Fazei um projeto, ele será reduzido a frangalhos^d.

Tende propósitos^e, eles não ficarão em pé^f.

Rm 8,31 pois Emanuel — Deus está conosco^g!

Temer só a Deus

¹¹ Sim, assim me falou o SENHOR

quando a sua mão me agarrou^h
e me impôs não seguir o caminho
que este povo tomaⁱ:

Jr 20,7

Ez 2,8

¹² Vós^j não chamareis de "conspiração"^k
tudo o que este povo chama de
"conspiração"^l.

Não temereis o que ele teme
nem tereis medo dele.

7,4

¹³ É o SENHOR de todo poder que tereis
por santo^m.

IPd 3,14-15

aqui pensa-se sobretudo na expressão bem próxima do SI 2 (v. 8: *as extremidades da terra*), pois a passagem tem mais de um ponto comum com este salmo (preparativos militares e complô das nações, destroçadas pelo Senhor e pelo rei-messias). É provável que os vv. 9-10 se inspirem num texto litúrgico semelhante ao SI 46 (mesmo tema das nações que se agitam e são subjugadas, refrão quase idêntico).

b. Lit. *Cingi-vos*, o que indica certamente preparativos militares (cf. SI 93,1, onde o Senhor se *cinge* de poder). Poder-se-ia, portanto, traduzir também: *Preparai-vos*, ou *Equipai-vos*.

c. A repetição da frase reforça o sentido da mesma; esta repetição falta no principal ms. de Qumran.

d. Ou *desorganizado*, *desunido*, *desarticulado* (ao mesmo tempo quebrado e, com isso mesmo, desmanchado). A propósito dos planos humanos desmanchados pelo plano de Deus, cf. SI 33,10-11; Pr 21,30; e também SI 81,13; Is 5,19; 14,26-27; 28,29.

e. Lit. *Dizei uma palavra*, mas com um sentido intensivo. O paralelo (*Fazei um projeto*) convida a ver aqui a exposição e a discussão de um plano de ação combinado (cf. Os 10,4).

f. Cf. 7,7, igualmente a propósito do projeto siro-efraimita; mesma idéia em 28,18).

g. Acrescentamos a tradução ao nome próprio de 7,14 e 8,8, decomposto aqui nos seus elementos gramaticais, a fim de recordar explicitamente o seu sentido. Aos seus discípulos, aos quais sem dúvida se dirige o oráculo seguinte, e que provavelmente ficam perturbados com o ataque siro-efraimita e a perspectiva do triunfo da Assíria (claramente anunciado em 8,1-4 e 5,8). Isaías tinha a obrigação de lembrar que a promessa ligada ao Emanuel, herdeiro por excelência da dinastia eleita, assegurava a Judá o triunfo final sobre todos os seus inimigos (cf. 17,12-14, referente talvez à coalizão siro-efraimita, segundo 17,3; cf. também 10,24-27; 14,24-25). Para isso, utiliza um tema (e talvez um texto) do ritual régio (cf. SI 2 e também SI 110,1,5-6, com expressões e imagens que se reencontram nos rituais régios do antigo Oriente), aplicando aos inimigos que ameaçam atualmente Judá e Jerusalém (cf. SI 48 e 76) o que, na perspectiva litúrgica, diz respeito a todos os inimigos possíveis do rei e do seu povo.

h. Expressão difícil de traduzir. Pode-se também traduzir: *no poder (ou no reforço) da sua mão*, i. é: quando a mão dele se fez mais forte sobre mim. — A *mão* do Senhor é aliás o símbolo do seu poder (cf. Ex 14,31), sobretudo quando é apresentada como a *mão forte* (expressão muito próxima à utilizada aqui, cf. Ex 3,19 etc.), pela qual ele garante a salvação do seu povo. Como indica o contexto, trata-se aqui da força divina agindo sobre o profeta num momento particularmente importante da sua experiência e do seu ministério (cf. Ez 3,14 etc.; 1Rs 18,46; 2Rs 3,15). Por esse fato, a atitude do profeta é diferente da do conjunto dos seus contemporâneos (cf. Jr 15,17). — Também é possível traduzir: *quando ele me tomou pela mão*, o que nos

aproximaria da vocação do "Servo" (42,6) e das passagens da 2ª parte do livro em que o Senhor toma o seu povo pela mão (mesma expressão) para conduzi-lo (41,13; 51,18; cf. Jr 31,32 a propósito da saída do Egito). — Como quer que se traduza, é claro que o v. 11 serve de introdução a um oráculo considerado como uma peça mestra da mensagem de Isaías. Haverá outras indicações no mesmo sentido.

i. Nos oráculos de Isaías, a expressão *este povo* se aplica sempre ao povo de Israel (9,15) ou de Judá (28,11,14; 29,14) ou ao povo eleito em geral (6,9,10), quando ele se distancia de Deus e o rejeita (cf. *não meu povo*, em Os 1,9). Trata-se aqui de Judá (cf. 7,2 e 8,6), que conta ao mesmo tempo os que compartilham os sentimentos do rei e os inimigos da dinastia, favoráveis a Tabeel.

j. O vós dirige-se provavelmente aos discípulos de Isaías (cf. v. 16), em todo caso aos raros judeus que conservam a confiança em Deus. No cap. 7, o resto que devia converter-se e podia assim ser salvo era sem dúvida mais ou menos identificado com Judá (7,3,17,22,25, notas), mas aqui já não se trata senão de alguns fiéis no meio de um povo que se está desviando: vemos realizar-se a ameaça de 7,9 e o que é dito em 6,13 sobre o *décimo* (provavelmente Judá), que deverá também ele *ser entregue ao fogo*.

k. A palavra designa quase sempre, no AT, um complô dirigido contra o soberano reinante e favorecido pelas simpatias de uma parte do povo, pelo menos em Judá (cf. 2Sm 15,12: Absalão contra Davi; 1Rs 16,20: Zimri contra Elá; 2Rs 11,14: contra Ataláia; 12,21: contra Joás; 14,19: contra Amasias; 15,15: contra Zacarias; 15,30: contra Pécãh).

l. A julgar pelo contexto (atmosfera de temor e de suspeitas em um povo desorientado), estamos provavelmente em Jerusalém sitiada (ou pelo menos gravemente ameaçada), pelo fim do ano 735, portanto na situação igualmente evocada pelos vv. 5-8. Nesta conjuntura, o que o povo chama de *conspiração* é provavelmente tudo aquilo pelo qual ele se sente ameaçado: primeiramente a coalizão siro-efraimita e o partido judaico que a apoia (cf. mesmo termo em uma situação similar em Ne 4,2). Mas é também possível que se tenha denominado *conspiração* a política de Acáz, porque ela comprometia a independência do reino (cf. 2Rs 17,4). O próprio Isaías talvez fosse acusado de traição pelos dois partidos (cf. Am 7,10).

m. É o núcleo do oráculo, com um dos temas fundamentais da mensagem de Isaías (cf. 1,4 nota; 6,3 nota). Reconhecer a santidade do Senhor é apoiar-se exclusivamente nele e não no poder do provável vencedor (cf. 10,20) ou dos carros de guerra de um eventual aliado (cf. 31,1, a propósito do Egito); é também *temer* exclusivamente a ele (cf. 5,16; 29,22-23). Quaisquer que sejam os procedimentos de eventuais conspiradores, não existe verdadeiro apoio ou verdadeira ameaça, a não ser que venha do *Santo de Israel*: esta é a única referência que dita a atitude, provavelmente mal-interpretada, do próprio Isaías.

é a ele que temereis,
é dele que tereis medo.

Ap 21,22 ¹⁴ Ele será um santuárioⁿ e uma pedra
contra a qual se esbarra^a,

um rochedo em que se tropeça,
para as duas casas de Israel^p,
uma rede^e e uma cilada
para o habitante de Jerusalém.

Lc 2,34;
Rm 9,32-33;
1Pd 2,7-8

Mt 21,44 ¹⁵ Muitos nele tropeçarão, se arrebentarão,
Lc 20,18 cairão na cilada e serão capturados.

À instrução e à atestação!

¹⁶ Encerra^a a atestação^a, sela a instrução^a

entre os meus discípulos^a.

¹⁷ Aguardo o SENHOR SI 27,14
que oculta sua face à casa de Jacó^a,
espero nele.

¹⁸ Eu e os filhos que o SENHOR me deu, Hb 2,13
somos sinais e presságios em Israel^w,
da parte do SENHOR de todo poder,
que mora na montanha de Sião^a. SI 132,13

¹⁹ E se vos disserem: "Consultai os que
praticam a adivinhação^a,
os que assobiam^e e murmuram.

Não deve um povo consultar os seus 2Rs 1,3
deuses,

n. Palavra difícil, mas que não parece oportuno corrigir. O próprio Senhor é aliás chamado de *santuário* em Ez 11,16 (durante o Exílio). Além disso, o santuário é o lugar em que se santifica o Senhor, mas também onde se é santificado por ele. A *pedra contra a qual se esbarra* pode ajudar a aproximar do *santuário da pedra de fundação* de 28,16, que evoca todo o edifício.

o. Já que o santuário é primeiramente feito para a proteção e a salvação dos fiéis (Gr. e Vulg. acrescentaram: *para vós*), o Senhor é normalmente para seu povo um *rochedo* de salvação onde este se refugia (17,10; cf. Dt 32,4.15.18.30.31; 2Sm 22,2 etc.), uma *pedra* que lhe dá a segurança (Gn 49,24; 1Sm 7,12). Mas a santidade de Deus torna-se causa de infelicidade para aquele que a despreza (cf. 5,15-16.24; 30,9-14; 31,1; 37,22-23 etc.) e a pedra de salvação se transforma em pedra de tropeço e causa de queda.

p. Sem dúvida, a de Samaria e a de Jerusalém; a sequência do texto insiste na segunda, que em razão da sua incredulidade terá a mesma sorte que a primeira. Talvez o profeta esteja também fazendo alusão aos dois reis de famílias diferentes que vão suceder-se na Samaria antes da queda definitiva da cidade. Péquā, então no poder, e Oséias que vai tomar-lhe o poder, mas não terá fim melhor. Contudo, nem um nem outro está ligado a uma dinastia, nem conseguiu fundar uma.

q. Ou um laço: esta imagem, como a seguinte, é tirada do âmbito da caça e da guerra. Ela é acrescentada à imagem da pedra na qual se tropeça, talvez como referência à *conspiração*, rede na qual se fica preso sem esperar. É o Deus Santo, e não a conspiração humana, que será a rede.

r. Outra tradução possível: *amarrar*, *ata* (encontraram-se documentos aramaicos de Elephantina amarrados com uma cordinha) ou ainda *envolve, fecha* (provavelmente em um invólucro protetor de argila, cf. Jr 32,14, podendo tratar-se de uma tabuinha ou de um rolo. Essa operação é seguida pela aplicação de um selo (cf. 29,11; IRs 21,8; Jr 32,11; Dn 12,4) e só se poderá ler o documento ou modificá-lo, tirando o selo.

s. *Atestação*, melhor que *testemunho* ou *declaração*, já que se trata de um documento escrito. Poder-se-ia também traduzir *oráculo*, pois se trata do que Isaías proclamou enquanto profeta e em seguida escreveu. A palavra hebr. usada aqui é uma palavra rara, que designa em Rt 4,7 o gesto simbólico pelo qual se validava, na falta de documento escrito, um acordo feito perante testemunhas. Ora, no tocante ao conteúdo das suas declarações, também Isaías vai praticar aqui um ato oficial e provavelmente diante de testemunhas (cf. v. 2).

t. A palavra *torá*, usada aqui, designa também a *lei* (cf. 24,5).

Na origem, esta palavra se aplicava a cada uma das *instruções* (ao mesmo tempo doutrina e decisão, ensinamento e preceito) dadas no santuário, em conformidade com o decálogo e ligadas a oráculos culturais. Na realidade, o contexto mostra claramente que *torá* designa aqui a mesma coisa que *atestação*, isto é, um oráculo ou um conjunto de oráculos devido a Isaías. Este último, aliás, sublinha freqüentemente a equivalência entre a *torá-instrução* e a *palavra* de Deus (cf. 1,10; 2,3; 5,24; e também 30,9). — Qual é o conteúdo da *instrução* selada aqui pelo profeta? No mínimo, o oráculo dos vv. 12-15, que resume tão bem a atitude de Isaías no caso siro-efraimita; talvez também o conjunto dos oráculos relativos a este caso, portanto o que temos hoje em 7,1-8,15 (e mesmo em 6,1-9,6, segundo certos intérpretes).

u. Os *discípulos* que são primeiramente os do Senhor (cf. *meus discípulos*), são testemunhas da selagem (cf. 8,1 e 30,8) e poderão mais tarde recorrer ao documento (como parece dar a entender o v. 20).

v. Isaías cessa sem dúvida a sua atividade profética, talvez até o momento em que Ezequias é associado ao trono. Primícias do *resto convertido*, seus fiéis são então os depositários da palavra anunciada pelo profeta, ao mesmo tempo que os testemunhas que podem garantir que esta palavra (referente a determinada situação) foi selada diante deles e não foi modificada de acordo com os acontecimentos posteriores. — *Casa de Jacó* designa sem dúvida aqui o conjunto de Israel como realidade religiosa (cf. 2,5; 10,20; 14,1; 29,22) e não somente o reino do Norte, como em 2,6 (cf. 9,8).

w. Para o povo incrédulo, que não tem acesso à *instrução* selada para os discípulos, restam o próprio profeta e seus filhos, cujos nomes são conhecidos (cf. 1,1 nota; 7,3; 1,21; 8,1,3); eles são *sinais* da fé que Deus pediu e *presságios* daquilo que o profeta anunciou. As palavras e os atos de um profeta são sinais, mas o são igualmente a sua própria existência e especialmente os acontecimentos da sua vida familiar (cf. Os 1-3; Jr 16,1-8; Ez 24,15-24).

x. Cf. 2,2-5; 4,5; 11,9; 14,32; 28,16; 31,9; 33,5; o fato de a visão inaugural de Isaías ter ocorrido no Templo de Jerusalém (cap. 6) confirma a importância que a cidade tinha no pensamento do profeta.

y. Nos períodos de tribulação, ocorre freqüentemente que o povo procure conjurar o futuro ou ao menos conhecê-lo, consultando os mortos (cf. 1Sm 28,3 nota).

z. Cf. 29,4. A mesma palavra designa também o *pipilar* dos pássaros (10,14; 38,14), e a palavra seguinte designa o *arrulho* dos pombos (38,14).

os mortos em favor dos vivos?"
 v. 16 ²⁰ À instrução e à atestação^b!
 Se eles não se exprimirem segundo
 esta palavra^c,
 para eles não há aurora^d...

Aquele que não terá aurora

²¹ Atravessarão a terra^e, acobrinha^f e
 esfomeados.

Sob o efeito da fome, irritar-se-ão
 e amaldiçoarão o seu rei e o seu Deus^g.
 Voltar-se-ão para o alto.

²² depois olharão para a terra^h

Mq 3,6 e eis: angústia e trevas, escuridão

Rm 2,9 angustiante.

noite para a qual são enxotadosⁱ.

a. *Seus deuses* (cf. Targum: *seus ídolos*): os espíritos dos mortos podem ser assim designados (cf. p. ex. 1Sm 28,13). A Septuaginta, que provavelmente dá testemunho de uma leitura bastante difundida, traz *seu Deus*. É evidentemente possível que a segunda parte do v. exprima a reação do profeta e oponha a consulta de Deus à dos mortos, que nada podem fazer pelos vivos (Deus é vivo, da mesma forma que Isaías e seus filhos, que são os verdadeiros *sinais* e *presságios*). Entretanto, para entender assim o texto, é preciso acrescentar ao seu teor atual algo que marque a oposição entre a consulta aos mortos e a Deus (assim a Septuaginta). De qualquer forma, a ironia que aflora no fim da citação indica bastante qual é o julgamento do profeta.

b. Ao terminar, o profeta se opõe vigorosamente aos argumentos que acabou de ridicularizar e remete os discípulos para o documento selado diante deles e cuja cópia não-selada talvez pudessem consultar (cf. Jr 32,14 e Is 29,11).

c. Sem dúvida, a que precede, e que termina com o convite insistente a recorrer à *instrução*. É possível também que a própria *palavra* seja *instrução*, pois Isaías coloca muitas vezes os dois termos em paralelo (cf. 1,10; 2,3; 5,24; 30,9). De qualquer modo, esta segunda parte do v. 20, que se apresenta sob a forma de uma maldição ou de uma impreciação condicional, parece efetuar a transição, no estado atual do texto, entre dois oráculos (19-20a e 21-22), independentes na sua origem.

d. Outra tradução possível: *Se a gente não se exprime segundo esta palavra, para a qual não há conjuração...* (a palavra que significa habitualmente "aurora" pode também ter o sentido de *conjuração* mágica). O sentido geral da passagem ficaria aliás o mesmo.

e. A palavra *terra* não figura explicitamente no texto. Com muita probabilidade estamos diante de um oráculo truncado, cujo início não foi reproduzido.

f. Lit. *tornados duros*, no sentido figurado.

g. O rei era responsável por tudo, até pela prosperidade do reino e pelo estado das colheitas (cf. 2Rs 6,26-27; Sl 72,16). Maldizer a Deus e ao rei era passível de morte (cf. Ex 22,27-28; 1Rs 21,10), como o fato de recorrer aos espíritos: talvez isso explique a aproximação dos dois oráculos (19-20a e 21-22), que ambos mostram para onde acaba levando a incredulidade.

h. Cf. 5,30 e 51,6.

i. Ou *noite espalhada*. A palavra traduzida por *enxotados* e habitualmente aplicada aos animais domésticos (Dt 22,1; Ez

A aurora de um reino de paz

²³ Mas não há mais a escuridão para a
 terra que estava na angústia^a.

Num primeiro momento, o SENHOR
 cobriu de opróbrio^b
 a terra de Zabulon e a terra de
 Neftali^c,

Mt 4,15-16

mas em seguida cobriu de glória
 a rota do mar^m, o Além-Jordãoⁿ
 e o distrito das nações^o.

9 ¹ O povo^p que caminhava nas trevas
 viu uma grande luz.

Sobre aqueles que habitavam a terra
 da sombra^q,

uma luz resplandeceu^r.

Lc 1,8;

Mt 4,16;

Ez 5,14

² Multiplicaste a sua alegria,

34,4,16; Mq 4,6), mas por vezes também aos desterrados, aos extraviados, aos dispersos (16,3-4; 27,13; cf. Dt 30,4; 2Sm 14,13). Sem dúvida ela faz aqui alusão a uma caravana de deportados conduzidos ao exílio (cf. *atravessarão*, v. 21). Tratar-se-á da deportação à Assíria dos habitantes do Guilead e da Galiléia (2Rs 15,29), que aconteceu entre 734 e 732?

j. Frase difícil, que talvez seja uma glosa.

k. Ou *aviltou, humilhou*. Esta frase liga-se ao oráculo seguinte, embora garantindo a transição com o que antecede, já que se passa da humilhação (cf. *escuridão* e *angústia* da passagem precedente e *povo caminhando nas trevas* do v. seguinte) para a *glória* (cf. *grande luz* em 9,1). As indicações geográficas deste v. aplicam-se, portanto, certamente ao oráculo seguinte e talvez também ao trecho truncado que precede (cf. v. 22, nota).

l. Trata-se provavelmente das regiões que vão ser em *seguida* *cobertas de glória*. São as três províncias de Israel anexadas ao império assírio por Tiglat-Pileser III em 734-732: a de Meguido (Galiléia), a de Guilead (Transjordânia) e a de Dor (costa palestinese).

m. Não é a estrada que leva ao mar a partir de Damasco atravessando a Transjordânia do Norte e a Galiléia, mas a estrada que costeia o mar, indo da Síria do Norte ao Egito: essa estrada é na época a mais frequentada da Palestina, e o conquistador assírio começou por garantir para si o controle dela até a Fenícia em 734, esperando anexar em 732 toda a região por ela atravessada.

n. A província do Guilead, tantas vezes disputada, no passado entre o reino de Samaria e o de Damasco (cf. 2Sm 2,9; 1Rs 22,3-6; 2Rs 10,32-33 etc.).

o. A Galiléia (palavra que significa *distrito*), explicitamente mencionada, juntamente com Guilead, entre os territórios anexados em 732, em 2Rs 15,29. As três províncias aqui mencionadas correspondem exatamente às tidas pelos anais assírios, e elas conheceram uma sorte comum e peculiar às três apenas no período entre 732 (anexação delas) e 721 (data na qual foi a vez de a Samaria ser anexada); é, pois, provavelmente entre estas duas datas que se deve situar o oráculo que está começando. A sequência talvez permita precisar melhor.

p. O das províncias mencionadas em 8,23.

q. Ou da *sombra-da-morte*, segundo a leitura tradicional mais corrente (cf. Jó 3,5 nota).

r. Ao contraste humilhação-honra (8,23) sucede aqui o contraste trevas-luz (esperando por tristeza-alegria no v. 2 e opres-

- 26.15 aumentaste o teu júbilo.
Eles rejubilam diante de ti
como na alegria da colheita,
SI 4.8 como a gente se alegra na repartição
do despojo.
3 Pois o jugo que pesava sobre ele,
o bastão no teu ombro,
a vara do teu capataz,
tu os quebraste como no dia de Midian.
4 Toda bota que bate com estrépito

- e todo manto revolido no sangue
vão ser queimados, pasto das chamas.
5 Pois uma criança nasceu para nós,
um filho nos foi dado.
A soberania repousa nos seus ombros.
Proclama-se o teu nome:
"Conselheiro Maravilhoso", Deus
Forte,
Pai para sempre, Príncipe da paz.
6 Estender-se-á a soberania

são-vitória nos vv. 4-5). As trevas são símbolo de infelicidade (cf. 13.9-10 etc.) e mais particularmente de opressão (cf. v. 3 e a comparação explícita de 8.22-23; 59.9 etc.), de cativo (42.7; 49.9; SI 107.10.14) e de morte (Jó 10.21-22; 15.22-24; 38.17 etc.). A luz é símbolo de salvação (58.8-10; 60.1.20; Mq 7.8; SI 27.1); mas aqui o contraste com as trevas evoca mais precisamente o nascer do sol, com o qual a mentalidade do tempo e em especial os rituais dinásticos comparam a chegada do rei (a aparição do faraó no trono é expressa em egípcio pelo hieróglifo que representa o nascer do sol: reencontra-se a mesma imagem a propósito de Davi ou dos seus sucessores em 2Sm 23.3-4; SI 110.3; o rei é comparado ao rei em SI 72.5.17). É possível, portanto, que o advento de rei descrito nos vv. 5-6 já seja evocado aqui (cf. também a aparição da glória de Deus, comparada ao nascer do sol em Is 60.1-2).

s. No seu estado atual, o texto traz: *Tornaste o povo numeroso, não fizeste aumentar a alegria deles*, o que combina muito mal com o contexto imediato. A alegria do povo também faz parte do ritual régio, sobretudo por ocasião do advento de um novo rei (cf. 1Rs 1.40; 2Rs 11.14; SI 132.9 etc.). O tratamento dirigido a Deus na 2ª pessoa, assim como as formas verbais empregadas, faz essa passagem parecer-se com os hinos do salterio.

t. Lit. *o jugo do seu fardo* (cf. 10.27 e 14.25, onde *jugo* e *fardo* são colocados em paralelo). Segundo o contexto, não se trata do jugo da dinastia nacional (cf. 1Rs 12.4.9), e sim de um jugo estrangeiro (cf. Lv 26.13; Dt 28.48 etc.), no caso o da Assíria (10.27; 14.25), que na época pesa sobre as províncias do Norte.

u. Ou *sobre o seu ombro*: este *bastão* pode ser a barra de canga (cf. Jr 27.2; 28.10; Lv 26.13) ou o que golpeia o povo em servidão (cf. *vara*, em paralelo aqui como em 14.5).

v. Trata-se sem dúvida aqui da *vara* que golpeia (cf. Ex 21.20; Pr 10.13) e esta *vara* está nas mãos do capataz (Ex 5.6), que num sentido mais geral representa o opressor (cf. 14.2-6, onde se fala do rei da Babilônia, cujo *bastão* e *vara* são quebrados por Deus).

w. A recordação do *dia de Midian* mostra que a vitória anunciada pelo oráculo será devida à intervenção divina e não à importância das forças humanas em ação (cf. Jz 7-8 e em particular 7.2; Is 10.24-27; SI 83.10). Além disso, é uma recordação que diz respeito (cf. Jz 6.35) ao conjunto das províncias do Norte (Manassés, Aser, Zabulon, Neftali), exceto Efraim (cf. Jz 8.1), portanto mais ou menos as populações citadas em 8.23 e que conheceram a opressão assíria a partir de 734-733. A vitória de Gideon também deu lugar a uma tentativa de realza (cf. Jz 8.22-9.6) que parece ter deixado traços no ritual real de Jerusalém (cf. SI 110.7 e Jz 7.5-6). Finalmente, a opressão midianita havia durado sete anos (Jz 6.1) e cabe observar que 2Rs 18.10 leva a datar o advento de Ezequias (ou talvez a associação dele

ao trono) em 727 ou 726, ou seja, sete anos depois do início da opressão assíria nas províncias do Norte.

x. Lit. *pisando no abalo*. Este termo designa o abalo ou o tremor de terra e não necessariamente a rixa ou o combate (cf. 29.6; Jr 10.22; 47.3; Na 3.2, sendo que estas duas últimas passagens dizem respeito ao ruído dos carros de guerra).

y. Pode-se tratar dos despojos abandonados pelo inimigo (Dt 13.17; Js 6.24), mas a imagem parece antes a de uma paz tão bem garantida pela vitória divina (cf. v. 6) que se podem queimar todos os equipamentos militares (cf. 2.4; 11.6-9; Ex 39.9; Os 2.20; Zc 9.10; SI 46.10; 76.4).

z. Trata-se antes do advento de um novo rei do que do nascimento dele, sendo a adoção por parte de Deus um elemento essencial do ritual de entronização (cf. 2Sm 7.14; SI 2.7; 89.27-28; 110.3).

a. Isto é, *ele é posto sobre os ombros*. A fórmula talvez faça alusão ao rito da imposição do manto real (cf. 6.1; 1Rs 22.10.30) ou do cetro (SI 45.7; 110.2; cf. Is 22.22; imposição da chave sobre o ombro do primeiro dignitário) no momento da entronização.

b. A imposição de um *nome* de coroação também deve ter feito parte do ritual (o protocolo dos faraós comportava a mesma cerimônia; há uma alusão provável a este uso em 2Sm 7.9; SI 72.17; 1Rs 1.47; 2Rs 11.12, e traços possíveis de um nome de coroação em 2Sm 12.24-25 e 2Rs 15.27; cf. 2Rs 15.32 etc. Aqui, a titulação comporta quatro nomes (compostos cada um de dois substantivos): se fosse preciso postular um quinto (à imitação do protocolo egípcio desde o Império Médio), seria talvez *Emanuel*, e o livrete terminaria assim com o advento (ou a associação ao trono) daquele cujo nascimento estava anunciado em 7.14. — Lembremos as passagens em que aparece a proclamação solene das qualidades de um rei: SI 2.6-7; 21.7; 110.4; 2Sm 23.3.

c. A capacidade de conceber desígnios prodigiosos e que sempre se realizam é uma qualidade divina (14.24; 25.1; 28.29; 29.14; cf. Gn 18.14; Jz 13.18), mas ela é comunicada ao rei pelo *espírito de conselho* (11.2; cf. SI 20.5).

d. Ou: *Herói, Valente*. Este título é com bastante frequência dado ao próprio Deus (cf. 10.21; Dt 10.17; Ne 9.32; Jr 32.18; SI 24.8; e também SI 20.7; 21.2.14), mas se aplica também ao rei (cf. p. ex. Ez 32.21 e Dn 11.3), que recebe de Deus o *espírito de valentia* (11.2), sendo que a adoção do rei por parte de Deus permite dar-lhe um título divino (cf. SI 45.7).

e. Mais ainda que os seus altos funcionários (22.21; cf. Jó 29.16), o rei é o *pai* do seu povo (1Sm 24.12; é também o título dado ao faraó pelos seus vassallos nas cartas encontradas em Tell el-Amarna). Sobre *para sempre*, cf. 45.17; 47.7; e SI 21.5-7 etc.; poder-se-ia traduzir *pai da eternidade*, o que seria mais próximo (como *deus-valente*) da titulação real egípcia.

f. Cf. v. 6; 11.6-9; 1Rs 5.26 nota; Mq 5.4; Zc 9.10; SI 72.3.7; e também Jz 6.24, onde a palavra *paz* designa o próprio Deus.

e haverá paz sem fim^a
para o trono de David e para a sua realeza,
que ele estabelecerá e firmará
sobre o direito e a justiça^b,
desde agora e para sempre
— o ciúme^c do SENHOR de todo
poder fará isto.

Zm 7.16

As chagas da Samaria

⁷ O Senhor lançou a palavra sobre Jacó^d,
ela cai^e sobre Israel.

5.19 ⁸ O povo inteiro a conhecerá,
Efraim e o habitante de Samaria,
que diz na sua altivez e no seu orgulho^m:
⁹ “Os tijolos caíram, nós construiremos
com pedras lavradas,
os sicômoros foram tirados, e

Pr 16.18 substituí-los-emos por cedros”.

7.16 ¹⁰ O SENHOR levantou contra ele os
inimigos — de Resinⁿ —,

ele excitou os seus adversários,
¹¹ Arâm no oriente, os filisteus à
retaguarda^a,
e devoraram Israel de boca escancarada.
Apesar de tudo isso, a sua cólera
não se desviou

Jr 4.8

e a sua mão continua estendida^a.
¹² E o povo não voltou àquele que o
golpeava^a;
não procuraram o SENHOR de todo
poder.

31.1;

Sf 1.6

¹³ Então o SENHOR cortou em Israel
cabeça e cauda,
palma e junco^a, num único dia:

¹⁴ o ancião e o dignitário são a cabeça,
o profeta que ensina a mentira é a cauda^f.

28.7;

Lm 2.14

¹⁵ Os guias deste povo o desencaminharam^g
e os que eles guiavam foram engolidos.

Jr 14.16

¹⁶ Eis por que o SENHOR não será
favorável^h aos seus jovens,

g. Ou: *Ele estenderá a dominação, em uma paz sem fim sobre o trono de Davi...* Temos provavelmente aqui perspectivas de dominação universal (cf. 2.3-4; e o triunfo sobre as nações no ritual régio) e ilimitada no tempo (cf. Sl 21.5; 61.6-7; 89.5.29-30.37-38; 132.12). A paz está ligada a isto (ver as referências citadas na nota precedente e também Is 32.18-20; 33.20), a título de bem messiânico trazido, como em 11.1, por um herdeiro de Davi.

h. Em egípcio, o ideograma que significa *justiça, verdade* representa (e designa) o pedestal do trono. *Justiça e direito* são no AT os fundamentos do trono divino (Sl 89.15; 97.2) mas também do trono real (Pr 16.12; 25.5; cf. 20.26-28; Is 16.5). As duas coisas são esperadas de todo rei e sobretudo do messias (cf. 11.3-5; 16.5; 32.1; Jr 23.5; 33.15 etc.). Fazem parte de todas as promessas (1.17.26-27; 2.4; 32.16-17; cf. 5.7 etc.).

i. Ou *zelo, amor cioso*: cf. Ex 34.14; Ez 5.13; Jl 2.18 notas.

j. Esta fórmula introduz um poema diferente do que precede, sobre o tema da *cólera do Senhor* contra o seu povo. De 9.7 a 10.4, este poema se desenvolve em estrofes desiguais, separadas pelo mesmo refrão (em 9.11.16.20 e 10.4), que voltamos a encontrar em 5.25, no fim de um v. que deve ter feito parte do mesmo conjunto. O poema assemelha-se ao de Am 4.6-12, onde a recordação das desgraças que o Senhor infligiu a seu povo sem obter a conversão é seguida de uma nova ameaça.

k. A eficácia soberana da palavra divina (ISM 3.11.12; Nm 22.6 etc.) é marcada aqui pelo fato de que ela é *enviada*, ou *lançada* (cf. 55.11; Sl 107.20; 147.15 e 18) e *cai* (cf. 55.10), talvez à maneira de uma arma (cf. Os 6.5) ou do relâmpago (cf. a imagem do *fogo* em Jr 23.29).

l. Isto é, provará os seus efeitos (cf. Os 9.7).

m. Sobre o *orgulho* de Samaria, cf. 2.6-21 e também 28.1; Am 6.13; Os 7.10.

n. Cf. Mt 1.4. Sem dúvida, não se trata das árvores em pé, pois o paralelo sugere que se trata da madeira de construção. Teríamos aqui um dito popular caracterizando o orgulho ou então a evocação de uma catástrofe? Tratar-se-ia do tremor de terra ao qual parece aludir 5.25, talvez o que ocorreu no tempo de Ozias segundo Am 1.1 e Zc 14.5? Ou das devastações devidas à campanha

assíria que obrigou Menahém a pagar tributo (2Rs 15.19-20)? Nos dois casos, tratar-se-ia de acontecimentos anteriores a 738.

o. A menção a *Resin* não quadra com o contexto, visto que ele é o rei de *Arâm*, apresentado no v. subseqüente como um dos que devoram Israel. A menos que se veja nos *inimigos de Resin* uma expressão designando Arâm e os filisteus já submetidos à Assíria (contra a qual Resin lutava), a palavra *Resin* constitui sem dúvida uma glosa que aplica a Judá o conjunto da passagem (sendo os *inimigos de Resin* os assírios) na conjuntura da guerra siro-efraimita (cf. cap. 7 e 8).

p. Ou no *ocidente*, o que dá no mesmo, pois os semitas vêem espontaneamente o oriente na *frente* (cf. a palavra *orientar-se*). A devastação de Israel pelos arameus e filisteus pode ter ocorrido um pouco depois de meados do séc. VIII (cf. Am 1.6-8), no momento das perturbações que puseram fim à dinastia de Iehu — ou então durante a longa campanha de Tiglat-Pileser III (734-732) — ou mesmo depois, com os filisteus e arameus importunando, sob a égide da Assíria, o que restava do reino de Samaria.

q. Cf. 30.30; Ex 6.6; Dt 4.34; Sl 136.12. Mas trata-se aqui de golpear o povo culpado (cf. Sf 1.4), e não mais as nações.

r. Cf. o refrão e *não voltastes* em Am 4.6-11; cf. também Jr 5.3 e Os 7.10.

s. Imagens que designam os “grandes” e os “pequenos”. Encontramos-las em 19.15 (a propósito do príncipe e do povo do Egito) e em Dt 28.13.44 (a propósito da opulência e da pobreza).

t. Explicação — talvez glosa — do v. 13. Com uma intenção polémica ou irônica, ela remete ao último grau da hierarquia social os (falsos) profetas, que no entanto fazem parte dos notáveis (cf. 3.2).

u. Alusão provável aos problemas dinásticos do reino do Norte (cf. v. 11, nota).

v. Texto masorético, gr. e Vulg.: *não se alegrará*. Qumran: *ele não poupará*. A tradução apóia-se em uma leitura possível das consoantes do texto masorético. — A fórmula *Eis por que* (aqui como em 5.25 e Am 4.12) introduz o anúncio do julgamento iminente após a recordação das punições passadas não seguidas de conversão.

não terá dó dos seus orfãos e das suas viúvas*, pois são todos ímpios e malfeitores, e todas as bocas repetem propósitos insensatos.

Apesar de tudo isso, a sua cólera não se desviou e a sua mão continua estendida.

33,11-12; Tg 3,6 ¹⁷ Pois a maldade queima como um fogo* que devora espinheiros e sarças e incendia a madeira da floresta, enquanto se levantam colunas de fumaça.

¹⁸ Transbordamento da ira do SENHOR de todo poder, a terra está abalada* e o povo se torna qual pasto das chamas: ninguém poupa seu irmão.

3,5; Mq 7,56 ¹⁹ Corta-se à direita, e se continua a ter fome, devora-se à esquerda, e ainda não se está saciado, cada um devora a carne do próprio braço*.

²⁰ Manassés devora Efraim, e Efraim Manassés*;

7,1 unem-se contra Judá^b.

Apesar de tudo isso, a sua cólera não se desviou e sua mão continua estendida.

10 O sétimo "Ai!" contra os grandes de Judá

¹ Ai! dos que promulgam decretos iníquos e, quando redigem, codificam a miséria; SI 94,20

² afastam do tribunal os indefesos, privam dos seus direitos os pobres do meu povo, fazem das viúvas a sua presa e despojam os órfãos. Ex 22,21; Dt 24,17

³ Que fareis no dia do castigo, quando de longe virá a tempestade? A quem acorrereis para encontrar socorro? 2,10

Onde depositareis a vossa fortuna? Sf 1,18

⁴ Não poderão senão arrastar-se entre os prisioneiros e cair entre as vítimas. Jr 15,2

Apesar de tudo isso, a sua cólera não se desviou, e sua mão continua estendida.

Ai da Assíria

⁵ Ai da Assíria, vara da minha cólera^d; Jr 51,20-23 este bastão na sua mão é o meu furor.

w. A perversidade é tal que os próprios *jovens* (cf. 13,18; 31,8; Am 4,10, onde se trata das *nações*) e as *viúvas e os órfãos* — embora o Senhor seja o seu protetor (cf. 1,17; 10,2) — não serão poupados.

x. Cf. 1,31; 5,24; Am 5,6; Dt 32,32; Jó 31,12 e a propósito da imagem de um fogo de floresta, Is 10,17-19; Jr 21,14; Is 21,1-4; SI 83,15. Mas aqui como em Os 7,6-7, a própria perversidade é comparada a um fogo e gera as perturbações civis. No v. seguinte, porém, vê-se que o *fogo da cólera* do Senhor, nos seus efeitos, se junta ao da perversidade. As diversas categorias de árvores talvez evoquem as classes sociais, como nos vv. 12-15.

y. O texto massorético parece aqui corrompido. Traduzimos com sir., Vulg. e (em parte) Qumran. O gr. e o Targum leram: *está incendiado*.

z. Suprimido do texto hebr. uma letra, o Targum e certos mss. grs. leram *do seu irmão* ou *do seu próximo*. Aliás, essas correções vão na linha do sentido do texto: o irmão não é para o seu irmão a sua *própria carne*? (cf. Gn 2,23 etc.). Ademais, Efraim e Manassés são o *braço* (isto é, o poder e a proteção) um do outro e isto vem tanto da sua origem comum como das suas situações geográficas respectivas no mesmo maciço montanhoso, um ao norte e outro ao sul (portanto, um à direita e outro à esquerda do outro, se a gente "se orientar" — cf. v. 11 nota —, o que poderia esclarecer os termos *à direita e à esquerda* utilizados no início do v. para descrever a guerra fratricida). A guerra civil no reino do Norte é igualmente descrita em Os 6,7-11; 7,7; 10,3-4; 13,9-11; 2Rs 15,16-23-31; 17,1-6.

a. A instabilidade do poder central em Samaria a partir de 747

parece ter despertado entre as duas principais tribos rivalidades antigas (cf. já Gn 48,14; Jz 6,35; 8,1). Talvez tenhamos aqui uma alusão à revolta de Peqah (que se apóia no Guilead, do qual Manassés faz parte, 2Rs 15,25) contra Peqahia (se bem que este último seja sem dúvida um gadita, 2Rs 15,17 e 22) em 736.

b. Alusão provável à coalizão siro-efraimita. Tem-se assim nos vv. 9-15 uma retrospectiva destinada a enfatizar o orgulho (8) e o endurecimento (12) do povo e a motivar o anúncio de uma punição radical e definitiva (16), já em ação na guerra civil (17-20) e consumada pela vitória assíria e a deportação (10,3-4). No conjunto do poema aparece também uma progressão dramática (destruições materiais, razias entre povos vizinhos, incapacidade e eliminação dos responsáveis, lutas tribais fratricidas, devastação e cativo) que é digna de Is.

c. Os vv. 1-4 começam com a mesma palavra (*Ai*) que cada um dos oráculos de 5,8-24. Por isso, muitos ligam esses quatro vv. ao conjunto 5,8-24. Todavia, reencontra-se no fim do v. 4 o refrão de 9,7-20 e outros ligam 10,1-4 a 9,7-20, acrescentando-lhe 5,25, onde se encontra o mesmo refrão. Parece que temos aqui uma conclusão comum às duas séries de oráculos que constituem o quadro em que foi inserido o "livrete do Emanuel" (6,1-9,6).

d. Encontram-se outros oráculos contra a Assíria em 10,24-27; 14,24-27; 30,27-33 e 37,22-35 (cf. provavelmente 17,12-14; 29,5-7 e 33,1). A ideia de que a Assíria é um instrumento nas mãos de Deus reencontra-se em 5,26-30; 7,18-20; 8,7; cf. 13,5; 30,27; 36,10; 37,26. Este oráculo deve ser datado após 717 (tomada de Karkemish por Sargón II) e mais tarde em 701 (grande ameaça de Senaquerib contra Jerusalém). Todas as cidades

⁶ Eu o envio contra uma nação ímpia,
eu o despacho contra o povo que me
exaspera*,
para dele fazer despojo e saqueá-lo*,
para pisá-lo aos pés como a lama
das ruas*.

Mq 4,12 ⁷ Mas ele não o entende assim,
seu coração não julga assim,
pois o seu pensamento é exterminar,
suprimir nações em grande número.

36,18-20 ⁸ De fato, ele diz:

36,9 "Meus generais não são todos reis?

Gn 10,10 ⁹ Kalnô* não se tornou como Karkemish*?
ou Hamat*, como Arpad*, ou Samaria*
como Damasco*?

36,19; ¹⁰ Se minha mão atingiu os reinos dos ídolos*

37,12 — e as estátuas deles eram mais
que as de Jerusalém e as de Samaria —,

¹¹ não vou fazer de Jerusalém e de suas
imagens

o que fiz de Samaria e de seus ídolos*?"

¹² Mas quando o SENHOR tiver terminado
toda a sua obra sobre a montanha de Sião
em Jerusalém*, "cu pedirei contas, diz ele,

33,1 das orgulhosas pretensões do rei da
2,12; Assíria e do brilho do seu olhar altivo,

37,23 ¹³ pois ele disse*:

"É pela força da minha mão que agi

e pela minha sabedoria, pois tenho o
entendimento. 5,21

Eu suprimi as fronteiras dos povos*
e lhes saqueei as reservas. 37,24-25

Como um poderoso, fiz descer
aqueles que estavam sentados em tronos.

¹⁴ Minha mão atingiu como um ninho
as riquezas dos povos.

Como se juntam ovos abandonados,
eu juntei toda a terra

e não houve ninguém para bater asa,
abrir o bico ou soltar um pio*.

¹⁵ Por acaso o machado se gloria
às custas daquele que o maneja para
cortar?

Por acaso a serra se engrandece
às custas daquele que a põe em
movimento*?

Como se a vara fizesse mover-se
aquele que a brande,

como se o bastão levantasse aquele
que não é a madeira!" 29,16

¹⁶ Eis por que o Senhor DEUS de todo
poder

enviará contra seus homens

corpulentos a magreza

e por baixo do seu esplendor se

acenderá um braceiro

SI 106,15

mencionadas no v. 9 foram definitivamente submetidas por Sargón II entre 722 e 717. Certamente este rei não ameaçou Jerusalém, onde Acaz se comportou como vassalo submisso até o fim do seu reinado (716-715). Por isso, pensa-se preferivelmente nos primeiros anos de Senaquerib (705-701).

e. Esta expressão, como a de *nação ímpia*, visa Israel (no sentido amplo, cf. 1,3-4; 9,16) e mais especialmente Judá (cf. v. 11). f. Cf. 8,1-4, onde trata também das conquistas do rei da Assíria. g. Cf. 2Sm 22,43; Is 41,25.

h. Cidade do norte da Síria, situada a leste de Antioquia e a aproximadamente 25km a nordeste de Alepo. Ela foi tomada por Tiglat-Piléser III em 738 (cf. Am 6,2), mas deve ter tomado parte na coalizão de 720 contra Sargón II e sofrido o contragolpe de Karkemish em 717.

i. Cidade situada à margem do Eufrates, a aproximadamente 120km a nordeste de Alepo e capital de um principado hitita até a sua conquista por Sargón II em 717.

j. Cidade situada à margem do Oronte, entre Alepo e Damasco, a aproximadamente 120km ao sul de Alepo. Ela foi tomada por Tiglat-Piléser III e desmembrada em distritos em 742. Foi mais tarde o centro da coalizão de 720 e foi então definitivamente submetida por Sargón II.

k. Cidade da Síria do Norte, situada a mais ou menos 30km a norte de Alepo e próxima a Kalnô. Arpad foi tomada por Tiglat-Piléser II em 741, depois de várias campanhas. É provável que ela tenha tomado parte na coalizão de 720 e tenha sido subjugada antes de Karkemish.

l. Tomada por Sargón II em 722-721.

m. Tomada por Tiglat-Piléser III, em 732. Mas Damasco é mencionada entre os coligados de 720, nos Anais de Sargón II. O v. 9 assinala um avanço do norte para o sul na série de cidades comparadas (Kalnô, Hamat, Samaria), como na série das que servem de termos de comparação (Karkemish, Arpad, Damasco). Em cada grupo de duas cidades, nota-se também que a primeira está situada mais a sul que aquela com a qual é comparada. Assim se valoriza a irresistível progressão dos exércitos assírios, sempre mais próximos de Jerusalém.

n. Esta expressão (cf. Lv 19,4) evidentemente só tem sentido no contexto judaico.

o. Cf. 36,18-20 e 37,10-13.

p. Primeiramente obra de destruição, cf. 5,12; 28,21-22 e 29,1-4.

q. Retomada do discurso do rei da Assíria depois da interrupção do v. 12.

r. Não somente submetendo-se ao seu poder, mas também por deportações maciças (cf. 2Rs 17,6.24), o que constitui uma violação da ordem divina do mundo, da qual fazem parte as "fronteiras dos povos" (Dt 32,8; Sl 74,17).

s. Nos Anais de Senaquerib, Ezequias de Judá, sitiado em 701, é comparado a um pássaro na gaiola.

t. Cf. a metáfora do oleiro (29,16; 45,9; Jr 18,2-6). O machado e a serra talvez evocuem as devastações que os assírios fizeram nas florestas siro-palestinas visando as suas construções (cf. 14,8 e 37,24).

- 26,11 como se incendia um fogo.
 17 A luz de Israel se tornará um fogo e o seu Santo, uma chama, que queimará e devorará^a
 27,4 suas sarças e seus espinheiros em um único dia.
 9,13; 37,36 Ez 21,2-4; Sl 83,15 SI 39,4 18 O esplendor da sua floresta e do seu vergel^b,
 ele o consumirá, corpo e alma, será como um doente que definha.
 19 O resto das árvores da sua floresta será um número tão pequeno que um menino o contaria.

O resto de Israel

- 20 Sucederá, naquele dia, que o resto de Israel^c, e os sobreviventes da casa de Jacó cessarão de apoiar-se naquele que os golpeia^d:
 Os 5,13; 2Cr 28, 16,20 eles se apoiarão verdadeiramente no SENHOR, no Santo de Israel^e.
 37,4,32 21 Um resto retornará^f, o resto de Jacó para o Deus Forte^g.
 48,18; Rm 9,27 22 Mesmo que o teu povo, ó Israel, fosse como a areia do mar^h, só um resto retornará: está decidida a destruição que fará transbordar a justiçaⁱ,

23e decidido assim o extermínio, o Senhor DEUS de todo poder o executará no meio da terra toda. 28,22; Dn 9,27

Ainda a punição da Assíria

- 24 Eis por que assim fala o Senhor DEUS de todo poder:
 Ó meu povo que habita Sião, não temas a Assíria, 37,6
 que te bate com a vara^d Ex 5,14-16
 e levanta o seu bastão contra ti à maneira do Egito,
 25 pois ainda um pouco, mui pouco tempo, e a minha indignação contra ti cessará, mas a minha cólera se voltará para a 31,8-9; 37,36
 ruína deles.
 26 Contra ele o SENHOR de todo poder, brandirá o açoite como golpeou Midian no Rochedo de Oreb^e
 e levantará o seu bastão sobre o mar 30,31-32
 como no caminho do Egito^f.
 27 Sucederá, naquele dia, que o seu fardo escorregará do teu 14,25
 ombro, e o seu jugo da tua nuca^g, o jugo cederá diante da abundância^h.

Uma invasão-relâmpagoⁱ

- 28 Ele chega sobre Aiat^j, atravessa 5,26

u. Comparar 9,1,4; 31,9 e também 1,31; 4,4; 5,24; 6,13; 9,17-18; 29,6; 30,27,30,33; cf. Am 7,4.

v. Cf. 2,11-13; 10,33-34.

w. Segundo um procedimento corrente, este oráculo sobre o resto de Israel vem depois do v. que fala do resto da Assíria, comparado a uma floresta. Este tema do resto retorna com frequência no livro: 1,9,27; 4,2-3; 6,13; 11,11,16; 16,14 (Moab); 17,3 (Damasco); 21,17 (Qedar) 28,5.

x. Alusão provável ao reconhecimento da soberania assíria por Acáz. Cf. 9,12, onde *aquele que golpeia é o Senhor*.

y. Cf. o v. 17 e 6,3 nota.

z. Cf. o nome de Shear-Iashub (7,3). A mesma expressão encontra-se também no v. seguinte, num outro oráculo sobre o resto (vv. 22-23).

a. Cf. 9,5.

b. Cf. Gn 22,17; Os 2,1. Os vv. 22-23 são citados parcialmente em Rm 9,27-28.

c. Imagem da inundação, cf. 8,8; 28,2,15,17,18; 30,28. *Justiça* é tomada aqui no mesmo sentido que em 5,16.

d. Também aqui, a imagem da *vara* está associada à Assíria (cf. 9,3; 14,29) ao mesmo tempo em que evoca a antiga escravidão no Egito. A Assíria era apenas um instrumento do Senhor (vv. 5 e 15). Sua vara será quebrada (14,3; cf. 14,29) ou voltada contra ela (30,31-32), como ocorreu com o Egito.

e. Cf. 9,3 e nota; Jz 7,25; Sl 83,10-12.

f. O fim deste v. contrasta com o do v. 24, *bastão levantado contra Israel no Egito, bastão levantado contra o mar no Egito* (cf. Ex 14,16). O bastão não é mais o do opressor, mas o que liberta Israel. A propósito da saída do Egito, cf. 11,11,15,16. g. Cf. 9,3.

h. Lit. o *jugo será destruído por causa da gordura*. Para a *gordura* como símbolo de abundância, cf. Gn 27,28. O gr. traz: *jugo desaparecerá (será destruído) dos vossos ombros*.

i. O itinerário descrito parte de um lugar situado a aproximadamente 16km a norte-nordeste de Jerusalém e atravessa uma região acidentada, onde o avanço é interrompido por vários vales abruptos dos quais o principal é o do Wadi Suweinit. O itinerário habitual das invasões vindas do norte era o da atual estrada de Ramallah, seguindo mais ou menos a linha dos cumes e portanto mais cômoda, mas obrigando a enfrentar defesas avançadas, como Mispá (cf. 1Rs 15,22). A intenção de contornar tais defesas explicar-se-ia melhor nos coligados siro-efraimitas de 734 (cf. cap. 7) do que em 701 com os assírios (as tropas de Senaquerib, em 701, vêm, aliás, da Filistéia), a menos que se trate de uma incursão inesperada, destinada a uma demonstração de força e que não teria atingido Jerusalém (cf. v. 32), por ex. em 721, depois da tomada de Samaria (cf. acima, v. 9 nota).

j. Esta localidade pode ser identificada com Ai (et-Tell, alguns

- 1Sm 13.2.5 Migron^k, em Mikmás^l fará guardar os seus equipamentos,
 29 eles atravessam o desfiladeiro^m:
 1Sm 14.5 "Em Gueba" passaremos a noite!"
 1Sm 7.17 Ramáⁿ treme. Guibeá^p de Saul foge.
 1Sm 14.2 30 Solta gritos. Bat-Galim^q!
 Ouve, ó Láish^r!
 Ne 11.32 31 Infeliz Anató^t! Madmená^u se salva.
 Os habitantes de Guebim^v fugirão
 32 e, no mesmo dia, parando em Nob^y,
 ele ameaça com a mão a montanha
 da filha de Sião,
 a colina de Jerusalém.

O desmoronamento

- 33 Eis que o Senhor DEUS de todo poder
 corta a ramage com violência:
 os que são de estatura alta são abatidos,
 os mais elevados são postos abaixo".
 SI 74.5 34 Elas caem sob o ferro, as matas da
 floresta,
 e o Líbano majestoso desmorona^x.

km a sudeste de Betel, cf. Gn 12,8; Js 7-8; Esd 2,28) ou com *Awwim* (Avim, Js 18,23, provavelmente *Khirket Haiyun*, 10km a sudeste de Betel). Esses dois lugares são próximos um do outro e os dois são mencionados ao lado de Betel em todas as passagens citadas acima. O principal ms. de Qumran hesita entre *Ayyu* (cf. Ne 11,31) e *Ayyat*.

k. Cf. 1Sm 14,2 (a propósito do feito de Jônatan, entre Gueba e Mikmás, nos vales do Wadi Suweinit). Talvez se trate de Tell Miryâm na extremidade noroeste dos vales, do mesmo lado de Mikmás.

l. Cf. 1Sm 14,5: atual *Mykmas*, na margem setentrional das gargantas, por onde não se pode passar com carga pesada.

m. O de Wadi Suweinit. Cf. 1Sm 13,23.

n. Do outro lado das gargantas: atual *Jebu*, a 10km de Jerusalém (cf. Js 18,24; 1Sm 13,2; 14,5; 2Sm 5,25; 2Rs 23,8; Esd 2,26); segundo 1Rs 15,22, ela foi fortificada ao mesmo tempo que Mispa pelo rei Asa, de Judá.

o. Atual *er-Ram*, 3km a oeste de Gueba, à qual é associada em Esd 2,26; cf. Js 18,25; Jz 19,13; 1Sm 1,19; 1Rs 15,17 e 22.

p. Atual *Tel el-Ful*, aproximadamente 5km a norte de Jerusalém e 4km a sul de Ramá (cf. Js 18,28); pátria de Saul, segundo 1Sm 10,26 e 15,34.

q. Cf. 1Sm 25,44; talvez *Khirket Ka'ud* a 4km de Jerusalém e perto de Guibeá de Saul.

r. Talvez *el-Issawiyeh*, menos de 3km ao norte de Jerusalém.
 s. Atual *Anató* (ou perto de *Ras el-Kharrubeh*), a aproximadamente 5km a nordeste de Jerusalém; pátria de Jeremias (Jr 1,1; 11,21 e 23; 32,7-8).

t. Lugar não identificado com certeza.

u. Lugar não identificado.

v. Cf. 1Sm 21,2; 22,9,19; provavelmente lugar alto no monte Scopus, o mais alto e o mais setentrional dos três cumes do monte das Oliveiras, donde se avista Jerusalém (Tito supervisionou ali o cerco do ano 70d.C.).

w. Cf. 2,12-17; 6,13; 32,19; cf. também 5,15; 13,11.

11 Um novo David

- 1 Um ramo sairá da cepa de Jessé^y, 4.2;
 um rebento brotará de suas raízes. Jr 23,5;
 2 Sobre ele repousará o Espírito do Rm 15,12;
 SENHOR^z: 37,31;
 espírito de sabedoria e de discernimento, 42,1;
 espírito de conselho e de valentia^a, 2Sm 23,2;
 espírito de conhecimento e de temor do SENHOR^b Jo 1,32-33;
 At 10,38
 CI 2,3
 3 — ele lhe inspirará o temor do SENHOR.
 Ele não julgará segundo o que vêem Jo 2,24-25
 os seus olhos.
 não se pronunciará segundo o que ouvem seus ouvidos^c.
 4 Ele julgará os indefesos com justiça, 32,1-2
 se pronunciará com equidade pelos pobres da terra^d.
 Golpeará a terra com a vara de sua boca^e, Ap 2,16
 com o sopro dos seus lábios fará 2Ts 2,8
 morrer o mau.

x. Ou: o *Líbano* através de um poderoso desmorona. Cf. vv. 18-18 e as passagens citadas na nota anterior, onde a floresta é símbolo de orgulho.

y. Hebr. *l'ishai*, pai de David, cf. 1Sm 16. A propósito da *cepa*, cf. 6,13 nota: a palavra tem aqui o seu sentido próprio e provavelmente alude ao estado da monarquia de Jerusalém depois da terrível invasão de Senaquerib da Assíria, em 701, quando 46 cidades e as suas regiões foram anexadas aos reinos vizinhos de Ashdod, Efron e Gaza. Diversamente dos oráculos do *livrete de Emanuel*, notadamente 7,14-17 e 9,1-6, este aqui, sim, parece visar a um rei do futuro, um novo David.

z. Como sobre Saul, depois sobre o próprio David (cf. 1Sm 16,13-14), mas desta vez de uma forma definitiva. Os seis atributos do Espírito enunciados aqui correspondem aos da sabedoria personificada em Pr 8,12-14. Tornam possível o exercício da realeza (o que aparece igualmente em Pr 8,15-20) e notadamente da justiça do rei. A estes seis atributos, gr. e Vulg. acrescentaram um sétimo, o da piedade. Daí a lista dos "sete dons do Espírito Santo" da teologia católica.

a. Cf. 9,5; 28,6 e, no oposto, 30,1; 31,1; 19,3.

b. O conceito de *temor do Senhor*, elaborado nos meios sapienciais (cf. Pr 1,7 etc.), completa uma lista de atributos dos quais a maioria tem a mesma origem; ele é justaposto ao do *conhecimento do Senhor*, que vem dos meios proféticos (cf. Os 4,1; 6,6; Is 1,3).

c. A propósito da justiça cujo exercício incumbe ao rei, cf. 32,1-3; 9,6; 2Sm 14,17; 1Rs 3,16-28; Jr 23,5; SI 72,1-7. A justiça é um dom de Deus (cf. 1,26), pois supõe um discernimento que vá além das aparências (cf. 32,3-5; 1Sm 16,7; Pr 12,17).

d. A justiça real deve ser exercida primeiro em benefício dos pobres (cf. 29,19-20 e SI 72,2-4,12-13; para o oposto, ver 10,2; 32,7; Am 2,7; 8,4 etc.). Ela está intimamente ligada à prosperidade do país.

e. Cf. 9,7. Trata-se aqui da sentença dada pelo rei.

Ef 6.14 ⁵ A justiça será o cinto dos seus quadris e a fidelidade, o cinturão dos seus rins^f.

O Paraíso reencontrado

Mc 1.3 ⁶ O lobo habitará com o cordeiro, o leopardo se deitará perto do cabrito. O bezerro e o leãozinho serão alimentados juntos^g, um menino os conduzirá.

⁷ A vaca e a urça terão a mesma pastagem, os seus filhotes, o mesmo abrigo. O leão, como o boi, comerá forragem.

⁸ A criança de peito brincará no ninho da áspide, na toca da víbora, a criança desmamada porá a mão^h

2.2-4 ⁹ Não se fará nem mal, nem destruição sobre toda a minha montanha santaⁱ, pois a terra estará repleta do conhecimento do SENHOR, como as águas recobrem o mar^j.

O sinal do grande retorno

Rm 15.12 ¹⁰ Sucederá, naquele dia, que a raiz de Jesse^k será erigida como estandarte dos povos, as nações a procurarão e a glória será a sua morada.

¹¹ Sucederá, naquele dia,

que o SENHOR estenderá a mão uma segunda vez^l

para resgatar o resto do seu povo, os que restarem na Assíria e no Egito, em Patrô^m, Kushⁿ, Elâm^o, Shinear^p e Hamat^q,

c nas ilhas do mar^r. **24.15**

¹² Ele levantará um estandarte para as nações, **18.3**

congregará os exilados de Israel, reunirá os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra^s. **SI 147.2**

¹³ O ciúme de Efraim cessará e os adversários de Judá serão exterminados.

Efraim não terá mais ciúme de Judá e Judá não será mais o adversário de Efraim^t.

¹⁴ Eles cairão sobre as costas dos filisteus no Ocidente. **14.28-32; Sf 2.5-7**

juntos saquearão os do Oriente: sobre Edom e Moab estenderão a mão e os filhos de Amon serão seus súditos^u. **34.5-15; 15-16; 25.10-12**

¹⁵ O SENHOR domará o golfo do mar do Egito^v,

agitará a mão sobre o Rio^w

— no ardor do seu sopro^x —,

ele o quebrará em sete braços.

f. A tanga ou *cinturão* é o "traje" do guerreiro em ação, frequentemente representado no antigo Oriente. A força do guerreiro deve implementar a instauração da justiça.

g. Hebr.: e o bezerro e o leãozinho e o animal de engorda (*estarão*) juntos. A paz entre os homens e os animais está ligada, como a justiça, ao advento do rei do futuro (cf. já 9.6, onde o oráculo aparecia em um contexto de vitória, o que não mais ocorre aqui). Is 65.25 retoma algumas fórmulas dessa parábola.

h. Este tema tem origem nos relatos da criação (cf. Gn 1.26-30; 2.19 e ainda 9.2, após o dilúvio). Ele alimentou a esperança dos sábios (cf. Jó 5.22-23) como a dos profetas (Os 2.20; Ez 34.25-28; e também Lv 26.6; Is 35.9). É o fim da inimizade fundamental entre o homem e a serpente, cf. Gn 3.15.

i. Retornado em 65.25. Comparar com o Sl 101.8, onde o rei purifica sua terra dos ímpios e dos malfetores (cf. igualmente Pr 20.26). *Minha montanha santa* é evidentemente a do Templo em Jerusalém.

j. Este v. se reencontra quase textualmente em Hab 2.14, onde se fala do conhecimento da glória do Senhor (cf. Is 6.3; 40.5). A propósito do conhecimento do Senhor estendido ao país inteiro, cf. Jr 31.33-34, que faz dele uma consequência da nova aliança anunciada.

k. Cf. v. 1. A *raiz de Jesse*, a antiga família de David, se tornou um sinal de consagração (cf. Gn 5.26 e 13.2, onde se trata de um termo militar) para as nações como para os exilados de Israel e de Judá. Os vv. 10-12 são provavelmente bem posteriores à morte de Isaías. Pode-se ver neles uma alusão ao

descendente de David que conduziu a primeira comitiva do retorno após o Exílio na Babilônia, cf. Esd 1-3.

l. Com referência ao Êxodo, onde foi a primeira vez, cf. 10.26 e abaixo, v. 16. Cf. também 43.16-19; 48.20-21.

m. O Alto-Egito; cf. Gn 10.14 nota; Jr 44.1; Ez 29.14; 30.14.

n. A Núbia ou Etiópia, no sul do Egito; cf. 18.1; 20.3-5.

o. No sudeste da Mesopotâmia, atualmente no Irã, região de Susa; cf. 21.2.

p. A Babilônia; cf. Gn 10.10; Dn 1.1-2.

q. Cidade da Síria, cf. 10.9 nota; 2Rs 17.24.

r. As regiões costeiras e as ilhas do Mediterrâneo, onde muitos judeus foram vendidos como escravos, cf. Jl 4.6.

s. A propósito do estandarte para as nações, sinal do grande retorno, cf. 49.22. Relaciona-se com este v. também 43.5-6; 49.12; 60.4; 66.20.

t. É o contrário da situação descrita em 7.1-9 e 9.20; é o anúncio do fim do cisma entre os dois reinos, cf. 7.17; Am 9.11; Os 2.2; 3.5; Jr 3.18; 23.5-6; 31.6; Ez 34.23; 37.15-28.

u. Os povos mencionados aqui são os vassalos submetidos por David; portanto antes do cisma (cf. 2Sm 8.12; e também 5.17; 8.1-2.13-14; 12.26-31. Cf. Am 9.12; Ab 19.20; Sl 60.10).

v. Cf. Ex 14.16.21.26-27. Pôr em paralelo a volta dos exilados com o Êxodo é coisa frequente na segunda parte do livro (cf. 40.3-4; 41.17-20; 42.15-16; 43.16-21; 48.20-21 etc.).

w. O Rio, i. é, o Eufrates, como em 7.20 e 8.7; *ele agitará a mão*: cf. Ex 14.21.27; 15.12.

x. Cf. Ex 14.21; 15.8; Is 51.10.

e fará com que se possa atravessá-lo com sandálias³.

- ¹⁶ Haverá um caminho para o resto do seu povo²,
para os que tiverem restado de Assur,
como houve para Israel
no dia em que subiu da terra do Egito⁴.

12 Ação de graças

¹Naquele dia, dirás:

Jr 33,11;
SI 118,21

Eu te dou graças, SENHOR,
pois estavas encolerizado contra mim,
mas a tua cólera se acalma e tu me confortas⁵.

²Eis o meu Deus Salvador,

tenho confiança e não tremo,
pois a minha força e o meu canto
é o SENHOR! Ele foi para mim a
salvação⁶.

Jz 5,11;
Jo 4,14

³Com alegria tirareis água
das fontes da salvação⁷

⁴e direis, naquele dia:

SI 105,1;
Jo 17,6

Rendei graças ao SENHOR, proclamai
o seu nome,
publicai entre os povos as suas façanhas,
repeti que o seu nome é sublime.

148,13

⁵Cantai ao SENHOR, pois ele agiu
com magnificência:

que isto seja publicado em toda a terra. 11,9

- ⁶Solta gritos de alegria e de júbilo, 52,8-9
tu que habitas Sião, 8,18
pois ele é grande no meio de ti,
o Santo de Israel⁸!

13 A hora de Babilônia

¹*Proclamação sobre Babilônia⁹. O
que viu Isaías, filho de Amôs.*

- ²Sobre uma montanha escavada, 41,18
levantai um estandarte, 5,26

soltai gritos, agitai a mão,
para que eles venham às portas dos
senhores¹⁰.

- ³Quanto a mim, dei ordens aos que
me estão consagrados, JI 4,9
convoquei os guerreiros da minha ira,
aqueles que a minha honra faz regozijar¹¹.

⁴Ouvi o ribombar nas montanhas:
é como uma grande multidão.
Ouvi o tumulto dos reinos,
das nações reunidas:

o SENHOR de todo poder passa em
revista
o exército que vai combater.

- ⁵Eles vêm de uma terra longínqua,
das extremidades do céu,
o SENHOR e os instrumentos da sua cólera,

y. Cf. Ex 14,22-29; 15,19.

z. Outro tema frequente na segunda parte do livro (cf. 40,3-4; 42,16; 43,19; 49,11; 57,14; 62,10), e que se encontra também em passagens tardias da primeira, como 19,23; 35,8.

a. A Assíria e o Egito são postos em paralelo 7,18; 10,24-26; 11,11. Cf. já Os 9,3; 11,5,11 e. em um texto mais tardio, Is 27,13.

b. Cf. 10,25 e, ao contrário, 5,25; 9,11,16,20; 10,4. Este cap. é um canto de ação de graças que faz seqüência ao anúncio da volta dos exilados, como o canto de Ex 15 faz seqüência ao relato da saída do Egito.

c. A segunda metade deste v. se reencontra exatamente em Ex 15,2 (nota anterior) e em SI 118,14, salmo no qual várias passagens evocam ritos da grande festa de outono ou festa das Tendras (*Sukot*).

d. Mais um rito da festa das Tendras (cf. nota anterior) segundo a *Mishná* (*Sukká* 4,9). Cf. 8,6, a propósito das águas de Siloe. Relacionar também com SI 36,9-10; Jr 2,13; 17,13; Ez 47,1; Is 55,1; Jl 4,18; Zc 14,8; Jo 9,11.

e. Expressão característica de Is (cf. 6,3 nota).

f. Os caps. 13-23 formam uma nova parte, que contém principalmente oráculos sobre as nações estrangeiras; ela constitui um conjunto independente, como resulta do sobrescrito de 13,1: *O que viu Isaías...* Muitos destes oráculos são posteriores ao profeta, mas são sempre inspirados em trechos e em motivos isaianos. Estes oráculos são chamados de *proclamação* (*massá*), palavra originada de uma raiz que significa ao mesmo tempo

levantar (a voz, cf. 3,7) e *carregar*: poder-se-ia dizer que se trata de uma *palavra de peso*; cf. a crítica e o jogo de palavras sobre este termo por Jeremias (Jr 23,33-40).

g. A *Proclamação sobre Babilônia* dificilmente pode provir de Isaías. Embora no tempo dele Babilônia tenha podido apresentar-se em certos momentos como uma potência respeitável, com a qual Ezequias tenta tratar (Is 39), estava longe de ser a pérola dos reinos (v. 19). Por outro lado, ela só se tornou a grande inimiga de Israel depois da queda de Nínive (em 612) e da batalha de Karkemish (em 605), o que situaria o oráculo na primeira metade do século VI, como é confirmado pela menção aos medos no v. 17. — Uma parte deste oráculo que, em sua origem, diria respeito à Assíria, pode provir do próprio profeta (esta observação vale para o conjunto dos caps. 13-14). O caráter vago do conteúdo torna difícil a determinação precisa do lugar histórico. As alusões históricas foram utilizadas numa perspectiva simbólica e escatológica, sendo a Babilônia vista como o tipo universal do mal, e o Dia do Senhor como o objetivo final da história. — A divisão por nós adotada comporta quatro estrofes de comprimento desigual: vv. 2-5, 6-8, 9-16, 17-22.

h. A *porta dos senhores* ou dos *nobres* talvez seja uma porta de Babilônia, mas há aí também uma alusão velada ao nome da cidade (Babilônia = *Bab ilāni*, porta dos deuses).

i. Estandarte, grito, agitação da mão encontram-se alhures como ritos de consagração da guerra santa, sempre conduzida em honra do Senhor: Dt 23,10-15; 1Sm 13,9; 21,6; Jr 22,7; 51,28; Jl 4,9 etc.

para arruinar toda a terra aqui.

Jl 1,5,13

⁶ Lançai gritos de luto!

Jl 1,15

Está próximo o dia do SENHOR¹; como a devastação, ele vem do Devastador².

Jr 6,24
Ez 7,17

⁷ Eis por que todos os braços pendem e cada um vê derreter-se a sua coragem.

⁸ Eles são atingidos pelo espanto, as câmbrias, as dores tomam conta deles, torcem-se como uma mulher em parto.

Sl 48,7

Gn 43,33;
Hab 1,5;
Jô 26,11

Um olha para o outro, aterrorizados, seus rostos estão em chamas³.

⁹ Eis que vem o dia do SENHOR, implacável, e o transbordamento de uma ardente cólera,

Jr 4,7;
Jr 18,16

que vai reduzir a terra à desolação e dela exterminar os pecadores.

¹⁰ As estrelas do céu e as suas constelações⁴

Jr 4,23;
Sl 1,15

Mt 24,29

não farão mais brilhar a sua luz. Desde o seu nascer, o sol será escuro e a lua não dará mais a sua claridade.

¹¹ Eu punirei o mundo por sua maldade⁵, os ímpios por seus crimes.

Porei fim ao orgulho dos insolentes,

25,4;
29,5

farei cair a arrogância dos tiranos.

¹² Tornarei os homens mais raros que o ouro fino,

1Rs 9,28;
Jô 22,24

mais raros que o ouro de Ofir.

¹³ Com efeito, abalarei os céus e a terra tremerá nas suas bases, sob o furor do SENHOR de todo poder no dia da sua ardente cólera.

¹⁴ Então, como uma gazela perseguida, como um rebanho que ninguém reúne, cada um se dirigirá para o seu povo, cada um fugirá para a sua terra⁶.

1Rs 22,17;
Ez 34,5

Jr 51,9

¹⁵ Todos os que forem encontrados serão transpassados, todos os que forem apanhados cairão sob a espada.

¹⁶ Suas crianças de peito serão esmagadas ante seus olhos, suas casas saqueadas; suas mulheres, violadas.

2Rs 8,12;
Sl 137,9

¹⁷ Vou excitar contra eles os medos⁷, que não apreciam a prata e que o ouro não pode contentar.

¹⁸ Com seus arcos, esmagarão os meninos⁸, não pouparão o fruto das entranhas; para com as crianças, os seus olhos serão sem picdade.

¹⁹ Babilônia, a pérola dos reinos, o altivo adorno dos caldeus, será, como Sodoma e Gomorra, derrubada por Deus.

²⁰ Nunca mais ela será povoada, de geração em geração permanecerá desabitada.

Nem mesmo o homem da estepe⁹ levantará nela a sua tenda e os pastores ali não pararão.

²¹ Os gatos selvagens pararão nela, as corujas encherão as casas, as avestruzes nela habitarão e os sátiros¹⁰ ali dançarão.

j. Sobre o *Dia do Senhor*, cf. Am 5,18 e nota.

k. Traduzimos assim *shadday* — título de Deus alhures traduzido por “o Poderoso” — por causa da aliteração com *devastação* (*shad*).

l. Alusão à cor do rosto que se modifica conforme os sentimentos: aqui, o rosto fica vermelho sob o efeito da febre e também da vergonha que sente ao constatar o fracasso. Em Jô 16,16, a cor vermelha do rosto é provocada pelas lágrimas.

m. A palavra traduzida por *constelações* é usada em geral no singular para designar Órion: Am 5,8; Jô 9,9; 38,31. Seu primeiro sentido é *o insensato*, *o louco*, o que permite ver no emprego da palavra pelos profetas uma alusão ao caráter insensato dos cultos astrais.

n. A maldade dos homens, e em particular a dos grandes, tem sempre repercussões cósmicas, e cada intervenção de Deus na história é um julgamento sobre o mundo.

o. Babilônia reunira, seja pelas suas conquistas, seja pelo seu atrativo cultural e comercial, uma multidão de povos, mas esta unidade era fictícia. No momento da catástrofe, ela se desagrega e os povos vão tentar, sem dúvida em vão, voltar cada um à sua etnia, cf. 47,15; Jr 51,44 e Na 2,9 (Nínive).

p. A menção aos medos é dificilmente concebível no séc. VIII, pois, na época ainda não passavam de algumas tribos pouco organizadas. O séc. VII vê a ascensão deles e, em 612 eles participam ao lado dos babilônios da queda de Nínive. A observação sobre o ouro e a prata encontra um interessante paralelo no historiador grego Xenofonte (*Cirópedia* V,1,20). Cf. o que é dito dos medos em Jeremias (Jr 51,11,28).

q. O arco não serve para esmagar. Pode-se supor que uma metade do v. tenha desaparecido.

r. Lit. *o drube*. A mais antiga menção aos árabes encontra-se em Jr 3,2, que fala deles como povos do deserto, errantes e sem lugar fixo. Em Jr 25,24, fala-se dos reis da Arábia. Nos textos mais recentes, os *árabes* designam os reinos do sudeste de Israel. Com a fundação do reino árabe de *Nabateia*, eles estarão mais nitidamente localizados.

s. Lit. *os cabeludos*. São bodes (Lv 16,5,10; 17,7), mas que têm uma significação demoníaca (Is 34,14). Sobre os sátiros dançantes, cf. os *saltantes satyri* de Virgílio (*Ecl.* V,73). Esta passagem da zoologia à demonologia é paralela à passagem do histórico para o cósmico. O profeta quer fazer contrastar o luxo dos palácios com a desolação presente.

²² Nos seus torreões¹ as hienas se multiplicarão
e os chacais nos seus palácios de prazer.
34,13
Ez 22,4 Sua hora está perto de chegar,
seus dias não serão prolongados.

14 Na terra do Senhor

¹ O SENHOR terá piedade de Jacó,
ele ainda² escolherá Israel.
Ez 37,14 Ele os instalará na sua terra.
56,3,6 Os estrangeiros se juntarão a eles³
e serão vinculados à casa de Jacó.
Zc 2,15
² Povos os receberão e os farão entrar
na sua pátria.
49,22;
66,20 Sobre a terra do SENHOR, a casa de
Israel entre si os repartirá
como servos e como servas;
ela fará cativos os que a mantiveram
cativa.
60,14 e subjugará os seus opressores⁴.

O rei de Babilônia: o fim do opressor

³ No dia em que o SENHOR te tiver
dado o repouso,
Ex 33,14;
Js 1,13;
Jr 30,10 depois da tua fadiga, do teu tormento
e da dura escravidão à qual foste
subjugado,
⁴ entoarás esta canção⁵ sobre o rei de
Babilônia:
Ez 26,17;
Lm 1,1 Oh! Terminou o opressor!

Terminou a sua arrogância⁶!

⁵ O SENHOR quebrou o bastão dos maus,
a vara dos dominadores,
⁶ que feria os povos com furor,
que feria sem parar,
subjugando as nações na sua cólera,
persequindo-as⁷ sem trégua.
⁷ Toda a terra finalmente descansa
tranquila.
Explodem gritos de alegria.
44,2,3;
55,12;
Ap 18,20
⁸ Até os ciprestes alegrem-se por
causa de ti
e, agora que estás por terra,
os cedros do Líbano dizem:
"Ele não subirá mais, aquele que
vinha abater-nos".
⁹ O Sheol⁸ se alvoroça por ti,
ao anúncio da tua vinda.
Para ti, ele acorda os trespassados,
todos os grandes⁹ da terra,
faz levantar dos seus troncos
todos os reis das nações.
¹⁰ Todos eles se põem a falar e te dizem:
"Tu também, aí estás agora sem
força, como nós,
tu te tornaste semelhante a nós.
¹¹ Tua pompa teve de descer ao Sheol,
ao som das tuas liras.
Debaixo de ti, um colchão de larvas,
e os vermes são teu cobertor".

t. Em vez de *torreões*, o hebr. lê *suas viúvas* (as duas palavras são muito próximas em hebr.).

u. Ainda, melhor que *de novo*: a volta do exílio não será senão a continuação do Êxodo.

v. O fato de estrangeiros virem — talvez como prosélitos — juntar-se ao povo de Israel corresponde a uma noção corrente, particularmente na segunda parte do livro: 11,10-12; 49,22; 56,3-7; 60,4; 66,20; Zc 2,15.

w. Inversão justa das coisas: os carcereiros de outrora se transformarão em cativos e os escravos, nos patrões. Mas o fato de os israelitas se apropriarem dos pagãos para submetê-los a si — os pagãos que no presente caso foram os autores da salvação deles — pode parecer chocante e dificilmente está na linha do universalismo de Isaías. Talvez esteja aqui subentendida a idéia de que os povos subjugados pela presença de Deus no meio de Israel pedem voluntariamente para fazer parte de Israel, mesmo como servos. Estes vv. 1 e 2 devem ser vistos como um comentário não totalmente adequado de um leitor que medita sobre as relações entre Israel e as nações.

x. Hebr. *mashal*, isto é, sentença, comparação, provérbio. Aqui, o termo é usado menos pelo seu sentido formal do que pelo seu conteúdo, que é o da sátira. A forma é antes a de uma lamentação fúnebre, a *qinā*. Para um emprego semelhante do termo *mashal*, cf. Mq 2,4; Hab 2,6; Nm 21,27. Este conjunto (vv. 3-

23) é de uma perfeita unidade e nele se encontra uma progressão: o alívio depois da tempestade (vv. 5-8), a chegada ao Sheol (vv. 9-11), o astro caído do céu (vv. 12-15), as condições de vida no Sheol (vv. 16-21). A menção a Babilônia (v. 4) só reaparece no v. 22, de sorte que o rei visado pelo poema poderia tanto ser um rei assírio — Sargom II (722-705) ou Senaquerib (705-681) — como um rei babilônico, Nabucodonosor (ao qual geralmente se dá a preferência) ou Nabônides (555-539), o último rei da Babilônia. O caráter vago das alusões históricas não permite conclusão segura.

y. Arrogância: corrigido uma consoante do hebr. ininteligível. A palavra exprime a arrogância e agitação, a partir de uma raiz que designa as forças caóticas (*Rahab*) opostas ao Deus de Israel.

z. Texto masorético: *perseguido*. Lê-se o sentido ativo mudando as vogais.

a. Os reis da Assíria e de Babilônia cortavam ciprestes no Aman e cedros no Líbano: cf. 37,24; Hab 2,17. A pilhagem das florestas é considerada como uma marca de orgulho que nunca fica impune.

b. O mundo inferior (o *Sheol*) é muitas vezes personificado: 5,14; Hab 2,5; Pr 1,12; 27,20; 30,16. A julgar pelo contexto, os *trespasados* designam uma aristocracia — aliás muito relativa — entre os habitantes do Sheol.

c. Os grandes: lit. *os bodes*, cf. Zc 10,3; Ez 34,17.

¹² Oh! Vieste a cair do céu,
Astro brilhante, Filho da Aurora!^d
Foste precipitado por terra,
tu que subjogavas as nações.

¹³ Tu dizias:

SI 139,8 “Eu subirei aos céus,
altarei o meu trono
acima das estrelas de Deus,
cu estarei sentado sobre a montanha
da assembléia divina
no extremo norte^e,

¹⁴ eu subirei ao cume das nuvens,
eu serei como o Altíssimo^f.”

Ez 32,23 ¹⁵ Mas foste obrigado a descer ao Sheol,
ao mais profundo do Fosso.

¹⁶ Os que te vêem fixam sobre o ti o
seu olhar
e te fitam atentamente:
“É este o homem que fazia tremer a
terra
e desmoronar os reinos,
¹⁷ que transformava o mundo em deserto,
arrasando as cidades
e não restituindo os prisioneiros ao
seu lar?
¹⁸ Todos os reis das nações, sem exceção,
descansam em meio a honras, cada
um na sua tumba^g.

¹⁹ Mas tu, foste jogado longe da tua
sepultura
como um execrável aborto^h
— coberto de assassinados traspassados
pela espada,

Jó 3,15

descidos às pedras do poço —,
como um cadáver calcado aos pés.
²⁰ Tu não serás com eles reunido em
uma sepultura,
pois destruístes a tua terra,
pois mataste o teu povo:
a raça dos maus nunca mais será
mencionada.

66,24

Jr 31,40

²¹ Preparai o massacre dos filhos!
pelos crimes dos seus pais!ⁱ
temendo que se levantem e se
apoderem da terra
e que esparramem cidades pela
superfície do mundo^k.

²² Eu me levantarei contra eles
— oráculo do SENHOR de todo
poder —;
de Babilônia eu suprimirei nome e
vestígio!^l
descendência e posteridade
— oráculo do SENHOR.

Nm 10,35:

Sl 12,6:

102,14

²³ Farei dela um pântano, domínio do
ouriço^m.

d. O nome do personagem interpelado (*Helel ben Sháhar*, “Lú-cifer” na Vulg.) vem de uma raiz que significa *ser, luminoso, bri-lhante* (em árabe, o *híal* é a lua nova). O autor do poema refere-se com certeza a uma tradição mitológica: nos textos de Ugarit, o deus *Attar* (Vênus?), concorrente de Baal, sofreu uma queda semelhante à de *Helel* aqui, mas é difícil ver nos vv. 12-15 um simples decalque do mito cananeu. Ezequiel, em sua sátira contra o rei de Tiro (Ez 28,2-12), faz alusão a um mito análogo. No mundo grego, conhece-se o mito de Faeton (o brilhante), filho de Eos (a aurora). O mito de seres celestes decaídos, parece, portanto, ter sido amplamente conhecido no mundo mediterrâneo antigo, e a literatura judeu-helenística lhe dará novos desenvolvimentos.

e. A *montanha da assembléia divina*, onde os deuses decidiam sobre a sorte do mundo, tinha origens ao mesmo tempo geográficas e mitológicas. Em Ugarit, o norte, o *şafon*, é identificado ao monte Casios, cf. SI 48,3 nota. Na Grécia, o Olimpo, montanha do norte e lugar da assembléia dos deuses, não pertence apenas à geografia.

f. O pecado da presunção desmedida é o pecado-tipo; cf. Gn 3,5 (querer ser como Deus); Ez 28,2.6.9; Dn 11,36; 2Ts 2,4.

g. Lit. *sua casa*, termo com o qual os semitas ocidentais designavam correntemente o túmulo. Particularmente nos meios abastados, dava-se grande importância ao túmulo, que muitas vezes se fazia construir antecipadamente, cf. 22,16. Considerava-se a sobrevivência no Sheol como a continuação desbotada do que sucede na terra, e a forma do túmulo reproduzia a forma da casa.

h. Hebr. *ramo (néser)*, talvez alusão ao final do nome de

Nebukadnesar. A leitura proposta (aborto: *néset*) estriba-se nas versões. O rei da Babilônia foi ou privado de sepultura, ou (o que é ainda mais ignominioso) arrancado da sepultura, cf. Jr 8,1. Com o inciso da 2ª parte do v., o profeta enfatiza o contraste entre a morte do tirano e a dos guerreiros. Sargon da Assíria morreu (em 705) no decorrer de uma campanha de Elâm e não foi enterrado na sua “casa”, mas a descrição que temos aqui ultrapassa uma simples perspectiva histórica.

i. Não se vê a quem se dirige esta ordem, aos medos ou aos anjos; imprecisões deste gênero são frequentes nos textos proféticos, cf. entre outros Is 40,1.

j. O rei de Babilônia sofrerá os três castigos infligidos aos grandes criminosos: privação de sepultura, desaparecimento do nome, supressão da posteridade.

k. Inútil corrigir a palavra *cidade* por *ruínas*, como fazem várias traduções. O pecado de Babilônia (que era justamente o da *cidade*, cf. Gn 11) não deve recomençar, com todas as suas conseqüências; trata-se de pôr um fim radical a esse pecado de orgulho.

l. *Nome e vestígio e descendência e posteridade* são alterações que se encontram em Gn 21,23 e Jó 18,19.

m. A imagem corrente do deserto (13,21; Jr 50,38; 51,25) é substituída aqui pela imagem não menos evocadora do pantanal, que convém bem à Babilônia, frequentemente submersa pelas cheias do Eufrates e dos seus canais. A palavra traduzida por *ouriço* (lit. *aquela que se contrai*) poderia também designar o alcavaro, frequente nessas regiões e que, em caso de perigo, transforma-se numa bola, erigindo a sua plumagem.

varrerei Babilônia com uma vassouraⁿ
que faz desaparecer tudo
— oráculo do SENHOR de todo poder.

Arrebantarei a Assíria^o

²⁴ O SENHOR de todo poder fez este juramento:

"O que resolvi acontecerá,
o que decidi se cumprirá.

^{40,8;}
^{Pr 19,21}

²⁵ Eu arrebantarei a Assíria na minha terra,
eu a pisarei aos pés sobre as minhas
montanhas.

Dos que o carregavam, seu jugo será
removido,
seu fardo será tirado dos ombros deles".

²⁶ Esta é a decisão tomada contra a
terra inteira,
esta é a mão estendida contra todas
as nações.

²⁷ Quando o SENHOR de todo poder
tomou uma decisão,
quem poderia anulá-la?
Quando ele estende a mão,
quem o faria retirá-la?

^{Dn 4,35}

n. Termo único no AT, que devia fazer parte da linguagem dos servos. No Talmud (*Rosh Hashaná*, 26b), conta-se que os rabinos, à procura do sentido deste termo, o encontram ouvindo uma serva reclamar de outra uma vassoura.

o. O oráculo dos vv. 24-27 assemelha-se a 10,5-11 e poderia fazer alusão à invasão de Senaquerib em 701. O plano de Deus e a mão estendida correspondem a temas tipicamente isaianos (cf. 5,25; 8,10; 9,12; 10,23; 28,22).

p. Este oráculo de duas estrofes (vv. 29-30 e 31-32) opõe a Filistéia e Judá e também duas políticas e duas teologias. Acáz (morto provavelmente em 716) não pode ser o opressor do v. 29, já que, segundo 2Cr 28,18, os filisteus eram então senhores de uma parte do território de Judá. O inimigo é certamente a Assíria, à qual os filisteus se opuseram desde 734: o desaparecimento de Acáz, que sustentava uma política assírofila, dá aos filisteus esperança de êxito para uma vasta coalizão anti-assíria dos povos do Oeste. É com este objetivo que enviam uma missão ao novo rei Ezequias, a quem Isaías aconselha responder com uma negativa (v. 32), pois por um lado seria inútil tentar algo contra um inimigo infinitamente superior e mais bem organizado, e por outra parte Judá — mas também os povos da redondeza — têm em Sião uma garantia que vale mais do que todas as alianças.

q. Os três tipos de serpente não visam nem aos descendentes do rei da Assíria, nem ao Messias (tradição judaica): o máximo, poder-se-ia pensar nas dinastias egípcias do Delta do Nilo, que sempre cobizaram a região costeira da Palestina (cf. 30,6, em um oráculo contra o Egito). Mas pode-se também ver aqui uma expressão proverbial para dizer que a coisa irá de mal a pior, cf. Am 5,19.

r. Lit. *os primogênitos dos miseráveis*. Em Jó 18,13, o *primogênito da morte* designa a doença de Jó.

Não te alegres, Filistéia

²⁸ No ano da morte do rei Acáz, isto foi proclamado:

²⁹ Não te alegres, Filistéia toda^a.

porque foi quebrada a vara que te batia, ^{10,5,20}
pois da raiz que é a serpente sairá
uma víbora,
e desta, um dragão voador^d.

³⁰ Os mais miseráveis^e terão uma pastagem,
os pobres^e repousarão em segurança,
mas eu farei morrer de fome a tua raiz,
e o que restar de ti será morto.

³¹ Lamenta, ó porta, solta gritos, ó cidade!
A Filistéia toda desmorona:
pois uma fumaça avança do norte^f,
ninguém fica à parte nas suas fileiras.

³² E que responder aos enviados dessa
nação?

Que o SENHOR fundou Sião
e que os humildes do seu povo
nela estão em segurança.

Desastre em Moab

15 'Proclamação sobre Moab'

Na noite em que foi devastada,

s. Os *pobres* poderiam designar todos os habitantes de Judá, opostos aos seus vizinhos. Com maior probabilidade trata-se dos crentes que são pobres por depositarem a sua segurança exclusivamente em Deus e nos seus sinais (p. ex. Sião). O sentido social do termo *pobre* é aqui, como no v. 32, secundário em relação ao seu sentido religioso.

t. A fumaça que chega do norte evoca ao mesmo tempo as cidades incendiadas pelo invasor e a poeira levantada pelo rápido avanço das tropas.

u. Os caps. 15 e 16 são oráculos sobre Moab. A datação deles é difícil, apesar da exatidão das indicações topográficas e mesmo cronológicas (16,14). Dadas as relações constantes entre Israel e Moab, várias datas podem adequar-se a esses oráculos: pode-se pensar na primeira metade do séc. VIII, quando o profeta Jonas, filho de Amitai, anuncia entre outros a Jeroboão II a conquista de Moab (2Rs 14,25) ou em uma expedição punitiva de Edom contra Moab depois do crime mencionado por Amós (Am 2,1), ou na campanha de Sargão da Assíria contra a Arábia do noroeste em 715, ou ainda em uma dessas invasões dos povos do deserto que eram tão frequentes entre o século VI e o II. Nenhuma das situações mencionadas nestes caps. é verdadeiramente característica da época de Isaías, mas nenhum indício tampouco se lhe opõe. O fato de 16,6-10; 15,2-3,4-7; 16,11-12 se reencontrarem quase textualmente em Jr 48,29-38 não indica necessariamente uma origem jeremiana: os oráculos sobre as nações eram anônimos e podiam ser incorporados em livros diferentes segundo as circunstâncias que as atualizavam. Parece, em todo caso, que estes trechos são de origem israelita, embora a grande precisão geográfica, insólita nos oráculos sobre as nações, e uma certa simpatia por Moab (p. ex. 15,5; 16,1-6,9-11) possam fazer pensar numa origem em parte moabita. Convém

Ar-Moab foi aniquilada.
Na noite em que foi devastada,
Qir-Moab^a foi aniquilada.
² Sobe-se ao templo, em Dibon^a,
aos lugares altos para ali chorar.
Sobre o Nebô^a e em Medebá^a, Moab
se lamenta.

Jr 48.37;
Ez 7.18;
Am 8.10
22.12;
Jn 3.6.8

Todas as cabeças estão raspadas,
todas as barbas, cortadas.

³ Nas ruas, vestem-se de saco.

Sobre os telhados e nas praças,
todo mundo se lamenta,
derramando-se em lágrimas^c.

⁴ Heshbon^a e Eleale^b soltam gritos,
eles são ouvidos até láhas^c.

Por isso os soldados de Moab
lançam clamores
e a sua alma desfalece.

⁵ Meu coração geme sobre Moab:
há fugitivos até Šoar^d, Eglat-Shelishá^e.
Pela encosta de Luhit^f sobe-se chorando

e um grito alucinante desperta o
caminho de Horonáim.

⁶ As águas de Nimrim^g tornaram-se um
lugar desolado. Jr 48.34

A erva secou, não cresce mais,
não há mais verdura.

⁷ E os bens de que ainda dispõem,
levam-nos para lá da torrente dos
Salgueiros^h.

⁸ Os gritos ecoam no território de Moab,
as lamentações vão até Egláimⁱ,
chegam até o poço de Elim.

⁹ As águas de Dibon^j estão cheias de sangue,
por isso acrescentarei às desgraças
de Dibon
o leão^k contra os sobreviventes de Moab, 2Rs 17.25
contra os que restarem no solo.

16 Moab dirige-se a Jerusalém
'Enviai o cordeiro do soberano
da terra^l.

estudar estes oráculos confrontando-os com os outros oráculos bíblicos sobre Moab: Jr 48 e também Nm 21.27-30; Am 2.1-3; Sf 2.8-11; Ez 25.8-11; Is 25.10b-11.

v. *Ar-Moab* e *Qir-Moab* não designam a mesma cidade. *Ar*, mencionada em Nm 21.15, localizava-se 15km a nordeste da segunda. *Qir*, hoje *El-Kerak*, é chamada *Qir-Harésset* em 16.7. *Qir-Heres* em Jr 48.31 e *Qerihô* na inscrição do rei Meshá de Moab (linha 24). Eram as duas principais cidades de Moab na parte do país situada ao sul do Arnon (*Wadi el-Mojib*). A palavra *Qir* designa o muro e é aplicada por extensão à cidade que se abriga atrás do muro.

w. *Dibon*, hoje *Tell Dihan*, 5km ao norte do Arnon, onde foi encontrada em 1868 uma estela do rei Meshá de Moab (séc. IX) e onde as escavações recentes trouxeram à luz vestígios de ocupação desde o 3º milênio. Era a capital religiosa do reino, mas os vestígios do templo do deus local *Kemosh* não foram reencontrados. Meshá exprime a sua satisfação por ver esta cidade caber a ele após ter estado nas mãos de Israel.

x. *Nebô*, mais ou menos 30km ao norte de *Dibon*, nome da montanha bem-conhecida de onde Moisés viu a Terra Prometida (Dt 34) e de uma aldeia vizinha (cf. Nm 32.3.38; Jr 48.1.22; 1Cr 5.8).

y. A mais antiga menção a *Medebá* (Madaba) encontra-se em Nm 21.30. Atribuída à tribo de Rúben quando da partilha, foi retomada pelos moabitas no tempo de Meshá. O nome desta cidade ficou célebre por causa do mosaico do séc. VI d.C. encontrado ali e que representa um dos mais antigos mapas geográficos da Palestina.

z. Lit. *descendo-se em lágrimas*. cf. Jr 9.17; Lm 1.16; 3.48, expressão bem realista que evidencia a intensidade da dor.

a. 6km a nordeste de Nebô. No momento da sua conquista pelos israelitas, era a capital do reino emorita de Siphon. cf. Nm 21.25. Ct a menciona pela beleza das suas instalações de água (Ct 7.5).

b. *Eleale* figura no número das cidades de Rúben (Nm 32.3.37). 3km ao norte de Heshbon.

c. Com a menção a láhas, descemos novamente para o sul,

visto que essa cidade se encontrava 4km a nordeste de Dibon e devia assinalar a fronteira oriental de Moab. Isto significa que os gritos se fazem ouvir a grande distância.

d. Trata-se provavelmente da cidade situada ao sul do mar Morto que desempenhou um papel na gesta patriarcal (Gn 13.10; 19.30).

e. *Eglat-Shelishá* significa a *terceira Eglat*, isto é a *terceira cidade do bezerro*, nome que atesta a difusão do culto ao bezerro (jovem touro, cf. 1Rs 12.28-29; Os 8.6). Esta cidade é justamente a *Horonáim* em Jr 48.34.

f. A ladeira de *Luhit* poderia ser um outro nome de *Horonáim*.

g. O nome de *Nimrim* está conservado no nome atual do *Wadi en-Numeirah*, a sudeste do mar Morto. O texto talvez faça alusão ao fechamento das fontes, procedimento utilizado pelos israelitas, precisamente numa guerra contra Moab (cf. 2Rs 3.25).

h. Localização incerta. Enquanto as *águas de Nimrim* se encontram no sul, sem dúvida deve-se procurar esta *torrente dos Salgueiros* no norte, provavelmente no *Wadi Ghurhe*, afluente do Jordão, onde são abundantes os salgueiros. A fuga dos moabitas, sob a pressão de invasores vindos do leste, ocorreu ao mesmo tempo para o norte e para o sul.

i. Segundo Ez 47.10, *Egláim* se encontrava na extremidade norte do mar Morto. *Elim* estava localizado na fronteira nordeste de Moab, cf. Nm 21.16.

j. O texto masorético traz as *águas de Dimon*, o que levou a procurar esta localidade no *Khirbet Dimnê*, a sudoeste de *Kerak*. Com o principal ms. de Qumran e várias versões, reconstituímos *Dibon*. O nome deve ter sido mudado por causa da semelhança de *Dimon* com *dam*, que significa *sangue*.

k. O leão aparece quando a terra está no abandono. É o castigo supremo, e o profeta subentende que este vem do Senhor, do qual o leão é um símbolo freqüente (cf. Am 1.2; 3.8).

l. O cordeiro era o tributo pago por um rei vassalo ao seu soberano. Meshá, rei de Moab, tinha de pagar a lá de 100.000 carneiros ao rei de Israel (2Rs 3.4). Aqui, talvez se trate de uma oferenda simbólica pela qual os moabitas viriam pôr-se sob a proteção do rei de Judá, chamado o *soberano da terra* (= da região).

de Selá^m, pelo deserto,
para a montanha da filha de Sião.

² Nos vaus do Arnonⁿ,
as filhas de Moab serão como
pássaros fugitivos,
expulsos do seu ninho:

³ "Reuni-vos em conselho, dizem elas,
tomai uma decisão^o:

"Em pleno meio-dia, torna a tua
sombra igual à noite,
esconde os expulsos,
não sejam descobertos os fugitivos!

⁴ Possam morar contigo os refugiados
de Moab!

Sê para eles um abrigo contra o
devastador^p.

Quando a opressão tiver cessado,
a devastação chegado ao fim,
o opressor desaparecido da terra,

⁵ o trono será firmado pelo amor
e, na tenda de David,
um juiz estará sentado nele com
fidelidade,

atento ao direito
e pronto a fazer justiça^{q''''}.

Jerusalém nada pode fazer por Moab

⁶ Ouvimos o orgulho extremo de Moab^r,
sua arrogância, seu orgulho, suas
bravatas
suas vãs pretensões.

⁷ E agora Moab sobre Moab se lamenta,

lamentam-se todos.

Sobre os bolos de passas de Qir-
Haréset^s,
eles gemem, consternados.

⁸ Pois as campinas de Heshbon definham,
e os vinhedos de Sibmá^t,
cujo vinho dominava os senhores das
nações;

estendiam-se até lazer^u,
perdiam-se no deserto
os seus sarmentos se estendiam para
além-mar^v.

⁹ E agora eu choro com lazer sobre os
vinhedos de Sibmá.

Eu vos rego com as minhas lágrimas,
Heshbon e Elealé,

pois sobre as vossas vindimas e vossas
colheitas
os gritos de alegria^w cessaram.

¹⁰ A alegria e o júbilo desapareceram
dos vergéis,
nas vinhas não há mais júbilo nem
aclamação.

Não se pisa mais o vinho nas dornas,
cessaram os gritos de alegria^x.

¹¹ Como a harpa, minhas entranhas
estremeceram sobre Moab
e o meu coração sobre Qir-Heres.

¹² Ver-se-á Moab arrastar-se para os
lugares altos,
ir suplicar no seu santuário:
nada conseguirá.

m. *Selá*, "o Rochedo", não designa aqui a futura *Petra* como em 2Rs 14,7, entre o golfo de Ácaba e o mar Morto, mas uma localidade mais próxima de Judá, mencionada em Jz 1,36. O *Rochedo* também poderia ser uma designação do conjunto da terra de Moab.

n. O *Arnon*, principal curso d'água de Moab, cf. Nm 21,26-28; Js 12,2; 13,9,16.

o. As mulheres de Moab são apanhadas pelo pânico que tomou conta dos homens (cf. 15,4), mas querem sair dessa situação. Elas pedem aos chefes de Moab que tomem uma decisão, sugerindo-lhes que a procurem em um apelo a Jerusalém (v. 3a e talvez já v. 1).

p. O *devastador*, provavelmente um rei da Assíria (cf. 33,1 etc.).

q. O pedido de Moab a Judá vai do v. 3 (2ª linha) ao v. 5. Este último v., que lembra 9,1-6 e 2Sm 7,13 etc., e que já o Targum interpretou em um sentido messiânico, é posto na boca de Moab, que entende assim garantir o benefício das promessas feitas a Jersalém. Estas promessas devem realizar-se, embora atualmente Judá esteja como Moab sob o peso do opressor (provavelmente os assírios).

r. É aqui que começa a resposta aos enviados de Moab. Esta

negativa categórica pode surpreender, mas sem dúvida Moab não pode esperar nada se não renunciar ao seu orgulho, que é, segundo Isaías, o pecado-tipo, tanto para os indivíduos como para as nações.

s. *Qir-Haréset*, chamada *Qir-Heres* no v. 11, é o *Qir-Moab* de 15,1 (cf. nota). Os bolos de passas tinham provavelmente um significado cultural: cf. Os 3,1; 2Sm 6,19; 1Cr 16,3; Ct 2,5. A ineficácia dos meios culturais só faz tornar mais trágica a desolação.

t. Entre *Heshbon* e *Nebô*: Jr 48,32; Nm 32,3,38; Js 13,19.

u. No norte de *Heshbon*, cf. Nm 21,32; Js 13,23.

v. Trata-se do mar Morto, que permitia a exportação do vinho para Judá e talvez para mais longe.

w. A palavra traduzida por *gritos de alegria* (*heyday*) é uma onomatopéia. É o grito dos espremedores no lagar e também o grito dos guerreiros (Jr 51,14). Imagens da vinha servem várias vezes no livro para evocar a passagem da alegria para a angústia (cf. 24,7-13). Temos assim o contraste análogo entre o vindimador que faz correr o suco das uvas e o inimigo que faz correr o sangue (cf. Is 63,1-6).

x. Seguimos aqui o gr. O texto massorético traz: *eu fuço cessar*, provavelmente resultado de uma releitura.

¹³Esta é a palavra que o SENHOR pronunciou sobre Moab desde muito tempo.
¹⁴E agora, o SENHOR diz: "Daqui a três anos — anos de mercenário³ —, a elite de Moab e também toda a sua multidão serão sem peso. Sobrará muito pouco, nada que valha".

17 Sobre Damasco

¹Proclamação sobre Damasco⁴

Damasco deixará de ser uma cidade e se tornará um monte de escombros.

²As cidades dela dependentes^a serão abandonadas para sempre^b.

Servirão aos rebanhos,

que nelas repousarão sem que ninguém os inquiete.

Jr 7,33;

Ez 34,28

³Não haverá mais fortificação em Efraim, nem realza em Damasco, e o resto de Arâm não pesará mais que os filhos de Israel^c — oráculo do SENHOR de todo poder.

⁴Naquele dia, o peso de Jacó diminuirá e a sua gordura se mudará em magreza.

⁵Como o ceifador junta o trigo, e em braçadas ceifa as espigas, como se colhem as espigas no vale dos Refaítas^d.

⁶não sobrará senão respiga, assim como ao varejar a oliveira^e, 24,13
 duas ou três azeitonas bem no alto, no cimo,

quatro ou cinco nos galhos produtivos^f — oráculo do SENHOR, Deus de Israel.

⁷Naquele dia^g, o homem dirigirá os seus olhares para aquele que o fez, e seus olhos verão o Santo de Israel. ^{51,13} Ele não olhará mais para os altares, obra das suas mãos, não verá mais o que seus dedos fizeram: as estelas sagradas e os emblemas do sol^h.

⁹Naquele dia, tuas cidades de refúgio serão abandonadas, como o foram as florestas e os cimosⁱ diante dos filhos de Israel; será a desolação.

Mq 7,13

¹⁰Pois esqueceste Deus, teu Salvador, não te lembraste do Rochedo, teu refúgio, fazes crescer plantas de delícias^j e sementes variedades estrangeiras.

51,13;

Ez 22,12

Sl 18,3;

31,3s

¹¹No dia em que os plantares, tu os verás crescer; desde a manhã, vês germinar tua semente, mas, no momento do proveito, a colheita some, e fica a dor sem remédio.

Jr 15,18;

Mq 1,9

y. A sorte de Moab provavelmente não foi em todos os pontos conforme o anunciado pelos oráculos dos caps. 15-16. Ela deve ter-se reerguido. Mas, retomando este oráculo em circunstâncias difíceis de precisar, um discípulo do profeta anuncia que em um prazo preciso, três anos (e nem um dia mais: este é o sentido da expressão *ano de mercenário*), o oráculo se realizará. Entre as circunstâncias históricas possíveis desta releitura, pode-se pensar na derrota infligida por Nabucodonosor aos amonitas e aos moabitas em 582 (cf. Ez 25,8-11).

z. Este oráculo só trata de Damasco nos vv. 1-3. Na sequência, fala da ruína de Israel (vv. 4-6), da sua conversão (vv. 7-9), e termina com uma advertência (vv. 10-11). Pode-se datá-lo da primeira fase do ministério de Isaías, no momento da coalizão siro-efraimita contra Judá (v. 3) e antes da queda de Damasco (cf. 7,1 e nota; 2Rs 16,9), que ocorreu em 732.

a. Lemos aqui as *suas* cidades. O texto hebr. fala das *cidades de Arzer*, praça fortificada da Transjordânia mencionada em Js 13,16.25; 2Sm 24,5 e na inscrição de Meshá, rei de Moab, mas isto não teria sentido neste contexto.

b. *Para sempre* (em vez de *Arzer*; cf. nota precedente), segundo o gr.

c. A destruição de Damasco enfraquecerá também o reino de Israel, que se deixara seduzir pelo aparente poder de Damasco.

d. Vale muito próximo de Jerusalém, de localização discutida.

e. A imagem evoca a ideia do *resto*, mas aqui o resto não tem

nenhuma conotação teológica e não é o ponto de partida do novo povo do futuro.

f. Lit. *as ramas com frutos*, palavra que em hebr. evoca o nome de Efraim.

g. Os vv. 7-9 são um acréscimo em prosa, onde um leitor dos oráculos de Is sublinha o alcance exemplar e universal da queda de Samaria.

h. As *estelas sagradas* e os *emblemas do sol* (sendo estes últimos provavelmente ou colunas, ou altares de incenso) voltam a encontrar-se em 27,9; Ez 6,4-6; Lv 26,30; 2Cr 14,4; 34,4.7. Faziam parte dos objetos culturais que desviavam Israel do culto do verdadeiro Deus e que Josias fez desaparecer quando da sua reforma, em 622 (cf. 2Rs 23,4-15).

i. Certas traduções, apoiando-se no gr. e na imprecisão dos dois termos empregados, lêem *os hivitas* e *os emoritas* e vêem aqui uma reminiscência da conquista de Josué, que outrora expulsara estas populações (Js 9,7; 11,3).

j. As *plantas de delícias* provavelmente aludem à prática dos *jardins de Adônis*, pequenos vasos de plantas rápidas mas efêmeras (funcho, cevada, trigo, alface), consagrados a Tamuz/Adônis, cujo uso está bem atestado no mundo mediterrâneo. Isaías dirige-se a Israel como a uma mulher que se entrega a essa prática e com isto quer enfatizar o caráter ilusório desses costumes cananeus, que não valem mais do que as alianças políticas das quais se espera uma salvação rápida e espetacular e que, na realidade, provocam uma decepção cruel e irremediável. cf. v. 11.

A maré das nações

¹² Ai! Um bramido de povos sem-número,
um rugido como o dos mares,
um tumulto de nações como o das
águas impetuosas^h,

¹³ um tumulto de nações como o das
grandes águas!

^{8,7} Ele as ameaça, e fogem para longe,
^{SI 83,14} levadas embora como a palha pelo
vento das montanhas,
como as penugens de abrolhosⁱ, pela
tempestade.

¹⁴ De tarde, é o espanto,
e antes da manhã^j, nada resta.
Este é o quinhão dos que nos despojam,
a sorte dos que nos saqueiam^k.

Contra as intrigas dos Faraós de Kush

18 ¹ Ai da terra dos navios de duas
velas, ao longo dos rios de
^{Sf 3,10} Kush^l!

² Tu que envias por mar delegações
^{Ex 2,3} nas embarcações de papiro, por sobre
as águas^p.
Ide, mensageiros rápidos^q, para a
nação esbelta e escanhoad,
temida bem além das suas fronteiras,
a nação que balbucia e que calca aos pés^r,

cujos rios levam embora a terra.

³ Todos vós, habitantes do mundo, que
povoaís a terra,
quando o estandarte for levantado ^{5,26}
sobre as montanhas^s, olhai!
ao som da trompa, escutai!

⁴ Pois o SENHOR me falou assim:
Eu ficarei tranqüilo, olhando do
lugar em que estou, ^{57,15;}
como o calor deslumbrante por cima ^{2Cr 6,30;}
da luz, ^{SI 33,14}
como a nuvem de orvalho no calor
da ceifa^t. ^{Gn 27,28;}
^{SI 133,3}

⁵ Antes da colheita, quando a floração
está no fim,
quando a flor se torna um cacho que
amadurece,

cortam-se os pâmpanos com podões,
retiram-se os sarmentos, poda-se.

⁶ Tudo isto está abandonado
aos animais de rapina das montanhas
e aos animais selvagens.

Os animais de rapina passarão ali o
verão
e todos os animais selvagens, o inverno.

⁷ Naquele tempo^u, ele há de trazer um
presente ao SENHOR de todo poder, ^{SI 68,30;}
o povo esbelto e escanhoad, ^{76,12}

k. O *bramido dos povos* designa o desencadear dos exércitos assírios (cf. 8,9-10), nos quais entravam mercenários de todo lado; mas o profeta visualiza a situação histórica à luz dos mitos sobre a luta das águas do Caos original e a vitória do Senhor sobre eles. cf. 51,9; Jé 38,11; SI 76,2-7; 104,6.

l. O termo hebr. evoca objetos disciformes que, quando secos, são arrancados e movidos pelo vento. Cf. SI 83,14.

m. A noite como tempo do perigo e a manhã como tempo de libertação, este é um tema frequente na Bíblia, notadamente no tempo do Êxodo (Ex 14,14.27) e quando Jerusalém foi libertada dos exércitos assírios sob Senaquerib (Is 7,36; cf. também 29,7; 33,2; SI 30,6; 46,6).

n. Ao falar de *quinhão* e de *sorte*, o profeta quer dizer que a destruição não é accidental, mas faz parte de um plano bem determinado. cf. 34,17.

o. O v. 1 é traduzido geralmente *terra das asas crepitantes*... Em tal tradução, deve-se entender por insetos alados (*élitros*), assinalados como uma característica de Kush, os mosquitos, frequentes no vale do Nilo, e talvez também os escaravelhos, símbolos dinásticos.

p. Esta delegação situa-se no tempo da XXV^a dinastia egípcia (depois de 716), que era de origem núbica (Kush, cf. Gn 10,6). Pode-se datá-la por volta de 705, ano da morte de Sargom da Assíria, no momento em que o faraó Shabaka acabara de submeter todo o Delta do Nilo e tentava levar os seus vizinhos, entre os quais Judá, a uma ampla coalizão contra a Assíria. Esses emissários, pelo seu aspecto majestoso e colorido, devem ter

causado forte impressão sobre a população de Jerusalém. Heródoto menciona os núbios como "os mais altos e os mais belos de todos os homens" (Heródoto III, 20). O profeta é do mesmo parecer, mas este povo escanhoad nem por isso deixa de ser um povo *que balbucia e que calca aos pés* (v. 2c), tão pouco digno de confiança quanto a terra instável na qual habita.

q. Estes mensageiros parecem ser os que compõem as delegações mencionadas no início do v. O profeta pede que eles sejam mandados de volta.

r. Outra tradução possível: *a nação rígida e que esmaga*, ou ainda *a nação de força e de dominação*. Texto difícil.

s. O profeta, ainda que dirigindo-se aos mensageiros de Kush, dá a entender que a sua resposta diz respeito a todos os povos, pois todo acontecimento da história de Israel tem valor de sinal universal. O estandarte e a trompa (chifre de carneiro) evocam provavelmente a chegada iminente do exército assírio.

t. A negativa oposta pelo profeta à delegação egípcia se fundamenta — como ocorre sempre com a sua atitude política — em uma revelação, evocada aqui por uma sucessão de imagens: a) o calor por cima da luz do sol é a tranqüila segurança do Senhor que dirige tudo, mesmo que tenha decidido não intervir, de momento; b) o Senhor deixa os acontecimentos amadurecerem e faz então a colheita; c) por trás das imagens da vida agrícola, o profeta evoca os cadáveres em um campo de batalha (fim do v. 5 e v. 6), que serão tão numerosos que será preciso o verão e o inverno para que os animais dêem cabo deles.

u. Este v. é um acréscimo devido à releitura de um discípulo

o povo temido bem além das suas fronteiras,
a nação que balbucia e que calca aos pés,
cujos rios levam embora a terra,
ele há de trazer um presente ao lugar
onde está o nome do SENHOR de todo
poder, à montanha de Sião.

Dt 12,5;
Dt 26,2

19 Ilusões egípcias

*¹Proclamação sobre o Egito**

Eis o SENHOR montado em uma
nuvem rápida*:

ele vem do Egito.

Os ídolos do Egito* tremem diante dele,
a coragem do Egito se derrete nas
suas entranhas.

13,7

² Excitarei os egípcios uns contra os outros
e combaterão cada um contra seu irmão,
cada um contra seu próximo,
cidade contra cidade, reino contra reino³.

Mt 24,7

³ O Egito perderá o espírito⁴
e eu aniquilarei a sua política⁵.
Eles consultarão os ídolos e os
encantadores,

e os que praticam a adivinhação⁶.

8,19;

Lv 19,31

⁴ Entregarei os egípcios ao poder de
patrões rudes,
um rei poderoso dominará sobre eles⁷
— oráculo do Senhor DEUS de todo
poder.

⁵ As águas desaparecerão do mar,
o rio se esgotará e secará⁸,

⁶ os canais se tornarão infectos,
os Nilos do Egito baixarão e se esgotarão,
os caniços e os juncos murcharão.

⁷ O juncal ao longo do Nilo e na sua
embocadura, Ex 10,19;
Jó 8,11

tudo o que cresce à beira do rio,
secará, será levado embora:
não existirá mais nada.

⁸ Os pescadores geremão,
todos os que lançam o anzol no Nilo
se lamentarão,
os que estendem a rede sobre a água
definharão.

⁹ Eles serão decepcionados, os que
trabalham o linho,
as cardadoras e os tecelões se
tornarão lívidos⁹,

¹⁰ os que preparam as bebidas estarão
acabrunhados,
os fabricantes de cerveja¹ estarão
consternados.

¹¹ Os chefes de Tânis⁸ são
verdadeiramente estúpidos,
os sábios conselheiros de Faraó formam
um conselho de embrutecidos.

Gn 41,8;
1Rs 5,10;
Sb 17,7

Como podeis dizer ao Faraó:
“Sou um sábio, um discípulo⁹ dos
reis de outrora”?

que retoma o v. 2 para falar da conversão dos kushitas ao Senhor: a delegação política que Isaías condenara dará lugar a uma homenagem deste povo na linha geral da conversão final de todas as nações, cf. 2,2-4; 60; 62, e especialmente oráculos que anunciam a conversão de *Kush*, cf. 45,14; Sf 3,10; Sl 87,4.

v. O oráculo sobre o Egito (vv. 1-15) divide-se em três partes: a) a ruína provocada pelas dissensões internas (vv. 1-4); b) a vinda de uma série de calamidades naturais (vv. 5-10); c) a incapacidade dos responsáveis (vv. 11-15).

w. A vinda do Senhor é descrita como uma teofania, isto é uma manifestação solene de Deus, que comporta quase sempre um aspecto de combate e um aspecto de julgamento: cf. Dt 33,26; Sl 18,10; 68,5; Na 1,3 etc.

x. O termo traduzido por *ídolos* significa lit. *os que não são nada*, cf. 2,8.18.20; 10,10; 31,7.

y. As dissensões internas no Egito e sobretudo no Delta do Nilo aparecem particularmente por volta de 716, data do início do reinado pessoal de Ezequias; e os príncipes kushitas, Piankhi e depois Shabaka, que estarão na origem da XXV dinastia, aproveitaram-se disso para impor progressivamente a sua autoridade. z. Lit. *O espírito do Egito nele será esvaziado*, cf. Jr 19,7. O espírito tem aqui menos o sentido de “sopro de vida” do que o de “inteligência”.

a. Lit. *o seu projeto ou seu conselho*.

b. A menção aos encantadores e aos adivinhos egípcios lembra Gn 41,8; Ex 7,11.22; 8,3.14. Sobre a adivinhação, cf. 1Sm 28,3 nota.

c. Este rei poderoso é sem dúvida o kushita (núbio) Shabaka, que se tornou senhor do Egito inteiro por volta de 712. O oráculo pode ter sido aplicado em seguida a Asaradon da Assíria, que conquistou o Delta do Nilo em 671, ou ainda a Assurbanipal (661).

d. A ausência das cheias do Nilo era catastrófica, pois acarretava o desaparecimento de toda vegetação.

e. Texto massorético: *os tecelões de tecidos brancos*. Traduzido conforme o principal ms. de Qumran e por analogia com 29,22.

f. Hesita-se quanto à natureza das profissões mencionadas. Alguns vêem nelas a continuação ou até a repetição da lista esboçada no v. precedente. Outros pensam que se trata aqui de pilares, isto é, de nobres. A fabricação da cerveja, bebida muito apreciada pelos egípcios, pode ser posta no mesmo pé que a dos tecidos, em razão da sua importância. Para a leitura deste v. difícil esclarecemos o texto hebr. pelo gr.

g. *Tânis*, em hebr. *Soan*, antiga capital dos hicsos (cf. v. 13; 30,4; Nm 13,22; Sl 78,12.43; Ez 30,14), pode designar aqui, por extensão, todo o Delta do Nilo.

h. Lit. *filho*. Os reis do Egito, oriundos do sacerdócio, eram sábios por excelência; por isso os autores das máximas de sabedoria (por exemplo Amenemhet por volta de 1900) apresentam-

¹² Onde estão eles, os teus sábios?

Que eles te ensinem, portanto, e que se saiba

o que o SENHOR de todo poder decidiu a respeito do Egito.

¹³ Os chefes de Tânis embruteceram, os chefes de Mênfis¹ estão na ilusão, fazem vacilar o Egito os que são a pedra angular² das suas tribos.

¹⁴ O SENHOR derramou neles um espírito de vertigem e eles fazem vacilar o Egito em tudo o que faz,

como vacila um bêbado ao vomitar.

^{28.7;} ^{Jr 48.26} ¹⁵ Ninguém fará mais nada no Egito, nem a cabeça nem a cauda, nem a palma nem o juncos³.

^{Na 3.13} ¹⁶ Naquele dia⁴, o Egito será como as mulheres, aterrorizado e a tremer, vendo agitar-se a mão que o SENHOR de todo poder levantará contra ele. ¹⁷ A terra de Judá será o terror do Egito. Toda vez que ela for mencionada, ele tremerá por causa daquilo que o SENHOR de todo poder decidiu contra ele.

¹⁸ Naquele dia, haverá na terra do Egito cinco cidades^m que falarão a língua de Canaã e estarão ligadas por juramento ao SENHOR de todo poder. Uma dentre elas se chamará Ir-ha-Heres — Cidade da Destruiçãoⁿ.

¹⁹ Naquele dia^o, haverá um altar do SENHOR no meio da terra do Egito e uma estela do SENHOR perto da sua fronteira.

²⁰ Será um sinal, uma testemunha para o SENHOR de todo poder, na terra do Egito:

quando gritarem para o SENHOR por causa dos que os oprimem, ele lhes mandará um salvador que os defenderá e os libertará.

²¹ O SENHOR se dará a conhecer aos egípcios, e os egípcios, naquele dia, conhecerão o SENHOR^p. Eles o servirão através de sacrifícios e oferendas, farão votos ao SENHOR e os cumprirão.

²² Então, se o SENHOR golpeou vigorosamente os egípcios, curá-los-á: eles voltarão ao SENHOR, que os ouvirá e os curará.

²³ Naquele dia, uma estrada irá do Egito à Assíria^q. Os assírios virão ao Egito e os egípcios à Assíria. Os egípcios adorarão junto com os assírios^r.

8.18

Ex 2.23;
Jz 2.18

Os 6.1

-se como reis que transmitem a instrução a seus filhos. Também em Israel, toda a sabedoria é apresentada como um ensinamento dado pelo rei Salomão: cf. 1Rs 5.9.

1. *Mênfis* (hebr. *Nof*) é a capital do Baixo Egito, alguns km ao sul do Cairo: cf. Jr 2.16; 44.1; 46.14; Ez 30.13.16.

j. Lit. *ângulo*, talvez a ser lido no plural.
k. A propósito desta imagem, cf. 9.13 nota.

l. O tom muda nitidamente, tanto no tocante à forma (trata-se de prosa) como no concernente ao conteúdo: o Egito encontrará a salvação, para além das provações. Trata-se novamente de uma releitura que prolongou uma tendência universalista apenas esboçada em Isaías. O termo de encadramento dos vv. 16-25 é *Naquele dia*, introduzindo cada vez um novo desenvolvimento do tema. Por uma justa inversão das coisas, Judá, outrora aterrorizado pelo Egito, fará tremer a terra que foi seu opressor (v. 17), mas depois dessa primeira etapa, há de trazer ao Egito o conhecimento de Deus.

m. Poder-se-ia obter os nomes das cinco cidades que falarão hebraico (*língua de Canaã*), acrescentando a que é mencionada neste v. (*Ir-ha-Heres*) às quatro que figuram em Jr 44.1. Mas é mais provável que cinco seja aqui uma cifra simbólica para designar um número reduzido; cf. Gn 41.34; 45.22; 47.2.24; Lv 26.8; 1Sm 17.40; 2Rs 7.13. Trata-se em todo caso de cidades egípcias nas quais estariam estabelecidos israelitas.

n. Devido à variedade de leituras oferecidas aqui pelas versões, cabe perguntar se a leitura massorética é a leitura primitiva. Ela indica sem dúvida um endurecimento que contrasta com a atitude favorável ao Egito dos vv. 16-25. O texto original era provavelmente *Cidade do Sol* (*Ir-ha-Heres*), pois existem duas

palavras bem próximas que significam *sol* e *destruição*, respectivamente, e o texto se aplicava a Heliópolis, no Delta, o grande centro religioso do Baixo Egito (cf. *Beth-Shemesh*, "casa do sol", em Jr 43.13), embora não se tenha encontrado atestação de população judaica nesta localidade. Pensou-se também nas colônias judaicas de Elefantina (por volta de 600) no Alto Egito, perto de Assuan, e de Leontópolis (por volta de 160). É provavelmente a esta última que faz alusão o gr., que leu aqui *cidade da justiça* (cf. 1.26, a propósito de Jerusalém), a ser compreendido *cidade da legitimidade* (do culto ao Senhor no Egito). O sumo sacerdote judeu, Onias IV, com efeito, refugiou-se no Egito e construiu um templo em Leontópolis (perto de Heliópolis) por volta de 160 a.C.

o. O culto ao Senhor será celebrado livremente no Egito, o que faz pensar na tolerância religiosa praticada na época persa. Cabe também observar que o culto israelita em terra estrangeira assume liberdades em relação às prescrições do Dt sobre a unicidade do santuário (Dt 12.1-14) e sobre a proibição das estelas (Dt 16.22).

p. O conhecimento do Senhor como meta da história é um tema profético frequente na pregação de Ez: Ez 6.14; 13.14.21; 20.5 etc.

q. O aprofundamento religioso acarretará esta mudança radical da situação política: a velha rivalidade entre a Assíria e o Egito pela hegemonia no Próximo Oriente dará lugar a um entendimento e a uma colaboração no interior de uma comunidade em que o Senhor será o rei.

r. Pode-se também ler, com as versões gr.: *O Egito estará a serviço da Assíria*, mas a tradução por nós adotada concorda melhor com o contexto.

²⁴Naquele dia, Israel formará uma triáde com o Egito e a Assíria. Esta será a bênção que, na terra, ²⁵o SENHOR de todo poder pronunciará: “Benditos sejam o Egito, meu povo, a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, meu patrimônio”.

20 O profeta, sinal do Egito vencido.

¹No ano em que o generalíssimo¹, enviado por Sargon, rei da Assíria, veio atacar Ashdod² e dela se apoderou... ²Naquele tempo, o SENHOR falará³ por meio de Isaías, filho de Amôs, dizendo: “Vai, desata o pano de saco que tens sobre os rins, tira as sandálias que tens nos pés”. E ele assim fez, andando nu e descalço. ³O SENHOR disse: “Meu servo Isaías andou nu e descalço — durante três anos” —, sinal e presságio contra o Egito e contra Kush. ⁴Da mesma forma, com efeito, o rei da Assíria levará os prisioneiros egípcios e os deportados kushitas⁴, jovens e anciãos, nus e descalços, com as nádegas descobertas — nudez do Egito! ⁵Ficarão consternados e confundidos por causa de Kush, para o qual olhavam, e do Egito, do qual se gloriavam”. ⁶Então, os habitantes destas regiões⁶ dirão: “Ei-los, aqueles para

quem olhávamos, a fim de refugiar-nos entre eles, de encontrar ali socorro e ser libertados do rei da Assíria. E nós, como escaparemos?”

21 Sobre Babilônia

¹Proclamação sobre o deserto marítimo¹

Como os turbilhões que atravessam o Négueb,

ele vem do deserto, da terra temível

² — visão acabrunhante que me foi revelada —,

o traidor que trai, o devastador que devasta²:

“Sobe, Elâm! Sitia, ó Média!

Eu ponho fim a todas as queixas”.

³E agora, meus rins não são mais que arrepios,

dores tomaram conta de mim

como dores daquela que dá à luz.

Estou por demais atormentado para ouvir,

por demais assustado para enxergar.

⁴Minha mente se confunde, tremo de pavor.

O frescor da tarde que desejei

se transformou para mim em pavor⁴.

s. Este universalismo bastante extraordinário que parece deixar a prioridade às nações distingue-se qualitativamente daquele, mais corrente, que mostra as nações agrupando-se em torno de Jerusalém, por ex. 2.1-5; 56.1-8; 60; 62. Contudo, o título de *patrimônio* aplicado a Israel (cf. Dt 9.26.29; 32.9; Sl 28.9) dá a entender que continua a caber a ele o lugar privilegiado.

t. Lit. o *Tartan*, título assírio que designa o general-em-chefe, cf. 2Rs 18.17.

u. Cidade da Filistéia (= Azoto). Depois das amplas perspectivas de futuro com as quais termina o cap. precedente, somos reconduzidos à realidade bem concreta em meio à qual o povo é chamado a viver a sua fé. É possível precisar a situação histórica: tendo o rei de Ashdod, Azuri, manifestado veleidades de independência em relação à Assíria (em 713), fora deposto por Sargon. A gente de Ashdod, recusando o rei que lhe fora imposto em lugar de Azuri, apelou para um tal lamani, possivelmente um grego que em 712 tentou, com a proteção do Egito, arrastar para uma coalizão contra a Assíria, Edom, Moab e Judá, suscitando neste uma grande esperança. No ano seguinte chega o *Tartan*, lamani foge para Meluhah (em Kush), de onde Sargon consegue fazê-lo extraditar, e a revolta de Ashdod é duramente reprimida.

v. Três anos depois da tomada de Ashdod em 711 (cf. v. 3), Sargon da Assíria havia intervindo desde 713 para a deposição de Azuri (cf. nota anterior). Isaías sempre desaprovou a procura do apoio do Egito, e os acontecimentos lhe darão razão.

w. A nudez de Isaías é uma ação simbólica, destinada a ilustrar e apressar o cumprimento da palavra, cf. 8.1-4; 1Rs 11.29.31;

Jr 13.1-7; Os 1-3. Esta ação foi empreendida por ordem do Senhor em 714 e durou três anos, sem dúvida de modo intermitente.

x. O Egito apoiara fortemente a sublevação de Ashdod em 713, e em seguida a coalizão em 712. O faraó kushita Shabaka tinha provavelmente enviado um exército para tentar desbloquear a cidade em 711, donde a severidade da sanção pronunciada aqui contra o Egito.

y. Lit. *desta margem* (do Mediterrâneo). Trata-se da Filistéia, mas também, por extensão, do interior e principalmente de Judá, que deve tirar proveito da lição.

z. A denominação *deserto marítimo* para designar a Babilônia concorda com o título do rei da terra do mar, que se encontra em uma inscrição assíria. A situação evocada por este oráculo corresponde menos ao tempo de Isaías (2Rs 20.12; Is 39.1) do que ao período próximo à tomada da Babilônia em 539. Relacione-se com ela o cap. 13, que também comporta uma descrição da queda da Babilônia sob os golpes dos medos (13.17), e que parece um pouco mais antigo, embora a mistura entre descrição e visão torne difícil qualquer datação. No oráculo do cap. 21, há que notar sobretudo a intensidade do abalo psíquico que o acontecimento provocou no profeta — o que lembra certos oráculos de Jeremias.

a. O traidor que trai, o devastador que devasta são expressões que recordam que os elamitas e os medos, outrora aliados à Babilônia para abater o império assírio, agora se voltam contra ela.

b. Mesma situação em Jc 7.13-14, onde a tarde não é senão o começo dos terrores da noite.

⁵ Prepara-se a mesa^c, a guarda vigia^d,
come-se, bebe-se...

De pé, capitães, untai os vossos escudos^e!

⁶ Pois assim me falou o SENHOR:

Hab 2,1

"Vai, coloca o espia^f,
que ele anuncie o que divisar.

⁷ Se divisar um carro de guerra com
dois cavalos atrelados,
um cavaleiro num jumento, um
cavaleiro num camelo,
que preste bem atenção,
que redobre a atenção!"

⁸ Aquele que olha^g gritou:

"Em meu posto de espreita, meu
senhor,
mantenho-me o dia inteiro,
em meu posto de guarda,
permaneço de pé a noite inteira.

⁹ E eis o que vem:

um homem sobre um carro de guerra
com dois cavalos atrelados.

Ele toma a palavra e diz:

"Ela caiu, ela caiu, Babilônia,
e todas as estátuas dos seus deuses
estão por terra, quebradas".

Jr 51,8;
Ap 18,2

¹⁰ Meu povo, que o SENHOR malhou
como o grão na eira^h,
eu soube isto

41,15;
Jr 51,33;
Mq 4,13

do SENHOR de todo poder, Deus de Israel;
eu to anunciei.

Sobre Edom

¹¹ *Proclamação sobre Dumá*ⁱ

Gritam-me de Seir:

"Sentinela, a que horas da noite estamos?
Sentinela, a que horas da noite estamos?"

¹² A sentinela responde:

"A manhã vem chegando, e novamente
a noite.

Se ainda quiserdes perguntar, voltai!"

Ez 33,2,6;
Sl 130,6
17,14;
Sl 30,6;
46,6;
Rm 13,12

Sobre a Arábia

¹³ *Proclamação sobre a Arábia*^k

Ide passar a noite na floresta na Arábia,
caravanas de Dedan!

¹⁴ Ide ao encontro do sedento,

levai água,

habitantes da terra de Temá,

ide à frente do fugitivo com o seu pão,

¹⁵ pois eles fogem diante das espadas,

diante da espada desembainhada,

diante do arco retesado,

sob o peso do combate.

¹⁶ Assim me falou o SENHOR: Ainda um
ano — ano de mercenário^m — e toda a
glória de Qedarⁿ será aniquilada, ¹⁷c so-

e. Esta descrição da queda da Babilônia corresponde aos dados de Dn 5, de Heródoto (I,191) e da Crônica de Nabônides, segundo os quais a cidade foi tomada durante um banquete, cuja alegria despreocupada contrasta com o terror e o imprevisto da ruína.

d. Pode-se também compreender: *estendem-se os tapetes*.

e. O escudo era untado (cf. 2Sm 1,21) para impedir as setas do inimigo de penetrarem nele.

f. Num novo oráculo (vv. 6-10), o profeta tenciona mostrar como a visão chegou até ele. Será o espia que ele recebe a ordem de destacar uma espécie de duplo dele mesmo, como em 2Rs 5,26 (que distingue entre o profeta e o *coração* dele), ou — o que é mais provável — tratar-se-á de um modo de falar tirado da linguagem militar (cf. 2Rs 9,17) para ilustrar a dupla função do profeta, que é de ver e de anunciar?

g. Segundo o principal ms. de Qumrân. Texto massorético: *o ledo gritou*, cf. Am 3,3-4.

h. Lit. *Minha malhadura e filho da minha eira*. Esta expressão é frequentemente usada para descrever a opressão de um tirano: cf. 28,27-28; 41,15; Am 1,3; Mq 4,13; Hab 3,12. Com esta imagem, o profeta resume toda a história dos sofrimentos de Israel, que não parecem terminadas com a queda da Babilônia, diversamente do Segundo Isaías (caps. 40-55), com o qual as semelhanças são de resto numerosas. O Israel ao qual o profeta aqui se dirige vive em terra palestinese.

i. Não é certo que *Dumá* seja uma transcrição velada de *Edom*, embora, em decorrência do gr. — que traduz *Iduméia* — se

tenha muitas vezes sustentado isto. Trata-se provavelmente de um oásis situado na Arábia do Norte e mencionado em Gn 25,14 e 1Cr 1,30 na lista dos descendentes de Ismael. A menção a *Seir*, algumas palavras mais adiante (cf. Gn 14,6; 32,4; Dt 2,4), em todo caso situa *Dumá* na proximidade de Edom, ao qual ela é assemelhada. O profeta joga também com o sentido de *silêncio* que a palavra *dumá* pode ter (cf. Sl 94,17; 115,17), pois a resposta dada pela sentinela — isto é, o profeta — equivale quase ao silêncio.

j. Ou ainda: *convertei-vos*, já que a palavra tem os dois sentidos. Mesmo que o profeta não tenha resposta no momento, o chamado à volta a Deus permanece uma exigência permanente.

k. Ou: *proclamação na estepe*.

l. *Dedan*, apresentado como descendente de Ham em Gn 10,7e neto de Abraão por Qeturá em Gn 25,2-3, é aqui, como em outros oráculos proféticos (Jr 25,23; 49,8; Ez 25,13; 27,15,20; 38,13) um povo de caravanas. Uma guerra o obriga a deixar o seu caminho habitual, para procurar refúgio no oásis de Temá, no Hedjaz, a leste da atual estrada dos peregrinos de Damasco para Meca. A situação histórica é difícil de precisar, mas desde os acontecimentos que terminaram com a queda de Damasco (em 732), estas populações da Transjordânia viram a sua liberdade de movimento entravada pelo avanço dos exércitos assírios.

m. *Ano de mercenário*, isto é, ano completo com exatidão, cf. 16,14 e nota.

n. Tribo da Arábia do Norte (cf. Jr 2,10; Ez 27,21; Is 42,11; 60,7), que, diversamente das outras, se pusera a serviço dos

brarão bem poucos arcos dos guerreiros de Qedar. Foi o SENHOR, Deus de Israel, que disse isto.

22 Jerusalém não tem de que se alegrar^a

¹ *Proclamação sobre o vale da visão*^b

Para que, afinal, subires toda inteira sobre os telhados,

² cidade tumultuosa e cheia de algazarra, cidadela jubilosa?

23,7;
32,13;
Sf 2,15

Teus mortos^c não morreram pela espada, não foram mortos no combate.

³ Teus generais fugiram todos, foram feitos prisioneiros sob a ameaça do arco^d.

Todos os que foram reencontrados foram feitos prisioneiros, tinham fugido para longe.

16,9;
Jr 9,17;
13,17

⁴ E agora, eu digo: afastai-vos de mim, que eu chore amargamente^e; não insistais em consolar-me pela devastação da filha do meu povo.

Jr 8,19

⁵ Pois é um dia de pavor,

invasores (cf. Jr 49,28-33) e renegara a *aliança fraterna* (Am 1,9). Qedar havia apostado na vitória do mais forte, mas enganara-se.

o. O oráculo dos vv. 1-14 levanta muitos problemas quanto às circunstâncias da sua composição. Com a maioria dos comentaristas, pode-se pensar na libertação de Jerusalém ameaçada pelos exércitos de Senaquerib, em 701. Enquanto a população da cidade se entrega a uma alegria estrepitosa, Isaias não pode deixar de pensar no desastre provocado pelos exércitos inimigos no resto da terra de Judá: destruição de numerosas cidades, o rei Ezequias confinado à sua capital, captura de prisioneiros, deportação, perda da independência. Mas o que entristece ainda mais o profeta é a incapacidade em que se encontra o povo de entender a obra do Senhor, que não poderá senão apressar a proximidade do dia do julgamento. Se este último não ocorrer através dos exércitos assírios, Deus encontrará outros meios para realizá-lo. Estranha dialética, a de Isaias: a libertação do perigo assírio é a destruição do seu povo, e a história que se vê é o reverso da história verdadeira.

p. Talvez se trate de um vale bem próximo de Jerusalém (cf. v. 5). Por causa da assonância e de uma grafia bem próxima, pensou-se no vale de Hinom (hebr. *guê hinnom*), donde vem a palavra *Geena*.

q. Lit. *Teus traspassados*. Não morreram no combate, mas no decorso da fuga, depois de abandonar o seu posto.

r. Pode-se também traduzir: *sem haver tirado o arco*. As equipes de arqueiros, muitas vezes recrutados entre os mercenários árabes, desempenhavam um papel de primordial importância, como testemunham as cenas de guerra representadas nos baixos-relevos assírios.

s. Os choros do profeta corresponde a um tema que é mais jeremiano que isaiano: cf. Jr 14,17; 16,5. Ocorre o mesmo com

de pânico e de desvario, da parte do Senhor DEUS de todo poder. No vale da visão, uma muralha desmorona

e gritos se elevam para a montanha¹.

⁶ Elâm carrega a aljava em carros atrelados e montados e Qir² desnuda o escudo.

⁷ As tuas planícies mais belas estão cheias de carros de guerra, as parselhas tomam posição às portas,

⁸ a cobertura de Judá é retirada³. Naquele dia, olhastes para o arsenal da Casa da Floresta⁴

⁹ e vistes que as brechas da cidade de David eram numerosas.

Juntastes a água no reservatório inferior⁵.

¹⁰ Calculastes as casas de Jerusalém, demolistes as casas para tornar inacessíveis as muralhas.

¹¹ Fizestes um tanque entre as duas muralhas para as águas do antigo reservatório⁶. Mas não olhastes para aquele que age em tudo isso,

a expressão *filha do meu povo* no fim do v., cf. Jr 4,11; 6,26; 8,19. Os dois profetas nutriam igual afeição por Jerusalém.

t. Principal ms. de Qumran: *No vale da visão, desmorona o seu santuário na montanha*, o que parece ser uma interpretação anti-hierosolimitana da comunidade de Qumran.

u. *Qir*, pátria dos arameus na Mesopotâmia segundo Am 1,5; 9,7; 2Rs 16,9. Alusão à diversidade das populações que compõem os exércitos assírios.

v. A cobertura de Judá designa as defesas encarregadas de protegê-lo, e não tem o sentido metafórico que se encontra em 25,7. Por estar Jerusalém privada de defesas e das terras suscetíveis de reabastecê-la, a sobrevivência dela só podia ser bem precária.

w. Trata-se da *Casa da Floresta do Líbano*, construída por Salomão perto do Templo (cf. 1Rs 7,2-6), e cuja grande sala, ou hipóstilo, descansava sobre 45 colunas de cedro (cf. 1Rs 10,17 nota).

x. Para poder agüentar um cerco, o aprovisionamento de água era de primeira importância: a guerra siro-efraimita já havia provado isso (cf. 7,3 e nota). O *reservatório inferior*, construído por Acáz, corresponde provavelmente à atual Birket el-Hamra, na saída do Tiropeon.

y. Este *antigo reservatório* é o reservatório regulador da fonte de Guilhon (o *reservatório superior* de 7,3, cf. nota), e não o reservatório construído por Acáz em 735 (provavelmente o *reservatório inferior* mencionado no v. 9, cf. nota precedente) e que parece ainda em operação. Quanto ao *reservatório entre as duas muralhas*, é sem dúvida a piscina de Siloé, obra em parte subterrânea construída para dentro da cidade sob a proteção de dois muros, dos quais um dominava o vale do Qidron e o outro, o vale do Tiropeon. Mas as instalações hidráulicas de Jerusalém eram sem dúvida ainda mais complexas de quanto o fazem supor as poucas indicações dos livros bíblicos, cf. também 2Cr 32,4,30.

não vistes aquele que está em ação
há muito tempo.

5.12;
30.1

¹² Naquele dia, o Senhor DEUS de todo poder
vos chamava a chorar e a lamentar
a vos raspar a cabeça e a cingir-vos
de saco,

¹³ e eis o júbilo e a alegria:
matam-se bois, degolam-se carneiros,
come-se carne, bebe-se vinho,
comer, beber... pois amanhã
haveremos de morrer*.

¹⁴ O SENHOR de todo poder revelou aos
meus ouvidos:
Jamais este pecado vos será
perdoado, até que morrais*!
O Senhor DEUS de todo poder o
disse.

Do 3.12;
11.8;
1Cor 15.32

1Sm 3.14

Contra um alto funcionário

¹⁵ Assim falou o Senhor DEUS de todo poder:

Vai ao encontro desse governador,
Shebná, administrador do palácio^b:

¹⁶ Que possuis aqui? Que parentes tens aqui
para cavares aqui uma sepultura para
ti,
cavando teu túmulo na altura,
talhando para ti uma morada na rocha^c?

¹⁷ Pois bem, o SENHOR vai sacudir-te,
nobre senhor, vai empacotar-te,

¹⁸ mandar-te rolar como uma bola
para uma terra de vasta extensão.
É lá que hás de morrer,
lá, com os carros de guerra que são
a tua glória

Jr 28.16;
Am 7.17

e a desonra da casa do teu patrão.

¹⁹ Vou depor-te do teu posto,
desalojar-te da tua posição.

²⁰ E naquele dia, recorrerei ao meu servo,
Eliáqim, filho de Hilqiáhu^d.

²¹ eu o vestirei com a tua túnica,
garantirei a sua manutenção com o
teu cinto,
entregarei nas suas mãos o teu poder.
Ele será um pai^e para os habitantes
de Jerusalém
e para a casa de Judá.

²² Porei a chave^f da casa de David
sobre o ombro dele,
ele abrirá e ninguém fechará,
ele fechará e ninguém abrirá.

Ap 3.7

²³ Fixá-lo-ei como um prego num lugar
sólido,
e ele será um trono de glória para a
casa de seu pai.

²⁴ Nele será pendurada toda a glória da
casa do seu pai^g.

z. Esta máxima era já no tempo de Isaías um slogan que se gostava de repetir. Ela tem paralelos na literatura do antigo Oriente (notadamente a época de *Guilgamesh*) e nos escritos sapienciais do AT; cf. Ecl 2.24; 5.17; 8.15; 9.7-9.

a. O profeta, através de um procedimento irónico, — que domina com maestria — toma a sério as palavras dos seus adversários anunciando-lhes que a morte será efetivamente o salário da sua despreocupação e que ocorrerá mais cedo e diferentemente do que eles imaginam.

b. O oráculo dos vv. 15-25 compreende três partes: a) Shebná será destituído (vv. 19-19); b) será substituído por Eliáqim (vv. 20-23); c) a casa de Eliáqim cairá por sua vez (vv. 24-25). Este oráculo cumpriu-se, pois em 36.3.22 (cf. 2Rs 18.18.37; 19.2) é sem dúvida Eliáqim que leva o título de *administrador do palácio*; dado aqui a Shebná (cf. Gn 41.40, onde o mesmo título, que designa a mais alta função do Estado, é dado a José no Egito). Com certeza, o oráculo é anterior aos acontecimentos de 701. — Shebná, cuja qualidade de *governador* é igualmente atestada fora do AT, é o tipo do carreirista (sua ascendência não é mencionada), que só pensa em fazer nome. É provável que, à testa do governo, fosse um dos principais artífices da política pró-egípcia. Notemos que os oráculos dirigidos a indivíduos outros que os reis e os falsos profetas são raros no AT (Am 7, 16-17; Jr 20.1-6), o que confirma a importância do papel desempenhado por Shebná.

c. Provavelmente trata-se de uma dessas sepulturas talhadas na rocha e ornadas de uma fachada com uma inscrição indicadora

do nome do defunto, como se encontravam várias na aldeia de Silwan (Siloe) que está a cavaleiro do vale de Qidron, bem perto de Jerusalém. Um desses túmulos traz, depois do nome infelizmente truncado do defunto, a menção *administrador do palácio*.

d. *Eliáqim* é exatamente o oposto de Shebná. É chamado de *meu servo*, título honorífico dado a Abraão, a Moisés, a David e àqueles que Deus encarrega de uma missão, como Nabucodonosor (Jr 25.9; 27.9; 43.10). Seu nome, que significa *Deus suscitou*, corresponde bem à sua função.

e. Título régio, cf. 9.5; Gn 45.8; Jó 29.16, e que indica também que, contrariamente a Shebná, que só pensava em si mesmo, Eliáqim se preocupará com os seus administrados.

f. Embora as chaves tenham podido atingir proporções imponentes, a ponto de se precisar carregá-las no ombro, a menção que delas se faz aqui mostra sobretudo o seu aspecto de símbolo do poder: cf. 9.5 (e a nota), onde se diz que a *soberania* repousa sobre os ombros do rei do futuro. Entre outras funções, o *administrador*, que detém as chaves do palácio real, fixa a abertura e o fechamento das portas e introduz os visitantes junto ao soberano. Este v. é citado por Ap 3.7 a propósito de Cristo, e a ele se faz alusão em Ap 1.18 e Mt 16.19.

g. Eliáqim não correspondeu inteiramente ao que se esperava dele: favoreceu (talvez contra a sua vontade) o nepotismo: todos os membros da sua família (*galhos, raminhos, louça*) procuraram tirar proveito das graças dele. Por isso (v. 25) o prego vai ceder, por mais solidamente fixado que esteje.

galhos e raminhos,
toda a louça miúda,
desde as taças até as jarras de todo tipo.
²⁵Naquele dia — oráculo do SENHOR de
todo poder — o prego fixado em lugar
sólido cederá, quebrará e cairá, e a carga
que sustentava será destruída, pois o
SENHOR falou.

23 Sobre Tiro e Sídón

¹*Proclamação sobre Tiro*^h

Uivai, navios de Tarshish!
por causa da devastação:
não há mais casa alguma!
Ao chegarem da ilha de Chipre
descobriram issoⁱ.

Am 5,13;
Lm 2,10

²Ficai sem palavra, habitantes da costa,
mercadores de Sídón,
cujos empregados transpõem o mar^k.

³Através das grandes águas,
as sementeiras do Nilo, a ceifa do Rio
eram sua renda;
ela era o mercado das nações.

Ez 27,
12-25

⁴Que decadência, Sídón, fortaleza do mar!

O Mar toma a palavra e diz:
“Não tive dores de parto, não dei à luz,
não fiz meninos crescerem,
nem eduquei meninas”^l.

⁵Quando o Egito souber disso,
diante das notícias de Tiro, estremece^m. Jr 51,29;
Ez 30,16

⁶Fazei a travessia até Tarshish,
uivai, habitantes das costas!

⁷É esta a vossa cidade alegre,
cuja idade remonta a dias antigos 51,9
e cujos pés a levavam longe para
colonizarⁿ?

⁸Quem, pois, decidiu isto contra Tiro,
que distribuía coroas^o?
Seus mercadores eram príncipes,
seus negociantes^p, grandes da terra.

⁹Foi o SENHOR de todo poder que o
decidiu,
para fazer murchar o orgulho de tudo 2,11;
Ez 28,6ss
Pr 6,17
o que se honra,
para desconsiderar todos os grandes
da terra.

¹⁰Cultiva^q tua terra como ao longo do Nilo,
filha de Tarshish:

h. Este oráculo fala também de *Sídón* (vv. 1-4 e 12-14), que foi alternadamente a associada e a rival de *Tiro*, e até de toda a Fenícia (cf. *Canaã* no v. 11). *Tiro* e *Sídón* aparecem aqui como completamente destruídas, o que só aconteceu nos tempos de Alexandre Magno (em 332); por isso certos historiadores datam este oráculo séc. IV. Mas ameaças contra *Tiro* são conhecidas desde a época de Isaías; na luta entre o Egito e a Assíria pela hegemonia, *Tiro* e a Fenícia se alinharam ao Egito, donde, em 702-701, a campanha de Sennaqueb contra aquela região, a fuga para Chipre do rei Luli de *Sídón*, uma vassalização bem avançada, mas não uma destruição. O profeta Isaías parece alegrar-se com os reveses de *Tiro*: por causa das suas riquezas, as cidades fenícias eram para ele, como mais tarde para Ezequiel (Ez 26-28, a propósito do cerco de *Tiro* por Nabucodonosor, de 585 a 572), candentes exemplos de orgulho: diante disso, é provável que todo ataque contra *Tiro* tenha sido encarado pelo profeta — que associava os dados da história às intuições da fé — como sinal da destruição total da cidade a curto prazo. — Do ponto de vista literário, este oráculo está redigido no ritmo dissimétrico da lamentação fúnebre. Seu conteúdo, que evoca o contraste entre o estado presente e o passado, também corresponde a este gênero, cf. 2Sm 1,19-27.

i. *Navios de Tarshish*, cf. 1Rs 10,22 nota; Ez 27,4-9; Jn 1,3 nota.

j. Em hebr. *terra de Kitim* (Kition é uma cidade bem conhecida da ilha de Chipre), cf. Gn 10,4. Este termo foi estendido a todos os povos navegadores (assim Jr 2,10; Ez 27,6). Mais tarde, designará o poder macedônico (1Mc 1,7; 8,5) e até regiões mais longínquas (cf. Dn 11,30 e os textos de Qumran).

k. A leitura adotada é a do principal ms. de Qumran. Texto masorético: *os que transpunham o mar te enchiam*.

l. O profeta talvez esteja utilizando livremente reminiscências

míticas para falar da queda de *Sídón*. A cidade de certo modo originou-se fisicamente do Mar, divindade masculina bem conhecida através dos textos de Ugarit; e talvez se tenha também falado de um casamento de *Sídón* com o mar, como o casamento de Veneza com o mar. Nas representações evocadas aqui pelo profeta, *Sídón* teria tomado o lugar da deusa *Asherá* (“*Asherá-do-Mar*” nos textos de Ugarit), cujo papel em *Sídón* é lembrado por 1Rs 16,31-33, ou melhor, dos “setenta filhos do Mar que mamam o leite de *Asherá*” (em Ugarit), isto é a própria *Sídón* e suas filhas longínquas. Aqui, o Mar é apresentado como uma divindade feminina, renunciando à sua maternidade e com isto privando *Sídón* da sua razão de ser, a menos que a citação estivesse na boca de *Sídón* (lit. *Tem vergonha, Sídón, pois o mar diz, dizendo a fortaleza do mar...*)

m. A antiguidade de *Tiro* era proverbial. Por volta de meados do século V, Heródoto (II, 44) conta que, segundo diziam os sacerdotes de *Tiro*, o templo deles tinha então 2.300 anos. Flávio Josefo fala desse templo, que teria sido edificado 240 anos antes do de Jerusalém: mas já se trataria de uma reconstrução depois da destruição da cidade no momento das grandes invasões dos povos do mar, por volta de 1200. O profeta sublinha a extensão ao longo da Fenícia através da fundação de colônias, entre as quais Cartago na África do Norte (por volta de 800) e Tarshish (Tartessos) na Espanha.

n. Estas coroas são as dos príncipes instalados nas colônias. o. Lit. *cananeus*. Esta palavra tem o mesmo sentido em Os 12,8; Sf 1,11; Zc 14,21; Pr 31,24; Jó 40,30, e lembra o caráter pagão e idólatra da atividade comercial, a qual não se praticava impunemente (cf. Ez 28,18), visto que favorecia o orgulho e impedia o exercício da religião (cf. Ne 13,16).

p. Texto masorético: *atravessa*. Traduzido segundo o principal ms. de Qumran e várias versões.

não existe mais porto^q.

14.27 ¹¹ O SENHOR estendeu a mão contra o mar^r, fez os reinos tremerem. Ordenou a Canaã que suprimisse as suas fortalezas.

¹² Ele disse: Não poderás mais alegrar-te, tu que foste violada, virgem filha de Sídon.

Levanta-te, passa a Chipre, também lá não terás descanso.

¹³ Eis a terra dos caldeus:

este povo não existe mais.

A Assíria o destinou aos gatos selvagens^s;

eles haviam erguido torres de espia, erigido praças fortes, mas foram reduzidos a um campo de ruínas.

¹⁴ Uivai, navios de Tarshish, porque a vossa fortaleza está devastada.

¹⁵ Naquele dia^t, Tiro será esquecida durante setenta anos, a duração dos dias de um único rei^u. No fim de setenta anos, sucederá a Tiro o que diz a canção da prostituta^v:

¹⁶ Toma uma harpa, faze o giro da cidade, prostituta esquecida^w.

Toca o melhor que puderes, retoma as tuas canções, a fim de que se lembrem de ti.

¹⁷ No fim de setenta anos, o SENHOR intervirá em Tiro e ela voltará aos seus lucros, ela se prostituirá a todos os reinos que estão na face da terra, ¹⁸ mas seus ganhos e seus lucros serão consagrados ao SENHOR^x; não serão nem acumulados nem amontoados. Seus ganhos servirão para alimentar e para saciar os que habitam diante do SENHOR e para garantir-lhes uma roupa durável^y.

24 A terra totalmente devastada^z

¹ Eis que o SENHOR devasta

a terra e a destrói, transtorna a sua face, dispersa os seus habitantes,

² tanto o povo como os sacerdotes, o servo como o patrão, a serva como a patroa, o que compra como o que vende,

Na 2.3.11

3.2.3:
Os 4.9

q. A palavra traduzida por *porto* significa *cinto* (cf. Sl 109.19). Os dois portos de Tiro, no norte e no sul, podiam aparecer como o cinto da cidade.

r. A mão de Deus estendida é aqui um gesto de ameaça, como em 5.25; 9.11.16.20; 10.4.26; 11.15 (e notas que remetem ao Êxodo).

s. Ou talvez *aos nômades* (cf. Sl 72.9). Versículo de difícil compreensão: o texto é quase indecifrável, e a sua localização exata na história nos é desconhecida. Pode-se relacioná-lo com a reconquista da Babilônia por Senaquerib em 703, sobretudo se o essencial dos vv. 1-14 visar à coalizão animada pela Fenícia em 702; mas para além deste evento há sem dúvida aqui uma advertência destinada a ilustrar com um exemplo que os mais potentes impérios não estão garantidos contra as catástrofes, e que aquilo que se exalta sempre será rebaixado.

t. Este epílogo que, excetuada a canção referida no v. 16, está em prosa, fala de um restabelecimento de Tiro após a catástrofe.

u. Os *setenta anos*, inspirados em Jeremias (25.11; 29.10) e mencionados também em Zc 1.12; 7.5; Dn 9.2; 2Cr 36.21, designam uma totalidade (dez vezes sete). O reinado de um único rei durante 70 anos corresponde a um período ideal e não real, e evoca o tempo de que Deus precisa para terminar a sua obra. Note-se o contraste entre a plenitude dos *setenta anos* e os *anos de mercenário*, bem exatamente delimitados, que encontramos em 16.14 e 21.16. Se o oráculo dos vv. 1-14 pôde ser aplicado à queda de Tiro em 572 (após treze anos de cerco, sob os golpes de Nabucodonosor), o prazo de setenta anos remete mais ou menos ao ano 500, época em que Dario I, rei dos persas, reorganizou a parte ocidental do seu império e deu à frota fenícia condições de transportar as tropas e de enfrentar os gregos nas guerras nos anos 490-480).

v. A prostituição de Tiro consiste essencialmente na sua atividade comercial; cf. Ap 17.5; 18.3.11.13, onde seu lugar é ocupado por Babilônia, a grande (Roma).

w. A canção de rua é o único meio que resta a uma prostituta privada dos seus encantos, para continuar a mostrar o seu valor.

x. O *salário da prostituição* (termo técnico que se reencontra em Dt 23.19; Os 2.14; 9.1) será consagrado ao Senhor, em oposição ao que prescreve Dt 23.19. Essa atitude — que consiste em tolerar e até em encorajar o pecado de uns para a salvação dos outros, quer se trate de prostituição propriamente dita ou de comércio — parece chocante, mesmo sendo atenuada pelo apelo à generosidade. De forma menos radical, textos como 45.14; 60.4-14; Zc 14.14 exprimem a mesma ideia.

y. Outra tradução possível: *para cobri-los até a sua velhice*, mas o v. permanece difícil.

z. Aqui começa o conjunto dos quatro caps. (24-27) que os comentadores denominaram o *Apocalipse de Isaías* (cf. Introdução) e onde se alternam, no quadro de uma ou várias *liturgias proféticas*, os anúncios de estilo apocalíptico e os cantos de lamentação, de oração ou de ação de graças. O cap. 24 aparece sobretudo como o anúncio profético da devastação da terra e do juízo universal. Todavia, encontram-se nele elementos litúrgicos: lamentação nos vv. 7-13, aclamação dos vv. 14-16a, que podemos aproximar do final do v. 23. O primeiro poema (vv. 1-6) descreve sucessivamente a grande devastação (vv. 1-3), em seguida o desfalecer (vv. 4-6) da *terra*. Tratar-se-á da terra inteira ou apenas da terra de Israel? A palavra *terra*, empregada sete vezes neste curto poema, pode ter os dois sentidos: a questão continua de pé, e não é fácil decidir. Pode-se admitir que uma composição inicialmente referente ao país tenha sido relida em função da terra inteira, no momento da sua inserção no conjunto dos caps. 24-27.

o que toma emprestado como o que empresta,

o credor como o devedor.

³ A terra será totalmente devastada, saqueada de ponta a ponta, como decretou o SENHOR^a.

14,26

33,9

Os 4,3

⁴ A terra está de luto e languescer, o orbe desfalece e languescer, desfalecem as alturas com a terra^b.

Nm 35,33

⁵ A terra foi profanada sob os pés de seus habitantes, pois estes transgrediram as leis, mudaram os preceitos, romperam a aliança perene^c.

⁶ Eis por que a maldição devora a terra, os que a habitam carregam o castigo. Eis por que os habitantes da terra se consomem, restam pouquíssimos.

Lv 26,

15-16

A cidade desolada: nem vinho nem alegria

⁷ O vinho novo está de luto, languescer a vinha,

32,12

os de coração alegre gemem todos.

⁸ Cessou o alvoroço dos tamborins,

acabou o tumulto da gente em festa, cessou o som alegre da harpa.

16,9-10

⁹ Não se bebe mais vinho cantando, as bebidas fortes são amargas para os que bebem.

Am 6,5-7

¹⁰ A cidade do vazio^d desmoronou, todas as casas estão fechadas, inacessíveis.

¹¹ Nas ruas, clama-se por vinho, todo júbilo desapareceu, a alegria está banida da terra.

¹² Só resta na cidade desolação, e a porta, demolida, está em ruínas.

Jr 51,58

¹³ Aqui na terra, e entre os povos, é como o varejar das oliveiras, como a respiga, quando a vindima terminou.

17,6

A aclamação universal

¹⁴ Aqueles^e levantam a voz, aclamam a majestade do SENHOR. Do lado do mar, exultam.

12,6

¹⁵ Glorifica-se o SENHOR no Oriente^f, o nome do SENHOR, Deus de Israel, nas ilhas do mar^g.

¹⁶ Das extremidades da terra,

11,12

a. Lit. *pois o Senhor pronunciou esta palavra*.

b. Texto massorético: *desfalecem as alturas do povo da terra* (a palavra *povo* tem as mesmas consoantes que a palavra *com*). É provável que esta leitura, seguida pelo gr., tenha sido influenciada pela expressão frequente *o povo da terra*. As *alturas* de que se fala devem ser os céus, opostos à terra (cf. fim do v. 18 e v. 21), como parece ter entendido o principal ms. de Qumran. Mas é possível que a expressão designe os lugares altos da terra, como é o caso em 26,5, e até os de determinado país.

c. Afora os textos proféticos em que se refere a uma aliança futura (Is 55,3; 61,8; Jr 32,40; 50,5; Ez 16,60; 37,26), a expressão *aliança perene* encontra-se no Sl 105,10 (cf. 1Cr 16,17) e nos textos sacerdotais do Pentateuco. Encontramo-la a propósito da aliança com Noé (Gn 9,16) ou com Abraão e os patriarcas ligados a ele (Gn 17,13.79; Sl 105,10 e 1Cr 16,17). Ela ocorre também a propósito de instituições como o sábado (Ex 31,16) ou os pães de oferenda (Lv 24,8). No NT, aparece em Hb 13,20. Aqui em Is, como nos textos que acabamos de citar, esta *aliança perene* ultrapassa provavelmente o quadro da aliança do Sinai e do povo de Israel.

d. Não se identifica com certeza esta *cidade do vazio*, provavelmente assim chamada por causa dos seus ídolos (cf. 1Sm 12,21; Is 41,29). Antes da inserção do oráculo (vv. 7-13) no conjunto dos caps. 24-27, talvez se tratasse de uma cidade de Moab (cf. 16,7-10, com a evocação do vinho e das alegrias a ele associadas, e também 15,1 e nota, pois *Ar* e *Qir* correspondem às palavras traduzidas no v. 12 e aqui por *cidade*; a terra de Moab será, aliás, mencionada em 25,10), ou até de Samaria (cf. 28,1), e mesmo de Jerusalém. No âmbito da coleção cons-

tituída pelos caps. 24-27, pode-se relacionar esta *cidade do vazio* com a *cidade fortificada* (25,2) e com a *cidade inacessível* (26,5) — oposta a Jerusalém, *nossa cidade forte* (26,1) — e talvez também com a *cidade fortificada* de 27,10. Todos esses textos provavelmente não foram sempre aplicados à mesma cidade. Quanto à cidade visada pelo conjunto 24-27, poderia ser Babilônia (cf. 21,9 e as semelhanças com os nossos textos), que tombou em 485 sob os golpes de Xerxes, rei dos persas. Aliás, Babilônia tornou-se em seguida o protótipo da cidade do mal (Ap 17,5) e os nossos textos podem ter sido aplicados a outras cidades pagãs, cuja ruína tenha sido particularmente conhecida (Tiro em 33,2; Cartago em 146; Samaria em 110... e até Roma no séc. V d.C.).

e. Trata-se provavelmente de judeus salvos (cf. imagem do que resta depois da colheita e da vindima, tal como a encontramos no v. precedente e em 17,6). Eles entoam esta aclamação *do lado do mar*, isto é a oeste (v. 14), e ela é retomada, pelos judeus dispersos — antes que pelos pagãos —, desde o oriente até as margens longínquas do Mediterrâneo (v. 15). O oeste deve ser aqui a Palestina (comparar o começo do v. 13, que opõe *na terra* a *entre os povos*), e a *cidade* cuja ruína é objeto desta ação de graças deve estar localizada a leste do país (o que pode convir a uma cidade de Moab — cf. v. 10 nota — assim como a Nínive ou a Babilônia).

f. Lit. *na claridade*, a da manhã, preferivelmente à da tarde. Trata-se do Oriente oposto ao Ocidente, e não de uma expressão sinônima das *ilhas do mar*.

g. Cf. 11,11 e notas; 20,6; 23,2.6; 40,15; 41,1.5; 42,4.10.12.15; 49,1; 51,5; 59,18; 60,9; 66,19; Est 10,1.

ouvimos cantar:

Hab 2.4 "Honra ao Justo!"

A perturbação universal

Mas eu digo: Estou no fim, estou no fim!

6,5 Ai de mim!

Os traidores traíram!

Traição! Os traidores traíram.

¹⁷ É o terror, o fosso e a rede!

para ti, habitante da terra.

vv. 5-6;
26,21

¹⁸ Aquele que fugir do grito de terror
cairá no fosso.

Am 5.19 aquele que conseguir escapar do fosso,
será pego na rede.

Gn 7.11 As comportas do alto são abertas,
os fundamentos da terra são abalados.

Sl 18,8.16;
82,5

¹⁹ A terra rebenta,
a terra voa em pedaços,
é sacudida com violência.

²⁰ A terra vacila como um bêbado,
é agitada como uma cabana^k.

Sl 38,5 Sobre ela pesa sua transgressão,
ela cai e não consegue reerguer-se.

Am 5,2

²¹ Nesse dia, o SENHOR intervirá
no alto contra o exército do alto,
na terra contra os reis da terra.

14.12-15;
Sl 2,2

h. Estas palavras talvez correspondam a uma fórmula conhecida. cf. 41.26. O *Justo* é provavelmente o próprio Deus (cf. Sl 7.10.12; 11.7; 116.5; 119.137; 129.4; 145.17; Is 45.21) que aparece em 28.5 como a honra do *resto do seu povo*. Também poderia ser Israel (cf. 26.2; 60.21; Sl 14.5 — *ludo dos justos* —; 97.11; 112.6) ou o seu representante qualificado, o rei (cf. 2Sm 1.19) ou o Messias (cf. 4.2 e nota).

i. O contraste entre o júbilo geral (vv. 14-16a) e a reação alarmista do profeta lembra 22.1-5, que dizia respeito a Jerusalém e Judá. A propósito da traição, com a repetição das palavras que a designam, cf. 21.2 (sobre Babilônia) e 33.1 (sobre a Assíria).

j. Há jogos de assonância no texto hebr. (cf. 22.5). Os vv. 17-18a parecem ter sido tirados de Jr 48.43-44a, onde frases quase idênticas dizem respeito a Moab.

k. Cf. 1.8; 10.29.

l. Ou *serão castigados* (cf. v. 21; 10.12; 13.11; 26.14; 27.1-3) ou *serão agraciados*, pois o verbo (cf. Ex 3.16 nota) pode ter esses diferentes sentidos (cf. p. ex. 23.17; 26.16; 34.16 e, para o sentido que aqui retivemos, 26.21, onde se trata dos habitantes da terra). Desde o v. 18b, e ainda mais desde o v. 21, o tom da passagem é apocalíptico, e assim é a evocação deste julgamento coletivo e adiado.

m. É o julgamento feito em relação às potências cósmicas (cf. o exército do alto no v. 21). A lua e o sol, designados aqui por palavras pouco usadas (cf. 30.26; Jô 30.28; Ct 6.10), correspondem a duas grandes divindades do mundo semítico. Essas imagens serão mais desenvolvidas no livro de Dn (Dn 10.13.20.21) e sobretudo no livro apócrifo de Henoc (10.4-5.12-16; 18.9-16; 19.1-2; 21.1-10; 60.12), cf. também Jd 3.

²² Serão amontoados, cativos, na masmorra,
serão encerrados na prisão
e, muito tempo depois, terão de
prestar contas^l.

2Pt 2,4;

²³ A lua será humilhada,
o sol será confundido^m.

Jd 6

13,10

Sim, o SENHOR de todo poder é rei
na montanha de Sião e em Jerusalém,
na sua glória, na presença dos anciãos.

Mq 4,7

4,5

60,1-3

Ez 24,9-10;

Ap 19,4-6

25 Ação de graças

¹ SENHOR, tu és o meu Deus,

eu te exalto e celebro o teu nome,
pois realizaste projetos maravilhosos,
concebidos desde muito tempo,
constantes e imutáveis.

12.1.4;

Sl 118,28

28,29

22,11;

37,26

² Fizeste da cidade um monte de pedras,
da cidadela fortificada, um campo de
ruínas.

A fortaleza dos bárbaros cessou de
ser uma cidade,

nunca mais ela será reconstruída.

13,20

³ Eis por que um povo poderoso te
rende glória,
a cidadela dos tiranos das nações te
reverenciaⁿ.

24,15-

16,21

n. Cf. 24.10 e nota. O gr. leu a *fortaleza dos orgulhosos*. Tudo indica que as expressões *cidade*, *cidadela fortificada* e *fortaleza dos bárbaros* designam a mesma realidade geográfica e política (cf. entre outros 32.13b-14, onde as mesmas palavras são empregadas a propósito de Jerusalém), enfatizando-se as defesas dessa cidade — ainda que definitivamente destruída —, a sua cidadela e o seu palácio real fortificado. Não se trata de Jerusalém, para a qual os *bárbaros* (ou *estrangeiros*) são os inimigos, notadamente em 1.7 e 29.5. Não está excluída Samaria, onde os reis assírios instalaram estrangeiros a partir de 721 (2Rs 17.24; Esd 4.2.9.10) e que toma parte em várias revoltas, de Sargom II a Alexandre, mas é difícil vincular esta passagem a um acontecimento preciso da sua história. Podem-se evocar outras cidades pagãs, tendo-se pensado sobretudo em Babilônia (cf. 23.13, onde há certas expressões que parecem ser retomadas aqui). Com efeito, quando o termo *estrangeiros*, no sentido de *bárbaros*, significa os inimigos, designa o mais das vezes os babilônios (na ação deles contra Jerusalém: Jr 51.51; cf. 30.8; Ez 7.21; 11.9; Ab 11; Lm 5.2 — contra Tiro; Ez 28.10 — contra o Egito; Ez 30.12; 31.12). Nesta hipótese, a *cidadela dos tiranos das nações* e o *povo poderoso* do v. 3 seriam sem dúvida a Pérsia dos akemênidas (cf. 45.1-3); os baluartes e os templos de Babilônia foram arrasados por Xerxes em 485, e Alexandre não teve tempo de terminar seus projetos de restauração (331), antes de nela morrer, em 323. Ela permaneceu uma cidade sem importância e acabou caindo sob os golpes dos partos.

o. O *povo poderoso* não parece ser da cidade vencida, mas aquele através do qual o Senhor realizou o seu projeto e que, conseqüentemente, lhe rende homenagem. A expressão traduzida por *tirano das nações* encontra-se quase tal qual em Ez 28.7;

- 26,16; 29,19 ⁴ Pois tu és a muralha do indefeso,
o baluarte do pobre na aflição,
o refúgio contra a tempestade,
4,6 a sombra contra o calor
— pois o sopro dos tiranos é como a
tempestade contra uma muralha,
⁵ como o calor sobre uma terra árida^p.
24,8 Extingues o tumulto dos bárbaros
como a sombra de uma nuvem o calor,
sufocas a fanfarra dos tiranos^q.

Um festim para todos os povos

- ⁶ O SENHOR de todo poder prepara
sobre esta montanha
um festim^r para todos os povos,
um festim de carnes gordas e de
Pr 9,2-5 vinhos velhos,
de carnes gordas suculentas e de
vinhos velhos decantados.
⁷ Ele fará desaparecer sobre esta montanha
o véu estendido sobre todos os povos^s,
a mortalha que cobre todas as nações.
26,19; 1Cor 15,54 ⁸ Fará desaparecer a morte para sempre.

30,11; 31,12; 32,12, onde se refere aos babilônios vencidos e obrigados a reconhecer a glória do Senhor.

p. Este inciso é uma glosa que explica as imagens opostas da tempestade (= aguaceiro) e do calor ressecante, pela imagem do vento (ao mesmo tempo vento de tempestade, do oeste, e vento do deserto, do leste). Liga também o v. 4 ao v. 3, com a consequência de que os *tiranos* aparecem agora com aspecto ameaçador, o que não ocorria no v. 3, mas se encontra muitas vezes alhures (Jr 15,21; Sl 54,5; 86,14; Jó 6,23).

q. O resto do v. 5 é uma segunda glosa, que retoma a imagem do calor e da sombra, explicando-a pela sombra de uma nuvem que atenua o calor. Desta vez, os *bárbaros* e os *tiranos* são paralelos e portanto, talvez, assemelhados (cf. 13,11; 29,5; Ez 28,7; 31,12; Sl 54,5; 86,14), o que não ocorria nos vv. 2-3 (cf. notas). Notar-se-á, contudo, que a palavra rara traduzida aqui por fanfarra (dos tiranos) é a que já empregava 24,16 a propósito do *canto* (*Hanru ao Justo!*) vindo das extremidades da terra. Esta glosa parece, pois, relacionar 24,16 com 25,3, e assim os tiranos participariam da aclamação universal que se segue à ruína da cidade. As três últimas palavras do v. 5 podem, aliás, significar *a fanfarra dos tiranos se levanta*, marcando assim contraste com *o tumulto dos bárbaros* que se extingue.

r. Passamos a um tema diferente, o do festim que o Senhor vai oferecer, dentro da tradição dos banquetes sagrados que acompanhavam os sacrifícios de comunhão, notadamente nos dias de festa (cf. Ex 24,11; Dt 16,13-15; 1Sm 9,13; Ne 8,10-12). Este festim se realizará *sobre esta montanha* (a de Jerusalém, cf. v. 7; 27,13 e sobretudo 24,23, a única outra passagem dos caps. 24-27 em que se encontra o *Senhor, o Todo-poderoso*) e *para todos os povos* (cf. o contexto cósmico de 24,23 e o grande chamado de volta dos dispersos de Israel em 27,13, ao som do *shofar* (trompa) litúrgico, como em Lv 25,9; Js 6,4-13); os povos encontram-se associados à montanha de Sião e ao culto que nela se celebra em 2,2-3; 11,9-10; 16,1; 18,7; 55,6-7; 60,11-14;

- O Senhor DEUS enxugará as lágrimas
em todos os rostos Ap 21,4
e na terra inteira tirará o opróbrio do
seu povo.
Ele o disse, ele, o SENHOR.
⁹ Dir-se-á, nesse dia: É ele o nosso Deus.
Nós esperamos nele e ele nos liberta.
É o SENHOR em quem pusemos nossa
esperança.
Exultemos, jubilemos, pois ele nos salva. 1Pd 1,8

Moab esmagado

- ¹⁰ A mão do SENHOR pousará sobre esta
montanha^a.
Mas Moab^b será esmagado no local,
como a palha é esmagada na fossa Mq 7,10
de estrume.
¹¹ Lá, ele estenderá as mãos
como as estendemos para nadar.
Sua arrogância será humilhada 16,6;
com as manobras das suas mãos^c. Jr 48,29
¹² As fortificações inacessíveis^d das tuas
muralhas,

cf. Zc 8,20-22; 14,16. Este festim universal abre uma era nova (cf. 55,1-2, encabeçando o último cap. do Segundo Isaías), e o reencontrarmos no festim messiânico muitas vezes mencionado pelo NT (Mt 8,11; 22,2-10; Lc 14,15-24; Ap 19,9).

s. Este véu cobre os rostos (cf. 1Rs 19,13), para impedir de ver e compreender (Is 29,10-12; cf. 2Cor 3,13-18) ou, com mais frequência, como sinal de luto (2Sm 15,30; 19,5; Jr 14,3-4 e também Est 6,12; no v. 8, encontra-se efetivamente a *morte* como complemento do mesmo verbo). A palavra *apocalipse* significa precisamente *retirada do véu*, sendo empregado a propósito das *nações* no cântico de Simeão (Lc 2,32).

t. Começa de um canto de ação de graças (cf. 24,16), introduzido por uma fórmula análoga à de 12,1 (cf. também 26,1 e 27,2). A aclamação de um novo rei era acompanhada de sacrifícios e de banquetes (1Sm 11,15; 1Rs 1,25). Da mesma maneira, a fórmula *É ele o nosso Deus* talvez esteja ligada ao festim evocado nos vv. precedentes, e pode-se aproximá-la da aclamação do Senhor como Rei, que se encontra em 24,23 (cf. Sl 93,1; 97,1; 99,1).

u. É difícil saber se a primeira parte do v. 10 deve ser ligada com o que precede ou com o que segue. A expressão *esta montanha* parece servir de palavra de ligação entre 6-9 e 10-12.

v. Cf. cap. 16 e a semelhança já notada entre 16,8-10 e 24,7-9 (ver nota a 24,10). O v. termina com um jogo de assonâncias e a última palavra, *fossa de estrume*, é quase idêntica ao nome de uma cidade de Moab chamada *Madmen* (cf. Jr 48,2).

w. A expressão evoca sem dúvida simultaneamente — e não sem humor — os procedimentos políticos ditados a Moab pela sua arrogância passada e os seus esforços para nadar...

x. A primeira palavra do v. corresponde ao adjetivo empregado na expressão *a cidadela fortificada* do v. 2. A segunda palavra remete à expressão *cidade inacessível* de 26,5. Terá o oráculo dos vv. 10-12 sido encaixado neste contexto para sugerir uma identificação desta misteriosa cidade?

o Senhor as derruba, as abate,
as reduz ao nível da terra, no pó.

26 Cântico da cidade forte

¹Naquele dia, cantar-se-á este
cântico na terra de Judá:

Temos uma cidade forte⁷.

60,18 Como salvaguarda ele erigiu
muralha e antemuro⁸.

SI 118,
19-20 ²Abri as portas:
que ela entre, a nação justa,
que se conserva fiel.

IRs 5,26 ³Com firmeza,
tu asseguras a paz
porque ela se confia em ti⁹.

⁴Tende confiança no SENHOR para sempre,
no SENHOR, o rochedo eterno.

17,10
30,29 ⁵pois ele fez dobrarem-se os que
habitavam as alturas⁶

25,2 e abate a cidade inacessível,
abate-a até o chão
e a faz tocar o pó.

25,10 ⁶Ela será calcada aos pés,
sob os passos dos humildes,
sob os pés dos desvalidos.

Oração

⁷A vereda do justo é retidão
e tu aplainas a via reta do justo.

⁸No caminho traçado pelas tuas
sentenças,
esperamos em ti, SENHOR;

o desejo de nossa alma é recordar o
teu nome.

⁹Durante a noite, por ti a minh'alma
aspira, SI 63,2

meu espírito, dentro de mim, te procura. SI 77,3

Quando as tuas sentenças⁸ se
exercem sobre a terra,
os habitantes do mundo aprendem a
justiça. SI 5,5

¹⁰Mas, se o mau é agraciado,
ele não aprende a justiça. EcI 8,11

Na terra da retidão⁹, ele pratica o mal
e não vê a majestade do SENHOR.

¹¹Tua mão está levantada, SENHOR, e
eles não a vêem, SI 12

mas verão o teu ciúme pelo povo
e serão confundidos, 9,6; 37,32

devorados pelo fogo destinado a teus
inimigos. 30,27

¹²SENHOR, tu dispões a paz para nós,
és tu que realizas para nós
tudo aquilo que fazemos. FI 2,13

¹³SENHOR, nosso Deus,
outros senhores além de ti dominaram
sobre nós⁹,
mas é unicamente o teu nome que
repetimos.

¹⁴Já que os mortos não revivem¹⁰,
já que os defuntos não voltam a se
levantar,
tu intervieste para exterminá-los
e fazer desaparecer até a lembrança deles.

y. Este cântico de ação de graças liga-se ao cap. precedente, notadamente a 25,6-9, que evoca a montanha de Sião, pois a terra de Judá é aqui mencionado. A cidade forte (cf. o povo poderoso de 25,3), que só pode ser Jerusalém (cf. terra de Judá), será oposta, no v. 5, a cidade inacessível abatida, em termos que lembram 24,4 e mais ainda 25,12: parece que esta cidade é, portanto, a cidade de Moab evocada no fim do cap. precedente e talvez também em 24,10 (ao passo que as expressões de 25,2 convêm melhor à Babilônia, cf. nota àquele v.).

z. Cf. 2Sm 20,15. A título de exemplo, a cidade de Lakish era assim protegida, na época israelita, por duas fortificações, cujos vestígios são encontrados ao pé e no cume da colina (antemuro e muralha).

a. Ela: a nação justa.

b. Trata-se de alturas terrestres, de regiões montanhosas, como indica o parentesco deste v. com 25,12, que dizia respeito a Moab (cf. a menção a esta montanha oposta a Moab no começo de 25,10 e à arrogância de Moab, em 25,11). A mesma palavra parece designar os céus em 24,4 (cf. a nota). O contraste entre o orgulho da gente altamente situada e a ação de Deus que a rebaixa até o chão é uma imagem frequente no AT (cf. Jr 49,16; 50,31-32; Ab 3-4; Pr 16,18).

c. Não se trata das sentenças (preceitos) que tornam possível a retidão do justo (como provavelmente no v. 8), mas dos juízos de Deus, isto é, das suas intervenções destinadas entre outras coisas à educação das nações. Com este v. termina a primeira estrofe desta longa oração (vv. 7-19).

d. Provavelmente a Palestina. Talvez se trate dos samaritanos. Pode-se ligar este v. com o que precede (os que aprendem ou não aprendem a justiça) ou ao que segue (os que não enxergam). Mas talvez o v. 10 seja uma glosa aplicando o fim do v. 9 a determinada situação. Reencontra-se, com efeito, no início do v. 11, o plural do fim do v. 9.

e. São, sem dúvida, soberanos estrangeiros (cf. 25,8: a vergonha do meu povo), cujo desaparecimento vai ser evocado no v. 14, mas são também os deuses deles, aos quais ninguém se dirige (sentido possível da expressão fazer desaparecer até a lembrança deles, no fim do v. 14), enquanto o Senhor é o único cujo nome é repetido (mesma raiz que a palavra lembrar), cf. v. 13 e já v. 8.

f. O desaparecimento dos inimigos é definitivo. Ademais, poderia haver aqui uma alusão polêmica a Báal, o grande deus cananeu, que se supõe reviver depois dos períodos de seca (cf. Os 6,2 e nota).

- ¹⁵ Fizeste crescer a nação, SENHOR,
Ex 14, fizeste crescer a nação.
4,17; mostraste a glória,
Ez 28,22 fizeste recuar todas as fronteiras
desta terra.
Ez 47, 15-20
- ¹⁶ SENHOR, na aflição recorre-se a ti.
Quando tu castigas, suspiram-se
preces⁸.
- ¹⁷ Estivemos diante de ti, SENHOR,
como mulher grávida, prestes a dar à
luz,
13,8; que se contorce e grita em dores.
Mt 24,8; ¹⁸ Concebemos, estivemos em dores,
Jo 16,21 mas é como se tivéssemos gerado
37,3 vento:
não trazemos a salvação à terra,
não nasceram habitantes ao mundo.
- ¹⁹ Teus mortos reviverão, seus
cadáveres ressuscitarão.
Mt 11,5p

Despertai, gritai de alegria,
vós que morais no pó! 1Cor 15,
35-38
Pois o teu orvalho é um orvalho de luz^h
e a terra fará nascer os trespassados¹. 25,8

Castigo sobre a terra e sobre o mar

- ²⁰ Vai, meu povo, adentra teus quartos
e fecha atrás de ti as duas folhas da
porta¹.
Esconde-te um instante,
o tempo de deixar passar o furor, 10,25;
Mt 24,22
²¹ pois o SENHOR sai da sua morada
para pedir contas dos crimes
aos habitantes da terra.
E a terra deixará aparecer o sangue,
cessará de dissimular as vítimas. Gn 4,10;
Sl 106,38
Jó 16,18
- 27** ¹Naquele dia, o SENHOR intervirá
com a sua espada acerada, enorme, 34,5
poderosa.

g. Os termos usados evocam os murmúrios das encantações mágicas, o que sugere uma oração que se quer eficaz, mas que, no caso, é ainda mais inútil (cf. v. 18).

h. O *orvalho de luz* tem sido explicado pelo movimento de estrelas cadentes (os antigos mitos cananeus vêem efetivamente uma ligação entre o orvalho e as estrelas) ou ainda pela origem solar do orvalho, segundo as representações egípcias. Não é impossível que essas *luzes* sejam relâmpagos (cf. Jó 36,32; 37,3,11,15; Hab 3,11), símbolos da chuva de tempestade que vivifica a terra como o orvalho (uma das filhas de Báal, o grande deus cananeu da tempestade, é denominada neste sentido a *luminosa*, e uma outra, cujo nome deriva do orvalho, é denominada *a chuvosa*). É também possível que a expressão assinala o nexo do orvalho com a aurora (designada com a mesma palavra que *luz* em Jz 19,26 e Ne 8,3), cf. Sl 110,3 (em Os 6,3, em um contexto bem próximo a Is 26,19, a vinda do Senhor é comparada ao mesmo tempo à da aurora e à da chuva). Qualquer que seja o sentido exato da expressão empregada aqui, o orvalho (Gn 27,28; Sl 133,3; Pr 19,12) e a luz (Sl 36,10; 56,14; Jó 33,28,30) são símbolos da vida e do poder vivificante. O próprio Deus compara-se ao orvalho em 18,4 e Os 14,6 (cf. aqui a expressão *o teu orvalho*).

i. Observe-se o contraste com o v. 14 (mesmos verbos empregados em começo de v.), onde se tratava dos *mortos* em geral, e mais precisamente dos antigos senhores de Israel (cf. v. 13 e nota), enquanto aqui se trata dos *teus mortos*. Será que a imagem diz respeito ao conjunto do povo que vai *reviver*, reencontrando toda a sua extensão (cf. v. 15 e o parto frustrado dos vv. 17-18, terminando com o mesmo verbo — raro neste sentido [*nascer*] — que o v. 19) no contexto de uma restauração nacional, como em Ex 37? Será já (como em Dn 12,2) uma verdadeira ressurreição dos mortos, pelo menos dos justos de Israel e especialmente dos mártires? É difícil decidir.

j. É o que devem fazer os que a cólera divina quer poupar: assim, no relato do dilúvio, o próprio Senhor fecha a porta da arca (Gn 7,16; o mesmo gesto é recomendado, e depois efetuado, no relato babilônico correspondente), e da mesma forma, os israelitas não saem das suas casas durante a noite de Páscoa (Ex

12,22-23). Este breve oráculo parece ligado aos vv. seguintes, onde o castigo universal atinge o *dragão do mar*. Nele reaparecem o tema e certas expressões do cap. 24 (1-6 e 14-23) (assim, *habitantes da terra*), com a evocação do dilúvio (cf. 24,18) e a intervenção do Senhor contra as potências cósmicas (cf. 24,21-23 e nota sobre o v. 23). A ligação com a oração que precede é menos evidente: observe-se contudo a semelhança entre as imagens finais dos vv. 19 (a terra faz nascer — lit. *faz cair* — os mortos) e 21 (a terra não cobre mais os que foram mortos). Se o v. 19 anunciar essencialmente uma restauração nacional, reencontramo-la em 27,2-6 e 12-13.

k. Este v. dá continuação aos dois últimos vv. do cap. 26. No conjunto constituído pelos caps. 24-27, é o fim do ciclo dos castigos (24,1-6,16-23; 26,20-21; 27,1), com a destruição definitiva de dois monstros (*Leviatan* e o *Dragão do mar*), que são o símbolo das águas desencadeadas, da desordem e do caos. Estes dois monstros estão ligados ao Mar (cf. 51,9-10; Sl 74,13-14; 148,7; Jó 26,12-13; Ez 32,2), e a dominação que lhes é imposta aparece ligada, nas mitologias cananéia e babilônica, à criação e à manutenção do mundo em que podem viver os homens; outros textos do AT conservaram traços da vitória divina sobre as forças caóticas: — sobre o *Leviatan*, cf. Sl 74,14; 104,26; Jó 3,8; 26,13; — sobre o *Dragão*, cf. 51,9; Sl 74,13; Jó 7,12; Jr 51,34. *Leviatan* é chamado *Lotan* nos poemas de Ugarit (séc. XIV), onde se depara com os qualificativos de *serpente fugitiva* (cf. também Jó 26,13) e de *serpente tortuosa*. O *Dragão do mar* é imaginado como uma serpente gigante (Am 9,3) e o nome dele é ainda entre os árabes o da constelação do Dragão.

Esses símbolos do caos primordial podem ser ao mesmo tempo os das potências mundiais, em particular das potências que impõem o seu jugo a Israel (em Jó 40,25, *Leviatan* é o nome do crocodilo, que parece simbolizar ele mesmo o Egito, como o *Dragão* em Is 51,9 — cf. também o sentido dos *Animais* de Dn 7 e Ap 13; 17; 19,17-21). O estado atual do mundo é de certo modo um caos e o fim dos tempos aparece como a vitória definitiva de Deus sobre o caos; esta vitória reclama, portanto, uma criação nova (sobre o Dragão, cf. também Ap 12 e Ap 20-21).

contra Leviatã, a serpente fugitiva,
contra Leviatã, a serpente tortuosa,
ele matará o Dragão do mar.

O Senhor e sua vinha

26.1 ² Naquele dia, cantai a vinha deliciosa¹.

³ Eu, o SENHOR, sou o seu guarda,
a intervalos regulares eu a rego.

De medo que a invadam,
guardo-a noite e dia.

⁴ Não estou mais encolerizado:

5.6 se eu encontrar espinheiros e sarças,
combatarei contra eles

e os queimarei de vez.

26.1 ⁵ E aquele que me tomar como baluarte,
comigo fará a paz,

fará a paz comigo.

9.5.6
26.3.12

Exílio e perdão de Jacó

⁶ Nos tempos vindouros, Jacó deitará
raízes,

11.1: Israel florescerá e desabrochará,
Os 14.4-7 encherá o mundo com seus frutos^m.

⁷ Golpeou-os como golpeou os que os
golpeavam?

Massacraram-os como massacraram os
que os massacravam?

⁸ Seu processo consistiu em expugná-
los, exilá-los.

Levou-os embora com seu sopro
violento.

num dia de vento leste.

Ez 17.10

⁹ É assim que será apagado o crime de
Jacó,

e este será o fruto do perdão do seu
pecado:

ele tratará todas as pedras dos altares Dt 7.5
como a pedra de cal que se pulveriza;
os postes sagrados e os emblemas do solⁿ Lv 26.30
não se erguerão mais.

A cidade abandonada

¹⁰ A cidade fortificada ficará solitáriaⁿ, 25.2
pastagem aberta, abandonada como
um deserto.

Nela, o bezerro virá pastar,
nela se deitará e consumirá a ramagem. 5.17

¹¹ Quando os galhos estiverem secos,
serão quebrados,

mulheres virão atear fogo neles. 1.30-31;
10.17

Sim, este povo é sem discernimento:
por isso aquele que o fez não tem
piedade dele,
aquele que o formou não o agracia. 43.1.7

O grande retorno

¹² Naquele dia, o SENHOR procederá à
debulha 24.13

desde o curso do Rioⁿ

até a torrente do Egito.

E sois vós que sereis respigados
um por um, filhos de Israel.

¹³ Naquele dia, o grande shofarⁿ soará:
chegarão os que estavam perdidos na

1. Este canto da Vinha (vv. 2-5) responde ao da Cidade Forte (26.1-6, com uma introdução muito semelhante, seguida da evocação da proteção concedida pelo Senhor; cf. também os temas da fortificação e da paz). É interessante compará-lo com o de 5.1-7. Aqui, o Senhor rega sua vinha em todos os tempos (v. 3a), em vez de recusar-lhe os benefícios da chuva (5.6b); guarda-a sem cessar para impedir toda invasão que pudesse prejudicá-la (v. 3b), em vez de abrir uma brecha e deixá-la pisar (5.5b); arranca e queima os espinheiros e o matagal (v. 4) em vez de deixá-los crescer (5.6a). A chave desses contrastes é sem dúvida a expressão *Não estou mais encolerizado* (v. 4a), que se deve comparar com o anúncio solene do castigo em 5.52. A partir de agora, o Senhor não agirá mais contra o povo inteiro em razão da infidelidade deste ao direito e à justiça (5.7). Intervirá vigorosamente (combate e fogo, v. 4b) contra os pecadores da comunidade (espinheiros e matagal), mas aquele que aceitar a proteção de Deus contra os inimigos internos e externos e buscar a paz com ele conhecerá os benefícios da salvação (cf. a passagem do v. 5 ao v. 6, que evoca a prosperidade de Israel). Observou-se que a palavra traduzida aqui por *espinheiros* (v. 4) se parece com o nome de *Samaria*, ao passo que a palavra traduzida por *paz*, repetida duas vezes (v. 5), evoca *Jerusalém*.

m. O v. 6, onde Israel é comparado a uma árvore frutífera que traz frutos para todos, assegura a transição entre os vv. 4-5 (condições da salvação e da paz) e os vv. 7-11. Estes últimos lembram que o Senhor não agiu para com o seu povo como para com as nações pagãs e precisam que a erradicação da idolatria é ao mesmo tempo a condição e a consequência do perdão definitivo (cf. 17.8).

n. Objetos ligados ao culto dos ídolos (cf. 17.8 e nota).

o. O abandono desta cidade parece ligado ao tempo do exílio dos israelitas do Norte (cf. v. 8 referido no v. 6; v. 9 e nota; 7.25; Os 3.4-5) e não é definitivo: o lugar permanece habitado, torna-se um lugar de pastagem, mas não é entregue aos animais selvagens (como Babilônia em 13 ou Edom em 34). Antes que de Jerusalém, trata-se provavelmente de Samaria, à qual se aplicam as passagens do AT às quais o v. 11 parece aludir (*povo sem discernimento*: cf. Dt 32.6; Os 4.6; Jr 50.26; *aquele que o formou não o agracia*: cf. Os 1.6).

p. O Rio, i. é, o Eufrates.

q. O som do *shofar* (chifre de carneiro, trompa) é um sinal de convocação utilizado nos combates (Nm 10.2-10; Js 6.5; Jz 3.27; 6.34; 7.16; 1Sm 13.3; 2Sm 18.16; 20.1.22; Is 18.3; Jr 42.14; Am 2.2; Os 5.8) e para as reuniões litúrgicas (Ex 19.16.19; 20.18; Lv

terra de Assur
e os que tinham sido expulsos da
terra do Egito,
e se prosternarão diante do SENHOR,
na montanha santa, em Jerusalém.

Os 11,11

24,23; 25,6

28 Furacão sobre a Samaria

5,22

'Ai da coroa orgulhosa dos
bêbados de Efraim
e das flores murchas que constituem
o brilho do seu adorno
acima do vale fértil',
vós que estais tomados pelo vinho.

² Eis um poderoso guerreiro do SENHOR,
semelhante a uma tempestade de
granizo.

v.17

a uma tempestade devastadora,
a um furacão que faz transbordar as
águas impetuosas:
violentamente, ele deitará tudo por terra!.

³ Ela será calcada aos pés,

a orgulhosa coroa dos bêbados de
Efraim;

⁴ e as flores murchas que constituem o
brilho do seu adorno
acima do vale fértil

Os 9,10-11;

Mt 24,32

serão como um figo precoce,
amadurecido antes do verão;
alguém o percebe e, assim que o tem
na mão, o devora?'

Na 3,12

⁵ Naquele dia, o SENHOR de todo poder
será a coroa brilhante,

o diadema e o adorno do resto do
seu povo*.

4,2

37,31-36

⁶ Ele será o espírito de justiça para
aquele que senta para julgar,
a coragem dos que repelem* a
batalha para a porta.

11,2-5;

1,26;

32,16

Projetos de bêbados

⁷ Da mesma forma, sacerdotes e profetas
são desencaminhados pelo vinho*,
titubeiam sob o efeito de bebidas fortes,
a bebida os desencaminha, são
engolidos pelo vinho,

Mq 2,11

titubeiam sob o efeito de bebidas fortes,
desencaminham-se nas visões,
tropeçam ao proclamar as suas sentenças.

⁸ Todas as mesas estão cobertas de
vômitos infectos:
limpo não há um só lugar!

⁹ E eles dizem: "A quem, afinal, quer
ele ensinar?'

Jr 6,10

A quem quer explicar as suas revelações?
A crianças recém-desmamadas?

A bebês que acabam de largar o peito?

¹⁰ Ele repete: Şavlaşav, Şavlaşav,
qavlaqav, qavlaqav,

zeer sham, zeer sham*."

¹¹ Pois bem, é em linguagem
quebrantada",

é em língua estrangeira

33,19;

¹² que o SENHOR vai falar a esse povo,
ele que lhes havia dito:

1Cor 14,21

25,9; 2Sm 6,15; 1Rs 1,34-39,41; SI 47,6; 98,6; 150,3; JI 2,15).
Após a reunião dos israelitas que se encontram na terra (à qual
se dão aqui as suas fronteiras ideais, cf. Gn 15,18 etc.) e depois
de o Senhor separar os pagãos por uma debulha na eira (v.
12), o grande *shofar* convoca a Jerusalém todos os que estão
dispersos nas diversas nações (a Assíria e o Egito parecem ser
aqui os símbolos de uma diáspora muito mais extensa). O *shofar*
se tornará a trompa do juízo final (em uma segunda leitura deste
texto, cf. JI 2,1 e Sf 1,16), como a trombeta dos textos do NT:
Mt 24,31; 1Cor 15,22; ITs 4,16; Ap 11,15.

r. Esta descrição aplica-se à Samaria, cidade situada sobre
uma colina que domina uma região fértil (cf. Am 4,1 e os ostracos
encontrados em Samaria, nos quais se fala muitas vezes de azeite
e de vinho). O oráculo é anterior a 722 (cerco e tomada da cidade).

s. Trata-se do rei da Assíria, que veio fazer o cerco a Samaria
(724/723). Cf. 5,26-29; 8,4-7,8.

t. A violência da intervenção de Deus contra Samaria lembra
a de teofanias como Jz 5,4-5; Hab 3,3-10; SI 68,8-9.

u. Pelos seus excessos de vinho, Samaria deixou-se dominar
(Am 6,4-10; Os 7,5-7), tanto que o rei da Assíria só precisaria
colhê-la como um fruto maduro.

v. Os vv. 5 e 6 constituem um breve oráculo acrescentado ao

precedente, do qual invertem as perspectivas: a coroa de flores
murchas será um dia substituída pelo próprio Senhor.

w. De dentro ou de fora, conforme se trate dos que fazem o
cerco ou dos que o sofrem.

x. Passa-se aqui de Samaria para Jerusalém (cf. 5,11-12.
22-23), através da evocação do vinho (cf. já Os 4,18; 7,5), so-
bretudo o dos banquetes rituais que impedem sacerdotes e pro-
fetas de cumprir as suas verdadeiras funções, de estar atentos ao
que o Senhor ordena.

y. Ele designa aqui o próprio Isaías.

z. Só podemos reproduzir estas palavras, cujo conjunto não
forma uma frase coerente. Uma tentativa de tradução poderia
dar o seguinte: *Ordem sobre ordem, regra sobre regra, um pouco
por aqui, um pouco por ali*. Mas talvez se trate de um extrato de
silabário em uso para ensinar a ler, na parte referente a algumas
letras difíceis. Uma coisa não exclui a outra, e o v. precedente
confirma que os bebedores zombam do profeta comparando-o a
um professor... de jardim-de-infância.

a. Outra tradução possível: *linguagem de zombaria*. A ironia
dos bebedores vai voltar-se contra eles, e a língua estrangeira,
imitada no v. 13 nos mesmos termos que os do v. 10, será a do
invasor assírio.

"Eis o repouso, deixa repousar quem está esgotado,

eis a tranquilidade"^b,

30,9 mas eles não quiseram escutar.

¹³ Por isso a palavra do Senhor será para eles:

"Şavlaşav, Şavlaşav, qavlaqav, qavlaqav, zeer sham, zeer sham",

tanto que, ao caminhar, cairão para trás, quebrarão seus rins,

8,15 cairão na armadilha e serão capturados.

A aliança com a morte e a pedra angular

¹⁴ Ouvi, portanto, a palavra do SENHOR,

3,1-4 vós, os zombadores, que governais este povo em Jerusalém.

¹⁵ Dizeis: "Fizemos uma aliança com a Morte^c,

31,1 fizemos um pacto com o Sheol.

8,7-8 O flagelo desencadeado, quando sobrevier, não nos atingirá, pois fizemos da mentira um refúgio para nós,

30,10-12 e na duplicidade temos o nosso abrigo".

¹⁶ Todavia, assim fala o Senhor DEUS:

Eis que firmo em Sião uma pedra, uma pedra a toda prova^d,

SI 118,22 uma pedra angular preciosa,

1Cor 3,11 estabelecida para servir de fundação^e.

Rm 9,33; Quem nela se apoiar não será abalado.

1Pd 2,6 ¹⁷ Tomarei o direito como corda de medição,

1,27 e a justiça como prumo.

E o granizo varrerá o refúgio da mentira,

e as águas levarão embora o vosso abrigo.

¹⁸ Ela será apagada, vossa aliança com a Morte, vosso pacto com o Sheol não subsistirá. O flagelo desencadeado, ao passar, vos esmagará.

¹⁹ Toda vez que passar, vos retomará, pois repassará manhã após manhã, de dia e de noite; captar-lhe a mensagem^f será puro terror.

²⁰ A cama será curta demais para estender-se nela, o cobertor, estreito demais para envolver-se nele^g.

Não zombeis mais

²¹ Sim, o SENHOR, vai levantar-se como na montanha de Peraşim^h, rugirá como na planície de Guibeon, no momento de realizar sua obra, obra insólita, 29,14 no momento de fazer o seu trabalho, trabalho de estrangeiroⁱ.

²² E agora, não zombeis mais, para que as vossas correntes não se cerrem, pois fiquei sabendo do Senhor DEUS 21,10 de todo poder que a destruição da terra inteira está decidida. 10,22-23

Após lavrar, vem a sementeira

²³ Prestai atenção, ouvi-me! Estai atentos, ouvi a minha palavra.

b. O repouso, a tranquilidade fundamentam-se na confiança em Deus e na recusa de outros apoios, sempre falaciosos. cf. 7,4; 8,6; 30,15; 32,17; Js 1,15; 11,23; Jr 6,16; SI 95,11.

c. Talvez se trate da Morte como tal (com alusão à consulta dos mortos — cf. 8,19 —, cuja morada é mencionada no verso seguinte), ou ainda do deus cananeu da seca, que leva o mesmo nome (*Mot*). Contudo, há provavelmente uma alusão ao Egito (sua religião atribui uma grande importância a tudo o que diz respeito aos mortos), com o qual Ezequias e seus conselheiros fizeram aliança em 704/702 (e sem dúvida já em 716/715). O fim do v., onde a mentira (para com o soberano assírio) aparece como o fundamento da aliança questionada, parece confirmar tal alusão.

d. A palavra designa em egípcio uma variedade de granito. É provavelmente intencional a semelhança dela com a palavra hebr. que significa *provar*.

e. Ao mesmo tempo pedra angular e pedra de fundação, com uma alusão provável à estela dinástica de 6,13 (daí o sentido

messiânico que a passagem assumiu posteriormente, sobretudo com a leitura: *Eis que fui estabelecido em Sião como uma pedra escolhida...*) e talvez também ao Templo (cf. 8,13-14, embora a pedra ali seja o próprio Senhor, com uma função totalmente diversa). Esta pedra será o único apoio, e a *aliança com a morte* não conseguirá impedir a catástrofe.

f. Lit. o *ruído*. Efetivamente, a revelação profética é antes auditiva que visual.

g. Provavelmente, adágio de origem sapiencial. Fora do que é enunciado pelo oráculo precedente (vv. 14-19), tudo seria ilusório e não pode haver nem segurança nem repouso.

h. Entre Jerusalém e Bet-Leém: lugar de uma vitória obtida por David sobre os filisteus: cf. 2Sm 5,20.

i. *Guibeon*: 9km a noroeste de Jerusalém; lugar de outra vitória de David (2Sm 5,25; 1Cr 14,16), mas já da célebre vitória de Josué (Js 10). — *Trabalho de estrangeiro*: com efeito, o Senhor vai combater contra o seu povo, utilizando os assírios (cf. 5,12.19; 22,11).

²⁴ É acaso todo dia que o lavrador,
com vistas à semeadura¹.

lavra, cava e gradeia o seu solo?

²⁵ Não é verdade que ele aplaina a
superfície,

depois espalha a nigela e semeia o
cominho,

planta o trigo e a cevada^k,
e na margem, a espelta?

²⁶ Ora, é o seu Deus que lhe ensina a
regra a seguir e que o instrui.

Debulhar, não triturar

²⁷ A nigela não deve ser esmagada
com o trilho de debulhar^l,

e as rodas do carro não devem
passar sobre o cominho.

Mas é com o bastão que se debulha
a nigela

e com o manguai, o cominho.

²⁸ Por acaso o trigo é triturado?

Não, não é debulhado indefinidamente;
passam-lhe por cima as rodas do

carro e a parelha de animais,
mas não se tritura o trigo^m.

²⁹ Também isto vem do SENHOR de todo
poder,

que se mostra de maravilhoso
conselho

e de grande eficiênciaⁿ.

29 O cerco e a salvação de Jerusalém

¹ Ai de Ariel, ai de Ariel^o!

cidade contra a qual David acampou. 37,35

Que um ano se some a este

com todo o ciclo de festas,

² e eu apertarei Ariel:

ela não será senão lamentação e gemido,

ela será para mim como um *ariel*^p.

³ Como David^q, acamparei contra ti,

te cercarei de trincheiras,

montarei contra ti máquinas de assédio.

⁴ Abatida, tu falarás desde a terra,

tua palavra extenuada virá do pó,

tua voz, como a de um defunto,

subirá da terra

e do pó, tua palavra, como um assobio^r.

⁵ A multidão dos teus inimigos será 1,7:

como uma poeira fina,

a multidão dos tiranos como a palha 17,13-14

que voa...

E de repente, ⁶o SENHOR de todo

poder intervirá

no trovão, no abalo, num grande ruído,

no turbilhão, tempestade e chama de

fogo devorador^s.

⁷ Será então como um sonho, uma 30,27,30;

visão da noite, 66,15

para a multidão de todas as nações^t

que atacavam Ariel,

para todos os que combatiam contra ela. 37,36

j. Com vistas à semeadura: talvez indicação acrescentada para esclarecer o sentido dessa breve parábola. O Senhor que ensinou ao lavrador a ordem a seguir nos seus trabalhos, não vai lavar o seu povo indefinidamente: virá o tempo da semeadura (cf. Os 2,23-25). É difícil saber se a diversidade dos cereais enunciados no v. seguinte tem aqui um significado peculiar.

k. Duas outras palavras, não traduzidas, designam provavelmente outros cereais não-identificados, sendo que um é igualmente mencionado por uma inscrição aramaica do séc. VIII.

l. A superfície inferior do trilho de debulhar é guarnecida com pontas. Faz-se o trilho passar sobre as espigas para debulhá-las. Utiliza-se também o carro de rodas múltiplas. Ambos são puxados por uma parelha de animais que gira circularmente em uma eira, espetáculo ainda freqüente na Palestina de hoje.

m. A segunda parte desta parábola sobre os trabalhos agrícolas tem, pois, o mesmo sentido que o primeiro: há cereais que não se esmagam, mas que se debulham, outros que se esmagam, mas sem tritura-los. Todas essas regras vêm do Senhor, que sabe também como agir com o seu povo.

n. Palavra difícil de traduzir, e que indica a eficácia, o sucesso (Jó 5,12; 12,16 etc.).

o. A palavra *Ariel*, que designa aqui a cidade de Jerusalém, é difícil de interpretar. Segundo as etimologias que se lhe atribuem, pode significar: — cidade de Deus (mais exatamente,

"cidade de El", assim como Jerusalém significa "cidade de Shalém", sendo Shalém uma divindade cananéia, cf. Gn 14,18), e este sentido seria confirmado pela palavra *cidade* que lhe é apostas; — ou *leão de Deus* (por causa da residência de David e dos seus descendentes, cf. Gn 49,8-10; Am 1,2); — ou *montanha de Deus*. Segundo Ez 43,15-16, a palavra designa também a lareira do altar, o lugar onde queimavam as vítimas oferecidas, e é certamente este o sentido que convém ao final do v. 2. O oráculo joga sem dúvida com este sentido e com um dos sentidos acima sugeridos, que convém melhor aos três empregos da palavra. — David acampou contra Jerusalém no momento de apoderar-se dela (2Sm 5,6-9).

p. Lareira ou fonalha para as vítimas, cf. nota do v. precedente. Cf. 30,33 e 31,9, que evocam provavelmente a mesma coisa com termos diferentes.

q. Segundo o gr.; hebr. como um círculo (em círculo, em todo o circuito).

r. Jerusalém será humilhada a ponto de ser identificada a um fantasma falando do meio do pó, cf. 2,11,17; 8,19.

s. Cf. 9,17 e nota.

t. Aqui como no v. seguinte, trata-se do exército de Senaquerib da Assíria, em 701. A intervenção repentina do Senhor fará com que a situação descrita pelos vv. 1-5 já não passe, para os autores do cerco, de um sonho sem efeito, cf. 31,4-5; 36-37.

investiam contra ela e a apertavam.

⁸ Será como um esfomeado que sonha estar comendo e acorda com o estômago vazio, ou como um sedento que sonha estar bebendo e acorda esgotado com a garganta seca. Assim será com a multidão de todas as nações que atacavam a montanha de Sião.

... mas não entendeis nada

⁹ Pasmai-vos e ficai pasmos, cegai-vos e ficai cegos",
51,21 ficai bêbados, mas não de vinho, titubeai, mas não sob o efeito da bebida,

¹⁰ pois o SENHOR derramou sobre vós um espírito de torpor, fechou os vossos olhos — os profetas*, cobriu as vossas cabeças — os videntes.

¹¹ A revelação* de tudo isso é para vós como as palavras de um documento lacrado* que se dá a quem sabe ler, dizendo: "Lê isto"; ele responde: "Não posso, pois o documento está lacrado".

¹² O documento é então dado a quem não sabe ler, dizendo: "Lê isto", e ele responde: "Não sei ler".

¹³ O Senhor diz: Este povo só se aproxima de mim com palavras, só os seus lábios me rendem glória, mas o seu coração está longe de mim. O temor que ele me demonstra não passa de preceito humano, lição aprendida.

¹⁴ Por isso vou continuar a prodigalizá-lo

com prodígios, tanto que a sabedoria dos sábios se perderá*
e o entendimento dos entendidos sumirá. 1Cor 1,19

Os papéis invertidos

¹⁵ Ai dos que agem disfarçadamente para esconder ao SENHOR os seus projetos*.

Tramam na sombra Jo 3,19-20
e dizem: "Quem nos vê?
quem nos observa?" Jô 34,21-22

¹⁶ Que inversão!

Toma-se o oleiro pela argila?

A obra dirá do obreiro:

"Ele não me fez"?

O vaso dirá do oleiro:

"De nada entende"?

¹⁷ Não falta só pouco tempo, para o Líbano se transformar em vergel, enquanto o vergel valerá uma floresta*? 32,15

¹⁸ Naquele dia, os surdos escutarão a leitura do livro* Mt 11,5p

e, saindo da escuridão e das trevas, os olhos dos cegos enxergarão.

¹⁹ Cada vez mais, os humildes alegrar-se-ão no SENHOR e os pobres exultarão por causa do Santo de Israel, 41,17; Mt 5,3-4

²⁰ pois será o fim dos tiranos, os zombadores serão aniquilados, e todos os que espreguiçam para fazer o mal 28,14,22

serão exterminados:

²¹ assim, os que fazem condenar alguém com as suas palavras, 10,1-2

u. Cf. 6,9-10, que se encontra aqui realizado, e 6,10 nota.

v. Provavelmente glosa, como o indica a construção inesperada. O mesmo mais adiante para os *videntes*. Essas glosas aplicam aos profetas e ao povo de Jerusalém o que provavelmente dizia respeito inicialmente aos assírios obrigados a levantar o cerco; cf. a ligação com o v. 8. Cf. 2Rs 6,18.

w. Lit. *a visão*. Este v. e o seguinte estão ligados às palavras *profeta* e *vidente* do v. 10.

x. O rolo de papiro ou a tabuinha de argila em que era registrado um contrato eram selados e não podiam ser revelados em quaisquer condições, sob pena de perderem o seu valor jurídico. Por esse motivo, um documento não selado era anexado ao primeiro, permitindo conhecer-lhe o conteúdo, cf. Jr 32,9-14.

y. Depois da incapacidade dos profetas e dos videntes, aqui objetos a dos sábios (cf. 5,21 etc.), cujos desígnios tenebrosos são objetos dos vv. 15-16.

z. Trata-se provavelmente da aliança com o Egito, da qual já

se falou em 28,15 e que constituirá objeto do início do cap. 30.

a. Mesmo que se reconheça de bom grado nos vv. 17-20 a mão de um discípulo (cf. notadamente as semelhanças com 35,2; 41,18; 51,3), sem dúvida há que admitir que este utilizou o conteúdo dos vv. 20-21 e as passagens anotadas à margem destes vv. A idéia de que o Senhor vai efetivamente inverter a seu modo os papéis que os sábios quiseram arrogar-se corresponde aliás a um procedimento bem característico de Isaías, cf. 28,9-13. Haverá ao mesmo tempo alusão a uma devastação do Líbano que não teria atingido o Carmelo (a palavra hebr. *karmel* significa *vergel*)? Este foi provavelmente o caso da devastação de 677/676, quando do esmagamento de Sídón revoltada, pelo rei da Assíria, Asaradon, no tempo do rei Manassés de Judá, depois da morte de Isaías, ao que parece.

b. Cf. vv. 11-12 e também 6,10; 35,5; 42,16-19; 43,8. Trata-se antes da cura da surdez espiritual que de curas miraculosas, se bem que estas possam ser o sinal daquela.

os que armam ciladas nos debates^c do tribunal

5,23 e relegam o inocente ao Abismo^d.

Ao final, compreenderão

²² Eis por que, assim fala o SENHOR, o Deus da casa de Jacó, ele que resgatou Abraão^e:

45,17 a partir de agora, Jacó não será mais decepcionado,

seu rosto não empalidecerá mais,

5,12 ²³ pois vendo o que eu fiz no meio deles — seus filhos^f —,

8,13 eles santificarão o meu nome,

49,26 santificarão o Santo de Jacó, tremerão diante do Deus de Israel.

v. 18 ²⁴ Os espíritos desencaminhados descobrirão o entendimento e os recalcitrantes aprenderão a instrução.

30 O Egito, refúgio ilusório

1,2; Ez 2,5 ¹ Ai dos filhos rebeldes

— oráculo do SENHOR.

5,21; 28,15 29,15 Eles realizam planos que não são os meus,

fazem tratados^g contrários ao meu espírito,

1,4 acumulando assim pecado sobre pecado.

² Descem ao Egito sem consultar a minha boca, vão buscar segurança na fortaleza de Faraó,

refugiar-se na sombra do Egito.

31,1; 36,6

³ A fortaleza de Faraó se converterá em vossa vergonha, e o refúgio à sombra do Egito, em vossa confusão.

20,5

⁴ Já os nossos chefes estão em Tânis^h, os embaixadores chegaram a Hanêsⁱ.

⁵ Serão todos decepcionados por um povo que será inútil para eles, que não lhes trará nenhuma ajuda, nenhuma utilidade, senão para sua vergonha e até para sua infâmia.

v. 3

⁶ Proclamação:

os animais do Négueb

Na terra da aflição, da angústia e da aridez^k,

8,22

da leoa e do leão,

da víbora e do dragão voador^l,

sobre o dorso dos jumentos, sobre a corcova dos camelos,

eles trazem as suas riquezas, trazem seus tesouros^m

a um povo que lhes será inútil.

⁷ O auxílio do Egito será vento e vazio, razão pela qual o chamo de Rahab, a imóvelⁿ.

⁸ Vai agora, escreve isto diante deles numa tabuinha, em dois exemplares^o, e seja isto para o futuro um testemunho perene.

Jr 36,2; Hab 2,2

8,1-2,16

c. Lit. *ao juiz*, ou talvez *àquele que se defende*, já que a mesma palavra pode designar aquele que defende e aquele que pronuncia a sentença. De qualquer forma, trata-se de falso testemunho contra um inocente.

d. É uma das palavras que descrevem o estado da terra antes da criação em Gn 1,2.

e. Única menção a esse patriarca na 1ª parte do livro. Reencontramo-lo em 41,8; 51,2; 63,16, ao passo que se fala dos *resgatados do Senhor* em 35,10 e 51,11. O midrash *Gênesis Rabá* (cap. 38) menciona uma tradição segundo a qual Abraão, perseguido pelos seus próximos, teria sido *salvo* pelos caldeus.

f. Provavelmente glória; cf. 49,21; 54,1.

g. Lit. *eles derramam a libação*, referência aos ritos que acompanhavam a conclusão de uma aliança, ou *eles fundem a estela*, destinada a tornar-se o testemunho da aliança. Já se falou destas tratativas em vista de um entendimento com o Egito, que se situam entre 713 e 702 (cf. 18,2; 20,6; 28,15); voltaremos a encontrá-las no começo do cap. 31.

h. Cf. 19,11 e a nota. Cidade próxima à fronteira.

i. *Hanês*, provavelmente Heracleópolis (em egípcio, *Henenussten*, em copta *Hnes*), situada um pouco mais de 100 km ao sul do Cairo. Parece que a embaixada parou em Tânis, en-

quanto mensageiros iam avisar a corte em Hanês, de acordo com um procedimento descrito por certos textos egípcios. Essas tratativas humilhantes não servirão para nada e terão até consequências nefastas, inversas às que eram esperadas (v. 5).

j. Região desértica do sul da Palestina (cf. 21,1). É preciso atravessar parte dela para ir ao Egito.

k. E *da aridez*, segundo o principal ms. de Qumran.

l. Cf. 6,2 e nota; 14,29.

m. Trata-se do tributo destinado ao Egito para obter o seu apoio.

n. *Rahab*, nome sinônimo do Egito (cf. Sl 87,4); designa ao mesmo tempo um monstro mitológico (Sl 89,11; Jó 9,13; 26,12; cf. Is 27,1 e nota; 51,9, que evocam também o Egito). O verbo correspondente significa *agitar-se*, *assaltar*, razão pela qual a expressão *Rahab*, a imóvel, — sugerindo talvez a imagem do crocodilo — exprime um contraste intencional.

o. Lit. *escreve-o sobre uma tabuinha, grava-o em um documento*. Não se trata de uma simples repetição da ordem dada, mas sim dos dois exemplares (um dos quais selado) que dão ao escrito valor jurídico, nitidamente sublinhado na 2ª parte do v. (cf. 29,11 e nota). O conteúdo da tabuinha é provavelmente o oráculo que precede (vv. 6-7) e que poderá assim ser verificado quando os acontecimentos ocorrerem (em 701).

Eles não querem enxergar

- ⁹ É um povo revoltado,
 1.4 são filhos embusteiros,
 que não querem escutar a instrução
 do SENHOR.
- 29.10 ¹⁰ Dizem aos videntes: "Não enxergueis",
 6.9 e aos profetas^p: "Não nos profetizeis
 coisas justas,
 Jr 11,21; dizei-nos coisas agradáveis,
 Am 2,12 profetizai ilusões.
 2Tm 4,3
- ¹¹ Desviai-vos do caminho,
 Jb 21,14 afastai-vos da senda;
 1.4 tirai da nossa frente^a o Santo de Israel".
- ¹² Ora, eis o que diz o Santo de Israel:
 Então, vós rejeitais esta palavra,
 Sl 62,11 depositais confiança na opressão,
 28,15 e a fraude é o vosso apoio.
- ¹³ Por isso este pecado será para vós
 como uma fenda que se cava numa
 alta muralha:
 produz-se uma saliência e,
 Ez 13,14 subitamente, ela desmorona.
- ¹⁴ Da mesma forma se quebra a jarra
 Jr 19,11 do oleiro
 em pequenos pedaços, sem piedade,
 e não se encontraria nos seus escombros
 um caco para apanhar fogo da lareira
 ou para tirar água do charco.

Uma fuga desvairada

- ¹⁵ Pois assim fala o Senhor DEUS, o
 Santo de Israel:
 Vossa salvação está na conversão e
 28.12 no repouso,
 7.4; 8,6 vossa força está na calma e na confiança,
 Mt 23,37 mas não quereis.
- ¹⁶ Vós dizeis: "Não! Fugiremos a cavalo",
 22.3 pois bem, fugireis.
 "Apanharemos carros rápidos",
 pois bem, vossos perseguidores serão
 rápidos.
- ¹⁷ Mil e um^r estarão sob a ameaça de
 Dt 32,20 um só.

Sob a ameaça de cinco, vos poreis
 em fuga,
 até não serdes mais que um sinal no
 cume de uma montanha,
 um estandarte sobre uma colina.

11.10

Não mais lágrimas

- ¹⁸ Contudo o SENHOR espera o momento
 de vos agraciar.
 Ele vai levantar-se para manifestar a
 sua misericórdia,
 pois o SENHOR é um Deus justo^b:
 felizes todos os que nele esperam¹. Pr 16,20
- ¹⁹ Sim, povo de Sião, que habitas em
 37,35 Jerusalém,
 tu não chorarás mais. 12.1;
 Quando gritares, ele te agraciará. 25,8
- Tão logo ele tiver ouvido, responderá. 65,24
- ²⁰ Ele vos dará pão na aflição,
 água na opressão, Jb 2,23
 aquele que deverá instruir não se Jr 31,34
 esconderá mais
 e teus olhos o verão.
- ²¹ Teus ouvidos ouvirão a voz que dirá
 atrás de ti,
 quando tiveres de ir para a direita ou
 para a esquerda^a:
 "Este é o caminho, tomai-o".
- ²² Terás por profanos o folheado de prata
 das tuas imagens talhadas
 e o revestimento de ouro dos teus
 ídolos fundidos.
 Tu as jogarás fora como um pano de 2.20; 27.9
 menstruação
 e lhes dirás: Fora daqui!

Água em abundância

- ²³ Ele te dará a chuva para a semente
 que tiveres semeado na terra;
 o alimento que a terra produzirá
 será abundante e succulento. Lv 26,3-5
- Naquele dia, teus rebanhos poderão
 pastar

p. Lit. *visionários*, palavra praticamente sinônima da que acima traduzimos por *videntes*.

q. Lit. *façei cessar*.

r. Passagem obscura. Significa provavelmente mais de mil, a menos que se deva compreender *um milheiro*.

s. Observe-se que a justiça de que se trata consiste em conceder graça e misericórdia. Ao mesmo tempo em que ela designa

a ação de um Deus juiz (cf. 5.16), exprime a benevolência dele para com o seu povo (cf. Os 2.21; Sl 36.6-7; 48.10-12; 88.12-13 etc.).

t. Fórmula litúrgica de bem-aventurança, cf. Sl 1.1; 2.12; 32.1-2; 33.12; 40.5 etc.; Is 56.2.

u. Outra tradução possível: *quando desviares para a direita ou para a esquerda*.

em vastas pastagens.

²⁴ Os bois e os jumentos que trabalham a terra
comerão forragem salgada*,
jocirada a pá e forçado.

²⁵ Em cada alta montanha, em toda colina elevada,
haverá cursos d'água abundantes*
no dia do grande massacre,
quando ruírem por terra as torres.

²⁶ A luz da lua será como o sol,

9.1 e a luz do sol será multiplicada por sete^a
— como a luz de sete dias —
quando o SENHOR pensará as chagas
do seu povo
e tratará das feridas que sofreu.

1.6;
Os 6.1

10.5-19 **O fogo do Senhor contra a Assíria**

²⁷ Eis que vem de longe o nome^b do
SENHOR,
sua cólera é ardente, esmagadora,
seus lábios transbordam de indignação,
sua língua é como um fogo devorador.

10.17;
29.6

²⁸ Seu sopro é como uma torrente que
transborda
e sobe até o pescoço.
Ele vai passar as nações pelo crivo
destruidor
e enfiar nas queixadas dos povos um
freio que os transvie*.

37.29

²⁹ Cantareis como na noite em que se
celebra a festa*,
tereis o coração alegre.

como o que caminha ao som da flauta,
que vai para a montanha do SENHOR,
para o rochedo de Israel.

³⁰ O SENHOR fará ouvir sua voz majestosa^b, si 29.4
ver-se-á o seu braço se abater,
na violência da sua ira,
na chama de um fogo devorador, 10.17; 29.6
numa tempestade de chuva e de granizo. 28.2

³¹ A Assíria será aterrorizada pela voz
do SENHOR
que a ferirá com a vara. 10.24-26

³² Todo golpe de bastão que lhe der o
SENHOR
será acompanhado pelos tamborins e
as harpas
e, agitando a mão^c, ele combaterá
contra ela. 14.24-27

³³ A fogueira^d está preparada de antemão
— preparada também para o rei*.
A pira é funda e ampla,
o fogo e a lenha abundantes^f.
O sopro do SENHOR, qual torrente de
enxofre,
lhe ateará fogo. Gn 19.24;
Ez 38.22

31 Que é o Egito?

¹ Ai dos que descem ao Egito 18.2;
para ali buscar ajuda. 29.15;
30.1-7
Confiam em cavalos,
confiam nos carros de guerra por
serem numerosos,
nos cavaleiros por serem fortes, 36.9
mas não têm um olhar para o Santo 5.12.24;
de Israel, não buscam o SENHOR. 22.11

v. Trata-se de uma forragem especialmente preparada e muito apreciada pelo gado. Um provérbio árabe diz que a forragem doce é o pão dos camelos, mas que a forragem salgada é a sobremesa deles.

w. Imagem audaciosa, provavelmente destinada a mostrar como os trabalhadores de irrigação substituirão os trabalhos de defesa (torres desmoronadas, símbolo de orgulho, cf. 2.12-15; 26.5).

x. Em outros textos, ao contrário, o sol e a lua perdem luminosidade: assim em 24.23 (que emprega para designar os dois astros os mesmos termos que aqui); 13.10; Jl 2.10.

y. O nome; designativo do próprio Senhor, cf. Dt 12.5; 1Rs 8.29 etc.

z. Estas imagens lembram as das grandes teofanias, cf. 28.2 e nota. A evocação da perdição dos inimigos por parte do Senhor remete a um tema bem-conhecido: cf. 29.7 e nota; 2Rs 6.18-20.

a. A grande festa de outono (cf. Sl 81; 84; 122; 1Rs 8.2.65; Ez 45.25) ou talvez a Páscoa: ambas comportam uma celebração noturna.

b. O trovão, como no v. seguinte.

c. Lit. e em combates de agitação (da mão), cf. 11.15 e 19.16, onde esta expressão indica que o Senhor combate diretamente contra os inimigos do seu povo. Os instrumentos de música mencionados são os das festividades (5.12; 24.8; Gn 31.27; Jô 21.12) e do louvor (2Sm 6.5; Sl 81.3; 149.3; 150.3-4), mais do que os que acompanham os combates. O tamborim está ligado aos mais antigos cantos de vitória (cf. Ex 15.20; Jz 11.34).

d. Esta *fogueira* é provavelmente preparada em uma cova circular. A mesma palavra designa um lugar próximo a Jerusalém, o *rfet*, onde as fogueiras serviam para sacrifícios humanos: cf. 2Rs 23.10 e nota; Jr 7.31; 19.6.13.

e. O rei da Assíria; mas sem mudar as consoantes, poder-se-ia ler aqui *para o Môlek*, divindade à qual são sacrificados seres humanos, cf. Lv 18.21; 20.2-5; 2Rs 23.10. Todavia, a divindade parece ocupar aqui o lugar da vítima.

f. O fogo e a madeira: talvez se jogasse combustível aceso no fundo da cova, debaixo da madeira. Comparado a uma torrente de enxofre, o fogo do Senhor é mais destruidor do que purificador.

- 28,21 ² No entanto, também ele é hábil*: ele pode fazer vir a desgraça. Ele não retira o que disse^h. Ele se levanta contra o partido dos maus e contra os malfetoresⁱ chamados em socorro.
- 10,1; 29,20 ³ O egípcio é um homem, e não um deus, seus cavalos são carne, e não espírito^j. Quando o SENHOR estender a mão, o protetor^k tropeçará e o protegido cairá: os dois, juntos, serão aniquilados.
- Sl 146,3 **O Senhor protegerá Jerusalém**
- 1,28; 10,18; 29,20 ⁴ Assim me falou o SENHOR: Quando rosna o leão ou o leãozinho sobre sua presa, em despeito da multidão dos pastores^l chamados contra ele, não fica apavorado pelos seus gritos nem se intimida pela sua algazarra. É assim que o SENHOR de todo poder descerá sobre a montanha de Sião, sobre a sua colina, para ali fazer a guerra^m.
- Os 5,14; Am 1,2; 3,8 ⁵ Assim como os pássaros desdobram as suas asas, o SENHOR de todo poder protegerá Jerusalém.
- Dt 32,11; Sl 91,4 ⁶ Ele protegerá e libertará, ele pouparáⁿ e salvará.
- 37,35 ⁶ Voltai para aquele de quem radicalmente vos afastastes,
- ó filhos de Israel.
- ⁷ Naquele dia, cada um rejeitará seus ídolos de prata e seus ídolos de ouro, os que vossas mãos culpadas^o fabricaram.
- 2,20 ⁸ A Assíria cairá debaixo de uma espada que não é de homem, não é uma espada humana que a devorará. Ela fugirá diante da espada e seus jovens guerreiros serão submetidos à corveia.
- 27,1; 34,5-6 ⁹ Seu rochedo^p irá embora, assustado, e diante do estandarte^q, seus chefes ficarão consternados — oráculo do SENHOR, cujo fogo^r está em Sião, e a fornalha, em Jerusalém.
- 30,17 **32 Um reino ideal**
- ¹Então o rei há de reinar segundo a justiça, os chefes governarão segundo o direito.
- 9,6; 11,4; Jr 23,5-6 ² Cada um deles será como um refúgio contra o vento, um abrigo contra o temporal, serão como cursos d'água em lugar árido, como a sombra de um grande rochedo em terra cansada.
- 1,21-27; 28,6; 16,4; 25,4 ³ Os olhos dos que vêem^s não serão mais fechados, os ouvidos dos que ouvem estão atentos.

g. Lit. *sábio*, como pretendem sê-lo os conselheiros de Faraó (19,11-12) e os que, em Judá, favorecem a aliança egípcia (29,14-15).

h. Os oráculos anteriores de Isaías sobre o assunto conservam todo o seu valor.

i. Talvez gente que se entregava a práticas mágicas, cf. Sl 56,6; 6,9; 14,4; 28,3; 36,13; 53,5 etc.

j. Observe-se a relação estabelecida entre *homem* e a *carne*, de um lado, entre *divindade* e *espírito*, de outro. O homem sem Deus ou contra ele está reduzido à impotência.

k. O Egito, que será derrotado em 701 em Elteqê, aproximadamente 40km a oeste de Jerusalém.

l. Os assírios e seus aliados, cf. 22,6; 36,2. Os reis e chefes de exército são por vezes chamados *pastores* (cf. Jr 6,3; 12,10).

m. Não é o Egito, mas sim o Senhor que protegerá Jerusalém assaltada pelos assírios (em 701), cf. 29,5-8; 36-37.

n. Verbo do qual deriva a designação de *Páscoa*. Só o encontramos com este sentido no ritual pascal de Ex 12,13.23.27. Seu emprego nesta passagem é, portanto, muito significativo: as mesmas imagens são empregadas aqui e lá a propósito da ação de Deus em favor do seu povo e contra os seus inimigos.

o. Lit. *que vossas mãos fizeram para vós, pecado*. Este v.,

bem semelhante a 2,20 e introduzido da mesma forma (cf. também 17,7-8 e 30,22), é geralmente considerado como um acréscimo.

p. Provavelmente trata-se do rei da Assíria (a palavra corresponde à de *chefes* no estíquio paralelo; encontramos outrossim em 32,1-2 o rei e os chefes comparados a um rochedo). Através do rei, talvez se vise ao deus *Assur*, pois este deus levava entre outros o título de *Grande Montanha*.

q. Palavra frequente no livro (10 empregos sobre 21 em todo o AT). Trata-se de um sinal de convocação que o Senhor dirige às nações para que entrem em guerra sob as suas ordens (5,26; 13,2; 18,3) ou contribuam para reunir o seu povo disperso (11,10.12; 49,22; 62,10). Normalmente sinal de guerra (33,23), ele parece, pelo menos uma vez, destinado a reunir os fugitivos (30,17). Será este o caso, aqui, e tratar-se-á de um sinal de retirada dos assírios? Será o estandarte vitorioso do Senhor?

r. O termo empregado aqui evoca talvez *Ariel*, que designa Jerusalém em 29,1-2 (com o sentido de *lareira*, pelo menos no fim de 29,2, cf. nota sobre este v.). Pode-se também aproximar o *fogo* do Senhor em Sião da *lâmpada* que aparece como símbolo da dinastia de David em Jerusalém (cf. 1Rs 11,36 etc.).

s. Lit. *dos videntes*, cf. 30,10, onde esta palavra está em para-

- ⁴ Os precipitados refletirão para compreender,
28,10-11 e a língua dos que gaguejam falará com rapidez e distintamente.
- ⁵ Não se chamará mais ao insensato de magnânimo⁴,
5,20 nem se dirá mais ao espertalhão que ele é generoso.
- Pr 15,2 ⁶ "O insensato, com efeito, profere tolices e no seu coração medita o mal: ele age como ímpio e dirige ao SENHOR blasfêmias, deixa o esfomeado com o estômago vazio e deixa sem bebida o que tem sede.
- Mt 25,12 ⁷ E o espertalhão, suas manobras são criminosas:
Mq 2,1 ele trama maquinacões para deitar a perder os infelizes com declarações falsas, no momento em que a pobre gente defende a sua causa.
- 29,20-21 ⁸ Mas aquele que é magnânimo tem nobres intenções e só empreende nobres ações.
- Gemereis, vós, as despreocupadas...**
- 3,16-24; ⁹ Mulheres indolentes, levantai-vos, escutai-me!
- Am 6,1 Filhas despreocupadas, prestai atenção ao que vou dizer:
- ¹⁰ Dentro de um ano completo⁵, gemereis, vós as despreocupadas, pois a vindima estará terminada⁶ e não haverá mais colheita⁷.
- ¹¹ Tremeci, vós, as indolentes, estremecei, vós, as despreocupadas, abandonai vossas vestes, despi-vos, cingi uma tanga sobre vossos rins⁸. 20,2; Mq 1,8
- ¹² Gemeu, batendo ao peito⁹, sobre os campos ridentes e sobre as vinhas fecundas, 16,9; 28,1
- ¹³ sobre a terra do meu povo onde crescem sarça e espinhos, sobre todas as casas alegres da cidade em exultação¹⁰. 5,6; 7,23-25; 22,2
- ¹⁴ O palácio está abandonado, a cidade tumultuosa está abandonada. O Ófel¹¹ com a torre de vigia servirá como cavernas para sempre, para a alegria dos jumentos selvagens e para a provisão dos rebanhos... 24,10-11; 7,25
- A paz será o fruto da justiça**
- ¹⁵ ...até que do alto, o espírito seja derramado sobre nós. Ez 37,9-10; At 2,17; Jl 3,1-2
- Então o deserto se tornará um vergel, e o vergel valerá uma floresta¹².
- ¹⁶ O direito habitará no deserto e no vergel se estabelecerá a justiça. v. 1
- ¹⁷ A obra da justiça será a paz: o empenho da justiça, calma e segurança para sempre. 9,6; Sl 72,2-3; Tg 3,18; 30,15; 33,15-16
- ¹⁸ Meu povo se estabelecerá em um remanso de paz, em moradias seguras, tranquilos lugares de repouso 28,12; Jr 23,6
- ¹⁹ — mas a floresta desmoronará sob o granizo e a cidade cairá muito baixo¹³. 10,33-34; 30,30

lelo com uma outra, do mesmo sentido, que 29,10 aproxima de *profetas*. Os que ouvem são provavelmente os ouvintes dos profetas. Temos aqui o contrário do que era anunciado em 6,10.

t. Ou *nobre*, com os dois sentidos que este termo pode ter. *Magnânimo* remete igualmente à riqueza e à distinção.

u. Os vv. 6-8 constituem um comentário do v. 5, no estilo sapiencial; caracterizam sucessivamente o insensato, o espertalhão e o magnânimo.

v. Lit. *Dentro de um ano e alguns dias*. Cf. 29,1.

w. Ou *esgotada*, *supressa* (o sentido seria então talvez: nem vindima, nem colheita), mas a oposição dos tempos verbais (hebr.) neste dístico recomenda antes a tradução proposta.

x. A colheita da qual se trata aqui se realiza no outono, no ano novo, segundo o calendário da época (cf. Ex 23,16; 34,22), mais ou menos no tempo das vindimas.

y. Rito de luto, cf. 15,3; 22,12; 37,1-2; Jr 4,8; 6,26 etc., como o mencionado no v. seguinte. Ver a apóstrofe às mulheres de Jerusalém e a descrição das cativas que elas vão se tornar (3,24).

z. Lit. *os seios*. É o gesto de duas das quatro carpideiras representadas à cabeceira do sarcófago do rei Ahirâm de Biblos, contemporâneo de David.

a. Alusão às festas (cf. 33,20), e notadamente à grande festa de outono, evocada no v. 10 (cf. Ex 23,16; 34,22, citada a propósito deste v.).

b. Local da antiga Sião, na parte sul da colina oriental (ao sul do Templo). Cf. 2Cr 27,3 e nota; Jr 3,26-27 e nota.

c. Jogo de assonância entre *seja derramado* (*ye'areh*) e *floresta* (*yaf'ar*). Observou-se a identidade das últimas palavras deste v. com as de 29,17. Aqui, porém, é o deserto que se torna um vergel (tema que se reencontrará em 35,1-2; cf. 6; 41,18-19; 43,19-20; 51,3), e o *espírito* faz em toda parte nascer e progredir a vida. Em 29,17, ao contrário, a floresta do Líbano é reduzida ao estado de vergel.

d. Este v. é provavelmente um acréscimo, de resto difícil de interpretar. Ele joga com a semelhança entre *a cidade* (*ha'ir*) do v. 14 e *a floresta* (*hayya'ar*) do v. 15 (cf. a nota), e cada um dos

- 30,18 ²⁰ Felizes sereis vós:
semeareis em toda parte onde houver
água,
7,25 deixareis soltos sem entrave o boi e
o jumento.

33 Quem devasta será devastado

- 21,2: ¹ Ai de ti que devastas e não foste
devastado,
que insidias e não foste insidiado.
Quando terminares de devastar,
16,4: Jr 30,16; Hab 2,8
devastarão a ti,
quando acabares de insidiar,
insidiarão a ti.

- ² SENHOR, tem piedade de nós! Nós
esperamos em ti^f.

- 30,18-19 Sê a nossa força^a, cada manhã,
e a nossa libertação no tempo da aflição.

- ³ Ao barulho do trovão, os povos fogem,
quando tu te levantas, as nações se
dispersam.

- 17,13: Nm 10,35; SI 68,2
9,2 ⁴ O despojo se amontoa como se
amontoam os gafanhotos,
a gente se precipita sobre ele como
se precipitam os saltões.

- 2,11-17 ⁵ O SENHOR é exaltado,

- pois reside sobre as alturas, v. 16
ele enche Sião de direito e de justiça. 1,27; 32,1
⁶ A segurança dos teus dias serão as
riquezas da salvação.
A sabedoria, o conhecimento e o 11,2;
temor do SENHOR; Pr 2,4
este será o teu tesouro^b.

Desolação e fogo

- ⁷ Eis: os de Ariel¹ soltam gritos nas ruas,
os mensageiros de paz choram
amargamente.

- ⁸ Os caminhos estão desertos,
não há mais viandantes nas estradas. Jz 5,6
A aliança está rompida, as cidades, 24,5
rejeitadas¹,
ninguém mais vale nada.

- ⁹ A terra está de luto, languesce. 24,4
O Líbano empalidece, murcha.
O Sharon torna-se como a Arabá⁴.
O Bashan e o Carmelo se desguamecem¹.

- ¹⁰ Agora, diz o SENHOR, vou levantar-me, SI 12,6
agora, vou erguer-me,
agora, vou ser exaltado.

- ¹¹ Vós concebeis feno e dais à luz palha, 26,18; 59,4;
vosso sopro é o fogo que vos devorará. SI 7,15
10,16

estíquios é completado por um outro jogo de assonância. Será uma alusão à *casa da floresta* (cf. 1Rs 7,2) mencionada com a *cidade de David* (em 22,8-9), na linha do oráculo precedente (32,9-14)? Ou, ao contrário, a floresta evoca aqui o inimigo assírio (como em 10,18-19)? Mas acontece também que ela seja o símbolo do povo, como em 9,17-18; cf. 7,2.

e. Esta ameaça, que contrasta com a bem-aventurança do v. precedente, provavelmente diz respeito à Assíria (como em 10,5), contra a qual a situação se voltará (cf. 10,24-26; 30,31-32). Os vv. 18-19 o confirmam: evocação da opressão (cf. 10,27) e da língua assíria (cf. 28,11-12).

f. Este v. é uma invocação litúrgica (cf. p. ex. SI 67,2 e 123,3; Is 25,9 e SI 33,22; Is 12,2-3; 25,9; 26,1; SI 46,2; e 68,20) para que se realize a ameaça do v. 1. É provavelmente a introdução de uma *liturgia*, cujo conteúdo se estende ao conjunto do cap. e onde a invocação inicial é seguida de uma celebração da manifestação de Deus em Sião (vv. 2-6), em seguida de uma lamentação (vv. 7-9), de uma descrição da intervenção do Senhor com a imagem do fogo (vv. 10-13) que opera a purificação de Jerusalém (vv. 14-16), do canto da libertação (vv. 17-21) e finalmente de uma conclusão (vv. 22-24) que lembra o início (vv. 2-6). Isto recorda o cap. 26. Cf. também Hab 3.

g. Lit. a *força deles*. A mudança de pessoa é bastante frequente na poesia dos salmos. A mesma palavra designa o braço.

h. Outra tradução possível: *O Senhor será a segurança dos teus dias* (lit. dos teus tempos). As riquezas da salvação serão a sabedoria e o conhecimento do Senhor. O temor do Senhor será o teu tesouro (lit. o teu tesouro: nova mudança de pessoas, cf. v. 2 e nota).

i. Esta tradução supõe a correção das vogais do texto masorético, que não oferece sentido satisfatório. Em lugar de *os de Ariel*, contudo, poder-se-ia ler, com o Targum, várias versões gr. e o principal ms. de Qumran: *eu me farei ver por eles*, porém é difícil ligar esta leitura com o contexto. Ao contrário, *os de Ariel* (nome de Jerusalém em 29,1-2,7) se explica muito bem neste cap., onde Sião é mencionada nos vv. 5,14.20 e Jerusalém nos vv. 20 e 24.

j. Lit. *Ele rompeu a aliança, desprezou as cidades*. Pode-se ler, também, com o principal ms. de Qumran, *as testemunhas* (da aliança) em vez de *as cidades*. Será a aliança de que se trata aqui a de Deus com o seu povo, ou de um tratado passado feito com o inimigo que ameaça agora Jerusalém? Quem tomou a iniciativa de romper esta aliança? Deus? O rei de Judá? O inimigo?

k. O *Sharon* é a planície fértil que se estende ao longo da costa do Mediterrâneo entre o Carmelo e Jafa (cf. 35,2; 65,10; Js 12,18; 1Cr 27,29; Ct 2,1). A *Arabá* é a grande depressão que vai desde o vale do Jordão até o Mar Vermelho, mais especialmente a parte desértica dessa depressão, entre o mar Morto e o golfo de Ácaba. Assim, a região mais fértil da Palestina se torna como a mais árida (cf. fim do v.).

l. Depois do Líbano, o *Bashan* (região da Transjordânia situada entre a planície de Damasco e o *Jarmuc*, reputada pelos seus carvalhos — cf. 2,13 — e seu gado — cf. Am 4,1; SI 22,13; Ez 39,18) e o *Carmelo* são citados aqui como as montanhas mais arborizadas do país (cf. Na 1,4, e para a *montanha de Bashan*, SI 68,16). Talvez sejam também os lugares pelos quais passou o exército inimigo (para o Líbano, em 701, cf. 37,24).

¹² Os povos serão queimados na cal^m.

10,17 serão como espinheiros cortados que pegam fogo.

49,1 ¹³ Ouvei, vós que estais longe, o que eu fiz:

vós que estais próximos, sabeis qual é o meu poder.

Quem escapará ao julgamento?

¹⁴ Em Sião, os pecadores estão apavorados, um tremor toma conta dos ímpios.

Quem dentre nós conseguirá agüentar^m? É um fogo devorador.

30,27;
Dt 9,3

Quem dentre nós conseguirá agüentar? É uma fornalha sem fim.

¹⁵ Aquele que se conduz segundo a justiça, que fala sem subterfúgio, que recusa um lucro obtido pela violência,

1,23; 5,23; SI 15,5 que sacode as mãos para não aceitar um presente,

que tapa os ouvidos para não escutar palavras homicidas.

1,10-16 que fecha os olhos para não ver o que é mau.

Ab 3 ¹⁶ Este residirá nas alturas, os rochedos fortificados^m serão o seu refúgio,

30,20; 32,6 o pão lhe será fornecido, a água lhe será assegurada.

Jerusalém libertada

¹⁷ Teus olhos contemplarão o rei na sua beleza,

SI 45,3
Ez 28,12
26,15

verão a terra estendendo-se ao longe.

37,1-6 ¹⁸ Sonharás com aquilo que te aterrorizava: Onde está aquele que inspecionava? Onde está aquele que controlava?

Onde está o inspetor das fortificações^m?

¹⁹ Não verás mais o povo arrogante, o povo de língua impenetrável, de linguagem ridícula e incompreensível.

28,11

²⁰ Contempla Sião, a cidade das nossas solenidades,

30,29;
SI 122,1-4

teus olhos verão Jerusalém, território tranqüilo,

32,18;
SI 46,6

tenda que não se desmontará mais, cujas estacas não serão nunca mais arrancadas,

cujas cordas não serão mais levadas embora.

54,2

²¹ É lá que o SENHOR será para nós magnífico

12,6

será uma região de largos rios e de vastos canais,

Ez 47,1-12;
SI 46,5

mas nenhuma embarcação a remo passará por ela,

o navio magnífico não a atravessará⁹.

Nm 24,24

²² — Sim, o SENHOR é nosso juiz, ele é nosso legislador.

2,4;
SI 50,6

O SENHOR é nosso rei,

6,5;
SI 93,1

é ele que nos liberta.

v. 2; 12,2;
25,9

²³ Tuas cordas estão frouxas, elas não sustentam mais o mastro,

não se desdobra o estandarte.

18,3; 30,17

Então, repartir-se-á o produto do saque, em quantidade,

v. 4; 9,2

os próprios coxos se apoderarão do despojo.

²⁴ Nenhum habitante dirá mais: "Estou doente".

O povo que habita Jerusalém será absolvido do seu pecado.

Mq 7,18-19

34 O julgamento da terra^r

¹ Aproximai-vos, nações,

m. Outra tradução possível: *Os povos serão fornos de cal* (uns para os outros, cf. 9,17-20 e também 1,31).

n. Lit. *Quem dentre nós conseguirá morar?* Os vv. 14-16 constituem uma unidade literária, cuja estrutura é comparável à dos SI 15 e 24,3-6 (cf. também SI 34,13-15). Nos SI 15 e 24, trata-se das condições de acesso à montanha santa do Templo de Jerusalém. Ocorre o mesmo aqui (*em Sião*), e o *fogo devorador* é desta vez (diversamente do v. 11) o símbolo da presença do Senhor (cf. 4,5; 31,9), que vai manifestar-se contra os ímpios.

o. Outra tradução possível: *as fortalezas nas rochedos*. Pode-se tratar ou de rochedos que servem como fortificações, ou de fortificações construídas sobre os rochedos. As duas palavras deram seu nome a duas fortalezas: Seli dos edomitas (2Rs 14,7; cf. Petra) e Massada.

p. Lit. *aquele que conta as torres*. Temos a mesma expressão em SI 48,13 (*contai as suas torres*), também aí a propósito de Sião; mas aqui não há nada que evoque uma procissão. Os funcionários podem ser os que eram empregados pelo ocupante assírio (cf. 10,24,27) ou os que é era preciso fazer intervir para organizar a defesa da cidade sitiada (o que remeteria notadamente para a situação de 701, cf. 22,8-11; 36,12; 2Cr 32,1-7).

q. Estes navios são provavelmente o símbolo das potências estrangeiras (os países atravessados por grandes rios, como o Egito e a Mesopotâmia, e talvez também os fenícios).

r. Os caps. 34-35, por vezes denominado o *pequeno apocalipse de Isaias* (cf. *grande apocalipse de Isaias* em 24-27), descrevem os últimos combates travados pelo Senhor contra as nações, particularmente contra Edom, e a vitória definitiva de Israel em

para escutar*,
ó povos, prestai atenção.
Que a terra escute, com tudo o que
ela contém,
o mundo, com tudo o que dele procede.

30,27-28 ² A cólera do SENHOR se dirige contra
todas as nações,

24,21 seu furor contra todo o seu exército.
Ele as destina ao interdito*,
ele as entrega ao massacre.

³ Seus mortos serão jogados em desordem,
dos cadáveres deles subirá o fedor,
e das montanhas escorrerá seu sangue.

24,23 ⁴ Todo o exército dos céus se decomporá*,
os céus serão enrolados como um
documento*,
e todo o seu exército cairá,
como caem as folhas da vinha
e as da figueira.

O grande massacre na terra de Edom

⁵ Minha espada, diz o SENHOR, está
embriagada nos céus*.
Eis que ela se abate sobre Edom*,
sobre o povo que destinei ao interdito.
⁶ A espada do SENHOR está cheia de sangue,
saciada de gordura,
do sangue dos cordeiros e dos bodes,

da gordura dos rins de carneiros
pois há para o SENHOR um sacrifício
em Bozrá*,
um grande massacre* na terra de Edom.

⁷ Ao mesmo tempo, cairão os búfalos,
os touros e os garanhões*:
a sua terra se embriagará de sangue,
seu pó ficará cevado de gordura.

⁸ É para o SENHOR um dia de vingança,
é o ano do ajuste de contas no litígio
com Sião*.

⁹ As torrentes de Edom vão ser
mudadas em pez,
e o pó em enxofre*.

Essa terra se transformará em pez ardente,

¹⁰ que não se extingue nem de noite,
nem de dia,

sua fumaça subindo sem parar:
de idade em idade ela ficará deserta,
nunca mais se passará por ela.

¹¹ Ali será o domínio do mocho e do
ouriço,
a coruja e o corvo ali habitarão.
O Senhor fará passar por ela a corda
do vazio
com o prumo do caos*.

¹² Ali os nobres não mais proclamarão
um rei,

Jerusalém. O conjunto é de data recente, oriundo provavelmente da escola isaiana, à qual se devem também os caps. 56-66. A parte central do cap. 34 é constituída por um oráculo contra Edom (vv. 5-15), que se fez preceder de um breve poema de alcance universal (vv. 1-4); a mesma construção encontra-se em 24,7-13, precedido de 24,1-6.

s. O preâmbulo é no estilo das convocações solenes para o juízo que encabeçam muitos oráculos proféticos (1,2; 41,1; 49,1; Mq 1,2); mas aqui os povos são convocados somente para ouvir uma condenação à morte sem apelação.

t. O interdito é uma prática da guerra santa, que remonta a uma antiguidade imemorial, cf. Js 6,17 nota. As outras nações conhecem esta prática; assim, a Assíria, segundo 37,11, cf. também 11,15.

u. O exército dos céus, chamado também o exército do alto (cf. 24,21); este primeiro verso do v. 4 falta no gr.; o principal ms. de Qumran tem em lugar dele: e os vales se racharão e todo o exército dos céus se decomporá.

v. Os céus são comparados a um rolo de livro. A comparação dos céus com uma veste é uma variante desta imagem: Sl 102,26-27; Hb 1,10-12.

w. A espada do Senhor (cf. 27,1; 66,16) é aqui personificada, como em Ez 21,13-22, cf. Gn 3,24; Jr 12,12; 46,10.

x. Edom, no sudeste do mar Morto, cf. Gn 25,30. Este povo, que foi por muito tempo vassalo do reino de Judá, aproveitara a situação por ocasião da ruína de Jerusalém em 587, e numerosos oráculos o censuram amargamente por isso: 63,1-6; Jr 49,7-

Lv 3,4

Ap 14,11

Sf 2,14;
Sl 102,7

2Rs 21,13

Gn 36,
31-43

22; Ez 25,12-14; 35; Jl 4,19; Ab; Ml 1,3-5; Sl 137,7; Lm 4,21-22. Este povo irmão tornou-se assim o inimigo número um e até, no contexto do cap. 34, o protótipo das nações inimigas.

y. Bozrá, hoje Buseirá, localizada aproximadamente 35km a sudeste do mar Morto, capital de Edom na época dos reis; cf. 63,1; Am 1,12; Jr 49,13,22.

z. Esse massacre é apresentado como um sacrifício: cf. Jr 46,10; Ez 39,17-20; Sf 1,7. Aqui, a imagem é ilustrada por um jogo com duas palavras significando respectivamente *massacre* e *sacrifício*, e que são idênticas, exceto uma consoante; cf. v. 2 e nota.

a. Os garanhões: a palavra significa também os guerreiros, como a palavra bodes do v. 6 pode significar chefes. O sacrifício estende-se a todas as categorias de animais domésticos, o que indica a extensão do massacre da população.

b. A imagem de Deus que vem vingar o seu povo e dar o devido troco a seus inimigos se reencontra a propósito de Edom em 35,4; 63,4, cf. também 59,18; 61,2; 66,6; Jr 50,28; 51,6,11.

c. Castigo radical que lembra o de Sodoma e de Gomorra (cf. 1,9-10; Gn 19,23-29; Dt 29,22), ilustrado pelo aspecto desolado das margens do mar Morto. Poder-se-á ver no fogo que não se apagará (v. 10) uma das raízes bíblicas da imagem do castigo eterno? A partir de agora, a terra será definitivamente inabitável: somente os animais selvagens e os demônios o frequentarão, cf. 13,20-22; 14,23; 23,13.

d. O cordel e o prumo são os instrumentos do construtor (cf. Zc 1,16), mas aqui o cordel do vazio (*tôhu*) e o prumo do caos

todos os chefes terão desaparecido.

- 25,2 ¹³ Nas suas fortalezas crescerão espinhos, nas suas fortificações, urtigas e cardos. Ali será o covil dos chacais, o ninho das avestruzes.

¹⁴ Os gatos selvagens encontrarão ali as hienas,

- 13,21-22 os sátiros* ali gritarão um para o outro. E ali também se instalará Lilit^f: lá ela encontrará o repouso.

¹⁵ É ali que a serpente fará seu ninho, porá e chocará seus ovos e fará sair os filhotes sob a sua proteção. Lá também se reunirão os abutres, cada um com o seu companheiro.

A propósito dos abutres*

- 29,18; Ap 20,12 ¹⁶ Procurai no livro do SENHOR e lede: "Nenhum dentre eles faltará, nenhum se inquietará pelo seu companheiro,

1,20 pois foi a boca do SENHOR que deu a ordem, foi seu espírito que os reuniu.

¹⁷ Ele mesmo lançou a sorte para cada um deles e a sua mão repartiu a terra com o cordel.

Para sempre eles a possuirão, ali morarão de geração em geração".

35 A estrada do Senhor no deserto regenerado^b

- 41,18-19 ¹ Que rejubilem, o deserto e a terra árida,

que a estepe exulte e floresça,

- ² que ela se cubra de flores dos campos, ^{Ct 2,1} que ela salte e dance e grite de alegria!

A glória do Líbano lhe é dada, o esplendor do Carmelo e do Sharon¹, e se verá a glória do SENHOR, ^{40,5; Ex 16,10} o esplendor do nosso Deus.

- ³ Fortalecei as mãos fatigadas, ^{40,29-30} firmai os joelhos cambaleantes.

⁴ Dizei àqueles que estão conturbados: Sede fortes, não tenhais medo. ^{7,2-4;} Eis o vosso Deus:

é a vingança que vem, ^{34,8;} a retribuição de Deus. Ele mesmo vem salvar-vos. ^{40,10}

- ⁵ Então, os olhos dos cegos enxergarão e os ouvidos dos surdos se abrirão. ^{29,18}

⁶ Então, o coxo saltará como um cervo e a boca do mudo gritará de alegria. ^{Mt 11,5} Águas hão de jorrar no deserto, ^{32,3-4} torrentes na estepe. ^{43,20; 44,3}

⁷ A terra ardente se mudará em lago, a região da sede, em fontes brotando. ^{41,18} No covil em que mora o chacal, ^{34,11-15} a erva se tornará junco e papiro.

⁸ Lá haverá uma estrada, um caminho, ^{11,16; 43,19; 49,11} caminho sagrado chamá-lo-ão¹.

O impuro não passará por ele — pois o próprio SENHOR abrirá o caminho⁴ —

e os insensatos¹ nele não vaguearão.

- ⁹ Ali não se encontrará leão, nenhum animal feroz entrará nele — ali não serão encontrados.

(*bôhu*) são destinados à destruição (cf. 28,17). Cabe lembrar que as palavras *îôhu* e *bôhu* descrevem, em Gn 1,2, o estado do mundo antes da criação.

e. Cf. 13,21 nota.

f. *Lilit*, demônio feminino conhecido na Mesopotâmia sob o nome de *lilitu*, provavelmente demônio da tempestade. Na Palestina, sem dúvida ela se tornara um espectro da noite, devido à semelhança do seu nome com a palavra que significa *noite* (*laylâ*); um indicio neste sentido é, entre outros, a ortografia do principal ms. de Qumran.

g. Este surpreendente comentário a propósito dos abutres (vv. 16-17) é tirado do livro *do Senhor*, indubitavelmente uma coleção de oráculos de Isafas, coincidindo em parte com o livro atual, no qual, porém, não se encontra o conteúdo destes dois vv. Pensou-se em um final hoje desaparecido do cap. 13, em razão da semelhança acentuada entre 13,20-22 (final atual) e 34,11-15 (comentado aqui pelos vv. 16-17). Esta destruição definitiva de Edom é sem dúvida a obra do Senhor, que a anunciou de antemão. O profeta apresenta a

inversão da situação de maneira sugestiva: com a mesma ordem que presidira outrora a partilha da terra, o Senhor a repartirá entre os animais selvagens.

h. Este capítulo é, ao mesmo tempo, a continuação e a antítese do anterior: à desolação de Edom e das nações, opõe-se a transformação extraordinária do deserto sírio, pelo qual vão passar os israelitas libertados, na volta do Exílio. É o tema fundamental que reencontraremos no Segundo Isafas (caps. 40-55).

i. Cf. 33,9 notas: a glória e o esplendor dessas regiões se manifestam nas suas florestas e na sua abundante vegetação.

j. O *caminho sagrado* é assim chamado porque o próprio Deus passa por ele com os seus, cf. 40,3; 62,10-12.

k. Outra tradução possível, embora mais incerta: *este será para eles o caminho a seguir*. O caminho da volta é apresentado aqui como o itinerário de uma procissão solene a Jerusalém (v. 10), na qual o próprio Senhor toma parte e da qual são excluídos os que não têm as disposições requeridas para a participação litúrgica (cf. 52,1), cf. Lv e a legislação referente aos *impuros*.

l. Aqui, provavelmente os ídólatras.

27.13 ¹⁰ Caminharão por ele os redimidos;
 30.29; chegarão a Sião com gritos de alegria;
 61.3 em seus rostos, alegria sem limite!
 Júbilo e alegria virão ao encontro deles,
 tristeza e lamentação fugirão.

51.11
 SI 30.12
 Ap 21.4

36 Ameaça de Senaquerib da Assíria contra Jerusalém^m.

¹No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, subiu contra todas as cidades fortificadas de Judá, apoderando-se delas. ²O rei da Assíria enviou seu ajudante de campoⁿ de Lakishⁿ a Jerusalém, ao rei Ezequias, com um exército imponente. Ele se postou perto do canal do reservatório superior, na estrada do campo do Pisoeiroⁿ. ³O chefe do palácio, Eliaqim, filho de Hilkiah, o secretário Shebnáⁿ e o arauto, Ioah, filho de Asaf, saíram ao seu encontro. ⁴O ajudante de campo lhes disse: "Dizei a Ezequias: Assim fala o Grande Rei, o rei da Assíria: Qual é esta confiança na qual descansas? ⁵Tu disseste: 'Basta uma palavra para encontrar conselho e força na guerra!' Em quem então puseste a tua confiança para revoltar-te contra mim? ⁶Eis que puseste a tua confiança no apoio deste caniço quebrado, Egito, que penetra e perfura a mão de todo aquele que nele se apóia: tal é o Faraó, rei do Egito, para todos os que nele depositam a sua confiança. ⁷Tu me dizes: 'É no SENHOR, nosso Deus, que depositamos a nossa confiança'. Mas não eram dele os lugares altos e altares que Ezequias fez desaparecer, dizendo a Judá e a Jerusalém: 'É diante deste altar, em Jerusalém, que vos prosternareis'? ⁸Lança, pois, um desafio ao meu senhor, o rei da Assíria, e te darei dois mil cavalos se conseguires

arranjar para ti cavaleiros para montá-los! ⁹Como serias capaz de repelir mesmo a um simples governador, o menor dos servos do meu senhor, tu que puseste a tua confiança no Egito por carros e cavaleiros? ¹⁰De resto, por acaso, é sem o assentimento do SENHOR que eu subo contra esta terra para destruí-la? Foi o SENHOR que me disse: Sobe contra esta terra e a destrói".

¹¹Eliaqim, Shebná e Ioah disseram ao ajudante de campo: "Por favor, fala a teus servos em aramaico, pois entendemos essa língua; mas não nos fales em língua iehudita aos ouvidos do povo que está sobre a muralha". ¹²O ajudante de campo respondeu: "Por acaso foi ao teu senhor e a ti que o meu senhor me enviou para dizer estas palavras? Não foi aos homens sentados sobre a muralha e que estão reduzidos como vós a comer seus próprios excrementos e a beber a sua urina?" ¹³O ajudante de campo ficou de pé e gritou com voz forte em língua de Judá; ele disse: "Escutai as palavras do Grande Rei, do rei da Assíria. ¹⁴Assim fala o rei: Que Ezequias não vos engane, pois ele não é capaz de libertar-vos. ¹⁵Que Ezequias não vos persuada a pordes a vossa confiança no SENHOR, dizendo: 'Com certeza o SENHOR nos libertará, esta cidade não será entregue às mãos do rei da Assíria'. ¹⁶Não escuteis Ezequias, pois assim fala o rei da Assíria: Ligai-vos por amizade a mim, rendei-vos a mim, e cada um de vós comerá os frutos da sua vinha e da sua figueira e beberá água da sua cisterna, ¹⁷aguardando que eu venha apagar-vos para levar-vos a uma terra como a vossa, uma terra de trigo e de vinho novo, uma terra de pão e de vinhedos'. ¹⁸Que Ezequias não vos engane dizendo:

^m m. Encontramos nos caps. 36-39 o texto mais ou menos integral de 2Rs 18.13-20.19 — ao qual se há de reportar, particularmente no que tange às notas —, com exceção de 2Rs 18.14-16 (delegação e tributo de Ezequias ao rei da Assíria) e acrescentando-lhe Is 38.9-20 (oração de Ezequias, doente e depois curado). As diferenças mais significativas, já assinaladas pelas notas de 2Rs, serão lembradas nas notas que seguem.

ⁿ n. Cf. 2Rs 18.17 e nota. Encontramos aqui um único dos três dignitários mencionados.

o. Cf. 2Rs 18.14 e nota.

p. Cf. 7.3 e nota.

q. Vê-se aqui que Shebná não ocupa mais a sua antiga função, ocupada por Eliaqim (cf. 22.15-23), e que ele tem um posto menos importante. A sua queda não é completa, portanto.

r. 2Rs 18.32 acrescenta: *uma terra de oliveiras com óleo fresco e de mel, e assim vivereis e não haveis de morrer.*

“O SENHOR nos libertará”. Por acaso os deuses das nações foram capazes de libertar sua própria terra das mãos do rei da Assíria? ¹⁹Onde estão eles, os deuses de Hamat e de Arpad? Onde estão, os deuses de Sefarvaim? Por acaso libertaram Samaria das minhas mãos? ²⁰Qual de todos os deuses dessas terras foi capaz de libertar sua terra das minhas mãos, para que o SENHOR seja capaz de libertar Jerusalém das minhas mãos?” ²¹O povo manteve-se em silêncio e não lhe respondeu uma só palavra, pois a ordem do rei era: “Não lhe respondereis”.

²²O chefe do palácio, Eliaqim, filho de Hilqiahu, o secretário Shebná e o arauto Ioah, filho de Asaf, voltaram a Ezequias, com as vestes rasgadas, e lhe referiram as palavras do ajudante de campo.

37 ¹Quando o rei Ezequias os ouviu, rasgou suas vestes, vestiu-se de saco e dirigiu-se à Casa do SENHOR. ²Em seguida, enviou o chefe do palácio Eliaqim, o secretário Shebná e os mais avançados em idade dentre os sacerdotes, todos vestidos de saco, ao encontro do profeta Isaías, filho de Amôš, ³para dizer-lhe: “Assim fala Ezequias: Este dia é um dia de aflição, de castigo e de vergonha! Filhos apresentam-se à saída do seio materno, mas não há força para dar à luz. ⁴Talvez o SENHOR teu Deus ouça as palavras do ajudante de campo que o senhor dele, o rei da Assíria, enviou para insultar o Deus Vivo, e o castigue pelas palavras que o SENHOR, teu Deus, tiver ouvido. Faze subir a ele uma oração em favor do resto que subsiste”.

⁵Os servos do rei Ezequias chegaram a Isaías, ⁶que lhes disse: “Falareis assim ao vosso senhor: Assim fala o SENHOR: Não tenhas medo das palavras que ouviste e com as quais os servos do rei da Assíria me ultrajaram. ⁷Eis o que vou soprar-lhe: com base em uma notícia que

receberá, ele voltará para a sua terra. Eu o farei cair pela espada em sua própria terra”.

⁸O ajudante de campo voltou para encontrar o rei da Assíria, que combatia contra Libná. Soubera, com efeito, que o rei havia partido de Lakish ⁹após receber, acerca de Tirhaqa, rei de Kush, a seguinte notícia: “Ele se pôs a campo para te atacar”.

Nova ameaça do rei da Assíria contra Jerusalém.

O rei da Assíria tinha recebido a notícia¹ e enviado mensageiros a Ezequias, instruindo-lhes: ¹⁰“Falareis assim a Ezequias, rei de Judá: Que o teu Deus, no qual depositas a tua confiança, não te engane dizendo: ‘Jerusalém não será entregue às mãos do rei da Assíria’”. ¹¹Tu mesmo soubeste o que os reis da Assíria fizeram a todas as terras que votaram ao interdito. E tu serias libertado? ¹²Por acaso os deuses das nações que meus pais destruíram libertaram Gozan, Harran, Résef e os filhos de Éden que estavam em Telasar?” ¹³Onde estão o rei de Hamat, o rei de Arpad, o rei de Lair, de Sefarvaim, de Hená e de Ivá?”

¹⁴Ezequias apanhou a carta das mãos dos mensageiros, leu-a, subiu à Casa do SENHOR e desenrolou a carta diante do SENHOR. ¹⁵Orou ao SENHOR dizendo: ¹⁶“SENHOR de todo poder, Deus de Israel, tu que estás sentado sobre os querubins, tu és o único Deus de todos os reinos da terra. Foste tu que fizeste o céu e a terra. ¹⁷Dá ouvidos, SENHOR, e escuta! Abre os olhos, SENHOR, e vê! Ouve todas as palavras de Senaquerib, que mandou insultar o Deus Vivo. ¹⁸É verdade, SENHOR, que os reis da Assíria devastaram todas as nações e as suas terras”. ¹⁹Entregaram ao fogo os seus deuses — mas esses deuses não eram Deus; não eram senão obra de mão

s. 2Rs 18,34 (cf. as notas) menciona além disso Hená e Ivá, que reencontraremos em 37,13. Para Hamat e Arpad, cf. 10,9 e notas. Para Sefarvaim, cf. 2Rs 17,24.

t. 2Rs 19,9 traz novamente, assinalando simplesmente que se trata de uma segunda delegação assíria, enquanto Is a relaciona

com a aproximação de Tirhaqa.

u. Cf. 2Rs 19,12 e nota.

v. Cf. 36,19 e nota; 2Rs 18,34 e 19,13 e notas.

w. Lit. *todas as terras e sua terra*. Texto corrigido segundo 2Rs 19,17.

humana, madeira e pedra — e os reis da Assíria os destruíram. ²⁸Mas tu, SENHOR nosso Deus, salva-nos das mãos dele, e todos os reinos da terra saberão que só tu és o SENHOR”.

Intervenção do profeta Isaías ²¹Isaías,

filho de Amôz, mandou dizer a Ezequias: “Assim fala o SENHOR, Deus de Israel, ao qual dirigiste a tua oração acerca de

^{38,5} Senaquerib, rei da Assíria: ²²Eis a palavra que o SENHOR pronuncia contra ele*:

Ela te despreza, ela zomba de ti, a virgem, a filha de Sião.

ela meneia a cabeça pelas tuas costas, a filha de Jerusalém.

²³ A quem insultaste e ultrajaste?

^{10,12} Contra quem levantaste a voz e ergueste tão alto os teus olhares?

Contra o Santo de Israel!

²⁴ Através dos teus mensageiros, insultaste o Senhor.

Disseste: “Com a multidão dos meus carros,

^{33,9; 35,2} eu subi ao cume das montanhas, aos recantos inacessíveis do Líbano,

^{2,13} para cortar a mata dos seus cedros, os mais belos dos seus ciprestes,

e atingir o seu mais alto refúgio, a floresta, seu vergel.

^{29,17; 32,15} ²⁵ Cavei e bebi águas^y,

^{11,15; Na 1,4; 2R 19,24} sequei, sob a planta dos meus pés, todos os canais do Egito”.

²⁸ Não sabes que há muito tempo eu fiz este projeto,

que desde os tempos antigos eu o formei?

Agora, tu o realizo:

Cabe a ti reduzir a um monte de pedras

as cidades fortificadas.

²⁷ Seus habitantes têm a mão curta, estão consternados, confundidos,

^{33,8-9} são como a erva dos campos e a verdura da relva,

como as plantas que crescem sobre os telhados

e no campo^z.

antes da maturação.

²⁸ Quando te sentas, quando saís, quando entras, eu o sei,

SI 139,2

e também quando tremes de raiva contra mim.

²⁹ Por teres tremido de raiva contra mim e por ter a tua arrogância chegado

aos meus ouvidos, enfiarei uma argola no teu nariz

e um freio nos teus lábios:

30,28;
Ez 38,4
v. 7

eu te reconduzirei pelo caminho pelo qual vieste.

³⁰ Isto te servirá de sinal:

neste ano, comer-se-á o rebrotado, no ano seguinte, o que crescer por si

mesmo,

mas no terceiro ano,

semeai, ceifai, plantai vinhas,

e comei seus frutos.

³¹ O que escapou da casa de Judá, o que foi deixado,

lançará novamente raízes em profundidade

11,1

e, no alto, produzirá frutos,

³² pois de Jerusalém sairá um resto, e da montanha de Sião, sobreviventes.

v. 4; 10,21

O ciúme do SENHOR de todo poder fará isto.

9,6

³³ Eis por que assim fala o SENHOR acerca do rei da Assíria:

Ele não entrará nesta cidade,

33,20

não lhe arremessará flechas,

não a atacará com escudos,

não levantará aterros contra ela.

³⁴ O caminho que ele tomou, retomá-lo-á, v. 7 nesta cidade ele não entrará —

oráculo do SENHOR.

³⁵ Eu protegerei esta cidade e a salvarei por causa de mim e por causa do meu servo David”.

30,19;
31,5

29,1

³⁶ O anjo do SENHOR saiu^a e feriu no acampamento dos assírios cento e oiten-

x. Para a subdivisão do poema que segue (vv. 22-35), cf. 2Rs 19, 21 e nota, levando em conta a defasagem de um v. entre os dois textos; teremos, portanto, aqui: vv. 22-23; 24-25; 26-29; 30-32; 33-34. y. O principal ms. de Qumran e 2Rs 19,24: *águas estrangeiras*.

z. Em vez de *campo*, o texto de 2Rs 19,26 traz uma palavra parecida, que designa o trigo atingido pela ferrugem. A palavra do texto de Is parece aqui mais adequada ao contexto.

a. 2Rs 19,35 especifica: *naquela noite*. Is 37,36 omite esta

2Rs 19,35 ta e cinco mil homens. De manhã, ao despertar, eram todos cadáveres, mortos! ²⁷Senaquerib, rei da Assíria, levantou acampamento: voltou a Nínive, onde permaneceu. ²⁸Ora, como se prosternasse no templo de Nisrok, seu deus, seus filhos Adramêlck e Sarêser o feriram à espada e fugiram para a terra de Ararat. Seu filho Asarodon reinou no seu lugar.

38 Doença e cura de Ezequias. ¹Naqueles dias, Ezequias foi atingido por uma doença mortal. O profeta Isaías, filho de Amôš, veio vê-lo e lhe disse: “Assim fala o SENHOR: Dá ordens à tua casa, pois vais morrer, não sobreviverás”. ²Ezequias virou o rosto para a parede e orou ao SENHOR. ³Disse ele: “Ah! SENHOR, digna-te lembrar-te de que caminhei na tua presença com lealdade e de coração íntegro, e que fiz o que é bom a teus olhos”. Ezequias derramou abundantes lágrimas. ⁴A palavra do SENHOR veio a Isaías^b: ⁵“Vai e dize a Ezequias: Assim fala o SENHOR, o Deus de David, teu pai: Ouvi a tua oração e vi tuas lágrimas. Vou acrescentar quinze anos ao número dos teus dias”. ⁶Eu te libertarei, assim como esta cidade, das mãos do rei da Assíria. Eu protegerei esta cidade^d. ⁷E eis para ti, da parte do SENHOR, o sinal de que o SENHOR fará o que disse: ⁸Sobre os degraus de Acáz, vou fazer recuar a sombra que já desceu: ela retrocederá dez graus”. E

o sol voltou a subir, nos degraus, dez degraus que já descera.

Oração de Ezequias

⁹Poema^a de Ezequias, rei de Judá, quando esteve doente e sobreviveu à doença.

¹⁰Eu disse: no melhor tempo da minha vida,

tenho de partir.

Estou destinado às portas do Sheol, ¹⁶ 17.11-13
pelo resto dos meus anos,

¹¹Eu disse: não verei mais o SENHOR na terra dos vivos.

Não poderei mais ver um rosto humano,

entre os habitantes do lugar terminal^f. ^{Ec} 1 9.5-6

¹²Minha vida^a é arrebatada e levada para longe de mim

como uma tenda de pastor.

Como um tecelão,

eu chego ao fim do rolo da minha vida,

e os fios da teia são cortados. ^{J6} 7.6;

Do dia para a noite, ^{J6} 14.2

terás acabado comigo. ^{Sl} 90.5-6

¹³Antes do despontar da manhã, serei reduzido a nada^b.

Como o leão, ele triturou todos os meus ossos. ^{31,4;}

Do dia para a noite, ^{J6} 10.16

terás acabado comigo. ^{Sl} 51.10

¹⁴Como a andorinha ou o passarinhoⁱ, eu pio,

eu arrulho como a pomba. ^{59,11;}

^{Ez} 10.16;

^{Na} 2,8

indicação, que porém é confirmada pela sequência do relato: *de manhã quando se levantaram...*

b. O texto de 2Rs 20.4-5 comporta aqui esclarecimentos destinados a enfatizar a coincidência entre a oração de Ezequias (v. 3) e o novo oráculo dirigido a Isaías.

c. O texto deste v. é muito mais breve que o de 2Rs 20.5 (cf. nota). Falta sobretudo a promessa de que Ezequias poderá subir ao Templo dentro de três dias.

d. 2Rs 20.7-8 tem aqui o que se encontra num texto mais breve em Is 38.21-22: a aplicação de um bolo de figos como remédio e o pedido formulado por Ezequias de um sinal da sua cura. Esse pedido está no seu lugar certo no texto de 2Rs, onde Ezequias vai, aliás, poder exprimir suas preferências acerca deste sinal (cf. 2Rs 20.9-11, e comparar o texto breve de Is 38.7-8).

e. Lit. *Escrito*. Corrigindo a última letra da palavra, como fazem muitos comentadores, obtém-se o termo que figura no título de alguns salmos (Sl 16 e 56-60). Este poema, que não figura no relato paralelo de 2Rs, provém de uma fonte independente e não se harmoniza muito bem com o seu contexto atual (o v. 21

deveria pela lógica encontrar-se antes do salmo). Do ponto de vista literário, trata-se de um salmo bastante clássico: no decurso de uma cerimônia no Templo de Jerusalém, em uma primeira parte (vv. 9-16), o doente expõe sua aflição, e em uma segunda parte (vv. 17-20), seu reconhecimento pela cura obtida. Os textos mais próximos são Sl 6 e 30 e Jn 2. O ritmo dissimétrico é o da lamentação.

f. Pode-se ler também, como o Targum, *o mundo*, invertendo duas consoantes (cf. Sl 17.14; 49.2), o que acentua a semelhança entre as duas partes do v.: *Não poderei mais ver um rosto humano entre os habitantes do mundo*.

g. Lit. *minha morada*, ou ainda, *minha geração*.

h. A tradução corresponde ao texto do principal ms. de Qumran. O texto masorético traz uma outra palavra que significa: *eu sou igual* (eu estou arrasado?).

i. Este segundo pássaro foi provavelmente acrescentado por um glosador, a fim de esclarecer que se trata de uma *andorinha* e não de um *cavalo*: em hebr. estas duas palavras são quase idênticas, e os copistas quase sempre as confundiram.

SI 121,1;
SI 123,1-2

Meus olhos erguidos para ti não
agüentam mais:

SENHOR, estou esmagado,
intervém a meu favor!

¹⁵ Que direi, para que ele me responda,
já que é ele que age?

Tenho de arrastar todos os meus anos
com a amargura que enche.

SI 36,10

¹⁶ "O Senhor está junto dos seus: eles
viverão"
e o espírito dele animará tudo o que
está neles",

Os 6,2;
SI 30,3-4

por isso me restabelecerás e me farás
reviver.

Hb 12,11

¹⁷ Minha amargura se transmutou em
salvação.

Tu te ligaste à minha vida para que
eu evite a cova!
e atiraste para trás de ti todos os
meus pecados.

¹⁸ Pois o Sheol não pode louvar-te,
nem a Morte celebrar-te".
Os que desceram à tumba
não esperam mais na tua fidelidade.

Ecl 9,10
SI 119,175;
146,2

¹⁹ O vivente, só ele te louva,
como eu hoje.

Dt 4,9;
SI 78,3-7

O pai dará a conhecer a seus filhos a
tua fidelidade.

12,2
23,16;
SI 33,3

²⁰ Ó SENHOR, visto que me salvaste,
façamos ressoar os nossos instrumentos
todos os dias da nossa vida",
diante da Casa do SENHOR.

²¹ Isaías disse: "Traga-se um bolo de figo
e seja ele aplicado sobre os tumores". E
o rei sarou". ²² Ezequias disse: "Qual
será o sinal de que poderei subir à Casa
do SENHOR?"

j. Lit. *sê o meu fudor* ou *dá-me uma garantia*, cf. Jó 17,3.

k. Texto em mau estado, e que por vezes se renuncia a traduzir. Talvez se trate da citação de uma fórmula litúrgica (na 3ª pessoa) de promessa ou de absolvição, que faz o papel de ligação entre as duas partes do salmo.

l. Outra tradução, segundo as versões: *Tu preservaste a minha vida da cova*.

m. Na época antiga, e ainda no tempo de Isaías, encarava-se a morte como uma separação radical de Deus, e a morada dos mortos como um domínio sobre o qual o Senhor não reinava. (Cf. SI 6,6; 30,10; 38,13; 88,11-13; 115,17, e também Jó, onde, porém, 19,26 abre uma nova perspectiva: ver esta passagem e notas).

n. A passagem do singular ao plural indica que se trata de um

39 Embaixada de Merodak-Baladan e intervenção de Isaías^a.

¹ Naquele tempo, Merodak-Baladan, filho de Baladan, rei de Babilônia, mandou cartas e presentes a Ezequias, pois soubera que Ezequias estivera doente e que estava restabelecido. ² Ezequias alegrou-se com a vinda dos mensageiros e lhes mostrou todos os seus depósitos, a prata, o ouro, os aromas, o óleo perfumado, todo o seu arsenal e tudo o que se encontrava nos seus tesouros: não houve nada que Ezequias não lhes mostrasse da sua casa e de todo o seu domínio.

2Sm 8,9-10

Jr 9,23

³ O profeta Isaías veio ao encontro do rei Ezequias para dizer-lhe: "Que é que esta gente disse e de onde vinham?" Ezequias respondeu: "Vieram a mim de uma terra longínqua, de Babilônia". ⁴ Isaías disse então: "Que é que viram na tua casa?" Ezequias respondeu: "Viram tudo o que existe na minha casa. Não há nada nos meus tesouros que eu não lhes tenha mostrado".

7,3

⁵ Isaías disse a Ezequias: "Ouve a palavra do SENHOR de todo poder: 'Dias vêm em que tudo o que está na tua casa e que teus pais acumularam até este dia será levado a Babilônia: não restará nada, diz o SENHOR. ⁷Levarão embora vários dos teus filhos, dos que nasceram de ti, que tiveres gerado: serão feitos eunucos no palácio do rei da Babilônia'. ⁸Ezequias disse a Isaías: 'Boa é a palavra do SENHOR que disseste'. Dizia consigo: 'Haverá paz e segurança durante os meus dias'".

2Rs 24,13;
Jr 20,5;
27,21-22
2Rs 24,12;
Jr 52,28-30

refrão cantado pela comunidade por ocasião de uma cerimônia litúrgica (cf. a expressão: *diante da Casa do Senhor*).

o. Cf. 2Rs 20,7 e as notas a Is 38,6 e 2Rs 20,8.

p. Cf. 2Rs 20,8, onde a pergunta está em seu devido lugar. A próxima subida do rei à Casa do Senhor faz parte do oráculo que anuncia a cura dele em 2Rs 20,5, mas não em Is 38,5 (cf. nota). A inserção do poema dos vv. 9-20 está provavelmente na origem da transferência dos vv. 21-22 para o fim do cap.

q. A este cap. 39 corresponde 2Rs 20,12-19 (cf. as notas). Se a data de 703 for a que melhor convém a esta embaixada (cf. 2Rs 20, nota), o sincronismo — sublinhado pelo texto — com a doença de Ezequias concorda com os quinze anos de vida a mais concedidos ao rei (cf. 38,5), que morreu em 687.

II. SEGUNDA PARTE DO LIVRO DE ISAÍAS

40 Deus conforta: ele vai libertar o seu povo

¹ Confortai^r, confortai o meu povo, diz vosso Deus.

² Falai ao coração^s de Jerusalém e proclamai a seu respeito que a sua corvêia está cumprida, que o seu castigo está saldado^t, que ela recebeu da mão do SENHOR duas vezes a paga de todas as suas faltas.

³ Uma voz proclama:

“No deserto abri^r um caminho para o SENHOR, nivelai na estepe uma estrada para o nosso Deus.

⁴ Que todo vale seja entulhado, que toda montanha e toda colina sejam rebaixadas, que a cordilheira se torne uma planície, e os outeiros, uma baixada.

⁵ Então a glória do SENHOR³ será revelada e toda carne sem exceção⁴ verá que a boca do SENHOR falou⁵.

⁶ Uma voz diz: “Proclama!”, a outra^a diz: “Que proclamarei?” — “Toda carne é erva

e toda sua constância⁶ é como a flor dos campos:

⁷ a erva seca, a flor fenece, quando o sopro do SENHOR vem sobre elas em rajada.

Sim, o povo⁶ é erva:

⁸ a erva seca, a flor fenece, mas a palavra do nosso Deus subsistirá sempre!”

⁹ Sob a uma alta montanha, tu, Sião, alegre mensageira^a, levanta com energia a tua voz, Jerusalém, alegre mensageira, levanta-a, não tenhas medo, diz às cidades de Judá: “Eis o vosso Deus.

¹⁰ eis o Senhor DEUS! Com vigor ele vem, e seu braço lhe assegurará a soberania; eis com ele o seu salário, e diante dele a sua recompensa.

¹¹ Como um pastor^b, ele apascenta o seu rebanho, com seu braço ele congrega; ele carrega ao colo os cordeirinhos, e conduz a lugar fresco as ovelhas que amamentam⁷.

Deus tranqüiliza: ele dá coragem a seu povo^c

¹² Quem mediu na palma da mão

Ex 22,3-6-8;
Jr 16,18

Lc 1,76
Jo 1,23

Lc 1,20;
58,14

vv. 23-24;
51,12;
Tg 1,10-11;
IPd 1,24-25

IPd 1,24

SI 119,89

Jo 12,15

62,11;
Ap 22,12

Jo 10,11

r. Ou *Consolai* (lit. *permitir soltar um profundo suspiro de alívio*). Este termo dá aos poemas o seu título (Livro da Consolação) e a sua tonalidade: ele voltará 16 vezes; 9 vezes nos caps. 40-55, 7 vezes nos caps. 56-66, como para responder aos gemidos das Lm (Lm 1,2,9,16-21; 2,13). Os onze primeiros vv. do cap. 40 constituem um prólogo de várias vozes: voz do profeta a seus irmãos (vv. 1-2); voz de um arauto (vv. 3-5); voz de outros mensageiros (vv. 6-8); voz de Jerusalém, que recebe a mensagem deles e a transmite às cidades de Judá (vv. 9-11).

s. *Falar ao coração* (= faculdades interiores) volta 8 vezes no AT, sendo 2 vezes com o verbo *consolar/consolador*: Gn 50,21; Rt 2,13. Ver também Os 2,16. Este apelo não se dirige somente ao “sentimento”, mas também à razão e à vontade.

t. A palavra traduzida por *castigo* designa: 1) o ato perverso; 2) a pena que resulta dele. Mesma fórmula em Lv 26,41,43.

u. Ver Mt 3,1,23-24. A seita de Qumran leu aqui uma ordem de retirada para o deserto (*Regra da Comunidade* 8,14; 9,19-20), o NT, o papel de João Batista (Mt 3,3; Mc 1,2-3; Lc 3,4-6; Jo 1,23). O tema do novo Êxodo, já anunciado por Jr e Ez, começa aqui a afirmar-se explicitamente.

v. A palavra traduzida por *glória* significava originalmente “peso” (43,4; 47,6); aqui Deus vai fazer sentir o peso da sua intervenção libertando Israel.

w. Advérbio caro ao autor, que o repete 19 vezes para evocar movimentos maciços ou ações simultâneas. * [A tradução varia conforme o contexto: *juntos* etc.]

x. A *outra* (lit. *ele*) designa provavelmente aquele que é interrompido pela primeira voz. O texto de Qumran, as versões gr. e lat. leram: *e eu digo*.

y. *Constância* parece ser o sentido original da palavra hebr. (*hesed*, cf. SI 143,12; 144,2); daí: “bondade fiel”, “amor leal, indefectível” (54,8-10), e também, no plural, os frutos deste amor, os “benefícios” (55,3; cf. 63,7).

z. A palavra hebr. designa um grupo cujos membros são parentes: seja um povo qualquer, seja o povo de Israel, seja a população da terra, como em 42,5-6.

a. Poder-se-ia traduzir: *alegre embaixada para Sião*, lendo a palavra como um coletivo. Em gr., o termo é traduzido por “evangelista”, portador do evangelho, isto é, da boa notícia por excelência. Cf. 41,27; 52,7; 60,6; 61,1.

b. Como um pastor de rebanho (assim Jacó, Gn 33,12-14), como um pastor de homens, como um rei perfeito, como desde sempre o Deus Pastor (Ez 34), como mais tarde o Pastor Jesus (Lc 15; Jo 10).

c. O conjunto 40,12-31 é um desafio lançado por Deus aos que se atrevem a fazer-lhe censuras (v. 27): à objeção deles o

as águas do mar^d,
mediu a palmo os céus,
comprimiu em um alqueire^e a argila
da terra,
pesou as montanhas na báscula
e as colinas, na balança?

Rm 11,34;
1Cor 2,16 ¹³ Quem avaliou^f o espírito do SENHOR
e lhe indicou o homem do seu desígnio^g?

¹⁴ De quem tomou ele conselho, que
possa esclarecê-lo,
ensinar-lhe a via do julgamento,
ensinar-lhe a ciência
e indicar-lhe o caminho da inteligência?

¹⁵ Eis que as nações são como uma
gota caindo de um balde!

Sl 62,10
Sh 11,22 ¹⁶ Elas são como pó numa balança.
Eis as ilhas^h: como poeira ele as levanta.

¹⁷ O Líbano não seria suficiente para a
fogueira
e seus animais não seriam suficientes
para o holocaustoⁱ.

¹⁸ Todas as nações são diante dele
como nada;
elas são para ele como nada e nulidade.

¹⁹ A quem assemelhareis Deus?
e que simulacro^j instalareis a seu lado?

44,9-20;
Jr 10,1-16;
At 17,29 ²⁰ O ídolo? Um artesão o fundiu;
um moldador o cobre de ouro,
moldando também faixas de prata.

²¹ Quem é mais limitado em sua
contribuição ao culto^k
escolhe madeira durável.

Procura um artesão hábil
para erigir um ídolo que não vacile^l.

²² Não sabeis, não ouvistes,
não vos foi anunciado desde a origem,
não discernistes o fundador^m da terra?

²³ Ele habita sobre a abóbada que cobre
a terraⁿ,
cujos habitantes parecem gafanhotos! Nm 13,33
Ele estendeu os céus como uma cortina, Sl 104,2
ele os desdobrou como uma tenda
para aí habitar.

²⁴ Ele reduz a nada os chefes de Estado;
dos juizes^o da terra faz uma nulidade;

²⁵ sim, pouco importa que eles sejam
implantados;

sim, pouco importa que eles se
tenham disseminado;

sim, pouco importa que a cepa deles
esteja enraizada na terra!

Mesmo então, se soprar sobre eles, 17,13
eis que secam

e o turbilhão os leva embora como a
palha.

²⁶ “A quem me assemelhareis?
A quemerei igual?” diz o Santo.

²⁷ Levantai bem alto os vossos olhos
e vede: quem criou estes seres^p?

— Aquele que mobiliza por
completo o seu exército

e que os convoca a todos pelo nome. Sl 147,4;
Tão amplas são as suas forças, tão Br 3,34-35
firme a sua energia,

Senhor responde: sendo ele criador e senhor de tudo, pode quebrar os opressores e reerguer os oprimidos. A estrutura é cuidadosamente elaborada, como o sublinha a repetição das palavras em itálico no seguinte esquema:

A. Os vv. 12-20 expõem: a) o poder e a sabedoria de Deus (12-14); b) a fragilidade das nações: *nadas, nulidades* (15,17); c) o caráter incomparável de Deus: *A quem assemelhá-lo?*; diante dele os ídolos são inconsistentes (18-20).

B. Os vv. 21-26 justapõem: a) a transcendência de Deus: *não sabeis, não ouvistes?* (21-22); a fragilidade dos chefes de Estado: *nadas, nulidades* (23-24); c) o caráter incomparável de Deus: *A quem assemelhá-lo?*; diante dele os astros tremem (25-26).

C. Os vv. 27-30 retomam: a) um lembrete a Israel: *não sabes, não ouviste?* (27-28a); b) a transcendência de Deus (resumo de A e B, 28b-29); c) os homens, fracos sem ele, são fortes com ele (30-31).

d. *As águas do mar*, seg. Qumran; *as águas*, “texto recebido”.

e. Lit. *um terço de medida*.

f. Notar o paralelismo das perguntas: *Quem mediu os céus? Quem mediu o espírito?* A resposta é: nenhum dos mortais (cf. Pr 30,4; Sr 1,2-3).

g. *O homem do seu desígnio* é Ciro, segundo 46,11. Outros

preferem ler *o homem do seu conselho*, e traduzem: *Quem o instruiu enquanto conselheiro?*

h. Estas ilhas representam os grupos humanos mais afastados, mas finalmente também convidados à salvação: elas são mencionadas oito vezes nos caps. 40-55 e três vezes nos caps. 56-66.

i. Depois do mar, dos céus, da terra (v. 12), eis agora a flora e a fauna, especialmente abundantes no Líbano.

j. *Assemelhar e simulacro*, palavras de raiz igual (utilizada também em Gn 1,26).

k. Tradução conjectural. A palavra traduzida por *limitado* é única: suas consoantes só se encontram em dois termos hebr. que indicam a pobreza (Dt 8,9; Ecl 4,13; 9,15-16), e em outras línguas, como o árabe-francês “mesquin” (port. “mesquinho”).

l. Antítese entre o ídolo, rapidamente abalado, e o amor do Senhor, nunca abalado, cf. 54,10.

m. Lit. *as fundações*, sem dúvida um plural que indica a ação que manifesta o poder do fundador.

n. Lit. *a abóbada da terra*, isto é, a abóbada dos céus, cf. Jó 22,14.

o. Os governantes.

p. *Estes seres, o exército deles*: o conjunto dos astros, considerados como animados.

que nem um só deles falta à convocação.

49.4 27 Jacó, por que dizes,

Israel, por que afirmas:

"Meu caminho⁸ é oculto ao SENHOR,
meu direito escapa ao meu Deus"?

28 Não sabes, não ouviste?

Gn 21,33

O SENHOR é o Deus de sempre,
ele cria as extremidades da terra,
ele não enfraquece, ele não se fatiga;
não há meio algum de sondar a sua
inteligência;

Rm 11,34

29 ele dá energia ao fraco,
ele aumenta a resistência de quem
está sem forças.

30 Eles enfraquecem, os jovens, eles se
fatigam,
mesmo os homens de elite tropeçam.

31 Mas os que esperam no SENHOR
retemperam a sua energia:

2Sm 1,23;
Sl 103,5

tomam a envergadura das águias,
lançam-se e não se fatigam,
avançam e não fraquejam.

41 Deus desafia os ídolos: ele consolida o seu povo

1 Fazei silêncio diante de mim,
vós, as ilhas,
e que os povos retemperem a sua
energia¹,
que se aproximem e então falem!
Vamos juntos enfrentar-nos em juízo²:

2 Quem fez surgir do levante um
Justiceiro³,
chama-o a andar nos seus passos,
submete diante dele as nações,
rebaixa os reis,

multiplica como pó sua gente armada,
como palha em furacão os seus
arqueiros⁴,

3 tanto que persegue os outros e passa
além, ileso,
sem pôr o pé em terra?

4 Quem realizou e executou?

— Aquele que chama as gerações
desde a origem:

Eu, eu sou o SENHOR, o primeiro, 44,6;
e o serei ainda⁵ junto aos últimos. Ap 1,17;
22,13

5 As ilhas o vêem: elas estão com medo,
as extremidades da terra tremem,
acompanham de perto, adiantam-se.

6 Cada um ajuda seu companheiro 40,19-20;
e diz a seu camarada: "Coragem!" 44,10-12;
46,6

7 O cinzelador encoraja o moldador,
o polidor a martelo, àquele que
malha a bigorna;

ele diz da solda: "Está boa",
e com pregos ele a faz segurar bem,
para que não se abale.

8 Mas tu, Israel, meu servo, Lc 1,54
Jacó, tu que eu escolhi
descendência de Abraão, meu amigo⁶,

9 tu que eu segurei⁷ desde as Hb 2,16
Tg 2,23

extremidades da terra,
tu que desde os seus limites eu chamei,
tu a quem eu disse: "Tu és o meu servo,
eu te escolhi e não rejeitei",

10 não tenhas medo, pois estou contigo, Dt 2,7
não olhes com espanto⁸, pois eu sou
o teu Deus.

Eu te torno robusto, sim, eu te ajudo,
sim, eu te sustento com a minha
destra que faz justiça.

q. Minha sorte, meu destino.

r. Estas palavras servem de ligação entre este poema e o precedente (40.31).

s. Temos aqui um processo entre o Deus verdadeiro e os falsos deuses (vv. 1-5); estes últimos não fizeram nada, foi o Senhor que suscitou Ciro. Diante da marcha triunfal do rei persa, as nações ficam com medo, e cada um procura refugiar-se junto a um deus que possa "segurar". É a ocasião boa para redigir uma pequena sátira contra estes ídolos (vv. 6-7). Quanto a Israel, não tem nada a temer, pois é o Senhor que o faz *segurar* e que lhe prodigaliza garantias e anúncios de salvação, vv. 8-9.10-16.17-20.

t. Lit. *justiça*, aqui personificada e designando Ciro. A pontuação do hebr. sugere uma outra tradução: *quem fez surgir... (aquele que) a justiça evoca a segui-la*. — *Justiça*, uma das palavras-chave do livro (cf. Introd.), retorna 27 vezes nos caps. 40-55 e 24 vezes nos caps. 56-66.

u. Lit. (o Senhor) *dá como pó a sua espada* (a de Ciro), *como*

palha em furacão o seu arco (o de Ciro). A gente de espada é numerosa como os grãos de poeira (cf. Gn 13.16 etc.); as flechas dos arqueiros voam em todas as direções como folhas de palha tragadas pelo vento (cf. Jó 13.25).

v. Lit. *Eu (serei) este*. Esta fórmula concisa, que não deixa de lembrar Ex 3.14, se encontra unicamente aqui, em 43.10.13.25; 46.4; 48.12; 52.6 e, fora do nosso livro, em Dt 32.39; Sl 102.28.

w. Não somente aquele que Deus ama, mas aquele que em resposta ama a Deus. Este título de *amigo* será retomado pelo AT (2Cr 20.7; Dn gr. 3.35), pelo NT (Tg 2.23) e pelo Alcorão (IV, 124).

x. Observe-se a freqüência do verbo *segurar* nos vv. 6-13, e a antítese intencional entre os fabricantes de ídolos que penam em vão para fazerem as suas estátuas e Deus que sustenta vigorosamente o seu servo. [Cf. nota a v. 41b.]

y. O verbo hebr. exprime diversas nuances do olhar, aqui o espanto, alhures o desafio (41.23) etc.

- ¹¹ Eis que eles serão envergonhados,
cobertos de ultrajes,
todos os que estavam enfurecidos
contra ti:
serão como nada e perecerão,
os que estão em querela contigo;
- ¹² tu os procurarás e não os encontrarás
mais,
aqueles que lutam contra ti;
eles serão como nada, como nulidade,
os que estão em guerra contigo.
- ¹³ Pois eu, o SENHOR, cu sou o teu Deus,
que segura a tua mão direita,
que te diz: "Não tenhas medo,
sou eu que venho em teu socorro!"
- ¹⁴ Não tenhas medo, Jacó, vermezinho,
Israel, cadáveres^a,
sou eu que venho em teu socorro —
oráculo do SENHOR —
aquele que te resgata^a é o Santo de
Israel^b.
- ¹⁵ Eis que faço de ti como uma grade
de esterroar
nova e munida de dentes reforçados:
vais triturar as montanhas e esfarelá-las,
reduzirás a palha as colinas,
- ¹⁶ tu as joeirarás e o vento as levará
embora,
o turbilhão as dispersará.
E tu, exultarás por causa do SENHOR,
por causa do Santo de Israel tu te
exaltarás.

- ¹⁷ Os humilhados e os indigentes
que procuram água, mas em vão,
e cuja língua resseca de sede,
eu, o SENHOR, lhes responderei,
eu, o Deus de Israel, não os abandonarei.
- ¹⁸ Farei jorrar rios nas encostas escavadas
e fontes no meio dos amplos vales,
eu transformarei o deserto em pântano
e a terra árida em fontes.
- ¹⁹ Plantarei no deserto o cedro,
a acácia, o mirto e a oliveira;
introduzirei na estepe o cipreste,
o olmo junto com o buxo,
- ²⁰ para que todos vejam e saibam,
reflitam e entendam, juntos,
que foi a mão do SENHOR que fez isto,
que foi o Santo de Israel que o criou.

Deus confunde os ídolos e quem os serve; ele apresenta o seu Servo^c

- ²¹ Apresentai a vossa causa, diz o SENHOR,
proponde os vossos argumentos, diz
o Rei de Jacó;
- ²² que venham para a frente e que nos
anunciem^d
o que vai desenrolar-se!
Os vossos primeiros augúrios, quais eram?
Recordai-nos o seu anúncio:
prestaremos atenção
e reconheceremos o seu cumprimento!
Ou então fazei-nos ouvir os
acontecimentos futuros,

z. A vocalização do texto masorético indica *varões de Israel*: mas outra vocalização é possível: *mortos de Israel* (assim Qumran, Áquila, Teod., Vulg., cf. 66,24).

a. O termo traduzido por *resgatar* é frequente em Is 40-66: 17 vezes nos caps. 40-55, 6 vezes nos caps. 56-66 (não ocorre em Is 1-39). Exprime a intervenção de um parente em favor de um membro da sua família, morto ou vivo. Em relação a um morto assassinado, o "redentor" é o vingador do sangue (Nm 35,19-27). Em relação a um morto sem filhos, o redentor lhe dá uma posteridade desposando-lhe a viúva (Rt 3,12-4,14). Em relação a um vivo que caiu na miséria ou na escravidão, o redentor paga as dívidas dele ou o resgata ele mesmo (Lv 25,23-28,47-49). Estas diversas intervenções são aqui atribuídas a Deus: ele "vinga" a sua nação (49,26); suscita-lhe uma descendência (54,1-8); liberta-a mediante resgate (43,3-4; 45,14). Tais metáforas sugerem que Deus se considera como nosso parente; lembram a primeira "redenção", a do Egito (51,10; Ex 6,6; Sl 74,2 etc.). O NT retomará por sua vez o tema da redenção, cf. Mc 10,45; Rm 3,24 nota.

b. Expressão típica de Is, cf. 6,3 e nota.

c. De 41,21 a 42,17 encadeiam-se três desenvolvimentos:

A. O primeiro (41,21-29) retoma o processo (41,1-5) entre o

Senhor e os falsos deuses, que reaparecem em 42,8 e 17. Nenhum ídolo anunciou os primeiros fatos concernentes a Ciro; foi Deus que, *por primeiro*, falou. Portanto, as pretensas divindades *não são deuses* (41,23; 42,17): ninguém deve fazer delas *os seus eleitos* (41,24); *eis que elas são inconsistentes*, as estátuas delas não passam de *um sopro* (41,29).

B. O segundo desenvolvimento (42,1-9) apresenta um servo de Deus, que contrasta com os ídolos: *é o eleito* do Senhor; *eis que ele é irresistível*; nele o Todo-Poderoso pôs *o seu Sopro* (42,1). Este encarregado de missão libertará os *cegos*, prisioneiros das *trevas*, os conduzirá para a *luz* (42,6-7). No fim desta segunda parte, como na primeira, os ídolos são desconsiderados; o Senhor reivindica *louvor e glória* (42,8), pois ele não somente predisse o que acaba de acontecer, senão que anuncia *coisa nova* (42,9).

C. O terceiro desenvolvimento (42,1-17) entoa, portanto, um canto *novo* (42,10) de *louvor e de glória* (42,10-12) ao único Salvador que vai libertar os *cegos*, prisioneiros das *trevas*, conduzindo-os para a *luz* (42,16). No fim desta terceira parte, como no fim das duas primeiras, assistimos à derrota dos falsos deuses (42,17).

d. A palavra *anunciar* volta 19 vezes até o cap. 48; unicamente o Senhor é capaz de *anunciar* o futuro.

²³ anunciai as coisas vindouras,
e reconheceremos que sois deuses!
Vejamos! provocai bem-estar ou
desgraça*,
então juntos nos mediremos pelo
olhar e veremos!

²⁴ Mas eis o que sois: menos do que nada;
vossas realizações, menos que nulidade!
É um ser abjeto o que faz de vós os
seus eleitos.

41.2; ²⁵ Do norte eu fiz surgir um homem†,
45.13 ele veio;
desde o levante ele se ouve chamar
pelo seu nome‡;
ele pisa aos pés os governantes
como lama,
como o oleiro pisoteia a argila.

Na 3,14

²⁶ Quem, pois, o havia anunciado desde
a origem,
para que o conhecêssemos,
desde os tempos passados,
para que disséssemos: "É justo!"
Não, ninguém anunciara;
não, ninguém o havia feito ouvir;
não, ninguém havia ouvido os vossos
propósitos.

²⁷ É para Sião que aqui está, por
primeiro, aquele que fala*,
é Jerusalém que eu presenteio com
um mensageiro.

40,13;

Ecl 7,28

²⁸ Olhei: nem um só homem,
entre eles, nem um único conselheiro!
Eu os teria consultado e eles me
teriam dado resposta!

²⁹ Eis o que são todos eles: uma
maleficência!
suas obras? nada!
suas estátuas? sopro, nulidade!

42 'Eis o meu servo' que eu apóio,
meu eleito, ao qual minh'alma
quer bem,
pus sobre ele o meu Espírito.
Para as nações ele fará surgir o
juízo.

Mt 3,17p;
Lc 23,35;
Mt 17,5p
Jo 1,32-34;
3,34

² Não gritará, não levantará o tom,
não fará ouvir na rua o seu clamor;

³ não quebrará o caniço rachado†,
não apagará a mecha que ainda fumeja;
com certeza, fará surgir o juízo. 61,3

Mt 12,20

⁴ Ele não definhará, não se vergará,
até haver imposto na terra o
juízo,
e as ilhas estarão na expectativa das
suas leis‡.

⁵ Assim fala Deus, o SENHOR,
que criou os céus e os estendeu,
que moldou† a terra, portadora dos
seus rebentos¶,
que deu respiração à multidão que a
cobre
e sopro aos que a percorrem.

⁶ Sou eu o SENHOR,
eu te chamei segundo a justiça,
te segurei pela mão,
te guardei† e te destinei

49,8;

a seres a aliança do povo*,
a seres a luz das nações,

Mt 26,28

⁷ a abrires os olhos cegos,
a tirar do cárcere o prisioneiro,
da casa de prisão, os habitantes das
trevas.

49,6;

Lc 2,32;

Jo 8,12

Lc 4,19

Sl 107,

10-14;

Lc 1,7-9;

Jo 9;

At 26,18

⁸ Sou eu o SENHOR, este é o meu nome;
e a minha glória, não a darei a outro,
nem aos ídolos, o louvor a mim devido.

⁹ Os primeiros acontecimentos, ei-lhos
passados,

e. Para provar a sua divindade, não basta predizer, é preciso também ser capaz de agir em todos os setores. Os ídolos são incapazes disso (Jr 10,5; Epl 3,36). Só o Senhor é capaz disso (45,7; cf. Sf 1,12; Lm 3,38).

f. Trata-se de Ciro.

g. *Ele se ouve chamar*: o verbo é lido no passivo. — *Pelo seu nome*: com Qumran, e em concordância com 45,3-4. O texto masorético traz: *ele chama pelo meu nome*; acontece, porém, que Ciro não conhece o Senhor.

h. *Eis aquele que fala*: traduzido segundo Qumran. O texto masorético traz: *Eis, ei-los*. — *Mensageiro*, ou "evangelista", cf. 40,9 nota.

i. *Meu servo*: expressão que se volta a encontrar em 41,8; 43,10; 44,1,21; 45,4; 48,20; 49,3; 50,10; 52,13. A identidade desse

servo nem sempre é a mesma e é freqüentemente de difícil definição.

j. As metáforas *caniço* e *mecha* aplicam-se com tanto maior propriedade às vítimas de Babilônia pelo fato de em toda parte alhures designarem um povo desprovido de força: caniço vergado, 1Rs 14,15; 2Rs 18,21; Ez 29,6; mecha, Is 43,17.

k. *Suas leis*: com Qumran. Texto masorético: *sua lei*.

l. Lit. *chapeou* (cf. 40,19, onde traduzimos por *cobrir de*).

m. No sentido amplo, todos os produtos da terra, cf. 44,3; 48,19; 61,9; 65,23. O termo é próprio a Is e a Jô. Temos as mesmas recordações da criação para introduzir a escolha de Ciro em 44,24-28; 45,12-13; 48,13-14.

n. Outra tradução possível: *eu te modeleei*.

o. *do povo*: cf. 40,7 nota.

- 43.19; 48.6 e eu anuncio novos;
antes que se produzam^p, eu vo-los
faço ouvir.
- 10 Cantai para o SENHOR um canto novo^q,
cantai o seu louvor, desde a
extremidade da terra,
gente do alto mar, e tudo o que o enche,
as ilhas e os seus habitantes.
- SI 107.23
Jr 2.10;
Ez 27.6 11 Que elevem a voz o deserto e as
suas cidades,
as aldeias em que habita Qedar^r;
que os habitantes da rocha^s soltem
aclamações,
lancem vivas do eume das montanhas;
- 12 que se renda glória ao SENHOR,
nas ilhas se publique o seu louvor!
- Jz 5.4;
SI 1.14;
SI 68.8 13 O SENHOR, como um valente^t, vai sair,
como um homem de combate, ele
desperta o seu ciúme^u,
solta um grito de alarme, um rugido,
e contra seus inimigos age
vigorosamente:
- 14 Desde muito eu permaneci inativo^v,
eu não dizia nada, me continha,
como mulher em dores de parto, eu
gemo, eu sufoco
e sou oprimido ao mesmo tempo.
- 15 Vou devastar montanhas e colinas,
e todo o seu verdor, eu o farei secar;
transformarei os rios em ilhotas,
e os pântanos, eu os farei secar.
- SI 107.33

- 16 Farei os cegos caminharem
por um caminho desconhecido a eles,
por veredas desconhecidas a eles os
farei caminhar.
- Transformarei diante deles as trevas Ex 13.21
em luz
e os desvios em linha reta.
Estes projetos, vou executá-los
e de modo algum os abandonarei.
- 17 Ei-os relegados completamente,
envergonhados,
os que põem a sua segurança em um
ídolo,
os que dizem a metal fundido:
"Nossos deuses sois vós!"

Deus censura aos seus os pecados cometidos, mas promete-lhes a salvação

- 18 Vós, os surdos, ouvi!
vós, os cegos^w, olhai e enxergai!
- 19 Quem era cego, senão o meu Servo?
Quem era surdo como o meu
Mensageiro que vou enviar?
Quem era cego como o Reabilitado^x?
Quem era surdo^y como o Servo do
SENHOR?
- 20 Viste muito, mas não recordaste;
os ouvidos estão abertos, mas não se
ouve! 44.18
- 21 O SENHOR se comprova, por causa
da sua justiça^z.

p. Lit. *germinem*, ou *brotem*, confira 43.19; 44.4; 45.8; 55.10; 58.8; 61.11.

q. Este adjetivo, no seu sentido pleno, só se aplica às obras de Deus (cf. v. 9). Só Deus pode fazer algo novo, não o homem. Um *canto novo* (SI 33.3; 40.4; 96.1; 98.1; 144.9; 149.1; Jt 16.13; Ap 5.9; 14.3) só se pode cantar a propósito da intervenção decisiva de Deus na vida de um homem ou na história. Os empregos da palavra *novo* concernentes à salvação definitiva, no AT, estão concentrados no período que vai de Jr à 3ª parte do livro de Is: com efeito, foi a volta do Exílio que fez descobrir a amplitude desta salvação, destinada não somente a Israel, mas também a todas as nações.

r. Tribo de árabes nômades, cf. Is 21.16-17; 60.7.

s. Quer seja da montanha em geral, quer seja do "Rochedo", nome próprio de uma fortaleza edomita, 2Rs 14.7.

t. A palavra hebr. exprime ao mesmo tempo coragem e força. É aplicada a Deus em SI 24.8; Dt 10.17; Is 10.21; Jr 20.11; 32.18; Ne 9.32; Sr 36.2; 39.34. Cf. Alcorão, 59.23. Ela é aplicada também ao messias davidico, Is 9.5.

u. O amor exclusivo de Deus o leva a intervir cf. 59.17; 63.15.

v. O verbo hebr. exprime ao mesmo tempo silêncio e inatividade, cf. 57.11; 62.1.6; 64.11; 65.6.

w. Cegos e surdos voltarão em 43.8. O binômio abre e fecha

a nossa passagem; assim sendo, o conjunto 42.18-43.8 se articula em duas partes:

A. A primeira (42.18-25) é um *processo* entre Deus e os seus fiéis; estes últimos pecaram e sofreram: foram por assim dizer *calcados* pela guerra (42.25).

B. A segunda parte (43.1-8) é uma *atestação de salvação* ligada às censuras precedentes de três maneiras: a) pelas palavras *mas agora*; b) pela garantia dada de que o incêndio que devora Israel não vai *calciná-lo* totalmente (43.2); c) pela promessa de que os israelitas surdos e cegos (42.18) reencontrarão o uso dos seus ouvidos e dos seus olhos (43.8).

x. Tradução aproximativa de um verbo do qual é tirado um nome próprio (Meshulâm) atribuído habitualmente a um filho que vem "substituir" um primogênito morto. Aqui a palavra se aplica a Israel, ao qual convém perfeitamente os diferentes sentidos do verbo: com efeito, Israel se vê: a) *retribuído* (Jr 18.20; Pr 11.31); b) com a *dívida quitada* (cf. SI 65.2); c) *restabelecido, reintegrado, reinstalado* na aliança de paz (54.10).

y. O hebr. traz duas vezes *cego*. Na segunda vez, nós temos *surdo*, com dois mss. e Símaco.

z. *Justiça* (de Deus): isto é, como quase sempre neste livro, fidelidade misericordiosa de Deus ao seu projeto de salvação (cf. Introdução).

em tomar a sua Lei grande e magnífica,
 22 mas eis um povo saqueado e devastado:
 seqüestraram todos eles em calabouços^a,
 foram escondidos em masmorras;
 estavam destinados ao saque, e
 ninguém os libertava,
 destinados à devastação, e ninguém
 dizia: "Devolve!"

23 Quem dentre vós vai prestar ouvido
 a esses dizeres,
 estar atento a escutar, no futuro?

24 Quem entregou Jacó à devastação,
 Israel aos saqueadores?
 Não foi o SENHOR, ele diante de
 quem cometemos faltas,
 ele, cujos caminhos não se quis seguir,
 e cuja Lei não se quis ouvir?

25 Então derramou sobre Israel o furor
 da sua cólera,
 a virulência da guerra;
 incendiou-o totalmente
 e ele não se dava conta;
 calcinou-o bem no meio
 e ele nada tomava a peito.

43 Mas agora, assim fala o SENHOR
 que te criou, Jacó,
 que te formou, Israel:

41,13 Não tenhas medo, pois eu te resgatei,
 44,2 te chamei pelo teu nome, tu és meu.

2 Se passares através das águas, estarei
 contigo,
 através dos rios, não te submergirão.
 Se caminhares no meio do fogo, não
 48,10 serás queimado
 1Cor 3,15 e a chama não te calcinará^b mais, no
 meio de ti,

3 pois eu, o SENHOR, eu sou teu Deus,
 o Santo de Israel, teu Salvador.
 Eu dei o Egito em resgate por ti,
 Kush e Seba^c em troca de ti,

4 pelo fato de valeres muito aos meus
 olhos,

de teres peso e de eu te amar;
 dou, pois, homens em troca de ti,
 populações em troca da tua pessoa.
 5 Não temas, pois eu estou contigo;
 desde o levante eu farei a tua
 descendência voltar,
 desde o poente eu te congregarei.

49,12;
 Sl 107,3

6 Ao norte eu direi: "Dá",
 e ao sul: "Não segures!"
 Faz meus filhos voltarem de longe,
 e as minhas filhas, da extremidade
 da terra,

7 todos aqueles que são chamados com
 o meu nome
 e que criei, formei e fiz para minha
 glória!

Jo 11,4;
 17,1-26

8 Fazei sair o povo cego, mas que tem
 olhos,
 os surdos, que porém têm ouvidos".

Só o Deus verdadeiro anuncia e proporciona a salvação

9 Que todas as nações ao mesmo
 tempo se congreguem,
 que as cidades se reúnam:
 Quem, dentre elas, tinha anunciado
 41,22 estas coisas,
 nos havia feito ouvir os primeiros
 acontecimentos?

Que apresentem as suas
 testemunhas^d, que se justifiquem,
 que se ouça e se diga: "É digno de fé".

10 Vós sois as minhas testemunhas^e,
 — oráculo do SENHOR —
 meu servo^f, a quem eu escolhi,
 a fim de que possais compreender,
 ter fé em mim
 e discernir que eu sou:

At 1,8

antes de mim não foi formado
 nenhum deus
 e depois de mim não existirá nenhum.

41,4;
 Jo 8,28

11 Sou eu, sou eu que sou o SENHOR,

Sl 12;
 Dt 32,39;
 Os 12,10

a. Tradução obtida modificando uma vogal: "texto recebido":
seqüestraram os homens de elite, todos eles.

b. A salvação em meio a água e fogo lembra o Êxodo (Sl 66,12):
 o mar dos Juncos e a "calcinação" no deserto (Nm 11,1-3).

c. Aproximativamente o norte do Sudão. cf. 45,14.

d. Como em 41,1-5, encontra-se aqui o tema do *processo* entre
 o Senhor e os falsos deuses (43,9-13). Seguem dois anúncios de
 salvação (43,14-15,16-21), ligados um ao outro pela sua fórmula
 de introdução *Assim fala o Senhor*, e pela semelhança do seu

conteúdo (cf. 41,9). No final, a promessa da *transformação* do
 deserto fecha a seção, como em 41,17-20 e 42,16.

e. Antítese com as testemunhas do v. 9. Israel é testemunha de
 Deus, não primeiramente pelas suas declarações, mas sobretudo
 pelo resultado da intervenção do Senhor na sua história e, atra-
 vés dela, na história do mundo.

f. *Vós*, plural, e *servo*, termo coletivo. Outra tradução possível,
 menos provável: *Minhas testemunhas, sois vós e o servo que*
escolhi (Ciro).

- Is 45,21 fora de mim, não há Salvador.
 12 Fui eu que anunciei e dei a salvação, eu que a fiz ouvir, não um deus estrangeiro^a, entre vós.
 44,8; At 1,8 Vós sois assim as minhas testemunhas — oráculo do SENHOR — e eu, eu sou Deus.
 13 Sim, doravante^b, eu sou: ninguém liberta da minha mão; o que eu realizo, quem poderia revertê-lo?
 41,4; Jo 23,13 Assim fala o SENHOR, aquele que vos resgata, o Santo de Israel: Por causa de vós eu lanço uma expedição à Babilônia, faço-os descer todos como fugitivos, sim, os caldeus, nesses navios em que ressoavam as suas aclamações.
 Lv 19,2; 1Pd 1,16; 41,21; 44,6 15 Eu sou o SENHOR, vosso Santo, aquele que criou Israel, vosso Rei.
 Ex 14 16 Assim fala o SENHOR, ele que abriu em pleno mar um caminho, uma senda no coração das águas desencadeadas,
 40,26 17 ele que mobilizou carros e cavalos, tropas e batalhões de assalto^c, tudo junto, logo tombados para não mais se levantar, sufocados como uma mecha e apagados.
 42,3 18 Não vos lembreis mais dos primeiros acontecimentos, não torneis a repetir os fatos de outrora.
 Jr 23,7-8; 2Cor 5,17; Ap 21,5 19 Eis que eu vou fazer coisa nova que já desabrocha: não o reconheceréis? Sim, eu vou abrir em pleno deserto um caminho, na charneca, veredas^d,
 40,3; 42,16; 49,11 20 os animais selvagens me renderão glória, os chacais e as avestruzes,

- pois eu providencio água em pleno deserto, rios na charneca, para dar de beber ao meu povo, meu eleito,
 21 povo que eu formei para mim e que repetirá o meu louvor. 1Pd 2,9

Deus não deve aos seus, mas lhes concederá bênção e crescimento

- 22 Não^k, Jacó, não foste tu que me fizeste o teu convidado^l, ainda que por mim te tenhas fatigado, Israel;
 23 não me abasteceste com os cordeiros dos teus holocaustos, nem aumentaste a minha glória com tuas vítimas. Nem reduzi-te, eu, à servidão, para ter oferendas, ou te cansei, para ter incenso;
 24 não é que às tuas custas me tenhas provido de aroma^m, ou me tenhas saturado com a gordura das tuas vítimas! Sim, tu é que me reduziste à servidão com tuas faltas, com as tuas iniquidades me cansaste, tu.
 25 Eu, porém, sou tal que apago, em consideração a mim, as tuas revoltas, que não conservo as tuas faltas na memória.
 26 A tua memória, apresenta-ma a mimⁿ, e passemos juntos em julgamento; recapitula, tu, para te justificares:

g. Lit. *um estrangeiro* (cf. Jr 2,25; Dt 32,16; Sl 44,21).
 h. O Senhor é Deus desde sempre, mas doravante quer ser mais reconhecido como tal.

i. *Batalhão de assalto*: lit. *poder*; o termo figurado no v. precedente na sua forma adjetiva: *as águas poderosas (desencadeadas)*. Deus enfrenta o poder tanto das águas como dos homens.

j. *Veredas*: segundo Qumran (cf. 42,16; 43,16). O texto massorético traz *rios*, como em 41,18 e 43,20.

k. Estas palavras abrem um *processo* entre o Senhor e os israelitas (cf. 50,1-3; 42,18-25). Estes últimos estavam tentados a considerar a Deus como seu devedor: por acaso não o tinham cevado de refeições sacrificais e embriagado de incenso? Com base nisto, o Senhor teria a obrigação de ocupar-se deles e não

deixá-los em exílio. Mas Deus contradiz as pretensões deles e os confunde, recordando-lhes os pecados deles e as desgraças que daí resultaram (43,22-28). Contudo, a esta censura junta-se imediatamente uma *promessa de salvação* (44,1-5), como as de 41,8-13.14-16 e 43,1-4.5-7. As duas passagens são ligadas entre si: a) pelas palavras *mas agora* (44,1); b) pelo contraste entre o anátema (43,28) e a bênção (44,3), como em Dt 13,13-19; c) pela antítese entre o "Jacó-Israel" de 43,28, nome desonrado, e o "Jacó-Israel" de 44,5, qualificativo procurado.

l. *Convidar* (a uma refeição) é um dos sentidos possíveis do verbo traduzido habitualmente por *chamar*: cf. 1Rs 1,9-10.19. m. Lit. *cana* (aromática).

n. Aqui, termo jurídico (cf. Ez 3,20; 18,24) que faz antítese com o *conservar na memória* do v. precedente.

- ²⁷ teu primeiro pai^a pecou,
 48,8 teus porta-vozes^b revoltaram-se contra mim,
²⁸ então eu desonrei^a as sacrossantas autoridades,
 Jr 25,9 destinei Jacó ao interdito e Israel aos sarcasmos.
44 ¹ Mas agora, escuta, Jacó, meu servo,
 Israel, que eu escolhi:
 43,1 ² Assim fala o SENHOR, que te fez,
 44,24; que te modelou desde o seio materno
 49,1,5; e que te ajuda:
 Jr 1,5 Não tenhas medo, meu servo Jacó, o Reerguido^a, aquele que eu escolhi,
 Jo 4,14 ³ pois eu derramarei águas sobre o sedento^a,
 torrentes sobre a dessecada^a;
 Ez 39,29; derramarei o meu Espírito sobre a
 Jl 3,1; tua descendência,
 Zc 12,10 a minha bênção sobre os teus rebentos;
⁴ eles não de crescer^a em plena vegetação, como os salgueiros à beira dos cursos d'água.
⁵ Um dirá: "Eu pertenço ao SENHOR", outro se chamará com o nome de Jacó, outro escreverá em sua mão: "Eu sou do SENHOR",
 45,4 e se qualificará com o nome de Israel.

Deus desafia os falsos deuses: ele restitui ao seu povo o seu esplendor^a

- 41,21; ⁶ Assim fala o SENHOR, o Rei de Israel,
 43,15
 o. Aqui, Jacó (Gn 25,26; 27,36; Os 12,4; Jr 9,3).
 p. Ou: *intérpretes*; visar-se-iam aqui maus sacerdotes e falsos profetas.
 q. Ou: *profanei* (entregando-as aos pagãos, impuros aos olhos dos judeus). *Sacrossantas autoridades*: lit. *os príncipes do santuário*, aqui talvez mais especialmente os reis, ainda que mais tarde o título tenha sido aplicado aos sacerdotes (1Cr 24,5).
 r. Lit. *leshurun*, algo como o *Reabilitado* de 42,19; este título designa Israel e caracteriza a nova "retidão" que Deus lhe dá; ele aparece exclusivamente aqui, em Dt 32,15; 33,5,26 e Sr 37,25.
 s. A palavra aplica-se comumente aos homens.
 t. A palavra designa muitas vezes a terra, mas pode também designar uma pessoa. A alternância do masculino e do feminino sugere que todos os membros do povo de Deus fenecem.
 u. Lit. *eles germinarão*, cf. 42,9.
 v. Tatuagem, proibida se for idólatra (Lv 19,28), mas sem dúvida permitida se for ortodoxa e talvez análoga ao *yod* que, sendo a primeira letra de *Yehudi* (judeu), é também a primeira letra de YHWH, Senhor; cf. 49,16.
 w. Em 44,6-8, processo entre o Senhor e os falsos deuses;

- aquele que o resgata, o SENHOR de 41,14
 todo poder^a:
 Sou eu o primeiro, sou eu o último, 41,4;
 fora de mim, não há deus. 48,12;
 Ap 1,17;
⁷ Quem é como eu? Que tome a 22,13
 palavra,
 que anuncie o que há e mo exponha, 41,22-23;
 desde que estabeleci o povo de outrora, 43,9
 diga^a as coisas que acontecerão,
 as que virão, que no-las anunciem!
⁸ Não tremais^a, não tenhais medo!
 Acaso não to fiz ouvir e não to
 anunciei há muito tempo?
 Não sois minhas testemunhas disso? 43,10-12
 Há algum deus fora de mim? 45,21
 Seguramente, não existe nenhum
 Rochedo,
 do qual eu não tivesse conhecimento!
⁹ ^bOs que modelam ídolos, todos eles 40,18-20;
 não passam de nulidade; 41,6-7;
 as estatuetas que eles procuram não Jr 10,3-5
 trazem proveito algum^c
 suas testemunhas, elas não enxergam
 nada,
 e, para sua vergonha, de nada têm
 conhecimento!
¹⁰ Quem jamais modelou um deus,
 fundiu um ídolo
 sem tirar lucro?
¹¹ Eis que todos os seus adeptos estão
 envergonhados,
 os artesãos não passam de humanos!
 Que se reúnam todos, que se apresentem:

- como estes últimos são inexistentes, os israelitas não precisam
 tremer: eles são as testemunhas do poder do seu Deus (v. 8). A
 este processo vai associada uma sátira contra os ídolos (44,
 9-20): os adoradores destes, sim, vão *tremar* (v. 11), serão tes-
 temunhas da impotência das suas divindades (v. 9). Em suma:
 em contraste com os falsos deuses, incapazes de libertar, triunfa
 o Deus verdadeiro, único capaz de *resgatar*, como repetem o
 primeiro e o último verso da seção 6-23, em garantias de salva-
 ção dirigidas a Israel (vv. 6,8 e 21-23).
 x. Lit. *dos exércitos*. Cf. Gn 2,1 nota. Este título aparece 6
 vezes neste livro: aqui, 45,13; 47,4; 48,2; 51,15; 54,5.
 y. *Fora de mim, não há Deus* (v. 6): comparar 43,11; 45,6-21;
 Dt 32,39. — Quem é como eu? (v. 7): comparar 40,18,25; 46,5;
 Jr 10,6; 49,19.
 z. Segundo o ms. de Qumran.
 a. Em antítese com o v. 11. Cf. 51,15 e também 60,5 (estre-
 mecer de alegria).
 b. Os vv. 9-20 não apresentam o ritmo dos caps. precedentes,
 mas, para fazer ressaltar os seus paralelismos, dispomo-los em
 estrofes.
 c. Cf. 47,12; 48,17; 57,12.

eles tremerão e estarão todos juntos na vergonha.

¹² O artesão do ferro aponta^d um escopro, passa-o^e nas brasas, dá-lhe forma com o martelo,

trabalha-o com braço enérgico.

^{40,26} Mas bate a fome, fica sem energia! Não bebe água? Acaba enfraquecendo!

^{40,20} ¹³ O artesão em madeira estende o cordel, traça a obra com giz, executa-a com cinzel,

sim, traça-a com o compasso, dá-lhe a figura de um homem, o esplendor de um ser humano, para que ela habite um templo,

¹⁴ para que se vendam cedros^f em sua honra.

Abatem-se roble e carvalho, escolhem-se as mais robustas dentre as árvores da floresta; planta-se um pinho, mas é a chuva que o faz crescer.

¹⁵ É para o homem lenha para queimar: ele o corta e se aquece, põe-lhe fogo e assa o pão.

E com o mesmo fabrica um deus e se prosterne,

faz dele um ídolo e inclina-se^g diante dele.

¹⁶ Faz a metade chamuscar no fogo e deita por cima^a a carne que vai comer: faz assar o seu assado e se sacia; também se aquece e diz: "Ah, ah, eu me aqueço, eu vejo a luz da chama".

¹⁷ Com o resto, ele faz um deus, seu ídolo, inclina-se e prosterna-se diante dele,

^{45,20} dirige-lhe a sua oração, dizendo: "Liberta-me, pois o meu deus és tu!"

¹⁸ Eles não compreendem, não discernem, pois seus olhos estão tapados, a ponto

de não mais enxergarem, seus corações também o estão, a ponto de não mais compreenderem!

41,20

¹⁹ Ninguém no seu coração volta à compreensão e ao discernimento, de modo a dizer:

46,8;

Rm 1,21-23

"Fiz chamuscar a metade no fogo, também assei pão sobre as brasas, assei carne e a como, e por cima eu ainda faria uma coisa abjeta,

41,24

eu me inclinaria diante de um pedaço de madeira!"

²⁰ Ele se agarra à cinza, seu coração enganado o desvia: ele não se verá libertado!

Nem por isso dirá:

"Não é enganação o que tenho em mãos?"

²¹ Jacó, lembra-te disso,

Israel: tu és meu servo,

eu te modelei como servo para mim; tu, Israel, não me decepcionarás!

²² eu apaguei como uma névoa as tuas revoltas,

43,25

como uma nuvem as tuas faltas; volta a mim, pois eu te resgatei.

Jr 31,18;

Lm 5,21

²³ Céus, soltai aclamações, pois o SENHOR age;

ressoai, profundezas da terra,

montanhas, explodi em aclamações,

42,10-12;

ao mesmo tempo que a floresta e

49,13;

55,12

todas as suas árvores,

pois o SENHOR resgatou Jacó

e em Israel manifestou o seu esplendor!

Deus apresenta Ciro. Todos os povos convidados a se tornar os adoradores do Senhor^l

²⁴ Assim fala o SENHOR que te resgata,

d. Verbo lido por gr. e sir., e que desapareceu do hebr., sem dúvida porque as suas consoantes reproduzem as da palavra precedente.

e. Este verbo retorna no mesmo v., onde é traduzido por *trabalhar*; é muitas vezes traduzido alhures por *realizar*, *fabricar* (v. 15).

f. O abate dos cedros fora a primeira etapa da construção do Templo de Jerusalém (1Rs 5,19-20). Seguimos aqui o hebr., mas o gr. e Vulg. leram: *A gente abate para si cedros*, e ligaram estas palavras com o que segue.

g. Hebr. *sagad*, verbo próprio deste livro (44,17.19; 46,6);

mesma etimologia que "mesquita" (o lugar onde a gente se inclina).

h. Lit. *sobre esta metade*. Gr. e sir. leram: *sobre as suas brasas*.

i. Com Qumran. O texto massorético traz outro termo: *tu não serás esquecido por mim*.

j. Deus apresenta o instrumento de sua salvação: Ciro. Para explicar a facilidade com a qual Deus dispõe deste homem, lembra antes a onipotência com a qual Ele domina sobre o universo e sobre todos os homens (44,24-25). Pode, portanto, e vai utilizar o rei persa, garantindo-lhe a vitória (44,26-45,6b), e esta vitória, mais ainda que reverter para a glória de Ciro, reverterá

- 44.2: que te modelou desde o seio materno:
46.3 Sou eu, o SENHOR, que faço tudo:
eu estendi os céus, eu sozinho,
fiz a superfície^k da terra, quem me
assistia?
- 25 Eu neutralizo os sinais dos presságios^l;
os adivinhos, eu os faço divagar,
eu faço^m os sábios caírem para trás,
e a ciência deles, faço-a delirar.
- 1 Cor 1,20 26 Faço acontecer a palavra do meu servoⁿ,
faço ter êxito o projeto dos meus
mensageiros:
digo de Jerusalém: "Que ela seja
habitada",
das cidades de Judá: "Que sejam
reconstruídas";
o que está devastado, eu o reerguerei.
- 27 Digo ao alto-mar: "Sê devastado,
tuas correntes, vou fazê-las secar!"
- 40.11; 46.10; 48.14 28 Digo de Ciro^o: "É o meu pastor";
tudo o que me agrada, ele o fará ter
êxito,
dizendo de Jerusalém: "Que ela seja
reconstruída",
e do Templo: "Sê fundado de novo!"
- End 1,1-5; 6,3-5; 2Cr 36, 22-23; 42.6; 41.2; SI 2,110 45 Assim fala o SENHOR a seu messias^p:
A Ciro, que seguro pela mão direita,
para rebaixar diante dele as nações,
para soltar o cinto^q dos reis,
para abrir diante dele as portas,
para que os portões não fiquem fechados:
- SI 107,16 2 Eu mesmo caminharéi diante de ti,
os terrenos corcovados^r, os aplainarei,
as portas de bronze, as quebrarei,
as trancas de ferro, as despedaçarei.
- 3 Dar-te-ei os tesouros depositados nas
trevas,
- as riquezas dissimuladas nos
esconderijos:
assim saberás que sou eu o SENHOR,
aquele que te chama pelo teu nome, 41,25
o Deus de Israel.
- 4 É por causa do meu servo Jacó,
sim, de Israel, meu eleito,
que eu te chamei pelo teu nome;
que te qualifiquei, sem me conheceres. 44,5
- 5 Sou eu que sou o SENHOR, não existe
outro,
afora eu, ninguém é deus!
Eu te cingi, sem me conheceres.
- 6 a fim de que se reconheça, no
levante do sol
e no seu poente, que fora de mim: nada!
Eu sou o SENHOR, não existe outro;
- 7 eu modelo a luz e crio as trevas,
eu faço a felicidade e crio a desgraça: 41,23;
sou eu, o SENHOR, que faço tudo isso. Sr 11,14
Ecl 7,14
- 8 Céus, lá de cima, derramai um orvalho
e que as nuvens façam jorrar a justiça,
que a terra se abra, que desabroche a
salvação^s, On 2,23s;
SI 85,12
e junto germine a justiça!
Sou eu, o SENHOR, que criei este homem.
- 9 Ai daquele que, jarra entre jarras de
barro,
contestasse aquele que o modelou!
Dirá a argila àquele que a modela:
"Que fazes?", 29,16;
Jr 18,6;
Rm 9,20
e a obra realizada por ti dirá:
"Ele não tem mãos!"?
- 10 Ai daquele que diz a um pai:
"Que geraste?", 64,7
e a uma mulher:
"Que puseste no mundo?"

bem mais para a glória de Israel (45.4) e, acima de tudo, para a glória do Senhor (45.6ab). Não devemos surpreender-nos ante o fato de a escolha de Deus ter caído num pagão: mais uma vez, o Senhor é dono de tudo, e portanto de Ciro (45.6c-8). Seria ridículo levantar objeções (45.9-11), pois aquele que conduz o mundo pode conduzir à sua maneira o rei persa e encarregá-lo de libertar os israelitas, sem que a estes nada custe (45.12-13). — Os gêneros literários são aqui variados: hino a si mesmo (44.24-28; 45.6-7.12-13; cf. 48.12-13; 50.2-3); oráculo de investitura real (45.1-6); finalmente, parábola (45.9-11).

k. Lit. *chapeei* (cf. 42.5; em antítese 40.19).

l. Hebr. *lugarelice*; mas pode-se supor a presença primitiva de uma palavra tirada do acádio e que significa *augúrio*.

m. Lit. *derrubo*; ao passo que ninguém é capaz de *derrubar* os projetos de Deus (43.13).

n. Lit. (*eu sou*) quem *estabelece a palavra do seu servo*. Um ms. gr. e o Targum leram *seus servos*. Observe-se a retomada de *fazer ter êxito* no v. 28.

o. Até agora, Ciro era designado de um modo apenas velado (40.13; 41.1-5; 41.25-42.9). Aqui o nome dele retorna duas vezes, e ainda se falará dele em 45.1-13; 46.8-13; 48.12-16.

p. O termo hebr., em gr. *khristos*, significa *aquele-que-é-ungido* (pelo Senhor). A unção com óleo era o sinal da penetração do Espírito de Deus, investindo um homem para uma missão: quer seja o rei (2Sm 5.3), quer seja o sacerdote (Ex 29.7), quer seja o profeta (1Rs 19.16; Is 61.1). Domina a aceção régia, e evidentemente ela se aplica a Ciro.

q. Lit. *os rins*, que carregam as armas (cf. 1Rs 20.11).

r. Mesma palavra que em 63.1 (arcar o peito).

s. A Vulg. traduziu: *o justo... o salvador*.

¹¹ Assim fala o SENHOR,
o Santo de Israel, aquele que o modelou;
Quereis interrogar-me¹ sobre o futuro²
de meus filhos?
Quanto à obra realizada pelas minhas
mãos,
me daríeis ordens?

¹² Fui eu que fiz a terra,
que nela criei o homem;
fui eu, as minhas mãos, que
estenderam os céus,
e a todo o seu exército eu dou ordens.

¹³ Sou eu que, pela justiça, fiz surgir
este homem³
e aplainarei todos os seus caminhos.
É ele que reconstruirá a minha cidade;
e mandará de volta os meus deportados,
sem que lhes custe nem pagamento
nem comissão⁴,
diz o SENHOR de todo poder.

¹⁴ Assim fala o SENHOR:
a mão-de-obra do Egito⁵, o comércio
de Kush,
a gente de Sebá, homens de alta estatura,
passarão na tua casa e serão para ti;
depois de ti irão⁶, acorrentados passarão.
Prostrando-se diante de ti,
te dirigirão esta súplica:
“É só contigo que Deus está,
e não existe outro;
os deuses: nada!

¹⁵ Seguramente, tu és um Deus que se
mantém escondido,
o Deus de Israel, aquele que salva!

^{41.11} ¹⁶ Ei-los todos juntos envergonhados,
cobertos de ultrajes,

sim, sob os ultrajes eles se vão, os
fazedores de estátuas;

¹⁷ Israel é salvo pelo SENHOR
e esta salvação é perpétua.
Para vós, não haverá vergonha nem
ultraje,
perpetuamente, para todo o sempre⁷.

¹⁸ Todavia, assim fala o SENHOR,
o criador dos céus,
ele, o Deus
que modelou e fez a terra,
que a tornou firme,
que não a criou vazia⁸,
mas a modelou para ser habitada:
Sou eu o SENHOR, não existe outro.

¹⁹ Não falei em segredo,
em um canto tenebroso da terra,
eu não disse à descendência de Jacó:
“Procurai-me no vazio!”
Sou eu o SENHOR: eu digo o que é justo,
eu anuncio o que é direito!

²⁰ Reuni-vos e vinde,
aproximai-vos juntos, sobreviventes
das nações⁹:
não sabem nada, os que carregam alto
o seu ídolo de madeira,
e dirigem a sua oração a um deus
que não salva.

²¹ Manifestai, apresentai,
sim, deliberai juntos!
Quem fez ouvir isto no passado,
e há muito o havia anunciado?
Não fui eu, o SENHOR?
e nenhum outro é deus, fora de mim;
um deus justo e que salva,
não existe afora eu!

45.15;
Jo 18.20;
At 26.26

1. Interrogar é o verbo traduzido por consultar em 41.28 e 65.1, e por pedir em 58.2c.

u. Expressão traduzida por coisas vindouras em 41.23; e coisas que acontecerão em 44.7.

v. Lit. ele, como no v. 8; isto é, Ciro.

w. Israel não desembolsará resgate: 52.3. O reino persa, em contrapartida, receberá em compensação mão-de-obra estrangeira: 43.23-4; 45.14.

x. Israel não terá de desembolsar nada pelo seu resgate (45.13; 52.3); este último será fornecido por estrangeiros (43.3-4), e a sua caravana de cativos é descrita aqui por antecipação, no momento em que passa diante dos muros de Jerusalém, que o profeta supõe reconstruída (45.13). Subjugados, eles esboçam diante do Deus de Sião uma confissão de fé ainda imperfeita, na qual reponta um certo despeito: “Tu és um deus escondido! De surpresa, exaltaste os teus e fizeste de nós escravos” (45.14-17). Mas o Senhor responde que não é tão escondido quanto se quer

dizer: sua criação e sua revelação não são vazias, nelas se pode encontrá-lo (45.18-19). Depois disso ele se volta para todos os homens que povoam o universo, lhes fala não como a vencidos, mas como a amigos, propõe-lhes a própria salvação que oferece a Israel, pedindo-lhes uma profissão de fé não mais forçada, mas livre, não mais balbuciante, e sim, explícita (45.20-25). — Estes propósitos dão azo a um novo processo contra os ídolos: 45.16. 20-21 (cf. 41.1-5.21-29; 43.8-15; 44.6-8).

y. Os africanos, passando diante de Jerusalém, vão para o exílio atrás dela e lhe servem de resgate (43.3-4). Poder-se-ia também traduzir: pertencendo a ti, irão atrás de ti; neste caso, sublinhar-lhe-ia que esses homens pertencem a partir de agora a Jerusalém e a servem, como escravos.

z. Vazia é a palavra *tôhu* de Gn 1.2; ela retorna no v. 19; é traduzida alhures por nulidade (41.29 etc.).

a. Alhures, trata-se de sobreviventes de Israel enviados às nações (66.19)

²² Voltai-vos para mim e sede salvos,
 52,10; vós, todos os confins da terra,
 Sl 98,3 pois sou eu que sou Deus, não existe
 outro.

62,8; ²³ Por mim mesmo, jurei
 Gn 22,16; — da minha boca sai o que é justo,
 Dt 32,40 uma palavra irreversível —:
 55,11 “Diante de mim todo joelho se dobrará

Rm 14,11; e toda língua prestará juramento^b:
 Fl 2,10-11 ²⁴ Só no SENHOR — dirá ela de mim^c —
 existem atos de justiça e poder!”

A ele virão^d, e estarão na vergonha,
 41,11 todos os que se haviam enfurecido
 contra ele.

²⁵ Graças ao SENHOR toda a
 descendência de Israel^e

41,16 obterá justiça e se exaltará.

46 Os falsos deuses desmoronam, Deus sustenta e liberta o seu povo^f

¹ Bel^a desmoronou, Nebô está caindo:
 suas imagens são confiadas a
 animais, a bestas de carga!

O que leváveis em andores, ei-lo
 tomado como carga,
 fardo para animais esfalfados

² que, juntos, pendem e se curvam,
 incapazes de dar liberdade a seu fardo,
 indo eles mesmos para o cativoiro.

Jr 48,7; ³ Escutai-me, casa de Jacó,
 49,3

Am 5,15 todo o Resto da casa de Israel,
 44,2,24 vós que, desde o seio materno, fostes
 assumidos,

carregados^b desde as entranhas de
 vossa mãe.

Sl 71 ⁴ Até a vossa velhice, eu sou,

até os vossos cabelos brancos, eu
 sustentarei,
 fui eu que agi, sou eu que carregarei,
 sou eu que sustentarei e que libertarei.

⁵ A quem me assemelhareis, e me 40,18,25
 fareis igual?

A quem me comparareis, que seja
 parecido comigo?

⁶ Alguns desperdiçam o ouro da sua
 bolsa,

pesam a prata na balança,
 contratam um moldador para que
 disso faça um deus,

e se inclinam e se prostram!

⁷ São eles que o carregam ao ombro,
 que o sustentam,
 que o fazem repousar, em vez de ser
 ele a fazê-lo¹.

Ele permanece imóvel: do seu lugar
 não se afasta.

Se alguém gritar para ele, não responde, 1Rs 18,27;
 da sua aflição ele não o salva. Sl 115,6;

⁸ Recordai-vos disso, para reanimar o 44,28;
 vosso ardor^d. Jr 33,3

ó revoltados, voltai neste ponto ao
 fundo do vosso coração,

⁹ lembrai-vos^k dos primeiros
 acontecimentos, os de outrora:
 Sim, eu é que sou Deus, não existe outro,
 DEUS, e em comparação comigo... nada!

¹⁰ Desde o começo eu anuncio o que 45,21
 vai seguir,
 desde o passado, o que não está
 ainda executado.

Eu digo: “Meu desígnio subsistirá, Sl 33,11
 e tudo o que me agrada, eu o executarei”. 44,28;
 Ef 1,11

b. Trata-se de um juramento de lealdade (cf. Is 19,18; 2Cr 15,14).

c. Tradução segundo Qumran; texto masorético: *disse ela de mim*.

d. Segundo 21 mss. hebr., Qumran e versões. O texto masorético traz: *Ele vem a ele*, o que se poderia compreender: *O Senhor vem a Israel*, mas parece pouco provável no contexto.

e. No fim deste desenvolvimento universalista, possivelmente a *descendência de Israel* seja a posteridade ampliada pelo afluxo dos crentes de outras nações (cf. 44,5 e 54,3).

f. *Desmoronamento dos falsos deuses*: o cap. 46 está ligado ao cap. 45 pelo fato de ambos denunciarem a inconsistência desses ídolos que se *carrega alto* (em andores, em procissão), mas que *não salvam* (comparar 45,20 com 46,1,7). Todavia o cap. 46 apresenta além disso um encorajamento e uma admoestação dirigidos aos israelitas: o poder do Deus verdadeiro contrasta, palavra por palavra, com a impotência dos falsos deuses; os benefi-

cios dele no passado são a garantia dos seus benefícios presentes e vindouros; a prova é que ele confirma a escolha de Ciro (v. 11) e, através dele, vai realizar sem tardança o seu projeto.

g. *Bel*, como Béal, significa senhor (Jr 51,44; *Epl Jr* 40; Dn 14); pode designar Marduk, o deus de Babilônia, ou ser distinto dele (Jr 50,2); figura como deus supremo. *Nebô* não aparece alhures na Bíblia, exceto nos nomes próprios Nebucadnezar (Nabucodonosor), Nabônides etc; ele é o filho de Bel, seu intérprete, mestre em sabedoria e em escritura.

h. Este modo passivo designa a ação divina, explicitada no v. 4.

i. Lit. *no lugar dele*, lido como em 55,13; 60,15 e 61,3,7. Outra tradução possível: *em seu lugar* (local).

j. Tradução conjuntural de um verbo que só aparece aqui, mas no qual se lê a raiz *fogo* (cf. Jr 20,9; 23,29; Sl 39,4).

k. Lembrete louvável, se alimentar a esperança para o futuro; censurável, se alimentar a nostalgia do passado, 43,18.

41,2,25 ¹¹ Eu chamo do levante uma ave de rapina,
45,13 de uma terra distante o homem do
desígnio que reivindico,
que formulei e levarei a termo,
que eu formei e executarei.

¹² Escutai-me, corações indomáveis¹,
vós que estais longe da justiça:

51,5 ¹³ minha justiça, eu a torno próxima, já
não está longe,

e a minha salvação não será mais
retardada;

eu darei em Sião a salvação,
a Israel darei o meu esplendor.

47 Última advertência a Babilônia^m

Lm 1,1 ¹ Desce, senta-te no pó,
13,19; virgem, filha de Babel,
48,14,20 senta-te por terra, não há trono,
filha dos caldeus.
Nunca mais obterásⁿ que te chamem
"Delicada e deliciosa".

² Toma o moinho,
mói a farinha,
descobre as tuas tranças^p;
levanta teu vestido,
descobre as tuas coxas,
atravessa os rios:

Lm 1,8 ³ que seja descoberta a tua nudez,
que se veja o que te expõe ao riso!
63,4 A vingança, eu a farei^q,
e não recorrerei a um ser humano:

41,14 ⁴ Aquele que nos resgata, seu nome é
o SENHOR de todo poder,
o Santo de Israel.

⁵ Senta-te sem dizer palavra, entre as
trevas,
filha dos caldeus,

pois nunca mais obterás que te chamem
"Dominadora dos reinos".

⁶ Eu estava irritado contra o meu povo: 54,8-9
eu havia desonrado o meu patrimônio, Dt 4,20
cu os entregara às tuas mãos;
42,24;
mas não lhes demonstraste nenhuma 43,28
compaixão,
sobre o ancião havias feito pesar
Lm 1,19;
teu jugo com excesso! 2,21

⁷ Dizias: "Eu serei para sempre,
perpetuamente dominadora";
Ap 18,7
42,25
não refletiste no teu coração no
sentido dos acontecimentos,
nem pensaste no que vinha depois.

⁸ Mas agora, ouve isto, voluptuosa,
que estavas no trono, confiante,
tu que em teu coração dizias: "Eu é
que sou importante,
e o resto não passa de nada!"
Não, nunca ficarei viúva,
Sf 2,15;
Ap 18,7
não conhecerei a perda dos meus filhos".

⁹ As duas coisas vão te acontecer, 51,19
num instante, num só dia:
a perda dos filhos e a viuvez — a
medida cheia —
virão sobre ti,
embora se acumulem as tuas receitas
mágicas

e tuas encantações abundem por demais. Ap 18,23

¹⁰ Tu haurias segurança da tua malícia,
dizias:

"Ninguém me vê".
Ez 8,12;
Sl 10,11
Tua "sabedoria" e tua "ciência",
elas te enganaram.

E tu, no teu coração, dizias:

"Eu é que sou importante,
e o resto não passa de nada!"

1. Terceiro apelo (após v. 3 e vv. 8-9); *indomáveis*: tomados aqui em sentido *negativo*, alhures em sentido *positivo* (49,26 e 60,16).

m. Se Jerusalém entrevê sua salvação (46,13), é precisamente porque Babilônia vai ser subjugada. O declínio dela é o objeto do cap. 47, que tem uma grande unidade de fundo e uma relativa uniformidade de estilo, com o uso freqüente do verso de 3 mais 2 acentos (ritmo da "qina", lamentação de luto). Parecido com os oráculos contra as nações (cf. Is 13-14; Jr 50-51), este poema enuncia um julgamento divino em que se mesclam as acusações, a condenação, a sanção com as suas consequências, e últimas advertências sobre a inutilidade dos ritos idólatras. As censuras visam sobretudo à dureza e ao orgulho da Babilônia, destinada assim a tornar-se mais tarde o tipo do Anticristo (Ap 17-18).

n. Mesmo fraseado em 47,5; 51,22 e 52,1.

o. As duas palavras de Dt 28,56. A raiz *deliciar-se*, *gozar* volta sob outras formas em 55,2; 57,4 (gracejar); 58,13,14; 66,11. p. A palavra, traduzida freqüentemente por *vêus*, designaria, mais que fios tecidos, cabelos trançados; ela só volta a ocorrer em Ct 4,1,3 e 6,7.

q. A estrofe que começa com estas palavras pode ser posta na boca de Israel, e Deus só falaria em seguida, como em Jr 51,34-35 e depois, em 36s. Se o discurso inteiro for posto na boca de Deus, o sentido seria: *Eu tomarei vingança*, diz Deus, *e não recorrerei a um homem* (que possa ajudar-me), ou então: *e eu não encontrarei homem* (que possa representar obstáculo para mim); nesta hipótese, o v. 4 sobreviria como uma reflexão dos israelitas. O verbo traduzido por *recorrer a*, *encontrar*, *cair sobre* etc., volta em 53,6,12; 59,16; 64,4.

¹¹ Eis que virá sobre ti uma desgraça:
não terás como conjurá-la,
eis que cairá sobre ti um desastre:
não serás capaz de proteger-te;
a ti sobrevirá de repente
um saque do qual não fazes idêcia.

¹² Monta, pois, a guarda no meio das
tuas encantações,
sobre o monte das tuas receitas mágicas
pelas quais te fatigaste desde a tua
juventude:

44,9 talvez alcances êxito,
talvez causes terror.

¹³ És importunada por montes de conselhos:
que eles se apresentem, pois,
e que te salvem, os que
esquadrinham os céus,
lêem nas estrelas
e fazem conhecer a cada lua nova
o que deve acontecer!

¹⁴ Eis, eles serão como palha,
um fogo os queimará,
não conseguirão se subtrair
ao poder da chama:

44,16 não será mais o braseiro de se aquecer,
a lareira de sentar-se em frente!

¹⁵ Assim são para ti aqueles pelos
quais te fatigaste,
os que te exploram desde a tua juventude:
cada um do seu lado são errantes,
ninguém para ti é salvador!

48 Deus censura, mas continua fiel¹

¹Escutai, casa de Jacó,

vós, chamados com o nome de Israel,
vós que saístes das fontes de Judá²,
vós que prestais juramento pelo
nome do SENHOR

Dt 6,13;
10,20

e professais a memória do Deus de
Israel,

Ex 23,13;
Js 23,7

mas sem sinceridade nem retidão³

Jr 5,2
Zc 8,8

² — não obstante, chamam-se: “Os da
Cidade Santa!”,
reivindicam o apoio do Deus de Israel,
cujo nome é: o SENHOR de todo
poder —:

52,1

³ Os primeiros acontecimentos, há
muito os anunciei,
saíram da minha boca, fi-os ouvir;
subitamente eu agi, e aconteceram.

41,22

⁴ Como sei que estás endurecido,
que tua nuca é uma barra de ferro
e que a tua frente é de bronze,

Ex 32,9;
Dt 9,6,13

⁵ anunciei-te os fatos há muito tempo;
antes que acontecessem, te fiz ouvi-los,
para evitar que digas: “A minha
imagem é que o fez,
meu ídolo, minha estátua, que deu
essas ordens”.

Jr 44,18

⁶ Ouvistes a predição: vede-a cumprida”.
E vós, não a anunciareis?

Agora te faço ouvir novidades
antes guardadas, que não conhecias.

42,9;
43,19
42,6

⁷ É agora que elas são criadas, e não
há muito tempo;
no início deste dia⁴, e tu nunca as
havias ouvido,
para evitar que digas: “Aí está! eu as
conhecia!”

⁸ Sem dúvida, tu não ouviste!

41,26

Sem dúvida, não tiveste conhecimento;
Sem dúvida, teu ouvido não foi
aberto muito tempo antes,
pois eu sei que traíste, sim, traíste,
e que te chamam “Revoltado desde o
seio materno”!

Os 5,7
43,27

r. *Desgraça* (v. 11) e *malícia* (v. 10) são em hebr. a mesma palavra.

s. O cap. 48 faz alternarem-se os apelos a uma atenção maior, as garantias de salvação (como em 40,9-11; 41,8-20; 42,14-17; 43,1-7,16-21; 44,1-5; 45,14-17; 46,3-4,12-13; 49; 51,1-3,7-8; 51,9-52,12; 54 e 55) e as palavras de censura (como em 42,18-25; 43,22-28; 46,8,12; 50,1; 55,7). Essas repreensões tornam-se duras, como as de Ezequiel; com efeito, o profeta combate a confiança que os israelitas depositam quer em si mesmos, quer nos falsos deuses. Pela boca dele, Deus lança a seus fiéis uma interpelação solene (v. 1-2), evoca os acontecimentos do passado, preditos e realizados (vv. 3-6a), passa para os acontecimentos vindouros que prediz e vai realizar (vv. 6b-8), não porque os israelitas fossem dignos

deles, mas porque empenha a sua glória em mostrar-se paciente (vv. 9-11); por ser ele o criador onipotente, pode suscitar Ciro, e o faz (vv. 12-15); o profeta é testemunha disto (v. 16); Israel nunca deveria ter-se desviado de Deus, então a sua felicidade teria sido estável (vv. 17-19); contudo, mesmo exilado, o Povo de Deus não deve desesperar, pois a sua libertação, o novo Êxodo, está bem próxima (vv. 20-22).

t. Lit. *das águas de Judá*. Targ. *da raça de Judá*. Para Judá, cf. 40,9; 44,26; 65,9.

u. Lit. *não segundo a verdade e a justiça*.

v. Lit. *Tu ouviste, olha a totalidade da coisa*.

w. Lit. *em face do dia*, que pode entender-se quer no sentido local “diante do dia” (cf. Sl 72,5), quer no sentido temporal “antes do dia”, como Qumran.

- 43,25 ⁹ É em consideração ao meu nome que
modero minha cólera,
Bz 36,22 em consideração ao louvor a mim
devido, me refreio^x em relação a ti,
a fim de não te eliminar.
¹⁰ Eis que te depurei — não na prata
em fusão^y —
te purifiquei^z no cadinho da humilhação.
¹¹ Em consideração a mim, em
consideração a mim é que eu agi;
com efeito, como o meu nome^a seria
desonrado?
Minha glória, não a darei a outro.
¹² Ouve-me, Jacó^b,
Israel, tu a quem eu chamo,
41,4 eu sou: sou eu o primeiro,
sou eu também o último.
¹³ Sim, foi a minha mão que fundou a
terra,
42,5-6; 45,12 minha direita que estendeu os céus;
se eu os chamar,
juntos se apresentam.
¹⁴ Reuni-vos todos e escutai!
Quem, entre os outros, anunciou
estas coisas:
aquele que o SENHOR ama executará
o que a ele apraz
44,28; 53,10 contra Babilônia e a sua raça, os caldeus^c?
¹⁵ Fui eu, fui eu que falei;
sim, eu o chamei,
eu o fiz vir e o seu empreendimento^d
terá sucesso!
¹⁶ Aproximai-vos de mim, escutai isto:
45,19 nunca, desde o início, falei em segredo:

- desde a época em que isto
aconteceu, aí estou:
e agora, o Senhor DEUS me envia,
com o seu Espírito. 61,1;
Mq 3,8
¹⁷ Assim fala o SENHOR que te resgata,
o Santo de Israel: 41,14
40,25
Sou eu, o SENHOR, teu Deus,
que te instruo para que disse tires
proveito,
que te faço andar pelo caminho que
percorres.
¹⁸ Ah! se tivesses atentado às minhas
ordens,
tua paz seria como um rio, v. 22
e tua justiça como as ondas do mar; 66,12
¹⁹ tua descendência seria como a areia, Gn 22,17
teus rebentos^e como os grãos da areia: 66,2
jamais o seu nome seria, de diante
de mim,
nem cortado, nem extirpado. ISm 24,22;
²⁰ Sai da Babilônia! Fugi de entre os SI 37,38
caldeus! Jr 51,6;
Ap 18,4
Com voz retumbante anunciai isto,
fazei-o ouvir,
propalai-o até a extremidade da terra, SI 126,1-2
dizei: "O SENHOR resgatou o seu
servo Jacó!"
²¹ Não tiveram sede nos solos
devastados para onde os levou.
Do rochedo fez jorrar águas para eles, Ex 17,1-7
sim, ele fendeu o rochedo e as águas
fluíram!
²² Mas para os maus não há paz, diz o 48,18;
SENHOR^f. 57,21

x. Lit. *eu me amodaço*.

y. Lit. *não na prata*, sem dúvida alusão a uma técnica de refino dos metais, segundo a qual se faz fundir a galena para recuperar o chumbo no meio da prata (Jr 6,27-30). Alguns traduzem *não por prata*, o que não é satisfatório.

z. Lit. *eu te triei*, ou *escolhi*, ou *elegi* (separando-te das tuas escórias); dois mss. hebr. e Qumran preferem: *eu te provei* (cf. Zc 13,9).

a. *Meu nome*: acrescentando com gr. e antiga versão lat.

b. Alguns mss. acrescentam: *meu servo*.

c. Tradução conforme o gr.; hebr.: *Babilônia e seu braço* (seu poder), os caldeus.

d. Lit. *seu caminho*. Gr., sir. Targ. leram: *eu fiz o seu caminho ter sucesso*.

e. Lit. *os rebentos das tuas vísceras*.

f. Em antítese com o v. 18. O fim do cap. 48 assinala uma virada na pregação do profeta: até aqui ele falava muito de Ciro, doravante não o mencionará mais; sublinhava a inconsistência dos ídolos, não falará mais disto; dirigia freqüentes censuras a

seus irmãos, na esperança de convertê-los, agora se limitará a condenar os irredutíveis; nunca havia mencionado as ternuras de Deus, agora fará muitas vezes alusão a elas; falava com freqüência e globalmente a Jacó-Israel ou de Jacó-Israel, agora não utilizará mais estas fórmulas, exceto em 49,3-7, onde precisamente um certo Israel (sua elite, o Resto fiel) deve agir em favor de Israel (em seu conjunto). Parece, pois, que o profeta, perseguido (50,4-11), repetiu uma última vez aos pecadores empedernidos o feito deles (50,1-3), e se volta com predileção para o grupo dos fiéis, ao qual não precisa mais converter, mas apenas encorajar: os que ele denomina os tementes-a-Deus (50,10), os amigos da justiça, as pessoas em busca do Senhor (51,1), os que têm a Lei no coração (51,7), os que têm fome e sede da Palavra de Deus (55,1). A estes crentes, que agora é supérfluo querer desviar dos ídolos e persuadir do acerto da missão de Ciro, o profeta prodigaliza as palavras reconfortantes que lhe são inspiradas pelo seu Deus, retomando intencionalmente a palavra "confortar", que abre a sua pregação (40,1).

49 Israel e as nações chamadas à Jerusalém repovoada

- 41,1 ¹Escutai-me, vós, as ilhas,
prestai atenção, populações de longe:
o SENHOR me chamou desde o seio
materno,
- 44,2.24;
Gl 1,15 desde o ventre de minha mãe,
repetiu para si o meu nome^h.
- Sh 18,15ss;
Hb 4,12;
Ap 1,16 ²Ele dispôs a minha boca como uma
espada pontiaguda,
na sombra da sua mão me ocultou;
preparou-me como uma flecha cortante,
na sua aljava me guardou escondido.
- Dt 32,34
Mt 3,17 ³Ele me disse: "Meu servo, és tu,
Israel, através de quem eu
manifestarei o meu esplendor".
- 44,23
Jr 20,7 ⁴Mas eu dizia: "Em vão me afadiguei,
é por coisa vazia, por vento,
que esgotei a minha energia!"
- 40,27 Na verdade, o meu direito me
esperava junto ao SENHOR,
minha recompensa, junto ao meu Deus.
- ⁵Agora, com efeito, o SENHOR falou,
ele que me modelou desde o seio
materno para ser o seu servo,
a fim de reconduzir Jacó a ele,
a fim de que Israel para ele seja
reagrupado:
- Mt 23,37;
Jo 11,52
43,4 logo, tenho peso aos olhos do SENHOR,
e minha força, é o meu Deus.
- ⁶Ele me disse: "É pouco
que sejas para mim um servo
reerguendo as tribos de Jacó,
e reconduzindo os preservados de Israel;
destinei-te a seres luz das nações,
a fim de que a minha salvação esteja
presente! até a extremidade da terra".
- Sr 48,10
42,6;
Lc 2,32
At 13,47 ⁷Assim fala o SENHOR,
o Redentor e o Santo de Israel,
àquele cuja pessoa é desprezada^k
e que o mundo abomina^l,

- ao escravo dos déspotas:
reis virão e se levantarão, 49,23;
príncipes também, e se prosternarão, 52,15
em consideração ao SENHOR, que é fiel,
ao Santo de Israel, que te escolheu.
- ⁸Assim fala o SENHOR:
No tempo do favor, eu te respondi, 2Cor 6,2
no dia da salvação, vim em teu auxílio;
reservei-te, destinei-te 48,6
a seres a aliança do povo^m, 42,6
reerguendoⁿ a terra,
devolvendo em herança os
patrimônios desolados,
- ⁹dizendo aos prisioneiros: "Saí!" 42,7
aos que estão nas trevas: "Mostrai-vos!"
Ao longo dos caminhos eles terão
seus pastos,
em todas as encostas escavadas,
suas pastagens.
- ¹⁰Não passarão nem fome nem sede, 41,17;
jamais os abaterão Jo 4,14;
nem o ardor da areia, nem o do sol; Ap 7,16
pois o que lhes tem ternura os conduzirá, 35,5;
e junto aos mananciais os fará descansar. Sr 43,22
- ¹¹De todas as montanhas farei para
mim um caminho,
e as estradas serão para mim alteadas. 40,3
- ¹²Ei-los que chegam de longe,
uns do norte e do oesteⁿ, 43,5-6;
outros da terra de Assuan^p. Sl 107,3
- ¹³Céus, soltai aclamações; terra, exulta, 44,23
montanhas, explodi em aclamações,
pois o SENHOR conforta o seu povo, 40,1
aos seus humilhados mostra a sua ternura.
- ¹⁴Sião dizia: "O SENHOR me abandonou,
meu SENHOR me esqueceu!" Os 11,8;
Sl 89,39-52;
Lm 5,22
- ¹⁵Porventura a mulher esquece a sua
criança de peito,
esquece de mostrar sua ternura ao
filho da sua carne^q?
Ainda que elas os esquecessem,

g. Não obstante trazer acentos novos, o cap. 49 está ligado ao que antecede (comparar 48.20 com 49,6; 48.21 com 49.10).

h. Lit. *ele fez memória do meu nome*.
i. Segundo o gr. e a Vetus Latina. Hebr. *ele disse*.
j. Lit. *para ser a minha salvação*, isto é: *ou que seja a minha salvação*, ou, *bem mais forte*, *que tu sejas a minha salvação* (Vulg.).
k. Lit. *a um desprezar de uma pessoa*. É melhor ler: *a um desprezado na sua pessoa*, com Qumran, sir., Targ. e Vulg.
l. Tradução conforme as versões; hebr.: *àquele que olha o mundo como um ser abjeto*.

m. Cf. 40,7 nota.
n. Deus parece ser o sujeito destes participios; ele toma Israel capaz de cumprir sua missão.
o. Lit. *do mar*.
p. Lit. *Syene*, segundo Qumran e como em Ez 29,10; 30,6 (texto massorético: *Sinim*, não identificado). Jr 44,1 atesta uma colônia israelita no Alto Egito; ela será a pátria dos mss. de Elefantina.
q. Lit. *filhos do seu ventre*. — *|O segundo estíquio pensa "as mulheres", pl.]

- 44,21; Jr 31,20 44,5 eu, eu não te esquecerei!
- 16 Eis que nas palmas das minhas mãos
cu te gravei;
as tuas muralhas estão constantemente
sob os meus olhos.
- 17 Eles acorrem, os teus construtores*,
e os teus demolidores, teus devastadores
vão-se embora para longe de ti.
- 60,4 18 Dirige os teus olhares para os
arredores e vê:
todos eles se reúnem, vêm a ti.
- 45,23 Tão certo como eu vivo, oráculo do
SENHOR,
hás de vesti-los todos como adorno,
qual noiva prometida, farás deles um
cinto para ti.
- 19 Sim, devastação, desolação,
terra de demolição que és,
sim, doravante serás estreita para o
habitante,
ao passo que fugirão os que te engoliam.
- Jr 51,34 20 Novamente dirão aos teus ouvidos
os filhos dos quais te sentias privada:
"O espaço é estreito para mim.
Dá-me lugar! Aperta-te, para que eu
possa morar".
- Lm 2,21 54,2 21 Tu dirás então no teu coração:
"Estes, quem mos engendrou?
Eu era privada de filhos, estéril,
em deportação, eliminada;
estes, quem os fez crescer?
Eu estava só,
estes, onde é que estavam?"
- 1,2; 66,8 22 Assim fala o Senhor DEUS:
Levantarei minha mão para as nações,
levantarei meu estandarte para os povos:
eles reconduzirão teus filhos em seus
braços
- 11,10-12 60,4; Br 5,6

- e tuas filhas serão carregadas aos
ombros.
- 23 Reis serão teus tutores,
e as suas princesas, tuas amas. 60,16
Rosto em terra, prostrar-se-ão diante
de ti, 49,7;
60,14
lamberão o pó dos teus pés.
Saberás então que eu sou o SENHOR; 41,20
os que esperam em mim não ficarão
envergonhados. SI 25,3
- 24 Acaso a presa do valente será retomada?
O cativo do tirano* será libertado? Mt 12,29
- 25 Sim, assim fala o SENHOR:
Sem dúvida! o cativo do valente será
retomado, 60,16
e a presa do tirano será libertada! Jr 31,11
Teu contendente, sou eu que vou 41,11
impugná-lo;
teus filhos, sou eu que vou salvá-los.
- 26 Farei os teus opressores comerem a
sua própria carne, 9,19
embriagar-se-ão com o seu próprio
sangue Ap 16,6
como com um vinho jorrando do lagar;
e toda carne saberá
que aquele que te salva, sou eu, o
SENHOR,
aquele que te resgata, o Indomável! 41,14
de Jacó!

50 Censuras ao ceticismo e às perseguições*

- 1 Assim fala o SENHOR:
Onde está pois, o atestado de divórcio Dt 24,1;
através do qual eu teria repudiado Os 2,4;
vossa mãe? Mt 19,7
- Ou quem é, entre os meus credores,
aquele ao qual eu vos teria vendido? 52,3;
SI 44,13

r. *Teus construtores (bonayik)*: com Qumran, Targ., Vulg. e um ms. hebr. em antítese com *os teus demolidores*. O texto masorético traz: *teus filhos (banayik)*. É possível que o equívoco seja intencional, para dar a entender que os *construtores* não são outros senão os *filhos*.

s. Segundo Qumran, gr., sir. e Vulg. e segundo o paralelismo. Texto masorético: *justo*.

t. O *Indomável*: como em 60,16, e em contraste com 46,12.
u. O cap. 50 contém, mais uma vez, dois processos, mas bem diferentes um do outro. A. O primeiro (vv. 1-3) desenrola-se entre Deus e os israelitas incrédulos. Estes censuram a Deus por tê-los repudiado, vendido: ele lhes responde que suas desgraças vêm dos seus pecados. Eles exprimem dúvidas sobre o poder dele: ele os confunde evocando um episódio terrificante do pri-

meiro Êxodo; é uma forma de anunciar o Êxodo novo, mas deixando pairar uma ameaça sobre os que não estão dispostos a crer. Contrariamente ao que aconteceu nos caps. precedentes, a reprimenda divina não é seguida de nenhuma promessa de salvação. Os oponentes parecem empedernidos, suas objeções são brevemente refutadas. B. O segundo processo (vv. 4-11) se passa entre o mensageiro de Deus e os israelitas recalcitrantes; no estilo das confissões de Jeremias, o arauto de Deus volta a traçar aqui os diferentes aspectos da sua existência: acolhida da palavra de Deus, fidelidade no transmiti-la, perseguição, protestos de inocência, afirmações de confiança, apelos aos tementes-a-Deus, ameaças aos ímpios. Para além das suas diferenças, os dois processos coincidem, pois o Senhor e o seu enviado são uma coisa só (cf. Ez 3,7).

É por causa das vossas iniquidades
que fostes vendidos,
é por causa das vossas revoltas
que vossa mãe foi repudiada.

² Que houve? Eu vim, e ninguém...
Eu chamei, e ninguém respondeu.
Seria curta a minha mão, curta
demais para libertar?

^{59,1:}
^{Nm 11,23} Será que eu não teria energia para
livrar?

^{51,10:}
^{Na 1,4} Eis, com a minha ameaça eu devasto
o mar,
reduzo a deserto as suas correntes;
^{Ex 7,18-21} por falta d'água se empesteciam os
seus peixes
e morrem de fome.

^{Ex 10,21-23} ³ Eu visto os céus de preto,
dou-lhes saco por cobertor*.

⁴ O Senhor DEUS me deu
língua de discípulo:
^{40,29} para que eu saiba acudir ao enfraquecido,
ele faz surgir uma palavra.
Manhã após manhã
ele me desperta o ouvido,
^{54,13} para que eu escute, como os discípulos;

⁵ O Senhor DEUS abriu-me o ouvido.
^{63,10:}
^{Fl 2,8} E eu, não me revoltei,
não me virei para trás.

⁶ Entreguei minhas costas aos que me
batiam,
minhas faces aos que me arrancavam
a barba;
não escondi o meu rosto
diante dos ultrajes e dos escarros.

^{Mt 26,67;}
^{Mt 27,30p} ⁷ É que o Senhor DEUS vem em meu
auxílio:

por isso não cedo aos ultrajes,
por isso tornei meu rosto duro como
silex,
e sei que não serei envergonhado.

<sup>* Ele está próximo, aquele que me
justifica!</sup> ^{Rm 8,33-34}

Quem quer mover-me processo?
Compareçamos juntos!
Quem será meu adversário no juízo?
Que se aproxime de mim!

⁹ Sim, o Senhor DEUS vem em meu
auxílio:
quem, pois, me convenceria de culpa?
Sim, todos esses, como uma veste,
se desgastarão,
a traça os comerá.

¹⁰ Há entre vós alguém que tema o SENHOR,
que ouça a voz do seu servo,
e que tenha caminhado nas trevas,
não encontrando claridade?

Que ponha a sua segurança no nome
do SENHOR,
que se apóie no seu Deus!

¹¹ Mas vós todos, que acendeis um fogo,
que formais um círculo de fachos,
entrai no clarão do vosso fogo,
no meio dos fachos que aticais:
pela minha mão, isto vos acontecerá:
no abatimento, jazereis*!

51 Confiança: o reinado de Deus será estabelecido à vista do Universo*

¹ Escutai-me, vós que perseguis a
justiça,
vós que procurais o SENHOR:
Olhai o rochedo do qual fostes talhados,
e o fundo da pedreira do qual fostes
tirados;

² Olhai Abraão, vosso pai ^{Rm 4,11-12}
e Sara que vos pôs no mundo;
com efeito, ele estava só quando eu ^{Ex 33,24}
o chamei:
eu o abençoei, eu o multipliquei ^{Gn 12,2-3; 15,5}

v. Roupas de luto, cf. 58,5.

w. Lit. *Deitar-se*, ou seja, morrer, cf. 43,17 etc.

x. A seção precedente (50,4-11) dava testemunho da segurança do profeta apesar das perseguições. Aqui (51,1-18) ele quer comunicar esta segurança ao grupo dos fiéis (vv. 1-7) que passam também eles por vexames (v. 7). Os que perseguem o mensageiro de Deus e zombam dos crentes serão cobertos de confusão como "uma veste comida pela traça" (expressões análogas em 50,9 e 51,8). — Assim ligada à que precede, a passagem 51,1-8 está todavia ligada à que segue, tão coerente é o discurso do Segundo Isaías; por exemplo o verbo *ativar*, de 51,4, voltará

em 51,15; o *entusiasmo* e o *júbilo* de 51,3 reaparecerão em 51,11; o *braço* do Senhor se manifesta em 51,5,9 e 52,10; finalmente os termos *consolar/confortar*, *resgatar*, *salvar* retornam de ponta a ponta na passagem 51,1 a 52,12. — Assinaladas estas ligações com o contexto, lemos primeiro 51,1-8, destacando quatro estrofes, todas elas postas na boca do Senhor, cada uma começando por um convite a estar atento (*escutai, dai-me atenção, levantai vossos olhos, ouvi*) e prosseguindo com uma motivação, introduzida em hebr. por uma mesma palavra (traduzida por *com efeito, sim, pois* etc.), ou seja os vv. 1-3,4-5,6,7-8. O denominador comum das quatro estrofes é a "justiça-salvação" esperada de Deus.

³ Sim, o SENHOR conforta Sião,
conforta todas as suas ruínas;
torna o seu deserto igual a um Éden
e a sua estepe, a um Jardim do SENHOR;
ali se encontram entusiasmo e júbilo,
ação de graças e som da música.

Ez 36,35;
Ap 2,7;
22,2
Jr 33,11;
Sl 51,10

⁴ Dai-me atenção, meu povo,
vós, populações⁹, prestai ouvido a mim,
pois de mim sairá a lei,

e o meu julgamento estabelecerei
como luz dos povos!

⁵ Ela está próxima, a minha justiça:
ela sai, minha salvação,
e meus braços⁴ vão julgar os povos;
as ilhas depositarão em mim a sua
esperança

e estarão na expectativa do meu braço.

⁶ Levantai vossos olhos para os céus,
depois olhai para baixo, para a terra:
sim, os céus, como uma fumaça, se
desfarão,

a terra, como uma veste, se desgastará,
e os seus habitantes morrerão como
insetos.

Mas a minha salvação estará aí para
sempre
e a minha justiça nunca será derrubada.

⁷ Escutai-me, vós que conheceis a justiça,
povo dos que têm a minha Lei no
coração:

Não tenhois medo do riso dos humanos,
e por seus sarcasmos não vos deixeis
abater,

⁸ pois a traça os comerá como a uma
veste,

a larva os comerá como à lã.
Mas minha justiça aí estará para sempre,
e a minha salvação, de geração em
geração.

⁹ Desperta, desperta^a, veste-te de poder,

braço do SENHOR,
desperta, como nos dias do passado,
das gerações de outrora.
Não foste tu que cortaste em
pedaços o Tempestuoso,
que traspassaste o Dragão?

Sl 89,11

¹⁰ Não foste tu que devastaste o Mar,
as águas do Abismo^b gigantesco,
que fizeste do fundo do mar um caminho,
para que passem os resgatados?

¹¹ Os libertados do SENHOR retornarão. 35,9-10
entrarão em Sião no meio das
aclamações,
a jubilação de outrora nimbando a
sua cabeça.

Entusiasmo e Jubilação afluirão,
fugiram Tormento e Gemido.

¹² Sou eu, sou eu que os conforto. 48,15
Quem és tu para teres medo do
homem mortal,

do filho de Adão, que é como erva, 40,6
¹³ para esqueceres o SENHOR que te fez, Dt 32,15
que estendeu os céus e fundou a terra,
para tremeres sem cessar o dia todo, 52,5
diante do furor do opressor, Jô 15,20
como se ele fosse bastante estável
para destruir?

Mas onde está o furor do opressor?

¹⁴ Em breve estará solto o que estava
prostrado^c:

não há de morrer no calabouço, Sl 16,10
e o pão jamais lhe faltará!

¹⁵ Sou eu que sou o SENHOR, teu Deus,
que agito o mar a ponto de as suas
ondas rugirem, Jô 26,12
e cujo nome é: o SENHOR de todo Jr 31,35
poder.

¹⁶ Eu pus as minhas palavras na tua boca, 59,21
na sombra da minha mão eu te abriguei 49,2
ao plantar os céus, ao fundar a terra

y. 12 mss. hebr. e sir. lêem aqui: *vós, os povos, vós, as populações*.

z. O texto de Qumran traz: *seus braços, nele, seu braço*, o que orienta a atenção para o representante de Deus, Ciro, como em 42,1-7; 46,11-13 etc.

a. Estes apelos redobrados abrem. no interior de 51,9-52,12, três seções assim repartidas: a) um apelo ao braço do Senhor (51, 9-16) que realizou o primeiro Êxodo e que pode realizar o Êxodo novo (vv. 9-11). Deus responde que efetivamente vai libertar o seu povo (vv. 12-16); b) um convite a Jerusalém (51,17-23) que deve reerguer-se e que verá passar das suas mãos às mãos dos seus opressores a taça embriagante do castigo; c) um convite a

Sião, agora restabelecida (52,1-12): ela vai reencontrar seu esplendor (vv. 1-2), medir o poder do seu Salvador (vv. 3-6), assistir à volta do seu Senhor que retorna à sua Cidade Santa (vv. 7-12).

b. Vv. 9-10: *Tempestuoso (Rahab)*: monstro do caos (Jô 9,13) ou do Egito (Is 30,7); *Dragão (Tunnin)*: serpente das origens (Jô 7,12) ou Faras (Ez 29,3); *Mar (Yam)*: oceano primordial (Jô 38,8) ou mar dos Juncos (Ex 14,2); *Abismo (Tehom)*: precipício original (Gn 1,2) ou profundezas do mar dos Juncos (Is 63,13). Assim estes 4 termos dão a entender que o poder do Deus que cria se desdobra na ação do Deus que resgata.

c. Lit. *arcado* (curvado com a cabeça para frente), comp. 63,1 (reerguido com a cabeça para trás).

- e ao dizer a Sião: "Meu povo, és tu!"
- 52.1: ¹⁷ Desperta-te, desperta-te, põe-te de
Jr 5.12 pé, Jerusalém,
tu que bebeste da mão do SENHOR
42.25: o cálice do seu furor;
Jr 25.15-29 a taça do cálice de vertigem
tu a bebeste, a esvaziaste.
Sl 60.5
Ap 14.10 ¹⁸ De todos os filhos que ela gerou,
40.11: não houve um que dela tenha cuidado;
49.10 de todos os filhos que ela criou,
não houve um que a tenha tomado
pela mão!
- 47.9 ¹⁹ Duas coisas te aconteceram
Jr 15.5 — quem te lamentará? —;
60.18 Estrago e Ruína, Fome e Espada
— quem te confortará?^d
Lm 1.2.9.
16-17 ²⁰ Teus filhos estão sem forças, prostrados,
Lm 2.19: em cada esquina,
4.1 como antlope apanhado na armadilha,
domados pelo furor do SENHOR,
50.2 pela ameaça do teu Deus.
54.11 ²¹ Escuta então isto, ó humilhada,
embriagada, mas não de vinho:
²² Assim fala o teu soberano, o SENHOR,
teu Deus, que se alia à contenda do
seu povo:
Retirei da tua mão
o cálice da vertigem,
a taça do cálice do meu furor;
doravante não precisarás mais bebê-la.
²³ Eu a perei na mão dos teus
atormentadores,
dos que diziam a ti:
"Abaixa-te, para que passemos";
Jr 10.24 pois estenderas as tuas costas como
chão,
como rua para os passantes.
51.17: **52** ¹ Desperta, desperta, veste-te de
51.9 poder, ó Sião,
veste as tuas vestes de esplendor,
Jerusalém, cidade da santidade,
48.2 pois a partir de agora o incircunciso,
Ez 44.9 o impuro,
não encontrará mais como voltar a ti.
47.1 ² Sacode de ti a poeira, põe-te de pé,
tu, a cativa, Jerusalém,
- faze saltar as amarras do teu pescoço,
tu, a cativa, filha de Sião.
- ³ Sim, assim, fala o SENHOR:
Gratuitamente fostes vendidos,
45.13 sem dinheiro sereis resgatados!
1Pd 1.18
- ⁴ Sim, assim fala o Senhor DEUS:
No início, foi ao Egito que o meu
povo desceu em migração;
no fim^f, foi Assur que o submeteu à
extorsão;
⁵ e agora, aqui, que é que eu recolho?
— oráculo do SENHOR —
pois o meu povo foi arrebatado
gratuitamente,
seus déspotas urram
49.7 — oráculo do SENHOR —
e sem cessar, o dia inteiro,
meu nome é injuriado.
- ⁶ Por isso, meu povo vai conhecer
qual é o meu nome;
por isso, neste dia, ele vai conhecer
que eu sou aquele
aquele que afirma: "Aqui estou!"
41.4
- ⁷ Como são bem-vindos,
por sobre as montanhas,
os passos do mensageiro
que nos faz ouvir a paz,
que traz uma mensagem de bem,
que nos faz ouvir a salvação,
que diz a Sião: "Teu Deus reina!"
- ⁸ Voz dos teus vigias!
Eles levantam sua voz,
juntos soltam uma aclamação;
pois, olhos nos olhos, eles vêm
Nm 14.14 o SENHOR voltando a Sião.
Ez 43.1-5
- ⁹ Explodi, soltai aclamações, todas juntas,
ruínas de Jerusalém,
pois o SENHOR conforta seu povo,
ele resgata Jerusalém.
- ¹⁰ O SENHOR desnuda, sob os olhos de
40.5 todas as nações,
o braço que desdobra a sua santidade,
51.9 e todos os confins da terra verão
Sl 98.1-4 a salvação do nosso Deus.
Lc 3.6
- ¹¹ Parti, parti, sai;
2Cor 6.17: o impuro, não o toqueis;
Ap 18.4

d. Segundo Qumran, as versões e o paralelismo. Texto masorético: *quem sou eu para que eu te conforte?*
e. l.it. *cheios*.

f. Muitos traduzem: *por nada* (fim = cessação, nada), o que haveria que compreender: *sem indenização*.

saí do meio de Babilônia, purificai-vos, vós que levais as alfaías^a do SENHOR.

¹² Com efeito, não é na precipitação^b que saíreis, nem no pânico

Ex 14,5 que andareis; pois quem caminhará adiante de vós é o SENHOR, e a vossa retaguarda será o Deus de Israel.

O Servo oprimido e exaltadoⁱ

Jr 23,5 ¹³ Eis que o meu Servo terá êxito^j, ele será enaltecido, elevado, exaltado grandemente.

At 3,13; Jo 12,32; Fl 2,9 ¹⁴ Da mesma forma que as multidões ficaram horrorizadas a seu respeito^k — destruída até este ponto,

Sl 22,7 a sua aparência não era mais a de um homem, e o seu aspecto não era mais o dos filhos de Adão —,

Jo 19,5 ¹⁵ da mesma forma a seu respeito multidões de nações vão ficar maravilhadas^l, reis vão ficar de boca fechada, pois vêem o que não lhes havia sido contado, Mc 7,16 49,7 e observam o que não ouviram dizer.

53 ¹ Quem, pois, acreditou naquilo que ouvimos? Jo 12,38; Rm 10,16

O braço do SENHOR, em favor de quem foi revelado? 52,10

² Diante dele^m, ele vegetava como um rebento, como raiz saindo de uma terra árida; não tinha nem aspecto, nem imponência tais que os notássemos, nem aparência tal que o procurássemos. 52,14

³ Ele era desprezado, deixado de lado pelos homens, homem de dores, familiarizado com o sofrimentoⁿ, como aquele diante do qual a gente esconde o rosto; sim, desprezado, não o estimávamos de modo algum. 49,7; Sl 22,7; Mc 9,12

⁴ Na verdade, são os nossos sofrimentos que ele carregou, foram as nossas dores que ele suportou, e nós, o considerávamos atingido, golpeado por Deus e humilhado. Mt 8,17; Hb 2,10

⁵ Ele, porém, era desonrado^o por causa das nossas revoltas, triturado por causa das nossas transgressões: 2Cor 5,21; Gl 3,13; Rm 4,25; Ef 2,14,17 a sanção, garantia de paz para nós^p, estava sobre ele,

g. Os utensílios restituídos, fazendo parte dos despojos apreendidos no Templo pelos babilônios em 587.

h. No tempo de Moisés, a saída do Egito se deu, ao contrário, na precipitação. Ex 12,11.33-34; Dt 16,3.

i. Is 52,13-53,12 é o ápice da obra do Segundo Isaías. Embora destacando-se do seu contexto, o trecho não está isolado dele: está ligado ao que precede (comparar 52,10 e 52,15-53,1; o braço do Senhor desdobrando sua força aos olhos das nações) e ao que segue (comparar 53,10-12 e 54,1-3; a descendência prometida e que vem em multidão; 52,15 e 54,3; as nações presentes: 53,4,11 e 54,14,17; a humilhação que precede o reconhecimento de uma justiça retumbante etc.).

Esta passagem dá a palavra, sucessivamente:

a) a Deus (52,13-15), que anuncia a exaltação do seu servo, há pouco humilhado;

b) às multidões (53,1-6) que exprimem a sua surpresa diante desta exaltação. Se o desonrado é finalmente reabilitado, pensam eles, não é ele o justo? Se nós, que o acabrunhamos, somos agora acabrunhados pela preeminência dele, não éramos criminosos, que teriam merecido o que ele sofreu?

c) ao profeta (53,7-10), que prossegue a reflexão que acaba de inspirar às multidões, sobre a inocência e a paciência do Servo, desejando que o Senhor aceite e recompense tal generosidade e torne fecundo tal sofrimento;

d) a Deus (53,11-12), que responde a este apelo garantindo

que para além destes sofrimentos o Servo será cumulado de bens; atrairá a si as multidões humanas e lhes dispensará a justiça.

j. O verbo hebr. significa *compreender, agir com discernimento* e finalmente *obter um pleno sucesso*, tem sido traduzido alhures por *aprender*, que significa ao mesmo tempo compreender, surpreender, dominar e fazer impressão.

k. Como um mss. hebr., Targ. e sir. O texto masorético, Qumran e gr. trazem: *a respeito de ti?*

l. Segundo gr. e antiga versão lat. O verbo hebr. significa *fazer jorrar* (um líquido sobre alguém), isto é aspergir: lit. *ele fará jorrar as nações*. Este texto, pouco satisfatório, tem tido diferentes traduções: o sir. conservou um sentido ritual (Nm 19,17-22): *ele purificará ou saneará as nações*. Símaco e Targ. traduziram: *ele dispensará ou rejeitará as nações*. Se o termo pudesse ser empregado no sentido figurado, poder-se-ia dizer: "Ele enlameará as nações" (cf. Jd 29,21-22).

m. Isto é, diante do Senhor: outra tradução possível: *crescia diante de si*, isto é, entregue a si mesmo.

n. Lit. *conhecido de* ou, segundo Qumran, *conhecedor do sofrimento*.

o. Segundo Áquila e Targ. e em harmonia com o uso do verbo em 43,28 e 47,6. Ou então: *transpassado*, se lermos com o hebr. outra forma de um verbo de grafia igual.

p. Lit. *nossa paz*.

IPd 2,24 e nas suas chagas encontrava-se cura para nós.

⁶ Nós todos, como ovelhas, éramos errantes, cada um de nós seguia o seu caminho, e o SENHOR fez recair sobre ele a iniquidade de todos nós.

ICor 15,3 ⁷ Brutalizado, ele se humilha, não abre a boca;

SI 38,14-16; Mt 27,12-13; Mc 14,61; Jo 19,9; Ex 12,5; Jr 11,19; IPd 1,19 como um cordeiro é arrastado ao matadouro, como uma ovelha emudece diante dos tosquiadores: ele não abre a boca.

⁸ Compelido, submetido a julgamento, ele foi arrebatado, e quem se preocupa com os da sua geração?

Ez 37,11; Lm 3,54 Sim, ele foi suprimido da terra dos vivos, por causa da revolta do seu povo^a, o golpe recai sobre ele.

⁹ Destinaram-lhe uma sepultura entre os maus, entre os ricos está seu túmulo^a, embora não tivesse cometido violência

Lm 3,6; Br 3,4-11; Mt 27,57-60 nem houvesse fraude na sua boca.

SI 44,18-22; IPd 2,22; IJo 3,5 ¹⁰ O SENHOR quis^a triturrá-lo pelo sofrimento^a.

IJo 2,2; Rm 3,25; Hb 2,17 Se estabeleceres sua vida em sacrifício de reparação^a,

ele verá uma descendência, prolongará os seus dias e o beneplácito do SENHOR terá êxito.

48,14; Mt 26,42; Jo 4,34 ¹¹ Depois de ter pago^a com a sua vida, ele verá uma descendência^a, ele será cumulado de dias^a;

At 3,13-14; 7,52; IPd 3,18; Rm 3,26; 5,18 logo que conhecido^a, justo, ele distribuirá a justiça, ele, meu Servo, em benefício das multidões,

pois as iniquidades delas toma sobre si.

¹² Por isso eu lhe darei a sua parte nas multidões, e é com miríades^a que ele repartirá o despojo,

Lc 11, 21-22; visto que se derramou a si mesmo até a morte

Mt 26,28; Fl 2,7; Lc 22,37 e se deixou contar entre os pecadores, visto que carregou o pecado das multidões^a

Rm 4,25; Hb 9,28; IPd 2,24; Mc 10,45; Lc 23,34; Rm 8,34; Hb 7,25 e intercede pelos transgressores.

54 Deus reencontra Jerusalém, sua esposa^a

¹ Eleva aclamações, tu, estéril, que não davas mais à luz, explode em aclamações e vibra, tu que não geravas mais;

GI 4,27; ISm 2,5; SI 113,9 pois ei-los aqui em multidão, os filhos da desolada,

53,11 mais numerosos que os filhos da desposada, diz o SENHOR.

q. Com Qumran, e em paralelo com: sua geração. Texto masorético: *meu povo*. Sobre os sentidos possíveis da palavra, cf. 40,7 nota.

r. Palavra correspondente ao ms. de Qumran e a Ez 43,7. Texto masorético: *nos seus mortos*.

s. Outra tradução: *o Senhor se comprou em...*

t. Lit. *ele o fez sofrer*.

u. É o único texto do AT que usa a imagem de uma vítima humana oferecida em expiação. É sabido que os sacrifícios humanos estavam absolutamente proscritos.

v. Lit. *ao preço da pena de...*

w. *Ele verá uma descendência*: lit. *ele verá*, correspondente ao v. 10. Gr. e Qumran leram: *ele verá a luz*.

x. *De dias* está subentendido, como em Gn 25,8.

y. Lit. *Pelo conhecimento dele*, isto é, pelo conhecimento que se terá dele, antes que pela ciência dele.

z. A palavra hebr. pode significar ou "forte", ou "numeroso"; optamos pelo segundo sentido em razão do paralelismo com multidões e com concordância com 60,22 (cf. Gn 18,18 e Nm 14,12). Os dois termos traduzidos por multidões e miríadas ocorrem em paralelo também em Am 5,12; Pr 7,26 e SI 35,18.

a. Para alguns, e principalmente para a tradição judaica, o

poema de Is 52,13-53,12 põe em cena o Israel fiel, triturrado pelo Exílio, e ao final cumulado de honras. João Batista (cf. Jo 1,29) e a tradição cristã aplicam este texto a Jesus, o Servo absolutamente justo, capaz de suportar, de tirar e de expiar os pecados das multidões humanas, finalmente vitorioso da morte e que atrai a si miríades de homens. Por esta razão, Is 52,13-53,12 tem sido muitas vezes denominado "o quinto evangelho".

b. O cap. 54 interpela — sem dizer o nome — Jerusalém, a Esposa do Senhor (cf. 49,14-21; 50,1; 51,1-3; 51,17-52,9). Deus pronuncia em relação a ela palavras das quais várias lembram as que acaba de dirigir ao Servo (comparar 53,10-12 e 54,1-3; 52,15 e 54,3; 53,4,11 e 54,11,14,17; 53,3 e 54,8; 53,5 e 54,3); como este último, São, há pouco humilhada, vai ser glorificada: acaso não é ela a Cidade dos servos do Senhor (54,17)?

A mensagem de salvação que ela ouve está assim estruturada: a) estéril, ela será mãe de uma posteridade inumerável (vv. 1-3); b) viúva, ela será novamente desposada pelo Senhor (vv. 4-6); c) abandonada, ela será reassumida na aliança, que do lado de Deus é indefectível (vv. 7-10); d) desmantelada, ela será reconstruída com magnificência (vv. 11-12); e) oprimida, ela estará doravante ao abrigo de todo ataque e poderá viver em paz na escuta do seu Senhor (vv. 13-17).

- 33,20; 2 Dilata o espaço da tenda,
Jr 10,20 as lonas das tuas moradas sejam esticadas!
- 49,19-21 Não economizes nada! Alonga as tuas cordas,
as tuas estacas, faze-as firmar,
3 pois à direita e à esquerda vais transbordar:
tua descendência herdará nações
que povoarão as cidades desoladas.
Gn 28,14 55,5 44,26; 4 Não tenhas medo, pois não provarás
49,19 45,17 mais vergonha,
não te sintas mais ultrajada, pois não
precisarás mais enrubescer,
esquecerás a vergonha da tua adolescência,
a chacota sobre a tua viuvez^c, não te
lembrarás mais dela.
- 41,14 5 Pois aquele que te fez é teu esposo:
o SENHOR de todo poder é seu nome;
o Santo de Israel, é ele que te resgata,
ele se chama o Deus de toda a terra.
- 49,14 6 Pois, como uma mulher abandonada
e cujo espírito está acabrunhado,
o SENHOR te chamou de volta:
Jr 31,3 "A mulher dos jovens anos,
Pr 5,18; verdadeiramente seria ela rejeitada?",
Mt 2,14-16 41,9 disse o teu Deus.
- 7 Por um breve instante, eu te havia abandonado,
SI 30,6 mas sem trégua de ternura^d, vou te congregar.
- 8 Num transbordar de irritação, eu
havia escondido
53,3 meu rosto, por um instante, longe de ti,
51,6,8; mas com uma amizade^e sem fim eu
Jr 31,3 te manifesto a minha ternura,
41,14 diz aquele que te resgata, o SENHOR.
- 9 É para mim como as águas^f de Noé:
a respeito delas, jurei que não
transbordariam mais,
essas águas de Noé, até cobrir a terra;
da mesma forma jurei não mais irritar-me
contra ti e não mais ameaçar-te.
10 Ainda que as montanhas mudassem
SI 46,3; Hb 3,6 de lugar
e as colinas vacilassem,
minha amizade nunca se afastará de ti
e minha aliança de paz jamais vacilará,
Ez 34,25; 37,26 diz aquele que te manifesta a sua ternura, o SENHOR.
- 11 Humilhada, arremessada, sem reconforto,
eis que eu aplicarei carvão^g
ao redor das tuas pedras,
te fundarei sobre safiras,
Ez 28,13-14
- 12 farei as tuas ameaças de rubis,
tuas portas de pedras cintilantes
e todos os muros que te cercam, de pedras ornamentais^h.
7h 13,16-17 Ap 21,10-21
- 13 Todos os teus filhos serão discípulos do SENHOR
e grande será a paz dos teus filhos.
50,4; Jr 31,34; Jo 6,45
- 14 Na justiçaⁱ serás firmada,
longe de ti^j a extorsão: não terás mais nada a temer:
45,18 SI 91: 121
longe de ti o terror: este não se aproximará mais de ti.
- 15 Conspira-se, monta-se um complô?
Isto não vem de mim!
Quem conspirar contra ti, diante de ti desmoronará.
Lc 20,18
- 16 Fui eu, vê, que criei o artesão,
aquele que sopra sobre um fogo de brasas
e tira daí uma arma
destinada ao que ela deve fazer;
fui também eu que criei o destrutor
41,25 destinado a desfazer^k!

c. Vergonha da tua adolescência: exílio no Egito, quando a nação não tinha o seu Esposo.

Chacota sobre a tua viuvez: exílio na Babilônia, quando não tinha mais o Esposo.

d. Sem trégua de ternura: lit. com grandes ternuras (em contraste com o breve instante).

e. Amizade, como no v. 10; cf. 40,6 e nota, onde a mesma palavra é traduzida por constância.

f. Segundo a maioria dos mss. hebr. e o gr.; como os dias: Targ. sir., Ar., Teod., Vulg.

g. Carvão (lápiz) cosmético: o cimento sombrio ao redor de

uma pedra (1Cr 29,2) evoca o unguento preto ao redor de um olho (2Rs 9,30; Jr 4,30).

h. Lit. pedras de prazer: a expressão retorna exclusivamente em Jr 45,11; 50,9 e em Qumran (Regra da Guerra 5,6.9.14; 12,12-13).

i. Aqui, não somente retidão de conduta, mas também o legítimo direito salvaguardado; cf. Is 1,26-27; 28,16-17.

j. Lit. mantém-te longe de.

k. Lit. aniquilar: a palavra opõe-se aqui a fazer, como em Ecl 5,5. Trata-se de neutralizar a ação das armas das quais se acaba de falar.

17 Toda arma fabricada contra ti
 não há de ter sucesso,
 toda língua levantada contra ti em
 julgamento,
 50,9 tu a convencerás de culpa.
 Este será o quinhão dos servos¹ do
 SENHOR,
 esta será a justiça deles, que vem de
 mim
 — oráculo do SENHOR.

55 Deus convida os seus a se alimentarem da sua Palavra^m

1 Ó todos que estais com sede,
 vinde para as águas,
 mesmo aquele que não tem dinheiro,
 venha!
 Dt 8,3; Mt 4,4; 45,13; 52,3; Ex 3,7-8; Jr 2,13; Jo 4,18
2 Pedi cereais, e comei; vinde e bebeiⁿ
 — sem dinheiro, sem pagamento —
 vinho e leite.
3 Para que gastard^o
 vosso dinheiro com aquilo que não
 alimenta,
 vosso trabalho^p com aquilo que não
 sacia?
 Escutai, pois, escutai-me, e comei o
 que é bom;
 encontrai o vosso gozo em manjares
 saborosos^q.
4 Prestai ouvido, vinde a mim,
 escutai, e haveis de viver.
 Concluirei convosco uma aliança
 perpétua,
 sim, eu mantereis os benefícios de
 David^r.

4 Eis: dele eu fizera uma testemunha
 para os clãs,
 um chefe e uma autoridade para as
 populações.
5 Eis: uma nação que não conheces,
 tu a chamarás,
 e uma nação que não te conhece
 correrá para ti,
 pelo fato de o SENHOR ser o teu Deus,
 sim, por causa do Santo de Israel,
 que te deu o seu esplendor.
6 Procurai o SENHOR, já que^s ele se faz
 encontrar,
 chamai-o, pois ele está próximo.
7 Que o mau abandone o seu caminho,
 e o malfetor seus pensamentos.
 Que ele retorne para o SENHOR,
 o qual lhe manifestará a sua ternura,
 para o nosso Deus
 que é pródigo em perdoar^t.
8 É que vossos pensamentos não são
 os meus pensamentos,
 e os meus caminhos não são os
 vossos caminhos
 — oráculo do SENHOR.
9 Como os céus se alteiam, em relação
 à terra:
 assim os meus caminhos se alteiam,
 em relação aos vossos,
 e meus pensamentos, em relação aos
 vossos pensamentos.
10 Pois, como desce a chuva ou a neve,
 do alto dos céus,
 não voltando para lá
 sem ter saturado a terra,

1. É a única vez nos caps. 40-55 que o povo israelita é denominado, no plural, *servos do Senhor*; talvez o profeta queira entender que no interior da comunidade cada um deve sentir-se rodeado da solicitude de Deus.

m. O cap. 55 prolonga o cap. 54 no sentido de que, depois de se haver dirigido a Jerusalém, o profeta se volta agora para os fiéis que se preparam para repovoá-la, a fim de indicar-lhes a natureza e as condições da felicidade deles. Em relação ao conjunto da obra do Segundo Isaías, o cap. 55 constitui o seu epílogo: como o prólogo (40,1-11), este cap. volta a insistir na transcendência de Deus, na eficácia da sua Palavra e no brilho do novo Êxodo. Deus, pela voz do seu profeta, e um pouco no estilo deuteronomico de 1Rs 8: a) propõe o alimento sólido do seu ensinamento, que proporciona a vida em plenitude (vv. 1-3a); b) promete restituir aos seus fiéis o que foi outorga o brilho de David (vv. 3b-5); c) insta os obstinados a se converter, a confiar no seu perdão, pois a sua visão ultrapassa a deles e a sua Palavra nunca decepçiona (vv. 6-11); d) renova enfim a promes-

sa de uma libertação tal que o eco dela repercutirá para sempre (vv. 12-13).

n. Traduzido segundo o gr., enquanto o hebr. repete: *pedi cereais*, e não comporta portanto nenhum verbo concernente às bebidas que seguem.

o. Lit. *jogar na balança*; antes do uso da moeda, pagava-se em lingotes de metal.

p. É a palavra traduzida por *mão-de-obra* em 45,14; deriva do verbo *fatigar-se* (40,30 etc.).

q. Lit. *gordura*.

r. Lit. *os benefícios de David que são mantidos* (cf. 2Cr 6,42); trata-se aqui do bem feito por David graças a Deus, mais do que do bem feito por Deus a David (Sl 89,50). Os dois sentidos não se excluem, pelo contrário.

s. Sentido causal da conjunção, como em 50,1; 53,5; 57,17 etc. É possível o sentido temporal: *enquanto ele se faz encontrar*.

t. Verbo duplamente importante: 1) ele só aparece uma vez em Is; 2) é sempre empregado tendo Deus como sujeito.

sem tê-la feito dar à luz e deitar botões,
 2Cor 9,10 sem ter dado semente ao semeador
 e alimento ao que come,
 Jr 29,10: ¹¹ assim se comporta a minha palavra
 Jo 1 desde que sai da minha boca:
 45,23: cla não volta para mim sem resultado,
 Sl 33,9 sem ter executado o que me agrada
 e coroado de êxito aquilo para que
 53,10: eu a enviara.
 Jo 19,30 ¹² Com efeito, é na jubilação que saireis,
 e na paz que sereis conduzidos.
 52,12:
 IRs 5,26

À vossa passagem, montanhas e colinas
 explodirão em aclamações, 44,23;
 e todas as árvores do campo 49,13
 baterão palmas.
¹³ Em lugar dos espinheiros crescerá o
 cipreste, 5,6;
 em lugar da urtiga crescerá a murta; Gn 3,18
 isto constituirá para o SENHOR um 41,19
 renome,
 63,12;
 um sinal perene, que jamais será Jr 32,20-21
 desfeito. 56,5

III. TERCEIRA PARTE DO LIVRO DE ISAÍAS

56 O Templo: casa de oração para todos os povos*

¹ Assim fala o SENHOR:
 28,17: observai o direito e praticai a justiça,
 Jr 22,3: pois a minha salvação está prestes a
 Am 5,24 chegar,
 46,13: e a minha justiça, a revelar-se.
 51,5
 Sl 1: 119 ² Feliz o homem que faz isto,
 58,13: o filho de Adão que se atém a isto,
 Ex 20,8: observando o sábio sem desonrá-lo,
 Am 8,5 guardando a sua mão de fazer
 qualquer mal.
 Dt 23,2-9 ³ Não diga o filho do estrangeiro que
 se apegou ao SENHOR:
 "O SENHOR vai certamente separar-
 me do seu povo!",
 não diga o eunuco:
 "Sou uma árvore seca!"
⁴ Pois assim fala o SENHOR:
 Sb 3,14: Aos eunucos* que guardam os meus
 Mt 19,12 sábados,
 65,12: que escolhem fazer o que me agrada
 66,4 e que se mantêm na minha aliança,

⁵ a estes eu reservarei na minha Casa,
 nos meus muros, uma estela com o 2Sm 18,18
 seu nome;
 isto será melhor que filhos e filhas;
 1Sm 1,8: ali inscreverei um nome perene,
 Ap 3,5 que jamais será suprimido".
⁶ Os filhos de estrangeiros* que se
 IRs 44,1-43 apegam ao SENHOR
 para assegurar o seu serviço, para
 amar o nome do SENHOR,
 para lhe pertencer como servos,
 para aqueles que guardam o sábado
 sem desonrá-lo
 e que se mantêm na minha aliança,
⁷ eu os farei vir à minha santa montanha Sl 15
 e os farei jubilar na Casa em que se
 ora a mim;
 seus holocaustos e sacrifícios
 terão o meu beneplácito sobre o meu 60,7
 altar,
 pois minha Casa será chamada:
 "Casa de oração para todos os povos"*. Mt 21,13p
 * Oráculo do Senhor DEUS,

u. A passagem 56,1-8 vem depois da obra do Segundo Isaías sem dúvida porque reproduz fórmulas dele (proximidade da salvação e da justiça em 56,1 como em 46,13 e 51,5.6.8; *nome perene jamais suprimido* em 56,5 como em 55,13), mas a época e o estilo são diferentes. Provavelmente estamos nos primeiros decênios que seguiram o Exílio, e na própria Jerusalém. Surge uma questão acerca da admissão dos estrangeiros e dos eunucos no seio da comunidade israelita. Da parte de Deus, um profeta (que poderíamos chamar de Terceiro Isaías e a quem cubem a maioria dos capítulos que seguem) dá uma decisão categórica e muito aberta em favor de todos os homens sem distinção (*filhos de Adão*, v. 2; *estrangeiros*, vv. 3-6; *todos os povos*, v. 7; todos os que ainda falta reagrupar, v. 8); qualquer membro do gênero humano pode ter acesso à fé no verdadeiro Deus e entrar na sua aliança, se observar as prescrições religiosas e morais da mesma.

v. Os eunucos, outrora excluídos do culto (Dt 23,2) e do sacerdócio (Lv 21,20), são aqui admitidos: este texto abre o caminho para Sb 3,14 e Mt 19,12.

w. Lit. *a esses eu darei uma mão* (1Sm 15,12; 2Sm 18,18) e *um nome... eu darei a ele um nome perene*.

x. Não se trata aqui dos estrangeiros residentes, mas dos estrangeiros simplesmente de passagem. Estes últimos eram às vezes assemelhados aos estrangeiros que são evitados (43,12; 61,5). Mesmo acolhidos em Israel, não gozavam ali de direito algum: eram excluídos do culto (Ex 12,43), privados de múltiplas vantagens e até explorados (Dt 14,21; 15,3; 23,21); Ezequiel proibia-lhes o acesso ao Templo (Ez 44,7-9). Avalia-se a mudança anunciada pelo nosso texto.

y. Poder-se-ia traduzir também: *minha Casa será chamada "Casa de oração" por todos os povos*.

11,12; que congrega os expulsos de Israel:
SI 147,2 Reunirei a ele ainda outros,
66,18; além dos já reunidos!
Jo 10,16

Censura aos maus líderes e aos idólatras; perdão para os arrependidos'

Jr 12,9 ⁹ Vós todos, feras do campo,
vinde alimentar-vos,
SI 80,14 vós todos, animais do mato:
¹⁰ os vigias do povo são cegos*,
todos eles não percebem nada;
2Sm 16,9 são todos cães mudos,
não chegam a latir;
ficam deitados sonhando,
gostam de ficar dormitando,
¹¹ mas são também cães de goela voraz,
não sabem dizer: "Basta!"
E são eles os pastores!
Não sabem discernir nada,
cada um deles segue o seu caminho,
cada um para a sua rapina, até o fim:
Jr 23,1; ¹² "Vinde, vou apanhar vinho,
Ex 34,2 vamos nos encher de néctar,
e amanhã será como hoje:
a reserva é muito grande!"

57 ¹ O justo perece,
sem que ninguém tome a coisa a
peito,

os homens de bem^b são ceifados
sem que ninguém veja
que sob os golpes da maldade^c
o justo é ceifado.

² Mas virá a paz,

Mq 7,2;
SI 12,2
56,11

e estarão em repouso, em seus leitos^d,
os que caminham na retidão.

³ E vós, aproximai-vos, filhos da bruxa, MI 3,5
cruzas^e de adúltero e prostituta:

Jr 3,9;
Ex 16;
Os 2,4
37,23
SI 35,21

⁴ De quem gracejais?

Contra quem escancarais a boca
e soltais a vossa língua?

Acaso não sois filhos de rebeldia,
corja embusteira?

⁵ Aquecei-vos perto dos terebintos,
debaixo de toda árvore frondosa;
imolais crianças nos vales da torrente,
nas fendas dos rochedos.

Dt 12,2;
Jr 2,20;
Ex 6,13
Dt 12,31;
Jr 7,31;
Ez 16,21

⁶ Os blocos polidos^f nos vales da
torrente, eis o teu quinhão,
ei-la, ei-la, a tua porção!

É para eles que derramas libações,
que apresentas oferendas!

Nisto posso eu encontrar algum
conforto?

⁷ Sobre uma montanha elevada
tu instalaste o teu leito
e para lá subiste,
a fim de oferecer o sacrifício.

⁸ Atrás da porta e do umbral
instalaste o teu memorial.

57,11

Sim, longe de mim, te despiste,
subiste, alargaste o teu leito.

Ez 16,15

Aproveitaste bem, graças a essa gente^g,
de cujo leito gostas;

o membro^h, tu o contempleste!

⁹ Desceste para Mélekⁱ com óleo,
prodigalizaste os teus perfumes,

Lv 20,5;
Jr 32,35
Mq 6,7
Ez 30,35

z. O conjunto 56,9-57,21 contém três partes, sendo que cada uma delas termina com um final em antítese com o desenvolvimento que a precede:

A. A seção 56,9-57,2 é uma constatação de carência; os responsáveis são indígnos, inativos e cúpidos; entregues às suas orgias e às suas rapinas (v. 11), deixam que se cometam todos os tipos de abusos, em prejuízo da gente honesta. Mas (57,2) a paz acabará vindo, para os homens justos (57,1).

B. A seção 57,3-13 é uma condenação dos falsos justos (v. 12) dos idólatras e das práticas deles: suas divindades são incapazes de salvar. Mas (v. 13b) os que esperam em Deus viverão tranquilos na terra prometida.

C. A seção 57,14-21 é um anúncio de salvação dirigido a estes fiéis; até há pouco infelizes por causa das suas faltas, das suas rapinas (v. 17, cf. 56,11), serão perdoados e reencontrarão a paz (v. 19, cf. 57,2). Mas (vv. 20-21) os que se obstinam no mal se excluem desta paz.

a. Os vigias, ou atalaias (cf. 52,8), são aqui os responsáveis.

b. Lit. *homens de constância*, cf. 40,6 nota.

c. Lit. *de diante da maldade* (ou *da infelicidade*). A preposição pode ter um sentido causal, como adotado aqui, ou um sen-

tido local, que convidaria a ler: *o justo é levado longe da felicidade; ele entrará (na) paz...*, mas esta tradução é gramaticalmente difícil e o contexto não a favorece (cf. *Sh* 3-5).

d. Aqui, o leito de repouso, a distinguir do jazigo (mortuário) de Ez 32,25 etc., e do leito (nupcial) de Is 57,7-8 etc.

e. Lit. *descendência* (mesmo termo que *corja*, no v. 4). Adulterio e prostituição designam aqui a idolatria.

f. *Blocos polidos*: sem dúvida blocos erigidos como os emblemas sexuais dos deuses masculinos, e aos quais se vem prestar um culto (cf. 2Rs 17,10-11). — ^g [Nos vv. 6-13, os verbos e sufixos são da 2ª pessoa do sing. feminino, evocando a imagem da mulher-povo infiel.]

g. Lit. *tu cortaste para ti deles*. Alguns querem ler: *tu cortaste* (= concluíste) *a aliança* (estando a aliança por vezes subentendida nesta expressão), mas a sintaxe torna difícil esta interpretação.

h. Lit. *a mão*, provavelmente eufemismo; o *memorial* de que se fala no início do v. talvez fosse um problema fálico.

i. Lit. *o rei*, aqui não um rei qualquer, mas o falso deus que se denomina o Rei, Mélek (cf. 1Rs 11,7), por irrisão o Môlek, que o gr. transformou em Moloc. A ele eram oferecidas libações de óleo e de perfumes.

enviaste os teus delegados para longe,
rebaixando-te assim até o Sheol.

¹⁰ Para fazer todo esse caminho, te
cansaste,
mas não dizes: "É desesperador!";
reencontraste a vivacidade da tua mão,
por isso não enfraqueces.

¹¹ Quem, portanto, temeste e de quem
tiveste medo,
visto que és desleal?
A mim, não me guardaste na memória¹,
não fizeste lugar para mim no teu
coração!

^{42.14} Não será porque permaneci muito
tempo inativo,
que não me temes?

¹² Mas eu anunciarei a tua "justiça";
e as tuas obras não te trarão nenhum
proveito.

¹³ Ao teu grito, que elas te libertem, as
tuas coleções de ídolos^k!
O vento os levará todos embora,
um sopro os arrebatará.

^{60.21;} Mas quem se refugia em mim
^{65.9;} receberá em patrimônio a Terra
^{SI 37.9;} e em posse a minha Montanha santa.
^{Mt 5.4}

¹⁴ E se dirá:

^{49.3;} Aterrai a estrada, desimpedi o caminho,
^{62.10} fazei saltar todo obstáculo do
caminho do meu povo.

^{6.1;} ¹⁵ Pois assim fala o alto e elevado,
^{52.13} que habita a eternidade e cujo nome
é santo:

Enaltecido e santo eu permaneço,
embora estando com aquele que é
esmagado

^{SI 138.6} e que no seu espírito se sente rebaixado,
^{53.5.10} para restituir vida ao espírito dos
^{66.2} rebaixados,

para restituir vida ao coração dos
esmagados.

SI 34.19;

51.19

¹⁶ De fato, não contenderei eternamente,
não permaneço irritado para sempre,
pois diante de mim definhariam o
sopro

42.5

¹⁷ Pela iniquidade da sua¹ rapina, fui
irritado,

56.11

feri-o e afastei-me; eu estava irritado:
ele ia, obstinado, seguindo o

54.8-9

60.10

caminho do seu coração;
^{Jr 3.17;}
^{7.24}

¹⁸ seus caminhos, eu os vi!
Não obstante, eu o curarei, eu o guiarei,
eu lhe propiciarei conforto, a ele e a
seus enlutados,

Jr 3.22;

Os 6.1

60.20;

61.2-3;

66.10

¹⁹ criando o concerto dos lábios^m.

At 2.39;

Ef 2.13.17

Paz, paz àquele que está longe
e àquele que está perto,

diz o SENHOR. Sim, eu o curarei!

²⁰ Os maus, porém, são como um mar
agitado

que não é capaz de manter-se tranqüilo,
suas águas agitam lama e lodo.

²¹ Para os maus não há paz, diz o meu
Deus!

48.22

58 Jejum e sábado como Deus os desejaⁿ

¹ Clama a plenos pulmões, não te poupes;
como a trompa, enche a tua voz,
Denuncia a meu povo as suas revoltas,
à casa de Jacó, as suas faltas.

Os 8.1

Mq 3.8

² É a mim que dia após dia eles
consultam,

55.6

é em conhecer os meus caminhos

que encontram seu prazer,
como uma nação que praticou a justiça
e não abandonou o direito do seu Deus.

56.1

j. Note-se a antítese com o v. 8 (memorial).

k. Tradução aproximativa de uma palavra forjada com o verbo reagrupar, lit. os teus "reagrupados".

l. * [Nos vv. 17-18 os pronomes são da 3ª ps. sg. m., significando o indivíduo em geral (cf. v. 17).]

m. *Concerto*: tradução aproximativa de uma palavra que só figura aqui e em MI 1.12, comumente traduzida por fruto, como o seu sinônimo de Os 14.3; Hb 13.15.

n. O profeta, sem dúvida um discípulo do Segundo Isaías, e que fala em Jerusalém pouco depois da volta do Exílio, é aqui convidado a interpelar seus irmãos. Tem de denunciar as faltas deles (v. 1); com efeito, muitos cumprem práticas religiosas,

notadamente jejuns, e esperam em troca bênçãos divinas que, aos olhos deles, tardam a manifestar-se (vv. 2-3a); já que se queixam, Deus lhes retruca que seus atos de piedade não valem nada, pois andam de mãos dadas com as faltas à justiça e ao amor; o verdadeiro jejum não consiste primariamente em atitudes externas (vv. 3b-5); consiste antes em rejeitar toda injustiça e a se dedicar ao serviço dos outros (vv. 6-7); se a pessoa cessa de fazer mal e se dedica a fazer bem, então desfrutará dos favores de Deus, que reergue os seus amigos e os torna capazes de reerguer o mundo que os cerca (vv. 8-12); sim, os fiéis serão cumulados pelo seu Senhor, desde que respeitem também a santidade do sábado (vv. 13-14). Questões semelhantes são debatidas em Zc 7.

- Podem-me julgamentos segundo a justiça,
- SI 73,28 encontram o seu prazer na proximidade de Deus:
- Mt 3,14; Mt 6,18 ³ “De que nos serve jejuar, se tu não vês, humilhar-nos, se não ficas sabendo?”
- Lv 16, 24,31; Nm 29,7 Ora, no dia do vosso jejum, sabeis fazer bom negócio e brutalizais todos os que por vós labutam.
- ⁴ Jejuais, mas procurando contenda e disputa e golpeando maldosamente com o punho! Não jejuais como convém num dia em que quereis fazer ouvir no alto a vossa voz.
- ⁵ Deve ser assim, o jejum que eu prefiro, o dia em que o homem se humilha? Trata-se por acaso de curvar a cabeça como um junco, de exibir na liteira saco e cinza? É para isto que tu proclamas um jejum, um dia favorável junto ao SENHOR?
- ⁶ O jejum que eu prefiro, acaso não é este: desatar os laços provenientes da maldade, desamarrar as correias do jugo, dar liberdade aos que estavam curvados, em suma, que despedaceis todos os jugos?
- ⁷ Não é partilhar o teu pão com o faminto? E ainda: os pobres sem abrigo, tu os albergarás; se vires alguém nu, cobri-lo-ás: diante daquele que é a tua própria carne, não te recusarás.
- ⁸ Então a tua luz despontará como a aurora, e o teu restabelecimento se realizará bem depressa.
- Tua justiça caminhará diante de ti e a glória do SENHOR será a tua retaguarda.
- ⁹ Então tu clamarás e o SENHOR responderá,
- Jr 33,3; SI 91,15 tu chamarás e ele dirá: “Aqui estou!”
- Se eliminares de tua casa o jugo, o dedo acusador^p, a palavra maléfica,
- ¹⁰ se cederes ao faminto o teu próprio bocado, e se aliviares a garganta do humilhado, tua luz se levantará nas trevas, tua escuridão será como o meio-dia.
- ¹¹ Sem cessar o SENHOR te guiará, em plena formalha ele aliviará a tua garganta, teus ossos, ele os revigorará. Serás como um jardim irrigado, como uma fonte de água cujas águas não decepcionam.
- ¹² Reconstruir-se-ão graças a ti as ruínas do passado, as fundações abandonadas de geração em geração, tu as reeerguerás; chamar-te-ão: “Reparador de brechas, restaurador dos caminhos onde morar”.
- ¹³ Se te abstiveres de andar durante o sábadu, e de tratar dos teus interesses no meu dia santo, se chamares o sábadu de “Delícia”, o santo dia do SENHOR, de “Glorioso”, se o glorificares, renunciando a fazer tuas andanças, a buscar teus interesses e a meter-te em discussões sem fim,
- ¹⁴ então encontrarás a tua delícia no SENHOR, eu te levarei de carro sobre as alturas da Terra, te farei saborear o patrimônio de Jacó, teu pai.
- Sim, a boca do SENHOR falou.
- SI 37,4; Jô 22,26
- Dt 32,12-13
- 40,5
- 59** Pecado e julgamento^q
- ¹ Não, a mão do SENHOR não é curta demais para salvar,
- SI 37,4; Jô 22,26
- 40,5

o. Lit. tua cicatrização germinará ou deitará botões. Deus cura no plano físico e no moral.

p. Lit. o envio do dedo (cf. Pr 6,13).

q. O cap. 59 faz alternarem-se: a) censuras (vv. 1-8); b) uma lamentação seguida de uma confissão (vv. 9-15); c) o anúncio de uma intervenção de Deus (vv. 15b-20). O conjunto refuta as dúvidas dos israelitas no tocante ao poder do seu Deus que, dizem eles, tarda a intervir: seu julgamento

está ausente, sua justiça não se manifesta, sua salvação permanece longe. Esta ideia está subjacente a todo o discurso: esboçada no v. 1, é escandida no refrão dos vv. 9a, 11b, 14a e até 15b; ela é explicada pelas faltas de Israel e refutada pela sanção de Deus, ameaçadora para os ímpios, tranquilizadora para os fiéis. O v. 21 aparece como um acréscimo: ele descreve as características da aliança estabelecida entre Deus e os seus.

seu ouvido não é mouco demais para ouvir!

² Mas são as vossas iniquidades que levantaram uma separação entre vós e o vosso Deus;

são as vossas faltas que mantiveram o seu rosto escondido longe de vós, longe demais para que ele vos ouça.

³ As palmas das vossas mãos, com efeito, estão manchadas pelo sangue e os vossos dedos, pelo crime; vossos lábios proferem a mentira, vossa língua arrulha a perfídia.

⁴ Ninguém apresenta queixa segundo a justiça, ninguém instaura processo de boa fé; baseia-se a segurança no vazio, fala-se de futilidades, concebe-se o dano e dá-se à luz a maldade.

⁵ São ovos de réptil que eles fazem eclodir e teias de aranha que eles tecem; quem come desses ovos morre; uma vez chocado, o ovo se abre: é uma víbora!

⁶ Suas teias não dão nenhuma veste, não dá para cobrir-se com os seus produtos; seus produtos são produtos maléficos! nas palmas de suas mãos só há procedimentos violentos!

⁷ Seus pés correm para o mal, acorrem para derramar sangue inocente: seus pensamentos são pensamentos maléficos, nos seus percursos, encontram-se estragos e rupturas.

⁸ Eles não conhecem o caminho da paz, na sua passagem não se encontra o direito;

suas veredas, eles as traçam desviadas, todo aquele que anda por elas não conhece a paz.

⁹ Por isso, o direito permanece longe de nós e a justiça não chega até nós.

Esperávamos a luz, e aí estão as trevas; a claridade, e caminhamos na escuridão.

¹⁰ Tateamos como cegos contra um muro, como gente sem olhos tateamos.

Em pleno meio-dia tropeçamos como ao crepúsculo,

com plena saúde, somos como mortos.

¹¹ Todos nós rugimos como ursos como pombas arrulhamos gemendo. Esperávamos o julgamento, mas nada! a salvação, mas ela permanece longe de nós!

¹² É que as nossas revoltas se multiplicam diante de ti, e nossas faltas depõem contra nós; sim, nossas revoltas colam-se a nós, e as nossas iniquidades, bem as conhecemos:

¹³ revoltar-se, renegar o SENHOR, recuar do nosso Deus, projetar extorsão e roubo, do fundo do coração conceber e arrulhar palavras enganosas.

¹⁴ Assim o julgamento foi atirado para trás e a justiça, ao longe, permanece imóvel. É que a verdade tropeçou na praça, e a retidão não tem acesso a ela.

¹⁵ Assim, a verdade é deixada de lado, e quem se desvia do mal se faz saquear. O SENHOR viu isto, e é mau aos seus olhos que não haja julgamento.

¹⁶ Ele viu que não havia ninguém, desolou-se porque ninguém interveio; então foi o seu braço que o levou à salvação e a sua justiça o sustentou.

¹⁷ Ele vestiu a justiça como uma couraça, pôs sobre a cabeça o capacete da salvação;

vestiu como túnica a vestimenta da vingança,

vestiu-se de ciúme como de um manto.

¹⁸ Conforme os procedimentos, ele retribuirá: furor para seus adversários, represálias! para seus inimigos!

Am 5,18-20;

Jó 30,26

De 28,29;

Sf 1,17

Jr 13,16

38,14;

Na 2,8

Jr 8,15

Jr 14,7

SI 51,5

Js 24,27

JR 5,12;

7,9

SI 55,11-12

Jó 1,1-8

41,28

63,5

40,10;

51,5

Sb 5,17-23;

Ef 6,14-17;

ITs 5,8

61,10

r. Lit. não há direito nos sulcos deles.

s. lit. falar.

t. Procedimento e represálias traduzem a mesma palavra

hebraica que significa "maneira de tratar um assunto" (procedimento), "maneira de tratar alguém em troca" (represálias).

— Contra as ilhas exercerá
represálias". —

30,27: 33,3 ¹⁹Então se temerá, desde o poente, o
nome do SENHOR,
24,14-15; e, desde o sol levante, a sua glória,
SI 102,16 pois ele virá como um rio represado
MI 1,11 que o sopro do SENHOR precipita.
MI 8,11 ²⁰Ele virá como redentor para Sião,
30,28 para aqueles que, em Jacó, voltam
41,14; para aqueles que, em Jacó, voltam
Rm 11,26 atrás da sua revolta
— oráculo do SENHOR.

²¹Quanto a mim — diz o SENHOR —
eis qual será a minha aliança com eles:
2Sm 23,2 meu Espírito que está sobre ti,
51,16 e minhas palavras que pus na tua boca
não se afastarão da tua boca,
nem da boca da tua descendência,
nem da boca da descendência da tua
descendência
— diz o SENHOR —
desde agora e para sempre.

60 Iluminada por Deus, Jerusalém ilumina o mundo'

51,17; ¹Põe-te de pé e torna-te luz",
52,2 pois está chegando a tua luz:
58,8-10 a glória do SENHOR se levantou sobre ti.
Ap 21,11 ²Eis, as trevas cobrem a terra
9,1 e um nevoeiro, as populações,
MI 2,29 mas sobre ti o SENHOR vai levantar-se
Ex 24,16 e a sua glória, sobre ti, é avistada.
2,2-4; ³As nações vão caminhar para a tua luz
49,6; e os reis, para a claridade da tua aurora.
Ap 21,24 ⁴Dirige os teus olhares em redor e vê:
7b 13,13
49,18;
Br 5,5-6

eles se congregam todos e vêm a ti,
teus filhos vão chegar de longe
e tuas filhas são seguradas
49,22
firmemente no regaço.

⁵Então verás, estarás radiante,
teu coração estremecerá e se dilatará,
pois para ti será desviada a opulência
dos mares,

a fortuna das nações virá a ti.

⁶Um afluxo de camelos te cobrirá,
camelos novos de Midian^a e de Eifá;
todos os de Shebá^b virão,
trazendo ouro e incenso,
Mt 2,11
e se tornarão os mensageiros dos
louvores do SENHOR.

⁷Todas as ovelhas de Qedar^c serão
reunidas para ti,
os carneiros de Nebaiot serão para o
teu serviço;
eles subirão sobre o meu altar e
56,6-7
serão ali aceitos;
sim, tornarei esplêndida a Casa do
meu esplendor.

⁸Quem são estes? Eles voam como
uma nuvem,

como pombas para os seus pombais; Os 11,11

⁹sim, as ilhas tendem para mim,
51,5
navios de Tarshish à frente,
IRs 10,22
para reconduzir teus filhos de longe
e com eles a sua prata e seu ouro,
em homenagem ao nome do SENHOR,
teu Deus,
em homenagem ao Santo de Israel,
pois ele te deu o seu esplendor. 55,5

u. Este estíquo é sem dúvida uma glosa: falta no gr., sobre no
ritmo e destoa no contexto, que fala dos israelitas pecadores.

v. O cap. 60 não está desligado do cap. 59; os apelos deste
último são aqui ouvidos, pois se passa das *trevas* (59,9) para a
luz (60,1-3), e assistimos ao advento da *justiça-salvação* (59,9-
11,16-17 e 60,17-18), da *glória* (59,19 e 60,2) e da *redenção*
divinas (59,20 e 60,16). — Mas o cap. 60 está ligado ainda mais
fortemente ao que segue, tanto que 60-62 formam uma unidade
que celebra a glorificação de Jerusalém. O estilo inspira-se no
do Segundo Isaías, e o cap. 60 retoma muitas fórmulas, sobre-
tudo do cap. 49, mas também de outros poemas do Segundo
Isaías. Jerusalém acaba de sair da humilhação, ela reencontrou
o seu altar, mas ainda aguarda a restauração do seu Templo, uma
população mais numerosa e uma tranquilidade maior. Estamos
na mesma situação que a visada, no outono de 520, pelo profeta
Ageu (Ag 2,7-9). — O poema desenvolve-se como um canto,
com repetição e orquestração dos temas que se entrecruzavam e
que podem resumir-se assim: mergulhada na noite, Jerusalém
será iluminada (vv. 1-3) de maneira definitiva (vv. 19-20); aban-

donada, ela reencontrará tanto os seus filhos como uma multidão
de estrangeiros, que a dotarão de materiais preciosos e de ofe-
rendas para o seu Templo (vv. 4-18); a conclusão deixa entrever
para o povo de Deus conversão e crescimento extraordinário
(vv. 21-22). Ver em Ap 21,9-27 numerosos trechos tirados de Is
60.

w. Gr., Targ., antiga versão lat. e Vulg. lêem: *Sê luz, Jerusa-
lém.*

x. Midian: tribos árabes, a leste do golfo de Ácaba (cf. Jz 6,1-
6); Eifá: clã aparentado aos midianitas (Gn 25,4; 1Cr 1,33),
mencionado em um texto assírio, e cuja localização talvez esteja
conservada em Gwafa, perto de Tebuk (Arábia Saudita).

y. A gente de *Shebá* (Sabá) ou sabeus, a distinguir da gente de
Sebá (43,3; 45,14), constituiria um grupo da Arábia do sul (cf.
1Rs 10,15; SI 72,10-15).

z. *Qedar*, cf. 42,11 nota e Ez 27,21. *Nebaiot*; mencionados
sempre entre os filhos de Ismael e, muitas vezes, com os qedaritas,
com os quais são aparentados (Gn 25,13). É possível que eles
sejam os ancestrais dos nabateus.

- ¹⁰ Os filhos do estrangeiro reconstruirão as tuas muralhas e os seus reis contribuirão para o teu serviço,
54,8 pois na minha irritação eu te golpeará, mas ao meu beneplácito eu te manifesto a minha ternura.
- ¹¹ Tuas portas ficarão permanentemente abertas,
Ap 21, 25-26 de dia, de noite, nunca serão fechadas, para que se introduza junto a ti a tropa^a das nações e os seus reis, conduzidos em cortejo!
¹²— Nação e reino^b que não te servirem perecerão, as nações serão totalmente devastadas. —
- ¹³ A glória do Líbano virá a ti,
35,2; 1Rs 5,20.23 41,19 o cipreste, o olmo e o buxo juntos, para tornarem esplêndido o pedestal do meu santuário;
66,1 sim, o pedestal dos meus pés, eu o tornarei glorioso.
- ¹⁴ Curvando-se irão a ti, os filhos daqueles que te humilhavam, prostrar-se-ão a teus pés, todos os que te injuriavam.
Ap 3,9 Eles te chamarão "Cidade do SENHOR", "Sião do Santo de Israel".
- ¹⁵ Em vez de seres abandonada, odiada e sem nenhum viandante, eu farei de ti o orgulho dos séculos, o entusiasmo das gerações e das gerações.
SI 87,3 64,4.12 34,10
- ¹⁶ Tu sugarás o leite das nações, te saciarás com a riqueza^c dos reis, e saberás que o teu salvador sou eu, o SENHOR,
SI 48,3 49,23 que aquele que te resgata é o Indomável de Jacó.
41,14 49,26
- ¹⁷ Em lugar de bronze, eu farei vir ouro, 1Rs 14, 26-27 em lugar de ferro, farei vir prata, em lugar de madeira, bronze, e em lugar de pedra, ferro. Instituirei para ti, como visitação, a Paz, e como teus exatores, a Justiça.
- ¹⁸ Doravante não se farão mais ouvir nem a violência, na tua terra, nem nas tuas fronteiras, os estragos e as ruínas. 51,19; 59,7 Chamarás as tuas muralhas de "Salvação", Ap 21,12.14 e as tuas portas de "Louvor". 62,7
- ¹⁹ Doravante, a luz do dia para ti não será mais o sol, Lc 1,78; Ap 21,23; Ap 22,5 nem a lua com seu luar, a luz da noite^d. É o SENHOR que será para ti a luz perene, o teu Deus será o teu esplendor.
- ²⁰ Doravante o teu sol não se porá mais, a tua lua não mais desaparecerá, pois o SENHOR será tua lua para sempre e os dias do teu luto terão passado.
- ²¹ Teu povo, sim, todos eles, serão justos, 54,13-14 para sempre eles herdarão a Terra, 57,13; Mt 5,4 61,3 eles, estaca das minhas plantações, obra de minhas mãos, destinados a manifestar o meu esplendor.
- ²² O menor se tornará um milhar, o mais fraco, uma nação de miríades^e. Eu, o SENHOR, a seu tempo, com pressa o farei acontecer.

61 O Espírito de Deus sobre o seu ungido: libertação e reconforto^f 42,1:

- ¹ O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim:
o SENHOR fez de mim um messias, 45,1; At 10,38 ele me enviou a levar alegre mensagem aos humilhados, 40,9; Lc 7,22

a. Um dos dois sentidos possíveis da palavra encontrada no v. 5, onde ela significa *fortuna*. Aqui, temos um paralelo com o cortejo dos reis. O autor gosta de jogar com os dois sentidos de uma mesma palavra ou de duas palavras de grafia igual (cf. 57,6: *blocos e porção*; 58,10: *garganta e bocudo*; 59,18: *procedimentos e represálias*; 63,3,6: *sumo e prestígio*; 63,3,4: *mancha e redenção*; 65,15,16: *imprecação e jurar*; 66,20: *oferenda no sentido figurativo e no sentido material (alimento)*).

b. Este v. é sem dúvida uma glosa.

c. Lit. *tu sugarás a mama*.

d. *Da noite*: acrescentado com Qumran, g. e antiga versão lat. e. *De miríades*: cf. 53,13 nota.

f. O cap. 61 apresenta com o cap. 60 pelo menos dezessete coincidências de vocabulário. Também o pensamento nos dois

é o mesmo, mas a estrutura é diferente: ao passo que no cap. 60 Jerusalém era interpelada, o cap. 61 põe em cena em primeiro lugar o arauto de Deus, que apresenta a sua missão (vv. 1-4); o porta-voz de Deus volta-se a seguir para seus irmãos e lhes fala na segunda pessoa do plural, prometendo-lhes uma reviravolta espetacular da sua situação (vv. 5-9); essas promessas de felicidade suscitam na comunidade um canto de louvor ao Deus salvador (vv. 10-11). — As semelhanças verbais entre 42,1,7 e 61,1 convidam a aproximar este último texto dos que apresentam o Servo e os servos do Senhor. Observa-se, contudo, que, em 42, o Servo tinha missão para Israel e para as nações. Aqui, o enviado de Deus (e que não é denominado servo) tem de ocupar-se primeiramente com os enlutados de Sião.

57,15 medicar os que têm o coração
confrangido,
proclamar aos cativos a liberdade,
aos prisioneiros a abertura do cárcere*,
49,8; 2 proclamar o ano do favor^h do SENHOR,
63,4 o dia da vindicta do nosso Deus,
57,18 confortar todos os enlutados,
3 entregar como adorno aos enlutados
61,10 de Sião
diademaⁱ em vez de cinza,
ungüento de entusiasmo, em vez de
luto,
vestimenta para o louvor, em vez de
42,3 um espírito abatido.
Serão chamados "Terebintos da justiça,
60,21 plantação do SENHOR, destinados a
manifestar o seu esplendor".
58,12 4 Reconstruirão as ruínas do passado,
reerguerão as casas desoladas dos
ancestrais,
renovarão as cidades devastadas,
as desolações que se arrastam de
geração em geração.
14,2 5 Estrangeiros^j se encarregarão da guarda
e farão pastar os vossos rebanhos,
60,10 filhos de estrangeiros serão para vós
lavradores e vinhateiros.
6 E vós, sereis chamados "Sacerdotes
Ex 19,6; do SENHOR",
Ap 1,6 sereis chamados "Oficiantes do nosso
Deus";
comereis a fortuna das nações
e com a glória delas vos ufanareis.
7 Em vez de ser redobrada a vossa
40,2 vergonha,
e de serem a vossa parte^k os ultrajes
clamados,

herdareis da terra deles uma porção
redobrada, 16 42,10
e a jubilação de outrora será o vosso
apanágio.
8 Pois eu, o SENHOR, amo o direito 31 37,28
e odoio o roubo vestido de perfídiaⁱ,
fielmente darei a vossa recompensa^m:
firmarei a vossa favor uma aliança perene. 55,3
9 Vossa descendência será conhecida
entre as nações,
vossos rebentos serão conhecidos no
meio dos povos;
todos os que os virem os reconhecerão
como uma descendência que o 65,23
SENHOR abençoou.
10 Eu sou entusiasta, sim, estou entusias-
madaⁿ por causa do SENHOR,
minha alma exulta por causa do meu 41,16;
Deus, 1Sm 2,1;
pois ele me vestiu do traje da salvação, 1,46
ele me envolveu no manto da justiça, 59,17
qual o noivo que, como um
sacerdote, cinge o diadema^o,
qual noiva prometida que se enfeita 49,18;
com os seus adornos. Ap 19,8;
21,2
11 Sim, como a terra faz brotar os seus
germes
e um jardim germinar as suas sementes, 45,8
da mesma forma o SENHOR fará
germinar a justiça
e o louvor, perante todas as nações.

62 Jerusalém reencontra seu esposo que a torna radiante^p

1 Pela causa de Sião não ficarei inativo, 42,14;
pela causa de Jerusalém, não me 64,11;
mantereis quieto. 65,6

g. O francês traduz: o *deslustramento* (que segue à escuridão da masmorra).

h. A libertação dos oprimidos é apresentada como o *ano sabático* ou como o *ano jubilar*, em que acontecia a libertação dos escravos, seja ao cabo de sete anos (Ex 21,2; Dt 15,12; Jr 34,8-16), seja ao cabo de quarenta e nove anos (Lv 25,10; Ez 46,17). Os vv. 1-2 são lidos por Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19).

i. Lit. (*turbante*) *esplêndido*: o jogo de palavras hebr. poderia traduzir-se: *esplendor a cingir em vez de cinza*.

j. Lit. *estrangeiros*, com a nuance de distância que a palavra comporta, cf. 56,6 nota.

k. A 2ª pessoa: *vossa parte*, (vós) *herdareis*, *vosso apanágio*: segundo Qumran. O texto massorético tem a 3ª pessoa do plural: *a porção deles* etc.

l. Lit. *em perfídia*, segundo 5 mss. hebr., gr., Targ. e sir. Texto massorético: *no holocausto*.

m. *Vossa recompensa... a vosso favor*, segundo Qumran e sir. Texto massorético: *a recompensa deles, a favor deles*.

n. Nós lemos o v. 10 no feminino, em conformidade com o Targ., que ouve aqui falar Jerusalém (cf. Sião no v. 3), segundo o contexto de 60-62. Mas os verbos hebr. podem ser lidos também no masculino.

o. Lit. *se comporta como sacerdote (com) turbante esplêndido*: a palavra (a mesma que no v. 3) designa um turbante de cerimônia, seja para homens (Ez 24,17,23), seja para mulheres (Is 3,20), seja para sacerdotes (Ex 39,28; Ez 44,18).

p. O cap. 62 retoma em grande quantidade temas e termos dos caps. 60-61. Rebutando a censura que se lhe faz de não intervir, Deus promete a glória futura de Jerusalém (vv. 1-3), o reinício

- até que surja, como um clarão, a sua
60,1,3 justiça,
e a sua salvação, como uma tocha
ardente.
- 60,3,11 ² As nações verão tua justiça,
e todos os reis, a tua glória.
65,15; Chamar-te-ão com um nome novo
Ap 2,17; que a boca do SENHOR enunciará.
3,12
Ez 16,12 ³ Serás uma coroa de esplendor na
mão do SENHOR,
uma tiara de realeza na palma da
mão do teu Deus.
- 60,15 ⁴ Não dirão mais a ti: "Abandonada",
49,8 não dirão mais à tua terra: "Desolada",
mas te denominarão "Nela meu prazer",
49,14-21; e a tua terra, "a Desposada",
54,1-8 pois o SENHOR em ti encontrará seu
prazer
e a tua terra será desposada.
- 49,18 ⁵ Com efeito, assim como^o o jovem
desposa a sua noiva,
61,10 teus filhos te desposarão,
e com o entusiasmo do noivo pela
sua prometida,
o teu Deus estará entusiasmado por ti.
- 49,16 ⁶ Sobre as tuas muralhas, Jerusalém,
21,6-8; eu postei guardas;
52,8 durante o dia todo, durante toda a noite
eles não devem nunca ficar inativos:
"Vós que reavivais a memória do SENHOR,
não há trégua para vós!"
- ⁷ E não deixeis tampouco tréguas para
ele,
até ele haver restituído a Jerusalém a
54,14 estabilidade
60,18; 61,11 e tê-la constituído "louvor sobre a terra".
- ⁸ Pela sua direita e pelo seu braço poderoso 41,10
o SENHOR garantiu este juramento:
51,9
Nunca mais darei o teu trigo 45,23;
em alimento para os teus inimigos, 54,9
nunca mais os filhos do estrangeiro Dt 28,30-35;
hão de beber o teu vinho, Ne 5,15
aquele pelo qual te fatigaste. 65,21-22;
Am 9,14
- ⁹ Mas os que tiverem juntado o trigo
se alimentarão dele
e louvarão o SENHOR,
e os que tiverem juntado a vindima,
dela beberão
nos átrios do meu santuário.
- ¹⁰ Franqueai, franqueai as portas,
desimpedi o caminho do povo,
aterrai, aterrai a estrada,
pavimentai^a com pedra,
erguei o estandarte diante dos povos.
- ¹¹ Eis o que o SENHOR faz ouvir
até a extremidade da terra:
Dizei à filha de Sião:
eis a tua Salvação¹ que vem,
eis com ele o seu salário
e diante dele a sua recompensa.
- ¹² Chamá-los-ão de "o Povo santo",
"os Resgatados do SENHOR",
e te chamarão "a Procurada",
"a Cidade não abandonada".

63 O Restaurador do direito^a

¹ Quem é pois este que vem de Edom,
de Bozrá^a, com carmesim em suas
vestes,
inflando o peito sob a sua veste,
arcado pela intensidade da sua força?
— Sou eu, que falo de justiça,

Ap 19,13

de relações afetuosas entre a Cidade e o Senhor, seu Esposo (vv. 4-5), a solicitude constante deste último (vv. 6-7), o fim dos impostos estrangeiros (vv. 8-9), o afluxo de judeus dispersos (v. 10), e finalmente o novo estado de Sião povoada pela multidão dos resgatados (vv. 11-12).

q. Com Qumran. Texto masorético: *Desolação*.

r. Assim como: acrescentado com Qumran.

s. O verbo significa *cobrir de pedras, apedrejar*; pode também significar *munir de pedras*, cercando com um muro (Is 5,2) ou fazendo uma pavimentação; outros compreendem: *desimpedir (a estrada) das pedras* (que a obstem).

t. *Salvação* designa o Senhor, como o explicitaram gr., Targ., sir. e Vulg., traduzindo: *teu Salvador*.

u. Diálogo de Deus com o seu profeta, ou melhor, com os guardas de Jerusalém (62,6), que o profeta toma como seus portavozes. Mais ainda do que nos caps. 60-62 — que também eles falam daquele que vem trazer justiça, salvação, redenção (62,11-

12) e vingança (61,2) pela força do seu braço (62,8) —, o poema de 63,1-6 está ligado a 59,15-20, onde já aparece o justiceiro. Salvador e Redentor porque Vingador, agindo sozinho para convencer os opressores e libertar os oprimidos. Este retrato do Deus vinhateiro, que submete as nações ao lagar do seu julgamento, se tornará um dia o retrato do Messias, segundo os *targumim* judaicos redigidos a propósito de Gn 49,11 e de Is 63,1-6: o NT (Ap 19,13-16) reconhece finalmente aí o retrato do próprio Jesus, que triunfa das forças do mal em um combate no qual se cobre, não com o sangue dos outros, mas com o seu próprio sangue.

v. *Edom* (capital Bozrá^a), por ter aproveitado da vitória babilônica para se encarniçar contra o que restava do Estado judeu, se havia tornado o inimigo-tipo de Jerusalém e como que o porta-estandarte das nações levantadas contra o Senhor. Cf. sobretudo Is 34, o texto mais próximo da nossa passagem, e Jr 49,7-22; Lm 4,21-22; Sl 137,7; Ez 25,12-14; 35,1-36,5; Ml 1,2-5 e Abdias.

que instauró processo* para salvar.

² — Por que este vermelho na tua veste, por que tuas vestes são como as de um pisoeiro no lagar*?

Ap 14,19-20; 19,15 ³ — A dorna, eu a pisei sozinho, entre os povos⁹, não havia ninguém comigo;

então, na minha cólera, pisei-os, pisoteei-os, no meu furor; o sumo deles jorrou sobre as minhas vestes, manchei todas as minhas roupas.

34,8 ⁴ Em meu coração, era dia de vingança, chegara o ano de executar minha redenção⁴

⁵ Eu olhei: nenhuma ajuda!

Fiquei desolado: nenhum apoio!

59,16 Então o meu braço me salvou e o meu furor foi o meu apoio.

49,26 ⁶ Esmaguei os povos, na minha cólera, eu os embriaguei, no meu furor: o prestígio deles⁶, o fiz cair por terra!

Misericórdia do Pai e miséria dos filhos^b

SI 89,2 ⁷ Recordarei^c os benefícios do SENHOR, os louvores que celebram o SENHOR, segundo tudo o que o SENHOR

SI 13,6 realizou por nós, sim, a sua grande bondade pela casa de Israel, que ele realizou^d por eles segundo a sua ternura, pródiga em benefícios.

⁸ Ele dissera: “Verdadeiramente, são o meu povo, filhos⁸ que não enganam”, e foi para eles um Salvador em todas as aflições.

⁹ Não foi um delegado^f nem um mensageiro, foi ele, em pessoa, que os salvou: em seu amor e em sua compaixão, ele mesmo os resgatou. Ele os levantou, os carregou, todos os dias de outrora.

¹⁰ Mas revoltaram-se, acabrunharam o seu Espírito santo. Então voltou-se contra eles como inimigo, ele mesmo pôs-se em guerra contra eles.

¹¹ Então o seu povo se lembrou dos dias do tempo de Moisés:

“Onde está Aquele que fez subir novamente do mar

o pastor^g do seu rebanho?

Onde está Aquele que nele infundiu o seu Espírito santo?

¹² Aquele que fez avançar, à direita de Moisés,

seu braço resplandecente?

Aquele que fendeu as águas diante deles para fazer para si um nome eterno?

¹³ Aquele que os fez avançar nos abismos?

Como um cavalo no deserto, eles não tropeçavam,

¹⁴ como o gado que desce uma encosta^h, si 77,21 o Espírito do SENHOR os conduzia ao descanso”.

Dt 14,1-2

Jr 31,3;
Os 3,1;
11,1Mt 3,17;
46,3-4

Nm 20,10

Ef 4,30

Hb 13,20

Nm 11,17

Ex 14

55,13

51,10

si 77,21

w. *Que instaura processo (râh)*, segundo as versões, cf. Is 49,25; 51,22. O hebr. traz: *grande (rab)*.

x. *Lagar*, imagem do castigo: Lm 1,15; Jl 4,13; Ap 14,19-20; 19,12-15 e já Jr 25,30.

y. Texto de Qumran: *do meu povo*.

z. Cf. 41,14 e nota.

a. É a palavra traduzida no v. 3 por *sumo* (cf. 60,11 nota).
b. Este salmo compreende uma recordação dos favores passados (63,7-14); uma súplica dos filhos infelizes dirigida a Deus, seu pai (63,15-64,3); uma confissão dos pecados (64,4-6); uma nova súplica dos filhos pecadores dirigida a seu Pai celeste (64,7-11). — Esta espécie de prelúdio do “pai-nosso” pode situar-se aproximadamente entre os anos 538 e 520: a catástrofe do ano 587 parece bastante distante (63,19); mas o Templo ainda não está reconstruído, e os habitantes de Jerusalém ainda estão sob o impacto das cruéis decepções que se seguiram aos primeiros retornos da Babilônia.

c. *Recordar* os benefícios passados é atualizar a benevolência constante de Deus: ao recordar a libertação da escravidão do Egi-

pto, os exilados viveram a libertação do jugo da Babilônia (63,11): ao recordarem-se do Senhor, seus fiéis o encontram (64,4).

d. *Realizar* (pôr em obra) traduz aqui o verbo explicado em 59,18 nota.

e. *Meu povo, meus filhos*: paralelo freqüente (Ex 4,22-23 e 5,1; Os 1,9; 2,1,25; 11,1; Jr 3,14.19,22; 31,9,20; mais tarde, Sb 18,13), convicção tradicional e coluna vertebral desta oração, na qual o povo de Deus reaparece em 63,11.14.18 e 64,8; onde os filhos falam a seu Pai (63,16;64,7).

f. *Um delegado*: segundo gr. e Vulg., e como em 57,9; hebr.: *um adversário* (um “combatente” enviado por Deus em socorro dos israelitas e contra os opressores deles). — *Foi ele, em pessoa*: lit. *foi a sua face*, como em Ex 33,14-15 e Lm 4,16.

g. *O pastor* (melhor que: *os pastores*); aqui, Moisés (cf. SI 77,21; Nm 27,15-20) salvo das águas do Nilo — que por vezes se chama de *mar* (Is 19,5; Na 3,8; Ex 32,2) — e salvo das águas do mar dos Juncos.

h. Palavra forjada com o verbo *fender* (v. 12), e traduzido alhures por *passagem* (40,4) ou *sulcos* (41,18).

Foi assim que conduziste o teu povo,
para fazer-te um nome resplandecente.

SI 80,15 ¹⁵ Olha e vê, lá do céu,
64,10 lá do teu palácio santo e esplêndido:
Onde estão, pois, o teu ciúme e a
tua coragem!

Jr 31,20 a emoção das tuas entranhas?
Tuas ternuras por mim foram contidas?

Dt 32,6 ¹⁶ Pois tu és o nosso Pai!
Abraão, com efeito, não nos conhece,
e Israel¹ também não nos reconhece;
Mt 23,9 és tu, SENHOR, que és nosso Pai,
nosso Redentor² desde sempre, este é
o teu nome.

¹⁷ Por que nos fazer errar, SENHOR,
64,4 longe dos teus caminhos,
e endurecer os nossos corações,
que estão longe de temer-te?
SI 80,15; Volta, pela causa dos teus servos,
SI 90,13 das tribos do teu património.
Dt 32,9

¹⁸ É por pouco tempo
que o teu povo santo entrou na sua
herança;
nossos agressores o esmagaram, o
64,10 teu santuário!

¹⁹ E desde muito tempo nós somos
aqueles sobre os quais tu não exerces
mais a tua soberania,
aqueles sobre os quais o teu nome
não é mais invocado.
Dt 28,10; Ah, se rasgasses os céus e descesses,
Jr 14,9 de modo que as montanhas fossem
Mc 1,10; 15,38 sacudidas diante de ti,

10,16-17 **64** ¹ como um fogo que queima os
sarmentos,
como um fogo que faz ferver águas,
para fazer conhecer o teu nome aos
teus adversários;
as nuvens estremeceriam diante de ti,
² se fizesses coisas terríficas,

que nós não esperamos:
tu descerias, as montanhas seriam
sacudidas diante de ti.

³ Nunca se ouviu, Dt 4,32;
nunca se ouviu dizer, 1 Cor 2,9
nunca o olho viu
que um deus, a não ser tu, 45,5
tenha agido em favor de quem 30,18
anseava por ele.

⁴ Tu vais ao encontro de quem se
alegra em praticar a justiça,
os que nos teus caminhos se
lembram de ti.
Eis-te irritado, pois nós nos desviamos;
é nestes caminhos de outrora que
seremos salvos¹.

⁵ Todos nós fomos como o impuro, 1,30;
e todos os nossos atos de justiça, 40,7,8
como panos repugnantes^m,
todos nós murchamos como a folha,
e as nossas iniquidades, como o 57,13
vento, nos levam embora.

⁶ Ninguém invoca o teu nome,
ninguém acorda para se agarrar a ti,
pois escondeste de nós o teu rosto,
deixaste a nossa iniquidade nos guiar
para fazer de nós dissolutosⁿ.

⁷ Todavia, SENHOR, tu és o nosso Pai;
somos nós a argila, e tu, quem nos modela; SI 103,13-14
todos nós somos a obra da tua mão^p. 27,11;
43,1,21;
Gn 2,7

⁸ Não te irrites, SENHOR, em excesso,
não te recordes para sempre da iniquidade.
Mas olha, portanto: teu povo, somos
todos nós!

⁹ As tuas cidades santas são um deserto,
Sião é um deserto,
Jerusalém, uma desolação!

¹⁰ Nossa Casa santa e esplêndida^p, 63,15
onde os nossos pais cantavam os
teus louvores.

i. Ou então no plural, segundo o texto maseorético: *tuas proezas*. A palavra vem de "valente"; cf. 42,13 e nota.

j. O nome *Israel* designa aqui o patriarca Jacó (Gn 32,29).
k. Cf. 41,14 nota.

l. Versículo difícil; parece que a metáfora do caminho lhe está subjacente e o explica: Deus prepara o seu encontro (4a) para aqueles que *dele* se lembram nos *caminhos* (4b); seus filhos o irritaram ao se desviar (4c); mas se voltarem a *estes (caminhos)* de outrora, serão salvos (4d). Os caminhos de outrora são com efeito os caminhos seguros traçados pelos ancestrais fiéis: Jr 6,16; 18,15; SI 139,24.

m. Lit. *os panos menstruais*; cf. Lv 12,2; 15,19-33; Lm 1,8,17.
n. Lit. *tu nos fizeste amolecer na mão da nossa iniquidade*.

o. A argila humana cai na desagregação quando é o pecado que a toma nas mãos (v. 6); ela recobra a consistência quando é Deus que, na sua mão, a modela: cf. Is 29,16; 45,9-11; Jr 18,1-6; Jd 10,9; Rm 9,2-24.

p. Lit. *Casa da nossa santidade e do nosso esplendor*: estas duas palavras, que designam aqui o santuário de Jerusalém, designavam acima a Morada celeste de Deus (63,15); o Templo é, portanto, considerado como sendo "o céu na terra".

Jr 52,13: foi abrasada pelo fogo.
2Cr 36,19: e tudo o que constituía a nossa paixão
Lm 1,10: tornou-se devastação!
2.4

11 Será que, diante de tudo isso,
Zc 1,12: poderias conter-te, ó SENHOR?
Ficarias inativo⁴
e nos humilharias até o extremo⁵?

65 Alegria dos servos de Deus, sofrimento dos ímpios⁶

1 Eu me fiz procurar por aqueles que
não me consultavam,
Rm 10,20: fiz-me achar por aqueles que não me
procuravam;
eu disse: "Aqui estou, aqui estou"
a uma nação que não invocava o
meu nome¹.

2 Estendi as minhas mãos, durante o
dia todo,
para um povo rebelde²,
SI 36,5: para os que seguem o caminho que
não é bom,
que estão a reboque dos seus
próprios pensamentos.

3 É um povo que me irrita,
Dt 32,21: em rosto, sem parar;
Os 12,15: fazem sacrifícios em jardins,
fazem fumar aromas sobre tijolos³,
Mc 5,2-3: 4 ficam em sepulcros,

passam a noite em grutas⁴,
comem carne de porco⁵,
e seus pratos não passam de um
caldo de imundícies;

5 eles dizem: "Cuida de ti,
não te aproximes de mim, pois eu te
tornaria sacrossanto⁶!"

Esses procedimentos provocam nas
minhas narinas uma fumaça,
um fogo incandescente, o dia todo.

6 Atenção, isto está escrito, diante de
mim;

razão por que não ficarei quieto⁴,
até que eu tenha dado o troco,
e dê o troco em pleno coração⁵

7 pelas vossas iniquidades e as
iniquidades dos vossos pais,
Lv 26,39-40: tudo de uma vez, diz o SENHOR.
Jr 3,25

Os que sobre as montanhas faziam
fumar aromas

e sobre as colinas se riam de mim,
eu lhes darei o troco em pleno coração
à medida da sua conduta passada.

8 Assim fala o SENHOR:

Da mesma forma que se encontra
sumo em um cacho de uva⁹
e se diz: "Não o destruas, pois há
uma bênção dentro",

assim farei eu por causa dos meus servos,

q. Quanto a esta expressão, cf. 42,14 nota.

r. As questões desta oração fazem eco várias afirmações do NT sobre Jesus: comparar em especial 63,11.19, de um lado, c. do outro, Hb 13,20; Mc 1,10; 15,38.

s. O cap. 65 não deixa de estar ligado ao salmo que o precede (cf. v. 1 e 64,6; v. 2 e 63,17; v. 7 e 64,5.6.8; v. 6 e 64,11 etc.), mas está ainda mais intimamente ligado ao cap. 66 (contém pelo menos 15 expressões semelhantes e vários temas comuns). O conjunto do nosso capítulo divide-se em duas grandes partes bastante simétricas:

A. Os vv. 1-12 apresentam: 1. os rebeldes (vv. 1-7), que se expõem ao castigo; 2. os servos preservados e os rebeldes punidos (vv. 8-12); com efeito, quando Deus chama, eles não respondem; quando Deus fala, não escutam; pelo contrário, abandonam a santa montanha e praticam o mal.

B. Os vv. 13-25 apresentam por sua vez: 1. os servos na alegria, os rebeldes na tribulação (vv. 13-16b); 2. os servos cumalados de bens (vv. 16c-25); com efeito, antes de eles chamarem, Deus responde; antes de falarem, Deus os ouve; doravante, eles respeitam a santa montanha e não praticam mais o mal.

t. Com as versões. Hebr.: *que não era chamada pelo meu nome*.

u. A *nação que não invoca* a Deus (v. 1) e o *povo que lhe é rebelde* (v. 2) designam aqui a comunidade de Israel, global-

mente, sob o seu aspecto mau. Quando Paulo retomar estes vv. em Rm 10,20-21, os transporá, vindo na nação outrora ignorante de Deus o conjunto do mundo pagão, e no povo rebelde a massa dos filhos de Israel.

v. *Jardins*: matas sagradas dos cultos idólatras, como em 66,17; cf. Is 1,29; Ez 6,13. *Tijolos*: ou altares, ou simples placas, servindo como queima-perfumes para os ídolos (Jr 19,13; 32,29).

w. *Grutas*: lit. *lugares reservados*. *Sepulcros*: passava-se a noite neles na esperança de se comunicar com os mortos; ora, esta necromancia é proibida em Israel. Lv 19,31; Dt 18,11; Is 8,19 etc.

x. O *porco* é proibido: cf. Lv 11,7; Dt 14,8; cf. 1Mc 1,47; 2Mc 6,18-31 e 7.

y. Segundo duas versões. Hebr.: *eu sou sacrossanto (para?)* ti. Os idólatras, que se consideram intocáveis, marcados por um tabu que deve manter os profanos à distância, sob pena de tornar também a estes intocáveis, macaqueiam aqui o respeito devido aos seres consagrados a Deus. Ez 44,19; 46,20. Alguns traduzem: *eu sou mais puro do que tu* (Targ.) ou *tu és impuro* (Vulg.).

z. Quanto a esta expressão, cf. 42,14 nota.

a. Lit. *na dobra* (do corpo ou da vestimenta), no regaço deles. É a medida derramada "no avental", Rt 3,15; cf. Lc 6,38. No sentido figurado, cf. Jr 32,18; SI 35,13 e 79,12.

b. Reconhece-se a vinha: Israel, cf. Is 5,1-7 etc.

a fim de não destruir tudo.

⁹ Farei sair de Jacó uma descendência, de Judá, um herdeiro das minhas montanhas:

57,13; meus eleitos as herdarão,
60,21 meus servos ali morarão.

¹⁰ O Sharon se tornará pasto para rebanhos, o vale de Akor^e, lugar de repouso para o gado, em proveito do meu povo, que me tiver procurado.

¹¹ Mas vós, que abandonastes o SENHOR, que esquecesteis a minha santa montanha, que preparais para Gad uma mesa e tendes cheia para Meni^d uma mistura de libações,

57,6

¹² recenseio-vos^f para a espada: todos vós dobrareis o joelho para serdes degolados! Com efeito, eu chamei, e não respondestes;

50,2;

65,24

falei, e não escutastes.

66,4

Fizestes o que é mal aos meus olhos e optastes por aquilo que não me agrada.

¹³ Eis por que assim fala o Senhor DEUS: Meus servos comerão,

Dr 28,47-48

e vós, enfrentareis a fome;

meus servos beberão,

e vós, enfrentareis a sede;

meus servos jubilarão,

e vós, estareis na vergonha;

¹⁴ meus servos soltarão aclamações,

Mt 25,34-41

no bem-estar do seu coração,

e vós, soltareis gritos,

no mal-estar do vosso coração,

sim, com o espírito quebrantado, uivareis!

¹⁵ Nas suas imprecações, os meus eleitos pronunciarão o vosso nome, acrescentando: "Que assim o Senhor DEUS te faça morrer!"^f,

mas em favor dos meus servos será evocado um Nome totalmente diferente^g:

¹⁶ todo aquele que quiser bendizer-se na terra se bendirá com: "O Deus do Amém", 2Cor 1,20; Ap 3,14
todo aquele que jurar na terra jurará por: "O Deus do Amém"^h.
Sim, as angústias do passado serão esquecidas,
sim, elas serão escondidas aos meus olhos.

¹⁷ Com efeito, vou criar céus novos e uma terra nova;
assim, o passado não será mais lembrado,
ele não subirá mais ao coraçãoⁱ.

51,6;

66,22;

2Pd 3,13;

Ap 21,1

¹⁸ Pelo contrário, é um entusiasmo e uma exultação^j perpétuos que eu, eu vou criar: com efeito, a exultação que vou criar, será Jerusalém, e o entusiasmo, será o seu povo;

62,5

¹⁹ sim, exultarei por Jerusalém, e estarei entusiasmado com meu povo! Doravante, não se ouvirá mais ressoar ali

nem choros, nem gritos^k.

Ap 21,4

²⁰ Ali não haverá mais criança de peito arrebatada em alguns dias

c. Planície de *Sharon*, a oeste, de Jafa ao Carmelo, célebre pela sua fertilidade (Ct 2,1; 1Cr 27,29; Is 33,9; 35,2). *Vale de Akor*, a leste, entre Jerusalém e Jericó (Js 15,7), isto é *Vale da infelicidade* (Js 7,24-26), tornada *Porta de esperança* (Os 2,17).
d. Dois falsos deuses: *Gad*, ou "A Sorte" (cf. Gn 30,11), venerado em Canaã, onde passou para vários nomes de pessoas e de lugares (Js 11,17; 15,37). *Meni*, ou "A Repartição" (cf. o *mené* de Dn 5,25-26). Mais ou menos sinônimos, eles significam aproximadamente a Fortuna e o Destino; apresentavam-se a eles oblações e libações.

e. Este verbo (*mani-ti*) faz jogo de palavras com *Meni* mais ou menos como se Deus dissesse: "Vós adorais Meni, então eu vos mando... para o matadouro". Para o sentido do conjunto do v., cf. vv. 1; 50,2; 66,4; Jr 13,13.

f. Lit. *O vosso nome, vós o deixareis como uma praga aos*

meus eleitos (que dirão: sê como fulano de tal) e *que o Senhor Deus te faça morrer!* Cf. Jr 29,22; Sl 102,9 etc.

g. *Meus servos*, segundo versões (hebr. *seus servos*); um *Nome totalmente diferente*: aqui, o próprio Nome de Deus, como precisa o v. 16.

h. *Amém*: capaz de carregar, sólido, digno de fé, verdadeiro. O *amém* dito pelos homens garante a seriedade dos seus juramentos: Nm 5,22 etc.; dito por Deus, exprime a infalibilidade das suas promessas, cf. 1Rs 1,36.

i. O Senhor suscita não somente um Êxodo novo (43,18-19), mas um mundo renovado (66,22); cf. 2Pd 3,13; Ap 21,1.

j. Segundo Qumran e gr., texto massorético: *estai no entusiasmo e exultai!*

k. Lit. *não se ouvirá ali mais a voz dos choros nem a voz dos gritos*.

nem ancião que não complete os seus dias;
o mais jovem morrerá centenário, e mesmo o infortunado será centenário ao se tornar menos que nada¹.

²¹ Eles construirão casas e as habitarão, plantarão vinhas e comerão seu frutos;

²² não construirão mais para um outro morar.

não plantarão mais para que um outro coma,

pois, como os dias de uma árvore, tais os dias do meu povo; os meus eleitos usufruirão os produtos das suas mãos^m.

^{FI 2.16} ²³ Não se fatigarão mais em vão, não mais gerarão filhos para a hecatombe,

^{61.9} pois serão a descendência dos benditos do SENHOR, e os seus rebentos ficarão com elesⁿ.

^{65.12} ²⁴ Antes mesmo que eles chamem, eu lhes responderei; quando ainda estiverem falando, eu os terei ouvido!

^{11.7} ²⁵ O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão, como o boi, comerá forragem; ^{Gn 3.14} quanto à serpente, o pó será o seu alimento.

Não se fará nem mal nem destruição em toda a minha montanha santa, diz o SENHOR^o.

66 Todos julgados por Deus^p

¹ Assim fala o SENHOR: o céu é o meu trono

e a terra, o escabelo dos meus pés.

Qual é então a casa que haveríeis de construir para mim?

qual seria o lugar de meu repouso?

² Ademais, todos esses seres^q, foi a minha mão que os fez e todos eles a mim pertencem^r, — oráculo do SENHOR —; mas é para este que eu olho: para o humilhado, o que tem o espírito abatido, e que treme à minha palavra^s.

³ Sacrifica-se o touro, mas também abate-se um homem! imola-se a ovelha, mas também se mata um cão!

eleva-se uma oferenda, mas é sangue... de porco!

faz-se um memorial de incenso, mas para bendizer... a um ídolo maléfico!^t

Essa gente, sim, escolhe seus próprios caminhos e se compraz nas suas abominações.

57.15;
1Rs 8.27
60.13;
Mt 5.35
At 7.49

65.4

41.29

1. Há três interpretações possíveis desta frase. Ou: *este-aqui-que faltar (de ser) um filho dos cem anos, será por ser maldito*. Ou: *aquele-que-cometer faltas, é (somente) centenário que ele será maldito*. Ou então: *Aquele-que-deixar (de ter sucesso) é centenário que ele se tornará menos do que nada*, pela sua morte, sem que se insista aqui em uma maldição.

m. As expressões dos vv. 21-22 lembram Lv 26.16; Dt 28, 30-33.38-44; as ameaças de Am 5.11; Sf 1.13; Mq 6.15; as promessas de Am 9.14; Jr 29.5; 31.5; Is 62.8-9.

n. Lit. e as suas crianças de peito com eles.

o. É o ideal anunciado por Is 11.9 para a época do Messias.

p. Muito semelhante ao cap. 65, o cap. 66 se situa, também ele, entre os anos 537 e 520. Ao aproximar-se esta última data, empreende-se a reconstrução do Templo (profeta Ageu), cuja importância é relativizada por 66.1. Santuário e ritos, com efeito, só têm sentido se referidos a uma vida religiosa e moral autêntica: diante do profeta, há fiéis que ele quer encorajar, mas também perversos que quer alertar. Esta divisão da comunidade vai marcar o capítulo inteiro; ela se manifesta a propósito do Templo e do culto: ao lado dos verdadeiros amigos de Deus (vv. 2 e 5a), há os que praticam uma religião adulterada e desta forma se expõem às sanções (vv. 3-6); ao passo que os servos de Deus jubilarão em uma Jerusalém renovada (vv. 7-14), os ímpios sofrerão o castigo (vv. 15-17). Tal o julgamento diz res-

peito não somente aos filhos de Israel, mas também a todas as nações e, os dois aspectos do mesmo serão estáveis, tanto o seu aspecto consolador (vv. 18-23) como o seu aspecto desolador (v. 24): é a docilidade ou a hostilidade dos homens a Deus que decidirá finalmente da sorte de todos eles.

q. *Todos esses seres* designa provavelmente, antes que o céu e a terra do v. 1 (cf. Sl 24.1), as oferendas do v. 3, por três motivos: primeiramente, lá onde existe um templo, existe um culto; em seguida, uma vez que os seres oferecidos pertencem a Deus, não se pode pretender enriquecê-lo apresentando-os a ele (Sl 50.10-11); finalmente, o Senhor não pode olhar para os sacrifícios hipócritas (Am 5.22), senão que olha para o homem dócil à sua palavra.

r. Com duas versões: hebr.: e *eles foram*, isto é, *existiriam*.

s. Modo de falar pós-exílico, raro (unicamente aqui, no v. 5 e Esd 9.4; 10.3), expressivo, pois sugere menos terror do que prontidão (2Rs 4.13). Enfatiza a escuta dócil e a execução zelosa da Palavra de Deus, as quais estão menos ligadas ao Templo do que o ritual dos sacrifícios.

t. A depravação condenada aqui consiste em executar, ao mesmo tempo que ritos prescritos (tours, ovelhas, oferenda, incenso), outros ritos, severamente proscritos (sacrifícios humanos, cf. 57.5; imolações de cão e de porco; culto dos ídolos, chamados aqui de maleficência como em 41.29).

⁴ Pois eu também, escolherei tormentos para eles", e farei vir sobre eles o que constitui o seu terror.

50.2: Com efeito, chamei, e ninguém
65.12 respondeu,
falei, e não escutaram;
fizeram o que é mal aos meus olhos,
escolheram o que não me agrada.

⁵ Ouvi a palavra do SENHOR,
vós que tremeis à sua palavra:
Vossos irmãos que vos odeiam
e que, por causa do meu nome, vos
excluem*, disseram:
"Que o SENHOR mostre então a sua glória
e nós vejamos a vossa jubilação!";
mas eles é que estarão na vergonha.

Jr 25.30 ⁶ Uma voz, um ruído lá da Cidade,
Ap 16.17 uma voz, lá do Templo!
É a voz do SENHOR: ele retribui,
aos seus inimigos, o tratamento deles*.

⁷ Antes de sofrer dores de parto, ela*
deu à luz,
antes que lhe viessem as dores,
Ap 12.5 ela pôs no mundo um menino.

⁸ Quem jamais ouviu coisa igual?
Quem jamais viu semelhante coisa?
Acaso um país é posto no mundo
num só dia,
uma nação gerada de uma só vez,
para que, apenas entrada em dores
de parto,

Sião tenha dado à luz os seus filhos?

⁹ Acaso abriria eu passagem à vida*
para não fazer dar à luz?

— diz o SENHOR.

Acaso eu, que faço dar à luz,
imporia à vida um fechamento?
— diz o teu Deus.

61.3 ¹⁰ Jubilai com Jerusalém,

exultai por sua causa, vós todos que
a amais.

Com ela, sede entusiastas, sim, 65.18-19
entusiasmados,

vós todos que por ela vos enlutastes.

¹¹ Que mameis o leite e sejais saciados
do seu seio consolador!

Que sugueis à vontade* e desfruteis
dos seios de sua glória!

¹² Pois assim fala o SENHOR:

eis que vou fazer chegar até ela
a paz* como um rio

48.18

e, como uma torrente transbordante,
a glória das nações.

60.13:

Sereis amamentados, carregados no
regação

61.6

e acariciados sobre os joelhos.

¹³ Acontecerá como a quem é

confortado por sua mãe:

49.15

sou eu que, assim, vos confortarei,
sim, em Jerusalém, sereis confortados.

¹⁴ Vereis, vosso coração estará

60.5

entusiasmado,

vossos ossos como a relva serão
revigorados.

A mão do SENHOR se fará conhecer a
seus servos,

65.8, 13-15

mas ele se mostrará indignado contra
seus inimigos:

¹⁵ Eis, com efeito, o SENHOR:

é no fogo que ele vem,

seus carros iguais a um tufão,

Jr 4.13

trazendo de volta com furor a sua cólera
e suas ameaças com chamas de fogo*.

¹⁶ Sim, é armado de fogo que o SENHOR 64.1

entra em julgamento

com toda carne, e também armado
da sua espada:

numerosos serão os traspassados*
pelo SENHOR.

u. Lit. *em caprichos deles*, isto é, *contra eles*.

v. Verbo raro, empregado alhures somente em Am 6.3. Mais tarde, no judaísmo, ele designará a excomunhão. Aqui, provavelmente qualifique os procedimentos dos que, na própria Jerusalém, despojam e exploram seus irmãos mais humildes (59.15), acabrunhando-os com propósitos cínicos (v. 5b).

w. Cf. 59.18, onde a palavra é traduzida por *procedimentos e represálias*.

x. Sião ou Jerusalém, mencionada nos vv. seguintes, de repente "mãe de família numerosa", porque repovoada.

y. Lit. *eu abriria a fenda* (por onde passam os filhos: Os

13.13; Is 37.3; 2Rs 19.3). Em 9a e b as palavras *à vida* foram acrescentadas duas vezes, para efeito de sentido.

z. Tradução aproximativa de um verbo desconhecido mas paralelo, aqui, a *mamar* o *leite*.

a. Ver 1Rs 5.26 nota.

b. A pregação cristã primitiva utilizou livremente certas expressões de Is 66.5-4 e 15 (segundo o gr.) para evocar o julgamento final do mundo por Jesus Cristo, cf. 2Ts 1.8-12.

c. Este v. e o v. 6 inspiram-se em Jr 25.30-33, onde encontramos: a voz do Senhor e o seu ruído (Is 66.6); sua entrada em julgamento com toda carne por meio da sua espada; finalmente

17 Os que se pretendem “sacrossantos”
e “puros”
para o acesso aos jardins^d,
depois do principal^e, que está no meio,
65.4 os que comem carne de porco,
de animais abomináveis e de rato,
todos juntos perecerão — oráculo do
SENHOR!
18 Seus atos e pensamentos serei eu^f;
eu venho para congregar todas as
nações
de todas as línguas;
40.5; elas virão e hão de ver a minha glória;
60.1-2 19 sim, levantarei no meio delas um sinal.
Além disso enviarei dentre eles
sobreviventes
para as nações:
Tarshish, Put e Lud que retesam o arco,
Tubal, Iavan^g e as ilhas longínquas,
que nunca ouviram falar de mim,
que nunca viram a minha glória;
eles anunciarão a minha glória entre
as nações.
60.4.9 20 Hão de trazer todos os vossos irmãos,
de todas as nações,
em oferta ao SENHOR,
— a cavalo, em carro, em liteira,
no dorso de mulas e sobre palanquins —

até a minha santa montanha,
Jerusalém — diz o SENHOR —
assim como os filhos de Israel hão
de trazer
a oferenda, sobre pratos purificados,
à Casa do SENHOR.
21 E mesmo dentre eles eu tomarei
sacerdotes^h,
levitas, diz o SENHOR.
22 Sim, como os céus novos
e a terra nova que eu faço
permanecem firmes diante de mim
— oráculo do SENHOR —,
assim permanecerão firmes
a vossa descendência e o vosso
nome!
23 E sucederá
que de lua nova a lua nova
e de sábado a sábado
toda carneⁱ virá prosternar-se
diante de mim, diz o SENHOR.
24 Ao sair^j, poderão ver
os cadáveres daqueles
que se revoltaram contra mim:
seu verme não morrerá,
seu fogo não se apagará^k,
eles serão uma repugnância para toda
carne.

65.17;
Ap 21.1

os traspassados pelo Senhor, que figuram exclusivamente em Jr 25 e Is 66. Para o *fogo* e a *espada contra toda carne*, cf. também Ez 21.1-22.

d. Quanto a estes *jardins*, cf. 65.3 nota.

e. Lit. *depois da UM*, sem dúvida aquele que desempenha a função de sacerdote idólatra; cf. Ez 8.11. Certos mss. leram: *Uma* (sacerdotisa).

f. Despojados os ídolos e os idólatras (v. 17), é o verdadeiro Deus que se tornará o objetivo das iniciativas dos homens, seu centro de congraçamento.

g. *Tarshish*, provavelmente o sudoeste da Espanha (cf. 60.9; Gn 10.4). *Put* (segundo gr. e Vulg), melhor que *Pul* (hebr.), e *Lud* designam sem dúvida populações da costa africana do mar Vermelho, desde o Sudão até a Somália (cf. Gn 10.6.13; Jr 46.9).

Tubal, no sul do mar Negro (cf. Gn 10.2). *Iavan*, jônios ou gregos (cf. Gn 10.2-4 etc.).

h. O Senhor chamará ao sacerdócio: ou judeus regressados da diáspora, sem que se exija deles uma ascendência sacerdotal (cf. Esd 2.62; Ne 7.64); ou estrangeiros convertidos que tiverem feito tudo para facilitar a volta das caravanas de judeus, sem que se exija deles uma ascendência israelita (cf. 56.3-7).

i. *Toda carne*: cf. vv. 16 e 24; comparar com 40.5 e Sl 65.3; para a idéia: 56.6-7.

j. Isto é não longe do Templo, sem dúvida no vale da Geena (Jr 7.32-33; Mt 5.22.29; 10.28; 23.15.33 etc.).

k. *Verme e fogo*: sinais de um tormento sem trégua; cf. Sr 7.17; Jt 16.17; Mc 9.48.

JEREMIAS

INTRODUÇÃO

1. A solidão do homem da Palavra. Ao leitor do livro que traz o seu nome, Jeremias se apresenta como um grande solitário. “Eu fico à margem”: são estes os termos que ele usa para caracterizar seu relacionamento com a sociedade (15,17). Incompreendido e perseguido, desamado por aqueles que mais deveriam apoiá-lo e encorajá-lo, os membros de sua família (12,6; 20,10), ele não está com eles quando celebram um casamento, nem quando choram um morto (16,5-9). Nunca chegará a conhecer o reconforto e a responsabilidade da vida conjugal e nunca chegará a ser pai (16,1-4). Preso, brutalizado, arrastado contra a vontade para o Egito, acabará seus dias numa terra longínqua e nenhum vestígio restará de sua tumba.

Entretanto, estamos muito bem informados sobre sua vida interior. Sabemos que essa solidão de modo algum correspondia a uma disposição natural de sua parte. Foi-lhe imposta por uma força externa que o violentava, agredia, invadia, prendia, exigindo uma adesão total à sua vontade e que tinha necessidade de sua solidão como de um meio para agir no seio do povo de Judá. Essa força implacável era a Palavra de Deus. Nenhum profeta evoca a Palavra de Deus e sua maneira de agir com tamanha e dolorosa exatidão quanto Jeremias. “A palavra do Senhor veio a mim” — é uma fórmula freqüente em Jr, que introduz e qualifica seu discurso (cf. nota a 1,2). “Ao encontrar tuas palavras, eu as devorava” (15,16); embora elas o alegrem (15,16), seu efeito é freqüentemente devastador: “Todos os meus membros estremeçam, torno-me como um bêbado, um homem tomado pelo vinho, por causa de tuas palavras” (23,9). Esta Palavra de provação, “parecida com o fogo, com uma marreta que pulveriza a pedra” (23,29; cf. 20,9), ele a recebe não somente em clarões luminosos que parecem inscrever-se numa experiência, em si, banal (cf. 1,11-14); ele a escuta também na sala de audiência do Senhor dos céus (23,18.22; cf. 5,1 e nota) onde, na qualidade de profeta, tem o direito de entrar. Além do mais, o Senhor a põe em seus lábios (1,9), velando sobre

ela (1,12), para fazer dela um fogo que devore o povo recalcitrante (5,14). Às vezes, a Palavra parece abandoná-lo, torna-se rara e lhe impõe longos dias de espera antes de voltar a comunicar-se (42,7). Na vida desse homem, a Palavra tornou-se o fator-chave, o centro incômodo, desmancha-prazeres e ao mesmo tempo razão de ser, uma espécie de déspota imprevisível que, aparentemente, o aliena de si mesmo e de seus semelhantes para, de fato, mergulhá-lo no centro mesmo da realidade.

É compreensível, então, que Jeremias tenha tido de fazer um esforço constante para assumir essa Palavra e para se assumir diante dela. Encontramos indícios disso nos numerosos diálogos que balizam o livro e nos quais o profeta discute asperamente com Deus sobre o sentido de sua existência de profeta. Os mais célebres são, sem dúvida, aqueles que os exegetas modernos denominam as “confissões de Jeremias” (11,18-23; 12,1-6; 15,10.15-20; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-13.14-18). Nelas o profeta se queixa amargamente de seu isolamento, de sua “alienação”, da insignificância de sua condição, mas a resposta é que essa condição é inelutável e faz parte de sua missão profética. As “confissões” não são, contudo, os únicos diálogos entre Jeremias e seu Deus. Outros podem ser encontrados no começo do livro: a cena de sua vocação, quando o jovem Jeremias tenta em vão esquivar-se ao domínio da Palavra (1,4-10), e as visões iniciais, constitutivas de seu ministério (1,11-14), bem como a passagem em que o profeta é levado a reconhecer o bem-fundado do veredicto divino relativo à situação da sociedade de Judá (5,1-6), e aquela em que ele tenta em vão fazer cessar uma seca que devasta a terra (14,1-15,9). Nestes diálogos, a palavra do homem confronta-se com a Palavra de Deus, e é sempre esta que triunfa. Sejam quais forem as circunstâncias históricas de seu desenvolvimento — não é fácil penetrar a psicologia da experiência profética —, esses diálogos testemunham que a Palavra de Deus era uma preocupação constante de Jeremias.

2. A autenticidade da vocação profética. *De todos os problemas que afetavam tal existência, o pluralismo das convicções proféticas era um dos mais dolorosos. Jeremias não era, de fato, o único que falava em nome do Senhor. O próprio livro de Jeremias nos informa sobre a atividade de homens que, ao mesmo título de Jeremias e ao lado dele, reivindicavam o estatuto e os privilégios próprios de um profeta: Uriáhu ben Shemaiáhu (26,20-24), Hananiá ben Azur (cap. 28), Ahah ben Qolaiá e Sidqiá ben Maaseiá (29,21), e outros, profetas anônimos, mencionados em inúmeras passagens (2,8.26.30; 4,9; 5,13.31; 6,13-14; 26, 7-16; 27,16-18), interpelados (23,9-40) ou citados por Jeremias (14,13), talvez até com aprovação (cf. 4,10 nota); alguns inclusive encontravam-se entre os deportados para Babilônia (29,1).*

Os textos nos indicam em particular que, de início, Jeremias não pretendia absolutamente destacar-se de seus colegas profetas (cf. 14,13-16; 28,6-9; também 29,1), nem via motivos para qualificá-los de “falsos profetas”. Encontramo-nos aqui em presença de um aspecto particularmente delicado da solidão de Jeremias. Exceto uns critérios morais de aplicação delicada (23,14.17.22; 29,23), ele praticamente não dispunha de critérios objetivos que lhe permitissem distinguir o verdadeiro do falso, privilegiar sua mensagem em relação à mensagem de muitos outros, que defendiam a sua com tanta convicção quanto ele, a dele (cf. porém 28,8). Afinal, ele próprio podia errar, como o podia Hananiá, seu concorrente (28,6-9), ainda mais porque a opinião deste coincidia com a da grande maioria dos chefes políticos e militares (cf. a seguir, § 4b).

A questão da autenticidade e do sentido de sua vocação singular põe-se assim no centro de seus colóquios com Deus. Se Deus é o inspirador das mensagens, por que elas não são unânimes? Se Deus enviou Jeremias, por que Jeremias é o único a proclamar uma verdade que só ele aceita como tal (o destino de um homem como Uriáhu, cf. 26,20-24, profeta assassinado por Joaquim, não era capaz de reconfortar Jeremias)? Se Deus credenciou seu profeta, por que ele sofre sevícias por parte daqueles que deveriam alegrar-se ao saudar nele um confrade ou o representante qualificado daquele que veneravam como Mestre? Está em jogo a identidade, a pertinência da revelação.

Jeremias não esconde sua confusão. No que diz respeito ao seu ministério, ele não é consciente de ter cometido erros. Por acaso não assimilou fielmente a Palavra, não a “comeu” (cf. 15,16)? Não foi sempre absolutamente sincero (17,16b)? Não intercedeu por seus semelhantes, até mesmo por seus adversários, como o faz todo verdadeiro profeta (18,20; cf. 14,13; 17,16)? Por que, então, conhece a triste sorte de um solitário, de um inadaptado, um eterno revoltado?

A resposta de Deus, peremptória, não oferece nenhuma explicação, nenhuma justificação. Todas as suas desgraças são previstas por Deus e irão mesmo se agravar (12,5); o mensageiro contestado nada pode, a não ser refazer-se e seguir caminho (15,19-21), empenhando a própria pessoa em tornar seu discurso ainda mais incisivo (15,19). No que diz respeito aos outros profetas, o Senhor, que não os credenciou (14,14-16), denuncia-lhes a impostura (23,16). Para dissipar as dúvidas que assolam a alma do profeta, resta somente a absurda certeza de que é realmente o Deus vivo que lhe fala.

Jeremias não viverá o bastante para saber que, uma vez acontecida a catástrofe que ele anuncia, os judeus iriam refletir sobre seu destino: alguns teólogos precavidos iriam colecionar não somente os oráculos dele, mas também as tradições relativas a seu ministério: ele terminará por ser considerado um profeta autêntico do Senhor (cf. infra § 5).

3. Dados biográficos. *Comparadas com esse conflito fundamental, as circunstâncias externas da vida do profeta apresentam um interesse apenas secundário. Aliás, elas são pouco conhecidas, e as conclusões que podemos tirar de alguns dados são, na maioria dos casos, conjecturais.*

De acordo com 1,1, o profeta era originário de Anatot, pequena aldeia nos arredores de Jerusalém, onde sua família possuía algumas propriedades (cap. 32; cf. 37,12), e era membro de uma família sacerdotal. Chegou-se a deduzir que Jeremias fosse parente longínquo do sacerdote Ebiatar de Shilô, exilado em Anatot por Salomão (1Rs 2,26-27), e que a formação religiosa recebida na família paterna, as lembranças ancestrais e a proximidade das fronteiras do extinto reino do Norte teriam moldado o estilo e o conteúdo de sua mensagem. Mas nada é mais incerto.

De acordo com 1,2, Jeremias foi chamado a ser profeta em 626, quando era "ainda jovem" (1,6). Estas duas indicações biográficas sugerem que ele teria nascido por volta de 650-645. Contudo, não se exclui que o número mencionado em 1,2 (e repetido em 25,3) baseie-se numa tradição tardia a respeito da data da vocação de Jeremias e que esta se situe com maior probabilidade por volta de 609-608. Isto significa que várias hipóteses relativas aos primeiros anos de seu ministério profético repousam sobre fundamentos um tanto frágeis: Jeremias teria saudado com alegria a reforma de Josias em 622; ele teria chegado a colaborar ativamente nesse empreendimento, através da pregação (cf. 11,1-14); por comportar a supressão de todos os santuários, exceto o de Jerusalém, esta reforma arriscava prejudicar os interesses vitais dos sacerdotes que neles serviam, o que explicaria a hostilidade da família do profeta (11,18-22); mais tarde, constatando os escassos resultados da reforma de Josias, que ficou sem perspectivas para o futuro, o profeta teria fustigado, com ardor dobrado, a infidelidade dos judaítas. Todas essas hipóteses são pouco convincentes, não só porque a base cronológica é fraca (isto é, a vocação de Jeremias em 626), mas também porque o livro não menciona de forma alguma essa famosa reforma de Josias (que é elogiado por outras virtudes, cf. 22,15-16) e porque os resíduos do vocabulário e do pensamento deuteronômista, que se percebem em 11,1-14 e que caracterizam o conjunto do livro, admitem uma interpretação diversa (cf. a seguir § 5); e sobretudo, porque a oposição à mensagem de Jeremias é motivada, de acordo com o próprio testemunho dele, não por eventuais conseqüências materiais da reforma de Josias por ele divulgada, mas pela irrupção desconcertante e até revoltante da palavra de Deus por meio de Jeremias (cf. 11,21 e as outras "confissões").

É mister reconhecer que dispomos de menos informações sobre o início do ministério de Jeremias do que desejaríamos. Em compensação, alguns incidentes posteriores nos são relatados com muitos detalhes, na segunda parte do livro. Em 608, vemo-lo pronunciar um discurso, junto à entrada do templo, que o coloca numa situação muito difícil (cap. 26; cf. 7,1-8,3). Em 605-604, ele elabora uma primeira edição de seus oráculos, conservados até então unicamente em sua

memória — e, talvez, na memória de alguns de seus ouvintes (cap. 36). Em 594, Jeremias discute com outros profetas (caps. 27-28) e, pouco tempo depois, envia aos exilados em Babilônia uma carta decisiva para a evolução espiritual da diáspora judaica (cap. 29). Finalmente, as disputas com o rei Sedecias e seus funcionários durante o sítio de Jerusalém em 588-587 e sua atividade junto aos sobreviventes depois da queda da cidade são objeto dos caps. 32-35 e 37-44. Vale a pena frisar que essas informações, embora detalhadas, não constituem uma verdadeira biografia do profeta — a própria posição no texto desafia a exatidão cronológica —; elas representam apenas uma série de exemplos que ilustram a ação da Palavra na existência profética no meio de um povo que atravessa o período mais difícil de sua história.

4. O ministério da Palavra no decorrer dos anos.

A solidão que caracteriza o ministério de Jeremias desde o começo não é apenas o produto de uma experiência religiosa que o singulariza; ela é fruto do conteúdo da mensagem a ele confiada. Essa mensagem defronta contantemente os judeus com o nada, com o abismo do não-ser da comunidade e da criação (cf. 4,23-26). A solidão de Jeremias possui uma dimensão política, pois o ser ou o não-ser de todos depende da aceitação ou da rejeição de sua mensagem. Se sua solidão se prolongar e os judeus se obstinarem recusando escutá-lo, o profeta será efetivamente o único a sobreviver ao desastre universal. Ao contrário, se encontrar audiência, o desastre será evitado, ou, ao menos, atenuado, abrindo-se uma nova perspectiva de bem-estar. A mensagem contestatória de Jeremias exige imperativamente escolhas radicais. Para ele, como para a maioria dos profetas, a Palavra é necessariamente palavra total, envolvendo todos os aspectos, pessoais e comunitários, da vida humana.

Podemos identificar três períodos no ministério de Jeremias.

a) O primeiro vai desde a vocação (data incerta) até aproximadamente 605, ano da batalha decisiva de Karkemish. Sob o reinado de Josias, morto em 609, Judá vive, primeiro, um período de calma, caracterizado por certa prosperidade. A Assíria deixou de dominar o mundo, e Judá goza de uma ampla liberdade, da qual Josias tira proveito para ampliar o território e promover todo

tipo de reforma. Depois de sua morte, a região gravita, durante alguns anos, na órbita dos egípcios, sem porém sentir tal jugo como particularmente duro. Trata-se, para Judá, de anos relativamente pacíficos, excetuando a escaramuça — se realmente houve uma! — de Meguido, fatal apenas para Josias (cf. 2Rs 23,29). É justamente durante esses anos que Jeremias é obrigado a anunciar uma mensagem completamente estranha: através de poemas dotados de extraordinário poder evocador, ele descreve a chegada de um exército invencível que, vindo do norte, vai se abater sobre Jerusalém e Judá (cf. especialmente caps. 4-6), exército implacável, que não deixaria nenhuma esperança aos vencidos — a menos que estes se convertessem a Deus antes que fosse tarde. Jeremias sabe que a inverossímil advertência que ele é encarregado de dar aos seus conterrâneos não tem chance de encontrar reação favorável. O povo e seus dirigentes estão demasiadamente seguros de si, convictos de que suas instituições são inabaláveis, destinadas a durar para sempre (cf. 18,18; 8,8). Em caso de necessidade, eles terão sempre como último refúgio o templo e sua secular inviolabilidade (cf. 7,4.10). Além disso, depois de uma sondagem cuidadosa junto às diversas classes da população, Jeremias deve render-se à evidência: o povo todo, dirigentes e súditos, exploradores e explorados, está corrompido (cf. 5, 1-6), irremediavelmente perdido — um negro pode por acaso mudar de pele? Uma pantera, de pêlo? E os judaítas, acostumados a praticar o mal, poderiam praticar o bem (13,23)? — Esta mensagem contundente, sem nuances (é tudo ou nada), não será levada a sério. A reflexão do profeta é abstrata demais, ela não casa com a realidade, que nunca é totalmente preta ou totalmente branca, e sim, sempre um pouco preta e um pouco branca. O que ele fala paira nas esferas nebulosas de um conhecimento de Deus em flagrante contradição com aquilo que a tradição ensina — pois Deus é um Deus próximo, familiar (cf. 23,23), que não abandona os seus. O gesto eloquente do rei Joaquim que, imperturbável, destrói, pedaço por pedaço, o rolo que contém esses textos inacreditáveis, expressa bem o fracasso da pregação de Jeremias durante todo esse primeiro período de seu ministério (cap. 36).

b) O segundo período, que vai de 605 a 587, desde a ascensão de Nabucodonosor ao trono à

destruição de Jerusalém, é, sob muitos aspectos, o mais significativo no ministério de Jeremias. Suas profecias relativas a uma invasão militar, de repente, se realizam. Repetidamente, o rei dos babilônios invade com seus exércitos vitoriosos a Síria e a Palestina, decidido a impor sua vontade a todos os pequenos estados que encontra no caminho. A independência de Judá acabou. Mesmo assim, os responsáveis pela sua política não chegam a um entendimento sobre as medidas a tomar.

A maioria opta decididamente por uma política voltada a reconquistar a independência; pensa-se numa aliança com o Egito, sempre disposto a manter os babilônios a boa distância, e com os vizinhos pequenos, igualmente ameaçados pelo avanço dos babilônios. Esta dura política goza do manifesto apoio do chefe de estado, o rei dauidico.

Uma minoria, contudo, está disposta a se acomodar à tutela babilônica, na esperança de conservar certa autonomia no âmbito do império de Nabucodonosor. Os nomes de vários membros eminentes do partido favorável aos babilônios foram conservados graças ao livro de Jeremias: Ahiqâm, poderoso protetor de Jeremias (26,24), seu filho Godolias, que será nomeado governador da província, após a queda de Jerusalém, e Baruk ben Neriá, a pessoa que ajudou Jeremias a editar seus oráculos. Seria errado considerar Baruc como um simples “escriba”, um personagem de segunda monta a serviço de Jeremias, uma espécie de estenógrafo que teria estado à disposição do profeta para facilitar sua tarefa. Baruc era, ao contrário, um sofer, isto é um secretário de estado, um alto funcionário então, quase um chanceler, portanto uma personalidade de destaque, assim como o seu irmão Seraiá, que se tornará chefe de distrito na administração babilônica (cf. 51,59). Aliás, o prestígio de Baruc era tal que era considerado como uma das lideranças do partido pró-babilônio e como o verdadeiro instigador dos oráculos de Jeremias (43,3).

A alternativa política se apresenta em termos extremamente claros: ou se aposta na liberdade — ou algo parecido, já que o Egito estará pouco disposto a se retirar depois de ter auxiliado Judá —, sob o risco de perder tudo em caso de derrota; ou se aceita a integração no sistema político dos babilônios.

Sem querer, Jeremias se vê envolvido nessas discussões. A sua posição é clara: é necessário

aceitar a supremacia de Babilônia. Não por oportunismo (Jeremias não é um político), mas porque essa é a vontade de Deus. Aquilo que Deus deseja não é um estado judaíta independente e forte, com o poder firmemente assentado nas mãos de uma dupla hierarquia, civil e religiosa, e sim, um povo que lhe seja fiel, que responda ao seu apelo paterno (cf. já 3,22-4,4), preocupado em defender o direito e em viver na harmonia (cf. 22,13; 23,5-6 e já 5,1-3). Na opinião dele, o partido favorável à independência caracteriza-se pelo desprezo de todos os valores que agradam ao Senhor, sendo o rei o principal responsável (22,13-17). É por causa disso que Deus decretou o fim do Estado. Ele pensa num projeto completamente novo: no seio do império babilônico, Deus se propõe criar, com aqueles que se submetem a seu julgamento, uma comunidade renovada, que não procure mais a própria glória, mas deseje de atender ao bem-estar de todos, já que a prosperidade dos outros é a condição da sua (29,5-7). Esta comunidade conhecerá finalmente, após a volta feliz à terra dos ancestrais, uma maravilhosa interiorização dos compromissos outrora assumidos com o Senhor, a tal ponto que não será mais necessária nenhuma hierarquia mediadora entre Deus e os homens (31,31-34). Esta mensagem supera a visão de 3,15 e 23,6, conforme a qual o Senhor dirigiria o seu povo com a ajuda de pessoas totalmente consagradas a ele; ela divisa a total realização da Aliança da Jerusalém celeste.

c) O terceiro período do ministério de Jeremias começa depois de 587, isto é, depois da catástrofe de Jerusalém. Período cuja importância é frequentemente subestimada, porque se esquece que, apesar das deportações efetuadas pelos babilônios (envolvendo apenas algumas camadas da população), a maioria dos habitantes ficou em Judá. No meio dessas massas sem rumo, iam aparecendo três tendências. Uma delas, sustentada pelas lideranças do antigo partido pró-babilônico, em particular por Godolias, visava reconstruir o país sob a égide babilônica. Jeremias pertencia a esse grupo. Outro grupo, dirigido por Iishmael, homem sem escrúpulos e que contava com o apoio do rei amonita, pretendia continuar a luta, praticando atos de terrorismo (cf. 41,10). Finalmente, um terceiro grupo, animado por um certo Iohanan ben Qarêah, preferia expatriar-se para o Egito. Contrariando um oráculo de Jeremias que

desaconselhava essa conduta, este grupo realizou os seus projetos, levando consigo o profeta, cujo rastro se perde no longínquo Egito.

5. A formação do livro. As grandes articulações do livro de Jeremias são bastante simples:

1,1-25,14: oráculos e ações simbólicas de Jeremias dirigidas contra Judá;

26,1-45,5: oráculos de salvação para Israel-Judá e relatos acerca do ministério de Jeremias;

46,1-51,64 (com uma introdução em 25,15-38): oráculos contra as nações estrangeiras;

52,1-34: anexo histórico baseado em 2Rs 24,18-25,30 (com a inclusão de algumas novas informações): a queda de Jerusalém.

Na versão grega, os oráculos contra as nações estrangeiras estão inseridos imediatamente depois de 25,13. Esta disposição representa provavelmente um estágio mais antigo do rolo, pois constata-se que vários outros livros proféticos (Is 1-39; Ez; Hab; Sf) foram compostos de acordo com o esquema tripartido que situa os oráculos contra as nações entre os oráculos de desgraça contra Israel e os oráculos de salvação para Israel.

No interior de cada uma das grandes partes do livro, percebem-se seções menores, composições coerentes, blocos de oráculos que parecem ter existido sob forma de folhetos ou de livros independentes, antes de serem inseridos na grande coleção de textos. Notamos, por exemplo, coleções como 22,11-23,8, reunindo oráculos sobre "a casa de David"; 23,9-40: "Sobre os profetas"; 30,1-31,40: o "livro" (30,2) que anuncia a restauração do novo Israel. Ainda, composições como o capítulo 2; os caps. 4-6; 14,1-15,4, etc., poderiam ser contados entre as coletâneas jeremianas que precederam a formação da coleção definitiva.

No que diz respeito à composição da primeira parte do livro (caps. 1-25), o episódio do rolo escrito por Baruc, destruído por Joaquim e recomposto numa edição ampliada ("e ainda foram acrescentadas outras palavras semelhantes", 36,32), desempenha um papel importante nas considerações dos exegetas. Este rolo continha os oráculos ameaçadores pronunciados antes de 605, e é bem provável que seu conteúdo tenha entrado no material atualmente reunido em Jr 1-25. A sagacidade dos exegetas se tem esforçado bastante para identificar esses textos, mas as pesquisas conduziram a resultados contraditórios e não se chegou até ago-

ra a um consenso. Por enquanto é melhor renunciar à reconstrução desse "rolo primitivo".

O problema se complica pelo fato de os caps. 1–25 conterem, ao lado dos oráculos poéticos, de autenticidade indubitável, um grande número de passagens, mais ou menos longas — às vezes capítulos inteiros —, redigidas numa prosa que, pelo vocabulário e pensamento teológico, lembram o trabalho dos editores deuteronomistas, que durante o exílio redigiram o grande afresco histórico atualmente encontrado nos livros denominados "profetas anteriores" (cf. Introdução aos Livros Proféticos). Assim como estão, essas passagens não devem ser consideradas como obra pessoal de Jeremias, sendo necessário admitir, ao menos, que elas representam oráculos de Jeremias reelaborados por editores posteriores.

Na segunda parte do livro, os relatos sobre o ministério de Jeremias são comumente atribuídos a Baruc. Pensa-se nele como autor, por causa das informações precisas que os relatos contêm, representando, sem dúvida, as observações de uma testemunha ocular dos acontecimentos, e também porque terminam com um oráculo pessoal dirigido a Baruc. Essa atribuição, embora possível, não

é nada segura. O autor acompanhou provavelmente Jeremias no Egito (cf. os caps. 43–44), e o versículo 43,6 nos informa que Baruc, antigo líder do partido pró-babilônico, foi levado à força para o Egito, junto com Jeremias.

No início do tempo do Exílio existiam portanto numerosos livrinhos, folhetos e coletâneas dispersas e ainda, provavelmente, algumas tradições orais relativas a Jeremias. Um redator anônimo reunirá todo esse material num único volume. Ignoramos a identidade desse redator; contudo, ele se entrega nos inúmeros acréscimos, composições coerentes (discursos, um ou dois relatos) e comentários de estilo deuteronomista que acima mencionamos e que balizam quase todos os capítulos do livro. O redator final do livro de Jeremias pode ser tranqüilamente associado à escola "deuteronomista". Devemos admitir que a Palestina manifestava, por volta da segunda metade do séc. VI, uma intensa atividade literária e teológica; um trabalho de reflexão, de pesquisa e de edição, que consistia em coleccionar e interpretar documentos, reuni-los em volumes compactos e deles tirar as conclusões que se impunham em vista de uma melhor compreensão do destino de Israel.

JEREMIAS

1 ¹Palavras^a de Jeremias, filho de Hil-
quihu, um dos sacerdotes residentes
em Anatot, no território de Benjamin^b.

32.7 ²Aonde lhe veio a palavra do SENHOR^c,
no tempo de Josias, filho de Amon, rei
de Judá, no décimo terceiro ano de seu
reinado^d. — Ela lhe veio, ainda no tem-
po de Joaquim, filho de Josias, rei de
Judá^e, até o fim do décimo primeiro ano
de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá^f,
até a deportação de Jerusalém, no quinto
mês^g. 52.15

ORÁCULOS CONTRA JUDÁ

Vocação do profeta

⁴A palavra do SENHOR veio a mim nes-
tes termos^h:

⁵“Antes de modelar-te no seio de tua
mãe,

antes de saíres do seu ventre,

eu te conheciaⁱ;

Am 3.2;
Jo 10.27

eu te consagrei^j;

eu faço de ti um profeta para as nações^k”.

⁶Eu disse: “Ah! Senhor DEUS, eu não
sei falar, sou jovem demais”.

⁷O SENHOR respondeu-me: “Não digas:
sou jovem demais.

Para onde eu te enviar^m, irás;

Is 6.7-8;
Ez 2.3-7

a. Estas *Palavras* não transmitem apenas o que foi dito por Jeremias, mas também determinados acontecimentos de sua vida e da história de seu tempo, estritamente vinculados a sua missão. *Palavras* poderia então ser traduzido por “Atos”, “Histórias”, “Palavras, fatos e gestos”, cf. Lc 1.65 nota; At 10.22 nota.

b. Os vestígios da antiga Anatot, cidade levítica de Benjamin (Js 21.18), situam-se ao lado da aldeia palestina de Anata, 5km ao norte de Jerusalém. Cf. Introd. § 3.

c. Esta mesma fórmula de introdução a certos oráculos ou grupos de oráculos é encontrada tal qual em 14.1; 46.1; 47.1 e 49.34 (a respeito da fórmula mais comum, cf. 13.3 nota). A “palavra” começa a desdobrar sua atividade pessoal, que é a própria atividade do Senhor, torna-se ativa em relação ao profeta, irrompe em sua vida e, por intermédio dele, na história (cf. 50.1 nota), num momento determinado dessa mesma história (cf. Introdução). A respeito da “palavra” como meio de ação do Senhor, cf. Jo 1.3 e a nota.

d. *No tempo de Josias*, cf. 3.6; 36.2; Sf 1.1. Josias (cf. 22.15-16) reinou de 640 a 609 (2Rs 21.24-23.30). O décimo terceiro ano de seu reinado é lembrado em 25.3. A respeito da possível colaboração de Jeremias com a sua reforma, cf. Introd.

e. Com o reinado de Joaquim (609-598, cf. 2Rs 23.34-24.6), depois da breve ascensão de seu irmão Jousaz, ou Shalum (1Cr 3.15), levado para o Egito pelo faraó Nekô (22.10-12; 2Rs 23.30-34; Ez 19.4), acabam-se as esperanças suscitadas pela reforma de Josias e pela anexação de uma parte do antigo reino do Norte. Uma das intervenções mais brilhantes de Jeremias para acabar com a fútil auto-suficiência de uma religião que já não empenha mais toda a conduta humana (cap. 7) situa-se no início do reinado de Joaquim (cap. 26); um antagonismo profundo oporá o profeta a esse monarca (cap. 36) e se manifestará mais claramente em certos oráculos (p. ex. 22.13-19 e talvez 21.11-22.9).

f. Inclui a sucessão do sobrinho dele, Koníahu (37.1) (= lekoniá ou loiakín), que reinou apenas de meados de dezembro de 598 até 16 de março de 597 (2Rs 24.6-17) e que foi deportado para Babilônia (22.24-30; 52.31-34). Durante os *onze anos* de seu reinado (março de 597 a julho de 587, cf. 2Rs 24.17-25.7), Sedecias não parece ter escutado o profeta mais do que Joaquim

(37.2). No entanto, ele o consultava de bom grado, sentia necessidade de se apoiar nele e o protegia, quando possível (cf. 21.1-10; 37; 38).

g. O v. 3 foi provavelmente acrescentado posteriormente, para abarcar o conjunto do ministério de Jeremias.

h. A respeito desta fórmula, cf. 13.3 nota.

i. *O criador de todas as coisas* (10.16; 51.19), que modelou e deu a vida ao primeiro homem (Gn 2.7), forma todo homem desde a sua concepção (18.6; Sl 33.15; 104.30; 139.13-16; Jó 10.8-12; Sb 7.1; 2Mc 7.22-23). Trata-se da obra de sabedoria e de amor daquele que *conhece* de antemão os que chama à existência, convidando-os a um *conhecimento* recíproco, à intimidade com ele (cf. Rm 8.29). Isto se dá de forma toda especial para os que (indivíduos ou comunidades) têm um papel a desempenhar no cumprimento de seu desígnio sobre toda a humanidade (Gn 18.19; Is 44.2.21.24; 49.1.5; cf. Pr 8.22-23).

j. *Ele é reservado* (2.3; cf. 12.3), separado (cf. Lv 20.26; Sl 105.15; Gl 1.15) pelo “Santo de Israel” (50.29; 51.5), para um ministério especial que lhe será indicado. Isto comporta de sua parte uma comunhão íntima com o Senhor, um conhecimento mais direto do pensamento de Deus (cf. Lc 1.75; Jo 17.3.17.19.25-26; Ef 1.4). No caso de Sansão (Jz 13.5), João Batista (Lc 1.15.41), Paulo (Gl 1.15) e em particular no caso de Jesus (Lc 1.35; cf. Jo 10.36 nota), trata-se de uma consagração prévia ao nascimento (cf. Pr 8.23).

k. Última preparação do “profeta por vocação”: depois da escolha relacionada ao desígnio eterno de Deus e da consagração desde antes do nascimento, trata-se agora da entronização em suas funções (cf. Lc 3.22) e da notificação de sua missão (cf. vv. 9 e 10).

l. Jeremias objeto não ter ainda a idade exigida (30 anos, cf. Lc 3.23) para participar ativamente da vida pública (cf. 1Rs 3.7; Jz 32.4-6). Ele não quer dizer, como Moisés, que não tem o dom da palavra, mas apenas que não tem direito à palavra. A objeção não faz sentido diante de Deus, que pode dar a palavra a quem ele quiser (Ex 4.11-12; 1Sm 3.18.20; Jó 32.8; Dn 13.45).

m. *Para onde*: conforme o aram. e Qimhi. Poder-se-ia também ler conforme a Vulg.: *seja qual for a missão que eu te*

tudo o que eu te ordenar, falarás;

* Não tenhas medo de ninguém;

1,19; Dt 2,7 eu estou contigo para te libertar"
— oráculo do SENHOR*.

Ez 2,9 *Estendendo sua mão, o SENHOR TOCOU

Is 6,7; Dn 10,16 minha boca e disse: "Eis, eu ponho minhas palavras na tua boca".

¹⁰ Vê, hoje te confiro autoridade

At 9,15 sobre as nações e sobre os reinos*,

Sr 49,7 para arrancar e derrubar, para

arruinar e demolir,

para construir e plantar*.

1Cor 3,6,10; 2Cor 10,8

Primeiras visões e revelações. ¹¹ A pala-

vra do SENHOR veio a mim: "Que estás

vendo, Jeremias?" Eu disse: "Estou ven-

dendo um ramo de amendoeira". ¹² O SE-

NHOR respondeu: "Viste bem! Eu vigia-

rei pelo cumprimento de minha palavra".

31,28; Dn 9,14; Br 2,9

¹³ Pela segunda vez, a palavra do SE-

NHOR veio a mim: "Que estás vendo?"

Respondi: "Estou vendo um caldeirão no

fogão, atizado por uma abertura para o

norte". ¹⁴ O SENHOR então me disse:

"É do norte que a desgraça é atizada",

ameaçando todos os habitantes da terra.

¹⁵ Convoco todos os clãs

25,9;

dos reinos do norte

Is 5,26

— oráculo do SENHOR.

Eles chegam e cada um instala seu

39,3;

trono

43,10

junto às portas de Jerusalém,

diante das muralhas que a cercam

e ante todas as cidades de Judá.

¹⁶ Anuncio-lhes minha sentença a res-

4,12

peito de toda a sua maldade; e eles me

2,13

abandonaram, queimaram oferendas a

44,3

outros deuses*, prosternaram-se diante da

25,6;

obra de suas mãos. ¹⁷ Tu, porém, cingirás

2Rs 22,17

os rins, levantar-te-ás e anunciarás a eles

tudo o que te ordeno; não te deixes

amedrontar por eles, senão eu é que vou

te amedrontar diante deles". ¹⁸ Eu, hoje,

Is 50,7;

faço de ti uma fortaleza, uma coluna de

Ez 3,8;

ferro, uma muralha de bronze, ante toda

Mq 3,8

esta terra, ante os reis de Judá, seus

ministros, seus sacerdotes e sua milícia*:

¹⁹ Eles lutarão contra ti, mas sem resulta-

do: eu estou contigo — oráculo do SE-

1,8; 15,20;

NHOR — para te libertar".

Sf 3,14-18

confiar, ou conforme o gr. e Rúshi: *seja a quem for que eu te envie* (cf. v. 8). Estes três sentidos são possíveis ao mesmo tempo; Jeremias ficará firme diante de qualquer situação, diante de qualquer pessoa (cf. 26,12-15 etc).

n. Quando Deus incumbiu alguém de uma missão, ele assegura ao mesmo tempo sua presença e torna-se o *Deus-com* (Imanu-El): Gn 26,24; 28,15; Ex 3,12; Jz 6,12; Is 7,14; 41,10; Mt 28,19-20; Rm 8,31. — Para Jeremias, Deus é o Senhor todo-poderoso do universo e de todos os seus elementos (11,35), o senhor da história (cf. v. 10; 18,7-10) e de cada homem (11,20; 39,17-18; 45,5).

o. A respeito desta fórmula, cf. 5,9 nota.

p. Este gesto significativo e eficaz representa um dos elementos da entronização do profeta (v. 5 nota; cf. Is 6,7; Ez 2,8-3,3; Dn 10,16); Jeremias é agora habilitado a transmitir as próprias palavras de Deus (cf. 5,14; 15,19; Ex 4,12,15; Dt 18,18; Is 51,16); ele não recebe de uma só vez o conteúdo de tudo o que deverá dizer em nome de Deus (cf. 28; 42,7), mas adquire uma aptidão particular para o serviço da palavra de Deus.

q. Jeremias foi enviado especialmente a Judá e a Jerusalém. Contudo, no conjunto de suas profecias, a mensagem dirigida às *nações* não se limita ao grupo de oráculos endereçados a elas exclusivamente (25,15-38; 46-51), mas aparece também em outras partes do livro (cf. p. ex. 12; 27; 44,30), ainda mais que Judá é também uma *nação* (5,9-29; 7,28; 9,8...) e um reino.

r. A respeito destes pares de verbos, cf. 2,21; 11,17; 12,14-17; 18,7,9; 24,6; 31,28; 32,41; 42,10; 45,4 e também 39,8; 52,14. A palavra profética anuncia esses acontecimentos, os chama e provoca sua realização. Se apenas dois verbos evocam uma obra de edificação, contra quatro que manifestam destruição, é porque Jeremias deverá, em primeiro lugar, anunciar castigos (cf.

2-25; 46-51), sendo que as perspectivas de restauração serão evocadas principalmente apenas nos caps. 30-33.

s. A partir do que o profeta está vendo, Deus o ilumina sobre sua presença que age sem cessar, sobre seu desígnio. Mas, à base desta revelação poderia haver, aqui e no v. 13, uma visão sobrenatural.

t. A palavra *amendoeira* (*shaqed*) evoca o Senhor *vigilante* (*shaqed*). Toda palavra de Deus realizar-se-á: 23,29; 44,29; 51,64; Js 23,14; 1Sm 3,19; Is 55,10-11; Hab 2,3; Sl 130,5; Tb 14,4; Mt 5,18; 2Pd 3,9.

u. Foram achados, nas escavações, fogões desse tipo.

v. *Atizado* conforme o gr.; hebr.: *É do lado do norte que a desgraça tem uma abertura*. O caldeirão e o fogão evocam a desgraça que, a partir do norte, vai se abater sobre Judá. Cf. 20,4 nota.

w. Como Oséias (2,15; 4,13; 11,2), Jeremias censura frequentemente esta prática idólatra (mencionada 18 vezes no livro, dentre elas, 8 vezes no cap. 44). A expressão *queimar oferendas* referida ao culto do Senhor só é empregada, em Jerusalém, em 33,18, mas esta passagem é posterior a Jeremias.

x. Cf. 10,2; 30,10. O Senhor abandona os que não confiam nele (cf. Is 7,9; Mt 13,25); uma fé sólida produz grande segurança (cf. At 4,13 nota; 28,31).

y. Lit. e *ao ponto da terra*. Esta expressão caracteriza, em certa época, o conjunto de cidadãos que gozam de todos os direitos civis e aos quais competem certos deveres específicos: eles podem intervir nos assuntos públicos (2Rs 21,24; 23,30; cf. 2Rs 14,21), e são também obrigados a servir no exército (52,25). Traduzimos a mesma expressão com o termo *proprietários de terras* em 34,17 e 37,2 e com o termo *cidadãos* em 44,21. (Cf. as outras notas sobre a mesma expressão em 2Rs 11,14; Lv 20,2; Ez 22,29).

- 13,3 **2 O primeiro amor.** ¹A palavra do SENHOR veio a mim:
- 3,12 ²Vai bradar ao ouvidos de Jerusalém: Assim fala o SENHOR: Eu te lembro teu devotamento do tempo de tua juventude, o teu amor de recém-casada; tu me seguias no deserto^a, por uma terra não-cultivada.
- Ez 16,60
Ap 2,4
Dt 2,7;
R,2-4
- ³Israel era santo, reservado ao SENHOR^a, primícias a ele destinadas: quem delas comia devia expiar; a desgraça^b ia-lhe ao encontro — oráculo do SENHOR.
- Br 3,12 **O abandono da fonte da água viva^c**
- 7,2;
Ez 6,3;
Os 4,1
- ⁴Escutai a palavra do SENHOR, vós, comunidade de Jacó, famílias todas da comunidade de Israel.
- ⁵Assim fala o SENHOR: em que vossos pais me acharam em falta, para de mim se afastar? Correram atrás de coisas que não são nada e ci-los reduzidos a nada^d.
- Dt 32,4;
Is 1,1-2;
Jô 34,10
2Rs 17,15
Sh 13,1
- ⁶Não disseram: “Onde está o SENHOR, que nos fez subir da terra do Egito, que nos guiou no deserto, na região das estepes e das emboscadas, região árida e de sombra-da-mata, onde ninguém passa nem fica morando?”.
- ⁷Eu vos levei à terra dos pomares, para que saboreásseis seus frutos e sua beleza. Mas, ao entrardes, manchastes a minha terra, transformando meu patrimônio em abominação.
- Dt 32,13-18
- ⁸Os sacerdotes não perguntam: “Onde está o SENHOR?” Os detentores das diretrizes divinas não me conhecem^e. Os pastores^f se revoltam contra mim. Os profetas^g profetizam em nome de Bálal e correm atrás dos que de nada servem.
- 2Rs 2,14
Lc 11,52
- ⁹Por isso, continuo meu litígio convosco: — oráculo do SENHOR — e com os filhos de vossos filhos^h.
- 5,5
1Sm 12,21
- ¹⁰Dirigi-vos para as praias dos Kitimⁱ e prestai atenção;
- Ex 20,5

z. Como Os 2,16-22, Jeremias considera aqui o tempo do deserto do ponto de vista das maravilhas realizadas por Deus e, deixando de lado as rebeliões de Israel (Ez 20,13; Sl 78,40; 95,10; 106,14), ele apenas pensa na sua fidelidade no seguimento de seu *guia* nessa *terra inculta* (lit. *não-semeada*); nesse contexto árido, a presença divina se impunha com maior força, o culto era mais despojado (cf. 7,22; Am 5,25), a religião mais pura, contrastando com as infidelidades que se tornam mais numerosas a partir do começo da *instalação* em Canaã (vv. 20-28); instalação recusada pelos rekabitas (cap. 35).

a. Lit. *coisa santa* (cf. 23,9; 25,30; 31,23) ou *consagrada, sagrada* (11,15; 31,41) para o Senhor (cf. Ex 28,36), cf. 1,5 nota. Algo de que unicamente o Senhor pode dispor (cf. 36,26; Sl 105,15).

b. O amor do Senhor não tolera que os que lhe pertencem sejam amaldiçoados (Gn 12,3; Nm 22-24); ele os protege nas dificuldades (Gn 35,5; Sh 10,11-12), castigando quem puser as mãos sobre eles (10,25 nota; Gn 12,17; 20,3,7; Sl 105,14) ou quem abusar de uma missão momentaneamente conferida pelo próprio Senhor (cf. Is 10,5-19; 47,6-8; Zc 1,15). Cf. Zc 11,10 nota.

c. Este oráculo (vv. 4-13) abre o dossiê de acusação de Israel, exposta culpada por ter trocado por miragens (cf. v. 18) aquele que era tudo para ela (vv. 2-3), a *fonte de água viva* (v. 13). O Senhor começa afirmando que não é ele (v. 5) e sim eles (vv. 6-8) que estão em falta. O discurso de acusação (v. 9) apresenta depois, sem argumentos, sob forma de comparações pouco lisonjeiras para Israel (vv. 10-13), cujo castigo (oráculo seguinte) será apenas a consequência de sua *infidelidade* (vv. 17,19); sim,

ela realmente voltou atrás (cf. v. 18).

d. As coisas a que nos apegamos nos transformam à imagem delas: Os 9,10; Sl 115,18; 2Cor 3,18.

e. Neste v., Jeremias, seguindo Miquéias (3,11), denuncia a traição dos principais responsáveis do povo da Aliança e, em primeiro lugar, a traição dos sacerdotes, cuja principal missão era preservar e interpretar as cláusulas da Aliança, transmitir as *diretrizes divinas* (18,18; Lv 10,11; Nm 27,21; Dt 31,9-13; 33,10; Ez 7,26; Os 4,6; Ml 2,7; Sr 45,17,26; cf. Is 2,3; 8,16 nota). Sobre o sacerdócio israelita, cf. Introd. ao Lv. — *Detentores*: lit. *os que manejam*, aludindo às técnicas de consulta, cf. Ex 28,30 nota; 1Sm 14,36-42.

f. Os pastores, que correspondem aos *chefes* de Mq 3,11, são os reis que serão novamente atacados no livrinho contra os reis (21,1-23,8).

g. Traição suprema, denunciada em outras passagens (5,13,31; 6,13; 8,10; 14,13-15; 27,9,14-18; 28; 29,8-9,15; 37,9), mas especialmente no livrinho contra os profetas (23,9-40). O paralelo com 23,13 (cf. também 1Rs 18) parece indicar que, aqui, Jeremias não se refere somente aos profetas de Judá, seus contemporâneos, mas também aos do Norte. Em 18,18, juntamente com o grupo dos *sacerdotes* e dos *profetas*, é mencionado o dos *sábios*; pois também estes, por saberem formular na devida forma e enunciar no momento certo as convicções gerais e as lições da experiência, e por sua *visão* das coisas, impedem que o povo se desvie (Pr 29,18).

h. Alguns mss. hebr. e Vulg. trazem simplesmente: *contra vossos filhos*.

i. *Kitim* indicava não apenas os cipriotas, mas o conjunto dos

mandai perguntar em Qedar¹,
informai-vos bem;
observai se já aconteceu algo parecido:
¹¹ alguma nação pagã já trocou seus
deuses^k?

5.7 — embora nem sejam deuses!
SI 106,20 Ora, o meu povo troca a sua glória^l por
quem para nada serve.

16.19; ^{Is 44,9} ^{Is 1,2} ¹² Admirai-vos, ó céus, por causa disso,
horrorizai-vos, ficai abalados
— oráculo do SENHOR!

Os 10,10 ¹³ Sim, duplo é o delito do meu povo:
eles me abandonaram a mim, fonte
2.17; de água viva,
17,13 para cavar cisternas, cisternas rachadas,
Jo 4,10 que não retêm água.

Dor e amargura

¹⁴ Acaso Israel é um escravo, nascido
na escravidão^m?

Por que então tornou-se presa?

4.7; ¹⁵ Contra ele rugem os leões novosⁿ;
51,38

eles lançam seus bramidos;
sua terra está devastada,
suas cidades, incendiadas
e despojadas de seus habitantes.

¹⁶ Até os habitantes de Mênfis e Dafne^o
te racham o crânio^p.

¹⁷ Qual é a causa disso? 2.19; 5.7

Não é acaso porque abandonaste o
SENHOR, teu Deus,
no tempo em que te guiava pelo caminho?

¹⁸ E agora, o que te atrai rumo ao Egito,
para te dessedentares no lago de Hórus^q?

O que te atrai rumo à Assíria^r

para te dessedentares no Rio^s? Nm 14,34;

¹⁹ Que tua malícia te castigue! SI 7,15-17;

Que tua apostasia te corrija! 107,17;

Experimenta até o fim a dor e a Sh 4,20;

amargura^t 11,16

de ter abandonado o SENHOR, teu Deus! 2.13; 1.16

Nem tremes mais diante de mim^u! 5.22

— oráculo do Senhor DEUS, o

Todo-poderoso.

povos costeiros da parte oriental da bacia do Mediterrâneo (cf. Nm 24,24 nota e Is 23,1 nota).

j. *Qedar* é uma tribo da Arábia do Norte (cf. Is 21,16 nota) que volta a ser mencionada em 49,28.

k. A religião era uma instituição do Estado, tão estritamente ligada à vida de um povo que uma mudança de deuses era praticamente impensável; no entanto enriquecia-se, de bom grado, o próprio panteão nacional. Naaman, um dos primeiros convertidos ao Deus verdadeiro mencionados no AT, sente a necessidade de se expatriar simbolicamente toda vez que vai prestar culto ao Senhor (2Rs 5,17 e nota).

l. O Senhor é o que o povo tem de mais precioso e o que lhe dá valor, a fonte de sua vida (cf. v. 13), o aspecto mais essencial de sua personalidade (como para cada pessoa), a sua glória (SI 8,6; Jó 19,9; 29,1-20) ou seu fígado (*kabed*, palavra bem próxima de *kabod* = glória e às vezes confundida com ela, cf. Lm 2,11 nota e SI 7,6; 16,9; 30,13; 108,2), cf. Am 6,8 nota. Enquanto os pagãos se ligam indefectivelmente a deuses que não têm valor, Israel traiu o Deus que é a sua glória. A respeito do verdadeiro Deus, glória dos seus, cf. no NT: 2Cor 3,18; Cl 1,11; 1Pd 4,14.

m. Lit. nascido na casa (Gn 14,14; 17,12-13.23.27; Lv 22,11). Trata-se de quem não foi comprado com dinheiro, mas que é escravo desde o seu nascimento. Com relação a ele, os cuidados são ainda menores. Os vv. 14-17 parecem ser um parêntese; o v. 18 ficaria melhor depois do v. 13 e ele supõe, entre Israel e o Egito, relações diferentes daquelas mencionadas no v. 16 (campanha de Nekô II em 609?).

n. Não se trata de leões pequenos, e sim de leões no pleno vigor de sua juventude; a respeito da imagem do rugido do leão (12,8), cf. Is 5,29 nota.

o. *Dafne* está situada à margem do lago Menzaleh entre Tânis e Pelusa. A respeito de Mênfis e Dafne — em hebraico *Nof* (Ez 30,13.16), ou *Nof* (Os 9,6), e *Tahpanhes* (43,7.9; 44,1; Ez 30,18)

— cf. 46,14 nota e Is 19,13 nota.

p. Ou: *te tosam a cabeça*, cf. 48,45 nota e 6,3; SI 80,14.

q. *O lago de Hórus* é o nome egípcio (cf. Is 23,3) da ramificação oriental do Nilo que desemboca no lago Menzaleh, perto de Dafne.

r. Dirigindo-se ao seu pequeno país, inclinado a apoiar-se em uma das duas grandes potências, situadas uma a sudoeste e a outra a nordeste, e que o puxam para ambos os lados, os profetas preconizam a necessidade de recorrer unicamente ao Senhor (cf. v. 13; Ez 29,16 nota, e ainda Os 5,13; 7,11; 8,9 e 12,2; 14,4 e respectivas notas). No fim do século anterior (Is 30,1 nota), Isaias reprovara constantemente a aliança com o Egito (Is 20,2 nota; 28,2 nota), que acabou custando caro a Ezequias. Pouco antes de Jeremias, Naum proclamava a fragilidade do colosso assírio (cf. Na 1,9-2,3 e notas). No tempo de Jeremias, a situação permanece de fato a mesma, embora as circunstâncias tenham mudado. Ao norte, Babilônia está a ponto de tomar o lugar de Nínive e, ao sul, depois da tragédia de 663, que provocou a queda da dinastia núbica, a restauração começa graças à 26ª dinastia (saíta). Nela se cristalizam, em determinado período, todas as esperanças de Judá (v. 37), por ela ter conseguido libertar o Egito do jugo assírio.

s. *O Rio* é o Eufrates (Gn 31,21; Ex 23,31, etc.), denominado também *o grande rio* (Gn 15,18; Dt 1,7; Js 1,4); encontra-se *rumo à Assíria* (cf. Is 7,20), cujas grandes cidades (Nínive, Kélah, Assur) estão dispostas ao longo de um outro rio mais longínquo: o Tigre (Dn 10,4).

t. Lit. Aprende e vê quanto é mau e amargo.

u. Lit. E não (há) tremor (diante) de mim junto a ti. Trata-se da perda do temor de Deus, fonte da sabedoria: Dt 4,6; Jó 28,28; Pr 1,7; 9,20; Sr 1,16. Um dia o Senhor restabelecerá a comunidade dos que voltarem nessa atitude, fundamental para viver na Aliança (32,40).

Refutação dos argumentos da acusada

- 5,5; 11,10; Mt 11,30 ²⁰ Há muito* quebraste teu jugo,
rompestes teus laços,
dizendo: "Não vou servir a ninguém".
Sobre qualquer colina elevada, à
sombra de cada árvore verde
tu te deitas, feito uma prostituta*.
- SI 80,93s ²¹ Eu te plantei como videira de escol*,
toda de cepa confiável.
Como degeneraste em vinha
desconhecida,
de frutos intragáveis?
- Dt 32,32 ²² Ainda que te laves com soda
e uses muita lixívia,
17,1 a imundície de tua perversão subsiste
à minha vista
— oráculo do Senhor DEUS.
- 48,14 ²³ Como te atreves a dizer: "Não me
manchei,
não corri atrás dos baalim"?
Vê tua conduta no Vale*;
reconhece o que fizeste.
Camela leviana que cruza suas
próprias pegadas*!
- Os 8,9 ²⁴ Asna selvagem acostumada à estepe!

- Ardente de paixão resfolega;
seu cio, quem pode contê-lo?
Todos os que a procuram não se
precisam cansar,
eles a encontram em seu mês*.
- ²⁵ Pára! Senão tu te tornas uma vagabunda,
tua garganta ressequirá.
- Mas dizes: "Nada feito! Não!" 18,12
Meu amor é dos estrangeiros*, 3,13;
eu corro atrás deles". Dt 32,16
- ²⁶ Assim como se confunde o ladrão
apanhado em flagrante,
fica confundido o povo de Israel,
— eles, seus reis, seus ministros,
seus sacerdotes e seus profetas.
- ²⁷ Dizem à madeira "Tu és meu pai!", 3,9;
e à pedra: "Tu me geraste"*. Dt 32,6;
Mostram-me a nuca e não o rosto; Sb 13,17
mas na desgraça, me dizem:
"Ergue-te! Salva-nos!"
- ²⁸ Onde os deuses que fabricaste para ti? 10,8,14;
Ergam-se, se podem salvar-te na 16,20;
desgraça, Dt 32,37-38
pois os teus deuses tornaram-se tão 1Rs 19,18;
numerosos Is 2,8;
Os 14,4
Ej 36

v. Neste oráculo, por meio da profusão, ainda que desordenada, de imagens evocadoras da incrível falta de vergonha do povo da Aliança, percebe-se uma emoção por longo tempo contida e que acaba explodindo: "A veemência prevalece sobre a coerência das imagens" (Os 1,2 nota). Encontramos neste trecho retomadas do discurso de acusação (v. 28, cf. v. 26) iniciado no começo deste capítulo (cf. v. 4 nota) e que voltará a ser retomado com frequência (p. ex. v. 35; 5,1-9).

w. Isto é, desde a entrada na Terra Prometida (cf. v. 2 nota) ou já desde o Êxodo (Ez 20; 23; At 7,51). Jeremias volta a frisar frequentemente esta perversão inata de Israel (p. ex. 6,27-30; 8,4-7; 13,23), esta indocilidade que não pode suportar a menor imposição e que vê escravidão em qualquer obstáculo a seus caprichos. Encontramos novamente aqui o simbolismo do casamento de Hosea: uma mulher "infiel, tremendamente infiel" (Introd. a Os), cf. a nota seguinte.

x. Como as outras nações (cf. v. 11 nota), Israel acreditava poder associar ao culto do seu Senhor o dos *baalim* do território de que tomou posse, aos quais se atribuía a capacidade de fecundar a terra; celebrava-se esse culto em lugares que evocavam a fertilidade (bosques de árvores sempre verdes: 3,6,13; Dt 12,2 e nota; 1Rs 14,23; 2Rs 16,4; 17,10; Is 1,29 e nota; 57,5; Ez 6,13; Os 4,13, cf. 1Rs 3,2 nota) e através de práticas consideradas impudicas pelos profetas (cf. Os 2,15). O Senhor não admite associações desse tipo (cf. Na 1,2 nota; Ez 4,4-8). O seu povo deve esperar tudo dele, inclusive a fertilidade da terra (Os Introd. e 14,9 nota; cf. Jr 3,3; 11,6); qualquer prática idólatra, particularmente as relacionadas com esses *baalim* execráveis de quem o Senhor não quer sequer ouvir pronunciar o nome (Os 2,19), representa uma infidelidade ao seu *Esposo* (v. 2; Is 54,5; Os 2,18), um adultério frequentemente qualificado como prostitui-

ção (3,1-4; 5,7; 13,27...; Is 57,3; Ez 16; 23; Os 2,7; 4,10; cf. Mt 12,39; 16,4; Mc 8,38; Jo 8,41; Tg 4,4).

y. Lit. *vermelho rubro* ou *Soreq*: esta qualificação talvez indique que as plantas eram trazidas do Vale Soreq (Jz 16,4), cf. Gn 49,11; Is 5,2; 16,8. A respeito da vinha, símbolo do povo da Aliança, cf. Is 5,1 nota.

z. Trata-se sem dúvida do *vale* que rodeava Jerusalém ao oeste e ao sul, cujo acesso era através da Porta do Vale (Ne 3,13 nota; 2,13,15; 2Cr 26,9), a ravina de Ben-Hinom (7,31-32; 19,6; 32,25; cf. Is 15,8 nota). A respeito das abomináveis práticas religiosas nele praticadas, cf. 2Rs 23,10 nota. Tornar-se-á o próprio símbolo do lugar amaldiçoado: Mt 5,22 nota.

a. Imagem da inconstância, do capricho (cf. v. 20 nota) e também da inquietação.

b. Pode ser o *mês* do cio, durante o qual os machos não têm dificuldades para encontrá-la, pois ela vai ao encontro deles, pode ser o último *mês* de sua gestação, quando pode ser surpreendida com facilidade, pois não é mais inapreensível como no tempo do cio.

c. Estes *estrangeiros* designam sem dúvida e em primeiro lugar os homens, como em 5,19; 30,8; 51,2,51; Is 1,7 etc., mas também os deuses, como em 3,13 (cf. Sl 44,21; 81,10). Trata-se sempre da infidelidade de Israel ao seu Esposo (v. 2), constantemente denunciada (cf. v. 20 nota; cf. Ez 16,32). Embora esses *estrangeiros* sejam sedutores, o certo seria que Israel aborrecesse o comportamento deles.

d. Nova alusão ao culto praticado nos terreiros (lugares altos) (cf. 1Rs 3,2 nota), onde estelas e postes sagrados simbolizavam a divindade rejeitada pelo Senhor (Dt 7,5; 16,21-22). A respeito da paternidade dos deuses sobre os seus fiéis, cf. Nm 21,29; Mt 2,11.

quanto as tuas cidades, ó Judá!

²⁹ Por que vos mantendes em litígio comigo?

Vós todos vos revoltastes contra mim — oráculo do SENHOR.

O requisição

³⁰ Em vão flagelo vossos filhos;

^{5.3} eles^a não aceitam a lição.

^{Is 1,20;} Vossa espada^b devora os profetas
^{Ne 9,26;} como um leão voraz.

^{Mt 23,27;} ^{1Ts 2,15} ³¹ — Ó geração, compreendei a palavra do SENHOR! —

Acaso tornei-me um deserto para Israel?
Uma terra de noite escura?

Por que o meu povo diz:

“Vamos aonde queremos,

^{2,20;} já não iremos ter contigo”?

^{5,23} ³² Por acaso uma jovem esquece seus adornos?

Uma noiva, sua túnica?

^{2,17;} Mas o meu povo me esqueceu
^{6,19} desde dias sem conta.

³³ Como planejas bem tuas intrigas para arranjar um amor!

Chegaste ao ponto

de acostumar-te ao crime.

^{Lm 4,14} ³⁴ O sangue dos pobres, dos inocentes,

se encontra até nas orlas de tuas vestes^k.

É lá mesmo que o encontro, não em alguma parede arrombada^l.

³⁵ Tu dizes: “Sou inocente; com certeza a sua cólera vai afastar-se de mim”.

Eis que vou perseguir-te na justiça, porque dizes: “Nada fiz de errado”.

³⁶ Como te rebaixas”, multiplicando tuas intrigas!
Vais colher tanta vergonha do Egito, ^{48,13;} quanto de Assur^o. ^{Is 30,3}

³⁷ De lá também sairás com as mãos na cabeça. ^{2Sm 13,19}
O SENHOR despreza teu esquema de segurança; não é assim que terás êxito.

3 A prostituta gloriosa

¹ ^pSuponhamos que um homem repudie sua mulher e esta o deixe, para pertencer a outro: será que o primeiro vai querer voltar a ela^q?

Não ficaria aquela terra irremediavelmente profanada^r?

E tu que te prostituíste com tantos parceiros, ^{2,7;} ^{3,2,9}

e. O gr. acrescenta: *e os sacrifícios oferecidos a Báal são tão numerosos quanto as ruas de Jerusalém*, cf. 11,13; Os 8,11. Josias reagiu energicamente contra a pluralidade dos lugares de culto, que arriscava constantemente degenerar em politeísmo; cf. Dt 12,5 nota.

f. Novo convite premente a tomar consciência de que está havendo, apesar de sua negativa (v. 35), um sério abandono do Senhor. Ele já não pode mais admitir, no que tange ao comportamento deles a seu respeito, tamanha inconsciência, real ou fingida.

g. Gr. *vós não aceitais*.

h. Gr. e sir. *A espada*.

i. Esta apóstrofe é provavelmente a glosa de um escriba lembrando a permanente atualidade da *palavra do Senhor*, que é preciso *compreender* (lit. *ver*) sempre de novo, cf. Os 14,10 nota.

j. Trata-se de uma das peças de adorno usada pelas mulheres que, na descrição de Is 3,18-23 é indicada como *cordão* (trança); tais cordões ornavam provavelmente o que nós chamamos de “vestido de noiva”.

k. Isto pode significar tanto que os crimes são cometidos em público (Mešudat David e cf. gr. *as tuas mãos*), como, ao contrário, que o crime é cometido às escondidas (aram. interpretado por Qimhi).

l. Quem matar um ladrão *surpreendido no ato de arrombar um muro* é absolvido (Ex 22,1). No caso de Jerusalém, não

existe esta justificativa. Conforme Ráshi, poderíamos também interpretar este difícil v. da seguinte maneira: *Até sobre as orlas de tuas roupas encontra-se o sangue de pobres, de inocentes que tu não surpreendeste no ato de arrombar um muro. Por causa disso estás sendo acusada!*, isto é, eis todas as minhas censuras contra ti. Ou, ainda, conforme Qimhi, poderíamos, sem levar em conta a pontuação do hebraico, unir o último v. do hebraico ao v. seguinte: *Pois, depois disso tudo, dizes...*

m. Há aqui um termo corrente do vocabulário do pecado: significa que “o alvo não foi atingido” (Lm 4,6 nota), cf. Jz 20,16; Sl 39,2 (*desvios*); em Pr 8,35-36, ele aparece em oposição a *encontrar*.

n. Ou: *Como vais à deriva*.

o. Cf. v. 18 nota; contudo, o v. 36 refere-se a uma situação claramente posterior à desaparição do império assírio.

p. O hebr. introduz o oráculo através de um simples *dizendo*. Aparecendo no decorrer do texto, substituímos por dois pontos.

q. De acordo com as leis da época, era proibido ao homem retornar a esposa que ele repudiara e que pertencera a outro homem; se ele o fizesse, recairia sobre a *terra* o peso de um pecado (Dt 24,1-4).

r. A *terra profanada* representa, no próprio contexto da comparação, a mulher (cf. gr. *aquela mulher*) maculada por ter pertencido a outro homem (Dt 24,4), e, no âmbito da realidade descrita por essa comparação, representa Israel profanada por causa de sua prostituição, de sua idolatria (cf. 2,20 nota).

voltarias a mim?"

— Oráculo do SENHOR! —

² Ergue teus olhos para as trilhas da estepe e vê;

2,20 existe lugar onde não te entregaste a alguém?

Gn 38,14; Ez 16,25; Pr 7,12; C-Jr 42

Sentavas à beira dos caminhos para esperá-los,

como o árabe no deserto.

Profanaste a terra com tua impudicícia, tua maldade.

5,24-25; 14,4; Dt 28,24; Am 4,7

³ Os aguaceiros te foram recusados, e não veio a chuva tardia.

Mas tu persistes na tua impudência de prostituta,

sem admitir a tua desonra

⁴ Agora mesmo, não é que estás me invocando: "Meu pai!

Tu, o amigo de minha juventude!"?

3,12; 2,55; Is 64,8

⁵ Guardará ele ira para sempre?

Conservará seu rancor indefinidamente?"

Mas, enquanto estás falando, não deixas de praticar o mal!

de que és bem capaz!

Israel-a-Apostasia e Judá-a-Desleal.

1,2 ⁶ No tempo do rei Josias, o SENHOR me disse: "Reparaste no que fez Israel-a-

-Apostasia", ela que ia a toda montanha

2,20 elevada, para se prostituir debaixo de qualquer árvore verde? ⁷ Disse a mim

mesmo: depois de ter feito tudo isso, ela voltará a mim. Mas ela não voltou. Sua

irmã, Judá-a-Desleal, viu tudo. "Eu também vi. Sim, é por causa de seu adulté-

rio que repudiei Israel-a-Apostasia, entregando-lhe atestado de divórcio". Is 50,1

Mesmo assim, sua irmã, Judá-a-Desleal, não teve medo algum; ela também começou a se prostituir. ⁹ Desta forma, por causa da sua levandade e imundície, a terra ficou profanada; ela comete adultério com a pedra e com a madeira. 2,27

¹⁰ Apesar disso tudo, sua irmã, Judá-a-Desleal, não volta para mim de todo o seu coração: o seu arrependimento é falso" — oráculo do SENHOR. Os 7,13

O SENHOR, em sua misericórdia, trará de volta Israel arrependido^b.

¹¹ O SENHOR me disse: Comparada com Judá-a-Desleal, Israel-a-Apostasia pode se considerar justa. ¹² Vai gritar estas palavras para o Norte:

Volta, Israel-a-Apostasia, oráculo do SENHOR —,

a minha presença não será mais um pesadelo para vós^c.

Pois sou fiel — oráculo do SENHOR —;

não guardo rancor para sempre. 3,5; Sl 103,9; Lm 3,31

¹³ Reconhece, porém, tua perversão: é contra o SENHOR, teu Deus, que te rebelaste. Pr 28,13; Lv 26,40

Desgastaste-te em andanças junto aos estrangeiros, 2,25

sob toda árvore verde.

Não escutastes minha voz

— oráculo do SENHOR.

¹⁴ Voltai, filhos apóstatas — oráculo do SENHOR —,

3,22; Os 14,2; 2Cr 29,6

s. Deus não pode acolher o seu povo que se tornou *abominável* (Dt 24,4) por se entregar a outros deuses. Este acolhimento, porém, tornar-se-á novamente possível para os que aceitam perder o rosto (vv. 3.13.25; Lc 15,18-19; 18,13-14).

t. Expressões da religiosidade tradicional (cf. v. 19 e Ex 4,22; Dt 32,6; Os 2,1; 11,1; Mt 1,6) que poderiam traduzir uma fé autêntica, mas que, de fato, escondem uma desordem profunda e uma real apostasia; elas impedem a tomada de consciência da verdade (cf. 2,30 nota) e a conversão, apesar dos sinais do castigo, que não são levados em conta, cf. v. 6 nota.

u. Quem pronuncia as palavras deste dístico? É o povo, manifestando uma confiança superficial no perdão de Deus, como em Os 6,1-3? Ou é o profeta que convida o povo a esse arrependimento sincero que ele desconhece (cf. a continuação do v.)?

v. É possível também a interpretação: *mas tu não cessas de dizer e praticar o mal*, cf. 2,21.

w. Para o crente, as desgraças tornam-se um convite à conver-

são dirigido a todos (cf. Lc 13,1-5 e nota; Na 3,6 etc.). As desgraças de Israel representavam uma lição para Judá; mas, frequentemente, é mais difícil refletir sobre as desgraças dos outros do que sobre as próprias (cf. cap. 24). Ez (cap. 16 e 23) desenvolverá a comparação das duas irmãs.

x. Israel é apresentado como a Apostasia personificada.

y. Queda de Samaria e deportação do reino do Norte em 722/721 (2Rs 17).

z. O sir., o aram. e a Vulg. aplicaram ao verbo outras vogais e entenderam: *ela profanou a terra*.

a. Judá vive na perfídia, na infidelidade, na mentira; tudo nela é falso, até os protestos de apego que ela eventualmente dirige ao Senhor: 2,23.27.35; 3,4; 8,8.

b. Jeremias é convidado a recriar, de alguma forma, através do poder de sua palavra profética, essa porção do povo que desapareceu em direção ao norte.

c. Lit. *eu não farei cair o meu rosto sobre vós*: o rosto indica a presença e esta presença não será mais ameaçadora.

pois continuo sendo vosso dono:
tomar-vos-ei, um de uma cidade,
dois de um clã,
para conduzir-vos a Sião.

23,4
1Sm 2,35
Ef 4,11
¹⁵ Eu vos darei pastores segundo o meu
coração,
que vos apascentarão com
conhecimento e habilidade.

A assembléia universal ao redor do grande rei. ¹⁶Naqueles dias, quando vos multiplicardes abundantemente pela terra — oráculo do SENHOR —, ninguém mais dirá: “Arca da Aliança do SENHOR!” Ela não surgirá à memória, não será mais lembrada, ninguém dará por sua falta, não a farão de novo^d. ¹⁷Naquele tempo, Jerusalém é que será chamada “Trono do SENHOR”; por causa do Nome do SENHOR estabelecido em Jerusalém^e, todos os povos confluirão para ela. Não persistirão em sua teimosia^f execrável. ¹⁸Naqueles dias, os de Judá se unirão aos de Israel; e, vindos da terra do norte, chegarão juntos à terra que eu dei em patrimônio a seus pais.

A volta do filho pródigo

¹⁹Eu tinha dito a mim mesmo: Oh!
Como gostaria de privilegiar-te
entre os filhos^g,

dar-te a terra dos teus sonhos,
um patrimônio que seja, entre as nações,
de beleza feérica^h.

E eu dizia: “Chamar-me-eis: ‘Meu pai!’,
não vos afastareis mais de mim!”.

²⁰ Mas, na realidade, como uma mulher
que trai seu marido,
assim vós me traístes,
povo de Israel — oráculo do SENHOR.

²¹ Ouve-se um grito de todas as trilhas
da estepe,
a súplica dilacerante dos israelitas:
eles se desviaram de seu caminho,
esquecendo o SENHOR, seu Deus.

²² “Voltai, filhos apóstatas!
Curarei completamente vossa apostasia”.
— “Ei-nos! Somos teus;
sim, o SENHOR nosso Deus és tu^k!”

²³ Na verdade, o que vem das colinas é
falso,
nas montanhas faz-se apenas barulho^l.
Na verdade, é no SENHOR, nosso Deus,
que Israel encontra a salvação.
²⁴ Desde nossa juventude, a Vergonha^m
devora o labor de nossos pais,
— seus rebanhos e seus bois, seus
filhos e suas filhas.

²⁵ Prostremo-nos em nossa vergonha,
que nossa desonra nos submerja!
Pois falhamos para com o SENHOR,
nosso Deus,
nós e nossos pais, desde a nossa
juventude até hoje;
não prestamos ouvido à voz do
SENHOR, nosso Deus”.

4 ¹Se voltas, Israel — oráculo do
SENHOR —,
é para mim que deves voltar.
Se afastares tuas imundíciesⁿ de
minha presença,

d. Nada sabemos sobre a data exata do desaparecimento da arca. O Templo foi saqueado por vários invasores: o faraó Sheshonq (1Rs 14,26); Joás de Israel (2Rs 14,14); Nabucodonosor (2Rs 25,9.13-17; Jr 52,13.17-23). Cf. também a lenda relatada em 2Mc 2,5.

e. Ao tomar posse de seu Templo em Sião, o Senhor ali fez morar o seu Nome (7,10; Dt 12,5.11.21 etc.). Podemos também traduzir: ... para ela: “Pelo Nome do Senhor! A Jerusalém!” Seria pois o grito de convocação dos peregrinos.

f. Dependendo da raiz à qual for relacionado, o termo hebraico pode indicar a agressividade (aram.), as visões fúteis, a obstinação, o atrativo ou os projetos. Encontramos a expressão em: 7,24; 9,13; 11,8; 13,10; 16,12; 18,12; 23,17; Dt 29,18; Sl 81,13.

g. É possível também a interpretação: *de te contar entre os filhos* (isto é, de conceder-te a filiação) *ou: de te considerar como um filho* (cf. Is 1,2 nota); Israel é comparado a uma filha e as filhas têm direito à herança só em casos extraordinários (Nm 27,4.7).

h. Lit. *a herança mais esplêndida das nações*, ou, seguindo mais de perto a pontuação dos masoretas: *uma herança esplêndida, o esplendor todo das nações*. A maioria das versões e dos comentários antigos interpretaram: *uma herança esplêndida (desajável) para os exércitos das nações*.

i. Conforme o “texto escrito”, o gr. e o sir. Os masoretas leram, conforme o aram. e a Vulg., a 2ª pessoa do feminino singular.

j. É possível também interpretar este v. da seguinte maneira: *Quando eu disse para mim mesmo: “Como gostaria de te considerar como um filho, dar-te..., então eu disse: Chamar-me-às: ‘Meu Pai!’; não te afastarás mais de mim”*. Cf. Os 11,1 nota. k. Outra tradução: *porque tu, Senhor, és o nosso Deus*.

l. Alusão ao culto idolátrico, tumultuoso e orgiástico. cf. Ex 32,6; Nm 25,1-3; 1Rs 18,26-29; Os 8,14.

m. Para evitar pronunciar o nome dos deuses das nações (cf. Os 2,19), ele era frequentemente substituído por alguma expressão pejorativa, cf. 5,31 nota; 11,13; Os 9,10.

n. Trata-se dos ídolos, cf. 16,18 nota; Ex 20,3.

não mais andarás errante.

12.16; Dt 6,13 ² Se jurares: "Certo como vive o SENHOR!", na verdade, no direito e na justiça, as nações se abençoarão no seu nome^o; e dele se gloriarão^p.

Is 65.16;
Mt 5.16

Renovação total^q. ³ Assim fala o SENHOR aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém:

Ox 10,12;
Mt 13,22 Arroteai para vós um campo, não semecis entre os espinhos!

9.25 ⁴ Circuncidai-vos para o SENHOR, cortai o prepúcio do vosso coração^r, homens de Judá e habitantes de Jerusalém!

11.2 Senão meu furor se inflamará como um fogo,

queimará sem que ninguém o apague, por causa das vossas obras perversas.

13,10

Alarme em Judá

⁵ Fazei uma proclamação em Judá, fazei-a ouvir em Jerusalém, dizei:

4,19; 51,27 Tocai a trompa^s na terra!

Bradai com força, dizei: Reuni-vos,

8,14 entrai nas cidades fortificadas.

⁶ Erguei a bandeira, rumo a Sião!

Zc 9,12 Ponde-vos a salvo!

Não pareis no caminho!
Pois faço vir do norte uma calamidade^t, grande catástrofe!

Na 2,12 ⁷ O leão^u sai da brenha, o destruidor das nações se põe a caminho, já deixou seu lugar,

6,8 para tornar tua terra desolação: tuas cidades serão incendiadas,

despojadas de seus habitantes.

4,29

⁸ Por isso, vesti-vos de saco!
Lamentai-vos! Gritai de dor!
Pois não se aparta de nós a cólera ardente do SENHOR.

6,26;
Is 15,3

4,26;
Is 5,25

Confusão geral

⁹ Naquele dia — oráculo do SENHOR —, rei e ministros perderão a coragem; ficarão sem rumo os sacerdotes; os profetas, apavorados.

¹⁰ Eu digo: "Ah! SENHOR Deus, enganaste duramente este povo e Jerusalém, dizendo: 'Tereis a paz', enquanto a espada nos tira a vida^v".

Últimas exortações a Jerusalém ameaçada

¹¹ Naquele tempo se dirá a este povo e a Jerusalém:

Um vento abrasador, nas trilhas no deserto, Ox 13,15 está a caminho de meu povo^w,

não para joeirar, nem para limpar;

¹² um vento impetuoso, de lá^x vem a mim. Agora, por minha vez, quero pronunciar minhas decisões contra eles.

12,1; 39,5

¹³ Eis que avança como nuvens; seus carros de guerra são como um furacão, seus cavalos, mais rápidos que os abutres. Ai de nós! Estamos entregues à devastação.

Ez 38,9

Nc 2,5

Hab 1,8;

Lm 4,19

¹⁴ Lava teu coração de toda maldade, Jerusalém, para seres libertada.

Is 1,16;
Ez 18,31;
Tg 4,8

o. Lit. *nele*. Supondo erro de consoante, aqui e na linha seguinte, teríamos o equivalente de Gn 22,18; 26,4: *em ti*.

p. É também possível interpretar este v. da seguinte maneira: *prestarás juramento... e as nações se abençoarão...*

q. 4,3-31 é uma coleção de poemas nos quais o Senhor e o profeta falam alternativamente. O Senhor anuncia a chegada de um temível exército proveniente do norte (vv. 3-7, 9, 11-18, 22, 27-28) e o profeta lhe faz eco exortando o povo (v. 8), ou intercedendo por ele (v. 10), ou ainda manifestando sua dor (vv. 19-21) e sua consternação (vv. 23-26). A forma dialógica destes poemas corresponde a um ponto fundamental do ministério de Jeremias, que viveu constantemente o diálogo entre Deus e o homem.

r. Sobre esta *circuncisão do coração*, que torna o pensamento e a vontade do homem aptos para cumprir sua função, cf. Dt 10,16 e nota; 30,6; Rm 2,29 nota; Fl 3,2 nota. Sobre a circuncisão dos ouvidos: cf. 6,10 e a nota.

s. Cf. Is 27,13 nota; Zc 9,14 nota.

t. Em geral, a desgraça vem do norte (cf. 6,1; 15,12; 50,3; Jl 2,20 nota). Aqui, como em 1,13-15, não é possível ver claramente de que ameaça se trata. Para evocá-la, é suficiente Jeremias utilizar algo que sugira o exército assírio ou cita, cf. 20,4 nota. u. Cf. 2,15,29; 5,6; 49,19; 50,44; Is 5,29 nota.

v. Ou Jeremias ainda acredita que os profetas que anunciam a paz sejam autênticos enviados do Senhor (cf. 14,13 nota e 28,6), ou então expressa as reações do povo *enganado* pelos "falsos profetas". Conforme alguns mss. da versão gr. e da versão árabe, são os *profetas* do v. anterior que dizem isso (*e eles dizem*) para acusar o Senhor de fraude.

w. Lit. *a filha-meu-povo*, como em 6,26; 8,11.19.21-23; 9,6; 14,17.

x. O próprio profeta parece apontar de onde vem este vento devastador.

Até quando abrigarás em ti
pensamentos iníquos?

¹⁵ De Dan faz-se ouvir uma proclamação,
anuncia-se uma calamidade
desde o monte de Efraim.

¹⁶ Adverti as nações,
mobilizai contra Jerusalém!
^{5,15} Assediadores chegam de uma terra
distante,
lançam seu grito contra as cidades de Judá.

¹⁷ Como vigias de um campo,
surgem contra ela de toda parte.
É contra mim que ela se rebela
— oráculo do SENHOR!

^{2,17,19;} ^{SI 107,17} ¹⁸ Eis o resultado de tua conduta, de
tua maneira de agir.
Claro, o fruto de tua maldade é amargo!
Isso te atinge em pleno coração!

Dor do profeta diante da desgraça da terra

^{13,17;} ^{2Rs 8,11;} ^{Hab 3,16;} ^{Lm 1,20} ¹⁹ Meu ventre! Meu ventre! Contorço-
me de dor!
Paredes do meu coração!
Meu ser todo está em tumulto,
não posso me calar,
^{6,17} pois ouço o som da trompa,
^{49,2} o grito de guerra.

^{14,17;} ^{Ez 7,26} ²⁰ Grita-se: "Desastre sobre desastre!"
Sim, a terra toda está devastada.
De repente o meu acampamento é
devastado,
^{10,20} num instante, as minhas tendas.

²¹ Até quando verei a bandeira,
^{4,5} ouvirei o som da trompa?

O veredicto de Deus.

^{5,21; 8,7;} ^{Dt 32,28;} ^{Is 27,11;} ^{Os 4,6;} ^{SI 82,5;} ^{Lc 24,25} ²² Sim, meu povo é tolo;
eles não me conhecem.
São filhos insensatos;
não entendem nada.
São hábeis para o mal,
mas não sabem fazer o bem^a.

Volta ao caos^a

²³ Olho para a terra: está deserta e vazia; ^{4,28}
para o céu: a luz desapareceu.

²⁴ Olho para as montanhas: elas vacilam;
as colinas todas são sacudidas. ^{Jz 5,5;} ^{Na 1,5;} ^{SI 46,3-4}

²⁵ Olho: não há mais homens
e todas as aves foram-se embora. ^{9,9}

²⁶ Olho: a região dos pomares é um deserto,
as cidades todas foram incendiadas
pelo SENHOR, por sua cólera ardente. ^{Lv 26,34;} ^{SI 107,34}
^{4,8;} ^{Na 1,6}

Deus resolve castigar seu povo

²⁷ Assim fala o SENHOR:
Toda a terra se torna desolação ^{5,10}
— entretanto, não vou acabar com tudo^b.

²⁸ Por causa disso a terra está de luto, ^{12,4}
e o céu, lá no alto, escurece, ^{Is 50,3}
pois assim decidi,
assim planejei;
não me arrependo,
nem volto atrás. ^{Nm 23,19}

Sião é enganada por seus amantes

²⁹ Ao estrépito da cavalaria e dos arqueiros,
a cidade toda foge.
As pessoas entram nos matagais,
escalam os rochedos.
As cidades todas são abandonadas, ^{4,7}
ninguém mais mora nelas.

³⁰ E tu^c, que vais fazer?
Tu te vestes de escarlate, te adornas
com jóias de ouro,
alongas os teus olhos com tinta preta. ^{2Rs 9,30;} ^{Jó 42,14}
Em vão porém te embelezas,
teus amantes te desprezam, ^{30,14;} ^{Ez 23,22}
atentam contra tua vida.

³¹ Ouço lamentos como de parturiente, ^{6,24;} ^{48,41}
como os gritos de angústia de quem
tem seu primeiro filho:
são os gritos da bela Sião^d em sufoco, ^{Is 1,8,15}
estendendo as mãos:
Ai de mim! Estou a ponto de sucumbir
diante dos assassinos.

y. Lit. *faça ressoar* (ordens) *contra Jerusalém*.

z. *Fazer o bem* significa procurar a Deus (Am 5,4.6.14). procurar a sabedoria, fonte de todas as virtudes (Sb 8,7) e sem a qual não é possível agradar a Deus (Sb 7,14.28), nem compreender seus caminhos (9,11; Os 14,10; SI 107,43).

a. Depois do tumulto da catástrofe (vv.19-21), Jeremias contempla, numa visão profética, o assustador retorno ao caos original (Gn 1,2; cf. Na 2,7 nota).

b. Com outra vocalização, a partícula negativa se torna uma afirmação decidida: *sim, vou acabar com tudo*. Traduzido desta forma o verso ficaria em harmonia com o contexto.

c. O texto hebr. atual aqui traz a palavra *devastada*, ausente no gr. Parece tratar-se de uma glosa bem descontextualizada.

d. Lit. *da filha-Sião*, como em 6,2.23; 46,24; 50,42; 51,33; cf. 4,11 nota.

5 Veredicto de condenação pronunciado após o inquérito

¹ Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai e investigai, procurai nas praças: encontrais um homem^f, um só que defenda o direito, que procure ser leal^g? Se houver, eu perdorei a cidade^h.

² Podem muito bem dizer: "Certo como vive o SENHOR!"

^{4,2} no entanto, seus juramentos são falsos.

^{7,9} ³ SENHOR, teus olhos não esperam a verdadeⁱ?

^{2,30} Tu os feres, mas eles não sentem nada^j; tu os exterminas, mas eles não aceitam a lição.

^{7,28} ^{Ez 3,8} Tomam a sua face mais dura que a pedra, recusam-se a voltar.

^{8,5} ⁴ Pensei: "São uns coitados, são ingênuos, não conhecem os caminhos do SENHOR, nem os costumes^k de seu Deus.

^{5,21} ^{9,23} ⁵ Irei aos grandes para falar com eles; eles ao menos conhecem os caminhos do SENHOR,

^{Mq 3,1} os costumes de seu Deus". Mas tanto uns como outros quebraram o jugo, romperam os laços.

^{2,8,20} ⁶ Pois bem! Serão vítimas dos leões do cerrado, serão assolados pelos lobos das estepes.

^{2,15} ^{Ez 22,27} ^{Os 13,7}

As panteras assediaram suas cidades: quem sair será despedaçado. Pois suas revoltas se multiplicam, sua apostasia se afirma sem cessar. 30,15

Devassidão dos costumes

⁷ Como te perdoar, nessas condições? 5,1
Teus filhos me abandonam, 1,16
juram por deuses que não o são. 2,11;
Eu os saciei, mesmo assim cometem Ex 23,13;
adultério, 1Rs 19,18;
Gl 4,8

atropelam-se correndo à prostituta.

⁸ Garanhões no cio, excitados!
Cada um deles relincha atrás da 13,27;
mulher do outro. Ez 22,11;
23,20

⁹ Acaso não deveria puni-los? 5,29

— oráculo do SENHOR.
Não deveria me vingar de uma nação como essa?

A palavra do SENHOR acima de toda contestação

¹⁰ Escalai seus muros e saqueai, 39,8
mas não acabeis com tudo^m. 4,27

Arrancai seus sarmentos, eles não pertencem ao SENHOR.
¹¹ Sim, eles me traem, são desleais 3,8,20
os de Israel e os de Judá
— oráculo do SENHOR.

¹² Renegam o SENHOR, Js 24,27;
dizendo: "Ele não existe. Is 59,13
A desgraça não se abaterá sobre nós; Is 28,15
não conheceremos nem a espada, 14,13
nem a fome.

e. Deus parece dirigir-se aos anjos aos quais confia uma missão de inspeção (cf. Gn 18,16-21; Ez 9), e o profeta é admitido no conselho celeste dos anjos (23,22; 1Rs 22,19-22; Is 6; Am 3,7 e nota). É por isso que Jeremias é convidado a participar do inquérito sobre a culpabilidade de Jerusalém, que o Senhor deve realizar antes de pronunciar definitivamente o seu veredicto (cf. 6,27-30; Gn 11,5-7; 18; 19).

f. O homem verdadeiro é aquele que respeita o direito tanto em sua conduta pessoal como em sua atividade pública. Dele o Senhor exige em primeiro lugar isso (Mq 6,8), cf. 9,23 e 22,13 nota.

g. Trata-se do homem com quem se pode contar, aquele cujo comportamento inspira confiança por causa de sua lealdade e fidelidade. cf. Ex 18,21; Ne 7,2; Jo 3,21 e nota.

h. A respeito do justo que salva a multidão culpada, cf. Gn 18,20-33; Is 53; Ez 22,30; 1Jo 2,1 e nota.

i. Ou fidelidade, cf. v. 1 nota.

j. Cf. 3,6 nota.

k. Hebr. *mishpat*. Mais do que costumes no sentido estereotipa-

do de leis e costumes (Ex 15,25, etc.) esta palavra, traduzida em outras passagens por *sentença* ou *decisão* (1,16; 4,12; 39,5) e, mais frequentemente por *direito* (v. 1; 4,2; 7,5, etc.) talvez indique, aqui como em 8,7, a *ordem* que Deus pretende estabelecer.

l. Esta fórmula atesta que a mensagem vem do Senhor. É portanto despropositado usá-la indevidamente (Ez 13,1-9, cf. Jr 23,31). Ela é particularmente frequente em Jr, seja em sua forma simples, como neste caso (164 vezes), seja com algumas amplificações do nome divino como em 2,19,22; 46,18; 49,5 (11 vezes). Ela é menos frequente na versão gr., que a traduz de forma parecida com uma fórmula mais rara: *diz o Senhor* (cf. 6,15 nota) e com a solene fórmula introdutória: *assim fala o Senhor* (cf. 6,21 nota). Expressão típica da linguagem profética, ausente somente em Jn e Hab, ela é encontrada também em outros livros relativos a intervenções proféticas. Aparece tanto no decorrer de um oráculo, como em sua conclusão e, mais frequentemente, no começo (9,21; Zc 12,1; Sl 110,1).

m. Castigo que não é aniquilação: v. 18; 30,11; Lv 26,44; Ez 20,17; Sb 11,20-12,22; cf. 1Cor 10,13.

¹³ Os profetas serão reduzidos a um sopro, não é Deus quem fala neles^a.
Que suas ameaças recaiam sobre eles^o!”

¹⁴ Por isso, assim fala o SENHOR, Deus das potências, por terdes esses propósitos:
de minhas palavras em tua boca farei um fogo e deste povo, lenha: o fogo os devorará.

Conhecerão a espada, a fome e o exílio

¹⁵ Conduzirei contra vós, gente de Israel, uma nação vinda de longe — oráculo do SENHOR —, uma nação invencível, uma nação antiga, uma nação cujo idioma ignoras, cujos planos desconheces.

¹⁶ Sua aljava é um sepulcro aberto^p; todos eles são guerreiros.

¹⁷ Eles devoram tua colheita, teu pão; devoram teus filhos, tuas filhas; devoram teus rebanhos de ovelhas e de bois; devoram tua videira e tua figueira. Com a espada em punho desmantelam as cidades fortificadas, nas quais tu acreditas estar a salvo.

¹⁸ Entretanto, naqueles dias — oráculo do SENHOR —, não acabarei com todos vós. ¹⁹ E quando perguntarem: “Por que motivo o SENHOR, nosso Deus, nos fez passar por tudo isso?”, tu lhes dirás: “Por me terdes abandonado para servir a deuses estrangeiros em vossa terra, servireis aos estrangeiros numa terra que não é a vossa”.

O não-reconhecimento da obra de Deus

²⁰ Anunciai isto aos de Jacó, fazei-o ouvir em Judá.

²¹ Ouvi isto,

povo estúpido e descabeçado:

— têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem.

²² Não ireis respeitar-me

— oráculo do SENHOR?

Não ireis temer^a diante de mim, que pus a areia como limite do mar — decreto eterno — que ele não transporá?

Agita-se impotente^a,

suas ondas rugindo, sem poder ir além.

²³ Mas este povo possui uma natureza indócil e rebelde:

afastam-se e vão embora.

²⁴ Não dizem a si mesmos:

“Respeitemos o SENHOR, nosso Deus.

É ele que nos dá a chuva no tempo certo,

no outono e na primavera,

e nos proporciona as semanas estabelecidas para a colheita”.

²⁵ São vossos crimes que perturbam esta ordem,

vossas faltas impedem o acesso a esses bens.

²⁶ Pois entre meu povo há gente malvada, à espreita, como o caçador de

pássaros agachado;

eles preparam armadilhas

e nelas apanham... gente.

²⁷ Como uma gaiola cheia de pássaros^t, suas casas estão cheias de rapinas;

é dessa forma que se tornam

importantes e ricos,

²⁸ gordos e reluzentes.

Ultrapassam todos os limites do mal, não pleiteiam a causa, a causa dos órfãos; não obstante prosperam^a.

Não reivindicam o direito dos pobres.

²⁹ Diante disso não deveria eu puni-los? — oráculo do SENHOR.

Não deveria me vingar de uma nação como essa?

5,4; 8,7
Is 6,9-10;
Mt 13,15p;
Mc 8,18
10,7

6,23

5,21; 6,28;
Dt 31,27;
Os 11,7

10,13;
Dt 11,14;
Is 2,23
Zc 10,1

3,3;
14,1-7;
Is 59,2

SI 10,9;
Pr 1,11

Dt 32,15;
SI 73,7

5,9; 9,8

n. Lit. o “falar” não é neles, alusão à fórmula de introdução aos oráculos. Gr.: a palavra do Senhor não estava neles.

o. Lit. assim seja feito a eles. A palavra assim retoma a primeira palavra dos oráculos proféticos que, em geral, anunciam a desgraça (cf. Jr 28,8).

p. Suas inúmeras flechas matam infalivelmente.

q. É o mesmo conceito de 2,19 expresso com outra palavra hebraica, cf. v. 24 e 2,19 nota.

r. Manifestação particular da onipotência de Deus, que mantém o mar dentro de seus limites através de uma simples barreira de areia.

s. Lemos o singular, conforme o gr. e o sir. O hebr. usa o plural, que poderia já se referir às ondas.

t. Outra tradução possível, conforme o aram.: Como um galinheiro cheio de aves.

u. É o escândalo da má conduta que compensa (cf. SI 73,3-12).

Na trilha da Mentira

- 23,14;
Os 6,10 ³⁰ Algo desolador, monstruoso, acontece na terra:
- 20,6 ³¹ os profetas profetizam em nome da Mentira^v, os sacerdotes embolsam tudo que podem^w, e meu povo está satisfeito com isso! Mas, que fareis depois?
- Mq 2,11;
Jo 3,19

6 Ataque contra Jerusalém

- Lc 21,21 ¹ Abandonai Jerusalém, benjaminitas, para procurar refúgio em outro lugar^x. Tocai a trompa em Teqoa^y; Sobre Bet-Kerem^z erguei um sinal: das alturas do norte^a vos espreita grande desgraça, grande calamidade.
- 4,31 ² Tu, bela Sião, charmosa e delicada, és reduzida ao silêncio.
- ³ A ela convergem os pastores com seus rebanhos. Armam suas tendas ao redor dela; cada um levando a pastar em seu lote.
- 22,7; 51,27;
Jl 4,9 ⁴ Declarai a guerra santa contra ela! Avante! Atacai em pleno meio-dia! Ai de nós! O dia já declina, as sombras da noite se alongam.
- 39,8 ⁵ Avante! Ataquemos em plena noite, destruíamos os seus palacetes!

O Senhor intima a cidade sitiada

- 33,4;
2Sm 20,15;
Dn 11,15 ⁶ Assim fala o SENHOR de todo poder: Abatei as árvores, construí uma estrada^b rumo a Jerusalém: a cidade está entregue^c;

dentro dela reina a opressão em toda parte.

- ⁷ Como o poço guarda a água, assim ela guarda a maldade. 6,29;
Nela só se ouvem violência e devastação: 4,14 sofrimentos e sevícias não se afastam de meu olhar.
- ⁸ Aprende a lição, Jerusalém! 17,23 senão, eu me dessolidarizo de ti, Os 9,12 transformando-te em desolação, 4,7 em terra desabitada.

Punição dos ímpios

- ⁹ Assim fala o SENHOR de todo poder: Rebusca cuidadosamente, como se Dt 24,21 faz na vinha, o resto de Israel! Que tua mão, como a do vinhateiro, volte a passar sobre os sarmentos^d!
- ¹⁰ Quem irá escutar minhas palavras, minhas declarações^e? Ai 7,51 Pena! Seus ouvidos são incircuncisos^f, incapazes de prestar atenção. Consideram ignomínia a palavra de Deus, 20,8 não a querem. 6,17
- ¹¹ “Estou repleto da ira do SENHOR, não posso mais contê-la.” 20,9 Derrama-a sobre as crianças na rua e sobre todos os que estão na juventude. Homens e mulheres são aprisionados, o ancião e o cumulado de dias.
- ¹² Suas casas passam para outros, 8,10-12; com seus campos e suas mulheres. Dt 28,30 Estendo a mão sobre os habitantes da terra — oráculo do SENHOR.
- ¹³ Todos, pequenos e grandes,

v. *Mentira*, como *Vergonha* em 3,24, está sem dúvida no lugar do nome execrado dos *baalim*, que encontramos num contexto análogo em 2,8 e 23,13.

w. Lit. *os sacerdotes acumulam em suas mãos*; o verbo é empregado com um sentido análogo em Jz 14,9. Outras traduções possíveis: *os sacerdotes dominam à sua volta*, ou, corrigindo: *os sacerdotes dão diretrizes sob sua própria autoridade*.

x. Antes Jeremias tinha convidado todos a se refugiarem em Jerusalém (4,5-6). Mas agora, Jerusalém está sendo, por sua vez, atacada (4,29-31). É necessário procurar refúgio mais ao sul.

y. Esta aldeia é mencionada em primeiro lugar porque se encontra ao sul de Jerusalém (cf. Am 1,1 nota), mas também porque seu nome forma uma aliteração com o verbo *tocai* (*tiq' u*).

z. Não se sabe onde situar exatamente esta pequena aldeia rodeada de pomares (cf. Ne 3,14 e nota).

a. A “montanha do Norte” era o Olimpo do panteão cananeu (Is 14,13 e nota), o equivalente da “montanha de Sião, cidade do grande rei” (Sl 48,3 e nota). É dessas alturas do norte que a desgraça se abate sobre Jerusalém (1,13-15; 4,6; 6,22 etc.).

b. Ou: *uma rampa*, cf. 32,24 e 2Rs 19,32 nota.

c. Lemos o verbo no feminino. A tradição judaica interpretou: *uma cidade cujo pecado é castigado*.

d. Pode-se também compreender: *Que tua mão volte para os cestos* (para repor novamente neles a fruta).

e. Lit. *A quem me dirigirei, (contra quem) testemunharei para que eles escutem?*

f. *O ouvido incircunciso é incapaz de ouvir a voz de Deus*, cf. 4,4 nota.

- 5,27; são tomados pela ganância.
Is 56,11 Todos, profetas e sacerdotes, praticam a mentira.
- 14 Pretendem remediar a desgraça do meu povo, dizendo levianamente:
- 14,13 "Tudo em paz! Tudo em paz!", quando não há paz.
- 15 Ficam confundidos, porque praticam horrores
- 3,3 mas não querem enrubescer; não têm consciência de sua desonra. Pois bem! desmoronarão como todos os outros,
- 9,8 tropeçarão quando eu os visitar, diz o SENHOR^g.

O fruto das maquinações do povo

- 16 Assim fala o SENHOR:
- Lc 14,28 Parai no caminho para observar; informai-vos sobre as veredas de outrora^h.
- Qual o caminho do bem? Segui por ele,
- Mt 11,29 e achareis onde vos restaurar.
- 2,31 Mas dizem: "Não vamos segui-lo!"
- 17 Destaquei sentinelas para velar sobre vósⁱ.
- 42,14 Atenção para o som da trompa!
- 6,10 Mas dizem: "Não queremos prestar atenção".
- Is 34,1; 18 Pois bem, nações, escutai!
Mq 1,2 E tu, assembléia, conhece o que há nelas!
- Dt 32,1 19 Escuta, terra:
- 11,11; Eu vou atrair sobre este povo a desgraça,
Pr 1,31; fruto de suas maquinações.
Gl 6,7 Não prestam atenção às minhas palavras,

- desprezam as minhas instruções. Is 1,11; 43,23
- 20 De que me serve o incenso trazido de Shebá^k, o caníço aromático vindo de uma terra longínqua? Não me agradam vossos holocaustos, 7,21; 14,12; Hb 10,5-6
desagradam-me vossos sacrifícios.

Armadas as armadilhas

- 21 Pois bem! assim fala o SENHOR^l:
Ponho obstáculos diante desse povo, neles tropeçarão: Ez 3,20
pais e filhos ao mesmo tempo, vizinhos e amigos perecerão.

O devastador a caminho

- 22 Assim fala o SENHOR:
Um povo vem da terra do norte, 50,41-43
uma grande nação se põe em marcha 4,6-16; Ez 38,14-16
dos confins da terra.
- 23 Eles manejam arco e dardo^m, são cruéis e sem piedade, o estrépito deles é como o fragor do mar; 51,55 Dn 7,2
montam cavalos; posicionam-se, como tropas para o combate, contra ti, a bela Sião. 4,31
- 24 Ouvimos a notícia, ficamos sem coragemⁿ, a angústia nos aperta, uma dor como de parturiente. 13,21
- 25 Não saiais ao campo, nem andeis pelos caminhos, pois a espada do inimigo semeia o terror em toda a parte. 20,10; Lm 2,22; Ez 4,8; 48,37
- 26 Filha, meu povo^o, veste-te de saco,

g. Esta fórmula (cf. 5,9; 6,21 notas), no fim ou no decorrer de um oráculo (excepcionalmente no começo, 15,11), atesta que esse oráculo provém do Senhor.

h. Lit. *os caminhos de outrora*; trata-se da experiência das gerações passadas, instruídas pela palavra de Deus (cf. 18,15; Sl 139,24).

i. Lit. *Suscitei vigias sobre vós*, alusão aos profetas encarregados de anunciar o castigo, que por primeiro percebem, e de apelar para o arrependimento: Ez 3,16-21; 33,1-9; cf. Nm 23,3; Is 21,6-12; Os 9,8; Hab 2,1.

j. Tradução literal de um texto difícil: *a assembléia de Israel parece ser convidada a se conscientizar do que se trama junto às nações*. Outras interpretações: *o que neles se encontra*, o pecado anteriormente denunciado ou os próprios castigos, que são iminentes, atraídos pelo pecado. O gr. reza: *Por causa*

disso as nações ouviram e também os que pastoreiam seus rebanhos.

k. A respeito de Shebá, cf. Is 60,6 nota. Sobre o incenso, cf. Ex 30,34 nota; Lv 16,13 e nota. — Mais uma vez o Senhor denuncia (cf. 3,4 nota) a associação de um culto estrangeiro com um senso de rebelião inato.

l. Ou: *Eis o que diz o Senhor* (cf. 4,3; 13,1; 23,35,37; 25,15), fórmula muito comum em Jr (78 vezes em sua forma simples, mais 20 vezes com o acréscimo *de todo poder*) para introduzir as mensagens do Senhor. Gr. diminui o uso desta expressão.

m. *Kidon*, arma em forma de foice montada sobre um longo cabo.

n. Lit. *nossas mãos tornam-se flácidas*, imagem do desânimo (50,43, cf. 38,4; 47,3).

o. Cf. 4,11 nota.

revolve-te no pó!

Am 8,10; Zc 12,10 Observa o luto como por um filho único, uma lamentação amarga!

Porque, de repente, chega sobre nós o devastador.

Ez 22, 18-22 Israel, metal impurificável

²⁷ Eu te nomeio provador de metais junto a meu povo⁹.

^{9,6} tu apreciarás e examinarás sua conduta.

5,21,23 ²⁸ Todos eles são rebeldes inveterados⁷, caluniadores, duros como bronze e ferro; são todos destruidores.

²⁹ O foleiro sopra,

Is 1,25 o fogo faz desaparecer o chumbo. Em vão, porém, o fundidor tenta a fusão:

as escórias não se deixam separar.

6,7; 13,23; Pr 27,22 ³⁰ "Prata de refugio" são chamados, Is 1,22 pois o SENHOR os rejeitou.

7 A ilusão do Templo. ¹Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR:

²Posta-te à porta da Casa do SENHOR

17,20 para proclamar esta palavra: Escutai a palavra do SENHOR, vós todos de Judá que entraís por estas portas para vos prosternardes diante do SENHOR. ³Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Is-

rael: Melhorai vossa conduta, vossa 18,11 maneira de agir, para que eu possa morar convosco¹ neste lugar. ⁴Não vos embaleis em palavras ilusórias⁸ repetindo: "Palácio do SENHOR! Palácio do SENHOR! Palácio do SENHOR! Ei-lo aqui!"

⁵Procurai, em vez disso, emendar seriamente vossa conduta, vossa maneira de agir, defendendo ativamente o direito na vida social⁹; ⁶não exploreis o migrante,

o órfão e a viúva; não derrameis sangue inocente neste lugar: não corrais atrás de deuses estranhos, para vossa desgraça.

⁷Então poderei morar convosco⁴ neste lugar, na terra que dei aos vossos pais desde sempre e para sempre. ⁸Mas vós vos embalais em palavras ilusórias, sem eficácia.

⁹Podeis acaso roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar oferendas a Báal, ir atrás de outros deuses, que nunca se preocuparam convosco⁷, ¹⁰para, depois, vos apresentardes diante de mim, nesta Casa sobre a qual foi proclamado meu Nome², e dizer: "Estamos salvos!", continuando a cometer todas essas abominações? ¹¹Acaso confundis esta Casa sobre a qual foi proclamado meu Nome com um covil de ladrões? Em todo caso, eu vejo que é assim⁸ — oráculo do SENHOR. ¹²Ide, pois,

p. Cf. 25,34; Ez 27,30; Jn 3,5-6. Trata-se de um último apelo à conversão, cf. Jn 3,5 nota; Mt 11,21 nota.

q. O hebr. tem a mais a palavra *fortaleza* que pode ser interpretada de diversas maneiras: 1º como simples referência a 1,18: *tu, a fortaleza*; 2º como um convite para interpretar a palavra por nós traduzida com *provador de metais* à luz de Is 32,14, onde uma palavra parecida significa *torre de guarda* (cf. Is 23,13); 3º como qualificação do provador de metais como *irrepreensível*, acima de qualquer suspeita.

r. É possível também a interpretação: *chefes de rebeldes*.

s. O "discurso junto à porta do Templo" (7,1-8,3) foi pronunciado em 608, em circunstâncias e com conseqüências relatadas no cap. 26. Contudo, é possível que o texto deste discurso tenha sido ampliado por alguns redatores, a fim de neles todos os grandes temas da pregação de Jeremias: futilidade de uma confiança cega no Templo e nas instituições religiosas, falacioso sucedâneo da verdadeira obediência aos mandamentos de Deus (vv. 1-15); proibição de interceder pelo povo que Deus pune, apesar de suas práticas religiosas (vv. 16-20); recusa obstinada por parte do povo de respeitar a vontade divina revelada no Sinai e por meio dos profetas (vv. 21-28); severidade da punição (7,29-8,3).

t. Aqui como no v. 7, o hebr. (exceto alguns mss.) e o gr. trazem as vogais na forma causativa do verbo: *fizer-vos*

morar. Com Áquila e Vulg., compreendemos a forma simples: *morar*.

u. Lit. *vós confiais em palavras ilusórias*, cf. v. 8; 13,25 nota. v. Traduzimos aqui três letras, compreendidas como uma abreviação cujo significado lit. é: *este lugar*.

w. Lit. *entre um homem e seu companheiro*.

x. Cf. v. 3 nota.

y. Lit. *que não conheceis*, isto é, que não cruzaram vosso caminho, dos quais não experimentastes os cuidados, cf. 19,4; 44,3; Dt 32,17.

z. Invocando o nome do Senhor sobre o lugar que ele escolheu, o homem proclama a presença de Deus nesse lugar e o submete à jurisdição exclusiva dele. Deus tem o direito de exigir certas condições para que ele possa se apresentar nesse lugar (cf. Sl 15).

a. Como bandidos que, depois de seus crimes, se refugiam numa caverna, da mesma forma os israelitas se consideram a salvo no Templo, apesar de sua conduta ofensiva para com o dono do lugar. O Senhor, porém, vê toda a vida deles, que gostaria de estruturar e na qual desejaria estar presente. Para ele, o fervor cultural dos israelitas não passa de *dissimulação* (11,15), que visa disfarçar sua injustiça (cf. 6,20 nota).

b. Pode-se também traduzir: *Mas eu entrego*, isto é, eu vos vejo, mesmo por trás daquilo que acreditais ser um esconderijo (cf. Sl 139,12).

ao lugar que me pertencia, em Shilô, onde eu, outrora, fiz habitar meu Nome^c, e vede o que eu lhe fiz por causa da maldade de meu povo, Israel^d. ¹³Agora, pois, visto que praticastes todos esses atos — oráculo do SENHOR —, sem prestardes atenção quando vos falava incansavelmente e sem responderdes quando eu vos chamava, ¹⁴vou tratar a Casa sobre a qual foi proclamado meu nome, na qual pusestes vossa confiança, e o lugar que eu dei a vós e aos vossos pais, como tratei Shilô. ¹⁵Afastar-vos-ei de mim, assim como expulsei vossos irmãos, toda a descendência de Efraim^e.

O Senhor não escuta mais... ¹⁶Não intercedas, tu, por esse povo, não eleves nem lamentos nem preces em seu favor, não insistas junto a mim: não vou te ouvir. ¹⁷Não vês o que eles fazem nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém: ¹⁸As crianças juntam lenha, os pais acendem fogo e as mulheres preparam massa para fazer bolos à Rainha do Céu^f? Ofendeis-me fazendo libações a deuses estranhos. ¹⁹Mas será a mim que eles ofendem? — oráculo do SENHOR. Não será a eles mesmos? Deveriam sentir vergonha. ²⁰Pois bem, assim fala o SENHOR Deus: minha cólera, minha ira se derrama sobre este lugar, sobre pessoas e animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra; fogo que não se apaga. **...pois o povo deixou de escutar.** ²¹Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus

de Israel: Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei a carne^g! ²²Quando fiz sair vossos pais da terra do Egito, não lhes falei nada, nada prescrevi sobre holocaustos e sacrifícios^h; ²³só uma coisa pedi: “Ouvi minha voz, e eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo; segui o caminho que vos indico e sereis felizes”. ²⁴Mas eles não escutaram; não prestaram ouvido, agiram ao modo deles, em sua execrável teimosia. Viraram as costas a mim, em vez de me mostrar seu rostoⁱ.

²⁵Desde que seus pais saíram da terra do Egito, até hoje, não deixei de enviar meus servos, os profetas, cada dia, incansavelmente. ²⁶Entretanto, eles não me escutaram, não prestaram ouvido: endureceram a nuca, procederam pior que seus pais. ²⁷Tu lhes explicas todas estas palavras, mas eles não te escutam. Tu os chamas, eles não te respondem. ²⁸Dize-lhes, pois: Eis a nação que não escuta a voz do SENHOR, seu Deus, que não aprende a lição: a verdade pereceu, foi banida de sua boca.

Os frutos amargos dos desvios religiosos

²⁹Corta tua cabeleira de nazir^j, joga-a fora, entoa um lamento pelas trilhas da estepe, porque o SENHOR despreza e abandona a geração que o importuna.

³⁰Os de Judá praticam o mal que eu detesto — oráculo do SENHOR —; instalam suas imundícies na Casa sobre a qual foi proclamado meu Nome, tornando-a impura. ³¹Erigem o túmulo^k do Tafet, no vale de Ben-Hinom, para que seus filhos

c. É a fórmula usada no Dt para indicar o Templo de Jerusalém (Dt 12.11; 14.23; 16.2.6.11; 26.2; Ne 1.9; cf. Dt 12.5; 14.24; IRs 9.3). Vulg.: *onde morou meu Nome*. cf. v. 3 nota.

d. A cidade de Shilô (cf. Js 18.1 nota) e seu santuário, cujos responsáveis talvez fossem os ancestrais de Jeremias (cf. Introd.) foram destruídos aproximadamente em 1050, pelos filisteus. O Senhor assume a responsabilidade por esta destruição causada pelos descaminhos de Israel (cf. Sl 78.56-67).

e. Alusão à deportação dos israelitas do Norte (722).

f. Trata-se da deusa Ishtar (Astarte) denominada *Rainha do Céu*, principalmente na Mesopotâmia, identificada com o planeta Vênus. Cf. 44.17-19.

g. No holocausto, a vítima era inteiramente oferecida a Deus através do fogo. No entanto o Senhor não gosta dos holocaustos do infiel Israel, por isso propõe-lhe comer a carne das vítimas

destinadas ao holocausto assim como se come a carne dos outros sacrifícios.

h. Cf. Is 1.11 nota; Am 5.25 nota; Sl 51.18.

i. É admissível também a tradução: *foram para trás ao invés de ir para a frente*.

j. Lit. *raspa o teu nazirado*. A cabeleira era um sinal de consagração no nazirado. cf. Nm 6.5.9; Jz 13.5.7; 16.17; 1Sm 1.11. Israel deixou de ser um povo consagrado (cf. vv. 1-15; 2.3).

k. Ou então *o terreiro* (IRs 3.2 nota); aqui porém trata-se com mais possibilidade de um túmulo funerário destinado ao culto idolátrico. — A palavra *Tafet* (também em 19.6-14) talvez signifique *altar* ou *lareira* (cf. Is 30.33 nota); os judeus têm lido esta palavra com as vogais da palavra *bôshet* (vergonha) resultando em Tôfet (cf. Jó 17.6). A respeito do “vale de Ben-Hinom” cf. 2.23 nota.

e suas filhas aí sejam consumidos pelo fogo; coisa que nunca pedi, nem me aflorou à mente.

19.6 ³²Pois bem, dias virão! — oráculo do SENHOR — em que não se dirá mais: “o Tafet”, nem o “vale de Ben-Hinom”, mas: “vale da Matança”, e o próprio Tafet, por falta de lugar, se tornará um depósito de ossos^m. ³³Haverá uma hecatombe nesse povo, que servirá de pasto para as aves do céu e os animais da terra, e não haverá quem os enxote! ³⁴Nas cidades de Judá, nas ruas de Jerusalém, farei cessar os gritos de alegria e as conversas animadas, o canto do noivo e o júbilo da noiva, porque a terra se tornará um campo de ruínas.

8 ¹Nesse tempo — oráculo do SENHOR —, serão retiradas dos túmulos as ossadas dos reis e dos ministros de Judá, dos sacerdotes e dos profetas, e dos habitantes de Jerusalém.

²Serão expostas ao sol, à lua e ao exército do céu que eles amaram, serviram, seguiram, consultaram e diante dos quais se prosternaram.

Essas ossadas não serão mais recolhidas para serem enterradas, ficarão como esterco à superfície do solo. ³Todo o resto, os sobreviventes dessa gente perversa, preferirão a morte à vida, os que sobreviverem em todos os lugares para onde eu os tiver dispersado — oráculo do SENHOR de todo poder.

Obstinação sem igual

⁴Tu lhes dirás: Assim fala o SENHOR:

Rm 11.11 Quem cai não volta a se erguer?

Quem se extravia não volta ao caminho?

⁵Por que, então, este povo, Jerusalém, se desvia, prolongando sem limite sua apostasia? ^{2.31} Apegam-se a suas ilusões, recusam-se a voltar. ^{5.3}

⁶Escutei com atenção: seus propósitos são inconsistentes. ^{48.30} Ninguém renuncia à sua maldade, dizendo: “Que foi que eu fiz?” Cada um se desvia à sua maneira”, ^{7.24} como um cavalo que se deixa levar pela batalha.

⁷Até mesmo a cegonha no ar conhece o tempo de sua migração. A rola, a andorinha e o tordo não deixam de voltar no momento oportuno. Entretanto, meu povo não leva em conta ^{6.10; 9.23} a ordem estabelecida pelo SENHOR”. ^{Dt 32.6}

Palavra e palavras...

⁸Como podeis dizer: “Temos a sabedoria, pois a lei do SENHOR está à nossa disposição”?

É verdade, mas ela tornou-se uma lei falsa,

por obra do estilete mentiroso dos juristas^p.

⁹Os sábios são confundidos, ^{Jô 5.13; Rm 1.22; 1Cor 1.19-20.27} desmoram e são capturados; eles desprezam a palavra do SENHOR: em que sentido, pois, podem se dizer sábios?”

Inconsciência dos profetas e dos sacerdotes^r

¹⁰Pois bem! Dou suas mulheres a outros, seus campos aos que se apoderarem deles.

1. Trata-se de uma fórmula de estilo profético que ressalta o caráter infalível da predição: os acontecimentos anunciados já estão a caminho. A expressão é encontrada 15 vezes em Jr e sempre acompanhada por *oráculo do Senhor*.

m. O lugar de culto será assim profanado pelo amontoamento de cadáveres.

n. Conforme o texto hebraico “escrito”. O texto “lido”: *em sua corrida*.

o. Para Jeremias, como para Isaías (Is 1.3), Israel, apesar de ter recebido tudo o que é necessário para ter uma compreensão muito profunda dessa *ordem*, a entende menos do que os animais a entendem por meio de seus instintos.

p. Jeremias parece se referir à atividade legislativa do poder régio depois da transformação do Deuteronômio em lei de Esta-

do, atividade que devia se manifestar especialmente através de decretos gravados com o *estilete* na pedra (a moda antiga de publicar editais). Em 31.33, o profeta anuncia que o próprio Senhor vai escrever suas diretrizes no íntimo de nosso ser. Desta forma, o perigo de falsificação por intermediários não animados pelo seu espírito ficará afastado.

q. Lit. *sabedoria de quê, a eles?* Por estar a palavra de Deus à raiz da sabedoria e da liberdade (cf. Jo 8.31-32), a sabedoria dele desmora, e eles perdem a verdadeira liberdade (cf. Jo 8.34), se *eles desprezam a palavra* eternamente viva do Senhor (particularmente como ela se expressa através de um Jeremias!), para se apoiar numa expressão cristalizada e mais ou menos disfarçada dessa palavra (v. 8).

r. Reencontramos em 8.10-12, com algumas variantes, 6.12-15.

- Pois todos, pequenos e grandes, são tomados pela ganância; todos, profetas e sacerdotes, têm uma conduta falsa.
- ¹¹ Pretendem remediar a desgraça de meu povo^a dizendo levianamente: "Tudo em paz! Tudo em paz!", quando não há paz!
- ¹² Ficam confundidos, porque praticam horrores, mas não querem enrubescer; não têm consciência de sua desonra. Pois bem! desmoronarão como todos os outros;
- ^{23,12} no tempo de prestar contas, tropeçarão, diz o SENHOR.
- "Sob os golpes de seu bastão"**
- ^{Sf 1,2} ¹³ Estou decidido a acabar com eles — oráculo do SENHOR —,
- ^{Ha 3,17} ^{Mt 21,19} Não há uva na videira! Não há figos na figueira!
- ^{Is 1,30} As folhas estão murchas. Eu os entregarei a quem passe por cima deles¹.
- ^{4,5} ¹⁴ Por que estamos parados? Reuni-vos! Entremos nas cidades fortificadas para não mais sair delas, pois o SENHOR, nosso Deus, nos impede qualquer movimento, ele nos faz beber água envenenada. Sim, faltamos contra o SENHOR.
- ^{9,14;} ^{Lm 3,15,19} ¹⁵ Esperávamos a saúde, mas nada de melhorar! O momento da cura, e é o medo que sobrevém.
- ^{Ez 7,25} ¹⁶ Desde Dan ouve-se o resfolegar de seus cavalos; pelo relinchar de seus garanhões fogosos treme toda a terra.
- Eles vêm devorar a terra e tudo o que nela há, a cidade e seus habitantes.
- ¹⁷ Envio contra vós serpentes, víboras insensíveis aos encantadores: elas vos morderão — oráculo do SENHOR.
- Lamento do profeta**
- ¹⁸ A minha aflição é sem remédio^a, todo meu ser enfraquece.
- ¹⁹ Ouvem-se os apelos desesperados de meu povo^a, vindos de uma terra longínqua. O SENHOR não está em Sião? Seu rei não está com ela?
- "Por que me ofendem com meus ídolos, com essas absurdidades trazidas de fora?"
- ²⁰ A colheita terminou, o verão passou e, para nós, nada de salvação!
- ²¹ Estou quebrantado, por causa da desgraça de meu povo^a. Estou de luto; a desolação me invade!
- ²² Não há bálsamo em Guilead? Lá não há médico? Por que não se vê despontar a cura do meu povo?
- ²³ Quem fará de minha cabeça um manancial de água, de meus olhos uma fonte de lágrimas para que eu chore, dia e noite, as vítimas de meu povo?
- 9 A verdade pereceu^a**
- ¹ Acaso não tenho no deserto um alojamento para caravaneiros? Nele abandonaria meu povo, aí eu o plantaria: são todos adúlteros, bando de traidores.
- ² Sua língua é como um arco retesado. Sua influência na terra serve à mentira, não à verdade^a. Praticam crime sobre crime, mas a mim não conhecem

SI 24,1

46,8

Nm 21,6;

Dt 32,24;

Sb 11,15

Dt 31,17

Mq 4,9

10,8

4,6,20;

6,1; 10,19

46,11

13,17;

2Sm 1,19;

Lm 1,16

IRs 19,3-4;

SI 55,7-9

5,7-8;

23,10

9,23;

Os 4,1

s. Cf. 4,11 nota.

t. Tradução conjectural de um texto enigmático. Outros mss. hebr. rezam: *Eu darei (mestres) que servirão*.

u. O hebr. é incompreensível. Traduzido de acordo com o gr. v. Cf. 4,11 nota.

w. Cf. 4,11 nota.

x. No gr. e na Vulg. este versículo é o primeiro do cap. 9. Por causa disso a numeração dos vv. do cap. 9, no gr. e na Vulg., está um número à frente em relação ao hebr.

y. Seguindo a linha de 5,1-3 e 7,28, o profeta (vv. 1-5) e o próprio Senhor (vv. 6-8 e ainda 2d? e 5b?) detêm-se para deplorar a perda de toda autenticidade nas relações humanas (cf. Is 59,15; Os 4,1-2; SI 5,7; 12,3-5; 34,14; Pr 12,19,22; Sr 20,24-26).

z. A tradição judaica assim interpretou o hebr.: *eles retesam a sua língua como um arco para a mentira, e sua influência na terra não é para a verdade*. O gr. assim interpretou este último verso: *Na terra prevalece a mentira e não a verdade*.

— oráculo do SENHOR^a.

³ Tomai cuidado, cada qual, do seu companheiro;

não vos fieis em nenhum irmão,
pois todo irmão é hábil em enganar
e todo companheiro espalha a calúnia.

⁴ Cada um zomba de seu companheiro;
não há mais palavras verdadeiras!
Acostumam suas línguas às mentiras,
não conseguem mais voltar, em sua
perversão

⁵ Brutalidade sobre brutalidade, engano
sobre engano^b!

Eles se recusam a me conhecer —
oráculo do SENHOR^c.

O Senhor está prestes a intervir

⁶ Pois bem! Assim fala o SENHOR de
todo poder:

Eu vou acrisolá-los e testá-los.
Ah! vou intervir,
perante a maldade^d de meu povo^e!

⁷ Flecha mortífera^f é sua língua!

Ele profere impostura.

Da boca para fora deseja-se a paz ao
companheiro,

mas no coração se lhe prepara uma cilada.

⁸ Perante isso, não deveria intervir
contra eles^g?

— oráculo do SENHOR.

Não deveria me vingar
de uma nação como essa?

Sábio é quem compreende o porquê da desgraça^h

⁹ Sobre os montes elevo minha
lamentação desolada,

sobre as pastagens da estepe meu
lamento,
pois foram queimadas, ninguém mais
passa por lá,
nem se ouve mais o rebanho.
Do pássaro ao gado, tudo fugiu,
sumiram!

¹⁰ Faço de Jerusalém um monte de pedras,
um covil de chacaisⁱ
e das cidades de Judá, lugares
desolados,
despojados de seus habitantes.

¹¹ Se alguém for sábio, compreenda e
proclame
a palavra que a boca do SENHOR lhe
dirigiu.

Por que a terra está em ruínas,
calcinada como o deserto
onde ninguém passa?

¹² O SENHOR diz: Eles abandonaram o
ensinamento que pus diante deles, em vez
de escutar minha voz e segui-la, ¹³ eles
persistem em sua teimosia, apegando-se
aos Baalim com os quais seus pais os
familiarizaram.

¹⁴ Pois bem! Assim fala o SENHOR de
todo poder, o Deus de Israel: Farei com
que eles^j engulam a cicuta, fá-los-ei be-
ber água envenenada; ¹⁵ vou dispersá-los
entre nações que nem eles nem seus pais
conheceram, e a espada os perseguirá até
que eu os tenha exterminado.

Apelo aos que choram

¹⁶ Assim fala o SENHOR de todo poder:
Informai-vos. Chamai às carpideiras^k!
Mandai vir as melhores! Que venham!

a. Talvez devamos assim interpretar o hebr.: *o Senhor, eles não o conhecem*, e suprimir conforme o gr. *oráculo do Senhor*, cf. v. 5 nota.

b. Traduzido conforme o gr. A tradição judaica posterior dividiu as palavras de outra maneira: *Eles se cansam (na) perversão*. ⁵ *Tua morada é no meio do engano. No engano, eles...*

c. Talvez devamos assim interpretar o hebr.: *Eles se recusam a conhecer o Senhor*, e suprimir, conforme o gr. *oráculo do Senhor*, cf. v. 2 nota.

d. *Maldade*: substituído conforme o aram. e gr.

e. Cf. 4,11 nota.

f. O hebr. reza: *a língua deles*. Volta o tema dos vv. 2-5.

g. Este verbo (cf. 5,9,29) expressa uma intervenção do Senhor tendo em vista o restabelecimento da ordem, seja punindo, ajustando contas, seja manifestando de forma menos severa a sua

solicitude para com os seus (15,15; 27,22; 29,10; 32,5). Por causa de sua ambivalência (cf. Ex 3,16 nota; Am 3,2 nota; Lc 1,68 nota) às vezes o verbo é traduzido com: *ocupar-se de* (cf. 23,2). Quando ao substantivo com a mesma raiz, cf. 23,12 e nota.

h. Cf. 3,6 nota.

i. Lit. *Desde as aves do céu até o gado, eles fugiram, foram-se embora*, cf. 50,3 nota.

j. Depois de *eles*, encontra-se no texto hebr. uma glosa ausente no gr.: *este povo*.

k. O Senhor manda chamar as carpideiras porque não é indiferente e sua compaixão se manifesta nessa lamentação pungente. Depois de ter feito de tudo para evitar a catástrofe de seus filhos, ele sente profundamente o sofrimento deles, ao vê-los sucumbir.

¹⁷ Que se apressem!
Eleve-se sobre nós sua lamentação!

8.23 Que nossos olhos se fundam em
lágrimas,

vertam as nossas pálpebras!

¹⁸ Ouve-se um lamento em Sião:

4.13 "Oh! Estamos arruinados, cobertos
de vergonha!

Devemos abandonar a terra:

nossas moradias foram derrubadas¹⁹.

¹⁹ Escutai, mulheres, a palavra do SENHOR!

Vossos ouvidos recebam a palavra
de sua boca!

Ensinai a vossas filhas o lamento,
o pranto, a vossas companheiras!

Jl 2.9 ²⁰ Pois a morte sobe por nossas janelas,
entra em nossos palacetes;

ceifa as crianças nas ruas

e os jovens nas praças.

6.11;
Dt 32.25;
Lm 1.20

²¹ Fala! Eis o oráculo do SENHOR^m:

os cadáveres tombam,

como esterco no campo,

como espigas atrás do ceifador,
sem que ninguém os recolha.

8.2
Jl 5.26

O conhecimento de Deus, única verdadeira sabedoria*

²² Assim fala o SENHOR:

Que o sábio não se glorie de sua
sabedoria!

Que o valente não se glorie de sua
força!

Pr 3.5;
21.30;
Ec 1.9.11

Que o rico não se glorie de sua riqueza!

Sr 10.22

²³ Se alguém quiser gloriar-se, glorie-se
disto:

de ser bastante arguto para me conhecer,
a mim, o SENHOR, que exerço a
solidariedade

16.21;
22.16;
Sl 34.3;

o direito e a justiça sobre a terra.

Jo 17.3;
1Cor 1.31;
2Cor 10.17

Sim, é isso que me agrada
— oráculo do SENHOR.

A circuncisão carnal não preserva do
castigo. ²⁴Dias virão — oráculo do SE-
NHOR — em que vou ajustar contas com ^{9.8}
todos os circuncidados na carne: ²⁵ o
Egito, Judá, Edom, Amon, Moab, todos
os cabeças-raspadas que moram no
deserto^o. Pois todas as nações são incir-
cuncisas, assim como o próprio povo
de Israel é incircunciso de coração^o.

10 Que são os ídolos diante do Senhor Deus?

¹ Escutai a palavra que o SENHOR ^{2.4}
proclama sobre vós, gente de Israel!

² Assim fala o SENHOR:

Não vos conformeis às maneiras das ^{12.16;}
nações! ^{Rm 12.2}

Não deixeis que vos assustem os
sinais do céu!

As nações é que por eles se deixam
abalar,

Sb 17.10

³ pois os princípios dos povos são
absurdidades.

A madeira cortada na floresta,
trabalhada pelo cinzel do artista,

10.9

⁴ ornamentada com ouro e prata,
é fixada com pregos e martelo
para não vacilar.

Is 40.19;
Sb 13-14

⁵ Esses ídolos são como um espantalho
num campo de pepinos; não falam, e é ^{Ep Jr 69}
necessário carregá-los, pois não andam. ^{Sl 115.4-7}
Não tenhais medo deles: não são noci-
vos, mas também não são de utilidade ^{Hab 2.18}
alguma para vós.

⁶ Não há ninguém como tu⁴, SENHOR! ^{49.9;}
Tu és grande. ^{Sl 86.8-10}

1. Gr. *repelimos nossas moradias*. O texto consonântico sub-
jacente ao gr. pode também ser compreendido: *somos jogados*
para fora de nossas moradias, conforme a interpretação dos
comentadores judaicos.

m. Fórmula de introdução ausente no gr. Raramente a expres-
são *oráculo do Senhor* é usada desta forma como introdução, cf.
5.9 nota.

n. Conhecer o Senhor é encontrar um Deus que se envolve na
vida dos homens, que os compromete com o caminho da solida-
riedade, do direito e da justiça.

o. Denominavam-se *cabeças-raspadas* determinadas tribos
árabes (25.23; 49.32) que no corte de cabelos e barba seguiam
certos costumes proibidos em Israel (Lv 19.27). Como o seu

ancestral Ismael (Gn 17.23) praticavam a circuncisão, assim como
a praticavam, no tempo de Jeremias, os outros povos menciona-
dos neste v.

p. Nestes dois vv., Jeremias afirma simplesmente que o
Senhor vai intervir contra todas essas nações, Judá incluído,
apesar de sua circuncisão. A parte final (*Pois todas... de*
coração) parece ser uma glosa posterior: no momento em
que a prática da circuncisão cai em desuso em toda parte,
exceto entre os judeus, ela pretende adaptar a afirmação de
Jeremias à nova situação, referindo-se a 4.4 (cf. a nota); Dt
10.16; 30.6.

q. É possível também traduzir o hebr. conforme a interpreta-
ção dos rabinos: *Sendo que não há ninguém como tu...*

	e grande é teu nome por suas proezas.	todo ourives se envergonha de seu ídolo:	
5,22	⁷ Quem não te temeria, rei das nações?	suas estátuas são mentira,	
Ap 15,4	Sim, isto te é devido.	não há espírito nelas;	
	Entre todos os sábios das nações	¹⁵ são absurdidades, produtos ridículos:	10,8
	e em todos os reinos,	perecerão na hora do ajuste de contas.	23,12
Rm 16,27	ninguém é como tu.	¹⁶ Não é assim o Quinhão-de-Jacó;	
	⁸ Todos, sem exceção, se embrutecem	ele é o criador de tudo,	
Zc 10,2;	e tomam-se insensatos.	e Israel, a tribo de seu patrimônio:	Dt 4,20;
Sb 14,22-31	Na escola das absurdidades ^r , é lá que	o SENHOR de todo poder, este é seu	Sl 16,5
	se chega.	nome.	16,21;
	⁹ Seus ídolos não passam de prata		Ex 15,3;
	laminada, importada de Tarshish,		Am 4,13
	ouro de Ufaz ^s ,	Quando não se procura o Senhor, tudo	
10,3	trabalhado pelo artista e pelo ourives,	desmorona	
	revestido de púrpura violeta e vermelha.	¹⁷ Recolhe do chão a tua trouxa,	46,19;
	São apenas obras de artistas.	tu, a assediada ^u !	Ez 12,3
	¹⁰ Mas o SENHOR Deus é verdade ^t ,	¹⁸ Pois assim fala o SENHOR:	
Dt 5,26;	ele é o Deus vivo, rei para sempre.	Desta vez, vou expulsar	22,28;
Mq 4,7;	Quando ele se irrita, a terra treme	os habitantes da terra;	ISm 25,29
Sl 93,1	e as nações não podem suportar sua	persigo-os de perto,	
Sl 18,8	indignação.	para que não escapem ^x .	
Na 1,6	¹¹ Eis o que lhes direis: os deuses que	¹⁹ Ai de mim! Que desastre!	14,17
Na 1,14	não fizeram o céu e a terra devem desa-	Minha ferida é incurável!	15,18
	parecer da terra e de sob o céu ^u .	Digo: este é meu mal,	
51,15-19	¹² Ele, que fez a terra com seu poder,	devo suportá-lo.	
Sl 104,24;	que, com sua sabedoria firmou o mundo,	²⁰ Minha tenda está devastada,	49,29
Pr 3,19	que, com sua inteligência estendeu	suas cordas foram arrancadas.	
	os céus,	Meus filhos e meu gado ^y não	
	¹³ quando acumula as águas torrenciais	existem mais!	
	nos céus,	Ninguém mais para armar minha tenda,	
Sl 135,7;	faz subir grandes nuvens dos confins	para montar novamente meu	
147,8	da terra,	acampamento!	Am 9,11
	desencadeia por meio de raios a chuva,	²¹ Os pastores estão embrutecidos:	5,5
	tira os ventos ^z de seus depósitos,	não procuram o SENHOR.	3,15
	¹⁴ todo homem fica estupefato, estarecido,	Por isso são incompetentes,	23,1;
		e todo o rebanho ficou disperso.	IRs 22,17

r. Esta palavra (= *vaidades* de Ecl 1,2, cf. nota) talvez seja usada para indicar os ídolos, principalmente em 8,19; 10,15; 14,22; 16,19; Dt 32,21; IRs 16,13,26; Jn 2,9; Sl 31,7; At 14,15; cf. Jr 2,5. No hebr. encontra-se acoplada a este termo a palavra *lenha*, lembrando o v. 3 e indicando de maneira explícita que esse é o significado (cf. também o v. seguinte). Lit. *Esta é a pedagogia das absurdidades*, isto é, eis onde se chega quando nos deixamos educar por eles.

s. Lugar desconhecido, citado também em Dn 10,5. Aram. e sir.; *Ofir*, cf. IRs 9,28 e nota.

t. Podemos traduzir também: *...é Deus de verdade*. Acompanhando o estilo da polêmica contra a idolatria da literatura do exílio, o profeta opõe, nos vv. 1-16, o Senhor aos ídolos: estes, que são nada ou quase nada, levam seus adeptos à decadência moral, psicológica, física (v. 8; cf. vv. 2-3), ao passo que o Senhor é o Deus verdadeiro em quem se pode confiar e que conduz seus fiéis à vida.

u. O v. 11 é um parêntese em aramaico endereçado às *nações*.

v. Gr.: *a luz*.

w. O profeta parece dirigir-se à Jerusalém sitiada. Contudo, uma parte da tradição judaica dá ao v. uma interpretação completamente diferente. Dirigindo-se a Babilônia o profeta lhe diria: Para de impor sobre a terra o teu imperialismo, tu que moras num lugar fortificado.

x. Em vez do ativo (hebr.), nós lemos o passivo, com o gr. e a Vulg. (lit. *para que eles sejam encontrados*). O sentido deste verso não é claro e a sua interpretação na tradição judaica é muito diversificada; talvez a mais interessante seja a que consideramos *persigo-os para que encontrem* como introdução direta do v. seguinte. Podemos também supor que a palavra *pecado* (ou *punição do pecado*) seja subentendida (cf. Gn 44,16) e interpretar: *para que eles encontrem o seu pecado (a sua punição)* (cf. Áquila).

y. Traduzido conforme o gr. Outra tradição judaica substituiu *gado* por uma forma verbal singular, habitualmente traduzida por: *saíram de mim*.

²² Percebe-se um rumor se aproximando,
um grande abalo vindo da terra do norte,
para reduzir as cidades de Judá à
desolação,
a covis de chacais.

Oração do profeta

²³ Eu sei, SENHOR, o homem não é
dono de seu caminho,
o viandante não determina os
próprios passos.

²⁴ Corrige-me, SENHOR, mas com medida^a
e não com cólera, pois me reduzirias
a nada^a.

²⁵ Derrama teu furor sobre as nações
que não te conhecem,
sobre os povos que não invocam teu nome;
pois estão devorando Jacó,
estão devorando-o, acabando com ele,
devastando sua propriedade^b.

11 O castigo da infidelidade à aliança^a.

'Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR: ² — Escutai os termos desta aliança^d! — Falarás^a aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém ³ e lhes dirás: "Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Maldito o homem que não escuta os termos da aliança ⁴ que propus a vossos pais, quando os tirei da terra do Egito, daquela fornalha de ferro^f: 'Escutai minha voz e praticai^a o que vos

proponho; desta maneira vos tomarei um povo para mim e eu me tornarei Deus para vós,⁵ e poderei então cumprir o compromisso solene, que assumi com vossos pais, de lhes dar uma terra que mana leite e mel". Como hoje se vê". E eu respondi: "Sim^b, SENHOR!"

'E o SENHOR me disse: "Vai proclamar estas palavras nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém: Escutai os termos desta aliança e praticai-os. ⁷Conjurei incansavelmente vossos pais desde o dia em que os fiz subir da terra do Egito, até hoje, repetindo: 'Escutai minha voz!' ⁸Eles, porém, não me escutaram, não prestaram atenção; cada um persistindo em sua execrável teimosia. Apliquei então contra eles os termos desta aliança que lhes propus praticar e que não praticaram".

'O SENHOR me disse: "Foi descoberta uma conspiração no meio do povo de Judá e dos habitantes de Jerusalém. ¹⁰Eles voltam a cometer os pecados de seus pais, que recusaram ouvir minhas palavras; por sua vez, correram atrás de outros deuses para lhes prestar culto. Os de Israel e os de Judá quebraram a aliança que eu tinha firmado com seus pais. ¹¹Pois bem! — assim fala o SENHOR — atrairei sobre eles uma desgraça da qual não poderão escapar. Eles me pedirão socorro, mas não os escutarei. ¹²As cidades de Judá e

Pr 16,1-9;
20,24;
Dn 5,23;
Sh 7,16
Sl 6,12;
38,2;
143,2

7,1: 44,1

17,20

Dt 27,26;
Gl 3,10

7,23;
Jo 10,27

24,7;
Dt 4,20;
7,6;
Ez 14,11
Dt 11,8-9;
Sl 105,8-11

2,2

7,23-26

35,15

13,10;
44,3

31,32

19,3;
1Rs 14,10

z. Lit. conforme o direito, dentro das normas.

a. O gr. leu o plural: *Corrige-nos... tu nos aniquilarás*. É possível, de fato, que este pedido (e particularmente o do v. seguinte) deva ser atribuído de preferência ao povo e não ao próprio profeta. Apela-se para a moderação que Deus mostrou ter na hora de corrigir os seus (cf. 5,15 nota; 30,11). A *medida* ocupa um lugar importante na Bíblia (Gn 33,13; Is 42,2-3; Pr 25,16-17; 30,7-9; Sr 18,30-19,3; 31,27-28; Mt 5,4; 11,29-30; Rm 12,3; Gl 5,23; Tt 3,2; 1Pd 3,16; 5,8), de tal forma que Joaquim é criticado por seus projetos desmedidos (22,14).

b. Esta oração (paralela ao Sl 79,6-7) é um dos numerosos apelos ao "Deus ciumento e vingador" (Na 1,2 e notas) para que ele intervenha em favor dos seus quando eles são humilhados (cf. 2,3 e nota; 12,14; Ez 25; Jl 4,2). Tais apelos são numerosos nos Sl. A preocupação com a glória de Deus que anima essas orações aparece mais explicitamente em Sr 36,1-17 (cf. Sl 139,21-22) e a preocupação com o seu louvor em *Est. gr.*, C,10.

c. A passagem 11,1-14 talvez seja um sermão-modelo composto pelos redatores deuteronomistas do livro (cf. Introd.). Admitindo que a vocação do profeta tenha ocorrido em 626, podemos também pensar que este texto seja baseado em fatos biográficos; na época de Josias, Jeremias teria propagado a re-

forma do rei, baseada no livro da *aliança* descoberto no Templo: mais tarde, contudo, ele teria ficado decepcionado com o fracasso do empreendimento.

d. A *aliança* proposta a Israel comporta de sua parte um compromisso, ao qual corresponde um compromisso inicial do Senhor (v. 5), cf. Ex 19,5 nota.

e. Com gr., sir. e aram. Hebr.: *Falareis*.

f. Cf. Dt 4,20 nota.

g. Cf. Mt 7,24 nota.

h. Lit. *Amém*.

i. O núcleo dos vv. 1-14 era provavelmente formado pelo v. 6, a parte final do v. 8 e os vv. 9-12. De fato, no gr. faltam várias frases (vv. 7-8) e os vv. 2-5 parecem uma série de fórmulas deuteronomísticas. Há quem veja nisso uma indicação da colaboração de Jeremias na reforma de Josias e do seu fracasso final (contudo, cf. Introd.). O texto atual seria o reflexo das esperanças e das decepções despertadas por essa reforma: num primeiro momento, o profeta, ao se referir à aliança do Sinai, pressionaria seus contemporâneos para que se engajassem nela (vv. 2-8, cf. 2Rs 23,3); mais tarde, aproximadamente em 609, ele teria constatado que tudo voltou a ficar pior do que antes (vv. 9-14, cf. vv. 15-17), contudo cf. Introd.

1.16 os habitantes de Jerusalém pedirão socorro aos deuses a quem queimavam oferendas, mas estes não poderão salvá-los na hora da desgraça.

2.28 ¹³Teus deuses se tornaram tão numerosos quanto tuas cidades, ó Judá, e os altares que erigistes à Vergonha¹ — altares para queimar oferendas a Báal —, tão numerosos quanto tuas ruas, Jerusalém!

7.16; 14.11; Ex 32.10 ¹⁴Não intercedas, tu, por esse povo, não eleves por ele nem lamentos nem súplicas; não vou escutá-los quando recorrerem a mim no tempo^k de sua desgraça".

O Senhor manda derrubar sua oliveira

7.11; Is 1.12 ¹⁵Que vem fazer a minha amada na minha Casa?

Sua maneira de agir é toda dissimulação. Acaso os votos e a carne sagrada conseguem afastar de ti a desgraça? Será que assim conseguirás escapar¹?

Os 14.7; SI 52.10 ¹⁶"Oliveira sempre verde, bonita por seus frutos vistosos", este é o nome que te dera o SENHOR. Com grande estrépito, o fogo consome sua folhagem e seus ramos são quebrados.

¹⁷É o próprio SENHOR de todo poder, aquele que te plantou, quem decreta a desgraça contra ti, pelo mal que a gente de Israel e a gente de Judá cometeram:

27.5; 7.9 eles o irritaram^m queimando oferendas a Báal.

Jeremias é ameaçado pelos membros de sua família

¹⁸Quando o SENHOR me pôs ao corrente e eu entendi, foi então que descobri¹ as artimanhas deles. ¹⁹Eu era como um cordeiro manso, levado ao matadouro; ignorava que seus propósitos malvados eram contra mim: "Destruamos a árvore no seu vigor, extirpemo-lo da terra dos vivos; seu nome não seja mais lembrado!"

²⁰SENHOR de todo poder, que governas com justiça, que perscrutas sentimentos e pensamentos¹, verei tua vingança contra eles, pois a ti entrego minha causa⁹.

²¹Pois bem, assim fala o SENHOR contra a gente de Anatot que atenta contra tua vida dizendo: "Não profetizes em nome do SENHOR, senão morrerás por nossas mãos!". ²²assim, pois, fala o SENHOR de todo poder: "Vou ajustar contas com eles: seus jovens morrerão ao fio da espada, seus filhos e suas filhas morrerão de fome. ²³Não haverá sobreviventes entre eles: eu trarei a desgraça sobre a gente de Anatot, no ano em que deverão prestar contas".

12 ¹Tu és justo, SENHOR! Mesmo assim, eu quero discutir contigo.

Sim, quero discutir contigo alguns casos.

j. Cf. 3.24 nota. No gr. não há esta primeira menção aos *altares à Vergonha*, mas somente o que segue.

k. Com numerosos mss. e as versões. Os outros mss. hebr.: *por causa de*.

l. A tradição judaica mostra perplexidade diante desse texto, que foi mal transmitido; nós utilizamos as indicações fornecidas pelo gr. a partir de um estado anterior do texto.

m. Lit. *a ponto de me irritar*.

n. Esta passagem (11.18-12.6) contém os primeiros elementos das chamadas "confissões de Jeremias" (cf. Introd.). Estas "Confissões" são mais do que anotações pessoais; elas se inserem na pregação do profeta, testemunhando qual é o preço que se paga por ser mensageiro do Senhor (v. 19; 12.5-6; 15.10.17-18; 18.18; 20.10.14-18; 23.9). Longe de ser a realização de uma ambição pessoal, essa vocação se manifesta como totalmente dependente da vontade imperiosa e contrariante de um outro (20.7-9, cf. 1.6; Ex 4.13). O profeta autêntico, no exército de sua missão, não pode recorrer a si próprio (28.6.11 cf. 23.16), ele está completamente entregue às imprevisíveis decisões divinas (28.12; Nm 24.12-13; cf. 1.9 nota). — Há quem pense que o complô dos

parentes (vv. 18-19.21; 12.6) tenha sido motivado pela colaboração de Jeremias na reforma de Josias (cf. vv. 2-8); o pessoal de Anatot, e principalmente os sacerdotes da sua família teriam se oposto à supressão do culto local. Contudo, este episódio parece situar-se melhor sob o reinado de Joaquim, por exemplo depois da diátribe do profeta contra o culto praticado no Templo de Jerusalém (caps. 7 e 26). Jeremias teria então se refugiado em Anatot, e a animosidade que despertara o teria perseguido mesmo no seu refúgio. — Este conjunto talvez seja composto por elementos de épocas diferentes, não necessariamente reunidos em ordem cronológica. É de admirar, por exemplo, que a passagem em que Jeremias manifesta o seu desapontamento ante a prosperidade dos maus (12.1-2) venha depois daquela na qual o Senhor lhe anuncia a punição bem próxima de seus adversários (11.21-23).

o. Traduzido conforme o gr. Hebr.: *tu me fizeste descobrir*.

p. Lit. *que perscrutas os rins e os corações*, cf. 17.10; 20.12; 1Sm 16.7; SI 7.10; 26.2; 1Cr 28.9.

q. Cf. 20.12 nota.

Hab 1,13: Por que têm êxito os empreendimentos
SI 73,3-12: dos malvados?
Jô 12,6

Por que os pérfidos traidores ficam à vontade?

² Tu os plantas, eles criam raízes e chegam até a produzir fruto.

9,7: Estás nos lábios deles,
SI 62,5: mas longe de seu coração*,
Mc 7,6

³ Tu me conheces, SENHOR, tu vês e sondas meus pensamentos: estão em ti.

Separa os malvados, como carneiros destinados ao matadouro!

22,7 Reserva-os para o dia da matança*!

23,10: ⁴ Até quando a terra ficará de luto
Os 4,3: e seca, a grama do campo?
Jl 1,10

9,9 Toda a fauna¹ morre

5,25: por causa da maldade de seus habitantes,
6,19: os que dizem: "Ele não vê nossos caminhos"

⁵ Se² te cansas correndo com pedestres, como poderás competir com cavalos?

14,13 Se precisas de uma terra em paz para sentir segurança, que farás nas brenhas do Jordão*?

Lc 21,16 ⁶ Até teus irmãos, os membros de tua família, sim, até eles te traem. Sim, fazem conluíus pelas tuas costas*. Não te fies
9,3 neles quando te falam palavras amáveis.

O Senhor abandona seu patrimônio⁷

⁷ Vou abandonar minha casa*, rejeitar meu patrimônio; vou entregar a minha amada nas mãos de seus inimigos.

⁸ Meu patrimônio tornou-se para mim como um leão na floresta; levanta seus rugidos contra mim, por isso não o amo mais.

⁹ Meu patrimônio será para mim como um pássaro colorido,

sobre o qual se abatem as aves de rapina? Lc 17,37
Ide! Reuni todos os animais selvagens!

Trazei-os ao festim!

7,33;
Is 56,9
6,3

¹⁰ Um bando de pastores saqueou a minha vinha, pisoteou minha lavoura, convertendo essa plantação maravilhosa
3,19 em deserto desolador.

¹¹ Dela fizeram uma desolação; ei-la diante de mim, num estado lamentável, abandonada.

A terra inteira está devastada, e ninguém preocupa-se com ela.

Is 42,25;
57,1
4,11

¹² Por todas as trilhas do deserto avançam os devastadores.

Uma espada a serviço do SENHOR
46,10; devora a terra de um extremo a outro:
Is 34,5 não há mais paz para ninguém.

14,13

¹³ Semeia-se trigo, recolhem-se espinhos; todos se esgotam sem chegar a nada. Envergonhai-vos, pois, desses resultados, causados pela ardente cólera do SENHOR.

4,26

O plano para educar as nações*. ¹⁴ Assim fala o SENHOR: Vou arrancar de seu solo todos os meus maus vizinhos que atentaram contra o patrimônio que eu destinei a meu povo, Israel; e arrancarei a gente de Judá do meio deles. ¹⁵ Mas, depois que eu os tiver arrancado, terei novamente pena deles e reconduzirei cada um ao seu patrimônio, cada um à sua terra. ¹⁶ Se eles aprenderem a se portar como meu povo, jurando em meu Nome: "Certo como vive o SENHOR!" da mesma forma como ensinaram o meu povo a jurar por Báal, então terão sua casa no meio

1,10

IR, 8,50
Ez 29,14

10,2

23,7

r. Lit *seus rins*.

s. Cf. 10,25 nota.

t. Lit. *animais e aves*.

u. Traduzido conforme o gr. Hebr.: *nosso futuro*.

v. Os vv. 5-6 contêm a resposta do Senhor à queixa dos vv. 1-4; ao invés de tranquilizar o seu profeta, ele lhe anuncia dificuldades bem maiores.

w. Cf. 49,19. Uma parte da tradição interpretou: *quando o Jordão aumenta o seu nível*, isto é, nas águas do Jordão em cheia.

x. Tradução incerta, que acompanha a maior parte da tradição judaica, inclusive o gr.

y. A passagem 12,7-13 é uma queixa do Senhor, que lamenta

ver-se obrigado a entregar seu patrimônio nas mãos dos destruidores (cf. Os 11,8-9).

É provável que este poema tenha sido posto logo depois da queixa de Jeremias (12,1-6) por ser considerado uma espécie de resposta: Deus demora em punir os malvados, porque sofre com ter de castigar seres humanos que, apesar de tudo, ele ama.

z. Cf. Os 8,1 nota; Zc 9,8 nota; 1Cor 3,9.

a. Este oráculo completa 10,25 (cf. a nota) a respeito do comportamento do Senhor com relação às nações, afirmando que em última análise ele realiza para todos uma obra de salvação. Cf. 3,17; 16,19-21; 23,23 nota e 46,26 nota; Is 19,16-25 notas; Am 9,7 nota.

de meu povo^b.¹⁷ Mas se não me ouvirem, arrancarei definitivamente esta nação e a destruirei — oráculo do SENHOR.

13 A lição do cinto^c. ¹Eis o que me disse o SENHOR: “Vai e compra um cinto de linho e cinge-o à cintura, mas não o passarás pela água”.^d ²Comprei o cinto, conforme a palavra do SENHOR e o cingi. ³Novamente a palavra do SENHOR veio a mim: ⁴“Com o cinto que compraste e que cinges à tua cintura, vai em direção do Perat^f, e lá, esconde-o na fenda de um rochedo”. ⁵Fui escondê-lo no Perat, como o SENHOR me pedia. ⁶Depois de muitos dias, o SENHOR disse-me: “Vai ao Perat e retoma o cinto que eu te mandei esconder lá”. ⁷Fui então ao Perat para procurar e recuperar o cinto do lugar onde eu o escondera.

E o cinto! Estava completamente estragado, não servia mais para nada. ⁸Então a palavra do SENHOR veio a mim: ⁹“Assim fala o SENHOR: É assim que vou aca-

bar com o orgulho de Judá, o grande orgulho de Jerusalém: ¹⁰esse povo malvado, que se recusa a escutar minhas palavras e persiste em sua teimosia, indo atrás de outros deuses para cultuá-los e adorá-los, fique como esse cinto que não serve mais para nada!

¹¹Assim como um cinto se pega na cintura, da mesma forma eu tinha apegado a mim^{*} todo o povo de Israel e todo o povo de Judá — oráculo do SENHOR — para que eles se tornassem para mim um povo, um nome, título de glória e adorno; eles, porém, não me deram ouvidos”.
Ez 15,5
11,4; 33,9; Ex 19,5

Os “vasos da cólera”. ¹²Tu lhes dirigirás esta palavra: “Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Todo jarro se enche de vinho”. E se eles te responderem: “Mas é claro que todo jarro se enche de vinho!”, ¹³tu lhes dirás: “Assim fala o SENHOR: Vou embriagar completamente todos os habitantes desta terra, os reis, descendentes de David, sentados no seu

51,39;
Is 51,17;
Lm 4,21

b. Lit. *eles serão edificados*, em dois sentidos: serão reconstruídos e terão uma posteridade (cf. Gn 16,2; 30,3), e isso, sendo incluídos na herança do Senhor.

c. Este gesto simbólico é uma parábola sem palavras que evoca a evolução das relações entre o Senhor e seu povo: 1º a aquisição e a ligação afetiva (cf. v. 11 nota); 2º o desligamento (por causa do pecado do povo); 3º a decomposição, ao mesmo tempo punição divina (v. 9) e consequência do desligamento; ela é percebida, com surpresa, *depois de muitos dias*. Tanto para quem os executa, como para os eventuais espectadores, tais gestos não tinham apenas um valor ilustrativo, mas comprometiam decisivamente o futuro. É compreensível então a reação de Pashhur (20,2): o gesto de Jeremias era muito grave. Cf. também 27–28; 32; 43,8–13; 51,59–64.

d. *Não o passarás pela água*: para lavá-lo; o suor do corpo e a sujeira provocarão uma deterioração rápida do tecido.

e. Ora (como aqui) confidência do próprio profeta sobre o seu encontro com a palavra viva do Senhor (1,4 etc.), ora atestação do editor acerca de tal acontecimento na vida do profeta (28,12, etc.), esta fórmula introduz, frequentemente (especialmente em Ez. Jr, Zc e Ag), a exposição de quanto o Senhor revelou ao profeta (1,4.11.13, etc.) e o enunciado das mensagens que ele lhe incumbia transmitir (2,1, etc.). A expressão realça com força a Palavra em pessoa (!) e a sua ação (cf. 1,2 nota). Aqui a personificação da Palavra fica ainda mais em evidência pelo fato de esta fórmula ser o equivalente daquela do v. 1 (cf. 7,19), onde o sujeito é o próprio Senhor (cf. 6,21 nota).

f. Provavelmente trata-se do *wadi* Fará, a uma hora de marcha de Anatot. No entanto, a palavra *Perat* na Bíblia indica habitualmente o rio Eufrates. Esta evocação do Eufrates, através do *wadi* Fará, acrescenta mais um elemento à comparação. Mas, como interpretá-lo? Como alusão às alianças com os estrangeiros (cf.

2,18 nota) ou ao sincretismo assírio-babilônico? Ou ainda como uma alusão ao Exílio? Contudo, o Exílio não vai fazer apodrecer os deportados, que recebem a promessa de um futuro próspero e que, portanto, *servem ainda para algo*, cf. caps. 24 e 29. A menos de ver simplesmente no cinto que se estraga perto do Eufrates uma evocação da prova do Exílio.

g. Do *apego* do Senhor aos seus depende o *apego* destes ao Senhor. Todos os outros preceitos se resumem e encontram sua fonte nesse laço afetivo: o temor, o serviço, o amor, o atendimento de sua palavra, a obediência de seus mandamentos, o caminhar em seus caminhos em seguimento dele (Dt 10,20; 11,22; 13,5; 30,20). Aqueles que se afeiçoam (apegam) ao Senhor possuem a terra (Dt 11,22–25), têm êxito (2Rs 18,6–7), *têm vida*, ao passo que os que correm atrás dos *baalim* são exterminados (Dt 4,3–4; 30,20). Este apego é de fato uma adesão de todo o ser (cf. Gn 2,24), da alma (Sl 63,9; cf. Gn 34,3 e Lm 1,11 nota), e assim a vitalidade íntima da pessoa é renovada pelo próprio Senhor (38,16), favorecendo a adesão à sua vontade (Sl 119,31), ao verdadeiro culto, aquele que dura por toda a vida (cf. Rm 12,1 e nota). Compreende-se então a importância dada (pela Cabala, entre outros) a esse apego a Deus, como também à expressão: “Minha felicidade é apegar-me a Deus” do Sl 73[72],28, conforme o gr. Cf. ainda 1Cor 6,17.

h. Cf. Rm 9,22 e nota. Antes de chegar a esta imagem e de explorá-la, Jeremias parte de uma expressão banal, aceita sem dificuldades pelos seus ouvintes. De fato, eles não percebem o sentido que ela tem na boca do Senhor; assim, eles pronunciam sua própria condenação: a sua conduta os expõe de vez ao vinho da cólera de Deus (cf. 25,15–29; 49,12; Ez 23,32; Ab 16; Na 3,11; Hab 2,16 e nota; Ap 16). Sempre com a imagem dos jarros, o profeta os representa ebrios de vinho, cambaleantes, quebrando-se *um contra o outro*.

trono, os sacerdotes, os profetas e todos os habitantes de Jerusalém. ¹⁴Vou quebrá-los um contra o outro, pais e filhos, todos juntos — oráculo do SENHOR —; nem piedade, nem consideração, nem compaixão me impedirão de destruí-los”.

Escutai antes que seja tarde

¹⁵ Escutai, prestai ouvido, sem soberba: é o SENHOR quem fala.

¹⁶ Dai glória ao SENHOR, vosso Deus, antes que ele envie as trevas, antes que tropecem vossos pés, nos montes invadidos pela noite. Vós esperais a luz, mas ele a transforma em sombra-da-morte¹, em nuvem escura.

¹⁷ Se não escutardes, vou retirar-me para chorar diante de tanta altivez; meus olhos vão chorar, chorar, fundir-se em prantos: o rebanho do SENHOR é conduzido ao cativeiro!

Eis o castigo da infidelidade

¹⁸ Dizei ao rei e à rainha-mãe: “No chão, agora! Caiu de vossa cabeça¹, vossa magnífica coroa!

¹⁹ As cidades do Négueb estão fechadas, não há mais quem as abra. Todo Judá é deportado, é a deportação completa.

²⁰ Levanta os olhos e vê: eles vêm do norte!

Onde está o rebanho que te foi confiado, teus magníficos carneiros?

²¹ Que dirás quando ajustarem contas contigo

os que, para tua desgraça, habituaste a uma familiaridade que te será fatal^m? Sim, sobrevirão dores, como as de uma parturiente.

²² Chegas a te perguntar: “Por que está acontecendo isso comigo?” É por causa de tua grande perversão que levantam tua saia e te violentamⁿ.

²³ Pode um negroⁿ mudar sua pele, uma pantera, seu pêlo? E vós, habituados ao mal, podereis praticar o bem?

²⁴ Vou dispersá-los como palhaⁿ ao vento do deserto.

²⁵ Eis a tua porção, a parte que te destino — oráculo do SENHOR — por me esqueceres e te embalares na ilusãoⁿ.

²⁶ Eu mesmo vou retirar tua saia por cima de teu rosto, e teu sexo ficará à vista.

²⁷ Teus adultérios! Teus gritos de prazer! Tua vergonhosa prostituição! Sobre as colinas e nos campos vejo tuas sujeiras! Ai de ti! Jerusalém que não queres te purificar seguindo a mimⁿ... Quanto tempo ainda?

14 A seca

¹ Quando a palavra do SENHOR veio a Jeremias por ocasião da secaⁿ

i. Cf. 2,6 e Jó 3,5 nota.

j. Sem dúvida trata-se de Joaquim e de sua mãe, cf. 1,3 nota. A rainha-mãe devia exercer um papel mais importante na mediação em que seu filho era mais novo, cf. 1Rs 2,19 nota.

k. Lit. *Sentai-vos bem embaixo*.

l. Lendo o texto consonântico com as versões. Hebr.: *vossas cabeceiras* (cf. Gn 28,11.18; 1Rs 19,6).

m. Lit. *que vira veneno* (cf. Am 6,12). Poder-se-ia compreender também: *ao teu custo os acostumaste a serem amigos que tomarão o poder*. Cf. 1Rs 20,12-19.

n. Lit. *e que são violentados teus calcunhares* (eufemismo).

o. Lit. *o kushita*, isto é, núbio, etíope.

p. Lit. *como palha que passa*.

q. Como em 28,15; 29,31; lit. *por te fiar à falsidade*, falsidade dos baalim, dos ídolos (5,31 nota; 10,14; 16,19) e de seu culto

(3,23); Jeremias a denuncia a falsidade do culto do Templo (7,4.8), os falsos projetos de fidelidade ao Senhor (3,10 e nota), as mentiras e os falsos juramentos na vida social (7,9; 9,1 nota; 37,14; 40,16), a falsificação da palavra de Deus (8,8), a falsidade da conduta dos sacerdotes e dos profetas (6,13; 8,10; 23,14), profetas que profetizam em nome da Mentira (5,31; 20,6, cf. 2,8), ou que profetizam falsamente em nome do Senhor coisas mentirosas, visões e sonhos falsos (14,14; 23,25-26.32; 27,10.14-15; 29,9.21.23), fazendo com que o povo confie em falsas seguranças (28,15; 29,31; cf. 2,18.37). Cf. também 5,1.

r. Conforme o gr. e a Vulg. O hebr. é desconcertante.

s. Este v. bíblico representa o título redacional da composição 14,1-15,4, um longo diálogo entre o profeta e o seu Deus. Depois da descrição da seca e uma oração do profeta pronunciada em nome do povo (14,1-9), o Senhor responde negativamente

SÚPLICA

- 12.4; 2 Judá está de luto,
Lm 1,4 suas vilas languescem,
sombrias, abatidas,
e o grito de Jerusalém se levanta.
- 3 Os notáveis mandam a criadagem
tirar água:
chegados aos poços, não encontram
água;
voltam, vasilhas vazias,
embaraçados, aflitos, perplexos¹.
- 4 Por causa do solo ressequido,
3,3 por falta de chuva,
II 1,11 os lavradores estão embaraçados,
perplexos.
- 5 Até mesmo a corça, no campo, dá
cria e abandona^a,
porque não há mais pasto.
- 6 Os onagros param nas cristas,
farejam o ar como chacais;
seus olhos se cansam de procurar a grama
que não mais existe^t.
- 5.25; 7 Se nossos crimes testemunham
SI 107.34; contra nós,
age, SENHOR, pela honra de teu nome!
14.21; Ez 20.9; Dn 3.34 Sim, continuamos te renegando,
14.20; 3.25 contigo estamos em falta.
- 8,14 8 Esperança de Israel,
17.13 que salvas no tempo da angústia,
por que te portas como alguém que é
alheio à terra,
como um viajante que faz uma parada
para ali passar a noite?
- 9 Por que te portas como homem abalado,
como um valente incapaz de salvar?
No entanto, SENHOR, tu estás no meio
de nós,
Ex 29.45; Jo 1.26 teu nome foi proclamado sobre nós*:
Dt 28.10; Is 43.7 não nos deixes!

VEREDICTO INAPELÁVEL. ¹⁰Assim fala o SENHOR a este povo: "Sim, eles gostam de 2,31
andar à toa, não controlam seus passos".
Porque não agradam ao SENHOR, ele re-
corda agora a sua perversão, pune as suas
faltas.

¹¹O SENHOR me disse: "Não intercedas 11,14
em favor deste povo, não desejes sua fe-
licidade! ¹²Se jejuam, não ouço seu la-
mento^a. Se me oferecem holocaustos e ofe-
rendas, não encontro agrado nisso. Pela
espada, pela fome e pela peste vou exter-
miná-los." ¹³Eu disse: "Ah! SENHOR Deus,
no entanto os profetas andam dizendo:
não vereis a espada, a fome não vos
supreenderá: porque vos darei neste lugar
uma prosperidade garantida". ¹⁴O SENHOR
respondeu-me: "É mentira o que os profe-
tas profetizam em meu nome: eu não os
enviei, nada lhes ordenei, não lhes falei.
Visões falsas, vaticínios, miragens, inven-
ções fantasiosas, eis o que são suas profe-
cias!" ¹⁵Por causa disso, assim fala o SE-
NHOR: "Sendo que há profetas que profeti-
zam em meu nome sem que eu os tenha
enviado, e embora afirmem que nem a es-
pada nem a fome surpreenderão esta ter-
ra, será justamente pela espada e pela fome
que desaparecerão esses profetas. ¹⁶E as
pessoas para quem profetizam juncarão as
ruas de Jerusalém por causa da fome e da
espada: não haverá quem os sepele. e eles,
suas mulheres, seus filhos e suas filhas.
Farei assim cair sobre eles sua maldade. 8,2
6,9; SI 7.17

NOVA SÚPLICA

¹⁷Tu lhes dirás esta palavra:

Meus olhos vertem lágrimas,
noite e dia, sem cessar:

4.19;
Is 22.4;
Lc 19.41

(14.10). Segue então um diálogo a respeito da intercessão e da pregação dos outros profetas (14.11-16), uma nova oração pronunciada em nome da comunidade (14.19-22) e a resposta final do Senhor (15.1-4). A ocasião principal foi uma grande seca, mas outras catástrofes são mencionadas, principalmente a guerra (14.17-18).

t. Lit. *eles cobrem a sua cabeça com um véu*, expressão pictórica para retratar uma grande decepção (2Sm 15.30; Est. 6.12).

u. Lit. *e abandona* (a sua cria).

v. Lit. *seus olhos ficaram gastos, pois não há mais grama*. w. Cf. 15.16 e 7.10 nota.

x. A respeito da ligação entre lamento e jejum, cf. Jl; SI 69. y. Cf. 4.10 nota; 6.14; 23.17.

z. *Prosperidade* como em 16.5; 29.7.11; 33.6.9. Este termo (*shalim*) evoca de fato certa plenitude (cf. 13.19 "deportação completa"), o bem-estar (6.14; 8.15; 14.19; 15.5; 23.17; 30.5; 38.4; 43.12) decorrente de relações sociais equilibradas, a paz (28.9, onde está em contraposição a "guerra, carestia e peste"; 4.10; 9.7; 12.5.12; 34.5) e portanto a amizade (20.10; 38.2). Cf. também 1Rs 5.26 nota.

a. A oração de intercessão do profeta (vv. 19-22) é aqui precedida pela evocação das desgraças que se abatam sobre o povo (vv. 17-18). Esta evocação é apresentada como um oráculo vindo do Senhor; isto poderia indicar que o próprio Senhor sofre por ver o povo esmagado. cf. 9.16 nota; 12.7 nota; 13.17.

30,12 grande desgraça atingiu a virgem,
meu povo^b,
um golpe mortal.
18 Se saio para o campo,
Ez 7,15 eis as vítimas da espada;
se volto para a cidade,
eis os torturados pela fome.
Profetas e sacerdotes percorrem a
terra
Lm 5,22 sem nada compreender.
12,8 19 Rejeitaste Judá,
te desgostaste de Sião?
15,18 Por que nos atingir
8,15 com um mal incurável?
14,13 Esperávamos a saúde,
mas nada de melhorar!
o momento da cura,
e é o medo que sobrevém!
Dn 9,4-19 20 SENHOR, estamos conscientes de
nossa culpa
e da iniquidade de nossos pais:
14,7: sim, faltamos contra ti.
Ez 36,22; 21 Pela honra de teu Nome, não nos
Sl 25,11 desprezes,
17,12 não aviltes o trono de tua glória!
Lembra-te de tua aliança conosco,
não a renegues!
22 Entre as absurdidades^c das nações,
acaso há quem faça chover?
Ou é o céu que nos dá os aguaceiros?
5,24: Não és tu, SENHOR, o nosso Deus?
Jó 5,10; Jr 52; Esperamos por ti,
Al 14,17 pois és tu que realizas todas essas coisas.

15 PUNIÇÃO IRREVOGÁVEL. 1O SENHOR
Sl 99,6 me disse: Mesmo que Moisés e Samuel estivessem diante de mim^d, ficaria
11,14 insensível diante deste povo. Afasta-os
de minha presença; que saiam! 2Caso eles

perguntem: "Onde devemos ir?"^e, tu responderás: Assim fala o SENHOR:
À morte, o destinado à morte!
À espada, o destinado à espada! 14,12:
À fome, o destinado à fome!
À deportação, o destinado à deportação! 43,11;
Ap 13,10
Ez 14,21 3Envio contra eles quatro espécies de castigo — oráculo do SENHOR —: a espada para matar, os cães para dilacerar, as aves do céu e as feras da terra para devorar e destruir. 4Vou fazer deles um exemplo aterrador para todos os reinos da terra^f — por causa de Manassés, filho de Ezequias, rei de Judá, pelo que fez em Jerusalém. 24,9; Na 3,6

Abandonada porque abandonou

5 Quem tem piedade de ti, Jerusalém, quem te manifesta simpatia, quem se interessa por saber como estás?^g 13,14 Na 3,7; Sl 69,21
6 Foste tu que me abandonaste — oráculo do SENHOR —, tu que me deste as costas. 6,21; 51,25
Levantei a mão contra ti para te destruir;
cansei-me de temporizar contigo. 44,22; Am 7,8
7 Nos povoados da terra, peguei uma joia para dispersá-los. Destruí meu povo, privando-o de filhos, mas eles não mudaram de conduta^h.
8 Aumentei o número de suas viúvas, que se tornaram mais numerosas que os grãos de areia nas praiasⁱ.
Em pleno meio-dia, fiz vir o devastador 6,4 contra a mãe do jovem guerreiro; de repente, fiz cair sobre ela uma terrível confusão.
9 Desfalesce a que teve sete filhos,

b. Lit. a virgem da filha-meu-povo, cf. 4,11 nota; 18,13; 31,4,21; 46,11.

c. Cf. 10,8 nota.

d. Jeremias é rodeado por alguns representantes de seu povo (cf. v. 2), que ele é encarregado de representar diante do Senhor na intercessão (cf. v. 19 nota). Mas é tarde demais, e o Senhor recusa todo intercessor (cf. Am 7,2 nota), ainda que tenha o porte de um Moisés (Ex 32,11; 34,9; Nm 11,2, etc.) ou de um Samuel (1Sm 7,8-10; 12,19,23; Sr 46,16). A tradição verá em Jeremias um intercessor celestial (2Mc 15,12-16) à maneira dos anjos (cf. Jó 33,23 e nota; Dn 10,13 e nota; Henoc etíope 39,5).

e. Trata-se de uma ameaça típica de Jeremias (cf. 24,9; 29,18; 34,17), mas os motivos que a originam (cf. 2Rs 21; 24,4 nota)

destoam do contexto do livro. Para Jeremias, de fato, as faltas que merecem ser punidas não são apenas as faltas dos pais, mas a atual impenitência dos que o ouvem (16,10-13, etc., cf. 31, 29-30).

f. Lit.: para informar-se a respeito de tua paz; cf. 14,13 nota. g. Castigo, apelo à conversão (5,3; 9,9-11; 12,14-17, cf. as notas a 3,4,6 e Na 3,4 nota). Tratar-se-ia aqui dos jovens que morrem, ou que são levados como prisioneiros combatendo nas fronteiras (cf. Is 41,16; Na 3,13).

h. Lit. que a areia dos mares (como em Jó 6,3; Sl 78,27), imagem clássica para evocar uma grande multidão. Frequentemente precisa-se: da margem do mar (Gn 22,17; Js 11,4, etc.); daí nossa tradução. Cf. 33,22.

sua respiração é ofegante;
o sol, para ela, se pôs em pleno dia;
coberta de vergonha, ela enrubresce.
O resto deles, vou entregá-lo à espada
durante o ataque de seus inimigos
— oráculo do SENHOR.

Apesar de suas queixas, Jeremias é confirmado em sua missão¹

- ¹⁰ Que desgraça, minha mãe, me teres
20,14 dado à luz,
a mim que, na terra inteira,
sou homem contestado e contradito.
Não tenho dívidas, nem emprestei,
e mesmo assim todos me maldizem.
¹¹ O SENHOR disse: Juro, o que resta de ti
é para o bem^h;
juro, farei com que o inimigo te solicite^k
^{14,x} na hora da desgraça e da angústia.
¹² Podê-se romper o ferro,
o ferro que vem do norte
e o bronze^l?
¹³ Entrego ao saque
tuas riquezas e teus tesouros.
^{6,19;} Este é o salário de todas as tuas faltas^m
^{14,16} em todo o teu território.
¹⁴ Eu te farei servirⁿ a teus inimigos
numa terra que não conheces.
Inflamou-se o fogo de minha cólera^o,
ele arde contra vós^p!

¹⁵ Tu sabes^q!

- SENHOR, lembra-te de mim,
cuida de mim^r,
vinga-me de meus perseguidores.
Que eu não seja vítima de tua paciência^s!
Sabe que é por tua causa
que suporto os insultos. SI 69,8
¹⁶ Ao encontrar tuas palavras^t,
eu as devorava. SI 19,9,11;
119,103-131
Jo 4,34;
Hb 6,5
Tua palavra tornou-se meu gozo,
e alegria para o meu coração^u.
Teu Nome foi proclamado sobre mim^v,
SENHOR, Deus das potências.
¹⁷ Não procuro minha alegria
freqüentando a roda dos foliões^w.
Forçado por tua mão, fico à margem,
pois me encheste de indignação.
¹⁸ Por que minha dor é permanente,
minha ferida incurável, rebelde à
medicação? 10,19;
46,11;
Mt 1,9
Tu te tornaste para mim
como uma fonte enganadora
cujo caudal é inconstante^x.
¹⁹ Pois bem, assim fala o SENHOR:
Se voltares, sendo eu quem te faz
voltar^y, 31,18
ficarás de pé em minha presença^z. 7,10
Se, em vez de palavras levianas,
pronunciares palavras de valor^a
tua boca será a minha.

1. Vv. 10-21: nova seção das *Confissões* (cf. Introd. § 1; 11,18 nota; 17,12 nota; 20,7 nota) onde foram inseridos fragmentos de oráculos (vv. 11 e 12-14).

j. Outro sentido possível: *Sim, torno-te livre para o bem*. Vocalizando de outra maneira duas palavras, poder-se-ia interpretar: *Eu digo: Senhor, servi-te da melhor forma que me era possível: sim, solicitei-te pelo inimigo na hora...* cf. 18,20. Em lugar do verbo *dizer* o gr. leu *Amém*.

k. Tradução pouco segura de um texto enigmático, que estimulou bastante a engenhosidade dos comentadores judeus, vendo no *inimigo* tanto Nebuzaradan como os judeus hostis a Jeremias. — *Áquila e Vulg.* interpretam: *juntei-me a ti contra o inimigo*.

l. Seria o Senhor que evoca dessa forma o castigo implacável que vem do norte (cf. 6,1; 4,6 nota) e a firmeza de quem é encarregado de anunciá-lo (cf. v. 20)? Ou é uma queixa do profeta: como poderei vencer a resistência de um povo duro como o mais duro dos metais e como o bronze?

m. Outra tradução possível: *não por um salário, mas por causa de todas as tuas faltas*, cf. Is 50,1; 52,3; SI 44,13.

n. De acordo com alguns mss., gr. e sir. interpretamos como em 17,4. Outros mss. hebr.: *Eu farei passar teus inimigos* (!).

o. Lit. *Um fogo esguicha de meu nariz*, cf. 17,4; Dt 32,22; SI 18,9.

p. Ou, de acordo com alguns mss., como em 17,4: *que arderá para sempre*.

q. Ausente no gr. O hebr. divide desta forma: *tu sabes, Senhor! Lembra...* — Com este v. é retomado o fio do diálogo com o Senhor iniciado no v. 10.

r. Cf. 9,8 nota.

s. Lit. *Não me arranques (da terra) por causa de tua paciência* (para com os meus adversários ou em concretizar tuas ameaças, cf. 17,15), cf. 2Mc 6,4.

t. Lit. *tuas palavras estavam ao alcance* (eram encontráveis), as palavras que o Senhor dirigia a Jeremias diretamente (cf. 1,9) e talvez também as palavras de Deus escritas.

u. Cf. Ct 3,11 nota.

v. Cf. 14,9 e 7,10 nota.

w. Lit. *Eu não sento no grupo dos que se divertem, para me alegrar*, cf. 16,8.

x. Lit. *água nas quais não se pode confiar*, cf. Jó 6,15-20.

y. Poder-se-ia traduzir: *Se tu voltares e eu te faço voltar* (ou: e eu te permito voltar).

z. Esta é a atitude do servo diante de seu senhor e especialmente a do homem de Deus diante de seu Senhor na intercessão, no louvor, na escuta da Palavra, cf. 18,20; IRs 17,1; SI 106,23.

a. *Se, em vez de...* lit. *Se expressares algo valioso e não vil* (se medires tuas palavras ao invés de te permitir falar qualquer

Eles voltarão a ti,
e tu não deverás voltar a eles.

²⁰ Contra esse povo, eu faço de ti
1.18-19 uma muralha de bronze inabalável.

Eles combaterão contra ti,
1.8 mas contra ti nada poderão:
pois eu estou contigo

20.13 para te salvar e te livrar
— oráculo do SENHOR.

38.9,13 ²¹ Eu te livro da mão dos maus,
eu te arranco da garra dos violentos.

16 Jeremias, o solitário. ¹A palavra do

SENHOR veio a mim: ²Não tomarás
Ex 24.16; mulher, não terás filho nem filha neste
Mt 19.12; lugar. ³Pois assim fala o SENHOR a res-
1Cor 7.26 peito dos filhos e das filhas que nascem
neste lugar, a respeito das mães que os
dão à luz, a respeito dos pais que os
geram nesta terra: ⁴Morrerão torturados
pela fome^b, não terão nem funeral nem
K.2: 14.16 sepultura; servirão de esterco no campo.
Morrerão pela espada e pela fome: seus
12.9; 19.7; cadáveres servirão de pasto para as aves
Sl 79.2-3 do céu e os animais da terra.

⁵Sim, assim fala o SENHOR: Não entres
em casa onde houver velório, não parti-
cipes de funeral nem mostres simpatia
por eles, pois retiro deste povo a prosperi-
dade que lhe concedi^c — oráculo do

SENHOR — bem como a amizade e a
Nm 6.26 misericórdia. ⁶Nesta terra, grandes e pe-
13.14 quenos morrerão: não serão enterrados,
nem se entoará para eles o lamento fúne-
bre, não se farão incisões, nem tonsura^d.
22.18; Ez 24.23 ⁷Não se partirá o pão^e com o enlutado,
para consolá-lo depois de um faleci-
mento^f; ninguém lhe^g oferecerá o cálice

da consolação nem por seu pai, nem por
sua mãe.

⁸Também não entrarás numa casa em
festa, a fim de sentar com eles à mesa
15.17 para comer e beber. ⁹Pois assim fala o
SENHOR de todo poder, Deus de Israel:
Farei cessar neste lugar, aos vossos olhos
e em vossos dias, gritos de alegria e con-
versas animadas, o canto do noivo e o
júbilo da noiva.

¹⁰Quando tiveres comunicado a esse
povo todas essas palavras, e eles te per-
guntarem: “Por que o SENHOR decretou
5.19; contra nós tamanha desgraça? Qual é nos-
so crime, que falta cometemos contra o
15.28 SENHOR, nosso Deus?”, ¹¹então responde-
rás: “É porque vossos pais me abando-
naram — oráculo do SENHOR — para cor-
rer atrás de outros deuses, para cultuá-
7.6,9 -los prostrando-se diante deles; eles me
25.6 abandonaram e não guardaram meu en-
sinamento. ¹²Quanto a vós, procedeis ain-
da pior que vossos pais: cada um persis-
tindo em sua teimosia execrável, sem me
3.17 ouvir. ¹³Eu vos expulso desta terra, ireis
para outra, que nem vós, nem vossos pais
17.4 conheceram; lá podereis cultuar outros
deuses, dia e noite; sem poder mais con-
5.19; tar com meus cuidados^h”.

A volta! ¹⁴Pois bem! Dias virão — oráculo
do SENHOR — em que não mais se dirá: “Cer-
to como vive o SENHOR, que fez os israe-
litas subirem da terra do Egito!”, ¹⁵e sim:
“Certo como vive o SENHOR, que fez os is-
raelitas subirem da terra do norte e de todas
31.8 as terras onde os tinha dispersado!” Sim, os
reconduzirei ao solo que dei a seus pais.
12.15; 24.6; Br 2.34

coisa). Os comentadores judaicos interpretam conforme o aramaico: *Se tirares o nobre do vil* (isto é, se converteres os malvados para a justiça) — *tu boca será minha*: lit. *tu serás (novamente) como a minha boca*: as palavras do profeta serão novamente palavras divinas. O profeta não é apenas alguém que fala; é o “portador” de outra pessoa. Prioritária para ele, cronológica e meta-fisicamente, é a dependência em relação àquele de quem ele deve transmitir a palavra, cf. 1.9; 5.14; Ex 4.16; 1Rs 17.24 e nota.

b. De acordo com os comentadores judaicos, cf. 14.18.

c. Lit. *a minha prosperidade* ou *a minha paz* (cf. 14.13 nota). Logo após, afirma-se que a retirada desse dom, que contém todos os outros, é a consequência da ruptura da Aliança: *fidelidade* (31.3; 33.11 ou *solidariedade* 9.23; 32.18) e *misericórdia* são de fato duas atitudes fundamentais do Deus da Aliança (cf. Ex 34.6)

que, abandonado pelos seus (vv. 11-12), se retira; e somente há paz com a sua presença (cf. Jo 14.27 nota).

d. Cf. 47.5; Dt 14.1 nota.

e. Em lugar de *o pão*, alguns mss. hebr. trazem: *a eles*.

f. Lit. *sobre um morto*. Trata-se de uma cerimônia realizada na casa enlutada, tendo a oferta ritual do pão e do vinho a finalidade de trazer de volta ao mundo dos vivos, de alguma forma, a família atingida pela morte e principalmente o novo chefe de família; uma forma de *consolá-los*.

g. *Lhe*, com o gr.; hebr.: *lhes*.

h. Lit. *eu não vos dispensarei nenhum cuidado*.

i. Depois das ameaças do exílio, sentiu-se a necessidade de inserir as promessas do retorno: são as de 23.7-8, levemente modificadas.

Todos os culpados serão capturados^l.

¹⁶Enviarei multidão de pescadores — oráculo do SENHOR —, que os pescarão; depois enviarei multidão de caçadores, que os caçarão sobre toda montanha, sobre toda colina e até nas fendas das rochas. ¹⁷Meu olhar está fixo em todos os seus passos, nada me é oculto^k. Sua perversão não pode se furtar à minha vista. ¹⁸Vou começar^l fazendo-os pagar por seu duplo crime^m e sua falta, porque profanaram a minha terra com a podridão de suas imundícies e encheram meu patrimônio com suas abominaçõesⁿ.

A difusão universal do conhecimento do SENHOR^o

¹⁹SENHOR, minha força e meu abrigo, meu refúgio no dia da angústia, a ti virão as nações desde os confins da terra, dizendo: O que nossos pais receberam em patrimônio é só ilusão, absurdidades^p que para nada servem. ²⁰Acaso os homens podem fabricar para si deuses, eles que não são deuses^q? ²¹Pois bem, vou lhes dar conhecimento;

desta vez farei com que conheçam a força de minha mão; conhecerão que meu nome é “o SENHOR”.

31,35;
Ez 5,13

17 Os pecadores inveterados, despojados pela cólera de Deus

¹O pecado de Judá está escrito com estilete de ferro, com ponta de diamante; está gravado na tábuca de seu coração e nos chifres de seus altares^r.

J6 19,24

²Da mesma forma como falam de seus filhos, falam de seus altares e de seus postes sagrados, perto das árvores sempre verdes, sobre as colinas elevadas.

2,22;
6,7-29;
13,23

³Ó devoto dos cultos nos montes, no meio da natureza^s,

2,20;
Is 1,29

entregarei ao saque tuas riquezas e teus tesouros, pelos pecados dos lugares altos^t em todo o teu território.

⁴Terás de praticar a grande “devolução^u”, sozinho, longe do patrimônio^v que te dei.

Eu te farei servir a teus inimigos, numa terra que não conheces, pois inflamaste o fogo de minha cólera, que arderá para sempre^w.

Dt 28,48
15,14;
16,13

J. Aquilo que, em outras passagens, é apresentado como atuação direta do Senhor (Ez 12,13; 17,20; 29,4; 32,3 e nota; Jó 19,6), aqui se torna obra de seus enviados (v. 16, cf. Hab 1,15-17).

k. Lit. *eles* (seus passos, ou então os culpados) *não são ocultos diante de mim*. Cf. 11,20; Sl 139; Sr 17,15.19-20; 23,19-21.

l. Lit.: *Antes faço-os pagar*, o que deixaria abertas outras coisas depois disso (cf. vv. 14-15). *Antes falta no gr.*

m. Conforme o gr. e a Vulg., cf. 2,13; 16,11-12. É possível também interpretar, conforme o aram.: *fazendo-os pagar em dobro*, cf. 17,18; Is 40,2; 61,7; Zc 9,12; Ap 18,6.

n. No hebr., a pontuação é diferente: *...minha terra; encheram o meu patrimônio com a podridão de suas imundícies e com suas abominações*. *Imundícies e abominações* indicam aqui os ídolos, cf. 13,27; 2Rs 23,13; Is 44,19; Na 3,6. Sobre a contaminação da terra: Lv 18,24-30; Ez 36,18; cf. Lv 26,30.

o. Cf. 3,17; 12,4 nota.

p. Cf. 10,8 nota; 3,23.

q. Com uma parte da tradição judaica (cf. também Sb 15,16-17); as versões porém traduzem: *Poderia o homem fazer deuses para si? E nem deuses são!* Cf. 2,11.

r. Nos outros mss.: *vossos altares*. A respeito dos *chifres dos altares*, cf. Ez 27,2 nota. A falta é inegável, testemunhada pela multiplicação dos lugares de culto idolátrico (cf. vv. 2-3; 11,13; 1,27 nota) e ela se enraíza no mais profundo do ser de cada um.

Por causa disso, para renovar a Aliança, o Senhor deverá inscrever suas diretrizes com a mesma profundidade (31,33; cf. Ez 36,25-27). A respeito da imagem da *tábuca do coração*: Pr 3,3; 7,3; 2Cor 3,3; cf. Dt 6,4-9.

s. Lit. *montanhês no campo*. Seguimos a interpretação dos comentadores judaicos.

t. Com o aram. e parte da tradição judaica, que inverteu duas palavras do texto hebr. O hebr. seria: *...ao saque teus lugares altos, por causa de uma falta (que se estende) a todo o teu território*; os lugares altos seriam então o terceiro termo da enumeração acrescentado extemporaneamente depois de *riquezas e tesouros*. Outros comentadores judeus interpretam: *teus lugares altos feitos no pecado...*

u. Cf. Dt 15,1-3. Trata-se de uma alusão irônica? Tendo recusado, no tempo devido, as “devoluções”, os atos de generosidade que lhes foram pedidos (cf. 34,8-22; Dt 15,9), passarão a ser inteiramente despojados, cf. Lv 26,35 nota.

v. É dessa forma que os comentadores judeus interpretam este texto bastante enigmático, cf. também Áquila e Vulg. Supondo a leve corrupção de uma palavra, teríamos a formulação de Dt 15,3 e a leitura seria: *de tua mão entregarás o teu patrimônio* (de tua iniciativa desistirás dos teus direitos sobre a tua herança).

w. Cf. 15,14 nota.

O que decepçiona e o que não engana***5** Assim fala o SENHOR:

- SI 146,3 Maldito o homem que confia nos mortais;
- 2Cr 32,8 sua força viva é apenas carne², seu coração se afasta do SENHOR.
- SI 34,13; **6** Como um arbusto na estepe, não vê chegar a felicidade; habita as calcinações do deserto, terra salobra e inabitável.
- Jó 20,17; 39,6 **7** Bendito o homem que confia no SENHOR:
- SI 18,19; 34,9; **8** o SENHOR torna-se sua segurança.
- Pr 16,20; **9** Como uma árvore plantada à beira da água
- Sr 34,15 que estende suas raízes para a corrente, não sente o calor,
- Ez 47,12 sua folhagem continua verde; um ano de seca não a preocupa, ela não deixa de dar frutos.
- 9** Os pensamentos^a são sinuosos, mais do que qualquer outra coisa, incorrigíveis, quem pode conhecê-los?
- Jó 34,21; **10** Eu, o SENHOR, que sondo os
- Hb 4,12-13 pensamentos, examino os sentimentos^b, e retribuo a cada um conforme sua conduta,
- 25,14; 32,19; Ez 18,30; Os 12,3; SI 62,13 de acordo com o fruto de seus atos.
- SI 39,7; 55,24; **11** Perdiz que choca os ovos que não botou, tal é aquele que enriquece
- Pr 28,8 desonestamente:

no meio de seus dias, sua riqueza o abandona, e quando declina, ele se torna um verdadeiro idiota^c. Lc 12,20

Oração^d

- 12** Trono glorioso, sublime desde os primórdios, tal é o lugar de nosso santuário^e. 14,21
- 13** Esperança de Israel, SENHOR, todos os que te abandonam são cobertos de vergonha — os que se afastam de mim^f são condenados^g —, pois abandonam a fonte da água viva: o SENHOR. SI 36,10; Br 3,12; 31,18; 2Rs 5,7; SI 6,3; 103,3; 147,3
- 14** Cura-me, SENHOR, e serei curado, salva-me e serei salvo, porque tu és meu título de glória.
- 15** Dizem: “Onde está a palavra do SENHOR?”
- 16** Que se realize!^h” Eu não exagerei tua intenção apressando a desgraça; não desejei o dia fatal, tu bem o sabes: o que saiu de minha boca foi dito em tua presença. ITs 2,10
- 17** Não seas para mim motivo de pavor, tu, meu refúgio no dia da desgraça!
- 18** Que meus perseguidores sejam cobertos de vergonha, não eu! Sucumbam eles, não eu. 15,15; 20,11; SI 35,4

x. Prolongando o oráculo precedente, os vv. 5-8 abordam novamente o tema das falsas e verdadeiras seguranças (cf. 2,18 nota; Is 30,15; 31,1-3), embora de maneira mais universal, lembrando o tema dos dois caminhos (Dt 30,15-20; SI 1; Pr 4,18-19; 12,28; 15,24; Sr 15,17; 33,14; Mt 3,13-14). Dois apêndices (vv. 9-10 e 11) completam-no.

y. Fórmula ausente no gr., assim como os vv. 1-4.

z. Lit. *e ele faz da carne o seu braço*.

a. Lit. *o coração*, cf. Sr 17,6; 21,24.

b. Lit. *sondo o coração, examino os rins*, cf. 11,20; 20,12; 1Rs 8,39; SI 139,23; Rm 8,27.

c. Ou um *tolo*, no sentido indicado em Jó 2,10 nota.

d. Trata-se, ao menos a partir do v. 14, de mais um trecho das “Confissões” (cf. 11,18 nota). Como o fragmento sucessivo (18,18-23), revela o suceder-se dos sentimentos antagônicos que dilaceram a alma de Jeremias. Ele, o profeta que lamenta dever anunciar castigos, sem parar (v. 16; 15,17-18; 18,20; 20,9,14-18, cf. 20,8 nota), e que, cheio de compaixão pelos sofrimentos presentes e futuros de seu povo (8,18-22; 13,17; 14,17), estaria bem disposto a aceitar o otimismo dos outros profetas (4,10; 13,17; 28,6), chega de repente, cansado do sarcasmo ou das tramas dos incrédulos (v. 15; 11,18-19; 15,10; 18,18; 20,7-8,10),

a desejar a pronta realização das ameaças divinas (15,15), a confusão, a desgraça dos seus próprios inimigos (18,21-23) bem como dos inimigos do povo (10,25 nota), o aniquilamento dos malvados (12,3). Esta expectativa decorre de seu abandono nas mãos do Senhor (11,20; 20,11-13), de sua fé na onipotência salvadora dele (cf. vv. 13-14), fé que comporta outros elementos (cf. especialmente 12,14 nota); e ele sabe também reconhecer a alegria profunda que lhe traz essa intimidade com o Senhor (15,16).

e. Cf. 3,17; Ap 11,19 nota.

f. Vulg.: *de ti*.

g. Lit. *são inscritos* (registrados) *na terra*, isto é “a região de onde não se volta”, a morada dos mortos, localizada nas profundezas da terra (cf. Jn 2,7 nota). Em Lc 10,20 encontramos a expressão antinômica: “inscritos nos céus”.

h. Cf. Is 5,19 nota.

i. Cf. 18,20 e 15,11 nota. Deslocamos um pouco o corte entre as consoantes, sem o que o texto hebr. ficaria muito ambíguo. De acordo com o aram., poder-se-ia interpretar: *eu não me apressei para não te seguir como pastor* (isto é, não me recusei a seguir-te como pastor). Gr.: *não me cansei de te seguir*; Vulg.: *ao te seguir como pastor eu não fiquei confundido*.

Faze cair sobre eles o dia da desgraça,
arrebenta-os com golpes redobrados!

O sábado, repouso consagrado ao Senhor^k. ¹⁹Assim fala o SENHOR: Vai e

põe-te junto à grande porta^l por onde entram e saem os reis de Judá e, depois, a todas as portas de Jerusalém. ²⁰Tu lhes

^{19.3} dirás: Ouvi a palavra do SENHOR, reis de Judá, todos de Judá, habitantes de Jerusalém, vós que passais por estas portas.

²¹Assim fala o SENHOR: Guardai-vos de transportar fardos no dia de sábado e de transitar com eles pelas portas de Jerusalém.

²²Tampouco tireis de vossas casas qualquer carga no dia de sábado, nem executareis qualquer trabalho, mas considerareis sagrado o dia de sábado, como eu prescrevi a vossos pais ²³— eles porém não escutaram, nem prestaram aten-

^{19.15} ção; enrijeceram a nuca, sem querer ouvir nem aceitar a correção —.

^{5.3; Sf 3.2} ²⁴Se realmente me escutardes — oráculo do SENHOR —, evitando, no dia de sábado, transitar com fardos pelas portas dessa cidade, considerando sagrado o dia do sábado, evitando executar qualquer trabalho nesse dia, ²⁵então entrarão pelas portas dessa cidade — junto com seus ministros —, reis ocupando o trono de David, montados em carros e cavalos,

^{18.11; 2R 23.2} eles, seus ministros, o povo de Judá, os habitantes de Jerusalém; e esta cidade

^{7.7; Jl 4.20} será habitada para sempre. ²⁶Das cidades de Judá, dos arredores de Jerusalém, da terra de Benjamin, da Baixada, da Montanha, do Négueb virão os que trazem holocaustos, sacrifícios, oferendas e incenso, juntamente com os que trazem

^{33.11} sacrifícios de louvor para a Casa do SENHOR. ²⁷Entretanto, se não me escutardes no que diz respeito à consagração do dia de sábado — evitar carregar fardos e

atravessar as portas de Jerusalém no dia de sábado —, então acenderei às suas portas um fogo que devorará os palacetes de Jerusalém e não se apagará.

21.12.14

7.20

18 A argila e o oleiro^m. ¹Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR:

²“Desce logo à oficina do oleiro; lá te farei ouvir minhas palavras”. ³Descei à oficina do oleiro: ele estava trabalhando no torno.

Sf 38.29

⁴Quando o objeto que o oleiro modelava com argila não saía bem, por causa de um gesto malsucedido, ele fazia outro, seguindo a técnica de um bom oleiro.

⁵Então a palavra do SENHOR veio a mim:

⁶Acaso não posso agir convosco, gente de Israel, como age este oleiro — oráculo do SENHOR? Vós estais na minha mão, gente de Israel, como a argila nas mãos do oleiro.

Gn 2.7;
Is 64.7;
Jó 10.8-9;
Sf 33.13;
Rm 9.21
1.10

⁷Uma vez, resolvo arrancar, arrasar e destruir uma nação ou um reino; ⁸mas se esta nação se converte do mal que provocou minha decisão, eu desisto do mal que tencionava infligir-lhe.

⁹Outra vez, resolvo edificar e plantar uma nação ou um reino; ¹⁰mas, se em vez de escutar minha voz, eles começam a agir mal, fazendo o que eu reprovoo,

26.3

¹¹desisto do bem que me propus fazer-lhe.

Gn 6.6-7

¹²Agora, vai dizer à gente de Judá e aos habitantes de Jerusalém: Assim fala o SENHOR: Estou preparando para vós uma desgraça; contra vós, estou formulando um plano. Convertei-vos todos do vosso mau caminho, melhorai vossa conduta, vossa maneira de agir! ¹³Mas eles dirão:

32.32

“Nada disso! Seguiremos nossos planos e cada um de nós persistirá em sua teimosia execrável”.

25.5; 26.13;

35.15;

Zc 1.4

2.25

3.17

“Nada disso! Seguiremos nossos planos e cada um de nós persistirá em sua teimosia execrável”.

Trágica aberração

¹³Pois bem, assim fala o SENHOR:

Informai-vos entre as nações:

2.10.11

j. Cf. 16.18 nota.

k. Is 16.23. Este texto, parecido com Ne 13.15-22, é a única passagem do livro de Jr na qual se aborda a questão do sábado. Expressa antes a mentalidade “sacerdotal” de um lehezeqel (Ez 20.20; 22.26; 44.24...), cf. também Is 56.2-6; 58.13.

l. Lit. *à porta dos filhos do povo*, isto é, a mais frequentada. m. É o Senhor quem pede ao profeta vá ter com o ceramista (v. 1), e é também o Senhor que lhe revela o sentido simbólico

das coisas que ele aí observa (v. 5): Jeremias não toma nenhuma iniciativa, nem faz descoberta alguma em virtude de sua inteligência humana. Eis o que o Senhor lhe revela: o ceramista dispõe a vontade de seu material; ele pode desfazer e refazer um vaso que não responde à imagem que dele se faz. Da mesma forma, o Senhor pode soberanamente fazer e desfazer os povos. Os vv. 7-12 interpretam o símbolo de uma forma levemente diferente e talvez representem um acréscimo posterior.

- 31.4.21 quem já ouviu algo semelhante?
A virgem Israel fez realmente
5.30 algo monstruoso.
14 Acaso se despreza o que vem das
neves do Líbano
e jorra entre as rochas no campo?
Acaso rejeita-se a água que vem de longe
e corre aí bem fresca?"
2.32 15 Meu povo esqueceu-se de mim
1.16 para queimar oferendas
2.11 aos que nada são,
aos que o fazem tropeçar em seu caminhar
nas veredas de outrora";
ele se extravia por sendas,
caminhos não traçados.
16 Assim ele faz de sua terra uma
desolação,
25.9: lugar de espanto para sempre.
29.18: Todos os que passam por lá ficam
51.37 estupefatos,
e meneiam a cabeça.
4.11: 17 Como faz vento leste, o disperso
13.24 diante do inimigo;
no dia de sua derrota,
vou mostrar-lhes minha nuca e não
meu rosto^q.

"Paga-se o bem com o mal"?". 18Eles
dizem: "Vamos armar um plano contra
2Rs 12.3 Jeremias; sempre será possível achar ins-
trução divina junto aos sacerdotes, con-
selho junto aos sábios, a palavra junto
aos profetas". Vamos então destruí-lo com
9.2.7 a difamação; não prestemos atenção al-
guma a suas palavras!"

- 19 Presta-me, SENHOR, toda a tua atenção; SI 5,3
ouve o que dizem meus acusadores.
20 Paga-se o bem com o mal? SI 35.12
Eles me cercam com armadilhas fatais".
Lembra-te de como eu me mantive
de pé na tua presença^r
para falar em favor deles"
e desviar deles teu furor^s. SI 106.30
21 Entrega, pois, seus filhos à fome,
precipita-os sobre o fio da espada.
Que suas mulheres percam filhos e SI 109,9
marido,
que os homens sejam ceifados pela
Morte
e os jovens atingidos pela espada no 9.20
combate.
22 Que se ouçam gritos de aflição
saindo de suas casas,
quando de repente lhes fizeres
sobrevir o saque,
pois me cercam de armadilhas para
me apanhar,
dissimulam laços para os meus pés. SI 140.6
23 Tu, SENHOR, conheces bem 12.3:
suas tramas assassinas contra mim. Hab 1.13:
Não os absolvas de seus crimes, SI 35.22
não deixes apagar-se a sua falta
diante de ti. SI 109.14:
Que eles sejam derrubados na tua Ne 3.37:
presença,
no tempo de tua cólera, age contra
eles.

19 A catástrofe punirá a obstina- ção... 1Assim fala o SENHOR: Vai,

q. Texto incerto, traduzido com a ajuda dos comentários ju-
daicos. O gr. interpretou: *Podem desaparecer da rocha as aspe-
rezas, ou a neve, do Líbano? Pode resistir a água carregada
violentamente pelo vento?* Aram. Assim como não é possível
conter a água da neve que desce pelos campos do Líbano, da
mesma forma não é possível conter a chuva que cai, nem as
águas que jorram da fonte.

o. Lit. de sempre, cf. 6.16 nota.

p. Lit. para transformar a sua terra em desolação, em uivos
de pavor sem fim. Estes uivos e meneios de cabeça expressam
perplexidade e horror mais do que desaprovação ou desprezo
(cf. Lm 2.15) e representam também apotropaicos, isto é, expe-
dientes destinados a afastar os influxos negativos, demoníacos;
cf. a expressão "persignar-se".

q. É a réplica de 2.27 (cf. também 15.6). Com o gr., aram.,
sir., a Vulg. e alguns comentadores judeus, temos o verbo *ver* na
forma causativa. O hebr. tem a forma simples: *eu vejo a nuca e
não o rosto* (isto é, vejo-os fugindo, cf. Ex 23.27).

r. Cf. 17.12 nota.

s. Lit. o ensinamento (em hebr. *torá*, cf. Ex 2.3 nota) não virá
a falar junto ao sacerdote, nem o conselho junto ao sábio, nem
a palavra junto ao profeta. Os contemporâneos de Jeremias
acreditam dispor, através da tríplice função de sacerdotes, sábios
e profetas, do meio para conhecer em todo momento a vontade
de Deus (cf. 2.8 notas; Lm 2.9-10). Eles imaginam poder rejeitar
sem prejuízo o profeta Jeremias e sua mensagem. Cf. porém SI
118.22. Outros entenderam: o ensinamento não virá a falar por
causa da falta de sacerdotes, nem o conselho...

t. Gr. e sir. interpretam: *Vamos atingi-lo com sua própria
língua: prestemos atenção a todas as suas palavras*, cf. Lc 11.53-
54.

u. Lit. *eles cavam armadilhas para a minha alma* (minha
vida), cf. v. 22.

v. Cf. 15.19 nota.

w. Ou: *para atrair sobre eles a felicidade*.

x. Cf. 7.16; 15.1 nota; 20.12 nota.

- compra uma bilha⁷ e escolhe alguns anciãos dentre o povo e dentre os sacerdotes. ²Sai logo em direção ao vale de Ben-Hinom, à entrada da Porta dos Cacos⁸, para aí proclamar as palavras que te vou ditar. ³Dirás: Ouvi a palavra do SENHOR, reis de Judá e habitantes de Jerusalém. Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Atrairei sobre este lugar desgraça tal que os que ouvirem dela falar ficarão atordoados⁹. ⁴Já que me abandonam e profanam este lugar, queimando nele oferendas para outros deuses, que não se preocupam nem com eles, nem com seus pais, nem com os reis de Judá¹⁰, já que encham este lugar com o sangue de crianças inocentes, ⁵já que erigem o túmulo de Báal para que seus filhos sejam nele consumidos pelo fogo em holocausto a Báal — o que eu nunca prescrevi, nem mencionei, nem aflorou à minha mente¹¹ —: ⁶pois bem, dias virão — oráculo do SENHOR — em que este lugar não será mais chamado “o Tafet”¹², nem “vale de Ben-Hinom” e sim “vale da Matança”. ⁷Neste lugar, anularei a política de Judá e de Jerusalém, vou abatê-los com a espada diante de seus inimigos, servindo-me dos que atentam contra sua vida, e darei esta grande hecatombe em pasto às aves do céu e às feras da terra. ⁸Vou transformar esta cidade numa desolação, lugar de espanto¹³; quem passar por aí ficará estupefato; vendo tal estrago dará um grito de pavor¹⁴. ⁹Fá-los-ei comer a carne de seus filhos e a carne de suas filhas: devorar-se-ão uns aos outros, na aflição e na angústia a que serão submetidos por seus inimigos, os que atentam contra sua vida.
- ¹⁰Quebrará a bilha à vista dos que te acompanham, ¹¹dizendo-lhes: Assim fala o SENHOR de todo poder: Eu despedaço este povo e esta cidade como se despedaça a obra do oleiro, sem que possa ser consertada. Por falta de lugar para sepultar, sepultar-se-á mesmo no Tafet. ¹²É o que vou fazer a este lugar — oráculo do SENHOR — e a seus habitantes, tornando esta cidade semelhante ao Tafet. ¹³As casas impuras de Jerusalém e dos reis de Judá tornam-se como o lugar do Tafet; sim, todas essas casas onde, no terraço, queimam-se oferendas a todo o exército do céu e se derramam libações a outros deuses.
- ¹⁴Jeremias voltou do Tafet, aonde o SENHOR o enviara para profetizar, e se postou no átrio da Casa do SENHOR. Disse então a todo o povo: ¹⁵Assim fala o SENHOR de todo poder, Deus de Israel: Eu vou atrair sobre esta cidade — e sobre todas as que dela dependem — todas as desgraças que decretei contra ela, porque enrijeceram a nuca, não querendo ouvir minhas palavras.
- 20 ...e virá pela mão do rei de Babilônia.** ¹O sacerdote Pashehur, filho de Imer, superintendente da Casa do SENHOR, ouviu Jeremias profetizando tudo isso. ²Pashehur então atacou o profeta Jeremias e mandou que o amarrassem no pelourinho³ da porta superior de Benjamim, a da Casa do SENHOR⁴. ³No dia seguinte, assim que Pashehur foi tirá-lo do pelourinho, Jeremias lhe disse: “O SENHOR não te chama mais Pashehur, mas ‘Terror de todos os lados’”. ⁴Pois assim fala o SENHOR: De hoje em diante vou

Is 30,14;
Lm 4,21,16; 32,29;
44,17-19

49,13

7,26;
Dt 10,16
At 7,51

20,6

2Rs 15,35

20,10

y. Uma glosa do hebr. esclarece: *daquele que molda a argila*.
z. Esta porta, como a do Vale (cf. 2,23 nota) e a da Esterqueira (Ne 3,14) — com a qual provavelmente deve ser identificada —, devia dar sobre o Vale de Ben-Hinom. Se o gesto simbólico descrito no v. 10 (cf. 13,1 nota) realmente foi feito diante desse vale, os redatores repetiram aqui, com ligeiras modificações, palavras pronunciadas contra esse lugar amaldiçoado, já relatadas antes (7,30–8,3).

a. Lit. os seus dois ouvidos tinirão (1Sm 3,12; 2Rs 21,12).
b. Lit. que nem eles, nem seus pais, nem os reis de Judá conheceram. cf. 7,9 nota; 44,3.

c. Cf. Ez 20,25 nota.

d. Cf. 7,31 nota.

e. Lit. em desolação e uivos, cf. 18,16 nota.

f. Lit. ele gritará com toda a sua força, cf. 18,16 nota.

g. O termo hebr. parece indicar que a vítima dessa punição aviltante se encontrava de cabeça para baixo.

Deve tratar-se de um tipo particular de pelourinho. Os textos (cf. 29,26) de fato indicam que isso acontecia em lugar público.

h. É diferenciada assim da porta da cidade que tem o mesmo nome (37,12; 38,7).

SI 31,12 fazer de ti um espantinho para ti mesmo e para os teus amigos. Eles cairão pela espada de seus inimigos e tu serás testemunha disso. Eu entrego a população de Judá ao poder do rei de Babilônia¹: ele os deportará para Babilônia e os ferirá com a espada. ⁵Todos os recursos desta cidade, o fruto de seu trabalho, tudo o que ela tem de valioso, todos os tesouros dos reis de Judá, vou entregá-los a seus inimigos: eles os saquearão, juntarão e carregarão para Babilônia. ⁶Quanto a ti, Pashehur, junto com todos os que moram em tua casa, serás levado ao cativeiro; irás a Babilônia, e lá morrerás; é lá que serás enterrado, tu com teus amigos aos quais profetizaste em nome da Mentira²”.

O Senhor leva inexoravelmente à luta³...

⁷ SENHOR, tu abusaste de minha ingenuidade, sim, eu fui bem ingênuo; usaste de força comigo e alcançaste teu objetivo. O dia todo, sou objeto de zombaria, todos caçoam de mim. ⁸ Sempre que falo, devo pedir socorro e gritar: “Violência, repressão!” Por causa da palavra do SENHOR⁴, o dia todo, sou alvo dos ultrajes e dos sarcasmos.

⁹ Quando digo: “Não vou mais tocar no assunto,

não falarei mais em seu nome”, Jn 1,3 a palavra então se transforma num fogo que me devora por dentro, SI 39,4; Jô 32, encerrado em meu corpo; 18-19; 6,11; Am 3,8. ¹⁰ Escuto as ameaças da multidão — terror de todos os lados: 46,5; SI 31,14. “Denunciai-o!” — “Sim, vamos denunciá-lo!”. Todos os meus amigos íntimos” Mc 3,2 espreitam uma vacilação minha: “Talvez, em sua ingenuidade, se deixe enganar e alcançaremos nosso objetivo; dele nos vingaremos”.

...mas dá o seu apoio

¹¹ Mas o SENHOR está comigo qual guerreiro temível; 32,18; Is 42,13 meus perseguidores tropeçarão, não alcançarão seu objetivo. 17,18; Eles ficarão cobertos de vergonha SI 40,15 — não vão conseguir nada. Desonra eterna, 23,40 que não será esquecida! ¹² SENHOR de todo poder, tu que sondas o justo, 2Cr 16,9 e vês sentimentos e pensamentos⁵, eu verei tua vingança contra eles, 11,20; SI 37,5 pois a ti entrego minha causa⁶. ¹³ Cantai ao SENHOR! SI 96,1 Louvai o SENHOR! SI 148,1 Ele salva a vida dos pobres 15,21; 39,17; das mãos dos malfeitores. SI 97,10

1. Pela primeira vez, o nome fatídico é pronunciado por Jeremias; talvez tenha sido logo depois da batalha de Karkemish, em 605, que o profeta revelou a identidade dos tais inimigos provenientes do norte. cf. 4,6 nota; 6,1.

J. Cf. 5,31 nota v. Esse sacerdote-profeta, Pashehur (que não deve ser confundido com o seu homônimo leigo, 21,1 nota) foi sem dúvida deportado em 597, pois em 594 o responsável pela polícia do Templo é o sacerdote Sefania, filho de Maaseia, que tinha sucedido nessa função ao sacerdote Iehoiadá (29,25-26). A respeito do sacerdote Pashehur menciona-se (v. 1) que ele era lit. *chefe responsável*, o que nós traduzimos por *superintendente*.

k. Os vv. 7-18 representam os últimos elementos das “Confissões” (cf. 17,12 nota). Aproximam-se mais de 15,10-21 (cf. v. 14 nota), contendo entretanto nos vv. 7-9 um testemunho original sobre o drama do ministério profético (cf. 11,18 nota). Com grande liberdade, o profeta se queixa ao Senhor, dizendo-lhe em poucas palavras: Tu me possuíste, e agora fico em maus lençóis (vv. 7-8); resistir porém não é mais possível, pois a tua Palavra

se tornou em mim uma força explosiva (v. 9), cf. 5,14; 23,29; Am 3,8.

l. Por causa das sevícias das quais é vítima (cf. 20,2; 26), o contexto exige esse sentido. Alguns interpretam: *eu devo gritar, anunciar violência e devastação*.

m. Lit. *porque a palavra do Senhor veio a mim*, cf. 25,3; 13,3 nota.

n. Lit. *os homens de minha paz*; cf. 14,13 nota.

o. Lit. *que vês os rins e os corações*, cf. 11,20 nota.

p. Jeremias sabe que todo crime deve ser punido e que toda ação será compensada por algum sofrimento (cf. 10,25 nota e 17,12 nota): o princípio do equilíbrio das transações deve predominar sempre e em todo lugar nas interações entre os membros da sociedade. Jeremias, contudo, não executa uma ação punitiva por sua conta: deixa-a nas mãos do Senhor (cf. Dt 32,35; Rm 12,19). — Jesus e o seu seguidor Estêvão admitirão implicitamente esse princípio, porém intercederão pelos seus carrascos (Lc 23,34; At 7,60; cf. também Jr 17,16; 15,11 nota).

“Por que tal dom da vida?”

¹⁴ Maldito o dia

Jó 3,3

em que nasci!

o dia em que minha mãe me deu à luz
não deve ser bendito!

¹⁵ Maldito o homem que anunciou a
meu pai:

“Nasceu-te um filho, um menino!”
— enchendo-o de alegria

¹⁶ Que esse homem se torne como as
cidades
que, inexoravelmente,
o SENHOR destruiu!

^{18,22} Que ouça, pela manhã, gritos de
socorro

^{49,2} e, ao meio-dia, gritos de guerra!

¹⁷ E Ele, por que não me fez morrer
desde o útero?

Jó 3,11

Minha mãe teria sido meu sepulcro,
sem nunca levar a cabo sua gravidez.

¹⁸ Por que então saí do útero,
para conhecer dor e aflição,
para ser corroído todo dia pela vergonha?

Jó 3,10-20

20,8

21 Sobre os reis de Judá. RESPOSTA

18,1

A SEDECIA. ¹Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR, quando o rei Sedecias lhe enviou Pashehur, filho de Malkia, e o sacerdote Sefania, filho de Maascia para dizer: ²“Consulta o SENHOR a nosso respeito, pois Nabucodonosor, rei de Babilônia, trava guerra contra nós; quem sabe, talvez o SENHOR volte a fazer um de seus milagres em nosso favor, para obrigá-lo a ir embora”. ³Jeremias respondeu: “Assim falareis a Sedecias: ⁴Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: As ar-

mas que manejas para enfrentar o rei de Babilônia e os caldeus que vos acoçam desde o exterior das muralhas, vou desviá-las para juntá-las no centro desta cidade”. ⁵Estendendo a mão e desdobrando a força de meu braço”, eu mesmo combatarei contra vós com cólera, furor e grande ira. ⁶Atingirei os habitantes desta cidade, homens e animais: morrerão por causa de uma peste violenta. ⁷Depois disto — oráculo do SENHOR —, entregarei Sedecias, rei de Judá, seus servos e todos os habitantes que nesta cidade tiverem sobrevivido à peste, à espada e à fome, os entregarei ao poder de Nabucodonosor, rei de Babilônia — ao poder dos inimigos deles, dos que atentam contra a sua vida —; ele os massacrará sem consideração, sem piedade, sem compaixão”. ^{13,14; 15,5; 16,5}

“Quanto a este povo, tu lhes dirás: “Assim fala o SENHOR: Podeis escolher entre a vida e a morte”. ⁹Quem ficar nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste; quem dela sair para se entregar aos caldeus que vos assediam viverá e poderá se considerar feliz por ter ao menos a vida salva”. ¹⁰Sim, volto a minha face contra esta cidade para lhe fazer mal e não o bem — oráculo do SENHOR —; ela será entregue ao poder do rei de Babilônia, que a vai incendiar”. ^{38,2}

44,11;
Lv 20,3;
Ez 14,8;
Am 9,4

OS REIS, SEU PALÁCIO, SUA CIDADE

¹¹ A casa real de Judá: Escutai a
palavra do SENHOR!

¹² Casa de David: Assim fala o SENHOR:

q. Jó 3,23. Os vv. 14-18 (cf. também 15,10) talvez tenham inspirado o cap. 3 de Jó. A respeito dessas palavras de alguém que está no limite de suas forças, é preciso lembrar 15,19-21 e a resposta do Senhor em 15,10.15-18.

r. Coleção de vários oráculos relativos aos últimos reis de Judá. Na conclusão (23,1-8), o Senhor anuncia que está preparando para o seu povo pastores (23,24), ou melhor, um pastor (23,5-6), encarnação de sua própria justiça, portanto, bem de acordo com a sua vontade, isto é, sua vontade (cf. 3,15). — Profecia análoga encontra-se em Ez 34.

s. Cf. 1,3 nota.

t. Esse personagem (cf. 38,1) não deve ser confundido com o sacerdote homônimo, filho de Imer (20,1, cf. 20,6 nota).

u. Voltamos a encontrar esse personagem em 29,25; 37,3; 52,24.

v. O texto é ambíguo. *Vou desviá-las... para juntá-las no centro dessa cidade* pode significar que Deus faz com que os defensores voltem para dentro da cidade, ou então que ele desvia os seus projéteis. Outros interpretaram: *e eu os reunirei (os caldeus) no centro da cidade*, cf. 39,3.

w. Lit. *com braço forte*, cf. 32,17 nota; Dt 4,34; Is 44,12; 62,8; Sl 89,11.

x. Lit. *os ferir com a boca da espada*. De acordo com 34,5, Sedecias morrerá pacificamente (cf. 32,5). Isto faz pensar que esse v., um conjunto de fórmulas pouco originais, poderia ser uma glosa redacional, cf. Introd.

y. Lit. *Vou abrir diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte*, cf. 17,5 nota.

z. Lit. *sua vida tornar-se-á para ele um butim*, como em 38,2, cf. 39,18; 45,5.

22.3-13 Exercei a justiça cada manhã,
libertai o espoliado da mão do explorador!
4.4; 7.20; Am 5.6; Ne 1.2.6 Senão meu furor arderá como um fogo,
queimará sem que ninguém o apague,
por causa do comportamento
perverso deles.

50.31; Na 2.14; 3.5 ¹³ Venho contra ti, residente à beira do
vale,
rochedo do planalto* — oráculo do
SENHOR —;
49.4; Ab 3 vós que dizeis: "Quem descerá para
nos atacar,
quem penetrará em nosso covil?"

9.8 ¹⁴ Eu ajusto contas convosco
17.10 conforme os frutos de vossas obras
— oráculo do SENHOR
21.12 Toco fogo em sua floresta^b,
46.14 ele devorará todos os seus arredores.

22 ¹ Assim fala o SENHOR: Desce^c ao pa-
lácio do rei de Judá e lá pronuncia-
rás esta palavra; ² dirás: Ouve a palavra
do SENHOR, rei de Judá, sentado no trono
de David — tu, teus servos e o teu povo
que entra por estas portas! ³ Assim fala o
SENHOR: Defendei o direito e a justiça,
21.12 libertai o espoliado da mão do explora-
dor, não oprimais nem maltrateis o mi-
grante, o órfão e a viúva, não derrameis
7.6; Ex 22. 20-21 sangue inocente neste lugar! ⁴ Se realmen-
te procederdes assim, entrarão pelas por-
tas deste palácio, montando cavalos e
22.17; Dt 19.10-13 carros, reis sentados no trono de David
17.25 — eles, seus servos e seu povo. ⁵ Mas se
não escutardes estas palavras, eu o juro
por mim mesmo^d — oráculo do SENHOR

—, esta casa se transformará num monte
de ruínas. 9.10
Mt 23.38

⁶ Pois assim fala o SENHOR a respeito
da casa real de Judá:
Ainda que sejas para mim um Guilead*, 24.10
um cume do Líbano,
não hesito em te transformar em deserto,
em cidade inabitada.

⁷ Consagro homens para te destruir,
6.4; 12.3; Is 13.3
cada um com seu instrumento;
eles cortarão os teus cedros de escol 22.15.23;
e os lançarão ao fogo. Is 37.24

⁸ Quando pessoas de todas as nações 19.8
passarem junto a esta cidade, dirão uma à
outra: "Por que o SENHOR tratou dessa
maneira esta grande cidade?" ⁹ Responde-
rão: "Porque abandonaram a aliança do
SENHOR, seu Deus, para prosternar-se dian-
te de outros deuses e lhes prestar culto". 13.10

A RESPEITO DE SHALUM^f

¹⁰ Não choreis o morto;
por ele, nada de luto! 2Cr 35.
24-25
Mas chorai, chorai quem parte,
pois não voltará a ver sua terra natal.

¹¹ Pois assim diz o SENHOR a respeito de
Shalum, filho de Josias, rei de Judá, que
sucedeu a seu pai, Josias, e que acaba de
deixar este lugar: ele não voltará mais,
¹² porque morrerá no lugar para onde foi
deportado; não voltará a ver esta terra".

CONTRA JOAQUIM^g

¹³ Ai daquele que constrói seu palácio^h 14.10;
desprezando a justiça, Sr 21.8;

a. Esta coleção de oráculos relativos à família real refere-se mais ao palácio (como em 22.6-7) do que a Jerusalém como um todo. O inimigo chegando do norte (cf. 4.6 nota) devia descer para alcançar o palácio, situado atrás do Templo, numa crista de nível inferior. Tratava-se de um verdadeiro rochedo barrando o planalto (a esplanada do Templo) e dominando o Cedron.

b. Sua floresta: provável referência (como em 22.6-7) às colunas e às paredes forradas de madeira do palácio real. cf. 1Rs 7.2. Conforme uma variante do gr. em 46.14, foi sugerido corrigir a última palavra do v.; seria então possível a seguinte tradução: *ele devorará todas as suas forrações de madeira*.

c. O palácio fica num nível inferior em relação ao Templo. cf. 21.13 nota; 26.10; 36.12; 2Rs 11.19; 20.5.

d. Para manifestar o caráter irrevogável de sua decisão o Senhor não pode jurar a não ser por si mesmo (49.13; Gn 22.16; Is 45.23; Hb 6.13) ou por sua alma (51.14; Am 6.8), por sua santidade (Am 4.2; Sl 89.36), pelo Orgulho-de-Jacó (Am 8.7),

pelo seu grande Nome (44.26), pela sua destra e pelo seu braço poderoso (Is 62.8) e por sua fidelidade (Sl 89.50).

e. Guilead e Líbano: símbolos da abundância e da beleza: talvez uma alusão às paredes do palácio real, forradas de madeira (cf. 21.14 nota) mediante a evocação das florestas do Guilead (cf. 2Sm 18.6.8-9) e do Líbano.

f. Cf. 1.3 nota. Os vv. 11-12 explicam, em prosa, o v. 10. Esse oráculo, portanto, foi pronunciado três meses depois do incidente de Meguido (em 609, cf. 2Rs 23.29). O luto nacional por Josias ainda não terminou, e Jeremias já convida a chorar uma nova partida. — Shalum-Joacaz, rei com nome duplo, cf. Iedidíia-Salomão (2Sm 12.25). Azarias-Ozias (2Rs 15.13 nota). Eliaquim-Joaquim (2Rs 23.34). Matanías-Sedecias (2Rs 24.17).

g. Cf. 1.3 nota.

h. Sem dúvida, é num dos novos aposentos de seu palácio que Joaquim queima a primeira compilação dos oráculos de Jeremias (36.22).

Tg 5,4

e amontoa seus andares a despeito do direito;
que obriga os outros a trabalhar de graça,
sem pagar-lhes salário;

¹⁴ que diz: "Vou construir para mim uma casa vasta,
com andares espaçosos";
que nela abre janelas^a
e a reveste de cedro
e a pinta com esmalte vermelho.

¹⁵ Acaso pensas garantir teu reinado distinguindo-te pelo cedro?
Teu pai^m acaso não comia, bebia,
defendia o direito e a justiça,
e não foi bom para ele?

¹⁶ Ele defendia a causa do humilhado e do pobre,
e foi bom!

9,23:
Os 6,6

Conhecer-me não é isto?"
— oráculo do SENHOR.

SI 119,36

26,15:
2R 21,16

¹⁷ Só tens olhos e coração para o lucro,
para derramar o sangue do inocente^o,
para agir com brutalidade e selvageria.
¹⁸ Pois bem, assim fala o SENHOR a Joaquim, filho de Josias, rei de Judá:

16,6:
SI 78,64

Não se entoe para ele a elegia:
"Que dor, meu irmão!

Que dor, minha irmã!"
Não se entoe para ele a elegia:
"Que dor, meu senhor!
Que dor, Majestade?"

¹⁹ Será enterrado como se enterra um jumento:
será arrastado e lançado
fora das portas de Jerusalém^a.

15,3;

2Sm 17,13

A REBELDE DESOLADA^a

²⁰ Sobe ao Líbano e grita,
ergue a tua voz no Bashan.
Grita em todo lugar;
todos os teus amantes^l foram esmagados.

²¹ Eu te falei no tempo quando estavas despreocupada;
tu disseste: "Não quero escutar".
É o que fizeste desde a tua juventude,
nunca escutaste minha voz^u!

18,12

3,25;

31,19

²² Todos os teus pastores, o vento os pastoreia;
teus amantes partem para o exílio.
Vergonha e desonra então te cobrirão
por causa de tua maldade^l.

22,20

31,19

7,12

²³ Tu, que habitas o Líbano
e te aninhas nos cedros^m,
como gererás quando vierem as dores,
os espasmos do parto!

30,6;

Is 42,14

l. Defender o direito e a justiça é dever primordial do rei (vv. 3,15; 23,5; 33,15; Gn 18,19 nota; Mq 3,1; Pr 16,12-13; 29,4,14 e nota) assim como de qualquer pessoa (cf. 5,1 e nota). Lugar-tenente na terra do Deus vingador dos oprimidos (5,28-29; 9,23; Am 2,6-8, etc.; Na 1,2 nota; SI 94,1-2,5-6...), ao rei é confiado em especial o encargo dos humildes, dos pobres, dos fracos (v. 16, cf. SI 72,2-4,12-14; 132,15).

De sua parte, Joaquim comporta-se como um tirano ímpio (vv. 13,17) com pretensões desmedidas (v. 14, cf. 10,24 nota).

j. Cf. Dt 24,14-15. O rei não é considerado como um déspota que pode impor, à vontade, corveias para o seu serviço pessoal; assim como qualquer outra pessoa, ele não é dispensado do pagamento aos seus operários.

k. Ou *loggias* para cerimônias oficiais, abertas, conforme o modelo egípcio, nos novos andares que ele acrescentou ao palácio.

l. Lit. *Acaso reinarás porque rivalizas pelo cedro?* É admissível também a interpretação: *rivalizando com o cedro*, cf. 12,5.

m. Sobre Josias, cf. 1,2 nota e 2Cr 34-35; Sr 49,1-4. É mais provável que se trate dele do que de Salomão ou David, em quem também se pensou.

n. Cf. 9,5,22 nota. Esse verdadeiro conhecimento de Deus através da prática da justiça era a condição para Josias (como para Salomão) de certo bem-estar material (v. 15).

o. Por ex. o homicídio de Uriahu (26,23).

p. São termos próprios do ritual de lamentação fúnebre, cf. 34,5; 1Rs 13,30.

q. Cf. 36,30. Contudo, nenhum fato particular parece ter marcado a sua morte (cf. 2Rs 24,6 e especialmente o texto gr. de 2Cr 36,8, pelo qual se precisa que Joaquim foi sepultado junto com seus pais). É possível no entanto que Nabucodonosor tenha profanado a sua tumba e dispersado os seus restos, cf. 8,1-2 e Is 14,19 nota. Cf. também 2Cr 36,6.

r. Jerusalém personificada (cf. Ez 16) é convidada a subir aos montes mais altos para gritar aos quatro ventos a sua aflição, punição de sua infidelidade. É sem dúvida pelo fato de mencionar os *pastores* (v. 22) que este oráculo sobre Jerusalém foi inserido no livrinho contra os reis, ao lado do oráculo sobre Joaquim; na realidade, parece referir-se à deportação de 597.

s. Conforme a interpretação judaica, cf. 49,32. Gr e sir.: *de além-mar*; Vulg.: *aos que passam*. Pode-se também entender: *dos Abarim*, cf. Nm 27,12 nota.

t. Os *amantes* provavelmente não são os deuses estrangeiros (Os 2,7-15; Zc 13,6, cf. Jr 2,20 nota e 25 nota), e sim os aliados de Judá em sua luta contra Babilônia (cf. 30,14; Ez 16,33,36-37; 23,5,9,22; Lm 1,19).

u. Cf. 2,20 nota.

v. Gr. (leitura diferente do texto consonântico): *por causa de todos os que te amam*.

w. Imagem poética que evoca o orgulho de Jerusalém e as suas belas mansões de cedro.

A RESPEITO DE KONIÁHU*

²⁴Certo como eu vivo — oráculo do SENHOR —, mesmo se Koniáhu, filho de Joaquim, rei de Judá, fosse o anel de minha mão direita, eu o arrancaria dali².

²⁵Sim, eu te entrego aos que atentam contra tua vida, aos que tu temes, a Nabucodonosor, rei de Babilônia e aos caldeus.

²⁶Eu te expulso, a ti e a tua mãe, que te deu à luz, para uma terra na qual não nascestes; é lá que morrereis. ²⁷À terra à qual sonham voltar, não voltarão³.

²⁸É porventura um vaso quebrado e sem utilidade nenhuma

esse homem, Koniáhu,

um jarro que ninguém mais quer?

Por que ele e seus filhos foram expulsos, jogados numa terra desconhecida?

²⁹Terra, terra, terra, escuta⁴ a palavra do SENHOR!

³⁰Assim fala o SENHOR:

Escrevei a respeito deste homem:

“Um fracassado,

um jovem que não teve êxito na vida!”

De seus filhos, nenhum conseguirá sentar-se no trono de David,

deter o poder em Judá.

23 O REBANHO ABANDONADO ESTÁ NOVAMENTE EM BOAS MÃOS⁵. ¹Ai dos pastores que deixam perecer no abandono o rebanho de minha pastagem — oráculo do SENHOR. ²Pois bem! Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam meu povo: Vós deixastes o meu rebanho ao abandono e o

dispersastes; não vos ocupastes dele. Mas eu vou ocupar-me de vós, punindo vosso comportamento perverso — oráculo do SENHOR. ³Vou ajuntar o que resta de minhas ovelhas, de todas as terras onde as dispersei, vou reconduzi-las aos seus cercados, onde proliferarão abundantemente. ⁴Estabelecerei sobre elas pastores que as apascentarão; não terão mais medo, não serão mais oprimidas, nenhuma delas faltará à contagem⁶ — oráculo do SENHOR.

⁵Dias virão — oráculo do SENHOR — em que eu suscitarei a David um rebento legítimo⁷:

Um rei reina com competência, defende o direito e a justiça na terra.

⁶No tempo dele, Judá é salvo, Israel habita em segurança.

Eis o nome que lhe darão:

“Ele é nossa justiça, o SENHOR”.

⁷Pois⁸ dias virão — oráculo do SENHOR — em que não mais se dirá: “Certo como vive o SENHOR, que fez os israelitas subirem da terra do Egito!”⁹, e sim: “Certo como vive o SENHOR, que fez subir, que trouxe a descendência da gente de Israel da terra do norte e de todas as terras onde a tinha dispersado, para que se instalasse em seu solo”.

Livrete sobre os profetas

⁹A respeito dos profetas⁸

CONFUSÃO GERAL

Meu coração está partido dentro de mim⁹, todos os meus membros estremeceem.

x. Sobre Koniáhu (Iekoniá ou Ioiakin), cf. 1,3 nota.

y. Lit. *eu te arrancaria dali*. Para a imagem do anel (sinete), cf. Ag. 2,23 e nota.

z. Ou então: *ao qual os fazem pretender*, cf. 27,16; 28,15; 29,31.

a. É de se perguntar se esse apelo fora de contexto está em seu lugar original, contudo não há nenhuma razão para duvidar de sua autenticidade (cf. 2,31).

b. Cf. 21,1 nota.

c. Evocação da prosperidade dos tempos messiânicos, cf. 3,15; 29,10-14; 30,10.

d. *Rebento* ou *germe*, cf. Zc 3,8 nota; 6,12; Is 4,2 nota. *Legítimo*, ou *justo*, cf. o que logo após se diz a respeito da atuação desse monarca e de seu nome.

e. Quando os pastores faltam a seus deveres (cf. 22,13 nota), o Senhor em pessoa retoma a direção das coisas (Sf 3,3-5; cf. Lc 15,3 nota). E o fará através do descendente de David esperado

(Ez 34,23 nota). Dócil instrumento do verdadeiro rei de Israel (1Sm 12,12), este garantirá a ordem social perfeita, sendo que a própria justiça do Senhor se aproximará, graças a ele, das duas frações do povo restauradas (cf. 31,27-28; 33,7) e enfim reunidas (cf. 50,4 nota). De acordo com o NT, essa justiça é comunicada pelo Messias a todos os membros do povo eleito (Rm 1,17; 1Cor 1,30; 2Cor 5,21; Fl 3,9). Em 33,16, o nome tão sugestivo do monarca prometido (“O Senhor, ele é a nossa justiça”) é atribuído à nova Jerusalém.

f. Cf. 16,14 nota.

g. Esta seção (vv. 9-40; cf. 2,8 nota) é formada por elementos variados e escalonados no tempo. O primeiro elemento (vv. 9-12) é uma lamentação do profeta, abalado, atordoado por aquilo que lhe foi revelado: a imoralidade de seu povo e particularmente de seus chefes religiosos (profetas e sacerdotes), que pagarão caro por isso.

h. Lit. *meu coração está quebrado dentro de mim*.

Torno-me como um bêbado,
um homem tomado pelo vinho,
por causa do SENHOR

20,8 e por causa de suas santas palavras¹.

10 Nesta terra, todos são adúlteros¹,
4,28 a terra está de luto, cheia de maldições*,
12,4 os pastos da estepe secaram.

Eles têm pressa só para o mal,
coragem, só para a desordem.

Lm 4,13 11 Profetas e sacerdotes são ímpios:
até em minha Casa descubro sua
maldade
— oráculo do SENHOR.

SI 35,6 12 Pois bem! seu caminho torna-se
escorregadio;

13,16 eles se perdem no escuro e caem.
Vou fazer vir sobre eles a desgraça,
o ano do ajuste de contas¹
— oráculo do SENHOR.

PIORES QUE OS PROFETAS DE SAMARIA^m!

13 Nos profetas de Samaria, vi coisas
repugnantes:
eles profetizavam em nome de Báal
e desviavam o meu povo, Israel.

5,30-31; 18,13 14 Mas nos profetas de Jerusalém
vejo monstruosidades:
entregam-se ao adultério e vivem na
falsidadeⁿ,
apóiam os malfeitores,
tanto que ninguém volta atrás de sua
maldade.

23,22 Todos eles se tornaram para mim
como Sodoma,
Dt 32,32 e seus habitantes, como Gomorra.

15 Assim, pois, fala o SENHOR de todo 9,14
poder, a respeito desses profetas:
Vou fazê-los engolir a cicuta,
fá-los-ei beber água envenenada, 8,14
porque é dos profetas de Jerusalém
que sai a impiedade para contaminar
a terra inteira. 2,7; 3,2

SÃO FALSOS PROFETAS

16 Assim fala o SENHOR de todo poder:
Não presteis ouvido às palavras dos
profetas que profetizam junto a vós:
eles vos enganam.
O que eles pregam é apenas visão de 14,14;
sua imaginação, Lm 2,14
não vem da boca do SENHOR.

17 Atrevem-se a dizer, aos que
desprezam a palavra do SENHORⁿ:
“Vai dar tudo certo para vós!” 6,14
Aos que persistem em sua teimosia: 3,17
“Não vos acontecerá nenhuma desgraça”.
18 Quem participa do conselho do SENHOR?
Observe e escute sua palavra!
Quem presta atenção à minha palavraⁿ e
escuta?

A CÓLERA DO SENHOR^r

19 A tempestade do SENHOR, o furor 4,11; 22,22;
desencadeia-se, Is 29,6
um furacão turbilhona: Na 1,3
turbilhona sobre a cabeça dos malvados.

20 A cólera do SENHOR não se abrandará
até ele executar e realizar
seus planos bem definidos.
Mais tarde, os entenderéis plenamente.

i. O que abala o profeta não é apenas o conteúdo da revelação, e sim, o próprio fato da revelação (cf. Introd.; Dn 10,8).

j. Cf. 5,8; 9,1. Essa imoralidade existia também entre os profetas (v. 14; 29,23).

k. Ou, com a Vulg.: *sob o efeito de uma maldição*; alguns mss. gr. e sir.: *por causa disso*.

l. Ou então: *de me ocupar deles* (para puni-los). cf. v. 2; o substantivo hebr. assim traduzido tem a mesma raiz que o verbo empregado duas vezes no v. 2 (cf. 9,8 nota). O substantivo encontra-se 8 vezes em Jr (8,12; 10,15; 11,23; 23,12; 46,21; 48,44; 50,27; 51,18), tendo sido traduzido em termos de prestação de contas. cf. 49,8; 50,31.

m. Nos vv. 13-15, Jr insiste na gravidade da falta dos profetas de Jerusalém: aos desvios religiosos dos profetas da Samaria, eles acrescentam a imoralidade (cf. 3,11).

n. Cf. 13,25 nota.

o. Conforme o gr.: o hebr. traz: *...aos que me desprezam: “O Senhor fala! Vai dar tudo certo...”*

p. O profeta, antes de se tornar o porta-voz (v. 22; 15,19 nota) deve assistir *ao conselho onde é definido o plano do Senhor* (v. 20; Am 3,7 nota; cf. 1Rs 22,19-22; Is 6; Jó 1,6; 2,1; 15,8) e onde ele pode intervir eficazmente (Gn 18,23-32; Am 7,1-6; cf. Jr 15,1 nota; 18,20). Ele é o amigo que sabe o que seu mestre vai fazer (Gn 18,17; Jo 15,15). Nada disso acontece com os pretensos profetas dos quais fala Jeremias.

q. “Texto escrito”. “Texto lido”: *sua palavra*.

r. O castigo que atinge os culpados não representa nem uma explosão incontrolada da cólera divina, nem o efeito de uma justiça imanente, e sim a *execução de um plano bem definido*, que será *entendido claramente só mais tarde* (gr. *no fim dos dias* v. 20; Os 3,5 nota; cf. Jo 13,7,36), quando terá atingido o seu objetivo: a verdadeira paz (16,5 nota; Rm 5,1 e nota; 1Cor 14,33). — A presença dos vv. 19-20 (retomados em 30,23-24) no meio de oráculos contra os falsos profetas lembra que estes ignoram o plano de Deus, pois proclamam a paz para já.

PROFETAS PRECIPITADOS E SEM MANDATO

- 14.14: ²¹ Eu não envio esses profetas,
 23.32: e, no entanto, eles se apressam;
 Eu não lhes falo
 e, no entanto, eles profetizam.
 23.18 ²² Se estivessem no meu conselho,
 fariam ouvir ao povo^a minhas palavras;
 fariam com que voltassem de sua
 25.5 conduta malvada,
 de suas ações perversas.

SH 1.7 O SENHOR REPLETA O UNIVERSO

- ²³ Acaso, sou apenas o Deus do que
 está perto
 — oráculo do SENHOR —
 não sou também o Deus dos
 longínquos¹?

- SI 139.7-12 ²⁴ Se porventura um homem se esconde
 no seu canto,
 será que eu não o verei?
 — oráculo do SENHOR
 At 7.49 Acaso eu não repleto
 o céu e a terra?
 — oráculo do SENHOR —

"QUE TEM A PALHA EM COMUM COM O TRIGO?"
²⁵ Eu ouço o que dizem os profetas
 que profetizam falsamente em meu nome,
 dizendo: "Tive um sonho! Tive um so-
 nho!"
²⁶ Até quando?! Será que há algo
 na cabeça desses profetas que profetizam
 falsamente? São apenas profetas cheios
 de fantasias!

- 14.14 ²⁷ Com os sonhos que contam uns aos
 outros, pretendem fazer o meu povo es-
 esquecer o meu Nome, como seus pais
 esqueceram o meu nome por causa de
 seu Báal¹.
²⁸ O profeta que tiver um so-
 nho, conte o seu sonho, mas quem tiver
 minha palavra, proclame fielmente mi-
 nha palavra!

Que tem a palha em comum com o trigo?
 — oráculo do SENHOR.

- ²⁹ Acaso minha palavra não é parecida
 com o fogo¹ — oráculo do SENHOR —,
 com uma marreta que pulveriza a pedra?
³⁰ Pois bem! Vou tomar medidas contra
 os profetas — oráculo do SENHOR — que
 roubam um do outro minhas palavras.
³¹ Vou tomar medidas contra os profetas
 — oráculo do SENHOR — que soltam a
 língua envolvente, pródigos em oráculos.
³² Vou tomar medidas contra os profetas
 que têm sonhos enganadores — oráculo
 do SENHOR — e ao contá-los, por causa de
 sua falsidade e de sua tagarelice, desenca-
 minham meu povo. Eu não os enviei, nada
 lhes ordenei; de nada servem para este
 povo — oráculo do SENHOR.

14.14-15
 7.8;

A VERDADEIRA "CARGA" DO SENHOR¹.
³³ Se
 alguém — um profeta ou um sacerdote
 — te perguntar: "Qual é a carga do SE-
 NHOR?"¹, tu responderás: "Vós sois a
 carga¹! e eu vos rejeitarei — oráculo do
 SENHOR".
³⁴ Se um profeta, um sacerdote
 ou alguém do povo disser: "Carga do
 SENHOR!"¹ eu vou punir esse homem e sua
 família.
³⁵ Assim deveis dizer um ao ou-
 tro: "Que responde o SENHOR? Que fala
 o SENHOR?"¹
³⁶ Mas, quanto à carga do SE-
 NHOR, não pronunciareis mais esta pala-
 vra. A carga para cada um será sua pró-
 pria palavra, porque vós corrompeis as
 palavras do Deus vivo, o SENHOR de todo
 poder, nosso Deus.
³⁷ Eis o que dirás ao
 profeta: "Que te responde o SENHOR? que
 diz o SENHOR?"¹
³⁸ Mas se disserdes "Car-
 ga do SENHOR!"¹,
³⁹ então assim fala o
 SENHOR: Visto que dizeis "Carga do SE-
 NHOR!"¹, quando vos proibi dizer "Carga
 do SENHOR!"¹, eu mesmo vou me curre-

ME 15.6
 10.10

s. O gr. interpretou: *se eles entendessem as minhas palavras, então o meu povo, eles o converteriam de sua...*

t. Cf. 2Rs 5.26 e nota. Parafraseando: "Acaso sou apenas uma divindade doméstica, e não o Deus do universo?" O Senhor não é um Deus que possa ser preso num tempo e num espaço determinados; ele é o Deus de qualquer lugar e de sempre. Privilegiando o aspecto temporal, poder-se-ia traduzir conforme o aram. e Qimhi: *Acaso, sou apenas o Deus do momento, não sou o Deus de sempre?* cf. Dt 32.17.

u. Lit. com o Báal.

v. Cf. 5.14; 15.14 nota; 20.9.

w. Esta passagem (vv. 33-40) é montada sobre um jogo de palavras. A palavra hebr. traduzida por *carga* significa de fato por um lado *oráculo* (que anuncia a destruição dos inimigos e a salvação de Israel, cf. Is 13.1 nota) e por outro lado *fardo*. O Senhor proíbe a utilização desse termo, abundantemente usado pelos adversários de Jeremias. Quem se obstina a utilizá-los torna-se a carga do Senhor.

x. Traduzido conforme o gr. e a Vulg.: o hebr. leu: *...o que é a carga*.

vou construir-los e não mais demoli-los; 27,22
vou plantá-los e não mais arrancá-los^b. 30,3

⁷Vou dar-lhes um coração que lhes per- 9,23; 32,39
mitirá conhecer-me; sim, eu sou o SE-
NHOR; eles se tornarão um povo para mim
e eu me tornarei Deus para eles: eles vol- 30,22;
tarão a mim de todo o coração. ^aMas o Ex 6,7;
que se faz dos figos ruins, tão ruins que Dt 26,18
nem dá para comê-los — assim fala o
SENHOR —, é o que eu faço de Sedecias,
rei de Judá, de seus ministros e do resto
de Jerusalém, dos que restam nesta terra e
dos que residem na terra do Egito: ^cCom
horror^d, faço deles um exemplo aterrador 29,18
para todos os reinos da terra. Em todos os
lugares onde os disperso, eles se tornam
objeto de escárnio e de comentário, en- 44,8; 49,13
tando no rol das injúrias e das maldições^e.

¹⁰Mando contra eles a espada, a fome e 29,17
a peste, até que desapareçam do solo que 25,5
dei a eles e a seus pais.

25 **Resumo da pregação de Jeremias antes do exílio¹. 'Palavra que veio**

a Jeremias a respeito de todo o povo de Judá, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá — primeiro ano de Nabucodonosor, rei de Babilônia^a. ²Palavra que o profeta Jeremias proclamou a todo o povo de Judá e a todos os habitantes de Jerusalém: ³Desde o décimo terceiro ano de Josias, filho de Amon, rei de Judá, até hoje^b, isto é, durante vinte

f. A primeira parte desta passagem (v. 1-11) contém todos os elementos importantes da pregação de Jeremias antes do exílio, e um elemento novo aparece: a duração do castigo é limitada a 70 anos (cf. v. 11 nota). A segunda parte anuncia que depois desse tempo o instrumento da cólera divina será por sua vez castigado (cf. 2,3 nota). No gr., a identidade desse instrumento (vv. 9 e 12) não é especificada. O tema dessa segunda parte parece não ter aparecido na pregação do profeta, a não ser uma dezena de anos após a data indicada no v. 1.

g. Trata-se do ano de sua entronização (605), que não é considerado como primeiro ano de reinado no câmputo de 52.28-29, mas que é computado em 52.12. Nabucodonosor de fato assumiu o poder em 6 de setembro de 605, depois da batalha de Karkemish (cf. 46,2 nota), na qual comandava, na qualidade de príncipe herdeiro, as tropas de seu pai, Nabopolassar. A morte deste, no mês de agosto, o obrigou a voltar às pressas para Babilônia para ser coroado. Mas ele retornará sem demora seu avanço rumo à Palestina (cf. 20,4 nota).

h. Cf. 1.2 nota: 36.2.

in the new policy

e. Lit. *eu faço deles um exemplo terrível... uma injúria e um provérbio, um escárnio e uma maldição*, cf. 25,18; 26,6 nota; 29,18.22.

e três anos, veio a mim a palavra do SENHOR e eu vos falei incansavelmente, sem que me escutásseis. ^{26,5} O SENHOR vos enviou, sem cessar, todos os seus servos, os profetas, sem que os escutásseis, sem que prestásseis atenção para ouvir. ^{35,15} Ele vos dizia: Convertedei-vos, cada um de sua conduta malvada, de seu agir perverso, e continuareis morando no solo que o SENHOR deu a vós e a vossos pais, desde sempre e para sempre. ^{7,6,18} Não andeis atrás de outros deuses para lhes prestar culto e vos prosternar diante deles; cessai de me ofender com as vossas práticas¹, e eu não vos farei mal nenhum. ^{32,29; Dt 31,29} Mas não me escutastes — oráculo do SENHOR —; muito pelo contrário, me irritastes, para vossa desgraça, com as vossas práticas. ^{1,15} Assim, pois, fala o SENHOR de todo poder: Já que não escutais minhas palavras, ^{27,6} ordeno a mobilização de todos os povos do norte — oráculo do SENHOR —, apelando para Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo, e os trago contra esta terra, contra seus habitantes — e contra

todas estas nações vizinhas —; eu os reservo para mim¹ e os transformo para sempre em desolação e lugar de espanto, em campos de ruínas². ^{16,9; 33,11} Farei cessar entre eles os gritos de alegria e as conversas alegres, o canto do noivo e o júbilo da noiva, o ruído da mó e a luz da lâmpada. ^{29,10; 2Cr 36,21} Toda esta terra se tornará um campo de ruínas, uma desolação¹, e todas essas nações servirão ao rei de Babilônia por setenta anos^m. ^{11,8} Mas, ao se completarem os setenta anos, ajustarei contas com o rei de Babilônia e com aquela nação — oráculo do SENHOR —, pelos seus crimes; e a terra dos caldeus, eu a transformarei para sempre numa desolação. ^{17,10; 32,19; Sl 28,4; 62,13} Atrairéi sobre aquela terra todas as palavras que acabo de pronunciar a seu respeito, tudo o que está escrito neste livro: o que Jeremias profetizou contra todas as naçõesⁿ. ^{11,8} E eles, por sua vez, se tornarão escravos de numerosas nações e de reis poderosos. Eu os farei pagar conforme seus atos e conforme suas práticas^o.

ORÁCULOS A RESPEITO DAS NAÇÕES

¹⁵ Assim me disse o SENHOR, o Deus de Israel: “Toma de minha mão esta taça de vinho, vinho capitoso^o, para oferecê-la a todas as nações às quais eu te envio. ^{25,27; 50,35-37} Elas beberão, cambalearão, e começa-

rão a delirar vendo a espada que vou afundar no meio delas”. ^{Ez 23,32} Tomei a taça da mão do SENHOR e a ofereci a todas as nações^o às quais o SENHOR me tinha enviado: ^{18a} a Jerusalém, às cidades de Judá

i. Cf. vv. 7,14; 32,30; 44,8; *práticas* (idolátricas): lit. *com a obra de suas mãos*, cf. 1,16.

j. Outros traduzem: *destinar ao interdito* (ou *ao exterminio*, cf. 1Rs 9,21). Trata-se de um ritual muito antigo que consistia em *consagrar* ao SENHOR, “dono de toda a terra” (Mq 4,13), ou em *oferecer-lhe*, (50,21,26; 51,3) o que fora conquistado com sua ajuda (cf. 50,21 nota; 1Sm 15,15 nota; Is 34,2 nota).

k. Lit. *eu os transformo em desolação, em uivos e ruínas sem fim*, cf. v. 18; 18,16 nota; 49,13. Em lugar da última ameaça, o gr. traz a de 23,40: *eu os cobrirei de opróbrio para sempre*.

l. Lit. *ruína, desolação*, cf. v. 18; 44,6,22.

m. Aparece de repente (provavelmente anos mais tarde, cf. v. 1 nota) uma luz de esperança na noite do “para sempre” (v. 9): de fato a duração do castigo não supera a duração da vida de uma pessoa (Sl 90,10; cf. 2c 1,12 nota), pois a supremacia de Babilônia é limitada a este lapso de tempo pelo senhor da história (cf. 1,10 nota). Para a interpretação dos 70 anos da parte do Cronista (2Cr 36,21), cf. Lv 26,35 nota (cf. Jr 17,4 nota). Daniel acabará propendendo para esse número (cf. Dn 9 e nota ao tít.).

n. É neste ponto que o texto gr. insere os oráculos contra as

nações (46–51) e, numa ordem mais lógica, que parece porém ser menos primitiva que a do texto hebr., os vv. 15–38 constituindo a conclusão desse conjunto. Os caps. 26–45 e 52 do hebr. representam portanto a última parte do livro em gr.

o. Lit. *e pela obra de suas mãos*, cf. v. 6 nota. Este v., ausente no gr., não acrescenta nada de original sobre o castigo dos caldeus: a respeito da primeira parte do v., cf. 27,7 e quanto à segunda, cf. 50,29; 51,6,24,56.

p. Leitura de acordo com o gr. Hebr.: *a taça de vinho, (isto é) a cólera* (ou: *a cicuta*). Vulg. e sir.: *a taça do vinho da cólera*. Poderíamos também considerar a palavra *a cólera* uma glosa. De qualquer forma, a taça de vinho simboliza o castigo que Deus reserva aos que recusam se submeter a ele.

q. A enumeração que vem logo após não parece ser obra do próprio Jeremias. Trata-se sem dúvida do trabalho redacional ulterior de algum escriba que quis antepor aos oráculos sobre as nações uma espécie de índice. A sua composição é sem pretensões literárias, mas revela uma preocupação teológica: ressaltar o alcance universal da atuação de Deus sobre os povos. Na apresentação, ele enumera as terras dos quatro pontos cardeais,

— a seus reis e a seus ministros —, para reduzi-las a montes de ruínas, a horror e lugar de espanto, a exemplos citados nas maldições^r — como hoje se vê! —^s 19^o ao Faraó, rei do Egito, a seus servos, seus ministros e a todo seu povo; 20^a a todos os mestiços e a todos os reis da terra de Uş; 49,12 a todos os reis das terras dos filisteus: de Ashqelon, de Gaza, de Egron e ao que resta de Ashdod; 21^a a Edom, a Moab, aos amonitas; 22^a a todos os reis de Tiro, a todos os reis de Sídon e a todos os reis da costa que fica do outro lado do mar; 23^a a Dedan, Temá, Buz^t; a todos os cabeças-raspadas^u, 24^a a todos os reis dos árabes, a todos os reis dos mestiços que vivem no deserto; 25^a a todos os reis de Zimri^v, a todos os reis de Elâm, a todos os reis dos medos; 26^a a todos os reis do norte, próximos e longínquos, um por um, e a todos os reinos da terra, que se acham na superfície do solo; e o rei de Sheshak^w beberá por último.

Na 3,11 27^o Tu lhes dirás: “Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Bebei, embriagai-vos, vomitai, caí para não mais vos levantardes, à vista da espada que afundo no meio de vós”. 28^o Se recusarem tomar a taça de tua mão para beber, tu dirás: “Assim fala o SENHOR de todo poder: De toda maneira vós a bebereis. 29^o Eu envio a desgraça, começando pela cidade sobre a qual foi proclamado meu Nome^x, e vós seríeis poupados? Não, não sereis poupados, porque chamarei uma espada contra todos os habitantes da terra — oráculo do SENHOR de todo poder”.

30^o E tu pronunciarás contra eles todas estas palavras proféticas; tu lhes dirás:

O SENHOR ruge do alto, JI 4,16;
de sua santa habitação^y levanta a voz. Am 1,2
Ele ruge, sim, ruge contra sua 10,25
propriedade,

lançando o grito dos que pisam a uva 51,14
contra todos os habitantes da terra.

31^o O alvoroço chega até os confins da terra:

o SENHOR move um processo contra Os 4,1;
as nações, SI 50,6

abre inquérito contra toda carne.

Os culpados, ele os entrega à espada
— oráculo do SENHOR.

32^o Assim fala o SENHOR de todo poder:

A desgraça passa de povo em povo,
uma grande tempestade se levanta 23,19
dos limites da terra.

33^o Naquele dia, de um extremo ao outro da terra, os que o SENHOR terá atingido mortalmente não terão rito fúnebre; não serão ajuntados para serem enterrados; 1, 66,16
servirão de esterco para o solo. 16,4

34^o Gritai de dor, pastores; pedi socorro!

Rolai no chão, chefes do rebanho. 6,3

Chegou o tempo do vosso abate.

Sereis dispersos e caireis como vasos preciosos.

35^o Não há refúgio para os pastores, Am 2,14
nem escapatória para os chefes do rebanho.

36^o Ouvem-se o grito dos pastores,

os berros dos chefes do rebanho:

o SENHOR devasta a sua pastagem.

37^o Emudeceram os prósperos apriscos, SI 94,17
diante do ardor da cólera do SENHOR.

38^o É como o leão que deixa a sua 49,19
brenha^z.

A terra deles torna-se uma desolação

diante da espada inexorável, 25,16,29;
diante do ardor de sua cólera. 46,16

4,26; 51,45

r. Lit. para transformá-las em ruína, desolação, uivo e maldição, cf. 44,22 nota; 18,16 nota.

s. Glosa acrescentada por um discípulo após os acontecimentos, cf. 44,6,22.

t. Na Arábia setentrional, não longe de Temá.

u. Cf. 9,25 nota.

v. Lugar desconhecido.

Alguns corrigem por *Guimeri*, o que designaria os cimérios, originários das montanhas da Armênia e citados nos textos cuneiformes bem como em Gn 10,2-3. Outros corrigem com

Zimki que interpretam como uma espécie de criptograma para *Elâm*.

w. Conforme o aram., espécie de criptograma para *Babilônia*. x. Isto é, a cidade que me pertence, cf. 7,10 nota.

y. Trata-se, sem dúvida, do céu, do templo celeste e não somente de Jerusalém.

z. A frase é difícil. Alguns traduzem: *Ele deixa a sua brenha como um leão* (sem precisar a quem se refere “ele”: ao Senhor? ou ao rei devastador?). Outros, eliminando uma consoante, traduzem: *O leão* (tampouco explicando de quem se trata) *deixa sua brenha*.

ORÁCULOS DE SALVAÇÃO PARA ISRAEL-JUDÁ E EPISÓDIOS DA VIDA DE JEREMIAS

26 Jeremias contestado pelas autoridades do Templo^a.

¹No início do reinado de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, veio da parte do SENHOR esta palavra: ²Assim fala o SENHOR: Posta-te no átrio da Casa do SENHOR e pronuncia contra todos os habitantes das cidades^b de Judá, que vêm prosternar-se na Casa do SENHOR, todas as palavras que te ordeno pronunciar a seu respeito, sem omitir nenhuma. ³ Talvez escutem e cada um se converta de sua má conduta, para que eu desista do mal que pretendo infligir-lhes por causa de seu comportamento perverso. ⁴Tu lhes dirás: Assim fala o SENHOR: Se não prestardes atenção em seguir as diretrizes que vos proponho, ⁵se não escutardes as palavras dos meus servos, os profetas, que vos envio incansavelmente — sem que os escuteis —, ⁶então tratarei esta Casa como tratei Shilô e farei desta cidade exemplo citado nas maldições^d por todas as nações da terra.

⁷Os sacerdotes, os profetas e todo o povo ouviam Jeremias pronunciando estas palavras na Casa do SENHOR. ⁸Quando Jeremias terminou o discurso que o SENHOR lhe ordenara pronunciar para todo o povo, os sacerdotes e os profetas — e todo o povo^e — agarraram-no dizendo: “Assinaste a tua condenação à morte.” Tu ousas profetizar em nome do SENHOR: Esta Casa se tornará como Shilô, e esta cidade será arrasada e despojada de seus habitantes!” Todo o mundo se aglomerou ao redor de Jeremias na Casa do SENHOR.

¹⁰Informadas de tais acontecimentos, as autoridades de Judá subiram do palácio

ao Templo^f e tomaram assento à entrada da porta Nova do Templo. ¹¹Os sacerdotes e os profetas disseram às autoridades e ao povo: “Este homem merece a pena capital: ele profere contra esta cidade os oráculos que vós mesmos acabais de ouvir”.

¹²Jeremias disse às autoridades e a todo o povo: “É o SENHOR que me enviou a profetizar contra esta Casa e contra esta cidade tudo o que acabais de ouvir. ¹³Mas, agora, melhorai vossa conduta, vossa maneira de agir, escutai o apelo do SENHOR, vosso Deus, e o SENHOR desistirá de quanto decretou contra vós. ¹⁴Quanto a mim, estou em vosso poder; fazei de mim o que vos agrada, o que vos parece justo. ¹⁵No entanto, ficai sabendo que, se me matardes, sereis culpados — vós, esta cidade e seus habitantes — do assassinato de um inocente, porque foi realmente o SENHOR que me enviou a pronunciar todas estas palavras aos vossos ouvidos”. ¹⁶As autoridades e todo o povo disseram aos sacerdotes e aos profetas: “Este homem não merece a pena capital: pois é em nome do SENHOR, nosso Deus, que ele nos falou”.

¹⁷Alguns dos anciãos da terra se levantaram para dizer à multidão reunida: ¹⁸“Miquéias de Moréshet, que exercia o ministério profético no tempo de Ezequias, rei de Judá, disse a todo o povo de Judá: Assim fala o SENHOR de todo poder: Sião será lavrada como um campo, Jerusalém se tornará um monte de ruínas e a montanha do Templo uma altura coberta de espinhos”. ¹⁹Porventura, o rei de Judá, Ezequias, e seu povo o mataram? Não mostraram, antes, respei-

a. Este cap. oferece o contexto histórico da querela de Jeremias contra a falsa religião (cf. 13,25 nota), pronunciada no início do reino de Joaquim (609-608; cf. 1,3 nota). Firme na certeza da origem divina de sua missão (v. 15), Jeremias enfrenta as autoridades religiosas (cf. 1,18; 15,20). O povo, as autoridades civis (v. 16) e os anciãos (vv. 17-19) demonstram nessa ocasião maior objetividade do que os sacerdotes e os profetas (vv. 8-9 e 11). Cf. 7,1 nota.
b. Lit. *contra todas as cidades*; gr.: *todos os judaítas*.

c. Cf. 7,12 nota; Lc 21,6 nota; 21,22 nota.

d. Lit. *uma maldição para todas...* Fórmula semelhante à Nm 5,21; seu sentido emerge claro em 29,22 (cf. nota); cf. 24,9.

e. Sem dúvida uma glosa: o povo era mais favorável a Jeremias, cf. v. 1 nota.

f. Lit. *da casa do rei à Casa do Senhor*, cf. 22,1 nota.

g. Mq 3,12 e nota. Depois de mais de um século ainda são lembradas expressões de Miquéias.

to para o SENHOR esforçando-se por
26,3 aplacá-lo? O SENHOR desistiu assim do
mal que decretara contra eles. Mas nós
At 5,39 íamos causar grande mal a nós mesmos!"

Um emulo de Jeremias menos protegido. ²⁰Havia também outro homem que profetizava em nome do SENHOR: Uriáhu, filho de Shcmaíahu, de Qiriat-learim^h. Proferiu contra esta cidade e contra esta terra oráculos parecidos aos de Jeremias: ²¹O rei Joaquim, com seus guardas e seus ministros, tendo-os ouvido, procurou matá-lo. Uriáhu, posto ao corrente, teve medo, fugiu e emigrou para o Egito. ²²Mas o rei Joaquim enviou alguns homens para o Egito: Elnatan, filho de Akborⁱ, e alguns outros foram com ele ao Egito. ²³Tiraram Uriáhu do Egito e o trouxeram ao rei Joaquim. Este o executou e jogou seu corpo na vala comum. ²⁴Quanto a Jeremias, ele gozava da proteção de Ahíqâm, filho de Shafan^j, de maneira que não foi entregue ao poder dos que queriam sua morte^k.

22,17

10,12

32,17

Dn 4,14

43,10

28,14

Hab 2,5

25,26

Br 2,22

24,10

42,12

27 Obediência ou ruína. ¹No começo do reino de Sedecias^l, filho de Josias, rei de Judá, veio a Jeremias esta palavra da parte do SENHOR. ²Assim fala o SENHOR: Fabrica tiras e barras de jugo para ti. Põe-nas no pescoço^m. ³e envia também ao rei de Edom, ao rei de Moab, ao rei dos amonitas, ao rei de Tiro e ao rei de Sídón, através de seus embaixadoresⁿ que vieram a Jerusalém, à presença de Sedecias, rei de Judá. ⁴Confia-

-lhes a seguinte mensagem dirigida a seus senhores: Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Eis o que direis a vossos senhores: ⁵Sou eu quem fez a terra, os homens e os animais que vivem sobre a terra, com grande força e desdobrando o meu poder; eu a dou a quem me aprouver. ⁶Agora, pois, entrego todas essas terras ao poder de meu servo Nabucodonosor, rei de Babilônia; entreghe até os animais selvagens, para que o sirvam. ⁷Todas as nações o servirão: a ele, a seu filho e ao seu neto^o, até chegar também para ele a hora da sua terra; nações numerosas e reis poderosos o reduzirão à servidão.

⁸Portanto, a nação ou o reino que recusarem servi-lo — a ele, Nabucodonosor, rei de Babilônia — e não oferecerem o seu pescoço ao jugo do rei de Babilônia, é pela espada, a fome e a peste que vou ajustar contas com essa nação — oráculo do SENHOR — até aniquilá-los pela mão dele. ⁹Quanto a vós, não escuteis vossos profetas, vossos adivinhos, vossos oniromantes^p, vossos encantadores e mágicos, que vos garantem que não sereis subjugados pelo rei de Babilônia. ¹⁰É falso o que eles profetizam^q, e de tal forma vos afastam de vossa terra; sim, vou dispersar-vos, e perecereis. ¹¹Contudo, a nação que oferecer seu pescoço ao jugo do rei de Babilônia e o servir, deixá-la-ei tranqüila no seu solo — oráculo do SENHOR —; ela o cultivará e nele habitará.

¹²Quanto a Sedecias, rei de Judá, declara-lhe: Ofereci vosso pescoço ao jugo

h. Ou *Qiriat-Baal*, cf. Js 15,60; 18,14.

i. Quatro anos mais tarde, Elnatan tentará salvar da destruição o ms. de Baruc (36,12-25). A respeito de Akbor, cf. 2Rs 22, 12,14.

j. Jeremias parece ter mantido relações estreitas com a família de Shafan, o "secretário" de Josias, o mesmo que leu prontamente para o rei o "livro da lei" descoberto no Templo em 622 e que foi, na ocasião, enviado, com o filho Ahíqâm, para consultar a profetisa Huldá (2Rs 22,8-14). Depois de libertado pelos caldeus em julho de 587, Jeremias uniu-se ao filho de Ahíqâm, Godolias (40,6; cf. 39,14). É outro filho de Shafan, Eleasá, que, c. de 594, leva uma carta aos exilados de 597 (29,3), e é ainda um neto de Shafan, Miquéias, que, em 605, relata aos ministros "reunidos em sessão" o que ele lembra da leitura feita por Baruc dos oráculos de Jeremias (36,11-13).

k. Lit. *ao povo para ser morto*. Observa-se no entanto, que o povo parece, neste caso, ter sido favorável a Jeremias (v. 16 e v. 1 nota).

l. *Sedecias* conforme alguns mss. hebr., sir. e a versão árabe. Cf. vv. 3 e 12; 28,1. O resto da tradição escrita traz *Joaquim*. Para o problema da data, cf. 28,1 nota.

m. Uma ação simbólica, cf. 13,1 nota; Is 20,3 nota.

n. *Seus*: com gr.: hebr.: *alguns*. A presença desses *embaixadores* explica-se tanto pela entronização de um novo rei em Jerusalém como, simplesmente, pelos planos de uma coligação antibabilônica.

o. É o equivalente de 70 anos (cf. 25,11 nota; 29,10). A perspectiva de salvação é explicitada no v. 22.

p. Conforme as versões hebr.: *vossos sonhos*.

q. Cf. 13,25 nota; Ez 13,1 nota.

do rei de Babilônia; servi a ele e a seu povo, e vivereis. ¹³Por que quereis morrer, tu e teu povo, pela espada, pela fome e pela peste, assim como o SENHOR decretou para a nação que recusar servir ao rei de Babilônia? ¹⁴Não deis ouvidos às palavras dos profetas que vos garantem que não servireis ao rei de Babilônia. É falso o que eles profetizam'. ¹⁵Eu não os enviei — oráculo do SENHOR —, e o que eles profetizam em meu nome é falso, é desta forma que vou dispersar-vos, e vós perecereis, vós e os profetas que profetizam para vós.

¹⁶Aos sacerdotes e a todo este povo declaro: Assim fala o SENHOR: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que vos profetizam que as alfaías da Casa do SENHOR vão ser trazidas de volta de Babilônia, logo e sem demora. É falso o que eles vos profetizam. ¹⁷Não os escuteis. Servi ao rei de Babilônia e vivereis. Por que quereis que esta cidade se torne um montão de ruínas? ¹⁸Se eles são profetas e a palavra do SENHOR está com eles, que intercedam junto ao SENHOR de todo poder*, para evitar que as alfaías que ainda se encontram no Templo, no palácio¹ e em Jerusalém, sejam levadas para Babilônia.

¹⁹Pois assim fala o SENHOR de todo poder, a respeito das colunas, do mar, dos suportes rolantes² e de todas as outras alfaías que ainda se encontram nesta cidade, ²⁰de tudo aquilo que Nabucodonosor, rei de Babilônia, não carregou quando deportou de Jerusalém para Babilônia a Iekoniá, filho de Joaquim, rei

de Judá — bem como todos os notáveis de Judá e de Jerusalém —, ²¹sim, eis o que diz o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel, a respeito das alfaías que ainda se encontram no Templo, no palácio e em Jerusalém: ²²serão levadas para Babilônia³ e lá ficarão, até o dia em que delas me ocuparei — oráculo do SENHOR —: então eu as farei subir e voltar a este lugar.

30,3;
Esd 1,7-11

28 Jeremias e Hananiá*. ¹Nesse mesmo ano, no início do reino de Sedecias, rei de Judá, no quarto ano, no quinto mês⁴, o profeta Hananiá, filho de Azur, natural de Guibeon, disse-me na Casa do SENHOR, na presença dos sacerdotes e de todo o povo: ²Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Eu quebro o jugo do rei de Babilônia. ³Dentro de exatamente dois anos, reconduzirei para cá todas as alfaías da Casa do SENHOR que Nabucodonosor, rei da Babilônia, carregou deste lugar para levá-las a Babilônia. ⁴Da mesma forma, trarei de volta para este lugar, Iekoniá,⁵ filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os que foram deportados de Judá para Babilônia — oráculo do SENHOR, — pois eu quebro o jugo do rei de Babilônia". ⁶O profeta Jeremias deu resposta ao profeta Hananiá, na presença dos sacerdotes — e de todo o povo — que estavam na Casa do SENHOR. ⁷E o profeta Jeremias disse: "Amém! Que assim faça o SENHOR! Que o SENHOR cumpra as palavras que tu anunciaste profetizando, que ele faça voltar da Babilônia para este lugar todas as

1Rs 1,36

r. Cf. 13,25 nota.

s. O verdadeiro profeta é um intercessor, cf. 15,1 nota.

t. Lit. *na Casa do Senhor e na casa do rei de Judá*, cf. 26,10 nota. O mesmo diga-se para o v. 21.

u. Cf. 1Rs 7,21.23.27 e notas.

v. Cf. 2Rs 25,13-15.

w. Mt 10,19. Jeremias nunca se precipita: totalmente entregue ao Senhor, ele aguarda que a palavra do Senhor volte a ele (v. 12, cf. 42,7) para responder na qualidade de profeta, isto é, em nome do Senhor (cf. 15,17 nota). Até lá, ele acolhe com simplicidade aquilo que um colega proclama como palavra inspirada. É possível que o Senhor tenha renunciado aos males que o tinha encarregado de anunciar (cap. 27)? Jeremias espera que sim (v. 6, cf. 17,12 nota), embora formule muito educadamente uma

objeção baseada no bom-senso (vv. 7-9): sendo que até então os profetas têm anunciado a desgraça — ou algumas vezes a salvação, porém somente depois da provação (cf. 23,19 nota; 24,1 nota) —, é natural uma certa reserva diante de quem anuncia a salvação para já (v. 9). Mas, uma vez recebida a palavra (vv. 12-14, cf. Mt 10,19), o dócil instrumento do Senhor passa logo ao ataque, não por sua conta, mas sustentado por outro (vv. 15-16, cf. 11,18 nota; 20,7 nota; Mt 10,20).

x. Este v. menciona duas datas contraditórias: *o início*, isto é 597, e *o quarto ano*, isto é 594; o gr. traz apenas esta última data, que talvez seja preferível. Por ser o cap. 28 a continuação do cap. 27, talvez seja necessário corrigir a data mencionada em 27,1.

y. Esta profecia de Hananiá contradiz a de Jeremias em 22,27.

alfaias do Templo, e todos os que foram exilados! ⁷Escuta, porém, a palavra que eu pronuncio para ti e para todo o povo: ⁸Os profetas que exerceram seu ministério antes de mim e antes de ti, desde sempre, eles proferiram oráculos a respeito de numerosas terras e grandes reinos, anunciando a guerra, a desgraça^a, a peste. ⁹Mas se um profeta, ao profetizar, anuncia a paz, somente quando sua palavra se realiza é que este profeta é reconhecido como verdadeiramente enviado pelo SENHOR. ¹⁰O profeta Hananiá, então, tirou o jugo do pescoço do profeta Jeremias e o quebrou; ¹¹e^b o profeta Hananiá disse na presença de todo o povo: "Assim fala o SENHOR: Da mesma forma, exatamente dentro de dois anos, quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei de Babilônia, tirando-o do pescoço de todas as nações". O profeta Jeremias foi-se embora.

¹²Depois que o profeta Hananiá quebrou o jugo que estava no pescoço do profeta Jeremias, a palavra do SENHOR dirigiu-se a Jeremias: ¹³"Vai dizer a Hananiá: Assim fala o SENHOR: Quebraste as barras de madeira; no lugar delas farás^c barras de ferro. ¹⁴Pois assim fala o SENHOR de todo poder, O Deus de Israel: Um jugo de ferro é que eu ponho no pescoço de todas essas nações, para que sirvam a Nabucodonosor, rei de Babilônia; e elas lhe servirão; eu lhe entrego até mesmo os animais selvagens". ¹⁵O profeta Jeremias disse então ao profeta Hananiá: "Escuta, Hananiá: O SENHOR

não te enviou; tu fazes este povo embar-se na ilusão^d. ¹⁶Pois bem, assim fala o SENHOR: eu te expulso da superfície da terra; este ano ainda morrerás, porque pregaste a revolta contra o SENHOR^e. ¹⁷O profeta Hananiá morreu naquele ano no sétimo mês^f.

29 A carta aos primeiros deportados^g.

¹Eis os termos da carta que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém a todos os anciãos entre os exilados, aos sacerdotes, aos profetas e a todo o povo que Nabucodonosor deportara de Jerusalém para Babilônia, ²depois que o rei Iekoniá, a rainha-mãe, os funcionários da corte, os notáveis de Judá e de Jerusalém, os técnicos e os engenheiros deixaram Jerusalém — ³ele a entregou a Eleasá, filho de Shafan^h, e a Guemariá, filho de Hilqiáⁱ, que Sedecias, rei de Judá, enviava a Nabucodonosor, rei de Babilônia, em Babilônia:

ENQUANTO AGUARDAIS, INSTALAI-VOS! ⁴* Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu mandei deportar de Jerusalém para Babilônia: ⁵Construí casas e habitai, plantai pomares e comei de seus frutos, ⁶casai-vos, geraí filhos e filhas, ocupai-vos em casar vossos filhos e em dar vossas filhas em casamento para que elas tenham filhos e filhas; multiplicai-vos, aí não diminuais! ⁷Preocupai-vos com a prosperidade da cidade^k para onde eu vos deportei e intercedei por ela junto ao

z. Outros mss. trazem: *a fome*. Os dois últimos termos da enumeração faltam no gr.; e a Vulg. traz: *a desgraça e a fome*.

a. Também Hananiá realiza uma ação simbólica que, se fosse inspirada numa palavra do Senhor, deveria determinar o futuro (cf. 27,2 nota).

b. Nota marginal dos masoretas: *Metade do livro conforme a conta pormenorizada dos versículos*.

c. Gr. *e furei*.

d. Cf. 13,25 nota.

e. Motivo expresso com os mesmos termos de Dt 13,6 e ausente no gr.; cf. 29,32.

f. Dois meses depois da profecia de Jeremias, cf. v. 1.

g. É provável que essa carta tenha sido enviada pouco depois da deportação de 597. Os deportados estavam divididos entre o desespero e a esperança de uma volta próxima, esperança despetada e alimentada por alguns profetas que se encontravam

entre eles. Jeremias lhes diz que o exílio será longo, que devem assumir as novas condições de vida e superar uma concepção nacionalista e política do futuro demasiadamente estreita. Mesmo mantendo a perspectiva de um retorno futuro (vv. 10-14,32), convida-os a não considerar como privilegiados os compatriotas que ficaram na terra (vv. 16-20) e a se instalar sem olhar para trás em sua nova pátria (vv. 4-7), tomando consciência de que a palavra do Senhor é dirigida a eles (v. 20). Esta carta marca uma etapa importante: o estatuto do judaísmo da diáspora já está esboçado. — Este cap. nos mostra que existem numerosos contatos entre Jerusalém e os exilados.

h. Cf. 26,24 nota.

i. Hilqiá é sem dúvida o sacerdote que, em 622, encontrou o livro da lei no Templo (cf. 2Rs 22).

j. Tudo isso frisa o quanto é importante e durável a instalação: Jeremias prevê ao menos duas gerações, cf. 27,7.

k. Gr. *da terra*.

14,13 SENHOR: porque de sua prosperidade depende a vossa'.

14,13 ¹⁴Sim, assim fala o SENHOR de todo poder. Deus de Israel: Não vos deixeis enganar pelos profetas e pelos adivinhos que estão no meio de vós, nem presteis atenção aos vossos sonhos; ¹⁵o que eles profetizam em meu nome é falso: eu não os enviei^m — oráculo do SENHOR.

33,14 ¹⁶Assim fala o SENHOR: Quando se completarem para Babilônia setenta anos, eu me ocuparei de vós^o e cumprirei as minhas promessas relativas ao vosso retorno a este lugar. ¹⁷Pois eu tenho bem presentes os projetos que nutro a vosso respeito — oráculo do SENHOR —, projetos

24,5 de prosperidade e não de desgraça: eu 14,13 vos darei um futuro e uma esperança.

31,17 ¹⁸Invocar-me-eis, vireis em peregrinação^o, 33,3 dirigireis vossas orações a mim e eu vos atenderei. ¹⁹Buscar-me-eis e me encontrareis: procurar-me-eis do fundo do coração, ²⁰e eu me deixarei encontrar por vós — oráculo do SENHOR —, eu vos restaurarei^q, reunir-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares onde vos dispersei — oráculo do SENHOR — e vos reconduzirei para 30,3 o lugar de onde vos deportei.

²¹Se disserdes: "O SENHOR suscitou para nós profetas em Babilônia"...

OS QUE FICARAM EM JUDÁ SERÃO PUNIDOS^o.

²²Sim, eis o que diz o SENHOR ao rei que senta sobre o trono de David e a todos os que moram nesta cidade, vossos ir-

mãos que não partiram convosco para o exílio ²³— assim fala o SENHOR de todo poder —: Vou mandar contra eles a es- 24,10 pada, a fome e a peste, vou tratá-los como figos estragados, tão ruins que nem dá para comê-los^o. ²⁴Vou persegui-los com a espada, a fome e a peste; vou fazer 34,17 deles, para todos os reinos da terra, um exemplo aterrador, que será mencionado nas imprecações^o, um lugar de desolação e espanto^o; em todas as nações onde eu os dispersar entrarão no rol das injúrias^o, ²⁵porque não escutam minhas palavras — oráculo do SENHOR —, embora lhes tenha enviado sem cessar meus servos, os profetas. Mas eles não escutam^o — orá- 26,5 culo do SENHOR.

²⁶Vós, todos os exilados que expulsei de Jerusalém para Babilônia, escutai a 31,10 palavra do SENHOR!

GUARDAI-VOS DOS FALSOS PROFETAS^o!

²⁷...Eis o que o SENHOR, o Todo-poderoso, o Deus de Israel, diz a Aḥab, filho de Qolaiá, e a Šidqiá, filho de Maaseiá, que vos profetizam mentiras em meu nome: Vou entregá-los ao poder de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e ele os matará sob vossos olhos. ²⁸Eles serão citados nas maldições, por todos os deportados de Judá que se encontram em Babilônia; com efeito, dirão: Que o SENHOR te trate como a Šidqiá e Aḥab, que o rei de Babilônia assou ao fogo^o. ²⁹Seu crime é terem praticado uma infâmia em Israel^o:

1. Jeremias chega a pedir que intercedam a favor de um estado pagão, cf. 1Tm 2,1-2.

m. Cf. 28,15; 13,25 nota; Ez 13,1 nota.

n. Cf. 25,11 nota.

o. Como em 27,22.

p. Lit. *marchareis*; o contexto de fervor religioso sugere tratar-se de uma peregrinação. Pode-se também compreender, como fizeram os comentaristas judeus: *seguireis meu caminho*.

q. *Eu vos restaurarei*. Expressão semita inspirada na linguagem política: restaurar uma dinastia, reconstruir uma cidade. A fórmula é freqüente em Jr (30,3,18; 31,23; 32,44; 33,7,11,26; 48,47; 49,6,39; cf. Jl 4,1). Em outras passagens, ela é substituída por mudar o destino (Dt 30,3; Ez 16,53; 29,14; 39,25; Os 6,11; Am 9,14), *restabelecer as coisas* (Jó 42,10), *trazer de volta os cativos* (Sl 141,7; 53,7; 85,2, cf. Jl 4,1 nota), *os prisioneiros* (Lm 2,14). Jogando com o sentido das palavras, às vezes é possível traduzir: *voltar com os cativos*; Sl 126,4 (cf. v. 1) e Na 2,3 nota.

r. Este v. é a introdução do oráculo contido nos vv. 21-23. Os vv. 16-20, que interrompem a sequência e faltam no gr., têm contudo o seu papel dentro da argumentação dessa carta (cf. v. 1 nota).

s. Este oráculo trata do mesmo tema que a visão dos dois cestos (cap. 24); provavelmente é da mesma época.

t. Retomada da imagem de 24,8.

u. Lit. *uma imprecação*, cf. 26,6 nota; 42,18; 44,12.

v. Lit. *uma desolação e um uivo*, cf. 18,16 nota.

w. Lit. *e uma injúria*; cf. 24,9.

x. Com sir. e alguns mss. gr. Hebr.: *Mas vós não escutais*.

y. Mt 7,15. As censuras dirigidas aos falsos profetas são as de 23,9-40 (cf. 23,19 nota).

z. Este v. esclarece bem o sentido da fórmula: "tornar-se (ou ser feito) maldição, imprecação, injúria" (cf. v. 18 notas). Cf. também Is 65,15 e a respeito das bênçãos Gn 48,20.

a. Esta expressão volta em Gn 34,7; Dt 22,21; Js 7,15; Jz 20,6; 2Sm 13,12.

eles se entregam ao adultério com as mulheres de seus próximos^b; falam mentira em meu nome, enquanto nada lhes pedi. Pois eu o sei, e atesto — oráculo do SENHOR”.

UM CRÍTICO DA CARTA É AMALDIÇOADO. ²⁴A Shemaiahu, o nehelamita, tu dirás:

²⁵Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Tu enviaste — a todo o povo que está em Jerusalém —, ao sacerdote Şefania, filho de Maaseia^c — e a todos os sacerdotes —, cartas em teu nome nos seguintes termos: ²⁶“É o SENHOR quem te estabeleceu, no lugar do sacerdote Iehoiadá, como sacerdote, responsável no Templo por todos os que devanciavam e vaticinam — debes amarrá-los ao pelourinho ou à goliha^d —, ²⁷e contudo não repreendes Jeremias de Anatot, que vaticina entre vós! ²⁸Ele acaba de escrever a nós em Babilônia: ‘Ainda vai durar muito! Construí casas e habitai-as, plantai pomares e comei de seus frutos!’”

²⁹O sacerdote Şefania tinha lido esta carta ao profeta Jeremias. ³⁰A palavra do SENHOR veio então a Jeremias: ³¹Envia esta mensagem a todos os exilados: “Assim fala o SENHOR a respeito de Shemaia, o nehelamita: Já que Shemaia profere oráculos para vós, sem que eu o tenha enviado, e já que ele vos embala na

ilusão^e, ³²pois bem! vou ajustar contas com Shemaia, o nehelamita e com seus descendentes. Nenhum deles terá lugar no meio deste povo para se alegrar com o bem que eu vou conceder ao meu povo — oráculo do SENHOR —; ele acaso não pregou a revolta contra o SENHOR?”

30 A restauração de Israel^f. INTRODUÇÃO. ¹Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR: ²Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Escreve num livro^h todas as palavras que te dito. ³Dias virão — oráculo do SENHOR — em que restaurareiⁱ o meu povo Israel — e Judá —, diz o SENHOR^j; eu os reconduzirei à terra que dei a seus pais, e eles a possuirão^k.

⁴Eis as palavras que o SENHOR pronunciou a respeito de Israel — e de Judá:

LEMBRANÇA DO CASTIGO^l

⁵Assim fala o SENHOR:

Escutamos gritos de terror;

é o pânico, é o fim.

⁶Perguntai, averigui:

acaso os varões podem dar à luz?

Pois eu vejo todos os homens fortes com as mãos no ventre, qual parturientes!

Todos os rostos estão lívidos.

⁷Desgraça!

Ai, o grande dia é esse^l,

nenhum igual a ele.

Dn 12,1:
Ap 16,18

b. A respeito da imoralidade dos profetas cf. 23,10 nota.
c. Cf. 20,6 nota e 21,1 nota. De acordo com os vv. 26 e 29, a mensagem é-lhe dirigida pessoalmente. A menção a outros destinatários, ausente no gr., parece fora de lugar.

d. Cf. 20,2 nota.

e. Cf. 13,25 nota.

f. Cf. 28,16 nota.

g. Os caps. 30-31 contêm uma série de oráculos que descrevem o futuro maravilhoso do povo de Deus: agora disperso e maltratado, ele vai ser trazido de volta à Palestina, onde se reunirá ao redor de Sião (31,6.12), numa situação totalmente renovada. Os oráculos mais antigos parecem ser dirigidos ao Israel do Norte, ou Efraim (cf. 31,5-6.18.20), “primogênito” de Deus (31,9.20) e posteridade de Raquel (31,15), desejoso de voltar para a Samaria (31,5); trata-se então de oráculos paralelos ao de 3,11-18 e remontando provavelmente à mesma época (início do ministério de Jeremias). Depois da destruição de Jerusalém, esses oráculos parecem ter sido reinterpretados em função da nova situação, isto é, estendidos a Judá (cf. 30,3-4; 30,17 nota; 31,23-27.31) e enriquecidos por elementos novos (cf. 31,38-40), dois

quais alguns lembram o estilo e o pensamento de Is 40-55 (cf. 30,10; 31,10). Estes caps. não somente frisam o caráter inevitável do sofrimento, que representa a educação necessária (30,11.14; 31,18) do povo indócil (30,14-15; 31,19.32.37), mas também a abundância do amor divino (31,3.20.32) e da graça destinada a inscrever a vontade de Deus no mais profundo do ser humano (31,31-34).

h. Como em 36,2, Jeremias recebe a ordem de escrever as palavras de Deus: os vv. 1-3 são provavelmente uma introdução redacional ao “livro das consolações” (caps. 30-31), sendo que a introdução primitiva se encontra em 30,4.

i. Cf. 29,14 nota.

j. Cf. 6,15 nota.

k. Os vv. 5-7 contêm uma evocação global do “grande dia” da punição (cf. v. 7 nota): é desta forma que o profeta interpreta a condição miserável de Israel do Norte depois de sua dispersão em 722. As “dores do parto” são o prelúdio necessário da restauração, cf. vv. 12-17; 23,19 nota; Jo 16,21.

l. Alusão ao “dia do Senhor”, dia da aparição gloriosa do Senhor rodeado pelas potestades celestes, dia da teofania que

14,8 É o tempo da angústia para Jacó,
mas dela será libertado.

LIBERTADO PARA O SERVIÇO^m. "Naquele dia — oráculo do SENHOR de todo poder —, quebrarei o seu jugo, tirá-lo-ei de seu pescoço, romperei suas cadeias"; e nunca mais ele deverá servir aos estrangeiros. "É ao SENHOR, seu Deus, que servirão, e a David, seu rei, que estabelecerei sobre eles".

FERIDA E CURA

1, 44,2 ¹⁰ Não tenhas medo, Jacó, meu servo,
— oráculo do SENHOR —,
1,17 não te atemorizes, Israel!
42,11 Eu vou te libertar das terras longínquas,
e tua descendência, da terra do seu exílio.

Jacó volta, está seguro,
tranquilo, ninguém mais o perturba.

¹¹ Eu estou contigo — oráculo do
SENHOR — para te libertar.

Vou acabar com todas as nações
onde te dispersei,
mas não vou acabar contigo:
vou te ensinar a respeitar a ordem^p,
sem deixar nada impune.

¹² Assim fala o SENHOR:
Irremediável é a tua chaga^q,

incuráveis, as tuas feridas!

¹³ Ninguém defende a tua causa,
não há remédios eficazes para tua úlcera^r!

¹⁴ Todos os teus amantes^s te esquecem,
não se preocupam mais contigo.

Eu te feri como se feriria um inimigo:
é uma lição cruel

pelos teus inúmeros crimes,
pelas tuas contínuas faltas.

¹⁵ Como gritas diante de tua moléstia!
Tua chaga é incurável. 30,12
É por causa de teus inúmeros crimes 22,22
e de tuas contínuas faltas
que te trato dessa maneira.

¹⁶ Pois bem! todos os que te devoram 10,25
são devorados,
todos os teus inimigos, sem exceção,
vão para o exílio,
os que te despojam, são despojados,
entrego ao saque os que te saqueiam. Na 2,11

¹⁷ Quanto a ti, vou apressar a 33,6
convalescença,
curo tuas feridas
— oráculo do SENHOR —,
porque te chamam: "Refugio, 14,19
essa Sião^l com a qual ninguém se
preocupa".

RESTAURAÇÃO DO POVO DO SENHOR...

¹⁸ Assim fala o SENHOR:
Vou restaurar as tendas de Jacó, Am 9,11
vou ter piedade de suas habitações:
cada cidade é reconstruída sobre seu
monte de ruínas^u,
os palacetes voltam a ocupar seu
lugar habitual.

¹⁹ Delas se eleva a ação de graças,
e o burburinho da multidão em festa.
Eu os torno fecundos, eles não 3,16; 29,6;
diminuirão; Lv 26,9;
eu faço com que se tornem importantes, Ez 36,11,37;
eles não serão mais desprezíveis. 37,26

²⁰ Os filhos dele^v voltam a ter os
privilégios de outrora, Is 1,26
sua assembléia é estabelecida
firmemente diante de mim
e eu ajusto contas com todos os seus
opressores. 25,12

supõe o extermínio de tudo o que é incompatível com a santidade do Senhor, cf. Jl 1,15; 2,1; Am 5,18 nota; Sf. 1,14-18.

m. Cf. Ex 3,12 nota; Lc 1,74.

n. *Seu pescoço, suas cadeias*, conforme o gr. O hebr. traz: *teu pescoço, tuas cadeias*. As expressões são retomadas de 2,20 e 28,11, mas com um sentido novo: o Senhor em pessoa vai trazer, no tempo devido, a verdadeira liberdade, cf. Is 10,27; Na 1,13.

o. Cf. 23,5-6; Ez 37,24; Os 3,5. — Os vv. 8-9 provavelmente são redacionais: parecem formados por reminiscências de Jeremias e dos profetas em geral.

p. Outra tradução possível: *Eu te corrijo com medida*, cf. 10,24 nota; Sl 6,2; 99,8; 118,18; Jó 5,17; 33,19-30.

q. *Chaga*: poder-se-ia traduzir esta palavra, que literalmente significa *quebra*, por *fratura*, aqui e no v. 15.

r. Tradução incerta.

s. Seus aliados, cf. 22,20 nota.

t. Gr.: *nossa presa*; este poderia ser o termo primitivo, transformado pela saudade dos exilados de Judá, cf. Sl 137; seria então um sintoma da releitura judaica do texto original, cf. 30,1 nota. Em hebr. *nossa presa* e *Sião* têm uma grafia muito parecida. A menção a Sião de fato surpreende nesse contexto.

u. Cf. 49,2 nota.

v. *De Jacó ou do povo. Nesta passagem, os pronomes oscilam entre sg. e pl.]

Dt 17,15 ²¹ Seu príncipe procede dele,
Zc 10,4 seu soberano sai do seu seio.
Eu o faço avançar, e ele aproxima-se
de mim.
Pois quem se atreveria
a se aproximar de mim*?
— oráculo do SENHOR

31,1; ²² Vós vos tornareis um povo para mim,
Lv 26,12; e eu, eu me tornarei Deus para vós.
Dt 29,12;
2Rs 11,7

...DEPOIS DA TEMPESTADE⁴

23,19 ²³ A tempestade do SENHOR, o furor se
descendeia,

um furacão em redemoinhos
turbilhona sobre a cabeça dos culpados.

²⁴ O fardo da cólera do SENHOR não se
abrandará
até ele executar e realizar
seus planos bem definidos.

Jo 13,7 Mais tarde, os entenderéis plenamente.

31 NOVO ASSENTAMENTO NA TERRA CULTIVADA. ¹Naquele tempo — oráculo
do SENHOR —, eu me tornarei Deus para
todas as famílias de Israel e elas, elas se
tornarão um povo para mim.

² Assim fala o SENHOR:

Os 2,16 No deserto, o povo que escapou à espada
encontra o meu favor.
Israel caminha para o seu
rejuvenescimento.

³ De longe, o SENHOR me apareceu⁵:

Dt 7,8; Eu te amo com um amor de eternidade;
10,15; é, pois, por amizade que te atraio
Is 43,4; para mim*.
Os 11,4;
Mt 1,2

⁴ Eu quero te construir de novo, e tu
serás construída,

virgem Israel⁶. 31,21

De novo, ataviada com teus tamborins,
acompanharás a ciranda do povo em
festa.

⁵ De novo, plantarás pomares
nos montes de Samaria;
os que plantaram farão a colheita.

⁶ Está marcado o dia em que os vigias
gritarão
sobre o monte de Efraim:
De pé! Subamos a Sião,
ao SENHOR, nosso Deus. 33,11;
50,4-5;
Tb 1,6

CHEGADA DO SENHOR COM SEU POVO A SIÃO

⁷ Assim fala o SENHOR:

Aclamai Jacó, com alegria,
reservai uma acolhida delirante
ao chefe das nações!
Gritai, exultai, dizei:
O SENHOR liberta seu povo^b,
o resto de Israel. Am 6,1

⁸ Vou trazê-los da terra do norte, 3,18
vou reuni-los dos confins da terra.

Entre eles, cegos, aleijados,
mulheres grávidas e parturientes, 30,6
todos voltam, uma multidão imensa.

⁹ Chegam em lágrimas, 31,16;
suplicando: "Tem pena", e eu os conduzo^c: 50,4
levo-os para vales bem irrigados
por um caminho plano onde não
tropeçarão. Is 49,10

Sim, eu me torno um pai para Israel, 31,20;
Efraim é meu primogênito. Ex 4,22;
Sr 36,17;
2Cor 6,18

DECRETO OFICIAL: ISRAEL É RECONSTITUÍDO

¹⁰ Escutai, nações, a palavra do SENHOR, 42,15
anunciai-a às praias longínquas, dizei:

w. Lit. *Pois quem poria o seu coração em risco para se aproximar de mim?* — *Avançar, aproximar-se*: estes verbos pertencem ao vocabulário cultual (cf. Lv 9,5-9; Nm 8,19), mas são usados também para indicar uma audiência junto ao rei (2Sm 15,5; cf. Gn 43,19; 44,18; Is 48,16); não é possível aproximar-se de uma personalidade de alto nível sem seguir todo um cerimonial (cf. Est. 4,11). Quem ousa se aproximar de Deus "põe em risco a vida", pois seja quem for, quem vê Deus arrisca-se a morrer (cf. Ex 33,20; Jz 6,22.23; 13,22; Is 6,5), a não ser que Deus lhe "permita avançar" para participar das deliberações da corte celeste, cf. Zc 4,7.

x. Repetição quase textual de 23,19-20 (cf. nota). O redator que inseriu essa passagem aqui quis provavelmente lembrar que a salvação oferecida por Deus não implica a eliminação de todo julgamento.

y. Esta frase é provavelmente uma confidência do profeta que legitima o seu oráculo de salvação. Outros a põem na boca do povo que teria recebido uma espécie de revelação coletiva, cf. o gr.: ...*apareceu-lhe*.

z. Outra tradução: *eu faço durar minha fidelidade para contigo*, cf. uma expressão parecida em Sl 36,11 e 109,12.

a. *Construir* tem aqui um duplo sentido: assim como Deus antigamente *construiu* a mulher (Gn 2,22), da mesma forma, *construirá* a virgem Israel para fazer dela uma pessoa perfeita; fará isso *reconstruindo* a sua terra.

b. Traduzido conforme o gr. — Hebr.: *Liberta, Senhor, teu povo!* (cf. Mt 21,9 nota).

c. Eles gritam "Tem pena!" porque se desviaram, cf. 3,21, mas o Senhor os conduz para o caminho certo, rumo a um lugar seguro.

- 15,7 Aquele que dispersou Israel o reúne,
 SI 23,1: o protege, qual pastor ao seu rebanho.
 Sr 18,13
- 11 O SENHOR resgata Jacó,
 Ex 6,6: o reivindica, libertando-o da mão de
 Is 49,25: um mais forte.
- 12 Eles chegam, entoando cantos de alegria
 nas alturas de Sião.
- 29,32 Eles afluem para os bens do SENHOR,
 para o trigo, o mosto e o azeite fresco,
 para os rebanhos de ovelhas e de bois.
 Sentem-se reviver como um jardim
 bem irrigado,
 Is 58,11: não mais languescerão.
- 13 As jovens, então, vão dançar e se
 expandir,
 assim como os jovens e os velhos.
 Transformo seu luto em alegria,
 Is 35,10: conforto-os e faço os aflitos se alegrarem.
 SI 30,12
- 14 Sacio os sacerdotes com carnes gordas^d;
 meu povo se farta de meus bens
 — oráculo do SENHOR.

CHORO E CONSOLAÇÃO

- 15 Assim fala o SENHOR:
 Mi 2,18: Ouve-se em Ramá um lamento,
 um pranto amargo:
 Raquel chora seus filhos,
 ela recusa todo consolo por seus filhos;
 eles não estão aí!
- 16 Assim fala o SENHOR:
 Basta! Chega de lamento,
 Ap 21,4: de lágrimas nos olhos!
 2Cr 15,7: Teu sofrimento é recompensado
 Ap 14,13: — oráculo do SENHOR —;
 eles voltam da terra do inimigo.
- 29,11 17 Teu futuro é feito de esperança
 — oráculo do SENHOR —:
 teus filhos voltam para sua pátria.
- 18 Estou ouvindo, sim, ouço
 31,9: Efraim que se lamenta:
 3,21: “Tu me domas e eu me deixo domar
 como um novilho indômito:

- faze-me voltar, que eu possa voltar,
 15,19: porque tu, SENHOR, tu és meu Deus.
 17,14: SI 80,4: Lm 5,21
- 19 Assim que começo a voltar, fico
 profundamente arrependido;
 desde que me vejo como sou,
 bato no peito:
 Vergonha e humilhação sobre mim,
 22,21-22: pois carrego a desonra de minha
 32,30: juventude”.
- 20 Efraim será para mim um filho querido,
 31,3: uma criança que me delicia?
 Is 49,15: Toda vez que falo dele,
 63,9: Lm 3,32
 sempre e sempre tenho de repetir seu
 nome^f;
 e em meu coração, que emoção por ele!
 Eu o amo, sim eu o amo^g
 — oráculo do SENHOR.

APELO À VIRGEM ISRAEL

- 21 Marca tua trilha,
 baliza teu percurso,
 presta atenção à rota,
 ao caminho por onde andas:
 volta, virgem Israel,
 18,13: volta para tuas cidades!
- 22 Até quando te manterás estupidamente
 à parte^h,
 4,22: filha apóstata?
 O SENHOR cria algo de novo sobre a terra:
 Is 41,20: a mulher corteja o homemⁱ.
 48,7

A RESTAURAÇÃO DE JUDÁ. 23 Assim fala o
 SENHOR de todo poder, o Deus de Israel:
 Quando eu os tiver restaurado, falar-se-
 á também esta palavra na terra de Judá e
 em suas cidades:

- “Que o SENHOR te abençoe,
 paradeiro da justiça, montanha santa!”
 50,7
- 24 Nela habitarão Judá junto com
 todas as suas cidades^j, agricultores e
 nômades^k. 25 Eu apagarei a sede dos que
 estão esgotados e devolverei vigor aos
 que estão esfalfados.

d. Os sacerdotes mandavam queimar sobre o altar toda a gordura do animal sacrificado e uma parte da carne ficava para eles.
 e. Lit. o quadril, cf. Ez 21,17.

f. Lit. mencioná-lo, como em 15,15.

g. Ou: Tenho piedade dele, sim, grande piedade: o amor de Deus para Israel é o amor de um pai que sente uma piedade profunda do filho pródigo.

h. O verbo hebr. é ambíguo: a sua raiz significa “ser besta”, mas os comentadores judeus interpretaram “girar em torno”.

i. Lit. a mulher cerca o homem. A expressão, desconcertante, talvez signifique que a partir desse momento será a mulher (= o povo) quem procurará atrair os favores do homem (= Deus), sendo que até então era o Senhor quem cortejava seu povo.

j. Talvez o sentido seja que todos os habitantes de todas as aldeias de Judá (agricultores) assim como os do campo (os nômades) viverão juntos. Outra tradução, menos provável: Habitarão juntos — (em) Judá e todas suas cidades — agricultores e nômades.

k. Lit. os que partem com o rebanho.

²⁶Nisso, acordei e compreendi; o meu sonho tinha sido agradável¹.

NOVA ORDEM, NOVA JUSTIÇA. ²⁷Dias virão — oráculo do SENHOR — em que semearei Israel e Judá^m com sementes de homens e de animais. ²⁸Depois velarei sobre eles para construir e para plantar, assim como velei sobre eles para arrancar e arrasar, para demolir e arruinar, para fazer o mal — oráculo do SENHOR.

²⁹Naquele tempo já não se dirá:

“Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados!”

³⁰Não! Cada um morrerá por seu próprio pecado e se alguém comer uva verde, seus próprios dentes é que ficarão embotados.

A NOVA ALIANÇA^o. ³¹Dias virão — oráculo do SENHOR — em que firmarei com a comunidade de Israel — e a comunidade de Judá — uma nova aliança. ³²Será diferente da aliança que firmei com seus pais quando os tomei pela mão para fazê-

los sair da terra do Egito. Eles romperam minha aliança; eu, porém, continuo sendo o dono deles — oráculo do SENHOR. ³³Eis pois, a aliança que firmarei com a comunidade de Israel depois desses dias — oráculo do SENHOR —: eu depositarei minha instrução no seu íntimo, inscrevendo-a em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para

²Cor 3,3
7,23; 32,38;
Ez 36,28;
Zc 8,8

mim. ³⁴Já não ensinarão uns aos outros, cada um a seu irmão, repetindo: “Aprendei a conhecer o SENHOR!”, pois todos, pequenos e grandes, me conhecerão — oráculo do SENHOR. Eu perdoo o seu crime; não mais mencionarei sua falta.

24,7;
Is 11,9;
Jo 6,45
50,20

O FIRME APEGO DO SENHOR A ISRAEL^p

³⁵Assim fala o SENHOR, que estabelece o sol como luz do dia, a lua e as estrelas, em sua ordem, como luz da noite, que agita o mar^q, donde o bramir das ondas — seu nome é o SENHOR de todo poder —:

32,18;
Am 5,8,27

³⁶Se eu perdesse o controle sobre essa ordem — oráculo do SENHOR —, então também a descendência de Israel cessaria de existir como nação diante de mim para sempre.

³⁷Assim fala o SENHOR: Se fosse possível medir os céus nas alturas e sondar os fundamentos da terra, nas profundezas, então eu também poderia rejeitar a descendência de Israel^r por tudo o que fizeram^s — oráculo do SENHOR.

A INVIOLÁVEL CIDADE SANTA DO FUTURO.

³⁸Dias virão — oráculo do SENHOR — em que a cidade será reconstruída para o

1. O sonho tinha sido agradável ao profeta porque a revelação que se referia ao futuro maravilhoso de Judá lhe fora comunicada em sonho.

m. Conforme o gr. — Hebr.: *a casa de Israel e a casa de Judá*.

n. Os judeus, e em particular os exilados, tinham a impressão de que deviam pagar por causa dos pecados dos pais (v. 29; cf. Ez 18,2). Jeremias admite que talvez seja assim (cf. Ex 20,5; 34,7), mas anuncia para o futuro a abolição de toda punição coletiva ou retardada, lehezeqel irá mais longe: para ele a retribuição, por princípio, só pode ser individual (Ez 18).

o. A nova aliança que Deus vai estabelecer depois de ter soberanamente (v. 32b) perdoado a quebra da antiga (v. 34) não consiste numa modificação das diretrizes dadas no Sinai e dos compromissos então assumidos, nem num novo culto puramente espiritual: ela consiste antes no fato de as diretrizes e compromissos antigos serem agora inscritos “no coração”, no ser íntimo

do homem (cf. Is 48,17; 51,7; 54,13; 55,3; Pr 9,1-6; Ct 8,2; Rm 8,2; 1Cor 9,21 e nota). A estrutura da personalidade será regenerada de tal forma que cada um, sem ser orientado por outras pessoas, conhecerá e realizará a vontade do Senhor (cf. Zc 13,9 nota; 1Jo 2,20,27 e notas; 3,9 e nota). — Ao instituir a Eucaristia, penhor da realização da nova aliança, Jesus citará esta profecia (Lc 22,20; 1Cor 11,25). Os vv. 31-34 são citados integralmente em Hb 8,8-12, numa meditação sobre a nova aliança.

p. O apego inabalável do Senhor a seu povo é por um lado relacionado ao poder do Criador evocado através de termos litúrgicos (v. 35) e, por outro, é comparado à imensidão do universo, inacessível ao espírito humano (v. 37; cf. Is 40,12-16; Pr 30,4).

q. A tradição judaica, interpretando *ele fende o mar*, vê aqui uma alusão à passagem do Mar dos Juncos (cf. Jd 26,12).

r. Conforme o gr. — Hebr.: *toda a descendência...*

s. Isto é, *pelo que os pais fizeram*.

SENHOR, desde a Torre de Hananel¹ até a Porta do Ângulo². ³⁹A corda de medir será ainda estendida em frente, sobre a colina de Gareb, e de lá em direção a Goá. ⁴⁰Todo o vale dos cadáveres e das cinzas³, bem como o terreno ao longo do vale do Cedron até o ângulo da Porta dos Cavalos, a leste⁴, tudo será propriedade sagrada do SENHOR; nunca mais será arrasado nem demolido⁵.

Jl 4,17

32 Ação simbólica anunciando a restauração de Judá⁶. ¹Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR no décimo ano de Sedecias, rei de Judá — no décimo oitavo ano de Nabucodonosor.

30,1

52,29

²Naquele momento, as tropas do rei de Babilônia assediavam Jerusalém e o profeta Jeremias encontrava-se preso no pátio da guarda, no palácio do rei de Judá. ³Sedecias, rei de Judá, o tinha encarcerado ali alegando: “Por que proferes estes oráculos: ‘Eis o que diz o SENHOR: Eu vou entregar esta cidade ao poder do rei de Babilônia, que dela se apoderará; ‘Sedecias, rei de Judá, não escapará às forças dos caldeus, mas será certamente entregue ao poder do rei de Babilônia, a quem falará sem intermediários e a quem verá com seus próprios olhos’; ⁴o vencedor⁷ levará Sedecias para Babilônia; lá ele permanecerá⁸ até que eu o visite — oráculo do SENHOR —; se tentardes resistir aos caldeus, não tereis êxito⁹?”

⁶Eis o relato de Jeremias^d. A palavra do SENHOR veio a mim nestes termos: ⁷“Hanameel, o filho de teu tio Shalum, virá te dizer: ‘Compra meu campo em Anatot, pois é teu direito comprá-lo em virtude do direito de resgate’”. ⁸Conforme o SENHOR anunciara, Hanameel, o filho de meu tio, veio ao meu encontro no pátio da guarda para me dizer: “Compra meu campo em Anatot, no território de Benjamin, porque te compete o direito de sucessão, bem como o direito de resgate; compra-o, pois!” Compreendi então que se tratava da palavra do SENHOR. ⁹Comprei, portanto, de Hanameel, o filho de meu tio, esse campo — o campo de Anatot — e lhe pesei o dinheiro: dezessete siclos de prata. ¹⁰Redigi um contrato, ao qual apliquei o meu selo, na presença das testemunhas que tinha convocado, e pesei o dinheiro numa balança. ¹¹Tomei o contrato de venda, o exemplar lacrado — com as prescrições e as cláusulas^e! — e o exemplar aberto. ¹²Entreguei o contrato de venda a Baruc, filho de Neriá, filho de Maãscia, na presença de Hanameel, o filho de meu tio, na presença das testemunhas que assinaram o contrato de venda e na presença de todos os judaítas que se encontravam no pátio da guarda. ¹³Na presença deles ordenei a Baruc: ¹⁴— Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel — Toma estes documentos, este contrato de venda lacrado e aquele documento aber-

11,21

32,44

51,59

t. Cf. Ne 3,1 nota.

v. Cf. 2Rs 14,13 nota.

v. Ou *cinzas gordurosas* como em Lv 1,16 (cf. nota), isto é, restos de sacrifícios. A respeito desse vale, cf. 2,23 nota.

w. Cf. 2Rs 11,16 nota.

x. Esta expressão inspirada em 1,10 (cf. 12,14-17; 18,7,14; Am 9,15; Dn 11,4) significa que a cidade reconstruída e consagrada ao Senhor será inviolável para sempre.

y. Em pleno assédio de Jerusalém (588-587), Jeremias é chamado para realizar uma transação aparentemente insensata: sendo que um de seus parentes viu-se obrigado, por razões que não conhecemos, a vender uma parcela (de terra), ele utiliza-se de seu direito (ou dever) de resgate e torna-se o comprador da parcela. Esta transação, longe de representar um interesse puramente privado, é um elemento de sua pregação profética: uma ação simbólica ilustrativa de um oráculo de salvação: apesar dos tempos difíceis que Judá está atravessando, bem cedo a vida voltará a se normalizar.

z. Lit. *sua boca falará com a boca dele e seus olhos verão os olhos dele*, cf. 34,3 nota.

a. Lit. *ele*.

b. A segunda parte do v. falta no gr.: nela ecoa o v. 34,5 (cf. nota). Cf. 27,22; 29,10. — **[Até que eu o visite]*: sentido positivo do termo que significa a “prestação de contas”, cf. 23,12 nota.]

c. A informação de que Sedecias teria aprisionado Jeremias por causa de sua mensagem acerca de Jerusalém não corresponde aos outros dados do livro: Jeremias foi preso porque foi considerado um desertor. Sedecias em termos gerais estava bem disposto em relação ao profeta. Os vv. 2-5 parecem ser redacionais.

d. Lit. *e Jeremias diz*, depois da introdução (vv. 1-5), passa-se ao relato do próprio Jeremias.

e. Este inciso, ausente no gr. e que poderia ser uma glosa de leitor, parece dizer: “Ah! a papelada burocrática!”, a não ser que ele queira simplesmente frisar a seriedade da ação, realizada com todas as formalidades legais.

to, e coloca-os num vaso de barro cozido, para que se conservem por muito tempo. ¹⁵Pois, assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra". ¹⁶Depois de ter entregue o contrato de venda a Baruc, filho de Neriá, dirige ao SENHOR esta súplica: ¹⁷"Ah! SENHOR Deus, tu fizeste o céu e a terra com tua grande força, desdobrando teu poder^f, nada é difícil demais para ti, ¹⁸que demonstres amizade para mil gerações, mas que faças os filhos pagarem o pecado dos pais. Deus grande, guerreiro valente — seu nome é o SENHOR de todo poder! ¹⁹Excelente conselheiro e grande realizador, tu observas a conduta de todos os homens e retribuis a cada um conforme sua conduta, de acordo com os frutos de suas ações. ²⁰Na terra do Egito, te revelaste através de prodígios cujo valor de sinal permanece até o dia de hoje^g; e fizeste para ti um nome em Israel e no mundo inteiro, como hoje se vê. ²¹Fizeste sair teu povo Israel da terra do Egito, revelando-te em prodígios significativos, na força de tua mão, desdobrando teu poder de maneira impressionante^h; ²²deste-lhes esta terra que tinhas prometido por juramento a seus pais, uma terra que mana leite e melⁱ. ²³Eles entraram nela e dela tomaram posse, mas não escutaram tua voz; não seguiram a tua instrução; recusaram fazer tudo o que lhes havias ordenado fazer; é por causa disso que tu fizeste cair sobre eles todas estas desgraças. ²⁴As rampas para o assalto já atingem a cidade, que é assim obrigada, pela espada, a fome e a peste, a se render às forças dos caldeus que a atacam. Tudo o que decretaste se realiza e tu, ficas apenas olhando. ²⁵És tu, SENHOR Deus, que me dizes: 'Compra o campo, pesa o dinheiro e toma testemu-

munhas!', agora que a cidade está obrigada a se render às forças dos caldeus". ²⁶A palavra do SENHOR veio então a Jeremias: ²⁷"Eu, o SENHOR, sou o Deus de toda carne. Acaso há para mim algo difícil demais? ²⁸Pois bem — assim fala o SENHOR —, vou entregar esta cidade nas mãos dos caldeus e de Nabucodonosor, rei de Babilônia. Ele a tomará; ²⁹os caldeus que estão atacando esta cidade vão entrar nela; tocarão fogo nesta cidade e a queimarão juntamente com as casas em cujos terraços foram queimadas oferendas a Báal e derramadas libações a outros deuses, uma ofensa para mim. ³⁰Sim, desde sua infância os israelitas e a gente de Judá só fizeram o que eu reprovoo: os israelitas não fizeram senão irritar-me com suas práticas^k. ³¹Esta cidade provocou minha cólera, meu furor desde sua fundação até hoje^l: devo afastá-la de minha presença ³²por causa de todo o mal que os israelitas e os de Judá fizeram; eles me irritaram, eles, seus reis, seus ministros, seus sacerdotes, seus profetas, os homens de Judá e os habitantes de Jerusalém; ³³eles me apresentam a nuca, não o rosto; mesmo quando os instruo sem cessar, eles não me escutam, não aceitam a lição; ³⁴esparramam suas imundícies na Casa sobre a qual foi proclamado meu Nome^m, tornando-a impura. ³⁵Construíram o túmulo de Báal, no vale de Ben-Hinom, a fim de passar pelo fogo seus filhos e filhas, para Môlekⁿ; o que nunca pedi; nunca me aflorou à mente ordenar tal abominação para induzir Judá ao erro".

³⁶Pois agora, assim fala o SENHOR, o Deus de Israel, a respeito desta cidade que vós dizeis^o ter sido entregue ao poder do rei de Babilônia por meio da espada, da fome e da peste: ³⁷"Vou recolhê-los de todos as terras onde os dispersei

f. Lit. *com braço estendido*, como 27,5, cf. v. 21; 17,5; 21,5 nota.
g. Lit. *tu puseste sinais e prodígios na terra do Egito até hoje*.
h. Lit. *através de sinais e prodígios, com mão forte e braço estendido e com grande temor*, cf. v. 17 nota.

i. Como em 11,5; cf. Ex 3,8 nota.

j. G.: *a mim*.

k. Como em 25,6 (cf. nota). Esta última frase falta no gr.

l. Cf. 2,20; Ez 16,3-5,45; 23.

m. Cf. 7,10 nota. — Mais uma vez as *imundícies* indicam aqui os ídolos; cf. 16,18 nota.

n. Cf. 2Rs 23,10.

o. Gr.: *tu dizes*, cf. v. 24.

Nm 16,22

32,17;

Gn 18,14;

Zc 8,6

19,13

3,25

7,20

2Rs 17,

18,23;

23,27

44,3

4,4

2,27; 15,6

5,3

7,30-31

34,15;

Dt 12,5-11;

Br 2,26

Lv 18,21

21,5 em minha cólera, em meu furor e em
 16,15 minha grande indignação; vou trazê-los
 de volta para este lugar e aqui os estabele-
 23,6 ço em segurança. ³⁸Eles se tornam para
 11,4; mim um povo e eu me torno Deus para
 Ez 37,23,27 eles. ³⁹Vou lhes dar um só coração e um
 24,7 só caminho^q, fazendo com que me res-
 peitem sempre, para o bem deles e para
 50,5 o bem de seus filhos, depois deles. ⁴⁰Vou
 50,5 firmar com eles uma aliança perene^r; não
 vou cessar de acompanhá-los com meus
 29,11,32 benefícios e vou fazer com que me res-
 peitem profundamente^r, sem nunca mais
 3f 3,17 se apartarem de mim. ⁴¹Minha alegria será
 2,21 cumulá-los de benefícios; sim, plantá-los-
 -ei de verdade nesta terra^s; eu o farei de
 todo meu coração e de todo meu ser".
⁴²Sim, assim fala o SENHOR: "Da mes-
 31,28 ma forma como atraí sobre este povo toda
 esta grande desgraça, atrairei sobre eles
 todo o bem que decreto em seu favor.
 32,15 ⁴³Na terra que vós dizeis^t ser uma terra
 33,10 desolada, sem homens nem animais, en-
 tregue nas mãos dos caldeus, ainda se
 comprarão campos; ⁴⁴os campos serão
 comprados pesando-se o dinheiro, redi-
 32,10 gindo-se o contrato, aplicando-se o selo
 diante de testemunhas, na terra de Ben-
 jamin, nos arredores de Jerusalém e nas
 cidades de Judá, as da montanha, as da
 29,14 Baixada, as do Négueb, pois vou restaurá-
 las — oráculo do SENHOR".

33 A gloriosa restauração a cami- nho^u. ¹A palavra do SENHOR veio a

Jeremias pela segunda vez, quando ele
 32,2,8,12; ainda estava preso no pátio da guarda.
 37,21 ²Assim fala o SENHOR, aquele que a faz^v,
 Am 9,6 o SENHOR que a modela para consolida-
 46,18 -la — seu nome é o SENHOR —: ³Invoca-

-me e te responderei, revelar-te-ei gran- 29,12;
 des coisas, coisas inacessíveis, que des- Sl 50,15
 conheces. ⁴Sim, assim fala o SENHOR, o 1s 48,6
 Deus de Israel, a respeito das casas desta
 cidade, a respeito dos palácios dos reis
 de Judá, que foram destruídos, a respeito
 das rampas de assalto, a respeito da es- 32,24
 pada: ⁵A luta de resistência aos caldeus
 só serviu para encher estas casas^w com
 os cadáveres dos homens que abati em
 minha cólera, pois eu oculto meu rosto a 32,31;
 esta cidade por causa de toda sua malda- Dt 31,17
 de. ⁶Mas vou apressar sua convalescença 3,22;
 e logo a cura; vou curá-los e revelar-lhes 8,22;
 as riquezas da paz e da segurança.⁷ Res- 30,17
 taurarei Judá e Israel; vou restabelecê- 14,13
 -los como eram antes, ⁸vou purificá-los 33,11,26
 de todos os crimes que praticaram, dos Ez 36,25,29
 quais se tornaram culpáveis diante de
 mim, vou perdoar todos os crimes dos 31,34
 quais se tornaram culpáveis diante de
 mim, revoltando-se contra mim. ⁹Será
 para mim uma fama que me alegra, um
 título de glória e um adorno junto a to- 13,11;
 das as nações da terra, que ficarão cien- Sf 3,20
 tes de todos os benefícios que concedo a
 Judá e a Israel^x; extasiar-se-ão e vibrarão
 por causa de todos os bens, de toda a 14,13
 prosperidade que lhes concedo.

¹⁰Assim fala o SENHOR: Neste lugar, que
 vós dizeis ser um monte de ruínas, sem
 homens nem animais, nas cidades de Judá 33,12;
 e nas ruas desoladas de Jerusalém, sem 32,43
 ninguém, sem habitantes nem animais^y,
 ouvir-se-ão novamente ¹¹gritos de alegria 7,34
 e conversas alegres, o canto do noivo e
 o júbilo da noiva e o salmodiar dos que,
 levando sacrifícios de louvor à Casa do
 SENHOR, dirão: "Celebrai o SENHOR de
 todo poder, porque ele é bom e sua fide- 2Cr 5,13;
 29,31;
 1Mc 4,24

p. Isto é, mentalidade e orientação comuns; *coração*, cf. 17,9
 nota. Gr.: *outro caminho e outro coração*, cf. 31,33; Ez 11,19;
 36,26.

q. Cf. Is 24,5 nota.

r. Lit. e *porei meu temor em seu coração*, cf. 5,22,24; 2,19
 nota; At 10,2 nota.

s. Cf. 1,10 nota; 24,6; Am 9,15.

t. Gr.: *tu dizes*, como no v. 36 (cf. nota).

u. Este cap. contém uma coleção de oráculos de salvação que
 descrevem a sorte reservada a Israel: prosperidade das cidades
 (vv. 1-13), restauração definitiva da casa real inaugurada por

David e do sacerdócio levítico (vv. 14-22), eleição irrevogável
 do povo e da dinastia davídica (vv. 23-26). É possível que esses
 textos sejam em parte redacionais.

v. Não é claro o sentido de *a* (feminino abstrato?). Gr.: *que
 faz a terra*. Para Qimhi e outros exegetas judaicos, *a coisa que
 o Senhor faz é Jerusalém*, cf. vv. 10-11.

w. Lit. *para enchê-los*; ou talvez: *as rampas e as ruínas* (se
 lermos, no v. 4, com uma pequena correção, *ruínas em vez de
 espada*).

x. Lit. *que lhes concedo*, cf. v. 7.

y. Lit. *sem homens, sem habitantes e sem animais*, cf. 51,62.

33.7,26; Am 9,11 lidade é para sempre". Sim, vou restaurar esta terra, e ela voltará a ser como era antes, diz o SENHOR.

12Assim fala o SENHOR de todo poder:

33,10 Neste lugar, um monte de ruínas, sem homens nem animais, e em todas as suas cidades, haverá novamente apriscos onde os pastores farão descansar seu rebanho.

32,44 13Nas cidades da montanha, nas cidades da Baixada, nas cidades do Négueb, no território de Benjamin, nos arredores de Jerusalém e nas cidades de Judá haverá novamente rebanhos desfilando perante quem os conte, diz o SENHOR.

29,10 14Dias virão — oráculo do SENHOR — em que cumprirei a promessa que fiz à comunidade de Israel e à comunidade de Judá. 15Naquele tempo, exatamente naquele momento, farei brotar para David um rebento legítimo que defenderá o direito e a justiça no país. 16Naquele tempo, Judá será salvo e Jerusalém habitará em segurança. Eis o nome com que será chamada: "O SENHOR é nossa justiça".

1s 1,26; Os 2,1; Br 5,4; Mt 5,48 17Assim fala o SENHOR: Nunca faltará aos davíidas um descendente sentado no trono da comunidade de Israel. 18Nunca faltará aos sacerdotes levitas alguém que fique na minha presença, oferecendo os holocaustos, queimando oferendas e celebrando diariamente sacrifícios.

1,16 19A palavra do SENHOR veio a Jeremias: 20— Assim fala o SENHOR — Se conseguirdes romper minha aliança com o dia e minha aliança com a noite, de maneira que não haja mais dia e noite no momento determinado, 21então também minha aliança com meu servo David será rompida; não haverá mais ninguém de sua descendência em seu trono para reinar. Assim acontecerá com minha aliança com os sacerdotes levitas, meus ministros.

22Como o exército do céu que não pode

ser enumerado, como a areia do mar que não pode ser medida, assim multiplicarei os descendentes de meu servo David e os levitas, que são meus ministros.

23A palavra do SENHOR dirigiu-se a Jeremias: 24Como vês, essa gente anda dizendo que o SENHOR rejeitou as duas famílias que ele tinha escolhido. Desprezam o meu povo de tal forma, que para eles já não é uma nação. 25Assim fala o SENHOR: Eu, que fiz aliança com o dia e a noite e estabeleci a ordem do céu e da terra, 26poderia acaso rejeitar a descendência de Jacó e de meu servo David? Acaso desistiria de escolher dentre seus descendentes chefes para a raça de Abraão, Isaac e Jacó? Não! eu os restaurarei, pois me compadeço deles.

34 O destino reservado a Sedecias¹.

34,1 1Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR, quando Nabucodonosor, rei de Babilônia e todas as suas forças — todos os reinos da terra sobre os quais se estendia seu domínio e todos os povos — atacavam Jerusalém e todas as cidades que a rodeiam.

2Assim fala o SENHOR, O Deus de Israel: Vai falar com Sedecias, rei de Judá, e, dize-lhe: "Assim fala o SENHOR: Vou entregar esta cidade ao poder do rei de Babilônia, que a incendiará. 3Quanto a ti, não escaparás: serás preso e entregue ao seu poder. Tu e o rei de Babilônia vos encontrareis face a face, ele falará contigo sem intermediário". Irás para Babilônia. 4Contudo, escuta a palavra do SENHOR, Sedecias, rei de Judá. Assim fala o SENHOR a teu respeito: não morrerás pela espada. 5Morrerás pacificamente, queimar-se-ão perfumes em tua honra, assim como foram queimados em honra de teus pais, teus predecessores no trono

z. Os vv. 14-26 faltam no gr.

a. A respeito desses dois vv., cf. 23.5-6 notas.

b. Esta passagem (34,1-7) contém um oráculo dirigido ao rei Sedecias em pessoa, durante o sítio de Jerusalém em 588-587. A situação militar é sem saída: a maioria das cidades de Judá já foram ocupadas pelo invasor e somente as fortalezas de Lakish e Azeqá ainda resistem. Sedecias já não tem espe-

ranças de salvar seu trono e fazer recuar os babilônios; mas, ao menos, salvará sua vida. Este oráculo é parecido ao que Jeremias dirigirá a Ébed-Mélek (39,15-18) e a Baruc (cap. 45).

c. Lit. *teus olhos verão os olhos do rei da Babilônia e sua boca falará à tua boca*. A introdução do cap. 32, sem dúvida posterior, retoma essas expressões, cf. 32,4.5 nota.

22.18 real^d; entoarão para ti a elegia: 'Que dor, meu senhor!' Sim, eu faço esta declaração — oráculo do SENHOR".

4.5 "O profeta Jeremias proferiu todas estas palavras perante Sedecias, rei de Judá, em Jerusalém, "quando as forças do rei de Babilônia atacavam Jerusalém e as cidades^e de Judá que ainda resistiam, Lakish e Azeqá; pois entre as cidades de Judá, estas restavam ainda como cidades fortificadas.

34.1 **Escravos hebreus alforriados, mas retomados.** "Palavra que veio a Jeremias por parte do SENHOR, depois que o rei Sedecias concluiu com todo o povo que se encontrava em Jerusalém um acordo para proclamar a alforria dos escravos; "cada um teria de libertar seus escravos e escravas hebreus e ninguém mais tomaria como escravo um judaíta seu irmão. "Então todas as autoridades e todas as pessoas que tinham assumido o compromisso de libertar seus escravos e escravas, e de não tomá-los novamente como escravos, mantiveram a palavra; mantiveram a palavra e libertaram seus escravos. "Depois disso, porém, voltaram atrás: e retomaram os escravos e escravas que tinham libertado e os exploraram novamente como escravos ou escravas.

12A palavra do SENHOR veio então a Jeremias — da parte do SENHOR. "Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Eu mesmo firmei esta aliança com vossos pais, quando os tirei do Egito, da casa dos escravos: "Ao cabo do período de sete anos, cada um de vós libertará seu irmão hebreu que se tiver vendido; ele será teu escravo durante seis anos, depois tu o libertarás". No entanto, vossos pais não me escutaram, não prestaram atenção. 35.15 "Agora, vós vos tínheis convertido, praticando o que considero justo; cada um

de vós tinha proclamado a libertação de seu compatriota, assumindo um compromisso em minha presença, na Casa sobre a qual foi proclamado meu Nome. "Entretanto, voltastes atrás, profanando assim meu Nome; retomou cada qual seus escravos e escravas, aos quais tinha devolvido a liberdade; vós os explorais de novo como escravos e escravas.

17Pois bem, assim fala o SENHOR: Já que não me escutastes, ao proclamar a alforria de vossos irmãos e de vossos compatriotas, sou eu quem vou proclamar alforria para vós — oráculo do SENHOR —, a saber: para a espada, a peste e a fome. Vou fazer de vós um exemplo aterrador para todos os reinos da terra; "você entregará os que romperam a minha aliança — os que não honraram os termos da aliança que firmaram perante mim, cortando em dois um novilho e passando no meio das duas partes^f: "As autoridades de Judá e as de Jerusalém, os funcionários da corte, os sacerdotes e todos os proprietários de terras^g, todos os que passaram entre as partes do novilho —, "eu vou entregá-los ao poder de seus inimigos, ao poder dos que atentam contra sua vida; seus cadáveres servirão de pasto às aves do céu e dos animais da terra. "Quanto a Sedecias, rei de Judá, e a seus ministros, vou entregá-los ao poder de seus inimigos, ao poder dos que atentam contra sua vida, ao poder das forças do rei de Babilônia que acabam de levantar o assédio. "Vou dar uma ordem — oráculo do SENHOR — e elas voltarão a esta cidade; elas a assaltarão, a tomarão, a incendiarão; as cidades de Judá, vou reduzi-las a um lugar desolado, despojado de seus habitantes.

35 A lição dos rekabitas^h. "Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR,

d. Cf. 2Cr 16.14; 21.19. Essas promessas talvez fossem condicionais (cf. 21.9; 38.17); 32.5, que as evoca, convida ao mesmo tempo à não-resistência, e no começo do v. anterior há um esboço de exortação.

e. Conforme o gr., mais em sintonia com o contexto (cf. 34.1 nota); em hebr.: *todas as cidades*.

f. Cf. Gn 15.10.17. *Passando no meio das duas partes*, invocava-se sobre si a sorte dos animais, caso não fossem mantidos os compromissos assumidos.

g. Cf. 1.18 nota.

h. O cap. 35 relata um diálogo entre Jeremias e os rekabitas, diálogo que tem o valor e a função de uma ação simbólica: os rekabitas

no tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: ²“Vai ter com o clã dos rekabitas, fala com eles, conduze-os ao Templo, a uma das salas e oferece-lhes vinho para beber”. ³Fui então procurar Iaazaniá, filho de Iirmiaíhu, filho de Habaşiniá, todos os seus irmãos e todos os seus filhos: todo o clã dos rekabitas. ⁴Conduzi-os ao Templo, à sala dos filhos de Hanan, filho de Iigdaliáhu, o homem de Deus¹, aquela que se encontra ao lado da sala dos ministros, acima da sala de Maaseiáhu, filho de Shalum, o guarda do limiar². ⁵Coloquei, diante do clã dos rekabitas, ânforas cheias de vinho e taças, dizendo: “Bebei vinho!” ⁶Responderam: “Nós não bebemos vinho. Nosso antepassado, Ionadab, filho de Rekab, nos deixou esta instrução: ‘Nunca bebereis vinho, nem vós, nem vossos filhos; ⁷não construireis casa, nem semeareis, não plantareis vinhas, nem as comprareis, mas morareis em tendas durante toda a vossa vida, para que vivais muito tempo no solo em que vos encontrais’. ⁸Nós temos obedecido a todas as instruções que nosso antepassado Ionadab, filho de Rekab, nos deixou: até hoje, nunca bebemos vinho, nem nós, nem nossas mulheres, nem nossos filhos, nem nossas filhas; ⁹não construímos casas para morar, não compramos nem vinhas, nem campos, nem sementeiras; ¹⁰vivemos em tendas: obedecemos escrupulosamente às instruções que nosso antepassado Ionadab nos deixou. ¹¹Contudo, quando Nabucodonosor, rei de Babilônia, invadiu a terra, dissemos: ‘É melhor entrar em Jerusalém, diante do avanço das forças dos caldeus e de Aram³’. Foi assim que nos instalamos em Jerusalém”.

¹²Então, a palavra do SENHOR veio a Jeremias: ¹³— Assim fala o SENHOR de todo

de Judá e aos habitantes de Jerusalém: Ireis enfim aceitar a lição e escutar minhas palavras — oráculo do SENHOR —? ¹⁴A proibição de beber vinho que Ionadab, filho de Rekab, deixou a seus filhos, foi acatada: eles jamais beberam vinho, até hoje, obedecendo às instruções de seu antepassado. No entanto, eu vos tenho falado incansavelmente, sem que me escutásseis. ¹⁵Enviei-vos, sem cessar, meus servos os profetas para vos dizer: “Converta-se cada qual de sua má conduta, sim, melhorai vossa maneira de agir⁴, não andeis atrás de outros deuses para lhes prestar culto, e continuareis morando na terra que dei a vós e a vossos pais!” Vós, porém, não me destes ouvidos, não me escutastes. ¹⁶Os filhos de Ionadab observam o preceito que lhes deixou o seu antepassado, enquanto este povo não me escuta. ¹⁷Pois bem, assim fala o SENHOR, o Deus de todo poder, o Deus de Israel: Vou atrair sobre Judá e sobre todos os habitantes de Jerusalém todas as desgraças que decretei contra eles, porque lhes falei sem que me escutassem e os chamei sem que me atendessem”. ¹⁸Ao clã dos rekabitas, Jeremias disse: “Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Já que obedecéis ao preceito de vosso antepassado, Ionadab, e já que observais os preceitos pondo em prática o que vos ordenou, ¹⁹pois bem, assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Nunca faltará a Ionadab, filho de Rekab, descendente que fique em minha presença todos os dias”.

36 As duas primeiras edições dos oráculos de Jeremias (605-604).

¹No quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, veio esta palavra a Jeremias, da parte do SENHOR: ²“Toma um rolo^m e nele escreve todas as pala-

1Cr 29,15;
Hb 11,13;
1Pd 2,11

39,16

7,10;
15,19

30,2;
51,60

bitas permanecem fiéis a seus princípios ancestrais, recusando-se a violá-los (vv. 8-11), ao passo que os israelitas abandonam sem receio o Senhor e suas instruções. — Os rekabitas encarnavam e defendiam com afinco os ideais da religião israelita assim como fora vivida pelos ancestrais nômades e pelas tribos no deserto: recusa da civilização kenaanita, de suas cidades e de seus cultivos, principalmente da videira e de seus produtos, bem como um incondicional “zelo pelo Senhor” (cf. 2Rs 10,15-16)

i. Cf. 2Rs 1,9 nota.

j. Cf. 2Rs 12,10 nota.

k. Sem dúvida, tropas arameias eram alistadas no exército babilônio (caldeu).

l. Mesmas expressões que em 18,11. cf. também 7,3,5; 25,5; 36,3,7; Zc 1,4. A respeito da conversão, cf. At 3,19 nota; Rm 2,4 nota.

m. Hebr.: *uma megilá*, cf. Ez 2,9 nota.

vas que te dirigi a respeito de Israelⁿ, de Judá e de todas as nações, desde o dia em que comecei a te falar, no tempo de Josias, até hoje. ^{36,7;} ^{35,15;} ^{Sf 2,3} Talvez a gente de Judá perceba todo o mal que tenciono causar-lhe, de tal forma que, cada um se conver-

vertendo de sua má conduta, eu possa perdoar seus crimes e suas faltas". ^{36,3} ^{42,18} Jeremias recorreu a Baruc, filho de Neriá, que escreveu num rolo, conforme Jeremias ia ditando, todas as palavras que o SENHOR lhe tinha dirigido. ^{36,3} Depois, Jeremias ordenou a Baruc: "Estou impedido^a, não posso ir ao Templo. ^{36,3} Entra, pois, tu, num dia de jejum e, uma vez no Templo, lê perante a multidão o rolo em que escreveste, eu ditando, as palavras do SENHOR; tu o lerás para todos os judaítas vindos de suas diferentes cidades. ^{36,3} Talvez sua súplica chegue à face do SENHOR e cada um se converta de sua má conduta, pois terrível é a cólera, o furor do SENHOR em relação a esse povo".

^{36,3} Baruc, filho de Neriá, cumpriu fielmente o que lhe ordenara o profeta Jeremias; ele leu, no Templo, as palavras do SENHOR contidas no livro.

^{36,3} No quinto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, no nono mês, foi convocada, para jejuar diante do SENHOR, toda a população de Jerusalém e toda a população que vinha a Jerusalém das cidades de Judá. ^{36,3} No Templo, na sala de Guemariáhu, filho de Shafan, o chanceler, no átrio superior, à entrada da Porta Nova do Templo, Baruc leu então as palavras de Jeremias contidas no livro, para toda a multidão. ^{36,3} Ora Miquéias, filho de Guemariá, filho de Shafan^p, ouviu todas as palavras do SENHOR tais como estavam escritas no livro. ^{36,3} Desceu ao palácio, entrou na sala do chanceler, onde estavam reunidos em sessão todos os ministros: o chanceler Elishamá, Delaiáhu, filho de Shemaiáhu, Elnatan, filho

de Akbor, Guemariáhu, filho de Shafan, Sidqiáhu, filho de Hananiáhu e os outros ministros. ^{36,3} Miquéias lhes comunicou todas as palavras que tinha ouvido quando Baruc, filho de Neriá, fazia a leitura do livro à multidão.

^{36,3} O conselho dos ministros enviou então Iehudi, filho de Netaniáhu, filho de Shelemiáhu, filho de Kushi, para junto de Baruc para lhe dizer: "Traz-nos^a o rolo que leste perante a multidão".

Baruc, filho de Neriá, tomou o rolo e foi ter com eles. ^{36,3} Disseram-lhe: "Assenta-te e lê para nós esse rolo!". Foi o que Baruc fez. ^{36,3} Ao ouvir todas as palavras, foram tomados de um pânico contagioso.

Finalmente disseram a Baruc: "Não deixaremos de comunicar ao rei todas essas palavras". ^{36,24} E perguntaram: "Conta-nos como escreveste todas estas palavras colhidas de sua boca". ^{36,24} Baruc respondeu: "Ele me ditava pessoalmente todas estas palavras, e eu as escrevia com tinta no livro". ^{36,24} Os ministros disseram a Baruc: "Vai embora, esconde-te, e Jeremias também; e que ninguém saiba onde estais!". ^{36,24} Depois de guardar o rolo na sala do chanceler Elishamá, foram ter com o rei, em seus aposentos e lhe relataram todo o ocorrido.

^{36,24} O rei mandou então Iehudi buscar o rolo; ele foi buscá-lo na sala do chanceler Elishamá e o leu ao rei e a todos seus ministros, que estavam de pé em torno do rei. ^{36,24} O rei estava sentado no salão de inverno — era o nono mês — e o fogo^r de um braseiro ardia diante dele. ^{36,24} À medida que Iehudi lia três ou quatro colunas, o rei as recortava com um canivete de escriba e as jogava no fogo do braseiro, até o rolo inteiro desaparecer no fogo do braseiro. ^{36,24} Eles não foram tomados pelo pânico, nem rasgaram suas vestes, nem o rei, nem nenhum de seus servos que ouviam todas estas palavras.

n. Cf. 3,6-13; 30,1-31,22. Contudo, dois dos mais importantes mss. gr. trazem aqui *Jerusalém* (cf. 25,2).

o. Cf. Ne 6,10 nota; ou talvez se trata de uma proibição imposta a Jeremias de entrar no Templo, cf. 20,1-6.

p. O pai dele era um daqueles que defendiam Jeremias (v. 25, cf. vv. 10 e 19); cf. 26,24 nota.

q. Lit. *Toma-o em tua mão e vem*.

r. O fogo conforme gr., aram. e sir. Em hebr. uma consoante parece ter sido maltransmitida.

²⁵Mesmo quando Elnatan, Delaiáhu e Guemariáhu insistiam junto ao rei para que não queimasse o rolo, ele não os escutava. ²⁶Ao contrário, ordenou a Icráhmeel, príncipe de sangue*, a Seraiáhu, filho de Azriel, e a Shelemiáhu, filho de Abdeel, que prendessem o secretário Baruc e o profeta Jeremias; mas o SENHOR os escondera.

²⁷Depois de o rei ter queimado o rolo que continha as palavras escritas por Baruc e ditadas por Jeremias, a palavra do SENHOR veio a Jeremias: ²⁸“Providência um novo rolo e escreve nele todas as palavras primitivas que estavam no primeiro rolo, queimado por Joaquim, rei de Judá. ²⁹E a Joaquim, rei de Judá, dirás: Assim fala o SENHOR: Queimaste este rolo e me censuraste por eu ter escrito nele que o rei de Babilônia virá na certa para devastar esta terra, fazendo desaparecer dele homens e animais. ³⁰Pois bem, assim fala o SENHOR a respeito de Joaquim, rei de Judá: Ninguém lhe sucederá no trono de David; seu cadáver será exposto ao calor do dia e ao frio da noite! ³¹eu ajustarei contas com ele, sua descendência e seus servos, por causa de seus crimes: atrairei sobre eles, sobre os habitantes de Jerusalém e o povo de Judá, as graves desgraças sobre as quais os alertei, sem que me escutassem”.

³²Jeremias providenciou então outro rolo e o entregou ao secretário Baruc, filho de Neriá, que escreveu nele, por ditado de Jeremias, todas as palavras do livro queimado por Joaquim, rei de Judá. E ainda foram acrescentadas muitas outras palavras semelhantes.

37 Sedecias não escuta Jeremias, nem rompe com ele^a. ¹O rei Sedecias, filho de Josias, acedeu ao trono no lugar de Koniáhu*, filho de Joaquim, tendo sido entronizado, na terra de

Judá, por Nabucodonosor, rei de Babilônia. ²Ninguém escutava as palavras que o SENHOR proclamava por intermédio do profeta Jeremias: nem ele, nem seus servos, nem os proprietários de terras”.

³O rei Sedecias enviou Iehukal, filho de Shelemiá, e o sacerdote Şefaniáhu, filho de Maaseiá*, ao profeta Jeremias para lhe dizer: “Por favor, intercede por nós diante do SENHOR, nosso Deus!” ⁴Jeremias se deslocava então livremente entre o povo: ainda não tinha sido preso.

7,16; 42,2;
1Rs 13,6;
2Rs 19,4

Interrupção do assédio... por pouco tempo. ⁵O exército de Faraó saíra do Egito, e os caldeus que estavam assediando Jerusalém, informados disso, se tinham afastado de Jerusalém, levantando o cerco. ⁶Então a palavra do SENHOR veio ao profeta Jeremias: ⁷“Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: Eis o que direis ao rei de Judá, que vos envia a mim para me consultar: O exército de Faraó, que deixou o Egito para socorrer-vos, dará meia-volta e retornará às suas bases no Egito. ⁸Os caldeus voltarão, atacarão esta cidade, a tomarão e a incendiarão. ⁹Assim fala o SENHOR: Não vos enganeis imaginando que os caldeus foram embora para sempre. Eles não foram embora. ¹⁰Mesmo que derrotásseis todo o exército dos caldeus que vos ataca e dele sobrassem apenas alguns homens crivados de flechas, estes se levantariam em suas tendas e incendiariam esta cidade”.

21,1

32,2.24

Jeremias preso como desertor e encarcerado na cisterna. ¹¹Como o exército dos caldeus se tivesse afastado de Jerusalém, sob a pressão do exército de Faraó, ¹²Jeremias quis sair de Jerusalém e ir à terra de Benjamin, para um assunto de herança em sua família. ¹³Quando chegou à Porta de Benjamin, encontrou um chefe da guarda de nome Iiriá, filho

32,x

s. Lit. *filho do rei*, não necessariamente do rei reinante, que, conforme 2Rs 23,26, ainda não tinha chegado aos trinta anos. t. Cf. 22,19 nota. Na realidade, o filho sucedeu-lhe, mas apenas por três meses (cf. 1,3 nota). u. Cf. 1,3 nota.

v. Cf. 1,3 nota.

w. Cf. 1,18 nota.

x. Cf. 21,1 nota.

y. A respeito das relações entre Jeremias e Sedecias, anteriores, ao que parece, à interrupção do sítio, cf. 34 e 21,1-10.

de Shelemiá, filho de Hananiá. Ele prendeu o profeta alegando: "Tu estás querendo passar para o lado dos caldeus". ¹⁴Jeremias respondeu: "Não é verdade! Não pretendo passar para o lado dos caldeus". Mas Iiriá não quis ouvi-lo: prendeu Jeremias e o conduziu diante dos ministros. ¹⁵Os ministros se enfureceram contra Jeremias, bateram nele e o lançaram à prisão, na casa do chanceler Iehonatan — a qual fora convertida em prisão. ¹⁶Ele foi parar no interior da cisterna, no calabouço. Jeremias ficou aí longos dias.

Encontro com Sedecias e transferência para o pátio da guarda. ¹⁷Depois disso, o rei Sedecias mandou buscá-lo. Em segredo, o rei o interrogou em seu palácio, perguntando: "Há uma palavra da parte do SENHOR?" Jeremias respondeu: "Há!" e acrescentou: "Serás entregue ao poder do rei de Babilônia". ¹⁸Jeremias disse então ao rei Sedecias: "Que falta cometi contra ti, teus servos e este povo, para ser jogado na prisão? ¹⁹Onde estão os profetas que vos profetizaram que nem vós, nem esta terra deveríeis temer uma invasão do rei de Babilônia?" ²⁰Agora escuta, meu senhor o rei, presta ouvido à minha súplica: não me mandes de volta para a casa do chanceler Iehonatan; lá eu vou morrer". ²¹Então, o rei Sedecias mandou deter Jeremias no pátio da guarda e mandou que todos os dias lhe dessem uma broa de pão, da rua dos padeiros, enquanto houvesse pão na cidade. Jeremias ficou pois no pátio da guarda.

38 Novamente na cisterna, solto por Ébed-Mélek. ¹Shefatíá, filho de Matan, Guedaliáhu, filho de Pashehur, Iukal, filho de Shelemiáhu e Pashehur, filho de Malkiá, ouviram as palavras que

Jeremias repetia para todos: ²"Assim fala o SENHOR: Quem ficar nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste; quem dela sair para se juntar aos caldeus viverá e se considerará feliz por ter ao menos salvo a vida"; sim, ele continuará com vida. ³Assim fala o SENHOR: Esta cidade será certamente entregue ao poder das tropas do rei de Babilônia; elas a tomarão". ⁴Os ministros disseram ao rei: "Que este homem seja condenado à morte, pois desencoraja^b com esta conversa os que ainda defendem a cidade e a própria população. Este homem não procura o bem do povo, e sim sua desgraça". ⁵O rei Sedecias respondeu: "Ele está em vossas mãos: o rei nada pode contra vós". ⁶Eles tomaram Jeremias e o lançaram na cisterna de Malkiá, príncipe de sangue^d, aquela que se encontra no pátio da guarda; fizeram-no descer por meio de cordas. Na cisterna não havia água, só lodo, e Jeremias ia-se afundando. ⁷Ébed-Mélek, o kushita, funcionário da corte, que se encontrava no palácio, soube que tinham posto Jeremias na cisterna; entretanto o rei atendia na Porta de Benjamin. ⁸Ébed-Mélek saiu do palácio para falar com o rei. Disse-lhe: ⁹"Meu senhor o rei, é errado tudo o que esses homens fizeram com o profeta Jeremias; lançaram-no na cisterna; ele vai morrer de fome lá embaixo, pois não há mais pão na cidade". ¹⁰Então o rei deu a Ébed-Mélek, o kushita, esta ordem: "Leva contigo três homens e tira o profeta Jeremias da cisterna, antes que ele morra". ¹¹Ébed-Melek levou consigo os homens, foi ao palácio, tirou do depósito alguns panos velhos^e e os fez descer com cordas até Jeremias na cisterna. ¹²Ébed-Mélek, o kushita, disse a Jeremias: "Prende os panos velhos debaixo de tuas axilas, cobrindo as cordas". Jeremias assim fez. ¹³Levaram então Jeremias por meio das cordas e

21.9

14.13

Dn 6,16;
14,30

38,6.13.28

z. Cf. 21,1 nota.

a. Cf. 21,9 nota. Desde o começo do assédio, Jeremias anuncia a mesma mensagem.

b. Lit. *torna fraco* (ou *abre*) as mãos (cf. 6,24; Jó 12,21).c. No gr. esta última frase é uma reflexão do narrador: *pois o**rei nada podia contra eles*.d. Lit. *filho do rei* como em 36,26 (cf. a nota). Conforme 2Rs 24,18. Sedecias devia ter então 30 anos.

e. Assim interpretamos dois substantivos hebr., cujo sentido exato nos escapa.

o puxaram para fora da cisterna. Jeremias
38,28 ficou no pátio da guarda.

Última entrevista com Sedecias. ¹⁴O rei Sedecias mandou buscar o profeta Jeremias para que fosse levado à sua presença, junto à terceira entrada do Templo. O rei disse a Jeremias: “Vou te fazer uma pergunta; não me ocultes nada!” ¹⁵Jeremias respondeu a Sedecias: “Se eu te disser a verdade, me matarás; se eu te der um conselho, não me escutarás!”

¹⁶Então o rei Sedecias fez em segredo a Jeremias este juramento: “Certo como vive o SENHOR, que nos deu esta vida! Não te matarei, nem entregarei ao poder desses homens que atentam contra a tua vida”. ¹⁷Jeremias disse então a Sedecias: “Assim fala o SENHOR, Deus de todo poder, Deus de Israel: Se aceitares ir ao encontro do estado-maior do rei de Babilônia, salvarás a tua vida e esta cidade não será incendiada: tu e tua família sobreviveréis. ¹⁸Porém, se não fores ao encontro do estado-maior do rei de Babilônia, esta cidade será entregue ao poder dos caldeus que a incendiarão; e tu, não escaparás de suas mãos”. ¹⁹O rei Sedecias respondeu a Jeremias: “O que me preocupa são os judaítas que passaram para o lado dos caldeus: é possível que eu seja entregue a eles para que zombem de mim”.

²⁰Jeremias disse: “Não serás entregue. Escuta a voz do SENHOR naquilo que te digo e tudo correrá bem, terás a vida salva. ²¹No entanto, se recusares render-te, eis a cena que o SENHOR me mostrou: ²²Todas as mulheres que ainda se encontram no palácio do rei de Judá são levadas para o estado-maior do rei de Babilônia e dizem:

‘Eles te seduziram, atingiram o seu objetivo,

teus amigos íntimos;
teus pés afundaram na lama,
e eles deram-te as costas’.

²³Todas as tuas mulheres e os teus filhos são levados para os caldeus. Tu mesmo não escapas de suas mãos: o rei de Babilônia se apodera de ti e a cidade é incendiada”.

²⁴Sedecias disse a Jeremias: “Ninguém deve saber das palavras que trocamos; senão tu és um homem morto. ²⁵Se os ministros, sabendo que me encontrei contigo, vierem te perguntar: “Conta-nos o que disseste ao rei! Sob pena de morte, não nos ocultes nada! O que é que o rei te disse?””, ²⁶responderás: “Suplicando, tentei convencer o rei de não me mandar de volta para morrer na casa de Iehonatan” ²⁷De fato, todos os ministros vieram interrogar Jeremias que, ao responder, seguiu as instruções do rei; eles não insistiram e, portanto, o assunto não foi divulgado. ²⁸Jeremias permaneceu no pátio da guarda até o dia em que Jerusalém foi tomada.

38,13;
39,14-15

Em torno à tomada de Jerusalém.
Quando Jerusalém foi tomada...

39 ¹No nono ano de Sedecias, rei de Judá, no décimo mês^a, Nabucodonosor, rei de Babilônia, chegou com suas tropas diante de Jerusalém e a sitiou. ²No décimo primeiro ano de Sedecias, no quarto mês, no nono dia do mês^b, foi aberta uma brecha na cidade, ³... o estado-maior do rei de Babilônia tomou posição na praça central^c: Nergal-Sarêser, de Sin-Maguir^d, Nebu-Sarsekim, chefe dos funcionários da corte^e, Nergal-Sarêser, o generalíssimo, e todos os outros oficiais do estado-maior.

⁴Sedecias, rei de Judá e todos os combatentes, ao perceber a presença deles,

f. Lit. *os homens de tua paz* (20,10; cf. 14,13 nota); trata-se da pequena roda daqueles com os quais tudo é partilhado.

g. Em 52,4 e 2Rs 25,1, precisa-se: *o dia dez do mês* (então fim de dezembro de 589, confirma 2Rs 25,1 nota). A respeito do parêntese constituído pelos vv. 1.2, cf. 52,4-7 e 2Rs 25, 1-4.

h. Fim de junho de 587.

i. Lit. *na porta do meio* (ou *central*), sem dúvida uma porta no interior da cidade, diante da qual encontrava-se, como de costume, uma praça pública.

j. Hebr.: *Nergal-Sarêser Samgar*; a nossa interpretação concorda com os documentos babilônicos.

k. Cf. Dn 1,3 e nota. Conforme o v. 13, era Nebushasban quem ocupava esse cargo.

fugiram, deixando a cidade de noite, pelo jardim do rei, perto da porta entre as duas muralhas¹, e se afastaram em direção à Arábia. ⁵Mas as tropas dos caldeus os perseguiram e alcançaram

44,30 Sedecias na planície de Jericó. Eles o fizeram prisioneiro e o levaram a Riblá, na terra de Hamat, para junto de Nabucodonosor, rei de Babilônia, que lhe pronunciou sua sentença. ⁶O rei de Babilônia mandou degolar, em Riblá, os filhos de Sedecias diante dos seus olhos. ⁷O rei de Babilônia mandou também degolar todos os nobres de Judá. ⁸Vazou, então, os olhos de Sedecias e o amarrou com uma dupla corrente de bronze para o levar para Babilônia. ⁹Quanto ao palácio e às casas dos cidadãos, os caldeus as incendiaram e desmantelaram as muralhas de Jerusalém. ¹⁰Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, deportou para Babilônia os cidadãos que ainda restavam na cidade, e os desertores que se tinham entregado a ele, enfim, o que restava dos cidadãos, ¹¹mas deixou^m na terra parte da população indigente que nada possuía e, ao mesmo tempo, entregou a eles vinhas e campos.

¹²Quanto a Jeremias, Nabucodonosor, rei de Babilônia, deu ordens cuja execução foi confiada a Nebuzaradan chefe da guarda pessoal; mandou-lhe: ¹³“Cuida dele, vela por ele, não lhe faças mal algum; ao contrário, faz o que ele te pedir”. ¹⁴Nebuzaradan, chefe da guarda pessoalⁿ, Nebushazban, chefe dos funcionários da corte, Nergal-Sarêser, o generalíssimo, e todo o estado-maior do rei de Babilônia^o ¹⁵mandaram retirar Jeremias do pátio da guarda, para confiá-lo a ¹⁶Godolias, filho de Ahiqâm, filho de Shafan^p, que lhe permitiu voltar para a

sua casa. Assim Jeremias permaneceu no meio do povo.

Salvação para Ébed-Mélek^q. ¹A palavra do SENHOR veio a Jeremias enquanto ele ainda estava preso no pátio da guarda: ²“Vai dizer a Ébed-Mélek, o kushita: ³Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: vou fazer vir as minhas palavras contra esta cidade para o mal e não para o bem; naquele dia, elas estarão diante de ti. ⁴Naquele dia, eu te livrarei — oráculo do SENHOR — e tu não serás entregue ao poder dos homens que temes. ⁵Com certeza eu te salvarei, não cairás pela espada: se confias em mim, ficarás contente por ter ao menos salva a tua vida” — oráculo do SENHOR”.

40 A respeito de Godolias. ¹A palavra^r veio a Jeremias da parte do SENHOR, depois que fora enviado de volta, de Ramá, por Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal. — Este encarregara-se dele quando se encontrava acorrentado entre todos os prisioneiros de Jerusalém e de Judá que estavam sendo deportados para Babilônia. ²O chefe da guarda pessoal, portanto, encarregara-se dele e lhe dissera: “É o SENHOR, teu Deus, quem decretou tamanha desgraça contra este lugar. ³O SENHOR a atraiu, ele agiu conforme decretara. Isto aconteceu porque pecastes contra o SENHOR, porque não escutastes sua voz. ⁴Agora, porém, hoje mesmo, eu te liberto de tuas algemas. Se desejas acompanhar-me indo a Babilônia, vem, eu cuidarei de ti; mas se não queres ir comigo a Babilônia, fica. A terra inteira está à tua frente: vai para onde achares oportuno ir. ⁵Se não queres ficar comigo^s, volta então para junto de

1. Cf. 2Rs 25,4 nota; e até o v. 10, as outras notas de Jr 52,7-16 e 2Rs 25,4-12.

m. O hebr. repete: *Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal*. n. Cf. 52,12 (2Rs 25,8), ele só teria chegado em Jerusalém um mês após a abertura da brecha (v. 2).

o. Este v. 13 retoma em parte a enumeração do v. 3. Originalmente, o v. 14 devia vir logo após o v. 3: e *eles mandaram...* Os vv. 4-13 faltam no gr.

p. Cf. 26,24 nota.

q. Cf. 38,7-13.

r. Lit. *tua vida será para ti um butim*, cf. 21,9.

s. Lit. *A palavra que...*, mas o conteúdo desta palavra não nos é dado a conhecer em seguida.

t. Conforme o gr., o aram. e a Vulg. e supondo o deslocamento de duas palavras. O hebr. (*e ainda ele não voltava*) somente é compreensível supondo muitos subentendidos.

Godolias, filho de Ahiqâm, filho de Shafan, que o rei de Babilônia nomeou comissário^a das cidades de Judá, e fica com ele no meio do povo, ou então vai para onde achares oportuno ir". O chefe da guarda pessoal deu-lhe então suprimentos e um presente e se despediu dele. ^aFoi assim que Jeremias chegou a Mispá, onde estava Godolias, filho de Ahiqâm, e ficou com ele no meio da população que permanecera na terra.

2Rs 25,23

⁷Todos os comandantes das tropas dispersas pelos campos — juntamente com seus homens — ficaram sabendo que o rei de Babilônia nomeara Godolias, filho de Ahiqâm, comissário na terra e que lhe confiara homens, mulheres, crianças e parte da população humilde da terra, os que não tinham sido deportados para Babilônia. ⁸Eles foram ter com Godolias, em Mispá: eram eles Iishmael, filho de Netaniáhu, Iohanan e Ionatan, filhos de Qarêah. Seraia, filho de Tanhumet, os filhos de Ofai de Netofá, Iezaniáhu, filho do maakatita, juntamente com seus homens. ⁹Godolias, filho de Ahiqâm, filho de Shafan, declarou solenemente a eles e a seus homens: "Aceitai sem temor o regime dos caldeus. Ficai na terra e sede submissos ao rei de Babilônia, e tudo correrá bem. ¹⁰Eu fico em Mispá, à disposição dos caldeus que vêm a nós. Quanto a vós, fazei a colheita do vinho, das frutas e do azeite, fazei provisões" e ficai nas cidades que ocupais".

¹¹Da mesma forma, todos os judaítas que se achavam em Moab, entre os amonitas, em Edom e em todas as outras terras, souberam que o rei de Babilônia tinha feito concessões^a a Judá e nomeado comissário a Godolias, filho de Ahiqâm, filho de Shafan. ¹²Eles⁷ voltaram então de todos os lugares onde ti-

nam sido dispersados. De volta à terra de Judá, para junto de Godolias, em Mispá, fizeram uma colheita de vinho e de frutas, uma colheita superabundante.

Godolias assassinado. ¹³Chegados à presença de Godolias em Mispá, Iohanan, filho de Qarêah todos os comandantes das tropas dispersas pelos campos ¹⁴dizeram-lhe: "Não sabes que Baalis, rei dos amonitas, encarregou Iishmael, filho de Netaniá, de te matar?" Porém, Godolias, filho de Ahiqâm, recusou-se a acreditar nisso. ¹⁵Então Iohanan, filho de Qarêah, pediu secretamente a Godolias, em Mispá: "Permite-me ir matar Iishmael, filho de Netaniá, sem que ninguém saiba. Queres realmente que ele te mate? Todos os judaítas que se reuniram ao teu redor ficariam abandonados e o que resta de Judá seria destruído!" ¹⁶Godolias, ^{41.2}filho de Ahiqâm, respondeu a Iohanan, filho de Qarêah: "Não faças isso! O que tu dizes a respeito de Iishmael é falso".

2Rs 25,25

41 ¹No sétimo mês^a, Iishmael, filho de Netaniá, filho de Elishamá, de sangue real, um dos altos funcionários do rei, foi ter com Godolias, filho de Ahiqâm, em Mispá, acompanhado de dez homens, e lá, em Mispá, eles tomaram juntos a refeição. ²Improvavelmente, Iishmael, filho de Netaniá, e os dez homens que o acompanhavam, abateram Godolias, filho de Ahiqâm, a golpes de espada. Assim ele matou aquele que o rei de Babilônia nomeara comissário da terra. ³Da mesma forma, Iishmael matou todos os judaítas que se encontravam com ele — com Godolias em Mispá —, assim como os caldeus que se encontravam em Mispá, os militares.

u. Um representante do partido pró-babilônico é temporariamente encarregado da administração dos territórios conquistados.

v. A respeito deste v., cf. as notas de 2Rs 25,23.

w. Lit. *colocai em vossos recipientes*.

x. Lit. *tinha deixado um resto*; não se trata aqui do *Resto*, germe do povo da promessa (cf. 23,3; 31,7; Is 4,2 nota); confor-

me explica o cap. 24, este encontra-se entre os deportados de 597, cf. Ag 1,12 nota.

y. O hebr. repete: *todos os judaítas*.

z. Setembro-outubro (cf. Zc 7,5 nota). O ano não é especificado. Se o ano for o mesmo da tomada da cidade (587), Godolias, empossado em seu cargo por Nabuzaradan no 5º mês (cf. 39,13 nota), tê-lo-ia exercido por dois meses apenas, cf. 2Rs 25,25 nota.

⁴No segundo dia depois do assassinato de Godolias — quando ainda ninguém o sabia —, ⁵chegaram homens de Siquém, de Shilô e de Samaria: eles eram oitenta; de barba rapada, roupa rasgada, estavam cobertos de incisões e traziam oferendas e incenso destinados ao Templo^a. Iishmael, filho de Netaniá, saiu de Mispá ao seu encontro; andava sem parar chorando^b. Quando os alcançou, disse-lhes: “Vinde ter com Godolias, filho de Ahiqâm!”.

⁷Quando chegaram no centro da cidade, Iishmael, filho de Netaniá, os massacrrou e jogou seus cadáveres na cisterna — ele e os homens que o acompanhavam. ⁸Havia, entre os que chegaram, dez homens que disseram a Iishmael: “Não nos mates: temos provisões escondidas no campo: trigo, cevada, azeite e mel”. Iishmael desistiu de matá-los junto com seus irmãos.

⁹A cisterna em que Iishmael jogou todos os cadáveres dos homens que ele massacrara^c era a grande cisterna construída pelo rei Asá quando foi atacado por Baeshá de Israel^d. Iishmael, filho de Netaniá, a encheu de suas vítimas.

¹⁰Logo, Iishmael levou como prisioneiros o resto da população de Mispá: as princesas e todas as pessoas que ainda moravam em Mispá, aquelas que Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, tinha confiado a Godolias, filho de Ahiqâm; Iishmael, filho de Netaniá, as levou como prisioneiras e foi se juntar aos amonitas.

¹¹Assim que souberam do crime que Iishmael, filho de Netaniá, cometera, Iohanan, filho de Qarêah, e todos os demais comandantes das tropas que estavam com ele ¹²juntaram seus homens e puseram-se em marcha contra Iishmael, filho de Netaniá. Localizaram-no junto à grande lagoa de Guibeon. ¹³Quando todos os

que estavam com Iishmael avistaram Iohanan, filho de Qarêah e todos os comandantes das tropas que o acompanhavam, alegraram-se; ¹⁴todos os que Iishmael levava como prisioneiros de Mispá deram meia-volta e foram para junto de Iohanan, filho de Qarêah. ¹⁵Quanto a Iishmael, filho de Netaniá, escapou de Iohanan, filho de Qarêah, com oito homens, e foi para junto dos amonitas.

¹⁶Então Iohanan, filho de Qarêah e os comandantes das tropas que o acompanhavam tomaram o resto da população — os que Iishmael, filho de Netaniá, levava como prisioneiros de Mispá^e, depois do assassinio de Godolias, filho de Ahiqâm: homens, soldados, mulheres, crianças e funcionários da corte trazidos de volta de Guibeon —, ¹⁷puseram-se em marcha e fizeram etapa no acampamento de Kimhâm^f, perto de Bet-Lehem, prestes a partir para o Egito. ¹⁸Eles fugiam dos caldeus; tinham medo deles, porque Iishmael, filho de Netaniá, matara Godolias, filho de Ahiqâm, comissário da terra nomeado pelo rei de Babilônia.

42 A fuga para o Egito, contrariando a palavra do Senhor. ¹Então todos os comandantes das tropas — entre eles Iohanan, filho de Qarêah, e Azarias^g, filho de Hoshaiá — e todo o povo, pequenos e grandes, se acercaram ²do profeta Jeremias e lhe disseram: ³“Deixa-te tocar por nossa súplica! Intercede^h junto ao SENHOR, o teu Deus, a favor deste resto que somos nós; sim, após ter sido tão numerosos, somos apenas uns poucos sobreviventes, como agora nos vês! ³Que o SENHOR, teu Deus, nos indique o caminho que devemos tomar, o que devemos fazer”. ⁴O profeta Jeremias disse: “Está bem! Vou interce-

a. Seria o Templo de Jerusalém destruído ou o santuário de Mispá? Trata-se de uma romaria tradicional com data marcada, ou de uma iniciativa ocasionada pela destruição do Templo de Jerusalém?

b. No texto gr., são os peregrinos que marcham chorando, e não Iishmael.

c. Conforme o gr.; em hebr.: *por mão de Godolias*.

d. Cf. IRs 15,22; 16,18 e nota.

e. Com uma leve modificação da ordem das letras; em hebr.: *que ele levava com Iishmael, filho de Netaniá, de Mispá*.

f. Tradução hipotética de dois termos obscuros, conforme o aram., Símaco e a Vulg.

g. Conforme o gr., cf. 43,2; em hebr.: *Iezaniá* cf. 40,8.

h. Cf. 15,1 nota.

Dt 28,62;
Dn gr. 3,37

der junto ao SENHOR, vosso Deus, como pedis, e comunicar toda palavra que o SENHOR irá vos responder, sem guardar nada para mim".⁵ Eles então declararam a Jeremias: "Que o SENHOR seja testemunha verdadeira e segura contra nós: agiremos exatamente de acordo com a palavra que o SENHOR, teu Deus, te dirigirá a nosso respeito. ^{38,20} Para o bem ou para o mal, escutaremos a voz do SENHOR, nosso Deus, a quem te enviamos, como porta-voz; e tudo correrá bem, pois escutaremos a voz do SENHOR, nosso Deus".

⁷ Ao cabo de dez dias, a palavra do SENHOR veio a Jeremias.¹ "Ele convocou Iohanan, filho de Qarêah e todos os comandantes das tropas que estavam com ele juntamente com todo o povo, pequenos e grandes, ^{18,8} e lhes disse: "Assim fala o SENHOR, Deus de Israel, ao qual me enviastes como porta-voz para apresentar-lhe vossa súplica: ^{1,8} "Se aceitardes ficar nesta terra, então eu vos edificarei, eu não vos demolirei mais; eu vos plantarei, e não vos arrancarei mais; repararei o mal que vos fiz. ¹¹ Não vos preocupeis com o rei de Babilônia, do qual tendes medo! Não tendais mais medo dele — oráculo do SENHOR — pois estou convosco para vos salvar, para livrar-vos de sua mão. ¹² Farei com que tenha piedade de vós; apiedado de vós, vos deixará permanecer^j no vosso chão. ¹³ Mas se disserdes: 'Não queremos ficar nesta terra!' — recusando-vos assim a escutar a voz do SENHOR, vosso Deus —, ^{42,21; 43,7} ^{2,31} e se disserdes: 'Não! queremos ir para o Egito, onde não conheceremos mais a guerra, onde não ouviremos mais o alarme pela falta de pão; é lá que queremos morar!', ^{4,5} ^{44,24} pois bem, então, escutai a palavra do SENHOR, sobreviventes de Judá! Assim fala o SENHOR de todo poder, Deus de Israel: Se realmente partirdes para ir para o Egito e fordes refugiar-vos lá, ¹⁶ a

espada que temeis vos atingirá lá, na terra do Egito; a fome que vos preocupa vos perseguirá até o Egito; lá morrereis. ¹⁷ Os que partirem para refugiar-se no Egito morrerão pela espada, pela fome e pela peste; não haverá quem escape ou sobreviva à desgraça que eu vou atrair sobre eles. ¹⁸ Sim, assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Da mesma forma como minha cólera e meu furor se derramaram sobre os habitantes de Jerusalém, assim o meu furor se derramará sobre vós quando chegardes ao Egito: tornar-vos-eis uma desolação, entrareis no rol das imprecações, das maldições e das injúrias^k; não voltareis a ver este lugar. ¹⁹ Sobreviventes de Judá, o SENHOR vos declara: Não vades para o Egito! Hoje, sabeis que eu sou testemunha contra vós! ²⁰ Pusestes em risco vossa própria vida; enviastes-me como porta-voz junto ao SENHOR, vosso Deus, pedindo: 'Intercede por nós junto ao SENHOR, nosso Deus; anuncia-nos fielmente o que diz o SENHOR, nosso Deus, e nós o faremos!' ²¹ — Acabo de vo-lo anunciar, mas vós não escutais a voz do SENHOR, vosso Deus, nada escutais do que me confiou para vós. ²² Agora, sabei com certeza que morrereis pela espada, pela fome e pela peste, no próprio lugar onde pretendes refugiar-vos".

43 Quando Jeremias acabou de dizer ao povo todas as palavras do SENHOR, o Deus deles, palavras que o SENHOR, o Deus deles, lhe confiara para eles, ² Azarias, filho de Hoshaiá, Iohanan, filho de Qarêah, e todos esses homens insolentes tomaram a palavra e disseram a Jeremias: "O que dizes é falso. O SENHOR, nosso Deus, não te enviou para dizer-nos: 'Não vos refugieis no Egito!' ³ É Baruc, filho de Neríá, que te instiga contra nós; ele quer entregar-nos ao poder dos caldeus para que eles nos matem, para que nos deportem para Babilô-

i. Apesar de sua consagração (cf. 1,9 nota), Jeremias não pode dispor a seu entender da palavra de Deus; ele deve aguardar que o Senhor lhe responda, cf. 11,18 nota; 28,1 nota.

j. Conforme Áquila, sir. e Vulg. que, porém, trazem a 1ª pess. soa. Hebr.: *ele vos trará de volta*, cf. 16,15.

k. Lit. *e vos tornareis imprecação e desolação, maldição e injúria*, como em 44,12, cf. 24,9; 29,18.

Ez 11,8

11,23;
Lm 2,22

44,6

43,4

42,16-17

42,1

Is 13,11;
Mi 3,19

nia". "Nem Iohanan, filho de Qarêah, nem os comandantes das tropas, nem nenhum dos outros escutaram a voz do SENHOR que os convidava a permanecer na terra de Judá. ^{43.7; 44.23} Iohanan, filho de Qarêah, e todos os comandantes das tropas encarregaram-se de todos os sobreviventes de Judá, dos que voltaram para morar em Judá, depois de ter sido dispersos entre as nações vizinhas: ^{43.4} "homens, mulheres, crianças, princesas — todas as pessoas que Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, confiara a Godolias, filho de Ahikam, filho de Shafan —, bem como o profeta Jeremias e Baruc, filho de Neriá; ^{42.13} recusando-se a escutar a voz do SENHOR, foram para o Egito e chegaram até Dafne. ^{2Rn 25.26}

Palavras do Senhor no Egito. "Então, a palavra do SENHOR veio a Jeremias em Dafne: ^{25.9} "Toma grandes pedras e, à vista de alguns judeus, enterra-as no solo argiloso da olaria" que se encontra à entrada do palácio de Faraó, em Dafne. ^{46.13} "Logo lhes dirás: Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Vou mandar buscar meu servo Nabucodonosor, rei de Babilônia, estabelecerei seu trono sobre estas pedras que tu enterraste; sobre elas, armará o seu dossel. ^{15.2; Ez 15.12; 6.11; Zc 11.9} "Ele virá e ferirá a terra do Egito". — À morte, o destinado à morte! À deportação, o destinado à deportação! À espada, o destinado à espada! — ^{46.25; Ez 30.13} "Tocarei fogo nos templos dos deuses egípcios; ele queimará estes deuses, os deportará, tirará os pio-lhos da terra do Egito assim como um pastor tira os pio-lhos de sua roupa, e se retirará são e salvo. ^{Ez 34.13} "Quebrará os

obeliscos de Heliópolis", na terra do Egito, e incendiará os templos dos deuses egípcios".

44 ^{35.1} "Palavra que veio a Jeremias para todos os judeus residentes na terra do Egito: em Migdol^a, Dafne, Mênfis^a, e no território de Patrôis: ^{46.14} "Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Sabeis de todas as desgraças que atraí contra Jerusalém e contra as cidades de Judá: agora estão em ruínas e ninguém mora nelas; ^{44.8;} isto é por causa dos crimes que praticaram; eles me irritaram queimando oferendas e cultuando outros deuses, que nunca se preocuparam com eles, nem convosco, nem com vossos pais". ^{11.10,17; 19.4} "Eu vos enviei, incansavelmente, todos os meus servos, os profetas, para vos dizer: ^{35.15; 2Cr 36.15} "Não cometaís essas abominações que eu detesto!" ^{44.22; 6.15; 7.10; Ez 8.6} "Eles não escutaram, nem prestaram atenção para converter-se de sua maldade e não queimar mais oferendas a outros deuses. ^{7.26; 1Rn 7.20; 36.7} "Então meu furor, minha cólera derramou-se e, feito um fogo, assolou as cidades de Judá e as ruas de Jerusalém, que se tornaram montes de ruínas, lugares desolados" — como hoje se vê! ^{44.22-23} "Agora, pois, assim fala o SENHOR, Deus de todo poder, o Deus de Israel: por que continuais praticando um mal tão grande contra vós mesmos, a ponto de vos fazer cortar do meio de Judá, homens e mulheres, recém-nascidos e crianças de peito, sem deixar subsistir nem um resto? ^{Hab 2.10} "De fato, vós me irritais com as vossas práticas": queimais oferendas a outros deuses, na terra do Egito, onde viestes vos refugiar; acabareis provocando vosso extermínio e entrareis no rol das mal- ^{Lm 2.11; 4.4}

I. Conforme 40.11, acrescentamos vizinhas, para lembrar que não se trata da grande volta do exílio.

m. Tradução hipotética. Jeremias é encarregado de construir a base sobre a qual Nabudonosor, instrumento do castigo divino, erguerá seu trono. Dessa forma, o acontecimento, anunciado pela sua ação simbólica, começa a se realizar desde já, cf. 13.1 nota.

n. Esta profecia se realizou por ocasião da campanha de Nabucodonosor contra o Egito, durante o reinado do faraó Amasis, em 568-567, cf. Ez 29,19-20.

o. Nome grego da cidade egípcia de On (cf. Gn 41.45; Ez

30.17), construída ao redor do imponente templo do deus Sol; hebr.: *Beit Shémesh*, isto é "Casa do Sol".

p. Cidade situada a leste de Dafne, no extremo norte do Egito, cf. Ez 29.10; 30.6.

q. Cf. 2.16 nota; Is 49.12 nota.

r. O Alto-Egito, cf. Gn 10.14 nota; Is 11.11; Ez 29.14 nota. s. Lit. que nunca conheceram nem eles, nem vós, nem vossos pais, cf. 7.9 nota. O gr. traz simplesmente: que vós não conheceis, cf. 7.9.

t. Lit. ruína, desolação, cf. v. 22; 25.11.18.

u. Como em 25.6 (cf. nota).

dições e das injúrias' de todas as nações da terra. ⁹Porventura esqueceste os crimes de vossos pais, os crimes dos reis de Judá e de suas mulheres, vossos crimes e os crimes de vossas mulheres, crimes cometidos na terra de Judá e nas ruas de Jerusalém? ¹⁰Até hoje, não sentem compunção, nem mostram ter respeito, nem seguem a instrução e os estatutos que pus diante de vós e de vossos pais. ¹¹Pois bem! Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: Vou voltar-me contra vós para fazer-vos mal e vou exterminar todo Judá. ¹²Encarrego-me dos sobreviventes de Judá que partiram para se refugiar no Egito; todos eles morrerão, na terra do Egito cairão, morrerão pela espada e pela fome, todos, pequenos e grandes morrerão pela espada e pela fome. Eles se tornarão uma desolação, entrarão no rol das imprecações, das maldições e das injúrias*. ¹³Vou ajustar contas com os que moram na terra do Egito, assim como ajustei contas com Jerusalém, por meio da espada, da fome e da peste. ¹⁴Não haverá quem escape ou sobreviva entre o resto da população de Judá, os que vieram se refugiar no Egito; ninguém voltará à terra de Judá para onde eles aspiram voltar e lá morar; eles não voltarão — a não ser alguns sobreviventes**.

¹⁵Os homens, sabedores de que suas mulheres queimavam oferendas a outros deuses, juntamente com as mulheres lá presentes em grande assembléia, e todos os que moravam em Patrô, na terra do Egito, responderam a Jeremias: ¹⁶“Mesmo que tu digas isso em nome do SENHOR, não vamos te ouvir. ¹⁷Vamos fazer tudo o que decidimos: queimar oferendas à Rainha do Céu e lhe fazer libações, como fazíamos nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém — nós, nossos pais,

nossos reis e nossos ministros —; pois então tínhamos pão em abundância e vivíamos felizes, sem conhecer a desgraça. ¹⁸Depois que deixamos de queimar oferendas à Rainha do Céu e de lhe fazer libações, falta-nos tudo e perecemos pela espada e pela fome”. ¹⁹As mulheres acrescentaram: “Quando nós queimamos oferendas e fazemos libações à Rainha do Céu, porventura é sem a colaboração de nossos maridos que lhe fazemos bolos que a representam, e lhe fazemos libações?” ²⁰Jeremias disse então a todo o povo — aos homens, às mulheres, a todos os que lhe responderam dessa forma —: ²¹“As oferendas que queimastes nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém — vós, vossos pais, vossos reis, vossos ministros e os cidadãos —, não é justamente disso que o SENHOR se lembrou, não é isso que voltou à sua memória? ²²O SENHOR não podia mais suportar vossa conduta perversa e as abominações que cometestes, por isso vossa terra tornou-se um campo de ruínas, uma terra desolada, entrou no rol das maldições; foi despojada de seus habitantes — como hoje se vê! ²³Porque queimastes oferendas e pecastes contra o SENHOR, por não ter ouvido sua voz nem ter seguido suas instruções, seus princípios e suas exigências, sim, por causa disso, a desgraça vos atingiu — como hoje se vê!”

²⁴Jeremias disse então a todo o povo e a todas as mulheres: “Ouí a palavra do SENHOR, gente de Judá na terra do Egito: ²⁵Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: vós, mulheres^a, dito e feito^c, vós dizeis: ‘Queremos cumprir os votos que fizemos — queimar oferendas à Rainha do Céu e lhe fazer libações —, pois bem! cumpri vossos votos, fazei vossas libações^d!’ ²⁶No entanto, ouvi a palavra do SENHOR, gente

v. Lit. *tornando-vos maldição e injúria*, cf. v. 12: 24,9; 42,18.

w. Lit. e *eles se tornarão imprecação, desolação, maldição e injúria*, como em 42,18 (cf. a nota).

x. Cf. 7,18 nota.

y. Conforme alguns mss. gr. e sir.; falta no hebr.

z. Ou: *para tratá-la como uma divindade*; falta no gr.

a. Lit. *tornou-se ruína, desolação e maldição*, cf. v. 6 nota; 24,9; 42,18.

b. Conforme o gr.; hebr.: *vós e vossas mulheres*.

c. Lit. *pronunciais com vossa boca e cumpris com vossas mãos*.

d. *Vossas libações de acordo com alguns mss.*; os outros mss.: *vossas promessas*.

de Judá na terra do Egito! Juro por meu grande Nome*, diz o SENHOR, que em toda a terra do Egito o meu nome não será nunca mais pronunciado pela boca de alguém de Judá, dizendo: 'Certo como vive o SENHOR!' 27Velarei sobre eles para o mal e não o bem: os de Judá que estão na terra do Egito morrerão pela espada e pela fome, até a sua extinção total. 28Uns poucos, um número pequeno, escaparão à espada, e voltarão da terra do Egito para a terra de Judá, e todos os sobreviventes de Judá que vieram se refugiar no Egito saberão quem tinha razão, se eu ou eles. 29Eis o sinal — oráculo do SENHOR — que vos manifestará que eu vou ajustar contas convosco neste lugar, fazendo-vos saber que minhas palavras vão se realizar contra vós, para vossa desgraça: 30— Assim fala o SENHOR — Eu entrego o Faraó Hófrá, rei do Egito, ao poder de seus inimigos, dos que atentam contra sua vida*, assim como entreguei Sedecias, rei de Judá, ao

poder de seu inimigo, Nabucodonosor, rei de Babilônia, que atentava contra sua vida*.

45 A salvação de Baruc^h. 'Palavra que o profeta Jeremias dirigiu a Baruc, filho de Neriá, quando este escreveu estas palavras, ditadas por Jeremias, num livro, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: 2"Assim fala o SENHOR, Deus de Israel, a teu respeito, Baruc: 3Tu dizes: 'Pobre de mim! O SENHOR acrescenta aflição aos golpes que me atingem; estou exausto de tanto gemer, não encontro repouso'.

4— Assim tu lhe dirás — Assim fala o SENHOR: O que eu construo, eu mesmo o destruo, o que eu planto, eu mesmo o arranco, e isto para toda a terra! 5E tu, procura realizar grandes projetos! Não te preocupes mais com isso! Vou atrair a desgraça sobre toda carne, mas a ti concederei o privilégio de ao menos salvar a vida*, onde quer que fores".

ORÁCULOS A RESPEITO DAS NAÇÕES (CONTINUAÇÃO)

46 'Onde a palavra do SENHOR vem ao profeta Jeremias a respeito das nações.

Egito. DERROTA EM KARKEMISH. 2'Sobre o Egito, a respeito do exército do Faraó Nekô, rei do Egito.

Ele se encontrava na beira do Eufrates, em Karkemish, quando Nabucodonosor,

rei de Babilônia, o derrotou, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá.

3Firmai broquéis e escudos: avançai para a batalha!

4Arreai os cavalos!

Montai nos carros de guerra!

Alinhai-vos, com os capacetes!

Fazei brilhar as lanças!"

e. Cf. 22.5 nota.

f. Cf. 12.16. Os emigrantes associavam o culto do Senhor ao culto da *Rainha do Céu* (cf. vv. 17-19), Ishtar ou Anat, (cf. 2.20 nota, para práticas análogas na Palestina). Os documentos judaicos de Elephantina, no Alto-Egito, um pouco mais tardios, atestam a associação do culto de duas deusas ao do Senhor.

g. Hófrá foi deposto do trono por Amasis em 570, dois anos antes da campanha de Nabucodonosor (cf. 43.11 nota). Esta mudança de dinastia devia confirmar a profecia de 43.8-13 e anunciar sua próxima realização.

h. Pelo seu conteúdo, esse oráculo se aproxima do que Jeremias dirigiu a Sedecias (34.1-7) e a Ébed-Mélek (39.15-18); não é de se excluir que date da mesma época (588-586). A introdução que o situa em 605 seria então um acréscimo redacional. — O chanceler Baruc manifestara ambições políticas (v. 5; cf. 43.3). Depois dos acontecimentos de 605 (leitura pública dos oráculos

de Jeremias, cap. 36), ou então de 587-586 (emigração forçada para o Egito, cap. 43), ele deve ter constatado que sua carreira política fora destruída. Jeremias o consola, comunicando-lhe a decisão do Senhor: ele poderá ao menos salvar a vida.

i. Pode-se entender isso também da *terra* de Israel (cf. aram.), que o Senhor naquele momento está destruindo e arrancando, depois de tê-la construído e plantado, cf. 1.10. Estas poucas palavras faltam no gr.

j. Lit. *Tu procuras para ti grandes coisas! Não procures!*

k. Lit. *te concedo a tua vida como despojo*, cf. 21.9 nota.

l. Karkemish, importante cidade da Mesopotâmia, hoje Djerablus, cidade de fronteira entre a Síria e a Turquia. É nesse lugar que, em 605, os egípcios, vindo combater os babilônios, sofreram, apesar de aliados aos assírios, uma derrota da qual nunca mais se recuperaram, cf. 25.1 nota.

m. Gr.: *lanças pontiagudas em riste*, cf. Sl 35.2.

Vesti as couraças!"

⁵ Mas, que estou vendo?

Estão abalados",

recuam!

Os mais valentes são destroçados;

fogem em debandada^a,

sem olhar para trás!

Na 2,9
6,25; 49,29

Há terror por toda parte

— oráculo do SENHOR.

Am 2,15

⁶ Quem é mais ágil não consegue fugir,

nem o mais valente, se salvar:

no Norte, junto à margem do Eufrates,

eles vacilam e caem!

46,12

⁷ Pois quem é como o Nilo que sobe,

como grandes rios de águas

47,2;
Is 8,7;
Dn 11,10

borbulhantes^a?

⁸ O Egito é como o Nilo que sobe,

como grandes rios de águas

borbulhantes.

Ele dizia: "Subirei, cobrirei a terra,

quero destruir as cidades e seus

habitantes.

⁹ Cavalos, atacam!

Na 2,5; 3,2

Carros, atacam com fúria!

Os mais valentes façam uma investida;

homens de Kush e de Put,

manejando o escudo redondo,

homens de Lud^a, manejando^a e

retesando o arco".

¹⁰ Mas esse dia é, para o SENHOR, o

Deus de todo poder,

um dia de vingança, para se vingar

de seus inimigos.

A espada devora, se sacia, ela se

embriaga do sangue deles;

12,12;
47,6;
Dt 32,42

Que festim^a para o SENHOR, o Deus

de todo poder,

na terra do Norte, à margem do rio

Eufrates!

¹¹ Sobe ao Guilead e procura bálsamo^a,

51,8;
Gn 37,25

virgem Egito^a.

Em vão multiplicas os remédios,

nada te pode curar.—

15,18;
30,13;
51,9

¹² As nações sabem de tua desonra

pois teu clamor enche a terra.

Guerreiro tropeça sobre guerreiro;

juntos, caem os dois.

46,16;
Na 2,6

INVASÃO DO EGITO^a. ¹³Palavra que o SE-

NHOR falou ao profeta Jeremias para anun-

ciar que^a Nabucodonosor, rei de Babilô-

nia, viria ferir a terra do Egito:

¹⁴ Anunciai no Egito,

50,2

proclamai em Migdol,

proclamai em Mênfis e Dafne^a,

dizei: Levanta! Em guarda!

A espada devora tudo à tua roda^a.

21,14

¹⁵ O quê? Ápis fuge^a! Teu Touro^b não

resiste!

O SENHOR o sacudiu;

¹⁶ ele vacila de maneira assustadora.

46,6,12

Os homens^c caem um sobre o outro;

dizem: "De pé! Vamos voltar para o

nosso povo, para nossa pátria, para

longe da espada inexorável!"

50,16

¹⁷ Apela^d Faraó, rei do Egito:

Is 30,7

n. Roupas de couro cobertas por placas de metal.

o. No sentido próprio e figurado.

p. Lit. *eles fogem para o refúgio*. No entanto a tradição judaica interpreta no sentido de: "eles fogem em fuga".

q. A imagem evoca as enchentes do Nilo e de suas numerosas ramificações. O profeta traduz dessa forma a ambição dominadora do Egito.

r. *Kush* é a Núbia; *Put* talvez seja a Líbia; *Lud* é uma população desconhecida da África. Cf. Is 66,19 nota.

s. Talvez uma ditografia; pode ser suprimido.

t. A palavra hebr. designa a refeição sacrificial (cf. Sf 1,7). O sacrifício dividia-se em duas partes: a imolação e a refeição. Aqui, o autor, depois de ter descrito a imolação pela espada, mostra, através da imagem antropomórfica da refeição, que o próprio Senhor não fica indiferente aos fatos.

u. Para Jeremias o bálsamo é associado ao Guilead, cf. 8,22.

v. Lit. *virgem de filha-Egito*. Cf. v. 24 nota; 4,11; 14,17.

w. Trecho sem dúvida posterior ao precedente.

x. Seria admissível a seguinte tradução: *Palavra que o Senhor falou ao profeta Jeremias: Que Nabucodonosor, rei da Babilô-*

nia, venha para ferir a terra do Egito; ou: Palavra que o Senhor falou ao profeta Jeremias: Quando Nabucodonosor vier para ferir a terra do Egito, anunciai-o no Egito, etc.

y. Na tradição bíblica, *Migdol* é uma cidade de fronteira com o Egito (Is 14,2). A sua localização é difícil (talvez ao norte de Alcantara no caminho para a Palestina). *Mênfis* (em hebr. *Nof*, pronúncia hebraica da palavra egípcia que significa "a muralha branca") é um centro administrativo situado 29km ao sul do Cairo (cf. Os 9,6). *Dafne* (cf. 2,16 nota) está ausente nos mss. gr. z. Gr.: *teus mutagais*.

a. As consoantes do texto masorético poderiam significar: *é arrancado*. Nós lemos conforme o gr.: *Ápis fuge*. Ápis é o nome de um touro sagrado de Mênfis que acabou por ser associado ao deus protetor da cidade, Ptah, bem como a Osíris.

b. Isto é, Ápis.

c. Trata-se dos homens de Kush, Lud, Put etc., acima mencionados.

d. O hebr. diz: *Chama-se aí*. Conforme o gr. e a Vulg., nós lemos o verbo no imperativo e traduzimos *shem* (nome) em lugar de *shum* (aí); lit. *chamai o nome*.

"Barulho no momento errado".

¹⁸ Eu vivo! diz o Rei

^{48,15; Is 48,12} cujo nome é: SENHOR de todo poder.
Como o Tabor entre os montes
e o Carmelo sobre o mar,
ele vem!.

^{10,17 Ez 12,3} ¹⁹ Prepara a tua trouxa para o exílio,
população do Egito*;
Mênfis tornar-se-á uma terra desolada,
queimada, inabitada.

^{Os 10,11} ²⁰ Que novilha encantadora é o Egito!
Mas mutucas vindas do Norte
pousam sobre ela.

²¹ Em seu meio, os próprios mercenários
são como novilhos de engorda.
Eles também viram as costas;
todos fogem,
não resistem.

^{23,12; 50,27} Sim, o dia de sua ruína se abate sobre eles,
o momento de prestar contas.

²² Desliza de mansinho como uma serpente*,
enquanto eles marcham com passo
pesado.

^{Sl 74,6} Avançam contra ela com machados,
como lenhadores.

²³ Abate! sua floresta — oráculo do
SENHOR —,

mesmo que ela seja impenetrável!

^{51,14; Jz 7,12; Jl 1,4; Ap 9,3} Eles são mais numerosos que gafanhotos,
é impossível contá-los.

²⁴ A bela, Egito*, é coberta de vergonha;
ela é entregue ao povo do Norte.

O SENHOR FALA. ²⁵O SENHOR de todo poder,
o Deus de Israel, diz: "Vou ajustar 9,8
contas com Amon de Tebas¹ — o Faraó,
o Egito, seus deuses e seus reis^m —, o 43,12
Faraó e os que nele se apoiam: ²⁶vou en- 44,30
tregá-los ao poder dos que atentam contra
sua vida: a Nabucodonosor, rei de Babilô-
nia, e a seus servos. Depois disso, o Egito
se restabelecerá, voltando a ser como
outrova^m" — oráculo do SENHOR.

²⁷ Tu, porém, não tenhas medo, Jacó, 30,10-11
meu servo, 1s 41,13-14
não te atemorizes, Israel!

Vou te libertar das terras longínquas,
e tua descendência, da terra do seu
exílio.

Jacó volta, está seguro,
tranquilo, ninguém mais o perturba. Lv 26,6;
Ez 34,28;
Jó 1,19

²⁸ Não tenhas medo, Jacó, meu servo,
— oráculo do SENHOR —;

eu estou contigo. 1,8;
Is 43,5

Vou acabar com todas as nações
onde te dispersei,
mas não vou acabar contigo:
vou te ensinar a respeitar a ordem
sem deixar nada impune!

Na 1,3;
Sl 99,8

47 Os filisteus^p. ¹Quando a palavra do
SENHOR veio ao profeta Jeremias a
respeito dos filisteus, antes que o Faraó
atacasse Gaza^q.

² Assim fala o SENHOR:

e. Lit. *Barulho que desperdiça o encontro*; trata-se do encontro com a história que, de acordo com a mentalidade da época, era marcado pelos astros: o faraó deixou passar o momento oportuno, quando deveria tê-lo aproveitado.

f. *Ele*: o inimigo (Nabucodonosor) ou Deus? O texto não o especifica. As *montanhas* são uma imagem da firmeza da intervenção.

g. Lit. *habitante (da) filha-Egito*, cf. 48,18.

h. Lit. *Seu ruído é como de uma serpente deslizando*; trata-se do Egito, que foge sem fazer barulho.

i. A forma verbal hebr. é ambígua. Pode ser traduzida quer como imperativo quer como presente.

j. Traduzimos de acordo com alguns mss. hebr. Assim como outros fizeram, poder-se-ia também traduzir: *Eles abatem sua floresta... sim, eles são inumeráveis...*

k. Lit. *filha-Egito* (cf. 4,31 e nota), expressão que significa: a população do Egito (cf. v. 19; 48,18). Esta personificação feminina permite acentuar a imagem da vergonha: o Egito é como uma moça nua!

l. *Amon* é o deus (com diversas formas: humanas e animais) de Tebas. Considerava-se que ele reunia todas as divindades.

m. Claramente um acréscimo do hebr.; ausente no gr.

n. Este oráculo anuncia uma restauração do Egito, assim como a anunciam, na mesma época, os de Is 19,16-25 e de Ez 29, 13-15. Trata-se de uma explicação sobre o lugar das nações estrangeiras no plano de Deus (cf. também Jr 48,47; 49,6.39).

o. Isto não contradiz o que é dito no fim do v. 26, mas retoma a fase anunciada logo antes. Os vv. 27-28 encontram-se ainda em Jr 30,10-11 e lembram o estilo de Is 40-55. Neste caso, depois de anunciar uma restauração do Egito, adiantam a de Israel, isto é, do povo de Deus. O que se põe em evidência é todo o plano de Deus para a restauração das nações, tendo Israel como centro.

p. Cf. Js 13,3 nota.

q. A que fato histórico isto se refere? É difícil dizê-lo. Trata-se provavelmente das consequências da derrota dos egípcios em Kurkemish, pois Nabucodonosor os perseguiu e conquistou e destruiu Ashkelon, entre outras cidades (v. 5). Contudo, sabemos que no ano seguinte a Filistéia é ocupada pelos egípcios (v. 1 e talvez 5). Portanto: ou a passagem não fala da invasão babilônica, ou só fala sobre ela nos vv. de 2-4a, evocando a ação dos egípcios nos vv. 4b-7.

Ao norte, as águas engrossam,
elas se tornam uma torrente
transbordante;
inundam a terra e o que nela há:
a cidade e os que nela moram.
As pessoas pedem socorro;
todos os habitantes da terra gritam
ao barulho de seus corcéis, martelando
o chão com seus cascos,
ao estrépito de seus carros, ao
retumbar de suas rodas.
Os pais, desanimados*, se
desinteressam de seus filhos,
por causa do dia que chega
para arrasar todos os filisteus,
para eliminar de Tiro e Sídón
todos os sobreviventes capazes de os
ajudar.
Sim, o SENHOR arrasa os filisteus,
os sobreviventes da ilha de Kaftor*.
A navalha* passa sobre Gaza;
Ashqelon é reduzida ao silêncio.
Sobreviventes de seu poder*,
até quando vos fareis incisões*?
Que desgraça! Espada do SENHOR!
Finalmente irás descansar*?
Volta para tua bainha!
Detém-te! Calma!
Como poderia* aquietar-se

quando é o SENHOR que a envia em
missão
contra Ashqelon e a costa do mar?
Pois é para lá que ele a convocou.

48 Moab

A respeito de Moab*,
assim fala o SENHOR de todo poder, o
Deus de Israel:
Ai de Nebô*, ela é devastada!
Coberta de vergonha, Qiriatáim* é
tomada.
Coberta de vergonha, a cidadela
desmorona;
é o fim da fama de Moab!
Em Heshbon, trama-se* contra ela:
Vamos, eliminemos essa nação!
Também tu, Madmen, és reduzida ao
silêncio*,
a espada te persegue. 47.6
Gritos de socorro vêm de Hōronáim*,
devastação e grande ruína!
Moab está quebrantada, 15.1
seus pequenos* lançam grandes gritos.
A subida de Luḥit*,
é galgada em lágrimas*.
Na descida de Hōronaim,
ouvem-se apelos que vêm do lugar
do desastre.

r. Lit. *por causa da inércia de suas mãos*, cf. 6.24 nota.
s. Provavelmente trata-se da ilha de Creta, lugar de origem dos filisteus (cf. Dt 2.23; Am 9.7). A expressão: *os sobreviventes da ilha de Kaftor* é então sinônimo de "filisteus".

t. Lit. *A tonsura vem sobre...* alusão aos ritos fúnebres (cf. 48.37; Is 3.24; Am 8.10).

u. Gr.: *sobreviventes dos anaquitas*; os "anaquitas", famosos por sua alta estatura, ficaram muito tempo na Filistéia (cf. Js 11.22).

v. Outra alusão aos ritos funerários (cf. 16.6; Dt 4.1).

w. Lit. *Até quando ficarás sem repouso?*

x. O hebr. traz: *podes*. Traduzimos conforme as versões antigas (gr., sir., Vulg.).

y. Moab é um país vizinho de Judá, situado a oeste do mar Morto. O antagonismo entre Moab e Judá data dos começos da história de Israel (cf. Nm 22-24; cf. também Gn 19.30-38; Dt 23.4-7). Contudo, sempre subsistiram laços entre eles (cf. Rt); na época do exílio, Moab pode ter servido de refúgio para judaítas (cf. Jr 40.11). Graças à sua posição geográfica, sua história desenrolou-se sem maiores catástrofes (cf. v. 11). Não parece que o oráculo se deva a um acontecimento particular e sim ao desejo do profeta de desenvolver sua visão teológica: Deus é o senhor de todas as nações. O cap., aliás, contém um grande número de empréstimos literários (particularmente tirados de Is 15 e 16) e de repetições.

z. Cidade situada nas encostas do monte Nebô, na Transjordânia.

a. Cidade citada em Js 13.19; Nm 32.37, bem como na famosa "estela de Meshâ", rei de Moab. Sua identificação permanece incerta.

b. Em hebr. há um jogo de palavras: *Heshbon* e o verbo *tramar* têm a mesma consonância. Heshbon é uma colina situada 30km a oeste de Jericó, à margem da "via real".

c. Aqui também há um jogo de palavras entre *Madmen* e o verbo *ser reduzido ao silêncio*.

Madmen é de localização incerta. Seu nome talvez seja uma deformação de Dibon, cidade no centro de Moab... seria mais uma vez um jogo de palavras. Cf. Is 25.10 nota.

d. Cidade de localização incerta. Situada talvez na parte meridional de Moab, é citada na "estela de Meshâ".

e. De acordo com o aram. ao qual se referem os exegetas judaicos, *pequenos* seria uma designação irônica para indicar na realidade os "chefes".

f. Outra cidade no sul de Moab de localização incerta (cf. Is 15.5 nota).

g. Traduzimos esse v. com a ajuda de Is 15.5 e do gr. O hebr. poderia ser traduzido: *a subida de Luḥit, chorando fazem-se subir choros; na descida de Hōronaim ouvem-se inimigos que gritam ao desastre*.

- 6 Fugi! Salve-se quem puder!
Tornai-vos como Aroer^h no deserto.
- 17,5; 49,4 7 Por confiar em tuas forças e em teus tesouros, serás tomada.
- 49,3 8 Kemoshⁱ vai para o exílio, seus sacerdotes e seus chefes, todos juntos.
- 9 O devastador^j invade toda cidade, nenhuma lhe escapa. O vale desaparece, o planalto^k é saqueado. Conforme diz o SENHOR:
- 9 Erguei um monumento^l funerário para Moab, pois está em ruínas. Suas cidades tomam-se lugares desolados, são despojadas de seus habitantes.
- 48,28 10 Maldito quem faz a obra do SENHOR com desleixo, Maldito quem recusa sangue à sua espada.
- 46,10; 1Sm 15, 3,9,11; 1Rs 20,32 11 Moab esteve tranqüilo desde a mocidade, repousava sobre sua borra, nunca foi transvasado — isto é, nunca foi exilado. Conservou assim o seu gosto, e seu buquê permaneceu intacto.
- Sr 1,12 12 Pois bem, dias virão — oráculo do SENHOR — em que lhe enviarei transvasadores com a ordem de transvasá-los, de esvaziar suas vasilhas e quebrar suas jarras^m. 13 Moab terá vergonha de Kemosh, como os de Israel se envergonharam de Betelⁿ, que era a segurança deles!
- 2,36-37 14 Como ousais dizer: "Somos valentes, 2,23 soldados feitos para o combate?"
- 15 O devastador de Moab sobe para atacar suas cidades^o: a elite de sua juventude vai descer para a carnificina. 12,3 — oráculo do Rei, cujo nome é: o SENHOR de todo poder. 50,34; 51,57; Jr 51,15
- 16 A ruína de Moab é iminente, a desgraça vai cair sobre ele.
- 17 Ofereci-lhe vossos pêsames, vós todos, seus vizinhos, seus amigos íntimos^p, dizei: Oh!^q foi quebrada a potência implacável!^r o poder magnífico!^s
- 18 Desce de tua glória e fica com sede, população de Dibon!^t o devastador de Moab sai ao ataque contra ti, ele destrói tuas fortalezas.
- 19 Posta-te no caminho e fica à espreita, população de Aroer. Interroga fugitivos e sobreviventes: que aconteceu?
- 20 Moab, coberto de vergonha, desmoronou. 48,39 Gritai! Pedi socorro! Sobre o Arnon^u anunciai, Moab foi devastado.
- 21 O julgamento vem sobre o território do planalto, sobre Holon, Iahşa, Mefáat, 22 Dibon, Nebô, Bet-Diblatáim, 23 Qiria-táim, Bet-Gamul, Bet-Meon, 24 Qeriot, Boşrá, enfim: sobre todas as cidades da terra de Moab, longínquas e próximas.

h. Aroer era o nome de uma cidade no centro de Moab. A frase pode ter dois sentidos: sejam fortes como essa cidade (ela dominava um penhasco); ou então (se a cidade tivesse sido destruída): vos tornareis uma ruína como Aroer.

i. Deus nacional de Moab, bem conhecido por causa da "estela de Meshá", rei de Moab.

j. Nabucodonosor.

k. A palavra *planalto* designa freqüentemente a região principal da terra de Moab, ao norte do Arnon.

l. O hebr. diz: *doai uma flor a Moab*, o que parece não fazer sentido. Traduzimos conforme o gr., sem dúvida fiel ao texto primitivo.

m. Algumas regiões de Moab favoreciam o cultivo da videira (cf. Is 16,6-12).

n. Por causa da associação com Kemosh, fica claro que Betel é aqui tomado como nome de um deus. Em todos os oráculos

contra as nações, o profeta quer mostrar não somente que Deus é o Senhor desses povos estrangeiros, mas também que as divindades que eles veneram (além de Kemosh e Betel, Ápis: Jr 46,15; Milkom: Jr 49,1; Marduk: Jr 50,2) são apenas ídolos, isto é, nada; somente ele é Deus. Este é um elemento essencial desta parte do livro.

o. Lit. *Moab é devastado, e suas cidades, atacadas*. Nós interpretamos conforme o v. 18b, mudando uma consoante.

p. Lit. *Vós todos que o rodeais e conheceis seu nome*.

q. Termo característico dos lamentos fúnebres. Tornou-se o título hebraico do livro das "Lamentações".

r. Lit. *o bastião do poder*.

s. Lit. *o cetro da magnificência*.

t. Lit. *habitantes (da) filha-Dibon*, cf. 46,19.

u. O rio de Moab: ele atravessa o seu planalto num leito cavado e profundo e se lança no Mar Morto.

²⁵ O chifre de Moab foi cortado*,

Ez 30,21: seu braço está quebrado

SI 37,17 — oráculo do SENHOR.

51,57 ²⁶ Embriagai-o, pois ele se considerou
48,42: maior que o SENHOR. Ei-lo, revolvendo-se
Dn 5,23 em seu vômito... É a sua vez de ser ob-
eto de zombaria! ²⁷ Acaso Israel não foi

2,26 para ti objeto de zombaria? Acaso tu o
surpreendeste entre os ladrões, para que
meneies a cabeça todas vez que falas dele?

²⁸ Abandonai as cidades e ficai nos
rochedos,

habitantes de Moab.

Sede como pombos que constroem
seu ninho

em lugares inacessíveis, à beira do
abismo.

Is 16,6: ²⁹ Ouvimos falar do orgulho de Moab!

Sf 2,10

Como era orgulhoso!

Que atrevimento! Que orgulho!

Que arrogância! Que altivez!

³⁰ Conheço a sua presunção — oráculo
do SENHOR —,

8,6 a inconsistência de sua tagarelice,
a inconsistência de seus atos.

³¹ Por isso, grito por causa de Moab,
peço socorro para Moab todo inteiro.
Eu gemo* sobre o povo de Qir-Héres*.

³² Mais que por lazer, choro por ti,
vinha de Sibmá.

SI 80,12 Teus sarmientos se estendem além do mar,
eles atingem lazer*.

O devastador cai sobre tua colheita e
tua vindima.

³³ Acabou-se a alegria delirante*
nas vinhas e nos campos de Moab!
Faço secar o vinho das tinhas:
acabaram-se os gritos dos que pisam
o lagar*!

³⁴ Os gritos de socorro* de Heshbon são
ouvidos até Elealé*; eles ecoam até Iáha*,
de Šôar até Horonáim, Eglat-Shelishí*,
pois mesmo as águas de Nimrim* torna-
ram-se desolação. ³⁵ Vou fazer desapare-
cer de Moab — oráculo do SENHOR —

Is 15,6

aqueles que, nos lugares altos, oferecem
holocaustos e queimam oferendas em
honra dos seus deuses. ³⁶ Por isso, qual

17,3

flauta soluça sobre Moab o meu cora-
ção; meu coração soluça qual flauta so-
bre os homens de Qir-Héres; eles mor-
rem por causa dos ganhos que realiza-
ram*. ³⁷ Por isso, toda cabeça é raspada e

4,19; Is 16,11

toda barba cortada; em todas as mãos
são feitas incisões e os rins são cobertos
de sacos. ³⁸ Sobre todos os terraços das
casas de Moab e nas praças não há senão
lamentos: eu quebro Moab como um
objeto imprestável — oráculo do SENHOR.

Is 15,2

³⁹ Oh! Desmoronou! Gritai! Oh! Moab
voltou as costas, envergonhado! Moab é
objeto de escárnio e de assombro junto a
todos os seus vizinhos.

22,28

49,25

48,20

⁴⁰ Assim fala o SENHOR:

Ele é como um abutre que plana
e estende as suas asas sobre Moab.

49,22;

Dt 28,49

⁴¹ Qeriot é tomada e Meşadot conqui-
stada*.

O coração dos valentes de Moab scrá,
nesse dia,

49,22

como o coração de uma parturiente.

⁴² Moab, saqueado, não é mais um povo,
porque ele se considerou maior que
o SENHOR.

48,26;

50,29

⁴³ Terror, fosso e rede, contra vós, habi-
tantes de Moab — oráculo do SENHOR!

Is 24,17-18;

Lm 3,47

⁴⁴ Quem fugir diante do Terror
cairá no fosso.

Am 5,19

v. Isto é, Moab perdeu seu vigor.

w. Outros mss. trazem: *eles gemem ou geme-se*.

x. Talvez fosse a capital de Moab. De acordo com o texto gr.
a cidade chamava-se "Vila Nova" (Qir-Hadash); Qir-Héres sig-
nifica em hebr. "cidade dos cacos"; percebe-se o jogo de pala-
vras que o autor neste caso estaria fazendo!

y. De acordo com alguns mss. hebr., gr. e Is 16,9, omitimos
o mar (de lazer), palavra que se encontra em outros mss.

z. O profeta evoca a alegria da festa da vindima, quando se
bebia vinho até a embriaguez (cf. Jl 1,16).

a. O hebr. contém três palavras a mais que podem tanto evo-
car o próprio grito, como significar: o grito dos lagareiros, não
há mais grito dos lagareiros.

b. Lit. *Dos gritos de socorro*. Traduzimos suprimindo a po-
sição.

c. Cidade situada 3km a nordeste de Heshbon.

d. Cidade situada 25km ao sul.

e. *Šôar* e *Horonáim* são duas cidades situadas a sudeste do
território de Moab. *Eglat-Shelishí* significa "novilha de três
anos". Pode ser tanto o apelido de *Horonáim* como o nome de
outra cidade; de qualquer forma o nome refere-se à criação de
gado praticada na região.

f. Oásis ao sudeste do mar Morto.

g. O gr. traduz: *Os ganhos que realizaram acabam*; implica
mudança de uma consoante.

h. *Qeriot* e *Meşadot* significam: "cidades" e "recantos".

quem se livrar do fosso
será apanhado na rede.
Sim, vou fazer vir sobre ela, sobre
Moab,

11,23 o ano do ajuste de contas

23,12 — oráculo do SENHOR.

45 À sombra de Heshbon, param,
sem força, os fugitivos.

Nm 21,28 Mas um fogo sai de Heshbon,
uma chama do palácio de Siḥon.

Nm 24,17 Ele devora as tēmporas de Moab
e o crânio dos briguentos¹.

46 Ai de ti, Moab!

Nm 21,29 O povo de Kemosh está perdido.
Teus filhos são levados para o cativeiro
e tuas filhas, como prisioneiras.

47 Nos dias vindouros, contudo,
restaurarei Moab²

12,15; 29,14; 49,6 — oráculo do SENHOR.

Até aqui o julgamento de Moab.

49 Amon

¹A respeito dos amonitas³,

assim fala o SENHOR:

Israel: não tem filhos?

Não tem herdeiros?

Então por que Milkom⁴ herda Gad⁵
e o seu povo mora nas cidades deste?

² Pois bem! dias virão

— oráculo do SENHOR —

em que eu farei ecoar em Rabá dos
amonitas

o grito de guerra. 50,15
Ela se tornará um monte de ruínas⁶, 1s 42,13
as aldeias ao seu redor⁷ serão incendiadas. Am 1,14
E Israel herdará dos seus herdeiros⁸,
diz o SENHOR.

³ Grita, Heshbon⁹! Ai¹⁰ é devastada!

Gritai, aldeias ao redor de Rabá!

Vesti-vos de saco! Lamentai-vos!

Andai errando pelas muralhas!

Milkom vai para o exílio, 4s, Ez 7,18

seus sacerdotes e seus chefes, todos
juntos!

⁴ Por que te glorias de tua força?

Tua força está esvaziada,

filha transviada,

tu que confias em teus tesouros,

dizendo: "Quem vai me atacar?" 21,13

⁵ Pois bem! Vou trazer contra ti o Terror¹¹

da parte de todos os teus vizinhos

— oráculo do SENHOR Deus, o todo-
-poderoso.

Sereis dispersados, cada um seguindo
em frente:

sem que haja ninguém para reunir os 1s 3,18
fugitivos!

⁶ Depois disso restaurarei Amon¹²

— oráculo do SENHOR. 4s, 47

Edom. Edom DESAMPARADO¹³

⁷ A respeito de Edom¹⁴, assim fala o

SENHOR de todo poder:

Não há mais sabedoria em Teman? 1s 8;
Br 3,22

i. As tēmporas e o crânio podem designar a encosta ocidental e o planalto do país.

j. Este projeto de restauração se integra na perspectiva descrita em Jr 46,26.

k. Os amonitas, cujo território fica a leste do mar Morto, tendo por capital Rabat-Amon (hoje Amā), são os tradicionais inimigos de Israel (cf. Gn 19,38; Dt 2,19... e frequentemente em Jr). Aqui o profeta os censura por terem ocupado o território de Gad, fato que pode ter ocorrido depois de 721 (sua atitude hostil volta a manifestar com a queda de Judá em 587, cf. 2Rs 24,2).

l. Os masoretas leram: *Malkām* ("seu rei"). Com certeza, o texto primitivo trazia *Milkom*, cf. o gr., a Vulg. e o sir. Este era o deus nacional dos amonitas (cf. 1Rs 11,5,7,33; 2Rs 23,13). O nome deriva de "Malk", rei. Dizer que ele herda Gad equivale a dizer que se apodera dela, talvez em 721.

m. Trata-se do território situado a leste do Jordão, em face de Jericó, onde a tribo de Gad se instalou ao entrar em Canaã (cf. Nm 21,24; 32,34-35; Js 13,24-28). O território sempre foi ameaçado pelos vizinhos: Meshá, rei de Moab (cf. a "estela de Meshá"); no séc. IX, e, mais tarde, Hazael, rei dos arameus, no séc. VIII.

n. A palavra designa uma colina artificial formada pelas ruínas de várias cidades sobrepostas: um *tell*, cf. 30,18; Js 8,28 nota.

o. Lit. *suas filhas*.

p. Isto é, recuperará sua herança, Gad, que Amon usurpou.

q. Heshbon, cidade moabita, provavelmente conquistada pelos amonitas.

r. Várias cidades tinham esse nome que, em hebr., significa "ruína" (cf. Js 8,28 nota): aqui trata-se de uma cidade em território amonita.

s. Recinto feito de pedras rústicas.

t. O *Terror* era um dos nomes atribuídos ao Deus dos pais (cf. Gn 31,42,53). Parece que a fórmula aqui é sugerida pela lembrança desse título antigo, daí usarmos maiúscula.

u. Este projeto de restauração integra-se à perspectiva descrita em Jr 46,26.

v. Os vv. 7-16 encontram-se parcialmente em Ab 1-6.

w. Edom é um povo irmão (cf. Gn 25,30; Jr 40,11), cujo território se encontra a sudeste da Palestina. Israel teve numerosas rixas com ele (2Sm 8,14; 1Rs 9,26; 2Rs 8,20-22; 16,6). Este oráculo refere-se à sua atitude durante a queda de Jerusalém (cf. Ab 11 nota).

Os espertos estão sem idéias,
sua sabedoria tornou-se rançosa!

⁸ Fugi! Voltai as costas! Refugiai-vos
em buracos,
habitantes de Dedan¹!

49.32 É a ruína de Esaú², que atraio sobre
ele,
chegou sua hora de ajuste de contas³.

⁹ Se vinhateiros vêm a ti,
não deixam nada para ser apanhado.
Se ladrões vêm de noite,
pilham tudo o que podem.

MI 1.3 ¹⁰ Eu mesmo vou despojar Esaú,
Ab 6 trazer à luz seus tesouros escondidos.
Ele não pode mais se ocultar.

Sua posteridade, seus irmãos e seus
vizinhos serão aniquilados
e não haverá mais ninguém para dizer⁴:

¹¹ "Não te preocupes pelos teus órfãos,
eu os criarei.
Tuas viúvas
podem contar comigo".

¹² Sim, assim fala o SENHOR: os que não
deveriam beber do cálice são condena-
dos a bebê-lo⁵ e tu, acaso serás dispen-
sado? Não, não serás dispensado: certa-
mente o beberás. ¹³ Sim, juro por mim
mesmo⁶ — oráculo do SENHOR —: Boşrá^d
se tornará um lugar desolado, um monte
de ruínas e entrará no rol das injúrias e
das maldições^e. Todas as cidades que dela
dependem serão reduzidas para sempre a
um monte de ruínas.

EDOM ATACADO

¹⁴ Ouço uma mensagem do SENHOR,
enquanto um arauto é enviado entre
as nações:
Reuni-vos! Marchai contra ela!

De pé! Prontos para o combate!

¹⁵ Sim, vou te tornar pequena entre as
nações,
expor-te ao desprezo dos homens.

¹⁶ Tu te iludes, porque, com cinismo,
espalhas o terror^f.
tu que moras nas fendas dos rochedos, Ab 3
e te agarras no alto das colinas.
Ainda que construas teu ninho lá no
alto, como o abutre,
de lá eu te derrubarei
— oráculo do SENHOR.

EDOM DEVASTADO

¹⁷ Edom é reduzido a uma desolação.
Todos os que passam por lá ficam as-
sombreados: à vista de tamanho estrago, 22.8;
eles lançam gritos de pavor^g. ¹⁸ Como por
ocasião da catástrofe de Sodoma, de 50.13
Gomorra e das cidades vizinhas — diz o 50.40
SENHOR — ninguém mais lá habitará, Sf 2.9
nenhum ser humano aí morará. 49.33;

¹⁹ Como um leão que sobe das brenhas 51.43
do Jordão 50.44-46;
12.5

para os apriscos sempre animados,
assim, num piscar de olhos, os^h

afugento para longe delaⁱ,
lanço contra ela os jovens guerreiros^j.
Pois quem é como eu? 10.6

Quem poderia citar-me em juízo?
Que pastor^k poderia opor-se a mim?

²⁰ Escutai, pois, o plano que o SENHOR
decretou a respeito de Edom,
os desígnios que formulou
a respeito dos habitantes de Teman.
Com certeza, as menores ovelhas do
rebanho^l os arrastarão;
com certeza, as suas propriedades
devastará, por causa delas.

x. Cidade de Edom, hoje oásis el-Ela no sul de Edom e ao norte da Arábia.

y. O equivalente de Edom.

z. Lit. o momento em que exijo que preste contas, cf. 50.31 e nota; 23.12 e nota.

a. O hebr. traz: *ele não existe mais*. Interpretamos com a ajuda da tradição judaica.

b. O profeta pensa em Israel que, apesar de ser o povo primogênito, abençoado por Deus, deve beber o cálice da queda de Jerusalém e da deportação, cf. 25.15-29.

c. Cf. 22.5 e nota.

d. Capital de Edom, cf. Gn 36.33; Is 34.6.

e. Lit. *desolação, injúria, ruína e maldição*, cf. 24.9; 25.9.

f. Lit. *O calafrio que causas te ilude, a arrogância de teu coração*.

g. Lit. *uivam por causa de todos os golpes neles*, como em 19.8; cf. 18.16 nota.

h. Os, conforme o gr., aram. e sir., como em 50.44; trata-se dos habitantes de Edom. Hebr.: o.

i. Trata-se de Edom, cf. v. 17.

j. Mudando uma vogal do texto, poderíamos ler: *concedendo a meu eleito* (isto é, Israel ou um governador em especial) *autoridade sobre ele*.

k. Isto é, *Que rei...?*

l. Cf. 50.45 nota.

²¹ Sob o efeito de sua queda, a terra treme;
Seus gritos ecoam até o mar dos Juncos^m.

^{48,40} ²² Ele é como um abutre que sobe e plana
e estende as suas asas sobre Bosrá.

^{48,41} O coração dos guerreiros de Edom será,
nesse dia,

^{4,31} qual coração de parturiente.

Damasco

²³ A respeito de Damascoⁿ:

Hamat e Arpad^o estão cobertas de
vergonha:

é que elas receberam uma má notícia.
Elas se agitam como o mar:

Que apreensão^q! é impossível manter
a calma!

²⁴ Damasco desmorona. Vira as costas
para fugir;
está tomada pelo pavor.

Angústia e dores se apoderam dela
como de uma parturiente.

^{50,43;}

^{Is 13,8}

^{50,23}

²⁵ Como está abandonada a cidade
famosa,

a cidade que era minha alegria^q!

^{50,30}

²⁶ Sim, neste dia, seus jovens guerreiros
tombam em suas praças, todos os seus
combatentes são reduzidos ao silêncio —
oráculo do SENHOR de todo poder. ²⁷ Eu
toco fogo nos muros de Damasco, ele
devora os palácios de Ben-Hadad.

Os árabes^r. ²⁸ A respeito de Qedar^r e dos
reinos de Haşor^t, que Nabucodonosor, rei
de Babilônia, derrotou, assim fala o SENHOR:

De pé! Subi para atacar Qedar!

Devastai o povo de Qedem^q!

²⁹ Apoderam-se de suas tendas e de
seus rebanhos, ^{4,20}

de seus toldos e de todos seus utensílios.

Apropriam-se de seus camelos,

gritando contra eles:

“Terror por toda parte!”

³⁰ Fugi! Escapai depressa! Refugiai-vos
nos buracos,

habitantes de Haşor

— oráculo do SENHOR!

Pois Nabucodonosor, rei de Babilônia,

armou um plano contra vós;

formulou um projeto^r.

³¹ De pé! Subi para atacar a nação
despreocupada,

que de nada desconfia^m

— oráculo do SENHOR.

Eles não têm nem portas nem trancas:
eles moram à parte!

³² Seus camelos tornam-se uma presa
e seus muitos rebanhos um butim.

Vou dispersá-los para os quatro ventos, ^{31,10}
esses Cabeças-raspadas^t,

e de todos os lados atrairei a ruína sobre eles ^{49,8}

— oráculo do SENHOR.

³³ Haşor se tornará um abrigo de chacais,
uma desolação para sempre.

Ninguém mais habitará nela

nenhum ser humano nela morará. ^{49,18;}
^{50,40}

Elam^r. ³⁴ Quando a palavra do SENHOR
veio ao profeta Jeremias a respeito de
Elâm, no início do reinado de Sedecias,
rei de Judá.

³⁵ Assim fala o SENHOR de todo poder:
Vou quebrar o arco de Elâm^t, ^{Is 22,6}

m. Lit. *Um grito! Seu barulho é ouvido até o mar dos Juncos* (cf. Ex 10,19).

n. Este oráculo com certeza foi formulado depois da vitória de Nabucodonosor sobre os egípcios e os assírios em Karkemish, em 605. É pouco tempo depois que ele começou a ocupar as cidades aramaicas.

o. Hamat, que ainda hoje tem esse nome, situa-se à beira do Oronte, e Arpad, 30km a norte de Alepo.

p. Lit. *Estão agitados! Há apreensão no mar*. Traduzimos mudando uma consoante do texto (cf. Is 57,20).

q. Não há nada que mostre em que sentido Damasco seria a alegria do Senhor. Talvez devamos ler, conforme algumas versões antigas: *a cidade alegre*.

r. Em 599 Nabucodonosor fez algumas incursões no território dos árabes. O oráculo, provavelmente, é um vestígio desse fato.

s. Nome de uma tribo nômade da Arábia setentrional (cf. Jr 2,10).

t. Lit. *curral*; trata-se de um nome coletivo que indica algumas tribos árabes semi-sedentárias.

u. Lit. *os filhos de Qedem*. Qedem, que significa “oriente”, designa a região leste da Arábia, ou seja, os povos do deserto.

v. Alguns mss. hebr. acrescentam: *contra eles*.

w. Lit. *que habita em segurança*.

x. Cf. 9,25 nota.

y. Terra situada a leste de Babilônia, que existe desde o terceiro milênio e cuja capital é Susa. Na época em que o oráculo é pronunciado (em 597), Elâm tem um passado prestigioso e reconquistou sua independência perdida no tempo dos assírios, mas não exerce mais nenhum papel. Se o profeta o cita é provavelmente por um motivo teológico: mostrar o universalismo do poder de Deus sobre os homens.

z. A habilidade dos arqueiros elamitas tornou-se proverbial na história. Frequentemente os encontramos representados nos baixos-relevos persas.

o melhor de sua força viril.

³⁶ Vou desencadear contra Elâm os quatro ventos, dos quatro cantos do horizonte.

Eu os disperso aos quatro ventos; não haverá nação onde não cheguem os refugiados de Elâm.

^{1,17} ³⁷ Farei os elamitas tremer diante de seus inimigos, diante dos que atentam contra sua vida. Atrairéi sobre eles a desgraça:

^{12,13} o ardor de minha cólera — oráculo do SENHOR.

^{9,15} Mandarei a espada atrás deles até que os tenha exterminado.

³⁸ Estabeleço meu trono em Elâm e faço desaparecer seu rei e seus ministros — oráculo do SENHOR.

³⁹ Nos dias vindouros, contudo,

^{48,49} restaurarei Elâm* — oráculo do SENHOR.

50 Queda de Babilônia e libertação de Israel^b.

^{46,13} ^{1,13} ^{21,1-10} ^{46,14} ² Palavra que o SENHOR dirigiu a Babilônia, à terra dos caldeus, por meio do profeta Jeremias^c.

BABILÔNIA

^{46,14} ² Anunciai-o entre as nações, apregoai-o e levantai um sinal,

apregoai-o, não o oculteis; dizei: Babilônia foi tomada, Bel^d ficou envergonhado, Marduk^e ruiu. Seus feitiços foram desmascarados, seus ídolos^f, aniquilados. ^{50,38; 1s 21,9} ^{50,9} ³ Sim, do norte^g uma nação marcha contra ela, nação que lhe transforma o território em desolação onde ninguém mora: homens e animais, todos se foram... não há mais ninguém^h!

ISRAEL

⁴ Naqueles dias, naquele tempo — oráculo do SENHOR —, israelitas e judaítas virão juntosⁱ. Caminhando e chorando, ^{31,9; Os 3,5} eles procuram o SENHOR, seu Deus^j. ⁵ Eles perguntam pelo caminho que leva a Sião ^{31,6} e é nessa direção que seus rostos estão voltados. Eles chegam e se unem^k ao SENHOR numa aliança eterna ^{32,40 1s 24,5} que não mais esquecerão. ⁶ Ovelhas^l desgarradas, ^{50,17} eis o que meu povo se tornou. Seus pastores desviaram-nas, ^{23,1; Zc 10,2} fizeram-nas errar pelos montes. Elas andavam de colina em colina,

a. Encontramos aqui a mesma mensagem de Jr 46,26 e 49,6. b. A seção das profecias contra as nações termina com uma série de oráculos dirigidos a Babilônia, que ocupam dois longos capítulos. De boa qualidade literária e de gêneros variados, eles retomam constantemente dois temas: a queda de Babilônia e a salvação do Israel disperso. Se esses textos tiverem sido compostos por Jeremias na época em que Babilônia estava no ápice de seu poder, o profeta pretende com eles obter a destruição de Babilônia e a restauração de Israel. No entanto, é possível que eles tenham sido compostos mais tarde, por um discípulo, quando a queda de Babilônia parecia próxima. De qualquer forma, os textos revelam, por um lado, uma reflexão humana cheia de realismo, isto é, uma crítica radical a todo imperialismo político, imbuído de si às custas dos outros povos; e, por outro, uma visão teológica profunda: Deus se faz presente para os seus, mesmo nos momentos críticos de sua história para salvá-los.

c. Quem age é a palavra de Deus; Jeremias é apenas um instrumento.

d. *Bel* significa originariamente *proprietário*, assim como Baal. Este nome é atribuído a numerosas divindades, mas especialmente a Marduk.

e. *Marduk* é o deus da cidade de Babilônia e, depois de Hamurapi, o deus nacional de toda a nação babilônica.

f. O termo hebr. utilizado aqui tem o sentido forte de "coisa desprezível" (talvez derivado de "excrementos"). Encontra-se constantemente em Ez. (Cf. também Lv 26; 1Rs 15,12 nota; 1Rs 21,26; 2Rs 21,11.)

g. É do norte que vem a desgraça (cf. 4,6 nota). Aqui a expressão tem apenas um sentido metafórico, pois o inimigo, a Pérsia, vem de fato do sudeste.

h. Lit. *homens e animais foram embora, fugiram* (cf. 9,9); em hebr. "ir embora" significa literalmente "fugir" e, em sentido figurado, "morrer".

i. A respeito desse sonho da reunificação de Israel e Judá, cf. Jr 3,18; 23,6; 31,6; 1s 11,13; Ez 37,15-28; Os 2,2; Zc 9,13; 10,6.

j. Através desta imagem, o profeta descreve a conversão dos deportados, que ele começa a vislumbrar (cf. 3,21-25).

k. O hebr. diz: *Vinde, e eles se juntam*. Nós traduzimos conforme Áquila, modificando as vogais da primeira palavra. É possível também mudar uma consoante na segunda palavra e traduzir: *Vinde, juntemo-nos*.

l. Lit. *gado miúdo* (ovelhas e cabras).

sem se lembrar de seu aprisco.

- 2,3; 30,16 ⁷ Todos os que as achavam as devoravam; seus adversários diziam:
 “Não somos culpados, pois eles pecaram contra o SENHOR”.
 14,8; 31,23 A morada da justiça e a esperança de seus pais é o SENHOR^m!

BABILÔNIA

- 50,16; 51,6-45; Is 48,20; Zc 2,10-11 ⁸ Fugi de Babilônia, da terra dos caldeus!
 Saí e sede como bodes à frente do rebanho^o.
⁹ Sim, eu vou suscitar e lançar o ataque contra Babilônia, uma coligação de grandes nações da terra do norte.
 50,41; 25,14; 51,27-48 Alinhar-se-ão em ordem de combate contra ela e será seu fim^o!
 Suas flechas são como um valente vitorioso^p

que não volta de mãos vazias.

- ¹⁰ A Caldéia se transforma em butim; os que a saqueiam fartam-se — oráculo do SENHOR.

- Lm 4,21 ¹¹ Sim, regozizai-vos, sim, alegrai-vos, saqueadores de meu patrimônio^o!
 Sim, pulai como novilhas no prado, relinchai como garanhões!

- ¹² Vossa mãe está toda coberta de vergonha,

enrubesce quem vos gerou!

É a última das nações:

- 51,43 deserto, terra árida, estepe!

- 4,26; 10,10; 12,13; 25,37; Is 13,13 ¹³ Sob o efeito da ira do SENHOR, fica desabitada,

toda ela torna-se uma terra desolada; todos os que passam perto de Babilônia ficam assombrados;

à vista de tamanho estrago, lançam gritos de espanto^o.

- ¹⁴ Alinhai-vos em ordem de combate contra Babilônia, vós todos que manejaís o arco.

Atirai contra ela, não poupeis flechas, pois ela pecou contra o SENHOR^o.

- ¹⁵ Lançai um grito de todos os lados: ela se rende^o!
 4,19; 20,16; Is 6,5,20; Is 44,23 Suas colunas caem, seus muros são demolidos.

É a vingança do SENHOR!

Vingai-vos dela,

fazei-lhe o que ela vos fez!

- ¹⁶ Eliminaí de Babilônia todos os que semeiam

e os que manejam a foice no tempo da colheita.

Diante da espada inexorável, cada qual dirija-se para o seu povo, cada um fuja para sua terra.

- 46,16; 25,38; 51,9,45; Is 13,14

ISRAEL

- ¹⁷ Israel era uma ovelha desgarrada, os leões a perseguiam.

O rei da Assíria a abocanhou por primeiro^o.

Depois, Nabucodonosor, rei de Babilônia,

a devorou até os ossos^o.

- ¹⁸ Pois bem! assim fala o SENHOR de todo poder, Deus de Israel:

Vou ajustar contas com o rei de Babilônia e sua terra,

assim como ajustei com o rei da Assíria.

- ¹⁹ Vou trazer Israel de volta para o seu pasto,

e pastará no Carmelo e no Bashan^o;

sua fome será saciada nas montanhas de Efraim e do Guilead^o.

- ²⁰ Naqueles dias, naquele tempo

m. Exclamação provavelmente pronunciada pelo profeta e não pelos adversários.

n. Esta imagem visa traduzir a coragem e o ardor que o profeta deseja aos exilados para que possam sair de seu cativeiro.

o. Lit. *é assim que ela será capturada*.

p. Podemos também traduzir esta última expressão: *um valente que priva de filhos* e a anterior: *suas flechas são como as de um valente*...

q. Isto é, os babilônios na Palestina.

r. Lit. *vivam por causa de todos os golpes neles*, cf. 18,6 nota.

s. Falta no grego; trata-se muito provavelmente de uma glosa.

t. Lit. *ela estende a mão*.

u. Alusão à queda da Samaria, em 722 e à deportação que dela decorreu.

v. Alusão à queda de Jerusalém em 597-587 e ao exílio que dela decorreu.

w. *Bashan* designa as montanhas da Transjordânia famosas por suas pastagens (cf. Mq 7,14; Sl 22,13).

x. *Guilead* fica ao sul do Bashan, também na Transjordânia.

— oráculo do SENHOR —,

3,22: buscar-se-á a iniquidade de Israel,
SI 10,15 mas ela terá desaparecido,
e os pecados de Judá,
mas não serão encontrados.
31,34: Pois eu perdôo os que deixo sobreviver*.
Is 33,24

BABILÔNIA

21 Ataca a terra de Marratim!¹
Ataca-a
e ataca os habitantes de Peqod!²
50,26-27: Massacra e oferecc-me^b os sobreviventes
51,3 — oráculo do SENHOR —
e age conforme te ordeno.
22 Estrondo de guerra na terra
51,54 e grande estrépito!
23 Oh! Está partido, despedaçado
51,41: o malho de toda a terra!
Is 10,5: Oh! Babilônia se tornou um lugar
14,5 desolado
50,3,13: entre as nações!
Ap 18,19
24 Preparei-te uma armadilha^c,
e, sem perceber, estás presa, Babilônia,^d
flagrada, apanhada,
porque te insurgiste contra o SENHOR!
25 O SENHOR abre o seu arsenal
e escolhe as armas de sua indignação.
Sim, é uma obra do SENHOR, o todo-
-poderoso,
na terra dos caldeus.
26 Vinde a ela dos extremos da terra^d,
abri seus celeiros,
50,21 empilhai-a^e para oferecê-la^f ao SENHOR!
Que não sobre nada!
27 Massacrai todos os novilhos^g,
48,15: que sejam levados para o matadouro!
Is 34,7 Ai deles! Chegou seu dia^h.
23,12: o momento do ajuste de contas,
46,21

ISRAEL

28 Clamor! Os que fugiram e 50,8
sobreviveram da terra de Babilônia
vem anunciar em Sião 50,2:
a vingança do SENHOR nosso Deus, 51,10
a vingança do céuⁱ.

BABILÔNIA

29 Mobilizai contra Babilônia os atiradores,
todos os arqueiros. 50,14:
Acampai em torno dela, 49,35
que não haja sobreviventes!
Pagai-a por sua conduta, 50,15:
tudo o que ela fez, fizci com ela: 25,14:
pois ela foi arrogante para com o 51,6:
SENHOR, SI 137,8
para com o Santo de Israel. — 48,26,42
30 Sim, nesse mesmo dia, seus jovens 51,5
guerreiros cairão em suas praças, 49,26:
todos os seus combatentes serão 51,3
reduzidos ao silêncio
— oráculo do SENHOR.
31 Venho contra ti^j, “Arrogância” 51,25:
— oráculo do SENHOR, o Todo-poderoso! Ez 26,3:
Chegou o teu dia, 29,8
o momento de prestar contas^k.
32 “Arrogância” vacila e cai,
ninguém a reergue. 51,64
Toco fogo em suas cidades, 21,14
ele devora todos os seus arredores.

O SENHOR SALVADOR DE ISRAEL

33 Assim fala o SENHOR de todo poder:
Eles são maltratados,
israelitas e judaítas, sem distinção.
Seus raptoreis^l os mantêm presos;
recusam libertá-los. Is 14,17
34 Mas seu defensor é forte,

y. Isto não quer dizer que alguns sejam perdoados porque tiveram a chance de sobreviver; significa simplesmente que perdão e sobrevivência estão vinculados (cf. Is 4,4-6; Sf 3,13).

z. Esta palavra significa em acadico “laguna” e designa a região, na confluência do Tigre e do Eufrates. A leitura judaica tradicional perdeu o sentido geográfico de *Marratim* e interpretou a palavra como *meratím*, isto é, “dupla apostasia” ou “dupla amargura”.

a. *Peqod* designa uma parte da região de Marratim. Os habitantes dessa região são mencionados em Ez 23,23.

b. Lit. *destina ao interdito*, no sentido de “consagra a Deus”. cf. 25,9 nota.

c. Outra tradução possível: *Tu preparaste armadilhas*, e para os dois semiversos: *tu ficaste preso à tua própria armadilha*.

Em gr.: *preparar-se-á uma armadilha*, pela preocupação teológica de não atribuir a Deus uma ação traiçoeira.

d. Lit. *do fim*. Interpretamos conforme a tradição judaica.

e. Lit. *amontoi-a como pilhas*.

f. Lit. *vota-a ao interdito* (ou *ao anátema*), cf. 25,9 nota.

g. Designa quer os chefes do povo, quer as tropas de elite.

h. Isto é, o dia de sua morte, cf. 46,21.

i. Lit. *a vingança de seu palácio*, isto é, do palácio de Deus que está no céu e que na terra é o seu Templo (incendiado em 587 pelos babilônios).

j. Lit. *eu contra ti*.

k. Lit. *o momento em que eu exijo prestes contas*, cf. 49,8 e nota; 23,12 e nota.

l. Lit. *Todos os que os trouxeram como prisioneiros*.

51,19,36; o SENHOR de todo poder, este é seu nome.
Is 51,22 Com vigor, ele pleiteia sua causa,
para devolver a calma à terra
e abalar os habitantes de Babilônia.

BABILÔNIA

12,12 ³⁵ Espada, fere os caldeus — oráculo
do SENHOR —

e os habitantes de Babilônia,
seus ministros e seus sábios!

51,57 ³⁶ Espada, fere seus adivinhos^m, eles
Is 44,25 são uns imbecis!

Espada, fere os guerreiros, eles
desmoram!

³⁷ Espada, fere seus cavalos e seus carros,

25,20 todos os mestiços que ela abriga,

51,30 eles se tornam mulherzinhas!

Espada, fere seu arsenal, ele é saqueado!

51,36 ³⁸ Espada, fere suas águas, elas secam!

50,2 É uma terra de estátuas,
figuras monstruosas os fazem delirarⁿ.

³⁹ E eis que os demônios moram com
os chacais,

10,22; Is 13,21-22 avestruzes fazem dela sua moradaⁿ.

Nunca mais será habitada,
ficará despovoada até o fim dos tempos.

⁴⁰ Como aconteceu quando Deus
provocou a catástrofe

de Sodoma, de Gomorra e das

20,16; cidades vizinhas

49,18; Is 13,19 — oráculo do SENHOR —,

49,18,33 ninguém mais lá habitará,
nenhum ser humano nela morará.

50,3 ⁴¹ Um povo vem do norte^p,
uma grande nação e numerosos reis
põem-se em movimento dos confins
do mundo.

⁴² Empunham arco e dardo^q,
são cruéis e sem compaixão.

O barulho que eles fazem é parecido
ao bramido do mar; 5,22
montam cavalos,
formam como tropas para o combate
contra ti, a bela Babilônia. 46,24

⁴³ O rei de Babilônia ouve a notícia:
ele deixa prender as mãos^r,
a angústia apodera-se dele,
uma dor como de parturiente. 6,24;

⁴⁴ Como um leão que sobe das brenhas
Mq 4,9-10
do Jordão^r 4,7

para apriscos sempre animados,
assim, num piscar de olhos, eu
disperso seus habitantes^r,
e contra ela lanço os jovens guerreiros.
Pois quem é como eu? Quem me
desafia?

Que pastor poderia opor-se a mim? 16 9,19;

⁴⁵ Escutai, pois, o plano que o SENHOR
41,2 decretou a respeito de Babilônia,
51,12,29; Is 14,24 os desígnios que formulou
a respeito da terra dos caldeus.

Com certeza, as menores ovelhas o
arrastarão^r;

com certeza, ele devastará as suas
propriedades por causa delas.

⁴⁶ Sob o efeito da tomada de Babilônia,
a terra treme,
um clamor ecoa entre as nações.

51 Assim fala o SENHOR:
Suscitarei contra Babilônia
e contra os habitantes do "coração de
meus adversários"^r
um vento destruidor. 4,11; 25,32

² Envio contra ela estrangeiros^r que a
joearam, 15,7
que esvaziam sua terra.
Surgem contra ela de toda parte,
no dia da desgraça.

m. Lit. *os que tagarelam*. De acordo com as versões antigas (sir, aram, Vulg.) e mudando uma consoante, temos: *seus adivinhos*.

n. As *estátuas* são os ídolos esculpidos e as *figuras monstruosas* dos ídolos de aspecto hediondo. Seus devotos entram em transe diante delas.

o. Estas imagens significam que Babilônia tornou-se um deserto. p. O vv. 41-43 retomam quase que textualmente 6,22-24.

q. Mais exatamente *urpão*, uma arma em forma de foice na ponta de um longo cabo.

r. Lit. *suas mãos tornam-se flácidas*, imagem do desânimo, cf. 34,8; 47,3.

s. Os vv. 44-46 retomam 49,19-21, com apenas algumas variantes.

t. Lit. *eu os afugento longe dela*, isto é de Babilônia, cf. v. 42.

u. De acordo com a tradição judaica, *os menores do rebanho* seriam os persas, os filhos mais novos de Iéfet, que causaram a queda de Babilônia. David Qimhi, de sua parte, pensa, especialmente em 49,20, nos judeus maltratados que vão tomar sua vingança.

v. Espécie de criptograma construído sobre a palavra "Caldéia".

w. Conforme Áquila, o sir. e a Vulg., podemos ler, mantendo as mesmas consoantes: *joeadores*.

13,14	³ Não poupeis o arqueiro que retesa o seu arco, nem quem se pavoneia em sua couraça*, nem seus jovens guerreiros; 50,21 oferecerei-me todo o seu exército.	
51,52; 50,30	⁴ Os feridos à morte tombam na terra dos caldeus, os traspassados em suas ruas, 50,29 porque sua terra está cheia de ofensas contra o Santo de Israel ¹ , enquanto nem Israel, nem Judá, são viúvos ² de seu Deus, o SENHOR de todo poder.	
Is 54,4-8 50,8; Gn 19. 15-17; Ap 18,4	⁶ Fugi de Babilônia, salve-se quem puder*! Senão perecereis, quando ela pagar por sua perversidade ^b . 51,11 Para o SENHOR, é o momento da vingança: ele vai retribuir-lhe segundo merece.	
51,24; 50,29	⁷ Babilônia era uma taça de ouro na mão do SENHOR! Ela embriagava toda a terra. As nações têm bebido de seu vinho; por isso estão delirando, as nações.	
SI 75,9 Ap 14,8 25,16	⁸ Mas, de repente, Babilônia cai e se quebra. — Gemei sobre ela; 8,22 aplicai bálsamo em suas chagas ^c ; talvez ela sare!	
30,12; 46,11 51,45	⁹ — Tentamos curar Babilônia, mas ela é incurável. — Então deixai-a;	
	cada um de vós volte para sua terra. O caso dela repercute no céu, atinge as nuvens ^d .	Jn 1,2; Ap 18,5
	¹⁰ O SENHOR faz aparecer nossa salvação; vinde, anunciamos em Sião a obra do SENHOR, nosso Deus ^e .	23,6; SI 37,6
	¹¹ Afiai as setas, tomai os escudos ^f , o SENHOR suscita o espírito dos reis dos medos ^g . Sim, contra Babilônia estabeleceu este plano: destruí-la.	46,3
	É a vingança do SENHOR, a vingança do céu ^h .	51,6; 46,10; 50,15
	¹² Levantai a bandeira ⁱ contra as muralhas de Babilônia, reforçai a guarda. Postai sentinelas, armai emboscadas. Sim, o que o SENHOR declarou a respeito dos habitantes de Babilônia, ele o estabeleceu e o realizou.	51,27
	¹³ Tu que moras junto às águas copiosas ^j , tu que és rica de tesouros, chegou teu fim. teu lucro todo recebeste ^k .	51,11; 50,45 Ap 17,1.15
	¹⁴ O SENHOR de todo poder jura por si mesmo: “Vou te encher de homens, numerosos como gafanhotos, que lançarão contra ti o grito dos vindimadores”.	Gn 6,13; Na 2,14
		22,5
		51,27; Na 3,17
		25,30

x. Texto hebr. de difícil interpretação. Poderíamos, mudando uma vogal, traduzir: *Que o arqueiro não retese seu arco, que não se pavoneie em sua couraça*, frase que seria dirigida aos assediados. Traduzimos, seguindo alguns comentadores judeus, de uma forma que encaixa melhor no contexto, sem alterar o texto, embora admitindo uma inversão no começo do v.

y. Nós invertemos a ordem dos 2 dísticos do v. 5, sendo que o segundo vem, pela lógica, logo depois do v. 4 — A respeito do Santo de Israel, cf. Is 1,4; 6,3; 41,14 e notas.

z. Único caso na Bíblia em que *viúvo* se encontra no masculino. Isto não quer dizer que Deus seja a esposa de seu povo. Esse masculino deve-se apenas ao fato de ele se referir à palavra Israel usada sempre no masculino. O sentido é que Deus não está morto e que Israel não está só: Deus está com ele.

a. Lit. *Que cada um salve sua vida!*

b. Lit. *Não sejas reduzido ao silêncio em sua perversão*.

c. Estas ordens dirigem-se aos aliados e aos mercenários de Babilônia.

d. Expressões ambíguas... São possíveis duas interpretações: 1) o estrondo de sua ruína será tão grande que preencherá o Universo; 2) a reparação depende de um julgamento que somen-

te Deus, que habita os céus e “cuja fidelidade se estende até as nuvens” (cf. SI 36,6; 57,11; 108,5), pode realizar.

e. Este v. retoma, como num refrão, o que é dito em 50,2.28. Ele traduz o núcleo da fé de Israel: revelação e testemunho da ação salvífica de Deus, cf. SI 9,15; 73,28.

f. O sentido da expressão é incerto. Pode-se também ler de acordo com o gr., a Vulg e a tradição judaica: *enchei as aljivas*.

g. Os medos (cf. Gn 10,2; 2Rs 17,6; Is 13,17) já contribuíram para a queda de Nínive, em 621. Em 585, venceram os lídios, depois disso declinaram. O oráculo pode então ser datado no início do exílio.

h. Cf. 50,28 nota.

i. Maneira de dar o sinal do ataque: levantava-se uma bandeira num gesto ao qual era atribuído um efeito mágico.

j. O Eufrates e seus canais. A expressão simboliza todas as riquezas materiais de Babilônia; riquezas agrícolas, comerciais, etc., cf. v. 36 e nota.

k. A visão de fé do profeta a respeito das riquezas anuncia a que atravessará todo o Evangelho: se acumuladas sem preocupação com Deus, elas não servem para nada (cf. por ex. Mt 6,2.19.24; Lc 12,20-21; 16,25; Tg 5,1-5...).

HINO¹

- Is 45,18 ¹⁵ Ele, que fez a terra com seu poder,
que com sua sabedoria firmou o
mundo,
que, com sua inteligência, estendeu
os céus;
¹⁶ quando acumula as águas torrenciais
nos céus,
faz subir grandes nuvens dos confins
da terra,
desencadeia por meio de raios a chuva,
tira os ventos de seus depósitos,
¹⁷ todo homem fica estupefato,
estarecido,
todo ourives se envergonha de seu ídolo:
suas estátuas são mentira,
não há espírito nelas;
¹⁸ são absurdidades, produtos ridículos:
perecerão na hora do ajuste de contas.
¹⁹ Não é assim o Quinhão-de-Jacó,
ele é o criador de tudo,
e Israel^m, a tribo do seu patrimônio;
o SENHOR de todo poder, este é seu
nome;

ORAÇÃO FÚNEBRE DE BABILÔNIA

- 50,23 ²⁰ Tu me servias de malho, arma de
guerra
Por meio de ti malho as nações.
Por meio de ti destruí os reinos.
²¹ Por meio de ti malhei cavalos e
cavaleiros.
Por meio de ti malhei carros e
condutores.
²² Por meio de ti malhei homens e
mulheres.
Is 13,18; 2Cr 36,17 Por meio de ti malhei velhos e jovens.
Por meio de ti malhei rapazes e
moças.
²³ Por meio de ti malhei pastores e
rebanhos.

- Por meio de ti malhei lavradores e
suas juntas.
Por meio de ti malhei prefeitos e governantes. 51,28
²⁴ Diante dos vossos olhos, retribuirei a Babilônia e a todos os habitantes da Caldéia todas as atrocidades que eles fizeram a Sião — oráculo do SENHOR.
²⁵ Venho contra ti, Montanha-da-destruição^p 21,13; Ez 13,8; 28,22
— oráculo do SENHOR —,
tu que destróis toda a terra!
Contra ti aponto a minha mão,
vou te fazer rolar do alto dos rochedos e te transformo num monte de brasas. Ap 8,7-8; 18,9
²⁶ Não se tirará mais de ti nem pedra angular nem pedra de fundação.
Tornar-te-ás um lugar desolado para sempre Is 28,16
— oráculo do SENHOR.
²⁷ Levantai a bandeira na terra, 51,12; 4,5-6
tocai a trompa entre as nações.
Mobilizai as nações para a guerra santa contra ela, 6,4
convocai contra ela reinos: 50,9
Ararat, Mini e Ashkenaz.
Destacai oficiais para o recrutamento contra ela.
Requisitai cavalos,
cerrados qual nuvem de gafanhotos. 46,23
²⁸ Mobilizai as nações para a guerra santa contra ela:
os reis dos medos, seus prefeitos, todos os seus governadores e todo o seu império.
²⁹ Treme a terra, ela estremece, 50,45-46; 10,10
quando se realizam os planos do SENHOR contra Babilônia:
transformar a terra de Babilônia numa desolação,
despojada de seus habitantes. 51,37

1. Os vv. 15-19 retomam 10,12-16. Se este hino está aqui, é porque ele tem uma ligação teológica profunda com os oráculos contra Babilônia: mostrar Deus como senhor dos grandes impérios e da história (particularmente a de Israel), assim como senhor da criação.

m. Como na passagem paralela de Jr 10,16 e seguindo numerosos mss., acrescentamos: *Israel*.

n. Também seria possível traduzir: *os adolescentes e as adolescentes*, pois o sentido das palavras hebr. indica uma idade intermediária.

o. Este v. quebra a unidade do oráculo. Parece ser uma glosa posterior de um escriba inspirado.

p. A imagem, que não se adapta à situação geográfica de Babilônia, é inspirada ao autor pela experiência das cidades da Palestina situadas sobre colinas.

q. *Ararat*, ou reino de Urartu (assírio), designa a Armênia; *Mini*, região da Armênia, situada à beira do lago Van, aliou-se aos assírios contra Babilônia, em 616. *Ashkenaz* é um povo nômade, os citas, de origem iraniana, que penetrou na Ásia Menor no fim do séc. VII, expandindo-se, mais tarde, até a Síria e a Palestina.

³⁰ Os guerreiros de Babilônia desistem do combate,
ficam escondidos no seu canto;
esgotou-se a sua virilidade;
^{50,37; Na 3,13} tornaram-se mulherzinhas!
Suas moradias são incendiadas,
suas trancas, quebradas.

³¹ Um estafeta corre ao encontro de outro estafeta,
^{36 1,14-19} um mensageiro ao encontro de outro mensageiro*,
para anunciar ao rei de Babilônia que sua cidade foi tomada de um extremo ao outro;
^{50,2,24} os vãos, ocupados,
os canaviais, incendiados*
e os soldados, derrotados.

³² Assim fala o SENHOR de todo poder, o Deus de Israel: A bela Babilônia é como uma eira no momento de ser nivelada: ainda um pouco e a colheita será despedaçada sobre ela!.

ISRAEL

³⁴ Devorou-me, sugou-me
^{51,44; 50,7} Nabucodonosor, rei de Babilônia,
deixou-me como um prato lambido.
^{Is 27,1; Jô 7,12} Engoliu-me, feito um monstro,
encheu o seu ventre com o meu tutano*
e me repeliu.

³⁵ Caíam sobre Babilônia meus sofrimentos e minhas desgraças*!
— Que o diga a população de Sião*.
^{Mt 27,25} Caia sobre a população da Caldéia o meu sangue!
— Que o diga Jerusalém.

³⁶ Pois bem! assim fala o SENHOR:
^{50,34} Vou pleitear a tua causa
e vou me encarregar de tua vingança.

Secarei o seu mar,
estancarei sua fonte*.
³⁷ Babilônia se tornará um monte de pedras,
um refúgio de chacais,
uma desolação e lugar de espanto*;
^{50,38; Is 44,27} será esvaziada de seus habitantes.

BABILÔNIA

³⁸ Enquanto juntos eles* rugem como leões novos,
rosnam como filhotes de leões
^{2,15; Sl 104,21; Is 31,4} e se excitam, eu vou preparar o seu festim:
vou fazer com que fiquem completamente embriagados*
e durmam um sono eterno;
^{Na 3,11; 51,57,64; Is 13,13; Na 2,12} não mais acordarão*
— oráculo do SENHOR.
⁴⁰ Levá-los-ei ao matadouro como cordeiros,
^{50,27} como carneiros e bodes.

LAMENTAÇÃO SOBRE BABILÔNIA

⁴¹ Oh! Sheshak* foi tomada,
^{51,31; 25,26; 48,17} o esplendor de toda a terra, conquistada?
Oh! Babilônia tornou-se uma desolação entre as nações!
⁴² O mar invadiu Babilônia,
^{Na 2,7} submersa por suas ondas tumultuosas.
⁴³ Suas cidades tomam-se lugares desolados,
terra árida e estepe,
^{50,12,40} terra por ninguém habitada,
por onde ser humano algum passa.
^{2,6} ⁴⁴ Ajusto as contas com Bel, em Babilônia,
arranco de sua boca o que devora.
^{50,2} As nações não afluirão mais para ele;
^{51,34; Ecd 1,7} a própria muralha de Babilônia vai cair.
^{51,58} ⁴⁵ Vós que sois meu povo, saí dela;
^{51,9; 16} salve-se quem puder
diante do ardor da cólera do SENHOR.
^{25,38; 50,13}

r. Podemos interpretar essas expressões de três maneiras: 1) os estafetas e os mensageiros se revezam; 2) os estafetas e os mensageiros se encontram no palácio do rei; 3) os estafetas e os mensageiros, na confusão, correm para todo lado.

s. Texto difícil. Alguns se perguntaram se não estariam faltando algumas palavras. Invertendo duas consoantes, podemos traduzir: *os barcos* (embarcações no rio Eufrates) *são incendiados*. Outros traduzem: *os redutos são incendiados*.

t. Traduzimos conforme gr., sir. e aram.; hebr.: *o tempo da colheita*. A imagem evoca a destruição de Babilônia que será nivelada como uma eira é calcada pelos pés dos animais, que passarão sobre ela como se passa sobre os feixes para separar o trigo.

u. Lit. *de minhas delícias*.

v. Lit. *minha carne*; interpretamos conforme gr. e aram.

w. Lit. *habitante (de) Sião*, cf. 48,19.

x. *O mar* e a *fonte* talvez indiquem os rios de Babilônia, ou, de qualquer forma, suas riquezas num sentido simbólico, cf. v. 13 nota.

y. Lit. *desolação e uivos*, como em 19,8; cf. 18,16 nota.

z. Os habitantes de Babilônia.

a. Lit. *até eles ficaram exuberantes*. Interpretamos conforme todas as versões gr., sir. e a Vulg.

b. A imagem traduz toda a história de Babilônia: insaciável ele devorou todos os países, um atrás do outro, numa preparação da própria morte.

c. Espécie de criptograma para Babilônia.

46 Para evitar que vossa coragem desfaleça e que fiqueis apavorados por causa dos boatos que circulam na terra — um ano, tal boato, no ano seguinte, outro boato, a violência reinando na terra e um tirano depondo o outro —, 47 pois bem! dias virão em que ajusto contas com os ídolos de Babilônia; todo o seu território ficará coberto de vergonha, e todos os feridos de morte nela tombarão. 48 Então o céu e a terra e quanto há neles entoarão um canto triunfal sobre Babilônia. Porque do norte avançam sobre ela os devastadores — oráculo do SENHOR.

49 Como, por culpa de Babilônia caíram vítimas da terra inteira, por sua vez Babilônia deve cair por causa das vítimas feitas em Israel^d.

50 Em marcha, sobreviventes da espada! Não vos detenhais! De longe lembrai-vos do SENHOR, a lembrança de Jerusalém suba à vossa memória.

51 Ficamos envergonhados ao ouvir os insultos, a vergonha nos cobre o rosto: os estrangeiros invadiram os lugares santos da Casa do SENHOR.

52 Pois bem! dias virão — oráculo do SENHOR — em que vou ajustar contas com os seus ídolos, os feridos de morte vão gemer em todo a sua terra. 53 Mesmo que Babilônia subisse aos céus e seus baluartes ficassem inacessíveis nas altas esferas, ao meu comando devastadores a atingiriam — oráculo do SENHOR. 54 De Babilônia, gritos de socorro: uma grande desgraça na terra dos caldeus! 55 É o SENHOR que devasta Babilônia, acabando com seus poderosos gritos; ainda que o seu clamor seja como o bramido das grandes águas, serão reduzidos ao silêncio^f. 56 Sim, o de-

vastador avança contra ela — contra Babilônia —, seus guerreiros são capturados, seu arco é quebrado. O SENHOR é um Deus que replica, ele sabe dar o troco.

57 Embriagarei seus ministros e seus sábios, seus prefeitos, seus governadores e seus guerreiros. Dormirão um sono eterno, não acordarão mais — oráculo do rei cujo nome é: o SENHOR de todo poder.

58 Assim fala o SENHOR de todo poder: A larga muralha de Babilônia é completamente desmantelada e suas altas portas destruídas pelo fogo. Em vão penam os povos, é por um fogo que as nações se extenuam!

GESTO SIMBÓLICO CONTRA BABILÔNIA^g. 59 Eis a ordem que o profeta Jeremias deu a Seraia, filho de Neriá, filho de Maḥseia, quando este foi a Babilônia com^h Sedecias, rei de Judá, no quarto ano de seu reinado. Seraia era chefe de acantonamento. 60 Jeremias escrevera num único livro todas as desgraças que atingiriam Babilônia: todas as palavras acima mencionadas, que tinham sido escritas contra Babilônia.

61 Jeremias disse a Seraia: “Quando chegares a Babilônia e vires e leres todas estas palavras, 62 dirás: ‘SENHOR, és tu que determinaste destruir este lugar sem que fique nele nenhum ser vivo, nem homens, nem animais, e reduzi-lo a uma perene desolação!’ 63 Quando tiveres terminado a leitura deste livro, amarrarás nele uma pedra e o lançarás no meio do Eufrates, 64 dizendo: ‘Assim afundará Babilônia e não ressurgirá mais por causa das desgraças que vou atrair sobre ela’”. Elas se extenuam!

Até aqui, as palavras de Jeremias.

d. São possíveis várias traduções. Conforme o aram, podemos ler: em Babilônia caíram as vítimas de Israel, e ainda: por causa de Babilônia caíram as vítimas de toda a terra. De acordo com a Vulg.: assim como Babilônia fez cair os feridos de morte de Israel, da mesma forma por causa de Babilônia cairão os feridos de morte de toda a terra.

Outra tradução literal possível: Babilônia também deve cair, ó vítimas de Israel, assim como as vítimas de toda a terra caíram por causa de Babilônia. Por não apresentarem todas essas traduções um sentido satisfatório, lemos desdobrando uma consoante e invertendo os estíquios.

e. Hebr.: suas ondas. Lemos com vocalização diferente.

f. Lit. A sua algazarra será acalmada.

g. Esta ação simbólica (cf. 13,1 nota), que data de 594, portanto 55 anos antes da queda de Babilônia, mostra a fé do profeta na realização da palavra do Senhor.

h. Gr.: da parte de Sedecias; talvez esta tradução seja preferível, pois essa viagem de Sedecias não é atestada em outros documentos.

i. Esta observação, ausente no gr., não parece se relacionar com o que precede: ela retoma o fim do v. 58, sem dúvida para ligar o apêndice dos vv. 59-64 ao que precede.

ANEXO

52 As profecias de Jeremias contra Jerusalém e Judá realizadas¹.

2R. 24, 18-25,30 ¹Sedecias tinha vinte e um anos quando subiu ao trono, reinou onze anos em Jerusalém; o nome de sua mãe era Hamital, filha de Iirmiahu de Libná^k. ²Ele fez o que desagradava ao SENHOR, exatamente como fizera Joaquim. ³O que aconteceu em Jerusalém e em Judá provocou a cólera do SENHOR, a tal ponto que os rejeitou longe de si¹.

Sedecias rebelou-se contra o rei de Babilônia.

⁴No nono ano do reinado de Sedecias, no décimo mês, no dia dez^m, Nabucodonosor, rei de Babilônia, chegou, ele e todas as suas tropas, diante de Jerusalém; tomaram posição contra ela e levantaram terraços ao seu redor. ⁵A cidade resistiu ao assédio até o undécimo ano do rei Sedecias. ⁶No quarto mês, no nono dia, enquanto a fome castigava a cidade e não havia mais alimentos sequer para os cidadãos. ⁷foi aberta uma brecha na cidade. Todos os combatentes fugiram, de noite, deixando a cidade através da porta entre os dois murosⁿ perto do jardim do rei — apesar de os caldeus estarem em volta da cidade —; e tomaram o caminho da Arabá^o. ⁸As tropas caldeias perseguiram o rei e alcançaram Sedecias na planície de Jericó; todas as suas tropas, em debandada, o tinham abandonado. ⁹Os caldeus prenderam o rei e o levaram a Riblá, na terra de Hamat^p, para junto do rei de Babilônia, que lhe pro-

nunciou sua sentença. ¹⁰O rei de Babilônia mandou degolar os filhos de Sedecias diante dos seus olhos. Mandou também degolar, em Riblá, todos os funcionários de Judá. ¹¹Vazou então os olhos de Sedecias^q e o amarrou com uma dupla corrente de bronze. O rei de Babilônia mandou levá-lo para Babilônia e o prendeu no cárcere até o dia de sua morte.

¹²No quinto mês, no dia dez, no décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor^r rei de Babilônia, Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, do séquito^s do rei de Babilônia, chegou a Jerusalém. ¹³Tocou fogo no Templo e no palácio, assim como em todas as casas de Jerusalém; tocou fogo nas casas das pessoas de classe alta.

¹⁴Quanto às muralhas de Jerusalém, foram derrubadas, ao longo de toda a sua extensão, pelas tropas caldeias, sob o comando do chefe da guarda pessoal. ¹⁵Os cidadãos que tinham ficado na cidade, os desertores que se tinham rendido ao rei de Babilônia e o resto dos artesãos, Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, os deportou^t. ¹⁶Mas ele^u deixou uma parte da população carente da terra para cultivar as vinhas e os campos. ¹⁷Quanto às colunas de bronze do Templo, aos suportes rolantes e ao Mar de Bronze da Casa do SENHOR^v, os caldeus os fizeram em pedaços e levaram todo o bronze para Babilônia. ¹⁸Tomaram as caldeiras, as pás, as espevitadeiras, as bacias para a aspensão, as taças e todos os utensílios

32,5;
Ez 12,15

17,27;
37,8; 39,8;
Ez 16,41

1,10

27,22

j. Este cap. retorna, apenas com algumas variantes, a narração do livro dos Reis (2Rs 24,18-25,30). Foi situado aqui para mostrar a realização das profecias de Jeremias. Depois, influenciou a redação definitiva de Jr 39.

k. Cidade situada na costa do Mediterrâneo (confira Js 10,29...).

l. Lit. *rejeitou longe de seu rosto*.

m. Fim de dezembro de 589.

n. Porta situada ao sul, onde os fugitivos tinham menores possibilidades de se encontrar com o inimigo que, sem dúvida, tinha aberto a brecha no norte.

o. Isto é, rumo ao vale do Jordão.

p. Riblá é uma cidade situada à margem do Oronte, na Síria.

q. Cena violenta, típica no Oriente Próximo daquela época.

Conhecemos esta prática através dos baixos-relevos, principalmente uma cena de Sargon.

r. Portanto no fim de julho de 587, cf. 25,1 nota.

s. Os masoretas leram: *Nebuzaradan chegou, manteve-se na presença do rei de Babilônia, em Jerusalém*; leitura que não fica clara no contexto... Nós lemos *que ficava de pé diante (= do séquito)* conforme gr. e Vulg. que, aqui, sem dúvida compreenderam melhor o texto primitivo.

t. Omitimos, no início do v., a expressão *a população carente*, que falta nos textos paralelos (Jr 39,9 e 2Rs 25,12) e que entra em contadição com o contexto. Sem dúvida foi acrescentada devido ao v. seguinte.

u. O hebr. repete: *Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal*.

v. Cf. 1Rs 7,21.23.27 e notas.

de bronze usados no culto. ¹⁹O chefe da guarda pessoal levou ainda as bacias, os fumigatórios, os aspersórios, as caldeiras, os candelabros, as taças e as tigelas, tanto de ouro como de prata.

²⁰Quanto às duas colunas, o Mar — único —, os doze bois de bronze que o sustentavam, os suportes rolantes que o rei Salomão mandara fazer para o Templo: seria impossível avaliar o quanto pesava todo esse bronze, de todos esses utensílios. ²¹A altura da primeira coluna era de dezoito côvados, sua circunferência de doze côvados, sua espessura era de quatro dedos, sendo oca. ²²Em cima dela havia um capitel de bronze, cuja altura era de cinco côvados, ao redor do qual havia um entrelaçamento e romãs, tudo em bronze; a segunda coluna tinha as mesmas dimensões e as mesmas romãs. ²³Havia noventa e seis romãs; elas estavam em relevo; havia ao redor, sobre o entrelaçamento, cem romãs. ²⁴O chefe da guarda pessoal prendeu Seraia, o sacerdote-chefe, e Sefania,

21.1 o segundo sacerdote, bem como os três guardas do limiar. ²⁵Na cidade, prendeu o funcionário responsável pelos combatentes e sete homens do séquito do rei, que se encontravam na cidade, bem como o secretário do comandante do exército encarregado de mobilizar a milícia e sessenta homens da própria milícia que se encontravam no interior da cidade.

²⁶Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal, os prendeu e os conduziu ao rei de Babilônia em Riblá. ²⁷O rei de Babilônia os condenou à morte e mandou executá-los^a em Riblá, na terra de Hamat. Deste modo Judá foi deportado para longe de sua terra.

²⁸Este é o número de pessoas que Nabucodonosor mandou deportar no ano sétimo^b: 3.023 judaítas. ²⁹No ano décimo oitavo do rei Nabucodonosor^c: de Jerusalém, 832 pessoas. ³⁰Finalmente, no ano vigésimo terceiro de Nabucodonosor^d, Nebuzaradan, o chefe da guarda pessoal, mandou deportar 745 judaítas. Ao todo 4.600 pessoas^e.

A sorte do descendente de David^f.

³¹Mas no trigésimo sétimo ano da deportação de Ioiakin, rei de Judá^d, no décimo segundo mês, no vigésimo quinto do mês, Evil-Merodak, rei de Babilônia, no mesmo ano em que subiu ao trono, anistiou Ioiakin, rei de Judá, e o tirou da prisão. ³²Falou-lhe como amigo e lhe concedeu um lugar de destaque entre os reis que partilhavam a sua sorte^e. ³³Permitiu que tirasse sua roupa de preso, e Ioiakin passou a comer permanentemente à mesa do rei, todos os dias de sua vida. ³⁴Seu sustento, o sustento diário, foi permanentemente garantido pelo rei de Babilônia, de acordo com as necessidades de cada dia, até a sua morte, todos os dias de sua vida.

w. Lit. *uma linha de doze côvados a cingia*.

x. Lit. *os feriu e os fez morrer*; o gr. traz apenas *os feriu* e omite, no final do v., a menção à deportação, bem como os vv. 28-30.

y. Provavelmente o *ano sétimo* de Nabucodonosor, isto é, em 597, data da primeira deportação dos habitantes de Jerusalém. Cf. 25,1 nota.

z. Isto é, em 587, data da segunda deportação dos habitantes de Jerusalém. Cf. 25,1 nota.

a. Isto é, em 582-581; ignoramos as circunstâncias dessa terceira deportação, ausente na narração de 1-2Rs. Sabemos con-

do ser esse o ano em que Nabucodonosor deportou moabitas e amonitas.

b. Esses números modestos estão certamente mais próximos da realidade do que os "dez mil deportados" de 2Rs 24,14 (número arredondado!) Judá era de fato um país pequeno, e somente seus dirigentes foram deportados.

c. Apesar de o final do livro de Jr ser trágico, ele acaba com quatro vv. de esperança (vv. 31-34): uma honra é concedida ao descendente de David. Cf. 2Rs 25,30 nota.

d. Isto é, em 561-560.

e. Lit. *que estavam com ele em Babilônia*.

EZEQUIEL

INTRODUÇÃO

Ezequiel: um homem, sem dúvida, desconcertante, de gênio tão variado, tão rico, tão complexo, que seu livro se nos apresenta denso e difícil de percorrer. Todavia este livro dá testemunho de um ho-

mem que viveu um dos momentos mais dramáticos da história de Israel e cuja experiência espiritual é uma das mais aptas a esclarecer o destino do povo de Deus. Não será, então, de particular atualidade?

O LIVRO DE EZEQUIEL

Sua estrutura se apresenta simples e lógica. Depois do relato da vocação do profeta (1,1-3,21), vêm os oráculos que anunciam o julgamento de Jerusalém (3,22-24,27), o castigo das nações (25-32) e a restauração do povo aniquilado (33-37). O livro se completa nas vastas perspectivas de um horizonte distante: aos olhos do leitor, desenrola-se inicialmente a decisiva batalha do povo de Deus diante de terríveis inimigos (38-39); depois se desenha a alta silhueta da montanha sobre a qual Ezequiel vislumbra a capital futurista do povo de Deus renovado (40-48).

Mas, depois de ultrapassado esse esquema bastante lógico, o livro espanta por certa liberdade que aparenta desordem. Assim, no interior do cap. 34, os temas do pastor e do rebanho se desenvolvem em sentidos diversos (inspirados, é verdade, em Jr 23,1-6), e o cap. 1 contém um acúmulo de detalhes estranhos, aparentemente supérfluos — as rodas, por exemplo — ou então acrescentados em detrimento da coerência gramatical.

Os discípulos de Ezequiel têm grande responsabilidade nessa desordem. Aparentemente indiferentes a toda lógica, fragmentaram seus oráculos: 3,22-27; 4,4-8; 24,15-27 e 33,21-22 poderiam ser os membros dissociados de um relato contínuo; ou então aproximaram indevidamente oráculos independentes, unindo-os por um vínculo fictício: assim é que o termo de encadeamento “espada” (cap. 21) serve de elo entre parágrafos alheios uns aos outros: a espada do Senhor (vv. 6-12), espada bem afiada (vv. 13-22), do rei da Babilônia (vv. 23-32), erguida contra os amonitas (vv. 33-37); esses discípulos chegaram a repetir várias vezes os mesmos

oráculos: as considerações sobre “os justos caminhos do Senhor” encontram-se — idênticas, ou quase — em 18,1-32 e 33,10-20.

O próprio Ezequiel não é totalmente estranho à atual fisionomia de seu livro; foi ele o primeiro a sobrecarregar as frases com detalhes, os capítulos com parágrafos, todos portadores de uma doutrina capital, mas sem compromisso com a harmonia primitiva: assim aconteceu-lhe completar os relatos das visões (1-3; 8-11) ou de certo gesto profético (4,4-17) etc. Aliás, era o que desejava o seu gênio variado, instável, quase doentio, por assim dizer. Não o vemos prostrado (3,15), mudo (3,26), talvez paralisado (4,4-8)? Esse gênio não consegue defender-se da atração dos extremos: é fulgurante e meticoloso, pronto para o sublime e para o vulgar; deixa-se seduzir pelo peso do barroco, deixa-se levar pela embriaguez do surrealismo (ver os poemas da águia: 17,1-10; do dragão: 32,1-8), e em seguida encerra sua imaginação impetuosa e sua frase redundante nas frias distinções de um casuista (caps. 18 e 33), na monótona descrição de uma geografia de computador (cap. 47 e 48), na seca enumeração de dados arquitetônicos (cap. 40 e 42) ou nos parágrafos cansativos de rubricas minuciosas (cap. 44; 46). É ainda ele que se deixa guiar pelos marcos precisos da história — as alusões históricas são numerosas no pano de fundo dos cap. 16 e 19, ou nos diversos oráculos contra as nações — e que mostra familiaridade com riquezas inesgotáveis, perspectivas fugidias e indefinidas da evocação mítica: o homem primordial e o jardim do Éden (cap. 28), a árvore cósmica (cap. 31), as regiões infernais (cap. 32).

O PROFETA EZEQUIEL

Ao longo deste livro, cuja estrutura e estilo já esboçam a silhueta de alguém, finalmente apare-

ce um personagem, Ezequiel, o profeta.

Contemporâneo da queda de Jerusalém (587),

às vezes dá a impressão de ter começado sua pregação na capital palestina, antes de continuá-la e de levá-la a termo entre os deportados, às margens do rio Kebar. Assim se explicaria melhor, entre outras coisas, a minuciosa descrição de todos os gestos idolátricos realizados no Templo (cap. 8). Mas o argumento parece pouco convincente, e a maioria dos comentadores julga que toda a atividade profética de Ezequiel se desenrola em terra babilônica, junto a uma cidade: Tel-Abib; o profeta fora levado para lá antes da destruição de Jerusalém, por ocasião das primeiras razzias palestinas de Nabucodonosor (598). São registradas as datas de certos oráculos.

A MENSAGEM DE EZEQUIEL

É, pois, na Babilônia que se desenvolveu a atividade daquele que era até então um sacerdote e que conservou, até o fim da vida, sua mentalidade de sacerdote perito em culto, liturgia, rubricas e sacristias (caps. 40-48); é lá ainda que, de repente, tudo nele se transtorna. Produzem-se dois acontecimentos: a irrupção da glória de Deus fez desse sacerdote um profeta, e a queda de Jerusalém transforma o pregador de condenação em pregador de salvação.

A irrupção da Glória. Eis, pois, que a partir de certo dia, a vida de Ezequiel é como que invadida pela Glória do Senhor. Ela se mostra em várias ocasiões (1,28; 3,23; 8,4; 10,1; 43,2), deixando-o todas as vezes atônico, extasiado (3,15).

Que vê ele? No meio de uma grande nuvem, precedido pelo sopro da tempestade, um fogo em forma de redemoinho; e depois, seres vivos. São quatro; eles voam, sustentam um firmamento sobre o qual aparece um trono. Acima, há como que o aspecto de um homem, com uma claridade ao redor dele... É o aspecto da Glória do Senhor (1,4-28).

No fundo, o profeta está em vias de reviver, mas com gênio diferente e noutra contexto, a visão de seu grande predecessor, Isaias. Ele acaba de receber a revelação esmagadora da transcendência do Senhor, da Glória daquele que é o rei de toda a terra (Is 6,3). Este último ponto está ausente da descrição inicial de Ezequiel, mas o profeta sugere sua verdade acrescentando traços secundários, com o risco de obscurecer sua intuição primordial. Assim se explica a longa descrição desses ani-

los. A da visão inicial não é confiável (1,1-2; cf. v. 1 nota), mas as outras são dignas de atenção. A visão dos pecados de Jerusalém (8,1) é situada no sexto ano (do exílio do rei ioiakim, que é também o de Ezequiel) ou seja, em 592; o oráculo da panela (24,1) é datado do nono ano, ou seja, em 589, no mesmo dezembro em que se inicia o cerco a Jerusalém; outros são situados no décimo ano, em 588, no tempo em que o faraó do Egito se encontra em má situação (29,1); no décimo primeiro, em 587 (26,1), no décimo segundo, ou seja, no início de 585 (33,21), no vigésimo quinto, em 573 (40,1), e por fim no vigésimo sétimo, em 571 (29,17).

mais fantásticos, tomados do bestário mítico dos babilônios, que o profeta se compraz em ver a serviço do Senhor; ou ainda a presença, totalmente supérflua, de rodas alucinantes que mostram a seu modo que a Glória é onipotente em todos os lugares.

Esmagado por essa revelação, Ezequiel percebe violentamente sua pequenez: em face da Glória, ele não passa de um ínfimo e derrisório filho de homem, hesitante, atônito (1,28; 2,2; 3,14-17.22-24); sobre ele, a mão do Senhor (1,3; 3,22; 33,22; 37,1; 40,1) caiu (8,1) pesadamente (3,14); sobre ele também, o espírito do Senhor vem (2,2; 3,24), cai (11,5), para arrebatá-lo (3,12.14; 8,3; 11,1.24; 43,5).

Mas o profeta percebe a Glória que sai do Templo e se afasta de Jerusalém (11,22.23). O Senhor deixa Sião! Por quê? Como?

Ezequiel descobre no pecado de Israel o motivo de tão dramática separação; o pecado de Israel é o mal endêmico do qual ele procura entrever a gravidade, a extensão, a profundidade. O pecado é o ato de violência, o crime em que o sangue é derramado (7,23; 9,9; 16,36; 18,10 etc.), que, pelo menos uma vez, o profeta põe em pé de igualdade com a idolatria (36,18). Pois o pecado capital é, para ele, a idolatria (14,1-8), que ele vê praticada sobre toda colina, sob as árvores (6,3.6.13; 16,16; 20,28.29) e até no Templo de Jerusalém (cap. 8). Encontra seus sinais na entrada do pórtico interior (vv. 3-6), no adro (vv. 7-13), no santuário do Senhor (vv. 14.15), entre o vestíbulo e o altar (v. 16). O pecado de Israel é também a imo-

ralidade cotidiana; Ezequiel a descreve inspirando-se nos formulários de confissão dos pecados, em uso nos santuários (18,5-9; 22,3-12.23-30).

Ezequiel diz e repete que esse pecado é um horror, uma abominação (5,9-11; 6,9; 16,22-52); é um gesto de infidelidade, um adultério, um ato de prostituição. O profeta desenvolve este tema na alegoria da menina encontrada, adotada e depois desposada, que finalmente se transforma em “prostituta despótica” (16,30); ele o retoma depois na história das duas irmãs, Oholá (Samaria) e Oholibá (Jerusalém), esposas infiéis que se entregaram a uma insolente prostituição (cap. 23).

O profeta finalmente chega a descobrir a raiz da impudica infidelidade à qual Jerusalém se abandona no orgulho. O pecado dos pagãos de Sodoma (16,49-50), do rei de Tiro (28,2.5.17), do Egito (30,6.18) e de seus faraós (32,12; 35,13), é também o pecado de Israel (7,20.24; 33,28), esposa envaidecida com sua beleza (16,15.56); é também o pecado do príncipe (21,30-31).

Porventura, Jerusalém não tem uma origem pagã, ela que descende de pai emorita e de mãe hitita (16,3.45)? Sua corrupção, que se manifesta ao longo de toda a sua história (cap. 20), é congênita (cap. 16), e a permanência prolongada de Jacó-Israel no Egito — onde Deus com a mão erguida, jurou, e disse: Eu sou o Senhor vosso Deus (20,5) — devia ter as mais funestas consequências: ela daria a Israel essa paixão pelos ídolos à qual depois ninguém saberia renunciar (cap. 20).

É em meio a esse povo que Ezequiel é estabelecido profeta, com a missão de proclamar a palavra de Deus. Ainda que esta palavra penetre nele como um alimento e o encha de doçura (3,2.3), o filho de Buzi deve esperar encontrar em seu caminho sofrimentos e espinhos toda vez que ele clamar: Assim fala o Senhor Deus (3,11); mas não deve desistir, pois o essencial é, no fim das contas, que os deportados, por mais rebeldes que sejam, saibam que há um profeta no meio deles (2,5).

Ezequiel será uma “sentinela a serviço de Israel”. Deverá dizer ao perverso: “Vais morrer”, a fim de que o mau abandone a sua má conduta e viva; deverá admoestar o justo para que não peque, a fim de permanecer em vida (3,16-21); pois, ao contrário do adágio que se costuma repetir em Israel, ele afirma: Quem pecar, esse

morrerá; o filho não arcará com a iniquidade do pai, nem o pai com a iniquidade do filho (18, 4-20).

Todavia, se Ezequiel deixar de admoestar o malvado, terá de prestar contas do sangue do mau que houver perecido por falta de admoestação oportuna (3,18). Esta hipótese não é gratuita: nessa época, não faltavam pretensos profetas, que seguiam sua própria inspiração sem jamais ter tido visão. São semelhantes a pedreiros que se contentem com rebocar um muro rachado, com o risco de deixar ruir todo o conjunto. Tais são os profetas que publicam uma mensagem de paz sem se preocupar em curar o pecado (cap. 13).

A queda de Jerusalém. O pecado não pode deixar de conduzir o povo a um julgamento inelutável e terrível; o profeta vê sua realização bem próxima e se obstina a anunciá-lo incansavelmente, por palavras (caps. 7; 9-11) e atos (caps. 4-5). Até aquela triste manhã, em que alguém se apresenta para lhe declarar a desgraça que aconteceu: Jerusalém foi tomada, destruída, incendiada; os sobreviventes partem para o exílio.

Foi este o segundo acontecimento capital na vida de Ezequiel. Instigado a não deixar transparecer seu pesar (24,15-27), deve ter sentido uma dor pelo menos igual à de seus companheiros de deportação. Com efeito, o sofrimento e o desespero deles foram tais que chegaram a dizer: Estão sobre nós as nossas revoltas e os nossos pecados, e apodrecemos por causa deles! Como poderemos viver? (33,10) Ou ainda: Os nossos ossos estão ressequidos, pereceu a nossa esperança, estamos esfacelados (37,11).

Então Ezequiel reagiu; pôs-se a anunciar o castigo para as nações cujos sarcasmos intensificavam a dor dos vencidos. Israel não será o único a sofrer o julgamento. Sem dúvida, o profeta outrora entreviu que povos de fala impenetrável e de língua enrolada (3,6) o teriam escutado melhor do que a casa de Israel; contudo, esses povos agora são convocados ao tribunal de Deus (25-32). O Egito é o principal acusado (cap. 29-32), ele que provocou a traição de Sedecias (17,15), infiel às suas alianças (17,19). Tiro deve comparecer por ter tido intenções injuriosas contra Jerusalém, oprimida pelos exércitos inimigos (26,2), e depois também os países vizinhos da Palestina: Amon, Moab, Edom e os filisteus, todos culpáveis

de comportamento odioso com relação ao povo aniquilado (cap. 25).

Mas eis que o profeta, arauto trágico, reduzido até aqui ao anúncio de uma desgraça inelutável, transforma-se em pregador de salvação. Já os seus oráculos anteriores não haviam excluído todo motivo de conforto. O tema do "Resto" aparece em algumas passagens; sua evocação é rápida, tão rápida, aliás, que se pode ver aí o resultado de algum acréscimo secundário; assim os vv. 5,1-2 são explicados nos vv. 12 e 13, ao passo que os vv. 5,3-4, que, ademais, comprometem a lógica do cálculo profético, não recebem nenhum comentário. Contudo, o tema é claramente atestado no cap. 9; aí vem à tona a execução dos habitantes de Jerusalém, precedida por um gesto de seleção que põe à parte os homens que gemem e se lamentam por causa de todas as abominações que se cometem no meio de Jerusalém (9,4).

Haverá, portanto, um "Resto" (ver 6,8-10; 9,4-8; 11,13; 12,16; 14,22-23), mas tão irrisório, tão frágil (11,13), reduzido talvez aos cadáveres amontoados em Jerusalém (11,7), que sua evocação não pode impedir os exilados de perder sua débil esperança. Então o profeta, sentinela atenta, se posta na brecha. Os mortos viverão, proclama ele; e aí temos o maravilhoso afresco dos ossos ressequidos e revigorados (37,1-14): por mais diminuído e aniquilado que esteja Israel, ainda que fosse semelhante a um ossário abandonado pela vida, o Senhor saberá fazê-lo reviver ao sopro impetuoso de seu Espírito.

Um povo que voltou à vida, mas a uma vida totalmente diferente da anterior, tal será o Israel resgatado do exílio. Porque, diz o Senhor: eu vos tomarei de entre as nações, vos reunirei de todas as terras e vos levarei ao vosso solo. Farei sobre vós uma aspersão de água pura e ficareis puros: eu vos purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo; tirarei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um

coração de carne. Infundirei em vós o meu espírito e vos farei caminhar segundo as minhas leis, guardar e praticar os meus costumes. Habitareis a terra que dei a vossos pais; sereis para mim um povo, e eu serei para vós Deus (36,24-28).

Essa vida ideal se realizará num reino reunificado (37,15-28), onde o povo não será mais entregue às prevaricações dos chefes indignos (34,1-10); ele será guiado pelo cajado do Senhor, tornando-se ele mesmo o pastor de seu povo (34,11-16); quanto ao descendente de David, ele será simplesmente um príncipe no meio deles (34,24).

Perspectivas finais. *No fim de sua carreira profética, Ezequiel se aplica a mostrar o caminho do Israel renovado. Inicialmente ele vê o povo conseguir, no fim dos anos (38,8), a vitória que o livra de todos os seus inimigos. O povo os enfrentou num combate colossal, reencontrando todos os seus adversários de todos os tempos, por trás da face helicosa de seu campeão, Góg, da terra de Magog, grande príncipe de Méshek e de Tubal. Ele os enfrenta e a todos destrói; com seus armamentos terríficos ele faz um fogo de alegria; abandona inúmeros mortos deles à rapacidade dos abutres e ao cuidado dos coveiros, por sete meses interminavelmente ocupados em enterrar os corpos dos vencidos (cap. 38 e 39).*

Por fim, Ezequiel imagina Israel vitorioso já instalado numa Palestina também renovada. Vê a terra matematicamente partilhada em zonas que limitam as fronteiras com absoluto rigor (cap. 47; 48); ele a vê banhada com a água maravilhosa, que jorra do Templo (cap. 47). Será o lugar privilegiado onde, conforme todas as suas regras (caps. 40; 46), desenrolar-se-á o culto que celebra a Glória do Senhor que voltou ao santuário (43,1-12). Pois, de agora em diante, o Templo será o centro da vida do povo, o coração de um mistério que o profeta faz entrever em uma só expressão: O Senhor está aí (48,35).

EZEQUIEL

1 A visão da Glória. ¹No trigésimo^a ano, no quarto mês, no dia cinco do mês, encontrava-me no meio dos deportados, às margens do rio Kebar^b; os céus se abriram^c, e tive visões^d divinas. ²No quinto dia do mês — esse ano era o quinto da deportação do rei ioiakim^e — ³veio uma palavra do SENHOR a Ezequiel, filho do sacerdote Buzi, na terra dos caldeus, às margens do rio Kebar. Lá, a mão do SENHOR esteve sobre ele.

⁴Eu vi: um vento de tempestade vinha do norte, uma grande nuvem e um fogo fulgurante e, ao redor, claridade; em seu centro, como que um fulgor avermelhado no meio do fogo. ⁵No centro, a semelhança de quatro seres vivos^f; e este era seu aspecto: eles se assemelhavam a homens. ⁶Cada um tinha quatro rostos e cada um deles, quatro asas. ⁷Suas^g pernas eram retas; seus pés, como os cascos de um bezerro, cintilantes como faísca de bronze polido. ⁸Sob suas asas havia mãos de homem voltadas para as quatro direções, assim também os rostos e as

asas de todos os quatro; ⁹suas asas se juntavam uma à outra. Eles não se desviavam ao avançar; cada qual ia reto para a frente. ¹⁰Seus rostos assemelhavam-se a rostos de homem; todos os quatro tinham, à direita, uma face de leão^h, à esquerda, uma face de touro, e os quatro tinham um rosto de águia: ¹¹assim eram suas faces. Quanto a suas asas, estendidas para o alto, duas se juntavam uma à outra e duas cobriam seus corpos. ¹²Cada qual ia reto para a frente; iam na direção que o espíritoⁱ queria. Eles não se desviavam ao avançar. ¹³Assimelhavam-se a seres vivos. Seu aspecto era o de brandões acesos; era como uma visão de tochas; entre os seres vivos havia como que um vaivém; e depois, havia a claridade do fogo e, saindo do fogo, relâmpagos. ¹⁴E os seres vivos se lançavam em todos os sentidos: uma visão de relâmpago.

¹⁵Olhei os seres vivos e vi, no chão, ao lado dos seres vivos, uma roda^j para cada face. ¹⁶Eis quais eram o aspecto das ro-

IRs 6,
24-27

Ex 19,19;
Sl 97,4

a. A indicação fornecida pelo v. 2, que se refere ao quinto ano do rei ioiakim, torna este dado cronológico incompreensível. Muitas soluções foram tentadas, mas nenhuma delas conseguiu se impor. O número *trinta* poderia ser o resultado de alguma corruptela textual; de todo modo, é provável que a data do acontecimento tenha sido modificada para que o livro começasse solenemente por esta majestosa visão, que apresenta uma espécie de síntese imaginosa do ensinamento de Ez.

b. Deve-se tratar do canal lateral ao Eufrates, que vai de Babilônia a Warka.

c. Nas outras visões da Glória, é o Templo, essa casa terrestre, que serve de quadro para o encontro do Senhor. Agora é no céu que a visão aparece a Ez, visto que ele se encontra em terra babilônica. Essas indicações topográficas dão todo o sentido da mensagem ezequieliana: longe do santuário de Jerusalém, os deportados não estão, a despeito do que se pensa (11,15), longe do Senhor; porque do alto de seu palácio celeste ele reina sobre toda a terra; portanto, está próximo de seu povo disperso entre as nações.

d. Já presente em Jr, onde é dotada de proporções modestas e sempre explicada pela palavra (Jr 1,11-15 etc.), a visão adquire em Ez dimensões grandiosas (p. ex. 37,1-14), a ponto de eliminar progressivamente o comentário oral (47,1-12). Mais vasta, mais complexa, dando maior espaço às sugestões — imprecisas, mas muito mais ricas — da imaginação e do coração, a visão reflete melhor do que a palavra a sublime transcendência do mistério que Deus deixa apenas entrever e que permanece radicalmente inefável.

e. Cf. 2Rs 24,10-15.

f. Esta descrição dos *seres vivos* — expressão bíblica para *animais* — é influenciada pelas imagens murais, pelos motivos decorativos, pelas esculturas que o profeta pôde ver, seja na Palestina (como os marfins representando animais fantásticos, com corpo de leão, cabeça de cordeiro ou de homem, asas de águia, encontrados na costa mediterrânea), seja sobretudo em terra de exílio. A descoberta, na Mesopotâmia, de estátuas de personagens divinas dotadas de quatro rostos torna menos surpreendente a visão de Ez.

g. Ao que parece, gramaticalmente incorreta, essa frase faz suspeitar de confusão entre a descrição dos querubins (10,12-15) e a dos *seres vivos* descritos v. 7.

h. Ez viu na terra de sua deportação, diante dos templos, estátuas de animais — leões, touros —, garantindo-lhes a guarda e mostrando sua dignidade. É esse mesmo bestiário, símbolo mítico de todas as forças do universo, que ele se apraz em entrever em torno do Senhor, proclamando a sua sublime grandeza.

i. Ez diz aqui, como no v. 20, o *espírito*; em outro lugar (2,2), ele diz *um espírito*; não é certo que ele queira sublinhar matizes diferentes com formulações variadas (cf. 2,2 nota).

j. Cf. 10,9-13. Existem nos santuários antigos carroças utilizadas para diversos fins: transporte das vítimas, lavagem das oferendas etc. Um deles, encontrado em Chipre, comporta um chassi, montado sobre quatro rodas, em superestrutura feita com um quadro decorado com animais fantásticos. O estranho carro esboçado por Ez tem analogias com esse objeto.

das e sua estrutura: elas faiscavam como o crisólito e todas as quatro eram semelhantes. Esse era seu aspecto. Quanto a sua estrutura, estavam imbricadas uma na outra. ¹⁷Quando avançavam, iam nas quatro direções; ao avançar não se desviavam. ¹⁸A altura de seus aros causava medo; e havia profusão de faíscas^a ao redor de todas as quatro. ¹⁹Quando os seres vivos avançavam, as rodas avançavam a seu lado; e quando os seres vivos se elevavam acima da terra, as rodas se elevavam. ²⁰Eles iam na direção em que o espírito queria ir¹, e as rodas se elevavam ao mesmo tempo; é que o espírito dos seres vivos estava nas rodas.

²¹Quando eles avançavam, elas avançavam, e quando eles paravam, elas paravam; e quando eles se elevavam acima da terra, as rodas se elevavam ao mesmo tempo, pois o espírito dos viventes estava nas rodas.

²²Acima da cabeça dos seres vivos, a semelhança de um firmamento, faiscando como cristal resplandecente; ele se estendia acima de suas cabeças, bem acima. ²³Sob o firmamento, suas asas estavam estendidas uma para a outra. Cada qual tinha duas que o cobriam, cada qual tinha duas que lhe cobriam o corpo.

²⁴E ouvi o ruído que suas asas faziam quando avançavam: era o fragor das grandes águas, a voz do Poderoso^m; ruído de uma multidão, fragor de um exército. Quando paravam, deixavam pender as asas. ²⁵Veio uma voz do firmamento que estava sobre suas cabeçasⁿ. ²⁶E por sobre o firmamento que estava sobre suas cabeças e parecia pedra de lazulita, havia a semelhança de um trono; e acima dessa semelhança de trono, uma semelhança com o aspecto de um homem, acima, bem no alto. ²⁷Depois vi como que o fulgor do metal candente, como o aspecto de um fogo que envolvia tudo em redor, a partir e acima daquilo que parecia ser os seus rins; e a partir e abaixo daquilo que parecia ser os seus rins, vi como o aspecto de um fogo e de uma claridade, em torno dele. ²⁸Era como o aspecto do arco que está na nuvem num dia de chuva: tal era o aspecto de claridade circundante. Era o aspecto, a semelhança da glória^p do SENHOR. Contemplei e caí de rosto em terra; ouvi uma voz que falava.

Is 6.1;
Dn 7.9

2 O envio em missão. ¹Ela me disse: ²"Filho de homem", põe-te de pé, porque vou falar-te". ³Depois que ele me falou, um espírito^q veio a mim e fez-me

Is 6.8-13;
Jr 1

Ex 24.10;
Ap 4.2x

k. Traduz-se habitualmente: *os aros estavam cheios de olhos*. l. O texto reduplica a expressão: *lá onde o espírito queria ir*. m. Ez emprega aqui o velho nome divino de Shadai. Cf. Gn 17.1; Nm 24.4; Is 13.6.

n. O texto repete aqui a expressão vo v. 24: *quando paravam, deixavam pender as asas*.

o. Com seus predecessores, Ez designa por *glória* o Ser divino enquanto se revela; é a manifestação do poder, da santidade (cf. 28.22, onde os dois temas são postos em paralelo) de Deus, perceptíveis através dos sinais: fenômenos cósmicos (tempestade 1.4), desenrolar histórico (28.22), símbolos litúrgicos (8-11; 43; 44). Contudo, a representação ezequieliana apresenta certas particularidades: a glória tornou-se imediatamente visível, pelo menos aos olhos do profeta, numa explosão de luz; além disso, ela tem uma aparência bastante semelhante à forma humana; por fim, aparece como realidade autônoma, quase hipostasiada: sai do Templo, posta-se acima da colina próxima, retorna ao santuário. Por outro lado, Ez busca suavizar a novidade e a audácia de tais expressões por fórmulas de aproximação: "Como, à semelhança de" etc. Mas ele busca sobretudo aproximar os dados dificilmente conciliáveis que são: o sentido da transcendência e a afirmação da proximidade de Deus; a convicção da presença divina no santuário e a certeza de que a glória não pode ser atingida pela iminente ruína da Jerusalém infiel.

p. Muito frequente em Ez, que a utiliza uma centena de vezes, esta expressão marca — especificamente neste cap. 2, que prolonga a grande visão do início — um contraste sugestivo: diante da *glória do Senhor*, cuja grandeza parece quase terrificante (1.28). Ez não passa de um *inífmio filho de homem* (v. 1.3.6.8.), incapaz até mesmo de se manter de pé.

q. Sabia-se em Israel que Deus comunica uma força divina, seu *espírito*, aos que ele encarrega de salvar o seu povo: em primeiro lugar os juizes, como Sansão (Jz 14.6.19; 15.14), mas também os reis: Saul (1Sm 10.6.10), David (1Sm 16.13) e, mais tarde, o rebento régio de Jessé, evocado por Is (11.2). Também se sabia que Deus dá seu *espírito* a outras personagens, cuja atividade está ligada à dos chefes do povo: os profetas. Para dizer a verdade, nem todos os textos são tão afirmativos a esse respeito; alguns, notadamente Am e Os, como também Is (que só conhece o espírito dado ao monarca) e finalmente Jr, ignoram esse dom concedido aos profetas. É que em Israel se desconfiava do comportamento de alguns dentre eles (1Sm 10.10-12) e se sabia que era preciso julgar a qualidade do espírito que os animava (1Sm 16.14; 18.10). Os autores das epopeias de Elias e Eliseu não têm tais escrúpulos: as façanhas dos seus heróis são explicadas pela intervenção de um espírito (2Rs 2.15; 5.26), que é finalmente o de Deus (1Rs 18.12; 2Rs 2.16). Passando por cima dos grandes profetas que o precederam, Ez reata

ficar de pé; então ouvi aquele que me falava. ³Ele me disse: "Filho de homem, eu te envio^r aos filhos de Israel, gente revoltada, que se revoltou contra mim, eles e seus pais, até o dia de hoje. ⁴É a esses filhos de rosto obstinado e de coração endurecido que te envio; tu lhes dirás: 'Assim fala' o Senhor Deus'. ⁵Então, quer te escutem^r, quer não — pois se trata de uma casa de rebeldes" —, saberão que há um profeta no meio deles. ⁶E tu, filho de homem, não tenhas medo deles e não tenhas medo de suas palavras; estás no meio de contraditores e de espinhos, estás sentado em cima de escorpiões; não tenhas medo de suas palavras e não te espantes com seus semblantes, pois é uma casa de rebeldes. ⁷Dirás a eles minhas palavras, quer escutem, quer não: trata-se de rebeldes.

⁸E tu, filho de homem, escuta o que te digo: não sejas rebelde^r, como esta casa de rebeldes; abre a boca e come o que vou te dar". ⁹Olhei: uma mão estava estendida para mim, segurando um livro enrolado". ¹⁰Desenrolou-o diante de mim; estava escrito dos dois lados^r; estavam escritas ali queixas, gemidos, gritos.

3 Ele me disse: "Filho de homem, ¹come-o, come este rolo; depois irás falar à casa de Israel". ²Abri a boca, e ele me fez comer o rolo. ³Disse-me: "Filho de homem, alimenta teu ventre e sacia tuas entranhas com este rolo que te

dou". Eu o comi^r; na minha boca ele tinha a doçura do mel.

⁴Ele me disse: "Filho de homem, a caminho! Vai junto à casa de Israel e fala-lhes com minhas palavras. ⁵Porque não é a um povo de fala impenetrável e de língua enrolada que és enviado; és enviado à casa de Israel. ⁶Não é a povos numerosos de fala impenetrável e de língua enrolada, cujas palavras não compreenderias — se eu te enviasse a eles, será que não escutariam? ⁷Mas a casa de Israel não vai querer escutar-te; toda a casa de Israel tem a fronte endurecida e o coração obstinado. ⁸Vê, vou tornar teu rosto tão duro quanto o deles, e tua fronte, tão dura quanto a fronte deles. ⁹Torno tua fronte dura como o diamante, mais dura que a pedra; não os temerás e não te assustarás diante deles, pois são uma casa de rebeldes". ¹⁰Ele me disse: "Filho de homem, recebe em teu coração, escuta com teus ouvidos, todas as palavras que te digo. ¹¹A caminho! Vai junto aos deportados, junto aos filhos do teu povo; tu lhes falarás; quer escutem, quer não, tu lhes dirás: 'Assim fala o Senhor Deus'".

¹²Então o espírito elevou-me^r, e ouvi atrás de mim o ruído de um grande clamor: "Bendita seja, no lugar que é seu, a Glória do SENHOR!" ¹³E em seguida ouvi o ruído das asas dos seres viventes, chocando-se uma contra a outra, e ao mesmo tempo o ruído das rodas e o ruído de um grande clamor. ¹⁴Então o espírito me

Is 50,7;
Jr 1,18

com a antiga tradição; nele, o carisma profético é apresentado como manifestação, particularmente violenta aliás, do espírito do Senhor que vem ao profeta (2,2; 3,24), *cai* sobre ele (11,5), o mantém de pé (2,1-2; 3,24) ou o transporta (3,12,14; 8,3; 11,1; 43,5), exatamente como o espírito fizera com Elias, chegando a animar as misteriosas rodas cósmicas (1,20); cf. At 8,39 etc.

r. Traço característico dos relatos de vocação profética; cf. Ex 3,10; Jz 6,14; Is 6,8; Jr 1,7; Ez 3,4 e 13,6; Mt 3,14 etc. — **[Gente, lit. nações, como os pagãos.]*

s. Esta fórmula introduz os oráculos proféticos e define seu valor fundamental: todos são proclamação da palavra divina.

t. Cf. 2,7; 3,11,27.

u. A oposição de Israel à pregação dos profetas é outro traço característico dos relatos de suas vocações; cf. Ex 4,1; Am 2,12; 7,12-13; Is 6,9-10; 30,10; Jr 11,21; Mt 23,37 etc.

v. O tema da difícil docilidade do profeta, de sua submissão reticente à Palavra, está ligado ao do chamado; Moisés (Ex 3,7-

4,17), Jeremias (Jr 12,1-3; 15,10-21), o Servo (Is 42,18-20; 49,4; 50,5-7).

w. Os livros da Antiguidade eram feitos de folhas de papiro ou de couro coladas umas às outras, formando uma longa tira. Esta tira era enrolada em torno de um ou dois cilindros. Sobre todo o comprimento do rolo, o texto era repartido em colunas, que apareciam sucessivamente pela simples rotação dos cilindros.

x. Por causa da abundância dos oráculos de desgraça que devem ser proclamados.

y. Ez gosta de sinais muito concretos, exigidos aliás por seu temperamento expressivo e pelo de seus ouvintes (cf. caps. 4 e 5); a mesma realidade espiritual era sugerida mais discretamente por Is 6,6-7 e Jr 1,9; 15,16.

z. A incredulidade de Israel é tal que até mesmo as nações estrangeiras seriam mais dóceis (5,6-7; 16,47-48); afirmação audaciosa que será retomada pelo autor de Jn 3,5, antes que a proclame o NT (Mt 8,10-13; 11,21-23 etc.; At 13,46).

a. Cf. 2,2 nota; 1Rs 18,12; At 8,39.

elevou e me arrebatou; eu parti, amargurado e com o espírito irritado; a mão do SENHOR estava sobre mim, muito dura. ¹⁵Cheguei junto aos deportados, em Tel-Abib^b, junto aos que moravam às margens do rio Kebar — porque era ali que residiam. E ali residi durante sete dias, atônito, no meio deles^c.

O profeta-sentinela. ¹⁶No fim dos sete dias^d, veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁷"Filho de homem, estabeleço-te sentinela para a casa de Israel; quando ouvires uma palavra procedente de minha boca, tu os admoestarás de minha parte. ¹⁸Se eu disser ao malvado: 'Vais morrer' e tu não o admoestares, se não falares ao malvado para pô-lo em guarda contra sua má conduta, a fim de que viva, ele morrerá por seu pecado, mas é a ti que pedirei conta de seu sangue'. ¹⁹De outro modo, se admoestares o malvado e ele não se desviar de sua maldade e de sua má conduta, ele morrerá por seu pecado; quanto a ti, terás a vida salva. ²⁰Se um justo se desgarra de sua justiça e comete a injustiça, eu o farei tropeçar: ele morrerá — é porque não o admoestaste que ele morrerá por seu pecado —; ninguém se lembrará mais da justiça que ele havia praticado; mas é a ti que pedirei conta de seu sangue. ²¹Do contrário, se admoestares um justo para que esse justo não peque, e ele efetivamente não pecar, ele viverá, porque foi admoestado, e tu terás a vida salva".

Sinais para a casa de Israel. ²²Foi lá^e que a mão do SENHOR esteve sobre mim; ele me disse: "Levanta-te, sai para o vale; e lá te falarei". ²³Levantei-me e saí para o vale; eis que a Glória do SENHOR se encontrava lá, igual à Glória que eu havia visto junto ao rio Kebar; lancei-me de rosto em terra. ²⁴Um espírito veio a mim; ele me fez ficar de pé. Falou-me e ²²me disse: "Tranca-te^f em tua casa. ²⁵Escuta, filho de homem; serás atado em cordas, serás amarrado e não irás mais para junto deles. ²⁶Colarei tua língua ao palato; ficarás mudo e não serás mais ^{24,27; 33,22}para eles o homem da reprovação; pois é uma casa de rebeldes. ²⁷Mas quando eu te falar, abrirei tua boca, e tu lhes dirás: "Assim fala o Senhor DEUS: quem quiser escutar escute; quem não quiser, não escute", pois é uma casa de rebeldes. ⁴E tu, filho de homem: toma uma tabuinha de argila e coloca-a diante de ti: desenha sobre ela uma cidade, Jerusalém. ³Instala o cerco contra a cidade, amontoa aterros em torno dela, eleva uma rampa, instala acampamentos e dispõe aríetes em torno dela. ³Toma uma placa de ferro e coloca-a, qual muralha de ferro, entre ti e a cidade; encara-a firmemente; ela estará em estado de sítio, pois terás instalado o cerco contra ela: é um sinal para a casa de Israel. ⁴Deita-te sobre o lado esquerdo, onde situarás o pecado da casa de Israel. Carregarás o seu pecado durante todos os dias em que estiveres deitado sobre este lado. ⁵Imponho-te um número de dias

b. *Tel-Abib* significa 'colina da espiga'. — * [Trata-se dos deportados de 598 (cf. 2Rs 24,10-17).]

c. Com alguns manuscritos hebraicos pode-se também traduzir: *Morei lá, sete dias, no meio deles, desconcertante*.

d. O seguinte desenvolvimento, que se reencontra — quase idêntico, porém mais amplo — em 33,1-20, é estranho ao contexto do cap. 3; ele é introduzido aqui pelo v. 17, que prolonga o tema do chamado e da missão do profeta.

e. É uma mentalidade bastante nova que se manifesta aqui (cf. também cap. 33 e sobretudo 18); Ez não se preocupa apenas com a casa de Israel no seu conjunto, mas também com cada um de seus membros, quer justo, quer pecador.

f. Cf. Gn 4,9-16.

g. Encontra-se a mesma indicação de lugar que em 3,15; o parágrafo formado pelos vv. 16-21 foi portanto inserido no meio

de uma seqüência que foi quebrada.

h. Por uma série de gestos significativos, Ez anuncia a ruína de Jerusalém (2Rs 25,2-10). A interpretação desses gestos estranhos, ainda mais surpreendentes para nós do que para os que cercavam o profeta, que nem sempre os compreendiam (12,9; 24,19), é tanto mais difícil porque a transcrição dos fatos sofreu alguns acidentes que lhe modificaram o sentido.

i. Nestes vv. difíceis, o mais claro é que, para o profeta, tudo se torna ocasião de dizer a palavra de Deus, tanto suas proclamações, que foram numerosas, como seus silêncios (v. 26; cf. 33,21-22); tanto suas "saídas para o meio do povo" (3,25; 11,25) ou na planície (3,22-23), como os instantes que passa obstinadamente trancado em casa (3,2-4,17).

j. Lit. *Fixa teu rosto*. Expressão freqüente em Ez: 6,2; 13,17; 21,2,7 etc.

equivalente aos anos do seu pecado: trezentos e noventa^k; tu carregarás o pecado da casa de Israel. ⁶Completarás esses dias; depois deitarás, uma segunda vez, sobre o lado direito e carregarás o pecado da casa de Judá: quarenta dias^l; cada dia corresponde a um ano. ⁷Fixarás o olhar sobre Jerusalém assediada e, com o braço nu, pronunciarás um oráculo contra ela. ⁸"E eis que te ato com cordas"; não te virarás de um lado para outro, até que tenhas completado os dias do cerco.

⁹Apanha trigo, cevada, favas, lentilhas, milho e espelta; guarda-os^m num recipiente; farás pão para ti. Durante os dias em que estiveres deitado de lado — trezentos e noventa dias — dele comerás.

¹⁰Este será o alimento que comerás: uma ração de vinte siclosⁿ por dia; dele comerás dia após dia. ¹¹A água para beber te será assegurada: a sexta parte de um hin; dia após dia a beberás. ¹²Comerás teu pão em forma de biscoito de cevada; tu o farás cozinhar sob os olhos deles sobre um monte de excrementos humanos^p. ¹³O SENHOR disse: "É assim que os filhos de Israel comerão um pão impuro entre as nações onde eu os dispersarei".

¹⁴Respondi: "Senhor DEUS! Eu nunca me contaminei; desde minha infância até hoje, jamais comi animal morto ou dilacerado e carne impura jamais entrou em minha boca." ¹⁵Ele me disse: "Pois seja, concedo-te esterco de vaca no lugar do

monte de excrementos humanos; cozerás teu pão sobre ele". ¹⁶Disse-me: "Filho de homem, vou cortar em Jerusalém as provisões de pão^q; eles comerão um pão pesado na angústia e beberão uma água medida no pânico. ¹⁷Visto que faltarão pão e água, entrarão em pânico uns por causa dos outros e apodrecerão por causa de seu pecado.

5 ¹E tu, filho de homem, toma uma espada afiada; dela te servirás como de uma navalha; rasparás a cabeça e a barba^r; depois tomarás uma balança e dividirás os pêlos em várias partes. ²Queimarás uma terça parte no meio da cidade, quando se tiverem completado os dias do cerco; tomarás a segunda terça parte e a ferirás com a espada ao redor da cidade; e a última terça parte, tu a espalharás ao vento^s — eu desembainharei a espada contra eles. ³Mas tomarás uma pequena quantidade^t, que esconderás em tua veste. ⁴Tirarás mais um pouco, que lançará ao fogo e queimarás; e deles sairá fogo contra toda a casa de Israel.

⁵Assim fala o Senhor DEUS: Esta é Jerusalém! Eu a havia situado no meio das nações, com outras terras em torno dela. ⁶Ela se rebelou contra as minhas decisões com mais perversidade do que as nações; e contra minhas leis mais do que as terras que a cercam — é que rejeitaram minhas decisões e não caminharam segundo as minhas leis.

k. A interpretação destes vv. continua incerta. Obtém-se o número 390 somando todos os anos do reino que 1-2Rs e 1-2Cr atribuem a cada um dos reis de Judá, desde o cisma (933) até a queda de Jerusalém (587). Tratar-se-ia, portanto, para Ez, de suportar tantos dias de privação quantos foram os anos de pecado na Palestina, uma vez consumada a falta original que foi o gesto cismático de Jeroboão. Contudo, a versão gr. propõe outro número: 190, que provém de outra interpretação. Conforme esta, Ez deve conhecer tantos dias de privação quantos serão os anos de castigo que o povo sofrerá; ou seja, para Israel, desde a intervenção assíria (734) até o começo do Exílio (586), isto é, 148 ou 150, mais o número convencional de 40 (cf. a nota seguinte).
l. 40 dias de privação por 40 anos de exílio: para estimar a duração da deportação de Judá, o profeta usa o número 40, símbolo habitual dos tempos de penitência e de castigo (29,11; Gn 7,12).

m. Cf. 3,25.

n. A mentalidade sacerdotal temia a mescla de realidades muito diferentes: Lv 19,19.

o. A ração de Ez será inferior a 200g; será composta de um alimento insulso, obrigatório.

p. A ausência de todo combustível, devido ao rigor do cerco, justifica essa escolha estranha, que os costumes do Oriente em parte explicam; em parte apenas, porque a origem desses excrementos causa repulsa a Ezequiel, que vê nisso a origem de uma impureza.

q. Lit. *vou quebrar o bastão de pães*. Trata-se da vara em que se enfiavam os pães para transportá-los ou guardá-los (Lv 26,26; Ez 5,16; 14,13; Sl 105,16).

r. Infligindo-se o tratamento que os vencedores impõem aos prisioneiros (Is 7,20), Ez anuncia um cativo próximo.

s. Cf. v. 12. Trata-se, no fim de contas, de algo mais do que o cativo: para o terço dos habitantes de Jerusalém é o aniquilamento pelo fogo e, para um segundo terço, o aniquilamento pela espada; para o último terço, será por fim a dispersão no exílio (cf. 12,11).

t. O castigo previsto não atingirá a totalidade da população; um "resto" (cf. 6,8-10; 9,4; 11,3; 12,16; 14,22-23) permanecerá, já posto de parte pelo gesto profético de Ez.

7Assim, pois, fala o Senhor DEUS: Por causa de vossa insolência, pior do que a das nações que vos rodeiam, não caminhastes segundo as minhas leis e não executastes as minhas decisões; nem sequer^a agistes segundo os costumes das nações que vos rodeiam. 8Assim, pois, fala o Senhor DEUS: Venho contra ti; executado a sentença no meio de ti, sob os olhos das nações^b. 9Por causa de todas as tuas abominações, faço contra ti o que jamais fiz, uma coisa que nunca mais farei. 10Assim, os pais devorarão^c os filhos no meio de ti e os filhos devorarão seus pais; executarei contra ti a sentença e dispersarei a todo vento tudo o que restar de ti.

Lm 2,20;
4,10

12,15;
17,21;
Jr 8,3

11Por isso, certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS —: visto que profanaste o meu santuário por teus horrores e todas as tuas abominações, eu também vou passar sobre ti a navalha^d; meu olho não terá compaixão e serei sem piedade. 12Um terço^e dos teus morrerá pela peste ou será aniquilado pela fome no meio de ti; outro terço cairá pela espada em torno de ti; e o último terço, vou dispersá-lo a todo vento e sacarei a espada atrás deles. 13Irei até o fim de

7,49; 8,18;
Is 9,16

minha cólera, saciarei meu furor contra eles e me vingarei; então conhecerão que eu sou o SENHOR^f, que falei em meu ciúme^g, indo até o fim em meu furor contra eles.

14Farei de ti uma ruína e um objeto de vergonha no meio das nações que te rodeiam, aos olhos de todos os transeuntes. 15Serás para as nações que te rodeiam um objeto de vergonha e de sarcasmo, Jr 18,16 lição e motivo de consternação, quando eu executar contra ti a sentença, com cólera, furor e iradas censuras. Eu, o SENHOR, falei.

16Quando eu lançar contra eles as sinistras flechas da fome, as flechas do exterminio que enviarei para vos destruir, agravarei a vossa fome e suprimirei vossas provisões de pães^h. 17Enviarei contra vós a fome e os animais ferozes, que te privarão de filhos; a peste e o sangue passarão em tua casa e a espada contra ti. Eu, o SENHOR, falei!ⁱ

6 Contra os adoradores dos lugares altos. 1Veio-me uma palavra do SENHOR:

2Filho de homem, dirige o teu olhar para as montanhas de Israel, e pronuncia um oráculo contra eles. 3Dirás: Montanhas^j

u. Versões antigas dizem: *vós agistes segundo os costumes*; mas o contexto (v. 6; cf. 16.48.53.55) sugere uma culpabilidade maior por parte de Israel (cf. Jr 2,11).

v. Abominações, horrores: os ídolos e o seu culto culpável (v. 11).

w. O autor pode ter em vista aqui as cenas de canibalismo, geralmente associadas aos assédios das cidades antigas (Dt 28,53; 2Rs 6,29; Jr 19,9; Lv 26,29), ou ainda conflitos diversos que atingirão o próprio seio das famílias (cf. Is 9,19-20).

x. Evocação e explicação do gesto simbólico do v.1.

y. Cf. v. 2. É a enumeração habitual dos três flagelos típicos; cf. 5,17; 6,11.12; 12,16; Jr 21,7; 24,10 etc.

z. Em Israel sabe-se que Deus se deu a conhecer a seu povo e lhe revelou seu nome misterioso; isto aconteceu pela primeira vez por ocasião dos acontecimentos do Êxodo (no Egito, diz 20,5), quando Israel veio a saber que Deus é o Senhor. O culto faz uma evocação periódica destes eventos, sempre marcada pela proclamação do nome divino, à qual respondem as aclamações do povo prosternado; Israel reconhece que Deus é o Senhor. Mas há outra ocasião de descobrir o senhorio de Deus. Visto que os atos revelam as pessoas (Gn 42,34), os gestos de Deus, principalmente sua participação nos combates de um povo em luta pela posse de uma terra, mostram que ele é o Senhor. Mostram-no pelo menos aos que querem ou que podem vê-lo — pois o significado teofânico destes gestos guerreiros nem sempre é evidente. É por isso que o profeta intervém e faz descobrir o mistério que se oculta no coração da história (1Sm 17,46-47; 1Rs

20,13.28). — Tal é o pensamento de Ez: o sacerdote até então preocupado com o sentido profundo dos ritos que realizava, doravante se aplica a perscrutar os sinais da presença de Deus no curso da história e a mostrar que através dos acontecimentos, trágicos ou reconfortantes, sinais de julgamento ou de salvação, Israel *conhece quem é o Senhor*. Este valor teofânico de uma história na qual as nações desempenham seu papel deve permitir aos povos pagãos fazer a mesma descoberta. Por isso, Ez sublinha a extensão universal do conhecimento do Senhor. "Todas as árvores dos campos", diz ele (17,24), toda carne (21,4), todos os habitantes do Egito (29,6), todos os povos (36,23.36) e, por fim, toda a casa de Israel (39,22) conhecerão, pela história, que Deus é o Senhor. No rasto de Judá, na terra de exílio ou na Palestina, todos descobrirão que "o Senhor é o Deus de Israel" (seu Deus 28,26, vosso Deus 20,20), que ele é "santo em Israel" (39,7), que ele "o Senhor que fala" (5,13), que "desembanha a espada" (21,10), que "derrama sua cólera" (22,22) que "ilumina" (21,4), "humilha", mas também "eleva" (17,24), "reconstrói, replanta" (36,36) e que finalmente "consagra Israel" (20,12; 37,28).

a. Aqui, como em 8,3; 16,38.42; 23,25, o termo *ciúme* exprime o amor exasperado de Deus, suscitado pela infidelidade do povo escolhido. Não é o ciúme conjugal no sentido próprio do termo; é a violência do amor que vinga o desprezo acabrunhante.

b. Cf. 4,16 nota.

c. Nelas se situam os santuários em que se celebram os cultos idolátricos.

de Israel, escutai a palavra do Senhor DEUS. Assim fala o Senhor DEUS às montanhas e às colinas, aos desfiladeiros e aos vales: Eis que estou para atrair sobre vós a espada, e arruinarei os lugares altos^d. ⁴Vossos altares serão devastados, vossos fumigatórios quebrados, e farei cair vossos mortos diante de vossos ídolos^e. ⁵Jogarei os cadáveres dos filhos de Israel diante de seus ídolos^f e dispersarei vossos ossos ao redor dos vossos altares^g. ⁶Onde quer que habiteis, as cidades serão arruinadas e os lugares altos, devastados; como também vossos altares serão arruinados e execrados; vossos ídolos, quebrados, aniquilados; vossos fumigatórios, esmigalhados; vossas obras, destruídas. ⁷Os mortos cairão no meio de vós; então conhecereis que eu sou o SENHOR.

⁸Mas quando no meio das nações não fordes mais do que sobreviventes da espada^h, quando tiverdes sido dispersados pelas terras, mantereis um resto. ⁹Vossos sobreviventes se recordarãoⁱ de mim, entre as nações para as quais tiverem sido deportados; quebrantarei seu coração substituído^j, que se desviou de mim, e seus olhos prostituídos aos ídolos. O desgosto lhes assomará ao rosto por causa das iniquidades que cometeram, por causa de todas as suas abominações. ¹⁰Então conhecerão que eu sou o SENHOR; não é em vão que falo em fazer-lhes esse mal^k.

¹¹Assim fala o Senhor DEUS: "Bate as mãos, bate com o pé^k e dize: Bem feito! por todo o mal abominável da casa de

Israel, que vai tombar pela espada, a fome e a peste. ¹²Quem está longe morrerá pela peste; quem está perto tombará pela espada; e o resto — os sitiados — morrerá de fome; irei até o fim em meu furor contra eles. ¹³Então conhecereis que eu sou o SENHOR, quando seus mortos se encontrarem caídos no meio de seus ídolos, em torno de seus altares, sobre toda alta colina, no cume de toda montanha, sob toda árvore frondosa, sob todo carvalho luxuriante, ali mesmo onde ofereceram perfume agradável a todos os seus ídolos. ¹⁴Estenderei a mão contra eles e farei de toda essa terra que eles habitam uma solidão desolada, desde o deserto^m até Dibláⁿ. Então conhecerão que eu sou o SENHOR.

Dt 12,2;
Jr 2,20

7 O anúncio do fim. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Escuta, filho de homem! Assim fala o Senhor DEUS à terra de Israel: É o fim! O fim chega para os quatro cantos da Terra: ³Agora é o fim para ti: enviarei minha cólera contra ti, julgar-te-ei segundo tua conduta e lançarei contra ti todas as tuas abominações. ^{5,11} ⁴Meu olho não terá compaixão de ti e não terei piedade, pois te responsabilizarei por tua conduta, e tuas abominações subsistirão no meio de ti^o; então conhecereis que eu sou o SENHOR".

⁵Assim fala o Senhor DEUS: "Desgraça nunca vista! Desgraça^p! Ei-la que vem. ⁶O fim chega; ele chega, o fim; ele se ergue para ti; ei-lo que chega. ⁷O termo chega para ti, habitante da terra; o tempo

d. Cf. 1Rs 3,2 nota.

e. Cf. 1Rs 15,12 nota.

f. Esta exposição dos cadáveres em torno dos ídolos permanece envolta em mistério (cf. Jr 8,2). Trata-se de desacreditar os falsos deuses apresentando-lhes apenas cadáveres como adoradores? A menos que se trate de evidenciar a impotência das divindades que não puderam preservar seus fiéis da morte, como também não puderam assegurar-lhes qualquer forma de sepultura (cf. v. 13, como também a argumentação de Os 2,11-14).

g. A dispersão dos ossos supõe a privação do túmulo familiar e a perda de todos os bens ligados à coabitação com os pais.

h. Cf. 53 nota.

i. A ponto de invocarem, não mais os ídolos, mas o Senhor, até então esquecido.

j. Ou seja, que caiu na idolatria (cf. Os 1,2), e Ez acrescenta uma alusão a todas as práticas licenciosas que esta supõe (cf. Ez 16 e 23).

k. Este gesto exprime um sentimento intenso, que pode ser de alegria (cf. 25,6).

l. Manifestação de alegria; em vez de se desolar com a ruína de Jerusalém, o profeta se alegra: é que o aniquilamento da cidade significa o fim das abominações que ali se cometem (cf. cap. 8).

m. O deserto de Judá, sem dúvida.

n. Ler provavelmente *Riblá* (cf. 2Rs 23,33; 25,6.20).

o. A punição do pecado será a própria persistência do pecado acompanhada de seus efeitos destruidores, como a ruína do povo de Israel (cf. Rm 1,18-32).

p. Poder-se-ia dizer *desgraça generalizada*, porque atinge todo o mundo de maneira inelutável e definitiva.

chega, o dia está próximo; pânico ao invés de alegria sobre as montanhas.

⁸Agora mesmo, vou desencadear meu furor contra ti; irei até o fim de minha cólera contra ti, vou julgar-te segundo a tua conduta e sobre ti fazer pesar todas as tuas abominações. ⁹Meu olho não terá compaixão, eu não terei piedade; eu te retribuirei segundo a tua conduta, e as abominações permanecerão no meio de ti; então conhecereis que sou eu, o SENHOR, quem golpeia.

¹⁰Eis o dia, eis que sobrevém o termo, ele está a caminho. A brutalidade prospera, a insolência se difunde. ¹¹A violência se ergueu, bastão da maldade. Nada resta deles, nada de seu clamor, nada de seu estrondo; não há mais prazo para eles. ¹²O tempo está chegando, o dia é iminente. Não se alegre o comprador, não se aflij o vendedor, pois o furor ameaça toda a riqueza. ¹³O vendedor não recuperará sua mercadoria, mesmo que ainda esteja vivo; porque a visão que ameaça toda a riqueza não será revogada. Cada qual viverá em seu crime; eles não poderão recuperar-se. ¹⁴Soará a trombeta, far-se-ão os preparativos, mas ninguém irá ao combate, porque o meu furor ameaça toda a riqueza. ¹⁵Do lado de fora, a espada; dentro de casa, a peste e a fome; quem está nos campos morrerá pela espada; quem está na cidade será devorado pela fome e pela peste. ¹⁶Escaparão os que escaparem; andarão pelas montanhas, todos como plangentes pombas dos vales, cada qual por causa de seu pecado.

^{21,12} ¹⁷Todas as mãos desfalecerão; todos os joelhos se dissolverão como água.

¹⁸Eles se cingirão de sacos, um arrepio se apossará deles. Sobre todos os rostos, a vergonha

e sobre todas as cabeças, cabelos raspados*.

¹⁹Lançarão sua prata pelas ruas; seu ouro será uma imundície. Sf 1,18

— Sua prata e seu ouro não poderão salvá-los, no dia do furor do SENHOR. — Suas gargantas não serão saciadas, nem se poderão encher suas entranhas; porque o ouro e a prata são a causa de seu pecado.

²⁰De seu esplêndido ornamento fizeram o seu orgulho; com ele fizeram imagens abomináveis, seus horrores; por isso farei dele sua imundície. 16,17; Os 2,10

²¹Eu a entregarei nas mãos dos estrangeiros, para a pilhagem; aos malvados da terra, para o saque. Eles a profanarão.

²²Desviarei deles meu rosto; meu tesouro será profanado. Bandidos a ele virão e o profanarão.

²³Fabrica uma corrente, porque a terra está cheia de julgamentos sanguinários, e a cidade, cheia de violência.

²⁴Farei vir as piores dentre as nações; elas se apoderarão das casas. Farei cessar o orgulho dos fortes e os que os santificam serão profanados.

²⁶A angústia vem; buscarão a paz: em vão!

²⁶Virão desastre sobre desastre, má notícia sobre má notícia; exigirão do profeta uma visão; o sacerdote não dará mais instrução, nem o ancião, conselho. Is 29,14; Mq 3,6; Lm 2,9

²⁷O rei estará de luto, e o príncipe se revestirá de desolação; as mãos do povo da terra tremerão. Agirei com eles segundo sua conduta e os julgarei segundo os seus julgamentos; então conhecerão que eu sou o SENHOR.

q. Lit. *O bastão floresce*.

r. A tradução do v., inspirada na Vulgata, permanece hipotética. s. Cf. v. 4 nota.

t. A tradução do v. é hipotética, o texto incerto.

u. O texto das versões é melhor; gr. *eu farei morrer a todos*; sir. *eles morrerão*.

v. Cabelos raspados em sinal de luto.

w. Lit. o fim do v. é o seguinte: *ele foi troço de seu crime*.

x. Expressão obscura, traduzida de modo diferente por algumas versões.

y. Cf. 9,9; 12,19; 22,3.

z. Gr.: *seus santuários*.

8 Pecados no santuário. ¹No sexto ano^a, no sexto mês, no dia cinco deste mês, encontrando-me sentado em minha casa e estando os anciãos^b de Judá

^{1,3} sentados diante de mim, a mão do Senhor DEUS se abateu sobre mim.

^{1,26-28} ^{3,12} "Eu vi; e eis uma semelhança com o aspecto de um homem^c; a partir e para baixo daquilo que pareciam ser seus rins, um cra fogo; a partir de cima dos rins, um aspecto de clarão, como o faiscar do metal candente. ³Ele estendeu uma forma de mão^d e me agarrou por uma mecha de cabelos; depois o Espírito^e arrebatou-me entre o céu e a terra; em visões divinas, levou-me a Jerusalém, à entrada da porta interior, a que dá para o norte, lá onde se encontra o ídolo do ciúme — que excita o ciúme^f.

^{1,28} ^{Dt 32,21} ^{10,18; 11,23} ^{1,28} "Ali estava a Glória do Deus de Israel, semelhante à visão que eu viro no vale. ⁵Ele me disse: "Filho de homem, levanta os olhos para o norte". Levantei os olhos para o norte, e eis: ao norte da porta havia um altar; esse ídolo de ciúme encontrava-se na passagem. ⁶Ele me disse: "Filho de homem, vê o que eles fazem? Vês as grandes abominações que a casa de Israel comete aqui, para que eu me afaste de meu santuário? Ainda verás outras grandes abominações."

⁷Ele conduziu-me à entrada do átrio, e vi: havia um buraco na parede. ⁸Ele me disse: "Filho de homem, fura a parede". Furei a parede, surgiu então uma abertura. ⁹Ele me disse: "Entra e observa as

terríveis abominações que eles estão cometendo aqui". ¹⁰Entrei e vi; havia todos os tipos de imagens de répteis^g e de animais — um horror — e todos os ídolos da casa de Israel desenhados em todo o contorno da parede. ¹¹Setenta anciãos da casa de Israel, com Iaazaniãhu, filho de Shafan, no meio deles, postavam-se diante dessas imagens^h, cada qual com um turbulo na mão; subia o perfume de uma nuvem de incenso. ¹²Ele me disse: "Viste, filho de homem, o que fazem os anciãos da casa de Israel na escuridão, cada um nas câmaras consagradas a seu ídolo? Pois eles dizem: 'O Senhor não pode ver-nosⁱ, o Senhor abandonou a terra.' ¹³Ele me disse: "Verás ainda outras grandes abominações que eles estão cometendo".

¹⁴Ele me levou à entrada da porta da Casa do SENHOR, a que dá para o norte; lá estavam sentadas as mulheres que choravam Tamuz^j. ¹⁵Ele me disse: "Viste, filho de homem? Ainda verás outras abominações maiores do que estas".

¹⁶Ele me levou ao átrio interior da Casa do SENHOR; eis que na entrada do Templo, entre o vestibulo e o altar, havia cerca de vinte e cinco homens, de costas para o Templo do SENHOR, e o rosto voltado para o oriente; eles se prosternavam para o oriente, diante do sol. ¹⁷Ele me disse: "Viste, filho de homem? Será pouca coisa para a casa de Judá cometer as abominações que eles cometem aqui? Enchem a terra de violência e recomeçam a me ir-

Is 29,15;
Sl 10,11;
Jô 22,13

2Rs 21,5;
23,5.11

a. O sexto ano do exílio do rei ioiakin (cf. 1,2 nota), ou seja, em 592. Se a visão do cap. 1 foi antedatada, este é o primeiro acontecimento da vida de Ez datada com precisão; seria anterior à visão inicial.

b. Nunca vemos os grandes predecessores de Ez — Am, Os, Is, Jr — consultados desse modo por um auditório reunido diante deles; Eliseu, pelo contrário, recebe dessa forma os anciãos (2Rs 6,32). Mais uma vez, Ez reata com a tradição do profetismo primitivo (cf. 14,1; 20,1; 33,31).

c. Lit. o aspecto de um fogo, mas uma correção das vogais do texto hebr. dá o aspecto de homem. É preciso comparar esta visão com a do cap. 1, mais exatamente 1,27.

d. É inicialmente a mão do Senhor Deus (8,1), depois o aspecto de um homem (8,2), em seguida a forma de uma mão (cf. 2,9) e por fim o espírito (8,3). Esta sequência de expressões difíceis de conciliar poderia fazer supor que a redação desses vv. conheceu muitas etapas; ela mostra sobretudo o embaraço do profeta diante do indefinível e transcendente objeto de suas visões.

e. Cf. 2,2 nota.

f. Trata-se do ciúme do Senhor (cf. 5,13). Este ídolo do ciúme, cuja natureza é difícil precisar, poderia ser uma estátua de Tamuz (cf. v. 14 nota). De fato, a visão dos vv. 14-17 apresenta uma liturgia realizada em sua honra, na entrada do pórtico do Templo.

g. Considerados impuros, maculam todos os que de alguma forma se aproximam deles. Sobre os animais impuros, cf. Lv 7,21; 11,8.10.44 etc.; Is 66,17.

h. Os anciãos que Ez encontra desprezam o preceito mencionado por Dt 4,16-18. O sacerdote Ezequiel deve também considerar como profanador o gesto desses leigos que se atribuem uma função cultural: o incensório está reservado aos sacerdotes (cf. Nm 16; 2Cr 26,19).

i. Cf. 9,9.

j. Tamuz: é o deus acádio da primeira floração e do verão primaveril. Chamado pelos siro-fenícios Adonis, isto é, "meu Senhor" (Adonis, entre os gregos), é célebre por uma liturgia da qual Is 17,10-11 dá alguma idéia.

ritar; eles manifestam sua força com cólera^k. ^{5,11; Jr 11,11} ¹⁸É a minha vez de agir com furor; meu olho não terá compaixão, não terei piedade; lançarão grandes gritos aos meus ouvidos, mas não os ouvirei".

9 Castigo do Templo e da cidade. ¹Ele gritou a meus ouvidos com voz forte: "O castigo da cidade está próximo; que cada um tenha em mãos seu instrumento de extermínio". ²Eis que seis homens vinham da porta superior, que dá para o norte; cada qual tinha nas mãos o seu instrumento de extermínio. No meio deles havia um homem vestido de linho, com uma bolsa de escriba na cintura. Vieram e se puseram ao lado do altar de

^{1,28} bronze. ³A glória do Deus de Israel elevou-se acima do querubim sobre o qual se encontrava e dirigiu-se para o limiar da Casa; então ele chamou o homem vestido de linho que trazia uma bolsa de escriba na cintura. ⁴O SENHOR lhe disse: "Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém; faze uma marca^l na frente dos homens que gemem e se lamentam por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela". ⁵Depois eu o ouvi dizer aos outros: "Passai à cidade no encaicho dele e feri; que vossos olhos sejam sem compaixão e vós, sem piedade. ⁶Velhos, moços e moças, crianças e mulheres, vós os matareis até o extermínio; mas não vos aproximeis de quem tiver a marca. Começareis pelo santuário". ^{Ap 7,2,3} Começaram então pelos anciãos que

estavam diante da Casa. ⁷Disse-lhes: "Contaminai a Casa e enchei de mortos os átrios... Ide!" Eles saíram e feriram, pela cidade.

⁸Ora, enquanto eles feriam, eu fiquei só: prostrei-me, rosto por terra, e bradei^m: "Ah! Senhor DEUS! Vais exterminar todoⁿ o resto^o de Israel, descarregando teu furor sobre Jerusalém?" ⁹Ele me disse: "O pecado da casa de Israel e de Judá é grande, imenso; a terra está repleta de sangue e a cidade, repleta de perversão; pois eles disseram: 'O SENHOR abandonou a terra; o SENHOR nada pode ver'. ¹⁰Assim meu olho não terá compaixão, e eu serei impiedoso; eu os carregarei com o peso de sua conduta". ¹¹E eis que o homem vestido de linho, que levava uma bolsa de escriba na cintura, prestou contas dizendo: "Fiz como me ordenaste". ^{11,13}

10 ¹Eu vi: sobre o firmamento que estava acima da cabeça dos querubins, via-se como que uma pedra de lazulita, como o aspecto, como a semelhança de um trono. ²Ele disse ao homem vestido de linho: "Pelos intervalos, entra no círculo^q, sob o querubim"; enche as mãos de brasas ardentes, pelos intervalos que estão entre os querubins, e espalha-as sobre a cidade". ^{Ap 8,5} O homem entrou, à minha vista.

³No momento em que o homem entrou, os querubins se mantinham à direita da Casa e a nuvem enchia o átrio interno. ⁴A Glória^r do SENHOR se elevou acima do querubim, dirigindo-se para o limiar da ^{2Cr 5,13}

k. Outra tradução possível: *ei-os levantando o ramo até o nariz; deles* (primitivamente: *meu nariz*), possível alusão a uma prática pagã, adotada pelos fiéis do Templo de Jerusalém, que provoca a irritação do Senhor.

l. Esta marca reproduz a letra hebraica *tav* que primitivamente tinha a forma de cruz. Em Ex 12,7, cada casa recebe uma marca; aqui, pelo contrário, o sinal é individual, o que está de acordo com um ponto importante da doutrina de Ez (cf. cap. 18).

m. O profeta intercede pelo povo dizimado (cf. Am 7,2,5; Jr 27,18) ou simplesmente ameaçado (Is 37,4); mas o Senhor às vezes proíbe-o de rezar assim (Jr 7,16; 11,14; 14,11).

n. A intervenção dos seis homens encarregados de aplicar o castigo a Jerusalém não devia estender-se a toda a cidade, visto que os carrascos receberam ordem de poupar todos os que haviam sido marcados (v. 6). Mas a pergunta de Ez se justifica:

como este resto poderia subsistir, se Jerusalém, o centro de sua vida, for destruída?

o. Cf. 5,3 nota.

p. Cf. 8,12

q. Indicação misteriosa. Pode-se pensar em algum brasão para queimar perfumes, de forma circular, habitualmente carregado diante da Arca da aliança, que o profeta veria sob o trono divino; a não ser que Ez queira simplesmente aludir ao espaço situado sob o trono e cuja forma seria aproximadamente circular. Mas também é possível que sua imaginação fértil faça-o perceber um círculo ou uma roda (cf. v. 13), cuja posição seria indescritível (v. 10). De todo modo, o homem vai pegar carvão que foi inflamado no próprio fogo de Deus (cf. Is 6,6).

r. O singular é estranho. Tem sentido coletivo? É consequência de uma falha de redação ou de um acréscimo secundário?

s. Cf. vv. 18,19; 11,22,23; 43,1-5.

43.5 Casa; a Casa ficou repleta da nuvem, enquanto o átrio se encheu do resplendor da Glória do SENHOR ⁵e o ruído das asas dos querubins se estendia até o átrio exterior, como a voz do Poderoso quando ele fala. ^{1.24}“Quando ele ordenou ao homem vestido de linho: “Pega do fogo pelos intervalos no círculo, pelos intervalos que estão entre os querubins”, o homem veio e se postou do lado da roda. ⁷O querubim estendeu a mão pelo intervalo que está entre os querubins, na direção do fogo que está no intervalo entre os querubins, tirou do fogo e encheu com ele as mãos do homem vestido de linho. Este último recebeu e saiu. ^{1.8}Então apareceu sob as asas dos querubins uma forma de mão humana.

^{1.5-21}“Eu vi: havia quatro rodas ao lado dos querubins, uma roda ao lado de cada querubim; o aspecto das rodas era como o reflexo do crisólito. ¹⁸Seu aspecto: todas as quatro eram semelhantes; estavam como que imbricadas uma na outra. ¹¹Quando avançavam, elas podiam andar nas quatro direções; elas avançavam sem se desviar; mas é em direção ao lugar para o qual se orientava a cabeça que elas avançavam; avançavam sem se desviar. ¹²Sobre todo o corpo dos querubins, seu dorso, suas mãos e suas asas, como também em torno das rodas — as rodas de todos os quatro — havia profusão de faíscas. ¹³Ouvi que davam a essas rodas o nome de “círculo”. ¹⁴Cada um tinha quatro faces; a face do primeiro era uma face de querubim; a face do segundo, uma face de homem; a terceira, uma face de leão e a quarta, uma face de águia. ¹⁵Os querubins se elevaram — era o ser vivo que eu vira à margem do rio Kebar”. ¹⁶Quando os querubins avançavam, as

rodas avançavam ao seu lado; quando os querubins abriam as asas para se elevar acima da terra, as rodas não se afastavam, mas mantinham-se a seu lado. ¹⁷Quando eles paravam, elas paravam, e quando eles se elevavam, elas se elevavam com eles; porque o espírito dos seres vivos estava nelas.

A Glória deixa o santuário. ¹⁸A Glória ^{1.28}do SENHOR elevou-se do limiar da Casa e pousou sobre os querubins. ¹⁹Então os querubins abriram suas asas e se elevaram da terra; ante meus olhos, eles partiram ao mesmo tempo que as rodas. A Glória deteve-se na entrada da porta oriental da Casa do SENHOR; a Glória do Deus de Israel estava sobre os querubins, bem acima. ²⁰Eram os seres vivos que eu vira, sob o Deus de Israel, às margens do rio Kebar; e soube que eram querubins. ²¹Os quatro querubins tinham, cada qual, quatro faces e quatro asas; sob suas asas havia a semelhança de uma mão de homem. ²²Seus semblantes se pareciam com os mesmos semblantes que eu vira às margens do rio Kebar — era o aspecto deles”. Cada qual avançava reto para a frente.

11 Pecados na cidade. Ameaças. ¹O espírito elevou-me e transportou-me ^{3.12}para a porta oriental da Casa do SENHOR, que dá para o oriente; na entrada da porta havia vinte e cinco homens; vi no meio deles Iaazaniá, filho de Azur, e Pelatiáhu, filho de Benaiáhu, chefes do povo. ²O Espírito me disse: “Filho de homem, eis os homens que projetam crimes e que tramam o mal nesta cidade. ³Eles dizem: “Não se está perto de construir casas; a cidade é uma panela e nós somos a carne”. ⁴Por isso, pronuncia um oráculo

t. Esta glosa que assimila o *círculo* às *rodas* surpreende: talvez obra de um copista que não compreendia mais o sentido destas palavras.

u. Nota tardia que busca harmonizar as descrições das duas visões (cf. v. 20).

v. *O Senhor sobre os querubins*: cf. Sl 18.11; *sentado sobre os querubins*: Sl 80.2; 99.1; 1Sm 4.4 2Sm 6.2 etc.

w. Texto obscuro, tradução hipotética.

x. Este v. 3 permanece obscuro. Na primeira parte, preferir-se-

-ia a expressão de angústia sentida pelos habitantes de Jerusalém; parcialmente arruinada por ocasião de campanha de 598, a cidade estaria tanto menos próxima da reconstrução, pelo fato de o perigo babilônio ainda ser ameaçador. Pelo contrário, a segunda parte parece exprimir a reação presunçosa daqueles que permaneceram em Jerusalém depois de primeira deportação. Que Jerusalém seja semelhante a uma panela ameaçada por um fogo iminente é uma realidade, pensam os habitantes, que apesar de tudo julgam ter sobre os exilados, dispersos lá longe, a vanta-

contra eles, pronuncia um oráculo, filho de homem”.

- 2.2 ⁵O espírito do SENHOR desceu sobre mim e me disse: “Fala! Diz: Assim fala o Senhor: Assim é que falastes, casa de Israel; eu conheço o que surge ao vosso espírito. ⁶Vós multiplicastes os mortos nesta cidade, encheistes as ruas de mortos. ⁷Por isso, assim fala o Senhor DEUS: os mortos que depusestes no meio da cidade são a carne, e a cidade é a panela; quanto a vós, eu vos farei sair. ⁸Tendes medo da espada: pois farei cair sobre vós a espada — oráculo do Senhor DEUS. ⁹Eu vos farei sair da cidade, entregar-vos-ei às mãos dos estrangeiros e executarei contra vós meus julgamentos. ¹⁰Caireis pela espada; eu vos julgarei, no próprio território de Israel; então sabereis que sou o SENHOR. ¹¹A cidade não será para vós uma panela e vós não sereis a carne; eu vos julgarei no próprio território de Israel. ¹²Então conhecereis que eu sou o SENHOR, aquele cujas leis não seguistes e cujos costumes não observastes; pois agistes segundo os costumes das nações que vos rodeiam”.

DI 12,30

- ¹³Assim que proferi o oráculo, o filho de Benaiá, Pelatiáhu — isto é, Escapado-de-Deus — morreu.⁴ Prosternei-me, rosto em terra, e bradei com voz forte; eu disse: “Ai, Senhor DEUS! Vais mesmo exterminar o resto de Israel!”

9.8

Volta do povo renovado. ¹⁴Veio-me uma palavra do Senhor: ¹⁵“Filho de homem, todos os teus irmãos, as pessoas de tua parentela, toda a casa de Israel, em sua totalidade, aos quais os habitantes de

Jerusalém dizem: ‘Ficai longe do Senhor; é a nós que esta terra foi dada em posse!’ ¹⁶Dize-lhes pois: Assim fala o Senhor DEUS: Ainda que eu os tenha afastado de entre as nações e os tenha dispersado pelas outras terras, fui um pouco um santuário^b para eles nas terras para onde se dirigiram. ¹⁷Dize-lhes portanto: Assim fala o Senhor DEUS: Eu vos juntarei de entre os povos e vos reunirei do meio das terras onde fostes dispersados; depois, vos darei a terra de Israel. ¹⁸Entrarão e tirarão dela todos os horrores e todas as abominações.

33.24
28.25;
36.24-27

¹⁹Hei de dar-lhes um coração leal^c; porei neles um espírito novo; eu lhes tirarei do corpo o seu coração de pedra e lhes darei um coração de carne, ²⁰para que caminhem segundo minhas leis, guardem os meus costumes e os cumpiram. Serão para mim um povo e eu serei para eles Deus. ²¹Mas àqueles cujo coração^d se compraz em horrores e abominações, infligirei sobre a cabeça deles a sua conduta, oráculo do Senhor DEUS.”

18.31;
36.26-28;
Jr 32.39

14.11;
Lv 26.12
9.10

A Glória deixa a cidade. ²²Então os querubins levantaram as asas; as rodas estavam com eles. A Glória do Deus de Israel estava acima deles, bem acima. ²³A Glória do SENHOR elevou-se do meio da cidade e se deteve sobre o monte que está a oriente. ²⁴O Espírito elevou-me e transportou-me para a Caldéia, para junto dos deportados; isto se passava em visão, sob o efeito do espírito de Deus. A visão que eu contemplara elevou-se acima de mim. ²⁵Narrei aos deportados todas as coisas que o SENHOR me fizera ver.

9.3

43.2

1.1

gem de se encontrar no interior de seus muros (cf. Mq 3.11), como pedaços de carne no interior de uma panela. Assim se explica a reação de Ez (vv. 7.11). Em 24.3-5, o profeta retoma a mesma imagem, mas para dar-lhe uma interpretação diferente.

y. Poder-se-ia ver aqui uma alusão aos crimes cometidos pelos poderosos da terra (cf. cap. 22). Mas o profeta parece pensar sobretudo nos cadáveres amontoados em Jerusalém por causa da guerra que o pecado do povo provocou (cf. 30.11; 35.8). Por isso, os habitantes de Jerusalém são convidados a pensar que, se a cidade é garantia de alguma proteção, é mais em benefício dos

mortos do que dos vivos (v. 9).

z. A morte desse homem de nome sugestivo estará anunciando a destruição de todos os sobreviventes de Israel?

a. Cf 5.3 nota.

b. Apesar da distância em que se encontravam os exilados, Deus manteve com eles algo da completa intimidade que outrora mantinha com seu povo no santuário de Jerusalém.

c. As versões propõem *um outro coração* ou *um novo coração*; este devia ser o sentido da redação primitiva que estabelecia um paralelo com *espírito novo*.

d. Texto corrompido, tradução conjectural.

12 Um presságio para o príncipe e para o povo. ¹Veio-me uma palavra do Senhor: ²“Filho de homem, habitas no meio de uma casa de rebeldes; eles têm olhos para ver e não vêem, ouvidos para ouvir e não ouvem, pois é uma casa de rebeldes. ³Escuta, filho de homem! Prepara uma bagagem^e de deportado e parte em deportação, em pleno dia, à vista deles; partirás em deportação desse lugar para outro, à vista deles; talvez se dêem conta de que são uma casa de rebeldes. ⁴Tirarás para fora tua bagagem — bagagem de deportado — em pleno dia, à vista deles; e sairás no fim da tarde, à vista deles, como partem os deportados. ⁵À vista deles, furarás o muro e farás passar tua bagagem por esse buraco. ⁶À vista deles, tu a carregará às costas; tu a tirarás na escuridão; cobrirás o teu rosto para não veres a terra, pois faço de ti um presságio^f para a casa de Israel”. ⁷Fiz como me fora ordenado. Tirei para fora minha bagagem em pleno dia, uma bagagem de deportado; no fim da tarde fiz, com as mãos, um buraco no muro, na escuridão, pus para fora minha bagagem e carreguei-a sozinho, às costas, à vista deles.

⁸De manhã, veio-me uma palavra do Senhor: ⁹“Filho de homem, a casa de Israel, casa de rebeldes, não te disse: ‘Que fazes?’” ¹⁰Dize-lhes: Assim fala o Senhor Deus: Este oráculo é para o príncipe que está em Jerusalém e para toda a casa de Israel que ali se encontra^g. ¹¹Dize-lhes: eu sou para vós um presságio. Como fiz, assim será feito com eles. Serão deportados, exilados. ¹²O príncipe que está no

meio deles levará sua carga às costas; na escuridão, sairá através do muro, que terá sido furado com tal propósito. Cobrirá seu rosto, de modo que não verá a terra^h com seus olhos. ¹³Estenderei minha redeⁱ sobre ele e ele ficará enredado nos meus laços; e o levarei para Babilônia, a terra dos caldeus; ele morrerá nessa terra sem tê-la visto. ¹⁴Dispersarei a todos os ventos todos os de sua corte, a sua guarda e todos os seus esquadrões e sacarei a espada atrás deles. ¹⁵Então conhecerão que eu sou o SENHOR, quando os tiver dispersado entre as nações e os tiver disseminado por todas as terras. ¹⁶Conservarei entre eles um resto^j, alguns escapados da espada, da fome, da peste, para que narrem entre as nações às quais forem, todas as suas abominações; então se conhecerá que sou o SENHOR”.

¹⁷Veio-me uma palavra do Senhor: ¹⁸“Filho de homem, tremendo comerás teu pão; na agitação e na inquietude beberás tua água. ¹⁹Dirás ao povo da terra: Assim fala o Senhor Deus aos habitantes de Jerusalém que estão sobre o solo de Israel: Comerão seu pão na inquietude e beberão sua água na consternação, pois a terra será devastada, privada de tudo o que a enche, por causa da violência de todos os seus habitantes. ²⁰As cidades habitadas estarão em ruína e a terra, deserta. Então conhecereis que eu sou o SENHOR”.

Visões proféticas e verdade. ²¹Veio-me uma palavra do Senhor: ²²“Filho de homem, por que aplicais este provérbio à terra de Israel^k: ‘Os dias se eternizam e

e. O comportamento de Ez (cf. 3,22 nota), expressivo, mas estranho, não deixava de surpreender os espectadores. Levados a interrogar o profeta sobre o sentido de suas palavras e de seus gestos (12,9; 21,12; 24,19; 37,18), eles escutavam o comentário sem acolhê-lo realmente dentro de si (cf. Ez 2,1-3,11), sem confiar realmente na palavra profética (vv. 22,27). Is já se queixava da incredulidade de seu auditório (Is 6,9-10); Jr encontrara uma oposição violenta que se tornara o drama de sua vida (1,17-18); e muito antes, Am condenara a cínica habilidade do povo em suprimir o testemunho dos “homens de Deus” (Am 2,12).

f. Ver no cap. 11 a explicação deste presságio; como outrora as intervenções de Deus na história de seu povo (Dt 4,34; 7,19; 26,8; 29,2 etc.), o profeta é hoje, pelo menos a partir de Is (8,18;

20,3), o “presságio”, o sinal da obra que Deus realiza (cf. Ez 24,24,27; Zc 3,8).

g. Lit. *que se encontram no meio deles*; na realidade, no meio de Jerusalém.

h. Cf. a história de Sedecias: 2Rs 25,1-7.

i. A expressão não é metafórica; desde a época suméria (3º milênio a.C.), ela designa um instrumento utilizado para aprisionar os cativos (cf. Hab 1,15-17), como o atesta a estela dos Abutres, que representa um deus mesopotâmico capturando numa rede os inimigos do rei. Na Bíblia, fora de Jó 19,6, apenas Ez faz da rede uma arma de Deus (17,20; 32,3).

j. Cf. 5,3 nota.

k. Outra tradução possível: *por que interessar-vos por este provérbio que proferis na terra de Israel...?*

12.27 nenhuma visão se realiza"? ²³Dize-lhes: Assim fala o Senhor DEUS: Suprimo esse provérbio, não será mais pronunciado em Israel. Pelo contrário, dize-lhes: 'Os dias se aproximam, como também a realização de cada visão'; ²⁴porque não haverá mais visões ilusórias nem predições enganosas, no meio da casa de Israel. ²⁵Eu, o SENHOR, realizo sem tardança o que digo. Em vossos dias, casa de rebeldes, executarei a palavra que tiver dito, oráculo do Senhor DEUS".

²⁶Veio-me uma palavra do SENHOR.

²⁷"Filho de homem, eis o que a casa de Israel diz: 'O que esse homem vê não é para amanhã'; ele profetiza para tempos distantes'. ²⁸Por isso, dize-lhes: Assim fala o Senhor DEUS: Nenhuma de minhas palavras será protelada; executo a palavra que digo, oráculo do Senhor DEUS".

13 Visões proféticas e mentira. ¹Veio-me uma palavra do Senhor": ²"Filho de homem, pronuncia um oráculo contra os profetas de Israel, esses proclamadores de oráculos; dize aos que tiram oráculos do próprio coração: 'Escutai a palavra do SENHOR! ³Assim fala o Senhor DEUS: Infelizes os profetas insensatos, que seguem seu espírito sem nada terem visto. ⁴Chacais nas ruínas, é isto que se tornaram teus profetas, Israel. ⁵Vós não subistes às brechas e não construístes o muro para a casa de Israel, a fim de que ela pudesse sustentar o combate no dia do SENHOR. ⁶Eles têm visões ilusórias e predições enganosas, pois dizem: 'Oráculo do SENHOR', sem que o SENHOR os tenha enviado; então esperam que ele confirme a palavra. ⁷Porventura não tivestes visões ilusórias? Não fizestes predições enganadoras, vós que dizeis: 'Oráculo do SENHOR', sem que eu tenha fala-

do? ⁸Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Visto que pregastes a ilusão e tivestes visões enganadoras, venho contra vós, oráculo do Senhor DEUS. ⁹Minha mão ^{14.9}estará contra os profetas que têm visões ilusórias e que fazem predições enganosas; eles estarão ausentes do conselho do meu povo, não serão inscritos no livro da casa de Israel e não entrarão no solo de Israel; então conhecereis que eu sou o Senhor DEUS.

¹⁰Visto que desencaminharam meu povo dizendo: 'Paz!', quando não havia paz ^{13.16; 22.28}alguma, e porque eles rebocavam com argamassa o muro que meu povo construíra; ¹¹dize aos que o estão rebocando — pois ele vai cair —: Virá uma chuva ^{Mt 7.24-27}torrencial; e vós, pedras de granizo, vós cairéis⁹, e o vento das tempestades irromperá. ¹²Será que não vos dirão, uma vez que o muro tiver caído: 'Onde está o reboque com que o cobristes?' ¹³Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Em meu furor farei irromper o vento das tempestades; minha cólera enviará uma chuva torrencial e meu furor, pedras de granizo destruidoras. ¹⁴Derrubarei o muro que rebocastes, eu o precipitarei por terra, e seus alicerces serão postos a descoberto. Ele cairá e vós desaparecereis, ali no meio. Então conhecereis que eu sou o SENHOR. ¹⁵Irei até as últimas consequências de meu furor contra o muro e contra os que o rebocaram; eu vos direi: Não há mais muro! Não há mais gente para rebocá-lo! ¹⁶Não há mais desses profetas de Israel que pronunciavam oráculos sobre Jerusalém e que tinham para ela visões de paz quando não havia paz alguma! — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁷E tu, filho de homem: dirige teu olhar para as filhas⁴ do teu povo que tiram oráculos de seu próprio coração: pronun-

l. Lit. *A visão que este vê é para dias numerosos.*

m. Este capítulo faz parte da longa diatribe contra os "falsos profetas" na qual se lançaram os "grandes profetas" desde Miquéias, filho de limíá (IRs 22.13-28), e Amós (7.14). Retomando uma argumentação já tradicional, Ez condena a falsidade profética desses contraditores e a mentira de sua pregação complacente, vazia, recheada de fórmulas estereotipadas (cf. Jr 6.13-14; 23.9-32; caps. 27-29; Mq 3.5; Dt 18.10-14).

n. Cf. Jr 6.14; 8.11. Tal o reboco sobre o muro, as palavras paliativas de que os falsos profetas enchem suas pregações e ocultam aos olhos de todos as rachaduras que dividem a consciência de um povo culpado; cf. Am 3.3-8; Jr 23.29.

o. Inciso ausente no grego.

p. O grego e a Vulg. dizem: *Enviarei pedras de granizo.*

q. Dirigido contra as videntes, este parágrafo não tem relação com o anterior (cf. ISm 28.6-25).

cia um oráculo contra elas. ¹⁸Dirás: Assim fala o Senhor DEUS: Infelizes das que costuram ataduras para todos os punhos e que confeccionam véus^r para pessoas de todo tamanho, a fim de capturar vidas. Quereis capturar a vida das pessoas do meu povo e salvar a vossa própria vida! ¹⁹Vós me profanastes diante de meu povo por punhados de cevada e por pedaços de pão; fazeis morrer os que não devem morrer e fazeis viver os que não devem viver, enganando meu povo ingênuo. ²⁰Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Tomo posição contra as vossas ataduras, nas quais capturais as vidas; vou arrancá-las de vossos braços e deixarei partir as vidas que vós capturastes^s. ²¹Rasgarei vossos véus, arrancarei meu povo de vossas mãos e eles não serão mais uma presa em vossas mãos; então conhecereis que eu sou o SENHOR. ²²Visto que se perturba o coração do justo com mentiras quando eu não o inquietei, visto que se fortalece a mão do malvado, de sorte que ele não pode se retrair de sua má conduta e viver, ²³por causa disso não tereis mais dessas visões ilusórias e não fareis mais predições; arrancarei meu povo de vossas mãos. Então conhecereis que eu sou o SENHOR^t.

14 A rejeição dos ídolos. ¹Alguns anciãos de Israel vieram ter comigo e se sentaram diante de mim^u. ²Então veio-me uma palavra do SENHOR: ³Filho de homem, esses homens trazem seus ídolos em seu coração; eles põem diante deles o obstáculo que os fará pecar. Vou

deixar-me consultar por eles? ⁴Fala^v, pois, e dize-lhes: Assim fala o Senhor DEUS: A todo homem da casa de Israel^w que carrega seus ídolos em seu coração, que põe diante de si o obstáculo que o fará pecar e que vem depois ao encontro do profeta, sou eu, o SENHOR, que responderei. Quando ele vier, eu lhe responderei em função do número de seus ídolos. ⁵a fim de apanhar a casa de Israel pelo coração, pois eles se afastaram de mim por causa de seus ídolos. ⁶Por isso, dize à casa de Israel: Assim fala o Senhor DEUS: Voltai^x, desviái-vos de vossos ídolos; desviái vossos rostos de todas as vossas abominações.

⁷No caso^y de um homem, membro da casa de Israel ou de um migrante residente em Israel: se ele se afastar de mim, carregar seus ídolos em seu coração, puser diante dele o obstáculo que o fará pecar, e depois for ter com o profeta para o consultar, eis que eu, o SENHOR, lhe responderei pessoalmente. ⁸Voltarei meu olhar contra esse homem, farei dele um exemplo proverbial e o cortarei do meio de meu povo. Então conhecereis que eu sou o SENHOR.

⁹No caso de um profeta: se ele se deixar seduzir, e se pronunciar uma palavra, terei sido eu, o SENHOR, a seduzir esse profeta; estenderei a mão contra ele e o suprimirei do meio do meu povo, Israel. ¹⁰Eles carregarão o peso de suas faltas; a pena do consulente será igual à pena do profeta. ¹¹É para que a casa de Israel não mais se desvie de mim, para que não se contaminem mais com suas

r. Ez alude a práticas pouco conhecidas; contudo é claro que essas ataduras e véus são os instrumentos de que se servem as profetisas para exercer sobre seus clientes um influxo mágico. s. O texto acrescenta cada vez uma palavra inexplicada que poderia significar: *elas são inconfiáveis*.

t. Os anciãos vinham interrogar Ez (cf. 8,1 nota). u. O texto não diz que pergunta foi feita ao profeta; este responde acusando a mentalidade idolátrica da casa de Israel. Esta alusão à idolatria pode ter sido provocada por comportamentos muito diversos, que o profeta não se preocupa em definir. É pouco provável que os anciãos tenham adotado com Ez o tom cínico dos interlocutores de Jr (44,16). É possível que se trate de certas práticas supersticiosas, mais ou menos ocultas, amuletos, ritos mágicos etc.; ou ainda da possibilidade de oferecer ao

Senhor, como as outras nações a seus deuses (20,32), um culto que o profeta recusa, pois seria celebrado numa terra pagã.

v. Comparar esta designação com Lv 17,3.8.10.13; 20,2-6; 22,18.

w. Zc 1,4 afirma que a pregação dos profetas não é mais do que um chamado à conversão; por isso não devemos estranhar que Ez, depois do oráculo de ameaças, introduza tal convite (cf. Os 14,3; Jr 3,14).

x. Encontra-se aqui o estilo (cf. 18,5 nota) dos sacerdotes que proclamam o direito do Senhor para fazer uma aplicação dele aos diversos casos que lhes eram submetidos (cf. 3,19; 18,5.18.21; 32,2.6.9; Lv 17,3.8.10). Mais uma vez, insiste-se no caráter individual da responsabilidade (cf. 20,7), e esta insistência está de acordo com a linguagem habitual dos sacerdotes (cf. Lv 19,3).

revoltas, para que sejam meu povo e eu seja o seu Deus — oráculo do Senhor DEUS”.

Um julgamento inelutável. ¹²Veio-me uma palavra do Senhor: ¹³“Filho de homem: Caso uma terra peque contra mim e cometa um sacrilégio, eu estendo a mão contra ela, corto suas provisões de pão^y, envio contra ela a fome, extermino homens e animais. ¹⁴Mesmo se estes três homens: Noé^z, Daniel e Jó se encontrassem no meio dessa terra, só eles salvariam a própria vida, por sua justiça — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁵E se eu enviasse animais ferozes a essa terra, para que a tornassem deserta, privada de seus filhos, sem que ninguém a atravessasse, por causa dos animais, ¹⁶mesmo se esses três homens se encontrassem nessa terra, certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS — não salvariam nem filhos nem filhas; só eles seriam salvos e a terra ficaria deserta.

¹⁷Ou se eu fizesse sobrevir a espada contra essa terra, se eu dissesse: Que a espada passe por essa terra, que ela extermine homens e animais, ¹⁸mesmo se esses três homens se encontrassem na terra, certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS — não salvariam nem filhos nem filhas; só eles seriam salvos.

¹⁹Ou então, se eu enviasse a peste contra essa terra e descarregasse meu furor contra ela, no sangue, para que fossem

exterminados homens e animais, ²⁰mesmo se Noé, Daniel e Jó se encontrassem na terra, por minha vida — oráculo do Senhor DEUS — eles não salvariam nem filhos nem filhas. Só eles, por sua justiça, salvariam a própria vida.

²¹Assim, pois, fala o Senhor DEUS: Mesmo que eu tenha enviado meus quatro terríveis castigos contra Jerusalém: a espada, a fome, os animais ferozes e a peste, para exterminar homens e animais, ²²contudo um resto subsiste nela. Fizeram sair da cidade filhos e filhas; ei-los que vêm a vós^a. Verificarei sua conduta e seus atos; então vos consolareis da desgraça que fiz vir sobre Jerusalém, de tudo aquilo que fiz vir sobre ela. ²³Eles vos consolarão, porque vereis sua conduta e seus atos^b; então sabereis que não foi sem motivo que realizei tudo aquilo que fiz na cidade — oráculo do Senhor DEUS”.

15 A videira lançada ao fogo. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²“Filho de homem, em que a madeira da vinha^a será melhor do que qualquer outra madeira, e seus ramos, melhores do que os das árvores da floresta^d?

³Tomar-se-á madeira dela para produzir um objeto? Tirar-se-á dela uma cavilha, para pendurar alguma coisa?

⁴Eis a videira lançada ao fogo: suas duas extremidades, o fogo as devorou,

Is 5,1;
Os 10,1;
Sl 80

Jn 15,6

y. Cf 4,16 nota.

z. Enquanto Jr 15,1 se refere aos grandes intercessores que o povo conheceu até aqui, Ez toma como modelo estrangeiros; sua declaração quer ter um alcance universal. O profeta afirma que todos os homens, tanto os israelitas como outros, serão julgados segundo seus próprios atos, visto que o prestígio de nenhum antepassado ou de nenhum herói histórico pode salvá-los. Ver todavia 22,30. Noé (cf. Gn 6-9; Is 54,9) é considerado por Ez um justo (Gn 6,9) que pôde salvar os seus. Daniel, que nada têm a ver com o herói do livro do mesmo nome, deve ser o célebre justo da tradição fenícia referida pelos textos mitológicos de Ugarit. Para Jó, cf. Introd. ao livro de Jó.

a. O Resto: cf. 5,3 nota.

b. Bastante confusos, estes dois vv. devem significar que a chegada à Babilônia de novos deportados, cujo comportamento ímpio será visto por todos, mostrará aos primeiros exilados por que Deus permitiu a destruição de Jerusalém; estes serão então

consolados ao descobrir que Deus agiu com razão e que seus caminhos são justos (cap. 18).

c. O AT se serve do tema da videira como símbolo da riqueza do solo palestino (Gn 49,11; Nm 13,23-24; Dt 8,8) e da felicidade que ali se encontra (1Rs 5,5; Mq 4,4); serve-se ainda deste tema como imagem da própria história do povo. Assim fazem os profetas (Os 9,10; 10,1; Is 5,1-7; Jr 2,21; 6,9; 8,13; 48,32; Ez 17,6-8) e os salmos (80,9,15). O NT retoma mais tarde esta mesma imagem (Mc 12,1-11; Jo 15,1-6). Convencido de ser uma vinha amada pelo Senhor, o Israel contemporâneo de Ez se compraz nesta certeza (cf. 16,15). O profeta investe contra esta suficiência (cf. Jr 7,1-15; 13,1-11), tanto menos justificada pelo fato de ser a vinha radicalmente estéril (Is 5,1-7); de nada serve ser a vinha do Senhor quando esta vinha, estéril, só serve para ser lançada ao fogo, como madeira imprésta.

d. Texto incerto. Hebr. Lit.: ...será melhor do que a madeira de um ramo de qualquer das árvores da floresta?

o meio está queimado*;
servirá para alguma coisa?

⁵ Quando ela estava intacta,
nada se fazia com o lenho;
uma vez que o fogo o devorou e queimou,
ainda será usado para alguma coisa?

⁶ Por isso, assim fala o Senhor DEUS:
Assim como lanço ao fogo o lenho
da videira,

de preferência à madeira da floresta,
assim queimo os habitantes de Jerusalém.

⁷ Volto meu olhar contra eles;
do fogo saíram, mas o fogo os devorará*;
então conhecereis que eu sou o SENHOR,
eu que volto meu olhar contra eles.

⁸ Faço desta terra um deserto
por causa da infidelidade que eles
cometeram
— oráculo do Senhor DEUS".

16 Os amores culpáveis de Jerusalém.

¹ Veio-me uma palavra do Senhor:
² "Filho de homem, faz conhecer a Jeru-
salém suas abominações*. ³ Dirás: Assim
fala o Senhor DEUS a Jerusalém: Por tuas
origens e por teu nascimento*, és da terra
de Canaã*; teu pai era emorita e tua mãe,
hetita. ⁴ No teu nascimento, no dia em que

nasceste, não te cortaram o cordão, não
foste lavada na água para ser purificada*,
não te fizeram fricções com sal*, nem te
enfaixaram. ⁵ Olho algum se apiedou de ti
para fazer-te uma só dessas coisas; pelo
nojo que tinham de ti, foste lançada aos
campos*, no dia em que nasceste. ⁶ Passan-
do junto a ti, vi que te debatias em teu
sangue; quando estavas em teu sangue, eu
te disse: Vive! — quando estavas em teu
sangue eu te disse: Vive! — ⁷ Tornei-te
vigorosa como a erva dos campos*; então
começaste a crescer e a te desenvolver, e
chegaste à beleza das belezas; teus seios
se formaram, despontou o pêlo; mas esta-
vas sem roupa, nua. ⁸ Passando junto a ti
eu te vi: estavas na idade dos amores*.
Estendi sobre ti o meu manto* e cobri tua
nudez; eu te fiz um juramento e estabeleci
aliança* contigo — oráculo do Senhor
DEUS. Então ficaste sendo minha. ⁹ Lavei-
te na água, limpei o sangue que te cobria,
depois te perfumei com óleo. ¹⁰ Dei-te rou-
pas bordadas, calçados de couro fino, um
cinto de linho, e te cobri com tecidos pre-
ciosos. ¹¹ Adornei-te com jóias, pus brace-
letes em teus pulsos e um colar em teu
pescoço. ¹² uma argola no teu nariz*, brin-

Os 2.5

Is 1,21;
Jr 2,2;
3,6-11;
Os 1-3

e. Já provado por sua primeira deportação, Israel se encontra numa situação difícil (Am 4,11; Zc 3,2; Is 7,4); alegoria seme-
lhante é desenvolvida em Is 9,13,14; 19,15.

f. O oráculo exterminador do Senhor ainda não se cumpriu;
contudo, está bem próximo; por isso o oráculo deve preceder de
pouco o ano 587. Os sobreviventes das razias anteriores, que se
consideram os escolhidos (Is 5,2) do Senhor, os preferidos
(11,3,15; 33,24), não escaparão ao incêndio final.

g. Neste longa e dolorosa história dos amores de Jerusalém
(cf. cap. 23), o sublime e a trivialidade andam juntos; o realismo
minucioso, às vezes inconveniente, ressalta o mistério da afeição
misericordiosa manifestada por Deus a seu povo infiel (vv. 60-
63). A tradução não podia deixar de reproduzir o estilo de Ez em
seu realismo brutal e em seus acentos patéticos.

h. É toda a história de Jerusalém que o profeta evoca nessa
parábola. São antes de tudo os inícios da cidade, centro urbano
cananeu que vegetava, comparável a tantas outras cidades de
Canaã; depois a escolha de David faz do povoado iebusita a
cidade eleita do Senhor, que ali estabelece seu santuário; depois,
com Salomão, vem a época gloriosa em que a cidade se torna
renomada entre todas as nações da região e começa a manter
relações com seus vizinhos: os egípcios, desde a época salo-
mônica, mais tarde os assírios, babilônios etc. Com estes povos,
Jerusalém, a cidade do Senhor, busca alianças que são outros
tantos atos de infidelidade; são adultérios ou gestos de prostitui-
ção, como se costuma dizer a partir de Os.

i. Cidade cananéia, possessão dos iebusitas, antes de ser con-
quistada por David (Js 10,1-5; Jz 1,21; 2Sm 5,6-10). Jerusalém
conservará sempre, no dizer de Ez, algo dessa origem pagã ne-
cessariamente iníqua. Para Israel, o termo *hetita* designa sem
mais a população cananéia (Gn 15,20 etc.).

j. Tradução habitual, mas o sentido da palavra é desconhecido.
k. O sal fortifica, diz-se, o recém-nascido.

l. Cf. o encontro de Deus e Israel no deserto: Dt 32,10; Jr
31,2; Os 9,10.

m. Muitos manuscritos hebr. como também gr. e sir. não re-
petem o último membro da frase.

n. O início do v. é obscuro; gr. e sir. lêem: *Acredita! Como a
erva dos campos eu te estabeleci...*

o. Este conto poético de uma menina abandonada desde o
nascimento, encontrada por um transeunte generoso que a adota
e um dia fez dela sua esposa, devia parecer menos inverossímil
aos ouvintes de Ez do que a nós (p. ex., o casamento muito
precoce das jovens). Mas não há dúvida de que Ez trata com
muita liberdade um tema que ele transforma, a fim de torná-lo
próximo da realidade teológica, que mais o preocupa.

p. Lit. *minha asa*; cf. Dt 32,11; é o gesto que Rut pede (Rt
3,9).

q. Planejando o casamento, como em Pr 2,17; Mt 1,14; desde
Os, a relação de Deus com seu povo é comparada a um casa-
mento (Is 54,4-8; Jr 2,2).

r. Cf. Is 3,18-23.

cos em tuas orelhas e um diadema esplêndido em tua cabeça. ¹³Tuas jóias eram de ouro e de prata, tuas roupas de linho fino, de tecidos preciosos, de peças bordadas.

^{Dr. 32.} ¹³⁻¹⁴ Tu te alimentavas com flor de farinha, mel e óleo; então te tornaste extremamente bela. Chegaste à realeza. ¹⁴Então o renome de tua beleza se espalhou por todas as nações: porque ela era perfeita, por causa do esplendor com que eu te havia ornado* — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁵Mas te fiaste¹ na tua beleza e, valendo-te do teu renome, te prostituíste; prodigalizaste tua devassidão a todo transeunte — tu te entregavas a ele². ¹⁶Tomaste tuas vestes, enfeitaste com sua variedade de cores os lugares altos³ e sobre eles te prostituíste — coisa que não deve ocorrer, nem ser⁴. ¹⁷Tomaste tuas esplêndidas jóias de ouro e prata que eu te havia dado; com elas fizeste imagens viris e te prostituíste com elas. ¹⁸Tomaste teus vestidos bordados e com eles as cobriste⁵; diante delas puseste meu óleo e meu incenso. ¹⁹Meu pão, que eu te havia dado, a flor de farinha, o óleo, o mel de que te nutrias, tu os depuseste diante delas, como agradável perfume; eis o que fizeste — oráculo do Senhor DEUS. ²⁰Tomaste teus filhos e tuas filhas que me havias gerado e os sacrificaste⁶ a essas imagens. Acaso não te bastavam as tuas depravações? ²¹Degolaste meus filhos e a elas os sacrificaste⁷. ²²Em todas as tuas abominações e tuas devassidões, não te lembraste dos dias de tua juventude, quando estavas nua e sem roupa, quando te debatias em teu sangue.

²³E depois de toda essa maldade — ai, ai de ti!, oráculo do Senhor DEUS! —, ²⁴construíste para ti um estrado, fizeste um pódio em todas as praças. ²⁵À entrada de todos os caminhos, construíste um pódio, usaste de forma abominável tua beleza, te ofereceste⁸ a todo transeunte; multiplicaste tuas orgias. ²⁶Tu te prostituíste com os filhos do Egito, teus vizinhos de membro graúdo⁹; assim multiplicaste tuas devassidões, a ponto de me ofender. ²⁷Eis, pois, que estendi a mão contra ti; cortei-te os mantimentos e entreguei-te ao arbítrio de tuas inimigas, as filhas dos filisteus¹⁰, que se envergonharam do teu despudor. ²⁸Insaciável, te prostituíste¹¹ com os filhos de Assur¹² e nem assim te satisfizeste; tu te prostituíste com eles e nem isso te deixou mais saciada. ²⁹Então multiplicaste tuas prostituições numa terra de mercadores, na Caldéia; e nem com eles ficaste mais saciada. ³⁰Como era febril teu coração!¹³ oráculo do Senhor DEUS — quando fazias tudo isso, ofício de uma prostituta despótica! ³¹Quando erguias um estrado à entrada de todos os caminhos, quando fazias um pódio em todas as praças, não agiste como as prostitutas: desprezavas o salário. ³²A mulher adúltera, em vez do seu marido, recebe dos estrangeiros¹⁴. ³³Todas as prostitutas recebem presentes; mas tu deste teus presentes a teus amantes; tu lhes pagaste para que viessem a ti de toda parte para se prostituírem contigo. ³⁴Em tuas prostituições, agiste ao contrário das outras mulheres; não eras procurada como prostituta; dando um

Os 8,9

s. Ezequiel recorda que a beleza da esposa permanece um dom do Senhor.

t. Cf. 33,13. A atitude da esposa é inversa à que os salmistas descrevem, cf. Sl 13,6; 25,2; 26,1; 37,3-5 etc.

u. Tradução segundo o gr. O texto hebr. é incompreensível.

v. Lit. *Fizeste para ti altos lugares coloridos*. Em torno dos santuários, as vestimentas de cores berrantes serviam de tendas ou tapetes, facilitando as práticas de que falamos vv. 15-17.

w. Glosa destinada a matizar um texto incômodo para o escriba.

x. As estátuas são vestidas como em Jr 10,9.

y. Encontram-se tais ritos bárbaros de oferenda de crianças em 20,25-26; Jr 7,30-31; 19,5; 32,35.

z. A expressão significa "fazer passar... pelo fogo" e alude aos sacrifícios de crianças (cf. Lv 18,21).

a. Lit. *abriste as pernas para todo transeunte*.

b. Lit. *carne* (mesmo termo em 23,20). Talvez alusão a certas representações dos deuses egípcios.

c. A política de Judá levava à anexação, por parte dos filisteus, de uma parte do seu território (cf. 25,15-17).

d. Já condenadas por Is (30-32; 39), as alianças estrangeiras davam a impressão de uma falta de confiança na única aliança do Senhor; eram também ocasião de contaminações pagãs; por esta dupla razão podem ser qualificadas de adultério.

e. Sobre as relações de Judá com a Assíria: 2Rs 15,19; 16,10-11; Os 7,8-12; 8,8-10; 12,2.

f. O início do v. é lido de outro modo por alguns: *Ah, como estou cheio de furor contra ti!*

g. Gr. e sir. dizem: *a mulher... recebe presentes*.

salário sem nada receber, inverteste os papéis.

³⁵Prostituta, escuta, pois, a palavra do SENHOR: ³⁶Assim fala o Senhor DEUS: Visto que teu sexo foi descoberto^h e tua nudez foi posta à mostra no decorrer de tuas prostituições com teus amantes e todos os teus ídolos abomináveis, por causa do sangue de teus filhos que lhes entregastes, ³⁷pois bem, eu vou reunir todos os amantes aos quais agradaste, todos os que amaste, além daqueles que odiaste; vou reuni-los contra ti de todas as partes, e vou descobrir diante deles tua nudez; eles verão toda a tua nudezⁱ.

Os 2,12

³⁸Aplico-te o castigo das mulheres adúlteras e daquelas que derramam o sangue; vou mergulhar-te em sangue, por meu furor e meu ciúme. ³⁹Entrego-te às mãos deles; eles derrubarão teu estrado e demolirão teus pódios; eles te despojarão de tuas vestes e tomarão tuas esplêndidas jóias; deixar-te-ão sem roupa, nua.

⁴⁰Levantarão a multidão contra ti; te apedrejarão e te dilacerarão com suas espadas; ⁴¹queimarão tuas casas; executarão contra ti a sentença, à vista de uma multidão de mulheres; porei fim à tua vida de prostituta; não poderás mais pagar salário. ⁴²Irei até o fim de meu furor contra ti: depois meu ciúme se desviará de ti, eu me acalmarei e já não estarei mais ofendido. ⁴³Visto que não te lembraste dos dias de tua juventude e te excitaste contra mim^j em tudo isso, pois bem, de minha parte, farei recair tua conduta sobre tua cabeça — oráculo do Senhor DEUS. Acaso não cometeste essa depravação, além de todas as tuas abominações?

⁴⁴Por isso, então, todo forjador de pro-
vérbios fará um para ti: Qual mãe, tal filha! ⁴⁵És a filha de uma mãe que detes-

tou seu marido e seus filhos, és a irmã de tuas irmãs que detestaram seus maridos e seus filhos. Vossa mãe era uma ^{16,3}hetita e vosso pai, emorita. ⁴⁶Tua irmã mais velha é Samaria, que habita à tua esquerda^k com suas filhas^l. Tua irmã caçula, que habita à tua direita, é Sodoma, com suas filhas. ⁴⁷Não foi com moderação que seguiste seus caminhos e que agiste segundo as suas abominações; tu te mostraste mais corrupta do que elas em todos os caminhos. ⁴⁸Por minha vida! — oráculo do Senhor DEUS — tua irmã, Sodoma^m, com suas filhas, não terá feito tanto quanto tu e tuas filhas. ⁴⁹Eis em que consistiu o crime de tua irmã Sodoma: orgulhosa, farta, tranqüilamente despreocupada, ela e suas filhas, mas não fortalecia a mão do infeliz e do pobre. ⁵⁰Elas se tornaram pretensiosas e comeram o que é para mim abominável: então as rejeitei, como viste. ⁵¹Tuas abominações foram mais numerosas que as delas, enquanto Samaria não cometeu nem a metade de teus pecadosⁿ. Em face de todas as abominações que cometeste, fizeste tuas irmãs parecerem justas. ⁵²Assume, pois, tua desonra, tu que, por teus pecados mais horríveis do que os delas, reabilitaste tuas irmãs. A teu lado, elas parecem justas. Envergonha-te, pois, e carrega tua desonra, visto que fizeste parecerem justas tuas irmãs. ⁵³Mudarei seu destino, o destino de Sodoma e de suas filhas, o destino de Samaria e de suas filhas, e mudarei teu próprio destino, no meio delas. ⁵⁴A fim de que carregues tua desonra e te envergonhes de tudo o que fizeste; isso as consolara^o. ⁵⁵Tuas irmãs, Sodoma e suas filhas, voltarão ao seu estado anterior; Samaria e suas filhas voltarão ao seu estado anterior; tu

h. Texto danificado; daí esta tradução conjectural baseada no aram.

i. Os antigos aliados, os amantes, virão para assediar a cidade, ou então ouvirão falar de sua ruína.

j. As versões dizem todas: *tu me excitaste*.

k. À esquerda, para quem se orienta, segundo o costume, olhando para o nascente.

l. As filhas são as aldeias que dependem de Samaria.

m. Todavia, Sodoma era o tipo da cidade pecadora (Gn 18,16-

19,29; Is 3,9; Jr 23,14; Lm 4,6) duramente castigada (Is 1,9; 13,19; Jr 49,18; 50,40; Sf 2,9).

n. Neste v. e no seguinte, o texto vai do singular para o plural, enquanto o sentido postula o plural.

o. Jerusalém foi de tal modo criminosa que os crimes de Sodoma e de Samaria parecem de pouca monta; estas duas cidades, cujos nomes eram mais ou menos sinônimos de perversidade, são agora consoladas por se descobrirem menos culpadas do que Jerusalém, por *parecerem justas* em comparação com ela.

também e tuas filhas voltareis ao vosso estado anterior. ⁵⁶Acaso tua irmã Sodoma não se havia tornado objeto de bisbilhotice em tua boca, no dia do teu orgulho. ⁵⁷antes que fosse descoberta tua maldade? Do mesmo modo, chegou o tempo de te tornares objeto do ultraje das filhas de Arâm^p e de todas as suas vizinhas, as filhas dos filisteus que te desprezam de todos os lados. ⁵⁸Carregas o peso de tuas impudicícias e de tuas abominações — oráculo do SENHOR.

⁵⁹Assim, pois, fala o Senhor DEUS: "Agirei com relação a ti como agiste, tu que desprezaste a maldição, rompendo a aliança. ⁶⁰De minha parte, lembrar-me-ei de minha aliança contigo nos dias de tua juventude: estabelecerei contigo uma aliança perene. ⁶¹Tu te lembrarás de tua conduta e ficarás confusa quando acolheres tuas irmãs mais velhas juntamente com as mais novas; eu as darei a ti como filhas, mas sem que elas participem de tua aliança^q. ⁶²Estabelecerei minha aliança contigo: então conhecerás que sou o SENHOR. ⁶³a fim de que te recordes, a fim de que te envergonhes e que, de tão confusa, não possas mais abrir a boca^r quando eu te absolver de tudo o que fizeste — oráculo do Senhor DEUS".

17 História alegórica dos reis contemporâneos. ¹Vcio-me uma palavra do Senhor: ²"Filho de homem, propõe um enigma e imagina uma parábola para a casa de Israel^s.

³Dirás: Assim fala o Senhor Deus:
A grande águia

de grandes asas,
de longas penas,
de plumagem espessa
e multicolor,
veio ao Líbano.
Ela tirou a copa do cedro,
⁴arrancou a ponta de seus ramos;
levou-a para uma terra de mercadores, ^{16.29}
estabeleceu-a numa cidade de
comerciantes.

⁵Depois, tomou uma semente dessa terra e a depositou em terreno de sementeira; e a plantou como a semente^t de um salgueiro junto às grandes águas.

⁶A semente germinou,
tomou-se uma videira florescente,
de espécie rasteira;
ela dirigia sua ramagem para a águia,
sob a qual estavam suas raízes^u.
A semente tornou-se uma cepa,
produziu sarmentos
e lançou ramos.

⁷Mas houve uma grande águia^v,
de grandes asas,
de plumagem abundante.
E eis que esta videira
avidamente dirigiu suas raízes para ela,
para que a regasse;
a videira estendeu para ela seus ramos,
fora do terreno em que estava plantada.

⁸Foi numa terra excelente,
junto a grandes águas,
que ela foi plantada,
a fim de lançar ramos,
produzir fruto,
para ser uma videira magnífica.

⁹Dize: Assim fala o Senhor DEUS:
Poderá ela prosperar?

p. Arâm: cf. 2Rs 24,2. Lê-se também, com numerosos manuscritos e sir.: Edom (cf. 35,1-15).

q. As aldeias próximas de Jerusalém terão com esta cidade relações particulares; mas não se beneficiarão da aliança que liga esta cidade ao Senhor.

r. Abrir a boca é um sinal de insolência ou de animosidade (Sl 35,21; Lm 2,16; 3,46); pelo contrário, ficar calado (Is 52,15; Jó 5,16; Sl 107,42) ou pôr a mão sobre a boca (Jó 21,5; 40,4), é mostrar uma atenção respeitosa ou a convicção de estar enganado.

s. Esta alegoria sutil (v. 2) e desajeitada evoca, com o tema do cedro e, depois, da vinha (cf. 15,2 nota, e comparar 15,1-6 e 19,10-14), a história dos reis contemporâneos, Nabucodonosor,

a grande águia, deportou para Babilônia o rei Ioiakin e os grandes do reino (vv. 4,11; cf. 2Rs 24,12-16), e substituiu o monarca por Sedecias (v. 5; cf. 2Rs 24,17), seu vassalo (v. 13). Esquecendo os juramentos de lealdade que o ligavam a Nabudonosor (vv. 15-19; cf. 2Rs 24,20), Sedecias buscou a amizade do Faraó egípcio, a outra grande águia (v. 7). Esta tentativa, que desencadeou a repressão final, justificou-se menos ainda, visto que o Senhor pretendia garantir sozinho a sobrevivência do reino e de sua dinastia (v. 22-24; cf. 2Rs 25,1).

t. Palavra desconhecida; tradução hipotética. A semente, ou o rebento, representa o rei Sedecias de Judá.

u. Sob a qual: estas palavras aludem à submissão de Sedecias. v. As versões dizem: havia outra grande águia.

Acaso a águia não irá arrancar suas raízes, deixar seu fruto murchar e secar?

Todos os seus brotos arrancados secarão. Não há necessidade de braço forte, nem de muita gente para desarraigá-la!

¹⁰ Uma vez plantada, poderá ela prosperar? Quando o vento do oriente a atingir, não irá secar completamente?

No terreno em que deveria brotar, ela secará”.

¹¹ Veio-me uma palavra do SENHOR:

¹² “Fala, pois, a esta casa de rebeldes: Não sabeis o que isso significa?

^{2Rs 24, 10-17} Dize: O rei de Babilônia veio a Jerusalém; prendeu o rei e seus chefes, e os levou com ele para Babilônia. ¹³ Tomou alguém de sangue real, fez uma aliança com ele; impôs-lhe um juramento de fidelidade*; levou consigo notáveis da terra. ¹⁴ Para que o reino ficasse pequeno, incapaz de se elevar, e que guardasse a sua aliança na estabilidade^x. ¹⁵ Mas revoltou-se contra ele, enviando mensageiros ao Egito, a fim de que lhe desse cavalos e muitos soldados. Poderá prosperar? Vai ter êxito quem agiu dessa forma? Rompeu a aliança; será que conseguirá safar-se?

^{2Rs 24, 20} ¹⁶ “Por minha vida — oráculo do Senhor DEUS —, é na terra do rei que o fez reinar, com relação ao qual foi perjuro e cuja aliança rompeu, é na casa dele, em plena Babilônia, que ele morrerá. ¹⁷ O Faraó não agirá em favor dele, com grandes exércitos e povo numeroso no momento do combate, quando forem levantados terraplenos e feitos terraços para o massacre de muitas vidas. ¹⁸ Ele foi perjuro rompendo a aliança; ele tinha apertado a mão, mas cometeu todas essas faltas: ele não se safará.

¹⁹ Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Por minha vida, o juramento de fidelidade que ele desprezou, a aliança^y que rompeu, eu os faço recair sobre sua cabeça.

²⁰ Estendo sobre ele minha rede^z e ele ficará preso em meus laços.

Eu o levarei para Babilônia, lá eu o julgarei pela infidelidade que cometeu contra mim^a. ²¹ Quanto à elite inteira de todos os seus esquadrões, cairão pela espada; os sobreviventes serão dispersados a todos os ventos; então sabereis que eu, o SENHOR, falei.

²² Assim fala o Senhor DEUS;

Também eu mesmo, da ponta de um cedro altaneiro, tomo — e planto —, arranco da ponta de seus ramos um rebento tenro;

eu mesmo o planto, sobre um monte alto, proeminente.

²³ Planto-o numa montanha elevada^b de Israel.

Ele estenderá ramos, produzirá fruto, tornar-se-á um cedro magnífico.

Todos os tipos de aves ali habitarão elas habitarão à sombra de seus ramos.

²⁴ Então todas as árvores dos campos conhecerão

que eu sou o SENHOR,

que faço rastejar a árvore elevada, e elevo a árvore que rasteja;

faço secar a árvore verde, e faço florir a árvore seca.

Eu, o SENHOR, falo e cumprio”.

18 Os justos caminhos do Senhor. ^{14,12-20; 33,10-20}

¹ Veio-me uma palavra do SENHOR:

² “Por que repetis este adágio em terra de Israel: ‘Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram’?”

³ Certo como eu vivo — oráculo do Se-

^{31,6;}
^{Dn 4,10-12;}
^{Mt 13,32}

^{21,31;}
^{Sl 113,7-9;}
^{Lc 1,51-53}

^{14,12-20;}
^{33,10-20}

^{Jr 31,29}

w. Lit. *ele o fez entrar numa imprecisão*. O rei vencedor obriga o rei vencido a jurar fidelidade e a proferir imprecisões contra o eventual autor de uma ruptura. Se o vassalo rompe o juramento, será vítima da imprecisão que ele mesmo proferiu.

x. Trata-se da estabilidade do reino ou da aliança.

y. Lit. *meu juramento... minha aliança*. A aliança estabelecida com Nabucodonosor, o juramento prestado diante dele por

Sedecias (vv. 13,14) são chamados pelo Senhor *meu* juramento, *minha* aliança. É que os contratantes haviam tomado seu deus como testemunho; a ruptura do compromisso, insulto ao parceiro, é portanto uma injúria ao deus que avalizou o contrato.

z. Cf. 12,13 nota.

a. Na realidade, Sedecias foi julgado em Riblá, na Palestina, onde teve os olhos vazados (Jr 52; 2Rs 25).

b. Cf. 40,2 e Is 11,1.

nhor DEUS — não repetireis mais este provérbio em Israel! ⁴Sim, todas as vidas me pertencem; a vida do pai como a vida do filho, ambas me pertencem; quem pecar, esse morrerá^c.

3,18;
18,20;
Dt 24,16

⁵Caso^d um homem justo cumpra o direito e a justiça, ⁶não coma sobre os montes^e, não levante os olhos para os ídolos da casa de Israel, não desonre a mulher do próximo, não se aproxime de uma mulher em estado de impureza, ⁷não explore ninguém, devolva o penhor recebido pela dívida, não cometa rapinas, dê seu pão ao faminto, cubra com um manto o que está nu, ⁸não empreste a juros^f e não pratique usura, afaste a mão da injustiça, proceda a um julgamento verdadeiro entre os homens, ⁹caminhe segundo minhas leis, observe meus costumes, agindo segundo a verdade: é um justo; certamente viverá — oráculo do Senhor DEUS.

22,6-12;
Lv 19;
Mq 6,6-8;
Sl 15

¹⁰Mas ele gera um filho bandido, que derrama sangue e comete dessas coisas ¹¹— enquanto ele não havia cometido nenhuma — e que, além disso, come sobre os montes, desonra a mulher do próximo, ¹²explora o infeliz e o pobre, comete rapinas, não devolve um penhor, levanta os olhos para os ídolos, comete a abominação, ¹³empresta a juros e pratica a usura... esse viverá? Não viverá. Come-

Lv 20,10

tu todas essas abominações: certamente morrerá; seu sangue estará sobre ele.

¹⁴Mas eis que alguém gera um filho, que viu todos os pecados que seu pai cometeu; ele os viu, mas não agiu da mesma forma; ¹⁵não come sobre os montes; não levanta os olhos para os ídolos da casa de Israel; não desonra a mulher do próximo; ¹⁶não explora ninguém; não fica com o penhor; não comete rapinas; dá seu pão ao faminto e cobre com o manto o que está nu; ¹⁷ele afasta a mão da injustiça^g, não empresta a juros nem pratica a usura; cumpre meus preceitos e caminha segundo minhas leis: ele não morrerá por causa da falta de seu pai; certamente viverá^h. ¹⁸Mas seu pai — por ter praticado a extorsão, cometido rapinas contra seu irmãoⁱ, por não ter feito o bem no meio de seu povo —, esse morrerá por sua própria iniquidade.

¹⁹Dizeis: 'Por que o filho não arca com a iniquidade de seu pai?' Mas este filho cumpriu o direito e a justiça, observou todas as minhas leis e as cumpriu: certamente viverá. ²⁰Aquele que peca é que morrerá; o filho não arcará com a iniquidade do pai, nem o pai com a iniquidade do filho^j; a justiça do justo estará sobre ele, e a maldade do mau estará sobre este.

²¹Quanto ao mau, se ele se apartar de ^{33,11-16} todos os pecados que cometeu, se guar-

c. A pregação dos profetas dirigia-se a toda a comunidade de Israel, da qual julgava o comportamento e antevia o destino; de resto, era o reflexo de uma mentalidade geral muito atenta aos múltiplos vínculos de solidariedade que fazem de um conjunto de indivíduos uma comunidade marcada pelo mesmo futuro (cf. cap. 16; 20; 23). Contudo, os sacerdotes, que regulamentavam a participação no culto, mostravam-se, desde há muito, atentos aos comportamentos individuais. É com Jr (31,30) que esse individualismo religioso penetra o ensinamento profético. Ezequiel desenvolve longamente o novo dogma da responsabilidade pessoal. De agora em diante, o indivíduo é dessolidarizado do destino da comunidade; ele é o único responsável pelo próprio destino, só ele. Essas novas afirmações, indícios de notáveis avanços, não eram aceitas sem levantar novas dificuldades que apareceram com o passar do tempo e das quais um livro como o de Jó é o eco patético.

d. Tradução de uma fórmula (cf. 14,7 nota) que habitualmente introduz as leis hipotéticas (cf. 33,2), principalmente no "Código de Santidade" (Lv 19,20; 22,21; 24,17.19; 25,29) e em outras partes do código sacerdotal (Lv 2,1; 4,2; 5,21); o enunciado da hipótese termina com a proclamação do veredicto (v. 9,13 etc.).

e. Trata-se da refeição sacrificial que marca a participação nos cultos idolátricos.

f. As taxas de juros no Oriente Próximo eram muito elevadas, indo de 20 a 25%, chegando até a 33% ou mais. Jerusalém é condenada pelas taxas usurárias que seus habitantes praticavam (22,12). Ex 22,24 recomenda o empréstimo gratuito, mas a prática nem sempre estava de acordo com estas exigências (cf. Sl 15,5 e Pr 28,8).

g. Lit. do *infeliz*; tradução segundo o v. 8 e segundo o grego.

h. O tema da vida está frequentemente ligado ao do santuário (cf. cap. 47); lá, Deus se encontra presente. "conosco" esclarece Am (5,14), ele que é a fonte da vida. Da mesma forma, "buscando o Senhor" por uma visita a seu templo, o crente obtém dele a "salvação" (Jr 7,10), a "vida" (Am 5,4-5): duas realidades que, para Ez, formam apenas uma (33,12); é preciso também que este crente tenha começado a observar o direito de Deus, o "bem" (18,18) e não "o mal" (Am 5,14).

i. *Contra seu irmão* parece adição posterior, cf. vv. 5,7.12.16.

j. Comparar com Ex 20,5 e Lv 26,39, que supõem o castigo do culpado "e de toda a sua parentela" ou de todos os seus descendentes.

dar todas as minhas leis e se observar o direito e a justiça, certamente viverá, e não morrerá. ²²Não haverá mais lembrança de todas as suas revoltas, pois é por causa da justiça que ele pratica que viverá. ²³Terei eu prazer na morte do malvado — oráculo do Senhor DEUS — e não em que ele se aparte de seus caminhos e viva? ²⁴Quanto ao justo que se desvia de sua justiça e comete o crime seguindo todas as abominações que o malvado havia cometido: acaso pode cometê-las e viver? Não haverá mais lembrança de toda a justiça que ele praticara. 'Por causa de sua infidelidade e o pecado que cometeu, por causa deles é que morrerá! ²⁵Mas dizeis: 'O modo de o Senhor agir não é correto!' Escutai, casa de Israel: Será que é o meu proceder que não é correto? O vosso proceder é que não é! ²⁶Quando o justo se aparta de sua justiça, comete injustiça e morre, é por causa da injustiça cometida que ele morre. ²⁷Quando o mau se aparta da maldade que cometera e observa o direito e a justiça, obterá a vida. ²⁸Ele se deu conta^k de todas as suas revoltas e se apartou delas: certamente viverá, não morrerá. ²⁹Mas a casa de Israel diz: 'O modo de o Senhor agir não é correto'. Serão os meus modos de agir que não são corretos, casa de Israel? Vossos modos de agir é que não o são. ³⁰Por isso vos julgarei, cada um segundo seus caminhos, casa de Israel — oráculo do Senhor DEUS. Voltai, desviái-vos de todas as vossas revoltas, e o obstáculo que vos faz pecar não existirá mais. ³¹Rejeitai o peso de todas as vossas revoltas, forjai em vds um coração novo e um espírito novo; por que deveíeis morrer, casa de Israel? ³²Não sinto prazer na morte do que morre — oráculo do Senhor DEUS; voltai, pois, e vivei!"

19 História alegórica dos reis contemporâneos

- ¹ "Tu, então um lamento^l sobre os príncipes de Israel. ²Dirás: Tua mãe! uma leoa, deitada entre os leões. No meio dos leõezinhos, alimentava seus filhotes. ³Criou um de seus filhotes; ele tornou-se um jovem leão, aprendeu a dilacerar sua presa, até gente comeu! ⁴Nações ouviram falar dele; foi apanhado na cova que fizeram, preso por ganchos conduziram-no à terra do Egito^m. ⁵Quando a leoa viu que sua expectativa, sua esperança eram vãs, tomou outro de seus filhotes e fez dele um jovem leão. ⁶Vivia com os leões, tornou-se um jovem leão. Aprendeu a dilacerar sua presa, até gente comeu! ⁷Ele demoliu seus paláciosⁿ, arrasou suas cidades; a terra e seus habitantes ficaram terrorizados ao som de seu rugido. ⁸Nações circunvizinhas, vindas de suas províncias, levantaram-se contra ele; estenderam sobre ele sua rede, e na cova delas foi capturado. ⁹Preso por ganchos, foi posto numa jaula e levado ao rei de Babilônia^o; meteram-no em tocas, para que sua voz não fosse mais ouvida sobre os montes de Israel. ¹⁰Tua mãe assemelhava-se a uma videira^p plantada junto à água. Era fecunda e frondosa, por causa das águas abundantes.

k. Lit. *ele viu*, palavra provavelmente acrescentada; tradução hipotética.

l. Este lamento, sem dúvida utilizado (v. 14) em alguma lamentação sobre os reis de Judá, apresenta a história de todo o povo, ou a de Jerusalém, a mãe: leoa (v. 2), ou vinha (v. 10; cf. 15,2 nota); e a história dos dois reis desafortunados Joacaz (v. 4) e Ioiakin (v. 9).

m. Este deve ser Joacaz (2Rs 23,31-34).

n. O hebr. *ele conheceu suas viúvas* é incompreensível; a tradução segue aqui o Targum.

o. Este deve ser Ioiakin (2Rs 24,15).

p. O hebr. *em teu sangue* parece ter-se tornado incompreensível por uma ligeira modificação das consoantes; a tradução segue aqui o Targum.

- ¹¹ Teve ramos vigorosos, que se tornaram cetros de soberanos^q. Sua estatura elevou-se no meio da ramagem. Ela se impunha por sua altura, pela abundância de seus ramos.
- ¹² Mas foi arrancada com fúria, arremessada ao chão, e o vento do oriente secou seus frutos que caíram. Seus ramos vigorosos secaram, o fogo os devorou.
- ¹³ E agora, está plantada no deserto, numa terra de aridez e de sede.
- ¹⁴ Mas um fogo saiu do ramo e devorou sarmentos e frutos. Na videira já não há ramo vigoroso, cetro real^r. É um lamento, cantado como lamento.

⁵ Tu lhes dirás: Assim fala o Senhor DEUS: No dia em que escolhi^s Israel, jurei^t, com a mão erguida, à posteridade da casa de Jacó; dei-me a conhecer a eles na terra do Egito; jurei-lhes, com a mão erguida, dizendo: Eu sou o SENHOR, vosso Deus^u. ⁶ Naquele dia, eu lhes jurei, com a mão erguida, fazê-los sair da terra do Egito, rumo à terra que eu havia explorado para eles, terra que mana leite e mel, esplêndida entre todas as terras. ⁷ Disse-lhes: Que cada qual^v rejeite os horrores que tem diante de si; não vos maculeis com os ídolos do Egito; eu sou o SENHOR, vosso Deus. ⁸ Mas eles se rebelaram contra mim e não quiseram escutar-me; ninguém rejeitou os horrores que tinha ante os olhos, e não abandonaram os ídolos do Egito^w. Então eu disse: Derramarei meu furor sobre eles, irei até o fim de minha cólera contra eles, em plena terra do Egito. ⁹ Contudo, eu entrei em ação, por causa do meu nome, para que ele não fosse profanado aos olhos das nações entre as quais habitavam^x. Dei-me a conhecer a eles, aos olhos destas nações, fazendo-os sair da terra do Egito.

¹⁰ Eu os fiz sair da terra do Egito e os conduzi ao deserto. ¹¹ Dei-lhes minhas leis e os fiz conhecer meus costumes, que fazem viver^y o homem que os pratica. ¹² Dei-lhes também meus sábados^z, para

Dt 7,6

Ex 3,14

Ex 3,8-17
Jr 3,1923,3;
Lv 18,336,22;
Is 48,11;
Rm 6,22s

SI 106 20 A idolatria na história de Israel.

x,1

14,1-3

22,2; 23,26

¹ No sétimo ano, no quinto mês, no décimo dia do mês, alguns anciãos de Israel vieram consultar^r o SENHOR. Sentaram-se diante de mim. ² Então veio-me uma palavra do SENHOR: ³ "Filho de homem, fala aos anciãos de Israel. Dirás: Assim fala o Senhor DEUS: É para me consultar que vindes? Certo como eu vivo, não me deixarei consultar por vós! — oráculo do Senhor DEUS! ⁴ Não deves julgá-los, julgá-los, filho de homem? Faze-os conhecer as abominações de seus pais.

q. É a terceira vez que Ez retoma o tema alegórico da vinha (cf. cap. 15 e 17,7-9); no cap. 17, a copa da vinha designava a linhagem dinástica; aqui designa antes o povo de Israel, do qual surgem os reis.

r. Cf. 8,1 nota. O objeto da consulta talvez seja sugerido no v. 32: tratar-se-ia de construir um lugar de culto, ou pelo menos de tornar possível um culto organizado em terra babilônica. Na resposta, Ezequiel lembra que, durante toda a sua história, Israel foi tentado pela idolatria das nações e que praticamente sempre sucumbiu. A pergunta dos anciãos abria mais uma vez a porta ao perigo secular. De resto, só há um lugar de culto possível em Israel: a montanha do Senhor (v. 40).

s. Ez só raramente emprega os termos característicos do Dt: a palavra utilizada aqui só se encontra uma vez em Ez, ao passo que é frequente em Dt.

t. O profeta dá mais importância ao juramento em si mesmo do que a seu conteúdo, que só é explicitado no v. 6. É que antes de obrigar a atos precisos, um juramento supõe uma manifestação de si que o autor do juramento faz a seu parceiro comunicando-lhe seu nome. Por isso, pelo juramento que presta, o Senhor

é levado a se revelar a Israel, a nomear-se diante dele. Mas pronunciando seu nome diante do povo, o Senhor confia aos homens o nome que proferiu diante deles: de todo modo, seu nome ficará sujeito ao bel-prazer deles: é possível que o pronuncie em vão (Ex 20,7) e tenham de suportar as consequências deste ato (vv. 9,14,22 etc.).

u. Frequente neste capítulo (vv. 7,12,19,20 etc.), esta fórmula não se encontra em outras partes em Ez, ao passo que é frequente em Lv (18,1,4,5,6 etc.).

v. A fórmula é mais ou menos a do Decálogo (Ex 20,2), mas a Lei é doravante aplicada a cada indivíduo (cf. 14,3,7; Lv 19,3).

w. Ez considera que Israel já era idólatra e pecador no Egito; é o único que situa em tempo tão remoto o pecado de Israel; Os percebe a origem deste pecado apenas no momento da entrada em Canaã (Os 9,10), e certos textos do Pentateuco só um pouco mais cedo, desde o tempo do deserto (Ex 32-34).

x. Cf. 36,20; também Ex 32,12; Nm 14,13-16.

y. Os mandamentos que fazem viver (vv. 13,21,25); cf. Lv 18,5. z. Dia privilegiado por ser o último da semana, unidade de tempo adotada pelos semitas, o sábado é um dia de repouso.

que fossem um sinal entre mim e eles, para que se saiba que sou eu, o SENHOR, que os consagro. ¹³Mas a casa de Israel se revoltou contra mim no deserto; eles não caminharam segundo minhas leis, rejeitaram meus costumes, que fazem viver o homem que os pratica. Profanaram constantemente meus sábados. Eu disse então: Derramarei meu furor sobre eles no deserto, para exterminá-los. ¹⁴Mas

Dt 1,34-35

entrei em ação por causa do meu nome, para que não seja profanado aos olhos das nações à vista das quais eu os havia feito sair. ¹⁵De novo, jurei-lhes com a mão erguida, no deserto: eu não os introduzirei na terra que lhes dei, terra que mana leite e mel, esplêndida entre todos as terras*. ¹⁶Pois desprezaram meus costumes, não caminharam segundo minhas leis, profanaram meus sábados; porque seu coração seguia seus ídolos. ¹⁷Mas meu olho teve compaixão deles, eu não quis destruí-los; não os exterminei no deserto. ¹⁸Eu disse a seus filhos no deserto: "Não caminheis segundo as leis de vossos pais, não observeis seus costumes, não vos contamineis com seus ídolos. ¹⁹Eu sou o SENHOR, vosso Deus: caminhai segundo minhas leis, observai meus costumes e praticai-os. ²⁰Considerai sagrados os meus sábados; eles são um sinal entre mim e vós, para que se saiba que eu sou o SENHOR, vosso Deus". ²¹Mas os filhos se revoltaram contra mim; não caminharam

segundo minhas leis, não observaram meus costumes, não os praticaram; é ^{Lv 18,5} graças às minhas leis que o homem vive, praticando-as. Profanaram meus sábados. Então eu disse: Derramarei meu furor sobre eles, irei até o fim de minha cólera contra eles, no deserto. ²²Contudo retirei ^{20,9,14} minha mão e entrei em ação por causa do meu nome, para que ele não fosse profanado entre as nações à vista das quais eu os fizera sair. ²³De novo, jurei-lhes, com a mão erguida, no deserto: eu os dispersarei entre as nações e os disseminarei entre as terras. ²⁴Pois não praticaram meus costumes, desprezaram minha leis, profanaram meus sábados e os seus olhos seguiram os ídolos de seus pais. ²⁵Além disso, eu mesmo lhes dei leis que não eram boas^b e costumes que não fazem viver. ²⁶Maculei-os através de suas oferendas: os sacrifícios de todos os primogênitos^c; foi para horrorizá-los, a fim de que reconhecessem que eu sou o SENHOR. ²⁷Por isso, fala à casa de Israel, filho de homem; tu lhes dirás: Assim fala o Senhor Deus: vossos pais me ultrajaram continuamente com suas infidelidades.

Ex 13,12

²⁸Eu os fiz entrar na terra que, com a mão erguida, havia jurado dar-lhes^d. Eles olharam para cada colina elevada e cada árvore frondosa; lá ofereceram seus sacrifícios, lá apresentaram suas oferendas irritantes, lá depositaram suas oblações de perfume aplacador e lá derramaram suas libações. ²⁹Eu lhes disse: Que lugar

Diversos motivos justificam a pausa sabática: preocupação humanitária (Ex 23,12; Dt 5,14), evocação da saída do Egito (Dt 5,15), ou do acabamento da criação (Gn 2,1-3; Ex 20,11). Mas o sábado aparece também, com a circuncisão, como o sinal de certa relação entre o povo e Deus (Ex 31,12-17; 35,2-3). É um dom que Deus concede para mostrar que põe Israel de parte das outras nações, ou seja, ele o consagra (cf. Lv 20,8; 22,9). É o ensinamento que Ez propõe. O sábado é "dado" (20,12), sinal da relação particular que Deus estabelece com Israel, a nação reservada, o povo consagrado; este dia deve ser reconhecido como um dia especial; é preciso vivê-lo como um dia consagrado (20,20; 44,24). Contudo Israel vive o sábado como os outros dias, e por isso o profana (20,13.16.21.24; 22,8; 23,38). Por isso rejeita a aliança, cujo sinal é o sábado, e se apegua aos ídolos (20,16).

a. Cf. v. 6.

b. Estamos longe da habitual apreciação otimista dos manda-

mentos de Deus, "lâmpada para os passos" (Sl 119,105), ou caminho da vida (v. 11; cf. 33,15). Ez alude aqui ao preceito da imolação dos primogênitos (v. 26). Em tempos mais tranquilos do que os de Ez. Israel soubera fazer uma exegese mais mitigada desse mandamento: então se havia compreendido que bastava substituir a vítima humana por uma oferenda animal; mas épocas dolorosas haviam admitido uma observância literal do preceito (cf. 16,20 nota). Então se supunha, apesar da recusa de Jr (7,30; 19,5; 32,35), que o rito de imolação dos primogênitos era de alguma forma o reflexo de uma ordem de Deus. Para alguns, sem dúvida, o enigma que as desgraças contemporâneas representavam a seus olhos tornara-se assim mais compreensível: os próprios mandamentos do Senhor haviam levado a essas desgraças, a fim de assegurar o castigo do povo pecador.

c. Lit. *fazer passar através (do fogo) tudo o que abre o seio*. Cf. v. 31.

d. Cf. v. 5.

elevado é este para onde vos dirigis"? E até hoje o chamaram 'lugar alto'!

³⁰Por isso, dize à casa de Israel: Assim fala o Senhor DEUS: Realmente vos contaminastes seguindo a conduta de vossos pais, prostituindo-vos com seus horrores!

³¹Quando trazíeis vossos dons, quando fazíeis passar vossos filhos pelo fogo, vós vos contamináveis com todos os vossos ídolos, até hoje! De minha parte, acaso me deixarei consultar* por vós, casa de Israel? Por minha vida — oráculo do Senhor Deus — não me deixarei consultar por vós.

³²Aquilo que surge aos vossos espíritos não acontecerá; não adianta dizer: 'Queremos ser como as nações^b, como os clãs de outras terras, servir à madeira e à pedra'.

³³Por minha vida — oráculo do Senhor Deus — é com mão forte, com braço estendido, que derramarei meu furor, que reinarei sobre vós!

³⁴Então com

20.41 ³⁵Eu vos farei sair do meio dos povos e vos reunirei fora das terras onde fostes dispersos.

³⁶Eu vos levarei ao deserto dos povos^c e lá, face-a-face, estabelecerei meu direito sobre vós.

³⁷Como eu estabelecera meu direito sobre vossos pais, no deserto da terra do Egito, assim farei convosco — oráculo do Senhor

DEUS.

34.17 ³⁸Eu vos farei passar debaixo do cajado e vos introduzirei no vínculo da aliança.

³⁹Tirarei do meio de vós os que se rebelaram e revoltaram contra mim; eu os farei sair da terra para onde emigraram, mas não entrarão no solo de Israel: então conhecereis que eu sou o SENHOR.

³⁹Quanto a vós, casa de Israel, assim fala o Senhor DEUS: Vá cada qual servir a seus ídolos; mas depois veremos se não me escutareis. Então não profanareis mais meu santo nome por vossos dons e vossos ídolos.

⁴⁰Pois é sobre minha santa montanha, sobre o alto monte de Israel — oráculo do Senhor DEUS —, é lá que me servirá toda a casa de Israel, estabelecida toda ela na terra; eu os acolherei, e aceitarei vossas oblações, o melhor de vossas oferendas, de tudo o que consagrais.

⁴¹Ao mesmo tempo que o perfume aplacador, eu vos acolherei, quando vos fizer sair do meio dos povos e vos reunir

40.2 ⁴²Conhecereis que eu sou o SENHOR, quando vos conduzir ao solo de Israel, a terra que eu jurei, com a mão erguida, dar a vossos pais!

⁴³Lá vos lembrareis de vossa conduta e de todas as ações com que vos maculastes; o asco vos subirá ao rosto por causa de todas as maldades que cometestes.

⁴⁴Conhecereis que sou o SENHOR, quando eu agir convosco por causa do meu nome e não levado pela vossa má conduta e pelas vossas ações corruptas, casa de Israel — oráculo do Senhor DEUS".

Ef 5.2 20.34

21 A espada contra Jerusalém".

¹Veio-me uma palavra do SENHOR:

²Filho de homem, dirige teu olhar para o meridiano; apostrofa o sul, pronuncia um oráculo contra a floresta do Négueb.

³Dirás à floresta do Négueb: Escuta a palavra do SENHOR: Assim fala o Senhor DEUS: eu vou acender um fogo no meio

e. Em hebr. *má habbamá... habba'im*, sutil jogo de palavras que não pode ser traduzido, e que pretende oferecer a etimologia de *hamah*, "lugar alto".

f. Cf. IRs 3,2 nota.

g. Volta-se aqui ao começo do cap., vv. 1-3.

h. Cf. 25,8.

i. Cf. 1Sm 8,5.

j. Da mesma forma que antigamente Israel foi conduzido ao deserto para ser afastado do Egito, assim agora será levado ao deserto dos povos, longe das nações.

k. Merecendo o extermínio provocado por seu pecado, o povo atraiu o desprezo das nações, desprezo que atinge o próprio

Deus, cujo nome foi profanado. Mas a libertação de Israel provocará a surpresa admirada desses povos pagãos; então o gesto salvador que Deus irá realizar fará reconhecer sua santidade; o nome do Senhor será santificado.

l. Cf. vv. 5 e 28.

m. Este cap., que junta diversas passagens reunidas pela palavra-chave *espada*, é de interpretação tanto mais difícil por se tratar de um texto frequentemente corrompido e às vezes incompreensível. — A ameaça do início (vv. 1-5) introduz mais uma vez o tema do abrasamento. Se, em Ex 19,16-18, o fogo pertence à revelação de Deus, ou, em Is 66,24; Zc 9,4; Ap 20,9-10, ao seu julgamento, aqui é ao mesmo tempo julgamento e revelação.

Lc 23,31 de ti; ele devorará toda árvore verde e toda árvore seca; a chama ardente não se apagará e nela todos os rostos arderão, desde o Négueb até o norte. ⁴Então toda carne verá que sou eu, o SENHOR, que o acendi, e ele não se apagará." ⁵E eu, profeta, disse: "Ah! Senhor DEUS! Eles dizem de mim: Não é ele o forjador de parábolas?"

⁶Veio-me uma palavra do SENHOR: ⁷"Filho de homem, dirige teus olhares para Jerusalém; apostrofa os santuários; pronuncia um oráculo contra a terra de Israel. ⁸Dirás à terra de Israel: Assim fala o Senhor: Venho contra ti; desembainharei minha espada e extirparei de ti o justo e o malvado". ⁹É porque vou cortar de ti o justo e o malvado que minha espada vai sair da bainha contra toda carne, desde o Négueb até o norte. ¹⁰Então toda carne conhecerá que sou eu, o SENHOR, que tiro minha espada da bainha, para onde ela não voltará mais.

¹¹Filho de homem, geme, curva-te com amargura; gemerás à vista deles. ¹²Quando te disserem: "Por que gemes?", tu lhes dirás: "Por causa de uma notícia que acaba de chegar; todos os corações mirrarão de medo; todas as mãos ficarão sem forças; todos os espíritos desfalecerão e todos os joelhos se desfarão em água. Eis que ela vem, ela se realiza — oráculo do Senhor DEUS".

¹³Veio-me uma palavra do Senhor:

¹⁴"Filho de homem, pronuncia um oráculo. Dirás: Assim fala o SENHOR:

A espada, a espada afiada e bem polida!

¹⁵Afiada em vista do massacre, polida para lançar lampejos".

¹⁶Deu-a par ser polida, para que fosse empunhada. A espada foi afiada, foi polida, para ser posta na mão do algoz.

¹⁷Grita, urra, filho de homem, a espada é empunhada contra o meu povo, contra todos os príncipes de Israel. Eles foram precipitados sobre a espada com meu povo.

Por isso, bate na coxa".

¹⁸É uma prova; e que aconteceria, se não houvesse também cetro desdenhoso? oráculo do Senhor Deus.

¹⁹Escuta, filho de homem, pronuncia um oráculo:

Bate em tuas mãos, a espada ferirá duas, três vezes. É a espada dos mortos, a grande espada dos mortos que ela traspassou.

²⁰A fim de fazer tremer os corações, de multiplicar as quedas, contra todas as suas portas mandei o massacre da espada. Ela é feita para lançar raios, é polida^a para o massacre.

²¹Mostra-te cortante^a, à direita, à esquerda, onde tiveres de fazer frente.

²²Eu também bato em minhas mãos e irei até o fim do meu furor. Eu, o SENHOR, falei."

A espada do rei da Babilônia. ²³Veio-me uma palavra do SENHOR: ²⁴"E tu, filho de homem, traça dois caminhos para a vinda da espada do rei de Babilônia".

n. De temperamento inclinado às afirmações categóricas, Ez não se preocupa com as contradições, pelo menos formais, que opõem entre si as suas palavras; esta fórmula diz o contrário do cap. 18. A oposição poderia ser mais aparente do que real: com efeito, Ez pronuncia uma afirmação categórica que parece excluir todo matiz, quando os matizes na realidade não são rejeitados. Dizendo "o justo e o malvado", quer exprimir, com uma expressão hebraica, a idéia da totalidade dos habitantes. Aqui não se trata de viver ou de morrer, como no cap. 18, mas, para os hierosolimitanos, de suportar as conseqüências radicais do assédio à sua cidade.

o. O v. se prolonga numa série de palavras incompreensíveis que alguns se propõem traduzir: *Ou nos alegraremos; o cetro de meu filho despreza toda árvore.*

p. É um gesto de dor que Jr 31,19 também assinala.

q. Tradução hipotética de texto maltransmitido.

r. O texto hebr. comporta ainda diversas formas incompreensíveis ou desconhecidas; a tradução é conjectural.

s. Tradução feita segundo o v. 15 e o aram.

t. O v. é muito obscuro e a tradução, hipotética.

u. Ez faz mais uma vez um de seus atos simbólicos (cf. 3,22 nota) que sustentam sua pregação e mostram seu realismo eficaz.

Estes dois caminhos devem partir da mesma terra. Na entrada de cada caminho porás um sinal^v indicando a direção de uma cidade; ²⁵traçarás um caminho para que a espada venha contra Rabá dos filhos de Amon e contra Judá, entrincheirado em Jerusalém, a cidade forte. ²⁶O rei da Babilônia se detém na encruzilhada, na entrada dos dois caminhos, para buscar presságios. Ele sacode as flechas, consulta os ídolos, examina o fígado^w. ²⁷Na mão direita ele tem o presságio: Jerusalém. Que sejam montados aríetes, que se grite à matança, que se eleve a voz para lançar o grito de guerra, que se assestem aríetes contra as portas, que se amontoe um terraplano e se levantem aterros. ²⁸Isto lhes^x parecerá apenas um vão presságio: foi-lhes feita uma promessa^y; será a recordação de seu crime, eles serão feitos cativos. ²⁹Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Porque rememorastes a vossa iniquidade, quando vossas revoltas foram descobertas, quando vossos pecados se tornaram visíveis em todas as vossas ações, e porque chamastes a atenção sobre vós, sereis capturados a mancheias. ³⁰E tu, príncipe de Israel^z, ímpio, malvado: teu dia^a virá, ao mesmo tempo que a iniquidade terá fim. ³¹Assim fala o Senhor DEUS: Seja tirado o turbante, seja arrebatada a coroa; as coisas não serão mais o que eram; seja elevado o que é baixo, seja abaixado o que é elevado. ³²Ruína! Ruína! Farei disto uma ruína — jamais houve semelhante — até que venha aquele a quem pertence o julgamento e a quem eu o confiar^b.

A espada contra os amonitas

³³E tu, filho de homem, pronuncia um oráculo. Dirás: Assim fala o Senhor DEUS

a respeito dos filhos de Amon e de seus sarcasmos. Dirás:

Espada! Espada! Estás desembainhada, polida para o massacre, para devorar, para lançar lampejos,

³⁴para cortar o pescoço dos ímpios, dos malvados cujo dia virá ao mesmo tempo que o crime terá fim^c, enquanto se tem visões ilusórias e se prediz a mentira a teu respeito.

³⁵Repõe a espada na bainha. Vou julgar-te no lugar onde foste criada, na terra de tuas origens. ³⁶Derramarei sobre ti minha indignação^d; soprarei contra ti o fogo do meu furor, entregar-te-ei nas mãos de gente brutal, artífices de extermínio. ³⁷Serás uma presa do fogo, teu sangue será derramado no meio da terra; ninguém mais se recordará de ti, porque eu, o SENHOR, falei^e.

22 As abominações de Jerusalém.

¹Veio-me uma palavra do Senhor:

²E tu, filho de homem, não debes tu julgar, julgar a cidade sanguinária e fazer-lhe conhecer todas as suas abominações? ³Dirás: Assim fala o Senhor DEUS: É uma cidade que derrama sangue no meio dela, logo que chegue seu tempo; que fabrica ídolos dentro dela, logo está maculada! ⁴Pelo sangue que derramaste, te tornaste culpada; pelos ídolos que fabricaste, te maculaste; assim fizeste com que teu dia se aproximasse^f, e chegaste ao termo de teus anos. Por isso faço de ti objeto de vergonha para as nações, e de zombaria para todas as terras. ⁵Próximas ou distantes, rirão de ti, pois teu nome está maculado e grandes são tuas desordens.

⁶Em ti, os príncipes de Israel derramam o sangue, cada qual segundo a força de

v. Lit. *uma mão que deve indicar a direção*. Cf. 1Sm 15.12; Dn 5.5.

w. Ez enumera algumas das práticas divinatórias pelas quais se buscava conhecer a vontade de Deus e assim o futuro. *Os ídolos*, lit. *os terufim*, cf. Jz 17.5.

x. Trata-se dos habitantes de Jerusalém.

y. O texto, obscuro, alude a alguma promessa feita outrora, talvez por falsos profetas, se não pelo próprio Nabucodonosor, e que confirma cada um em sua certeza de ser poupado.

z. Trata-se de Sedecias.

a. É o dia da morte (cf. 2Rs 25.4-7).

b. Este v., que tem em vista o rei da Babilônia, foi interpretado num sentido messiânico; lembra Gn 49.10, interpretado da mesma forma.

c. O v. está prejudicado e a tradução, pouco garantida.

d. A partir deste v., o texto hebr. contém incoerências gramaticais: alternância de plural e singular.

e. Lit. *teus dias*; são os dias da morte.

seu braço. ⁷Em ti, desprezam-se pai e mãe; no meio de ti, faz-se violência ao migrante; em ti, exploram-se o órfão e a viúva. ⁸Desprezas minhas coisas santas, profanas meus sábados. ⁹Em ti, há caluniadores, que incitam a derramar o sangue; em ti, come-se sobre os montes^f; no meio de ti, cometem-se depravações. ¹⁰Em ti, descobre-se a nudez do próprio pai; em ti, abusa-se da mulher em estado de impureza. ¹¹Um comete abominação com a mulher do próximo; outro macula a nora por impudícia e outro ainda, em ti, abusa da irmã, a filha do próprio pai. ¹²Em ti, aceita-se um presente para derramar o sangue; recebes taxas de usura; abusas de teu próximo pela violência; e de mim, tu te esqueces! — Oráculo do Senhor DEUS.

¹³Eis que bato as mãos^g, por causa do lucro que obtiveste e dos crimes cometidos no meio de ti. ¹⁴Teu coração agüentará, tuas mãos estarão firmes, nos dias que te preparei? Eu, o Senhor, falo e cumprio. ¹⁵Vou dispersar-te entre as nações e disseminar-te pelas terras; porei fim à impureza que há em ti. ¹⁶Tu te profanas-te aos olhos das nações, mas conhecerás que eu sou o Senhor".

¹⁷Veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁸"Filho de homem, a casa de Israel tornou-se para mim como escória. Todos, que fossem prata^h, bronze, estanho, ferro, chumbo, tornaram-se escórias no meio da fornalha. ¹⁹Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Visto que todos vos tornastes escórias, vou juntar-vos no meio de Jerusalém: ²⁰ajuntamento de prata, de bronze, de ferro, de chumbo, de estanho, no meio da fornalha, para que o fogo seja atizado até o ponto de fusão; da mesma forma, em minha cólera e em meu furor, eu vos juntarei; vou jogar-vos na fornalha e fazer-vos fundir. ²¹Eu vos reunirei e soprarei sobre vós o fogo de minha

fúria; vos farei fundir no meio de Jerusalém. ²²Como a prata se funde no meio da fornalha, assim vou fundir-vos no meio de Jerusalém; então conhecereis que eu sou o SENHOR que derrama seu furor sobre vós".

²³Veio-me uma palavra do SENHOR: ²⁴"Filho de homem, dize a Jerusalém que ela é uma terra que não foi purificada, que não recebeu chuva no dia da cólera.

²⁵Há uma conjura de seus profetas no meio dela. Como um leão que ruga ao dilacerar a presa, devoram-se as pessoas; arrebata-se os tesouros e as riquezas; multiplicam-se as viúvas na cidade.

²⁶Seus sacerdotes violaram minha lei, profanaram minhas coisas sagradas; não separaram o sagrado do profano; não fizeram conhecer a diferença entre o puro e o impuro; fecharam os olhos aos meus sábados, e eu fui profanado no meio deles. ²⁷Seus chefes estão no meio dela como lobos que devoram uma presa, prontos a derramar sangue, a fazer perecer as pessoas para tirarem proveito disso. ²⁸Seus profetas os rebocam com barro: têm visões inúteis e predições enganosas; dizem: 'Assim fala o Senhor DEUS', quando na realidade o Senhor não falou. ²⁹O povo da terra pratica a violência, comete rapinas; exploram-se os infelizes e os pobres; faz-se violência ao migrante, contra seu direito. ³⁰Busquei entre eles um homem que levantasse a muralha, que se postasse diante de mim, na brechaⁱ, para o bem da terra, a fim de que eu não a destruísse: não o encontrei. ³¹Então derramei sobre eles minha fúria; exterminei-os no fogo do meu furor; pus o peso de sua conduta sobre sua cabeça — oráculo do Senhor DEUS".

23 Os amores de Jerusalém e da Samaria. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, havia duas

f. Cf. 18,6 nota.

g. Como em 21,22, o gesto exprime um sentimento violento que deve ser o furor.

h. A palavra parece ter sido esquecida por um copista, depois acrescentada canhestamente no fim do v.; aqui ela é restituída

ao seu provável lugar, segundo o v. 20.

i. Comparar com 13,5; por isso os falsos profetas não são os únicos responsáveis pela ruína iminente: todos, profetas, sacerdotes, chefes, "povo da terra", carregam parte da responsabilidade.

Sf 3,3-5

44,23

13,10-16

9,10;
Sf 3,8

mulheres, filhas da mesma mãe; ³elas se prostituíram no Egito^d; prostituíram-se ainda bem jovens. Foi lá que lhes esfregaram os seios, amassaram seus peitos de moça. ⁴Eis seus nomes: Oholá, a mais velha, Oholibá, sua irmã^k. Depois elas me pertenceram^l e geraram filhos e filhas. Eis seus nomes: para Samaria, Oholá e para Jerusalém, Oholibá. ⁵Mas Oholá se prostituiu em vez de continuar minha^m. Exibiu sua sensualidade a seus amantes, aos assírios: militaresⁿ ⁶vestidos de púrpura, governadores, prefeitos, todos homens jovens, sedutores cavaleiros montando corcéis. ⁷Concedeu seus favores a toda a elite dos filhos de Assur. Em sua sensualidade, maculou-se com todos os ídolos deles. ⁸Continuou suas prostituições, começadas no Egito, quando dormiam com ela ainda jovem, quando amassavam seus peitos de moça e derramavam sobre ela a volúpia deles. ⁹Por isso entreguei-a nas mãos de seus amantes, nas mãos dos filhos de Assur, aos quais ela exibira sua sensualidade. ¹⁰Eles a desnudaram^o; tomaram seus filhos e suas filhas; e a ela, mataram-na pela espada. Ela se tornou um símbolo^p para as mulheres; pronunciou-se sobre ela a condenação.

¹¹Sua irmã Oholibá viu tudo isto, mas se corrompeu e foi ainda mais sensual; suas prostituições foram ainda piores que as de sua irmã. ¹²Exibiu sua sensualidade aos filhos de Assur: governadores, prefeitos, militares primorosamente vestidos, cavaleiros montando seus corcéis, todos eles, jovens sedutores. ¹³E vi que ela se tornou impura: ambas enveredaram pelo mesmo caminho. ¹⁴Ela foi ainda mais longe nas suas prostituições: viu homens desenhados no muro, imagens de caldeus desenhados com minio; ¹⁵seus rins, cin-

gidos com um cinturão, a cabeça, encimada por um turbante, todos tinham o aspecto de escudeiros, assemelhavam-se aos filhos de Babilônia na Caldéia, sua terra de origem. ¹⁶Logo que os viu, inflamou-se de desejo por eles. Enviou-lhes mensageiros à Caldéia. ¹⁷Então vieram a ela os filhos de Babilônia, para o leito dos amores e a tornaram impura com sua prostituição; ela ficou maculada por causa deles; depois passou a sentir grande aversão por todos eles. ¹⁸Ela revelou seu temperamento de prostituta, desvelou sua nudez; então todo meu ser sentiu repulsa por ela, como todo meu ser já sentira repulsa por sua irmã. ¹⁹Ela multiplicou suas prostituições, recordação dos dias de sua juventude, quando se prostituía no Egito. ²⁰Inflamou-se de desejo por seus concubinos: o membro deles é um membro de jumento, sua ejaculação, a de um garanhão^q.

²¹Voltaste à depravação de tua juventude, quando os egípcios esfregavam teus seios^r, amassavam teus peitos de moça. ²²Por isso, Oholibá, assim fala o Senhor Deus: Eis que vou aticar teus amantes contra ti; esses que todo o teu ser repulsa — farei com que venham contra ti de todas as partes: ²³os filhos de Babilônia e todos os caldeus, Peqod, Shoa e Qoa — todos os filhos de Assur com eles — todos os jovens sedutores, governadores, prefeitos, escudeiros, dignitários, todos eles montando corcéis. ²⁴Então virão contra ti do norte^s, com carros e rodas: povos coligados. O escudo, o broquel, o elmo, eles os instalarão contra ti por todos os lados; exporei diante deles a causa e eles te julgarão segundo o seu direito^t. ²⁵Exercerei meu ciúme contra ti; eles agirão contra ti com furor; eles te

j. Cf. 20,8 nota.

k. Estas duas palavras próprias parecem ter significado simbólico; Oholá: *sua tenda*. Oholibá: *minha tenda nela (junto a ela)*. Mas o sentido último dessas alusões sutis nos escapa.

l. É o tema dos esposais do Senhor e de seu povo: cf. Os 1-3; Jr 2,2.

m. O Senhor se considera ainda como o esposo da mulher infiel; cf. Os 3,1.

n. Poder-se-ia traduzir: *seus vizinhos*.

o. Cf. Os 2,5. O v. faz alusão à pilhagem da Samaria, em 722/721, e ao exílio de seus habitantes; cf. 2Rs 17,6.

p. Lit. *um nome*.

q. Imagens de sexualidade bestial.

r. O texto está prejudicado; a tradução segue o paralelo intacto do v. 3.

s. Palavra hebr. desconhecida; tradução segundo o gr.

t. O culpado era julgado segundo o direito de sua terra; a mulher culpada é aqui abandonada aos estrangeiros que procu-

cortarão o nariz, as orelhas, e o que sobrar de teus habitantes cairá pela espada. Eles levarão teus filhos e tuas filhas, e o que subsistir de ti será devorado pelo fogo. ²⁶Eles te despojarão de tuas vestes e tomarão os objetos de teu adorno. ²⁷Então farei cessar tua impudicícia e a prostituição que te acompanhou desde o Egito; não levantarás mais os olhos para eles e não te recordarás mais do Egito. ²⁸De fato, assim fala o Senhor DEUS: Vou entregar-te nas mãos dos que odeias, nas mãos daqueles que todo teu ser repulsa; ²⁹eles agirão contra ti com ódio; roubarão os teus bens; deixar-te-ão nua e despojada, e a nudez de prostituta será exposta. Tua impudicícia e tua prostituição ³⁰foram a causa de tudo isto, porque te prostituíste seguindo as nações, e depois te maculaste com seus ídolos. ³¹Seguiste o caminho de tua irmã: logo, vou pôr o seu cálice em tua mão. ³²Assim fala o Senhor DEUS:

- Jr 25.15-17 Beberás o cálice de tua irmã;
ele é profundo, ele é largo.
Será ocasião de riso e zombaria,
por causa de sua grande capacidade:
³³de embriaguez e de aflição estarás repleta.
É um cálice de desolação e de consternação,
o cálice de tua irmã Samaria;
³⁴mas o beberás e o esvaziarás;
tu o quebrarás com os dentes,
e com seus cacos* te dilacerarás os seios,
porque eu falei — oráculo do Senhor DEUS.
³⁵Por isso, assim fala o Senhor DEUS:
Visto que me esqueceste e me rejeitaste,
carrega tu mesma o peso de tua impudicícia e de tuas prostituições."

³⁶O SENHOR me disse: "Filho de homem, queres julgar Oholá e Oholibá? Declara-lhes, pois, suas abominações. ³⁷De fato, elas cometeram adultério, e há sangue em suas mãos; elas cometeram adultério com seus ídolos, e chegaram a dar-lhes a comer os filhos que haviam gerado para mim. ³⁸E fizeram mais isto contra mim: no mesmo dia, contaminaram meu santuário, profanaram meus sábados. ³⁹Enquanto imolavam seus filhos aos ídolos, entraram, nesse mesmo dia, em meu santuário e o profanaram. Eis o que elas fizeram no meio de minha Casa. ⁴⁰Além disso', mandaram buscar homens vindos de longe, aos quais fora enviado um mensageiro. Eis que vieram, aqueles para os quais te havias banhado, pintado os olhos e adornado. ⁴¹Depois, te reclinaste num leito luxuoso; na frente, havia uma mesa preparada, onde havias posto meu incenso e meu óleo". ⁴²Ouvia-se o ruído de uma multidão animada, despreocupada. A estes juntou-se uma grande quantidade de homens vindos de todos os pontos do deserto^x. Depositavam braceletes nas mãos das mulheres e uma esplêndida coroa em suas cabeças. ⁴³Então eu disse daquela que estava gasta de adultérios: É ela agora que se entrega às suas prostituições! ⁴⁴E se dirigem a ela como a uma prostituta! Assim vão a Oholá e Oholibá, mulheres depravadas. ⁴⁵Mas homens justos as julgarão, com julgamento que castiga as mulheres adúlteras e as que deram sangue, porque elas são adúlteras e há sangue em suas mãos".

⁴⁶Pois assim fala o Senhor DEUS: "Convoca contra elas uma assembléia^y, e sejam entregues ao terror e à pilhagem;

rara, para ser julgada segundo um direito que lhe é desconhecido e sem se beneficiar do apoio de seus defensores naturais.

u. Tradução incerta; lit. *tu roerás seus cacos; dilacerarás teu seio*. A versão sir. propõe: *rasparás teus cabelos*, o que não é garantido. O sentido parece ser o seguinte: a obstinação da mulher parece ser tal que de tanto sorver o cálice acaba por quebrá-lo, fazendo-o em pedaços, com os quais ela dilacera o peito.

v. Os vv. que seguem são obscuros, devido à liberdade de estilo de Ez, aos acidentes que o texto provavelmente sofreu e sobretudo às numerosas alusões políticas semeadas nesses vv.

por Ez, claras para os contemporâneos, mas incompreensíveis para nós.

w. O incenso, o azeite, oferendas do Senhor, são oferecidos aos pagãos; cf. Os 2.8.

x. Lit. *e um ruído de tumulto estava despreocupado nela e para homens tomados na multidão dos homens eram levados bebedores do deserto*.

y. A palavra hebr. designa no saltério uma assembléia litúrgica, e aqui, a reunião de todos os justos (v. 45), convocados para proceder ao julgamento da culpada.

⁴⁷que a assembleia lance pedras contra elas^a e as abata pela espada; que sejam mortos seus filhos e suas filhas e queimadas as suas casas. ⁴⁸Farei cessar a depravação da terra. Todas as mulheres serão advertidas e não imitarão mais a vossa depravação. ⁴⁹Cairá sobre vós a vossa depravação; dos pecados de vossos ídolos suportareis o peso. Então conhecereis que eu sou o Senhor DEUS”.

24 **Panela enferrujada, cidade sanguinária.** ¹No ano nono, no décimo mês, no dia dez do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: ²“Filho de homem, anota por escrito a data deste dia, exatamente deste dia; porque precisamente neste dia o rei de Babilônia atacou Jerusalém.

³Dize uma parábola a esta geração de rebeldes; tu lhes dirás: Assim fala o Senhor DEUS:

Prepara a panela^a, prepara-a;
deita-lhe água.

⁴Junta nela os pedaços,
todos os pedaços bons: coxa e
espádua;
enche-a com os melhores ossos.

⁵Toma o melhor carneiro,
amontoa os ossos no fundo.
Faze-a ferver com toda fervura,
até os ossos devem nela cozinhar.

⁶Por isso, assim diz o SENHOR:
Ai da cidade sanguinária,
panela enferrujada,
cuja ferrugem não sai;
é arrancada pedaço a pedaço,
— Não foi sobre ela que caiu a sorte^b!

⁷Porque o sangue que derramou
permanece no meio dela.
Ela o derramou sobre a rocha nua;
não o derramou sobre a terra,

nem o cobriu com pó^c.

⁸Para excitar meu furor,
para exercer minha vingança,
deixo sem cobrir
o sangue que ela derramou sobre a
rocha nua^d.

Gn 4.10

⁹Por isso, assim fala o Senhor DEUS:
Ai da cidade sanguinária!
Vou fazer uma grande fogueira.

¹⁰Amontoa lenha,
acende o fogo,
cozinha e recozinha a carne,
acrescenta as especiarias,
e que os ossos sejam queimados.
¹¹Põe a panela vazia sobre as brasas,
para que ela se aqueça,
para que o bronze fique incandescente
e as impurezas se derretam no seu
interior
e a ferrugem desapareça.

¹²Quanto esforço por um pouco de ferrugem! Contudo, nem pelo fogo, a massa de ferrugem desta panela será retirada. ¹³Na tua imundície está a tua depravação; visto que te purifiquei e não estás pura, não serás purificada de tua imundície antes que eu vá até o fim de meu furor contra ti. ¹⁴Eu, o SENHOR, falei. Isto está para acontecer; eu o realizo; não negligenciarei nada; não terei compaixão, nem arrependimento. Serás julgada por tua conduta e por tuas ações — oráculo do Senhor DEUS”.

O luto do profeta. ¹⁵Veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁶“Filho de homem, vou arrancar brutalmente^e a alegria dos teus olhos. Não celebrarás o luto; não farás lamentação e não chorarás. ¹⁷Suspira em silêncio; não realizarás os ritos fúnebres; amarra teu turbante, calça tuas sandálias;

z. É o tratamento reservado à mulher adúltera; cf. Lv 20.10; Dt 22.22; Ez 16.40; Jo 8.5.

a. O comentário proposto por Ez neste capítulo difere do que desenvolvera em 11.3-7. Aqui o profeta parece censurar os habitantes de Jerusalém, satisfeitos afinal por terem permanecido no lugar por ocasião da primeira deportação da 598/97, como pedaços de carne numa panela. Situação perigosa, diz Ez: a panela vai ser posta no fogo e todo o seu conteúdo será queimado.

b. Expressão estranha e inesperada, que pode significar que a cidade não é mais objeto de eleição.

c. Se fosse bebido pela terra ou coberto com poeira, o sangue derramado não clamaria mais a Deus e não exigiria mais sua vingança.

d. Deixado sobre o rochedo nu, o sangue que nem sequer pode se infiltrar na terra excita o furor do Senhor e o leva à vingança. Aqui, o próprio Senhor deixa o sangue sobre o rochedo, para ser levado por ele à vingança.

e. Trad. hipotética de um texto maltransmitido.

f. O termo designa uma doença fulminante (Nm 14.37; 17.13.14 etc.).

não cubras o bigode e não aceites o pão dos vizinhos^h”.

¹⁸Falei ao povo de manhã, e minha mulher morreu de tarde; na manhã seguinte, executei as ordens recebidas. ¹⁹As pessoas me disseram: “Não nos explicarás o que significa para nós o que estás fazendo?” ²⁰Então eu lhes disse: “Veio-me uma palavra do SENHOR: ²¹Fala à casa de Israel: Assim fala o Senhor DEUS: Vou profanar meu santuário, o orgulho de vossa força, a alegria dos vossos olhos, a esperança de vossa vida. Vossos filhos e vossas filhas, que deixastes em Jerusalém^a, cairão pela espada. ²²Então fareis como eu fiz: não cobrireis o bigode; não aceitareis o pão dos vizinhos. ²³Turban-tes na cabeça e sandálias nos pés, não celebrareis o luto e não fareis lamentação, mas apodrecereis em vossas iniquidades e cada um gerará por seu irmãoⁱ.

²⁴Ezequiel terá sido para vós um preságio; tudo o que ele fez, vós o fareis. Quando isto acontecer, conhecereis que eu sou o Senhor Deus. ²⁵E tu, filho de homem, no dia em que eu lhes tirar sua força, seu prazer e seus adornos, a alegria dos seus olhos, a delícia de suas vidas, seus filhos e suas filhas, ²⁶nesse dia virá a ti um sobrevivente para trazer a notícia; ²⁷nesse dia tua boca se abrirá com a chegada do sobrevivente; falarás, pois não estarás mais mudo. Terás sido para eles um presságio; então conhecerão que eu sou o SENHOR”.

25 Profecia contra os filhos de Amon. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²Filho de homem, volta teu olhar para os filhos de Amon, e pronuncia um oráculo contra eles. ³Dirás aos filhos de Amon^j: Escutai a palavra do

Senhor Deus. Assim fala o Senhor DEUS: Porque desprezaste meu santuário que foi profanado, a terra de Israel que foi devastada e a casa de Judá que partiu para o exílio, ⁴vou dar-te em posse aos filhos do Oriente^k; eles instalarão em ti seus campos fortificados, estabelecerão em ti suas moradas. Eles é que comerão teus frutos, eles é que beberão teu leite. ⁵Farei de Rabá uma pastagem de camelos e da terra dos filhos de Amon um cercado para os rebanhos; então conhecereis que eu sou o SENHOR.

⁶Assim fala o Senhor DEUS: Por causa dos teus aplausos e dos teus tripúdios, porque tiveste uma alegria profunda, um desprezo total por aquilo que acontecia à terra de Israel, ⁷eu vou estender a mão contra ti; vou entregar-te às nações para seres pilhada; vou cortar-te do meio dos povos, fazer-te desaparecer dentre os países e suprimir-te: então conhecerás que eu sou o SENHOR.

Profecia contra Moab. ¹Assim fala o Senhor DEUS: Visto que Moab e Seir disseram: “A casa de Judá tornou-se como todas as nações”, ²por isso vou despojar de cidades todas as encostas de Moab, das cidades fronteiriças, glória do seu território: Bet-Ieshimot, Baal-Meon e Qiriataim. ³É aos filhos do Oriente que elas serão dadas em posse, junto com os filhos de Amon, de maneira que entre as nações os filhos de Amon não sejam mais lembrados. ⁴Farei justiça contra Moab, e conhecerão que eu sou o SENHOR.

Profecia contra Edom. ¹Assim fala o Senhor DEUS: Por causa do procedimento de Edom, quando eles se vingaram da casa de Judá, e porque se tornaram cul-

Pr 24,17

Is 15 e 16;
25,10-12;
Jr 48;
Am 2,1-3;
Sf 2,8-1135,1-15;
Is 34,5-17;
Jr 49,7-22;
Am 1,11-12;
Ab 1-1421,33-37;
Jr 49,1-6;
Am 1,13-15;
Sf 2,8-11

g. Lit. o pão dos homens. Trata-se de um conjunto de ritos que marcavam um luto; os parentes do defunto iam, cabeça descoberta, descalços, o rosto em parte coberto por uma espécie de lenço; incapazes de se alimentar por si mesmos, comiam o pão que lhes era oferecido pelos vizinhos ou pelos parentes (cf. Jr 16,7).

h. Por ocasião da deportação de 596, só uma parte da população teve de deixar a Palestina. O profeta anuncia as represálias que sofrerão os que ficaram: filhos ou filhas dos primeiros deportados.

i. Algumas versões entenderam: cada qual consolará seu irmão.

j. Cf. 2Rs 24,2.

k. Trata-se das tribos dos beduínos que se instalaram no território de Amon com camelos e rebanhos.

l. Cf. Jg 1,3.

l. Ou seja, Judá não pode mais pretender ser um povo à parte, protegido pelo Senhor; agora está submetido a Babilônia, como os outros povos.

pados ao vingar-se dela, ¹³assim fala o Senhor DEUS: Estendo a mão sobre Edom; extirparei homens e animais; vou transformá-lo em ruínas desde Teman, e cairão pela espada até Dedan. ¹⁴Porei minha própria vingança em Edom pela mão de Israel, meu povo; eles agirão com relação a Edom segundo minha cólera e meu furor; então conhecerão minha vingança — oráculo do Senhor DEUS.

Is 14,29-31;
Jr 47,1-7;
Jl 4,4-8;
Am 1,9-10;
Sf 2,4-7;

Profecia contra os filisteus. ¹⁵Assim fala o Senhor DEUS: Visto que os filisteus agiram por vingança, visto que fizeram vingança com profundo desprezo, pelo prazer de destruir, por causa de uma hostilidade perene, ¹⁶assim fala o Senhor DEUS: vou estender minha mão contra os filisteus, exterminarei os kereteus^m e arruinarei o resto do litoralⁿ. ¹⁷Farei uma grande vingança, vou impor-lhes um castigo furioso; então conhecerão que eu sou o SENHOR, quando me tiver vingado deles."

Is 23,1-18;
Jl 4,4-8;
Am 1,9-10;
Zc 9,1-4

26 Profecia contra Tiro. ¹No décimo primeiro ano, no primeiro dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR:

²"Filho de homem, já que Tiro disse de Jerusalém:

'Ah! Ah! Está arrombada a porta dos povos!

É minha vez de encher-me, ela está arruinada!'

³Eis que assim fala o Senhor DEUS: Venho contra ti, ó Tiro. Levanto contra ti nações em massa, como o mar ergue suas ondas^o.

⁴Elas destruirão os muros de Tiro, derrubarão suas torres.

Rasparei sua poeira, porei a nu seu rochedo.

⁵Ela se tornará no meio do mar um secadouro de redes — porque eu falei, oráculo do Senhor DEUS —,

ela será pilhada pelas nações, ⁶e suas filhas no campo^p serão mortas pela espada.

Então se conhecerá que eu sou o SENHOR.

⁷Assim, pois, fala o Senhor Deus: Farei vir do norte contra Tiro Nabucodonosor, rei de Babilônia, o rei dos reis^q; ele virá com cavalos, carros, cavaleiros, uma coligação, e grande número de soldados.

⁸Ele matará pela espada tuas filhas no campo;

levantará contra ti aterros. Erguerá contra ti uma rampa e montará contra ti pára-flechas^r.

⁹Com seu aríete lançará golpes contra tuas muralhas,

demolirá tuas torres com suas picaretas.

¹⁰Ele te cobrirá de poeira pelo grande número de seus cavaleiros;

ao ruído dos corcéis, das rodas e dos carros,

tuas muralhas serão sacudidas, quando ele entrar em tuas portas, como se entra numa cidade onde se abriu uma brecha.

¹¹Calcará todas as ruas com o casco de seus cavalos, matará tua população pela espada, e tuas estelas^s, que constituíam tua força, cairão por terra.

¹²De tuas riquezas farão seu butim, pilharão tuas mercadorias, abaterão tuas muralhas, demolirão tuas luxuosas mansões; lançarão no fundo da água

m. Outro nome dos filisteus.

n. No litoral mediterrâneo haviam-se fixado também aliados dos filisteus.

o. Tiro era então uma ilha, batida de todos os lados pelas ondas.

p. Não só Tiro será devastada, mas também as cidades costeiras, as "filhas" dela dependentes.

q. Nabucodonosor (= Nebukadnezar, cf. 2Rs 24,1.10-13) reinou de 605 a 562 a.C. e foi o maior dos reis de Babilônia. Pôs fim ao poder assírio, venceu os egípcios em Karkemish, às margens do Eufrates, e se apoderou de toda a Palestina até a

fronteira do Egito. Ao contrário do que esperava (cf. 30.10-11), não chegou a apoderar-se deste país. Fez um célebre assédio a Tiro; ao cabo de treze anos, a cidade-fortaleza cedeu, mas não foi destruída e conservou até certa independência. O título de "Rei dos reis" só aparece mais tarde na Babilônia, na época dos persas.

r. Espécie de escudos fixos destinados a proteger os arqueiros babilônios dos tiros lançados de uma cidade sitiada.

s. Talvez se trate de duas colunas que flanqueavam a entrada do templo do deus Melkart (cf. 1Rs 7.15-21).

Is 24,8-9;
Ap 18,22

tuas pedras, teu madeirame e tua poeira.
¹³ Farei cessar o tumulto de teus cânticos e a voz de tuas cítaras não se fará mais ouvir.

¹⁴ Porei nu teu rochedo, tornar-te-ás um secadouro de redes, não serás mais reconstruída: porque eu, o SENHOR, falei — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁵ Assim fala a Tiro o Senhor DEUS: Ao fragor de tua queda, no gemido dos feridos, na matança que se realizará no meio de ti, será que as ilhas^a não tremerão?

¹⁶ Todos os príncipes do mar^b descenderão de seus tronos^c, tirarão seus mantos se despojarão de suas vestimentas multicores; vestidos de arrepios e sentados no chão, tremerão sem cessar e se desolarão por ti.

Ap 18,9-12

¹⁷ Entoarão um lamento e dirão de ti: "Oh! desapareceu a cidade cujos habitantes vinham dos mares^d, cidade tão célebre, cuja força e a dos seus habitantes estavam no mar, cidade que provocava por toda parte o terror!"

¹⁸ Agora, as ilhas tremem no dia de tua queda, as ilhas do mar estão consternadas com teu fim.

¹⁹ Assim, pois, fala o Senhor DEUS: Quando eu fizer de ti uma cidade em ruínas, semelhante às cidades desabitadas^e, quando eu fizer subir contra ti o Abismo e tuas grandes águas te cobrirem^f, ²⁰ eu te farei descer com os que estão na cova, ao povo de outrora, e te farei

Ex 15,19

habitar a terra das profundezas. Semeilhante a ruínas eternas, estarás com os que estão na cova: tu não serás mais habitada e eu estabalecerei meu esplendor sobre a terra dos viventes. ²¹ Farei de ti um objeto de consternação e não existirás mais; procurar-te-ão, mas não te encontrarão, nunca mais — oráculo do Senhor DEUS."

Ap 18,21

27 ¹ Veio-me uma palavra do SENHOR: ² "E tu, filho de homem, entoa sobre Tiro um lamento; ³ dirás a Tiro:

Tu que habitas as avenidas do mar, que fazes comércio com os povos, com as ilhas numerosas, assim fala o Senhor Deus:

Ó Tiro, tu que disseste: 'Sou perfeita em beleza',

⁴ tu, cujo território está no coração dos mares, teus construtores^g te fizeram de beleza consumada.

⁵ Com ciprestes de Senir^h, construíram todos os teus bordos, com um cedro tirado do Líbano fizeram o mastro.

⁶ Com as grandes árvores do Bashan, fizeram as fileiras dos teus remos, teu pavilhão de marfim incrustado em cedro das ilhas de Kitim;

⁷ Para tua vela, houve linho multicor do Egito; ela te servia de estandarte. Violeta e escarlata das ilhas de Eliseu eram o teu toldo.

⁸ Teus remadores eram habitantes de Sídon e de Arvad; tinhas sábios a bordo, ó Tiro; eles eram teus pilotos.

⁹ Os anciãos de Guebalⁱ e seus sábios estavam em ti como calafates.

t. Ez se alegra ao pensar que as festas pagãs serão supressas.

u. Trata-se das ilhas mediterrâneas, mas também das costas distantes rumo às quais singravam as frotas fenícias.

v. Os chefes dos estados à margem do Mediterrâneo com os quais Tiro mantinha relações comerciais.

w. As atitudes descritas aqui são ritos de luto atestados em Canaã e no AT: Jô 2,12-13; Lm 2,10; Jn 3,6.

x. O gr. lê: como desapareceste do mar, célebre cidade? e o sir.: como desapareceste, habitante dos mares?

y. Ez e seus contemporâneos puderam ver cidades em ruínas, privadas de habitantes por causa da guerra.

z. Segundo o pensamento antigo, as grandes águas e o Abismo cercavam o mundo com um poder cósmico ameaçador (cf. o Dilúvio). Deus se propõe utilizar aqui este poder contra Tiro.

a. Tiro é comparada a um navio magnífico que vai afundar com seus homens e seus bens.

b. Talvez o Hermon ou o Antilíbano.

c. Isto é, Biblos.

Todos os navios do mar e seus marinheiros estavam em ti para adquirir tuas mercadorias.

¹⁰ A Pérsia, Lud e Put estavam em teu exército, eram teus soldados; suspendiam dentro de ti escudos e elmos, e constituíam tua força.

¹¹ Os filhos de Arvad, com teu exército, estavam em torno de ti, sobre teus muros, e os gamadeus^d em tuas torres. Eles penduravam seus escudos em tuas muralhas; completavam a tua beleza.

¹² Tarshish^e comerciava contigo abundantemente toda sorte de bens: pagavam tuas mercadorias com prata, ferro, estanho e chumbo. ¹³ Mesmo Iavan, Tubal e Méshek faziam comércio contigo; como mercadorias eles te forneciam escravos^f e objetos de bronze. ¹⁴ Os de Bet-Togarmá pagavam-te as mercadorias com cavalos de tração, corcéis e mulas. ¹⁵ Os filhos de Dedan negociavam contigo; nas tuas mãos^g estava o comércio de muitas ilhas; em pagamento davam-te um tributo de chifres de marfim e troncos de ébano. ¹⁶ Arâm^h negociava contigo o que fabricavas em abundância. Pagavam as tuas mercadorias com carbúnculosⁱ, púrpura, bordados, bisso, corais e rubis. ¹⁷ Mesmo Judá e a terra de Israel comerciavam contigo; davam-te em pagamento trigo de Minit^j, painço^k, óleo e resina.^l ¹⁸ Damasco negociava contigo o que fabricavas em abundância, toda espécie de bens excedentes. Eles te forneciam vinho de Helbon e lã de Şāhar^m. ¹⁹ Vedan e Iavan-Meuzalⁿ forneciam-te como frete o ferro trabalhado, cássia e caníço aromático, que

passavam a fazer parte de tuas mercadorias. ²⁰ Dedan negociava contigo tecidos para selaria. ²¹ A Arábia e todos os príncipes de Qedar também faziam negócios contigo; faziam comércio contigo de cordeiros, carneiros e bodes. ²² Até os comerciantes de Shebá e de Raemá^o faziam negócios contigo, trocando as tuas mercadorias com os mais finos perfumes, com toda sorte de pedras preciosas e ouro. ²³ Harran, Kanê e Éden — os comerciantes de Shebá —, Assur, Kilmad faziam comércio contigo. ²⁴ Eles também comerciavam contigo: vestes de gala, mantos de púrpura e de brocado, tecidos bicolores, cordas trançadas e cabos, tudo posto no teu mercado.

²⁵ Navios de Tarshish faziam o transporte das tuas mercadorias.

Ficaste repleta, carregada ao máximo, no coração dos mares.

²⁶ Teus remadores te levaram para as grandes águas...

O vento do oriente^p te arrastou para o coração dos mares.

²⁷ Teus bens, tua mercadoria, teu comércio, teus marinheiros, teus pilotos, teus calafates, teus mercadores, todos os homens de guerra, todos os que se reúnem junto a ti, caem no coração dos mares, no dia de tua queda.

²⁸ Ao ruído do clamor de teus pilotos, as margens^q tremem.

²⁹ Então todos os que manejam o remo descem de seus navios, os marinheiros, todos os pilotos do mar; eles permanecem em terra.

³⁰ Fazem ouvir sua voz a teu respeito, gritam amargamente, jogam poeira sobre a cabeça,

Ap 18,
12-13

IRs 10,15

IRs 10,10

Ap 18,
11-19

d. Nome desconhecido.

e. Lugar geográfico mal determinado (pode ser a Espanha ou a região do mar Negro) que parecia ser a extremidade do mundo conhecido. Cf. IRs 10,22; Jn 1,3.

f. Lit. *vidas de homens* ou *pessoas*.

g. Tradução hipotética de expressão pouco clara.

h. As versões tinham sob os olhos um texto com as letras da palavra Edom.

i. Tradução possível, mas incerta, de termos raros.

j. Originariamente a designação geográfica, a palavra deu seu

nome a uma variedade de cereais.

k. O termo hebr., desconhecido, é traduzido segundo o sir.

l. Segundo Gn 37,25, a resina era um produto comercializado. m. *Helbon* e *Şāhar*, duas regiões provavelmente ao norte de Damasco.

n. Regiões desconhecidas. O texto parece corrompido.

o. Provavelmente ao sul da Arábia.

p. O vento do oriente era temido por sua violência destruidora. Cf. Ex 14,21; Sl 48,8; Jó 1,19; 27,21.

q. Tradução incerta.

rolam na cinza.

- 16 1.20 ³¹ Raspam o crânio por causa de ti,
vestem-se com sacos.
Choram sobre ti, em sua amargura,
em amargas lamentações.
- ³² Em sua dor, entoam um lamento sobre ti
e em seu luto cantam:
‘Quem era como Tiro,
fortaleza no meio do mar?’
- ³³ Exportando tua mercadoria sobre os
mares*,
saciaste numerosos povos;
pela abundância de teus bens e de tuas
mercadorias,
enriqueceste os reis da terra.
- ³⁴ É o tempo do naufrágio no mar,
nas profundezas das águas;
tuas mercadorias,
todos os que se reuniam junto a ti, afun-
daram.
- ³⁵ Todos os habitantes das ilhas ficam
desolados por causa de ti,
seus reis se arrepiam de horror,
têm o rosto desfeito.
- ³⁶ Os que fazem comércio entre os povos
assobiam sobre ti:
tu te tornaste objeto de consternação.
Não mais existirás, nunca mais.”

28 Profecia contra o príncipe de Tiro. ‘Veio-me uma palavra do

SENHOR: ²‘Filho de homem, dize ao príncipe de Tiro: Assim fala o Senhor DEUS: Visto que te encheste de orgulho, e disseste: ‘Sou um deus’, estou sentado num trono divino no coração dos mares’, quando na realidade és homem e não Deus,

Gn 3,5;
11,4;
Is 14,13s
2Ts 2,4

já que te julgaste igual aos deuses’...

- ³ Eis que és mais sábio que Daniel*,
nenhum segredo te é oculto.
- ⁴ Com tua sabedoria e tua inteligência,
conseguiu uma fortuna;
adquiriste tesouros de ouro e prata.
- ⁵ Por tua extrema sabedoria, por teu
comércio,
multiplicaste tua fortuna;
ficaste orgulhoso por tantas riquezas...
- ⁶ Por isso, assim fala o Senhor DEUS:
Visto que puseste teu coração
na mesma categoria do coração dos
deuses,
- ⁷ vou enviar contra ti estrangeiros, a mais
tirânica das nações;
eles sacarão a espada contra tua bela
sabedoria
e profanarão tua majestade.
- ⁸ Eles te farão descer à cova,
morrerás de morte violenta*,
no coração dos mares.
- ⁹ Diante daquele que te vai matar
ousarás dizer: ‘Sou um deus’,
quando na realidade és homem e não
Deus e estás em poder dos que te
vão traspassar?
- ¹⁰ Pela mão de estrangeiros
terás a morte dos incircuncisos.
Sim, eu falei — oráculo do Senhor
DEUS”.
- ¹¹ Veio-me uma palavra do SENHOR:
- ¹² ‘Filho de homem, entoam um lamento
sobre o rei de Tiro*. Tu lhe dirás: Assim
fala o Senhor DEUS:
Tu que selas a perfeição*,
que estás cheio de sabedoria, perfeito
em beleza,
¹³ estavas em Éden, no jardim de Deus,

r. Pode-se também traduzir: *tirando tua mercadoria do mar*. s. Os traços característicos de Gn 2-3 encontram-se também nesse cap.: a pretensão à igualdade divina (v. 2), a sabedoria como motivo de auto-suficiência (vv. 3-4), a ameaça de morte (v. 8), o jardim de Éden e a criação (v. 13), o querubim guardião (v. 14), a degradação (v. 16). Penetrando nas origens profundas do pecado, a reflexão bíblica descobre ali uma sutil pretensão à igualdade com Deus.

1. Lit. *Deste o teu coração como o coração dos deuses*. A frase fica suspensa; a sequência do raciocínio recomeça no v. 6. u. Cf. 14,14 nota.

v. Lit. *(como) a morte do traspassado*.

w. Ao mito do jardim de Éden (cf. v. 2 nota), o profeta acrescenta o do herói celeste punido por suas faltas e consumido no fogo, mas que reencontra a vida no próprio seio da fogueira (vv. 14,16), para aparecer ressuscitado na pessoa do rei assim divinizado. É precisamente esta pretensão real à divindade que Ez considera o pecado capital. Por isso, vê o rei de Tiro expulso do quadro luminoso (pedras preciosas e carvões ardentes: lit. *pedras de fogo*) do qual fazia sua glória. E em seguida o profeta não quer ver naquela fogueira mais do que um castigo (vv. 17,18) e ali onde o mito falava de divinização, o profeta fala de profanação.

x. Tradução incerta de uma expressão obscura.

cercado de muros de pedras preciosas^y; sardônia, topázio e jaspé, crisólito, berilo e ônix, lazulita, carbúnculo e esmeralda; e o ouro, de que são feitos os tamborins e as flautas^z, preparado para ti no dia de tua criação.

Gn 3,24 ¹⁴ Eras um querubim cintilante, o protetor que eu havia estabelecido; estavas sobre a montanha santa de Deus,

ias e vinhas no meio das brasas ardentes. ¹⁵ Tua conduta foi perfeita desde o dia de tua criação, até que se descobriu em ti a perversidade:

¹⁶ pela amplidão do teu comércio, te encheste de violência e pecaste. Coloco-te, pois, na categoria do profano, longe do monte de Deus^a, vou expulsar-te, querubim protetor, do meio das brasas ardentes.

¹⁷ Tu te orgulhaste de tua beleza, deixaste o esplendor corromper tua sabedoria.

Precipito-te por terra^b, dou-te em espetáculo aos reis^c.

¹⁸ Pelo número dos teus pecados, pelo teu comércio criminoso, profanaste teu santuário. Vou fazer sair um fogo do meio de ti, ele te devorará,

reduzir-te-ei a cinzas sobre a terra, sob os olhos de todos os que te contemplam.

¹⁹ Todos os que dentre os povos te conhecem ficarão estupefatos por causa de ti; objeto de espanto te tornarás. Deixarás de existir, para sempre!"

Jl 4,4-8 **Profecia contra Sídon.** ²⁰ Veio-me uma palavra do SENHOR: ²¹ "Filho de homem,

volta teu olhar para Sídon, e pronuncia um oráculo contra ela. ²² Dirás: Assim fala o Senhor DEUS:

Venho contra ti, Sídon.

Serei glorificado no meio de ti.

Então se conhecerá que eu sou o SENHOR, por causa dos julgamentos que executarei contra ela; Is 5,16

então, manifestarei nela minha santidade.

²³ Enviarei a peste, haverá sangue em suas ruas; os mortos cairão, no meio dela, por causa da espada

erguida contra ela de todas as partes. Então se conhecerá que eu sou o SENHOR.

²⁴ E não haverá mais contra a casa de Israel espinheiros pungentes, ou espinhos torturantes; em torno dela não haverá gente que a despreze. Então se conhecerá que eu sou o SENHOR.

²⁵ Assim fala o Senhor DEUS: Quando eu reunir a casa de Israel dentre todos os povos em que ela se encontra dispersa, manifestarei nela minha santidade aos olhos das nações: habitarão sobre seu solo, aquele que dei a meu servo Jacó. 36,24

²⁶ Habitarão em segurança, contruirão casas, plantarão vinhas; habitarão em segurança. Quando eu executar meus julgamentos contra todos os que os desprezam nas circunvizinhanças, conhecerão que eu sou o SENHOR, seu Deus". 36,23

29 Profecia contra o Egito. ¹ No décimo ano, no décimo mês, no dia doze do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: 30; 32; Is 19,1-25; Jr 46,2-26

² "Filho de homem, volta teu olhar para Faraó, rei do Egito, e pronuncia um oráculo contra ele e contra o Egito inteiro.

³ Fala e dize: Assim fala o Senhor DEUS: Venho contra ti, Faraó, rei do Egito, grande dragão^d escondido no meio de seus Nilos^e;

y. O jardim, fechado com um muro de pedras preciosas (cf. Gn 2,11-12), se torna a Jerusalém celeste (Ap 22,18-20). Alguns aproximam as pedras preciosas do jardim das do peitoral do sumo sacerdote (Ex 28,15-20).

z. A identificação das pedras é incerta, mas também a tradução das palavras *tamborins* e *flautas*.

a. O rei, este querubim guardião do jardim de Éden, é expulso do seu domínio sagrado e despojado de suas prerrogativas divinas.

b. Este termo significa provavelmente aqui o mundo inferior dos mortos; trata-se de uma profanação total para um querubim.

c. Ou seja, os reis das terras que mantinham comércio com Tiro.

d. *Dragão*: personagem mitológico, inimigo de Deus em muitos textos bíblicos, por exemplo, 32,2; Sl 74,13; Jó 7,12. Ez provavelmente se inspira na silhueta do crocodilo, animal comum do Egito antigo, ao qual Faraó é assemelhado.

e. Ou seja, o Nilo e as ramificações de seu delta.

foste tu que dissesse: 'A mim pertence meu Nilo, e eu me fiz a mim mesmo'.

⁴ Vou prender-te ganchos nas mandíbulas, farei os peixes dos teus Nilos se prenderem às tuas escamas.

e te tirarei do meio dos teus Nilos com todos os peixes dos teus Nilos pregados às tuas escamas.

⁵ Eu te lançarei no deserto com todos os peixes dos teus Nilos; cairás no chão, na superfície dos campos,

sem que te recolham, nem juntem^a.

Vou dar-te como pasto aos animais da terra e às aves do céu.

⁶ Então todos os habitantes do Egito conhecerão que sou o SENHOR, cles que foram^b um apoio de caniço para toda a casa de Israel.

Is 36,6

⁷ Para os que te tomam pela mão, tu te rachas e lhes traspassas toda a espádua; para os que se apóiam em ti, tu te despedaças e paralisas¹ os seus rins.

⁸ Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Farei vir sobre ti a espada e exterminarei em ti homens e animais. ⁹ A terra do Egito se tornará um deserto de ruínas; então se conhecerá que eu sou o SENHOR; pois ele disse: 'O Nilo é meu, fui eu que o fiz.'

¹⁰ Por isso, tomo posição contra ti e contra os teus Nilos: transformarei a terra do Egito em ruínas, em ruínas desérticas, desde Migdol até Sienne¹ e até os confins de Kush. ¹¹ O pé do homem não passará por ali, e o pé dos animais tam-

bém não passará; ficará desabitada durante quarenta anos^k. ¹² Farei da terra do Egito um deserto no meio de terras desérticas; suas cidades serão um deserto no meio de cidades em ruínas, durante quarenta anos, e dispersarei os egípcios entre as nações, eu os espalharei pelas terras¹. ¹³ Mas assim fala o Senhor DEUS: No fim de quarenta anos, reunirei os egípcios dentre os povos onde foram dispersados^m. ¹⁴ Mudarei o destino dos egípcios; eu os farei voltar à terra do sulⁿ, a sua terra de origem, e ali estabelecerão um modesto reino. ¹⁵ Será mais modesto do que os outros reinos e não se elevará acima das nações. Vou diminuí-lo, para que não volte a dominar as nações. ¹⁶ Ele não representará mais para a casa de Israel a segurança que a levou a pecar, voltando-se para o Egito^o. Então se conhecerá que eu sou o SENHOR."

Is 19,16-25

¹⁷ No vigésimo sétimo ano, no primeiro mês, no primeiro dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁸ "Filho de homem, Nabucodonosor, rei de Babilônia, empenhou seu exército num grande esforço contra Tiro: descalvaram-se todas as cabeças, todos os ombros ficaram esfolados^p, mas em Tiro ele não encontrou salário para si, nem para seu exército, para compensar o esforço que empreendera contra a cidade^q. ¹⁹ Por isso, assim fala o Senhor DEUS: 'Vou dar a terra do Egito a Nabucodonosor, rei de Babilônia; ele arrebatará suas riquezas, tomará todo o butim e a saqueará completamente. O Egito servirá de salário para seu

Jr 43,8-13

f. A expressão *fazer-se a si mesmo*, única em hebr., supõe a tradução hebr. de uma fórmula egípcia clássica em que o deus sol, ao qual o Faraó é assimilado, proclama: "Eu vim à existência por mim mesmo". Contudo, o texto não é totalmente seguro: cf. v. 9, e sir.: *o Nilo é meu, fui eu quem o fez*.

g. Isto é, sem que sejam recolhidos os restos para sepultá-los. É o sinal de decadência e abandono completos.

h. Segundo o v. seguinte e segundo as versões, seria preciso traduzir: *tu foste*...

i. Tradução incerta. O sir. provavelmente está mais próximo do texto original: *tu fazes tremer*.

j. Migdol e Sienne, cidades do extremo norte e do extremo sul do Egito.

k. A punição terá a mesma duração da dos hebreus no deserto e da população de Judá no exílio. Cf. 4,6 nota.

l. Ez anuncia ao Egito um castigo idêntico ao de Jerusalém. Cf. cap. 5 etc.

m. Mesmo intervindo duramente contra os orgulhosos e os adversários de seu povo, Deus não pune para sempre. Inicialmente "dispersos entre as nações", os egípcios serão finalmente "reunidos dentro os povos", exatamente como Israel (34,12-13 etc.).

n. Lit. *na terra de Patrão*, cf. Gn 10,14 nota.

o. Ez faz alusão à política das alianças com o Egito (cf. 17,15), política que seus predecessores já haviam condenado. Cf. Is 30, 2-3; Jr 2,18; 42,15; Os 7,11.

p. Por causa das cargas transportadas na cabeça ou nos ombros durante todo o assédio.

q. Depois de treze anos de cerco, Tiro, submetida, não pôde ser pilhada. Ez constata que sua profecia contra Tiro (caps. 25-28) não se realizou, e que a cidade subsiste.

exército'. ²⁰Em paga do esforço que ele fez, vou dar-lhe a terra do Egito, porque ele e seu exército trabalharam para mim — oráculo do Senhor DEUS.'

²¹Nesse dia, farei crescer o poder da casa de Israel; e quanto a ti, filho de homem, vou dar-te a possibilidade de falar no meio deles. Então conhecerão que eu sou o SENHOR."

30 O dia do Senhor e o Egito. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, pronuncia um oráculo; dirás: Assim fala o Senhor DEUS:

Grita pelo dia de desgraça!

³Pois o dia está próximo, próximo o dia do SENHOR'.
Será um dia de nuvens, o tempo das nações.

⁴A espada penetrará no Egito, e haverá angústia em Kush, quando os mortos caírem no Egito; apoderar-se-ão de suas riquezas, seus fundamentos serão demolidos.

⁵Kush, Put, Lud', toda esta mistura de povos", Kub e a gente da terra aliada' cairão com eles sob a espada.

⁶Assim fala o SENHOR:

Cairão as defesas do Egito, o orgulho de sua força ruirá; de Migdol a Siene", cairão sob a espada — oráculo do Senhor DEUS.

⁷Estes lugares ficarão desertos, no meio de terras desertas, e suas cidades estarão no meio de cidades em ruínas. ⁸Então se conhecerá que eu sou o SENHOR, quando atear fogo ao Egito e todos os seus arimos forem quebrados. ⁹Nesse dia, sairão mensageiros de minha parte em barco,

para aterrorizar Kush, que está em segurança; haverá angústia no meio deles, no dia do Egito. Sim, isto vai acontecer.

¹⁰Assim fala o Senhor DEUS:

Farei cessar o tumulto do Egito, pela mão de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

¹¹Ele e sua gente, a mais tirânica das nações,

foram trazidos para destruir a terra. Sacarão suas espadas contra o Egito e encherão a terra de mortos.

¹²Farei dos Nilos uma região seca, entregarei a terra nas mãos dos malvados, devastarei a terra e o que ela contém, pela mão de estrangeiros. Eu, o SENHOR, falei.

¹³Assim fala o Senhor DEUS:

Farei perecer os ídolos, suprimirei os falsos deuses de Mênfis, e da terra do Egito, o príncipe: não haverá mais nada.

Instalarei o temor na terra do Egito.

¹⁴Devastarei a terra do sul', atcarei fogo a Tânis',

e executarei julgamentos em Tebas.

¹⁵Derramarei meu furor sobre Sin, o baluarte do Egito', interrompereí o movimento de Tebas. ¹⁶Atcarei fogo ao Egito, Sin se contorcerá de dor, Tebas será fendida", Mênfis será inundada". ¹⁷Os jovens de On ou e de Pi-Bésér' cairão pela espada e as mulheres irão ao cativo. ¹⁸Em Dafne o dia não se levantará quando eu quebrar os jugos' do Egito. Farei cessar na cidade o orgulho de sua força; uma nuvem a cobrirá, e suas filhas irão para o cativo. ¹⁹Executarei

r. Com efeito, Nabucodonosor não pôde conquistar o Egito, apesar de sua campanha contra o Faraó Amósis (568-526).

s. Ez retoma a idéia (ver cap. 7) do *dia do Senhor*, de que já falara Am (5.18); mas enquanto anteriormente se tratava de um julgamento que só atingia Israel, Ez vê este julgamento estender-se às outras nações, particularmente ao Egito (vv. 4-26) e a Magog (39.8).

t. Put e Lud: povos africanos da Líbia.

u. Lit. *toda a mistura*. O texto do v., visivelmente malconservado, deixa pensar que se deveria ler (sem mudar as letras) *toda a Arábia*.

v. Tratar-se-ia de uma aliança entre o Egito e a Líbia.

w. Cf. 29.10 nota.

x. Cf. 29.14 nota.

y. Cidade do delta.

z. Cidade do nordeste do Egito.

a. Ou seja, seus inimigos abrirão seus muros.

b. Tradução segundo o gr.: o texto hebr. está muito corrompido para dar um sentido coerente.

c. Duas cidades do delta. No lugar de On (= Heliópolis), o hebr. lê *áven* (delito).

d. As versões têm *os cetras*, o que provavelmente é um texto melhor: Ez anuncia neste capítulo que o Senhor efetivamente quebrará todos os sinais do poder egípcio.

julgamentos, no Egito; então se conhecerá que eu sou o SENHOR."

²⁰No undécimo ano, no primeiro mês, no sétimo dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR. ²¹"Filho de homem, eu quebro o braço de Faraó, rei do Egito; e não o atarão, não lhe porão remédio, não o enfaixarão, não lhe porão ataduras, a fim de que esse braço não recobre a sua força e segure a espada". ²²Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Tomo posição contra o Faraó, rei do Egito. Quebrarei seus braços, o braço que está bom e o que já está quebrado, e farei com que a espada caia de sua mão. ²³Dispersarei os egípcios entre as nações, e os espalharei pelas terras. ²⁴Mas fortalecerei os braços do rei de Babilônia e porei minha espada em sua mão^f; quebrarei os braços de Faraó, que soltará gemidos de um ferido de morte. ²⁵Fortalecerei os braços do rei de Babilônia, enquanto os braços de Faraó cairão. Então se conhecerá que sou o SENHOR e quando puser minha espada na mão do rei de Babilônia que a brandirá contra a terra do Egito. ²⁶Dispersarei os egípcios entre as nações e os espalharei pelas terras. Então se conhecerá que eu sou o SENHOR!"

Dn 4 31 A parábola do grande cedro. ¹No undécimo ano, no terceiro mês, no primeiro dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, dize a Faraó, rei do Egito, e à sua multidão: A quem te assemelhas, tu que és tão grande? ³A um cipreste, a um cedro do Líbano que teria belas ramagens, formando uma floresta umbrosa e com um tronco tão elevado

que seu topo estaria entre as nuvens^g?

⁴As águas o fizeram crescer; o Abismo que o havia feito crescer faz seus rios fluírem em torno do lugar em que está plantado^h e envia seus canais a todas as árvores dos camposⁱ.

⁵Dessa forma, pois, seu tronco era mais alto do que o de todas as árvores dos campos, seus ramos se multiplicaram, seus galhos se alongaram sob o efeito das grandes águas, quando ele lançou seus brotos^j.

⁶Todas as aves do céu faziam ninho em suas ramagens, todos os animais selvagens procriavam debaixo de seus galhos e toda a multidão dos povos habitava à sua sombra^k.

⁷Era belo por sua grandeza, pela ampliação de sua ramagem; suas raízes se estendiam até as grandes águas.

⁸Os cedros do jardim de Deus não se igualavam a ele, os ciprestes não eram comparáveis a seus ramos nem os plátanos aos seus galhos; nenhuma árvore no jardim de Deus^l lhe era comparável em beleza.

⁹Eu o fizera belo pela abundância de sua ramagem, todas as árvores de Éden que estavam no jardim de Deus tinham inveja dele.

¹⁰Por isso assim fala o Senhor DEUS: Porque elevaste^m teu tronco, porque ele elevou sua copa entre as nuvens, porque se elevou com orgulhoⁿ, "eu o entrego nas mãos do chefe das nações que o tratará segundo a sua maldade^o. Eu os expulsei.

e. A parábola quer mostrar a debilidade do Egito.

f. O Senhor encarrega o rei da Babilônia de realizar os julgamentos divinos; assim, este mesmo rei deve apoderar-se de Jerusalém pela vontade de Deus. Cf. Jr 32,28; 43,10.

g. Traduzido segundo o gr.; hebr.: *seu topo estaria entre os ramos*; cf. vv. 10 e 14.

h. O cedro tem uma dimensão e um poder cósmicos: ao mesmo tempo toca as profundidades do abismo e a altura dos céus, onde estão as nuvens.

i. As outras nações tiram sua subsistência do Egito.

j. Tradução incerta. Texto obscuro.

k. Descrição da importância política do Egito.

l. Ap 2,7 cita este v. segundo o gr.: *a árvore que está no "paraíso" de Deus*.

m. Sir. e Vulg. têm: *elevou a sua estatura*.

n. Lit.: *seu coração se exaltou em altura*.

o. O orgulho do Egito que quer subir até o céu chamava a condenação, como o orgulho do rei de Tiro e o dos construtores da torre de Babel. Cf. Gn 11,4; Is 2,12-17; Ez 28,2.

¹²Os mais tirânicos estrangeiros das nações o abateram, depois o abandonaram. Sua ramagem caiu sobre as montanhas e em todos os vales, seus galhos foram quebrados em todos os leitos das torrentes da terra, todos os povos da terra deixaram sua sombra, depois o abandonaram^p.

¹³Todos os pássaros do céu pousam sobre seus despojos, todos os animais selvagens pisoteiam seus galhos^q.

¹⁴Isso acontece para que nenhuma árvore bem regada se eleve a ponto de sua copa ultrapassar as nuvens, para que nenhuma árvore bem irrigada se eleve com orgulho acima das outras. Pois todos são entregues à morte, à terra das profundezas, no meio de filhos de homens, junto aos que descem à cova^r.

¹⁵Assim fala o Senhor DEUS: No dia em que o cedro desceu ao Sheol, obriguei o Abismo a usar luto por ele; eu o cobri, ^{32.7}detive os rios, e as águas caudalosas foram estancadas; por ele tornei sombrio o Líbano, e fiz definhar todas as árvores dos campos^s por causa dele. ¹⁶Fiz tremer as nações com o estrondo de sua queda, quando o fiz descer ao Sheol com os que descem à cova. Todas as árvores de Éden se desforram^t na terra das profundezas: as árvores seletas, as melhores do Líbano, todas as que são regadas pelas águas. ¹⁷Também estas desceram com ele ao Sheol, junto aos que foram traspassados pela espada. Eram seu braço^u e habitavam à sua sombra no meio das nações. ¹⁸A quem és comparável em glória, em grandeza, entre as árvores de Éden? Fizeram-te descer, com as árvores de Éden, à terra das profundezas; serás posta no meio dos incircuncisos, com os que foram mutilados pela espada. Assim será

Faraó e toda a sua multidão — oráculo do Senhor DEUS."

32 Lamentação sobre Faraó. ¹No décimo segundo ano, no décimo segundo mês, no primeiro dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, entoa um lamento sobre Faraó, rei do Egito, e dize:

Tu eras comparável ao leãozinho das nações, eras como um dragão dos mares, fazias esguichar teus rios^v, turvavas a água com tuas patas, poluías os rios.

³Assim fala o Senhor DEUS: Estenderei ^{17.20; 18.21}minha rede sobre ti, por ocasião da assembléia de povos numerosos, e te puxarão^w na minha rede^x.

⁴Eu te jogarei ao chão, eu te lançarei na superfície dos campos, farei pousar em ti todas as aves do céu ^{31.13}e os animais de toda a terra se saciarão em ti.

⁵Exporei tua carne sobre os montes, encherei os vales com tuas carcaças, ⁶irrigarei a terra com o sangue que escorre de ti^y sobre as montanhas e os leitos dos córregos se encherão dele.

⁷Quando tua luz for extinta, cobrirei os céus, e obscurecerei as estrelas, cobrirei o sol com uma nuvem ^{Ap 6.12}e a lua não dará mais sua luz.

⁸Todas os luminares dos céus, eu os obscurecerei por causa de ti, estenderei as trevas sobre tua terra — oráculo do Senhor DEUS.

⁹Irritarei o coração de numerosos povos, quando eu fizer sentir às nações, a estas terras que não conheces, as consequências de tua queda^z. ¹⁰Por causa de ti,

p. Descrição do esmagamento político do Egito.

q. A imagem da árvore abatida está próxima da do cadáver do qual se alimentam as aves e os animais (cf. 32.4).

r. As potências políticas que querem igualar-se a Deus subindo ao céu, como árvores, não passam de construções mortais votadas ao desaparecimento.

s. Tradução incerta; hebr. obscuro.

t. Cf. vv. 8-9.

u. Tradução incerta: o hebr. é pouco seguro.

v. De novo (cf. cap. 31) a situação do rei é descrita nos termos cósmicos da Antiguidade: o dragão, o mar e seus rios.

w. O gr. e a Vulg. parecem ter um texto melhor: *eu te puxarei*. x. Cf. 12.13 nota.

y. Tradução segundo o gr.; hebr. obscuro.

z. Lit. *quando eu trazer... tua quebra*. Talvez se deva preferir a versão gr.: *quando eu trazer... teus prisioneiros*.

infligirei a numerosos povos a desolação, e os cabelos dos reis ficarão em pé por causa de ti, quando eu brandir minha espada diante de teu rosto. Ninguém deixará de tremer até as bases, no dia em que caíres.

¹¹ Pois assim fala o Senhor DEUS:

A espada do rei da Babilônia penetrará em ti.

¹² Farei cair tua multidão sob a espada dos guerreiros; juntos formam a mais tirânica das nações, quebrantarão o que constitui a arrogância do Egito; toda a sua multidão será exterminada.

¹³ Farei perecer todos os animais que ele possuía junto das grandes águas^a; o pé do homem não mais as turvará, os cascos dos animais não mais as turvarão.

¹⁴ Farei baixar as águas do Egito, e farei escorrer seus rios como azeite — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁵ Quando eu tiver feito da terra do Egito um deserto, e esvaziado essa terra de seu conteúdo, ferindo todos os que ali habitam, então se conhecerá que eu sou o SENHOR.^b

¹⁶ É um lamento: a ser cantado; que as filhas das nações o cantem, que cantem este lamento sobre o Egito e sobre toda a sua multidão — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁷ No décimo segundo ano, no décimo quinto dia do mês, veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁸ "Filho de homem, lamenta-te sobre a multidão do Egito; faze-a descer ao Abismo, ela e as filhas das nações^b.

Apesar do seu esplendor, caíam na terra das profundezas, com aqueles que desceram à cova.

¹⁹ "És tu mais simpático que os outros? Desce ao túmulo com os incircuncisos —

²⁰ no meio daqueles que caíram atravessados pela espada.

Agora que a espada caiu, arrastai o Egito e toda a sua multidão! ²¹ Do meio do Sheol, os chefes dos guerreiros lhe falarão com seus auxiliares. Os incircuncisos, traspassados pela espada, desceram, estão deitados no túmulo.

²² Ali se encontra Assur com toda a sua assembléia^d, e em redor, seus túmulos; todos foram traspassados, caíram sob a espada. ²³ Os túmulos de Assur foram arremessados ao fundo da cova; aí está sua assembléia, e seus túmulos em redor. Foram traspassados, caíram sob a espada, todos os que provocavam a consternação na terra dos viventes.

²⁴ Ali se encontra Elâm com toda a sua multidão, e em redor, seus túmulos. Todos foram traspassados, caíram pela espada; baixaram incircuncisos à terra das profundezas, eles que provocavam a consternação na terra dos viventes. Carregam sua desonra com os que desceram à cova. ²⁵ No meio dos mortos foi posto um leito para Elâm, no meio de toda a sua multidão, cercado por seus túmulos. Todos estes incircuncisos são traspassados pela espada. Contudo, viveu-se no terror, por causa deles, na terra dos viventes! Carregam sua desonra, com os que desceram à cova. Foi posto no meio dos mortos.

²⁶ Ali está Méshek, Tubal com toda a sua multidão, e em redor, seus túmulos; todos incircuncisos, traspassados pela espada, pois semeavam terror na terra dos viventes. ²⁷ Não podem fazer entre os guerreiros^e, eles que caíram incircuncisos^f. Desceram ao Sheol com seu equipamento de guerra; suas espadas foram postas sob suas cabeças e seus crimes estão sobre seus ossos, porque, como guerreiros, semearam terror na terra dos viventes. ²⁸ Tu mesmo serás abatido entre os incircuncisos, jazerás com os que a espada traspassou.

a. Isto é, o Nilo. Os animais não são descritos. Provavelmente se trata de animais mitológicos, como no v. 2.

b. Tradução incerta; o texto, obscuro, parece corrompido.

c. Este v. provavelmente estaria melhor no corpo do v. 21, como o sugere a versão gr.

d. O rei de Assur e outros príncipes com todos os seus exér-

citos são enterrados no mais profundo do Sheol.

e. Na mitologia antiga, os heróis caídos na guerra deviam ter um lugar privilegiado entre os mortos. Aqui a incircuncisão dos vencidos os torna indignos de toda honra.

f. Certas versões dizem: *eles não podem fazer com os heróis que tombaram outrora.*

²⁹Ali se encontra Edom: seus reis e todos os seus príncipes, apesar de suas façanhas, são postos entre os que a espada traspassou; também eles jazem com os incircuncisos e com os que desceram à cova.

³⁰Ali se encontram os chefes do setentrão, e todos os sidônios que desceram para junto dos mortos; apesar do terror que provocaram, estão envergonhados de suas façanhas e, incircuncisos, jazem com os que foram traspassados pela espada; carregam sua desonra, com os que desceram à cova.

³¹Faraó os verá, e se consolará por causa de toda esta multidão. Faraó e todo o seu exército serão mortos pela espada* — oráculo do Senhor DEUS. ³²Sim, deixei-o provocar o terror na terra dos vivos, mas será posto no meio dos incircuncisos, com os que a espada traspassou: Faraó e toda a sua multidão — oráculo do Senhor DEUS."

33 O profeta sentinela. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Caso eu faça vir a espada sobre uma terra, o povo da terra toma de suas fronteiras um homem e o estabelece como sentinela. ³Este homem vê a espada vir contra esta terra: toca o shofar e avisa o povo. ⁴Há quem escute bem o toque do shofar, mas não leva em consideração a advertência: quando a espada vier e o ferir, seu sangue estará sobre sua cabeça. ⁵Havia ouvido o toque da trompa, mas não levou em consideração o aviso. Seu sangue estará sobre ele. Pelo contrário, quem tiver prestado atenção à advertência, salvará sua vida. ⁶Mas se a sentinela, vendo chegar a espada, não tocar o shofar, o povo não fica alerta. Chegando a espada e eliminando algum deles, é por culpa da sentinela que este homem é eliminado, e eu pedirei contas de seu sangue à

sentinela^h. ⁷Foi a ti, filho de homem, que estabeleci como sentinela para a casa de Israel; escutarás a palavra que sai de minha boca e os advertirás de minha parte. ⁸Se eu disser ao malvado: 'Malvado, certamente morrerás', mas tu não falares para advertir o malvado a apartar-se de sua conduta, o malvado morrerá por causa de seu pecado, mas é a ti que pedirei contas de seu sangue. ⁹Pelo contrário, se advertires o malvado para que se aparte de sua conduta, e ele não quiser mudar de rumo, ele morrerá por seu pecado e tu salvarás a tua vida.

¹⁰Escuta, filho de homem, dize à casa de Israel: Vós falais assim: 'Nossas revoltas e nossos pecados estão sobre nós, apodrecemos por causa deles, como poderemos viver?' ¹¹Dize-lhes: Certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS — tenho eu prazer na morte do malvado? Prefiro que o malvado mude de conduta e viva! Voltai, voltai de vossa má conduta: por que devereis morrer, casa de Israel?

¹²Tu, filho de homem, dize à gente do teu povo: A justiça do justo não o salvará no dia de sua transgressão e a maldade do mau não o fará sucumbir no dia em que ele se apartar de sua maldade. O justo não poderá viver de sua justiça no dia em que pecar. ¹³Se digo ao justo que ele viverá certamente e se ele, com base em sua justiça, cometer iniquidade, nenhum de seus atos justos será lembrado, e morrerá na iniquidade que tiver cometido. ¹⁴Se digo ao malvado: 'Certamente morrerás', e se ele se apartar de seu pecado, praticar o direito e a justiça, ¹⁵se ele devolver o penhor, restituir o que roubou, se caminhar segundo as leis da vidaⁱ, evitando cometer a iniquidade, certamente viverá e não morrerá; ¹⁶nenhum dos pecados que cometeu será lembrado contra ele; cumpriu o direito e a justiça; viverá.

18,32;
Lm 3,33;
Lc 15,7

g. Pode-se também traduzir: *e ele lamentará a multidão dos que foram traspassados pela espada de Faraó e de todo o seu exército.*

h. A sentinela é responsabilizada pela morte das vítimas. Cf. v. 8 e 3,18.

i. Isto é, as leis que dão a vida (cf. 20,25).

¹⁷A gente do teu povo diz: 'O proceder do Senhor não é reto'; mas não será o proceder deles que não é reto? ¹⁸Quando o justo se aparta de sua justiça, comete iniquidade e morre, ¹⁹quando o malvado se aparta de sua maldade, pratica o direito e a justiça e vive por causa disto. ²⁰Vós dizeis: 'O proceder do Senhor não é reto!' Julgarei cada um de vós segundo sua conduta, casa de Israel."

Sobre os habitantes de Jerusalém em ruína. ²¹No décimo segundo ano de nossa deportação, no quinto dia do décimo mês¹, um sobrevivente chegou a mim vindo de Jerusalém para dizer: "A cidade caiu!" ²²A mão do SENHOR que havia estado sobre mim na tarde anterior à vinda do sobrevivente, abriu-me a boca no momento em que ele chegava a mim, de manhã. Minha boca se abriu, e eu não era mais mudo.

²³Veio-me uma palavra do SENHOR: ²⁴"Filho de homem, os habitantes dessas ruínas que se encontram no solo de Israel dizem: 'Abraão que estava sozinho tomou posse dessa terra; nós somos numerosos, e é a nós que a terra é dada em posse'. ²⁵Por isso, dize-lhes: Assim fala o Senhor DEUS: Comeis acima do sangue^m, ergueis os olhos para os ídolos e cometeis crimesⁿ, e quereis possuir a terra? ²⁶Viveis da espada; vós, as mulheres, cometeis o que é abominável; vós os homens, tornais impura a mulher do próximo, e quereis possuir a terra? ²⁷Tu lhes dirás isto: Assim fala o Senhor DEUS: Certo como eu vivo, os que estão entre as ruínas cairão pela espada; aquele que está

nos campos, eu o dou em alimento aos animais selvagens; os que estão nas cavernas e nas grutas morrerão de peste. ²⁸Farei da terra uma solidão desolada; o orgulho de sua força desaparecerá; os montes de Israel ficarão desertos, porque ninguém passará por lá. ²⁹Conhecerão que eu sou o SENHOR, quando tiver feito da terra uma solidão desolada, por causa de todas as abominações que eles cometeram.

³⁰Escuta, filho de homem! A gente do teu povo, os que conversam sobre ti ao longo dos muros e nas portas das casas — falando uns com os outros, cada qual com seu irmão — dizem: 'Vinde escutar que palavra vem da parte do SENHOR'. ³¹Eles virão a ti como a assembléia do povo; eles se sentarão diante de ti, eles, meu povo; escutarão as tuas palavras, mas não as porão em prática, porque sua boca está cheia de paixões que querem saciar: seu coração segue seu interesse. ³²No fundo, és para eles como um cântico apaixonado, com bela sonoridade, com bom acompanhamento. Escutam tuas palavras, mas ninguém as põe em prática. ³³Quando se verificar o que disseste, e certamente se verificará, conhecerão que há um profeta no meio deles^p."

Jr 42,21;
Mt 7,24

34 Profecia contra os pastores de Israel. 'Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, pronuncia um oráculo contra os pastores de Israel^q, pronuncia um oráculo e dize a esses pastores: Assim fala o Senhor DEUS: Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos! Não é o rebanho que eles devem apascentar? ³Comeis as partes gor-

Jr 23,1-6;
Zc 11,
15-17;
Jo 10,1-30

j. É difícil fazer concordar esta data com os dados de Jr (39,29; 52,6-7) e com os de 2Rs 25,8-9, que situam o acontecimento no undécimo ano. Pode-se supor ou que Ez tivesse na Babilônia outra maneira de contar os anos, ou, melhor ainda, que uma letra tenha sido omitida por um escriba, o que modifica o número. Alguns manuscritos hebr., gr. e sir. têm onze; Ez 26,1 também supõe que o acontecimento tenha tido lugar no décimo primeiro ano. k. Lit. foi batida. Cf. 2Rs 25,3-10.

l. Os habitantes de Jerusalém que não haviam partido para a Babilônia agarraram-se cegamente à promessa de Deus a Abraão (cf. Gn 12,7; o tema do pequeno número se encontra também em Dt 26,5); estavam persuadidos de poder conservar e

ocupar todo o país. Mas se esqueciam de que Deus não se havia ligado incondicionalmente e que a ascendência deles não podia fazê-los escapar do castigo que sua desobediência merecia. Cf. Mt 3,9.

m. Cf. 1Sm 14,32 nota.

n. As faltas rituais e as faltas sociais não são dissociadas.

o. Comparar 11,15.

p. É também a argumentação de Jr 28,9 e de Dt 18,21s.; Is 55,10s. dá seu princípio.

q. Na linguagem palaciana do antigo Oriente Próximo, os reis eram chamados os pastores do povo. O termo poderia ser atribuído aqui também a outros chefes.

das, vos vestis com a lã, sacrificando os animais cevados; mas o rebanho, não o apascentais. ⁴Não fortaleceste os animais fracos, não curastes o doente, não trataste o que quebrou a pata, não reconduziste o que se desgarrou, não procuraste o que se perdeu, mas exercestes a vossa autoridade pela violência e a opressão'. ⁵Os animais se dispersaram, por falta de pastor, e serviram de presa para todos os animais selvagens; as ovelhas se dispersaram. ⁶Meu rebanho se extraviou por todos os montes, por todos os outeiros; meu rebanho dispersou-se por toda a superfície da terra sem ninguém para procurá-lo e buscá-lo. ⁷Por isso, pastores, escutai a palavra do Senhor: ⁸Certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS —, porque meu rebanho foi depredado, porque serviu de presa a todos os animais selvagens, por falta de pastor, porque meus pastores não foram em busca do meu rebanho, mas se apascentaram a si mesmos, sem apascentar o rebanho, ⁹pastores, escutai a palavra do SENHOR: ¹⁰Assim fala o Senhor DEUS: Venho contra esses pastores, buscarei meu rebanho para tirá-lo de suas mãos, porei fim a seu pastoreio, não poderão mais apascentar a si mesmos; arrancarei o rebanho de sua boca e não lhes servirá mais de alimento. ¹¹Pois assim fala o Senhor DEUS: Eu mesmo vou buscar meu rebanho para cuidar dele. ¹²Do mesmo modo que um pastor cuida de seus animais no dia em que se encontra no meio de um rebanho disperso, assim cuidarei do meu rebanho; assim o buscarei em todos os lugares onde esteve disperso num dia de nevoeiro e escuridão'. ¹³Eu o farei sair do meio dos povos, reuni-lo-ei das outras terras e o le-

varei para a sua terra": eu o farei pastar nos montes de Israel, nos vales dos córregos e em todos os lugares habitáveis da terra. ¹⁴Eu os farei pastar numa boa pastagem, seu redil será nos montes do planalto de Israel. É lá que poderá deitar-se num bom redil e pastar em abundante pastagem, nos montes de Israel. ¹⁵Eu mesmo farei meu rebanho pastar, eu mesmo o levarei ao repouso — oráculo do Senhor. ¹⁶A ovelha perdida, eu a buscarei; a que se desgarrou, eu a reconduzirei; a que quebrou a pata, eu a tratarei; a enferma, eu a fortalecerei. Mas a ovelha gorda, a ovelha forte, eu a eliminarei"; farei meu rebanho pastar segundo o direito.

Profecia contra os membros egoístas do rebanho.

¹⁷Quanto a vós, meu rebanho, assim fala o Senhor DEUS: Vou julgar entre ovelha e ovelha, entre carneiros e bodes. ¹⁸Não vos basta pastar numa boa pastagem? Será preciso calcar aos pés o resto da pastagem? Não vos basta beber uma água clara? Será preciso que turveis o resto com os pés? ¹⁹Assim meu rebanho deve comer o que vossos pés pisotearam e beber a água que turvastes. ²⁰Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Eu mesmo vou julgar entre a ovelha gorda e a ovelha magra. ²¹Porque empurrastes com a anca e com a espádua, e porque destes chifradas em todas as que estavam enfermas, até dispersá-las para longe da pastagem, ²²viarei em socorro" de minhas ovelhas e elas não sofrerão mais pilhagem; julgarei entre ovelha e ovelha. ²³Suscitarei à frente de meu rebanho um pastor único*; ele o apascentará: este será meu servo David⁹. Ele o apascentará, será seu pastor. ²⁴Eu, o SENHOR, serei seu Deus

Nm 27.17;
Mt 9.36p;
1Pd 2.25

IPJ 5.2-4

Mq 7.12-15

Lc 15.4-7;
19.10

Mt 25.
32-33

Ap 7.17

r. Alusão às exações dos reis que faziam sua política pessoal em vez de pôr seu reino a serviço do povo (cf. 45.9). Já sob Salomão, corvéia e taxa eram os sinais da opressão do monarca.
s. Israel é o povo do Senhor; os reis são delegados para dirigilo; mas o ministério real, em lugar de fortalecer Israel e de o consolidar como nação, provocou sua dispersão no exílio.
t. Nevoeiro e escuridão: alusão ao castigo de Deus. Já Am 5.18 anunciava que o "dia do Senhor" seria "dia de trevas".
u. Ez anuncia o fim do exílio.

v. As versões leram: *velarei sobre ela*. O hebr. passa aqui a outra idéia, antecipando os vv. 17-22, onde se trata de atitude das ovelhas umas para com as outras.
w. Cada animal receberá o espaço de que tem necessidade para viver, sem ser empurrado pelos outros.
x. Da mesma forma que Israel tem um só Deus, assim haverá um único pastor (cf. Jr 23.4-5; Jo 10.16), porque ele se terá tornado um só povo (cf. 1Rs 12.20-33; Ez 37.15-28).
y. Esperando, como os outros profetas (cf. Is 9.5-6; Jr 23.5; Zc

e meu servo David será príncipe no meio deles. Eu, o Senhor, falei. ²⁵Farei com meu rebanho uma aliança de paz^a, eliminarei da terra os animais ferozes; ele ^{5,17; Is 11,6-7} habitará tranqüilo no deserto e dormirá nos bosques. ²⁶Desta terra e dos arredores de minha colina farei uma bênção. A seu tempo farei cair a chuva, que será uma chuva de bênção. ²⁷A árvore dos campos dará seu fruto e a terra, suas colheitas; meu povo estará seguro em seu território; então conhecerão que eu sou o SENHOR, quando tiver despedaçado as barras de seu jugo e os tiver livrado das mãos dos que os subjugavam. ²⁸As nações não mais investirão contra eles, e os animais selvagens não mais os devorarão. Habitarão tranqüilos sem que ninguém os faça tremer. ²⁹Farei crescer para eles uma plantação renomada^a. Na terra não haverá mais gente que morra de fome; as nações não os farão mais carregar de desonra. ³⁰Então conhecerão que eu sou o SENHOR, seu Deus, que estou com eles, e que eles são meu povo, a casa de Israel — oráculo do Senhor DEUS.

³¹Vós sois meu rebanho, o rebanho de minha pastagem, vós humanos. Eu sou vosso Deus — oráculo do Senhor DEUS."

25,12-14;
Jr 49,7-22;
Ab 1-21

35 Profecia contra Seir. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²"Filho de homem, volta teu olhar para a montanha de Seir^c e pronuncia um oráculo contra ela. ³Tu lhe dirás: Assim fala o Senhor DEUS: Tomo posição contra ti, montanha de Seir. Estenderei a mão sobre ti

e farei de ti uma solidão desolada.

⁴Arruinarei tuas cidades; tu mesmo te tornarás um deserto; então conhecerás que eu sou o SENHOR. ⁵Porque alimentaste uma hostilidade perene, e fizeste correr o sangue^c dos filhos de Israel pela força da espada, no tempo de seu desastre, no tempo em que seu pecado chegou a seu termo^d, ⁶certo como vivo — oráculo do Senhor DEUS —, eu te mergulharei em sangue, o sangue te perseguirá; visto que não tiveste aversão ao sangue, o sangue te perseguirá. ⁷Farei da montanha de Seir uma solidão desolada, exterminarei os que a percorrem. ⁸Encherei os montes com seus mortos. Entre tuas colinas, teus vales, os leitos de teus córregos, cairão os que forem traspassados pela espada. ⁹Farei de ti um deserto eterno e tuas cidades não serão habitadas. Então conhecereis que eu sou o SENHOR.

¹⁰Visto que disseste: 'As duas nações e as duas terras' serão minhas, tomaremos posse deles', enquanto é o SENHOR^f que está lá, ¹¹eis que, certo como eu vivo — oráculo do Senhor DEUS — eu te tratarei segundo a cólera e o ciúme^g que experimentaste em teu ódio contra eles; eu me darei a conhecer a eles, pela maneira como te julgarei. ¹²Então conhecerás que eu sou o SENHOR; ouvi todas as injúrias que proferiste contra os montes de Israel; 'Eles estão desertos! Eles nos são dados como pastagem'. ¹³Falaste a meu respeito em tom altivo, te dirigiste a mim com palavras arrogantes: eu o ouvi muito bem!

Am 1,11

Sl 94,9

3,8), a vinda de um descendente de David, Ez dá a este príncipe, que espera seja semelhante ao glorioso antepassado, os títulos de *servo*, de *pastor*, de *príncipe* (v. 24), mas parece recusar-lhe os de *rei*, de *messias* (cf. 45,7).

z. Ver IRs 5,26 nota.

a. Algumas versões conservaram outro texto: uma *plantação de paz*, ou uma *plantação de salvação*, o que lembra a idéia do jardim de Éden.

b. Outro nome para Edom.

c. Lit. *tu fizeste escorrer os filhos de Israel*. Sem mudar as letras do texto, pode-se também compreender: *tu atacaste os filhos de Israel*.

d. Isto é, no momento em que, tendo Jerusalém caído nas

mãos dos babilônios (587 a. C.), o pecado da revolta de Israel também chegou a seu termo. — Seir aproveitou a humilhação de Israel para fazer expedições militares no seu território.

e. Ou seja, os territórios dos dois antigos reinos de Judá e de Israel.

f. Visto que Deus está presente nesta terra em que ele habita (cf. 48,35), ela lhe pertence (cf. Jr 2,7; 16,18; Ez 36,5; Jl 1,6; 4,2).

g. Antes da queda de Jerusalém (cf. 5,13 nota), o ciúme designa a hostilidade de Deus contra Israel pecador; este ciúme designa agora a hostilidade de Deus aos perseguidores de Israel (cf. 36,5-7; 38,18-19); ele acaba por sugerir a compaixão misericordiosa que Deus dedica doravante a seu povo humilhado.

¹⁴Assim fala o Senhor DEUS: Visto que toda esta terra está na alegria^a, farei de ti um deserto; ¹⁵visto que te alegras de que o patrimônio da casa de Israel seja um deserto, farei o mesmo de ti.

A montanha de Seir se tornará um deserto,
e também Edom inteiro.

Então se conhecerá que eu sou o SENHOR."

36 Promessas às montanhas de Israel. ¹"Escuta, filho de homem, pronuncia um oráculo contra as montanhas de Israel; dirás: Montanhas de Israel, escutai a palavra do SENHOR. ²Assim fala o Senhor DEUS: O inimigo disse de vós: 'Ah! Estas alturas antigas tornaram-se nossa propriedade'. ³Pronuncia um oráculo; dirás: 'Assim fala o Senhor DEUS: Sim, visto que vos devastaram e cobizaram de todos os lados, visto que vos tornastes propriedade de todas as outras nações, visto que os lábios e as línguas zombaram de vós, entre os povos, ⁴escutai, montanhas de Israel, a palavra do Senhor DEUS. Assim fala o Senhor DEUS — às montanhas, às colinas, aos leitos dos córregos, aos vales, às ruínas desertas, às cidades abandonadas, objeto das pilhagens e das zombarias das outras nações em redor — ⁵assim fala o Senhor DEUS: Juro que é no fogo do meu ciúme^k que falo contra as outras nações e contra Edom inteiro, porque eles se apropriaram da minha terra. Eles tinham o coração cheio de alegria e o desprezo estava em sua alma, porque as pastagens da terra eram um lugar de pilhagem. ⁶Por isso, pronuncia um oráculo sobre a terra de Israel, dize às montanhas, às colinas, aos leitos dos córregos, aos vales: Assim fala o Senhor DEUS: Aqui estou! Falo em meu ciúme e meu furor por causa da desonra

que as nações vos infligiram. ⁷Por isso, assim fala o Senhor DEUS: Juro, com a mão erguida: as nações que vos rodeiam carregarão sua própria desonra. ⁸Vós, montanhas de Israel, estendereis vossos ramos e produzireis vosso fruto para meu povo de Israel, pois ele logo voltará. ⁹Sim, venho a vós, volto-me para vós: sereis cultivados e semeados: ¹⁰Multipliquei sobre vós os homens, a casa de Israel toda inteira; as cidades serão habitadas, as ruínas, reconstruídas. ¹¹Multipliquei sobre vós homens e animais; eles se multiplicarão e frutificarão, eu vos tornarei tão populosos quanto outrora, enviar-vos-ei mais bens do que no começo; então conhecereis que eu sou o Senhor. ¹²Farei caminhar sobre vós homens — meu povo de Israel — que tomarão posse de ti^l. Serás seu patrimônio e tu não os privarás mais de seus filhos. ¹³Assim fala o Senhor DEUS: Visto que alguns dos vossos dizem^m: 'És uma terra que devora os humanos, privaste a nação de seus filhos'. ¹⁴eis que não devorarás mais humanosⁿ, não farás mais tropeçarⁿ tua população — oráculo do Senhor DEUS. ¹⁵Não te farei mais ouvir os escárnios das nações, não terás de suportar mais os insultos dos povos. Não farás mais tua população tropeçarⁿ — oráculo do Senhor DEUS."

Is 61,4;
Jr 30,
18-19

Promessa de restauração nacional e espiritual. ¹⁶Veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁷"Escuta, filho de homem: a casa de Israel, residindo no seu solo, maculou-o com o seu proceder e as suas ações. Sua conduta foi diante de mim como a impureza menstrual". ¹⁸Derramei sobre eles meu furor por causa do sangue que derramaram sobre a terra e por causa dos ídolos com os quais eles a

h. Seir se alegra com a queda de Jerusalém.

i. Cf. 35,11 nota.

j. De repente o profeta fala no singular: os montes se tornaram a terra de Israel.

k. O gr. e o sir. provavelmente têm razão ao ler: *há quem te diga*.

l. Depois das grandes derrotas, depois do desaparecimento dos reinos de Israel, de Judá e de parte de sua população, a antiga

terra de Canaã parece até "devorar seus habitantes" (cf. v. 13). A promessa feita agora à terra é para a população uma promessa de paz e de segurança.

m. Muitas versões leram aqui: *não privarás mais teu povo de seus filhos*, e este é provavelmente o texto original que uma inversão de letras alterou. Da mesma forma, v. 15.

n. Cf. v. 14 nota.

o. Cf. Lv 15,19-27.

macularam. ¹⁹Eu os dispersei entre as nações, eles foram disseminados pelas terras, eu os julguei segundo sua conduta e segundo suas ações. ²⁰Meu povo foi para junto das nações, e lá eles profana-

Rm 2,24

ram meu santo nome; com efeito, dizia-se deles: 'É o povo do SENHOR, mas estão fora da terra dele!'. ²¹Então tive consideração por meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações onde esteve. ²²Por isso, dize à casa de Israel:

Dt 9,5-6

Assim fala o Senhor DEUS: Não é por causa de vós que estou agindo, casa de Israel, mas por causa de meu santo nome que profanastes no meio das nações onde estivestes. ²³Mostrarei a santidade de meu grande nome que foi profanado entre as nações, meu nome que profanastes no meio delas; então as nações conhecerão que sou o SENHOR — oráculo do Senhor DEUS —, quando eu tiver mostrado minha santidade em vós à vista deles; ²⁴eu vos tomarei de entre as nações, vos reunirei de todas as terras e vos levarei ao vosso solo⁴. ²⁵Farei sobre vós uma aspersão de água pura e ficareis puros; eu vos

47,1:
Nm 19,9

purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos. ²⁶Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo; tirarei de vosso corpo o

11,19-20;
18,31;
2Cor 3,3

coração de pedra e vos darei um coração de carne. ²⁷Infundirei em vós o meu Espírito⁵ e vos farei caminhar segundo as minhas leis, guardar e praticar os meus costumes⁶. ²⁸Habitareis a terra que dei a vossos pais; sereis para mim um povo e eu serei para vós Deus⁷. ²⁹Vou livrar-vos de todas as vossas impurezas, chamarei

o trigo e farei com que ele seja abundante, e não mais vos imporei a fome⁸. ³⁰Tornarei abundante o fruto da árvore, o produto dos campos, para que não tenhais de suportar mais entre as nações a vergonha de ter fome. ³¹Recordar-vos-eis de vossos maus caminhos e de vossas ações que não eram boas. O nojo vos subirá ao rosto por causa de vossos pecados e de vossas abominações. ³²Não é por causa de vós que estou agindo — oráculo do Senhor DEUS — é preciso que o saibais. Envergonhai-vos e ficai confusos por causa de vossa conduta, casa de Israel.

³³Assim fala o Senhor DEUS: No dia em que eu vos purificar de todos os vossos pecados, povoarei as cidades, e as ruínas serão reerguidas. ³⁴A terra devastada será cultivada, em vez de ser um deserto aos olhos de todos os transeuntes. ³⁵Dirão: 'Esta terra que estava devastada tornou-se como um jardim de Éden'; as cidades que estavam em ruínas, devastadas, demolidas, são fortificadas e habitadas'. ³⁶Então as nações que subsistirem em torno de vós conhecerão que eu sou o SENHOR, que reconstruí o que foi demolido, que torna a plantar o que foi devastado. Eu, o SENHOR, falo e cumpro.

³⁷Assim fala o Senhor DEUS: Farei ainda isto: vou deixar-me procurar pela casa de Israel, a fim de agir em seu favor; eu os multiplicarei como um rebanho humano.

³⁸Como os rebanhos do santuário, como os rebanhos de Jerusalém por ocasião de suas festas, assim as cidades em ruínas ficarão cheias de rebanhos de homens⁹. Então, conhecerão que eu sou o SENHOR.

p. Pode-se também traduzir *da terra deles*. Os povos não vêm no exílio de Israel uma punição; vêm nele a prova da impotência do Senhor em proteger seu povo. O desprezo das nações a Israel vencido e disperso repercute sobre o próprio Deus: assim o "nome do Senhor é profanado entre as nações".

q. Deus manifesta sua santidade intervindo na história do mundo: aqui, agindo para reunir Israel e (v. 25) purificá-lo (cf. 39,7 nota).

r. Segundo o AT, o espírito (cf. 2,2 nota) significa mais do que a perspicácia ou a inteligência; é um poder de renovação que torna capaz de fazer algo novo. Aqui, a novidade consiste em obedecer aos mandamentos do Senhor.

s. Alusão à legislação recebida por Israel no deserto durante o Êxodo (Êx 15,25).

t. Esta fórmula conclui múltiplas passagens que anunciam o restabelecimento das relações normais entre Israel e Deus, que, tendo concedido sua aliança, dava a seu povo a Terra Prometida (cf. Ex 6,7; Lv 26,12; Jr 11,4; 24,7 etc.).

u. Como outros escritores bíblicos (cf. 1Rs 17,1; Os 2,11; Jr 14). Ez considera a fome como consequência de uma infidelidade que chega a perturbar as relações entre povo e sua terra.

v. A restauração da própria terra faz parte da teoria profética sobre a restauração do povo de Deus. Cf. Is 51,3; Os 2,20-24.

w. Promessa de um vasto repovoamento. Ez ilumina a imagem aproximando-a da lembrança das festas de Jerusalém e da consagração do rebanho ao Senhor.

37 A visão das ossadas. ¹A mão do SENHOR veio sobre mim; fez-me sair pelo Espírito do SENHOR e me levou para o meio do vale^z; este estava cheio de ossadas. ²Fez-me circular entre elas em todos os sentidos; eram extremamente numerosas, na superfície do vale, e estavam completamente ressequidas³. ³Ele me disse: 'Filho de homem, estas ossadas podem reviver?' Eu disse: 'Senhor DEUS, tu o sabes!' ⁴Ele me disse: 'Pronuncia um oráculo sobre estas ossadas; dize-lhes: Ossadas ressequidas, escutai a palavra do Senhor. ⁵Assim fala o Senhor DEUS a estas ossadas: Farei vir sobre vós um sopro⁴ para que vivais. ⁶Porei nervos sobre vós, farei crescer carne sobre vós, estenderei pele sobre vós, porei em vós um sopro e vivereis; então conhecereis que eu sou o SENHOR'. ⁷Pronunciei o oráculo como havia recebido a ordem; e houve um ruído enquanto eu pronunciava o oráculo e produziu-se um movimento: as ossadas se aproximaram umas das outras. ⁸Olhei: eis que havia sobre os ossos nervos, crescia carne e estendia-se pele por cima; mas não havia sopro neles. ⁹Ele me disse: 'Pronuncia um oráculo para o sopro, pronuncia um oráculo, filho de homem; dize ao sopro: Assim fala o Senhor DEUS: Sopro, vem dos quatro ventos, sopra sobre estes mortos e eles viverão'. ¹⁰Pronunciei o oráculo como havia recebido a ordem, o sopro entrou neles e eles reviveram; puseram-se de pé: era um exército numeroso.

¹¹Ele me disse: 'Filho de homem, estas ossadas são toda a casa de Israel. Eles dizem: Nossos ossos estão ressequidos, nossa esperança desapareceu, estamos esfacelados^a. ¹²Por isso, pronuncia o orá-

culo e dize-lhes: Assim fala o Senhor DEUS: Eu vou abrir vossos túmulos; farei-vos sair de vossos sepulcros, ó meu povo, reconduzir-vos-ei ao solo de Israel. ¹³Conhecereis que eu sou o SENHOR, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de vossos túmulos, ó meu povo. ¹⁴Porei meu sopro em vós para que vivais vos estabelecerei em vosso solo; então conhecereis que sou eu o SENHOR, que falo e cumpro — oráculo do SENHOR'.

A unidade de Israel. ¹⁵Veio-me uma palavra do SENHOR: ¹⁶'Tu, filho de homem, toma um pedaço de madeira, escreve nele: Judá e os filhos de Israel^b que lhe estão associados. Depois toma outro pedaço de madeira, escreve nele: José — esta será a madeira de Efraim^c — e toda a casa de Israel que lhe está associada. ¹⁷Aproxima estes pedaços um contra o outro para formarem um só; estarão unidos em tua mão. ¹⁸Quando a gente do teu povo te disser: 'Não queres explicar-nos o que fazes?' ¹⁹lhes dirás: Assim fala o Senhor DEUS: Vou tomar o pedaço de madeira de José — que está na mão de Efraim — e das tribos de Israel que lhe estão associadas; eu os encostarei nele, no pedaço de madeira de Judá: farei deles um só pedaço e eles estarão na minha mão. ²⁰E os pedaços de madeira sobre os quais tiveres escrito estarão na tua mão, à vista deles. ²¹Dize-lhes: Assim fala o Senhor Deus: Vou tirar os filhos de Israel do meio das nações para onde foram; vou reuni-los de todas as partes e os levarei para seu solo. ²²Farei deles uma nação única, na terra, nas montanhas de Israel: um rei único será o rei^d de todos eles; não formarão mais duas

x. Trata-se provavelmente do vale onde o profeta teve uma visão. Cf. 3,22.

y. As ossadas acumuladas no solo do vale são um sinal de desgraça particular, porque, no pensamento hebraico, era preciso ser enterrado com os pais no túmulo da família (Isaac, Gn 35,29; Jacó, 50,5 etc.).

z. Ou seja, a respiração. Poder-se-ia também traduzir *sopro* por *espírito*; mas aqui, ao contrário de 36,26-27, a visão está mais centrada na ideia da vida do que na do dom do Espírito.

a. Aos israelitas exilados, abatidos, cuja esperança está morta,

estando eles mesmos de certa forma mortos. Ez anuncia a vida. No próprio seio do desespero e da morte, o espírito de Deus, cuja palavra profética vai suscitar a vinda, fará jorrar um reinício cujo anúncio deve devolver a esperança aos deportados (cf. Is 40,1.2: 54,7; Ez 28,25).

b. Sobre a divisão do reino de Salomão em dois, cf. 1Rs 12. c. José, pai de Efraim (Gn 41,52), representa como seu filho as tribos do reino separado do norte, ao passo que Judá representa o reino hierosolimitano. Ez anuncia o fim da separação em dois grupos opostos de tribos (cf. Is 11,13; Jr 3,18).

nações e não estarão mais divididos em dois reinos. ²³Não se macularão mais com seus ídolos e seus horrores, nem por todas as suas transgressões; eu os livrarei de todos os lugares onde habitam^d, os lugares onde pecaram. Eu os purificarei, serão para mim um povo e eu serei Deus para eles. ²⁴Meu servo David reinará sobre eles, pastor único para todos eles^e; caminharão segundo meus costumes, guardarão minhas leis e as observarão. ²⁵Habitarão a terra que dei a meu servo Jacó, a terra onde vossos pais habitaram; ali habitarão eles, seus filhos, os filhos de seus filhos, para sempre; meu servo David será seu príncipe para sempre. ²⁶Firmarei com eles uma aliança de paz; será uma aliança perene com eles. Eu os estabalecerei^f, multiplicá-los-ei. Estabalecerei meu santuário no meio deles para sempre. ²⁷Minha morada estará junto deles; serei para eles Deus, e eles serão para mim um povo. ²⁸Então as nações conhecerão que eu sou o SENHOR que consagro Israel, quando estabelecer meu santuário^g no meio deles, para sempre^h.

Jr 23,5;
Jn 10,16

16,60;
Is 24,5;
Hb 13,20

Ap 21,3

38 Profecia contra Gog. ¹Veio-me uma palavra do SENHOR: ²Filho de homem, volta teu olhar para Gog, para a terra de Magog^h, grande príncipe de Méshek e Tubal; pronuncia um oráculo contra ele. ³Dirás: Assim fala o Senhor DEUS: Tomo posição contra ti, Gog, grande príncipe de Méshek e Tubal. ⁴e te arrastarei, te porei ganchos nas mandíbulasⁱ, te farei sair com todo o teu exército:

cavalos, cavaleiros soberbamente vestidos, vasta tropa carregando escudo e broquel, todos manejando a espada. ⁵A Pérsia, Kush, Put estarão com eles — todos com broquel e elmo —, ⁶Gômer e todos os seus esquadrões; Bet-Togarmá, no extremo norte, com todos os seus esquadrões; numerosos povos estarão contigo. ⁷Prepara-te bem, tu e toda a assembléia que reuniste junto a ti; serás a sua proteção. ⁸Há muitos dias, deveriam ter intervindo contra ti! Isto acontecerá no fim dos anos, numa terra cuja população foi arrastada pela passagem da espada. Vinda de povos numerosos, ela foi reunida sobre as montanhas de Israel, que por longo tempo estiveram em ruínas. Essa população foi retirada do meio dos povos e toda ela habitará em segurança. ⁹Subirás, chegarás como tempestade, serás como uma nuvem que cobre a terra, tu, todos os teus esquadrões e os numerosos povos que estão contigo.

¹⁰Assim fala o Senhor DEUS: Nesse dia, numerosos projetos^j te subirão ao coração, excogitarás um plano sinistro, ¹¹dirás: Vou levantar-me contra uma terra sem defesa, chegarei a habitantes tranquilos, vivendo em segurança: todos eles habitam cidades sem muralhas, não têm trancas nem portas. ¹²Virás para amontoar despojos, para pilhar e voltar tua mão contra ruínas repovoadas, contra um povo reunido dentre as nações, que se ocupa de seu rebanho e de seus haveres, e mora no umbigo^k da terra. ¹³Shebá, Dedan, os mercadores de Tarshish e todos os seus leõesinhos^l te dirão: Foi para juntar des-

Jr 4,13

d. Antigas versões dizem: *eu os livrarei de todas as suas apostasias ou de todas as suas abominações*.

e. Cf. 34,23 e nota.

f. Tradução incerta. O texto parece maltransmitido. O aram. diz *eu os abençoarei*; mas a palavra está ausente no gr. e no sir. g. Ez pensa no povo Templo (caps. 40–44) que estará no centro do país.

h. Os nomes Gog e Magog permanecem misteriosos, apesar das pesquisas e das numerosas hipóteses levantadas. Trata-se de um inimigo que vem do norte (v. 6), mais ou menos idealizado e simbólico. A idéia talvez seja tirada de Jr (cap. 4). Como outros profetas que escreveram durante o exílio. Ez pensava num julgamento geral dos inimigos de Israel (cf. Is 13; Mq 7,13; Sf 3,19), mas não chega tão longe quanto o Segundo Isaías, que

fala de sua conversão. Sem que este cap. 38 seja "apocalíptico" no sentido próprio do termo, marca um passo nesta direção. A tal ponto que Ap 20,8 retoma o tema de Gog e Magog, na perspectiva que lhe é própria.

i. Trata-se de *ganchos* fixados no nariz ou nas mandíbulas dos prisioneiros de guerra para levá-los presos como animais (cf. 19,9; 29,4).

j. Lit. *palavras*.

k. Comparar com 5,5. No decorrer da história, outras cidades foram consideradas como o umbigo do mundo: Siquém (Jz 9,37), Delfos, Atenas, Meca.

l. Palavra aparentemente maltransmitida pelo texto; houve quem propusesse ler *seus mercadores* ou, segundo o aram., *comprender leõesinhos* no sentido de "reis".

pojos que vieste? Foi para pilhar, que reuniste tua assembléia? Para levar em tributo prata e ouro, para tomar rebanho e haveres, para juntar grandes despojos?

¹⁴Por isso, pronuncia um oráculo, filho de homem; dirás a Gog: Assim fala o Senhor DEUS: No dia em que meu povo de Israel morar em segurança, não terás conhecimento^m? ¹⁵Virás do teu lugar, do extremo norte, tu e numerosos povos contigo; todos montados em cavalos, formareis uma grande assembléia, um imenso exército. ¹⁶Te levantarás contra meu povo de Israel, a ponto de cobrir a terra como uma nuvem. Isto acontecerá nos dias vindouros. Eu te farei vir contra minha terra, a fim de que as nações me conheçam quando, sob seus olhos, ó Gog, terei mostrado às tuas custas minha santidade.

¹⁷Assim fala o Senhor DEUS: Foi de ti que falei nos tempos antigos através de meus servos, os profetas de Israel, que pronunciaram oráculos naqueles dias — durante anosⁿ —, é a ti que eu enviarei contra eles. ¹⁸Naquele dia, no dia em que Gog chegar à terra de Israel — oráculo do Senhor DEUS — tu me farás subir ao rosto o furor. ¹⁹Em meu ciúme^o, no fogo de minha fúria, digo: sim, naquele dia, haverá um grande terremoto sobre o solo de Israel. ²⁰Os peixes do mar, as aves do céu, os animais selvagens, tudo o que rasteja no chão e todos os humanos na superfície do solo tremerão diante de mim; as montanhas serão abatidas, as encostas rochosas ruirão, todas as muralhas cairão por terra. ²¹Sobre todos os montes, chamarei a espada contra Gog — oráculo do Senhor DEUS —; cada qual voltará a espada contra o irmão. ²²Farei o julgamento contra ele pela peste e pelo

sangue; farei chover sobre ele, sobre os seus esquadrões, e sobre os numerosos povos que estiverem com ele, uma chuva diluviana, pedras de granizo, fogo e enxofre. ²³Mostrarei minha grandeza e minha santidade, dar-me-ei a conhecer aos olhos de numerosas nações. Então conhecerão que eu sou o SENHOR.

39 Nova profecia contra Gog. ¹Tu, filho de homem, pronuncia um oráculo contra Gog; dirás: assim fala o Senhor DEUS: Tomo posição contra ti, Gog, grande príncipe de Méshek e Tubal. ²Eu te arrastarei, te conduzirei, te farei subir do extremo norte, e te farei vir contra as montanhas de Israel. ³Vou ferir-te para que tua mão esquerda solte o arco, e farei com que tuas flechas caiam da tua mão direita. ⁴Tombarás sobre os montes de Israel, tu, todos os teus esquadrões e os povos que estão contigo. Vou dar-te como pasto aos abutres, a tudo o que voa, e aos animais selvagens. ⁵Tombarás em campo aberto^o; porque eu falei — oráculo do Senhor DEUS.

⁶Lançarei um fogo^a sobre Magog e sobre os habitantes das ilhas que estão em segurança; então conhecerão que eu sou o SENHOR. ⁷Farei conhecer meu santo nome no meio do meu povo Israel e não deixarei mais profanar meu santo nome. Então as nações conhecerão que eu sou o SENHOR, santo^f em Israel. ⁸Eis que está chegando, chegou — oráculo do Senhor DEUS —: é o dia de que falei. ⁹Os habitantes das cidades de Israel sairão, acenderão um fogo, farão um braseiro com o material de guerra: escudos e broquéis, arcos e flechas, armas de arremesso e lanças; terão com que fazer fogo durante

Ap 11,13

Ap 8,8

Ap 6,8;
8,7

m. Ou seja, "não saberás reconhecer quem eu sou"? O gr. parece ter preservado um sentido melhor: *não te porás em movimento?*

n. Tradução incerta de um texto pouco seguro.

o. Cf. 35,11 nota.

p. Lit. *na superfície dos campos*, ou seja, fora da própria casa, de maneira violenta, sem socorro.

q. Sobre o fogo que devora a terra, cf. 5,2; 10,2 etc., como também Gn 19,24; Am 7,4; Jl 1,19; Jó 28,5).

r. Este é o único texto de Ez que atribui a Deus a qualificação

de *santo*, ao passo que se fala com frequência de seu *santo nome* (20,39; 36,20-22; 39,7,25; 43,7-8), de seu *santo monte* (20,40; 28,14), do Deus que mostra a sua santidade por suas obras (20,41; 28,22,25; 36,23; 38,16,23; 39,27) e de tudo o que se refere ao domínio "sacrossanto" do culto e do santuário (p. ex., 42,13). Fundamental na representação bíblica de Deus, o termo "santo" não designa "uma qualidade divina entre as outras, nem mesmo uma qualidade superior. Ela exprime o que há de característico em Deus, e corresponde com bastante exatidão à sua deidade, ou seja, à plenitude do poder e da vida" (E. Jacob).

sete anos. ¹⁰Não precisarão juntar madeira no campo, nem derrubar árvores nas florestas, porque é com este material de guerra que farão fogo. Despojarão os que os despojaram, pilharão os que os pilharam — oráculo do Senhor DEUS.

¹¹Então, nesse dia, fixarei lá um lugar para Gog^a, um túmulo em Israel, o vale dos Transeuntes, a leste do mar — ele corta o caminho aos transeuntes. Aí, será sepultado Gog e toda a sua multidão, e será chamado Vale da Multidão de Gog.

¹²A casa de Israel precisará de sete meses para sepultá-los, a fim de purificar a terra¹. ¹³Toda a população os enterrará, e sentirá orgulho do dia em que eu me glorificar — oráculo do Senhor DEUS.

¹⁴Haverá, permanentemente, homens encarregados de percorrer a terra para sepultar os mortos com a ajuda dos transeuntes^a, para purificar a terra dos que ficaram sobre ela. Dentro de sete meses, começarão a busca. ¹⁵Encarregados de percorrer a terra, eles a percorrerão e, se virem uma ossada humana, erguerão ao lado um monte de pedras^a, até que os coveiros a tenham sepultado no Vale da Multidão de Gog. ¹⁶Haverá até uma cidade cujo nome será Hamoná — Multidão —, e assim purificarão a terra.

¹⁷Escuta, filho de homem; assim fala o Senhor DEUS: Dize aos pássaros, a tudo o que voa, a todos os animais selvagens: Reuni-vos, vinde, reuni-vos de toda parte, em vista do sacrifício que vou oferecer para vós, um grande sacrifício sobre as montanhas de Israel. Podereis comer carne, beber sangue^w; ¹⁸comer carne dos guerreiros, beber o sangue dos príncipes da terra: são carneiros, cordeiros, bodes,

touros, são animais gordos do Bashan^a. ¹⁹Podereis comer gorduras à saciedade, beber sangue até a embriaguez: é o sacrifício que faço para vós. ²⁰A minha mesa vos saciareis com a carne dos cavalos e dos animais^z de tração, dos animais de todos os guerreiros — oráculo do Senhor DEUS.

²¹Mostrarei minha glória entre as nações; todas as nações verão o julgamento que executarei e a mão que porei sobre elas^a. ²²Então, desde este dia e no futuro, a casa de Israel conhecerá que eu sou o SENHOR, seu Deus¹.

Resumo da pregação de Ezequiel. ²³As nações conhecerão que a casa de Israel partiu para o exílio por causa de seu pecado, porque me foram infieis; foi por isso que lhes ocultei meu rosto, entreguei-os nas mãos de seus adversários e todos eles caíram pela espada. ²⁴Tratei-os segundo sua impureza e sua revolta; foi por isso que lhes ocultei meu rosto. ²⁵Mas assim fala o Senhor DEUS: Agora, mudarei o destino de Jacó, usarei de misericórdia para com toda a casa de Israel e me mostrarei ciumento de meu santo nome. ²⁶Eles esquecerão^a sua desonra e todas as infidelidades que cometeram comigo quando habitavam em segurança em seu solo, sem que ninguém os fizesse tremer. ²⁷Fazendo-os voltar do meio dos povos, eu os reunirei longe das terras de seus inimigos, mostrarei minha santidade através deles, à vista de numerosas nações^b. ²⁸Então conhecerão que eu sou o SENHOR, seu Deus, porque depois de tê-los deportado para as nações, eu os reunirei no seu próprio solo; não deixa-

s. Segundo o gr. e a Vulg., dever-se-ia ler: *um lugar célebre*.

t. Enquanto se nega aos inimigos uma sepultura (2Rs 9,37; Jr 8,1-3; Ez 39,4; Sl 79,11), Gog é enterrado porque nenhum vestígio do seu cadáver deve permanecer visível, para não contaminar os habitantes.

u. Traduzido segundo o aram., o termo *transeunte* falta em muitas versões. O hebr. pode também ser traduzido *sepultando os transeuntes*, os que *restaram*...

v. Trata-se de edificar um monte de pedras que servirá de ponto de referência.

w. Deus convida os animais a vir alimentar-se das vítimas que

ele matou: Gog e suas tropas. *Beber seu sangue* significava sua aniquilação total, pois se julgava que o sangue era alma, a própria vida.

x. Cf. Am 4,1 nota.

y. Conservando as mesmas consoantes, e com o gr., poder-se-ia dizer: *cavalos e cavaleiros*.

z. A glória do Senhor só aparece através de um gesto revelador. Aqui, é um gesto vitorioso realizado em vista da restauração e da fé de Israel. Cf. 1,28 nota.

a. Tradução estabelecida com base nas consoantes do termo: *senão, ler-se-ia: eles carregarão*.

b. Cf. v. 21 nota e 35,24 nota.

rei mais lá nenhum deles. ²⁹Não lhes ocultarei mais minha face, visto que te-rei derramado meu espírito^c sobre a casa de Israel — oráculo do Senhor DEUS^c.

IRs 6-7

40 O novo Templo^d. ¹No vigésimo quinto ano de nossa deportação, no começo do ano, no dia dez do mês, catorze anos depois da queda da cidade, exatamente nesse dia, a mão do SENHOR esteve sobre mim. Ele me levou lá. ²Em visões divinas, levou-me para a terra de Israel; postou-me sobre um monte^e, sobre o qual, ao sul, havia como que edifícios de uma cidade. ³Ele me levou lá; e eis: um homem. Seu aspecto era como o aspecto do bronze. Tinha na mão como um cordão de linho e uma vara de medição. Estava de pé, à porta. ⁴O homem me disse: 'Filho de homem, contempla com os teus olhos e escuta com os teus ouvidos, aplica tua atenção àquilo que vou te mostrar; pois é para te fazer ver que foste trazido para cá. Contarás à casa de Israel tudo que vais ver'.

Mt 4,8; 17,1

Zc 2,5

Ap 21, 15-17

⁵E eis: o muro^f exterior, em todo o re-

dor do Templo^g. Na mão do homem, uma vara de medição, de seis côvados — de um côvado e um palmo^h. Ele mediu a espessura da construção: uma vara; a altura: uma vara. ⁶Dirigiu-se à porta que dá para o oriente, e subiu os seus degraus; mediu o limiar de porta: uma vara em profundidade — para cada limiar, uma vara em profundidade. ⁷As câmaras: uma vara de comprimento e uma vara de largura; entre as câmaras, cinco côvadosⁱ. O limiar da porta do lado do vestibulo da porta, a partir do interior: uma vara. ⁸Mediu o vestibulo da porta^j: ⁹oito côvados; suas pilastras, dois côvados, sendo que o vestibulo da porta estava do lado de dentro. ¹⁰As câmaras da porta oriental: três de um lado, três do outro; mesmas dimensões para as três, e mesmas dimensões para as pilastras, de uma parte e de outra. ¹¹Mediu a largura da abertura da porta: dez côvados: a profundidade da porta: treze côvados. ¹²Havia um intervalo diante das câmaras; este intervalo era de um côvado, de uma parte e de outra^k — as câmaras: seis côva-

c. A presença (a face) de Deus e o dom de seu espírito andam juntos.

d. Exatos catorze anos após a queda de Jerusalém (40,1), Ez fica de novo fascinado por uma visão. Se recebeu imperturbável, sem lágrimas nos olhos (24,15), o anúncio da ruína da cidade, nem por isso desesperou da sorte da nação. Chegou mesmo a anunciar sua renovação. Agora sonha com a cidade onde se estabelecerá a nação revigorada. Arrebatado por visões divinas, ele contempla a cidade futura onde viverá o povo do futuro escatológico. É esta cidade, reduzida às dimensões restritas de um Templo e de suas dependências, que ele vê, toca, percorre em todos os sentidos, da qual examina todos os detalhes, fazendo o possível para no-los mostrar. O relato deste passeio pela cidade futura enche os cap. 40-48. — O texto nem sempre apresenta grande clareza. Ez afirma descrever tudo o que viu; de fato, esses capítulos certamente relatam o que foi dado ao profeta contemplar em visões; mas a esses relatos de experiências excepcionais, Ez, e depois dele seus discípulos, acrescentaram uma multidão de detalhes suplementares e de explicitações que carregam a descrição a ponto de tornar difícil a compreensão do texto, que, contudo, contém um belo ensinamento. — Estes capítulos dividem-se em duas partes; o corte está entre os vv. 12 e 13 do cap. 43.

e. Profetizando sobre os montes de Israel (36,1), Ez inicialmente lança palavras de condenação, porque esses montes serviram de base a santuários idolátricos, os "lugares altos" (6,2,3,13; 16,16,25,31,39; 22,9; cf. 20,28-29). Depois, faz ouvir palavras de esperança: devastados, os montes de Israel serão de novo cultivados e habitados (36,1,4,6,8). Sobre eles, o povo "reunido

das terras estrangeiras", avançará como um rebanho, conduzido pelo Senhor até as melhores pastagens (34,13-14). Mas um desses montes chama a atenção do profeta de modo especial. Retomando a antiga tradição dos montes dos deuses (cf. Sl 48,3), Ez anuncia que sobre este "monte santo de Israel" (20,40) se realizará a intervenção escatológica do Senhor. Sobre ele, Deus plantará o rebento real, esperança da dinastia (17,22-23); ainda sobre ele, construirá a cidade ideal (40,2), e seu cume sacrossanto (43,12) servirá de base ao santuário.

f. Este muro destinava-se a "separar o sagrado do profano" (42,20); comparável à barreira que impedia o povo de chegar ao monte do Senhor (Ex 19,12), é o modelo desta outra barreira que, no tempo de Jesus e de Paulo, impedia a todo pagão, sob pena de morte, o acesso ao pátio do Templo (At 21,28). Cf. 42,13 nota.

g. Lit. *A Casa*; assim diz Ez, usando uma palavra que a tradução, nos passos seguintes, procura manter o mais possível.

h. O côvado em uso no tempo de Ez era uma unidade de medida relativamente nova (cf. Dt 3,11), equivalente a 0,45m. Tradicionalista, Ez faz questão de servir-se do antigo côvado, usado para medir o antigo Templo por ocasião da construção realizada por Salomão (2Cr 3,3) e cujo valor era igual a um côvado novo mais um palmo, ou seja, 0,525m. Portanto a vara de medição tem um comprimento de 3,15m.

i. O gr. lê: *um pilar*.

j. Parece que um escriba acrescentou aos vv. 8 e 9: *a partir do interior, uma vara; e ele mediu o vestibulo da porta*, o que repete parcialmente os vv. 7 e 8.

k. Subentendido: *do corredor central*.

dos de um lado e seis côvados do outro¹.
¹³Ele mediu a porta, desde uma extremidade das câmaras até a outra; largura: vinte e cinco côvados, estando cada entrada uma em frente da outra. ¹⁴Mediu o vestíbulo: vinte côvados; quanto ao vestíbulo da porta, o adro o contornava^m.
¹⁵A passagem dava para a frente da porta; até a frente do vestíbulo — lado interior da porta: cinquenta côvados. ¹⁶Janelas gradeadasⁿ, sobre as câmaras e as pilastras do lado interior da porta, em todo o redor; semelhantemente para o vestíbulo, janelas em todo o redor, do lado interior. E sobre cada pilastra, palmeiras.

¹⁷Ele me fez entrar no adro externo; e eis: salas com pavimento; elas estavam dispostas em torno de todo o adro: trinta salas nesse pavimento. ¹⁸O pavimento, situado ao lado das portas: corresponde à largura das portas: era o pavimento inferior. ¹⁹Mediu a distância a partir da frente da porta inferior, até a fachada externa do adro interno: cem côvados. Assim era para o leste. Quanto ao norte, ²⁰mediu o comprimento e a largura da porta que dava para o norte, no adro exterior. ²¹Suas câmaras — três de um lado e três do outro —, bem como suas pilastras e seu vestíbulo, tinham as mesmas dimensões que as da primeira porta; seu comprimento: cinquenta côvados; largura: vinte e cinco côvados. ²²Suas janelas, seu vestíbulo e suas palmas correspondiam em tamanho às da porta que dava para o oriente. Levavam a ela sete degraus, e seu vestíbulo estava em frente. ²³Havia também uma porta que levava ao adro interno, defronte da porta setentrional, como defronte da porta oriental. O homem fez a medição de uma porta a outra: cem côvados. ²⁴Ele me fez ir em

direção ao sul; e eis: a porta que dava para o sul. Mediu suas pilastras, seu vestíbulo: mesmas dimensões que as outras. ²⁵A porta e seu vestíbulo tinham janelas em todo o redor, semelhantes às outras janelas; comprimento: cinquenta côvados; largura: vinte e cinco côvados. ²⁶Sete degraus lhe davam acesso, defronte a seu vestíbulo. Havia palmeiras nas suas pilastras, de ambos os lados. ²⁷O adro interno tinha uma porta dando para o sul; ele mediu de uma porta a outra, na direção do sul: cem côvados.

²⁸Ele me fez entrar no pátio interno pela porta meridional e mediu essa porta: mesmas dimensões que as outras. ²⁹Suas câmaras, suas pilastras e seu vestíbulo: mesmas dimensões que as outras. A porta e seu vestíbulo tinham janelas em todo o redor; comprimento: cinquenta côvados; largura: vinte e cinco côvados. ³⁰Havia vestíbulos em todo o redor; comprimento: vinte e cinco côvados; largura: cinco côvados^o. ³¹Seu vestíbulo^o dava para o adro externo; havia palmas sobre suas pilastras; e eram oito os degraus de acesso. ³²Ele me fez entrar pelo leste no adro interno. Mediu a porta: mesmas dimensões que as outras. ³³Suas câmaras, suas pilastras e seu vestíbulo: mesmas dimensões que as outras. A porta e seu vestíbulo tinham janelas em todo o redor; comprimento: cinquenta côvados; largura: vinte e cinco côvados. ³⁴Seu vestíbulo dava para o adro externo; havia palmeiras sobre as suas pilastras, de ambos os lados. Oito degraus lhe davam acesso. ³⁵Ele me fez vir para a porta norte; mediu: mesmas dimensões que as outras. ³⁶Ela tinha suas câmaras, suas pilastras, seu vestíbulos; havia janelas em todo o redor; comprimento: cinquenta côvados;

1. Comparar com o v. 7.

m. Traduzido segundo o gr. O texto hebr. é incompreensível e contraditório: e estava todo ele em torno com relação ao pilar do adro da porta.

n. Cf. 1Rs 6.4. Essas câmaras que rodeiam as portas, todas essas janelas gradeadas, permitem vigiar com cuidado a multidão e fazer fazer a triagem dos que entrem (44.7.9.11; cf. 1Cr 26.1-28; Is 56.6-8; 60.11).

o. O texto hebr. parece repetir o v. 29, modificando-o; o gr. ignora esta repetição.

p. Os planos da porta que leva do exterior para dentro do primeiro adro (o adro externo), v. 26, e da porta que leva do primeiro adro ao segundo (adro interno) são simétricos. Transpondo a primeira porta, encontram-se, no alto dos degraus, primeiro as câmaras e depois os vestíbulos; atravessando a segunda, passa-se primeiro pelo vestíbulo e depois pelas câmaras.

largura: vinte e cinco côvados.³⁷ Seu vestibulo dava para o adro externo; havia palmas sobre suas pilastras, de ambos os lados; oito degraus lhe davam acesso.

L.V. 1,9 ³⁸Uma sala abria-se para o vestibulo da porta: é lá que se lava o holocausto.³⁹ No vestibulo da porta, havia duas mesas de um lado e duas do outro, sobre as quais se degolam os holocaustos como também as vítimas pelo pecado e pelos sacrifícios de reparação.⁴⁰ De um lado, no exterior, para quem subia para a entrada da porta norte, havia duas mesas e, do outro lado do vestibulo da porta, duas mesas.⁴¹ Quatro mesas de um lado e quatro mesas do outro lado da porta: oito mesas sobre as quais se faz a imolação.⁴² Quatro mesas para o holocausto, em pedras talhadas; comprimento: um côvado e meio; largura: um côvado e meio; altura: um côvado. Sobre essas mesas depositam-se os instrumentos com os quais se degolam as vítimas para os holocaustos e para os sacrifícios.⁴³ Havia em todo o redor, no interior, rebordos, de um palmo de largura. Sobre as mesas estavam as carnes da oferenda.⁴⁴ Do lado de fora da porta interna, havia as salas dos cantores no adro interno: uma no lado⁴⁵ da porta norte, voltada para o sul; a outra no lado da porta sul, voltada para o norte.⁴⁶ E o homem me disse: 'Esta sala que está voltada para o sul é para os sacerdotes que asseguram o ministério da Casa.⁴⁷ E a sala que está voltada para o norte é para os sacerdotes que asseguram o ministério do altar; são os filhos de Sadoq⁴⁸ que, entre os filhos de Levi, se aproximam do SENHOR para o servir'.

⁴⁷O homem mediu o adro; comprimento: cem côvados; largura: cem côvados; um quadrado. O altar estava diante da Casa.⁴⁸ Ele me fez entrar no vestibulo da Casa; mediu as pilastras do vestibulo: cinco côvados de um lado e cinco do outro; largura da porta: três côvados de um lado e três côvados do outro.⁴⁹ Comprimento do vestibulo: vinte côvados; largura: doze côvados; degraus⁵⁰ lhes davam acesso. Havia colunas⁵¹ junto às pilastras; uma de um lado e outra, do outro lado.

41 ¹Ele me fez entrar na grande sala; mediu as pilastras: seis côvados de largura de um lado e seis côvados de largura do outro — largura da tenda². ³A largura da entrada: dez côvados; as paredes laterais da entrada: cinco côvados de um lado e cinco côvados do outro. Ele mediu⁴ o comprimento da sala: quarenta côvados; a largura: vinte côvados. ⁵Penetrando no interior, ele mediu a pilastra da entrada: dois côvados; a entrada: seis côvados; as paredes laterais da entrada: sete côvados. ⁶Ele mediu o comprimento da peça: vinte côvados; a largura: vinte côvados; a largura: vinte côvados, de frente para a grande sala; depois ele me disse: 'É o lugar santíssimo'.

Retomada da descrição. ⁵Ele mediu o muro do Templo⁶: seis côvados; largura do anexo: quatro côvados, em todo o redor da Casa. ⁷Os quartos anexos: uns acima dos outros; havia três andares de trinta; entravam no muro que constituía o anexo da Casa em todo o redor, de maneira a se encaixar; mas não eram encaixados no muro da Casa⁸. 1Rs. 6,5

q. A tradução é hipotética; o gr. provavelmente conservou um texto melhor: *ele me introduziu no adro interno: e eis que havia*. r. Cf. 44,15 nota.

s. O gr. acrescenta: *largura da porta, catorze côvados; as ombreiras da porta: três côvados*.

t. O gr. esclarece: *dez degraus*.

u. Provavelmente colunas comparáveis às descritas em 1Rs 7,15-22 (cf. 26,11 nota e 2Cr 3,15-17).

v. A primeira das duas peças que constituem o santuário é chamada, aqui como alhures, o *hekal* ou grande sala; mais tarde se dirá o *santo* (cf. 1Rs 8,8).

w. O texto é maltransmitido; o gr. omite estas últimas palavras.

x. O *homem*, não mais acompanhado pelo profeta, penetra sozinho num certo interior — "a sala" — que é medido sem ser nomeado. O nome venerável será pronunciado pelo próprio homem, e somente no fim (v. 4).

y. Cf. 40,5 nota.

z. O muro do Templo é sagrado; nada deve, de forma alguma, atentar contra a sua dignidade; pelo contrário, o muro exterior do anexo, estranho ao que constitui propriamente o Templo, pode ser reduzido à vontade. O anexo que cerca três lados do

⁷De andar em andar alargavam-se os quartos, ampliação feita em detrimento do muro, andar por andar, em todo o redor da Casa. Assim, aumentava a largura da Casa à medida que subia. Subia-se do andar inferior, pelo intermediário, para o superior. ⁸Em todo o redor da Casa vi uma plataforma, de uma vara inteira, que era a base dos quartos anexos; um envasamento de cinco côvados. ⁹Largura do muro formando o anexo, ao exterior: cinco côvados; quanto ao espaço deixado entre os anexos da Casa ¹⁰e as salas, largura: vinte côvados, em todo o redor da Casa. ¹¹Entradas dos anexos para o espaço livre: uma entrada em direção ao norte, outra entrada em direção ao sul; largura do espaço livre: cinco côvados em todo o redor. ¹²O edifício que dá para o pátio, do lado do mar^a, largura: setenta côvados; o muro do edifício, largura: cinco côvados em todo o redor; seu comprimento: noventa côvados. ¹³Ele mediu a Casa; comprimento: cem côvados; o pátio, o edifício e seus muros, comprimento: cem côvados. ¹⁴Largura da fachada da Casa e do pátio para o leste: cem côvados. ¹⁵Ele mediu o comprimento do edifício, do lado do pátio que está atrás, assim como suas galerias, de ambos os lados: cem côvados.

¹⁶A grande sala no interior, os vestibulos que dão para o adro, ¹⁶os limiães, as janelas gradeadas, as galerias, em redor, nos três lados em face do limiar, eram revestidas de madeira sehif: em todo o redor desde o chão até as janelas; também as janelas eram revestidas. ¹⁷Até acima da entrada, até o interior da Casa, assim como no exterior e em todo o muro, em todo o redor, por dentro e por

fora, fora preparado um espaço ¹⁸para querubins e palmeiras: uma palmeira entre um querubim e outro. Cada querubim tinha duas faces: ¹⁹uma face de homem voltada para a palmeira de um lado e uma face de leão voltada para a palmeira do outro lado: Assim foi feito em toda a Casa, em todo o redor. ²⁰Desde o chão até acima da entrada, na parede da grande sala, tinham sido dispostos querubins e palmas. ²¹A grande sala tinha ombreiras quadrangulares.

Diante do lugar santo, o que se via tinha o aspecto ²²de um altar^b de madeira, com três côvados de altura; seu comprimento: dois côvados^c; seus ângulos, sua base^d e seus lados eram de madeira. O homem me disse: 'É a mesa que está diante do Senhor'. ²³Havia uma porta dupla^e para a grande sala e, para o lugar santo, ²⁴uma porta dupla; as portas tinham duas folhas móveis: duas para uma porta e duas para a outra. ²⁵Sobre as portas da grande sala havia querubins e palmeiras, como aqueles que existiam nos muros. Um toldo^f de madeira se apoiava na fachada do vestibulo, na parte externa. ²⁶Havia janelas gradeadas e palmas, em ambos os lados do vestibulo, bem como no anexo da Casa e nos toldos.

42 ¹O homem me fez sair para o adro externo, tomando a direção do norte, fez-me entrar nas salas que estão em frente do pátio e do edifício, ao norte. ²Sobre a fachada, comprimento: cem côvados, para a entrada norte, e largura: cinquenta côvados^g. ³Diante dos vinte côvados do adro interno e diante do pavimento do adro externo, havia galerias superpostas em três andares^h. ⁴Diante das salas, um corredor; largura: dez côvados

santuário está dividido por paredes divisórias numa série de quartos que se prolongam até o muro exterior, cuja espessura de cinco côvados (v. 9) se encontra progressivamente reduzida à medida que a construção se eleva.

a. Em direção a oeste.

b. Ez chama de altar o que outrora era a mesa (Ex 25,25-30) dos pães de oblação (Lv 24,5-9). Por isso, não devemos estranhar ao descobrir sobre esta mesa-altar os chifres, sinais permanentes da santidade divina (cf. Am 3,14; Jr 9,8).

c. O gr. acrescenta: *sua largura, dois côvados*.

d. Hebr. *seu comprimento*. A tradução segue o gr.

e. As portas (cf. 1Rs 6,31-36) já não são incrustados de ouro (cf. 1Rs 6,35; 2Cr 3,7).

f. Cf. 1Rs 7,6. O termo é técnico e difícil de traduzir: trata-se de um dossel ou de uma barreira de madeira escamoteável colocada diante da fachada?

g. V. ininteligível: não se sabe de que *fachada* se trata.

h. Tradução muito hipotética.

em direção do adro interior; comprimento: cem côvadosⁱ; suas entradas eram do lado norte. ⁵As salas de cima eram mais estreitas, pois as galerias lhes tiravam o espaço, mais do que às de baixo e às do meio. ⁶Estas salas formavam três andares e não tinham colunas semelhantes às do adro; também eram mais estreitas que as salas de baixo e as do meio, a partir do chão. ⁷O muro externo, ao longo das salas, em direção ao adro externo, em frente às salas; seu comprimento: cinquenta côvados. ⁸Pois o comprimento das salas do adro externo é de cinquenta côvados; pelo contrário, em frente da grande sala: cem côvados. ⁹Debaixo das mesmas salas abria-se a entrada oriental, para quem entrava vindo do adro exterior. ¹⁰Ao longo do muro do adro, em direção do leste^j, em frente do pátio e do edifício, havia salas ¹¹com um caminho diante delas; mesmo aspecto das salas que estavam em direção do norte: mesmo comprimento e mesma largura, mesmas saídas, mesmas disposições e mesmas portas. ¹²Era como as portas das salas voltadas para o sul: uma abertura na extremidade do caminho, em frente do muro de proteção^k voltado para o oriente, à sua entrada. ¹³O homem me disse: 'As salas do norte e as salas do sul situadas defronte do pátio são as salas do santuário; pois é ali que os sacerdotes que se aproximam^l do Senhor devem comer as coisas santíssimas. É lá que devem depositar as coisas santíssimas, a oferta e o sacrifício pelo pecado e o

sacrifício de reparação, porque este lugar é santo^m. ¹⁴Uma vez entrados ali, os sacerdotes não sairão do lugar sagrado para o adro externo, mas ali depositarão suas vestes com as quais oficiam, porque estas vestes são sagradas. Porão outras vestes; e poderão se aproximar dos lugares destinados ao povo". ¹⁵O homem completou as medidas interiores da Casa, levou-me para fora, em direção à porta voltada para o leste, e a mediu em todo o redor. ¹⁶Mediu o lado oriental com a vara de medição: quinhentas varas, conforme a vara de medições, em redor. ¹⁷Mediu o lado setentrional: quinhentas varas conforme a medição, em redor. ¹⁸Mediu o lado meridional: quinhentas varas conforme a vara de medição. ¹⁹Terminou pelo lado do mar mediu: quinhentas varas conforme a vara de medição. ²⁰Mediu o conjunto dos quatro lados, havia um muro em todo o redor: comprimento: quinhentas; e largura quinhentas. Este muro devia separar o sagrado do profano.

43 O retorno da Glória. 'Ele me conduziu à porta, a porta que dá para o oriente. ²E eis que do oriente chegava a Glória^a do Deus de Israel, com um fragor semelhante ao bramido das grandes águas, e a terra resplandecia com a sua Glória. ³Era como uma visão^b — a visão que eu tivera —, como a visão que eu tive quando ele veio para destruir a cidade; eram visões semelhantes à visão que eu tive junto do rio Kebar. Então caí com o rosto em terra. ⁴E a Glória do SENHOR

i. Hebr. *um caminho de um côvado*. A tradução segue o gr. e o sir.

j. O gr. lê: *ao sul*.

k. Tradução hipotética.

l. Segundo a doutrina de Ez, só os sacerdotes *se aproximam do Senhor* (42,13; 43,19) e *se mantêm diante dele* (44,15), isto é, *aproximam-se da mesa* (44,16) e *fazem o serviço do altar* (40,46), *oferecendo a gordura e o sangue* (44,15). O povo é simplesmente admitido a se prosternar na entrada do pátio interno, aberto apenas aos sábados e nas luas novas. Quanto ao príncipe, introduzido no pátio interno, deve permanecer junto à entrada, encostado nas ombreiras da porta (46,1-3).

m. Visto que a *Glória do Senhor* reside no santuário (43,4), este lugar é *santo* (42,14), radicalmente separado do profano por um muro que o isola de todos os lados (42,20). Só os sacerdotes

podem transpô-lo, porque são *santificados* (48,11). Além disso, eles só participam do *serviço do Senhor* (40,46) vestidos de ornamentos sagrados (42,14), que não podem entrar em contato com o profano: é necessário que sacerdotes depositem seus ornamentos em sacristias *santas* (44,19). Quanto às vítimas de certos sacrifícios, tornadas *santíssimas*, não podem mais ser consumidas a não ser pelos sacerdotes *santos*, e em lugar *sagrado* (42,13).

n. No seu retorno, a *Glória do Senhor* segue em sentido inverso o mesmo itinerário que iniciara no momento de sua partida (cf. 10,18-22; 11,22-25).

o. A visão da Glória, cujo resplendor atinge a terra e cuja manifestação é acompanhada por um poderoso estrondo, lembra Is 6,3-5 e, mais ainda, a primeira visão de Ez: 1,28; 3,12. Sobre o castigo da cidade, cf. caps. 9—10.

3,14 entrou na Casa, pela porta que dá para o oriente. ⁵O Espírito levantou-me e me fez entrar no adro interno. E eis que a Glória do SENHOR enchia a Casa⁶. ⁶E ouvi uma voz que me falava do interior da Casa, enquanto o homem se mantinha a meu lado. ⁷Foi-me dito: "Filho de homem, este é o lugar do meu trono e o lugar da planta dos meus pés⁸; é aqui que habitarei, no meio dos filhos de Israel, para sempre.

A casa de Israel não mais maculará meu santo nome; nem ela, nem seus reis, com suas depravações, nem os cadáveres de seus reis⁹ com seus túmulos⁸. ¹⁰Eles puseram seu limiar ao lado de meu limiar, as ombreiras de suas portas ao lado das minhas, com uma parede-meia entre mim e eles. Eles macularam meu santo nome pelas abominações que cometeram; por isso, eu os exterminei em minha cólera. ¹¹Agora, eles afastarão de mim suas depravações, como também os cadáveres de seus reis, e habitarei no meio deles para sempre.

¹²E tu, filho de homem, descreve esta Casa à casa de Israel; que eles se envergonhem de suas iniquidades; que façam a medição do plano. ¹³Se eles se envergonham de tudo o que cometeram, faze-lhes conhecer a organização da Casa, sua disposição, suas saídas, suas entradas, toda a sua organização, todas as suas prescrições, toda a sua organização, e todo o seu ritual. Escreve isto diante de seus olhos, a fim de que guardem toda a

sua organização e todas as suas prescrições e as apliquem. ¹⁴Tal é a lei da Casa: no cimo do monte, todo o seu território, em todo o redor, é santíssimo. Aí está! Tal é a lei da Casa".

O altar. ¹⁵Estas são as dimensões do altar¹⁶ Ex 27,1-8 em côvados, valendo este côvado um côvado e um palmo. O fosso¹⁷, medido com este côvado¹⁸: um côvado de largura; e a medida da borda que o contorna é de um palmo. Eis a altura do altar: ¹⁹do "seio-da-terra"¹⁹ até o soco inferior, dois côvados, sobre uma largura de um côvado; a partir do soco menor até o soco maior, quatro côvados sobre uma largura de um côvado. ²⁰A "montanha-de-Deus"²⁰: quatro côvados, e acima do ápice, quatro chifres. ²¹A "montanha-de-Deus"²¹: doze côvados de comprimento por doze de largura; é quadrada pelos quatro lados. ²²O soco: quatorze côvados de comprimento por quatorze côvados de largura, pelos quatro lados. A borda que o rodeia, meio côvado; o fosso em redor dele, um côvado. Seus degraus estão voltados para o oriente.

²³O homem me disse: "Filho de homem, assim fala o Senhor Deus: Eis as prescrições referentes ao altar, no dia em que for construído, para fazer subir sobre ele o holocausto e nele derramar o sangue. ²⁴Aos sacerdotes levitas — os da linhagem de Sadoq, que se aproximam de mim para servir-me, oráculo do Senhor Deus

p. Comparar com Ex 40.43-44; Nm 14.21; 1Rs 8.10-11; 2Cr 5.13-14; Sl 72.19.

q. Outrora se considerava a arca o escabelo (1Cr 28.2; Sl 99.5; 132.7; Lm 2.1) ou o trono do Senhor (1Sm 4.4; Is 37.16).

Presente, antigamente, no fundo do santuário (1Rs 6.19), a arca agora desapareceu, mas Ez considera que o conjunto do santuário de agora em diante assegura o papel que a arca tinha no passado (cf. Jr 3.16-17).

r. A necrópole real, construída nas dependências do palácio (no interior da cidade de David: 1Rs 2.10; 11.43 etc.), sendo este contíguo ao Templo (1Rs 7.12), continha com sua simples presença o santuário, exatamente como o simples contato de um cadáver torna o sacerdote *impuro* (44.25-26), incapaz de servir ao Senhor (40.46) na sua Casa.

s. Segundo 2Rs 21.18.26, Manassés e Amon não foram enterrados na necrópole real, mas no *jardim de Uzá*. Este jardim devia encontrar-se na vizinhança imediata do palácio, de modo

que seus túmulos estavam muito mais próximos do Templo do que os dos outros reis.

t. Formado por uma superposição de planos paralelos, cada um dos quais menor do que aquele que o sustenta, o altar de Ez se parece com "zigurates", torres piramidais por andares, que o profeta pôde ver entre os babilônios, onde tais construções serviam de templos. Dessas torres-santuários, o altar de Ez conserva a forma, mas também o significado global, expresso pelo mesmo vocabulário. Não se trata do "altar de ouro", nem mesmo do "altar recoberto de ouro" dos tempos salomônicos (1Rs 6.21; 7.48).

u. Fosso que cerca o altar (cf. 1Rs 18.32); é chamado *seio-da-terra* no v. 14.

v. Cf. 40.5 nota. O palmo vale meio côvado.

w. Termo técnico, de origem babilônica, que designa a base do altar.

x. Outro termo técnico babilônico que designa o ápice do altar (cf. 28.14-16). O v. 15 menciona a altura desta parte do altar e o v. 16 suas outras dimensões.

— darás um novilho em sacrifício pelo pecado. ²⁰Apanhando do seu sangue, tu o passarás sobre os quatro chifres do altar, sobre os quatro ângulos do soco e sobre toda a borda em redor. Assim farás a expiação e a propiciação do altar. ²¹A seguir, tomarás o touro que serviu para a expiação e será queimado em lugar para isto designado na Casa, fora do santuário. ²²No dia seguinte oferecerás para a expiação um bode, sem defeito, e será feita a expiação pelo altar, como foi feita com o touro. ²³Quando tiveres concluído a expiação, oferecerás um novilho sem defeito, e um carneiro sem defeito, tomado do rebanho. ²⁴Tu os apresentarás diante do SENHOR: os sacerdotes lançarão sobre eles sal^y e os farão subir em holocausto para o SENHOR. ²⁵Durante sete dias, farás o sacrifício do bode pelo pecado, cada dia; o mesmo se fará com o novilho e o carneiro sem defeito tomado do rebanho. ²⁶Durante sete dias, se fará a propiciação para o altar; ele será purificado e inaugurado. ²⁷Passados estes dias, os sacerdotes realizarão sobre o altar, no oitavo dia e nos seguintes, vossos holocaustos e vossos sacrifícios de paz; então eu vos serei favorável — oráculo^z do Senhor DEUS^z.

44 Regras de admissão ao santuário.

¹O homem levou-me para a porta exterior do santuário, a que dá para o oriente; estava fechada. ²O SENHOR me disse: “Esta porta permanecerá fechada; não será aberta; ninguém entrará por ali; pois o SENHOR, Deus de Israel, entrou ali;

ela ficará fechada. ³Mas o príncipe^a, por ser príncipe, se assentará ali para tomar o alimento^b diante do SENHOR. É pelo vestíbulo da porta que ele entrará, e sairá por este caminho”.

⁴O homem me fez entrar pela porta do norte, até a fachada da Casa. Eu vi, e eis que a glória do SENHOR enchia a Casa do SENHOR. Caí, rosto em terra. ⁵O SENHOR me disse: “Filho de homem, fica bem atento; contempla com teus olhos, escuta com teus ouvidos o que vou te dizer no que se refere a todas as prescrições relativas à Casa do SENHOR e referentes a todo o seu ritual; aplicarás teu coração à significação das entradas da Casa e de todas as saídas^c do santuário.

Os estrangeiros, os levitas e os sacerdotes. ⁶Dirás a estes rebeldes, à casa de Israel: Assim fala o Senhor DEUS: Basta de abominações, casa de Israel! ⁷Introduzis estrangeiros^d, incircuncisos de coração, incircuncisos de carne, para ficarem no meu santuário e profanarem a minha Casa; ofereceis meu alimento — a gordura e o sangue —, de modo a romper minha aliança por todas as vossas abominações. ⁸Não garantistes o serviço relativo às minhas coisas santas, mas estabelecesteis estrangeiros, a fim de que assegurem vós por este serviço, no meu santuário. ⁹Assim fala o Senhor DEUS: Nenhum estrangeiro, incircunciso de coração e incircunciso de carne, entrará em meu santuário; nenhum estrangeiro que mora no meio dos filhos de Israel^e. ¹⁰Quanto aos levitas^f, que se afastaram

43.3-5;
Ex 40,34s;
1Rs 8,10

2Cr 13.9-11

y. O sal, que purifica (16,4), dá também o sabor (Mt 5,13); por isso é símbolo de amizade (Mc 9,50), de aliança (Lv 2,13; Nm 18,19; 2Cr 13,5); ele é também incluído nos sacrifícios que, sem ele, não seriam agradáveis a Deus (cf. Lv 2,13 nota).

z. Cf. 20,40-41.

a. Cf. 45,7 nota e 46,2-18; 48,21-22.

b. Lit. *comer o pão*, tomando parte na refeição que segue certos sacrifícios, sobretudo o “sacrifício de paz” (cf. 18,6.11.15; 22,9; 33,25; 42,13; 44,29; 46,20.24).

c. Tais exigências justificam a complexa arquitetura das entradas como também das numerosas janelas (40,16), pelas quais os levitas-porteiros (44,11) podem vigiar o povo.

d. O livro de Esd explica a presença desses estrangeiros seja

por uma iniciativa de David (8,20), seja por uma decisão de Salomão (2,55). Será que não se trata desses mesmos personagens que aparecem em Js 9,27, os guibonitas astutos que teriam extorquido de Josué um juramento de aliança? (Cf. 2Sm 12,31; 1Rs 9,20.) Por ser incircuncisa, essa gente está excluída do Templo (cf. Is 52,1).

e. Os estrangeiros que já habitavam em Israel (14,7; 22,7) poderiam permanecer ali (cf. 44,22-23 e Dt 23,8.9; 30,10; Ne 13,3).

f. Os levitas haviam sido os ministros dos santuários de província onde outrora se havia celebrado uma liturgia ambígua; eram também chamados “sacerdotes dos lugares altos” (2Rs 23,9). Ez os chama, mas uma só vez, “sacerdotes” (40,45). Outrora pactuaram com Israel em sua idolatria (44,10) a ponto de arras-

de mim no tempo em que Israel se extraviava, se extraviavam longe de mim, seguindo seus ídolos —, eles carregarão o peso de seu pecado. ¹¹Eles estarão no meu santuário, como ministros que vigiam as portas da Casa e ministros da Casa; são eles que degolarão os animais do holocausto e do sacrifício para o povo; e são eles que ficarão de pé diante do povo para servi-lo. ¹²Visto que o serviram diante dos ídolos e fizeram a casa de Israel cair no pecado, levanto a mão contra eles — oráculo do Senhor DEUS —, e carregarão o peso de seu pecado. ¹³Não se aproximarão de mim para exercer meu sacerdócio, nem para se aproximar de todas as minhas coisas santas, coisas santíssimas; carregarão o peso de sua desonra e das abominações que cometeram. ¹⁴Estabeleço-os, para garantir sua função na Casa, para tudo o que concerne ao serviço dela e de qualquer coisa que nela for preciso fazer. ¹⁵Quanto aos sacerdotes levitas^a, filhos de Şadoq, que garantiram o ministério do meu santuário, quando os filhos de Israel se extraviavam longe de mim, são eles que se aproximarão de mim, para me servir. Permanecerão diante de mim para me apresentar a gordura e o sangue — oráculo do Senhor DEUS. ¹⁶São eles que entrarão no meu santuário; são eles que

se aproximarão de minha mesa, para me servir e para assegurar o meu ministério. ¹⁷Então, quando entrarem pelas portas do adro interno, usarão roupas de linho. Não usarão vestes de lã^b quando oficiarem às portas do adro interno e na Casa. ¹⁸Terão na cabeça turbantes de linho e nos rins calções de linho. Não usarão cinturão, por causa do suor. ¹⁹Quando saírem para o adro externo, para o povo, tirarão as vestes com as quais tiverem oficiado e as depositarão na sala do santuário. Tomarão outras vestes e não santificarão o povo por suas vestes^c. ²⁰Não rasparão a cabeça, nem deixarão a cabeleira crescer livremente, mas a cortarão cuidadosamente. ²¹Nenhum sacerdote beberá vinho quando tiver de entrar no adro interno. ²²Não se casarão com mulher viúva ou repudiada, mas somente com virgens da casa de Israel; poderão casar-se com uma viúva de sacerdote. ²³Ensinarão a meu povo a distinção entre o sagrado e o profano e o farão conhecer a distinção do puro e do impuro. ²⁴Em caso de processo, eles intervirão como juízes; julgarão o caso segundo o meu direito; observarão minhas decisões e meus decretos em todas minhas solenidades e observarão meus sábados como dias sagrados. ²⁵Não entrarão em casa de um homem morto, porque se tornariam impuros;

Ex 28,5.42

Lv 21,5

Lv 21,7.13

tar o povo para o pecado (44,12). Integrados ao clero da metrópole, são reduzidos a funções subalternas (44,13). Encarregados do “ministério da Casa” (40,45; 44,14), vigiam as entradas (44,11), ocupam-se, nos casos dos serviços públicos, das vítimas que eles mesmos imolaram, porque “servem” [*sharat*, no presente contexto traduzido também por *ministrar*, *oficiar* etc.] ao povo” (44,11). No pátio interno, dispõem de um local que lhes é reservado (40,45) e recebem em patrimônio um território situado na “santa reserva”, separada do santuário (45,5; 48,13). Cf. Dt 18,6; 2Rs 23,9; Nm 3,6-9; 8,18; 18,1-7.

g. “Membros da tribo de Levi” (40,46), os *sacerdotes levitas* (43,19) são filhos de Şadoq (40,46; 43,19; 44,15; 48,11; cf. 1Rs 2,35) e prestam serviço, desde David (2Sm 15,24), no santuário de Jerusalém. Não tomaram parte na idolatria do povo perpetrada nos “lugares altos” e se mantiveram fiéis às observâncias divinas. “Destinados do Senhor”, a seu “serviço” (40,46), “mantêm-se diante dele” (44,15-16; cf. 43,19), “aproximam-se do Senhor” (42,13 nota), “realizando o ministério do altar” (40,46) oferecendo “a gordura e o sangue” (44,15). Encarregados de fazer cozinhar ou ferver a vítima de certos sacrifícios em lugar especial (46,20), têm um direito particu-

lar sobre as vítimas ou as diversas oferendas do povo (44,29-30). Usam ornamentos (44,17-19), estão obrigados a um comportamento correto e a minuciosas regras de pureza (44,20-25). Encarregados de instruir o povo, o ensinam a “distinguir entre o sagrado e o profano, o puro e o impuro” (44,23); preocupam-se também em dirimir os casos de consciência que o povo lhes submete (44,24). Por fim, convidados a não possuir outros bens ou outra herança (Dt 10,8-9) que não o Senhor, recebem um território onde podem construir suas casas, uma ampla faixa de terra no meio da qual se encontra o santuário (45,3-4; 48,9-12).

h. A proibição das vestes de lã para o exercício das funções litúrgicas encontra-se entre os egípcios e os cananeus; ela é justificada, no v. 18, por razões de limpeza.

i. Segundo as representações mais arcaicas e mais rudimentares, a santidade era uma espécie de força que se transmitia da divindade aos objetos do culto e, através destes, às pessoas que tocavam estes objetos. Força temível, a santidade podia então aniquilar os que se haviam *santificado* indevidamente, ou seja, aqueles que, sem nenhuma preparação ritual, haviam entrado em contato com eles (cf. 2Sm 6,7).

contudo para um pai, uma mãe, um filho, uma filha, um irmão, uma irmã que não pertenceu a um homem, poderão tornar-se impuros. ²⁶Quando ele se tiver purificado, serão contados sete dias. ²⁷Depois, no dia em que entrar no santuário — no adro interno, para officiar no santuário —, ele apresentará seu sacrifício pelo pecado — oráculo do Senhor DEUS.

Lv 21.1-4

Nm 18.20

²⁸Eles terão um patrimônio¹, e seu patrimônio serei eu; não lhes serão dadas propriedades em Israel: sou eu a propriedade deles. ²⁹São eles que comerão a oferenda, a vítima pelo pecado e o sacrifício de reparação; tudo o que é votado ao interdito em Israel será para eles. ³⁰A parte melhor das primícias de tudo, e de todos os tributos de tudo, tomada de todos os vossos tributos, será para os sacerdotes, e a melhor parte de vossas fornadas dareis aos sacerdotes, para que a bênção repouse sobre tua casa. ³¹Os sacerdotes não comerão animal encontrado morto ou dilacerado, quer se trate de ave ou de quadrúpede.

45 Os territórios reservados. ¹Quando repartirdes a terra em lotes, reservareis uma parte^a para o SENHOR; ela será sagrada, tomada da terra; comprimento: vinte e cinco mil côvados; largura: dez mil¹. Será sagrada em todo o seu território, em toda a sua extensão. ²No interior, haverá para o santuário um quadrado de quinhentos côvados por quinhentos e, em torno dele, uma área de cinquenta côvados^m. ³Sobre o que tereis reservado, tu medirás vinte e cinco mil

côvados de comprimento por dez mil de largura; ali ficará o santuário, o lugar santíssimo. ⁴Sagrado, tomado da terra, este lugar pertencerá aos sacerdotesⁿ que ministram no santuário, àqueles que se aproximam do SENHOR para servi-lo; terão assim um assentamento para suas casas e um lugar sagrado para o santuário. ⁵Uma área de vinte e cinco mil côvados de comprimento e dez mil de largura pertencerá aos levitasⁿ que servem à Casa; eles possuirão ali cidades para morarⁿ. ⁶Para a propriedade da cidade, dareis cinco mil côvados de largura e vinte e cinco mil de comprimento, correspondendo à parte do santuário; e isto será para toda a casa de Israel. ⁷Para o príncipeⁿ haverá uma área de cada lado da parte do santuário e da parte da cidade, ao longo da parte do santuário e da parte da cidade: do lado e em direção ao mar, e do lado e em direção ao oriente; seu comprimento corresponderá a cada um dos lotes, desde o limite marítimo até o limite oriental ⁸da terra; esta será sua propriedade em Israel. Assim meus príncipes não explorarão mais meu povo; darão a terra à casa de Israel, às suas tribos.

Direitos e deveres do príncipe

⁹“Assim fala o Senhor DEUS:

Já é demais, príncipes de Israel: Rejeitai a violência e a rapina; praticai o direito e a justiça; deixai de vossas extorsões contra meu povo;
— oráculo do Senhor DEUS!

j. A Vulg. lê: *Não haverá patrimônio para eles; serei eu seu patrimônio.*

k. Cf. 48.8. — * [Mesma raiz de *terumá*, termo técnico para diversos tipos de “tributos sagrados”; cf. Nm 18.11 nota.]

l. O gr. dá *vinte mil*.

m. Para “separar o sagrado do profano” (42.20; 44.23), pois “no cimo do monte... todo o território é santíssimo” (43.12). n. Cf. 44.15 nota.

o. Cf. 44.10 nota. Sobre as “cidades levíticas”, cf. Nm 35.1-8; Js 21.1-42 e 1Cr 6.39-66.

p. Traduzido segundo o gr.; hebr. *vinte salas*.

q. Povo posto à parte. Israel, de quem o Senhor quer ser o guia, o pastor (34.12-16), o rei (20.33), não pode ter, como as

outras nações (cf. 11.12; 20.32; 25.8), um rei. É por isso que o descendente de David (34.23), rebento novo plantado no monte (17.22-23), será também pastor em Israel, mas a título de *príncipe* (34.24; cf. Ex 22.27). Regido por um estatuto especial que limita seu direito de possuir e o de fazer testamento (45.7-9; 46.16-18), é-lhe retirada toda autoridade e toda função cultural. Seu palácio, profano (43.7-9), está distante do santuário (41.4). Foi-lhe deixado um lugar de honra durante a liturgia (44.1-3; 46.12); resta-lhe também o encargo de prover aos sacrifícios solenes (45.17-25; 46.4).

r. Cf. 43.7-9. Condenação pelos profetas da injustiça praticada pelos reis e os altos funcionários: 1Rs 21; Am 5.7-13; Is 5.7-8; Mq 2.2-9; Jr 22.1-5.

¹⁰Usai balanças justas, uma efá justa, um bat justo^s. ¹¹Que a efá e o bat sejam da mesma capacidade; que o bat contenha um décimo de hômer e a efá um décimo de hômer; é de acordo com o hômer que será avaliada sua capacidade. ¹²O siclo valerá vinte guerás; vinte siclos, mais vinte e cinco siclos, mais quinze siclos valerão uma mina.

¹³Eis a parte que reservareis em tributo: um sexto de efá de cada hômer de trigo e um sexto de efá de cada hômer de cevada. ¹⁴O decreto sobre o azeite — o bat de azeite —: um décimo de bat por kor, dez bates formam um hômer, sendo que dez bates perfazem um kor. ¹⁵Uma ovelha de cada rebanho de duzentas cabeças das pastagens de Israel servirá para a oferta, os holocaustos e os sacrifícios de paz, para fazer o rito de absolvição sobre o povo — oráculo do Senhor DEUS. ¹⁶Todo o povo da terra participará deste tributo para o príncipe em Israel.

¹⁷O príncipe se encarregará dos holocaustos, da oferta e da libação, por ocasião das peregrinações, da lua nova, dos sábados e por ocasião de todas as festividades da casa de Israel: é ele que fará o sacrifício pelo pecado, assim como a oferta, o holocausto e os sacrifícios de paz, para fazer o rito de absolvição em favor da casa de Israel. ¹⁸Assim fala o Senhor DEUS: no primeiro mês^t, no primeiro dia do mês, tomarás um touro sem defeito e farás a expiação pelo santuário. ¹⁹O sacerdote tomará o sangue da vítima pelo pecado e o aplicará nos umbrais da Casa, nos quatro ângulos do soko do altar e nos umbrais da porta do adro interno. ²⁰Farás o mesmo no dia sete

do mês, para quem pecou por inadvertência ou por distração. Fareis o rito da absolvição da Casa. ²¹No primeiro mês, o décimo quarto dia do mês será para vós a Páscoa, uma festa de sete dias; comer-se-ão pães sem fermento^u. ²²Nesse dia, o príncipe fará o sacrifício pelo pecado: um touro, para si mesmo e para todo o povo. ²³Durante os sete dias da festa, ele fará o holocausto para o SENHOR: sete touros e sete carneiros sem defeito, em cada um dos sete dias, assim como o sacrifício pelo pecado: um bode por dia. ²⁴Fará a oferta de um efá de farinha por touro e de um efá por carneiro; em azeite, de um hin por efá. ²⁵No sétimo mês, no décimo quinto dia do mês, por ocasião da Festa^x, fará o mesmo durante sete dias: mesmo sacrifício pelo pecado, mesmo holocausto, mesma oferta, mesma apresentação de azeite.

46 ¹Assim fala o Senhor DEUS: A porta do adro interno que está voltada para o oriente estará fechada durante os seis dias de trabalho; mas no dia de sábado estará aberta; também estará aberta no dia de lua nova^y. ²O príncipe, vindo de fora, entrará pelo vestibulo da porta e se postará junto da ombreira da porta; depois, os sacerdotes oferecerão o holocausto do príncipe e seus sacrifícios de paz. O príncipe se prosternará no limiar da porta e depois sairá, mas a porta não será fechada até o entardecer. ³Os leigos^z se prosternarão diante do SENHOR na entrada desta porta^z, nos sábados e nas luas novas. ⁴O holocausto que o príncipe oferecerá ao SENHOR, em dia de sábado, será de seis cordeiros sem defeito e de um carneiro sem defeito. ⁵A oferta será de um efá de farinha para

s. Para essas medidas, ver a "Tabela dos pesos e medidas".

t. A festa da Páscoa, no dia 14 de nisan (março-abril) (v. 21), é precedida por uma semana de expiação para o santuário (v. 20). Ela se inicia com um sacrifício; as portas (cf. Ex 12,22) e o altar são purificados pelo sangue (v. 19). No fim da semana o sacrifício é renovado pelas faltas dos particulares (v. 20).

u. Primeiro testemunho, ao que parece, da junção numa só solenidade de dois ritos outrora separados: o rito pascal e o dos pães sem fermento (cf. Ex 12,15).

v. A Festa, ou a festa das Tendões, era a mais importante e a mais freqüentada das três peregrinações anuais ao santuário (cf.

Ex 23,14,17; 34,23). Chama-se a Festa (1Rs 8,2,65), a Festa do Senhor (Lv 23,29; cf. Nm 29,12), a Festa do Senhor que se celebra cada ano em Shilô (Jz 21,19; cf. 1Sm 1,3), a grande Festa (Zc 14,16).

w. Por ocasião da lua nova, os membros de um mesmo clã se reuniam para uma liturgia sacrificial que podia prolongar-se com um banquete sagrado (1Sm 20,5,24-29).

x. Lit. O povo da terra. A expressão empregada ao longo de toda a história de Israel assumiu diversos significados; aqui distingue os leigos dos sacerdotes e do príncipe.

y. Comparar com o v. 12 e também com 44,1-3.

o carneiro; para os cordeiros, a oferta será um dom espontâneo de sua parte; quanto ao azeite, um hin por efá. ⁶No dia da lua nova, a oferta será de um novilho sem defeito, de seis cordeiros e de um carneiro sem defeito. ⁷O príncipe fará também a oferta de um efá pelo novilho e de um efá pelo carneiro; para os cordeiros, será segundo as suas possibilidades; quanto ao azeite, um hin por efá. ⁸Quando o príncipe entrar, entrará pelo vestibulo da porta e sairá por este caminho. ⁹Quando os leigos vierem diante do SENHOR, por ocasião das solenidades, os que entrarem pela porta norte, para se prosternarem, sairão^a pela porta do Négueb e os que entrarem pela porta do Négueb sairão pela porta norte; não se sairá pela porta pela qual se entrou; a saída será pela porta oposta. ¹⁰Quanto ao príncipe, entrará no meio deles, no momento em que entram, e sairá quando eles saírem. ¹¹Por ocasião das peregrinações e das festas, a oferta será de um efá para o novilho e de um efá para o carneiro; para os cordeiros, será um dom espontâneo de sua parte; quanto ao azeite, um hin por efá.

¹²Quando o príncipe fizer, para o SENHOR, um holocausto voluntário ou um sacrifício de paz voluntário, ser-lhe-á aberta a porta que dá para o oriente e oferecerá seu holocausto e seus sacrifícios de paz, como faz em dia de sábado; depois sairá, e a partir de sua saída a porta ficará fechada. ¹³Com um cordeiro de um ano, sem defeito, fará cada dia um holocausto ao SENHOR; fará isto cada manhã. ¹⁴Como oferta acrescentará a isto, todas as manhãs, um sexto de efá e um terço de hin de azeite, com que se aspergirá a farinha. É a oferta para o SENHOR; é lei perene, para sempre.

¹⁵Será oferecido o cordeiro, será feita a oferta do azeite cada manhã em holocausto perene.

Os direitos imobiliários do príncipe.

¹⁶Assim fala o Senhor DEUS: Se o príncipe der um presente a algum de seus filhos, esse presente tornar-se-á patrimônio desse filho; esse patrimônio se tornará propriedade dos filhos deste e o direito de propriedade será hereditário. ¹⁷Se o príncipe der um presente a algum dos seus servos, esse presente, tirado de seu próprio patrimônio, pertencerá ao servo até o ano da anistia, depois voltará ao príncipe; somente a parte do patrimônio dada aos filhos do príncipe ficará como propriedade destes. ¹⁸O príncipe nada tomará do patrimônio do povo, extorquindo-lhes sua propriedade. É de sua propriedade que ele constituirá o patrimônio de seus filhos, para que ninguém do meu povo seja dispersado longe de sua propriedade".

Lv 25,2-7

IR. 21

As cozinhas do Templo. ¹⁹Pela entrada que está ao lado da porta, ele me fez penetrar nas salas santas, voltadas para o norte e destinadas aos sacerdotes. Havia no fundo um espaço, para o oeste. ²⁰Ele me disse: 'É o lugar em que os sacerdotes farão cozer^b o sacrifício para a oferta e pelo pecado, e farão cozer a oferta sem que façam sair nada dela para o adro externo, pois isto santificaria^b o povo'. ²¹Fez-me sair para o adro externo e fez-me passar junto aos quatro ângulos do adro: havia uma área em cada ângulo do adro. ²²Nos quatro ângulos do adro essas áreas eram exíguas: comprimento: quarenta côvados, e largura: trinta; as mesmas dimensões para as quatro. ²³Em torno de cada uma das áreas havia uma construção de alvenaria e ao pé dessa construção viam-se fogões dispostos ao redor. ²⁴O homem me disse: "São as cozinhas; é ali que os ministros da Casa farão cozer os sacrifícios do povo^d".

z. Nos dias de festa, isto é, de afluência, o povo penetra no santuário em procissão e todos devem seguir o itinerário preestabelecido; o próprio príncipe se acomoda à regra comum (v. 10).

a. O uso é muito antigo; cf. ISm 2,12-16.

b. Santificado, o povo não podia entregar-se às suas ocupações habituais (cf. 44,19 nota).

c. Tradução segundo o gr. de uma palavra hebr. desconhecida.

d. As cozinhas reservadas aos sacerdotes são distintas daquelas de que o povo se serve.

47 A fonte do Templo. ¹Ele me fez ir para a entrada do Templo^f. Eis, saía água^g de debaixo da soleira da Casa, em direção ao oriente, pois a fachada da Casa estava voltada para o oriente; e a água descia de debaixo do lado direito da Casa^h, ao sul do altar. ²Ele me fez sair pela porta norte; depois me fez contornar a parte externa, até a porta exterior que dá para o oriente, e eis que a água escorria do lado direito. ³Quando o homem saiu em direção ao oriente, com o cordel nas mãos, mediu mil côvados; fez-me atravessar a água: ela chegava até os tornozelos. ⁴Depois mediu mil côvados e me fez atravessar a água: ela chegava até os joelhos. A seguir mediu mil côvados e fez-me atravessar a água: chegava até os rins. ⁵Depois mediu mil côvados: era uma torrente que eu já não conseguia atravessar, pois a água tinha subido muito: era tanta que precisava nadar, uma torrente intransponível. ⁶Ele me disse: 'Viste, filho de homem?' Depois levou-me outra vez à beira da torrente. ⁷Quando me levava de volta, eis que, à beira da torrente, havia numerosas árvores, dos dois lados. ⁸Ele me disse: 'Esta água vai para o distrito oriental e desce para a Arábá; ela penetra no marⁱ; depois de ela se ter lançado ao mar^j, as águas são saneadas^k. ⁹E então todos os seres vivos pulantes viverão onde quer que a torrente penetre. Haverá grande quantidade de peixes, pois esta água chegará lá e as águas do mar serão saneadas; e haverá

vida onde quer que a torrente penetre. ¹⁰Então os pescadores se postarão nas margens; e desde En-Guedi até En-Egláim será um secadouro de redes. As espécies de peixe serão tão numerosas como as do grande mar^l. ¹¹Mas suas lagoas e seus pântanos não serão saneados; serão deixados para a exploração do sal^m. ¹²Às margens da torrente, de ambos os lados, crescerão todas as espécies de árvores frutíferas; suas folhas não murcharão e seus frutos não acabarão; a cada mês darão uma nova colheita, porque a água da torrente sai do santuário. Seus frutos servirão de alimento e sua folhas, de remédioⁿ.

As fronteiras da terra. ¹³Assim fala o Senhor DEUS: 'Eis os limites segundo os quais distribuireis a terra entre as doze tribos de Israel, cabendo a José duas partes. ¹⁴Possuí-la-eis em patrimônio, todos com parte igual, porque eu jurei com a mão erguida, dá-la a vossos pais; por isso, esta terra vos cabe em patrimônio. ¹⁵Eis a fronteira da terra^o: do lado norte, desde o grande mar, a rota de Hetlon — que vai a Sedad —, ¹⁶Hamat, Berotai, Sibráim — que está entre o território de Damasco e o território de Hamat — Haşer-Tikon, que fica em direção ao território de Hauran. ¹⁷Assim a fronteira irá do mar até Haşar-Enon, ficando o território de Damasco ao norte como também o território de Hamat. É o lado norte. ¹⁸Do lado do oriente: medireis

e. Cf. 40,5 nota.

f. Na Palestina, uma fonte era frequentemente considerada um símbolo do poder vivificador de Deus; nesses lugares costumava-se construir um santuário. Assim era em Jerusalém com as fontes de Guihon (cf. 1Rs 1,33-40) e de Siloé. Na nova Síria, Ez vê uma nova fonte jorrando de debaixo do Templo. Mas enquanto a humilde fonte de Siloé parecia a alguns tão pouco satisfatória quanto a intervenção salvadora do Senhor (cf. Is 8,6), a partir de agora a fonte da cidade nova, jorrando e aumentando (cf. Sl 46,5), fertilizando a região mais deserta da terra, vai manifestar o poder invencível, vivificador do Senhor cuja glória habita no Templo. Este quadro de uma água abundante, que faz germinar, em grande número, árvores frutíferas (v. 7), árvores cujas folhas são dotadas de propriedades medicinais (v. 12), retoma a imagem paradisíaca do jardim de Éden, também ele maravilhosamente

irrigado, onde germinava, em meio a luxuriante vegetação, "a árvore da vida" (Gn 2,9-14). Os escritos joaninos viram a realização do oráculo profético no corpo de Jesus Cristo, novo Templo (Jo 2,21), que deixa escorrer, de seu lado (Jo 19,34), uma água "que jorra para a vida eterna" (Jo 4,14; 7,37-39), e no trono celeste do Cordeiro imolado, de onde sai um "rio de vida" (Ap 22,1,2).

g. I. é, o sul, para quem olha em direção ao oriente.

h. I. é, o mar Morto.

i. A versão síria lê: *no mar, em suas águas nauseabundas*.

j. Lit. *curadas*; cf. 2Rs 2,21-22; cf. também Ex 15,23-25.

k. O grande mar, ou seja, o Mediterrâneo.

l. É preciso explicar a presença do sal exigido pelo rito dos sacrifícios (cf. 43,24).

m. Outras definições, mais ou menos ideais, do território palestino: em Nm 13,21; 34,1-12; 2Sm 24,5-7.

entre o Hauran e Damasco, entre o Guilead e a terra de Israel; o Jordão servirá de fronteira, até o mar oriental. É o lado do oriente. ¹⁹Do lado do Négueb, ao sul: de Tamar até as águas de Mcribá-de-Qadesh, para Naḥalá em direção ao grande mar. É o lado do sul, para o Négueb. ²⁰E do lado do mar: o grande mar, desde a fronteira sul até defronte a Lebô-Ḥamat. É o lado do mar.

²¹Repartireis a terra entre vós, as doze tribos de Israel. ²²Farei isto sorteando as partes de patrimônio, para vós e para os migrantes^a instalados entre vós que geraram filhos no meio de vós; eles serão para vós como um nativo entre os filhos de Israel; juntamente convosco receberão por sorteio uma parte de patrimônio no meio das tribos de Israel. ²³É na tribo em que se encontra o migrante que lhe dareis seu patrimônio — oráculo do Senhor DEUS.

48 As partes das tribos do Norte. ¹“Eis os nomes das tribos”: a partir da extremidade norte, ao longo do caminho de Hetlon, para Ḥamat, Haṣar-Enon, estando o território de Damasco ao norte, ao lado de Ḥamat, desde o limite oriental até o mar: a parte de Dan^p. ²Ao longo da fronteira de Dan, desde o limite oriental até o mar: a parte de Aser. ³Ao longo da fronteira de Aser, desde o limite oriental até o mar: a parte de Neftali. ⁴Ao longo da fronteira de Neftali, desde o limite oriental até o mar: a parte de Manassés. ⁵Ao longo da fronteira de Manassés, desde o limite oriental até o mar: a parte de Efraim. ⁶Ao longo da fronteira de Efraim, desde o limite oriental até o mar: a parte de Rúben. ⁷Ao longo da

fronteira de Rúben, desde o limite oriental até o mar: a parte de Judá.

A parte do Senhor. ⁸“Ao longo da fronteira de Judá, desde o limite oriental até o mar, estará a parte que reservareis em tributo: vinte e cinco mil côvados de largura e, de comprimento, tanto quanto uma das partes; isto é: desde a margem oriental até a margem do mar; o santuário ficará no meio. ⁹A parte que reservareis em tributo para o SENHOR terá, de comprimento, vinte e cinco mil côvados e, de largura, dez mil. ¹⁰Para os sacerdotes, haverá uma parte sagrada: ao norte, vinte e cinco mil côvados; para o mar, de largura, dez mil; para o oriente, de largura, dez mil; para o Négueb, de comprimento, vinte e cinco mil. O santuário do SENHOR ficará no meio. ¹¹Aos sacerdotes, aos consagrados dos filhos de Sadoq que asseguraram o meu serviço, que não se desviaram no extravio dos filhos de Israel, ao contrário do que fizeram os levitas. ¹²Caberá uma parte da área reservada da terra, parte santíssima, próxima do território dos levitas. ¹³Quanto aos levitas, seu território será idêntico ao dos sacerdotes: vinte e cinco mil côvados de comprimento e, de largura, dez mil. Em toda parte o comprimento será vinte e cinco mil côvados e a largura dez mil. ¹⁴Nada poderá ser vendido; não se trocarão, não se alienarão as primícias^q da terra, pois elas são consagradas ao SENHOR. ¹⁵Os cinco mil côvados que restam de largura, ao longo dos vinte e cinco mil, formarão a área profana da cidade: conjunto de moradias e terrenos^r, ficando a cidade no meio.

n. Comparar este estatuto do migrante com o que Dt 23,3-8; em Ex 12,48-49 propôs: o imigrante que recebeu a circuncisão poderá participar da Páscoa.

o. Comparar esta repartição das tribos com aquela proposta por Js 14-19.

p. Sem levar em conta os mais elementares dados geográficos ou humanos, Ez divide o território de maneira matemática em faixas rigorosamente paralelas que ele destina a cada uma das tribos.

Haverá sete tribos no norte, cinco no sul; entre duas séries,

uma faixa de território comparável às outras; ela pertencerá ao príncipe (v. 21), com exceção do centro, um quadrilátero que constituirá a *sagrada reserva* para o Senhor (v. 8). Este quadrilátero também será dividido em faixas paralelas; no meio, a área sacerdotal (v. 10), cercando o santuário que ocupa o centro (v. 8); acima, a parte dos levitas (v. 13) e, abaixo, a parte da cidade (v. 15). Ver o mapa.

q. Cf. Ex 13,12 nota.

r. * [Comunitários, para o sustento dos levitas (cf. Nm 35,2; Js 21,3 e nota).]

¹⁶Eis as suas dimensões: lado norte, quatro mil e quinhentos côvados; lado do Négueb, quatro mil e quinhentos; lado do oriente, quatro mil e quinhentos e lado do mar, quatro mil e quinhentos. ¹⁷Os terrenos da cidade serão: para o norte, duzentos e cinquenta côvados; para o Négueb, duzentos e cinquenta; para o oriente, duzentos e cinquenta e, para o mar, duzentos e cinquenta. ¹⁸O que restar, de largura, no interior desta parte santa, terá dez mil côvados para o oriente e dez mil para o mar; seu rendimento alimentará os servos da cidade*. ¹⁹Os servos da cidade que o cultivarem virão de todas as tribos de Israel. ²⁰A totalidade da parte terá vinte e cinco mil côvados por vinte e cinco mil. Reservareis um quarto desta parte santa como propriedade da cidade*. ²¹O que sobrar será para o príncipe, de ambos os lados da parte santa e da propriedade da cidade: ao longo dos vinte e cinco mil côvados da parte reservada até a fronteira oriental e, do lado do mar, ao longo de vinte e cinco mil côvados, até os confins do mar. Para o príncipe, uma parte idêntica às outras partes. Portanto haverá, no centro, a parte santa com o santuário da Casa. ²²A propriedade dos levitas e a propriedade da cidade estarão entre a fronteira de Judá e a fronteira de Benjamin, no meio daquilo que pertencerá ao príncipe.

As partes das tribos do sul. ²³O restante das tribos: desde o limite oriental até o mar: a parte de Benjamin. ²⁴Ao longo da fronteira de Benjamin, desde o

limite oriental até o mar: a parte de Simeão. ²⁵Ao longo da fronteira de Simeão, desde o limite oriental até o mar: a parte de Issacar. ²⁶Ao longo da fronteira de Issacar, desde o limite oriental até o mar: a parte de Zabulon. ²⁷Ao longo da fronteira de Zabulon, desde a fronteira oriental até o mar: a parte de Gad. ²⁸Ao longo da fronteira da Gad, até a borda do Négueb, ao sul, a fronteira será: de Tamar, as águas de Meribá-Qadesh, Naḥalá, para o grande mar. ²⁹Esta é a terra que sorteareis como patrimônio entre as tribos de Israel, e estas serão suas partes — oráculo do SENHOR.

As portas da cidade. ³⁰Estas são as saídas da cidade. Do lado norte — de quatro mil e quinhentos côvados*... ³¹As portas da cidade serão designadas pelas tribos de Israel*. Três portas ao norte: a porta de Rúben, a porta de Judá, a porta de Levi. ³²Do lado oriental — de quatro mil e quinhentos côvados — três portas: a porta de José, a porta de Benjamin, a porta de Dan. ³³Do lado do Négueb — de quatro mil e quinhentos côvados — três portas: a porta de Simeão, a porta de Issacar, a porta de Zabulon. ³⁴Do lado do mar — de quatro mil e quinhentos côvados — três portas: a porta de Gad, a porta de Aser, a porta de Neftali. ³⁵O contorno: dezoito mil côvados.

O nome da cidade. “A partir deste dia, o nome da cidade será: ‘Adonai-Shammá’ — o SENHOR está aí*”. Is 1,26;
Zc 4,3

s. *[*Servos da cidade* (*‘ēbed*). O fr. traduz por “employés” (v. 18) ou “personnel” (v. 19), para tirar a conotação de servidão, que todavia não é inerente a este termo.]

t. O texto e as dimensões que ele propõe são dificilmente conciliáveis com os dados do contexto (cf. v. 8).

u. Este v. parece mutilado; cf. vv. 32.33.34.

v. Cf. Ap 21.22.

w. Lit. *YHWH-shammá*. Última palavra do livro de Ez, é também a palavra mestra de seu ensinamento, toda ela centrada na doutrina da Morada divina (43.9; cf. Sl 46.6). Esta doutrina deve ser comparada com aquela expressa pelo profeta Isaías na palavra *Imanu-El* (7.14), “Deus-conosco”, ou com aquela que o Apocalipse proclamará mais tarde: *Vem, Senhor! O Senhor vem* (Ap 22.20-21).

OSÉIAS

INTRODUÇÃO

O livro de Oséias é o primeiro da coleção dos doze profetas tanto na seqüência dos livros hebraicos (seqüência retomada pela versão latina "Vulgata") como na seqüência dos livros da antiga versão grega dos "Setenta" (Septuaginta). Oséias é certamente um dos mais antigos dos profetas "escritores" — isto é, daqueles cujo nome se prende a determinado livro —, um pouco posterior apenas ao profeta Amós. Oséias viveu e pregou no reino do Norte, dito "de Israel" (que ele também chama Jacó, 12,3; e, mais freqüentemente ainda, Efraim, 4,17), por volta de 750-725a.C. O primeiro versículo do livro menciona um só rei de Israel: Jeroboão, filho de Joás. Esse Jeroboão, o Segundo, teve um longo e próspero reinado, mas foi o penúltimo rei da dinastia de Iehu, cuja próxima extinção Oséias anunciou em 1,4 (em 2Rs 14,23–17,23 encontramos notícias dos reinados durante os quais se exerceu a atividade de Oséias). Zacarias, filho de Jeroboão II, foi assassinado após seis meses de reinado, mas Shalum, o usurpador, só se manteve um mês no trono da Samaria, onde, por sua vez, foi morto por Menahém. Este reinou por mais tempo e seu filho Peqahíá lhe sucedeu, mas também foi assassinado após dois anos de reinado. O novo usurpador, Péqah, foi morto alguns anos mais tarde por Oséias, portador do mesmo nome do profeta, e último rei de Israel: após um cerco de três anos, a tomada de Samaria pelos assírios acarretou em 721 ou 722 a ruína definitiva do reino do Norte.

Ora, o primeiro versículo do livro de Oséias menciona vários reis de Judá, o reino do Sul, contemporâneos das reviravoltas dinásticas que Israel experimentou; o último mencionado, Ezequias, reinou mesmo após a destruição de Samaria.

Doutro lado, existem no livro de Oséias, especialmente no capítulo 7, alusões ao conturbado período que se seguiu ao reinado de Jeroboão II e às revoluções palacianas que o caracterizaram. Por conseguinte, as indicações cronológicas inseridas no início do livro são posteriores ao desastroso fim do reino do Norte; não há indício seguro de que Oséias tenha sabido da queda de

Samaria; é provável que tais indicações sejam devidas a um redator de Judá, que as acrescentou no momento em que as palavras de Oséias foram recolhidas num único livro. Se tal redator guardou silêncio a respeito dos monarcas que, em Israel, reinaram após Jeroboão II, não o terá feito em consonância com o juízo proferido pelo profeta em nome do Senhor: "Instituíram reis sem mim" (8,4)? São usurpadores, não reis legítimos cujos nomes mereçam passar para a posteridade.

Situação histórica. A instável situação da política interna do reino do Norte corresponde às condições precárias da situação da política externa. A Assíria estava prestes a assumir a hegemonia no Oriente Médio. Tiglat-Piléser III e seus sucessores, Salmanasar V e Sargon II, foram levados a multiplicar as campanhas militares no Ocidente: os reinos arameus da Síria, as cidades da Fenícia, o reino de Israel, as cidades filistéias sofreram as consequências dessa expansão. O reino de Judá não ficou isento de perturbações (temos eco desse drama nos mais antigos oráculos do livro de Isaías, contemporâneo de Oséias); todavia Judá sobreviveu mais de um século a seu irmão inimigo do Norte. Na mesma época, a outra grande potência do Oriente Médio, o Egito, estava debilitada, mas fomentava desordens nas regiões que a Assíria ia subjulgando. O livro de Oséias mostra-nos Efraim-Israel em constante oscilação entre as duas potências (7,11), fazendo um jogo cujo trágico resultado não escapa ao olhar lúcido do profeta: seria, em prazo mais ou menos curto, a queda sob o avanço arrasador dos assírios, com a repressão, a deportação das elites — política mediante a qual os conquistadores queriam garantir a sujeição definitiva das terras ocupadas (8,8); e a fuga ao Egito, para os que conseguissem escapar (9,6).

Contexto religioso e moral. A política externa e interna não era o único objeto das críticas do profeta e das sentenças que ele proferia em nome do seu Deus. Ele denunciou em Israel uma cor-

rupção moral profunda (4,1-2; 6,7-10; 7,1), a falta absoluta de justiça social, a responsabilidade culposa das elites. Principalmente na infidelidade religiosa, Oséias vê a raiz de todas as outras formas de corrupção e a causa de todas as desgraças. Oséias não foi o primeiro profeta em Israel a se insurgir contra a infidelidade religiosa, reivindicando a pureza e o absoluto das exigências do Senhor, o Deus que fizera Israel sair do Egito e que não tolerava repartir seu culto com outros deuses. Mas talvez a situação que Oséias teve de enfrentar fosse menos nítida, talvez a sedução do sincretismo fosse mais dissimulada e, portanto, mais perigosa do que, por exemplo, na época de Elias (cf. 1Rs 18).

O mais grosseiro fascínio era o dos deuses de Canaã. Era tentador adotar, não necessariamente no lugar, mas ao lado do Senhor, divindades cananéias, consideradas de modo geral como as provedoras das necessidades da vida camponesa: eram deuses das forças da natureza, das chuvas, das tempestades, da fertilidade do solo. Os israelitas podiam querer conciliar os favores dos deuses de Canaã, tomando assim todas as cautelas para sobreviver bem, sem abandonar o Deus dos pais. Aliás, este sincretismo religioso devia ser facilitado pelo fato de que, para alguns israelitas, não era senão o retorno a antigos costumes até certo ponto abandonados por ocasião da aliança de Siquém (Js 24). À sedução dos lugares altos (4,12s) Oséias opõe corajosamente a sedução que o Senhor há de exercer em relação ao seu povo (2,16-25). De resto, o profeta vai muito longe nessa tática, voltando contra os partidários da religião cananéia os seus próprios argumentos: não é o Senhor mesmo, e não os deuses de Canaã, que assegura ao seu povo a fertilidade do solo (2,7-11.23-25; 14,6-9)?

O casamento do profeta. A audácia do profeta Oséias tem algo de surpreendente. Ele realiza simbolicamente na sua própria vida as relações entre o Senhor e o povo infiel. Ele se põe, por assim dizer, no lugar de Deus, toma a si os sentimentos que o Senhor parece experimentar; é digno de nota que no livro de Oséias o Senhor fale frequentemente na primeira pessoa. O casamento de Oséias (nos três primeiros capítulos do livro) sempre foi um dos pontos mais controvertidos da exegese bíblica. Verdade é — voltaremos a isto —

que o aspecto anecdótico aí tem pouca importância em relação à mensagem do profeta. Todavia não se deve deixar de levar em consideração uma possível experiência dramática de Oséias em sua vida matrimonial; nem é provável que se trate de uma simples imagem literária. Observaremos nas notas que, se os filhos de Oséias têm nomes simbólicos, o mesmo não se dá com Gômer; se se tratasse de pura e simples ficção, a mulher de Oséias é que deveria ser mais marcada, até em seu nome, pelos traços da alegoria. O casamento de Oséias, sem ser uma ficção, é um símbolo; por isso, é quase impossível, encontrar o elemento factual por trás da narrativa — e seria também inútil. Trata-se, antes, de uma ação profética, à semelhança dos gestos realizados pelos profetas (cf. Ez 20,1-6; At 21,10-14), cujo significado é transmitido pelo próprio gesto; aliás, todo o livro de Oséias é um comentário da ação profética dos capítulos 1-3. Os comentaristas têm discutido muito a respeito de Os 3: apresenta novo casamento, com outra mulher que não Gômer? (A respeito veja-se a nota relativa a 3,1, que aborda a dificuldade de tradução no caso.) Parece mais verossímil que Os 3 se refira a Gômer ressaltando a intensificação do amor de Oséias por Gômer, isto é, do amor do Senhor para com o seu povo. Oséias sabe que Gômer é infiel, e, podemos dizer, desesperadamente infiel. A expressão insolita “mulher de prostituição” já é simbólica (ver as notas), mas é bem provável que Gômer estivesse envolvida nos cultos de fertilidade de origem cananéia e que tomasse parte na sua liturgia sensual (ver o que sugerem passagens como Os 2,4.15; 4,13-14). Esposar tal mulher já era um gesto insensato... tão insensato quanto o amor do Senhor por seu povo. Voltar a procurá-la e preservar a união com ela, sem que houvesse reciprocidade nesse amor, devia ser um extraordinário aprofundamento de tal amor. Só a experiência de um isolamento total — inclusive com relação ao marido — poderia levar Gômer à reflexão e à conversão; da mesma forma, só a experiência de um despojamento total dos próprios bens — inclusive dos bens religiosos ou do relacionamento com Deus — poderia induzir Israel ao retorno a si mesmo e ao retorno ao seu Deus. Ao mesmo tempo, porém, Os 3 manifesta o apego de Oséias a Gômer até mesmo quando esta se tornou infiel, e porque ela se fez infiel! Manifesta a fidelidade

do Senhor ao seu povo até mesmo no pecado e apesar do pecado, do qual Israel não se podia livrar: na verdade, só o amor de Deus a Israel podia livrá-lo do pecado. Assim há no livro de Oséias, ou na extravagante aventura de sua vida conjugal, uma experiência que esclareceu ao homem o que pode ser o coração de Deus: o que, na plenitude dos tempos, seria formulado para os cristãos pelo Apóstolo: "Sim, quando ainda estávamos sem força, Cristo, no tempo determinado, morreu em prol de ímpios. Dificilmente alguém se disporia a morrer por um justo; talvez aceitasse morrer por um homem de bem. Mas nisto Deus prova o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores" (Rm 5,6-8). Amando Gômer tal como era, Oséias compreendeu e soube exprimir o amor do Senhor para com seu povo tal como era. É por isso que no livro de Oséias o amor prepondera sobre a indignação e a cólera; todavia não se trata de amor idílico e ignorante, e sim de amor amadurecido pelo sofrimento, cuja exigência não reconhece o fracasso.

O Deus de Israel e os baalim. Se Oséias reivindicava para o Senhor, e só para Ele, os privilégios geralmente atribuídos aos deuses de Canaã, não deixa de manifestar rigorosa intransigência para com o vocabulário e os símbolos da religião cananéia, e não apenas para com as práticas da mesma. Verdade é que o profeta pode valer-se da semelhança de certas palavras (ver principalmente a nota a 14,9); contudo ele o faz de modo velado e sutil. Em compensação, reprova sem tolerância uma prática usual: a palavra báal, senhor, era o nome próprio de uma divindade de Canaã; era também o nome pelo qual a mulher podia designar seu marido; além do que, em Israel se adotara o costume de assim designar o Senhor Deus. Ora, Oséias não quer que o nome de báal seja sequer pronunciado (2,19), nem para designar outros deuses, nem para designar o Senhor (2,18). Provavelmente há algo de análogo na total rejeição das imagens e dos ídolos. Sem dúvida, os devotos poderiam ver nessas imagens não um deus propriamente dito, mas um símbolo da divindade: assim os jovens touros dos santuários do Norte (que Oséias zombeteiramente chama bezerros) foram concebidos como símbolos e não como representações da divindade; em Canaã

esculpiam-se representações de deuses sob forma humana de pé sobre um animal; representando este apenas o suporte da divindade (ela mesma invisível), poderiam os fiéis julgar que estavam guardando o respeito devido à transcendência do Senhor e, ao mesmo tempo, falando aos homens uma linguagem religiosa que pudessem compreender, pela utilização de símbolos a eles familiares. Todavia, se neste ponto o profeta se mostra de todo intransigente, isto se deve ao fato de que tal prática levava ao ecletismo (podemos comparar a esta atitude de Oséias a do Apóstolo Paulo em face das carnes imoladas aos ídolos, 1Cor 8-10). Tal atitude contrasta vivamente com a que o profeta assume em outras passagens, pois, como dissemos, ele apresenta com convicção o Senhor como o verdadeiro Deus, do qual se deve esperar a fertilidade da terra; contudo, o faz de maneira velada e prudente (14,9), tomando cuidado para não reduzir o Senhor a uma das forças cegas da natureza (Oséias respeita o curso normal dos acontecimentos da natureza, como se depreende de uma leitura atenta de 2,23-24). Em todo caso, contrasta não é contradição; é mesmo um modo de exprimir matizes em linguagem colorida e veemente. Oséias não tenciona banir o Senhor da linguagem e do pensamento religiosos dos homens, mas quer que a religião esteja isenta de qualquer forma de meio-termo (sincretismo, ecletismo).

É por isso também que o profeta polemiza duramente contra a religião exterior, os sacrifícios e os ritos do culto. Ele não combate apenas as práticas suspeitas (4,12-14), mas práticas das mais tradicionais e reconhecidas. O que ele denuncia não é tanto o rito ou o sacrifício como tal, mas o espírito com o qual tais práticas religiosas são vivenciadas: a presunção de crer que a execução exata dos ritos basta para garantir para si automaticamente os favores de Deus. Comparemos 6,1-8 e 14,2-4. O Senhor não se deixa iludir pelas demonstrações de uma piedade que, no momento do culto, pode ser sincera, mas que não implica a autenticidade da vida. Ele espera a expressão de um verdadeiro arrependimento e as provas de amor que coincidam com a conduta da pessoa. Ao lembrar isto, Oséias ultrapassa a polêmica negativa: Eu os curarei da sua apostasia (14,5); pois não é só Deus que pode dar ao homem a graça de viver a verdade do amor? O texto de 2,20-22 o anuncia: à justiça e ao direito da antiga aliança

o Senhor acrescentará a afeição e a ternura; ele estabelecerá com seu povo um novo tipo de relações baseadas na verdade e na fidelidade do coração, expressas pelas imagens da intimidade amorosa. O livro de Jeremias, que tanto deve a Oséias, dirá que se trata de uma aliança nova e que, para instaurá-la, Deus muda o coração do homem (31,31-34).

O livro de Oséias supõe uma época terrivelmente sombria. A situação moral e social é de corrupção total; a situação religiosa é de infidelidade; a situação política, para um observador lúcido, é desesperada. Sem dúvida, a mensagem do profeta está carregada de censuras e ameaças. Mas eis ainda um desses contrastes que chamam a atenção: vista em profundidade, a mensagem de Oséias é uma palavra de ternura e de esperança. As circunstâncias da história, as atitudes dos homens compõem um quadro sombrio. Mas as censuras proferidas em nome de Deus — especialmente veementes, por procederem de um amor decepcionado — cedem bruscamente às efusões de um amor que nada consegue desanimar, porque teve a iniciativa (9,10; 11,1) e, por isto, terá também a palavra final; esse amor não somente será mais forte do que a cólera (11,6-9), mas apagará o próprio pecado (14,5).

A formação do livro. Certamente não é por acaso que o livro termina com uma maravilhosa promessa; os seus oráculos — percebe-se — foram coletados segundo certa ordem. Mas não é fácil identificar o fio condutor dos mesmos. Com efeito, trata-se de uma coletânea de oráculos e palavras pronunciadas em circunstâncias determinadas, das quais só podemos reconhecer algumas.

Os primeiros capítulos consideram próximo o fim da dinastia de Iehu (1,4); pertencem ao início da atividade do profeta, provavelmente sob Jeroboão II. A segunda parte do cap. 5 alude a uma guerra (geralmente dita “siro-efraimita”), no decorrer da qual Judá dilatou seu território setentrional às custas de Israel (cf. 5,10). O fim do livro apresenta a ruína de Samaria como iminente, mas ainda não efetuada (13,9-14,1). Dentro deste quadro cronológico, que corresponde ao terceiro quarto do século VIII, as frequentes alusões à política de balança de Israel entre o Egito e a Assíria, e principalmente as violentas censu-

ras contra as intrigas palacianas que estão constantemente a perturbar a sucessão dinástica (cap. 7, cujo sentido geral é claro, apesar da obscuridade dos pormenores) são outros tantos indícios que levam a situar o livro dentro do período indicado. Todavia grande parte dos oráculos dizem respeito à situação moral e religiosa; de modo geral, tem-se a impressão de que os mesmos temas voltam sem estrita concatenação — ainda que o capítulo final possa ser considerado auge e ponto de chegada.

É quase impossível definir com precisão o papel que o próprio Oséias desempenhou na redação dos seus oráculos. Observamos que principalmente nos três primeiros capítulos o tom é muito mais pessoal do que no resto do livro; é provável que tenhamos aí seções da lavra do próprio Oséias. Contudo, se quiséssemos daí extrair os elementos biográficos para reconstituir uma fase da vida do profeta e a sua psicologia profunda, correríamos o risco de não o conseguir e de passar ao largo da própria mensagem. Qualquer que tenha sido a experiência conjugal de Oséias (em particular, quer o cap. 3 se refira a segundas núpcias, quer à retomada da primeira aventura), é mais importante observar que essa experiência conjugal nos é apresentada não pelo interesse que possa ter, em si, como episódio ocorrido entre Oséias e sua mulher infiel, mas como o símbolo das relações entre o Senhor e o povo escolhido. Os nomes dos filhos, a constante transição da segunda para a terceira pessoa e do singular para o plural, uma espécie de confusão intencional entre a mãe e os filhos envolvidos nas mesmas censuras, tudo nos dá a ver que o que nos é narrado dessa história pungente não se destina a satisfazer nossa curiosidade, mas “a nos instruir” (1Cor 10,11; cf. Os 14,10). Aliás, já se disse que o primeiro versículo do livro foi provavelmente escrito em Judá após a queda da Samaria. No restante do livro encontram-se outros indícios de redação na Judéia (veja 1,7 e nota); os comentadores mostraram assim como palavras inspiradas em vista da situação especial do reino do Norte podiam ser aplicadas ao reino do Sul — o que não quer dizer que todas as passagens em que é mencionado Judá sejam de um redator da Judéia. Ainda o último versículo do livro, reflexão sobre o conjunto da mensagem do profeta, tal como foi consignado por escrito, é também provavelmente obra de um redator. Estas

observações de crítica literária não têm apenas interesse técnico: acrescentando ao texto elementos redacionais, os escritores bíblicos mostraram a atualidade sempre viva da Palavra de Deus, para além das circunstâncias históricas precisas que suscitaram a primeira redação.

Embora Oséias tenha tido exígua participação na redação escrita dos seus oráculos, podemos admitir que estes tenham sido fielmente consignados: as características muito pessoais da linguagem e do estilo dão válido testemunho disto. O estilo é apaixonado, veemente, a linguagem é forte e sonora. Mas é linguagem frequentemente difícil, estilo, não raro, obscuro, principalmente por causa da concisão (que também lhe confere beleza). As frases são curtas e ritmadas, mas a brevidade da expressão, as construções sintéticas, a falta de coordenação, tudo o que contribui para dar à obra aspecto de poesia encantadora, faz do livro de Oséias um dos mais difíceis do Antigo Testamento hebraico, e, por conseguinte, um daqueles cujo texto foi mais submetido à crítica conjectural.

A influência do livro. A influência do livro de Oséias foi profunda através de toda a Bíblia. Jeremias é, sem dúvida, no Antigo Testamento, aquele que mais a experimentou. Retomou o tema da volta ao deserto (Jr 2,2s e Os 2,17), e desenvolveu o da nova aliança. A imagem do livro de Oséias que mais repercussão teve é a das núpcias, significando as relações entre Deus e seu povo, associando-se-lhe os temas da infidelidade, do adultério e da prostituição. Encontramos tal imagem em Jeremias (2,23s.; 3,1; 30,14; 31-22), em Ezequiel (16 e 23), no Segundo Isaias (50,1; 54,4-7; 62,4s.); talvez seja ela a chave de interpretação do Cântico dos Cânticos. Em todo caso, é mediante a imagem das núpcias que o Novo Testamento simboliza a união entre Cristo e a Igreja, assim como no Antigo Testamento essa imagem simbolizava a união entre o Senhor e seu povo (Mc 2,19s.; Ef 5,25...). O Novo Testamento cita dezessete vezes o livro de Oséias, mas a sua influência não pode ser avaliada apenas pelo retorno das mesmas imagens e pelo número de referências explícitas. A teologia do livro de Oséias é a teologia do amor de Deus. Este amor se exprime pela solicitude e a ternura na imagem do amor do pai para com seu filho; utiliza a linguagem da paixão humana na imagem do amor do homem e

da mulher. Já que Oséias teve a audácia de dizê-lo, é preciso que o digamos com ele: o Senhor é um Deus apaixonado; fala do seu desejo, da sua decepção, da sua indignação, da sua cólera — e também da sua ternura, sempre a mais forte, pois a última palavra não pertence à cólera e à punição, mas, para lá da inevitável provação, à felicidade numa união para sempre fiel. Trata-se de uma ternura que é o contrário da fraqueza: é força de Deus, capaz de transformar o coração do homem e de fazer desaparecer até a recordação do pecado. Mais: Deus não espera o retorno do pecador para ir-lhe ao encontro. Assim o livro de Oséias vai ao que há de mais profundo na teologia e na piedade, pois, revelando a ternura de Deus, revela Deus tal como Ele é: Amor. Se esta palavra aí não aparece tão claramente quanto em João, não obstante a revelação do amor, no livro de Oséias, não pode ser posta em dúvida.

Visto que vai ao essencial, pela profundidade e a veemência da sua mensagem, o livro de Oséias é, hoje como ontem, uma palavra dirigida por Deus ao seu povo e à sua Igreja. O último versículo do livro convida o leitor a estar atento à atualidade da palavra de Deus: “Quem é bastante inteligente para compreender...?” ou, como dirá Jesus: “Quem tem ouvidos para ouvir...?” Assim a revelação bíblica, tão inserida nas circunstâncias da história, é, para todos aqueles que a ouvem, para todos os que abrem este livro, uma palavra de Deus. Ao seu Povo, à sua Igreja, o Senhor dirige hoje por Oséias uma palavra que é, simultaneamente, de censura e de ternura, de rigor e de amor. O amor de Deus faz esta exigência: afastai de vós toda injustiça, preservai-vos do logro dos ídolos — exigência absoluta, inapelável. Esta exigência, porém, é a do amor na verdade: se Deus quer habitar, sem parceiro, no coração do homem, isto se explica porque, na realidade, ele não tem par; os ídolos nada são, e o socorro que vem tão-somente do homem é ilusório para aqueles que Deus escolheu; exclusivamente do Senhor procedem a felicidade e a vida. É com estas palavras que se encerra o livro de Oséias, palavras que fundamentam a esperança da fé. Sem dúvida, o livro de Oséias não contém toda a revelação bíblica, mas vai tão longe e tão fundo que o povo de Deus até hoje não o pode ler sem estremecer de esperança e sem se interrogar a respeito da pureza de sua fé.

1 ¹A palavra do SENHOR que veio a Oséias, filho de Beeri, nos dias de Ozias, Iotâm, Acaz, Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel.

A ordem de Deus a Oséias. ²Início das palavras do Senhor por intermédio de Oséias^a.

O SENHOR disse a Oséias:

“Vai, toma para ti uma mulher que se entrega à prostituição, e filhos de prostituição pois a terra se prostitui continuamente, afastando-se do Senhor^b”

³Ele foi procurar Gômer, filha de Diblaim, e ela concebeu e lhe deu à luz um filho. ⁴E o SENHOR disse a Oséias:

“Dá-lhe o nome^c de Jezreel, pois em breve pedirei contas do sangue de Jezreel à casa de lehu e porei fim à realza da casa de Israel.

⁵Naquele dia^d acontecerá que quebrarei o arco^e de Israel no vale de Jezreel”.

⁶Ela concebeu de novo e deu à luz uma filha. Então o SENHOR disse a Oséias:

“Dá-lhe o nome de Lo-Ruhamá — isto é, Não-Amada —, pois já não manifestarei amor entranhado à casa de Israel: vou retirá-lo dele por inteiro^f.”

⁷Mas a casa de Judá, eu a amarei, e os salvarei pelo SENHOR, seu Deus; não os salvarei nem pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros^g.”

⁸Ela desmamou Lo-Ruhamá; e seguiu, concebeu e deu à luz um filho. ⁹E o SENHOR disse:

“Dá-lhe o nome de Lo-Ami — isto é, Não-Meu-Povo —, pois não sois meu povo e eu não existo para vós^h”.

Jr 2,20;
Ex 23,3

Is 31,1;
Zc 4,6;
Sl 20,8;
Pr 21,31

Jr 31,33

a. Após a indicação cronológica (cf. Introd.), o início do v. 2 vem a ser título da coletânea.

b. Oséias emprega expressões insólitas: *mulher que se entrega à prostituição, filhos de prostituição*. Pode-se hesitar a respeito de Gômer: mulher que se entregava à prostituição antes do casamento com Oséias, ou mulher “propensa à prostituição”, que, no casamento, cederia às suas tendências. O primeiro significava parece mais verossímil; poder-se-ia tratar de uma “prostituta sagrada” (cf. Dt 23,18 nota), mulher adida ao culto de um santuário de origem cananéia. Tal figura justificaria o simbolismo que o profeta aponta nas vicissitudes do seu casamento: estas significam as relações entre o povo e seu Deus. Os *filhos de prostituição* são os bastardos nascidos da libertinagem da mãe; mas são também os filhos que imitam o procedimento materno: o texto hebraico usa indiferentemente o singular e o plural, o que revela tal equivalência (a tradução respeitou tal artifício). — Nesta parábola, desenvolvida no decorrer do livro, há provavelmente nos primeiros capítulos elementos biográficos da experiência de Oséias (cf. v. 4, nota, sobre os nomes próprios); mas esses elementos estão mesclados com traços da história religiosa e dinástica de Israel num conjunto simbólico, em que a veemência prevalece sobre a coerência das imagens, e que constitui propriamente a mensagem profética de Oséias. Depois deste profeta, a imagem da prostituição vai ser utilizada para denunciar a infidelidade de Israel.

c. Os nomes dos filhos são simbólicos, destinados a chamar a atenção e a transmitir uma mensagem profética. Mas isto não prova que se trate de ficção pura e simples: os nomes de Gômer e de Diblaim não parecem ter sentido simbólico; em todo caso, Oséias não recorreu a este. O nome de Jezreel tem raízes no território e na história de Israel. Em Os 1,4-5 há menção a um

episódio histórico (cf. 2Rs 9 e 10): foi em Jezreel que lehu quis assegurar sua usurpação mediante o morticínio de toda a família de Omri. O livro dos Reis profere juízo favorável sobre a tomada de poder por parte de lehu, que punha fim ao ímpio reinado de Acab e de Izébel. Mas Oséias viu neste fato o protótipo das convulsões dinásticas que se sucederam entre o fim do reinado de Jeroboão II e a queda da Samaria (cf. Os 7) e condena essa atmosfera de intrigas e morticínios.

d. *Naquele dia* é expressão frequente entre os profetas para designar uma intervenção decisiva de Deus (cf. Am 5,18 nota). Ocorre também no NT: Mt 7,22; Mc 2,20; Lc 6,23; Jo 14,20; 2Tm 1,18, etc.

e. O arco é um símbolo de poder; cf. Ism 2,4; Jó 29,20.

f. **[O termo amor entranhado, rim, é da mesma raiz que “entranhas”, “útero” e o nome Lo-Ruhamá.] Vou retirá-lo dele por inteiro*: a tradução do fim do v. 6 não é totalmente segura; duas outras interpretações podem ser propostas: “para lhes perdoar ainda”, ou com uma correção: “mas eu os odiarei de todo o coração”.

g. O v. 7 pode ser tido como acréscimo, por causa da posição insólita da expressão *pelo Senhor, seu Deus* na frase, e por causa da oposição que este versículo estabelece entre Israel, que é condenado, e Judá, que será salvo. Esta passagem e outras no livro (p. ex., 4,15; 6,11; 8,14; 10,11; 12,1; cf. 12,3 nota) poderiam ser tidas como provenientes daqueles que, em Judá, após a queda de Samaria, consignaram por escrito os oráculos de Oséias; as promessas feitas a Israel têm o mesmo valor para Judá, se este souber aproveitar o exemplo do castigo de Samaria.

h. *E eu não existo para vós*: existe aqui uma alusão ao significado do nome do Senhor (YHWH), tal como foi apresentado quando de sua revelação; com efeito, em Ex 3,14 o nome divino

2 Promessa de uma era de felicidade

¹O número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não se pode contar nem medir, e acontecerá que, no lugar mesmo onde se lhes dizia:

“Não-Meu-Povo”,
lhes será dito: “Filhos do Deus vivo!”.

²Os filhos de Judá e os filhos de Israel se reunirão;
constituirão para si um chefe único e cobrirão a terra¹,
pois grande será o dia de Jezreel.

³Dizei aos vossos irmãos: “Ami, meu povo”,
e às vossas irmãs: “Ruhamá, Bem-amada”.

O povo rompe a união

⁴Processai vossa mãe, processai¹,
pois ela não é minha mulher
e eu não sou seu marido.
Que ela afaste de seu rosto os sinais
da sua prostituição,
e dentre os seus seios as marcas do
seu adultério¹.

⁵Senão, eu a despirei e a deixarei nua,
eu a deixarei como no dia do seu
nascimento;
eu a tornarei semelhante ao deserto,
farei dela uma terra ressequida
e a deixarei morrer de sede.

⁶Seus filhos, não os amarei, porque

são filhos de prostituição.

⁷Sim, a sua mãe se prostituiu;
a que os concebeu cobriu-se de
vergonha,
quando dizia:

“Quero seguir os meus amantes,
os que me dão o pão e a água, a lã
e o linho, o azeite e as bebidas”.

⁸Eis por que fecharei o teu caminho^m
com espinheiros;
eu lhe oporei uma barreira
— e ela já não encontrará as suas
veredas.

⁹Ela irá ao encaço dos seus amantes
sem os alcançar;
ela os procurará
sem os encontrar;
e dirá: “Voltarei para o primeiro esposo,
pois então eu era mais feliz do que
agora”.

¹⁰Ela não compreendeu que era eu que
lhe dava
trigo, vinho novo, azeite fresco;
eu lhe prodigalizava prata,
e eles usaram o ouro em favor de Báalⁿ.

¹¹Eis por que virei
retomar meu trigo a seu tempo,
meu vinho novo na sua estação,
arrancarei a minha lã e o meu linho,
que deviam ocultar a sua nudez.

¹²Agora vou desvendar a sua vergonha
aos olhos dos seus amantes

é derivado do verbo hebraico que significa “ser”, “existir”. Em Os 1,9 esta existência não é considerada em si mesma, mas com a referência ao povo que o Senhor escolheu: afastando-se de seu Deus, o povo renega a existência do Senhor. Alguns mss. gregos apresentam aqui outra fórmula (que supõe um texto hebraico muito semelhante ao que temos): “Eu não sou vosso Deus”. Esta é uma fórmula usual na Bíblia (cf. 2,25, nota), ao passo que a do texto hebr. tem o singular e, por isto, deve ser preferida.

i. *No lugar mesmo onde* (e não “no lugar de”, nem “no lugar que”), com insistência no sentido local: trata-se de nova estado no deserto, seguida de nova entrada na Terra Prometida, vv. 16ss. — A expressão *Deus vivo* aparece aqui pela primeira vez; será muito freqüente no Dt. O apóstolo Paulo retoma esta passagem de Os 2,1 a propósito de Israel (Rm 9,26).

j. *Cobrirão a terra*: literalmente, *subirão da terra*. Oséias quer dizer que o Israel do futuro será como uma erva saindo maciçamente do solo até cobri-lo; cf. Dt 29,22. — A expressão poderia evocar também a saída do Egito (cf. Ex 1,10), de preferência ao retorno dos exilados (cf. Ecd 2,1).

k. A imagem do processo é freqüente entre os profetas (Os 4; Is 1 18; Mq 6,1, etc.); o que não surpreende na religião da aliança. Os parece retomar aqui expressões jurídicas do processo do

divórcio. Encontraram-se textos assírios de Nuzi, na Mesopotâmia, do século XV a. C., com esta fórmula: “O homem diz à mulher: tu não és minha esposa, e ela diz: tu não és meu marido...”; outro texto diz: “Se a mulher vai ter com outro marido e vive com ele, os filhos retirarão as vestes da mulher e a expulsarão de casa”. Mas os costumes do processo não são pura e simplesmente transpostos para o plano das relações de Deus com o seu povo; de resto, Os engloba filhos e mãe no mesmo julgamento.

l. As prostitutas, sagradas ou outras, traziam, sem dúvida, sinais distintivos: ornamentos, jóias, maquiagem, tatuagens (cf. Os 2,15; *EpJr* 42); certas pinturas femininas encontradas na Palestina podem eventualmente servir para ilustrar tais costumes.

m. A passagem inesperada para a segunda pessoa (*o teu caminho*; *esperar-se-ia o seu caminho*, conforme o gr. e o sir.) está bem no estilo do profeta, que interpela os seus ouvintes; cf. também o v. 18.

n. *Usaram...* em favor de Báal. O fim deste versículo, difícil de traduzir, quer dizer ou que utilizaram metal para fabricar estátuas de Báal (cf. 8,4; 13,2) ou que fizeram oferendas destinadas ao culto. Não se trata da antítese entre ouro e prata, mas da oposição entre o Senhor e Báal.

- 5,14; e ninguém a arrancará da minha mão°.
 Jo 10,28 13 Farei cessar toda a sua alegria, suas festas, suas luas novas, seus sábados e todas as suas assembleias solenes.
 14 Devastarei a sua vinha e a sua figueira°, das quais ela dizia: "Eis o salário que me deram os meus amantes°".
 Lv 26,32; Is 5,5-6 Eu as transformarei em matagal e os animais selvagens aí terão o seu pasto.
 15 Eu farei com que preste contas dos dias dos baalim^r aos quais queimava oferendas; ela se ornava com seus anéis e suas jóias, corria atrás de seus amantes e a mim, ela me esquecia! — Oráculo do SENHOR.

Deus restaura a união

- 16 Pois então vou seduzi-la.
 Dt 8,2-5 Eu a levarei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração°.
 17 E de lá, eu lhe restituirei as suas vinhas e farei do vale de Akor

- uma porta de esperança; lá ela responderá como no tempo da sua juventude.
 Ap 3,7-8 Jr 2,2 no dia em que subiu da terra do Egito°.
 18 Acontecerá naquele dia — oráculo do SENHOR — que tu me chamarás "meu marido" e já não me chamarás "meu báal, meu dono°".
 19 Tirarei da sua boca os nomes dos baalim Zc 13,2 e o nome deles já não será mencionado.
 20 Naquele dia, firmarei uma aliança Is 11,6-9; Ez 34,25; Jô 5,23; Mc 1,13 em favor deles^r com os animais do campo, os pássaros do céu, os répteis do chão; o arco, a espada e a guerra, eu os quebrarei e já não existirão na terra; permitirei aos habitantes que durmam em segurança.
 21 Eu noivarei contigo para sempre, Is 54,5-10 eu noivarei contigo, pela justiça e pelo direito, pelo amor e pela ternura.
 22 Eu noivarei contigo pela fidelidade e tu conhecerás o SENHOR°.

o. ... e ninguém a arrancará da minha mão. Esta passagem recorda Jo 10,28; mas, ao passo que Jesus põe a tónica sobre o poder protetor de Deus, Os fala do caráter inelutável do castigo; cf. Sl 32,4; Jô 10,7; 19,21; 35,7.

p. Sua vinha e sua figueira. Expressão que designa o ideal da segurança e da prosperidade para o camponês israelita. Cf. 1Rs 5,5; Mq 4,4; Zc 3,10.

q. Trata-se aqui, como em 9,1, do salário pago à prostituta; cf. Dt 23,19.

r. Os dias dos baalim: antes do mais, trata-se dos dias de festa do culto dos Baalim e, em consequência, de todo o período de apostasia que Os chama "o tempo dos baalim".

s. Note-se o realismo da expressão *seduzir*, que em outras passagens designa sedução, raptio ou violação de uma jovem; cf. Ex 22,15; Jz 14,15; 16,5; Jô 31,9. Em Os 7,11, a pomba *simplória* é aquela que se deixa facilmente *seduzir* (ocorrem quase as mesmas palavras no texto hebraico). Cf. também Jr 20,7. — *Falar ao coração*, literalmente *falar encostado ao coração*, exprime a intimidade das relações entre o homem e a mulher; cf. Gn 34,3; Rt 2,13; Jz 19,3.

t. De lá, isto é, do deserto aonde o sedutor a terá levado; o Senhor afasta seu povo e o despoja dos bens da terra que lhe havia dado, mas a fim de fazer a repartição sobre bases inteiramente novas; haverá nova entrega da terra e nova aliança. O *vale de Akor* não pode ser identificado com precisão, mas deve ser procurado na região de Jericó; será considerado como "Porta de esperança", via de acesso à Terra Prometida, em oposição à tradição de Js 7, em que este "vale da desgraça" é o teatro do

apedrejamento de Akan. *Ela responderá*: aqui tem-se a resposta da esposa que se dá ao marido; mas é possível também que Os, que gosta de utilizar a palavra *responder* (em hebraico, *'anah*), cf. vv. 23-24, esteja fazendo um trocadilho com o nome da deusa cananéia *Anat*, assim como joga com os diversos sentidos da palavra *báal* (v. 18).

u. A palavra *báal* significa *senhor, possuidor*. Designava também, na linguagem corrente, o marido, senhor da sua esposa (Gn 20,3; Ex 21,3; Dt 24,4...). Com o sentido de senhor, tal vocábulo entrava também na composição de muitos nomes próprios, como *Jerubáal*, em que era um título ou um qualificativo do Senhor. Todavia o nome do deus *Báal* tomava nos cultos idolátricos uma ressonância tal que o profeta o quis proscrever peremptoriamente. — *Marido*, literalmente "homem"; cf. Gn 2,23.

v. **[Deles*: aqui, os israelitas (o v. anterior usa *sua* = da esposa). Sobre a contínua troca da pessoa gramatical, cf. Introd.]

w. Uma aliança nova é anunciada pelo profeta. A palavra *noivar*, que volta com insistência, não deve fazer pensar num compromisso provisório; é no momento do noivado que se realizam os entendimentos que ligam definitivamente os cônjuges. É o Senhor que toma a iniciativa, é ele quem traz o que vai assegurar a força e a qualidade dessa aliança: a justiça e o direito, como na Antiga Aliança, e mais ainda, o amor e a ternura, termos característicos do vocabulário de Os, que já anunciavam a interioridade da aliança nova; cf. Jr 31,31-33. A novidade da aliança é também enfatizada, no contexto de Os, pela palavra *noivar*, que só se aplica a uma jovem virgem, e não a uma

²³ Acontecerá, naquele dia, que eu responderei — oráculo do SENHOR — responderei à expectativa dos céus, e eles responderão à expectativa da terra.

²⁴ E a terra responderá por meio do trigo, do vinho novo, do azeite fresco, e eles responderão à expectativa de Jezreel.

²⁵ Eu a semearei para mim na terra, enternecer-me-ei por Lo-Ruhamá, e direi a Lo-Ami: “Tu és meu povo”, e ele dirá: “Meu Deus”.

Rm 11,31

Jr 24,7;

Rm 9,25;

1Pd 2,10

3 O preço da reconciliação. ¹O SENHOR me disse:

“Vai outra vez⁷, ama uma mulher amada por outro⁸ e dada ao adultério. Pois tal é o amor do SENHOR para com os filhos de Israel, enquanto eles se voltam para outros deuses e gostam de tortas de uva”.

²Comprei-a por quinze siclos de prata

e uma medida e meia de cevada⁹. ³E disse-lhe:

“Por muitos dias serás minha, sem te prostituíres e sem pertenceres a homem algum.

Farei o mesmo contigo”.

⁴ Assim ficarão durante muitos dias os filhos de Israel: sem rei, sem chefe, sem sacrifício, sem estela, sem efod e sem terafim⁶.

⁵ Depois disto, os filhos de Israel procurarão de novo o SENHOR, seu Deus, e David, seu rei; com tremor, voltar-se-ão para o SENHOR e para os seus bens no futuro⁴.

2Tm 2,13

Jr 30,9;

Ez 37,24

4 Ata de acusação

¹Escutai a palavra do SENHOR, filhos de Israel:

o SENHOR move processo contra os habitantes da terra,

pois não há sinceridade, nem amor ao próximo,

nem conhecimento de Deus na terra⁸.

Is 3,13-15;

Mq 6,1-5

mulher que já tenha sido casada — em flagrante contraste com quanto sabemos a respeito de Gômer! O passado está apagado: os nomes dos baalim estão esquecidos, vv. 18s. A própria vida foi transformada: os animais selvagens se tornam mansos, as armas de guerra são destruídas, v. 20, traços comuns a todas as perspectivas “escatológicas” dos profetas; cf. Is 11,6-8; 65,25; 2,4; Zc 9,1; Ez 34,25.

x. A retomada em sentido favorável dos nomes simbólicos dos filhos de Oséias enfatiza o retorno ocorrido após a situação descrita em 1,3-9. No tocante a Jezreel, os alude à semelhança com o nome de Israel e à etimologia “Deus semeia”: O Senhor semeará o seu povo, há de instalá-lo de maneira estável e segura (cf. v. 20) na terra que lhe dará. Mas esta imagem da semeadura ocorre como conclusão dos vv. 23-24, onde o Senhor se propõe fazer o que o povo esperava dos cultos naturistas de Canaã: a fertilidade da terra. É o Senhor quem “responde”, e não os baalim; cf. 2,7-10. É preciso notar, porém, que o Senhor não se apresenta como o verdadeiro Deus da fertilidade: são os céus que respondem ao que deles se espera (a chuva); consequentemente a terra também pode responder dando os frutos que dela se esperam. Assim o profeta sugere a autonomia das forças da natureza, que não pertencem à ordem de magia, e a transcendência de Deus, que não se confunde com tais forças. — Cf. também Jr 24,7; 32,38; Ez 36,28 notas.

y. Outra tradução possível: *O Senhor me disse ainda: “Vai...”* Todavia a pontuação hebraica favorece a tradução acima. O profeta não recebe a ordem de amar outra mulher; trata-se sempre de Gômer.

z. Ou um *companheiro* fora do casamento; cf. Jr 3,1.20. No caso, trata-se do parceiro nos ritos de prostituição sagrada.

a. Por *outros deuses* (ver o Decálogo, Ex 20,3; Dt 5,7) é preciso entender aqui os baalim. As tortas de uva eram um ele-

mento do culto; cf. 2Sm 6,19; 1Cr 16,3; Ct 2,5; Is 16,7 (?). Pode-se pensar também nas “tortas oferecidas à Rainha do céu”; cf. Jr 7,18; 44,19.

b. Literalmente, *um hōmer e um létek*, medidas de capacidade (450l + 225l).

c. *Efod e terafim* são também mencionados conjuntamente em Jz 17,5; 18,14.17 etc. Estes objetos serviam para consultar Deus. O profeta não pronuncia condenação sobre eles; apenas anuncia que Deus os retirará dos israelitas, porque participam da corrupção geral do culto. O castigo do povo consiste em ser privado de todas as suas instituições políticas e religiosas.

d. *No futuro*. Lit. *na sequência dos dias ou no fim dos dias*, expressão usual na linguagem “escatológica”. Tal período será caracterizado pelo retorno de todo o povo ao seu Deus sob o reinado do rei ideal, do qual David é simultaneamente o antepassado e o símbolo; cf. o “chefe único” de 2,2.

e. É exatamente a falta de moral e de religião, inseparáveis na pregação dos profetas. O primeiro termo, *émet*, é empregado por Os só aqui, mas é da mesma raiz que *emuná*, que consta entre os dons do Senhor (2,22); designa a solidez e a persistência do vínculo de aliança que une dois contraentes e em virtude do qual podem, em confiança absoluta, apoiar-se um no outro (Ex 18,21; Js 24,14; 1Rs 10,6). Essa confiança recíproca, para ser real, deve comportar certa afeição; é o que exprime o segundo termo, *hésed*, uma das palavras-chaves do vocabulário de Oséias (cf. 2,21; 6,4-6; 10,12; 12,7); é o liame que liga em profundidade um parceiro ao outro; a associação dos dois termos é freqüente (cf. Gn 47,29; Ex 34,6; Js 2,14; Sl 86,1.15 etc.). Por *conhecimento de Deus* (4,6; 6,6), o profeta entende não só a familiaridade com a revelação divina na história e a lei, tal como ensinada nos ambientes sacerdotais e proféticos, mas também um vínculo direto com Deus, que se manifesta por uma vida fiel às suas exigências

² Multiplicam-se imprecações, mentiras, assassinatos, roubos e adultérios: sangue derramado segue-se a sangue derramado^f.

³ Por isso, a terra está desolada e todos os seus habitantes desfalecem, juntamente com os animais do campo e os pássaros do céu; até os peixes do mar desaparecerão^g.

O pecado dos sacerdotes

⁴ Atenção!

Ninguém se atreva a se defender, ninguém replique, nem teu povo nem tu, sacerdote, ousem ir a tribunal!

⁵ Tropearás de dia e o profeta tropeçará contigo de noite; reduzirei tua mãe ao silêncio^h.

⁶ Meu povo será reduzido ao silêncio por falta de conhecimento.

Já que rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei, não serás mais meu sacerdote.

Esqueceste a instruçãoⁱ do teu Deus; eu também me esquecerei dos teus filhos.

⁷ Quanto mais numerosos, tanto mais pecaram contra mim — vou mudar-lhes glória em infâmia.

⁸ Eles se alimentam do pecado do meu povo e são ávidos dos seus crimes.

⁹ Igual sorte ferirá povo e sacerdote. Eu lhes pedirei contas da sua conduta

e pagarei na mesma moeda as suas ações.

¹⁰ Comerão sem se saciar; prostituir-se-ão, sem se multiplicar, pois deixaram de respeitar o SENHOR.

¹¹ A orgia e a embriaguez fazem perder o juízo^j.

¹² Meu povo consulta sua árvore, e o ramo o informa^k;

pois um espírito de prostituição o transvia e prostituindo-se, subtraem-se a seu Deus.

¹³ Nos cumes das montanhas costumam oferecer sacrifícios, e sobre as colinas queimam oferendas, debaixo do carvalho, do álamo e do terebinto^l,

de sombra é tão agradável! Também vossas filhas se prostituem e vossas noras são adúlteras.

¹⁴ Não punirei as prostituições de vossas filhas, os adultérios de vossas noras, pois eles mesmos — os sacerdotes — apartam-se com as prostitutas e sacrificam juntamente com as cortesãs sagradas^m.

Um povo sem discernimento caminha para a perdição.

¹⁵ Se tu, Israel, te prostituístes, que ao menos Judá não se torne culpado!

Não vades a Guilgal, não subais a Bet-Áven,

e não pronuncieis o juramento: "Certo como vive o SENHOR!"

(prática da justiça e proteção do oprimido, cf. Jr 22,16). A ausência de atitudes tão fundamentais destrói imediatamente o liame que une o homem ao seu próximo e leva à situação mencionada no v. 2.

f. Esta enumeração apresenta pontos de contato precisos com o decálogo (Ex 20; Dt 5); cf. também Lv 19,11 e Jr 7,9. Deviam existir listas codificadas nos ambientes levíticos fiéis à tradição da Aliança e com os quais Os deve ter tido contato; o profeta parece aludir a tais formulários em 8,1 e principalmente 8,12. Os alude somente aqui às faltas contra o amor do próximo; cf. v. 1.

g. O pecado do homem repercute no conjunto da criação, assim como a sua conversão a Deus faz com que todas as criaturas tenham parte nos benefícios da Aliança; cf. 2,20. Esta solidariedade entre o homem e a criação perpassa o AT; cf. Jr 12,4; 23,10; Is 24,4-6; 33,8-9; Ag 1,11; Gn 3,17; 6,5... Esta concepção tem seu ponto de chegada no NT (Rm 8,19-22).

h. Tua mãe designa o povo de Israel, no simbolismo de Os; cf.

2,4 e também Is 50,1. A imagem do pai se encontra também no mesmo sentido em Is 51,2.

i. A instrução, aqui e em 8,1: mesma palavra que a "lei", 8,12.

j. A embriaguez: lit. *vinho e vinho novo*.

k. Trata-se de práticas divinatórias, nas quais se tiravam oráculos seja das árvores e do movimento dos ramos (2Sm 5,24), seja de objetos de madeira, ídolos culturais ou domésticos.

l. Cf. a fórmula "debaixo de toda árvore verde" em Dt 12,2; 1Rs 14,23; Jr 2,20... Trata-se de bosques sagrados nos lugares altos.

m. A expressão "cortesãs sagradas" (hieródula) parece sinônima de "prostituta", Gn 38,12-31. Esta expressão, usual no antigo Oriente semita, implica, pela menção ao sagrado, a ideia de reserva para o culto divino; cf 1Rs 14,24 nota.

n. Guilgal, perto de Jericó, santuário cuja fundação é relatada em Js 5,2-9, era famoso lugar de peregrinação: fora infiltrado pela corrupção geral do culto (9,15; 12,12). — O nome de Bet-Áven, a casa da iniquidade, é aplicado ao santuário de Betel, a

13,1;
Nm 25,1;
1Cor 18,8

12,12;
Am 4,4
5,8

- ¹⁶ Sim, qual vaca rebelde, Israel foi rebelde.
— e agora o SENHOR deveria enviá-los às pastagens, como cordeiros?
- ¹⁷ Efraim^o aliou-se aos ídolos: deixa-o.
- ¹⁸ Terminada a bebedeira, entregam-se à devassidão; seus chefes^p gostam de provocar a infâmia.
- ¹⁹ Um vento os envolverá com as suas asas
e dos seus sacrifícios se envergonharão^a.

Jr 4,11

Is 1,29

5 Sacerdotes e casa real

¹ Escutai, sacerdotes! Presta atenção, casa de Israel! Casa do rei, dá ouvidos!

Dt 1,16

A vós tocava exercer a justiça^a, mas fostes uma armadilha em Mispá, um laço estendido sobre o Tabor^a.

² Esses transviados cavaram um fosso profundo.

Is 24,2; Rm 3,23

³ Eu conheço Efraim e Israel não me é oculto. Efraim, pelo fato de te teres entregado à devassidão, Israel foi manchado.

Jr 13,23; Pr 27,22; Mt 7,17; Lc 4,11; Jo 8,34; Ef 4,18

⁴ Suas ações tornam impossível o retorno a seu Deus, pois um espírito de prostituição

casa de Deus, 10,5-8; quanto à mudança de nome, cf. Am 5,5; já que o nome exprimia a essência das coisas, a mudança de nome enfatiza a que ponto chegara a corrupção do culto. — A expressão *Certo como vive o Senhor!* é uma fórmula de juramento, aliás lícita (1Sm 26,10.16 e a história de Elias); mas tornou-se equívoca no sincretismo cultual.

o. A menção a Efraim volta mais de trinta vezes e em todos os capítulos de Os. É o nome de um dos filhos de José, Gn 41,52, e o de uma das tribos do reino do Norte, que ocupava posição central no país ao redor de Shilô e de Siquém; essa tribo adquiriu uma situação política preponderante no reino do Norte, em particular após os acontecimentos de 734; cf. Os 13,1. Por isso, tudo o que se fazia em Efraim repercutia sobre todo Israel, 5,3; 6,10. No livro de Os, Efraim ora é mencionado como o chefe e, por conseguinte, o responsável de Israel (p. ex., 7,1, com Israel e Samaria), ora tomado simbolicamente e em sentido mais amplo como designação de todo Israel.

p. *Sus chefes*, literalmente *seus escudos*, designação dos chefes, Sl 47,10. Aqui o emprego da palavra é irônico: os chefes são incapazes de garantir a proteção do povo.

q. O vento designa aqui a violência do castigo, cf. 13,15; a palavra *vento*, "sopro", é a mesma que em hebraico designa "espírito"; sem dúvida, Oséias quis retomar o termo para contrapô-lo ao "espírito de prostituição" (4,12; 5,4), causa dos

sopra sobre eles^a, e eles não conhecem o SENHOR.

⁵ O orgulho de Israel testemunha contra ele. Israel e Efraim titubeiam em sua iniquidade e Judá titubeia com eles.

⁶ Com o seu rebanho e o seu gado, eles vêm procurar o SENHOR, sem o encontrar; ele livrou-se deles^a. Am 8,11-12; Jo 7,34

⁷ Traíram o SENHOR, pois geraram bastardos; agora a Lua nova vai devorá-los com a herança^a deles. 2,6

Crime e castigo de uma guerra fratricida

⁸ Tocai a trompa em Guibeá, a trombeta em Ramá, dai alarme em Bet-Áven. Jr 4,5; Jl 2,1

Estão atrás de ti, Benjamin!

⁹ Efraim se tornará uma ruína no dia do castigo. Entre as tribos de Israel, anuncio-o veridicamente.

¹⁰ Os chefes de Judá são como os que deslocam as fronteiras; sobre eles derramarei o meu furor, como água abundante. Dt 19,14; 27,17

¹¹ Efraim está oprimido, esmagado pelo julgamento, porque persistiu em correr atrás do nada^a. Ec 1,17

crimes que suscitam os castigos mencionados.

r. Poder-se-ia também traduzir por: *contra vós se exercerá o julgamento*, em tom de ameaça. Todavia o contexto e passagens paralelas (Mq 3,1...) apóiam a tradução acima, que exprime uma censura.

s. O nome de *Mispá*, que significava "torre de vigia", é dado no AT a várias localidades; aquela à qual se faz alusão aqui não pode ser identificada com clareza. De todo modo, o profeta aproveita-se aqui da semelhança deste nome com a palavra *mispat*, que significa justiça ou julgamento de direito; tais jogos de palavras, na linguagem bíblica, não são simples trocadilhos, mas têm significado mais profundo; cf. 8,9 (o asno selvagem e Efraim); Mq 1,6, etc. — O *Tabor* é uma altitude que domina a planície de Jezreel; é certo que havia um santuário no seu cume. O profeta mistura na mesma censura a corrupção do culto e a da justiça social.

t. Lit. *um espírito* (ou: *um sopra*) *de prostituição em seu meio*. u. Lit. *ele se despojou deles*, como alguém se despoja das vestes.

v. A lua nova, momento de festa e de alegria, 2,13, tornar-se-á uma ocasião de castigo e de desgraça; talvez haja também a idéia da iminência do perigo "na lua nova".

w. A palavra traduzida por *nada* não é a mesma que ocorre em Os 12,12, mas a ela se parece, e as traduções as identificaram.

Is 50,9; 12 Serei para Efraim como a tinha,
Jr 13,28 e como a cárie para a casa de Judá.

13 Efraim viu sua doença,
e Judá, a sua úlcera;

2Rs 15,19 Efraim foi à Assíria e enviou
mensageiros ao grande rei*,
mas este não vos pode curar
nem vos livrar da vossa ferida.

Is 5,29 14 Mais: eu serei como um leão para Efraim,
Am 3,12 como um leão novo para a casa de Judá.
Sou eu que vou despedaçar;
depois levarei a minha presa
e ninguém ma arrebatará.

2,12;
Dt 32,39;
Dn 4,32

Deus se retira

15 Vou embora, volto para casa*,
até que eles se reconheçam culpados
e procurem a minha face.

Jr 29,13; Na sua tribulação por-se-ão à minha
Dt 78,34 procura.

Lm 3,40 16 "Vinde", voltemos ao SENHOR.

6 Foi ele quem dilacerou; ele é que
nos curará.

Ele feriu, ele tratará a ferida.

2 Ao fim de dois dias nos fará reviver;
no terceiro dia nos reerguerá
e viveremos em sua presença*.

Sl 116,9;
Lc 1,75

x. Na expressão *mêlek-yareh*, a palavra *yareh* pode ser entendida como nome próprio: o rei Iareh; todavia este parece não ser conhecido por outra fonte. Pode-se também ver aí um derivado de verbo hebraico que significa *contestar*; donde: o rei contestador. Mas parece mais provável que se trate da transcrição, para o hebraico, do título régio assírio *sharru rabu*, o grande rei; esta interpretação é tanto mais verossímil quanto se sabe que se trata aqui, como em 10,6, do rei da Assíria.

y. Lit. *para meu lugar*.

z. O profeta parece, nos vv. 1-3, retomar uma fórmula de arrependimento ou de penitência, talvez extraída da tradição do culto.

a. A locução numérica (cf. Am 1; Pr 30): *após dois dias... no terceiro dia* não significa senão "em breve". Haverá aqui uma alusão aos cultos nos quais se julgava que o deus Báal renascia, como a vegetação, após a morte do inverno? Essa imagem do culto daria origem a uma esperança análoga quanto ao destino do ho-mem... No NT, à diferença da passagem de Jn (cf. Mt 12,39-40), este texto de Os não é citado explicitamente; talvez se aluda implicitamente a ele em 1Cor 15,4 e Lc 24,7. Uma tradição cristã atestada a partir de Tertuliano aplicou esta passagem de Os à ressurreição de Cristo.

b. Lit. *Ele virá como a chuva para nós, como a chuva da primavera, a chuva do outono, (à) terra*. Trata-se do retorno regular das chuvas de estação. A crença do povo associava a salvação a essa volta automática das estações, sem levar em conta a sinceridade da volta a Deus, nem a liberdade de Deus.

c. O profeta rejeita aqui a atitude de arrependimento que ele,

3 Esforcemo-nos por conhecer o SENHOR: FI 3,8
sua chegada é certa como a aurora,
ele virá a nós como vem a chuva,
Dt 11,14;
Sl 143,6 como o aguaceiro da primavera rega a terra*.

4 Que te farei eu, ó Efraim?
Que te farei eu, ó Judá?
O vosso amor é como a nuvem da manhã,
como o orvalho matinal que passa*.

5 Por isso os feri por intermédio dos
profetas,

trucei-os pelas palavras da minha boca;
Is 11,4;
Jr 5,14;
Hb 4,12-13 e meu julgamento jorra como a luz*.

6 Pois é o amor* que me agrada, não o
sacrifício;
12,7p
Am 5,22-24; e o conhecimento de Deus, eu o
Mt 9,13
Jr 22,16 prefiro aos holocaustos.

Infidelidade e traição

7 Eles, porém, como Adão, transgrediram
a aliança*.

Eis onde me traíram:

* Guilead é uma cidade de malfetores*, 5,1; 12,12
cheia de marcas de sangue;

* como bandidos em emboscada, um
bando de sacerdotes
assassina no caminho de Siquém*;

no obstante, pede com insistência, pois o movimento de conversão, descrito nos vv. 1-3, talvez sincero, fica sendo superficial e passageiro, como indicam as imagens do orvalho e da nuvem, cf. 13,3 (de resto, a imagem do orvalho é muitas vezes tomada em sentido positivo, para exprimir um benefício recebido, Os 14,6; Mq 5,6; Sl 110,3; Pr 19,12).

d. O hebr. tem aqui: *os teus julgamentos uma luz que sai*. A tradução adotada é a das versões; ela não supõe uma correção, mas uma pontuação do texto um pouco diferente; é a única que dá sentido satisfatório à frase. — *Ferir por intermédio dos profetas...* A imagem é da palavra de Deus afixada como uma espada, Is 49,2; Hb 4,12. Mas Os talvez pense também na atividade militante de profetas tais como Elias, 1Rs 18.

e. * [Trata-se do amor-constância (*hésed*), qualidade da aliança. Cf. nota a 4,1.]

f. Alusão a Gn 3. Por causa da menção de nomes de lugares nos versículos seguintes (Guilead, Siquém), muitos críticos modernos propuseram, às custas de pequena correção, ler *em Adão*, o nome da localidade mencionada em Js 3,16.

g. Cidade situada, na Transjordânia, na região montanhosa que traz também o nome de Guilead. Talvez houvesse aí um antigo lugar de culto; cf. Gn 31,46-48. A censura de crimes sanguinolentos lembra a menção aos guileaditas em 2Rs 15,25.

h. Siquém, antigo centro religioso, cidade levítica (Js 21,21) e de refúgio (Js 20,1-9), não é objeto de polémica da parte do profeta: ficava fora da contaminação do culto; as emboscadas seriam obra de um clero corrupto que queria impedir o povo de frequentar esse santuário fiel a Deus.

eis os horrores que eles cometem!

¹⁰ Na casa de Israel vi coisas horríveis:
lá se prostitui Efraim,
contamina-se Israel.

¹¹ Também para ti, Judá, preparo uma
colheita
— quando eu mudar a sorte do meu
povo.

7 ¹ No próprio momento em que
quero curar Israel,
aparecem a falta de Efraim e os
crimes de Samaria:
sim, eles praticam a impostura;
o ladrão se introduz nas casas;
fora saqueia a quadrilha.

² E não dizem em seu coração que
todo o mal que cometem,
eu o guardo na memória;
agora, os seus atos os envolvem,
estão diante de mim.

IRs 17,18;
SI 10,11;
Mt 3,16
5,3;
Pr 5,21-22

Conspirações e ingratidão.

³ Na sua maldade, eles divertem o rei,
e, por suas perfídias, os chefes.

⁴ São todos adúlteros.
São como um forno ardente que o
padeiro deixa de atizar
desde o amassar até o fermentar da
massa.

⁵ No dia do nosso rei¹,
os chefes adoecem pelo calor do vinho,
estende-se a mão aos zombadores.

⁶ Pois eles se aproximaram como um
fogo de fogueira,
o coração cheio de insídias:
a noite toda, a sua cólera¹ dormita;
de manhã, ela arde como fogo flamejante.

⁷ Todos estão quentes como um forno:
devoram os seus soberanos^k,
todos os reis tombaram,
e não há um só entre eles que me invoque.

⁸ Efraim se deixa misturar com os
outros povos,

2Rs 15,10.
14,25

Efraim é uma panqueca que não foi
revirada.

⁹ Estrangeiros devoram o seu vigor,
e ele não o sabe;
até se espalham cabelos brancos
sobre a sua cabeça,
e ele não o sabe.

¹⁰ O orgulho de Israel testemunha contra ele,
mas eles não voltam ao SENHOR,
seu Deus;
apesar de tudo, não o procuram.

¹¹ Efraim é uma pomba simplória, sem
entendimento^l,
chamam o Egito, correm para Assur.

¹² Enquanto correm, lanço sobre eles a
minha rede,
abato-os como a aves do céu,
capturo-os, logo que ouço a sua reunião.

¹³ Ai deles, pois fogem de mim!

Ruína sobre eles, pois se revoltaram
contra mim!

E eu os deveria resgatar,
a eles que proferem mentiras contra mim?

¹⁴ Não é do fundo do coração que me
chamam;
quando se lamentam em seus leitos,
quando fazem incisões por trigo e
vinho novo,
é contra mim que se rebelam.

¹⁵ Eu dirigia e fortalecia o seu braço,
mas eles tramavam o mal contra mim.

¹⁶ Se eles voltam, não é para o alto^m,
são como um arco que falha.
Os seus chefes tombarão pela espada,
por causa da insolência da sua linguagem:
por isto se zomba deles na terra do
Egito.

Jr 5,3;
Am 4,6-11;
Ap 3,17
Is 9,12

4,11;
Mt 10,16

Ez 12,13;
32,3;
Ec 1,12;
Mt 13,47

13,14

Gn 49,24
Is 5,7

SI 78,57

SI 12,4-5
9,6;
Jr 42,18

8 Anarquia interior, política estrangeira

¹ Emboca a trompa!
Como a águia, a desgraça cai sobre
a casa do SENHORⁿ,

i. A expressão designa provavelmente um aniversário.
j. *A sua cólera*, em hebraico *afhêm*, de acordo com as versões
sir. e aram.; o texto hebraico atual traz *ofehêm*, "o seu padeiro".

k. *Soberanos* designa aqui os reis, como o paralelismo o in-
dica, mas a palavra é traduzida habitualmente por "juizes".

l. *Simplória*, i. é, que se deixa seduzir (é a mesma palavra que
ocorre em 2,16) por quem quer que seja; *sem entendimento*, lit.
ela não tem coração; não se deve entender o coração no sentido

do afeto ou do sentimento, mas no da inteligência: ela está "des-
tituída de bom senso" (cf. 4,11 *fazem perder o juízo*, lit. *fazem
perder o coração*).

m. *Para o alto* poderia ser aqui, como em 11,7, um modo de
designar o Deus "Altíssimo".

n. *Casa do Senhor* não designa o Templo, mas, como em 9,15, o
território de Israel; cf. Jr 12,7; Zc 9,8; sentido confirmado pelo uso
assírio, segundo o qual "a casa de Omri" designa a terra de Israel.

porque transgrediram minha aliança e se revoltaram contra a minha instrução.

6.3 ² Clamam a mim:

"Meu Deus, nós te conhecemos, nós, Israel!"

³ Israel rejeitou o bem; que o inimigo o persiga!

⁴ Sem mim instituíram reis, sem mim nomearam chefes*.

Com sua prata e seu ouro fizeram ídolos para sua própria destruição.

⁵ Repugnante é o teu bezerro, Samaria! — Minha cólera inflamou-se contra eles. Até quando serão incapazes de pureza?

⁶ Ele vem de Israel, um artesão o fez, ele não é Deus; sim, o bezerro de Samaria será desfeito em pedaços.

⁷ Eles semeiam vento, colherão tempestade.

Haste sem espiga não dá farinha, e, caso a dê, são estrangeiros os que a engolem.

⁸ Israel foi engolido; ei-los entre as nações como um objeto sem valor!

⁹ Quando subiu para Assur — asno selvagem entregue a si mesmo —, Efraim contratou amantes para si^p.

¹⁰ Mesmo que distribuam presentes entre as nações, eu os reunirei agora, e em breve tremerão sob o peso do rei dos príncipes^q.

¹¹ Efraim multiplicou os altares para expiar o pecado, mas eis que esses altares se lhe tornaram ocasião de pecado.

¹² Ainda que eu escreva para eles mil prescrições da minha lei, consideram-nas como procedentes de um estrangeiro^r.

¹³ À guisa de sacrifício, imolam carne e comem-na, mas o SENHOR não se compraz nisto. Agora ele recorda as suas faltas e pede contas de seus pecados. Terão de voltar ao Egito.

¹⁴ Israel esquece o seu Criador; construiu para si palácios. Judá multiplica as suas cidades fortificadas. Mas enviarei o fogo sobre as suas cidades, que devorará as suas cidadelas.

9 Pão de luto

¹ Israel, não exacerbes a alegria até o delírio, como fazem os povos, pois te prostituíste, longe do teu Deus, e gostaste do dinheiro fácil, em todas as eiras de trigo.

² A eira e o lagar não os satisfarão, o vinho novo frustrará a sua expectativa^s.

³ Não lhes será dado permanecer na terra do SENHOR: Efraim voltará para o Egito, na Assíria comerão alimento, impuro.

⁴ Não derramarão vinho em libação para o SENHOR, os seus sacrifícios não lhe agradarão; será para eles como um pão de luto; todos os que dele comerem, tornar-se-ão impuros^t.

— pois seu pão lhes servirá para sustento, mas não entrará na Casa do SENHOR.

⁵ Que fareis no dia da solenidade, no dia de festa do SENHOR^u?

o. Lit. e eu não o sabia, isto é, "à revelia de mim", mas é preferível ver idéia de "sem minha aprovação". Os não censura a instituição legítima da realeza, mas os reinados decorrentes de golpes de estado que se sucederam durante tal período.

p. A palavra hebraica *peré*, asno selvagem, evoca o nome de Efraim; ver notas a 5,1 e 9,16.

q. *Rei dos príncipes*: o "grande rei" (5,13 e 10,6).

r. Lit. *são consideradas como coisa estrangeira*.

s. A expectativa frustrada não significa que as colheitas serão

prejudicadas, mas que aproveitarão a estrangeiros (cf. 8,7); donde a exortação a não se alegrarem.

t. Longe da *terra ou da casa do Senhor* (esta expressão pode designar a terra ou o Templo), todos os sacrifícios serão manchados de impurezas e macularão os que deles comerem, como o pão que se encontrasse em casa de um morto ou que para lá fosse levado (cf. Dt 26,14).

u. Trata-se provavelmente da festa do outono, em que a aliança era renovada (cf. 2,13). Em vez de atrair a bênção do Senhor, será a ocasião do julgamento de Deus sobre o seu povo.

O profeta desprezado

⁶ Eis que fugiram da destruição:
o Egito os verá reunidos;
Mênfis será o seu túmulo*.
Seus tesouros preciosos^w, os cardos

os herdarão,
a sarça invadirá as suas tendas.

⁷ Chegou o tempo do ajuste,
chegou o tempo de pagar;
que Israel o saiba!
O profeta enlouquece,
o homem do espírito delira,
por causa do tamanho do teu crime
e da violenta agressão.

Jr 6,17 ⁸ A sentinela de Efraim está com o
meu Deus — é o profeta —;
preparam-lhe armadilhas em todos os
caminhos,
agredem-no até na casa do seu Deus*.
⁹ Foram ao fundo da corrupção, como
nos dias de Guibeá.
10,9;
Jz 19-21 Deus se recordará do seu crime, fará
as contas dos seus pecados.

Báal-Peor

¹⁰ Como uvas no deserto,
assim encontrei Israel;
Is 28,4 como fruto precoce em figueira nova,
assim vi os vossos pais.
Nm 25 Eles, desde a sua chegada a Báal-Peor,
entregaram-se à Vergonha
e tornaram-se abominação,
como o objeto do seu amor*.
¹¹ Efraim, o que faz sua glória

voa embora como um pássaro,
desde o nascimento, desde a
gravidez, desde a concepção.

¹² Mesmo que criem filhos,
eu os privarei deles antes que se
tornem adultos*.

Sim, ai deles, quando deles me afastar!

¹³ Efraim, eu o vejo como outra Tiro,
plantada em planície verdejante;
contudo, Efraim deverá entregar os
seus filhos à matança*.

¹⁴ Dá-lhes, SENHOR... Que darás?
Dá-lhes entranhas estéreis e seios
ressequidos.

Lc 23,29;
Jó 3,11-12

Guilgal

¹⁵ Toda a sua perversidade manifestou-se em Guilgal: 4,15

foi lá que comecei a abominá-los;
por causa da perversidade de suas ações
eu os expulsarei da minha casa^b,
já não terei amor por eles;
todos os seus chefes são rebeldes.

¹⁶ Efraim foi ferido,
suas raízes estão secas, fruto^c não darão.
Mesmo se derem à luz, farei morrer
o fruto querido do seu ventre.

¹⁷ Meu Deus os rejeitará,
pois não o escutaram, e tornar-se-ão
errantes entre as nações.

10 Rei e bezerro

¹ Israel, vinha viçosa, dava frutos 1s 5,1-7
copiosos^d.

v. Contraste com o v. precedente: a reunião da festa cederá à reunião dos mortos (cf. Jr 8,2; 25,33), evocada pela menção a Mênfis, célebre, já nos tempos de Oséias, por suas pirâmides da quarta dinastia.

w. Literalmente, *os seus objetos preciosos de prata*: essa prata fora utilizada para o culto de Báal (8,4).

x. Estes vv. difíceis são frequentemente corrigidos: foi aqui respeitada a tradição do hebr. O profeta é provavelmente o próprio Oséias, que revela o seu sofrimento, devido tanto à situação do povo como aos ataques que ele próprio padece. A respeito da imagem da sentinela, cf. Jr 6,17; Ez 3,17; 33,2.6.7.

y. *Báal-Peor* designa aqui uma localidade também chamada Bet-Peor (Dt 3,29; 4,46; 34,6; Js 13,20), situada ao pé de uma montanha, sede de uma divindade. Segundo os estudos topográficos mais recentes, é preciso situar tal lugar 20km, aproximadamente, a leste da extremidade setentrional do mar Morto. Foi lá que, segundo Nm 25,3, os israelitas se entregavam aos ritos de fertilidade cananeus, com os abusos sexuais que isso comportava. A *Vergonha* (*bîshet*) é o vocábulo injurioso pelo qual os

israelitas substituíram o nome de Báal.

z. Ou: até o último homem.

a. *A matança*, literalmente, *ao matador*. Este v. é de tradução muito difícil e a multiplicação das versões propostas manifesta o embaraço dos exegetas. O profeta compara Efraim à cidade de Tiro, conhecida por seu esplendor e sua prosperidade (Ez 26-28), e quer enfatizar o contraste entre a prosperidade atual e a desgraça vindoura. Parece que já as antigas versões leram diversamente a palavra Tiro (grego: "presa de caça") e a maioria das traduções modernas as seguiram.

b. A respeito de *Guilgal*, cf. 4,15 nota: o profeta tem em vista os cultos sincréticos, mais do que a desobediência de Saul a Samuel, que ocorreu aí também (1Sm 15); o termo *expulsar* evoca a despedida da mulher infiel.

c. Jogo de palavras entre *Efraim* e *peri* (fruto); cf. 8,9.

d. A imagem da vinha é frequentemente aplicada a Israel; por exemplo, 1s 5; Sl 80; Jr 2,21; Mt 20. Projeta luz, segundo o contexto, sobre a grandeza da escolha, a índole insensata da desobediência e o aspecto inevitável do julgamento.

Quanto mais os seus frutos se multiplicavam,
mais ele multiplicava os altares;
mais a sua terra era bela,
mais eles embelezavam as estelas.

² O seu coração é falso,
agora não de pagar:
o SENHOR vai quebrar os seus altares
e destruir as suas estelas.

³ Pois agora dizem:
"Não temos rei, porque não tememos
o SENHOR
— mesmo o rei, que poderia fazer
por nós?"

⁴ Proferem discursos,
juramentos vãos,
travam alianças,
seu julgamento cresce qual planta
venenosa nos sulcos dos campos.

⁵ Os habitantes de Samaria receiam
pelas novilhas de Bet-Aven;
sim, seu povo está de luto por causa
do bezerro,
bem como seus pseudo-sacerdotes.
Que se alegrem com a sua glória,
agora que foi transportada para longe
de nós!

⁶ O bezerro também será levado para a
Assíria

^{5,13} como oferta para o grande rei!
Efraim colherá vergonha e Israel
enrubescerá das suas intrigas.

⁷ Está liquidada a Samaria e o seu rei:
este é como cisco na superfície da água.

⁸ Serão supressos os lugares altos da
Falsidade!

pecado de Israel:
cardos e espinheiros subirão aos seus
altares.

Às montanhas dirão "Cobri-nos!", e às colinas: "Caí sobre nós!" Lc 23,30;
Ap 6,16

⁹ Desde os dias de Guibeá, tu pecaste,
Israel

— e eles se obstinaram!
Não será em Guibeá que os atingirá
o combate contra os criminosos?

¹⁰ Eu quero castigá-los;
porque estão apegados^k aos seus dois
crimes!

Jr 2,13

os povos se coligarão contra eles.
¹¹ Efraim era uma novilha adestrada,
que gostava de pisar a cira.

Quando passei junto a seu lindo pescoço,
atrelei Efraim —

Judá está a lavrar a terra,
e Jacó a aplaina com a grade.

¹² Semeai para vós na justiça, e
colhereis generoso fruto;
preparai para vós um campo novo:
agora é tempo de procurar o SENHOR,
até que venha derramar sobre nós a
justiça^m.

2Cor 9,10

¹³ Cultivastes a maldade e colhestes a
iniquidade,
comestes o fruto da mentira.
Puseste tua confiança em teu poderio,
na multidão dos teus guerreiros.

Is 31,1

¹⁴ O tumulto se levanta em meio ao teu
povo,
de modo que todas as cidades
fortificadas serão devastadas,
como Shalman devastou Bet-Arbel

e. Lit. o seu coração é escorregadio.

f. Este v. parece ser uma confissão de culpa, mas, como em Os 6, o profeta não a leva a sério.

g. *Pseudo-sacerdotes*: o termo hebraico assim traduzido é palavra de origem estrangeira que, no AT, após Os, servirá para designar os sacerdotes dos cultos ilegítimos (Sf1 4; 2Rs 23,5). — A aproximação das palavras *alegrar-se* e *transportar para longe* explica-se por assonância verbal.

h. Alusão a um costume atestado pela arqueologia, que consistia em transportar as estátuas dos povos subjugados para os santuários dos povos vencedores; assim a arca da aliança foi transferida para a terra dos filisteus (1Sm 4,11). — A respeito do *grande rei*, cf. 5,13 nota.

i. O termo *Áven*, falsidade, primeiramente aplicado ao santuário de Betel, encontra-se aqui aplicado ao conjunto dos lugares altos (cf. 4,7; 8,11).

j. Cardos e espinheiros são o sinal da maldição divina como

em Gn 3,18. O profeta refere as palavras do povo; todavia poderiam também tomar como sujeito de *dirão* os altares personificados. Este texto é citado no NT (Lc 23,30; Ap 6,16) como anúncio típico de um castigo ainda mais decisivo.

k. Trocadilho entre *castigar* (*essorêm*) e *apegar* (*osrâm*).

l. Por *os dois crimes* podemos entender o duplo crime de Guibeá: o do passado (Jz 19) e do tempo de Oséias; mas pode-se também pensar nas duas infidelidades que são o abandono do Senhor e a adesão ao culto de Báal (segundo Jr 2,13).

m. Procurar e conhecer o Senhor são temas constantes das exortações proféticas. Praticamente isto significava interrogar o profeta a respeito da vontade de Deus: 1Rs 22,5; 2Rs 3,11; 8,8; 22,13; Jr 42,1-3; 38,14; 37,7. A justiça tem aqui, como em muitos textos proféticos, o sentido de salvação. — O verbo traduzido por *derramar* faz pensar simultaneamente na chuva e na instrução (cf. 4,6. nota) e enfatiza o aspecto totalizante da salvação, que transforma tanto os corações como a terra.

14,1; no dia do combate em que a mãe era esmagada sobre os seus próprios filhos*.
SI 137,9

¹⁵ Eis o que Betel fez para vós,
por causa da vossa extrema perversidade.
Ao amanhecer, o rei de Israel será
totalmente exterminado*.

11 O amor do pai decepcionado

¹ Quando Israel era menino, eu o
amei,

Ex 4,22-23; e do Egito chamei o meu filho*.
Mt 2,15

² Daqueles que os chamavam, afasta-
ram-se*;
foi aos baalim que eles sacrificaram,
e a ídolos talhados queimaram
oferendas.

³ Todavia fui eu que ensinei Efraim a
andar,
tomando-o pelos braços,
mas eles não reconheceram que eu
cuidava deles.

⁴ Eu os atraía com vínculos humanos,
com laços de amor;
era para eles como quem levanta
uma criancinha à altura do rosto;
eu lhe alcançava o que comer*.

7,11 ⁵ Ele não voltará à terra do Egito,
9,3 mas Assur será seu rei,
pois eles recusaram voltar a mim.

⁶ A espada gira em suas cidades,
aniquilará as suas defesas,
e os devorará por causa de suas intrigas.

⁷ Meu povo! Eles se obstinam em sua
apostasia:

são chamados para o alto*, 7,16
mas nenhum, sem exceção, se levanta.

O amor prevalece apesar de tudo
⁸ Como te tratarei, Efraim? Como te
livrarei, Israel?

Poderia eu tratar-te como Admá e
expor-te como Şeboim? Dt 29,22

Meu coração se contorce¹ dentro de
mim,
e ao mesmo tempo a minha
compaixão se acende.

⁹ Não darei curso ao ardor da minha
cólera,

não tornarei a destruir Efraim,
pois sou Deus e não homem, Nm 23,19
sou santo² no meio de ti;
não virei com furor.

¹⁰ Caminharão atrás do SENHOR.
Como um leão, ele rugirá;
quando ele rugir, os filhos acorrerão
do Ocidente a tremer*.

¹¹ Do Egito acorrerão tremendo como
pardais,
e da terra de Assur, como pombas
e os farei habitar nas suas casas
— oráculo do SENHOR.

12 Mentira de Efraim

¹ Efraim cerca-me de mentira, e a
casa de Israel, de impostura.

n. Provável alusão ao rei de Moab, Salamana, que Tiglat-Piléser III menciona entre os seus vassallos. Deve-se procurar *Bet-Arbel* na Transjordânia setentrional, perto da atual Irbid. Tratava-se provavelmente de cidade importante, de uma "mãe" como Ábel-Bet-Maaká de 2Sm 20,19, cercada de povoados chamados "filhas". Mas pode-se também entender a expressão em sentido mais literal: atos desumanos, como o morticínio das mulheres e das crianças, era prática usual por ocasião da destruição de cidades; cf. SI 137,9; 2Rs 8,12; Is 13,18; Na 3,10.

o. A manha é sempre sinônimo de libertação e de vitória repentinas (cf. 2Cr 20,16-20; Is 17,14; SI 46,6). Mas aqui o profeta imprime sinal negativo às tradicionais esperanças do povo.
p. Os emprega aqui, a propósito de Israel, não mais a imagem da esposa, mas a do filho, na linha da tradição do Êxodo (Ex 4,22); encontram-na ainda em Is 1,2; Jr 3,19; Dt 32,6; MI 1,6, etc. — O evangelista Mateus (2,15), retomando esta mensagem, saúda em Jesus o filho que assume toda a vocação de Israel.

q. O sujeito de *que os chamavam* não é explicitado, de modo que fica aberta a porta a diversas interpretações: trata-se ou do Senhor e de seus representantes, os profetas, ou das divindades estrangeiras; neste último caso, traduziríamos: *outros os chamavam e assim foram para longe de mim*.

r. Nos vv. 3 e 4 a imagem é sempre a do pai, mas de um pai dotado de traços maternos. As antigas traduções, e provavelmente já o texto hebraico masorético, leram *jugo* (*ol*) em vez de "criancinhas" (*ul*); a tradução daí resultante *fui para eles como alguém que afrouxa o jugo perto da boca* supõe que o profeta abandone a imagem do pai e da criança, para assumir uma comparação tirada do reino animal.

s. Cf. 7,16, nota.

t. *Admá* e *Şeboim* aparecem alhures no AT, mas sempre ao lado de Sodoma e Gomorra: Gn 10,19; 14,2,8; Dt 29,22. Os parece aproximar-se da tradição representada por Dt; a tradição hierosolimitana falava apenas de Sodoma e Gomorra; cf. Is 1,9-10. — O *contorcer* do coração do Senhor é expresso por um termo que designa precisamente a destruição das cidades culpadas (Gn 19,25; Dt 29,22); isto enfatiza a mudança radical que se realiza no próprio Deus.

u. Esta é a única menção à santidade de Deus feita por Os (cf. todavia 12,1). Ela é aqui despojada do seu aspecto aterrador, para exprimir a vontade de amar.

v. Lit. *do mar*. O rugido do leão aqui não é uma ameaça (cf. Am 1,2; 3,4,8; Os 5,14; 13,7), mas um apelo (cf. Os 3,4ss.).

Mas Judá caminha ainda com Deus e permanece fiel à Santidade".

- ² Efraim alimenta-se de vento
e corre o dia inteiro atrás do vento
do Oriente;
multiplica mentiras e violências.
Firmam aliança com Assur
e levam óleo para o Egito³.

Um antepassado enganador: Jacó

- ³ O SENHOR está em processo contra Judá,
para pedir contas a Jacó pela sua conduta
e retribuir-lhe segundo os seus atos⁴.

- ⁴ No seio materno ele suplantou seu
irmão⁵
e, chegado à idade madura, lutou
contra Deus.

- ⁵ Lutou com um anjo; venceu.
ele chorou e suplicou-o⁶.

Em Betel, ele o encontrou,
e foi lá que Deus falou conosco⁶.

- ⁶ — "O SENHOR, Deus de todo poder,
o SENHOR",
é assim que o devemos invocar⁷.

- ⁷ Tu, portanto, voltarás ao teu Deus:
guarda a fidelidade e a retidão e

põe continuamente a tua esperança
em teu Deus.

- ⁸ Canaã tem na mão uma balança
enganadora,
ele gosta de extorquir.

- ⁹ E Efraim diz: "Só fiz enriquecer,
adquiri riqueza para mim;
em todo o meu trabalho, ninguém
encontrará delito pecaminoso⁸".

- ¹⁰ Mas eu o sou o SENHOR, teu Deus,
desde a terra do Egito.
Eu te farei habitar de novo sob tendas
como nos dias em que eu vos
encontrava⁹.

- ¹¹ Falarei aos profetas
e multiplicarei as visões
e pelos profetas falarei em parábolas.

- ¹² Se já Guilead é falsidade,
eles se tornaram um nada;
não cessam de sacrificar touros em
Guilgal,
também seus altares são como
montes de pedras
nos sulcos dos campos¹⁰.

- ¹³ Jacó fugiu para as planícies de Arã
e Israel serviu por uma mulher,

Sl 62.13

Gn 25.26;
27.35-36

Gn 32.25

Gn 28.12-19
Gn 35.15

2.16-17

Sl 74.9

6.8

w. O elogio de Judá, em oposição a Efraim, poderia pertencer aos acréscimos dos quais já salientamos indícios; cf. 1.7 nota. Mas, por causa da obscuridade de certos termos, este v. deu lugar a traduções muito diferentes. A *santidade* é a tradução mais provável da expressão hebraica; poderíamos também dizer os "seres celestes", que constituem a "corte" do Senhor (cf. Sl 89.8) ou ainda "pessoas consagradas", p. ex., os levitas (cf. 2Cr 35.3; Nm 3.12), ou talvez "os ídolos" (o que daria ao v. sentido totalmente diverso).

x. A validade das alianças estrangeiras é expressa por essa busca do vento — do vento do oriente, que traz a seca e a desolação (cf. 8.7 e 13.15). A Assíria e o Egito são inimigos, e a política aqui condenada consiste em oscilar entre estas grandes potências dando penhores a uma ou a outra (o azeite é, sem dúvida, o símbolo da paz), à procura de equilíbrio ilusório; cf. 7.11.16; 10.6; 14.4.

y. A menção a Judá pode ter substituído aqui a de Israel; de resto, Judá é às vezes acrescentado a certos vv. (cf. 1.7. nota). Jacó é o símbolo de Israel (ver a mudança de nome em Gn 35.10). Assim se enfatizaria que o que valeu para Israel (o reino do Norte) vale também para Judá (o reino do Sul) — interpretação apoiada pela tradição segundo a qual Jacó-Israel é o antepassado das doze tribos (Gn 35. 22b-26). Retomaram-se aqui tradições da época patriarcal referentes ao epônimo do povo, Jacó-Israel, e interpretadas segundo a situação da época de Os.

z. Alusão às tradições concernentes à rivalidade de Jacó e Esaú desde o seio materno (Gn 25.26), como também à *traição* de Jacó, "suplantador" do seu irmão mais velho (Gn 27.35s.), com trocadilho entre o nome de Jacó (*yis'ra'el*) e o verbo *'aqab*, suplantar.

a. Jacó lutou corpo a corpo com "alguém", um homem (Gn 32.35), com um *anjo* (Os 12.5) — ser misterioso, enviado ou representante de Deus. Esta é a explicação tradicional (Gn 32.23-33) do nome do lugar onde se situa a cena — Peniel, "face de Deus" — e do nome que Jacó então recebeu — Israel (pois o ser misterioso recusou dizer o seu nome, mas trocou o de Jacó por "aquele que luta com Deus"). É muito estranho que Jacó, tendo vencido a luta, seja aquele que chora e implora, como parece sugerir o texto hebraico. Pode-se supor que a tradição utilizada por Os, ao inverso da conservada em Gn, mencionasse a derrota de Jacó, mas seria necessário uma pequena correção do texto hebraico aqui; ora parece mais simples admitir que o sujeito dos verbos é o anjo, já que o estilo de Os é muitas vezes elíptico.

b. Betel era um santuário da época patriarcal, Gn 28.10-22; está dito explicitamente, em Gn 31.15, a respeito de Jacó, que Deus *lá falou com ele*. Dizendo *conosco*, o texto hebraico aplica a situação de Jacó à do povo do tempo de Os.

c. Lit. *tal é seu memorial*; cf. Ex 3.15.

d. O v. 8 é provavelmente uma fórmula proverbial, que Os aplica a Efraim-Israel: não é melhor do que Canaã, o povo que ele suplantou; mais: Efraim mesmo é um outro Canaã, um *kenuani*, isto é, um *traficante* (é este o sentido de tal termo em outras passagens, p. ex., Pr 31.24; Zc 14.21).

e. *Os dias em que eu vos encontrava* evoca a "tenda do encontro" (Ex 33.7) e o tempo da vida no deserto. Cf. Os 2.16s.

f. Este v. se liga dificilmente ao seu contexto. Será a reminiscência de Jacó, que concluiu com Laban um tratado em Guilead (a respeito da iniquidade de Guilead, cf. 6.8)? De qualquer forma, Guilgal e Guilead têm em comum os "montes de pedras", *gal*; é isto, sem dúvida, que explica a aproximação literária aqui.

Gn 29.15-30
Dt 18.18 por uma mulher se fez guarda de rebanhos.
14 Mas por intermédio de um profeta, o SENHOR fez Israel subir do Egito, por meio de um profeta Israel foi guardado.
15 Efraim causa a Deus uma ofensa amarga; o seu SENHOR descarregará sobre ele o sangue que derramou e lhe retribuirá os seus ultrajes.

13 A morte de Efraim

1 Quando Efraim falava, provocava terror em Israel. Mas por causa de Báal tornou-se culpado e morreu.
2 Agora, continuam a pecar: fizeram uma imagem fundida; de sua prata, com sua técnica, fizeram ídolos!
3 Tudo isso não é senão obra de artesãos. A propósito deles é que se diz: "Sacrificadores, seres humanos beijam bezeros".
4 Eis por que serão como a nuvem da manhã e como o orvalho matinal que passa, como palha que turbilhona longe da eira e como fumaça que sai de uma abertura.
5 E eu, o SENHOR, teu Deus desde a terra do Egito — Deus que não seja eu não conheces, e salvador fora de mim não há — eu te conheci no deserto, num país de febre.
6 Logo que chegavam à pastagem, saciavam-se;

uma vez saciados, o seu coração se inchou; por isto, me esqueceram.
7 Tornei-me para eles como um leão; espreito-os como uma pantera no caminho.

8 Eu os ataco como uma urso à qual roubaram os filhotes; rasgo-lhes o invólucro do coração; qual leão, eu os devoro onde estejam; os animais selvagens os dilacerarão.

9 Eis-te destruído, Israel!; pois só comigo está teu socorro.
10 Onde está agora o teu rei para te salvar em todas as tuas cidades — e os teus juizes, a respeito dos quais dizias:

"Dá-me um rei e chefes"?
11 Eu te dou um rei na minha cólera, e no meu furor eu o retomo.

12 A culpa de Efraim está bem guardada, o seu pecado cuidadosamente arquivado.

13 Àquela que dá à luz, sobrevêm as dores; mas é um filho sem jeito: chegado o momento, ele não sai do ventre materno.

14 Deveria eu remi-los do poder do Sheol, resgatá-los da morte?

— Morte, onde estão as tuas calamidades? 1Cor 15.55

Sheol, onde está o teu flagelo? A compaixão se furta aos meus olhos.

15 Sim, prospere Efraim em meio aos seus irmãos,

g. Ressoam aqui as reflexões inspiradas pelas tradições patriarcalis, cf. Gn 29.15-30. Moisés é o profeta em foco (Dt 18.18), que o Senhor constituiu guardião do seu povo Israel. Propondo o paralelo acima. Os quer chamar a atenção para o contraste entre o comportamento dos homens e o de Deus.

h. Para este v. difícil, poderíamos propor outra tradução: *Quando Efraim falava, tremiam; ele se tinha elevado em Israel...* ou mesmo *ele era príncipe em Israel*.

i. A versão grega reza: *sacrificai homens, falam bezeros*; a referência a sacrifícios humanos, gramaticalmente possível, é de todo inverossímil neste contexto. Para Os o pecado é a existência mesma dos "bezeros"; estes eram figuras simbólicas que os israelitas destinavam ao culto do Senhor, mas que, derivadas dos cultos dos baalim, vinham a ser um atrativo fatal para esses cultos. Provavelmente será preciso considerar a estranha expressão como o efeito de um adágio popular irônico cujo alcance em parte nos escapa, mas que escarnecia os homens cultores de animais.
j. Os dizeres do princípio do v. 4 já se encontram em 12.10.

Eles acarretam a reafirmação peremptória da unicidade do Senhor como Deus e Salvador de Israel; cf. Is 45.21.

k. Em vez de *eu te conheci*, a Septuaginta diz *eu fui teu pastor*, o que supõe um texto hebraico um pouco diferente e que se harmoniza bem como o v. seguinte.

l. Lit. *tua perda, Israel*. V. tão conciso que se torna obscuro. O sentido parece ser: tu estás totalmente perdido; só eu é que te posso socorrer, não os teus reis (v. 9b-10). Os juizes do v. 10 não são magistrados de tribunal, mas os chefes-salvadores que ocorrem no livro dos Juizes.

m. *Sem jeito*: lit. *que não é sensato*, isto é, que não sabe comportar-se e ter êxito na vida. Este v. não é tanto uma alegoria, mas antes contém um provérbio: em situação difícil, Israel não tem a "sensatez" de recorrer a Deus (13.9).

n. O fim do v. 14 obriga a entender o seu início como interrogação irônica; cf. 4.16; 7.13. O Senhor chama, a seguir, a morte e seus auxiliares para punir Israel. *Calamidades e flagelos*, cujos nomes eram talvez os de poderes demoníacos (cf. Sl 91.6).

um vento do oriente soprará,
um vento do SENHOR subindo do
deserto,
a fonte estancará, o manancial secará
— despojarão o tesouro de todos os
seus objetos preciosos*.

14 ¹Samaria deverá pagar,
pois revoltou-se contra o seu Deus;
cairão pela espada,
^{10,14} as crianças de peito serão esmagadas,
^{Am 1,13} e as mulheres grávidas terão os
ventres rasgados*.

Conversão e vida nova

² Volta, Israel, ao SENHOR teu Deus,
pois tuas iniquidades te fizeram
cambalear.

³ Tomai convosco palavras* e voltaí ao
SENHOR;
dizei-lhe: “Tu tiras toda culpa,
aceita o que é bom;
como se fossem touros,
nós te oferecemos em sacrifício
as palavras de nossos lábios”.

⁴ Assur não nos pode salvar,
não montaremos a cavalo;
já não diremos: “Nosso Deus” às

obras de nossas mãos,
— ó tu que tens piedade do órfão!”

⁵ Eu os curei da sua apostasia,
eu os amarei com generosidade,
minha cólera se afastou dele.

⁶ Serei para Israel como o orvalho,
ele florescerá como o lírio
e lançará raízes profundas como a
floresta do Líbano’.

⁷ Seus rebentos se estenderão,
seu esplendor será como o da oliveira
e seu perfume como o do Líbano.

⁸ Voltarão aqueles que habitavam à
sua sombra,
farão o trigo reviver,
como a vinha florescerão,
serão famosos como o vinho do Líbano.

⁹ Efraim! Que tenho ainda a ver com
os ídolos?
Sou eu que lhe respondo e dele cuido. ^{2,23-25}
Sou como um cipreste sempre verde,
é de mim que procede o teu fruto”.

¹⁰ Quem é sábio para discernir estas coisas* ^{Sl 107,43}
e inteligente para conhecê-las?
Sim, os caminhos do SENHOR são retos:
os justos andarão por eles,
mas os rebeldes neles tropeçarão.

são aqui reduzidos à categoria de instrumentos nas mãos de Deus; o *Sheol* é personificado como a morte. — Em 1Cor 15,55, o apóstolo Paulo utiliza este versículo de Os, mas vendo nele uma promessa de vitória sobre a morte, segundo um método exegético que destaca um versículo do seu contexto real para ilustrar outra situação ou outro texto. Não é lícito jogar a interpretação paulina sobre o texto de Os para interpretá-la em sentido que contradiria o contexto do profeta.

o. Efraim não é mencionado no início do v. 15; seu nome é evocado pela palavra *prosperar* (hebr. *yaferi*) e pela alusão aos irmãos, que nos faz voltar ao contexto de 13,1: a situação privilegiada de Efraim entre as outras tribos de Israel. — O vento do oriente é a Assíria.

p. Samaria é a capital de Israel do Norte, sobre o qual recairá o castigo anunciado a Efraim. Rasgar o ventre das mulheres grávidas (cf. Am 1,13; 2Rs 15,16, etc.), esmagar as crianças (cf. Sl 137,9) são traços da cruel realidade das guerras; cf. 10,14, nota.

q. A expressão insólita *tomar consigo palavras* é explicada pela sequência do versículo: lit. *nós te oferecemos como touros os nossos lábios*. Pois o Senhor recusou o culto habitual com os seus sacrifícios de animais — não por causa desses sacrifícios, mas porque tal culto era meramente exterior e formalista. À prática ritual opõe-se aqui a confissão de fé tal como será enunciada no v. 4, e já no início do v. 3: *Tu tiras toda culpa*.

r. *Como se... nossos lábios*: as antigas versões gr. e sir. leram: *oferecer-te-emos em sacrifício o fruto de nossos lábios* (texto citado por Hb 13,15).

s. Os elementos desta profissão de fé são a contraparte das

censuras dirigidas ao povo pelo profeta no decorrer do livro: o recurso à Assíria (5,13; 7,11; 8,9; 12,2), a confiança em suas próprias forças ou, mais amplamente, nos recursos humanos (8,14; 10,13); o cavalo será uma alusão ao Egito, que praticava o comércio respectivo?, o culto aos ídolos (2,10; 4,7,17; 8,4-6; 10,5-6; 11,2; 13,2). — No fim do v., não se vê bem como a situação do órfão se aplica à de Israel; mas a imagem é a da ternura especial de Deus para com o pobre e o abandonado (Ex 22,21-23; Sl 68,6, etc.).

t. O nome do Líbano, o “branco”, evoca simultaneamente a montanha, o álamo e o incenso; donde a menção à floresta, à árvore e ao perfume. Provavelmente é esta a ocorrência, mais antiga, na Bíblia, do uso simbólico do Líbano, símbolo de força, de esplendor, de beleza. Em particular, o Cântico dos Cânticos (4,11) se inspirará nesta passagem de Os.

u. A ideia de Deus que responde já foi desenvolvida em 2,23-25. Ao passo que Israel em vão se dirigiu às divindades da fertilidade, o Senhor se apresenta como árvore sempre verde, sempre viva, na qual Israel há de encontrar o fruto que procura. Da parte de Os, havia extrema ousadia em fazer o Senhor dizer praticamente que ele é o verdadeiro Deus da fertilidade.

v. O v. 10 é de estilo típico da literatura sapiencial ou dos escritos de sabedoria. Fórmula análoga se lê no fim do Sl 107,43, e, de modo um pouco diferente, em Jr 9,11; Ecl 8,1. Provavelmente trata-se de uma reflexão sobre a mensagem de Os, talvez da época em que as suas palavras foram redigidas por escrito. Sob forma de interrogação, vem a ser uma advertência: este livro é difícil e profundo; para compreendê-lo, é preciso ter inteligência e discernimento.

JOEL

INTRODUÇÃO

Um livro enigmático. O historiador da literatura bíblica deseja de elucidar o quadro humano da Revelação e de melhor conhecer as circunstâncias particulares nas quais ela foi elaborada, vê-se obrigado, no caso de Joel, a contentar-se com hipóteses, nenhuma unanimemente sufragada pelos estudiosos. As hipóteses dizem respeito à estrutura do livro, à sua inserção na vida do povo eleito (em outros termos: ao gênero literário), à pessoa do autor e à data.

a) A estrutura do livro. Foram propostas várias maneiras de concatenar os quatro capítulos do livro. Alguns exegetas, dividindo o volume em duas partes, julgam poder descobrir nos dois primeiros capítulos um plano coerente que lhe daria o cunho de obra literária mais ou menos unitária; seria uma espécie de liturgia ou de cantata, apresentando a descrição de um flagelo, o apelo premente dirigido às diversas camadas da população para celebrar ritos de humilhação diante de Deus e finalmente o anúncio da graça. Os capítulos 3 e 4 compreenderiam uma série de oráculos mais tardios, independentes uns dos outros e redigidos em estilo precursor dos "apocalipses" posteriores. Esta hipótese, se bem que sedutora, não satisfaz a todos os exegetas. Observam especialmente que a coesão intrínseca dos dois primeiros capítulos está longe de ser evidente: encontram-se aí três ou quatro descrições discordantes do flagelo (1,4-5-12.15-20; 2,1-11); o apelo ao jejum aparece duas vezes em lugares diferentes (1,13-14 e 2,15-17) e é como que suplantado por um apelo ao genuíno arrependimento, que não é o rito de humilhação (2,12-14). Verificando a falta de concatenação lógica ou litúrgica dos diversos elementos, esses exegetas consideram os dois primeiros capítulos, a exemplo dos dois últimos, uma coleção de oráculos primitivamente avulsos. Aliás, o leitor notará que a disposição geral desses textos todos segue um esquema usual na literatura profética: começa por uma série de oráculos, principalmente de desgraça, mas também de salvação, para o povo de Deus (1,2-3.5); continua com oráculos contra as nações estrangeiras (4,1-

17) e termina com um oráculo de salvação para Judá (4,18-21).

b) A inserção na vida do povo eleito. Alguns julgam que, nos dois primeiros capítulos do livro de Joel, o profeta descreve um acontecimento real: invasão de gafanhotos que, como uma nuvem, escurecem o céu, abatem-se sobre a terra e destroem a vegetação. Diante de tal desastre, o profeta teria convidado os habitantes de Judá a observar um dia de luto e celebrar os ritos de um jejum nacional; esses capítulos constituiriam uma espécie de liturgia utilizada por ocasião dessas cerimônias ou, ao menos, seriam amplamente inspirados pela liturgia. Mas esta hipótese não obtém a unanimidade dos especialistas. Sem insistir no fato de que o desenrolar litúrgico da alegada cerimônia pouco aparece no texto, verificam que o flagelo não parece identificar-se apenas com uma invasão de gafanhotos; trata-se também de uma seca, de violento incêndio, de invasão militar e, principalmente, do "Dia do Senhor". Além disso, não é certo que o profeta esteja descrevendo um acontecimento atual, um fato concreto ao qual teria assistido pessoalmente como testemunha ocular; tem-se, antes, a impressão de que ele tenciona evocar o flagelo, a catástrofe, a provação por excelência, e que ele cria o acontecimento aos poucos pelo poder evocativo da sua palavra, como ocorre evidentemente nos capítulos 3 e 4. Quem olha de mais perto verifica que a aparente diferença de estilo entre as duas partes do livro se apaga sempre mais e se impressiona com o dinamismo desse profeta, que, pelo poder da sua palavra, desfaz e refaz o mundo.

c) A pessoa do profeta é desconhecida. É introduzido em 1,1 como "filho de Petuel", mas esta informação é muito lacônica. Os exegetas que admitem que a primeira parte do livro constitui, ou imita, uma liturgia utilizada no templo, julgam que Joel era um dos profetas adidos ao santuário, ou seja, um profeta "oficial" ou "cultural"; seria uma espécie de cantor inspirado que exercia um ministério litúrgico no qua-

dro do culto oficial. Outros, realçando as incoerências que pensam poder apontar no texto, estimam que o nome “Joel” não designa propriamente um profeta individual, mas um grupo de profetas. Outros ainda, insistindo no fato de que não dispomos de critérios para atribuir as duas partes do livro a autores diferentes, renunciam a qualquer tentativa de identificar a pessoa do profeta. Como quer que seja, convém realçar a beleza poética e a profundidade religiosa desses quatro capítulos.

d) A data do livro é uma das questões mais controversas. Pode-se observar o seguinte: o silêncio a respeito do rei de Jerusalém, a índole “apocalíptica” de tal ou tal passagem levaram numerosos exegetas a propor uma data posterior ao exílio para os quatro capítulos. Mas estes dados não são dirimentes; antes, o estilo vigoroso, muitas vezes incisivo, e o hebraico vivo, que nada perdeu da sua vitalidade, militam em favor de uma data pré-exílica. Analisando-se o vocabulário e o pensamento do autor, descobre-se grande parentesco com os teólogos do fim do século VII e do começo do século VI: os autores anônimos do Deuterônômio, de Jeremias, de Sofonias. Os dois primeiros capítulos não contêm nenhuma alusão histórica precisa e verificável. No cap. 3, alguns intérpretes consideram o v. 4 como a descrição de um eclipse total do sol; ora, segundo os astrônomos, a Palestina foi afetada por um acontecimento desses em 1130 e, depois, em 357 e 336 a.C. Ora nenhuma destas datas é aceita por todos os exegetas: a primeira, porque dataria o livro da época de Josué e dos Juízes; as duas outras, porque lingüisticamente improváveis. Além do mais, o versículo citado não fala de mero eclipse do sol, mas de catástrofe global, da qual o escurecimento do sol é apenas um elemento (cf. também 4,15-16). O cap. 4, ao contrário, traz alusões históricas precisas, que, embora de interpretação controversa, parecem levar-nos ao século VII ou, a rigor, ao século VI a.C.

Em conclusão, o historiador vê-se obrigado a confessar a sua perplexidade diante de um texto que os métodos literários e históricos não chegam a explicar de maneira plenamente satisfatória. Isto quer dizer que tal texto transmite uma mensagem que é preciso tentar entender em sua dimensão supratemporal, fazendo abstração da circunstância concreta que o ocasionou (cf. 1,2-3).

Mensagem clara. Apesar das dificuldades da abordagem literária, a mensagem do profeta se deduz com clareza dos oráculos. Desdobra-se em dois grandes temas intimamente ligados entre si: o tema do despojamento total do homem como condição de salvação, e o tema do “Dia do Senhor”. Estes dois temas se entrelaçam constantemente; formam um todo compacto; um não é senão o reverso do outro.

A menção ao “Dia do Senhor” encontra-se em cada um dos quatro capítulos (cf. 1,15; 2,1-2; 3,4; 4,14). É mais do que um simples “dia”: é uma grandeza temporal e, também, espacial, de certo modo personificada, um monstro aterrador que é como que a condensação de uma força incomensurável, de uma energia radicalmente incomparável e diferente, de uma energia que só pode ser descrita na linguagem inadequada derivada das catástrofes naturais ou de uma guerra mortífera, de uma energia que, em relação à luz terrestre, é apenas trevas; sobrevivendo, ela aniquilará toda vida e abalará os astros; a sua manifestação implicará a condenação de tudo o que presume opor-se ao Senhor do universo.

Para o homem, esse Dia é sinônimo de despojamento total, despojamento que o profeta não se cansa de circunscrever com o auxílio de um repertório inesgotável de imagens: por exemplo, a essa energia, assemelhada a enxames de insetos, nada pode resistir (1,4); tudo o que é delicioso, ou simplesmente necessário à vida, é eliminado, devastado, ressequido, convertido em deserto, reduzido a pedaços, estiolado, murchado, exaurido...; as pessoas se tornam confusas e desoladas, a alegria se esvai (cf. 1,5-20). No cap. 2, o despojamento é provocado por um exército misterioso e onipresente que, cercado de fogo devastador, enche as cidades e as casas. Mais adiante, no cap. 3, aparece como uma reviravolta total tanto interior como exterior: o Espírito do Senhor elimina e suplanta as faculdades sensoriais normais: todos os homens se comportam como loucos, e o universo se transforma em teatro de uma série de prodígios que o reduzem a estado caótico. No último capítulo, o despojamento dos homens toma principalmente a forma de julgamento universal.

Segundo a mente do profeta, esse despojamento total é a condição de uma “volta” igualmente total, de uma conversão que não consiste apenas em ritos — formas exteriores de um processo interior

(1,13-14 e 2,15-17) — mas principalmente numa nova orientação da pessoa inteira (2,12-14). Em 3,5, a conversão é resumida na expressão “invocar o nome do Senhor”; acrescenta-se que, para ser eficaz, ela supõe a eleição divina: só sobreviverão ao despojamento radical aqueles que o Senhor tiver “chamado”. Despojado de tudo, resta ao homem entregar-se a Deus; ele só pode contar com a graça; já não pode senão dizer: Talvez ele ainda se arrependa (2,14).

A este homem despojado e arrependido, os três oráculos de salvação que perpassam o livro (2,18-27; 3,5; 4,18-21), anunciam uma existência inteiramente renovada caracterizada pela maravilhosa abundância propiciada pela presença criadora

de Deus (2,21). Notemos, porém, que a abundância não é uma finalidade em si; com efeito, o essencial reside na certeza, dada ao povo já irrevogavelmente ligado a Deus, de conhecer o Senhor (2,27; 4,17).

Ao interpretar a efusão do Espírito Santo em Pentecostes mediante termos derivados, antes do mais, de Joel (At 2,17-24; cf. Jl 3,1-5), o apóstolo Pedro e o evangelista Lucas com ele atestam que esse despojamento e essa reviravolta, prelúdio e momento decisivo da experiência salutar, realizam-se, e devem realizar-se, na existência cristã. É o Espírito Santo que, para o cristão e no coração deste, efetua esse despojamento e suscita nele o conhecimento de Deus.

JOEL

1 Cabeçalho. ¹Palavra do SENHOR que veio a Joel, filho de Petuel.

Aos anciãos de Judá

² Escutai, vós, os anciãos,
dai ouvidos, vós todos, habitantes da terra.

Aconteceu tal coisa nos vossos dias
ou nos dias de vossos pais?

³ Contai-o a vossos filhos,
e vossos filhos, a seus filhos,
e os filhos destes, à geração vindoura.

⁴ O que o "ceifador"^a deixou, o
"enxameador" o devora,
e o que o enxameador deixou, o
"lambedor" o devora,
e o que o "lambedor" deixou, o
"descorticador" o devora.

2,25;

Dt 28,38;

Am 4,9;

MI 3,11;

SI 105,34s

Descrição do flagelo: invasão de insetos e seca

Ex 5,11s ⁵ Despertai, bêbados, e chorai,
lamentai-vos, vós todos, bebedores
de vinho,
por causa do vinho novo arrancado
de vossa boca^b.

⁶ Um povo ataca a minha terra,
é poderoso e inumerável.
Seus dentes são dentes de leão
têm mandíbulas de leoa^c.

Jr 46,23

Ap 9,8

Is 5,1ss;

Na 2,3

⁷ Ele faz de minha vinha um deserto;
minhas figueiras^d, ele as destroça.
Descasca-as, joga-as por terra,

seus ramos se tornaram brancos.

⁸ Suspira como uma virgem,
vestida de luto, a prantear o esposo
da sua juventude^e.

2Sm 3,31;

1Rs 20,32

Jr 3,4

1,13; 2,14;

Ex 29,38-42;

Nm 28,3-8

⁹ Oferenda e libação^f foram eliminadas
da casa do SENHOR.
Os sacerdotes estão de luto,
os ministros do SENHOR.

¹⁰ Os campos estão devastados,
as terras de luto,
o trigo devastado, o mosto em falta^g,
o azeite^h fresco, estancado.

Jr 4,28;

Os 4,3

¹¹ Confundi-vos, lavradores,
lamentai-vos, viticultoresⁱ,
por causa do trigo e da cevada:
a colheita do campo está perdida.

¹² A videira está seca,
a figueira, murcha;
romãzeira, tamareira, macieira,
todas as árvores dos campos secaram^j.
A alegria, confusa, se retira
de entre os humanos^k.

Convite ao jejum e à oração pública

¹³ Cingi-vos, lamentai-vos, sacerdotes, 2,17
chorai, ministros do altar.

Vinde, passai a noite vestidos de saco,
ministros de meu Deus:
oferenda e libações são recusadas^l 2,14
à Casa de vosso Deus.

¹⁴ Santificai-vos pelo jejum^m, 2,15
convocai uma assembléia sagrada,
reuni os anciãos,

a. Nos quatro vocábulos, há quem veja ou as fases do desenvolvimento do gafanhoto, ou espécies de insetos diferentes, ou expressões dialetais designando um mesmo tipo de insetos. Optamos por uma tradução baseada na etimologia das palavras.

b. O autor passa em revista os que padecem o flagelo: bebedores (vv. 5), sacerdotes (vv. 8-9), camponeses (vv. 11-12).

c. *Leão, leoa*: tradução tradicional. Para alguns, o primeiro vocábulo hebraico designava o leão da África, o segundo o leão da Ásia.

d. *Vinha e figueiras*: símbolo de paz e felicidade; cf. 1Rs 5,5; Mq 4,4; Zc 3,10. Se são destruídas, tem-se o sinal infalível da proximidade da catástrofe.

e. A comunidade sofredora é comparada a uma virgem que perdeu seu marido: o casamento está legalmente concluído, mas não consumado; cf. Dt 22,23ss.; Ex 22,15.

f. Oferenda e a libação consistiam de farinha, óleo e vinho; cf. v. 10. A situação econômica é tal que a ordem cultual ficou

desarticulada.

g. A tradução é intencionalmente ambígua, pois a palavra hebraica significa tanto "estar seco" como "estar confuso".

h. Esta enumeração dos bens da terra é tradicional na Bíblia: Gn 27,28; Nm 18,12; Dt 7,13; 33,28; 2Rs 18,32; Is 36,17; Os 2,7,24; Jl 2,19.

i. *Viticultor* aqui deve ser entendido em senso lato: os que cultivam árvores frutíferas.

j. A uma invasão de insetos, talvez de gafanhotos, o profeta associa uma seca; os dois flagelos frequentemente ocorriam ao mesmo tempo; cf. Am 4,7-9.

k. A alegria é aqui personificada: ela não se sente à vontade entre pessoas que se tornaram infelizes.

l. Cf. v. 9, nota.

m. Lit. *Santificai um jejum*. Para jejuar, os antigos se revestiam de vestes simples, raspavam a barba, cobriam de cinzas a cabeça e se abstinham de alimentos e de relações sexuais.

todos os habitantes da terraⁿ,
na casa do SENHOR vosso Deus,
e clamai ao SENHOR.

Anúncio do Dia do Senhor

Ez 30,2s
2,1;
Is 13,6

¹⁵ Ai! Que dia! Próximo está o dia do
SENHORⁿ;

ele vem do Devastador, como uma
devastação^p.

¹⁶ Não desaparece o alimento
diante dos nossos olhos
e, na Casa do SENHOR,
a alegria e o júbilo^q?

¹⁷ Os grãos ressecaram sob as glebas^r.
Os silos estão devastados, os
celeiros, demolidos,
pois o trigo está em falta.

Os 4,3
¹⁸ Como geme o gado!
Os rebanhos de bois vagam;
já não há pasto para eles.
Até os rebanhos de ovelhas
desfalecem^s.

Oração do profeta

2,3;
Am 7,4

¹⁹ A ti, SENHOR, eu clamo^t:
o fogo devora as pastagens da
estepe;
a chama^u consome todas as árvores
dos campos.

²⁰ Até os animais selvagens
voltam-se para ti^v;
os córregos estão secos
e o fogo devora as pastagens da
estepe.

2 Vinda do Dia do Senhor

Am 5,18s

¹ Tocai a trompa em Sião,
lançai um clamor sobre a minha
montanha santa!

Os 5,8;
Am 3,6;
Ez 33,3s
Sl 2,6

Estremeçam todos os habitantes da
terra^w.

o dia do SENHOR vem, está próximo.

1,15

² É dia de trevas e de escuridão,

Sf 1,15

dia de nuvens e de densa neblina.

Como a aurora, espalha-se sobre as
montanhas

um povo numeroso e poderoso,
tal como nunca se viu,

nem haverá outro igual depois dele
até os anos das gerações longínquas.

³ Diante dele, o fogo devora;

1,19

atrás, a chama consome.

Diante dele, a terra é como o jardim
de Éden^x,

Gn 2,15

atrás, deserto devastado.

Também nada lhe escapa.

⁴ É semelhante a cavalos^y;

Ap 9,7-9

como ginetes, eles galopam.

⁵ É como o ruído de carros de guerra sal-
tando sobre os cumes das montanhas;
como o crepitar de fogueira em chama
devorando o restolho;
como um povo poderoso^z
preparado para a batalha.

⁶ Diante dele os povos^a se contorcem
de dor,

Is 13,8

todos os semblantes enrubescem^b.

Na 2,11

⁷ Como valentes, eles avançam;
como guerreiros, escalam a muralha.

n. Optamos por esta tradução em vista do paralelismo *ancidos/habitantes da terra*; em 1,2; alguns traduzem: *reuni, ancidos, todos os habitantes da terra*.

o. A propósito do *dia do Senhor*, cf. Introd. e Am 5,18 nota.
p. No texto hebr. há um trocadilho com *devastação* (*shod*) e *shadday*, antigo nome de Deus; cf. Gn 17,1.

q. *Alegria e júbilo*: dois vocabúlos frequentemente associados na linguagem litúrgica do Templo; cf. Sl 14,7; 16,9; 31,8.

r. Versículo difícil: de quatro vocabúlos, três ocorrem só aqui.
s. Os animais são solidários com os homens na desgraça que se abate sobre estes, como alhures na Bíblia; cf. v. 20; Jr 14,3ss.; Jn 3-4; Dt 20,14; Sl 135,8.

t. Invocação litúrgica frequente nos salmos; Sl 28,1; 30,9; 86,3. O profeta fala em nome da comunidade.

u. Símbolo da destruição. Cf. Am 1,4.7.10.14; 2,2.5.

v. Os animais sedentos se voltam para o Senhor numa atitude de oração; cf. Sl 42; 104,21.27-28.

w. O toque da trompa, destinado a dar alarme, provoca o pânico entre os habitantes de Judá; provavelmente o sinal era

transmitido de pico a pico, desde Jerusalém até a última aldeia de Judá. Trompa, clamores, terror (e abalos cósmicos, v. 10) fazem parte das habituais descrições da teofania; cf. Ex 19,16ss.; Sl 18,8-10; Hb 3,7ss. A respeito do *dia do Senhor*, cf. Introd.

x. Cf. Gn 2,8ss.; Ez 36,35; Is 51,3. Nas suas últimas passagens, a imagem é aduzida para descrever um lugar extremamente próspero.

y. Neste v. e em todos os que se seguem, a descrição do *dia do Senhor* lembra uma invasão de gafanhotos; cf. 1,4.

z. Ruído de carros, crepitar de fogo, poderoso exército: estas metáforas não são tão exageradas, se levamos em conta os relatos dos viajantes antigos e modernos, a respeito de invasões de gafanhotos.

a. Ou as nações (o que condiria bem com este contexto escatológico), ou as populações da Palestina afetadas diretamente pela invasão de insetos.

b. De vergonha e de cólera. Alguns traduzem: *todos os semblantes estão lívidos*, o que exprime melhor a dor.

Cada um segue o seu caminho,
não se afastam da sua vereda.

* Ninguém empurra seu vizinho;
cada um caminha reto^c.

Por entre os dardos eles se lançam,
sem desistir.

⁹ Atravessam a cidade,
correm sobre os muros,
assaltam as casas;
pelas janelas entram como ladrões.

¹⁰ Diante deles^d a terra estremece, o
céu se abala;

4,16

4,15;

Jr 4,28

Am 8,9

4,16;

Am 1,2;

Sl 18,14

o sol e a lua escurecem
e as estrelas subtraem a claridade,

¹¹ enquanto o SENHOR levanta a voz
à frente do seu exército.

Seus batalhões são numerosos,
poderoso é o executor da sua
palavra^e.

Grande é o dia do SENHOR, terrível
ao extremo, quem o pode suportar?

3,4;

Ap 6,17

Jr 10,10;

Mt 3,2

Apelo ao arrependimento.

¹² Agora — oráculo do SENHOR —
voltai a mim de todo o vosso coração^f
com jejuns, prantos e lamentações^g.

Jn 3,5

Is 22,12

¹³ Rasgai vossos corações, não vossas
vestes,

e voltai ao SENHOR, vosso Deus^h.
Ele é benévolo e misericordioso,
lento para a cólera e pleno de
bondade fiel.

Ele se compadece da desgraçaⁱ.

¹⁴ Quem sabe? Talvez ele ainda se
arrependa^j
e deixe atrás de si uma bênção^k.

oferenda e libação
para o SENHOR, vosso Deus.

1,9.13

Apelo ao jejum e à súplica.

¹⁵ Tocai a trompa em Sião,
santificai-vos pelo jejum,
proclamai uma assembléia sagrada.

1,14

¹⁶ Reuni o povo,
convocai uma assembléia santa.
Congregai os anciãos, reuni os
adolescentes
e as crianças de peito.

Que o noivo deixe o seu quarto,
e a noiva, o seu pavilhão^l.

¹⁷ Entre o pórtico^m
e o altar chorem os sacerdotes,
ministros do SENHOR.
Digam: "SENHOR, tem piedade do teu povo;
não entregues ao opróbrio o teu
patrimônio
para que as nações zombem deles!
Por que haveriam de dizer entre o povo: Sl 79,10
onde está o seu Deus?

Destruição do invasor e bênção da terra.

¹⁸ O SENHOR transborda de ciúme de
sua terraⁿ,
ele tem piedade do seu povo.

¹⁹ O SENHOR responde ao seu povo:
"Eis que vos envio
o trigo, o mosto e o azeite fresco.

Dt 11,14;

Os 2,10

Sereis saciados.
Nunca mais farei de vós
um opróbrio entre as nações.

²⁰ Aquele que vem do norte^o, eu o
afasto de vós;

c. Lit. *pelo seu caminho*.

d. Isto é, diante do exército dos invasores.

e. Os invasores à frente dos quais o Senhor se posta são os agentes de sua vontade.

f. É preciso que a conversão seja consciente e total. Com efeito, o coração representa o homem que reflete e que toma decisões com pleno conhecimento de causa.

g. A respeito dos ritos do jejum, cf. 1,14 nota.

h. O autor denuncia enfaticamente a insuficiência dos ritos se não são acompanhados de verdadeira conversão do coração.

i. Síntese daquilo que a fé de Israel atribui ao Deus da aliança, cujas características essenciais são enunciadas; cf. Ex 34,6; Sl 86,15; 103,8; 145,8; Jn 4,2; Ne 9,17.

j. A expressão de possível arrependimento da parte do Senhor encontra-se também em Ex 32,14; 2Sm 12,22 e Jn 3,9.

k. A *bênção* bíblica consiste principalmente na abundância de bens materiais. Cf. Jl 2,19-27; Dt 7,13-15; 28,1-13.

l. São convocados ao Templo para os ritos do jejum os israelitas de todas as idades, desde os anciãos até as crianças de peito, sem excluir os recém-casados, embora a Lei lhes reserve um tratamento especial. Cf. Dt 20,7; 24,5. Por *pavilhão* entende-se a câmara nupcial.

m. A primeira das três partes do Templo, uma espécie de vestibulo. A única passagem em que, fora de Jl, se menciona o espaço entre o pórtico e o altar, é Ez 8,16; cf. Mt 23,35; Lc 11,51.

n. Quando se diz que o Senhor transborda de ciúme de sua terra, isto implica que ele cuida dos respectivos habitantes com o ardor que caracteriza um amor preferencial. Cf. Zc 1,14.8.2.

o. O norte significa para os israelitas algo de misterioso; é do setentrão que vem a desgraça (Jr 1,14; 4,6; 6,1). *Aquele que vem do norte* designa aqui ou insetos descritos como guerreiros, ou o exército apocalíptico do Senhor.

eu o expulso para uma terra árida e desolada,
sua vanguarda, para o mar oriental^p,
e sua retaguarda, para o mar ocidental^q;
exalará mau cheiro,
exalará um ar infecto.

Sim, ele fez grandes coisas^r”.

²¹ Terra, não temas; exulta e alegra-te,
pois o SENHOR fez grandes coisas.

²² Não temais, animais dos campos:
as pastagens da estepe reverdecem,
as árvores dão seus frutos,
a figueira e a videira, suas riquezas.

²³ Vós, gente de Sião, exultai e
regozijai-vos
no SENHOR, vosso Deus.

Ele vos dá a chuva do outono para
vos salvar^s,

faz cair sobre vós o aguaceiro,
a chuva do outono, a chuva da
primavera,
como outrora^t.

²⁴ As eiras enchem-se de trigo,
as tinas transbordam de mosto e de
óleo novo.

²⁵ Eu vos restituo^u os anos que o
“enxameador” começou.

^{1,4} o “lambdador”, o “descortificador”, o
“ceifeiro”,
meu grande exército que enviei
contra vós.

²⁶ Comereis até saciar-vos,
louvareis o nome do SENHOR, vosso Deus,
que vos tratou maravilhosamente.
Nunca mais meu povo conhecerá a
vergonha.

²⁷ E sabereis que eu estou no meio de
Israel
e que eu sou o SENHOR, vosso Deus,
e que outro não há^v.
Nunca mais meu povo conhecerá a
vergonha.

Ex 8,18;
Nm 14,14;
Is 12,6;
Ez 37,28;
48,35
Dt 4,35,39;
1Rs 8,60;
Lv 45,5,6,14,
21,22; 46,9

3 Efusão do Espírito, sinais e prodígios^w.

¹ Depois disto, derramarei meu Espírito
sobre toda carne.

Vossos filhos e vossas filhas
profetizarão,
vossos anciãos terão sonhos,
vossos jovens, visões.

² Mesmo sobre os servos e as servas,
naqueles dias, derramarei o meu
Espírito.

³ Farci prodígios no céu e na terra,
sangue, fogo, colunas de fumaça.

⁴ O sol se transformará em trevas e a
lua em sangue
quando vier o dia do SENHOR,
grandioso e temível.

⁵ Então todo o que invocar o nome do
SENHOR será salvo. Com efeito, os que
escaparem se encontrarão na montanha
de Sião e em Jerusalém, como disse o
SENHOR: entre os sobreviventes que o
SENHOR chama^x.

Nm 11,25-30;
Is 32,15;
44,3; 59,21;
Ez 36,27;
36,29
Is 40,5;
49,26
Nm 12,6;
Dt 13,2-6

2,10;
Is 13,10;
Am 8,9;
Hab 3,3-12;
Ap 6,12
2,11
Rm 10,13;
At 2,21

Ab 17;
Is 4,2;
10,20;
Jr 42,17

4 O Senhor, juiz das nações.

¹ Sim, naqueles dias e naquele tempo,
quando eu restaurar Judá e Jerusalém^y,

² reunirei todas as nações
e as farei descer para o vale

damento, está no centro da profecia do Segundo Isaias (cf. Is 45,5-6,21-25, etc.).

w. Esta passagem é citada na narração neotestamentária de Pentecostes (At 2). Note-se, porém, que em Jl a profecia relativa à efusão do Espírito tem caráter um tanto angustiante; *profetizar* significa: comportar-se de modo extraordinário, perder o domínio de si, ser conduzido pela irresistível força do Senhor. Todos, homens e mulheres, anciãos e crianças, senhores e escravos serão tomados de violento frenesi (vv. 1-2). Ademais, o universo inteiro desabarará numa terrível sinfonia de fogo, de sangue e de trevas (vv. 3-4). Só aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos (v. 5).

x. Alguns, deslocando a expressão e em *Jerusalém*, obtêm a tradução seguinte: *Haverá refugiados na montanha de Sião, como disse o Senhor, e em Jerusalém, entre os sobreviventes que o Senhor chama*.

y. As antigas traduções compreenderam: *quando eu reconduzir os cativos de Judá e de Jerusalém*.

p. O mar Morto.

q. O Mediterrâneo. Cf. Zc 14,8.

r. Este v. talvez seja uma glosa inspirada pelo v. seguinte.

s. Traduz-se às vezes por *a chuva na medida adequada ou a chuva segundo a justiça*, isto é, segundo a justiça de Deus, em conformidade com a aliança; mas parece preferível ver nesta palavra uma expressão de salvação. Cf. Is 9,6 nota. Algumas versões antigas (sír., aram., Vulg.) traduzem: *o mestre de justiça*; certos autores modernos adotaram esta tradução. A comunidade essênica de Qumran também interpretou a expressão em sentido individual, de modo que ela está na origem do título “mestre de justiça”, que designa o personagem mais importante da seita.

t. Traduzimos de acordo com as versões antigas; hebr.: *em primeiro lugar*.

u. Inversão da situação descrita em 1,4.

v. Esta mensagem, que desenvolve o tema do primeiro man-

chamado "O SENHOR julga"^z.

Jr 2,35

E lá moverei processo contra elas a respeito de Israel, meu povo e meu patrimônio:

2Rs 24,15;

Ez 11,17;

12,15;

20,34

porque o dispersaram entre as nações e repartiram minha terra.

Am 7,17;

Mq 2,4

³ Lançaram sorte sobre o meu povo; trocaram meninos por prostitutas; venderam meninas por vinho e beberam.

⁴ Mesmo vós, Tiro e Sídón, e todos os distritos dos filisteus, que quereis de mim?

Havéis de vingar-vos de mim?

Mas, se exercésseis represálias contra mim,

então, pronta e rapidamente, faria recair a vingança sobre vossas cabeças.

⁵ Vós que tomastes minha prata e meu ouro,

que depositastes em vossos templos meus tesouros preciosos,

⁶ que vendestes os habitantes de Judá e de Jerusalém

aos filhos de Iavan^a,

para afastá-los do seu território,

⁷ sou eu que os suscito do lugar em que os vendestes,

e farei recair vosso crime sobre vossas cabeças.

⁸ Venderei vossos filhos e vossas filhas aos habitantes de Judá, que os venderão aos sabeus^b, nação longínqua.

É o SENHOR quem o diz!

Combate e julgamento.

Zc 14

⁹ Proclamai isto entre as nações:

santificai-vos para a guerra^c,

estimulai os guerreiros;

aproximem-se, subam, todos os homens de guerra!

¹⁰ De vossas relhas de arado, forjai espadas;

de vossas podadeiras, forjai lanças^d.

Aquele que é fraco, diga: "Sou um guerreiro!"

¹¹ Vinde em auxílio^e, todas as nações dos arredores;

reuni-vos lá!

SENHOR, faze descer os teus guerreiros^f.

¹² Abalem-se as nações;

subam ao vale chamado "O SENHOR julga"^g.

É lá que me assentarei para julgar todas as nações dos arredores.

¹³ Lançai a foice^h,

a messe está madura;

vinde, calcai,

o lagar está cheio;

as tinas transbordam.

Sim, a sua malícia é grande.

¹⁴ Multidões, multidões

no vale da Decisãoⁱ;

o dia do SENHOR está próximo

no Vale da Decisão.

¹⁵ O sol e a lua escurecem,

as estrelas escondem o seu brilho.

¹⁶ O SENHOR ruge desde Sião,

e de Jerusalém, levanta a voz;

Mc 4,29;

Ap 14,14-20

2,10

2,11;

Am 1,2;

Jr 25,30

z. Em hebr. *Yehoshafat* (= *Josafat*). Não se deve procurar tal vale no mapa; trata-se de vale imaginário, apocalíptico, que significa o lugar onde o Senhor exerce o seu julgamento.

a. É difícil fixar com precisão a data dessas cruéis façanhas. Ez menciona Iavan, que pratica o tráfico de homens com Tiro (Ez 27,13). Il associa a esse comércio infame os filisteus. Já uma passagem de Am acusava Gaza dos mesmos crimes (1,6-10); entregavam escravos a Edom. As mesmas práticas subsistiam na época dos Macabeus (1Mc 3,41; 2Mc 8,10). *Iavan*: originariamente era a Jônia; por extensão, veio a designar a Grécia; cf. Gn 10,2.

b. *Sabeus*: população da Arábia meridional rica em especiarias, ouro e pedras preciosas (Shebá). Cf. 1Rs 10,1; Is 66,6; Jr 6,20. Segundo Ez 27,22, Shebá tinha comércio com Tiro.

c. Outra tradução possível: *preparai a guerra santa*. Já que a guerra era considerada uma atividade "santa", devia ser preparada por observâncias precisas, em particular pela abstinência sexual. Cf. 1Sm 7,8-9; 21,6. Os próprios soldados eram ditos "consagrados" (Is 13,3).

d. Mesmos termos que em Is 2,4; Mq 4,3, mas no sentido inverso: a profecia referente à paz dos últimos tempos está invertida, e os instrumentos que simbolizam a paz são transformados em instrumentos de guerra.

e. Este verbo só se encontra aqui. O grego o traduziu por *reuni-vos*, sentido que dificilmente se justifica a partir do hebr. Alguns propõem traduzir por *apressai-vos*, corrigindo levemente o texto. Traduzimos segundo o sentido da raiz em árabe.

f. Provavelmente os anjos.

g. Cf. supra nota z.

h. O julgamento das nações é comparado simultaneamente a uma messe madura pronta para ser talhada, e a uma vindima pronta para ser calcada.

i. Poderíamos também traduzir por *Vale do Debulhar*, pois a palavra hebraica pode designar o instrumento para debulhar o trigo (cf. Am 1,3; Jó 41,22). Este sentido se coadunaria bem com a imagem da messe (v. 13). Pode-se também supor que o profeta jogue com as duas acepções do termo.

então os céus e a terra serão
abalados,

Sl 46,2s mas o SENHOR é um refúgio para o
seu povo,
um abrigo para os filhos de Israel.

¹⁷ Então reconheceréis que eu sou o

2,27; Ex 38,23 SENHOR, vosso Deus,
que moro em Sião, minha montanha
santa.

Jerusalém se tornará um lugar santo^l,
e doravante os estrangeiros já não
transitarão por ela.

**Era paradisíaca e restauração de
Israel.**

¹⁸ Naquele dia,

Am 9,13 as montanhas gotejarão vinho novo,

das colinas escorrerá leite;
em todos os rios de Judá,
as águas correrão^k.

Uma fonte jorrará da Casa do
SENHOR^l
e regará o Vale das Acácias^m.

Is 30,25;

Zc 13,1;

14,8

¹⁹ O Egito se tornará uma desolação,
Edomⁿ, um deserto desolado,
por causa da violência infligida aos
filhos de Judá:
derramaram sangue inocente na sua
terra.

²⁰ Mas Judá será habitada para sempre
e Jerusalém de geração em geração.

Jr 17,25;

Ez 37,25

²¹ Declaro o seu sangue inocente, sim,
eu o declaro^o.

É o SENHOR que habita em Sião.

j. A santidade e a inviolabilidade do santuário estendem-se ao conjunto da cidade santa; cf. também Zc 9,8.

k. Judá restaurada gozará da fartura de vinho novo, leite e água viva; estes são bens característicos dos últimos tempos; cf. Am 9,13.

l. Cf. Sl 46,5; Ez 47,1ss.

m. A localização do Vale das Acácias (ou: de *Shitim*) é discutida. Os estudiosos propõem ou o Wadi-en-Nar, parte

inferior do vale do Cedron, ou o Wadi-es-Sant, a oeste de Bet-Lehem, ou ainda o "Wadi das Acácias" (Nm 25,1; Js 2,1) na terra de Moab.

n. Talvez haja aí alusão às expedições militares dos egípcios no fim do século VI: por ter devastado Judá, o Egito será, a seu turno, devastado. Edom era o perpétuo inimigo dos israelitas.

o. Literalmente: *Eu torno o seu sangue inocente: sim, eu o inocento.*

AMÓS

INTRODUÇÃO

O profeta e seu tempo. Amós é o primeiro entre os profetas a ter seus gestos e palavras recolhidos numa coleção particular. Antes dele, atuaram em Israel outros profetas, e deles falam sobretudo os livros de Samuel e Reis. Amós abre uma linha-gem nova, o que nós chamamos de profetas escritores, porque a Bíblia conservou o eco imediato de suas intervenções em livros que levam os nomes deles. Normalmente, estes livros não são obra dos próprios profetas, mas de seus discípulos, assim como serão os evangelhos em relação à atividade e pregação de Jesus. Contudo há passagens — mormente aquelas em que o profeta se exprime na primeira pessoa do singular — que bem podem provir de sua pena, como o relato das cinco visões de Amós nos caps. 7, 8 e 9 de seu livro.

O nome de Amós evoca o verbo levar, em hebraico. Talvez seja uma forma abreviada de Amosiá, que quer dizer O Senhor levou, nome com que se exprime — como muitas vezes — o reconhecimento por uma intervenção favorável do Senhor. Amós se apresenta a si mesmo como criador de gado (cf. 7,14 e o cabeçalho do livro em 1,1). É judaíta, vivendo em Teqoa, perto de Bet-Lehem, numa região ondulada propícia à criação de gado. As numerosas imagens tiradas da vida pastoril que ilustram sua mensagem confirmam esta indicação.

A época de sua atuação é a segunda metade do séc. VIII, quando do reinado de Jeroboão II em Israel (787-747) e de Ozias em Judá (781-740), sempre segundo o cabeçalho da coletânea (1,1). Amós precede o profeta Oséias de uns dez anos.

No plano político, o reino do Norte — o das dez tribos — conhece um último momento de sossego, devido principalmente ao declínio da Síria, região vizinha, que está sendo subjugada pela expansão assíria, a leste. Jeroboão recuperou os territórios outrora habitados pelas tribos de Israel além do Jordão (2Rs 14,25), em vitórias que suscitavam sonhos de grandeza (ver Am 6,13-14). A tranquilidade parece definitivamente garantida (6,1-3), enquanto na realidade uma ameaça mor-

tal paira sobre Israel: os exércitos assírios aproximam-se sempre mais da Palestina. No plano econômico, os intercâmbios comerciais com os estrangeiros trazem alguma prosperidade ao país, mas acentuam os desequilíbrios sociais entre pobres e ricos.

Na Samaria, especificamente, ostenta-se o luxo e floresce o que se pode chamar o esnobismo dos novos ricos (6,4-7; 3,12). A antiga solidariedade que unia os membros do povo da aliança cedeu o lugar à exploração dos pequenos pelos poderosos, encoberta pelos julgamentos iníquos dos tribunais (2,6-7; 4,1; 5,7). No plano religioso, o próprio culto se realiza em cerimônias esplendorosas, dos quais o povo todo se gloria, mas que provocam críticas severíssimas de Amós (4,4-5; 5,4-5.21-27).

A missão de Amós se caracteriza por um alcance “ecumênico” peculiar: originário do reino de Judá, recebe ordem de pregar para o reino de Israel (ver 7,15 e 1,1). Considerando a divisão dos cristãos hoje, poderíamos comparar Amós a um pregador que Deus mandasse de uma tradição confessional para outra. Sua vinda ao reino do Norte é sinal de unidade: Israel, por mais que esteja dividido no plano político e mesmo religioso, continua sendo um só povo aos olhos do Senhor, que o elegeu e que vai pedir-lhe contas. Amós profetiza provavelmente em Betel, o principal santuário do reino do Norte, edificado quando do cisma, para rivalizar com o de Jerusalém. Intervém por ocasião de uma das grandes festas anuais, cujas cerimônias parecem descritas em 4,4-5. Mas seus oráculos visam também a Samaria, e alguns podem ter sido pronunciados na própria capital (p. ex. 3,9-12 ou 6,1-7). À diferença dos grandes profetas que vieram depois dele, o ministério de Amós foi de curta duração, no máximo alguns meses. Foi provavelmente interrompido pelo sacerdote de Betel que denunciou Amós ao rei e o expulsou como perturbador da ordem pública (7,10-17). Talvez por opor-se a esta proibição, Amós — ou um grupo de discípulos — começou a pôr seus oráculos por escrito e a fazê-los circular entre o povo. Assim, suas palavras

continuam vivas depois dele, sendo transmitidas no círculo dos ouvintes atentos à palavra do Senhor proclamada por seu profeta. É possível que certos oráculos tenham sido ulteriormente acrescentados à coleção, com o intuito de atualizar a mensagem do profeta em circunstâncias novas, por exemplo o oráculo contra Judá (2,4-5) e talvez a promessa final (9,11-15), cuja data continua objeto de discussão.

Linguagem e mensagem. De origem camponesa, Amós não é o iletrado, inculto, ou até rústico que às vezes se pretende representar. Medita sobre os acontecimentos que marcam a vida de sua própria terra e dos povos vizinhos; já pressente a potência que vem do norte, a Assíria, que destruirá Samaria em 721 ou 722. É sensível às ameaças que vêm da terra e do céu, nas quais vê a obra de Deus. Seria um engano ver em Amós um pregador negligente quanto às formas de linguagem. Sabe utilizar tanto as sutilezas da sabedoria (ver 3,3-8; 5,19; 6,12) quanto a amplidão solene da liturgia (ver 1,3 a 2,16; 4,6-13; 5,4-6,14-15), sabe manifestar o *elã* do lirismo (ver 4,1-2; 9,1-4) e jogar com as palavras ou usar de ironia (ver 3,12; 5,5; 6,13; 8,1). Sua linguagem impressiona sobretudo pela sobriedade: para proclamar sua mensagem bastam-lhe poucas palavras, rápidas qual o raio, destruindo ilusões como o terremoto (cuja lembrança se liga ao seu ministério: ver 1,1). Estes dons literários manifestaram-se por serem sustentados pela força e grandeza do assunto: a impenitência de Israel em face dos apelos e da fidelidade de Deus.

Deus aparecera a Amós em cinco visões, que constituem o objeto principal dos três últimos capítulos do livro. Para Amós, apegado às tradições e atento aos fatos, estas visões foram um desafio divino provocando-o à pregação. Depois de ter intercedido por seu povo e ter obtido, por duas vezes, o perdão, Amós aprende de Deus que não haverá mais perdão (7,8) e que a casa de Jacó será destruída, embora não completamente (9,8). Esta revelação o constrange a falar (3,8), embora certa sabedoria pudesse recomendar-lhe calar-se (5,13).

A mensagem de Amós tem por objeto a grandeza de Deus, seu poder e sua justiça que se estendem a todas as nações, mas também sua irreversível predileção pelo povo de Israel. Lem-

bra as exigências da Lei, especialmente da que ordena o culto e da que define os direitos dos pobres e dos indigentes. Com solenidade e violência, Amós proclama aos ricos, aos poderosos, aos juizes e aos sacerdotes o que o Evangelho voltará a dizer: Todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, foi a mim que o fizestes (Mt 25,40). Amós lembra também que o culto que agrada a Deus é o que exprime, na humildade e na justiça, a resposta de Israel ao amor de seu Deus. Também neste ponto Amós recebe a companhia do Novo Testamento: Que tens que não hajas recebido? E se o recebestes, por que gabar-te como se não o tivesses recebido? (1Cor 4,7).

O Deus de Amós é um Deus ciumento, de amor inflexível, capaz de decidir que o peso do mundo mau afastará os homens longe dele — e, às vezes, o faz —, mas capaz também — e isso em relação tanto a Israel como aos que pertencem a Israel espiritualmente — de não se deixar vencer pelo peso do pecado e pelas insanas exigências dos pecadores que vivem sem Deus ou fora de suas leis. Ele é capaz de pronunciar que o pecado e o orgulho devem atrair sobre o pecador toda espécie de castigo; ele pode fazer superabundar o perdão e a graça lá onde o pecado e a insolência foram abundantes. Amós nos ensina, ainda, que a oração do homem pode ter tamanha eficácia que chegue a comover Deus e a fazê-lo voltar atrás de algumas de suas decisões. Esta intercessão do profeta pelo povo de Deus terá seu acabamento na oração de Jesus pelos seus (Jo 17).

O Deus de Amós não tem duas faces, a de um Deus que castiga e a de um Deus que salva. É o mesmo Deus e Senhor que castiga, querendo salvar. O próprio castigo ultrapassa a ordem fria e rigorosa da justiça sem perdão, pois é a expressão de um amor ferido ou traído que, num último grito e para além do castigo, ainda chama à conversão. Oséias, que profetizará em Israel poucos anos depois de Amós, descreverá numa linguagem nova este drama do amor divino.

Assim, o livro de Amós comporta:

uma revelação carregada de ameaças: há quem morra de fome e de sede (8,11), por ter procurado tarde demais a Palavra de Deus e não a ter encontrado;

uma revelação que se abre à esperança (5,15; 9,8) e que será retomada por outros profetas: quando tudo está perdido, Deus pode ainda agraciar.

Divisão do livro. Depois do título (1,1) e um breve prólogo (1,2), abre-se uma primeira parte, constituída por uma seqüência de oráculos contra as sete nações vizinhas de Israel e contra Israel mesmo (1,3-2,16), todos eles formados no mesmo molde, mas com desenvolvimento maior no último.

A segunda parte constitui-se dos oráculos contra Israel (caps. 3 a 6). Entre estas palavras, geralmente breves e agrupadas sem ordem certa, podemos relevar particularmente o discurso sobre a impenitência de Israel (4,6-13), as palavras contra o culto de Betel (4,4-5; 5,4-5.21-27), as denúncias da injustiça social (3,9-11; 4,1-3), do orgulho e das falsas seguranças (3,1-2.2; 5,18-

20; 6,1-7.13-14); as descrições do juízo iminente (3,13-15; 5,18-3.13.16; 6,8-11); o apelo para voltar ao Senhor (5,4-6.14-15).

A terceira parte (caps. 7 a 9) agrupa o relato de cinco visões, das quais as quatro primeiras se correspondem duas a duas: os gafanhotos (7,1-3) e o fogo (7,4-6); o estanho (7,7-8) e o fim do verão (8,1-2); e, como conclusão, a visão do abalo do santuário (9,1-4). Alguns oráculos se encontram agrupados em torno às visões (7,9; 8,3-14; 9,7-10), como também o relato da expulsão de Amós (7,10-17). A coleção termina num oráculo de restauração e de salvação (9,11-15), que alguns hesitam em atribuir ao próprio Amós.

1 **Título.** ¹Palavras de Amós, um dos criadores^a de Teqoa^b, palavras das quais ele teve a visão^c, contra Israel^d, nos dias de Ozias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto^e.

2Rs 14.
23-29;
15,1-7

Prólogo. ²Ele dizia:

De Sião ruge o SENHOR
e de Jerusalém faz ouvir sua voz^f;
os pastos dos pastores são
desolação
e o cumo do Carmelo, seqüidão^g.

3,8;
Jr 25,30;
Jl 4,16
—

ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES VIZINHAS E CONTRA O REINO DE ISRAEL

Contra Damasco. ³Assim fala o SENHOR^h:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Damascoⁱ
não revogarei minha decisão^j;
porque trituraram o Guilead sob as
grades de ferro^k,

Is 17,1-3;
Jr 49,23-27;

2Rs 10,
32-33

2Rs 13,3 ⁴porei fogo na casa de Hazeel

e ele devorará o palácio de Ben-Hadad^l; 2Rs 16,9
⁵quebrarei o ferrolho de Damasco;
de Biqueat-Áven extirparei o monarca,
de Bet-Éden, o que tem o cetro;
e então o povo de Arâm será
deportado para Qir^m,
— diz o SENHOR.

a. Amós aqui não é chamado simplesmente *pastor*, mas proprietário de grandes rebanhos (cf. 2Rs 3,4). Talvez ele seja o responsável por um dos rebanhos do rei de Jerusalém. Cf. v. 2, *pastor*, e 7,14 nota.

b. Povoador de Judá, 9km a sudeste de Bet-Lehem, cf. 2Sm 14,2; 2Cr 11,6. Amós provém portanto do reino do Sul.

c. Nas visões (cf. 7,1), o profeta recebe a revelação do sentido dos fatos. O objeto da visão se torna palavra para o povo.

d. Na época de Amós, este nome designa o reino das dez tribos do Norte (cf. 2,6, onde *Israel* é mencionado ao lado de Judá, 2,4). Amós chama este reino também de *casa de Isaac* (7,16), *casa de Jacó* (3,13; 9,8), *casa de José* (5,6), ou, sem mais, *Isaac* (7,9), *Jacó* (6,8; 7,2,5), *José* (5,15; 6,6). Mas o nome *Israel* conserva também a lembrança da unidade do povo eleito, agora rompida, mas chamada à restauração, cf. 9,14.

e. Terremoto de data incerta (c. 760), que ficou na memória durante muito tempo, como sinal a confirmar a seriedade das ameaças do profeta (cf. 9,1 — talvez também 4,11; 6,8-11; 8,8 — e Zc 14,5).

f. Apesar do cisma, Sião-Jerusalém, cidade de David, continua o centro e o sinal da unidade do povo, a residência de Deus. — A imagem do leão a rugir ilustra a força irresistível do Senhor e o terror que ele provoca quando manifesta sua soberania absoluta (cf. Os 11,10; Is 5,29). No NT ocorre a imagem do leão a rugir para simbolizar o diabo ameaçador, mas vencido pela fé: 1Pd 5,8.

g. A fertilidade verdejante das colinas e em particular do monte Carmelo era o orgulho dos habitantes daquela região. O olhar do profeta os enxerga ressequidos no próprio instante sob a ameaça de Deus.

h. Sucessivamente e sem exceção, vão ser acusadas e exterminadas as nações em torno a Judá e Israel (1,3-2,16): a nordeste, Damasco; a sudoeste, os filisteus; a noroeste, Tiro; ao sul, Edom; a leste, Amon; a sudeste, Moab. Finalmente Judá e Israel mesmos, apesar ou melhor por causa de seus privilégios, serão acusados, ameaçados, julgados e punidos, como os outros.

i. A fórmula estereotipada que abre todos estes oráculos quer exprimir que a medida do mal está completa: três, e mesmo quatro! (cf. Pr 30,15.18.21.29). Quer dizer, o tempo do julgamento chegou. — *Rebeldias*: a gravidade dos atos denunciados nesta série de oráculos vem de que manifestam a revolta das nações contra o Senhor. Pode-se interpretar o texto de duas maneiras: ou se trata das ofensas feitas a Israel na pessoa de algum de seus membros, sendo assim atingida a honra de seu Senhor, cf. Ex 4,22-23; ou os atos denunciados são ofensas à dignidade do homem, seja quem for, do qual o Senhor se apresenta como fiador e vingador, cf. Gn 4,10.

j. Lit. *não o revogarei*. Locução concisa, pela qual o juiz indica que a decisão é irrevogável. Sobre o *arrepender-se* de Deus, cf. 7,3 nota.

k. Trenós com pontas ou lâminas de ferro usados para picotear a palha na eira depois da debulha (cf. 2Sm 12,31; Is 41,15). Imagem que exprime a crueldade de Damasco para com os vencidos, esmagados. — o Guilead, a leste do Jordão, entre Damasco e Amon: parte do território da tribo de Manassés.

l. O fogo que destrói as cidades das nações acusadas, inclusive Judá, é aquele do incêndio de uma cidade sitiada e destruída por um exército estrangeiro. O exército estrangeiro é considerado aqui como um instrumento de Deus. — *Hazeel* e *Ben-Hadad*: nomes de diversos soberanos de Damasco, irredutíveis inimigos de Israel (cf. 1Rs 20,1 nota; 2Rs 8,12; 10,32).

m. *Biqueat-Áven* = vale ou planície de iniquidade; *Bet-Éden* = casa de prazer; nomes de lugares atualmente desconhecidos ou, mais provavelmente, nomes simbólicos de Damasco, cidade situada no ameno vale do Baradá ou Abaná (cf. 2Rs 5,12). *Qir*: os arameus de Damasco são devolvidos à força ao seu lugar de origem; cf. 9,7 nota. *As deportações*, quer dizer, os transplantes de populações, foram instituídas como sistema na política dos conquistadores assírios. Condenando os deportados a trabalhar em terras estrangeiras, queriam abafar todo particularismo e reforçar a coesão de seu império.

Jr 47 Contra Gaza e os filisteus⁶ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Gaza,
não revogarei minha decisão:
porque deportaram em massa os
deportados

para entregá-los a Edom^a,

⁷ porei fogo nos muros de Gaza,
e ele devorará seus palácios;

⁸ De Ashdod extirparei o monarca
e de Ashqelon, o que tem o cetro;
voltarei a mão contra Egron^b
e o resto^c dos filisteus perecerá
— diz o Senhor DEUS.

porque sua cólera não cessou de dilacerar
e seu rancor, ele o guardou com obstinação^d,
¹² porei fogo em Teman,
e ele devorará os palácios de Boşrá^e.

Contra Amon¹³ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das quatro
rebeldias dos filhos de Amon,
não revogarei minha decisão:
porque abriram o ventre às grávidas
do Guilead

a fim de ampliar seu território^f,

¹⁴ atearei fogo aos muros de Rabá,
e ele devorará seus palácios,
ao alarido de um dia de batalha,
na tempestade de um dia de tormenta;

¹⁵ seu rei irá para a deportação,
ele junto com seus oficiais^g
— diz o SENHOR.

Jr 49,1-6;
Ez 21,33-37;
25,1-7;
Sf 2,8-11;
2Rs 8,12

Contra Tiro e os fenícios⁹ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Tiro,
não revogarei minha decisão:
porque entregaram deportados em
massa a Edom,

sem ter conservado a memória da
aliança entre irmãos^h,

¹⁰ porei fogo nas muralhas de Tiro,
e ele devorará seus palácios.

Is 23;
Ez 26-28

2 Contra Moab¹ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Moab,
não revogarei minha decisão:
porque queimaram com cal a ossada
do rei de Edomⁱ,

² porei fogo a Moab,
e ele devorará os palácios de Qeriot^j;
Moab morrerá no estrondo,
ao alarido de guerra, ao som da trompa^k;

³ extirparei o juiz de seu meio^l
e todos os seus oficiais, os matarei com ele
— diz o SENHOR.

Is 15-16;
Jr 48;
Ez 25,8-11;
Sf 2,8-11

Contra Edom¹¹ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Edom,
não revogarei minha decisão:
porque perseguiu com a espada seu irmão
e abafou sua misericórdia;

Is 34;
Jr 49,7-22;
Ez 25,
12-14; 35;
Mt 1,2-5

n. Procedia-se por razia para ampliar as fronteiras e vender como escravos grupos inteiros de migrantes ou prisioneiros (cf. 2Rs 5,2; 2Cr 21,16-17). *Edom*, cf. v. 11 nota.

o. Os filisteus estavam unidos numa federação de cinco cidades, quatro das quais são mencionadas aqui. A quinta é Gat, citada em 6,2; cf. também 9,7 nota.

p. O termo *resto* aparece aqui no seu sentido original: indica os sobreviventes que escaparam do extermínio de um exército que o vencedor proclamava ter arrasado. Cf. também 5,3 e 15; Is 1,9 nota.

q. Deportando israelitas para o território de seus inimigos, os fenícios desprezavam os antigos tratados de aliança que os uniam a Israel; nisto consiste a gravidade do crime. Cf. 1Rs 5,26; 9,13.

r. Edom-Esaú, irmão gêmeo de Jacó-Israel, cf. Gn 27. Tenaz rancor familiar sempre manteve em oposição os dois povos. *Edom*, cheio de inveja, faz questão de manter tal hostilidade mediante repetidas agressões; cf. Nm 20,14-21; Jl 4,19; Ab 11.

s. Teman e Boşrá são residências dos chefes de Edom, a sudeste do Mar Morto, cf. Gn 36,15; Jr 49,7,13; Ab 9.

t. Amon é um povo descendente de Lot, Gn 19,30-37, estabelecido a leste do Jordão, ao sul do laboq, e seus reis residiam em Rabá (v. 14; 2Sm 12,26), hoje Amã, capital da Jordânia. — O crime consiste num atentado à vida em sua fonte, isto é, ao futuro do povo mesmo. — o Guilead, cf. v. 3 nota.

u. O povo todo é atingido na pessoa de suas autoridades, o rei e o conselho dos chefes das tribos.

v. Edom, cf. 1,6,11 nota. Outra tradução possível: *reduziram a cal a ossada do rei*. Procedimento usado há pouco ainda no Ocidente. Em consonância com as crenças daquele tempo, a destruição dos ossos privava o defunto do repouso depois da morte.

w. Qeriot, cidade principal de Moab, a leste do Mar Morto (Jr 48,24).

x. O som da trompa é o sinal dado aos sitiados de uma cidade para o assalto final, Js 6,20.

y. *Juiz* designa o rei, cf. 1,15.

Lv 16. **Contra Judá**14-16: ⁴ Assim fala o SENHOR:

Is 5,24

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Judá,
não revogarei minha decisão:
porque rejeitaram o ensinamento do
SENHOR
e não observaram seus decretos;
porque suas mentiras os transviaram,
as que seus pais já seguiam*,
⁵ atearei fogo a Judá,
e ele devorará os palácios de Jerusalém.

Os 8,14

Contra Israel⁶ Assim fala o SENHOR:

Por causa das três, por causa das
quatro rebeldias de Israel,
não revogarei minha decisão:
⁷ porque venderam o justo por dinheiro
e o pobre por um par de sandálias*;
⁸ porque são ávidos para ver o pó da
terra sobre a cabeça dos indigentes
e desviam os recursos dos humildes,
depois do que o filho e o pai vão à
mesma moça^b
profanando assim meu santo Nome*;
⁹ por causa das roupas penhoradas que
extorquiram perto de cada altar
e do vinho confiscado que bebem na
casa de seu deus^d.

x,6

⁹ Enquanto eu*, eu exterminei diante
deles o emorita,
cuja altura iguala a altura do cedro, Dn 4,11-12
e a força, a do carvalho;
exterminei-lhe os frutos, em cima,
e as raízes, por baixo*;

¹⁰ enquanto eu, eu vos fiz subir da
terra do Egito
e vos conduzi pelo deserto durante
quarenta anos,
para tomardes posse da terra do emorita;

¹¹ enquanto suscitei, dentre vossos Dt 18,18-19
filhos, profetas
e dentre os melhores dos vossos,
nazires*;
é verdade, sim ou não, filhos de Israel?
— oráculo do SENHOR.

¹² Mas vós, fazeis os nazires tomarem
vinho
e aos profetas ordenais: 7,10-17;
Não profetizeis! Is 30,10;
Mq 2,6;

¹³ Eis-me aqui, para esmagar-vosⁱ no lugar,
como esmaga a carroça carregada de
palha; At 4,17-18

¹⁴ o refúgio se esconderá diante do ágil,
o corajoso não reunirá suas forças,
o guerreiro não se salvará,

¹⁵ o arqueiro não ficará em pé, 5,19; 9,1
o ágil corredor não se livrará,
o cavaleiro não salvará sua vida,

z. Judá sofre a mesma condenação das outras nações, mas por delitos de outra categoria: a recusa da lei, ou seja, a ruptura de fato da aliança, pelo desprezo aos ensinamentos divinos. — *Seus pais*: já desde a época de Salomão, o culto aos deuses estrangeiros era permitido ou tolerado. — *As mentiras* designam simultaneamente os ídolos (cf. Sl 115,4-8) e os cultos a eles prestados.

a. Israel é acusado em primeiro lugar por sua venalidade: a justiça dos tribunais vende-se; os juízes condenam por motivos irrisórios ou em troca de um presente sem valor (cf. 5,7,12; Jr 22,3; Mq 3,9,11; Dt 17,19-20). Mas a sandália pode também aludir a um rito de transação, como em Rt 4,2; então a acusação denunciaria a venda de um inocente salvando-se as aparências do direito.

b. V. difícil. Jogar pó na cabeça é sinal de desolação (cf. Js 7,6; Ne 9,1; Ap 18,19). *Recursos*, lit. *caminho*, quer dizer o direito e os meios de progredir e de viver. — A acusação denuncia a garra em despojar os pobres: chega-se a lançar um chefe de família na miséria e todos os seus no desespero, para no fim abusar de sua filha, reduzida à escravidão (cf. Ex 21,7-11; Lv 18,8). Poder-se-ia ler também nesta última frase uma denúncia da prostituição sagrada (cf. Os 4,14; Dt 23,18 nota).

c. O profeta revela a natureza destas faltas: em Israel, os atos contrários à justiça social mancham a própria pessoa de Deus (cf. Ez 36,20-21).

d. Quando o devedor era insolvente, confiscavam-se-lhe todos os bens; até seu manto era tomado em penhor, mas a lei exigia a restituição (Ex 22,25-26). Aqui, ao contrário, tal exação é misturada com os atos cultuais.

e. Desde o v. 9 até o fim do capítulo, o texto assume a forma de uma interpelação solene. A oposição *eu-eles*, *eu-vós* é expressa nos termos das proclamações da aliança, Ex 20,2; Js 24,2-13. Por suas intervenções na história, Deus elegeu para si um povo do qual ele traça o destino; as faltas de Israel são portanto recusa ou traição da aliança. Daí a extrema gravidade do castigo. Estes vv. definem o tom de todo o livro de Am.

f. *Emorita*: população da terra de Canaã. Deus mesmo é a vanguarda abrindo o caminho vitorioso do exército de Israel (cf. Dt 7,1; Js 3,6; 2Sm 5,24). — Depois ele se compara ao lenhador que abate uma árvore sem lhe deixar fruto para se reproduzir nem raiz donde possa brotar um renovo (cf. Os 9,16).

g. *Nazires* (nazireus): homens consagrados a Deus, que faziam exatamente voto de não tomar vinho (cf. Nm 6,7 nota).

h. Opor-se aos eleitos de Deus é opor-se a Deus mesmo, cf. v. 9 nota e 7,10-17; Jr 11,21; Dt 7,51-53; 9,5.

i. O sentido do verbo é incerto. A carroça com palha que esmaga as pedras do caminho — ou talvez vacila ou afunda no terreno — evoca o peso do julgamento que vai se abater sobre Israel.

¹⁶o mais valente desses heróis
fugirá nu!,

naquele dia^k
— oráculo do SENHOR.

ORÁCULOS CONTRA ISRAEL

3 Lembrança da eleição, anúncio do castigo. 'Escutai esta palavra que o SENHOR pronuncia contra vós, filhos de Israel,

contra toda a família que eu fiz subir da terra do Egito:

²Só a vós eu conheci^l,

entre todas as famílias da terra;

por isso pedirei contas a vós^m

de todas as vossas iniquidades.

Ex 19,5-6;
Dt 7,6
Lc 12,47-48;
Mt 11,20-24

Ação de Deus e profecia.

³Dois homens andam juntos
sem se pôr de acordoⁿ?

⁴Um leão ruge na floresta
sem que haja presa?

Um leãozinho se faz ouvir na toca
se nada apanhou?

⁵Um pássaro cai por terra, numa
armadilha,
sem que haja isca?

E a armadilha é levantada
sem que haja algo dentro?

⁶Ao soar a trompa numa cidade,
o povo não fica alarmado?
Se acontece uma catástrofe na cidade,
não é o SENHOR que a fez?

⁷Pois o Senhor DEUS nada faz^o
sem revelar seu segredo^p aos seus
servos, os profetas.

4,13

⁸Um leão rugiu^q, quem não ficaria
com medo?

O Senhor Deus falou^r, quem não
profetizaria?

Jr 20,9;
1Cor 9,16

Contra Samaria.

⁹Fazei-o ouvir aos palácios, em Ashdod^s,
aos palácios, na terra do Egito,
e dizei:

Mq 6,2

Reuni-vos^t nas montanhas de Samaria^u,
olhai que desordem em seu seio,
que opressões no meio dela!

j. Nova imagem: os vv. 14-16 descrevem um campo de batalha na hora da derrota: cada soldado, de qualquer arma, fica imobilizado, paralisado. Assim, no dia do julgamento, Israel ficará nu, desarmado diante dos homens e diante de seu Deus.

k. A expressão *naquele dia* é explicada em 5,18 nota.

l. O verbo *conhecer* exprime a relação que nasce de uma iniciativa que conduz ao encontro pessoal de comunhão e amor entre dois seres: a relação conjugal (Gn 4,1; Lc 1,34), o amor do pai a seu filho (Is 63,16), o apego entre o pastor e seu rebanho (Jo 10,4,14). Aqui, caracteriza a relação criada pela libertação do Egito, quando o Senhor escolheu definitivamente Israel para ser seu povo (ver 9,7; Ex 19,5; Dt 7,7-8; Rm 8,29). Este tema não é novo (Gn 18,19; Ex 3,7; 4,22) e será retomado pelos profetas posteriores a Amós (Os 11,1; 13,5; Is 5,1-7; Jr 2,2-3; Ez 16,6; Is 41,8-9). Mas enquanto os contemporâneos do profeta enxergavam nesta relação uma fácil garantia de salvação, Amós revela nela o fundamento da responsabilidade de Israel diante do Deus que o elegeu e libertou; compare Mt 7,23; 25,12.

m. A intervenção, da qual Deus toma a iniciativa, visa *pedir contas*: ela traz salvação e graça ou, então, castigo. Fiel a suas promessas, Deus recompensa quem ficou fiel e castiga quem traiu a aliança. Em alguns casos, como aqui, o verbo poderia ser traduzido por *castigar*; em outros contextos significa *manifestar seu favor*, *abençoar* (ver Ex 3,16 ou Rt 1,6).

n. Início de uma série ritmada de sete constatações (vv. 3-6), colhidas de campos muito diversos da vida, mas ligadas entre si por um fio comum que o leitor deve descobrir. É o gênero sapiencial do enigma numérico (ver Pr 30,18-31). Todas estas situações têm em comum que um dos dois fatos, aquele que aparece, leva o homem atento a descobrir um outro fato, que não se deixa observar diretamente, mas que explica o primeiro. A

aplicação vem no v. 8: a presença de um profeta leva à descoberta deste fato estupefacente: o Senhor mesmo está agindo agora!

o. Lit. *não faz palavra alguma* (cf. v. 8 nota).

p. O termo significa os encontros confidenciais entre amigos em vista de uma ação concertada e inesperada (Pr 15,22; Sr 8,17). Do mesmo modo, Deus delibera em segredo com ele mesmo antes de agir (Jr 23,18; Jó 15,8), mas inclui os profetas na sua confidência (Jr 23,22); estes sabem com antecedência quais são os pensamentos e desígnios de Deus. Tal graça é concedida em plenitude pelo Pai ao Filho (Jo 17,10) e pelo Filho aos seus apóstolos (Jo 15,17; 17,8); "mistério" revelado pela Igreja aos pagãos (Rm 16,25-26; Ef 3,3-13).

q. Ver 1,2 nota.

r. Como no v. anterior, o verbo *falar* designa aqui uma intervenção reveladora de Deus: um acontecimento histórico pode ser uma *palavra* de Deus.

s. Ashdod, cidade dos filisteus, na estrada que conduz ao Egito, ver 1,8; gr.: *Assur*, a Assíria, do lado oposto do Egito.

t. O profeta cita as potências vizinhas como testemunhas no processo que Deus move contra Samaria: os pagãos verão a iniquidade de Israel; verão também seu castigo, já que serão os instrumentos deste (v. 11).

u. Samaria, nome da cidade fundada pelo rei Omri, em 870, numa colina 10km a noroeste de Siquém, para servir de capital ao reino do Norte (cf. 1Rs 16,24). Tomada a cidade, em 721, o nome foi estendido pelos vencedores assírios a toda a região das colinas centrais da Jordânia, doravante a província da Samaria (daí o plural aqui: *as montanhas*). É neste sentido que o nome persistiu (Jo 4,4; At 1,8). Mas na época de Amós, o nome indicava especificamente a cidade, bem estabelecida sobre sua colina: 3,12; 4,1; 6,1; 8,14. Gr.: *a montanha*.

¹⁰ Eles não conhecem o reto agir^w
esses amontoadores de violências e
rapinas^w nos seus palácios
— oráculo do SENHOR.

Is 5,8-10;
Mt 23,25

¹¹ Por isso,
assim fala o Senhor DEUS:
o inimigo cercará a terra^a,
te despojarão de tua força^y
e teus palácios serão saqueados.

Na 3,11

¹² Assim fala o SENHOR:

Gn 31,39

Como o pastor arranca da goela do
leão
duas patas ou um pedaço de orelha,
assim é que serão arrancados os
filhos de Israel^a,
essa gente instalada, em Samaria,
na fofura de um divã, no conforto^a
do leito.

¹³ Escutai e testemunhai contra a casa
de Jacó^b
— oráculo do Senhor DEUS, o Deus
de todo poder:

¹⁴ No dia em que eu intervier contra Israel
por causa de suas transgressões,

intervirei contra os altares de Betel^c, 1Rs 13,1-5
serão quebrados os chifres do altar^d
e cairão por terra;

¹⁵ ferirei a casa de verão e depois a
casa de inverno^e,
as casas de marfim^f desaparecerão
e grandes mansões^g tombarão 5,11; 6,11
— oráculo do SENHOR.

4 Contra as mulheres de Samaria

Is 3,16-24

¹ Escutai esta palavra, vacas do
Bashan^h,
que pastaisⁱ na montanha de Samaria,
explorando os indigentes,
trititando os pobres,
dizendo aos vossos senhores^j: Traz
de beber! 6,6;

² O SENHOR jura por sua santidade^k: Is 22,12-13

Sim, virão sobre vós dias
em que vos puxarão com anzóis,
e vossas acompanhantes^l, com arpões,

Jr 16,16

³ e saireis pelas brechas, uma por uma,
e sereis relegadas^m para o Harmonⁿ
— oráculo do SENHOR.

v. Lit. (expressão familiar): *não sabem fazer o que vai reto para a frente*. Perderem o sentido da linha moral, que é reta.

w. Dois termos muitas vezes ligados (Jr 6,7; 20,8; 48,3; Hab 1,3). É uma ironia: enquanto os habitantes da cidade pensam acumular fortunas seguras, aos olhos de Deus apenas capitalizam atos de injustiça. E isso os fará perecer.

x. Leve correção, com o gr. — Lit. *O inimigo e o cerco da terra*. Esse inimigo será a Assíria.

y. Lit: *farão descer de ti tua potência*, a que é teu orgulho. Poder-se-ia compreender: *tua fortaleza*, onde te crês em segurança.

z. O estilo elíptico da parábola e o rigor de sua construção tornam-na um enigma carregado de ironia. — Deus compara-se primeiro ao pastor que leva ao proprietário do rebanho os restos de um animal devorado, para provar sua inocência (cf. Ex 22,12). Depois, compara Israel ao animal devorado, porque será *arrancado* de sua terra: só restará dele o necessário para servir de prova da inocência de Deus e da culpabilidade do povo. Assim, neste enigma, Deus é juiz e réu. Mais tarde, o profeta anunciará perdão e misericórdia: 5,15; 9,8b.

a. Lit. *demešheq*: termo enigmático, provavelmente escolhido intencionalmente para evocar o conforto luxuoso. Alguns interpretam como um leito especial, produto de *Damasco*; outros, como a parte mais confortável do leito. Cf. 6,4.

b. Outro nome do povo de Israel, designando o reino do Norte, mas evocando o conjunto das doze tribos descendentes do patriarca. Cf. 1,1 nota.

c. Jacó erigiu uma estela como memorial da visão da escada (Gn 28,19). *Betel* quer dizer *a casa de Deus*. Jeroboão I estabeleceu ali um santuário e um culto novo, para se opor aos privilégios de Jerusalém (1Rs 12,26-33).

d. Os *chifres* são os cantos elevados do altar (Ex 27,1-2; Ez 43,15), considerados a parte mais sagrada do mesmo (Lv 4,30;

16,18). Direito de asilo era concedido ao assassino involuntário: para escapar da vingança, refugiava-se no santuário, onde se punha sob a proteção divina agarrando-se aos chifres do altar (1Rs 1,50; 2,28). Mesmo este último refúgio será supresso no dia do julgamento. Mesma idéia em 2,13-16.

e. Note-se a gradação: a casa de verão, de construção mais leve, é destruída primeiro, e depois, a casa de inverno, mais sólida: enfim, os casarões mais bonitos e espaçosos. O castigo será a devastação total.

f. Casas luxuosas com paredes recamadas de marfim, assim o palácio construído por Acab, 1Rs 22,39. Cf. também os leitos de marfim, 6,4.

g. Lit. *numerosas*, quer dizer, de numerosas peças. Escavações trouxeram à luz vestígios de alicerces de grande amplitude, correspondendo à esta descrição.

h. O *Bashan*, região da Transjordânia do Norte, conhecida por seus pastos gordos: Dt 32,14; Ez 39,18; Sl 22,13.

i. *Pastais*: subentendido.

j. *Aos vossos senhores*, hebr. *seus senhores (deles)*. Estando no masculino o pronome que indica o possuidor, alguns comentadores julgam que esta metáfora irônica não visa às mulheres da Samaria e sim aos intendentes dos grandes do reinado. O mesmo masculino no v. 2: *sobre vós e vós*.

k. Enquanto os homens juram por alguém que os ultrapassa, Deus se compromete por sua própria *santidade* — ou por si mesmo (6,8), ou apelando para o *orgulho de Jacó* (8,7). A fórmula solene exprime o caráter irrevogável da decisão. Cf. Sl 89,36.

l. Lit. *o que vem atrás de vós*: as servas das grandes damas da capital ou, talvez, sua posteridade, ou ainda as dentre elas que constituirão a retaguarda desta desoladora caravana. Cf. 9,1.

m. *Sereis relegadas*: levemente corrigido conforme o gr.

n. Região desconhecida. Corrigindo levemente, poder-se-ia ler

Contra o culto de Betel e Guilgal

- 5.5.21-27 ⁴ Vinde a Betel, e mostrai vossa rebeldia^a,
no Guilgal^b multiplicai vossa rebeldia,
Lv 7.11-17 ofereci desde a manhã vossos
sacrifícios,
no terceiro dia, vossos dízimos;
⁵ mandai fumegar^c, sem fermento, um
sacrifício de ação de graças
Mt 6.2: proclamai em público ofertas voluntárias^d,
23.5 pois é este vosso jeito de amar,
filhos de Israel
— oráculo do Senhor DEUS.

O endurecimento

- Lv 26, 14-39; Dt 28.15-46 ⁶ Sou eu quem já vos dei o vazio a mastigar^e
em todas as vossas cidades,
a penúria de pão em todas as vossas
residências,
Mt 23, 37.38 mas não voltastes a mim^f
— oráculo do SENHOR.
Jr 3.3; 14.1-6 ⁷ Sou eu quem já vos recusei a chuva
três meses antes da colheita^g;
fiz cair o aguaceiro sobre uma cidade
e sobre outra não;
um campo era regado pela chuva,
e outro, sem chuva^h, ressequia;
⁸ duas, três cidades tinham ido
cambaleando a outra cidade

- para beber água,
sem ser saciadas,
mas não voltastes a mim x.12
— oráculo do SENHOR.
⁹ Eu vos castiguei com a ferrugem e o IRs 8.37
fungoⁱ.
As riquezas^j de vossos jardins e vinhas,
de vossas figueiras e oliveiras,
a lagarta as devorara,
mas não voltastes a mim
— oráculo do Senhor.
¹⁰ Lancei sobre vós a peste que vem do Ex 9.3-7
Egito^k,
matei pela espada vossos jovens, en-
quanto eram capturados vossos cavalos,
e levei até vossas narinas o fedor de
vosso campo^l,
mas não voltastes a mim
— oráculo do SENHOR.
¹¹ Eu vos revirei
como quando com força divina
revirei Sodoma e Gomorra^m
e vós éreis qual tição arrebatado ao Zc 3.2
incêndioⁿ,
mas não voltastes a mim
— oráculo do SENHOR.
¹² Pois bem, eis como vou tratar-te,
Israel^o!

para o Hermon, montanha de 2.750m no limite norte do país, a cujo pé passa a estrada da Assíria.

o. O culto aceito por Deus é o que brota da humildade, da obediência às prescrições divinas e do amor a Deus. O Senhor não aceita o que lhe é oferecido quando o próprio homem decide ritos, modifica os costumes, altera o calendário das festas, ou escolhe lugares de encontro com Deus sem levar em consideração o que estabelece a Lei. Assim, Deus se opõe aos cultos realizados nos santuários dos patriarcas — de modo especial ao culto em Betel — quando ali se manifesta a oposição aos privilégios de Jerusalém e de seu Templo. Quanto a Betel, santuário patriarcal e santuário cismático, ver 3.14 nota.

p. O *Guilgal* designa muito provavelmente o santuário da época de Josué, entre Jericó e o Jordão (Js 4.1). Conhece-se outro Guilgal, ao norte de Betel (2Rs 2.1; 4.38).

q. Verbo no singular, visando especificamente ao sacerdote encarregado desta função, cf. Lv 2.2.8-11.

r. Elenco dos principais atos litúrgicos celebrados em Betel: os *sacrifícios* de ovelhas e bois, acompanhados de refeição comunitária, ver 1Sm 1; os *dízimos*, ofertas dos produtos do solo, conforme o voto feito antigamente por Jacó em Betel, cf. Gn 28.22; a oferta de farinha ou de pão sem fermento, consumido sobre o altar em sinal de *agradecimento*, cf. Lv 2.1-11; enfim, as *ofertas* espontâneas de ação de graças, destinadas aos sacerdotes, mas anunciadas pelo ofertante durante uma confissão de fé pública, cf. Sl 66.13-19. A acumulação dos termos evoca o zelo de Israel quer em multiplicar os atos litúrgicos, quer em modi-

ficar-lhes os ritos. Este culto do qual se ufana nada mais tem a ver com um verdadeiro amor a Deus, como diz o fim do v.

s. Lit. *o vazio dos dentes*, imagem da penúria.

t. Uma seqüência de 5 estrofes (vv. 6-11) opõe a obra de Deus (*eu*) em favor de seu povo à resposta de Israel (*vós*). Pois era uma graça, um chamado, receber os castigos da parte de Deus. O apelo não foi ouvido; daí a censura em forma de refrão: *vós não voltastes*, o que significa que Israel não se *converteu* (sentido espiritual) e não *voltou* a Jerusalém (sentido geográfico).

u. A chuva de inverno, que se dá normalmente de dezembro a março, era indispensável para a agricultura. Quando atrasava três meses antes da colheita —, o trigo não tinha mais tempo para formar a espiga antes da seca do verão.

v. Lit. *sobre a qual tu não fizeste chover*.

w. Doenças do trigo devidas à seca persistente.

x. *As riquezas*, lit. *as numerosas*. Alguns, corrigindo o texto, lêem: *eu sequei*.

y. Alusão a uma epidemia vinda do Egito ou talvez comparável a uma das pragas do Egito; ver Dt 7.15; 28.60.

z. O texto repete: *e às vossas narinas*.

a. Cf. Gn 19.24-28. É o tipo de um julgamento divino que atinge uma cidade inteira, particularmente culpada. Locução proverbial, cf. Is 13.19; Jr 49.18; 50.40.

b. Cf. 3.12 e a nota.

c. A descrição da condenação é substituída aqui pela ameaça de uma desgraça indeterminada (*assim*), mas que se presente mais grave do que todas as desgraças já ocorridas.

E por ser assim que te tratarei,
prepara-te^d, Israel, para te encontrar
com teu Deus.

Jl 2,11;
Mt 3,1-2;
Lc 14,31

¹³ Eis portanto,
o que modela as montanhas,
que cria o vento,
que revela ao homem qual seu destino,
que, das trevas, produz a aurora,
que caminha nas alturas da terra;
seu nome é o SENHOR, Deus de todo poder.

5,8-9;
9,5-6
Sl 104,4
3,7
5,8
Mq 1,3-4

5 Lamentação fúnebre sobre Israel

¹ Escutai esta palavra,
esta lamentação que sobre vós profiro,
casa de Israel^f:

5,16-17;
8,13-14;
Ez 19,1;
Lm 1,1
*14; 9,11

² Ela caiu, já não se levanta,
a virgem de Israel^g,
ela está prostrada no seu chão,
sem ninguém para levantá-la^h.

³ Pois assim fala o Senhor DEUS:
Da cidade que recruta mil homens
só restaráⁱ uma centena;
da que recruta uma centena,
só restará uma dezena
para a casa de Israel.

Gn 18,
23-32;
Dt 28,62;
5,15; 6,9;
9,8

Ou a vida, ou a morte

⁴ Assim é que fala o SENHOR à casa de
Israel:

Procurai-me, e vivereis^j.

⁵ Mas não procureis em Betel,
no Guilgal não entreis,
não passeis por Beer-Sheba^k;
pois o Guilgal será deportado por inteiro
e Betel virará iniquidade^l.

⁶ Procurai o SENHOR e vivereis.
Cuidado que ele não mostre sua
força, casa de José,
qual um fogo
que devora em Betel, sem ninguém
para apagar^m.

2Cr 15,2-5;
Os 10,12;
Sl 69,33;
Mt 19,16-17
7,4
Is 1,31

⁷ Mudam o direito em veneno
e arrastam por terra a justiça.

⁸ O que fez as Plêiades e o Órion,
que muda a escuridão em claridade
matinal,

6,12;
Is 5,20;
Lm 3,15;
Ap 8,11
Jó 38,31
4,13

que reduz o dia a noite sombria,
que convoca as águas do mar
para espalhá-las sobre a face da terra:
seu nome é: o SENHORⁿ.

9,6;
Sl 104,13

⁹ Ele entrega ao saque o homem forte,
e o saque força a entrada da cidadela^o...

¹⁰ Eles odeiam quem chama o tribunal
à ordem^p;
ao que toma a palavra com
integridade eles têm horror.

¹¹ Pois bem, já que pressonais o
indigente,

d. Verbo da mobilização militar (Ez 38,7) ou da convocação litúrgica (Ex 19,11; 2Cr 35,4). É um apelo à decisão do arrependimento em vista do encontro pessoal com o Juiz; compare Mt 3,2.

e. Hino ao Deus criador: encontramos outros hinos mais adiante: 5,8; 9,6. À diferença de Oséias (13,1), Amós não cita o nome de Báal, Deus da vegetação e da tempestade, mas explorando talvez um hino cananeu, reserva ao Senhor de Israel, e só a ele, os títulos que se davam aos deuses estrangeiros: Báal, o deus cananeu, ou talvez, Hadad, o deus arameu. Para descrever a obra criadora de Deus, este v. agrupa os mesmos verbos dos relatos da criação no Gn: *que molda* (cf. p. ex. Gn 2,7); *que cria* (cf. p. ex. Gn 1,1 — aqui é a primeira vez que encontramos este termo fora do Gn); *que produz* (cf. p. ex. Gn 1,26).

f. O profeta anuncia a ruína de Israel entoando antecipadamente uma lamentação fúnebre ao modo dos pranteadores (ver vv. 16-17). O v. 2 é um dístico elegíaco: ritmo cortado em dois hemistíquios, o primeiro mais comprido que o segundo. Outros exemplos em 2Sm 1,20-27 e todo Lm. Muito breve, a lamentação aqui destina-se a ser retomada em coro pela assistência. No quadro dos prazeres e da prosperidade do reinado, esta lamentação profética é uma bela ironia.

g. O povo é comparado a uma *virgem* destinada a tornar-se esposa e mãe. Israel morrerá nova e sem descendência — dupla desgraça.

h. Fora do Senhor, o povo eleito não pode contar com ajuda alguma. Fórmula semelhante no v. 6.

i. cf. 1,8 nota.

j. Os dois verbos estão intimamente ligados; o segundo indica a consequência do primeiro. *Vivereis*, isto é, *recebereis de mim a vida e a felicidade*; compare Dt 30,15-16. Esta breve fórmula é desenvolvida sucessivamente em três direções: — v. 5, deve-se procurar o Senhor alhures; — v. 6, é para Israel a única possibilidade de viver; — vv. 14-15, trata-se de obedecer à vontade do Senhor tal qual se revela na lei da aliança. O discurso é interrompido pelos vv. 7-12, que devem ser ligados a 16-17.

k. *Betel, Guilgal e Beer-Sheba* são santuários ligados à história dos patriarcas. Betel: 3,14 nota; Guilgal: 4,4 nota; Beer-Sheba: cf. 8,14; Gn 21,33.

l. O fim do v. joga com a assonância das palavras *hagguilgal, galah yiglele* = *o Guilgal será inteiramente deportado* e com o contraste dos nomes *Bet-el* = casa de Deus e *(Bet-)áven* = (casa de) iniquidade. Ver Os 4,15 nota; 10,5.

m. Mesma idéia do v. 2.

n. Os vv. 8-9 são um fragmento de hino, aproximável de 4,13 e de 9,5-6, onde se encontra o mesmo refrão. Sua inserção aqui talvez se deva à proximidade verbal com *mudar*, vv. 7 e 8. No v. 9, a segunda estrofe é interrompida.

o. V. muito difícil de compreender; provavelmente trata-se de um castigo divino contra os que se creem fortes.

p. Lit. *a porta da cidade*, lugar público onde se reúne o tribunal local, cf. vv. 12 e 15; Is 29,21; Rt 4,1. Os juízes excluem as testemunhas verídicas e não se deixam chamar à ordem.

tomando-lhe sua parte de cereal:
essas casas de pedra lavrada que
construístes,
nelas não morareis;
essas vinhas apetitosas que plantastes,
seu vinho não bebereis.

3.15;
Dt 28.30-33

Mq 6.15;
Sf 1.13

¹² Pois conheço a multidão de vossas
rebeldias
e a enormidade de vossos pecados,
opressores do justo, que extorquem
resgates;

2.6-7

no tribunal, enxotam os pobres.

Lc 23.9

¹³ Eis por que, num tempo assim, o
homem prudente se cala,

Mq 2.3

pois é tempo de desgraça⁹.

¹⁴ Procurai o bem, não o mal,
para que vivais,

Jr 7.4;

Mq 3.11

e assim o SENHOR, Deus de todo poder
estará convosco,
como costumais dizer.

Dt 30.19-20

¹⁵ Odiai o mal, amai o bem.
restabelecei o direito no tribunal:
talvez o SENHOR, Deus de todo poder,
tenha misericórdia
do resto de José⁸.

3.12; 9.8;
Dt 32.36

¹⁶ Pois bem! Assim fala o SENHOR, Deus
de todo poder, meu SENHOR:
por todas as praças haverá ritos fúnebres,
em todas as ruas dirão: Ai, Ai!
Convidar-se-á o lavrador ao luto
e os iniciados em pranto, ao rito fúnebre⁴;

5.1;
Is 15.3;
Jr 9.16-17

¹⁷ em todas as vinhas haverá rito
fúnebre,

quando eu passar no meio de ti
— diz o SENHOR.

Ex 12.12;
Is 5.5-7

Esperança ilusória

¹⁸ Ai dos que apostam no dia do SENHOR!
Para que serviria? Que será para vós
o dia do SENHOR?

Ele será trevas, não luz!

Jl 2.1-2;
Mc 13.19-21;
Os 13.7-8;
Is 24.18;
Jr 48.44

¹⁹ É como alguém que foge de um leão
e dá com um urso;
entra em casa, apóia a mão na parede
e a cobra o morde⁸.

²⁰ Não será ele trevas, esse dia do
SENHOR, em vez de luz,
escuridão, sem claridade alguma?

Mt 27.45

Deus recusa o culto de Israel

4.4-5; 5.5;
Is 1.11-17;
Jr 6.20;
Sl 50.8-9

²¹ Detesto, desprezo vossas peregrinações,
não posso suportar vossas assembléias,

²² quando me fazeis subir holocaustos;
e em vossas oferendas nada há que
me agrade;

vosso sacrifício de animais cevados,
dele viro o rosto;

²³ afasta de mim o alarido de teus
cânticos,

o toque de tuas harpas, não posso
nem ouvi-lo⁸.

²⁴ Que o direito jorre como água

Mt 5.23-24

q. Sentença sapiencial com que se exprime uma reflexão pessoal do profeta; o tempo é tão grave que seria mais sábio abandonar Israel à ruína. Contudo, Amós é constrangido a falar; cf. 3.8; 7.15.

r. Tudo parece perdido para Israel, culpado e impenitente (cf. 3.12); mas aqui aparece, pela primeira vez, a revelação inesperada e decisiva trazida pelos profetas: a esperança e depois a certeza (cf. 9.8) de que um resto será salvo. Esta esperança e esta certeza, concedidas a quem se arrepende, dependem exclusivamente da liberdade da graça de Deus: *pode ser que...*

s. Lit. e os ritos fúnebres aos iniciados em pranto. Modificações: levemente a ordem das palavras por causa do paralelismo poético. Os lutos serão tão numerosos que os pranteadores profissionais serão insuficientes; trabalhadores agrícolas serão chamados para ajudar, e até nas vinhas a alegria da vindima será substituída pelos prantos fúnebres. Cf. 9.10; Jr 9.16-20.

t. Amós combate as ilusões de seus contemporâneos quanto à vinda de um dia do Senhor. Esta esperança provavelmente é alimentada pela lembrança de certos dias peculiares da história de Israel, em que o Senhor mostrara seu poder livrando seu povo do inimigo: o dia de Midian (Js 7.8; retomado por Is 9.3 e 10.26); o dia de Jerreel (Os 2.2); e sobretudo o famoso dia da vitória de Guilbeon (Js 10.12-14). Destarte esperava-se um novo dia em

que o Senhor em pessoa interviria para submeter todos os seus adversários e dar a seu povo a vitória sobre as nações. Amós não pôde em dúvida a vinda desse dia; menciona-o com frequência: 2.16; 3.14; 4.2; 8.9.11.13; 9.11.13. Mas anuncia que, em vez de trazer a Israel a luz da salvação, esse dia lhe trará as trevas do julgamento. Em vez de um dia de vitória, será um dia de derrota, pois Deus trará seu povo infiel como um de seus inimigos e manifestará assim que continua sendo o Senhor dos que ele elegeu (cf. 3.2). O julgamento não será, portanto, a última palavra de Deus: sua manifestação pessoal culminará na misericórdia e na salvação (cf. 5.15; 9.11 e 13). Outros profetas, seguindo Amós, evocam esse mesmo dia (cf. Is 2.11; Sf 1.14.15; Jl 1.15; Jr 30.5-7, mas também Is 11.11; 12.1; 30.26; Jl 3.4; 4.1; Ml 3.19-23).

u. Nova imagem de uma situação sem saída; compare 2.13-16; 3.14; 9.1-4.

v. Denúncia das cerimônias litúrgicas, compare 4.4-5; 5.5 e notas. A abundância e a escolha dos termos evocam aqui o inchaço de um culto que se tornou o orgulho de Israel. Observe também os pronomes possessivos *vossos*, *teus*... Este culto orgulhoso inspira a Deus apenas horror e desgosto. O que ele pede é a obediência a sua lei de justiça (v. 24) e um culto pelo qual se exprima a total dependência dele, como no tempo de Israel no deserto (v. 25).

e a justiça seja uma torrente inestancável*!

- At 7.42-43 ²⁵ Acaso me apresentastes sacrifícios e oferendas no deserto, durante quarenta anos, casa de Israel*?
- ²⁶ Mas carregastes Sikut, vosso Rei, e Kiun, vossas imagens, a estrela de vossos deuses que fabricastes para vós?
- ²⁷ Eu vos deportarei para além de Damasco — diz o SENHOR, Deus de todo poder, este é seu nome.

Is 28.1-4;
Lc 6.24-25

6 Contra a euforia das autoridades

¹ Ai dos que fundaram sua tranquilidade em Sião, e dos que puseram sua segurança na montanha de Samaria, elite da primeira das nações, à qual se dirige a casa de Israel:

Lc 18.11

² “Passai por Kalné, dizem eles*, e vede; de lá ide a Hamat, a grande; descei depois a Gat dos filisteus; serão elas mais prósperas do que vossos reinos?

Seu território, acaso maior do que vosso território?”

9.10;

Jr 5.12

³ Por querer retardar o dia do desastre, apressais o reino da violência.

3.12;

⁴ Recostados em leitos de marfim, estirados em divãs, regalam-se com carneiros novos

c com vitelos escolhidos nos currais; ⁵ improvisam ao som da harpa, cantando, como David*, suas próprias melodias.

Is 5.11-12

⁶ bebem vinho em taças e perfumam-se com o óleo das primícias, mas de modo algum se atormentam com a ruína de José.

2.8; 4.1

⁷ Por isto mesmo, agora, vão ser deportados à frente dos deportados; acabou-se a confraria dos mandriões!

A destruição da capital

⁸ O SENHOR jura por si mesmo* — oráculo do SENHOR, Deus de todo poder:

Eu, que abomino o orgulho de Jacó e que detesto seus palácios, eu entregarei a cidade toda.

⁹ Se houver dez homens a resistir na mesma casa, morrerão.

¹⁰ O parente, ao retirar da casa os cadáveres para queimá-los*, dirá a quem está no fundo da casa: “Ainda há alguém contigo?” Este responderá: “Mais ninguém!” Dir-se-á: “Silêncio!”

8.3;
Hab 2.20

Ninguém mais invoca o nome do SENHOR!

¹¹ É verdade, o SENHOR é quem ordena; ele bate: a casa grande desmorona, até a casa pequenina se fende.

3.15; 9.1

A justiça enlouquecida

¹² Acaso cavalos galopam sobre rochedos,

w. O povo que presta culto a Deus deve também praticar a justiça social, sinal da solidariedade entre os membros da aliança; compare 2.6-8; 4.1; 5.7.12; 8.4-8. Poder-se-ia traduzir: *e o direito brotará...* vendo aqui o anúncio de uma salvação que brotará desde que Israel reforme o seu culto.

x. Esta pergunta não significa que o culto de Israel no deserto estivesse isento de todo sacrifício. Ela opõe o culto suntuoso de Betel ao despojamento dos anos do deserto, quando Israel não tinha nada a oferecer e tudo a receber.

y. Texto provavelmente retocado por um copista que leu o nome de duas divindades astrais dos assírios posteriormente trazidas pelos deportados estrangeiros instalados no território do reino do Norte (compare 2Rs 17.29-31). A censura dificilmente teria sido dirigida aos israelitas do tempo de Amós e menos ainda aos da época do nomadismo no deserto (v. 25). Talvez o texto visasse originalmente a procissões em que se veneravam imagens do trono divino, *baldaquim* e *escabelo*, como também um emblema divino, a *estrela régia*; invenções humanas que Deus rejeita. Os vv. 25, 26 e 27a são citadas em At 7.42-43 conforme o gr.

z. O inciso *dizem eles* não está no texto; acrescentamo-lo para indicar que o v. 2 cita as sentenças dos chefes de Israel aos que os vêm consultar. A prosperidade das duas capitais de Israel e de Judá suporta facilmente a comparação com a das famosas vizinhas, Kalné na Síria do Norte, Hamat no Oronte e Gat na Filistia. Por que, pois, preocupar-se? A segurança dos chefes é sinal de seu obcecamento, que os lançará na desgraça (v. 3). De fato, estas três cidades cairão nas mãos dos assírios, como a própria Samaria, cf. Is 10.9-10. Outros, com ligeira correção do texto, vêem no v. 2 uma advertência inquietante de Amós evocando as ameaças que pairam sobre capitais vizinhas, mais poderosas que Samaria e Sião.

a. David, modelo dos salmistas e dos cantores.

b. Gn 22.16; Jr 51.14; Hb 6.13. Cf. 4.2 nota.

c. Em 8.7 Deus se apresenta como o orgulho de Jacó; compare o *Poderoso* de Jacó, Gn 49.24.

d. Texto difícil. Lit. *seu parente e incinerador o levará para fazer sair...* Todos os tradutores fazem conjecturas. Talvez se trate de um terremoto (v. 11) seguido de uma epidemia impondo a incineração.

- 5.7 e lavra-se aí com bois*,
para fazerdes com que o direito se
torne veneno,
e o fruto da justiça, uma cicuta?

Vitória de nada

- ¹³ Alegram-se por Lo-Debar — por nada* —
e dizem: “Não foi por nossa força

Dt 8,17;
Lc 12,19

VISÕES

- Jl 1,4-7: **7 Primeira visão: os gafanhotos** 
¹ 'Eis' o que me fez ver o Senhor, meu
DEUS: mandou sair gafanhotos,
quando começava a brotar a erva tardia
— era a erva tardia que vem depois
da ceifa do rei*;
² tendo eles devorado toda a erva da terra,
eu disse:
“Senhor, meu DEUS, rogo-te, perdoa
poderia Jacó agüentar? Ele é tão
pequeno!”
Ex 32,11-13;
Nm 14,13-19
Jr 26,3;
Jn 3,10
³ O SENHOR se arrependeu*:
“Isto não acontecerá”,
diz o SENHOR.

Segunda visão: o fogo

- ⁴ Eis o que me fez ver o Senhor, meu DEUS:
o Senhor, meu DEUS, movia processo,
por meio de um fogo,
que já devorara o grande Abismo

Is 66,16;
Ez 21,1-4

- que conquistamos Qarnáim — os
dois chifres*?”
¹⁴ Por isso, eis-me aqui, vou suscitar
contra vós, casa de Israel
— oráculo do SENHOR, Deus de todo
poder —
uma nação, para esmagar-vos desde
Lebô-Hamat até a torrente da Arábá*.

2Rs 17,5-6

- e devorava o território*;
⁵ eu disse: “Senhor, meu DEUS, pára,
eu te peço;
poderia Jacó agüentar? Ele é tão
pequeno!”
⁶ O SENHOR se arrependeu:
“Isto também não acontecerá”,
disse o Senhor, meu DEUS.

Terceira visão: o estanho.

- ⁷ Eis o que ele me fez ver:
meu Senhor, de pé sobre uma
muralha de estanho;
segurava estanho na mão*.
⁸ O SENHOR me disse:
“Que vês, Amós?”
Respondi: “Estanho”.
Meu Senhor me disse:
“Estou para pôr estanho no meio de
Israel, meu povo;

Lm 2,8;
Ez 13,8-12

e. Duas breves parábolas ilustram o comportamento insensato dos juízes de Israel: nas suas mãos a justiça torna-se um instrumento de morte. Separando de modo diferente as palavras da segunda comparação, pode-se restabelecer o paralelismo poético: *lavra-se o mar com bois?*

f. *Lo-Debar*, na Transjordânia (Js 13,26), que poderia ser uma das cidades reconquistadas há pouco (2Rs 13,25). Mas convém ver aqui um jogo de palavras: alegram-se *sem razão* ou *por nada*.

g. *Qarnáim*, na Transjordânia (tb. Gn 14,5; 1Mc 5,26); mesma observação que acima: o jogo de palavras aqui concerne aos *chifres*, símbolo de poder.

h. De *Lebô-Hamat à Arábá*: termos tradicionais para designar o conjunto dos territórios submetidos por Israel a leste do Jordão, desde o norte, direção do Hermon (Js 13,5) até o sul, direção mar Morto (1Rs 8,65). É a região que Jeroboão II podia gloriar-se de ter reconquistado (2Rs 14,5).

i. Em 7,1 começa o relato de cinco visões vividas pela profeta Amós. É a última parte do livro, terminando com o anúncio da restauração da *cabana de David*.

j. O profeta fala aqui na primeira pessoa; por isso, nestes passos, o título Adonai torna um acento mais pessoal, que expressamos pelo possessivo: *meu Senhor* (9,1) ou, quando acom-

panhado pelo nome de Deus: *o Senhor meu Deus*. * [A grafia em minúsculas distingue da usual transcrição YHWH = o SENHOR.] k. Trata-se de um direito real sobre a primeira ceifa, cf. 1Rs 18,5.

l. Gr. e Vulg. traduzem: *Quem levantará* (ou *levantaria*) *Jacó?* m. Intercessão do profeta pelo povo. Com o anúncio da palavra de Deus ao povo, é um dos atos de ministério do profeta (cf. 1Rs 18,42; Is 37,4; Jr 14,7-12; e também Gn 20,7; Nm 11,2; 21,7; Tg 5,16-18). Nas três últimas visões (v. 8; 8,2 e 9,1), Deus não deixará ao profeta nem mesmo o tempo de interceder, pois já não é hora de prece ou perdão (Jr 14,11).

n. Reencontra-se a expressão nos vv. 6 e 8, na segunda e terceira visões, mas não nas duas últimas. O que a justiça exigiria, a misericórdia elimina. Por graça, Deus incluiu nos seus eternos desígnios e segredos a liberdade de perdoar (Jr 18,8). A prece de intercessão de Amós é atendida, e Deus não executa sua sentença.

o. Gr. precisa que o território queimado é o do Senhor, ou seja, o reino de Israel. Depois de ter estancado as fontes esgotando o reservatório subterrâneo (*o grande Abismo*), a seca queima o campo; morrer-se-á de sede e fome (cf. 4,6-8; 8,11).

p. O termo *estanho* (*anák*), usado aqui e no v. 8, não aparece em outro lugar da Bíblia. Designando um metal, este metal seria o estanho, segundo o assírio *an-na*, muito procurado em vista da

2 Rs 21,13



para ele, não passarei mais outra vez".
 * Os lugares altos de Isaac serão devastados; arrasados, os santuários de Israel, quando eu me levantar com a espada contra a casa de Jeroboão".

1Rs 18,17;
Jr 26,8-11

Amós expulso de Betel. ¹⁰O sacerdote de Betel, Amaíá, enviou este recado a Jeroboão, rei de Israel: "Amós conspira contra ti em plena casa de Israel; a terra não pode mais tolerar nada do que ele diz. Porque assim fala Amós:

¹¹"Pela espada morrerá Jeroboão, e Israel será todo deportado para longe de sua terra".

1,1: 2,12

¹²Disse então Amaíá a Amós: "Vai-te embora, vidente; foge para a terra de Judá. Lá podes ganhar teu pão, lá podes profetizar! ¹³Mas em Betel, não recommences a profetizar, pois aqui é o santuário do rei, o templo real!"

Mi 21,35;
At 7,52

¹⁴Amós respondeu a Amaíá: "Eu não era profeta, nem filho de profeta"; era vaqueiro, cultivava sicômoros"; ¹⁵mas o SENHOR me tomou de detrás do gado e o SENHOR me disse: Vai! profetiza a Israel, meu povo. ¹⁶Agora, pois, escuta a palavra do SENHOR:

2 Sm 7,8;
Sl 78,71

3,8

Tu declares: Não profetizarás contra Israel,

não babujarás sobre a casa de Isaac!

¹⁷Eis por que, assim fala o SENHOR:

Tua esposa será prostituta na cidade;

teus filhos e filhas cairão pela espada; tua terra será repartida a cordel, e tu, morrerás em terra impura; e Israel será totalmente deportado para longe de sua terra."

Dt 28,30-33;
Os 9,3;
Mq 2,4

8 Quarta visão: o fim do verão

¹Eis o que me fez ver o Senhor, meu DEUS:

era uma cesta de frutos de fim do verão. Jr 24,1

²Disse ele: "Que vês, Amós?"

Respondi: "Uma cesta de frutos de fim do verão".

O SENHOR me disse:

"Chegou o fim" para Israel, meu povo; para ele, não passarei mais outra vez. Ez 7,2;
Mt 24,14;
Ap 14,15,18

³Os cânticos do templo^a serão

gemidos, naquele dia

— oráculo do Senhor, meu DEUS —, numerosos serão os cadáveres por toda a parte, só o silêncio^b". 6,10

A ganância dos mercadores

⁴Escutai, vós que vos encarnicais contra o pobre,

para aniquilar os humildes da terra,

⁵vós que dizeis:

"Quando é que passará a lua nova",

para podermos vender os grãos,

e o sábado, para abirmos os sacos^a de trigo,

Ne 10,32;
13,15

diminuindo a efá, aumentando o siclo,

alterando balanças mentirosas,

⁶comprando os indigentes a dinheiro

Lv 19,35-36;
Dt 25,13-16
Os 12,8;
Mq 6,11

liga da qual se forjavam as melhores armas. A visão evocaria o medonho arsenal a ser forjado por Deus para arruinar seu povo (cf. v. 9). Viu-se nesta palavra também um termo técnico indicando o prumo com o qual se verifica a retidão do muro. Ter-se-ia então uma visão do julgamento ao qual Deus submeterá Israel passando ele mesmo, uma última vez, no meio de seu povo (v. 8).

q. A partir do v. 10, o texto está em prosa; enquadra duas declarações do profeta nos vv. 11 e 16-17. Esta narrativa histórica ligada à profecia contra a casa de Jeroboão (v. 9) relata um episódio da vida do profeta: a denúncia por Amaíá, sacerdote de Betel, acusando Amós diante do rei, e a réplica de Amós invocando o apelo irresistível de Deus. Talvez este conflito tenha posto fim ao ministério de Amós em Betel.

r. O v. resume os dois temas da pregação de Amós (cf. 7,9; 9,4.10 e 5,27; 6,7). Mas a denúncia quer fazer Amós passar por um agitador político, envolvendo em silêncio aquele em cujo nome o profeta anuncia essas desgraças.

s. Cf. 3,14 e a nota.

t. Verbo *ser* subentendido, que vários traduzem no presente: *eu não sou*.... Por causa do fim do v. — *vai, profetiza*... — o

imperfeito *eu não era*... é mais conveniente. Indica que Amós recusa tanto o título como a função de profeta (*nabi*). Sua profissão é criar gado. Sua presença e pregação em Betel respondem, sem possibilidade de recusa, a uma missão divina que ele não escolheu. Portanto, é mesmo profeta, pois fala em nome de Deus que é o Senhor de Israel.

u. Um *filho de profeta* é um membro de um grupo de profetas, como havia em certos santuários; cf. 1Sm 10,10; 1Rs 20,35; 2Rs 2,3.

v. *Vaqueiro*, palavra diferente da que se usa em 1,1. O fruto do sicômoro serve de alimento para o gado; pinçava-se o caule, a fim de apressar o amadurecimento.

w. No ciclo anual que começa no outono, o verão é a última estação. Há jogo de palavras entre *verão* (*qayis*) e *fim* (*qes*).

x. Lit. *do palácio*. Acabaram-se as festas litúrgicas, celebradas no *palácio* de Deus, em Betel, 5,5.21.

y. Lit. *em todo lugar, ele (i.é., Deus) lança um silêncio*.

z. Em Israel, festejava-se o primeiro dia do mês (1Sm 20,5 e 24; Is 1,13-14; Lv 23,24). Neste dia, como nos sábados, eram suspensas as atividades lucrativas.

a. *Os sacos*: adição.

2,6 e um pobre por um par de sandálias?
Venderemos até o farelo do trigo!"

⁷ O SENHOR jura pelo orgulho de Jacó^b:
Jamais me esquecerei de uma só de
suas ações;

⁸ por isso, não irá estremecer a terra
e cobrirem-se de luto todos os seus
habitantes?

Ela se encherá toda, como o rio^c,
inchará e murchará^d como o rio do Egito.

O dia do Senhor: luto, silêncio, morte.

⁹ Acontecerá naquele dia

— oráculo do Senhor, meu DEUS —:
farei o sol se pôr em pleno meio-dia
e escurecerei a terra em dia claro;

¹⁰ nele, transformarei em pranto vossas
peregrinações,

em lamentos vossos cânticos todos;
cingirei todos os rins de saco,
rasparei todas as cabeças;

eu vos farei sofrer como pela morte
de um filho único,

e o que se seguir será semelhante a
um dia de amargura^e.

¹¹ Virão dias

— oráculo do Senhor, meu DEUS —
em que alastrarei a fome^f pela terra,
não fome de pão nem sede de água,
mas fome de ouvir a palavra do SENHOR.

¹² Cambaleando, irão de um mar a outro,
vagueando de norte a leste^g,

em busca da palavra do SENHOR,
e não a encontrarão^h!

Is 13,10;
Jl 2,2;
Sf 1,15

Jr 48,37;
Ez 7,18

Jr 6,26;
Zc 12,10

Dt 28,28-29;
30,11-13

Is 55,6;
Os 5,6;
Sl 74,9;
Pr 1,28

b. Cf. 4,2 nota. Sobre o *orgulho*, 6,8 nota.

c. O texto traz *como a luz*. Corrigido de acordo com 9,5 nas versões. A imagem é a do Nilo, cujas enchentes são incontroláveis.

d. As consoantes indicam *ela será bebida*. Ler segundo as vogais.

e. Para o israelita, perder o filho único é a maior desgraça: é a destruição de seu próprio futuro. Cf. já 5,2 nota. Nos vv. 9-10, o profeta descreve o dia escatológico (ver 5,18 nota). Os evangelistas empregam expressões semelhantes para descrever os acontecimentos que se seguem à morte do Filho único de Deus: Lc 23,44-45; Mc 15,33.

f. No sentido de *carestia*, *escassez*. Alguns vêem aqui o anúncio de uma graça a ser concedida por Deus a seu povo, despertando nele, pela provação, o desejo de sua palavra; comparar 4,6; Jo 4,13-14. Mas o v. 12 não apoia esta interpretação.

g. Para o habitante da Palestina, as regiões prósperas estão no norte e a leste; quanto ao sul, o deserto naturalmente torna inútil esta busca.

h. Mais além do castigo infligido por Deus, a mais grave

¹³ Naquele dia

as virgens, com toda a sua beleza,
e os moços desfalecerão de sede;

¹⁴ os que juram pelo Pecado de Samaria, ^{Os 8,5-6}
e que dizem: "Viva o teu Deus, Dan!
Viva o Poder de Beer-Sheba!"

cairão e nunca mais se levantarão. ^{5,2}

9 Quinta visão: o santuário abalado.

¹ Vi meu SENHOR de pé sobre o ^{3,14; 7,9}
altarⁱ, a dizer:

Bate no capitel

e tremerão as soleiras;

retira todos os que estão à frente;
aos que vêm atrás matá-los-ei à espada;
não terão nem um fugitivo que possa ^{2,13-16;}
fugir, ^{5,19}

nem um sobrevivente que possa escapar;

² se forcarem a entrada do Sheol, ^{Jr 23,23-24;}
minha mão os retirará de lá, ^{Ab 4}

se subirem ao céu, fá-los-ei descer;

³ se se esconderem no cume do Carmelo,
irei em seu encalço e dali os tirarei;
se se ocultarem a meus olhos no
fundo do mar,

ordenarei à Serpente que ali os morda^k;

⁴ se se entregarem como cativos diante
de seus inimigos,

darei ordem à espada que os mate;
cravarei meus olhos neles,

para o mal, não para o bem^l.

^{Jr 21,10;}
^{24,6}

O Senhor, dominador da terra e do céu.

⁵ O Senhor DEUS de todo poder,

consequência da infidelidade de Israel será a ausência de Deus e de sua palavra (cf. Ct 5,6; Dt 8,3; Pr 1,28).

i. Títulos divinos usados na liturgia dos vários santuários do país. *Pecado (ashma) de Samaria*: jogo de palavras, fazendo zombaria do nome da deusa Ashimá; *teu Deus, Dan*: título que celebrava a aliança no culto do santuário de Dan, ao norte do país (cf. IRs 12,30). *Poder de Beer-Sheba*: conforme o ugarítico, provavelmente o título de uma divindade do santuário patriarcal do sul, cf. 5,5 nota.

j. O altar dos sacrifícios, diante do próprio santuário. Deus aparece no fogo aceso sobre o altar ou na fumaça que sobe ao céu, cf. Jz 13,20; Is 6,6.

k. A *Serpente*, poder misterioso e temível, Jó 40,25-41,26, a quem, no entanto, Deus dá ordens. Proclamação da onipotência de Deus, a cujo julgamento ninguém poderá escapar. Sl 139, 7-12 desenvolve o mesmo tema, mas a respeito da graça de Deus.

l. A atenção vigilante de Deus, que tudo havia dado, provoca a perda daqueles que, culpados, tentam escapar-lhe: cf. v. 8; Jó 7,17-19; 14,16; Jr 21,10; cf. porém Sl 139,16.

- SI 104,32 quando toca a terra, ela treme
8,8 e todos os seus habitantes se vestem de luto;
ela sobe, inteira, como o rio;
e desce, como o rio do Egito;
- SI 104,2-3 ⁶aquele que levanta sua escada até o céu
e que ergue seu palácio^m acima da terra,
aquele que chama as águas do mar
5,8 e as derrama sobre a face da terra,
o SENHOR, este é seu nome.

Israel sem privilégios?

- ⁷ Para mim, não sois vós como filhos dos kushitasⁿ, ó filhos de Israel?
— oráculo do SENHOR.
- 2,10; 3,1 Acaso não tirei eu Israel da terra do Egito,
os filisteus de Kaftor e Arâm, de Qir^o?

O castigo dos culpados.

- ⁸ Estão os olhos do Senhor, meu DEUS, sobre o reino culpado:
Vou suprimi-lo da face da terra;
todavia não suprimirei totalmente a casa de Jacó^p
— oráculo do SENHOR.
- ⁹ Sim, vou dar ordens:
Vou joeirar, por todas as nações, a casa de Israel,
como joeirada num crivo,
sem que a menor pedrinha caia por terra^q;
- ¹⁰ pela espada é que irão morrer todos os culpados de meu povo,
aqueles que diziam:

“Não se aproximará,
não nos alcançará a desgraça!”

6,3;
Is 28,15;
Jr 5,12;
Mq 3,11;
Sf 1,12;
2Pd 3,9-10

A restauração de Israel.

- ¹¹ Naquele dia, reerguerei a cabana de David que está para cair^a,
taparei as brechas,
levantarei as ruínas,
firmá-la-ei como nos dias de outrora.
¹² de tal modo que dominarão o resto de Edom e de todas as nações sobre as quais meu nome foi proclamado^d
— oráculo do SENHOR, que o fará.

Gn 22,17;
Nm 24,17-19;
Ab 19

A restauração do reino de David.

- ¹³ Dias virão
— oráculo do SENHOR —
em que o lavrador segue de perto aquele que ceifa,
e o vindimador, aquele que semeia;
em que as montanhas destilam o mosto e todas as colinas se derramam.
- ¹⁴ Eu mudo o destino de Israel, meu povo:
eles reedificam as cidades devastadas, para nelas morar;
plantam vinhas, para beber o seu vinho,
cultivam pomares, para comer de seus frutos;
- ¹⁵ eu os planto no seu solo;
nunca mais serão arrancados de seu solo,
aquele que eu lhes dei
— diz o SENHOR, teu Deus.

Lv 26,5
Jl 4,18
Is 61,4;
Ez 36,33-38
5,11
Is 62,8-9;
Is 60,21;
Jr 24,6;
31,28

nv. Sua escada (lit. seus degraus) e seu palácio (ou sua abóbada) designam a morada de Deus acima dos céus; sua morada aqui na terra é o Templo de Jerusalém.

n. Os kushitas habitavam o Nilo superior (Etiópia), nos confins do mundo então conhecido (cf. Is 11,11; At 8,27). É o tipo de um povo estranho ao Deus da aliança.

o. Kaftor, talvez Creta, donde haviam vindo os filisteus; Qir, na baixa Mesopotâmia, talvez idêntica a Ur; o povo de Damasco (Arâm) era de origem bem próxima à de Israel, mas se tornara seu terrível inimigo (1,5). O oráculo não nega a particular eleição de Israel, mas combate o orgulho do povo nela baseado: afirma que o Deus de Israel dirige também o destino das outras nações (caps. 1 e 2).

p. Esclarecimento significativo: a destruição atingirá o reino culpado, não a totalidade do povo eleito. O profeta anuncia aqui com nitidez aquilo que sugerira em 5,15.

q. Após a debulha da colheita na eira, faz-se a triagem entre grãos e pedras, por meio do crivo. Imagem tradicional do julga-

mento: Is 30,28; Lc 22,31. O oráculo une a idéia do julgamento rigoroso à da dispersão entre as nações.

r. Tradução corrigindo as vogais dos verbos de acordo com o gr. Hebr. cita a palavra como se fosse um desafio direto ao Senhor: *Tu não farás aproximar-se a desgraça e tu não nos atingirás com ela*. Mas o estilo é incorreto, e a idéia formulada assim, um pouco exagerada.

s. A cabana (*sukka*) evoca a fragilidade da casa de David (Is 1,8) — linhagem que Deus fará subsistir para sempre (2Sm 7,16) — ou talvez a alegria das festas dos Tabernáculos (*sukkot*) (Dt 16,13-15).

t. Como o proprietário marca com seu nome os objetos que lhe pertencem (2Sm 6,2 nota), Deus marcou com seu nome as nações vizinhas de Israel, anteriormente submetidas a seu domínio por meio de David.

A salvação incluirá a restauração do império davídico, ideal político e religioso da teocracia. Os dois vv. são citados em At 15,16-17.

ABDIAS

INTRODUÇÃO

Abdias é o mais curto dos livros proféticos, o que não significa de menor valor. Muito pelo contrário! Compõe-se de oráculos muito belos, nos quais ecoa uma grande inspiração: seu gênero literário assemelha-se ao de todos os oráculos dos profetas “sobre as nações”, de modo especial àqueles que anunciam a vinda do Dia do Senhor.

Do ponto de vista estrutural, apresenta-se como uma visão (vv. 1b-15), precedida de um cabeçalho (v. 1a) e seguida de uma declaração conclusiva (vv. 16-18), escritos por um redator. O conjunto recebeu comentários posteriores escritos em prosa (19-21) por escribas anônimos.

Quanto à data, uma referência permite situar o livro: na sua visão, o profeta denuncia a atitude do povo de Edom, descendente de Esaú, em relação ao povo irmão, Israel, descendente de Jacó, por ocasião da queda de Jerusalém (v. 10). O livro é, portanto, pouco posterior a 587.

Do profeta sabemos apenas o nome, bem bibli-co. Nada de sua pessoa. O essencial é sua men-

sagem. No momento em que tudo parece perdido (destruído o Templo, exilado o povo), tem ele uma visão: Deus proclama a vinda de seu Dia, ele é o dono das nações e intervém na história para reinar. Enquanto escuta esta mensagem, o profeta fala (vv. 10-15) para explicar a falta de Edom: tanto a traição e cupidez para com Israel, como a orgulhosa pretensão de seus sábios. O conjunto constitui reconfortante oráculo para a desalentada comunidade dos sobreviventes.

Há um problema pelo fato de os vv. 2-6 se encontrarem também em Jr 49,7-16, embora numa forma ligeiramente diferente. Este fato induziu alguns a pensar que o livro de Abdias fosse anterior a Jeremias e remontasse ao século IX. Contudo, as alusões à queda de Jerusalém (em 587) são tão explícitas que não se pode admitir esta hipótese. No atual estágio da pesquisa, não é possível pronunciar-se sobre a anterioridade do texto de Jeremias ou de Abdias. Não teriam eles uma fonte comum?

ABDIAS

Cabeçalho. 'Visão' de Abdias.

Assim fala o Senhor DEUS sobre Edom.

Jr 49,14 Uma mensagem! Nós a ouvimos^b,
ela vem do SENHOR,
enquanto um arauto é enviado às nações:
"De pé! Ao assalto da cidade^c! Ao
combate!"

Discurso do Senhor^d.

Jr 49,15-16 ²Pois bem, vou te diminuir no meio
das nações!
Desprezado és tu, sobremaneira.
³Tua arrogância^e é que te ilude,
a ti que moras nas cavidades do
rochedo^f
e habitas nas alturas;
tu que pensas^g:
"Quem me precipitará ao chão?"
⁴Mesmo que alçasses vôo como o
abutre
e fizesses teu ninho nas estrelas,
eu dali te precipitaria!
— oráculo do SENHOR.
⁵Vê: chegam ladrões à tua casa,
saqueadores noturnos,
e continuarias tranqüilo?

Não furtam eles tudo o que podem?

Vindimadores vêm à tua casa:

deixam mais do que restos a rebuscar?

⁶Oh! Esaú foi esquadrihado! Jr 49,10

Postos a nu seus tesouros

escondidos^h!

⁷Expulsam-te de teu territórioⁱ;

todos os aliados te enganam.

Teus amigos^j apoderam-se de ti;

aqueles que comiam de teu pão^k

te fazem tropeçar:

"Foi-se embora sua inteligência^m."

⁸Não é verdade? Hoje mesmo —

oráculo do SENHOR —

de Edom faço desaparecer os sábiosⁿ, Jr 19,11-

e da montanha de Esaú, a inteligência. 15: 29,14;

⁹Teus guerreiros, Teman^o, caem Jr 49,22

prostrados

de tal modo que, na carnificina, todo

homem é eliminado da montanha

de Esaú^p.

A culpa de Edom^q

¹⁰Por causa das violências feitas contra Jr 4,19;

teu irmão Jacó

a vergonha^r te cobre, Am 1,11-12

a. A palavra *visão*, que denota uma experiência complexa feita de visão, audição e arrebatamento, designa aqui o conjunto da revelação profética, como em Is 1,1; Hab 2,2-3.

b. O plural faz pensar que o profeta não está sozinho. Está cercado de outras pessoas, seja de seres do mundo divino, seja de confrades capazes de confirmar sua mensagem. O gr. e Jr 49,14 têm o singular.

c. Lit. *contra ela*; trata-se provavelmente da capital que representa o país. Em seguida o profeta se dirigirá diretamente ao país, empregando o masculino: *ele*.

d. Os vv. 2-4 formam a primeira estrofe: o Senhor humilha o povo orgulhoso; os vv. 5-7, a segunda: Edom é pilhada e traída; enfim, os vv. 8-9, uma conclusão: a derrota dos chefes.

e. Lit. *o orgulho de teu coração*.

f. Para compreender todas as imagens desta estrofe, faz-se mister lembrar-se da posição geográfica da capital de Edom: numa região escarpada, inacessível, semeada de cavernas e de recantos de fácil defesa. O *rochedo* talvez seja uma alusão a Petra (mas cf. 2Rs 14,7 nota), ou Sela, ao norte desta localidade.

g. Lit. *que dizes em teu coração*.

h. *Tesouros*: são objetos de valor, jóias e também víveres (cf. Jz 6,2.11) escondidos nas grutas das rochas de Petra.

i. Lit. *até tuas fronteiras*.

j. Lit. *os homens de tua paz*. A palavra traduzida por *paz* (*shalom*), designa aqui a prosperidade comum (cf. 1Rs 5,26 nota;

Jr 6,14; Sl 85,11); diz respeito de certo modo a homens que constituem um "commonwealth".

k. O gr. omitiu esta palavra. O hebr. diz: *teu pão*. Modificando um pouco a pronúncia, pode-se ler: *aqueles que comem teu pão*. Juntos comer pão, participar de uma refeição é ao mesmo tempo sinal e criação de laços de amizade.

l. Lit. *põem paus sob os pés*. Outros traduzem: *põem-te uma rede sob os pés*.

m. Talvez uma glosa ou observação irônica de falsos amigos. n. Ainda hoje, os governantes consultam comissões de "sábios" para definir seus planos. Cada país tem assim sua "inteligência": elite que exerce função política e cultural. Nos países do AT, os sábios exerciam estas funções, com o acréscimo de preocupações religiosas; política, religião e cultura estavam então intimamente ligadas.

o. Cidade situada na província setentrional de Edom.

p. Gr., Vulg. e sir. põem esta última expressão no início do v. seguinte: *Toda homem é supresso da montanha de Esaú. Por causa da carnificina, por causa das violências...*

q. Ao que parece, é o profeta que fala. Nos vv. 12-14 ele solta gritos angustiados cada vez mais fortes, tentando assim, por repetidos apelos, impedir a invasão de Judá por Edom.

r. Para um homem do Oriente Médio, a vergonha não é apenas um sentimento. A palavra *vergonha* expressa algo de muito mais concreto: uma espécie de força mortal, que paralisa completamente e é pior que a morte. Cf. nota Gn 2,25.

és exterminado para sempre.

- ¹¹ No dia em que ficavas ali plantado em frente',
no dia em que estrangeiros lhe retiravam toda a força',
em que bárbaros penetravam por suas portas
e lançavam sortes sobre Jerusalém',
tu também eras como um deles.

- ¹² Não exultes com o dia de teu irmão,
com o dia de seu desastre.

Mq 7,8 Não te alegres à custa dos filhos de Judá,
no dia de sua queda.
Não escancares a boca
no dia da angústia.

- ¹³ Não penetres na cidade de meu povo,
no dia de sua ruína.
Não te regozijes, tu principalmente',
com sua infelicidade,
no dia de sua ruína.
Não estendas a mão para aquilo que é sua força',
no dia de sua ruína.

- ¹⁴ Não fiques plantado na brecha
para exterminar os que escapam.
Não entregues os sobreviventes'
no dia da angústia.

- Is 34,8 ¹⁵ Sim, próximo está o dia do SENHOR',
dia ameaçador para todas as nações.
Como fizeste, assim te farão;
teus atos recaem sobre tua cabeça.

A desforra de Israel'

- ¹⁶ Pois bem, como bebeste^a sobre
minha montanha santa,
todas as nações igualmente bebem
sem cessar.
Elas bebem, fartam-se...
tornam como se não houvessem
nascido.

Hab 2,15;
Sl 75,9;
Lm 4,21

- ¹⁷ Mas na montanha de Sião refugiam-se os que escaparam',
de novo ela se torna santa.
O povo de Jacó despoja aqueles que o despojaram^c.

Jl 4,17

- ¹⁸ Os filhos de Jacó tornam-se um fogo;
e os de José, uma chama.
Mas os filhos de Esaú são palha.
Aqueles os queimarão e consumirão:
não existirá sobrevivente de Esaú.
O SENHOR falou!

Mi 3,19

Comentários^d. ¹⁶Eles ocupam o Négueb — a montanha de Esaú — e a Baixada — os filisteus. Ocupam o território de Efraim — o território da Samaria — e ele — Benjamin — ocupa o do Guilead.

²⁰Os filhos de Israel exilados — verdadeiro exército — expulsam^e os cananeus até Sarepta, e os exilados de Jerusalém que habitam Sefarad^f ocupam as cidades do Négueb.

- ²¹ Libertadores^g escalam^h a montanha de Sião
para governarⁱ a montanha de Esaú.
E o SENHOR toma posse de seu Reino!

Mq 4,6-7;
Zc 14,9;
Sl 22,28-30;
Ap 11,15

s. A tradição relativa à queda de Jerusalém é unânime em afirmar que Edom se entregou de coração à pilhagem; cf. Lm 4,22; Ez 35,5,12; 25,12; Sl 137,7.

t. *Força*: esta palavra indica ao mesmo tempo o exército, as elites e os bens materiais.

u. Alusão à partilha dos despojos e das terras feita por sorteio. v. Porque Edom é irmão de Jacó.

w. Cf. v. 11 nota.

x. Certamente aos babilônios.

y. Expressão carregada de sentido teológico. Designa a grande manifestação do Senhor com que inaugurará seu reino definitivo. Cf. Os 1,5; Am 5,18 notas, e Jl Introd. e 1,15.

z. De novo, é o Senhor que fala. Não se dirige mais a Edom, porém aos israelitas.

a. *Beber* é fórmula tradicional para significar o castigo: "Beber da taça da cólera do Senhor". Cf. Jr 25,12-29; Ez 23,32-34; Sl 60,5; 75,9; Ap 14,10.

b. Quais são esses que escaparam? O povo eleito, evidentemente, mas talvez também alguns pagãos que milagrosamente se livraram da carnificina. Cf. Jl 3,5.

c. Palavra lida de acordo com o gr., modificando uma vogal no hebr.

d. Sem dúvida, de escriba posterior.

e. Palavra lida com modificação das consoantes.

f. *Sefarad*: trata-se talvez da cidade de Sardes, na Lídia, ou então a das Hespérides, hoje Bengazi, na África do Norte. Os judeus derivaram desta palavra o nome Sefardim, aplicado a seus correligionários do Magreb e da Espanha.

g. Antigas versões, gr. e sir., lêem de modo diferente: *aqueles que se salvaram*.

h. *Escalar* ou *subir*: termo técnico da peregrinação e da procissão ao Templo. Cf. Is 23 e Sl 120.

i. Lit. *judgar*. Cf. Jz 2,16 nota.

JONAS

INTRODUÇÃO

Composição. *Inserido entre os livros proféticos, o livro de Jonas não se apresenta, à primeira vista, como um deles. Em vez de ser uma série de oráculos, o escrito apresenta-se na forma de uma narrativa contínua, dividida em três cenas e na qual o profeta parece ficar em segundo plano. As duas primeiras cenas o mostram taciturno e solitário, após o que lhe vem uma palavra de Deus. Durante esse tempo, ao invés, seus interlocutores, primeiro os marinheiros, depois os ninivitas, estão atarefados e se mostram as pessoas mais religiosas do mundo, numa espécie de convite ao leitor do livrete a se espelhar neles e a imitá-los. Na terceira cena, Jonas se vê sozinho diante de Deus. É aqui o ponto alto do livrinho: a mais importante oração do profeta e a maior revelação de Deus a respeito do ministério de Jonas. Foi nesta conjuntura que, mais tarde e de maneira totalmente adaptada à situação, um autor inspirado inseriu o salmo do cap. 2, aumentando a dimensão religiosa e profética deste escrito.*

Finalidade. *Que concluir disto? Dois ensinamentos. Antes de mais nada, Jonas tem por finalidade mostrar a experiência interior de todo profeta: é uma pessoa convicta, antes de tudo, de que a vontade de Deus é salvar os homens (4,2). Todavia, no seu ministério, o profeta deve sempre iniciar por proferir palavras que denunciem o mal; agindo assim, ele vai contra a corrente de seus contemporâneos e, conseqüentemente, experimenta a terrível prova do isolamento. Contudo, mesmo que ele se sinta esmagado pelo peso da sua mensagem e, atemorizado, não ouse falar aos homens (1,1-16) ou, falando, não passe de um pregador resignado (3,1-10), a palavra consegue ser eficaz apesar dele; mostram-no os marinheiros, o mar, o vento, o peixe, os ninivitas, os animais, a planta. Por sua simples presença, já que o profeta Jonas não consegue desvencilhar-se dela, esta palavra atinge todo o mundo, inclusive os animais e a natureza.*

O segundo ensinamento é dado pelo conteúdo da palavra que Deus manda seja proclamada, e

também pela qualidade de seus destinatários. O Deus que se revelou a Israel, um Deus benevolente... (Ex 34,6-7), i. é, bom e salvador, declara-se favorável também aos ninivitas, estrangeiros cuja cidade e número de pessoas são descritos em cifras arredondadas com valor simbólico (três dias: 3,3; 120.000 habitantes: 4,11), para indicar a dimensão universal da revelação.

Gênero e data. *Esta narração se apóia na existência de um personagem histórico (2Rs 14,25), para mostrar que se trata de uma experiência real dos profetas. Mas é desenvolvida como uma história maravilhosa, cheia de imagens, com a finalidade de melhor assimilação pedagógica, à maneira de uma parábola.*

Tudo nos leva a crer que se trata de uma obra pós-exílica. Tanto a linguagem como o estilo são claramente posteriores à época clássica da língua hebraica. E mais: a maneira de refletir sobre o ministério profético supõe recuo com relação ao exercício deste, se olharmos como o viveu, especificamente, Jeremias (ver Jn 3,10 e Jr 18,7-8; Jn 4,3,8-9 e Jr 20,14-18). Além disso, a mensagem reflete um universalismo mais amplo do que, por exemplo, o do Segundo Isaías na época do retorno do Exílio. O humor um tanto acre da narrativa faz pensar que talvez se trate de uma espécie de panfleto dirigido à corrente judaica da época de Esdras demasiado fechada sobre si. Enfim, o gênero metafórico recorda o estilo dos sábios que, pouco depois, escrevem Tobias, Ester, Daniel, mais do que o estilo dos historiadores preexílicos.

Jonas no Evangelho. *Jesus fala de Jonas dando sua própria interpretação da narrativa. Diante dos incrédulos que lhe pedem milagres-prodígios, Jesus responde com uma recusa e remete ao "sinal de Jonas". Ele quer dizer que o significado de seus milagres é, antes de tudo, a realização da palavra que os acompanha (Mt 16,4; Lc 11,29-30) e que os convida à conversão. Depois da Ressurreição, a dimensão do sinal de Jonas foi compreendida melhor, como testemunha o desen-*

volvimento próprio do primeiro evangelista (Mt 12,40). É igualmente possível que a expressão do mais antigo símbolo da fé, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (1Cor 15,4), se refira a este sinal. Jesus indica, por fim, que Jonas é sinal da dimensão universal do seu Evangelho (Mt 12,41-42).

As qualidades humorísticas de Jonas não deixaram de inspirar escultores e pintores cristãos no decorrer dos séculos. Também hoje, este personagem continua atraindo simpatias. Mas, mais ainda que seu saboroso gênero literário, atraí-nos a sua mensagem, que fala a respeito de Deus e do seu amor universal, surpreendente e admirável.

JONAS

1 Jonas foge em vão da Palavra de Deus.

¹A palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai: ^{2a}"Levanta-te! Vai a Nínive, a grande cidade, e profere contra ela um oráculo, porque a maldade de seus habitantes subiu até mim". ³Jonas se pôs a caminho, mas para fugir em direção a Tarshish^b, longe da presença do SENHOR. Desceu a Jafa^c e encontrou ali um navio construído para ir a Tarshish; comprou passagem e embarcou para ser levado pela tripulação até Tarshish, longe da presença do SENHOR. ⁴Mas o SENHOR lançou sobre o mar um vento violento, e o mar se desencadeou^d a ponto de a embarcação ameaçar despedaçar-se. ⁵Os marinheiros, tomados de pavor, gritavam por socorro, cada um dirigindo-se a seu deus e, para aliviar a nave, jogaram ao mar todos os objetos a bordo. Quanto a Jonas, escondido no fundo do navio, deitou-se e dormia profundamente. ⁶O comandante foi ter com ele e perguntou-lhe: "Ei! Que tens? tu dormes?!... Levanta-te e invoca o teu deus. Quem sabe esse teu deus se lembre de nós e assim não pereçamos. ⁷Depois disseram uns aos outros: "Vinde, tiremos a sorte para saber quem é o culpado dessa desgraça que nos atinge". Tiraram, então, a sorte, que caiu sobre Jonas^e.

⁸Perguntaram-lhe então: "Deixa-nos saber^f, qual é a tua missão? De onde vens tu? Qual é a tua terra? Qual é teu povo?"

⁹Jonas lhes respondeu: "Sou um hebreu^h, e adoro o SENHOR, o Deus do céu, aquele que fez o mar e os continentes". ¹⁰Tomados de grande temor, aqueles homens lhe perguntaram: "Que fizeste?" Depois do que Jonas lhes contou, compreenderam que ele estava fugindo da presença do SENHOR. ¹¹"E agora, que faremos de ti, para que o mar deixe de erguer-se contra nós?", perguntaram, pois o mar estava cada vez mais furioso. ¹²Ele lhes respondeu: "Lçai-me e lançai-me ao mar para que cesse de erguer-se contra vós; bem sei que é por minha causa que se ergueu esta grande tempestade contra vós". ¹³Entretanto, os homens remavam para chegar à terra firme, mas em vão: o mar continuava embravecendo-se contra eles. ¹⁴Então invocaram o SENHOR, clamando: "Ah! SENHOR, não queremos morrer, partilhando a sorte desse homem. Não nos imputes essa morteⁱ, da qual somos inocentes. Porque és tu, SENHOR, que fazes o que te agrada". ¹⁵Os homens içaram Jonas e o lançaram ao mar. Imediatamente o mar ficou imóvel, acalmando seu furor. ¹⁶Todos ficaram tomados de grande temor diante do SENHOR, e ofereceram um sacrifício a Deus e fizeram votos.

2 Jonas no fundo do abismo ora ao Senhor, que o salva.

¹Então o SENHOR mandou^j que um grande peixe engolissem Jonas. E Jonas ficou três dias e

Gn 1,9-10

Jó 7,12:

Mt 12,40;
Lc 11,30

2Rs 14,25

Gn 10,4;
Is 23,1ss

SI 107,25

At 27,18

Mt 8,24-25

Js 7,14;
Is 54, 41-42

a. Poder-se-ia ler assim: e profere contra ela o oráculo: a maldade etc.

b. Não se pode identificar este lugar com exatidão. Várias hipóteses foram levantadas, mas o certo é que se trata de uma região a oeste da Palestina. Foram propostas: Tartessos, na Espanha, ou a Sardenha ou a Tunísia. Porém o mais importante é que para os hebreus significa os confins do mundo.

c. O porto da Palestina: Jope em grego; cf. At 9,36 (periferia de Tel-Aviv).

d. Lit. *houve uma grande tempestade no mar*.

e. Lit. *eles jogaram as sortes e a sorte caiu sobre Jonas*; imagem significativa: talvez o gesto concreto de sacudir os dados no efod, até que algum deles caia sobre alguém.

f. Aqui o hebr. acrescenta: *por causa de quem cai sobre nós*

esta desgraça? Nós seguimos o gr., mais compreensível.

g. Lit. *de que povo és tu?*

h. Com este termo, Jonas quer dizer que ele não é um pagão, mas um membro desse povo em favor do qual Deus interveio na época do Êxodo. O apelativo *hebreu* não foi mais usado depois do Exílio. Jonas o retoma, intencionalmente, para exprimir uma profissão de fé. O NT o retomará por sua vez (cf. At 6,1; 2Cor 11,22; Fl 3,5).

i. Lit. *terra seca*. Cf. Gn 1,9.

j. Lit. *não nos carregues com um sangue* (cf. Dt 21,8).

k. Esta frase equivale a dizer: "És tu que nos puseste nesta situação de tempestade e forçados a lançar um homem ao mar. Por nenhum motivo quisemos isso. És tu o responsável".

l. Lit. *encarregou... da missão de*. O verbo "mandar" ressalta

três noites no ventre do peixe. ²Lá no ventre do peixe ele orou ao SENHOR, seu Deus, ³dizendo^m:

SI 18,7;
120,1;
130,1:

Na angústia que me oprime, eu imploro o Senhor:

ele me responde;

Lm 3,55
Gn 37,35;
42,38

Do ventre da Morte, suplico socorro:

tu ouves minha voz.

SI 42,8

⁴Tu me lançaste no abismo no coração dos mares

onde a corrente me envolveⁿ;
todas as tuas vagas e tuas ondas abatem-se sobre mim.

⁵Por mais que eu diga: Estou expulso de diante de teus olhosⁿ, contudoⁿ continuo olhando para o teu santo Templo.

⁶As águas me chegam à gargantaⁿ, enquanto as vagas do abismo^r me envolvem:

as algas se entrelaçam em torno de minha cabeçaⁿ.

⁷Desci às bases das montanhas; para sempre as trancas da terra — da Morteⁿ — se fecharam sobre mimⁿ. Mas tu me fizeste sairⁿ vivo do fosso, ó SENHOR, meu Deus!

⁸Enquanto meu fôlego está no fimⁿ,

eu me lembro e digoⁿ: "SENHOR".

E minha oração chega a ti, em teu santo Templo.

⁹Os fanáticos de ídolos vão^s, renunciem à sua devoçãoⁿ!

¹⁰Quanto a mim, ao canto de ação de graças

quero oferecer-te sacrifícios, e cumprir as promessas que faço.

Ao SENHOR é que pertence a salvação!

"Então o SENHOR deu ordem ao peixe, que imediatamente vomitou Jonas em terra firme.

3 Jonas prega, os ninivitas se convertem, Deus perdoo. ¹A palavra do SENHOR veio uma segunda vez a Jonas:

²"Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e profere contra ela o oráculo que eu te comunicareiⁿ". ³Jonas levantou-se e partiu, mas, desta vez, para Nínive, conformando-se à palavra do SENHOR. Ora Nínive tinha-se tornado uma cidade excessivamente grande^b: era preciso três dias para atravessá-laⁿ. ⁴Jonas tinha caminhado apenas um dia anunciando este oráculo: "Mais quarenta dias, e Nínive ficará de pernas para o ar", ⁵e seus ha-

a instantaneidade do efeito: Deus fala e sua palavra imediatamente é executada, como uma ordem.

m. Este salmo, inserido aqui bem mais tarde por um escriba inspirado para acentuar o valor religioso do livro, faz Jonas exprimir uma súplica com ação de graças antecipada.

n. Estas expressões querem traduzir a imagem de alguém que, arrastado por um turbilhão marinho, se vê afundando cada vez mais.

o. A expressão *os olhos* não designa apenas a presença externa de alguém, mas uma presença compreensiva, atenta. Cf. SI 34,16; 32,8; 123,1; Jr 32,19; Ez 5,11.

p. Teodocião lê: *como?*

q. Lit. *até a goela (néfesh)*. Cf. SI 69,2.

r. Trata-se do caos primordial; cf. Gn 1,2 nota.

s. O gr. acrescenta o início do v. seguinte: *na matriz onde nascem as montanhas*.

t. "Terra sem retorno", como a chamavam os babilônios, que a representavam freqüentemente como uma cidade ou um castelo aferrolhado.

u. O gr. diz: *eu desci à terra cujos ferrolhos se fecharam sobre mim*.

v. Jonas antecipa sua libertação por Deus, o que é uma maneira de exprimir sua confiança, enquanto está no auge da provação (cf. SI 30,4...).

w. Lit. *meu alento desfalece em mim*.

x. Lit. *evocar, pronunciar uma palavra (um nome)*.

y. Lit. *as barbas do nada*. Já os profetas e os salmistas denunciavam a vacuidade dos ídolos. Cf. Is 44,11; Jr 10,14-15; SI 115,5-7.

z. A palavra é tirada de *hēsed*, cf. Os 4,1 nota. O que eles deviam "votar" a Deus, na verdade, desviaram-no para os ídolos. Trata-se, portanto, duma devoção que se perverteu. Esta imprecisão traduz o mesmo movimento da alma que se encontra com freqüência nos salmos de ação de graças (ou de súplica, terminando numa ação de graças): o fiel não reza apenas por si mesmo, mas também pelos outros, a fim de que se afastem do mal e se voltem para Deus.

a. Poder-se-ia ler também o presente: *que eu te comunico*. Neste caso, Jonas, ou melhor, o narrador, não sentiu necessidade de afirmar o teor do oráculo antes de descrever a chegada de Jonas a Nínive.

b. Lit. *cidade que se tornou grande até para Deus*, maneira própria de o hebraico exprimir um crescimento excessivo.

c. Esta expressão quer traduzir a dimensão fabulosa da cidade. O narrador se apóia na tradição segundo a qual Nínive compreendia, além da aglomeração indicada por seu próprio nome, também as cidades de Kélah e Dur-Sharrukin e, toda uma série de aglomerações menos importantes reunidas entre si (como uma periferia).

bitantes acreditaram em Deus. Eles proclamaram um jejum e se vestiram de sacos^d, desde os grandes até os pequenos^e. ⁶A notícia chegou aos ouvidos do rei de Nínive. Ele se levantou do trono, tirou o manto real, cobriu-se de saco e sentou-se sobre a cinza; ⁷decretou estado de alerta e mandou anunciar em Nínive: “Por decreto do rei e do seu governo, proíbe-se às pessoas e aos animais^f, aos bois e ovelhas, comer seja o que for; está igualmente vetado levar o gado a pastar e a beber água. ⁸Homens e animais se cobrirão de saco, e invocarão a Deus com ardor. Cada um se converte do seu mau caminho e da violência que impregna suas mãos^g. ⁹Quem sabe Deus reconsidera, volte atrás de sua decisão e renuncie à sua ameaça^h? Assim não pereceremos”. ¹⁰Deus viu a reação deles: voltaram atrás de seu mau caminho. E Deus voltou atrás de sua decisão de fazer o mal que anunciara. Não o fez.

4 Jonas não se conforma, mas o Senhor se explica.

¹Jonas ficou aborrecido e irritou-se muito. ²Orou ao SENHOR e disse: “Ah! SENHOR! Porventura não é exatamente o que eu dizia quando estava na minha terra? Por isso é que me apressei em fugir para Tarshish. Bem sabia que és um Deus clemente e misericordioso, lento na cólera e pleno de benevolência, que volta atrás de sua decisão de

fazer o mal. ³Agora, SENHOR, peço-te, retira-me a vida; é melhor para mim morrer do que viver”. ⁴Respondeu-lhe o SENHOR: “Acaso tens razão para te irritares?” ⁵Jonas saiu e instalou-se a leste da cidade. Fez ali uma cabana, sentou-se à sombra e ficou esperando para ver o que iria acontecer à cidadeⁱ. ⁶Então o SENHOR fez nascer uma planta^j que cresceu acima de Jonas, de modo a lhe dar sombra para a cabeça, aliviando-lhe o mal-estar. Essa planta deu muita alegria a Jonas. ⁷No dia seguinte, ao raiar da aurora, Deus mandou um verme que atacou a planta; e ela murchou^k. ⁸Quando o sol se levantou, Deus enviou um vento do oriente^l, um vento castigador^m, e o sol começou a bater de cheio sobre a cabeça de Jonas... A ponto de desmaiar, Jonas suplicou a Deus, e dizia: “É melhor para mim morrer do que viver”. ⁹Deus então lhe disse: “Acaso tens razão para te irritares por causa desta planta?” Jonas lhe respondeu: “Sim, tenho razão de me irritar até a morte”. ¹⁰Então lhe disse o SENHOR: “Tu, tu tens dó desta planta, que não te deu nenhum trabalho, pela qual não fizeste o mínimo esforço, nem a fizeste crescer; filha de uma noite”, com uma noite desapareceu. ¹¹E eu, eu não teria piedade de Nínive, a grande cidade, com mais de cento e vinte mil seres humanosⁿ, que não sabem sequer distinguir a mão direita da esquerda^o, sem contar o muito gado?”

d. Isto é, cumpriram os ritos de penitência e de luto, pelos quais antecipavam o julgamento, traduzindo diante de Deus a sua conversão.

e. Das elites ou quadros (pessoas do alto escalão, de nível elevado, cultas)... às massas (gente simples, sem instrução).

f. A mentalidade bíblica gosta de associar os animais à salvação do homem. Também aqui, são eles convidados a praticar o rito de penitência e a se converter como os homens.

g. Cada ato de violência impregna as mãos e, por isso, é preciso desembrasar-se dela com determinação. É o arrependimento. A conversão compreende: o jejum, a cinza, a invocação de Deus, a reforma moral.

h. Lit. *afastar-se-á do calor de seu nariz*, quer dizer, de sua ira, entendido no sentido teológico, não psicológico. A expressão quer mostrar a determinação de Deus em não punir.

i. Poder-se-ia traduzir também: *Jonas saiu, fora morar... construir para si, sentara-se...* Mostraria que o narrador precisa um particular omitido no início do cap. 4.

j. A planta indicada pelo termo hebraico é desconhecida. A tradição medieval retomada pelo hebr. moderno, a identifica com o “récino”.

k. Lit. *secou*.

l. O vento quente que vem do deserto (síroco); cf. Os 13,15; Jô 1,19.

m. Lit. *que lava*.

n. *Filha de uma noite* quer dizer: aparece para viver uma noite. Digna de menção é a beleza poética desta frase, beleza ainda maior no texto hebr. que joga com as assonâncias das palavras.

o. Cifra simbólica para significar universalidade, que será retomada em Jt 2,5,15 (cf. também Ap 7,4).

p. Alguns pensam que a expressão signifique: “Não têm a idade da razão”. Pode-se perguntar se não significaria antes: “Não sabem escolher entre a conduta que leva à felicidade e a que conduz à desgraça”: à direita e à esquerda estava ligada certa idéia de felicidade e desgraça.

Sl 35,13;
Jr 36,9;
Jl 1,14;
En 4,1;
Lc 11,30-32
Ez 26,16;
27,30-31

3,6

Ez 36,31

Jô 16,17;

31,7

Jl 2,14;

Am 5,15

Mt 12,41;

Ef 3,6

Lc 15,28

Ex 34,6-7;

Dt 3,9-10;

Sl 86,15;

103,8; 145,8

Jr 32,18;

Jl 2,13

IRs 19,14

1,4: 2,1

1,4

4,4

Jr 2,5,15;

Ap 7,4

MIQUÉIAS

INTRODUÇÃO

Questões literárias e linguagem. O conteúdo do livro de Miquéias está distribuído conforme um esquema clássico nos textos proféticos: **sentenças de condenação (Mq 1-3, exceto o "bloco errático" 2,12-13, de um lado; Mq 6,1-7,6 ou 7 de outro) e promessas de salvação (Mq 4-5; 7,7 ou 8-20), sucedendo-se conforme uma alternância regular.** Evidentemente, esta distribuição é obra de redatores posteriores à composição dos oráculos. Surge assim a questão da autenticidade dos elementos neles contidos. Os caps. 1-3 e 6,1-7,6 são quase unanimemente atribuídos a Miquéias de Moréshet, que viveu no séc. VIII; os vv. 2,12-13 e a liturgia de 7,8-20 são situados em geral na época do retorno do Exílio, depois de 536. Os caps. 4 e 5 mantêm-se como objeto de discussão; alguns os vêem como um conjunto de oráculos pós-exílicos, outros reconhecem neles um substrato miqueiano reelaborado em sucessivas releituras. A questão continua aberta.

Tal como está, o livro apresenta as formas literárias clássicas herdadas da tradição profética: advertências, repreensões, oráculos de julgamento, requisitos ou processos de aliança, promessas de salvação, fragmentos litúrgicos. Mas, na medida em que se pode sondar o substrato original dos textos, aparece claramente que Miquéias lhes imprimiu sua marca pessoal: diversas vezes, a condenação transforma-se em lamentação (Mq 1,2-16 e 7,1-7), marca de uma sensibilidade vibrante que o profeta nem sempre consegue dominar. Será seu conflito com os responsáveis oficiais que o leva a afirmar seu interesse pelos gêneros do processo (1,1ss.; 6,1-8) e da controvérsia (2,6-11)? De vez em quando transparece até a linguagem coloquial. No mais, seu estilo, às vezes conciso a ponto de se tornar elíptico, aproxima-se do de Amós por seu vigor e crueza (2,6; 3,5). O quase sistemático recurso a jogos de palavras às vezes dificulta a compreensão do texto, além do fato de este nos ter chegado em estado bem alterado. O tradutor hesita às vezes quanto ao teor exato de certas passagens.

O profeta e seu tempo. O nome de Miquéias (Miká, Mikáichu) representa uma interrogação abreviada: Quem é como o Senhor? (cf. Mq 7,18) e talvez evoque uma exclamação cultual (Sl 113,5; 35,10; 89,7-9; Is 44,6ss.). O nome aparece na Bíblia com relativa frequência. Convém distinguir nosso profeta-escritor de outro profeta chamado Miquéias, mencionado em 1Rs 22 (= 2Cr 18).

Identifica-se geralmente a pequena aldeia de Moréshet, pátria de Miquéias (conforme 1,1), com o atual Tell el-Yudeideh. O profeta provém portanto de Judá, mais exatamente na Baixada situada a oeste da capital. Esta localização tem sua importância em vista do tempo e dos acontecimentos históricos aos quais o livro alude.

A mensagem. A pregação de Miquéias concerne essencialmente à situação moral e religiosa de Judá. Os hierosolimitanos julgam poder apropriar-se da aliança com garantia da inviolabilidade de sua cidade. Falsa segurança, denuncia Miquéias. Permanecendo Deus fiel à seu compromisso, o homem poderia considerar-se dispensado do seu! Ora, em Jerusalém, a corrupção dos poderosos tomara dimensão assustadora, profetas e juízes mais preocupados com seu proveito que com a verdade e a equidade de que são responsáveis. Alargou-se o fosso entre proprietários e pobres, a situação social é deplorável. Os cultos são celebrados com fausto, mas não implicam conversão do coração. O mal se tornou tão radical que Samaria e Jerusalém aparecem como a personificação do pecado (Mq 1,5). O castigo, consequência do julgamento de Deus, estará à altura de sua rebeldia. O fato de ter anunciado este julgamento granjeará a Miquéias, na história, a fama de profeta de desgraça (Jr 26,18). Contudo, não convém ver na catástrofe que se aproxima da cidade santa a manifestação de uma ira cega e implacável, mas antes o julgamento de um Deus que não tolera a injustiça. O profeta se refere a um ideal da Aliança resumido na admirável fórmula de Mq 6,8: Israel é julgado em função de sua eleição.

Todavia, o livro de Miquéias não se restringe a perspectivas sombrias. O castigo talvez se transforme em apelo à conversão. Deus já está preparando uma renovação no humilde clã de Efrata (Mq 5,1-5), onde se espera um rei messiânico descendente de David. A reunificação das tribos dispersas inaugura a grande paz que se estenderá até os confins da terra. Jerusalém tornar-se-á centro de atração universal, e as nações acorrerão de toda parte, para nela encontrar Deus e receber sua Palavra (Mq 4,1-5). Fonte de bênçãos para as nações convertidas ao Senhor, o pequeno resto israelita desempenhará em relação aos povos rebeldes o papel de instrumento da vingança divina. Toda falsa segurança humana, todo culto mentiroso, toda prática idolátrica serão varridos. Israel entregar-se-á totalmente a Deus e só esperará sua salvação de uma iniciativa divina.

Conforme o título do livro, Miquéias exerceu seu ministério sob os reis Iotâm, Acaz e Ezequias de Judá, ou seja, entre 750 e 697. É contemporâneo do Primeiro Isaías. Nenhum texto, todavia, permite afirmar com certeza sua manifestação no tempo de Iotâm; convém antes pensar no fim do reinado de Acaz. De outra parte, será que o título registra toda a atividade do profeta? Alguns passos extremamente duros talvez se refiram ao impio rei Manassés e sua época. Nesta hipótese, o

ministério de Miquéias se estenderia de 725 a 680. Este período foi marcado por dois fatos importantes. Em primeiro lugar, a queda de Samaria, em 722, depois de sucessivas crises dinásticas. Miquéias viveu esta catástrofe: anuncia-a em 1,6-7. O outro grande fato histórico consiste na invasão da Baixada por Senaquerib, em 701. A pátria do profeta fica de repente incluída na zona de ação dos exércitos assírios. Miquéias chega a ver a desgraça aproximar-se de Jerusalém, cuja queda considera inevitável (1,8-16 e 3,12).

Miquéias vê-se assim envolvido na tormenta que atinge sua terra. Mas, à diferença de Isaías, não se envolve de modo prático no jogo político. Nunca se pronuncia, por exemplo, sobre os esforços diplomáticos dos responsáveis. Ao contrário, considera os acontecimentos consequência inelutável do pecado de Israel, a saber, a injustiça social e o conluio com os cultos estrangeiros.

Na sua luta, Miquéias aparece como um homem solitário, só diante do povo cujo sofrimento partilha, só diante dos poderosos (sacerdotes, juízes e príncipes, cf. Mq 3), só diante dos profetas cegos que anunciam um futuro de felicidade e facilidade (Mq 2,6-11). Mas enfrenta-os com coragem, consciente de ser conduzido pelo espírito do Senhor, que lhe dá a força de cumprir sua missão (Mq 3,8).

1 **Título.** 'Palavra do SENHOR que veio a Miquéias de Moréshet, nos dias de Iotâm, Acáz e Ezequias, reis de Judá; visões que teve^a sobre Samaria e Jerusalém.

Solene condenação de Israel

Is 1.2 ² Escutai, povos todos^b!
Estai atentos, terra e o que a povoa.
O Senhor DEUS vai depor contra vós^c,
o SENHOR, em seu santuário.

Am 4.13 ³ Eis que o SENHOR sai de sua morada.
Desce, caminha pelos lugares altos
da terra.

Sl 97.5 ⁴ As montanhas se derretem sob seus
passos,
o fundo dos vales fende-se,
qual cera ao fogo,
como água derramada num declive.

⁵ Tudo por causa da rebelião de Jacó,
por causa dos pecados^d da casa de
Israel.

Qual é a rebelião^e de Jacó?
Não é Samaria?
Quais os lugares altos^f de Judá?
Não é Jerusalém?

3.12 ⁶ Vou fazer de Samaria um campo de
ruínas,
uma terra para vinhedos.

Farei rolar suas pedras pelos barrancos, **Lc 19.44**
seus alicerces, eu os porei à vista.

⁷ Serão quebradas todas as suas estátuas,
seus ganhos todos lançados às
chamas.

Todos os seus ídolos, eu os
despedaçarei

porque, acumulados com ganhos de **Os 2.14**
prostituta,
ganhos de prostituta tornarão a ser^g.

Lamentação do profeta

⁸ Por isso vou lamentar-me e gritar de **Jr 8.18-23**
dor^h. **Jl 15.35-44;**
Is 10.26-32

Caminharei descalço e nu. **2Sm 15.30;**
Entoarei lamentação semelhante à **Is 20.2-4**
dos chacais, **Jó 30.29**

⁹ Irreparável é o golpe que a atinge!ⁱ
Pois chega a Judá,
até tocar a porta do meu povo,
até Jerusalém.

¹⁰ Em Gat, não façais proclamação^j. **2Sm 1.20**
... chorai^k.
Em Bet-Leafrá,
rola na poeira^l.

¹¹ Passa...
habitante de Shafir,
envergonhada e nua^m.

a. Lit. Palavra... que foi para Miquéias... que ele viu sobre...

b. Lit. Escutai, povos eles todos.

c. Contra ou no meio de.

d. Pecados: hebr. plural; gr. singular, talvez a leitura original.

e. Lit. Quem é a rebelião... A rebelião é personificada.

f. Lugares altos: gr. pecado. Dado o paralelismo dos estíquios e a correspondência com o início do versículo, onde já se encontra a dupla rebelião-pecado, é provável que o termo "lugares altos" venha de uma releitura, sendo "pecado" a palavra primitiva. O autor vê nos cultos ilícitos, celebrados nos lugares altos, a manifestação por excelência da rebelião de Israel.

g. Ganhos: bens adquiridos com salários, mas também oferendas votivas consagradas aos falsos deuses. Os dons concedidos às prostitutas sagradas deviam servir para embelezamento dos templos. Depois de haver quebrado os ídolos, o conquistador assírio utilizará o metal precioso para de novo pagar a prostituição.

h. Lamentação sobre doze cidades da Baixada, a sudoeste de Jerusalém. Na maioria, são identificadas; a exata localização de algumas ainda é objeto de conjecturas. Todas estão situadas na passagem dos exércitos de Sennacherib, vindo da Filistia para Jerusalém, em 701.

i. Lit. os golpes dela. A catástrofe é aqui descrita como uma onda cada vez maior, até ameaçar a capital da terra. "até a porta de Jerusalém". Sugere a invasão de Judá por Sennacherib em 701.

j. Citação da elegia de David sobre Saul e Jônatan (2Sm 1.20). Outra alusão às proclamações da realeza pela menção a Adulâm (v. 15), refúgio do David proscrito. Será um modo de sugerir que a iminente catástrofe entra na série dos castigos infligidos por Deus à realeza israelita?

k. Até o fim do capítulo, o hebr. está em desordem. É resultado, em parte, de ser a lamentação construída na base de aliterações, assonâncias e jogo de palavras entre os nomes de cidades e as desgraças que lhes sobrevêm. Por ocasião da transmissão do texto, estas finezas não foram percebidas com suficiente nitidez, e o texto ficou alterado. Em alguns casos, só se pode fazer conjectura ou confessar ignorância. — No v. 10, lit. não choreis choro. A negação não se encaixa e deve constituir o elemento de um nome de cidade não atestado em nenhum outro lugar da Bíblia, a menos que se pense em Qeila de Js 15.44.

l. Rola na poeira ou na poeira eu rolei. Jogo de palavras entre Bet-Leafrá e afar. poeira.

m. Lit. nudez de vergonha. Expressão que contrasta com o nome da cidade Shafir ("a beleza").

Não mais sairá^a, a habitante de Şaanan.
Lamento em Bet-Êşel!

Todo apoio vos é tirado^a.

¹² Deveras enferma está
a habitante de Marot^b.

Realmente a infelicidade desceu da
parte do SENHOR

à porta de Jerusalém.

SI 20,8 ¹³ Atrela os corcéis ao carro,
habitante de Lakish^c

— ali está a origem do pecado para
a filha de Sião,

porque em ti se encontram as
rebeldias de Israel^d —.

¹⁴ Por isso redigirás uma ata de divórcio
para Moréshet-Gat^e.

As casas de Akzib serão um engodo
para os reis de Israel^f.

¹⁵ De novo farei vir sobre ti o
conquistador,
ó habitante de Marcshá^g.

ISm 22,1 ¹⁶ Até Adulâm ir-se-á a glória de Israel.

Jr 7,29; Is 22,12

¹⁷ Raspa a barba, corta os cabelos,

por causa dos filhos que amavas^h;

torna-te tão calvo quanto o abutreⁱ,
porque foram exilados para longe de
ti.

Jr 31,15
Am 8,10

2 Contra os exploradores

¹ Ai dos que projetam a maldade
e em seus leitos tramam o mal!

IRs 21

SI 36,5;

Pr 6,18;

Ez 11,2

Ao romper da aurora, eles o executam,
pois o poder está em suas mãos.

² Se cobiçam campos, roubam-nos;
se casas, delas se apoderam.

Ex 20,17;

Is 5,8

Am 4,1

Agarram o dono e sua casa,
o homem e seu patrimônio^a.

³ Por isso, assim fala o SENHOR:

Projeto infelicidade para essa gente;
Não podereis livrar vossos pescoços

nem caminhareis de cabeça erguida,
porque será um tempo de desgraça.

Am 5,13

⁴ Naquele dia lançarão contra vós um
panfleto,

será entoada uma queixa — já está
feito^b —,

dirão: “Fomos completamente
devastados.

Apoderam-se do quinhão de meu
povo^c.

Como chegam a mo arrebar^d?

Entre rebeldes repartem nossos campos^e.”

⁵ Por isto, não encontrarás ninguém
que meça para ti uma parte^f na
assembléia do SENHOR.

Is 34,17;

Am 7,17;

SI 16,5-6;

78,55

n. Jogo de palavras entre *Şaanan* e *yaşah*, “sairá”.

o. Lit. *seu apoio*.

p. Jogo de palavras sobre o sentido de *Marot*, cuja raiz quer dizer “amarga”.

q. Jogo de palavras entre *Lakish* e *larêkesh*, “às parelhas”, “aos corcéis”. A cidade deveria estar na lista das cidades de carros construídas por Salomão (IRs 9,19; 2Cr 9,25). Aparece de novo aqui a vigorosa polêmica dos profetas contra os carros e os cavalos, por depositarem os reis maior confiança em meios humanos do que no Senhor.

r. O fim do versículo seria uma glosa explicativa.

s. *Moréshet* lembra *meorashá*, “a noiva”: não é clara a interpretação. Para alguns, o tratado em que Judá deverá aceitar a separação de *Moréshet*, sua noiva, equivaleria a uma ata de divórcio. Outros pensam que o povo eleito terá de entregar um dote, um tributo sem dúvida, ao conquistador, o novo senhor, báal — palavra que também quer dizer “marido” — da cidade. A evocação de *Moréshet* mostra que o profeta foi ferido naquilo que possui de mais caro, sua pequenina terra. Todas as cidades mencionadas nesta lamentação estão situadas próximo de seu lugar de origem.

t. Jogo de palavras entre *Akzib* e *akzab*, “mentira, engano”. Poderia esta cidade ser um posto avançado de Judá.

u. Assonância entre *hayyoresh*, “o conquistador”, e *Mareshá*. Também se pode ler: *Ser-te-á dado um herdeiro?* e pensar no duplo sentido de *yoresh*: não será um herdeiro que virá, mas um conquistador.

v. Lit. *os filhos de teu prazer*. A tonsura é um rito de luto.

w. O pescoço do abutre é em parte depenado.

x. Esta vigorosa denúncia das injustiças sociais está na linha das preocupações dos outros profetas do séc. VIII. Amós, Oseias, Isaías. A estrutura estatal, imposta pela implantação da realza, suplantou a antiga disposição da liga sacral, mas não soube conservar os valores de igualdade e de fraternidade que se ligavam à antiga situação. Ela deu origem à divisão em classes, uma oposição sempre mais evidente entre uma elite atraída pela isca do ganho e a massa popular. Cada vez mais esmagados por pesados encargos, esses trabalhadores eram progressivamente reduzidos a servos, ou mesmo a escravos.

y. Glosa de copista.

z. Gr. *O quinhão de meu povo é medido a cordel*. As terras eram periodicamente redistribuídas por sorteio, no curso de uma cerimônia cultual.

a. As censuras de Miquéias de modo algum provêm de demagogia. Aquilo que aqui é denunciado é principalmente e antes de tudo, a infidelidade aos compromissos da Aliança. Esta representa o ideal de comunhão e de fraternidade religiosa comprometido pela despuorida exploração dos pobres. Logicamente segue-se a sanção: o pecado acarreta a ruptura da Aliança e a repartição da Terra Santa entre os infieis constitui seu mais evidente sinal.

b. Lit. *tu não terás ninguém para lançar o cordel sobre uma porção em...* O v. 5 retoma, de maneira mais concisa, a condenação dos vv. 3-4. Dirige-se tanto ao povo visto como a unidade, como a cada indivíduo que o integra.

A Palavra de Deus a serviço de interesses humanos

Is 30,10;
Jr 11,21;
Os 9,7-8;
Am 7,16;
2.12

6 “Não delireis, deliram eles^c; não se há de delirar deste modo: não, o ultraje^d não se afastará.

7 Teria sido dito isto, casa de Jacó? Ter-se-á esgotado a paciência do SENHOR? Será esta sua maneira de agir? Não são benevolentes suas palavras^e para quem anda direito^f?”

8 Ontem, meu povo se erguia contra um inimigo;

Ex 22,26;
Dt 24,
13.17

De cima da túnica, tirais o manto^g daqueles que, ao voltar da guerra, passam com toda a segurança.

9 Quanto às mulheres de meu povo, vós as expulsais, cada qual da casa que amava.

Ex 22,
21-23;
Dt 27,19;
2Rs 4.1

De seus filhos arrebatais para sempre a honra que vem de mim^h.

10 Levantai-vos, parti; não é mais hora de repouso.

Por tua inuidície, provocas a destruição, e a destruição será pungente.

11 Houvesse alguém a correr atrás do vento propagando mentiras:

Jr 5,31
Am 2,12

“Por vinho e bebida forte, vou delirar em teu favor”, este seria então o pregador desse povoⁱ.

O Senhor reúne o rebanho dos exilados

Ez 34;
37,15-28

12 Vou reunir-te, Jacó, todo inteiro,

vou reunir o resto de Israel.

Eu os porei todos juntos, como ovelhas de Boşrá^j, como um rebanho em sua pastagem. E delas subirá um rumor humano^k.

13 Já subi, diante deles, aquele que abre a brecha; abriram a brecha; passaram por uma porta; por ela saíram; adiante deles, seu rei passou, o SENHOR, à sua frente^l.

Is 62,10

Is 52,11;

Jr 50,6-8

Is 45,1-2

3 Contra os chefes que abusam do poder

1 E eu digo:

escutai, chefes de Jacó, magistrados da casa de Israel:

Os 5,1

Não compete a vós conhecer o direito?

2 Vós que odiais o bem e amais o mal, que arrancais a pele das pessoas, e a carne, de seus ossos.

Is 5,20;

Am 5,14-15

3 Aqueles que comem a carne de meu povo, raspam-lhe a pele,

Ez 34,10

quebram-lhe os ossos, trincham-nos como carne na panela^m, como assado no fundo do caldeirãoⁿ,

Is 3,15

4 quando clamarem ao SENHOR, este não lhes responderá.

Jr 11,11

Ez 8,18

Esconderá deles a face, naquele tempo, por causa dos crimes que cometeram.

Sl 13,2;

22,25;

Is 59,2;

e. O termo hebr. significa “deixar correr, salivar, babar, pingar”. Em Am 7,16, como em Mq 2,6, foi posto na boca dos adversários do profeta, a fim de qualificar, em sentido muito pejorativo, seu ministério. Aqui e em 2,11, Miquéias lhes devolve o cumprimento (cf. também Ez 21,27).

d. O ultraje: hebr. plural. Os vv. 6-7 são palavras dos inimigos do profeta. Apóiam-se na teologia popular, que interpreta de maneira incondicional o socorro divino. Por isso, ao citar uma de suas palavras: Não, o ultraje não se afastará, censuram Miquéias de anunciar o castigo e castigo duradouro.

e. Suas palavras, segundo o gr.; hebr. *minhas palavras*.

f. Lit. *o justo que caminha*.

g. O manto serve também de cobertor para a noite e, por esta razão, era um bem inalienável. Não era lícito retê-lo como penhor permanente (Dt 24,10-13).

h. Com certeza, o direito à herança. De fato, pode-se compreender “a honra que eu lhes dei, quando da partilha da Terra Santa”, em 2,4c. A acusação inteira parece visar às espoliações e desapropriações injustas.

i. O falso profeta exige que lhe deem bebidas inebriantes. Trata-se então talvez de alusão às orgias dos ricos (Am 4,1; Is 5,11.22s., etc.). Em vista do jogo de palavras entre *shekar*, “be-

bida inebriante”, e *sheqer* “mentira”, parece que aqui se sugere o delírio extático, provocado artificialmente, sobretudo por meio da bebida. O termo “pregador” traduz aqui a palavra hebr. que significa “babar” e que, em todos os outros passos do texto, foi traduzido pelo verbo “delirar”.

j. Se se aceita a possível releitura do final do v. (cf. nota seguinte), trata-se talvez de Boşrá de Edom (Gn 36,33; Am 1,12), melhor do que Boşrá de Moab (Jr 48,24).

k. Texto hebr. duvidoso. Pode-se traduzir também: *E seu murmúrio eleva-se de Edom*.

l. Estes dois vv. 12-13 estão provavelmente deslocados. Neles reconhece-se em geral uma releitura de origem pós-exílica ou exílica. A idéia da reunião do rebanho reencontra-se em Jr 23,3-7 e sobretudo em Ez 34; aqui se trata justamente de um rebanho de homens (Ez 34,31). A brusca mudança de tempo do v. 12 ao 13 explica-se bem pelo uso do passado profético: o vidente apresenta como já realizado um acontecimento que acredita iminente.

m. Seguimos o texto gr. O hebr. traz: *eles cortarão de acordo com o que na panela (há)*.

n. Imagem realista e brutal, reutilizada por Ez no quadro do simbolismo do rebanho (34,10; cf. 34,18).

Contra profetas gananciosos e venais⁵ Assim fala o SENHOR

contra os profetas que desorientam
meu povo:

Podem eles morder com tanto gosto?
Proclamam a paz;
mas a quem não lhes põe nada na boca,
declararam a guerra santa.

⁶ Por esta razão, para vós, é noite;
nada de visão.

Para vós, são trevas; não mais
adivinhação.

O sol se porá sobre os profetas,
o dia sobre eles se escurecerá.

⁷ Vergonha para os videntes,
confusão para os adivinhos!
Cobrirão todos eles a barba^a,
porque Deus não responde.⁸ Eu, ao contrário — graças ao
espírito do SENHOR —
estou cheio de força,
de senso do direito e de coragem,
para revelar a Jacó sua rebeldia
e a Israel, seu pecado^a.**O castigo: a ruína de Jerusalém**⁹ Escutai, portanto, chefes da casa de Jacó,
magistrados da casa de Israel,
que tendes horror ao direito
e tornais tortuosa toda retidão,¹⁰ edificando Sião no sangue
e Jerusalém, no crime.¹¹ Seus chefes proferem sentenças por
gorjeta,
os sacerdotes ensinam por lucro,
os profetas praticam a adivinhação
por dinheiro.

E é sobre o SENHOR que se apóiam
ao dizer:

"Não está o SENHOR no meio de nós?"

Não, a desgraça não cairá sobre nós."

¹² Por isto, por culpa vossa,

Sião será lavrada como um campo,
Jerusalém se tomará um monte de ruínas,
e a montanha do Templo, uma altura
coberta de espinhos^a.

Jr 26,18

1,6-7

Mt 23,38

Jr 7;

Jo 2,19-21

4 Todas as nações acorrerão a Jerusalém¹ Acontecerá no futuro

Is 2,2-4

que a montanha da Casa do SENHOR
será estabelecida no cume das montanhas
e dominará as colinas.

Jo 4,21-24

Mt 5,14

Povos para ali acorrerão.

Jr 51,44

² Nações numerosas por-se-ão a caminho
e dirão:

Is 66,18-20;

Ag 2,7;

Zc 8,20;

Jr 31,6

Is 56,6-8

"Vinde, subamos à montanha do SENHOR,
à casa do Deus de Jacó.

Ele nos mostrará seus caminhos
e andaremos por suas veredas.

Is 60,11-14

Sim, de Sião é que vem a instrução
e de Jerusalém, a Palavra do SENHOR^a."

Is 51,4

³ Ele será Juiz entre numerosos povos,
árbitro de nações poderosas, mesmo
distantes.

Martelando suas espadas, delas farão
relhas;

Ez 39,9

Jl 4,9-11

e de suas lanças, enxadas.

Ninguém mais brandirá a espada,
nação contra nação.

não mais aprenderão a guerrear.

⁴ Ficará cada qual sob sua vinha e sua
figueira,
ninguém os perturbará.

Pois a boca do SENHOR de todo poder
falou.

⁵ Se todos os povos caminham cada
qual em nome de seu deus,

nós caminhamos em nome do SENHOR,
nosso Deus, para todo o sempre^a.

Is 2,5

o. Lit. *cobrirão o bigode*. Este gesto, equivalente a tapar o rosto, expressa a impureza (Lv 13,45) ou o luto (Ez 24,17-22). Expressão análoga em 7,16.

p. Aos profetas de mentira que dão oráculos em proporção com as dádivas que recebem, Miquéias opõe a figura do profeta fiel, que não teme proclamar a verdade, seja pesada e humilhante para os ouvintes e perigosa para ele. O profeta aparece aqui como mensageiro do julgamento, mas sua coragem, sua capacidade de discernimento lhe vêm do "espírito do Senhor". Esta última expressão talvez seja glosa explicativa.

q. *Uma altura*, segundo o gr.; hebr. *alturas*, termo técnico

para designar os lugares altos idólatras. É a primeira vez que em Jerusalém ressoa o anúncio de uma destruição tão radical da cidade e de seu santuário. O oráculo causará tal comoção que, um século mais tarde, os ouvintes de Jeremias o evocarão como que espontaneamente (Jr 26,18).

r. Nos tempos escatológicos, Sião, novo Sinai, donde sairá a Lei, deverá exercer em relação às nações pagãs a mediação sacerdotal e profética, que sacerdotes e profetas exerceram para com ela durante a história da salvação.

s. Os vv. 1-4 encontram-se também em Is 2,2-4, sem grandes diferenças. Somente a conclusão (Is 2,5), mantendo um movi-

Ajuntamento do que estava disperso

^{Ex 34} ^{Ex 37,21} ^{Gn 32,32} ^{Sf 3,19} ^{Jr 23,3} ⁶ Naquele dia — oráculo do SENHOR —
eu ajuntarei os mancos,
reunirei o que está disperso,
o que eu maltratei.

⁷ Dos mancos farei um resto;
do que está afastado, uma poderosa
nação.

^{Is 52,7} Na montanha de Sião, o SENHOR será
seu rei
desde agora e para sempre¹.

^{2Cr 33,14} ⁸ E tu, torre do rebanho, alto^a da filha
de Sião,
a ti voltará a soberania de outrora,
a realza que compete à filha de Jerusalém.

A filha de Sião, provada e libertada

⁹ Agora, por que soltas gritos?

^{Jr 8,19} Não há rei em teu meio?
Estará perdido teu conselheiro,
para que a dor te invada
como à mulher que dá à luz?²

¹⁰ Torce-te de dor e grita, filha de Sião,
como a mulher que dá à luz,
porque agora vais deixar a cidade,
irás morar nos campos,
chegarás a Babilônia.
Lá tu serás libertada,

^{Jr 31,11} lá o SENHOR te resgatará da mão de teus
inimigos.

¹¹ Mas agora se juntaram contra ti^a
muitas nações,
que dizem: "Seja ela profanada;
que nossos olhos se regalem à vista
de Sião³."

¹² Elas não conhecem os projetos do
SENHOR,
não percebem suas intenções:
ele as ajuntou como feixes na eira.

¹³ De pé, pisa o grão, filha de Sião;
teus chifres, eu os tornarei de ferro;
teus cascos, de bronze⁴.
Calcarás povos numerosos,
votarás^a em anátema seus despojos
ao SENHOR,
suas riquezas, ao dono de toda a terra.

Jerusalém sitiada

¹⁴ Faze, agora, incisões, filha bandoleira^b,
estamos sitiados.
Com a vara, batem no rosto do juiz
de Israel^c.

5 Advento do príncipe messiânico

¹ E tu^d, Bet-Lehem Efrata^e,
pequena demais para ser contada
entre os clãs de Judá^f,
de ti sairá para mim^g
aquele que deve governar Israel.
Remontam à antiguidade suas origens,

mento análogo ao de Mq 4,5, tem conteúdo diferente: *Casa de Jacó, vinde e caminhemos à luz do Senhor*. Quanto aos temas referentes à subida das nações para Jerusalém, cf. Is 56,4-8; 60; 66,18-20; Ag 2,7; Zc 8,20-23.

t. O tema dos vv. 6-7 liga-se intimamente ao de 2,12-13, que anuncia o reajuntamento dos exilados e sua volta a Sião.

u. Lit. *Ófel*. Termo indicando primitivamente um tumor, depois uma elevação do terreno, afinal o equivalente a uma acrópole. Em Samaria e Jerusalém tornou-se nome próprio de lugar.

v. A espera da realização da otimista visão do futuro nos vv. precedentes, o profeta no oráculo de 4,9-13 volta à dolorosa situação do tempo presente. Contudo ele a vê sempre numa perspectiva de esperança e de promessa.

w. Na Bíblia, muitas vezes as provações previstas para o fim dos tempos são comparadas às dores do parto (Jr 4,31; 6,24; 22,23; 30,6; 50,43; Is 54,1-3; 66,7-9).

x. O tema da reunião das nações para o combate final reencontra-se em Is 38-39; Zc 14,2; Jl 4,9-17; Ap 20,8-9.

y. A contemplação da Jerusalém em ruínas provoca nas nações uma alegria maldosa.

z. Sião é comparada a um boi pisando o grão, mas o quadro perde logo algo de sua coerência: não se bate o grão com chifres. Fundem-se aqui duas imagens: como o boi, ela calca aos

pés os povos, mas também os despedaça com chifres, como um animal enfurecido.

a. *Votarás*: gr. e versões; hebr.: *votarei*.

b. Lit. *filha de bando*. Jogo de palavras intraduzível; os termos hebr. correspondentes a *incisão* e *bando* têm uma raiz muito semelhante. A filha de Sião está reduzida ao estado de bando mais ou menos desorganizado, que tem de contentar-se com algumas tentativas desesperadas para repelir o sitiante. O gesto de se fazer incisões pode ser considerado um costume de luto (Jr 48,37) e um rito mágico, que chama a divindade a intervir (1Rs 18,28).

c. O juiz de Israel representa com certeza o responsável pela comunidade.

d. As tradições judaica e cristã sempre viram neste oráculo uma profecia messiânica a anunciar a vinda de um personagem futuro, encarregado de governar Israel. Suas origens são as da família real de Judá. Pois, nascido em Bet-Lehem, o pastor do rebanho messiânico aparece como novo David (cf. 1Sm 16; 2Sm 5,2; 7,8). Mt vê a realização desta promessa no próprio nascimento de Jesus (Mt 2,6).

e. Gr. *Belém, casa de Efrata*; Mt 2,6 *Belém, terra de Judá*.

f. Mt 2,6: *Tu não és de formu alguma a menor das capitais-de-distrito de Judá*.

g. Provavelmente é o Senhor quem fala; sua causa identifica-

aos dias de antanho.

- ² Por isso, Deus os abandonará
até o tempo em que dará à luz
aquela que deve dar à luz.

Is 7,14;
54,1-10;
66,7-9

Então o que houver restado de seus
irmãos
se reunirá aos filhos de Israel.

- ³ Ele^h estará de pé e apascentará seu
rebanhoⁱ

2Sm 5,2;
Sl 72,3-4;
78,70-72

pelo poder do SENHOR,
pela majestade do Nome do SENHOR,
seu Deus.

Eles se instalarão, porque grande ele
será

até os confins da terra.

- ⁴ Ele próprio será a paz.

Sl 72,7

Se acaso Assur penetrar em nossa
terra,

e pisar em nossos palácios^j,
incitaremos contra ele sete pastores,
oito príncipes humanos^k.

- ⁵ Irão apascentar a terra de Assur com
a espada,

Jr 23,4

e a terra de Nimrod com o punhal^l.
Mas ele nos libertaria de Assur,
no caso em que este entrasse em
nossa terra
e pisasse nossas fronteiras.

Gn 10,8-10

O resto das nações no fim dos tempos

- ⁶ O resto de Jacó será então,
entre numerosos povos,
como um orvalho vindo do SENHOR,
um chuvisco sobre a relva,
que nada espera do homem
e nada aspira dos filhos de Adão.

Gn 27,28;
Dt 33,13;
Os 14,6

- ⁷ O resto de Jacó será então
entre as nações^m,
no meio de povos numerosos,
como um leão entre os animais da
floresta,

Gn 49,9;
Nm 23,24;
24,9

como um filhote de leão no meio de
rebanhos de carneiros;
quando ele passa, esmaga, despedaça;
ninguém pode livrarⁿ.

Is 5,29;
Os 5,14

O Senhor eliminará ídolos e apoios humanos

- ⁸ Levante-se tua mão sobre os adversários
e eliminados sejam todos os inimigos!

Is 1,24

- ⁹ Eis o que acontecerá naquele dia
— oráculo do SENHOR —:

Eliminarai de tua casa os cavalos,
farei desaparecer teus carros.

Is 2,6-8
Ag 2,22;
Zc 9,10

- ¹⁰ Eliminarei as cidades de tua terra
e derrubarei todas as fortalezas.

- ¹¹ Eliminarei de tua mão as feitiçarias,
magos para ti não mais haverá.

- ¹² Eliminarei de tua casa
as estátuas e estelas;
não mais te prosterneiras diante das
obras de tuas mãos.

Ex 23,24;
34,13

Os 14,4

- ¹³ Arrancarei de teu meio teus postes
sagrados,
aniquilarei tuas cidades.

- ¹⁴ Cheio de cólera, com furor,
vingar-me-ei
das nações que não obedeceram.

6 Processo entre o Senhor e seu povo

- ¹ Ouvi, pois, o que diz o SENHOR:
De pé, instaura um processo diante
das montanhas,
escutem as colinas tua voz.

1,2; Dt 32,1;
Is 1,2
Is 3,13-15;
Sl 50,6

- ² Escutai, montanhas, o processo do
SENHOR,
e vós, inabaláveis fundamentos da
terra;

- é este o processo do SENHOR contra
seu povo;

Os 4,1

- contra Israel, ele entra em debate.

- ³ Meu povo, que te fiz eu?

Is 24,2-13

-se com a de Israel. Mt 2,6 esclarece: *de ti sairá o chefe que apascentará Israel, meu povo*, encontrando-se assim Mq 5,1 com 2Sm 5,2.

h. Ele designa o Messias que virá.

i. Apascentará; gr. *verá e apascentará*.

j. Com o gr. e para atender ao paralelismo, muitas vezes se lê: *nosso solo*.

k. Uma série assim de números em progressão significa habitualmente uma quantidade considerável.

l. O punhal, com um manuscrito gr. e de acordo com a lei do paralelismo (*a espada*). A leitura do hebr. *em suas portas* proviria da troca de duas letras.

m. Entre as nações falta em alguns manuscritos e está de sobre em relação ao paralelismo e ao ritmo.

n. Duplo oráculo de rigoroso paralelismo, esclarecendo o papel do resto entre as nações, nos tempos messiânicos. Este papel será positivo ou negativo, segundo o comportamento das nações: submissão ou insubmissão ao Senhor (cf. Mq 5,14).

- Is 43,22-23 Em que te fatiguei? Responde-me.
 Ex 20,2 ⁴ Foi por te haver feito subir do Egito?
 Por te resgatar da casa da escravidão?
 Por enviar-te Moisés, Aarão e
 Miriâm como guias?
⁵ Povo meu, lembra-te
 do que tramava Balaq, rei de Moab,
 do que lhe respondeu Bilcã, filho
 de Beor,
 na passagem de Shitim a Guilgal^a,
 e então reconhecerás as vitórias do
 SENHOR^a.
⁶ Com que hei de aparecer diante do
 SENHOR,
 inclinar-me diante do Deus altíssimo?
 Apresentar-me-ei diante dele com
 holocaustos?
 Com bezeros de um ano?
⁷ Desejará o SENHOR milhares de
 carneiros?
 quantidades de torrentes de óleo?
 Ex 34,20 Sacrificarei meu primogênito pela
 rebeldia?
 o filho de minha carne pelo pecado
 que cometi?
 * Foi-te dado a conhecer, ó homem, o
 que é bom,
 o que o SENHOR exige de ti:
 nada mais que respeitar o direito,
 amar a fidelidade,
 e aplicar-te^a a caminhar com teu Deus¹.



O castigo de Jerusalém, sanção das injustiças sociais

- ⁹ A voz do SENHOR chama a cidade:
 — ele salvará aqueles que temem
 seu nome^a —;
 Escutai, tribo e assembléia da cidade^a.
¹⁰ Poderei eu suportar, ó casa da
 iniquidade,
 tesouros iníquos, uma efá reduzida e Am 8,5
 maldita?^a
¹¹ Posso dar-me por satisfeito^a com
 balanças fraudulentas,
 com um saco de pesos falsificados? Os 12,8
¹² Cidade onde os ricos estão repletos
 de violência
 e seus habitantes falam com hipocrisia;
 cm sua boca, a língua é só engano.
¹³ Tornei-te então doente à força de bater,
 de te devastar, por causa de teus pecados.
¹⁴ Comerás, mas não poderás saciar-te.
 A fome^a se instalará em tua casa.
 Porás de reserva, mas nada se
 conservará.
 Se algo conservasses, eu o entregaria
 à espada.
¹⁵ Tu, tu semearás, mas não colherás.
 Esmagará a oliveira, mas não te Dt 28,
 ungarás com o óleo, 30-33;
 farás correr o mosto, não beberás o vinho. Os 4,10
¹⁶ Guardas^a as prescrições de Omri
 e todas as práticas da casa de Acab. 1Rs 21,25s

o, jogo de palavras por assonância entre *hel'etiká* "eu te fatiguei", e *hel'itiká* "eu te fiz subir". Longe de ter sido o Senhor a fatigar Israel, foi ele que se fatigou por seu povo, fazendo-o subir do Egito. Os vv. 3-5 são queixas comovedoras de Deus ante a ingratidão de Israel, queixas repetidas em algumas liturgias da Sexta-feira Santa.

p. Lit. *desde Shitim até Guilgal*. Estas duas cidades, situadas de um lado e de outro do Jordão, representam respectivamente o ponto de partida e de chegada na travessia do rio (Js 3-5).

q. Lit. *a fim de reconhecer as justiças do Senhor*, proposição final dependente de *lembra-te*. As *justiças do Senhor* são os atos com que mostrou sua justiça para com seu povo, isto é, nas perspectivas bíblicas, a fidelidade a suas promessas de salvação. É toda a epopeia do Êxodo que aqui é evocada: a saída do Egito, a caminhada pelo deserto e a entrada na Terra Prometida.

r. Incapazes de perceber o cunho moral da Aliança, os contemporâneos de Miquéias apegam-se a perspectivas puramente culturais. Julgam satisfazer as obrigações da Torá pela multiplicação de sacrifícios, chegando mesmo à imolação de crianças, costume bárbaro herdado do mundo cananeu, mas formalmente condenado pela Lei (Lv 18,21; 20,2-3; Dt 12,31; 18,10; cf. 1Rs 16,34; 2Rs 16,3; 21,6; Ez 20,26).

s. *Aplicar-te a*: este termo traduz uma palavra rara, de sentido controverso. Poder-se-ia também ver aí expressa uma noção de humildade.

t. Em impressionante contraste com os propósitos de Israel, o profeta traça, em nome de Deus, o programa de uma fé autêntica: o sacrifício só tem valor se integrado numa vida totalmente consagrada a Deus.

u. O texto dos vv. 9-10 está muito estragado e talvez sobre-carregado. *Ele salvará aqueles que temem o seu nome*: como o gr.; hebr.: *teu nome conhecerá o sucesso*. Trata-se, sem dúvida, de uma glosa.

v. *Assembléia da cidade*, segundo alguns mss. gregos; hebr.: *e quem ainda a estabeleceu?*

w. Também se pode ler: *poderei suportar um bat iníquo, tesouros iníquos, uma efá diminuída e maldita?* O bat e o efá são medidas de capacidade.

x. *Poderei aprovar*, com a Vulg.; hebr.: *poderei eu dar-me por satisfeito?*

y. *A fome*: o termo hebr. só aparece aqui e seu sentido não está plenamente elucidado.

z. *Tu guardas*: com as versões gr., sir., Vulg.; hebr.: *ele se empenha em guardar*.

Vós caminhais de acordo com suas diretrizes,
de tal modo que eu te entregarei ao terror,
e teus habitantes^a, à zombaria.
Vós sofrereis a desgraça de meu povo.

7 Lamentação do profeta diante da perversão do povo

¹ Ai de mim! Estou como os ceifadores no verão,

como nas rebuscas da vindima.
Mas não há cacho para comer,
nem um dos frutos precoces de que tanto gosto^b!

² O fiel desapareceu da terra,
não há mais justo entre os homens;
Todos estão à espreita para derramar o sangue;
cada qual prende na rede seu irmão.

³ Suas mãos se agitam para o mal.
Para fazer o bem, o príncipe faz exigências,

o juiz pede gratificação,
o grande fala para satisfazer sua ganância^c...^d

⁴ O melhor deles é como sarça,
o justo, pior do que cerca de espinheiro.
No dia anunciado por tuas sentinelas,
tu intervieste^e;
é agora a confusão para eles.

⁵ Não acrediteis em algum dos parentes,
não confieis num amigo.
Diante daquela que repousa em teus braços,
presta atenção ao que sai de teus lábios!

⁶ Porque o filho trata o pai como louco,
a filha se ergue contra a mãe,
a nora contra a sogra.

Cada qual tem por inimigos as pessoas de sua casa.

⁷ Quanto a mim, estou de atalaia pelo SENHOR,
guardo Deus, meu salvador;
meu Deus me escutará^f.

Liturgia da esperança^a

⁸ Não rias de mim, minha inimiga.

Se caí, eu me levanto,
se moro nas trevas,
o SENHOR é minha luz.

⁹ A indignação do SENHOR, tenho de suportá-la

— porque pequei contra ele —
até que julgue minha causa
e restabeleça o meu direito.
Ele me fará sair para a luz
e contemplarei sua obra de justiça.

¹⁰ Ela bem que o verá, a minha inimiga,
ficará coberta de vergonha;
ela que me dizia:

“Onde está o SENHOR, teu Deus?”
Meus olhos a contemplarão:
será pisoteada,
como a lama das ruas.

¹¹ No dia da reconstrução de tuas muralhas,
nesse dia, tuas fronteiras encolherão,

¹² nesse dia, virão a ti,

desde Assur até o Egito^h,
desde o Egito até o rioⁱ,
de um mar a outro,
de uma montanha a outra.

¹³ A terra se tornará um deserto por
causa de seus habitantes,
será este o fruto de sua conduta.

¹⁴ Apascenta teu povo sob teu cajado,
o rebanho, teu patrimônio,
que mora solitário num matagal,
em meio a pomares^j.

Que ele paste no Bashan e no
Guilead,
como nos dias de outrora.

SI 14,1-3;
Jr 5,1

Is 1,23;
5,23

Jr 6,17;
Hab 2,1

Mi 10,21-35;
Lc 12,53;
Mt 3,24

SI 5,4

5,6;
Is 8,17
SI 18,47

Is 33,1-24;
SI 18
SI 30,2;
35,19;

SI 27,1

SI 41,5

Ab 10

Jl 2,17;
SI 42,11;
79,10;
115,2

Am 9,14

Zc 9,10;
SI 72,8s

Sf 1,18

SI 74,1;
95,7
Dt 9,29

Jr 50,19

a. Teus habitantes, conforme o sentido; hebr.: *seus habitantes*.

b. Estilo solto, sem coordenação; lit. *Sou como os ceifeiros do verão, como rebuscas de vindima, nem um cacho para se comer, nada de fruto precoce, eu gosto*.

c. Lit. *o grão-doce exprime a cupidez de sua alma*.

d. Texto omitido, lit. *ele e eles a torcem* (?). O verbo não é claro e o texto ininteligível.

e. Lit. *tua visita veio*.

f. Também se pode ligar o v. à liturgia que se segue.

g. Os vv. 8-20 são como uma liturgia de esperança, em que

dialogam Israel e Deus, representado este último talvez por um intérprete cultural. Ao ato de fé e de esperança proferido pelo povo (vv. 8-10) responde, da parte de Deus, uma promessa de salvação (vv. 15-17); tudo termina por um hino ao Deus fiel e misericordioso (vv. 18-20).

h. Hebr.: *desde Assur e as cidades do Egito*.

i. *Desde o Egito*; gr.: *desde Tiro*. O rio é o Eufrates.

j. *Pomares*; em hebr.: *karmel*. Aqui o termo é usado no seu sentido comum e não como o nome da célebre cadeia de montanhas. Evoca, sem dúvida, as terras ricas, ocupadas por estran-

- Is 68,7-14 ¹⁵ Como nos dias em que saíste da terra do Egito, eu lhe^k darei a ver maravilhas.
- ¹⁶ As nações olharão, cobrir-se-ão de vergonha, apesar de todo o seu poder;
- Is 52,15 porão a mão sobre a boca; seus ouvidos se ensurdecarão;
- Is 49,23 ¹⁷ lamberão o pó como a serpente, como os animais que se arrastam pela terra.
- SI 18,46 Trêmulas, sairão de suas fortalezas — em direção ao SENHOR, nosso Deus — ficarão aterrorizadas,
- Ex 15,14-16 terão medo de ti.
- ¹⁸ A que Deus te comparar, tu, que tiras o pecado, tu, que passas por cima das rebeldias? Por amor do resto, seu patrimônio, longe de obstinar-se na cólera, tem ele prazer em agraciá^l.
- ¹⁹ De novo mostrar-nos-á sua misericórdia, calcará aos pés nossos pecados. Tu lançarás todas as suas iniquidades no fundo do mar.
- ²⁰ Concederás a Jacó tua fidelidade, e tua graça a Abraão. Assim como juraste a nossos pais, desde os dias de outrora.
- Is 43,11
Jr 50,20;
SI 86,5.15;
130,7
SI 103,1-9
SI 65,4
Gn 12,1-3;
28,13s;
Is 41,8
Gn 22,
16-18;
Lc 1,73

geiros, que circundam o distrito de Judá, enquanto o povo de Israel tem de contentar-se com um solo medíocre, onde só nascem espinheiros.

k. *Lhe* indica o rebanho de que fala o v. 14.

l. A mudança nas pessoas explica-se pela alternância da meditação e da súplica.

NAUM

INTRODUÇÃO

Naum, o “consolador”. O sétimo dos profetas menores, Naum ou “o consolado”, o “reconfortado” (*Nahum*) e que pode consolar, reconfortar (2Cor 1,4), o consolador, não tem nenhum homônimo na Bíblia¹, apenas um sinônimo: *Menahēm* (2Rs 15; At 13,1; cf. 4,36); ver também *Neemias* (Ne 1,1 nota).

Oferece aos seus² o reconforto que num período muito sombrio lhes permite resistir, graças à esperança (cf. Rm 15,4-5).

Esta esperança, que o anima e que ele afirma com grande e vigorosa fé, apóia-se na infalível vitória do Senhor, mesmo quando os inimigos parecem prosperar (1,12; 3,15-17), ao mesmo tempo terríveis como leões (2,12-14) e hábeis na sedução (3,4).

O livro de Naum. Seu livro (1,1) desenvolverá sucessivamente esse tema fundamental em três modalidades diferentes:

1. No início, um salmo (1,2-8). Mais ou menos à maneira da introdução a outros livros proféticos (cf. Am 1,2; Mq 1,2-4; Sf 1,2-3), de modo mais insistente porém, ele nos põe em face daquilo que domina tudo o mais. E, se o Senhor se mostra sobretudo sob o aspecto aterrador de juiz soberano do mundo inteiro, não se negligencia o outro aspecto de seu rosto (cf. vv. 3 e 7), aspecto que, adiante, se manifestará numa luz muito mais viva (cf. 1,3 nota). Este primeiro trecho situa-se, em seu conjunto, num plano bem geral e atemporal; as alusões à história da salvação são discretas (cf. vv. 3-4). Mais para o fim, contudo, parece que se vislumbra o contexto histórico particular do livro (v. 8).

2. Na segunda parte (1,9-2,3) este contexto se delineia. Todavia a interpretação de alguns elementos dos oráculos contidos nesta segunda parte continua delicada (cf. 1,9 notas; 1,12 nota).

3. Por fim, tem-se a celebração da queda de Nínive (2,4-3,19); poder-se-ia mesmo dizer, com mais exatidão, a invocação pela queda de Nínive;

ou ainda a evocação, dando a este termo o sentido forte de apelo eficaz pelo desaparecimento desta Nínive no auge de seu poder. Sucedem-se então quadros particularmente sugestivos, possuindo cada qual sua unidade e realçando diferentes aspectos da cidade e de seu desaparecimento. A cidade adquire valor de símbolo (cf. 1,8 nota), assim como seu castigo e o de seu rei constituem uma lição de alcance universal: De ti, vou fazer um exemplo (3,6). Se o Senhor interveio de modo tão extraordinário, isto se deu, em última análise, para a libertação dos oprimidos (3,19), a salvação dos seus (1,7; 2,13). Vamos contentar-nos com estas poucas indicações sobre o livro em seu conjunto e a articulação das três partes, sem entrar na discussão detalhada dos argumentos apresentados para contestar sua unidade.

Naum e a queda de Nínive. Uma tese engenhosa esforçou-se por apresentar Naum como o formulário de uma liturgia. Esta celebraria, no outono de 612 em Jerusalém, por ocasião do Ano Novo e ensejada pela recente queda de Nínive, um aspecto particularmente importante do triunfo do Senhor sobre seus inimigos. Embora reconhecendo certa orientação cultual dada ao livro pelo salmo inicial, que facilita, após a realização da profecia, uma releitura na ação de graças, os comentaristas atualmente preferem outra interpretação. Aceitam, geralmente, situar a proclamação dos oráculos (que seriam autênticos oráculos proféticos), e até mesmo a composição do livro, antes da queda de Nínive (612) e depois do saque de Tebas (663), a que faz alusão o cap. 3 (vv. 8-10). À procura de indícios mais precisos, nota-se com razão que, segundo 1,13, Judá ainda está sob o guante assírio; isto nos reportaria ao período antes da morte de Assurbanipal (cf. 1,13 nota); mas, por outro lado, impressionados pela vivacidade, o cunho de atualidade de alguns traços dos quadros dos caps. 2 e 3, podemos perguntar se estes

1. Aparecem somente um Naum na genealogia de Jesus (segundo Lc 3,25), junto com outros nomes de profetas (cf. Lc 3,23), e um Nehum em Ne 7,7.

2. Com Jonas, a consolação pelo apelo à conversão será levada a Nínive, que, para Naum, permanece inconsolável (3,7).

*não evocam como fatos recentes a invasão da Assíria (3,12-13) e talvez mesmo o início do sítio de Nínive (2,2.4-5; 3,2-3.14), justamente pelos babilônios e medos, cujos exércitos exibiriam a cor vermelha (2,4)*³. Todavia, quem assim pensa não estaria deduzindo, de descrições fantasiosas, minúcias que o texto não tenciona fornecer? De resto, alusões mais seguras da segunda parte do livro parecem contradizê-las.

Não correríamos o risco de nos enganar quanto às intenções do profeta e à natureza daquilo que ele evoca com tanta imaginação? Sua preocupação, sua missão não é tirar as consequências imediatas da análise superficial de determinada situação política. Quer, antes do mais, exprimir a visão da fé em face dos compatriotas desamparados e contribuir para inserir esta visão na história, ao pronunciar a palavra eficaz de Deus que lhe é comunicada. Por esta razão, um comentário de Naum editado em 1971 prefere situar a proclamação dos oráculos e a composição do livro nos meses que se seguiram imediatamente ao grande acontecimento de 663 (cf. 3,8 nota), e não nas proximidades de 612; tudo a partir de um conjunto de dados indicados nas notas à presente tradução. Vários indícios explorados por outras posições críticas também estão aí assinalados.

Pode-se acrescentar, a título inteiramente secundário, que, segundo a tradição de interpretação delicada veiculada por Th 14,4 (cf. também os vv. 12-15), Naum era considerado um profeta que teria predito o futuro a longo prazo⁴; e que, de acordo com Séder Olâm, crônica rabínica contemporânea da Mishná, ele e Joel teriam exercido seu ministério sob Manassés⁵.

O profeta Naum. Sem deixar de notar características particulares da poesia hebraica ou da poesia em geral na linguagem de Naum, tem-se elogiado sobretudo o valor literário do livro em seu conjunto, quer se trate do hino inicial (cf. 1,2 nota) ou da vivacidade das interpelações e descrições da segunda e da terceira partes. O título do livro: visão (1,1) é muito característico; Naum vê e faz ver.

Contudo, o que mais impressiona na acuidade de sua visão é a paixão que o anima, o ardor de

sua fé: apesar das aparências, afirma, com a força da inabalável convicção vinda do alto, que a vitória será do Senhor, que ela já lhe pertence.

Por isto, para além das antíteses superficiais que alguns quiseram descobrir entre Naum e os grandes profetas, como Jeremias, tem-se de reconhecer nele a manifestação de um dinamismo haurido de excepcional comunhão com o Deus vivo, com o Senhor, dono da história e de todo homem.

Se, por exemplo, considerando o paralelismo de 1,13 com Jr 28,11, formos tentados a classificar Naum entre os profetas do tipo de Hananiá, contra o qual se insurge Jeremias, bastará virar duas ou três páginas do livro deste profeta para descobrir Jr 30,8: perceberemos então que também Jeremias predisse a libertação após o castigo, em termos análogos como fizera Isaías (por ex., em 10,5-9.24-27). Não nos deve surpreender o fato de não encontrarmos, nos quarenta e sete versículos de Naum, todos os aspectos da pregação profética encontrados na suma que é o livro de Jeremias. Sabemos que o ciúme do Senhor mostra sucessivamente faces diferentes (1,2 nota); não é, pois, de admirar que as vozes de seus arautos exibam tonalidades tão variadas! Solidários no seio da mesma tradição, sabem inspirar-se discretamente um no outro, prolongar-se ou completar-se Jonas, por exemplo, amplia os horizontes de Naum. Joel que utiliza, assim parece, algumas vezes elementos da descrição da queda de Nínive⁶, deles se serve na linha de Naum, para anunciar um acontecimento de alcance ainda mais universal, o do dia do Senhor. Sabe-se também com que amplitude Joel explorará a imagem dos gafanhotos e locustas de Naum (3,15-17) para descrever a provação por excelência (Introd. a Joel). E poder-se-iam multiplicar tais concordâncias com muitos outros profetas.

As notas à tradução aqui proposta assinalam as divergências entre as principais testemunhas do texto; entre outras, de fragmentos de comentário encontrado em Qumran. Este Comentário, datado de uns cem anos antes de nossa era, atesta, a seu modo, que vários fiéis souberam encontrar em Naum uma palavra de Deus capaz de esclarecer qualquer momento da história.

3. Cf. Ez 23,14 para os babilônios, e Heródoto para os medos. A cor dos assírios, ao invés, teria sido "a púrpura violeta" (Ez 23,5-6, cf. 27,7); então a alusão aos rostos rubros (2,11) poderia ser uma boa ironia!

4. A queda de Babilônia foi também predita por Jeremias um meio século antes; ver Jr 51,59 nota e cf. Jr 50,1 nota.

5. Também quanto a Joel, isto não parece tão inverossímil, cf. a Introd. a Joel.

6. Cf. Jl 2,4-9 e Na 2,4-5.11; 3,2-3.

1 ¹ Proclamação^a sobre Nínive^b. Livro da visão de Naum, o elqoshita^c.

Is 1,1;
Ez 7,26;
Ab 1;
Hab 2,2-3

HINO AO SENHOR TERRÍVEL E BOM^d

Álef ² O SENHOR é um Deus ciumento^e e vingador.
O SENHOR é vingador; terrível é sua cólera^f
O SENHOR se vinga de seus adversários^g;
inflama-se contra^h seus inimigos.

Jr 4,4
Dt 7,10;
Sl 12,6

³ O SENHOR é *lento para a cólera* e de grande poder,
mas o SENHORⁱ *nada deixa passar*^j.

Ex 34,6-7;
Nm 14,18;
Jr 30,11;
Jn 4,2;
Sl 99,8

Bet Ele avança no^k temporal e na tempestade;
a nuvem^l é a poeira levantada por seus pés.

Guímel ⁴ Fulmina contra o mar, pondo-o a seco^m;
estanca todos os rios.

a. Cf. Jr 23,33 nota.

b. As origens de Nínive, histórica capital do império assírio, remontam ao V^o milênio: seu apogeu se estendeu do séc. X ao VII, com o Novo Império.

c. De um povoado de Judá que Epifânio buscava nas redondezas de Beit-Djibrin? Todavia S. Jerônimo ouviu falar de um Elqosh na Galiléia. Também houve quem interpretasse o nome de Cafarnaum como "a aldeia de Naum". A partir do séc. XVI, a aldeia cristã de Al-Qosh, ao norte de Mossul, a antiga Nínive, é como a cidade de origem de Naum. — Na verdade, o qualificativo *elqoshita* bem poderia ser uma evocação simbólica do benefício de chuvas, que já não se esperavam, e dos frutos do fim da estação (raiz *lqsh*).

d. O procedimento literário que estrutura este hino é muito freqüente em hebr.: em volta do dístico central (Sab), todos os elementos se correspondem dois a dois, de maneira mais ou menos rigorosa. Aos três dísticos de introdução (vv. 2-3b), correspondem os três dísticos de conclusão (vv. 7-8), cf. v. 3 nota. Este hino também emprega o acróstico alfabético (cf. Sl 9), mas com algumas irregularidades.

e. Este ciúme de Deus, que tem o nome de *Ciumento* (Ex 34,14), quer se traduza em termos de *rivalidade* (Dt 32,21), quer em termos de *zele* (Is 26,11; cf. Jl 2,18), de *ardor* (Is 9,6), até mesmo de *paixão* (Zc 8,2), nada tem de mesquinha (Gn 30,1; Is 11,13), de egoísmo estreito, gerador de paixão cega (Gn 37,11,18; cf. 1Sm 18,8-11; 1Jo 3,12). Em Deus, o ciúme provém da força do amor (cf. Ct 8,6). A escolha gratuita de seu amor deve responder um amor exclusivo (Ex 20,5; 34,14 e a nota; Dt 4,24; 5,9; 6,15; 32,16; Js 24,19-20,23; Ez 8,3,5; Sl 78,58); do contrário, o ciúme se inflama, com o fogo da cólera, para purificar todas as ligas (Ez 5,13 e nota; 16,38; 23,35; Sl 79,5) e, terminada a purificação, o ciúme *se volta* (Ez 16,42) para se haver com os perseguidores (Is 26,11; 42,13 e nota; 59,17; Ez 35,11 e nota; 36,5-7; 38,19; Sf 1,18). O ciúme de Deus por seu nome santo (Ez 39,25) expressa-se então ao manifestar a santidade deste *grande nome que foi profanado entre as nações* (Ez 36,23), manifestado pela salvação do povo (Is 9,6 e nota; 37,32). Nesta ocasião aparece mais claramente o laço entre o ciúme e o amor, a *misericórdia*, a *ternura* (Is 37,32; 63,15; Ez 29,35; Jl

2,18 e nota; Zc 1,14; 8,2); ao passo que anteriormente era visto, como aqui (cf. nota), mais ligado à *vingança* (Is 59,17), à cólera (cf. v. 7 nota).

f. Lit. *ele é perito no furor*.

g. Estes *adversários* são os que escarnecem os direitos dos servos do Senhor (cf. Dt 32,35-36,41), principalmente dos mais fracos (cf. Sl 94).

h. Outra tradução: *conserva rancor, não deixa impune* (cf. Lv 19,18; Jr 3,5,12; Sl 103,9).

i. Conforme a pontuação do hebr., o *Senhor* estaria no início do estíquio seguinte. Mas as exigências do acróstico alfabético e do ritmo deste poema sugerem conservá-lo neste estíquio. Assim, o *Senhor* seria nomeado cinco vezes na apresentação de sua pessoa que introduz o hino, e uma vez no início da outra apresentação, que o encerra (v. 7); entretanto, na teofania (manifestação de Deus) que é o centro deste hino (vv. 3c-6), ele é apenas designado por *pronomes*: talvez marca de um respeito maior pelo Nome inefável, em harmonia com o temor sagrado que inspira tal descrição.

j. A apresentação do Deus terrível para com seus inimigos (v. 2) é mitigada no início deste v. 3 pela menção à revelação de sua paciência (Ex 34,6). Paciência, porém, que não é capitulação em face do mal; está, ao contrário, ligada à sua onipotência (cf. Sh 11,23). Aliás, trata-se apenas de uma tolerância momentânea (cf. Is 48,9) e, um dia, o *Deus ciumento e vingador* (v. 2), que *nada pode deixar passar* (absolver o culpado), castigará os rebeldes (Ex 34,7) que não souberam aproveitar-se do prazo concedido para se converterem (cf. Rm 2,4; 2Pd 3,9). Para além desta paciência, que provisoriamente *deixa passar* sem que no entanto se esteja quite, é-nos revelada, no NT (cf. Rm 3,24-26 e a nota), uma paciência que não puniu, à espera de poder tudo perdoar e reconciliar, graças à redenção e expiação cumpridas por Jesus Cristo (cf. também Hb 9,15).

k. Outra tradução: *ele abre seu caminho por meio de*.

l. A *nuvem* é o sinal da chegada de Deus, cf. Ex 19,9 nota.

m. A onipotente ameaça do Senhor (Is 17,13; 54,9), que seca o mar e estanca os rios, é sobretudo uma lembrança da passagem pelo mar dos Juncos (Ex 14,21; Is 50,2; Sl 77,17; 106,9) e pelo Jordão (Js 3,14-17; Sl 114,3-5). Mas, ao mesmo tempo,

<i>(Dálet)</i>		Fenecem ^a o Bashan e o Carmelo; a flora do Líbano ^a fenece.
Jr 4,24	<i>Hê</i>	⁵ As montanhas tremem diante dele, e as colinas se retorcem.
Hab 3,6		
Sl 68,9	<i>Vav</i>	Ante sua face fica transtornada ^a toda a terra, todo o universo habitado ^a .
Mt 3,2; Sl 76,8	<i>Záin</i>	⁶ Diante de sua indignação, quem resistirá? Quem se levantará quando se acende sua cólera?
Is 30,27	<i>Het</i>	Seu furor, qual incêndio, se alastra, as rochas desabam ^r diante dele.
Is 38,20; Mq 1,4		
Jr 33,11	<i>Tet</i>	⁷ O SENHOR é bom ^r ; abrigo no dia da angústia ^l .
Is 25,4		
Sl 1,6	<i>Iod</i>	Ele cuida ^a dos que nele procuram refúgio, ^a mesmo quando passa a onda impetuosa ^r .
Sl 124,5		
Hab 3,13	<i>Kaf</i>	Ele arrasa os fundamentos da cidade ^r , expulsa os inimigos para as trevas.
Is 8,22		

SUCESSIVAS INTERPELAÇÕES A JUDÁ E A NÍNIVE^x

Aos chefes de Judá

- Os 7,15 ⁹ Que tramais contra o SENHOR?
 Jr 30,11 Ele fez tábua rasa;
 Sl 33,10 a angústia não mais reaparecerá.
 Jz 9,15; ¹⁰ Pois eles não passam de espinhos
 Mq 7,4

emaranhados

— com suas bebedeiras, estão
embriagados^r —;

serão consumidos como palha bem
seca, totalmente.

Is 10,17;
Jl 2,5

evoca a onipotência do Criador (cf. Is 51,10 nota), que organizou o caos original dominando as ondas rebeldes e invasoras (Gn 1,9; Is 51,9-10; Hab 3,8; Sl 74,12-15; 104,7; Jó 26,12). Também em Jesus manifesta-se este poder criador que realiza a salvação (Mt 8,26-27 e nota).

n. Este dístico não começa pela letra *dálet*, como seria de se esperar. Pode-se supor no texto primitivo, como sugerem as versões, um sinônimo da primeira palavra do dístico, que começaria por um *dálet*.

o. Regiões frequentemente citadas no AT pela riqueza de seus produtos naturais, cf. Is 29,17; 33,9; 35,2; 37,24; Am 1,2; 4,1; Os 14,6 nota.

p. *Fica transtornada*: pequena modificação do hebr., de acordo com Áquila, sir. e Vulg. — Hebr.: *levanta* (a voz?) ou *levanta-se* (cf. Sl 89,10) (por causa do tremor de terra? cf. Am 8,8; 9,5). Gr.: *Diante de sua face, recua toda a terra com aqueles que a habitam*. Aram.: *é queimada*.

q. Lit. *O mundo e todos os que nele habitam*, cf. Sl 24,1; 98,7.

r. Ou então, com um ms. hebr.: *são consumidas* (cf. Jr 4,26).

s. *Bondade* do Senhor, para quem o procura, e *severidade*, apesar de sua paciência (v. 3a), para quem teima em afastar-se dele, em resistir-lhe (vv. 2, 3b, 8 e cf. vv. 3c-6), são dois aspectos inseparáveis de seu comportamento (Rm 11,22, cf. Jr 5,6; 16,11-14). Na segunda parte de Na. reencontram-se várias expressões desta bondade de Deus (1,9c.12ef.13; 2,1,3); conforme as últimas palavras do livro (3,19eg), o ímpeto vingador que anima o Senhor tem, em última análise, sua fonte na piedade para com as vítimas do poder tirânico.

t. Gr.: *O Senhor é bom para aqueles que nele esperam no dia da angústia*.

u. Lit. *Ele conhece*, com toda a terna solicitude (cf. Am 3,2 nota) que na Bíblia este verbo encerra (cf. Jo 10,14-15).

v. Levando em consideração as divisões do acróstico alfabético e alguns paralelos (Sl 32,6; 57,2) de preferência à pontuação do hebr., uniu-se este estíquio ao v. precedente. — Naum (*consolador*, como Noé, Gn 5,29 nota) faz notar que Deus está sempre atento àqueles que se voltam para ele (e Jn explicitará: mesmo que sejam ninivitas), quando o castigo se abate sobre o mundo pecador.

w. Lit. *Ele faz o extermínio* (cf. v. 9 *tábua rasa*) *de sua localização*. Tratar-se-ia, aqui de Nínive (cf. v. 11 nota), a cidade que então simbolizava, como depois dela Babilônia, a oposição à ordem divina, aquela que diz: *Eu, e mais ninguém!* (Sf 2,15; Is 47,8.10), cf. Ap 18. Em vez de *sua localização*, gr. e aram. têm: *aqueles que se erguem contra (ele)*.

x. Novo gênero literário, mais diretamente empenhado em acontecimentos precisos. O profeta parece dirigir-se a pessoas que acabam de passar por provações (vv. 9c e 12e, 2,1e.3cd; cf. 1,13) e que, para evitar novos aborrecimentos, elaboram uma política humana demais, que não leva em conta o Senhor e portanto o ofende (v. 9a; cf. Is 29,15). Esclarecido pelo alto, anuncia-lhes que o próprio Senhor irá fazer tábua rasa daqueles que lhes causam temor (vv. 9b, 10c, 12c, 13; cf. 1,14; 2,1ef) e de seus projetos míopes, pois demonstrará a futilidade destes (cf. 1,10r 1,19 nota). Contudo também se poderia entender que se trata, já neste v., de projetos tramados contra o Senhor pelo *homem de intenções infernais* do v. 11 e pelos seus; deles o Senhor vai fazer tábua rasa. Neste caso, somente no v. 13, e depois em 2,1, o profeta se estará dirigindo ao povo a ser libertado (cf. nota seguinte e 1,12 nota).

y. Ou: *a angústia não terá como surgir uma segunda vez*, cf. 15m 26,8; 25m 20,10.

z. Dístico difícil. Para o 2º estíquio, o gr. traz: *como uma trepadeira enlaçada*.

A Nínive

Is 37,23-24 ¹¹ De ti^a saiu aquele que trama o mal
contra o SENHOR,
homem de intenções infernais^b.

A Judá

¹² Assim fala o SENHOR:

Mesmo se estiverem completas as
suas fileiras^d,
eles serão ceifados,
e tudo estará acabado^e.

Se eu te humilhei,
não te humilharei mais^f,

¹³ Agora quebro o jugo daquele que te

esmaga^g
e desato tuas cadeias.

Ao rei de Nínive

¹⁴ O SENHOR contra ti^h decreta:

Descendência nenhuma perpetuará
teu nomeⁱ;
do templo de teus deuses vou
retirar
os ídolos esculpidos ou fundidos;

Eu preparo teu túmulo,
porque não tens peso^j.

Ez 32,22-23

Dn 5,27

A Judá

² ¹ Sobre as montanhas, os passos de um mensageiro^k; Rm 10,15

ele anuncia a paz.

IRs 5,26

Celebra tuas festas, Judá,

Is 30,29

cumprе teus votos^{lm}!

Nm 30,3

Porque o infernalⁿ nunca mais
passará por tua casa,

Is 52,1;

Jl 4,17;

Zc 9,8

está completamente aniquilado.

A Nínive^o

² Uma tropa de choque te ataca de
frente^p.

Is 21,2;

Jr 51,12

Monta guarda na fortaleza,
posta-te de atalaia no caminho de

ronda^q,

fica firme^r, retesa todo o teu vigor!

3,14

Sobre Judá^s

³ Porque o SENHOR volta com^t o
orgulho de Jacó,

Is 60,1

a. Este *tu*, no feminino em hebr., indicaria a cidade que só será nomeada em 2,9 e 3,7. Ao que parece já é dela que se trata no v. 8 (cf. 1,8 nota).

b. Lit. *um conselheiro de Belial*. Para além do atual rei de Nínive (cf. v. 14 e 2,1 nota), o profeta talvez pense naquele que *insultou o Deus vivo* (2Rs 19,4.16). Senaquerib.

c. Gr.: *Assim fala o Senhor, dominando as grandes águas: eles serão igualmente separados e não mais se ouvirá falar de ti.*

d. Lit. *Quão intactos (ou compactos ou valentes) e numerosos sejam eles*. A potência bélica da Assíria, naquele momento, ainda não teria sido atingida.

e. Lit. *e ele passará*.

f. Cf. 2,1. Ou, dirigindo-se a Nínive: *Eu te humilharei e não pretensarei humilhar-te de novo*, cf. 1,9 notas.

g. Ou: *seu bastão que te ameaça* (lit. *de cima de ti*), cf. Is 9,3; 10,24; 14,5. De acordo com este v., Judá estaria sob o jugo assírio; deste jugo já estava praticamente livre, havia algum tempo, desde o fim do reinado de Assurbanipal (630).

h. O profeta volta-se para Nínive e interpela seu rei (*tu* masculino, no hebr.). Para aqueles que datam a profecia dos últimos anos do império assírio, tratar-se-ia de Sinsharishkun, que desapareceu por ocasião da tomada de Nínive em julho-agosto de 612. Mas não se trataria antes de um soberano que acabara de causar *a angústia* em Judá (v. 9c), de humilhá-lo (v. 12e), ao atravessar o país (2,1e) que continuava sob seu jugo (v. 13), para saquear Tebas (3,8 e a nota): Assurbanipal (668-630/626)? Cf. 2,1 nota.

i. Cf. Is 14,20; Sl 37,28; Jó 18,19. A dinastia extinguiu-se com os dois filhos de Assurbanipal: Assuretilinani e Sinsharishkun; antes deles, a partir de Tiglat-Pileser III (2Rs 15,19.29), ela dera à Assíria seis influentes monarcas.

j. Lit. *tu és leve*, cf. Jó 40,4.

k. Na Vulg. este v. é o v. 15 do cap. 1; a numeração dos vv.

do cap. 2 apresenta deslocamento de um número em relação à Vulg.

l. Lit. *os pés de quem anuncia uma boa nova*, de um "evangelista". Esta expressão se reencontra em Is 52,7.

m. Sem dúvida, as promessas feitas a Deus para alcançar a libertação do inimigo.

n. Lit. *Belial* (cf. 1,11 e nota), a palavra caracteriza, antes do mais, algo ou alguém *inútil* (cf. Dt 13,14 e nota), simples litotes, mais ou menos como o nosso *vadio* (IRs 21,13; Jó 34,18; Pr 6,12), para designar algo (Sl 41,9) ou alguém (Pr 16,27) muito mau. Por isto *Belial* (ou *Beliar*) virá a ser um nome de Satã (cf. 2Cor 6,15 e nota). Etimologicamente *Belial* poderia sugerir o lugar donde *nunca mais se sabe*, o Sheol (cf. Sl 18,5 e nota; 41,9 e nota; 101,3 e nota); por conseguinte, aquilo que parece ter relação particular com as potências infernais, o caos, como um agitador, um subversivo, um inimigo do direito (Pr 19,28). Aqui se trata justamente daquele que, aos olhos do profeta, é o grande inimigo do direito das gentes e dos povos, o *homem de intenções infernais* (1,11), o rei de Nínive. Assurbanipal (cf. 3,8 e nota).

o. Este v. preludia a 3ª parte do livro: o grande poema (2,4-3,19) sobre a ruína de Nínive.

p. Lit. *uma clava ergue-se contra tua face*. Poder-se-ia também entender que a expressão visa a um indivíduo; mas em parte alguma (no anúncio da ruína de Nínive) Naum fala de determinado assaltante. Gr.: *Subiu aquele que te sopra no rosto e liberta da angústia*.

q. Ou: *guarda a fortaleza, vigia a estrada*.

r. Lit. *Fortalece os rins*.

s. Antes de continuar, nos vv. 4ss., a descrição do último combate, a profecia lembra que o assalto a Nínive é a ressurreição de Judá-Israel (cf. fim da nota seguinte).

t. *Volta com*: como no Sl 126,1.4; todo reerguimento do povo

Ele próprio é o orgulho de
Israel^u.

Is 33,1

Saqueadores os haviam despojado,
destruindo o vinhedo^v.

SI 80,13-17

Is 21,9

ELA CAIU, ELA CAIU!

Is 14,3-23; A queda de Nínive

Sf 2,13-15 A INVESTIDA DOS ASSALTANTES

⁴ O escudo de seus^u bravos é tinto de
vermelho;

de escarlate vestem-se os guerreiros.

Os carros faiscam por todos os seus
ferros^a

ao subirem alinhados.

Agitam-se as lanças^b.

^{3,2;} ^{Jr 46,9} ⁵ No campo, os carros investem com fúria;
arremessam-se sobre as praças^c;
parecem um incêndio;

^{Jl 2,5} lançam-se para a frente como o raio.

⁶ — O rei de Assur convoca^a seus
valentes capitães.

^{Jr 46,12,16} Vacilam ao andar! —

Precipitam-se até as muralhas;

instala-se o abrigo^b.

O DESMORONAMENTO

⁷ São forçadas as portas que dão para
o rio;

Is 45,1-2

no palácio, afogamento^f!

⁸ A Estátua^d é descoberta, retirada;

Is 38,14;

Suas servas, pombas queixosas,
levadas^g;

59,11;

Ez 7,16

batem no peito.

⁹ Desde sempre fora Nínive como um
reservatório

provido de águas copiosas^f.

E ei-las que escapam!

3,17

Resisti, ficai firmes!

Mas nenhum volta atrás!

Jr 46,5

¹⁰ Carregai a prata, carregai o ouro,
é mina inesgotável,

SI 109,11

um monte de objetos preciosos de
toda espécie!

3,9

está ligado a uma vinda do Senhor (Sf 3,14-20; SI 6,3; 7,8; 71,20; 80,15; 85,7; 90,13; Tb 13,6, etc.). Outra tradução possível: *O Senhor restaura o orgulho de Jacó tal como era o orgulho de Israel* (ou: *isto é, o orgulho de Israel*) (cf. Jr 29,14 nota).

— Em geral, pensa-se que aqui Jacó e Israel se equivalem para designar, na 2ª parte de Is (40,27 etc.) e mesmo antes (Mq 3,1), aquilo que resta do povo da Aliança: os judeítas (cf. v. 1). Alguns, ao contrário, julgam haver um anúncio preciso da restauração das duas partes do povo eleito, como em Os 2,2; Is 11,13; Jr 3,18; 23,6; 31, 27-28; 33,7; Ez 37,15-28; Zc 10,6 — restauração dependente do aniquilamento daqueles que acabaram com o reino do Norte: os assírios —, Jacó representando Judá, e Israel, o reino do Norte: ou, pelo menos, a evocação da salvação do conjunto dos descendentes de Jacó, de “todas as famílias de Israel” (cf. Jr 31,1,33). No mesmo sentido, mas com novo ponto de vista, cf. Tg 1,1; Ap 7,4.

u. Cf. Am 6,8 nota e Rm 2,17.

v. Lit. *seus sarmentos* ou *seus pânpanos*; a videira é o sinal da prosperidade da terra (Nm 13,23) e imagem do próprio povo (cf. Is 5,1 nota). — Sobre as depredações a que se alude aqui, cf. 1,12 e 1,14 nota.

w. *Seus*: os da *trapa de choque* (2,2) ou dos instrumentos do próprio Senhor (2,3).

x. Lit. *No fogo dos ferros (?) os carros*. Também se pode entender: *Como fogo, as cobertas dos carros* (os tecidos com que se cobrem). Gr. e Vulg.: *as rédeas*.

y. Lit. *Os ciprestes*. Gr. e sir. leram: *os cavaleiros*.

z. As praças diante das portas (Ne 8,1), na parte de fora das cidades. Em Gn 10,11, Nínive é chamada *cidade das praças*.

a. Lit. *Ele evoca*: tornamos mais explícito o sujeito com o auxílio de 3,18, que também trata de *valentes capitães*; compreendemos estes dois estíquios como um parêntese sobre o rei da Assíria, verificando o contraste entre o passado e o presente. É um novo aspecto, mais concreto, de seu isolamento, depois de

1,14 e antes de 3,18. Se pensamos tratar-se do chefe dos assaltantes a interpelar seus oficiais (*ele apela a* em vez de: *convoca*), diremos que estes *vacilam* na pressa de a ele obedecer. Mas este sentido parece menos provável.

b. Espécie de escudo coletivo que protege os assaltantes ao pé da muralha: pode-se ver um no baixo-relevo de Nínive, recordando a tomada de Lakish por Senaquerib (cf. 2Rs 19,32; Ez 26,8 nota).

c. *Afogamento* (cf. Is 14,31; SI 75,4) súbito, porque os inimigos invadem a cidade por seu lado mais protegido, aquele cercado pelo Tigre e seu afluente, o Khoser, e onde haviam sido edificados os palácios reais. Poder-se-ia também interpretar a expressão (lit. *as portas dos rios*) como comportas que, abertas, provocariam a inundação; a menos que se trate, antes, de uma espécie de visão apocalíptica: as portas dos rios ou das ondas (SI 93,3) do oceano primordial (Jó 38,8-11) abrem-se e, pelo ímpeto destas forças do além, o palácio do *ser infernal* (2,1 nota), com sua cidade imensa, volta num instante a ser caos, (cf. 1,8 e 1,4 nota).

d. No hebr., este v. começa por um verbo no masculino (*e ele está erguido ou instalado*), que Qimhi liga ao v. precedente (o palácio que estava tão bem *instalado*) e que Rashi interpreta como a mulher *instalada* (feminino!) à direita do rei, a favorita (cf. SI 45,10). O contexto imediato e o distante (1,14cd) convidam a ler antes, como o gr., um substantivo. Tratar-se-ia da estátua de Ishtar, deusa da cidade, cf. Os 10,6 nota.

e. Lit. *suas servas soltam gemidos semelhantes à voz das pombas*, mas o verbo hebr., ambíguo, evoca ao mesmo tempo a partida em exílio (cf. gr. e aram.) e a queixa das cativas, as sacerdotisas da deusa.

f. Como um *reservatório* que guarda bem seu conteúdo (cf. Jr 6,7), ela guardava com segurança sua numerosa população (cf. 3,17 nota) e todas as suas riquezas (v. 10). Em vez de *desde sempre* (interpretando o hebr. obscuro pelo aram.), gr. e Vulg. leram: *suas águas*.

Hab 2,8; ¹¹Tudo é pilhado, despojado, pisado*;
 Jr 30,16; a coragem se foi^h,
 Sf 2,13 os joelhos bambeiam,
 Dn 5,6 os corpos todos tremem,
 Jl 2,6 rubrosⁱ estão todos os rostos.

A terra liberta do leão

Is 5,29; ¹²Onde está o antro dos leões?
 Jr 4,7; Os leõezinhos ali recebiam sua
 51,38 comida^j;
 enquanto o leão ia procurá-la^k,
 Is 36,20 ninguém inquietava o filhote do leão.
 Ez 19,3,6 ¹³O leão despedaçava para engordar
 seus filhotes,
 3,1; estrangulava para suas leas;
 Is 10,6; enchia as covas de rapinas;
 13-14 os covis, de carne dilacerada^l.
 3,5; ¹⁴Venho contra ti^m
 Jr 21,13 — oráculo do SENHOR de todo poder!
 Ez 39,9 Sim, estou para reduzir à fumaça
 seus carrosⁿ.
 3,15 Teus leõezinhos, a espada os
 devorará.
 Jr 51,13 Na terra, porei fim^o às tuas rapinas
 2Rs 19,23 e nunca mais se ouvirá a voz de teus
 enviados^p.

3 A cidade sanguinária entregue à matança

Ez 22,2-3; ¹Ai da cidade sanguinária,
 24,6-9; repleta de fraudes e de enganos,
 Hab 2,12 rapinas sem fim^q!
 Jr 47,3 ²Zunido do chicote! Estrondo das

rodas!
 Cavalos a galope^r! Carros disparados!
³Carga de cavalaria!
 Fulgurações de espadas!
 Relampejar de lanças!
 Vítimas sem conta! Montes de
 corpos!
 Cadáveres sem fim!
 — Tropeça-se em mortos.
 Ez 26,10
 Jl 2,4
 Hab 1,8
 Hab 3,11
 Ex 12,30
 2 Rs 19,35

A prostituta decaída

⁴Por causa das múltiplas orgias da
 prostituta^s,
 hábil sedutora, de graça primorosa,
 que escravizava^t as nações por suas
 libertinagens,
 os povos por sortilégios,
 Ap 17,2
 18,3
 2 Rs 9,22;
 Is 47,8-12
 Ap 19,2
⁵Venho contra ti
 — oráculo do SENHOR de todo poder!
 Levanto^u tua saia até a cara
 para exibir tua nudez diante das
 nações,
 Ap 18,23
 2,14;
 Ez 26,3;
 28,22
 Is 47,2-3;
 Jr 13,22,26;
 Hab 2,15-16;
 Ap 17,16
 diante dos reinos, tua infâmia.
⁶Eu te cubro de imundícies^v
 para te desonrar
 e fazer de ti um exemplo^w.
 MI 2,9
 Jr 15,4
⁷Por isto, quem quer que te veja
 foge aos gritos^x:
 Jr 51,6;
 Ap 18,10
 Sf 2,13
 Jr 15,5;
 Sl 69,21
 “Nínive foi devastada!
 Quem por ela fará um gesto de
 piedade?”
 Para ti^y, onde irei procurar
 consoladores?
 Is 51,19;
 Lm 1,2,9

g. Jogo de assonâncias em hebr.: *bugá umebuqá umebulluqá*; cf. Is 22,5; 24,17 (=Jr 48,43).

h. Lit. o coração se derrete, como em Dt 20,8; Js 2,11; 5,1; 7,5; Is 13,7; 19,1; Ez 21,12; cf. Jr 4,9; Sl 22,15.

i. Lit. e tremor em todos os rins (cf. Is 21,3) e a face deles todos acumula a cor escura (ou vermelho escuro), cf. Is 13,8 nota. Ainda se pode entender: Todos os seus rostos se tornam lívidos (ou se contraem).

j. Ou então: era um cercado para leõezinhos.

k. Lit. para levar lá. Outra tradução: a leoa ficava lá; ou: o leão, a leoa lá iam, o filhote do leão, sem que ninguém os inquietasse. Ou, com gr., sir. e Vulg.: o leão ia sair, o filhote do leão; e ninguém inquietava.

l. Nínive é apresentada como o grande predador de toda a terra.

m. Este tu é feminino no hebr. (cf. 1,11 nota); passa-se de leão (masculino) do apólogo dos vv. 12 e 13 ao que ele traz ao espírito do profeta: Nínive (cf. Is 5,29 nota).

n. Vulg. teus carros; Comentário de Qumran, gr. e sir.: tua multidão. Outros propõem: esvaziarei teu covil enchendo-o de

fumaça.

o. Lit. Cortarei (cf. 1,14; 3,15) da terra.

p. Teus enviados, conforme o Comentário de Qumran, aram. e Vulg. — Hebr.: teu enviado; gr. e sir.: tuas obras.

q. Outra tradução: Miserável cidade sanguinária, toda fraudes, repleta de rapinas, que jamais larga sua presa! (cf. Is 14,17), mas sabemos que às vezes os reis da Assíria tinham de largar suas presas, p. ex. Nekô I (cerca 665), Báal de Tiro (c. 661).

r. Ou: escarvando, relinchando, assim sir., Vulg.

s. A prostituição que se censura a Nínive não consistia somente nos êxitos comerciais (3,16 e cf. Is 23,15 nota), mas também na “política de adulações e de hipocrisia, com que preparava suas conquistas” (Paul Humbert).

t. Lit. que vendia; o contrário de resgatar, libertar.

u. Comentário de Qumran: tu levantas.

v. As imundícies evocam a idolatria, cf. Jr 16,18 nota; 1Rs 15,12 nota.

w. Comentário de Qumran: tornar-te repulsiva.

x. Lit. foge de ti e diz.

y. Gr. para ela.

Cada um por sua vez

^a Terias alguma vantagem sobre Tebas^a,

Ez 29,3-4 instalada no meio dos braços do Nilo com água a seu redor, um mar como encosta, mais que um mar^a como muralha?

Is 20,5 ⁹ Kush^b com o Egito eram sua segurança,

2,10 recursos inesgotáveis! Put^c e os líbios estavam entre teus^d aliados.

Is 20,4 ¹⁰ Por sua vez ela foi deportada; teve de partir para o cativeiro.

2 Rs 8,12; Is 13,18 Por sua vez, suas criancinhas foram esmagadas em todas as encruzilhadas^e.

Jl 4,3; Ab 11; Si 149,8 Lançaram sortes sobre seus notáveis, todos os seus grandes foram presos em cadeias.

Is 63,6; Jr 51,39,64 ¹¹ Chegou a tua vez de te embriagares^f e de afundar!

Is 20,30 Por tua vez, procura agora um refúgio^g ante o inimigo!

Súbita fragilidade da inexpugnável^h

¹² Todas as tuas fortalezas são figueiras,

carregadas de figos maduros; à menor sacudida, caem numa boca voraz.

Ap 6,13

¹³ Olha tuas tropas: só há mulheres em teu meio. As portas de tua terra estão escancaradas para teus inimigos: o fogo devorou tuas trancasⁱ.

Jr 50,37; 51,30

Is 45,1-2; Am 1,5

¹⁴ Tira água para o assédio, reforça tua defesa^j, vai pela lama, rebolca-te no barro, segura o molde de tijolos!

Is 22,9-11; Sr 48,17

¹⁵ É aí que o fogo te devorará, que a espada te eliminará; — como gafanhotos, te devorarão.

Jl 2,3; 2,14

De repente despovoada a cidade invasora

Propaga-te como o gafanhoto, propaga-te como a locusta.

2,9;

Jz 7,12; Jr 46,23; Ez 28,16

¹⁶ Tu multiplicaste os teus caixeiros-viajantes mais do que as estrelas do céu, — gafanhotos que abrem vôo! —

¹⁷ teus inspetores são como locustas,

Jl 1,4; 2,25; Ap 9,3

z. Em hebr.: *Nô Amon*. Aram., Vulg. e rabinos cometeram um anacronismo ao compreender *Alexandria*. Trata-se de *Tebas*, Nut-Amon (a cidade do deus Amon, cf. Jr 46,25, nota; Ez 30,14). Assurbanipal já obtivera sua submissão em 667, quando da primeira campanha egípcia de seu reinado, durante ele pôs sob tributo, à sua passagem, vinte e dois reis, um dos quais era Manassés, rei de Judá. Em 663, em consequência de o Egito ter retomado sua liberdade pelo último representante da dinastia núbica, Assurbanipal voltou a intervir e, desta vez, com grande violência, em particular contra Tebas. O profeta parece estar ainda impressionado com os ecos desta vitória. Mas o eclipse do Egito não foi longo. Sete anos mais tarde, ele recuperou sua independência. A partir de 616 tentará, sem muito resultado, submeter a si a Assíria enfraquecida, e nesta ocasião anexará por alguns anos a Palestina à sua zona de influência. Por isso seria difícil uma referência, pouco antes de 612 e mesmo apenas alguns anos depois de 663, à ruína de Tebas e do Egito como a uma catástrofe irreparável. Aqui, dirigindo-se a Nínive, o profeta não encontra comparação mais incisiva para adverti-la do que a espera (v. 11) que a lembrança do acontecido a Tebas, talvez daquilo que acabara de acontecer. — Os vv. 8 e 11 são como uma resposta longínqua a Is 10,8-11 (cf. 10,9 nota). Pode-se encontrar o mesmo gênero de ameaças em Amós (cf. 6,2 fim da nota).

a. Evocação da fabulosa largura do Nilo ou então alusão a um detalhe arquitetônico: ornato em relevo nos muros de Tebas, representando ondas estilizadas. Em vez de *mais que um mar*,

gr. e Vulg. leram *as águas*.

b. *Kush*, designa a região ao sul do Egito, para além da 2ª catartala: a Etiópia, a Núbia, terra de origem dos farás da 25ª dinastia, extinta com a queda de Tebas.

c. *Put*: cf. Is 66,19 nota.

d. *Gr. seus*.

e. Cf. Sl 137,9 nota.

f. Alusão à taça da cólera de Deus (cf. Hab 2,16 nota; Ab 16, Ap 19,10) ou ao estado de obtusidade, de loucura, de delírio (cf. Is 29,9-10; Jr 51,7) dos sitiados a ponto de se entregar.

g. O Comentário de Qumran acrescenta: *na cidade*.

h. O tom torna-se mais sarcástico: Nínive, confiante demais, negligenciou o cuidado de suas fortificações e foi surpreendida justamente no momento em que começava a agir (vv. 14-15).

i. As *portas* e as *trancas* do país eram o sistema de fortalezas (v. 12) que defendiam Nínive (cf. Is 15,5; hebr.: *suas trancas até Shûr*). Será uma alusão aos acontecimentos de 614? As operações conjugadas de Nabopolassar e de Ciaxares dominaram então várias fortalezas assírias: Arrafa (Kirkuk), Tarbisu (5km de Nínive), Assur... Neste caso, a profecia teria sido pronunciada entre 614 e 612. Mas os dizeres desses vv. não são tão precisos assim: se a expressão *molde para tijolos* tem bastante cor local, *tira água para o assédio* trai a origem judaíta de seu autor e não se enquadra no contexto.

j. Lit. *tuas fortificações*, a mesma palavra que no v. 12 designa as fortalezas.

como enxames, teus sargentos
recrutadores^k!

Eles^l pousam nas sebes^m

no tempo frio;

brilhe o sol, lá se vão todos

não se sabe para onde...

Onde estão?

¹⁸ Teus pastores adormeceramⁿ, ó rei de
Assur!

Teus valentes capitães estão bem
instalados^o!

Tuas tropas, espalhadas pelas montanhas^p,
e ninguém para reuni-las!

Terror do mundo ferido de morte

¹⁹ Irreparável, teu desastre,

incuráveis, tuas feridas!

Quem tem notícias de ti,

aplaude teu mal^q.

Sim! sobre quem tua crueldade
não passou

e tornou a passar?

Jr 10,19;
30,12;
51,9

Jn 1,2
2,1;
Is 10,7;
37,11-13

Ap 18,21

2,6;

Jd 51,39;

Ez 32,22

k. Esta palavra de origem assíria (cf. Jr 51,27) também poderia ser traduzida por *escribas*; seria então uma alusão à intensa atividade não apenas burocrática, mas também literária que marcou o reino de Assurbanipal na Assíria.

l. Os *enxames*, não mais somente a categoria dos funcionários (v. anterior), mas toda a população de Nínive, que devia ultrapassar os 150.000 habitantes.

m. Ou *muretas*, *cercados*, cf. Jr 49,3 nota.

n. Porque está agora terminada a missão (cf. Is 5,27 e 10,12), e mais que terminada (cf. Hab 1,11 nota).

o. Como no SI 94,17, seria a instalação no *Silêncio* do túmulo

(cf. 1,14).

p. Em 609, as últimas tropas assírias, comandadas por Assurballit II (um general, ao que parece, que em 612 sucedeu a Sinsharishkun — cf. 1,14, nota — e que morreu em 606) são, apesar da chegada dos egípcios de Nekô, desbaratadas diante de Harran pelos babilônios de Nabopolassar, que as perseguiram até nas montanhas da Armênia.

q. Mas as *montanhas* parecem ser, na Bíblia, um traço habitual neste gênero de quadros, cf. 1Rs 22,17; Ez 34,6; Mt 18,12.

q. Lit. *bate palmas contra ti*, cf. Jd 27,23; Lm 2,15.

HABACUC

INTRODUÇÃO

O livro. O texto. O texto hebraico dos três capítulos do livro de Habacuc apresenta numerosas dificuldades, que estão longe de ser resolvidas. As leituras propostas pelas versões antigas são muitas vezes variantes, mas sempre interessantes. Entre os manuscritos da Comunidade de Qumran descobertos nas grutas do Deserto de Judá (os “manuscritos do mar Morto”), figura um Comentário de Habacuc que restitui — e confirma — mais ou menos integralmente o texto dos dois primeiros capítulos. É, de longe, o mais antigo testemunho do texto hebraico, copiado, ao que se julga, antes do início de nossa era. As poucas diferenças entre o texto do Comentário e o texto hebraico comumente aceito estão assinaladas nas notas.

Ler hoje a profecia de Habacuc é entrar num texto de várias vozes: a voz do próprio profeta pode ser escutada de diversas maneiras; além disto, seu som se articula sobre um fundo de variações expressas pelas versões e outros ecos da repercussão que este livrete conheceu.

O plano. Após o título (1,1), a proclamação se compõe de dois apelos do profeta dirigidos a seu Deus (1,2-4 e 12-17). A estes apelos correspondem duas respostas: a primeira (1,5-11) é uma visão, a da avançada irresistível de um exército de conquistadores, os caldeus; a segunda (2,2-19), que também se intitula “visão” (2,2), começa por um oráculo (2,2-4), que é o centro do livro, pois deve ser gravado “em tábuas” (2,2). Ela continua por cinco estrofes começando por *Ai!* proferidas contra um inimigo (2,6b-19). Dois textos de transição mostram, o primeiro, o profeta como sentinela (2,1), o segundo, o inimigo que o profeta vai apostrofar por cinco vezes (2,5-6a). Outro versículo de transição (2,20) anuncia o Salmo do capítulo 3, que descreve a intervenção de Deus, e conclui com um louvor.

As circunstâncias da profecia. A história. A menção aos caldeus (1,6) leva a situar a proclamação de Habacuc na época em que os neobabilônios, desarticulando o império assírio, co-

meçam, com êxito, a impor seu domínio ao Oriente Médio, em fins do séc. VII a.C. O profeta descreve e interpreta este acontecimento histórico, tão prenhe de conseqüências para o reino de Judá: campanhas militares de 610 a 600, invasão de Judá, assédios de Jerusalém, deportações (2Rs 23-25).

Quanto às circunstâncias precisas que acompanharam a redação e composição do livro, os comentadores se dividem entre várias perspectivas:

— Cada parte do livro corresponderia a uma etapa da conquista caldeia; com isto, a composição do livro se teria estendido no tempo; a importância atribuída a esta extensão temporal do processo de composição varia conforme os autores.

— A forma dialogada dos dois primeiros capítulos e a forma de hino do cap. 3 seriam indícios da natureza litúrgica destes poemas. Teriam estado no centro de celebrações cultuais. Não se consegue saber se se trata de uma profecia, que teria recebido uma forma litúrgica a posteriori, ou de uma criação litúrgica original, apresentada como profecia. Apesar desta incerteza, o leitor atento a este aspecto do livro poderá percorrê-lo sentindo o intenso fervor coletivo que animou o diálogo dos caps. 1-2 e o Salmo do cap. 3, no momento dos fatos vislumbrados por trás do texto e durante os perturbados anos que se seguiram.

A personalidade do profeta. As pesquisas sobre a pessoa de Habacuc continuam sem resultado apreciável. Muitas vezes se interpreta seu nome como o de uma planta de jardim. Nem o seu livro, nem os outros livros canônicos da Bíblia hebraica dizem algo de explícito sobre a vida ou a personalidade do profeta. Em compensação, depois da difusão do livro que traz seu nome, Habacuc entra na legenda e Dn 14,33-39 lhe dá um papel numa cena que reedita a de Daniel na cova dos leões.

O homem presunçoso (2,5). É possível que a proclamação de Habacuc tenha visado a duplo feixe de circunstâncias: é evidente que o profeta ataca os caldeus, inimigo exterior, principalmente na pessoa de seu soberano, impiedoso e insaciá-

vel em suas conquistas; paralelamente, percebem-se, em algumas interpelações do capítulo 2, a crítica a outro personagem: o rei de Judá — certamente Joaquim —, que, no interior do reino, seria culpado de injustiça pelo menos tão grande, do ponto de vista do profeta, quanto aquela que cabe ao inimigo caldeu. Compare-se 2,6-12 com Jr 22,13-19.

Mensagem e interpretação. Quando as circunstâncias nacionais e internacionais põem em xeque os próprios fundamentos das relações entre Deus e seu povo, surge um drama na comunidade dos fiéis. O testemunho da profecia de Habacuc é, em primeiro lugar, o do fiel. Embora — ou porque — desamparado, o fiel recorre a Deus contra o próprio Deus cuja ação na história se tornou incompreensível. A resposta é dada naquilo que propõe a palavra-chave fidelidade (2,4). À fidelidade, fundamento e justificação da vida do crente, é concedida a visão da fidelidade de Deus, bem real apesar das aparências. Para isto chamam a atenção as notas desta edição: o Salmo do cap. 3 é formado por uma textura de expressões a lembrar que o Deus de Israel deu, se assim se pode dizer, provas seguras de sua fidelidade no passado. Ora, é este Deus que vem (3,3); daí a firmeza da conclusão: O Senhor é meu Senhor, ele é minha força.

No decurso da história, recorreu-se ao livro de Habacuc para encontrar uma visão dessa ordem

em períodos difíceis. A comunidade de Qumran interpreta-o como iluminação decisiva dos tumultuosos acontecimentos que ela testemunhou. Igualmente a primeira comunidade cristã a ele recorreu, para definir a situação do cristão em relação ao Deus de Jesus Cristo. As citações de Hab 2,4 pelas epístolas do NT (Rm 4,17; Gl 3,11; Hb 10,38) ampliam a significação do termo central, fidelidade, para incluir a fé, tal qual concebida pelos autores cristãos (cf. Rm 10,9 nota). Implicação que se acha na maioria dos escritos dos Padres da Igreja que se referem a este versículo de Habacuc. Sabe-se também que esse tema é como que gravado em exergo na obra inicial de Lutero, o Comentário à Epístola aos Romanos.

Esta interpretação provavelmente se espalhou junto com o cristianismo; por este motivo, a partir do séc. II de nossa era, os comentadores judaicos procuram minimizar o alcance da afirmação-chave: um justo vive por sua fidelidade; ou lêem:... sua alma não é reta nele e um justo não viverá por sua fidelidade (por sua fé só), estendendo a negação do primeiro membro da frase ao segundo; ou consideram a frase como a expressão de uma saída concedida de mau grado a fiéis de piedade arre-fecida: àqueles para os quais o jugo da Torá é pesado demais e que não conseguem cumprir suas 613 prescrições, concede-se assumir apenas uma dentre elas, a mais fácil: a afirmação da fé mono-teísta, um mínimo.

HABACUC

1 Título. ¹A proclamação^a de que foi incumbido, em visão, o profeta Habacuc.

Apelo

² Até onde, SENHOR, não se elevou meu pedido de socorro?

E tu não escutas.

Aos gritos denuncio a violência, e tu não salvas.

³ Por que me fazes ver a malignidade, accitas^b o espetáculo da opressão?

Diante de mim, só devastação e violência;

há um processo, a invectiva prevalece^c.

⁴ Por isso, a lei ficou impotente, e o direito nunca mais vê a luz^d.

Quando um malvado pode garrotear^e o justo, vê-se pervertido o direito.

A visão

⁵ Vede o espetáculo no meio das nações^f, abalai-vos!

Pois, desde já^g, alguém passa à ação, e vós não acreditais quando vo-lo contam!

⁶ Pois eis-me aqui! Eu suscito os caldeus^h, esse povo cruelⁱ e impetuoso^j,

que percorre extensões de terra para apropriar-se de moradas que não lhe pertencem.

⁷ É medonho e terrível,

ele próprio é quem funda seu direito e supremacia^k.

⁸ Seus cavalos são mais ágeis que leopardos, mais mordazes que os lobos do crepúsculo.

Seus cavaleiros se desdobram, seus cavaleiros vêm de longe, voam como a águia que se abate sobre a presa^l.

⁹ Possuído pela violência, ei-lo que vem, rosto tendido para a frente^m; empilha cativos como areiaⁿ.

¹⁰ E ele, zomba dos reis, os príncipes são brinquedo para ele. Ele se ri de toda fortaleza: para tomá-la, levanta um aterro^o.

¹¹ Então, o espírito mudou^p! Ele se excedeu e se tornou culpado; ele tem seu deus como sua força!

Apelo

¹² Não és tu que, desde a origem, és o SENHOR, meu Deus, meu Santo? Não morreremos^q!

a. Lit. *carga, incumbência*; cf. Is 13,1 nota; Jr 23,33-40.

b. Aram. e sir. aqui têm a 1ª pessoa.

c. Ou: *houve discussões e a disputa levantou* (a voz).

d. Lit. *não sai nunca mais*; mesmo emprego do verbo no v. 7 (cf. nota).

e. Outro sentido possível: *enganar*.

f. Este v. é citado em At 13,41, de acordo com o texto gr., um pouco diferente; traz, entre outras: *vós, os arrogantes* (em vez de *entre as nações*), e no terceiro estíquio, a primeira pessoa (*eu*) em vez do impessoal do hebr., traduzido por *alguém*.

g. Lit. *nos vossos dias*.

h. Os caldeus ou neobabilônios acabam naquela hora de pôr abaixo o poder assírio e projetam a conquista de todo o Oriente Médio.

i. Lit. *amargo*.

j. O trecho 6-11 emprega ora o singular, ora o plural para designar o principal ator da cena descrita pelo profeta: são os caldeus (plural), um povo (singular) e seu soberano (singular) que o levam à guerra.

k. Lit. *dele mesmo sai seu direito* (cf. v. 4 nota) e sua supremacia.

l. Lit. *que se apressa em comer*.

m. Lit. *a direção de sua face para a frente*. Outro sentido favorável: *o ardor de sua face é o mesmo do vento leste*.

n. Alusão à expressão corrente usada como figura da multidão: Gn 22,17; 1Rs 4,20, etc.

o. Para cada fortaleza, basta-lhe repetir uma eficaz tática de sítio, aperfeiçoada por ele: a invasão da fortaleza mediante obras de aterro, cf. 2Sm 20,15.

p. Em princípio inspirado para realizar a obra decidida por Deus (v. 6 e fim do v. 12, cf. Is 44,28-45,6), o conquistador depois ultrapassa os limites de seu mandato, como a Assíria, conforme Is 10,5-15, e Gog, conforme Ez 38; cf. ainda Dt 32,27-29-30-41. Aqui, a palavra hebr. traduzida por *espírito* poderia significar *vento*, donde se teria: *o vento mudou e foi-se*. Imagem da invasão que continua seu caminho. Houve também quem propusesse traduzir *espírito* por *ardor*: *então se renova seu ardor e prossegue seu caminho*.

q. Uma tradição dos escribas que transmitiam o texto hebr. ensina que o texto primitivo bem poderia ser: *Tu não morrerás!* donde o aram.: *Tua pessoa permanece pelos séculos*.

SENHOR, tu o estabeleceste para o julgamento*;
Rocha*, tu o firmaste para um chamado à ordem.

SI 5,5-6 ¹³ Teus olhos são puros demais para a visão do mal,
não podes aceitar o espetáculo da opressão;
como é que aceitas o espetáculo dos traidores,
SI 35,22 silencias quando o malvado engole o justo*?

¹⁴ Fazes agora os homens à imagem dos peixes do mar,
daquilo que ferveilha sem chefe*;
¹⁵ aquele* os tira a todos com o anzol,
arrasta-os com a rede,
ajunta-os no arrastão*.
Põe-se então alegre, exulta,
¹⁶ oferece um sacrifício à sua rede,
incenso a seu arrastão,
pois neles se engorda sua porção*,
copioso torna-se seu alimento.
¹⁷ Então, esvaziara ele sua rede*
para continuar assassinando nações,
sem poupar?

2 O profeta sentinela*

Is 21,8 ¹ Vou manter-me no meu posto de guarda.

estarei de pé no baluarte.
Espreitarei para ver o que falará contra mim
e o que responderei à intimação*.

Resposta de Deus: a sorte do justo e do opressor

² O SENHOR me respondeu; disse-me:
Escreve uma visão Dt 27,8;
e dá a explicação nas tábuas^b, Is 8,1; 30,8;
para ser lida correntemente*. Jr 30,2;
Ap 1,19
³ pois é ainda uma visão referente ao Dn 8,19,26;
prazo. 10,14;
11,27,35
Ela aspira a seu término^d, não enganará;
se parece tardar, espera por ele.
porque virá sem falta, sem adiar. Hb 10,37
⁴ Eis quem se incha de orgulho, ignora 2Pd 3,9
a retidão*,
mas um justo vive por sua fidelidade^f. Rm 1,17;
Gl 3,11;
⁵ Seguramente o vinho* é traiçoeiro: Hb 10,38
esse homem presunçoso não continua em seu lugar,
ele que escancara a goela^h como o Sheolⁱ,
insaciável como a morte.
Amontou junto a si todas as nações,
atraiu a si todos os povos.
⁶ Mas estes, todos juntos,
não lançarão contra ele palavras

Is 14,4;
Mq 2,4

r. O profeta toma a Deus como juiz contra o conquistador escolhido para instrumento de seu desígnio e que se excedeu em sua missão. Serão ainda abordados estes abusos nos vv. 15-17.

s. Deus, o *Rochado*: Dt 32,4.15.18.30.37; SI 18,32, etc. Também se poderia entender com Áquila, Símaco, aram. e Vulg.: *tu o firmaste como a rocha para...*

t. *(Hebr. um mais justo que ele.)

u. O vocábulo desta apóstrofe encontra-se também no texto do ato criador de Deus no sexto dia, segundo Gn 1,26.28, quando Deus decide *fazer os homens* (hebr.: *adam*) à sua *imagem*, para que dominem sobre os *peixes do mar* e sobre o *que ferveilha* (os répteis). Suprimindo a menção à imagem divina e notando a falta de senhor no interior da criação, parece que o profeta denuncia aqui a ação do conquistador na medida em que esta põe em xeque a própria obra da criação. É ao Deus Criador que ele apela, para que seu instrumento pervertido não continue sua obra de destruição.

v. O conquistador (fim do v. 12).

w. Caça e pesca como imagens de uma campanha militar: Jr 16,16; Ez 12,13; 17,20; 29,4; 32,3.

x. Lit. *porque dentro deles seu quinhão é gordo*.

y. O Comentário de Qumran, o mais antigo testemunho do texto hebr., aqui diz: *então ele desembranhará sua espada*.

z. Cf. Nm 23,3; Is 21,6.8.11; Jr 6,17; 33,1-9; Os 9,8; SI 5,4.

a. Lit. *a meu chamado à ordem*, i. é., aquele de que é objeto profeta que fala. O profeta espera ser censurado por sua audácia:

interpelou a Deus sobre os motivos de sua ação (1,13-14).

b. Material para a escrita em uso para textos que devem ser conservados, cf. Ex 24,12; 27,8 etc. Dt 4,13; 5,19; Is 30,8 e, simbolicamente, Jr 17,1; Pr 3,3; 7,3.

c. Lit. *a fim de que corra aquele que a lê*.

d. Ou: *ela (a visão) se exprime sobre o fim*, diz respeito ao fim.

e. Lit. *Eis que está frouxa, não é reta sua alma nele*. Notar que "alma" pode igualmente indicar a *persona* inteira ou a *garçanta*, a *goela*, como no v. seguinte, cf. Ct 1,7 nota. Refere-se ao opressor, cujo comportamento a sequência do cap. vai descrever. Texto diferente nas antigas versões: gr.: *se for covarde, minha alma não se agrada dele*. Vulg.: *aquele que é incrédulo, sua alma não será reta nele*.

f. Cerca de metade dos mss. grs. tem: *o justo por sua fidelidade a mim* (ou: *por minha fidelidade*) *viverá*. As citações deste texto no NT (Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38) apresentam variantes, mas não quanto à palavra que aqui traduzimos por *fidelidade* e que o NT traduz por *fé*. Sobre as grandes linhas da interpretação deste v., cf. Introd.

g. Alusão à embriaguez do conquistador, a quem nada até o presente fez parar. O Comentário de Qumran lê *riqueza*, em vez de *vinho*.

h. Cf. 2,4 nota e.

i. O *Sheol* designa o lugar subterrâneo onde se reúnem os defuntos; às vezes símbolo de avidez: Pr 27,20; 30,15-16; cf. Is 5,14.

de ironia mordaz?

Dir-se-á:

Cinco "Maldições"

- Is 5,8 AI de quem acumula o que não lhe pertence!
Até quando?
Contraí uma dívida sempre mais pesada.
7 Não se levantarão, de repente, teus credores,
acordar-se-ão os que te vão sacudir?
Boa presa serás para eles!
Is 33,1; Jr 50,29; Ab 15; Ap 18,6-7
2,17 8 Porque pilhaste nações em grande número,
todos os outros povos te pilharão,
por causa do sangue^a humano, pela violência feita à terra,
à cidade e a todos os seus habitantes.
9 AI de quem adquire lucros injustos para a sua casa,
a fim de fazer seu ninho bem no alto e se esquivar da mão da desgraça.
Nm 24,21; Is 14,13; Jf 49,16; Ab 4
1,17; 2,8; Is 10,7; Lc 19,40
10 É a vergonha para tua casa que decidiste:
causar o fim de numerosos povos é um atentado à tua própria vida!
11 Sim, a pedra da parede gritará e a viga do madeiramento^m lhe responderá.
Jr 22,13; Mq 3,10
12 AI de quem constrói uma cidade sobre o sangue,
funda uma capital sobre o crime!
13 Não vem do SENHOR de todo poder o seguinte:
Jr 51,58 Os povos labutam para o fogo,

as nações se extenuam em vãoⁿ;

- 14 porque a terra ficará repleta do conhecimento da glória do SENHOR como as águas recobrem o mar?
15 AI de quem obriga seu próximo a beber! Tu misturas teu veneno^p até a embriaguez,
para que se divirtam com o espetáculo de sua nudez.
Gn 9,20-25
16 Estás saturado de infâmia, não de glória! Chegou tua vez de beber e de exibir teu prepúcio^q;
a taça^r da destra do SENHOR se derrama sobre ti,
e depois da glória, será a desgraça!
17 Pois bem, a violência feita ao Líbano te afogará,
e os animais que devastavam serão esmagados^s
por causa do sangue humano, por causa da violência feita à terra, à cidade e a todos os seus habitantes.
2,8
18 De que serve uma estátua, esculpida pelo artífice^t,
ou fundida para ensinar^u o engodo, se o artífice desta obra confia nela fazendo ídolos mudos?
19 AI de quem diz a um pedaço de madeira: "Levanta-te!"
ou "Acorda!" a uma pedra muda, e anuncia: "Ela vai ensinar!"
Ei-la revestida de ouro e de prata, mas nenhum sopro a anima.
20 Ao contrário, o SENHOR está em seu santo templo^v:
- Is 11,9
Jr 10,15
Lm 4,21
Is 40,19-20; 41,6-7; 44,9-20; 46,6-7; Jr 2,27-28; 10,3-5; 14-15; Zc 10,2; Sl 115,4-8; 135,15-18; Sb 13,10-19; 1Cor 12,2
Dt 26,15; 1Rs 8,30; Is 40,22; Mq 1,2; Sl 11,4

j. Lit. *dirá*, sujeito elíptico, como em 1,5 (cf. nota f). Comentário de Qumran e gr.: *eles dirão*.

k. Em hebr.: *sangues*, no plural, para designar o sangue derramado por um crime; igualmente no v. 12; cf. v. 17.

l. Lit. *pecando contra tua vida ou tua alma* (contra ti mesmo).

m. Lit. *de madeira*, termo muito geral.

n. Cf. Jr 51,58.

o. Cf. Is 11,9. Cf. Nm 14,21; Is 6,3; 31,33; 40,5; Sl 72,19.

p. O vinho é traiçoeiro (v. 5). Outras traduções possíveis: *tu derramas teu odre*, ou ainda: *tu acumulas teu furor*, pois as palavras traduzidas por *misturar* e *veneno* têm várias acepções.

q. Do ponto de vista israelita, a infâmia é dupla: a conquista-se vê nu, motivo de vergonha (Gn 2,25; 3,7; Na 3,5) e se mostra incircunciso, sinal de que está fora da aliança (*incircunciso* como termo pejorativo: Ex 12,48; 1Sm 17,26; Ez 28,10; 31,18; 32,19ss.). Comentário de Qumran e gr.: *e de titubear*.

r. A taça na destra de Deus, imagem de sua cólera: Is 51,17-23; Jr 25,15; Sl 75,3-9, etc.; no NT: Ap 14,10; 15,7; 16,1; 21,9.

s. Lit. *A devastação dos animais os esmagará*. Algumas versões trazem: *te esmagará*. A bestialidade dos invasores volta-se contra eles mesmos. Para alguns, a frase continuaria a imagem sugerida pelo Líbano, região de florestas; sua invasão teria sido causa da carnificina dos animais que ali se abrigavam (os habitantes da região).

t. Cf. v. 8.

u. O hebr. insiste: *por seu artífice*, sinal da origem puramente humana e material dos ídolos. Este v. anuncia o seguinte, que contém o último das cinco *AI!* do capítulo.

v. O verbo traduzido por *ensinar* aplica-se em geral aos oráculos emitidos nos santuários (está na origem do substantivo *Torá*, traduzido em geral por *Lei*, cf. acima 1,4). No Antigo Oriente, era comum interpretar os movimentos provocados numa estátua como oráculos dados pelo ídolo (idolomania), daí o v. 19.

w. Sua morada particular, que o santuário de Jerusalém reproduz (Ex 25,40). Esta conclusão anuncia o capítulo 3: Deus vai aparecer.

Sf 1.7; Silêncio diante de sua face, ó terra
Zc 2.17; inteira!
Ap 8.1

3 Salmo

1 Oração do profeta Habacuc.

No tom das lamentações.

² SENHOR, ouvi o que anunciaste,
estou transido de temor.

SENHOR, vivam^a teus atos ao longo
dos anos!

Faze-os conhecer ao longo dos anos,
mas na convulsão
lembra-te da misericórdia!

³ Deus vem de Teman^b, o Santo, do
monte Paran^c. *Pausa^d*

Sua majestade cobre o céu,
seu louvor enche a terra,

⁴ Aparece um brilho luminoso^e.
Dois raios^f de sua mão saem:
eis o segredo de sua força.

⁵ Diante dele caminha a peste,
e a febre^g segue-lhe os passos.

⁶ Estacou, mediu a terra,
Olhou, fez estremecer as nações.
Deslocaram-se as montanhas eternas^h,
as colinas antigas desabaram.

Is 54.8;
Na 1.7

Jz 5.4;
Is 42.13

Nm 14.21;
Is 66.3

Is 40.12

Jz 5.4-5;
Is 42.15;
Sl 18.8;
68.8-9;
114.4

A ele pertencem os antigos percursos!ⁱ

⁷ Eu vi as tendas de Kushan reduzidas
a nada;

os abrigos da terra de Midian^j em pânico.

⁸ Será que o SENHOR se inflamou
contra os rios?

Tua cólera dirige-se contra os rios,
teu furor, contra o mar^k,
quando montas em teus cavalos,
em teus carros vitoriosos?

Dt 33,
26-27

⁹ Teu arco está desnudo^l,
as palavras de juramento são dardos^m.

Pausa

Arreventas a terra pelas torrentes.

¹⁰ As montanhas te viram: põem-se a tremer.

Passou uma tromba d'água,
o Abismoⁿ fez ouvir sua voz,
levantou as mãos para o alto.

Gn 9.13;
Zc 9.13;
Lm 2.4;
3.12;
Dt 32.23;
Ez 5.16
Ex 19.18
Sl 77.
17-18

¹¹ O sol e a lua pararam em suas moradas^o
à luz de tuas flechas que partem,
ao brilho fulgurante de tua lança.

¹² Em tua ira percorres a terra,
calcas aos pés as nações em tua cólera.

Is 63.3-6;
Sl 110.6

¹³ Tu saíste para a salvação de teu povo,
para a felicidade de teu messias^p.
Tu decapitaste a casa do malvado;

x. Título comparável ao dos Salmos. *Súplica*, como os Sl 17: 86; 90; 102; 142. O título também traz a indicação do autor ou do livro que contém esse salmo. Cf. v. 19, indicações complementares.

y. Ou: *confissões*. O sentido exato desta palavra é mal conhecido; as versões têm aqui textos divergentes. Cf. Introd. aos Sl. z. Outras traduções possíveis: *tua fama* ou *a narração do que fizeste*.

a. Lit. *faça viver*.

b. Província de Edom, entre o deserto do Sinai e o território de Judá. Cf. Zc 9.14 nota.

c. Esta montanha está associada ao Sinai, Dt 33.2, e aos lugares privilegiados da revelação no deserto. Deus se revelou e se revela através da tempestade e do tremor de terra.

d. Indicação litúrgica como nos Salmos; também nos vv. 9 e 13; falta no aramaico.

e. Lit. *o brilho torna-se como luz*.

f. Lit. *dois chifres*; cf. Ex 34.29-30 e nota.

g. Palavra significando igualmente *flama* e *raio*; mais geralmente, *catástrofe*. Para os cananeus, nome próprio de um deus devastador: Réshêf.

h. Esta expressão — bem como *colinas antigas* — aparece nas bênçãos dos patriarcas e das tribos de Israel, Gn 49.26; Dt 33.15; cf. Sl 90.2; Pr 8.25; Jó 15.7.

i. De acordo com os vv. 3-6, trata-se das trajetórias ao longo das quais os patriarcas e o povo do Êxodo aprenderam a conhecer o Senhor. Os indícios de algum parentesco com os temas da religião de Canaã e das tribos dos desertos do sul não são exclusivos do salmo de Habacuc; há aqui, como em outros lugares, a retomada desses temas na expressão da fé israelita.

j. A terra de *Midian*, associada à montanha de Deus; Ex 3, 1-6. *Kushan*, nome de lugar, só aparece aqui; com certeza, um povo nômade do deserto da península sinaitica, cf. Nm 12.1 nota.

k. Viu-se neste v. uma alusão ao tema religioso cananéu, no qual o deus Baal domina a revolta conjugada dos cursos d'água e do mar (poema de Ugarit, séc. XIV a.C.). Somente no v. 15 se encontra uma alusão direta à passagem do mar Vermelho.

l. Isto é, provavelmente, tirado de seu estojo e segurado na mão, Gr.: *retesas teu arco*.

m. Lit. *Juramentos, dardos da palavra*. As palavras que Deus pronuncia e especialmente os juramentos que faz em sua cólera (Sl 95.11; 106.26; Is 14.24-25; Jr 22.5; 44.26-27; 49.13; Am 4.2-3) são outras tantas ações. Seu poder expressa-se aqui pela imagem de armas de arremesso.

n. Um dos elementos preexistentes à criação do mundo, segundo Gn 1.2: a mitologia babilônica o personalizava.

o. Cf. Is 10.12-13. Aqui o brilho das armas de Deus supera o dos astros mais luminosos.

p. A unção com óleo consagrado ou *crisma*, que torna *ungido* (*messias, cristo*). Cf. Ex 30.25 nota, era reservada aos reis (1Sm 10.1; 16.13; Sr 46.13; 2Sm 2.4; 5.3; Sl 45.8, etc.). Era conferida também ao sumo sacerdote (Ex 29.7 e nota; Lv 4.3.16; 6.15; Sl 84.10; 133.2; Zc 4.14) e a todos os sacerdotes, "filhos de Aarão" (Ex 30.30; 40.15), e às vezes aos profetas (1Rs 19.16; cf. Is 61.1; Lc 4.18). O paralelismo entre o 1º e o 2º estíquios deste v. induz a reconhecer como messias também a comunidade dos membros do povo eleito, povo régio e sacerdotal (Ex 19.6; Is 61.6; cf. 1Pd 2.5.9; Ap 1.6; 5.10; 20.6), e, ainda, povo de pro-

desnudaste por completo os
fundamentos!

Pausa

¹⁴ Com seus próprios dardos traspassaste
a cabeça de seus chefes,
quando chegavam qual tempestade
para alegremente me esquarterar,
como se, na emboscada, já
estivessem a devorar o vencido^q.

Is 43,16-17;
SI 77,20

¹⁵ Tu abriste caminho no mar para teus
cavalos,
no borbulhar de águas impetuosas^r.

¹⁶ Eu ouvi e estou profundamente
perturbado.
A este estrondo^s, meus lábios balbuciam,
estou todo desfeito^t.
Parado no lugar, fico perturbado.

Is 21,3-4;
Jr 4,19;
23,9;
Dn 8,18,27;
10,8;
SI 119,120

Pois sem mover-me, devo aguardar
o dia da calamidade,
para então subir até o povo que nos
ataca^u.

¹⁷ De fato, a figueira não floresce,
as vinhas não produzem nada, Os 9,2
a cultura da oliveira decepçiona,
os campos nada dão para comer,
o rebanho desaparece dos apriscos, Jr 5,17
não há mais gado nos estábulos.

¹⁸ Eu, porém, estarei na alegria por
causa do SENHOR,
exultarei pelo Deus que me salva. Lc 1,47;
Is 61,10;
Mq 7,7;
Jl 2,23
¹⁹ O SENHOR é o meu SENHOR,
ele é minha força, SI 18,34
ele torna meus pés como os das corças,
faz-me andar nos meus lugares altos. Dt 32,13;
Is 58,14

Do mestre do coro. Com meus instrumentos de corda^v

fetas (Nm 11,29; Jl 3,1); mesmo sentido de povo-messias em SI 28,8; cf. SI 105,15.

q. O infeliz; ou o humilhado, às voltas com seus inimigos, de SI 9,19; 10,2,9; 12,6; 14,6; 18,28, etc.

r. Alusão provável à travessia do mar Vermelho (Ex 14-15).
s. Ou: à voz.

t. Lit. a podridão chega a meus ossos, cf. Os 5,12; Jó 13,28; Pr 12,4; 14,30.

u. Outra tradução: que um dia de angústia suba para o povo que nos ataca.

v. Fórmulas encontradas no início de alguns salmos, cf. v. 1; Introd. aos Salmos e SI 4; 6; 54; 55; 67; 76.

SOFONIAS

INTRODUÇÃO

Será que Deus se interessa pelos homens? É ele quem conduz a história? Tal era a pergunta dos cééticos ao profeta, num tempo de calamidade (Sf 1,12).

I. O quadro histórico. *O pano de fundo do livro de Sofonias é, com efeito, uma época excepcionalmente dramática que interrogava este profeta —, como a outros, aliás —, acerca do sentido da história.*

Para começar, é o tempo da expansão assíria, com as destruições e crueldades que ela acarretava. Ruína dos estados arameus situados entre o Eufrates e o Mediterrâneo; em seguida, a de Damasco, em 732 a.C.; tomada de Samaria, em 722, com deportação da população; tomada de Tiro, em 701, e de Sídón, arrasada de alto a baixo, em 671; saque de Tebas do Egito, em 663; saque de Babilônia, em 689: “Eu a tratei pior do que um dilúvio”, escreverá Senaquerib.

Algumas dezenas de anos mais tarde, a situação se inverte: os medos aniquilam Nínive em 612. Depois, os neocaldeus de Babilônia inundam o Ocidente: Jerusalém é sitiada três vezes e acabará arruinada, em 587.

Entre estes dois movimentos pendulares, houve ainda uma invasão dos citas que, durante vinte e oito anos (de 639 a 611 mais ou menos), dominaram grande parte do Oriente Médio. Vindos do norte do mar Negro, empurraram os medos, apoderaram-se da Ásia Menor e prosseguiram, ladeando a costa mediterrânea, sua marcha para o sul, em direção do Egito. As instâncias e os presentes do rei do Egito (Psamético, 664-620 a.C.) fizeram-nos voltar atrás. Contudo, senhores da Ásia e dos confins do Egito, os citas pilharam e arruinaram inteiramente os territórios que ocupavam ou atravessavam, impondo, a bel-prazer, o seu domínio aos povos submetidos. Seu domínio terminou com o saque de Ashqelon e a queda de Ashdod (c. 611), na Filistéia. Foi na mesma época (609-608) que o faraó Nekô II apoderou-se de Gaza, outra cidade da Filistéia, venceu os sírios em Meguido e adiantou-se até Harran, na Mesopotâmia.

Durante todo esse tempo, e particularmente durante o período assírio que marcou o longo reinado de Manassés, Jerusalém não podia ficar de lado. Apertada no corredor palestinese, ela participou das manobras políticas e dos jogos de coalizão a que se entregavam os pequenos estados situados entre a Mesopotâmia e o Egito. Foi assim que o rei Amon, de Judá, foi assassinado, provavelmente por um grupo de oficiais decididos a repelir o jugo assírio. Diante deste movimento egíptio, houve imediata contra-revolução “da gente da terra”, graças à qual Josias, aos 8 anos, subiu ao trono.

Nesta linha de reação ao domínio assírio, durante os anos da minoridade do rei, é que se compreende melhor a atuação do profeta Sofonias e suas críticas políticas e religiosas, dirigidas tanto contra os ministros e os príncipes da corte real, como contra os que aderiam ao estrangeiro, adotando seu modo de vestir ou práticas religiosas. Foram encontrados, por sinal, contratos de venda dessa época, concernentes a judeus ou egípcios de Guzer, redigidos em assírio e conformes ao direito assírio.

II. Plano do livro. *Deve-se atribuir aos editores do livro de Sofonias a atual disposição em três partes, de acordo com o clássico esquema tripartido, tipicamente profético (cf. Jeremias, Ezequiel), a saber: advertência a Israel, julgamento das nações e promessas de restauração.*

Detalhadamente, o livro segue o seguinte plano:

- 1) título (1,1), redacional;
- 2) oráculos de advertência e de ameaça contra Judá (1,2-13);
- 3) o Dia do Senhor (1,14-18);
- 4) exortação a um Resto, os humildes (2,1-3);
- 5) julgamento e ameaças contra as nações inimigas de Judá (filisteus, moabitas, amonitas, núbios e assírios) (2,4-15);
- 6) rejeição de Jerusalém, posta no mesmo plano das nações pagãs (3,1-8);
- 7) promessas de restauração (3,9-20).

III. Os grandes temas do livro. *Um céu de apocalipse e uma terra para os pobres do Senhor, tais são os dois horizontes de Sofonias, com uma realidade central: Deus "no meio" de seu povo (3,5.12.15; cf. 3,2), pois só Deus orquestra a história e salva os humilhados.*

A) O Dia do Senhor. Este tema tornou célebre a profecia de Sofonias. É o eixo de gravitação do pensamento do profeta, com dois pólos: de um lado Israel, do outro, as nações; duas forças antagônicas, cujo resultado será: o "Resto". O tema do Dia impõe-se pela conjuntura histórica das grandes perturbações políticas do tempo. O Dia do Senhor é o momento em que este vinga seu povo, decide seu destino, salva-o como outrora no tempo do Êxodo; para tanto, renova os aterroradores prodígios contra as nações. Todavia, a concepção de Sofonias ultrapassa o quadro estrito da história: o que ele prediz é um cataclismo cósmico. Sem trair a mínima hesitação nem sombra de emoção, o profeta anuncia esse dia de cólera (dies irae) e de destruição. Se há esperança para os humildes, a história irá acabar num festim de sangue, presidido por Deus. O Dia do Senhor (já mencionado por Amós, Naum e Joel) será o dia de perturbação geral. Com uma amplidão sem igual, Sofonias descreve um julgamento que, pelo terror e desolação, atingirá não apenas os homens e as civilizações, mas tudo o que tem vida na terra, e constituirá uma espécie de desintegração da criação (Sf 1,2-3.15).

Contudo, em Sofonias, o Dia do Senhor não se declara como o fim do mundo e da história, mas como a metamorfose e recriação do povo de Deus, o fim de uma era de pecado. E tudo vai terminar nos cantos de alegria do "Resto" (cap. 3).

B) Oráculos contra Jerusalém e contra as Nações. Já que a cidade é infiel e recalcitrante, e seus chefes, juízes, profetas e sacerdotes se fizeram surdos à voz de Deus, o profeta põe Jerusalém sob o juízo de Deus, votando-a à desgraça. O Senhor vai perscrutar, condenar e punir. E não serão só os grandes a sofrer; também os idólatras, os funcionários, os comerciantes e os incrédulos. Desde o Templo até os mercados, a cidade inteira padecerá a ação divina.

Quanto às nações pagãs, também elas sofrerão o castigo divino. Como outros profetas, Sofonias

volta-se para os quatro pontos cardeais, a fim de anunciar sua ruína e seu aniquilamento: aos filisteus (oeste), a Moab e Amon (leste), aos etíopes (sul) e à Assíria (norte).

O livro apresenta uma leitura profética dos sinais dos tempos, leitura que prepara o nascimento da literatura apocalíptica.

C) Os humildes. Ao lado dos trovões de sua voz de profeta, Sofonias tem inflexões de ternura pelos pequenos que "põem em prática" a vontade do Senhor. Estes, os "humildes", têm esperança de escapar ao cataclismo da cólera divina. São o "Resto", o novo povo de Deus.

D) A Santa Montanha do Senhor. Deus quer reunir um Israel qualitativo, o "Resto", e honrá-lo diante das nações, e isto na Jerusalém feliz, livre e santa, onde ele reinará. Com isto, depois de algumas das páginas mais sombrias do Antigo Testamento, o livro de Sofonias termina num tom de esperança e de alegria, numa visão de danças na Jerusalém em festa.

IV. Data e autenticidade do livro. Como bem o disse com razão Karl Barth, "os profetas são homens sem biografia". No entanto, as alusões de Sofonias à história de seu tempo são bastante claras e supõem longa experiência nos meios políticos, o que permite datar sua obra, pelo menos aproximadamente. Pode-se ter como certa sua atuação a partir da minoridade de Josias. Portanto se, como pensam os historiadores, seu ministério começou por volta de 630 a.C., é muito possível que tenha conhecido a queda de Ninive em 612 e talvez mesmo os dois cercos de Jerusalém (597 e 587/586) e sua tomada. A deportação dos habitantes para Babilônia explicaria por que, depois de tantas profecias de desgraça, Sofonias pôde pronunciar oráculos que prometiam aos exilados retorno e restauração.

Nunca se duvidou seriamente nem da existência do profeta nem da canonicidade do livro. Mesmo comportando vestígios de intervenções posteriores, é preciso considerar com cautela as críticas a versículos ou passagens pretensamente inautênticos.

Entre os textos menos atestados considere-se 2, 8-11, em que a métrica poética da "Lamentação" (qinâ) desaparece, para ressurgir no v. 12.

SOFONIAS

- 1** ¹Palavra do SENHOR, que veio a Sofonias, filho de Kushi, filho de Guedaliá, filho de Amariá, filho de Hizqia^a, no tempo de Josias^b, filho de Amon, rei de Judá. 2Rs 22,1;
Jr 1,2

O DIA DO SENHOR

Sentença do Senhor contra a terra

²Tudo extirparei da face da terra

— oráculo do SENHOR —,

Jr 7,20;
Os 4,3

³Extirparei homens e animais, pássaros do céu e peixes do mar, extirparei o que faz os maus tropeçarem^c; suprimirei o ser humano da face da terra

— oráculo do SENHOR.

Sentença contra Judá e Jerusalém

⁴Estenderei a mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém;

2Rs 23,4-5

suprimirei deste lugar aquilo que resta de Báal, os nomes de seus oficiais, e os sacerdotes com eles;

⁵aqueles que se prosternam sobre os terraços

diante do exército dos céus^d, aqueles que se prosternam^e diante do SENHOR

e juram por Mélek, deus deles^f;

⁶aqueles que se afastam do SENHOR,

Is 1,4;
9,12

que não o procuram e não o consultam.

⁷— Silêncio^a diante do Senhor DEUS, porque o dia do SENHOR está próximo.

Hab 2,20;
Zc 2,17

O SENHOR prepara um sacrifício, consagra seus convidados^b. —

Ap 19,
17-18

⁸Ora, no dia do sacrifício do SENHOR, intervirei contra os ministros, contra os príncipes,

e contra todos quantos se vestem à moda estrangeira¹.

⁹Eu intervirei, naquele dia, contra todos os que saltam o limiar¹, que encham a casa de seu senhor com o produto da violência e da perfídia.

¹⁰Ora, naquele dia — oráculo do SENHOR — ouvir-se-á um clamor na Porta dos Peixes, uivos na Cidade Nova, grande estrondo nas colinas;

Ne 3,3

2Rs 22,14

¹¹bradai, habitantes da Cidade Baixa^a, pois o povo dos mercadores foi aniquilado, todos os que pesam dinheiro foram eliminados¹.

Is 23,8;
Zc 14,21

a. *Hizqia*, homônimo do rei contemporâneo do profeta Isaías (Ezequias, séc. VIII), mas não se pode afirmar que Sofonias desça desse rei.

b. Josias reinou de 640 a 609 a.C.

c. Na hora da intervenção de Deus, será extirpado tudo quanto foi causa da queda dos judeus: as criaturas que eles idolatraram (cf. Rm 1,23). Contudo a interpretação deste texto ainda é hipotética.

d. A reação de Sf tem duplo alvo: vai, de um lado, contra a religião cananéia (o bualismo), ameaça permanente para a fé de Israel; e, doutro lado, contra a religião mesopotâmica, centrada no culto dos astros e favorecida em Jerusalém, ao que parece, pelos reis Amon e Manassés (cf. 2Rs 21,3-5,21-22).

e. O hebr. acrescenta "que juram", repetido por engano; ver o que se segue.

f. Lit. "por seu mélek" ou "por seu rei". Mas o substantivo hebr. *mélek* (o rei) tornara-se nome de divindade, como é o caso da palavra *báal* (o dono, o senhor). Cf. Is 57,9 e os nomes próprios Abimélek, Ahimélek. Todavia, o texto parece mal transmitido e, com as versões, seria preciso ler *Milkam*, principal divindade dos amonitas (1Rs 11,33).

g. O v. parece ter sido deslocado: liga-se estreitamente ao conjunto 14-18.

h. Outrora um sacrifício era normalmente acompanhado de uma refeição, para a qual os participantes se purificavam. Os comentadores julgaram que os *convidados* poderiam ser exércitos do Senhor, ou os animais selvagens chamados a se fartar com os cadáveres, ou ainda os exércitos estrangeiros convocados pelo Senhor para executar seus castigos.

i. A imitação do modo de vestir-se dos estrangeiros era sinal de que também se seguia seu modo de viver, de pensar, de adorar. Cf. 2Mc 4,13-14.

j. A expressão, pouco clara, recorda o uso mencionado em Ism 5,5. Muitos tradutores, porém, julgam poder tratar-se aqui de adoradores de um falso deus; eles "sobem ao estrado", onde está o altar, ou então cortesãos que "galgam o pódio", onde o rei está no trono, a fim de levar-lhe dons adquiridos por extorsão (cf. a sequência do v.).

k. A Cidade Baixa ou o Pilão (ou a Cavidade); bairro de Jerusalém.

l. A menção aos *mercadores* (lit. o povo de *ken'ān*) e aos que *pesam dinheiro* significa que mesmo os mais solidamente esta-

¹² Ora, naquele tempo,
perscrutarei Jerusalém com tochas^m
e intervirei contra os homens
imobilizados em sua inérciaⁿ
e que dizem a si mesmos:
o SENHOR não pode fazer nem bem,
nem mal^o.

SI 10,11;
73,11;
94,7

¹³ Suas riquezas serão então entregues
à pilhagem
e suas casas à devastação.
Construirão casas, mas nelas não
habitarão;
plantarão vinhas, mas o vinho não
beberão.

Dt 28,30;
Mt 6,15

O dia do Senhor

¹⁴ Ele está perto, o grande dia^p do
SENHOR,
está perto, vem a toda pressa.
Haverá acerbos clamores no dia do
SENHOR,
até o corajoso clamará por socorro.

¹⁵ Dia de furor, esse dia,
dia de miséria e de angústia,
dia de calamidade e de desolação,
dia de trevas e de escuridão,
dia de névoa, de sombrias nuvens,

Jl 2,2;
Am 5,18-20

¹⁶ dia de soar a trompa e de alarido de
guerra

Jl 2,1

contra as fortificações e contra os
altos torreões.

¹⁷ Lançarei os homens no desespero,
caminharão como cegos,
pois pecaram contra o SENHOR.
Seu sangue será derramado como pó,
suas entranhas, como lixo.

Jr 9,21;
SI 79,2-3

¹⁸ Nem sua prata nem seu ouro poderão
livrá-los:
no dia do furor do SENHOR,
no fogo de seu ciúme^q,
a terra inteira será devorada^r;
pois ele executará o extermínio
— e será terrível —
de todos os habitantes da terra.

Dt 4,24;
32,22;
Hb 12,29

2 Apelo à conversão

¹ 'Empilhai-vos, amontoai-vos',
ó nação sem pudor,

² antes que chegue o decreto¹
e que o dia tenha voado como palha;
antes que venha sobre vós o fogo da
cólera do SENHOR.

³ Procurai o SENHOR, todos vós, os
humildes^s da terra,
que praticais o direito por ele estabelecido;
procurai a justiça, procurai a humildade,
assim talvez estejais ao abrigo,
no dia da cólera do SENHOR.

Am 5,4
3,12;
Is 57,15;
62,2

ORÁCULOS DE AMEAÇA^t

Contra os do oeste

⁴ Gaza vai ser abandonada,
Ashqelon, devastada,

Ashdod, em pleno dia, será expulsa,
e Eqrn, desarraigada.

⁵ Ai de vós, habitantes da região do mar^u, Am 9,7

Is 14,28-32;
Jr 47,1-7;
Ez 25,15-17;
Jl 3,4-8;
Am 1,6-8;
Zc 9,5-7

belecidis na sociedade de então não resistirão no momento da
intervenção do Senhor. Cf. v. 18.

m. Não se trata de uma busca noturna. As tochas servem para
explorar os recantos mais escondidos da cidade; ninguém esca-
pará. (Cf. Am 9,1).

n. Lit. *que se embrutece* ou *se cravam na sua borra*. Cf. Jr
48,11.

o. Esta dúvida (cf. Jr 5,12; SI 10,4; 14,1) vai contra a afirma-
ção bíblica de que Deus é vivo; é também a negação de tudo
quanto ele fizera por Israel: libertação, dom da Lei, aliança.

p. Sobre o *dia do Senhor*, cf. Introd.; Os 1,5 nota; Jl Introd.;
Am 5,18 nota.

q. Sobre o *ciúme* de Deus, cf. Ex 34,14 nota; Na 1,2 nota.
r. A catástrofe toma aqui caráter cósmico. A punição que, a
princípio, devia alcançar Judá e Jerusalém (vv. 4-13), atinge
agora todas as nações (cf. 2,4-15).

s. Compara-se este verbo (muito raro) com uma palavra que
significa "fibra de palha". A imagem seria a da debilidade do trigo;

mas a interpretação não é muito segura.

t. O *decreto*, i. é., a iminente sentença de condenação. Mas esta
tradução, bem como a da linha seguinte, é duvidosa: o texto
parece deteriorado.

u. Os *humildes* opõem-se, em Sf, a todos aqueles que encon-
tram força em si mesmos: os dignitários (1,8-9), os ricos (1,10-
11), que não precisam de Deus (1,12). O profeta revira os valo-
res: a única atitude que pode manter o homem em vida é *pro-
curar* o Senhor.

v. Reencontram-se aqui os oráculos contra as "nações", como
em vários profetas: Is 13-23; Jr 46-51; Ez 25-32; Am 1,1-2,3;
Ab; Na; Hab 2,5-20. Como Amós, por exemplo, Sofonias passa
em revista todas as cidades e dos países estrangeiros (a oeste,
os filisteus; a leste, Moab e Amon; ao sul, os kushitas; ao norte,
a Assíria), antes de se dirigir à sua própria cidade, Jerusalém
(3,1-4).

w. *Região do mar*: a terra dos filisteus. A expressão designa
simultaneamente a faixa costeira e o laço cultural e econômico

nação dos cretenses;
A palavra do SENHOR vem contra ti,
Canaã^a, terra dos filisteus:
vou fazer-te perecer por falta de
habitantes.

⁶ A região do mar transformar-se-á em
pastagens,
em prados para os pastores, em
cercados para os rebanhos;

⁷ e a região pertencerá ao que restar
da casa de Judá;
eles apascentarão nesses lugares^b;
à noite, repousarão nas casas de
Ashqelon,
pois o SENHOR, seu Deus, intervirá
em seu favor
e mudará a sua sorte.

Contra os do leste

⁸ Escutei os insultos de Moab,
os sarcasmos dos filhos de Amon,
dos que insultavam o meu povo
e se engrandeciam à custa de seu
território.

⁹ Por isto, por minha vida!
— oráculo do SENHOR de todo poder,
Deus de Israel —,
Moab tornar-se-á como Sodoma
e os filhos de Amon, como Gomorra;
um terreno de espinhos, uma mina
de sal,
terra devastada para sempre.
O que restar de meu povo os pilhará,
o que subsistir de minha nação será
seu herdeiro.

¹⁰ É isto o que receberão por seu orgulho,
por terem insultado o povo do
SENHOR de todo poder,

e se engrandecido à sua custa.

¹¹ O SENHOR para eles se mostrará
terrível,
rebaixará todos os deuses da terra,
e todas as nações, as mais longínquas,
se prosternarão diante dele,
cada qual no seu próprio solo^c.

Contra os do sul

Is 18,1-7

¹² E vós também, kushitas!
— Minha espada os traspassou^a.

Contra os do norte

Is 10,5-19;
14,24-27;
Na 2,2-3,19

¹³ Ele estenderá a mão contra o norte
e fará Assur perecer.
De Nínive fará uma terra devastada,
árida como o deserto;
¹⁴ dentro dela descansarão os rebanhos
e animais de toda espécie:
a gralha^b e o ouriço passarão a noite
em seus capitéis,
ouvir-se-á um ulular à janela.
Já desde a soleira, tudo ruínas,
as vigas de cedro postas a descoberto^c.
¹⁵ Assim será a cidade alegre que reinava
em segurança,
aquela que dizia a si mesma: "Ninguém
além de mim!"
Como se tornou terra desolada,
covil para os animais?
Quem passa por ele, assobia e agita
a mão^d.

Is 47,8,10

Jr 19,8;
49,17

3 Contra Jerusalém

Jr 6,6-10

¹ 'Ai da rebelde, a impura, a cidade
tirânica!

² Ela não escutou o apelo,
não aceitou a lição,

Jr 5,3;
7,26,28;
22,31

Is 15-16;
Jr 48,1-
49,6;
Ez 25,1-11;
Am 1,13-
2,3

Gn 19,
24-25

que os filisteus, vindos também eles dos confins orientais do
Mediterrâneo, tinham com Creta e as ilhas do mar Egeu. Outros
traduzem a *região costeira*, i.é., a terra dos filisteus.

x. O nome Canaã evoca, ao mesmo tempo, a realidade geográ-
fica da "terra de Canaã" e a idéia de comércio: acham-se de
novo aqui os *mercadores* de 1,11.

y. A tradução segue o hebr., mas muitos comentadores julgam
preciso traduzir "eles levarão a pastar perto do mar" (*al hayydm*
em vez de *aleyhm*, lit. "sobre eles"). — Sf anuncia que os
filisteus, que sempre haviam sido como que um grupo estranho
na Palestina, serão enfim expulsos e Judá possuirá a terra de
Canaã até o mar.

z. Lit. e se prosternarão diante dele, cada um em seu lugar,
todas as ilhas das nações. Na Bíblia, as ilhas significam as

regiões longínquas. Cf. Gn 10,5; Is 11,11; 41,5.

a. Possível alusão a uma vitória da Assíria sobre a dinastia
kushita (nubia) que reinava no Egito.

b. É difícil identificar o pássaro aqui designado e mencionado
outras quatro vezes na Bíblia. Foi interpretado como *coruja*,
coruja da noite, *galinha pequena* ou *pelicano*. No SI 102,7, a
tradução da Vulgata, *pelicanus solitudinis*, inspirou muitos co-
mentadores a verem aqui uma figura do Cristo.

c. As paredes eram, muitas vezes, feitas pela junção de pedras
e de vigas, e depois rebocadas. Jogadas por terra e sem o reboco,
elas punham à mostra sua armação.

d. Os assobios e os movimentos de mão expressam a zomba-
ria e o espanto, mas também o medo, e poderiam ser ritos má-
gicos para expulsar os maus espíritos.

não pôs no SENHOR a sua confiança,
de seu Deus não se aproximou^f.

³ Seus chefes, dentro dela,
Jr 6,13-15; são leões que rugem;
seus juizes, lobos do crepúsculo,
que nada mais têm para roer pela
manhã.

Jr 23,11;
Ez 22,26 ⁴ Seus profetas são fanfarrões e
embusteiros,
seus sacerdotes profanaram tudo o
que é sagrado,
Ez 22,25 violaram a lei.

Conclusão

^{3,17} ⁵ No meio da cidade^f, o SENHOR é justo,
não comete a iniquidade.
Cada manhã pronuncia sua sentença,
ao raiar do dia, ele não falha.
Jr 6,15 — Mas o ímpio não conhece a
vergonha —
⁶ Eliminei nações,

seus torreões foram desmantelados;
devastei suas ruas: ninguém mais passa;
suas cidades, saqueadas: sem ninguém,
sem habitantes.

⁷ Eu havia dito: “Pelo menos, me
respeitarás,
aprenderás a lição,
— e a sua morada não será eliminada.” ^{3,2}
Cada vez que intervirm,
mais pressa tiveram em corromper^{*}
todas as suas ações.

⁸ Pois bem, esperai-me^h! — oráculo do
SENHOR.

Esperai o dia em que me levantarei
como testemunha de acusação!
Minha sentença será: extirpar as nações,
amontoar os reinos,
derramar sobre eles minha indignação,
todo o ardor de minha cólera; ^{1,18}
e a terra toda será consumida pelo
fogo de meu ciúme.

PROMESSAS

Conversão dos povos

⁹ Farei então com que os povos
Is 6,5 tenham lábios puros!
MI 1,11; para invocarem, todos eles, o nome
SI 86,9 do SENHOR,
e para que o sirvam num mesmo
empenhoⁱ.

¹⁰ D'além dos rios de Kush,
que me adoram — e que eu
dispersara^k —
Is 18,7 trazer-me-ão oferenda.

Conversão de Israel

¹¹ Naquele dia, tu não terás mais de
Is 54,4 corar por todas as tuas más ações,
por tua rebelião contra mim;
porque nesse momento já terei tirado

do meio de ti
teus fanfarrões orgulhosos
e cessarás de tomar ares de arrogante
na minha montanha santa.

¹² Manterei no meio de ti
um restoⁱ de gente humilde e pobre; ^{2,3}
procurarão refúgio no nome do SENHOR.

¹³ O resto de Israel não mais cometerá
iniquidade;
nunca mais dirão mentiras,
de sua boca não escapará mais ^{Ap 14,5}
um modo de falar enganador;
mas pastarão e repousarão
sem que ninguém os faça tremer.

Jerusalém restaurada

¹⁴ Grita de alegria^m, filha de Sião, <sup>Is 12,6;
54,1;</sup>

e. Este v. dá uma definição em quatro pontos da vida de fé.
Aproximar-se de Deus não significa em primeiro lugar “adoração cultual... mas dócil submissão à vontade de Deus” (Deissler).

f. Neste v., Sf quer mostrar que os falsos profetas e sacerdotes
são culpados precisamente porque o Senhor não abandonou a
cidade e sua vontade estava explicitada e podia ser conhecida.

g. A interpretação deste v. é incerta; o texto parece deteriorado.

h. Sf retoma aqui o gênero apocalíptico, ensaiado em 3,6.

i. A linguagem dos povos era “impura” (cf. Is 6,4), porque

invocavam falsos deuses. Purificada, sua linguagem será a antítese de sua infidelidade.

j. Lit. *que eles o sirvam todos a um só ombro*.

k. Tradução hipotética. Lit. *a filha de meus dispersos*. É possível que um redator tenha acrescentado estas palavras, por ter compreendido a expressão “aqueles que me adoram” como alusão a Israel.

l. Sobre o tema do “resto”, cf. Is 1,9; 4,3; Am 5,15 etc.

m. Neste v., em que Sf acumula os sinônimos, deve-se notar que a alegria nasce do perdão e do amor, do fim do medo, e da

- Zc 2,14; 9,9 brada aclamações, Israel, rejubila-te, ri com gosto, filha de Jerusalém.
- Is 40,2 ¹⁵ O SENHOR cancelou as sentenças que pesavam sobre ti, afastou teu inimigo. O rei de Israel, o SENHOR, ele mesmo, está no meio de ti, não terás mais de temer o mal.
- Is 35,3-4; 41,13-14 ¹⁶ Naquele dia, dirão a Jerusalém: "Não tenhas medo, Sião, não se enfraqueçam tuas mãos;
- Is 12,6; Ez 48,35 ¹⁷ o SENHOR teu Deus está no meio de ti como guerreiro, como vencedor". Ele é toda alegria por tua causa, no seu amor, ele te renova*, jubila e grita de alegria por tua causa."
- Jr 32,41; Is 62,5 ¹⁸ Eu reúno aqueles que estavam privados de festas^p;

- estavam longe de ti — vergonha a pesar sobre Jerusalém.
- ¹⁹ Vou agir contra todos os que te maltratam — naquele tempo —, salvarei as ovelhas mancadas, ajuntarei as perdidas. Vou tornar a dar-vos honra e vosso renome se difundirá por todos os países em que conhecestes a vergonha.
- ²⁰ Naquele tempo tornarei a reconduzir-vos, será no tempo em que vos ajuntarei; vosso renome se estenderá e vos darei lugar de honra entre todos os povos da terra, quando, à vossa vista, mudarei vossa sorte*, diz o SENHOR.

Ez 34,16;
Mq 4,6-7

Is 61,9
Jr 32,37

presença de Deus (vv. 15-17). Reparar que a alegria, tal como a entende o profeta, não é apenas "interior"; ele a concebe rica em exuberância.

n. Ou como salvador.

o. Tradução segundo o gr. que supõe a forma *yehadesh* (ele renova), em vez do texto masorético *yahrish* (ele permanece silencioso).

p. Refere-se a exilados privados das festas do Templo de Jerusalém. Todo o v. é bastante obscuro: a tradução segue os comentadores judeus medievais, o que permite evitar qualquer correção do texto; mas o grego e o sir. traduziram "como nos

dias de festa", pondo estas palavras no fim da frase precedente: "ele dança e grita de alegria... como nos dias de festa".

q. A palavra *ovelha* foi acrescentada para dar sentido. Sobre o tema do Senhor, pastor de seu povo, cf. Jr 23,6; Ez 34,2 e notas.

r. Pode também ser entendido: "Farei com que voltem vossos cativos". Poderia ser uma alusão aos acontecimentos políticos (tomada de Jerusalém e exílio); isto dataria este oráculo do fim da missão de Sofonias (cf. Introdução); a menos que vise ao retorno dos exilados do reino do Norte, cuja queda é bem anterior à pregação de Sofonias.

AGEU

INTRODUÇÃO

No desenrolar da história sagrada, a atuação do profeta Ageu foi muito mais extensa do que seu pequenino livro faz supor.

Depois de uma primeira tentativa de reconstrução do Templo em 537 (Esd 3,7-12), a penúria dos meios disponíveis e a hostilidade da população samaritana obrigaram a comunidade dos repatriados a interromper os trabalhos.

Por ocasião da morte de Cambises em 522, violentos conflitos internos abalaram o império persa. A instabilidade política dos primeiros anos do reinado de Dario provocou em Jerusalém uma tensão; o profeta Ageu, logo seguido por Zacarias, nesta se apoiou para despertar a comunidade.

A mensagem profética de Ageu — que se situa exatamente entre agosto e dezembro de 520 — pro-

cura interpretar para os contemporâneos os sinais dos tempos: a pobreza e as más colheitas são uma censura à letargia espiritual dos repatriados. Renovem o seu zelo pela fé, assumam o trabalho de construir para o Senhor uma Casa digna dele, e as bênçãos se multiplicarão; poderá abrir-se o tempo da salvação definitiva.

A instabilidade das nações já é prelúdio do Dia do Senhor (2,21-22). A salvação está às portas. Zorobabel, da linhagem davídica, é o portador ocasional das esperanças messiânicas.

A expectativa de um Templo mais glorioso do que o primeiro e de um messias régio — dupla esperança realizada em Jesus Cristo — sustentou vigorosamente o povo em sua caminhada para os novos tempos.

1 É tempo de reconstruir o Templo.

¹No segundo ano do reinado de Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês^a, a palavra do SENHOR veio por intermédio de Ageu, o profeta, a Zorobabel, filho de Shealtiel^b, o governador de Judá, e a Josué, filho de Iehosadaq, sumo sacerdote: ²“Assim fala o SENHOR de todo poder: Esta gente declara: Ainda não chegou^c o momento de reconstruir a Casa do SENHOR^d”.

³Ora, a palavra do SENHOR veio por intermédio de Ageu, o profeta: ⁴“Será este o momento para habitardes em vossas casas lambrisadas^e, enquanto esta Casa aqui está em ruínas? ⁵E, agora, assim fala o SENHOR de todo poder: Refleti seriamente^f sobre o que vos acontece. ⁶Semeastes muito, recolhestes pouco; comeis, mas sem vos saciardes; bebeis, mas sem ficardes alegres; vós vos vestis, mas não vos aqueceis, e o ganho do assalariado vai para uma bolsa furada. ⁷Assim fala o SENHOR de todo poder: Refleti seriamente sobre onde chegastes. ⁸Subi à montanha, trouxe madeira e reconstruí minha Casa: nela encontrarei prazer e manifestarei minha glória, diz o SENHOR. ⁹Esperáveis muito, e magra foi a colheita^g; quando a recolhestes ao celeiro, soprei sobre ela. E por quê? — oráculo do SENHOR de todo poder: Por causa de minha Casa, que está

em ruínas, ao passo que cada um de vós se preocupa com a própria casa. ¹⁰Por isso, acima de vós os céus retiveram o orvalho, a terra reteve seu fruto. ¹¹Eu chamei a seca sobre a terra, sobre as montanhas, sobre o trigo, o vinho novo, o azeite fresco e sobre tudo quanto o solo produz; sobre os homens, os animais e sobre todo o fruto de vossos trabalhos^h”.

¹²Então, Zorobabel, filho de Shealtiel, e Josué, filho de Iehosadaq, o sumo sacerdote, e todo o restoⁱ do povo escutaram a voz do SENHOR, seu Deus, e as palavras de Ageu, o profeta, conforme a missão que lhe dera o SENHOR, seu Deus. E o povo sentiu temor diante do SENHOR. ¹³E Ageu, o mensageiro do SENHOR, falou de acordo com a mensagem recebida do SENHOR para o povo: “Eu estou convosco — oráculo do SENHOR”. ¹⁴E o SENHOR excitou o espírito de Zorobabel, filho de Josué, filho de Iehosadaq, sumo sacerdote, e o espírito de todo o resto do povo^j; foram e puseram-se ao trabalho na Casa do SENHOR, o Todo-poderoso, seu Deus. ¹⁵— No vigésimo quarto do sexto mês^k...

O último esplendor do Templo. No ano segundo do reinado de Dario,

2 no sétimo mês, no vigésimo primeiro do mês^l, veio a palavra do SENHOR,

Lv 26,19-20

Jz 6,12;
2Sm 7,3;
Is 41,10

a. Fim de agosto de 520. O dia primeiro do mês era feriado, uma festa que incluía sacrifícios: 1Sm 20,5; Am 8,5; Os 2,13; Is 1,13; 66,23; Nm 28,11-15.

b. Neto de Ioiakin (também chamado Iekoniá, Jr 28,4), o último rei de Judá no momento da primeira deportação de 598 (2Rs 24,8-17; 25,27-30). Zorobabel, portanto, pertence à dinastia davídica (1Cr 3,17-19). O governo central persa havia-lhe confiado a administração civil da província de Judá.

c. Lit. *Não é o momento de ir, o momento de reconstruir...* Muitas versões lêem: *Não chegou, agora, o momento...*

d. Segundo Esd 3,1-9, o primeiro grupo vindo do Exílio começou a reconstruir o Templo. Mas a pobreza da comunidade e a oposição dos samaritanos (Esd 4,4) interromperam os trabalhos.

e. Ornadas de lambris, como eram outrora o Templo de Salomão e o palácio real: 1Rs 6,9; 7,37; Jr 22,14.

f. Lit. *Dirigi o coração para vossa situação*. Para o semita, o coração é mais a sede da reflexão do que das emoções.

g. Lit. *ei-la reduzida a pouco*.

h. A seca é um dos castigos com que Deus fere seu povo infiel. O pecado do homem repercute em toda a criação (Gn 3,17-18; Jr 4,23-28) e esteriliza toda atividade humana (Os 4,1-3; Jr 12,4; 14,2-9).

i. A expressão designa aqui a comunidade dos fiéis vinda do Exílio, identificada ao Resto, o portador das promessas: Esd 1,4; 9,8,14; Zc 8,6,11.

j. O despertar é um dom de Deus que suscita a obediência e arrasta a comunidade a realizações práticas: Esd 1,5.

k. Nota insólita aqui, pois dificilmente combina com 1,1. As datas, aliás, vêm quase sempre no começo dos oráculos e narrativas que lhes estão relacionadas. Talvez esta primitivamente introduzisse 2,15-19, constituindo assim o primeiro encorajamento, três semanas depois do recomeço dos trabalhos.

l. Meados de outubro de 520. Era o último dia da festa das Tendias, ocasião de grandes cerimônias no Templo: Lv 23,36; Jo 7,37.

Esd 3,10-13

por intermédio de Ageu, o profeta: ²"Fala a Zorobabel, filho de Shealtiel, governador de Judá, e a Josué, filho de Iehoşadaq, sumo sacerdote, e a todo o resto do povo, e dize-lhes: ³Quem dentre vós é sobrevivente e viu esta Casa em sua glória primitiva? E como a vedes agora? A vossos olhos não aparece como um nada? ⁴Mas agora, coragem, Zorobabel — oráculo do SENHOR —, e coragem, Josué, filho de Iehoşadaq, sumo sacerdote, e coragem, vós, todo o povo da terra — oráculo do SENHOR — mãos à obra! Porque estou convosco — oráculo do SENHOR de todo poder. ⁵Conforme o compromisso que assumi convosco, quando de vossa saída do Egito^m, e já que meu espírito permaneceⁿ no meio de vós, nada temais! ⁶Sim, assim fala o SENHOR de todo poder: ainda um momento — será curto — e abalarei céu e terra, mar e continente^o. ⁷Abalarei todas as nações, e os tesouros^p de todas as nações afluirão, e cobrirei de glória esta Casa, declara o SENHOR de todo poder. ⁸A prata me pertence, meu é o ouro — oráculo do SENHOR de todo poder. ⁹A glória final desta Casa ultrapassará a primeira, diz o SENHOR de todo poder, e neste lugar estabelecerei a paz^q — oráculo do SENHOR de todo poder.

Is 60,7-11; Ap 21,22-26

Zc 8,12

Sem a obediência, tudo é impuro. ¹⁰No vigésimo quarto dia do nono mês, no segundo ano de Dario^r, veio a palavra do

SENHOR a Ageu, o profeta: ¹¹"Assim fala o SENHOR de todo poder: Solicita dos sacerdotes uma norma^s perguntando-lhes: ¹²Se alguém carrega um pouco da carne santificada^t na aba de sua veste e com a aba toca em pão, legumes, vinho, óleo ou qualquer outro alimento, ficarão eles santificados?" Os sacerdotes responderam e declararam: "Não". ¹³Ageu retorquiu: "Se um homem, impuro pelo contato com um morto^u, tocar uma dessas coisas, ficará ela impura?" Os sacerdotes responderam e declararam: "Ela ficará impura". ¹⁴Ageu replicou: "Assim é este povo, assim é esta nação diante de mim — oráculo do SENHOR. Tal é a obra de suas mãos, e o que eles oferecem é impuro^v".

Com obediência, tudo prospera^w. ¹⁵"E agora, ficai bem atentos, a partir de hoje e no futuro. Antes que houvessem assentado pedra sobre pedra no Templo do SENHOR, ¹⁶antes que ali estivessem^x, ia-se a um monte de grãos avaliado em vinte medidas e ali havia apenas dez; ia-se ao lagar esvaziar a cuba de cinquenta medidas, e ali só se encontravam vinte.

¹⁷Em todo o trabalho de vossas mãos eu vos feri com a ferrugem, o fungo, o grânizo, sem conseguir trazer-vos para mim^y — oráculo do SENHOR. ¹⁸Estai bem atentos, a partir de hoje e no futuro — a partir do vigésimo quarto do nono mês^z — desde o dia em que foi fundado o Templo do SENHOR, estai atentos: ¹⁹Ainda resta grão

m. No hebr., a primeira parte do v. traz uma construção insólita. Poderia ser um comentário à promessa feita no v. 4.

n. Como outrora a coluna de fogo: Ex 13,21-22; 14,19.

o. Em vista das perturbações políticas do momento (cf. Introd.), considera-se muito próxima a realização messiânica. Este v. é citado em Hb 12,26-27.

p. Lit. *objeto de desejo*. O texto é messiânico em sentido lato, descrevendo a felicidade desse tempo futuro. A Vulg., traduzindo por *Desideratus*, o *Desejado*, acentuou e precisou o alcance messiânico do v. Lutero traduziu-o por *Trost*, a *Consolação*, aplicando-o ao Cristo. Calvino conhece as duas interpretações.

q. Cf. 1Rs 5,26 nota.

r. Meados de dezembro de 520.

s. Em caso de dificuldade na aplicação da lei, os sacerdotes estavam encarregados de decidir a questão, pronunciando uma *torá*: Lv 27,8,11-12,14; Jr 2,8; 18,18; Ez 7,26; Zc 7,1-3; Mt 2, 6-7.

t. Carne de uma vítima do sacrifício e, por isso, sujeita a uma regulamentação ritual que a subtraía ao uso profano. Pode ser levada pelo fiel para ser consumida durante uma refeição familiar: Lv 19,5-8.

u. Cf. Lv 22,4.

v. O profeta considera a negligência em reconstruir o Templo como uma espécie de nódoa que contamina a atividade profana do povo e até mesmo seus sacrifícios. Cf. Am 5,21-24; Is 1,13.

w. Ler-se-ia melhor esta passagem depois de 1,15a.

x. Gr. lê aqui uma pergunta ligada ao v. precedente: *que éreis vós?*

y. Lit. *e nem um de vós vindo a mim*. Este v., de difícil construção em hebr., e pouco adaptado ao contexto, é uma reminiscência de Am 4,9.

z. Parece ter sido esta data acrescentada conforme 2,10; não corresponde ao dia do recomeço dos trabalhos. Este ocorreu no vigésimo quarto do sexto mês: 1,15a.

no celeiro? Mesmo a vinha, a figueira, a romãzeira e a oliveira nada deram^a. A partir de hoje, eu vou abençoar^b.”

Promessas a Zorobabel, o eleito do Senhor. ²⁰A palavra do SENHOR veio uma segunda vez a Ageu, no vigésimo quarto do mês: ²¹“Fala a Zorobabel, governador de Judá, e dize-lhe: Vou abalar céu e terra. ²²Vou derrubar os tronos dos rei-

nos e aniquilar a força dos reinos das nações; vou revirar carros e condutores; Ex 15,1 cavalos e cavaleiros cairão, cada um pela espada de seu irmão. ²³Naquele dia — oráculo do SENHOR de todo poder — eu te tomarei, Zorobabel, filho de Shealtiel, meu servo — oráculo do SENHOR. Farei de ti meu anel de sinete^c, pois foi a ti que Jr 22,24 escolhi^d — oráculo do SENHOR de todo poder”.

a. Nesta estação, por causa das más colheitas, a fome ameaça.

b. Por retomar os trabalhos da construção do Templo, o povo dá uma prova tangível de conversão. Por sua vez, Deus lhe concede seu beneplácito, que terá a prosperidade como penhor. A bênção é, ao mesmo tempo, material e espiritual.

c. O *anel de sinete*, usado tanto ao pescoço (Gn 38,18; Ct 8,6)

como no dedo (Jr 22,24), serve para autenticar os documentos oficiais, bem como as ordens pessoais do soberano.

d. Os termos: *servo*, *tomar*, *anel de sinete*, *escolher* pertencem ao vocabulário messiânico tradicional. Zorobabel, descendente de David, nesta hora de crise, representa o Messias esperado.

ZACARIAS

INTRODUÇÃO

Como o livro de Isaias, o de Zacarias não deve ser atribuído a um só profeta. Os caps. 1-8 são bem diferentes de 9-14 e constituem um livro bem delimitado, atribuído ao profeta Zacarias, contemporâneo de Ageu, quando da volta do

Exílio. A segunda parte provém de autor mais recente, geralmente chamado o Segundo ou Dêutero-Zacarias.

As características de ambas as obras merecem estudo à parte.

I. ZACARIAS 1-8

1. O profeta. A atividade do profeta Zacarias, cuja mensagem nos foi transmitida nos caps. 1-8 do livro que leva seu nome, segue de perto a do profeta Ageu. Sua primeira intervenção data de outubro-novembro de 520 a.C. (1,1), um mês antes do último oráculo de Ageu (Ag 2,10.20). Sua atividade prolonga-se no mínimo até novembro de 518 (7,1), ou seja, três anos antes da dedicação do novo Templo, em 515.

Ageu conseguiu provocar uma renovação religiosa (Ag 1,14). Zacarias consolida o movimento, tanto por seus apelos à fidelidade quanto por suas promessas concernentes ao futuro. Aproveitando os distúrbios políticos que atingiam o império de Dario (cf. *Introd. a Ageu*), diversos grupos de exilados voltaram de Babilônia a Jerusalém, cheios de esperança (2,10-13; 6,10); logo, porém, ficaram desanimados por conta de determinadas dificuldades de integração na comunidade (5,3-4; 8,16-17). A paulatina volta do mundo ao normal (1,11) eclipsou a expectativa de uma mudança rápida; a decepção apoderou-se dos espíritos.

Não sabemos quase nada da pessoa do profeta Zacarias. Ele desaparece por trás de sua obra. Apresentado como o neto de Idô (1,1 e 1,7) — sendo talvez filho de Idô (Esd 5,1; 6,14 e Targum) —, por volta de 500 ele parece ser o chefe da família sacerdotal de Idô (Ne 12,16). Sua qualidade de sacerdote explica sua insistência no papel do Templo. Incumbia também a um sacerdote responder a uma consulta ritual como a dirigida a Zacarias acerca da manutenção ou supressão dos jejuns comemorativos (7,1-3; 8,18-19). Enfim, a preocupação com a pureza e santidade da Terra Santa (2,16; 5,1-4; 5,5-11)

corresponde perfeitamente à mentalidade sacerdotal.

Este sacerdote, contudo, entra nitidamente na linhagem espiritual dos antigos profetas. Retoma seus apelos à conversão: 1,3-6; 7,4-14; 8,16-17; e liga-se a eles graças a certo número de empréstimos literários. Quanto às visões, é devedor de diversos profetas anteriores: Am 7, para o conjunto; Ez 40,3-4, para o anjo medidor; Ez 2,9-10, para o rolo voador. Diversas vezes a tradição tem insistido nesta qualidade de profeta para acentuar o peso de sua mensagem: 2,13; 2,15; 4,9; 6,15. Até a legenda adotou este profeta, transformando-o em mártir (Mt 23,35), em consequência da confusão com Zacarias filho de Iehoiada, assassinado pelo rei Joás (2Cr 24,20-22).

2. O livro. O essencial do livro é constituído por um relato de oito “visões”, espécie de diário redigido em primeira pessoa, a descrever antecipadamente a restauração definitiva da comunidade. Completado ulteriormente, este relato pode ser considerado obra do próprio profeta. É encabeçado por uma data precisa, em 1,7: medados de fevereiro de 519 a.C.; representa uma fase importante da pregação do profeta e o centro em torno do qual se desenvolveu o livro inteiro.

Este livrete das visões é entremeadado por diversos oráculos que relacionam algumas das visões com os acontecimentos da atualidade. Assim, 2, 10-17 é um apelo aos exilados para que voltem à cidade cujas condições são evocadas na segunda e terceira visões: 2,1-9. No cap. 3, os vv. 8.9c e 10 constituem uma promessa específica ao sumo sacerdote Josué depois da visão de sua investidura.

ra: 3,1-7 e 9a. Os vv. 4,6b-10a trazem uma garantia peculiar a favor do governador Zorobabel, palavra inserida na visão referente aos líderes da nova comunidade: cap. 4.

O plano do livrete é bem equilibrado: as três primeiras visões (os cavaleiros, os ferreiros, o agrimensor) apresentam as fases preparatórias da restauração messiânica; as duas visões centrais (a vestidura de Josué, os dois Ungidos) dizem respeito ao governo da nova comunidade; as três últimas, enfim (o livro, a mulher no alqueire, os cavaleiros) evocam as condições da restauração final.

Convém observar, porém, que a quarta visão (a investidura do sumo sacerdote) comporta características literárias e teológicas particulares. Confere ao sacerdote um lugar preponderante, enquanto a visão seguinte mantém os dois Ungidos em pé de igualdade. É possível que a quarta visão tenha sido introduzida posteriormente, o livrete original contendo somente sete. Tal modificação revela a importância conquistada pelo sacerdote a partir do desaparecimento do príncipe davidico Zorobabel. Semelhante evolução percebe-se em 6,9-14(15), onde a coroa originariamente se destinava a Zorobabel.

Completado deste modo, o livrete das visões foi emoldurado por pregações (1,1-6; 7,4-14) e promessas acerca do futuro (8,1-17.20-23). Estas últimas são agrupadas em torno a uma consulta referente aos jejuns comemorativos das calamidades de 587 (7,1-3 e 8,18-19). Estas pregações e oráculos foram colecionados e resumidos pelos discípulos do profeta, em certo caso até muito tardiamente, como 8,20-23. Assim, a mensagem de Zacarias permaneceu viva para as gerações seguintes.

3. A mensagem. A mensagem do livro de Zacarias apresenta duplo conteúdo.

De um lado, o profeta testemunha uma evolução na maneira de apresentar as intervenções de Deus entre os homens. Com os grandes profetas preexílicos, Deus entra se comunica diretamente por sua palavra ou por visões nas quais ele mesmo intervém. Ele é ao mesmo tempo o Deus santo, transcendente, e o que toma pessoalmente em mãos o rumo dos acontecimentos. Em Zc, Deus parece mais afastado do palco dos acontecimentos terrenos.

Se concede visões, já não é ele a quem se contempla, e sim, um anjo encarregado de explicar as intenções divinas. Os projetos de Deus são realizados por intermediários (anjos, cavaleiros).

Este afastamento de Deus em relação ao mundo traduz, sem dúvida, uma preocupação de espiritualização, mas corresponde também a uma experiência mais existencial, a de certa ausência de Deus. As provações do Exílio e as grandes dificuldades do momento presente (miséria, desânimo) suscitam a questão: será que Deus ainda está presente a nosso destino? A fé responderá multiplicando os intermediários que vão preencher o vazio aparente e aproximar o mundo celestial e os homens em provação. Os intermediários que, mais tarde, na apocalíptica, esconderão Deus por trás de um simbolismo cheio de mistério, constituem por enquanto um elo entre Deus e o homem.

Em segundo lugar, e de modo mais global, Zacarias está também a serviço da esperança. A uma comunidade que as dificuldades materiais e as decepções levariam à dúvida ou à resignação, ele proporciona nova esperança induzindo-a à ação. A reconstrução do Templo e a restauração de um culto válido são as maneiras concretas de aguardar a salvação. É o preço da instauração da era messiânica. As nações lhe serão associadas (2,15; 8,20-23). A salvação está à porta; o próprio Zorobabel é considerado aquele que a deve inaugurar. A coroação simbólica que ele recebe (6,9-14) já é sinal disso.

Todavia fica-lhe associado um segundo personagem, que colabora com ele em pé de igualdade (4,14; 6,13): o sumo sacerdote. Surge assim a expectativa de um governo bicéfalo, dividido entre o sacerdote e o príncipe — idéia que na teologia medieval justificará o princípio de uma separação dos poderes civil e eclesiástico. Depois do desaparecimento de Zorobabel, esta expectativa se modificará e concentrará o papel messiânico na pessoa do sacerdote. É o que exprime a quarta visão (3,1-7) e a promessa especial feita a Josué e a seus colegas “que constituem um presságio” (3,8-10).

Esta esperança encontrará novas formas no AT (o texto pós-exílico: Jr 33,14-26) e, mais tarde ainda, em Jubileus e em Qumran. A carta aos Hebreus a proclamará realizada em Jesus (Hb 3).

II. ZACARIAS 9-14 (Dêutero-Zacarias)

1. De Zacarias ao Dêutero-Zacarias. Esta segunda parte do livro de Zacarias exibe características que excluem sua atribuição ao mesmo autor da primeira.

Mudou a situação histórica: os problemas da restauração da comunidade, da cidade e do Templo não tem mais incidência; a expectativa messiânica, antes associada à reconstrução do Templo e à pessoa de Zorobabel, agora se desloca para personagens não identificados: o rei-messias pobre (9,9-10), o bom pastor rejeitado (11, 4-14) e o misterioso "traspassado" (12,1-13,1); e nenhum dos personagens claramente nomeados na primeira parte reaparece na segunda. Os prisioneiros evocados diversas vezes (9,11-12; 10,8-11) já não são os deportados de 587, mas antes evocam a diáspora em sentido amplo.

Os dados literários são igualmente muito diferentes. As visões e os breves oráculos messiânicos acerca de Zorobabel, de Josué ou do povo todo cederam lugar a desenvolvimentos mais amplos, de teor épico; o profeta e o anjo-intérprete que falavam na primeira parte já não entram em cena. Certos termos, certas expressões características da primeira parte estão ausentes — ou quase ausentes — da segunda, e vice-versa. Aliás, ocorre em 9,1 um novo sobrescrito, repetido em Zc 12,1 e Ml 1,1, revelando a origem peculiar das últimas seções da coletânea dos Doze Profetas.

2. O enigma literário dos caps. 9-14. O complexo arranjo dos diversos fragmentos que constituem a coletânea atual levou a ver-se neles uma espécie de mosaico de trechos isolados ligados entre si por certa expectativa messiânica. Outros, ao invés, procuraram neles uma estrutura literária complicada, mas equilibrada. Alguns traços comuns caracterizam os poemas dos caps. 9-11, onde as alusões históricas e as relações da comunidade com os outros povos podem ser indícios das preocupações de um autor ou de um grupo determinados. Os últimos capítulos, redigidos sobretudo em prosa, e preocupados com a transformação interna da comunidade, talvez tenham outra origem. Utilizando estes componentes diversificados, dos quais alguns podem remontar até antes do Exílio (9,9-10; 10,1-2; 11,1-3), o redator final organizou um conjunto assaz coerente.

Quanto à data de composição do livrete, apresenta-se amplo leque de hipóteses, indo do período preexílico (séc. VII ou VI) até o período dos Macabeus, quando a morte do sumo-sacerdote Onias III (2Mc 4,34) ou de Simão (1Mc 16,11-17) teria feito surgir a figura do traspassado.

A origem do livrete parece sempre mais dever ser situada no início do período grego, entre 330 e 300.

De fato, a campanha militar de Alexandre Magno, em 332, ao longo da costa mediterrânea, como também a destruição de Tiro, são descritas, com certa precisão, em 9,1-8.

Os cativos mencionados em 9,11-12 e 10,8-11 são os membros da diáspora inteira, presos em regiões simbolicamente nomeadas Assíria e Egito. Este último país, aliás, viu chegar em 312 uma onda de prisioneiros judeus, após a tomada de Jerusalém por Ptolemeu Soter I. Assim se explica a designação de "gregos" (Iavan) em 9,13 como potência hostil ao povo de Deus.

A maneira com que o autor se apóia nos grandes profetas de antanho, utilizando-os de modo original e com grande maestria, obriga a situá-lo num período já muito afastado do Exílio.

A obra inteira revela inegável fermentação religiosa e intelectual em consequência das vitórias de Alexandre Magno. Coisa semelhante já ocorrera depois da invasão da Senuquerib, no tempo de Isaías, e quando do despertar religioso na volta do Exílio; e ocorrerá novamente em consequência da grande perseguição no tempo dos Macabeus.

3. Plano do livro. Tal como se apresenta atualmente, o livrete comporta duas partes simétricas, nas quais a obra da salvação se desdobra num duplo movimento: um deslizamento do povo rumo à ruína e uma renovação total realizando a salvação.

Primeira parte: 9,1-11,17. À maneira de um comunicado de vitória, o profeta anuncia a intervenção definitiva de Deus. Os povos vizinhos, vencidos, são purificados e depois integrados à comunidade dos fiéis: 9,1-8. Logo depois surge a figura do rei-messias, que, na humildade, instaurará o reino ideal: 9,9-10. Grandes combates permitirão o reagrupamento de todos os dispersos do

povo, de qualquer lugar, a ponto de arrebentar as fronteiras tradicionais: 9,11-17 e 10,3-11,3.

Um breve intermédio: 10,1-2, vem lembrar que tudo é exclusivamente obra de Deus e que qualquer outro apoio é falacioso.

Após esta preparação, o messias, desta vez apresentado como o pastor, empreende a realização do seu programa, significado pelos dois cajados: "Benefolência" e "União". Tãmanha é, porém, a degradação religiosa dos chefes e do rebanho que sua empresa malogra: rejeitado, cede o bom pastor seu lugar a um velhaco que dizima desavergonhadamente o rebanho (11,4-17).

Segunda parte: 12,1-14,21. Quando tudo parece perdido, o sacrifício do traspassado provoca um restabelecimento: livrado dos seus inimigos exteriores o povo é brindado com um espírito novo (12,1-13,11). A purificação prossegue e se completa pela renovação da aliança (13,2-9).

A salvação se estende ao mundo inteiro; todos os povos devem reunir-se a Israel para confessar a realza do Senhor. Embora provavelmente mais tardio, constitui o capítulo 14 uma boa conclusão da obra toda.

4. A mensagem do Dêutero-Zacarias. Pode-se resumir todo o conteúdo do livrete sob o título: descrição do advento messiânico. Notar-se-á, contudo, que nele, em ambas as suas partes, se justapõem duas concepções complementares.

a) Um messianismo sem messias. Este ideal messiânico é apresentado pelas seguintes passagens: 9,1-8; 9,11-17; 10,3-11,3; 14. Acheça-se ao do apocalipse de Isaías (Is 24-27). Toda a obra da salvação é pessoalmente realizada pelo Senhor, que garante a redução dos inimigos e o reagrupamento de todo o povo. Cumprida essa condição preliminar, poderão os pagãos esperar a sua própria integração nessa comunidade. Terão o seu lugar entre os clãs de Judá. Terão, entretanto, de se submeter a todas as exigências da Lei, que se exprime nas observâncias rituais (9,7) e nas prá-

ticas culturais (14,16-19). Visão generosa, mas um tanto limitada: a agregação dos estrangeiros passa pela sua afiliação à comunidade judaica.

b) Um messias de vários semblantes. Esta ação atribuída exclusivamente a Deus se desdobra, em outras passagens, na ação de um personagem particular, apresentado sob tríplice imagem, nenhuma das quais recobre exatamente as outras duas.

O rei-messias: 9,9-10. Conquanto uma parte da terminologia o vincule aos protótipos David e Salomão, outra o situa na linha do ideal profético: o pobre e o justo. É um messias que exprime o ideal religioso dos "pobres do Senhor" (Sf 2,3; 3,11-13; Is 49,13; 57,15; 61,1-2; 66,2; Sl 22,27; 69,33-34).

O bom pastor: 11,4-17 e 13,7-9. Apresenta uma fisionomia menos caracterizada. Já se prende menos firmemente à ideologia real e mais explicitamente, entretanto, à do Pastor que é o próprio Senhor, tal como o apresenta Ez 34,11-22,31. Com efeito, a alegoria do Dêutero-Zacarias passa várias vezes, sem transição, do pastor imitado pelo profeta ao Senhor em pessoa. Orienta-se, de mais a mais, para a figura do traspassado, porque é rejeitado, vendido, eliminado, e seu sacrifício (13,7) contribui para restabelecer a aliança (13,9).

O traspassado: 12,9-14. Faz seqüência ao Servo sofrendor de Is 53, embora os termos utilizados sejam completamente diferentes. Como para o Servo, o seu sacrifício é fonte de transformação dos corações (12,10), de purificação (13,1). O nexo com a antiga figura real permanece discreto. É indicado pela reiterada evocação de David e sua linhagem: 12,7-8.10.12; 13,1. A glória messiânica cede o passo ao despojamento e ao malogro, fonte de salvação.

A densidade messiânica do Dêutero-Zacarias nutriu fortemente o pensamento das gerações seguintes. Explica ela por que os evangelistas recorrem tão fartamente a esse profeta para apresentar a pessoa e o papel de Jesus, especialmente na sua paixão: Mt 21,4-5 e Jo 12,15; Mc 14,27 e Mt 26,31; Mt 27,9-10; Jo 19,37.

ZACARIAS

1 ¹No oitavo mês, no segundo ano do reinado de Dario^a, a palavra do SENHOR veio ao profeta Zacarias, filho de Berekiá, filho de Idô:

Não esperéis pelo castigo para vos converterdes

² — “O SENHOR indignou-se violentamente contra vossos pais^b.”

³ Dize-lhes:

“Assim fala o SENHOR de todo poder: Voltai a mim — oráculo do SENHOR de todo poder — e eu voltarei a vós, diz o SENHOR de todo poder.

⁴ Não imiteis os vossos pais, a quem

interpelaram outrora os profetas nestes termos: ‘Assim fala o SENHOR de todo poder: ‘Voltai, pois; renunciái aos vossos maus caminhos e à vossa conduta iníqua’, mas eles não ouviram e não me deram atenção — oráculo do SENHOR. ‘Onde estão os vossos pais? e os profetas, vivem eles para sempre?’ ‘Ora, não atingiram aos vossos pais as minhas declarações e as minhas decisões, das quais encarreguei os meus servos, os profetas? Afinal, eles voltaram e reconheceram: ‘O SENHOR, o Todo-poderoso, decidira tratar-nos conforme os nossos caminhos e nossa conduta; e assim, efetivamente, nos tratou’”.

Js 23,15;
Is 55,11;

IRs 8,46-51;
Ne 9,34-37;
Dn 9,10-11

LIVRETE DAS VISÕES

⁷No dia vinte e quatro do undécimo mês — o mês de shebat —, no segundo ano do reinado de Dario^d a palavra do SENHOR veio ao profeta Zacarias, filho de Berekiá, filho de Idô, nestes termos:

Primeira visão: os cavaleiros. ^aTive, esta noite, uma visão: era um homem montado num cavalo avermelhado; detinha-se entre as murtas na profundidade^e, e havia atrás dele cavalos avermelhados, alazões^f e brancos. ^gPerguntei-lhe: “Que representam eles, meu Senhor?” E o anjo que me falava respon-

deu-me: “Vou mostrar-te o que representam.” ^h“E o homem que estava entre as murtas interveio dizendo: “São os que o SENHOR mandou percorrer a terra.” ⁱ“Dirigiram-se^h então estes ao anjo do SENHOR que estava entre as murtas e disseram-lhe: “Acabamos de percorrer a terra, e toda ela está tranqüila e a repousar^h”.

Dn 7,16;
Ap 17,7

¹²Tornou então o anjo do SENHOR: “Até quando, SENHOR de todo poder, tardarás a ter piedade de Jerusalém e das cidades de Judá? Há setenta anos estás irritado contra elas!” ¹³E ao anjo que falava co-

Sl 13,2;
Rg 47;
Jr 12,4;
Dn 8,13;
Ap 6,10

a. É o ano de 520 a.C., no mês de outubro-novembro.

b. Este v., isolado entre o título e a ordem recebida pelo profeta, ficaria melhor depois do v. 6a.

c. A resposta é: Não. Mas embora mortos também, os profetas do passado pronunciaram uma palavra eficaz. É necessário, por conseguinte, escutar a palavra profética presente e converter-se. Relembra-se em 2,13; 2,15; 4,9; 6,15 a qualidade profética de Zacarias.

d. Ou seja meados de fevereiro de 519 a.C.

e. A *profundidade* designa simbolicamente o Abismo mítico primitivo vencido pelo poder criador de Deus, cf. Gn 1,1. Acha-se agora sob o poder de Deus. A *murta* era aproveitada no culto, cf. Ne 8,15, e em Is 41,19; 55,13 está ligada à prosperidade messiânica. Em vez de *murta*, o gr. leu: *entre as duas montanhas*, como o hebr. em 6,1.

f. A visão paralela de 6,1-8 apresenta *quatro* cores de cavalos, número mais de acordo com o simbolismo bíblico e a missão que esses seres deverão cumprir na terra. É provável, portanto, que o texto mencionasse aqui os cavalos *negros*. O gr. restabelece *quatro* cores, mas com termos praticamente sinônimos para a terceira e a quarta: *malhados, ruços-rodudos*.

g. *Dirigiram-se*: plural inesperado, uma vez que o diálogo se desenrola entre o profeta e o cavaleiro do v. 8, de pé no meio das murtas. O texto revela hesitação na representação do anjo intérprete.

h. Calma inquietante aos olhos do profeta, porque adia a realização do plano de Deus. Deve essa realização, segundo o estilo apocalíptico já usual, ser imediatamente precedida pelo sobresalto das nações.

i. Este número deve aqui ser entendido no sentido de um

migo deu o SENHOR uma resposta alentadora, uma resposta consoladora.

Deus se compadece de Sião. ¹⁴E o anjo que me falava disse-me: "Proclama: 'Assim fala o SENHOR de todo poder:

^{8,2;} Acomete-me intenso ciúme por
^{Os 11,8;} Jerusalém e por Sião.

^{Is 54,7;} ^{Jl 2,18} ^{Is 47,6;} ^{54,7-8;} ¹⁵E contra as nações bem-estabelecidas
estou violentamente irritado,
pois quando eu estava apenas um
pouco indignado,
elas vieram agravar o infortúnio.

¹⁶E por isso, assim fala o SENHOR:
Volto a Jerusalém com compaixão,
nela será reconstruída a minha Casa
— oráculo do SENHOR de todo
poder —

^{2,5;} e o cordel se estenderá em Jerusalém".

¹⁷Proclama ainda: "Assim fala o SENHOR,
o Todo-poderoso:
as minhas cidades transbordarão^k de
bens outra vez.

^{Is 51,3} O SENHOR outra vez consolará Sião,
outra vez escolherá^l Jerusalém".

2 Segunda visão: os chifres e os ferreiros. ¹Ergui os olhos e tive uma
visão: eram quatro chifres. ²Perguntei
então ao anjo que me falava: "Que re-
presentam eles?" Ele me respondeu: "São
os chifres que dispersaram Judá, Israel e
Jerusalém".

^{Dn 7,8;}
^{Ap 13,1}

³Depois, o SENHOR me fez ver quatro
ferreiros. ⁴Perguntei: "E estes, que vie-

ram fazer?" Respondeu-me: "Os chifres
são os que dispersaram Judá, a tal ponto
que ninguém^m mais erguia a cabeça. Mas
estes ferreiros vieram para fazê-los tre-
mer, para abater os chifres dessas nações,
que ergueram os chifres contra a terra de
Judá para dispersá-lo".

Terceira visão: o cordel de medir. ⁵Ergui novamente os olhos e tive outra visão: era um homem que tinha em sua mão um cordel de medir. ⁶Perguntei-lhe: ^{1,16}
"Aonde vais?" Respondeu-me: "Medir
Jerusalém, para ver qual a sua largura e
qual o seu comprimento".

^{Ap 21,15}

⁷O anjo que falava comigo se adiantouⁿ,
enquanto um outro anjo lhe vinha ao
encontro. ⁸Ele lhe disse: "Corre! Fala
àquele jovem que ali está^o, e dize-lhe:
'Jerusalém deve permanecer cidade
aberta por causa da grande multidão de
pessoas e animais que nela se acharão.

⁹E eu, EU ESTAREI LÁ¹ — oráculo do
SENHOR —
serei para ela uma muralha de fogo.
Eu mesmo serei, no meio dela, a sua
glória!"

Os exilados chamados de volta

¹⁰Eia! Eia! Abandonai às pressas a terra ^{Is 48,20;}
do norte" ^{Ap 18,4}

— oráculo do SENHOR.

Foi aos quatro ventos do céu^p que eu
vos dispersei

— oráculo do SENHOR.

longo período global, como em Jr 25,11; 29,10. É a partir de 2Cr 36,21 que o número exprime uma duração exata, sem dúvida a da interrupção do culto: 585-515.

j. O cordel serve aqui para medir o terreno com vistas à reconstrução. Cf. 2,5; Jr 31,38-40; Ez 40,3.

k. Verbo ambíguo: poderia descrever as privações que as cidades de Judá ainda sofrem (Ez 46,18). Mas o tríplice *outra vez* sugere para esta frase um sentido análogo ao das promessas que se seguem.

l. O termo exprime a escolha particular, gratuita, por puro amor, cf. Dt 7,7-8; IR 3,8; 1Cr 15,2; cf. também Ag 2,23 nota.

m. Essa dispersão é a do Exílio. Os quatro chifres representam globalmente os inimigos de Israel.

n. Lit. *segundo um homem*, locução que parece designar os homens na sua totalidade, englobando cada um deles individualmente.

o. Frase visivelmente sobrecarregada. O último membro pare-

ce acrescentado para determinar com exatidão o sentido de *fazer tremer*.

p. Exprime-se nesse ato a esperança de um crescimento da cidade ao abrigo das suas novas muralhas. Mas o plano de Deus vai bem além das visadas humanas.

q. O gr. lê aqui: *ficou de pé*, o que dá um sentido melhor à cena.

r. É o anjo intérprete que fala para o outro anjo.

s. É o homem do cordel de agrimensur do v. 5.

t. Alusão a Ex 3,12-14, onde Deus se compromete a trabalhar pessoalmente para realizar a salvação. É essa promessa que ele renova aqui. Em Os 1,9 um torneio de frase parecido, mas sob forma negativa, exprime a ausência de Deus. As menções ao balaute de fogo e à glória remetem igualmente ao Exodo.

u. A saber Babilônia, para voltar e reconstituir a comunidade ao redor do Templo.

v. Lit. *Como aos quatro ventos*.

¹¹ Eia! Escapa, Sião,

tu que estás instalada em Babilônia^a.

¹² Assim diz o SENHOR de todo poder — aquele que me enviou investido de autoridade^a — a propósito das nações que vos pilharam:

Verdadeiramente, quem toca em vós, toca na pupila do meu³ olho.

¹³ Sim, aqui estou, ergueri a minha mão contra elas,

para que se tornem o butim de seus escravos,

e reconheceréis que foi o SENHOR de todo poder, que me enviou.

¹⁴ Grita de alegria, rejubila-te, filha de Sião, pois eis que venho morar no meio de ti — oráculo do SENHOR.

¹⁵ Numerosas nações se ligarão ao SENHOR, naquele dia.

Tornar-se-ão o meu próprio povo,

e eu permanecerei^a no meio de ti.

E reconhecerás que foi o SENHOR de todo poder, que me enviou a ti^a.

¹⁶ O SENHOR se atribuirá Judá, como seu patrimônio na Terra Santa e outra vez elegerá Jerusalém.

¹⁷ Silêncio, toda criatura^b, perante o SENHOR! Pois ele desperta^c e sai de sua morada santa.

Josué, o sumo sacerdote, de pé diante do anjo do SENHOR: à sua direita postava-se o Satan^d para acusá-lo. ²O anjo do SENHOR^e disse ao Satan: "Que o SENHOR te reduza ao silêncio, Satan; sim, que o SENHOR te reduza ao silêncio, ele que escolheu Jerusalém. Quanto àquele homem^f, acaso não é ele um tição arrancado do fogo?"

³Josué, de pé diante do anjo, estava vestido com vestes sujas. ⁴Tornou o anjo e disse aos que estavam diante dele: "Tirai-lhe as vestes sujas." Em seguida disse a Josué: "Vê, desembaracei-te do teu pecado e revestir-te-ão de trajes de festa." ⁵E prosseguiu^g: "Que lhe ponham na cabeça um turbante limpo". Puseram-lhe na cabeça o turbante limpo e revestiram-no com vestes^h. O anjo do SENHOR mantinha-se ali.

⁶Fez então o anjo do SENHOR a Josué a seguinte advertência:

⁷"Assim fala o SENHOR de todo poder: Se trilhares os meus caminhos, se guardares as minhas observâncias, governarás tu mesmo a minha casa, velarás também sobre os meus átriosⁱ, e eu te farei ascender à categoria dos que assistem aqui^j."

3 Quarta visão: o sumo sacerdote Josué. ¹Depois, o SENHOR me fez ver

Anúncio do messias "Germe". ²Ouve, Josué, sumo sacerdote, tu e teus colegas

w. Lit. *filha de Babel*. Muitos exilados, já bem enraizados em Babilônia, não desejavam mais voltar.

x. O profeta apóia sua proclamação recordando a sua missão, como em 2,13; 2,15; 4,9; 6,15. Esta missão o reveste com a *autoridade* (lit. *glória*) daquele que o envia.

y. É Deus que fala. Primitivamente o texto trazia, portanto: *meu olho*. Em respeito à transcendência de Deus os escribas corrigiram intencionalmente o texto para: *seu olho* e o assinalaram à margem dos mss.

z. O gr. unificou toda a frase na terceira pessoa: *tornar-se-ão o seu povo e habitarão no meio de ti*. Segundo o texto hebr. a adesão dos pagãos far-se-á por uma conversão *in loco*, enquanto Jerusalém conservará ainda a sua posição privilegiada (v. 16). Na perspectiva do gr., os pagãos se instalarão no meio do povo e dele farão parte integrante, sem nenhuma discriminação. É já a perspectiva de At 8 e 10.

a. Esta última afirmação concerne à missão do profeta que, no resto do v., faz falar Deus.

b. Lit. *todo ser vivo*.

c. O *silêncio* e o *despertar* exprimem a iminência da intervenção de Deus para realizar a salvação (cf. Sl 1,7; Sl 76,9-10; Is 41,1).

d. Isto é, o *acusador*. No presente texto este ser não é ainda assimilado ao espírito do Mal, o demônio. A revelação de um ser pessoal, totalmente perverso, inimigo de Deus e do homem, operou-se progressivamente no AT (cf. 1Rs 22,22; Jó 1,6; 1Cr 21,1; Sb 2,24).

e. Lit. *O Senhor*. O contexto pede que se complete com o sir.: *o anjo do Senhor*.

f. Lit. *aquele*, ou seja Josué, regressado do Exílio.

g. Lit. *E eu digo*. O texto hebr. faz falar o profeta, mas este nunca interveém para agir. É melhor ler: *ele diz* e atribui-lo ao anjo do v. 4.

h. Em harmonia com o v. precedente e o sir., cumpre entender: *vestes limpas*.

i. A fidelidade às exigências da aliança assegura doravante ao sacerdócio o monopólio absoluto sobre o Templo e as atividades culturais. Antes do Exílio, o rei intervinha às vezes pessoalmente nelas para dispor do sacerdócio (1Rs 2,27), para organizar ou realizar atos culturais (1Rs 8,62-66), para modificar a organização do Templo (2Rs 16,10-18; 22,3-7).

j. É o privilégio da comunicação direta com Deus, à maneira dos seres espirituais que se conservam na sua presença. A cena

que se assentam diante de ti — pois esses homens constituem um presságio*:

6,12 Eu faço vir meu servo "Germe".

⁹ Eis, com efeito, a pedra que entrego a Josué^m.

4,10b Sobre esta pedra única há sete olhos. Eu mesmo gravarei sua inscrição — oráculo do SENHOR de todo poder — e vou eliminar o pecado desta terra — num só dia.

¹⁰ Nesse dia

— oráculo do SENHOR de todo poder —
vós vos convidareis um ao outro à sombra da vinha e da figueira^a.

4 Quinta visão: o candelabro e as duas oliveiras. ¹O anjo que me falava voltou para me despertar como a um homem que é preciso tirar do seu sono^o. ²Perguntou-me ele: "Que vês?" Respondi-lhe: "Tenho uma visão: é um candelabro todo de ouro, provido de um recipiente na parte superior e, bem no alto, de sete lâmpadas^p e sete bicos para essas lâmpadas; ³junto dele, duas oliveiras, uma à direita do recipiente^q e a outra, à esquerda."

⁴Retomei a palavra e perguntei ao anjo

que falava comigo: "Que representa isto, meu Senhor?" ⁵O anjo que falava comigo me respondeu: "Não sabes o que isto representa?" E eu disse: "Não, meu Senhor." ⁶Tomou ele e disse-me^r:...

^{10a} "Estas sete lâmpadas representam os 3,9 olhos do SENHOR^s; eles vigiam toda a terra." ¹¹Tomei a palavra e perguntei-lhe: "Que representam essas duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro?" ¹²Tomei uma segunda vez a palavra e perguntei-lhe: "Que representam esses dois ramos de oliveira que, por meio de dois condutos de ouro, vertem o seu óleo dourado?" ¹³Ele me disse: "Não sabes o que representam?" Respondi: "Não, meu Senhor." ¹⁴Disse-me ele então:

"São os dois homens designados para o óleo^t,

os que se mantêm diante do Senhor de toda a terra." Ap 11,4

Três palavras relativas a Zorobabel

⁶Esta é a palavra do SENHOR referente a Zorobabel:

Não pelo poder, nem pela força, mas por meu Espírito, declara o SENHOR de todo poder^u.

⁷Quem eras tu, grande montanha?

Ism 17,47;
Os 1,17;
Is 31,1;
SI 33,16

é situada à entrada da corte celeste (cf. 3,1 e 1,8). Também o sacerdote é, portanto, promovido à função de "mensageiro", como os seres celestes.

k. Lit. *são homens de presságio*, englobando também Josué nesse papel. O sacerdócio purificado e restabelecido constitui um sinal da proximidade da salvação.

l. Designação do messias, tomada de Jr 23,5; 33,15 e vinculada a Is 11,1-2. O emprego do termo *servo* indica ainda com precisão a qualidade messiânica do personagem esperado (cf. Is 49,5-6; 52,13; Ag 2,23). Após a sua purificação e restabelecimento, é o sacerdócio a garantia do advento messiânico.

m. Essa pedra designa talvez uma pedra preciosa fixada na veste sacerdotal à maneira do diadema de Ex 28,36 e 39,30, trazendo as sete letras hebraicas que formam a inscrição: "Sagrado ao Senhor" (cf. 14,20). Nesse caso os sete olhos exprimem a presença protetora que Deus concede ao sacerdócio e ao povo. A pedra poderia também significar o próprio Templo, posto *diante* de Josué, confiado à sua diligência e para o qual o Senhor realizará, ele próprio, as esculturas (cf. 1Rs 6,29; 7,36; 2Cr 3,7; SI 74,6).

n. A imagem exprime a prosperidade, a segurança e as relações fraternas (cf. 1Rs 5,5; Mi 4,4; 1Mc 14,12). A era messiânica restaurará essas condições da vida paradisíaca.

o. O profeta está à escuta desde o início das visões, ouvindo direto. Trata-se, pois, aqui menos de um autêntico despertar que de uma identificação da comunicação divina, índice da impor-

tância desta quinta visão.

p. Não é o candelabro de sete braços, cuja figura esculpida no arco de Tito, em Roma, nos é familiar. O que é representado aqui comporta uma ampla base que sustenta uma bacia circular para o óleo. Nos bordos dessa bacia sete bicos retêm as mechas para as chamas. Como o mostra o v. 10, o candelabro representa o Senhor.

q. Esta menção ao recipiente é inesperada. É nomeado enquanto constitui a parte mais importante, para designar o conjunto do candelabro.

r. A resposta verdadeira à pergunta do profeta só é dada no v. 10c. As três palavras referentes a Zorobabel cortam pelo meio a visão do candelabro e, por isso, são referidas no fim do cap.

s. Nesse momento tão crítico para o povo escolhido, lembra o profeta que só Deus governa a terra e dirige a história do mundo.

t. Lit. *derramam-lhe o ouro*. Esta nova pergunta, que interrompe o diálogo e introduz novos elementos na descrição, parece uma explicação secundária. O candelabro, que representa Deus, é aqui somente um simples luminar e as duas oliveiras, fornecedoras de óleo para as lâmpadas.

u. Lit. *os dois filhos do óleo fresco*. Os dois chefes da comunidade atual são assim designados como chefes da comunidade messiânica vindoura. Já estão presentes.

v. Advertência contra uma excessiva confiança no esforço humano. A restauração da comunidade e o advento messiânico são primeiramente obra do poder criador de Deus.

Diante de Zorobabel te tornaste uma planície^w

Is 28,16;
1Pd 2,4

de onde ele retirou a pedra principal exclamando "Graça e bênção para ela!"

⁸ A palavra do SENHOR veio a mim nestes termos:

⁹ Foram as mãos de Zorobabel que lançaram os fundamentos desta casa, serão elas também que a rematarão, e reconheceréis^a que foi o SENHOR de todo poder que me enviou a vós.

Ag 2,3-5

¹⁰ Quem, pois, desdenhava o dia dos modestos começos^b?

Que se alegrem ao verem a pedra fundamental^c na mão de Zorobabel!

5 Sexta visão: o livro. ¹Ergui novamente os olhos e tive uma visão: era um livro^a que voava. ²E o anjo me disse: "Que vês?" Respondi: "Vejo um livro que voa, medindo vinte côvados de comprimento por dez de largura^b".

³Então ele me disse: "É a maldição que investe contra toda a terra.

Segundo uma de suas faces, todo ladrão será eliminado e segundo a outra, todo perjuro será eliminado^c".

8,17;
Mt 3,5
Is 9,7

⁴ Eu a lancei

— oráculo do SENHOR de todo poder — para que atinja a casa do ladrão e a casa do perjuro,

para que se aloje no coração de sua casa ^{Esd 6,11} e a destrua, caibros e pedras.

Sétima visão: o alqueire. ⁵Adiantou-se o anjo que me falava, e me disse: "Ergue os olhos e olha aquilo que se aproxima". ⁶Perguntei: "Que representa isto?" Respondeu: "É um alqueire^d que se aproxima". E acrescentou: "É o pecado^e deles por toda esta terra".

⁷E eis que um disco de chumbo se soergueu: uma mulher estava instalada no interior do alqueire. ⁸Disse ele então: "É a malvadeza". Empurrou-a depois para dentro do alqueire e lançou a massa de chumbo sobre a abertura^f.

⁹Ergui depois os olhos e tive uma visão: eram duas mulheres que se aproximavam. O vento lhes soprava nas asas, ^{Ap 12,14} asas semelhantes às da cegonha. Levantaram o alqueire entre a terra e o céu.

¹⁰Perguntei ao anjo que me falava: "Aonde levam elas o alqueire?" ¹¹Ele me disse: "À terra de Shinear^g, para lhe^h construir um santuário. Lá o fixarão e o imobilizarãoⁱ, lá longe sobre o seu pedestal".

6 Oitava visão: os carros. ¹Tornei a erguer os olhos e tive uma visão: eram quatro carros que saíam de entre as duas montanhas, e essas montanhas eram de bronze. ²Ao primeiro carro estavam atre-

w. A montanha de escombros acumulados sobre a área do Templo foi removida para desimpedir os alicerces e permitir a retomada das muralhas a partir das bases, que permaneceram intactas. Com a progressão dos trabalhos, a *pedra principal* não deve mais ser a pedra fundamental e sim uma pedra do cume que remata o edifício.

x. Lit. *E tu reconhecerás*. Observação dirigida aos ouvintes do profeta, como em 2,13.15; 6,15 e não a Zorobabel. É mister, portanto, ler o plural, como fizeram diversos mss. hebr., o sir., o Targum e a Vulg.

y. Lit. *pequenas coisas*; i. é, o laborioso aviamento dos trabalhos.

z. Lit. *a pedra de estanho*, minério de estanho chamado cassiterita. O ato de fundação do santuário (v. 9) era marcado pelo depósito de um lingote precioso, tal como o que foi encontrado em Ugarit. Trata-se de pedra diferente da do v. 7.

a. Um livro em forma de rolo, sem dúvida escrito nas duas faces, como o que é visto por Ezequiel. Ez 2,10.

b. São as dimensões do pórtico do primeiro Templo, 1Rs 6,3. O rolo da maldição, passando pela terra, elimina todos os que, por causa do seu pecado, não podem ganhar acesso ao santuário (cf. Sl 15; 24,3-5).

c. A maldição escrita numa das faces visa às faltas contra o próximo, a da outra contra Deus.

d. Em hebr.: *efá*, unidade de medida para matérias secas, contendo cerca de 40 litros.

e. O hebr. traz: *o olho deles*, o que provém de uma confusão de letras, que o gr. e o sir. retificaram. Toda a visão se refere à purificação da terra pela eliminação da maldade.

f. O chumbo indica um peso inamovível: a maldade está definitivamente neutralizada.

g. É o símbolo dos grandes impérios, sede da vontade de poder do paganismo. Gn 10,10; 11,2; Is 11,11; Dn 1,2. O gr., o sir. e o Targum explicitaram o símbolo, pondo: *Babilônia*.

h. Lit. *a ela*, ou seja a mulher encerrada no alqueire.

i. As formas gramaticais do hebr. estão alteradas. Lit. *e ele* (na realidade a mulher ou o alqueire, ambos femininos em hebr.) *será estabelecido e eles o colocarão lá sobre o pedestal*. Expulsa da Terra Santa, a maldade permanecerá ao longe, no centro de seu império.

j. O profeta utiliza elementos mitológicos conhecidos dos leitores. Em certas representações babilônicas, as duas montanhas representam a entrada na morada dos deuses.

1.^a lados cavalos avermelhados, ao segundo, cavalos pretos; ³ao terceiro, cavalos brancos e ao quarto, cavalos malhados de vermelho.⁴ Retomei a palavra e perguntei ao anjo que me falava: "Que representam eles, meu Senhor?" ⁵O anjo me respondeu: "São os quatro ventos do céu que vêm vindo, após terem estado diante do Dono de toda a terra". ⁶A parrelha de cavalos pretos^m saía para a terra do norte. Os brancos saíam atrás deles, enquanto os malhados saíam rumo à terra do sul.⁷ Os vermelhosⁿ, saíam impacientes por percorrer a terra. Então o SENHOR lhes ordenou: "Ide, percorrei a terra". E os carros percorriam a terra. ⁸Ele me chamou para me dizer: "Olha, os que saem para o norte fazem repousar^p o meu Espírito na terra do norte".

Coroamento simbólico de Josué. ⁹A palavra do SENHOR veio a mim nos seguintes termos: ¹⁰"Recebe os dons^r dos deportados, de Heldai, Tobião e Iedaiá. Entra tu mesmo hoje, entra na casa de Ioshia, filho de Şefania^s, onde acabam

de chegar de Babilônia. ¹¹Tomarás prata e ouro para deles fazer uma coroa e a porás sobre a cabeça de Josué, filho de Iehosadaq^t, o sumo sacerdote. ¹²E falar-lhe-ás nestes termos: 'Eis o que diz o SENHOR de todo poder:

Eis um homem cujo nome é Germe. ^{3.8}

sob os seus passos tudo germinará^u e ele construirá o Templo do SENHOR.

¹³É ele que construirá o Templo do SENHOR. 2Sm 7,13; 1Rs 8,20

É ele que será revestido de majestade^v. Tomará assento em seu trono para dominar.

Um sacerdote tomará também assento num trono^w

e ambos se entenderão perfeitamente...

¹⁴Quanto à coroa, servirá ela de memorial no Templo do SENHOR em honra de Heldai^x, de Tobião e de Iedaiá e em recordação da bondade do filho de Şefania^y.

¹⁵E os que estão longe^z virão trabalhar no Templo do SENHOR — e reconheceréis que o SENHOR de todo poder me enviou a vós. Isto acontecerá se obedecerdes plenamente à voz do SENHOR, VOSSO DEUS. Dt 28,1

k. Dois termos que designam uma pelagem manchada e colorida. Por analogia com a primeira visão pode-se supor o colorido vermelho (cf. 1.8).

l. Uma ligeira modificação de consoantes daria uma leitura que se harmonizaria melhor com o conjunto da visão: *Aqueles quatro partem em direção dos quatro ventos do céu após terem comparecido perante o Senhor de toda a terra*. As parrelhas executam uma missão como fizeram os cavaleiros da primeira visão.

m. A frase hebr. é muito elíptica, lit. (o carro) em que estão os cavalos negros precipitam-se para a terra do norte. Notar também a ausência dos cavalos avermelhados. Sua menção desapareceu, sem dúvida, acidentalmente, acarretando a construção difícil da frase relativa aos cavalos negros.

n. As quatro parrelhas do v. 2 são reduzidas a três e as direções tomadas, a duas. Parece claro que o texto trazia, a princípio, para a primeira parrelha: *os brancos rompem para as bandas do mar (ocste)*. Os avermelhados, desaparecidos do texto, deviam partir para o oriente, o que corresponde exatamente à missão que as quatro equipagens recebem no v. 7: *perlustrar toda a terra*.

o. Esse grupo, confundido com os malhados do v. 3, substitui os avermelhados do v. 2, que desapareceram.

p. *Repousar*: são os instrumentos de uma ação durável do Espírito, na terra do norte.

q. É a Babilônia. Deus vai provocar um feliz despertar dos deportados e fazê-los contribuir para a reconstrução do Templo, como o indica a passagem seguinte.

r. O gr. diz com precisão: *vai apanhar as coisas providas da deportação*.

s. Sem dúvida o sacerdote, amigo de Jeremias, deportado em

587 (cf. 2Rs 25,18; Jr 29,25.29; 37,3). É compreensível que seu filho Ioshia fosse um personagem importante em Jerusalém, que acolhia em sua casa os deportados que regressavam.

t. Segundo o texto atual é o sumo sacerdote que recebe as insignias do poder. Isto revela que o sacerdócio tomou em mãos todo o governo interior da comunidade. É muito provável, todavia, que primitivamente o texto trouxesse aqui o nome de Zorobabel, o que concorda melhor com a sua qualidade de príncipe davídico pressentido como messias (cf. 3.8 e Ag 2,23), bem como com o papel de reconstrutor do Templo, v. 13.

u. Lit. *germinará*.

v. Essa *majestade* é muitas vezes, na Bíblia, um atributo divino (cf. Hab 3,3; Sl 8,2; 148,13; Jó 37,22) ou uma qualidade do rei (cf. Sl 21,6; 45,4; Jr 22,18; 1Cr 29,25).

w. Esta menção a um segundo trono indica claramente que o texto apresentava primitivamente dois personagens diferentes. Esta indicação é confirmada pelo gr.: *um sacerdote ficará à sua direita*, a saber à direita de Zorobabel; da mesma forma também pelo fato de que a paz reinará entre eles *dois*. Exprimia, portanto, o texto o ideal de um governo bicéfalo, como na quinta visão, 4,14.

x. O hebr. traz *Helem*, alterada por Heldai, que é a primeira das quatro personalidades nomeadas no v. 10.

y. A coroa, após ter servido para o gesto simbólico realizado pelo profeta em favor de Josué — ou antes, de Zorobabel —, será conservada no Templo para recordar o generoso gesto dos exilados, bem como a acolhida por eles recebida em Jerusalém.

z. São os membros da diáspora, especialmente os da Babilônia (cf. 6,8) que a comunidade de Jerusalém espera para ajudar na reconstrução do Templo.

LIVRETE DOS DISCURSOS

7 Consulta sobre os jejuins comemorativos. ¹No quarto ano do reinado de Dario, a palavra do SENHOR veio a Zacarias^a, no quarto dia do nono mês, o mês de kislev^b. ²Betel-Sarêser, grande oficial do rei, e os seus enviaram uma delegação^c para aplacar o SENHOR^d, ³para fazer aos sacerdotes adidos ao Templo do SENHOR de todo poder, bem como aos profetas, a seguinte pergunta: "Devo chorar no quinto mês^e, impondo-me privações, como venho fazendo há tantos anos?"

As lições do passado. ⁴Veio então a mim a palavra do SENHOR de todo poder: ⁵"Dize a todo o povo da terra e aos sacerdotes: quando jejuastes, com lamentações, no quinto e no sétimo mês^f, e isso durante setenta anos^g, foi acaso para mim que praticastes esse jejum? ⁶E quando comíeis e bebíeis, não era para vós mesmos que comíeis e bebíeis? ⁷Não é esse, porventura, o sentido das palavras que o SENHOR proclamava por intermédio dos antigos profetas, quando Jerusalém vivia na paz e na tranquilidade, cercada de suas

ciudades, e o Négueb e a Baixada eram habitados?"

⁸A palavra do SENHOR veio a Zacarias nestes termos: ⁹"Assim falava o SENHOR de todo poder: 'Pronunciai julgamentos verazes e que cada qual use de lealdade e misericórdia para com seu irmão. ¹⁰Não exploreis a viúva e o órfão, o migrante e o pobre; que nenhum de vós premedite fazer mal a seu irmão'. ¹¹Recusaram-se, todavia, a dar atenção; deram de ombros e endureceram os ouvidos para não ouvir. ¹²Tornaram seu coração duro como o diamante, para não ouvir a instrução e as palavrasⁱ que o SENHOR de todo poder lhes dirigira pelo seu Espírito, por intermédio dos antigos profetas. Entrou, então, em grande cólera o SENHOR de todo poder. ¹³E declarou, em consequência, o SENHOR de todo poder: 'Como eu os chamei^k e eles não me escutaram, assim eles me chamaram e eu não os escuto. ¹⁴Varri-os para toda espécie de nações que não conheciam. Atrás deles, a terra foi devastada: não há mais quem passe ou quem volte. Uma terra de delícias foi transformada em desolação'"

Ex 32,11;
Sl 119,58

Lm 2,18;
Sl 137,1;
Jl 2,12-17

Is 58,5;
Mt 6,16

Dt 24,17;
Am 8,4;
Is 1,16-17

Is 6,10;
Jr 18,12;
Ez 2,4
Ez 11,19;
2Rs 17,14;
Ne 9,16

a. Esta menção à palavra dirigida a Zacarias é, ao que tudo indica, uma adição redacional. Interrompe a habitual formulação da data e não corresponde ao conteúdo dos dois vv. seguintes, que constituem uma simples narração, e não um oráculo.

b. Ou seja, novembro de 518.

c. O texto hebr. deste v. diante do qual hesitaram todas as versões antigas, é atormentado. Lit. *E Betel enviou Sarêser e Reguem Melek e seus homens para...* As dificuldades deste sentido literal quanto ao texto hebr. e quanto ao sentido geral aconselham a leitura acima. Betel-Sarêser é um nome teóforo cujos análogos se encontram em Babilônia e nos textos de Elefantina. Como Sheshbazar e Zorobabel, pode ser um israelita admitido às funções oficiais. Os termos que designam a função de grão-oficial são atestados em Jr 39,3,13 e aqui retomados pelo sir. Ademais, Betel, a três horas de Jerusalém, não precisava enviar para lá uma delegação tão importante. A questão levantada concerne bem mais diretamente deportados: impor-se-ia ainda, após a retomada dos trabalhos no Templo, os jejuins comemorativos? A delegação vem, portanto, de Babilônia a Jerusalém, aonde chega três meses e meio após o jejum do quinto mês, que precisamente constitui problema.

d. Lit. *para aplacar a face do Senhor*.

e. Em julho, para comemorar a tomada de Jerusalém em 587 (2Rs 25,8).

f. Em memória da tomada de Jerusalém e do assassinato de Godolias, governador de Judá, ocorrido dois meses mais tarde, 2Rs 25,25; Jr 41,1-3.

g. Número ligeiramente arredondado em relação à realidade. Segundo 7.1 estamos em 518, 69 anos, portanto, após a destruição de Jerusalém e do Templo. À evocação da duração real, o autor junta o simbolismo desse número de 70, a saber, um longo período, Jr 25,11; 29,10.

h. Lit. *não éreis vós os comedores e vós os bebedores?* Nos jejuins, bem como nas refeições sacrificiais, as pessoas se preocupavam unicamente consigo mesmas, ao invés de procurar só a honra de Deus.

i. O passado da nação já está idealizado. Se o povo tivesse escutado a mensagem profética — de que se seguiria um resumo — a desgraça lhe houvera sido poupada. A pregação de Zacarias assemelha-se à dos profetas que o precederam.

j. A instrução (torá) e as palavras exprimem o conteúdo global da revelação divina. Temos aqui um primeiro esboço da fórmula tornada clássica a seguir: *a Lei e o Profetas*, Mt 7,12; 22,40.

k. Lit. *ele os chamava*. O profeta registra o fato e deixa logo ao povo a declaração da sentença.

l. O texto evoca a "impressão" do esforço, o drama de 587.

8 Bens messiânicos vindouros

¹A palavra do SENHOR de todo poder, veio a mim^m nestes termos:

² Assim fala o SENHOR de todo poder:

1.14 Ardo de imenso ciúme por Sião de imensa paixão por ela ardo.

³ Assim fala o SENHOR:

Is 62.12 Voltarei para Sião, para morar no meio de Jerusalém. Cognominarão Jerusalém a "Cidade Fiel"

e a montanha do SENHOR de todo poder, "Montanha Santa".

⁴ Assim fala o SENHOR de todo poder: Idosos e idosas outra vez se sentarão nas praças de Jerusalém, cada um com o bordão na mão, tão avançada a sua idade^o.

Is 65.20

⁵ E as praças da cidade encher-se-ão de crianças, meninos e meninas, que aí se divertirão.

⁶ Assim fala o SENHOR de todo poder: Mesmo que isto pareça impossível aos olhos do que resta do povo — naqueles dias^p —

Gn 18.14;

Jr 32.27;

Is 50.2;

Lc 1.37

será impossível aos meus olhos também? — oráculo do SENHOR de todo poder.

⁷ Assim fala o SENHOR de todo poder: Sim, vou livrar o meu povo da terra do Levante e da terra do Poente.

⁸ Eu os reconduzirei e habitarão no meio de Jerusalém.

Jr 31.33;

Ez 37.23

Eles serão povo para mim e eu serei Deus para eles, na fidelidade e na justiça^q.

⁹ Assim fala o SENHOR de todo poder: Coragem, vós que ouvís estas palavras

proferidas pelos profetas, nestes dias em que se lançam os alicerces da Casa do SENHOR para reconstruir o Templo^r.

¹⁰ Pois, antes destes dias,

Ag 2.5

os homens não ganhavam nada e nada granjeavam os animais. Para quem ia e vinha,

nenhuma segurança em face do agressor, 1Rs 5.26 porque eu havia soltado todos os homens uns contra os outros.

¹¹ Agora, porém, para o que resta deste povo, não sou mais como antes — oráculo do SENHOR de todo poder.

¹² Com efeito, sementearei a paz^s, a vinha dará o seu fruto, a terra dará o seu produto, os céus darão o seu orvalho e eu darei tudo isso em patrimônio ao que resta deste povo.

Ag 2.19

¹³ E então, assim como manifestastes a maldição entre as nações — casa de Judá e casa de Israel —, do mesmo modo eu vos salvarei, e vós manifestareis a bênção^t.

Não temais! Coragem!

¹⁴ Eis, com efeito, como fala o SENHOR de todo poder:

Assim como resolvi maltratar-vos porque vossos pais me haviam irritado, declara o SENHOR de todo poder, e a isso não renunciei, ¹⁵assim também, reconsiderando minha atitude, decidi agora fazer o bem a Jerusalém e à casa de Judá. Não temais. ¹⁶Eis os preceitos que ides observar: direis a verdade uns aos outros; pronunciareis em vossos tribunais^u julgamentos verazes que restabeleçam a paz; ¹⁷não alimentareis em vossos cora-

7.9;

Ef 4.25

m. Lit. *A palavra... veio*. Pode-se suprir o pronome da primeira pessoa, como fazem uma quarentena de mss. e a versão sir. n. Os novos textos exprimem a mudança interior operada e a reentrada em graça junto de Deus.

o. Puderam alcançar uma feliz velhice, graças a um longo período de paz.

p. A certeza do profeta transporta-o já aos dias futuros do cumprimento desses oráculos reconfortantes.

q. Deus toma a iniciativa de restabelecer a aliança, baseada na fidelidade e na justiça, e que constitui por um lado uma exigência moral feita ao povo (1Rs 3.6; Jr 4.2), e por outro uma garantia que Deus dá por sua própria conta (Is 11.5; Sl 19.10; 85.14).

r. O oráculo de 8.9-13 forma uma boa unidade literária. Pelo

seu conteúdo — encorajamentos, rememoração das decepções passadas, promessas de prosperidade — evoca ele as intervenções de Ageu, 1.5-11; 2.4-5; 2.16-17 e se situaria bem no início do ministério de Zacarias, quando cumpria encorajar os construtores.

s. Lit. *haverá semente de paz*. Cf. 1Rs 5.26.

t. Pelo castigo do Exílio que lhe foi infligido, serviu Israel até certo ponto de ilustração para representar a maldição. O seu restabelecimento exprimirá, da mesma forma, aos olhos dos pagãos, a bênção de Deus que eles gostariam de compartilhar.

u. Lit. *em vossas portas*. Era à porta da cidade que se reuniam os notáveis para aí debater problemas jurídicos e promulgar as sentenças, Rt 4.1; Am 5.10.

5.3 ções nenhum propósito de fazer o mal uns aos outros; não amarcis o falso juramento, pois são coisas, todas essas, que eu odeio — oráculo do SENHOR.

Resposta à consulta sobre o jejum. ¹⁸A palavra do SENHOR de todo poder, veio a mim nestes termos;

¹⁹Assim fala o SENHOR de todo poder: o jejum do quarto mês, o jejum do quinto, o jejum do sétimo e o jejum do décimo^v meses passarão a ser, para a casa de Judá, dias de júbilo, de regozijo e alegres festejos.

Amai, porém, a verdade e a paz.

²⁰ Assim fala o SENHOR de todo poder:

Sim, ver-se-ão outra vez afluir povos, ^{Is 2,2} e habitantes de grandes cidades.

²¹ E os de uma irão dizer aos da outra: "Vamos, corramos a aplacar o SENHOR, a procurar o SENHOR de todo poder; eu também irei!"

²² Numerosos povos e poderosas nações virão a Jerusalém procurar o SENHOR de todo poder, e aplacar o SENHOR^z.

²³ Assim fala o SENHOR de todo poder: Naqueles dias dez homens^y de todas as línguas faladas pelas nações agarrarão um judeu^t pela aba de sua veste, dizendo: "Queremos ir convosco, pois ouvimos dizer que Deus está convosco".

ISRAEL ENTRE OS POVOS

9 Julgamento e purificação dos povos vizinhos

¹ Proclamação.

A palavra do SENHOR chegou à terra de Hadrak^a,

e em Damasco se deteve, porque ao SENHOR pertence a jóia de Arâm^b

e o conjunto das tribos de Israel,

² e da mesma forma Hamat, sua vizinha, bem como Tiro e Sídón, onde se é muito hábil.

³ Tiro construiu para si uma fortaleza, acumulou prata, espessa como o pó, e ouro, como a lama das ruas,

⁴ mas eis que dela se apoderará o SENHOR

e no mar abaterá seu baluarte, e ela mesma será devorada pelo fogo. ^{Ez 27,34}

⁵ Ante tal espetáculo, Ashqelon ficará transida de terror,

Gaza se estorcerá de dor e Eqrón se verá privada de seu apoio^c. O rei será eliminado de Gaza e Ashqelon não mais será habitada^d.

⁶ Bastardos^e instalar-se-ão em Ashdod, abatei a insolência do filisteu.

⁷ Tirarei de sua boca o sangue e de entre os seus dentes os manjares abomináveis^f;

então ele também, como um resto, pertencerá ao nosso Deus.

Terá o seu lugar entre os clãs de Judá,

v. Aos jejuins mencionados em 7,3 acrescenta o profeta o do quarto mês que comemora a brecha feita nos baluartes de Jerusalém, e o do décimo mês, que recordava o começo do cerco, 2Rs 25,1-4.

w. O discurso é posto sem transição na boca da cidade personificada.

x. Promessas de ampliação, mediante a agregação dos pagãos, do povo eleito. Subsiste todavia certa limitação do pensamento universalista pelo fato de que é em Jerusalém que todos se devem concentrar.

y. Na Bíblia o número dez, representa de modo simbólico ora um grupo numeroso (Lv 26,26), ora uma espécie de corpo constituído (Jz 6,27; Rt 4,2; 2Rs 25,25). Os novos adeptos vêm numerosos e em grupos compactos.

z. O emprego do termo *judeu* (*yehudi*) é assaz tardio na Bíblia. Só é usado de maneira corrente a partir dos livros de Ne e de Est (Ne 1,2; Est 2,5; 3,6.10.13). A nota acentuadamente "judaica"

deste último oráculo pode indicar uma origem posterior a Zacarias.

a. *Hadrak*, capital da província de Laḥash, no norte da Síria.

b. Hebr.: *o olho do homem*. Em vez de *o homem* (= *adam*) lemos *Arām* (= a Síria), em paralelo com *Hadrak*. O *olho* é uma metáfora para designar a capital, Damasco.

c. A saber, Tiro, que comandava toda a economia das cidades da costa.

d. As cidades mencionadas nos vv. 5 e 6 figuravam entre as mais importantes do antigo distrito dos filisteus, Js 13,2-3; Am 1,6-8; Sf 2,4-7.

e. Designa aqui o termo a população mestiça, oriunda de conjuges dos quais um é judeu e o outro pagão. Dt 23,3 os exclui da comunidade. Os filisteus serão suplantados por essa população mista e desprezada.

f. Trata-se da carne não sangrada ritualmente (Gn 9,4; Lv 19,26; Ez 18,6 e 33,25) e também da carne oferecida aos ídolos, as "abominações" (Is 66,3).

e Ebron será como o iebusita^a.

^a Acamparei ao pé da minha casa^b, montando guarda^c

contra quem passa e contra quem volta^d; nenhum tirano mais a oprimirá ao passar por ela,

Ex 3,7-9 porque agora estou vigiando com os meus próprios olhos.

O messias humilde e pacífico

2.15 ⁹ Estremece de alegria, filha de Sião^k! Prorrompe em aclamações^l, filha de Jerusalém!

Eis que o teu rei vem ao teu encontro; ele é justo e vitorioso^m.

Gn 49,11; Mt 21,5 humilde, montado num jumento — sobre um jumentinho bem novoⁿ.

¹⁰ Eliminará^o de Efraim o carro de guerra

e de Jerusalém o carro de combate.

Is 2,4 Despedaçará o arco de guerra
IRs 5,26 e proclamará a paz para as nações.

SI 72,8; Seu domínio irá de um mar ao outro
SI 44,21 e do Rio^p às extremidades desta terra^q.

Libertação dos cativos

SI 50,5 ¹¹ Quanto a ti, por causa da aliança firmada contigo no sangue^r,

libertarei os teus cativos da cisterna sem água^s.

¹² Volta para a fortaleza^t, SI 122,3 cativos cheios de esperança.

Hoje mesmo o declaro: conceder-te-ei dupla compensação. Is 61,7

¹³ Retes o meu arco: é Judá; armo-o com uma flecha: é Efraim^u. Suscitarei os teus filhos, Sião, — contra os teus filhos, lavan^v — e te brandirei, como um guerreiro a sua espada.

¹⁴ Então o SENHOR aparecerá acima deles e sua flecha partirá como um raio. O Senhor Deus fará soar a trompa^w e irromperá, nos tufões do sul^x.

¹⁵ O SENHOR de todo poder os protegerá, as pedras de funda devorarão, esmagarão, beberão o sangue^y como vinho, ficarão cheias dele, como a taça de aspersão, como os chifres do altar^z.

¹⁶ O SENHOR, seu Deus, os salvará — naquele dia — a eles, ovelhas de seu povo. Como pedras preciosas^a Is 62,3 fulgirão em sua terra.

¹⁷ Quão felizes serão!

g. Os filisteus se beneficiarão da condição dos iebusitas que David poupou quando da tomada da cidade (2Sm 5,6-9) e que viveram em paz no meio do povo (cf. Js 15,63; Jz 1,21).

h. A *casa* designa aqui todo o país (Os 8,1; 9,15; Jr 12,7; SI 114,2) e não apenas o Templo de Jerusalém.

i. Hebr. *misabá* (*flora de um exército?*), retificado segundo o gr. para *masabá* (*posto de guarda, guarnição*, cf. 1Sm 14,12).

j. Os tradicionais inimigos de Israel.

k. A este v. referem-se os quatro evangelhos relatando a entrada de Jesus em Jerusalém; Mt (21,5) e Jo (12,15) o citam explicitamente.

l. Trata-se de uma solene aclamação, seja para desencadear a batalha da guerra santa, Nm 10,9; Js 6,10; 1Sm 17,20; seja para proclamar a realeza do Senhor, Sf 3,14; SI 47,2; 95,1; 98,4,6.

m. Lit. *salvo*. O termo exprime a assistência de Deus que livra Sião de todos os seus adversários.

n. Lit. *sobre um jumento, filhote de uma jumenta*. A expressão: *filhote* de designa várias vezes na Bíblia um homem ou um animal muito novo (cf. Nm 8,8; Jô 4,11; SI 147,9; Pr 7,7). Assim é que o gr. compreendeu esta expressão.

o. Hebr. *Eliminarei*, mas é preferível, para a unidade do discurso, seguir aqui o gr. *Eliminará*. Toda a passagem descreve a ação do messias anunciado.

p. O Eufrates.

q. A fórmula tirada do estilo de corte babilônico quer evocar a extensão ideal do reino de Israel no tempo de Salomão: Gn 15,18; IRs 5,1,4; 8,65; SI 80,12.

r. É a aliança concluída no Sinai, acompanhada de sacrifícios e aspersão de sangue, Ex 24,4-8.

s. As cisternas mais ou menos ressequidas podiam servir de cárcere, Gn 37,20-29; Jr 38,6.

t. Jerusalém restaurada, abrigo seguro contra toda nova provação.

u. *Judá e Efraim* estão aqui associados no combate: o antigo cisma dos dois reinos está superado.

v. *lavan* designa na Bíblia ora regiões de cultura grega (Gn 10,2-5; Ez 27,13), ora, como aqui, povos hostis a Israel e que serão submetidos quando do grande combate final entre Deus e seus inimigos (Is 66,19; Ez 38,3; Jl 4,6).

w. O som da *trompa* anuncia a solene vinda de Deus (Ex 19,16) e especialmente a manifestação para o julgamento (Is 27,13; Jr 4,5; Mt 24,31).

x. Lit. *Teman*, o sul. Em certos textos, muitos dos quais antigos, Deus aparece vindo do sul, representação relacionada com o Sinai (Dt 33,2; Jz 5,4; Ha 3,3-4; SI 18,8-15). A vinda escatológica a partir do norte é afirmada em textos mais recentes, em provável conexão com a mitologia fenícia, que situa no norte a morada dos deuses (Is 14,13; Ez 1,4; 28,14).

y. O *sangue* (dos inimigos) segundo a leitura gr.; o hebr. traz: *eles beberão, eles farão grande rumor como o vinho*.

z. Imagens que evocam os ritos do sacrifício, cf. Ex 29,12; Lv 4,7; 8,15; 16,18.

a. Lit. *pedras de diadema*.

Quão belos serão^b!

Jr 31,12-13 O trigo dará esplendor aos jovens e às jovens, o vinho novo^c.

10 Vaidade dos ídolos. ¹Suplicai ao SENHOR a chuva tardia da primavera^d. É o SENHOR quem provoca as tempestades; ele concederá chuvas copiosas a cada um dos produtos dos campos.

DI 28,12;
1Rs 18,
30-45

² Com efeito, os ídolos^e deram respostas vazias e os adivinhos tiveram visões mentirosas, prodigalizaram sonhos vazios e consolações ilusórias. Eis o que fez o povo^f ir-se como um rebanho, infeliz, na falta de pastor^g.

Ex 34,5

Um novo Êxodo

³ “É contra os pastores que minha cólera se inflama, contra os bodes que vou intervir^h. Sim, o SENHOR de todo poder, visitará o seu rebanho — a casa de Judá. Dele fará o seu glorioso corcel de combate.

⁴ De Judáⁱ sairá a pedra angular, a estaca da tenda^j, o arco da guerra; dele sairão todos os chefes. Juntos, ⁵à semelhança de guerreiros, combaterão, calcando a lama das ruas.

Jr 30,11

Lutarão, porque o SENHOR estará com eles, e os cavaleiros em suas montarias cobrir-se-ão de vergonha. Is 31,1

⁶ Robustecerei a coragem da casa de Judá e salvarei a casa de José. E os restabelecerei, porque deles me compadecerei, como se nunca os houvesse rejeitado, pois eu sou o SENHOR, seu Deus, e hei de ouvi-los. Is 54,6-8

⁷ Os de Efraim terão a valentia dos heróis, ficarão repletos de uma alegria como a do vinho. Vendo-os, seus filhos exultarão, e se encherão de alegria por causa do Senhor.

⁸ Fá-los-ei ouvir o meu sinal para os reunir porque os resgatei, e serão tão numerosos quanto outrora. Is 5,26

⁹ Disseminei-os por entre as nações mas mesmo ao longe se lembrarão de mim, darão a vida a filhos^k e voltarão. Dt 30,1-3

¹⁰ Reconduzi-los-ei da terra do Egito e da Assíria os reunirei^l. Introduzi-los-ei na terra de Guilead e do Líbano Os 2,2; Mq 7,14

¹¹ Atravessarão o mar do Egito^m — o SENHOR golpeará as ondas em pleno marⁿ —

b. Lit. *Como será feliz...*, a saber, o povo.

c. Após os sobressaltos do combate final, o país viverá numa paz idílica.

d. É a chuva de final de primavera que impede os cereais de secar antes de atingirem a maturidade.

e. Lit. os *terafim*, designação pejorativa (“a podridão”) dos ídolos domésticos de quem se esperavam oráculos, Gn 31,19; Jz 18,14-20; 1Sm 19,13-16; Ez 21,26.

f. Lit. *eles erraram...* Trata-se do povo e não dos ídolos.

g. Esta curta passagem de 10,1-2, que relata dois grandes oráculos concernentes ao combate purificador, 9,10-17 e 10,3-12, relembra que o salvador é Deus, e não os ídolos enganadores.

h. Trata-se não dos chefes de Israel, mas sim dos chefes estrangeiros que maltrataram o povo eleito. — ^k[Na segunda parte do v., o mesmo verbo recebe um sentido positivo e é traduzido por “visitar”.]

i. Lit. *Dele*.

j. A *pedra angular* designa os chefes do povo reunido em assembleia plenária, Jz 20,2; 1Sm 14,38. A *estaca* pode designar metaforicamente um chefe, como em Is 22,23, o mordomo-mor do palácio. Quando da libertação definitiva o povo eleito será governado pelos seus próprios chefes.

k. Hebr. *eles permanecerão em vida com seus filhos*. De fato os vv. 8 e 10b anunciam uma multiplicação da população. O gr. e o sir. leem o texto no sentido adotado aqui.

l. Os exilados retornarão, seja qual for o lugar em que atualmente estejam dispersados.

m. Nem a Palestina nem os países adjacentes bastarão para acolher os que hão de vir.

n. Lit. *Ele atravessará o mar estreito*. O contexto convida a ler *mar do Egito* em vez do insólito *mar estreito*.

o. Inciso que põe o Senhor em cena, acentuando a conexão com o Êxodo, Ex 14,19-22.

Todas as profundezas do Nilo serão secadas^p.

O orgulho da Assíria será abatido e removido o cetro do Egito.

¹²Fortalecer-se-ão no SENHOR^q

Mq 4.5 e será em seu nome que marcharão — oráculo do SENHOR.

11 Ruína das grandes potências

¹Abre as tuas portas, ó Líbano, e que o fogo devore os teus cedros.

²Gemei de dor, ciprestes, porque caiu o cedro, porque os poderosos foram abatidos. Gemei, carvalhos do Bashan^r, porque jaz por terra a floresta impenetrável.

³Escutai o gemido dos pastores, porque se aniquilou o seu esplendor. Escutai o rugido dos leõesinhos^s porque está abatido o orgulho do Jordão.

Ez 34,8-10 **Alegoria de dois pastores.** ⁴Assim fala o SENHOR, meu Deus: "Apascenta essas ovelhas destinadas ao matadouro, ⁵que seus compradores abatem impunemente; elas, cujos vendedores dizem: "Bendito seja o SENHOR, estou rico!" enquanto seus pastores não experimentam^t por elas nenhuma compaixão. ⁶Não, não mais terei piedade dos habitantes da terra, oráculo do SENHOR. Eu entregarei os homens,

cada qual às mãos de seu vizinho^u e de seu rei. Os reis saquearão a terra, mas não libertarei de suas mãos"^v. ⁷Apascentei então as ovelhas que os traficantes^w destinavam ao matadouro. Tomei dois cajados. Ao primeiro chamei "Benevolência" e ao segundo, "União", e pus-me a apascentar o rebanho. ⁸Depois eliminei num só mês os três pastores^x. Perdi a paciência com elas^y, e elas, por sua vez, cansaram-se de mim. ⁹Declarei então: "Não vos apascentarei mais! Morra a que deve morrer! Desapareça a que deve desaparecer! E que as sobreviventes se devorem mutuamente!" ¹⁰Tomei, então, meu cajado "Benevolência" e quebrei-o, para romper o pacto que firmara com todos os povos^z. ¹¹Foi, pois, denunciado, naquele dia, e os traficantes^a do rebanho que me observavam reconheceram que aquilo era uma palavra do SENHOR^b.

¹²Declarei-lhes então: "Pagai-me, se vos aprouver, o meu salário; se não, deixai-o." Pagaram, de fato, o meu salário: trinta siclos de prata^c. ¹³O SENHOR me disse: "Lança-o ao fundidor^d, esse belo preço em que fui avaliado por eles". Tomei os trinta siclos de prata e lancei-os ao fundidor, na Casa do SENHOR. ¹⁴Quebrei depois o meu segundo cajado — "União" — para romper a fraternidade entre Judá e Israel^e.

Mi 26.15

Mi 27.5

p. A seca do Nilo afetará o Egito na sua força viva e facilitará a saída dos cativos.

q. *Torná-los-ei valentes pelo Senhor.* Mas toda a passagem e ainda o fim do v. 12 falam de Deus na 3ª pessoa.

r. *Bashan*, na Transjordânia, afamado pelas suas pingües pastagens (Dt 32.14; Mq 7.14), é também apresentado como o símbolo da orgulhosa suficiência, Am 4.1; Ez 39.18.

s. Os inimigos de Israel são por vezes representados sob o símbolo de belas árvores: cedros (Is 10.33-34; Ez 31), ciprestes, carvalhos (Is 2.13), ou ainda de pastores e leões (Jr 49.19).

t. Lit. *ele não experimenta*. Cumpre restabelecer o plural.

u. Uma ligeira correção permitiria ler: *às mãos do seu pastor*. v. Este v. 6 pode ser uma adição posterior chamada pela palavra *compaixão* no v. 5. Interrompe a alegoria dos pastores e amplia o horizonte ao mundo inteiro — trata-se dos reis da terra —, quando a alegoria dos pastores concerne só ao povo de Israel.

w. Um corte falto da palavra *traficantes* (lit. *kená'ni*) deu no texto hebr. atual: *eis por que os pobres*. Este erro está ausente do texto gr.

x. O começo do v. 8 parece aludir a três sumos sacerdotes conhecidos dos leitores (os três pastores) e cuja rápida elimina-

ção foi interpretada como o castigo reservado na alegoria aos maus pastores. Como daí por diante não se fala mais deles, a sua menção pode resultar de uma adição secundária.

y. A saber, as ovelhas do rebanho.

z. O rebanho, tendo-se tornado ingovernável, é arrastado a uma completa anarquia, que o conduz à ruína.

a. Espécie de pacto tácito concluído com os povos estrangeiros para que deixem Israel em paz. Idéia análoga em Os 2.20 e Jr 2.3. O papel do profeta e o do Senhor interferem constantemente, sem transição.

b. Cf. v. 7 nota.

c. O gesto simbólico do profeta é tão significativo quanto uma palavra explícita.

d. Salário irrisório: o preço de compra de um escravo. Ez 21.32; gesto blasfemo: os chefes zombam da ação divina.

e. O nome hebr. é habitualmente traduzido por *oleiro*, o que não dá sentido aceitável aqui. Mas o verbo da mesma raiz pode significar também *fundir*. 1Rs 7.15; 2Rs 12.11. Uma fundição, no Templo, reduzia as peças de metal preciosas a lingotes conservados no tesouro.

f. Essa ruptura da fraternidade pode-se referir à definitiva separação entre a comunidade de Jerusalém e a da Samaria.

¹⁵O SENHOR me disse: "Apresta-te agora com apetrechos de pastor — pastor insensato^h. ¹⁶Com efeito, vou suscitar um pastor nesta terra: com a ovelha perdida não se importará; a desgarradaⁱ, ele não a procurará; a que está ferida, dela não tratará; a que está bem de saúde, não a melhorará. Devorará a carne dos animais

gordos e lhes fenderá o casco".

¹⁷Ai do pastor de nada

que abandona o rebanho!

Que a espada lhe dilacere o braço e lhe vaze o olho direito!

Resseque-se seu braço, sim, resseque-se!

Apague-se o seu olho direito, sim, apague-se!

Jo 10,12-13

SALVAÇÃO E GLÓRIA FUTURA DE JERUSALÉM

12 Uma morte dramática e salutar

¹Proclamação.

Palavra do SENHOR contra Israel.

Oráculo do SENHOR que estendeu os céus e fundou a terra,

²que modelou o espírito do homem dentro dele.

³Farei de Jerusalém uma taça inebriante para todos os povos das redondezas¹. Igual sorte caberá a Judá, quando do cerco de Jerusalém². ⁴Sim, naquele dia constituirei Jerusalém perante todos os povos como um bloco de pedra, impossível de soerguer. Esfolar-se-á nela todo aquele que tentar soerguê-la. Contra ela se coligarão todas as nações da terra.

⁵Naquele dia — oráculo do SENHOR —, ferirei de desvario todos os cavalos e de demência os cavaleiros — mas sobre a casa de Judá mantereii abertos os meus olhos^k — e ferirei de cegueira todos os cavalos das nações. ⁶Dirão de si para si os chefes de Judá: "Para os habitantes de Jerusalém¹ a sua força reside no SENHOR de todo poder, seu Deus." ⁷Naquele dia

tornarei os chefes de Judá semelhantes a um brasileiro aceso sob a lenha, a uma tocha acesa sob os feixes. Devorarão à direita e à esquerda todos os povos ao redor. Jerusalém, entretanto, permanecerá instalada no mesmo lugar^m.

⁸Salvará o SENHOR em primeiro lugar as tendas de Judá, para que a altivez da casa de David e a altivez do habitante de Jerusalém não se exaltem em detrimento de Judáⁿ. ⁹Naquele dia estenderá o SENHOR a sua proteção em torno dos habitantes de Jerusalém: lá — nesse dia — estará como David o que, dentre eles, mais cambaleava, lá estará como Deus a casa de David, como o anjo do SENHOR diante deles.

¹⁰Naquele dia, empenhar-me-ei em exterminar todas as nações que vieram atacar Jerusalém. ¹¹E derramarei sobre a casa de David e sobre o habitante de Jerusalém um espírito de boa vontade e de súplica^o. Erguerão, então, o olhar para mim, aquele a quem trespassaram^p. Celebrarão o luto por ele, como pelo filho único. Pranteá-lo-ão amargamente como se pranteia um primogênito. ¹²Naquele dia

Jo 19,37;
Ap 1,7

devido à construção do templo cismático no monte Garizim, cerca de 328. Essa ruptura punha fim ao sonho de um reagrupamento de todos os membros do antigo povo de Deus. Os 2,1-2; Ez 37,15-28; Jr 3,18.

g. Como não existe equipamento característico de um mau pastor, a ordem dada anuncia de maneira simbólica a vinda de um mau chefe.

h. Hebr. *o rapaz*. Uma ligeira correção permite ler: *transviar*. i. A *taça* dada a beber a uma cidade ou a um povo simboliza o castigo provocado pela cólera do Senhor. Is 51,22; Jr 25,15; Hab 2,16.

j. Texto hebr. difícil. Insiste no fato de que a Judéia inteira participará da vitória da capital.

k. Este inciso relativo a Judá se leria melhor no começo do v. 5.

l. Lit. *para mim os habitantes de Jerusalém...* A supressão de uma letra acidentalmente repetida permite a tradução adotada, igualmente proposta pelo aramaico.

m. O texto hebr. acrescenta ainda *em Jerusalém*, o que falta em certos mss.

n. Deve ter havido por momentos certo antagonismo entre a metrópole Jerusalém e a zona rural judaica. Disso se aproveitou o autor para convidar Jerusalém à humildade. Deus libertará primeiro o campo aberto, desprotegido, e em seguida a capital bem fortificada.

o. Transformação interior que leva o homem a uma atitude de confiança e abertura a Deus.

p. Numa linguagem realista, Deus se declara a si próprio atingido pela morte infligida ao seu enviado. A continuação da frase distingue de novo Deus e o misterioso personagem evocado.

o luto de Jerusalém será tão grande quanto o de Haddad-Rimon, na planície de Meguido⁹. ¹²E a terra celebrará o luto, cada clã separadamente:

o clã da casa de David à parte
e as mulheres à parte;

o clã da casa de Natan à parte^r
e as mulheres à parte;

¹³o clã da casa de Levi à parte
e as mulheres à parte;
o clã de Shimeí à parte
e as mulheres à parte;

¹⁴todos os outros clãs, separadamente,
e as mulheres à parte^s.

Ez 47,1

13 Brotará naquele dia uma fonte para a casa de David e os habitantes de Jerusalém, como remédio do pecado e da mancha¹.

Ez 36,25

Desaparecimento da idolatria e dos falsos profetas. ²E acontecerá naquele dia — oráculo do SENHOR todo-poderoso — que eliminarei da terra o nome dos ídolos; não se fará mais menção a eles. Expulsarei também da terra os profetas e o seu espírito de impureza². ³Se, então, alguém continuar a profetizar, seu próprio pai e sua própria mãe o advertirão: ⁴"Não ficarás em vida: são mentiras, o que proferes em nome do SENHOR." E seu próprio pai e sua própria mãe o traspasarão enquanto ele estiver profetizando. ⁵Naquele dia, todo profeta se envergonhará de suas visões, enquanto estiver profetizando, e não mais revestirá o

Mq 5,11-12

Dt 18,20

Am 7,14

manto de pele^r para enganar. ⁵Ele protestará: "Não sou profeta, sou um homem do campo. Possuo alguma terra desde a minha mocidade³". ⁶Perguntar-lhe-ão: "Que feridas são essas no teu peito⁴?" Ele responderá: "Eu as recebi na casa de meus amantes⁵".

A aliança renovada

⁷Espada, desperta contra o meu pastor^r, contra o meu companheiro valoroso — oráculo do SENHOR de todo poder.

Fere o pastor, as ovelhas serão dispersadas

Mt 26,31

e minha mão retornará para ferir até os pequenos⁸.

Is 1,25

⁸Então, em toda a terra

— oráculo do SENHOR —

dois terços perecerão, eliminados, mas um terço sobreviverá.

Ez 5,1-4

⁹Farei passar este terço pelo fogo, purificá-lo-ei como se purifica a prata,

Mt 3,2-3
Is 48,10

prová-lo-ei como se prova o ouro.

Ele, de sua parte, invocará o meu nome e eu, eu atenderei ao seu apelo.

Direi: "É o meu povo",

e ele dirá: "O meu Deus é o SENHOR^b".

14 Instauração definitiva do reino de Deus.

¹Eis que vem para o SENHOR um dia, Jerusalém, em que no teu seio se repartirão os despojos². ²Reunirei todas as nações perto de Jerusalém para travarem a batalha. A cidade será tomada, as

q. Alusão ao luto ritual celebrado cada ano em honra da divindade fenícia Haddad-Rimon. Ez 8,14. Acreditava-se que ele, deus da vegetação, morria no fim das colheitas, para reviver no retorno das chuvas. O culto devia tomar uma importância particular em Meguido, na fértil planície de Jezreel.

r. Um dos filhos de David 2Sm 5,14; cf. Lc 3,31. O texto passa em revista todas as famílias da comunidade, mencionando à frente os descendentes da família real e os membros das famílias levíticas.

s. A apresentação distinta dos clãs e de suas mulheres deve-se sem dúvida a uma disposição da celebração litúrgica.

t. Essa purificação é consequência da morte violenta infligida ao misterioso traspasado, 12,10.

u. Trata-se dos falsos profetas e da impureza, da idolatria que eles favorecem.

v. Vestimenta distintiva dos profetas, 2Rs 1,8; Mt 3,4.

w. Hebr. *um homem me comprou desde a minha juventude*. Já

as versões antigas hesitam: a modificação de uma consoante torna o sentido mais conforme ao começo do v.

x. Lit. *entre as mãos* (braços). Por ocasião de certas festividades em honra das divindades da fecundidade, os participantes retalhavam o corpo, Lv 21,5; Dt 14,1; 1Rs 18,28; Jr 5,7.

y. Os falsos deuses, como em Os 2,7,9,12; Ez 16,33. Acusado pelas perguntas que se lhe fazem acaba esse falso profeta por reconhecer as suas práticas culpáveis.

z. Este trecho sobre o pastor, isolado no plano atual do livro, talvez tenha constituído a conclusão da alegoria do cap. 11.

a. Mesmo os mais pequenos, que poderiam beneficiar-se da presunção de inocência, não serão poupados. Todo o povo é solidário.

b. Fórmula tradicional para evocar a conclusão da aliança, Os 2,25; Jr 31,33; Ez 34,24,30; Zc 8,8.

c. Acrescenta-se *Jerusalém* em razão do pronome feminino no hebr.

casas saqueadas, as mulheres violadas. Metade da população será deportada, mas a que ficar não será eliminada da cidade.

Is 4.3 ¹Entrará, então, em campo o SENHOR

contra aquelas nações, no dia em que ele travar combate, no dia da peleja. ²Pousar-se-ão, naquele dia, os seus pés sobre o monte das Oliveiras que fica defronte a Jerusalém, a oriente. O monte das Oliveiras se rachará ao meio, de leste a oeste, mudado em um imenso vale. Metade da montanha recuará para o norte e metade para o sul^d. ³Fugireis então pelo vale das minhas montanhas^e, pois o vale das montanhas atingirá Aşaf^f. Fugireis como

Mq 1.4 fugistes do terremoto na época de Ozias,

rei de Judá. Chegará, então, o SENHOR meu Deus, acompanhado de todos os seus santos^g.

Jd 14 ⁴Naquele dia não mais haverá lunar^h,

nem friagem, nem geadaⁱ. ⁵Será um único dia — o SENHOR o conhece. Não mais

Mc 13.32 haverá dia nem noite; ao anoitecer brilhará a luz. ⁶Naquele dia, águas vivas

Is 60.20 sairão de Jerusalém, metade para o mar

Ap 22.5 oriental, metade para o mar ocidental^j.

Jn 7.38 ⁷Será assim no verão e no inverno. ⁸O

SI 22.28-29 SENHOR mostrar-se-á então rei de toda a

Dn 2.44 terra. Naquele dia o SENHOR será único,

Ap 11.15 e único, o seu nome.

Dt 6.4 ⁹A terra toda será transformada em

planície, desde Gueba até Rimom, ao sul

de Jerusalém^k; esta, será levantada, bem

onde está situada, desde a porta de Ben-

12.6 jamin até o local da antiga porta, até a

Mq 4.1 porta do Ângulo, e desde a torre de

Hananel até os lagares do rei^l. ¹⁰Morarão

aí; não haverá mais anátema, e Jerusa- Jr 41.10; lém morará em segurança.

¹²Eis agora o flagelo com que o SE-

NHOR irá ferir todos os povos que tive-

rem combatido contra Jerusalém: fá-los-

á apodrecer enquanto ainda se mantêm

de pé; seus olhos apodrecerão nas órbi-

tas e a sua língua lhes apodrecerá na

boca. ¹³Naquele dia, o SENHOR provoca-

rá imenso pânico entre eles; cada qual

investirá contra o seu companheiro; lu-

tarão corpo a corpo. ¹⁴Judá entrará no

combate de Jerusalém. Ajustar-se-ão

todos os recursos das nações circun-

vizinhas: ouro, prata, vestimentas em

enormes quantidades. ¹⁵Flagelo seme-

lhante atingirá os cavalos, as mulas, os

camelos, os jumentos e todos os ani-

mais de carga que estiverem no seu

acampamento: idêntico flagelo^m.

¹⁶Acontecerá então que todos os so-

breviventes das nações que tiverem mar-

chado contra Jerusalém subirão, ano

após ano, à cidade para se prosternarem

diante do rei, o SENHOR de todo poder, e

para celebrar a festa das Tendassⁿ. ¹⁷Mas

d. Essas eversões exprimem de maneira espetacular a soberana intervenção de Deus para o julgamento final, JI 3.3-4; Mt 24.29-31.

e. A grande depressão mencionada no v. 4.

f. Sem dúvida numa pequena localidade, no vale do Cedron, a sudeste de Jerusalém.

g. Lit. *todos os santos contigo*. Trata-se dos seres celestes que na Bíblia rodeiam o trono de Deus, Gn 28.12; Jó 1.6.

h. A claridade será permanente, mas não mais terá a sua fonte no sol: a alternância do dia e da noite terá chegado ao seu fim.

i. Hebr. *as coisas preciosas se contrairão*. Uma ligeira modificação de consoantes, que antigas versões nos encorajariam a fazer, dá um sentido mais satisfatório: o restabelecimento de um clima ideal.

j. É a volta da fertilidade do paraíso, Ez 47; JI 4.18. Os dois

mares podem ser o Mediterrâneo e o Mar Morto, que se tornará fecundo.

k. *Gueba*, cerca de 10km ao norte de Jerusalém, na fronteira entre Judá e Benjamin (1Rs 15.22; 2Rs 23.8); *Rimom*, no distrito de Beer-Sheba, para os lados da fronteira sul de Judá (Js 15.32; Ne 11.29). A transformação prevista atinge, portanto, todo o antigo reino de Judá.

l. Os dois eixos, leste-oeste e norte-sul, correspondem à extensão da cidade no tempo de Neemias. É o traçado ideal que deve permanecer o da Jerusalém escatológica.

m. Este v. forma a sequência lógica do v. 12.

n. Na época do autor, a *festa das Tendass* se tornara a mais popular do ano (Ne 8.13-18). Celebrada no outono, no final do ano agrícola, era a princípio uma festa de ação de graças (Ex 23.16 nota; Dt 16.13-15). Progressivamente enriquecida de um

²⁰Naquele dia, as campainhas dos cavalos deverão trazer a inscrição: "Consagrado ao SENHOR"; na Casa do SENHOR serão as panelas como taças de aspersão diante do altar: ²¹em Jerusalém e em Judá toda panela será consagrada ao

SENHOR, o Todo-poderoso. Todos os que vierem apresentar um sacrifício, delas se servirão para cozinhar a sua oferta. Não haverá mais nenhum mercador na Casa do SENHOR de todo poder, naquele dia. Jo 2,16

MALAQUIAS

INTRODUÇÃO

O livro de Malaquias encerra a série dos livros proféticos. Isto, porém, não significa que este último anel da corrente seja de importância secundária. O profeta anônimo toma de empréstimo um nome provindo da menção do mensageiro (mal'aki) em 3,1. Assemelha-se, portanto, ao precursor do Messias anunciado neste mesmo versículo. Por isso, deu-se a Malaquias um lugar de destaque no conjunto do testemunho veterotestamentário.

Os índices fornecidos pelo livro permitem situar o profeta por volta dos anos 480/460. De fato, o povo está voltando do exílio, o templo está reconstruído, o culto funciona desde certo tempo. Estamos, portanto, claramente depois de 515. Entretanto, a grande reforma iniciada por Esdras (sobretudo a respeito dos casamentos mistos) ainda não se iniciou: esta irá acontecer lá por 440. Os tempos eram de grande ceticismo. As esperanças que os profetas Ageu e Zacarias tinham relacionado à reconstrução do templo não se tinham ainda realizado como se esperava. O desânimo tinha enfraquecido a fé. Recaía-se nas antigas

faltas: negligências no serviço cultual, venalidade, parcialidade, não poucas infidelidades. Malaquias reage vigorosamente. Ele coloca cada um, sacerdote e "leigo", diante de suas responsabilidades para com o Senhor e o próximo. Malaquias terá, deste modo, desempenhado dupla função. Num período capital, quando se irá fixar a fisionomia definitiva do judaísmo pós-exílico, ele será o reformador da vida cultural e moral das pessoas, bem como o guia de toda a comunidade.

Mais tarde, alguns ficarão particularmente impressionados pelo conteúdo messiânico do livro e reconhecerão em Jesus de Nazaré aquele que era esperado pelo profeta. O judaísmo ainda hoje vive os valores religiosos que Malaquias ajudou a precificar.

Este livro, que por vezes pode até parecer duro demais, adverte-nos de que, antes da chegada do "grande e terrível" dia, cristãos e judeus, ambos herdeiros da mesma mensagem, terão ainda de afrontar numerosas oposições, internas e externas.

MALAQUIAS

1 A eleição gratuita de Israel. ¹Proclamação. Palavra do SENHOR a Israel por intermédio de Malaquias^a. ²Eu vos amo, diz o SENHOR; e vós dizeis: "Em que nos amas?" Não era Esaú^b irmão de Jacó? — oráculo do SENHOR. ³Contudo, eu amei Jacó e odiei Esaú^c. Entreguei suas montanhas à desolação e seu patrimônio, aos chacais do deserto^d. ⁴Se Edom diz: "Nós fomos destruídos, mas reconstruiremos nossas ruínas", assim fala o SENHOR de todo poder: Construam eles, que eu destruirei! Serão chamados: Território-de-iniquidade e O Povo-que-o-SENHOR-reprova-sem-fim. ⁵Vossos olhos verão e direis: "Grande é o SENHOR para além do território de Israel!".

Condições exigidas para um culto autêntico. ⁶O filho honra o pai, o escravo, seu senhor. Ora, se eu sou pai, onde está a honra que me é devida? E se eu sou senhor, onde está o respeito que me é devido? declara o SENHOR de todo poder, a vós, sacerdotes que desprezais o meu nome. E dizeis: "Em que desprezamos o teu nome?" ⁷— Apresentando no meu altar alimento impuro^f. E ainda dizeis: ^{1,12} "Em que te tornamos impuro?"^g — Ao dizer: ^{1Cor 10,21} "A mesa do SENHOR é sem impor-

tância". ⁸E quando apresentais para o sacrifício um animal cego, não é, por acaso, isto um mal? E quando apresentais um animal coxo e doente, não é isso um mal? Oferece-o, então, a teu governador! Ele ficaria satisfeito contigo? Acolher-te-ia com favor^h?, diz o SENHOR de todo poder. ⁹Depois disso, tentai apaziguar a Deusⁱ para que tenha piedade de nós! — É de vossas próprias mãos que isso vem! — Ele vos acolheria com favor? diz o SENHOR de todo poder. ¹⁰Será que enfim se encontrará entre vós alguém para fechar a porta, para que não acendaís em vão meu altar? Não sinto o menor prazer em vós, diz o SENHOR de todo poder. E a oferenda não me agrada, vindo de vossas mãos. ¹¹Pois do Levante ao Poente grande é o meu nome entre as nações. Em todo lugar um sacrifício de incenso é apresentado ao meu nome, como também uma oferenda pura^k, pois grande é meu nome entre as nações, diz o SENHOR de todo poder. ¹²Vós, no entanto, o profanais^l, dizendo: "A mesa do SENHOR é impura. O que traz de alimento é irrisório^m". ¹³Dizeis ainda: "Vede! que enjoôⁿ!", e vós a recusais com desprezo, diz o SENHOR de todo poder. Vós trazeis qualquer animal recuperado, coxo ou

Am 5,
21-25;
Jr 6,20

Sf 3,9-10

1,7

Dt 12,6;
14,26;
16,14-15

a. Sobre este nome, cf. a Introdução.

b. Esaú é o antepassado dos edomitas, tradicionalmente um povo inimigo de Israel. Cf. Gn 25,29-34; 36,8; 1Rs 11,15; Am 1,11-12; Ez 25,12-14; Sl 137,7; Jr 49,17; Jl 4,19.

c. Esta afirmação é um hebraísmo: indica uma preferência acentuada e gratuita. Aqui, ela exprime a escolha da descendência de Jacó. Cf. Rm 9,6-13.

d. Por causa da forma anormal da palavra traduzida por *chacal*, muitos autores (com o texto grego) traduzem: *Fiz de suas montanhas uma desolação e de sua herança, antros abandonados*.

e. Ao afastar o perigo edomita, o Senhor mostrou seu amor para com o pequeno território de Judá que fica ao redor de Jerusalém.

f. A oferenda dos sacrifícios estava sujeita a algumas normas bem precisas para manter a pureza ritual. O essencial destas normas está codificado principalmente no Levítico (cf. 22,17-30 e Dt 15,21).

g. O texto de Mt é excepcionalmente duro. O profeta afirma que todo atentado à integridade do culto atinge Deus em sua honra. O gr. sentiu necessidade de mitigar esta declaração, tra-

duzindo: *Em que nós o tornamos impuro?* (entende-se: o alimento).

h. Lit. *Daria ânimo ele à tua face?* Gesto de um superior que recebe favoravelmente um súdito.

i. Lit. *a face de Deus*.

j. Esta frase interrompe o desenvolvimento e poderia ser um acréscimo.

k. A construção da frase hebraica é anormal. Lit. *em todo lugar se queima perfume, oferecem-se presentes em meu nome: é uma oferta pura*. No ardor da controvérsia, o profeta exprime aos sacerdotes seu desacordo total sobre o culto atual e lhes mostra as exigências de um culto renovado. Os Padres da Igreja viram, muitas vezes, nisso um anúncio do culto da nova Aliança.

l. O texto mais antigo trazia: *Vós me profanais*. Temos aqui um caso de correção intencional da parte dos escribas, aos quais o texto primitivo pareceu blasfemo.

m. Hebr. difícil. Lit. *Seu fruto (?) é ridículo, seu alimento*.

n. O contrário do espírito cultual, que não deve ser senão louvor e alegria.

doente, e o apresentais em oferenda. Posso eu agradecer-me de vossas mãos?, diz o SENHOR. ¹⁴Maldito seja o fraudulento, que tendo um macho em seu rebanho, faz uma promessa e sacrifica ao SENHOR um animal mutilado! Pois eu sou um grande rei, diz o SENHOR de todo poder, o meu nome inspira o temor entre as nações!

2 Exigências dum sacerdócio fiel.

¹Agora, a vós, sacerdotes, esta advertência: ²Se não escutardes, se não levardes a peito a glória do meu nome, diz o SENHOR de todo poder, lançarei contra vós a maldição e maldirei vossas bênçãos. — Sim, eu os maldigo, porque ninguém dentre vós leva nada disso a peito. — ³Eis que vou lançar a ameaça contra vossa descendência^a. Vou jogar-vos estereo na cara, o estercor das vossas festas^a; e vos levarão com eles. ⁴E sabereis que eu vos dirigi esta advertência, para que se torne real minha aliança com Levi^a, diz o SENHOR de todo poder. ⁵Minha aliança com ele era vida e paz, e eu lhas concedia, com o temor para me adorar. Diante do meu nome ele era atingido por viva emoção. ⁶Sua boca pronunciava ensinamento verídico, e nada de impostura se encontrava em seus lábios. Ele caminhava comigo na integridade e na retidão, afastando muitos da perversão. ⁷— De

Dt 21,5

vós, vos desviastes do caminho. Com isso, fizestes muitos vacilar por vosso ensinamento. Vós destruístes a aliança de Levi, diz o SENHOR de todo poder. ⁹Da minha parte, eu vos torno desprezíveis e vis diante de todo o povo, na medida em que não seguís meus caminhos e dais prova de parcialidade em vossas decisões.

Fidelidade nas relações sociais e familiares.

¹⁰Acaso não temos todos nós um só pai? Não foi um só Deus que nos criou? Por que somos traidores uns para com os outros, profanando deste modo a aliança com nossos pais? ¹¹Judá traiu. Uma abominação foi cometida em Israel e em Jerusalém. Sim, Judá profanou o lugar santo^a, amado pelo SENHOR, ao desposar a filha de um deus estrangeiro^a. ¹²O homem que age assim, que o SENHOR exclua, das tendas de Jacó, seus filhos e família^a e até mesmo aquele que apresente a oferenda ao SENHOR de todo poder. ¹³Eis, em segundo lugar, o que fazeis: inundais de lágrimas o altar do SENHOR — choros e gemidos — porque ele já não presta atenção à oferenda e já não a acolhe com favor das vossas mãos. ¹⁴Vós dizeis: "Por que isto?" — Porque o SENHOR é testemunha entre ti e a mulher da tua juventude, a quem traíste. No entanto, ela era a tua companheira, a mulher à qual estás ligado^a! ¹⁵Não fez o SENHOR um único ser, carne animada pelo sopro da vida? Ora, o que procura este único? Uma posteridade dada por Deus^a? — Respeitai vossa

Ef 5,25-32

o. Isto é, os benefícios que o povo esperava por intermédio de seu ministério.

p. Duas pequenas correções, segundo o gr., permitiriam ler: *Eis que vou cortar vossa braço*. Cortar o braço de um sacerdote significa eliminá-lo do sacerdócio (cf. 1Sm 2,31). Tal leitura apresentaria provavelmente o texto original.

q. O culto prestado com disposições tão lamentáveis não significa mais para Deus que o estercor das vítimas imoladas. Para não contaminar o santuário, deveria ser queimado fora (cf. Ex 29,14).

r. A aliança com Levi refere-se à destinação exclusiva desta tribo ao sacerdócio. A Bíblia não a menciona explicitamente. Entretanto alguns textos deixam entrever que, a partir do Exílio, a tribo de Levi se considerava como única detentora do sacerdócio

em virtude duma aliança: Jr 33,20-22 (texto pós-exílico); Ne 13,29; Sr 45,23-26. Estas passagens referem-se a textos mais antigos, mais ou menos formais: Dt 18,1-8; 33,8-11; Nm 25,10-13.

s. O termo traduzido por *lugar santo* pode também significar *coisas santas*, e visar em particular o casamento, instituição cara a Deus.

t. O casamento com mulheres estrangeiras apresentava um perigo de contaminação religiosa. Assim foi para Salomão, cf. 1Rs 11,1-13.

u. Lit. *o que vigia e o que apresenta*. Esta locução indica totalidade, sem exceção.

v. Lit. *a mulher de tua aliança*.

w. A primeira parte do v. 15 está muito corrompida. Lit. *E não um fez, e um resto de sopro (de vida) nele, e o que procura este*

vida¹. Que ninguém se torne traidor da mulher de sua juventude². ¹⁶Na verdade, repudiar por ódio³, diz o SENHOR, o Deus de Israel, é carregar sua veste de violência⁴, diz o SENHOR de todo poder. Respeitai vossa vida. Não sejais traidores.

adúlteros¹, contra os perjuros, contra os exploradores dos assalariados, da viúva e do órfão, os que oprimem os migrantes e não me temem, diz o SENHOR de todo poder.

Dr 24,
17-21;
Jr 7,6

Responsabilidade de cada na manutenção do culto. “Eu, o SENHOR, eu não mudei! Absolutamente! Vós, porém, não cessais de ser filhos de Jacó⁷. Desde os tempos de vossos pais, vós vos afastais dos meus preceitos e não os observais. Voltai para mim, e eu voltarei para vós⁸, declara o SENHOR de todo poder. Dizeis: “Como voltaremos?” — “Pode acaso um homem enganar⁹ a Deus? No entanto, vós me enganais! Dizeis: “Em que te enganamos?” — No pagamento do dízimo e dos tributos. ⁹Vós estais sob o golpe da maldição, e é a mim que enganais, vós, a nação inteira! ¹⁰Trazei integralmente o dízimo para a sala do tesouro. Que haja alimento na minha Casa¹¹. Fazei a prova comigo neste assunto, diz o SENHOR de todo poder, e podereis ver se eu não vos abrirei as eclusas do céu e não derramarei sobre vós bênção em abundância. ¹¹Em vosso favor afugentarei o inseto voraz¹², a fim de que não mais destrua os produtos do vosso solo, e que a vinha dos vossos campos não seja estéril, declara o SENHOR de todo poder. ¹²Todas as nações vos proclamam felizes, porque sereis uma terra de delícias, declara o SENHOR de todo poder.

Nu 23,19;
Os 11,4

Pr 3,9-10;
Dt 28,1-12

Sacerdócio e povo purificados no dia do julgamento. ¹⁷Vós cansais ao SENHOR com vossos palavrórios, e dizeis: “Em que o cansamos?” — Quando falais: “Quem quer que faça o mal é bem visto aos olhos do SENHOR, é nessa gente que ele se compraz”; ou: “Onde está o Deus que faz justiça?”

3 ¹Eu vos envio o meu mensageiro. Ele aplinará o caminho diante de mim¹. De repente², ele entrará no seu Templo, o senhor³ que vós procurais, o Anjo da aliança⁴ que vós desejais; ei-lo que vem, diz o SENHOR de todo poder. ²Quem suportará o dia da sua chegada? Quem se manterá em pé à sua aparição? Pois ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavandeiros. ³Sentar-se-á para fundir e purificar a prata. Purificará os filhos de Levi. Ele os refinará como se refinam o ouro e a prata; eles serão para o SENHOR os que apresentam a oferenda como ela deve ser⁴. ⁴A oferenda de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR como nos dias do passado, como nos anos de antanho. ⁵Eu me aproximarei de vós para o julgamento. Serei um atento acusador contra os feiticeiros e os

3,19
Ap 6,17

Mq 1,2:

único... Com ajuda de uma pequenina correção, tentamos encontrar um sentido inteligível. O profeta parece se referir a Gn 2,7 e 2,23-24.

x. Lit. *Respeitai vosso sopro* (como no v. 16).

y. Lit. *tua juventude*.

z. O hebr. não tem sentido. Lit. *Pois odeia o repúdio... e ele cobre*. Duas pequenas correções de vogais permitem obter um sentido que se harmoniza com o contexto.

a. Metafora que equivale a: agir como homem violento (Sl 73,6).

b. Este v. não é a conclusão do cap. 2, mas a introdução à discussão que se segue.

c. A comunidade faz a Deus a censura de ser parcial.

d. Jesus apresenta a realização desta profecia na vinda de João Batista (Mt 11,10 par.; Mc 1,2; cf. Lc 1,17 nota).

e. O termo traduzido por *de repente* significa a proximidade e a instantaneidade.

f. *Adon*. Este nome de Deus insiste em seu senhorio universal (cf. Zc 4,14).

g. Por respeito a Deus, a Bíblia frequentemente faz agir um intermediário. Sua ação direta e a do seu intermediário são expressas muitas vezes num só e único texto.

h. Lit. *segundo a justiça*, isto é, conforme os ritos prescritos e com as disposições morais correspondentes a um culto autêntico.

i. Trata-se dos que abandonam a Deus pelos ídolos (cf. Ez 16).

j. O profeta faz alusão à astúcia de Jacó (cf. v. 8, nota).

k. É a fórmula que define o restabelecimento da aliança (Zc 1,3; 13,9; Os 2,25).

l. Respeitando a aliteração com o nome do patriarca Jacó, corrigimos ligeiramente o verbo traduzido por enganar. O tradutor grego parece ter lido a forma verbal que supomos primitiva: “golpear o calcanhar, envolver por astúcia”.

m. Com que oferecer sacrifícios. O dízimo assegurava a continuidade do culto. Negá-lo era uma ofensa à honra de Deus.

n. Trata-se provavelmente das frequentes e temíveis invasões de gafanhotos.

A justiça de Deus só no dia do julgamento revelada. ¹³Duras são as vossas palavras contra mim, declara o SENHOR, e dizeis: "Que dissemos contra vós?" ¹⁴Dizeis: "É inútil servir a Deus; que proveito se tem em guardar suas observâncias e ter andado de luto^o diante do SENHOR de todo poder?" ¹⁵Agora nós devemos declarar felizes os arrogantes. E até prosperam os que praticam o mal; se tentam a Deus, ainda escapam." ¹⁶Assim^p se entretêm os que temem o SENHOR^q. O SENHOR, porém, prestou atenção e ouviu.

Ez 13,9
Ap 21,27 Um memorial foi escrito diante dele para lembrar os que temem o SENHOR e que adoram seu nome. ¹⁷No dia que estou preparando eles me pertencerão, diz o SENHOR de todo poder, como minha parte pessoal^r. Eu os pouparei como um pai poupa seu filho que o serve. ¹⁸Então voltareis a ver a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e aquele que não o serve. ¹⁹"Pois vem o dia^t,

ardente como a fomalha. Todos os arrogantes e os que praticam o mal não passarão de palha. O dia que vem os envolverá, diz o SENHOR de todo poder. — Ele não lhes deixará nem raízes, nem ramos. ²⁰Para vós que temeis meu nome, levantar-se-á o sol de justiça, trazendo a cura em seus raios^s. Saireis e pulareis como bezerras na pastagem^u. ²¹Calcicareis os maus, que serão como cinza debaixo da planta de vossos pés^v", no dia que eu preparo, diz o SENHOR de todo poder.

Lc 1,78

Mq 4,11-13

Rumo aos tempos novos. ²²Lembraí-vos da Lei de Moisés, meu servo, a quem, no Horeb, dei leis e costumes para todo Israel. ²³Eis que vou enviar-vos Elias, o profeta, antes que venha o dia do SENHOR, o grande e terrível dia^x. ²⁴Ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais^y, a fim de eu não venha para ferir a terra com o interdito^z.

2Rs 2;
Mt 27,47
3,19

Lc 1,17

Js 6,17

o. A cerimônia do luto comportava jejuns, lamentações e sacrifícios por ocasião de grandes calamidades. Alguns pensavam que a cerimônia como tal bastaria para afastar a cólera de Deus. p. Lit. *então*; correção segundo o gr.

q. Esta passagem reflete a confusão dos fiéis diante da aparente injustiça de Deus que parece favorecer os orgulhosos. Deus não aprova as queixas deles (v. 13), porém em sua misericórdia os acolhe na sua longanimidade. Sua verdadeira justiça se manifestará logo (v. 19). Cf. Sl 73, as lamúrias de Jó e a parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30,36-43).

r. O termo traduzido por *parte pessoal* exprime a escolha especial do povo por Deus (Ex 19,5; Dt 7,6).

s. Algumas edições da Bíblia têm uma numeração diferente a partir deste v.; em lugar de 3,19-24 trazem 4,1-6.

t. O dia do grande juízo escatológico, como em 3,2. Cf. Am 5,18; Sf 1,14-18; Jl 2,11.

u. Lit. *a cura nas suas asas*. A cura significa a consolação e

o restabelecimento na integridade; é um dos termos que exprimem a salvação messiânica (Jr 33,6; Is 57,18).

v. O gr. apresenta aqui uma leitura que parece preferível: *bezerras soltas do estábulo*.

w. Depois do julgamento realizado contra eles (v. 19), os maus já foram reduzidos a cinzas. Só a Deus pertence a execução.

x. Na literatura judaica contemporânea dos inícios do NT, a pessoa de Elias ocupa um grande espaço como precursor do Messias. Jesus atesta que esta função foi cumprida por João Batista (Mt 17,9-13 par.; cf. Lc 1,17). A aparição de Elias ao lado do Messias transfigurado (Mt 17,1-8 par.) sublinha sua importância.

y. Ele favorece a conversão dos corações para preparar a chegada do Reino.

z. Pelo interdito, a terra e seus produtos se tornariam não-utilizáveis, passariam a ser de posse exclusiva de Deus. A expressão contém uma ameaça de destruição. Cf. Nu 21,2 nota; Jos 7,1; 1Rs 20,42.

OS ESCRITOS

INTRODUÇÃO

Após a “Lei” e os “Profetas”, a Bíblia hebraica apresenta uma terceira coletânea, que não constitui um grupo homogêneo e não recebeu um título característico, já que foi simplesmente denominada *Ketubim*, ou seja, *os (demais) Escritos*.

A coletânea dos *Ketubim* não foi mantida nos diversos manuscritos gregos e nas listas eclesiásticas. Alguns desses livros foram inseridos entre os livros “históricos” (Rt, Cr, Esd-Ne, Est) e “proféticos” (Lm, Dn), e os demais passaram muitas vezes a formar um grupo de livros “poéticos”.

Nas listas hebraicas a seção dos *Ketubim* está sempre presente, mas nem sempre na mesma ordem interna.

À guisa de exemplo, a lista fornecida pelo Talmud (*Baba Batra 14b*) parece ordená-los segundo um princípio cronológico: *Rute* (que termina com a genealogia de David), *Salmos* (atribuídos a David), *Jó* (que alguns afirmavam remontar à época da rainha de Shebá, cf. Jó 1,15), *Provérbios*, *Eclesiastes* (*Coélet*), *Cântico dos Cânticos*, (coletânea salomônica), *Lamentações* (atribuídas a Jeremias), *Daniel* (do tempo do Exílio), *Ester*, *Esdra-Neemias*, *Crônicas* (do período persa).

A despeito da variedade dos sistemas de classi-

ficação, constata-se que os *Salmos*, *Jó* e *Provérbios* figuram sempre juntos (frequentemente na ordem: *Salmos-Provérbios-Jó*).

Analogamente, *Crônicas* figura sempre ou no começo ou no fim da coleção (sendo que *Esdra-Neemias* ocupa sempre ou o último lugar ou o penúltimo, respectivamente). A posição final de *Crônicas* é curiosa, pois *Esdra-Neemias* constituem sua seqüência natural. Esta posição já é conhecida do Novo Testamento (Mt 23,35; Lc 11,51). Dever-se-á isto ao fato de a incorporação de *Crônicas* no cânon ter ocorrido mais tarde? Ou será que se quis ordenar os livros da Bíblia de maneira a estabelecer uma correspondência entre o primeiro e o último livro, visto que tanto o *Gênesis* como *Crônicas* começam por um quadro do desenvolvimento da humanidade e terminam com a promessa da salvação e do retorno a Israel (Gn 50,24-25; 2Cr 36-23)?

O lugar dos *Cinco Rolos* (Ct, Rt, Lm, Ecl, Est) é muito instável. Todavia, em razão do costume de lê-los nos dias de festa (*Cânticos dos Cânticos* na Páscoa, *Rute* em Pentecostes, *Lamentações* no aniversário da queda do Templo, *Eclesiastes* na festa das Tendas, *Ester* na de Purim), passou-se a justapor esses cinco livros nos manuscritos, e posteriormente também nas primeiras Bíblias impressas.

SALMOS

INTRODUÇÃO

O livro. Eis a coletânea dos "Louvores". Insere-se ela depois da Lei e dos Profetas, encabeçando a terceira seção da Bíblia hebraica — os "Escritos" —, antes de Jó e dos Provérbios, com os quais forma uma tríade, dotada, no texto masorético, de um sistema especial de acentuação. A obra, que a versão grega dos Setenta denomina *Psaltérion* ou *Psalmoi* — donde o título usual de Livro dos Salmos —, contém cento e cinquenta poemas.

Assim como o Pentateuco — similitude sem dúvida intencional —, o *Salterio* está dividido em cinco partes (1-41; 42-72; 73-89; 90-106; 107-150), encerrando-se cada uma delas com uma fórmula de bênção, ou doxologia. Mas esta repartição geral oculta coleções parciais, de maior ou menor importância. Com efeito, nota-se a existência de grupos de salmos que diferem entre si pela preferência que dão a um ou outro dos nomes dados a Deus — seja ao nome específico do Deus de Israel (o tetragrama sagrado *YHWH*, traduzido por *SENHOR*) (3-41; 90-150), seja ao nome comum *Elohim*, isto é, Deus (42-83). É possível identificar também vários grupos internos: entre outros, "orações de David, filho de Jessé" (cf. 72,20), os livrinhos dos filhos de *Qôrah* (42-49; cf. 84-85; 87-88) e de *Asaf* (73-83; cf. 50), os cânticos das subidas (120-134), os cantos denominados do Reino de Deus (93-99), o triplice *Hallel* (113-118; 136; 146-150), no qual ressoa freqüentemente a aclamação litúrgica "aleluia". Antes de esses escritos serem reunidos em um só livro, quicá pelo fim do século III a.C. — já que é impossível precisar melhor a data —, fizeram-se desses salmos coleções parciais, independentes e desiguais. É esta formação progressiva da obra que explica várias anomalias, em particular a dupla recensão de um mesmo poema (14=53; 40,14-18=70; 57,8-12+60,7-14=108). Fora do *Salterio* encontram-se salmos isolados, espalhados em outros livros e pertencentes a épocas diversas, como por exemplo 1Sm 2,1-10; Is 38,10-20; Jn 2,3-10; Na 1,2-11; Hab 3,1-19; Lm 5; Dn 2,20-23; Tb 13.

Os dois salmos iniciais, muitas vezes contados como um só (certos mss. em At 13,33), têm função de prefácio, e a grande doxologia final (150) encerra não apenas a quinta parte, mas o livro inteiro.

Os títulos. Os salmos da Bíblia hebraica, excetuados trinta e quatro deles, levam títulos de extensão e caráter variáveis. Esses títulos, à guisa de ficha individual de identidade, remontam a um período bastante antigo, já que os primeiros tradutores gregos não mais entendiam o sentido exato deles. Mesmo hoje, apesar dos esforços dos exegetas, muitas vezes não nos resta senão permanecer em conjecturas ou em silêncio.

A maioria dessas indicações dizem respeito aos autores tradicionais: Moisés (90), Salomão (72,127), Asaf (50; 73-83; cf. 1Cr 16,4-7; 25,1-2; Ne 7,44), os filhos de *Qôrah* (42; 44-49; 84-85; 87-88; cf. 2Cr 20,19), Heman (88) e Etan (89; cf. 1Cr 15,7-19; 25,5), Iedutun (39; 62; 77; cf. 1Cr 16,41-42; 25,1,3; 2Cr 5,12; 29,14; Ne 11,17). Entre esses nomes sobressai o de David, citado no início de setenta e três salmos, especialmente no primeiro livro da coletânea, que, por este motivo, se chama com razão de "grande coleção davidica". A menção a David vem acompanhada, treze vezes, de uma alusão a algum evento da vida desse rei. Compreende-se facilmente a preeminência do "cantor dos salmos de Israel" (2Sm 23,1; cf. Sr 47,8). David gozava de reputação de poeta (2Sm 1,17.19-27; 3,33-34), de músico (1Sm 16,16-23; 18,10); a ele se atribui a organização do culto e do canto litúrgico (1Cr 15,16; 23,5; Esd 3,10; Ne 12,36). A poesia israelita certamente existia bem antes de David. Prova disso é, entre outras, o grito de vingança de Lémek (Gn 4,23-24), a canção do poço (Nm 21,17-18), o cântico de Moisés e o cântico de Miriâm (Ex 15,1-21), a ode triunfal de Debora (Jz 5,2-31). Entretanto, a tradição considera que David deu grande impulso à lírica sacra; ela o considera como o autor mais notável, o animador, o pai espiritual dos salmistas, enquanto justo perseguido, penitente reconciliado, figura do Messias.

As questões de autenticidade literária oferecem aos exegetas contemporâneos ampla matéria para discussões. Com efeito, a preposição hebraica que, nos títulos, precede os nomes das pessoas, presta-se a diversas interpretações divergentes: pode indicar uma referência ao autor, mas também, como na literatura ugarítica, a pertinência a um ciclo literário ou uma alusão ao herói do poema. De todo modo, não há que esquecer: os salmos são realidade viva. Gerações e gerações "re-citaram" esses cantos, sem repeti-los: os fiéis os reviviam, harmonizando-os com as próprias circunstâncias; ademais, devido à sua vinculação com o culto, os salmos foram atualizados na liturgia, foram, por assim dizer, reeditados em função das circunstâncias novas. Antigamente não se entendia o conceito de autor e a propriedade literária com o mesmo rigor de hoje. Eis por que a tentativa de fixar a data de surgimento dos poemas em cada período da história de Israel e de demarcar a sua cronologia esbarra em sérias dificuldades. Um documento relativamente tardio bem pode provir de tradições seculares; em contrapartida, compositores recentes ressuscitam as obras dos seus predecessores, adotam e adaptam material antigo; por vezes encaixam num escriptorio novo fragmentos arcaicos e até, eventualmente, relíquias da literatura dos povos vizinhos. Prolongar-se-á ainda por muito tempo a discussão sobre essas questões complexas e difíceis da datação dos textos e das influências estrangeiras. Felizmente, a data precisa de um salmo não constitui, normalmente, um dado indispensável para desentranhar o seu significado essencial e alcance espiritual.

Há títulos de salmos que sugerem o caráter, a natureza das composições. Avisam-nos que estamos diante de um poema acompanhado por instrumentos de cordas (mizmor, 57 vezes), de uma oração (tefillá, 86; 90, 102; 142), de um louvor (tehillá, 145), de um canto de amor ou epitalâmio (45), ou simplesmente de um canto (shir, 30 vezes). Certos termos resistem à tradução: maskil (32; 42; 44; 45; 52-55; 74; 78; 88; 89; 142), shiggayon (7), traduzidos, não sem hesitação, o primeiro por "instrução" e o segundo por "confissão". Por vezes consideramos mais razoável transcrever sem traduzir (cf. 16; 56; 57; 58; 59; 60). A despeito de sua obscuridade, esses termos técnicos apresentam um interesse inegável: atestam a existência, em Israel, de diferentes tipos de

salmos. Esses indícios estimularam os exegetas na pesquisa dos "gêneros literários". Seus trabalhos têm levado, no decurso dos últimos anos, a uma proliferação de classificações.

Outras indicações referem-se à execução musical. Mencionam freqüentemente (55 vezes) o mestre de coro. É este o sentido provável (cf. 1Cr 15,21; 23,4) de um termo não compreendido nas antigas versões. Designam-se também diversos instrumentos de música: flautas (5), instrumentos de cordas (4; 54; 55; 61; 67; 76), de oito cordas (6; 12), cítara de Gat (8; 81; 84), a menos que se trate de uma melodia específica. Para dar sustentação ou acompanhamento aos coros, utilizavam-se instrumentos diversos: shofar (trompa) e trombeta, harpa, alaúde e cítara, címbalos e tamborim. O Sl 150 enumera os elementos da orquestra sacra, "música de Deus" (1Cr 16,42). Por detrás de certas expressões enigmáticas, podem-se discernir indicações referentes às melodias a ser executadas com os cantos: cerva da aurora (22), os lírios (45; 69), não destruas (57; 58; 59; 75). Na nossa tradução, muitas vezes nos resignamos a respeitar o mistério dessas indicações (9; 46; 53; 56; 60; 80; 88).

Finalmente, rubricas que associam expressamente certos cantos a atos litúrgicos: o Sl 30 é destinado à dedicação da Casa; o Sl 92 diz respeito ao dia de sábado e o Sl 100 à ação de graças. Talvez convenha também associar a fórmula em memorial (38; 70) a uma função cultual específica. Quanto aos salmos das subidas ou para as subidas, não cabe dúvida de que pertenciam ao repertório dos peregrinos que "subiam" a Jerusalém.

Os poemas. A coletânea dos "Louvores" foi inteiramente redigida em versos. Estes são facilmente perceptíveis na tradução, pois os versículos dos salmos, na sua apresentação atual, correspondem praticamente aos versos do texto hebraico.

O mais das vezes, um verso se compõe de dois membros, às vezes de três. Obedece a um ritmo que, ao contrário do que ocorre nas prosódias grega e latina, não se funda na quantidade, isto é, na combinação das sílabas longas e breves, nem no número das sílabas — como na versificação francesa clássica —, mas no acento tônico, como na poesia anglo-saxônica. O ritmo mais freqüente consiste em três acentos em cada membro do verso (3+3); por vezes esta cadência ternária cede lu

gar, no segundo membro, a uma cadência binária (3+2). Este ritmo quebrado ou defeituoso é muitas vezes perceptível na tradução, já que a segunda parte do verso é mais curta que a primeira. Mas os poetas hebreus desfrutaram de uma liberdade muito grande na escolha e no arranjo dos ritmos. Há que reconhecer, também, que certos poemas se aproximam bastante da prosa.

A presença de estribilhos que se repetem a intervalos regulares (42; 43; 46; 49; 59; 67; 80; 99; 107) permite agrupar um conjunto de versos equivalente a uma estrofe. A palavra sela, com que se depara dentro dos cantos, especialmente nos três primeiros livros da coletânea, talvez assinala, em certos casos, a divisão em estrofes. Traduzimos por pausa este termo, cuja significação permanece incerta. O mais das vezes, a unidade de tema ou de sentido justifica as seções internas, destacadas pela disposição tipográfica. Lugar especial cabe ao longo Sl 119, onde há tantas estrofes quantas são as letras do alfabeto hebraico. Este poema compõe-se de vinte e duas estrofes de oito versos, sendo que cada um deles começa pela mesma letra segundo a ordem do alfabeto (cf. Sl 9-10; 25; 37 etc.).

O elemento mais indiscutível da salmodia hebraica, como da poesia semítica, é o paralelismo, uma espécie de balanceamento dos membros da frase, comparável a uma rima de pensamento. O paralelismo apresentava várias formas. Por vezes retoma-se a mesma idéia ou imagem utilizando expressões equivalentes; temos o paralelismo sinonímico:

Por que esta agitação dos povos,
este rosar inútil das nações?

.....

E agora, reis, sede perspicazes:
deixai-vos corrigir, juizes da terra (2,1.10).

Outras vezes, o poeta procede por contraste ou oposição; temos então o paralelismo antitético:

Sim, os que ele abençoa possuirão a terra,
e os que ele amaldiçoa serão suprimidos (37.22).
Já no caso de paralelismo sintético, a mesma idéia é expressa com um desenvolvimento do pensamento:

Cantai ao Senhor um canto novo,
cantai ao Senhor, terra inteira (96,1).

Nem sempre o paralelismo é completo; embora seja considerado como característica distintiva da poesia hebraica, não o encontramos em toda par-

te. Aliterações ou assonâncias, freqüentes, mas de impossível tradução, estão assinaladas nas notas.

As famílias dos salmos. O parentesco físico manifesta-se através de traços comuns: semelhanças externas do rosto, da fisionomia e do andar; semelhanças no falar e no sotaque; comunidade de pensamento, de sentimentos, de problemas e de tradição. Entre famílias, estabelecem-se alianças que criam afinidades e mesclas. Também acontece o caso de parentes que não se parecem entre si... O mesmo ocorre com os salmos. Muitos deles apresentam entre si semelhanças de estrutura, uma fraseologia e uma tonalidade comuns, supõem situações idênticas ou análogas, tratam os mesmos temas, mesclam-se entre si para dar origem a poemas complexos. Falaremos, portanto, de "famílias" de salmos aplicando este conceito de parentesco com bastante flexibilidade. Uma classificação que pretenda agrupar todos os salmos deve necessariamente admitir margem para o provável e até para o conjectural. Com estas ressalvas, propomos três grandes famílias:

1. Os louvores;

2. As orações de pedido de socorro, de confiança e de ação de graças;

3. Os salmos de instrução.

1. Os louvores. Esta família conta muitos representantes, disseminados através de todos os livros da coleção. Segundo uma opinião amplamente difundida, a maioria das "laudes" foram compostas para o serviço litúrgico e executadas por ocasião das festas de Israel. Há razões plausíveis para atribuir um ou outro desses salmos a uma solenidade precisa, mas, mesmo que seja tentador querer recompor o roteiro das diversas cerimônias litúrgicas, tais reconstituições são hipotéticas. O aspecto comunitário, fortemente acentuado, manifesta-se através de diálogos, coros, estribilhos, aclamações, responsórios, como Amém! Aleluia! A participação coletiva traduzia-se também por cortejos, procissões, espetáculos: danças, aplausos, genuflexões, prostrações.

Os louvores costumam adotar a mesma estrutura. Desde os primeiros versos, o sinal é dado por um invatatório, de extensão maior ou menor, e às vezes por uma simples exclamação. Ora o salmista interpela-se a si mesmo (103; 104; 146), ora — o mais das vezes — lança seu apelo à comunidade,

às diversas classes do povo, aos elementos da natureza (148) e até aos liturgos do culto celeste (29; 148). Este prelúdio ou introdução indica o tom, cria uma atmosfera de júbilo. Por vezes, desde o início, o poeta sugere os motivos de louvor que desenvolverá no corpo do poema. O salmo termina de maneiras distintas: retomada parcial ou total da introdução, resumo dos motivos, fórmula de bênção, oração ou desejo. Há variantes que quebram a uniformidade desta estrutura: são impostas pela diversidade das situações e também pelo fato de os louvores não terem todos a mesma destinação: referem-se a Deus, a Sião e ao Templo, ao rei.

a) Os hinos que se dirigem ao Senhor da Aliança formam um grupo compacto (8; 19; 33; 100; 103; 104; 111; 113; 114; 117; 135; 136; 145-150; cf. 78; 105). Israel canta sua fé no Deus único, eterno, todo-poderoso, onisciente, criador, senhor da história, sempre fiel ao povo por ele escolhido. Esses louvores são a resposta da comunidade à palavra do seu Senhor, a reação de um povo que não cessou de encontrar na sua história o Deus vivo, seu guia, juiz, defensor, libertador. Salmos históricos, como 78 e 105, celebram em forma de hino os feitos, as "maravilhas" ou os "milagres" de Deus, tais como se nos manifestam através da história da salvação. Esses atos de Deus são palavras, sinais, epifanias, da mesma forma que as palavras divinas equivalentes a atos. O louvor que brota dos lábios de Israel não decorre de reflexões filosóficas, mas da experiência espiritual deste povo.

Nas suas descrições da natureza, os salmistas são tributários das concepções vigentes em sua época; são muito mais testemunhas de sua contemplação religiosa do universo do que de uma visão poética do cosmo. Os fenômenos atmosféricos, a alternância das estações escondem e revelam as intervenções divinas. A natureza manifesta por transparência a presença do seu autor.

Certos comentadores têm relacionado determinadas passagens dos louvores ao Criador com a literatura extrabíblica: o canto da tempestade (29) recordaria os hinos em honra do Báal cananeu; o início do Sl 19 conteria reminiscência das orações ao deus-sol; o cântico da criação (104) se inspiraria no hino egípcio ao deus Aton. Entretanto, os salmistas não plagiam; eles extraem seus modelos eventuais de Ras Shamra-Ugarit, da Ba-

bilônia e do Egito. Eles cantam o Deus único; se haurem de outras fontes, assimilam; sua alquimia a tudo transmuda: o Senhor não se confunde com uma força cósmica; ele é antes de tudo o Deus da História universal e da história de Israel.

b) Os cantos do "Reino" (93; 96-99; cf. 47) assemelham-se aos hinos. No Saltério, foram agrupados devido às suas afinidades especiais, à sua tônica universalista, à aclamação que ressoa em vários deles: O Senhor é rei! (93,1; 96,10; 97,1; 99,1; cf. 98,6). Celebram com entusiasmo o Deus entronado, rei e juiz de Israel, senhor dos povos. A origem de tais salmos lança raízes no culto (96,8-9; 99,5). A alegria transborda neles como em um dia de dedicação: Israel, os povos, as ilhas, todos os elementos do universo explodem em gritos de júbilo. Seriam esses salmos — que certos exegetas assemelham a cantos de entronização — utilizados por ocasião de uma liturgia determinada, como a festa dos Tabernáculos, de Jerusalém, do Ano Novo? É impossível responder com certeza a esta pergunta. Certos comentadores enfatizam pontos de contato com a última parte do livro de Isaías (cf. Is 52,7) e descobrem nesses cânticos novos (96,1; 98,1) perspectivas escatológicas. Contudo, no culto de Israel o presente atualiza o passado e antecipa o futuro: ao fazer reviver o passado, a liturgia reaviva a esperança.

c) Os cânticos de Sião exaltam Jerusalém e seu Templo (46; 48; 76; 84; 87; 122; cf. 24, 68; 132). Sião acumula títulos brilhantes: capital da dinastia davídica, metrópole religiosa, a mais santa das moradas do Altíssimo, cidade de Deus, cidade do grande rei. Esta ladainha de louvores dirige-se em última instância ao próprio Senhor, que escolheu o monte Sião por residência e lugar de descanso. O Sl 132, talvez cantado para comemorar a dupla escolha da cidade e do seu rei, parece fazer eco ao relato de 2Sm 7. O autor do Sl 68 narra, num estilo épico crivado de reminiscências de antigos poemas, a cavalcada vitoriosa, ou melhor, a procissão solene da arca para o seu lugar definitivo. A nova capital, fundada sobre as montanhas santas, reivindica o título de Extremo Norte (48,3) que a mitologia cananeu atribuía à morada de Báal. E muito mais: o Sinai está no santuário! (68,18). A presença permanente do Todo-poderoso assegura a estabilidade, a segurança dessa cidade que se torna um refúgio invencível. Daí a confiança absoluta do povo,

mesmo nas mais dramáticas situações. Os cânticos de Sião esboçam uma espécie de mística que idealiza a cidade, futura metrópole dos povos (87). Há exegetas que falam, neste contexto, de escatologia. Diremos uma vez mais que a liturgia anticipa: celebra no hoje cultural o desabrochar do amanhã, o futuro da cidade predestinada (cf. Is 2,2-4; 60; Mq 4,1-3; Zc 8).

Inspiração idêntica anima o grupo dos salmos das subidas ou para as subidas (120-134). Segundo a Mishná, os levitas executaram esses cantos nos quinze degraus do Portal de Nicanor. Admite-se facilmente que os peregrinos utilizavam esses salmos ao "subir" a Jerusalém. Não obstante seu parentesco, esses poemas, muitas vezes bastante breves, e provavelmente de origem tardia, apresentam formas literárias diferentes, até híbridas; tratam de assuntos variados.

d) Se os "salmos do Reino" celebram o Rei por excelência, o Senhor, os salmos régios glorificam os monarcas do reino temporal (2; 18; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110; 132; 144). Por ocasião da consagração, da entronização e da coroação, do aniversário da subida ao trono, de um casamento de príncipe, antes de empreender uma guerra ou após uma vitória, tanto na provação como no êxito, desenvolvem-se cerimônias no palácio real e no Templo. Da diversidade das situações deriva a diversidade dos cantos: homenagem ao rei e à sua dinastia, hinos, ações de graças, súplicas, desejos, oráculos etc. Esses cantos de circunstância oferecem, pois, uma ampla variedade no tocante à sua estrutura, seu fraseado influenciado pelo protocolo da corte, seus temas. Seu ar familiar lhes advém do ambiente de origem — a corte — e do personagem ao qual concernem — o rei. A honra prestada ao chefe da nação teocrática reverte para o Senhor. Com efeito, o monarca é filho adotivo de Deus e seu herdeiro. Ungido do Senhor, este "messias" ocupa o trono à destra do Altíssimo: ele é o beneficiário da estabilidade e da perenidade do trono de David, ao mesmo tempo, o "trono da soberania do Senhor sobre Israel" (1Cr 28,5). A promessa feita a David por intermédio de Natan aflora várias vezes nesses salmos (2,6-7; 45,7; 89,4-5.20-38; 132,10-12). Há íntima ligação entre os poemas régios, os cantos do Reino, os cânticos de Sião; todos esses salmos trazem em seu bojo uma promessa de plenitude: expectativa do Messias, espera do reino defi-

nitivo de Deus, expectativa de uma metrópole ideal.

2. Orações de pedido de socorro, orações de confiança e de ação de graças. Assim como as "laudes", estas orações contêm louvores ao Senhor poderoso e justo, benfeitor supremo. As três categorias podem ser agrupadas em uma família específica. Sua origem comum é uma situação de angústia: o pedido de socorro, como a oração de confiança, acompanha ou precede uma crise; a ação de graças descreve o desdobramento feliz dessa crise, agradece ao autor da libertação. Por vezes, em um único salmo (22; 30; 31; 54; 56; 61) vão muito intimamente associados a súplica, a confiança e o reconhecimento. Essas orações emanam ora de um indivíduo, originando-se mais da piedade pessoal, ora da comunidade congregada para um cerimônia litúrgica (cf. Jl 1,13; 2,17). Aliás, não convém exagerar esta distinção entre o indivíduo e o coletivo, entre a piedade pessoal e o culto litúrgico. Mesmo quando ora a sós, o fiel não é um solitário, ele se reconhece solidário com o povo de Deus (cf. 25,22; 28,9; 61,7; 63,12; 69,36) e não é estranho ao culto (cf. 5,8; 28,2; 140,13-14). Além do mais, o "eu" do salmista muitas vezes é o eco de uma coletividade — por exemplo, no caso em que um personagem oficial, sacerdote ou rei, fala em nome de um grupo. E por fim, os salmos que originariamente exprimiam a devoção pessoal e espontânea de um fiel angustiado ou de um coração reconhecido, transformaram-se em orações comunitárias ao serem reunidos no saltério.

a) Os pedidos de socorro, individuais ou coletivos, desenvolvem-se via de regra em um ritmo de quatro tempos: invocação do nome de Deus seguida de um brado de imploração, exposição da situação, súplica, certeza do atendimento. Esta estrutura admite variantes: o salmista acrescenta, omite, entremeia, inverte, repete. Uma efusão lírica e apaixonada não obedece a uma lógica rígida. Com bastante frequência, deparamos com oráculos no decurso da súplica.

As orações individuais ocupam, sozinhas, quase a quarta parte da coleção dos salmos (5; 6; 7; 13; 17; 22; 25; 26; 28; 31; 35; 36; 38; 39; 42; 43; 51; 54-57; 59; 61; 63; 64; 69; 70 (= 40, 14-18); 71; 86; 88; 102; 109; 120; 130; 140-143). É mais frequente as pessoas queixarem-se do que jubila-

rem! A descrição da aflição permite descobrir nas queixas dos que são atingidos por ela a condição concreta dos suplicantes, suas provações pessoais ou as de seu povo: penitentes, doentes, perseguidos, acusados, refugiados, exilados ou deportados. Na maior parte das súplicas agita-se uma turba de inimigos: esses adversários se encarnizam sobre suas vítimas, sem poupar os doentes. Para designar seus perseguidores, os salmistas usam um vocabulário copioso, que embaraça os tradutores e os comentadores, que se esforçam por identificar esses personagens hostis. Pintam a atividade dos agressores recorrendo a traços mais ou menos convencionais, hauridos da literatura sapiencial, a metáforas numerosas e variadas: guerreiros, caçadores equipados com redes e laços, bestas ferozes sedentas de sangue, leõeszinhos, touros, búfalos, cães, serpentes etc. Os inimigos, para atingir seus objetivos, recorrem a todo tipo de procedimentos, em particular a palavras maldosas e malfazejas: falsos testemunhos, calúnias, maledicências, maldições — práticas que fazem pensar nos malefícios das bruxas. Em suas tribulações, os salmistas invocam a justiça de Deus e, às vezes, proferem imprecações inspiradas na lei do talião. Seus gritos de angústia nos lembram as queixas de Jeremias e de Jó.

Para compreender estas orações, em particular as dos doentes e de todos os que se encontram em perigo de morte, há que situar-nos na perspectiva desses infelizes, no contexto religioso e social de sua época. Os salmistas não podiam gozar da felicidade senão na terra dos vivos (27,13). Esta concepção implica um conjunto de noções relativas à constituição física do homem, à sua vida, à sua condição no Além, às modalidades da justiça de Deus, ainda imperfeitamente conhecidas na época. A antropologia bíblica não coincide com a nossa; ela ignora, em particular, a nossa distinção entre corpo e alma. O termo hebraico que estaríamos tentados a traduzir por "alma" possui, na realidade, vários significados, que aparecerão na presente tradução: garganta, goela, apetite, voracidade, sopro, vida; muitas vezes ele equivale ao simples pronome pessoal. Considerava-se a vida ou a vitalidade como uma força que varia de intensidade: as doenças, os estados dolorosos, as adversidades, os ataques dos inimigos diminuem a vida, submetem o homem ao domínio do inimigo por excelência, a Morte. Eis por que

os doentes e os perseguidos se lamentam de descer à morada dos mortos, onde reinam as trevas, o silêncio e o esquecimento. Esta necrópole situada nas "profundezas da terra" é por eles denominada sheol, às vezes traduzido por "os infernos", isto é, os lugares inferiores, que não se devem confundir com o "Inferno". A intervenção libertadora de Deus revigora os aflitos e os revivifica.

Certos infelizes consideravam seus sofrimentos como uma punição dos pecados conhecidos ou ocultos. É natural que busquem na autoconfissão um meio de desarmar a cólera divina. A confissão das faltas atrai o perdão, e a graça divina proporciona a libertação. Sete orações (6; 32; 38; 51; 102; 130; 143) foram adotadas nas liturgias cristãs para formar o grupo dos "salmos penitenciais". O Miserere (51) e o De profundis (130), que figuram entre essas súplicas, revelam uma grande maturidade espiritual.

As orações coletivas de pedido de socorro (12; 44; 58; 60; 74; 79; 80; 83; 85; 90; 94; 108; 123; 137; cf. 77; 82; 106; 126), que apresentam a mesma estrutura que as individuais, pressupõem uma calamidade pública: derrota militar, invasão estrangeira, massacres e destruições, profanação do Templo, opressão dos pequenos pelos grandes, dos justos pelos ímpios, tirania dos poderes estabelecidos. Israel brada sua angústia e, para apressar sua libertação, suplica ao Senhor, multiplicando os motivos de intervenção: alega sua inocência (44,18) ou confessa seu pecado (79,8-9), evoca os grandes feitos do passado (44,2-9; 74,2.12-17), em especial a Aliança (74,20). O que está em jogo é a honra de Deus (74,18; 79,10.12), sua fidelidade e lealdade a Israel (44,27). A causa do povo eleito identifica-se com a do Senhor.

b) A confiança, chave motora dos pedidos de socorro, ocupa o primeiro plano e constitui o tema predominante de alguns salmos (3; 4; 11; 16; 23; 27; 62; 121; 131; cf. 91). Estes cantos, de grande alcance espiritual, talvez provenham dos meios levíticos. Os salmistas cantam sua segurança na paz e na alegria (23,4-5; 27,1.3; cf. 3,7; 4,9; 131,2-3), sua intimidade permanente com Deus (16,5-11); professam sua fé (16,2.4-5; 62) e convidam seus compatriotas a imitar sua experiência. A alegria e a segurança proporcionadas pela comunhão com Deus são muitas vezes associadas ao Templo, no qual Deus se manifesta (11,7; 16,11), e de onde ele atende os fiéis que se refugiam junto

a ele (3,5; 11,4; 23,6; 27,4). Os três salmos 115, 125 e 129 exprimem a confiança da coletividade.

c) As orações individuais de ação de graças são relativamente pouco numerosas (9; 10; 30; 32; 34; 40,2-12; 41; 92; 116; 138; cf. 107). Já nos pedidos de socorro anunciava-se e esboçava-se a ação de graças (22,23-32; 56,13-14). Atendida a sua prece, o fiel sobe ao Templo, acompanhado de seus parentes e amigos, para cumprir suas promessas. Parece, portanto, que o meio originário dos salmos de ação de graças, tanto individual como coletiva (66; 67; 118; 124; cf. 65; 68), foi a cerimônia litúrgica. A estrutura de tais salmos engloba, via de regra, os seguintes elementos. Depois de uma introdução ou proclamação que, com frequência, desenvolve temas característicos dos hinos (9,3-12; 92,2-7; 118,5-18), o salmista evoca o perigo por que passou, a oração feita na provação, a inversão da situação graças ao socorro divino. O salmo fecha com um convite à assistência. O Sl 107 merece atenção especial. Nesta liturgia desfilam, sob a direção de um animador, quatro grupos de privilegiados: caravaneiros, retornados do deserto, cativos libertados, doentes curados, naufragos sobreviventes do mar. As estrofes, de composição idêntica — ações de graças em miniatura — comportam uma descrição, um invitatório e um estribilho. Com clareza ainda maior adivinham-se as pulsações da liturgia no Sl 118, que, sob a aparência de uma oração individual de agradecimento, exprime a gratidão de Israel para com seu Libertador.

3. Salmos de instrução. Elementos sapienciais e didáticos estão presentes já nas duas grandes famílias de salmos precedentes. Mas certos salmos têm por objetivo especial instruir (cf. os títulos: maskil, “para ensinar”, 60,1). A pedagogia não está amarrada a uma única forma literária. Efetivamente, constatamos que os salmistas empregam diversos métodos: lições da história, exortações à maneira dos profetas, admonições litúrgicas, reflexões sapienciais sobre problemas de moral etc. A exemplo dos sábios, utilizam o gênero proverbial, esquemas escolares como o alfabetismo (37; 112; 119), que facilita a memorização e significa a intenção do salmista de tudo dizer. Vê-se, portanto, que esta família de salmos apresenta uma unidade bastante vaga; o traço comum é, no caso, a intenção pedagógica.

a) Três salmos (78; 105; 106) evocam longamente a história sagrada. Orquestram os temas principais que o compõem: tradição patriarcal, dominada pela Promessa e pela Aliança (105); Êxodo, precedido e acompanhado por maravilhas; marcha no deserto e revelação do Sinai; entrada na posse da herança (78; 105; 106). Os salmistas não se limitam a enumerar fatos brutos; desentranham o significado dos fatos, os títulos de glória do Senhor (78,4; 105,1.5), os testemunhos da fidelidade, da lealdade, da paciência e da misericórdia de Deus. Essa visão retrospectiva determina atitudes práticas, como ensina o Deuteronômio.

b) A preocupação didática aparece também em certas “liturgias” (15; 24; 134; cf. 91; 95). Uma cerimônia, por exemplo, a chegada à porta do santuário (cf. 24,7; 118,20), propicia a ocasião de lembrar as condições exigidas para entrar no Templo, comparecer perante Deus e permanecer na sua presença.

c) Exortações proféticas (14; 50; 52; 53; 75; 81; cf. 95), entremeadas de oráculos, de promessas e ameaças, no estilo deuteronômico (81), insistem na piedade autêntica e exigências da Aliança, denunciam a perversão e a impiedade (14; 52; 75). O Sl 50 condena a crença popular em uma eficácia automática dos sacrifícios, independente das condições morais: o Senhor não é devedor do homem; o homem é devedor de Deus.

d) Um último grupo merece plenamente o título de salmos de instrução (1; 37; 49; 73; 112; 119; 127; 133; cf. 128; 139). Entre os temas abordados nesses poemas sapienciais, a Lei ocupa lugar privilegiado (1; 119; cf. 19,8-14). Meditada com amor, ela é uma fonte inesgotável de benefícios. Os salmistas proclamam a felicidade do justo, a ruína do mau; ventilam o problema da retribuição. Os fatos nem sempre se ajustavam ao ensinamento tradicional: ímpios são bem-sucedidos, justos fracassam. Anomalia angustiante para quem crê. Diante disto, alguns salmistas bradam quase em desespero, passam por uma verdadeira crise de fé (73). Mas, sob o aghilhão da provação, depuram suas idéias e sentimentos. Estariam com isso presencendo uma retribuição que, no Além, restabelecerá o equilíbrio inexistente na terra? Talvez se possa afirmar que esperanças nesta linha transparecem em algumas afirmações ainda imprecisas (49,16; 73,24; cf. Gn 5,24; 2Rs 2,1-11).

O Saltério, no passado e no presente. Por volta de meados do século II a.C., o texto hebraico dos Salmos foi traduzido para o grego, para uso dos judeus da Diáspora — é a chamada versão dos Setenta, ou Septuaginta. O Psalterion, encaixado entre o livro de Jó e os Profetas, contém um salmo suplementar (Sl 151). A numeração dos poemas não é totalmente idêntica à do texto hebraico masorético. Com efeito, por duas vezes ocorre o caso de um salmo, único no texto hebraico, estar dividido em dois na versão grega (Sl 116 e 147). Inversamente, e também aqui por duas vezes, dois salmos da coletânea hebraica (9 e 10; 113 e 114) correspondem a um único canto da Septuaginta. Onde uma defasagem na numeração. O quadro abaixo evidencia estas diferenças.

HEBRAICO		GREGO E VULGATA
1-8	=	1-8
9-10	=	9
11-113	=	10-112
114-115	=	113
116	=	114-115
117-146	=	116-145
147	=	146-147
148-150	=	148-150

Adotamos aqui a numeração hebraica.

Salmos que, na Bíblia hebraica, eram “órfãos”, desprovidos de título, na Bíblia grega aparecem enriquecidos de dados novos: 84 poemas são atribuídos a David, outros a diferentes autores, a Jeremias, Ezequiel, Zacarias, Ageu, aos filhos de Ionadab, por vezes com informações inéditas sobre as circunstâncias de composição. A Septuaginta interpretou a seu modo as indicações obscuras dos títulos hebraicos. Quanto à sua versão, ela, às vezes, fornece, apesar das alterações, a possibilidade de reconstruir, em certos pontos, um texto que parece mais correto. A Septuaginta manteve-se como a versão canônica das Igrejas de língua grega, constituindo também a base para traduções oficiais de várias Igrejas orientais. Extratos de três outras versões gregas, elaboradas por Áquila, Simaco e Teodocção, datadas de meados do século II d.C., chegaram até nós mercê das citações dos Padres gregos e sobretudo através do que nos sobra da Hécapla de Orígenes (início do séc. III).

A coletânea dos “Louvores” ocupava lugar de honra em Qumran. Com efeito, exumaram-se das grutas do Deserto de Judá fragmentos, salmos isolados e um grande rolo dos Salmos provenientes da gruta 11. Além disso, os Hinos compostos em Qumran permitem a comparação com os salmos canônicos: este confronto ressalta a originalidade dos textos bíblicos. Israel, através da sua história muitas vezes tormentosa, continuará a recitar, a meditar e a cantar o Saltério, por ocasião de suas festas nacionais e religiosas, no ritual sinagoga, no lar — tanto que se pôde escrever que os judeus nascem com este livro nas entranhas. O Targum dos Salmos, tradução e paráfrase em aramaico, remonta, em sua forma oral, a uma tradição relativamente antiga e, sob este aspecto, merece ser consultado pelos tradutores modernos, valendo o mesmo para os grandes comentários dos rabinos medievais, como Ibn Ezra e Rashi.

No Novo Testamento, os salmos ocupam um lugar privilegiado: são citados mais de 100 vezes. Jesus, para demonstrar a grandeza absoluta do Messias, argumenta a partir do Sl 110 (Mt 22,41-46); recita com seus discípulos os cantos do “Hallel” que encerravam a ceia pascal (Mt 26,30); na cruz ele pronuncia o início do Sl 22 (Mt 27,46); morre murmurando um versículo do Sl 31 (Lc 23,46). O hábito de recitar e de cantar salmos, atestado nas primeiras comunidades cristãs (1Cor 14,26; Ef 5,19; Cl 3,16; Tg 5,13), propagou-se cedo na devoção particular e na liturgia oficial.

Desde o fim do século I da nossa era ou no início do século II, o Saltério foi traduzido para o siríaco. Conhecemos esta antiga versão sob o nome de Peshitta: ela reflete um texto hebraico próximo ao nosso hebraico masorético e apresenta, para numerosos salmos, títulos específicos. Um pouco mais tarde, pelo fim do século II, aparecem na África e em Roma as mais antigas versões latinas. São Jerônimo, no século IV, entregou-se à tarefa de aprimorar a tradução latina calcada sobre um texto grego: corrige-a com base no grego da Septuaginta (“saltério romano”); posteriormente retoma seu trabalho de revisão, utilizando desta vez a Hécapla de Orígenes (“saltério galicano”); finalmente apresenta uma tradução diretamente do hebraico (psalterion iuxta Hebraeos). É a segunda revisão de Jerônimo que faz parte da Vulgata latina; este texto, após novas e

interessantes correções, foi publicado e incorporado, em 1971, à "Liturgia das Horas" do rito romano.

Nas notas desta tradução, o leitor deparará com as variantes mais características das diversas versões: grega, aramaica, siríaca, Áquila, Símaco, Teodocião, Jerônimo; a Vulgata é citada somente quando seu texto difere da Septuaginta.

A esta longa história, aqui esboçada, corresponde toda uma história espiritual. Efetivamente, gerações inteiras de crentes, judeus e cristãos de todas as confissões, têm inspirado sua oração e sua vida nos salmos. Esses textos bíblicos têm suscitado, desde a era patrística, homilias e comen-

tários; têm animado a piedade individual e coletiva; têm provocado pesquisas exegéticas. De todos os livros do Antigo Testamento, o Saltério foi o primeiro a difundir-se em francês (pelo ano de 1100), e a partir do século XVI as traduções e as paráfrases em versos se têm multiplicado. Assinalamos, em particular, a célebre versão alemã de Lutero. A renovação litúrgica levada a efeito nas Igrejas cristãs favorece a difusão da coletânea dos "Louvores". É certo que a piedade autêntica brota do coração e não se nutre de estereótipos literários. Mas o Saltério não nos oferece orações já feitas; oferece-nos orações a ser feitas, sugere-nos "cantos novos".

SALMOS

SALMO 1*

- ¹ Feliz o homem
que não toma o partido dos maus,
não se detém no caminho dos pecadores
e não se senta no banco dos zombadores^b,
² mas se compraz na Lei do SENHOR
e recita^c sua Lei dia e noite!
³ Ele é como uma árvore plantada junto a regatos:
produz fruto na estação devida
e sua folhagem não murcha;
ele tem êxito em tudo o que faz^d.
⁴ Diferente é a sorte dos maus:
são como a palha que o vento dispersa.
⁵ No dia do julgamento, os maus não ficarão de pé,
nem os pecadores na assembléia dos justos.
⁶ Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,
ao passo que o caminho dos maus se perde.

SALMO 2

- ¹ Por que esta agitação dos povos^e,
e este rosar inútil das nações?
² Os reis da terra insurgem-se
e os grandes conspiram entre si,
contra o SENHOR e contra seu messias^f:
³ “Rompamos as suas cadeias,
sacudamos suas algemas”.
⁴ Ri-se aquele que mora nos céus;
o SENHOR zomba deles.
⁵ Ele lhes fala então com cólera,
e seu furor os apavora:
⁶ “Quanto a mim, sagrei o meu rei
em Sião, minha montanha santa”^g.
⁷ Publicarei o decreto:
o SENHOR me disse:
“Tu és meu filho^h;
eu, hoje, te gerei.

At 4,25-27

83,6

18,51; 20,7;
28,8; 84,10

149,8

123,1
37,13; 59,9

110,2

At 13,33;
Hb 1,5; 5,5;
Mt 3,17;
17,5;
2Pd 1,17

a. Os Sl 1 e 2, sem títulos, formam como que uma introdução ao *Saltério*. Com freqüência são considerados como um único salmo (certos mss. gr. de At 13,33 e tradições judaicas), começando e terminando com uma bem-aventurança. O Sl 1 faz parte da família dos “salmos de instrução”, cf. Introd.

b. Cf. Pr 1,22 nota.

c. Em Israel, a Lei era meditada e estudada a meia-voz, diariamente; cf. Js 1,7-8; Sl 35,28; Sr 14,20-21.

d. Ou, com o gr., *tudo o que faz terá êxito*.

e. Quanto aos “salmos régios”, aos quais pertence este Sl 2, cf. Introd.

f. *Messias* é tradução da palavra hebraica *Mashiah*, que designa um rei investido por unção de óleo; cf. Ex 30,25 nota; 1Sm 10,1; 16,1.13.

g. Gr.: *fui sagrado rei... sua montanha santa*.

h. Cf. 2Sm 7,14 nota.

- ⁸ Pede-me,
e dou-te em patrimônio as nações
e em propriedade os confins da terra. 1Rs 3,5
82,8
- ⁹ Destroçá-los-ásⁱ com cetro de ferro,
os espatifarás como um vaso de oleiro". 68,22;
110,5-6
Ap 2,26-27;
12,5; 19,15
- ¹⁰ E agora, reis, sede perspicazes;
deixai-vos corrigir, juizes da terra!
- ¹¹ Servi ao SENHOR com temor, 72,11;
exultai em tremor; Dn 7,14
- ¹² —prestai homenagem ao filho—j;
do contrário ele se enfurece, e vós perecereis no caminho;
um nada, e sua cólera se inflama!
- Felizes todos os que nele têm refúgio^k. 34,9;
118,8-9

SALMO 3

- ¹ *Salmo de David. Quando fugia de seu filho Absalão* 2Sm 15-17
- ² SENHOR, quão numerosos^l são meus adversários:
numerosos a levantarem-se contra mim,
- ³ numerosos a dizerem de mim:
"Para ele não há salvação junto a Deus!" *Pausa^m*
- ⁴ Mas tu, SENHOR, és um escudo para mim;
tu és a minha glória, aquele que ergue minha cabeça. 18,3; 28,7
27,6; 110,7;
Gn 40,13
- ⁵ Em alta voz, eu chamo o SENHOR:
ele me respondeu de sua montanha santa. *Pausa* 2,6; 20,3
- ⁶ Deitei-me e dormi;
acordei: o SENHOR me sustenta. 4,9;
Pr 3,24
- ⁷ Não tenho medo dessa gente numerosa 23,4; 27,1
postada em torno a mim.
- ⁸ Ergue-te, SENHOR! Salva-me, meu Deus!
Tu que golpeias no queixo todos os meus inimigos 7,7; 9,20
e quebras os dentes dos maus. 58,7
- ⁹ No SENHOR está a salvação,
sobre teu povo, a bênção! *Pausa* Jn 2,10

SALMO 4

- ¹ *Do mestre de coroⁿ, com instrumentos de cordas. Salmo de David.*
- ² Quando chamo, responde-me, ó Deus, minha justiça^o! 102,3
Na angústia tu me aliviaste;
por piedade, escuta minha prece.

i. Gr. e Jerônimo: *Tu os apascentarás*, devido a uma vocalização diferente do verbo.

j. Texto obscuro: gr., aram.: *recebei a instrução*; Símaco, Jerônimo (e Rashi): *adorai puramente*. Lit.: *beijai o filho* (assim sir. e Ibn Ezra), sendo que o beijo é um sinal de homenagem. Muitos tradutores modernos corrigem.

k. Cf. Sl 1 nota.

l. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd.

m. Desconhece-se o significado desta expressão litúrgica (hebr. *sefa*; gr. *interlúdio* ("pausa")), mas Áquila, Jerônimo e aram.: *sempre*.

n. A expressão *Do mestre de coro* ocorre 55 vezes no *Saltério*; ela designaria uma coletânea de Salmos pertencentes ao levita encarregado de dirigir o canto no Templo (1Cr 15,21). Aram. *para louvar*; gr. *para o fim*; Áquila e Jerônimo: *ao vencedor*; Símaco: *vitorioso*; Teodociação: *para a vitória*.

o. Sobre os "salmos de confiança", cf. Introd.

³ Ó homens, até onde ireis no desprezo da minha glória,
no amor ao vazio
e na busca da mentira?¹

Pausa

⁴ Sabei que o SENHOR privilegiou seu fiel;
quando chamo o SENHOR, ele me escuta.

⁵ Estremeci e não pequeis;
meditai em vosso leito², e calai-vos³.

Pausa

⁶ Ofereci os sacrifícios prescritos,
e confiai no SENHOR.

⁷ Numerosos são os que dizem: "Quem nos fará ver a felicidade?"
— Faze levantar⁴ sobre nós a luz da tua face, SENHOR! —

⁸ Deste mais alegria ao meu coração
do que no tempo de trigo e vinho em abundância.

⁹ Assim cumulado⁵, deito-me e adormeço,
pois só tu, SENHOR, me fazes permanecer em segurança⁶.

SALMO 5

¹ *Do mestre de coro, para flautas. Salmo de David.*

² Presta ouvido às minhas palavras, SENHOR;
escuta os meus gemidos.

³ Dá atenção à minha voz e aos meus gritos,
meu rei e meu Deus,
é a ti que imploro.

⁴ SENHOR, de manhã ouves a minha voz;
de manhã preparo tudo para ti⁷
e aguardo...!

⁵ Não és um deus amigo do mal;
o mau não é acolhido por ti,

⁶ o insolente não se apresenta diante dos teus olhos.
Detestas todos os malfetores;

⁷ fazes perecer os mentirosos.
O homem astuto e sanguinário,
o SENHOR o abomina.

⁸ Mas eu, graças à tua fidelidade,
entro na tua casa;
com temor me prosterno
em direção ao teu templo santo.

⁹ SENHOR, conduze-me pela tua justiça,
apesar daqueles que me espreitam;
aplana diante de mim o teu caminho.

p. *Minha glória*, significando ou minha honra de homem fiel, ou Deus. *Vazio e mentira* podem designar os ídolos (cf. Am 2,4). Gr.: *até quando tereis o coração pesado? Por que amais a vaidade?* q. Ou então *esteira*. cf. 149,5.
r. Para idéia semelhante, cf. 39,2-4; Jó 2,10; Ez 24,17.
s. Tradução incerta, conforme aram. e Jerônimo; gr.: *a luz da tua face tem sido um sinal sobre nós*; sir.: *que a luz de tua face se espalhe sobre nós*.

t. Lit. *na felicidade juntos*, isto é, com eles ou com Deus; outra tradução: *em paz me deito e logo adormeço*.

u. Outra tradução (aram. e sir.): *pois vós, ó Senhor, me fazeis permanecer em segurança na solidão*; cf. Dt 33,28; 12,10.

v. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro". cf. Introd.

w. Lit. *disponho para ti*; para complementar pode-se completar ou com "minha oração" ou com "meu sacrifício" (Lv 6,5).

- ¹⁰ Nada na boca deles é seguro,
o coração deles está cheio de crimes;
sua goela é um sepulcro escancarado
e sua língua, um declive deslizante. 36,4
Rm 3,13
- ¹¹ Ó Deus, faze-os pagar!
Que seus projetos os levem à queda!
Por todas as suas faltas, expulsa-os,
pois são rebeldes contra ti.
- ¹² E jubilarão todos os que em ti se refugiam, 64,11
exultarão sempre; tu os abrigarás,
farás gritar de alegria os que amam o teu nome. 69,37
- ¹³ Tu, SENHOR, abençoa o justo;
tu o envolves com teu favor como com um escudo.

SALMO 6

¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de oito cordas. Salmo de David.*

- ² SENHOR, castiga-me sem ira^a, 38,2
Jr 10,24;
Pr 3,11-12
corrige-me sem furor!
- ³ Piedade, SENHOR, pois pereço;
cura-me, SENHOR, pois tremo até os ossos, 41,5
- ⁴ meu ser inteiro treme.
Então, SENHOR, até quando...? 90,13
- ⁵ Volta, SENHOR, livra-me,
salva-me, pela tua fidelidade!
- ⁶ Pois entre os mortos teu nome não é pronunciado^x.
E no Sheol, quem te rende graças?
- ⁷ Estou esgotado de tanto gemer. Jr 45,3
Toda noite minhas lágrimas banham meu leito,
meus prantos inundam minha cama.
- ⁸ Meus olhos estão marejados de tristeza, 31,10
desgastados de ver tantos adversários.
- ⁹ Afastai-vos de mim todos vós, malfetores,
pois o SENHOR ouviu meus soluços. 119,115;
Mt 7,23;
Lc 13,27
- ¹⁰ O SENHOR ouviu minha súplica,
o SENHOR acolhe minha oração.
- ¹¹ Que meus inimigos, envergonhados e tremendo até o íntimo, 83,18
recuem todos, repentinamente cobertos de vergonha!

SALMO 7

¹ *Confissão; de David. Ele cantou ao SENHOR, sobre Kush, o benjaminita^a.*

- ² SENHOR meu Deus, tu és o meu refúgio^a: 11,1; 31,2
salva-me de todos os meus perseguidores e livra-me!

x. Pode-se também interpretar: *não me castigues na tua ira*.
Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.
y. Lit. *não há comemoração de ti entre os mortos*. Cf. 30,10;
88,6.11-13; 115,17; Is 38,18.

z. Personagem desconhecido, identificado pelas versões.

ou com o núbio (em hebr. *o kushita*) que anunciou a David
a morte de Absalão (2Sm 18,21-32) ou com Qish, pai do rei
Saul.

a. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf.
Introd.

17,12
50,22: 71,11;
Jô 10,7
17,3: 26,4-5

- ³ Do contrário me degolam como leões,
arrancam, e ninguém liberta.
⁴ SENHOR meu Deus, se fiz isso:
se há crime nas minhas mãos,
⁵ se agi mal para com meu aliado
enquanto deixei escapar meu adversário^b,
⁶ que um inimigo me persiga e me apanhe,
esmague no chão a minha vida,
e espoje minha honra na poeira!

Pausa

- ⁷ Ergue-te, SENHOR, na tua ira!
Vence a fúria dos meus adversários,
vigia a meu lado, tu que ditas o direito!
⁸ Uma assembléia de povos te rodeia;
no alto, retoma teu lugar acima dela!
⁹ O SENHOR julga as nações;
julga-me, SENHOR,
segundo minha justiça e minha inocência.

- ¹⁰ Que cesse a maldade dos ímpios!
Consolida o justo!
Pois quem perscruta os corações e os rins
é o Deus justo.
¹¹ Meu escudo está junto a Deus,
salvador dos corações retos.
¹² Deus é o justo juiz,
um Deus que ameaça cada dia^c.

- ¹³ Se ele não volta atrás^d,
afia sua espada,
retesa seu arco e o mantém pronto para disparar.
¹⁴ Ele forja armas de morte
e transforma suas flechas em tochas.

- ¹⁵ Quem concebe maldade e gesta o crime
gera a decepção.
¹⁶ Quem cava um buraco e o aprofunda,
cai no fosso que cavou.
¹⁷ Seu crime retorna sobre sua cabeça,
sua violência recai sobre o seu crânio.
¹⁸ Darei graças ao SENHOR por sua justiça,
e cantarei o nome do SENHOR, o Altíssimo.

SALMO 8

¹ Do mestre de coro, na guitir^e. Salmo de David.

² SENHOR, nosso Senhor^f,
quão magnífico é o teu nome

b. Lit. *se deixei escapar aquele que era meu adversário sem motivo*; outros traduzem: *se despojei*. Gr.: *se retribuí com o mal àqueles que me fizeram o mal, que eu caia desapossado* (Vulg.: *com razão*) *diante de meus inimigos*.

c. Gr.: *Deus é um juiz justo, forte e paciente, que não se enfurece cada dia* (cf. Ex 34,6).

d. Lit. *Se ele não voltar*. Outros traduzem: *Se a gente não se converter*. Os sujeitos dos verbos dos vv. 13 e 14 não são explicitados.
e. Termo desconhecido no qual as versões vêem ou um instrumento musical da cidade de Gat, ou um canto de vindima e de lagar (cf. Sl 81 e 84).

f. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

por toda a terra!
Melhor que os céus, ela canta^a o teu esplendor!

- ³ Pela boca dos pequeninos e das criancinhas de peito,
fundaste uma fortaleza^b
contra os teus adversários,
para reduzir ao silêncio o inimigo vingativo.

Sb 10,21
Mt 11,25;
21,16

- ⁴ Quando vejo teus céus, obra de teus dedos,
a lua e as estrelas que fixaste,

- ⁵ quem é o homem, para que nele penses,
e o ser humano, para que dele te ocupes?

144,3;
Jó 7,17-18
Hb 2,6-8

- ⁶ Quase um deus o fizeste!
tu o coroas de glória e de esplendor;

Gn 1,26-27;
Sb 2,23

- ⁷ tu o fazes reinar sobre as obras de tuas mãos;
tudo submeteste a seus pés:

Gn 1,28;
Sb 9,2-3
1Cor 15,27;
Ef 1,22

- ⁸ o rebanho e o gado todo,
os animais selvagens,

- ⁹ os pássaros do céu, os peixes do mar,
tudo o que percorre os caminhos dos mares.

- ¹⁰ SENHOR, nosso Senhor,
quão magnífico é o teu nome
por toda a terra!

SALMO 9ⁱ

- ¹ *Do mestre de coro; ‘almut labben^k. Salmo de David.*

- ² SENHOR, darei graças de todo o meu coração,
recitarei todas as tuas maravilhas.

26,7; 75,2

- ³ Tu me fazes exultar no cúmulo da alegria,
e eu canto o teu nome, ó Deus Altíssimo:

7,18; 92,2

- ⁴ Meus inimigos batem em retirada,
tropeçam e perecem diante de ti,

- ⁵ pois defendeste o meu direito e a minha causa,
te assentaste no teu trono, justo juiz.

7,12

- ⁶ Ameaçaste nações, fizeste perecer o infiel,
apagaste o nome deles para todo o sempre.

Dt 9,14

- ⁷ O inimigo está liquidado, definitivamente arruinado;
arrasaste cidades, a lembrança delas se perdeu.

Jó 18,17

- ⁸ Mas o SENHOR está no trono para sempre,
ele consolida seu trono para o julgamento.

102,13

g. Texto obscuro. Gr.: *Porque a tua magnificência foi exaltada acima dos céus*; aram., sir.: Jerônimo: *Porque elevaste o teu esplendor acima dos céus*. Outras traduções: *O esplendor que é teu, eleva-o acima dos céus*; ou: *Ele que (teu nome) repete tua majestade supracelaste pela boca...*, *tu o estabeleces como lugar forte por causa dos teus adversários*.

h. Gr.: *te preparaste um louvor*.

i. Gr., aram., sir.: *Tu o colocaste um pouco abaixo dos anjos*. Hb 2,6-8 cita os vv. 5-7 e os aplica ao Cristo soberano.

j. Este salmo e o seguinte (que podem ser englobados na fa-

mília das “orações de ação de graças”, cf. Introd.) formam um só salmo nas versões da Septuaginta e da Vulgata, o que provoca uma defasagem na numeração dos Sl 10 a 113. Nos Sl 9 e 10, descobrem-se elementos de alfabetismo. Nos salmos alfabetizados, o poeta, para começar uma estrofe ou um verso, utiliza as letras do alfabeto na sua sequência (cf. Introd.). O Sl 10 não tem título.

k. Expressão desconhecida, que tem sido interpretada como *sobre os segredos do filho (gr)*, *sobre a morte do filho (aram.)*, ou como designativa de *instrumentos musicais*.

- 96.10.13 ⁹ É ele que governa o mundo com justiça
e julga os povos com retidão.
- ¹⁰ Que o SENHOR seja uma cidadela para o oprimido,
uma cidadela para os tempos de aflição!
- 91.14;
Is 52.6 ¹¹ Confie em ti os que conhecem teu nome,
pois não abandonas os que te procuram, SENHOR!
- 132.13-14 ¹² Cantemos para o SENHOR que reside em Sião,
proclamai entre os povos os seus feitos!
- Gn 9.5 ¹³ Ele, que pede contas do sangue derramado¹, se lembra,
não esquece o grito dos infelizes.
- ¹⁴ Piedade, SENHOR! Vê como meus adversários me humilharam,
tu que me fazes subir das portas da morte,
- 107.18;
Is 38.10;
Sb 16.13;
Mt 16.18 ¹⁵ para que eu recite todos os teus louvores,
às portas da filha de Sião,
e que eu exulte por causa da tua salvação.
- 7.16 ¹⁶ As nações afundaram-se no fosso que cavaram,
seu pé ficou preso na rede que esconderam.
- ¹⁷ O SENHOR se deu a conhecer, ele pronunciou a sentença,
ele faz o infiel cair na sua própria armadilha. *Surdina, pausa*
- ¹⁸ Que os infieis voltem ao Sheol,
todas essas nações que esqueceram Deus.
- ¹⁹ Não, o pobre não ficará sempre esquecido,
a esperança dos infelizes não está perdida para sempre.
- ²⁰ Ergue-te, SENHOR! Não triunfe o homem!
Que as nações sejam julgadas diante da tua face!
- ²¹ SENHOR, espalha sobre elas o terror,
reconheçam as nações que são mortais^m. *Pausa*
- 56.5.12

SALMO 10^a (continuação do Sl 9)

- 22.2 ¹ Por que, SENHOR, permaneceres afastado
e te esconderes no tempo da aflição?
- ² A arrogância do ímpio consome os infelizes,
caíram nos ardis que ele armou^o.
- ³ Sim, o ímpio se gloria de ter atingido seu objetivo;
tendo ganho, bendiz^p — não, ele zomba — o SENHOR.
- 14.1; 36.2 ⁴ Auto-suficiente, o ímpio não procura mais:
“Deus não há”^q, eis toda a sua astúcia.
- ⁵ Seu êxito se confirma a cada momento,
lá no alto, as tuas sentenças ficam longe dele;
ele cospe em todos os seus adversários.
- 12.6 ⁶ Ele diz a si mesmo: “Eu sou inabalável,
a desgraça jamais me atingirá”.

1. Lit. *ele procura o sangue (derramado), ele se lembra dele.*m. Lit. *e que as nações reconheçam que são homens.*

n. Cf. Sl 9 nota.

o. Lit. *a arrogância do ímpio consome o infeliz: eles caem nos**ardis que armaram.*p. Outros compreendem à guisa de antífrase: *ele bendiz* no sentido de: *ele maldiz*, cf. 1Rs 21.10.13; Jó 1.5.11; 2.5.9.

q. Cf. Sl 14, nota.

- ⁷ Sua boca está cheia de maldição,
de fraude e de violência;
debaixo de sua língua há opressão e engodo. Rm 3,14
- ⁸ Fica de tocaia perto das cercas;
do esconderijo, mata o inocente:
seus olhos espreitam o fraco,
- ⁹ está à espreita, no esconderijo, como um leão em sua toca;
está à espreita para apanhar o infeliz;
apanha o infeliz arrastando-o na sua rede; 17,12;
Os 6,9
140,6
- ¹⁰ ele rasteja, se agacha,
e cai com todo o peso sobre os fracos^r.
- ¹¹ E diz a si mesmo: "Deus esquece,
sua face está escondida, ele nunca vê nada". 44,25;
73,11; 94,7;
Ez 9,9;
Jó 22,13
- ¹² Ergue-te, SENHOR! Deus, levanta a mão!
Não esqueças os infelizes!
- ¹³ Por que o ímpio zombou de Deus,
dizendo a si mesmo: "Não irás me procurar"?
- ¹⁴ Tu viste! Pois a opressão e o desânimo,
tu as observas, para retribuir com a tua mão.
O fraco se entrega a ti,
és tu que vens em auxílio do órfão.
- ¹⁵ Quebra o braço do ímpio,
e do malvado procura a maldade
até não mais encontrares.
- ¹⁶ O SENHOR é rei para todo o sempre;
as nações desapareceram da sua terra. 29,10;
145,13;
146,10
- ¹⁷ SENHOR, atendeste o desejo dos humildes,
tranquilizas seu coração, tens o ouvido atento,
- ¹⁸ para fazer justiça ao órfão e ao oprimido;
e o homem da terra não continuará a aterrorizar^s.

SALMO 11 (10)

¹ *Do mestre de coro. De David.*

Do SENHOR fiz o meu refúgio¹. 7,2; 141,8
Como podeis dizer-me:

- ² Vagai pela vossa montanha, pequenos pássaros²! 37,14
Eis que os maus retesam o arco,
ajustam sua flecha na corda,
para no escuro atirar nos corações retos.
- ³ Quando os alicerces estão demolidos,
que pode o justo fazer?

⁴ O SENHOR está no seu templo santo; 5,8;
Hab 2,20
2,4; 103,19
o SENHOR tem seu trono nos céus.

^r. Outra tradução (cf. aram.): *esmagados, os fracos se abatem e caem sob o poder dele;* gr.: *ele cai ao apoderar-se dos pobres;* sir.: *ele cai, e nos seus ossos há males e dores.*

^s. Outra tradução: *não se continuará mais a aterrorizar o*

homem oriundo da terra.

^t. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd.

^u. Versões: *para as montanhas como um pássaro.* Outra tradução: *fugiu de vossa montanha.*

Seus olhos observam,
com seu olhar sonda os seres humanos;
⁵ O SENHOR sonda o justo;
ele detesta o mau e o amigo da violência.

⁶ Que ele faça chover redes^a sobre os maus!
Fogo, enxofre e tormenta,
esta é a taça que lhes toca!
⁷ Pois o SENHOR é justo;
ele ama os atos de justiça,
e os homens retos o olham de frente^b.

Gn 19,24;
Ez 38,22;
Ap 20,9-10
75,9;
Is 51,17-22;
Jr 25,15

SALMO 12 (11)

¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de oito cordas. Salmo de David.*

² Socorro, SENHOR! Não há mais fiel^a;
toda lealdade desapareceu dentre os homens;
³ eles dizem maldades entre si,
com lisonja nos lábios e duplicidade no coração.
⁴ Que o SENHOR corte todos esses lábios lisonjeiros
e a língua arrogante
⁵ daqueles que dizem: “Pela nossa língua venceremos”;
nossos lábios estão conosco, quem nos dominará?”
⁶ —“Diante da opressão dos humildes e da queixa dos pobres,
levanto-me agora — diz o SENHOR —,
ponho em segurança aquele em quem se cospe^a”.
⁷ As palavras do SENHOR são palavras claras,
prata acrisolada em cadinho de terra^a
sete vezes depurada.
^a Tu, SENHOR, manténs a palavra^b.
Tu nos protegerás sempre dessa espécie de gente.
⁹ Por toda parte rondam ímpios,
e o vício impera entre os homens^c.

Mq 7,2

Jr 9,2-8

31,19

Is 33,10

Is 33,10;
Pr 30,5

SALMO 13 (12)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

² Até quando, SENHOR? Para sempre te esquecerás de mim^d?
Até quando me esconderás tua face?

6,4; 89,47;
Lm 5,20
10,11; 22,25
27,9; 30,8

v. Símaco e muitos tradutores modernos: *carvões de fogo sobre os maus*.

w. Outra tradução: *sua face olha a retidão* (cf. gr., sir., Vulg.).

x. Quanto às “orações coletivas de pedido de socorro”, cf. Introd.

y. Gr., sir., Jerônimo: *reforçaremos nossa língua*.

z. Lit. *sobre o qual sopram*; outra tradução: *aquele que a isto aspire*; cf. 10,5; Jerônimo: *colocarei em lugar seguro seu socorro*; Símaco e sir.: *realizarei a salvação abertamente*; gr.: *serei franco sobre isso*.

a. Tradução incerta. Aram.: *depurada num cadinho, no chão*; Jerônimo: *separada da terra*; gr.: *provada para a terra*.

b. Lit. *Tu as guardarás* (as palavras); gr. *tu nos guardarás*; aram. *tu guardarás os justos*.

c. Lit.: *como se eleva a vileza dos homens*; gr.: *em vista de tua grandeza cuidaste dos homens*; aram.: *como a sanguessuga que suga o sangue dos homens*.

d. Quanto às “orações individuais de pedido de socorro”, cf. Introd.

- ³ Até quando me enchei de preocupação,
com a tristeza no coração todo o dia?
Até quando prevalecerá meu inimigo?
- ⁴ Olha, responde-me, SENHOR meu Deus!
Dá luz aos meus olhos, senão adormeço na morte,
- ⁵ meu inimigo dirá: "Eu o venci",
e meus adversários se alegrarão com a minha queda. 38,17
- ⁶ Mas eu, eu conto com a tua fidelidade;
meu coração desfrute da tua salvação;
que eu cante ao SENHOR pelo bem que me fez! 52,10

SALMO 14 (13)

SI 53

¹ *Do mestre de coro. De David.*Os insensatos dizem a si mesmos^e:

"Deus não há!"

Corruptos, cometeram horrores;
não há um que pratique o bem.

- ² Dos céus, o SENHOR, se inclinou para os homens,
para ver se há alguém perspicaz
que busque a Deus. 102,20

- ³ Transviados todos eles, estão unidos no vício;
um não há que pratique o bem,
não há nenhum. Rm 3,10-12

- ⁴ Quão ignorantes são todos esses malfeitores,
que devoravam meu povo, ao comer seu pão,
e não invocavam o SENHOR! 79,6-7

- ⁵ Eis que se puseram a tremer,
pois Deus estava do lado dos justos. 48,6-7
46,6

- ⁶ Escarneceis das esperanças do infeliz,
mas o SENHOR é o refúgio dele^a. 46,2

- ⁷ Quem dá a Israel a vitória, vinda de Sião?
Quando o SENHOR reconduz os cativos do seu povo^b,
Jacó exulta, Israel está em alegria. 85,2;
126,1-4

SALMO 15 (14)

¹ *Salmo. De David.*SENHOR, quem será recebido na tua tenda^c? 24,3-6

Quem habitará na montanha santa? Is 33,14-16

- ² O homem de conduta íntegra,
que pratica a justiça Ez 18,5-9
e cujos pensamentos são honestos^d.

e. O SI pode ser qualificado como "exortação profética", cf. Introd.
f. Esta declaração era compreendida como indica a paráfrase
aram.: *Não existe poder de Deus sobre a terra.* Cf. 10,4.11.13;
Jr 5,12; Sf 1,12.

g. O SI 53 tem nestes dois vv. um texto diferente.

h. Pode-se também interpretar: *muda o destino de seu povo.*
Ver Lm 2,14 nota.

i. O SI é uma espécie de "liturgia" com intuito didático. Cf. Introd.

j. Lit. *aquele que diz a verdade em seu coração, o que pode
também ser assim interpretada: o que diz a verdade como a pensa.*

- ³ Ele não deixou à solta sua língua,
não fez mal aos outros,
nem ultrajou seu próximo^k.
- ⁴ A seus olhos, o reprovado é desprezível;
mas ele honra os que temem o SENHOR.
Se se prejudicar num juramento^l, não se retrata;
- ⁵ não emprestou seu dinheiro com usura,
nada aceitou para deitar a perder um inocente.
- Quem age assim permanece inabalável.

Ex 22,24

Ex 23,8

16,8; 30,7

SALMO 16 (15)

¹ *Miktam^m de David.*31,2 Guarda-me, Deus, pois de ti fiz meu refúgioⁿ.

² Digo^o ao SENHOR: "Tu és o Senhor!
Não tenho felicidade maior do que tu^p!"

³ As divindades desta terra,
essas potências que tanto me agradavam^q,
⁴ aumentam suas devastações; as pessoas precipitam-se atrás delas^r.
Mas eu não lhes oferecerei mais libações de sangue,
e meus lábios não mais pronunciarão seus nomes.

Jr 7,18

Ex 23,13;

Os 2,19;

Zc 13,2

Nm 18,20

⁵ SENHOR, minha herança e minha parte na taça,
meu destino, o tens em tuas mãos.

⁶ A sorte que me toca é deliciosa,
o quinhão que me coube é o mais belo.

⁷ Bendigo o SENHOR que me aconselha;
mesmo à noite minha consciência^s me adverte.

⁸ Tenho sempre o SENHOR diante de mim,
com ele à minha direita, sou inabalável.

⁹ Por isso meu coração rejubila, minh'alma^t exulta
e minha carne habita em segurança.

¹⁰ pois não me abandonas ao Sheol,
não deixas o teu fiel^u ver o fosso.

At 13,35

¹¹ Tu me fazes conhecer o caminho da vida;
diante de tua face, plenitude de alegria,
à tua destra, delícias eternas.

Pr 5,6

15,24

k. Gr. *ele não acolheu a difamação no tocante aos seus próximos.*

l. Gr. *se ele jurar a seu próximo.*

m. Aqui e Sl 56-60; significado desconhecido. Gr. *inscrição sobre uma estela*; aram. *forma correta*; Jerônimo e certas tradições rabínicas: *humilde e íntegro David*. Os exegetas modernos hesitam: *em voz baixa*, ou *expição*.

n. Sobre os "salmos de confiança", cf. Introd.

o. Com o gr., Jerônimo e alguns mss. hebr.; mas o texto hebr. corrente e aram. têm a segunda pessoa do feminino singular, que designa a alma ou Israel.

p. Gr. *não tens necessidade dos meus bens.*

q. Texto obscuro; lit. *Aos santos* (para as versões, trata-se dos fiéis) *que estão no país, e os poderosos nos quais está todo o meu prazer*. Para esta última frase, gr.: *ele torna maravilhosas todas as minhas vontades para eles*.

r. O termo hebr. *devastações* evoca a palavra *ídolos*; *precipitam-se atrás deles* pode ser também traduzido por *compra-se um outro (deus?)*.

s. Lit. *meus rins*.

t. Lit. *minha glória* (7,6; 30,13; 57,9); gr.: *minha língua*.

u. "Texto lido" e versões: "texto escrito": *teus fiéis*.

SALMO 17 (16)

¹ Oração. De David.

Justiça, SENHOR! Escuta*,
 sê atento à minha queixa;
 presta ouvido à minha oração,
 que não vem de lábios enganadores.

7,9; 26,1
 61,2

² Meu julgamento emane de tua face,
 que teus olhos vejam onde está o direito!

³ Perscrutaste o meu coração; de noite, sondaste;
 submeteste-me à prova, nada encontraste.
 O que pensei não passou de minha boca.

7,10;
 139,1-3,23;
 Jô 7,18

⁴ Para pagar o homem segundo a palavra dos teus lábios*,
 vigiei a conduta do insolente*.

Jô 23,12

⁵ Caminhei nos teus passos,
 meus pés não vacilaram.

⁶ Eu te chamo, pois me responderás, meu Deus.
 Dá-me ouvido, escuta minha palavra!

⁷ Faze brilhar a tua fidelidade, salvador dos refugiados
 que, por tua destra, escapam aos agressores.

⁸ Guarda-me como a pupila do olho,
 esconde-me à sombra das tuas asas,

Dr 32,10
 36,8; 57,2;
 6,15; 63,8

⁹ longe dos maus que me devastaram
 e dos inimigos mortais* que me cercam.

¹⁰ Eles são inchados de gordura*,
 sua boca fala com arrogância.

73,4,7;
 Jô 15,27

¹¹ Ei-los a nosso encalço*; agora me cercam,
 com o olho em mim para jogar-me por terra.

¹² São como o leão^b impaciente por despedaçar,
 como o leão novo que espreita da toca.

10,9

¹³ Ergue-te, SENHOR! Enfrenta-o, verga-o!
 Pela tua espada, livra-me do malvado!

¹⁴ Tua mão, SENHOR, expulse-os da humanidade,
 da humanidade e do mundo*.

Eis a sorte que lhes toca nesta vida!

Enche-lhes o ventre com o que manténs em reserva!

v. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

w. Texto obscuro. Aram.: *Mas eu censurei as obras dos homens conforme a palavra dos teus lábios*; gr. associado com v. 3: *não se achou em mim iniquidade, ao ponto de que a minha boca não falou das obras dos homens; por causa das palavras dos teus lábios...*

x. Texto obscuro. Gr.: *os caminhos duros*; Jerônimo: *guardei-me dos caminhos dos bandidos*; aram. *...nos caminhos do homem desavergonhado*; sir.: *tu me guardaste dos maus caminhos*.

y. Ou então: *que me cercam com animosidade (ou voracidade)*, cf. 27,12; 41,3.

z. Tradução incerta; lit. *Fecharam sua gordura* (interpretado por Rashi: *fecharam suas entranhas*).

a. Texto obscuro. Gr.: *eles me rejeitam*; Jerônimo: *eles avançam contra mim*.

b. Lit. *Sua semelhança é a de um leão*; gr. *apunharam-me como um leão*.

c. Texto obscuro. Gr.: *livra-me do malvado, (livra) tua espada, dos inimigos da tua mão. Senhor, desliga (-os) da terra, divide-os, durante a vida deles*. Vulg.: *durante a vida deles separa-os do pequeno número, para fora desta terra (?)*. Jerônimo: *livra-me do malvado que é tua espada, dos homens da tua mão, Senhor, que morreram nas profundezas*. Sir.: *liberta-me dos mortos que morreram pelas tuas mãos, Senhor, e dos mortos do fosso, tu os divides em vida*. Aram.: *E os justos que, por causa de ti, Senhor, arriscam na terra sua vida até à morte, têm sua parte na vida eterna*.

Fartem-se disso os seus filhos,
deixem ainda para suas crianças de peito.

- ¹⁵ Eu, como é de justiça, verei a tua face;
ao despertar, saciar-me-ei com a tua imagem.

SALMO 18 (17)

¹ *Do mestre de coro. Do servo do SENHOR, de David. Ele dirigiu ao SENHOR as palavras deste canto, no dia em que o SENHOR o livrou do punho de todos os seus inimigos e das mãos de Saul.*

² *Ele disse:*

Eu te amo, SENHOR, minha força^d.

- ³ O SENHOR é o meu rochedo, minha fortaleza e meu libertador.
Ele é meu Deus, a rocha em que me refugio,
meu escudo, a arma^e da minha vitória, minha cidadela.

⁴ Louvado seja ele! Invoquei o SENHOR,
e venci os meus inimigos.

⁵ Os laços^f da morte me aprisionaram,
as torrentes de Belial^g me surpreenderam.

⁶ Os laços do Sheol me cercaram,
e as armadilhas da morte estavam armadas para mim.

⁷ Em minha angústia, chamei o SENHOR,
bradei a meu Deus.
De seu templo, ele ouviu minha voz;
o brado a ele lançado chegou a seus ouvidos.

⁸ Abalou-se então a terra e tremeu^h;
os fundamentos das montanhas estremeceram
abalaram-se quando ele entrou em cólera.

⁹ De suas narinas subiu uma fumaça,
de sua boca, um fogo devorador
com brasas ardentes.

¹⁰ Ele baixou os céus e desceu,
com nuvem espessa sob os pés.

¹¹ Num carro de querubimⁱ voou,
planando sobre as asas do vento.

¹² Das trevas fez o seu esconderijo,
das dobras delas fez o seu abrigo:
trevas diluvianas, nuvens sobre nuvens!

¹³ Um clarão o precedeu e suas nuvens passaram:
granizo e brasas ardentes!

¹⁴ Nos céus, o SENHOR fez trovejar,
o Altíssimo fez ouvir sua voz:
granizo e brasas ardentes!

11,7
Ap 22,4

2Sm 22

31,3-4;
144,2;
Dt 32,4

116,3

Pr 13,14;
14,27

Ex 19,16,18
Hab 3,3-13

144,5

104,3

97,2;
Dt 4,11

29;
77,18-19

d. Quanto aos "salinos régios", cf. Introd.

e. Lit. o *chifre*, metáfora para designar o poder.

f. Gr., sir. lêem um homônimo: *as dores*; aram. especifica: *as dores do parto*, cf. At 2,24; 2Sm 22,5: *as ondas*.

g. *Belial* parece aqui personificar a morte; lit. talvez: *o que*

não vale nada, ou: *(o lugar) do qual não se sobe mais*; Jerônimo: *do diabo*, cf. 2Cor 6,15; Na 2,1; gr. *da iniquidade*.

h. Aliteração em hebr.

i. Aliteração em hebr. Esses *querubins*, cavalgaduras divinas, personificam aqui as grandes nuvens de tempestade: 99,1; 80,2

- 15 Arremessou suas flechas e os^l dispersou,
relâmpagos em profusão, e os desbaratou. 144,6
- 16 O leito das águas apareceu
e puseram-se a descoberto os alicerces do orbe,
pela tua ameaça, SENHOR,
pelo sopro saído das tuas narinas. Ex 15,8
- 17 Lá do alto, ele manda apanhar-me,
ele me retira das águas imensas.
- 18 Ele me liberta do meu inimigo poderoso,
dos que me odeiam, mais fortes que eu. 142,7
- 19 No dia da minha derrota, eles me afrontavam,
mas o SENHOR se fez meu apoio.
- 20 Ele me libertou, pôs-me a salvo;
ele me livrou, porque me ama.
- 21 O SENHOR me trata segundo minha justiça,
ele me trata segundo a pureza das minhas mãos,
- 22 pois guardei os caminhos do SENHOR,
não fui infiel a meu Deus.
- 23 Tive presentes todas as suas leis,
e não repudiei seus mandamentos.
- 24 Fui íntegro para com ele
e me abstive de toda falta.
- 25 Então o SENHOR me retribuiu segundo minha justiça,
segundo a pureza que viu em minhas mãos.
- 26 Com o fiel, és fiel;
com o homem íntegro, íntegro.
- 27 Com o puro, és puro;
com o perverso, astuto. Pr 3,34
- 28 Transformas em vencedor um povo humilhado,
e humilhas o olhar altaneiro dos orgulhosos.
- 29 Fazes luzir minha lâmpada^k.
O SENHOR meu Deus ilumina minhas trevas.
- 30 É contigo que transponho o fosso^l,
é com meu Deus que atravesso a muralha.
- 31 Deste Deus, o caminho é perfeito,
a palavra do SENHOR deu suas provas. 12,7
Ele é o escudo de todos os que o têm como refúgio.
- 32 Quem, pois, é deus senão o SENHOR? 1s 44,6,8
Quem, pois, é a Rocha, senão nosso Deus?
- 33 Este Deus me cinge de vigor,
ele torna perfeito o meu caminho
- 34 e dá a meus pés a rapidez das cervas. Hab 3,19
Ele me mantém nas minhas alturas.

j. Os pronomes referem-se aos inimigos de Israel (cf. v. 18).
k. Expressão metafórica, sem dúvida em relação com a permanência da dinastia: 132, 17; 2Sm 21,17; 1Rs 11,36.

l. Ou, interpretando com o gr.: *contigo escapo a uma trapa (de piratas)*.

144,1

³⁵ Ele adestra minhas mãos para o combate,
e meus braços dobram o arco de bronze.

³⁶ Tu me dás teu escudo vencedor,
tua destra me sustenta,
tua solicitude^m me faz crescer

³⁷ Alongas os meus passos,
e minhas pernas não vacilam.

³⁸ Persigo meus inimigos, eu os alcanço,
não retorno antes de derrotá-los.

³⁹ Eu os massacre, não conseguem reerguer-se,
tombam a meus pés.

⁴⁰ Tu me cinges de vigor para o combate,
dobras sob mim meus agressores.

⁴¹ Entregas-me a cabeça dos meus inimigos,
e eu extermino os que me odeiam.

⁴² Eles gritam, mas ninguém os socorre:
clamam ao SENHOR, mas ele não responde.

⁴³ Torno-os poeira levada pelo vento,
varro-os como à lama das estradas.

2.8-9

⁴⁴ Tu me libertas das sedições do povo,
me estabelece como chefe das nações.
Um povo de desconhecidos se põe a meu serviço;

⁴⁵ Obedecem-me à primeira palavra;
estrangeiros tornam-se meus cortesãos;

⁴⁶ estrangeiros desfalecem,
abandonam, tremendo, seus baluartesⁿ.

⁴⁷ O SENHOR vive! Bendito seja o meu Rochedo!
Que ele triunfe, o Deus da minha vitória!

47,4

⁴⁸ Este Deus me faz triunfar
e me submete os povos.

⁴⁹ Tu me libertas dos meus inimigos;
mais ainda: fazes-me triunfar sobre os meus agressores
e me livras de homens violentos.

Rm 15,9

⁵⁰ Por isso te rendo graças entre as nações, SENHOR!
e cantarei, em honra do teu nome:

89,5.30

⁵¹ Ele dá grandes vitórias ao seu rei,
e age com fidelidade para com seu messias^o,
para com David e sua dinastia, para sempre.

SALMO 19 (18)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

² Os céus narram a glória de Deus^p,
o firmamento proclama a obra de suas mãos.

50,6
89,6; 97,6;
Rm 1,20

m. Palavra ambígua; ou então: *tua humildade, teu abaixamento* (na teofania, v. 10); traduzido por Jerônimo, Áquila: *tua doçura*; gr., Vulg., sir., Teodociação: *tua correção*; aram. *pela tua palavra*.

n. Tradução incerta.

Gr. e sir. *eles claudicam* (assim 2Sm 22,46) *fora dos seus caminhos*; aram.: *eles fogem*.

o. Cf. 2,2 nota.

p. A 1ª parte deste Sl (vv. 1-7) assemelha-se aos "hinos" (cf. Introd.) e a 2ª parte aos "salmos de instrução" (cf. Introd.).

- ³ O dia transmite a mensagem ao dia,
e a noite a faz conhecer à noite.
- ⁴ Não é um discurso, não há palavras,
não se lhes ouve a voz^q.
- ⁵ Sua harmonia^r se estende sobre toda a terra,
e sua linguagem, até as extremidades do mundo. Rm 10,18
- Lá^s, Deus armou uma tenda para o sol, Sr 43,1-5
- ⁶ qual jovem esposo saindo do seu quarto,
um campeão feliz por trilhar o seu percurso.
- ⁷ Ele surge de uma extremidade do céu,
e desce na outra,
nada escapa ao seu calor.
- ⁸ A Lei do SENHOR é perfeita,
ela dá a vida;
A Lei do SENHOR é segura,
torna perspicaz o simples.
- ⁹ Os preceitos do SENHOR são retos,
alegram o coração;
o mandamento do SENHOR é límpido,
ilumina os olhos^t.
- ¹⁰ O temor do SENHOR é puro, 12,7
subsiste para sempre; Tg 1,27
as decisões do SENHOR são a verdade,
todas elas são justas.
- ¹¹ São mais desejáveis que o ouro, 119,127
que todo ouro fino;
mais saborosas que o mel,
que o mel a escorrer do favo! 119,103
- ¹² Teu servo é por elas iluminado^u;
tira grande proveito em observá-las.
- ¹³ Quem se dá conta dos erros!
Apaga minhas faltas ocultas!
- ¹⁴ Afasta também teu servo dos orgulhosos^v:
que não tenham domínio sobre mim;
então serei perfeito
e inocente de um grande pecado.
- ¹⁵ Que as palavras da minha boca
e o murmúrio do meu coração
sejam aceitos em tua presença,
SENHOR, meu rochedo e meu defensor!

q. Gr. *não há palavras cujo som não se ouça*.

r. Tradução incerta; lit. *seu cordel?*; aram. *extensão da sua atividade*; as demais versões: *som, eco*. Ibn Ezra: *escrita legível em toda parte*; este tema da escrita celeste, traçada pelas constelações, é adotado por vários exegetas modernos (cf. Jó 38,33).

s. Lit. *neles*: seja nos céus, seja nos confins do mundo; gr. *no sol ele armou sua tenda*.

t. Ou então: *ele torna o olhar brilhante*.

u. Ou então: *é por elas aconselhado*; gr. *observa-as*.

v. Ou então, com Rashi: *... do orgulho; que este não tenha...*

SALMO 20 (19)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

² O SENHOR te responda no dia da aflição^w;
o nome do Deus de Jacó te proteja!

2,6

³ Do santuário, ele te envie auxílio,
de Sião, te sustente!

⁴ Lembre-se ele de todas as tuas oferendas;
aprecie^x o teu holocausto!

Pausa

⁵ Dê tudo o que desejes^y,
dê cumprimento a todo projeto teu!

⁶ Então aclamaremos a tua vitória,
erguendo o estandarte^z em nome do nosso Deus.
Atenda o SENHOR todos os teus pedidos!

18,51

⁷ Agora sei:
o SENHOR dá a vitória ao seu messias^a;
ele lhe responde do seu santuário celeste,
pelas proezas vitoriosas da sua destra.

33,16-17;
147,10;
Os 1,7

⁸ Para uns, carros,
para outros, cavalos,
para nós, o nome do SENHOR, nosso Deus:
é ele que invocamos.

⁹ Os demais, eles dobram-se, caem;
nós, resistimos, de pé.

118,25

¹⁰ SENHOR, dai a vitória!^b
O rei nos responderá
no dia em que o invocamos.

SALMO 21 (20)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

63,12

² SENHOR, o rei jubila com a tua força^c;
que alegria lhe traz a tua vitória!

20,5

³ Satisfizeste o desejo do seu coração,
não recusaste o anseio de seus lábios.

Pausa

⁴ Tomas a dianteira para abençoá-lo com bens;
pões em sua cabeça uma coroa de ouro.

2Rs 20,1-7

⁵ Ele te pediu a vida, tu lha deste:
longos dias que não findarão.

45,4; 96,6

⁶ Por tua vitória, grande é sua a glória;
pões sobre ele o esplendor e o brilho.

w. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

x. Lit. *que ache gordo, saboroso, que se rejubile de* (Pr 15,30).

y. Lit. *segundo teu coração*; cf. 21,3.

z. Verbo raro formado com base no termo *estandarte*.

Gr., sir. *nós seremos exaltados*; Jerônimo: *nós conduziremos*

o coro; aram. *nós nos prepararemos para a batalha*.

a. Cf. 2,2 nota e 1Sm 10,1 nota.

b. Gr., seguido por muitos tradutores: *da a vitória ao rei e responde-nos*.

c. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

- ⁷ Fazes^d dele uma bênção para sempre,
junto à tua face lhe dás a alegria. 72,17;
Gn 12,2-3
- ⁸ Sim, o rei confia no SENHOR,
e a fidelidade do Altíssimo o torna inabalável. 61,8; 89,2;
Pr 20,28
- ⁹ Voltarás a mão contra todos os teus inimigos,
e a tua destra contra todos os teus adversários.
- ¹⁰ Farás deles uma fomalha
quando a tua face aparecer^e.
Com cólera, o SENHOR os engolirá,
e um fogo há de devorá-los.
- ¹¹ Extinguirás a posteridade deles sobre a terra
e a semente deles de entre os homens.
- ¹² Se pretenderem fazer-te mal
e tramarem uma conspiração, nada conseguem;
- ¹³ pois tu os deitas de costas,
e com teu arco os atinges em pleno rosto.
- ¹⁴ Levanta-te, SENHOR, na tua força! 57,6-12
Cantemos os teus feitos com um salmo!

SALMO 22 (21)

- ¹ *Do mestre de coro, sobre "Cerva da aurora"^f. Salmo de David*
- ² Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste^g? Mt 27,46 p
Apesar do meu rugir, minha salvação fica longe^h.
- ³ De dia eu chamo, não respondes, meu Deus.
De noite, e não encontro repouso.
- ⁴ No entanto, tu és o Santo; Is 6,3
no trono estás, o louvor de Israelⁱ;
- ⁵ Nossos pais confiaram em ti;
confiaram em ti, e os libertaste.
- ⁶ Bradaram a ti, e os livraste; Jz 3,9-15
confiaram em ti, e não se decepcionaram.
- ⁷ Mas eu sou um verme, não sou mais um homem, Is 53,3
injurado pela gente, rejeitado pelo povo.
- ⁸ Todos os que me vêem zombam de mim;
caçoam e meneiam a cabeça: Mt 27,
29-31,39 p
- ⁹ "Volta-te para o SENHOR! 37,5
Que ele o liberte, que o livre, Sb 2,18;
já que o ama!" Mt 27,43 p
- ¹⁰ Tu me tiraste do ventre da minha mãe
e me puseste a seguro sobre o seu seio.

d. Gr. *tu lhe dás um bênção*.

e. Lit. *no momento da tua face*; aram. *no momento da tua cólera*; a face do rei, reflexo da de Deus, era perigosa para seus adversários, 2Sm 17,11; 2Cr 32,2.

f. Os modernos vêem nestes dois termos o título de uma canção em cujo tom se cantava este salmo.; gr.: *para a ajuda da manhã*; aram.: *para a ajuda da oferenda perpétua da manhã*.

g. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

h. Lit. *longe da minha salvação as palavras do meu bramido*; gr. ... *as palavras das minhas faltas*.

i. Outra tradução: *tu reinas no meio dos louvores de Israel*; gr.: *tu habitas o santuário* (ou: *entre os santos*), *tu, o louvor de Israel*; sir.: *tu és santo e Israel está sentado no teu louvor*.

¹¹ Desde que saí do útero, fui entregue a ti!;
desde o ventre de minha mãe, meu Deus és tu!

38,22

¹² Não fiques longe,
pois o perigo está perto,
e não há quem socorra.

¹³ Numerosos touros me rodeiam,
animais do Bashan* me cercam.

17,12

¹⁴ Abrem a goela contra mim
leões que devoram e rugem.

¹⁵ Como a água, eu me derramo,
todos os meus membros se desconjuntam.
Meu coração é semelhante à cera,
derrete-se nas minhas entranhas.

¹⁶ Meu vigor secou como um caco,
minha língua se me cola ao palato.
Tu me depões na poeira da morte.

¹⁷ Cães me cercam;
um bando de malfetores me rodeia:
amarram-me¹ as mãos e os pés, como a um leão.

¹⁸ Posso contar todos os meus ossos²;
Olham-me, espionam-me.

¹⁹ Repartem entre si minhas vestes
e sorteiam minha roupa.

²⁰ Mas tu, ó SENHOR, não fiques longe!
Ó minha força, socorre! Apressa-te!

²¹ Salva minha vida da espada
e a minha pessoa³ das patas do cão;

²² arrebatam-me da goela do leão,
e dos chifres dos búfalos...

Respondeste-me⁴!

²³ Repetirei o teu nome aos meus irmãos
e te louvarei em plena assembléia:

²⁴ Vós que temeis o SENHOR, louvai-o!
Vós todos, semente de Jacó, glorificai-o!
Vós todos, semente de Israel, teme-i-o!

²⁵ Ele não rejeitou nem reprovou um infeliz na miséria;
não lhe escondeu a sua face;
prestou-lhe ouvido quando a ele bradou.

²⁶ De ti vem meu louvor! Na grande assembléia,
cumpro meus votos diante dos que o temem:

j. Lit. *sobre ti fui atirado*: sem dúvida um rito de adoção análogo aos descritos em Gn 30,3; 48,12; Jó 3,12.

k. Região do norte da Transjordânia, célebre pelas suas criações de bovinos. Am 4,1; gr. *animais gordos*.

l. Texto obscuro. Traduzimos o "texto lido" com gr. e sir.; Áquila, Símaco e Jerônimo: *eles amassaram*; "texto escrito": *como um leão* (ou seja, segundo os comentaristas rabínicos: "Eles quebram minhas mãos e meus pés como o faria um leão"): aram.: *eles me mordem as mãos e os pés como leões*.

m. Gr. *contaram*.

n. Lit. *o que tenho de único*, 35,17.

o. A tradução habitual mantida por várias versões — *responde-me longe (livra-me) dos chifres dos búfalos* — não parece, porém, coadunar-se com o tempo e a construção do hebr.; gr., sir., Símaco: *arrebata... minha humildade*. Com Ibn Ezra, interpretamos no sentido de que Deus ouviu o salmista.

Mt 27,35p
Jo 19,24

35,17

2Tm 4,17

35,18;
40,10;
Hb 2,12

Hb 5,7

- ²⁷ Os humildes comem à saciedade;
louvam o SENHOR, os que procuram o SENHOR:
"A vós, vida longa e feliz!"
- ²⁸ A terra inteira se lembrará e voltará para o SENHOR;
todas as famílias das nações se prosternarão diante de sua face. 72,8-11
- ²⁹ Ao SENHOR, a realeza! Ele domina as nações. Ab 21;
- ³⁰ Comeram e se prosternaram todos os que estavam felizes na terra.^a Ap 11,15
Diante da face dele curvaram-se todos os que vão morrer:
não os deixou viver^a.
- ³¹ Uma descendência^a servirá ao SENHOR;
falar-se-á dele a esta geração; 48,14;
- ³² ela virá proclamar a sua justiça, 71,18;
e dizer, ao povo que vai nascer, o que Deus fez. 78,6;
102,19

SALMO 23 (22)

¹ *Salmo de David*

- O SENHOR é meu pastor,
nada me falta. Lc 15,3-7;
Jo 10;
- ² Ele me faz deitar em verdes pastagens;
às águas do repouso^v me conduz, Hb 13,20;
IPJ 2,25;
- ³ ele me reanima. Ap 7,17

Pelos bons^w caminhos me conduz,
para a honra do seu nome. 25,11;
31,4;

⁴ Mesmo se eu andar por um vale de sombra e de morte,
não receio mal algum, pois estás comigo;
teu bastão e teu cajado me dão segurança. Ez 20,9

- ⁵ Diante de mim fazes servir uma mesa,
em face dos meus adversários. 78,19
- Perfumas a minha cabeça com óleo,
minha taça é inebriante. 92,11;
133,2;
Lc 7,46

- ⁶ Sim, felicidade e fidelidade me acompanham
todos os dias da minha vida,
e retornarei^x à casa do SENHOR,
para longos dias.

SALMO 24 (23)

¹ *Salmo. De David^b*

- Ao SENHOR, a terra e suas riquezas^z, 89,12;
o mundo e seus habitantes! 1Cor 10,26

p. Lit. *Que vosso coração viva para sempre!* — votos de boa saúde, dirigidos a quem participava de uma refeição sacrificial, cf. 69,33.

q. O texto dos vv. 30-32 é incerto. Lit. *todos os gordos da terra*, o que pode designar as pessoas importantes; aram., sir.: *todos os esfomeados*; muitos exegetas corrigem: *todos os adoradores*.

r. Lit. *todos os que descem à poeira*.

s. Lit. *E ele não deixou viver a alma dele: gr. e minha alma viverá para ele*.

t. Gr. *Minha descendência a ele servirá*.

u. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd. O tema de *Deus-Pastor* volta com frequência no AT: cf. Is 40,11 e nota; Jr 23,1-6 e nota; Ez 34,12. Especialmente também Sl 28,9; 74,1; 80,2; 95,7; 100,3 etc. Ver, enfim, Lc 12,32 e nota.

v. A água tranqüila em que bebem as ovelhas e as águas do lugar de repouso, isto é, a Terra Prometida (Dt 12,9).

w. Lit. *os caminhos de justiça*, isto é, os caminhos convenientes.

x. Versões: *habitarei*, cf. 27,4; Dt 30,20.

y. Gr. acrescenta: *para o primeiro dia depois do sábado*.

z. Este Sl apresenta parentesco com os "cânticos de Sião" e com as "liturgias" de caráter didático (cf. Introd.).

- 75.4;
104.5;
Jó 38,4-6
Sl 15
- 2 Foi ele que o fundou sobre os mares
e o mantém estável sobre as ondas.
- 3 Quem subirá à montanha do SENHOR?
Quem se manterá no seu lugar santo?
- 4 — O homem de mãos inocentes e de coração puro,
que não tende para o mal^a
e não jura para enganar.
- 5 Ele obtém do SENHOR a bênção,
e do seu Deus salvador a justiça.
- 6 Esta é a geração daqueles que o procuram,
que procuram a tua face: é Jacó!
Pausa
- 118,19-20
- 7 Portas, elevai vossos frontões!
Elevai-vos, pórticos antigos!
Que entre o rei de glória!
- 8 — Quem é o rei de glória?
— O SENHOR, forte e valente,
o SENHOR, valente na guerra.
- 9 Portas, elevai vossos frontões!
Elevai, pórticos antigos!
que entre o rei de glória!
- 10 — Quem é este rei de glória?
— O SENHOR de todo poder,
é ele o rei de glória.
Pausa

SALMO 25 (24)

¹ De David.^d

- Álef SENHOR, por vós anseio^c.
- Bet 2 Meu Deus, conto contigo; não me decepções!
Que meus inimigos não triunfem sobre mim!
- Guímel 3 Nenhum dos que esperam em ti se decepçiona,
decepçionam-se os traidores com as suas mãos vazias.
- 27,11; Dálet 4 Dá-me a conhecer os teus caminhos, SENHOR;
86,11 ensina-me as tuas veredas.
- 14,4-6; Hê 5 Faze-me caminhar para a tua verdade e ensina-me.
16,13 és o Deus que me salva.
Eu te espero o dia inteiro.
- Záin 6 SENHOR, pensa na ternura e na fidelidade
que sempre demonstraste!
- 79,8; Het 7 Não penses mais nos meus pecados da juventude e nas minhas faltas;
106,3 pensa em mim na tua fidelidade,
por causa da tua bondade, SENHOR.

a. "Texto lido" e versões (aram. e sir. entendem: *que não comete perjúrio*); "texto escrito": *que não me invoca para o mal*.

b. Gr. *a face do Deus de Jacó*; sir. *tua face, ó Deus de Jacó*.

c. Gr. *Príncipes*; *levantai vossas portas*!

d. Salmo alfabético. Cf. 9.1 nota. Há algumas irregularidades

nos vv. 2.5 e 18. Este Sl tem parentesco com as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

e. Lit. *Para vós, Senhor, levanto minha "alma"*, expressão que salienta o desejo e a inclinação: 86.4; 143.8; Jr 22.27; 44.14.

<i>Tet</i>	⁸ O SENHOR é tão bom e reto que mostra o caminho aos pecadores ^f .	
<i>Iod</i>	⁹ Faz os humildes caminharem para a justiça e ensina aos humildes o seu caminho.	
<i>Kaf</i>	¹⁰ Todos os caminhos do SENHOR são fidelidade e verdade para os que observam as cláusulas da sua aliança.	
<i>Lámed</i>	¹¹ Pela honra de teu nome, SENHOR, perdoa minha tão grande falta!	23,3; 79,9 103,3
<i>Mem</i>	¹² Um homem teme o SENHOR? Este lhe mostra que caminho escolher.	
<i>Nun</i>	¹³ Ele passa noites felizes, e sua descendência possuirá a terra.	37,9
<i>Sámek</i>	¹⁴ O SENHOR se confia ^g àqueles que o temem, dando-lhes a conhecer a sua aliança.	Is 60,21
<i>Áin</i>	¹⁵ Tenho os olhos sempre no SENHOR, pois ele tira os meus pés da cilada.	123,1; 141,8 31,5
<i>Pê</i>	¹⁶ Volta-te para mim! tem piedade, pois estou só e humilhado.	86,16; 119,132
<i>Şade</i>	¹⁷ Minhas angústias me invadem, livra-me dos meus tormentos!	
<i>(Qof)</i>	¹⁸ Vê minha miséria e minha aflição, suprime todos os meus pecados!	119,153 32,5; 85,3
<i>Resh</i>	¹⁹ Vê meus inimigos... numerosos, seu ódio e sua violência.	
<i>Shin</i>	²⁰ Conserva-me em vida e liberta-me! Fiz de ti o meu refúgio, não me decepções!	
<i>Tav</i>	²¹ Integridade e retidão me preservam, pois eu vos espero.	
	²² Ó Deus, resgata Israel! Liberta-o de todas as suas angústias ^h !	

SALMO 26 (25)

¹ De David.

Faze-me justiça, SENHOR ⁱ , pois a minha conduta é íntegra, e confiei no SENHOR, sem vacilar.	17,1 15,2; 101,5
² Examina-me, SENHOR, submete-me à prova, faze passar pelo fogo meus rins e meu coração.	17,3
³ Tua fidelidade permaneceu diante dos meus olhos; eu me conduzi segundo a tua verdade.	
⁴ Não fui sentar-me entre os impostores; não freqüentei os hipócritas;	1,1-2
⁵ tenho odiado o bando dos malfeitores; não fui sentar-me com os ímpios.	

f. O pecador é aquele que sai do caminho traçado.

g. Lit. O segredo (ou a intimidade) do Senhor é para...; gr.: litúrgica, cf. 34,23.

O Senhor é um apoio firme para...

h. Este v. abandona o alfabetismo: talvez seja uma finalização litúrgica, cf. 34,23.

i. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

73.13;

Ex 30,17-21;

Dt 21,6-7;

Mt 27,24

9,2

28,3

⁶ Lavo minhas mãos em sinal de inocência,
para andar em torno do teu altar, SENHOR,
⁷ proclamando a ação de graças¹
e recitando todas as tuas maravilhas.

⁸ SENHOR, amo a casa onde resides^k,
e o lugar onde habita a tua glória.

⁹ Não associes meu destino ao dos pecadores,
não me tornes solidário com os assassinos.

¹⁰ Eles têm sujeira nas mãos,
sua mão direita está cheia de suborno.

¹¹ Minha conduta é íntegra,
liberta-me, por piedade!

¹² Meu pé assenta em chão sólido^l,
e nas assembléias bendirei o SENHOR.

SALMO 27 (26)

¹ De David^m.

O SENHOR é minha luz e minha salvaçãoⁿ,
a quem temerei?
O SENHOR é a fortaleza da minha vida,
diante de quem tremerei?

² Se malfetores me atacarem
para dilacerar-me^o,
são eles, meus adversários e inimigos,
que tropeçam e caem.

³ Se um exército vier acampar contra mim,
meu coração nada teme.
Mesmo que a batalha seja deflagrada,
conservo a confiança.

⁴ Uma coisa pedi ao SENHOR,
e mantenho meu pedido:
morar na casa do SENHOR
todos os dias de minha vida,
para contemplar a beleza^p do SENHOR
e zelar pelo seu templo.

⁵ Pois ele me esconde no seu abrigo
no dia da desgraça;
ele me esconde no segredo da sua tenda
e me levanta sobre um rochedo.

4,7; 18,29;

36,10; 43,3;

Jo 1,4,9;

1Jo 1,5

28,8; 31,3

42,3; 63,3

17,8; 31,21;

64,3

61,3

j. Nos vv. 6 e 7, gr. *Lavarei minhas mãos entre os inocentes...*
a fim de ouvir a voz do louvor.

k. Gr. *amei a beleza de tua casa*; sir.: ...o serviço.

l. Lit. *naquilo que é reto* — o que pode ser entendido em
sentido concreto: *num solo plano* (por exemplo, o do Tem-
plo), ou então em sentido metafórico: *na equidade*; cf. 27,11;
143,10.

m. Gr. acrescenta: *antes de ser ungido.*

n. Sobre os "salmos de confiança", cf. Introd.

o. Lit. *para comer a minha carne*, isto é, *para me destruir*;
talvez esta expressão designe a calúnia.

p. Ou então: *a doçura* (90,17; 16,6.11); contemplar a Deus
é possível sob certas condições (Ex 24,1; Sl 63,3; 17,15;
11,17).

⁶ E agora minha cabeça domina
os inimigos que me cercam.
Na sua tenda posso oferecer
sacrifícios com a ovação^a
e cantar um salmo ao SENHOR.

⁷ SENHOR, escuta meu grito de socorro!
Tem piedade de mim, responde-me!

⁸ Penso na tua palavra:
"Procura minha face!"
Procuro a tua face, SENHOR.

⁹ Não me ocultes a tua face!
Não afastes com cólera o teu servo!
Tu que me socorreste,
não me deixes, não me abandones,
Deus da minha salvação.

13,2; 44,25;
69,18;
88,15

¹⁰ Pai e mãe me abandonaram,
o SENHOR me recolhe.

Is 49,14-15

¹¹ Mostra-me, SENHOR, o teu caminho
e conduz-me por uma boa senda,
apesar daqueles que me espreitam.

25,4.12

¹² Não me entregues ao apetite dos meus adversários,
pois contra mim se levantaram testemunhas falsas,
cuspindo violência.

¹³ Tenho certeza: verei os benefícios do SENHOR^a
na terra dos vivos.

¹⁴ Espera o SENHOR;
sê forte, tem coragem;
espera o SENHOR.

37,34;
130,5-6
31,25;
Js 1,9;
1Cor 16,13

SALMO 28 (27)

¹ De David,

SENHOR, a ti eu clamo¹.
Meu rochedo, não fiques surdo!
Se ficares mudo ao meu apelo,
serei como os que descem à cova^a.

35,22;
39,13

² Ouve minha voz suplicante
quando grito a ti,
quando ergo as mãos
para o lugar santíssimo, no teu santuário.

5,8; 134,2;
1Rs 8,6

q. Aclamação cultural acompanhada de toque de trompas e trombetas; cf. Lv 23,24 nota.

r. Tradução incerta; lit. *meu coração te diz* (isto é, *penso em*) ou então, *a teu respeito*, ou *da tua parte*, ou *por causa de ti*; é a referência a uma prática cultural ordenada por Deus: "Procurai minha face"; 2Sm 21,1; Os 5,15; Sl 24,6; 105,4. As versões geralmente adotam uma das duas traduções: *meu coração te diz*: *procuro a tua face*, ou então: *minha face te procura*.

s. Lit. *Se eu não estivesse seguro*. No texto hebr. a conjunção (*se... não...*) está rodeada de pontos convencionais que talvez sugiram uma corruptela ou uma leitura a evitar; a maioria das versões não os levam em consideração.

t. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

u. I. é, os moribundos. Lit. *serei semelhante aos que descem ao fosso*; expressões análogas em Sl 22,30; 30,4; 88,5; 143,7.

- 26.9 ³ Não me arrastes com os malvados
nem com os malfetores;
para os outros falam de paz,
mas no coração deles está o mal.
- 12,3;
Pr 26,24-25 ⁴ Trata-os segundo seus atos
e segundo suas maldades!
Trata-os segundo as suas obras,
dá-lhes o que merecem!
- Ex 21,23-25;
Sl 62,13;
94,2;
137,8 ⁵ Não atendem aos atos do SENHOR,
nem às obras de suas mãos:
que ele os destrua e não os reconstrua mais!
- Is 5,12 ⁶ Bendito seja o SENHOR,
pois ele ouviu a minha voz suplicante.
- 52,7 ⁷ O SENHOR é a minha fortaleza e o meu escudo;
meu coração esperou nele, e fui socorrido.
Exulto de todo o meu coração
e lhe rendo graças cantando*:
- 29,11;
ISm 2,10 ⁸ O SENHOR é a força do seu povo*,
a fortaleza que salva seu messias.
- 23,1;
Is 40,11 ⁹ Salva o teu povo,
abençoa o teu patrimônio,
sê o seu pastor e conduze-o sempre!

SALMO 29 (28)

¹ *Salmo. De David^a.*

Dai ao SENHOR, vós deuses^b,
dai ao SENHOR glória e força!

² Dai ao SENHOR a glória do seu nome!
Prosternai-vos diante do SENHOR, quando resplandece sua santidade^c!

³ A voz do SENHOR domina as águas^a.
— o Deus da glória faz ribombar o trovão —
o SENHOR domina as grandes águas.

⁴ A voz poderosa do SENHOR,
a voz retumbante do SENHOR,
⁵ a voz do SENHOR quebra os cedros,
o SENHOR arrebenta os cedros do Líbano.

⁶ Ele faz o Líbano saltar como um vitelo,
e o Sirion^b como um búfalo novo.

⁷ A voz do SENHOR forja lâminas de fogo^c.

v. Gr. *minha carne refloresceu* (com sir.) e *por minha própria vontade lhe renderei graças*.

w. Com gr. e sir. e alguns mss. hebr.; lit. *a força para eles*.
Outra tradução para 8b: *a fortaleza que salva é o seu messias*.

x. Gr. especifica a utilização deste Sl: *para o encerramento da festa dos Tabernáculos* (Dt 16,13), festa na qual se pedia chuva (Zc 14,16-19).

y. Quanto aos "hinos", cf. Introd. **[Deuses, lit. filhos de deus(es)]*.

z. Tradução incerta; lit. *no brilho do santuário, ou no brilho*

da santidade, isto é, quando ribomba o trovão ou quando aparece a santidade de Deus. Gr. e sir. *no seu santo adro*; Jerônimo: *com ornamentos sacros*.

a. Lit. *está sobre as águas ou contra as águas* — transferindo ao Senhor Deus de Israel a vitória do deus cananeu Baa! sobre o mar.

b. Denominação cananêica da montanha sagrada do Hermon (2.760m, ao sul da cadeia do Antilíbano). cf. também Dt 3,9; Sl 42,7; 89,13; 133,3.

c. Trata-se dos relâmpagos; Hab 3,11; Na 3,3.

- ⁸ A voz do SENHOR faz tremer o deserto,
o SENHOR faz tremer o deserto de Qadesh^d.
⁹ A voz do SENHOR faz tremer as cervas no parto;
ela desnuda as florestas^e.

E no seu templo, tudo diz: "Glória!"

- ¹⁰ O SENHOR está no trono sobre o dilúvio, Gn 6-9
o SENHOR está no trono como rei eterno.
¹¹ O SENHOR dará força a seu povo, 28,8; 68,36
o SENHOR abençoará seu povo com a prosperidade.

SALMO 30 (29)

¹ *Salmo: canto para a dedicação da casa de David^f.*

² Eu te exalto, SENHOR, pois me reergueste^g;
não permitiste que meus inimigos se alegrassem à minha custa.

³ SENHOR meu Deus,
bradei a ti, e me curaste; 6,3

⁴ SENHOR, fizeste-me subir novamente do Sheol,
fizeste-me reviver quando eu caía no fosso^h.

⁵ Cantai ao SENHOR, vós, seus fiéis,
celebrai-o invocando sua santidadeⁱ; 97,12

⁶ A sua cólera dura um instante, Is 54,7-8
toda uma vida sua benevolência.
De noite se demoram as lágrimas,
mas pela manhã explode a alegria.

⁷ E eu, tranqüilo, dizia:
"Permanecerei inabalável.

⁸ SENHOR, na tua benevolência
fortificaste a minha montanha^j".

Mas ocultaste a tua face, 27,9
e eu me apavorei. 104,29

⁹ SENHOR, apelei a ti:

¹⁰ "Que ganhas com meu sangue 6,6
e com a minha descida ao fosso?
Pode o pó render-te graças?
Proclamar, porventura, a tua fidelidade?

¹¹ Ouve, SENHOR, tem piedade de mim!
SENHOR, sê meu auxílio!"

d. O deserto de Qadesh talvez se refira a um motivo mitológico cananeu; a tradição judaica viu nele o oásis onde Israel fez parada (Nm 20), ao sul de Beer-Sheba.

e. Texto incerto; aram. *sacode os animais da floresta*.

f. Trata-se do palácio real (assim gr.; cf. 2Sm 5,6-12), mas aram. vê na casa o Templo (1Rs 8,63), e a liturgia judaica utilizará este Sl para a Hanuká, festa de aniversário da dedicação do altar do Templo (1Mc 4,52-59); cf. Jo 10,22. — Sobre as "orações de ação de graças", cf. Introd.

g. Lit. *tu me retiraste do poço* — sem dúvida o poço dos infernos (v. 4).

h. As versões dividem-se entre a tradução aqui adotada e esta: *fizeste-me reviver longe das que descem ao fosso* (28,1; Ez 26,20-21).

i. Lit. *celebrai a evocação da sua santidade* — sendo que *evocação* ou *memorial* equivalem ao nome (cf. Ex 3,15 nota).

j. Texto incerto. Outra tradução: *estabeleceste sobre a minha montanha uma fortaleza*; gr., sir.: *deste força ao meu brilho*; aram. *te havias estabelecido sobre fortes montanhas, retiraste a tua presença*. Relacionar talvez com 18,34; 2Sm 5,9-11; 1Rs 15,4; 2Cr 24,13.

126,5-6;
Is 35,10;
Jr 31,13

- ¹² Transformaste meu luto em dança,
meu traje de luto mudaste em traje de festa^k.
¹³ Por isso a alma^l te canta sem cessar;
SENHOR, meu Deus, eu te darei graças para sempre.

SALMO 31 (30)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

71,1-3

- ² SENHOR, fiz de ti o meu refúgio^m;
que eu jamais seja decepcionado!
Livra-me por tua justiça;
³ inclina para mim o teu ouvido!
Depressa! Liberta-me!
Sê para mim a rocha fortificada,
a fortaleza que me salvará.

18,3

- ⁴ Tu és a minha rocha e a minha fortaleza.
Para a honra do teu nome, me conduzirás e me guiarás.

23,3

25,12;
142,8

- ⁵ Livrar-me-ás da cilada armada contra mim,
pois tu és a minha força.

Lc 23,46;
At 7,59;
IPd 4,19

- ⁶ Em tua mão entrego o meu sopro.
Tu me resgataste, SENHOR, o Deus verdadeiro.
⁷ Odeio os que se atêm às quimeras vãsⁿ;
eu, eu confio no SENHOR.

1,6; 37,18

- ⁸ Dançarei de alegria por causa de tua fidelidade,
pois viste minha miséria
e conhecestes minha angústia.

18,20;
118,5

- ⁹ Não me entregaste às mãos de um inimigo
firmaste meus pés em campo aberto.

6,8

- ¹⁰ Piedade de mim, SENHOR! Estou aflito!
De pena definham meus olhos,
minha garganta e minhas entranhas.

- ¹¹ Minha vida se esvai em tristeza,
e meus anos em gemidos.
Por haver pecado^o, desfalecem-me as forças
e meus ossos se desfazem.

- ¹² Sou injuriado por todos os meus adversários,
e mais ainda por meus vizinhos;
tomei-me espantado para meus íntimos:
se me vêem na rua, fogem.

- ¹³ Desapareci da memória como um morto,
já não passo de um monte de escombros.

- ¹⁴ E ouço as zombarias da multidão:
"Ele espanta os arredores!"

Jr 6,25

k. Lit. *desatate-me o cilício; cingiste-me de alegria* (Is 20,2).
l. Lit. *Por isso a glória te canta*; gr. *minha glória*; aram. *os glorificados da eternidade*. Ibn Ezra interpreta: *todo homem que nele tem glória*, isto é, inteligência.
m. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

n. Lit. *os que observam as vaidades de mentira*, isto é os ídolos (Dt 32,21; Jr 8,19; 10,8; Sl 4,3).

o. Gr. e sir.: *de pobreza*.

p. Ou então: *ouço as zombarias da multidão, ao redor é o espanto*; cf. Jr 6,25.

- Associaram-se contra mim,
conspiram para tirar-me a vida. Mt 26,3-4p
- ¹⁵ Mas confio em ti, SENHOR.
E digo: "Meu Deus és tu". 22,11; 63,2
- ¹⁶ Minhas horas estão na tua mão;
livra-me da mão de inimigos encarniçados!
- ¹⁷ Faze brilhar a tua face sobre o teu servo,
salva-me pela tua fidelidade! 4,7; 67,2;
119,135;
80,4.8.20;
Nm 6,25
- ¹⁸ SENHOR, que eu não me decepcione de te haver invocado!
Mas que os ímpios sejam decepcionados
e reduzidos ao silêncio do Sheol!
- ¹⁹ Que emudeçam, esses lábios mentirosos
que falam contra o justo com insolência,
arrogância e desprezo!
- ²⁰ Como são grandes os benefícios
que reservas àqueles que te temem!
Tu os concedes a todos para quem és o refúgio,
diante de todo o mundo.
- ²¹ Tu os escondes lá onde se esconde a tua face, 27,5
longe das intrigas^a dos homens.
Tu os pões ao abrigo
dos ataques da língua. 12,5
- ²² Bendito seja o SENHOR,
pois sua fidelidade fez para mim um milagre
numa cidade fortificada.
- ²³ E eu, desamparado, dizia:
"Estou excluído da tua vista". Jn 2,5
Mas ouviste minha voz suplicante
quando bradei a ti.
- ²⁴ Amai o SENHOR, vós todos, seus fiéis!
O SENHOR preserva os que crêem^r,
ao passo que ao arrogante ele devolve com usura. 27,14
- ²⁵ Sede fortes e tende coragem,
vós todos que esperais no SENHOR!

SALMO 32 (31)

¹ De David. Instrução.

- Feliz o homem cuja ofensa é tirada^t
e cujo pecado é coberto! 25,18;
Rm 4,6-8
- ² Feliz aquele a quem o SENHOR não computa falta,
e cujo espírito não trapaceia!^u Jo 1,47
- ³ Enquanto eu me calava, meu corpo^s se consumia
resmungando o dia inteiro, 39,2-4

q. Talvez se trate de práticas mágicas.

r. Gr. *procura a verdade*.

s. Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.

t. Aquele cuja confissão é sincera, ou que cessa de ser hipócrita;
alguns mss. trazem: *cuja boca* (expressão retomada em Ap 14,5).

u. Lit. *meus ossos*.

⁴ pois dia e noite a tua mão pesava sobre mim,
minha seiva se alterava aos ardores do verão^a.

Pausa

⁵ Confessei o meu pecado,
não encobri a minha falta.
Eu disse: "Confessarei minhas ofensas ao Senhor",
e tu tiraste o peso^w do meu pecado.

Pausa

⁶ Assim ora a ti todo fiel
no dia em que te encontra^x.
Mesmo se as grandes águas transbordarem,
elas não me atingem.

⁷ Tu és para mim um abrigo,
preservas-me da aflição,
cercas-me de cantos de libertação^y.

Pausa

⁸ — Vou instruir-te, indicar-te o caminho a seguir,
e dar-te um conselho, velando por ti.

⁹ Não imites o cavalo ou a mula estúpidos,
cujo impulso se domina com freio e cabresto;
e nada te acontecerá^z! —

¹⁰ Muitas dores esperam o ímpio,
mas a fidelidade circunda aquele que confia no SENHOR.

¹¹ Exultai por causa do SENHOR,
alegrai-vos, os justos,
e gritai de alegria vós todos, corações retos!

SALMO 33 (32)

¹ Justos, aclamai o SENHOR¹!
O louvor convém aos homens retos.

² Rendei graças ao SENHOR na cítara;
na harpa de dez cordas, tocai para ele!

³ Cantai para ele um canto novo,
tocai com arte durante a ovação^b.

⁴ Pois a palavra do SENHOR é reta,
e toda a sua obra é segura.

⁵ Ele ama a justiça e a equidade;
a terra está cheia da fidelidade do SENHOR.

⁶ Pela sua palavra, o SENHOR fez os céus,
e todo o exército deles, com o sopro de sua boca.

51,5;
2Sm 12,13;
1Jo 1,9,10

33,18

33,1

96,1; 98,1;
144,9
149,1;
Is 42,10;
Ap 5,9;
14,3
89,15
119,64

Gn 1; 2,1;
Hb 11,3

v. Texto obscuro; aram. *minha seiva se alterava como*; gr. *revolvi-me no tormento enquanto afundava o espinho* (entendido como a consciência do pecado); sir.: *minha dor se revolveu em meu peito até aniquilar-me*; Jerônimo: *revolvi-me em minha miséria enquanto se inflamava a ceifa* — todas estas leituras são possíveis em razão de pequenas mudanças de letras.

w. Lit. a culpabilidade ou a punição (Gn 4,13).

x. Lit. no momento de encontrar, cf. Is 55,6; gr. no tempo oportuno, cf. Is 49,8; Sl 69,14.

y. Texto obscuro; gr.: *ó minha alegria, livra-me daqueles que me cercam*; Áquila, Jerônimo: *ó meu louvor, tu me envolverás salvando-me*.

z. Texto obscuro; lit. *Não imiteis*; sentença geral que encontra sua aplicação na conclusão: *e então nada te acontecerá*, expressão que as versões traduzem: *(para que) ele(s) não se aproxime(m) de ti*.

a. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

b. Lit. *dedilhai bem vossas cordas*, cf. Is 23,16; cf. 1Sm 16,16,18; ovação, cf. Sl 27,6 e nota, e Lv 23,24 nota.

⁷ Ele congrega ^c represa as águas do mar;
põe os oceanos ^m reservatórios.

⁸ Que toda a terra ^{te} temo do SENHOR,
que todos os habitantes ^o mundo o temam;
⁹ ele falou, aconteceu;
ele ordenou, passou a existir.

¹⁰ O SENHOR desfez o plano das nações;
aniquilou os desígnios dos povos.

¹¹ O plano do SENHOR subsiste sempre,
e os desígnios do seu coração, de idade em idade.

¹² Feliz a nação que tem o SENHOR como Deus!
Feliz o povo que ele escolheu como seu patrimônio!

¹³ Lá dos céus, o SENHOR olha
e vê todos os homens.

¹⁴ De onde está sentado, ele observa
todos os habitantes da terra,

¹⁵ ele que *lhes modela* um mesmo coração^d,
ele que está atento a tudo o que fazem.

¹⁶ O rei não é salvo por um grande exército,
o guerreiro não é libertado por um grande vigor.

¹⁷ Para vencer, o cavalo não passa de ilusão,
toda a sua força não permite escapar.

¹⁸ Mas o SENHOR vela sobre aqueles que o temem,
sobre os que esperam na sua fidelidade,

¹⁹ para livrá-los da morte
e mantê-los vivos durante a fome.

²⁰ Nós aguardamos o SENHOR:
É ele nosso auxílio e nosso escudo!

²¹ Dele vem a alegria do nosso coração,
e a nossa confiança está no seu nome santíssimo.

²² A tua fidelidade, SENHOR, esteja sobre nós,
como a nossa esperança está em vós!

SALMO 34 (33)

¹ De David. Quando se depreciou^e aos olhos de Abimélek, que o expulsou, e David foi embora.

Álef ² Bendirei o SENHOR em todo tempo^f,
sem cessar, seu louvor em minha boca.

Bet ³ Orgulho-me do SENHOR;
rejubilem os humildes ao escutar-me:

Guímel ⁴ Engrandecei comigo o SENHOR,
exaltemos juntos o seu nome.

SALMOS 33-34

Jó 38,
8-11,37

67,8;
102,16

148,5;
Is 48,13

2,2

Pr 19,21

94,9-11;
139,1-16;
Gn 2,7,8

20,8;
Am 12,
14,16

32,8;
34,16

115,9-11

16,7; 145,1

^c. Os tempos empregados em hebr. remetem tanto ao primeiro ato criador (Gn 1.3.6...) como à atividade atual de Deus.

^d. Lit. *ele que modela a unidade dos corações deles*; gr. *ele que modela um a um os seus corações*.

^e. Lit. *ele desatinou*. Duas palavras deste salmo, *provaí* (v. 9) e *orgulho-me* (v. 3) facilitaram esta aproximação com 1Sm 21,14. *Abimélek* (gr. *Akhimelek*) corresponde ao rei de Gat, chamado *Akish* em 1Sm 21.

^f. Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.

SALMOS 34-35

Dálet

Hê

Záin^a

Het

Tet

Iod

ad

Mem

Nun

Sámek

Áin

Pê

Şade

Qof

Resh

Shin

Tav

- ⁵ Procurei o SENHOR, e ele me respondeu,
livrou-me de todos os meus terrores.
⁶ Os que olharam para ele estão rancorosos,
e seu rosto não tem mais pozuviu
⁷ Um infeliz clamou: o SENHOR angústias,
e o salvou de todas as angústias.

⁸ O anjo do SENHOR que o temem, e ele os liberta.
em torno de quem ele é bom.
⁹ Prova SENHOR, vós a quem ele consagrou^h,
Grada falta aos que o temem.

¹⁰ Os leõesⁱ conhecem a necessidade e a fome,
mas aos que procuram o SENHOR nada falta.

¹² Filhos, vinde escutar-me!
Eu vos ensinarei o temor do SENHOR.

¹³ Alguém ama a vida?
Alguém quer ver dias felizes?

¹⁴ Guarda a tua língua do mal
e teus lábios das maledicências.

¹⁵ Evita o mal, faz o bem,
procura a paz e vai atrás dela!

¹⁶ O SENHOR tem seus olhos sobre os justos,
e o ouvido atento aos seus gritos.

¹⁷ O SENHOR enfrenta os malfeteiros
arranca da terra a memória deles.

¹⁸ Eles bradam^j, o SENHOR ouve
e os livra de todas as suas aflições.

¹⁹ O SENHOR está próximo dos corações quebrantados,
e salva os espíritos abatidos.

²⁰ O justo sofre muitas desgraças,
cada vez o SENHOR o liberta.

²¹ Ele vela sobre todos os seus ossos,
nenhum deles se quebrou.

²² A infelicidade fará morrer o malvado^k,
os inimigos do justo serão punidos.

²³ O SENHOR resgata a vida dos seus servos:
nenhum dos que nele têm refúgio será punido.

SALMO 35 (34)

¹ De David.

Ó SENHOR, acusa meus acusadores^l,
ataca aqueles que me atacam!

g. Falta o verso que começa com a letra vav.

h. Ou então: vós que estais consagrados a ele; lit. vós, seus santos.

i. Interpretado metaforicamente por gr. e sir. os ricos.

j. O sujeito não está expresso; pode-se tratar dos justos (v. 16)

ou dos malfeteiros que proclamam aos gritos o seu arrependimento.

k. Todas as versões (exceto Jerônimo): a morte do malvado é má.

l. Sobre as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- ² Toma escudo e couraça,
e levanta-te para me socorrer!
- ³ Brande a lança, fecha o caminho^m
aos que me perseguem,
e dize-me: "Eu sou a tua salvação!"
- ⁴ Sejam frustrados e desonrados 40,15;
os que procuram tirar-me a vida! 71,13
Recuem cobertos de vergonha,
os que premeditam a minha desgraça!
- ⁵ Sejam como a palha em pleno vento, 1.4: 83,14
quando o anjo do SENHOR os expulsar! 34,8
- ⁶ O caminho deles seja sombrio e escorregadio, 73,18
quando o anjo do SENHOR os perseguir.
- ⁷ Sem motivoⁿ, esconderam um fosso sob uma rede;
cavaram-no para mim, sem motivo. 9,16
- ⁸ Que um desastre inaudito osⁿ surpreenda, 18: 47,11
apanhe-os a rede por eles escondida, 140,6
e que sucumbam nesse desastre!
- ⁹ Então jubilei por causa do SENHOR
e exultarei, alegre de ser salvo.
- ¹⁰ Todo o meu ser^p dirá:
"SENHOR, quem como tu? 71,19;
Livras o humilhado de um mais forte que ele, 77,14
o humilhado e o pobre, de quem os explora".
- ¹¹ Falsas testemunhas se levantam 27,12;
e me perguntam sobre aquilo que não sei. Mt 26,59-60
- ¹² Retribuem-me o bem com o mal; 38,21;
eis-me totalmente só^q. 109,5
- ¹³ Quando eles estavam doentes, eu vestia saco,
humilhava-me jejuando
e ruminava minha prece^r.
- ¹⁴ Como por um amigo ou por meu irmão, eu andava,
como em luto pela mãe, triste e prostrado. 38,7
- ¹⁵ E quando tropecei, juntaram-se alegres:
estropiados^s se juntaram contra mim,
não sei por quê!
Eles dilaceram sem parar,
- ¹⁶ e, com os zombadores mais impuros em meu redor^u,
rangem os dentes contra mim.

m. Ou então: *brande a lança e o machado diante dos que me perseguem*, vindo na palavra *segur* a designação de uma arma.
n. Ou então: *sem êxito*.

o. Lit. *Que um desastre desconhecido o surpreenda...*, o *apane* e *que ele sucumba*; o v. seria então a palavra dos inimigos contra o salmista (cf. v. 21).

p. Lit. *todos os meus ossos*, cf. 32,3.

q. Lit. *privando-me de filhos*.

r. Lit. *e minha oração voltava ao meu seio*.

s. Texto obscuro; cf., porém, 2Sm 4,4; 9,3; é muito vergonhoso ser atacado ou vencido por fracos (cf. 2Sm 5,6,8); gr. *chicores*; Jerônimo. Símaco, aram. *espuncadores*.

t. Ou então: *eu não os conhecia*.

u. Lit. *com os impuros dos zombadores do círculo* (a tradução da última palavra é conjetural); gr.: *submeteram-me à prova, cobriram-me de insultos*; Jerônimo: *com a aparência de palavras mentirosas*; aram.: *com palavras de doçura, zombarias e escárnios*.

- 22,26 ¹⁷ SENHOR, como podes ver isso?
Livra a minha vida desse desastre
e minha pessoa desses leões.
- ¹⁸ Dar-te-ei graças na grande assembléia,
em meio à multidão te louvarei.
- 69,5;
Jo 15,25 ¹⁹ Que não se alegrem à minha custa os que me querem mal injustamente,
que não pisquem o olho os que me detestam sem motivo!
- ²⁰ Eles nunca têm uma palavra de paz;
contra as pessoas tranqüilas da terra
inventam calúnias.
- ²¹ Com a boca escancarada contra mim
dizem: "Ah, ah! nossos olhos o viram".
- 7,7; 44,24 ²² Tu viste, SENHOR! Não permaneças surdo!
Senhor, não te afastes de mim!
- ²³ Acorda e levanta-te para defender o meu direito
e a minha causa, ó meu Deus e meu Senhor!
- ²⁴ Segundo a tua justiça, defende o meu direito, SENHOR, meu Deus,
e que eles não se alegrem à minha custa!
- 40,14-17;
70,3-4 ²⁵ Não digam eles de si para si:
"Ah, ah! É nosso bocado!"
Não digam eles: "Nós o engolimos".
- ²⁶ Que juntos corem de vergonha,
os que se alegram com a minha desgraça!
Que sejam cobertos de vergonha e desonra
os que triunfavam sobre mim!
- ²⁷ Os que queriam para mim a justiça gritarão de alegria,
dirão sem cessar: "O SENHOR triunfa,
ele que quis a felicidade do seu servo."
- 71,24 ²⁸ Então a minha língua recitará a tua justiça,
louvando-te todos os dias.

SALMO 36 (35)

¹ *Do mestre de coro, do servo do SENHOR, de David.*

Rm 3,18

² O oráculo ímpio* do infiel me vem ao espírito*;
aos olhos dele, não há por que tremer diante de Deus.

³ Pois ele se vê com olho por demais lisonjeiro*
para encontrar seu crime* e detestá-lo.

⁴ As palavras de sua boca são iniquidade e engano,
ele perdeu o senso do bem.

v. Lit. nossa "alma" ou "goela", que se pode interpretar como: nosso "bocado".

w. Pode-se aproximar este Sl (cf. v. 12) das "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

x. Lit. O oráculo da impiedade do infiel está no fundo do meu coração, ou: Um oráculo sobre a impiedade do infiel... A dificuldade do texto aparece nas versões que, em vez de oráculo, têm todas elas um verbo; várias delas também modificam as

vogais das outras palavras ou mudam o possessivo (seu coração); assim gr. o ímpio disse em seu coração que pecaria.

y. Ou então: Pois ele o adula a seus olhos; o sujeito do verbo pode ser o oráculo ímpio; gr. ele recorreu a ardis diante dele quando havia que encontrar a sua falta e odiá-la; sir. pois a seus olhos é detestável ele abandonar seus pecados e odiá-los.

z. Encontrar o crime (a falta) é uma expressão clássica: Os 12,9; Sl 10,15; 17,3; Gn 44,16; 1Sm 29,3,6.

⁵ Em seu leito premedita maldade;
obstina-se num caminho que não é bom,
e não rejeita o mal.

⁶ SENHOR, tua lealdade está nos céus,
tua fidelidade chega às nuvens.

57,11
Ef 3,18-19

⁷ Tua justiça é semelhante às montanhas divinas*,
e teus julgamentos, ao grande Abismo.

SENHOR, tu salvas homens e animais.

⁸ Deus, como é preciosa a tua fidelidade!
Os homens se refugiam à sombra das tuas asas.

17,8; 91,4

⁹ Saciam-se na abundância da tua casa,
e lhes matas a sede na torrente das tuas delícias^b.

23,5; 63,6

¹⁰ Pois em ti está a fonte da vida,
em tua luz vemos a luz^c.

56,14;
89,16

¹¹ Prolonga a tua fidelidade para aqueles que te conhecem,
e a tua justiça para os corações retos.

¹² Que o arrogante não ponha pé em minha casa,
que a mão dos infiéis não me expulse!

¹³ Ali^d caíram os malfetores:
derrotados, não conseguiram reerguer-se.

SALMO 37 (36)

73;
Jó 21,1-26

¹ De David.

Álef Não te inflames contra os maus*,
não invejes os criminosos^f,

Pr 24,19

² pois murcharão tão depressa quanto o capim,
e secarão como a erva.

90,6;
103,15;
Is 40,7

Bet ³ Confia no SENHOR e faz o bem,
para habitar na terra e pastar em segurança.

⁴ Faze do SENHOR tuas delícias,
ele te dará o que teu coração pedir.

Guímel ⁵ Volta os teus passos* para o SENHOR,
confia nele: ele agirá,
⁶ ele fará aparecer a tua justiça como a aurora,
e o teu direito como o meio-dia.

Dálet ⁷ Descansa junto ao SENHOR, espera nele;
não te inflames contra aquele que tem sucesso,
contra o homem que age com embuste.

4,5; 62,6

a. As mais altas montanhas; ou então: *as montanhas de Deus*; cf. 68,16; 80,11; Is 14,13.

b. A palavra *delicias* evoca o Éden de Gn 2,8.

c. *Fonte e luz* são duas metáforas da vida: a fonte de água viva (Jr 2,13; 17,13) pode ser uma das fontes de Jerusalém ou do templo; no fim dos tempos ela vivificará toda a terra (Jl 4,18; Ez 47; Zc 14,8). Da mesma forma, a luz que traz a vida vem de Deus (Sl 80,4.8.20; 27,1; 43,3; 44,4; 4,7). Esses

dois temas são retomados no NT: Jo 4,14; 8,12; 9,5; 12,46; 1Jo 1,5; Ap 22,1.

d. Cf. 14,5; é no Templo (vv. 9-10 e 12a) que são derrotados os ímpios (vv. 2-5), cf. 73,17.

e. Quanto aos "salmos de instrução", cf. *Introd.*

f. Ou então: *não tenhas inveja dos criminosos*; Gn 30,1; 37,11.

g. Lit. *tu caminho*, isto é *tu conduta*, ou então *tu sorte*, cf. 22,9; gr.: *revela teu caminho*.

- Hê* ⁸ Deixa a cólera, abandona o furor,
não te inflames: isso acabará mal^h,
⁹ pois os maus serão suprimidos,
mas os que aguardam o SENHOR possuirão a terra.
- Vav* ¹⁰ Ainda um pouco, e não haverá mais ímpio;
se procurares o paradeiro dele, já não há.
¹¹ Mas os humildes possuirão a terra,
gozarão de uma paz total.
- Záin* ¹² O ímpio trama contra o justo;
contra ele range os dentes.
¹³ Mas o Senhor ri-se dele,
pois vê chegar o seu dia^l.
- Het* ¹⁴ Os ímpios empunharam e retesaram o arco
para abater o humilde e o pobre,
para degolar aquele que anda na retidão^l.
¹⁵ Mas a espada deles afundará no seu próprio coração,
seus arcos se quebrarão.
- Tet* ¹⁶ O pouco que o justo tem vale mais
do que a fortuna de numerosos ímpios.
¹⁷ pois os braços dos ímpios se quebrarão,
ao passo que o SENHOR sustenta os justos.
- Iod* ¹⁸ O SENHOR conhece os dias dos homens íntegros,
e o patrimônio deles sempre permanecerá.
¹⁹ Não serão decepcionados no tempo da desgraça,
nos dias da fome serão saciados.
- Kaf* ²⁰ Os ímpios perecerão;
e os inimigos do Senhor,
semelhantes à erva dos prados^k,
sumiram, sumiram como fumaça.
- Lámed* ²¹ O ímpio toma emprestado e não restitui;
o justo tem pena e dá.
²² Sim, os que ele abençoa^l possuirão a terra,
e os que ele amaldiçoa serão suprimidos.
- Mem* ²³ Graças ao SENHOR, os passos do homem estão firmes,
e seu caminho lhe agrada.
²⁴ Se tropeça, não cai,
pois o SENHOR o segura pela mão.
- Nun* ²⁵ Fui jovem, e envelheci
sem nunca ver um justo abandonado,
nem seus descendentes mendigarem o pão.
²⁶ Todos os dias o justo tem pena, empresta,
e sua descendência é uma bênção.

h. Outras traduções: isto faria mal, ou seria fazer mal.

i. O dia de Deus ou o dia do ímpio (Ez 21.30).

j. Esta expressão original é substituída no gr. por *os retos de coração* (7.11).

k. Aliteração em hebr. *kiqar karim*. Gr. *mal foram honrados e*

exaltados. Um dos comentários do Sl 37 encontrado na 4ª gruta de Qumran traz um texto diferente e coincide em parte com o aram.: *e os amigos do Senhor são semelhantes à erva dos carneiros.*

l. Deus ou o justo. Sir.: *os benditos do Senhor...*; gr.: *os que o bendizem...*, *os que o maldizem*.

<i>Sámek</i>	²⁷ Evita o mal, faze o bem, e terás sempre uma morada, ²⁸ pois o SENHOR ama o direito, não abandona seus fiéis.	34,15
<i>Áin</i>	Ele os guarda sempre, mas a descendência dos ímpios é suprimida. ²⁹ Os justos possuirão a terra, e nela habitarão sempre.	
<i>Pê</i>	³⁰ A boca do justo repete a sabedoria, e sua língua enuncia o direito. ³¹ A lei do seu Deus está no seu coração, seus passos não vacilarão.	Dt 6,6; Jr 31,33
<i>Şade</i>	³² Os ímpios espreitam o justo e tentam fazê-lo morrer; ³³ mas o SENHOR não o abandona às mãos deles, não deixa condená-lo, se for levado a julgamento.	
<i>Qof</i>	³⁴ Espera o SENHOR e guarda seu caminho; ele te elevará à posse da terra, e verás os ímpios serem suprimidos.	
<i>Resh</i>	³⁵ Vi o ímpio abusar da sua força e desenvolver-se como uma planta vigorosa ^m . ³⁶ Mas eis que desaparece; não mais existe; procurei-o, não se encontrava.	Ez 31,10-12
<i>Shin</i>	³⁷ Olha o homem honesto, vê o homem reto ⁿ : há uma posteridade para o homem pacífico. ³⁸ Mas os rebeldes são exterminados todos juntos, e a posteridade dos ímpios é suprimida.	Pr 23,18
<i>Tav</i>	³⁹ A salvação dos justos vem do SENHOR: ele é a sua fortaleza no tempo do perigo. ⁴⁰ O SENHOR os ajuda e os liberta; ele os liberta dos ímpios e os salva, pois o tomaram como refúgio.	27,1

SALMO 38 (37)

¹ *Salmo de David, para o memorial^o.*² SENHOR, castiga-me sem cólera^p,
corrige-me sem furor. 6,2³ Tuas flechas me traspassaram,
tua mão se abateu sobre mim. Jô 6,4
16,13⁴ Nada há de intacto em minha carne, pela tua ira,
nada de são nos meus ossos, em razão do meu pecado! Is 1,5-6^m. Gr. *Vi o ímpio exaltado e elevado como os cedros do Líbano.*ⁿ. Ou então, com todas as versões: *olha para a honestidade, vê a retidão.*^o. Lit. *para fazer o memorial*; o gr. relaciona este memorial com o rito do sábado segundo Lv 24,7-8. e o aram. do Sl 70,1 com o rito do incenso segundo Lv 2,2.^p. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- EwJ 9,6 ⁵ Pois minhas faltas ultrapassaram minha cabeça,
 como fardo pesado pesam demais sobre mim.
- ⁶ Minhas feridas infectas supuram,
 devido à minha insensatez.
- 35,14;
 42,10 ⁷ Estou curvado, prostrado;
 tristonho, arrasto-me o dia inteiro,
⁸ pois os meus rins estão atacados pela febre,
 nada de intacto na minha carne.
- 102,4-6 ⁹ Estou entorpecido, aquebrado;
 meu coração geme, eu rujo.
- ¹⁰ Senhor, todos os meus suspiros estão diante de ti,
 e não te são ocultos os meus gemidos.
- 6,8 ¹¹ Meu coração palpita, as forças me abandonaram,
 perdi a luz dos meus olhos.
- 31,12;
 41,10;
 88,9,19;
 J6 19,13-19;
 Lc 23,49 ¹² Meus amigos, meus companheiros se afastam ante minhas feridas^q,
 meus vizinhos se mantêm a distância.
- 35,20,25 ¹³ Os que querem tirar-me a vida armaram ciladas,
 os que procuram minha desgraça falaram para me deitar a perder,
 murmurando perfídias cada dia.
- 39,2-3 ¹⁴ Mas eu, qual surdo, não ouço;
 sou mudo que não abre a boca.
- ¹⁵ Sou homem que não ouve
 e que não tem réplica na boca.
- ¹⁶ É em ti, SENHOR, que espero:
 tu responderás, Senhor meu Deus!
- 35,15,19 ¹⁷ Eu dizia: "Que eu não seja motivo de alegria
 dos que triunfam sobre mim quando vacilo",
¹⁸ e eis-me, prestes a desfalecer,
 minha dor me está sempre presente.
- 32,5 ¹⁹ Sim, eu proclamo a minha falta
 e me assusto com o meu pecado.
- ²⁰ Meus inimigos, cheios de vida, são poderosos;
 são numerosos os que me odeiam injustamente.
- 35,19; 69,5
 35,12 ²¹ Os que me retribuem o bem com o mal
 acusam-me pelo bem que eu procurava praticar.
- 22,2;
 71,18 ²² SENHOR, não me abandones.
 Meu Deus, não fiques longe.
- 22,12;
 35,22;
 22,20;
 40,14 ²³ Depressa! Socorro!
 Senhor, minha salvação!

SALMO 39 (38)

¹ *Do mestre de coro, de Iedutun^r. Salmo de David.*

² Eu dizia: "Na minha conduta me absterrei"
 dos desvios da língua;

q. Lit. *param* diante da minha ferida, o que Jerônimo interpreta no sentido da lepra.

r. *Yedutun* ou *yeditun* segundo as versões: 62,1; 77,1. Sem

dúvida, trata-se de um grupo de levitas encarregados do canto ou da supervisão das portas do templo, 1Cr 16,38-42.

s. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

manterei uma mordada na boca
enquanto houver algum infiel na minha presença”.

- ³ Enclausurei-me no silêncio, 32,3; 38,14
e calei-me, mais do que convinha!
Minha dor tornou-se insuportável,
⁴ meu coração ardia em meu peito.
Cercado, e queimado por um fogo*,
deixei minha língua falar:
⁵ SENHOR, faze-me conhecer o meu fim,
e qual é a duração medida dos meus dias;
que eu saiba quanto sou efêmero! 89,48
- ⁶ Um palmo foram os dias que me deste,
a duração* de minha vida é quase nada diante de ti. 62,10;
Sim, todo homem não é mais que vento! 90,9-10;
Pausa Jô 7,6-21;
⁷ Sim, o homem vai e vem como um reflexo*! 14,1-5
Sim, sua agitação é vento!
Ele acumula, e não sabe quem recolherá.
- ⁸ Sendo assim, que esperar, Senhor?
Minha esperança está em ti:
⁹ livra-me de todos os meus pecados,
não me exponhas ao insulto dos insensatos.
¹⁰ Fechei a boca, não a abrirei mais,
pois tu és quem age.
- ¹¹ Desvia de mim os teus golpes,
pois sucumbo ao ataque da tua mão.
¹² Ao punires a falta, corriges o homem,
como uma traça corrompes o que ele mais ama*: Jô 13,28
Sim, todo homem não é mais que vento! *Pausa*
- ¹³ Ouve minha oração, SENHOR, e meu grito;
presta ouvido às minhas lágrimas, não permaneças surdo,
pois não passo de um migrante junto a ti,
um hóspede como todos os meus antepassados. 119,19;
¹⁴ Desvia de mim teu olhar, para eu poder sorrir, Gn 23,4;
antes de ir-me embora e não ser mais. Lv 25,23;
1Cr 29,15;
Hb 11,13;
1Pd 2,11
Jô 7,19.21;
10,20-22;
14,6

SALMO 40 (39)

- ¹ *Do mestre de coro. De David, salmo.*
- ² Esperei, esperei o SENHOR*:
ele se inclinou para mim, ouviu o meu grito,
³ tirou-me do precipício tumultuoso, 18,5; 69,3
do lamaçal do atoleiro.

t. Outras traduções: *sem proveito, ou para valer, ou por causa da felicidade dele*, expressão que vários exegetas associam ao v. 3c; as versões: *calei-me a respeito do bem*. Ibn Ezra entende: ... enquanto bem poderia falar.

u. Lit. *Em meus gemidos ardia um fogo*.

v. Existe aliteração entre *minha duração, heldie e efêmero, hadel*, v. 5.

w. Lit. *imagem*; talvez uma alusão, negativa e irônica, a Gn 1,27.
x. Lit. *seu tesouro*, interpretado pelo aram. *seu corpo*; gr. *esmagaste sua alma como uma aranha*.

y. A primeira parte deste Sl (vv. 2-12) é uma "oração de ação de graças" (cf. Introd.); a segunda parte (vv. 13-18), retomada no Sl 70, é uma "oração individual de pedido de socorro" (cf. Introd.).

Ele me reergueu, os pés sobre o rochedo,
firmou os meus passos.

33,3

⁴ Pôs em minha boca um canto novo,
um louvor a nosso Deus.
Muitos verão, eles temerão
e confiarão no SENHOR.

1,1;
Jr 17,17

⁵ Feliz este homem que pôs sua confiança no SENHOR,
e não se voltou para os homens de Rahab^a
nem para os cúmplices^a da mentira!

35,10

⁶ Como são grandiosos, SENHOR meu Deus,
os projetos e os milagres que realizaste para nós!
Não há quem se compare contigo.
Gostaria de anunciar isto, repeti-lo,
mas haveria demais a dizer.

71,15;
139,17-18;
Jo 21,25
51,18-21;
69,31-32;
Am 5,22;
Os 6,6

⁷ Não quiseste nem sacrifício nem oferenda,
— abriste em mim ouvidos para ouvir^b —
não pediste nem holocausto nem expiação.

⁸ Então eu disse: "Eis que venho
com o rolo de um livro escrito para mim^c."

⁹ Meu Deus, quero fazer o que te agrada,
e a tua lei está no fundo de mim mesmo".

35,18;
107,32

¹⁰ Na grande assembléia, anunciei a tua justiça;
não, não fecho meus lábios,
SENHOR, tu o sabes!

¹¹ Não escondi a tua justiça no fundo do meu coração,
falei da tua lealdade e da tua salvação,
e não dissimulei tua fidelidade e tua verdade
à grande assembléia.

78,4

¹² Tu, SENHOR, não manterás longe de mim a tua misericórdia,
tua fidelidade e tua verdade me preservarão para sempre.

25,21

¹³ Desgraças sem-número estavam para submergir-me,
minhas faltas me assaltaram, seu número me escapa;
são mais numerosas que os cabelos da minha cabeça, e o coração me
desfalece.

38,5,11

70,2-6

¹⁴ SENHOR, digna-te livrar-me!
SENHOR, vem rápido em meu socorro!

22,20

35,5,26

¹⁵ Juntos corem de vergonha
os que procuram tirar-me a vida!
Batam em retirada, desonrados,
os que desejam minha desgraça!

z. Tradução incerta; lit. *os desencadeados*. É a forma plural de *Rahab*, o monstro do caos primitivo (89,11); neste caso se trataria dos aliados do monstro. cf. Jó 9,13; gr. e sir.: *as vaidades*.

a. Lit. *os que tendem a mentir* (assim Áquila, Símaco. Ibn Ezra); aram. e sir.: *os que falam mentira*; Jerônimo: *as pompas da mentira*; gr. (com outra pontuação): *as loucuras mentirosas*.

b. Isto é, me deste ouvidos para ouvir e obedecer a esta di-

retriz nova e precisa: 50,8-10; Is 50,4-5. Gr. e saltério somano: *tu me formaste um corpo*; é este texto que será citado por Hb 10,5.

c. Tradução incerta; versões: *escrito a meu respeito* — o que levará a uma interpretação messiânica (por ex. Jo 5,39); outra tradução: *no rolo do livro, me está prescrito cumprir a vossa vontade*, cf. 2Rs 22,13.

- ¹⁶ Sejam desbaratados, acossados pela vergonha
os que zombam "Ah! Ah!" 35,21,25
- ¹⁷ Exultem de alegria, por causa de ti,
todos aqueles que te procuram!
Não cessem de dizer: "O SENHOR é grande",
os que amam a tua salvação!
- ¹⁸ Sou pobre e humilhado,
o Senhor pensa em mim.
Tu és meu socorro e meu libertador;
meu Deus, não tardes!

SALMO 41 (40)

- ¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*
- ² Feliz aquele que pensa no desvalido^d!
No dia da desgraça, o SENHOR o liberta,
- ³ o SENHOR o conserva vivo e feliz na terra.
Não o entregues à voracidade dos seus inimigos! 27,12
- ⁴ O SENHOR o sustenta em seu leito de sofrimento,
arrumando-lhe o leito de doente^e.
- ⁵ Eu dizia: "SENHOR, piedade de mim,
cura-me, pequei contra ti". 6,3; 30,3
- ⁶ Meus inimigos falam de mim maliciosamente: 31,12-14;
"Quando morrerá, para que seu nome desapareça?" 38,17-20
- ⁷ Se alguém vem visitar-me, pensa malícia,
acumula maldades;
e ao sair, vai comentando na rua.
- ⁸ Reunidos junto a mim, todos esses adversários cochicham,
junto de mim avaliam a minha desgraça:
- ⁹ "Caiu em desgraça";
uma vez acamado, não se levanta mais!"
- ¹⁰ Até o amigo com o qual eu contava^f, 38,12;
e que partilhava do meu pão, levantou o calcanhar contra mim. 55,14;
Mc 14,18;
Jo 13,18
- ¹¹ Mas tu, SENHOR, tem piedade de mim, levanta-me,
que eu tome minha vingança!
- ¹² Eis no que reconheço a tua benevolência:
meu inimigo não grita mais vitória.
- ¹³ Tu me sustentaste por causa da minha inocência^h,
e para sempre me reergueste diante de ti.
- ¹⁴ Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel,
desde sempre e para sempre! 72,18;
89,53;
Lc 1,68
Amém e amém!

d. Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.
e. Lit. *revolves toda a cama dele durante a sua doença*, o que
pode também ser interpretado no sentido do restabelecimento do
doente.

f. Lit. *uma coisa de Belial*, um mal que vem dos infernos e
que leva para lá (18,5).

g. Lit. *o homem de minha paz* (como em Jr 20,10; 38,22). Cf.
1Rs 5,26 nota.

h. Lit.: *tu me mantiveste na minha integridade* (versões: ... *na
minha inocência*), mas cf. v. 5.

i. Este v. serve atualmente de conclusão ao primeiro livro dos
Salmos, cf. 72,18-19 nota e Introd.

SALMO 42 (41)

¹ *Do mestre de coro. Instrução dos filhos de Qôrah¹.*

Jl 1,20

² Como uma corça anela^k
pelas torrentes d'água,
minh'alma anela
por ti, meu Deus.

36,10; 63,2;

84,3;

Jo 4,10-14;

7,38

³ Tenho sede de Deus,
do Deus vivo:
Quando entrarei
para comparecer diante de Deus^l?

17,15; 63,3;

84,8

⁴ Dia e noite,
minhas lágrimas são o meu pão,
quando me dizem, todo o dia:
"Onde está o teu Deus?"

79,10;

115,2;

Mq 7,10;

Ml 2,17

⁵ Detenho-me^m
a evocar o tempo
em que eu transpunha a barreiraⁿ,
para conduzir^o à casa de Deus,
em meio a gritos de alegria e louvor,
uma multidão em festa.

27,4

⁶ Por que te curvares, minh'alma,
e gemeres sobre mim?
Espera em Deus!
Sim, eu ainda o celebrarei,
a ele e a sua face salvadora.

43,5;

Mc 14,34p;

Jo 12,27

⁷ Minh'alma curvou-se sobre mim, ó meu Deus,
eis por que te evoco
desde a terra do Jordão, dos cimos do Hermon,
e do monte Mişear^p.

Lm 3,20

⁸ As ondas do abismo convocavam uma à outra,
no fragor das tuas cataratas.
Quebrando-se e rolando,
todas as tuas vagas passaram sobre mim.

88,8;

Jn 2,4

⁹ De dia, o SENHOR exercia^q sua fidelidade;
de noite, um canto a ele me acompanhava,
uma oração a Deus, que é minha vida^r.

18,3

¹⁰ Quero dizer a Deus, meu rochedo:
"Por que me esqueceste?"

J. Durante o reinado de David, os descendentes de Qôrah (Nm 16 e 26,11) tornaram-se cantores, segundo 1Cr 6,22, ou porteiros, segundo 1Cr 26,1. Os Sl 42-49, 84-85 e 87-88 são atribuídos a eles.

k. Este Sl e o seguinte (que parecem constituir uma unidade?) são uma "oração individual de pedido de socorro", cf. Introd.

l. Lit. *ser visto em face de Deus* (cf. por ex. 84,8; Ex 23,15.17; Is 1,12); talvez se trate de uma correção teológica baseada na impossibilidade de ver a Deus (Ex 33,20); alguns mss. hebr., sir., aram., e um ms. latino: *ver... a Deus*; cf. Sl 17,15; 11,7; 27,4; Ap 22,4.

m. Lit. *Eu derramo sobre mim minha "alma"*, cf. 1Sm 1,15; Jd 30,16; Sl 62,9; 102,1; 142,3; a expressão visa tanto o cansaço moral como o deprimimento físico (Lm 2,12).

n. Tradução incerta; aram. *em pessoa no lugar coberto* (27,5); gr. *porque penetrarei no lugar do tabernáculo*.

o. Com Áquila; tradução incerta; gr. *(tabernáculo) magnífico*.

p. Lit. *do Pequeno Monte*; identificação desconhecida.

q. Lit. *dava ordens a...*

r. Tradução incerta; lit. *e durante a noite o seu canto estava comigo*, (como) uma oração ao Deus da minha vida.

Por que ir-me embora, tristonho
e pressionado pelo inimigo?"

43,2

¹¹ Os membros do meu corpo estão machucados,
meus adversários me insultam,
dizendo-me todo o dia:
"Onde está o teu Deus?"

¹² Por que te curvares, minh'alma,
por que gemeres sobre mim?
Espera em Deus!
Sim, ainda o celebrarei,
a ele, a salvação da minha face e meu Deus.

SALMO 43 (42)

¹ Ó Deus, faze-me justiça
e defende a minha causa
contra os infiéis.

74,22;
119,154

Liberta-me do homem enganador e criminoso.

² Ó Deus, minha fortaleza,
por que me rejeitaste?
Por que ir-me embora, tristonho
e pressionado pelo inimigo?

44,10.24
60,12; 74,1
42,10

³ Envia tua luz e tua verdade:
elas me guiarão,
me farão chegar à tua montanha santa
e às tuas moradas.

⁴ Chegarei ao altar de Deus,
ao Deus que me faz dançar de alegria*,
e eu te celebrarei com a cítara,
Deus, meu Deus!

⁵ Por que te curvares, minh'alma,
por que gemeres sobre mim?
Espera em Deus!
Sim, eu ainda o celebrarei,
a ele, a salvação de minha face e meu Deus.

42,6.12

SALMO 44 (43)

¹ *Do mestre de coro, dos filhos de Qôrah, instrução.*

² Ó Deus, ouvimos com nossos próprios ouvidos¹
— nossos antepassados no-lo contaram —
a façanha que realizaste no tempo deles,
no tempo de outrora.

78,3

³ Para implantá-los, com tua mão expropriaste nações,
e para expandi-los, arruinaste povos.

78,55

80,9

s. Lit. ao Deus da minha jubilosa alegria; gr. e sir. a Deus que
alegra a minha juventude.

t. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf.
Introd.

Dt 8,17-18

⁴ Não foi pela sua espada que se tornaram donos da terra,
não foi seu braço que lhes deu a vitória
mas a tua destra, o braço e a luz da tua face,
pois tu os amavas.

Os 1,7

74,12

⁵ Ó Deus, tu que és meu rei,
comanda, e Jacó vencerá^u.

1Rs 22,11

60,14;

108,14

⁶ Graças a ti destroçamos nossos adversários,
pelo teu nome calcamos aos pés nossos agressores.

⁷ Não punha minha confiança no meu arco,
minha espada não me dava vitória.

37,39-40

132,18

⁸ Tu nos fizeste vencer nossos adversários,
e desonraste nossos inimigos.

⁹ Todos os dias cantávamos os louvores de Deus,
celebrando sem cessar o teu nome.

Pausa

60,12

¹⁰ E no entanto, tu nos rejeitaste e de nós escarneceste,
já não sais com os nossos exércitos.

Jz 2,14

¹¹ Tu nos fazes recuar diante do adversário,
e nossos inimigos levaram os despojos.

Lv 26,33

¹² Entregas-nos como ovelhas de corte,
dispersaste-nos entre as nações.

Is 52,3

¹³ Cedes o teu povo sem benefícios,
e nada ganhaste em vendê-lo.

79,4

¹⁴ Tu nos expões aos ultrajes dos nossos vizinhos,
à zombaria e aos risos dos que nos cercam.

69,12

¹⁵ Fazes de nós uma pilhéria entre as nações,
e diante de nós os povos levantam os ombros*.

69,8

¹⁶ O dia inteiro tenho diante de mim o meu opróbrio,
e a vergonha cobre o meu rosto.

¹⁷ Sob os gritos de ultraje e de blasfêmia*,
em face de um inimigo vingativo.

¹⁸ Tudo isto nos acontece, e nós não te esquecemos,
não desmentimos a tua aliança:

¹⁹ Nosso coração não recuou,
nossos passos não se desviaram do teu caminho,

²⁰ quando nos esmagaste na terra dos chacais
e com a sombra da morte nos cobriste.

²¹ Tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus,
estendido a mão para um deus estrangeiro,

²² Deus não teria notado,
ele que conhece os segredos do coração?

Jr 17,10

Rm 8,36

²³ Por ti* nos matam todos os dias,
e nos tratam como ovelhas de abate!

Is 51,9

²⁴ Acorda, Senhor! Por que dormes?
Sai do teu sono, não nos rejeites para sempre!

u. Lit. *ordena as vitórias de Jacó*. Versões: *que decidias as vitórias de Jacó*.

v. Lit. *um meneio de cabeça entre os povos*.

w. Lit. *sob a voz daquele que ultraja e blasfema*.

x. Todas as versões interpretam: *por causa de ti*, mas o hebr. poderia também ser traduzido: *contra ti*, e exprimir a idéia de que os tormentos infligidos aos povos são ofensas ao próprio Deus.

- ²⁵ Por que escondes a tua face
e esqueces nossa desgraça e nossa opressão? 10,11
- ²⁶ Nossa garganta se arrasta no pó,
nosso ventre está colado ao solo. 119,25
- ²⁷ Levanta-te! Socorro!
Resgata-nos em nome da tua fidelidade! 3,8; 35,2

SALMO 45 (44)

- ¹ *Do mestre de coro, sobre os lírios^y; dos filhos de Qôrah. Instrução: canto de amor^z.*
- ² Com o coração vibrando em lindas palavras^a,
declamo meus poemas em honra de um rei.
Minha língua seja a pena de um hábil escritor!
- ³ Tu és o mais belo dos homens,
a graça escorre dos teus lábios;
por isso Deus te abençoou para sempre. Ez 28,12,17
- ⁴ Ó bravo, cinge tua espada no flanco,
teu esplendor e teu brilho.
- ⁵ Com brilho, cavalga e triunfa
pela causa verdadeira
e a justa clemência.
- Que a tua direita lance o terror^b,
⁶ tuas flechas farpadas.
A teus pés cairão povos,
os inimigos do rei flechados em pleno coração^c.
- ⁷ Ó Deus^d, teu trono é eterno,
teu cetro real é um cetro de retidão. Is 11,3-5
- ⁸ Amas a justiça, detestas o mal,
por isso Deus, teu Deus, te ungiu com um óleo de alegria,
de preferência a teus companheiros, ISm 16, 6-13
- ⁹ Tuas vestes são pura mirra, aloés e canela.
Saindo dos palácios de marfim, melodias^e te alegram. 1Rs 22,39
- ¹⁰ Filhas de reis ali estão com as tuas jóias^f,
e de pé à tua direita, a dama^a com ouro de Ofir^h. Ct 6,8

y. Alguns opinam que o termo hebr. designa um instrumento musical; gr. *para aqueles que serão transformados*.

z. Ou então: *canto dos bem-amados*; gr. *para o bem-amado*.

a. Sobre os "salmos régios", cf. Intro.

b. Tradução bem incerta; lit. talvez: *que a tua destra te faça desfregar (golpes) terríveis*. Jerônimo e Ibn Ezra interpretam: *que a tua direita te ensine (golpes) terríveis*; gr. *tua direita te guiará miraculosamente*.

c. Lit. *no coração dos inimigos do rei!*, frase exclamativa.

d. Deus, palavra que por vezes é aplicada a homens (cf. Ex 4,16), parece aqui designar o rei. Segundo as versões, o v. 7 se dirige a Deus. Contudo, Hb 1,8-9 o aplica ao Filho. Os modernos muitas vezes têm interpretado teu trono é (o) de Deus (cf. 1Cr 29,23), ou então "teu trono é (como o de) Deus".

e. Tradução incerta, pois o nome no plural assim traduzido (lit. *cordas* de um instrumento musical, cf. Sl 150,4) tem uma forma irregular que o assemelha a uma expressão que se pode traduzir por *de mim* ou *por mim* (assim o sir.). Gr., Jerônimo (e Ibn Ezra): *dos palácios de marfim pelos quais foste alegrado (saem filhas de reis)*; Rashi interpreta: "O que vem de Mim (i. é., o paraíso) te alegrará mais que os palácios de marfim".

f. Versões: ... *em tua honra*, exceto sir.: *uma filha de rei (lá) permanece com honra*.

g. O nome traduzido por *dama* encontra-se exclusivamente em Ne 2,6 e parece de origem babilônica. Significa, ao que parece, "a do palácio". Aqui poderia designar a rainha-mãe (cf. 1Rs 2,19).

h. *Ofir*: cf. 1Rs 9,28 nota.

- Rt 1,16 ¹¹ Ouve, minha filha! Olha e presta atenção:
esquece teu povo e tua família;
- Ef 5,24 ¹² que o rei se encante com a tua beleza!
É ele o teu senhor, prostra-te diante dele.
- 72,10-11 ¹³ Então, filha de Tiro¹, os mais ricos dentre o povo
te adularão com presentes.
- ¹⁴ Majestosa, a filha de rei está nos aposentos
vestida de brocado de ouro.
- ¹⁵ Enfeitada com mil cores, ela é conduzida para o rei;
as donzelas do seu séquito, suas companheiras,
são introduzidas junto de ti.
- ¹⁶ Em um cortejo alegre,
entram no palácio real.
- ¹⁷ Teus filhos substituirão teus pais,
farás deles príncipes sobre toda a terra.
- ¹⁸ Recordarei teu nome, em todas as eras;
e também os povos te celebrarão para sempre.

SALMO 46 (45)

¹ *Do mestre de coro; dos filhos de Qôrah; 'al-'alamot¹, canto.*

- 62,9 ² Deus é para nós um refúgio e um forte^k,
um socorro sempre oferecido na angústia.
- Is 54,10;
Jô 9,5-6 ³ Por isso nada tememos quando a terra estremece,
e quando as montanhas se abalam no seio dos mares^l.
- 93,3 ⁴ Quando espumam suas águas rugem,
elas se levantam, e as montanhas tremem.
- 78,68 ⁵ Mas há um rio^m cujos braços alegam a cidade de Deus,
a mais santa das moradas do Altíssimo.
- 68,17;
125,1 ⁶ Deus está no meio dela; ela não é abalada.
Deus a socorre desde o despertar do dia:
- Ap 11,18
29,3 ⁷ Nações rugiram, reinos se abalaram;
ele ergueu a voz, e a terra derreteu-se.
- Is 7,14;
8,10
9,10; 48,4 ⁸ O SENHOR de todo poder está conosco.
Temos por cidadela o Deus de Jacó.
- 66,5 ⁹ Ide ver os atos do SENHOR,
as devastações que fez na terra.
- ¹⁰ Ele acaba com os combates até os confins da terra,
ele rompe o arco, quebra a lança,
incendeia os carrosⁿ.

Pausa

Pausa

i. Esta alusão induziu a crer que este Sl seja um epitalâmio para as núpcias de Acab e de Izêbel de Tiro (1Rs 16,31). Entretanto, *filha de Tiro* poderia designar simplesmente a riqueza da noiva.

j. *'al-'alamot* é traduzido literalmente para as donzelas por Áquila e Jerônimo. Gr.: para os segredos reflete a mesma palavra hebr., mas a explica por uma raiz homônima. Alguns têm relacionado este termo com o título misterioso *'almot* do Sl 9,1.

k. Quanto aos "cânticos de Sião", cf. Introd.

l. Lit. *quando as montanhas são abaladas no seio dos mares*. As montanhas têm suas raízes nas águas inferiores.

m. As grandes águas que ameaçam o mundo opõem-se a torrente do Cedron. Ez 47 vê neste riacho o rio que fecundará a terra renovada.

n. Com uma vocalização levemente diferente, gr. e aram. têm *escudos* em lugar de *carros*.

¹¹ Abandonai as armas! Reconhecei que eu sou Deus!

Dt 32,39

Eu triunfo sobre as nações, triunfo sobre a terra.

¹² O SENHOR de todo poder está conosco.

Temos por cidadela o Deus de Jacó.

Pausa

SALMO 47 (46)

¹ *Do mestre de coro; dos filhos de Qôrah; salmo.*

² Povos, batei palmas^a, todos vós,
aclamai a Deus com alegre aplauso.

Sf 3,14-15

³ Pois o SENHOR, o Altíssimo, é terrível;
ele é o grande rei sobre a terra inteira.

68,36;
76,8

⁴ Submete povos a nós
e põe nações aos nossos pés.

⁵ Escolhe para nós um patrimônio,
orgulho de Jacó, seu bem-amado.

Pausa

⁶ Deus subiu entre as ovações,
ao som da trompa, ele, o SENHOR.

24,7-10

⁷ Cantai a Deus, cantai!
Cantai para o nosso rei, cantai!

30,5

⁸ O rei da terra inteira é Deus.
Cantai para dá-lo a conhecer^a.

⁹ Deus reina sobre as nações;
Deus sentou-se em seu trono sagrado.

Is 6,1

¹⁰ Os príncipes dos povos reuniram-se:
é o povo^a do Deus de Abraão.
Pois os escudos^r da terra pertencem a Deus,
o sobreexaltado.

Is 2,2

SALMO 48 (47)

¹ *Canto, salmo. Dos filhos de Qôrah^a.*

² Ele é grande, o SENHOR, ele é cumulado de louvores¹,
na cidade do nosso Deus, sua montanha santa.

96,4

³ Bela e altaneira, ela alegre a terra inteira^a.
O Extremo Norte^a é a montanha de Sião,
a cidade do grande rei.

Mt 5,35

⁴ Nos palácios de Sião,
Deus é conhecido como a cidadela^a.

a. Si aparentado aos "cantos do reino", cf. Introd.

p. Lit. *cantai uma instrução*; cf. Introd.

q. Em lugar de *povo*, gr. e sir. traduziram "com": *os príncipes dos povos se reuniram com o Deus de Abraão*, confusão fácil em hebraico.

r. Metáfora que designa os reis. Cf. 84,10; 89,19.

s. Gr. acrescenta: *no segundo dia depois do sábado*.

t. Quanto aos "cânticos de Sião", cf. Introd.

u. Lit. *bela de elevação, alegria da terra inteira*. Possivelmente o v. enumere títulos de honra atribuídos à montanha de Sião.

v. Lit. *as extremidades do Sefon*. A mesma expressão denota o país longínquo do qual virá Gog segundo Ez 38,6.15 e 39,2. Mas em Is 14,13, ela designa a montanha mítica na qual se realiza a assembléia dos deuses. *Sefon* é o nome da montanha na qual reside Báal, segundo os poemas mitológicos de Ugarit. Embora o Templo tenha sido edificado ao norte da Jerusalém antiga, este v. fornece muito mais do que uma simples indicação topográfica. Mostra que se transferiu ao Deus de Israel um motivo mítico de origem cananéia.

w. Sugere-se talvez que, por mais imponentes que sejam os palácios de Sião, a verdadeira cidadela é Deus (cf. 9,10; 18,3;

- 68,13 ⁵ Reis se haviam unido;
juntos avançavam.
- Ex 15,14 ⁶ Mas viram: imediatamente, boquiabertos,
apavorados, fugiram.
- Jr 18,17 ⁷ Um tremor os pregou ali mesmo,
retorcidos como mulher em dores de parto.
- ⁸ Era como o vento do Oriente,
quando arrebenta as naves de Tarshish^a.
- ⁹ O que ouvíramos dizer, vimo-lo
na cidade do SENHOR de todo poder,
na cidade do nosso Deus:
Deus a consolida para sempre.

Pausa

- 113,3 ¹⁰ Ó Deus, nós revivemos a tua fidelidade
no meio de teu templo^r.
- 97,8 ¹¹ Teu louvor, como teu nome, ó Deus,
cobre a extensão da terra^r.
Tua destra está cheia de justiça;
- ¹² a montanha de Sião rejubila,
as cidades^a de Judá exultam
por causa dos teus julgamentos.
- ¹³ Desfilai sobre as muralhas de Sião;
contai-lhe as torres.
- 78,4 ¹⁴ Admirai sua defesa,
enumerai^b seus palácios,
para anunciar à geração seguinte
- ¹⁵ que este Deus é nosso Deus para sempre.
Ele nos conduz^c...

SALMO 49 (48)

- Pr 8,4 ¹ *Do mestre de coro, dos filhos de Qôrah, salmo.*
- ² Povos, ouvi isto vós todos^d;
habitantes do universo, prestai ouvido todos vós,
- ³ gente do povo, gente ilustre,
ricos e pobres, todos juntos.
- ⁴ Minha boca profere palavras de sabedoria,
Meu coração murmura propósitos de bom senso.
- ⁵ Ouvidos atentos ao provérbio;
em minha cítara, resolvo um enigma.

46,8.12; 59,10.17-18; 62,3.7; 144,2). Gr., Jerônimo: ... *é reconhecido quando socorre*.

x. *Tarshish* é para os israelitas o Extremo Ocidente. As *naves de Tarshish* são os navios que se atrevem a enfrentar o alto mar. Cf. 1Rs 10,22.

y. Lit. *nós (nos)* representamos a tua fidelidade. Via de regra, a expressão é interpretada como uma operação intelectual ("pensamos na vossa fidelidade"), mas poderia tratar-se de uma alusão a representações litúrgicas.

z. Lit. *teu nome, ó Deus, assim como teu louvor (vai) até as*

extremidades da terra.

a. Lit. *as filhas de Judá*; mas "filha" pode designar uma localidade dependente de uma metrópole (Nm 21,25.32; Js 15,45); assim entende Ibn Ezra.

b. Este verbo só se encontra no hebraico pós-bíblico, com o sentido de "separar"; gr.: *reparti*; Símaco: *medi*; sir.: *destruí*.

c. O Sl termina com uma fórmula enigmática: *al mut*; gr.: *para todo sempre*; Jerônimo: *na morte*; sir.: *para além da morte*; aram.: *como no tempo da nossa juventude*.

d. Quanto aos "salmos de instrução", ver Introd.

- ⁶ Por que temer, nos dias infelizes,
a malícia dos espertalhões que me cercam*,
- ⁷ e os que contam com sua fortuna
e se vangloriam da sua grande riqueza? Jr 9,22;
Lc 12,16-21
- ⁸ Um homem é incapaz de redimir um outro,
ou de pagar a Deus o seu^f resgate.
- ⁹ Qualquer que seja o preço pago por uma vida,
ela terminará para sempre*. Mt 16,26
- ¹⁰ Continuará ele a viver indefinidamente?
Acaso jamais desceria à cova?
- ¹¹ Que se veja, então, os sábios morrerem,
perecerem junto com o imbecil e o insensato,
deixando sua fortuna a outros. Sr 11,19
- ¹² Tinham por eternas suas casas^h,
imperecíveis suas moradas,
e às glebas deram seu nomeⁱ!
- ¹³ O homem, com suas honras, não passa da noite:
assemelha-se ao animal que se calou. Ecl 3,18-21
- ¹⁴ Eis o destino dos que confiam cegamente em si,
o futuro dos que se comprazem nos seus discursos: Pausa
- ¹⁵ Estão encurralados no Sheol como ovelhas,
A Morte os leva a pastar.
No dia seguinte, homens retos os calcam aos pés^j,
seus traços^k apagam-se no Sheol,
estão longe dos seus palácios^l.
- ¹⁶ Mas Deus resgatará a minha vida do poder do Sheol;
sim, Ele me tomará. Os 13,14
- ¹⁷ Não temas, quando um homem se enriquece
e quando aumenta a glória da sua casa.
- ¹⁸ Pois ao morrer, nada leva consigo,
e a sua glória não o acompanha. 1Tm 6,7
- ¹⁹ Enquanto vivia, ele se felicitava:
“Aplaudem-te, pois tudo vai bem contigo”.
- ²⁰ Mas ele se juntará ao círculo dos seus antepassados,
que nunca mais verão a luz. Jó 10,21-22

e. Texto obscuro; lit. *a malícia dos meus calcanhares* (isto é, “dos que estão no meu encaixo”) *me cerca*; em hebr. a referência ao *calcanhar* evoca o *embuste* (cf. Os 12,2-8).

f. O possessivo é equívoco. Pode referir-se ao “outro”, lit. o *irmão* (Jerônimo) ou ao “homem”, devendo-se então interpretar “seu próprio resgate” (gr.).

g. O verbo traduzido por *cessar* pode também significar “faltar”. Neste caso, o sujeito do verbo seria “o preço pago”, e o v. significaria: “É alto o preço que seria preciso pagar pela vida deles, e este preço nunca se tem”. Outra tradução: *É dispendioso o preço de resgate da vida deles; sempre faltará (dinheiro)*.

h. Tradução incerta. Os comentários rabínicos interpretam: *qirbām*, “dentro deles mesmos”, mas as versões leram *qirbām*.

“sua sepultura” e traduzem: *sua sepultura é sua moradia para sempre*.

i. *Dar seu nome* a uma terra significaria assegurar-se a propriedade dela para sempre. Cf. 2Sm 12,28.

j. As versões interpretaram: *dominarão sobre eles*; mas o sentido de “calcar aos pés” está bem atestado para o verbo (Jl 4,13).

k. Outra leitura: *o seu rochedo*, isto é, o poder deles; gr.: *o seu socorro* ou *o seu deus* (cf. Dt 32,31).

l. Lit. *longe de uma habitação para ele*; texto obscuro; sir.: *estarão longe da sua glória*; a paráfrase aram. supõe: *por causa de sua morada* (o templo de Jerusalém destruído pelos inimigos).

- ²¹ O homem com as suas honras, mas sem compreender^m,
assemelha-se ao animal emudecido.

SALMO 50 (49)

¹ *Salmo; de Asaf.^a*

- DI 10,17 O Deus dos deuses, o SENHOR, falou;
ele convocou a terra,
48,3 do Nascente ao Poente.
- DI 33,2 ² De Sião, beleza perfeita,
Deus resplandece.
- 83,2 ³ Que o nosso Deus venha
e não se cale!
DI 32,22: Diante dele há um fogo que devora,
Dn 7,10 ao redor dele, o furacão.
Jó 40,6
- ⁴ Ele convoca os céus lá do alto
e a terra, para o julgamento do seu povo:
- Ex 24,4-8 ⁵ Reuni os meus fiéis,
que fizeram aliança comigo através de um sacrifício.
- ⁶ E os céus proclamam a sua justiça:
O juiz, é Deus!
- 81,9 ⁷ Escuta, meu povo, vou falar;
Israel, vou testemunhar contra ti:
"Deus sou eu, teu Deus!"
- ⁸ Não é pelos teus sacrifícios que te acuso;
teus holocaustos estão sempre diante de mim.
- ⁹ Não tirarei touro da tua casa,
nem bodes do teu cercado,
- ¹⁰ pois a mim pertencem todos os animais das florestas,
bem como os animais das pastagens altas^p.
- ¹¹ Conheço todos os pássaros das montanhas,
e a fauna selvagem me pertence.
- 24,1 ¹² Tivesse eu fome, não to diria,
pois a mim pertence o mundo e o que ele contém.
- ¹³ Por acaso irei comer a carne dos touros
e beber o sangue dos bodes?
- Os 14,3; ¹⁴ Oferece a Deus o louvor como sacrifício^a
Hb 13,15 e cumpre tuas promessas para com o Altíssimo.
Mt 5,33
- ¹⁵ Depois, chama-me no dia da aflição,
eu te libertarei, tu me glorificarás.

Pausa

m. Há jogo de palavras entre *lô yabin*, "ele não compreende", do v. 21, e *bul yalin*, "ele não passa da noite", do v. 13. Este jogo de palavras é sacrificado nas versões que dão a mesma tradução para os vv. 13 e 21 (gr. *o homem [cercado] de honras não compreende*).

n. *Asaf* é o ancestral de uma confraria de cantores levitas (1Cr 6,24). Os SI 50 e 73-83 são atribuídos a ele.

o. Espécie de "exortação profética", cf. Introd.

p. Lit. *os animais nas montanhas dos bois*. Gr. e sir.: *os animais das montanhas e os bois*. Áquila, Jerônimo e aram. interpretaram "mil" em lugar de "bois".

q. Com aram. Ou então: *oferece a Deus o sacrifício de louvor*; idem no v. 23.

- ¹⁶ Deus diz ao ímpio:
Para que recitar meus mandamentos
e ter na boca a minha aliança,
- ¹⁷ tu que detestas a retidão
e rejeitas as minhas palavras?
- ¹⁸ Se vês um ladrão, tornas-te seu cúmplice,
juntas-te aos adúlteros. Rm 2,
21-22
- ¹⁹ Entregas tua língua à maldade,
associas tua língua à mentira.
- ²⁰ Tu te sentas, falas contra teu irmão,
suas o filho de tua mãe.
- ²¹ Eis o que fizeste; calar-me-ei?
Achas que sou como tu?
Eu te acuso, nada escondo a teus olhos.
- ²² Compreendei isto, vós que esqueceis a Deus!
Do contrário, eu despedaço e ninguém libertará. Os 5,14
- ²³ Quem oferece o louvor como sacrifício me glorifica,
e toma o caminho^a no qual lhe mostrarei a salvação de Deus. 91,16

SALMO 51 (50)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David*

² *Quando o profeta Natan foi ter com ele, depois de David ter estado com Bat-Sheba¹.*

- ³ Tem piedade de mim, meu Deus, segundo a tua fidelidade;
segundo a tua grande misericórdia, apaga minha culpa. 41,5
Is 43,25;
44,22
Ez 36,25
Ez 37,23
- ⁴ Lava-me por completo da minha iniquidade
e purifica-me do meu pecado. Jó 31,33
- ⁵ Pois reconheço minha culpa,
tenho continuamente presente o meu pecado.
- ⁶ Pequei contra ti, e só contra ti,
fiz o que é mau diante dos teus olhos;
por isso serás justo quando falares,
irrepreensível quando julgares^a. Lc 15,18
- ⁷ Fui gerado na iniquidade
e, no pecado, concebido dos ardores^a de minha mãe. Jo 9,34
Rm 7,14
- ⁸ Tu amas a verdade nas trevas^a,
na minha noite, me fazes conhecer a sabedoria^a.
- ⁹ Tira o meu pecado com o hissopo^a e estarei puro;
lava-me, e serei mais branco do que a neve. Is 1,18

r. O texto hebraico, muito difícil, parece reunir duas variantes: *Imaginas que eu seja como tu* (assim interpretam as versões), e *Imaginas ser Eu-Sou*, tendo presente que "Eu-Sou" é o nome com o qual Deus se designa a si mesmo em Ex 3,14.

s. Em lugar de *tomar o caminho*, gr. e sir. *leram lá está o caminho*: Símaco e Jerônimo: *aquele cuja conduta é íntegra*.

t. Este salmo penitencial tem sido associado ao episódio de 2Sm 12 por se ter identificado a David o pecador que se declara pronto a ensinar o bom caminho aos culpados (v. 15) e porque o adultério cometido com Bat-Sheba foi o maior pecado do rei.

Este Sl apresenta parentesco com as "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

u. Gr. e sir. *assim serás reconhecido justo em tuas palavras e triunfarás quando te julgarem*. Cf. Rm 3,4.

v. Lit. *minha mãe me concebeu em calor*. O verbo assim traduzido só se encontra em Gn 30,41, para descrever o cio das ovelhas.

w. Termo de sentido e etimologia muito incertos; aram: *nos rins*.

x. Gr.: *Eis que amaste a verdade e me fizeste ver as coisas invisíveis e recônditas da tua sabedoria*.

y. Quanto ao hissopo, cf. Ex 12,22.

Ez 37,1-14

Ez 11,19;
36,26;

2Cor 5,17

Is 63,11

- ¹⁰ Faze com que eu ouça a alegria,
e que dancem os ossos que trituraste.
- ¹¹ Desvia o teu olhar dos meus pecados,
apaga todas as minhas iniquidades.
- ¹² Cria para mim um coração puro, ó Deus;
enraíza em mim um espírito novo.
- ¹³ Não me rejeites para longe de ti,
não retires de mim o teu espírito santo;
- ¹⁴ restitui-me a alegria de ser salvo,
e que me sustente o espírito generoso^a!
- ¹⁵ Ensinarei o teu caminho aos culpados,
e os pecadores retornarão a ti.
- ¹⁶ Meu Deus, Deus salvador, liberta-me do sangue^b;
que a minha língua brade a tua justiça!
- ¹⁷ Senhor, abre os meus lábios,
e minha boca proclamará o teu louvor.
- ¹⁸ Não gostarias que eu oferecesse um sacrifício,
não aceitarias holocausto^b.
- ¹⁹ O sacrifício que Deus quer é um espírito contrito;
um coração despedaçado e triturado, ó Deus, não rejeitarás.
- ²⁰ Faze o bem a Sião,
reconstrói as muralhas de Jerusalém.
- ²¹ Então aprovarás os sacrifícios prescritos,
da oferenda total^c e do holocausto;
então oferecer-se-ão touros no teu altar.

Ez 6,9

102,14-18

4,6

SALMO 52 (51)

1Sm 21,8

- ¹ *Do mestre de coro. Instrução de David.*
- ² *Quando Doeg, o edomita, veio anunciar a Saul: "David entrou na casa de Ahimélek".*
- ³ Por que, ó fanfarrão, gloriar-te de praticar o mal^d?
A fidelidade de Deus é para sempre!
- ⁴ Tua língua premedita crimes;
ela é pérfida como uma navalha afiada;
ela é hábil para enganar.
- ⁵ Ao bem preferes o mal,
e à franqueza preferes a mentira.
- ⁶ Amas toda palavra que destrói,
ó língua pérfida!
- ⁷ O próprio Deus te arruinará para sempre,
ele te tirará, te arrancará de tua tenda,
erradicar-te-á da terra dos vivos.

Pausa

Pausa

Jó 18,14

Pr 2,22

z. Generoso pode entender-se tanto do espírito humano bem disposto quanto — e preferencialmente — do espírito divino generosamente dispensado, ou fonte de generosidade.

a. Pode-se interpretar: "faz com que meu sangue não seja derramado" (aram.), ou "purifica-me do sangue que derramei" (comentários rabínicos que vêem nessas palavras uma alusão ao

assassínio de Uriá).

b. Gr.: Se quisesses um sacrifício, eu to daria. Não aceitarás holocausto.

c. Quanto à oferenda total, cf. Lv 6,15.

d. Quanto aos salmos aparentados às "exortações proféticas". cf. Introd.

- ⁸ Então os justos verão e temerão;
hã de rir-se dele; 40,4
- ⁹ “Ei-lo aí, esse valentão,
que não tinha a Deus por fortaleza,
mas confiava na sua grande riqueza,
prevalecia-se de seus crimes!” Pr 11,28
- ¹⁰ Quanto a mim, qual oliveira verdejante 1,3; 92,13
na casa de Deus,
confio na fidelidade de Deus 13,6
para todo o sempre.
- ¹¹ Dar-te-ei graças sempre, pois tu agiste;
tenho esperança em teu nome, pois ele é bom
na presença de teus fiéis.

SALMO 53^f (52)

- ¹ *Do mestre de coro, ‘al-mahalat^a. Instrução de David.* SI 14.
- ² Os insensatos dizem a si mesmos:
“Deus não há!”
Corrompidos, perverteram-se em horrores;
não há um que faça o bem.
- ³ Lá dos céus, Deus se inclinou para os homens,
para ver se há algum ajuizado
que busque a Deus.
- ⁴ Todos transviados, uniram-se no vício;
não há um que faça o bem,
nem um único não há.
- ⁵ Como são ignorantes esses malfeitores,
que devoravam meu povo ao comer seu pão,
e não invocavam a Deus!
- ⁶ E se puseram a tremer
onde não havia por que tremer,
porque Deus dispersou os ossos dos que te sitiavam.
Tu escarneceste deles, pois Deus os repeliu^b.
- ⁷ Quem, desde Sião, dá vitórias a Israel?
Quando Deus reduz os cativos do seu povo,
Jacó exulta, Israel está em alegria.

SALMO 54 (53)

- ¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de cordas. Instrução de David.*
- ² *Quando os zifitas vieram dizer a Saul: “David não está escondido entre nós?”^c*

e. *Géber* é traduzido por “homem” nas versões, mas a palavra faz eco a *gibbor*, “fanfarrão”, do v. 3.

f. Este salmo retoma a “exortação profética” do SI 14 (cf. Introd.), dele diferindo pelo título, pela substituição de “Senhor” por “Deus” e pelo teor do v. 6 (correspondente aos vv. 5-6 do SI 14).

g. Termo técnico que retoma no SI 88,1. Gr. o traduz como

um nome próprio (cf. Gn 28,9). As outras versões gregas e Jerônimo: *em coro*.

h. Os malfeitores puseram-se a tremer sem motivo visível, tomados por um terror pânico. Diversamente do SI 14,5-6, este v. se dirige a um representante da nação.

i. Esta oração para obter a ajuda divina está associada a um

- ³ Ó Deus, salva-me pelo teu nome!¹
por tua bravura, faze-me justiça.
- ⁴ Ó Deus, escuta minha prece,
presta ouvidos à palavra da minha boca.
- 86,14 ⁵ Pois estrangeiros me atacaram
e tiranos querem tirar-me a vida.
Não levaram Deus em conta^k.
- Pausa*
- ⁶ Eis que Deus é minha ajuda,
o Senhor está com os que me apóiam^l.
- ⁷ Que retribua com o mal àqueles^m que me espreitam!
Pela tua fidelidade, extermina-os!
- 52,11 ⁸ De bom grado te oferecerei sacrifícios;
SENHOR, celebrarei o teu nome, pois ele é bom:
- 118,7 ⁹ Eleⁿ me livrou de toda aflição,
e eu olho com desdém para meus inimigos.

SALMO 55 (54)

¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de cordas. Instrução de David.*

- 17,1; 86,6 ² Ó Deus, presta ouvido à minha prece^o;
quando te suplico, não te ocultes.
- ³ Dá-me atenção e responde-me.
Perturbado, queixo-me e divago,
⁴ aos gritos de um inimigo
e sob a pressão de um ímpio;
pois eles derramam sobre mim maldades
e me atacam encolerizados.
- Jó 4,14 ⁵ Meu coração se contrai em meu peito;
terrores mortais caíam sobre mim,
⁶ medo e tremor me penetram,
fico transido de calafrios.
- ⁷ Então eu disse: “Ah, se tivesse asas de pomba!
Voaria daqui para encontrar um abrigo.
- Jr 9,1 ⁸ Sim, eu fugiria para longe,
para passar a noite no deserto.
- Pausa*
- ⁹ Buscaria apressadamente um refúgio
contra o vento da tempestade.”
- Gn 11,7 ¹⁰ Senhor, semeia confusão
e divisão na fala deles.
Pois vi violência e discórdia na cidade,

momento da carreira de David perseguido por Saul (1Sm 23,19).
Sir. insere o salmo noutra situação: *quando David ordenou a Ioab que atacasse Absalão* (2Sm 18).

j. Quanto às “orações individuais de pedido de socorro”. cf. Introd.

k. Lit. *Não puseram Deus diante de si*; cf. Sl 16,8.

l. Versões (exceto aram.): *O Senhor é meu apoio*.

m. Texto lido e versões (exceto aram.); texto escrito (e aram.): *o mal voltará sobre...*

n. O sujeito é “o nome do Senhor”; eco do v. 3.

o. Quanto às “orações individuais de pedido de socorro”. cf. Introd.

- ¹¹ dia e noite elas rondam
sobre as muralhas deles,
Lá dentro, maldade e delito;
- ¹² lá dentro, crimes;
brutalidade e embuste
não abandonam as suas ruas.
- ¹³ Não é um inimigo que me insulta:
eu o suportaria.
Não é um adversário que triunfa sobre mim:
eu me esconderia dele.
- ¹⁴ És tu, um homem da minha classe,
meu familiar, meu íntimo.
- ¹⁵ Reinava entre nós apazível confiança^p,
caminhávamos concordes^q na casa de Deus.
- ¹⁶ Caia a ruína sobre eles!
Desçam vivos ao Sheol,
pois a maldade está com eles; neles ela está^r.
- ¹⁷ Quanto a mim, apelo a Deus,
e o SENHOR me salvará.
- ¹⁸ De tarde, de manhã, ao meio-dia,
confrangido, eu me queixo.
Ele ouviu a minha voz,
- ¹⁹ ele me libertou, me guardou são e salvo,
quando me combatiam,
quando havia multidão junto a mim^t.
- ²⁰ Que Deus ouça e os humilhe,
ele que reina desde o início!
Eles não mudarão,
não temem a Deus.
- ²¹ Este homem levantou a mão contra seus amigos^u,
profanou sua aliança.
- ²² Sua boca aparenta união,
mas seu coração faz a guerra.
Suas palavras são mais doces que o óleo,
mas são punhais.
- ²³ Livra-te do teu fardo^v, confia-o ao SENHOR,
Ele te reconfortará,
Ele jamais deixará vacilar o justo^w.

41.10;
Jr 9,3

Nm 16,33

Dn 6,11

Pausa 29,10

5,10

57,5

1Pd 5,7

p. Lit. *Tornávamos doce a conversação.*

q. A palavra hebraica está muitas vezes associada a um verbo que significa "agitar-se"; daí as interpretações de Jerônimo: *no terror*, aram. *no tumulto*, e Rashi: *na multidão*. Mas gr., sir. e Ibn Ezra interpretam: *concordes*.

r. Tradução incerta. Há duas leituras tradicionais do hebr.: *devastações*, ou, com as versões: *que a morte venha sobre eles*. s. Tradução incerta, pois o termo traduzido por *a maldade* poderia também significar "as desgraças" (*quando as desgraças vierem...*); *com eles*: lit. *no lugar de sua morada* (Áquila, Símaco, Jerônimo: *no seu encontro*).

t. Lit. *pois eles eram multidão junto a mim*. Sir.: *pois eles estavam em litígio comigo*.

Os comentários rabínicos opinam que a multidão é a que assiste ao salmista (os israelitas ao lado de David, segundo Rashi; segundo Ibn Ezra, os anjos).

u. O hebr. não explicita o sujeito.

v. Tradução incerta de uma palavra que em parte alguma figura no hebr. bíblico, mas que o Talmud conhece no sentido de "fardo"; Gr., sir.: *tua preocupação*; Jerônimo: *teu amor*; aram. *tua esperança*.

w. Ou então: *Ele não deixará o justo vacilar para sempre*.

²⁴ E tu, ó Deus, os farás descer a um ossuário escancarado^a.
Os homens sanguinários e enganadores
não viverão a metade dos seus dias.
Eu, porém, confio em ti.

102.25

SALMO 56 (55)

¹ *Do mestre de coro; "al yônâ elém rehoqim"; de David, miktâm^a. Quando os filisteus se apoderaram dele em Gat.*

1Sm 21.
11-13

² Piedade, ó Deus! Pois um homem me importuna^a;
todo dia ele combate, ele me oprime.

³ Espiões me importunam todo dia,
mas lá nas alturas^b uma grande tropa luta por mim.

⁴ No dia em que tenho medo, confio em ti.

60.13

⁵ Em Deus, cuja palavra eu louvo,
em Deus confio, não tenho medo:
que poderia fazer-me um ser de carne?

⁶ Todo dia fazem-me sofrer^c,
só pensam em me prejudicar.

⁷ Eles provocam, espreitam
e observam os meus rastros
para atentar contra minha vida.

⁸ Por este mal, conseguiriam escapar?
Ó Deus, que a tua cólera abata essa gente!

Jr 18.23

⁹ Tu contaste meus passos de errante;
recolhe minhas lágrimas no teu odre.
Não está isto escrito nas tuas contas^d?

9.4

¹⁰ Meus inimigos baterão em retirada
no dia em que eu chamar;
eu sei, Deus está a meu favor.

¹¹ Em Deus, cujas palavras eu louvo
— no SENHOR, cujas palavras eu louvo —

¹² em Deus confio, não tenho medo:
que poderiam fazer a meu favor os homens^e?

¹³ Ó Deus, sinto-me obrigado pelos votos que fiz;
para ti cumprio os sacrifícios de louvor.

¹⁴ Pois me livraste da morte.
Porventura não preservaste meus pés da queda,

33.19;
116.8

x. Lit. *no poço da fossa* (dos infernos).

y. Lit. *sobre "a pomba do silêncio dos que estão longe"*, ou, mudando uma vogal: *sobre "a pomba dos deuses longínquos"*. Talvez seja a indicação de uma melodia na qual se cantava este salmo (cf. 22.1).

z. *Miktâm*: cf. 16.1.

a. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.
b. Águila, Jerônimo e aram. interpretam "altura" como um título de Deus no vocativo: *Altíssimo*. Esta é também a opinião de Rashi. Ibn Ezra pensa na grande multidão dos anjos do céu.

c. Tradução conjectural. Lit. *tornam minhas palavras* (ou meus

assuntos) dolorosas. Gr.: *eles menosprezam minhas palavras*; sir. *eles fazem complô contra mim*; aram. *eles se inquietam comigo*. Jerônimo: *eles me afligem com palavras*.

d. Lit. *Não está no teu livro?* Gr.: *põe minhas lágrimas diante de ti de acordo com a tua promessa*.

e. Este v. faz refrão com o v. 5. Traduzindo-se — como é possível fazer — *que me fariam os homens?*, corre-se o risco de perder de vista a idéia principal do salmo, a saber a afirmação de que a ajuda vinda de Deus ultrapassa qualquer comparação. A expressão *que fariam por mim os homens?* responde a esta outra: *Deus está a meu favor* (v. 10).

para que eu caminhe diante de Deus
à luz da vida?

Jó 33,30

SALMO 57 (56)

¹ *Do mestre de coro, "al-tashehet". De David, miktâm*. Quando ele fugia de Saul, na caverna^h.*

² Piedade, ó Deus! tem piedade de mim!
pois te tomei como refúgio;
e me refugio à sombra das tuas asas,
enquanto durar a desgraça. 17,8

³ Faço apelo a Deus, o Altíssimo,
ao Deus que tudo fará por mim: 138,8

⁴ Que lá dos céus ele me envie a salvação!
Aquele que me importuna blasfemou!
Que Deus envie sua fidelidade e sua verdade! *Pausa* 43,3

⁵ Posso deitar-me no meio de leões de fogo*,
no meio de gente cujos dentes são lanças e flechas,
cuja língua é espada afiada. 17,12
Dn 6,17
64,4

⁶ Ó Deus, levanta-te sobre os céus;
que tua glória domine toda a terra! 108,6

⁷ Na minha passagem, prepararam uma cilada:
eu me curvei!
Diante de mim cavaram uma armadilha:
caíam dentro. *Pausa* Lm 1,13
7,16

⁸ Com o coração firme, ó meu Deus,
com o coração firme,
vou cantar um hino: 108,2-6

⁹ Acorda, tu, minha glória;
acordai, harpa e cítara,
vou acordar a aurora.

¹⁰ Dar-te-ei graças entre os povos, Senhor:
cantar-te-ei entre as nações.

¹¹ Pois tua fidelidade se eleva até os céus
e tua verdade até as nuvens. 36,6

¹² Ó Deus, ergue-te sobre os céus;
que tua glória domine toda a terra!

SALMO 58 (57)

¹ *Do mestre de coro, "al-tashehet". De David, miktâm*.*

f. "al-tashehet": "não destruas"; talvez se trate das palavras iniciais de uma canção.

g. *Miktâm*: cf. 16,1.

h. Alusão à caverna de Adulâm (1Sm 22,1-2) ou à En-Guedi (1Sm 24,1-9); cf. 142,1.

i. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro". cf. Introd.

j. Versões: (Deus) insultou (ou insultará) aquele que me importuna.

k. Lit. leões que devoram (como uma chama). Áquila e Jerônimo: ferozes. Gr. e sir.: deitei-me conturbado.

l. Lit. minha garganta.

m. Cf. 57,1.

n. Cf. 16,1.

- 82,2 ² É verdade^a! Quando falais vós, a justiça emudece^p.
Filhos dos homens, julgais com retidão?
- ³ Não! Conscientemente, cometeis crimes:
sobre a terra, propagais^q a violência das vossas mãos.
- ⁴ Apenas concebidos, os maus são desencaminhados,
os mentirosos divagam desde o seu nascimento^r.
- DI 32,33 ⁵ Têm um veneno igual ao veneno da serpente;
são como a víbora surda, que fecha seu ouvido,
- Ecl 10,11 ⁶ que não obedece à voz dos hipnotizadores
e do mais fascinante encantador.
- 3,8 ⁷ Ó Deus! quebra-lhes os dentes na boca;
SENHOR, demole os dentes desses leões.
- J6 11,16 ⁸ Que passem como água que escorre!
- 18,15 ⁹ Que Deus ajuste suas flechas, e ei-los ceifados!
- J6 3,16 ⁹ Que sejam como a lesma que desliza na sua baba!
Como o feto abortado, que não vejam a luz do sol!
- ¹⁰ Antes que vossas panelas sintam a fogueira de espinhos,
tão vivo quanto a cólera, ele os varrerá^l.
- 35,27 ¹¹ O justo se alegrará ao ver a vingança;
lavará seus pés no sangue dos maus.
- 1,3 ¹² E os homens dirão: "Sim, o justo frutifica;
- J6 19,29 ¹² sim, há um Deus que julga na terra"^u.

SALMO 59 (58)

¹ *Do mestre de coro, 'al-tashehet'. De David, miktâm*. Quando Saul mandou guardar a casa para fazê-lo morrer^a.*

- ² Ó Deus, livra-me dos meus inimigos^b;
protege-me dos meus agressores.
- ³ Livra-me dos malfeitores
e salva-me dos homens sanguinários.

- Pr 1,11 ⁴ Ei-los em emboscada contra mim,
poderosos me atacam,
sem que eu tenha cometido falta ou pecado, SENHOR!

o. Salmo semelhante às "orações de pedido de socorro", cf. Introd.

p. Tradução muito incerta. Esta palavra, que parece significar "silêncio", só é traduzida assim por Áquila e aram. Com este último, pode-se interpretar: *É realmente calando-vos que pronunciáveis a justiça?* (cf. v. 5). Rashi propõe: "Ela é muda em vossa boca, a justiça que deveríeis proclamar". Símaco e Ibn Ezra explicam a palavra pelo verbo "reunir" e fazem dela uma designação da assembléia de Israel. Os modernos com frequência corrigem para "deuses" (*É verdade, ó deuses, que pronunciáveis a justiça?*), o que permite uma aproximação com Sl 82,6. Gr. *Pronunciáveis verdadeiramente a justiça?*

q. Tradução incerta: o verbo pode também significar: *vós pesais* (Áquila), alusão à balança da justiça; gr. e sir. *vossas mãos tramam a injustiça*.

r. Lit. *desde o útero*.

s. Tradução conjectural. Lit. *Ele ajusta suas flechas, como isto (?) eles murçam*, gr. *Ele esticará seu arco até que eles enfraqueçam*.

t. Tradução literal, e no entanto incerta, em razão da dificuldade de compreender a dupla partícula, traduzida conjecturalmente por "tão... quanto". Gr. *como viventes, como em cólera, ele vos engolirá*. "Vivo" é atribuído a Deus por Rashi, aos homens por Ibn Ezra.

u. O hebr. tem: *que julgam*, plural majestático. As versões têm o singular. Entretanto, Ibn Ezra distingue Deus e "os que julgam" — que seriam os anjos.

v. Cf. 57,1.

w. Cf. 16,1.

x. Referência à tentativa feita por Saul de matar a David um dia de manhã (1Sm 19,11-17).

y. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- ⁵ Não tenho culpa, mas eles depressa ocupam seus postos.
Acorda! Vem ao meu encontro e vê! 7,7
- ⁶ Tu, SENHOR Deus de todo poder, Deus de Israel,
acorda para punir todas essas nações; 35,23
não tenhas piedade desses traidores desgraçados. *Pausa*
- ⁷ Ao anoitecer, eles retornam,
rosnando como cães; 22,17
rondam pela cidade. 55,11
- ⁸ Ei-los, com a goela cheia de baba,
com espadas entre os queixos:
"Quem é que ouve?"
- ⁹ E tu, SENHOR, rindo deles,
zombas de todas essas nações. 2,4
- ¹⁰ Olharei para ti, a força*.
Minha cidadela é Deus.
- ¹¹ O Deus fiel^b vem à minha frente;
Deus me faz olhar com desdém para aqueles que me espionam. 54,9
- ¹² Não os massacres, do contrário meu povo esquecerá.
Que teu vigor os sacuda e os humilhe, 12,16
Senhor nosso escudo!
- ¹³ Desde que começam a falar, têm o pecado na boca;
que sejam presas do seu orgulho,
pela maldição e mentira que proferem!
- ¹⁴ Executa com furor;
executa, e que não sobre nada!
e que saibam que Deus
é o soberano de Jacó,
até as extremidades da terra. *Pausa*
- ¹⁵ Ao anoitecer, eles retornam,
rosnando como cães;
rondam pela cidade.
- ¹⁶ Andam errantes em busca de alimento;
se não se empanturrarem,
passam a noite a gemer^d.
- ¹⁷ Quanto a mim, canto tua força,
de manhã, aclamo tua fidelidade,
pois foste para mim uma cidadela,
um refúgio no dia da minha aflição.
- ¹⁸ Eu te cantarei, tu minha força.
Minha cidadela é Deus,
o Deus que me é fiel!

z. Os comentários rabínicos pensam tratar-se de uma blasfêmia proferida pelos malfetores. Também poderia ser uma pergunta angustiada do salmista.

a. Lit. *Sua força*, como se diz "Sua Majestade". As versões, com exceção do aram., lêem: *minha força*, como no v. 18.

b. "Texto escrito" *o Deus de Sua fidelidade* (cf. *Sua força* do v. 10); "texto lido" e aram.: *o Deus da minha fidelidade*

(= meu Deus fiel); gr.: *Meu Deus, sua fidelidade...*; sir.: *Deus, tua fidelidade...*

c. Lit. (*É*) *um pecado da sua boca a palavra dos seus lábios*.

d. O hebr. tem apenas *eles passam a noite* (assim aram., sir., Símaco), mas o verbo se assemelha tanto ao hebr. "eles gemem" (assim traduzido por gr., Áquila, Jerônimo), que provavelmente há um equívoco intencional no texto.

SALMO 60 (59)

¹ *Do mestre de coro; 'al-sushan 'eduf. Miklâm de David. Para ensinar.*

² *Quando David combatia os arameus da Mesopotâmia e os de Šobá. E loab voltou e bateu Edom, ou seja, doze mil homens, no vale do Sal.*

44,10

³ Ó Deus, tu nos rejeitaste, nos desarticulaste;
tu te irritaste: restabelece-nos!

Ag 2,6

⁴ Fizeste tremer a terra, tu a fendeste:
cura as suas fraturas, pois ela vacila!

⁵ Fizeste o teu povo viver momentos duros,
fizeste-nos beber um vinho embriagante.

Is 51,17

⁶ Para aqueles que te temem, deste o sinal
para fugirem diante do arqueiro^b.

108,7-14

Pausa

⁷ Para que teus bem-amados sejam libertados,
salva com a tua destra e responde-nos.

⁸ Deus falou no santuário^c:
Eu exulto; reparto Siquém
e loteio o vale de Sukot^d.

⁹ Guilcad me pertence; Manassés me pertence;
Efraim é o capacete da minha cabeça;
Judá é o meu cetro;

Gn 49,10

¹⁰ Moab, a bacia em que me lavo.
Sobre Edom, atiro minha sandália;
Filistéia, quebra-te contra mim, gritando^k!

¹¹ Quem me conduzirá à cidade fortificada?
Quem me conduzirá até Edom,

¹² senão tu, o Deus que nos rejeitou,
o Deus que não saía mais com os nossos exércitos?

¹³ Vem em nossa ajuda contra o adversário,
pois a ajuda do homem é ilusão.

56,5

¹⁴ Com Deus realizaremos grandes feitos:
ele pisará aos pés nossos adversários.

SALMO 61 (60)

¹ *Do mestre de coro, no instrumento de cordas de David.*

² Ó Deus, escuta os meus brados^l,
presta ouvido à minha prece.

e. Lit. sobre "um lírio (é) o testemunha"(?) ; cf. 45,1 e cf. 16,1.

f. O relato das campanhas de David (2Sm 8) fala da sua vitória sobre os arameus de Šobá, mas não dos emoritas da Mesopotâmia, o que, porém, é historicamente provável. Cf. 2Sm 8,13 (que fala de 18.000 homens e não menciona loab nessa ocasião). O vale do Sal é desconhecido.

g. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd.

h. Gr., Jerônimo: *diante do arco*; sir. *diante de teu arco*; Áquila, aram. traduziram, segundo o aramaico, *verdade*.

l. Ou então: *segundo sua santidade*.

j. Siquém, na Palestina central, e Sukot, na Transjordânia, são duas etapas de Jacó em seu retorno à Palestina (Gn 33,17-18).

k. O verbo pode ser traduzido tanto por *solta gritos de alegria* como por *quebra-te contra*... Provavelmente o texto joga com esta duplicidade de sentido (cf. 108,10; 59,16). "Soltar gritos de alegria" teria aqui sentido de ironia. Sir.: *eu grito contra a Filistéia*; Áquila, Símaco, Jerônimo: *a Filistéia tornou-se minha companheira*; gr.: *os filisteus se submeteram*.

l. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- ³ Da extremidade da terra, clamo a ti,
quando meu coração desfalece.
Para cima do rochedo, alto demais para mim^m,
tu me conduzirás.
- ⁴ Pois tu és para mim um refúgio,
uma fortaleza diante do inimigo. 46,2
- ⁵ Gostaria de ser recebido sob a tua tenda para séculos,
e de ali refugiar-me, escondido sob tuas asas. 15,1
Pausa 17,8
- ⁶ Foste tu, ó Deus, que ouviste meus pedidos,
e deste a herança aos que temem o teu nomeⁿ.
- ⁷ Aos dias do rei acrescenta novos dias;
que seus anos sejam séculos! 21,5
- ⁸ Que ele reine sempre diante de Deus!
Encarregai a fidelidade e a verdade de preservá-lo^o. Is 16,5
Pr 20,28
- ⁹ Então cantarei sem cessar o teu nome,
para cumprir cada dia meus votos. 66,13

SALMO 62 (61)

¹ *Do mestre de coro, segundo Iedutun^o. Salmo de David.*

- ² Sim, minh'alma está tranqüila diante de Deus^d;
minha salvação vem dele. Is 12,2
- ³ Sim, ele é meu rochedo, minha salvação,
minha cidadela; sou quase inabalável. 89,27
- ⁴ Ireis por muito tempo precipitar-vos todos juntos
contra um homem, para abatê-lo
como a um muro que se inclina,
ou como a uma cerca prestes a ruir?
- ⁵ Sim, por causa da sua posição^p
eles projetam bani-lo;
comprazem-se na mentira:
com a boca bendizem,
mas no seu íntimo maldizem. *Pausa*
- ⁶ Sim, fica tranqüila junto de Deus, minh'alma;
pois dele vem minha esperança. 71,5;
Gn 49,18
- ⁷ Sim, ele é meu rochedo e minha salvação,
minha cidadela; sou inabalável.
- ⁸ Minha salvação e minha glória estão junto de Deus;
meu rochedo fortificado, meu refúgio está em Deus.
- ⁹ Confiai nele em todo tempo, vós, o povo!
Expandi vosso coração diante dele;
Deus é para nós um refúgio. Is 26,4
Pausa

m. Gr. e sir. *tu me levantaste sobre um rochedo*; Sfmaco e Jerônimo: *quando um homem forte se levanta contra mim*.

n. Lit. *Deste a herança daqueles que amam o teu nome*, o que pode significar: *"Deste-me em herança os que temem o teu nome"*.

o. Gr. *quem buscará sua fidelidade e sua verdade?*; sir. *quem*

guardará a fidelidade e a verdade?; outras versões: *a fidelidade e a verdade o guardarão*.

p. Cf. 39,1

q. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd.

r. Lit. *por causa da sua elevação*, podendo-se também interpretar da sua altura; gr. *quiseram derrubar a minha honra*.

39,6-7;
49,3

Is 40,15

Jô 31,25;

19,22;

1Tm 6,17

¹⁰ Sim, os filhos de Adão são um sopro,
os filhos de homem, uma mentira.
Quando se levanta a balança*,
eles todos, juntos, pesam menos que um sopro.

¹¹ Não confieis na violência;
não vos entregueis à rapina até perder o fôlego.
Se vossa fortuna aumentar,
nisso não fixeis o vosso coração.

¹² Deus disse uma coisa,
duas coisas que ouvi,
a saber: que a força pertence a Deus,

¹³ e a ti, Senhor, a fidelidade;
e mais isto: que retribuis a cada um segundo suas obras¹.

28,4;

Jr 17,10; 25,14; 32,19;

Ez 18,30; Os 12,3;

Jô 34,11; Pr 24,12;

Sr 11,26; 16,12.14

1Sm 23,14

42,3

143,6

145,2

119,48

36,9

17,8

Dt 13,5

21,2

SALMO 63 (62)

¹ *Salmo de David. Quando ele estava no deserto de Judá.*

² Ó Deus, o meu Deus és tu²! Desde a aurora eu te desejo³;
minh'alma tem sede de ti;
minha carne desfalece por ti,
em⁴ uma terra ressequida, esgotada, sem água.

³ Assim estava quando te contemplei no santuário,
vendo tua força e tua glória⁴.

⁴ Sim, a tua fidelidade vale mais do que a vida;
meus lábios te celebrarão.

⁵ Assim, eu te bendirei enquanto durar minha vida,
e ao teu nome⁵, levantarei as mãos.

⁶ Como de gordura e de azeite, saciar-me-ei
e, com lábios jubilosos, minha boca entoará louvores.

⁷ Quando em meu leito penso em ti,
passo horas invocando a ti.

⁸ Pois tens sido meu socorro,
à sombra das tuas asas tenho gritado de alegria.

⁹ Agarro-me a ti com toda a minh'alma,
tua destra me sustenta.

¹⁰ Ruína para aqueles que querem tirar-me a vida!
Que retornem às profundezas da terra!

¹¹ Que sejam passados ao fio da espada!
Que sejam atirados aos chacais!

¹² E o rei jubilará por Deus;
todo aquele que jura por ele⁶ só poderá felicitar-se;
pois a boca dos mentirosos será tapada.

s. Lit. *subindo na balança*.

t. Sobre o tema da retribuição pessoal, cf. Mt 26,27 nota.

u. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Intro.

v. O verbo traduzido por *desejar* é composto das mesmas consoantes da palavra *aurora*. O texto joga com esta semelhança. As versões traduzem na *aurora* e suprem um verbo.

w. Sir. e Símaco: *como uma terra ressequida*.

x. Cf. 29,1, ou talvez alusão à arca, cf. 78,61.

y. Isto é, "ouvindo pronunciar o teu nome" — a menos que o nome seja uma forma de designar a presença de Deus.

z. Equívoco: o pronome pode referir-se ao rei ou a Deus; ambigüidade semelhante em Sl 28,8.

SALMO 64 (63)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

² Ó Deus, ouve a minha queixa^a,
preserva minha vida de um inimigo terrível,
³ esconde minha vida da conjura dos criminosos,
longe dos malfetores que tramam em conjunto.

⁴ Afiam sua língua como uma espada;
ajustaram suas flechas, suas palavras venenosas,
⁵ para atirar à socapa sobre um homem íntegro:
atiram de repente, sem medo de nada^b.

11,2;

Jr 9,2

⁶ Forjam para si uma palavra maligna^c;
calculam para dissimular armadilhas;
dizem: "Quem o perceberá?"

Is 19,15

⁷ Combinam crimes:
"Combinamos bem o nosso empreendimento;
no fundo do homem, o coração é impenetrável!"

⁸ Mas Deus atirou neles;
de repente, eis a flecha:
são seus próprios golpes,
⁹ sua língua voltou-se contra eles^c.

Ao vê-los, cada um meneia a cabeça;

44,15

¹⁰ todo homem é tomado de medo,
proclama o que Deus fez,
e deste ato tira a lição.

¹¹ Que o justo se alegre pelo SENHOR,
que o tome como refúgio,
e todos os corações retos se felicitarão.

5,12

32,11

SALMO 65 (64)

¹ *Do mestre de coro, salmo. De David, canto.*

² Ó Deus que estás em Sião^f,
a ti cabe^g o louvor,
e para ti cumprimos promessas.

³ A ti, que ouves a oração,
todo ser de carne pode chegar.

⁴ As faltas têm sido mais fortes que eu,
mas tu apagas nossos pecados.

78,38

a. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.
b. O hebr. joga com a semelhança entre os verbos *atirar* e *temer*.
c. Lit. *Tornam forte para eles uma palavra maligna*. Ibn Ezra interpreta: "fortalecem-se um ao outro para fazer o mal". *Palavra maligna* poderia também significar "ação má". Contudo, o que o salmo denuncia é sem dúvida um pecado da língua.

d. Tradução incerta. Gr.: *procuraram o crime; cessaram de procurar; o homem se aproximará, e o coração profundo*; Símaco: ... *todos procuram, cada um no mais profundo de si mesmo e de seu coração*; sir.: *procurando o crime no interior do homem, e no fundo de seu coração (Deus atirou neles)*; aram.: *procuram o crime, para pôr a perder os justos, procura que se*

faz no corpo do homem e nos pensamentos do fundo do coração. e. Lit. *fizeram tropeçar sua língua em prejuízo deles*. Vulg. e aram.: *suas línguas têm sido impotentes*; Áquila: *suas línguas tropeçarão uma sobre a outra*; Símaco e Jerônimo: *tropeçarão sobre o outro por causa de suas línguas*; sir.: *suas línguas os farão cair*; gr.: *suas línguas o desprezaram*.

f. Oração coletiva de "ação de graças", cf. Introd.
g. Tradução incerta, retomada do gr. e sir., que parecem ter lido "se assemelha" e ter interpretado "está conforme". O hebr. foi interpretado como "silêncio" pelas demais versões (Áquila: *para ti, o silêncio é um louvor*; Jerônimo: *a ti um louvor silencioso*; aram.: *diante de ti o louvor é comparável ao silêncio*).

- 24.2;
119,90
- 89,10;
107,29;
Mt 8,26
- 67,5
- On 2,10;
Jl 2,19
46,5
- Is 30,23
- Am 9,13
- 96,12
- 5 Feliz o convidado que escolhes^h,
ele há de morar nos teus adros.
Seremos saciados com os bens da tua casa,
com as coisas santas do teu temploⁱ.
- 6 Com justiça responde-nos através de maravilhas^j,
ó Deus nosso salvador,
segurança da terra inteira
até os mares longínquos^k.
- 7 Ele consolida as montanhas com seu vigor;
ele cinge-se de bravura.
- 8 Ele apazigua o barulho dos mares,
o barulho das suas ondas
e o rugir dos povos.
- 9 Na extremidade do mundo fica-se pasmo com os teus sinais^l,
fazes gritar de alegria as regiões do Nascente e do Poente.
- 10 Visitaste a terra, e a regaste;
tu a cumulas de riqueza.
O rio de Deus tem água abundante,
tu preparas o trigo dos homens.
Eis como preparas a terra:
- 11 inebriando os seus sulcos,
comprimindo seus torrões,
a amoleces sob os aguaceiros,
abençoa o que germina.
- 12 Tu coroas teus benefícios do ano,
e à tua passagem brota a fertilidade^m.
- 13 As paisagens do deserto vicejam,
as colinas vestem um cinturão de alegria,
- 14 os prados enfeitam-se de rebanhos;
as planícies cobrem-se de trigo.
Tudo grita e canta.

SALMO 66 (65)

¹ *Do mestre de coro; canto, salmoⁿ.*

98,4

Aclamai a Deus, toda a terra^o;

29,2

² cantai a glória do seu nome,
glorificai-o com o louvor^p.

18,45

³ Dizei a Deus: "Como tuas obras são terríveis!
Diante de tua grande força, teus inimigos te bajulam^q.

h. Lit. Feliz (aquele que) tu escolhes e fazes aproximar-se.
i. Sir.: da santidade do teu templo; gr.: teu templo é santo.
j. Lit. tu nos respondes coisas terríveis, isto é, prodigiosas (cf. Dt 10,21).

k. Lit. e o mar dos longínquos. Jerônimo: e do mar longínquo; sir. e dos mares longínquos; gr. e ao longe sobre o mar; aram. interpreta: "das ilhas distantes do continente".

l. Lit. Os habitantes das extremidades (do mundo) assustaram-se com os vossos sinais.

m. Lit. e os sulcos de tua (carruagem) brotam gordura.
n. Uma glosa do gr. indica "salmo de ressurreição". Cf. vv. 9.12.

o. Oração de "ação de graças", cf. Introd.

p. Tradução incerta. Lit. talvez: fazei do seu louvor uma glória. Ibn Ezra interpreta: "louvá-lo é vossa glória". Gr., Jerônimo: glorificai o seu louvor ("tornai glorioso o seu louvor"); sir.: cantai a glória do seu louvor.

q. Lit. mentem a ti.

- ⁴ Toda a terra se prosterna diante de ti,
ela canta para ti, canta o teu nome". *Pausa*
- ⁵ Vinde, e vereis os atos de Deus, 46,9
que espanta^r os homens com sua façanha:
- ⁶ ele transformou o mar em terra firme, 114,3,5
passava-se o rio sem molhar os pés;
lá, nós lhe fazemos festa. Ex 14,16
- ⁷ Pela sua bravura, ele domina para sempre,
seus olhos vigiam as nações;
que os rebeldes não voltem a levantar-se! *Pausa*
- ⁸ Povos, bendizei o nosso Deus;
fazei ressoar o seu louvor.
- ⁹ Aquele que nos faz viver
não deixou nossos pés vacilarem. 121,3
- ¹⁰ Ó Deus, tu nos provaste,
depuraste-nos como se depura a prata. 26,2
- ¹¹ Levaste-nos para uma armadilha,
puseste nossos rins num torno^s; Zc 13,9
- ¹² permitiste que nos tratassem como a um animal de carga^t.
Entramos no fogo e na água,
mas nos fizeste sair para um banquete^u.
- ¹³ Entro na tua casa com holocaustos;
cumpro para contigo meus votos, 22,26
- ¹⁴ que abriam os meus lábios
e que minha boca pronunciou na minha aflição.
- ¹⁵ Ofereço-te animais gordos em holocausto, 51,21
com o odor dos carneiros;
preparo touros e bodes. *Pausa*
- ¹⁶ Vinde, vós todos que temeis a Deus,
ouvir-me-eis contar 9,2
o que ele fez por mim.
- ¹⁷ Quando minha boca o chamava,
minha língua o exaltava.
- ¹⁸ Se eu tivesse pensado em mal^v,
o Senhor não teria ouvido. Jo 9,31
- ¹⁹ Mas Deus ouviu,
prestou ouvido à minha prece. 17,1
- ²⁰ Bendito seja Deus,
que não afastou de si a minha prece,
nem de mim a sua fidelidade.

r. Lit. *feito terrível em relação aos homens*.

s. *Torno*: termo único, cuja tradução varia: gr.: *pressões*; sir.: *uma pressão*; Símaco: *um invólucro*; aram.: *uma cadeia*; Áquila e Jerônimo: *um rangido*.

t. Tradução incerta. Lit. *fizeste um homem subir* (a cavalo ou em carruagem) *sobre nossa cabeça*. Todas as versões vêem aqui uma imagem da opressão sofrida. Muitas vezes interpre-

ta-se "fizeste um homem cavalgar sobre nossa cabeça"; talvez "fizeste com que um homem nos atrelasse", cf. Os 10,11. u. Lit. *para um embriagamento*; gr.: *para retomarmos fôlego*; Jerônimo: *ao fresco*; Símaco, sir., aram.: *ao largo*.

v. Lit. *Se eu tivesse visto mal no meu coração*; mas "ver" pode significar "ter em vista", e "no meu coração" significa "em meu pensamento".

SALMO 67 (66)

¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de cordas. Salmo, canto.*

- Nm 6,24-25 ² Deus tenha piedade de nós e nos abençoe!
 Faça brilhar a sua face entre nós, Pausa
- At 28,28 ³ para que sobre a terra se conheça o teu caminho*,
 e a tua salvação, entre todos os pagãos*.
- 98,9 ⁴ Que os povos te rendam graças, ó Deus!
 Que os povos te rendam graças, todos juntos!
- 85,13 ⁵ Cantem as nações a sua alegria,
 pois tu governas os povos com retidão
 e conduzes as nações sobre a terra.
- ⁶ Que os povos te rendam graças, ó Deus!
 Que os povos te rendam graças, todos juntos!
- ⁷ A terra deu a sua colheita:
 Deus, nosso Deus, nos abençoa.
- ⁸ Que Deus nos abençoe,
 e que a terra toda inteira*
 lhe tenha temor!

SALMO 68 (67)

¹ *Do mestre de coro, de David; salmo, canto.*

- Nm 10,35 ² Deus se levanta, seus inimigos se dispersam*
 e seus adversários fogem diante dele.
- ³ Como se dissipa a fumaça, tu os dissipas;
 como a cera se derrete ao fogo,
 assim os infieis perecem diante de Deus.
- 32,11 ⁴ Mas os justos se alegrarão,
 eles exultam diante de Deus,
 no cúmulo da alegria;
- Ex 15,21 ⁵ Cantai a Deus, cantai o seu nome;
 exaltai^b aquele que cavalga nas estepes*.
 Seu nome é: o SENHOR^d; exultai diante dele.
- 146,9;
 Ex 22,
 21-22 ⁶ Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas,
 eis o que é Deus na sua morada santa.
- ⁷ Para os solitários, Deus proporciona um lar;
 faz saírem os cativos, através de uma libertação* feliz,
 ao passo que os rebeldes habitam lugares áridos.

w. Oração coletiva de "ação de graças", cf. Introd.
 x. Isto é, a conduta que Deus teve para com Israel (comentários rabínicos).

y. Lit. *as nações*.

z. Lit. *todas as extremidades da terra*.

a. Oração coletiva de "ação de graças" (cf. Introd.), que apresenta parentesco com os "cânticos de Sião" (cf. Introd.). Possivelmente este salmo descreve em estilo épico a procissão solene da arca para o seu local definitivo.

b. O verbo parece significar "levantar". Sir. e aram.: *louvai*. As demais versões interpretaram: *preparai um caminho* (cf. Is 40,3).

c. A expressão se parece com um título de Bâal nos poemas mitológicos de Ugarit: "o que tem as nuvens por carro" (cf. Is 19,1; Sl 18,10-11); cf. também abaixo, v. 34.

d. Lit. *enquanto Yah* (forma abreviada do tetragrama, cf. Ex 15,2) *seu nome*, ou seja, "ele cavalga... sob o nome de Yah".

e. Lit. *ele faz sair através das "Kosharot" os que estão algemados*. Termo único na Bíblia. Nos poemas ugaríticos, as

- ⁸ Ó Deus, quando saíste à frente do teu povo,
quando avançaste nas solidões,
⁹ a terra tremeu, os próprios céus jorraram,
diante de Deus — o do Sinai^f —
diante de Deus, o Deus de Israel.

Pausa

Hab 3,3-6;
Hb 12,26
Dt 33,2;
Jz 5,5

- ¹⁰ Ó Deus, espalhavas uma chuva generosa;
teu patrimônio estava extenuado, tu o restabeleceste.
¹¹ Teu domínio^g, no qual se instalaram,
tu és, ó Deus, que o estabeleceste
na tua bondade para com o pobre^h.

- ¹² O Senhor dá uma ordem,
e suas mensageirasⁱ são um grande exército.
¹³ Reis e exércitos^j põem-se a fugir,
e tu repartes como presa os adornos^k das casas.
¹⁴ Por acaso ficaríeis deitado no acampamento?

48,5-6

Jz 5,16

As asas da pomba estão revestidas de prata,
e sua plumagem de ouro esmaecido^l.

- ¹⁵ Quando o Soberano dispersou reis neste local,
nevava no Monte Sombrio^m.

Jó 38,22-23

- ¹⁶ Montanha divina, montanha do Bashan,
montanha corcunda, montanha do Bashan,

Am 4,1

- ¹⁷ por que olhar com inveja, ó montanhas corcundasⁿ,
a montanha em que Deus desejou habitar?
Sim o SENHOR ali habitará sempre!

78,68

- ¹⁸ A cavalaria de Deus tem duas miríades de esquadrões flamejantes^o.
O Senhor está entre eles; o Sinai está no santuário^p.

Js 5,13-15

- ¹⁹ Tu subiste às alturas^q: fizeste prisioneiros,
levaste presentes^r dentre os homens, mesmo rebeldes^s,
para ter uma morada, SENHOR Deus!

Ef 4,8

- ²⁰ Bendito seja o Senhor a cada dia!
Este Deus nos traz a vitória.

Pausa

Kosharot (as "peritas") são parteiras divinas; gr. *ele faz sair corajosamente os que estão entravados*.

f. Cf. Jz 5,5.

g. Tradução conjectural de uma palavra feminina que, segundo um paralelo ugarítico, parece significar "região". Rashi propõe que se interprete "acampamento", segundo a atestação deste termo em 2Sm 23,11.13. As versões traduziram por "teus animais".

h. Ou então: *tu o estabeleces para o pobre, na tua bondade*.

i. Lit. *as mensageiras*; a mesma palavra, no plural, que em Is 40,9.

j. Lit. *Os reis dos exércitos*.

k. Tradução conjectural de uma palavra que parece ocorrer apenas em Jó 8,6, com o sentido de "esplendor".

l. Segundo os comentários rabínicos, a *pomba* representa Israel. Talvez a imagem seja de origem cananéia. O *ouro* e a *prata* que enfeitam a pomba talvez aludam aos despojos recolhidos.

m. O hebr. *Salmon* parece designar uma montanha, mas não

se sabe onde situá-la. Este topônimo está em antítese com a "neve".

n. Adjetivo não-atestado. Pode-se aproximá-lo de "corcunda" (Lv 21,20). Símaco e Jerônimo: *montanha altíssima*; gr.: *montanha queijeira* (em virtude de outra etimologia).

o. Texto muito difícil. Lit. *A cavalaria de Deus, seus esquadrões flamejantes (são) duas miríades*.

p. Tradução literal. Gr.: Jerônimo: *o Senhor está entre eles, no Sinai, no santuário*.

q. Poder-se-ia referir à altura celeste, mas também ao monte Sião (cf. 47,6; Is 33,5). Segundo Rashi, o v. se dirige a Moisés que sobe o Sinai; segundo Ibn Ezra, a David.

r. Sir., aram.: *destes presentes aos homens* (entendendo-se o dom da Lei no monte Sinai); cf. Ef 4,8.

s. As versões gr. e lat. associam *rebeldes* ao membro seguinte (*recusando crer que o Senhor habita*); sir.: *os rebeldes não habitarão diante de Deus*.

Jz 5,2

2Rs 9,36

- ²¹ Este Deus é para nós o Deus das vitórias,
e as portas¹ da morte pertencem a DEUS o Senhor.
- ²² Mas Deus esmaga a cabeça dos seus inimigos,
o crânio cabeludo daquele que vive nos seus crimes.
- ²³ O Senhor disse: "Eu faço vir do Bashan,
eu faço vir dos abismos do mar,
- ²⁴ a fim de que os pises aos pés no sangue,
e a língua dos teus cães tenha sua parte dos inimigos".
- ²⁵ Ó Deus, eles viram teus cortejos,
os cortejos do meu Deus, do meu rei, no santuário:
- ²⁶ na frente os cantores, atrás os músicos,
entre donzelas tocando tamborim.
- ²⁷ Nas assembléias, bendizei a Deus,
o SENHOR, na fonte de Israel^a.
- ²⁸ Aí está Benjamin, o caçula, guiando-os*...
os príncipes de Judá nas suas vestes de brocado*...
os príncipes de Zabulon, os príncipes de Neftali.
- ²⁹ Teu Deus decidiu que serias forte:
mostra tua força, ó Deus¹!, tu que agiste por nós.
- ³⁰ Vendo o teu palácio², que domina Jerusalém,
reis hão de trazer-te seus presentes.
- ³¹ Ameaça a fera dos juncos³,
o bando dos touros
com esses povos de bezerros⁴,
os que rastejam com seus lingotes de prata⁵.
- Ele dispersou povos belicosos;
- ³² ricos tecidos⁶ chegam do Egito;
Kush acorre para Deus, com as mãos cheias⁷.
- ³³ Reinos da terra,
cantai para Deus,
tocai para o Senhor,
- ³⁴ que leva seu carro pelo mais alto dos céus antigos⁸.
Ele faz ouvir sua voz, uma voz forte.
- ³⁵ Dai a Deus a força.

Pausa

18,11;
Dt 33,26

t. Lit. *as saídas para a morte* (isto é, os meios para escapar da morte) ou *em direção à morte*; Símaco opta pelo segundo sentido, da mesma forma que Ibn Ezra.

u. Lit. *desde a fonte de Israel*. Rashi e Ibn Ezra propõem interpretações metafóricas desta fonte ("o seio materno", "a origem"). Talvez seja a fonte de Guihon, ponto de partida do cortejo triunfal (cf. 1Rs 1,33,40).

v. Como o fazem os comentários rabínicos, mudamos uma vogal do texto recebido para obter *sua guia* (cf. Jerônimo). As versões relacionam a palavra ininteligível a raízes mais ou menos semelhantes: gr. e sir.: "estar em estado de torpor" (*Benjamin em êxtase*); arâm. "descer" (*Benjamin desceu para o mar*).

w. Variante de alguns mss. hebr., em lugar de uma palavra incompreensível. Gr. e sir.: *seus chefes*; Símaco: *combatendo por eles na dianteira*; Jerônimo: *na sua púrpura*; aram.: *eles os apedrejam*.

x. Deus talvez se aplique aqui ao rei, cf. 45,7.

y. Lit. *desde* ou *por causa do* (Símaco) *teu palácio* (se a passagem se referir ao rei humano).

z. Geralmente se vê aqui uma alusão ao Egito. Não é esta, porém, a opinião dos comentários rabínicos.

a. Lit. *com os bezerros dos povos*, isto é, provavelmente, "com os bezerros que são os povos".

b. Tradução bem conjectural.

c. Palavra desconhecida, que pode ser interpretada por um termo babilônico similar que designa tecidos tingidos. Gr.: *embaixadores*; Áquila e Jerônimo: *com pressa*.

d. Tradução incerta. O verbo é o mesmo que em 1Sm 17,17, onde parece significar "trazer alguma coisa com pressa". Gr. e sir.: *Etiópia avança sua mão para Deus*.

e. Lit. *nos céus do tempo primordial*.

Sua majestade está sobre Israel,
sua força está nas nuvens.

- ³⁶ Ó Deus, tu és terrível a partir dos teus santuários.
É o Deus de Israel,
que dá ao povo força e poder.
Bendito seja Deus!

29,11

SALMO 69 (68)

¹ *Do mestre de coro, sobre os lírios, de David.*

² Ó Deus, salva-me^f:
a água me chega até a garganta.

³ Afundo-me num atoleiro sem fundo,
nada me segura.
Deslizo na água funda,
e a corrente me leva embora.

⁴ Esgoto-me de tanto gritar,
minha goela está em fogo;
meus olhos estão gastos
de tanto esperar o meu Deus.

6,7
Jr 45,3

119,82.123

⁵ São mais numerosos do que os cabelos da minha cabeça
os que me detestam sem motivo;
são poderosos, esses destruidores
que me querem mal injustamente^g.
— O que não roubei,
posso porventura restituí-lo? —

Jo 15,25

⁶ Ó Deus, conheces a minha tolice,
e minhas faltas não te são desconhecidas.

⁷ Senhor DEUS de todo poder,
que eu não seja a vergonha
daqueles que esperam em ti,
nem a desonra
daqueles que te procuram,
ó Deus de Israel!

⁸ É por causa de ti que suporto o insulto,
que a desonra cobre o meu rosto,

⁹ e que sou um estrangeiro para meus irmãos,
um desconhecido para os filhos de minha mãe.

Jo 19,13.15

¹⁰ Sim, o zelo pela tua casa me tem devorado^h;
eles te insultam, e os insultos deles recaem sobre mim.

119,139;
Jo 2,17;
Rm 15,3

¹¹ Tenho chorado e jejuado,
isto me valeu insultos.

109,24-25

¹² Vesti o saco do luto,
tornei-me motivo de irrisão para eles.

f. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd. Este salmo é um dos que foram aplicados à paixão de Cristo.

g. Cf. 35,19.

h. Pode-se interpretar "o zelo que sinto pela tua casa", ou "a inveja que a tua casa desperta no inimigo". Ibn Ezra parece adotar a segunda interpretação. Rashi combina as duas interpretações. Cf. Jo 2,17.

¹³ Os que se sentam à porta fazem comentários sobre mim,
e sou a canção dos bebedores.

¹⁴ SENHOR, eis a minha oração;
é o momento de ser favorável;
ó Deus, cuja fidelidade é grande,
responde-me, pois tu és a verdadeira salvação.

¹⁵ Arranca-me do lodo; que eu não me atole;
que eu seja libertado daqueles que me detestam
e das águas profundas!

¹⁶ Que a corrente das águas não me leve embora,
que o precipício não me engula,
que o poço não feche sobre mim sua goela!

109,21

¹⁷ Responde-me, SENHOR, pois tua fidelidade é boa;
segundo tua grande misericórdia, volta-te para mim,

102,3

¹⁸ e não ocultes mais a tua face ao teu servo.

143,7

Estou na aflição; depressa, responde-me;

¹⁹ vem para perto de mim, sê meu defensor;
tenho inimigos, liberta-me.

²⁰ Sabes que fui insultado, desonrado, coberto de vergonha;
todos os meus adversários estão diante de ti.

²¹ O insulto rompeu-me o coração e estou doente por isso;
esperei um gesto, mas nada;
consoladores, e não os encontrei.

²² Envenenaram minha comida; *Q*
quando tenho sede, dão-me vinagre a beber.

²³ Que sua mesa se torne para eles uma armadilha,
e para os seus amigos, uma ratoeira!

²⁴ Que seus olhos se obscureçam e não enxerguem mais;
faze-os sem cessar curvar os rins.

²⁵ Espalha sobre eles o teu furor;
que a tua cólera ardente os atinja!

At 1,20

²⁶ Que o acampamento deles seja destruído,
que ninguém habite sob suas tendas,

²⁷ pois aquele que tu havias golpeado, eles o perseguiram;
contam¹ os golpes sofridos pelas tuas vítimas.

²⁸ Imputa-lhes faltas e mais faltas;
que não tenham mais acesso à tua justiça!

²⁹ Que sejam apagados do livro da vida,
que não sejam inscritos entre os justos!

³⁰ Quanto a mim, humilhado e pisado,
tua salvação, ó Deus, me porá a salvo.

³¹ Poderei louvar o nome de Deus com um canto
e glorificá-lo com ações de graças.

³² Eis o que agrada ao SENHOR mais do que um boi,
mais do que um touro com chifres e cascos.

Mt 27,34;
Jo 11,28-29;
Rm 11,9-10

Ex 32,32;
Fl 4,3;
Ap 3,5

i. Tradução incerta, já que este verbo não figura em nenhum outro lugar. Símaco: *eu tive pena*; Aquila, Jerônimo: *eu fiquei*

desesperado; aram.: *e ela era forte*; gr.: *a miséria*.
j. Ou então: *eles narram*.

- ³³ Ao verem isto, os humildes jubilam: 34,3
 "A vós que buscais a Deus,
 a vós, vida longa^k!"
- ³⁴ Pois o SENHOR ouve os pobres, 140,13
 não rejeita os seus quando estão cativos.
- ³⁵ Louvai-o, céus, terra,
 mares e tudo o que neles pulula.
- ³⁶ Pois Deus salvará Sião
 e reconstruirá as cidades de Judá. 102,17;
 Is 44,26
 Nós as possuiremos, lá habitaremos;
- ³⁷ a estirpe dos seus servos as herdará, Is 65,9
 e os que amam o seu nome farão nelas a sua morada. 5,12

SALMO 70 (69)

¹ *Do mestre de coro: de David, para o memorial^l.*

² Ó Deus, vem libertar-me,
 SENHOR, vem depressa em meu socorro!

³ Que enrubesçam de vergonha,
 os que buscam a minha morte;
 que recuem desonrados,
 os que desejam minha infelicidade!

⁴ Que se vão embora, cheios de vergonha,
 os que exclamam: "Ah! Ah!"

⁵ Que exultem de alegria por causa de ti,
 todos aqueles que te buscam!
 Que digam sem cessar: "Deus é grande"
 os que amam a tua salvação!

⁶ Sou pobre e humilhado;
 ó Deus, vem a mim depressa!
 Tu és meu auxílio e meu libertador:
 SENHOR, não tardes mais!

SALMO 71^m (70)

¹ SENHOR, tomei-te como refúgioⁿ; 31,2
 não seja eu humilhado!

² Livrar-me-ás, na tua justiça.
 Estende o ouvido para mim, salva-me.

³ Sê o rochedo no qual me abrigo,
 ao qual tenho acesso a cada instante:
 decidiste salvar-me".
 Sim, és meu rochedo, minha fortaleza.

⁴ Meu Deus, livra-me das mãos do malvado,
 do punho dos criminosos e dos violentos.

k. Lit. *Que viva vosso coração*, cf. 22,27.

l. Cf. 38,1. — Este salmo aproxima-se da segunda parte do Sl 40 (cf. 40,2 nota).

m. Gr. acrescenta: *de David, dos filhos de Ionadab e dos*

primeiros exilados; cf. Jr 35.

n. Quanto às "orações individuais (mas cf. v. 20 nota) de pedido de socorro", cf. Introd.

o. Gr.: *um castelo forte para salvar-me*; cf. 31,3.

- ⁵ Tu és minha esperança, Senhor DEUS,
minha segurança desde a minha juventude.
- ⁶ Apóio-me em ti desde o meu nascimento,
separaste-me^p do ventre materno.
A ti vai sem cessar o meu louvor!
- ⁷ Para muitos, eu figurava como um prodígio^q;
tu eras meu refúgio fortificado.
- ⁸ Na minha boca eu só tinha o teu louvor,
o teu esplendor, ao longo dos dias.
- ⁹ Não me rejeites, agora que sou velho;
quando as minhas forças declinam, não me abandones.
- ¹⁰ Pois meus inimigos falam de mim,
os que me vigiam fizeram conluio entre si.
- ¹¹ Eles dizem: “Deus o abandonou;
persegui-o, pegai-o,
ninguém irá livrá-lo!”
- ¹² Ó Deus, não te afastes de mim,
Deus, vem depressa em meu auxílio!
- ¹³ Que se percam na vergonha,
os que querem tirar-me a vida!
Que se cubram de desonra e de infâmia
os que buscam a minha infelicidade!
- ¹⁴ Quanto a mim, hei de sempre esperar
e persisto em cantar os teus louvores.
- ¹⁵ Durante o dia todo tenho em minha boca os feitos
da tua justiça e da tua salvação,
são tantos, que desconheço o seu número^r.
- ¹⁶ Tenho parte nos grandes feitos^s do Senhor DEUS;
só de ti evoco a justiça.
- ¹⁷ Ó Deus, tu me instruístes desde a minha juventude,
e até agora, tenho proclamado as tuas maravilhas.
- ¹⁸ Apesar da minha velhice e dos meus cabelos brancos,
não me abandones, ó Deus:
que eu possa proclamar as obras do teu braço a esta geração,
tua valentia a todos aqueles que virão.
- ¹⁹ Tão elevada é a tua justiça, ó Deus!
Tu que fizeste grandes coisas,
ó Deus, quem como tu?
- ²⁰ Tu que nos fizeste ver
tantas aflições e desgraças,
vultarás a deixar-nos viver^t.

22,12
38,23;
40,14;
70,2

35,4

22,31

p. Palavra única, de sentido duvidoso. Gr., Jerônimo *tu és meu protetor*; 4^a gruta de Qumran: *tu és minha força*; aram. *foste tu que me fizeste sair* (assim interpretam Rashi e Ibn Ezra segundo Nm 11,31); cf. SI 22,10.

q. Lit. *eu era como um prodígio*; cf. Ez. 12,6.11; 24,24.27; Jerônimo: *um monstro*.

r. Forma única; tradução conjetural segundo Símaco e aram. (cf. 40,6; 139,17-18); gr. e sir.: *não conheço as letras* — o

que certos autores modernos consideram glosa de um copista.

s. Lit. *Entro nas proezas...*; pode-se também interpretar, com Ibn Ezra e Rashi: “passo (a narrar) tuas proezas”, cf. SI 145,5; versões: *entrarei graças à força do Senhor*.

t. “Texto escrito”; “texto lido”: *que tanto me fizeste ver...*, *..deixar-me viver*; as versões se dividem neste ponto. O “texto escrito” sublinha a aplicação coletiva do salmo.

Voltarás a arrancar-me
dos abismos da terra.

²¹ Reerguerás a minha dignidade,
e me reconfortarás.

²² Então, acompanhado da minha harpa,
te celebrarei, meu Deus, e à tua fidelidade;
na cítara, tocarei para ti,
Santo de Israel!

²³ Tocarei para ti,
meus lábios cantarão de alegria,
pois resgataste a minha vida.

²⁴ E minha língua, o dia inteiro,
recitará a tua justiça,
pois a vergonha e a infâmia
são para aqueles que buscavam a minha desgraça.

35,26.28

SALMO 72 (71)

¹ *De Salomão*°.

Ó Deus, confia os teus julgamentos ao rei°,
a tua justiça a este filho de rei.

89,15

² Que ele governe o teu povo com justiça,
e os teus humildes segundo o direito.

³ Graças à justiça, que montanhas e colinas
tragam a prosperidade para o povo°!

1Rs 5,26

⁴ Que ele faça justiça aos humildes do povo,
seja a salvação dos pobres,
esmague o explorador!

⁵ Que tenham temor de ti°,
enquanto sol e lua brilharem°,
até o último dos séculos!

⁶ Que ele desça°, como o aguaceiro sobre os restolhos,
como a chuva que dissolve a terra !

37,11

⁷ Durante o seu reinado, o justo floresça,
e seja grande a prosperidade,
até o fim das lunações!

v. 2;

⁸ Que ele domine° de uma extremidade à outra,
e do Rio até o fim da terra!

Zc 9,10;
Sr 44,21
Js 1,4

⁹ Os nômades° se inclinam diante dele,
seus inimigos lambeirão a poeira.

u. Gr. *Para Salomão*; talvez por causa do v. 20.

v. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

w. Lit. *Que as montanhas tragam a prosperidade para o povo, e as colinas, na justiça*. Gr. coloca na justiça no início do v. 4.

Quanto ao sentido, cf. v. 16.

x. Gr. *Ele continuará*.

y. Lit. *com o sol e em presença da lua*.

z. No hebr., os vv. são ambíguos: trata-se de Deus ou do rei?

O conjunto deste salmo confere ao rei atributos divinos; cf. 36,7; 89,15; 1Rs 3,9.28. Estes atributos são aqueles com que a tradição reveste a figura de Salomão: cf. 1Rs 3,12-28; 4,20; 10,1-22; Pr 29,14; 1Cr 22,9.

a. Jogo de palavras com *que ele desça* (v. 6), impossível de traduzir.

b. Lit. *Os habitantes do deserto*, homens, animais ou demônios (Is 13,21; 34,14; Jr 50,39). Gr., Jerônimo: *Os etíopes*; sir. *As Ilhas*.

IRs 10,1

¹⁰ Os reis de Tarshish e das ilhas
mandarão presentes;
os reis de Shebá e de Sebá^c
pagarão o tributo.

¹¹ Todos os reis se prosternarão diante dele,
todas as nações o servirão.

¹² Sim^d, ele livrará o pobre que clama,
e os humildes privados de apoio.

¹³ Ele tomará cuidado do pobre e do fraco;
aos pobres salvará a vida:

¹⁴ Ele os defenderá contra a brutalidade e a violência,
dará muito pela vida deles^e.

Mt 2,11

¹⁵ Que ele viva! Dar-lhe-ão o ouro de Shebá,
orarão por ele sem cessar,
bendizê-lo-ão todos os dias!^f

¹⁶ Que haja na terra,
e até o topo das montanhas,
uma vasta superfície de campos^g,
cujas espigas ondulem como o Líbano,
e da cidade, só se verá uma terra verdejante^h.

¹⁷ Que ele adquira um nome eterno,
que ele o propagueⁱ sob o sol,
para que uns aos outros se abençoem pronunciando o seu nome^j,
e que todas as nações o proclamem bem-aventurado.

¹⁸ Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel,
o único que opera milagres!

¹⁹ Bendito seja para sempre seu nome glorioso!
Que toda a terra seja repleta da sua glória!
Amém e amém^k!

²⁰ Fim das orações de David, filho de Jessé^l.

SALMO 73 (72)

¹ *Salmo. De Asaf^m.*

Na verdade, Deus é bom para Israelⁿ,
para os homens de coração puro.

c. Talvez *Tarshish* designe a Espanha; *as Ilhas*, os países localizados além do Mediterrâneo; *Shebá*, o sul da Arábia, e *Sebá*, parte da Etiópia ou da Arábia.

d. Ou então: *Pois*.

e. Lit. *o sangue deles terá preço aos seus olhos*: trata-se do rei que vai julgar o assassino.

f. A primeira palavra do v. volta nas aclamações régias: viva o rei! (1Sm 10,24; IRs 1,25.34.39; 2Rs 11,12; 2Cr 23,11). O sujeito dos outros verbos não está especificado; segundo uma tradição (1bn Ezra), trata-se do pobre.

g. Tradução incerta.

h. Tradução habitual: *florescerão desde a cidade, como a erva da terra*. Mas o verbo pode também ser compreendido no sentido de *olhar* (Ct 2,9). Poder-se-ia também traduzir: *(vistos) da cidade, eles brilharão...* Em todo caso trata-se de evocar a fe-

cundidade extraordinária cujo centro é a cidade — Jerusalém, segundo aram.

i. "Texto escrito"; "texto lido": *que ele cresça debaixo do sol*. Gr.: *que seu nome seja bendito para sempre, que ele persista diante do sol*.

j. Lit. *e se abençoarão por ele...* (pelo nome). Gr. acrescenta: *todas as raças da terra*. Aplica-se aqui ao rei o que é dito de Abraão (Gn 12,3; 22,18).

k. Os vv. 18-19 formam uma doxologia que encerra este salmo com uma aclamação e assinala, como de costume, o fim de uma parte do Saltério (cf. 41,14 nota, e Introd.).

l. Este v. talvez assinala o fim de uma das coleções de David. m. Cf. 50,1 nota.

n. Quanto aos "salmos de instrução" e ao problema de retribuição, cf. Introd.

- ² E no entanto, por pouco não afundei;
um nada, e eu teria dado um passo em falso,
- ³ pois eu tinha inveja dos novos ricos^o,
eu via a boa sorte dos ímpios.
- ⁴ Não se privam de nada^p até a sua morte^q,
têm a barriga bem cheia.
- ⁵ Não compartilham da desgraça dos outros,
não são atingidos como os outros.
- ⁶ Então, pavoneiam-se com orgulho,
embandeirados na sua violência.
- ⁷ O olho deles aparece, apesar da sua gordura,
nele transparece^r o que pretende o seu coração.
- ⁸ Eles caçoam, falam de explorar duramente,
e é do alto que eles falam.
- ⁹ Abrem a boca até o céu,
e a língua deles varre a terra^a.
- ¹⁰ Por isso, o povo de Deus se volta para esse lado^l,
onde se lhe derrama água em abundância.
- ¹¹ Dizem: “Como Deus saberia?
Há por acaso um saber no Altíssimo?”
- ¹² E ei-los, esses ímpios,
que, sempre tranqüilos, aumentam sua fortuna!
- ¹³ Na verdade, em vão guardei puro meu coração
e lavei minhas mãos em sinal de inocência.
- ¹⁴ Eu era golpeado dia por dia,
corrigido cada manhã.
- ¹⁵ Se eu tivesse dito: “Vou calcular como eles”,
teria traído a geração dos teus filhos.
- ¹⁶ Eu refletia, para compreender
o que me era penoso ver^u,
- ¹⁷ até o dia em que, entrando no santuário de Deus,
entendi qual seria o futuro deles:
- ¹⁸ Na verdade, tu os levas a um terreno escorregadio
para precipitá-los na ruína.
- ¹⁹ De repente, que estrago!
Ei-los liquidados, aniquilados pelo espanto.

26.6

o. Sentido incerto; lit. os arrogantes (5,6; 75,5). aram. os escarnecedores; gr. os transgressores.

p. Lit. sem entraves; gr.: sem recusa; Áquila, Símaco: sem sofrimento; sir.: sem fim; Vulg. e Jerônimo: sem preocupação com sua morte.

q. Lit. em sua morte. Em ugarítico, a “Morte” representa um apetite funesto, o que permitiria compreender: seu apetite não conhece entraves.

r. Lit. seu olho sai (fora) da gordura, as... de seu coração atravessa. A palavra que falta significa imagens em Lv 26,1, ou imaginações em Pr 18,11. A etimologia — e aqui também o contexto — sugerem cobaiças. Jerônimo e sir.: pensamentos; gr.: Áquila: intenções; Vulg.: desejo; Símaco: aparências. O primei-

ro estíquio permite numerosas interpretações (a menos que se adote gr.: a iniquidade — e não o olho — lhes sai da gordura): seu olho brilha apesar da gordura, ou porque ele é gordo, ou mais do que a gordura.

s. Esta imagem encontra-se também num poema ugarítico, indicando as pessoas que tudo querem engolir.

t. “Texto lido”: Eis por que o seu povo volta para cá; “texto escrito”: ele faz retornar o seu povo para cá.

As versões apresentam leituras bem diversas; assim gr.: Eis por que o meu povo retornará para cá, e terão dias bem repletos.

u. Lit. Eu refletia para entender isto; era uma aflição para meus olhos.

- ²⁰ Expulsarás a imagem deles da cidade¹, Senhor,
como um sonho ao despertar.
- ²¹ Enquanto eu estava com o coração amargurado,
com os rins dilacerados,
- ²² eu, estúpido, não compreendendo nada,
era como um animal², mas estava contigo.
- ²³ Sempre estou contigo:
tu me tomaste a mão direita,
- ²⁴ tu me conduzes segundo os teus desígnios,
tu me levarás atrás da Glória³.
- ²⁵ Quem teria eu no céu,
se, estando contigo,
não estou contente na terra⁴?
- ²⁶ Meu corpo está gasto, o coração também;
mas o apoio do meu coração, meu patrimônio,
é Deus para sempre.
- ²⁷ Quem se afasta de ti perecerá;
destróis quem te deixa e se prostitui.
- ²⁸ Quanto a mim, minha felicidade é estar perto de Deus;
refugiei-me junto ao Senhor DEUS,
para anunciar todas as tuas ações⁵.

SALMO 74 (73)

¹ Instrução. De Asaf.

Dt 7.6
23.1
Dt 32.8

Por que, ó Deus, esta rejeição sem fim⁶,
esta ira que fumega contra o rebanho do teu pasto?

² Lembra-te da comunidade que adquiriste desde a origem,
da tribo que reivindicaste como herança,
da montanha de Sião, em que construístes a tua morada.

³ Traz os teus passos para essas ruínas⁷ sem fim:
no santuário, o inimigo saqueou tudo.

⁴ teus adversários fizeram algazarra no lugar em que nos encontravas;
como sinais eles ostentaram suas insígnias⁸.

⁵ Dir-se-ia que estavam em uma floresta,
levantando o machado,

⁶ quando quebraram todas as esculturas
a golpes de machado e de maça⁹.

v. Aram.: ao despertar ("no dia da ressurreição dos mortos"). Há homonímia em hebr. entre "da cidade" e "ao te despertar".
w. Um animal: em hebr. *behemot*, o hipopótamo (cf. Jó 40.15).
x. Trata-se da Glória divina que precederá o fiel. cf. Zc 2.12; Is 58.8. Sir.: *atrás da glória*; gr.: *com glória*; Jerônimo: *depois me tomarás na glória*; Símaco: *depois a glória me acolheu*.
y. Lit. *Quem está a meu favor no céu* (subentendido: "a não ser tu")? E contigo, não tenho prazer na terra.
z. Áquila e Jerônimo: *para anunciar todas as vossas notícias*; gr. acrescenta: *às portas da filha de Sião* (9.15).

a. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro". cf. Introd.

b. Lit. *Faz subir teus passos nas ruínas...*; sir.: *faz subir teu servo...*; Jerônimo: *enaltece a sublimidade...*; gr.: *levanta as mãos contra seu orgulho...*

c. Lit. *colocaram seus sinais (como) sinais*.

d. Texto obscuro; lit. (5a) *Ele era conhecido como quem introduz madeira, machados por cima*, (5b) *em um entrelaçado*, (6a) *No tempo em que* ("texto escrito"); "texto lido"; e agora, *suas esculturas juntas*, (6b) *eles martelam com o machado e*

- ⁷ Puseram fogo em teu santuário,
derrubaram e profanaram a morada do teu nome.
- ⁸ Sua estirpe se uniu em complô
para queimar na terra todo lugar de encontro com Deus.
- ⁹ Não vemos mais nossos sinais,
não há mais profetas, .
e entre nós ninguém sabe até quando!
- ¹⁰ Ó Deus, até onde irão as blasfêmias do adversário?
O inimigo deixará de ultrajar o teu nome?
- ¹¹ Por que retirar tua mão, tua destra,
e retê-la contra teu peito?
- ¹² No entanto, ó Deus, meu rei desde a origem,
e autor das vitórias no meio da terra,
- ¹³ dominaste o mar com a tua força,
despedaçando a cabeça dos dragões sobre as águas;
- ¹⁴ esmagaste a cabeça de Leviatan^f,
dando-a de comer a um bando de chacais^g.
- ¹⁵ Cavaste as fontes e as torrentes,
secaste rios inexauríveis.
- ¹⁶ A ti o dia, a ti a noite:
deste lugar à lua^h e ao sol;
- ¹⁷ fixaste todos os confins da terra;
o verão e o inverno, tu os inventaste!
- ¹⁸ Lembra-te: o inimigo blasfemou o SENHOR.
Um povo de insensatos ultraja o teu nome.
- ¹⁹ Não entregues ao animal esfaimado a tua rolinhaⁱ,
não esqueças sem fim a vida dos teus pobres.
- ²⁰ Olha para a aliança:
amontoam-se nos esconderijos da terra,
que se tornou o domínio da violência^j.
- ²¹ Que o oprimido não seja mais desonrado,
que o pobre e o infeliz louvem o teu nome!
- ²² Levanta-te, ó Deus! Defende a tua causa!
Lembra-te da blasfêmia contínua desses insensatos.
- ²³ Não esqueças os clamores dos teus adversários,
o barulho sempre crescente dos teus agressores.

2Rs 25,9;
Is 64,10

77,9;
Lm 2,9

Ex 17,1-7;
Nm 20,2-13;
Js 3

com o maço. Gr. liga o v. 5a ao v. 4 e separa de outra maneira: (5) sem saber, como na entrada por cima. (6) Como em uma floresta de madeira, com o machado derrubaram suas portas em conjunto; com o machado e o maço demoliram-na. Áquila, Símaco e Teodocião também lêem: na entrada. Símaco e sir. também lêem: portas.

e. Texto lido; lit. *segurar no meio de teu seio*, isto é, "impedir (tua mão) de deixar as dobras do manto". Texto escrito: *no meio do teu decreto*.

f. Nos poemas mitológicos de Ugarit, *Leviatan* é um monstro marinho de sete cabeças. Cf. Is 27,1; Sl 104,26; Jó 3,8.

g. Texto obscuro; lit. *dando-o de comer a um povo, aos habitantes do deserto*. Gr. *aos habitantes da Etiópia*; sir.: *ao povo forte*; aram.: *ao povo (de Israel) e aos dragões*; Áquila: ... *aos que vão sair*; Teodocião: *ao último povo*. Segundo uma tradição judaica, Leviatan será servido aos justos no banquete messiânico.

h. Lit. *o luminar*.

i. Gr., sir.: *não entregues às bestas a alma que te rende graças*.

j. Lit. *estão cheios os lugares tenebrosos da terra, domínio da violência*; sir.: *pois as moradas da terra estão cheias de trevas e de violência*.

SALMO 75 (74)

¹ *Do mestre de coro; 'al-tashehet'; salmo, de Asaf, canto.*

² Ó Deus, nós te celebramos¹,
celebramos o teu nome, pois ele está próximo,
tuas maravilhas são anunciadas^m.

³ Quando dou audiência,
julgo com retidão.

⁴ A terra afundará com todos os seus habitantes.
Não fui eu que lhe fixei as colunas?

Pausa

⁵ Eu disse aos pretensiosos: "Basta de pretensão!",
e aos ímpios: "Não levanteis a fronte!

⁶ Não levanteis tão alto vossa fronte;
não faleis assim, com a nuca insolente".

⁷ Não, ele não vem do leste nem do oeste,
nem do deserto vem o que elevaⁿ.

⁸ É Deus quem julga;
a um rebaixa, a outro eleva.

⁹ O SENHOR segura na mão uma taça,
ele derrama um vinho áspero e fermentado:
eles o beberão, lambeirão até a borra^o,
todos os ímpios da terra.

¹⁰ Quanto a mim, proclamarei sempre,
cantando ao Deus de Jacó:

¹¹ "Quebrarei a força de todos os ímpios,
mas a força do justo se levantará."

SALMO 76 (75)

¹ *Do mestre de coro, com instrumentos de cordas. Salmo, de Asaf, canto^p.*

² Em Judá, Deus se deu a conhecer^q;
seu nome é grande em Israel.

³ Sua tenda se fixou em Shalê^m,
e em Sião, sua morada.

⁴ Lá ele quebrou os golpes do arco^r,
o escudo e a espada, a guerra.

⁵ Tu resplandesces, magnífico,
por causa das montanhas de despojos^t.

⁶ Foram despojados,
corações indomáveis^u tomados pelo sono,
todos os valentes que não achavam mais suas mãos.

11,6;
Ap 14,10

Gn 14,18;
2Sm 6

48,4-8

2Rs 19,35

k. Cf. 57,1.

l. Espécie de "exortação profética", cf. Introd.

m. Gr. celebraremos e invocaremos o teu nome; anunciaréi todas as tuas maravilhas (Vulg. e sir.: nós anunciaremos).

n. Ou, com certos mss. hebr. e gr. e as versões: nem do deserto das montanhas.

o. Lit. Pois na mão do Senhor há uma taça, vinho turvo e cheio de mistura, e ele (o serve) a eles; até a borra eles espremem ao beber...; gr.: ele serve de um a outro, sem que a borra seja espremida toda ela; eles a bebem...

p. Gr. acrescenta: para os assírios.

q. Quanto aos "cânticos de Sião", cf. Introd.

r. Em Salê^m (em Jerusalém); gr.: na paz. Cf. 122,6.

s. Gr. o poder do arco; Jerônimo, Símaco: o arco.

t. Sentido incerto. Outras traduções: desde as montanhas de despojos, ou mais do que montanhas de despojos; gr.: desde as montanhas eternas.

u. Lit... os poderosos de coração; gr.: Foram conturbados todos os simples de coração.

- ⁷ Sob a tua ameaça, Deus de Jacó,
carro e cavalo ficaram imobilizados;
- ⁸ És terrificante;
quem te resistiria
quando entras em cólera?
- ⁹ Lá dos céus, enuncias o veredicto:
apavorada, a terra se acalma,
- ¹⁰ quando Deus se levanta para o julgamento,
para salvar todos os humildes da terra. Pausa
- ¹¹ Até o furor dos homens* faz a tua glória;
os que escapam a este furor, tu os prendes a ti*.
- ¹² Fazei votos e cumpri-os para com o SENHOR, vosso Deus;
trazei vossos presentes a este Deus terrível, todos vós em volta dele,
- ¹³ pois ele corta o fôlego aos príncipes,
ele apavora os reis da terra.

SALMO 77 (76)

- ¹ *Do mestre de coro, sobre ledutun*;* de Asaf, salmo.
- ² É a Deus que eu clamo e grito*;
É a Deus que eu chamo, ele me escutará.
- ³ No tempo da minha aflição, procuro o Senhor.
De noite, as mãos estendidas incansavelmente,
recuso qualquer reconforto.
- ⁴ Relembro-me de Deus e gemo; 42,6.12;
quanto mais penso nisso, tanto mais o meu espírito se confunde; *Pausa* 43,5
- ⁵ tu seguras minhas pálpebras abertas*,
estou conturbado, não sei o que dizer:
- ⁶ reflito nos dias de outrora, 143,5
nos anos de antigamente.
- ⁷ De noite, relembro-me do meu refrão,
meu coração torna a ele,
e o meu espírito se pergunta*:
- ⁸ Irá o Senhor rejeitar para sempre?
Ele não será nunca mais favorável?
- ⁹ Sua fidelidade desapareceu totalmente?
A palavra se calou para os séculos?
- ¹⁰ Porventura Deus se esqueceu de dispensar graça?
Encolerizado, fechou seu coração? Pausa
- ¹¹ Eu o digo, meu mal vem daí:
mudou a destra do Altíssimo!

v. As palavras *furor* e *homens* podem evocar os nomes próprios Hamat (cidade da Síria) e Edom, ambas inimigas de Israel.

w. Lit. *Tu te cinges daqueles que escapam...*; gr.: os pensamentos do homem te rendem glória e o resto dos seus pensamentos te fará festa.

x. Cf. 39,1 nota.

y. Salmo aparentado às "orações coletivas de pedido de socor-

ro", cf. Introd.

z. Gr.: meus inimigos conservam as pálpebras abertas.

a. Gr. Sínaco e sir.: (6b) relembro os anos de antigamente. (7) Medito a noite com meu coração; volto a eles e meu espírito se interroga.

b. Gr.: Eu o digo, agora comecei; Áquila e Jerônimo: ...minha fraqueza vem daí.

- ¹² Relembro os feitos do SENHOR^c;
sim, relembro teu milagre de outrora.
¹³ Repito para mim tudo aquilo que fizeste,
volto a pensar nos teus feitos:
¹⁴ Ó Deus, teu caminho é pura santidade^d!
Que deus é tão grande quanto Deus?
¹⁵ És o deus que fez o milagre,
e a tua força, mostraste-a entre os povos.
¹⁶ Com o teu braço, libertaste o teu povo,
os filhos de Jacó e de José.

Pausa

- Ex 14 ¹⁷ As águas te viram, ó Deus,
as águas te viram, elas tremiam,
o próprio abismo estremecia.
¹⁸ As nuvens derramaram suas águas,
as nuvens fizeram ouvir sua voz,
e tuas flechas voavam de todos os lados.
Ex 19,16 ¹⁹ Ao ribombar do teu trovão,
os raios iluminaram o mundo,
97.4 a terra estremeceu e tremeu.
²⁰ No mar abriste o teu caminho,
tua passagem nas águas profundas,
e ninguém conseguiu conhecer os teus rastros.
²¹ Guiaste o teu povo como um rebanho,
pela mão de Moisés e de Aarão.

SALMO 78 (77)

¹ Instrução; de Asaf.

- Ó meu povo, escuta minha lei^e,
presta ouvido às palavras da minha boca.
Dt 32,1 ² Vou abrir a boca para uma parábola
Mt 13,35 e tirar as lições do passado^f.
44,2 ³ O que temos ouvido e conhecido,
o que nossos antepassados nos têm transmitido,
Dt 4,9 ⁴ não o calaremos aos seus descendentes^g,
mas transmitiremos à geração seguinte
os títulos de glória do SENHOR,
seu poder e as maravilhas que fez.
⁵ Ele fixou uma regra em Jacó,
estabeleceu uma lei em Israel.
Ela ordenava a nossos pais
que ensinassem essas coisas a seus filhos,

Ex 12,26-27;
Dt 6,20-25

c. "Texto escrito"; "texto lido" e versões; *lembro-me dos...*d. Jerônimo: *teu caminho está no santuário*.

e. Esta lei é uma evocação da história sagrada, no estilo dos "salmos de instrução", cf. Introd.

f. Lit. *propor enigmas a partir do passado*.g. Lit. *seus filhos*; cada geração é diretamente ligada aos antepassados.

- ⁶ para que a geração seguinte as aprendesse,
esses filhos que iam nascer:

Levantem-se, transmitam-nas a seus filhos;

- ⁷ que ponham sua confiança em Deus,
não esqueçam os feitos de Deus,
e observem seus mandamentos,
⁸ para não serem como seus pais,
a geração indócil e rebelde,
a geração de coração inconstante,
cujo espírito não confiava em Deus.
- ⁹ Se os filhos de Efraim, os arqueiros melhor equipados,
fugiram no dia do combate,
¹⁰ é porque não haviam observado a aliança de Deus,
recusando seguir a sua lei.
¹¹ Esqueceram os seus feitos
e as maravilhas que lhes mostrara:
- ¹² Diante dos seus pais, ele havia realizado o milagre
na terra do Egito, na região de Tânis.
- ¹³ Fendeu o mar para fazê-los passar,
levantando as águas como um dique.
- ¹⁴ Durante o dia, guiava-os pela nuvem,
e a cada noite, pela luz de um fogo.
- ¹⁵ Ele fendia rochedos no deserto,
para dar-lhes de beber como da fonte do grande Abismo^h.
- ¹⁶ Da rocha fez jorrarrem riachos
e fluir a água como rios.
- ¹⁷ Mas continuaram a pecar contra ele,
a rebelar-se contra o Altíssimo na estepe.
- ¹⁸ Conscientemente, puseram Deus à prova
e pediram para comer segundo o seu apetite.
- ¹⁹ Investiram contra Deus,
dizendo: "Deus é capaz
de servir a mesa no deserto?"
- ²⁰ Sim, ele golpeou o rochedo,
a água fluíu em torrentes abundantes,
mas conseguirá ele também fornecer o pão
e preparar a carne para o seu povo?"
- ²¹ Ao ouvir isto, o SENHOR irritou-se:
um fogo acendeu-se contra Jacó,
a cólera aumentou contra Israel,
- ²² pois eles não confiaram em Deus,
não acreditaram que os salvaria.
- ²³ Ele ordenou às nuvens do alto,
abriu as portas dos céus.

Ex 14

105,39;
Ex 13,21

Nm 20,2-13

Ex 17,1-7

114,8

95,8-9
Ex 16,12-36;
Dt 6,16

^h Lit. e ele fez beber como do grande Abismo. Trata-se das "águas inferiores" (cf. Gn 1).

Jo 6,31

²⁴ Para alimentá-los, fez chover o maná,
deu-lhes o trigo dos céus:

1Cor 10,3

²⁵ cada um comeu o pão dos Fortes¹;
enviou-lhes víveres à saciedade.

Nm 11,31

²⁶ No céu, ele afastou¹ o vento leste;
pelo seu poder, levou embora o vento sul.
²⁷ Fez chover sobre eles carne, abundante como a poeira,
pássaros numerosos como a areia do mar.
²⁸ Ele os atirava no meio do acampamento,
ao redor das suas moradias.

²⁹ Eles comeram e se empanturraram:
Ele havia acedido ao desejo deles.

³⁰ O desejo deles não estava saciado,
tinham ainda a boca cheia,

³¹ quando a cólera de Deus os atingiu,
e ele matou os mais importantes dentre eles,
dobrando a juventude de Israel.

³² A despeito disso eles continuavam a pecar,
não confiavam nas maravilhas dele.

³³ Ele reduziu seus dias a vento
e seus anos a terror.

³⁴ Quando Deus os matava, eles o procuravam;
arrependiam-se, voltavam-se para ele,

³⁵ lembrando-se de que Deus era seu rochedo,
que o Deus Altíssimo era o seu defensor.

³⁶ Mas a boca deles o enganava,
a língua deles lhe mentia;

At 8,21

³⁷ os seus corações não estavam firmes nele,
e não confiavam na sua aliança.

³⁸ E ele, o misericordioso,
em vez de destruir, apagava a sua falta.
Muitas vezes ele segurou a sua cólera,
não despertou todo o seu furor,

³⁹ lembrando-se de que não passavam de simples carne,
de um sopro que se vai sem retornar.

⁴⁰ Quantas vezes lhe foram rebeldes no deserto,
e o ofenderam nas solidões!

⁴¹ E puseram Deus novamente à prova,
entristecendo o Santo de Israel.

⁴² Não se lembravam mais do que sua mão fizera,
no dia em que ele os havia resgatado do adversário:

Ex 7-11

⁴³ Ele impõe seus sinais ao Egito,
seus prodígios aos habitantes de Tânis.

⁴⁴ Ele muda em sangue seus canais
e seus riachos, para impedi-los de beber.

1. As potências que constituem a corte divina. Gr., sir., aram.:
os anjos; cf. 103.20; cf. também 105.40: o pão do céu.

J. Aram.: *ele fez levantar-se*; sir.: *ele fez soprar*; mas o vento
do leste é quase sempre nocivo (cf. Ex 10.13).

- ⁴⁵ Envia-lhes uma legião de insetos que os devoram,
rãs que os infestam.
- ⁴⁶ Entrega suas colheitas aos saltões,
o fruto do seu trabalho aos gafanhotos.
- ⁴⁷ Ele destrói as suas vinhas com o granizo,
seus sicômoros com a geada^k.
- ⁴⁸ Abandona seu gado às pedradas de granizo,
seus rebanhos ao raio^l.
- ⁴⁹ Solta sobre eles sua cólera ardente:
furor, ira e sufocamento,
mensageiros de infelicidade em missão.
- ⁵⁰ Abrindo passagem à sua cólera,
ele não os preserva mais da morte,
abandona a vida deles à peste.
- ⁵¹ Ele atinge todos os primogênitos do Egito,
as primícias da virilidade sob as tendas de Ham^m.
- ⁵² Faz partir seu povo como um rebanho,
leva-os ao deserto como ovelhas;
- ⁵³ guia-os com segurança, não precisam tremer
quando o mar recobre seus inimigos.
- ⁵⁴ Ele os conduz ao seu domínio sagrado,
à montanha adquirida pela sua destra.
- ⁵⁵ Expulsa diante deles nações,
distribui-lhes por sorteio um patrimônio,
instala sob as suas tendas
as tribos de Israel.
- ⁵⁶ Rebeldes, eles puseram à prova o Deus Altíssimo,
não respeitando as suas exigências.
- ⁵⁷ Desertaram, traíram como seus pais,
agiram às avessas como um arco vicioso.
- ⁵⁸ Indignavam-no com seus lugares altos;
os ídolos deles excitavam seu ciúme.
- ⁵⁹ Deus ouviu e enfureceu-se,
rejeitou completamente Israel;
- ⁶⁰ abandonou a morada de Shilô,
a tenda que levantara^a entre os homens.
- ⁶¹ Entregou sua força^a ao cativo,
sua majestade a mãos inimigas.
- ⁶² Ele abandonou seu povo à espada,
enfureceu-se contra a sua herança.
- ⁶³ Um fogo devorou os jovens,
e não se cantou mais o louvor^p às donzelas.

105,36

Js 23,4

1Sm 4,
10-11

k. Tradução incerta, conforme o gr., Áquila, Jerônimo e sir.;
Símaco: *ver*; aram.: *gafanhoto* (também Rashi); Ibn Ezra: *grani-
zo*.

l. Tradução incerta. Gr., sir.: *ao fogo*; Áquila, Símaco, Jerô-
nimo: *aos pássaros*.

m. Cf. Gn 10,6.

n. Versões: *a tenda que Ele havia habitado...*

o. Trata-se da arca da aliança; cf. 1Sm 4,19-22; sir.: *ele entre-
gou seu povo*.

p. Gr. *as jovens não se lamentaram*.

- ⁶⁴ Os sacerdotes caíram sob a espada,
e as viúvas não fizeram as lamentações.
- ⁶⁵ Como quem estava dormindo, o Senhor acordou,
tal como um guerreiro reanimado pelo vinho.
- ⁶⁶ Golpeou seus inimigos por trás^a,
infligindo-lhes um ultraje eterno.
- ⁶⁷ Ele descartou a família de José^a,
recusou escolher a tribo de Efraim.
- ⁶⁸ Escolheu a tribo de Judá,
a montanha de Sião, que ele ama.
- ⁶⁹ Construiu seu santuário igual aos cumes^a.
e, como a terra^a, fundou-o para sempre.
- ⁷⁰ Ele escolheu David seu servo,
tirando-o do pastoreio de ovelhas:
- ⁷¹ fê-lo vir do pastoreio de suas ovelhas;
fez dele o pastor de Jacó, seu povo,
de Israel, seu patrimônio.
- ⁷² Pastor de coração irrepreensível,
ele os guiou com mão sábia.

87,2

ISm 13,14;
16,11-1374;
2Rs 25,9;
Lm 1,10Jr 19,7;
1Mc 7,17

44,14

89,47

Jr 10,25
ITs 4,5

SALMO 79 (78)

¹ *Salmo; de Asaf.*

Ó Deus, as nações invadiram o teu patrimônio^a,
tomaram impuro o teu templo santo
e reduziram Jerusalém a ruínas.

² Entregaram os cadáveres dos teus servos
como alimento aos pássaros do céu,
a carne dos teus fiéis aos animais da terra,
³ e derramaram seu sangue em profusão
ao redor de Jerusalém,
privando-os de sepultura^a.

⁴ Eis-nos, ultrajados pelos nossos vizinhos,
suportando a zombaria e as risadas daqueles que nos rodeiam.
⁵ Até onde irá, SENHOR, esta cólera que não acaba,
este ciúme que queima como um fogo?

⁶ Espalha o teu furor sobre as nações que te ignoram,
sobre os reinos que não invocam o teu nome,
⁷ pois devoraram Jacó, destruíram o seu domínio^a.

⁸ Não invoques contra nós as faltas antigas.
Depressa! que a tua piedade nos preceda,
estamos de todo desvalidos.

⁹ ajuda-nos, ó Deus salvador,
pela glória do teu nome.

q. Cf. ISm 5,6.
r.. Lit. *a tenda de José*. José é o ancestral da tribo de Efraim.
s. Lit. *como os altos*; quase todas as versões: *como os túmulos*.
t. Vários mss. hebr., gr. e sir.: *e sobre a terra*.

u. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd.
v. Lit. *e ninguém que (thes) dê uma sepultura*.
w. Lit. *ele devorou*; seu domínio é ambíguo: domínio de Deus, isto é "Jacó", ou domínio de Jacó, isto é "a terra".

Livra-nos, apaga nossos pecados^x
para a honra do teu nome.

¹⁰ Por que deixar as nações dizerem:

“Onde está o deus deles?”

42,4;
Jl 2,17

Que as nações aprendam, sob os nossos olhos,
que há uma vingança para o assassínio dos teus servos^y!

¹¹ Que a queixa dos prisioneiros chegue a ti;
teu braço é grande, deixa viver os condenados.

¹² Retribui sete vezes a nossos vizinhos, em pleno coração,
o ultraje que te fizeram, Senhor.

¹³ E nós, teu povo, o rebanho da tua pastagem,
poderemos celebrar-te sempre
e proclamar os teus louvores de geração em geração.

100,3

SALMO 80 (79)

¹ *Do mestre de coro, el-shoshannim^z. Testemunho de Asaf, salmo.*

² Pastor de Israel, escuta^a.

Tu que conduzes José como um rebanho,
tu que estás sentado sobre os querubins, revela-te,

18,11;
1Sm 4,4

³ diante de Efraim, Benjamin e Manassés^b.

Desperta a tua valentia,
vem para nos salvar.

⁴ Ó Deus, faze-nos voltar,
que a tua face se ilumine e seremos salvos.

⁵ SENHOR Deus de todo poder,
até quando enfurecer-te contra^c as orações do teu povo,

⁶ alimentá-lo de pão amassado em lágrimas,
e dessedentá-lo com uma tríplice medida de lágrimas?

⁷ Tu fazes de nós a contenda dos nossos vizinhos,
e nossos inimigos têm do que caçar.

Lc 23,35

⁸ Deus de todo poder, faze-nos voltar;
que a tua face se ilumine e seremos salvos.

⁹ A vinha que retiraste do Egito,
tu a replantaste expulsando nações;

Is 5,1

¹⁰ aplainaste o solo diante dela,
para que ela assente raiz
e encha a terra.

¹¹ Sua sombra cobria as montanhas,
e seus pâmpanos, os cedros divinos.

¹² A vinha estendia seu sarmento até o mar,
e seus rebentos até o Rio^d.

72,8

x. Gr. Senhor, livra-nos, apaga os nossos pecados.

y. Lit. (que há) uma vingança para o sangue dos teus servos, que (foi) espalhado.

z. Lit. para os lírios. Cf. 45,1 nota, onde se lê sobre os lírios.

a. Quanto às “orações coletivas de pedido de socorro”, cf. Introd.

b. Estas três tribos constituem o conjunto das tribos denominadas de Raquel, que se autoproclamavam descendentes do patriarca José.

c. Outra tradução: Quando teu povo ora.

d. O Eufrates, cf. Gn 15,18.

Jr 12,7-13

- ¹³ Por que derrubaste suas cercas,
para que todos os transeuntes a vindimem?
- ¹⁴ O javali vindo da floresta^a a destrói,
os animais dos campos a comem como pasto.
- ¹⁵ Deus de todo poder, volta, por favor;
olha do alto do céu e vê.
Intervém em favor desta vinha,
- ¹⁶ em favor da cepa que tua destra plantou,
— e sobre o filho que te deve a sua força^f.
- ¹⁷ Ei-la incendiada, cortada;
diante de tua face ameaçadora eles^g perecem.
- ¹⁸ Põe tua mão sobre o homem que está à tua destra,
e sobre o filho de Adão que a ti deve a sua força.
- ¹⁹ Então, não te abandonaremos;
tu nos farás viver, e invocaremos o teu nome.
- ²⁰ SENHOR Deus de todo poder, faze-nos voltar;
que a tua face se ilumine e seremos salvos.

SALMO 81 (80)

- ¹ *Do mestre de coro, na guitir^h, de Asaf.*
- ² Gritai de alegria por Deus, nossa forçaⁱ,
aclamai o Deus de Jacó.
- ³ Toca^j, fazei ressoar o tambor,
com a cítara melodiosa, com a harpa.
- ⁴ Fazei soar a trompa no mês novo,
na lua cheia, para o nosso dia de festa^k.
- ⁵ Eis para Israel uma lei,
uma decisão do Deus de Jacó,
- ⁶ uma regra que impôs a José
quando saiu^l contra a terra do Egito:
- Ouço uma linguagem que não conheço^m;
- ⁷ tirei a carga do seu ombro
e suas mãos depuseram o fardo.

Ex 23,14

e. Uma das letras da palavra hebr. traduzida por *floresta* está escrita acima da linha. Para a Mishná, esta particularidade indica a letra média do *Saltério* (o meio dos vv. do *Saltério* se encontra entre os vv. 35 e 36 do Sl 78). Para outras traduções judaicas, ela sugere uma leitura diferente: *o javali do Nilo*, o que visaria a Faraó.

f. Lit. e *sobre um filho (que) tornaste forte para ti*. Este parentese antecipa o v. 18b. Sem dúvida este inciso, que assemelha "a vinha" ao "Filho", enfatiza uma leitura messiânica, leitura que o aram. amplifica: *e sobre o rei, o messias, que tornaste forte para ti*.

g. Este "eles" designa os predadores (vv. 13 e 14), ou os israelitas representados pela vinha no v. 17a.

h. Cf. 8,1 nota.

i. "Exortação profética" por ocasião de uma festa, cf. Introd.

j. Lit. *Elevai a música* (que acompanha os cantos).

k. O calendário baseava-se no mês lunar, ou lunação, cujo primeiro dia era festejado (ver Am 8,5; Os 2,13; Is 1,13; 2Rs 4,23). O aram. especifica que se trata do primeiro dia do mês de tishri (sétimo mês), Dia do Ano (cf. Lv 23,24; Nm 29,1), que antecedia a festa das Tendias ou Sukot (cf. Dt 31,10).

l. Ele, i. é. "o deus de Jacó". Gr. e Jerônimo interpretaram: *quando ele (José) saiu da terra do Egito*; aram.: *quando José saiu da prisão para governar o Egito*.

m. Gr.: *quando ele saiu..., ouviu uma língua que não conhecia*. O hebr. permite várias interpretações: ou se trata de uma glosa de um escriba que confessa não compreender o texto, ou então essas palavras, postas na boca do salmista, introduzem o discurso de Deus, que começa então no v. 7; ou então, trata-se das primeiras palavras deste discurso, que indicam que Deus intervém em um país cuja língua não conhece.

⁸ Quando gritavas sob a opressão, eu te libertei,
eu te respondi no segredo da tempestade;
provei-te junto às águas de Meribá.

Pausa 95,8;
Ex 17;
Nm 20
Ex 20,1

⁹ Escuta-me, povo meu, eu te conjuro!
Israel, se me escutares,

¹⁰ não haverá em ti deus estrangeiro,
não te prosternarás diante de um deus diferente.

¹¹ Sou eu, o SENHOR, teu Deus,
que te fiz subir da terra do Egito.
Abre bem a boca, e eu a encherei!

¹² Mas meu povo não escutou a minha voz,
Israel não quis saber de mim,

¹³ e eu os abandonei ao seu coração empedernido;
que sigam, pois, os seus projetos!

Jr 3,17;
7,24

¹⁴ Ah! se meu povo me escutasse,
se Israel seguisse os meus caminhos,

¹⁵ logo eu teria humilhado seus inimigos,
teria voltado minha mão contra os seus opressores.

¹⁶ Os que odeiam o SENHOR cortejariam Israel,
seria este o destino deles sempre^o.

¹⁷ Ele alimentaria Israel com flor de trigo,
e o saciaria^p com mel selvagem.

Dt 32,13

SALMO 82 (81)

¹ *Salmo; de Asaf.*

Deus levantou-se na assembléia divina,
no meio dos deusesⁿ, ele julga:

89,6;
Ex 4,16

² Até quando julgareis injustamente
favorecendo os culpados?

Mq 3

³ Sede juízes para o fraco e o órfão,
fazei justiça ao infeliz e ao indigente;

Pausa

Jr 5,28

⁴ libertai o fraco e o pobre,
livrai-os da mão dos culpados.

Jó 29,12

Ex 23,6

⁵ Mas eles não sabem, não compreendem,
movem-se nas trevas,
e todos os fundamentos da terra estão abalados.

⁶ Eu o declaro, vós sois deuses,
sois todos filhos do Altíssimo,

Jó 10,34

⁷ e no entanto morrereis como humanos,
caireis exatamente como os príncipes.

⁸ Levanta-te, ó Deus! Sê o juiz da terra,
pois tens todas as nações por patrimônio.

n. Entre "meu povo" e "eu te conjuro", o gr. acrescenta: *e eu falarei*.

o. Texto obscuro. Lit. *e seria o tempo deles para sempre*. Sir.: *Seria o terror deles para sempre*.

p. Lit. *eu te saciaria de um rochedo de mel*.

q. Estes deuses são, para alguns, seres celestes (gr.: *deuses*; aram. no v. 6 e sir.: *anjos*), ao passo que para outros são juízes terrestres (aram. no v. 1); cf. Jó 10,34.

SALMO 83 (82)

¹ *Canto, salmo de Asaf.*

² Ó Deus, sai do teu silêncio;
Ó Deus, não fiques inerte e mudo.

³ Eis teus inimigos a rosnar,
os que te odeiam a levantar a cabeça.

⁴ Tramam contra o meu povo,
intrigam contra o teu tesouro;
⁵ dizem: "Vamos! suprimamos a nação deles,
que o nome de Israel não seja mais mencionado!

⁶ De comum acordo fizeram intriga
para firmar aliança contra ti:
⁷ gente¹ de Edom e os ismaelitas,
Moab e os filhos de Hagar,

⁸ Guebal, Amon, Amaleq,
a Filistéia com os habitantes de Tiro.

⁹ Até Assur juntou-se a eles,
dando mão forte aos filhos de Lot".

Pausa

¹⁰ Trata-os como Midian,
como Siserá e Iabin^u na torrente de Qishon.

¹¹ Foram aniquilados em En-Dor,
serviram de estrume para a terra.

¹² Faze aos seus príncipes como a Oreb e Zeeb,
e a todos os seus chefes como a Zéba^h e Şalmuná

¹³ eles que diziam: "Apoderemo-nos
dos domínios de Deus!"

¹⁴ Meu Deus, faze-os girar em turbilhão
como a palha em pleno vento.

¹⁵ Como um fogo que devora a floresta,
como uma chama que abrasa as montanhas,

¹⁶ persegue-os com a tua tempestade,
apavora-os com o teu furacão.

¹⁷ Cobre de confusão o rosto deles,
e que procurem o teu nome, SENHOR!

¹⁸ Em vergonha e terror sem fim,
pereçam, desonrados,

r. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd.

s. Lit. *aqueles que manténs escondidos*; mas é esta a expressão com a qual o hebr. costuma designar os bens preciosos; gr., sir.: *contra os santos*.

t. Lit. *as tendas*.

u. *Edom*, população instalada ao sul do mar Morto, é aqui relacionada com os nômades ismaelitas e agaritas (tribos árabes, cf. Gn 21 e 1Cr 5). *Moab* e *Amon*, instaladas a leste do mar Morto, constituem os *filhos de Lot* (cf. Gn 19). *Amaleq*, população nômade do Négueb, é muitas vezes apresentado como o protótipo dos inimigos de Israel (Ex 17,8). *Guebal* designa indu-

bitavelmente a população instalada na atual Djebelâne, ao sul do mar Morto, ao norte de Petra (em vez de *Guebal*, *Amon*, o sir.: *traz: o território de Amon*). A *Filistéia* e *Tiro* designam aqui globalmente as populações da costa mediterrânea. *Assur* pode designar ou uma tribo transjordânica (Gn 25,3.18; 2Sm 2,9) ou o império assírio.

v. Alusão a Jz 6-8, que narra a guerra vitoriosa de Guideon contra os midianitas (cf. Is 9,3), comandados pelos príncipes citados no v. 12. Este combate, segundo o livro dos Juizes, travou-se em En-Harod, e não, como ocorre aqui, em *En-Dor* (v. 11).

w. *Siserá* e *Iabin* são os nomes do rei e do chefe militar de Haçor, vencidos por Deborah (Jz 4-5; 1Sm 12,9).

- ¹⁹ que saibam que levas o nome de SENHOR, só tu,
o Altíssimo sobre a terra inteira¹!

97,9

SALMO 84 (83)

¹ *Do mestre de coro; na guiti². Dos filhos de Qôrah, salmo.*

² Como são amadas as tuas moradas³,
SENHOR de todo poder!

³ Sinto minh'alma desfalecer
ansiado pelos átrios do SENHOR.
Meu coração e minha carne gritam
para o Deus vivo.

42,3,9

⁴ O próprio pardal encontra uma casa,
e a andorinha um ninho para pôr seus ovos,
perto dos teus altares⁴, SENHOR de todo poder,
meu rei e meu Deus.

5,3

⁵ Felizes os habitantes da tua casa:
eles te louvam sem cessar!

Pausa

⁶ Feliz o homem que encontra em ti sua força:
bem disposto ele se põe a caminho⁵;

⁷ ao passarem pelo vale das balsameiras⁶
fazem dele um oásis⁶,
as primeiras chuvas o cobrem de bênçãos⁶.

⁸ Sempre mais ardentes, eles se adiantam⁷
e se apresentam perante Deus em Sião.

⁹ SENHOR Deus de todo poder,
ouve a minha súplica;
presta ouvidos, ó Deus de Jacó.

Pausa

¹⁰ Ó Deus, vê aquele que é nosso escudo⁸,
olha para o rosto do teu messias.

¹¹ Já que um dia nos teus átrios
vale mais do que mil,
eu escolhi:
antes permanecer no limiar da casa do meu Deus
do que morar sob as tendas dos infiéis.

x. Lit. *que saibam que tu teu nome YHWH só tu, o Altíssimo sobre a terra inteira.*

y. Cf. 8,1, nota.

z. Quanto aos "cânticos de Sião", cf. Introd.

a. Lit.: *(a saber) os teus altares.*

b. Lit. *os caminhos (estão) no seu coração*: trata-se do itinerário da peregrinação de Jerusalém, daí o gr.: *as subidas*. Pode-se também interpretar: *Eles guardam no coração* (na memória) *os caminhos* (da peregrinação).

c. Vários mss. hebr. e as versões: *o vale dos prantos*. A *balsameira* (árvore que produz o bálsamo), ou lódão, que cresce nos vales secos, é uma árvore de seiva abundante.

O vale das balsameiras pode ser identificado com o wadi-el-Meisé (cujo nome tem o mesmo sentido), através do qual se

tinha acesso à porta ocidental de Jerusalém.

d. Lit. *fazem dele uma fonte.*

e. Para o conjunto deste v., o hebr. é obscuro. Gr.... (v. 7): *em direção ao vale dos prantos, no lugar que ele (Deus) preparou, pois o legislador dará bênçãos; sir.: eles passaram no vale dos prantos, fizeram dele uma casa de habitação, e até o legislador será coberto de bênçãos*. Jerônimo e aram. para a última frase.

f. Lit. *eles avançam de força em força*. Uma correção da vocalização permitiria ler: *eles prosseguem de fortificação em fortificação*.

g. Texto ambíguo. Lit. *nosso escudo, vê ó Deus*; ou seja, *tu, ó Deus, (que és) nosso escudo* (com gr., sir. e Jerônimo, cf. v. 12), ou, melhor: *ó Deus, vê o nosso escudo*, isto é, o rei (vosso messias); cf. 47,10 e 89,19.

47,10;
89,19

- ¹² Sim, o SENHOR Deus é um sol e um escudo;
o SENHOR dá a graça e a glória,
Ele não recusa a felicidade
aos que caminham irrepreensíveis.
- ¹³ SENHOR de todo poder,
feliz o homem que conta contigo!

SALMO 85 (84)

53,7

¹ *Do mestre de coro, dos filhos de Qôrah, salmo.*

² Mostraste teu amor por tua terra, ó SENHOR!
Fizeste retornar os cativos de Jacó;

³ suprimiste a falta do teu povo,
encobriste todo o seu pecado.

Pausa

⁴ Puseste fim à tua ira
e te arrendeste da tua ardente cólera.

⁵ Faze-nos voltar, ó Deus nosso salvador!
Renuncia a teu rancor contra nós.

⁶ Estarás sempre irritado contra nós,
prolongando tua cólera de geração em geração?

⁷ Não voltarás a fazer-nos viver,
não serás a alegria do teu povo?

⁸ Mostra-nos tua fidelidade, SENHOR,
e dá-nos a tua salvação.

⁹ Escuto o que diz Deus, o SENHOR;
Ele diz: "Paz", para seu povo e para seus fiéis,
desde que não voltem à sua loucura!

Is 51,5

¹⁰ Sua salvação está bem próxima daqueles que o temem,
e a glória vai permanecer em nossa terra.

IRs 5,26

¹¹ A Fidelidade e a Verdade se encontraram,
elas abraçaram a Paz e a Justiça^h.

¹² A Verdade germina da terra
e a Justiça se inclina do céu.

¹³ O próprio SENHOR dá a felicidade,
e a nossa terra dá a colheita.

¹⁴ A Justiça caminha diante dele,
e os seus passos traçam o caminhoⁱ.

SALMO 86 (85)

40,18
25,20

¹ Oração; de David.
SENHOR, presta ouvido, responde-me^k,
pois sou um infeliz e um pobre.

² Conserva-me em vida, pois sou fiel.
Tu, meu Deus, salva teu servo,
que conta contigo.

h. Salmo aparentado às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd.

i. Ou então, com as versões: *Paz e Justiça abraçaram-se.*

j. Ou então, com Vulg.: *ele (ou ela) porá seus passos no caminho* (isto é Deus, ou a Justiça).

k. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- ³ Apieda-te de mim, Senhor,
é a ti que chamo cada dia.
- ⁴ Alegra o coração do teu servo,
pois anseio por ti, Senhor. 25,1; 143,8
- ⁵ Senhor, tu que és bom e perdoas,
rico em fidelidade para todos os que te invocam,
- ⁶ presta ouvido à minha prece, SENHOR!
Dá atenção à minha voz suplicante! 5,3; 28,2;
130,2
- ⁷ No dia da desgraça eu te invoco,
e tu me respondes. 77,3
17,6
- ⁸ Ninguém é como tu entre os deuses, Senhor!
O que fazes é incomparável. Ex 15,11
- ⁹ Todas as nações que fizeste
virão prostrar-se diante de ti, Senhor,
e glorificar o teu nome. Ap 3,9;
15,4
- ¹⁰ Pois és grande, fazes milagres,
tu, só tu, és Deus!
- ¹¹ SENHOR, mostra-me teu caminho
e eu me conduzirei segundo a tua verdade.
Unifica meu coração!
para que ele tema o teu nome. 25,4; 8,12;
27,11
26,3
- ¹² Senhor meu Deus, quero celebrar-te de todo o coração,
e glorificar o teu nome para sempre,
- ¹³ pois tua fidelidade é grande para comigo
e me livraste das profundezas dos infernos.
- ¹⁴ Ó Deus! orgulhosos me atacaram
e uma conjuração de tiranos quer tirar-me a vida;
eles não te levam em conta^m.
- ¹⁵ Mas tu, Senhor, Deus misericordioso e benevolente,
lento na cólera, cheio de fidelidade e de lealdade, 103,8;
Ex 34,6
- ¹⁶ volta-te para mim; apieda-te de mim,
dá tua força a teu servo
e salva o filho da tua serva. 25,16
116,16
- ¹⁷ Age com brilho a meu favor,
então meus inimigos serão confundidos, vindo
que tu, SENHOR, me socorres e consolais.

SALMO 87 (86)

¹ *Dos filhos de Qôrah, canto.*

O SENHOR fundou Sião sobre as montanhas santas^a, 48,2

² ele ama suas portas^a

mais do que todas as moradas de Jacó.

1. Sendo o coração antes de tudo o órgão da decisão e da vontade, é preciso que ele seja unificado (cf. Tg 1,8), isto é, engajado exclusivamente no caminho de Deus. Gr. e sir.: *alegrai o meu coração*.

m. Lit. *não te puseram diante de si*.

n. Quanto aos "cânticos de Sião", cf. Introd.

o. Lit. *Sua fundação sobre as montanhas santas, o Senhor ama as portas de Sião...*

- ³ Contam-se coisas gloriosas sobre ti,
cidade de Deus!
- ⁴ Menciono Rahab^p e Babilônia
entre aqueles que me conhecem^q.
Sem dúvida, é na Filistéia, em Tiro ou em Kush
que tal homem nasceu.
- ⁵ Mas pode-se dizer de Sião^r:
"Nela, todo homem nasceu,
e é o Altíssimo que a consolida!"
- ⁶ O SENHOR inscreve no livro dos povos^s:
"Neste lugar nasceu tal homem",
- ⁷ mas eles dançam e cantam!^t
"Em ti minhas fontes todas".

Is 4,3;
Ez 13,9

SALMO 88 (87)

¹ *Canto, salmo: dos filhos de Qôrah. Do mestre de coro, 'al-mahalat le'annot^u. Instrução: de Heman, o ezrahta^v.*

- ² SENHOR, meu Deus salvador^w!
de dia, de noite, gritei a ti.
- ³ Chegue a ti minha oração;
presta ouvido à minha queixa.
- ⁴ Pois minha vida está saturada de desgraças
e estou já perto do Sheol.
- ⁵ Contam-me entre os moribundos;
eis-me como um homem acabado,
- ⁶ recluso^x entre os mortos,
como as vítimas deitadas na tumba,
dos quais perdes a lembrança,
pois estão separados de ti.
- ⁷ Depuseste-me nas profundezas do Fosso,
nas Trevas, nos precipícios.
- ⁸ Teu furor investiu contra mim;
abates-me com cada uma das tuas ondas.
- ⁹ Afastaste de mim os meus íntimos;
aos olhos deles, fizeste de mim um horror.
Enclausurado, não tenho saída.

Pausa

38,12

p. *Rahab* é o monstro marinho que simboliza o caos dos primórdios (ver 89,11; Is 51,9; Jó 9,13; 26,12). Aqui talvez designe o Egito (cf. Is 30,7).

q. Texto ambíguo: quem fala pode ser Deus, ou então Sião.
r. Ou então: *mas dir-se-á a Sião* (com Jerônimo e aram.); gr.: "Mãe Sião!", *dirá o homem* (cf. Gl 4,25-26); Vulg. *Sião não dirá?*

s. Lit. *recenseia inscrevendo os povos*. As versões têm em geral: *no livro*, ou *nas escrituras*.

t. Lit. *mas eles cantam como os dançarinos*, gr. e sir.: apresentam leituras diferentes.

u. '*Al-mahalat*': ver 53,1, nota. *Le'annot* só figura neste título, podendo significar *para responder* (assim gr.) ou *para afligir*.

v. *Heman* é o nome de um cantor do grupo dos filhos de Qôrah (1Cr 6,18), e o de um sábio da tribo de Judá (1Rs 5,11; 1Cr 2,6), Heman filho de Zérah; o *ezrahta* — palavra que significa "o autóctone" (cf. Sl 89,1) — pode ser relacionado com o nome de Zérah.

w. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

x. Versões: *livre*.

- ¹⁰ Meus olhos estão esgotados pela miséria.
Chamei por ti todos os dias, SENHOR!
com as mãos abertas para ti.
- ¹¹ Acaso farás um milagre para os mortos?
Acaso os defuntos⁷ se levantarão para celebrar-te?
- ¹² Porventura se pode, na Tumba, enaltecer a tua fidelidade,
e no Abismo^a cantar a tua lealdade?
- ¹³ Porventura o teu milagre se tornará conhecido nas Trevas,
e tua justiça na terra do Esquecimento?
- ¹⁴ Mas eu grito a ti, SENHOR!
de manhã, minha oração já está diante de ti.
- ¹⁵ SENHOR, por que rejeitar-me,
esconder-me a tua face?
- ¹⁶ Infeliz, extenuado desde a infância,
fui vitimado pelos teus terrores e sinto-me embrutecido^a.
- ¹⁷ Teus furores passaram sobre mim,
teus terrores me aniquilaram.
- ¹⁸ Dia por dia, eles me rodearam como água,
cercaram-me por todos os lados.
- ¹⁹ Afastaste de mim companheiros e amigos;
meus íntimos são as trevas.

6,6;
Is 38,18
Pausa

Jó 19,13

SALMO 89 (88)

¹ *Instrução; de Etan, o ezrahita.*

- ² Cantarei^b sempre as bondades^c do SENHOR .
Minha boca propagará tua lealdade para os séculos.
- ³ Sim, eu o digo: "Tua bondade^d está edificada para sempre;
nos céus, estabeleces tua lealdade".
- ⁴ —Fiz uma aliança com o meu eleito,
jurei a David, meu servo:
- ⁵ estabelece tua dinastia para sempre,
construí para ti um trono por todos os séculos—.
- ⁶ Que os céus celebrem esta maravilha, SENHOR!
e a tua lealdade na assembléia dos santos^e.
- ⁷ Quem é igual ao SENHOR, lá em cima?
quem se assemelha ao SENHOR entre os deuses?
- ⁸ No conselho dos santos, Deus é grandemente temível^f,
mais terrível que todos aqueles que o cercam.
- ⁹ SENHOR, Deus de todo poder!
quem é forte como tu, SENHOR?
A tua lealdade está ao teu redor.

2Sm 7;
23,5;
Pausa At 2,30

y. Cf. Is 26,14 nota; trata-se das sombras dos mortos, que levam nos infernos uma existência diminuída. Os lugares infernais são aqui descritos através de uma série de termos: *fossa* e *precipícios* (v. 7), *tumba*, *abismo*, *trevas*, *esquecimento* (vv. 12-13).
z. Lit. *no(a)* (*lugar da*) *Perdição*; cf. Jó 26,6 e Ap 9,11.
a. Tradução incerta de um termo que ocorre uma só vez.
b. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

c. Lit. *as fidelidades do Senhor*, isto é, o conjunto dos gestos de sua fidelidade.

d. Lit. *tua fidelidade*. A fidelidade do Senhor à sua aliança (v. 4) faz-se acompanhar de todos os traços de uma relação pessoal pressupostos por esta aliança.

e. *A assembléia dos santos*, isto é a corte celeste do Senhor.

f. Gr., sir.: *grande e temível*; Simaco: *no grande conselho*.

- 65,8
74,14;
Jô 26,12
- 24,1
- 97,2
- 2Sm 7,8
- 1Sm 16;
At 13,22
- Ap 1,5
- ¹⁰ Dominas o orgulho do Mar;
quando suas ondas se levantam, tu as acalmas.
- ¹¹ Esmagaste o cadáver de Rahab^a,
dispersaste teus inimigos pela força do teu braço.
- ¹² A ti, os céus! a ti, a terra!
o mundo e suas riquezas; tu os fundaste.
- ¹³ O Norte e o Sul, os criaste;
o Tabor e o Hermon^b gritam de alegria ao teu nome.
- ¹⁴ A ti pertence este braço cheio de valentia,
esta mão poderosa, esta destra erguida!
- ¹⁵ A justiça e o direito são as bases do teu trono;
a fidelidade e a verdade antecedem a tua face.
- ¹⁶ Feliz o povo que sabe aclamar-te!
ele caminhará à luz da tua face, SENHOR!
- ¹⁷ Ao teu nome, dançarão de alegria o dia inteiro,
por tua justiça se reerguem.
- ¹⁸ Sim, és sua força fulgurante;
reergues nossa frente com a tua mercê^l.
- ¹⁹ Nosso escudo^j depende do SENHOR,
e nosso rei, do Santo de Israel.
- ²⁰ Um dia, numa aparição, falaste assim aos teus fiéis^k:
Dispensei minha ajuda a um bravo,
exaltei um jovem do meu povo.
- ²¹ Encontrei David, meu servo,
consagrei-o com meu óleo santo.
- ²² Firme, a minha mão estará perto dele,
meu braço o fortalecerá.
- ²³ O inimigo não conseguirá surpreendê-lo,
o rebelde não conseguirá humilhá-lo,
- ²⁴ pois esmagarei diante dele seus adversários,
golpearei os que o odeiam.
- ²⁵ Minha lealdade e minha fidelidade estarão junto dele,
e ao meu nome, ele reerguerá a frente.
- ²⁶ Porei o mar debaixo da sua mão,
os rios debaixo da sua destra.
- ²⁷ Ele me chamará: "Meu pai!
meu Deus! o rochedo que me salva!"
- ²⁸ E eu farei dele o primogênito,
o altíssimo entre os reis da terra.
- ²⁹ Para sempre manterei minha fidelidade a ele;
minha aliança lhe estará assegurada.
- ³⁰ Estabelecerei sua dinastia para sempre,
e o trono dele enquanto durarem os céus.

g. Cf. 87,4. nota.

h. Tabor e Hermon, picos imponentes e montanhas sagradas para os cananeus, prestam agora um culto ao Senhor.

i. "Texto escrito", com Jerônimo e aram.: "texto lido", nossa

frente se reergue, por causa de teu favor, com gr. e sir.

j. Trata-se do rei (cf. 47,10; 84,10).

k. Uma variante do hebr. registra: para teu fiel (i.é. o rei).

l. Lit. tu és meu pai: cf. 2Sm 7,14; Sl 2,7; 18,3.

- ³¹ Se seus filhos abandonarem minha lei
e não observarem o meu direito,
³² se violarem meus preceitos
e não guardarem meus mandamentos,
³³ punirei sua rebelião a pau
e suas faltas com pancadas,
³⁴ mas sem quebrar minha fidelidade^m a ele,
nem desmentir minha aliança.

2Sm 7,14

- ³⁵ Não violarei minha aliança,
e não mudarei a palavra que saiu da minha boca.
³⁶ Uma vez por todas, jurei por minha santidade:
não! não decepcionarei David!
³⁷ Sua dinastia durará sempre;
e seu trono estará diante de mim, como o sol,
³⁸ como a lua, sempre lá, firme,
como testemunha fiel nas nuvensⁿ.

Pausa Ap 1,5

- ³⁹ Tu, no entanto, rejeitaste e menosprezaste,
te alteraste contra teu messias.
⁴⁰ Renegaste a aliança com o teu servo,
deitaste por terra e profanaste seu diadema.

- ⁴¹ Derrubaste todas as suas cercas,
desmantelaste suas fortalezas;
⁴² todos os transeuntes o pilharam;
ei-lo ultrajado pelos seus vizinhos.

80,13-14

- ⁴³ Reergueste o poder do inimigo,
fizeste exultar todos os seus adversários;
⁴⁴ voltaste contra ele o gume da sua espada^p,
não o sustentaste durante o combate.

- ⁴⁵ Puseste fim ao seu esplendor
e deitaste por terra o seu trono.
⁴⁶ Abreviaste o tempo da sua juventude,
e o cobriste de vergonha.

Pausa

- ⁴⁷ Até quando, SENHOR? Esconder-te-ás constantemente?
Deixarás arder a tua cólera?

79,5

- ⁴⁸ Pensa na duração da minha vida:
criaste o homem para um final tão irrisório!
⁴⁹ Que valente viveria sem ver a morte,
escapando ao domínio do Sheol?

Pausa

- ⁵⁰ SENHOR! onde estão as tuas bondades de outrora?
Juraras a David por tua fidelidade!
⁵¹ Senhor! pensa em teus servos ultrajados,
em todo este povo sob meu encargo^p.

m. Certos mss. hebr., sir. e Jerônimo: *mas sem retirar-lhe a minha fidelidade*.

n. *Sólido* pode referir-se à lua ou ao trono; neste último caso, dever-se-ia traduzir o v. 38b: *e há uma testemunha fiel nas nuvens*. Cf. 132,12.

o. Lit. *a rocha de sua espada*.

p. Tradução incerta. Lit. *no fato de que carrego em meu colo toda a multidão dos povos* (assim gr.); ou então: *suportei as iniquidades* (ou *as perseguições, a preocupação*) *de todos os povos*, segundo outras versões.

106,48;
Lc 1,68

- ⁵² Teus inimigos o ultrajaram, SENHOR!
cuspindo nos passos do teu messias^q.
⁵³ Bendito seja o SENHOR para sempre!
Amém e amém^r!

SALMO 90 (89)

¹ *Oração, de Moisés, o homem de Deus.*

Senhor, de geração em geração^s,
tens sido o nosso abrigo.

² Antes que as montanhas nascessem
e que gerasses terra e mundo,
desde sempre, para sempre, tu és Deus.

³ Fazes o homem voltar ao pó,
pois disseste^t: "Filhos de Adão, volta!"

⁴ Sim, mil anos, a teus olhos,
são como ontem, um dia que se vai,
como uma hora da noite.

⁵ Tu os^u varres, como ao sono,
que, de manhã, passa como a erva;

⁶ de manhã, ela floresce, depois passa;
de noite, murcha, fica seca.

⁷ Sim, consumiu-nos tua cólera,
apavorou-nos teu furor.

⁸ Expuseste nossas faltas na tua presença,
nossos segredos na luminosidade da tua face.

⁹ Sim, diante do teu furor apagam-se todos os nossos dias;
nossos anos duram quanto dura um suspiro:

¹⁰ setenta anos é, às vezes, a duração da nossa vida^v,
oitenta, se ela for vigorosa.

A agitação da nossa vida não passa de aflição e miséria;
ela passa rápido, e nós nos vamos.

¹¹ Quem é capaz de conhecer a força da tua cólera?
Quanto mais te tememos, melhor conhecemos a tua ira^w!

¹² Ensina-nos, pois, a contar os nossos dias,
e alcançaremos a sabedoria do coração^x.

¹³ Volta, SENHOR! Até quando?

Reconsidera tua atitude em favor dos teus servos.

q. Texto de sentido incerto. Lit. (*ele*) que insultaram os inimigos, Senhor, que insultaram os traços de teu messias; ou então: pois teus inimigos blasfemaram (dizendo) Senhor, pois blasfemaram os traços do teu messias.

r. Doxologia que encerra a terceira parte do Saltério; cf. 41,14 e 72,19.

s. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd. t. Lit. tu disseste: alusão a Gn 3,19.

u. Os, isto é, ou os mil anos, preferivelmente, os homens. Para este meio-verso, gr.: seus anos não passarão, para eles, de vaidade; sir. sua descendência é igual ao sono.

v. Lit. os dias de nossa vida, entre eles (se contam) setenta anos.

w. Lit. e assim como o teu temor, a tua ira, ou seja: tua ira é bem proporcional ao temor que inspiras.

x. Texto obscuro. Lit. e faremos entrar um coração de sabedoria. Áquila, Símaco, sir. e Jerônimo: e entraremos no coração da sabedoria. Para vv. 11 e 12, gr.: (11) Quem conhece a força da tua cólera e faz suas contas por causa do temor do teu furor? (Vulg. quem conheceu a força da tua cólera e mede a tua cólera por causa do teu temor?) (12) Faze, pois, conhecer a tua destra e aqueles que são instruídos em seu coração na sabedoria.

- ¹⁴ De manhã cedo, sacia-nos com a tua fidelidade.
e gritaremos de alegria enquanto durarem os nossos dias.
- ¹⁵ Transforma em alegria para nós os teus dias de castigo,
os anos em que vimos a infelicidade.
- ¹⁶ Que tua ação seja visível para todos os teus servos,
e teu esplendor para seus filhos!
- ¹⁷ Que a doçura do Senhor nosso Deus esteja sobre nós!
Consolida para nós a obra das nossas mãos,
sim, consolida esta obra das nossas mãos.

SALMO 91 (90)

- ¹ Aquele que habita onde se esconde o Altíssimo^a
e passa a noite à sombra do Poderoso.
- ² — Do SENHOR eu digo: "Ele é meu refúgio, minha fortaleza,
meu Deus: nele confio!" —
- ³ É ele que te livra da rede do caçador
e da peste^a perniciosa.
- ⁴ De suas asas ele faz para ti um abrigo,
e debaixo da sua plumagem te refugias.
Sua fidelidade é um escudo e uma armadura. 17.8
- ⁵ Não temerás nem o terror da noite,
nem a flecha que voa em pleno dia,
- ⁶ nem a peste que ronda na sombra,
nem o flagelo que devasta ao meio-dia^a. Dt 32,24
- ⁷ Se tombarem mil a teu lado
e dez mil à tua direita,
não serás atingido.
- ⁸ Basta abrires os olhos
e verás que recompensa recebem os infiéis.
- ⁹ Sim, SENHOR, tu és o meu refúgio! —
Fizeste do Altíssimo a tua morada,
- ¹⁰ não te acontecerá desgraça,
nenhum golpe ameaçará a tua tenda,
- ¹¹ pois ele encarregará seus anjos
de guardar-te em todos os teus caminhos. Mt 4,6
- ¹² Eles te carregarão em seus braços
para que o teu pé não se contunda numa pedra;
- ¹³ andarás por sobre o leão e a víbora,
calcarás aos pés o tigre e o dragão. Jó 5,19-22;
Lc 10,19

y. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd. Este salmo apresenta-se como um diálogo entre um fiel, um sacerdote e (nos vv. 14-16) Deus.

z. Em vez de *peste*, gr., Jerônimo, sir. e Símaco leram: *a palayra*. No v. 6, para a mesma palavra, o gr. tem a mesma leitura e interpreta *negócio*, ao passo que Símaco, Jerônimo e aram. traduzem *aguihão*.

a. A palavra hebr. para *flagelo* tornou-se, em época tardia, o

nome próprio de um demônio; além disso, o verbo *devastar* está bem próximo do termo que significa *demônio*, das versões: gr. *tu não temerás...* nem o flagelo, nem o demônio do meio-dia (donde a expressão figurativa); analogamente aram.: *tu não temerás...* nem a morte que circula de noite, nem a companhia dos demônios que devastam em pleno meio-dia; sir.: *tu não temerás...* nem a palavra que caminha nas trevas, nem o espírito que vagueia ao meio-dia.

- ¹⁴ — Já que ele se apega a mim, eu o liberto^b,
eu o protegerei, pois conhece o meu nome.
¹⁵ Se me chamar, lhe responderei,
estarei com ele na aflição;
eu o livrarei e o glorificarei;
¹⁶ eu o cumularei de longos dias
e lhe revelarei a minha salvação.

23,6

SALMO 92 (91)

¹ *Salmo, canto; para o dia de sábado.*

² Como é bom celebrar o SENHOR^c
e cantar ao teu nome, Deus Altíssimo!

³ proclamar desde cedo a tua fidelidade
e a tua lealdade durante as noites,

⁴ no alaúde e na harpa,
ao som da cítara.

⁵ Pois a tua ação me alegra, SENHOR!
e diante das obras das tuas mãos, grito de alegria.

⁶ Como as tuas obras são grandes, SENHOR,
e insondáveis os teus desígnios!

73,22

⁷ O homem embotado não conhece nada disso,
o espírito limitado não compreende nada.

37,35-36

⁸ Se os infieis brotam como a erva,
se todos os malfeitores florescem,
é para serem suprimidos para todo o sempre.

⁹ Mas tu, lá em cima,
és para sempre o SENHOR.

¹⁰ Eis que teus inimigos, SENHOR,
eis que teus inimigos vão perecer,
e todos os malfeitores vão dispersar-se.

¹¹ Reergueste minha frente como o chifre do búfalo,
e eu me banho no óleo fresco^d.

¹² Meus olhos descobrem aqueles que me espreitam^e;
e os maus que me atacam,
meus ouvidos os ouvem.

1,3

¹³ O justo brota como a palmeira,
expande-se como cedro do Líbano:

¹⁴ plantado na casa do SENHOR,
ele brota nos átrios do nosso Deus.

¹⁵ Mesmo idoso, continua a dar fruto,
permanece cheio de seiva e de verdor,

b. Ou então: *eu o libertei*. Pode-se compreender "eu o libertei pois ele se agarra a mim", ou "se ele se agarra a mim, é porque eu o libertei". Em lugar de *agarrar-se a*, gr. *esperar em*.

c. Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.

d. Cabe pensar em uma unção vivificante (cf. 23,5), com sir. e aram.: *tu me ungiste*. Gr., Símaco e Jerônimo: *e a minha velhice (está) no óleo fresco*, como imagem da prosperidade; Vulg.: *minha velhice está em uma misericórdia abundante*.

e. Termo único, gr. e sir. interpretam: *meus inimigos*.

- ¹⁶ proclamando a retidão do SENHOR:
 "Ele é o meu rochedo! Nele não há desvios!"

SALMO 93 (92)

- ¹ O SENHOR é rei^a. 96,10
 Ele está vestido de majestade.
 O SENHOR está vestido
 com a força por cinturão.
 Sim, o mundo permanece firme, inabalável.
² Desde então o teu trono está firme;
 desde sempre tu és.
³ As ondas aumentaram, SENHOR!
 as ondas aumentaram sua voz;
 as ondas aumentam seu estrondo.
⁴ Mais do que a voz das grandes águas,
 e dos vagalhões soberbos do mar, 29,10
 soberbo é o SENHOR nas alturas!
⁵ Teus decretos são verdadeiramente seguros.
 A santidade é o apanágio da tua casa,
 SENHOR, para a sucessão dos tempos.

SALMO 94 (93)

- ¹ SENHOR, Deus vingador^b! 1Ts 4,6
 manifesta-te, Deus vingador!
² Levanta-te, juiz da terra,
 dá o devido aos orgulhosos.
³ Por quanto tempo esses ímpios, SENHOR?,
 por quanto tempo os ímpios vão triunfar?
⁴ Fanfarronam, dizem insolências,
 gabam-se, esses malfetores todos.
⁵ Eles esmagam o teu povo, SENHOR!
 Humilham teu patrimônio;
⁶ massacram a viúva e o migrante,
 assassinam os órfãos.
⁷ Dizem: "O SENHOR não vê nada;
 o Deus de Jacó nada sabe!" 10,11
⁸ Gente estúpida entre todos, ficai sabendo;
 espíritos limitados, será que compreendereis um dia?
⁹ Ele implantou o ouvido; será incapaz de ouvir?
 Ele formou o olho; será incapaz de ver?
¹⁰ Ele corrigiu nações; será incapaz de punir?
 Ele deu ao homem o conhecimento,
¹¹ o SENHOR conhece a futilidade dos projetos humanos. 1Cor 3,20

f. Em conformidade com a tradição judaica, o gr. acrescenta:
na véspera do sábado, quando a terra foi habitada; Vulg.: *quando*
a terra foi fundada; louvor; canto; de David.

g. Quanto aos "cantos do Reino". cf. Introd.

h. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf.
 Introd.

119,71;
Jó 5,17

- ¹² Feliz aquele que tu corriges, SENHOR,
que ensinas pela tua lei,
¹³ para fazê-lo repousar dos dias maus
enquanto se cava um fosso para os ímpios.

Rm 11,1-2

- ¹⁴ Pois o SENHOR não abandona o seu povo,
não abandona sua herança:
¹⁵ julgar-se-á novamente segundo a justiça,
e todos os corações retos por ela se guiarão.
¹⁶ Quem irá defender a minha causa¹ contra esses malvados,
tomar meu partido contra esses malfetores?
¹⁷ Se o SENHOR não me tivesse socorrido,
logo o Silêncio¹ seria a minha morada.
¹⁸ Quando eu dizia: "Vou cair!",
tua fidelidade, SENHOR, me sustentava.
¹⁹ Quando mil preocupações me assaltavam,
eu saboreava o teu reconforto.
²⁰ Seria teu cúmplice esse trono criminoso
que cria a miséria menosprezando as leis^k?
²¹ Eles investem contra a vida do justo,
declaram culpada uma vítima inocente¹.
²² Mas o SENHOR tornou-se minha fortaleza;
meu Deus é o rochedo no qual me refugio.
²³ Ele os fez pagar pelo seu crime;
Ele os aniquilou através da sua própria maldade;
Ele os aniquilou, o SENHOR, nosso Deus.

SALMO 95 (94)

- ¹ Vinde! gritemos de alegria para o SENHOR^m,
aclamemos o rochedo que nos salva;
² apresentemo-nos diante dele dando-lhe graças,
aclamemo-lo com hinos.

47,3

- ³ Pois o SENHOR é o grande Deus,
o grande rei acima de todos os deuses.
⁴ Ele segura em sua mão os precipícios da terra;
os cumes das montanhas lhe pertencem.
⁵ A ele o mar, foi ele quem o fez,
e os continentes que suas mãos formaram!
⁶ Entrai! vamos inclinar-nos, prostrar-nos
de joelhos diante do SENHOR que nos fez!

100,3

- ⁷ Pois ele é nosso Deus;
nós somos o povo que Ele apascenta,
o rebanho que Ele guarda.

i. Lit. *Quem vai levantar-se por mim?*; expressão jurídica.

j. O *Silêncio*, isto é, a morada dos mortos, os infernos; cf. 88,11, nota; 115,17.

k. Ou então: *que cria penas contrárias às leis*.

l. Lit. *e declaram culpado o sangue do inocente*.

m. Espécie de "exortação profética" (cf. Introd.), em um contexto litúrgico.

- Hoje, contanto que obedeçais à sua voz!"
- ⁸ Não endureçais o vosso coração como em Meribá,
como no dia de Massá no deserto^o,
- ⁹ onde vossos pais me desafiaram e me puseram à prova,
quando me tinham visto em ação.
- ¹⁰ Durante quarenta anos esta geração me aborreceu,
e eu disse: "É um povo de espírito desgarrado;
não conhecem meus caminhos".
- ¹¹ Então, na minha cólera, jurei:
"Não, não entrarão no meu lugar de repouso!"

Dt 12,9

SALMO 96 (95)

- ¹ ^aCantai ao SENHOR um canto novo^a,
cantai ao SENHOR, terra inteira;
33,3; 98,1
- ² cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome!
- Proclamai sua salvação dia por dia;
- ³ anunciai sua glória entre as nações,
suas maravilhas entre todos os povos!
- ⁴ Pois o SENHOR é grande e cumulado de louvores,
48,2; 145,3
ele é terrível e superior a todos os deuses:
95,3
- ⁵ todas as divindades dos povos são vaidades^r.
1 Cor 8,4-6
- O SENHOR fez os céus.
- ⁶ Esplendor e brilho estão diante da sua face,
104,1
força e majestade^s no seu santuário.
- ⁷ Dai ao SENHOR, famílias dos povos,
29,1-2
dai ao SENHOR glória e força;
- ⁸ dai ao SENHOR a glória do seu nome.
- Trazei vossa oferenda, entrai nos seus átrios;
- ⁹ prostrai-vos diante do SENHOR, quando brilha sua santidade^t;
114,7
tremei diante dele, terra inteira.
- ¹⁰ Dizei entre as nações: "O SENHOR é rei.
93,1; 97,1
Sim, o mundo permanece firme, inabalável.
9,9
Ele julga os povos com retidão."
- ¹¹ Que os céus rejubilem, que a terra exulte,
Is 49,13
e que ribombem o mar e suas riquezas!
98,7
- ¹² Que o campo, todo inteiro, esteja em festa,
Is 55,12
que todas as árvores das florestas bradem de alegria,
- ¹³ diante do SENHOR, pois ele vem,
98,9
pois ele vem para governar a terra.

n. Lit. *hoje*: se obedecerdes à sua voz, isto é "hoje como no passado". Interpretou-se também: *Oxalá obedecêsseis hoje à sua voz*. Neste caso tratar-se-ia de uma introdução à exortação que segue. Hb 3,7; 4,11 comenta longamente toda esta exortação.

o. Massá significa "a tentação", ou "a prova", e Meribá significa "a discórdia" ou "a contestação". Alusão à travessia do deserto: quanto a Massá, cf. Ex 17; Dt 6,16; 9,22; quanto a Meribá, cf. Nm 20,13; Dt 33,8; Sl 81,8.

p. O gr. acrescenta: *Cântico de David. Durante a construção da Casa, após o cativo*. Este salmo é reproduzido em 1 Cr 16,23-33 com algumas variantes, ao lado de fragmentos do Sl 105 e 106.

q. Quanto aos "cantos do Reino", cf. Introdo.

r. No hebr. há um jogo de palavras *[cf. Sl 97,7 e nota]. Gr.: *são demônios*.

s. *Força e majestade*: talvez designe a arca: cf. 71,8; 78,61.

t. Tradução incerta: cf. 29,2, nota.

Ele governará o mundo com justiça,
e os povos segundo a sua lealdade.

SALMO 97 (96)

- 96,10; 99,1
96,11
Dt 5,22
89,15
50,3
77,19
Mq 1,4
50,6
Hb 1,6
48,12
83,19;
95,3
112,4
- ¹ O SENHOR é rei.
Que a terra exulte,
que todas as praias se alegrem!
- ² Trevas e nuvens o circundam;
a justiça e o direito são as bases do seu trono.
- ³ Um fogo caminha diante dele,
devorando ao redor seus adversários.
- ⁴ Seus relâmpagos iluminaram o mundo;
a terra o viu, ela tremeu;
- ⁵ as montanhas, como cera,
derreteram-se diante do SENHOR,
diante do Senhor da terra inteira.
- ⁶ Os céus proclamam a sua justiça,
e todos os povos vêem a sua glória:
- ⁷ "Vergonha para todos os idólatras,
que se vangloriam das vaidades;
prostrai-vos diante dele,
vós, todas as divindades!"
- ⁸ Sião o ouviu, ela se alegra;
as cidades de Judá exultam
por causa dos teus julgamentos, SENHOR!
- ⁹ Pois és tu, SENHOR,
o Altíssimo sobre toda a terra,
dominando do alto todos os deuses.
- ¹⁰ Vós que amais o SENHOR, odiai o mal.
Ele guarda a vida dos seus fiéis,
livrando-os da mão dos ímpios.
- ¹¹ Para o justo é semeada* uma luz:
e é uma alegria para os corações retos.
- ¹² Justos, jubilai por causa do SENHOR,
celebrai-o evocando sua santidade*.

SALMO 98 (97)

¹ *Salmo*

96,1;
Is 42,10
86,10;
Ex 34,10

Cantai ao SENHOR um canto novo*,
pois Ele fez maravilhas.

u. Quanto aos "cantos do Reino", cf. Intro.
v. Cf. 96,5 nota. No hebr. há um jogo de palavras entre *vaidades*, *divindades* e *que se vangloriam*.

w. A imagem desaparece nas versões: *uma luz se levanta*.
x. Cf. 30,5 nota.
y. Quanto aos "cantos do Reino", cf. Intro.

- Sua destra, seu braço santíssimo
tornaram-no vencedor^a. Is 51,5
- ² O SENHOR deu a conhecer sua vitória;
aos olhos das nações revelou sua justiça.
- ³ Lembrou-se da sua fidelidade, da sua lealdade,
em favor da casa de Israel. Lc 1,54
Até a extremidade da terra, viu-se
a vitória do nosso Deus. Is 52,10
- ⁴ Aclamai o SENHOR, terra inteira;
fazei ressoar vossos cantos de alegria e vossas músicas; 66,1; 100,1
- ⁵ tocai ao SENHOR na cítara,
na cítara, ao som dos instrumentos. 147,7
- ⁶ Com as trombetas, ao som da trompa
aclamai o rei, o SENHOR. Nm 10,10
- ⁷ Que ribombem o mar e suas riquezas,
o mundo e seus habitantes! 96,11
24,1
- ⁸ Que os rios aplaudam,
que com eles as montanhas gritem de alegria 89,13;
- ⁹ diante do SENHOR, pois ele vem Is 55,12
para governar a terra. 96,10-13
9,9
Ele governará o mundo com justiça
e os povos com retidão.

SALMO 99 (98)

- ¹ O SENHOR é rei^a: 93,1
Que os povos tremam! estremeçam!
Ele está sentado sobre os querubins; 80,2
que a terra estremeça!
- ² O SENHOR é grande em Sião, Is 12,6
e domina todos os povos: 113,4
- ³ que eles celebrem teu nome grande e terrível! 111,9
Ele é santo!
- ⁴ A força de um rei é amar o direito.
Foste tu que estabeleceste a ordem.
O direito e a justiça em Jacó,
foste tu que os fizeste:
- ⁵ Exaltai o SENHOR nosso Deus, 132,7
prostrai-vos diante do seu pedestal!
Ele é santo! Ap 15,4
- ⁶ Moisés e Aarão entre seus sacerdotes,
e Samuel entre aqueles que invocavam seu nome,
invocavam o SENHOR,
e Ele lhes respondia. 1Sm 7,9;
12,18

Ex 33,9;
Nm 12,5

⁷ Na coluna de nuvens ele lhes falava.
Observaram as suas instituições,
e as leis que lhes dera.

Ex 34,6-7

⁸ SENHOR nosso Deus, tu mesmo lhes respondeste,
foste para eles um Deus paciente
mas que se vingava de suas más ações^b.

3,5
Lv 19,2

⁹ Exaltai o SENHOR nosso Deus;
prostrai-vos em direção à sua montanha santa,
pois Ele é santo, o SENHOR nosso Deus!

SALMO 100 (99)

¹ *Salmo para a ação de graças.*

66,1
Dt 28,47

Aclamai o SENHOR, terra inteira^c;
² servi ao SENHOR com alegria;
entraí diante dele com júbilo.

Dt 4,39
Dt 32,6;
Ep 2,10
95,7;
Ez 34,31
5,8; 118,19

³ Reconheceí que o SENHOR é Deus.
Ele nos fez e pertencemos a ele^d,
seu povo e o rebanho da sua pastagem.

⁴ Entraí pelas suas portas rendendo graças,
em seus átrios louvando-o;
celebrai-o, bendizei o seu nome.

96,2

⁵ Pois o SENHOR é bom:
sua fidelidade é para sempre,
e sua lealdade se estende de geração em geração.

106,1

117,2

SALMO 101 (100)

¹ *De David. Salmo.*

Quero cantar a fidelidade e o direito^e
e tocar para ti, SENHOR!

71,22

² Quero progredir na integridade:
quando vieres a mim^f.

1Tm 3,4

Em minha casa saberei conduzir-me,
com o coração íntegro.

³ Não terei olhos
para nada de funesto^g.
Odiarei a apostasia^h,
ela não terá poder sobre mimⁱ.

139,21;
Jd 23

b. Ou os maus atos dos intercessores (cf. Nm 20,12.24; 27,14),
ou então os do povo.

c. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

d. Segundo numerosos mss. hebr., aram., Áquila e Jerônimo.
Outros mss. hebr., gr., Símaco e sir.: *Ele nos fez, não nós*.

e. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

f. Ou talvez uma simples afirmação: *quando vieres a mim*
(então progredirei).

g. Lit. *coisa (palavra) de Belial* (cf. 41,9); trata-se ou de procedimentos maus, manobras equívocas, ilegais (cf. gr.) ou funestas, costumes de patifes ou agitadores, ou então de práticas demôníacas, cf. 18,5 nota e Na 2,1 nota.

h. Lit. *cometer a apostasia* (ou *a ação dos apóstatas*); gr.: *os que cometem a apostasia*.

i. Gr. liga este estíquio com o seguinte: *o coração tortuoso não tem poder sobre mim, eu não conhecia o mau que se afastava de mim*.

- ⁴ Longe de mim o coração tortuoso;
o mal, não quero conhecê-lo. Ef 5,11
Pr 11,20
- ⁵ Aquele que difama os outros em segredo,
reduzi-lo-ei ao silêncio.
O olhar orgulhoso, o coração ambicioso,
não consigo tolerá-los! Pr 21,4
- ⁶ Distinguirei os homens retos da terra,
para que eles sentem a meu lado.
Aquele que tem uma conduta íntegra
será o meu ministro. 119,63
- ⁷ Não sentará em minha casa
o homem hábil em enganar.
O contador de mentiras
não resistirá diante do meu olhar. 26,4-5
Pr 20,8
- ⁸ Cada manhã reduzirei ao silêncio
todos os maus da terra,
extirpando da cidade do SENHOR
todos os malfetores. Pr 20,26
Ap 21,27

SALMO 102 (101)

- ¹ *Súplica do infeliz que desfalece e se derrama em queixas diante do SENHOR.* 142,3
- ² SENHOR, escuta a minha prece^k;
que o meu grito chegue a ti! 39,13
Rr,3
- ³ Não escondas de mim a tua face
no dia da minha desgraça.
Dirige para mim o teu ouvido.
No dia em que chamo,
responde-me, depressa. 27,9
31,3; 71,2
56,10
143,7
- ⁴ Pois os meus dias esvaíram-se em fumaça,
meus ossos queimaram como um braseiro.
- ⁵ Como a erva cortada,
meu coração seca;
esqueço-me de comer meu pão. 90,6;
Is 40,7
- ⁶ De tanto gemer,
só tenho a pele sobre os ossos! 6,7
Jb 19,20
- ⁷ Assemelho-me à gralha do deserto,
sou como a coruja das ruínas.
- ⁸ Permaneço acordado, e aqui estou^m
como o pássaro solitário sobre um teto.
- ⁹ O dia inteiro meus inimigos me ultrajam,
furiosos contra mim, juram pela minha cabeçaⁿ. 44,17

j. Gr. e sir. *não comerei com ele.*

k. "Oração de pedido de socorro" individual e coletiva (vv. 13-23), cf. Introd.

l. Lit. *meus ossos estão colados à minha carne.*

m. Sir.: *e estou solitário como...*; muitos corrigem: *e eu gemo.*

n. Lit. *juram por mim.*

42.4; 80,6

¹⁰ O pão que como é a cinza,
e à minha bebida misturo lágrimas.

¹¹ Pela tua indignação e tua cólera
levantaste-me e me arremessaste.

¹² Meus dias se esvaem como a sombra*,
e eu seco como a erva.

¹³ Mas tu, SENHOR, estás no trono para sempre,
e todas as gerações farão menção de ti.

¹⁴ Tu te erguerás, por amor de Sião,
pois é tempo de ter piedade dela:
sim, o momento chegou!

¹⁵ Teus servos se apegam às suas pedras,
e sua poeira lhes causa dó.

¹⁶ As nações temerão o nome do SENHOR,
e todos os reis da terra, a tua glória,

¹⁷ quando o SENHOR reconstruir Sião
e se tornar visível na sua glória,

¹⁸ quando ele se voltar para a oração dos espoliados
e deixar de rejeitar sua prece.

¹⁹ Que isto seja escrito para a geração seguinte,
e um povo reciado louvará o SENHOR:

²⁰ Ele inclinou-se do alto do seu santuário;
o SENHOR, lá dos céus, olhou para a terra,

²¹ para ouvir o gemido dos prisioneiros
e soltar os condenados à morte.

²² Publicar-se-á o nome do SENHOR em Sião
e seu louvor em Jerusalém,

²³ quando se reunirem povos e reinos
para servir ao SENHOR.

²⁴ Ele reduziu minhas forças em plena corrida*;
Ele abreviou os meu dias.

²⁵ Meu Deus, disse eu*,
não me leves embora no meio dos meus dias!

Teus anos cobrem todos os séculos.

²⁶ Outrora fundaste a terra,
e os céus são obra das tuas mãos.

²⁷ Eles perecerão, mas tu permaneces.
Todos eles se consumirão como uma veste,
tu os trocarás como roupa,
e cederão seu lugar.

²⁸ Eis o que tu és, e teus anos não acabam.

²⁹ Os filhos dos teus servos se estabelecerão,
e os seus descendentes se manterão diante de ti.

103,15;
109,23; 144,4
9,8;
Lm 5,19
135,13

Ne 2,3

Is 60,1

22.31-32

14,2;
Dt 26,15
113,6;
Is 63,15
79,11

Is 38,10

90,2
Hb 1,10-12
Is 51,6-8

Is 65,17

Ap 20,11;
2Pd 3,10

69,37;
Ez 37,25

o. Lit. meus dias (são) como a sombra estendida: evocação do entardecer da vida.

p. Minhas forças (lit. minha força) segundo o texto lido. aram.,

sir., Símaco e Jerônimo. Texto escrito. gr.: sua força (gr.: ele lhe respondeu através da sua força).

q. Gr. e sir.: diga-me a brevidade dos meus dias.

SALMO 103 (102)

¹ *De David.*

- Bendize o SENHOR, ó minh'alma',
que todo o meu coração bendiga o seu santo nome! 104,1,35
- ² Bendize o SENHOR, ó minh'alma, .
e não esqueças nenhum de seus benefícios!
- ³ É Ele quem perdoa inteiramente a tua falta
e cura todos os teus males. 130,8
- ⁴ Ele resgata tua vida do fosso
e te coroa de fidelidade e de ternura. 107,20
- ⁵ Ele nutre de seus bens o teu vigor*,
e rejuenesces como a águia. Is 40,31
- ⁶ O SENHOR realiza atos de justiça,
faz justiça a todos os explorados. 146,7
- ⁷ Ele revela seus caminhos a Moisés
e aos filhos de Israel seus grandes feitos. Rm 3,2
- ⁸ O SENHOR é misericordioso e benevolente,
lento na cólera e cheio de fidelidade. Ex 34,6;
Sl 86,15;
145,8;
- ⁹ Ele não está sempre em contendas
e não guarda rancor indefinidamente. Tg 5,11
- ¹⁰ Ele não nos trata segundo os nossos pecados,
não nos retribui segundo as nossas faltas. Is 57,16;
Jr 3,12
- ¹¹ Como os céus dominam a terra,
assim sua fidelidade ultrapassa os que o temem. Ez 20,44
- ¹² Quanto o Levante dista do Poente,
tanto ele põe longe de nós as nossas ofensas. 36,6;
117,2;
Is 55,9
- ¹³ Como um pai é terno com seus filhos,
assim o SENHOR é terno com aqueles que o temem; Jz 31,20
- ¹⁴ ele sabe perfeitamente de que massa fomos feitos*,
ele se lembra de que somos pó. Jz 10,9
- ¹⁵ O homem! seus dias são como a erva;
floresce como a flor do campo; 102,12;
Is 40,6-7
- ¹⁶ basta que passe o vento, ela não existe mais,
e o lugar onde estava, esqueceu-a". 90,6;
37,36;
Jz 7,10;
8,18
- ¹⁷ Mas a fidelidade do SENHOR,
desde sempre e para sempre,
está sobre aqueles que o temem,
e sua justiça é para os filhos de seus filhos, 100,5;
Lc 1,50
- ¹⁸ para os que observam a sua aliança
e se empenham em executar suas ordens. Dt 33,9
- ¹⁹ O SENHOR estabeleceu seu trono nos céus,
e sua realeza domina tudo. 11,4
22,29

r. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

s. Tradução incerta (cf. 32,9); gr.: *teu desejo*; sir.: *teu corpo*; Áquila, Jerônimo: *teu adorno*; Sínaco: *tua duração*; aram.: *tua velhice*.t. Esta palavra (cf. também *pó*) evoca o trabalho de Deus descrito em Gn 2,7. Ela designa também os desígnios que con-cebemos em nós mesmos (Is 26,3; 1Cr 29,18), e muitas vezes os maus (Gn 6,5; 8,21; Dt 31,21), depois a inclinação, o pendio da natureza (Sr 15,14; cf. 21,11); donde a possibilidade de uma outra tradução: *Ele conhece nossas inclinações*.u. Os pronomes deste v. podem referir-se tanto ao homem como à flor; gr.: *e ele não reconhecerá mais o seu lugar*.

Dn gr. 3,59
148,8
Lc 1,19
148,2
145,10;
Dn gr. 3,57

- ²⁰ Bendizei o SENHOR, vós seus anjos,
forças de elite a serviço da sua palavra,
que obedeceis ao ressoar de sua palavra.
- ²¹ Bendizei o SENHOR, vós todos os seus exércitos,
vós seus ministros que cumpris sua vontade.
- ²² Bendizei o SENHOR, vós todas as Suas obras,
por toda parte em seu império.
Bendize o SENHOR, ó minh'alma.

SALMO 104 (103)

103,22
2Sm 7,22
18,10
Is 19,11
18,11

- ¹ Bendize o SENHOR, ó minh'alma!
SENHOR meu Deus, és tão grande!
Vestido de esplendor e de brilho,
² revestido de luz como um manto,
estendes os céus como um toldo.
- ³ Ele escalona suas moradas por sobre as águas*;
das nuvens faz seu carro;
caminha sobre as asas do vento.
- ⁴ Dos ventos faz seus mensageiros,
e das chamas os seus ministros*.
- ⁵ Ele fundou a terra sobre as suas bases,
ela é para sempre inabalável.
- ⁶ Tu a cobriste com o Oceano como de uma veste;
as águas permaneciam sobre as montanhas.
- ⁷ Sob a tua ameaça elas fugiram,
precipitando-se por teus golpes de trovão:
⁸ escalando as montanhas, descendo os vales
em direção ao lugar que lhes havias fixado.
- ⁹ Impuseste-lhes um limite que não devem ultrapassar;
elas não voltarão mais a cobrir a terra.
- ¹⁰ Ele envia a água das fontes aos vales;
ela escorre entre as montanhas;
¹¹ dessedenta todos os animais dos campos,
os asnos selvagens saciam sua sede.
- ¹² Junto dela abrigam-se os pássaros do céu
que cantam na folhagem.
- ¹³ Das suas moradas ele dá de beber às montanhas,
a terra sacia-se do fruto do teu trabalho*;
¹⁴ fazes brotar a relva para o gado,
as plantas que o homem cultiva,
extraindo seu pão da terra.
- ¹⁵ O vinho alegra o coração do homem
fazendo os rostos brilharem mais que o óleo.
O pão reconforta o coração do homem.

Jr 5,22
Gn 9,11

74,15;
Dt 8,7

At 14,17
147,9;
Gn 1,30

4,8;
Jz 9,13;
Pr 31,7
Gn 18,5

v. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

w. Trata-se das águas localizadas acima dos céus (Gn 1,7; Sl 148,4); a morada do Senhor está acima de tudo.

x. Aram. *Ele torna os seus mensageiros rápidos como o vento, e seus ministros fortes como o fogo*; cf. Hb 1,7 nota.

y. Lit. *do fruto dos teus trabalhos* (tuas obras).

- 16 As árvores do SENHOR saciam-se,
e também os cedros do Líbano que ele plantou.
- 17 É lá que fazem seu ninho os pássaros,
a cegonha tem sua morada nos ciprestes.
- 18 As montanhas altas são para as cabras monteses,
os rochedos são o refúgio dos hírcax. Pr 30,26
- 19 Ele fez a lua para fixar as festas,
e também o sol, que sabe a hora de se pôr. 74,16;
Gn 1,16
- 20 Tu fazes as trevas, e eis a noite,
na qual se movem todos os animais das florestas.
- 21 Os leões rugem em busca da sua presa
e reclamam de Deus o seu alimento.
- 22 Ao nascer o sol eles se retiram,
deitam-se em suas tocas, Jó 37,8
- 23 e o homem vai para o seu trabalho,
para as suas plantações até o entardecer.
- 24 Como são numerosas as tuas obras, SENHOR!
Com sabedoria as fizeste todas,
a terra está cheia das tuas criaturas. Jó 5,9
Pr 3,19;
Jr 10,12
- 25 Eis o mar, grande e vasto por todos os lados,
onde se movem, inumeráveis,
animais pequenos e grandes.
- 26 Nele vão e vêm os navios,
e o Leviatan que formaste para brincar com ele⁴.
- 27 Todos confiam em ti,
que lhes dê alimento no tempo devido: 145,5
136,25
- 28 tu dás, ajuntam;
abres as mãos, se saciam. Lc 12,24
- 29 Escondes a tua face, se apavoram;
retomas-lhes o sopro, morrem
e voltam ao seu pó. 30,8
- 30 Envias o teu sopro, são criados,
renovas a superfície do solo. 33,6
Gn 2,7;
Jr 16,14
- 31 Que a glória do SENHOR dure sempre,
que o SENHOR se alegre com as suas obras! Gn 1,31
- 32 Ele olha para a terra, e ela treme;
ele toca as montanhas, e elas fumegam. 18,8
144,5
- 33 Minha vida inteira cantarei ao SENHOR,
tocarei ao meu Deus pelo resto dos meus dias. 146,2
- 34 Que o meu poema lhe seja agradável!
e que o SENHOR faça a minha alegria! 19,15
- 35 Que os pecadores desapareçam da terra,
e os infiéis cessem de existir!
Bendize o SENHOR, ó minh'alma!
Aleluia! 105; 106;
113; 115 -
117; 135;
146-150

ICr 16,8-22

SALMO 105 (104)

- Is 12,4
9,12
- 9,2; 68,5;
At 2,11
- 34,3; 40,17
70,5
- 24,6; 27,8;
Os 5,15
- 77,12;
111,4
- Is 41,8
- 100,3
- 106,45;
Dt 7,9;
Mt 7,20;
Lc 1,72
- Gn 26,3;
Sr 44,22
- Is 24,5
- Gn 28,13
47,5
- Dt 7,7;
26,5
- Gn 23,4;
Hb 11,13
- Cn 41,54
- Gn 45,5;
At 7,9
- Gn 41,13
- Sb 10,14
- ¹ Celebrai o SENHOR, proclamai o seu nome*,
divulgai os seus feitos entre os povos.
- ² Cantai para ele, para ele tocai;
repeti todos os seus milagres.
- ³ Orgulhai-vos do seu santo nome
e alegrai-vos, vós que buscais o SENHOR.
- ⁴ Procurai o SENHOR e a sua força,
buscai para sempre a sua face.
- ⁵ Lembrai os milagres que ele fez,
seus prodígios e os julgamentos saídos da sua boca,
- ⁶ vós, semente de Abraão, seu servo,
vós, filhos de Jacó, seus eleitos!
- ⁷ É ele o SENHOR nosso Deus
que governa a terra inteira.
- ⁸ Ele se lembrou sempre da sua aliança,
palavra de ordem para mil gerações:
- ⁹ aquela que ele firmou com Abraão,
confirmou por juramento a Isaac,
- ¹⁰ transformou em decreto para Jacó,
aliança eterna para Israel,
- ¹¹ quando disse: "Dou-te a terra de Canaã;
o patrimônio que vos cabe!"
- ¹² Então podiam ainda ser contados:
eram um punhado de migrantes.
- ¹³ Iam e vinham de uma nação para outra,
de um reino para outro povo.
- ¹⁴ Mas ele não deixou ninguém oprimi-los,
castigou reis por causa deles:
- ¹⁵ "Não toqueis nos meus messias*,
não façais mal aos meus profetas!"
- ¹⁶ Ele chamou a fome sobre a terra;
cortou todos os víveres*.
- ¹⁷ Enviou diante deles um homem,
José, vendido como escravo.
- ¹⁸ Agrilhoaram-lhe os pés,
passaram-lhe a coleira de ferro;
- ¹⁹ até o cumprimento da sua predição,
a palavra do SENHOR o provou^d.
- ²⁰ O rei ordenou que o libertassem,
o dono dos povos o fez soltar.

a. Evocação da história sagrada, no estilo dos "salmos de instrução", cf. Introd.

b. *Messias*, que designa o rei (cf. ISm 10,1 nota) ou o sacerdote (cf. Ex 29,7 nota), parece aplicar-se aqui aos patriarcas (Gn 23,6; cf. Gn 20,6 e 26,11) ou a outros guias de Israel.

c. Lit. *ele quebrou todo suprimento de pão* (ver Lv 26,26 nota). Gr. interpreta no sentido do pão, sustento da vida (cf. Sl 104,15; Gn 18,5).

d. Ou então: *até a palavra do Senhor tê-lo provado* (ter provado a inocência dele).

- ²¹ Ele o estabeleceu como senhor da sua casa
e administrador de todas as suas posses,
²² para que ligasse os príncipes à sua pessoa
e desse a sabedoria aos anciãos.
- ²³ E Israel entrou no Egito,
Jacó emigrou para a terra de Ham.
- ²⁴ Deus tornou o seu povo muito prolífico
e mais poderoso que os seus adversários.
- ²⁵ A estes, mudou-lhes o coração, os fez odiar o seu povo,
e tratar seus servos com perfídia.
- ²⁶ Enviou Moisés seu servo
e Aarão, que havia escolhido.
- ²⁷ A sua palavra impôs sinais no Egito,
os prodígios de Deus na terra de Ham.
- ²⁸ Enviou as trevas, as trevas vieram,
e a sua palavra não foi contestada^f.
- ²⁹ Mudou as águas em sangue
e fez morrerem os seus peixes.
- ³⁰ A terra deles fervilhou de rãs
até nos aposentos dos seus reis.
- ³¹ Ele falou, e vieram os insetos,
os mosquitos sobre todo o território deles.
- ³² Em vez de chuvas, deu-lhes o granizo,
fogo e chamas sobre a sua terra.
- ³³ Atingiu os vinhedos e as figueiras deles
e quebrou as árvores do seu território.
- ³⁴ Ele falou, e vieram os gafanhotos
e as larvas^g inumeráveis.
- ³⁵ E devoraram toda a erva da terra,
devoraram os frutos do solo.
- ³⁶ Ele atingiu todos os primogênitos da terra,
primícias da virilidade deles.
- ³⁷ Fez partir seu povo^h com prata e ouro,
e ninguém titubeou entre as suas tribos.
- ³⁸ O Egito jubilo com a saída deles,
pois o terror caíra sobre ele.
- ³⁹ Ele estendeu uma nuvem para servir de cortina,
e um fogo para iluminar a noite.
- ⁴⁰ A pedido delesⁱ fez virem as cordonizes;
saciu-os com o pão dos céus.

Gn 41,40;
At 7,10

Gn 46,6

Ex 1,7;
Dt 26,5

Ex 7,3

78,43;
Jr 32,20Ex 10,
21-2278,44;
Ex 7,19-2178,45;
Ex 7,28

Ex 8,12-13

78,47;
Ex 9,22-25;
Ap 8,778,46;
Ex 10,
12-15;
Jl 1,478,51;
Ex 12,29;
Sb 18,12
Gn 15,14;
Ex 12,35-36Ex 12,33;
15,16Ex 14,
19-2078,18,27;
Ex 16,12-13;
Sb 16,2,20
78,24-25

e. Tradução incerta. Lit. *Impuseram junto a eles as palavras dos seus sinais* (pode-se também compreender: os sinais dos quais ele falara), e *prodígios na terra de Ham*.

f. Lit. *eles não contestaram nas palavras*; gr. e sir.: *eles contestaram*; Jerônimo: *eles não foram incrédulos às suas palavras*; Vulg.: e *ele não tornou vãs as suas palavras*.

g. Tradução aproximativa de um dos nomes dos acridídeos citados em Jl 1,4.

h. *Seu povo*, com um saltério de Qumran e cf. v. 43; 78,52. Hebr. lit. *Ele os fez sair*.

i. Com as versões: *eles pediram*; hebr.: *ele pediu* (Israel ou Deus).

78,15-16;
Ex 17,6;
Nm 20,8,11;
Is 48,21
Ez 2,24;
Lc 1,54-55

Ex 15,1-21

78,54-55;
Dt 4,38;
6,11
78,7

- ⁴¹ Ele abriu o rochedo, a água jorrou
e fluíu nas estepes como um rio.
- ⁴² Ele se lembrou da sua santa palavra
para com Abraão seu servo.
- ⁴³ E fez seu povo partir na alegria
seus eleitos com gritos de júbilo.
- ⁴⁴ Ele lhes deu as terras das nações,
e eles recolhem¹ o trabalho dos povos,
- ⁴⁵ desde que^k guardem os seus decretos
e observem as suas leis.

Aleluia!

SALMO 106 (105)

¹ Aleluia!

107,1;
118,1,29;
136,1
Sr 18,4

112;
Is 56,1-2;
Tg 1,25

- Celebrai o SENHOR, pois Ele é bom¹,
pois a sua fidelidade é para sempre.
- ² Quem é capaz de dizer as proezas do SENHOR
e fazer ouvir todos os seus louvores?

- ³ Felizes os que observam o direito
e praticam a justiça em todo tempo!
- ⁴ Quando fores favorável ao teu povo,
pensa em mim, SENHOR!
Quando o salvars, ocupa-te de mim,
- ⁵ que eu possa ver a felicidade dos teus eleitos,
alegrar-me com a alegria do teu povo
e partilhar o orgulho do teu patrimônio^m.

Jr 3,25

- ⁶ Assim como nossos pais, também nós pecamos,
nós nos desviamos, fomos culpados.

78,11;
Nc 9,17

- ⁷ Nossos pais, no Egito,
não compreenderam nada dos teus milagres.
Esqueceram as tuas numerosas bondades,
revoltaram-se perto do mar, o mar dos Juncos.

Ez 20,9

- ⁸ Mas ele os salvou pela honra do seu nome,
para mostrar o seu poder.

66,6

- ⁹ Ameaçou o mar dos Juncos, e ele secou;
fê-los andar nos abismos como se fora no deserto.

Lc 1,71

- ¹⁰ Ele os salvou das mãos hostis,
defendeu-os contra a mão do inimigo:
- ¹¹ as águas recobriram os adversários seus,
não sobrou um único.

Ex 14,28

- ¹² E eles creram nas suas palavras,
cantavam o seu louvor.

Ex 14,31

Ex 15,1-21

j. Versões, exceto aram. *eles recolheram*.
k. Ou, com as versões: *a fim de que*; aram.: *porque*.

l. Evocação da história sagrada, no estilo dos "salmos de ins-
trução", cf. Introd.

m. Lit. *e gloriar-me com teu patrimônio*.

- ¹³ Bem cedo esqueceram os atos dele,
não esperaram a continuação do seu desígnio*;
- ¹⁴ no deserto deixaram-se possuir de cobiça,
nas solidões puseram Deus à prova. 95,9
- ¹⁵ Ele lhes deu o que pediam,
mas lhes mandou muito pouco para o apetite deles*.
- ¹⁶ No acampamento tiveram ciúme de Moisés
de Aarão, o homem consagrado ao SENHOR.
- ¹⁷ A terra abriu-se e engoliu Datan, Nm 16,32
ela cobriu o bando de Abirâm.
- ¹⁸ Um fogo consumiu o bando deles, Nm 16,35;
uma chama devorou os ímpios. Hb 10,27
- ¹⁹ No Horeb fabricaram um bezerro;
prosternaram-se diante de uma peça de metal,
- ²⁰ trocaram aquele que é sua Glória Jr 2,11;
pela cópia de um boi, de um comedor de capim! Rm 1,23
- ²¹ Esqueceram a Deus, seu salvador,
que fizera grandes coisas no Egito,
- ²² milagres na terra de Ham, 105,27
atos terríveis perto do mar dos Juncos.
- ²³ Ele decidiu exterminá-los,
mas Moisés, seu eleito,
em pé na brecha diante dele,
desviou o seu furor destruidor. Ez 22,30
- ²⁴ Desprezaram uma terra maravilhosa,
não acreditaram na sua palavra,
- ²⁵ recriminaram sob as suas tendas Nm 14,2;
e não obedeceram à voz do SENHOR. Dt 1,27
- ²⁶ Com a mão levantada, ele jurou Nm 14,30
abatê-los no deserto,
- ²⁷ dispersar seus descendentes em todas as nações,
abatê-los junto aos pagãos.
- ²⁸ Depois submeteram-se ao jugo do Báal de Peor*,
comeram os sacrifícios dos mortos,
- ²⁹ feriram a Deus com seu comportamento
e um flagelo irrompeu entre eles.
- ³⁰ Então Pinhas se pôs de pé, arbitrou*, Nm 25,7-8
e o flagelo foi detido.
- ³¹ Isto lhe foi creditado como um ato justo,
de geração em geração, para sempre.
- ³² Irritaram a Deus perto das águas de Meribá
e causaram a infelicidade de Moisés, Dt 4,21

n. Lit. *não esperaram seu desígnio* (que ele executasse o seu desígnio).

o. Cf. 78,18. Ou então: *e Ele lhes enviou o deperecimento*, com as versões (exceto gr. e sir.: *a saciedade*).

p. Cf. Nm 25,3; Os 9,10 nota.

q. *Ele decidiu*, desempenhando o papel de árbitro entre Deus e o povo (cf. 1Sm 2,25); assim Jerônimo. Gr.: *ele fez expiação*. Aram. e sir.: *ele orou*.

- Is 63,10
Dt 32,51
- Jz 1,21-33
Dt 7,1,16
Jz 3,5-6
Jz 2,3,12
- Ex 23,33;
Dt 7,16;
Sb 14,11
2Rs 16,3;
17,17
Dt 32,17;
1Cor 10,20
Is 57,5;
Jr 7,31;
19,4;
Ez 16,20
- Ex 34,16;
Jr 3,6-8;
Ez 20,30
Jz 2,14
- Ne 9,27
- Jz 2,16-17
- Lc 1,72
- 1Rs 8,50;
Jr 42,12
- Dt 30,3;
2Mc 1,27
- 1Cr 16,35
- Lc 1,68
- Ap 19,4
- ³³ sendo indóceis ao seu espírito,
e Moisés falou sem refletir^a.
- ³⁴ Não suprimiram os povos
dos quais o SENHOR lhes havia falado.
- ³⁵ Travaram relações com os pagãos
e iniciaram-se nas suas práticas.
- ³⁶ Serviram aos seus ídolos,
que se tornaram uma cilada para eles.
- ³⁷ Sacrificaram seus filhos
e suas filhas aos demônios.
- ³⁸ Derramaram sangue inocente,
o sangue dos seus filhos e das suas filhas
que eles sacrificaram aos ídolos de Canaã,
e a terra foi manchada por ondas de sangue.
- ³⁹ Conspurcaram-se pelas suas práticas
e prostituíram-se pelos seus atos.
- ⁴⁰ A cólera do SENHOR inflamou-se contra o seu povo
e ele sentiu horror do seu patrimônio.
- ⁴¹ Entregou-os às mãos das nações,
e seus adversários os dominaram;
- ⁴² o inimigo os oprimiu,
e sob a mão dele dobraram-se.
- ⁴³ Muitas vezes os libertou,
mas eles se obstinavam na sua revolta
e afundavam na sua falta.
- ⁴⁴ Olhou para a angústia deles
quando ouviu o seu grito.
- ⁴⁵ Recordou-se de sua aliança com eles,
e na sua grande fidelidade voltou atrás.
- ⁴⁶ Fez com que deles tivessem pena
todos os que os haviam deportado.
- ⁴⁷ Salva-nos, SENHOR, nosso Deus:
congrega-nos do meio das nações.
Então celebraremos o teu santo nome,
gloriando-nos de louvar-te.
- ⁴⁸ Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel,
desde sempre e para sempre.
E todo o povo dirá:
Amém! Aleluia!"

SALMO 107 (106)

¹ Celebrai o SENHOR, pois Ele é bom^a,
pois sua fidelidade é para sempre.

106,1;
Esd 3,11;
1Cr 16,41

r. Ambigüidade: o seu espírito designa o espírito de Deus ou o de Moisés?

s. Cf. Nm 20,10 nota.

t. Doxologia que encerra o quarto livro do Saltério, cf. 41,14.
u. Oração de "ação de graças", cf. Introd. A apresentação das estrofes evidencia a estrutura do salmo.

- ² Que o repitam aqueles que o SENHOR defendeu,
os que defendeu contra a mão do adversário, 106,10
- ³ que congregou de todas as terras,
do Nascente e do Poente,
do norte e do mar^v. 106,47;
Is 11,12;
43,5
- ⁴ Alguns extraviaram-se nas solidões
por um caminho deserto, sem encontrar cidade habitada. Ez 34,6
- ⁵ Esfamados, sedentos, a vida os abandonava. Is 41,17
- ⁶ Bradaram ao SENHOR na sua aflição,
e ele os livrou das suas angústias: 34,18
- ⁷ fê-los tomar um caminho reto
para ir a uma cidade habitada. Jr 31,9
- ⁸ Que celebrem o SENHOR pela sua fidelidade
e pelos seus milagres em favor dos humanos:
- ⁹ pois ele dessedentou a garganta ávida
e saciou plenamente o estômago faminto. 146,7;
Lc 1,53
- ¹⁰ Alguns habitavam nas trevas e na sombra da morte,
prisioneiros da miséria e dos ferros. Is 9,1
- ¹¹ pois se revoltaram contra as ordens de Deus,
zombaram do desígnio do Altíssimo.
- ¹² Ele domou seu coração pelo sofrimento,
eles caíram e ninguém os socorria. 22,12
- ¹³ Bradaram ao SENHOR na sua aflição,
e ele os salvou das suas angústias: 22,6;
106,44
- ¹⁴ tirou-os das trevas e da sombra da morte,
quebrou os seus grilhões.
- ¹⁵ Que celebrem o SENHOR pela sua fidelidade
e pelos seus milagres em favor dos humanos;
- ¹⁶ pois ele quebrou as portas de bronze
e fez saltar as trancas de ferro. Is 45,2
- ¹⁷ Alguns, embrutecidos pelos seus desregramentos^w,
aviltados pelos seus pecados,
- ¹⁸ estavam enfasiados de qualquer alimento
e já tocavam as portas da morte.
- ¹⁹ Bradaram ao SENHOR na sua aflição,
e ele os salvou das suas angústias:
- ²⁰ enviou sua palavra para curá-los
e para subtraí-los à cova^x.
- ²¹ Que celebrem o SENHOR pela sua fidelidade
e pelos seus milagres em favor dos humanos.
- ²² Que ofereçam sacrifícios de louvor
e proclamem suas obras gritando de alegria. 50,14;
Hb 13,15

v. Do norte e do mar (= Is 49,12); o Mediterrâneo ou, preferivelmente, com aram., o mar Vermelho.

w. Gr. e sir.: Ele os ajuda retirando-os dos seus desregramentos.
x. Versões: à sua perda.

Sr 43,
24-25

²³ Os que partem para o mar em navios
e exercem sua profissão nas grandes águas,
²⁴ esses viram as obras do SENHOR
e seus milagres em alto-mar.

²⁵ À sua palavra ergueu-se um vento de tempestade
que levantava ondas.

²⁶ Eles sobem aos céus,
descem aos abismos,
quase morrem de enjôo;

²⁷ rolam e balouçam como o bêbado
e toda a sua habilidade desaparece.

²⁸ Bradaram ao SENHOR em sua aflição,
e ele os tirou das suas angústias:

²⁹ Reduziu a tempestade ao silêncio,
e as ondas calaram-se.

³⁰ Alegraram-se com essa calma
e Deus os guiou ao porto desejado.

³¹ Que celebrem o SENHOR por sua fidelidade
e pelos seus milagres em favor dos humanos.

³² Que o exaltem na assembléia do povo
e o louvem no conselho dos anciãos.

³³ Ele é capaz de mudar os rios em deserto,
as fontes em terra da sede,

³⁴ uma terra fértil em salina,
por causa da maldade dos seus habitantes.

³⁵ Ele é capaz de mudar o deserto em lençol d'água
e a estepe em fonte.

³⁶ Faz habitar ali esfomeados
que fundam uma cidade habitável.

³⁷ Eles semeiam campos,
plantam vinhas,
colhem seus frutos.

³⁸ Ele os abençoa, e eles se multiplicam,
ele não deixa diminuir o seu gado.

³⁹ Depois eles diminuem e declinam
sob as privações, a desgraça e a dor.

⁴⁰ Ele derrama o desprezo sobre os nobres
e os faz errar em um matagal sem caminho.

⁴¹ Mas protege o pobre da miséria
e torna as famílias tão numerosas quanto rebanhos.

⁴² Vendo isto, os homens retos se alegram,
e toda injustiça se cala.

⁴³ Quem quer ser sábio?
Que preste atenção a tudo isso,
e que se aprenda a discernir as bondades do SENHOR!

H9,10;
Lc 8,24

22,23-26

Is 50,2

Dt 29,
22-23

114,8;
Is 41,18

Am 9,13-15

Dt 7,13

Jó 12,21-24

113,7;
147,6

63,12

Jr 9,11;
Os 14,9

SALMO 108^y (107)

¹ *Canto, salmo de David.*

² Com o coração firme, meu Deus,
vou cantar um hino:
eis a minha glória!

³ Acordai, harpa e cítara,
vou acordar a aurora.

⁴ Dar-te-ei graças entre os povos, SENHOR,
eu te cantarei entre as nações;

18,50

⁵ pois tua fidelidade é maior que os céus
e tua verdade vai até as nuvens

36,6;
Is 55,9

⁶ Ó Deus, eleva-te sobre os céus
e que a tua glória domine toda a terra.

113,4

⁷ Para que os teus bem-amados sejam libertados,
salva pela tua destra, e responde-me^z.

⁸ Deus falou em seu santuário:
Eu exulto! Partilho Siquém
e loteio o vale de Sukot^a.

⁹ Guilead me pertence; Manassés me pertence;
Efraim é o capacete da minha cabeça;
Judá é meu cetro;

¹⁰ Moab, a bacia na qual me lavo.
Sobre Edom atiro a minha sandália.
Grito contra a Filistéia^b.

Is 11,4

¹¹ Quem me conduzirá à cidade fortificada?
Quem me conduzirá até Edom,

¹² senão tu, o Deus que nos rejeitou,
o Deus que não saía mais com os nossos exércitos?

60,3

¹³ Vem em nosso auxílio contra o adversário,
vã é a salvação que vem do homem.

118,8

¹⁴ Com Deus realizaremos façanhas:
é Ele quem pisará aos pés os nossos adversários.

18,30c;
44,6-9

SALMO 109 (108)

¹ *Do mestre de coro; de David, salmo.*

Ó Deus que eu louvo, não fiques mudo^c,
² pois abriram contra mim
boca malvada e enganadora.
Falaram-me com língua mentirosa;

28,1

³ palavras de ódio me cercaram,
e me combateram sem motivo.

69,5

y. Com variantes de menor importância, este salmo retoma,
nos vv. 2-6, o Sl 57,8-12 e nos vv. 7-14, o Sl 60, 7-14.

z. Cf. 60,7: *responde-nos*.

a. Cf. 60,8 notas.

b. Dissipa-se aqui o equívoco de 60,10 (cf. nota).

c. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf.
Introd.

- 35,12 ⁴ Em paga da minha amizade acusaram-me;
e eu estou em oração.
- Zc 3,1 ⁵ Retribuíram-me o bem com o mal
e a amizade com o ódio.
- At 1,20 ⁶ ^d — Designa contra ele um acusador,
um malvado, que fique de pé à sua direita.
- Jó 5,5 ⁷ Em seu processo, seja condenado,
torne-se um pecado sua oração,
⁸ sejam abreviados seus dias,
seu cargo seja ocupado por outro,
⁹ tomem-se seus filhos órfãos,
sua mulher enviúve,
¹⁰ tomem-se seus filhos vagabundos e pedintes,
mendiguem^e fora das suas ruínas;
¹¹ apodere-se de todos os seus bens um usurário,
estranhos roubem seus ganhos,
¹² ninguém lhe permaneça leal,
ninguém tenha dó dos seus órfãos,
¹³ sejam eliminados seus descendentes,
em uma geração^f seja o nome deles^g apagado,
¹⁴ lembre-se ao SENHOR o pecado de seus pais,
não se apague a falta de sua mãe!
¹⁵ Que tudo isso permaneça presente ao SENHOR,
que suprima da terra a lembrança deles! —
- 34,17 ¹⁶ Visto que ele não se preocupou em agir com lealdade,
que perseguiu até a morte um pobre,
um infeliz, atingido no coração,
¹⁷ visto que amava amaldiçoar
e a maldição veio a ele,
que não queria abençoar
e a bênção se afastou dele,
¹⁸ visto que vestiu a maldição como um manto,
e ela penetrou nele como a água,
e como um óleo nos membros do seu corpo:
¹⁹ seja esta a veste com que se cobre,
o cinto que carregue sempre!
²⁰ É assim que o SENHOR pagará aos meus acusadores^h
e àqueles que falam mal de mim!
- 79,9;
106,8;
Jr 14,7 ²¹ E vós, ó DEUS, Senhor,
age a meu favor, pela honra do teu nome.
Tua lealdade é benfazeja, livra-me.
- 40,18 ²² Pobre e infeliz, eis o que sou,
e no meu íntimo, o coração está feridoⁱ.

d. Explica-se a passagem para o singular, na maldição dos vv. 6-19, se admitirmos que o salmista refere tudo o que contra ele profere seus adversários (vv. 2-5). No v. 20, o salmista reverte contra eles esta maldição (cf. 75,17) — a menos que^e se adote para este v. 20 a tradução do gr., cf. nota.
e. Ou então: *que sejam perseguidos*. Gr.: *que sejam expulsos*.

f. Lit. *que na geração seguinte* (gr. e sir.: *que em uma única geração*).

g. Vários mss. hebr., gr., Símaco e Jerônimo: *o nome dele*.
h. Outra tradução, com o gr.: *Eis o trabalho dos meus acusadores junto ao Senhor*.

i. Com Áquila, Símaco e Jerônimo. Gr. e sir.: *conturbado*.

- ²³ Tive de ir-me embora como a sombra que se vai^j,
expulsam-me como aos gafanhotos^k.
- ²⁴ Jejuei tanto que as minhas pernas vacilam;
privado de óleo, estou descarnado.
- ²⁵ Para eles, tornei-me abjeto;
ao me verem, meneiam a cabeça. Mt 27,39p
- ²⁶ Ajuda-me, SENHOR, meu Deus!
Salva-me segundo a tua fidelidade; 70,2
- ²⁷ que reconheçam nisso a tua mão
e a tua obra, SENHOR!
- ²⁸ Eles maldizem, tu abençoa.
Eles se levantaram, foi sua a vergonha,
e o teu servo alegrou-se.
- ²⁹ Que meus acusadores sejam vestidos de desonra 35,26;
e cobertos da sua vergonha como de um manto! 71,73
- ³⁰ Celebrarei o SENHOR em alta voz,
louvá-lo-ei no meio da multidão.
- ³¹ Pois ele fica de pé à direita^l do pobre
para salvá-lo dos seus juízes.

SALMO 110 (109)

¹ *De David. Salmo.*

Oráculo do SENHOR ao meu senhor^m:

"Senta-te à minha direita,
que eu faça dos teus inimigos 1Pd 3,22
o escabelo dos teus pés!" 1Cor 15,25

² Que o SENHOR estenda de Sião
o poder do teu cetro!
Domina no meio dos teus inimigos!

³ Teu povo é generosoⁿ Jz 5,2
no dia em que aparece a tua força^o.
Com um santo esplendor^p,
do lugar onde nasce a aurora^q
te vem um orvalho de mocidade^r. Is 26,19

⁴ O SENHOR jurou, 89,4;
não se arrependerá: 132,11;
Hb 7,21

j. Lit. *Fizeram-me ir como a sombra, como quando ela se estende*; cf. 102,12.

k. Lit. *sou sacudido como o gafanhoto*: sacode-se a roupa ou a árvore para fazê-lo cair (cf. Ne 5,13; Sl 136,15).

l. À sua direita, em vez de um acusador (v. 6), o pobre tem o próprio Senhor como defensor (cf. 16,8; 110,5; 121,5).

m. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd. O senhor ao qual o oráculo se dirige é o rei; o v. e o salmo todo foram aplicados ao Messias, em seguida a Cristo, como rei e sacerdote. Cf. Mc 12,35par.; 14,62par.; At 2,34-36; Hb 1,13; 5,6; 10,12 e as notas. Este é o salmo mais freqüentemente citado no NT.

n. Gr. *Contigo está o principado*.

o. Lit. *no dia da tua força*.

p. Certos mss. hebr., Símaco e Jerônimo: *sobre as montanhas santas*.

q. Tradução muito conjectural: lit. *do seio do lugar da aurora* (?). Gr.: *do seio, antes da aurora*; sir.: *do seio, outrora*.

r. Sentido incerto: lit. *a ti o orvalho da tua juventude* (cf. Jerônimo). O gr. não tem nada que corresponda a: *a ti o orvalho*, e apresenta a leitura (em vez de *tuja juventude*): *eu te gerei* (cf. 2,7), como certos mss. hebr.; sir.: *eu te gerei, a ti, como criança*.

- Gn 14,18;
Hb 5,6; 7,17
16,8
Is 63,6
68,22
- “Tu és sacerdote para sempre,
à maneira de Malki-Şédeq.”
- ⁵ O Senhor está à tua direita:
ele esmagou reis no dia da sua ira;
⁶ ele julga as nações; os cadáveres amontoam-se;
em toda parte sobre a terra, ele esmagou cabeças.
⁷ A caminho ele^a bebe na torrente,
e assim reergue a cabeça.

SALMO 111 (110)

¹ Aleluia

- 138,1 *Álef* De todo o coração celebrarei o SENHOR^a
149,1 *Bet* no conselho dos homens retos e na assembléia.
92,6; *Guímel* ² Grandes são as obras do SENHOR!
139,14; *Dálet* Todos aqueles que as amam as estudam^a.
Ap 15,3 *Hê* ³ Sua ação brilha de esplendor
e sua justiça subsiste sempre.
112,3; *Vav*
Is 51,6 *Záin* ⁴ Ele quis que seus milagres^a fossem lembrados:
O SENHOR é benevolente e misericordioso.
103,8 *Het* ⁵ A quem o teme, ele deu os despojos^w,
Tet Ele se recorda sempre da sua aliança.
105,8 *Iod* ⁶ A seu povo mostrou o poder das suas obras,
Jr 27,5 *Kaf* dando-lhe o patrimônio das nações.
Lámed ⁷ As obras das suas mãos são verdadeiras e justas,
Mem todos os seus preceitos são firmes,
19,8; 93,5 *Nun* ⁸ fixados para todo o sempre,
Is 40,8 *Sámek* feitos de retidão e de verdade^a.
19,10 *Áin* ⁹ A seu povo enviou a libertação,
Lc 1,68 *Pê* ordenou para sempre sua aliança.
105,10 *Şade* Seu nome é santo e terrível.
Dt 28,58; *Qof* ¹⁰ O princípio da sabedoria é temer o Senhor:
Lc 1,49 *Resh* todos os que fazem isso^a são ajuizados.
Jó 28,28; *Shin*
Pr 9,10 *Tav* Seu louvor subsiste sempre.
Sr 1,16

SALMO 112 (111)

¹ Aleluia.

- 128,1; *Álef* Feliz o homem que teme o SENHOR^a.
Sr 34,14 *Bet* e que ama os seus mandamentos.
25,13; *Guímel* ² Sua linhagem é poderosa sobre a terra,
102,29 *Dálet* a geração dos homens retos será abençoada.
111,3,5; *Hê* ³ Há nele bens e riquezas,
Pr 3,16 *Vav* e sua justiça subsiste sempre.

s. O rei. É possível que o v. aluda a um ritual de coroação realizado perto de um curso d'água; cf. 1Rs 1.9.33-35.

t. Quanto aos “hinos”, ver Introd.

u. Lit. *pesquisadas (perscrutadas) por todos os que nelas se comprazem*. Gr.: *adaptadas a todas as suas vontades*.

v. Lit. *Ele fez um memorial para seus milagres*, cf. v. 5b. Quanto ao “memorial”, cf. Ex 3,15 nota.

w. Ou então: *o alimento* (cf. Mt 3,10; Pr 31,15; Jó 24,5; Sl 78,25).

x. Ambigüidade: lit. *eles são feitos com verdade e retidão*; os preceitos são concebidos por Deus e devem ser observados pelos homens.

y. Lit. *que os executam* (os preceitos do v. 7b); gr. sir. e Jerônimo: *que a observam* (a sabedoria do v. 10a).

z. Quanto aos “salmos de instrução”, cf. Introd.

<i>Záin</i>	⁴ Na escuridão se levanta uma luz para os homens retos.	Is 58,10;
<i>Het</i>	Ele ^a é justo, benevolente e misericordioso.	Jó 22,28
<i>Tet</i>	⁵ Bom é o homem que se compadece e empresta:	37,26;
<i>Iod</i>	ele administra seus negócios segundo o direito:	Lc 6,35
<i>Kaf</i>	⁶ para sempre será inabalável,	15,5
<i>Lámed</i>	guardar-se-á sempre a memória do justo ^b .	
<i>Mem</i>	⁷ Ele não terá medo dos boatos maliciosos ^c ;	
<i>Nun</i>	com o coração firme, ele confia no SENHOR	
<i>Sámek</i>	⁸ com o coração confiante, não terá medo de nada,	
<i>Áin</i>	e pode olhar com desdém para seus inimigos.	118,7
<i>Pê</i>	⁹ Ele deu com largueza aos pobres:	2Cor 9,9
<i>Şade</i>	sua justiça subsiste sempre.	
<i>Qof</i>	sua frente se levanta com altivez.	75,11;
<i>Resh</i>	¹⁰ O ímpio o vê, se enraivece,	92,11
<i>Shin</i>	range dentes e desmorona;	35,16
<i>Tav</i>	os desejos dos ímpios serão reduzidos a nada.	

SALMO 113^d (112)¹ Aleluia

Servos do SENHOR, louvai,	134,1;
louvai o nome do SENHOR.	135,1;
² Que o nome do SENHOR seja bendito	<i>Dn gr.</i> 3,85
desde agora e para sempre!	
³ Do sol nascente ao sol poente ^e ,	
louvado seja o nome do SENHOR!	
⁴ O SENHOR domina todas as nações,	57,6; 97,9
e sua glória está acima dos céus.	
⁵ Quem é como o SENHOR nosso Deus?	35,10
De seu trono nas alturas	
⁶ ele baixa seu olhar	11,4; 14,2;
sobre o céu e sobre a terra.	102,20
⁷ Ele ergue o fraco da poeira,	1Sm 2,8;
tira o pobre do monturo,	Lc 1,52
⁸ para o instalar com os príncipes,	
com os príncipes do seu povo.	
⁹ Ele instala no lar a mulher estéril,	Is 54,1
como venturosa mãe de família.	
Aleluia!	

SALMO 114^f (113A)

¹ Quando Israel saiu do Egito,	Ex 12;
quando a família de Jacó deixou um povo bárbaro,	15,17

a. Este salmo aplica ao homem reto o que diz do Senhor no Sl 111. Mss. gregos acrescentam: *o Senhor Deus (é justo...)*; Ibn Ezra diz o mesmo.

b. Lit. *o justo se tornará memorial eterno*; cf. 111,4 nota.

c. Outras traduções: *ele não terá medo diante de uma notícia má* (Jr 49,23), ou *ele não temerá* (que lhe aconteça) *uma notícia má*.

d. Este "hino" (cf. Introd.) é o primeiro salmo do *Hallel* ("can-

to de louvor", 113-118). O *Hallel* ocupava um lugar peculiar na liturgia das três grandes festas (Páscoa, Pentecostes e Tendas).

e. Lit. *Do nascer do sol ao seu poente*. O sentido pode ser temporal (cf. Ibn Ezra) ou espacial, como em 50,1 e Mt 1,11.

f. Em gr. e na Vulg. este salmo e o seguinte formam um só, o Sl 113.

- ² Judá se tornou seu santuário^a,
e Israel, seu domínio.
- ³ À vista disso, o mar desapareceu,
o Jordão refluuiu,
- ⁴ as montanhas saltaram como carneiros,
as colinas, como cabritos.
- ⁵ Mar, por que fugir?
Jordão, por que refluir?
- ⁶ Montanhas, por que saltar como carneiros,
e vós colinas, como cabritos?
- ⁷ Estremece^a, terra, diante do Senhor,
diante do Deus de Jacó,
- ⁸ Ele que muda a rocha em pântano,
e o granito em fonte.

29.6

96.9; 99.1

Is 48,41;
107,35;
Dt 8,15

SALMO 115 (113B)

- ¹ Não a nós, SENHOR, não a nós,
mas ao teu nome rende glória,
pela tua fidelidade, pela tua lealdade.
- ² Por que dizem as nações:
“Onde está o seu Deus?”
- ³ Nosso Deus está nos céus;
tudo o que quis, ele o fez.
- ⁴ Os ídolos deles são de prata e de ouro,
feitos por mão de homem:
- ⁵ Têm boca, não falam;
têm olhos, não vêem;
- ⁶ têm ouvidos, não ouvem;
têm nariz, não cheiram;
- ⁷ mãos, não apalparam;
pés, não andam;
nenhum som em sua garganta.
- ⁸ Que os seus autores se assemelhem a eles,
e todos os que neles confiam!
- ⁹ Filhos de Israel, confiai no SENHOR!
— É ele seu socorro e escudo!
- ¹⁰ Casa de Aarão! confiai no SENHOR.
— É ele seu socorro e escudo!
- ¹¹ Vós que temeis o SENHOR! confiai no SENHOR.
— É ele seu socorro e escudo!
- ¹² O SENHOR recorda-se de nós: ele abençoará.
Abençoará a casa de Israel,
abençoará a casa de Aarão,

Is 48,11;
Ez 36,22

79,10; 42,4

135,6

135,15-18;
Is 44,9-20;
46,6-7
Sh 15,15;
Ap 9,20

Sh 14,8

130,7

33,20

Nm 18,20

22,24;
135,20g. Gr.: *sua coisa santa*.h. *Estremece*, e não — como em 77,17; 97,4 — *treme*, ou se contorce nas dores do parto (Is 26,17; cf. Rm 8,22), pois aqui

o verbo evoca antes uma ronda alegre (Jz 21,21).

i. Lit. *Israel, confia...* Gr. e sir.: *A casa de Israel confia...*

- ¹³ abençoará os que temem o SENHOR,
os pequenos como os grandes. Jr 31,34;
Sh 6,7;
Ap 11,18
- ¹⁴ Que o SENHOR vos faça prosperar,
vós e vossos filhos!
- ¹⁵ Sede abençoados pelo SENHOR,
o autor dos céus e da terra. 134,3;
Gn 14,19
- ¹⁶ Os céus são os céus do SENHOR,
mas a terra, deu-a aos filhos de Adão.
- ¹⁷ Não são os mortos que louvam o SENHOR,
eles que descem todos ao Silêncio¹. 6,6
- ¹⁸ Quanto a nós, bendiremos o SENHOR,
desde agora e para sempre. 113,2
- Aleluia!

SALMO 116 (114-115)

- ¹ Eu amo o SENHOR^k, 18,2
pois Ele ouve a minha voz suplicante^l,
- ² Ele voltou para mim seu ouvido,
e durante a minha vida toda o chamarei^m.
- ³ As amarras da morte me agridoaram,
as peias do Sheol me agarraram;
eu era tomado pela tristeza e pela dor,
- ⁴ e chamava o SENHOR pelo seu nome:
"SENHOR, liberta-me!" 18,5
Jl 3,5
6,5
- ⁵ O SENHOR é benevolente e justo;
nosso Deus faz misericórdia.
- ⁶ O SENHOR guarda a gente simples;
eu era fraco, e ele me salvou.
- ⁷ Volta ao repouso, minh'alma,
pois o SENHOR te fez o bem.
- ⁸ Tu me livraste da morte, 18,5
preservaste os meus olhos das lágrimas
e os meus pés da queda, 56,14
- ⁹ para que eu caminhe diante do SENHOR,
na terra dos vivos.
- ¹⁰ "Conservei a confiança, mesmo quando dizia:"
"Sou muito infeliz!"
- ¹¹ Desamparado, eu dizia: 31,23
"Todos os homens são mentirosos." Rm 3,4
- ¹² Como retribuir ao SENHOR 13,6
todo o bem que me fez?
- ¹³ Erguerei a taça da vitória
e chamarei o SENHOR pelo seu nome;

j. Cf. 94,17 nota e 6,6 nota.

k. Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.

l. Lit. *Eu amo pois o Senhor ouve minha voz minhas súplicas.*m. Lit. *e nos meus dias chamarei.* Sir.: *no dia em que eu chamo, como em 56,10.*n. No gr. e na Vulg. começa aqui um novo salmo, o SI 115.
o. Gr. *Acreditei, por isso falei* (cf. 2Cor 4,13).

- 50,14 ¹⁴ cumprirei meus votos para com o SENHOR,
na presença de todo o seu povo.
- 72,14 ¹⁵ É duro para o SENHOR
ver morrer seus fiéis.
- 119,125;
143,12
86,16;
Sl 9,5 ¹⁶ Por favor, SENHOR, já que sou teu servo,
teu servo, o filho da tua serva!
Abriste meus grilhões.
- 107,22 ¹⁷ Eu te oferecerei um sacrifício de louvor
e chamarei o SENHOR pelo seu nome;
- 105,1 ¹⁸ cumprirei meus votos para com o SENHOR,
na presença de todo o seu povo,
- 56,13;
Jn 2,10 ¹⁹ nos átrios da casa do SENHOR,
no meio de ti, Jerusalém!
Aleluia!

SALMO 117 (116)

- Rm 15,11 ¹ Nações, louvai todas o SENHOR!
Povos, glorificai-o todos.
- 103,11 ² Pois a fidelidade dele nos ultrapassa^a,
e a lealdade do Senhor é para sempre.
- 100,5
104-106
113; 115;
116; 135;
146-150 Aleluia!

SALMO 118 (117)

- 106,1 ¹ Celebrai o SENHOR, pois Ele é bom^t,
e sua fidelidade é para sempre.
- 136 ² Israel o repita^s:
"Sua fidelidade é para sempre!"
- ³ A casa de Aarão o repita:
"Sua fidelidade é para sempre!"
- ⁴ Repitam os que temem o SENHOR:
"Sua fidelidade é para sempre!"
- Lc 1,50 ⁵ Quando eu estava assediado, chamei o SENHOR;
o SENHOR me respondeu, e me salvou.
- 4,2;
18,7,20;
120,1 ⁶ O SENHOR está a meu favor, não tenho medo de nada;
que poderiam fazer-me os homens^t?
- Is 51,12;
Rm 8,31;
Hb 13,6 ⁷ O SENHOR está a meu favor, ele vem a meu reforço^u,
e eu zombo dos meus inimigos.
- ⁸ Mais vale refugiar-se junto ao SENHOR
do que contar com os homens!
- 146,3 ⁹ Mais vale refugiar-se junto ao SENHOR
do que contar com os príncipes^t!

p. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

q. A fidelidade divina não é humanamente mensurável. Gr. e sir.: *pois a sua misericórdia tem sido forte para conosco*.

r. Oração coletiva de "ação de graças". cf. Introd.

s. Lit. *Que Israel diga*; idem nos vv. 3a e 4a.

t. Outra tradução: *que fariam por mim homens?* (cf. 56,12 nota).

u. Outra tradução: *Ele é a minha única ajuda* (cf. 54,6 nota).

Gr.: *uma ajuda*.

v. Gr. tem duas vezes *contar* com no v. 8 (da mesma forma que Qumran) e duas vezes *esperar* no v. 9. Jerônimo tem quatro vezes *esperar*. Um saltério de Qumran acrescenta: *mais vale contar com o Senhor do que contar com um milhar de pessoas*.

- ¹⁰ Todas as nações me cercaram:
em nome do SENHOR, eu as cortava. 22,13
- ¹¹ Elas me cercaram, cercaram:
em nome do SENHOR, eu as cortava*.
- ¹² Elas me cercaram como vespas:
elas se extinguíram como um fogo de espinhos,
em nome do SENHOR, eu as cortava.
- ¹³ Golpeaste-me^a para abater-me.
Mas o SENHOR me ajudou.
- ¹⁴ “Minha força e meu grito de guerra é ELE!” 1s 12,2
“Eu lhe devo a vitória!”
- ¹⁵ Clamor de alegria e de vitória
nas tendas dos justos:
“A destra do SENHOR realiza uma façanha!” 98,1;
Ea 15,6;
At 2,33
- ¹⁶ a destra do SENHOR está erguida!
a destra do SENHOR realiza uma façanha!”
- ¹⁷ Não, não morrerei, viverei
para narrar as obras do SENHOR:^a
- ¹⁸ Corrigir, o SENHOR me corrigiu,
mas não me entregou à morte.
- ¹⁹ Abri-me as portas da justiça, 2Cor 6,9
e eu entrarei para celebrar o SENHOR. 1s 26,2
- ²⁰ — É a porta do SENHOR:
que os justos entrem! Ap 22,14
- ²¹ Eu te celebro, pois me respondeste,
e eu te devo a vitória.
- ²² A pedra que os pedreiros rejeitaram 1s 28,16;
tornou-se a pedra angular. Zc 4,7;
Mt 21,42;
- ²³ Isto vem do SENHOR: At 4,11;
é uma maravilha aos nossos olhos! 1Pd 2,4-7
- ²⁴ Eis o dia que o SENHOR fez:
que Ele seja nossa felicidade e nossa alegria!
- ²⁵ Dá, SENHOR, dá a vitória!”
Dá, SENHOR, dá o triunfo!
- ²⁶ Bendito seja aquele que entra, em nome do SENHOR! Mt 21,9;
— Nós vos bendizemos desde a casa do SENHOR. 23,39;
Jo 12,13
129b; 134,3
- ²⁷ O SENHOR é Deus e ele nos deu a luz: 18,29;
Formai o cortejo^b, com ramos na mão^c, 1s 60,1
até os chifres do altar.
- ²⁸ — Tu és meu Deus! e eu te celebro,
meu Deus, e eu te exalto. 99,5;
1s 25,1

w. Tradução incerta; lit., talvez, *eu as faço circuncidar*; Gr., Áquila: *eu as rejeitei*; Vulg. Jerônimo: *eu me vinguei delas*; aram.: *eu as extermino*; sir.: *eu as exterminei*.

x. Ambigüidade: pode ser Deus ou o inimigo (Rashi); versões: fui acossado.

y. Cf. Ex 15,2 nota.

z. Lit. *Yah*, como no v. 14a.

a. Ou: *salvai, portanto*. Este apelo (em hebr. *hashfa-na*, que em ambiente grego se tornou *Hosana*) passará a ser utilizado como uma aclamação (cf. Mt 21,9 nota).

b. Lit. *Ligai a festa*. Sir.: *ligai as festas*; gr.: *institui uma festa*; Jerônimo: *celebrai uma festa*; aram.: *atai a vítima para a festa*.

c. Ou *com laços*; gr.: *tiras*; sir., aram.: *correntes*.

- ²⁹ Celebrai o SENHOR, pois Ele é bom,
e sua fidelidade é para sempre.

SALMO 119 (118)

128,1; *Álef*
Lc 11,28

- ¹ Felizes aqueles cuja conduta é íntegra^d
e que andam na Lei do SENHOR.
² Felizes os que se conformam às suas exigências,
de todo o coração o procuram
³ Não cometeram crime,
andaram nos seus caminhos.
⁴ Foste tu que promulgaste teus preceitos
para que os observemos com cuidado.
⁵ Que a minha conduta se firme
para que eu observe os teus decretos;
⁶ então não serei decepcionado
ao contemplar todos os teus mandamentos.
⁷ Celebrar-te-ei com um coração reto
estudando as tuas justas decisões.
⁸ Teus decretos, eu os observo,
não me abandones de todo!

Pr 1,4 *Bet*

- ⁹ Como é que um jovem terá uma conduta pura?
É tomando cuidado, segundo a tua palavra.
¹⁰ De todo o meu coração eu te tenho procurado,
não me deixes errar longe dos teus mandamentos.
¹¹ No meu coração conservo as tuas ordens,
a fim de não pecar contra ti.

¹² Bendito sejas, SENHOR!
ensina-me os teus decretos.

¹³ Meus lábios têm enumerado
todas as decisões da tua boca.

¹⁴ Em seguir as tuas exigências encontrei a alegria
como na maior fortuna.

¹⁵ Teus preceitos, eu os meditarei
e contemplarei os teus caminhos.

¹⁶ Delício-me com teus decretos,
não esqueço a tua palavra.

¹⁷ Age em favor do teu servo: eu viverei
e observarei a tua palavra.

¹⁸ Abre os meus olhos, e eu verei
as maravilhas da tua Lei.

¹⁹ Sou um estrangeiro na terra,
não me ocultes os teus mandamentos.

²⁰ Amo com paixão
tuas decisões de cada instante.

²¹ Tu ameaçaste esses malditos orgulhosos
que se extraviam longe dos teus mandamentos.

Dn 7,28;
Lc 2,19.51

1,2

Sh 7,11

Rm 7,22

Guímel

39,13

- ²² Livra-me do insulto e do desprezo,
pois tenho observado as tuas exigências.
- ²³ Mesmo que os príncipes se sentem para discutir contra mim,
o teu servo medita os teus decretos.
- ²⁴ As tuas exigências fazem as minhas delícias,
são as minhas conselheiras.
- Dálet* ²⁵ Eis-me grudado ao pó: 44,26
segundo a tua palavra, faze-me reviver.
- ²⁶ Eu te descrevi os meus caminhos e me respondeste,
ensina-me os teus decretos.
- ²⁷ Faze-me discernir o caminho dos teus preceitos
e meditarei as tuas maravilhas.
- ²⁸ A aflição fez correrem minhas lágrimas;
levanta-me segundo a tua palavra.
- ²⁹ Afasta de mim o caminho da mentira
e dá-me a graça da tua Lei.
- ³⁰ Escolhi o caminho da lealdade,
alinhei-me com as tuas decisões.
- ³¹ Às tuas exigências mantenho-me apegado; Dt 11,22;
SENHOR, faze com que eu não seja decepcionado. Jr 13,11
- ³² Percorro o caminho dos teus mandamentos, Ap 7,16
pois me abres o espírito.
- Hê* ³³ SENHOR, indica-me o caminho dos teus decretos,
e minha recompensa consistirá em observá-los^e.
- ³⁴ Dá-me entendimento, e observarei a tua Lei Jr 9,23
e a guardarei de todo o coração.
- ³⁵ Conduze-me pelo caminho dos teus mandamentos,
pois nisto encontro prazer.
- ³⁶ Inclina meu coração às tuas exigências,
e não para o lucro. Is 33,15
- ³⁷ Desvia os meus olhos da ilusão,
faze-me reviver nos teus caminhos.
- ³⁸ Para teu servo, realiza^f tuas ordens,
e serás temido.
- ³⁹ Desvia o insulto que me amedronta,
pois as tuas decisões são boas.
- ⁴⁰ Sim, eu amo os teus preceitos;
pela tua justiça, faze-me reviver.
- Vav* ⁴¹ Que venham sobre mim as tuas bondades^g, SENHOR,
a salvação conforme tuas ordens.
- ⁴² E terei uma palavra para quem me insulta, Mt 10,19
pois confio em tua palavra.
- ⁴³ Não tires da minha boca toda palavra de verdade,
pois espero em tuas decisões.

sos sinônimos, à guisa dos "salmos de instrução", cf. Introd.

e. Cf. v. 112; outra tradução (Ibn Ezra): *eu os observarei com proveito* (cf. 19,12), ou, com gr., *eu os observarei continuamente*

(aram.: *até o fim*); ou ainda, com Jerônimo e Rashi: *eu os observarei passo a passo*.

f. Ou então: *confirma*.

g. Cf. 89,2-3 notas.

⁴⁴ Observarei sem cessar a tua Lei
e para todo o sempre.

⁴⁵ Caminharei à vontade,
pois busco os teus preceitos.

111,2

⁴⁶ Diante de reis falarei das tuas exigências,
e não sentirei vergonha.

Jo 4,34

⁴⁷ Delicio-me em teus mandamentos,
que tanto amo.

28,2; 63,5

⁴⁸ Levanto as mãos para teus mandamentos que tanto amo,
e meditarei os teus decretos.

105,42 *Záin*

⁴⁹ Lembra-te da palavra dita ao teu servo,
na qual me fizeste esperar.

IMc 12,9;

⁵⁰ É o meu consolo na miséria,
pois as tuas ordens me fizeram reviver.

Rm 15,4

⁵¹ Os orgulhosos caçoaram muito de mim,
mas eu não me desviei da tua Lei.

⁵² Lembro-me^h das tuas decisões de sempre, SENHOR,
elas são o meu consolo.

⁵³ A ira invadiu-me diante dos infieis
que abandonavam a tua Lei.

IPd 2,11

⁵⁴ Teus decretos tornaram-se os meus cânticos
na casa onde vivo como migrante.

63,7; 134,1

⁵⁵ Durante a noite, lembro-me do teu nome, SENHOR,
para observar a tua Lei.

⁵⁶ Aquilo que me cabe
é observar os teus preceitos.

Ecl 12,13

16,5 *Het*

⁵⁷ Minha parte, SENHOR, eu disse,
é observar as tuas palavras.

⁵⁸ Apliquei o meu coração em enternecer tua face,
concede-me graça, segundo as tuas ordens.

⁵⁹ Eu refleti sobre a minha conduta
e reconduzo meus passos para os teus decretos.

⁶⁰ Sem perder um instante, apressei-me
em observar teus mandamentos.

⁶¹ As cordas dos infieis me amarraram;
tua Lei, não a esqueci.

42,9

⁶² Em plena noite levanto-me para celebrar-te
por causa das tuas justas decisões.

⁶³ Associo-me a todos os que te temem
e que guardam os teus preceitos.

⁶⁴ Da tua fidelidade, SENHOR, a terra está repleta;
ensina-me as tuas normas.

Tet

⁶⁵ Trataste teu servo com bondade,
segundo a tua palavra, SENHOR,

Tg 1,5

⁶⁶ Ensina-me os benefícios^l do julgamento e da ciência,
pois confio em teus mandamentos.

- ⁶⁷ Antes de ser humilhado, eu me transviava;
agora observo as tuas ordens. Pr 15,33
- ⁶⁸ Tu és bom e benfazejo,
ensina-me as tuas exigências. 25,8
- ⁶⁹ Orgulhosos sujaram-me com suas mentiras,
mas eu, de todo o coração, observo os teus preceitos.
- ⁷⁰ O coração deles coagudou como a gordura;
quanto a mim, delicio-me com a tua Lei. 17,10;
Is 6,10
- ⁷¹ Fez-me bem ser humilhado,
para estudar os teus decretos.
- ⁷² A Lei saída da tua boca vale mais para mim
do que milhões em ouro e de prata. 19,11
- Iod* ⁷³ Tuas mãos me fizeram e consolidaram;
dá-me entendimento, e estudarei os teus mandamentos. Jô 10,8
- ⁷⁴ Ao me verem, alegram-se os que te temem,
pois espero na tua palavra. 107,42
- ⁷⁵ Reconheço, SENHOR, que as tuas decisões são justas,
e que tinhas razão em humilhar-me.
- ⁷⁶ Que a tua fidelidade me console,
segundo ordenaste^l para o teu servo.
- ⁷⁷ Que tua misericórdia me penetre, e eu viverei,
pois a tua Lei constitui as minhas delícias.
- ⁷⁸ Vergonha para os orgulhosos que me sobrearregaram de mentiras;
quanto a mim, medito os teus preceitos.
- ⁷⁹ Que voltem a mim os que te temem,
eles conhecerão^k as tuas exigências^l.
- ⁸⁰ Que eu siga com perfeição os teus decretos,
para não experimentar a vergonha.
- Cuf* ⁸¹ Eu me consumi aguardando a tua salvação,
esperei na tua palavra.
- ⁸² Meus olhos consumiram-se em procurar as tuas ordens,
e eu disse: "Quando me consolarás?" 101,2
- ⁸³ Eu era semelhante a um odre tostado^m,
mas não esqueci os teus decretos.
- ⁸⁴ Quanto durarão esses dias para o teu servo?
Quando tomarás uma decisão contra os meus perseguidores? 7,2
- ⁸⁵ Orgulhosos cavaram fossos contra mim,
em menosprezo à tua Lei. 57,7
- ⁸⁶ Todos os teus mandamentos são fidelidade:
agora que sou perseguido com perfídia, ajuda-me. 33,4;
111,7-8
- ⁸⁷ Consumido e quase prostrado,
não abandonei os teus preceitos.
- ⁸⁸ Segundo a tua fidelidade, faze-me reviver,
e eu observarei o que a tua boca exige.
- Lamed* ⁸⁹ Para sempre, SENHOR,
tua palavra se levanta nos céus. Is 40,8

J. Lit. *segundo tua palavra*, termo traduzido neste salmo por *ordem*.

k. "Texto escrito"; "texto lido" e versões: *e que conhecem*.

l. Lit. *Que meu coração seja íntegro pelos teus decretos*.

m. Lit. *como um odre (exposto) à fumaça*.

- 104,5
Jr 33,25
- 90 Tua fidelidade dura de geração em geração:
fixaste a terra, e ela está firme;
- 91 segundo as tuas decisões, tudo está firme até hoje,
pois o universo é teu servo.
- 92 Se a tua Lei não tivesse constituído as minhas delícias,
eu teria perecido na miséria.
- 93 Jamais esquecerei os teus preceitos,
pois por eles me fizeste reviver.
- 100,3
- 94 Pertença a ti! Salva-me,
pois tenho procurado os teus preceitos.
- 95 Infiéis esperaram deitar-me a perder,
mas permaneço atento às tuas exigências.
- 96 Em toda perfeição vi um limite,
mas o teu mandamento é de amplidão infinita.
- Sr 24,29
- 40,9 *Mem*
- 97 Quanto amo a tua Lei,
todos os dias eu a medito.
- Dt 4,6
- 98 Teu mandamento me torna mais sábio que meus inimigos,
faço-o meu para sempre.
- 99 Sou mais sensato que todos os meus mestres,
pois meditei as tuas exigências.
- Sh 8,10
- 100 Tenho mais discernimento que os anciãos,
pois observei os teus preceitos.
- 101 Evitei todos os caminhos do mal
a fim de guardar a tua palavra.
- 102 Não me desviei das tuas decisões
pois foste tu que me instruíste.
- 19,11;
Sr 24,20
- 103 Quão doces são as tuas ordens para o meu paladar!,
mais que o mel em minha boca
- 104 Graças aos teus preceitos tenho discernimento,
por isso detesto todos os caminhos da mentira.
- Pr 6,23 *Nun*
- 105 Tua palavra é lâmpada para os meus passos,
luz para o meu caminho.
- 106 Jurei, e o confirmo,
observar tuas justas decisões,
- 70,6
- 107 Estou por demais humilhado;
SENHOR, faze-me reviver segundo a tua palavra.
- 108 Aceita, SENHOR, a oferenda das minhas preces^a,
ensina-me as tuas decisões.
- 109 Em constante perigo da minha vida^a
não esqueci a tua Lei.
- 110 Infiéis prepararam-me uma cilada
mas não errei longe dos teus preceitos.
- 111 Tuas exigências são para sempre minha herança;
são a alegria do meu coração.
- Jr 15,16
- 112 Aplico-me em praticar os teus decretos;
é a minha recompensa^a para sempre.

n. Lit. *Aceita, pois... os dons generosos (ou espontâneos) da minha boca.*

o. Lit. *Minha alma está constantemente sobre as minhas pal-*

mas, cf. Jó 13,14; alguns mss. gr. e sir.: *minha vida está nas tuas mãos*, cf. 31,6.

p. Cf. v. 33; aram.: *para sempre até o fim*; certos mss gr.

- Sámek* 113 Detesto os corações divididos e amo a tua Lei. Sr 2,12
- 114 Meu abrigo e meu escudo és tu! espero na tua palavra. 3,4
- 115 Maus, desviái-vos de mim, eu observarei os mandamentos do meu Deus.
- 116 Segundo as tuas ordens, sê meu apoio e eu viverei; não decepciones minha expectativa.
- 117 Sustenta-me, e serei salvo, e não perderei de vista os teus decretos.
- 118 Rejeitaste todos os que se desviavam longe dos teus decretos, pois suas manobras não passavam de mentira.
- 119 Reduziste a escória todos os infiéis da terra, por isso amo as tuas exigências.
- 120 Minha carne treme de terror diante de ti e de temor diante das tuas decisões.
- Áin* 121 Age segundo o direito^a e a justiça; não me entregues aos meus opressores.
- 122 Assegura a felicidade do teu servo; que os orgulhosos não me oprimam.
- 123 Meus olhos se consumiram em esperar a tua salvação e em procurar as ordens da tua justiça.
- 124 Age para com teu servo segundo a tua fidelidade e ensina-me os teus decretos.
- 125 Sou teu servo; dá-me discernimento, e eu conhecerei as tuas exigências. 116,16; 143,12
- 126 Para o SENHOR, é tempo de agir: violaram a tua Lei. 69,14; 102,14
- 127 Por isso amo os teus mandamentos mais do que ouro, mesmo o mais fino.
- 128 Por isso considero totalmente justos todos os preceitos*; detesto todos os caminhos da mentira.
- Pê* 129 Tuas exigências são maravilhas, por isso a elas me conformo.
- 130 A descoberta das tuas palavras ilumina, dá discernimento aos simples. 19,9
- 131 Com a boca aberta de admiração, aspiro ávido dos teus mandamentos.
- 132 Volta-te para mim e concede-me graça, como está decidido para os que amam o teu nome.
- 133 Firma meus passos através das tuas ordens e não deixes que mal nenhum me domine.
- 134 Livra-me da opressão dos homens, e guardarei os teus preceitos. Is 54,14; Lc 1,74
- 135 Que a tua face se ilumine para o teu servo; ensina-me os teus decretos. 31,17

para sempre por causa da retribuição; Símaco e Jerônimo: em vista da retribuição eterna.

q. Palavra trad. no v. anterior e em todo o salterio, por decisões.

r. Equívoco: é hora de agir para o Senhor (sir. e os rabinos), ou é hora de o Senhor agir (Vulg.).

s. Gr.: Tenho-me dirigido para todos os vossos preceitos.

Jr 13,17

¹³⁶ Lágrimas jorraram dos meus olhos,
pois não se observa a tua Lei.

Dt 32,4: *Şade*
Ap 16,7:
19,2

¹³⁷ SENHOR, tu és justo,
e tuas decisões são retas.

¹³⁸ Promulgaste tuas exigências, são a justiça
e a plena fidelidade.

69,10

¹³⁹ Meu zelo me consumiu
quando meus adversários esqueciam as tuas palavras.

¹⁴⁰ Tuas ordens são a toda prova,
e teu servo as ama.

¹⁴¹ Mesmo miserável e desprezado,
não esqueci os teus preceitos.

¹⁴² Tua justiça é a justiça eterna,
e tua Lei é a verdade.

¹⁴³ A tristeza e a angústia me invadiram,
mas os teus mandamentos são as minhas delícias.

¹⁴⁴ Tuas exigências são a justiça eterna;
dá-me discernimento, e viverei.

Sh 8,21 *Qof*

¹⁴⁵ Chamei de todo o coração, responde-me, SENHOR;
observarei os teus decretos.

¹⁴⁶ Eu te chamei, salva-me
e observarei tuas exigências.

57,9

¹⁴⁷ Antecipei-me à aurora e grito;
espero em tuas palavras.

¹⁴⁸ Antes da hora abri os olhos
para meditar as tuas ordens.

¹⁴⁹ Segundo a tua fidelidade escuta a minha voz;
SENHOR, segundo tuas decisões, faze-me reviver.

¹⁵⁰ Aproximam-se, esses perseguidores infames
que se afastam da tua Lei.

Dt 4,7

¹⁵¹ Quanto a ti, estás perto,
e todos os teus mandamentos são verdade.

¹⁵² Tuas exigências, sei desde muito tempo
que as estabeleceste para sempre.

Mt 5,18

Resh

¹⁵³ Vê minha miséria e liberta-me,
pois não esqueci a tua Lei.

¹⁵⁴ Sustenta a minha causa e defende-me;
segundo tuas ordens, faze-me reviver.

¹⁵⁵ A salvação está longe dos infiéis,
pois não buscaram os teus decretos.

69,17

¹⁵⁶ SENHOR, tuas misericórdias são numerosas,
segundo tuas decisões, faze-me reviver.

¹⁵⁷ Numerosos são meus perseguidores e meus adversários,
mas não me afastei das tuas exigências.

95,10

¹⁵⁸ Vi traidores e sinto repugnância,
pois não observaram tuas ordens.

- ¹⁵⁹ Vê quanto amo os teus preceitos,
segundo tua fidelidade, SENHOR, faze-me reviver.
- ¹⁶⁰ O princípio da tua palavra é a verdade;
toda decisão da tua justiça é para sempre. Jo 17,17
- Shin* ¹⁶¹ Príncipes me perseguiram sem motivo,
meu coração só teme as tuas palavras.
- ¹⁶² Regozijo-me com as tuas ordens
como quem acha grandes despojos. Is 9,2;
Mt 13,44
- ¹⁶³ Detesto a mentira, abomino-a,
é a tua Lei que eu amo.
- ¹⁶⁴ Sete vezes por dia te tenho louvado
pelas tuas justas decisões.
- ¹⁶⁵ Grande é a paz dos que amam a tua Lei:
para eles não há mais obstáculo! 1Jo 2,10
- ¹⁶⁶ SENHOR, esperei de ti a salvação
e cumpri os teus mandamentos.
- ¹⁶⁷ Observei as tuas exigências,
amo-as verdadeiramente.
- ¹⁶⁸ Guardei os teus preceitos e as tuas exigências,
todos os meus caminhos estão diante de ti.
- Tau* ¹⁶⁹ Que o meu grito chegue à tua presença, SENHOR.
dá-me discernimento segundo a tua palavra!
- ¹⁷⁰ Que minha súplica chegue à tua presença;
segundo as tuas ordens, livra-me!
- ¹⁷¹ Que meus lábios sejam pródigos no louvor,
pois me ensinas os teus decretos.
- ¹⁷² Que minha língua cante as tuas ordens,
pois todos os teus mandamentos são justiça. Rm 7,12
- ¹⁷³ Que tua mão me venha em auxílio,
pois escolhi os teus preceitos.
- ¹⁷⁴ De ti, SENHOR, anelo a salvação,
e a tua Lei constitui as minhas delícias.
- ¹⁷⁵ Que eu possa viver para louvar-te,
e as tuas decisões virão em meu auxílio.
- ¹⁷⁶ Ando errante como uma ovelha desgarrada:
procura o teu servo,
pois não esqueci os teus mandamentos. Is 53,6;
Ez 34,6;
Lc 15,4;
1Pd 2,25

SALMO 120* (119)

¹ *Canto das subidas**

Em minha aflição, chamei^a
o SENHOR, e ele me respondeu.

Rm 7,12;
Jn 2,3

² SENHOR, livra-me dos lábios falsos,
de uma língua de mentira!

31,19;
Sr 51,2

v. Segundo alguns, o *grande Hallel* (o "grande canto de louvor") que comporta sobretudo — senão exclusivamente — o Sl 136, teria começado desde o Sl 120.

w. Quinze salmos (120-134) levam este título. Não há dúvida de que se trata de salmos de peregrinação, cantados durante a *subida* a Jerusalém (cf. Is 23; Jr 31,6; Sl 84), especialmente

para as três grandes festas (Ex 23,14-17). Por vezes tem-se pensado na subida da Babilônia (cf. o título de sir. e Esd 7,9); gr. e Jerônimo: *dos degraus*, da mesma forma que a Mishná (Sukká 5,4), que evoca a este propósito os quinze degraus que era preciso subir para aceder, no Templo, ao adro de Israel.

x. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

- 109,2 ³ Que dar-te, o que mais infligir-te',
ó língua de mentira?
- ⁴ Flechas de guerra farpadas,
com brasas vivas de giesta.
- ⁵ Infeliz de mim! tive de emigrar para Méshek
tive de permanecer entre as tendas de Qedar^a.
- 109,5 ⁶ Permaneci demais
com aqueles que detestam a paz.
- ⁷ Sou de paz! Mas se falo^a,
eles são pela guerra.

SALMO 121 (120)

¹ *Canto. Para as subidas.*

- 123,1; 133,3
3,5; 20,3
124,8; 134,3
66,9
1Rs 18,27
91,1;
Is 25,4;
Lc 1,35
16,8; 109,31
Ap 7,16
41,3; 97,10
Dt 28,6
125,2;
131,3
- Levanto os olhos para as montanhas^b:
donde me virá socorro^c?
- ² O socorro me vem do SENHOR,
o autor dos céus e da terra.
- ³ — Que ele não deixe o teu pé vacilar,
que o teu vigia não cochile! —
- ⁴ Não! Ele não cochila nem dorme,
o vigia de Israel.
- ⁵ O SENHOR é teu vigia.
O SENHOR é quem te dá sombra,
ele está à tua direita.
- ⁶ De dia, o sol não te atingirá,
nem a lua durante a noite.
- ⁷ O SENHOR te guardará de todo mal.
Ele guardará tua vida.
- ⁸ O SENHOR guardará tuas idas e vindas,
desde agora e para sempre.

SALMO 122 (121)

¹ *Canto das subidas. De David.*

- 27,4; 42,5;
43,4
- Que alegria, quando me disseram^d:
“Vamos à casa do SENHOR!”
- ² Paramos
às tuas portas, Jerusalém!
- ³ Jerusalém, a bem construída,
cidade bem coesa^e!

y. Lit. *Que te dará ele e que te acrescentará?* O sujeito pode ser impessoal: pode ser o *Senhor* ou a *língua de mentira*.

z. *Méshek*: cf. Gn 10,2 nota; gr.: e sir. *minha estada prolongou-se*; *Qedar*, tribo nômade do deserto arábico, cf. Gn 25,13 nota.

a. Outra tradução com Jerônimo: *quanto a mim, falo de paz*.

b. Quanto aos “salmos de confiança”, cf. Introd.

c. Gr. *...para as montanhas donde me virá o socorro*.

d. Quanto aos “cânticos de Sião”, cf. Introd.

e. Hebr. e versões obscuras. Segundo gr. e Vulg., pode-se também pensar que se trata antes da coesão das pessoas (cf. a sequência do salmo e At 2,44) do que da coesão das construções.

- ⁴ Para lá subiram as tribos,
as tribos do SENHOR,
segundo a regra vigente em Israel^f,
para celebrar o nome do SENHOR. Lc 2,42
- ⁵ Pois lá foram postos tronos para a justiça,
tronos para a casa de David. 1Rs 7,7;
2Cr 19,8
- ⁶ Pedi a paz para Jerusalém:
que teus amigos vivam tranqüilos;
- ⁷ que a paz reine dentro das tuas muralhas
e a tranqüilidade nos teus palácios!
- ⁸ Por causa dos meus irmãos e dos meus companheiros,
direi: "A paz esteja contigo!"
- ⁹ Por causa da casa do SENHOR nosso Deus,
quero a tua felicidade. 26,8

SALMO 123 (122)

¹ *Canto das subidas.*

- Levantei os olhos para ti^g,
que estás sentado nos céus: 121,2;
2Mc 3,39;
Mt 5,34;
6,9
- ² Sim; como os olhos dos escravos
para a mão dos seus amos,
e os olhos de uma serva
para a mão da sua dona,
assim nossos olhos estão voltados
para o SENHOR, nosso Deus,
à espera da sua compaixão. 25,15;
141,8;
145,15
- ³ Piedade, SENHOR, piedade!
pois estamos saturados de desprezo, 44,14-17
- ⁴ estamos saturados, estamos empanturrados de desprezo.
Os bem-nutridos não passam de um gracejo^h!
Para os arrogantes, o desprezo! Pr 16,18

SALMO 124 (123)

¹ *Canto das subidas. De David.*

- Sem o SENHORⁱ, quem estava a nosso favor^j, 94,17
— que o repita Israel! —^k 129,1
- ² sem o SENHOR, quem estava a nosso favor,
quando nos atacaram?
- ³ Então, na sua ardente cólera contra nós,
eles nos engoliam vivos, 35,25;
Jr 51,34;
Pr 1,12
- ⁴ éramos então arrastados pelas águas,
uma torrente nos submergia; 32,6; 42,8;
69,2-3;
Is 8,7-8

f. Um saltério de Qumran (cf. Símaco): a comunidade de Israel.

g. Quanto às "orações coletivas de pedido de socorro", cf. Introd.

h. Tradução incerta. Gr.: *Vergonha para os bem-nutridos;*

desprezo para os arrogantes; outras versões: (estamos saturados) do opróbrio dos zombadores e do desprezo dos arrogantes.

i. Oração coletiva de "ação de graças", cf. Introd.

j. Gr. e Jerônimo: *entre nós* (aqui e no v. 2).

k. Lit. *que diga Israel*, como em 118,2.

- 28,6;
31,22
- 91,3
- 20,8; 33,21;
Pr 18,10
115,15;
121,2;
146,6
- ⁵ então nos submergiam
por águas impetuosas.
- ⁶ Bendito seja o SENHOR
que não fez de nós
a presa dos seus dentes!
- ⁷ Como um pássaro, escapados
à rede dos caçadores;
a rede rompeu-se,
escapamos.
- ⁸ Nosso socorro é o nome do SENHOR¹,
que fez o céu e a terra.

SALMO 125 (124)

¹ *Canto das subidas.*

Os que confiam no SENHOR^m
são como o monte Sião:
ele é inabalávelⁿ,
permanece sempre.

² Jerusalém! montanhas a cercam!
Assim o SENHOR cerca seu povo
desde agora e para sempre.

³ Não, um cetro indigno não pesará
sobre a herança dos justos,
e os justos não estenderão a mão
para o crime.

⁴ Sê bom, SENHOR, para quem é bom,
para o homem de coração reto.

⁵ Mas os transviados, de comportamento tortuoso,
que o SENHOR os expulse
com os malfeitores!

Paz sobre Israel!

SALMO 126 (125)

¹ *Canto das subidas.*

Na volta do SENHOR com os que voltavam a Sião^o,
pensávamos estar sonhando^p.

² Então a nossa boca estava cheia de riso
e a nossa língua gritava sua alegria;
então se dizia entre as nações:
“Por eles o SENHOR realizou grande façanha!”

³ Por nós o SENHOR realizou grande façanha
e estávamos jubilosos.

1. Outra tradução com gr.: *Nosso socorro está no nome do Senhor.*

m. Quanto aos “salmos de confiança”, cf. Introd.

n. Um saltério de Qumran (cf. Jerônimo): ... *Sião que é inabalável.*

o. Gr., sir., Jerônimo: *Quando o Senhor reconduziu os cativos de Sião*, cf. Jr 29,14 nota.

p. Lit. *éramos como os que sonham*. Outra tradução, com o aram.: *como curados*; gr.: *como os que são consolados*; sir. *como os que se alegram*.

⁴ SENHOR, volta com os nossos cativos^q,
como as torrentes do Négueb^r.

⁵ Quem semeou com lágrimas
colhe na alegria!

⁶ Ele vai, vai chorando,
carregado do fardo de sementes^s.
Ele vem, vem com alegria,
carregado com seus feixes.

Br 4,23

SALMO 127 (126)

¹ *Canto das subidas. De Salomão.*

Se o SENHOR¹ não construir a casa^q,
seus construtores trabalham em vão.
Se o SENHOR não guardar a cidade,
a sentinela vigia em vão.

² De nada serve levantar-vos cedo,
retardar o vosso descanso,
comer o pão das labutas!
Ao seu amigo que dorme, ele dará da mesma forma^t.

Gn 3,19

³ Mas sim! Filhos são a parte que o SENHOR dá,
e o fruto do ventre, o salário.

⁴ Como flechas nas mãos do guerreiro,
assim, os filhos da vossa juventude.

⁵ Feliz o homem que deles encheu sua aljava!
Ele não empalidecerá se tiver de enfrentar
o adversário às portas da cidade.

Jó 29,5-10

SALMO 128 (127)

¹ *Canto das subidas.*

Felizes todos os que temem o SENHOR
e seguem os seus caminhos!

112,1

² Tu te alimentas do trabalho das tuas mãos.
Feliz de ti! A ti a felicidade!

³ Tua mulher é uma vinha generosa
no interior da tua casa;
teus filhos, mudas de oliveira
em redor de tua mesa.

144,12

⁴ Eis como é abençoado o homem
que teme o SENHOR.

⁵ Que o SENHOR te abençoe de Sião,
e verás a prosperidade de Jerusalém
todos os dias da tua vida,

134,3

q. Ou então: *reconduz os nossos cativos.*

r. As torrentes do deserto trazem bruscamente a fertilidade.

s. Lit. *trazendo a trilha da semente.*

t. Quanto aos "salmos de instrução", cf. Introd.

u. Talvez o Templo (cf. o título do salmo).

v. Trad. incerta. Versões: *ao passo que dará o sono ao seu amigo.*

⁶ e verás os filhos dos teus filhos.

125,5 Paz sobre Israel!

SALMO 129 (128)

¹ *Canto das subidas.*

124,1 Quantas vezes, desde a minha juventude, me combateram^w,
— que Israel o repita! —^x

² quantas vezes, desde a minha juventude, me combateram,
sem nada poder contra mim.

³ Lavradores^y lavraram meu dorso,
traçaram seus longos sulcos.

⁴ O SENHOR é justo,
arrebentou as cordas dos infieis.

35,4; 40,15 ⁵ Que sejam envergonhados, que recuem,
todos os que detestam Sião!

⁶ Que sejam como a erva dos telhados,
que seca antes de crescer^z.

⁷ O ceifeiro não enche a mão com ela,
nem o enfeixador faz uma braçada,

⁸ e os transeuntes não dizem:
“O SENHOR vos abençoou!”

118,26 Nós vos abençoamos em nome do SENHOR.

SALMO 130 (129)

¹ *Canto das subidas.*

Jn 2,3 Das profundezas eu te chamo, SENHOR^a:

² Senhor, ouve a minha voz;
que teus ouvidos estejam atentos
à minha voz suplicante!

³ Se retivres as faltas, SENHOR!
Senhor, quem subsistirá?

⁴ Mas tu dispões^b do perdão
e eles te hão de temer^c.

⁵ Aguardo o SENHOR,
aguardo com toda a minh'alma
e espero na sua palavra.

⁶ Minh'alma deseja o Senhor,
mais do que o vigia o amanhecer,
mais do que o vigia o amanhecer.

w. Quanto aos “salmos de confiança”, cf. Introd.

x. Lit. *que diga Israel*, cf. 118,2.

y. Qumran e gr.: *infieis*.

z. Tradução incerta; outra tradução, com gr.: *antes que a arranquem*. Jerônimo: *antes de florescer*.

a. Este salmo (o “De profundis”) pode ser enquadrado na categoria das “orações individuais de pedido de socorro”, cf. Introd.

b. Lit. *Junto a vós (está) o perdão*.

c. Lit. *de sorte que sois temido* (temor inspirado pelo respeito, mais do que pelo medo).

- ⁷ Israel, põe tua esperança no SENHOR^d,
pois o SENHOR dispõe da graça
e, com largueza, do resgate.
⁸ É ele quem resgata Israel
de todas as suas faltas.

25,22;
Mt 1,21;
Tt 2,14

SALMO 131 (130)

¹ *Canto das subidas. De David.*

- SENHOR, meu coração está sem pretensões^e;
meus olhos não miram metas altas demais.
Não visei grandezas,
maravilhas que me ultrapassam.
² Pelo contrário, meus desejos se acalmaram
e se calaram,
como uma criança carregada pela mãe.
Como tal criança são meus desejos^f.
³ Israel, põe tua esperança no SENHOR,
desde agora e para sempre.

SALMO 132 (131)

¹ *Canto das subidas.*

- SENHOR, lembra-te de David^g,
lembra-te de tudo por que passou^h.
² Foi ele que jurou ao SENHOR
e fez esta promessa ao Indomável de Jacóⁱ:
³ "Jamais voltarei a entrar sob minha tenda,
jamais irei deitar-me em meu leito,
⁴ jamais deixarei que meus olhos se fechem
nem que minhas pálpebras cedam ao sono,
⁵ antes de encontrar um lugar para o SENHOR,
uma morada para o Indomável de Jacó!"
⁶ Soubemos que ela^j estava em Efrata,
encontramo-la no campo de Iáar:
⁷ "Vamos à sua morada,
prosternemo-nos diante do seu pedestal.
⁸ Levanta-te, SENHOR, vem a teu lugar de descanso,
tu e a arca em que reside a tua força!
⁹ Que os teus sacerdotes se vistam de justiça,
que teus fiéis gritem a sua alegria!

At 7,46

99,5

Nm 10,35;
2Cr 6,41-42

d. Texto de Qumran: *Espera, ó minha alma, no Senhor, mais do que a guarda (espera) no amanhecer. Mais do que a guarda no amanhecer, Israel, põe tua esperança no Senhor.*

e. Quanto aos "salmos de confiança", cf. Introd.

f. Lit. *como esta criança* (mais exatamente, *criança desmama-da*), *minha alma está sobre mim*. A imagem é a de uma criança que a mãe leva nas costas.

g. Este salmo, que parece depender da narrativa de 2Sm 7,

deve ser enquadrado nos "salmos régios" e nos "cânticos de Sião", cf. Introd.

h. Gr. *sua doçura*.

i. Cf. Gn 49,24; Is 49,26; 60,16.

j. Trata-se da arca da aliança, que permaneceu em Qiriat-leirim após o retorno entre os filisteus (cf. 1Sm 7,2). Efrata é um antigo nome de Bet-Lehem, pátria de David, mas é também uma localidade de Efraim (1Sm 1,1).

89,3-4;
2Sm 7,12-16;
1Cr 17,
11-14;
At 2,30

- ¹⁰ Por causa de David, teu servo,
não despeças o teu messias^k!”
- ¹¹ O SENHOR o jurou a David;
é a verdade, ele não a renegará:
“É alguém saído de ti^l
que estabecerei sobre o teu trono.
- ¹² Se teus filhos observarem minha aliança
e as exigências que lhes ensinarei,
também os seus filhos
sentarão para sempre no teu trono”.
- ¹³ Pois o SENHOR escolheu Sião,
Ele a quis como residência:
- ¹⁴ “Ela será sempre o meu lugar de descanso,
ali residirei; é ela que eu quis.
- ¹⁵ Abençoarei, abençoarei suas provisões,
saciarei de pão os seus pobres.
- ¹⁶ Revestirei de salvação os seus sacerdotes,
e os seus fiéis gritarão sua alegria.
- ¹⁷ Lá eu farei germinar o vigor^m de David,
e prepararei uma lâmpada para o meu messias”.
- ¹⁸ Revestirei de vergonha os seus inimigos,
e sobre ele florescerá o diadema”.

Lc 1,69

SALMO 133 (132)

¹ *Canto das subidas. De David.*

Oh! que prazer, que felicidade
encontrar-se entre irmãosⁿ!

² É como o óleo que perfuma a cabeça^o,
e desce pela barba,
pela barba de Aarão,
que desce pela gola da sua veste.

³ É como o orvalho do Hermon,
que desce pelas montanhas de Sião.
Lá, o SENHOR decidiu abençoar:
é a vida para sempre!

Ex 30,30

SALMO 134 (133)

¹ *Canto das subidas.*

Vamos! bendizei o SENHOR,
vós todos, servos do SENHOR,

135,1-2

k. Lit. não desvie o rosto do teu messias.

l. Lit. um fruto do teu ventre.

m. Lit. um chifre. Esta expressão combina duas imagens: a do chifre, símbolo do poder, e a do rebento saído do tronco de Jessé, pai de David, cf. Is 11,1.

n. A lâmpada é aqui o símbolo da posteridade de David (cf.

1Rs 11,36). De modo mais geral, ela é o sinal da vida que se perpetua (cf. Pr 13,9 e 24,20).

o. Gr. e sir.: minha consagração (cf. 89,40).

p. Lit. que irmãos se sentem juntos.

q. Lit. como o óleo perfumado na cabeça.

que vos mantendes na casa do SENHOR^r
durante as noites.

² Elevai as mãos para o santuário
e bendizeis o SENHOR.

³ Que ele te abençoe de Sião, o SENHOR,
que fez o céu e a terra.

128,5

SALMO 135 (134)

¹ Aleluia!

Louvai o nome do SENHOR^r,
louvai-o, servos do SENHOR,

113,1

² que permaneceis na casa do SENHOR,
nos átrios da casa do nosso Deus.

134,1

³ Aleluia! como o SENHOR é bom!
Cantai o seu nome, quanto ele é amável!

⁴ Pois o SENHOR escolheu para si Jacó,
fez de Israel o seu apanágio^t.

⁵ Sim, eu o sei: o SENHOR é grande;
nosso Senhor ultrapassa todos os deuses.

95,3;
Ex 18,11

⁶ Tudo o que o SENHOR quis, ele o fez,
nos céus e sobre a terra,
nos mares e em todos os abismos.

115,3

⁷ Da extremidade da terra levantando as nuvens,
fez os relâmpagos para que chovesse;
tira o vento dos seus reservatórios.

Jr 51,16

⁸ Ele atingiu os primogênitos do Egito,
desde o homem até o gado.

136,10.
Ex 12,29

⁹ No meio de ti, Egito,
enviou sinais e prodígios
contra Faraó e todos os seus servos.

¹⁰ Ele atingiu nações numerosas
e matou reis poderosos:

136,17-22

¹¹ Sihon, o rei dos emoritas,
Og, o rei do Bashan,
e todos os reinos de Canaã.

¹² Depois deu a terra deles em patrimônio
em patrimônio a Israel, seu povo.

¹³ SENHOR, proclamar-se-á sempre o teu nome.
SENHOR, far-se-á menção a ti, de geração em geração.

102,13

¹⁴ Pois o SENHOR faz justiça ao seu povo,
e se compadece dos seus servos.

¹⁵ Os ídolos das nações são de prata e de ouro,
feitos por mão de homem.

115,4-8

r. Gr. acrescenta: *nos átrios da casa do nosso Deus* (cf. 135,2).

s. Quanto aos "hinos", cf. Introd.

t. Exatamente: *sua parte pessoal*, cf. Ex 19,5 nota.

- ¹⁶ Têm boca, não falam;
têm olhos, não enxergam;
¹⁷ têm ouvidos, não ouvem;
não há o mínimo sopro na sua boca!
¹⁸ Que os seus autores se assemelhem a eles,
e também todos aqueles que contam com eles!
- ¹⁹ Casa de Israel, bendizei o SENHOR.
Casa de Aarão, bendizei o SENHOR.
²⁰ Casa de Levi, bendizei o SENHOR.
Vós que temeis o SENHOR*, bendizei o SENHOR.
- ²¹ De Sião, bendito seja o SENHOR*
que mora em Jerusalém!
- Aleluia!

SALMO 136^a (135)

- 2Cr 7,3 ¹ Celebrai o SENHOR, pois Ele é bom
e sua fidelidade é para sempre.
- Dt 10,17 ² Celebrai o Deus dos deuses,
pois sua fidelidade é para sempre.
- 72,18 ³ Celebrai o Senhor dos senhores,
pois sua fidelidade é para sempre.
- ⁴ Ele é o único autor de grandes milagres,
pois sua fidelidade é para sempre,
⁵ o inteligente autor dos céus,
pois sua fidelidade é para sempre,
⁶ firmando a terra sobre as águas,
pois sua fidelidade é para sempre,
- Gn 1,16 ⁷ Ele é o autor das grandes luzes*,
pois sua fidelidade é para sempre,
⁸ do sol que regula os dias,
pois sua fidelidade é para sempre,
⁹ da lua e das estrelas que regulam as noites,
pois sua fidelidade é para sempre.
- 78,51;
135,8;
Ex 12,29
Ex 12,51 ¹⁰ Ferindo o Egito nos seus primogênitos,
pois sua fidelidade é para sempre,
¹¹ fez sair de lá Israel,
pois sua fidelidade é para sempre,
¹² com mão forte e braço estendido*,
pois sua fidelidade é para sempre.
- Ex 14 ¹³ Dividindo em dois o mar dos Juncos*,
pois sua fidelidade é para sempre,

u. Ou talvez: *um nariz e nenhum hálito na sua boca* (cf. 115,6), como no aram.

v. Provavelmente os prosélitos, mencionados depois dos israelitas de raça e dos sacerdotes, como em 115,9-11.

w. Qumran: *Que de Sião o Senhor te abençoe*.

x. Salmo denominado na tradição judaica o *Grande Hallel*

("canto de louvor"). O estribilho era sem dúvida cantado pelo povo inteiro, cf. 2Cr 7,3.

y. Qumran e sir.: *luminares*, como em Gn 1,16.

z. Expressão estereotipada a propósito da intervenção de Deus que liberta seu povo, cf. Dt 4,34 e 5,15.

a. Cf. nota a Ex 13,18.

- ¹⁴ ele fez Israel passar no meio,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ¹⁵ precipitou Faraó e seu exército no mar dos Juncos,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ¹⁶ Conduzindo seu povo através do deserto,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ¹⁷ golpeando grandes reis, 135,10-12
pois sua fidelidade é para sempre,
- ¹⁸ ele matou reis soberbos,
pois sua fidelidade é para sempre.
- ¹⁹ Sihon, o rei dos emoritas, Nm 21,
21-32
pois sua fidelidade é para sempre,
- ²⁰ e Og, o rei do Bashan, Nm 21,
33-35
pois sua fidelidade é para sempre,
- ²¹ Depois deu a terra deles em herança,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ²² em herança a Israel, seu servo,
pois sua fidelidade é para sempre.
- ²³ Em nossa humilhação, ele se lembrou de nós,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ²⁴ Ele nos libertou dos nossos adversários,
pois sua fidelidade é para sempre.
- ²⁵ Ele dá pão a toda criatura,
pois sua fidelidade é para sempre,
- ²⁶ Celebrai o Deus dos céus,
pois sua fidelidade é para sempre.

SALMO 137 (136)

- ¹ À beira dos rios da Babilônia,
ali ficávamos sentados, desfeitos em prantos, Lm 3,48-51
pensando em Sião.
- ² Nos salgueiros da vizinhança
havíamos pendurado as nossas cítaras.
- ³ Ali, os conquistadores nos pediram canções,
e os nossos raptore^b, melodias alegres:
"Cantai para nós algum canto de Sião."
- ⁴ Como cantar um canto do SENHOR
em terra estrangeira?
- ⁵ Se eu te esquecer, Jerusalém, Jr 51,50
que a minha direita esqueça...^c!
- ⁶ Que a minha língua se me cole ao céu da boca
se eu não pensar mais em ti,

b. Tradução conjectural, uma vez que o termo hebraico não figura em nenhum outro lugar. Gr. e sir.: *os que nos levavam embora*; Jerônimo: *os que nos abatiam*; aram.: *aquela que nos saqueia*.

c. Não há dúvida de que se deve interpretar "esqueça, também ela, a arte de tocar"; sir.: *me esqueça*; gr. e Jerônimo: *seja esquecida*; aram.: *esquecerei a minha direita*. Alguns, invertendo duas letras, traduzem "seque".

se eu não preferir Jerusalém
a qualquer outra alegria^d.

⁷ SENHOR, pensa nos filhos de Edom,
que diziam no dia de Jerusalém:
"Arrasai, arrasai até os fundamentos!"

⁸ Filha da Babilônia^f, prometida para a destruição,
feliz aquele que te tratar
como tu nos trataste!

⁹ Feliz aquele que pegar tuas crianças de peito
e arremessá-las contra a rocha^g!

SALMO 138 (137)

¹ De David.

9,2 Eu te celebro^h de todo o meu coraçãoⁱ;
diante dos deuses^j eu te canto.

5,8 ² Eu me prosterno em direção do teu templo santo
e celebro o teu nome,
por causa da tua fidelidade e da tua lealdade,
pois fizeste promessas
maiores que teu renome^k.

³ No dia em que chamei e em que me respondeste,
estimulaste as minhas forças^l.

⁴ Que todos os reis da terra te celebrem, SENHOR,
pois ouviram as promessas da tua boca.

⁵ Que cantem nos caminhos do SENHOR:
"Grande é a glória do SENHOR!

⁶ Por mais alto que seja o SENHOR,
ele vê o mais humilde
e reconhece de longe o orgulhoso."

⁷ Se eu caminhar em plena aflição,
tu me fazes reviver,
tu avanças tua mão
contra^m os meus adversários,
e a tua destra me torna vencedor.

⁸ O SENHOR fará tudo por mim.

SENHOR, tua fidelidade é para sempre!

Não abandones as obras das tuas mãosⁿ.

136,1

d. Lit. *se eu não elevar Jerusalém ao máximo da minha alegria*.

e. No dia em que Jerusalém caiu sob os golpes de Nabucodonosor. Os edomitas eram censurados por se haverem juntado aos babilônios por ocasião do saque da cidade, cf. Ab 11.

f. O aram. acrescentou: *a população da Babilônia* (cf. Is 47,1); pode-se ver aí uma designação de Edom, cf. nota.

g. Traço freqüente nas cenas de saque após a tomada de uma cidade, cf. Is 13,16; Os 14,1; Na 3,10. Acaba assim qualquer esperança de sobrevivência. A *rocha* talvez seja uma alusão a Petra ("o Rochedo"), capital dos edomitas.

h. Certos mss e as versões acrescentam aqui SENHOR.

— Quanto às "orações de ação de graças", cf. Introd.

i. Gr. acrescenta: *porque ouvistes as palavras da minha boca*.

j. Os *deuses* das nações; termo diferentemente interpretado nas versões antigas. Gr.: *anjos*; aram.: *juizes*; sir.: *reis*; Jerônimo: *deuses*.

k. Lit. *pois fizeste as tuas promessas maiores do que todo o teu nome*.

l. Lit. *aumentaste na minha alma a força*.

m. Lit. *no nariz dos meus adversários*; Jerônimo: *contra a cólera dos meus adversários*.

n. Ou então: *não afrouxe a obra das tuas mãos*.

SALMO 139 (138)

¹ *Do mestre de coro; de David, salmo.*

SENHOR, tu me perscrutaste e conheces^o,

Jr 12,3

² conheces o meu deitar e o meu levantar;
de longe discernes os meus projetos^p;

2Rs 19,27

³ vigias o meu caminho e o meu paradeiro,
e todas as minhas veredas te são familiares.

⁴ Uma palavra ainda não aflorou em minha língua,
e tu já a conheces, SENHOR,

⁵ Atrás e na frente^q, tu me segues de perto^r,
pões a mão sobre mim.

⁶ Misterioso conhecimento que me ultrapassa,
tão elevado que não consigo atingi-lo!

⁷ Aonde irei, para estar longe do teu sopro?
Aonde fugirei, para estar longe da tua face?

⁸ Subo aos céus, aí estás!

Deito-me nos infernos, aí estás!

⁹ Tomo as asas da aurora
para habitar além dos mares^s,

¹⁰ também lá, tua mão me conduz,
tua destra me segura.

¹¹ Eu disse: "Ao menos que as trevas me engulam,
que a luz em torno de mim seja noite!"

¹² Nem mesmo as trevas são tenebrosas para ti,
e a noite se torna luminosa como o dia:
as trevas são como a luz!

¹³ Foste tu que criaste os meus rins;
tu me abrigavas^t no seio materno.

Jó 10,9-12

¹⁴ Confesso que sou uma verdadeira maravilha^u,
tuas obras são prodigiosas:
sim, reconheço-o claramente.

111,2-4

¹⁵ Meus ossos não te permaneceram ocultos
quando eu fui feito no segredo,
tecido em uma terra profunda^v.

¹⁶ Eu não passava de um esboço^w, e os teus olhos me viram.
No teu livro, todos eles estavam descritos,
aqueles dias que foram formados
quando ainda nenhum deles existia^x.

o. Quanto aos "salmos de instrução", cf. Introd.

p. Símaco: *minha vontade*; gr., sir.: *meus pensamentos*; aram.: *minha participação (na tua comunidade)*; Jerônimo: *meu mal*.

q. As versões, menos aram., ligam estas palavras ao v. precedente: *tu conheces tudo que fica para trás e para a frente* (o passado e o futuro).

r. Versões, exceto aram.: *vós me criastes*.

s. Ou então: *nos limites do poente*.

t. Ou então, com Jerônimo: *tu me urdiste* (cf. Jó 10,11); aram.:

tu me fundaste; gr. e sir.: *tu me tomaste*.

u. Lit. *Dou-te graças por ter sido feito maravilha espantosa*, cf. Jerônimo: *tu me fizeste tremendamente grande*. Qumran: *tu és maravilhosamente tremendo*; gr.: *tens sido tremendamente maravilhoso*; sir.: *por causa da maravilha que fizeste*.

v. Lit. *nas profundezas da terra* — sendo que as entranhas da terra são uma imagem do seio materno, cf. v. 13; Jó 1,21; Sr 40,1.

w. Termo único na Bíblia, tradução incerta.

x. Tradução incerta. Lit. (cf. versões): *e nenhum entre eles*.

- 40,6 ¹⁷ Ó Deus! como são difíceis para mim os teus projetos⁷,
como é grande a soma⁸ deles!
- ¹⁸ Gostaria de contá-los, são mais numerosos que a areia.
Eu acordo, e eis que ainda estou contigo.
- ¹⁹ Ó Deus! se quisesses massacrar o infiel!
Homens sanguinários, afastai-vos de mim.
- ²⁰ Teus adversários pronunciam o teu nome para enganar,
pronunciam-no para prejudicar⁹.
- ²¹ SENHOR, como não odiar os que te odeiam?
Como não abominar aqueles que te combatem?
- ²² Eu os odeio com um ódio total,
tornaram-se meus próprios inimigos.
- 26,2 ²³ Ó Deus, perscruta-me e conhece o meu coração;
prova-me e conhece meus pensamentos.
- ²⁴ Vê, portanto, se eu enveredo pelo caminho perigoso^h,
e conduze-me pelo caminho duradouroⁱ.

SALMO 140 (139)

¹ *Do mestre de coro. Salmo de David.*

² SENHOR, livra-me do homem mau^d,
preserva-me do homem violento,

³ daqueles que premeditaram^e o mal,
que provocam guerras cada dia.

⁴ Eles afiaram sua língua como a serpente,
têm veneno de víbora^f entre os lábios.

Pausa

⁵ SENHOR, guarda-me das mãos do ímpio,
preserva-me do homem violento,
dos que tramaram minha queda^g.

⁶ Orgulhosos dissimularam ciladas diante de mim,
estenderam cordas, uma rede à beira do caminho,
armaram-me armadilhas.

Pausa

⁷ Eu disse ao SENHOR: "Tu és meu Deus!"
SENHOR, presta ouvido à minha voz suplicante.

⁸ DEUS, Senhor, força que me salva,
protegeste minha cabeça no dia do combate.

⁹ SENHOR, não cedas aos desejos do ímpio,
não deixes que tenham êxito as intrigas deles,
pois voltaram a levantar-se.

Pausa

y. Versões: como teus amigos me são preciosos!

z. Ou então: os seus princípios; talvez seja este o sentido do aram.: sir. e, quem sabe, do gr. seus chefes (isto é, os que a eles presidem).

a. Tradução incerta, inspirada em Ex 20,7. Aram.: os que juram por teu nome para enganar, teus adversários fazem juramentos em vão; Símaco, Jerônimo: os que falam falsamente contra ti, os teus adversários se levantaram em vão; sir.: porque falaram de ti e tomaram em vão tua cidade; gr.: já que falas pensando: em vão é que tomarão as tuas cidades.

b. Lit. penoso. Ou então: o caminho dos ídolos, como Jerônimo; cf. sir.: o caminho da mentira.

c. O caminho da tradição (cf. Jr 6,16; 18,15) ou o caminho da eternidade (gr. e sir.).

d. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro". cf. Introd.

e. Lit. que meditaram o mal no (seu) coração.

f. Palavra de significado incerto, assim traduzida segundo gr., sir. e Jerônimo. Qumran e aram.: aranha.

g. Lit. acossar meus passos.

- ¹⁰ Que o crime dos seus lábios cubra
até a cabeça os que me assediam^h!
- ¹¹ Que brasas se derramem sobre eles,
que eleⁱ os precipite no fogo,
nos precipícios dos quais não se reerguerão!
- ¹² As más línguas^j não permanecerão na terra;
o homem violento e mau
será perseguido sem trégua^k.
- ¹³ Eu sei que o SENHOR fará justiça ao infeliz,
que praticará o direito para com os pobres.
- ¹⁴ Sim, os justos celebrarão o teu nome
e os homens retos habitarão na tua presença.

Gn 19,24

SALMO 141 (140)

¹ *Salmo. De David.*

- SENHOR, eu te chamei; depressa! Vem!
presta ouvido à minha voz quando te chamo.
- ² Que minha prece seja o incenso diante de ti,
e minhas mãos erguidas, a oferta da tarde.
- ³ SENHOR, põe uma guarda à minha boca,
vigia a porta dos meus lábios;
- ⁴ freia meu coração no declive do mal^m;
que eu não me entregue a práticas ímpias
com malfetores:
não provarei dos seus festinsⁿ.
- ⁵ Que, por fidelidade, o justo me bata e me repreenda!
Que o óleo perfumado não unja minha cabeça,
mas que minha oração persevere diante de suas maldades!
- ⁶ Seus chefes foram precipitados do rochedo,
eles que se tinham alegrado ao me ouvir dizer:
- ⁷ "Como se revolve e se escava o solo,
assim dispersaram nossos ossos na goela dos inferos^o."
- ⁸ Com os olhos em ti, DEUS Senhor,
refugiei-me junto a ti; não me faças entregar a alma;
- ⁹ guarda-me da cilada que me armaram
e dos pedidos dos malfetores.
- ¹⁰ Os infieis cairão na sua armadilha,
ao passo que eu, eu passarei além.

Ap 5,8; 8,4

7,16; 35,8;
Pr 26,27

h. Lit. A cabeça dos que me assediam, que o crime dos seus lábios a cubra.

i. Deus ou o crime. Gr. e Jerônimo: tu (Deus) os precipitarás.

j. Lit. o homem de língua.

k. Tradução incerta. Aram.: na geena; gr., e o Jerônimo: para a perdição.

l. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

m. Lit. não inclines o meu coração para uma coisa (ou uma palavra) má.

n. O último termo é de significado incerto. Aram. eu não jantarei entre os cantos na sua sala de festim; sir.: não partilharei o sal com eles; gr.: não me associarei aos seus eleitos.

o. O texto dos vv. 5-7 é bem obscuro, e a tradução deles é incerta. O salmista parece lembrar um canto que os ímpios haviam pedido (cf. Sl 137,3) e que evocava a desgraça de seu povo falando dos ossos dispersos na terra (cf. Ez 37,11).

SALMO 142 (141)

¹ *Instrução de David. Oração quando ele estava na caverna^p.*

² Em alta voz, brado ao SENHOR^q;
em alta voz, suplico ao SENHOR.

³ Expando diante dele a minha queixa,
diante dele exponho minha aflição.

⁴ Quando estou a ponto de perder o fôlego,
és tu que sabes aonde vou:
no caminho pelo qual eu ando,
armaram-me uma cilada.

⁵ Olha à direita e vê:
ninguém que me reconheça!
Não há mais refúgio para mim,
ninguém que se preocupe com a minha vida!

91.9

16.5

⁶ Bradei a ti, SENHOR!
dizendo: "Tu és o meu asilo,
minha parte na terra dos vivos!"

⁷ Presta atenção aos meus brados,
pois estou tão fraco!
Livra-me dos meus perseguidores,
pois são mais fortes do que eu.

⁸ Tira-me da minha prisão,
para que eu celebre o teu nome.
Então os justos me rodearão
por me teres feito o bem.

SALMO 143 (142)

¹ *Salmo. De David.*

SENHOR, escuta minha prece^r,
presta ouvido às minhas súplicas;
pela tua fidelidade, pela tua justiça, responde-me!

² Não entres em juízo com teu servo,
pois nenhum vivente é justo diante de ti.

Rm 3,10;
Gn 2,16

³ O inimigo me perseguiu,
ele me prostrou, me esmagou;
ele me fez habitar nas trevas,
como os mortos dos tempos passados^t.

⁴ Em mim o fôlego se acaba,
a desolação está no meu coração.

p. Cf. 1Sm 24 (David encontra Saul na gruta de En-Guedi) e Sl 57,1.

q. Para "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

r. Qumran: *olharei à direita e verei*; gr. aram. e sir.: *Olhei à direita e vi*.

s. Quanto às "orações individuais de pedido de socorro", cf. Introd.

t. Assim interpretou Jerônimo. Pode-se também interpretar com o sir.: *os que estão mortos para sempre*.

- ⁵ Evoco os dias de outrora, 77,6
 repito para mim tudo o que fizeste, 77,13
 repito para mim a obra das tuas mãos.
- ⁶ Estendo as mãos para ti;
 eis-me diante de ti, como uma terra sedenta. *Pausa*
- ⁷ Depressa! responde-me, SENHOR! 69,18
 estou no fim do meu fôlego.
 Não me ocultes a tua face,
 pois senão me assemelho aos que descem à cova. 28,1
- ⁸ Desde o amanhecer, anuncia-me a tua fidelidade,
 pois confio em ti.
 Revela-me o caminho a seguir,
 pois anseio por ti. 86,4
- ⁹ SENHOR, livra-me dos meus inimigos;
 fiz um abrigo* junto a ti.
- ¹⁰ Ensina-me a fazer a tua vontade
 pois tu és o meu Deus.
 Teu espírito* é bom,
 que ele me conduza por uma terra plana!
- ¹¹ Pela honra do teu nome, SENHOR, tu me farás viver:
 pela tua justiça me farás sair da aflição;
- ¹² pela tua fidelidade exterminarás meus inimigos
 e porás a perder todos os meus adversários,
 pois sou teu servo.

SALMO 144 (143)

¹ *De David.*

- Bendito seja o SENHOR, meu rochedo*,
 que adestra as minhas mãos para o combate, 18,35
 meus punhos* para a batalha.
- ² Ele é meu aliado*, minha fortaleza, 18,3
 minha cidadela, e meu libertador,
 meu escudo, e eu me refugio junto dele;
 ele submete meu povo* a meu poder.
- ³ SENHOR, que é o homem, para que o conheças, 8,5
 este mortal, para que penses nele?
- ⁴ O homem é como vento,
 e os seus dias, uma sombra que passa.
- ⁵ SENHOR, inclina os céus e desce. 18,10
 Toca as montanhas, e que elas fumeguem. 104,32
- ⁶ Lança os relâmpagos, dispersa-os, 18,15
 envia tuas flechas, desbarata-os*.

u. Gr.: *eu me refugiei*; Jerônimo: *fui protegido*.

v. Mesmo termo que o traduzido por "fôlego" nos vv. 4 e 7.

w. Quanto aos "salmos régios", cf. Introd.

x. Lit. *meus dedos*.y. Lit. *minha fidelidade* (isto é "minha aliança").z. Certos mss., Áquila, Jerônimo, sir., aram. e Qumran: *as povas* (cf. 18,48).a. O complemento *as (as)* neste v. pode designar os ou relâmpagos e as flechas, ou os inimigos (cf. as versões). O segundo verbo, com efeito, pode significar "confundir" (cf. Ex 14,24).

- 18,17 ⁷ Lá do alto, estende a mão para salvar-me,
para livrar-me das grandes águas,
das mãos de gente estrangeira,
⁸ cuja boca é mentirosa
e cuja destra é perjura.
- 33,2-3 ⁹ Ó Deus, eu te cantarei um canto novo,
e para ti tocarei a harpa de dez cordas:
¹⁰ és tu que dás a vitória aos reis,
que salvas teu servo David
da espada assassina.
¹¹ Salva-me e livra-me
das mãos de gente estrangeira,
cuja boca é mentirosa
e cuja destra é perjura.
- 128,3 ¹² Assim^b nossos filhos são como plantas,
bem-vindos desde a sua juventude:
e nossas filhas são cariátides^c,
modelos para um palácio.
¹³ Nossos celeiros estão cheios,
ricamente providos.
Nossos rebanhos multiplicam-se aos milhares,
por miríades em nossos campos.
¹⁴ Nossos aliados carregam o fardo^d;
não há mais brecha nem saída,
não há mais alarme nas nossas praças.
- 33,12 ¹⁵ Feliz o povo que tem tudo isso!
Feliz o povo que tem a Deus por SENHOR!

SALMO 145 (144)

¹ *Louvor. De David.*

Álef Meu Deus, meu rei, eu te exaltarei^e
e bendirei o teu nome para sempre^f.

Bet ² Todos os dias te bendirei
e louvarei o teu nome para sempre.

48,2 *Guímel* ³ O SENHOR é grande, cumulado de louvores;
sua grandeza é insondável.

Dálet ⁴ De uma geração a outra enaltecerão tuas obras,
proclamarão tuas façanhas.

Hé ⁵ Repetirei o relato dos teus milagres,
a glória retumbante do teu esplendor^g.

b. Tanto o sentido desta palavra como a ligação com o início são pouco claros.

c. Lit. *ângulos esculpidos*.

d. Ou então: *nossos bois são pesados*, isto é, ou "carregados" ou "gordos" (gr. e Jerônimo); sir.: *nossas vacas são gordas e nenhuma é estéril*.

e. Os Sl 145-150 são "hinos", cf. Introd.

f. No texto de Qumran, este salmo contém, após cada v., um estribilho: "O Senhor é bendito e seu nome é bendito para sempre" (cf. Sl 136).

g. Qumran: *Dir-se-á a glória retumbante do teu esplendor e eu repetirei a narrativa dos teus milagres*; cf. gr.: *Dir-se-á a magnificência da glória da tua santidade e narrar-se-ão os teus milagres*, e sir.: *Dir-se-á a força da tua majestade e contar-se-*

Vav	⁶ Narrar-se-á o poder dos teus prodígios e eu contarei os teus grandes feitos.	
Záin	⁷ Celebrarão a memória dos teus grandes benefícios, aclamarão a tua justiça.	
Het	⁸ O SENHOR é benevolente e misericordioso, lento na cólera e de grande fidelidade.	103,8; 111,4; 112,4
Tet	⁹ O SENHOR é bom para com todos, cheio de ternura para todas as suas obras.	
Iod	¹⁰ Todas juntas, tuas obras te louvarão, SENHOR, e teus fiéis bendirão.	
Kaf	¹¹ Eles te dirão a glória do teu reino e falarão da tua façanha,	
Lámed	¹² revelando aos homens as tuas façanhas e a glória resplendente do teu reino.	
Mem	¹³ Teu reino é um reino de todos os tempos e teu império dura através de todas as gerações.	Dn 4,31
Nun	^{13bis} (Deus é veraz, fiel em todos os seus atos) ^h	
Sámek	¹⁴ O SENHOR é o apoio de todos os que caem, ele levanta todos os que estão curvados,	146,8
Áin	¹⁵ Com os olhos em ti, todos eles esperam, e tu lhes dás o alimento no tempo devido;	104,27-28
Pê	¹⁶ abres a tua mão e sacias todos os viventes que amas ⁱ .	
Şade	¹⁷ O SENHOR é justo em todos os seus caminhos, fiel em todos os seus atos.	Dn 32,4; Ap 15,3
Qof	¹⁸ O SENHOR está próximo de todos os que o invocam, de todos os que o invocam na verdade.	
Resh	¹⁹ Ele faz a vontade daqueles que o temem ^j , escuta seus gritos e os salva.	
Shin	²⁰ O SENHOR guarda todos os seus amigos, mas suprimirá todos os infieis.	
Tav	²¹ Minha boca dirá o louvor do SENHOR, e toda carne bendirá seu santo nome, para todo o sempre ^k !	

SALMO 146 (145)

¹ Aleluia!

Ó minh'alma, louva o SENHOR!

² Toda a minha vida, louvarei o SENHOR,
Tocarei para meu Deus, enquanto eu existir.

104,33

-ão as tuas grandezas. Mas o aram. e Jerônimo são fiéis ao texto hebr. tradicional.

h. Este v. 13bis, omitido acidentalmente no texto hebr. tradicional, é conservado pelo texto de Qumran e pelas versões.

i. Assim hebr. e gr.; aram.: *sacias todos os viventes com o seu pra:er* (isto é, com aquilo de que gostam); sir.: *sacias a vontade*

de todo vivente (cf. v. 19); Vulg.: *cumulas todo vivente de bênção* (Jerônimo: *de reconforto*).

j. Ou então: *Ele exerce o seu favor para com os que o temem*.

k. Estas últimas palavras são provavelmente o que subsiste do estribilho (cf. nota).

IMc 2,63

24,1; 121,2;

124,8

Ex 20,11;

Nc 9,6;

At 4,24;

14,15; 17,24;

Ap 10,6;

14,7;

145,14

- ³ Não conteis com os príncipes,
nem com os homens incapazes de salvar!
⁴ seu sopro partirá, eles voltarão ao seu pó^m,
e naquele dia, é a ruína dos seus planos.
- ⁵ Feliz aquele que tem por ajuda o Deus de Jacó,
e por esperança o SENHOR, seu Deus!
- ⁶ Autor da terra e dos céus,
do mar, de tudo o que aí se encontra,
ele é o eterno guardião da verdade:
- ⁷ ele faz justiça aos oprimidos,
ele dá pão aos que têm fome;
o SENHOR solta os prisioneiros,
- ⁸ o SENHOR abre os olhos dos cegos,
o SENHOR levanta os que esmorecem,
o SENHOR ama os justos,
- ⁹ o SENHOR protege os migrantes,
Ele dá apoio ao órfão e à viúva,
mas confunde os passos dos maus.
- ¹⁰ O SENHOR reinará sempre,
Ele é teu Deus, Sião, de geração em geração!
Aleluia!

SALMO 147 (146-147)

¹ Aleluia!

92,2

Como é bom cantar ao nosso Deus,
como é agradável louvá-lo!

² O SENHOR, que reconstruiu Jerusalém,
reunirá os deportados de Israel.

³ Ele cura os corações confrangidos
e medica suas feridas.

⁴ Ele enumera as estrelas;
a cada uma dá um nome.

Js 40,28

⁵ Nosso Senhor é grande e cheio de força;
sua inteligência é infinita.

⁶ O SENHOR restabelece os humilhados,
humilha até o chão os infieis.

⁷ Entoai ao SENHOR a ação de graças,
tocai para o nosso Deus na cítara:

⁸ é ele que cobre os céus de nuvens,
que prepara a chuva para a terra
e faz brotar a erva sobre as montanhas;

⁹ Ele dá o alimento ao gado
e aos filhotes do corvo que reclamam.

¹⁰ Ele não aprecia as proezas do cavalo,
não se interessa pelos músculosⁿ do homem.

l. Lit. *que não têm salvação*.m. Lit. *ao seu solo*, isto é, à terra, o "pó do solo", do qual o

homem foi feito, cf. Gn 2,7.

n. Lit. *pelas pernas*.

- 11 Mas o SENHOR se apraz naqueles que o temem,
os que esperam na sua fidelidade.
- 12 "Glorifica o SENHOR, Jerusalém!
Sião, louva o teu Deus.
- 13 Pois ele reforçou as trancas das tuas portas;
em ti abençoou os teus filhos.
- 14 Ele, que dá a paz ao teu território,
ele te sacia da flor de trigo.
- 15 Ele envia suas ordens à terra,
e veloz corre a sua palavra.
- 16 Ele espalha a neve como flocos de lã,
ele espalha o gelo como se fora cinza.
- 17 Ele atira seus pedaços de gelo como se fossem migalhas;
diante das suas geleiras, quem agüentará?
- 18 Ele envia sua palavra, eis o degelo;
Ele faz o vento soprar, e as águas fluem.
- 19 Ele proclama sua palavra a Jacó,
seus decretos e seus mandamentos a Israel.
- 20 Isto, não o fez para nenhuma das nações,
e estas não conhecem seus mandamentos.
- Aleluia!

SALMO 148

¹ Aleluia!

Dos céus, louvai o SENHOR:

louvai-o nas alturas;

² louvai-o, vós, todos os seus anjos;
louvai-o, vós, todo o seu exército;

³ louvai-o, sol e lua;
louvai-o, vós, todas as estrelas brilhantes;

⁴ louvai-o, vós, os mais altos dos céus,
e vós, as águas que estais sobre os céus.

⁵ Que eles louvem o nome do SENHOR,
pois ele mandou, e foram criados.

⁶ Ele os estabeleceu para todo o sempre;
fixou leis que não passarão.

⁷ Da terra, louvai o SENHOR:
dragões e vós, todos os abismos,

⁸ fogo e granizo, neve e neblina,
vento de tempestade que executa sua palavra,

⁹ montanhas e todas as colinas,
árvores frutíferas e todos os cedros,

¹⁰ animais selvagens e todo o gado,
répteis e pássaros,

o. Em gr. e Vulg. começa aqui um novo salmo, o Sl 147.

p. Lit. *seu vento* ou *seu espírito*.

q. Ou então: *todos os seus mensageiros*.

r. "Texto escrito"; "texto lido" e versões: *todos os seus exércitos*.

s. Pode-se também interpretar: *e ele não as transgredirá*.

- ¹¹ reis da terra e todos os povos,
príncipes e todos os chefes da terra,
¹² moços e vós também, moças,
velhos e crianças!
- ¹³ Que eles louvem o nome do SENHOR,
pois o seu nome é sublime, só ele,
seu esplendor domina a terra e os céus.
- ¹⁴ Ele reergueu a força do seu povo.
Louvor para todos os seus fiéis,
os filhos de Israel, o povo que lhe está próximo*!
- Aleluia!

Ef 2,13

SALMO 149

- ¹ Aleluia!
- Cantai ao SENHOR um canto novo;
cantai seu louvor na assembléia dos fiéis.
- ² Que Israel jubile pelo seu Autor,
que os filhos de Sião festejem seu rei.
- ³ Que eles louvem seu nome pela dança;
que toquem tambor e cítara para ele.
- ⁴ Pois o SENHOR favorece o seu povo;
ele adorna de vitória os humildes.
- ⁵ Que os fiéis exultem rendendo glória,
que nas suas esteiras* gritem de alegria,
- ⁶ exaltando a Deus a plena voz,
a espada de dois gumes na mão.
- ⁷ Tirar vingança das nações
e castigar os povos,
- ⁸ agrilhoar os seus reis
e pôr a ferros as suas elites,
- ⁹ executar contra eles a sentença escrita,
é a honra de todos os seus fiéis!
- Aleluia!

33,3

2Mc 15,27

Sb 18,16;
Ep 6,17;
Ap 19,15

SALMO 150

- ¹ Aleluia!
- Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o na fortaleza do seu firmamento*.
- ² Louvai-o por suas proezas;
louvai-o por tanta grandeza.
- ³ Louvai-o com toques de trompa;
louvai-o com harpa e cítara;

t. Lit. o chifre.

u. Gr. e Jerônimo: o povo que se aproxima dele.

v. Lit. nos seus leitos. Costuma-se interpretar "mesmo que

estejam doentes", ou então "mesmo durante a noite". Mas talvez se trate de uma alusão ao uso de um tapete para a oração; cf. 4.5.

w. Lit. no firmamento da sua força.

- ⁴ louvai-o com tambor e dança;
louvai-o com cordas e flautas;
⁵ louvai-o com címbalos sonoros;
louvai-o com os címbalos da ovação.
⁶ Que tudo que respira louve o SENHOR!
Aleluia!

A antiga versão grega propõe em apêndice um salmo extra. Seu texto, não-canônico, parece resultar do abreviamento e da combinação de dois salmos não-canônicos, cujo texto hebraico foi parcialmente reencontrado em Qumran.

SALMO 151

- ¹ Salmo escrito especialmente^a para David e fora do cômputo.
Quando travou o singular combate^y contra Goliat.

1Sm 17

*Eu era o menor dentre os meus irmãos,
o mais jovem na casa de meu pai.
Eu levava a pastar o rebanho de meu pai^z.*

- ² Minhas mãos fabricaram uma flauta,
meus dedos confeccionaram uma harpa^a.
³ Quem o anunciará a meu Senhor?

O Senhor em pessoa ouviu^b.

- ⁴ Ele enviou seu mensageiro^c,
ele me tomou do meio do rebanho de meu pai
e meu deu a unção do seu óleo.

- ⁵ Meus irmãos eram belos e altos,
e no entanto o Senhor não os preferiu^d.

- ⁶ Eu fui enfrentar o filisteu^e.
Ele me amaldiçoou pelos seus ídolos.

- ⁷ Mas eu, arrebatei sua espada, decapitei-o
e lavei a afronta dos filhos de Israel.

x; Ou então: autógrafo.

y. Qumran: Aleluia de David, filho de Jessé; sir.: ações de graças de David.

z. Sir. acrescenta: Encontrei um leão e um urso, matei-os e reduzi-os a pedaços.

a. Qumran dá a seguir: As montanhas não dão testemunho dele, as colinas não proclamam nada. Mas as árvores exaltaram minhas palavras, e o rebanho, minhas obras.

b. Variante do gr.: o Senhor mesmo, o Senhor ouviu tudo. Sir.: Quem me fará ver o meu Senhor? Ele é meu Senhor, ele é meu Deus. Qumran: Quem proclamará, quem dirá e quem anunciará

as obras do Senhor de todas as coisas? Deus viu tudo, ele escutou e ouviu.

c. Qumran: Ele enviou seu profeta para ungir-me, (enviou) Samuel para tornar-me grande.

d. Qumran: Meus irmãos saíram ao encontro dele, belos de porte, belos de aparência, de estatura alta e de linda cabeleira. O Senhor Deus não os escolheu. Ele me fez apanhar atrás do rebanho, ungiu-me com o óleo santo e fez de mim o guia do seu povo, o soberano dos filhos da sua aliança.

e. A passagem de Qumran é precedida do título Início das proezas de David, quando foi ungido pelo profeta de Deus.

JÓ

INTRODUÇÃO

A finalidade do Livro de Jó não é explicar — conforme comumente se diz — o enigma do sofrimento injusto, nem resolver o problema do mal. É, antes, uma tentativa do homem perplexo de situar-se ante o Deus santo e todo-poderoso.

Plano do livro. A obra se divide claramente em cinco partes:

1. Um prólogo em prosa, no qual o herói, Jó, homem piedoso e rico, é repentinamente atingido por calamidades inexplicáveis e, apesar disso, conserva toda a sua confiança no Senhor (1,1-2,13).

2. Um diálogo em verso, no qual se debatem Jó, homem brioso e revoltado, e três amigos seus: Elifaz de Teman, Bildad de Shûah e Şofar de Naamá, sábios típicos do antigo Oriente. Este diálogo se desenrola de maneira lenta e solene, ao longo de três séries de discursos poéticos, enquadados por dois monólogos do herói (3,1-31,40).

3. Uma série de discursos em verso, representando a intervenção imprevista de um quarto amigo, Elihu, filho de Barakel, o buzita (32,1-37,24).

4. Um diálogo, em verso, entre o Senhor e Jó (38,1-42,6).

5. Um epílogo, em prosa, em que o herói recupera a saúde, a riqueza e a reputação, bem como novos filhos. Como os patriarcas, ele morre repleto de dias (42,7-17).

Unidade e data de composição. As diferenças de vocabulário, de estilo, de tradição cultural e de idéias religiosas, verificáveis nas diversas partes da obra, indicam a muitos leitores que ela não foi composta de um só jato. A título de hipótese, pode-se propor:

É bem provável que o prólogo e o epílogo em prosa tenham inicialmente constituído um conto folclórico (1,1-2,13; 42,7-17). Ele narrava a paciência exemplar de um homem da terra de Uş — talvez em Edom (1,1), a sudeste do mar Morto — que gozava de uma reputação única entre os “filhos do Oriente”. Pode-se pensar que a história deste Jó, dotado de uma piedade sem igual (1,1-8; Tg 5,11), circulava de forma oral entre os sábios

do Oriente Médio, lá pelos fins do segundo milênio a.C., e tenha sido recontada em hebraico na época de Samuel, David e Salomão (sécs. XI e X a.C.).

Depois da catástrofe de 587 a.C., os judeus exilados em Babilônia tinham perdido tudo. Sua perplexidade levava alguns a perder toda crença no valor da existência e a questionar até sua fé na justiça de Deus. Servindo-se da bem-conhecida história do infeliz Jó (Ez 14,14.20), um poeta da segunda geração do Exílio (cerca de 575 a.C.) compôs o poema (3,1-31,40; 38,1-42,6), com uma finalidade pastoral e profética, semelhante à do seu predecessor Ezequiel (cerca de 592-580 a.C.). Este poeta traz à cena o herói, que sofria sem causa aparente, e três de seus amigos, tentando discutir poeticamente o valor da existência e os direitos do homem à justiça, humana e divina (31,35-37). O próprio Senhor oferece ao herói ocasião de defender-se e de condenar a conduta divina (40,8-14), mas Jó recusa-se a aceitar o desafio e simplesmente se arrepende da sua presunção (42,1,6).

O poema se encerra com o reconhecimento da santidade divina, que ultrapassa infinitamente a imaginação dos homens e até mesmo as noções mais difundidas da providência e da bondade de Deus. Sugere-se ainda uma noção de pecado que transcenderia uma distinção demasiado simplista entre bem e mal, distinção em que se situa a ambição egocêntrica de um homem virtuoso.

O epílogo em prosa (42,7-17) parece contradizer a teologia do poeta, ao afirmar o dogma popular da retribuição individual. Este epílogo só sobreviveu porque pertencia a um conto clássico, herança da sabedoria secular do Oriente. Talvez ele fosse admiravelmente conveniente às idéias dos escribas moralistas do judaísmo na época persa, que asseguraram assim a transmissão do poema à posteridade.

Um discípulo da escola jobiana juntou, provavelmente com fins apologéticos, os discursos de Elihu (32,1-37,24). Notam-se, efetivamente, nestes discursos uma linguagem, um estilo e um

método retórico bastante distintos dos de um diálogo propriamente dito. Elihu insiste no valor educador do sofrimento e acrescenta certos argumentos que mestres da escola sapiencial tradicional lamentaram ver insuficientemente desenvolvidos por Elifaz, Bildad e Şofar.

O texto do terceiro ciclo do diálogo poético entre Jó e seus três amigos (em particular 25,1-27,23) parece ter sofrido dano na transmissão oral ou manuscrita. Falta o terceiro discurso de Şofar, e certas sentenças postas na boca de Jó parecem refletir a posição tradicional de um de seus amigos (24,18-25; 26,5-14). Alguns exegetas sugerem que os editores do poema procuraram suavizar a dureza do herói, emprestando-lhe palavras originalmente pronunciadas por Şofar. Muitos pensam também que o Elogio da Sabedoria (28,1-28) representa uma adição posterior. Entretanto, seu estilo está bem próximo do tom dos discursos do Senhor (38,1ss.), e pode-se supor que a finalidade deste poema era separar a discussão dialogada da peroração de Jó.

Gênero literário. Há tempos, notou-se que a forma literária deste livro é única nas Escrituras. Apesar de a tradição judaica e cristã o ter relacionado entre as obras de Sabedoria e de nele se encontrarem numerosas sentenças de sabor sapiencial, admite-se, hoje, que Jó escapa a todo esforço de classificação.

A forma do diálogo, celebrizada por Platão, nasceu provavelmente na mais remota antiguidade, na Mesopotâmia e no vale do Nilo. Um documento cuneiforme, que remonta ao 3º milênio, levanta o problema do mal em termos ousados e é hoje conhecido como o Jó sumeriano. Outro texto cuneiforme, escrito em língua babilônica, trata do Justo sofredor. O Diálogo acróstico sobre a teodicéia, cuja cópia data ao menos do séc. IX a.C., põe em cena um doente e seu amigo, a discutir sobre a justiça divina, ao longo de vinte e sete estrofes de onze linhas cada uma. O amigo em questão emprega argumentos que reaparecem nos discursos de Elifaz de Teman.

No Egito, o Diálogo do homem cansado da existência com sua alma faz falar um miserável enfermo, escorraçado de casa, como um maldito, por sua própria família. Fala do suicídio com verdadeiro lirismo. Não se pode deixar de observar que Jó é o único personagem da literatura hebraica

que exprime fascínio pela morte. Além disto, o vocabulário e numerosas alusões deste poema bíblico sugerem certa familiaridade com a cultura egípcia.

É, pois, provável, que o poeta de Jó pertencesse ao círculo internacional da Sabedoria e conhecesse a forma literária do diálogo. Tal gênero se prestava impunemente à apresentação em público de opiniões subversivas ou, pelo menos, de idéias que questionavam os dogmas de uma sociedade conformista. Deve-se notar, entretanto, que o poeta compôs uma obra original.

Nacionalidade do poeta. O diálogo em verso ignora a eleição e a missão de Israel, a aliança mosaica, a aliança davídica, a colina sagrada de Sião, o Templo, o culto sacrificial e a esperança messiânica. Aliás, a história popular e arcaica do herói Jó apresentava-se em moldes estrangeiros, nada israelitas. A presença de palavras e torneios de sintaxe que não se encontram em nenhuma outra parte da Bíblia hebraica confirma o caráter excepcional do livro. Alguns estudiosos concluíram, destas observações, que o autor era um sábio oriental não-israelita. Chegou-se até a levantar a hipótese de ser o hebraico do texto atual tradução de algum original aramaico ou árabe.

Tais conjecturas não têm fundamento. A utilização de um dialeto hebraico diferente do de Jerusalém, ao lado de algumas liberdades tomadas pelo poeta, pode explicar as particularidades literárias de Jó. O criador do diálogo em verso era um judeu, pois conhecia intimamente os oráculos dos grandes profetas, em particular, as "confissões" de Jeremias. Ele sabia de cor os salmos que se cantavam no Templo de Jerusalém e os provérbios que "se diziam" na corte dos reis de Judá.

Pode-se supor que, tendo sobrevivido à catástrofe de 587 (data em que o Templo foi destruído, a cidade incendiada, a população dizimada, os sobreviventes dispersados ou deportados para Babilônia), o poeta foi um dos primeiros "judeus" (por oposição ao sentido antigo de "Israel"). A seu modo, diferentemente do do profeta Ezequiel, ele contribuiu para o nascimento do judaísmo. Mesmo não tendo sido nem profeta, nem sacerdote, nem salmista, esse herdeiro da sabedoria cosmopolita exerceu, junto aos seus contemporâneos, um ministério profético e pastoral. Para uma

comunidade destituída de culto e desarraigada, ele criou uma nova literatura, reunindo os gêneros mais diversos como a lamentação, o hino, a máxima, a sátira, a controvérsia judiciária, a maldição, a invectiva profética e até mesmo o antigo relato de teofania, para propor, sob forma quase dramática, uma espécie de “diversão” literária.

Ocasião do poema. Na falta de indicação explícita, pode-se apenas levantar uma conjectura quanto à ocasião do poema. Como outras obras em verso e numerosas tradições em prosa ritmada, conservadas no Antigo Testamento e tradicionalmente consideradas documentos escritos, o diálogo de Jó foi, sem dúvida, inicialmente “publicado” em forma oral. Não era, originalmente, um manuscrito para leitura. Devemos antes pensar em versos que se “diziam” ou se recitavam com acompanhamento musical. Como as célebres rapsódias da Grécia homérica ou os cantos épicos dos trovadores medievais, os lamentos de Jó foram cantados provavelmente em círculos de deportados judeus saudosos de suas festas. Sabe-se que os grupos étnicos ou religiosos desarraigados apegam-se obstinadamente à observância de seus calendários rituais. Sem Templo e sem altar, que gestos litúrgicos os exilados na Babilônia poderiam cumprir?

Nessa época tumultuada e incerta, puseram-se os judeus a celebrar o Ano Novo e o Dia do grande Perdão, antes da festa das Tendas. Teria o poeta de Jó lançado mão desta ocasião para distrair as multidões, dirigindo-lhes, de forma “paralitúrgica”, uma mensagem concernente à verdadeira fé?

Sabe-se que a festa babilônica do Ano Novo calçava-se na paixão, na morte simbólica e na restauração do monarca, dentro do quadro de renovação da criação e da fertilidade vegetal e animal. Ora, acontece que o poeta de Jó se serviu de numerosos traços da ideologia régia para descrever os sofrimentos e o orgulho do seu herói. Aliás, ele entreteceu, na sua obra, alusões à criação do mundo e articulou os discursos do Senhor com o ciclo do ano, culminando com o retorno da chuva do outono (38,38), o que, também, foi feito pelo autor dos discursos de Elihu (36,27– 37,24). Seja como for, a intenção do poeta ia muito além da veneração do calendário. Com a ajuda de uma parábola, ele quis proclamar um oráculo profético de advertência e de esperança.

Aos que se sentiam devorados pela amargura (Lm 3,15) e mesmo pelo rancor contra um Deus que não cumpria suas promessas, o poeta narrou a antiga história do homem íntegro da terra de Us, porque essa história questionava os deportados judeus no mais profundo do seu derrotismo, ao perguntar-lhes: “Será em troca de nada que Jó teme a Deus?” (1,9).

Fora em vão que o povo da Aliança tinha mantido, apesar de todas as corrupções de vários séculos, certo nível de pureza cultural e um sentido ainda vivo de responsabilidade social. Comparando-se a seus perseguidores, Israel podia facilmente pensar que não merecia o seu destino. Arrogava-se direitos sobre seu Criador. O poeta de Jó opõe sua voz a essa ilusão de todas as religiões naturais. Como os grandes profetas e alguns salmistas, ele compreendera que o mercantilismo não tem lugar na verdadeira fé e que à sublimidade corresponde a gratuidade da devoção.

A teologia do livro. O leitor moderno não pode ignorar a complexidade da composição do poema, nem o contexto histórico no qual veio à luz.

A história em prosa. Alguns aspectos do conto folclórico dificilmente corresponderiam ao pensamento do autor do diálogo. Discípulo de Jeremias, o sábio judeu meditara sobre o escândalo da desgraça dos humildes e da prosperidade dos maus. Ele provavelmente não aceitava explicar o sofrimento “sem causa” como resultado de uma aposta entre um Deus ingênuo e o mais cínico dos membros da corte celeste. Aliás, o poeta evitou cuidadosamente qualquer menção a este “adversário” mítico. Em vez disso, é o ideal de uma piedade “gratuita” que alimentou seu gênio poético e estimulou o rigor da sua indagação teológica.

O poeta não é, pois, responsável por todos os pormenores da narrativa em prosa. Serviu-se dela simplesmente como de um trampolim do qual lançar seus discursos. Uma vez que a história do piedoso Jó punha em cena diferentes personagens, ele os fez falar à sua própria maneira. Utilizou o conto popular para disfarçar uma discussão sobre a condição humana, o “toma lá, dá cá” dos cultos (2,4) e a pureza de uma fé que não pede contas a Deus.

Em contradição com os protestos de Jó, ou com os discursos do Senhor, o epílogo em prosa, sabe-

-se bem, reafirma o dogma da retribuição. Era precisamente isto que repugnava à sensibilidade do poeta e é o que ele atacou com vigor sem paralelo na literatura do antigo Israel. Daí surge a questão que vem perturbando os intérpretes ao longo dos séculos: o desfecho do livro poderá, de alguma forma, concordar com a teologia do poeta?

É preciso aqui recordar a distinção entre a recitação oral de um poema e sua codificação escrita, em data posterior. Por pertencer à herança nacional, a "narrativa folclórica" facilmente encontrou lugar nos manuscritos legados à posteridade judaica da época persa (séc. V e IV a.C.) pelos guardiões dos tesouros literários da nação. O "poema" encontrou aí seu lugar, por ter sido vazado na narrativa tradicional. Podemos até supor ter sido precisamente a conclusão piedosa da história em prosa que facilitou a sobrevivência do poema, no qual a ousadia da revolta de Jó e a ironia da resposta divina questionam a justiça de Deus ou, quando menos, distinguem-na da justiça dos homens.

O diálogo em verso. O autor do diálogo deu livre curso à paixão que sempre se apodera do espírito humano, quando confrontado com o enigma da dor. Ele não perde de vista, por um momento sequer, o escândalo intelectual e moral que perturbou o judaísmo, desde sua aparição na história, e que continua a inquietar os homens. O poeta de Jó fala à humanidade de todos os tempos, porque não somente enfrentou o escândalo da existência e da morte, mas também retratou o homem de fé que, na agonia, raia a blasfêmia e, ao mesmo tempo, busca a presença de um Deus que ama. Para ele, o silêncio divino é o sofrimento último. Mais que a destituição dos bens, que a perda dos filhos, o banimento da sociedade, a incompreensão da esposa e dos amigos e mais, até mesmo, que os terrores de uma doença fatal.

Outro tema se enxerta neste: Jó reivindica, como um direito, que sua integridade seja publicamente reconhecida. Ao contrário dos cantores de lamentações que, no livro dos Salmos, suplicam, de cem maneiras, para ser libertados de seus males, Jó pede somente que Deus admita a sua inocência.

Jó é um exemplo não somente de virtude, mas também de brio. Sob o efeito dos ataques insidiosos da doença e da dor moral, seu brio exacerba-se e vai descambiando, pouco a pouco, para um

orgulho sobre-humano, quase para a desmesura de um titã. Ele se compara ao Oceano e ao Monstro marinho (7,12) que, segundo a mitologia acádica, acorrentou e manteve sob os olhos o deus da ordem, ansioso por salvaguardar as fronteiras da terra habitável. Elifaz captou a nova dimensão da hybris que impele o homem moral, no ardor da provação, a se tomar, erradamente, por um semi-deus. Ele pergunta a Jó, fazendo clara alusão ao mito do Homem primordial:

Serás Adão, o que nasceu primeiro,
ou foste dado à luz antes dos outeiros? (15,7)

Sem vergar, o herói persiste em exigir, não a cura, mas em ser liberado das acusações assacadas contra ele. É esse desejo obstinado que o leva a romper, por um momento, a crença tradicional no caráter definitivo da morte, crença que sempre aceitara (7,21; 14,10). Após ter declarado que tinha, nos céus, uma testemunha que tomaria sua defesa contra o próprio Deus (16,18-21), ele clama, enfim, sua certeza de que, para além do seu último suspiro, já nas bordas do abismo, o seu redentor se levantará, vivo, para lhe permitir ver a Deus (19,25-26).

Todos os seus estão mortos ou, de certa forma, o excomungaram (19,13-22); ele não tem herdeiro humano que possa resgatar sua honra, depois de sua morte. Entretanto, ele sabe — e afirma solenemente esta certeza — que um ser misterioso desempenhará esse papel. De acordo com o antigo direito consuetudinário, o "redentor" devia ser um parente do morto, cujo dever era vingar o sangue derramado (de onde a expressão: "o redentor do sangue") ou preservar, através de compra legal, a integridade da terra ancestral (2Sm 14,11; Rt 2,20 etc.). Se bem que certas palavras desta passagem, hoje famosas, tenham sido mal preservadas nos manuscritos e que as antigas versões quase não ofereçam auxílio, o texto hebraico de 19,26b está solidamente confirmado: Na minha carne contemplarei a Deus.

Compreende-se por que os primeiros cristãos leram aqui o prelúdio da fé na ressurreição da carne e a prefiguração de um "Redentor" que venceria a morte. No séc. VI a.C., a expressão "na minha carne" significava, provavelmente, o homem na sua plena identidade concreta, e tal modo de ver é confirmado pelas repetições na frase que segue (v. 27). Aliás foi isto que, entre os ju-

deus e os primeiros cristãos, deu à crença na vida futura uma forma que nada tem de comum com a idéia helenística da imortalidade da alma. A crença na ressurreição da carne supõe uma esperança realista numa vida em comunhão com Deus, contrastando com o modo etéreo e desprovido de substância sugerido pela especulação não-hebraica sobre a alma imortal. Além disso, esta crença pressupõe um ato soberano de nova criação, por parte de Deus, sem jamais considerar a imortalidade como um direito inerente à natureza humana.

As interpretações deste Credo notável (19,23-27) são as mais diversas, mas não há dúvida de que o poeta de Jó preparou, desde a aurora do judaísmo, uma teologia da mediação entre um Deus que parece hostil e se mantém longínquo, de uma parte, e, de outra, o homem abandonado no mundo. Pode-se pensar que este poeta tenha legado ao seu herói uma esperança que seu coração nutria e que conseguiu exprimir segundo uma tríplice gradação: primeiro, o sonho inacessível de um árbitro que intervisse entre Deus e o homem, pondo-os face a face, realizando a função de conciliador (9,33); em seguida, a convicção de que, depois do seu crime, Jó receberia de sua testemunha uma defesa póstuma na corte suprema (16,12-21); finalmente, a certeza inabalável da presença final de um redentor que não somente resgatará sua honra, mas ainda lhe permitirá ver a Deus (19,25-27).

Até a peroração de sua longa apologia, o herói conserva a dignidade de um homem que não tem nenhum sentimento de culpa. Lembra-se somente dos pecadilhos de juventude. Ele acolherá, pois, a Divindade, revestido de uma majestade real. "Como um príncipe" ele irá ao encontro do Poderoso (31,37).

A teofania do seio do furacão. As respostas de Jó aos discursos do Senhor mudam de tom de maneira surpreendente. E o leitor descobre a intenção profunda do poeta: não é sua intenção resolver o problema do mal, nem justificar os caminhos divinos segundo os cânones da moral humana. Trata-se, pelo contrário, de purificar a teologia de todo moralismo antropomórfico, de esboçar uma nova abordagem da realidade da fé e, finalmente, de indicar o caráter insidioso do pecado que espreita o homem íntegro e piedoso.

A primeira intenção do poema de Jó é libertar

a soberania divina da noção humana de justiça. Quando o Senhor "responde" a Jó, do seio do furacão (alusão velada às teofanias de Moisés, Ex 19, e de Elias, 1Rs 19), ele não oferece, de fato, nenhuma resposta às perguntas do homem de dor. Antes, é ele quem faz novas perguntas, uma depois da outra, antes de chegar à mais perturbadora:

O contendor do Poderoso ainda critica?
Responda, pois, o que censura Deus (40,2).

Jó recusa-se a apanhar a luva (vv. 3-5), e o Senhor, mais uma vez, ironiza o campeão que procurava briga e o convida, não sem ironia, a preparar-se para o último combate:

Cinge os teus rins, como um guerreiro;
vou te perguntar e tu me farás saber:
Pretendes mesmo anular meu julgamento,
e condenar-me, para te justificar? (40,7-8).

Esta dupla pergunta vai ao núcleo da discussão e oferece a chave para todo o Livro de Jó. O poeta serve-se do mistério do sofrimento para sondar o mistério de Deus.

O herói não deixou de proclamar sua integridade. Várias vezes indicou que sua miséria constituía um desmentido à justiça de Deus. De fato, ele mantinha que Deus reconhecera, com toda certeza, sua inocência e, querendo implicitamente ditar seus próprios termos ao Poderoso, tentava justificar a si mesmo.

Enquanto seus amigos entravam na liça para defender incansavelmente a idéia da retribuição divina e o valor da conversão (mostrando-se empenhados num empreendimento intelectual de "teodicéia", ou justificação de Deus), Jó insistia nos direitos que o homem adquire por sua conduta moral. Ele se fechava na busca de uma "antropodicéia", ou justificação do homem. O poeta pode agora mostrar que a justificação do homem nunca será conseguida senão à custa da condenação de Deus.

O estilo da controvérsia profética que apareceu em Jó 40,2 reencontra-se no v. 8, onde o verbo "quebrar" (nesta tradução: anular [meu julgamento]) é o mesmo que emprega Jeremias ao falar da ruptura da antiga Aliança (Jr 31,32). Fazendo uso de tal terminologia, o poeta sugere que Jó partilhava, de fato, com seus amigos, a velha crença na retribuição, ligada à ideologia da aliança de

obrigação mútua. Jó não “teme a Deus em vão” (1,9). Tanto como seus amigos, também ele atribuía implicitamente a Deus um sentido humano da justiça, baseada na idéia comercial de compra e venda.

Querer encontrar um vínculo entre a perfeição moral do homem e sua felicidade é conceber a Deus como um homem de negócios tratando com seus clientes. A fórmula “toma-lá-dá-cá” (2,4) não exprime apenas a idéia do “adversário” mítico da história em prosa; ela caracteriza, igualmente, todos os personagens do diálogo em verso. E é isto que o próprio Senhor revela a Jó, falando-lhe de dentro do furacão. O poeta mostra os perigos da teologia da Aliança, cada vez que o dogma da obrigação contratual se corrompe e dá a impressão de que a liberdade de Deus é limitada. Como Israel, Jó pensava que sua integridade, superior à de todos os orientais, lhe garantiria direitos sobre Deus.

O herói é, enfim, persuadido a encarar o erro sutil da sua posição. Ele não pode justificar a si mesmo sem, ao mesmo tempo, declarar que Deus “é mau” (sentido literal do verbo em 40,8b). Jó aprende que, afinal, enveredara pelo mesmo caminho de seus três amigos. A defesa de Deus é, sempre, uma defesa do homem. A teodicéia é, de fato, uma “antropodicéia”.

Posto em presença da santidade infinita do Criador dos mundos, Jó descobre que não pode salvar-se a si mesmo. Deve renunciar à ilusão da religião como técnica de bem-estar e segurança. Ao compreender que temeu a Deus “por nada” (1,9), a graça inefável da presença se torna para ele o suficiente. Ele não pede mais nada.

A segunda intenção do poeta era delinear uma abordagem nova para a realidade da fé. É verdade que as antigas tradições “javistas” tinham, há muito, expressado a relação entre Deus e o homem como um simples relacionamento de confiança entre duas pessoas (Gn 15,6). Os grandes profetas, Isaias em particular, já haviam entrevisto na fé (emuná) o segredo da perseverança, a capacidade de viver um amém (Is 7,9) ou de viver a justiça e a retidão (Hab 2,4). O poeta jobiano não usa esta linguagem, mas mostra claramente que o milagre da presença divina está na própria raiz do triunfo sobre o sofrimento. Ao evocar a teofania de Moisés e de Elias e ao antecipar a epifania final, celebrada nos hinos da festa do

outono, o poeta dizia a seus conterrâneos deportados (sem Templo, sem monarquia, sem pátria nem esperança de um porvir nacional) que o Deus do céu e da terra estava ainda e sempre com eles.

O furacão e a escuridão são os antigos símbolos da presença por trás da máscara. Enquanto os monstros míticos, o Sinuoso (Leviatan) e o Bestial (Behemot), elevam o enigma do mal sempre a uma escala universal, o arquiteto do cosmo revela a Jó, um simples indivíduo, as maravilhas da liberdade divina. O pragmatismo humano não tem lugar na ordem da criação, onde a chuva cai até sobre terras inabitadas (38,26). Ter fé é crer em um Deus livre, que se inclina, apesar das aparências contrárias, sobre a fraqueza, o pecado ou o orgulho da menor de suas criaturas.

Através do desenvolvimento desses temas, de modo indireto, por meio do procedimento dramático, o poeta esboça sutilmente um novo caminho para a compreensão da antiga noção de pecado. É esta a terceira intenção dos discursos do Senhor e da resposta final de Jó. Diante da santidade que supera todo entendimento, o lutador desiste. A presença abriu-lhe os olhos. Agora ele vê com seus próprios olhos, em vez de conhecer por “ouvir dizer” (42,5).

Vendo a “santidade”, ele toma consciência do seu pecado. Não cometeu nenhum dos crimes de que o acusaram seus amigos, mas cometeu o crime por excelência do homem moral: constituiu-se num “julga-Deus”. Sua confissão é, portanto, inevitável:

Também, por isso, tenho horror de mim e retrato-me no pó e na cinza (42,6-7).

Jó exigira uma audiência, a fim de defender sua honra, mas sua moralidade, sem que ele o notas-se, tornara-se uma técnica destinada a obter um atributo sobre-humano, análogo ao dos reis antigos que se enfarpelavam com os ouropéis do direito divino (40,10-14).

A culpa de Jó não é de ordem moral; é a do homem que não somente se crê dono do próprio destino, mas ainda se erige, inconscientemente, em ser divino, uma vez que emite julgamento sobre Deus. Os discursos do Senhor e a resposta de Jó contêm uma crítica ao subjetivismo humanista, que modela Deus pelas normas do pensamento humano. O poema de Jó separa a realidade de Deus das restrições da razão ou da moralidade

humanas. O poeta antecipa o apóstolo Paulo, porque sua visão do Senhor lhe permite discernir entre a idolatria da fé e a lei, concebida como fonte de autojustificação.

Texto e tradução. Em 1952, foram encontrados numa gruta perto do mar Morto os fragmentos de um manuscrito de Jó, em caracteres hebraicos antigos. Esta velha escrita, até então, parecia reservada aos livros do Pentateuco. Daí se vê a importância que alguns meios judeus atribuíam ao Livro de Jó desde antes da nossa era.

O texto hebraico do Livro de Jó oferece graves dificuldades. Parece que o antigo tradutor grego (Septuaginta) já tropeçara nelas. Às vezes, ele tenta escapar com uma paráfrase bastante vaga, outras vezes, pula certo número de versículos sem traduzi-los.

Foi necessário esperar até o trabalho crítico de Orígenes e o talento tradutor de Jerônimo para tornar as angústias de Jó acessíveis aos cristãos.

As particularidades do texto hebraico contrastam, muitas vezes, com o que os outros livros da Bíblia nos dão a conhecer da língua hebraica antiga. Diante disso, de um século para cá, os tradutores tomaram o hábito de considerar muitos versículos de Jó desfigurados por corrupções, que eles "corrigem" de maneira muitas vezes bem engenhosa. Entretanto, a exegese contemporânea foi adquirindo um senso sempre mais vivo da fragilidade dessas conjeturas e também do isolamento do Livro de Jó num contexto cultural hoje desaparecido. A presente tradução optou resolutamente pelo texto hebraico tradicional, inspirando-se amplamente nos comentadores judeus medievais para a interpretação das passagens obscuras.

PRÓLOGO EM PROSA

AS PROVAÇÕES DE JÓ

1 O mais sábio dos orientais. ¹Havia na terra de Uş* um homem chamado Jó^b. Era homem íntegro e reto, que temia a Deus e se mantinha longe do mal. ²Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. ³Posuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas e numerosa criadagem. Era o homem mais importante dentre todos os filhos do Oriente.

Ez 14,14;
Tg 5,11

Gn 12,16;
24,35;
26,1

Gn 29,1;
Jz 6,3;
1Rs 5,10
Is 11,14;
Jr 49,28

Gn 35,2;
Ex 19,10;
1Sm 16,5

⁴Seus filhos saíam para festins nas casas uns dos outros, cada um por sua vez, e convidavam suas três irmãs para comer e beber. ⁵Terminado um ciclo de tais festins, Jó os fazia vir, a fim de purificá-los^c. Levantava-se bem cedo e oferecia um holocausto para cada um deles, pois dizia a si mesmo: “Pode ser que meus filhos tenham pecado e maldito^d a Deus em seu coração!” Assim fazia Jó cada vez.

2,1-3;
1Rs 22,
19-22;
Dn 7,10;
1Th 12,2;
Ap 5,11

A corte celeste. ⁶“Chegou o dia de os Filhos de Deus^e se apresentarem em audiência diante do SENHOR. O Adversário^f veio também com eles. ⁷O SENHOR disse ao Adversário: “Donde vens?” — “De percorrer a terra e vagar por toda ela”, respondeu. ⁸“E o SENHOR lhe perguntou: “Reparaste no meu servo Jó? Não há outro igual a ele na terra. É um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se mantém longe do mal”. ⁹Mas o Adversário respondeu ao SENHOR: “Será a troca de nada que Jó teme a Deus? ¹⁰Não o pro-

tegeste com uma cerca, a ele, sua casa e tudo quanto possui? Abençoaste seus empreendimentos, e seus rebanhos pululam na terra. ¹¹Mas estende tua mão e toca tudo o que ele possui. Eu aposto que ele te lançará em rosto as suas maldições^g!” ¹²Então o SENHOR disse ao Adversário: “Seja assim! Todos os seus bens estão em teu poder. Só não estendas tua mão contra ele”. E o Adversário retirou-se da presença do SENHOR.

3,23

2,5-6

As primeiras desgraças. ¹³Chegou o dia em que seus filhos e suas filhas estavam a comer e a beber vinho na casa do irmão mais velho. ¹⁴Veio então um mensageiro até Jó e disse: “Os bois estavam lavrando, e as jumentas pastando perto. ¹⁵De repente um bando de sabeus^h os roubou, massacrando teus servos. Só eu escapei para trazer-te a notícia”. ¹⁶Ainda estava falando, quando outro chegou e disse: “Um fogo de Deus caiu do céu, queimando ovelhas e servos, consumindo-os todos. Só eu escapei para trazer-te a notícia”. ¹⁷Ainda estava falando, quando outro apareceu e disse: “Caldeus, divididos em três bandos, atiraram-se sobre os camelos e os levaram embora, depois de massacrar teus servos. Só eu escapei para trazer-te a notícia”. ¹⁸Ainda estava falando, quando outro apareceu e disse: “Teus filhos e tuas filhas estavam comendo e bebendo vinho na casa do irmão mais velho, ¹⁹quando um

2Rs 1,10;
12,14;
Sl 104,4;
Lc 9,54

Jz 7,16;
1Sm 11,11;
13,17

a. Distrito de Edom (Lm 4,21; cf. Gn 36,28; Jr 25,20), a sudoeste do mar Morto. O mesmo nome se aplica a uma tribo arameia (Gn 10,23; cf. 22,21). A Idade Média situou a pátria de Jó no Hauran (Traconítida), a nordeste do lago de Galiléia.

b. Hebr. *ivyob*. Esta palavra aparece no segundo milênio a.C. em diversos documentos cuneiformes. Costuma-se ligá-la ao verbo *ayab*, “ser hostil, tratar como inimigo”.

c. Lit. *santificar*.

d. Aqui, em 1,11, em 2,5 e em 2,9 o hebr. usa o verbo *abençoar*, por eufemismo.

e. Cf. 38,7; Gn 6,2; Sl 29,1; 82,1.6; 89,7; Zc 6,5; Dn 3,25.

f. Lit. o *satán*, substantivo que designa o acusador na corte divina; cf. Zc 3,1-2; este substantivo comum assume valor de nome próprio em 1Cr 21,1.

g. Cf. 1,5.

h. *Sabeus* e *caldeus* designavam tipos variados de nômades, sem mais precisão que os “boêmios” e os “ciganos” de hoje.

vento forte, vindo do outro lado do deserto, irrompeu contra os quatro cantos da casa, que caiu sobre os jovens. Estão mortos. Só eu escapei para trazer-te a notícia".

8.4 ²⁰Então Jó levantou-se. Rasgou seu manto e raspou a cabeça. Depois lançou-se por terra, adorou ²¹e disse:

SI 49,18; Eccl 5,14; Sr 17,1; 40,1; 1Tm 6,7
"Nu saí do ventre de minha mãe, nu para lá hei de voltar".
O SENHOR deu, o SENHOR tirou.
Bendito seja o nome do SENHOR!"

2.10 ²²Em tudo isso, Jó não pecou. Não atribuiu a Deus nada de indigno.

2 A corte celeste. ¹Chegou o dia de os Filhos de Deus se apresentarem em audiência diante do SENHOR.

O Adversário veio também com eles à audiência do SENHOR. ²O SENHOR disse ao Adversário: "Donde vens?" — "De percorrer a terra e vagar por toda ela", respondeu. ³E o SENHOR lhe perguntou: "Reparaste no meu servo Jó? Não há outro igual a ele na terra! É um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se mantém longe do mal. Ele persiste na sua integridade e foi em vão que me incitaste a aniquilá-lo". ⁴Mas o Adversário respondeu ao SENHOR: "Pele por pele! Um homem dá tudo quanto possui em troca da sua vida. ⁵Mas estende a tua mão; toca seus ossos e sua carne. Eu aposto que ele te lançará em rosto as suas

maldições". ⁶Então o SENHOR disse ao Adversário: "Seja assim! Ele está em teu poder; respeita, porém, a sua vida".

38,11; Lc 22,31

Novas desgraças. ⁷E o Adversário, deixando a presença do SENHOR, feriu Jó com uma lepra maligna^m, da planta dos pés ao alto da cabeça. ⁸Então Jó pegou um caco de pote para se raspar e sentou-se sobre as cinzas^a. ⁹Sua mulher lhe disse: "Vais persistir na tua integridade? Amaldiçoa^a a Deus e morre!" ¹⁰Ele lhe disse: "Falas como uma tola^q. Sempre aceitamos a felicidade como um dom de Deus. E a desgraça? Por que não a aceitaríamos?" Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios^r.

Dt 28,35

Est 4,3; Is 58,5; Dn 9,3; 7b 2,14; 1Rs 21,13

A chegada dos três amigos. ¹¹Os três amigos de Jó souberam de toda a desgraça que lhe tinha sobrevindo e vieram, cada um de sua terra: Elifaz^a de Teman¹, Bildad de Shûah^e e Şofar de Naamá^a. Combinaram apresentar-lhe condolências e consolá-lo. ¹²Ainda longe, levantaram os olhos e não o reconheceram. Em alta voz o lamentaram. Cada um rasgou seu manto, e jogaram para cima punhados de pó que lhes caía sobre a cabeça. ¹³Ficaram lá, com ele, sentados no chão, durante sete dias e sete noites. Nenhum deles lhe dizia palavra, porque viram como era grande a sua dor.

Is 52,14

Ez 27,30

3 Enfim, Jó abriu a boca e amaldiçoou o seu dia^s.

i. O drama do Éden situava o destino do homem entre pó e pó (Gn 3,19). Para Jó, este itinerário vai de desnudação a desnudação, o ventre da terra absorvendo o que o ventre materno formou.

j. O nome especificamente israelita para o Deus da aliança é posto, aqui, na boca de Jó, um estrangeiro. Talvez tenha sido o uso de uma fórmula de bênção, familiar ao narrador e ao auditério, que tenha trazido ao texto este anacronismo um tanto ingênuo.

k. Ou: "Preço por preço", ou: "O homem sacrifica a pele dos outros para salvar a própria".

l. Cf. 1,5.

m. Lit. *Uma inflamação má*, reconhecida como sintoma de uma doença mortal, geralmente atribuída à maldição. Não há pretensão alguma de diagnosticar em Jó a Hanseníase.

n. Como as ulcerações da lepra tornavam um homem impuro, o doente devia residir *fora do acampamento* (Lv 13,46). Destarte, Jó se instala no monturo ou local em que se jogavam as vasilhas quebradas e as cinzas.

o. Cf. 1,5.

p. Como não imaginava a possibilidade de uma cura, a mulher de Jó lhe sugere que escape de uma agonia lenta, atraindo sobre si, através de uma maldição, uma morte rápida que, ordinariamente, se considerava um benefício (cf. 24,24 nota).

q. A palavra hebr. não significa loucura. Trata-se de uma miopia que limita a consciência do homem às emoções e aparências do momento presente, sem conhecimento das consequências futuras do julgamento de Deus. A mesma palavra se encontra em 1Sm 25,25; SI 14,1.

r. O narrador constata que o ataque do Adversário fracassou e vai fazer entrar em cena os três amigos cuja apologética será, talvez, mais eficaz para levar Jó à revolta.

s. Nome de um chefe de clã edomita (Gn 36,4.10.11.15).

t. Cidade edomita, famosa pela sua sabedoria (1Cr 1,36; Jr 49,7; Ab 8-9).

u. Os nomes de Bildad, de Şofar e de seus países são de difícil identificação.

v. Jeremias já amaldiçoara o dia em que nascera (20,14) e deplorara o fato de sua mãe tê-lo trazido ao mundo (15,10).

DIÁLOGO ENTRE JÓ E SEUS AMIGOS

PRIMEIRO POEMA DE JÓ

² Jó tomou a palavra e disse:

Maldição sobre o dia do seu nascimento

3,11-13;
10,18;
Sl 23,14;
Mt 26,24

³ Pereça o dia em que eu ia nascer
e a noite que anunciou: "É um verão!"

⁴ Que esse dia se transforme em trevas;
que Deus, lá do alto não o convoque;
não resplandeça sobre ele a luz.

⁵ Reivindiquem-no^a a treva e a sombra-da-morte^a,
densa nuvem o habite,
os eclipses^a o apavorem!

⁶ Apodere-se a escuridão dessa noite;
não entre ela na roda dos dias do ano,
não entre no cômputo dos meses!

⁷ Sim, seja infecundada essa noite,
não a penetrem gritos de alegria;

⁸ excrem-na os^b que o dia amaldiçoam,
os peritos em acordar o Sinuoso^c.

⁹ Os astros de sua aurora se obscureçam;
espere a luz — e nada!

Não veja ela as pupilas^d da aurora!

¹⁰ Pois não cerrou as portas do ventre em que eu estava,
nem encobriu a meus olhos a dor.

Atração do nada

10,18

¹¹ Por que não morri, ainda no seio?
Fora do ventre, teria expirado!

¹² Por que me acolheram dois joelhos,
e dois seios me deram de mamar?

¹³ Senão, jazendo em calma,
gozaria de repouso, adormecido,

¹⁴ com os reis e os conselheiros da terra,
que para si reconstroem^e ruínas,

¹⁵ ou estaria entre os príncipes, donos do ouro,
que acumulam prata em suas casas,

¹⁶ ou, qual aborto ocultado, não existiria —
como crianças que não viram a luz.

Is 14,9-11;
Ez 32,18-30
15,28

10,19;
Sl 58,9;
Ec1 6,3

w. Lit.: *Foi concebido um verão*. Géber sugere força e nobreza: o herdeiro dinástico ou o homem abençoado por Deus.

x. Lit. *busca, procura*. No ritual babilônio do Ano Novo, um sacerdote convocava os dias do calendário.

y. O particípio deste verbo será traduzido por *redentor* em 19,25. Aqui a palavra sugere que *a treva*, a título de parente próximo, tome conta do dia para o qual Deus não tem remédio.

z. Originariamente *šalmūt*, *escuridão profunda* do mundo dos mortos. Desde antes da era cristã o termo é lido como *šalmávet*, *sombra-da-morte*.

a. Todo obscurecimento imprevisto do céu espalha angústia entre aqueles que têm medo da extinção do sol. Segundo outros: *amarguras* ou *adivinhos*.

b. Lit. *perfurem*. Gesto mágico de maldição.

c. Lit. *Leviatan*; cf. 40,25; Sl 74,14; 104,26; Es 27,1. Os mágicos incitam o monstro do caos a devorar o sol. Esta crença estava, provavelmente, vinculada à previsão dos eclipses.

d. Quando as pupilas da aurora se entreabrem, o sol aparece.

e. Lit. *constroem*. No antigo Oriente, os reis se diziam construtores dos monumentos que restauravam.

- ¹⁷ Lá, os maus não mais atormentam^f
lá descansam as forças esgotadas.
¹⁸ Lá, ficam à vontade os prisioneiros,
sem ouvir a voz dos carcereiros.
¹⁹ Pequeno e grande, ali, são iguais
e o escravo, libertado de seu amo.

Is 57,2;
Ap 14,13

Valor da existência

- ²⁰ Por que concede ele^a a luz ao sofredor
e a vida aos ulcerosos?
²¹ Esperam uma morte que não chega,
buscam-na com mais ânsia que um tesouro.
²² Eles se veriam em transe de alegria,
em exultação, se achassem um sepulcro!
²³ Por que o dom da vida^a para o homem^f sem perspectiva?
E Deus o protegia^l com uma cerca!
²⁴ Meu pão são meus soluços;
meus gemidos sobem como as águas.
²⁵ Atingiu-me o terror que me assombrava,
e o que eu temia agora me sobrevém.
²⁶ Para mim não há tranqüilidade, fim, repouso,
só o tormento me visita.

Jr 8,3;
Ap 9,6

Os 9,1

1,10

Sl 42,4;
102,10

15,24;
Pr 10,24;
Ez 11,8

PRIMEIRO POEMA DE ELIFAZ

- 4** ¹ Então Elifaz de Teman tomou a palavra e disse:

Piedade e bem-estar

- ² Só uma vez ele te provou, e já desanimas^k!
E quem consegue conter as palavras?
³ Tu bancaste o educador das turbas;
às mãos cansadas sabias dar vigor.
⁴ À tua voz erguiam-se os caídos
e joelhos vacilantes tu firmavas.
⁵ Agora sobrevém a ti, e desanimas;
és atingido, perdes a cabeça.
⁶ Tua piedade^l só visava teu bem-estar?
Só o que esperavas sustentava tua retidão?

32,18-20

Pr 24,10
Rm 2,19-21

Semeadores de desgraça

- ⁷ Recorda: qual o inocente que pereceu?
Onde se viu homens retos desaparecerem?
⁸ Já percebi: os que forjam delitos,
os que semeiam miséria colhem-na.

Sl 22,5-6; 34,20-21;
37,25; Pr 12,21;
Sr 2,10; 2Pd 2,9
Pr 22,8; Os 8,7;
10,13; Sr 7,3;
Gl 6,7

^f. Ou *agitam-se*.

^g. Designa a Deus. Gr., sir., Vulg., aram.: *é dada*; este passivo pode manifestar, da parte dos tradutores antigos, a intenção de inocentar a Deus.

^h. As primeiras palavras (*por que*) deste verso estão subentendidas no hebr. (cf. v. 20a).

ⁱ. Ao homem retoma ao sofredor, v. 20a.

^j. Alusão sarcástica a 1.10. Ou *cercava com muro* (cf. 19,8 e Lm 3,7).

^k. Interpretação do Talmud e de Rashi. Ibn Ezra interpreta: *Se tomarmos a palavra, tu te cansarás dela?*

^l. Lit. *temor*, isto é, *religião*.

- ⁹ Ao sopro de Deus, perecem;
ao sopro de sua narina se consomem.
- ¹⁰ Rugido de leão, rosnar de tigre,
os dentes dos leõezinhos mordem o vazio.
- ¹¹ Perece o leopardo por falta de presa
e os filhotes da leoa^m debandam.

38,39-40;
Sf 3,3;
Sl 10,9;
17,12;
22,14,22;
57,5;
Pr 28,15

Visão noturna

- ¹² Furtiva, ocorreu-me uma palavra;
meu ouvido captou seu murmúrio.
- ¹³ Quando divagam as visões da noite
e o torpor abate os homens,
- ¹⁴ um calafrio de espanto me surpreendeu
e fez tremer todos os meus ossos.
- ¹⁵ Um sopro perpassava-me a face,
eriquou-se o pêlo de minha carne.
- ¹⁶ Ele se mantinha de pé, não o reconheci.
O espectro permanecia diante de meus olhos.
Um silêncio... e então ouvi uma voz:

33,15

Gn 15,12

IRs 19,13

Justiça do mortal

- ¹⁷ “Será o mortal mais justo que Deus?
o homem, mais puro que seu autor?”
- ¹⁸ Vê: nem nos seus servos ele confia
e até nos seus anjos encontra o desatino.
- ¹⁹ E os que moram em casas de tijolo,
os que se fundam no pó?”
São esmagados como traças.
- ²⁰ Entre a manhã e a tarde, viram pó,
sodem para sempre — quem o percebe?
- ²¹ Não se arrancaram já as amarras de suas tendas?
Privados de sabedoria, morrerão”.

9,2; 14,4;
15,14; 25,4;
Sl 143,2;
Pr 20,9
15,15

25,6

8,22

Origem do mal

- 5** ¹ Apela, pois! Há quem te responda?
A qual dos santos te dirigirás?”
- ² O insensato, seu resmungo o sufoca,
e o simplório, o ciúme o faz morrer.
- ³ Vi o insensato lançar raízes,
mas logo amaldiçoei sua morada:
- ⁴ “Seus filhos fiquem sem socorro,
esmagados no tribunal, sem quem intervenha!
- ⁵ O faminto lhes devore a colheita;
colha-a atrás das cercas espinhosas;
que os sedentos abocanhem seu patrimônio!”
- ⁶ Pois a desgraça não surge da poeira,
a tribulação não brota do solo.

15,15;
Zc 14,5;
Dn 4,14

29,7;
Sl 127,5;
Zc 8,16

m. O poeta enumera nomes de felinos sem procurar identificá-los com precisão.

n. A fragilidade da condição mortal compromete a objetividade

de do julgamento pessoal do homem.

o. Lit. *suas cordas*.

p. Rashi entende: “Para combatê-lo”.

- ⁷ Sim, o homem nasce para a tribulação,
como a fálsc^a, para se espalhar.

Gn 3,17-19

Apelo a Deus

- ⁸ Eu, por mim, me voltaria para Deus;
a Deus exporia minha causa.
⁹ O artífice de grandezas insondáveis,
cujas maravilhas excedem todo número,
¹⁰ é quem verte chuva sobre a terra
e irriga a superfície dos campos,
¹¹ para elevar os que estão embaixo
para que, salvos, levantem-se os aflitos.
¹² Ele desfaz as intrigas dos astutos.
Suas mãos não alcançam êxito.
¹³ Pega os sábios nas malhas de sua astúcia
e desmonta os desígnios dos espertos.
¹⁴ Em pleno dia, eles dão com as trevas;
ao meio-dia tateiam como à noite.
¹⁵ Mas salvou, de sua espada e goela,
de suas garras poderosas, o pobre.
¹⁶ Para o indefeso surgiu uma esperança,
e a infâmia se encontrou amordaçada.
¹⁷ Vê: feliz o homem que Deus repreende!
Não desprezes a repreensão do Poderoso^q.

9,10;
Sl 40,61Sm 2,7-8;
Is 57,15;
Sl 75,8;
Lc 1,52

1Cor 3,19

Pr 4,19;
Jb 12,35Dt 8,5;
Pr 3,11-12;
Hb 12,5;
Ap 3,19

Promessa de renovação

- ¹⁸ Ele machuca, mas cuida das feridas;
suas mãos ferem, mas curam.
¹⁹ De seis angústias ele te arrebatará;
na sétima, o mal já não te alcança.
²⁰ Na carestia, ele te salva da morte;
na guerra, do poder da espada.
²¹ Estarás ao abrigo dos açoites da língua^a;
não deves temer os males do futuro.
²² De desastre e penúria hás de rir-te,
bestas ferozes não temerás.
²³ Com as pedras do campo manterás aliança
e com as feras da estepe viverás em paz.
²⁴ Descobrirás a paz em tua tenda;
inspetando os pastos, de nada sentirás falta.
²⁵ Constatarás que a tua posteridade é numerosa
e teus brotos, como a erva da terra.
²⁶ Entrarás na tumba ainda com vigor,
qual colheita empilhada no tempo certo.
²⁷ Eis o que a fundo observamos. Assim é!
Escuta e tira proveito.

33,19;
36,15;
Dt 32,39;
Os 6,1Sl 33,19
Jr 39,18Sl 123,5;
31,21Is 5,2;
2Rs 3,19-25
Os 2,20;
Is 11,6-8;
Ez 34,25Dt 28,4,11;
Sl 128,3;
144,12
42,17

q. Lit. *filho de Réshef*, deus do raio e do relâmpago. Trata-se das fagulhas que escapam de um incêndio.

r. Lit. *Shadai*. O poeta escolheu propositalmente este título

divino, característico da época dos patriarcas.

s. A calúnia era ainda mais temida porque incluía maldição e atos de feitiçaria.

SEGUNDO POEMA DE JÓ

6 ¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

As flechas do Poderoso

² Ah, se minha amargura alguém pesasse
e pusesse na balança a minha dor!

³ Mas seu peso já supera a areia na praia
e é isto que estrangula¹ a minha voz.

⁴ O Poderoso cravou em mim suas flechas
e meu sopro aspira o seu veneno.

Os terrores de Deus se alinham contra mim.

⁵ Orneja o asno selvagem junto à grama,
ou muge o boi ao lado da forragem?

⁶ O que é insosso come-se sem sal?
Encontra-se gosto na baba da malva^w?

⁷ Minha garganta não os consegue engolir,
são alimentos imundos^v para mim.

Consolações de nada

⁸ Quem levará a cabo minha exigência
de que Deus me conceda o que espero?

⁹ Que Deus se digne triturar-me,
erga sua mão para me arrebentar^w!

¹⁰ Restar-me-á ao menos um consolo,
um quê de alegria em meio à tortura implacável:
de nenhuma sentença do Santo descuidei.

¹¹ De que força disponho para esperar?
Qual é meu fim, para insistir em viver?

¹² Minha força é a força da rocha?
Minha carne, será que é de bronze?

¹³ É nada, então, o socorro que espero?
Será que todo recurso se me escapou?

O nada da amizade

¹⁴ O homem abalado tem direito à piedade do seu próximo;
senão, abandonará o temor do Poderoso^x!

¹⁵ Traíram-me meus irmãos, qual torrente de inverno,
como o leito das torrentes que se esvaem.

¹⁶ Avolumadas no tempo do degelo^y,
quando sobre elas se derretem as neves^z,

¹⁷ perdem o volume na estação seca^a
e, no ardor do verão, somem de seu lugar:

7,15;
1Rs 19,4;
Jn 4,3;
Nm 11,15

Dt 6,7;
Sl 78,5-6

14,18

29,12-13;
31,16-20
Pr 30,9

Jr 15,18
37,10

t. Este verbo significa também *lamber* e *gaguejar*. Pode significar todas as perturbações emotivas da fala.

u. Seiva de uma planta que pode ser comida como salada.
v. Lit. *Minha garganta recusou tocá-lo: são os mênstruos do meu pão*.

w. Alusão ao tecelão que larga a lançadeira para cortar o fio na extremidade da peça terminada (cf. Is 38,12).

x. Sir., Vulg., aram. leram: *Aquele que recusa misericórdia a seu amigo abandona o temor do Poderoso*.

y. Lit. *Os escuros causados pelo gelo* (por causa da profundidade da água ou do lodo em suspensão).

z. Lit. *dissimula-se a neve*.

a. Ou *tórrida*. Termo raro.

- ¹⁸ as caravanas se desviam de suas pistas,
sobem às solidões e se perdem.
¹⁹ As caravanas de Temã^b guiavam-se por elas,
com elas contavam os mercantes de Shebá^c.
²⁰ Mas têm vergonha de ter tido confiança:
chegando ao ponto, ficam confundidos.
²¹ Assim, será que existis, vós? Não!
À vista da desgraça vos apavorastes.

Jr 14,3

Palavras de um desesperado

- ²² Alguma vez vos disse: "Dai-me um presente!
Com vossa fortuna, sede generosos para mim
²³ para livrar-me da mão de um inimigo,
resgatar-me das mãos dos tiranos?"
²⁴ Esclarecei-me, e me calarei.
Em que falhei? Mostrai-o a mim!
²⁵ Seriam ofensivas as palavras de justiça?
Vossa censura, ela censura o quê?
²⁶ Seriam palavras o que pretendeis censurar?
As palavras do desesperado falam ao vento.
²⁷ Vós até sortearíeis um órfão,
poríeis à venda um vosso amigo.
²⁸ Agora, então, encarai-me:
em vossa face eu mentiria?
²⁹ Voltai atrás! Perfídia não haja.
De novo, voltai! Minha justiça está em jogo.
³⁰ Acaso há perfídia em minha língua?
Meu paladar não sabe discernir a amargura?

Jr 15,10

10,2: 13,23

35,13

6,6: 34,3

Tempo de corvéia

- 7** ¹ Não é corvéia o tempo do mortal na terra?
Não passam seus dias como os do diarista?
² Como um escravo suspira pela sombra
e um diarista aguarda sua paga,
³ assim minha parte são meses de nada;
com noites de aflição fui contemplado.
⁴ Mal me deito, pergunto: "Quando vou levantar?"
Mas a noite é interminável,
delírio até a aurora.
⁵ Minha carne está coberta de vermes e crostas,
minha pele está rachada e supura.
⁶ Meus dias correram mais que lançadeira,
e, terminado o fio^e, chegaram ao fim.
⁷ Lembra-te: minha vida é um sopro apenas;
meus olhos não voltarão a ver a ventura.

14,14

Dt 24,15;

Mt 20,8

Ec1 2,23

Dt 28,67

19,20

9,25;

Is 38,12

7,16; 10,20;

14,1;

Sl 78,39;

89,48

b. Oásis da Arábia setentrional (Gn 25,15; Is 21,14; Jr 25,23;
1Cr 1,30). – *|Elas = as torrentes de inverno.]

c. Cf. 1,15 nota.

d. Tradução literal. Lê-se, ordinariamente, *para ele ou para mim*.
e. Esta palavra hebraica pode tomar o sentido de *esperança*.
(Cf. 6,9 e o mito das Parcas.)

⁸ Já não me enxergará o olho que antes me via;
teus olhos estarão sobre mim, e terei deixado de ser.

Desafio de gigante

- Sb 2,1-4;
Tg 4,14;
Ecl 1,2
102,1; 14,12;
16,22
K,18
9,35; 10,1
- ⁹ Como a nuvem que se dissipa e se esvai
é o que desce ao Sheol, para não voltar.
- ¹⁰ Nunca mais retornará a sua casa,
seu lar não deverá reconhecê-lo.
- ¹¹ Por isso não mais refrearei minha boca;
fôlego entrecortado, falarei;
coração amargurado, lamentar-me-ei.
- 38,8,11;
9,8
- ¹² Serei o Oceano, ou o Monstro do mar^f,
para que ponhas uma guarda^g junto a mim?
- ¹³ Se digo: "Minha cama me consola
e meu leito aliviará o meu lamento",
- ¹⁴ aterrorizas-me com sonhos
e com visões me cobres de pavor.
- 2Sm 17,23;
Mt 27,5
6,9
- ¹⁵ A força me seduz^h,
a morte, mais que minha carcaça.

Fracasso de Deus

- 10,20;
Sl 39,6
- ¹⁶ Zombo disso! Não viverei para sempre.
Deixa-me — meus dias se evaporam.
- 7,7
Sl 8,5;
144,3
Sl 73,14;
139
- ¹⁷ Que é um mortal para lhe dares importância
e fixares nele a tua atenção,
- ¹⁸ para que a cada manhã o fiscalizes
e a todo instante o ponhas à prova?
- 9,18; 10,20;
14,6
35,3
- ¹⁹ Quando deixarás de me espionar?
Deixar-me-ás sorver minha saliva?
- 6,4; 16,13
- ²⁰ Pequei? Que te importa isso,
espião do homem?
Por que me tomaste por alvo?
Em que sou de peso para ti?
- 10,14
- ²¹ Não podes suportar minha revolta
e ignorar minha culpa?
Olha, já estou deitado no pó;
tatearás por mim: terei deixado de ser.

PRIMEIRO POEMA DE BILDAD

8 ¹ Então Bildad de Shûah tomou a palavra e disse:

Justiça do Poderoso

² Até quando repetirás essas coisas,
tormenta de palavras em tua boca?

f. O Oceano, como o Monstro marinho, o Sinuoso (cf. 3,8) e Rahab (cf. 9,13) são alusões ao velho mito das forças do caos domados pelo deus da ordem.

g. Lê-se na liturgia babilônica do Ano Novo que Marduk, depois de arrastar à terra a hidra marinha, aprisionou-a, *postando guardas*.

h. Lit. *Minha alma escolhe o estrangulamento*.

i. Verificar a liga de um metal precioso. Jó parodia o Sl 8.

j. O gr. e uma antiga tradição judaica garantem esta leitura. Em todos os mss. hebr., *te* teria sido corrigido para *me* por razões teológicas.

- ³ Acaso Deus falseia o direito?
Falseia o Poderoso a justiça?
- ⁴ Se teus filhos pecaram contra ele,
ao poder de seu crime os entregou.
- ⁵ Tu, se tu buscares a Deus,
se ao Poderoso suplicares,
- ⁶ se fores íntegro e reto,
decerto sobre ti há de velar
e em tua justiça te restaurará.
- ⁷ Pouco terá sido o teu início,
diante de teu futuro florescente.

34.10.12;
Sl 89.15;
97.2; Dt 32.4
1.5.19

11.13

9.28-29

42.10

Testemunho dos antigos

- ⁸ Pergunta, pois, às gerações passadas,
atenta para a experiência dos antigos.
- ⁹ Nós somos de ontem, de nada sabemos,
pois nossos dias não passam de sombra na terra.
- ¹⁰ Mas eles te instruirão e falarão
e de suas memórias extrairão estas sentenças:
- ¹¹ “O junco crescerá fora do brejo?
Sem água, o caniço medrará?”
- ¹² Em flor ainda, e sem ser colhido,
antes de qualquer erva há de fenecer”.

12.12;
15.18;
Dt 4.32;
32.7;
Sr 8.9

14.2; 15.33
15.30

Destino do ímpio

- ¹³ Tal é o destino de quem de Deus se esquece;
a esperança do ímpio perecerá.
- ¹⁴ Sua altivez será despedaçada,
teia de aranha é sua segurança.
- ¹⁵ Quando ele se apóia na casa, ela desaba;
se nela se agarra, não fica em pé.
- ¹⁶ Ei-lo cheio de seiva sob o sol;
por cima do jardim estende os ramos.
- ¹⁷ Com as raízes retrançadas no pedregulho
explora os vãos da rocha.
- ¹⁸ Mas se alguém o arranca de sua casa,
esta o renega e diz: “Jamais o vi!”
- ¹⁹ Eis as alegrias de seu destino,
e, da poeira, um outro brotará.

Sl 9.18
Pr 10.28

27.18;
Is 59.5
Ez 13.10-14;
Mt 7.26-27

7.10

Promessas de felicidade

- ²⁰ Olha, Deus não rejeita o homem íntegro,
nem dá apoio aos malfetores.
- ²¹ De risos encherá a tua boca,
de gritos de alegria, os teus lábios.
- ²² Teus inimigos vestirão vergonha;
as tendas dos maus não mais existirão.

9.23
9.24
9.27

Sl 109.29;
35.26;
Jr 3.25
Pr 14.11

TERCEIRO POEMA DE JÓ

9 ¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

Arbitrariedade divina

² Sei que as coisas são assim.

4,17; 25,4 Pode o homem obter justiça contra Deus?

13,18 ³ Quando contra ele se quer argüir,
de mil palavras, uma não responde!

⁴ Rico em sabedoria^k ou talhado em força,
quem o enfrentou e ficou imune?

⁵ Ele remove as montanhas, sem que o saibam;
em seu furor as faz cambalhotar.

⁶ Sacode a terra de seu lugar,
abalando-lhe os pilares.

⁷ À sua ordem, o sol nem se levanta;
ele guarda sob lacre as estrelas.

⁸ Sozinho, ele estende os céus
e caminha sobre as alturas dos mares.

⁹ Ele faz a Ursa, Órion,
as Plêiades e as Celas do Sul^l.

¹⁰ Ele faz grandezas insondáveis,
suas maravilhas esgotam os números.

¹¹ Passa perto de mim, não o vejo,
vai embora, nada compreendo.

¹² Se quer pegar algo, quem há de retê-lo?
Quem lhe perguntará: "Que estás fazendo?"

¹³ Deus não retém a sua ira:
submetem-se a ele os aliados de Rahab^m.

A razão do mais forte

¹⁴ Então, serei eu a responder-lhe,
munindo-me de palavras contra ele?

¹⁵ Ainda que eu fosse justo, para que replicarⁿ?
Ao meu juiz eu deveria implorar compaixão.

¹⁶ Se eu clamo e ele me responde,
não creio que tenha escutado a minha voz.

¹⁷ Ele que na tempestade me tritura
e multiplica sem razão minhas feridas,

¹⁸ sem permitir-me retomar o alento,
satura-me de amargor.

¹⁹ Recorrer à força! Mas o Poder é ele^o!
Apelar ao direito? Quem me citará?

²⁰ Mesmo sendo eu justo, minha boca me condenaria;
inocente, ela me provaria perverso.

k. Lit. *sábio de coração*.

l. A identificação destas constelações não se pode comprovar.

m. Hebr. *Rahab*. Personificação demoníaca do Oceano (cf.

7,12; 26,12).

n. Gr. e sir. lêem: *não sou ouvido*.

o. Lit. *Se é à força, um robusto, ei-lo aí*.

- ²¹ Sou inocente? Eu mesmo não o sei!
Viver me repugna.
- ²² É tudo a mesma coisa, eis o que eu digo:
inocente ou celerado, a ambos ele aniquila. Ec1 9,2-3
7,15; 8,14
- ²³ Quando um flagelo faz irromper a morte,
ele se ri^p da aflição dos homens íntegros. 8,20
- ²⁴ Uma terra foi entregue aos celerados?
Ele cobre a face de seus juízes... Ec1 4,1
Se não ele, quem então?

Deus é inumano

- ²⁵ Meus dias correm mais que um estafeta;
fugiram, sem ver a felicidade. 7,6
- ²⁶ Com os barcos de junco deslizaram,
qual águia que se abate sobre a presa. Hab 1,8
- ²⁷ Se eu me digo: "Esquece teu lamento,
desanuvia tua fronte, e alegra-te", 8,21
- ²⁸ apavoro-me com meus tormentos;
bem o sei: não me absolverás! 8,6
- ²⁹ É necessário que eu seja culpado!
Por que me fadigar em vão?
- ³⁰ Mesmo que me lave com a água da neve,
ou com soda raspe as minhas mãos, Is 1,18;
Jr 2,22;
Sl 51,9;
Mc 9,3
- ³¹ ainda assim me jogarás no lodo
e minhas roupas me vomitarão.
- ³² Ele não é um humano como eu, para eu replicar
e juntos comparecermos em justiça. 9,14;
Ec1 6,10
Sb 12,12
- ³³ Ah, se houvesse^q entre nós algum juiz^r,
para pôr sua mão sobre nós dois!
- ³⁴ Apartaria de mim o chicote de Deus,
e seu terror não me assolaria mais. 13,21; 22,10
- ³⁵ Sem o temer, então, eu falaria.
Mas tal não acontece; estou só. 13,3,13;
23,4,7

Desprezo das criaturas

- 10** ¹ A vida me entedia;
não mais reterei o meu lamento;
com amargura n'alma, vou falar. 7,11
- ² Direi a Deus: Não me trates como culpado,
dá-me a conhecer tuas queixas contra mim. 6,24; 13,23
- ³ Acaso, te apraz oprimir-me,
desprezar a labuta^s de tuas mãos,
favorecer as intrigas dos maus? 39,16
- ⁴ Terás porventura olhos de carne,
estarás enxergando como enxergam os homens? 21,4;
ISm 16,7;
Os 11,9

p. O poeta afirma, primeiramente, que Deus é Todo-Poderoso. Toda desgraça e toda graça só podem ter como causa o próprio Deus. Daí a vertigem angustiada de Jó, quando se interroga por que Deus lhe manda a desgraça.

q. Outros mss. hebr. trazem: *ele não existe*.

r. Trata-se de alguém que levaria Deus e o homem a se darem trégua, estabelecendo relação direta.

s. O produto dos esforços laboriosos do Criador.

- 14,16 ⁵ Teus dias duram como os de um mortal
e teus anos, como os de um humano,
⁶ para investigares o meu crime
e tanto inquirir do meu pecado?
⁷ No entanto, sabes: eu não sou culpado
e ninguém me livrará de tua mão.
⁸ Tuas mãos me plasmaram, me moldaram,
juntas, me envolvendo; e me destruíste!
⁹ Lembra: tu me modelaste como a argila,
e agora me devolves ao pó!
¹⁰ Não me entornaste como leite
e como um queijo me deixaste coalhar?
¹¹ De pele e carne me vestiste,
de ossos e de nervos me teceste.
¹² Vida e ardor me concedeste,
e teu carinho conservou o meu sopro.

O tigre a caçar

- ¹³ Isto é o que dissimulavas em teu coração,
isto, eu o sei, tu o tramavas!
¹⁴ apanhar-me em flagrante se eu pecar,
sem deixar escapar nenhuma falta!
¹⁵ Ai de mim, se sou culpado!
Mas, se justo, não levanto a fronte,
cheio de vergonha, bêbado* de miséria.
¹⁶ Se me levanto, me caças como um tigre
e repetes os teus feitos contra mim,
¹⁷ renovas contra mim os teus ataques,
redobras contra mim a tua ira:
tropas se revezam contra mim.
¹⁸ Por que me deixaste sair do ventre?
Tivesse morrido, olho algum me teria visto.
¹⁹ Eu seria como quem nunca existiu,
levado do ventre à sepultura.
²⁰ Não são poucos os meus dias? Que pare,
que me deixe, que eu tenha um pouco de prazer,
²¹ antes que, sem volta, eu me vá
à terra das trevas e da sombra-da-morte,
²² a terra onde a aurora é escuridão,
onde a sombra-da-morte encobre o caos
e a própria claridade é escuridão.

PRIMEIRO POEMA DE ŞOFAR

11

¹ Então, Şofar de Naamá tomou a palavra e disse:

t. O zelo com que Deus formou o homem fizeram-no crer-se objeto de amor paterno, mas Jó está angustiado ante outra interpretação: será que o Criador não preparava apenas diversão para

o seu sadismo?

u. Este termo só se vê aqui: sentido atribuído por David Qimhi.

Os crimes de Jó

- ² Tal palavrório ficará sem resposta?
Terá razão este homem de eloquência?
- ³ Tua falação nos põe boquiabertos, 32,15
escarneces sem que alguém te envergonhe. 34,7
- ⁴ Ousas dizer: "Minha doutrina é pura,
e eu, sem mancha aos teus olhos".
- ⁵ Ah, se ao menos Deus interviesse, 38,1
se descerrasse os lábios para te falar,
- ⁶ ensinando-te os segredos da sabedoria 28,28;
— pois desconcertam* o entendimento —, Rm 11,33;
saberias que Deus esquece parte de teus crimes. 1Cor 2,9.
11,16

A justiça de Deus

- ⁷ A profundidade de Deus pretendes sondar,
sondar a perfeição do Poderoso?
- ⁸ Mais alta que o céu é ela — tu, que farás? Ef 3,18
mais funda que o Sheol — dela, que saberás?
- ⁹ A sua extensão supera a terra,
e sua vastidão, o Oceano.
- ¹⁰ Se ele arremete e aprisiona,
convoca o tribunal, quem se oporá? 9,12
- ¹¹ Conhece os fabricantes de mentira,
vê a iniquidade, e não discerniria?
- ¹² Enquanto o homem acabrunhado[†] perde o entendimento
e a gente ao nascer é como asno selvagem. 39,5-8;
Gn 16,12

Vida nova

- ¹³ Tu, quando firmares teu juízo,
elevando a ele tuas palmas abertas, Ex 9,29;
- ¹⁴ afasta a iniquidade que há nas tuas mãos,
e não habite injustiça em tua tenda. Sl 88,10;
Is 1,15;
- ¹⁵ Então levantarás a fronte limpa;
livre de escórias[‡], nada temerás. 1Rs 8,38;
Lm 3,41
22,26
- ¹⁶ Pois já não pensarás no que sofreste;
são águas passadas em teu recordar. 2Sm 14,14
- ¹⁷ A vida se erguerá, mais radiosa que o meio-dia,
a escuridão se transformará em aurora. 17,12;
Is 9,1;
58,8-10
- ¹⁸ Terás certeza de que existe esperança;
mesmo confundido, dormirás em paz.
- ¹⁹ Não te incomodarão[†] no teu repouso,
muitos te acariciarão o rosto[¶].
- ²⁰ Mas dos maus os olhos se consomem
e refúgio não hão de encontrar.
- Expirar: eis a sua esperança! 3,21; 6,9;
7,15

v. Lit. e tu disseste.

w. Lit. são duplos para.

x. Lit. cavado, esvaziado.

y. Lit. fundido, no sentido de refinado.

z. Lit. e tu repousarás e não haverá perturbador.

a. Isto é, adularão tua autoridade.

QUARTO POEMA DE JÓ

12 ¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

Testemunho da experiência

² Sois verdadeiramente a voz do povo^b;
convosco morrerá a sabedoria!

13,2 ³ Mas também eu, como vós, tenho entendimento;
não me vejo inferior a vós!
Quem não dispõe de argumentos semelhantes?

⁴ Eis-me, a gargalhada dos amigos,
clamando a Deus, que outrora respondia.
Uma gargalhada — o justo, o íntegro.

21,7 ⁵ “Desprezo ao azar!” é o mote dos sortudos,
é o que dizem aos que estão caindo.

⁶ As tendas dos bandidos estão em paz
e quem provoca a Deus vive tranqüilo,
mesmo quem carrega um deus na mão^c.

38,39–
39,30
Mt 6,26 ⁷ Pergunta às feras e te instruirão,
os pássaros do céu te ensinarão.

⁸ Fala com a terra, que te instruirá,
e os peixes do mar farão o relato.

⁹ Quem não sabe, entre todos estes,
que “foi a mão do SENHOR^d que fez tudo isso”?

34,14;
Nm 16,22;
27,16;
Dn 5,23
34,3 ¹⁰ Em seu poder^e está a alma de todo ser vivo
e o sopro de toda a humana carne.

8,8; 32,7 ¹¹ “O ouvido — dizem^f — é que ouve as palavras
e o paladar, que prova as comidas;

¹² sabedoria, só com homens maduros
e entendimento cabe aos idosos.”

Is 11,2;
Pr 8,14 ¹³ Ora, saber e poder o acompanham,
conselho e entendimento lhe pertencem!

O divino destruidor

SI 127,1 ¹⁴ O que ele destrói, não se reconstrói;
o homem que ele prende não escapa.

Is 22,22;
Ap 7,7 ¹⁵ Retendo ele as águas, é a seca,
mas quando as solta, devastam a terra.

IRs 22,23 ¹⁶ Acompanham-no força e sucesso;
são dele o enganado e o enganador.

¹⁷ Ele faz divagar os conselheiros
e fere os juízes com demência.

Dn 2,21 ¹⁸ Ele desata a dominação dos reis
e lhes ata uma tanga em torno dos rins^g.

b. Lit. *o povo sois vós*.

c. Isto é, *em seu poder*. Uso mágico da idolatria.

d. Único exemplo desta invocação divina, tipicamente israelita, no diálogo. Trata-se, sem dúvida, de retomada irônica de uma

máxima tradicional.

e. Lit. *ele, na mão do qual está*.

f. Acrescentado em função do contexto.

g. O sinal da deportação.

- ¹⁹ Ele faz divagar os sacerdotes
e derruba os inamovíveis. 5,11;
34,19-20;
Lc 1,52
- ²⁰ Ele priva da palavra o orador
e aos idosos arrebatava o discernimento.
- ²¹ Ele despeja desprezo sobre os nobres
e desata o talabarte dos tiranos. SI 107,40
- ²² Ele livra das trevas os abismos
e traz a sombra-da-morte à claridade.
- ²³ Ele aumenta as nações e as arruína,
faz crescer as nações e as deporta. At 17,26
- ²⁴ Ele priva de juízo os líderes do povo
fazendo-os vagarear num caos, sem rumo. SI 107,40
- ²⁵ Privados da luz, vão apalpando as trevas;
Deus os extravia como a bêbados.

Estucadores de mentiras

13

- ¹ Sim, tudo isso, meu olho o viu;
meu ouvido o ouviu e entendeu.
- ² Tudo quanto sabeis, também eu o sei,
pois não me vejo inferior a vós. 12,3
- ³ Mas é ao Poderoso que vou falar,
é contra Deus que quero defender-me. 13,13
- ⁴ E vós, estucadores de mentiras,
não passais de curandeiros de nada. Ez 13,10;
22,28
- ⁵ Quem dera calásseis de uma vez!
Seria para vós sabedoria. Pr 17,28
- ⁶ Prestai ouvido à minha defesa,
ao pleito de meus lábios, atenção.
- ⁷ É em nome de Deus que falais tramóias,
em seu favor, palavras enganosas? 42,7
- ⁸ É o partido dele que escolheis,
é de Deus a causa que defendeis?
- ⁹ Seria bom ele esquadrihar-vos?
Dele zombaríeis como dum homem? MI 3,8;
Gl 6,7;
At 5,3-4
- ¹⁰ Com certeza vos iria censurar
algum escuso favorecimento^h.
- ¹¹ Não vos assusta sua majestade,
não se abate sobre vós o seu terror? Is 6,1-5;
SI 119,120;
Jr 10,10
- ¹² Repetis à exaustão máximas de cinza,
torres de argila são vossas defesas!
- ¹³ Calai! Deixai-me! Eu é que vou falar,
pouco importa o que me aconteça. 7,11; 9,35;
23,4,7
- ¹⁴ Tomo minha carne entre os dentes
e quanto tenho arrisco num só lanceⁱ. Jz 12,3;
ISm 19,5;
28,21
- ¹⁵ Certamente ele vai matar-me. Não tenho esperança^j,
mas quero defender diante dele meu proceder.

h. A transcendência do Deus de Israel exprime-se pelo fato de que ele não faz acepção de pessoas (Dt 10,17). Uma apologia digna dele não deve ignorar a objetividade, nem mesmo para defendê-lo. O julgamento que Deus fará, em 42,8 confirmará o

que Jó esboça aqui.

i. Lit. *porei minha alma em minha mão*. *[Suprimem-se as palavras iniciais do v. (ditografia, cf. v. 13b).]

j. Em lugar desta tradução literal do texto hebraico, a tradição

- Gn 3,8.10 ¹⁶ E será esta a minha salvação,
pois nenhum hipócrita acede a sua presença.
- 9,3.32 ¹⁷ Escutai, escutai minha palavra,
prestai ouvido à minha explicação.
- Is 1,18; Mq 6,1-2; Is 50,8 ¹⁸ Movi um processo
e sei que sairei justificado.
- ¹⁹ Quem vai pleitear contra mim,
que já estou a ponto de calar e expirar?

Requerimento ao Deus escondido

- 9,34; 22,10; 33,7 ²⁰ Poupa-me somente duas coisas,
e já não me esconderei de tua face:
- ²¹ tira de sobre mim a tua garra^k
e não me apavores mais com teu terror.
- ²² Depois, chama-me e eu responderei,
ou, se falo, responde-me tu.
- 6,24; 10,2 ²³ Quantos são meus crimes e pecados?
Dá-me a conhecer minha transgressão e minha falta.
- Sl 44,25; Rm 15; 4,7; Dn 9,17; Nm 6,25; Sl 1,4; Rm 14; 1Sm 24,15 ²⁴ Por que desvias tua face
e me tomas por inimigo?
- ²⁵ Queres acuar uma folha ao vento,
perseguir uma palhinha seca,
- ²⁶ tu que rediges contra mim amargos veredictos
imputando-me os crimes de minha juventude,
- ²⁷ e que prendes meus pés nos ferros
e espreitas todas as minhas andanças,
escrutando até as pegadas de meus passos?
- Is 50,9; Sl 39,12; 102,27 ²⁸ — No entanto, o homem se desmancha qual madeira carunchada
qual veste carcomida pelas traças.

A morte irrevogável

14

- 25,4; Sl 51,7; 7,7; 10,20; Sb 2,1; Sr 40,1; 8,12; Is 40,6-8; 51,12; Sl 37,2; 90,5; 9,30-31; 15,14; 8,9; 1Cr 29,15; Ecl 6,12; Sl 144,4 ¹ O homem, nascido de mulher,
é breve de dias e cumulado de penas.
- ² Qual flor, desabrocha e logo cai,
qual sombra passageira, não dura.
- ³ Sobre alguém assim tu abres os olhos,
a mim me citas em processo contigo!
- ⁴ Quem tira o puro do impuro?
Ninguém!
- ⁵ Se já estão fixados os seus dias^l,
se o cômputo de seus meses estabeleceste,
se lhe puseste um termo intransponível,
- ⁶ olha para outra parte; dá-lhe folga,
que goze, como o operário, do seu descanso.
- Sl 85; 144,3; 7,19; 9,18; 10,20; Sl 39,14

judaica prefere ler: *eu espero nele*, o que evita ter-se de atribuir a Jó uma confissão de desespero.

k. A comparação do Senhor com um leão é clássica em Israel (cf. Am 12; Jl 4,16).

l. O v. precedente e este foram interligados pelo gr., que lê: *Quem estará puro da sujeira? Ninguém, absolutamente, mesmo que sua vida sobre a terra tenha durado apenas um dia*. Este v. serviu para fundamentar a doutrina do pecado original, contra Pelágio.

- ⁷ Para a árvore existe esperança:
quando cortada, ela retoma vida
e continua a deitar rebentos.
- ⁸ Tenha a raiz envelhecido na terra,
esteja a cepa morta na poeira,
- ⁹ basta que fareje a água, já rebrota
e cria copa igual a planta jovem.
- ¹⁰ Mas o varão falece e se vai.
Expirando o ser humano, onde fica?
- ¹¹ A água pode ter deixado o mar,
o rio estar exausto e secar,
- ¹² os que jazem não se levantarão;
até desaparecerem os céus, não se erguerão,
de seu sono não ressurgirão^m.
- ¹³ Ah, se me escondesses no Sheol,
se me abrigasses até tua ira refluir,
se me fixasses um prazo para de mim te lembrar...
- ¹⁴ — mas se alguém morreu, reviverá? —
no tempo de minha corvéia eu aguardaria,
até chegar o meu revesamento.
- ¹⁵ Tu chamarias, e eu responderiaⁿ;
ansearia pela obra de tuas mãos.
- ¹⁶ Enquanto agora contas os meus passos,
então não olharias para minha culpa.
- ¹⁷ Lacrada, numa bolsa, ficaria a transgressão;
terias camuflado o meu crime.
- ¹⁸ Mas a montanha desaba e desmorona,
até a rocha muda de lugar;
- ¹⁹ a água pode furar pedras,
corre abrindo sulcos na terra friável;
e tu, tu arruínas a esperança do homem.
- ²⁰ Tu o pões fora de luta e ele se vai;
tendo-o desfigurado, tu o enxotas.
- ²¹ Se os filhos ganham fama, ele não o sabe;
se são aviltados, ele o ignora.
- ²² Só por ele sua carne sofre,
só por ele seu coração se enluta.

19,10;
1Cr 29,15

Is 6,13

7,8;
Ecl 3,21
Is 19,5

7,1

31,4
10,6

9,30-31

6,12; 18,4

21,21

SEGUNDO POEMA DE ELIFAZ

15 ¹ Então, Elifaz de Teman tomou a palavra e disse:

Impureza do homem

² Responderá um sábio com ciência de vento,
com o vento do deserto se encherá,

32,18

^m. Jó considera uma eventual ressurreição algo tão impensável quanto um futuro que houvesse de surgir após a destruição dos céus.

ⁿ. Jó pressente que a face irada de Deus, empenhado em destruí-lo, não é o verdadeiro semblante de Deus. A *cólera refluirá* (v. 13). Ao passo que em 7,21, Jó já se via *jazendo no pó*,

enquanto Deus vem *tateando por ele*, ele se imagina aqui posto de lado, no lugar dos mortos (v. 13), a fim de poder responder àquele que o chamará.

Esta perspectiva, que se tornará uma certeza em 19,25-26, é, aqui, apenas uma visão fugidia, logo contraditada por evidências mais familiares (vv. 18-22).

- Lc 6,45
- 3 com palavras vagas argüirá,
com discursos que de nada servem?
- 4 Tu solapas a própria religião,
pões fim à meditação perante Deus.
- 5 Já que teu crime inspira a tua boca
e adotas a linguagem dos embusteiros,
6 condena-te tua boca, não eu;
teus lábios testemunham contra ti.
- 38,4;
Sr 49,16
Pr 8,25
Jr 23,18;
Rm 11,34
- 7 Serás Adão⁸, o que nasceu primeiro?
Ou foste dado à luz antes dos outeiros⁹?
- 8 Tomavas assento no conselho de Deus,
para te apropriares da sabedoria?
- 9 Que sabes tu que não saibamos nós?
Que entendeste que nos soe estranho?
- 10 Há entre nós ancião e idoso,
gente com mais anos do que teria teu pai.
- 16,2
- 11 Não são dignos de ti os consolos de Deus
e as palavras tão moderadas que te dirigimos?
- 12 Por que te arrebatava a paixão,
por que piscar o olho desse jeito¹,
13 ao virares contra Deus o teu rancor²
e expelires teus discursos pela boca?
- 14,4
- 14 Que é o homem, para bancar o puro?
pode ser justo quem nasceu de mulher?
- 25,4
- 15 Nem nos seus santos Deus se fia,
nem os céus são puros a seus olhos.
- 4,18
- 25,5
- 16 Quanto menos o abominável, o corrupto,
que bebe a iniquidade como água!
- 34,7

Destino do ímpio

- 8,8-10
- 17 Vou instruir-te, escuta-me.
Vou contar-te o que contemplei,
18 o que os sábios, sem nada esconder,
relatam como legado dos seus ancestrais,
19 aos quais esta terra foi dada em propriedade,
antes de qualquer estrangeiro se infiltrar no meio deles¹.
- 20 O mau há de queixar-se a vida inteira.
Por mais anos que viva um tirano,
21 a voz do terror assombra-lhe o ouvido:
na paz, não virá contra ele o demolidor?
- 18,11-14;
Sb 17,3-14
- 22 Não ousa crer que possa voltar das trevas,
ele que é esperado pela espada.
- 23 Vaga em busca de pão, mas, onde ir²?
Sabe a sorte que o espera: o dia das trevas.
- 10,21

o. Lit. o temor.

p. O qualificativo que segue parece impor a presente interpretação desta palavra, que designa tanto a humanidade em geral como o primeiro homem.

q. As colinas. Pode ser alusão a certos santuários (lugares altos) que, segundo se pensava, remontavam aos tempos dos primórdios.

r. Elifaz repreende, em Jó, o querer assegurar para si a cumulidade de seus amigos.

s. Lit. teu sopro.

t. Elifaz reivindica uma sabedoria cuja tradição não fora corrompida por nenhuma influência sincretista.

u. O gr. julgou ler aqui: *destinado como presa aos abutres*.

- ²⁴ A tribulação e a angústia o vão terrorizar,
caem sobre ele qual rei pronto a atacar. 9,34
10,17
- ²⁵ Pois contra Deus levantou a mão
e desafiou o Poderoso.
- ²⁶ Arremeteu contra ele, cabeça em riste,
dorso blindado por escudos.
- ²⁷ A gordura empastou a sua cara,
a banha engordou suas ilhargas^v. 21,24;
Sl 73,4
- ²⁸ Ocupou cidades destruídas,
casas não mais habitadas,
escombros desmoronando. 3,14
- ²⁹ Não se enriquecerá: seus bens não duram,
nem seu sucesso vingará na terra. 20,18-20
- ³⁰ Não escapará das trevas;
uma chama secará sua ramagem
e até do próprio hálito há de fugir^w. 8,12
- ³¹ Não se fie no engano: perderia a rota,
pois seu salário é enganação. Is 28,15-18;
59,4
- ³² Antes do seu dia, isso se cumprirá,
e sua ramagem não vai reverdecer; 29,19
- ³³ Deixará cair como uma vinha seus frutos verdes,
perderá, qual oliveira, a floração. 8,12; 14,2
- ³⁴ Sim, é estéril a corja desses ímpios,
e um fogo queima as tendas do homem venal. 20,26
- ³⁵ Quem concebe malícia pare desgraça
e seu ventre vai maturando a decepção. Sl 7,15;
Is 59,4

QUINTO POEMA DE JÓ

16 ¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

Consoladores mesquinhos

- ² Coisas desse tipo já ouvi demais;
como consoladores, sois de desolar! 15,11
- ³ Dizeis³: "Findaram tuas palavras de vento?
Que te leva ainda a responder?"
- ⁴ Também eualaria do vosso modo,
se estivésseis em meu lugar.
Eu montaria discursos contra vós,
contra vós menearia a cabeça,
- ⁵ vos reconfortaria com a minha boca
e minha lábia vos acalmaria.

O alvo de Deus

- ⁶ Se eu falo, minha dor não se acalma,
e, se eu calar, me deixaria?
- ⁷ Agora, sim, ele me levou ao fim:
minha companhia toda desolaste,

v. A barriguinha é invejável sinal de êxito (cf. 21.24).

x. Acrescentado em função do contexto.

w. Lit. e ele se afastará do vento de sua boca.

- ⁸ deste-me rugas — testemunho contra mim —;
a magreza me denuncia e acusa.
- ⁹ Sua ira me persegue e despedaça,
ele vem sobre mim rangendo os dentes,
meu inimigo flecha-me com os olhos.
- ¹⁰ Abrem a goela para me engolir,
com afrontas me esbofeteiam,
todos se ajuntam contra mim.
- ¹¹ Deus me entregou ao capricho duma criança,
jogou-me como presa aos devassos.
- ¹² Eu estava tranqüilo. Ele me derrubou.
Pegou-me pela nuca e destroncou-me,
pôs-me como alvo à sua frente.
- ¹³ Suas flechas se fecham sobre mim.
Sem piedade ele traspassa os meus rins
e sobre o chão derrama o meu fel.
- ¹⁴ Ele rasga em mim brecha sobre brecha,
investe, qual guerreiro, contra mim.
- ¹⁵ Cobri de saco minhas cicatrizes^y
e afundei no pó a minha fronte^z.
- ¹⁶ O pranto amareleceu a minha face;
nas minhas pálpebras, a sombra-da-morte.
- ¹⁷ Contudo, violência em minhas mãos
não havia, era pura minha oração.

A testemunha do crime

- Gn 4,10;
37,26;
Is 26,21;
Ez 24,7-8;
Sl 9,13;
Mt 23,25;
Ap 18,24
Ex 3,7;
Sl 79,11;
Rm 3,44;
Ap 8,3-4
- ¹⁸ Ó terra, não encubras o meu sangue;
não se possa ocultar o meu clamor.
- ¹⁹ Tenho agora uma testemunha nos céus,
posso um fiador^a lá nas alturas.
- ²⁰ Meus amigos fazem troça de mim,
mas os meus olhos pranteiam para Deus.
- ²¹ Defenda ele^b contra Deus o homem,
como o ser humano intervém por um seu igual.
- ²² Mas vem chegando o termo de meus anos;
já estou tomando o caminho sem volta.

- 17** ¹ Meu sopro se esvai, meus dias findam,
o túmulo me aguarda.
- ² Decerto, zombadores me rodeiam;
suas insolências obsedam-me as vigílias.
- ³ Compromete-te, sê meu penhor junto a ti!
Quem mais consentiria bater na minha mão^c?

y. Ou *minha pele*.

z. A *fronte* (lit. o *chifre*) que se enterra no pó é o prestígio e o poder que se aniquilam.

a. A *testemunha* ou o *fiador* é ou o *clamor do sangue* de Jó que já corre, ou o misterioso defensor ao qual Jó fará seu apelo no v. 21.

b. De quem se trata? É difícil fazer do Deus, mencionado no v. 20, aquele que defenderá o homem contra Deus. Poder-se-ia pensar no *fiador* do v. 19, talvez um dos *filhos de Deus*

mencionados no prólogo (1,6 e 2,1), ou o anjo intercessor que Elihu evocará (33,23-24). Ou então Jó entrevê, desde agora, o Deus que, no fim, virá *tateando por ele* (7,21; cf. nota a 14,15), e pede-lhe que exorcize a imagem daquele que, hoje, o toma como *alvo* e o *traspassa sem compaixão* (16,12-13). Ver Introd.

c. Gesto jurídico pelo qual se manifesta uma fiança. Aqui Jó não vê ninguém além de Deus, seu adversário, que seja capaz de responder por ele.

- ⁴ Fechaste à razão seus corações;
não permitirás que eles triunfem.
⁵ Há quem chame seus amigos para repartir,
enquanto languescem os olhos de seus filhos.

O escárnio dos povos

- ⁶ Tornei-me o escárnio dos povos.
Serei o lugar-comum do espanto^d.
⁷ De tristeza apaga-se o meu olho,
meus membros tornaram-se sombra.
⁸ Os homens retos ficarão atônitos,
o íntegro se indignará contra o hipócrita.
⁹ Mas o justo, persista em sua conduta,
o homem de mãos puras redobre os esforços.
¹⁰ E agora, todos vós, voltai, vinde:
não acharei um sábio entre vós.
¹¹ Meus dias passaram, desfez-se meu projeto,
o mais caro de meus desejos^e.
¹² Eles querem que a noite seja dia,
ao cair das trevas dizem estar próxima a luz.
¹³ Que tenho a esperar? O Sheol é minha morada,
com as trevas forrei minha cama.
¹⁴ Ao fosso dos mortos falei: "Tu és meu pai",
à putrefação: "Minha mãe, minha irmã!"
¹⁵ Aonde foi a minha esperança?
Minha esperança, quem a entrevê?
¹⁶ No fundo do Sheol ela soçobrará,
quando juntos descermos ao pó.

SEGUNDO POEMA DE BILDAD

- 18** ¹ Então, Bildad de Shûah tomou a palavra e disse:

Ameaça à terra

- ² Até quando retereis a vossa língua?
Refleti, e tomemos a palavra em seguida:
³ Por que nos deixar tratar como animais?
Por que passar por imbecis aos vossos olhos?
⁴ Ó tu que em tua ira te despedaças,
por tua causa a terra ficará deserta,
a rocha removida de seu lugar?

Morte do mau

- ⁵ Sim, a luz do mau se apagará,
a chama de seu lar cessará de brilhar.
⁶ A luz na sua tenda se escurecerá,
a lâmpada acima dele se apagará.
⁷ Seus passos, antes firmes, se encurtarão,
tropeará nas próprias intrigas.

d. Segundo Ibn Ezra: "um Tôfet público" (cf. 2Rs 23,10).

e. Lit. *as possessões do meu coração*, ou seja, "as esperanças que eu fomentava".

f. Bildad começa por dirigir-se a seus amigos e, neste último estíquo, faz um aparte ao público. O gr. o faz falar a Jó desde o v. 2.

19,6; 22,10;
Sl 35,7-8;
140,6

- ⁸ Seus pés na rede armada o enredam,
ele anda por cima de um ardil!
⁹ A armadilha prenderá seu calcanhar,
um laço apoderar-se-á dele.
¹⁰ Por terra, oculta, aguarda-o uma corda,
no seu caminho, um alçapão o espera.
¹¹ De toda parte temores o apavoram
e passo a passo o perseguem.
¹² A fome o assaltará em pleno vigor,
a miséria se posta a seu lado;
¹³ ela devorará os retalhos de sua pele;
o primogênito da morte^a lhe devorará os membros.
¹⁴ Tirá-lo-ão da segurança de sua tenda,
poderás levá-lo ao rei dos terrores^b.
¹⁵ Poderás habitar a tenda que não mais lhe pertence;
hão de jogar enxofre^c no seu terreno.
¹⁶ Por baixo, suas raízes secarão,
por cima, ser-lhe-á cortada a ramagem.
¹⁷ Sua lembrança perdeu-se na terra,
seu nome já não consta do cadastro^d.
¹⁸ Da luz é repellido para as trevas,
ele é banido do universo.
¹⁹ Não tem linhagem nem posteridade em meio a seu povo,
nenhum sobrevivente em sua morada.
²⁰ Seu destino espanta o Ocidente,
o Oriente se enche de horror^e.
²¹ "Só resta isso do covil do bandido,
eis o lugar onde se ignorava a Deus!"

15,21;
Sb 17,3-14

27,15;
28,22

20,25

Dt 29,22;
Is 34,9

Sl 34,17
Sl 9,6;
109,13;
Pr 10,7;
Is 14,20

Sl 37,28;
Is 14,22;
Jr 22,30

SEXTO POEMA DE JÓ

19 ¹ E Jó tomou a palavra e disse:

O direito violado

- ² Até quando me atormentareis
e com palavras me triturareis?
³ Já dez vezes é que me insultais.
Não tendes vergonha de me torturar?
⁴ Mesmo sendo verdade que eu errei,
meu erro só a mim concerniria¹.
⁵ Se quereis crescer às minhas custas,
acusando-me do que me envergonha,
⁶ sabeis que Deus violou o meu direito
e em sua rede me apanhou.

Gn 31,7,41;
Nm 14,22;
Ne 4,6

Pr 9,12;
Gl 6,5

18,8; 22,10

Coroa perdida

- ⁷ Se grito: "Violência!", ninguém responde,
aos meus apelos não se faz justiça.

g. Isto é, o pior dos flagelos.

h. Evocação dum soberano do lugar dos mortos que se encontra em diversas mitologias.

i. Exorcismo ou desinfecção antes da mudança de proprietário.

j. Lit. *sobre a superfície de fora*.

k. Lit. *Os orientais pegaram horror*.

l. Lit. *passaria a noite comigo*.

- ⁸ Ele barrou-me a estrada para eu não passar,
estendeu trevas sobre os meus caminhos. 22,11
- ⁹ De minha glória ele me despojou,
tirou-me a coroa da cabeça. 29,14
- ¹⁰ Solapa-me em redor, e eu definho,
arrancou a árvore de minha esperança. 14,7; 17,15
- ¹¹ Contra mim sua ira flamejou,
tratou-me como a seu inimigo. 33,10
- ¹² As suas hordas chegam em tropel,
preparam um acesso até mim,
acampam em redor de minha tenda.

Excomunhão

- ¹³ Afastou de mim os meus irmãos;
meus conhecidos fazem-se de estranhos. SI 88,9,19
SI 38,12;
69,9
- ¹⁴ Desapareceram os meus próximos;
meus familiares de mim se esqueceram.
- ¹⁵ Os hóspedes de minha casa e minhas servas me estranham;
tornei-me um intruso aos seus olhos. 6,15
- ¹⁶ Chamei meu servo, mas ele não responde,
quando com minha boca o imploro.
- ¹⁷ Minha mulher repugna o meu hálito;
causo asco aos filhos de minhas entranhas^m.
- ¹⁸ Mesmo as crianças me desprezam;
quando me levanto, zombam de mim. 30,1
- ¹⁹ Os meus íntimos todos de mim têm horror;
quem eu amava virou-se contra mim. SI 41,10;
55,14;
Sr 6,8
- ²⁰ Meus ossos me grudam na pele e na carne;
escapei com a pele dos meus dentesⁿ. 16,8; 7,5;
33,21

Inscrição secular

- ²¹ Piedade, tende piedade de mim, vós meus amigos,
pois fui tocado pela mão de Deus^o.
- ²² Por que me perseguis, como Deus?
Não vos fardais de minha carne? SI 27,2
- ²³ Ah, se se escrevessem as minhas palavras,
se fossem gravadas numa inscrição!
- ²⁴ Se com buril de ferro e com chumbo^p
ficassem talhadas na rocha para sempre!

O redentor vivo

- ²⁵ Mas eu sei: meu redentor^q está vivo,
no fim se erguerá por sobre o pó. SI 12,6
Is 44,6

^m. Esta palavra designa, ordinariamente, o seio materno, mas pode designar também, metaforicamente, a potência procriadora (cf. 15,35; Mq 6,7). Rashi explica: "Os que eu tinha educado em minha casa como se fossem meus filhos". Outros interpretam: *Os filhos saídos das mesmas entranhas que eu*, isto é, *meus irmãos uterinos*. Uma e outra interpretação querem evitar uma contradição com 1,19.

ⁿ. Tradução literal de uma expressão provavelmente proverbial.

^o. *Ser tocado*, em hebr., pode ser empregado como eufemismo para designar a lepra.

^p. Rashi sugere que o *chumbo* tem, como finalidade, escurecer as letras incisas da inscrição para fazê-la sobressair.

^q. No antigo Israel, o *redentor* era aquele que reivindicava um direito que um dos seus parentes próximos já não podia exercer por si mesmo (Lv 25,25; Rt 4,4). Para a identificação do *redentor* de Jd, cf. 16,21 nota.

- ²⁶ E mesmo que me tenham destruído a pele,
na minha carne^r, contemplarei a Deus^s.
- ²⁷ Eu, sim, hei de contemplá-lo!
Meus olhos o verão, ele não será estranho!
Meu coração^u se abrasa dentro de mim.
- ²⁸ Se, pois, disserdes: "Como torturá-lo,
para contra ele encontrar pretexto de processo?"^v,
²⁹ temei a espada para vós mesmos,
pois o furor é passível de espada.
Sabereis então que existe julgamento.

SEGUNDO POEMA DE ŞOFAR

20

¹ Então, Şofar de Naamá tomou a palavra e disse:

Réplica da razão

- ² Eis a que me levam minhas dúvidas,
e esta impaciência que me toma:
³ Ouço uma lição que me insulta,
mas minha razão inspira-me a resposta.

Extinção do malvado

- ⁴ Não sabes que, desde sempre,
desde que o homem veio à terra,
⁵ o triunfo dos maus foi sempre breve
e a alegria do ímpio só dum instante?
⁶ Ainda que sua estatura chegue ao céu,
e sua fronte roce as nuvens,
⁷ qual esterco, sem retorno sumirá;
os que o virem dirão: "Onde está?"
⁸ Como um sonho ele se evolva — quem o encontrará,
ao ser posto em fuga qual visão noturna?
⁹ Não mais o vê o olho que antes o via,
mesmo sua casa o perdeu de vista.
¹⁰ Seus filhos terão de indenizar os pobres,
suas próprias mãos^w devolverão seus bens.
¹¹ Seus ossos regurgitavam juventude,
mas esta, com ele se estenderá no pó.
¹² Já que o mal é tão doce à sua boca
já que o abriga sob a língua,
¹³ saboreia-o sem nunca o largar
e o retém sob o palato,
¹⁴ sua comida se corrompe no seu ventre,
tornando-se veneno de serpente.

SI 37,35;
Gn 11,4;
Is 14,13-14

SI 73,20;
90,5

27,17

21,24

17,16

Pr 20,17

r. Antes, a eventualidade de uma ressurreição parecia a Jó em 14,12 uma esperança que contradizia a experiência. Agora ele confessa a certeza de uma intervenção do seu redentor. Esta certeza transforma em artigo de fé a perspectiva da ressurreição; cf. Introd. A tradução *fora da minha carne* não se justifica, porque a preposição hebraica é regida por um verbo de percepção. s. Os vv. 25-26 são traduzidos pela Vulg.: *Pois eu sei que o meu redentor vive e que, no último dia, eu ressuscitarei da terra*

e, de novo, serei revestido da minha pele; e, na minha carne, eu verei meu Deus.

t. Cf. 14,15. Outros ainda entendem: *e não os de um estrangeiro*.

u. Lit. meus rins.

v. Lit. raiz de negócio.

w. Talvez as mãos dos filhos que representam a autoridade do pai.

- ¹⁵ Engoliu fortunas: há de vomitá-las;
Deus faz seu ventre devolvê-las.
- ¹⁶ Sorveu veneno de áspides,
língua de víbora há de matá-lo. Dt 32,33;
Sl 58,5
- ¹⁷ Não mais verá os riachos,
os rios, as torrentes de mel e nata. 29,6
- ¹⁸ Devolve o que ganhou, e não o engole;
não desfruta o lucro de seus negócios.
- ¹⁹ Já que oprimiu e abandonou os pobres,
roubou casa em vez de a construir,
- ²⁰ já que seu ventre não se contentou,
não salvará nenhum de seus tesouros. 15,29
- ²¹ De sua voracidade nada escapava,
também não durará sua fortuna.
- ²² Em plena abundância, a angústia o surpreende,
sobre ele se abate a mão de todo explorado.
- ²³ Terá o bastante para encher o ventre,
quando Deus desencadear contra ele sua ira.
Ela choverá sobre ele qual alimento.
- ²⁴ Se conseguir fugir da arma de ferro,
o arco de bronze o há de flechar. Am 5,19
- ²⁵ Arranca a flecha, ela lhe sai do corpo,
mas desde que a ponta deixa seu fígado,
abatem-se sobre ele terrores. 15,21;
18,14;
27,20
- ²⁶ Trevas se ocultam em todos os seus esconderijos,
atinge-o um fogo que ninguém atiga*,
o mal fere os sobreviventes de sua tenda. 15,34
- ²⁷ Os céus desvelam o seu crime,
e a terra se levanta contra ele.
- ²⁸ Vão-se as riquezas de sua casa
como águas a escorrer no dia da ira. Pr 11,4;
Sl 1,18
- ²⁹ Eis a sorte que Deus reserva ao mau,
a herança que Deus lhe decretou. 27,13;
Ap 21,8

SÉTIMO POEMA DE JÓ

21 ¹ E Jó tomou a palavra e disse:

Coragem da veracidade

- ² Escutai, escutai minhas palavras. 33,1
Assim me consolareis.
- ³ Suportai-me, e falarei. 36,2
Depois de eu falar poderás^y zombar de mim.
- ⁴ É de um homem que me queixo?
Se fosse^z, por que não perderia a paciência? 10,4
- ⁵ Voltai-vos para mim. Pasmareis
e poreis a mão sobre vossa boca. 29,9; 40,4;
Pr 30,32;
Sr 5,12;
Mq 7,16

x. Maneira de exprimir a origem divina deste fogo. Cf. Dn 2,34.
45: a pedra que se destaca sem que mão alguma a tenha tocado.
y. Depois de ter-se dirigido à assembléia dos amigos, Jó toma

um deles à parte.

z. Tendo que se ver com Deus e não com um homem, Jó usaria em vão sua paciência tentando convencê-lo.

⁶ Mesmo a mim, tal lembrança me espanta
e um calafrio me atravessa a carne.

Sucesso dos celerados

- ^{12,6:}
^{Jr 12,1-2;}
^{Sl 73,3-12;}
^{Mi 3,15}
- ⁷ Por que vivem os maus?
Envelhecem, mas crescem em poder.
- ⁸ Sua posteridade se firma em sua presença junto delas,
eles mantêm sob os olhos seus rebentos.
- ⁹ Suas casas, em paz, ignoram o medo,
poupa-os o látego de Deus.
- ¹⁰ Seu touro fecunda sem falhar,
sua vaca pare sem abortar.
- ¹¹ Deixam brincar qual ovelhas seus nenês,
a criançada livre a dançar.
- ¹² Improvisam com tamborim e harpa
e ao som da flauta se divertem.
- ¹³ Consomem seus dias na felicidade,
e num instante descem ao Sheol.
- ^{24,24}
- ^{22,17:}
^{Is 30,11;}
^{Jr 2,31}
- ¹⁴ Ora, disseram a Deus: “Afasta-te de nós!
Não desejamos conhecer os teus caminhos.
- ¹⁵ Que é o Poderoso, para sermos seus escravos?
Que se ganha ao invocá-lo?”
- ¹⁶ E não têm eles a felicidade nas mãos?
Por que dizer: “Longe de mim as intrigas dos maus”?
- ¹⁷ Quantas vezes a lâmpada dos maus se apaga?
Quantas vezes abate-se a ruína sobre eles,
ou a ira de Deus^b lhes dá de sofrer?
- ¹⁸ Mas foi dito: “Sejam como a palha ao vento,
como refugio levado pela tempestade”.
- ^{18,5,18:}
^{Jr 25,10}

Impunidade dos criminosos

- ^{Ex 20,5-6;}
^{34,7;}
^{Dt 24,16;}
^{Jr 31,29;}
^{Ez 18,4}
- ¹⁹ O castigo do pai — se diz^d —, Deus o reserva aos filhos?
Que o padeça o culpado^e, para que o sinta!
- ²⁰ Que com os próprios olhos veja sua ruína
e beba o furor do Poderoso!
- ²¹ Que lhe importa sua casa depois dele,
uma vez decidido o número de seus meses?
- ²² Será que a Deus se ensina o conhecimento,
a ele, que julga o sangue derramado^f?
- ²³ Eis que um morre em vigor perfeito,
bem feliz e tranqüilo,
- ^{15,27}
^{20,11}
- ²⁴ com os flancos forrados de gordura^g
e a medula dos ossos ainda fresca.
- ²⁵ Outro morre, com a alma amargurada,
sem ter saboreado uma alegria.

a. Subentendido no hebr. Jó relata aqui as imprecções dos oprimidos piedosos (cf. Sl 1.1).

b. Hebr. *que ele*.

c. Subentendido no hebr. Jó continua a se inspirar no Sl 1 (v. 4).

d. Subentendido no hebr.

e. Em lugar de uma retribuição coletiva visando à posteridade, perspectiva tradicional de Israel, vê-se aparecer aqui a exigência de uma retribuição individual. Pouco tempo antes, Ezequiel promulgara este novo princípio (18,2; cf. também Jr 31,29).

f. Segundo o gr. e variante do hebr.

g. Cf. 15,27 nota.

- ²⁶ Lado a lado, estendem-se no pó,
tendo os vermes por coberta. 3,19;
Ecl 9,2-3
- ²⁷ Conheço bem os vossos pensamentos,
as idéias que fazes a meu respeito^b.
- ²⁸ Dizeis: "Onde é a casa do déspota,
a tenda onde moravam os bandidos?" 20,7
- ²⁹ Não perguntastes aos viajantes?
Ou não observastes seus sinais?
- ³⁰ No dia da desgraça, o mau é preservado,
no dia do furor, é posto a salvo. 24,22-23;
Sl 73,5;
Rm 9,22
- ³¹ Quem lhe lança em rosto seu proceder?
Quem lhe retribui pelo que fez?
- ³² Em cortejo o levam ao cemitério,
e sobre seu túmulo vão velar. Lc 16,22
- ³³ Suaves são para ele as glebas do vale;
atrás dele a população toda desfila.
A assistência é inumerável.
- ³⁴ Por que me consolais em vão?
De vossas respostas só resta a perfídia. 16,2; 26,2

TERCEIRO POEMA DE ELIFAZ

22

¹ Então Elifaz de Teman tomou a palavra e disse:

Impassibilidade de Deus

- ² Será que o homem de bem é útil a Deus,
enquanto o sábio é útil só para si?
- ³ Ao Poderoso interessa tua justiça?
Que ganha, se aperfeiçoas teu caminho? 35,7;
Lc 17,9-10
- ⁴ Ele vai se defender por medo de ti¹,
contigo entrar em julgamento?

Crimes de Jó

- ⁵ É mesmo muito grande tua maldade
não há limites para teus crimes.
- ⁶ Sem razão tomavas penhor de teus irmãos,
tu os despojavas de suas roupas, deixando-os nus. Dt 24,10;
Ex 18,12
31,19-20;
- ⁷ Negavas água ao exausto,
ao faminto negavas pão. Ex 22,26
Mt 25,42-43
31,17;
- ⁸ Quem usasse pulso apropriava-se da terra
e o apaniguado nela se instalava: Is 58,7
29,17
- ⁹ tu despedias as viúvas de mãos vazias
e os braços dos órfãos eram-lhes quebrados. 29,13; 31,16;
Ex 22,21
29,12; 31,17
- ¹⁰ Por isso, te rodeiam armadilhas
e perturba-te repentino pavor; 18,8; 19,6
6,4; 13,21
- ¹¹ ou então são trevas, em que nada vês:
um mar de água te submerge. 10,21-22;
17,12-13;
19,8

^b. Se Jó scandaliza seus amigos, é porque eles têm uma
confiança por demais ingênua na retribuição imediata.

¹. Outros interpretam: *por causa da tua piedade*.

Ceticismo de Jó

- Ecl 5,1;
Is 40,22
- SI 73,11;
94,7;
Is 29,15
- Gn 6,5,12
Mt 24,39
- 21,14
- Os 2,10
21,16
- SI 58,11;
Ap 18,20
- ¹² Não está Deus lá no alto dos céus?
Olha a abóbada estrelada, como é alta!
- ¹³ E concluíste: "Que pode Deus saber?
Vai julgar através de nuvens escuras?"
- ¹⁴ As nuvens são um véu que lhe tira a visão,
ele percorre apenas os contornos dos céus".
- ¹⁵ Queres seguir os caminhos de sempre,
trilhados pelos pés dos perversos?
- ¹⁶ Antes do tempo foram tirados daqui;
seus fundamentos são um rio que escorre,
- ¹⁷ eles que diziam a Deus: "Longe de nós!",
pois o Poderoso, que podia fazer-lhes?
- ¹⁸ Contudo, foi ele que encheu de bens suas casas
— longe de mim! as intrigas dos maus!
- ¹⁹ Os justos verão e se alegrarão,
o homem honesto vai zombar deles:
- ²⁰ "Eis arrasados os nossos inimigos,
o fogo devorou os seus lucros".

Frutos da reconciliação

- 8,5-6
- 23,12
- Mt 6,19-21
28,16;
1Rs 9,28
31,24
- SI 16,5-6;
73,26;
Lm 3,24
27,10
11,15
- SI 66,13;
116,18;
Na 2,1
- SI 18,28;
Is 57,15
- 42,8
Ez 14,16,20
- ²¹ Reconcilia-te com ele e faz as pazes.
Assim a felicidade te sobrevirá.
- ²² Aceita de seus lábios a instrução^k
e grava suas sentenças no coração.
- ²³ Se voltas ao Poderoso, serás restabelecido,
se afastas de tua tenda a perfídia.
- ²⁴ Atira, pois, ao pó os teus lingotes,
ao cascalho dos rios o ouro de Ofir.
- ²⁵ O Poderoso te valerá esses lingotes,
montões de prata ele será para ti.
- ²⁶ Pois, então, teu deleite será o Poderoso,
e para Deus elevarás a tua face.
- ²⁷ Quando o suplicares, te ouvirá
e só terás de cumprir teus votos.
- ²⁸ O que decidires vai-se confirmar
e sobre teu caminho, vai brilhar a luz.
- ²⁹ Aos abatidos poderás dizer: "Levanta!"
Pois ele salva os homens de olhos baixos.
- ³⁰ Mesmo quem não é inocente, ele o livra;
será livrado pela pureza de tuas mãos.

OITAVO POEMA DE JÓ

23

¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

Ausência de Deus

- 7,11; 10,1
- ² Também hoje minha queixa é rebelde,
quando minha mão reprime o meu gemido.

j. O gr. lê: *longe dele*.

k. Em hebr. *torah*, palavra que é empregada aqui no seu sentido original.

- ³ Ah, se soubesse onde encontrá-lo,
eu chegaria a seu trono! 9,11; 23,8-9
- ⁴ Exporia ante ele a minha causa,
encheria minha boca de argumentos.
- ⁵ Saberá as palavras que me responde,
compreenderia o que tem para me dizer. 38-41
- ⁶ Seria violência seu argumento?
Não, ao menos ele me atenderia.
- ⁷ Então, um homem reto com ele pleitearia;
e, vitorioso, eu escaparia de meu juiz. 9,35; 13,13
- ⁸ Mas vou ao Oriente, ali não está;
vou ao Ocidente, não o percebo. 9,11
- ⁹ Está ocupado no Norte, não o descubro,
escondido no Sul, tampouco o vejo.

Presença de Deus

- ¹⁰ Contudo, ele sabe qual é meu caminho;
se quiser me provar, sairei puro como o ouro. SI 139,1-6
Pr 17,3;
Zc 13,9;
1Pd 1,7
SI 17,3,5
- ¹¹ Ao seu rastro apegar-se meu pé,
guardei a sua via e não me desviei,
o preceito de seus lábios, e não resvalci.
Prezei os seus decretos mais que meus princípios. 22,22
- ¹³ Ele tem uma só palavra, quem o fará voltar?
O que ele quer, eis o que é feito. SI 115,3;
Is 46,10;
Dn 4,32
- ¹⁴ A sentença a meu respeito executará,
como tantas outras, que guarda consigo.
- ¹⁵ Eis por que sua presença me perturba.
Mais reflito nisso, mais o temo. SI 119,120
- ¹⁶ Deus amoleceu minha coragem
o Poderoso me transtornou. 16,12
- ¹⁷ Diante¹ das trevas não fui aniquilado,
mas não me poupou da escuridão à minha frente^m.

Injustiça da sociedade

24

- ¹ Por que o Poderoso não marca prazos?
Por que seus fiéis não vêem os seus dias? Dt 19,14;
27,17;
Pr 22,28;
23,10
- ² Deslocam-se os marcos dos terrenos,
conduzem-se a pastar rebanhos surripiados;
levar-se embora o jumento que é do órfão,
toma-se em penhor o boi que é da viúva. Dt 24,17
- ⁴ Os indigentes são descartados do caminho,
todos os pobres da terra têm de se esconder. Dt 15,11
Pr 28,12,28
- ⁵ Como asnos selvagens no deserto
saem cedo para o trabalho, em busca de comida;
é a estepe que dá alimento aos seus filhosⁿ. 30,3-5
- ⁶ Nos campos cortam para si alguma forragem,
rebuscam a vinha do mau.

1. O sentido do hebr. é ambíguo: ou *longe da face*, ou *pela proximidade*.

m. Lit. *e longe de minha face ele não cobriu a escuridão*.
n. Lit. *a estepe é, para ele, o pão para os jovens*.

Dt 24,12-13

⁷ Por lhes faltar a roupa passam a noite nus e contra o frio não têm como se cobrir.

⁸ Ficam embebidos da chuva das montanhas e, não tendo abrigo, estreitam os rochedos.

Am 2,6;
8,6

⁹ Arranca-se o órfãozinho do peito materno e toma-se penhor daquele que é pobre.

¹⁰ Mandam-no andar nu, não lhe deixando roupa; aos famintos ordena-se carreguem os feixes.

Tg 5,4

¹¹ No sítio dos outros vão espremer azeite, e os que pisam o lagar passam sede.

Inutilidade da oração

Ecl 4,1

¹² Na cidade os mortais se lamentam; dos feridos sobe urrando o estertor, mas Deus está surdo a esta infâmia^a.

Sl 94,5-7

Jo 3,19-20

¹³ Os que a causam estão em revolta contra a luz, desconhecaram os seus caminhos, não freqüentaram suas veredas.

Sl 108,9;
37,32

¹⁴ O assassino se levanta de madrugada, mata o pobre e o indigente e, à noite, passa a roubar.

Pr 7,9-10

¹⁵ O olho do adúltero espregueia o crepúsculo; diz a si mesmo: "Olho algum vai me notar", e cobre o rosto com a máscara.

¹⁶ Arromba as casas na escuridão.

De dia vivem escondidos por trás dos muros^b, sem conhecer a luz.

38,15

¹⁷ Para todos eles, a aurora é sombra-da-morte. O gatuno conhece o terror da sombra-da-morte.

¹⁸ Ele flutua como por sobre a água, enquanto a sua parte é maldita sobre a terra. Ele não toma o caminho das vinhas^a.

Dogma e realidade

Sl 49,15

Is 14,11

Is 26,14

¹⁹ "Secura e calor engolem as águas das neves; assim o Sheol, diz-se, engole^c o pecador^d."

²⁰ O seio que o trouxe o esquece, mas os vermes se fartam dele, para sempre sua memória será extinta. A perfídia é cortada como uma árvore."

29,13

²¹ Na realidade^e, há quem sustente estéril que não dá à luz, mas não propicia alegria à viúva^a.

²² Então o que arrebatou com sua força os poderosos, se levanta, e o tal já não tem firmeza na vida^f.

o. Alguns mss. e o sir. lêem: *à oração*.

p. Trata-se das vítimas dos arrombadores de casas ou destes mesmos, que se dissimulam durante o dia, para cometer seus crimes na calada da noite?

q. Sentido provável: pouco lhe importa que sua vinha seja maldita por seus concidadãos, pois já pegou o campo agreste.

r. Assim, se diz e engole estão subentendidos o hebr.

s. Lit. *aqueles que pecaram*.

t. Na realidade não está no texto. Jó opõe a realidade à tese citada. O sujeito desta frase e das seguintes é o pecador.

u. Aqui e em 29,13, *dar alegria à viúva* é, sem dúvida, exercer a seu favor a lei do levirado (Dt 25,5-10; cf. já Gn 38,1-30). Este comportamento generoso é aqui oposto ao egoísmo de uma coabitação infecunda.

v. O egoísta sente medo na ocasião de qualquer provação, ainda que esta não dure mais que um instante.

- ²³ Deus, porém, o deixa firmar-se em tranqüilidade,
enquanto seus olhos vigiam o proceder dos outros". 21,30
- ²⁴ Por pouco tempo, são elevados; daí a pouco, nada. 21,13
Caem por terra como todos os que são ceifados;
eles serão cortados como as espigas*.
- ²⁵ Se não for assim, quem me desmentirá,
quem reduzirá meu discurso a nada?

TERCEIRO POEMA DE BILDAD

25 ¹ Então, Bildad de Shûah tomou a palavra e disse:

A soberania de Deus

- ² A ele o domínio e o terror,
a ele que nas alturas estabelece a paz. Is 24,21;
40,26;
- ³ Suas legiões, alguém pode contá-las? Sr 43,10;
Ap 12,7-10
- ⁴ Que homem^y ganharia na justiça contra Deus? 4,17; 9,2
Por puro passaria quem nasceu de mulher? 15,14; 14,4
- ⁵ Se até a lua perde o seu brilho
e as estrelas não são puras a seus olhos,
- ⁶ que dizer do homem, esse verme,
do filho de Adão, essa larva? 4,19

NONO POEMA DE JÓ

26 ¹ Então, Jó tomou a palavra e disse:

Réplica a Bildad

- ² Que bela assistência dás ao sem-força, 16,2; 21,34
que bom socorro ao braço sem vigor!
- ³ Como aconselhas o que não tem sabedoria,
quão grande saber exhibes!
- ⁴ A quem se dirigem tuas palavras,
de quem é a inspiração que desborda de ti? IRs 22,24

Transcendência de Deus

- ⁵ Mais fundo que as águas e seus habitantes
estremecem os trespassados^z. SI 88,11
- ⁶ Diante dele, desnuda-se o Sheol Pr 15,11
e o abismo apresenta-se sem véu. SI 139,8;
11-12
- ⁷ Ele estende o Setentrião sobre o vazio
e sobre o nada suspende a terra*; 38,6,22
- ⁸ nas suas nuvens armazena as águas,
e a nuvem não cede sob o peso; 37,18

w. Sua prosperidade volta a reafirmar-se, ao passo que a serenidade de tantos outros, como Jd, continuamente se sente roída pela consciência.

x. É em plena prosperidade que os egoístas se afundam subitamente, sem ter de passar por agonia.

y. Lit. *os refaim*. — Na sua breve intervenção, Bildad se ins-

pira na admoção do espectro de Elifaz (4,17-19).

z. Retomando o tema esboçado em 9,5-13, o poeta prepara o grande afresco dos discursos do Senhor.

a. A idéia aqui expressa parece diferir daquela que, em 38,4.6, apresenta a terra solidamente *fundada*, cujos pilares se afundam, repousando sobre *uma pedra angular*.

Gn 1.2.7;
Pr 8.27;
Gn 1.4.14

- ⁹ ele subtrai a vista do seu trono,
estendendo sobre ele a sua nuvem.
¹⁰ Traçou um círculo sobre a face das águas
nos confins da luz e da escuridão.
¹¹ Vacilam as colunas dos céus
e se apavoram diante de sua ameaça.
¹² Com sua força fendeu o Oceano^b,
com sua inteligência esmagou Rahab^c.
¹³ Seu sopro varreu os céus,
sua mão traspassou a Serpente fugidia^d.
¹⁴ Se tais são as franjas de suas obras,
o frágil eco que delas percebemos,
quem entenderá o trovão de suas façanhas?

Is 51.9
37.21
Sr 43.32

DÉCIMO POEMA DE JÓ

29.1 **27** ¹ E Jó continuou pronunciando seu poema e disse:

Juramento de inocência

- 34.5 ² Certo como vive Deus, que me nega justiça,
o Poderoso, que me amargura a vida,
³ enquanto houver em mim alento
e o sopro de Deus estiver nas minhas narinas,
Gn 2.7 ⁴ juro que meus lábios não falarão perfídia
nem citará falsidade a minha língua.
6.28-30;
42.7-8 ⁵ Seria abominação dar-vos razão!
Até expirar, sustentarei minha inocência.
17.9 ⁶ À minha justiça me apegarei, não a largarei!
Nenhum de meus dias a consciência me reprova.
⁷ Que meu inimigo se torne como o malvado;
meu adversário, como o malfetor!
8.19;
Lc 12.20 ⁸ Pois dizeis: "Que vantagem o ímpio espera
no momento de Deus tirar-lhe a vida?"
⁹ Será que Deus vai ouvir seu grito,
quando a desgraça o surpreender?
22.26 ¹⁰ Se ele se tivesse deleitado no Poderoso,
teria invocado Deus a todo momento!"

Tese do conformismo

- 6.10 ¹¹ Vou ensinar-vos a respeito da mão de Deus;
não esconderei o que pensa o Poderoso.
¹² Pois isto, todos vós já constatastes;
por que então vos dissipar em vãs noções?
20.29 ¹³ Eis a porção que Deus reserva ao mau,
a parte que o opressor receberá do Poderoso^f:

b. A transcendência de Deus sobre o universo pode ser expressa por dois temas: Deus criando todas as coisas ou Deus triunfando sobre o Oceano revoltado. Este segundo tema, típico do triunfo de Marduk, no mito babilônio, já se deixou entrever em 7.12 e reaparecerá em 38.8-11.

c. Cf. 9.13.

d. Qualificativo do *Sinuoso* (cf. 3.8; 40.25-41.26; Is 27.1 e antigos textos fenícios).

e. Subentendido no hebr. De acordo com o estado atual do texto, os vv. 8 a 10 parecem representar, na realidade, a opinião dos amigos.

f. Segundo o estado atual do texto, Jó quer provar a seus

- ¹⁴ "Se tiver muitos filhos, será para a espada,
e aos seus descendentes faltará o pão.
- ¹⁵ Os que restarem, a peste os enterra,
sem que as viúvas os possam prantear. 18,13;
Jr 15,2;
Ap 6,8
- ¹⁶ Se a prata ele acumula como pó,
e amontoa vestes como se fosse argila, Tg 5,3
- ¹⁷ que amontoe, então, e o justo vai vesti-las,
e a prata, o homem honesto receberá. 20,10
- ¹⁸ Fez sua casa como a faz a traça*,
como a choça erguida pelo vigia. 8,14
- ¹⁹ Rico se deita, mas é a última vez;
abre os olhos: não tem mais nada. Lc 12,20
- ²⁰ Os terrores o alcançam como vagas. 20,25
Em uma noite, um furacão o arrebatou. 34,25
- ²¹ O vento do deserto o leva, e ele se vai,
o vento o arranca de seu lugar.
- ²² Sem compaixão ele é alvejado
e tenta escapar da mão do arqueiro. 33,18; 36,12
- ²³ Sua ruína é saudada com palmas,
sob vaias deve sair de sua casa.

ELOGIO DA SABEDORIA

Inacessível à técnica

- 28** ¹ Sim, há minas de onde se extrai a prata 1Rs 10,22
e lugares onde se refina o ouro.
- ² O ferro é extraído do solo, Dt 8,9
a pedra é fundida, e dá cobre.
- ³ O homem já pôs fim^a às trevas,
vai escavando, até o mais profundo, 28,10
a pedra escura na sombra-da-morte.
- ⁴ Abriram galerias longe de onde se mora; 28,10
e lá, inalcançáveis aos nossos passos,
pendem oscilando, longe dos humanos.
- ⁵ A terra de onde procede o pão SI 104,14
foi revolvida por dentro como por um fogo.
- ⁶ Seus rochedos são jazidas de safira, 28,16
e lá se encontra o pó do ouro.
- ⁷ Trilha desconhecida às aves de rapina,
o olho do abutre não a descobriu.
- ⁸ As feras não pisaram nesta vereda, 41,26
não foi o leão que a abriu.
- ⁹ Puseram-se a explorar a sílica;
arrasaram montanhas desde a raiz.
- ¹⁰ Nas rochas abriram redes de galerias
e tudo o que é precioso o olho humano viu.
- ¹¹ As fontes dos rios estancaram^b
levou-se à luz o que estava escondido.

amigos que ele conhece os manuais de apologética tão bem quanto eles. O enunciado das teses conformistas servirá de cinzel para esculpir o elogio da Sabedoria (28,1-8).

g. Isto é, crê-se que se constrói, quando, de fato se destrói.

h. Aqui e até o v. 11, cada um dos passados compostos dos verbos evoca iniciativas técnicas que revolveram a terra para arrancar-lhe seus tesouros.

i. A escavação das minas modifica gravemente os lençóis freáticos.

Inacessível ao Abismo

- 28,20;
Ecl 7,23-24
Br 3,15,31
- 12 Mas onde encontrar a sabedoria,
onde reside a inteligência?
- 13 O preço dela é desconhecido pelos humanos:
ela não se encontra na terra dos vivos.
- 14 O Abismo declara: "Comigo não está".
O Oceano diz: "Não se encontra comigo".
- Pr 2,4;
3,14
- 15 Ela não se troca por ouro maciço,
nem se compra a preço de prata.
- 22,24
- 16 O ouro de Ofir não chega a seu valor,
e nem o precioso ônix, nem a safira.
- 28,6
- 17 O ouro e o cristal não a igualam,
por um vaso de ouro fino não se troca.
- Sh 7,9
- 18 Coral, cristal, nem se mencionam.
Melhor pescar a sabedoria que pérolas.
- Pr 3,15
- 19 O topázio de Kush não vale o preço dela,
nem ouro puro tem o seu valor.

Acessível ao Criador

- 28,12;
Sr 1,6
Br 3,15-31
- 20 Mas a sabedoria, de onde vem,
onde reside a inteligência?
- 21 Ela se esconde aos olhos de todo vivente,
está oculta aos pássaros do céu.
- 26,6;
27,15
- 22 O abismo e a morte declaram:
"Nossos ouvidos souberam de sua fama".
- 23 Deus discerniu o caminho até ela.
Ele ficou sabendo onde ela mora.
- 24 Foi quando pôs o olhar nos confins do mundo
e inspecionava tudo debaixo dos céus
- 36,27-28;
Is 40,12-14
- 25 para calibrar o peso do vento
e fixar a medida das águas.
- 26 Quando demarcou fronteira à chuva
e abriu caminho à nuvem do trovão,
- Sr 1,8-9,19
- 27 então é que ele a viu e descreveu,
a discerniu¹ e até a perscrutou.
- Br 3,32
- 28 Depois, é que ele disse ao homem:
"O temor do Senhor, esta é a sabedoria.
Manter-se longe do mal, o entendimento"^{k1}
- Pr 1,7;
9,10;
Sl 111,10

DÉCIMO PRIMEIRO POEMA DE JÓ

27,1 **29** ¹ Então, Jó continuou pronunciando seu poema e disse:

A felicidade de outrora

- ² As luas de outrora, quem mas fará reviver,
os dias em que Deus velava por mim?
- ³ À minha frente sua lâmpada brilhava
e na noite eu andava à sua luz;

j. Segundo alguns mss. e certas edições do hebr.

k. Este elogio, que celebrava a sabedoria como o apanágio do Altíssimo, resulta numa equivalência bem conhecida de todo

israelita (cf. 1.1.8; 2,3). O mesmo contraste manifestava-se no fim do elogio da Sabedoria de Pr 8,22-31 e constituirá o objeto de uma afirmação categórica em Sr 24,23.

- ⁴ como eu era no meu fecundo outono¹,
quando a amizade de Deus pousava sobre minha tenda,
⁵ quando o Poderoso ainda estava comigo
e os meus filhos, em redor de mim;
⁶ quando eu lavava os meus pés na coalhada
e a rocha manava torrentes de azeite.
⁷ Quando saía para a porta da cidade,
e na praça ocupava meu assento,
⁸ à minha vista os moços se retiravam,
os idosos se levantavam e ficavam em pé.
⁹ Os notáveis interrompiam seus discursos
e cobriam a boca com a mão.
¹⁰ Emudecia-se a voz dos chefes,
a língua se lhes colava ao palato.
¹¹ O ouvido que me ouvia chamava-me feliz,
o olho que me via dava testemunho de mim.
¹² Pois eu salvava o pobre implorando ajuda
e o órfão desprovido de socorro.
¹³ A bênção do moribundo descia sobre mim
e o coração da viúva eu alegrava^m.
¹⁴ Vestia-me de justiça: ela era minha veste.
Meu direito me servia de manto e turbante.
¹⁵ Eu me tornei os olhos do cego,
os pés do inválido era eu.
¹⁶ Para os indigentes eu era um pai;
a causa de um desconhecido eu dissecava.
¹⁷ Eu quebrava o queixo do injusto,
arrancava a presa de seus dentesⁿ.
¹⁸ Dizia-me: "Ao expirar, no meu ninho,
como a fênix vou multiplicar os meus dias".
¹⁹ A água ainda alcança minha raiz^p,
o orvalho passa a noite na minha ramagem.
²⁰ Minha glória há de reencontrar o frescor
e na minha mão meu arco rejuvenescerá^q.
²¹ Escutavam-me com atenção,
em silêncio, acatavam minha opinião.
²² Depois de eu ter falado, ninguém replicava,
gota a gota caíam neles minhas palavras.
²³ Esperavam-me como se espera a chuva,
abriam a boca como para aguaceiro tardio.
²⁴ Eu lhes sorria, quase não acreditavam;
ávidos colhiam todo sinal de meu favor^a.
²⁵ Mostrava-lhes o rumo, sentava como chefe,

SI 25,14;
Pr 3,32SI 127,3-5;
128,3

20,17

5,4

Lv 19,32

21,5; 40,4;
Sh 8,126,14; 31,16,
19-20;
SI 72,1222,9;
31,17-18
24,21; 31,16
SI 132,9;
Is 59,17
19,9

Pr 29,7

22,8;
Is 11,4;
Pr 30,14SI 103,5;
Is 40,31
SI 1,3
15,3230,11;
Gn 49,24
Sh 8,12

Dt 32,2

Pr 16,15

1. Em Israel, o *outono* evoca, não a morte da natureza, e sim o pleno rendimento da sua fecundidade.

m. O moribundo expirava reconfortado pela certeza de que Jó cumpriria o levirado (cf. 24,21).

n. No antigo Oriente, a mais bela realização dos legisladores foi a de dirigir o desejo de poder dos homens para o restabelecimento da justiça ao redor de si. Um homem influente punha

em jogo seu brio no afã de denunciar e reparar os erros, tornando-se, desta maneira, *redentor* (cf. 19,25 nota).

o. Pássaro mitológico, célebre pela longevidade e capacidade de rejuvenescimento.

p. Lit. *Minha raiz está aberta à água*.

q. Lit. *e a luz da minha face eles não deixavam cair*.

acampava como um rei no meio das tropas,
como quem consola os enlutados.

A miséria de agora

30

¹ E agora sou a gargalhada
dos mais jovens do que eu,
cujos pais eu teria desdenhado contar
entre os cães de meu rebanho.

² Que teria eu feito com o esforço de seus braços,
desses homens cujo vigor já pereceu?"

³ Pela miséria e a fome ressequidos
andam roendo o que há na estepe,
lúgubre e vasta solidão.

⁴ Andam colhendo malvas* nos arbustos,
a raiz da giesta é seu pão.

⁵ São banidos da sociedade humana',
que os vaia como a ladrões;

⁶ abrigam-se no flanco dos precipícios,
nos antros da terra e nas cavernas.

⁷ Do meio dos arbustos sai seu bramido,
debaixo dos espinheiros se amontoam,

⁸ filhos do infame, filhos do sem-nome",
expulsos da terra a cacetadas.

⁹ Eu agora sou tema de suas trovas,
eis-me transformado em sua zombaria.

¹⁰ Eles me abominam e ficam longe,
sem inibição cospem no meu rosto.

¹¹ Visto que Deus soltou meu arco¹ e me derrubou,
eles se desenfreiam diante de mim.

¹² À minha direita levanta-se a canalha";
fazem-me arredar pé,
abrem acesso² para me pôr a perder.

¹³ Eles me impedem a retirada,
ocupam-se de minha ruína;
não precisam de socorro.

¹⁴ Afluem como por uma brecha³,
atropelando-se por entre escombros.

¹⁵ O pavor investe contra mim.
Num golpe de vento, varre minha estima;
minha felicidade passa como nuvem.

¹⁶ Agora, a vida se me escorre por dentro,
os dias da aflição me oprimem.

¹⁷ A noite penetra meus ossos e me estraçalha,
meus nervos sofrem sem interrupção.

r. Lit. *sobre eles tinha perecido o vigor*.

s. Planta salgada que simbolizava, segundo o Talmud, o alimento dos tempos de fome.

t. *Humana*: acrescentado ao texto.

u. Isto é, o homem que faltou gravemente a certas obrigações sociais. Sua família não terá descendência que leve seu nome

(cf. Dt 25,10).

v. Lit. *minha corda*.

w. Lit. *uma ninhada* (de víboras) *à minha direita*.

x. Lit. *constroem seus aterros* (para forçar uma cidade sitiada).

y. Lit. *como uma larga brecha eles chegam*.

- ¹⁸ Por sua violência se estraga^a a minha veste;
como a gola de minha túnica, ele me estrangula.
- ¹⁹ Ele me arremessou na lama.
Eis-me, feito pó e cinza. 9,31
- ²⁰ Eu grito a ti, e não me respondes;
estou diante de ti, e teu olhar me traspassa. 13,22; 19,7
- ²¹ Tornaste-te um carrasco para mim
e me esmagas com a força de teu punho. 10,16-17;
16,14
- ²² Sobre os corcéis do vento me transportas
e me dissolves dentro da borrasca.
- ²³ Eu sei: tu me conduzes para a morte,
o encontro de todos os viventes. Gn 3,19;
Ecl 12,5
- ²⁴ Inútil invocá-lo quando levanta a mão^a,
ainda que seus flagelos arranquem gritos.
- ²⁵ Contudo, não chorei com os que penam?
Ao ver o pobre não se me constrangeu o coração? Sl 35,14;
Rm 12,15
29,12-17
- ²⁶ Mas quando aguardava o bem, chegou o mal.
A luz eu esperava... a sombra veio. Jr 8,15
Is 59,9
- ²⁷ Minhas entranhas se agitam sem cessar
e dias de aflição se abatem sobre mim. Sl 38,8;
Jr 4,19
- ²⁸ Estou tisonado, mas não pelo sol.
Em plena assembléia levanto-me e grito. Lm 4,8
- ²⁹ Eu entrei na ordem dos chacais
e na confraria das corujas^b. Mq 1,8
Sl 102,7-8
- ³⁰ Cai a minha pele, enegrecida,
queimam-se-me os ossos, e ressecam. Lm 3,4
- ³¹ Minha harpa está afinada para o lamento
e minha flauta, para a voz dos pranteadores. Am 8,10;
Lm 5,15

Protesto de inocência

- 31** ¹ Concluí um pacto com meus olhos:
não fixar o olhar numa virgem^c. Sn 9,5
- ² Pois que sorte Deus no alto reserva,
que herança o Poderoso destina desde os céus? 27,13
- ³ Não é ruína para os perversos
e desgraça para os malfetores?
- ⁴ Será que ele não vê meu proceder,
não conta todos os meus passos? 34,21
14,16
- ⁵ Fiz caminho com a falsidade?
Meu pé se apressou para o engano?
- ⁶ É só pesar-me em balança justa,
e Deus atestará minha integridade. Pr 16,2;
21,2
Sl 7,9; 17,2
- ⁷ Se meus passos se transviaram,
se meu coração seguiu meus olhos,
se uma mancha me impregnou as mãos, Nm 5,19-22;
Jz 17,2;
1Rs 8,31

z. Lit. *se disfarça*.

a. Isto é, para bater (cf. 1,11) ou para ordenar o castigo.

b. Outros traduzem *avestruzes*.

c. Esta escrupulosa pureza do olhar é um presságio do ensinamento sobre a pureza do coração que nos trará o Sermão da Montanha (Mt 5,28).

- Pr 6,25;
Ecl 7,26
- Dt 22,22;
Pr 6,32;
Jo 8,4-5
- Ex 21,2-3;
Lv 25,39-43;
Dt 5,14;
Jr 34,8-9
- Pr 17,5;
22,2
- 6,14;
29,12-13;
Is 58,7;
Th 4,7-11,16
22,9; 29,13
- 22,7
- 22,9
- 22,6
- Dt 24,13
22,9;
- Sl 82,3
- Sl 119,120
22,24-25;
Pr 11,28;
Sl 49,7; 52,9;
Mc 10,23-25;
Lc 12,19-20
Dt 4,19;
17,3;
Sh 13,2;
Jr 8,2;
Ez 8,16
- Pr 24,17;
Mt 5,44
- Is 58,10
- ⁸ um outro coma o que eu semeio
e sejam arrancados meus rebentos.
- ⁹ Se uma mulher seduziu meu coração,
se espreitei a porta do vizinho,
- ¹⁰ minha mulher gire a mó para um outro,
e outros se deitem sobre ela,
- ¹¹ pois tal coisa teria sido infâmia,
crime que o meu juiz deve punir,
- ¹² fogo devorando-me até a perdição,
arruinando o meu fruto até a raiz.
- ¹³ Se de servo ou de serva o direito eu feri,
nos seus litígios comigo,
- ¹⁴ que farei, quando Deus se levantar?
Quando me interrogar, que lhe responderei?
- ¹⁵ Quem me criou no ventre não os fez também?
É o mesmo Deus que no útero nos formou.
- ¹⁶ Recusava eu a súplica dos pobres,
deixava o olho da viúva languescer?
- ¹⁷ Comia o meu bocado sozinho
sem que parte fosse para o órfão?
- ¹⁸ — Eu, ainda moço, o criava como se fora seu pai,
e desde o ventre materno fui o guia da viúva. —
- ¹⁹ Vi um pobre desprovido de roupa,
um indigente não tendo como se cobrir,
- ²⁰ sem que os seus rins me abençoassem
e com velo de meu rebanho ele se aquecesse?
- ²¹ Se levantei a mão contra um órfão,
aproveitando-me de meu apoio no tribunal,
- ²² arranque-se das costas o meu ombro
e parta-se meu braço ao cotovelo.
- ²³ Não! O castigo de Deus apavorava-me,
impotente diante de sua majestade.
- ²⁴ Se depusitei no ouro a minha confiança,
se disse ao metal nobre: “Minha segurança”,
- ²⁵ se me agradei na abundância de meus bens
e no bom lucro que ganharam minhas mãos,
- ²⁶ se, ao contemplar o resplender da luz
e o trajeto radioso da lua,
- ²⁷ em segredo deixei seduzir meu coração
e minha mão lhes atirou beijos da minha boca,
- ²⁸ também isso seria um delito para meu juiz punir,
pois teria renegado a Deus no alto.
- ²⁹ Alegrei-me com a ruína do inimigo?
Pulei de prazer quando a desgraça o feriu?
- ³⁰ Eu, que a minha boca não permitia pecar,
desejando-lhe a morte sob impreciação?
- ³¹ Não comentavam os meus hóspedes:
“A quem não saciou com carne?”

- ³² O migrante não passava a noite fora,
ao viajante abria a minha porta. Gn 19,2;
Jz 19,20
- ³³ Qual Adão, terei dissimulado minhas revoltas,
escondendo minha falta no meu peito, Gn 3,10
- ³⁴ por temer a opinião da multidão
e por medo do desprezo das famílias,
que me forçaria a calar e não mais sair? Pr 29,25

Último desafio

- ³⁵ Quem me dará quem me escute?
Eu me inscrevo! Responda o Poderoso!
E o libelo escrito por meu adversário, 13,17,22
- ³⁶ vou exibi-lo posto no meu ombro,
ornar-me-ei com ele por coroa. 13,19,23
- ³⁷ Dos meus passos vou dar-lhe conta
e preparar-lhe acolhida principesca^d.
- ³⁸ Se minha gleba contra mim protestou,
se seus sulcos romperam em lágrimas, Hab 2,11
- ³⁹ se sua força me alimentou sem eu pagar,
se fiz expirar seus administradores, Jr 22,13
- ⁴⁰ que então em vez de trigo nela cresça espinho
e erva fedorenta, em vez de cevada. Gn 3,18
- Aqui terminam as palavras de Jó^e.

A ARENGA DE ELIHU

- 32** ¹Então os três homens desistiram de responder a Jó, uma vez que ele se considerava justo. ²Mas Elihu se encolerizou. Era o filho de Barakel, o buzita, do clã de Ram. Irou-se contra Jó, porque este se pretendia mais justo que Deus. ³Encolerizou-se igualmente contra seus três amigos, por não terem achado resposta e por terem reconhecido que Deus^f era culpado. ⁴Ora, Elihu evitava falar a Jó, porque os outros eram mais idosos do que ele. ⁵Mas, vendo aqueles homens sem resposta na boca, encolerizou-se. 12,12;
Lv 19,32
32,15

Gn 22,21;
Jr 25,23
16,17;
23,10-13;
27,2-5

PRIMEIRO DISCURSO DE ELIHU

- ⁶ Então Elihu, filho de Barakel, o buzita, tomou a palavra e disse:

Sabedoria e juventude

- Eu sou ainda jovem
e vós já sois idosos. 15,10
Por isso estava com medo e temor
de vos expor o meu saber.
- ⁷ Eu me dizia: "A idade há de falar,
os muitos anos ensinarão a sabedoria". 8,8; 12,12;
Sr 25,4-6
- ⁸ Mas, na realidade, no homem, é o sopro,
o hálito do Poderoso que dá entendimento. Is 11,2;
Gn 41,38-39;
Dn 13,45

d. Lit. como um príncipe eu o abordarei.
e. Incapaz de convencer nem seus amigos nem a Deus de sua inocência, Jó termina suas palavras com uma seqüência de

maldições condicionais (vv. 7-40), que constituem, de fato, um juramento de não-culpabilidade.

f. Hebr. *Jó* (correção dos escribas).

Sb 4,8-9;
Dn 13,52-53

⁹ Ser ancião não torna sábio,
e os idosos não discernem o direito^a.
¹⁰ Por isso é que eu digo: "Escuta-me,
e eu também vou te expor o meu saber".

Tg 1,19

¹¹ Olhai, estava confiando em vossos discursos,
prestava ouvido a vossos arrazoados,
à vossa crítica às palavras dele.

¹² Tenho-vos acompanhado com atenção,
mas nenhum de vós deu resposta a Jó,
nenhum de vós refutou suas palavras.

36,22

¹³ E não digais: "Nós encontramos a sabedoria,
só Deus pode vencê-lo, um homem não".

35,4

¹⁴ Não foi a mim que dirigiu o seu discurso,
nem é com vossas declarações que lhe responderei.

11,3

¹⁵ Ei-los desconcertados, não respondem;
faltam-lhes palavras.

¹⁶ Por que esperar? Eles não falarão,
eles já terminaram de replicar^a.

¹⁷ Darei então a réplica por minha conta,
vou eu também expor o meu saber.

4,2

¹⁸ Pois de palavras eu me sinto prenhe,
impele-me o sopro do meu ventre.

15,2

Jr 20,9

¹⁹ Em meu ventre, há como vinho sem respiradouro,
como odres novos prestes a explodir.

Mt 9,17

4,1

²⁰ Que eu fale, pois, para poder respirar.
Abrirei os lábios e replicarei.

13,7-10

²¹ Eu me proíbo favorecer alguém
e lisonjear seja lá quem for.

Sl 12,3-4

²² Aliás, não sei como lisonjear,
pois logo me arrasaria aquele que me fez.

O intercessor

33,31

33

¹ Escuta, pois, ó Jó, o meu discurso,
presta ouvido a todas as minhas palavras.

² Eis que abro agora a boca,
desde o palato a minha língua fala.

³ Fala a retidão de minha consciência¹,
meus lábios dirão a pura verdade.

Sl 33,6:

104,30

27,3

33,32

⁴ O sopro de Deus me criou,
a inspiração do Poderoso me faz viver.

⁵ Se és capaz, responde-me,
argumenta contra mim, toma posição!

⁶ Olha, perante Deus, sou teu igual,
eu também fui modelado na argila!

10,8-9:

Gn 2,7

13,21

⁷ Olha, não deve espantar-te o pavor de mim,
minha autoridade não te abalará.

g. Manifestação de um espírito contestatário, raro nos livros sapienciais e que agride os princípios sustentados pelos amigos (8,8-10; 15,10.18).

h. Jó continuou a discorrer sem que Bildad encontrasse novos

argumentos e sem que, no estado atual do texto, Sofar falasse uma terceira vez; diante disso Elihu conclui que seus amigos mais velhos tinham perdido o fôlego.

i. Lit. A retidão do meu coração minhas palavras.

- ⁸ Mas falaste perante meus ouvidos,
ainda escuto o som de tuas palavras:
- ⁹ “Eu sou íntegro, sem pecado, 16,17
eu sou limpo, isento de falta;
- ¹⁰ mas Deus inventa queixas contra mim 9,20,29
e trata-me como a seu inimigo. 19,11
- ¹¹ Ele retranca os meus pés nos ferros
e espia todos os meus rastros!” 7,17-19;
- ¹² Vê, te digo: aí não tens razão. 10,6
Pois Deus é muito mais que o homem.
- ¹³ Por que moveste causa contra ele, 13,18;
àquele que não presta contas de nenhum de seus atos? 23,13-14
- ¹⁴ Ora, Deus fala num primeiro modo,
depois num outro, mas não se presta atenção:
- ¹⁵ no sonho, na visão noturna, 4,13;
quando o torpor abala o ser humano Gn 20,3;
adormecido sobre o seu leito. 41,25;
- ¹⁶ Então abre os ouvidos dos humanos, Nm 12,6
sela as advertências que lhes dirige. Gn 15,12
- ¹⁷ a fim de afastar o homem de seus atos 36,10,15
e evitar que se ensoberbeça o valente. 36,7
- ¹⁸ Preserva assim da cova sua existência
e o impede de expor a vida ao dardo. 36,12
- ¹⁹ Às vezes, repreende-o pela dor, no leito;
nos seus ossos a luta não tem fim. 5,17-18
- ²⁰ Então, o pão lhe causa náusea, 30,17
comida fina já não lhe apetece. Sl 107,18
- ²¹ A olhos vistos, ele vai se enfraquecendo,
salientam-se os ossos que antes não se viam. 19,20;
- ²² Então seu corpo abscinde-se da cova 16,8
sua vida é entregue aos exterminadores.
- ²³ Mas, se houver um anjo^k para ele, 7b 12,12;
um intérprete entre mil, Zc 1,12
para dar a conhecer ao homem seu dever,
- ²⁴ que dele tenha compaixão e diga:
“Livra-o de descer à cova,
encontrei o seu resgate!”
- ²⁵ Sua carne então recobra a seiva juvenil 29,18,20;
e ele volta à mocidade. Sl 103,5
- ²⁶ invoca Deus, que nele se compraz, 19,27
com gritos de alegria vê a face
daquele que ao homem faz justiça;
- ²⁷ e, cantando ante os homens diz:
“Eu pequei, violei o direito,
mas ele não se comportou como eu. Sl 103,10;
Rm 6,23

j. Cf. 10,7: Elihu reitera a Jó a repreensão que Sofar lhe fizera (11,34).

k. Este anjo que assume guiar alguém e interceder por ele, esboça um tema que reaparecerá, mais tarde, no judaísmo (cf. Dn 9,21-23; 7b 12,12). Até então, o Adversário era o único

personagem celeste a interpor sua liberdade entre a de Deus e a do homem (1,9-11; 2,4-5). Jó, entretanto, reclamou a intervenção de um árbitro (9,33), e ele sabe que possui uma testemunha (16,19), um redentor (19,25).

²⁸ Resgatou minha existência à beira da cova
e minha vida contemplará a luz!"

²⁹ Eis tudo quanto Deus realiza,
duas e três vezes, para o homem,
³⁰ para retirar sua existência da cova,
iluminá-lo com a luz dos vivos.

³¹ Presta atenção, Jó, escuta-me:
cala-te, sou eu que vou falar.

³² Se tens palavras para me responder,
fala! Eu desejo te justificar.

³³ Caso contrário, cabe-te escutar-me.
Silêncio, a sabedoria vou te ensinar.

SEGUNDO DISCURSO DE ELIHU

34 ¹ Então Elihu retomou a palavra e disse:

Os erros de Jó

² Sábios, escutai os meus discursos,
e vós, que sabeis, prestai-me atenção.

³ Pois o ouvido saboreia os discursos
como o paladar degusta a comida.

⁴ Vamos discernir o que é justo,
entre nós reconhecer o que é bom.

⁵ Não disse Jó: "Eu sou justo,
mas Deus me nega a justiça;

⁶ procuro justiça, me chamam mentiroso;
uma flecha feriu-me de morte sem eu ter pecado!"?

⁷ Existe varão igual a Jó?

Ele bebe o sarcasmo como água.

⁸ Ele caminha na companhia dos malfetores,
acerta os passos com os dos malvados.

⁹ Não andou dizendo: "O homem nada ganha
em se comprazer em Deus!"?

A justiça do Poderoso

¹⁰ Escutai-me, homens sensatos!

Será Deus acaso mau?

Pérfido, o Poderoso? — Pensamento abominável!

¹¹ Pois retribui ao homem segundo suas obras
e trata cada um segundo sua conduta.

¹² Em verdade, Deus não age com malícia;
o Poderoso não viola o direito.

¹³ Quem foi que a ele confiou a terra?

Foi um outro que lhe entregou o mundo inteiro?"

¹⁴ Se apenas em si mesmo cogitasse,
se concentrasse em si seu sopro e alento,

Sl 40,3;
Is 38,17

33,1

33,5

12,11

6,6.30

27,2

6,4; 7,20;
16,13

11,3; 15,16

Sl 62,13;
Pr 24,12;
Sr 16,14;
Mt 16,27;
Rm 2,6
8,3
Sh 12,16

12,10;

1. Cf. 22,2. A rabujice de Elihu atribui a Jó algumas das afirmações de Elifaz, que o escandalizaram!
m. Elihu não duvida que Deus governe o universo. Ele nega

que o faça pelo mandato de um ser superior, exercendo, por meio dele, o Seu poder.

- ¹⁵ toda carne expiraria de uma vez
e o homem voltaria ao pó. Sl 104,29;
146,4
Gn 6,3
- ¹⁶ Já que és inteligente, escuta isto
e atende ao som de meu discurso. Gn 3,19
- ¹⁷ Pode reinar um inimigo da justiça?
Condenarias tu o Justo, o Nobilíssimo? Gn 18,25
36,5

O poder do Justo

- ¹⁸ Acaso se diz ao rei: "Não vales nada"?
Os grandes são tratados como criminosos?
- ¹⁹ Só ele não favorece aos príncipes Dt 10,17
e não estima mais o rico que o pobre,
já que todos são obra de suas mãos.
- ²⁰ Num instante, em plena noite, morrem;
o povo se amotina: desaparecem;
sem mão que mexa, um poderoso é tirado. Ex 12,29;
Sh 18,14-16
12,19
- ²¹ Pois Deus tem os olhos na conduta do homem
e todos os seus passos observa. 31,4
- ²² Nem as trevas, nem a sombra-da-morte
são capazes de esconder os malfeitores. Sl 33,14-15;
Jr 32,19
Sl 139,12
- ²³ Não espia por muito tempo o homem
antes que apareça diante de seu tribunal.
- ²⁴ Ele esmaga os fortes sem os inquirir
e no lugar deles coloca outros. Dn 4,14
- ²⁵ Ele desmascara as suas manobras;
numa noite os derruba, são esmagados. 27,20
- ²⁶ Como a criminosos os esbofeteia,
na praça, ante os olhos de todos.
- ²⁷ Pois eles não quiseram mais segui-lo
e ignoraram todos os seus caminhos.
- ²⁸ fazendo a ele chegar o grito do pobre;
e o grito dos oprimidos, ele o ouve! Ex 22,22
- ²⁹ E, se fica impassível, quem o condenará?
Se esconde o rosto, quem vai perscrutá-lo?
Mas ele vela sobre as nações e sobre os homens, 33,13
- ³⁰ não permitindo que reine o ímpio,
nem que se estendam armadilhas para o povo. Lc 1,52

A revolta de Jó

- ³¹ Ora, se alguém disser a Deus:
"Eu expiei, não farei mais o mal. Jr 31,18
- ³² O que não enxerguei, mostra-me tu;
se cometi o mal, não o repetirei". Sl 19,13
- ³³ Que achas, deveria ele punir?... Bem sei, zombas disso".
Assim tu decidiste, mas não eu.
Contudo, dize-me o que sabes.
- ³⁴ Os homens sensatos me dirão,
como qualquer sábio que me escuta:

- 11,2 ³⁵ “Esse tagarela, Jó, não sabe nada,
38,2 ao seu discurso falta a razão”.
- 19,28 ³⁶ Oh! que Jó seja inquirido, até que se retrate
de suas respostas de malcriado;
³⁷ pois, ao seu pecado, acrescenta a revolta,
semeia a dúvida no meio de nós
e acumula críticas a Deus.

TERCEIRO DISCURSO DE ELIHU

35

¹ Então Elihu retomou a palavra e disse:

A impassibilidade de Deus

- ² Pretendes estar no teu direito,
32,2: 36,3 quando dizes: “Sou mais justo que Deus”?”
7,20 ³ Pois declares: “Que te importa,
que ganho em não pecar?”
- ⁴ Eu vou te refutar com meus discursos
32,14 a ti e a teus amigos, de uma vez.
- ⁵ Olha para os céus e vê,
11,8: 22,12 contempla as nuvens, como elas te dominam!
- ⁶ Quando pecas, em que o atinges?
Multiplica tua revolta, que lhe fazes?
- ⁷ Quando és justo, que lhe podes dar?
22,3 De ti recebe alguma coisa?
- ⁸ Tua maldade atinge só teus semelhantes,
Jr 7,19 tua justiça só aos homens aproveita.

Canções na noite

- ⁹ Sob o excesso da opressão, se geme,
Eccl 4,1 de sob o punho dos grandes sai um grito.
- ¹⁰ Mas ninguém diz: “Onde está Deus que me fez?”
Eccl 12,1 Ele que inspira canções na noite,
36,24 que nos instrui melhor que aos animais da terra
12,7 e nos torna mais sábios que as aves do céu”.
- ¹¹ Então se grita, mas ele não responde,
39,17; por causa da soberba dos malvados.
Mt 6,26 ¹² São palavras vazias que Deus não ouve,
o Poderoso não as percebe.
- ¹³ Ora, ousas dizer que não o percebes,
6,26 que tua causa lhe está submetida e que aguardas.
- ¹⁴ Mas se agora não intervém a sua ira,
9,11; e ele ignora tamanha estupidez,
23,2.8-9 ¹⁵ é que Jó abre a boca para futilidades
e amontoa discursos sem sentido.
- 38,2; ¹⁶ é que Jó abre a boca para futilidades
34,35 e amontoa discursos sem sentido.

QUARTO DISCURSO DE ELIHU

36

¹ Depois, Elihu continuou e disse:

A pedagogia divina

- ² Suporta-me um momento, vou instruir-te.
Há mais a alegar em favor de Deus. 21,3
- ³ Vou buscar minha ciência bem longe,
para justificar aquele que me fez. 35,2-10
- ⁴ Pois, decerto, meu discurso não engana;
contigo está quem sabe perfeitamente.
- ⁵ Quão nobre é Deus! Não fala: "Eu zombo!"
É nobilíssimo na firmeza de suas decisões^a. 34,17
- ⁶ Não deixa o mau continuar com vida,
mas faz justiça aos oprimidos.
- ⁷ Não desvia seu olhar dos justos.
Estão eles com os reis, lá nos seus tronos
onde para sempre os instaurou? Eles se exaltam.
- ⁸ E, se se encontram presos, em correntes,
se estão presos nos laços da opressão, 2Cr 33,
11-13
- ⁹ é porque quis mostrar-lhes o que fizeram
suas revoltas quando bancavam heróis.
- ¹⁰ Abriu os seus ouvidos à sua censura 33,16-17;
e lhes disse que deixassem a desordem. 36,15
- ¹¹ Se ouvirem e se submeterem,
terminarão seus dias no bem-estar
e seus anos, em delícias.
- ¹² Mas se não escutarem, expor-se-ão ao dardo 27,22;
e expirarão sem se dar conta. 33,18
- ¹³ Os ímpios, endurecidos na sua fúria,
não o imploram quando os acorrenta;
- ¹⁴ sua existência se extingue na juventude
e sua vida termina entre os prostitutas^r.
- ¹⁵ Mas ao oprimido salva da opressão 5,18
e, pela aflição, lhe abre os ouvidos. 33,16;
36,10

Convite à celebração

- ¹⁶ A ti também ele te quis levar da angústia
para o espaço amplo onde nada incomoda,
com tua mesa servida de manjares saborosos. Sl 118,20
- ¹⁷ Mas, se caíres sob veredicto de condenação,
veredicto e julgamento vencerão.
- ¹⁸ Não te leve à revolta a ameaça do castigo!
Tens com que pagar? Não te enganes!
- ¹⁹ Tua riqueza resolve? Nem mesmo teus lingotes,
nem todos os recursos da força. Lc 12,15-20
- ²⁰ Não suspires por aquela noite
em que os povos serão desarraigados. Am 5,18
- ²¹ Guarda-te de voltar à desordem,
que talvez prefiras à opressão^t.

p. Lit. *Ele não zomba*, alusão a 7,16; cf. 34,33.

q. Lit. *a força do coração*.

r. Lit. *os hieródulos*.

A Torá fará pesar uma pesada condenação moral sobre a pros-

tuição sagrada. É, pois, uma perspectiva de maldição que se evoca aqui.

s. Lit. *Quando é a cólera, que isto não te leve...*

t. O texto dos vv. 18-21 é particularmente obscuro.

- ²² Vê, Deus é soberano em poder,
que mestre ensinará melhor que ele?
²³ Há quem fiscalize sua conduta,
quem lhe diga: "Estás cometendo o mal"?
²⁴ Cuida de celebrar a obra dele,
que cantando os homens elogiam.
²⁵ Todos os humanos a contemplam,
de longe a distingue o mortal.

O Senhor do outono

- ²⁶ Olha, Deus é grande, e não compreendemos.
Não se calcula o número de seus anos.
²⁷ Atrai para si as gotas d'água,
filtra-as em chuva para seu dilúvio,
²⁸ que as nuvens derramam do céu
e espalham sobre a multidão humana.
²⁹ Quem compreenderia o desdobrar das nuvens
e o trovão ribombando sob seu dossel?
³⁰ Eis, desdobrou sobre elas seu relâmpago;
submergiu as fundações^a do Oceano.
³¹ Por meio delas, ele julga^v os povos
e fornece abundante alimento.
³² Encheu as palmas das duas mãos de raios
e os manda acertar o alvo.
³³ O trovão anuncia sua vinda
e os rebanhos pressentem sua chegada.

O Senhor do inverno

37

- ¹ Por causa disso estremece meu coração
e pula fora de seu lugar.
² Escutai, escutai o vibrar de sua voz
e o fragor que sai de sua boca;
³ por todo o firmamento o faz repercutir,
seus raios atingem os confins da terra.
⁴ Depois reboa longe seu rugido,
sua majestade ribomba a plena voz,
e não segura os relâmpagos^w
desde que se faz ouvir sua voz.
⁵ Deus troa a plena voz suas maravilhas,
fá-las grandiosas, mas elas nos escapam.
⁶ Quando diz à neve: "Cai sobre a terra",
quando desencadeia os aguaceiros,
os aguaceiros cheios de poder,
⁷ ela lacra^x as mãos dos homens
para tomarem consciência do que ele faz.
⁸ O animal retorna ao esconderijo
e se agacha dentro de sua toca.

u. Lit. *ele cobriu as raias*.

v. Este verbo designa, muitas vezes, o governo do mundo.

Deus *julga os povos* ordenando às nuvens reter ou liberar a

chuva, sinal manifesto da sua bênção.

w. *Relâmpagos*: acrescentado ao texto.

x. Isto é, ele paralisa a atividade.

- ⁹ O furacão sai estourando de seu quarto
e do vento do norte vem a geada. 9,9
- ¹⁰ Ao sopro de Deus forma-se o gelo
e se consolida a face das águas. 6,16;
38,29-30;
Sr 43,20
- ¹¹ Depois, o tempo bom retira as nuvens,
e dispersa as que carregam raios. 37,21
- ¹² Ele é que as faz girar em círculo,
para que, conforme seu desígnio, cumpram
tudo o que lhes manda sobre a face da terra. SI 104,4;
- ¹³ Trate-se de abalar ou de regar a terra,
ou de abençoá-la, ele é que o delega. 148,8

O Senhor do verão

- ¹⁴ Presta ouvido, Jó, a isto:
pára e considera as maravilhas de Deus. SI 111,2-4
- ¹⁵ Quando Deus as projeta, sabes disso?
Sabes quando na nuvem faz luzir o raio?
- ¹⁶ Sabes como equilibra as nuvens,
maravilhas de um saber seguro? Pr 8,28
- ¹⁷ Tu, a quem as vestes ficam quentes
quando a terra enlanguesce ao vento sul.
- ¹⁸ acaso o ajudaste a laminar as nuvens*,
sólidas qual espelho de metal? 38,4
26,8
- ¹⁹ Mostra-me o que poderíamos dizer-lhe!
— Mas não podemos argüir por causa das trevas.
- ²⁰ Quando eu falo, é mister que alguém o avise?
É preciso dizer-lhe para que fique informado?
- ²¹ De repente não se vê mais a luz,
obscurecida pelas nuvens,
depois sopra um vento que as varre. 26,13
- ²² Do norte vem dourada claridade,
em torno a Deus, esplendor aterrador. Ex 24,16-17;
34,29-30;
- ²³ É o Poderoso, o inatingível,
supremo em poder e em equidade*,
que não oprime quem é grande na justiça. Is 6,5
- ²⁴ É por isso que os homens o temem,
mas ele não leva em conta os que se creem sábios^b.

OS DESAFIOS DO SENHOR

PRIMEIRO DESAFIO DO SENHOR

38 ¹ O SENHOR então respondeu a Jó, do seio da tempestade, e disse: 9,17; 40,6

O soberano da terra

- ² Quem está a denegrir a providência
com discursos sem sentido? 42,3
34,35; 35,16

y. Lit. *Se por um bastão, se por sua terra, se por uma sube-*
doria.

z. O verbo que precede evoca a ação de martelar com que se
achata o metal. Sua raiz é a que originou a palavra *firmamento*

(cf. Gn 1,6).

a. Com Ibn Ezra fazemos passar o termo *equidade* para o
segundo estíquio.

b. Lit. *nenhum sábio de coração.*

- 40,7 ³ Cinge, como um valente, os teus rins,
vou te interrogar e tu me instruirás.
- 15,7; 26,7 ⁴ Onde estavas, quando eu fundei a terra?
Dize-me isso, sábio que és^c.
- Zc 1,16;
2,5;
Jr 31,38-39;
Ap 11,1-2
9,6;
1Sm 2,8;
Sl 104,5;
118,22 ⁵ Sabes quem fixou-lhe as medidas?
Quem estendeu sobre ela o cordel?
- ⁶ Em que imergem as suas colunas,
a pedra angular, quem a lançou,
- ⁷ ao canto coral das estrelas matutinas
e à aclamação dos Filhos de Deus?

O soberano do mar

- Br 3,34-35;
Zc 4,7;
Esd 3,10
7,12 ⁸ Alguém fechou a porta dupla ao Occano,
quando do seio materno irrompeu,
- ⁹ quando eu lhe dava as brumas como vestes
e em densas nuvens o enfaixava?
- ¹⁰ Domei seu ímpeto por meu decreto,
a porta dupla eu lhe aferrolhei
- Sl 104,9;
Pr 8,29 ¹¹ e disse: "Até aqui, não chegues além;
pare aqui a insolência de tuas ondas!"
- Sl 74,16 ¹² Deste algum dia ordens à manhã,
designando posto à aurora,
- ¹³ para agarrar a terra pelas bordas
e dela sacudir^d a gente má?
- ¹⁴ Ela^e se molda como argila sob o sinete
e tudo surge em vestido multicolor^f.
- 24,17 ¹⁵ Mas aos maus, sua luz lhes é tirada^e,
e o braço levantado é quebrado.
- ¹⁶ Chegaste acaso às fontes do mar,
circulaste no fundo dos abismos?
- Sl 9,14;
107,18;
Sb 16,13;
Is 38,10
10,21 ¹⁷ As portas da morte foram-te mostradas?
Viste as portas da sombra-da-morte?
- ¹⁸ Tens idéia da extensão da terra?
Descreve-a então, já que a conheces toda.

O soberano da tempestade

- ¹⁹ De que lado mora a luz,
e as trevas, onde se alojam,
- ²⁰ para que as saúdes na soleira
e conheças o acesso de sua casa?
- 38,4 ²¹ Sim, tu o sabes, já tinhas nascido,
tão grande é o número de teus dias!
- 14,1 ²² Chegaste aos depósitos da neve,
viste as reservas do granizo,
- 37,6;
Ex 9,18-26;
Js 10,11;

c. Lit. *se tu conheces a inteligência.*

d. A terra é comparada a uma cobertura que se sacode para expulsar os parasitas.

e. O sujeito está subentendido no hebr.

f. Lit. *em veste*; subentendido: *de cerimônia.*

g. Lit. *são privados de sua luz.* A noite é chamada *luz* dos *maus* porque facilita os seus crimes, assim como o dia guia as ações dos outros homens.

- ²³ que guardei para o tempo da aflição,
para o dia da luta e da batalha? Is 28,17;
30,30
- ²⁴ Para que lado difunde-se a luz?
O vento do deserto, por onde invade a terra? Ex 14,21;
SI 48,8
- ²⁵ Quem abriu gargantas ao aguaceiro,
no céu, uma trilha à nuvem trovoante,
- ²⁶ para fazer chover em terra sem humanos^h
e num deserto onde não mora ninguém,
- ²⁷ para embebedar o árido vazio,
fazer brotar e crescer o verde?
- ²⁸ A chuva tem um pai, será que tem? 36,27
Quem é que gera as gotas do orvalho?
- ²⁹ Qual o ventre donde sai o gelo? 37,10
a geada do céu, quem a dá à luz?
- ³⁰ As águas tomam o aspecto de pedraⁱ
e consolida-se a face do abismo.

O soberano do outono

- ³¹ Consegues amarrar as Plêiades,
ou desatar as cordas de Órion, 9,9;
Am 5,8
- ³² fazer sair os signos do zodíaco na correta estação
ou conduzir a Ursa e seus filhotes?
- ³³ As leis do céu, tu as conheces?
Fazes na terra suas regras observar? Mt 6,10
- ³⁴ Basta-te dar um grito para as nuvens,
para uma massa d'água te inundar? IRs 17,1
- ³⁵ Podes soltar os raios, e eles partem,
e vêm dizendo-te: "Aqui estamos"? Br 3,35
- ³⁶ Quem deu ao íbis a sabedoriaⁱ
e ao galo a inteligência?
- ³⁷ Quem entende de contar as nuvens
e pode derramar os odres dos céus,
³⁸ enquanto o pó escorre lamacento
e se aglutinam os torrões?

O soberano dos animais

- ³⁹ És tu quem caça presa para a leoa
e satisfaz a fome dos leõesinhos, 4,10-11;
SI 104,21;
145,15
- ⁴⁰ quando se entocam nos esconderijos
ou nas brenhas ficam emboscados?
- ⁴¹ Quem prepara ao corvo a vianda,
quando os pintinhos piam para Deus
e, famintos, começam a vaguear? SI 147,9

39

- ¹ As cabras monteses, sabes quando parem?
Já observaste as corças dando à luz, Mt 6,26;
1Sm 24,3;
SI 104,18
- ² Contaste os meses de sua gestação
e acertaste a hora de seu parto?

h. Aqui aparece já o tema a ser desenvolvido na descrição dos Monstros (40,15-41,26): a sabedoria de Deus não tem o homem como norma (cf. 40,19 nota).

i. Isto é, se solidificam.

j. O *íbis* é, no Egito, o pássaro, símbolo da Sabedoria, que anuncia a cheia do Nilo. Quanto ao *galo*, ele anuncia o nascer do dia, e o folclore do Oriente Médio fez dele o anunciador das chuvas de outono.

11,12;
Gn 16,12
Os 8,9
24,5;
Jr 2,24

Nm 23,22;
Dt 33,17;
Sl 92,11

Jr 8,7

Lm 4,3
10,3

35,11

Sl 33,17;
147,10

Zc 6,7
Nm 10,9;
31,6

- ³ Agacham-se e parem seus filhotes,
e das dores ficam livres.
- ⁴ Suas crias tomam força e crescem soltas,
vão-se embora e não voltam mais.
- ⁵ Quem pôs em liberdade o asno selvagem,
quem desatou os laços do onagro,
- ⁶ ao qual a estepe designei por habitat,
a terra salina, para ser sua morada?
- ⁷ Do ruído das cidades ele zomba,
do burriqueiro desconhece a voz.
- ⁸ Explora as montanhas, sua pastagem,
em busca de todo verde que houver.
- ⁹ O bisão quererá servir-te,
no teu estábulo passará a noite?
- ¹⁰ Será que vais forçá-lo a lavar^k,
estorroando o vale atrás de ti?
- ¹¹ Sua grande força te faz confiar nele
e deixar-lhe o teu trabalho?
- ¹² Tens certeza de que te trará o grão
e depositará nos teus celeiros?
- ¹³ Alegre bate a asa do avestruz:
por que não tem pluma e pena de cegonha^l?
- ¹⁴ Quando no solo ela abandona os ovos,
a fim de que se aqueçam na areia,
- ¹⁵ esquece que um pé pode quebrá-los
e qualquer fera selvagem esmagá-los.
- ¹⁶ Cruel para os filhotes, como se não fossem seus,
não se importa de ter penado em vão.
- ¹⁷ Pois Deus lhe recusou sabedoria,
não lhe concedeu entendimento.
- ¹⁸ Mas desde que se levanta para correr,
zomba de cavalo e cavaleiro.
- ¹⁹ És tu quem dá bravura ao cavalo,
lhe reveste o pescoço com uma crina,
- ²⁰ o faz saltar como um gafanhoto?
Seu relinchar feroso causa terror.
- ²¹ Exultando de força bate os cascos no vale,
ele se lança ao encontro das armas.
- ²² Ri-se do medo, não conhece o espanto,
não recua diante do gume da espada.
- ²³ Sobre seu dorso retinam a aljava,
a lança reluzente e o dardo.
- ²⁴ Freme de impaciência, sorve o espaço;
soa a trompa, já não se pode conter.
- ²⁵ A cada som da trompa, relincha: riinch!
Já de longe, fareja a batalha,
chefes tropejando, gritos de guerra.

k. Lit. *Amarrará sua corda ao sulco?*

l. O poeta faz alusão ao nome hebraico da cegonha, lit. *a fiel*.

- ²⁶ São arte tua as plumas do gavião,
quando estende as asas para o sul^m?
²⁷ Por ordem tua levanta-se a águia
e constrói nos cumes o seu ninho?
²⁸ Ela mora no rochedo e se entoca
numa agulha de rocha inexpugnável.
²⁹ Ali fica espreitando sua presa,
projeta longe a luz de seu olhar
³⁰ De sangue seus filhotes se saciam,
onde há cadaver, aí está ela.

Jr 49,16;
Ab 4

Mt 24,28

A interpelação do Senhor

- 40** ¹ Então o SENHOR interpelou Jó e disse:
² O contendor do Poderoso ainda critica?
Responda, pois, o que censura Deus!

33,13

38,3

PRIMEIRA RESPOSTA DE JÓ

A mão sobre a boca

- ³ Jó respondeu então ao SENHOR e disse:
⁴ Sou insignificante, que vou responder?
Ponho a minha mão sobre a boca.
⁵ Já falei uma vez, nada mais digo;
duas vezes... nada acrescentarei.

Gn 18,27;
Is 6,5
21,5; 29,9

SEGUNDO DESAFIO DO SENHOR

- ⁶ O SENHOR respondeu então a Jó, do seio da tempestade, e disse:

9,17;
38,1

A condenação de Deus

- ⁷ Cinge os teus rins, como um valente.
Vou te interrogar e tu me instruirás.
⁸ Pretendes mesmo anular meu julgamento,
condenar-me, para te justificar?
⁹ Tens um braço semelhante ao de Deus,
tua voz troveja como a dele?
¹⁰ Orna-te de majestade e grandeza,
reveste-te de glória e esplendor.
¹¹ Dá livre curso às vagas de tua ira,
humilha os orgulhosos com um olhar.
¹² Dobra com os olhos todos os soberbos,
esmaga os malvados no lugar.
¹³ Todos juntos, mistura-os no pó,
amordaça-os^o para sempre na masmorra.
¹⁴ Destarte também eu te louvarei,
pois tua destra valeu-te a vitória.

38,3

32,2;
34,5,6
37,4-5

Na 1,6
14,6;
Ex 14,24

Is 14,15-18

m. Segundo os antigos, o gavião se expunha ao vento sul — região quente, no hemisfério norte —, para que o calor facilitasse a renovação anual da sua plumagem. Esta observação é confirmada pela falcoaria medieval.

n. O Senhor apresenta a justiça de Jó e a sua como incompa-

tíveis. Então, que Jó tome as armas para um torneio, e se verá qual dos dois é capaz de um julgamento sábio. Esta articulação da justiça do homem e da justiça de Deus é um dos principais temas do pensamento bíblico.

o. Lit. *venda suas faces*.

O Bestial

Gn 2,7,19;
Ecl 3,19-21

- ¹⁵ Eis o Bestial^a, que fiz ao mesmo tempo que a ti.
Come pasto, como faz o boi.
¹⁶ Olha quanta força em suas ancas,
que vigor nos músculos de seu ventre.
¹⁷ Enrijece a cauda como um cedro,
entretrecidos sob as coxas os tendões.
¹⁸ Seus ossos são tubos de bronze,
ferro forjado são os seus flancos.
¹⁹ Ele é a obra-prima de Deus^a,
mas seu autor enfrentou-o com a espada.
²⁰ As montanhas servem-lhe de feno,
os animais do campo brincam a seu lado.
²¹ Deita-se debaixo da jujuba,
encoberto por junco e brejal.
²² As jujubas lhe fornecem sua sombra,
os álamos do rio o rodeiam.
²³ Não se mexe, quando o rio desencadeia.
Um Jordão vindo à sua boca não o move.
²⁴ Contudo alguém o enfrenta e o prende^r,
segura-o e lhe fura o nariz.

Gn 3,24

Sl 68,31

O Sinuoso

Is 37,29
Ez 19,4,9;
29,4

5,23
39,10

Ez 32,4-5

- ²⁵ Vais com anzol pescar o Sinuoso^a
e com a linha fugar a sua língua?
²⁶ Passar-lhe-ás um junco pelas ventas
e atravessarás seu queixo com um gancho?
²⁷ É a ti que pede misericórdia
ou dirige palavras gentis?
²⁸ Firmará contigo aliança,
tomá-lo-ás como escravo perpétuo?
²⁹ Brincarás com ele como com uma ave,
com uma coleira o darás às tuas filhas?
³⁰ Fareis consórcio para o leiloar^r?
Será cotado junto aos negociantes?
³¹ Poderás crivar de dardos sua pele,
encher-lhe a cabeça com arpões?
³² Tenta tocá-lo com a mão:
ao te lembrares da luta, não o farás de novo.

41

- ¹ Vê, diante dele, segurança é ilusão;
só seu aspecto lança alguém por terra.
² Ninguém é louco para o provocar!
Quem, pois, me enfrentaria, a mim?
³ Quem me adiantou, para que eu deva lhe repor?
A mim pertence tudo sob os céus^s!

9,4; 40,4
Rm 11,35
Ex 19,5;
Dt 10,14;
Sl 24,1;
50,12

p. Lit. *Behemot*, isto é: a "Besta por excelência". É impossível não reconhecer neste *Bestial* e no *Sinuoso* (40,25) o hipopótamo e o crocodilo. Mas estes dois não aparecem aqui apenas como espécimes da fauna do Nilo. São duas encarnações de poderes maléficos que a arte egípcia reportava sempre juntos.

q. É a sabedoria de Deus que em apresentada como sua obra-pri-

ma em Pr 8,22. Aqui, ao contrário, é o Bestial, presságio da loucura de Deus, que é mais sábia que a sabedoria dos homens (1Cor 1,25).

r. Lit. *alguém sob seus próprios olhos o pegará*.

s. Cf. 3,8 e 26,13.

t. Lit. *Os associados negociando sobre ele?*

u. Do mesmo modo como Deus não precisou de ninguém que

- ⁴ Não vou calar acerca de seus membros,
suas façanhas e sua bela estrutura.
- ⁵ Quem lhe abriu a veste pela frente
e foi além da dupla dentadura?
- ⁶ Quem forçou a porta dupla que é sua boca?
Em torno de seus dentes, só terror!
- ⁷ Um orgulho, as fileiras de escudos*,
cerrados, ajustados e lacrados. 15,26
- ⁸ Juntos, encostados um no outro;
não passaria um sopro entre eles.
- ⁹ Cada um grudado no da frente,
engancham-se inseparavelmente.
- ¹⁰ Dos seus espirros sai luz em faíscas;
seus olhos, as pupilas da alvorada! 3,9
- ¹¹ Relâmpagos irrompem de sua goela,
fagulhas dela escapam. Ap 9,17
- ¹² Uma fumaça sai-lhe das narinas,
como da panela fervente ou do caldeirão.
- ¹³ Seu sopro faz as brasas se inflamarem,
chamas vêm saindo de sua boca. SI 18,9
- ¹⁴ No seu pescoço reside sua força;
diante dele salta o espanto.
- ¹⁵ As dobras de sua carne são maciças,
endureceram nele, irremovíveis.
- ¹⁶ Seu coração é duro como a pedra*,
duro como a pedra-mó de baixo!
- ¹⁷ Quando se levanta, os deuses tremem,
e o pânico os põe em debandada.
- ¹⁸ Atinge-o a espada, não penetra,
nem a lança, o dardo ou a flecha.
- ¹⁹ O ferro é para ele como palha
e o bronze, o mesmo que pau podre.
- ²⁰ Flechadas d'arco não o afugentam;
pedras de funda, como palha ao vento.
- ²¹ A própria clava lhe parece palha;
ri-se do sibilo da azagaia.
- ²² Sob seu ventre há cacos ponteagudos;
como uma grade, se arrasta sobre o lodo. Ez 29,3
- ²³ Faz ferver o abismo como caldeira;
em fumigatório transforma o mar. Ez 32,2
- ²⁴ Deixa atrás de si um rastro de luz.
O abismo parece coberto por branco véu.
- ²⁵ Sobre a terra, não há quem o domine.
Intrépido, assim ele foi feito.
- ²⁶ Capaz de enfrentar qualquer colosso,
ele é o rei das feras todas. 28,8

lhe delegasse a autoridade que exerce sobre o universo (cf. 34,13), assim não tomou emprestado capital que o habilitasse a levar a cabo sua obra, cuja posse soberana não está, portanto, hipotecada. v. Trata-se das escamas, estreitamente imbricadas, que prote-

gem o dorso do monstro.

w. Metáfora que exprime seu caráter cruel e obstinado. O poeta a usa no mesmo sentido de seu contemporâneo Ezequiel (11,19; 36,26), e não como o narrador da história de David (1Sm 25,37).

SEGUNDA RESPOSTA DE JÓ

42 ¹ JÓ respondeu então ao SENHOR e disse:

Visão e confissão

- Mt 19,26;
Lc 1,37
38,2
11,5-6
Is 6,5;
3Jo 11
40,4
Dn 9,3
- ² Bem sei que podes tudo,
que nenhum projeto escapa ao teu poder.
³ "Quem está a denegrir a providência,
sem conhecimento de causa"?
Pois é, eu abordei, sem sabê-lo,
maravilhas além de mim, que não entendia.
⁴ "Escuta-me", eu disse^a, "a palavra está comigo,
vou te interrogar e tu me instruirás!"
⁵ Só por ouvir dizer, te conhecia;
mas agora, viram-te meus olhos^b.
⁶ Também, por isso, tenho horror de mim
e retrato-me^c, no pó e na cinza.

EPÍLOGO EM PROSA

Julgamento dos amigos. ⁷Ora, depois de haver dirigido a JÓ estas palavras, o SENHOR disse a Elifaz de Teman: "Minha cólera se acende contra ti e contra teus dois amigos, porque não falastes de mim com retidão, como fez o meu servo JÓ.

⁸"Tomai agora para vós sete touros e sete carneiros; ide ao encontro de meu servo, JÓ, e oferecei-os por vós em holocausto, enquanto meu servo JÓ intercederá a vosso favor. É unicamente em consideração a ele que não vos tratarei como merece vossa insensatez, por não terdes falado de mim com retidão, como fez o meu servo JÓ". Elifaz de Teman, Bildad de Shûah e Şofar de Naamá foram cumprir o que o SENHOR lhes ordenara, e o SENHOR teve consideração para com JÓ.

Restauração de JÓ. ¹⁰E o SENHOR restabeleceu os negócios de JÓ, enquanto ele intercedia pelo seu próximo. O SENHOR elevou ao dobro todos os bens de JÓ.

¹¹Seus irmãos, suas irmãs e seus conhecidos de antes vieram todos visitá-lo. Comeram com ele o pão, na sua casa. Condoeram-se com ele e o consolaram por toda a desgraça que o Senhor lhe enviara. E cada um lhe fez presente de uma moeda de prata e de um anel de ouro.

¹²O SENHOR abençoou os anos de JÓ a seguir, mais ainda que os anteriores. Ele possuía quatorze mil ovelhas e seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. ¹³Teve ainda sete filhos e três filhas. ¹⁴À primeira, deu o nome de Pomba-Rola, à segunda, de Flor de Canela, e à terceira, de Lápis-de-Pálpebra^b. ¹⁵Em toda aquela terra não se viam mulheres mais lindas que as filhas de JÓ, e seu pai deu-lhes uma parte da herança ao lado de seus irmãos^c.

¹⁶JÓ viveu ainda, depois disto, cento e quarenta anos e viu os filhos e os filhos de seus filhos até a quarta geração. ¹⁷Depois, JÓ morreu idoso e saciado de dias^d.

x. Subentendido no hebr.
y. Diferentemente dos escribas de Israel ou dos amigos de JÓ, o poeta afirma a possibilidade de certa experiência direta de Deus, que desvalorizará as tradições herdadas.
z. Trata-se menos de uma retratação que de uma tomada de consciência da relação, até então desconhecida, que une JÓ ao Deus santo. O herói é, a um só tempo, esmagado pela majestade divina e emocionado pela delicadeza que o mantém vivo, no meio de um universo imenso e enigmático.
a. No julgamento que ele faz sobre a apologética mesquinha dos três amigos, o Senhor retoma quatro vezes a expressão *meu*

servo JÓ. Vê-se aí um eco triunfante da grandiosa observação que ele tinha feito ao Adversário no Prólogo (1,7; 2; 3).

b. Lit. *Chifre-de-Pigmento*.

c. No direito israelita, as moças só herdavam em circunstâncias excepcionais (Nm 27,1-11). Parece que, em Edom, as mulheres podiam ser chefes de clã; cf., na posteridade de Esaú, as "chefes" Timná e Oholibamá, de Gn 36,40-41, cujo sexo é precisado em Gn 36,12 e 14.

d. O gr. acrescenta: *Está escrito que ele ressuscitará de novo com aqueles que o Senhor ressuscitará*. Depois toma, de um escrito arameu, informações sobre a terra de JÓ, inspiradas em Gn 36.

19,13-14;
Pr 14,20

2,11;
Jo 11,19

Dt 8,16;
Tg 5,11

1,3

1,2

5,26;
Gn 25,8

PROVÉRBIOS

INTRODUÇÃO

O livro dos Provérbios¹ é uma coletânea de textos de diferentes origens e datas. Melhor dizendo, é uma coletânea de coletâneas. Pertence à literatura sapiencial ou gnômica, gênero literário que floresceu, desde remotas eras, no Crescente Fértil e no Egito. Existe mais que parentesco entre nossos Provérbios e seus homólogos sumérios, assírio-babilônicos, cananeus, hititas ou egípcios, como se pode ver pelo tratamento dos mesmos temas, com expressões iguais e, às vezes, até empréstimos diretos. Tudo isso, mais a atribuição de duas pequenas coletâneas a sábios estrangeiros (Pr 30,1-14 e 31,1-9), comprova a existência de uma vida literária internacional, à qual Israel não se furtava.

O título, chave dos Provérbios. No seu conjunto, o livro dos Provérbios não representa uma literatura cosmopolita, apesar do parentesco e dos empréstimos diretos ou indiretos de seus homólogos. Na verdade, a coletânea é inteiramente atribuída a "Salomão, filho de David, rei de Israel", sendo o nome engrandecido pelos dois títulos que o determinam. Por que "Salomão"? Porque só se toma emprestado de quem tem, e porque esse rei contravertido era conhecido por seus dons políticos e literários e como autor de inúmeras sentenças (cf. 1Rs 3,16-28; 5,9-14; 10,1,8-9,23; Sr 47,14-17).

O compilador desta coletânea julgou essencial frisar que Salomão era "filho de David", um "davidida" e, além do mais, "rei de Israel".

Ao apresentar o autor como "rei de Israel" referia-se à concepção, comumente admitida em todo o Oriente antigo, da origem real de toda sabedoria, concepção de significado ainda maior para o israelita. Não era o Senhor o "rei de Israel" por excelência? Podia, pois, o rei ser considerado "oráculo de Deus" (2Sm 14,18-20; Pr 16,10-15: é certamente intencional a ligação entre essa bre-

ve seção sobre o rei e a seção precedente, 16,1-9, referente a Deus). Claro que poderia haver maus soberanos, infiéis à sua função "profética", e os Provérbios têm ciência disso (28,16; 29,4)!

Ao qualificar o autor de "filho de David", o compilador sacralizava um livro cujo conteúdo poderia restringi-lo à esfera do profano. Ora, David era o ungido do Senhor, o portador da Aliança e das Promessas. Disso nada falam os Provérbios. Mas a sua sabedoria — pretensamente chancelada por um davidida — podia, por isso, parecer resgatável numa visão especificamente religiosa. Razão por que, desde o título, o leitor é sensibilizado para esse ponto, confirmado, aliás, pela maior parte do livro.

Isto significava, portanto, que os 31 capítulos a seguir fazem parte integrante da Revelação divina, que se exprime através da história do povo de Israel. Apresentam eles uma modalidade bastante "humanista" dessa expressão e podem ser até considerados parte eminente dela, enquanto avalizados por um grande rei de Israel.

Organização do livro. a) Abre-se o livro com breve introdução geral (1,2-7), em que se explicita o conteúdo e se justifica o título. A coletânea visa transmitir uma experiência moral e religiosa, que incentivará as gerações jovens e menos jovens a um procedimento correto e sensato, nas diversas circunstâncias da vida. Tal experiência é consignada no ensinamento dos mestres do passado e do presente, constituindo, na plena acepção da palavra, uma educação. Fique, porém, bem claro que o Senhor está no ponto de partida dessa experiência.

b) A seguir, vem o livro propriamente dito, com suas nove coletâneas de tamanho variado. Essa divisão, hoje comumente aceita, nada tem de tradicional. Usamo-la aqui apenas para maior cla-

1. O termo hebr. designa um procedimento literário que consiste essencialmente numa "comparação" (como, aliás, os gregos o traduziram) ou numa sentença construída de forma a evidenciar a simetria de duas idéias, de duas imagens antitéticas ou complementares (cf. Pr 26,7). A tradução latina, a Vulgata, traduziu-o por "parábolas", enfatizando o aspecto enigmático e didático da maioria dos Provérbios. Trata-se, em resumo, de "pensamentos" dos Sábios, na maior parte do livro expressos em dísticos, o que até hoje caracteriza os nossos provérbios.

reza e compreensão. Com o mesmo objetivo, acrescentamos os subtítulos.

Distinguem-se, pois, as seguintes seções:

I. 1,8-9,18: exortações do pai-educador, prevenindo contra as más companhias e a “libertina”, mescladas com o elogio da Sabedoria, que aí aparece personificada, tomando a palavra (1,20-33; 8,22-35). Em antítese, aparece a Insensatez, num dístico sabiamente equilibrado (9,1-6 e 9,13-18).

II. 10,1-22,16: primeira coletânea salomônica de 376 sentenças sobre a vida moral. Caracteriza-se essa seção por forte inspiração religiosa, sendo o nome do Senhor freqüentemente repetido. Os críticos, em geral, concordam em reconhecer aqui materiais dentre os mais antigos da compilação.

III. 22,17-24,22: primeira coletânea dos Sábios. Inclui, entre outros elementos, uma seção muito próxima da Sabedoria egípcia de Amenêmope (22,17-23,14) e uma expressiva sátira da embriaguez (23,29-35).

IV. 24,23-34: segunda coletânea dos Sábios (anunciada no v. 23). Ressalte-se aqui o retrato do preguiçoso (vv. 30-34).

V. 25-29: segunda coletânea salomônica. Composta de 127 máximas, organizadas, o mais das vezes, em dísticos regulares, como a primeira coletânea salomônica. Trata-se de materiais tão ou mais antigos que os da primeira coletânea.

VI. 30,1-14: palavras de Agur, sábio não-israelita.

VII. 30,15-33: série de provérbios numéricos, dispostos em enumeração progressiva de tipo $x+1$ (por exemplo: há 3... e 4...). O mesmo processo aparece no primeiro capítulo do profeta Amós.

VIII. 31,1-9: palavras de Lemuel, segunda coletânea de pensamentos de um sábio não-israelita.

IX. 31,10-31: célebre poema em louvor da mulher de valor. “Fecho de ouro” da obra, corresponde dignamente à figura da Sabedoria apresentada no cap. 9.

Sabedoria e sábios. Sem dúvida, a Sabedoria apresentada nos Provérbios é solidária com Deus. Ela participa da obra da criação (8,22-31; 3,19-20). Por isso, é apresentada como a fonte eminente da vida, que ela preserva do mal e da morte, e conduz ao temor do Senhor e a todos os bens daí decorrentes.

Ela, porém, nunca aparece nos Provérbios de forma desencarnada. Após sua apresentação “jun-

to de Deus”, no cap. 8, é personificada como dona de casa no cap. 9. Para adquiri-la, exigem-se algumas disposições morais: cumpre estar disponível e atento. No fundo, é o homem todo — espírito e corpo, religioso e profano — que será “sábio”, dentro da visão bíblica, que não dissocia o ser humano.

Que vem a ser o sábio? Percorrendo a Bíblia, vê-se que o termo designa quem se distingue em atividades as mais diversas, artísticas ou técnicas. Poderá ser um marinheiro experimentado (Ez 27,8), escultor, entalhador, ourives (Ex 31,6; Jr 10,9), tecelã (Ex 35,25) e até carpideira profissional (Jr 9,16) etc. Serão chamados “sábios” particularmente os especialistas em política, ou seja, os escribas, auxiliares e conselheiros dos reis (Is 29,14), até mesmo quando, segundo lamentava Jeremias, houvessem perdido toda sabedoria (Jr 8,8; 9,11).

São naturalmente “sábios” os que exercem alguma atividade pedagógica, pois a formulação do seu ensino — ensino vivenciado —, como o vemos no livro dos Provérbios, testemunha uma técnica que a tradução deixa entrever perfeitamente.

As qualidades de artesão ou artista levaram, por outro lado, a atribuir essa coletânea a profissionais da pena, os “escribas” (nome genérico de funcionários públicos que constituíam o organograma dos vários “ministérios”, como os chamariam hoje). Gozavam eles de ócio e liberdade para se dedicar às letras. É aos escribas de que se trata em 25,1 que se deve atribuir a compilação de tudo o que outros anteriormente exprimiram. Deve-se admitir também que esses funcionários letrados, por força de seus contatos com o estrangeiro, anotaram passagens de moralistas não-israelitas (Agur, Lemuel), e imitaram outros (sabedoria de Amenêmope). Suspeita-se — na ausência de documentação suficiente — que também a sabedoria cananêia e sua formulação tenham exercido influência. É bastante provável que as numerosas passagens a respeito do rei, da função do “príncipe” e dos conselheiros tenham sido incluídas nesta coletânea graças a esses escribas, tenham ou não sido eles os seus autores.

A fé de Israel, nos Provérbios. O “temor do Senhor” é o fundamento da sabedoria e, por conseguinte, da pedagogia que a ela conduz. Por isso, os nossos sábios comungam o mesmo pensamento dos

que, em registros diferentes, viviam e pregavam o “temor do Senhor”: os pregadores levíticos e deuteronômicos, os profetas, os salmistas e, mais genericamente, quantos explicavam e preconizavam a Lei de Moisés. São muitos os indícios de tal comunhão.

São bastante claras as exortações patéticas e racionais da primeira parte do livro. O tema sempre recorrente é o “esquema deuteronômico da opção” (Dt 11,26-28; 30,15-20): escolher a vida e os caminhos que a ela conduzem, evitar a morte e o resvaladouro que a ela conduz.

São muito freqüentes duas imagens-chave, que assinalam a profunda concordância com a tradição de Israel, expressa na Lei e nos Profetas: a Árvore da vida e a Fonte da vida (3,18; 10,11; 11,30; 13,12.14; 14,27; 15,4), que mostram como se entendia e se vivia a narrativa do Paraíso.

A Cidade onde a Sabedoria profetiza é Jerusalém (1,21; 9,3). Mas Jerusalém é impensável sem a Terra por excelência, terra confiada aos homens retos, donde os maus serão extirpados (2,21-22; 10,30; cf. Dt 4,26). Prepara-se assim a formulação do enraizamento da Sabedoria-Torá em Sião, a ser anunciado em Sr 24,8-17.

O acontecimento primordial do Sinai (a entrega da Lei, das “Dez Palavras” nas tábuas de pedra) está integrado também à experiência vivida e transmitida pelos sábios-educadores dos Provérbios, em ligação com o profetismo. Como os profetas, eles querem gravar o ensinamento na “tábua do coração” (3,3; 7,3, paralelo a Jr 31,33).

Por fim, vale ressaltar duas referências à fé de Israel: uma, à Aliança, que segundo Pr 2,17, é rompida quando se rompe a comunidade conjugal; a outra, em 5,14, que, com dois termos característicos, evoca a “comunidade sacral”.

Data e autores. Numa introdução sucinta, não se pode dar a devida importância à questão crítica das datas atribuídas às diversas partes do livro, à identidade dos autores e a outras questões da mesma ordem. Pode-se apenas afirmar que a base

da coletânea remonta às origens da vida comunitária de Israel. Como muitos outros livros do Antigo Testamento, a transmissão oral certamente precedeu a sua codificação escrita. Ora, esta deve ter sido realizada bem cedo nos círculos dos escribas da corte, onde reinava a preocupação de formar administradores, espíritos cultivados. Contudo, essa preocupação administrativa aparece nos Provérbios menos nitidamente que nos mais antigos Ensinaamentos egípcios. A época real deve ser considerada o herço privilegiado dessas coleções de sentenças. É certo, por outro lado, que a época pós-exílica também viu sérios esforços de organização e de empréstimo das sabedorias vizinhas. Recentemente, porém, foram contestados os critérios literários — tidos por muito tempo como convincentes — que atribuíam a este período mais recente os nove primeiros capítulos de Provérbios. Por certo, Israel burilou seus Provérbios durante longo tempo, tanto quanto os seus Salmos.

As traduções. O tradutor moderno de Provérbios defronta-se com inúmeras dificuldades. Oferece-lhe a crítica diversas saídas, como o trabalho de simples crítica textual, o recurso à elucidação das literaturas da mesma família lingüística. Não deve esquecer que, muito antigamente, judeus que dominavam com perfeição o hebraico já haviam traduzido este livro para correligionários de língua grega. Mas a consulta a essa antiga tradução pode ser decepcionante. Por razões dificilmente discerníveis, os tradutores gregos do século I a.C. mais parafrasearam do que traduziram. As sucessivas versões coptas, siríacas e latinas antigas não melhoraram a obra. A tradução latina de Jerônimo se apegou mais ao texto hebraico lido no século IV d.C., mas também não resolveu as dificuldades do tradutor atual. Fiel às diretrizes do nosso trabalho ecumênico, a presente tradução, que se pretende de leitura acessível e de clara compreensão, evitou soluções aventureiras, confiando na inteligibilidade do texto hebraico atual.

PROVÉRBIOS

OBJETIVO DO LIVRO

4.13; 5.12

- 1** ¹ Provérbios de Salomão, filho de David, rei de Israel,
² para dar a conhecer a sabedoria, a educação^a
e a compreensão de sentenças inteligentes;
³ para proporcionar uma educação esclarecida:
justiça^b, equidade^c, retidão;
⁴ para proporcionar aos inexperientes^d a prudência,
aos jovens, conhecimento^e e discernimento;
⁵ — que o sábio escute, e aumentará seu cabedal;
e o homem que entende aprenderá a arte de dirigir^f —
⁶ para a compreensão do provérbio e da palavra figurada^g,
das máximas dos sábios e de seus enigmas.
⁷ O temor do SENHOR^h é o princípio do conhecimento;
sabedoria e educação, os estultos as desprezam.

2.5; 9.10;
14.2; 15.33;
Sl 111.10;
Jó 28.28;
3.22;
Sr 1.14

I. PRIMEIRO LIVRETE

Cuidado com os maus companheiros

- ⁸ Dá ouvido, meu filho, à disciplina que teu pai te impõe,
não rejeites o ensinamentoⁱ de tua mãe,
⁹ porque serão coroa graciosa para a tua fronte,
colares para o teu pescoço.

6.20
8.10; 10.17;
19.20; 4.9;
Sl 5.16
3.22;
Sr 6.24-29

a. O termo hebr. sugere, em primeiro lugar, uma *disciplina* baseada em *castigos* corporais, ou seja, a *vareta*, termos que ocorrem muitas vezes neste livro (cf. 23.13; 29.15.17...). Mas a *correção* acontece também mediante exortações, diretrizes, apelos à razão. O livro encerra, assim, um vocabulário "pedagógico" bastante rico e matizado.

b. *Justiça* é termo que aparece frequentemente neste livro. Sua ligação com "sabedoria" mostra que não se trata de mera atitude jurídica ou social. Justiça e sabedoria são consideradas como formas complementares de uma mesma atitude básica de retidão espiritual. Delas procedem as mesmas felizes conseqüências: vida, honra, glória. O justo é apontado como o oposto tanto do ímpio, do mau, como do insensato, do tolo. É alguém que "teme o Senhor" e pauta sua vida pelos desígnios dele.

c. O vocábulo hebr. aqui empregado significa, no fundo, uma sentença que permite estabelecer e, eventualmente, reestabelecer um "direito": direito consuetudinário, mas também direito revelado por Deus. No entanto, o contexto leva a ver af. muitas vezes, o veredicto de uma consciência reta, certamente relacionada com o direito divino. Essa disposição interior é que torna o homem equitativo.

d. Termo difícil de traduzir; conforme o contexto, nós o traduzimos por *nescio*, *incauto*, *inexperiente* (cf. 1.22.32; 8.5; 14.15.18...). Indica especialmente os "jovens" cujo espírito e coração ainda são como "tabula rasa", em que boas e más influências podem ser gravadas, solicitados como são tanto pela Sabedoria como pelos "maus companheiros" e as mulheres libertinas. A educação dos sábios visa, em particular, a essas pessoas inexperientes (9.4).

e. Palavra das mais empregadas neste livro. Ela inclui a idéia de *ciência*, *conhecimento*, *experiência*. Nada de um conheci-

mento puramente intelectual, livresco, mas um saber que vem da vida e que envolve o ser por inteiro, inteligência e afetividade. Evidentemente, tudo isso vale também para a interpretação certa do verbo "conhecer" ou "saber".

f. O texto não esclarece se se trata da arte de "dirigir-se a si próprio" ou de "dirigir a outros". Ora, realça com clareza (num inciso importante!) a atitude especificamente sapiencial de saber ouvir, de prestar atenção, tida por todos os sábios do Oriente como essencial à conquista da sabedoria.

g. Traduzimos assim um termo que evoca um discurso construído com ironia, alegoria, paradoxo e enigma, p. ex. Ecl 12.1-7. Relacionam-se, de alguma forma, a esse gênero literário os "provérbios numéricos" deste livro (cf. Pr 30.15-33).

h. Essa expressão estereotipada perpassa toda a Bíblia. Ela evoca uma atitude ao mesmo tempo filial e reverencial para com o Senhor. Teme-se a Deus, o Deus dos Pais, o Deus da Lei, tendo em conta a sua presença viva. Como os profetas, os sábios sabem que ele sonda os rins e os corações. Esse "temor", porém, está para eles mais particularmente ligado à sabedoria que apreçoam: é origem e coroamento desta. Deve ser identificado até com toda retidão natural (14.2). Seus "frutos" serão os mesmos que os da sabedoria.

i. Ou "instrução". Trata-se da mesma palavra também traduzida por "Lei" (a *Torá*). Deus havia dado seus ensinamentos a Israel. Nesse povo, a criança deveria recebê-los da família (cf. Ex 12.26-27; 13.8; Dt 6.20-25). Os sábios empenham-se em lembrar ao jovem com que respeito e atenção deve ele acolher de seus pais essa tradição. Com isso, tomará consciência do fundamento divino da autoridade estabelecida no meio em que vive e, por conseguinte, da sabedoria que seus "mestres" lhe inculcam.

- ¹⁰ Meu filho, se maus companheiros^l te quiserem seduzir,
não vás atrás!
- ¹¹ Se disserem: "Vem conosco,
vamos armar emboscada para espalhar sangue,
sem motivo, insidiar o inocente!"
- ¹² Vamos engoli-los vivos^k, como o faz o Sheol^l,
inteiros, como os que descem ao fosso.
- ¹³ Vamos achar todo tipo de bens preciosos
e encher nossas casas de despojos.
- ¹⁴ Tirarás tua parte conosco,
pois a caixa será comum para nós todos!"
- ¹⁵ meu filho, não andes com eles;
evita com cuidado^m as ruelas por onde estão",
- ¹⁶ porque os seus pés correm para o mal
e se apressam em derramar o sangue.
- ¹⁷ — Sim, de nada vale estender a rede,
quando tudo que tem asa a enxergaⁿ! —
- ¹⁸ É à custa de seu próprio sangue que armam ciladas,
contra a sua própria vida é que atentam.
- ¹⁹ Assim acontece a quem pratica a rapina^p:
ela tira a vida a quem dela usa.

Sr 11,32

5,5; 7,27;
15,11,24;
23,14;
Nm 16,
31-33

6,18

15,27;
Jr 8,10

Apelo incisivo da Sabedoria

- ²⁰ A Sabedoria, lá fora, vai clamando^q,
erguendo a voz pelas ruas.
- ²¹ Por sobre o tumulto^r, ela grita;
junto às portas, na cidade^s, proclama:
- ²² "Até quando, néscios, vos apegareis à vossa ignorância^t?
Até quando os zombadores^u se deleitarão na zombaria,
e os insensatos odiarão o conhecimento?"
- ²³ Voltai-vos para as minhas advertências!
Eis que farei jorrar para vós o meu espírito^v

8,1-10; 9,3;
Jo 7,3713,1; 21,24;
22,10

J.^l Lit. *pecadores*. O termo refere-se aqui a qualquer pessoa de má vida.

k. *{Este plural refere-se ao inocente, singular coletivo do v. anterior.}

l. A concepção da morada dos mortos (o *Sheol*), presente em todos os livros do AT, é ilustrada por Nm 16,31-33. Trata-se de um mundo subterrâneo, em que os mortos vivem uma vida apagada, como *sombras*. "Refaim", cuja morada é trevas e poeira (cf. Is 14,9).

m. Lit. *retém teu pé*.

n. Lit. *as suas veredas*.

o. Esse v. é um inciso. Sabe o caçador muito bem que deve colocar a armadilha o mais discretamente possível. Por isso, disfarça-a. O v. 18 segue-se logicamente ao v. 16.

p. Lit. *rapina a rapina*. Por essa expressão, sugere-se que, para essas pessoas, o ato já se tornou hábito.

q. A palavra utilizada aqui e em 8,3 dá a entender que se trata de um anúncio solene e alegre. A Sabedoria é apresentada, pela primeira vez no livro, como "profetisa".

r. Traduz-se muitas vezes: *na entrada, nas calçadas ou nas encruzilhadas*. O termo hebr. comporta a idéia de tumulto, de movimento barulhento que, aliás, não é exclusivo das ruas e

praças mencionadas a seguir.

s. A Sabedoria é personagem real (8,15; 9,1-3). Certos exegetas identificam a *cidade* aqui apontada com a Cidade por excelência, Jerusalém, cidade de David, onde os profetas pregaram (Mt 23,37), e residência da Sabedoria, de acordo com Sr 24,1-10. Mas quem precisa ouvir mais os apelos da Sabedoria do que as populações urbanas em geral?

t. O jogo de palavras, intencional neste v., acentua o descrédito lançado sobre essas disposições.

u. Este qualificativo dos homens rebeldes às instruções aparece sobretudo neste livro. São espíritos refratários, zombeteiros céticos, que, no seu orgulho, desprezam os pobres coitados que levam a sério as leis e recomendações do Senhor, como também as admoestações dos mestres. São bem definidos em Pr 21,24. Cf. também Is 28,14,22; 29,20 ilustrado por 28,7-13.

v. Temos aqui ainda o vocabulário da educação (cf. 1,2 e nota). A palavra designa, mais particularmente, qualquer aviso, razão, argumento, destinados a veicular uma visão de vida — uma "filosofia" — assim como a concebem os sábios.

w. Observe-se o sentido polivalente do vocábulo, nesse contexto. O *espírito* da Sabedoria pode significar sua inspiração, que confere a compreensão religiosa do agir humano (cf. o sen-

e vos farei compreender minha mensagem¹.

Is 65,12;
66,4;
Jr 7,13

²⁴ Porque clamei e vós vos recusastes,
estendi a mão e ninguém fez caso,
²⁵ rejeitastes todos os meus conselhos
e minhas advertências não quisestes ouvir,
²⁶ também eu vou rir de vossa desventura,
vou me divertir quando o revés se abater sobre vós.

Jr 11,11;
Mq 3,4
Os 5,6;
Jo 7,34

²⁷ Quando o revés vier sobre vós qual tormenta,
quando a desventura vos atingir qual furacão,
quando vos assaltarem a angústia e a aflição²...

²⁸ chamar-me-ão, e não responderei,
procurar-me-ão, não me encontrarão.

²⁹ Porque odiaram o conhecimento
e não preferiram o temor do SENHOR;

³⁰ porque não acolheram os meus conselhos
e desprezaram todas as minhas advertências,

³¹ pois bem! comerão o fruto de sua conduta
e se fartarão com os conselhos de sua própria cabeça.

³² Pois a renitência dos néscios os mata
e o atrevimento dos insensatos os arruína.

³³ Quem me ouve, porém, viverá seguro,
tranquilo, sem temer desgraça³.

26,27; 28,10;
Sl 7,15-17

A sabedoria, tesouro escondido

2

¹ Meu filho, se aceitares minhas palavras,
se conservares como teu tesouro⁴ meus preceitos,

² se, dando ouvido atento à sabedoria,
inclinares o coração ao entendimento⁵;

³ sim, se apelares à inteligência,
se dirigires ao entendimento a tua voz;

⁴ se como ao dinheiro a procurares
e se a desenterraras como um tesouro⁶,

⁵ então entenderás o que é o temor do SENHOR
e acharás o conhecimento de Deus.

⁶ Pois o SENHOR é quem dá a sabedoria
e de sua boca vêm o conhecimento e o entendimento.

⁷ Ele entesoura o êxito para os retos.

Como um escudo⁷ para quem é honesto,

2,4;
Mt 13,44

2,11

3,14-15;
R,19; 16,16

1,7

Sr 1,1
Tg 1,5

tido de espírito em Jó 32,8). Pode ser também o Espírito anunciado por alguns profetas (Is 11,1-4; Jl 3).

x. A Sabedoria torna-se profetisa (cf. v. 20): repreende, adverte, ameaça. Como a mensagem dos profetas, também a da Sabedoria provoca indiferença e rejeições. A desgraça será a sanção divina que confundirá os céticos, os espíritos refratários. É bem visível, no tema desta admoestação, a analogia de idéias e de comportamentos entre os sábios e os pregadores da Aliança, que convidam a "procurar o Senhor".

y. As reticências indicam o anacoluto gramatical.

z. O termo hebr. denota, antes de mais nada, a idéia de algo cuidadosamente guardado, cautelosamente escondido, porque de alto valor (cf. Sl 17,14).

a. O que aqui (vv. 2-3) traduzimos por *inteligência* e *entendimento* são duas palavras frequentes em Pr, formadas a partir de um mesmo verbo, que significa "discernir" e, portanto, escolher, separar, analisar. O sábio apela constantemente ao "discernimento" do discípulo, à sua inteligência. Mas ele sabe, que o entendimento provém do Senhor (2,6).

b. A comparação da sabedoria com os metais preciosos ou o coral é tema comum nas obras sapienciais. O convite a escavar a terra para encontrá-la inspirou Jó 28 e as parábolas de Mt 13,44-46.

c. O termo *escudo* designa, muitas vezes, o Senhor enquanto proteção de uma pessoa privilegiada (Gn 15,1) ou do seu povo (Sl 3,4; 28,7; 33,20 etc.).

- ⁸ protege quem caminha^d em retidão
e vela o caminhar dos seus fiéis.
⁹ Então entenderás o que é justiça, equidade, retidão:
tudo o que conduz à felicidade^e.

A sabedoria, como proteção

- ¹⁰ Assim a sabedoria entrará em teu coração
e o conhecimento será as tuas delícias.
¹¹ O discernimento velará sobre ti
e o entendimento será tua proteção, 2,2
¹² afastando-te da má conduta,
de qualquer pessoa de propósitos perversos,
¹³ dos que abandonam o caminho reto
para percorrer trilhas tenebrosas,
¹⁴ dos que se alegram em fazer o mal 10,23
e se comprazem com as piores perversões,
¹⁵ daqueles cujo comportamento é depravado,
e os caminhos, tortuosos.
¹⁶ Tu te livrarás, portanto, da libertina^f, 5,3,20;
da estranha de palavras lisonjeiras, 6,24-7,27;
¹⁷ que abandonou o companheiro de sua juventude Sr 9,9
e se esqueceu da aliança^a com seu Deus.
¹⁸ Sim, sua casa pende para a morte
e seus manceiros conduzem para as Sombras. 9,18; 21,16;
¹⁹ Dos que vão a ela ninguém volta, Is 14,9;
nem encontra as veredas da vida. 26,14,19;
SI 88,11
²⁰ Andarás, pois, pela estrada dos bons
e seguirás as pegadas dos justos.
²¹ Os homens retos habitarão a terra^h, 10,30
os íntegros nela permanecerão; Dt 6,1,23;
²² os maus, porém, serão cortados da terra Mt 5,4
e os inífiéis serão varridos dela.

Sabedoria e temor do Senhor

- 3** ¹ Meu filho, não te esqueças do meu ensinamento, 5,1; 6,20;
que o teu coração siga os meus preceitos. 7,1
² Eles aumentam-te os dias e anos de vidaⁱ, 3,16; 4,10;
e também a paz. 9,1; 10,27;
1Rs 5,26

d. Lit. *protegendo sendas de direito*.

e. Para facilitar a leitura, dividimos o v. diferentemente do hebr.
f. Lit. *estrangeira*. No mesmo v. aparece outra palavra hebr.,
que traduzimos por "estranha". Nos dois casos, trata-se de mu-
lher casada que, menosprezando a aliança conjugal, rompe igual-
mente a Aliança com seu Deus (2,17). Pr distingue essa mulher
das "prostitutas", de que fala bem menos (6,26; 29,3). Essas
"libertinas" ou "estranhas" são, às vezes, consideradas como
pessoas etnicamente estranhas a Israel e responsáveis pelos des-
vios lá introduzidos (por referência a Nm 25,1-2; 31,16). Tam-
bém se propôs a mesma explicação para os "estranhos" de 5,10,
mas lá o paralelismo exige explicação diferente. Pode-se, pois,
interpretar esse apelativo como "adúlteras" (cf. 30,20), "mulhe-
res de outro" (6,26,29). Na realidade, são "estranhas" para o
homem que tentam.

g. Não se trata, simplesmente, do contrato jurídico entre dois

esposos. Protegido pelas leis da Aliança, esse contrato possuía,
certamente, valor religioso. Além disso, porém, o casamento
simbolizava, para Israel, a Aliança com o Senhor (cf. o que
Paulo dirá de Cristo e da Igreja em Ef 5,23-32). O profeta Oséias
frequentemente conta com a consciência desse valor (Os 2,20-
22 e *passim*). Praticar adultério era, basicamente, "esquecer a
Aliança do seu Deus".

h. O leitor israelita via aí a evocação da "Terra" por excelência,
a dos Pais, das promessas (Dt 4,1-2; 5,16,33... SI 37,3,9,29 etc.).
Evocação também da esperança messiânica (Jr 23,5-6; 33,15-16;
cf. Is 65,9-10). Transferem-se, aqui, para o plano da retribuição
moral pessoal, as garantias dadas à fidelidade de toda a nação.

i. A multiplicação dos anos de vida é, muitas vezes, apresen-
tada como fruto da obediência aos preceitos divinos (Dt 4,40;
5,16; 6,2 etc.; Jó 42,16-17). Para os sábios, é também decorrên-
cia da fidelidade ao ensinamento dos pais e dos mestres.

- 6,21; 7,3;
Dt 5,22;
6,6-8
13,15
- Sr 2,6
- 26,12; 28,11
- Hb 12,5-8
- Ap 3,19
Dt 8,5
- ³ Que não te abandonem amizade e lealdade.
Ata-as ao pescoço,
grava-as na tábua^j do teu coração.
- ⁴ Encontrarás favor e serás bem criterioso^k,
aos olhos de Deus e dos homens.
- ⁵ Confia no SENHOR com todo o teu coração
e não te fies em tua própria inteligência.
- ⁶ Sabe reconhecê-lo em toda a tua caminhada,
e ele dirigirá os teus passos.
- ⁷ Não seas sábio aos teus próprios olhos,
antes teme o SENHOR e afasta-te do mal.
- ⁸ Isso será remédio para o teu corpo^l
e refrigério para os teus membros.
- ⁹ Honra o SENHOR com tua riqueza,
com as primícias dos teus rendimentos,
¹⁰ e os teus celeiros se encherão de trigo,
teus lagares transbordarão de vinho.
- ¹¹ Não rejeites, meu filho, a educação do SENHOR
nem te canses de suas advertências,
¹² pois o SENHOR corrige a quem ele ama,
como um pai ao filho muito amado.

A sabedoria, árvore de vida

- 2,4
- 8,11; 20,15;
31,10
- 3,2
- 8,18
- 11,30; 13,12
- 8,22-31
- ¹³ Feliz quem achou a sabedoria
e alcançou^m o entendimento!
- ¹⁴ Pois adquiri-la vale mais que ter prata
e seu rendimento supera o ouro fino.
- ¹⁵ É mais preciosa que o coral
e nada do que se pode desejarⁿ a iguala.
- ¹⁶ Longos dias há à sua direita;
à sua esquerda, riqueza e glória.
- ¹⁷ Seus caminhos são caminhos de deleite
e todas as suas sendas, prosperidade.
- ¹⁸ Árvore da vida^o ela é para os que a abraçam
e são felizes os que a retêm.
- ¹⁹ O SENHOR fundou a terra com a sabedoria^p,
consolidando os céus com a razão^q.

j. Esta expressão leva a pensar no anúncio de uma Lei escrita para sempre no coração (Jr 31,33; Dt 6,6; 2Cor 3,3). Deve-se relacionar toda a seção Pr 3,1-4 com Dt 6.

k. Em 13,15, o *favor* provém da posse dum sólido bom senso, que torna a pessoa "bem criteriosa" (cf. Sl 111,10).

l. *Para o teu corpo*: corrigindo o texto segundo o hebr. de 4,22. "Teu corpo... teus membros (lit. *teus ossos*)" pode-se traduzir simplesmente por: "para ti" (cf. nossa tradução de 4,22b). O temor religioso do Senhor é penhor de saúde moral. Atribui-se-lhe, às vezes, até a saúde física (cf. 1Cor 11,30: faltar ao respeito para com o corpo do Senhor atrai doença e morte).

m. É isso mesmo: ir atrás do entendimento com a ajuda de um mestre.

n. Lit. *do que tu...* cf. a expressão de 8,11.

o. Referência à *árvore de vida*, popularizada por Gn 2 e

3. Essa mesma sabedoria, de livre acesso no Éden, nós a vemos aqui acessível de novo, graças às lições dos mestres. Novamente o Senhor a aponta como possibilidade de vida (cf. v. 2), que não deve ser malbaratada (v. 11). — Mais tarde, Cristo, sabedoria de Deus (1Cor 1,24.30), se apresentará como "pão de vida" (Jo 6).

p. Ressaltam-se aqui duas palavras: *sabedoria* e *Senhor*. Os vv. 19-20 antecipam 8,22-31, onde se determinarão as relações entre Deus e a Sabedoria na obra da criação. Mas o papel instrumental da sabedoria e a menção à *razão* e à *ciência* a ela associadas aqui, fazem pensar que as duas passagens refletem uma concepção algo diferente da sabedoria. Nada obriga a vê-la aqui personificada. Pode-se aproximar esta passagem a Sb 9,1-2, onde Sabedoria e palavra se unem na ação criadora.

q. "[Mesmo termo que "entendimento". cf. 2,2 nota.]

- ²⁰ Por sua ciência é que se abriram os abismos^r
e as nuvens destilaram chuva mansa. 8,24,28

O Senhor será tua segurança

- ²¹ Meu filho, conserva a prudência e o discernimento,
sem jamais perdê-los de vista.
²² Eles serão vida para a tua garganta
e ornamento para o teu pescoço^s. 1,9
²³ Assim caminharás com segurança
e teu pé não tropeçará. 4,12
²⁴ Quando te deitares, não terás sobressaltos
e uma vez deitado, suave será teu sono. 6,22
²⁵ Não temerás nem pavor repentino
nem a investida dos maus^t, quando vier, 3,33; 4,14
²⁶ pois o SENHOR será tua segurança
e da cilada livrará teus passos.

O Senhor abençoa quem ama o próximo

- ²⁷ Não te recuses a fazer o bem a quem de direito^r,
se realizá-lo está a teu alcance.
²⁸ Não digas ao teu próximo: "Vai! Passa amanhã,
e eu te darei", se tens o que é preciso.
²⁹ Não trames nenhum mal contra o amigo^s
que, confiante, se assenta junto a ti. Jr 12,6;
Sl 55,13-15
³⁰ Não entres em litígio, sem motivo, com ninguém,
se nenhum mal se fez contra ti.
³¹ Não invejes o homem violento 23,17;
nem adotes os seus modos de proceder, 24,1,19;
³² porque o perverso é um horror^u ao SENHOR, Sl 37,1-4;
que só dos homens retos se faz íntimo. 73,3
³³ A maldição do SENHOR pesa sobre a casa do mau,
mas ele abençoa a morada dos justos.
³⁴ Ele zomba dos zombadores,
mas concede seu favor aos humildes. Tg 4,6;
1Pd 5,5
³⁵ A glória será o patrimônio dos sábios,
enquanto os insensatos ficarão com a vergonha.

A sabedoria, bom patrimônio

- 4** ¹ Ouvi, ó filhos, a lição de um pai,
aplicai-vos a conhecer o que é o entendimento.

r. Esse termo reaparecerá em 8,24-27, com referência a Gn 1,2 (o Abismo é personificado em 15,11 e 27,20). Na época da redação desses textos, não se receava assumir imagens da cultura oriental, mesmo tendo um fundo mitológico.

s. A sabedoria — aqui *prudência e discernimento* — é chamada de "vida" e "ornamento", em Pr. Neste v. as duas idéias se juntam em torno da imagem da garganta e do pescoço, por onde passa a respiração vital e onde a mulher ostenta as suas jóias.

t. O mais das vezes, "maus" (traduzido também por "malvados", "injustos"....; no gr., geralmente: "ímpios") designa uma categoria de homens (em geral, está no plural; o singular tem, comumente, sentido coletivo). Ao lado do "tolo", do "insensa-

to", o mau representa os que "não temem o Senhor", ao contrário dos justos (4,18). O tolo e o insensato podem não prejudicar o próximo; o mau, porém, gosta de fazer (ou tramar) o mal (4,16-17; cf. os "pecadores" ou "maus companheiros" de 1,10).

u. Lit. a *seu possuidor*, isto é, a quem o pretender por alguma razão, neste caso, pela necessidade em que se acha.

v. Outra tradução possível: *contra teu próximo*. A seqüência, porém, mostra que esse próximo é íntimo.

w. Ou *em abominação*. A locução *ser um horror (abominação) para o Senhor* é própria deste livro (3,32; 11,20; 12,22; 15,8-9,26; 17,15; 20,23; 21,27) e do Dt (17,1; 22,5; 23,19; 25,16). Comporta significação tipicamente religiosa.

- 2 Sim, uma boa doutrina vos tenho transmitido,
não repudiéis o meu ensinamento.
- 3 Eu também para meu pai fui um bom filho^x
e minha mãe me amava como a filho único.
- 4 Meu pai me ensinou nestes termos:
Que teu coração retenha minhas palavras;
7.2 cumpre os meus preceitos e viverás.
- 5 Adquire^y a sabedoria, adquire a inteligência.
4.7; Não esqueças as minhas palavras, nem delas te desvies.
Mt 13.44-46
- 6 Não abandones a sabedoria, e ela te guardará,
ama-a, e ela cuidará de ti.
- 7 Princípio da sabedoria: adquire a sabedoria,
ao preço de todas as tuas aquisições adquire o entendimento.
- 8 Estreita-a, e ela te fará crescer;
se a abraçares, tornar-te-á honrado^z.
- 1.9 9 Porá em tua cabeça uma graciosa coroa
e te presenteará com esplêndido diadema.

A educação do sábio é vida

- 3.2 10 Escuta, meu filho, acolhe as minhas palavras
e teus anos de vida se multiplicarão.
- 11 Eu te guiei no rumo da sabedoria,
pelas sendas da retidão te encaminhei.
- 3.23 12 Não serás prejudicado em tua jornada
e, se correres, não tropeçarás.
- 1.2 13 Fica firme na educação que recebeste, não a abandones;
conserva-a, ela é tua vida!
- 3.25 14 Não entres na vereda dos maus
nem te metas no caminho dos malfetores.
- 15 Deixa-o, não passes por ele!
Evita-o e segue adiante!
- 16 Eles não dormem sem ter feito o mal,
perdem o sono, se não fizeram alguém tropeçar.
- 17 Comem o pão que ganharam com desonestidade;
é fruto de violência o vinho que bebem.
- 18 A via dos justos, porém, é qual luz da aurora,
que aumenta em claridade até a plena luz do dia.
- 19 O caminho dos maus é como a escuridão,
eles não sabem o que os faz tropeçar.
- 20 Meu filho, atenta às minhas palavras,
dá ouvidos às minhas sentenças.
- 21 Não se apartem elas dos teus olhos,
guarda-as no fundo do coração.
- 22 Porque são vida para quem as recolhe,
saúde para todo o seu ser^a.

x. Lit. *um filho*. Deve-se explicitar o sentido evidente do hebr.: fui um "bom" filho, um discípulo assíduo e fiel.

y. Esta palavra ocorre duas vezes neste v. e três vezes no v. 7 e significa tanto a aquisição como a posse após a aquisição, de qualquer tipo. O texto sugere a ideia de compra por alto preço. A mesma palavra hebr. aparece em 8.22 (traduzida por "engen-

drou-me"), num contexto em que a Sabedoria assume dimensão bem diferente.

z. A sabedoria há de ser *amada* com amor (v. 6), *abraçada*, *beijada*, como uma pessoa. Ainda quando a personificação não é óbvia (como é nos cap. 2; 8; 9), o autor parece tê-la sempre em mente.

a. Lit. *para toda a sua carne* (cf. 3.8 nota).

- ²³ Guarda o teu coração com toda a vigilância,
pois dele dependem os limites da vida^b.
- ²⁴ Repele de ti a linguagem perversa,
afasta de ti a maledicência.
- ²⁵ Que teus olhos olhem sempre em frente
e teu olhar^c siga reto para diante.
- ²⁶ Traça um trilho para os teus pés
e sejam seguros os teus caminhos. Hb 12,13
- ²⁷ Não te desvies nem à esquerda nem à direita.
Afasta os teus pés do mal. Dt 5,32

Cuidado com a libertina

- 5** ¹ Meu filho, atende à minha sabedoria
e dá ouvidos à minha reflexão, 3,1
- ² para conservares a lucidez.
Então teus lábios cuidarão do conhecimento^d.
- ³ Pois os lábios da libertina destilam mel
e sua boca^e é mais untuosa que o azeite. 2,16
- ⁴ Mas, no final, ela é amarga como absinto^f
e afiada como espada de dois gumes. Ecl 7,26
- ⁵ Seus pés descem para a morte^g.
É ao Sheol que seus passos conduzem. 1,12
- ⁶ Em vez de abrir um caminho que conduz à vida,
suas sendas se extraviam, ela nem sabe para onde^h.
- ⁷ E agora, filhos, ouvi-me:
não vos desvieis de minhas palavras.
- ⁸ Faze longe dela o teu caminho
e não te aproximes da soleira da sua casa,
- ⁹ para que não entregue a outrosⁱ tua honra,
nem teus anos a um homem desalmado^j;
- ¹⁰ para que não se fartem de teu vigor os estranhos^k
e o fruto do teu trabalho não passe a um desconhecido, Ecl 6,2
- ¹¹ nem, afinal, fiques a gemer,
quando teu corpo e tua carne chegarem ao fim.

b. O termo aqui empregado é termo técnico da geografia, com o sentido de *limites* de um território (por ex., os limites das tribos, em Js). Fora de Js, Nm e Ez 48,30, só aparece aqui (*os limites da vida*) e no Sl 68,21 (*os limites da morte*). A idéia parece ser esta: "Coração cansado por excessos encurta a vida" neste mundo. Mas é possível também pensar num endurecimento de coração, que impediria entrar no repouso de Deus, nos "limites" da Terra Prometida (cf. Hb 3,7-4,13 comentando Sl 95,7-11). Nesse caso, *vida* e *coração* teriam sentido metafórico, como acontece muitas vezes. Resta saber se o sábio visa a uma "vida" junto de Deus, após a morte, como o "repouso" de que fala Hb (cf. Hb 4,10 nota), ou apenas a uma vida de justiça na graça de Deus, como se pode ver no v. 22a.

c. Lit. *tuas pálpebras*.

d. Os vv. 2 e 6 falam numa das vantagens da sabedoria: a liberdade de espírito nas tentações dos sentidos. As palavras enganadoras da libertina constituem um perigo: levam à morte. Sabedoria, lucidez e saber (fruto da experiência dos mestres)

permitem perceber a armadilha e não responder irrefletidamente. e. Lit. *seu palato*.

f. Símbolo, muitas vezes, de amargura (Lm 3,15; Ap 8,10-11) ou de veneno (Dt 29,17; Jr 9,14; Am 6,12).

g. A morte está presente, muitas vezes, na primeira parte de Pr, como consequência inevitável do desregramento dos costumes (5,23); fala-se dela em 2,18; 6,29.34-35 e sobretudo 7, 22-27. Mas o sábio procura dar a entender também que tal conduta arruína toda a vida moral (1,29-32; 16,22). É o sentido provável de 5,6.

h. Outra tradução: *Cuida de não perder de vista as sendas de vida. Seus caminhos se extraviam e tu não o percebes*. No v. 9a tem-se a mesma indefinição quanto à forma verbal.

i. Outra tradução: *para que não entregues...* O vício estraga a saúde. Por ele o homem perde sua prestância.

j. Outro aspecto do aviltamento humano: precisa contrair dívida para arcar com os gastos de sua vida desregrada e assim cai nas mãos dos credores.

k. Cf. 2,16 nota.

- 1,2 12 Dirias então¹: "Como fui menosprezar a educação?
Por que meu coração rejeitou advertências?
13 Por que não escutei a voz dos meus mestres
e não dei atenção aos que me instruíam?
14 Assim, por pouco não cheguei ao cúmulo da desgraça,
no meio da assembléia e da comunidade!"

A mulher de tua juventude

- 15 Bebe a água da tua cisterna,
que brota no meio do teu poço^a.
16 Tuas nascentes dispersarão a água fora,
os teus arroios, pelas ruas?
17 Sejam para ti somente,
sem reparti-los com estranhos^a.
18 Bendita seja a tua fonte,
goza com a mulher da tua juventude,
19 corça amorosa, gazela encantadora:
seus seios te saciem em todo tempo,
embriaga-te^b sempre com o seu amor.
20 Por que, meu filho, te embriagar de paixão por uma libertina?
Por que abraçarias o seio de uma estranha?
21 Sim, os caminhos do homem estão à vista do Senhor;
ele observa todos os seus passos^a.
22 Os seus próprios crimes laçarão o criminoso;
ele ficará preso nos laços de seu pecado.
23 Faltando a educação, há de morrer,
embriagado de estupidez desbragada.

O perigo da fiança

- 11,15;
17,18;
20,16;
22,26-27;
Sr 8,13;
29,14-20
- 6** 1 Meu filho, se ficaste fiador do teu próximo,
se bateste na mão^a para avalizar um estranho,
2 se te enredaste pelas palavras de tua boca,
se caíste no arдил pelas palavras de tua boca,
3 faze o seguinte, meu filho, para livrar-te:
já que caíste nas mãos do teu próximo,
vai, insiste, importuna o teu próximo.
4 Não concedas sono aos teus olhos
nem repouso às tuas pálpebras.
5 Livra-te, como a gazela da rede,
como o pássaro, do arдил armado.

1. Os vv. 12-14 assumem o tom moralizante da fala sapiencial: "Se eu soubesse..." É o momento de enfatizar a importância dos mestres e de suas advertências.

m. Os dois vocábulos identificam, na Bíblia, o conjunto do povo de Deus, considerado, às vezes, como comunidade cultural, sagrada. O sábio mostra-se sensível ao aspecto comunitário da vida moral individual.

n. A mulher da tua juventude é comparada a todos os mananciais de frescor, tão importantes nas terras secas do Oriente: cisterna, poço, fonte (cf. Ct 4,12-15).

o. Dos quais se fala no v. 10.

p. O termo é usado, aqui e no v. seguinte, para significar o efeito da paixão extasiante, tanto no amor legítimo como no culposos (cf. 7,18). Aparece também no sentido mais óbvio de efeito do vinho em Pr 20,1; Is 28,7, etc.

q. Valoriza-se aqui o aspecto religioso da moral, como em 1,7.

r. A prática da fiança não constitui objeto de nenhum texto de lei na Bíblia. É atestada em Gn 43,9; 44,32; Is 38,14; Sl 119,122. — Para o gesto de bater na mão, cf. 2Rs 10,15. Sr valoriza a fiança e o empréstimo como serviços gratuitos (Sr 29,14-20).

O preguiçoso

- ⁶ Vai ter com a formiga, ó preguiçoso!
Observa o seu proceder e torna-te sábio.
- ⁷ Ela não tem supervisor,
nem contramestre, nem patrão!
- ⁸ No verão, acumula provisões;
na colheita, ajunta a sua comida.
- ⁹ Até quando, ó preguiçoso, ficarás deitado?
Quando te levantarás do sono?
- ¹⁰ Dormir um pouco, cochilar um pouco,
espreguiçar um pouco, de mãos cruzadas,
- ¹¹ e a pobreza chegará à tua casa como um andarilho,
a indigência, qual velho guerreiro.

30,25
10,26;
12,24; 13,4;
15,19; 18,9;
19,24;
20,4,13;
21,25; 22,13;
23,21;
24,30-34;
26,13-16

- 24,33-34;
Ec1 4,5

Destino dos maus

- ¹² É um patife*, um malfetor*,
quem anda com a falsidade na boca!
- ¹³ Ele pisca o olho, chama com o pé,
faz sinal com os dedos.
- ¹⁴ Com perversidade no coração*, trama o mal,
em todo tempo semeia contendas.
- ¹⁵ Por isso, de repente lhe sobrevirá a desgraça;
de improviso ruirá, irremediavelmente!

6,19; 12,22;
26,24,25,28
10,10;
Sr 27,22

- 29,1

O que o Senhor abomina

- ¹⁶ Seis coisas o SENHOR odeia
e sete* são para ele um horror*:
- ¹⁷ olhar altivo, língua mentirosa,
mãos que derramam o sangue inocente,
- ¹⁸ coração que trama planos malignos,
pés apressados em correr para o mal,
- ¹⁹ testemunhas falsas a proferir mentiras
e quem semeia brigas entre irmãos.

1,16
14,5,25;
19,25; 21,28;
25,18;
Dt 19,16-21

Advertência contra o adultério

- ²⁰ Cuida bem, meu filho, dos preceitos de teu pai
e não rejeites o ensinamento de tua mãe.
- ²¹ Fixa-os para sempre no coração,
pendura-os ao pescoço.

3,3

s. A referência à *formiga* como modelo de trabalho e previdência é comum a muitas literaturas: na Grécia (Esopo) e já em Canaã. Cf. também 30,25, onde ela simboliza a sabedoria. — Pr, frequentemente, carrega de sarcasmos a preguiça e o preguiçoso (cf. referências marginais).

t. A livre atividade da formiga é contraposta ao trabalho controlado do homem, verdadeira sujeição. Empregamos na tradução termos profissionais equivalentes, mas sem estrita exatidão.

u. A versão gr. introduz aqui uma glosa característica da sua tendência edificante: *Ou então vai até a abelha e vê como é trabalhadora, e como é nobre a obra que realiza. Reis e cidadãos comuns usam dos seus produtos para a saúde. Ela é por*

todos apreciada e famosa. Embora insignificante quanto à força, ela se tem distinguido por honrar a sabedoria.

v. *Andarilho e velho guerreiro* traduzem termos de sentido incerto, mas a idéia é clara: com a preguiça, a pobreza apurece logo e de improviso.

w. Lit. *homem de Belial* ou *homem de nada* (cf. Jz 19,22; 1Sm 25,25; 1Rs 21,10-13). Esse termo implica, às vezes, matiz depreciativo no plano religioso (Dt 13,14; 1Sm 2,12; cf. Sl 101,3).

x. Lit. *homem de iniquidade*: cf. Is 55,7; Jô 34,36.

y. O sábio descreve o perverso em ação. Nele, tudo (boca, olhos, gestos) está a serviço da duplicidade interior.

z. Cf. outros provérbios numéricos em 30,15-31.

a. Ou: *abominação*.

- ²² Nas tuas idas e vindas te guiarão,
junto ao teu leito velarão por ti
e ao despertares dialogarão contigo.
- ²³ Pois o preceito é uma lâmpada e o ensinamento uma luz;
um caminho de vida^b, as lições de uma sábia educação,
- ²⁴ para te preservar da mulher fatal
e da língua lisonjeira da estranha^c.
- ²⁵ Não cobices sua beleza em teu coração
nem te deixes cativar por seus olhares.
- ²⁶ Pois uma prostituta se satisfaz com um pedaço de pão,
mas a adúltera caça uma vida preciosa.
- ²⁷ Pode alguém trazer fogo consigo^d,
sem que se queimem suas vestes?
- ²⁸ Ou, se andar sobre brasas,
seus pés não se queimarão?
- ²⁹ O mesmo se dá com quem vai à mulher do próximo:
quem a tocar não ficará ileso^e.
- ³⁰ Não se recrimina o ladrão por ter roubado
para se saciar, estando com fome;
- ³¹ apanhado, todavia, pagará sete vezes mais,
entregará todos os bens de sua casa.
- ³² Mas quem, sem juízo^f, adultera com uma mulher,
dela faz a desgraça de sua vida.
- ³³ Receberá golpes e infâmia
e sua vergonha não se apagará.
- ³⁴ Pois o ciúme enfurece o varão,
e ele, no dia da vingança, não terá piedade.
- ³⁵ Não admitirá compensação alguma.
Ainda que multipliques as ofertas, nada aceitará.

Apelo à sabedoria

- 7** ¹ Meu filho, guarda as minhas palavras,
entesoura em ti os meus preceitos.
- ² Se queres viver, observa os meus preceitos
e o meu ensinamento, como a pupila dos teus olhos.
- ³ Prende-os em teus dedos.
Escreve-os na tábua do teu coração^g.

b. A *sabedoria-caminho de vida* é tema explorado em todo o Oriente (cf. no Egito *Amenemope* 1.1.7; XVI.8). É também chamada "fonte de vida" (13.14), "árvore de vida" (15.4 e 3.18). — A apresentação das palavras (ou mandamentos) de Deus como *luz*: (lâmpada, tocha, clarão) caracteriza as tradições midráshicas, incorporadas aos Targumim de Ex 20.1-2.

c. *Mulher estranha* (cf. 2.16), aqui, parece bem ser "mulher de outrem", o que se clarifica, por outras palavras, nos vv. 26-29. O tema já ocorreu no cap. 5 e será desenvolvido no cap. 7. Os perigos físicos e morais do adultério parecem ter preocupado bastante o redator desta parte de Pr. Por outro lado, esse tema aparece pouco no resto do livro (cf., no entanto, 22.14).

d. Lit. *em seu seio*.

e. Argumenta-se a partir das graves e inevitáveis consequências do adultério, silenciando-se o alcance religioso dessa falta

(mas cf. 2.17 e nota). Não se aduzem aqui os castigos previstos na Lei contra essa prática (Dt 22.22-23; Lv 20.10). Cf. também 6.33 e Sr 23.22-24. Há de se temer, porém, a vingança do marido lesado (vv. 34-35). Daí por que esse desvio é uma "falta de juízo", uma loucura (v. 32).

f. Lit. *carecendo de coração*. A palavra "coração", em português, não daria o sentido pleno do termo hebr. correspondente, de freqüente conotação intelectual. Daí nossa tradução por "juízo" ou "bom senso" e, às vezes, "espírito". Cf. Rt 2.13 nota.

g. Como no cap. anterior, o tema principal — advertência contra o adultério — vem precedido de um apelo à fidelidade aos preceitos e lições dos mestres de sabedoria. É uma segunda Lei, escrita na *tábua do coração* (cf. 3.3), *presa aos dedos* (cf. Dt 6.8 e sua interpretação pelo uso, mais recente, dos filactérios).

- ⁴ Dize à sabedoria: “Tu és minha irmã”
e chama o entendimento de parente.
⁵ Assim te protegerás da libertina,
da estranha de palavras lisonjeiras.

2.16

Os enganadores atrativos da adúltera

- ⁶ Estando eu à janelaⁱ,
olhei através das treliças,
⁷ e vi um desses néscios;
percebi, entre os jovens, um adolescente sem juízo.
⁸ Pela rua do mercado^j, junto à esquina onde ela estava,
para a casa dela se encaminhou^k.
⁹ Seja ao crepúsculo, ao cair do dia,
seja noite adentro, na escuridão,
¹⁰ eis que essa mulher lhe vem ao encontro,
trajada qual prostituta, toda insinuação.
¹¹ Agitada^l e sem compostura,
seus pés não conseguem parar em casa.
¹² Ora na praça, ora nas ruas,
fica espreitando em todas as esquinas.
¹³ E então o agarra, cobre-o de beijos,
dizendo-lhe deslavadamente:
¹⁴ “Tinha de oferecer sacrifícios de ação de graças,
hoje é dia de pagar minhas promessas^m.
¹⁵ Por isso, saí ao teu encontro,
para te procurar, e te encontrei.
¹⁶ Cobri minha cama de colchas,
de tecidos multicores, de linho do Egito.
¹⁷ Perfumei meu leito com mirra,
com aloés e cinamomo.
¹⁸ Vem, embriaguemo-nos de volúpia até o amanhecer.
Gozemos juntos o amor.
¹⁹ Pois meu marido não está em casa,
saiu de viagem, para bem longe.
²⁰ Levou dinheiro na bolsa,
só voltará na lua cheia”.
²¹ Com toda essa lábia, ela o dobraⁿ
e o arrasta com palavras lisonjeiras.
²² Logo ele se põe a segui-la,
como boi levado ao matadouro.
E assim vai o bobo, atado, para o castigo,
²³ até que uma flecha lhe atravesse o corpo^o.

23.28

h. Assim se diz da amada no Cântico (4.9.10.12; 5.1) e, muitas vezes, da esposa, no Egito. A Sabedoria aparece aqui personalizada, como em 1.20: 9.1 e ao longo de todo o cap. 8.

i. Lit. *à janela de minha casa*.

j. Lit. *o shuq*.

k. Não se trata de prostituta profissional. Tem marido, lar; mas toma ares de meretriz, pelo seu porte, modo de vestir (cf. Gn 38.14-15; Os 2.4-5), jeito provocador e palavras tentadoras (cf. 9.13-16).

l. Outra tradução: *tumultuosa*, mas o contexto pede o outro sentido do termo hebr. Cf. 1.21 nota.

m. Acompanhava-se a oferta de sacrifícios votivos com banquetes (Lv 7.16). A mesma palavra pode designar os dois atos (cf. 17.1). Para eles é que a mulher convida o ingênuo.

n. Lit. *com a lisonja dos seus lábios*, cf. 16.21, com uma variante da primeira palavra. É sempre questão de influenciar alguém com palavras bonitas (cf. 16.23).

o. Lit. *o flegado*. — *{Observe-se a ironia: “castigo”, no v. 22c.

Ecl 7,26

Como uma ave que se lança na arapuca,
ele nem sabe que sua vida está em jogo⁹.

- ²⁴ E agora, filhos, escutai-me
e prestai atenção às palavras de minha boca.
²⁵ Não se meta o teu coração pelas trilhas dessa mulher,
não te percas pelas suas veredas.
²⁶ Pois são muitos os que, feridos, ela fez cair,
e fortes⁹, todos os que ela matou!
²⁷ Sua casa é o caminho do Sheol,
descendo às sombrias paragens da morte.

1,12

Apelo da Sabedoria

1,20-33

8

- ¹ Não é a Sabedoria¹ que está chamando?
Não é o entendimento que levanta a voz?
² No alto das colinas que dominam a estrada
e nas encruzilhadas, posta-se ela;
³ junto às portas que dão para a cidade
e nos lugares de passagem⁹, põe-se a bradar:
⁴ “É a vós, homens, que eu clamo;
a vós, humana gente¹, se dirige minha voz.
⁵ Néscios, aprendei a prudência;
insensatos, dai entendimento ao coração.
⁶ Ouvei, é muito importante⁹ o que vou dizer.
A palavra dos meus lábios é a própria retidão.
⁷ Sim, minha boca proclama a verdade,
porque meus lábios abominam a maldade.
⁸ São justas todas as palavras de minha boca,
nada perverso ou retorcido há nelas.
⁹ Todas são claras para quem sabe entender⁹
e simples para quem encontrou o conhecimento⁹.
¹⁰ Acolhei minha disciplina e não o dinheiro;
o conhecimento, antes que o ouro de escol.”
¹¹ — Na verdade, a sabedoria é melhor que o coral
e nada existe de mais desejável. —

1,20;

Jo 7,37

1,8

3,14; 16,16

3,15

Sb 7,22-24,1 A Sabedoria apresenta seus títulos

- ¹² Eu, a Sabedoria, tenho a prudência por morada⁹
o senso de oportunidade, eu o descobri.

é o mesmo termo que a “disciplina” ou “educação” verdadeira que a Sabedoria pretende proporcionar.)

p. Cf. 6,26; 6,29 nota; 7,26-27.

q. Também se poderia traduzir: *numerosos...*

r. Este cap. supõe uma reflexão bastante nova a respeito da sabedoria. Não é a “sabedoria-profetisa” de Pr 1,20, nem a “sabedoria-Lei” de Sr 24 (cf. 8,31 nota). Está mais perto de Sb 7, dando até a impressão de que o livro helenístico se inspirou neste capítulo de Pr. Claramente situada na esfera da ação criadora de Deus, ela até antecipa Jo 1. Os egiptólogos notaram, muitas vezes, que existem aqui pontos de contato com o antiquíssimo conceito da Maat egípcia, ordem cósmica e divina, enquanto filha de Rê ligada ao próprio ser de Deus e à sua ação criadora.

s. Lit. *na passagem das entradas*.

t. Lit. *aos filhos de homem*.

u. Lit. *coisa digna de menção*: o termo designa, muitas vezes, pessoas, autoridades. A Sabedoria enfatiza assim, de modo bem firme, a importância do seu apoio.

v. Comparar com a recomendação evangélica: *Se alguém tem ouvidos para ouvir ouça!* (Mc 4,23 par.).

w. Esse conhecimento não é ciência meramente humana. Retoma os apelos proféticos sobre o conhecimento de Deus. Aí é que a “sabedoria” ganha sentido total e brilha com sua plena luz. Adiante (8,15), a mesma Sabedoria será apresentada em contexto de realeza.

x. A idéia subjacente a essa imagem um tanto inesperada parece ser que *Sabedoria e prudência* são inseparáveis e moram juntas.

- 13 — Temer o SENHOR é odiar o mal. —
Odeio o orgulho^a, a arrogância,
a trilha do mal e a boca perversa. 1,7
11,2; 15,25
- 14 Eu possuo o conselho e o sucesso;
são meus entendimento e força. Is 11,2-3
- 15 Por mim reinam os reis
e os grandes estabelecem justos decretos^a.
- 16 Por mim governam os príncipes
e os notáveis todos se tornam justos juízes^a. Sr 10,4;
Sb 9,10-12
- 17 Amo aqueles que me amam
e os que estão à minha procura me acharão. Sb 6,12
- 18 Comigo estão riqueza e glória,
fortuna duradoura e prosperidade^b. 3,16
- 19 Meu fruto é melhor que o ouro, que o ouro fino,
e meu produto vale mais que a prata de escol. 2,4
- 20 Sigo no caminho da justiça,
pela senda do direito.
- 21 Proporcionando recursos a quem me ama,
eu provejo seus tesouros.
- 22 O SENHOR engendrou-me^c primícia de sua ação,
prelúdio de suas obras antigas. 3,19-20
Ap 3,14
- 23 Desde sempre fui consagrada^d,
desde as origens, desde os primórdios da terra. On 1,1
Jo 1,1
3,20; 8,28
- 24 Fui gerada^e quando ainda não existiam os abismos,
quando não havia ainda os profundos mananciais das águas.
- 25 Antes que surgissem^f as montanhas,
antes das colinas, eu fui gerada,
- 26 antes que Ele fizesse a terra e os espaços^a
e o conjunto das moléculas^b do mundo.
- 27 Eu estava lá, quando Ele firmou os céus,
quando gravou um círculo^l ao redor do abismo,

y. O Senhor também abomina o orgulho em todas as suas formas (cf. 6,17; 15,25). Contra ele os profetas e os salmistas levantaram-se com frequência (cf. Is 2,11-12,17; 16,6; Jr 13,17... Sl 19,14; 119,51.69... Dt 29,18-19; Sr 11,30), e Pr exalta as vantagens da humildade (11,2; 15,33; 29,33).

z. Em Is 11,2-3, *conselho, entendimento* são atributos régios. Daí a afirmação deste v. Em Israel, como em Ugarit, a sabedoria está em relação constante com o governo do rei. Aqui, ela é posta na própria fonte do poder.

a. Variante: *como também os notáveis e os juizes da terra*. O gr. seguiu esta leitura, atestada por muitos mss. hebr.

b. Lit. e *justiça*, que designa aqui o que se considerava fruto normal da justiça: a prosperidade trazida pela bênção divina.

c. Outras traduções: *adquiriu-me* (cf. 4,5 nota) ou *criou-me* (cf. Sr 1,4-9 e 24,8-9, só no gr., passagens que são talvez comentários de Pr). — A tradução *engendrou* vem do contexto e do sentido provável (às vezes, porém, contestado) do termo ugarítico correspondente ao hebr., cf. Gn 4,1 nota; Dt 32,6b. A idéia de uma Sabedoria “gerada” está claramente expressa no v. 24, e alguns tradutores entrevêm no v. 30 a imagem da “Sabedoria-Infante”.

d. A idéia de *consagrar*, de sagrar pela unção, está, às vezes, ligada ao termo aqui empregada. Novamente, pois, apresenta-se

a Sabedoria como pessoa régia (cf. v. 15).

e. Por antiga que seja, a Sabedoria tem início, distinguindo-se assim de Deus, que lhe é anterior e que a engendrou. Ela, porém, preexiste a todas as criaturas. Esboça-se aí a questão do ser misterioso dessa Sabedoria, a que será assemelhado o Cristo, “Sabedoria de Deus” (1Cor 1,30). Entre as afirmações deste cap. e as de Paulo, há as interrogações de Jó 28,20-27 e as apresentações de Sr 24 e Br 3,38. — O hino cristológico de Cl 1,15-20 parece ter-se inspirado fortemente em Pr 8,22-36.

f. O pensamento hebr. usa outra imagem: as montanhas foram “fincadas na terra”, “plantadas” (cf. Jó 28,9, que fala da “raiz dos montes”).

g. Parece tratar-se do que é exterior à terra.

h. Os primeiros fragmentos de que se compõe o mundo, segundo os antigos. Em hebr. e no acádio, são chamados de “poeira”. Convém lembrar os “elementos do mundo” de Gl 4,3, que Paulo contrapõe a Cristo em Cl 2,8-20. O Apóstolo toma a expressão, aliás, em sentido bem diferente (cf. Gl 4,3, nota). Difícil dizer quais fossem os termos semíticos subjacentes aos que Paulo utilizou nos dois textos citados.

i. Também Sb 9,9 expressa a idéia da presença da Sabedoria na ação criadora. — O horizonte parece impedir a invasão das águas abissais (cf. Gn 1,6). O termo hebr. indica que esse cir-

Jó 38,8-11

- ²⁸ quando adensou a massa das nuvens lá no alto[†]
e quando as fontes do abismo mostravam sua violência[†];
²⁹ quando Ele impôs ao mar seu decreto
— que as águas não desrespeitem[†] —,
e quando traçou os fundamentos da terra.
³⁰ Ao seu lado, estava eu, qual mestre de obras^m,
objeto de suas delícias, dia a dia,
brincando o tempo todo em sua presença,
³¹ brincando em seu orbe terrestre;
junto à humanidade acho meus encantosⁿ.

Br 3,38

Feliz quem ouve a Sabedoria

Sr 14,20

- ³² E agora, filhos, escutai-me.
Felizes os que seguem meus caminhos!
³³ Para serdes sábios, escutai esta lição
e não a desprezeis.
³⁴ Feliz o homem que me ouve,
todos os dias velando à minha porta,
montando guarda no meu limiar.
³⁵ Pois quem me encontra encontrou a vida
e alcançou o favor do SENHOR.
³⁶ Mas quem me ofende fere-se a si mesmo.
Amam a morte todos os que me odeiam.

11,1.20;

12,2.22

Sb 1,12

Mt 22,1-14 Convide de Dona Sabedoria

14,1; 24,3

9

- ¹ A Sabedoria construiu sua casa,
talhou suas sete colunasⁿ,
² abateu seus animais, misturou seu vinho,
ela mesma preparou sua mesa.
³ Enviou suas servas^p e pôs-se a gritar seu convite,
nos altos da cidade:

1,20

culo foi “desenhado”, mais exatamente, *gravado*. O que Deus faz é estabelecer um limite e não interpor um dique.

J. Referência às “águas superiores” e às “águas inferiores” de Gn 1,7.

k. As versões antigas entenderam assim: *e quando tornou seguras as fontes*, estabelecendo um paralelo com o primeiro estíquio do v.

l. Outra tradução, assumida pela Vulgata: *quando impôs ao mar limites para que as águas não lhe ultrapassassem a borda*. A maior parte dos mss. gr. omitiu as duas primeiras partes do v. 29. Os que as traduziram coincidem com nossa interpretação. Deus designou aos elementos os seus lugares, para que o mundo passe do caos à ordem (Gn 1,6-9 e Sl 104,9).

m. É incerto o sentido do vocábulo hebr. Tradução sugerida: *arquitecto*. A Sabedoria teria traçado o plano, a disposição do edifício, como assistente ativa de Deus, no trabalho da criação. — Outros traduzem: *criança querida* que brinca diante do pai. Nesse caso, a Sabedoria estaria ali a se alegrar com a criação e não em atitude de auxiliar. Isso pode parecer mais coerente com o texto seguinte, mas não corresponde ao papel conferido à Sabedoria na criação segundo o pensamento bíblico subsequente. Com efeito, na interpretação desta passagem, não se pode deixar de lado Jo 1,1-3 (cf. notas a Jo 1,1.3) e o lugar que esse

texto confere ao *Logos* na atividade criadora. A tradução aqui proposta combina melhor com o desdobramento dessa visão teológica.

n. Idéia análoga se vê em Br 3,38-4,1 e em Sr 24,11, onde se observa uma exclusividade em favor de Israel, ambiente primordial da Sabedoria-Torá. De modo mais universal, em Sb 1,6, a Sabedoria é identificada com a permanência do Espírito no meio dos homens. Aqui o contexto é parecido. Visa-se à Sabedoria, companheira ativa de Deus, manifestação animadora e alegre de sua solicitude para com os “filhos de Adão”. Esses textos podem expressar uma dupla visão do elo estabelecido pela Sabedoria entre Deus e os homens; enquanto Lei (Br e Sr) e enquanto elemento ativo da ação divina (Pr 8 e Sb 7). Ademais, os vv. 30 e 31 sugerem a referência a Jo 1,14.

o. Este pormenor faz da Sabedoria uma personalidade à parte. A presença de colunas na “casa” de Dona Sabedoria permite aproximá-la dos palácios reais e dos templos. — Dando valor simbólico ao número sete, pode-se pensar que essa mansão de tantas colunas está a significar que a Sabedoria possui dignidade régia (já afirmada no cap. 8).

p. Comparar com o envio dos servos em Mt 22,3-4; Lc 14,17 e, no AT, com a missão dos profetas, sábios e escribas, a que se refere Jesus, em Mt 23,34-37.

- 4 "Há algum inexperiente? Que venha aqui!"
Ao carente de juízo ela diz: Sr 24,19-21
- 5 "Vinde, comei do meu pão,
bebei do vinho que preparei. Is 55,1-3;
Jo 6,35
- 6 Deixai a insensatez e vivereis!
Andai, depois, pela via da inteligência."

O sábio e o cético

- 7 Quem repreende um zombador só recebe desprezo
e quem repreende um mau só recebe ultraje. 9,12; 19,25;
21,11,24
- 8 Não repreendas o zombador, senão ele te odiará;
mas se repreenderes o sábio, ele será teu amigo.
- 9 Dá ao sábio e ele aumentará seu saber;
ensina o justo e ele aprenderá ainda mais.
- 10 O temor do SENHOR é o começo da Sabedoria,
o entendimento é a ciência dos santos^a. 1,7
- 11 Sim, por mim teus dias serão incontáveis
e os anos de tua vida se multiplicarão. 3,2
- 12 Se fores sábio, serás sábio para ti,
se fores zombador, a responsabilidade é tua.

Convite de Dona Insensatez

- 13 Dona Insensatez é agitada,
é toda ignorância e não sabe nada.
- 14 Senta-se à porta de sua casa,
numa cadeira, no alto da cidade^a,
- 15 para interpelar os transeuntes^a
que seguem direito seu caminho.
- 16 "Há algum inexperiente? Que venha aqui!"
Ao carente de juízo ela diz:
- 17 "São doces as águas furtivas
e a comida clandestina^t, uma delícia!"
- 18 E ele não sabe que ali estão as Sombras,
e os seus convidados, no fundo do Sheol^u. 2,18

II. PRIMEIRA COLETÂNEA SALOMÔNICA

- 10 ¹ Provérbios de Salomão. 25,1
- Um filho sábio é a alegria do seu pai,
um filho insensato entristece sua mãe. 15,20;
17,25;
19,13
- ² Tesouros iníquos nada aproveitam,
mas a justiça livra da morte. - 11,4
12,28

q. Algumas traduções põem *do Santo*, por causa do paralelismo e de 30,3; cf. também Js 24,19; Is 6,3.

r. É intencional o paralelo com o v. 3, mas a casa da loucura nada tem de comum com a da Sabedoria.

s. Como a libertina de 7,8-13.

t. O convite da Insensatez conta com o mistério e o fascínio do fruto proibido; cf. o teor da tentação em Gn 3,1-6. É impro-

vável que, sob essas palavras, se esconda qualquer alusão a algum rito de "mistério" hermético. Faz-se apenas a oposição entre o suspeito banquete da Insensatez e o festim régio oferecido pela Sabedoria.

u. Pelo banquete da Sabedoria chega-se à inteligência (v. 6) e pelo da Insensatez, à morte.

- 3 O SENHOR não deixa o justo passar fome,
mas o apetite dos maus ele rechaça'.
- 4 Mão preguiçosa empobrece;
mão diligente enriquece",
- 5 Quem recolhe no verão é prudente;
quem dorme na colheita deve ter vergonha.
- 6 Bênção sobre a cabeça do justo!
Mas a boca dos maus encobre a violência.
- 7 A lembrança do justo é abençoada,
mas o nome dos maus apodrecerá.
- 8 Um espírito sábio aceita os preceitos,
mas o estúpido no falar corre para sua perda.
- 9 Vai seguro quem caminha na integridade,
mas quem usa de rodeios será punido.
- 10 O que pisca o olho* causará tormento,
e o estúpido no falar corre para sua perda'
- 11 A boca do justo é fonte de vida,
mas a dos maus encobre a violência.
- 12 O ódio provoca rixas,
mas o amor encobre^t todas as faltas.
- 13 Nos lábios do entendido, a sabedoria,
nas costas do sem-juízo, a vara.
- 14 Os sábios entesouram o saber,
mas a conversa do estulto é ruína iminente!
- 15 Os bens do rico são seu baluarte;
a indigência dos pobres é sua ruína.
- 16 O salário do justo leva à vida;
o ganho do mau, ao pecado.
- 17 Quem guarda a disciplina caminha para a vida,
mas quem despreza a repreensão se extravia.
- 18 Quem disfarça seu ódio fala com fingimento;
quem espalha a calúnia é insensato.
- 19 No falar excessivo não falta o pecado;
quem modera a linguagem é homem prudente.

v. A idéia de Deus como providência remuneradora para o justo se encontra no Sl 34,10-11; cf. Lc 1,53. Jó e Ecl. porém, a questionam.

w. Pr vê o trabalho como fator apreciável de crescimento de riqueza e, por isso, de dignidade (12,24; 22,29). Daí a freqüente condenação da preguiça (6,6-11). Ecl é menos otimista em suas reflexões sobre o trabalho (Ecl 2,10-11; 4,4-6), afirmando que tanto a abundância como a penúria provêm de Deus (Ecl 2,5), de acordo, aliás, com Pr 10,22.

x. Ou seja, o que toma um ar de dissimulado, sorrateiro, de quem "está por dentro" (cf. Sl 35,19). Pensa-se em quem prepara uma cilada ou disfarçadamente zomba dos problemas alheios.

y. Parece surpreendente essa retomada literal do v. 8b. O gr. tem: mas quem *repreende com franqueza alcança a paz*.

z. Os vv. 11 e 12 opõem, de propósito, dois significados antitéticos do mesmo vocábulo: "encobrir" por fingimento (v. 11, cf. v. 6) e "encobrir" por bondade (v. 12). Cf. também Tg 5,20; 1Pd 4,8.

- ²⁰ Prata de escol é a língua do justo;
o coração dos maus vale bem pouco.
- ²¹ As sentenças do justo alimentam as massas,
mas os estultos perecem por falta de juízo.
- ²² É a bênção do SENHOR que enriquece;
nossa fadiga nada lhe acrescenta. Ecl 2,25
- ²³ Para o insensato, é brincadeira praticar o crime;
para o homem de razão, cultivar a sabedoria. 2,14
- ²⁴ O que o mau receia, isso lhe acontece;
mas aos justos será dado^a o que desejam.
- ²⁵ Veio o furacão, o mau sumiu!
O justo, ao contrário, está sempre firme.
- ²⁶ Qual vinagre nos dentes e fumaça nos olhos,
assim o preguiçoso para os que o empregam^b. 6,6
26,6
3,2
- ²⁷ O temor do SENHOR prolonga os dias,
os anos dos maus serão abreviados.
- ²⁸ A expectativa dos justos é a alegria,
perecerá a esperança dos maus. 11,7;
Jó 8,13;
Sl 112,10
- ²⁹ O proceder do SENHOR é fortaleza para o íntegro,
mas para os malfetores é ruína.
- ³⁰ O justo jamais será abalado,
mas os maus não habitarão a terra. 2,21-22
- ³¹ A boca do justo faz brotar sabedoria,
mas a língua perversa será cortada. Sl 37,30
- ³² Os lábios do justo saberão agradecer,
mas a boca dos maus é mera perversão.
- 11** ¹ Balança fraudulenta é o horror do SENHOR,
mas o peso exato tem o seu favor^c. 16,11;
20,10,23
- ² Vindo o orgulho, virá o desprezo;
mas com os humildes está a sabedoria^d. 13,10; 16,18;
21,24
15,33; 29,23
- ³ A integridade guiará os homens retos,
mas a astúcia dos pérfidos os destruirá.
- ⁴ A riqueza é inútil no dia da cólera^e,
mas a justiça livrará da morte. - 10,2

^a. O uso da voz passiva faz pensar que Deus é o sujeito desta proposição.

^b. Lit. *as que o enviam*. Traduzindo "os que o empregam" o gr. determinou o sentido evidente do hebr. (comparar com 22,21).

^c. Essa preocupação dos sábios para com a justiça vai ao encontro do que ensinam a Lei e os profetas (Lv 19,35-36; Dt 25,13-16; Ez 45,9-12; Os 12,8; Am 8,5-6; Mq 6,9-12; Sr 26,29-27,3). Especifica uma exigência da "justiça" de que se fala em 1.3. justiça que a evolução das condições sociais e das mentalidades põe em perigo. Daí os alertas lançados por todos os que

se interessam pela moral da Aliança ou simplesmente se dirigem à razão humana.

^d. Os profetas unem, muitas vezes, "justiça" e "humildade-pobreza". A ligação aqui é "sabedoria-humildade" (cf. 13,10), designando, porém, a humildade com um termo que só se encontra em Mq 6,8. Não é o vocabulário habitual dos profetas.

^e. O *dia da cólera*, em paralelo com a *morte*, lembra oráculos proféticos, como Sf 1,15.18; 2,2, eco de Am 5,18. Cf. Am 8,9; Is 13,13; Sl 110,5.

⁵ A justiça do íntegro acerta sua conduta,
mas o mau sucumbe na sua maldade.

⁶ A justiça dos retos os salva,
mas o traçoeiro se enreda na sua cobiça.

10,28 ⁷ Quando morre o malvado, morre sua esperança
e o que ele esperava das riquezas morre também.

⁸ O justo foi libertado da angústia
e, em seu lugar, nela caiu^f o mau.

⁹ O ímpio arruína o próximo pela boca,
mas os justos serão salvos pelo saber.

28,12;
28,28;
29,2.16 ¹⁰ A cidade exulta com o bem-estar dos justos
e solta sua alegria com a perdição dos maus.

10,6 ¹¹ A bênção que está nos retos eleva uma cidade*;
a boca dos maus^h a faz desaparecer.

14,21 ¹² Quem despreza o próximo não tem juízo;
o homem de juízo mantém-se caladoⁱ.

20,19 ¹³ Quem vive tagarelando revela segredos;
o homem leal esconde o que precisa.

- 24,6;
15,22;
Sh 6,24
6,1-5 ¹⁴ Sem política^j, um povo declina;
a salvação está no amplo aconselhamento^k.

¹⁵ Sai muito mal quem avaliza estranhos;
quem não se compromete assegura sua tranquilidade.

¹⁶ A mulher graciosa alcança a glória^l,
pessoas enérgicas alcançam a riqueza.

Sr 14,6 ¹⁷ Boa gente cuida do próprio bem-estar;
quem se atormenta^m vive infeliz.

¹⁸ O mau recebe um salário de frustração;
quem semeia a justiça tem recompensa segura.

¹⁹ Sim, a justiça conduz à vida,
mas quem segue o mal encontra a morte.

12,22; 15,9 ²⁰ O SENHOR tem horror aos corações tortuosos,
mas os de conduta íntegra são do seu agrado.

- 16,5 ²¹ No fim das contas, o mau não ficará impune,
mas a linhagem dos justos será salva.

f. Lit. *para aí veio*.

g. Toda bênção é dada por Deus, transmitida pelos homens e reflete sobre a comunidade humana; Israel, a cidade, o conjunto dos povos (Gn 12,2-3; Jr 13,18-20).

h. As palavras dos que semeiam injustiça e discórdia (Is 32,6-8; Pr 29,2.8.12).

i. Assim não corre o risco de prejudicar o próximo nem de sofrer as consequências do desprezo com que teria destruído os outros.

j. Política aqui refere-se à arte de conduzir os negócios públicos, dentro do espírito da sabedoria (cf. 1,5).

k. Lit. *nos muitos conselheiros*: no entanto, os conselheiros dos reis criaram muitos problemas para os profetas e para os sábios (Is 22,15-23; 28,14-15.18-19 e Pr 29,16).

l. Esta palavra implica a idéia de "status", de riqueza. O gr. acrescenta que a mulher alcança a glória "pelo marido". No hebr. destaca-se mais o seu valor pessoal.

m. Lit. *perturba* (aflige) *sua carne*.

- ²² Anel de ouro em focinho de porco,
assim a mulher bonita, mas sem discrição.
- ²³ Os justos só podem esperar o bem;
os maus só podem esperar a cólera^a.
- ²⁴ Um distribui e fica mais rico ainda;
outro guarda além do que precisa e vira indigente.
- ²⁵ A pessoa generosa^a prosperará;
quem dá de beber será dessedentado.
- ²⁶ O povo amaldiçoa quem sonega o trigo^b,
mas abençoa quem o põe à venda.
- ²⁷ Quem madruga pelo bem está em busca do favor^c;
quem procura o mal, o mal o atingirá. 8,35
- ²⁸ Quem se fia na riqueza, esse cairá,
mas os justos crescerão como folhagem. SI 1,3
- ²⁹ Quem cria discórdias em casa, herdará vento^d
e o estulto será escravo do sábio^e.
- ³⁰ O fruto do justo é árvore de vida^f
e o sábio cativa as pessoas. 3,18
- ³¹ Se o justo tem sua retribuição na terra,
quanto mais o mau e o pecador^g!
- 12** ¹ Quem ama a educação ama o saber;
quem detesta a repreensão é insensato. 10,17
- ² O homem de bem ganha o favor do SENHOR;
ao astuto o SENHOR condena. 8,35
- ³ Ninguém se fortalece pela maldade,
mas a raiz dos justos não será abalada.
- ⁴ A mulher de valor é o diadema do marido,
mas a mulher indigna é uma cárie nos seus ossos^h. 14,30
- ⁵ Os justos só pensam no direito;
os maus, só na falsidade.
- ⁶ As palavras dos ímpios são ciladas de morte;
a boca dos retos salva-os.

n. Lit. *a esperança dos maus: a cólera*. Não significa que os ímpios esperem a cólera, mas que sua esperança, centrada no mal, atrairá a ira divina contra eles (cf. 10,28).

o. Lit. *uma pessoa de bênção* (cf. v. 11).

p. Ou: *o especulador do trigo* (cf. as medidas de armazenamento no Egito, conforme Gn 41,47-57). Muitos documentos confirmam essa especulação no Oriente.

q. O "favor de Deus" (?), cf. 8,35; 11,1.20; 12,2.22. Pr preocupa-se deveras com o favor (ou "complacência") de Deus, mas também do rei (16,13.15; 19,12). Nada sugere, aqui, esse último sentido. O termo é também usado sem determinação em 10,32, traduzido por "saberão agradecer".

r. O hebr. subentende um jogo de palavras com *ruah*, podendo significar "vento" e "cólera".

s. Por certo, como decorrência das dívidas contraídas levianamente (cf. 22,7).

t. Pode haver alusão implícita a Gn 2-3, onde "a árvore da ciência do bem e do mal", aqui sugerida pela menção da equivalente "árvore de vida", traz o fruto do pecado: a morte.

u. O provérbio supõe como nível único de retribuição o da existência terrena, partindo da ideia, incontestável para certos sábios, de que os justos são recompensados já nesta vida (cf. SI 37,25-26). Já e Ecl. contudo, não pensavam assim. De qualquer forma, para o nosso sábio, todos, justos ou pecadores, devem aguardar o pagamento de suas obras.

v. Ela o atormenta e faz sofrer, privando-o de toda vitalidade. A mulher de valor, por seu lado, é a sua honra (31,23-28), e uma boa esposa só dá alegria (5,18-19).

⁷ Derruba os maus e eles desaparecem!

A casa dos justos permanece firme.

⁸ Elogia-se um homem por seu acerto de juízo;
despreza-se o de espírito torto.

⁹ Melhor é ser desprezado e ter um servo
que passar por importante e não ter pão.

Sr 10,27

27,23;

Sr 7,22

¹⁰ O justo sente as necessidades de seus animais,
mas as entranhas dos maus são cruéis.

- 28,19

¹¹ Quem cultiva sua terra será saciado de pão,
mas falta juízo a quem persegue quimeras.

¹² O injusto cobiça a presa dos maus,
mas é a raiz dos justos que rende*.

¹³ Lábios criminosos escondem laços fatais,
mas o justo escapa da angústia.

¹⁴ Do fruto de suas palavras o homem se sacia de bens,
e do seu trabalho⁴ recebe a retribuição.

¹⁵ O estulto acha certo o seu proceder⁵,
mas sábio é quem ouve conselho.

¹⁶ O estulto deixa explodir sua raiva no ato,
mas o homem prudente engole a afronta⁶.

¹⁷ Quem profere a verdade faz brilhar a justiça;
a testemunha falsa faz brilhar a mentira.

¹⁸ Onde há um falastrão, há golpes de espada!
A língua dos sábios, ao contrário, é um remédio.

¹⁹ O homem veraz⁷ permanece para sempre;
o mentiroso, só por um piscar de olho.

²⁰ No coração dos artífices do mal, há fraude,
mas para os que aconselham a paz, há alegria.

²¹ Miséria alguma atinge o justo,
mas os maus são cumulados de males.

6,12

11,20

²² Lábios mentirosos o SENHOR abomina,
agradam-lhe os que praticam a verdade.

13,16

²³ O homem prudente esconde o que sabe;
o coração dos insensatos alardeia a própria estultice.

6,6

²⁴ As mãos ativas terão poder;
a preguiça leva ao trabalho escravo.

w. A segunda parte do v. destoa do sentido e da imagem da primeira. Possível interpretação: o injusto só se enriquece graças ao jogo de cobranças extorsivas, ao passo que o justo espera o bem-estar através de uma vida estável, fecunda e abençoada por Deus.

x. Lit. *de sua mão*.

y. Lit. *é reto aos seus próprios olhos*. Desconfiam os sábios de auto-julgamentos muito favoráveis; muitas vezes, estigmatizam tal estultice (26,12.16).

z. Lit. *esconde, encobre a ofensa*: tem a capacidade de não deixar transparecer seu ressentimento.

a. Lit. *O lábio da verdade*.

- ²⁵ Desassossego no coração deprime o homem;
já uma boa palavra o reanima.
- ²⁶ O justo explora a estrada para o outro^b,
o caminho dos maus desorienta-os.
- ²⁷ O indolente nem sequer assa a sua caça;
um homem decidido é um bem precioso.
- ²⁸ Na senda da justiça está a vida;
uma estrada batida leva à morte^c.
- 13** ¹ Um filho sábio reflete a educação do pai^d,
o arrogante não acata a repreensão. 14,6; 15,12
24,9
- ² Do fruto de suas palavras cada um tira bom alimento,
mas a vida^e dos pérfidos é só violência. 12,14
- ³ Quem vigia a boca protege a própria vida;
arruína-se quem escancara os lábios. 21,23
- ⁴ O preguiçoso deseja, mas sem alma;
os desejos dos decididos porém, se cumprirão^f. 6,6-11;
21,25
- ⁵ O justo aborrece palavras mentirosas;
o mau espalha vergonha e confusão.
- ⁶ A justiça protege quem procede com integridade,
o pecado leva os maus à perdição.
- ⁷ Há quem se faz de rico, nada tendo;
há quem se faz de pobre, com grandes bens.
- ⁸ A garantia^g de vida de alguém é sua riqueza,
mas o indigente nem sequer ouve ameaças. Ecl 5,11
- ⁹ A luz dos justos brilhará jubilosa;
a lâmpada dos maus se apagará. 20,20; 24,20
- ¹⁰ Com orgulho, só se tem desavença;
a sabedoria está com os que se aconselham. 11,2
- ¹¹ Riqueza obtida de repente^h irá sumindo,
mas quem junta pouco a pouco a fará aumentar. 20,21
- ¹² Faz mal ao coração esperança protelada;
desejo realizado é uma árvore de vida! 13,19
3,18
- ¹³ Quem despreza a palavra se perde,
quem respeita o preceito será premiadoⁱ.

b. Texto duvidoso, de sentido incerto. As traduções antigas não oferecem nenhum sentido satisfatório. Já se propôs o seguinte: *O justo evita o que lhe é perigoso*.

c. Retoma-se o tema de 9,18: a via para a Insensatez leva ao Sheol. A *senda da justiça* é o caminho estreito de Mt 7,13-14 (cf. Jo 14,6).

d. Lit. *Um filho sábio: educação do pai*.

e. Ou: *a pessoa* (?).

f. *Alma e desejo* traduzem aqui a mesma palavra hebr. (*néfesh*) que sugere o sentido de "disposição", inexistente no preguiçoso

e muito forte no homem decidido. A segunda parte do v. poderia ser, literalmente: *mas a alma* (ou: *a garganta*, um dos possíveis sentidos de *néfesh*) *dos decididos será satisfeita*.

g. Lit. *o prêmio*, sem a idéia de resgate, mas sim, de garantia. O rico protege-se dos azares da vida pela sua riqueza, que lhe serve como que de caução. A segurança do pobre é bem outra: ele nada tem a perder. Ninguém pensa em ameaçá-lo: cf. Ecl 5,11, que não combina muito com o conselho deste provérbio.

h. Lit. *em menos de um sopro*.

i. Observar a referência à idéia de retribuição e o uso de um

- 14,27;
10,11 ¹⁴ O ensinamento do sábio^l é fonte de vida,
para evitar as ciladas da morte.
- 3,4 ¹⁵ Sólido bom senso^k alcança favor,
mas o caminho dos perversos é interminável.
- 12,23 ¹⁶ Todo homem prudente age com conhecimento de causa,
o insensato, porém, ostenta sua tolice.
- 25,13; 26,6 ¹⁷ O mau mensageiro cairá em desgraça^l;
o embaixador fiel representa um remédio.
- 10,17 ¹⁸ Miséria e vergonha a quem desdenha a educação;
honra a quem leva em conta a admoestação.
- 13,12 ¹⁹ Um desejo realizado agrada à alma.
Os insensatos detestam afastar-se do mal^m.
- ²⁰ Quem anda com os sábios será sábio;
quem frequenta os insensatos sofrerá por isso.
- ²¹ O mal persegue os pecadores
e o bem recompensa os justos.
- ²² O homem de bem deixa herança aos filhos dos seus filhos,
mas a fortuna do pecador é entesourada para os justos.
- ²³ A lavoura dos pobres dá alimento abundante,
mas há quem pereça por falta de equidadeⁿ.
- 22,15;
23,13-14
29,15,17 ²⁴ Quem poupa a vara não ama seu filho^o;
quem o ama, porém, disciplina-o prontamente.
- ²⁵ O justo come até se saciar,
mas o ventre dos maus ficará vazio.

9,1; 24,3

14 ¹ Uma mulher de sabedoria construiu sua casa...,
mas a estúpida pode destruí-la com as próprias mãos^p.

1,7

² Quem procede retamente teme ao SENHOR;
despreza-o quem se desencaminha.

³ Das palavras do insensato brota orgulho,
mas aos sábios, as palavras os protegem.

vocabulário freqüente na teologia da Aliança: *palavra, mandamento, recompensa* (cf. Dt 4,40; 7,12-15; 11,18-22).

j. *Ser fonte de vida é apanágio do sábio* (16,22; Sr 21,13; cf. 11,30: "árvore de vida"), do justo e do que teme a Deus (14,27), três categorias morais assim aproximadas.

k. Mesmas palavras hebr. de 3,4 (ser "bem criterioso"). Aqui, o favor que se encontra da parte de alguém é fruto de sólido bom senso, que torna o homem prudente. — Não se relacionam facilmente as duas partes do v. Pode ser por antítese: os perversos não gozam de tal vantagem.

l. Essa passagem pode ser cotejada com 2Sm 1,1-16 (história do mensageiro que matou Saul, e foi morto por ordem de David).

m. Falta ligação lógica entre as duas partes do v. O gr. interpretou assim: *Os desejos dos piedosos alegram a alma; as obras dos ímpios ficam longe do conhecimento*, mas não se vê aí o reflexo de um texto hebr. melhor que o nosso.

n. As duas partes do v. parecem alheias uma à outra. Na realidade, põem em contraste o *pobre* (em geral assimilado ao justo) que prospera e o injusto (ordinariamente identificado com o rico) que perece.

o. Lit. *odela seu filho*. É claro que o sentido é: "Não o ama de verdade". Sobre essa expressão e outras semelhantes, cf. Lc 14,26 e nota.

p. Pode-se ressaltar a identidade de palavras entre esse v. e as personificações da Sabedoria e da Insensatez, em Pr 8-9. Todavia, aqui a idéia parece diferente. Trata-se da sabedoria de uma dona de casa, como em Pr 31,10-31, sabedoria a que se opõe a estupidez da mulher descuidada. Isso não exclui que, em Pr 8-9, Sabedoria e Insensatez sejam representadas, de propósito, com traços típicos de uma dona de casa (de dignidade real) e que a mulher de valor de Pr 31 seja também apresentada como tipo acabado de uma vida à luz dos conselhos da Sabedoria e plenamente realizada.

- ⁴ Não havendo animais, há ração na manjedoura,
mas é a força dos bois que traz colheitas abundantes^a.
- ⁵ A testemunha verdadeira não mente;
a falsa testemunha respira mentiras. 6,19
- ⁶ Busca o zombador a sabedoria? Não a acha.
Mas para o homem sensato o saber é fácil. 13,1
- ⁷ Fica longe do insensato!
Não aprenderias dele nenhuma sentença de saber.
- ⁸ Dar a entender sua conduta é sabedoria do prudente
mas a esperteza é estultice dos insensatos.
- ⁹ Os estultos zombam da culpa,
mas o favor divino está com os retos^s.
- ¹⁰ O coração conhece sua própria amargura,
e nenhum estranho pode participar de sua alegria.
- ¹¹ A casa dos maus será demolida,
enquanto a tenda dos bons florescerá.
- ¹² Há quem julgue reto o próprio proceder;
no final, porém, o conduz à morte. - 16,25
- ¹³ Até sorrindo o coração tem tristezas
e a alegria termina em pesar.
- ¹⁴ O transviado logo se fartará de sua conduta;
nisso, o homem de bem lhe é superior.
- ¹⁵ O incauto crê tudo o que se diz,
mas o prudente avança refletidamente.
- ¹⁶ O sábio teme o mal e dele se afasta;
o insensato se enfurece, cheio de audácia.
- ¹⁷ Quem facilmente se irrita faz tolices
e o homem astuto torna-se odioso. 14,29; 15,18;
19,11; 29,22
- ¹⁸ A herança dos incautos é a estultice;
o saber é a coroa das pessoas avisadas.
- ¹⁹ Os maus se prostrarão diante dos bons
e os malvados se encontrarão às portas dos justos^a.
- ²⁰ O indigente é odiado até por seu companheiro,
mas numerosos são os amigos do rico! 19,4,6-7;
Sr 6,11-12;
13,21
- ²¹ Quem despreza o próximo peca;
mas quem tem pena da gente humilde é feliz. 11,12
Sl 41,2

q. Sentido provável: em lugar de economizar não comprando gado, é melhor investir (cf. 27,23-27).

r. O texto parece alterado, pois não se capta a articulação das duas partes do v. O favor em questão (sem adjetivo, no texto hebr.), sem dúvida, é o favor divino: cf. 11,27 e nota.

s. Lit. *estarão às portas dos justos*, como pedintes. Os profetas formulam com frequência o apelo por um reviramento

neste mundo de iniquidades (Am 6,12-14; Ez 34-35 sonha com uma total renovação, em clima de apocalipse...). É o que se vê também no livro de Ester, onde Mordekai não mais precisará se humilhar às portas de Haman e onde o oprimido (Israel) obterá o triunfo de uma estrondosa vingança. Com menos veemência, os sábios também esperam por tal virada (Pr 26,27).

²² Não se extraviam os que tramam o mal?
Mas fidelidade e lealdade com os que projetam o bem!

²³ Todo trabalho gera proveito;
muita conversa, porém, só acaba em penúria.

²⁴ A coroa dos sábios é a sua riqueza;
a estultice dos insensatos é só estultice.

6,19 ²⁵ Uma testemunha verídica salva vidas,
mas quem profere mentiras induz em erro¹.

²⁶ No temor do SENHOR há poderosa segurança;
ele é refúgio para os seus filhos.

- 13,14;
19,23 ²⁷ O temor do SENHOR é fonte de vida!
Ele afasta os laços da morte.

²⁸ Povo numeroso é glória para o rei,
mas falta de gente arruína o príncipe.

14,17 ²⁹ Quem é lento para a ira é homem de muito entendimento,
o espírito iracundo põe à vista sua estupidez.

12,4 ³⁰ Um coração tranquilo é vida para o corpo,
mas a inveja é uma cárie para os ossos.

17,5 ³¹ Quem oprime o indefeso ultraja a seu Criador;
quem tem dó do pobre, honra-o.

³² O mau é derrubado pela sua malícia,
mas o justo até na morte se mantém confiante.

³³ A sabedoria repousa no coração sensato,
mas será ela reconhecida entre os insensatos?

³⁴ A justiça engrandece um povo,
mas o pecado é a vergonha das nações.

16,13;
19,12 ³⁵ O favor do rei será para o servo prudente,
mas a sua cólera para quem causa vergonha.

15

¹ Uma resposta delicada abranda a ira,
mas uma palavra ferina provoca irritação.

² A língua dos sábios torna o saber amável,
mas a insensatez fermenta na boca dos tolos.

³ Os olhos do SENHOR estão em toda parte,
observando os maus e os bons.

⁴ Uma língua reconfortante é uma árvore de vida,
mas, se nela há perversão, esmaga o espírito.

10,17 ⁵ O estulto despreza a educação paterna;
quem atende à repreensão age com juízo.

⁶ Enorme tesouro é a casa do justo,
mas o rendimento do mau é turvo².

t. Lit. é falsidade.

u. Turvo na sua origem, sem dúvida (cf. 22,7; 28,8 e Is 5,8).

Am 4,1-3; 6,1-7; Mq 2,2; Tg 5,1-6), mas também em vista da sua instabilidade (cf. 23,4-5 e 11,28; 28,22).

- ⁷ Os lábios do sábio espalham o saber;
já o coração dos insensatos é muito diferente!
- ⁸ O sacrifício dos maus é o horror do SENHOR;
ele gosta é da oração dos retos. 21,27
11,20; 12,22
- ⁹ A conduta dos maus é o horror do SENHOR;
ele ama a quem busca a justiça. 11,20
- ¹⁰ Disciplina severa para quem abandona o caminho!
Quem odeia a advertência morrerá.
- ¹¹ O Sheol e o Abismo estão diante do SENHOR,
quanto mais o coração dos homens! 27,20
- ¹² O arrogante não gosta de quem o censura,
nem busca a companhia dos sábios. 13,1
- ¹³ Um coração alegre deixa o rosto amável;
na aflição, o espírito se abate. 17,22
- ¹⁴ Um coração inteligente procura o saber,
mas a boca dos tolos se alimenta de tolice. 18,15
- ¹⁵ Todos os dias do miserável são ruins,
mas a vida do próspero é um perpétuo festim.
- ¹⁶ Mais valem poucos bens com o temor do SENHOR 16,8; 17,1;
que um grande tesouro com preocupações. SI 37,16
- ¹⁷ Mais vale um prato de legumes com amor
do que boi gordo cevado de ódio.
- ¹⁸ O homem iracundo desperta discórdia;
quem mantém a calma esfria a discussão. 28,25; 29,22
- ¹⁹ O caminho do preguiçoso é qual cerca de espinhos,
mas a senda dos homens retos é bem aberta. 24,30-31
- ²⁰ O filho sábio alegre seu pai,
mas o imbecil despreza sua mãe. 10,1
23,22; 30,17
- ²¹ A estultice é a alegria do sem-juízo,
mas o sensato vai reto em seu caminho.
- ²² Sem deliberação, os projetos fracassam;
com amplo aconselhamento, terão êxito. 11,14
- ²³ É prazer para o homem saber dar respostas!
Como é boa uma palavra oportuna!
- ²⁴ O caminho da vida leva o homem prudente para o alto,
desviando-o do Sheol, embaixo. 6,23
1,12
- ²⁵ O SENHOR destrói a casa dos soberbos,
mas fixa o marco do terreno da viúva*. 8,13; 11,2
22,28;
23,10-11;
Dt 19,14;
21,17;
Os 5,10

v. Ou seja, os limites legais que demarcavam os terrenos. A lei protegia, em nome do Senhor, a propriedade de imóveis (Dt 19,14; 27,17). Muitas vezes, os profetas encareceram esse as-

pecto religioso da justiça, em benefício dos indefesos, explorados pelos ricos e poderosos.

²⁶ São horror do SENHOR as especulações perversas,
mas as palavras bem-intencionadas são puras.

²⁷ Quem pratica a rapina perturba a sua causa,
mas quem foge ao suborno^w viverá.

²⁸ O justo reflete antes de responder,
mas os malvados despejam desgraças.

²⁹ O SENHOR mantém distância dos maus,
mas ouve a oração dos justos.

³⁰ Um olhar luminoso dá profunda alegria;
uma boa notícia reanima as forças^x.

³¹ Quem presta atenção a uma advertência salutar^y
habitará entre os sábios.

³² Quem rejeita a educação se despreza a si mesmo;
mas quem acolhe a reprimenda adquire bom senso.

O Senhor

³³ O temor do SENHOR é disciplina de sabedoria;
antes da glória, a humildade.

16 ¹ Ao homem os projetos;
ao SENHOR a resposta^z.

² Aos olhos humanos são limpos todos os caminhos,
mas é o SENHOR quem pesa os corações.

³ Expõe tua ação ao SENHOR
e teus planos se realizarão.

⁴ O SENHOR fez tudo conforme seu intento,
até mesmo o ímpio: para o dia da desgraça^a.

⁵ Todo soberbo é um horror para o SENHOR;
no fim das contas não ficará impune.

⁶ A culpa é apagada pela amizade e lealdade^b
e pelo temor do SENHOR viram-se as costas ao mal.

⁷ Quando o SENHOR se compraz na conduta de alguém,
ele reconcilia até seus inimigos com ele.

⁸ Mais vale pouco com justiça
que rendimento abundante sem equidade.

⁹ O coração humano planeja seu rumo,
mas o SENHOR é quem lhe firma os passos.

^w. Lit. os presentes. Trata-se, é claro, dos presentes dados a um juiz para corrompê-lo.

^x. Lit. engorda os ossos, isto é, a pessoa.

^y. Lit. admoestações de vida.

^z. Lit. as preparações do coração... a resposta da língua. Equivale ao provérbio atual: "O homem propõe, Deus dispõe" (cf. 16,9). — Todos os vv. da seção 16,1-9 (exceto o v. 8) mencionam o Senhor, e o cap. 15 já lhe fez referência várias vezes.

^a. Dia em que se manifestará a justiça de Deus (na história ou na escatologia); cf. 11,4 e nota.

^b. Idéia igual, com termos hebr. diferentes, em 10,12. O ritual de Lv 16 previa uma cerimônia solene de expiação dos pecados. Usando uma palavra que lembra a festa do *Kippur*, do "Grande Perdão". Pr parece dizer que há também outras formas de apagar o pecado: o amor, a fidelidade, a lealdade, que supõem conversão do coração.

O rei

- ¹⁰ Oráculo nos lábios do rei;
ao julgar, ele será imparcial^c.
- ¹¹ Para o SENHOR, balança e alavanca justos;
todos os pesos são negócio dele^d. 11,1
- ¹² É um horror para os reis fazer o mal,
pois é na justiça que um trono se apóia. 20,28;
25,5; 29,14
- ¹³ O favor dos reis vai aos lábios justos;
eles gostam dos que falam com retidão. 14,35
- ¹⁴ Rei furioso, prenúncio de mortes!
Mas um sábio pode aplacá-lo. 19,12; 20,2
Ecl 10,4
- ¹⁵ Quando o rosto do rei se ilumina, é a vida!
Seu favor é como uma nuvem de chuva primavera.
- ¹⁶ Mais vale adquirir a sabedoria do que ouro fino;
é melhor adquirir a inteligência do que a prata. 2,4
- ¹⁷ A estrada dos homens retos desvia-se do mal;
quem quer proteger sua vida vigia seu caminhar.
- ¹⁸ Antes da ruína, há o orgulho;
antes do escorregão, a arrogância^e. - 18,12;
11,2
- ¹⁹ Melhor ficar com modéstia entre humildes
que partilhar despojos com soberbos^f.
- ²⁰ Quem amadurece uma idéia se sairá bem;
feliz de quem confia no SENHOR! 29,25;
Sl 40,5
- ²¹ Quem julga sabiamente pode ser chamado de inteligente;
palavras suaves logram mais efeito^g. 16,23
- ²² O bom senso é fonte de vida para quem o tem;
os estultos são disciplinados pela estultice.
- ²³ O juízo do sábio torna prudentes as suas palavras,
e confere mais efeito aos seus lábios. 16,21
- ²⁴ As palavras amáveis são um favo de mel,
doce ao paladar, salutar para o corpo.
- ²⁵ Há quem julgue reto seu proceder
no final, porém, o conduz à morte. - 14,12
- ²⁶ O que faz o trabalhador trabalhar é a fome;
é a boca que o obriga a isso.

c. Expressão de uma teologia que atribui caráter sagrado ao rei; cf. 2Sm 14,17. Lugar-tenente de Deus, seu apanágio é a justiça. Nele há uma *sabedoria divina para fazer a justiça* (1Rs 3,28). Cf. também Pr 24,21; 25,3 e 31,4-5,8-9, onde são lembradas certas exigências de seu exercício leal. — Todos os vv. de 16,10-15, menos v. 11, mencionam o rei.

d. Também a sabedoria egípcia de Amenêmope (cap. XVI) afirma que pesos e balanças foram instituídos por Tot, o deus-escriva do tribunal divino, e que ele protege o uso deles: cf. Dt

24,13-16.

e. O orgulho produz a ruína, como a arrogância a queda: cf. 18,12, que utiliza uma formulação antitética.

f. A idéia de *partilhar os despojos* apareceu em 1,13-14, onde não se tratava de orgulhosos, mas de jovens malfetores. Aqui, a idéia é mais geral: é melhor viver modestamente do que gozar de um bem-estar ou de riqueza adquiridos iniquamente.

g. A palavra pode sugerir influência de alguém sobre outro, sobretudo por via de argumentação ou persuasão (cf. 7,21; 16,23).

- Tg 3,6 ²⁷ O patife fomenta a maldade;
nos seus lábios, há como fogo devorador.
- ²⁸ O homem perverso suscita discórdias,
e o difamador divide os amigos.
- ²⁹ O violento fica rodeando seu companheiro
até fazê-lo entrar num caminho nefasto.
- ³⁰ Quem pisca o olho maquinando perversidade,
quando aperta os lábios já consumou o mal.
- 20,29;
Sr 25,3-6;
Sh 4,9 ³¹ Cabelos brancos são coroa de honra;
a gente os acha nos caminhos da justiça.
- ³² Quem controla sua ira vale mais que um herói;
quem é dono de si próprio vale mais que um conquistador^h.
- ³³ Agitam-se os dados no estojoⁱ,
mas, qualquer que seja a decisão, ela depende do SENHOR.
- 15,16 **17** ¹ Mais vale um pedaço de pão seco, com paz,
que a casa cheia de festins, com brigas.
- ² Um servo prudente suplantar^a um filho indigno
e dividirá a herança com os irmãos.
- 27,21 ³ Há crisol para a prata e forno para o ouro;
mas é o SENHOR quem prova os corações.
- ⁴ O malvado prende-se aos lábios iníquos;
o mentiroso dá ouvidos^j à língua perniciososa.
- 14,31 ⁵ Quem zomba do pobre insulta seu Criador;
quem se alegra com o mal não ficará impune.
- ⁶ A coroa dos avós são os netos
e o adorno dos filhos, o seu pai.
- ⁷ Não combina com o parvo uma linguagem nobre,
menos ainda com um notável uma linguagem mentirosa.
- 18,16; 19,6;
21,14 ⁸ Um presente é pedra mágica^k para quem dele dispõe;
para onde quer que se vire, ele se sai bem.
- ⁹ Quem busca amizade esquece as ofensas;
tornar a elas separa os amigos.
- ¹⁰ Uma repreensão penetra mais numa pessoa sensata
que cem chicotadas num insensato.
- ¹¹ O malvado só procura a rebelião,
mas contra ele se despachará um mensageiro cruel^l.

h. Lit. *o que toma uma cidade*.

i. Lit. *lançam-se as sortes na orla*: as sortes, possivelmente representadas por *dados*, postos na orla da veste sacerdotal (Ex 28,30). Entre nós são colocados num copo, num estojo. — Este v. testifica bem a preocupação religiosa da sabedoria israelita.

j. Seguindo a ortografia de certos mss. hebr.

k. Lit. *uma pedra de favor*, i. é., que traz sorte, talismã. Parece que na Antiguidade certas pedras preciosas eram tidas como

dotadas de poderes mágicos.

l. Outra possível interpretação: *A rebelião só visa ao mal e por ela será enviado um anjo cruel*, aproximando-se assim o "anjo cruel" dos "anjos do mal", executores das pragas do Egito (Sl 78,49) e sobretudo do Exterminador de Ex 12,23, identificado com o próprio Senhor, em 12,29. — Pode-se também pensar numa rebelião de "inovadores" a ser reprimida pelo rei (cf. 24,21-22).

- ¹² Antes topar com uma urso privada de seus filhotes
do que com um insensato em plena loucura.
- ¹³ Quem paga o bem com o mal,
de sua casa não se apartará a desgraça.
- ¹⁴ Iniciar uma demanda é abrir uma comporta^m:
antes que a questão se agrave, desiste.
- ¹⁵ Absolver um culpado ou fazer passar por culpado um justoⁿ, 24,24
ambas as coisas são horror para o SENHOR.
- ¹⁶ De que vale o dinheiro na mão do insensato?
Para ganhar sabedoria? Falta-lhe juízo^o!
- ¹⁷ Um amigo ama em todo o tempo, 18,24; 27,10;
um irmão nasce para o tempo da adversidade. Sr 6,5-17
- ¹⁸ É irresponsável o que aperta a mão
para ficar fiador do seu próximo. 6,1-5
- ¹⁹ Quem ama as disputas ama o pecado;
quem alteia sua porta busca a ruína^p.
- ²⁰ O espírito perverso não achará ventura
e quem se torce nas suas palavras^q cairá em desgraça.
- ²¹ Quem gera um insensato, pena dele!
O pai de um idiota não vai se alegrar.
- ²² Um coração alegre facilita a cura, 15,13
um espírito abatido resseca os membros.
- ²³ O mau aceita suborno às escondidas^r, 15,27
para desviar o justo do seu caminho.
- ²⁴ Na face de um homem sensato se vê a sabedoria,
mas os olhos do tolo se fixam nos confins do mundo^s.
- ²⁵ Um filho insensato é o desgosto do pai 10,1
e a amargura daquela que o gerou.
- ²⁶ Punir o justo não é nada bom;
vai contra o direito bater em gente honrada.
- ²⁷ É muito sábio quem refreia as palavras, 10,19
quem mantém a calma é homem sensato.
- ²⁸ Calado, até o estulto passa por sábio 16 13,5
e por sensato, se fica de lábios fechados.
- 18** ¹ O egoísta^t só vai atrás dos próprios desejos;
insurge-se contra todo conselho.

m. Lit. *deixar correr as águas*.

n. Lit. *um malfetor... fazer passar por malfetor*. Linguagem jurídica. Poder-se-ia traduzir livremente: "inocentar um culpado ou condenar um justo" (cf. 24,24).

o. Lit. *não há coração*. **[O coração é a sede do entendimento.]*

p. O sentido do segundo estíquo é: "Os que se ensobrecem encontrarão a ruína". É obscura a lógica do v. inteiro, mas pode-se dizer que o pecado em questão é o orgulho, tido sempre como

o grande mal, que todo sábio deve esconjurar (cf. 8,13): orgulho e cólera andam juntos.

q. Lit. *quem se revira por sua língua*.

r. Lit. *um presente tirado do seio, de dentro da capa, dado às escondidas*.

s. Hoje seria comum dizer que estão na lua... fora da realidade.

t. Lit. *aquele que se separa, atitude característica de quem só pensa em si próprio, recusando os demais*.

- ² Ao tolo não agrada a razão,
mas sim alardear sua opinião*.
- ³ Vindo o mau, virá também a infâmia
e com o desprezo, o insulto.
- 20,5 ⁴ As palavras humanas são águas profundas,
torrente transbordante e fonte de sabedoria*.
- ⁵ Não é certo reabilitar o mau,
prejudicando, no julgamento, o justo*.
- ⁶ Os lábios do insensato provocam brigas,
sua boca promove agressões.
- 10,14 ⁷ A boca do insensato é sua ruína;
seus lábios, uma armadilha para ele mesmo.
- 26,22 ⁸ As palavras do caluniador são como guloseimas;
descem até o mais fundo das entranhas.
- 6,6 ⁹ Quem é negligente no seu serviço,
já é irmão de quem destrói.
- Sl 124,8 ¹⁰ O nome do SENHOR é um baluarte poderoso;
para ele corre o justo e nele encontra segurança.
- 10,15 ¹¹ A fortuna do rico é a sua praça forte;
ele a imagina muralha intransponível.
- 16,18;
11,2
- 15,33 ¹² Antes da ruína, o espírito humano se enche de orgulho;
mas à glória antecede a humildade.
- Sr 11,8 ¹³ Replicar antes de ouvir
resulta em estupidez e vergonha.
- ¹⁴ O moral da gente* supera a doença,
mas se ele for quebrado, quem o levantará?
- 15,14 ¹⁵ Um coração sensato alcança o conhecimento
e o ouvido dos sábios procura-o.
- ¹⁶ O presente abre espaço a quem o dá
e lhe dá acesso junto aos grandes.
- ¹⁷ Quem primeiro se defende num processo parece ter razão;
mas vem a outra parte e o contesta.
- ¹⁸ Dados lançados* cessam os pleitos,
entre poderosos dirimem questões.
- ¹⁹ Um irmão ofendido é mais inacessível* que uma cidadela
e as contendas são duras como as trancas de um torreão*.

u. Lit. *seu coração*.

v. O texto hebr. comporta duas interpretações: a nossa tradução, correspondente à grega, e a da Vulgata: *As palavras da boca do homem são águas profundas; a fonte de sabedoria é rio transbordante*.

w. Com efeito, é possível favorecer o mau, enredando o inocente no labirinto dos trâmites legais ou das falácias (cf. Sl 35,11).

x. Lit. *O espírito humano*.

y. Lit. *As sortes* (cf. 16,33).

z. Lit. *(é) mais que...*; alguns interpretam "mais irredutível". O sentido insinuado pela comparação é que um irmão ofendido se torna impenetrável, fechando-se a qualquer aproximação do ofensor.

a. Lit. *são como um ferrolho...*

- ²⁰ Do que a boca profere sacia-se o ventre
sua linguagem propicia ao homem com que se saciar^b. - 12,14
- ²¹ A morte e a vida dependem da linguagem;
quem a preza poderá comer do seu fruto.
- ²² Quem achou uma mulher achou a felicidade;
recebeu uma graça do SENHOR. 19,14;
Sr 26,1-4
- ²³ O indigente fala com súplicas;
o rico responde com dureza. Sr 13,3
- ²⁴ Tendo muitos companheiros, se fica esquartejado^c;
mas existe amigo mais fiel que irmão. 17,17
- 19** ¹ Mais vale um pobre que procede honestamente
que alguém de palavras torcidas e insensato. - 28,6
- ² Sem reflexão, impulso não serve;
quem precipita seus passos erra.
- ³ A tolice de um homem destrói seu destino
e ele, furiosamente, culpa o SENHOR por isso.
- ⁴ A riqueza multiplica o número de amigos,
mas o mísero fica privado de seu amigo. 14,20
- ⁵ Não se presta falso testemunho impunemente
e o que diz mentiras não se livrará. - 19,9;
6,19
- ⁶ Numerosos os que bajulam um notável
e todo mundo é amigo de quem dá presentes. Ecl 5,10
17,8
- ⁷ Todos os irmãos do pobre o detestam
e os amigos, com mais razão, se afastam dele;
enquanto procura suas palavras, eles já se foram^d.
- ⁸ Quem adquire o juízo ama-se a si mesmo;
quem conserva o entendimento será feliz.
- ⁹ Não se presta falso testemunho impunemente,
quem diz mentiras perece. - 19,5;
6,19
- ¹⁰ Não convém ao insensato viver no prazer,
tampouco a um escravo mandar em príncipes. 30,22;
Ecl 10,6-7
- ¹¹ O bom senso do homem protela sua ira;
sua glória consiste em passar por cima das ofensas.
- ¹² A cólera do rei é como o rugir do leão,
mas o seu favor, como orvalho sobre a relva. - 20,2;
16,14
14,35
- ¹³ Um filho insensato é a desgraça do pai;
intriga de mulher, goteira que não pára. - 27,15; 21,9;
25,24; 21,19;
Sr 25,16

b. Esse v. e o seguinte exprimem uma moral geral da linguagem admitida pelo sábio e retomada aqui e ali, neste livro: quem usa bem sua língua, supera as dificuldades da vida.

c. Muitos tradutores seguem versões antigas levemente diferentes: *Há companheiros que levam à ruína*. O hebr. apresenta

uma aliteração entre *companheiro* e *esquartejado* (lit. *quebrado*), impossível de se reproduzir.

d. Muitos exegetas consideram deturpado o terceiro estíquio deste v. Quase não o entenderam as traduções antigas. Tradução hipotética.

¹⁴ Casa e bens são patrimônio dos ancestrais,
mas uma mulher ajuizada é dom do SENHOR.

18,22

¹⁵ A preguiça faz cair no torpor
e o estômago do ocioso passa fome.

¹⁶ Quem guarda os preceitos^e guarda a si próprio,
quem relaxa no seu agir morrerá.

¹⁷ O que se compadece do fraco empresta ao SENHOR,
que lhe dará a sua recompensa.

¹⁸ Corrige teu filho, porque há esperança^f,
mas não te descontroles a ponto de o matar.

¹⁹ Raiva demorada deve ser coibida;
se a isentas, incitas a recomençar^g.

²⁰ Ouve o conselho, aceita a disciplina,
para que sejas sábio no futuro.

²¹ Há muitos projetos no coração humano,
mas só o desígnio do SENHOR se manterá!

²² O que se deseja de alguém é amizade fiel:
vale mais um indigente que um mentiroso.

²³ O temor do SENHOR conduz à vida;
pernoita-se satisfeito, sem visita da desgraça.

²⁴ O preguiçoso enterra a mão no prato,
mas é incapaz de a retornar à boca.

²⁵ Espanca o zombador, e o néscio se tornará prudente;
reprende o entendido, e ele aprenderá o que é o saber.

²⁶ Maltrata o pai e expulsa a mãe
o filho que envergonha e desonra.

²⁷ Deixa, meu filho, de seguir a disciplina^h;
e te desviarás das palavras sábias.

²⁸ Um tratante, quando presta testemunho, escarnece do direito;
a boca dos maus alimenta-se de iniquidade.

²⁹ Para os zombadores há julgamentos preparados
e chicotadas para a costa dos insensatos.

¹ O vinho é zombador, o álcool arruaceiro;
não se tornará sábio quem por eles se deixa embriagar.

20

e. O singular *quem guarda* pode ser interpretado como um coletivo (cf. Dt 6,1; 8,1). Os termos "preceitos, mandamentos" são característicos para indicar os preceitos do Decálogo e as leis da Aliança. Servem-se deles também os sábios para designar as normas morais emanadas dos mestres ou dos pais (cf. 2,1; 4,4; 6,20 etc.).

f. Assim o entendeu o grego. Outra tradução: *Corrige teu filho, enquanto há esperança*. — Manda o Dt apedrejar, após o julgamento, o filho transviado que não ouve as exortações pater-

nas (21,18-21).

g. Texto incerto, como o comprovam as hesitações das antigas versões. Outra interpretação da segunda parte do v.: *se dela te isentas, aumentarás sua cólera*, ou: *isso só aumentará o mal*.

h. Ou a *educação* (cf. 1,2 nota). Este v. recebeu várias interpretações, por ex.: *Meu filho, ouvindo a instrução, deixa de te desviar...*; outros vêem af a "educação" dos ímpios, dos maus conselheiros. Nossa tradução dá sentido irônico ao v.

- ² O temor^l do rei é como o bramido do leão;
põe sua vida em perigo quem o irrita. - 19,12;
16,14
- ³ É honroso para o homem abster-se de disputar;
os estúpidos todos têm gênio^l explosivo.
- ⁴ Porque é inverno, o preguiçoso não lava a terra;
mas, na colheita, procurará e nada encontrará. 6,6
- ⁵ Os pensamentos são águas profundas no coração humano;
o homem entendido delas haurirá. 18,4
- ⁶ Muitos são aqueles cuja bondade se elogia,
mas quem encontrará um homem de firmeza?
- ⁷ O justo segue honradamente seu caminho;
felizes os seus filhos depois dele!
- ⁸ O rei, quando se assenta no tribunal,
discerne^k todo mal com o olhar.
- ⁹ Quem pode dizer: Purifiquei o coração,
estou limpo do meu pecado? Jó 4,17
- ¹⁰ Dois pesos e duas medidas,
as duas coisas são horror para o SENHOR. 11,1
- ¹¹ Um jovem é logo conhecido por seus atos:
percebe-se se puro e justo é seu agir.
- ¹² O ouvido para ouvir, o olho para ver,
ambas essas coisas fez o SENHOR. Ex 4,11;
Sl 94,9
- ¹³ Não ames o sono, para não empobreceres;
mantém os olhos abertos e te fartará de pão. 6,10
- ¹⁴ Diz o comprador: "Não presta, não presta",
mas depois vai-se gabando da compra.
- ¹⁵ Há profusão de ouro e coral,
mas uma linguagem sábia, que coisa mais rara! 3,15
- ¹⁶ Toma-lhe o manto, pois afiançou um estranho;
toma-lhe um penhor, pois afiançou uma estrangeira^l. - 27,13;
6,1-5
- ¹⁷ Parece gostoso o pão de mentira,
mas depois, na boca cheia, é como areião.
- ¹⁸ Aconselha-te para consolidar teus planos,
faz a guerra com base em cálculos cuidadosos.
- ¹⁹ Quem revela segredos comete traição;
não te associes, pois, ao falador. 11,13
- ²⁰ Quem amaldiçoa pai e mãe
terá sua lâmpada apagada no meio das trevas. 19,26; 30,11;
Ex 21,17
13,9

l. Por causa de 19,12 e do gr., alguns traduzem "o furor do rei", modificando ligeiramente a escrita da palavra hebr.

j. Lit. *todo estúpido arrebatado*.

k. Lit. *dissipa*, como quem separa, na peneira, as cascas do grão (cf. v. 26), lançando tudo para o alto.

l. Lit. *pela causa de uma estrangeira*. A palavra não tem aqui o mesmo sentido de 2,16 (cf. nota). Trata-se apenas de desconhecidos, com os quais não se tem relação alguma. Ser fiador deles é condenar-se à ruína. Cuidem-se os credores eventuais!

- 13,11 ²¹ Patrimônio constituído muito rápido, no início,
não será abençoado, no fim.
- 11,1 ²² Não digas: "Retribuirei o mal que me fizeram!"
Espera, antes, no SENHOR, e ele te salvará.
- Sl 37,23 ²³ Pesos desiguais são o horror do SENHOR;
balança fraudulenta não tem cabimento
- Dr 23,22-23
Ec1 5,3-5 ²⁴ É do SENHOR que o homem tem seus passos;
o ser humano, como discernirá seu caminho?
- ²⁵ É uma arapuca alguém dizer sem pensar: Sagrado^m!,
como também ficar remoendo após os votos feitos.
- 6,23 ²⁶ Um rei sábio peneira os maus
e faz passar sobre eles a rodaⁿ.
- ²⁷ O espírito do homem é uma lâmpada do SENHOR;
sonda o mais íntimo do serⁿ.
- 16,12;
Is 16,5 ²⁸ Amizade fiel e lealdade guardarão o rei;
ele firma seu trono pela fidelidade.
- 16,31 ²⁹ A força é o atavio dos jovens;
os cabelos brancos, a honra dos velhos.
- ³⁰ Sangrar a ferida é remédio para o mal^p,
os golpes, para o mais íntimo do ser.
- 21** ¹ Um canal de água é o coração do rei nas mãos do SENHOR:
ele o dirige para tudo o que lhe compraz.
- 16,2;
Lc 16,15 ² O homem julga retos todos os seus caminhos,
mas é o SENHOR que pesa os corações.
- ³ Praticar a justiça e o direito
vale mais, para o SENHOR, que o sacrifício.
- ⁴ O olhar altivo, o coração inchado,
a ostentação dos maus: tudo isso é pecado!
- ⁵ A ponderação do empreendedor é ganho seguro,
mas a precipitação leva, por certo, à indigência.
- ⁶ Riqueza obtida mediante palavras mentirosas
é ilusão fugaz de pessoas que buscam a morte.
- ⁷ A violência dos maus arrebatá-los,
pois recusam praticar o direito.
- ⁸ O proceder do criminoso é tortuoso,
mas a atuação do íntegro é reta.

m. 1. é, consagrar alguma coisa ao Senhor (cf. Mc 7,11).
n. Alusão a um processo de debulha do grão (cf. v. 8, onde se fala de peneiramento, como no começo deste v.).

o. Lit. *as recônditas do ventre*. É obscuro o sentido do v. O autor parece entender o "sopro vital" dado por Deus ao homem, conforme Gn 2,7 (*neshamá*, traduzido aqui por *espírito*), como uma presença divina que lhe seria a *luz* da consciência. Pode-se

topar com um sentido aproximado em Jó 26,4 e 32,8, os dois únicos textos do AT em que a palavra comum ao presente texto e a Gn 2,7 tem o sentido de "espírito", em simetria com "inteligência" de Jó 32,8.

p. Texto incerto. Seria o caso de um corte intencional, para aliviar uma congestão, por exemplo?

- ⁹ Melhor morar num cantinho do teto^q — 25,24
que partilhar a casa de mulher ranzinza. 19,13
- ¹⁰ O mau por tudo o que é, deseja o mal;
nem mesmo seu amigo encontra graça a seus olhos.
- ¹¹ O inexperiente tornar-se-á sábio pela punição dada ao zombador 9,7
e alcançará o conhecimento pela atenção dada ao sábio.
- ¹² O justo^r atenta à sociedade dos maus
e arruina a sorte dos malvados.
- ¹³ Quem fecha o ouvido ao clamor do fraco
também ele clamará sem receber resposta.
- ¹⁴ Dado discretamente, o presente aplaca a ira; 17,8
enfia no bolso^s, a oferta aplaca o furor violento.
- ¹⁵ O direito posto em prática, para o justo é uma alegria,
para o malfeitor, porém, uma calamidade.
- ¹⁶ Quem quer que se aparte da via do juízo,
irá repousar na comunidade das Sombras. 9,18
- ¹⁷ Quem ama o prazer condena-se à miséria;
quem ama o vinho e as coisas finas não enriquecerá.
- ¹⁸ O mau servirá de resgate^t para o justo
e o pérfido para os homens retos.
- ¹⁹ É melhor viver em região deserta
do que ter esposa briguenta e queixosa. 19,13
- ²⁰ No recanto do sábio: tesouro precioso^u e coisas finas;
tudo isso, o insensato o dissipa.
- ²¹ Quem procura justiça e fidelidade
encontrará vida^v, justiça e honra. 22,4
- ²² Um sábio pode assaltar uma cidade bem defendida
e dismantelar a cidadela em que ela confiava^w. Ec19,14-16
- ²³ Quem vigia sua boca e sua língua
guarda-se de angústias. 13,3
- ²⁴ Orgulhoso e insolente, eis o que é o zombador^x;
ele age transbordando arrogância. 9,7

q. A comparação desse v. com 19,13 e 21,19 poderá sugerir esta interpretação: é melhor dormir fora de casa, na chuva até, do que com uma mulher rabugenta, mais desagradável que uma goteira permanente.

r. A maioria dos comentadores vêem no *justo*, aqui, o próprio Deus. Mas nada impõe esta interpretação: parece que o sentido é outro: o homem justo, especialmente quando autoridade, não pode-se alhear das tramas dos maus. Cabe-lhe impedir que tenham êxito.

s. Lit. *No seio*. Possível interpretação: "no manto" (cf. 17,23). Em 16,33, a mesma expressão hebr. têm outro referente: os dados no estojo.

t. Idéia próxima de Is 43,4. O sábio manifesta sobre os indivíduos o que o profeta diz das nações. Em ambos os textos, porém, o termo *resgate* é bastante obscuro, dada a incerteza que

paira sobre o sentido de tal resgate (cf. também 13,8 e nota). u. Muito provavelmente, o tesouro precioso é o acervo tradicional de sabedoria, transmitido oralmente ou por escrito (cf. 25,1 e 4,2) e considerado como uma riqueza mais valiosa que a prata, o ouro ou o coral (3,14-15; 8,18-19).

v. Os sábios garantem "a vida" e quem acolhe seu ensinamento (cf. 22,4).

w. I. it. *assaltou... dismantelou*. A forma gramatical do verbo — o perfeito — não leva necessariamente a ver af um acontecimento passado. Em poesia, pode referir-se a um fato geral. De resto, a generalização pode vir de certas situações particulares, tomadas como exemplo. Lembre-se Ec19,15, onde se diz um sábio, pobre, salvou a cidade. Vejam-se também as alusões ao poder da sabedoria, em 16,32; 24,5-6. — "A cidadela", lit. *a força (fortaleza)*.

x. I. it. *é chamado de zombador*.

- 13,4 ²⁵ Os desejos do preguiçoso causam-lhe a morte,
pois suas mãos recusam trabalhar.
- ²⁶ Passa o dia desejando e cobiçando!
— O justo, ao invés, vive dando sem nada reter.

15,8 ²⁷ É um horror o sacrifício dos maus^a,
sobretudo porque o oferecem com malícia.

6,19 ²⁸ A testemunha falsa perecerá;
quem sabe ouvir saberá sempre falar^c.

²⁹ O mau tem um ar de afronta,
o homem reto, solidez no proceder.

³⁰ Não há sabedoria, nem entendimento,
nem conselho, em face do SENHOR^d.

SI 20,8;
33,17-18;
147,10-11

³¹ Prepara-se uma cavalaria para o dia do combate^b,
mas no fim, a vitória depende do SENHOR.

22 ¹ Melhor bom renome que grande riqueza; favor vale mais que prata e ouro.

29,13;
Sb 6,7

² Ricos e pobres se encontram^d;
o SENHOR os fez a todos.

- 27,12 ³ Vislumbrando o mal, o prudente se resguarda,
já os néscios vão em frente e pagam por isso.

21,21 ⁴ A consequência da humildade é o temor do SENHOR,
a riqueza, a honra e a vida^e.

⁵ Na estrada do traidor, espinhos e armadilhas;
afasta-se deles quem quer guardar sua vida.

Sr 6,18 ⁶ Ensina bons hábitos^f ao jovem, em início de caminhada;
não os deixará, nem quando envelhecer.

⁷ O rico domina os necessitados
e o devedor é escravo do seu credor^g.

⁸ Quem semeia injustiça recolhe desgraça;
o aguilhão de sua raiva se embotará^h.

28,27 ⁹ Quem tiver olhar bondoso será abençoado,
porque com o pobre repartiu seu pão.

y. Os sábios, como os profetas, estimam muito o valor moral do ato religioso. Cf. Am 5,21-25; Os 6,6; 8,13 e 1Sm 15,22.

z. Não se percebe nexos lógico satisfatório entre os dois estíquios do v.

a. Aqui a sabedoria aparece um tanto desvalorizada em relação com o Senhor, coisa bem rara nos livros sapienciais (reabilitam-na Pr 8 e as passagens de igual significação: Sr 24; Sb 6-9). Cf. também Pr 10,22; 16,3,9 e 1Cor 1,20.

b. Sobre a crítica — de inspiração profética — dos carros de guerra e da cavalaria, cf. 1Sm 8,11, próxima de Dt 17,16; Sl 33,17; Os 1,7.

c. Comparar com o provérbio: "Boa fama vale mais que cinto de ouro".

d. Geralmente, os sábios proclamam os ricos como melhor situados na vida que os pobres (10,15; 14,20; 18,11). Pois não

vem de Deus a riqueza (10,22)? Mas a variante deste v., em 29,13, iguala o rico com o usuário, como já se insinuou em 22,7 e 28,8. Na verdade, nota-se neste livro evidente simpatia pelos pobres: 13,23; 14,31; 19,17.

e. É comum, neste livro, atribuir as mesmas vantagens à posse da sabedoria e ao temor de Deus: 10,27; 14,27; 19,23.

f. Lit. *Dedica. Inaugura* ou, metaforicamente, *Inicia*. Trata-se de consagrar uma boa iniciação na vida, no "caminho". Evidencia-se assim o aspecto moral dessa vida a que o jovem se dedica.

g. É preciso, naturalmente, tomar em sentido figurado, como em 11,29. Todavia, tal servidão acontecia de fato, às vezes: cf. 2Rs 4,1; Ne 5,5,8 e as leis a respeito da escravidão em Ex 21,7-11; Lv 25,39; Dt 15,12.

h. Lit. *desaparecerá*.

- ¹⁰ Expulsa o zombador, e a contenda acaba:
adeus disputas e ofensas! 1,22
26,20
- ¹¹ Quem ama alguém de coração puro
e usa palavras benevolentes¹,
terá por amigo o rei.
- ¹² Os olhos do SENHOR protegem o saber;
ele confunde as palavras do pérfido.
- ¹³ Diz o preguiçoso: "Há um leão lá fora,
em plena rua! Vou ser morto!" - 26,13;
6,6-11
- ¹⁴ A boca das libertinas é um fosso profundo,
nele cairá quem o SENHOR reprova. 2,16
- 23,27
- ¹⁵ A estultice está ligada ao coração dos jovens;
dela os afastará a vara da disciplina¹. 13,24
- ¹⁶ Explora-se o fraco: no fim, sai ele engrandecido^k;
dá-se ao rico: no fim, só empobrecimento^l.

III. PRIMEIRO LIVRETE DOS SÁBIOS

- ¹⁷ Inclina o ouvido para ouvir as sentenças dos sábios
e presta atenção à minha experiência^m, 23,12
- ¹⁸ será para ti prazer guardá-las em teu íntimoⁿ,
todas reunidas e prontas em teus lábios.
- ¹⁹ Para que a tua confiança esteja no SENHOR,
quero hoje instruir também a ti^o.
- ²⁰ Eis que escrevi para ti trinta máximas^p,
envolvendo conselhos e saber,
- ²¹ para que possas dar a conhecer a realidade das palavras de verdade
e fielmente transmitir resposta^q aos que te enviam.
- ²² Não despojes o indefeso: é um indefeso^r!
nem oprimas, no tribunal^s, o homem de condição humilde,

1. Lit. *e quem tem a graça nos lábios...* Para facilitar a leitura deste v., mudamos a pontuação. Sobre o interesse pelas boas graças do rei, cf. 14,35; 16,13. Pode estar latente, na busca do favor do rei, a idéia do apoio de Deus; cf. 11,27; 24,21.

j. Fica patente que, na intenção dos sábios, só a educação — concebida, aliás, como coerção — poderá curar o jovem da falta de juízo.

k. Pode-se ver aí uma reflexão global sobre a história de Israel. Os "humildes da terra" (Sf 2,3) foram instruídos na fé de que sua humilhação seria causa de exaltação: Sl 107,41; 113,7-8 e a história toda de Ester.

l. Trata-se do empobrecimento do doador, que faz um gesto inútil. O provérbio é apresentado como enigma paradoxal.

m. Lit. *à minha ciência*. É o aspecto prático da ciência, um conhecimento feito de experiência concreta, algo que a perspectiva bíblica da noção de ciência inclui plenamente. — Toda a seção 22,27-23,14 tem muita relação com o livro egípcio chamado Sabedoria (ou Ensinamentos) de Amenêmope. Atesta a expansão universal das "Sabedorias" orientais e a acolhida ecclética por parte dos sábios de Israel (cf. também as sentenças de Agur e de Lemuel, nos caps. 30 e 31).

n. Lit. *no fundo do teu ventre*.

o. O sábio israelita explicita por que assume as sentenças de uma sabedoria estrangeira. Como os profetas ou os salmistas, quer ele ajudar seu discípulo a pôr sua confiança no Senhor. Mas para tanto usa de outra pedagogia. Serve-se de sabedoria mais universal, cuja fonte não se limita à revelação da Aliança.

p. Texto obscuro. A palavra *máximas* não figura aí, mas a passagem paralela de Amenêmope leva a essa interpretação: "Considera esses trinta capítulos: eles alegram, eles instruem, eles encabeçam todos os livros e tornam sábio o ignorante" (Amenêmope XXX; XXVII, 6-9). — Outros traduzem: *Eis que escrevi, à tua intenção, seguidas vezes*.

q. Poder-se-ia traduzir: *palavras verdadeiras*. Cf. Amenêmope: "A doutrina é... ciência de oferecer resposta aos que a pedem e relatório a quem envia" (Prólogo, I, 1-5).

r. Sentido possível: não te aproveites de sua pobreza, para explorá-lo. Cf. Amenêmope: "Cuidado! Não despojes os miseráveis, nem violentes o fraco... quando ele clama, sua voz sobe ao céu, e a Lua (o deus Tot) perseguirá seu crime (o do explorador)" (cap. II; IV 4-5,18-19).

s. Lit. *na Porta*.

- 23.11 ²³ pois o SENHOR defenderá a causa deles
e despojará a vida dos que os despojaram.
- 6.1-5 ²⁴ Não te faças amigo de um homem iracundo,
nem andes com o violento¹,
²⁵ para que não te habitues aos seus caprichos,
nem armes uma trampa para ti mesmo.
- ²⁶ Não sejas dos que, pelo aperto de mão,
se fazem fiadores de empréstimos;
²⁷ pois talvez não tenhas com que pagar!
Por que te tomariam a cama em que dormes?
- 23.10, 15.25 ²⁸ Não removas um velho marco,
levantado por teus pais².
- ²⁹ Viste alguém perito em seu trabalho?
Ele poderá apresentar-se aos reis,
em vez de ficar entre gente obscura.

23

- ¹ Se estás à mesa com um poderoso,
presta atenção àquele que está na tua frente.
- ² Põe uma faca na tua garganta,
se és de muito comer!
- 23.6 ³ Não cobices suas iguarias!
Pensando bem, é comida de frustração³!
- ⁴ Não te atormentes para obter riqueza,
deixa de pensar nisso⁴.
- ⁵ Mal teus olhos pousam sobre ela
e já terá sumido.
Pois ela sabe tomar asas!
Voará⁵ qual águia para o céu.
- 23.3 ⁶ Não comas o pão do homem de olhar mau
nem cobices suas iguarias,
⁷ porque ele é como alguém que já se decidiu.
"Come e bebe", te diz,
mas seu coração não está contigo!
- ⁸ Vomitarás o bocado que acabaste de comer,
e toda a tua amabilidade será pura perda.

t. Cf. Amenêmope: "Não te unas ao fogoso nem te aproximes para conversar com ele" (cap. IX: XI.13-14).

u. Aqui, esta coleção dos sábios se afasta de Amenêmope, onde não há texto correspondente, mas aproxima-se de Pr 6.1-5; 20.16.

v. O tema do respeito pelos marcos dos terrenos aparece em Pr aqui e em 15.25; 23.10-11, mas também em Amenêmope: "Não desloques um marco até o limite dos campos cultivados e não mudes o comprimento da treva. Não cobices um côvado de terreno nem violes as cercas de uma viúva. Quem prejudica nas lavouras... é caçado pelo poder da Lua (o deus Tot)" (cap. VI-A: VII.12-19; VIII.6-20).

w. O sábio, por certo, está pensando no escriba, como Amenêmope: "Quando um escriba se distingue em seu mister, logo se tornará homem da corte" (cap. XXX: XXVI.16-17). Ver também Sr 39.4, num contexto mais religioso.

x. Na convivência com os grandes há muitas ciladas. Corre perigo quem se mostra interessado demais nos seus favores. O v. 3 pode, figuradamente, sugerir uma dessas peças pregadas no glúteo. O v. 3a reaparece em 6b.

y. Cf. Amenêmope: "Não ponhas teu coração a perseguir riquezas... nem te dês ao trabalho de procurar o supérfluo" (cap. VII: IX.9-15).

z. Em passagem muito parecida de Amenêmope o ganso substitui a águia do Pr: "Quando a terra clarear, (a riqueza) não estará mais em tua casa... (As riquezas) fizeram asas para si próprias, como gansos, e se alçaram ao céu" (cap. VII: IX. 18; X.4-6).

a. Tradução conjectural. Muitos exegetas entendem assim: esse homem há de ser julgado pelos seus pensamentos íntimos e não pelo que proclama.

- ⁹ Não fales aos ouvidos do tolo;
ele desprezará o bom senso de tuas palavras.
- ¹⁰ Não removas um velho marco, 15,25;
nem invadas o campo dos órfãos^b, = 22,28
- ¹¹ pois o seu defensor é forte:
assumirá a causa deles contra ti! 22,23
- ¹² Orienta teu coração para a educação
e teus ouvidos para os ditames da experiência. 22,17
- ¹³ Não poupes correção aos jovens!
Não morrerão, se os bateres com vara! 13,24
- ¹⁴ Pelo contrário, castigando-os assim, 19,18
tu os livrarás da morada dos mortos. 1,12

Advertências paternais

- ¹⁵ Meu filho, se o teu coração for sábio,
meu coração também se alegrará.
- ¹⁶ Todo o meu ser^c exultará,
quando te exprimires com retidão.
- ¹⁷ No teu íntimo, não invejes os pecadores, 3,31
mas guarda, o dia todo, o temor do SENHOR.
- ¹⁸ Pois haverá, certamente, um futuro
e tua esperança não será decepada^d. = 24,14
- ¹⁹ E tu, meu filho, escuta e torna-te sábio,
e seguirás reto pelo teu caminho.
- ²⁰ Não te metas com os beberrões
nem com os que se empanturram de carne.
- ²¹ Pois bêbados e comilões caem na miséria
e a sonolência se cobre de farrapos! 6,10;
- ²² Ouve a teu pai, que te gerou, 24,33-34
e não desprezes tua mãe porque envelheceu. 15,20; 30,17
- ²³ Adquire a verdade e não comercies com ela,
nem com a sabedoria, a educação e o entendimento.
- ²⁴ O pai de um justo dançará de alegria;
quem gera um sábio se regozijará;
- ²⁵ que se regozijem teu pai e tua mãe, 10,1
que dance de alegria aquele que te pôs no mundo!
- ²⁶ Meu filho, dá-me tua confiança^e
e alegrem-se teu olhos com o meu exemplo^f.
- ²⁷ Sim, a prostituta é um fosso profundo = 22,14
e a estranha, um poço estreito!
- ²⁸ Tal um assaltante, ela também fica à espreita^g 7,12
e semeia perfídia no meio das pessoas.

b. Em 15,25, o marco do terreno da viúva é excelente paralelo do campo dos órfãos aqui lembrado. Ambos estão sob a chancela do Senhor (cf. 22,28 e nota).

c. Lit. *Meus rins*.

d. Não se deve restringir esse futuro ao horizonte terreno (cf. 14,32). Mesmo sem ter idéia muito precisa a respeito, o justo aspirava a um porvir duradouro, em que não se separasse do

Senhor; cf. Sl 16,9-11; 49,16; 73,24.

e. Lit. *dá-me teu coração*, expressão que para nós tem conotação afetiva. Também se traduziu: *presta-me atenção* (cf. 24,32). Pelo contexto, é mais um apelo a confiar na experiência do mestre.

f. Lit. *com os meus caminhos*, que segui e te recomendo.

g. Aqui, como em 6,26, a prostituta e a estranha, assimiladas à adúltera, são objeto da mesma precaução.

20.1 Retrato do bêbado

- ²⁹ Para quem os "ah!"? Para quem os "ai!"?
 Para quem as rixas? Para quem as queixas?
 Para quem as disputas sem motivo?
 Para quem os olhos turvos?
- ³⁰ Para os que ficam até tarde com o vinho,
 para os que procuram bebidas generosas.
- ³¹ Não fiques contemplando o vinho vermelho,
 que na taça resplandece todo o seu colorido
 e corre suavemente para dentro^h.
- ³² No fim, ele morde como uma cobra
 e pica qual uma víbora.
- ³³ Teus olhos verão coisas estranhas
 e tua mente te fará proferir disparates.
- ³⁴ Serás como alguém deitado em pleno mar,
 deitado no topo de um mastroⁱ.
- ³⁵ "Bateram em mim...! Não está doendo!
 Espancaram-me...! Nem senti!
 Quando irei acordar...?
 Voltarei a pedir mais!"

Outras sentenças dos sábios

3.31;
23.17

24

- ¹ Não invejes os maus
 nem queiras a sua companhia,
² porque só planejam desordens
 e os seus lábios só proferem maldades.
- ³ Com a sabedoria é que se constrói uma casa,
 com o entendimento ela é consolidada;
⁴ com a experiência, enchem-se seus cômodos
 de toda sorte de bens preciosos e agradáveis.
- ⁵ Um homem viril e sábio é todo energia
 e o homem experiente tem duplo poder.
- ⁶ Empreenderás portanto a guerra calculadamente,
 pois a vitória depende de estar bem aconselhado.
- ⁷ Para o estulto as noções da sabedoria são uma montanha;
 no Conselho^j, ele é incapaz de abrir a boca.
- ⁸ Quem planeja o mal
 é chamado de espertalhão!
- ⁹ A estultice só pensa no pecado
 e o zombador é um horror para a humanidade.
- ¹⁰ Fraquejas no dia do aperto?
 Bem apertada, então, é tua força!
- ¹¹ Salva os condenados à morte
 e poupa os que, cambaleando, vão para o suplício^k.

14.1

Lc 14.31
- 11.14

13.1

h. Lit. e segue reto o seu caminho.
 i. Outros entendem: na ponta da cana (do leme).
 j. Lit. na Porta.

k. Interpretação: empenha-te ao máximo para que não se co-
 meta injustiça. A história de Susana, adicionada ao livro de Daniel
 (cap. 13), ilustra esse provérbio.

- ¹² Sem dúvida poderás dizer: "Como, não sabíamos de nada!"
 Não há quem pese os corações? Sim, ele discerne!
 Aquele que te observou, ele sabe
 e retribuirá a cada um segundo suas obras! Sl 62,13
- ¹³ Meu filho, come mel. É bom!
 Um favo de mel será doçura para teu paladar.
- ¹⁴ Assim será a sabedoria para ti, fica sabendo!
 Se a encontrares, terás um futuro
 e tua esperança não será decepada¹. - 23,18
- ¹⁵ Malvado, não armes emboscada contra a casa do justo
 nem devastes seu lugar de repouso,
- ¹⁶ pois, ainda que caia sete vezes, ele se levantará,
 enquanto os maus sucumbem na desgraça.
- ¹⁷ Não te alegres com a queda do teu inimigo
 nem exultes quando tropeçar,
- ¹⁸ não suceda que vendo isto o SENHOR se desagrede
 e do outro desvie sua cólera^m.
- ¹⁹ Não te inflames contra os malfetores
 nem invejes os perversos, 3,31
- ²⁰ porque não há futuro para quem faz o mal
 e a lâmpadaⁿ dos maus se apagará. 13,9
- ²¹ Meu filho, teme o SENHOR e o rei.
 Não te mistures com os inovadores;
- ²² pois, de repente, se levanta contra eles,
 e sabe lá que desgraça um e outro poderão causar^o!

IV. SEGUNDA COLEÇÃO DOS SÁBIOS

- ²³ Também isto é dos Sábios:
 Não é bom ser parcial num julgamento. - 28,21
- ²⁴ Quem diz ao culpado: "Tu és inocente^p",
 a multidão o amaldiçoa e a nação o despreza^q. 17,15
- ²⁵ Para os que o repreendem haverá prosperidade
 e virão sobre eles bênção e felicidade.
- ²⁶ Dá um beijo nos lábios
 quem responde com franqueza.

1. Quanto ao sentido dessa *esperança* e desse *futuro*, cf. 23,18 e nota. O destino dos maus vem oposto, em 24,20, ao dos bons (mencionados em 23,18) ou do sábio (indicado aqui).

m. Cabe ao Senhor punir ou não o ímpio (Dt 32,35). Quem se arroga tal direito, atrai sobre si a própria ira de Deus.

n. Luz e lâmpada são símbolos de alegria e vida (Jr 25,10) e, às vezes, de continuidade, de esperança (1Rs 15,4; 2Rs 8,19: a descendência do rei é uma lâmpada do Senhor).

o. Texto incerto. Entendemos: meter-se com inovadores, com revolucionários sem nenhum futuro, é estupidez, pois logo Deus e o rei castigarão seus partidários incautos. Podemos ver aqui um ditame de sabedoria política, aduzido pelas perturbações da época: cf. 28,12. Este v. parece estar na base da glosa da tradução gr.: *Um filho que respeita a palavra fugirá à perdição, se*

a tiver recebido de verdade / Nada de mentiroso seja dito ao rei pela língua, e nada de mentiroso provenha de sua língua / É uma espada a língua do rei e não um membro de carne: quem lhe for entregue, será esmagado / Por isso, quando se excita o seu furor, mata os homens com seus nervos / devora-lhes os ossos e queima-os, como uma chama, tornando-se incombustíveis aos filhotes das águia.

p. Lit. *ao ímpio*; *Tu és justo*. O contexto é de uma sentença jurídica, no tribunal. Trata-se de julgar um acusado.

q. Essa atitude de revolta da multidão contra os abusos dos maus testemunha um clima de independência maior que o clima de muda subserviência apenas abalado pelo clamor dos profetas: Am 2,6; 5,24; Is 1,23. Cf. também Pr 17,15.26; 18,5.

- ²⁷ Garante teu trabalho lá fora,
prepara-o no teu campo;
poderás depois construir tua casa.
- ²⁸ Não testemunhes sem motivo contra o próximo.
Ou enganarias com teus lábios?
- ²⁹ Não digas: "Como ele me fez, assim lhe farei;
retribuirei a cada um, conforme sua obra".

6,6-11: Retrato do preguiçoso

23,21

- ³⁰ Passei pelo campo de um preguiçoso,
perto da vinha de um homem sem ânimo.
- ³¹ E olha só: era tudo espinheiro,
tudo coberto de espinhos
e a mureta de pedras em ruína.
- ³² Fiquei olhando, refleti com atenção^a.
Vi, e aprendi uma lição^b:
- ³³ dormir um pouco, cochilar um pouco,
espreguiçar um pouco, de mãos cruzadas,
- ³⁴ e a pobreza chegará à tua casa como que de passeio;
a indigência, qual um velho guerreiro^c.

V. SEGUNDA COLEÇÃO SALOMÔNICA

25

10,1

¹ A seguir, mais uma compilação de provérbios de Salomão,
recolhidos pelos homens de Ezequias, rei de Judá.

² A glória de Deus é agir em mistério^d
e a glória dos reis, agir após exame^e.

³ A altura dos céus, a terra em sua profundidade
e o coração dos reis ninguém examina.

⁴ Elimina as escórias da prata,
e já sai um vaso para o ourives;

⁵ tira o malvado da presença do rei
e seu trono se firmará na justiça.

⁶ Não banquetes o pretensioso diante do rei
nem te ponhas no meio dos grandes.

⁷ pois é melhor que te digam: "Sobe aqui!"
do que seres humilhado diante de um notável.

O que os teus olhos viram,

⁸ não te apresses a depor em processo,

r. Subentende-se: isso cabe ao Senhor (cf. v. 18). Pode-se sentir aí certa atenuação à lei e ao espírito do talão, cf. Ex 21,25 nota.

s. Lit. *meu coração*.

t. Lit. *uma educação ou uma disciplina*.

u. As passagens 6,10-11 e 24,33-34, quase iguais nos termos, parecem um tipo de refrão (cf. o procedimento usado em Is 2,6-22).

v. Lit. *esconder as palavras, os acontecimentos*.

w. O conjunto dos vv. 1-7 gira em torno do rei. É uma espécie de introdução a um texto para o pessoal da corte. — Deus não justifica as suas ações (cf. as perguntas de Ecl e de Jó, que apresentam, sem resolver, os mistérios da conduta divina com relação ao mundo; e Rm 11,13). Os reis, porém, devem poder prestar contas de sua política. Esse binômio "ação de Deus / segredo do rei" aparece também em Tb 12,7.

pois o que farias, afinal,
se teu adversário te confundisse?

⁹ Trata de tua causa com o adversário,
mas não reveles confidências dum outro,

¹⁰ para que, sabendo-o, não te recrimine
e não consigas reparar tua falação.

¹¹ Maçãs de ouro com enfeites de prata,
assim é uma palavra oportuna;

¹² anel de ouro e colar de ouro fino,
assim a censura de um sábio ao ouvido atento.

¹³ Como o frescor da neve em tempo de colheita
é o mensageiro fiel para quem o envia:
ele reconforta seu senhor.

13,17

¹⁴ Nuvens e vento, sim, chuva, não!
assim é quem alardeia um presente sem o dar.

¹⁵ Com muita paciência, pode-se convencer um magistrado,
assim como uma língua macia pode quebrar um osso^x.

¹⁶ Achaste mel? Come o que te basta,
senão, enfasiado, o vomitarás.

25,27

¹⁷ Põe raramente o pé em casa de amigo,
senão, enfasiado, ele te detestará.

¹⁸ Clava, espada, flecha aguçada,
assim é quem dá falso testemunho contra o próximo.

6,19

¹⁹ Dente bambo e pé vacilante,
tal é, no dia da tribulação, a confiança posta no traidor.

²⁰ Mandar tirar a capa em dia frio,
jogar vinagre na soda,
cantar canções diante de um aflito, é tudo a mesma coisa.

²¹ Se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer;
se está com sede, dá-lhe de beber.

²² Com isso, tu tirarás brasas ardentes de sobre a sua cabeça^y,
e o SENHOR te recompensará.

Rm 12,20

²³ O vento do norte produz chuva;
o rosto irritado faz nascer linguagem fingida^z.

²⁴ É melhor viver num cantinho do teto
que partilhar a casa de mulher ranzinza.

- 21,9;
19,13

x. Comparação um tanto estranha: em geral, só os dentes dos animais quebram ossos! Pode-se compreender que uma "palavra suave" (a *língua*) é capaz de quebrar resistências (os *ossos*). A sentença lança mão de uma imagem apta a despertar a atenção por sua forma desconcertante, como no caso do apólogo da agulha e do camelo, em Mt 19,24.

y. Paulo seguiu o gr.: "Fazendo isso, *ajuntarás* brasas sobre a sua cabeça" (Rm 12,20). O hebr. propõe outra interpretação:

assumirás a angústia da miséria que pesa sobre a cabeça dele (cf. Sl 52,7: ... *te arrancará, te extirpará*, sentido evidente do mesmo vocábulo hebr.). Só assim se explica o final do v., omitido em Rm (ver Rm 12,20 nota, que comenta o texto gr. citado por Paulo). — Outra tradução proposta: "*Apartarás brasas ardentes de sua cabeça*".

z. Outra interpretação possível: *O fingimento (produz) semblantes furiosos*.

²⁵ Como água fresca para garganta sedenta,
assim são as boas novas de uma terra distante.

²⁶ Manancial turvo, fonte poluída,
assim é o justo que treme na presença do mau.

25,16 ²⁷ Não faz bem comer mel demais,
mas o estudo de coisas importantes é importante^a.

²⁸ Cidade desmantelada fica sem muralha:
tal é o homem cujo espírito não tem freio^b.

Sobre o insensato^c

26 ¹ Tão pouco quanto a neve ao verão e a chuva à colheita,
convém a honra ao insensato.

² Como o pardal esvoaça e a andorinha voa em redor,
assim a maldição gratuita não atinge o alvo^d.

10,13 ³ Para o cavalo o relho, para o asno o freio,
para a costa do insensato a vara.

⁴ Não respondas ao insensato conforme a sua estultice,
para não te assemelhares a ele;

⁵ responde ao insensato conforme a sua estultice,
para que ele não se imagine um sábio^e.

13,17 ⁶ Corta os próprios pés e bebe violência
quem manda recados por meio do insensato^f.

- 26,9 ⁷ As pernas cedem debaixo do coxo;
assim uma sentença na boca do insensato^g.

⁸ Tanto serve amarrar uma pedra na funda,
quanto homenagear um insensato^h.

- 26,7 ⁹ Como galho espinheiro agitado por um bêbado,
tal é o provérbio na boca do insensato.

¹⁰ Como um chefe que vai ferindo todo mundo,
assim é quem emprega um insensato ou o alguém de passagemⁱ.

2Pd 2,22 ¹¹ Como um cão que volta ao seu vômito,
tal é o insensato que repete sua asneira.

3,7 ¹² Vês alguém sábio a seus próprios olhos?
- 29,20 Há mais por esperar de um insensato do que dele.

a. Texto talvez alterado. Pode-se entender assim: abusar de algo agradável acaba cansando, enquanto as coisas importantes sempre mantêm interesse.

b. Lit. *sem obstáculo* (que o segure).

c. A palavra *insensato* ocorre em todos os vv. 1-12 (exceto no v. 2).

d. Sem dúvida, porque o Senhor não permite que ela alcance quem não a merece.

e. Conselho sobre como lidar com um espírito falso. Compactuar com ele, a pretexto de conciliação, pode afirmar (ou parecer afirmar) as idéias dele, sem proveito para ele mesmo. Contradize-lo ajuda-o a tomar consciência de seus erros. Cabe ao sábio decidir que atitude tomar.

f. I. é, pode esperar a pior desventura, sem poder se esquivar dele.

g. A máxima hebraica contrói-se, o mais das vezes, de proposições organizadas aos pares, paralelamente, criando equilíbrio de pensamento e de expressão. Aproximar o *insensato* do *coxo* é evocar a incoerência de seu discurso, carente de reflexão.

h. Alguns traduzem: "*colocar* uma pedra *em* uma funda". Seria então insistir no perigo de tal gesto. É o sentido também do v. 9. Nossa tradução é mais literal: "apertar, ligar", i. é, *amarrar* uma pedra *sobre* a funda, coisa estúpido e inútil. Honrar um imbecil é mais idiotice do que risco.

i. Tradução hipotética de um texto sem dúvida mal-transmitido.

Sobre o preguiçoso^j

6,6-11

¹³ Diz o preguiçoso: "Há uma fera na estrada,
um leão pelas ruas!"

¹⁴ A porta gira nos gonzos
e o preguiçoso, na cama.

¹⁵ O preguiçoso enterra a mão no prato,
mas retorná-la à boca é que o cansa.

- 19,24

¹⁶ O preguiçoso^k é mais sábio a seus próprios olhos
do que sete peritos ajuizados.

¹⁷ Quer agarrar um cão pelas orelhas
quem, ao passar, se mete em briga alheia.

¹⁸ Como alguém que se faz de louco
e lança dardos ardentes, flechas, a morte enfim,

¹⁹ assim é o que engana o próximo
e diz em seguida: "Eu estava brincando!"

²⁰ Faltando lenha, apaga-se o fogo;
faltando o caluniador, acaba a intriga.

22,10

²¹ O carvão faz a brasa, a lenha faz o fogo;
assim o intrigante atíça a disputa.

²² As palavras do caluniador são como guloseimas:
descem até o mais íntimo das entranhas.

- 18,8

²³ Prata impura aplicada em argila,
assim a lábia inflamada e o coração perverso.

²⁴ Quem tem ódio disfarça com os lábios,
e bem no seu íntimo se instala a mentira.

6,12

²⁵ Se ele tem conversa amável, não te fies nisso;
ele acalenta mil pensamentos horríveis^l.

²⁶ Pode o ódio até se mascarar;
sua malícia se revelará aos olhos de todos^m.

²⁷ Quem cava um fosso nele cairá;
quem rola uma pedra, ela cai em cima deleⁿ.

1,31;

28,10

²⁸ Língua mentirosa detesta os que ela atinge,
boca lisonjeira conduz à ruína.

6,12

27 ¹ Não te felicites pelo dia de amanhã,
pois não sabes o que o hoje vai te gerar.

Tg 4,13-14

² Louve-te outrem, e não tua boca,
um estranho, e não os teus lábios.

j. Os vv. 13-16 tematizam, novamente, o *preguiçoso*, já retratado em 6,6-11 e 24,30-34.

k. Pensou-se que a palavra *preguiçoso* aqui teria substituído "insensato", por causa do contexto. Para Pr, ser sábio aos próprios olhos é típico do insensato. Cf. 12,15.

l. Lit. *há sete abominações em seu coração*.

m. Lit. *na assembléia*. Provavelmente não se trata da assem-

bléia oficial, de culto, à qual aludem, por ex., Sl 89,6; 107,32; 149,1. Pensou-se, por causa de 21,16, na assembléia das Sombras. Parece-nos que a palavra está mais para o conjunto das pessoas, o público.

n. Cf. Sl 7,16-17; Sr 27,25-27 e, em sentido diferente, Ecl 10,8. É a idéia da inversão das situações já anotada em 14,19.

- 6.34-35 ³ Pesada é a pedra, pesada a areia,
mais pesada, contudo, é a cólera do estulto.
- ⁴ Crueldade é o furor e a cólera, excesso;
mas quem pode suportar a inveja?
- ⁵ Melhor uma correção franca
que amizade por demais discreta.
- ⁶ Os golpes de um amigo são leais;
enganosos^o os abraços do inimigo.
- ⁷ Garganta saciada despreza um favo de mel;
garganta faminta acha doce o que é amargo.
- ⁸ Como o pássaro a voar longe do ninho,
assim o homem vagando longe de sua terra.
- ⁹ Óleo e perfume põem em festa o coração
e a doçura de um amigo vale mais que o conselho de si mesmo^p.
- 17,17 ¹⁰ Não abandones teu amigo, nem o amigo do teu pai,
nem procures teu irmão, quando estiveres em apuro.
Vale mais um vizinho perto que um irmão distante.
- 22,3 ¹¹ Meu filho, sê sábio, e meu coração se alegrará,
e poderei responder a quem me desprezar.
- 20,16:
6,1-5 ¹² Vislumbrando a desgraça, o prudente se resguarda;
já os néscios vão em frente e pagam por isso.
- 19,13 ¹³ Toma-lhe o manto, pois afiançou um estranho;
toma-lhe um penhor, pois afiançou uma estrangeira!
- ¹⁴ Quem vem saudar o próximo, em altas vozes, de manhã cedo,
sua bênção será considerada maldição^q.
- ¹⁵ Goteira pingando sem parar em dia chuvoso
e mulher implicante são iguais.
- ¹⁶ Querer retê-la é o mesmo que reter o vento
ou pegar o óleo com a mão!
- ¹⁷ O ferro com o ferro se afia,
e o homem, pelo contato com o próximo.
- ¹⁸ Quem cuida de sua figueira comerá dos seus frutos;
quem vela por seu senhor será honrado por isso.
- ¹⁹ Como a água é um espelho para o rosto^r,
assim o coração do homem para o homem.
- 15,11
30,15-16 ²⁰ O Sheol e o Abismo são insaciáveis,
e insaciáveis, também, os olhos humanos.

o. *Enganosos*: tradução hipotética.

p. Sentido provável: um amigo pode e deve ser um conselheiro valioso.

q. Lit. *quem bendiz seu próximo*. Faz-se o contraste bênção-maldição, mas o verbo *bendizer* deve ser entendido no sentido atenuado de "saudar" (cf. Ex 12,32 nota). Maldiz-se o importu-

no que se derrama em saudações intempestivas.

r. Lit. *é um rosto para o rosto*. Reflete o que se lhe apresenta. Certamente o sábio quer dizer que o coração, as disposições interiores, se condicionam pelas da pessoa que temos à frente. Cf. idéia parecida em 25,23.

- 21 Há crisol para a prata e forno para o ouro;
para o homem, há a sua reputação. - 17,3
- 22 Ainda que soques o estulto num pilão no meio dos grãos,
sua estultice não se separará dele.

Conselhos de economia rural

- 23 Conhece bem o estado do teu gado
e presta atenção aos teus rebanhos. 12,10
- 24 Com efeito, a riqueza não é eterna
e uma coroa não passa de geração em geração!
- 25 Removido o capim e aparecido o broto,
e ajuntado o feno das montanhas,
- 26 tenhas cordeiros para te vestir,
bodes para comprar um campo
- 27 e leite abundante para te alimentar,
para alimentar tua casa e sustentar tuas servas.
- 28 1 O homem mau foge, ainda que ninguém o persiga;
mas o justo se sente seguro como um leão.
- 2 Numa terra tumultuada, muitos são os chefes,
mas com um homem sábio e experiente reina a ordem*.
- 3 Um senhor pobre¹ e opressor dos indefesos
é chuva devastadora: não há mais pão!
- 4 Aplaudem o mau os que abandonam a Lei;
os que a observam, lutam contra ele. 28,7-9;
29,18
- 5 Os maus nada entendem do direito,
mas os que buscam o SENHOR entendem tudo. Sh 3,9
- 6 É melhor o pobre que procede honestamente
que alguém de caminhos tortos, ainda que rico. 19,1
- 7 Quem guarda a Lei é filho inteligente;
quem se une, porém, a devassos, desonra seu pai.
- 8 Quem aumenta seus bens por juros e usura,
acumula-os para o que tem pena dos indefesos*.
- 9 Quem desvia o ouvido para não ouvir a Lei,
até sua oração é um horror.
- 10 Quem leva os retos para o mau caminho,
cairá na sua própria armadilha;
mas os íntegros herdarão o bem. 1,31; 26,27
- 11 O rico é sábio aos seus próprios olhos;
mas o pobre que é entendido há de desmascará-lo. 3,7

s. Lit. o direito se estende.

t. O gr. traz "mau" em lugar de *pobre*. Mas essa correção não se impõe. Pode haver aí alusão a uma situação concreta, como parece ser o caso da maioria das máximas deste cap. O senhor pode ser *pobre* seja por sua origem, seja porque vai mal de negócios.

— A comparação com a chuva violenta fica esclarecida pelo Sl 72,6, onde, ao invés, o rei bom é comparado com a chuva fertilizadora.

u. Idéia bem próxima acha-se em 13,22, mas com as categorias religiosas de "pecador" e de "justo", preteridas neste v., que fica mais no plano da honestidade social.

- 28,28;
11,10

¹² Quando os justos vencem, é a coisa mais bela;
quando se erguem os maus, todo mundo se esconde^v.

Sr 4,26;
1Jo 1,9-10
Sl 32,1-5

¹³ Quem oculta suas faltas não prosperará;
quem as confessa e abandona obterá perdão.

Sr 3,26

¹⁴ Feliz o homem sempre precavido,
mas o obstinado cairá na desgraça.

¹⁵ Um leão a rugir e um urso a pular,
assim é o mau que governa um povo indefeso.

¹⁶ O príncipe insensato multiplica as extorsões,
mas quem odeia a rapina prolongará seus dias.

¹⁷ O homem dobrado sob o peso de um homicídio
fugirá até a prisão: não é preciso prendê-lo.

¹⁸ Quem vive na integridade será salvo,
mas quem segue duas condutas numa delas tropeçará.

- 12,11

¹⁹ Quem lavra sua terra se fartará de pão;
quem vai atrás de quimeras se alimentará de miséria.

²⁰ O homem leal é rico de bênçãos,
mas quem quer enriquecer depressa não fica impune.

- 24,23

²¹ Não é bom fazer acepção de pessoas;
por um pedaço de pão, até gente importante é capaz de pecar.

²² Tem olho ruim^w quem corre atrás da riqueza!
Não sabe que a indigência cairá sobre ele.

²³ Quem repreende alguém, por fim ganhará seu favor,
ao contrário da pessoa de língua lisonjeira.

²⁴ Quem rouba pai e mãe, dizendo: "Não é pecado",
nada mais é que um cúmplice de bandidos^x.

15,18

²⁵ O ambicioso provoca disputa,
mas o que confia no SENHOR prosperará.

²⁶ Quem se fia na própria cabeça é insensato,
mas quem age com sabedoria será salvo.

22,9

²⁷ Quem dá ao necessitado não sofrerá penúria;
quem se recusa a olhá-lo será coberto de maldições.

11,10

²⁸ Quando os maus prevalecem, todos se escondem;
quando eles perecem, multiplicam-se os justos.

- 6,15

29

¹ O homem que, repreendido, empina sua nuca,
de improviso ruirá, irremediavelmente.

v. Pode-se ver aí alguma alusão a situações reais: por ex., no tempo de Izébel (1Rs 21,4-26), de Ataliá (2Rs 11,1-20) e na época dos últimos reis de Israel, como Shalum (2Rs 15,15-16). Os vv. 15.16.17.21 deste cap. podem perfeitamente referir-se a situações semelhantes.
w. Outra tradução possível: *o homem invejoso* (de mau olhar)

corre atrás da fortuna.

x. Lit. *do destruidor*. Muitas sentenças tratam dos deveres para com os pais: Pr 19,26; 20,20; 30,11.17, cf. Sr 3,1-16. Contudo, os sábios não se referem claramente às fórmulas características da Aliança: Ex 20,12; Dt 5,16.

- ² Com os justos no poder, alegra-se o povo;
mas quando governa um malvado, o povo geme. 11,10
- ³ Alguém ama a sabedoria: seu pai se alegra;
mas quem freqüenta prostitutas, dissipa seus bens. 10,1
6,26;
Sr 9,6;
Lc 15,13,30
- ⁴ Pelo exercício do direito, o rei consolida a terra;
mas o que só quer impostos a arruína.
- ⁵ Quem adula seu próximo,
estende uma rede sob seus passos.
- ⁶ Na transgressão do malvado esconde-se uma cilada,
mas o justo exulta e rejubila.
- ⁷ O justo conhece a causa dos indefesos;
o mau não é capaz de reconhecê-la.
- ⁸ Os zombadores põem a cidade a ferver,
mas os sábios afastam dela o furor.
- ⁹ Um sábio move processo contra um tolo?
Quer se zangue quer se ria, não terá sossego.
- ¹⁰ Os assassinos odeiam o homem honesto;
os retos, no entanto, o procuram.
- ¹¹ O insensato libera todas as suas paixões,
o sábio as domina e acalma.
- ¹² Quando um chefe acolhe uma palavra mentirosa,
todos os seus oficiais tornam-se gente má.
- ¹³ O pobre e o usurário defrontam-se, 22,2
mas é o SENHOR que a ambos dá a luz dos olhos.
- ¹⁴ Um rei que exerce a justiça segundo a verdade para os indefesos
vê seu trono firmado para sempre^y. 16,12
- ¹⁵ A vara e a reprimenda conferem sabedoria,
o jovem entregue a si mesmo é a vergonha de sua mãe. 13,24
- ¹⁶ São grandes os^z pecados, quando os grandes são os maus;
mas os justos testemunharão a queda deles. 11,10
- ¹⁷ Corrige teu filho e estarás tranqüilo,
e ele te encherá de prazer. 13,24
- ¹⁸ Quando falta visão, o povo se desmanda^z;
mas quem observa a Lei é feliz! 28,4
- ¹⁹ Não se corrige o servo com palavras,
porque ele entenderá, mas sem obedecer.

y. Diversos provérbios formulam as exigências de uma política baseada no respeito pelos valores morais. Só estes podem firmar um trono. É o que se diz, de diversas maneiras, em 16,12; 20,28; 25,5 e 29,4. Os vv. 28,12 e 29,2 contrapõem o país em que predominam os justos ao que é chefiado pelos ímpios.

z. Jogo de palavras, com o duplo sentido de um mesmo termo:

abundar (ou: multiplicar-se) e *ser poderoso* (ou: ter o poder). Cf. 29,2.

a. Com o gr. se propõe, às vezes, outra tradução: *Quando não há mais magistrado*, o que dá um sentido mais satisfatório, parece. Mas a nossa interpretação é a mais comum. Com efeito, após o Exílio, máxime no período macabeu, lamentava-se a falta de

- 20 Vês alguém sempre pronto para falar?
Há mais coisas a esperar de um insensato do que dele.
- 21 Quem mima o servo desde a adolescência,
acabará por fazer dele um vadio.
- 22 O raivoso provoca brigas
e o furioso multiplica os pecados.
- 23 O orgulho do homem leva-o à humilhação,
mas o espírito humilde granjeará honra.
- 24 Quem reparte com ladrão tem ódio a si mesmo;
ouve a adjuração^b, mas não o denuncia.
- 25 O medo arma cilada para o homem,
mas quem confia no SENHOR está seguro.
- 26 Muitos buscam o olhar do príncipe,
mas só o SENHOR pode dar a cada um o seu direito.
- 27 O homem iníquo é um horror para os justos;
quem segue o caminho reto é um horror para os maus.

VI. PALAVRAS DE AGUR

30 ¹ Palavras de Agur, filho de Iaqué: oráculo.
Sentença deste homem a Itiel, a Itiel e Ukal^d.

² Realmente, sou o mais rude dos homens;
humanamente, privado de inteligência^c.

³ Não aprendi a sabedoria,
mas conheço a ciência sagrada^f.

⁴ Quem subiu aos céus e de lá voltou a descer?
Quem recolheu alguma vez o vento com as mãos?
Quem encerrou as águas em seu manto?
Quem fixou todos os limites da terra?
Qual o seu nome? Qual o nome de seu filho?
Por certo, tu o sabes^g!

⁵ Toda declaração de Deus é comprovada.
Ele é escudo para os que nele se abrigam.

Jó 38,1-38;
Sr 1,2-3

2Sm 22,31;
Sl 18,31

profetas (Sl 74,9; 1Mc 9,27 e a expectativa de 1Mc 4,46; 14,41). O sábio parece sugerir que a observância da Lei supriria isso. Este v. pode ser aproximado de Sr 24,19-22.

b. Trata-se da adjuração solene, reforçada por maldição, feita para denunciar um criminoso na justiça, adjuração a que se refere Lv 5,1. Odeia-se a si próprio quem a recusa, pois se põe ao alcance da lei: "Carregará o peso de sua culpa", a de negar-se a testemunhar ou a de se fazer cúmplice do culpado.

c. Provavelmente, esta seção é um empréstimo da sabedoria oriental, embora não possamos identificar sua origem. Pelos nomes próprios presentes, pensa-se numa fonte sabeu-minéia. — Note-se que ela se inicia com duas palavras do vocabulário profético: oráculo e sentença (cf. Is 14,22.28...). Só aparecem aqui e, provavelmente, em 31,1, nos livros sapienciais do AT.

d. Ou então: *Eu me fatiguei, ó Deus. eu me fatiguei, ó Deus,*

estou exausto! Os nomes próprios (?) aqui reunidos podem, na verdade, ser interpretados como verbos, formando assim proposições seguidas.

e. Lit. *uma inteligência de homem*, uma inteligência a ser situada apenas no plano da concepção humana das coisas. O sábio adquiriu a *ciência sagrada*.

f. As traduções hesitam entre a *ciência do Santo* (Deus) e a *ciência dos santos*. Possivelmente, é a *ciência sagrada*, oposta à sabedoria meramente profana, *não aprendida* pelo autor.

g. Comparar com Jó 38,1-38, em especial os vv. 5-8 (cf. Is 40,12-14; Br 3,15-31); mesmo modo de sugerir o mistério imperscrutável de Deus e a mesma palavra para o designar: *Eloá*. — A menção do *filho* de Deus é enigmática. Os tradutores gr. leram *seus filhos*, por influência, talvez, de Jó 38,7, onde aparecem os *filhos de Deus*.

- ⁶ Nada acrescentes às suas palavras;
ele te repreenderia, e tu serias desmentido^h.
- ⁷ Duas coisas eu te pedi,
não as recuses a mim, antes que eu morra:
⁸ afasta de mim falsidade e mentira,
não me dês nem pobreza nem riqueza.
Concede-me apenas minha porção de comida;
⁹ pois, na fartura, eu poderia te renegar,
dizendo: "Quem é o SENHOR?";
ou, na miséria, eu poderia roubar,
profanando o nome de meu Deus.
- ¹⁰ Não calunies um servo diante do seu senhor;
ele te amaldiçoaria e tu levarias a culpa.
- ¹¹ Geraçãoⁱ que amaldiçoa seu pai
e não abençoa sua mãe!
- ¹² Geração pura a seus próprios olhos,
mas que não se lavou de sua imundície!
- ¹³ Geração de altivez sem medidaⁱ
e de olhares orgulhososⁱ!
- ¹⁴ Geração cujos dentes são espadas
e os queixos como punhais,
devorando os humildes da terraⁱ
e os mais pobres do solo.

19.26; 30.17

VII. PROVÉRBIOS NUMÉRICOS

- ¹⁵ A sanguessuga tem duas filhas: Dá, dá.

Três coisas são insaciáveis,
quatro nunca dizem: "Basta!";

27.20

- ¹⁶ O Shcol, o seio estéril,
a terra sedenta de água
e o fogo que nunca diz: "Basta!"

- ¹⁷ O olho que zomba de um pai
e recusa a obediência devida a uma mãe,
os corvos do ribeiro o vazarão
e as águias o devorarão.

15.20;

23.22

- ¹⁸ Há três coisas que me maravilham,
quatro que não compreendo:

- ¹⁹ o caminho da águia no céu,
o caminho da serpente na rocha,
o caminho do navio em alto mar
e o caminho do homem para uma jovem.

Sb 5.10

h. É o que fez Jó (42.2-6), que se cala após a investida divina. Os vv. 2-6 têm sido, às vezes, interpretados como censura da contestação inútil de Jó: Por que tantas perguntas? O melhor é apegar-se à palavra de Deus e pronto. Nesse sentido, evoca-se Dt 4.2 e 13.1, lidos a outra luz.

i. Palavra usada, às vezes, na Bíblia com o sentido de "geração

perversa" (Dt 32.5; Lc 9.41). O gr. também completou constantemente "geração má".

j. Lit. *muito ativa em seus olhos*.

k. Lit. *e que ergue suas pálpebras*.

l. Lit. *os humildes "fora" da terra*, eliminados do país: cf. Sl 14.4; 57.5 e Hb 3.14.

6,24-35

²⁰ Assim procede a mulher adúltera:
come, limpa a boca,
e diz: "Não fiz nada de mal!"

19,10

²¹ Sob três coisas uma terra treme;
sob quatro, ela não agüenta mais;
²² um escravo que se torna rei,
um idiota que se empanturna,
²³ uma megera^m que se casa
e uma serva que suplantaⁿ a patroa.

6,6-8

²⁴ Quatro seres bem pequenos há na terra,
mas sábios no meio dos sábios:
²⁵ as formigas, povo sem força,
que, no verão, sabem garantir suas provisões;
²⁶ os híraces, povo sem poder,
que sabem fazer tocas no rochedo;
²⁷ os gafanhotos, que não têm rei
e sabem sair todos em bando;
²⁸ a lagartixa, que se pode pegar com a mão
e, no entanto, se encontra nos palácios reais!
²⁹ Três coisas há de belo porte,
quatro de passo garboso:
³⁰ o leão, o mais valente dos animais,
que não foge diante de nada;
³¹ a zebra de rins poderosos^p ou o bode,
e o rei à frente do seu exército.
³² Se fizeste a asneira de te elevar a ti mesmo
e depois refletiste, põe tua mão sobre a boca:
³³ bater^p o leite faz sair manteiga,
bater^p o nariz faz sair sangue,
bater^p de raiva faz sair briga!

VIII. PALAVRAS DE LEMUEL

31

¹ Palavras do rei Lemuel.

Lição^a que sua mãe lhe inculcou.

² Ah! meu filho! Ah! filho de minhas entranhas!
Ah! filho das promessas que fiz!

³ Não entregues tua força às mulheres
nem teu destino^r às corruptoras de reis.

⁴ Aos reis, Lemuel, aos reis não convém o vinho,
nem o álcool aos príncipes^s.

5,1-14;

6,20-35

Dt 17,17;

1R 11,4

Ec1 10,16-17

m. Lit. *uma mulher digna de ódio*.

n. Ou: *que herda de...*

o. Texto e vocábulo obscuros. Em lugar de *zebra*, alguns trazem *cão* e outros, *galo* (com o gr.). Difícilmente, porém, o contexto permitiria essa última interpretação. Não cabe falar dos *rins* (poderosos) do galo!

p. Para esses três verbos, o hebr. usa a mesma palavra: *pres-*

são, impraticável, nos três casos, em português. A aliteração continua com a tripla repetição de (*fazer*) *sair*.

q. Lit. *Oráculo* (cf. 30,1 e nota). Outros lêem: "rei de Massá".
r. Lit. *teu caminho*.

s. O tema da força do vinho, das mulheres e do rei parece ter sido comum entre os sábios: cf. o episódio inserido no texto gr. do 3º livro de *Esdras* (apócrifo) 3,1-4,12.

- ⁵ Na verdade, se beberem, esquecerão as leis
e trairão a causa dos pequenos.
⁶ Que se dê, antes, álcool ao que vai morrer
e vinho a quem está imerso na aflição¹.
⁷ Bebendo, esquecerá sua miséria
e já não se lembrará do seu penar.
⁸ Abre tua boca em favor do mudo
e por todos os esquecidos da sorte⁸.
⁹ Abre tua boca para julgar com equidade
e pela causa dos humildes e pobres.

IX. UMA MULHER DE VALOR^v

- (Álef) ¹⁰ Uma mulher de valor, quem a encontrará?
Ela vale muito mais que o coral^w.
(Bet) ¹¹ Nela confia plenamente seu marido^x
e a ele não faltará proveito^y.
(Gulmel) ¹² Ela lhe proporciona felicidade, e não ruína,
todos os dias de sua vida.
(Dálet) ¹³ Procura diligentemente a lã e o linho
e suas mãos trabalham com alegria^z.
(Hê) ¹⁴ É como os navios mercantes:
de longe faz vir seu alimento.
(Vav) ¹⁵ Noite ainda, ela se levanta,
para preparar a refeição para a família
e distribuir tarefas às criadas.
(Záin) ¹⁶ Põe suas vistas num terreno e compra-o;
com o fruto do seu trabalho^a planta uma vinha.
(Het) ¹⁷ Cinge seus rins de força
e firma os seus braços^b.
(Tet) ¹⁸ Verifica se seus negócios vão bem,
e sua lâmpada não se apaga de noite.
(Iod) ¹⁹ Põe a mão à sua roca,
maneja na palma o fuso.
(Kaf) ²⁰ Abre suas palmas ao miserável
estende as mãos ao pobre.
(Lámed) ²¹ Quando neva, não teme por sua família,
pois todos usam roupa forrada.
(Mem) ²² Confecciona para si cobertas
e veste linho fino e púrpura.

3,15

t. Fazer ligação com a *taça de consolação* de Jr 16,7.
u. Lit. *os filhos do desaparecimento*. — Ver o programa do rei
ideal em Sl 72,2-4,12-14.

v. O sábio deu ao seu poema final forma "alfabética" (cf. Sl
9-10; Lm). Pode ser lido simetricamente com o retrato da Sabedoria
de 9,1-6, como também sugere o segundo estíquio do v. 10
(cf. 3,15).

w. A mulher *de valor*: em hebr., o termo contém a raiz sugerindo
força ou fortuna; ver 12,4 e Rt 3,11.

x. Cf. Gn 2,18, onde a mulher é apresentada como *ajuda* providenciada
ao homem. Aqui o homem pode se abandonar inteiramente

à sua companheira.

y. Lit. *o butim*.

z. Lit. *ela trabalha conforme o desejo de suas mãos*.

a. Lit. *com o fruto de suas mãos*. Este v. mostra a mulher lidando pessoalmente com a sua renda, o que supõe uma evolução na situação doméstica da esposa. Em Nm 30,14-16, ela aparece antes como menor.

b. As imagens usadas neste v. sugerem a ideia de uma mulher trabalhadora, que não tem medo da vida dura. Os vv.16 e 18 levam a pensar sobretudo numa mulher com jeito para os negócios.

- (*Nun*) ²³ Nas reuniões sociais, seu marido é respeitado,
ao sentar-se com os anciãos do lugar.
- (*Sámek*) ²⁴ Ela fabrica tecidos para vender
e fornece cintos ao negociante^e.
- (*Áin*) ²⁵ Fortaleza e honra são suas vestes;
sorridente ela pensa no porvir.
- (*Pê*) ²⁶ Com sabedoria, abre sua boca
e sua língua ensina amavelmente.
- (*Şade*) ²⁷ Vigia o andamento do lar
e não come o pão na preguiça.
- (*Qof*) ²⁸ Em alta voz, os filhos proclamam-na feliz,
e seu marido a elogia.
- (*Resh*) ²⁹ "Existem muitas mulheres de valor^d;
tu, porém, a todas superas!"
- (*Shin*) ³⁰ A graça engana, e fugaz^e é a formosura.
A mulher que teme ao SENHOR, essa é preciso louvar.
- (*Tav*) ³¹ A ela o fruto do seu trabalho^f
e que suas obras publiquem seu louvor^g.

e. Lit. *ao "kenuani"*, espécie de vendedor ambulante de certa época (cf. Jó 40,30).

d. Lit. *agiram com força*. Por comparação com a expressão paralela de Ez 28,4 e Dt 8,17, propôs-se a leitura: *Muitas filhas ajuntaram riquezas*, mas parece que a palavra retoma, de propó-

sito, o termo característico do v. 10.

e. Lit. *é sopro de vento*; é a palavra-refrão de Ecl 1,2; 12,8 etc.

f. Lit. *Dai-lhe o fruto de suas mãos* (expressão próxima no v. 16).

g. Lit. *a louvem nas portas* (da cidade).

RUTE

INTRODUÇÃO

O livro de Rute, cujo nome se deve à principal heroína do relato, narra a história de uma família de Bet-Lehem que emigrou para a terra de Moab. Lá chegando, Elimélek, esposo de Noomi, morre, assim como seus dois filhos, Mahlon e Kilion, que haviam desposado duas moabitas, Rute e Orpá. Ao cabo de dez anos, Noomi retorna a Bet-Lehem, acompanhada de Rute, enquanto Orpá volta para junto de seu povo. Rute vai recolher espigas no campo de Bôaz, que a acolhe com benevolência. Noomi, sabendo que Bôaz tem sobre Rute um direito de resgate, aconselha a nora a incitar Bôaz a desposá-la. Ele acede ao pedido e, após a desistência de um resgatador mais próximo, toma Rute por mulher. Ela lhe dá um filho: Obed, pai de Jessé, pai de David.

Na Bíblia hebraica, a história de Rute se situa entre os "Ketubim" ou Escritos. A Bíblia grega e a Bíblia latina inserem-na depois dos Juízes, certamente por causa da indicação cronológica que está no primeiro versículo.

A data do texto ainda é bastante discutida. Para uma data pré-exílica, levantaram-se várias razões. Os costumes jurídicos aduzidos no livro (direito de resgate, matrimônio levirático; cf. nota a 4,5) refletiriam uma legislação anterior ao Deuteronomio. O estilo do livro se aproximaria da prosa clássica do AT. O estudo dos nomes próprios sugeriria uma origem antiga. Entretanto, uma data pós-exílica parece preferível. O autor considera muito distanciada a época dos Juízes. Deve explicar um velho costume caído em desuso. Algumas particularidades lingüísticas sugerem uma época tardia. A teologia do livro (universalismo, concepção da retribuição e sentido do sofrimento) pode ser melhor entendida num clima pós-exílico. A época de Esdras e de Neemias conviria muito bem ao relato, favorável à causa dos matrimônios com estrangeiras, contra as reformas rigorosas de Esd 9 e Ne 13.

Mas o livro de Rute não é uma polêmica. O autor evoca o exemplo da avó de David, uma estrangeira, modelo de piedade que, por um casamento levirático providencialmente conduzido pelo Senhor, introduziu-se legalmente numa família

israelita e, ainda por cima, davídica. 1Sm 22,3-4 aponta os vínculos entre David e Moab.

Com exceção da genealogia, 4,18-22, que se encontra em 1Cr 2,5-15 e que parece ser uma adição, a unidade literária do livro revela-se sem falha. O relato se desenvolve em perfeita harmonia: quatro quadros (1,6-18; 2,1-17; 3,1-15; 4,1-12) precedidos de uma introdução (1,1-5), seguidos de uma conclusão (4,13-17), com intermédios que servem de transições (1,19-22; 2,18-23; 3,16-18). Paralelismos numerosos, passagens rimadas, assonâncias e aliterações atravessam todo o livro, tornando-o uma obra-prima da literatura. Acrescentemos ainda trocadilhos contidos nos nomes próprios: Elimélek (Meu-Deus-é-rei), Noomi (Minha Gracia) contrastam singularmente com Mahlon (Doença) e Kilion (Fragilidade), cujos nomes anunciam morte próxima. Orpá poderia evocar a "nuca", que se vira ao partir, e simbolizar a defecção, enquanto Rute, provavelmente aparentada a "amiga", ou mais certamente a "reconfortada", anuncia a afeição ou o reconforto. O nome de Bôaz (Força-nele) engendra a esperança, o de Mará (Amarga) traduz a miséria. Quanto a Obed, significa "servidor", "servo" (subentendido: de um deus particular; aqui: do Senhor). A mudança de Noomi para Mará em 1,20 sugere claramente que o autor dá a estes nomes próprios um valor simbólico.

O livro de Rute faz parte dos cinco Rolos lidos nas principais festas judaicas. Ele é utilizado para a festa de Pentecostes. Será que foi escolhido para tal por situar-se no começo da colheita da cevada? Ou mais profundamente porque, se a festa judaica de Pentecostes celebra o dom da Lei a Israel, o livro de Rute estende este dom às nações pagãs, e a genealogia final chega a fazer de uma estrangeira a antepassada de David e, em consequência, do futuro Messias? Seria difícil dizê-lo com exatidão. A tradição rabínica viu em Rute o modelo da prosélita, e a expressão "vir sob as asas do Senhor" (cf. 2,12) veio designar a conversão ao judaísmo.

Rute figura na genealogia de Jesus, segundo o evangelho de Mateus 1,5. Este último traço enfatiza o universalismo e o messianismo do nosso relato.

1 Exílio de uma família e regresso.

¹Certa vez, no tempo dos Juízes^a, houve uma fome^b na terra^c. Um homem de Bet-Lehem de Judá^d emigrou^e para os campos de Moab^f, ele, sua mulher e seus dois filhos. ²O homem se chamava Elimelek; sua mulher, Noomi, e os dois filhos, Mahlon e Kilion^g. Eram efratitas^h de Bet-Lehem de Judá. Chegaram aos campos de Moab e lá se estabeleceram. ³Eis que Elimelek, o marido de Noomi, veio a falecer, e ela permaneceuⁱ lá com seus dois filhos. ⁴Eles se casaram com mulheres moabitas^j; uma se chamava Orpá e a outra Rute. Lá ficaram cerca de dez anos. ⁵Depois Mahlon e Kilion também morreram, e Noomi ficou sem os dois filhos e sem o marido.

⁶Então ela se levantou, ela e suas noras, para regressar dos campos de Moab; pois ouvira dizer nos campos de Moab que o SENHOR se ocupara com seu povo para dar-lhe pão^k. ⁷Deixou pois o lugar onde vivia com as duas noras, e se puseram a caminho para voltar à terra de Judá. ⁸Noomi, porém, disse às noras: "Ide,

voltai à casa materna^l. Que o SENHOR use de fidelidade^m para convosco, como o fizestes para com os falecidos e para comigo. ⁹Que o SENHOR vos conceda encontrar situação estável, cada uma na casa de seu maridoⁿ." E as beijou. Então elas elevaram a voz e choraram. ¹⁰Depois lhe disseram: "Não! Voltaremos contigo para teu povo". ¹¹Noomi, porém, lhes disse: "Voltai, minhas filhas. Por que iríeis comigo? Tenho ainda filhos em meu ventre que possam ser vossos maridos? ¹²Voltai, minhas filhas, ide, pois eu sou demasiado velha para pertencer a um homem. E mesmo que diga: 'Tenho esperança; sim, eu pertencerei esta noite a um homem; sim, conceberei filhos', ¹³será que vós esperaríeis até eles terem crescido? E, entretanto, vós absteríeis de pertencer a um homem? Não, minhas filhas. Porque para mim a amargura^o é extremada, mais do que para vós; foi contra mim que se levantou o punho^p do SENHOR". ¹⁴Então, elas elevaram a voz e choraram de novo. Depois Orpá beijou a sogra^q. Mas

Jz 2,16;
21,25
Jz 17,7;
19,1;
Mt 5,1;
Mt 2,6;
Jo 7,42
Gn 48,7;
1Sm 17,12;
1Cr 4,4

Ex 34,16;
Dt 7,3-4;
23,4;
Mt 2,11;
Ecl 9,1-2;
Ne 13,1;
23-27
Dt 27,19;
Is 47,8-9;
54,4-5

Ex 3,16
SI 132,15;
Lc 1,53

3,1

4,5
Gn 38,8-11;
Dt 25,5-10;
Mt 22,
23-28

Jz 3,20;
7,11; 10,1;
21,25; 27,2
Jz 2,15;
Jz 13,21;
19,21;
30,21

a. Lit. *Nos dias de julgar dos juízes*.
b. Este perigo paira sobre o destino dos habitantes desta terra calcárea que não tem, como o Egito com o Nilo, a segurança de uma irrigação regular, de modo que só se pode viver aí da graça de Deus: cf. Dt 11,10-12. O AT associa fome, espada e peste como flagelos de Deus (p. ex. Jr 21,9).
c. A terra por excelência, Terra da Promessa, a terra "de Israel".
d. Vilarejo alguns quilômetros a sul de Jerusalém, a distinguir de outro homônimo em Zabulon, alguns quilômetros a oeste de Nazaré. O nome, que pode ser entendido como "Casa-do-Pão", é por isso mesmo simbólico neste relato, prescindindo ainda do enriquecimento que este sentido receberá mais tarde.
e. Lit. *foi para habitar-come-guer*: o *guer* (migrante) não é o estrangeiro, que é desconhecido, melhor, não reconhecido, nem protegido pelo direito (cf. 2,10); é o residente privilegiado, que está autorizado por contrato com os habitantes do país a circular e a, eventualmente, estabelecer-se, como originariamente Abrião. Cf. Ex 12,43 nota.
f. Platô fértil a este do mar Morto. Os habitantes são aparentados com os israelitas, segundo Gn 19,37.
g. Cf. Introd.
h. Habitantes de Efrata (4,11), ao norte de Jerusalém, em Benjamin. Este lugar foi erroneamente identificado com Bet-Lehem (Gn 35,19) pelo fato de que os efratitas povoaram este vilarejo (cf. 1Cr 2,50-51).

i. A idéia do *resto* é importante neste livro: *permanecer*, aqui e no v. 5, e *restar* (palavra hebr. diversa) em 2,14,18, assim como a idéia de "retorno", expressa por *shub* (o que se presta para jogos de palavras com *yashub*, "morar"). Encontra-se este "retorno" mesmo quando logicamente não se trata de um retorno (volta), por ex. em 1,10,22; 2,6; 4,3, pois Rute não tinha vindo inicialmente de Israel para Moab.
j. Isto põe o problema dos casamentos mistos, isto é, com pagãos, que não participam da aliança do Senhor. Para os nomes próprios cf. Introd.
k. Cf. trocadilho com *Bet-Lehem*; 1,1 nota.
l. Em lugar de ir "à casa do pão", isto é, Bet-Lehem. Talvez o retorno à casa da mãe e não à casa do pai lembre um tempo em que vigorava o matriarcado.
m. Esta palavra (em hebr. *hesed*) aparece também em 2,20 e 3,10, significando a lealdade, a solidariedade. É para se distinguir de *ben*, que se acha em 2,2,10,13 e que exprime mais fortemente a graça, o *favor*.
n. A raiz do termo traduzido por *situação* exprime o repouso. Não se trata das fadigas da viagem, mas de encontrar uma posição estável: elas se restabelecerão.
o. Este termo, que se encontra no trocadilho do v. 20, é muito forte, pois se aplica também à morte (cf. 1Sm 15,32; Ecl 7,26).
p. Lit. *mão*.
q. Q. grego acrescenta: *e voltou para o seu povo*.

Rute ligou-se^a a ela. ¹⁵Então Noomi disse: "Eis que tua cunhada voltou para o seu povo e para os seus deuses. Volta com ela". ¹⁶Mas Rute respondeu: "Não insistas^a para que te abandone e me afaste de ti; porque

para onde fores, irei;
e onde passares a noite, eu a passarei;
teu povo será meu povo
e teu deus, meu deus;¹⁷
onde morreres, morrerei
e lá serei sepultada.

Que o SENHOR me faça o pior^a
se não for a morte que nos separe!"

¹⁸Vendo Noomi que Rute teimava em acompanhá-la, não insistiu mais.

¹⁹As duas caminharam até alcançar Bet-Lehem.

Quando chegaram a Bet-Lehem, toda a cidade se pôs em polvorosa por sua causa. As mulheres diziam: "É Noomi?"

²⁰Mas ela lhes disse: "Não me chameis Noomi! Chamai-me Mará^a, porque o Todo-poderoso^a encheu-me de extrema amargura!

²¹Parti com as mãos cheias^a, e o SENHOR me faz voltar de mãos vazias.

Por que me chamaríeis Noomi, quando o SENHOR se declarou^a contra mim

e o Todo-poderoso me lançou à infelicidade?"

²²Assim Noomi regressou, e com ela Rute, a moabita, sua nora, aquela que voltou dos campos de Moab: elas chega-

ram a Bet-Lehem no começo da colheita da cevada^a.

2 O encontro. ¹Ora, Noomi tinha um parente por parte de seu marido, da família de Elimelek, um notável afortunado^b chamado Bôaz. ²Rute, a moabita, disse a Noomi: "Desejaria muito ir aos campos respigar atrás de alguém que me acolhesse favoravelmente". Ela respondeu: "Vai, minha filha". ³Partiu, pois, e começou a respigar num campo atrás dos segadores. Teve a sorte de encontrar-se num terreno pertencente a Bôaz, da família de Elimelek. ⁴Eis que Bôaz chegou de Bet-Lehem. E disse aos segadores: "O SENHOR esteja convosco!" Eles lhe responderam: "O SENHOR te abençoe!" ⁵Então Bôaz perguntou ao capataz: "A quem pertence esta jovem?" ⁶O capataz respondeu: "É uma jovem moabita, a que voltou com Noomi dos campos de Moab. ⁷Ela disse: 'Desejaria respigar e recolher entre as espigas cortadas^d, atrás dos segadores'. Ela veio e aqui ficou desde cedo até agora; esta é sua paragem; a casa o é pouco!". ⁸Então Bôaz disse a Rute: "Ouve, minha filha, não vás respigar em outro campo: não te afastes daqui. Junta-te às minhas moças. ⁹Segue com o olhar o campo que eles ceifam e caminha atrás deles. Dei ordens aos meus moços de não te tocarem. Quando tiveres sede, irás às bilhas e beberás do que os moços houverem tirado do poço". ¹⁰Então Rute se

Nm 21,29;
Js 24,15;
Jz 11,24;
IRs 11,7;
Jr 48,7

2Sm 15,21;
2Rs 2,2-4;
3,7

2,11-12;
Sl 33,12;
45,11;
Is 14,1;
Zc 8,23;
1Ts 1,9

1Sm 14,44;
25,22;
20,13;
2Sm 3,
9,35;

IRs 19,2;
20,10;
2Rs 6,31

IRs 1,45;
Mt 2,3;
21,10

Lm 2,15

1,13;
Ex 15,23;
Lm 1,4

3,17;
Jo 1,21

2,23;
2Sm 21,9;
Jr 8,2

IRs 7,21

Lv 19,9-10;
23,22;
Dt 24,19-22

Gn 6,8;
Nm 32,5;
1Sm 25,8;
27,5;

Est 7,3;
Lc 1,30

Sl 129,8;
Jz 6,12;
Lc 1,28;
2Ts 3,16

2,19-20;
3,10; 4,14;
Gn 12,2-3;
27;
Nm 6,23-27

r. Este termo, muito forte, que se encontrará em 2,8 e 21, exprime a unidade conjugal em Gn 2,24 após o abandono (cf. o mesmo termo em 1,16; 2,11.16.20) dos pais.

s. Mesmo termo que *maus-tratos* em 2,22.

t. Este versículo e o precedente evocam o princípio segundo o qual adora-se o deus ou os deuses da terra onde a gente se encontra. A sorte de Rute é ir para a terra do verdadeiro Deus.

u. Fórmula de juramento (cf. 1Sm 3,17; IRs 2,23), que se refere a uma enumeração implícita de desgraças ou à sorte da vítima à qual o oferente se identifica.

v. Cf. 1,13 nota.

w. O autor adota aqui e no v. seguinte uma designação de Deus típica da época patriarcal (*Shadai*), provavelmente por preocupação de arcaísmo. Cf. Gn 17,1 nota.

x. Alusão a seus filhos.

y. A deposição e a atestação da testemunha, em 4,7.9.11, são dois termos jurídicos que se encontram reunidos em Nm 35,30.

z. A respeito de Deus que causa a infelicidade, cf. Ex 5,22 (cf. 23!); Nm 11,11; Js 24,20; Zc 8,14; ver também Is 45,7.

a. Abril-maio.

b. Esta expressão, que aparece também em Jz 11,1, indica o israelita capaz de se estabelecer por si mesmo. Encontra-se de novo *fortuna* em 3,11 (mulher de valor) e 4,11.

c. Cf. 1,8 nota. Lit. *atrás de alguém a cujos olhos serei acolhida favoravelmente* (hen).

d. O termo hebraico designa espigas cortadas no alto do caule; não se trata de feixes; daí a tradução proposta. — * [Rute deseja respigar logo, em meio aos manipulos deitados no campo, antes que este seja abandonado.]

e. A tradução deste v. é discutida. Pode-se entender que Rute repousou um pouco em casa ou, corrigindo segundo o grego, não descansou nem um pouco. A tradução proposta segue exatamente o texto hebraico. Aqui se trata de "parar" no campo, em contraste com a residência normal, que é a casa. O mesmo verbo quer dizer sentar-se.

1Sm 25,23 prostrou, face em terra, e lhe disse: "Por
1.8; 2.2,13; que me acolheste tão favoravelmente, a
1Sm 18,18; ponto de me reconheceres a mim, uma
2Sm 7,18; desconhecida?" ¹Bôaz lhe respondeu
Lc 1.48 nestes termos: "Contaram e recontaram-
me tudo o que fizeste para com tua sogra,
Gn 2.24; após a morte do teu marido, como
24,7; deixaste teu pai, tua mãe e tua terra natal
Mt 19,29 e vieste para o meio de um povo que não
conhecias ontem, nem anteontem. ¹²Que
1Sm 24,20; o SENHOR te recompense plenamente pelo
Mt 10,42; que fizeste e que teu salário seja completado^a
Mc 10,30 pelo SENHOR, Deus de Israel, sob
cuja proteção^b vieste buscar refúgio".
Sl 36,8; ¹³Então ela lhe disse: "Considera-me fa-
57,2; voravelmente, meu senhor, pois me re-
61,5; 63,8; confortaste e falaste ao coração^c de tua
Gn 33,15; escrava, sem que eu seja como uma de
1Sm 1,18; tuas escravas!^d"
Lc 15,17-19

¹⁴Depois, na hora da refeição, Bôaz lhe
disse: "Aproxima-te para comer pão e
molhar o teu bocado no molho de vinagre".
Sl 69,22; Ela então se assentou ao lado dos
Mt 27,48; segadores. Ele lhe ofereceu grão torrado.
1Sm 17,17; Ela comeu, se saciou e ainda lhe
25,18; restou. ¹⁵Em seguida levantou-se para
2Sm 17,28 continuar a respigar. Então Bôaz deu ordens
aos seus moços: "Deixai-a respigar
mesmo entre as espigas cortadas e não a
molesteis. ¹⁶Procurai deixar cair de propósito
algumas espigas^k dos manípulos e deixai-as;
Lc 19,10 ela as respigará e vós não a censurareis".

¹⁷Ela respigou no campo até o entardecer.
Depois bateu o que havia recolhido: cerca de
quarenta litros^l de cevada. ¹⁸Com esta carga
ao ombro, voltou

à cidade. A sogra viu o que ela havia respigado.
E também o que restara do alimento depois
que se saciara, ela o tirou do bolso e lho deu.
¹⁹A sogra lhe perguntou:

"Onde respigaste hoje? Onde trabalhaste?"

Abençoado seja aquele que te reconheceu!"

Então ela contou à sogra no campo de quem
trabalhara: "O homem no campo de quem
trabalhei se chama Bôaz". ²⁰E Noomi disse à nora:

"Abençoado seja pelo SENHOR aquele que não
abandona sua fidelidade^m, nem para com os
vivos nem para com os mortos".

Depois Noomi lhe disse: "Esse homem é
parente próximo nosso; é um daqueles que
têm direito do resgateⁿ". ²¹Rute, a moabita,
disse: "Ele me falou também: 'Fica junto
com os meus moços até que tenham acabado
toda a colheita'".

²²Então Noomi disse a Rute, sua nora: "Muito
bem, minha filha, sai com suas moças e não
te exponhas a maus-tratos num outro campo".
²³Ela ficou, pois, com as moças de Bôaz,
a respigar até o fim da colheita da cevada
e do trigo^o. E continuou morando com a sua sogra.

3 A noite na eira. ¹Noomi, sua sogra, lhe
disse: "Minha filha, não devo buscar para
ti uma situação em que sejas feliz? ²Ora,
não é nosso parente esse Bôaz entre cujas
moças estiveste? Ei-lo que vai joear a cevada
na eira esta noite.

f. Jogo de palavras entre *reconhecer*, no sentido forte que evoca uma espécie de legitimação, e *desconhecida*, no sentido da estrangeira que não tem direito algum, cf. 1.1 nota. Mesmo verbo em 2.19; 3.14 (no sentido comum neste último texto).
g. A raiz desta palavra, empregada duas vezes, marca a plenitude e significa também "paz" (*shalom*).

h. Lit. *sob as asas*. Cf. p. ex. Sl 17.8; 91.4 (também para "se refugiar"). Cf. Mt 23.37. Cf. Introd. Mesmo termo em 3.9.

i. O coração não é simplesmente o órgão da vida afetiva (não se trata de uma declaração de amor de Bôaz a Rute!), mas o centro do ser onde se situam inteligência e decisões. Esta consolação é, de fato, uma restauração da existência, pois a vida inteira está no coração. * [Pode-se traduzir: *animaste*.]

j. Ela não é uma serva nem o será; de fato é bem menos, e chegará a ser bem mais!

k. *Espigas* não está no hebr., que se limita a falar de *deixar cair dos manípulos*; assim também o pronome *as* (deixai-as). O termo *manípulos* no AT só se encontra aqui e designa as espigas que se podem apanhar de uma só vez. Não se pode tratar de "feixes", termo que deve ser evitado pela razão aduzida em 2.7 nota.

l. Lit. *uma efa*.

m. Cf. 1.8. Aquele que não abdica da própria fidelidade pode ser Bôaz ou Deus.

n. Lit. *um de nossos resgatadores*. Uma família constitui uma unidade, que pode ser lesada quando um membro do grupo é assassinado ou reduzido à escravidão, ou quando uma parte do patrimônio é alienada. O resgatador tem o dever de restabelecer a situação.

o. Mesmo verbo de 1.16, onde significa *insistir*.

p. Duas ou três semanas mais tarde.

3.10;
2Sm 2.5

3.9;
4.1.6.14;
Ex 6.6;
Lv 25,
25.47-48;
2Sm 14.11;
Jr 32.7-9;
Pr 23.11

1.9

2Sm 12,20; 3Lava-te, perfuma-te, põe teu manto e
Est 2,12; desce à eira^a. Mas não te deixes reco-
Jr 10,3; nhecer por esse homem, até que tenha
acabado de comer e beber. ⁴Quando ele
se deitar, verás o lugar onde dorme: apro-
xima-te, descobre-lhe os pés e deita-te;
ele mesmo te dirá o que terás a fazer^b.

3,11 ⁵Ela lhe disse: "Farei tudo o que me dis-
seste".

⁶Ela desceu, pois, à eira e fez como a
sogra lhe dissera. ⁷Bôaz comeu e be-
beu, e seu coração^c se alegrou; e veio se
deitar à extremidade do montão de ce-
real. Então ela veio mansamente, des-
cobriu-lhe os pés e se deitou. ⁸Depois,
lá pelo meio da noite, o homem sentiu
um calafrio, e se inclinou^d para a frente:

Jz 19,6,9;
1Sm 25,36;
1Rs 21,7;
Eccl 7,3

eis que uma mulher estava deitada a seus
pés. ⁹Bôaz disse: "Quem és?" Ela res-
pondeu: "Sou Rute, tua serva. Desposa^e
tua serva, pois tu és resgatador". ¹⁰En-
tão ele disse: "O SENHOR te abençoe,
minha filha. Demonstraste tua fidelidade^f,
de uma maneira bem mais clara do que
antes, não correndo atrás dos jovens, po-
bres ou ricos. ¹¹Agora, pois, minha filha,
não tenhas medo. Tudo o que disseres o
farei para ti. Pois todos entre nós^g muito
bem sabem que és uma mulher de valor.

2,11 ¹²Porém, embora seja verdade que eu sou
resgatador, há entretanto um outro resga-
tador mais próximo do que eu. ¹³Passa
esta noite aqui. Amanhã, se ele te resga-
tar, está bem, que te resgate. Mas se não

Pr 12,4;
31,10

Dt 25,5;
Mt 22,24

quiser te resgatar, juro que eu te resgata-
rei, certo como vive o SENHOR^h! Fica dei-
tada até amanhã cedoⁱ".

¹⁴Ela se deitou a seus pés até de ma-
nhã e se levantou antes que uma pes-
soa pudesse reconhecer a outra. Ele dizia:
"Que não se saiba que esta mulher veio
à eira!" ¹⁵E acrescentou: "Estende o
manto que tens sobre ti e segura-o". Ela
o segurou; então ele mediu vinte litros
de cevada^j e pôs-lhe aos ombros, e de-
pois ela voltou à cidade. ¹⁶Voltou para
junto de sua sogra, que lhe perguntou:
"Que aconteceu contigo, minha filha?"
Ela lhe contou^k tudo o que o homem fi-
zera por ela.

¹⁷E acrescentou: "Ele me deu estes vin-
te litros de cevada, pois me disse: não
deves voltar à casa de tua sogra de mãos
vazias". ¹⁸Noomi disse: "Espera, minha
filha, até saberes como se concluirá o
caso; certamente esse homem não des-
cansará enquanto essa questão não esti-
ver resolvida, hoje mesmo^l".

1,21

4 O matrimônio; o filho. ¹Bôaz tinha
subido^m ao tribunalⁿ e tomado assen-
to. Quando o resgatador de quem ele ti-
nha falado passou, Bôaz lhe disse: "Ei,
fulano de tal, pára e assenta-te aqui!" ²O
homem parou e se assentou. ³Então Bôaz
tomou dez^b homens entre os anciãos^c da
cidade e disse: "Sentai-vos aqui". E eles
se assentaram. ³Depois ele disse ao

3,12

q. Segundo este v. e também 4.1, a cidade está construída
sobre o alto, circundada pelos campos logo abaixo. À uragem da
tarde bate-se o trigo na eira.

r. Cf. 2,13. Não se trata de sentimentalismo nem de embria-
guez, mas de bem-estar.

s. Para puxar a coberta para os pés.

t. Lit. *estende a asa sobre tua serva*. Cf. 2,12; e também Ez
16,8. De acordo com Dt 23,1 e 27,20 trata-se manifestamente da
orla do manto. Símbolo do matrimônio. Sobre o resgatador, cf.
2,20.

u. É o mesmo termo (*hêsed*) que em 1,8 e 2,20. Em 1,8 o voto
de Noomi é de que o Senhor trate suas noras com *fidelidade*,
pois elas assim agiram para com ela e para com os mortos. 2,12
ênfatiza também esta "recompensa". 2,20 pode ser entendido: da
fidelidade de Deus ou de Bôaz. Pode-se dizer que *hêsed* exprime
a lealdade no seio da comunidade de vida quer seja a família
quer seja a aliança. Mas esta não é uma "obra" à qual se estaria
obrigado por contrato, pois Rute está livre para voltar à própria
casa; sua solidariedade é "gratuita". E Rute, apelando a Bôaz

como ao que tem o direito de resgate para desposá-la, recorre à
solidariedade dele e não ao sentimento amoroso, como também
não procura desposá-lo porque "o jovem é belo, mas o velho é
grande" (conforme pensava equivocadamente V. Hugo).

v. Lit. *toda porta de meu povo*. — * [No fim do v.: *mulher de
valor*, como a de Pr 31,10ss. Cf. nota a 2,1.]

w. Fórmula de juramento que é eficaz precisamente porque
Deus vive e é capaz de velar pela realização deste compromisso.

x. Lit. *seis de cevada*. A medida que está subentendida é pro-
vavelmente o *gômer*, que vale 1/10 da *efá* (cf. 2,17).

y. *Lhe é acrescentado aqui por algumas versões antigas*.

z. Cf. 3,3 nota.

a. Lit. *à porta* da cidade, onde acontecem os julgamentos,
provavelmente a única porta do vilarejo.

b. Exige-se um mínimo de homens para constituir o tribunal.
Mais tarde, o mínimo será de três, segundo o Talmud, enquanto
eram necessários dez para formar a assembléia de oração.

c. Estes "conselheiros municipais" agem como juízes, p. ex.
em Dt 21,19; 2,15; 25,7, justamente à *Porta*; mas segundo Rt 4,

resgatador: "Noomi, aquela que voltou dos campos de Moab, está vendendo uma parte do terreno^d que pertencia ao nosso irmão^e Elimelek. ⁴E eu decidi pôr-te a par^f da situação nestes termos: 'Compra-a na presença dos habitantes e na presença dos anciãos de meu povo'. Se quiseres resgatar, resgata, mas se^g não quiseres resgatar, informa-me, pois, que eu o saiba; porque ninguém, exceto tu, tem o direito de resgatar; eu venho depois de ti". Ele disse: "Eu quero resgatar". ⁵Então Bôaz acrescentou: "No dia em que comprares o campo da mão de Noomi, adquires também^h Rute, a moabita, a esposa do falecido, para garantir o nome do falecido sobre seu patrimônio". ⁶O resgatador disse: "Não posso resgatar, senão arruinarei o meu patrimônio. Resgata para ti o meu direito de resgate. Não posso resgatar".

⁷Assim era outrora em Israel, a propósito do resgate e da permuta para resolver qualquer negócio: um tirava a sandália e a entregava ao outroⁱ. Assim se convalidava um contrato em Israel. ⁸O resgatador disse a Bôaz: "Adquire para ti!" E tirou a sandália. ⁹Então Bôaz disse aos anciãos e a todo o povo: "Vós sois testemunhas hoje de que eu adquiro da mão de Noomi tudo o que pertencia a Elimelek e o que era de Kilon e Mañlon, ¹⁰e de que adquiro também para mim

como esposa Rute, a moabita, esposa de Mañlon, a fim de restabelecer o nome do falecido sobre seu patrimônio, para que o nome do falecido não se apague entre os irmãos, nem perante o tribunal^k do lugar. Vós sois testemunhas disso hoje". ¹¹Então todo o povo que estava no tribunal e os anciãos disseram: "Somos testemunhas! Que o SENHOR torne a mulher que entra em tua casa como Raquel e como Leá, que edificaram juntas a casa^l de Israel. Faze fortuna em Efrata e torna-te célebre em Bet-Lehem: ¹²e assim, pela descendência que o SENHOR te der desta jovem mulher, tua casa seja como a casa de Pereç que Tamar gerou para Judá". ¹³Então Bôaz tomou Rute, e ela se tornou sua mulher. Ele se uniu a ela; o SENHOR lhe concedeu a gravidez, e ela deu à luz um filho. ¹⁴Então as mulheres disseram a Noomi: "Bendito seja o SENHOR que não te deixa faltar hoje um resgatador", cujo nome seja proclamado em Israel! ¹⁵Ele reanimará^a a tua vida e será o sustento da tua velhice; pois tua nora, que te ama, o deu à luz: ela vale para ti mais do que sete filhos". ¹⁶Então Noomi tomou nos braços o menino e o deitou ao regaço^p; e ela to-

o próprio Bôaz conduz a causa, sendo os anciãos simples testemunhas da legalidade do que se passa.

d. Este campo teria ficado sem cultivar e estaria ainda no primeiro ano do retorno, doutra forma Rute não teria necessidade de ir respigar. Além disso, como pode Noomi vender este campo, sendo que a mulher israelita não herda do marido? Talvez os filhos lhe tivessem feito uma doação; ou então só teria vendido o usufruto; ou se trata de um anacronismo, índice de data pós-exílica.

e. Termo designando em sentido amplo os que participam do mesmo grupo humano ou clã. Daí deriva o problema do resgate; cf. 2,20.

f. Lit. *eu descobrirei tua orelha*.

g. Lit. *mas se ele não quer...* A tradução na segunda pessoa se funda em numerosos manuscritos hebraicos e nas mais importantes versões antigas.

h. Segundo certas versões antigas, enquanto o hebraico tem: *e de Rute*.

i. Trata-se do costume do "levirado" (cf. 1,11), como se encontra em Dt 25,5-10, segundo o qual o nome de um falecido sem filhos é perpetuado pelo filho dado à luz pela viúva que passou a novas núpcias com o irmão (o qual renuncia ao próprio

"nome" e perde a própria herança; cf. Gn 38,8-9). Normalmente porém o "resgate" se refere só ao campo. Aqui resgate e levirado estão unidos de modo curioso, caso único no AT.

j. Mas o costume de tirar a sandália, como é descrito em Dt 25, é um costume infamante que Rt 4,7 já não compreende mais, pelo que parece; o que talvez seja sinal de data tardia.

k. Lit. *da Porta*. Cf. 3,11 e sobretudo 4,1 e 11. A porta tem a função da prefeitura da cidade com seu registro civil.

l. Há um trocadilho entre *edificar, casa, filho* (cf. 2Sm 7).

m. Cf. Gn 38, onde o relato é construído igualmente em torno do problema do matrimônio por levirado.

n. O termo é tomado em sentido geral. Não se trata do ato específico de Bôaz, mas daquilo que o menino fará (cf. v. 15). Agora que o descendente homem está garantido, o nome será perpetuado, a comunidade familiar, restabelecida, e no seio dela há alguém que eventualmente poderá manter ou restabelecer para o futuro a permanência deste grupo. Cf. 2,20.

o. Lit. *fará renascer a tua vida*. Não se trata nem de uma ressurreição nem de um culto aos mortos, mas de um reforço do princípio de vida.

p. Trata-se do regaço, e não do seio, pois o termo é também usado para o homem, por ex. Ex 4,6; Nm 11,12; 2Sm 12,3,8;

Dt 25,6;

Is 48,19;

56,5

Js 24,22

Gn 29—30;

35,16-26

1,2

1,1

Gn 38,29;

Mt 1,3

Gn 21,1;

25,21;

29,31;

30,2;

1Sm 1,19-

20,27

Lc 1,58

1Sm 1,8

mou conta da criança. ¹⁷As vizinhas o enalteceram dizendo: "Um filho nasceu a Noomi!" Elas proclamaram seu nome: "Obed". Ele foi o pai de Jessé, pai de David. ¹⁸Eis as gerações de Pereş: Pereş gerou Heşron; ¹⁹Heşron gerou Ram; Ram gerou Aminadab; ²⁰Aminadab gerou Naşshon; Naşshon gerou Salmá; Salmá gerou Bôaz; Bôaz gerou Obed; Obed gerou Jessé; e Jessé gerou David.

Is 9.5

Nm 1,7;
2,31Cr 2,5-15;
Mt 1,3-6;
Lc 3,31-33

1Sm 17,12

IRs 1,2; Is 40,11. É um gesto de adoção. Cf. Gn 30,3-8; 48,5.12; 50,23 para um outro rito.

q. Trata-se de proclamar o nome (não de dá-lo ao menino, o que compete ao pai ou eventualmente à mãe, mas não aos vizinhos). Cf. Introd.

r. Assim esse matrimônio misto foi cheio de significado não só em si mesmo, mas nas suas conseqüências para a história de

Israel. Cf. Introd.

s. Este livro se encerra como começa o evangelho de Mateus (cf. Introd.). Mt 1,1-17 só elenca cinco mulheres na genealogia de Jesus: Tamar, mãe de Péreş (Farés) (Rt 4,12), Rute, mãe de Obed, e a prostituta Rahab, apresentada como a mãe de Bôaz, ao lado da adúltera Bat-Sheba, mãe de Salomão. A quinta é Maria. Cf. Mt 1,2 nota.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

INTRODUÇÃO

O Cântico dos Cânticos constitui um dos problemas mais controvertidos da literatura bíblica. Que vem fazer no Antigo Testamento este poema (ou esta coletânea de poemas) de amor? Apresenta-se num tom bastante erótico. Parece interessar-se apenas pela beleza física, sem nunca falar de Deus ou da procriação. Contém alusões à geografia da Palestina e até reminiscências mitológicas; contudo, não oferece nenhuma chave evidente de interpretação. Quem foi que o escreveu, e quando? Sobretudo: por que e para que foi escrito? Se não foi pura e simplesmente por engano que este livrinho entrou no cânon, como é que encontrou nele um lugar, a ponto de, mais tarde, ser lido na liturgia da Páscoa judaica?

A própria estrutura do Cântico é difícil de determinar, cheio como está de repetições de versículos, temas, imagens e situações. Há quem veja nele apenas uma coletânea de poemas para serem usados em festas de bodas, justapondo canções de amor, que não são necessariamente hinos nupciais. Outros vislumbram certa ordem nas unidades poéticas mais amplas. Finalmente há também quem descubra uma coordenação de conjunto no poema.

Não obstante certas tentativas de fazer remontar a composição aos tempos de Salomão ou pouco depois, a linguagem e o estilo parecem bastante recentes e nos fazem pensar na época persa (séc. V a.C.) ou mesmo no período helenístico (séc. III). Por outro lado, convém relevar grande número de arcaísmos, tanto na escolha das palavras como no torneio da frase, sem que isso se possa explicar sempre como recurso literário erudito. Destarte é possível que o Cântico, mesmo se de composição tardia, contenha elementos antigos, talvez da época de Salomão (p. ex. 3,6-11); elementos muito diversos, também, provindos ora do campo, ora da cidade, de Israel do Norte ou de Judá. Entretanto, seu autor certamente não é Salomão. Como no caso de Provérbios, Eclesiastes, Sabedoria, o Cântico foi-lhe atribuído com base em 1Rs 5,12 e em alusões feitas por 1,5; 3,7.9.11; 8,11.12 (a primeira concernindo a um termo genérico — assim como se fala em

“móveis Luís XV” —, a segunda podendo estar inspirada num antigo epitalâmio e a terceira visando mostrar que o verdadeiro rei segundo o Cântico não é o Salomão da história!). Quanto à inclusão no cânon, houve certo mal-estar, talvez neutralizado, mas não apaziguado, pelo recurso à alegoria. Isso mostra que, seja qual for, o sentido original estava ofuscado. O poema teria sido usado em núpcias? É difícil dizer, apesar do costume de cantá-lo nas salas de banquete, costume criticado pelo Rabi Aqiba no fim do séc. I d.C. Seu uso litúrgico na Páscoa judaica não é atestado antes do séc. V d.C. Qualquer que seja o seu sentido, este cântico é profano ou sagrado, está no seu lugar na Bíblia ou entrou por engano? Para responder a esta pergunta tentou-se discernir o sentido do Cântico. Podem-se resumir sob quatro categorias as respostas, agrupadas duas a duas conforme visam à alegoria ou à realidade.

1. A interpretação alegórica remonta ao séc. I d.C. e neutraliza o escândalo desta poesia erótica — muitas vezes constrangedora para judeus e cristãos. Interpreta as relações entre o jovem e a moça quer de maneira histórica, quer mística.

Para a interpretação alegórica histórica apresentam-se diversas possibilidades: a) talvez se trate do confronto entre o povo de Deus e um outro povo, em algum momento da história — p. ex., os remanescentes das dez tribos do Norte no fim do séc. VIII procurando unir-se a Ezequias, mas encontrando a hostilidade de seus irmãos, quer dizer, de Judá; ou a relação entre Israel e os povos estrangeiros —; b) ou então, trata-se da relação entre o Senhor e seu povo, quer em um momento determinado — p. ex., na volta do Exílio —, quer ao longo de certo período da vida de Israel ou mesmo de toda a história da Igreja.

A interpretação mística oferece também dois caminhos: um, coletivo — em continuidade com as interpretações acima — visando a Deus e Israel, Cristo e a Igreja ou Cristo e a Humanidade; o outro, individual, relacionando Deus ou Cristo e a alma humana, ou mesmo o Espírito Santo e Maria, ou ainda, Salomão e a Sabedoria. Acres-

cente-se que esta mística pode ser desenvolvida seja como ascensão do homem para Deus — na linha do amor de que trata o Banquete de Platão —, seja como resposta da fé a Deus que se aproximou do ser humano.

2. A interpretação cultural é outra modalidade da alegoria. Vê no Cântico a tradução de uma liturgia pagã do Oriente Médio em honra de um deus que morre e vai aos inferos procurar sua amante, a deusa do amor e da guerra: os dois são representados pelo rei e pela grande sacerdotisa, cujo casamento sagrado (hierogamia) simboliza a união e provoca a renovação da fecundidade no Ano Novo. Também nesta interpretação esvazia-se o escândalo do erotismo, de certo modo, porque a união sexual aqui não tem uma finalidade em si mesma, mas está a serviço de uma causa religiosa. Os profetas de Israel combateram este tipo de culto (cf. Is 17,10; Ez 8,14; Zc 12,11). Entretanto, esta liturgia se teria introduzido em Jerusalém sob a vassalagem assíria de Manassés e, mais tarde, teria sido adaptada à teologia de Israel, assim como a festa agrária dos Pães sem Fermento foi reinterpretada para exprimir a fé histórica da Páscoa.

3. A interpretação dramática aceita a realidade sexual do Cântico, mas evita aquilo que ela teme ser escândalo, fazendo passar a realidade sexual para o segundo plano. A fim de mostrar que este livro não precisa ser místico para evitar ser obsceno, vê-se nele a descrição de um amor honesto, onde se destaca não tanto o sexo, mas a fidelidade. Mais: pelo fato de levar à cena não dois, mas três personagens, de modo que se assiste ao drama da pastorinha fiel ao seu pastor em detrimento de Salomão que a quer raptar, projeta-se sobre o apetite erótico inegável descrédito. Em forma tipológica, esta interpretação poderá reencontrar alguns elementos da tese alegórica.

4. A interpretação naturalista vê no Cântico uma coletânea de canções de amor muito realistas, conservada como tal, ao modo das coletâneas de canções de amor egípcias ou de cantos populares árabes, ou sujeita a uma ordenação conforme o

esquema das núpcias sírias que se realizavam ainda no fim do século passado na Transjordânia e no Líbano. Alguns vêem no Cântico nada mais que uma composição literária profana (p. ex., para justificar o casamento de Salomão com a filha do Faraó) e chegam a falar em canto licencioso cano-nizado por engano. Há também quem fale do senso moral de um amor honesto — juntando-se às vezes com facilidade, pela tipologia ou pelo drama, a alguma das interpretações acima mencionadas.

5. Pode-se talvez propor uma quinta interpretação, levando em consideração vários elementos das anteriores. Alguns defensores da quarta tese notam que este canto de amor humano utiliza a linguagem dos profetas descrevendo a aliança entre Deus e Israel como um casamento; outros sublinham a influência da linguagem hierogâmica. Observa-se também que os dois grupos de teses mencionados se confrontam da seguinte maneira: para 1 e 2, o sentido primeiro é sagrado e alegórico, e ao esquecer-se este sentido cai-se numa leitura sexual e profana; para 3 e 4, o sentido primeiro é sexual e profano, mas para evitá-lo recorre-se à alegoria. Contudo, é bem possível que o amor de que fala o Cântico seja ao mesmo tempo sexual e sagrado, e a negação de um destes dois aspectos teria conduzido, num caso, ao sentido profano e, no outro, ao sentido alegórico. Nesta hipótese, o Cântico descreve o amor humano como tendo um fim em si mesmo, na obra boa que é a criação de Deus — quase como um comentário a Gn 2,23-24. Para tanto, o Cântico incorpora mais ou menos conscientemente os elementos da liturgia pagã do casamento sagrado, mas desmitizando-os radicalmente, a fim de mostrar que o verdadeiro papel do amor não é unir religiosamente a terra ao céu, mas sim unir duas criaturas que Deus criou complementares. E ele descreve este amor carnal autêntico (Pr 2,16-17; Ml 2,14) com a linguagem da aliança, para mostrar no amor de Deus para com seu povo o modelo de todo amor humano — da mesma forma como Paulo o dirá em Ef 5,25. Destarte, o sentido espiritual do Cântico está no seu sentido literal.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1 ¹ A mais bela canção* — de Salomão^b.

Que ele me beije!

ELA

² Que ele me beije com boca ardorosa¹!

4,10;
Eccl 2,3

Pois tuas carícias^d são melhores que o vinho,

³ melhores que a fragrância de teus perfumes^e.

Teu nome^f é um perfume refinado.

Por isso as adolescentes^g se enamoraram de ti.

⁴ Arrasta-me após ti, corramos.

O rei^h me faz entrar no seu aposento:

"Sejamos felizes e alegres graças a ti!"

Celebremosⁱ tuas carícias, mais que o vinho.

É com razão que se enamoram de ti.

Is 9,2;
25,9;
66,10;
Zc 10,7

⁵ Eu sou preta^k, mas bela, filhas de Jerusalém^l,

como as tendas de couro escuro,

como os cortinados suntuosos^m.

2,7;
3,5.11;
5,8.16;
8,4

⁶ Não vos incomodeis se sou morena,

se o sol me tisonou.

Meus irmãosⁿ curtiram^o minha pele:

puseram-me a guardar as vinhas;

e minha própria vinha não guardei^p.

8,8

⁷ Deixa-me saber, pois, tu, a quem eu amo^q,

onde vais apascentar, fazer repousar ao meio-dia,

3,1-4

Gn 37,16

a. Lit. *cântico dos cânticos*: superlativo, como "o santo dos santos", "rei dos reis".

b. A construção, diferente do resto, mostra que se trata de um acréscimo redacional de acordo com 1Rs 5,12. Não somente o mais belo cântico de Salomão, mas de toda a criação. *Salomão* (*Shelomo*) = "Pacífico". Cf. 1,5; 3,7.9.11; 8,11-12; também 7,1.

c. Lit. *Que ele me beije com os beijos de sua boca*. A repetição exprime um superlativo.

d. Em hebr., jogo de palavras entre *carícias* e *querido* (cf. 1,13). Não aparece aqui a raiz "amar" (como no tradicional termo "amado"). A passagem da 3ª para a 2ª pessoa é freqüente em hebr., ao se dirigir a alguém; cf. p. ex., 1,4.12: é a Ele que Ela fala, não a terceiros sobre Ele.

e. Lit. *oleos*.

f. I. é, tua pessoa. O nome exprime a essência do ser. Jogo de palavras entre *shem* (nome), *shémen* (perfume), *Shelomo* (Salomão) e mesmo *Ierushaláim* (Jerusalém).

g. Meninas púberes, casadas ou não, em idade de ter filhos, sem tê-los tido. Cf. Gn 24,43; Ex 2,8; Is 7,14; Sl 68,26; Pr 30,19. Equivale a "jovens" (= filhas) (cf. 2,2), de acordo com o paralelo entre Ct 6,8 e 9. Ela as considera mais ou menos como rivais.

h. A designação *rei* volta em 1,12 e 7,6 para designar o Querido e se aplica a Salomão em 3,9.11. Ela, entretanto, considerada como *filha de nobre* em 7,2, nunca é chamada de "rainha" (ainda que esse termo seja usado para o harém de Salomão em 6,8-9), e nem mesmo de "querida" (mas sim, de *companheira* (p. ex., 1,9) *amor* (2,7), *noiva* (4,8), *irmã* (4,9).

i. Citação implícita, como muitas vezes se vê em Ct: cf. 1,8;

2,15; 3,3.5.6; 5,2.3; 6,10; 8,4.5.8-9.14. Em contrapartida, uma fórmula introduz a citação em 2,10 e 7,9. É Ele que fala. Ela responderá no verso seguinte. Os verbos empregados aqui pelos namorados fazem parte também do vocabulário da aliança (cf. Introd. Cf., p. ex., Sl 9,2-3; 43,4-5).

j. Lit. *recordemos* (isto é: evoquemos, celebremos) ou, com um outro sentido do mesmo verbo, *inalemos, aspiremos*. Corrigindo o verbo hebr. poder-se-ia traduzir *inebriemo-nos de...* (cf. 5,1 e ainda 2,4; 7,10).

k. Não de "raça negra" mas "brunida": cf. a forma diminutiva *morena* e o termo correspondente *tisnar* em 1,6.

l. Isto é: moças finas, como se diria hoje: "é uma parisiense". Isto não quer dizer que a cena se passe, necessariamente, em Jerusalém, mas antes, que ela receia as zombarias de suas rivais (cf. 1,3), que têm, conforme o padrão usual de beleza, tez clara de moças desocupadas, contrastando com o bronzeado de uma jovem que trabalha no campo.

m. Lit. *tendas de Qedar*, *cortinas de Salomão*. Termos genéricos. Estas duas expressões retomam o contraste "preta-bela".

n. Lit. *os filhos de minha mãe*. Ver *mãe* em 3,4.11; 6,9; 8,2.5.

o. Tentou-se captar o possível duplo sentido do hebr.: mau-trato e queimadura.

p. Passagem do sentido real para o simbólico, em que a vinha representa a amada (cf. 1,14; 2,15; 7,13; 8,11-12), comparada igualmente a um jardim (4,12), uma flor (2,1-2), um animal (1,9; 2,14), uma fonte (4,12), uma cidade (6,4), um astro (6,10), sem falar das imagens que se referem a pormenores do seu corpo. Cf. Sl 128,3 e Is 5,1).

q. Lit. *tu a quem minha "alma" ama*, cf. Is 55,2 nota.

- Jo 20,1s;
Jr 31,22
- (PASTORES) ⁸ "Se não o sabes, tu, a mais bela das mulheres,
manda-te pelas pegadas do rebanho,
apascenta tuas cabrinhas junto às tendas dos pastores."
- Is 63,13; ELE ⁹ A uma potranca com arreios de luxo!
Sb 19,9
eu te comparo, minha companheira.
5,13 ¹⁰ Deliciosas, tuas faces entre os brincos,
4,4; 7,5 teu pescoço envolto de guirlandas.
¹¹ Brincos de ouro mandaremos fazer para ti,
com incrustações de prata.
- ELA ¹² Enquanto o rei se encontra no seu recinto*,
o meu nardo* espalha sua fragrância.
5,8-10; ¹³ Meu querido* é para mim um bolsinho de mirra,
Ez 8,14 passa a noite entre meus seios*.
¹⁴ Meu querido é para mim um cacho de alfena
junto à vinha da Fonte-do-Cabrito*.
- ISm 24,1-2
2,14; 4,7; ELE ¹⁵ Como és bela, companheira minha, como és bela!
5,9; 6,9; Teus olhos são umas pombas!
7,7
4,1; 5,12
ELA ¹⁶ Como és belo, meu querido, como és gracioso*!
Como é verdejante o nosso leito!
¹⁷ As colunas de nossa casa são os cedros
e os lambris, os pés de zimbro*.
- Is 35,1-2 **2** ¹ Eu sou um narciso da Planície,
um lírio dos vales*.
- IRs 7,19s; ELE ² Qual lírio entre as sarças,
Os 14,6; assim é minha companheira entre as jovens*.
Mt 6,28

r. A raiz é diferente de "correr" em 1,4; designa a mulher que se cobre (para esconder-se ou como uma prostituta) ou, de acordo com certas versões, aquela que anda à toa.

s. Citação implícita, feita por Ela, das palavras de uma espécie de "coro", constituído aqui pelos outros pastores (1,7) e, em outro lugar, pela mãe (2,15), os irmãos (8,8-9) ou as outras moças (6,1) (em geral o tom é irônico, exceto, aparentemente, em 1,5 e talvez em 7,1).

t. Com arreios... lit. de carros de Faraó, termo genérico, como em 1,5; cf. IRs 10,29. Quanto a Salomão e Faraó, cf. IRs 3,1.

u. Este termo, que pode designar também o divã que rodeia a mesa das refeições ou o cortejo que rodeia o casal, é compreendido aqui como significando o jardim de 4,12-14, que representa a Ela e para onde Ele, o rei de 1,4, se dirige, atraído por seu perfume.

v. Planta aromática de origem indiana, utilizada como filtro de amor, ligada ao culto da fertilidade. Os perfumes simbolizam os atrativos do moço (*mirra* 1,13; 5,13; *alfena* 1,14; *bálsamo* 5,13; *aroma* 5,13) e da moça (*mirra* 4,14; 5,1, talvez 4,6; *alfena* 4,13, talvez 7,12; *bálsamo* 4,10,14; 5,1; *aromas* 8,2; *nardo* aqui nesta passagem e, com *açafrão*, *canela*, *cinamomo* e *aloés*, em 4,14; *incenso* 4,14 e talvez 4,6; sem falar do *mel* 4,11; 5,1); dependendo da interpretação, *incenso* e *mirra* em 3,6 podem se referir tanto à moça como ao rapaz.

w. Primeiro uso deste termo (cf. 1,2) que, em Canaã, designava um deus da fertilidade que, cada ano, morria e ressuscitava,

graças ao amor de sua amante. Cf. 1,4 nota.

x. Alusão ao costume de se levar um bolsinho de mirra pendendo do pescoço. Mas, por ambigüidade proposital, o sujeito da frase pode ser *meu querido*. A mirra excita os sentidos (Pr 7,17) e estava associada ao culto da fertilidade, mas, no AT, só tem sentido cultural quando usada para a fabricação do óleo das unções (Ex 30,23); ela aparece com freqüência nos poemas egípcios de amor profano.

y. O odor penetrante da *alfena* revelava, em Canaã, a aproximação da deusa do amor. Suas folhas, agrupadas em cachos, eram usadas para adereço feminino. Esta planta, como a vinha, crescia num oásis de Judá, a oeste do mar Morto, em forma de círculo escarpado, acessível às cabras: *En-Guedi*, que significa "fonte-do-cabrito" (ISm 24).

z. Os dois adjetivos aplicados aqui a Ele e, mais adiante, a Ela (7,7) caracterizavam certas divindades em Canaã.

a. É possível traduzir em *cedro*, em *zimbro* (junípero). Mas o encontro se dá antes na natureza do que em casa: cf. 2,3.

b. Há dúvidas a respeito da identificação destas flores. A primeira pode ser o narciso ou o crôcus. A segunda, o lírio ou a anêmona, conforme 5,13 é vermelha, o que não sugere o lírio, mas o acento pode estar no cheiro e não na cor; e há também lírios vermelhos. — A *Planície*: lit. o *Sharon*, grande planície costeira ao sul do Carmelo.

c. Lit. *filhas*. Cf. 1,3,5. *O termo é aqui usado no sentido amplo de *donzelas*.]

- ELA ³ Qual macieira entre árvores da mata,
assim é meu querido entre os jovens^d.
Sento à sua sombra, assim como eu desejo;
seu fruto é doce ao meu paladar. 5,16;
7,10
- ⁴ Faz-me entrar na taberna,
seu estandarte sobre mim é Amor^e. 5,10;
6,4-10
- ⁵ Refazei-me com bolos de uva-passa;
reforçai-me com maçãs;
estou doente de amor^f. Is 16,7;
Jr 7,18;
44,19
- ⁶ Sua esquerda sustenta-me a cabeça
e sua direita me enlaça. 5,8
8,3
- (ELE?) ⁷ Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,
pelas gazelas, pelas corças do campo:
não desperteis, não desperteis meu Amor^g
antes que o deseje^h. 3,5; 8,4;
5,8-9
- Estou ouvindo meu querido 5,2
- ELA ⁸ Estou ouvindo o meu querido!
Ei-lo: está vindo!
Vem saltando sobre as montanhas,
pulando por sobre as colinas;
⁹ meu querido se parece com uma gazela
ou com um filhote de corça.
Ei-lo: pára atrás de nosso muro,
olha pela janela,
espia pelas gradesⁱ.
¹⁰ Meu querido canta
e me diz:
- (ELE) "Levanta-te, minha companheira,
bela minha, vem embora. 7,12s
- ¹¹ Pois eis que o inverno passa,
a chuva cessa e se vai.
¹² Já se vêem flores na terra;
vem o tempo da canção^j;
já se ouve em nossa terra
o canto da pomba-rola.
¹³ A figueira madura seu fruto verde
e as cepas em flor deitam seu perfume. 1,12; 7,14

d. Lit. *filhos*. Como *filha*, também *filho* tem, em hebr., sentido específico ou genérico (ver nota c). Assim como entre as outras Ela é um contraste total, assim Ele é uma *macieira* em meio a árvores sem fragrância nem fruta. A maçã (2,5; 7,9) é alimento, remédio e afrodisíaco. Cf. 8,5.

e. A *taberna* (lit. *casa do vinho*) não é um lugar onde se vende vinho mas, simbolicamente, o lugar onde os dois se embriagam um no outro (cf. 1,4). O vinho é o símbolo dos prazeres (5,1; 7,10; 8,2), mas ele próprio é sobrepujado pelo amor (1,2,4; 4,10).

f. A *maçã* (2,3) como elemento reconfortante afrodisíaco, ajuntam-se os *bolos de passas* oferecidos à deusa da fertilidade, como se vê em Os 3,1, mas aqui estão reservados àquela que concentra em si todo o amor do seu querido. A imagem das

serventes dá seguimento à da taberna.

g. Lit. *o amor* (sem pron. possessivo), termo pelo qual o moço designa a sua amada (cf. 7,7).

h. Termina aqui um primeiro poema, no qual, depois de uma introdução que resume a relação entre Ela e Ele, a amada conta às outras moças como foi que conheceu seu amado e marcou encontro com ele, e como se seguiu um diálogo de admiração mútua (real ou apenas citado por Ela), terminando no abraço (2,6).

i. Lit.: *a voz do meu querido*; a cena muda: Ela está sozinha, em casa.

j. Ele não tem acesso à casa, mas pede à moça que se junte a ele, fora.

k. As versões antigas entenderam: o tempo da *poda*.

Levanta-te, minha companheira,
bela minha, vem embora!

- ¹⁴ Minha pomba na fenda duma rocha,
no recôndito de penhasco alcantilado,
deixa-me ver teu rosto,
deixa-me ouvir tua voz;
pois tua voz é suave
e teu rosto, formoso.

Ez 13,4; (MÃE)
Ne 3,35;
Lc 13,32

- ¹⁵ "Prendei para nós as raposas,
as pequenas raposas
que invadem as vinhas,
pois nossa vinha está em botão!"

6,3; 7,11: ELA
Os 2,4-25

- ¹⁶ Meu querido é meu e eu sou dele,
que apascenta no meio dos lírios^m,

4,6

- ¹⁷ até que respire o dia
e as sombras se tornem fugazesⁿ,
vira!... tu^o, meu querido, torna-te parecido
a uma gazela ou um filhote de corça
por sobre montanhas separadas^p.

8,14

Procuo a quem amo

ELA **3**

1,7

- ¹ Sobre meu leito, ao longo da noite,
procuo aquele que eu amo.
Eu procuro, não o encontro^a.

Is 65,1;
Jr 29,13;
Os 2,9; 5,6
Pr 1,28;
Mt 7,7

- ² Tenho de levantar-me,
dar a volta pela cidade;
nas ruas, nas praças,
procurar aquele que eu amo.
Eu o procuro, não o encontro.

- ³ Encontram-me os guardas
que fazem a ronda na cidade^r:
"Aquele que eu amo, não o vistes?"

- ⁴ Mal os tenho passado,
encontro aquele que eu amo.

1. Após a citação explícita que faz das palavras do moço (2,10-14) ela cita, implicitamente (cf. 1,4), a reação daqueles que tomam conta dela: os irmãos (1,6; 8,8-9) ou, antes, a mãe que manda os irmãos saírem em perseguição do namorado. Aqui há um jogo de palavras em hebraico: a raiz da palavra *raposa* quer dizer "furar buracos" *[cf. nosso "furão"] e a raiz de *devastar* é a mesma da palavra que significa "ficar grávida" (8,5). Vê-se logo o que tudo isso pode representar: a vinha pode representar a própria moça (1,6).

m. *Apascenta*: termo propositalmente ambíguo; pode significar tanto o que faz o pastor (1,7) como o que faz o rebanho (4,5) (apascentar/pastar). A mesma expressão aparece em 6,3 para Ele e 4,5 para os filhotes de gazela! Cf. 6,2. Em 2,1, Ela é um lírio...

n. O moço chamou-a de madrugada (2,10).

o. A resposta que Ela dá ao seu querido, depois da intervenção de 2,15, não pode deixar de ser ambígua. O verbo *virar* pode significar "virar as costas, ir embora" ou virar-se para voltar: perante sua família, ela deve dar a impressão de o mandar em-

bara, mas ele deve entender que ela o espera; desta maneira ela marca com ele um novo encontro na barba de seus irmãos que a vigiam e que lhe são hostis.

p. Lit.: *montes de Béter*. "Béter", lugar desconhecido, vem da raiz de "cortar em duas partes", "partilhar", "separar" (cf. Gn 15,10; Jr 34,18-19; a exegese rabínica deduz aí uma alusão à aliança com Abraão). Os "montes da partilha" podem significar as montanhas para as quais ele vai fugir e que os separarão, mas também os "montes separados" dos seios dela, aos quais ela o convida a voltar; cf. o paralelo 4,6. — Aqui termina o segundo poema, com uma separação e uma combinação de reencontro.

q. Na tarde do mesmo dia, Ela o espera, conforme o encontro marcado de 2,17. É um sonho ou um devaneio. Como em 1,4, retoma-se a linguagem da aliança.

r. Sua ação lembra o comportamento da deusa pagã que desce ao mundo inferior para buscar seu querido. Aqui ela mostra a que ponto o ama, uma vez que, para reencontrá-lo, chega a comprometer a própria reputação, como se verá no paralelo de 5,7 (cf. 1,7).

todas elas têm gêmeos,
e nenhum lhes é arrancado^c.

Gn 38,28;
Js 2,18 ³ Teus lábios são como fita escarlata,
e formosa, tua língua a palrar^d.

6,7 Qual metade de romã é tua tẽmpora
aparecendo através do teu véu^e.

1,10; 7,5 ⁴ Como a Torre-de-David é teu pescoço,
construída para troféus^f:

Ez 27,
10-11 um milhar de escudos estão aí pẽndurados,
toda espécie de armaduras de valentes^g.

7,4 ⁵ Teus dois seios são como dois filhotes
gêmeos de uma gazela
2,9,17 pastando entre os lírios.
2,16

2,17 ⁶ Até que respire o dia
e as sombras se tornem fugazes,
eu me vou ao monte envolto em mirra
e à colina, no incenso^h.

1,15 ⁷ Tu és toda bela, companheira minha!
Ef 5,25-27 Defeito, não o tens!

7,5 ⁸ Comigo, do Líbano, ó noiva,
comigo, do Líbano virás;
tu descerás do cume do Amaná,
do cume do Senir e do Hermon,
das tocas dos leões e das montanhas dos leopardosⁱ.

Dt 3,8-9;
1Cr 5,23
Jr 5,6;
Na 2,12,13 ⁹ Tu me enlouqueces, minha irmã-noiva^j!
6,5 Com um só dos teus olhos me enlouqueces,
com uma só roda de teus colares^k.

1,2 ¹⁰ Quão belas são tuas carícias, minha irmã-noiva!
Quão melhores que o vinho, tuas carícias
e que todos os bálsamos, a fragrância de teus perfumes.

Pr 5,3 ¹¹ Teus lábios destilam néctar, ó noiva;
Ex 3,8;
Is 55,1 tens mel e leite debaixo da língua^l;

c. A imagem não é coerente: fala-se de ovelhas na tosa para evocar a brancura dos dentes, depois o interesse passa às crias das ovelhas, que vêm sempre geminadas, para evocar a regularidade da denteição.

d. Termo construído sobre a raiz "falar", significando antes a língua que a fala. Cf. 4,11.

e. Aqui, a metade da romã descreve a tẽmpora; a mesma imagem voltará em 6,7; em 4,13; 7,13; 8,2 ela evoca os peitos.

f. Em hebraico *talpiyot*, talvez nome de algum lugar desconhecido, como a *Torre-de-David*. Estes nomes podem conter jogo de palavras: *David* e *querido* têm as mesmas letras em hebraico; *talpiyot* evoca "tel", colina artificial, palavra que pode designar também um seio, em língua babilônica. Há quem veja na palavra um termo de arquitetura designando fileiras de pedras. Não se conserva lembrança destes lugares; estas palavras foram escolhidas por causa de suas conotações.

g. Colar de moedas (ou outras peças de metal) comparado a uma linha de escudos rodeando a parte mais alta de uma torre, em tempos de paz.

h. Lit.: *monte da mirra, colina do incenso*. Tratar-se-ia de um paralelismo ou dos dois montes que simbolizariam os seios

perfumados (cf. 2,17)? Alguns aproximam o termo *mirra* a outro: *Moriá* (Gn 22,2; 2 Gn 3,1).

i. *Comigo*: as versões antigas entenderam: *vem*. O verbo traduzido por *descer* pode significar também *olhar* (Nm 23,8). — Mencionar as montanhas ao norte da Palestina onde, segundo um poema mitológico cananeu, o deus da caça convidou sua deusa amada para uma caçada e, não dando atenção aos avisos dela, foi morto por um animal selvagem. Aqui o querido convida sua companheira a fugir de tudo isso a passos de gigante.

j. O termo *irmã* pode indicar influências egípcias; ou então, vir do fato de esta palavra significar também "vizinha", "amiga", "amada" ou "companheira" (da mesma forma como "irmão", "companheiro"). O uso de *irmã* aqui pode ter vindo também de um antigo costume hurrita que se projetou também na história de Abraão (cf. Gn 12,13); segundo tal costume, a situação jurídica de uma esposa é superior se ela for adotada como irmã por seu marido. Cf. 8,1.

k. Alusões possíveis a costumes de magia (cf. o mau olhar e os amuletos).

l. Trata-se do beijo (cf. 1,12 e também 5,1) ou das palavras (cf. Sl 19,11; 119,103).

	o perfume de tuas vestes	Gn 27,27; Sl 45,9; Pr 7,17; Os 14,7
	é como o perfume do Líbano.	
	¹² És um jardim trancado, minha irmã-noiva; uma fonte ^m trancada, uma nascente lacrada!	Pr 5,15-18
	¹³ Teus renovos são um paraíso ⁿ de romãs, com frutas de escol ^o , alfena com nardo,	Ecl 2,5; Ne 2,8 4,16; 7,14
	¹⁴ nardo e açafraão, canela e cinamomo e árvores de incenso de toda sorte; mirra e aloés, com todos os bálsamos de primeira ^p .	
ELA	¹⁵ Sou uma nascente que rega jardins, um poço de águas correntes escorrendo do Líbano.	Gn 26,19
	¹⁶ Desperta, Şafon! Vem, Teman! Faze meu jardim respirar e que seus bálsamos escurram ^q ! Que meu querido venha a seu jardim e nele coma suas frutas d'escol!	1,12-13 4,13; 7,14
ELE	5 ¹ Venho ao meu jardim, minha irmã-noiva; colho a minha mirra com meu bálsamo, sorvo o meu favo com meu mel, bebo o meu vinho com meu leite ^r !	
CORO	"Comei, companheiros; bebei, inebriai-vos, queridos ^s !"	
Eu estava dormindo, e desperto		
ELA	² Eu estava dormindo, desperto: ouço meu querido bater!	2,8
(ELE)	"Abre-me, minha irmã, companheira minha, minha pomba, minha perfeita;	Ap 3,20

m. Em lugar de *fonte*, alguns mss. repetem *jardim* (assim compreenderam as versões antigas). Significados possíveis: como propriedade privada, ela pertence só a ele; ou: não lhe pertence ainda. Ela lhe responderá no v. 15.

n. *Paraíso*: transcrição da palavra persa para o hebraico. Não aparece em Gn 2-3.

o. Talvez se trate do peito. — *Renovos* retoma, num jogo de palavras, um termo que designava o dote do pai à sua filha (1Rs 9,16); e (frutas de) *escol* deixa entrever um termo que designava o presente dado pelo genro a seu sogro (Gn 24,53). Todo este juridicismo é substituído pelo dom que ela fará de si mesma ao seu amado.

p. A maior parte dessas plantas vem de terras distantes (cf. 3,6). Em Pr 7,17, alguns desses perfumes são usados pelas prostitutas, enquanto no Sl 45,9 eles saturam as vestes do noivo real. Pode ser que se trate de afrodisíacos. Não é apenas para o adúltero que se usa perfume, e uma mulher perfumada não é, necessariamente, de má vida; a prostituta apenas exemplifica o mau

uso de coisas boas. Aliás, o noivo é verdadeiramente um "rei" (cf. 1,4).

q. Ela responde, agora, manifestando o desejo de que seus perfumes cheguem até ele e que ele venha deliciar-se com ela.

— *{*Şafon*: vento norte; *Teman*: vento sul.}

r. Ele vem e se apraz nela.

s. Termina aqui o terceiro poema. Todo ele representava apenas um sonho ou devaneio (cf. 5,2), enquanto ela esperava, em vão, a chegada dele (cf. 3,1) ao encontro marcado (cf. 2,17). No fim deste sonho, ela ouve o "coro" já, enfim, favorável à união dos dois (cf. 1,8), usando, por uma vez, no plural para os dois o termo usado especificamente só para ela: *companheira* (amiga) (cf. 1,9) e o outro, usado só para ele: *querido* (cf. 1,13); cf. 1,4 nota.

t. Lit.: *Eu dormia, e meu coração desperta* (cf. 3,11); *eu e meu coração* são aqui paralelos e equivalentes; não se trata de um contraste entre ela e seu coração, mas entre o fato de que ela *estava dormindo* e agora *está desperta* (não: vigilante), esperando seu querido que, enfim, vai chegar.

Jz 6,36-40;
Os 14,6

(ELA)

pois minha cabeça está banhada de orvalho,
meus cachos, das gotas da noite."

³ "Já tirei a camisa... ah! vesti-la de novo?
Lavei os meus pés... ah! irei sujá-los?"

⁴ Meu querido passa a mão pela abertura;
meu ventre se emociona^a.

⁵ Sim, eu me levanto para abrir ao meu querido.
E minhas mãos destilam mirra,
e meus dedos, mirra correndo
sobre as trameças do ferrolho^a.

⁶ Sim, abro para meu querido!
Mas meu querido retornou, passou.
Fora de mim, saio atrás dele^b:

3,1s
procuro-o, não o encontro;
chamo-o, mas não me responde.

⁷ Encontram-me os guardas
que fazem a ronda na cidade;
batem-me, machucam-me,
arrancam-me a capa,
os guardas das muralhas^a.

2,7
⁸ Conjuro-vos, filhas de Jerusalém:

1,7
Se encontrardes meu querido,

que lhe direis?

2,5
Que estou doente de amor!

1,13 CORO
1,15
⁹ Que tem teu querido a mais que outro,
ó mais bela das mulheres?
Que tem teu querido a mais que outro,
para que assim nos conjures^a?

Gn 25,25; ELA
ISm 16,12
2,4;
2Sm 18,3;
Eccl 7,28

¹⁰ Meu querido é claro, rosado,
o mais insigne dentre dez mil^b.

¹¹ Sua cabeça é um lingote de ouro fino.
Seus cachos, cachos de palmeira^c,
pretos como um corvo.

1,15
¹² Seus olhos são como pombas junto aos espelhos d'água,
lavando-se no leite,
ou posando nas bacias^d.

u. Transparece aqui pudor, mas talvez também despeito por ter ele demorado tanto e até mesmo certo coquetismo em fazê-lo esperar. Mas seu amor é mais forte que isso e, quando ele se afasta, ela sai correndo atrás.

v. Talvez ele tenha tentado abrir o trinco interior passando os dedos pelo buraco da porta.

w. O ventre é o ponto central das emoções, muitas vezes imaginado como sede da alma (cf. 1,7 nota).

x. Para fazer o trinco escorregar sem ruído.

y. Lit.: *minha alma sai* (cf. 1,7), donde surge um duplo sentido: "eu saio" para encontrá-lo, e: "não tenho mais vida", porque ele se foi. — *Atrás dele*, ou: *à sua palavra*, conforme a vocalização, mas com menos sentido para o contexto.

z. Ela vestira esta *capa* ao pular da cama apressadamente.

Saindo, assim vestida, é considerada uma moça de má conduta. A ação dos guardas é mais grosseira do que a que foi descrita no sonho. O despojamento ou desnudez lembra a história da deusa pagã que devia deixar uma veste em cada uma das portas do mundo inferior.

a. A pergunta é, sem dúvida, irônica.

b. Com a intenção de mostrar que seu amado é superior a qualquer outro, até mesmo ao deus cananeu, ela o descreve com elementos mitológicos e até com certas alusões ao Templo e a David. Ele parece uma estátua divina!

c. Os cachos dos frutos de certas palmeiras são pretos.

d. A *pomba*, de plumagem brilhante, lembra a íris no centro da órbita, que é como uma pequena bacia d'água (sugestão de lágrimas?) cujo conteúdo seria leite, representando o branco-do-olho.

- ¹³ Suas faces são como um canteiro de bálsamo
produzindo perfumes^e.
Seus lábios são lírios
destilando mirra líquida. 1,10
- ¹⁴ Suas mãos são braceletes de ouro^f
repletos de topázios.
Seu ventre, uma chapa de marfim
coberta de safiras. SI 144,12;
Sr 26,18
- ¹⁵ Suas pernas são colunas de alabastro,
erguidas sobre socos de ouro fino.
Seu rosto é como o Líbano:
é a elite, tal qual os cedros^g. 2,3
- ¹⁶ Seu paladar é a própria docura;
tudo nele é desejável.
Tal é meu querido, tal meu companheiro,
filhas de Jerusalém!

CORO 6

- ¹ Aonde foi teu querido,
ó mais bela das mulheres?
Para onde se voltou teu querido,
para que o busquemos contigo? 3,1

ELA

- ² Meu querido desce ao seu jardim,
para os canteiros de bálsamo,
para apascentar no jardim^h
e para colher lírios. 4,12-16
5,13
- ³ Eu sou para meu querido e meu querido é para mim,
ele que apascenta entre os líriosⁱ. 2,16

És bela, companheira minha

ELE

- ⁴ És bela, companheira minha, como Tirzá^j,
linda como Jerusalém,
e terrível como o que é insigne^k. 2,4
4,9
- ⁵ Desvia de mim teus olhos,
que me enfeitiçam.
Tua cabeleira é como uma tropa de cabritas
cascateando do Guilead. 4,1
- ⁶ Teus dentes são qual tropa de ovelhas
subindo depois do banho: 4,2

e. *Produzindo*: segundo as versões antigas, em lugar de *torres*. Alusão à barba perfumada. A imagem será retomada para Ela, em 6,2.

f. Suas mãos são *braceletes*, como se fossem algemas para prender a que ele ama. Quanto aos *topázios* (crisólitos, granadas, lit. *pedras de Turshish*; cf. Dn 10,6), designam ou seus anéis ou, melhor ainda, suas unhas (assim como as *safiras* se referem às suas veias).

g. A comparação com o Líbano (*Lebanon* = "monte-branco") não pretende sugerir muita idade no rapaz; é que este monte é reluzente e tem uma vegetação luxuriante que lembra a cabeleira do moço.

h. Ela é o jardim "por excelência".

i. Aqui termina o quarto poema, que retoma o tema do terceiro como a realidade depois da antecipação no sonho.

j. A comparação nem indica que o Ct remonte à época em que Tirzá foi a capital (cf. 1Rs 16,23-24), nem à época de Salomão (quando a fama desta cidade já era grande, razão por que foi feita capital). A comparação é, em parte, para evitar o nome de Samaria, cujo destino foi desastroso; além disso, faz um jogo de sentido com a raiz "ter prazer em"; é o equivalente de "Bem-estar". Aliás, Tirzá é também nome de moça em Nm 26,33. Também Jerusalém pode ter sido usado aqui por causa do seu nome simbólico, composto de "paz" (cf. 1,1: o nome de Salomão; 7,1: a Sulamita; 8,10) e do verbo "lançar, ensinar": "Lança-Paz". A mãe de um rei em 2Rs 15,33 chama-se *Jerushá*.

k. Cf. 6,10, onde esta expressão está em relação com seres divinos. Ela é *linda e terrível*, não como a deusa pagã da guerra e do amor, mas como estas grandes cidades da Terra Santa de nomes simbólicos.

- todas com gêmeos,
e nenhum lhes é arrancado.
- 4,3 ⁷ Qual metade de romã é tua tẽmpora
aparecendo através do teu vœu.
- ⁸ Sessenta sãõ as rainhas,
as concubinas, oitenta,
e sem número, as adolescentes¹.
- Ecl 2,8 ⁹ Ela é única, minha pomba, minha perfeita.
Única para a sua mãe,
um brilho^m para quem a deu à luz.
As jovens a vœem: chamam-na venturosa^a;
as rainhas e concubinas dirigem-lhe louvores^o:
- Pr 4,3 ¹⁰ "Quem é essa que tem o olhar da Aurora^p,
bela como a Lua,
brilhante como o Sol
terrível como o que é insigne?"
- 3,6; (ENAMORADAS) ¹¹ Desço ao jardim das nogueiras
para admirar os renovos no vale^a,
para ver se a cepa deita rebentos,
se as romãzeiras estão em flor.
- Is 14,12;
Sr 26,16;
Ap 12,1
6,4 ¹² Não reconheço meu próprio eu^f:
ele me torna tímida,
se bem que eu venha de gente nobre¹!
- 7,13 **CORO** ⁷ ¹ "Volta, volta, Sulamita!
Volta, volta, que te contemplemos!"
ELE — Como contemplar a Sulamita?
— Como numa contradañça^a!
- Gn 32,3;
Js 13,26 ² Como sãõ belos teus pés nas sandálias^a,
filha de nobre!
Os contornos de tuas ancas sãõ como anéis,
obra de mãõs de artista.

1. Se em 3,11 o amado parece semelhante a Salomão, agora, da mesma forma que em 8,11-12, ele é mais e melhor que Salomão. O harém parece de dimensões modestas comparado com 1Rs 11,3; mas, talvez, tenha-se aqui uma "numeração ascendente" para designar uma quantidade indefinida; em todo caso o "sem número" funciona como compensação. As *jovens*, que em 1,3-4 estavam apaixonadas pelo rei-querido, sãõ aqui as damas de companhia ou, antes, as mãõs que atendiam ao bel-prazer do soberano (cf. Est 2,12-17).

m. "Pura", "resplandescnte" e "preferida" ao mesmo tempo, cf. 6,10. Há um jogo de palavras com os verbos *brr* e *brh*. n. *Jovens*, como em 1,3 e 2,2. *Venturosa*, termo das bem-aventuranças; cf. p. ex. Pr 31,28.

o. Aqui o verbo é o mesmo que em "Aleluia". Destarte, não é somente sua mãe que a louva, também as mulheres de um harém renomado que sãõ, de certo modo, especialistas em matéria de amor. Segue uma citação implícita de suas palavras.

p. Ela é descrita não somente como superior às rainhas, mas também como deusa.

q. 1. é, o desfiladeiro, garganta da torrente (*ued*, em árabe).

r. Lit. *minha alma*, isto é: "eu mesma", como no resto do Ct. Sem dúvida, este termo é objeto do verbo precedente e sujeito

do subsequente.

s. Lit.: *Ele me pôs carros da meu nobre povo*. As interpretações sãõ diversas. Segundo algumas delas é colocada *sobre* os carros; outros entendem a expressão como um duplo acusativo latino, de maneira que ela se torne semelhante a um carro. Neste caso, haveria aqui uma alusão ao duplo aspecto do transporte da Arca da Aliança, levada por carros, como Deus por Israel (1Sm 6; 2Sm 6; Ez 37,27). A tradução aqui pros posta contenta-se com dividir em duas (como em 7,7, para "filha nas delícias") a palavra em que se lê "carros" (*murkebot* é lido como *morek bat*). Aparece assim o mesmo título que em 7,2. Isto dá seqüência ao assunto anterior e prepara para o que segue: seu amor a transformou em princesa (cf. o "rei" de 1,4), mas também a deixou tímida; daí a sua fuga seguida de sua volta.

t. Hebr. *shulamit*. A raiz é paz (cf. Salomão. Ver nota a 8,10); não confundir com Abishag, a shunamita (1Rs 1,3).

u. Lit.: *dança de dois campos*. Essa dança nupcial, em dois grupos ou em dois pares, é tudo o que resta da dança guerreira da deusa pagã.

v. Ele faz um novo elogio da sua amada (cf. 6,4-9), descrevendo-a às vezes de acordo com a geografia da Terra Santa, subindo dos pés à cabeça.

	³ Teu umbigo é uma taça em meia-lua: não lhe falte o licor ^a !	
	Teu abdome é um monte de trigo cercado de lírios.	
	⁴ Teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela.	4.5
	⁵ Teu pescoço é como a Torre-de-Marfim ^a . Teus olhos são piscinas em Heshbon ^b , perto da porta Populosa ^c .	1.10 Nm 21.27; Is 15.4
	Teu nariz é como a Torre-do-Líbano, sentinela em frente de Damasco ^d .	4.8 Gn 14.15
	⁶ Tua cabeça é sobre teu corpo como o Carmelo ^b e tuas mechas são como a púrpura ^e : um rei ficou preso em suas ondas ^d .	Js 19.26; Is 35.2 Ex 25.4 1.4 1.15-16
	⁷ Como és bela, como és graciosa, amor, filha de delícias ^f .	
	⁸ Esta tua estatura é como uma palmeira ^f , e teus seios, como os cachos.	
	⁹ Digo: "Preciso subir na palmeira, tenho que apanhar seus cachos": Que teus seios sejam qual cachos de videira e como de maçã, o odor de teu nariz.	Pr 5.19 2.3
	¹⁰ teu paladar, como um vinho de qualidade ^g ...	5.1
ELA	...indo direto ^h para meu querido, colando nos lábios dos que vão dormir ⁱ .	1.4
Eu sou de meu querido		
ELA	¹¹ Eu sou de meu querido e seu anelo sou eu.	2.16; Gn 3.16; 4.7
	¹² Vem, querido meu, vamos ao campo, passar a noite no Povoador ^j ;	2.10; Ap 22.17
	¹³ bem cedo, às vinhas, vamos ver se a cepa rebenta, se o botão desabrocha,	6.11

^a. *Umbigo*: o sentido deste termo, traduzido aqui com base em Ez 16.4, é incerto. Convém entendê-lo como um eufemismo para designar a região pubiana, o sexo, parte do corpo que pode ser descrita como o crescente e que é representado dessa forma em estatuetas de mulheres nuas encontradas no Oriente Médio. — ^b[*Licor*: lit. (vinho) misto. Cf. TOB.]

^c. Cf. 4.4. Mais um nome de lugar desconhecido, interessante, sem dúvida, pela brancura que sugere, talvez pelo contraste com a parte bronzeada ou queimada do rosto, como o contraste entre pés e pernas em 5.15 (cf. 1.5).

^d. Cidade da Transjordânia onde ainda se vêem represas. A imagem pode ter nascido do fato de, em hebr., a mesma palavra designar olho e fonte.

^e. Lit.: *filha-de-multidão* (*bat-rubbin*).

^f. A hipérbole diz respeito à bela proporção e não ao tamanho ou proeminência. Damasco era a capital dos arameus da Síria.

^g. Depois do nariz e dos olhos, comparados com as piscinas de Heshbon, a cabeça é descrita conforme o Carmelo, que é como um "promontório" — o único — sobre o Mediterrâneo, e cujo nome designa, ao mesmo tempo, a pequena vinha (cf. 1.6) e o carmesim (cf. a continuação de 7.6).

^h. Lit.: *o fio da cabeça*. Esta cor, vermelha ou violeta, pendura para o preto e se aplica aos reflexos da cabeleira mais do

que à coloração.

ⁱ. Esta palavra designa aqui o bebedouro e a água corrente, donde surge a imagem de ondas, referentes às ondulações dos cabelos pelos quais o rei das núpcias é "enlaçado".

^j. *Amor*: cf. 2.7. *Filha de delícias*: lit.: *nas delicias*. Como algumas versões antigas, a tradução aqui proposta divide em duas esta expressão que constitui uma só palavra.

^k. "Tamar", *palmeira*, é também um nome de moça, geralmente especificada como bela: cf. Gn 38.6; 2Sm 13.1; 2Sm 14.27.

^l. Sobre o beijo, cf. 4.11; 5.13.16. Sobre o *vinho* como símbolo de prazer igualado às carícias, mas superado por elas, cf. 1.2.4; 2.4; 4.10; 5.1.

^m. Pode estar indicando ou a facilidade e fluidez com que o vinho corre, ou que ele é reservado ao querido (tradução proposta), ou também pode designar a qualidade (afrodisiaca) deste vinho.

ⁿ. Eles adormecem enlaçados pelo beijo que os embriaga. É ela que pronuncia as duas últimas linhas. Aqui termina o quinto poema, composto essencialmente do elogio que ele faz dela e que se concentra todo na sua beleza física.

^o. Esta última palavra pode também ser traduzida por *flores de alfenia* (cf. 1.14). Ela deseja partir com ele numa viagem que é bem mais do que um passeio.

se as romãzeiras estão em flor^k.

1.2 Lá te darei minhas carícias.

4.13.16 ¹⁴ As maçãs d'amor^l deitam seu perfume;
às nossas portas, toda espécie de frutas d'escol:
novas e passas,
Lv 26.10 meu querido, guardo-as para ti.

8 ¹ Por que não és meu irmão de fato,
nutrido aos seios de minha mãe?!

Pr 7.13 Poderia encontrar-te lá fora, te beijaria^m,
sem que as pessoas me desprezassem.

3.4 ² Conduzir-te-ia, te faria entrar na casa de minha mãe.
Tu me iniciarias;
5.1 eu te deixaria beber do vinho aromatizado,
4.13 do meu suco de romã.
2.6 ³ Sua esquerda sustenta-me a cabeça
e sua direita me enlaça!

2.7 (ELE?) ⁴ "Conjuro-vos, filhas de Jerusalém,
não desperteis, não desperteis meu Amor
antes que o deseje".

Forte como a Morte é Amor

3.6 (CORO) ⁵ "Quem é essa que sobe do deserto,
apoiada no seu querido?"
— Sob a macieira te desperto^o:
lá onde tua mãe te concebeu,
onde concebeu a que te deu à luz.

2.3 (ELA) ⁶ Põe-me, qual sinete, sobre teu coração,
como o sinete, sobre teu braço^p.
Pois:
Forte como a Morte é Amor;
inflexível como Sheol é Ciúme^q;
suas chamas são chamas ardentes^r:
um raio sagrado^s.

Gn 38.18;
1Rs 21.8;
Jr 22.24;
Ag 2.23
Is 28.15;
Os 13.14;
Hab 2.5
Dt 32.24;
Sl 76.4;
Jó 5.7

k. Estas imagens são maneiras de descrever não somente a natureza, mas também a mulher amada.

l. Traduzimos assim o nome da mandrágora, famosa pelos seus poderes prolíficos (cf. Gn 30.14-16), cujo radical é o mesmo que se encontra em "querido" e em "carícias". Como seu odor era desagradável, vê-se que é mais a forma de suas bagas que é considerada, juntamente com seu nome, na linha das imagens de 7.13.

m. Estes verbos assim no condicional, e não no futuro, dependem hipoteticamente do desejo inicial. Beijar: como em 1.2. Talvez signifique que não lhe é permitido fazer com um outro, em público, o que faz com um seu irmão; mas pode-se pensar também que ela deseje tornar-se sua irmã no sentido indicado em 4.9 nota.

n. É uma citação implícita do que ela espera que ele lhe diga. Termina assim o sexto poema.

o. O verso lembra a deusa pagã que vai buscar seu querido no mundo inferior e o tira de lá, numa ressurreição, que é como novo nascimento e que precede sua união sexual.

p. O *sinete* era suspenso no pescoço (peito) por um cordão ou engastado em cima de um anel no dedo, mas nunca sobre o

braço; este detalhe insólito pode ser explicado simplesmente pelo fato de ela estar apoiada sobre o braço dele (cf. 2.6; 8.3). A comparação com o sinete tem duplo aspecto: ela repousa sobre ele, sobre seu coração; assim sendo ela lhe pertence como o que ele tem de mais pessoal e leva sempre consigo; mas também a imagem do sinete quer indicar que ela põe nele a sua marca.

q. *{Morte, Amor, Sheol e Ciúme (= amor apaixonado) são personificados.} Adivinha-se, por detrás disso, um mito cananeu, agora transformado para mostrar simplesmente a força do amor. Não se trata de afirmar que o amor salva da morte, mas de expressar que o amor é tão exigente quanto a morte.

r. Lit.: *chama de fogo*. A palavra *chama* traz à tona outro nome divino cananeu.

s. Lit.: *uma labareda de Yah*. Único emprego do nome do Senhor no Ct. Pode indicar a natureza do amor de que se fala; mas pode ser também um simples recurso de superlativo literário: cf. Sl 36.7; 68.6; 80.11, onde a expressão "de Deus" exprime a altura das montanhas ou das árvores; ver tb. Nm 11.1.3; 1Rs 18.38; 2Rs 1.12; Jó 1.16, onde o fogo do Senhor ou de Deus designa o raio.

⁷ As Grandes Águas não conseguiriam apagar o Amor
e os Rios não o submergiriam¹.
Se alguém desse toda a posse de sua casa pelo amor,
certamente seria desprezado².

SI 18,17;

77,20

Is 43,2

(IRMÃOS) ⁸ Temos uma irmã, pequena ainda,
nem seios tem.
Que faremos de nossa irmã,
no dia em que nela se falar³?
⁹ Se ela fosse um baluarte,
sobre ela construiríamos ameias de prata.
Se fosse uma porta,
fechá-la-íamos com tábua de cedro⁴.

ELA ¹⁰ Sou mesmo um baluarte
e meus seios são torres de verdade⁵?!
Então, sou a seus olhos
como a que encontra a paz⁶.

ELE ¹¹ Salomão tem uma vinha em Báal-Hamon⁷.
Confia a vinha aos que a guardam.
Cada um fará entrar mil peças de prata por seu fruto⁸.

1,6

¹² A vinha que é minha está a meu dispor⁹.
A ti pertencem as mil, Salomão,
mas duzentas, aos que guardam seu fruto¹⁰.
¹³ Tu que estás sentada no meio dos jardins¹¹,
camaradas estão atentos à tua voz¹²;
faze-me ouvir¹³:

(ELA) ¹⁴ "Foge, meu querido! E sê parecido, tu,
a uma gazela ou a um filhote de corça,
por sobre os montes de bálsamo¹⁴."

t. Mesmo que voltasse o Caos original (Dilúvio), o Amor subsistiria. Não se trata, como no mito pagão, de dizer que o amor vence a morte, mas sim que nada pode separar dois seres que se querem com um amor vindo de Deus.

u. Ou: *seria desprezado?* (interrogativo). Nas duas interpretações, trata-se de mostrar todo o valor do amor, uma vez que ele é digno do maior dote, como uma pérola excepcional. Entretanto — em favor da nossa interpretação — o dote consegue a "mão" da noiva, não o coração. Assim, à impotência dos elementos primordiais se junta a impotência do dinheiro para conseguir o amor.

v. 8,8-9 constitui como que uma volta para trás, à atitude dos irmãos (1,6), cujo papel é defender e casar sua irmã (cf. Gn 24,50; 34; 2Sm 13).

w. Trata-se de assegurar a defesa da "porta", mas com materiais de luxo, para despertar maior interesse dos pretendentes.

x. É a resposta que ela dá, hoje, ao arrazoado anteriormente expresso pelos irmãos. A última expressão é, ao mesmo tempo, afirmação, exclamação e interrogação.

y. Ou: *que procura a paz*. O sentido aqui proposto é fundamental: ela encontra, enfim, o que tanto procurou (3,1-3; 5,6-8). O seu querido é o Pacífico (1,1) e ela é a Pacificada (7,1). Mas ela também, por sua vez, apazigua a quem a apaziguou.

z. Este vocábulo, nome de lugar desconhecido, quer dizer "Possuidor-de-muitidão" ou "de riqueza" e sugere o harém de Salomão. É o querido quem fala.

a. Cf. Is 7,23. Esta soma inverossímil (3.000 francos-ouro ou 1kg de ouro) é uma reminiscência das mil mulheres de 1Rs 11,3.

uma vez que a vinha é a imagem da mulher amada.

b. Lit. *diante de mim*. Expressão usada com referência à jovem que se vai desposar, Gn 24,51. Significa, porém, mais que "diante de mim", e isto se opõe ao fato de que Salomão *entrega* sua vinha em arrendamento.

c. O arrendamento deve produzir, e este produto é partilhado; percebe-se o resultado da transposição em termos de harém. O contraste é traçado entre o querido e o Salomão histórico, como em 6,8-9 foi traçado entre sua amada e o harém. Salomão possui todo um vinhedo, mas nenhum amor. De Salomão se fala em termos de "retorno" ou renda; o amor, porém, tem seu fim em si mesmo.

d. Dependendo dos contextos, ela é uma flor entre outras (2,1) ou o jardim por excelência (4,12; 6,2).

e. Esta atenção, provavelmente, não é benévola: cf. a atitude dos camaradas em 1,7. Ele avisa sua amada para que ela não fale demais diante deles.

f. Invertendo dois acentos pode-se reencontrar aqui a mesma expressão de 2,14: *faze-me ouvir a tua voz*. Mas é preferível conservar o texto tal como está e compreender que o verso seguinte, na boca do querido, é o que ele espera que ela lhe diga.

g. Este último verso retoma, de modo geral, o 2,17 e, sem dúvida, deve ser entendido do mesmo modo. Diante dos colegas maldosos, ela só pode lhe dizer que se vá embora (sem todavia negar que ele é seu namorado), fazendo-o entender, na ambiguidade da imagem, que é rumo a ela que ele fugirá, a fim de nela se deleitar. O amor é uma eterna tensão em busca da unidade.

ECLESIASTES

INTRODUÇÃO

Este escrito sapiencial é atribuído a Salomão, filho de David (1,1). Os dois primeiros capítulos aludem claramente à vida deste rei (cf. 1Rs 3ss.). Mas tanto a linguagem, próxima do hebraico rabínico, como o conteúdo, crítica severa do sistema que vê a retribuição do justo na vida temporal, convidam a situá-lo muito depois da volta do Exílio. Com certeza, foi escrito antes da época dos Macabeus, pois em Qumran (gruta 4) foram descobertas algumas linhas dele, copiadas em meados do séc. II a.C.

O título hebraico Qohélet, *aportuguesado* Coélet (1,1.2.12; 7,27; 12,8-10), talvez venha de qahal, "a assembléia", e evoca dois importantes episódios da vida de Salomão: quando ele recebeu, em Guibeon, a sabedoria, "no meio de um povo numeroso" (1Rs 3,8), e quando abençoou a assembléia, na dedicação do Templo (1Rs 8,2.14). O termo grego correspondente, *Eclesiastes*, designa quem preside uma assembléia ou lhe dirige a palavra; daí, ser chamado também O Pregador. O epíteto ou apêndice (12,8-14), talvez redigido por algum discípulo, parece aludir a certas discussões entre os judeus sobre a origem e autoridade deste livro desconcertante. Certo é que era lido todos os anos, na festa das Tendas, em setembro/outubro.

O caráter compósito deste livro dificulta sua compreensão. Contradições aparentes levaram até a pensar em vários autores ou revisores. Na verdade, porém, trata-se de um único autor que discute consigo mesmo e cita, vez por outra, opiniões já veiculadas, criticando-as.

A um prólogo (1,3-11) sobre o retorno cíclico das coisas seguem-se três partes. Na primeira, o *Eclesiastes* traz a autocritica de Salomão (1,12-2,26). Enquanto o Cântico dos Cânticos celebrava com entusiasmo a pompa do rei insigne, seus excessos e amores, o *Eclesiastes* conclui pela inutilidade dos esforços do ser humano, até mesmo dos mais dotados, para fugir à sua condição. Que resta após o gozo? Um gosto de cinzas na boca. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, diz Qohélet!

Na segunda parte (3,1-6,12), o *Eclesiastes* mos-

tra aspectos negativos e limitações da realidade humana, a começar pelo contraste entre a duração infinita e os instantes efêmeros. Essa relatividade, o sábio a apreende e assume como autêntico dom de Deus. Daí a sua angústia filosófica diante do mistério do destino humano (3,22; 6,12; 7,14; 8,7; 9,12; 10,14). Para que viver (1,3; 2,22; 3,9; 5,15)? Quem o sabe? Pode o homem escapar ao absurdo da própria existência? Sobrará dela só o tédio de um fracasso completo? Entre o suicídio e a fome do prazer, o *Eclesiastes* buscará encontrar uma atitude realmente humana.

A terceira parte (7,1-12,7) principia por uma série de sete reflexões, em forma comparativa, como a segunda parte, que começava pela retomada inicial, quatorze vezes, da expressão um tempo para... e um tempo para... A seguir, o autor trata da sabedoria e de suas relações com a justiça, a mulher, o exercício do poder, o segredo do destino humano, o tema clássico da justiça iminente, as relações sociais e suas anomalias flagrantes num mundo perverso e cruel. Como antes dele o autor do livro de Jó (cf. 9,22; 21,7 etc.; também Sl 37; 49; 73; Jr 12,1; Ml 3,14-15), o *Eclesiastes* reage ao conformismo dos sábios e à retórica vazia deles exortando-nos ao engajamento existencial. São tolos os que falam demais, porque ignoram as coisas mais simples (10,14). O *Eclesiastes* denuncia de modo geral as posições extremadas que, paradoxalmente, se equivalem na ineficácia. Nem pessimista, nem otimista, nem oportunista, ele prima pelo realismo e pela lucidez. Vive a paixão da verdade e da autenticidade. Para ele, viver é bom. É dádiva divina a ser acolhida com alegria, sem ares de anjo nem de animal (cf. 3,13; 5,17; 8,15; 9,9).

O *Eclesiastes* multiplica os paradoxos em função de implacável dialética, votada, à primeira vista, a desembocar apenas em oposições irreduzíveis. Não admira que ele não tenha feito escola. Se é possível aproximar dele certos salmos (39; 62; 88; 90), o Sirácida (*Eclesiástico*), alguns decênios após o *Eclesiastes*, representa uma volta às idéias tradicionais, embora não desconheça seu

antecessor (cf. sobretudo Sr 14). É possível que Sb 2,1-10 se inspire no Eclesiastes, mas na direção oposta, ou seja, na nova perspectiva de uma vida futura com Deus.

O Eclesiastes tem sido cotejado com várias obras literárias do antigo Oriente. Quanto ao Egito, citam-se o diálogo do desesperado com sua alma, os melancólicos cantos dos harpistas e as sentenças do papiro Insinger. Da Mesopotâmia, lembram-se o diálogo acróstico chamado de teodicéia babilônica e um texto bilingüe sumério-acádico, descoberto recentemente em Ugarit, na costa fenícia. Os pontos de contato com a filosofia grega permanecem vagos e imprecisos, sem que se possa negar, contudo, certa atmosfera comum ao Eclesiastes de um lado, e ao epicurismo, estoicismo e cinismo, de outro. Sem dúvida, nosso autor viveu sob o domínio dos Ptolomeus, na Palestina, isto é, no século III a.C. Talvez tenha tentado estabelecer um diálogo com os pensadores helenistas.

Escreve em prosa ritmada, com freqüentes paralelismos, retomando o mesmo pensamento de diferentes maneiras. A frase, longa e arrevezada, usa uma sintaxe bastante elementar. Não teme as repetições e as acumula num estilo quase litânico. Há palavras e expressões preferidas do autor, como: isso é vaidade, perseguir vento, debaixo do

sol, sabedoria e loucura (insensatez). No entanto, apesar de sua deselegância e monotonia, a descrição que apresenta da velhice (12,1-8) é considerada um dos pontos altos da poesia bíblica.

Abstraindo embora das perspectivas da Aliança e do messianismo, como o indica especialmente o uso da palavra "Deus" ou antes "a Divindade" (Elohim com o artigo), o Eclesiastes não deixa de comungar da fé do seu povo. O Deus de Israel é também para ele o que fez todas as coisas (11,5; cf. 8,17), o Criador (12,1), que fez o mundo bonito (3,11) e o homem reto (7,29). Devemos temê-lo (3,14; 5,6; 7,18; cf. 8,12) e prestar-lhe um culto espiritual (4,17). A cada um ele julgará conforme as suas obras (3,17; 11,9; cf. 9,7; 12,14). No aguardo desse ajuste de contas definitivo, Deus oferece aos homens uma felicidade verdadeira, ainda que limitada (8,15; 9,7; 11,9), que podemos desfrutar, mas sem apegos exagerados. Perante os enganos dos sábios, as decepções da vida e a inconsistência de todo bem, o ser humano permanece insatisfeito. Sofre a nostalgia do absoluto e sonha com a descoberta do seu lugar no universo e do sentido de sua trajetória.

O Eclesiastes mostra, com coragem e como que "cientificamente", que, em matéria de fé, a instituição deixa um abismo escancarado aos nossos pés, que só Cristo poderá fazer desaparecer.

ECLESIASTES

1 Palavras de Qohélet, filho de David, rei em Jerusalém

Tema

2.11.17; 11.8; 12.8; SI 62.10; Rm 8.20
2 Vaidade das vaidades*, diz Qohélet, vaidade das vaidades, tudo é vaidade.

Prólogo

2.20.22 3.17: 9.9
3 Que proveito^b tira o homem de todos os trabalhos com que se afadiga sob o sol?

3.14.18 **4** Uma geração passa, outra vem, e a terra permanece sempre.
5 O sol se levanta, o sol se põe, procurando lugar de onde se erguerá de novo.

6 O vento vai para o sul e vira para o norte, gira, gira e vai embora, sempre retoma o seu curso, o vento.

3.40.11 **7** Os rios todos correm para o mar e o mar nunca fica cheio; para o lugar onde correm os rios, para lá retornam^d.

8 Todas as palavras estão gastas*, não se consegue mais dizê-las; o olho não se sacia do que vê, o ouvido não se enche do que ouve.

2.12; 3.15 **9** O que foi é o que será, o que se fez é o que se fará: nada de novo sob o sol!

10 Se algo existe de que se possa dizer: "Vede, isto é novo!", — já existe desde os séculos que houve antes de nós.

11 Dos tempos antigos não resta lembrança, 2.16 e quanto aos futuros que virão, também deles não restará lembrança para os que vierem depois.

Confissão do rei Salomão

12 Eu, Qohélet, fui rei sobre Israel, em 2.9 Jerusalém^f.

13 Tomei a peito investigar e sondar, 7.25; 8.16 mediante a sabedoria, tudo o que se faz sob o sol.

Tarefa ingrata essa, que Deus entregou 3.10 aos filhos de Adão, para nela se aplicarem.

14 Vi todas as obras que se fazem sob o sol: pois bem, é tudo vaidade e perseguir* 2.11.17.26; 4.4.6.16; 6.9 7.13

15 O que está torto não se pode endireitar, o que falta não pode ser calculado.

16 Eu disse a mim mesmo: "Eis que fiz crescer e progredir a 12.9; 1Rs 3.12; 5.9-10; 10.1-13. 23-24; Sr 47.14-17 sabedoria mais que todos os que, antes de mim, reinaram sobre Jerusalém".

Experimentei^h muita sabedoria e ciência, **17** apliquei o coração a conhecer a sabedoria, e a conhecer os desvarios e as loucuras, e concluí que também isso é perseguir vento.

18 Pois em muita sabedoria há muita aflição; quem aumenta o saber aumenta a dor.

a. A expressão equivale a um superlativo, como "Cântico dos Cânticos". *Vaidade* (37 vezes neste livro) traduz um termo hebraico que significa "sopro, hálito, fumaça"; é a mesma palavra do nome Hébel (Abel) (Gn 4.2). Assim, logo de início, aparece o tema central do livro, como também na abertura do epílogo (12.8).

b. Palavra própria do Ecl (10 vezes), que significa "benefício, vantagem". Os vv. 3-11 colocam a questão: para que trabalhar e progredir na vida? A resposta é negativa, já que a natureza está sempre recomeçando, num movimento cíclico que gera tédio e indiferença. Essa monotonia encobre a beleza da criação celebrada por Jó 38-41 e Sl 104.

c. Essa expressão (27 vezes aqui) é atestada pelo gr. clássico. Aparece em duas inscrições fenícias e já num antigo texto elamita.

d. Terra, sol, ventos e mares podem representar os quatro

elementos primordiais da cosmologia grega. Desmitizados, são eles aqui simples criaturas, incapazes de decifrar o mistério do universo e do homem.

e. Outra tradução: *Todas as coisas são cansativas, enfadonhas*, devido à sua monotonia.

f. Cf. v. 1 e 1Rs 1.11-40. Até o final do capítulo, o autor faz sua autocrítica. Ele não deixa de mostrar o vazio de suas experiências, durante um reinado que constituiu a idade de ouro da sabedoria e da opulência para Israel. Fracassou, assim, nas suas tentativas de encontrar a felicidade o pai da sabedoria tradicional.

g. Palavra aramaica que significa "desejo, procura, gana, ambição". No hebr., há uma aliteração e talvez um jogo de palavras com a raiz "apacentar, pastagem". Cf. Os 12.2.

h. Lit. *Meu coração viu*.

- Sh 2.6;
Lc 12.9 **2** ¹Eu disse a mim mesmo:
“Vamos, vou provar-te pela alegria,
experimenta a felicidade!”
Mas isso também é vaidade.
- Pr 14.13 ² Do riso, eu disse: “Loucura!”
e da alegria: “Que efeito faz?”
- ³ Deliberei em meu coração
largar minha carne no vinho
e, controlando o coração com
sabedoria,
experimentar a insensatez,
até ver o que é melhor
os filhos de Adão fazerem sob o céu,
durante os dias contados
de sua vida¹.
- 1.17; 6.12;
Jó 14.5 ⁴ Empreendi grandes obras,
construí casas para mim, plantei
vinhas;
- 1Rs 7.1-12
1Cr 27.27;
Ct 8.11 ⁵ fiz para mim jardins e pomares¹,
neles cultivei toda espécie de árvores
frutíferas.
- ⁶ Fiz para mim reservatórios de água¹
para irrigar um bosque de árvores
novas¹.
- ⁷ Comprei escravos e escravas
e tive outros, nascidos em minha casa,
e também bois e ovelhas em
abundância,
mais do que todos antes de mim em
Jerusalém.
- 1Rs 9.28-
10.29 ⁸ Acumulei também prata e ouro,
propriedades de reis e de províncias;
contratei cantores e cantoras
e — delícias dos filhos de Adão —
concubina e concubinas².
- Ct 7.7
7.28; 9.9 ⁹ Tomei-me grande e cada vez mais rico,
1.12 mais que todos antes de mim em
Jerusalém.
Também, minha sabedoria me assistia.
- ¹⁰ Nada recusei do que meus olhos
pediam;

de nenhuma alegria privei meu coração,
pois meu coração se alegrava em todo
o meu trabalho:
foi esta a parte que me coube de todo
o meu trabalho.

¹¹ E eu, voltei-me para todas as obras
que minhas mãos fizeram
e o trabalho duro que isso me custou.
Pois bem, tudo isso é vaidade e
perseguir vento;
e não há proveito algum sob o sol.

Balanco decepcionante

- ¹² Sim, eu me voltei para examinar
a sabedoria, a loucura e a insensatez.
Pois: que será o homem que suceder 1.9
ao rei?
O que, antes, se tiver feito dele¹!
- ¹³ Tenho observado:
a sabedoria é mais proveitosa que a
insensatez,
como a luz é mais proveitosa que as
trevas.
- ¹⁴ O sábio tem seus olhos no lugar certo², 10.2
o insensato caminha nas trevas. Jó 12.25
Jo 8.12;
1Jo 2.10-11
Mas sei também que a mesma sorte³
caberá aos dois.
- ¹⁵ Então, eu disse a mim mesmo:
como sucede ao insensato, sucederá 6.8
também a mim.
De que me serviu então ser tão sábio?
E concluí que também isso é vaidade.
- ¹⁶ Pois não há lembrança do sábio, 1.11;
assim como do insensato, para sempre. Sl 49.11;
Sr 44.9
Pois já nos próximos dias tudo será
esquecido.
Ah! Morre o sábio da mesma forma
que o insensato!
- ¹⁷ Detesto a vida;
mau é para mim tudo o que se faz sob
o sol.

1. Qohélet faz questão de viver a experiência da vida humana por completo (cf. 1.13; 2.10).

J. Lit. *paraiso*, vocábulo tomado do persa (Ne 2.8; Ct 4.13).
k. Apontam-se até hoje os “tanques de Salomão”, 4km ao sul de Bet-Lehem. Mas os reservatórios de que fala Ecl referem-se ao Jardim do rei, em Jerusalém (cf. 2Rs 25.4; Ne 3.15).

l. Lit. *que fazem crescer as árvores*.
m. Palavra que muitas traduções aproximam do aram. “derramar”. Daí a tradução, sugerida às vezes, de “copeira”. Parece provável a alusão ao harém de Salomão (1Rs 11.3), fazendo-se

ligação com uma palavra cananéia que significa “moça, concubina”. Ecl apresenta aqui a visão oposta de Ct (6.8), que apresenta um Salomão idealizado (3.7-11).

n. Muitos mss. hebr. trazem o singular “o que ele (o rei) já fez”, com base também no gr. Ao fim da vida, Salomão caiu na idolatria (1Rs 11.4-10), nefasto exemplo para o filho, Roboão, que provocou o cisma das dez tribos (1Rs 12.13-19): tal pai, tal filho.

o. Lit. *na sua cabeça*.

p. Isto é, de ir para o Sheol (cf. 9.10).

Tudo é vaidade e perseguir vento.

¹⁸ Detesto todo o trabalho com que me afadiguei sob o sol,

^{6,2;}
^{Sl 39,7;}
^{Sr 11,19} e que entregarei a quem a me suceder.

¹⁹ Quem sabe se ele será sábio ou insensato?

Será dono de todo o meu trabalho, que, com minha sabedoria, tiver feito sob o sol.

Isso também é vaidade!

²⁰ Eu cheguei a desanimar^a

^{1,3} por todo o trabalho que fiz sob o sol.

²¹ Um homem que fez seu trabalho com sabedoria, ciência e êxito: a um homem que nem trabalhou para isso deixará a sua parte.

Também isso é vaidade e grande mal.

²² Sim, que resta a esse homem de todo o seu trabalho e de todo o seu esforço pessoal com que se afadigou sob o sol?

²³ Na verdade, todos os seus dias são dor e sua tarefa, só aflição.

^{8,16;}
^{Jó 7,1-4;}
^{Sr 40,5-6} Mesmo de noite, seu coração não descansa.

Isso também é vaidade.

^{3,12-13;}
^{11,9;}
^{Sr 14,14} ²⁴ Nada melhor para o homem que comer e beber

e experimentar felicidade no seu trabalho^a.

Vi que também isso vem da mão de Deus¹.

²⁵ Pois quem tem o que comer, quem sabe gozar^a senão eu?" ²⁶ Sim; ao homem que lhe agrada ele dá sabedoria, ciência e alegria; mas ao pecador ele dá por

ocupação juntar e acumular, para dar a quem agrada a Deus. Também isso é vaidade e perseguir vento. ^{Sl 49,11;}
^{Jó 27,16-17;}
^{Pr 13,22}

3 O tempo e a duração

¹ Para tudo há momento, ^{3,17; 8,6}

e tempo para cada coisa sob o céu¹:

² tempo de dar à luz e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;

³ tempo de matar e tempo de curar; tempo de solapar e tempo de construir;

⁴ tempo de chorar e tempo de rir; tempo de lamentar e tempo de dançar;

⁵ tempo de atirar pedras e tempo de juntar pedras;

tempo de abraçar e tempo de evitar o abraço;

⁶ tempo de procurar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de jogar fora;

⁷ tempo de rasgar e tempo de costurar; tempo de calar e tempo de falar;

⁸ tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz.

⁹ Que proveito tira o operário do trabalho que faz?

¹⁰ Vejo a ocupação que Deus deu aos filhos de Adão, ^{1,13}
para se ocuparem.

¹¹ Ele faz tudo pelo seu tempo, ^{Sr 39,16}
e dá ao coração humano até o sentido do tempo^a,

sem que o homem possa descobrir^a ^{6,12; 7,14;}
a obra que Deus faz do começo ao fim. ^{8,17; 11,5;}

¹² Sei que não há nada melhor para o homem¹ ^{Sl 139,17;}
^{Sr 11,4;}
^{18,6;}
^{Rm 11,33}

que alegrar-se e fazer o que é bom na vida.

q. Lit. *desanimar meu coração*.

r. Lit. *do seu coração*.

s. Afirmação paradoxal, retomada em 5,17; 8,15 (cf. 1Rs 4,20) e 9,7. No contexto, porém, o tom epicurista se atenua.

t. O hebr. *Elohim*, "Deus", vem com artigo, como muitas vezes na seqüência (4,17; 5,1 etc.). Também sugeriu-se traduzir por "a Divindade", mas tal uso do artigo pode não ser importante (como em 8,12-13). Ecl põe-se, de propósito, no campo da filosofia, na tentativa de se aproximar dos pensadores pagãos da época.

u. As versões traduzem que "beber", quer "preocupar-se". Mas nos vv. 21-26, Ecl desenvolve várias antíteses como a deste v.

v. Seguem-se quatorze pares de oposições que abrangem todo o agir humano, no seu duplo aspecto positivo ou negativo. Metade

de nossa existência é negativa e voltada para a morte.

w. Lit. *a duração*. Não o conceito abstrato, simples coordenada do movimento, mas a soma de tudo, o conjunto dos acontecimentos e o sentido da história. Ecl talvez explore aqui a ambigüidade da raiz hebr., que significa tanto "escondido, em segredo", como "mundo, eternidade". Além da beleza do universo, Deus permite ao homem perceber, pela sua inteligência, o sentido da história (visão, no caso, limitada e parcial; cf. nota seguinte).

x. Pode-se traduzir também: *sem o que o homem não poderia descobrir a obra...* Em outras palavras, o homem só pode ter visão parcial do tempo e da história; permanecem veladas as intenções divinas, à espera de uma revelação especial.

y. Lit. *para eles, neles*.

- 2,24; 5,17-18; 1R 4,20 **13** E também, que todo homem que come e bebe e prova de felicidade em seu trabalho, também isso é dom de Deus^c.
- SI 33,11; Sr 18,6; 42,21 **14** Sei que tudo o que Deus faz durará para sempre; não há nada a lhe acrescentar, nada a lhe retirar, e Deus age de modo que haja temor diante de sua face^c.
- 5,6; 12,13 **15** O que é já foi, e o que será já existiu, e Deus vai em busca do que passou.

Justiça e retribuição

- 16** Vi ainda, sob o sol, que, na sede^b do julgamento, estava a maldade; na sede da justiça, a maldade.
- 4,1; 5,7 **17** E disse a mim mesmo: Deus julgará tanto o justo como o malvado, porque há^c um tempo para cada coisa e para cada ação.
- 11,9; 12,14 **18** Eu disse a mim mesmo, a respeito dos filhos de Adão, que Deus quer prová-los e então se verá que, em si mesmos, não passam de animais^d.
- 3,1 **19** De fato, a sorte dos filhos de Adão é a sorte do animal: é uma mesma sorte. Tal é a morte deste, tal a morte daqueles, todos têm um mesmo sopro^e e a vantagem do homem sobre o animal é nada, pois tudo é vaidade.
- SI 49,13,21 **20** Tudo caminha para um mesmo lugar^f,

- tudo vem do pó e ao pó tudo retorna.
- Gn 2,7; 3,19; SI 104,29; Jô 34,15; Sr 16,30; 17,1 **21** Quem conhece o sopro dos filhos de Adão, que sobe, ele, para o alto, enquanto o sopro dos animais vai para baixo, para a terra^g?
- 22** Vejo que não há nada melhor para o homem do que alegrar-se com suas obras, pois essa é a parte que lhe cabe. 2,24 Pois quem o levará para ver o que será depois dele? 6,12; 8,7; 10,14

4 A sorte dos oprimidos

- 1** Vi, ainda, todas as opressões praticadas sob o sol. Eis: as lágrimas dos oprimidos, e não há para eles consolador; a força, do lado dos opressores, e não há para eles consolador.
- 3,16 **2** E eu felicito os mortos, os que já morreram, antes que aos vivos, ainda em vida.
- 3** E, mais feliz que uns e outros, aquele que ainda não existiu, porque não viu as obras más que se fazem sob o sol. 6,3; Jr 20,18; Jô 3,16; 10,18

O trabalho e seus riscos

- 4** Vejo que todo trabalho, todo êxito de uma obra, é ciúme de um em relação ao outro; isso também é vaidade e perseguir vento. 2,11
- 5** Cruza os braços o insensato e consome sua própria carne: Pr 6,10-11
- 6** Vale mais a palma da mão cheia de descanso

z. Embora não chegue a compreender todo o mistério da existência, nem gozar plenamente da beleza da criação, o homem recebe de Deus uma parte da felicidade.

a. As leis imutáveis do universo despertam o temor religioso no ser humano. Apesar de criticar a tese clássica dos sábios, segundo a qual é feliz quem teme a Deus (8,12), Ecl exorta seu discípulo ao temor de Deus (5,6; 7,18). O autor do epílogo produz um eco disso (12,13). O temor de Deus é o início da sabedoria (Pr 1,7; 9,10 etc.).

b. Lit. *lugar*.

c. Hebr. acrescenta *ali*, i. é., no lugar do julgamento. Virá dia em que Deus fará justiça. O pensamento coincide com o tema profético do "dia do Senhor".

d. No hebr., há uma aliteração entre *eles mesmos* (*hemma*) e *animais* (*hehemá*). Deus prova os humanos, lembrando-lhes sua origem a partir do barro; a morte é inerente à sua condição atual.

e. Como no v. 21, esse termo designa não a alma imortal, mas o sopro vital.

f. *Lugar* aqui é eufemismo para Sheol (cf. 6,6); em fenício, essa palavra significa, às vezes, túmulo.

g. As versões antigas dão aqui (v. 21 bcd) a dupla interrogação: *Sobe para o alto... vai para baixo, para a terra?* Talvez seja esse o texto primitivo, sendo essa dúvida eliminada depois, na época dos macabeus e asmoneus, em função da fé na ressurreição dos mortos e na vida futura. Será essa a orientação de Ecl. no fecho do livro (12,7)?

do que duas mãos cheias de trabalho e de perseguir vento^h.

A solidão e seus inconvenientes

⁷ Vi, ainda, uma vaidade sob o sol:

⁸ um homem só, sem companheiro, não tendo filho nem irmão; mesmo trabalhando sem limite seus olhos ainda não se fartam de riquezas.

Afinal, o trabalho,

Sr 14,4 eu me privo de felicidade: para quem?

Também isso é vaidade, é mau negócio.

Sr 6,14; Lc 10,1 ⁹ Dois homens valem mais que um sozinho, pois conseguem bom salário pelo trabalho.

¹⁰ Além de que, se um cai, o outro o levanta.

Mas aí daquele que está só!

Se cai, não há outro a levantá-lo.

IRs 1,1-2 ¹¹ Além disso, se dois dormem juntos, ambos se esquentam; mas o que está sozinho, como se aquecerá?

¹² E se se consegue dominar um que está só,

dois podem resistir-lhe.

Um fio triplo não se rompe facilmenteⁱ.

O poder político e seus riscos

9,15 ¹³ Mais vale um menino indigente, e sábio,

que um rei velho, e insensato, que não aceita conselhos.

¹⁴ Pode o menino ter saído da prisão para o trono,

Sr 11,5 ou ter até nascido mendigo e vir a reinar:

¹⁵ vi todos os viventes que andam sob o sol

ficarem com o menino, o sucessor, o que fica no lugar do outro.

¹⁶ Não há fim para todo esse povo, todos os que o têm por chefe.

Mas a geração seguinte poderá não gostar dele.

Pois também isso é vaidade e perseguir vento^j.

O gesto ritual e seus riscos

¹⁷ Vigia teus passos, quando vais à Casa de Deus. Pr 19,2

Aproxima-te para escutar, antes que para ofertar o sacrifício dos insensatos^k, pois não percebem que estão agindo mal^l.

5 ¹ Não se precipite tua boca, nem se apresse o teu coração a proferir palavra diante de Deus. Pr 20,25

Pois Deus está no céu e tu, na terra. Dt 4,39; Js 2,11; Sl 115,16

Logo sejam poucas as tuas palavras. Sr 7,14; Mt 6,7

² Pelo da demasiada ocupação vem o sonho, e do excesso de palavras, a fala insensata. Pr 10,19; 13,3; Tg 3,8

³ Se fizeres um voto a Deus, não demores em cumpri-lo, pois ele não se compraz com insensatos; voto que fizeste, cumpre-o.

⁴ Melhor para ti é não fazer voto, do que fazer voto e não cumprir. Lv 27,2; Nm 30,3; Dt 23,22-24; Pr 20,25

⁵ Não permitas que tua boca te torne culpado por inteiro^m,

nem precisas dizer ao mensageiro de Deusⁿ: "Foi um engano".

Por que deveria Deus irritar-se com o que falas

e destruir a obra de tuas mãos?

⁶ Quando há abundância de sonhos e Sr 34,1-7

e palavras em abundância^o, então, teme a Deus.

3,14

h. Os vv. 4-6 denunciam a concorrência desenfreada e os dois extremos a serem evitados: a ociosidade e o excesso de trabalho.

i. Esse provérbio aparece num texto sumério, em que Gilgamesh explica ao amigo Enkidu como os dois se tornariam mais fortes para matar o gigante Huwawa, guarda da floresta dos Cedros: "Um barco rebocado não afunda, pois uma corda tripia ninguém arrebenta".

j. Há quem veja aí uma alusão à história de José no Gênesis ou ainda às sucessões na dinastia dos selúcidas: Antíoco II, Seleuco II, Seleuco III e Antíoco III, o Grande.

k. Docilidade e obediência valem mais que o sacrifício (1Sm

15,22; Pr 21,3 etc.). Importa permanecer à escuta de Deus (Dt 5,1,27; 6,4 etc.).

l. Ou então: *não sabem nem fazer o mal*.

m. Lit. *tornar tua carne culpável*.

n. É o encarregado de apresentar a Deus os votos dos fiéis. Em Mt 2,7, este termo indica o sacerdote. O grego pensa aqui em Deus. Mas era diante do sacerdote que os fiéis se apresentavam para obter o perdão das faltas cometidas por inadvertência (Lv 4,30; Nm 15,25).

o. Trata-se de palavras vazias e devaneios. Com diversas versões, sugere-se traduzir, também: *Quando há abundância de*

A autoridade necessária e seus abusos

- ⁷ Se, no Estado^p, vires o indigente oprimido,
 3,16; o direito e a justiça violados,
 Mq 7,3; não te surpreendas com isso:
 Jó 9,24 porque, acima de um alto personagem
 vela outro, mais alto;
 e, acima dele, há outros mais altos^q.
⁸ E a todos, a terra aproveita;
 até o rei depende da agricultura^r.

A riqueza e seus riscos

- Sr 14,3 ⁹ Quem ama o dinheiro nunca se fartará
 de dinheiro,
 nem de rendimentos, quem ama o
 luxo.
 Isso também é vaidade^s.
 Pr 19,6 ¹⁰ Multiplicam-se os bens, multiplicam-
 -se também os consumidores.
 E que vantagem tem o dono, senão um
 espetáculo para seus olhos?
 Pr 13,8 ¹¹ Suave é o sono do trabalhador,
 coma muito ou coma pouco;
 já a fartura do rico não o deixa dormir^t.
¹² Mal doloroso vi sob o sol:
 riquezas guardadas pelo dono para sua
 infelicidade.
¹³ Num mau negócio, essa riqueza se
 vai;
 se lhe nascer um filho, este nada terá
 em mão.
 Sl 49,18; ¹⁴ Nu saíu do seio materno,
 Jó 1,21 nu há de voltar, como veio;
 1Tm 6,7 nada ganhou do seu trabalho,
 que possa levar consigo^u.
¹⁵ E isso também é um mal doloroso:
 ele se vai como veio.
 Qual o proveito de ter trabalhado por
 vento?
¹⁶ Ademais, consome os seus dias todos
 nas trevas,
 7,9; na maior aflição, deprimido e irritado.
 Jó 14,1

- ¹⁷ Eis o que vejo ser bom:
 convém comer e beber, 2,24
 experimentar a felicidade em todo o
 trabalho 1,3
 com que o homem se afadiga sob o
 sol,
 durante o número dos dias de vida que
 Deus lhe concede;
 esta é a parte que lhe cabe.

- ¹⁸ Além disso, todo homem a quem Deus
 concedeu bens e recursos
 e a quem deu a oportunidade de
 desfrutá-los,
 de receber a sua parte e de se alegrar
 no seu trabalho:
 isso é um dom de Deus. 3,13
¹⁹ Pois ele não pensará demais nos dias
 de sua vida,
 enquanto Deus o mantiver atento à
 alegria de seu coração^v.

- 6** ¹ Há um mal que vi sob o sol,
 imenso para a humanidade:
² o homem a quem Deus dá riqueza, Lc 12,19-20
 recursos e honra,
 a quem nada falta de tudo o que
 ambiciona,
 mas a quem Deus não dá a
 oportunidade de desfrutá-los,
 será um estranho a desfrutá-los. 2,18; Pr 5,10
 Isso também é vaidade e mal doloroso. Sr 14,4

As decepções de uma longa vida

- ³ Um homem gera cem filhos
 e vive numerosos anos,
 porém, por muitos que sejam os dias
 de seus anos,
 não se sacia de felicidade
 e nem sequer ganha sepultura.
 Digo: o abortado vale mais que ele^w, Jó 3,11
⁴ pois veio em vão
 e para as trevas se vai
 e pelas trevas seu nome será coberto.

palavras, há sonhos e vaidades demais; tu, porém, teme a Deus.
 Reencontraríamos assim o tema do início do capítulo. Em todo
 caso, o temor de Deus está no centro da fé de Ecl.

p. Lit. *na província*. No séc. III, a Judéia era uma província
 administrada pelos ptolomeus.

q. Todo funcionário se abriga atrás de seu superior hierárquico.
 r. Lit. *do campo, ou dos campos*. As próprias relações huma-
 nas estão condicionadas à prosperidade agrícola de um país. Até a
 autoridade máxima lhe é dependente.

s. O assunto, até 6,2, é o dinheiro e suas despóticas imposi-
 ções. Não se deve nunca fiar no dinheiro. Tão difícil de adquirir
 quanto fácil de perder, é fonte de confusão e sofrimento.

t. É o tema da fábula de La Fontaine: "O sapateiro e o ricoço".

u. Lit. *na sua mão*.

v. A mesma expressão em Ct 3,11. Acentua-se o caráter par-
 cial e limitado dessa felicidade.

w. Fragmento de Qumran: *Um aborto vale mais que ele*. Os
 vv. 3 e 6 denunciam os dissabores de uma vida longa, conside-

- ⁵ Nem viu, nem conheceu o sol,
mas descansa melhor do que o outro.
⁶ Mesmo se este tivesse vivido duas
vezes mil anos,
não teria experimentado a felicidade.
^{3,20;} Não é para um mesmo lugar que tudo
^{Sr 41,4} vai?

A permanente insatisfação humana

- ⁷ Todo trabalho do homem é para a sua boca^a
e contudo, o apetite^y não se satisfaz.
^{2,15} ⁸ De fato, que tem o sábio mais que o insensato?
Que tem o pobre que sabe enfrentar a vida^z?
⁹ Melhor é o que os olhos vêm do que o movimento do apetite^a,
^{1,14} também isto é vaidade e perseguir vento.
¹⁰ O que existiu já recebeu um nome, e a gente sabe o que é o homem^b; mas ele não pode entrar em processo com alguém mais forte do que ele.
^{5,2} ¹¹ Se há palavras em abundância, fazem abundar a vaidade: que tem o homem a mais?
¹² Pois quem é que sabe o que é melhor para o homem durante sua existência, nos muitos dias de sua vã existência^a, que ele atravessa como uma sombra^d?

^{9,9}
^{SI 102,12;}
^{109,23;}
^{Jó 14,2}

rada, sem razão, como o prêmio dos justos (Ex 20,12; Dt 5,16; 22,7 etc.).

x. Difícil de entender os vv. 7-12. Parece ser esta a sequência de idéias: se o homem trabalha, é para comer (cf. Pr 16,26); mas ele é incapaz de satisfazer seus desejos, quer seja sábio ou tolo, quer lute como o pobre para superar suas dificuldades; é melhor controlar-se do que soltar-se, alimentando esperanças enganadoras; importa viver o momento presente; o passado já está feito, cumpre ser realista. Como pretender pedir contas Aquele que é todo-poderoso? Inútil discutir com Deus, como fizeram Jó e Prometeu; o homem não sabe nem o que lhe convém, na sua curta existência; e sabe ainda muito menos o que lhe virá após a morte. Esta parte conclui com uma pergunta, como em 3,22.

y. Palavra também traduzida por *alma*, *vida* (cf. Is 5,14 etc.), que significa, na origem, garganta (Jr 4,10 etc.). Outra interpretação do v. 7: *Tudo o trabalho do homem é para a boca do Sheol* (o lugar, único, aonde tudo vai, v. 6), cujo apetite é insaciável.

z. Outra tradução: *contra a vida*; ou ainda, *diante dos vivos*.

a. Lit. *do que o caminhar da alma*. Cf. v. 7 nota.

b. Parece haver aqui alusão ao nome de Adão (Gn 2,7), cujo sentido básico — “humano” — lembra que ele veio do húmus.

c. Lit. *sua vida de vaidade* (cf. 7,15).

d. Imagem tradicional. Ocorre também em 8,13 (cf. SI 39,7;

Quem dará a conhecer ao homem
o que haverá depois dele sob o sol? ^{3,22}

7 Relatividade dos bens

- ¹ Mais vale o bom nome que o fino perfume^a
e o dia da morte, mais que o do nascimento^f.
² Mais vale visitar uma casa em luto do que ir à casa do banquete^a; lá está o fim de todo ser humano: que os vivos apliquem a isso o coração^b.
³ Mais vale a dor que o riso, pois sob um rosto triste pode pulsar um coração feliz.
⁴ O coração dos sábios está na casa do luto, o coração dos insensatos, na casa da alegria^f.
⁵ Mais vale escutar a repreensão do sábio do que ser daqueles que escutam a canção dos insensatos.
⁶ Pois como o crepitar dos gravetos debaixo da panela, assim é a risada do insensato. Mas isto também é vaidade:
⁷ a opressão enlouquecer o sábio e um presente pôr a perder^f o coração^a.
⁸ Mais vale o fim de uma coisa que o seu começo.

Jó 8,9; 1Cr 29,15; cf. também Jó 7,7.9).

e. Aparece aqui um jogo de palavras, como em Ct 1,3, entre *shem*, “o nome”, e *shemen*, “o óleo”, “o perfume”.

f. Os vv. 1-11 encerram sete comparações a respeito da felicidade e da desgraça. Pode-se confrontá-las com as sete antíteses de 3,2-8. Ecl sublinha a relatividade de todos os bens e traça alguns paradoxos. Assim, o prestígio estável (cf. Pr 22,1; Sr 41,12) é preferível ao perfume efêmero, ao óleo precioso (cf. Ct 4,11; 2Rs 20,13; SI 133,2). Da mesma forma, a morte, termo final do destino de cada um, é melhor que o nascimento, quando tudo ainda é incerto e imprevisível.

g. Em lugar de *casa do banquete*, um manuscrito de Qumran traz *casa de alegria*, como no final do v. 4.

h. O que importa é o fim da vida. Afé que se pode avaliar uma existência. Essa hora da verdade tem para o homem uma importância sem par (cf. SI 90,12).

i. Este v. retoma e aprofunda Pr 14,13 (cf. SI 126,5; Lc 6,25). Boa escola é a adversidade. Nela descobrimos onde reside a felicidade verdadeira.

j. Um ms. de Qumran tem: *perverte*.

k. É verdade que vale mais ouvir conselhos do sábio (cf. SI 141,5) do que tolices do insensato (quanto a essa imagem, cf. SI 58,10; 118,12; 2Sm 23,6). Mas toda sabedoria tem seus limites.

- Pr 16,32 Mais vale um espírito paciente que um espírito pretencioso¹.
- ^{5,16;}
^{Pr 22,24;}
^{Tg 1,19-20} ⁹ Que teu espírito não se irrite apressadamente, pois a irritação vive no coração dos insensatos.
- ^{Sr 39,34} ¹⁰ Não digas: Como é que os tempos passados foram melhores que os atuais? Pois não é a sabedoria que te inspira tal pergunta.
- ¹¹ Tão boa quanto^m uma herança é a sabedoria; ela aproveita aos que vêem o sol.
- ¹² Pois estar no abrigo da sabedoria é como estar no abrigo do dinheiro e a vantagem do saber é que
- ^{8,13} a sabedoria dá vida aos que a têm.
- ^{1,15} ¹³ Repara na obra de Deus: quem poderá endireitar o que ele encurvou?
- ¹⁴ No dia da felicidade, sê feliz; e no dia da desgraça, repara: tanto uma como a outra, Deus as fez, para que o homem nada descubra do que haverá depois^a.

Justiça e sabedoria

- ^{8,14; 9,2} ¹⁵ Já vi de tudo na minha vã existência^a: justo que fracassa por causa de sua justiça, malvado que sobrevive por sua maldade.
- ¹⁶ Não sejas justo demais, nem te faças sábio demais.

Ninguém é incorruptível (cf. Pr 15,27; Ex 23,8; Mq 7,4; Sl 15,5 etc.), nem mesmo o sábio.

l. Lit. *melhor é alguém largo de espírito do que um de espírito alto*. Como em Pr 14,29 e 22,24, a paciência se opõe à precipitação, que é um tipo de presunção. Em tudo deve-se saber esperar o fim (cf. v. 1). É preferível perseverar no que se está fazendo a assumir tarefas desmesuradas.

m. Certas traduções dão *com* (mas temos aqui uma sétima comparação, como se vê no v. seguinte; cf. 9,18; Pr 16,16; e nota *f* acima, v. 1).

n. Como no final de outras seções (3,11.22; 6,12; 8,7.17; 9,12; 10,14; 11,5). Ecl insiste na ignorância do homem quanto ao futuro: é incapaz de descobrir por si mesmo os desígnios de Deus para o mundo. Portanto, o melhor a fazer é aceitar a realidade, tal como Deus a quis (cf. 1,15; Jó 1,21; 2,10; Sr 11,14).

o. Lit. *meus dias de vaidade* (cf. 6,12). Como em 8,14, Ecl critica a tese clássica da retribuição temporal (cf. Sl 37 etc.), pela qual o justo seria recompensado e o mau, castigado. É preciso evitar os extremos. Felicidade e desdita acontecem a todos.

- Por que te destruir?
- ¹⁷ Não te excedas na maldade, nem te tornes insensato; por que morrer antes da hora?
- ¹⁸ É bom reter isto e não largar mão daquilo, pois quem teme a Deus tem êxito em ambas as coisas^p.
- ¹⁹ A sabedoria fortalece^a o sábio mais que dez governadores presentes numa cidade^r. 9,16
- ²⁰ Na verdade, não há homem tão justo na terra que só faça o bem e não peque. Jó 14,4; Sr 8,5; 1Jo 1,8-9; Sl 143,2
- ²¹ Ademais, não faças caso de todas as coisas que se dizem; assim não ouvirás teu servo te denegrir, 10,20
- ²² pois muitas vezes, bem o sabes, também denegriste os outros^s.

Sabedoria: nem no homem, nem na mulher

- ²³ Com sabedoria ponderei tudo isso e disse: serei um sábio. Mas ela está além do meu alcance.
- ²⁴ O que já veio a ser, ficou longe^t e muito lá no fundo: quem o encontrará?
- ²⁵ Aplicar-me-ei de todo o coração^q a entender, a sondar, a pesquisar a sabedoria e a lógica^v, e a reconhecer também que a malícia é insensatez, desvairada insensatez. 1,13

Se viver é um jogo de azar, qualquer excesso conduz à ruína.

p. Lit. *todas elas*. Traduz-se também por: *evitará uma e outra coisa*. O temor de Deus é o princípio da sabedoria e esta, uma enorme força na vida (cf. Pr 24,5).

q. Em lugar de *fortalece*, o gr. tem *assiste*, leitura atestada por mss. hebr. e por um ms. de Qumran.

r. Estes *dez* governadores lembram os dez magistrados que administravam as cidades gregas (cf. Sr 37,14).

s. Todo homem é pecador (Jó 4,17; Pr 20,9; Sl 130,3; 143,2; Rm 3,20). O sábio sabe que às vezes fala mal de alguém; não deve, pois, se sentir atingido se falarem mal dele.

t. As versões compreenderam: *mais longe do que aquilo que veio a existir*. Nesta interpretação, a sabedoria é tida por mais inacessível que o passado, que não existe mais (cf. Jó 28). Mas, pelo texto hebr., pode-se entender que toda realidade escapa à plena compreensão do sábio e guarda algum segredo, só por Deus conhecido.

u. Lit. *eu me empenharei, eu e meu coração*.

v. Lit. *conta, balanço*. (Mesma palavra no v. 27 "opinião" e

- 1Sm 15,32; Fl 5,4
2,8;
Jz 16;
Pr 22,14
- 26** E eu, acho mais amarga que a morte uma mulher que é uma armadilha, seu coração, uma rede, suas mãos, laços;
quem agrada a Deus escapará dela, o pecador, porém, será sua presa.
- 27** Eis o que achei, disse Qohélet, considerando^w uma por uma, para chegar a uma opinião.
- 28** Estou ainda a procurar e não achei:
Pr 20,6 um homem entre mil eu achei, mas uma mulher entre todas, eu não a achei^x.
- 29** Eis a única coisa que achei: Deus fez o ser humano reto, mas eles procuraram maquinações^y sem conta.

8 O sábio diante do poder

¹Quem é como o sábio e sabe interpretar esta palavra:

- Sr 13,25 "A sabedoria de um homem ilumina a sua face
e abranda a dureza do seu rosto"^z?
- Rm 13,1 **2** Eu! Acata a ordem do rei
- Ex 22,10 e, por causa do juramento divino^b,
10,4 **3** não te apresses a sair da sua frente, nem persistas numa causa iníqua, porque ele fará tudo o que quiser.
- 4** Pois soberana é a palavra do rei; quem lhe dirá: "Que estás fazendo?"
- Is 45,9;
Jó 9,12

O justo desconhece julgamento

- 12,13;
Pr 19,16 **5** "Quem observa o mandamento não sofrerá mal nenhum.
O coração do sábio conhece o tempo e

o julgamento^c."

- 6** Com efeito, para tudo há um tempo e 3,1
um julgamento,
mas pesa grande infelicidade^d sobre o homem:
7 ele não sabe o que vai acontecer. 10,14
Quem lhe poderá dizer quando será?
8 Ninguém tem poder sobre o sopro vital^e Sb 2,1
para reter este sopro;
ninguém tem poder sobre o dia da morte.
Não há trégua no combate,
nem a maldade salva seu autor.
9 Tudo isso percebi ao aplicar meu coração
a quanto se faz sob o sol,
enquanto um tem sobre o outro
o poder de arruiná-lo^f.

A alegria é possível, mesmo sem recompensa

- 10** Vi ímpios serem sepultados: 9,5;
Jó 21,32-33
ia-se e vinha-se do lugar santo,
e já se tinha esquecido na cidade como eles agiram^g.
Isso também é vaidade.
11 Já que a sentença contra a má ação não se executa prontamente,
o coração dos filhos de Adão se enche 9,3
da prática do mal.
12 Ainda que o pecador faça cem vezes o mal,
ainda assim, prolonga a sua vida.
Contudo, eu também sei
"que haverá felicidade para os que temem a Deus, 3,14

em 9,10). Traduz-se também: *as ponderações da sabedoria* (hendíadis). Neste caso, a sequência mostraria quatro opiniões tradicionais (7,26; 8,1.5.12-13), denunciadas, por Ecl, em nome da experiência.

w. Termos acrescentados para maior clareza.

x. Alusão a Pr 31,10 e talvez a Ct 6,9.

y. O vocábulo significa em 2Cr 26,17 "arma, máquina de guerra". Deus criara o *homem bom e reto* (cf. 3,11; Gn 1,31), mas o homem é que se extraviou pelo pecado, perdendo a inocência primitiva. A mulher cooperou com ele nesse ponto (cf. Gn 3,6). Ecl desenvolve aqui o tema da sedutora (Gn 39,7-20; Jz 16,5ss. etc.); reflete-se aqui Pr 2,16-19; 5,2ss. Cf. Sr 15,11-20.

z. Segundo outras traduções: *e aquele que é duro de rosto será odiado*. — Pode-se entender: *e aquele que é duro de rosto fica transformado*. Ecl logo contesta essa afirmação: um conselheiro real tem de ceder diante da autoridade do soberano.

a. Ecl apresenta aqui a sua interpretação do v. anterior.

b. Trata-se, provavelmente, do juramento feito pelo conselheiro, em nome de Deus, de obedecer ao rei. Mas é possível também que seja o juramento de Deus a respeito da dinastia de David (2Sm 7).

c. Conforme a opinião aqui citada, a obediência seria sempre premiada, a seu tempo. Ecl não concorda.

d. Em lugar de "infelicidade", certos mss. hebr. e versões trazem: *o saber (do homem é grande)*.

e. Lit. *o sopro*.

f. A violência e a brutalidade não produzem vantagens maiores que a obstinação e a insensibilidade (cf. v. 1). O crime não compensa.

g. Variantes de alguns mss. hebr. e versões: *eram louvados na cidade pela forma como agiram*.

h. Palavra acrescentada para maior clareza.

porque têm temor à sua face;

¹³ e não haverá felicidade para o malvado, e que, passando^b como sombra, não prolongará seus dias,

porque não tem temor à face de Deus^c.
¹⁴ Há algo sobre a terra, que é pura vaidade:

3,19: há justos que são tratados segundo as
Sl 73,3: obras dos malfeitores
Jr 12,1: e malfeitores que são tratados segundo as obras dos justos.

Já disse que isso também é vaidade,

¹⁵ e eu, elogio a alegria; pois nada melhor para o homem sob o sol

9,7; 11,9 do que comer, beber e se alegrar.
2,24 É isso que o acompanha em seu trabalho, nos dias de vida que Deus lhe dá sob o sol.

A sabedoria pede concordata

¹⁶ Quando apliquei meu coração a conhecer a sabedoria

1,13: e observar as atividades exercidas
2,23: sobre a terra

— mesmo se, dia e noite, o homem não veja com seus olhos o sono —

¹⁷ considerei toda a obra de Deus.

3,11 Realmente, o homem não consegue descobrir a obra que se faz sob o sol; embora o homem se afadigue em perscrutar, mas sem a descobrir; e mesmo que o sábio afirme que conhece, não consegue descobri-la¹.

9 Sorte igual de todos

¹ Sim! Apliquei meu coração a tudo isso

e eis o que aprendi:

que justos e sábios, e suas obras, estão nas mãos de Deus.

Dt 33,3:
Pr 16,1:
Sh 7,16

O homem não conhece nem o amor nem o ódio;

tudo isso lhe está pela frente^k;

² tudo é igual para todos^l, uma mesma sorte cabe ao justo e ao mau, 3,19

ao bom^m e ao puro como ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não oferece,

ao bom e ao pecador, ao que faz juramento como ao que teme fazê-loⁿ.

³ Este é um mal de tudo o que há sob o sol:

a mesma sorte cabe a todos.

O coração dos filhos de Adão está cheio de malícia; 8,11

durante a vida, a tolice lhes enche o coração e depois... vão todos para junto dos mortos^o.

⁴ E quem será preferido^p?

Uma coisa é certa para todos os vivos:

cão vivo vale mais que leão morto^q.

⁵ Os vivos sabem: morrerão; mas os mortos não sabem coisa alguma.

Para eles já não há mais recompensa, pois sua memória é esquecida. 8,10

⁶ Seus amores, seus ódios, seus ciúmes já pereceram;

Sl 14,19

1. Ecl menciona aqui o ensinamento dos sábios sobre a retribuição, mas os fatos desmentem essa doutrina, como se lê a seguir.

j. Embora sempre insatisfeito, o homem pode gozar a alegria de viver, como um dom de Deus (vv. 14-15). Sábio algum, porém, conhece o fundo das coisas ou o mistério do destino.

k. Lit. *tudo está diante deles* (isto é, diante dos homens: coletivo). Deus governa os sábios e os justos; não se pode saber quem praticará ou merecerá o amor ou o ódio (cf. 3,8). Pode acontecer de tudo.

l. Grego: *a vaidade é para todos*.

m. Algumas versões acrescentam: *e ao mau*.

n. Trata-se, presumivelmente, do juramento imprecatório acom-

panhado de ordálio (Ex 22,8; Nm 5,19; Dt 19,16; Jz 17,1; IRs 8,31).

o. Lit. *e depois* (versões: *depois deles*), *rumo aos mortos*. Texto obscuro e, provavelmente, com lacunas. Também se traduz assim: *e após (a loucura) é para os mortos*. Seria uma referência aos gastos inúteis com a construção de mausoléus.

p. Alusão ao julgamento divino: Deus considera os homens por critérios misteriosos (cf. v. 7). Alguns mss. e versões têm: *para aquele que está ligado a todos os vivos, existe esperança*.

q. Os cães eram animais desprezíveis. Compara-se com o dito da sabedoria aramaica de Aḥikar: "Raposa viva vale mais que leão morto".

não mais tomarão parte
em quanto se faça sob o sol.

Desfrutar a vida como dom divino

2.24 ⁷ Vai, come teu pão com alegria
e bebe teu vinho com bom coração,
pois Deus já se agradou de tuas obras.

⁸ Sejam sempre brancas tuas vestes
e não falte perfume em tua frente!

Pr 5,18 ⁹ Goza a vida com a mulher que amas,^r
todos os dias da tua vã existência,
porque é Deus quem te dá, sob o sol,
todos os teus dias vãos¹.

Pois esta é a parte que te cabe na vida,
e no trabalho com o qual te afadigas
sob o sol.

Sr 14,16 ¹⁰ Tudo o que tua mão encontra para fazer,
faze-o com tuas próprias forças,
pois não há obra nem avaliação, nem
saber nem sabedoria,
no Sheol^u, para onde irás.

Contratempos imprevisíveis

¹¹ Vi, ainda, sob o sol,
que a corrida não pertence aos ágeis,
nem aos valentes a peleja,
nem aos sábios o pão,
nem aos inteligentes a riqueza,
nem aos entendidos o favor,
pois a todos sobrevêm sorte e azar.

Lc 12,20; Tg 4,14 ¹² Na verdade, o homem não conhece
melhor sua hora,
que os peixes presos na rede da
desgraça,
que os pássaros apanhados a laço.
Assim os filhos de Adão são
surpreendidos pela desgraça,
quando cai, de repente, sobre eles.

A sabedoria não reconhecida

¹³ Vi sob o sol, quanto à sabedoria,
um caso que achei notável:

¹⁴ havia uma cidadezinha de poucos
habitantes
e marchou contra ela um rei poderoso,
armando contra ela grandes
emboscadas^v.

¹⁵ Vivia nela um homem pobre, mas 4,13;
sábio, Pr 21,22;
que, na sua sabedoria, salvou^w a cidade. 24,5;
Ninguém, porém, se lembrou daquele Sr 13,22
pobre^x.

¹⁶ Então disse eu:
a sabedoria vale mais que a força. 7,19
No entanto, a sabedoria do pobre é
desprezada
e as suas palavras não são ouvidas^y.

¹⁷ As palavras dos sábios se fazem ouvir
na calma,
melhor que um chefe gritando no
meio de insensatos.

¹⁸ A sabedoria vale mais que máquinas Pr 21,22
de guerra,
mas um único desastrado^z anula
muitos bens.

10 ¹ Moscas mortas infectam e fazem Gl 5,9
fermentar^a

o unguento do perfumista;
uma pequena tolice pesa mais
que a sabedoria, que a glória.

² A mente do sábio vai pelo bom lado 2,14
mas a do insensato vai pelo lado errado^b.

³ Mesmo estando a caminho,
ao estulto, quando anda, falta o
entendimento:
ele faz todos dizerem: "É um
insensato^c!"

r. Idéia igual na epopeia babilônica de Guilgamesh, onde a ninfa Siduri diz ao herói: "Que teu ventre se sacie; diverte-te dia e noite... sejam imaculadas as tuas vestes, lava a tua frente, banha-te nas águas; contempla com prazer a criança que te segura a mão; deixa tua esposa gozar sobre o teu seio. Eis a sorte dos humanos!" Pode-se aqui conferir também o texto com os cantos egípcios dos harpistas.

s. Lit. *já que ele te dá*.

t. *Todos os teus dias vãos*: possível repetição do fim do estíquio anterior, ausente em sete mss. hebr. e em várias versões.

u. Lugar subterrâneo onde os hebreus, e os outros semitas, pensavam estar reunidos todos os mortos.

v. Em dois mss. hebr. e nas versões há a variante: *obras, trincheiras*.

w. Ou então: *podia salvar*.

x. O caso lembra a história de Arquimedes, no cerco de Siracusa pelos romanos (215-212 a.C.).

y. A seção 9,16-10,1 comenta o apólogo precedente. A sabedoria tem mais valor que a insensatez, mas fica, muitas vezes, despercebida e ineficaz.

z. Quem erra o alvo; por extensão, o pecador.

a. Os verbos *estragam e fazem fermentar*, no singular em hebr., criam uma aliteração.

Alterando a pontuação do texto, teríamos: *fazem com que o perfumista lance fora o unguento*. Basta uma falha para paralisar a ação do sábio.

b. Lit. *vai à sua direita... vai à sua esquerda*.

c. Também se traduz: *ele diz de cada um que é insensato*.

O sábio prefere a estabilidade

- Pr 16,14 ⁴ Se o ânimo^d de quem manda se levanta contra ti,
não abandones teu posto,
pois o sangue frio evita grandes erros^e.
Pr 14,30; 15,4 ⁵ Um mal que observei sob o sol,
um descuido da parte do soberano:
Pr 19,10; 30,22 ⁶ a insensatez guindada a altos cargos
e homens prósperos relegados a baixa posição.
⁷ Vi escravos a cavalo
e príncipes andando a pé^f, como
escravos.

Riscos da ação

- Sl 7,16; Pr 26,27; Sr 27,26 ⁸ Quem cava um buraco, nele cai;
quem solapa um muro, uma cobra o morde.
⁹ Quem lavra pedras, fere-se com elas;
quem racha lenha, expõe-se ao perigo.
¹⁰ Se o machado estiver cego e não for afiado,
é preciso um esforço maior;
é proveitoso praticar a sabedoria como convém^g.
Sr 12,13 ¹¹ Se a cobra morde antes de ser encantada,
o encantador nada aproveita^h.

Sabedoria e insensatez

- Pr 10,32; 15,2; Sr 21,16; Is 32,6; Sl 14,1 ¹² O que a boca de um sábio fala agrada;
já os lábios do insensato o arruinam;
¹³ o início de sua fala é disparate
e o final de sua fala, loucura brava.
¹⁴ O insensato multiplica as palavras;
o homem não sabe o que há de acontecer:
3,22 quem lhe apontará o que haverá depois dele?

- ¹⁵ O trabalho do insensato o cansa;
nem sequer sabe como ir à cidadeⁱ.

O rei e o poder

- ¹⁶ Ai de ti, ó terra cujo rei é uma criança
e cujos príncipes se banqueteiam desde a manhã.
¹⁷ Feliz de ti, ó terra cujo rei é de estirpe nobre
e cujos príncipes se alimentam no tempo certo,
buscando refazer-se^j e não beber!
¹⁸ Com dois braços preguiçosos^k, a viga cede;
se as mãos relaxam, chove em casa^l.
¹⁹ Para se divertir faz-se um banquete:
o vinho alegra a vida
e o dinheiro responde por tudo.
²⁰ Não amaldiçoês o rei no teu íntimo
nem no teu quarto fales mal do poderoso,
pois o pássaro do céu levará a tua voz 7,21
e o que tem asas espalhará a palavra^m.

11 Prudência demais prejudica

- ¹ Atira teu pão à superfície das águas,
que com o tempoⁿ o reencontrarás.
² Reparte com sete e até com oito^o
pessoas,
pois não sabes que mal pode sobrevir à terra.
³ As nuvens, quando se enchem,
despejam chuva sobre a terra.
Tombe uma árvore para o sul ou para o norte,
acaba ficando lá onde caiu.
⁴ Quem se demora a observar os ventos
não semeia;

d. Lit. *o espírito, o sopro*.

e. Lit. *pecados* (cf. 9,18). Em obras sapienciais egípcias, há muitos paralelos desse conselho de calma dado aos funcionários da corte. Nunca desistir sob o efeito da raiva.

f. Lit. *por terra*. À semelhança dos sábios do Egito, como Ipuwer, Ecl não simpatiza com as convulsões sociais que levam à desordem. Mas não se oponha isso — pois o nível é outro — à atitude dos profetas e salmistas que anunciavam a inversão da situação quando do advento messiânico (cf. Is 41,23; 1Sm 2,4-8; Sl 107,40-41; 113,7-8).

g. O sábio é capaz de exercer seus talentos com inteligência e chegar a bom termo, usando convenientemente as coisas.

h. Lit. *o dono da língua*.

i. O insensato desconhece as coisas mais simples, como, p. ex., o caminho para a cidade (Jerusalém, provavelmente). Nada consegue com seus esforços. Ou: não consegue subir na escala social e enriquecer.

j. Outra interpretação válida: *como homens* ou *de modo viril*. k. Lit. *duas* (mãos) *preguiçosas*. A preguiça é seguidamente condenada pelos sábios (Pr 10,4; 19,15; 31,27).

l. Lit. *a casa goteja*.

m. Por mais negligências e sede de prazer que os governantes tenham, não convém falar mal deles. As paredes têm ouvidos!

n. Lit. *em numerosos dias*.

o. Os números em progressão significam quantidade considerável (cf. Mq 5,5). É preciso dar sem calcular.

nem faz colheita quem fica olhando as nuvens.

3,11; 5 Se não sabes o caminho do sopro vital^p,
Sl 139, nem como se formam os ossos^q no seio
14-16; da mulher grávida,
Pr 30,19; tampouco podes saber a ação de Deus,
Jo 3,8 que faz todas as coisas.

6 Pela manhã, semeia a tua semente e, à tarde, não deixes tua mão descansar, pois ignoras se terá êxito isto ou aquilo, ou se as duas coisas são igualmente boas^r.

Gozar a vida com moderação

12.2 7 Doce é a luz,
Ct 6,10 ver o sol^s deleita os olhos

8 Se o homem viver por muitos anos, que os desfrute todos, sempre lembrado de que os dias sombrios são numerosos e tudo o que acontece é vaidade^t.

9 Alegra-te, ó jovem, na tua mocidade, seja feliz teu coração, nos dias da tua juventude.

Anda segundo os caminhos do teu coração, conforme o que teus olhos vêem. Mas fica sabendo que por tudo isso Deus te chamará a julgamento^u.

10 Afasta a tristeza do teu coração, remove de tua carne o mal,

pois a juventude e a aurora da vida^v são vaidade.

12 Velhice e morte

1 Lembra-te do teu Criador^w, nos dias da tua adolescência, — antes que venham os dias maus e cheguem os anos dos quais dirás: “Não sinto neles prazer nenhum^x”;
2 — antes que se obscureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e tornem a vir as nuvens e depois a chuva^y;

3 dia em que tremem os guardas da casa, em que se curvam os homens vigorosos e param as mulheres de moer, por serem poucas;
e em que perdem o seu brilho as que olham pela janela^z;

4 quando se fecham as portas que dão para a rua e enfraquece o ruído do moinho^a; quando se acorda ao cantar do pássaro^b e emudecem as melodias^c;

5 então, tem-se medo da subida, têm-se sobressaltos na caminhada, enquanto a amendoeira floresce, o gafanhoto engorda e o fruto da alcaparra estala, enquanto o homem se encaminha à sua casa de eternidade^d

p. Lit. *o sopro*.

q. Lit. *como os ossos*. Certos mss. hebr. e o Targum têm: *nos ossos*.

r. Prudência demais prejudica. Cumpre arriscar para aproveitar a vida. É o dever da imprevidência, que não implica fatalismo nem indiferença.

s. O tema da luz, tão freqüente na Bíblia, segue ao da manhã (v. 6), preparando a apóstrofe ao jovem, discípulo de Qohélet.

t. No crepúsculo da vida, as trevas e a tristeza sucederão à luz e à alegria. Esse v. preludia a descrição seguinte (cap. 12).

u. Ao invés de qualquer epicurismo licencioso e imoral (cf. Is 22,13; Sb 2,8; 1Cor 15,32). Ecl recomenda ao jovem que desfrute os bons tempos, sem esquecer, contudo, que deverá prestar contas a Deus (cf. Jó 14,3). No final do apêndice (12,14), volta o tema do julgamento divino. O v. 9d é às vezes considerado uma adição.

v. Lit. *a aurora*. Esse termo raro vem traduzido no Targum como “a idade dos cabelos pretos”.

w. Esta palavra, no texto estranhamente no plural, pertence ao vocabulário de Is 40-55 e aparece já em Gn 1,1. Pode haver aí um jogo de palavras entre *borê*, “criador”, e *beer*, “fonte, poço,

túmulo”, *bôr* “poço” (v. 6).

x. Admirável descrição da decrepitude, comparável à do sábio egípcio Pta-hotep. O livro de Ben Sirac também termina com o retrato do escriba (Sr 39), seguido, como aqui, de reflexões sobre a precariedade humana em face da morte (40-41). No fundo, a longevidade constitui a derradeira decepção do homem (cf. 6,3-6).

y. Sem nuvens não há chuva (cf. 11,3), nem vegetação primaveril, nem o renascer da natureza. Cf. Ct 2,11; Ecd 10,9; Lv 26,4.

z. Desaparece o vigor dos homens; perdem as mulheres o brilho de sua beleza, não atraíndo mais a quem passa (Pr 7,6). A menos que se trate de metáforas referentes a cada membro do corpo humano. Teríamos aí, por exemplo, os olhos do velho, que se embaçam com o tempo (cf. v. 6 nota).

a. Por falta de guardas fortes, fecham-se as portas; por falta de mulheres suficientes, para o moinho (cf. Jr 25,10).

b. O velho tem sono leve e levanta bem cedo. Segundo uma versão grega: *Quando se cala o canto do passarinho*.

c. Lit. *as filhas do canto se enfraquecem* (cf. Is 29,4).

d. Esta expressão, encontrada no Egito antigo, aparece também em inscrições semitas (aramaicas, fenícias, palmirenas, púnicas).

e as carpideiras já se agitam lá fora;

⁶ — antes que se rompa^f o fio de prata
e se parta a taça dourada,
e o cântaro quebre na fonte
e a roldana arrebeite o poço^g;

^{3,20}
^{Sr 40,11} ⁷ — antes que o pó volte à terra, como
era,
e que o sopro volte a Deus que o
concedeu^h.

Apêndice

^{1,2} ⁸ Vaidade das vaidades, diz Qohélet,
tudo é vaidadeⁱ.

⁹ Além de ter sido sábio,
Qohélet também instruiu o povo no
saber.

Ele ponderou^j, examinou e corrigiu
inúmeras sentenças.

¹⁰ Qohélet esforçou-se por achar palavras
agradáveis,

cujo teor exato está aqui^k transcrito:
são as palavras autênticas.

¹¹ As palavras dos sábios são como
agulhões^l
e os autores das compilações, como
balizas bem postas^m;
tal é a dádiva de um pastor que é
únicoⁿ.

¹² No mais, meu filho, guarda-te de
acrescentar:
aumentar os livros é empenho sem fim
e estudo demais fatiga o corpo^o.

¹³ Fim do discurso: tudo foi ouvido.
Teme a Deus e guarda os seus
preceitos^p;

isso é o homem todo:

¹⁴ Deus há de chamar a julgamento toda
obra
quanto a tudo o que ela encobre de bem
ou de mau. ^{3,17; 11,9}

^{Sr 1,13.26;}
^{19,20}

e. Começo igual ao v. 2. Esse v. tem ligação com o v. 1, como
nova precisão temporal deste.

f. Conforme numerosos mss. hebr. e o Targum. Outros mss.:
se afaste, se separe; versões: *seja rompido*.

g. Segundo antiga interpretação rabínica, a descrição anterior
pode ser uma alegoria fisiológica acerca do corpo humano: bra-
ços, joelhos, dentes, olhos, coração etc.

h. Outros traduzem por *espírito* a palavra aqui traduzida por
sopro. Esta passagem depende de Gn 2,7 e 3,19 (cf. Jó 34,14; Sl
104,29; 146,4; Sr 40,11). O que a Deus pertence, a saber, o
princípio da vida, dado provisoriamente ao homem, a Deus re-
torna. A fé explícita na ressurreição só aparecerá em Israel de-
pois dos tempos de Ecl; contudo, ele não se desanima. Não se
entrega nem ao pessimismo nem à indiferença.

i. O autor do epílogo retoma aqui o início do livro (1,2), à
guisa de conclusão.

j. Traduz-se também: *ouviu*.

k. Lit. *está transcrito*. Outra tradução: *e a transcrever com
exatidão palavras verdadeiras*.

l. Estimulam a curiosidade e levam a agir.

m. Marcam firmemente os limites que não devem ser trans-
postos e assinalam o caminho certo. Assim também a sabe-
doria tem dupla função: uma normativa, outra dinâmica. (As
imagens do agulhão e das balizas provêm da vida pastoril e
agrícola.)

n. Para alguns intérpretes, trata-se aqui de Salomão, modelo
dos sábios e rei-pastor (cf. Ct), autor hipotético do livro. Seria
então uma afirmação indireta da autenticidade da obra e de sua
unidade, a despeito da complexidade e do tom surpreendente de
certas passagens. Seria esse o primeiro indício dos debates tra-
vados em torno da canonicidade de Ecl. Para outros, o Pastor
seria o próprio Deus (cf. Gn 48,15; Os 4,16; Sl 23,1; 28,9), que
inspira a todos os sábios, começando por Salomão. Neste caso,
estaria sendo acentuado o valor religioso e a origem divina do
livro, garantia de sua unidade profunda.

o. Conselho de prudência e cautela oferecido ao leitor.

p. O autor deste epílogo, retomando aqui 3,14; 5,6; 7,18; 8,12,
é um judeu piedoso. Como o *Sírdica*, guarda a Lei e as práticas
recomendadas. É possível que esta referência aos preceitos da
Lei tenha inspirado o costume de se ler Ecl na festa das Tend.

LAMENTAÇÕES

INTRODUÇÃO

1. Na Bíblia hebraica, o nome deste livro é tomado da primeira palavra dos dois primeiros e do quarto poema: Eiká (lit. "Como!" também traduzido por "Oh!"). Cf. Is 1,21; Jr 48,17. Mas o título grego, que se tornou tradicional — inclusive no Talmud —, corresponde bem ao gênero hebraico do "lamento", que, ao lado do canto fúnebre (cf. 2Sm 1,17ss.), pode aplicar-se também a uma catástrofe nacional. A catástrofe aqui em foco é a tomada de Jerusalém e a destruição do Templo em 587 por Nabucodonosor, que deportou para Babilônia parte da população. Por isso, os judeus lêem esse livro no dia nove de ab (o quinto mês, iniciando-se o ano com a Páscoa), que — coincidência curiosa — marca não somente esse aniversário, mas também a queda do Segundo Templo sob os golpes dos romanos. Cf. já Jr 41,5.

2. A Septuaginta atribui este livro a Jeremias, talvez com base em 2Cr 35,25, onde, de fato, se fala de um canto fúnebre sobre Josias. Na realidade, Lm 4,20 não se coaduna absolutamente com aquilo que Jeremias pensava a respeito de Sedecias (Jr 24,8; cf. 23,6). Por outro lado, a doutrina sobre a retribuição expressa em 5,7 é combatida por Jr 31,29-30, da mesma forma que a Aliança com o Egito em 4,17 é impugnada por Jr 37,5-7 (comparem-se Jr 2,18 e Lm 5,6); e seria contraditório que Jeremias tenha podido pronunciar Lm 2,9. Diga-se que esse último texto é um indício de que estes cantos foram escritos na Palestina — de onde Jeremias esteve ausente depois da forçada fuga para o Egito (Jr 43,6) — e não na Babilônia, onde Ezequiel tinha certa audiência (cf. Ez 8,1) e não poderia ter sido assim ignorado. Mais: as diferenças de forma e de fundo demonstram que talvez se trate de cinco poemas de origem diversa. Por isso, as Lamentações não são de autoria de Jeremias; segundo alguns, elas teriam mesmo sido escritas "contra" Jeremias e o partido pró-babilônico, que podia ser visto como o inimigo interno enquanto se aproximava o invasor.

3. Os quatro primeiros poemas são alfabéticos, sendo que o começo dos vinte e dois versos alista

em ordem as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Mas há uma leve diferença na ordem do alfabeto entre o primeiro poema e os três seguintes; e no terceiro, o alfabetismo é triplice, incidindo no começo de cada um dos três membros de cada verso. Essa técnica podia auxiliar a memorização e, além disso, indicar que o assunto estava completamente tratado, como costumamos dizer, "de A a Z".

No que tange ao assunto, as duas primeiras e as duas últimas são lamentações de cunho político: aí Sião está representada sob os traços de uma mulher (ressalvando a quinta, que é uma queixa coletiva); mas a terceira parece ser vazada em prisma individual e destaca um homem, cujos aspectos em sua maioria fazem pensar em Jeremias Sofredor; é verdade que se poderia ver nesse homem uma representação do Povo inteiro, sob os traços do profeta encarnando os sofrimentos de sua nação. Seria este, de certo modo, o mais antigo comentário sobre os outros poemas, agora situado, em vista dessa finalidade, no centro das lamentações nacionais.

4. O anonimato e a diversidade levantam a questão da data. É difícil afirmar categoricamente uma determinada ordem de composição, mas está claro, em todo caso, que todos os poemas datam de antes do fim do Exílio em 538 e, mesmo, que muitos detalhes (notadamente no segundo e no quarto poema) revelam proximidade com os acontecimentos de 587. Pode ser até que o primeiro poema remonte à época da primeira deportação, em 598.

A tristeza na miséria física e moral da catástrofe política e religiosa, o arrependimento em relação à conduta pecaminosa, que forçou Deus a aniquilar o seu povo, e a esperança da fé no Senhor, mestre da história, infundem nesse livro uma beleza trágica e expressam uma mensagem, que, embora ligada a estas circunstâncias particulares, permanece atual através dos tempos.

5. As Lamentações deploram o luto de Jerusalém (1,14; 2,8; 5,15): ela está prostrada em lágrimas (1,2.16; 2,11.18; 3,48s.), em gemidos (1,4.8.11.21.22), em aflição (1,4.5.8.12; 3,32s.), em estado solitário (1,4.13.16; 3,11; 4,5; 5,18),

em desnudamento (1,8) e fome (1,11.19; 2,12.19; 4,4.5.8-9; 5,6.10).

Está ferida nos seus seres mais queridos: as crianças (1,5.20; 2,4.11.19.20.22; 4,4.10; 5,13), as jovens: (1,4.18; 2,4.10.21; 5,11), os jovens (1,15.18; 2,21; 4,7; 5,12.14), os anciãos (1,19; 2,10.21; 4,16; 5,12.14), os sacerdotes (1,4.19; 2,6.20; 4,16), os profetas (2,9.20) e os reis (1,6; 2,2.6.9; 4,20; 5,12). Está profanada em suas realidades mais santas: o Templo (1,4.10; 2,1.4.6.7.20) e a assembléia fiel ao Encontro divino (1,4.10; 2,6.7.22).

Em sua aflição e graças a ela, a Cidade Santa toma consciência de seu pecado, que é revolta (1,5.14.22; 3,42), desobediência (1,18.20; 3,42), falta (1,8; 3,39; 4,6.13.22; 5,7.16) e perversidade (2,14; 4,6.13.22; 5,7). Esse pecado, ela o confessa (3,42; 5,7.16), pecado que faz pesar sobre ela a sua mão, que não é senão a mão dos inimigos (mais de vinte vezes nomeados) e, no fundo, a mão do próprio Deus (1,14).

Com efeito, é Deus que faz descobrir aos seus

filhos a rejeição absoluta de todo mal, rejeição que provoca a sua ira (1,12; 2,1.3.6.21.22; 3,43.66; 4,11), o seu furor (2,4; 4,11), a sua fúria (2,2; 3,1), sua chama aterradora (1,13; 2,3-4; 4,11). É ele, a quem os pecadores encaram como um inimigo (2,4-5; 3,1-18.43-45): ele aflige (1,5.12), entristece (2,1) e traga (2,1-8). Ele parece, então, longínquo (1,16), e todavia está sempre perto (3,57), ouve (3,56.61), vê (1,9.11.20; 2,20; 3,50.59-60.63; 5,1), se lembra (3,19; 5,1.20).

Pode-se confiar nele, pois é justo (1,18; 3,34-36), todo-poderoso (3,37-38; 5,19), fiel (3,32), Salvador (3,26), redentor (3,58), capaz de consolar (1,16) e tão bom (3,25) que manifesta entrañas, quer dizer, ternuras maternas, renovadas todas as manhãs (3,22-23). A desgraça, fruto do pecado, é de sua parte a graça suprema: ela conduz à humilde confissão e finalmente à conversão, não propriamente à conversão que o homem pretenderia realizar por si mesmo (3,40), mas à conversão que somente Deus pode operar no homem: Faze-nos voltar a Ti, Senhor, e voltaremos (5,21).

LAMENTAÇÕES

A cidade sem amor

Álef 1¹ Oh!

Ela mora na solidão^a,
a Cidade que tinha povo numeroso!
É como uma viúva^b
a que era grande entre as nações^c;
a princesa entre as províncias
agora serve para corvéia.

Lv 13,46

Br 4,12

Bet 2² Chora e chora durante a noite:
lágrimas enchem-lhe as faces;
não há para ela consolador^d,
entre todos os seus amantes^e.
Traem-na todos os seus companheiros:
tornam-se seus inimigos^f.

Sl 6,7

Sl 69,21;

Is 40,1

Jr 30,14

Guímel 3³ Judá é deportada em humilhação,
curvada sob escravidão;
ela habita entre as nações,
sem encontrar onde se estabelecer^g.
Todos os seus perseguidores a acumam
em grande estrangulamento.

Is 14,3;

48,10

Sl 116,3

Dálet 4⁴ As estradas de Sião estão de luto,
sem que ninguém venha ao Encontro^h;
as suas portas estão arruinadas,
sacerdotes, a gemer.
Suas filhas estão aflitasⁱ;
quão grande amargura^j ela sofre.

Jr 14,2

Is 3,26;

Hê 5⁵ Seus adversários estão lá em cima,
seus inimigos, bem à vontade,

a. Os verbos no pretérito são geralmente traduzidos pelo presente, para ressaltar que a ruína de Jerusalém e do Templo é revivida sempre que se realiza a leitura litúrgica (no aniversário da destruição do Templo de Salomão); a comunidade reatualiza então os acontecimentos passados. Ocorrem exceções a esse princípio de tradução, quando o contexto mostra claramente a anterioridade de uma ação em referência a outra (1.10.18-21; 2.17), ou quando convém sublinhar a perspectiva histórica, estando Jerusalém a falar ela mesma de seu passado (1.13-15). — Outros tradutores lêem preferencialmente o conjunto dos pretéritos hebraicos como tempo passado; o livro é, então, visto como uma narração histórica de acontecimentos vividos outrora.

b. Imagem da impotência; a viúva não possui nem estatuto jurídico nem protetor; daí, disposições como as de Dt 27.19. Judá, o povo de Deus ou Jerusalém são comparados a uma mulher (cf. 1.8-9).

c. Os pagãos. Termo diferente de "povo" (1.7), reservado a Israel, mas usado em 1.18, no plural, também para os demais.

d. O sentido deste termo é mais amplo do que no português e engloba um papel jurídico e messiânico. Ele é aplicado ao ato

salvífico de Deus: Is 12.1; 40.1; Sl 71.21; 86.17; cf. Lc 2.25 e também o papel do Paráclito, Jo 14.16.26; 15.26; 1Jo 2.1.

e. Cf. 1.19; *companheiro* também pode ter esse sentido (cf. Jr 3.1). Em toda a tradução que se segue, o povo de Deus (ou Jerusalém) é comparado a uma jovem. A ruptura da aliança tem sido descrita alhures como a infidelidade e a prostituição da Esposa do Senhor (cf. Os 2).

f. Alusão ao abandono por parte do Egito e ao saque perpetrado por Edom.

g. Lit. *repouso*; todavia se trata menos de aliviar o cansaço do que de encontrar estabilidade, como acontece para uma jovem a quem falta o marido (cf. Rt 1.9; 3.1). **[Ela = a mulher-povo, apesar de Judá ser masculino.]*

h. A festa solene, onde Deus e o seu povo se encontram. Cf. a *Tenda do Encontro*, Ex 27.21. O Encontro de 1.15 será trágico.

i. Porque não existe mais a festa religiosa, ou porque elas não encontram marido. O grego tem: *são levadas embora*.

j. Este termo é muito forte; aplica-se também à morte: ISm 15.32; Ecl 7.26; cf. Rt 1.13.20.

pois o Senhor a aflige
visto o peso de suas revoltas.
Suas crianas se vao,
cativas, na frente do inimigo^k.

Ez 10,18-22;
11,22-23 Vav

⁶ E da Bela Sião^l fuge
toda a sua honra.
Seus principes, ei-os como cervos
que não acham pasto.
Eles se vao, sem energia,
à frente do perseguidor.

Zain
Is 58,7

⁷ Jerusalém se lembra,
em seus dias de desterro e humilhação,
de todos os seus encantos
que existiam nos dias de antanho^m!
Quando o seu povo cai nas mãos do adversário
e ninguém o socorre,
os adversários a võem e zombam
de seu aniquilamento.

Het
1,17

⁸ Ela faltou gravemente, Jerusalém,
e por isso, virou imundícieⁿ.
Todos os que a honram, aviltam-na,
pois lhe võem a nudez;
e ela, por sua vez, geme
e dá as costas.

Ez 16,37;
Is 47,3

Tet

⁹ Sua impureza gruda em sua túnica;
ela não pensava no que se seguiria;
sua queda causa assombro
não há para ela consolador.
"Vê, Senhor, minha humilhação;
pois o inimigo se engrandece".

Dt 32,29;
Is 47,7

2,4; lod
2Rs 24,13;
Is 64,10

¹⁰ O adversário estende a mão
sobre todos os seus encantos.
Sim, ela vê as nações
entrarem no seu santuário:
os que ordenaste não entrar
na assembléia que é tua.

Dt 23,4;
Ez 44,7-9;
At 21,28

Kaf

¹¹ Seu povo todo geme:
procuram pão.
Entregam seus encantos por alimento,
para se reanimar^o.

Jr 52,6;
Dt 28,51

k. Esse termo, que ocorre várias vezes, evoca a última sílaba do nome de Nabucodonosor, o Rei de Babilônia, que destruiu Jerusalém.

l. Lit. *filha de Sião*. Em hebr. esta construção é semelhante à de "cidade de Roma"; trata-se de um aposto, sendo Sião comparada a uma jovem: Senhorita Sião (cf. 1,2 nota).

m. Todas as estrofes têm três elementos de dois hemistíquios cada. Estes dois hemistíquios são uma glosa, acrescentada para evocar não somente a miséria mas também a glória anterior.

— *Encantos*: 1,10.11; 2,4; termo que designa os tesouros em 1Rs 20,6, a esposa amada em Ez 24,16, o Templo em Ez 24,21; um termo da mesma raiz designa a divindade querida das mulheres em Dn 11,37.

n. A palavra hebraica faz alusão à impureza da menstruação. Outras interpretações: *As pessoas sacodem a cabeça a seu respeito* (em sinal de menosprezo), ou *Ela tornou-se errante*. Cf. 1,17.

o. Lit. *para fazer voltar a alma*; o termo *alma* não designa o

"Vê, SENHOR e olha
quão aviltada fiquei".

Lámed ¹² "Nada disso para vós todos que passais pelo caminho;
olhai e vede
se há dor igual à minha dor,
que tamanho mal me faz,
dor, que o SENHOR me inflige
no dia de sua ardente ira^p."

2,13,20;
Dn 9,12;
12,1;
Mt 24,21

Mem ¹³ Do alto, ele enviou fogo
aos meus ossos^q; é ele que o manda^r.
Armou uma armadilha para os meus pés
e me fez tombar^r;
fez de mim uma mulher arruinada^t,
indisposta o tempo todo^u."

Lv 15,33;
20,18

Nun ¹⁴ Está atado, o jugo feito de minhas revoltas;
em sua mão elas recebem o nó;
estão sobre o meu pescoço;
ele abala o meu vigor.
O Senhor entregou-me a mãos
que não me deixam levantar.

Dt 28,48

Jr 27,2

Sámek ¹⁵ O Senhor expulsou todos os valentes,
que em mim havia;
convocou uma reunião contra mim,
para esmagar os meus jovens.
O Senhor pisou, no lugar,
a jovem, a Bela Judá.

Is 63,2;
Jl 4,13

Áin ¹⁶ É sobre isso que eu choro:
meus dois olhos se derretem em lágrimas,
pois longe de mim está o consolador,
aquele que me reanimaria.
Meus filhos, ei-los arruinados,
pois o inimigo foi mais forte."

Jr 13,17

Pê ¹⁷ Sião estende as mãos;
não há para ela consolador.
O SENHOR manda contra Jacó,

que tradicionalmente entendemos por ele; trata-se, ao invés, do ser todo inteiro, visualizado sob o ângulo da vitalidade e da afetividade (cf. 1,20 e 2,18-19, acerca de "coração"); acompanhado do adjetivo possessivo, equivale frequentemente ao pronome pessoal ou reflexivo.

p. Estrofe retomada em parte em 1,18 sob uma forma diferente; cf. 2,13,20. A liturgia cristã colocou essas palavras nos lábios de Cristo na cruz. O texto latino (*Ó vós todos... olhai...*) tornou-se a letra do admirável "O vos omnes" de Vittoria. Essa lembrança do passado, pela reatualização da liturgia, reveste-se de uma dimensão escatológica.

q. No simbolismo hebraico, os ossos (da mesma raiz que *poderoso*) representam a realidade última da vida, aquilo que permanece até depois da morte; a fraqueza é descrita como

deprecimento dos ossos. Sl 31,11; o pior acontece quando eles são esmagados, quebrados. Sl 51,10; Is 38,13; Lm 3,4. Num certo sentido, o termo exprime o cerne do ser, sua essência e identidade.

r. O hebr. tem o verbo *comandar, dominar*. Um verbo homônimo pode ser traduzido, conforme o árabe: *eles foram destruídos*. O gr. leu *fazer descer* (*grosso modo*, as mesmas consoantes). A Vulg.: *ele me instrui*.

s. Ou, no sentido da mesma expressão de 1,8: *ele me faz recuar, retirar-me, desviar-me, voltar para trás*.

t. Situação da mulher privada de relações sexuais com o homem, 2Sm 13,20; Is 54,1.

u. Menstruação, impureza; razão de seu isolamento sexual (cf. Lv 20,18).

seus adversários ao redor dele,
Jerusalém, no meio deles,
tornou-se uma imundície*.

Şade 18 "Justo é o SENHOR,
pois eu desobedecera à sua ordem".
Ouvi, pois, povos todos,
e vede minha dor.
Minhas jovens e meus jovens
seguiram para o cativeiro.

Jr 30,14 Qof 19 Chamei meus amantes,
mas eles me enganaram;
meus sacerdotes e meus anciãos
pereceram na Cidade,
enquanto buscavam alimento,
para se reanimar*.

Resh 20 "Vê, SENHOR: para mim, só angústia;
reviram-se minhas entranhas*,
agita-se em mim o coração*,
pois, desobediente, desobedeci.
Fora, a espada privava de descendência;
dentro, era como na casa da Morte.

Shin 21 Eles me ouviam gemer,
não havia para mim consolador.
Todos os meus inimigos ouviam a minha desgraça,
gozavam; na realidade, tu estavas agindo,
tu fizeste chegar* o dia que fixaste.
Que eles sejam como eu!

Jr 17,23 Tav 22 Compareça diante de ti toda a maldade deles
e trata-os
como me trataste a mim,
por minhas revoltas todas.
Pois numerosos são os meus gemidos,
todo o meu ser está doente**.

O inimigo divino

Álef 2 ' Oh!

O Senhor em seu furor
quer obscurecer a Bela Sião!
Do céu, ele precipita por terra
o esplendor de Israel*.

Is 60,7: 64,10
Is 60,13;
Sl 132,7;
1Cr 28,2

v. Cf. 1.8.

w. Lit. à sua boca.

x. Cf. 1.11.16. O gr. acrescenta: *mas não encontram*.

y. *Só angústia*: mesmo termo usado para indicar "adversário".
cf. 1.5; "adversidade" seria um tanto fraco. — *Reviram-se*: outra
trad.: *queimam*.

z. O *coração* é, antes de mais nada, o centro da inteli-
gência, da vontade e das decisões de todo o ser, e não primei-

ramente a sede das emoções, localizadas nas vísceras (de
onde provém a expressão precedente: as minhas vísceras
agitam-se; sendo que essa emoção pode ser traduzida: tenho
cólica).

a. O sir. leu um imperativo.

b. Lit. *o meu coração*. cf. 1.20 nota. O adjetivo é da mesma
raiz que *indisposta* de 1.13.

c. Jerusalém e o seu Templo.

	Não se lembra do escabelo de seus pés ^d , no dia de sua ira.	
<i>Bet</i>	² O Senhor devora sem piedade todos os prados de Jacó; arrasa em sua fúria as fortalezas da Bela Judá; lança por terra, e profana a realeza e seus príncipes.	Dt 28,52
<i>Guímel</i>	³ No ardor da ira, ele despedaça todo o poderio ^e de Israel; recolhe sua destra ante o inimigo ^f ; acende em Jacó um braseiro ^g , que devora tudo ao redor.	Jr 48,25; Sl 75,11
<i>Dálet</i>	⁴ Qual inimigo, retesa seu arco, sua destra em posição, como um adversário, mata todos os que encantavam os olhos. Sobre a tenda da Bela Sião alastra um fogo, seu furor	Jr 21,5 Is 42,25
<i>Hê</i>	⁵ O Senhor porta-se como um inimigo; devora Israel, destrói-lhe todos os palácios, arrasa suas fortalezas; multiplica para a Bela Judá queixa e queixume.	 Is 29,2
<i>Vav</i>	⁶ Como ao Jardim, devasta a sua Cabana; assola seu lugar de Encontro ^h . O SENHOR faz esquecer, em Sião, Encontro e Sábado; rechaça, em sua ira fulminante, rei e sacerdote.	Jr 52,13; 2Cr 36,19 Sf 3,8
<i>Záin</i>	⁷ O Senhor repudia seu ⁱ altar; execra seu santuário; entrega às mãos do inimigo as muralhas dos palácios da Cidade ^j . Levanta-se a voz na Casa do SENHOR. Como no dia do Encontro.	 Ez 24,21 Sl 89,40

d. Marca a presença do Deus "totalmente outro" no mundo: aqui, Sião; nos salmos 99,5; 132,7 e em 1Cr 28,2, a arca; em Is 66,1, a terra; cf. Ez 43,7. Uso diferente da imagem no que tange aos inimigos, no Sl 110,1.

e. Lit. *chifre*.

f. Deus não protege mais Israel.

g. Lit. *fogo flamejante*.

h. A devastação faz-se em círculos concêntricos: a Palestina (o Jardim, Gn 13,10; Nm 24,6; Jl 2,3), Jerusalém (a sua Caba-

na, Is 1,8; Am 9,11; o possessivo é regido por *a Jardim*), o lugar de encontro no dia da festa, perto da arca da Aliança, no Templo (cf. 1,4).

i. Sufixo masculino, no hebr., referindo-se a Deus, à diferença dos sufixos femininos de 2,5 e 1,3, que indicavam que o povo de Israel é aqui descrito como a *mulher* que Deus amava.

j. Lit. *de seus palácios*; possessivo feminino, remetendo a Sião, 2,6.

Het

Jr 5,10

Is 34,11

⁸ O SENHOR planeja devastar
a muralha da Bela Sião;
ele vai nivelar* e não afasta
as mãos antes de ter devorado.
Enluta baluarte e muralha:
juntos desmoram.

Tet

Dt 28,36;
2Rs 25,7
Dt 4,6-8
Sl 74,9

Ez 7,26

⁹ As portas de Sião¹ afundam-se na terra;
ele destrói e quebra suas trancas.
Seu rei e seus príncipes estão entre as nações^m;
já não existe Leiⁿ;
mesmo os profetas não recebem
visões da parte do SENHOR^o.

Iod

3,28;
Is 47,5

Jr 6,26

¹⁰ Sentados na terra, emudecidos,
os anciãos da Bela Sião
lançam pó sobre a cabeça
e se envolvem em sacos.
Inclinam sua cabeça até o chão,
as jovens de Jerusalém

Kaf

1,20

Jr 8,21

¹¹ Consomem-se de lágrimas os meus olhos;
reviram-se minhas entranhas^p.
Estou esvaziado de minha força^q, que está por terra,
pois o meu povo, esta Bela^r, está arruinado,
enquanto nas praças da cidade
desfalecem criancinhas e lactentes.

Lámed

¹² Clamam eles às suas mães:
"Onde estão trigo e vinho?",
enquanto desfalecem, qual feridos,
nas praças da Cidade,
e a vida^s se lhes escapa
no regaço de suas mães.

Is 46,5 *Mem*

Is 51,1

¹³ Que testemunho te citar, ou com que te comparar?
ó Bela Jerusalém?
Quem igualarei a ti, para te consolar^t,
ó jovem, Bela Sião^u?

k. Lit. *ele est.* - *um cordel*. Trata-se de arrasar a cidade; cf. 2Rs 21,13; Is 34,11.

l. Lit. *as suas portas*; cf. 2,7 nota.

m. Junto aos pagãos, isto é, no exílio.

n. Não no sentido de um código escrito, mas no sentido de um oráculo transmitido pelo sacerdote, mais ou menos equivalente à "palavra" enunciada pelo profeta. Aparecem também nos vv. 9-10 o rei, os príncipes e os anciãos. Destarte nada mais subsiste da estrutura normal através da qual Deus dirigia o povo.

o. Pode-se pensar que estamos no começo do exílio, quando tudo está desorganizado. Os profetas em questão são os nacionalistas otimistas (cf. 2,14): entende-se que eles não recebem nenhuma visão e se calam, ou que as visões que pretendem ter não procedem realmente do Senhor. Ezequiel e o Segundo Isaías ainda não surgiram à frente e Jeremias provavelmente já está no Egito, ou falecido.

p. Cf. 1,20 e nota.

q. Lit. *meu fígado*, sede da pujança da vida.

r. Lit. *a filha (do) meu povo*, cf. 1,6 nota.

s. As criancinhas já devem ter crescido, para formular semelhante pergunta! O sir. acrescenta *azeite*: pensa-se na fórmula clássica para designar a abundância da Terra Prometida, justificando-se esses três termos (cf. Dt 7,13; Jl 1,10; 2,19): o grito poderia expressar não somente a penúria, mas também a revolta zombadora da jovem geração com relação às promessas do passado e à esperança escatológica.

t. Lit. *sua alma*, cf. 1,11 nota.

u. Cf. 1,2.

v. Como se pode chamá-la ainda de *jovem*, exatamente de "virgem" (cf. 1,15,19)? Provavelmente trata-se de um título honorífico, porém aqui irônico. Cf. Am 5,2; Jr 18,13; 31,4,21

- Grande como o mar é tua desgraça.
Quem te curará? Jr 30,12
- Nun* ¹⁴ Teus profetas^w vêm para ti
visões vazias e insípidas;
não te desvelam a tua perversidade,
o que reverteria tua sorte^x.
Vêm para ti proclamações
de vazio e de sedução. Ez 12,24;
13,6-23;
21,34; 22,28
- Sámek* ¹⁵ Batem palmas contra ti
todos os que passam pelo caminho;
assobiam e meneiam a cabeça
contra a Bela Jerusalém:
"É esta a Cidade que deveria chamar-se
beleza perfeita, alegria para toda a terra?"
Jr 19,8;
Mt 27,39
- Pê* ¹⁶ Abrem a boca contra ti
todos os teus inimigos;
assobiam e rangem os dentes,
dizendo: "Nós a devoramos.
Afinal, eis o dia, que esperávamos;
nós o encontramos e vemos!" Ez 16,14;
Sl 50,2
- Áin* ¹⁷ O Senhor faz o que se propôs,
cumpre sua palavra,
que enviou desde os dias de antanho;
destrói e não poupa,
faz o inimigo exultar às tuas custas,
eleva o poderio^a de teus adversários. Dt 28,15
- Şade* ¹⁸ Grite seu coração,^b ao Senhor.
Ó muralha da Bela Sião^c,
derrama tuas lágrimas como uma torrente,
de dia e de noite.
Não te concedas repouso;
que não seque a pupila de teu olho^d. Jr 14,17
- Qof* ¹⁹ Levanta-te; clama, de noite,
a cada revezamento da guarda

w. Cf. 2,9 nota; Jr 23,8-40; 28; 29,8-9.

x. Ou, segundo outra raiz, *caiação* (cf. Ez 13,10-15; 22,28), isto é, aparência.

y. Jogo de palavras em hebr. entre o verbo "reverter" e o substantivo "cativeiro", de raiz aproximada (1,5,18). O jogo de palavras fonético é duplicado num jogo de palavras teológico; porquanto a fórmula é usada para realçar o vértice decisivo da história, quando Deus intervirá de maneira definitiva (cf. Jó 42,10). Note-se que as duas coisas coincidem, na medida em que o retorno do exílio é visto como o começo do grande ato escatológico (cf. Sl 126; Jr 49,6; Ez 16,53). Além disso, há um jogo de palavras implícito sobre o verbo traduzido aqui como *desvelar* (relatar) e, em 1,3, *deportar* (exilar); cf. 4,22.

z. Cf. Sl 48,3; Is 60,15. Estes paralelos mostram que a segun-

da parte desta linha repete a primeira e não deve ser entendida como conclusão irônica ("zombaria" de toda a terra).

a. Lit. *o chifre*.

b. O possessivo não remete aos adversários, mas, apesar de não haver antecedente, aos israelitas.

c. A tradução segue a pontuação do hebr. (com outra pontuação, poder-se-ia entender o segundo hemistíquio de 18a como aposto, designando Deus. Isso daria uma imagem assaz forçada porquanto se vai falar das *lágrimas* e do *olho* da muralha. Este "muro das Lamentações" é um muro que se queixa, e não um muro onde alguém se queixa.

d. Lit. *a filha do teu olho*, que pode ser a "pupila", a não ser que se entendam as próprias lágrimas, às quais o olho dá origem. O verbo *secar* encontra-se sob outra forma em 3,49 e indica o estancamento das lágrimas (cf. Jr 14,17).

derrama como água o teu coração
diante da face do Senhor.
Eleva a Ele tuas mãos^e
pela vida^f de tuas criancinhas
— que desfalecem de fome
nas esquinas todas das ruas^g.

4,1;
Is 51,20
Jr 19,9; *Resh*
Dt 28,53-57;
Ez 5,10;
Lv 26,29

²⁰ Vê, Senhor, e considera
a quem assim tratas^h.
Se mulheres comem o próprio fruto,
criancinhas bem-formadas!ⁱ...
Se são trucidados no santuário do Senhor
sacerdote e profeta!^j...

Shin ²¹ Jazem por terra nas ruas
moços e velhos;
minhas jovens e meus jovens
caem sob a espada;
tu massacras no dia de tua ira,
degolas e não poupas.

Tav ²² Vais convocar, como no dia do Encontro^k,
os terrores que me cercam;
não existe, no dia da ira do SENHOR,
quem se salve ou sobreviva.
Aos que formo c faço desenvolver-se,
meu inimigo os extermina.

Jr 6,25;
20,3,10;
Sl 31,14

O homem das dores

Álef **3** ¹ Eu sou o homem que vê^k a humilhação
sob a vara de seu furor^l.

² A mim, ele conduz e faz andar
na treva e não na luz^m;

³ Sim, contra mimⁿ se volta, e vira
seu punho, o dia todo.

Am 5,18;
Jo 8,12

Jó 30,30 *Bet* ⁴ Rói-me a carne e a pele,
quebra-me os ossos^o;

e. Na atitude de prece, as palmas da mão são levantadas para Deus (cf. Sl 44,21; 141,2), talvez originariamente para acariciar o ídolo, ou para receber aquilo que é pedido, ou eventualmente para mostrar a Deus que a ele se entrega toda a própria existência: cf. Jz 12,3, onde "arriscar sua vida" se expressa por: colocar a alma na palma da mão; ora, aqui se trata de derramar o coração, isto é, provavelmente, a substância do ser, mais do que seus sentimentos.

f. Lit. *alma*. Cf. 1,11 nota.

g. Provável glosa, em consonância com 2,11-12 (cf. 1,7).

h. Pode-se entender: Alguma vez trataste alguém assim? Mas pode também ser um apelo a Deus para considerar que aquele que trata assim é Israel, e para censurá-lo por isso, não por orgulho das qualidades que esse povo possuiria, mas com base na fé nas promessas que acompanharam a eleição.

i. Cf. Is 49,26; Jr 19,9; Lm 4,10. A última palavra, que se reencontra em 2,22, refere-se ao ato de dar nascimento a um

menino, nascido no tempo exato e cheio de saúde. Aquilo que assim se come não são os abortos nos diversos sentidos da palavra, mas o porvir do povo.

j. Cf. 1,4,15; 2,6-7.

k. O sir. leu: *O Deus forte* (cf. Is 9,5) *vê a minha miséria*. Torna-se difícil dizer se o que se queixa é o profeta (Jeremias? cf. v. 53), o povo (cf. vv. 5,11; neste caso, sob a imagem de um homem e não mais de uma mulher, como antes), ou o profeta representando o povo e o povo resumido no profeta (cf. o Servo do Senhor no Segundo Isaías).

l. Lit. *vara de seu furor desencadeado*. O possessivo remete a Deus (subentendido).

m. Imagem muito forte, relacionada simultaneamente com os tempos das origens (Gn 1,1-5) e com a esperança escatológica (Am 5,18; Is 9,1); cf. Is 45,7.

n. Ou *contra mim somente*.

o. Cf. 1,13 nota.

	⁵ Amontoa contra mim e dispõe ao meu redor veneno e dificuldade ^p ;	
	⁶ nas trevas faz-me habitar, como os mortos da noite dos tempos.	
<i>Guímel</i>	⁷ Cerca-me de um muro, para que não saia; aumenta o peso de minhas cadeias.	Jó 3,23; 19,8 Is 47,6
	⁸ Por mais que eu grite e implore socorro, sufoca a minha prece.	3,44
	⁹ Nos meus caminhos põe muro de pedras lavradas, embaraça minhas veredas.	
<i>Dálet</i>	¹⁰ Ele é para mim um urso à espreita, um leão em emboscada;	Os 13,7-8 Jó 10,16
	¹¹ desvia meus caminhos; destroça-me, desola-me;	
	¹² retesa o seu arco e me expõe como alvo para a flecha.	Jó 16,12-13
<i>Hê</i>	¹³ Ele crava em meus rins o conteúdo ^q de sua aljava.	
	¹⁴ Eis-me a zombaria de todo o meu povo ^r , sua sátira, todos os dias.	Jr 20,7; Jó 30,9; Sl 69,12; Dt 28,37 3,63
	¹⁵ Satura-me ^s de amargura, de absinto me inebria.	Jr 23,15; Sl 69,22; Mt 27,34 Pr 20,17
<i>Vav</i>	¹⁶ Faz-me triturar cascalho com os dentes, enterra-me na cinza.	
	¹⁷ Tu ^t me atiras longe da paz ^u ; e eu esqueço o que é felicidade.	Jr 16,5
	¹⁸ Digo: "Esvaiu-se minha força, e a esperança vinda do SENHOR.	Jó 17,15
<i>Záin</i>	¹⁹ Lembra-te da minha humilhação e do meu extravio: que absinto, que veneno!	
	²⁰ Lembro-me ^v , lembro-me disso e estou minado pela minha própria desdita.	
	²¹ Eis o que trarei de volta à minha memória ^w , o que eu esperarei ^x :	Is 44,19; 46,8
<i>Het</i>	²² as bondades do SENHOR! Elas não terminaram ^y ! As suas ternuras não se esgotaram.	Ex 34,6-7
	²³ Renovam-se a cada manhã.	

p. A palavra *veneno* escreve-se como a palavra *cabeça*, que pode designar o chefe de um povo (Dt 1,15) ou a capital (Js 11,10), o que poderia ser o nosso caso, se se trata de um cerco militar, como o demonstra o v. 7 (cf. Js 6; Dt 20,20). Neste caso, poder-se-ia entender: *ele constrói contra mim e sitia a capital e a sua colina*, lendo-se a última palavra como *tell* + sufixo da 3ª pessoa fem. sing., remetendo esse sufixo à "capital".

q. Lit. *os filhos*.

r. Alguns mss. e o sir.: *todos os povos*, enquanto o sing. indicaria Judá, que zomba de sua própria capital.

s. O sujeito é Deus, antes que *o meu povo*.

t. Lit. *minha alma*. Cf. 1,11 nota.

u. Não somente a ausência de guerra, mas a plenitude da existência.

v. Lit. *minha alma*. Cf. 1,11 nota.

w. Lit. *farei voltar ao meu coração*, sendo este o centro decisório do ser (cf. 1,20) e sede da memória.

x. Essa afirmação pode ser entendida como uma amarga ironia, de acordo com o que precede, ou melhor, como introduzindo, de maneira positiva, o v. 22.

y. Terceira pessoa, em consonância com um ms. hebr. e algumas versões, enquanto o texto tradicional tem a primeira pessoa: *Nós não estamos acabados*.

Grande é a tua fidelidade!

Sl 16,6;
73,26
Mq 7,7

²⁴ Digo a mim mesmo^a: "Minha parte é o SENHOR.
Eis por que nele esperarei".

Is 8,17; *Tet*
Sl 25,3;
40,2; 69,7
Is 25,9

²⁵ O SENHOR é bom para quem o espera,
para aquele^b que o busca;
²⁶ é bom esperar, em silêncio,
a salvação do SENHOR;
²⁷ é bom para o homem levar
o jugo na sua juventude.

2,10 *Iod*
Jr 15,17

²⁸ Ele deve sentar-se à margem e calar-se,
quando Deus lho^c impõe;
²⁹ deve pôr sua boca no pó
— talvez haja esperança^d! —
³⁰ oferecer a face a quem o fere
e saturar-se de insultos.

Is 50,6;
Mt 5,39

Jr 3,12 *Kaf*

³¹ Pois ele não rejeitará para sempre,
o Senhor;
³² ele se aflige, é pleno de ternura,
segundo a sua grande bondade;
³³ pois não é de bom grado que ele humilha
e aflige os humanos.

Is 54,8-9
Is 63,7
Ez 33,11

Lámed

³⁴ Quando se pisoteiam^e
todos os cativos de uma terra^f,
³⁵ quando se ofende o direito do homem
em face do Altíssimo,
³⁶ quando se prejudica um homem em seu pleito,
o SENHOR não vê^g?

Am 1,6,9
Am 5,7-10

Gn 1; *Mem*
Sl 33,9

³⁷ Quem é que fala, e as coisas existem?
Não é o Senhor quem manda?
³⁸ Não é da boca do Altíssimo que procedem
os males e a felicidade?
³⁹ De que se queixaria o homem que vive,
que subsiste^h, apesar de suas faltas?

Is 45,7
Nm 11,1

Nun

⁴⁰ Esquadrinhemos os nossos caminhos, examinemo-los;
voltemos ao SENHOR.
⁴¹ Elevemos, juntos, as nossas mãosⁱ
e o nosso coração
a Deus, que está nos céus.

Os 6,1;
Jr 3,22;
Is 55,7

z. Lit. *Diz a minha alma*. Cf. 1,11 nota.

a. A segunda parte do versículo pode ser entendida como fazendo parte da declaração anterior, ou como a consequência que o infeliz agora deduz.

b. Lit. *a alma*. Cf. 1,11 nota.

c. Lit. *quando ele lhe impõe*.

d. Cf. 2Sm 12,15-23: a atitude de Davíd, que veste roupa de luto durante o tempo em que há alguma esperança, com o fito de influenciar Deus. *Esperança* é da raiz traduzida por *aguardar* em 2,16 e em 3,25, diferente da de 3,18.21.24.26.

e. Lit. *esmaga sob seus pés*.

f. Ou *da terra*, isto é, de Judá.

g. A ironia amarga dessa frase negativa supõe um tom interrogativo. Da mesma forma nos vv. 37 e 38.

h. Lit. *homem forte*. Esta passagem justapõe dois termos diferentes para indicar "homem"; o segundo contém a idéia de força, ao passo que o primeiro é completado por "vida". O acento não está no fato de ele conservar a dignidade humana apesar de seus pecados, mas no fato de Deus o deixar existir.

i. Cf. 2,19.

- 42** Sim, nós somos rebeldes, desobedientes
e tu não perdoas!
- Sámek* **43** Tu te fechas na ira e nos persegues,
massacras, e não poupas.
44 Tu te fechas na tua nuvem,
para que não passe a oração;
45 fazes de nós um dejetto, um refugio
no meio dos povos.
- Pê* **46** Abrem a boca contra nós
todos os nossos inimigos;
47 pavor e abismo nos cabem,
desastre e esmagamento.
48 Meus olhos vertem lágrimas,
pois o meu povo, essa Bela, está esmagado.
- Áin* **49** Meus olhos jorram, e não secam,
porque não há sossego,
50 até que dos céus o SENHOR
se debruce para ver;
51 meus olhos me^j fazem sofrer
ante o espetáculo de todas as filhas de minha Cidade^k.
- Şade* **52** Caçam-me e me perseguem como a um pássaro
os que são meus inimigos sem motivo;
53 aniquilam no fosso a minha vida,
rolam uma pedra sobre mim;
54 as águas transbordam sobre a minha cabeça^l
e eu digo: Estou perdido^m!
- Qof* **55** Invoco o teu nome, ó SENHOR,
do fundo do fosso infernalⁿ;
56 Tu ouves o meu grito: "Não tapes os teus ouvidos
ao meu ofegar, ao meu apelo por socorro!"
57 No dia em que te invoco, te aproximas
e dizes: "Não tenhas medo^o".
- Resh* **58** Senhor, defendes um processo no qual eu estou em jogo^p;
resgatas^q a minha vida.
59 Tu vês, SENHOR, o mal que me é feito^r;
dá direito ao meu direito!
60 Tu vês toda a vingança deles,
todas as suas tramas contra mim.
- Shin* **61** Estás ouvindo, SENHOR, os seus insultos,
todas as suas tramas contra mim.
62 Os lábios de meus agressores e os seus cochichos

j. Lit. *minha alma*; cf. 1,11 nota.k. Ou *filiais*, a saber, os vilarejos ao redor de Jerusalém.

l. Cf. Sl 69,2-3; Jn 2,4. As águas do caos invadem o fosso onde ele foi trancado como numa tumba (v. 53). Mas talvez a segunda imagem seja independente da primeira.

m. Lit. *cortado*, ou *derrubado*.n. Lit. *o fosso dos lugares inferiores*.

o. Essas afirmações expressam de fato uma prece, baseada, aliás, em experiências passadas.

p. Lit. *de minha alma*. Cf. 1,11 nota.

q. Cf. Ex 6,6 nota.

r. Lit. *Tu vês a minha injustiça*. Cf. 3,36.

- 3,14;
Sl 69,13
Jr 51,56 *Tav*
- dirigem-se contra mim o dia todo;
⁶³ quer estejam sentados, quer de pé, olha-os;
 sou eu o alvo de seus refrões.
- ⁶⁴ Tu lhes darás a paga, SENHOR,
 segundo suas ações^x;
⁶⁵ tu lhes tomarás o coração embotado¹,
 virá sobre eles tua maldição².
⁶⁶ Cheio de ira, os perseguirás e extirparás
 de sob os céus do SENHOR.

A miséria da política

Álef 4 ¹ Oh!

Pode o ouro se ofuscar,
 o bom lingote³ se alterar,
 as pedras sagradas se espalhar
 por todas as esquinas das ruas?

2,19

Bet ² Os filhos de Sião, preciosos,
 avaliados a peso de ouro fino,
 ah! são contados como vasos de argila,
 obra de mãos de oleiro!

Jr 19,11

Guímel ³ Até os chacais dão as mamas
 e nutrem suas crias;
 mas esta Bela, meu povo, torna-se tão cruel
 quanto os avestruzes da estepe.

Jó 39,13-18

Dálet ⁴ A língua do lactente, de sede
 cola-se ao palato;
 as criancinhas reclamam pão,
 ninguém lho dá⁴.

Hê ⁵ Os que comiam manjares requintados,
 ficam na rua, desolados;
 os próceres, criados na púrpura,
 abraçam o montão de detritos⁵.

Vav ⁶ A perversidade desta Bela, o meu povo
 é maior que a falta⁶ de Sodoma,
 destruída num instante,
 sem que mão alguma se tenha afadigado.

Is 1,9-10;
 Jr 23,14
 Ez 16,46-52;
 Mt 10,15;
 11,23
 Gn 19
 Nm 6

Záin ⁷ Seus consagrados⁷ eram mais puros que a neve,
 mais brancos que o leite;

s. Lit. a obra de suas mãos.

t. Lit. tu lhes darás um escudo de coração. Trata-se de endurecê-los, não de revesti-los de couraça contra a desventura, mas de torná-los inoperantes, incapazes de perspicácia e de decisão (cf. 1,20; Ez 36,26); numa palavra, de fechá-los a Deus e aos outros.

u. Ou: de mais a mais, os amaldiçoarás; ou: o fato de os embrutecer constituir-se-á em tua maldição a seu respeito.

v. Gr.: a pratu fina.

w. Ou: pura elas ninguém o corta.

x. O "esterqueiro da cidade", a saber, o lixo público, onde ficam os miseráveis, como Jó (1Sm 2,8; Sl 113,7; Ne 2,13).

y. Perversidade... falta. O primeiro desses dois termos significa que o caminho é distorcido; pode ser mais grave que o segundo, indicando que se errou o alvo. Ambos designam não somente o pecado, mas também as suas consequências, inclusive o castigo.

z. Lit. nazires. Quer os príncipes (Gn 49,26; Dt 33,16), quer outras pessoas consagradas a Deus (Nm 6,2; Jz 13,5), quer ambas as categorias.

seu corpo^a, mais corado que o coral,
com veias de safira.

Het ⁸ Seu aspecto, porém, tornou-se mais escuro que a fuligem;
ninguém os reconhece nas ruas;
a pele se lhes enrugou sobre os ossos,
ressequida como o lenho.

Tet ⁹ As vítimas da espada são mais felizes
que as da fome,
pois estas definham, diáfanas,
por falta dos produtos dos campos.

Iod ¹⁰ Mulheres, feitas para a ternura, com as próprias mãos
fazem cozer suas crianças;
tornam-se estas o seu alimento^b,
em meio à ruína desta Bela, o meu povo.

2,20;
Dt 28,56ss

Kaf ¹¹ O SENHOR satisfaz o seu furor,
derrama o ardor de sua ira;
em Sião, atea um fogo,
que devora seus fundamentos.

Lámed ¹² Não acreditavam os reis da terra,
nem os habitantes do mundo,
que o adversário e o inimigo entrassem
no recinto^c de Jerusalém.

Is 52,15–
53,1

Mem ¹³ Foi por causa das faltas de seus profetas,
das perversidades de seus sacerdotes
que se tem derramado, no meio dela,
o sangue dos justos!

Jr 5,31;
6,13

Nun ¹⁴ Eles vagueiam, cegos, pelas ruas,
manchados de sangue;
não se permite tocar
suas vestes.

Is 59,3;
Nm 35,33

Sámek ¹⁵ “Cuidado! Um impuro!”, por eles se grita
“Cuidado! Cuidado! Não toqueis!”
Eles fogem, andam errantes, mas se diz entre as nações:
“Já não podem ser nossos hóspedes^d”.

Is 52,11

Pê ¹⁶ A aparição^e do SENHOR os dispersa;
ele não quer mais vê-los.
Não há respeito^f pelos sacerdotes
nem consideração pelos anciãos^g.

Áin ¹⁷ Nós, nossos olhos ainda se consomem
à espera de uma ajuda ilusória^h.

a. Lit. *osso*.

b. Cf. 2,20.

c. Lit. *nas portas*.

d. Como se fossem leprosos: Lv 13,45-46.

e. Lit. *A face*.

f. Literalmente *A face dos sacerdotes não é posta em destaque*.

g. As pessoas idosas, que ao mesmo tempo são *os anciãos*, administrando os assuntos da cidade: cf. 5,14.

h. Lit. *pela nossa ajuda de vaidade*.

Em nossos postos de vigia vigiamos
pela vinda de uma nação incapaz de salvar¹.

Jr 37,7;
Ez 29,6-16

Sade

¹⁸ Caçam os nossos passos;
impossível andar por nossas praças.

Ez 7,1-14

Aproxima-se o nosso fim; nossos dias estão cumpridos;
sim, chegou o nosso fim!

Qof

¹⁹ Os nossos perseguidores são mais velozes
que as águias do céu:
nas montanhas, eles nos acum
na estepe estão à nossa espreita.

Sl 2,2 *Resh*
2Rs 25,5-7

²⁰ O sopro de nossas narinas, o messias do SENHOR¹,
nas masmorras^k está cativo,
etc. de quem dizíamos: "Sob a sua proteção¹
viveremos entre as nações".

Is 66,10 *Shin*

²¹ Alegre-te e exulta, Bela Edom^m,
tu que habitas na terra de Uşⁿ!
Também a ti passará o cálice^o
e, embriagada, despir-te-ás!

Hab 2,15

Is 40,2 *Tav*

²² Findou tua perversidade^p, ó Bela Sião.
Ele não mais te exilará.
Ele passa em revista a tua perversidade, ó Bela Edom,
faz um relatório^q de tuas faltas.

Jr 49,8;
Ez 25,14

A graça da conversão

5

¹ Lembra-te, ó SENHOR, do que nos sucede:
olha e vê como nos insultam.

Is 63,15

² Nosso patrimônio foi desviado em favor de estrangeiros
e as nossas casas passaram a estranhos.

Is 60,5
Ab 11

³ Eis-nos órfãos, sem pai;
nossas mães são como viúvas^s.

Sl 68,6;
Jo 14,18

⁴ Nossa água, bebemo-la a troco de dinheiro;
nossos feixes de lenha vêm sob pagamento^t.

Is 55,1

⁵ Eles estão às nossas costas^u. Somos perseguidos,

1. O Egito, o grande bloco do oeste, ao qual Israel se dirige quando ameaçado pelo bloco do leste, a Assíria ou (como então) a Babilônia.

j. Essa passagem se refere à fuga e à captura de Sedecias: 2Rs 25,4-7; Jr 52,6-11. A vitalidade do povo está concentrada em seu Rei, o qual em outras instâncias é aquele no qual repousa a potência divina, beneficiando também o povo. Isso permanece verdadeiro mesmo para um rei indigno (cf. ISm 24,5-8) ou prisioneiro (por exemplo Ioiakin no exílio). Cf. Os 10,3.

k. Trata-se menos de um alcapão que da cova, equivalente ao túmulo, à morada dos mortos.

l. Lit. *à sua sombra*.

m. Cf. 1,2 nota.

n. Cf. Gn 36,28; Jó 1,1. O gr. suprime Uş, indicando pelo termo *terra* a terra de Israel, que Edom saqueou ou anexou depois das catástrofes de 598 e 587.

o. A imagem da taça fatal, servida por Deus aos malvados, provém de Jr 25,15-29 (cf. 49,12).

p. A falta e as consequências que ela acarreta ineludivelmente; por isso também a punição.

q. Cf. 2,14 nota: jogo de palavras acerca dos dois usos aqui de um mesmo verbo em dois sentidos diferentes: exilar e desvelar, deportar e fazer um relatório.

r. O protetor normal (o rei para a nação, o pai para a família) é deportado.

s. Cf. 1,1 nota. A partícula comparativa demonstra que o marido é exilado, antes que morto.

t. É o oposto da esperança do festim escatológico de Is 55, 1-3. Esses pagamentos são sem dúvida as prestações devidas ao ocupante, mesmo sobre os bens comunitários.

u. Lit. *pescado*. Se esta frase é um prolongamento concluindo o versículo precedente, trata-se do fato de as pessoas terem de levar nas próprias costas a lenha que devem pagar (não há mais empregados, nem lenha pública). Se, ao invés, a frase se liga ao que segue, então se trata dos perseguidores, que os seguem de perto, que estão ao encalço. — Símaco acrescenta *jugo*, termo

estamos extenuados, não temos repouso*.

- ⁶ Ao Egito* estendemos a mão,
à Assíria, para nos fartar de pão. Os 12,2;
Jr 2,18
- ⁷ Nossos pais pecaram; eles não existem mais;
nós é que carregamos suas perversidades*. Jr 2,5;
7,25
- ⁸ Escravos dominam sobre nós;
não há ninguém, que nos liberte de sua mão!
Ez 18,2;
Is 53,7
- ⁹ Conseguimos nosso pão com o risco de nossa vida*,
por causa dos bandidos* da estepe.
- ¹⁰ A nossa pele abrasa-se como ao forno
por causa dos tormentos da fome.
- ¹¹ Eles violam mulheres em Sião,
mocinhas nas cidades de Judá.
- ¹² Pela sua mão* enforcam príncipes,
a pessoa^b dos anciãos não é honrada.
- ¹³ Jovens transportam a mó*
e rapazes^d tropeçam sob a lenha*.
- ¹⁴ Os anciãos cessam de ir ao Conselho*;
os jovens, de cantar seus refrões.
- ¹⁵ Apaga-se a alegria de nosso coração;
a nossa dança degenerou em luto.
- ¹⁶ Cai de nossa cabeça a coroa.
Oh, infelizes de nós, pecamos! 3,42
- ¹⁷ Eis por que todo o nosso ser está doente*,
eis por que nossos olhos estão entenebrecidos*:
- ¹⁸ porque o Monte Sião está devastado*
e por ele rondam as raposas. Mq 3,12
Ez 13,4
- ¹⁹ Tu, SENHOR, tu estás no trono^j para sempre;
teu trono subsiste de geração em geração. Sl 102,13;
145,13;
Sl 146,10
- ²⁰ Por que nos esquecerias sem trégua,
nos abandonarias por longos dias? Is 49,14;
Sl 44,25
- ²¹ Faze-nos voltar a Ti, SENHOR, e voltaremos*;
renova nossos dias como nos tempos de antanho. Jr 31,18
- ²² A menos que nos rejeites definitivamente,
em demasia te irrites contra nós!. Jr 14,19;
33,24-26
Is 64,8

que pode ter sido omitido por ter as mesmas letras que sobre:
Um jugo está sobre o nosso pescoço.

v. Cf. 1,3 nota.

w. Ou: *Egito... Assíria*, no vocativo, pois as preposições estão ausentes no hebr. Dependências políticas contraditórias (cf. 4,17).

x. Cf. Ex 20,5; Jr 16,10-13; 31,29-30; Ez 18.

y. Lit. *ao preço de nossa alma*; cf. 1,11 nota. Cf. 2Sm 23,17; 1Cr 11,19.

z. Lit. *a espada*.

a. Seja a mão dos supliciados (pela qual são dependurados), seja a mão dos carnascos, que os pendura.

b. Lit. *a face*; cf. 4,16.

c. Vulg.: *abusam impudicamente dos adolescentes*, tradução que talvez provenha de uma interpretação de Jó 31,10.

d. No hebr. como no gr., o mesmo termo designa simultaneamente o adolescente e o servo, como "rapaz" em português.

e. Ao transportar os pedaços de madeira que servirão para a instalação da mó (cf. Jz 16,21), ou melhor, de lenha ou do vi-

gamento para as "obras públicas".

f. Lit. *à porta*, o lugar onde se resolvem os negócios importantes. Cf. Rt 4,1,11.

g. Lit. *o nosso coração está indisposto*; cf. 1,13,20,22; 2,18-19. h. Cf. 4,14.

i. Cf. 1,4,13,16; 3,11; 4,5.

j. O mesmo verbo que *habitar* (1,1,3; 3,6; 4,12,21) e *sentar-se* (2,10; 3,28,63).

k. Cf. 2,14 e 3,40. Trata-se simultaneamente do retorno a Sião, morada de Deus, ou seja, do fim do exílio, e do retorno a Deus, ou seja, da conversão; cf. Is 7,3. Deus é a causa da conversão, como também da libertação; a graça é a raiz de tudo. Essa repetição do verbo é típica de Jeremias: 11,18; 20,7; 31,4,18.

l. As versões gr. e lat. não traduzem assim as primeiras palavras do v. (*a menos que*) e afirmam a rejeição do povo de Deus: *pois* (ou melhor, *mas*) *tu nos colocas verdadeiramente de lado* — Com o intuito de terminar melhor a leitura deste livro nas sinagogas, relê-se o v. 21 depois do v. 22.

ESTER

INTRODUÇÃO

Esta história conta como Ester, uma jovem judia dentre os deportados, se torna a rainha da Pérsia; como seu primo e tutor, Mordekai (Mardoqueu), descobriu um complô contra a vida do rei; como o grão-vizir Haman procurou liquidar os judeus; como Ester interveio, arriscando a própria vida; como Haman foi enforcado, e os judeus foram autorizados pelo Estado a fazer um contrapogrom, cujo aniversário celebram com a festa dos Purim, isto é, das "Sortes", lembrando que Haman mandou tirar à sorte, para marcar a data do extermínio.

Nem Esdras, nem Neemias, nem o Sirácida mencionam esta história. Em Qumran não se encontraram fragmentos deste livro — é o único que falta. Em compensação, 2Mc 15,36 alude ao "dia de Mardoqueu", o que mostra que, na primeira metade do séc. I a.C., a festa existia na Palestina. Se é verdade que 3,8 se harmoniza menos com a tolerância persa do que com a intransigência persecutória de Antíoco IV Epifanes, pode-se pensar que o autor escreveu por volta do fim do séc. II, isto é, três séculos depois de Xerxes I, provavelmente na Mesopotâmia, que ele parece conhecer um pouco, ao passo que se fala sobre a Palestina. O estilo diferente e as contradições de 9,20-32 sugerem tratar-se de uma adição, assim como em 10,1-3. Mas a adição mais importante é a da Septuaginta (93 versículos a mais dos 167 do texto hebraico), cujo fim confirma que o livro hebraico é anterior ao Ptolomeu al mencionado (Est gr. F, 10-11).

As adições do Ester grego tendem a tornar mais religioso este livro, que nunca fala de Deus, no qual tudo parece se resolver somente pela força e pela astúcia e que encontrou dificuldades de "canonização". Entretanto, 4,14 é suficiente para lembrar que o Senhor da história não é este ou aquele grande poder humano, e sim aquele que escolheu o povo judeu; todavia ele age na história não ex machina, mas mediante as ações de suas testemunhas.

Embora o livro reflita o conhecimento da topografia, da cronologia e da administração de Susa,

o relato não é histórico no sentido moderno. Exceto o rei, os personagens são desconhecidos. A rainha sempre foi persa e a da época se chamava Amestris. Nunca houve semelhante antipogrom, que não passa de um sonho de desforra jamais realizado. Em compensação, os muitos pogroms que houve na história dos judeus poderiam bem explicar esta narrativa, que, talvez tendo um deles por ponto de partida, procura legitimar a festa dos Purim — cuja liturgia tem até hoje um ar de carnaval. Esse nome estrangeiro de "Purim", explicado em 9,24-26, mostra que a festa judaica é a reprodução de uma festa pagã. Pensou-se na festa babilônica do Ano Novo em que Marduk, vencedor do caos, tem os Destinos em suas mãos; pensou-se também na luta dos deuses babilônicos Marduk e Ishtar contra os deuses elamitas Human e Vashti; ou ainda no massacre dos magos por Dario; ou no carnaval persa... Nenhuma hipótese é plenamente satisfatória. Pode-se considerar que não se deve excluir esta ou aquela influência, e que os judeus, de um lado, diante dessas festas pagãs com sua mitologia e, de outro, diante das perseguições que sofriam, tenham se perguntado que significação teriam essas festas para eles, e como poderiam ser um meio de comunicar a sua própria mensagem. Como aconteceu com outras festas judaicas, eles retomaram o mito e o inseriram na história, pois não há, para o Antigo Testamento, conhecimento de Deus senão através da história dos homens no meio da qual ele escolheu e fez viver o seu povo. Dessa forma, a festa pagã foi adotada e legitimada pela lenda judaica que, fundada sobre experiências históricas, desmitificou a festa pagã. A mesma coisa fez também a Igreja cristã com o culto do Sol, no Natal.

A história e a experiência cotidiana mostram que os homens não concedem facilmente aos outros o direito de serem diferentes (ver Est 3,8). Desde que o povo judeu vive disperso entre as nações, ele é — como as outras minorias que procuram conservar a sua identidade — objeto de perseguições. O massacre dos judeus por ocasião

da “Grande Peste” no séc. XIV ou a “solução final” adotada pelo nazismo e seus cúmplices são exemplo trágico disso.

Se Israel sobrevive apesar de todas as tentativas de extermínio levadas a cabo contra ele, tal fato mostra que Deus cuida do povo que ele escolheu para se dar a conhecer ao mundo.

Mas, nem o extermínio dos judeus, programado por Haman, nem o contrapogrom organizado por

Mordekai resolvem coisa alguma. Toda violência cega causa apenas nova revanche. A reconciliação não se produz junto ao patíbulo onde sucessivamente o inimigo enforca o judeu e o judeu, o inimigo, mas ao pé de uma cruz onde Jesus Cristo, crucificado por não-judeus e judeus juntos, morre por uns e outros. “É ele que é a nossa paz... Em sua carne destruiu o muro de separação... ele matou o ódio” (Ef 2,14-16).

1 A desgraça de Vashti. 'Foi no tempo de Xerxes'. Este Xerxes reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até Kush. ²Nessa época, quando veio ocupar seu trono real em Susa-a-Cidadela^b, ³no terceiro ano de seu reinado, o rei Xerxes organizou um banquete^c para todos os seus ministros e servidores. O exército da Pérsia e da Média, os nobres e os ministros^d das províncias vieram à sua presença. ⁴Por longo tempo, durante cento e oitenta dias, ele mostrou a riqueza de sua glória real e o esplendor de sua grande magnificência. ⁵Depois desse período, o rei organizou um banquete de sete dias, no pátio do jardim do palácio^e, para todas as pessoas que se encontravam em Susa-a-Cidadela, desde a mais importante até a mais humilde. ⁶Renda, musselina^f, púrpura estavam atadas por cordões de linho^g e de escarlate^h a anéis de prata e colunas de alabastro; havia divãs de ouro e de prataⁱ sobre um pavimento de jade^j, de alabastro, de nácar^k e de azeviche^l. ⁷Servia-se a bebida em taças de ouro, todas de formas diferentes; e o vinho do reino corria abundante, regamente^m. ⁸A regra

era beber sem constrangimentoⁿ, pois o rei ordenara a todos os mordomos que atendessem à vontade de cada um. ⁹Vashti^o, a rainha, tinha também organizado um banquete para as mulheres do palácio real do rei Xerxes.

¹⁰No sétimo dia, o rei estava alegre^p por causa do vinho. Ordenou a Mchuman, Biztá, Harboná, Bigtá e Abagtá, Zetar e Karkás — os sete eunucos^q a serviço do rei Xerxes — ¹¹que mandassem vir à presença do rei a rainha Vashti, com o diadema real, para mostrar a sua beleza aos povos e aos ministros: ela era linda de se ver! ¹²Mas a rainha Vashti se recusou a vir conforme a ordem do rei transmitida pelos eunucos^r. Então o rei se encheu de grande cólera e se inflamou de furor^s. ¹³Ora, toda questão real devia ser apresentada a todos os especialistas da lei e do direito; ¹⁴e estavam junto do rei Karshná, Shetar, Admata, Tarshish, Meres, Marsená, Memukan^t — os sete ministros da Pérsia e da Média —, admitidos à presença do rei e que ocupavam os primeiros lugares no reino. ¹⁵Então o rei disse aos astrólogos^u: "De acordo com a lei, que se há de fazer à

Hab 2,15

Sl 104,15;
Ecl 10,19
7,9

2Rs 20,18

Pr 26,4

Pr 16,14;
Dn 3,19

Dn 2,27

Esd 7,14
1,3

Dn 2,27

a. Ou *Assuero*, transcrição lat. da palavra hebr. que reproduz o nome persa de Xerxes. Trata-se ou de Xerxes I (486-465), que corresponde muito bem ao despota gozador descrito aqui, ou, segundo o gr., de Artaxerxes, seu sucessor (465-424), mas provavelmente não de algum monarca anterior, que, entretanto, conviria melhor para se compreender 2,6.

b. Não por ocasião da subida ao trono (cf. v. 3), mas por ocasião de sua primeira vinda à parte alta dessa cidade, uma das três capitais, com Ecbátana e Babilônia.

c. Raiz *beber* (cf. o banquete grego, em que se bebia e discutia depois da refeição): cf. 7,1 e a explicitação de vinho, 5,6; 7,2.7.8.

d. Ou bem: *principes, chefes*, sentido que convém melhor a 3,12; 8,9; 9,3.

e. Lit. *pavilhão* (cf. 7,7) do rei. Em outras passagens, temos as palavras *casa do rei* (2,8) ou *palácio real* (lit. *casa da realeza*) (1,9).

f. Palavra empregada somente aqui, em todo o AT.

g. Tradução aproximada.

h. Púrpura vermelha, diferente da púrpura violeta mencionada acima.

i. Os divãs (ou leitos de refeição) não eram feitos desses metais, mas incrustados, a menos que isto se refira a almofadas.

j. Único emprego. Texto grego: *esmeralda*, o que sugere uma pedra verde para o texto hebr.

k. Único emprego. Em árabe, a palavra quer dizer *pérola*.

l. Único emprego. Uma raiz próxima significa *preto*.

m. Lit. *abundantemente como a mão do rei*. Cf. 2,18; 1Rs 10,13. Em Ne 2,8, fala-se do mesmo modo da *mão de Deus*. O texto gr. compreendeu: *que o rei, ele mesmo, bebia*.

n. "Tanto" (gr.?) ou "tão pouco" (vulg.) quanto se quisesse. o. Seu nome pode significar "a melhor", "a bem-amada", ou "a desejada". Ela tem o mesmo nome que a deusa elunita Vashti ou Mashti.

p. Lit. *o coração do rei estava bom*.

q. Altos personagens castrados (cf. At 8,27), dedicados, entre outras coisas, à guarda do harém.

r. Pergunta-se a razão dessa recusa; com efeito, mesmo quando as mulheres eram excluídas das festas do rei, era privilégio da rainha poder frequentá-las.

s. Tema muito importante neste livro: cf. 2,1; 3,5; 5,9; 7,7.

t. É certo que havia um conselho dos sete (cf. Esd 7,14). Notar, todavia, a importância do número sete (1,10; 2,9).

u. Lit. *sábios que conhecem os momentos (favoráveis)*. Mas talvez se deva corrigir *momentos* por *leis* (cf. v. 13), a menos que (sem corr.) os *momentos* em questão sejam os *precedentes históricos* que têm força de lei para tais situações incomuns. — Estas primeiras palavras do v. encontram-se no hebr. no início do v. 13; transportamo-las para cá para clareza da sintaxe.

rainha Vashti, visto que não executou a palavra do rei Xerxes transmitida pelos eunucos?"

¹⁶Memukan tomou a palavra diante do rei e dos ministros: "Não foi somente ao rei que Vashti, a rainha, insultou, mas a todos os ministros e todos os povos de todas as províncias do rei Xerxes. ¹⁷Pois a conduta da rainha chegará ao conhecimento de todas as mulheres, levando-as a desprezar seus maridos, dizendo: 'O rei Xerxes ordenou que trouxessem à sua presença Vashti, a rainha, mas ela não veio!' ¹⁸E a partir de hoje as mulheres dos ministros da Pérsia e da Média, que ouviram falar da conduta da rainha, vão se pôr a retrucar" a todos os ministros do rei. E a esse desprezo corresponderá a cólera. ¹⁹Se for do agrado do rei", que se promulgue, de sua parte, um decreto real, a ser inscrito nas leis da Pérsia e da Média e que será irrevogável", segundo o qual 'Vashti não virá mais à presença do rei Xerxes, que dará seu título de rainha a outra melhor que ela'. ²⁰E o decreto promulgado pelo rei repercutirá por todo o reino — que é bem grande! Então todas as mulheres cercarão de atenções os seus maridos, do mais importante ao mais humilde." ²¹Isso agradou ao rei" e aos ministros, de modo que o rei agiu conforme as palavras de Memukan. ²²Enviou cartas a todas as províncias reais, a cada província segundo a sua escrita e a cada povo segundo a sua língua, a fim de que

K.5.8
Dn 6.8-
10.16

3.12; 8.9;
Dn 3.4;
6.26

tudo homem seja senhor em sua casa e fale a língua de seu povo*.

Ne 13.24

2 Ascensão de Ester. ¹Depois desses acontecimentos, uma vez apaziguado o furor do rei Xerxes, ele se lembrou* de Vashti, do que ela fizera e do que a seu respeito fora decidido. ²Disseram então os cortesãos* que o serviam: "Que se procurem, para o rei, jovens virgens e lindas de se ver. ³Estabeleça o rei comissários em todas as províncias do seu reino para juntar todas as jovens virgens e lindas de se ver em Susa-a-Cidadela, no harém*, sob a autoridade de Hegué, o eunuco real, guarda das mulheres. E que se lhes dêem cremes de beleza. ⁴A jovem que agradar ao rei reinará no lugar de Vashti." Isso agradou ao rei, que agiu desse modo.

Pr 20.25

Dn 1.19

⁵Havia, em Susa-a-Cidadela, um judeu chamado Mordekai, descendente de lair, de Shimeí, de Qish*, um benjaminita *dentre aqueles que Nabucodonosor, rei de Babilônia*, deportara de Jerusalém com Iekonia*, rei de Judá. ⁷Era ele tutor de Murta — isto é, Ester* — sua prima*, que não tinha nem pai nem mãe. A jovem tinha um corpo esplêndido e era linda de se ver. Depois da morte de seu pai e sua mãe, Mordekai a adotara como filha.

2Rs 24.10-17;
Jr 24.1

2.15

⁸Após a proclamação da ordem do rei e de seu decreto, e o ajuntamento de inúmeras jovens em Susa-a-Cidadela sob

v. Lit. *fularão*, isto é, ousarão falar, interpelar seu marido, ou replicar-lhe em vez de obedecer.

w. Lit. *se (isto é) bom para o rei*, fórmula um pouco diferente de 1.21.

x. De preferência a *não transgredida* (como em 3.3). Essa impossibilidade de o rei anular seus próprios decretos (8.8; Dn 6.9.13) é atestada pelo historiador gr. Diodoro de Sicília, mas não pelos documentos persas. Cf. Pilatos: "O que escrevi, escrevi" (Jo 19.22).

y. Lit. *isso era bom aos olhos do rei*, cf. 1.19 nota.

z. Pode-se pensar que assim ele não será obrigado a falar a língua de sua mulher! O gr. suprime essa cláusula, substituída no lat. por: *e isto será divulgado a todos os povos*.

a. Imaginar-se-ia que ele tivesse, agora, deixado de pensar nisso! Foi assim que o gr. traduziu.

b. Lit. *moços do rei*. Talvez *pajens*.

c. Lit. *casa das mulheres*.

d. Lit. *filho de lair, filho de Shimei, filho de Qish*. Não se trata do avô e do bisavô de Mordekai, mas do pai de Saul (1Sm 9.1) e de um de seus descendentes que amaldiçoou David (2Sm 16.5). Este Mordekai (cf. o deus babilônio Marduk) é de uma linhagem real rejeitada. Notar que se diz *judeu*, mas não se pronuncia o nome do povo eleito *Israel*.

e. Em 597 a.C. Se o rei é Xerxes, no terceiro ano de seu reinado (1.3), isto é, 483, a prima de um homem que está há 114 anos no exílio não deve ser mais tão sedutora! O autor confunde esse rei com um sucessor imediato de Nabucodonosor.

f. I. é, loiakim, também chamado *Koniáhu* (Jr 22.24).

g. Menciona-se o nome heb. (*Hadassá* = *Murta*) dessa jovem. Seu outro nome provém do nome da deusa babilônica do amor e da guerra *Ishtar*. Segundo a tradição rabínica, o sentido de Ester é "a oculta". Cf. Dt 31.17, onde Deus oculta (*str*) sua face; Is 8.17; 54.8.

h. Lit. *filha de seu tio*.

a autoridade de Hegué, Ester foi conduzida ao palácio, sob a autoridade de Hegué, o guarda das mulheres. ⁹A jovem lhe agradeceu e conquistou o seu favor^l. Ele se apressou em dar-lhe os seus cremes de beleza e sua dieta^k, e em dar-lhe as sete^l moças^m mais importantes do palácio. Depois ele a transferiu, com as suas moças, para o melhor aposento do harém.

2.20 ¹⁰Ester não havia revelado seu povo, nem sua família, pois Mordekai lhe havia proibido fazê-lo. ¹¹Todos os dias, 2.19 Mordekai passeava em frente do pátio do harém para saber como ia Ester e como a tratavam.

¹²Quando uma das jovens acabava de cumprir o regulamento de doze meses imposto às mulheres, chegava a sua vez de ir para junto do rei Xerxes. O período de massagem se desenrolava assim: durante seis meses com óleo de mirra, depois, durante seis meses, com bálsamos e cremes de beleza femininos. ¹³Eis então como a jovem ia para junto do rei: dava-se-lhe tudo o que ela pedia para levar consigo do harém ao palácio. ¹⁴À tarde, ela ia; de manhã, voltava para um segundo harém, sob a autoridade de Shaashgaz, o eunuco real guarda das concubinasⁿ. Ela não iria mais para junto do rei, a menos que o rei a desejasse e que ela fosse chamada nominalmente.

¹⁵Quando chegou a vez de Ester, filha 2.7 de Abihail, tio de Mordekai que a adotara, ir para junto do rei, ela não pediu nada além do que indicara Hegué, o eunuco real, guarda das mulheres. Ester

conquistava a benevolência de^o todos os 2.9 que a viam. ¹⁶Ester foi então levada para junto do rei Xerxes, no seu palácio real, no décimo mês, isto é no mês de têbet^p, no sétimo ano do reinado. ¹⁷E o rei se enamorou^q de Ester mais que de todas as mulheres, e ela conquistou a sua bene- 2.9 volência e seu favor mais do que todas as jovens^r. Ele pôs então o diadema real sobre sua cabeça e a fez rainha no lugar de Vashti. ¹⁸Depois, o rei organizou, para todos os seus ministros e servidores, um 1.3 grande banquete, o banquete de Ester. Ele concedeu uma redução de tributos^s às províncias e outorgou um dom, regamente^t. ¹⁹Por ocasião de um segundo 2.11.21; 3.2; 4.2 ajuntamento de jovens^u, Mordekai se mantinha sentado à porta real. ²⁰Ester não tinha revelado nem sua família, nem seu povo, conforme lhe recomendara Mordekai; Ester obedecia a Mordekai como 2.10 quando estava sob sua tutela. 2.7

²¹Por este tempo, quando Mordekai estava sentado à porta real, dois eunucos 2.19 reais, Bigtan e Téresh, da guarda do limiar^v, irritaram-se e procuraram levantar a mão contra o rei Xerxes. ²²Mas o caso chegou ao conhecimento de Mordekai, que informou Ester, a rainha; Ester contou-o ao rei em nome de 6.1.2 Mordekai. ²³O caso foi investigado e provado. Os dois foram pendurados na forca^w. E isso foi registrado no livro dos Anais, em presença do rei. 5.14; 7.9.10 6.1; 10.2

3 Haman e os judeus. ¹Depois desses acontecimentos, o rei Xerxes elevou

i. A Hegué, bem-situado para ser conhecedor.

j. Lit. *elevou o favor diante dele* (cf. 2.15 com a palavra "benevolência").

k. Lit. *suas porções*, cf. 9.19.

l. Cf. 1.14 nota.

m. Mesma palavra que no início do v. Ela designa aqui as damas de companhia ou então, as criadas; cf. *moços do rei* em 2.2. n. Cf. Ct 6.8. As jovens que serviram ao rei são sagradas; ninguém pode tocá-las sem lesa-majestade e pretensão ao trono (cf. 2Sm 16.21-22; 1Rs 2.22). Sua situação é diferente daquela de 1.9, onde a favorita não está encerrada num harém, bem como daquela de 2.9, onde o primeiro harém encerra as jovens que aguardam o bel-prazer do rei.

o. Lit. *elevava a benevolência aos olhos de*, cf. 2.9.

p. Dezembro-janeiro.

q. Lit. *amou*.

r. Lit. *virgens*, cf. 2.2-3.

s. Único emprego de uma palavra que, conforme a raiz, significa "repouso" (dispensa de imposto de preferência a feriado).

t. Dom de festiva ascensão ao trono.

u. Lit. *virgens* (cf. 2.17). Ou a leva de que fez parte Ester foi a segunda, ou os eunucos, inquietos desde então com a influência de Ester sobre o rei, procuravam destroná-la tentando de novo o rei com outro regulamento de jovens, e, tendo fracassado, planejam assassinar o rei.

v. Não se trata de porteiros ou guardas de portão, mas de servos ou guardas postados à entrada do apartamento do rei para protegê-lo ou estar sempre à sua disposição.

w. Lit. *a um madeiro*. Cf. 5.14; 7.9.

a uma alta posição Haman, filho de Hamedata^x, um agaguita^y; ele o elevou e o fez ocupar um posto^z acima de todos os ministros que estavam com ele. ²Todos os servidores do rei presentes à porta real^a ajoelhavam-se e se prostravam diante de Haman, como ordenara o rei a seu respeito. Mas Mordekai não se ajoelhava e não se prostrava^b. ³Os servidores então a Mordekai: "Por que transgrides^c a ordem do rei?" ⁴Eles lhe falavam isso todos os dias; mas ele não os escutava. Então eles informaram^d Haman, para ver se as informações de Mordekai se sustentavam^e: com efeito, ele lhes revelara que era judeu. ⁵Vendo que Mordekai não se ajoelhava e não se prostrava diante dele, Haman se encheu de furor. ⁶Mas achava pouco erguer a mão apenas contra Mordekai, pois lhe tinham revelado qual era o povo de Mordekai. Haman procurou exterminar o povo de Mordekai, a saber, todos os judeus presentes em todo o reino de Xerxes. ⁷No primeiro

mês, isto é, no mês de nisan^f, no décimo segundo ano do rei Xerxes, tirou-se^g o Destino^h, isto é, à sorte, diante de Haman, passando de um dia a outro e de um mês a outroⁱ: duodécimo mês! isto é, o mês de adar^j.

⁸Então Haman disse ao rei Xerxes: "Há um povo particular, disperso e separado no meio dos povos em todas as províncias do teu reino. Suas leis são diferentes das de teu povo e eles não obedecem às leis reais. Não interessa ao rei deixá-los tranquilos^k". ⁹Se for do agrado do rei, escrever-se-á para os aniquilar. E contarei^l dez mil moedas^m de prata nas mãos dos funcionáriosⁿ para as fazer recolher ao Tesouro^o". ¹⁰Então o rei tirou seu anel^p do dedo^q e o deu a Haman, filho de Hamedata, o agaguita, opressor dos judeus.

¹¹Depois o rei disse a Haman: "O dinheiro te é entregue, e também o povo, para que dele faças o que te agradar." ¹²Foram então convocados os secretários reais no primeiro mês, no dia 13, e se escreveu, em total conformidade com as

x. Estes dois nomes se assemelham aos de duas divindades elamitas.

y. Agag foi o inimigo de Saul, que devia tê-lo feito morrer, mas o poupou; essa desobediência de Saul foi em seguida castigada com a sua rejeição (1Sm 15). Para o texto aramaico, a luta entre Haman e Mordekai corresponde às lutas entre Agag e Saul, entre Amaleq e Israel e até mesmo entre Esaú e Jacó.

z. Mesmo termo que *trono* em 1.2.

a. Ou os guardas do limiar de 2.21, ou os cortesãos que esperam que o rei apareça.

b. Homenagem devida ao rei e também aos altos funcionários. Se Mordekai se recusa a prestá-la, não é somente porque um descendente de Saul não poderia prostrar-se diante de um descendente de Agag, mas também porque aqueles diante de quem se deve ajoelhar são considerados detentores de caráter divino (cf. 3.4). A "oração de Mordekai" (texto gr. C 7) explica que foi para não elevar a glória de um homem mais alto do que a glória de Deus. Cf. Dn 6.6-11.

c. Cf. 1.19, nota.

d. Não do fato de Mordekai não se prostrar, o que Haman, sem dúvida, tinha visto; mas do fato de ser judeu, como o mostra o fim do v. — Outra tradução possível: *eles o denunciaram a Haman*.

e. Há ambigüidade. Pode-se compreender: *continuariam*, de sorte que Mordekai iria até o martírio, ou se *mostrariam válidas*, isto é, que seria reconhecida a pretensão de Mordekai segundo a qual deveria ser concedido aos judeus um direito especial na base de Ex 20.5 (cf. a situação dos judeus sob Antíoco IV Epifanes e sob o Império Romano).

f. Março-abril, data em que os deuses babilônios decidem a

sorte dos homens para o ano (e esse poder foi entregue a Marduk) e em que o Senhor libertou seu povo da escravidão do Egito (Páscoa).

g. Lit. *fez-se cair o Destino*. Não se trata de sortilégio, mas de lançar objetos para decidir as sortes. Sobre a importância do verbo *cair*, cf. 6.13.

h. O termo empregado no hebr. é a palavra assíria *pur*, de onde vem, segundo 9.26, o nome da festa judaica dos *Purim* (isto é, *Destinos*), cuja origem estaria neste livro de Ester. Marduk, após a sua luta contra o caos, adquirira dos outros deuses o poder de reter em mãos os destinos; assim Mordekai, após uma espécie de paixão e de luta, vai arrancar este poder do inimigo. Agora, não se trata mais do mito repetido a cada ano, mas do fato que, na história, o Senhor reivindica o poder de decidir o destino de seu povo e entrega a seu povo o destino dos homens.

i. Lit. *de dia a dia e de mês a mês*.

j. Fevereiro-março.

k. Há oposição entre essas leis reais e a Lei do AT, a revelação do Senhor. A atitude preconizada por Haman não foi a dos soberanos persas, mas a de Antíoco IV Epifanes.

l. Lit. *pesarei*.

m. Lit. *discos*, isto é "talentos"; maneira popular de se referir à moeda pela sua forma.

n. Lit. *executores da obra*. Não se trata dos assassinos, mas dos coletores.

o. Para indenizar o fisco, que não poderá mais receber os impostos dos judeus exterminados.

p. O anel, munido de sinete, é o símbolo e o instrumento do poder (cf. 3.12).

q. Lit. *mão*.

9.24;
Pr 16.33

Lv 26.33;
Dt 4.27

Dn 3.8-12;
Esd 4.19;
Sb 2.12-15;
At 16.20-21

7.4

8.2.8;
Gn 41.42

ordens de Haman, aos prefeitos reais, aos governadores de cada província e aos chefes de cada povo, a cada província segundo sua escrita e a cada povo segundo sua língua. Escreveu-se em nome do rei Xerxes e selou-se com o anel real. ¹³Depois, as cartas foram despachadas pelos mensageiros a todas as províncias reais, para exterminar, matar e aniquilar todos os judeus, jovens e velhos, crianças e mulheres, em um só dia, o 13 do décimo segundo mês isto é, o mês de adar, e para pilhar seus bens. ¹⁴Cópia do escrito seria promulgada como decreto em cada província e comunicada a todos os povos, para que estivessem prontos no dia marcado. ¹⁵A ordem do rei, os correios saíram com rapidez e o decreto foi promulgado em Susa-a-Cidadela. O rei e Haman sentaram-se para beber; e a cidade de Susa ficou enlouquecida^r.

4 Ester e seu povo. ¹Ao saber de tudo o que se passara, Mordekai rasgou suas vestes; revestiu-se de saco e cinzas^s, saiu para o centro da cidade e soltou um forte grito doloroso. ²Depois foi para diante da porta real, porque revestido de saco ninguém podia transpor a porta real^t.

³Ora^u, em cada província onde chegavam a ordem do rei e seu decreto, havia grande luto para os judeus: jejum, lágrimas, lamentações^v; saco e cinzas eram o leito de muitos^w.

⁴As moças^x de Ester e seus eunucos vieram pô-la ao corrente. A rainha teve uma crise de desespero. Depois ela enviou vestes para que Mordekai se vestisse e se despidisse do saco. Mas ele não

acceu. ⁵Então Ester chamou Hatak, um dos eunucos do rei, que ele pusera à sua disposição, e o mandou ir a Mordekai para saber o que se passava e por quê. ⁶Hatak saiu para encontrar Mordekai na praça da cidade que ficava em frente da porta real. ⁷Mordekai então lhe revelou tudo o que lhe acontecera e a quantia de dinheiro que Haman propusera pagar ao tesouro real em troca do aniquilamento dos judeus. ⁸Ele lhe entregou também uma cópia do texto do decreto promulgado em Susa para o extermínio deles, a fim de que o^y mostre a Ester, a ponha ao corrente e a mande ir para junto do rei, para pedir-lhe misericórdia e suplicar-lhe, em sua presença, por seu povo^z. ⁹Hatak veio pôr Ester ao corrente das palavras de Mordekai. ¹⁰Ester, então, mandou Hatak a Mordekai dizendo-lhe: ¹¹“Todos os servidores do rei e o povo das províncias reais sabem que, para qualquer homem ou mulher que vai para junto do rei no pátio interno, sem ser chamado, só há uma lei: condenação à morte — a menos que o rei estenda seu cetro de ouro, caso em que ele pode viver. Quanto a mim, faz trinta dias que não sou chamada à presença do rei...” ¹²Puseram Mordekai ao corrente das palavras de Ester.

¹³Então, em resposta a Ester, Mordekai disse: “Não te convenças^a que por estar no palácio, diferentemente de todos os judeus, tu escaparás. ¹⁴Porque, se nesta ocasião tu persistes em te calares, surgirão de outro lugar^b conforto e libertação para os judeus, ao passo que tu e tua família^c, vós sereis aniquilados. Ora, quem sabe se não foi para uma ocasião como esta que chegaste à realza^d...”

r. O mesmo termo indica a desorientação em Ex 14,3 e Jl 1,18.

s. Rito de luto.

t. Cf. Gn 50,4. O luto acarreta estado de impureza.

u. Este v. é a continuação de 3,15 e interrompe a continuidade entre os vv. 2 e 4. Entretanto, é natural que se fale de Mordekai, uma vez que a notícia é conhecida em Susa e que ele se cobre de luto antes dos judeus das províncias.

v. Originariamente ritos de luto que se tornaram sinais de dor, com o desejo, talvez, de inspirar compaixão a Deus, cf. 2Sm 12,16-21-23.

w. Lit. eram estendidos para muitos.

x. Cf. 2,9.

y. Falta o pronome no hebr.

z. Lit. de buscar a partir de sua face (do rei) a respeito do seu povo.

a. O reflexivo traduz o hebr. na tua alma. Sobre esta palavra (*néfesh* = alma, vida), cf. nota a Lm 1,11.

b. Deus não é nomeado, mas está misteriosamente presente para dirigir a história universal em torno do pivô de seu povo.

c. Lit. casa de teu pai.

d. Maneira discreta de falar da Providência, cf. Gn 45,7; 50,20.

¹⁵Para responder a Mordekai, Ester disse: ¹⁶“Vai reunir todos os judeus que se encontram em Susa e jejuai por mim: não comais, não bebais durante três dias, nem de dia, nem de noite”. Eu também, com minhas moças, jejuarei assim. Feito isso, a despeito da lei, irei para junto do rei; e se devo perecer, perecerei!”

¹⁷Mordekai se afastou* e fez como Ester lhe ordenara.

5 Ester junto do rei. ¹Ao fim de três dias, eis o que aconteceu. Ester pôs suas vestes reais e postou-se no pátio interno do palácio, defronte do palácio. O rei estava sentado no seu trono real, no palácio real, diante da porta de entrada. ²Quando o rei avistou Ester, a rainha, em pé, no pátio, ela suscitou sua benevolência: o rei estendeu a Ester o cetro de ouro que segurava na mão; Ester se aproximou e tocou a ponta do cetro.

³O rei lhe disse: “Que tens, Ester, ó rainha? Qual é o teu pedido? Até a metade de meu reino te será concedido”.

⁴Mas Ester respondeu: “Se for do agrado do rei, que o rei venha com Haman, hoje, ao banquete que organizei para ele.” ⁵O rei então disse: “Apressai Haman para que obedeça ao convite de Ester!” O rei veio com Haman ao banquete organizado por Ester. ⁶Ora, no fim do banquete^h o rei se dirigiu a Ester. “Qual é o teu desejo? Ele te será concedido! Qual é o teu pedido? Mesmo que seja a metade do meu reino, será feito!” ⁷Ester respondeu: “Meu desejo...? Meu pedido...? ⁸Se alcancei a benevolência do rei, e se for do agrado do rei conceder-me o pedido e realizar o meu desejo, que ele venha com Haman ao banquete que vou orga-

nizar para eles, e amanhã agirei segundo a ordem do rei!” ^{5,12,14; 7,1}

A força para Mordekai. ⁹Haman saiu nesse dia alegre e contenteⁱ. Mas quando Haman viu, à porta real, Mordekai que não se levantava e nem tremia diante dele, então Haman se encheu de furor^{3,5} contra Mordekai. ¹⁰Entretanto Haman se controlou e voltou para sua casa. Depois, mandou buscar^j seus amigos e sua mulher Zéresh. ¹¹Haman lhes contou sobre suas gloriosas riquezas, a multidão de seus filhos, tudo o que o rei fizera pela sua alta situação e como o elevava acima dos ministros e dos servidores do rei. ¹²Depois, Haman acrescentou: “Além disso, no banquete que ela organizou, Ester, a rainha, só a mim me fez vir com o rei. E amanhã também, eu é que sou convidado junto dela com o rei. ¹³Mas nada disso tem valor para mim, cada vez que vejo Mordekai, o judeu, sentado à porta real.” ¹⁴Então, Zéresh, sua mulher, e todos os seus amigos lhe disseram: “Que se faça uma força de vinte e cinco metros^m de altura, e amanhã de manhã dize ao rei para pendurar nela Mordekai; depois, alegre, vai ao banquete com o rei.” A coisa agradou a Haman e ele mandou fazer a força. ^{2,23; 7,9,10}

6 A honra de Mordekai. ¹Nessa noite o sono fugiu ao reiⁿ. Ele mandou que trouxessem o livro das memórias, os Anais, e fez-se a leitura diante do rei. ²Encontrou-se o texto em que Mordekai fazia revelações referentes aos dois eunucos reais, Bigtan e Téresh, guardas do limiar, que tentaram erguer a mão contra o rei Xerxes. ³Que honra, disse o rei, e que distinção foram concedidas a Morde-

e. Jejum mais severo do que em 2Sm 1,12; 3,35; Dn 10,2-3. f. Cf. Mt 16,25.

g. Lit. *passou*: ou simplesmente partiu, ou atravessou o rio que separa a cidade alta da cidade baixa.

h. Lit. *no banquete de vinho*, isto é, durante a segunda parte do festim, reservado à bebida e aos discursos.

i. Essa demora é uma nota psicológica: Ester tem medo. Mas é também um hábil manejo do “suspense”. Além disso, durante esse tempo vai se tratar de uma dupla elevação de

Mordekai — ao cadafalso (5,14) e à glória (6,11) —, por aquele mesmo que queria enforcá-lo. Assim se inicia o “reviramento”.

j. Lit. *bom de coração*, cf. 1,10.

k. Cf. 1,12.

l. Lit. *ele enviou e fez vir*.

m. Cf. 2,23 (lit. *madeiro*). Lit. *cinquenta côvados*. A grande altura da força a torna supremamente desonrosa (cf. Dt 21,22).

n. Lit. *o sono do rei fugiu*.

kai por isso?" Os cortesãos a seu serviço responderam: "Nada lhe foi concedido".

Gn 40,23;
Ecl 9,15

"O rei disse então: "Quem está no pátio?" — Ora, Haman viera ao pátio externo do palácio para dizer ao rei que pendurasse Mordekai na forca que mandara preparar para ele. "Os cortesãos disseram ao rei: "É Haman que está no pátio." O rei declarou: "Que entre!" "Haman entrou. O rei lhe disse: "Que se deve fazer a alguém a quem o rei deseja honrar?" Haman disse a si mesmo: "A quem mais do que a mim pode o rei querer honrar?" "Haman então respondeu ao rei: "Alguém a quem o rei deseja honrar?" "Tomar-se-á uma veste real que o rei tenha vestido", e um cavalo que o rei tenha montado e sobre cuja cabeça é posto um diadema real; "levar-se-á então a veste e o cavalo a um dos ministros nobres do rei; revestir-se-á o homem que o rei deseja honrar; e ele montará o cavalo ao longo da principal rua da cidade, e à sua frente será proclamado: Assim se faz ao homem que o rei deseja honrar!"

Pr 14,35

Pr 18,12;
Ab 3-4

Dn 5,29

IRs 1,33

Gn 41,43

"Então disse o rei a Haman: "Depressa! Toma a veste e o cavalo, como diseste, e faz isso a Mordekai, o judeu que está sentado à porta real; sem deixar cair nada de tudo o que propuseste!"

"Haman tomou a veste e o cavalo; revestiu Mordekai, o fez cavalgar ao longo da principal rua da cidade e proclamou à sua frente "Assim se faz ao homem que o rei deseja honrar!"

Pr 14,19

"Depois Mordekai retornou à porta real, enquanto Haman se precipitou para sua casa, abatido, de cabeça baixa". "Haman

7,8; IRs 21,4;
2Sm 15,30;
Jr 14,3

contou a Zéresh, sua mulher, e a todos os seus amigos tudo o que lhe acontecera. Seus sábios e sua mulher lhe disseram: "Se Mordekai, diante de quem tu começaste a decair", é da raça dos judeus, nada poderás contra ele, mas vais certamente continuar a decair diante dele!" "Estavam ainda falando com ele quando eunucos reais se apresentaram e se apressaram em levar Haman ao banquete organizado por Ester.

Dn 4,34;
Lc 1,51

7 A queda de Haman. "O rei e Haman vieram se banquetear com Ester, a rainha. "Neste segundo dia, ao fim do banquete, o rei tornou a dizer a Ester: "Qual é o teu desejo, rainha Ester? Ele te será concedido! Qual é o teu pedido? Mesmo que seja a metade do meu reino, será feito. "Em resposta, Ester, a rainha, declarou: "Se alcancei a tua benevolência, ó rei, e se for do agrado do rei, que me sejam concedidas a minha própria vida — este é o meu desejo — e a do meu povo — este é o meu pedido. "De fato, nós fomos vendidos, eu e meu povo, para o extermínio, para a matança, para a aniquilação! Se tivéssemos sido vendidos como escravos e como criadas, eu me calaria, porque tal opressão não mereceria que se importune o rei."

5,8.12.14

5,3.6;
9,12

2,9

2,10.20;
8,6
3,9

3,13

"Então o rei se dirigiu a Ester, a rainha, dizendo: "Quem é e onde está aquele que concebeu tal ação?" "Ester respondeu: "O opressor e o inimigo é Haman, esse perverso!" Haman ficou então transtornado diante do rei e da rainha. "No seu juror, o rei deixou o banquete para ir ao jardim do pavilhão. Haman ficou para

1,12;
7,10

o. Lit. *disse no seu coração* (cf. 4,13).

p. Esse manto é, assim, impregnado de um poder vital e é, ao mesmo tempo, a insignia real. Cf. 1Sm 24,6; 1Rs 19,19; 2Rs 2,8.13.14; Is 6,1 e também Mt 27,28-29.

q. *{No sentido de "negligenciar"}. Sobre *cair*, cf. 6,13 nota. r. Lit. *de tudo*.

s. Lit. *velada*. Mesmo termo que em 7,8, onde se lhe coloca um capuz para o suplício.

t. Trata-se de adivinhos (cf. 3,7), a menos que seja ironia para designar os amigos.

u. Isso não quer dizer que o ignorem; equivale a "pois que"

v. Lit. *cair*, três vezes aqui (6,10-13), já visto em 3,7 e 6,10,

e que se reencontrará em 7,8; 8,3.17; 9,2.3.24.

w. Ou então: *contra ela... diante dela*, a saber a *raça judaica*. Meu masculino em hebraico ao qual o pronome pode se referir, bem como a Mordekai.

x. Ou *opressor*, cf. 3,10; 8,1.11; 9,10.24 e aqui, mais adiante, v. 6.

y. Mesmo termo que *valor* em 5,13.

z. O sentido desta palavra é normalmente "injustiça, dano, prejuízo". Alguns entendem: *o opressor não poderia compensar o prejuízo causado ao rei*.

a. Lit. *encheu seu coração*.

b. Lit. *banquete de vinho*, cf. 5,6. O mesmo no v. seguinte.

c. Cf. 1,5.

pedir a Ester, a rainha, que salvasse a sua vida, pois ele via que, pelo rei, sua desgraça estava decidida. ⁸Quando o rei voltou do jardim do pavilhão para a sala^d do banquete, Haman estava prostrado^e sobre o divã em que estava Ester! De chofre, o rei disse: "Quer ele, ainda por cima, violar a rainha, estando eu na casa^f?" Uma ordem saiu da boca do rei e passou-se um capuz sobre o rosto de Haman. ⁹Ora, Harboná, um dos eunucos, disse em presença do rei: "Há justamente essa força que Haman mandou fazer para Mordekai, cuja palavra foi tão útil ao rei: ela se levanta a vinte e cinco metros de altura em casa de Haman." O rei disse: "Que o pendurem lá!" ¹⁰E Haman foi pendurado na forca que ele preparara para Mordekai^g. Então o furor do rei se acalmou.

⁸No mesmo dia, o rei Xerxes deu a Ester, a rainha, todas as posses^h de Haman, o opressor dos judeus. Além disso, Mordekai veio à presença do rei, pois Ester revelou a que ele era em relação a ela. ²Tirando o próprio anel, que retomara de Haman, o rei o deu a Mordekai. E Ester estabeleceu Mordekai sobre todas as posses de Haman.

Anulação das medidas contra os judeus.

³De novo Ester falou em presença do reiⁱ: ela caiu^j a seus pés, ela chorou, ela lhe suplicou que afastasse o mal querido por Haman, o agaguita^k, e o complô que ele tramara contra os judeus. ⁴O rei estendeu a Ester o cetro de ouro. Então Ester se reergueu e postou-se de pé dian-

te do rei. ⁵Disse ela: "Se for do agrado do rei, e se alcancei a sua benevolência — se isso convém ao rei e se eu lhe agrado — que se escreva para revogar^l as cartas do complô que Haman, o filho de Hamedata, o agaguita, escreveu para aniquilar os judeus de todas as províncias reais. ⁶Como poderei, com efeito, suportar a visão da desgraça que vai atingir o meu povo^m? Como poderei suportar a visão do aniquilamento de minha parentela?"

⁷O rei Xerxes respondeu a Ester, a rainha, e a Mordekai, o judeu: "Eis que dei todos os bens de Haman a Ester; ele foi pendurado na forca porque tinha levantado a mão contra os judeus". ⁸Por vosso turno, escrevei aos judeus como bem vos parecer, em nome do rei, e selai com o anel real. Pois um texto escrito em nome do rei e selado com o anel real é impossível de ser revogadoⁿ".

⁹Os secretários reais foram então convocados na mesma hora^o; é no terceiro mês, isto é, no mês de sivan^p, dia 23, que se escreveu, em total conformidade com as ordens de Mordekai, aos judeus, aos prefeitos, aos governadores e aos ministros das províncias, das cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até Kush, a cada província segundo a sua escrita, a cada povo segundo a sua língua e aos judeus segundo a sua escrita e a sua língua. ¹⁰Escreveu-se em nome do rei Xerxes e selou-se com o anel real; depois, as cartas foram expedidas através de mensageiros em carruagens da administração, com cavalos procedentes de

d. Lit. *casa*.

e. Lit. *caído*. Ainda o tema da queda, cf. 6.13.

f. A casa por excelência, isto é, o palácio. Poder-se-ia traduzir por "em minha casa".

g. Após a sua elevação de 3.1, a queda de Haman se exprime por uma elevação de tipo diferente.

h. Lit. *a casa*. Os bens de um condenado à morte tornavam-se propriedade do rei, cf. 1Rs 21.

i. Não faz ela exatamente o que se queria evitar em 1.18? (Mas o verbo é diferente.)

j. Cf. 6.13.

k. O hebr. produz aqui uma cacofônica sucessão de sílabas.

l. Lit. *fazer voltar*, cf. 1.19 (verbo diferente).

m. Em hebr. é a desgraça, quase personificada, que vai ao

encontro do povo.

n. A oposição faz um paralelo entre *rainha* e *judeu*, quase em equivalência.

o. Aquele que quis matar os judeus é tratado como aquele que quis matar o rei, cf. 2.21-23.

p. Lit. *fazer voltar*, cf. 1.19 (verbo diferente). É de se perguntar se esta observação é ainda da boca do rei ou se é do autor. Ela pode se referir ao primeiro escrito (3.9-14), que não pode ser anulado e que este segundo escrito vem contrabalançar, ou a este segundo mesmo, ou aos dois.

q. Lit. *nesse momento*, isto é, "imediatamente", a menos que se veja aí simplesmente a introdução à indicação da data que se segue.

r. Maio-junho.

égua selecionadas. ¹¹Eis o seu conteúdo: "O rei outorga aos judeus em todas as cidades permissão para se unirem, manterem-se em guarda^s, exterminarem, matarem e aniquilarem qualquer bando armado de um povo ou de uma província que os oprimir, crianças e mulheres, e para pilharem seus bens^t, ¹²em um só dia, em todas as províncias do rei Xerxes, no dia 13 do décimo segundo mês, isto é, adar^r. ¹³Cópia do escrito será promulgada como decreto em toda a província e comunicada a todos os povos, para que no dia marcado os judeus estejam prontos a se vingar de seus inimigos." ¹⁴À ordem do rei, os mensageiros em carruagens da administração saíram a toda pressa, com toda a velocidade; e o decreto foi promulgado em Susa-a-Cidadela.

¹⁵Mordekai saiu então de junto do rei com uma veste real de púrpura e de renda^v, uma grande coroa^w de ouro e um manto de linho e de tecido escarlate. A cidade de Susa gritava e se alegrava. ¹⁶Para os judeus era luz e alegria, júbilo e honra. ¹⁷Em cada província e em cada cidade onde chegavam a ordem do rei e seu decreto, era alegria e júbilo para os judeus, era o banquete e a festa^x. Muitas pessoas da terra se tornavam judias^y, pois o terror dos judeus caía^z sobre elas.

9 Execução dos inimigos. ¹No décimo segundo mês, isto é, adar, no dia 13, dia em que se devia executar a ordem do rei e seu decreto, e em que os inimigos dos judeus esperavam dominar sobre eles, houve uma inversão da situação^a: os ju-

deus é que dominaram sobre aqueles que os detestavam. ²Os judeus se uniam em suas cidades, em todas as províncias do rei Xerxes, para levantar a mão contra os que procuravam lhes fazer mal. Ninguém se mantinha^b diante deles, pois o terror deles caía sobre todo mundo. ³E todos os ministros das províncias, os sátrapas, os governadores e os funcionários do rei apoiavam os judeus, porque o terror de Mordekai caía sobre eles. ⁴Sim, Mordekai era grande^c no palácio, e sua reputação se espalhava por todas as províncias. Sim, esse homem, Mordekai, ia crescendo.

⁵Os judeus feriram então todos os seus inimigos a golpes de espada, matando e aniquilando. Fizeram o que bem quisessem com aqueles que os detestavam. ⁶Em Susa-a-Cidadela, os judeus mataram e aniquilaram quinhentos homens;

⁷e Parshandata, e Dalfon,

⁸e Aspata, e Porata,

⁹e Adaliá, e Aridata,

¹⁰e Parmashtá, e Arisai,

¹¹e Aridai e Vaizata^d,

¹²os dez filhos de Haman, o filho de Hamedata, o opressor dos judeus, eles os mataram. Mas não procuraram meter a mão nos despojos^e. ¹³No mesmo dia^f, o número dos mortos na cidadela de Susa chegou ao ouvido do rei.

¹⁴O rei disse, então a Ester, a rainha^g: "Em Susa-a-Cidadela", os judeus mataram e aniquilaram quinhentos homens mais os dez filhos de Haman. O que não devem ter feito no resto das províncias reais! Mas qual é o teu desejo? Ele te

3,13;
9,5,10,15,16;
Jc 27,13-23;
Sl 109,16;
137,8;
Jr 50,29;
Ez 39,10;
Ap 18,6;
3,13;
9,1

3,15;
Pr 29,2

9,27;
Ex 12,49;
Is 56,3,6
9,2

3,13; 8,12

8,11;
2Sm 22,41;
Sl 18,41

8,17

2Sm 22,44;
Sl 18,44

8,11;
9,15-16;
Sl 30,12;
Pr 11,10

5,11

8,11; 9,15
Jr 15,7,11

s. Lit. *manter-se sobre suas almas*, que se pode compreender também "defender sua vida", "se defender".

t. Não se trata de massacre, mas de legítima defesa. *Crianças e mulheres*: como em 3,13.

u. Fevereiro-março. Assim o segundo decreto anula o primeiro, levando a destruir os destruidores. É curioso que a data seja a mesma que em 3,13 (o que conduz à guerra civil) e não a véspera; mas sem dúvida se trata, assim, de legítima defesa, com os judeus atacando só os que lhes são hostis.

v. Mordekai está vestido como um palácio, cf. 1,6.

w. Melhor que em 1,11; 2,17; 6,8, onde se trata de um *diadema*.

x. Lit. *bon dia*, expressão utilizada para designar um dia de festa.

y. Imitadores ou convertidos (cf. 9,27).

z. Cf. 6,13, nota.

a. Cf. 9,22. Termo muito forte, empregado, por exemplo, para Sodoma (Gn 19,21, onde se traduziu *devastar*).

b. Resistir ou subsistir.

c. Cf. 3,1. Lembra as histórias de José e de Daniel.

d. Tradicionalmente, os mss. dispõem esses nomes em forma de tabela.

e. Malgrado a permissão do rei (8,11), os judeus não matam para se enriquecer, mas somente para se defender. E, provavelmente, a tomada dos bens pelo fisco compensará o Estado da perda dos impostos (cf. 3,9). O gr. não tem aqui a negação, mas a apresenta em 9,15-16.

f. Talvez seja a fórmula escatológica *naquele dia*, diferente de 3,14 e 8,13 (cf. Os 1,5 nota).

g. Não se diz como Ester veio à presença do rei.

5.3.6: será concedido. Qual é ainda o teu pedido? Será feito!" ^{7.2} ¹³Ester respondeu: "Se for do agrado do rei, que amanhã seja concedido aos judeus de Susa que ajam segundo o decreto em vigor hoje, e que pendurem os dez filhos de Haman na forca." ^{7.9-10} ¹⁴"Assim seja feito", disse o rei. O decreto foi promulgado em Susa. Os dez filhos de Haman foram pendurados na forca. ¹⁵Os judeus de Susa se reuniram, portanto, também no dia 14 do mês de adar^h. Em Susa eles mataram trezentos homens; mas não meteram a mão nos despojos.

8.11;
9.5,10,16

¹⁶Quanto aos outros judeus das províncias reais, eles se reuniram, mantendo-se em guardaⁱ, obtendo repouso de seus inimigos e matando 75.000 dos que os detestavam; mas não meteram a mão nos despojos. ¹⁷Era o dia 13 do mês de adar; no dia 14 eles repousaram e fizeram dele um dia de banquete e de alegria^j, ¹⁸enquanto os judeus de Susa, que se tinham reunido nos dias 13 e 14, repousaram no dia 15, do qual fizeram um dia de banquete e de alegria. ¹⁹É por isso que os judeus rurais, que habitam as aldeias rurais^k, fazem do dia 14 de adar um dia de alegria, de banquete, de festa, enviando porções^l uns aos outros.

9.22;
Ne 8,12;
Ap 11,10

Instituição da festa. ²⁰Mordekai pôs essas coisas por escrito e enviou cartas a todos os judeus de todas as províncias do rei Xerxes, tanto às mais distantes como às mais próximas. ²¹A fim de instituir para eles a celebração anual do dia 14 do mês de adar, assim como do dia 15 — ²²como dias em que os judeus obtiveram de seus inimigos o repouso^m e mês em que houve

para eles a inversão da situação, a passagem do tormento para a alegria, do luto para a festa —: fazia deles dias de banquete e de alegria, com envio de porções uns para os outros e de presentes para os pobres. ²³Os judeus aceitaram a tradição do que tinham começado a fazer e do que Mordekai lhes escrevera: ²⁴que Haman, filho de Hamedata, o agaguita, opressor de todos os judeus, tinha combinado, contra os judeus, aniquilá-los; que ele tirara o Destino, isto é, à sorte, para os perturbarⁿ e os aniquilar; ²⁵mas que, quando isto chegara diante do rei, este havia declarado, por escrito, que o complô maldoso que Haman tramara contra os judeus recairia^o sobre a sua cabeça e que ele seria pendurado na forca, ele e seus filhos^p.

Sl 30,12;
Pr 11,10
9,19

3,7

3,5-15;
6,5-13

²⁶É por isso que esses dias são chamados "Destinos"^q, da palavra Destino. Por isso, por causa de todos os termos dessa missiva, do que eles viram acerca deste assunto e do que lhes sucedera, ²⁷os judeus fizeram deles uma instituição e aceitaram-na para si mesmos, para a sua descendência e para todos os seus adeptos^r: não se deixará de observar^s, cada ano, esses dois dias segundo suas prescrições e segundo suas datas. ²⁸Esses dias são comemorados e observados de geração em geração, em cada família, cada província, cada cidade. Esses dias dos Destinos não se apagarão entre os judeus e a sua comemoração não terá fim na raça dos judeus.

Sl 77,12-16;
105,5;
145,4-7
2,15

²⁹Ester, a rainha, filha de Abihail, e Mordekai, o judeu^t, escreveram muito insistentemente para confirmar^u essa missiva dos Destinos. ³⁰E foram enviadas cartas a todos os judeus, às cento e

h. Fevereiro-março. No dia 13, comemorava-se a vitória de Judas Macabeu sobre o general Nikanor (*1Mc* 7,48-49; *2Mc* 15,36). Tentou-se, então, deslocar Purim um dia. Mas o "dia de Nikanor" caiu no esquecimento e a celebração dos Purim tem sido feita não mais a 14 ou 15, mas a 14 e 15.

i. Cf. 8,11 nota.

j. Cf. 1,3 e 8,16-17.

k. Judeus dispersos, habitando cidades abertas.

l. Cf. 2,9 nota ("dieta").

m. Cf. 9,16.

n. No hebraico existe assonância entre o nome de Haman e o

verbo "perturbar", bastante fraco, aliás, para designar a ameaça de destruição do povo.

o. Lit. *retornaria*.

p. Segundo 9,10,13, é depois de mortos que os filhos foram pendurados na forca com o pai.

q. "Purim", cf. 3,7 nota.

r. Cf. 8,17.

s. Cf. 9,21.

t. Sobre o paralelismo, cf. 8,7.

u. Lit. *instituir esta missiva dos Purim, a segunda*. Houve quatro cartas: a primeira, de Haman (3,13); a segunda, de

vinte e sete províncias reais de Xerxes: palavras de paz e de fidelidade.³¹ instituindo esses dias dos Destinos, nas suas datas, assim como os tinham instituído para eles Mordekai, o judeu, e Ester, a rainha; eles tinham instituído para si mesmo³² e para a sua descendência, ordenando jejuns e clamores³³.³² A palavra de Ester instituiu as ordenações referentes aos Destinos. Isso foi inscrito no³⁴ Livro.

\$1 85,9;
122.6.8;
Is 32.17-18

10 Conclusão. 'O rei Xerxes fixou um imposto valendo para o con-

tinente e para as ilhas do mar.² Todos os seus atos de poder e de bravura, assim como os detalhes da grandeza de Mordekai³ a quem o rei havia dado uma alta situação, essas coisas não estão inscritas no livro dos Anais dos reis da Média e da Pérsia? ³Sim, Mordekai, o judeu, era o segundo do reino, depois de Xerxes. Para os judeus, ele era um grande homem, amado pela multidão de seus irmãos, que buscava o bem de seu povo e declarava a paz para toda a sua raça.

2,23

3,1

Ne 2,10;
9,30

Mordekai (8,5-13); a terceira, de Mordekai (9,20-22); a quarta, de Mordekai e Ester (9,29). As duas últimas cartas têm a mesma finalidade: instituir a festa dos Purim. A de Ester é, portanto, a segunda relativa a essa instituição; ela institui pela segunda vez, quer dizer, confirma a primeira carta dos Purim.

v. Lit. para suas "almas". A instituição diz respeito não somente a Mordekai e Ester, mas ainda a todos os seus contemporâneos. E a continuação a estende à posteridade.

w. É o mesmo termo que para grito (em 4,1); é diferente dos gritos de alegria de 8,15. Trata-se de luto (cf. 4,16): não é ainda

o transbordamento da liturgia moderna dos Purim, que é, entretanto, iniciada em 9,17-19,22.

x. É preciso enfatizar o artigo? Não se trata do livro de Ester, mas provavelmente de outro livro, ao qual se faz alusão em 10,2 e que não poderia ser o livro dos Anais de 2,23 e 6,1, inacessível ao público. Há de ser, provavelmente, uma obra judaica relativa à história dessa época, a menos que a fórmula seja simplesmente copiada do esquema clássico do livro dos Reis (p. ex. 1Rs 14,19,29).

y. Os detalhes da grandeza de Mordekai: outra tradução: o decreto pelo qual elevou Mordekai (à nobreza).

DANIEL

INTRODUÇÃO

O livro de Daniel é único em seu gênero no Antigo Testamento. A Bíblia hebraica incluiu-o no grupo dos "Escritos", após os cinco "rolos" (encerrados por Ester) e antes de Esdras. Só este fato já bastaria para assinalar seu caráter tardio. Os manuscritos da Septuaginta, ao contrário, situam-no após Ezequiel, no grupo dos profetas.

Estrutura do livro de Daniel. 1. Daniel na Bíblia hebraica. Na Bíblia hebraica, cujo texto consonântico fixou-se no final do séc. I de nossa era pelos doutores judeus de Iabnê (Jâmnia) e vocalizada a seguir, o livro continha doze capítulos escritos em duas línguas diferentes: de 1,1 a 2,4a, em hebraico; a seguir, de 2,4b a 7,28, em aramaico; finalmente, de 8,1 a 12,13, em hebraico. A explicação mais simples é que uma coletânea aramaica (caps. 2-7) foi completada por capítulos finais e uma introdução em hebraico. O editor final reagrupou os materiais em duas seções distintas: 1) relatos (caps. 1-6) que têm como herói Daniel (caps. 2, 4 e 6), seus três companheiros (cap. 3) ou as quatro personagens juntas (cap. 1); 2) visões concedidas somente a Daniel (caps. 7-12). Em cada uma das duas seções, os trechos seguem uma ordem cronológica. Mas este é um artifício literário, que nada indica de sua data de composição. O autor não conhece com precisão a história do Oriente Antigo entre o reinado de Nabucodonosor e o de Ciro; ele faz de Belshazsar (o Baltasar de muitas de nossas Bíblias) o filho de Nabucodonosor; põe entre ele e Ciro, o Persa, certo Dario, o Medo, que a documentação antiga ignora. Este fato convida a não ler o livro como uma coletânea histórica, mas procurar seu valor em outros planos.

2. Daniel na Bíblia grega. O judaísmo de língua grega legou à Igreja antiga duas versões diferentes de Daniel, a da Septuaginta e a de Teodocião. Ambas acrescentam ao texto trechos substancialmente idênticos: elas inserem no cap. 3 dois textos litúrgicos adaptados a este quadro narrativo (a oração de Azarias e o cântico dos três jovens);

acrescentam, antes ou após o livro, a história de Susana e, no final, os episódios de Bel e do Dragão. Todavia, as duas versões estão em situações diferentes em relação ao texto da Bíblia hebraica. A Septuaginta difere consideravelmente da Bíblia hebraica, sobretudo nos caps. 4-6. Pode-se perguntar se o texto traduzido não seria um original semítico diferente do texto atual. Teodocião, ao contrário, mantém-se muito próximo deste, do qual ele constitui uma testemunha lateral bastante antiga. No Novo Testamento, as citações de Daniel seguem ora a Septuaginta, ora (na maioria das vezes) Teodocião. Os trechos litúrgicos acrescentados ao texto primitivo no cap. 3 baseiam-se provavelmente num original hebraico. Isto é igualmente verossímil para a história de Susana e os episódios de Bel e do Dragão, onde esse original pode ter comportado duas recensões (ou formas textuais) diferentes.

O texto da Bíblia hebraica, fixado por volta de 90 de nossa era, não manteve essas adições. Isto teve repercussões sobre uso do livro na Igreja. Não somente a antiga versão grega foi logo a seguir suplantada pela de Teodocião, como o mostra o primeiro comentador do livro, Hipólito de Roma; mas a autoridade das passagens gregas ausentes da Bíblia hebraica viu-se contestada, notadamente por São Jerônimo. Este jogou em apêndice a história de Susana (cap. 13) e os episódios de Bel e do Dragão (cap. 14), ao passo que deixava no mesmo lugar os trechos litúrgicos do cap. 3. A canonicidade destas passagens é mantida pela Igreja católica, mas não pelas Igrejas oriundas da Reforma. Em razão desta discussão, elas figuram aqui em *itálico*, no lugar onde as coloca a Vulgata latina de São Jerônimo.

Data do livro e origem do seu material. 1. A redação e as edições sucessivas. O livro se apresenta ao leitor como obra de um profeta contemporâneo do cativeiro da Babilônia. Nesta perspectiva ele era lido pelos doutores judeus e na tradição cristã antiga. Todavia, desde o séc. III, a crítica pagã (Porfírio) via nele um livro escrito

no tempo de Antíoco Epifanes (175-164). Com efeito, é preciso constatar que a grande visão dos capítulos 10-11 demarca passo a passo a história do Oriente Próximo e do judaísmo até 164. Em seguida (11,40s.), passa-se a uma mensagem de esperança, escrita em estilo convencional, que desenhoca no juízo final e na ressurreição dos mortos (12,1-4). Esta mensagem corresponde muito bem aos problemas espirituais com os quais o judaísmo então se defrontava. Isso explica por que Daniel não é mencionado pelo Sirácida (por volta de 190-180), entre os profetas de Israel (Sr 48,22; 49,7-8.10). Em contrapartida, o livro é conhecido pelo autor do primeiro livro dos Macabeus, entre 134-104 (1Mc 1,54 = Dn 9,27 e 11,37), e sua primeira versão grega é até mesmo utilizada pelo livro III dos Oráculos Sibílinos (por volta de 145-140). O autor conhece a profanação do Templo, em 7 de dezembro de 167 (cf. 11,31), a condenação à morte dos judeus fiéis (11,33), a revolta dos Macabeus e os primeiros êxitos de Judas (alusão de 11,34), em 166. Se ele não dá nenhuma indicação precisa sobre a morte do rei perseguidor (acontecida no outono de 164), ele faz alusão à purificação do Templo (14 de dezembro de 164). Pode-se pois situar a composição do conjunto em 164. Um versículo enigmático do final (12,12, cf. 12,9) deixa talvez entender que sua edição se deu pouco depois do restabelecimento do culto no Templo purificado. Seria então o início de 163. Um remanejamento literário — talvez efetuado em hebraico para os capítulos 2-7, mas atualmente perdido —, deve ter acontecido antes que fosse feita a antiga versão grega (por volta de 145).

Muitos detalhes do livro aludem aos eventos contemporâneos: pressão das autoridades pagãs para forçar os judeus a romper as interdições alimentares da Lei (1,5-8; cf. 2Mc 6,18-31); obrigação de praticar a idolatria (3,1-12) e do culto prestado ao soberano divinizado (6,6-10), acarretando para os judeus o risco do martírio (3,19-21 e 6,17-18). Anúncio profético da morte do perseguidor (5,22-30; 7,11.24-26; 8,25; 9,26-27; 11,45). Se o autor não dispensa mais que restrita atenção à revolta militar dos Macabeus (11,34), é porque conta com uma intervenção direta de Deus para inverter a situação, estabelecer seu reino e salvar seu povo. Essa atitude corresponde à dos assídeos (hasidim), que se retiraram para o deserto, antes

de se aliar a Judas Macabeu (cf. 1Mc 2,28-38.42-43). O autor provavelmente pertence a esse meio.

2. A origem das tradições recolhidas. O livro que assim se constituiu recolheu também materiais preexistentes, alguns dos quais talvez já em forma escrita. O cap. 2 parece aludir à política dos casamentos praticada seja por Antíoco II (por volta de 252), seja por Antíoco III (após 194) (cf. Dn 2,43); o modo como ele apresenta a sucessão dos impérios parece ignorar a crise de 168-166. No cap. 7, o quarto Animal, que representa o império grego, possui dez chifres (= dez reis). A menção a um décimo primeiro chifre é provavelmente uma adição, que aplica ao rei perseguidor um oráculo mais antigo (7,24b-25). A loucura e a conversão de Nabucodonosor (cap. 4), diretamente ligadas ao capítulo 2 (4,4-6, cf. 2,48), constituem da mesma maneira um relato independente que parece anterior a 168. O autor o tomou, pois, de um repertório de relatos tradicionais, dos quais alguns já tinham recebido uma forma literária determinada, enquanto outros ainda dependiam da tradição oral.

Tudo indica que se deve procurar a origem dessa tradição nas comunidades judaicas de Babilônia, onde as antigas práticas cultuais da Caldéia, que entraram sucessivamente em contato com as civilizações persa e grega, eram muito mais conhecidas do que na Judéia. Acrescentemos que palavras persas e até mesmo gregas são encontradas no vocabulário hebraico e aramaico do livro. Explica-se muito bem que, nesse quadro, a lembrança de Nabucodonosor tenha permanecido mais viva que alhures (cf. caps. 2-4), absorvendo de passagem algumas reminiscências da personagem de Nabônides (cf. as notas ao cap. 4). Um texto aramaico de Qumran conserva um relato paralelo a este episódio, cujo herói é o rei Nabunai. Ademais, o episódio de Daniel na cova dos leões é retomado sob duas formas: em aramaico, no tempo de Dario (cap. 6), e em grego, no tempo de um rei não-nomeado (Septuaginta), ou no tempo de Ciro (Teodocião) (cap. 14,1-30). Constatase assim que a tradição oral conhecia variantes, sem que, por isso, os compiladores se sentissem tolhidos. Por outro lado, a tradição do festim de Belshasar (cap. 5) é um tema que Heródoto não ignorava (Investigação, 1,191), atribuindo-o todavia ao rei Labynetos (= Nabonides). Todos esses

elementos nos remetem a uma pré-história do livro, que infelizmente não se pode rastrear à risca até a época persa e ainda menos até o tempo do Exílio. Daniel e os seus três companheiros, provavelmente aproximados no livro por iniciativa de seu autor, pertencem à tradição oral do judaísmo oriental, sem que se possa saber muito mais sobre a origem histórica dessa mesma tradição.

Então, não seria apropriado traçar, com base no livro tal qual se apresenta, uma "biografia" do "profeta Daniel". Os diversos relatos que o trazem à cena eram originariamente independentes uns dos outros. Situando-os de modo convencional sob o rei Nabucodonosor (caps. 1-4) e Belshasar seu filho (caps. 5 e 7-8), e depois sob Dario, o Medo (caps. 6 e 9), e Ciro, o Persa (caps. 10-12), o autor final esboçou a carreira de um jovem judeu que, deportado em 606, teria sido escolhido para se tornar pajem real com seus três companheiros (cap. 1). Sua habilidade para a interpretação de sonhos o teria feito entrar na administração (cap. 2), onde os quatro jovens teriam seguido uma carreira brilhante até o início do império persa, a despeito das crises passageiras nas quais suas vidas teriam sido postas em perigo (cf. 3,6 e 14). Uma carreira administrativa nada tinha de impossível para judeus deportados. Mas fazendo Daniel aceder à condição de primeiro ministro (cap. 6) ou mesmo governador de província e chefe dos "sábios" (cap. 2,48-49; 3,12; 4,6; 5,11), o narrador ultrapassou largamente as margens da verossimilhança. Na verdade seu objetivo era de outra ordem que a da narração histórica.

Os gêneros literários no livro de Daniel. A forma literária de um texto é sempre determinada por dois elementos: a função que ele desempenha na comunidade para a qual é escrito, e as convenções em uso no meio cultural que o cerca. Devolvido ao contexto de seu tempo, o livro de Daniel apresenta uma combinação original de dois gêneros que a literatura judaica empregou com predileção nessa época: a narrativa didática (a *haggadá*) e o apocalipse.

1. As narrativas didáticas. A narrativa didática constitui um processo pedagógico a serviço de uma lição teológica, moral, sapiencial etc. Para compreender o alcance do texto, é necessário

detectar a sua "ponta", um pouco como na interpretação de uma parábola. O herói da narrativa, suas provações, seus comportamentos etc. são apresentados de tal maneira que o leitor tira daí uma mensagem edificante, reconfortante, de fé, em relação com as necessidades espirituais de sua época. O enfrentamento do judaísmo e das civilizações pagãs que o cercam pôs aos crentes, durante a época helenística, toda sorte de problemas. Estes se tornaram agudos na Judéia, quando o império greco-sírio quis impor à força uma helenização para qual alguns membros da aristocracia local já estavam conquistados. É nessa perspectiva que é necessário situar-se para ler Dn 1; 3-6; 13-14. Ora a conduta de Daniel e de seus companheiros é exaltada como um exemplo a seguir (caps. 1; 3; 6); ora a loucura e o orgulho humano ou do paganismo sacrílego são denunciados com vigor (cap. 4 e 5) ou com ironia (cap. 14). Mesmo se a narração encontra seu ponto de partida em alguma reminiscência histórica, ela não é propriamente histórica.

2. Os textos apocalípticos. A partir do Exílio, a literatura profética foi cada vez mais marcada pela dupla preocupação com o julgamento de Deus e com a Salvação que o seguirá. Essa preocupação "escatológica" foi acompanhada por uma transformação progressiva das formas literárias empregadas para responder a ela. Em um contexto cultural em que a adivinhação e a revelação das coisas ocultas ocupavam um lugar importante, a escatologia assim tomou lugar numa literatura de "revelação" (é o sentido do vocábulo grego *apokalypsis*). Pode-se seguir a trajetória dessa evolução. Ezequiel e Zacarias já tinham recorrido à modalidade de expressão em que a visão e sua explicação por um anjo-intérprete se tornam uma convenção literária habitual. Após o Exílio, Zc 13-14 e Is 24-27 — composições devidas a autores anônimos — punham em cena a crise final da história. No término desse processo, a literatura apocalíptica retoma os mesmos procedimentos, servindo-se freqüentemente de um estilo de reminiscências bíblicas, para apresentar uma mensagem adaptada às necessidades dos tempos novos. Como a mensagem mui freqüentemente tinha por objeto a interpretação teológica da história, coroada no seu término por um anúncio do Fim, os autores a punham na boca de um homem do pas-

sado, a fim de tomar distância com relação a seu tempo: quem lhe empresta o nome é Daniel, ou Henoc; mais tarde será Moisés, Esdras, os patriarcas, Baruc, Adão... A pseudonímia torna-se uma lei essencial do gênero. Por esse meio, os autores podem unir em uma única composição a decifração teológica de um passado que culmina no momento em que eles escrevem, e o anúncio do termo para o qual caminha o desígnio de Deus. Todavia, se o gênero apocalíptico se liga, de algum modo, aos profetas mais antigos, ele se distingue deles nitidamente em pontos essenciais. A mensagem de reconforto e o anúncio do Julgamento divino não são mais acompanhadas, como outrora, de apelos prementes à conversão. A revelação oferecida aos crentes se apresenta antes como uma sabedoria vinda do alto. Enquanto as narrativas didáticas terminam em conselhos para a vida prática, esta sabedoria revelada faz conhecer os desígnios secretos de Deus, nos quais a vida prática deve se inserir.

No livro de Daniel, toda a segunda parte (cap. 7 a 12) deriva integralmente do gênero apocalíptico, com variantes na expressão. Mas seus temas essenciais são apontados desde a primeira parte, seja no sonho de Nabucodonosor, que Daniel interpreta (cap. 2), seja no sonho da grande árvore que figura o julgamento do rei (cap. 4), seja na decifração da inscrição que Belshasar vê ser traçada na parede de seu palácio (cap. 5). Esse recurso constante às visões e aos sonhos apresenta um paralelismo inegável com a literatura de adivinhação da qual o paganismo daquele tempo era grande apreciador; mas esse parentesco das formas tem como finalidade opor a impotência da adivinhação pagã à autenticidade da profecia, cuja fonte é a Sabedoria e Espírito de Deus (cap. 2; 4; 5). Quando Daniel se torna beneficiário das visões simbólicas, um anjo intervém para lhe desvendar o sentido daquilo que ele viu: os quatro animais e o Filho do homem (cap. 7), o Carneiro e o Bode (cap. 8), e finalmente o grande afresco que delinea a história desde a época persa até 164 (caps. 10-12). Até mesmo uma vez, é um texto da Escritura que é tratado como revelação críptica do futuro: a interpretação dos setenta anos de Jr 25,11-12 e 29,10 é proposta com o auxílio de uma técnica particular que apresenta afinidades com a interpretação das visões e dos sonhos. Esse modo de expressão literária é particularmente

difícil e complexo, exigindo explicações pormenorizadas.

Os grandes temas doutrinários do livro

1. Elementos fundamentais da fé e da vida religiosa. O livro de Daniel é profundamente tradicional, mas encara com lucidez os problemas postos por seu tempo. Em face das civilizações pagãs, onde pululam os deuses (5,4), onde se presta culto às suas estátuas (2,3), onde animais sagrados são adorados (14,23), onde finalmente o próprio rei exige honras divinas (6,8), o monoteísmo de Israel afirma-se com vigor. Não somente ele elabora uma apologética, aliás pouco profunda, para combater o paganismo (cap. 14), mas sobretudo exalta a grandeza de uma fé pela qual se deve aceitar o risco de morrer (cap. 3; 5; 14,29ss.). Em um universo desmitizado, onde todas as criaturas cantam a glória do Deus único (3,52-90 gr.), as próprias potências políticas devem reconhecer o domínio soberano de Deus (4,31-32; 5,22-23), porque é dele que elas recebem seu poder (4,22b.29b; 5,18-19). Ele é o único senhor do tempo e da história, o único revelador dos segredos que apenas ele detém (2,20-23). Para evocar sua presença, a linguagem da fé recorre a representações simbólicas em que subsistem os vestígios de antigas mitologias despojadas de seu veneno: Deus é um Ancião sem idade, cercado por uma corte de servos (7,9-10). Neste ponto, a representação do mundo angélico tende mesmo a se complicar, ao tomar de empréstimo traços novos à simbologia iraniana. Não somente o Anjo do Senhor intervém para salvar os três jovens na fornalha (3,49.92 gr.) e Daniel na cova dos leões (5,23); não somente a chave das visões e dos sonhos pelos quais Daniel é favorecido lhe é fornecida por um anjo-intérprete, como em Ezequiel e Zacarias (7,16ss.; 9,16ss.; 9,21; 10,9-11,2; 12,6ss.); mas é por intermédio desses seres sobrenaturais que Deus governa o mundo e assegura o cumprimento de seus planos (4,14; 10,13.20s.; 12,1). Assim Deus se esconde, mas sua presença é reconhecida, como também sua ação nos acontecimentos maravilhosos que se dão sem a intervenção de mão humana (2,34.45; 3,11-13.20-22; 5,5; 8,25b).

Fundado na revelação que recebeu de Deus, o judaísmo organiza sua vida prática em função da

Lei. Esta é a razão pela qual ele insiste tanto nas prescrições legais, lá onde os pagãos não compreendem o sentido (p. ex., em matéria de proibições alimentares: 1,8). A Lei não regula apenas a organização do direito (13,62), mas dá um sentido a todas as obrigações morais e culturais (3,18.41; 13,23). Ela determina o calendário das festas, que nenhum poder humano tem o direito de mudar (7,25b). Ela fornece um quadro para a oração que, mesmo em terras de exílio, se dobra aos ritmos e às posturas fixados pelo costume (6,11). Formulários de orações já existem em grande número: as passagens líricas do livro imitam sua fraseologia (2,20; 3,33; 4,34b; 6,27s.; 7,27b); o texto hebraico e as adições gregas conservam até mesmo duas orações penitenciais (3, 25-45 gr.; 9,4-19) e um cântico (3,52-90 gr.), que são modelos do gênero; sem contar as orações privadas, mais diretamente ligadas às diversas circunstâncias da vida (13,42s.). A oração cristã não terá nenhuma dificuldade em retomar esses formulários adaptando-se às novas perspectivas abertas pelo Evangelho. Em uma civilização sincretista onde o helenismo absorve as culturas e as religiões orientais, o judaísmo consegue assim salvaguardar sua originalidade. Não somente o livro de Daniel toma consciência disso, mas ele exalta a seu modo essa situação, única em seu gênero: ele insiste no sucesso excepcional dos judeus fiéis (cap. 1; 2,48; 3,30; 5,29), mostra neles os salvadores das sociedades nas quais estão integrados, e não hesita nem mesmo em considerar a conversão dos reis pagãos, que então proclamam a grandeza do verdadeiro Deus (2,46-47; 3,31-33; 4,34; 6,27-28). Essa perspectiva é a do proselitismo, que, na mesma época, se esforça por atrair os pagãos para o Deus de Israel, a ponto de às vezes, integrá-los no povo da aliança levando-os a observar sua lei.

2. Teologia da história. Deus realiza seu plano misterioso através da história. O universalismo de Jeremias (Jr 25) e da mensagem de reconforto (Is 41,25-29; 45,1-6) atinge agora toda a sua amplitude. Para o apresentar de modo concreto, o autor mostra na história do Oriente Próximo uma sucessão de impérios cujo enfrentamento parece esmagar o povo de Deus. No sonho da estátua (cap. 2) como na visão dos quatro Animais e do Filho do Homem (cap. 7), o advento sucessivo

dos impérios babilônio, medo, persa e grego é evocado com o auxílio de uma representação convencional, que não constitui o essencial da mensagem. Certo pessimismo domina esta visão das coisas, porque, de crise em crise, essa história manifesta uma degradação progressiva, um crescimento do Mal na humanidade cortada de Deus: a estátua com a cabeça de ouro é um colosso com pés de argila (cap. 2) e o quarto Animal sobrepuja por seus malefícios aqueles que o precederam (cap. 7). A história humana é um mistério de pecado, que caminha para seu ponto culminante. Ela é também o lugar onde se afrontam as Potências benéficas (Deus e seus anjos, cuja sustentação não poderia faltar ao "povo dos Santos do Altíssimo") e das Potências adversas que se encarnam de algum modo nos impérios pagãos (cf. 10,13; 10,20-11,1). É por esta razão que ela está em marcha para um julgamento final do qual aparecem várias representações simbólicas: queda da estátua (2,44s.), morte de Belshazar (5,24-30), morte do Animal (7,11.24-26), destruição do Bode (8,23-25), fim do Desolador (9,27) que é também o rei perseguidor (11,40-45). Esse anúncio do Julgamento está diretamente ligado às circunstâncias trágicas do reino de Antíoco Epifanes. Mas por trás deste perfilam-se já todas as provas futuras do povo de Deus, tanto que a profecia conservará uma atualidade permanente nos tempos de crise: o Apocalipse de João tomará dela os traços para aplicá-los ao império romano perseguidor da Igreja, enquanto o judaísmo subjogado por Roma tirará daí uma mensagem de esperança, sobretudo após a ruína de Jerusalém no ano 70 d.C.

3. A mensagem de esperança. O Julgamento de Deus, que atinge tanto os judeus infiéis como as orgulhosas potências pagãs, constitui apenas um momento crítico no desdobramento e no desvendamento do plano de Deus. Para além dele, as perspectivas de esperança abertas pelas promessas dos profetas permanecem mais que nunca atuais. A referência do autor a essas promessas está explicitamente patente no cap. 9, que atualiza um texto de Jeremias em função das circunstâncias presentes. Todos os textos sagrados que tinham valor de promessas eram sem dúvida reidos pelo autor em uma perspectiva semelhante. Mas, conduzindo até as suas últimas consequências um processo já desencadeado nas profecias

pós-exílicas, ele transpõe as antigas promessas para um plano que ultrapassa os limites da história terrestre e do sucesso temporal. Israel é antes de tudo o depositário e o beneficiário do Reino de Deus, cuja vinda constitui o termo real da história humana. É nesse Reino sobre-humano e trans-histórico que desemboca a sucessão dos impérios (2,44). Sua representação sob os traços do Filho do Homem, entronizado diante de Deus (7,13-14), sublinha sua transcendência; mas o povo dos Santos do Altíssimo (Israel) será o seu suporte terrestre. Para estar à altura de tal vocação, este deve no entanto sofrer uma provação que o purificará (11,35; 12,10): tal é o sentido da perseguição com a qual o judaísmo palestino está se havendo. Esta desemboca diretamente na vinda daquilo que os rabinos chamarão o mundo vindouro; tanto na visão alegórica do cap. 7 como no oráculo de 12,1-4, esse "mundo vindouro" reveste os traços de um universo transfigurado. Certos textos da escatologia pós-exílica preludiavam essa idéia (cf. Is 25,7-8; 30,26; 65,17-25; Zc 14,6). Seus dados se organizam agora em uma representação de conjunto que deixa muito para trás de si a promessa deuteronômica de uma vida pacífica na terra santa. O que se espera é a irrupção das realidades celestes já aqui.

Para atingir esse termo, Israel mesmo será submetido ao Julgamento divino: somente o Resto daqueles que "estiverem inscritos no Livro" (12,1)

participará da felicidade do "mundo futuro". Mas o princípio assim estabelecido não pode deixar de se aplicar também aos judeus que, no passado próximo, deram sua vida pela sua fé. Aqui o autor responde à questão suscitada pela experiência do martírio. Ele não se contenta em exortar seus contemporâneos a afrontar, se necessário, a morte, afirmando que Deus pode preservá-los dessa fornalha (3,38) e dessa cova de leões (6,22). Ele estabelece como princípio que sua potência triunfará do poder da própria Morte, naqueles que por ela foram vitimados. Sua participação imerecida na sorte comum dos homens lhes vale um lugar no mundo vindouro. Assim se afirma com nitidez, pela primeira vez, no Antigo Testamento, a promessa da ressurreição individual (12,2-3). Do mesmo modo, para retomar uma representação clássica freqüentemente utilizada nos profetas e nos salmos, os Infernos (Sheol), domínio da Morte, tornam-se o Inferno, lugar da ausência de Deus e exclusão do mundo vindouro. O segundo livro dos Macabeus atesta que essa mensagem de esperança desempenhou um papel capital na sustentação da fé dos mártires (2Mc 7,9.11.14.23.29). O desenvolvimento ulterior da revelação não se contentará com ratificar essa doutrina. Ele encontrará aí um quadro bem preparado para que se tornem inteligíveis a morte e a ressurreição de Jesus. Daniel serve assim de um traço-de-união entre a teologia dos profetas e a mensagem do Novo Testamento.

1 Daniel e seus companheiros^a. ¹No ano terceiro do reinado de Joaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei de Babilônia, marchou contra Jerusalém e a sitiou^b. ²O Senhor entregou em suas mãos Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da casa de Deus^c; e os levou para a terra de Shinear, para a casa de seus deuses; e os utensílios, levou-os para a casa do tesouro de seus deuses. ³Depois o rei ordenou^d a Ashpenaz, o chefe de seu pessoal^e, levar alguns filhos de Israel, tanto de descendência real como de famílias nobres ⁴— moços^f em quem não houvesse nenhum defeito, belos de se ver, instruídos em toda sabedoria, peritos de saber, compreendendo a ciência^g e cheios de vigor —, para que permanecessem no palácio do rei e se lhes ensinasse a literatura^h e a língua dos caldeus. ⁵O rei fixou para eles uma razão

cotidiana das iguarias do rei e de sua bebida, prescrevendo que os educassem durante três anos, ao termo dos quais eles se manteriam em presença do reiⁱ. ⁶Havia entre eles alguns filhos de Judá: Daniel, Hanania, Mishael e Azariá. ⁷O preposto do pessoal impôs-lhes nome: a Daniel, impôs o de Beltshasar, a Hanania o de Shadrak, a Mishael o de Meshak, e a Azariá o de Abed-Negô^j.

⁸Ora Daniel tomou a firme decisão de não se contaminar com as iguarias do rei e o vinho que era sua bebida. Fez um pedido ao preposto do pessoal para não ter de se contaminar, ⁹e Deus concedeu a Daniel graça e favor diante do preposto do pessoal. ¹⁰O preposto do pessoal disse a Daniel: “Temo que o rei, meu senhor, que fixou vossa alimentação e vossa bebida, vos veja de rostos mais abatidos

2Rs. 25.29-30

2Cr 36.6-7

Gn 10.10;
11.2;
14.1-9

Jr 10.5;
12.2;
7b 1.11;
2Mc 5.27;
6.18-7.42

Gn 39.4,21;
1Rs 8.50;
Est 2.9

a. Este capítulo serve de introdução a toda a parte narrativa do livro. Ele põe em cena quatro personagens que serão os heróis: Daniel e seus três companheiros, que encarnam o próprio tipo de judeus fiéis. Levados para o exílio, introduzidos na corte do rei, continuam praticando a Lei em pontos que o paganismo criticava fortemente na época da perseguição grega, notadamente em matéria de proibições alimentares. Não se deve esquecer que este último problema tornou-se agudo na Judéia quando Antíoco Epifânese se pôs a helenizá-la: 2Mc relata o martírio de Eleazar, que queriam obrigá-lo a comer carne de porco (2Mc 6.18-31). Temos aqui uma história exemplar, que encoraja os leitores a resistir aos costumes pagãos. Ela está no seu devido lugar na época em que Dn tomou sua forma final, em 164/63 a.C. É a essa fidelidade escrupulosa que o autor atribui a “sabedoria” que Deus concede aos quatro jovens: os capítulos seguintes oferecem muitos exemplos dessa sabedoria.

b. Esta indicação levanta sérias dificuldades históricas. Segundo 2Rs 24.1-2, sob o reinado de Joaquim, Nabucodonosor se pôs em campanha e o rei de Judá foi submisso a ele durante três anos; depois disso, ele se revoltou contra ele. Mas não se trata, “no ano 3” (= 606), nem de um cerco de Jerusalém, nem de uma pilhagem do tesouro do Templo, nem de uma primeira deportação. O autor parece utilizar uma representação convencional da história antiga, construída à margem das fontes escritas e levando em conta somente os anos de vassalagem babilônica.

c. Esse detalhe prepara a narração do cap. 5 (o banquete de Belshasar).

d. Lit.: disse (da mesma forma por várias vezes na sequência).

e. A palavra traduzida por *pessoal* designa (no plural) os funcionários empregados na corte real. Traduz-se às vezes por: “eunucos”; mas o contexto não recomenda aqui este sentido restritivo. O título dado ao responsável do pessoal não é o mesmo no v. 3 (*rah*, “chefe”) e nos vv. 7-11 (*sar*, “príncipe”). No

segundo caso, traduzimos por um título antigo nas línguas neolatinas: “preposto”.

f. Ou *adolescentes*. O vocábulo utilizado corresponde à designação empregada para os pajens (“moços do rei”) nas cortes helenísticas.

g. A *sabedoria*, o *saber* e a *ciência* (ou conhecimento, cf. 1.17) devem-se entender aqui no contexto de uma civilização em que o ocultismo e a adivinhação ocupavam lugar de destaque. Os capítulos seguintes oporão por várias vezes (caps. 2; 4; 5) a impotência dessa “ciência” paga à riqueza de conhecimento profético e sapiencial que Deus dá aos profetas e aos fiéis (cf. 2.27-30; 4.4-6; 5.7-12; 9.22-23).

h. Lit.: o livro (cf. 1.17). Deve-se entender por isto, com as versões gregas, a iniciação à escrita cuneiforme. Esta foi praticada até a época selêucida nos círculos de letrados dedicados às ciências ocultas (cf. os *caldeus* de 2.2). O cap. 5 suporá em Daniel esse tipo de conhecimento.

i. Quer dizer, entrarão para o serviço do rei na qualidade de funcionários. Essa seleção de jovens escolhidos que eram educados nas escolas de escribas era um costume freqüente na antigüidade oriental. Alexandre o adotou e instituiu um corpo de pajens reais. Políbio menciona 600 pajens sob o reinado de Antíoco Epifânese.

j. Seja qual for a data em que este capítulo recebeu a forma final, ele deve incorporar materiais de origem oriental, pois os nomes impostos aos jovens judeus são, seja acadianos (*Belatishar-usur*: “Protege a vida do rei”); *Abed-Negô*, deformação intencional do aramaico *Abed-Nabu*: “Servidor de Nabu”, seja originários da Mesopotâmia do Norte (*Shadrak*, de língua hurrita; *Meshak*, nome de um povo localizado na Ásia Menor, cf. Gn 10.2). A mudança de nome não é apenas prova da autoridade do chefe do pessoal; significa para os jovens uma mudança de destino (cf. 2Rs 23.34).

que os dos jovens de vossa idade, e que vós me torneis culpado do prego de minha cabeça diante do rei". ¹¹Daniel disse ao guarda^k que o preposto do pessoal encarregara de Daniel, Hananiá, Mishael e Azariá: ¹²"Põe teus servos à prova durante dez dias. Que nos sejam dados legumes para comer e água para beber.

Gn 24,55;
31,7;
Ap 2,10

¹³Depois olharás para nosso rosto e o rosto desses moços que comem das iguarias do rei; e age para com teus servos segundo o que vires!" ¹⁴Ele lhes deu ouvido e um prazo de dez dias de prova.

¹⁵Ao término dos dez dias, viu-se que eles tinham melhor aparência do que todos os jovens que comiam das iguarias do rei. ¹⁶O guarda retirava pois suas iguarias e o vinho que tinham de beber, e dava-lhes legumes. ¹⁷Ora Deus deu a esses quatro jovens a ciência, e os instruiu em toda literatura e sabedoria. Quanto a Daniel, ele compreendia toda

Gn 41,12;
Dn 5,5

visão e todos os sonhos. ¹⁸Ao termo dos dias fixados pelo rei para reconduzi-los,

o preposto do pessoal conduziu-os à presença de Nabucodonosor. ¹⁹O rei falou com eles, e entre todos não se encontrou ninguém como Daniel, Hananiá, Mishael e Azariá. Eles se postaram em presença do rei; ²⁰e em tudo o que se referia a questões de sabedoria e de discernimento a respeito de que o rei os inquiriu, ele os achou dez vezes superiores a todos os magos e feiticeiros^l que havia em todo o seu reino. ²¹E Daniel viveu até o primeiro ano do rei Ciro^m.

1R 10,3-4

2,2.10.27;

4,4;

5,7.11.15

Esd 1,1;

2Cr 36,22

2 O sonho da estátua. ¹No ano segundo do reinado de Nabucodonosor, Nabucodonosor teve sonhos. Seu espírito ficou ansioso^o e seu sono o abandonou. ²O rei ordenou que chamassem os magos, os feiticeiros, os encantadores e os caldeus^p, para que explicassem ao rei seus sonhos. Eles vieram e se mantinham em presença do rei^q. ³O rei lhes disse: "Eu tive um sonho, e meu espírito está ansioso para entender este sonho". ⁴Os

Gn 41,8

6,19

1,20

k. Palavra de sentido incerto, interpretada como nome próprio nas versões gregas.

l. Assim se esboça o tema que será desenvolvido no cap. 2. Sobre as designações das diversas categorias de "sábios", cf. 2,2b nota.

m. Ciro conquistou Babilônia em 539. Daniel teria à época uns 80 anos. Com efeito, constatar-se-ia que a cronologia convencional do livro apresenta mais de uma dificuldade. O dado introduzido aqui anuncia 6,29. Constata-se desse modo que o conjunto das narrações forma um livro unificado, com um quadro intencionalmente fixado pelo editor.

n. O autor oferece aqui um primeiro exemplo da "sabedoria" de Daniel, porta-voz de sua própria mensagem profética. Na Antiguidade, os sonhos premonitórios ocupavam lugar de destaque, e sua interpretação constituía uma parte importante das técnicas divinatórias. Como na história de José (Gn 40-41), na qual o autor se inspira em parte, a impotência da adivinhação paga enfatizada: só Deus, dono dos tempos e da história, conhece o segredo do futuro e o revela por meio de seus profetas. No quadro fictício do reino de Nabucodonosor, tipo do rei pagão, Daniel desvenda o desígnio de Deus e sua consumação final. A história dos impérios pagãos se apresenta como uma degradação progressiva: o ouro é seguido pela prata, depois pelo bronze, a seguir pelo ferro, depois por uma mistura frágil de ferro e de cerâmica; a estátua de cabeça de ouro repousa sobre pés de argila! Por trás dessa representação alegórica, se reconhece a sucessão dos impérios que, seguindo um esquema convencional retomado no cap. 7, dominaram o antigo Oriente: Babilônia (ouro), a Média (prata), a Pérsia (bronze), o império de Alexandre (ferro); após Alexandre, seu reino é dividido entre o Egito dos lápidas e a Síria dos selúcidas (ferro e cerâmica). Tudo isso desemboca no julgamento de Deus, que porá fim ao poderio dos

impérios humanos e preludiará à instalação de seu Reino. Nessa perspectiva de apocalipse, encontra-se sob uma forma nova a antiga escatologia dos profetas. Seguindo uma lei fundamental do gênero, à evocação do presente e do futuro próximo sucede imediatamente o encerramento da história. O horizonte histórico do capítulo parece portanto anterior ao reinado de Antíoco IV Epífanes (175-163): se se confiar no v. 43, esse se situa seja sob o reinado de Antíoco III, após 194, seja até mesmo pela metade do século III. Mas o fato de o texto ser retomado no mais forte da perseguição, sob Antíoco IV, sublinha sua permanente atualidade.

o. A respeito dessa perturbação interior causada pela visão anunciadora do futuro, cf. 7,28.

p. Como no v. 27, o autor acumula os títulos dos homens dedicados à adivinhação. O sentido exato de alguns dentre eles é bastante impreciso, como o mostra a diversidade das traduções adotadas nas versões antigas. A respeito dos *magos*, cf. Gn 41,7 e Ex 7,11 (a palavra usada é de origem egípcia). Os dois títulos seguintes são tomados de empréstimo ao acadiano. Quanto aos *caldeus*, eles gozavam na antiguidade de uma sólida reputação em matéria de astrologia, de sorte que seu nome tomou o sentido de "astrólogo" em grego e em latim. É provavelmente já o caso aqui (em hebraico e em aramaico), onde a palavra não deve ser tomada como um nome de povo (assim como as "boêmias" na França etc. já não indicam um povo e sim as cartomantes etc.).

q. Note-se o estilo protocolar: quando Deus ou o rei estão em questão, fala-se "diante deles" ou "em sua presença". A expressão será encontrada frequentemente no livro.

r. O rei se esqueceu de seu sonho, mas ele continua sob o domínio da perturbação causada por ele; daí a pergunta feita aos adivinhos. A resposta destes constituirá o teste de sua capacidade divinatória.

3,9; 5,10; 6,7,22 caldeus disseram ao rei, em aramaico: "Ó rei, vivas para sempre! Conta o sonho a teus servos, e exporemos sua interpretação". ⁵O rei respondeu e disse aos caldeus: "Dou minha palavra! Se não me fizerdes conhecer o sonho e sua interpretação, sereis feitos em pedaços, e vossas casas serão transformadas em cloacas". ^{3,96(291)} ⁶E se conseguirdes expor o sonho e sua interpretação, recomporeis de minha parte presentes, gratificações e muitas honrarias. Exponde-me pois o sonho e sua interpretação!" ⁷Eles responderam pela segunda vez e disseram: "Que o rei conte o sonho a seus servos, e exporemos sua interpretação". ⁸O rei respondeu e disse: "Vejo bem que estais tentando ganhar tempo", porque vistes que dei minha palavra: ⁹se não me fizerdes conhecer o sonho, uma mesma sentença vos espera". Vos pusestes de acordo para dizer em minha presença uma palavra mentirosa e perversa, até que o tempo mude. Dizei-me pois o sonho, e eu saberei que sois capazes de me expor sua interpretação". ¹⁰Os caldeus responderam e disseram em presença do rei: "Não há um homem no mundo que possa expor o assunto do rei! Porque nenhum rei, por grande e poderoso que seja, jamais pediu coisa semelhante a nenhum mago, feiticeiro nem caldeu. ¹¹A questão que o rei pede é excessiva, não há pessoa que possa expô-la em presença do rei, se não forem deuses, que não têm mo-

rada entre os seres de carne". ¹²Diante disso, o rei se enfureceu e se irritou muito, e ordenou que fizessem perecer todos os sábios de Babilônia". ¹³A sentença foi publicada; os sábios iam ser massacrados; Daniel e seus companheiros também foram procurados para ser mortos.

¹⁴Então Daniel fez uma réplica sensata e prudente a Ariok, chefe dos carrascos² do rei, que tinham saído para massacrar os sábios de Babilônia. ¹⁵Ele tomou a palavra e disse a Ariok, o oficial do rei: "Por que a sentença dada pelo rei é assim tão rigorosa?" Então Ariok fez Daniel conhecer o assunto. ¹⁶Daniel entrou pois, e suplicou ao rei que lhe concedesse tempo; quanto à interpretação, ele a exporia ao rei. ¹⁷Então Daniel foi para sua casa, e informou Hananiá, Mishael e Azariá, seus companheiros, sobre o assunto, ¹⁸dizendo-lhes que pedissem graças em presença do Deus do céu a respeito desse mistério para que não executassem Daniel e seus companheiros com o resto dos sábios de Babilônia". ¹⁹Então o mistério foi revelado a Daniel numa visão noturna. E Daniel bendisse ao Deus do céu. ²⁰Daniel tomou a palavra e disse:

"Que o nome de Deus seja bendito, desde sempre e para sempre!

Porque a sabedoria e o poder lhe pertencem.

²¹É ele que faz alternar os tempos e os momentos³;

Esd 5,11-12; 6,9

2,27.29s.47;

4,6

7,7;

Gn 46,2;

Jó 4,13;

20,8

Sl 41,14;

Nc 9,5

Jó 12,13;

Ap 5,12

7,12;

1,7;

ITs 5,1

s. Este vocábulo assinala o lugar onde o texto passa da língua hebraica para a língua aramaica. Pode ser que se trate de uma glosa muito antiga (anterior à Septuaginta), inscrita na margem do texto na época em que este recebeu sua forma definitiva, e mais tarde inserida ao longo da frase. A tradução hebraica dos vv. 1-4a seria pois devida ao editor final do livro. Todavia, não se deve esquecer que o aramaico era a língua internacional do Oriente Médio desde o séc. VIII (cf. 2Rs 18,26). Não é pois anacrônico fazer os caldeus que cercavam Nabucodonosor empregar este idioma.

t. Lit.: a palavra (ou a coisa) é declarada publicamente por mim (com o emprego da palavra persa *azda*, anacrônica antes de Ciro).

u. Expressão consagrada, já usada nos documentos de chancelaria na época dos persas (Esd 6,11). O sentido das últimas palavras é incerto: transformados em cloacas ou em escombros, ou ainda confiscados (Teodociação e Vulgata; como também a Septuaginta, que acrescenta: em benefício do tesouro real).

v. Lit. comprais o tempo (cf. a expressão de Ef 5,16; Cl 4,5).

w. Lit.: única é vossa sentença. Estas palavras são ignoradas por Teodociação, que leu: Se pois não me fazeis conhecer o sonho, eu saberei que vos pusestes de acordo para dizer etc.

x. Os adivinhos sublinham indiretamente a impotência das técnicas que praticavam: os segredos divinos não pertencem senão aos deuses.

y. Aqueles que praticavam a adivinhação têm o título de sábios (como mais acima o de caldeus). A revelação dos segredos divinos é a atividade de sabedoria por excelência (cf. 1,4 nota). Tal é também no judaísmo o lugar da apocalíptica, que concerne justamente à revelação dos desígnios de Deus (cf. infra vv. 19 e 22).

z. Talvez simplesmente: "guardas do corpo".

a. Talvez a narração conserve aqui a lembrança de um massacre do povo chamado "magos" (a "magofonia"), que se deu após o triunfo de Dario I sobre o usurpador Gaumata (522).

b. A expressão designa talvez os anos e as estações (cf. 7,25, onde se reencontra uma das duas palavras). Ela aparecerá também em At 1,7.

ele derruba os reis e eleva os reis;
dá sabedoria aos sábios
e o conhecimento^c àqueles que sabem
discernir.

SI 139,11s;
Jô 12,22 ²² É ele que revela as coisas profundas e
ocultas^d;

conhece o que há nas trevas,
e com ele habita a luz.

1Tm 6,16

²³ A ti, Deus de meus pais, minha ação
de graças e meu louvor,
porque me deste a sabedoria e a
força^e!

E agora tu me fizeste conhecer o que
háviamos pedido a ti; pois nos fizestes
conhecer o assunto do rei.” ²⁴ A seguir,
Daniel entrou para junto de Ariok, que o
rei encarregara de executar os sábios de
Babilônia; foi até ele e lhe falou: “Não
faças perecer os sábios de Babilônia! In-
troduze-me na presença do rei, e eu ex-
porei a interpretação ao rei”. ²⁵ Então
Ariok, com pressa, introduziu Daniel na
presença do rei e lhe falou assim: “En-
contrei um homem, entre os deportados
de Judá, que fará conhecer a interpreta-
ção ao rei”.

²⁶ O rei tomou a palavra e disse a Daniel,
cognominado Beltshasar: “Acaso tu po-
des me fazer o sonho que tive e sua in-
terpretação?” ²⁷ Daniel respondeu na pre-
sença do rei e disse: “O mistério sobre o
qual o rei se interroga, nem sábios, nem
feiticeiros, nem magos, nem adivinhos^f o
conseguem expor ao rei. ²⁸ Mas há um
Deus no céu que revela os mistérios^h, e
ele deu a conhecer ao rei Nabucodonosor
o que acontecerá no futuro. Teu sonho e
as visões do teu espírito no teu leito, aqui

estão. ²⁹ Para ti, ó rei, teus pensamentos
tinham surgido no teu leito a respeito
daquilo que acontecerá a seguir, e o
revelador dos mistérios te fez conhecer o
que está por acontecer. ³⁰ Quanto a mim,

Gn 41,16

não é por uma sabedoria que em mim
seria superior à de todos os viventes que
esse mistério foi revelado a mim: mas é
para que se faça conhecer a interpreta-
ção ao rei e que tu conheças os pensa-
mentos de teu coração. ³¹ Tu, portanto, ó
rei, tinhas a visão; e eis uma grande está-
tuaⁱ. Essa estátua era muito grande, e seu
esplendor, extraordinário. Ela se erguia
diante de ti, e seu aspecto era aterrador.

³² Essa estátua tinha a cabeça de ouro
puro, o peito e os braços de prata, o
ventre e as coxas de bronze, ³³ as pernas
de ferro, os pés em parte de ferro e em
parte de cerâmica^j. ³⁴ Tinhas a visão, quan-

do uma pedra^k se desprende sem a in-
tervenção de mão alguma; ela atingiu a
estátua em seus pés de ferro e de cerâmi-
ca, e os pulverizou. ³⁵ Então foram pulve-
rizados juntamente o ferro, a cerâmica, o
bronze, a prata e o ouro; tornaram-se

8,25;

Is 31,8

como a palha que sai das eiras no verão:

SI 1,4

o vento os levou e não se encontrou mais
nenhum traço. Quanto à pedra que havia
golpeado a estátua, ela se tornou uma
grande montanha e encheu toda a terra.

Ap 20,11

³⁶ Tal é o sonho, e vamos dar sua inter-
pretação na presença do rei. ³⁷ Tu, ó rei,
rei dos reis: tu, a quem o Deus do céu
deu a realza, o poder, a força e a glória:

³⁸ tu, em cuja mão ele pôs os homens, os
animais selvagens e os pássaros do céu,
em qualquer lugar que habitem, e a quem

Jr 27,6;

Jr 11,7

c. Equivalente do grego *gnôsis* (= ciência das coisas ocultas): na apocalíptica judaica, essa “gnose” é o conhecimento dos mistérios divinos recebido por revelação, e não um saber esotérico reservado aos iniciados. A palavra aparecerá com esse sentido também no NT (p. ex. 1Cor 12,8).

d. Comparar 1Cor 2,10, onde é o Espírito que escruta as *profundezas* de Deus (num contexto de revelação).

e. O texto que termina aqui dá uma idéia da antiga poesia litúrgica em língua aramaica.

f. Alusão a 1,6 (duplo nome de Daniel).

g. Termo impreciso que designa uma outra função divinatória: aqueles que “determinam” os destinos dos homens (talvez através de horóscopo).

h. Toca-se aqui nas origens do vocábulo *mistério*, tal como empregado no NT, para designar os segredos divinos que se realizam no desenrolar da história humana e são revelados pelo anúncio do Evangelho (cf. Mc 4,11; 1Cor 2,7; Rm 16,25; Cl 4,3; Ef 3,10).

i. A estátua não é, como no cap. 3, um obelisco ou uma estela, mas um colosso composto, feito de materiais diversos. Seu aspecto terrificante convém a uma visão sobrenatural que anunciará o Julgamento de Deus.

j. A palavra empregada designa o barro cozido com o qual se fazem os vasos, as estátuas, etc. Donde a tradução *cerâmica*, ao longo de todo o capítulo.

k. As duas versões gregas e a Vulg. acrescentam aqui: ... *de uma montanha*.

deu a soberania sobre todos eles¹: a cabeça de ouro és tu.³⁹Depois de ti surgirá
 7.17 outro reino, inferior a ti^m; depois, um
 outro reino, um terceiroⁿ, de bronze, que
 7.23-25; 8.5,21; 11.3 dominará toda a terra.⁴⁰Depois virá um
 quarto reino, duro como o ferro: do
 mesmo modo como o ferro pulveriza e
 quebra tudo, como o ferro que tritura^o,
 ele pulverizará e triturará todos estes.⁴¹Tu
 viste os pés e os dedos, em parte de
 cerâmica de oleiro e em parte de ferro:
 11.5ss será um reino dividido^p, e terá em si a
 solidez do ferro, como viste o ferro mis-
 turado com a cerâmica de argila.⁴²Quan-
 to aos dedos do pé, em parte de ferro e
 em parte de cerâmica: por uma parte o
 reino será forte, por outra, frágil.⁴³Viste
 o ferro misturado com a cerâmica: é por
 meio da semente humana que serão
 11.6 misturados^q e não aderirão um ao outro,
 assim como o ferro não se mistura com
 a cerâmica.⁴⁴Ora nos dias desses reis, o
 Deus do céu suscitará um reino que ja-
 mais será destruído e cuja realeza não
 3.100(33); 4.31; 7.14 será deixada a outro povo. Ele pulveri-
 zará e aniquilará todos esses reinos, e
 2Sm 7.16; 1a: 1.33 subsistirá para sempre,⁴⁵como também

viste uma pedra se desprender da monta-
 nha, sem a intervenção de nenhuma mão,
 e pulverizar o ferro, o bronze, a cerâmi-
 ca, a prata e o ouro. Um grande Deus fez
 conhecer ao rei o que acontecerá a se-
 guir. O sonho é certo, e sua interpreta-
 ção, digna de fé^r.

⁴⁶Então o rei Nabucodonosor se pros-
 trou sobre a face, prestou homenagem a
 Daniel e ordenou apresentar-lhe uma
 oblação e perfumes^r.⁴⁷O rei dirigiu-se a
 Daniel e disse: "Em verdade, vosso Deus
 é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis
 e o revelador dos mistérios, pois
 alcançastes revelar-me esse mistério".
⁴⁸Então o rei elevou Daniel, deu-lhe
 muitos presentes, deu-lhe autoridade so-
 bre toda a província de Babilônia e fez
 dele o superintendente de todos os sá-
 bios de Babilônia.⁴⁹Daniel fez um pedi-
 do ao rei^s, e este nomeou Shadrak,
 Meshak e Abed-Negô para a administra-
 ção da província de Babilônia. Quanto a
 Daniel, ele estava à porta do rei^t.

Lv 6.8

11.36;
 Dt gr. 3.90;
 Dt 10.17;
 2Mc 13.4;
 1Tm 6.15;
 Ap 17.14;
 19.16

Em 2.19.21;
 3.2-3;
 5.9.13

3 Os três jovens na fornalha^u. "Uma estátua de ouro foi mandada fazer

1. Esta expressão do poder do rei conserva algo do poder de Adão, representado como senhor da criação inteira (cf. Gn 1.28; 2.19-20; Sl 8.7-9).

m. No esquema histórico usado pelo autor, trata-se do império dos medos (cf. 6.1).

n. Esse terceiro império é o dos persas, cuja universalidade o autor enfatiza.

o. As últimas palavras são ignoradas por Teodocão e pela Vulg.; constituem uma duplicata da expressão precedente.

p. Alusão à divisão do império de Alexandre, dividido entre o Egito e a Síria (vizinhos próximos da Judéia).

q. Em 194, diante do perigo romano, Antíoco III procurou aliar-se a Ptolomeu V dando-lhe sua filha Cleópatra em casamento. Parece que a explicação do sonho faça aqui alusão a esse evento, o que dá uma indicação do horizonte histórico do capítulo. Todavia uma política de casamento muito semelhante foi também praticada por Antíoco II e Ptolomeu II em 255.

r. Esses termos culturais são os do vocabulário sacerdotal do AT. O verbo utilizado é aquele que se emprega para o "derramamento" das libações. Os "perfumes de pacificação" designam aqui mais o incenso que a fumaça dos sacrifícios (diferentemente de Exd 6.10). A homenagem prestada a Daniel pelo rei não é no entanto uma adoração dirigida a ele, como o mostra o versículo seguinte: é o reconhecimento da Palavra de Deus que se manifestou pelo seu profeta.

s. Daniel declina aparentemente de todo encargo civil na província de Babilônia, para se limitar à função de *superintendente dos sábios*, onde será encontrado mais adiante (cap. 4 e 6). Quanto

à função administrativa de seus três companheiros, essa lhes valerá a prova relatada no cap. 3.

t. Dizer que Daniel estava *à porta do rei* é mostrá-lo à disposição imediata de seu senhor. O gr. traduziu: *na corte do rei*, o que enfraquece notavelmente o texto. Lembra-se que o objetivo do livro não é histórico no sentido moderno da palavra. O sucesso final de Daniel e de seus companheiros é um traço de hagiografia edificante, conforme os temas habituais da literatura sapiencial. Ele fornece ademais um quadro para os caps. 3-6.

u. Esta narrativa exemplar exalta a fidelidade dos judeus ao verdadeiro Deus: eles não devem temer expor-se à própria morte, antes que ceder à idolatria. É o que fazem os três companheiros de Daniel. Sua libertação da fornalha relembra o texto de Is 43.2b. O mesmo tema se encontra na lenda tardia de Abraão, tirado da "fornalha dos caldeus" (*O Livro dos Jubileus, Targum palestino*, etc). O material utilizado neste capítulo pode provir dos meios mesopotâmicos, onde se deu o encontro entre a civilização persa e o helenismo (cf. os nomes dos instrumentos musicais citados no texto). Todavia o culto idolátrico imposto por uma potência política não constituiu um problema para os judeus, senão na Judéia sob o reinado de Antíoco Epifanes, com ameaça de morte: é então que a *abominação devastadora* foi erigida no Templo de Jerusalém, no lugar do antigo altar (1Mc 1.54; Dn 9.27; 11.31). A narração, que gira em torno da instalação de uma estátua idolátrica, adquire todo o seu valor nesse contexto. No decurso da transmissão, ela foi sobrecarregada de elementos litúrgicos que subsistem apenas nas versões gregas, ainda que um original semítico esteja subjacente a todas

pelo rei Nabucodonosor^a. Sua altura era de sessenta côvados e sua largura, de seis côvados^b. Ergueu-a na planície de Durá^c, na província de Babilônia. ²E o rei Nabucodonosor enviou mensageiros para reunir os sátrapas, os intendentes^d, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juriconsultos, os magistrados e todos os funcionários^e das províncias, para que presenciassem a dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor erguera. ³Então os sátrapas, os intendentes, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juriconsultos, os magistrados e todos os funcionários das províncias reuniram-se para a dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor erguera^a, e postaram-se diante da estátua que o rei Nabucodonosor erguera. ⁴O arauto clamou com força: "Ordena-se a vós, gente de todos os povos, nações e línguas! ⁵No momento em que ouvirdes o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa^b, do alaúde^c, da cornamusa e do todo gênero de instrumentos^d, vos prostrareis e adorareis a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu. ⁶Todo aquele que não se prostrar e não adorar^e será lança-

do imediatamente à fomalha de fogo Jr 20,21-22 ardente^f". ⁷Então, no instante mesmo em que todos os povos ouviram o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, do alaúde^a e de todo gênero de instrumentos, todos os povos, nações e línguas prostraram-se e adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor erguera.

⁸A seguir, no mesmo instante, caldeus se aproximaram e depuseram^b contra os judeus. ⁹Tomaram a palavra e disseram ao rei Nabucodonosor: "Ó rei! vivas para sempre!" ¹⁰Tu mesmo, ó rei, deste a ordem: todo homem que ouvir o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, do alaúde, da cornamusa e de todo gênero de instrumentos se prostre e adore a estátua de ouro, ¹¹e todo aquele que não se prostrar e não adorar seja lançado à fomalha de fogo ardente. ¹²Há judeus por ti nomeados para a administração da província de Babilônia: Shadrak, ^{2,49} Meshak e Abed-Negô. Esses homens, ó rei, não tiveram consideração para ^{6,14} contigo^d: eles não servem a teus deuses e não adoram a estátua de ouro que ergueste". ¹³Então Nabucodonosor, em cólera e furor, ordenou trazer Shadrak,

5,19; 6,26;
7,14;
Is 66,18;
Ap 5,9; 7,9;
13,7; 14,6;
17,15

Ap 13,14-15

(vv. 24-90). Trazemos estes elementos aqui (em itálico), porque são inseparáveis do quadro onde a tradição textual os conserva. Eles têm um interesse particular como testemunhas dos antigos formulários da oração judaica. A oração penitencial (vv. 26-45) tem paralelos em Dn 9,15ss. e no livro de Baruc (1,15-3,8). O cântico de bênção (vv. 52-90), provavelmente mais antigo, deriva de um lirismo barroco que procede por acumulação. A cena final, em que os jovens escapam à morte, pode ter um significado simbólico como representação figurada da ressurreição (cf. Dn 12,1-3): é assim que ela será interpretada na arte cristã primitiva.

v. A Septuaginta esclarece: *No ano dezoito*. Nabucodonosor é aqui o tipo do rei perseguidor (cf. Jt 3,8).

w. Pode-se tratar de uma estátua ou de uma estela com baixos-relevos esculpidos.

x. Nome de lugar bastante banal ("a parede"), lida por Teodocão *Deira*.

y. O nome de função designa aqui uma espécie de governador; em 2,48, Daniel é *superintendente* dos sábios de Babilônia.

z. Lit.: *chefes ou autoridades* das províncias. Há aqui uma lista típica da titulação administrativa, que retornará como um refrão nos vv. 3 e 94(27).

a. Pode-se pensar na ereção do altar idolátrico evocado em IMc 1,54 e 2Mc 6,2, por ocasião da dedicação do Templo de Jerusalém a Zeus Olímpico (identificado com o deus sírio Bál Shamên).

b. Trata-se da sambuca, ou harpa triangular.

c. Lit.: do *salterio*, outra espécie de instrumento de cordas distinto da cítara, da harpa e da lira; o alaúde era conhecido no Egito e na Grécia.

d. Muitos dos instrumentos citados nessa enumeração são de proveniência grega (cítara, sambuca, alaúde, *synfonia* ou cornamusa). A mesma apresentação da orquestra típica voltará nos vv. 7, 10 e 15. Ela convém muito mais ao culto de estilo helenístico instalado em 167 no Templo de Jerusalém que a um culto babilônico do séc. VI.

e. No pano de fundo da narração deve-se ver os termos do Decálogo (Ex 20,3-5), onde retornam expressões análogas (*prostrnar-se e adorar*). Cf. Jt 3,8 (onde, no entanto o próprio Nabucodonosor é deificado).

f. A iconografia babilônica deixou modelos de fomalha análoga àquele que é suposto aqui.

g. Nos versículos 5, 7, 10, as três listas não comportam o mesmo número de instrumentos; mas certas versões as harmonizam.

h. Lit.: *comeram os pedaços (de carne...)* (cf. em português "devorar com gana").

i. Estilo protocolar, como em 2,4; 5,10; 6,7,22.

j. O texto aramaico parece prejudicado. A mesma expressão é afirmada em dois sentidos opostos nos vv. 10 e 12: "dar ordem" e "concordar". Teodocão, que lê talvez um texto diferente, traduz: *não obedeceram à tua ordem*.

Meshak e Abed-Negô. Então esses homens foram conduzidos à presença do rei. ¹⁴Nabucodonosor tomou a palavra e lhes disse: "Shadrak, Meshak e Abed-Negô, é verdade que não servis a meus deuses e que não adorais a estátua que eu ergui? ¹⁵Será que agora estais prontos, no momento em que ouvirdes o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, do alaúde, da cornamusa e de todo gênero de instrumentos, a vos prostrar e adorar a estátua que eu fiz? Se não a adorardes, no mesmo instante sereis lançados à fomalha de fogo ardente, e qual é o deus que vos livrará de minha mão?" ¹⁶Shadrak, Meshak e Abed-Negô tomaram e disseram ao rei: "Ó Nabucodonosor! Não temos necessidade de te responder a esse respeito. ¹⁷Se nosso Deus, a quem servimos, nos pode livrar, que ele nos livre da fomalha de fogo ardente e de tua mão, ó rei! ¹⁸E, mesmo que ele não o faça", sabe, ó rei, que não serviremos a teus deuses e que não adoraremos a estátua de ouro que ergueste".

¹⁹Nabucodonosor encheu-se de furor, e a expressão de seu rosto mudou para com Shadrak, Meshak e Abed-Negô. Ele tomou a palavra e ordenou esquentar a fomalha sete vezes mais do que se tinha costume de esquentar. ²⁰A seguir, ordenou a homens vigorosos de seu exército que amarrassem Shadrak, Meshak e Abed-Negô, para lançá-los na fomalha

de fogo ardente". ²¹Então esses homens foram amarrados com suas calças, túnicas, bonés e mantos", e foram lançados à fomalha de fogo ardente. ²²Como a palavra do rei fosse rigorosa e a fomalha tivesse sido extraordinariamente aquecida, os próprios homens que haviam içado Shadrak, Meshak e Abed-Negô foram mortos pela chama do fogo". ²³Quando aos três homens, Shadrak, Meshak e Abed-Negô, caíram amarrados no meio da fomalha de fogo ardente".

²⁴E eles caminhavam no meio da chama celebrando Deus e bendizendo o Senhor". ²⁵Azariá, de pé, orou e, abrindo a boca no meio do fogo, disse:

²⁶"Bendito e louvado sejas, Senhor, Deus de nossos pais; seja glorificado teu nome para sempre". ²⁷Porque és justo em tudo o que fizeste; todas as tuas obras são verdadeiras e teus caminhos, retos, e todos os teus julgamentos são verdade. ²⁸Executaste justas sentenças em tudo o que nos infligiste, a nós e à cidade santa de nossos pais, Jerusalém. Porque nos infligiste tudo isso segundo a verdade e o direito, por causa de nossos pecados. ²⁹Porque pecamos e agimos como ímpios até nos separar de ti, e falhamos em todas as coisas; ³⁰não obedecemos a teus mandamentos, não os observamos, nem os cumprimos, como nos havias ordenado para nosso bem. ³¹E tudo o que nos infligiste e tudo o que nos fizeste, tu o fizeste segundo um justo julgamento". ³²en-

9.3-19:
Esd 9.6-15

Sl 41.14;
72.18; 89.53;
106.48;
1Cr 29.10
Nc 9.33;
Th 3.2-6

Ap 16.7;
19.2
Jr 11.11,23;
Br 2.9

9.5-8;
Is 59.12-13;
Esd 9.6-7;
Nc 1.7;
Th 3.3a;
Br 1.15-22

k. Cf. *Jt* 6.2: *Não é o seu Deus que os salvará.*

l. Pontuação conforme o texto massorético. Todas as versões (grega, siríaca, latina) lêem: ... *ao rei Nabucodonosor: Não temos necessidade...*

m. Lit. *E se não...* A hipótese negativa não se refere à onipotência de Deus, mas ao uso que dela se fará.

n. A descrição da cólera do rei reveste também um caráter típico: a perseguição atinge seu paroxismo diante da resistência dos mártires.

o. Persiste alguma incerteza a respeito da identidade das peças de indumentária enumeradas aqui. As versões gregas omitem a última. Seus nomes são mesopotâmicos ou persas. Pode-se pensar em costumes de época parta, que ajudam na representação da cena.

p. O detalhe é inserido para estabelecer um contraste entre os agentes da perseguição, que são atingidos pelo fogo, e os mártires, que são poupados.

q. Aqui se interrompe o texto aramaico, cuja sequência será retomada no v. 91.

r. Os vv. 24-90 provêm das duas versões gregas. Notar-se-á que os três jovens trazem nelas seus nomes judaicos. A oração de Azariá (vv. 26-45) e o cântico das criaturas (vv. 52-90) são provavelmente textos litúrgicos mais antigos, retocados para a circunstância. Os vv. de ligação (vv. 24-25 e 46-51) diferem de uma versão para outra. Aqui essa passagem "deuterocanônica" está traduzida com base na versão de Teodocião, cuja literalidade não é desmentida ao longo de todo o resto do capítulo. A Septuaginta fornece todavia os elementos de uma crítica textual interessante para os dois textos litúrgicos.

s. Septuaginta: *Bendito sejas tu, Senhor, Deus de nossos pais; louvado e glorificado seja teu nome para sempre!*

t. Septuaginta: *E agora...* (fraseologia semítica habitual).

u. A oração visa até aqui a situação geral do judaísmo submetido à provação. A alusão a Jerusalém (3.28) está no seu lugar

Lv 26,14.38;
Dt 28,15.63;
1Mc 1,20-64

tregaste-nos às mãos de inimigos ímpios e rebeldes odiosos, e a um rei injusto^o, o pior de toda a terra. ³³E agora não podemos mais abrir a boca; a vergonha e o opróbrio atingiram teus servos e adoradores. ³⁴Não nos abandonas até o fim, por causa de teu Nome!^m Não repudies a tua aliança^s e não retires de nós tua misericórdia, por causa de Abraão, teu amigo^s, de Isaac, teu servo, e de Israel, teu santo, ³⁶aos quais falaste dizendo que multiplicarias sua descendência como as estrelas do céu e como a areia à beira-mar^r. ³⁷Porque, ó Soberano, nos tornamos o menor de todos os povos, e hoje somos humilhados sobre toda a terra por causa de nossos pecados. ³⁸Não há mais neste momento, nem príncipe, nem profeta, nem chefe, nem holocausto, nem sacrifício, nem oblação, nem incenso, nem lugar para apresentar as primícias diante de ti e encontrar graça^t. ³⁹Possamos nós, no entanto, com alma contrita e espírito humilhado, ser aceitos^u como ao ofertar um holocausto de carneiros e de novilhos; e como ao ofertar miríades de cordeiros gordos, que assim nosso sacrifício esteja hoje em tua presença, e possamos continuar a te seguir^b, pois não há vergonha para aqueles que se confiam a

ti!^v ⁴¹E agora te seguimos de todo nosso coração, te tememos ⁴²e buscamos tua face. Não nos desonres, mas age para conosco segundo tua indulgência e segundo a abundância de tua misericórdia! ⁴³Livra-nos segundo tuas obras maravilhosas^d, e dá glória a teu Nome, Senhor!^e ⁴⁴Que sejam confundidos todos aqueles que planejam o mal contra teus servos! Que sejam desonrados e privados de toda dominação^f, que sua força seja quebrada^g! ⁴⁵Venham a saber que és o único Senhor Deus^h, glorioso sobre toda a terra!ⁱ

⁴⁶Ora os servos do rei que os tinham lançado na fornalha não cessavam de aticá-la com betume, pez, estopa e feixes de lenha^j. ⁴⁷A chama se elevava quarenta e nove côvados^k acima da fornalha; ⁴⁸espalhou-se e queimou os caldeus que encontrou ao redor da fornalha. ⁴⁹Mas o Anjo do Senhor desceu à fornalha junto a Azariá e seus companheiros^l, e lançou a chama de fogo para fora da fornalha; ⁵⁰ele tornou o meio da fornalha como um vento de orvalho refrescante; o fogo não chegou nem mesmo a tocá-los, e não lhes causou dano nem mal^m. ⁵¹Então todos os três, a uma só voz, se puseram a celebrar, a glorificar e a bendizer a Deus na fornalhaⁿ:

Sl 24,6:
27,8

Sl 51,3:
Ne 9,19

Sl 29,1:
96,7

Sl 35,26:
40,15

Sl 83,18-19:
86,10

Dt 28,62:
Jr 42,2

Os 3,4:
Lm 2,9

Mq 6,7-8:
Os 6,6

Is 49,23:
Sl 22,6

em um texto que tem por quadro literário o tempo do Exílio. Mas para o judaísmo da época grega, é sempre a mesma época, que se prolonga através dos tempos.

v. Sob a figura de Nabucodonosor, o texto visa aqui ao perseguidor atual de Israel, Antíoco Epifanes. Este indício mostra a antiguidade da adição conservada pelas versões gregas: a oração de Azariá é anterior à purificação do Templo (dezembro de 164).

w. A motivação da oração é aqui um apelo à glória de Deus, à sua reputação (como no Sl 79,9). É também o motivo das promessas divinas em Ez 20,44 e 36,22.

x. Lit.: *tu amado* (cf. Is 41,8; 2Cr 20,7; Tg 2,23).

y. Septuaginta: *conforme tu lhes falaste dizendo...* O final faz alusão a Gn 22,17 (cf. 15,5).

z. A descrição poderia ser entendida como sendo na época do cativeiro de Babilônia; mas ela corresponde também ao tempo de Antíoco Epifanes (cf. Sl 74,2-9 e 1Mc 4,38.44-46).

a. Cf. Sl 51,19.

b. Texto incerto. Septuaginta: *de tal sorte que ele te torna propício*.

c. Para a expressão, cf. Sl 25,3.

d. Lit.: *tuas maravilhas ou teus milagres*.

e. Cf. Sl 115,1.

f. Cf. Sl 35,26 e 40,15.

g. Trata-se de uma oração de perseguidos: Deus deve a si mesmo quebrar a potência humana que faz violência a seus fiéis.

h. Alusão a Dt 6,4, texto que entrou muito cedo na oração e na profissão de fé dos judeus. A ordem das palavras difere neste lugar nas duas versões gregas, mas o sentido fundamental é o mesmo.

i. Para este v., a Septuaginta apresenta um texto mais longo: *E, quando eles lançaram os três juntamente na fornalha, a fornalha estava acesa com um calor elevado ao sétuplo* (cf. v. 19). *E, quando eles os lançaram, uns lançavam-nos do alto, outros aticavam a fornalha por baixo com betume, etc.*

j. Não se deve esquecer aqui a simbologia dos números (49 = 7 vezes 7). Cf. o v. 22, que é melhor compreendido no quadro da cena descrita no v. 46 pela Septuaginta.

k. Lembre-se o importante papel dos anjos na apocalíptica judaica (e cristã). A chegada do Anjo mencionada aqui explica a exclamação do rei no v. 92(25). É possível que o texto masorético atual apresente uma lacuna que corresponderia ao presente versículo.

l. Cf. o v. 94(27).

m. O formulário de bênção é uma simples enumeração, despojada de toda variedade na expressão (cf. Sl 148,1-12). Quando os mss. diferem, será indicado aquele que é seguido na tradução.

⁵² "Bendito sejas, Senhor, Deus de
nossos pais,
e louvado e sobreexaltado para sempre!
E bendito seja o santo nome de tua
glória";

Lv 22,2;
Sl 33,21;
106,47;
Lc 1,49

louvado e sobreexaltado para sempre!

Is 6,1;
Sl 150,1

⁵³ Bendito sejas tu no Templo de tua san-
ta glória,
e muito celebrado e glorificado para
sempre!

⁵⁴ Bendito sejas tu, que sentado sobre os
querubins escrutas os abismos,
e louvado e sobreexaltado para sempre!

Ex 25,18;
2Sm 6,2;
Sl 102,2; 99,1
Is 6,1

⁵⁵ Bendito sejas sobre o trono de tua
realidade,
e muito celebrado e sobreexaltado
para sempre!

⁵⁶ Bendito sejas tu no firmamento do céu,
e celebrado e exaltado para sempre!

Sl 103,22

⁵⁷ Obras todas do Senhor, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 148,4

⁵⁸ Céus, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 148,2

⁵⁹ Anjos do Senhor, bendizeis o Senhor!
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Gn 1,7;
Sl 148,4

⁶⁰ Todas as águas que estais acima do
céu, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 103,21

⁶¹ Todos os exércitos do Senhor, bendizeis
o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 148,3

⁶² Sol e lua, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶³ Estrelas do céu, bendizeis o Senhor,
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶⁴ Toda chuva e orvalho, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 148,8

⁶⁵ Todos os ventos, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶⁶ Fogo e chama, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶⁷ Frio e calor, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶⁸ Orvalhos e aguaceiros, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁶⁹ Noites e dias, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷⁰ Luz e trevas, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷¹ Gelo e geada, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷² Gelos e neves, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷³ Relâmpagos e nuvens, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷⁴ Que a terra bendiga o Senhor;
que ela o celebre e o sobreexalte
para sempre!

⁷⁵ Montanhas e colinas, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sl 148,9

⁷⁶ Todas as plantas da terra, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷⁷ Mares e rios, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷⁸ Fontes, bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁷⁹ Grandes peixes e fauna aquática,
bendizeis o Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Gn 1,21

⁸⁰ Todos os pássaros do céu, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁸¹ Animais selvagens e gados, bendizeis o
Senhor;
celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁸² Filhos dos homens, bendizeis o Senhor;

Sl 148,10

n. Ou: teu santo Nome de glória (quer dizer "glorioso").

o. Em várias oportunidades, o grego utiliza verbos compostos: "super-lovado", "super-exaltado", "super-celebrado", "super-glorificado"... O português só permite parcialmente imitar tal estilo ("sobreexaltar").

p. Texto do códice *Vaticanus* e do aparato crítico da *Hexapla*:
Vós, as águas, e tudo o que está acima do céu.

q. Vários manuscritos de Teodociação: *Que toda potência ben-
diga o Senhor* (em desacordo com o 2º estíquio).

r. O *Vaticanus* e dois outros manuscritos trazem: *Que toda*

chuva e orvalho bendiga o Senhor! (em desacordo com o 2º estíquio).

s. Nos vv. 66 a 73, a ordem difere na Septuaginta e em diversos grupos de mss. de Teodociação. Aqui foi seguida a ordem do *Vaticanus* (com a edição de Ziegler).

t. No singular, no *Vaticanus*.

u. Não há razão para introduzir "baleias" no Mediterrâneo (cf. certas traduções). A palavra grega designa todo animal de grande porte que vive na água (foca, golfinho, atum, etc.). A *fauna aquática*: lit.: tudo o que pulula nas águas.

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

SI 135,19s ⁸³ *Israel, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁸⁴ *Sacerdotes, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

SI 134,1 ⁸⁵ *Servos do Senhor, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁸⁶ *Espíritos e almas dos justos, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Sf 2,3 ⁸⁷ *Santos e humildes de coração, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

⁸⁸ *Hananiá, Azariá e Mishael, bendize o Senhor;*

celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre!

Porque ele nos livrou do Hades

e nos salvou da mão da Morte;

ele nos tirou do meio da fornalha de

chama ardente

e tirou^a do meio do fogo^a.

⁸⁹ *Dai graças ao Senhor, porque ele é bom,*

porque eterna é sua misericórdia^a.

⁹⁰ *Todos os adoradores do Senhor,*

2,47 *bendize o Deus dos deuses;*

celebrai-o e dai-lhe graças,

porque eterna é sua misericórdia!^a

⁹¹⁽²⁴⁾ *O rei Nabucodonosor os ouviu*

cantar^a; ficou estupefato e se levantou

precipitadamente. Ele tomou a palavra e

disse a seus conselheiros: "Acaso não

lançamos ao meio do fogo três homens

amarrados?" Eles responderam e disse-

ram ao rei: "Certamente, ó rei!" ⁹²⁽²⁵⁾ O

rei respondeu e disse: "Eis que vejo qua-

tro homens desamarrados que caminham

no meio do fogo sem que tenham ne-
nhum ferimento, e o aspecto do quarto
assemelha-se ao de um filho dos deuses"^a.

⁹³⁽²⁶⁾ Então Nabucodonosor se aproximou
da boca da fornalha de fogo ardente. To-

mou a palavra e disse: "Shadrak, Meshak
e Abed-Negô, servos do Deus altíssimo^b,

saí e vinde!" Então Shadrak, Meshak e
Abed-Negô saíram do meio do fogo.

⁹⁴⁽²⁷⁾ Os sátrapas, os intendentess, os go-

vernadores e os conselheiros do rei se
reuniram. Viram esses homens: o fogo

não exercera nenhum poder sobre seus
corpos; a cabeleira de sua cabeça não

fora chamuscada; seus mantos estavam
intactos e o odor do fogo não havia pas-

sado sobre eles. ⁹⁵⁽²⁸⁾ Nabucodonosor to-

mou a palavra e disse: "Bendito seja^a o
Deus de Shadrak, Meshak e Abed-Negô,

que enviou seu Anjo e salvou seus ser-
vos, porque confiaram nele e, transgre-

dindo a palavra do rei, entregaram
seus corpos para não servir nem adorar a

nenhum deus, senão a seu Deus^d.

⁹⁶⁽²⁹⁾ Quanto a mim, dei ordem para que
todo aquele que, de todo povo, nação e

língua, falar com insolência^e contra o
Deus de Shadrak, Meshak e Abed-Negô,

seja feito em pedaços, e sua casa trans-
formada em cloaca^f; porque não há outro

Deus que possa libertar assim. ⁹⁷⁽³⁰⁾ Então
o rei fez prosperar Shadrak, Meshak e

Abed-Negô na província de Babilônia^g.

O Sonho da Grande Árvore^h. ⁹⁸⁽³¹⁾ O rei
Nabucodonosor, às pessoas de todos os

povos, nações e línguas que habitam

5.18.21;
Gn 14,18;
Nm 24,16;
Sl 47,3

Gn 24,7;
Ex 33,2;
Nm 20,16

2,5; 6,25;
Esd 6,11

6,29

v. O *Vaticanus* e a Septuaginta omitem as palavras: *do Senhor* (cf. SI 135,1).

w. Septuaginta: *libertou*.

x. Este v. fundamenta a interpretação alegórica da fornalha como representação simbólica da morte, e a libertação dos jovens como símbolos da ressurreição.

y. Refrão salmíco corrente (cf. SI 106,1; 136,1-2; etc).

z. Adição do gr., destinada a fazer a ligação entre o cântico e a narração fundamental. A partir daqui reaparece o texto aramaico. Daí uma dupla numeração dos versículos.

a. Correção teológica de Teodociação: *a um filho de Deus*; da Septuaginta: *assemelha-se a um anjo de Deus*. Esta cena supõe como conhecido o conteúdo do v. 49, atestado somente no gr. (cf. a nota).

b. O título dado aos jovens pelo rei pagão preludia o decreto do v. 96(29).

c. A respeito dessa fórmula de bênção posta na boca de um rei pagão, cf. os paralelos de Gn 14,20; 1Rs 5,21; 2Cr 2,11.

d. Este final indica a motivação de uma conduta ilegal capaz de levar os judeus ao martírio.

e. Interpretação sugerida pelas versões gr.: *que dirá um blasfemo...*

f. Expressão consagrada, de sentido duvidoso (cf. 2,5 nota). g. Teodociação acrescenta: *... e ele os julgou dignos de governar todos os judeus que estavam no seu reino*. Mas o texto masorético retoma a perspectiva aberta por 2,49 a respeito da função administrativa desempenhada pelos três jovens. O verbo *fez prosperar* equivale a "pôr em situação próspera".

h. O símbolo da Árvore cósmica é comum a muitas literaturas antigas. Ele já havia sido explorado por Ezequiel, para evocar a grandeza da queda do faraó (Ez 31). Ele serve aqui para apre-

6.26; 1Pd 1.2 sobre toda a terra. Que vossa paz seja grande!! ⁹⁹⁽³²⁾ Os sinais e prodígios que o Deus altíssimo fez para comigo, julguei bom expô-los!

6.28;
Ea 7.3;
Dt 4.34;
6.22; 7.19 ¹⁰⁰⁽³³⁾ Seus sinais, como são grandes, e seus prodígios, como são potentes!

2.39.41.44;
7.14.18 Seu reino é um reino eterno, e sua soberania vai de geração em geração*.

4 ¹Eu, Nabucodonosor, estava tranqüilo em minha casa, prosperando em meu palácio. ²Tive um sonho, e ele me assustou; devaneios sobre meu leito, e as visões de meu espírito^m me atormentavam. ³Dei ordem de introduzir em minha presença todos os sábios de Babilônia, para que me fizessem conhecer a interpretação do sonho. ⁴Então entraram os magos, os feiticeiros, os caldeus e os adivinhos; narrei o sonho em sua presença, mas eles não me deram a conhecer sua interpretação. ⁵Finalmente entrou Daniel, cognominado Beltshaçar, segundo o nome de meu Deus^a, que tinha em si um espírito dos deuses santos^p. Narrei o sonho em

5.11.14;
Gn 41.38;
Ea 31.3

sua presença: ⁶"Beltshaçar, chefe dos magos^a, tu que tens em ti, eu o sei, um espírito dos deuses santos e que nenhum mistério ultrapassa, dize-me as visões do sonho que tive e sua interpretação!"

⁷ Nas visões de meu espírito^m sobre meu leito, eu via, e eis uma árvore, no meio da terra, cuja altura era imensa! ⁸ A árvore tornou-se grande e forte: sua altura chegava até o céu, e sua imagem^a, até as extremidades da terra.

Ez 17.3-10.
22-24;
31.3-14

⁹ Sua folhagem era bela e seus frutos, abundantes: havia nela alimento para todos. Sob ela se abrigavam os animais dos campos, nas suas ramagens pousavam os pássaros do céu, e dela se alimentava toda a carne.

¹⁰ Eu via, nas visões de meu espírito, no meu leito, e eis que descia do céu um Vigilante, um Santo^a. ¹¹Ele gritou com voz forte*:

Mt 13.31-32;
Mc 4.32

¹² Eu via, nas visões de meu espírito, no meu leito, e eis que descia do céu um Vigilante, um Santo^a. ¹³Ele gritou com voz forte*:

¹⁴ Eu via, nas visões de meu espírito, no meu leito, e eis que descia do céu um Vigilante, um Santo^a. ¹⁵Ele gritou com voz forte*:

sentar, no quadro de um sonho simbólico, o Julgamento de Deus que rebaixa as potências humanas orgulhosas. Como precedentemente (cap. 2), Nabucodonosor é o protótipo literário disso. A técnica de exposição e de explicação dos sonhos é a mesma que a do cap. 2, mas aqui é o próprio rei que narra seu sonho. A impotência dos adivinhos oficiais contrasta ainda com a clarividência de Daniel. A forma autobiográfica da narração parece derivar de uma refundição secundária, pois em duas oportunidades a narrativa é retomada, como por inadvertência, na terceira pessoa (vv. 16 e 25). Pode-se entrever assim uma certa pré-história do texto: atualmente, ele começa como uma carta dirigida pelo rei a todos os seus súditos. Nenhum detalhe evoca um tempo no qual o poder civil teria perseguido os judeus. O material literário foi pois elaborado antes da perseguição de Antíoco Epifânias, mas compreende-se que no tempo desta o julgamento de Nabucodonosor tenha recebido caráter de carente atualidade. Primitivamente, a lição da narração tinha mais um alcance geral: anunciando a condenação infligida por Deus contra o orgulho humano (cf. Is 2.10-19, etc), ela convidava os reis a reconhecer a grandeza do Deus único para se humilhar diante dele (cf. vv. 14.22.29.31-32).

i. Ou: *cresça*.

j. Teodociação abrevia o texto: ... *de vos expor como eles são grandes e poderosos*.

k. Novo exemplo de formulário litúrgico (cf. infra, vv. 31-32.34).

l. A Septuaginta introduz aqui um esclarecimento cronológico: *no ano dezoito do reinado de Nabucodonosor*. Mas em todo este capítulo o texto da Septuaginta difere consideravelmente do aramaico e baseia-se provavelmente sobre um original diferente.

m. Lit. *de minha cabeça* (assim também nos vv. seguintes e em 7.1).

n. Comparar esta enumeração com a de 2.2.27 (cf. nota a 2.2). Os caldeus são provavelmente os astrólogos.

o. Este jogo de palavras, que encontra no nome de Beltshaçar o do deus babilônico Bel, não tem apoio etimológico. A respeito desse cognome de Daniel, cf. 1.7.

p. Teodociação: *um espírito santo de Deus* (correção teológica requerida pela ortodoxia judaica). O rei pagão fala em função de sua própria concepção das potências divinas. Note-se que os vv. 3-5 resumem uma cena narrada com mais pormenores no cap. 2.

q. Sobre esse título de Daniel, cf. 2.48.

r. A recensão do texto masorético é ilógica, pois o rei vai justamente contar seu sonho. O texto de Teodociação parece pois preferível: *Escuta o sonho que eu tive e dize sua interpretação*. O texto masorético parece influenciado aqui por 2.6-10.

s. Segundo o paralelismo do v. 10, supriu-se a preposição diante da primeira palavra do texto masorético. Teodociação tem um texto mais curto: *Sobre meu leito eu via, e eis...*

t. Cf. Ez 31.3-9 (muitas expressões são idênticas nos dois textos).

u. Ou: *sua visibilidade* (palavra rara, que Teodociação parafraseou por *seu tronco*).

v. O Anjo anunciador do Julgamento de Deus é designado aqui por dois epítetos unidos, aplicáveis somente aos seres sobrenaturais: os santos, cf. Zc 14.5; Sl 89.6; Jc 5.1; Dn 8.13; etc: os vigilantes (ou, como dirá o livro de Henoc: "aqueles que não dormem"), em oposição aos seres de carne cujo sono, imagem da morte (Sl 13.4), demonstra a condição mortal.

w. Note (SI) o ritmo poético do discurso do Anjo, com seus pa-

"Derrubai a árvore e cortai sua ramagem! Despojai-a de sua folhagem e espalhai seus frutos!

Que os animais fujam de debaixo dela, e os pássaros de sua ramagem!

¹² Mas a cepa de suas raízes, deixai-a na terra, e acorrentada com ferro e bronze, na vegetação do campo!

Ela será banhada pelo orvalho do céu, e terá como herança a erva da terra com os animais.

¹³ Seu coração será mudado para que não seja mais um coração de homem, e lhe será dado um coração de animal¹. Depois, sete períodos² passarão sobre ela.

¹⁴ A sentença se dá por decreto dos Vigilantes, e a questão por ordem dos Santos³, para que os viventes reconheçam que o Altíssimo é soberano da realeza dos homens,

que ele a dá a quem quer e exalta o mais humilde dos homens⁴."

¹⁵ Tal é o sonho que tive, eu, o rei Nabucodonosor. Quanto a ti, Beltshaçar, dá sua interpretação. Porque todos os sábios de meu reino não podem me fazer conhecer a interpretação; mas, tu o podes, pois tens em ti um espírito dos deuses santos⁵.

¹⁶ Então Daniel, cognominado Beltshaçar, ficou aterrorizado durante um momento e suas reflexões o atormentaram. O rei tomou a palavra e disse: "Beltshaçar, que o sonho e sua interpretação não te atormentem!" Beltshaçar respondeu e

disse: "Meu Senhor, que o sonho seja para teus inimigos, e sua interpretação para teus adversários! ¹⁷ A árvore que viste^b, que se tornou grande e forte, cuja altura chegava até o céu e a aparência, à terra inteira; ¹⁸ cuja folhagem era bela e os frutos abundantes, e na qual havia alimentos para todos; sob a qual habitavam os animais dos campos e em cuja folhagem se aninhavam os pássaros do céu: ¹⁹ és tu, ó rei! Porque te tornaste grande e forte; tua grandeza cresceu e chegou até o céu, e tua soberania, às extremidades da terra. ²⁰ A seguir o rei viu^c um Vigilante, um Santo, que descia do céu e dizia: "Abatei a árvore e destruí-a! Mas a cepa de suas raízes, deixai-a na terra, e acorrentada com ferro e bronze, na vegetação do campo; ela será regada pelo orvalho do céu e ela terá sua parte com os animais selvagens, até que passem sete períodos sobre ela".

²¹ Tal é a interpretação, ó rei! É a decisão do Altíssimo que chegou a meu Senhor, o rei: ²² Tu serás expulso^d de entre os homens; terás tua morada com os animais dos campos; serás alimentado com ervas como os bois e serás banhado com o orvalho do céu; e sete períodos passarão sobre ti, até que reconheças que o Altíssimo é o soberano da realeza dos homens e que ele a dá a quem quer. ²³ Depois foi dito que se deixasse^e na terra a cepa das raízes da árvore: tua realeza se prolongará para ti, desde que reconheças que o Céu^f é o soberano^g. ²⁴ Eis ó rei, meu conselho te seja aceito! Resgata teus pecados pela justiça^h, e tuas

ralelismos característicos. Não se deve esquecer que se trata de um enunciado profético que formula o julgamento de Deus.

x. Lembremos que o "coração" é o órgão do pensamento (cf. 7.4 nota)

y. Quer dizer sete anos (cf. 7.25 nota).

z. O mundo angélico é o executor das ordens de Deus, que governa a história por seu intermédio.

a. Este final do discurso angélico especifica a lição central da narração.

b. A explicação da visão retoma o mesmo plano do capítulo 2: seus elementos constitutivos são enumerados um por um e interpretados ponto por ponto; os vv. 17-18 retomam os vv. 7-9.

c. Lit.: Quanto ao fato que o rei viu... (a mesma coisa no v.

23). O v. 20 retoma os vv. 10-12.

d. Em toda a passagem, o sujeito impessoal (plural aram., sem sujeito definido) implica uma alusão à causalidade divina, que se evita citar diretamente.

e. Variante de Teodocião: *Pois foi dito: Deixai...* Aqui ainda, o texto retoma um detalhe do v. 12.

f. Quer dizer: Deus (cf. 1Mc 3.18-19; 4.10; 9.46; 2Mc 9.4; Mt 3.2 nota; Lc 15.21, etc.). A expressão tinha se tornando corrente na linguagem judaica na época do NT.

g. Teodocião: *desde que tenhas reconhecido o poder do céu.*

h. A palavra *justiça* tomou logo cedo o sentido técnico de "obra de justiça", designando a esmola; Teodocião traduz: *por meio de esmolas.*

Th 12.9;
Sr 3.30;
Mt 6.1

faltas, tendo piedade dos pobres! Talvez haja uma prorrogação para tua tranquilidade!"

²⁵Tudo isso aconteceu ao rei Nabucodonosor.²⁶ Ao cabo de doze meses, ele passava no terraço do palácio real de Babilônia. ²⁷O rei tomou a palavra e disse^b: "Acaso não é isso Babilônia, a grande, que eu construí como residência real pela força de meu poder, para a glória de minha majestade?" ²⁸A palavra ainda estava na boca do rei, quando uma voz caiu do céu: "Foi dito a ti, ó rei Nabucodonosor! A realeza é retirada de ti. ²⁹Serás expulso de entre os homens; terás tua morada com os animais; serás alimentado com ervas como os bois; e sete períodos passarão sobre ti, até que reconheças que o Altíssimo é soberano da realeza dos homens e que ele a dá a quem quiser". ³⁰Naquela mesma hora, o fato se realizou em Nabucodonosor: foi expulso de entre os homens; ele comia erva como os bois e seu corpo era banhado pelo orvalho do céu, a ponto de sua cabeleira crescer como as penas das águias^c, e suas unhas como as dos pássaros. ³¹"No final dos dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos para o céu, e a consciência voltou a mim". Eu bendis-

se o Altíssimo, eu celebrei e glorifiquei o eterno Vivente^d.

Pois sua soberania é uma soberania eterna,

e sua realeza vai de geração em geração.

³²Todos os habitantes da terra não valem nada^e:

ele age segundo sua vontade,

para com o Exército do céu e os habitantes da terra;

não há ninguém que o toque com a mão^f

e que lhe diga: "Que fazes tu?"

³³No mesmo instante, minha consciência me voltou e, para glória de minha realeza, minha majestade e meu esplendor me voltou; meus conselheiros e meus dignitários me reclamavam. Fui restabelecido na minha realeza, e uma grandeza extraordinária me foi dada em acréscimo. ³⁴Agora, eu, Nabucodonosor, celebro, exalto e glorifico o Rei do céu,

pois todas as suas obras são verdade e seus caminhos são justiça,

e ele pode rebaixar aqueles que se portam com orgulho."

5 A escrita na parede^g. 'O rei Belshazar deu um grande banquete para seus dignitários, em número de mil, e na

627; 12.7;
Ap 1.18;
10.5-6
3.100 (33)

Is 45.9;
Jô 9.12;
Sb 12.12;
Rm 9.20

Sl 111.7s

Ez 17.24;
Sl 18.28;
Pr 16.18;
Lc 1.52

i. Teodocião (que supõe um texto ligeiramente diferente): *Talvez Deus seja paciente com tuas faltas.*

j. A narração passa aqui para a terceira pessoa até o fim do v. 30. A documentação babilônica ignora tudo o que é atribuído aqui ao rei Nabucodonosor. Em contrapartida, sabe-se que o último rei de Babilônia, Nabônides, permaneceu durante dez anos no oásis de Tēman, na Arábia, deixando a regência a cargo de seu filho Belshazar (cf. Dn 5). Um texto aramaico de Qumran menciona essa ausência do rei Nabunai, à qual ele atribui uma duração de sete anos (como aqui), devida a uma enfermidade. Dn 4 parece utilizar outra recensão da mesma tradição, referindo-a a Nabucodonosor.

k. O texto sublinha aqui o orgulho desmedido do rei, tipo da *hybris* humana que atrai sobre si o julgamento de Deus; cf. Gn 11.2-4, onde Babilônia é o símbolo da civilização orgulhosa.

l. A voz proveniente do céu era conhecida da tradição rabínica que lhe dava o nome de "filha de voz" (*bat qol*), espécie de eco terrestre da voz de Deus. Cf. as representações apocalípticas de Mc 1.11; 9.7 e par; Jo 12.28.

m. Teodocião: *sua cabeleira cresceu como a dos leões*, o que dá um sentido melhor à frase, com a dupla alusão à juba do leão e às garras dos pássaros. Mas a Septuaginta compara os cabelos do rei às plumas da águia, e suas unhas às garras do leão.

n. Lit.: *meu conhecimento* (a mesma coisa no v. 33).

o. Novo trecho de feitiço litúrgico, talvez tomado de empréstimo a formulários utilizados no culto da época (assim também no v. 34).

p. Cf. Is 40.15-17.

q. Ou: *que lhe golpeia a mão*; Teodocião traduziu: *que se opõe à sua mão*.

r. Teodocião e a Vulg. traduzem: *Eu retornarei à glória de minha realeza e minha majestade retornará a mim*, o que supõe uma leve modificação do texto consonântico. A versão siríaca omite este membro da frase.

s. Em ligação com os caps. 2 e 4, a presente narração dá um novo exemplo da clarividência profética concedida por Deus a Daniel. Não se trata mais de interpretar sonhos, mas de decifrar uma misteriosa inscrição traçada na parede do palácio real por uma mão sobrenatural, no decurso de um banquete sacrílego em que o rei Belshazar ostenta seu apego ao paganismo e seu desprezo ao verdadeiro Deus. Daniel interpreta esse texto, que os adivinhos oficiais não podiam nem mesmo ler: ele mostra aí o enunciado de um julgamento de Deus, que anuncia a queda próxima do rei. A tradição mesopotâmica tinha guardado alguma recordação de Bel-shar-usur, filho e co-regente de Nabônides, o último rei de Babilônia. Mas nosso texto faz dele o filho de Nabucodonosor, que na literatura se tornou o tipo do soberano pagão (cf. cap. 3). Por trás dele, o autor visa com

presença dos mil ele bebeu vinho¹. ²Durante a degustação do vinho, Belshasar ordenou trazer os utensílios² de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, retirara do Templo de Jerusalém: é neles que beberiam o rei e seus dignitários, suas concubinas e suas mulheres de serviço³.

⁴Então foram trazidos os utensílios de ouro⁴ que haviam sido retirados do templo — isto é, da Casa de Deus — de Jerusalém⁵, e o rei e seus dignitários, suas concubinas e suas mulheres de serviço beberam neles. ⁶Beberam vinho, e louvaram os deuses de ouro e de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra.

⁷Repentinamente, surgiram dedos de mão de homem: eles escreviam diante do candelabro sobre o gesso da parede do palácio real, e o rei via a parte de mão que escrevia. ⁸Então o rei mudou de cor⁸;

⁹suas reflexões o atormentavam, as articulações de seus rins deslocaram-se e seus joelhos se entrechocavam. ¹⁰O rei gritou com voz forte que se introduzissem os feiticeiros, os caldeus e os adivinhos⁹. O rei tomou a palavra e disse

aos sábios de Babilônia: “Todo homem que ler esta inscrição e me expuser a interpretação, revestirá a púrpura, terá o collar de ouro no pescoço⁶ e governará como triúnviro⁷ no reino. ⁸Então todos os sábios do rei entraram, e não puderam sequer ler a inscrição⁸, nem fazer conhecer a interpretação ao rei. ⁹Então o rei Belshasar ficou extremamente atormentado e mudou de cor, e seus dignitários ficaram consternados.

¹⁰A rainha⁴, diante das palavras do rei e de seus dignitários, entrou na sala do banquete. A rainha tomou a palavra e disse: “Ó rei, vivas para sempre! Que tuas reflexões não te atormentem e que tuas cores não mudem! ¹¹Existe em teu reino um homem que tem em si um espírito dos deuses santos⁵. Nos dias de teu pai, encontrou-se nele uma clarividência, uma perspicácia e uma sabedoria semelhantes à sabedoria dos deuses; e o rei Nabucodonosor, teu pai, o instituiu chefe dos magos, feiticeiros, caldeus e adivinhos. Assim fez o rei, teu pai⁶, ¹²porque se havia encontrado nesse Daniel, a

palavras veladas ao rei sírio contemporâneo, Antíoco Epifanes, que, em 169, despoja o Templo de Jerusalém, esperando profaná-lo pela instalação dos cultos pagãos (*1Mc* 1.54-59; *2Mc* 6.2-4). O banquete de Belshasar plagia essas orgias. Sua morte anuncia portanto simbolicamente o destino de Antíoco sob o véu de uma ficção histórica. A redação do capítulo supõe a do cap. 4, pois seus vv. 28-31 resumem 4.26-33. Quanto à mensagem que ele contém, essa pode ser comparada a 7.24-26; 8.23-26; 9.26-27; 11.36-45. A composição da narrativa lança mão de uma encenação alucinante, que pode ser comparada à evocação do fantasma de Samuel pela pitonisa de En-Dor (*1Sm* 28).

t. O vinho não era proibido no culto israelita (cf. *Is* 25.6); era utilizado provavelmente antes do séc. II na refeição pascal. Mas sabe-se que papel ele desempenhava nas orgias das bacanais, que foram exatamente introduzidas em Jerusalém sob o reinado de Antíoco Epifanes (*2Mc* 6.7).

u. Os utensílios em questão são aqui vasos; mas preferiu-se conservar sua designação geral, que se aplica a todos os textos onde reaparece a mesma palavra.

v. O sentido das duas últimas palavras é incerto. É pouco provável que a primeira designe “rainhas”, pois havia apenas uma com esse título. Quanto à segunda, é encontrada também nos papiros de Elephantina, onde designa um membro do pessoal do templo judaico e sua mulher (no século V a.C.); daí a tradução *mulher de serviço*. Trata-se em todo caso de mulheres que participam da orgia com o rei e suas cortesãs. Em *2Mc* 6.4, trata-se das hetairas e das prostitutas sagradas, introduzidas no Templo por Antíoco Epifanes.

w. Teodociação: e de prata (cf. v. 2).

x. Teodociação leu: do Templo de Deus que está em Jerusalém. y. Construção em anacoluto: então o rei, suas cores mudaram nele (a mesma expressão será retomada nos vv. 9 e 10).

z. Sobre essa enumeração das funções divinatórias, retomadas de modo mais completo no v. 11, cf. 2.2 nota.

a. Cf. a investidura de José, *Gn* 41.42.

b. Outros traduzem: no terceiro lugar. Mas 6.3-4, o autor supõe um triunvirato de três funcionários à frente da administração. Teodociação compreendeu, ele terá o comando num terço do reino.

c. Há aqui um enigma: por que os adivinhos não podem nem mesmo ler a inscrição? Deve-se lembrar que na época selúcida, a escrita cuneiforme ainda estava em uso, notadamente nos meios mesopotâmicos dedicados à adivinhação. Além do mais é conhecido um texto mágico redigido em aramaico (como o texto que Daniel decifrára mais adiante), mas escrito em cuneiforme; a chave desse logogrifo escapou aos assiriólogos, até que perceberam sua característica particular. Pode-se imaginar desta maneira a inscrição gravada sobre o reboco da parede. A menos que se trate de um alfabeto críptico, como se encontrou em certos textos de Qumran.

d. Trata-se da rainha mãe, não da esposa do rei (cf. v. 11).

e. Correção teológica de Teodociação: um espírito de Deus (cf. 4.5 nota).

f. Acrescentamos: assim se fez. As últimas palavras da frase, omitidas por Teodociação, são provavelmente uma variante marginal que terminou entrando no texto; poderiam ser suprimidas sem prejuízo.

Jz 14,12-19;
IRs 10,1;
SI 78,2

quem o rei deu o nome de Beltshaşar^g, um espírito extraordinário, a ciência e a perspicácia, para interpretar os sonhos, expor os enigmas e resolver os problemas^h. Agora, pois, que esse Daniel seja chamado, e ele exporá a interpretação!ⁱ 13Então Daniel foi introduzido diante do rei. O rei tomou a palavra e disse: "Por acaso és tu Daniel, de entre os deportados de Judá que o rei meu pai trouxe de Judá? 14Eu ouvi dizer a teu respeito que um espírito dos deuses está em ti, e que se encontrou em ti uma clarividência, uma perspicácia e uma sabedoria extraordinárias. 15E agora, foram introduzidos em minha presença os sábios e os feiticeiros^j, para que eles leiam essa inscrição e me façam conhecer a sua interpretação, mas eles não podem me expor a interpretação do fato. 16Ora, ouvi dizer que tu podias dar interpretações e resolver problemas. Agora, pois, se podes ler essa inscrição e me fazer conhecer sua interpretação, tu revestirás a púrpura, tu terás o colar de ouro no pescoço e tu governarás como triunfiro no meu reino".

17Então Daniel tomou a palavra e disse na presença do rei: "Teus presentes sejam para ti mesmo, e tuas gratificações, dai-as a outros! Mas a inscrição, eu a lerei para o rei e lhe farei conhecer sua interpretação. 18Ó rei!^k o Deus altíssimo concedera a realeza, a grandeza, a glória e a majestade a Nabucodonosor, teu pai; 19e por causa da grandeza que ele concedera, gente de todos os povos, nações e línguas tremiam de medo em sua presença: ele matava quem desejava e deixava

viver quem ele queria; ele elevava a quem queria e rebaixava quem ele desejava. 20E quando seu coração se exaltou e seu espírito se endureceu, tornando-o arrogante, ele foi deposto de seu trono real e sua glória foi-lhe retirada: 21ele foi expulso de entre os homens, seu coração tornou-se semelhante ao dos animais, e passou a morar com os onagros; era alimentado com erva como os bois e seu corpo era banhado pelo orvalho do céu, até que ele reconheceu que o Deus altíssimo é soberano da realeza dos homens e que eleva a ela quem ele quer. 22Ora tu, seu filho Belshaşar, não humilhaste teu coração, ainda que soubesses de tudo isso: 23tu te levantaste contra o Senhor do céu; os utensílios de sua Casa foram trazidas 5,3 tua presença, e tu mesmo e teus dignitários, tuas concubinas e tuas mulheres de serviço, vós bebeis vinho neles. Louvastes os deuses de prata e de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem conhecem!^l e o Deus que tem em sua mão teu sopro e a quem pertencem todos os teus caminhos, tu não o honraste! 24Então, de sua parte, foi enviado a parte de mão e traçada essa inscrição, 25e eis a inscrição que foi traçada: *menê menê teqel u-parsin*^m. 26Eis então a interpretação: Menê, "Contado"; Deus fez a conta de teu reino e ele lhe pôs fim. 27Teqel, "Pesado": Tu foste pesado na balança e achado insuficiente. 28Perês, "Dividido": Teu reino foi dividido, e dado aos medos e aos persas. 29Então Belshaşar ordenou revestirⁿ Daniel de púrpura, pôr o colar

11,12;
Dt 8,14;
17,20;
Ez 31,10
Ex 7,13,22
4,30

SI 135,15-17

Jó 12,10;
At 17,25
Jr 10,23;
SI 31,16

g. Cf. 1.7.

h. As três últimas expressões são justapostas à enumeração precedente: Teodocioão as compreende como participios: *ele interpretava os sonhos, etc.* A última delas quer dizer literalmente: *desatur os nós*. Esses *nós* poderiam designar encantos lançados pelos feiticeiros, ou conjunções de estrelas que forneciam presságios astrológicos. Porém é mais provável que se trate aqui de questões emaranhadas que o adivinho deve resolver. De qualquer forma, se está no âmbito da adivinhação.

i. Toda a cena deixa supor que Daniel, outrora chefe dos adivinhos (cf. 2,48), caiu completamente na obscuridade. Trata-se essencialmente de um arranjo dos efeitos na narração.

j. Teodocioão acrescenta: e os adivinhos.

k. Lit.: *Tu, ó rei!*... a sequência continua em anacolutos.

l. Tema clássico da polêmica contra a idolatria (cf. SI 115,5-7; Sb 13,10-16).

m. Teodocioão e a Vulg. leem aqui somente as três palavras que serão explicadas a seguir: *mane thekel phares*; mas trata-se de uma leitura facilitadora. A do texto masorético constitui com efeito um duplo criptograma. Pode-se interpretá-la primeiramente como uma enumeração de unidades monetárias: *Está contado: uma mina, um siclo e meios (siclos)*. Sobre esse primeiro enigma se enxerta uma interpretação secundária das três palavras essenciais, retomadas na interpretação de Daniel.

n. Duplo jogo de palavras com base no termo *perês* (plural *parsin*): "dividido" e "persas".

o. Lit.: *ordenou, e revestiram*... (a execução da ordem é men-

Est. 6.7-11 de ouro em seu pescoço, e proclamar a seu respeito que ele governaria como triúmviro no reino. ³⁰Nessa mesma noite, Belshazsar, o rei caldeu, foi morto.

6 ¹E Dario, o Medo, recebeu a realza, aos sessenta e dois anos².

Daniel na Cova dos Leões³. ²Dario julgou por bem instituir cento e vinte sátrapas⁴ sobre o reino, para que os houvesse em todo o reino; ³e sobre eles, três ministros⁵, um dos quais era Daniel, para que esses sátrapas lhes prestassem contas e o rei não fosse prejudicado⁶. ⁴Ora⁷ esse Daniel sobressaía aos ministros e aos sátrapas, porque havia nele um espírito extraordinário⁸, e o rei projetou estabelecer-lo sobre todo o reino. ⁵Então os ministros e os sátrapas desejaram encontrar uma falta de Daniel contra o reino; mas não conseguiam encontrar nem queixa nem falta, pois ele era fiel, e nenhuma negligência nem falta alguma foram encontradas contra ele⁹. ⁶Então aqueles homens disseram: “Não encontraremos

nenhuma queixa contra esse Daniel, a não ser que encontremos algo contra ele por causa da Lei de seu Deus”. ⁷Então aqueles ministros e aqueles sátrapas se precipitaram¹⁰ para junto do rei e lhe falaram assim: “Ó rei Dario! Vivas para sempre! ⁸Todos os ministros do reino, os intendentess¹¹ e os sátrapas, os conselheiros e os governadores realizaram um conselho para estabelecer uma constituição real e pôr em vigor um interdito: todo aquele que, durante trinta dias, dirigir uma prece a algum deus ou homem excetuando a ti próprio, ó rei¹², será lançado na cova dos leões. ⁹Agora pois, ó rei, é necessário que estabeleças o interdito e assines¹³ a resolução, que não deve ser modificada, segundo a lei dos medos e dos persas, que é irrevogável¹⁴”. ¹⁰Imediatamente, o rei Dario assinou a resolução e o interdito.

¹¹Quando Daniel soube que a resolução fora assinada, entrou em sua casa. Esta tinha janelas no andar superior, que se abriam na direção de Jerusalém. Três SI 55,18

cionada explicitamente). Comparar o triunfo de José em Gn 41.41-43.

p. Este final evoca a tomada de Babilônia em 539. Ele não concorda de modo nenhum com os dados das fontes acadianas. Sabe-se que foi Ciro, o Persa, que tomou Babilônia, sem desferir nenhum golpe, graças à cumplicidade do governador Gubaru. Todavia, a tomada da cidade durante o banquete do último rei e a morte deste entraram logo cedo nas tradições orientais: encontram-se em Heródoto (*Histórias*, 1.188.191) e em Xenofonte (*Cirópedia*, 7.5.11-31). Quanto a *Dario, o Medo*, ele é desconhecido dos historiadores.

q. Esta narração exemplar foi construída sobre o mesmo tema desenvolvido no cap. 3 (os jovens na fornalha): por fidelidade a Deus, Daniel enfrenta a morte; mas é maravilhosamente libertado, enquanto seus acusadores sofrem o castigo. O episódio, aliás, conheceu variações na tradição judaica: os suplementos gregos de Daniel apresentam outra versão, que se situa em Babilônia numa época indeterminada (Dn 14.23-42). O rei Dario, tal como apresenta o nosso texto, é um personagem bonachão submetido às exigências de seus cortesãos: não se parece de modo nenhum com o autoritário que os historiadores conhecem. Mas o narrador não procura evocar com realismo a história passada: ele visa ao presente por meio de palavras veladas para proporcionar um reconforto aos judeus perseguidos. Sabe-se que, a partir de 169, o rei Antíoco IV quis obrigar todos os seus súditos a participar do culto ao deus dinástico Bāl Shamēm, identificado com deus grego Zeus Olímpico, do qual ele se considerava a manifestação (dando o cognome de “deus manifestado” *epifanēs*, que se lê sobre suas moedas). Nesse quadro histórico, a narração adquire todo o seu sentido: é uma exortação ao martírio e à esperança. A libertação da cova dos leões, como a libertação da fornalha,

pode representar simbolicamente a libertação da morte que é a ressurreição (Dn 12.1-3; cf. Hb 11.33): a arte cristã primitiva verá aí a figura da ressurreição de Cristo.

r. A instituição das sátrapias por Dario é relatada por todos os historiadores da Antiguidade. Mas o seu número, segundo o testemunho de Heródoto, era somente vinte (*Investigação*, 3.89).

s. Título de origem persa e de significado impreciso. Com efeito, Daniel se acha na situação de grão-vizir, assistido por ministros adjuntos (cf. 5.29).

t. Cf. Exd 4.14 (mesmo vocábulo).

u. O adjetivo demonstrativo acompanhando um nome próprio ocorre profusamente neste capítulo: este estilo imita o antigo persa.

v. Cf. 5.12.

w. Teodocão omite todo o fim da frase, que é talvez uma repetição daquilo que precede.

x. Teodocão: *se prosternaram* ou *se aproximaram*; com efeito, o sentido do verbo é incerto neste contexto.

y. Sobre a enumeração das funções, cf. 3.2. Certos títulos mencionados aqui não figuram neste lugar. Muitos são de origem persa. Sabe-se que a tradição administrativa do império persa devia se perpetuar no de Alexandre, depois no dos selêucidas, esperando passar para o império parto.

z. Essa pretensão à divinização encontra-se em *Jt* 3.8; 6.2. Ela é anacrônica no tempo de Dario, mas no devido lugar sob Antíoco Epifanes.

a. Verbo no sentido incerto (lit.: *traçar, gravar*). Trata-se seja de “assinar” o escrito, seja de “colocar por escrito” o documento.

b. Lit.: *que não passará* (cf. Est 1.19; 8.8). Todavia não se deve esquecer que, na Pérsia antiga, o bel-prazer do rei tinha força de lei.

vezes por dia ele se punha de joelhos e orava e louvava em presença de seu Deus^c, como fazia anteriormente. ¹²Então aqueles homens se precipitaram^d e encontraram Daniel que orava e suplicava na presença de seu Deus. ¹³Então eles se aproximaram e disseram na presença do rei, a respeito do interdito do rei: "Não assinaste tu um interdito segundo o qual todo homem que, nestes trinta dias, orar a qualquer deus ou homem exceto a ti, ó rei, será lançado na cova dos leões?" O rei tomou a palavra e disse: "É certo! Segundo a lei dos medos e dos persas, que é irrevogável". ¹⁴Então eles tomaram a palavra e disseram na presença do rei: "Daniel, que está entre os deportados de Judá, não respeitou^e nem a ti, ó rei, nem ao interdito que assinaste, e três vezes por dia ele faz sua oração". ¹⁵Então o rei, quando soube do fato, ficou muito pesaroso por causa disso; ele dispensou atenção a Daniel, a fim de livrá-lo, e, até a tarde, se esforçou para salvá-lo. ¹⁶Então aqueles homens se precipitaram^f para junto do rei e disseram ao rei: "Sabe, ó rei! É uma lei para os medos e para os persas que todo interdito e ordenação que o rei estabeleceu não devem mais ser modificados^g". ¹⁷Então o rei ordenou que trouxessem Daniel, e ele foi lançado na cova dos leões^h. O rei tomou a palavra e disse a Daniel: "Teu Deus, a quem serves com constância, te libertará". ¹⁸Foi trazida uma pedra e posta na boca da cova, e o rei selou-a com seu

anel e com o anel de seus dignitários, para que nada fosse mudado com relação a Daniel. ¹⁹Então o rei dirigiu-se para seu palácio. Ele passou a noite em jejum, não fez entrar concubinasⁱ para junto de si, o sono fugiu dele.

²⁰Então o rei se levantou bem cedo, ao raiar da aurora, e foi apressadamente à cova dos leões. ²¹Quando se aproximou da cova, ele gritou a Daniel com voz aflita. O rei tomou a palavra e disse a Daniel: "Ó Daniel, servo do Deus vivo! Teu Deus, a quem serves com constância, conseguiu livrar-te dos leões?" ²²Então Daniel falou ao rei: "Ó rei, vivas para sempre! ²³Meu Deus enviou seu Anjo^j; ele fechou a goela dos leões" e eles não me fizeram nenhum mal, pois fui considerado justo diante dele. E tampouco contra ti, ó rei, não fiz mal algum". ²⁴Então o rei ficou muito feliz e ordenou içar Daniel para fora da cova. Daniel foi içado para fora da cova, e não foi encontrado nele nenhum ferimento, porque acreditara em Deus. ²⁵O rei ordenou que trouxessem^k aqueles homens que tinham deposto contra Daniel: foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres^l. Ora, eles ainda não tinham atingido o fundo da cova, e os leões se apoderaram deles e fizeram seus corpos em pedaços. ²⁶Então o rei Dario escreveu aos membros de todos os povos, nações e línguas que habitavam sobre toda a terra: "Que vossa paz seja grande!" ²⁷Eu deo ordem para que, em toda a ex-

Est 8,8

2Tm 4,17

3,95(28)
1Mc 2,60

3,98(31)

Dn gr. 14,31

c. Atestação indireta do ritmo (três vezes por dia) e da postura (de joelhos) adotados para a oração judaica no séc. II a.C.

d. Teodocião dá aqui ao verbo (cf. 6,7 nota) o sentido de *espírar*.

e. Teodocião omite: *a propósito do interdito*, depois ele liga a última palavra à frase seguinte: *Ó rei! acaso não assinaste...* É provavelmente o melhor texto.

f. Para a expressão, cf. 3,12; Teodocião omite: *ó rei*.

g. Cf. v. 7 nota. Teodocião omite: *se precipitaram para junto do rei*.

h. Mesma expressão como no v. 9.

i. Sobre o simbolismo dos leões como perigo mortal, cf. Sl 22,14-29; 91,13, etc.

j. Em 3,17-18, são os jovens que evocavam essa possibilidade de ser libertados da morte por seu Deus.

k. Palavra de sentido incerto. Teodocião traduz: *não levaram a ele alimentos* (sentido reclamado pelo contexto). A tradução

permanece duvidosa, porque se esperaria a palavra *concubina* no singular.

l. O Anjo, que aparecia visivelmente no cap. 3, é aqui evocado apenas no testemunho de Daniel a respeito de sua própria libertação.

m. Uma alusão a este v. é feita em Hb 11,33, segundo a tradução da Septuaginta.

n. O aramaico emprega aqui, para dizer *ferir o mal*, a mesma raiz usada para designar *ferimento* no v. 24.

o. Para a expressão, cf. 3,8, nota.

p. Encontra-se aqui o princípio da responsabilidade coletiva e da solidariedade no castigo. O final do episódio vai mais longe do que o do cap. 3, onde os acusadores se contentavam em constatar a maravilhosa libertação dos jovens (cf. no entanto 3,48).

q. Cf. 3,31. Há um paralelismo entre a carta de Nabucodonosor (cap. 4) e a de Dario, que dela depende literariamente.

3.96(29) tensão de meu reino, se trema de temor em presença do Deus de Daniel:

4.31; 12.7 porque é ele o Deus vivo, e ele subsiste para sempre.

Seu reino é indestrutível, e sua soberania durará até o fim.

²⁸ Ele liberta e salva;

3.99(32)s ele opera sinais e prodígios no céu e sobre a terra,

pois ele livrou Daniel da mão dos leões".

²⁹ Quanto a Daniel, ele prosperou sob o

reino de Dario e sob o reino de Ciro o persa'.

7 Os quatro animais e o Filho do Homem^a.

¹No ano primeiro de Belshasar^a, rei de Babilônia, Daniel viu um sonho e as visões de seu espírito em seu

leito^a. Então ele escreveu o sonho. Início da narração^a. ²Daniel tomou a palavra e disse: Eu via, em minhas visões durante a noite. E eis que os quatro ventos do céu faziam turbilhonar o Grande Mar^a.

r. Este final lembra o modo artificial com o qual o autor faz uma representação da sucessão dos impérios: Babilônia (Nabodonosor e Belshasar), os medos (Dario), os persas (Ciro), esperando Alexandre, e os gregos (cf. as notas introdutórias dos caps. 2 e 7). O cap. 1.21 especificava: *Daniel viveu até o primeiro ano do rei Ciro*.

s. Começa aqui a segunda parte do livro. Após as narrações relativas a Daniel e seus companheiros, apresentam-se agora as visões de Daniel, classificadas segundo uma ordem cronológica análoga à das narrativas. A primeira visão se apresenta como um sonho simbólico, contado (vv. 2-14) e depois explicado (vv. 15-28). Mas enquanto, nos capítulos precedentes, a explicação das visões e dos sonhos era dada pelo próprio Daniel, ele a recebe aqui de um Anjo de pé junto ao trono de Deus (v. 15). Esta intervenção do Anjo intérprete já se encontrava em Ez (40-42) e em Zc (1,7-6,8). A visão se desenrola seguindo a lógica dos sonhos, em duas séries de cenas de sentidos opostos. Na primeira série, os quatro Animais que sobem do mar evocam a sucessão dos impérios humanos, segundo um plano que já se encontrava no cap. 2, onde o plano estava subjacente ao simbolismo da estátua. O primeiro reino seria pois necessariamente o império neobabilônico (cf. 2,38: a "cabeça de ouro"). O segundo e o terceiro reinos já estavam identificados pela versão siríaca (a mais tardar em 250 d.C.) com os medos (7,5) e os persas (7,6). Era muito natural que, com base em alguns textos bíblicos, o autor representasse Babilônia caindo nas mãos dos medos (Jr 51,11-28; cf. Is 13,17; 21,2). É todavia possível que ele tenha usado um esquema histórico pre-existente, no qual Babilônia teria tomado o lugar de Nínive, que sucumbiu em 612 sob o golpe dos medos aliados aos babilônios. Em todo caso, o quarto reino é certamente o império grego de Alexandre, do qual os reis selêucidas da Síria são os herdeiros diretos. O autor distingue uma série de dez reis (os dez chifres do Animal), seguida de um undécimo rei, sob o qual o mal atinge o paroxismo. Nesse "undécimo chifre", que derruba três outros (7,8), pode-se reconhecer Antíoco Epifanes que vence Demétrio, seu próprio irmão Antíoco e Ptolomeu Filometor (cf. Dn 11,21-25). Não é impossível que o capítulo tenha recebido duas redações sucessivas quanto a este assunto: a primeira, conhecendo os "dez chifres", seria anterior à perseguição de Antíoco; a outra, acrescentando todos os detalhes referentes ao "undécimo chifre" (vv. 8,11a,12,20b-22,24b-25), atualizaria o texto para fortalecer a esperança dos perseguidos, ao anunciar a proximidade do Julgamento de Deus e a morte do perseguidor, prelúdio da glorificação dos mártires (cf. vv. 23-25). De qualquer modo, Antíoco representa a última investida do Mal contra o povo de Deus. Prolongando esse cuidado de atualização, a tradição judaica e

cristã identificará o quarto Animal com império romano (cf. Josefo, *Antiguidades* 10,11.7; 4 *Esdras* 11,1; 12,10ss.; *Apoc. de Baruc* 39; Ap 13; *Carta de Barnabé* 4). Quando este "último inimigo" terrestre tiver sido abatido, então chegará o reino dos Santos do Altíssimo, depositários humanos do Reino de Deus. É o segundo painel da visão de Daniel: Deus, representado sob os traços de um Ancião, procede à entronização celeste de um Filho de Homem (vv. 9-10,13-14), cujos traços contrastam com os dos Animais precedentes. Como estes, o Filho de Homem é um personagem simbólico. Mas a tradição judaica ulterior o identificará com o Messias davídico (*Parábolas de Henoc* 46, que certos críticos consideram como um texto cristão; 4 *Esdras* 13), o que se justifica em um contexto cultural em que todo grupo se incorpora de algum modo em seu chefe (cf. Adão e a humanidade). Os materiais utilizados pelo autor para construir essa visão derivam parcialmente do mito da criação, tal como era recitado em Babilônia por ocasião da festa do Ano Novo (morte de Tiamat, que personificava o Oceano primordial). A tradição bíblica os tinha empregado, sob uma forma mais próxima da mitologia cananéia, seja para traduzir simbolicamente sua teologia da criação, mostrando Deus triunfando das forças do caos (Sl 74,13-14; 89,10-11; cf. Gn 1,2), seja para representar a história do Êxodo (Is 51,9-10), seja para evocar o combate escatológico de Deus (Is 27,1). Com base em Dn 7, o mesmo conjunto de imagens será retomado pelo Apocalipse joânico (Ap 13), que associará num primeiro Animal os traços da Pantera, do Urso e do Leão (13,1-10; cf. Dn 7,4-6), e introduzirá um segundo animal, imagem do falso profeta (13,11-18). Sabe-se, por outro lado, que a vinda do Filho do Homem sobre as nuvens do céu será evocada várias vezes por Jesus (Mc 13,26 par.; Mt 25,31; Lc 17,22-30), como expressão de sua própria esperança. Baseando-se em sua resposta ao interrogatório de Caifás, ela se tornará finalmente a representação clássica de sua manifestação gloriosa (Mc 14,62 par.; At 7,55-56; Ap 1,13; cf. 19,11-16). Por aí se avalia a importância considerável de Dn 7 na revelação cristã.

t. Sobre Belshasar, cf. 5,1 nota.

u. O texto parece confuso, e a tradução assinala seu embaraço. Teodocácio acrescenta um verbo: *as visões de sua cabeça n'atormentaram* (como no v. 15). Como no cap. 4, se traduziu: *visões de sua cabeça por visões de seu espírito* (cf. 4,2 nota).

v. Esse título, ao qual corresponde uma nota semelhante no v. 28, é talvez uma glosa marginal, que logo cedo (antes da Septuaginta) passou para o texto; Teodocácio a omite. O texto continua: *Ele disse* (omitido por nós).

w. As versões gr. compreenderam: *rebeturam sobre o Grande Mar*. A imagem do Grande Mar é emprestada aos mitos

Ap 13.1 ³E quatro animais monstruosos saíam do Mar, diferentes uns dos outros. ⁴O primeiro era como um leão e tinha asas de águia^a. Eu via, quando suas asas foram arrancadas^b; ele foi levantado da terra e erguido sobre suas patas como um homem^c, e um coração de homem lhe foi dado^d. ⁵Depois outro Animal, um segundo^b, semelhante a um urso: ele foi erguido sobre um lado, tendo três costelas na boca, entre os dentes^c; falaram-lhe assim: "Levanta-te. Come muita carne!" ⁶Após isso, eu via, e eis outro, como um leopardo tendo quatro asas de pássaro sobre o dorso^d; o Animal tinha quatro cabeças, e lhe foi dada uma soberania. ⁷Após isso, eu via, nas visões da noite, e eis um quarto Animal, assustador, terrificante, extremamente vigoroso^e; ele tinha monstruosos dentes de ferro; ele comia, rasgava e pisoteava o resto com os pés; diferia de todos os outros animais que o precederam, e tinha dez

chifres^f. ⁸Eu examinava os chifres, e eis que entre eles se elevou um outro, pequeno chifre^g; foram arrancados três dos chifres precedentes diante dele. E sobre esse chifre havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que proferia coisas monstruosas^h. ⁹Eu via, quando tronos foram instalados e um Anciãoⁱ se assentou: sua veste era branca como a neve, e a cabeleira de sua cabeça, como lã limpa^j; seu trono era de chamas de fogo, com rodas de fogo ardente^k. ¹⁰Um rio de fogo escorria e saía de diante dele. Mil milhares o serviam; dez mil miríades estavam diante dele^l. O tribunal tomou assento^m, e livros foram abertosⁿ. ¹¹Eu via: então por causa das palavras monstruosas que o chifre proferia..., — eu olhava, quando o Animal foi morto e seu corpo abatido, e foi entregue à chama do fogo^o. ¹²Quanto ao restante dos Animais, fez-se cessar sua soberania, e um prolongamento de vida lhes foi dado^p até uma data e

Ap 20.4,
11-12
Ap 1, 13-16;
5.11
Mt 17.2p;
28.3
Ap 1.14
Ez 1
Sl 18.12c;
50.3; 97.3
Ap 5.11
Jo 5.22

Ap 19.19-21

orientais, nos quais o Oceano primordial era divinização: em Babilônia, a deusa Tiamat; em Ugarit, o príncipe Iâm (= Mar). A imagem evoca assim o poder do Mal, do qual sairão os monstros inimigos de Deus. Ele era conhecido no AT, sob uma forma desmitizada (cf. Is 17.12-13; Jr 6.23; Sl 29.3, 77.17; 93.3-4).

x. A respeito da identificação do poderio babilônico com um leão cf. Ez 32.2; Jr 50.17; a respeito da imagem de argila, cf. Hab 1.8b; Ez 17.3 (Nabucodonosor é a grande águia). A iconografia babilônica conhecia três aliados, análogos ao que é aqui descrito (cf. também Ez 1.10).

y. A apresentação impessoal de todo o quadro faz pressentir uma casualidade sobre-humana: evita-se implicar Deus diretamente.

z. Cf. 4.13.31 (Nabucodonosor transformado em animal).

a. O coração é o órgão da inteligência (cf. 5.13, etc).

b. O segundo animal representa o império medo, considerado o sucessor de Babilônia (cf. Dn 5.30-6.1).

c. O simbolismo das três costelas permanece enigmático; deve-se tratar de três potências submetidas ao império medo, na representação histórica bastante convencional que o autor utiliza.

d. Trata-se do império persa (cf. 6.29). As quatro asas e as quatro cabeças podem encerrar um simbolismo cósmico que evocaria a universalidade do império persa (cf. a titulação babilônica: "rei das quatro regiões"); a menos que as quatro cabeças façam alusão aos quatro reis da Pérsia mencionados nos livros de Esdras e Neemias (Ciro, Dario, Xerxes e Artaxerxes) e conhecidos do autor de Daniel (11.2).

e. Trata-se do império grego inaugurado por Alexandre (ver a nota introdutória do cap., e cf. Dn 8.20-21; 10.20; 11.3).

f. Os dez chifres representam a dinastia dos selêucidas, que sucedeu a Alexandre. Mas o número 10 é uma cifra redonda que comporta um valor simbólico para designar uma série completa.

g. O pequeno chifre representa Antíoco Epifanes (175-163).

h. Descrição simbólica de Antíoco Epifanes. Sobre os olhos,

cf. 8.23; sobre a boca arrogante, cf. 7.25; 11.36; *1Mc* 1.24-25; *2Mc* 5.17. Este traço, característico do rei ímpio e perseguidor, será retomado em Ap 13.5.

i. Lit.: um velho em dias (ou avançado em dias). A tradução encontradiza "Ancião em dias" não faz sentido.

j. Outra tradução (conforme o siríaco): lã de ovelha.

k. A presença divina simbolizada aqui pelo Ancião tem como quadro natural o fogo (cf. Ex 19.18; Sl 50.3; 97.3).

l. Os milhares e as miríades (= 10.000) são termos que designam unidades militares: todo o exército dos céus está a serviço de Deus.

m. Os tronos (v. 9) estavam instalados para que o tribunal celeste se reunisse em sessão. Esta passagem não diz quem são os assessores de Deus. No livro de Henoc, os santos participam da sua função de juiz (1 Henoc 45.3; 90.20). No NT, é o Filho do Homem que se torna o juiz, assistido pelos anjos (Mt 25.31) e descrito sob os traços do Ancião de Dn 7 (Ap 1.13-14); e o Cristo promete a seus apóstolos participar da função que ele exerce (Mt 19.28; Lc 22.30).

n. Esses livros são considerados como indicando as boas e as más ações dos homens (Is 65.6; Sl 56.9; Ap 20.12). Eles encerram também os registros dos homens inscritos em vista do "mundo futuro" (Is 4.3; Mt 3.16; Dn 12.1; cf. Sl 87.6; Lc 10.20; Ap 13.8).

o. O texto contém aqui um anacoluto muito abrupto, devido talvez à supressão de um final de frase ou a um remanejamento do texto.

p. A respeito do fogo como instrumento da vingança divina, cf. Is 66.16; Lc 16.24; Ap 20.14; *Salmas de Salomão* 15.6-7, etc.

q. Parece que, para o autor, após a queda do império perseguidor (encarnado em Antíoco IV), os outros reinos subsistirão para se tornar vassalos do povo dos Santos do Altíssimo (cf. v. 27).

um momento determinados^r. ¹³Eu via, nas visões da noite, e eis que com^s as nuvens do céu vinha um como Filho do Homem¹: ele chegou até o Ancião, e o fizeram aproximar da sua presença². ¹⁴E lhe foi dada soberania, glória e realeza: as pessoas de todos os povos, nações e línguas o serviam.

Sua soberania é uma soberania eterna, que não passará, e sua realeza, uma realeza que jamais será destruída.

¹⁵Meu espírito, em mim, Daniel, ficou angustiado dentro de seu invólucro³, e as visões de meu espírito me atormentavam⁴. ¹⁶Eu me aproximei de um daqueles que lá estavam, e perguntei sobre o que havia de certo a respeito de tudo aquilo. Ele me disse e me fez conhecer a interpretação das coisas: ¹⁷"Quanto a esses Animais monstruosos que são em número de quatro⁵: quatro reis se levantarão da terra; ¹⁸a seguir, os Santos do Altíssimo⁶ receberão a realeza, e possuirão a realeza para sempre e para todo o sempre". ¹⁹Então eu quis dar certeza a

meu coração do significado do quarto Animal, que era diferente de todos e muito assustador, tinha dentes de ferro e garras de bronze, comia, esfaqueava e pisoteava o restante com pés; ²⁰e a respeito dos dez chifres⁷ que ele tinha na cabeça, depois do outro que se tinha elevado e diante do qual três tinham caído: esse chifre tinha olhos e uma boca que proferia coisas monstruosas, e seu aspecto era maior do que o de seus congêneres; ²¹eu via, e esse chifre fazia guerra aos Santos e os vencia, ²²até que viesse o Ancião e o julgamento fosse dado⁸ em favor dos Santos do Altíssimo, e que chegasse o tempo e os Santos possuíssem a realeza⁹. ²³Ele me falou assim: "Quanto ao quarto Animal: um quarto reino virá sobre a terra, que será diferente de todos os reinos, devorará toda a terra, pisoteará e esfaqueará. ²⁴E quanto aos dez chifres: desse reino se levantarão dez reis; depois um outro se levantará após eles¹⁰. Será diferente dos anteriores: ele abaterá três reis¹¹; ²⁵proferirá palavras contra o Altíssimo¹² e molestará os Santos do Altíssimo;

r. Essa data fixada por antecipação será a da libertação ou a do julgamento?

s. O texto masorético e Teodocião: *com*: Septuaginta: *sobre*. O NT conhece as duas formas do texto.

t. Lit. *filho de humanidade*, portanto um homem individual. O simbolismo do homem se opõe aqui ao dos monstros que o precediam: sua vinda com (ou sobre) as nuvens o relaciona com a esfera do divino, enquanto os Animais subiam do Mar, símbolo do âmbito do Mal. A influência literária das teofanias do AT, em que Deus aparecia nas nuvens, é certa (cf. Ex 34,5; Lv 16,2; Nm 11,25 etc.). Sobre a significação desse personagem simbólico e sua interpretação posterior, cf. a nota introdutória do cap. 7.

u. O Filho do Homem não vai de Deus em direção aos homens; ele vem para Deus em vista de uma entronização solene. Compreende-se isto, se representa o povo dos Santos do Altíssimo, chamado a participar da realeza do próprio Deus.

v. A mesma expressão se encontra em Qumran no *Apócrifo do Gênesis* (tendo como sujeito: o sopro ou a respiração). O corpo ou o peito é o "estorço" no qual está encerrado o sopro ou o espírito. Pode-se pensar na expressão corrente: "Tive a respiração cortada".

w. Situação análoga à de Nabucodonosor em 2,1-3. Este procurava adivinhos para interpretar seu sonho. Daniel se dirige a um anjo intérprete que explicará sua visão (vv. 17ss.).

x. O estilo imita o das respostas dadas pelos adivinhos do antigo Oriente. Cada parte da visão é retomada em detalhe e exposta com base na narração precedente; a seguir é dada a sua interpretação (cf. 2,41-43; 4,17-23; 5,26-28).

y. A forma gramatical (com *Altíssimo* no plural) é estranha: certos comentaristas traduzem: "os Santos entre os seres celestes". O nome de Santos designa geralmente os anjos (cf. 4,10 nota), mas também às vezes os fiéis (Sl 16,3,10; 34,10; Is 4,3). Israel é com efeito o povo santo (Ex 19,6). Homens e anjos são associados na literatura apocalíptica (*Testamento de Levi* 19,1-3; *Testamento de Nefali* 8,4-6; *Livro dos Jubileus* 14,18-20), notadamente em perspectiva escatológica (*Sh* 5,5). A mesma idéia se encontra em Qumran, e o NT a retomará (cf. Cl 1,12). Os Santos do Altíssimo são, pois, aqui, o povo de Deus, o Israel fiel (cf. vv. 22 e 25), antes que os anjos dos quais esse povo dependeria (sentido possível para o v. 27).

z. Em Ap 12,3, o Dragão terá sete cabeças e dez chifres, como também o Animal que sobe do mar (13,1), embora somente o simbolismo das cabeças seja explorado logo a seguir (13,3); o simbolismo dos dez chifres reaparece em Ap 17,12.

a. Sentido possível de um texto difícil. Talvez ele estivesse af primitivamente: ... que o tribunal se reunisse e que a soberania fosse dada aos Santos... (cf. v. 10 e 14).

b. Essa longa rememoração da visão dá a impressão de uma adição secundária; mas ela figura em todos os testemunhos do texto e é necessária para a aplicação que segue.

c. Teodocião acrescenta aqui: ... que ultrapassará em males todos os precedentes.

d. Sobre os três reis abatidos por Antíoco Epifanes, cf. a nota introdutória do capítulo.

e. Cf. Dn 4,14; 5,18,21: o epíteto de *Altíssimo* provém da mitologia cananéia, mas ela é aplicada ao Deus de Abraão em Gn 14,19-20. Sobre as blasfêmias do rei perseguidor, cf. v. 8. nota.

ele proporá mudar o calendário^f e a Lei^g, e os Santos serão entregues em sua mão por um período, dois períodos^h e meio períodoⁱ. ²⁶A seguir o tribunal se reunirá em sessão, e se fará cessar a soberania dele, para aniquilá-lo e fazê-lo perecer definitivamente. ²⁷Quanto à realeza, à soberania e à grandeza de todos os reinos que há debaixo de todos os céus, elas foram dadas ao povo dos Santos do Altíssimo: Sua realeza é uma realeza eterna; todas as soberanias o servirão e a ele obedecerão^j.

²⁸Termina aqui a narração^k. A mim, Daniel, minhas reflexões me atormentaram muito; minha cor ficou alterada, e guardei o assunto no meu coração.

8 A visão do Carneiro e do Bode^l.

¹No ano terceiro do reinado de Belshasar, apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, após aquela que me aparecera precedentemente. ²Eu via, na visão, e eis que, na visão, eu estava em Susa¹, a cidadela, que está na província de Elâm. Eu olhava na visão, e eu mesmo estava próximo do ribeirão Ulai. ³Levantei os olhos e vi: havia um Carneiro em pé diante do ribeirão. Ele tinha dois chifres.

Os dois chifres eram elevados, um mais alto que o outro, o mais alto se erguia em último lugar^m. ⁴Eu vi o Carneiro dar marradas para o oeste, para o norte e para o sul; nenhum animal podia resistir a ele, nem libertar de seu poderⁿ. Ele agia a seu modo e crescia. ⁵Eu estava pondo-me a refletir sobre aquilo, e eis que um Bode veio do ocidente, percorrendo toda a terra sem nem mesmo tocar a terra; esse Bode tinha um chifre saliente entre os olhos. ⁶Ele veio até o Carneiro com dois chifres, aquele que eu vira de pé diante do ribeirão, e investiu contra ele no ardor de sua força^o. ⁷Eu o vi chegar próximo ao Carneiro, e se enraiveceu contra ele. Ele golpeou o Carneiro e quebrou seus dois chifres, e o Carneiro não teve mais força para resistir a ele. Ele o lançou por terra e pisoteou-o, e não houve quem librasse o Carneiro de seu poder^p. ⁸O Bode crescia enormemente; mas enquanto ele estava em pleno vigor, o grande chifre foi quebrado, e no seu lugar se elevaram quatro chifres notáveis, aos quatro ventos do céu^q. ⁹De um deles saiu um chifre pequenino que cresceu mais e mais em direção ao sul, para o oriente e para a Terra Magnífica^r.

f. Lit. *os tempos*, quer dizer, as datas das festas no calendário religioso de Israel (cf. *1Mc* 1.45).

g. Cf. *1Mc* 1.41-49.

h. Lê-se aqui um dual (em lugar de plural) em função do contexto. A palavra *período* tem praticamente o sentido de "ano".

i. Esses três anos e meio se encontram em 9.27 (uma meia semana de anos). Trata-se de uma cronologia simbólica (7:2), na qual a metade do número perfeito (7) faz pressagiar a queda do império ímpio: não se deve procurar uma correspondência exata na cronologia real. Encontram-se em outros lugares cifras diferentes: em 8.14, 2.300 manhãs e tardes (quer dizer, 1.150 dias); em 12.11, 1.290 dias; em 12.12, 1.335 dias (cf. a nota sobre 12.12). Com efeito, a perseguição de Antíoco durará efetivamente de 168 a 165, quer dizer, mais ou menos três anos e meio. A mesma cronologia simbólica será retomada no Apocalipse (11.2: 42 meses), e se encontram outros traços em *Lc* 4.25 e *Tg* 5.17 (os três anos de fome anunciados por Elias se tornaram três anos e meio).

j. Lit. *Até aqui o fim das palavras* (cf. v. 1 nota).

k. Eis um novo painel histórico em forma de visão simbólica. Ao Carneiro de dois chifres (o reino bicéfalo da Média e da Pérsia) sucede um Bode dotado de um chifre notável (o reino grego de Alexandre). Uma vez quebrado esse chifre (morte de Alexandre), crescem, no seu lugar, quatro outros chifres menores (os reinos herdeiros do império de Alexandre). Surge final-

mente um pequeno chifre (Antíoco Epifanes), levado por seu orgulho a se insurgir contra Deus pela supressão de seu culto e a perseguição ao seu povo. Mas sua queda final é solenemente proclamada em virtude de um decreto divino. Seguindo a técnica dos apocalipses, o vidente contempla antes essa visão simbólica (8.2-14), depois um anjo interpreta para lhe explicar (8.15-26). O texto hebraico está infelizmente muito estragado, e as versões gregas (notadamente Teodocácio) não permitem sempre restaurá-lo com segurança (notadamente nos vv. 11-13 e 24-25).

l. Susa, antiga capital do Elâm conquistada por Babilônia, voltou a tornar-se importante a partir da época persa.

m. Após a dominação dos medos, a dinastia persa dos reis de Anshan conquista o império sob Ciro (549).

n. Alusão às conquistas sucessivas do império persa: Lídia (Ásia Menor), Babilônia, Síria, Palestina, Egito, etc.

o. Alexandre atravessa o Helesponto e ataca a Ásia sob o reinado de Dario III Codomano, em 334.

p. Batalhas do Granico (334), de Issos (333) e de Arbela (331). q. Após a morte de Alexandre (323), seu império foi partilhado entre seus quatro generais. Entre eles, Seleuco I recebeu Babilônia e a Síria, do que se tratará no v. seguinte.

r. Antíoco IV Epifanes (175-164) tenta alargar seu domínio em direção ao Egito e às expensas dos partos; finalmente ele agride os judeus da "Terra Magnífica", a Judeia.

Ez 34.17s;
Zc 10.3
11.40;
Ex 21.28
7.5

8.7; 11.16;
Jz 2.14
11.3,16,36
8.8,11,25
Esd 8.35;
2Cr 29.21
Is 41,3

2Sm 23.21;
1Cr 11.23

11.11

7.7.19;
2Rs 14.9
Is 5.29;
Os 5.14

7.2; 11.4

3.22;
7.7.19;
Is 56.12

11.16.41; 109-10
Jr 3.19; 109-10
Ez 20.6,15; Mt 3,7
Zc 7.14; 11.27;
8.24; 12.3; 12.7-13;
Is 14.13-14; Hab 2.3
Ap 12.4; 5.28
11.31;
Ez 29.42
Eqj 3,3
IMc 1.21;
41-64

2Cr 31.21

12.6;
Ap 6.10

Ap 12.6;
13.5

Ez 1.26

9.21-23;
Lc 1.19-26

8;
Ap 1.17

11.35;
Ez 21.30,34;
35.5;
Am 8.2;
Hab 2.3;
ICor 15.24

¹⁰Ele cresceu até o Exército do céu; ele derrubou por terra uma parte desse Exército e das estrelas, que ele pisoteou. ¹¹Ele cresceu até o Príncipe desse Exército, arrebatou o sacrifício perpétuo e abalou as fundações de seu santuário¹. ¹²O Exército foi entregue, além do sacrifício perpétuo, com perversidade². O chifre lançou a Verdade por terra e alcançou sucesso naquilo que empreendeu. ¹³Então ouvi um Santo falar. E um Santo disse Àquele que falava: "Até quando essa visão do sacrifício perpétuo, da perversidade devastadora, do santuário entregue e do Exército calcado aos pés?" ¹⁴Ele me disse: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs³; depois, o santuário será restabelecido em seus direitos".

¹⁵Ora, enquanto eu, Daniel, via esta visão e procurava compreendê-la, eis que se prostrou diante de mim uma como aparência de homem⁴. ¹⁶E eu ouvi a voz de um homem⁵ no meio do Ulai que chamava e dizia: "Gabriel, faz este compreender a visão!" ¹⁷Ele se dirigiu para perto do lugar onde eu estava; enquanto ele vinha, eu fiquei terrificado e caí sobre o rosto. Ele me disse: "Compreende, filho de homem, pois a visão é para o tempo do fim"⁶. ¹⁸Enquanto ele me falava, eu caí em letargia⁷, com o rosto por terra. Ele me tocou e me pôs de pé no

lugar onde eu estava. ¹⁹Depois ele disse: "Vou fazer-te conhecer o que acontecerá ao término da cólera, pois o fim tem data marcada. ²⁰O Carneiro com dois chifres, que tu viste: são os reis da Média e da Pérsia. ²¹O Bode peludo: é o rei da Grécia. O grande chifre que ele tinha entre os olhos: é o primeiro rei⁸. ²²Uma vez quebrado, os quatro que surgiram no seu lugar são quatro reinos que surgirão dessa nação, sem ter sua força. ²³Ao término de seu reinado, quando os perversos tiverem levado sua perversidade ao cúmulo, elevar-se-á um rei impudente e perito em astúcias⁹. ²⁴Seu poder crescerá, mas não por sua própria força; ele operará destruições prodigiosas e alcançará sucesso naquilo que empreender; ele destruirá poderosos, quer dizer, o povo dos Santos. ²⁵E por causa de sua habilidade¹⁰, garantirá o sucesso de seus engodos; ele há de superestimar-se e, em plena paz, destruirá uma multidão¹¹; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será abatido sem intervenção de mão alguma¹². ²⁶Quanto à visão das tardes e das manhãs tal como foi dito, é a verdade. Quanto a ti, guarda a visão em segredo, porque ela se refere a dias distantes¹³". ²⁷Então eu, Daniel, desmaiei, e permaneci enfermo durante dias. Depois eu me levantei e me ocupei dos

s. O Exército do céu representa os seres celestes, aos quais são associados os Santos de Israel (cap. 7). O v. faz alusão à profanação do Templo por Antíoco IV e estabelece uma correspondência entre o céu e a terra.

t. Em 168, Antíoco IV decreta a helenização da Judéia, faz cessar o culto judeu e dedica o Templo de Jerusalém a Zeus Olímpico.

u. Essa parte do v., traduzida aqui palavra por palavra, é obscura e pode receber traduções diversas.

v. O texto é obscuro. Compreender-se-ia melhor se fosse Daniel que fizesse a pergunta (cf. v. 14).

w. O texto hebr. da pergunta está mal conservado.

x. Ou seja, 1.150 dias, com alusão aos sacrifícios da tarde e da manhã (cf. 9.21). O simbolismo do número é obscuro. Mas entre o outono de 167 (abolição do culto judaico) e a purificação do Templo (14 de dezembro de 164), decorrem efetivamente um pouco mais de três anos: talvez os 1.150 correspondam a essa cronologia real (3 anos de 360 dias [= 30x12], mais 2 meses de 30 dias, mais 10 dias).

y. Trata-se do anjo Gabriel. O autor multiplica as precauções de linguagem para descrever o mundo angelical.

z. A distinguir da aparência de homem do v. 15.

a. A estrutura habitual do gênero apocalíptico comporta uma visão, um diálogo celeste, uma explicação dada por um anjo intérprete. Essa estrutura será reencontrada na sequência do livro (cf. Zc 2: Dn 10-12; Ap passim).

b. Termo técnico para designar o estado de transe do visionário, como em Gn 2.21 e 15.12.

c. Cf. notas dos vv. 6-7.

d. Lit.: *duro de rosto e compreendendo os enigmas*.

e. Uma versão gr. (Septuaginta) oferece o texto seguinte (v. 24d-25b): *ele destruirá os poderosos e o povo dos Santos, e sua habilidade (se dirigirá) contra os Santos; sua conduta traidora terá sucesso*.

f. Como o mostra o contexto, trata-se da perseguição dos judeus de 167 a 165.

g. Ver 2.45 (cf. 2.35). Trata-se aqui de uma apresentação bastante despojada do julgamento futuro de Deus.

h. Na literatura apocalíptica, o tema da revelação mantida secreta é freqüente (cf. 12.10). Por esse meio o autor pode pôr seu livro sob o patrocínio de um profeta do passado.

2.48: 5.11 negócios do rei. Eu estava aterrorizado¹ por causa da visão, e não havia quem compreendesse.

9 Os setenta setenários de anos¹. ¹No ano um de Dario, filho de Xerxes, da raça dos medos², que fora feito rei do reino dos caldeus, ²no ano um de seu reinado, eu, Daniel, examinava nos Livros o número de anos que, segundo a palavra do SENHOR ao profeta Jeremias, devem-se completar a respeito das ruínas de Jerusalém: setenta anos. ³Voltei minha face para o Senhor Deus em busca de oração e de súplicas⁴, com jejum, saco e cinza. ⁴Orei ao SENHOR, meu Deus, e fiz esta confissão⁵:

"Ah! Senhor, tu, o Deus grande e temível, que guarda a aliança e a fidelidade para com aqueles que o amam e guardam seus mandamentos! ⁵Nós pecamos, cometemos faltas, fomos ímpios e rebeldes, nós nos desviamos de teus mandamentos e de tuas decisões. ⁶Não escutamos teus servos, os profetas que falaram em teu nome a nossos reis, a nossos príncipes, a nossos pais e a todo o povo da terra. ⁷A ti, Senhor, a justiça, e a nós, a vergonha sobre o rosto neste dia, aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém, a todo Israel, aqueles que estão próximos e aqueles que estão longe, em

todas as terras para onde os expulsaste por causa do mau proceder que praticaram contra ti! ⁸SENHOR, a nós a vergonha sobre o rosto, a nossos reis, a nossos príncipes e a nossos pais, porque pecamos contra ti. ⁹Ao Senhor nosso Deus pertencem a misericórdia e o perdão, pois fomos rebeldes contra ele. ¹⁰E não escutamos a voz do SENHOR, nosso Deus, para caminhar segundo suas instruções, que ele nos apresentara por meio de seus servos, os profetas. ¹¹Israel todo transgrediu tua Lei e se desviou, sem ouvir tua voz. Então desabaram sobre nós a maldição e a impreciação contidas na Lei de Moisés⁶, servo de Deus, porque tínhamos pecado contra ele: ¹²Deus executou as palavras que pronunciara⁷ contra nós e contra os governantes que nos governaram, atraindo contra nós imensa desgraça, que nunca se produziu debaixo dos céus como se produziu em Jerusalém. ¹³Como está escrito na Lei de Moisés, toda essa desgraça veio sobre nós; mas nós não aplacamos a face do SENHOR, nosso Deus, afastando-nos de nossas faltas e sendo atentos à tua verdade. ¹⁴O SENHOR velou sobre essa desgraça e a fez vir sobre nós: porque o SENHOR, nosso Deus, é justo em todas as obras que fez, mas não escutamos sua voz⁸. ¹⁵E agora, Senhor nosso Deus, que fizeste teu povo sair da

2Rn 17,6ss;
24,14-16;
25,11

Ex 34,6-7

Jr 18,10;
42,13,18;
44,6
2Cr 12,7;
34,21,25
Dt 27-28;
29,20;
Nc 10,29-30
Dt 34,5;
Js 1,1
Jr 1,12;
Zc 1,6
Dt 2,25;
4,19;
Jó 28,24

Jr 1,12;
31,28;
44,27
Sl 119,
137-144

9,15;
Dt 4,34;
Jr 32,21

i. Cf. 4.16.

j. Após as explicações de visões e de sonhos, a mensagem apocalíptica vai tomar aqui um novo rumo. Seu ponto de partida é fornecido esta vez por um texto de Escritura profética, visto como uma espécie de mensagem cifrada em que Deus inscreveu antecipadamente os traços do Fim esperado. Essa concepção da profecia, cujo sentido se amplia de algum modo enquanto o fim ainda não chegou, permite procurar aí uma luz sobre as crises presentes e sobre o seu desenrolar. O oráculo de Jr 25,11-14 (cf. 29,10) situava a queda de Babilônia e a libertação de Israel no final de um período simbólico de 70 anos, isto é, dez setenários de anos ou ciclos sabáticos (cf. Lv 25,2-7 e Dt 15,1-11). 2Cr 36,21 interpretava nessa perspectiva o tempo do cativeiro de Babilônia. O livro de Daniel transforma os 70 anos e em 70 setenários de anos (traduz-se geralmente por: semana, que designa um setenário de dias), quer dizer, 10 ciclos jubileares (Lv 25,8-18), no término dos quais virá a crise final e a suprema Libertação, relacionada diretamente com os problemas de atualidade causados pela perseguição de Antíoco. Infelizmente, o texto da explicação, dada pelo anjo-intérprete Gabriel num novo oráculo (vv. 24-27) sofreu numerosas alterações, que o cotejo de

suas diferentes recensões nem sempre permite eliminar.

k. A história não conhece nenhum Dario, o Medo. Mas dois textos proféticos, provavelmente anteriores a 549 (chegada de Ciro), relacionam a ruína de Babilônia com os medos (Is 13,17; Jr 51,11). Para Dn, a sucessão dos impérios segue esta ordem: Babilônia, os medos, os persas, Alexandre e os gregos. — Xerxes, hebr. *Ahashverosh*.

l. Pode-se também compreender: *para procurar pela oração*, etc; mas a preposição *por* falta no texto.

m. O autor introduz aqui uma oração litúrgica, que preexistia provavelmente a seu texto e que se encontra desenvolvida no livro de Baruc (1,15 a 3,8); cf. também Ne 9 e Esd 10.

n. Mesma palavra hebraica para designar lei, mas no plural (com: Jr 32,23; Sl 105,45): a lei é menos compreendida como um código jurídico do que como uma instrução divina para conduzir a vida.

o. A menção à *Lei de Moisés*, fixada desde Esdras, relembra a base do estatuto jurídicos conferidos aos judeus nos impérios sucessivos dos quais são súditos.

p. Cf. as maldições do Dt (em particular no cap. 28).

q. Cf. Dn 3,27-31. no suplemento grego.

terra do Egito com mão poderosa e fizeste para ti um renome como aquele que tens hoje, nós pecamos e fomos ímpios. ¹⁶Senhor, que tua cólera e teu furor se afastem de Jerusalém, tua cidade, tua santa montanha, segundo teus atos de justiça! Pois, por causa de nossos pecados e das faltas de nossos pais, Jerusalém e teu povo são objeto de insulto para todos os que nos cercam. ¹⁷Agora pois, ouve, ó nosso Deus, a oração e as súplicas do teu servo! Faze brilhar tua face sobre teu santuário devastado, por causa do Senhor! ¹⁸Ó meu Deus, presta ouvido e ouve! Abre teus olhos e vê nossas devastações e a cidade sobre a qual teu nome é invocado! Pois não é por causa de nossos atos de justiça que depositamos nossas súplicas diante de ti; é por causa de tua grande misericórdia. ¹⁹Senhor, ouve! Senhor, perdoa! Senhor, está atento e age, não tardes! Por causa de ti mesmo, ó meu Deus, pois teu nome é invocado sobre tua cidade e sobre teu povo.

²⁰Eu ainda falava, orando e confessando meu pecado e o pecado de meu povo, Israel, depositando diante do SENHOR, meu Deus, minha súplica, a propósito da montanha santa de meu Deus; ²¹eu ainda falava em oração, quando Gabriel, o homem que eu tinha visto anteriormente na visão, se aproximou de mim voan-

do rapidamente, no momento da oblação da tarde. ²²Ele me instruiu e me disse: "Daniel, agora eu saí para te ensinar a compreensão. ²³No início de tuas súplicas surgiu uma palavra e eu vim para anunciá-la a ti, porque tu és um predileto! Compreende a palavra e tem compreensão da visão!

²⁴Foram estabelecidos setenta setenários sobre teu povo e sobre tua cidade santa, para fazer cessar a perversidade e pôr termo ao pecado, para absolver da falta e trazer a justiça eterna, para selar visão e profeta e para ungir um Santo dos Santos.

²⁵Sabe, pois, e mostra-te perspicaz: desde o surgimento de uma palavra em vista da reconstrução de Jerusalém, até um messias-chefe, haverá sete setenários. Durante sessenta e dois setenários, praças e fossos serão reconstruídos, porém na opressão dos tempos. ²⁶E após sessenta e dois setenários, um ungido será eliminado, mas não haverá para ele. Quanto à cidade e ao santuário, o povo de um chefe futuro os destruirá; mas seu fim virá numa tribulação, e até o fim da guerra serão decretadas devastações. ²⁷Ele imporá aliança a uma multidão durante um setenário, e durante a metade do setenário, fará cessar sacrifício e

Is 6,2;
Ez 1,6
1Rs 18,36

10,11-19

Is 40,2
Mi 3,20
Lc 24,44
At 10,38

Esd 4,4ss
Is 44,28;
45,1,5,13
Is 15,3;
Jr 5,1;
Pr 1,20;
7,12

7,25; 8,11-13
11,22;
Na 1,8

r. A versão grega de Teodociano compreende: *por causa de ti, Senhor; a Septuaginta: por causa de teus servos, Senhor.*
s. Ou: *sobre a montanha santa*, quer dizer, no Templo. Mas o Templo está profanado e Daniel, no exílio.

t. Alusão aos horários da liturgia cotidiana no Templo, que comporta uma oblação de manhã e à tarde (cf. Nm 28,4).

u. Uma versão gr. (Septuaginta) e a versão sir. leram: *ele veio, fulou-me e me disse.*

v. Lit. de predições.

w. Texto difícil e duvidoso; segue-se aqui o sentido da Septuaginta. Mas se poderia compreender com Teodociano: *para selar*. Todo o horizonte da promessa é aqui positivo; ele visa ao cumprimento final da salvação anunciada pelos profetas. Pode ser que a unção do Santo dos Santos designe a dedicação do Templo por Judas Macabeu, em 14 de dezembro de 164; indicação preciosa para a data deste texto, que explicaria assim o sentido do evento no desígnio de Deus.

x. Cronologia simbólica: 7 setenários de anos (= 49 anos) formam um período jubilar, no fim do qual chega um tempo de graça; este é provavelmente inaugurado pelo sumo sacerdote

Josué, que consagra o segundo Templo em 515 (cf. Zc 4,14). O messias-chefe é o sumo sacerdote consagrado pela unção (cf. nota sobre Ex 29,7).

y. O período intermediário entre 515 e a perseguição de Antíoco Epifanes está avaliado em 62 setenários de acordo com as necessidades da cronologia simbólica. A reconstrução de Jerusalém deixa subsistir a opressão do judaísmo que espera a Salvação final.

z. Alusão provável ao assassinato do sumo sacerdote Onias III em 170 (2Mc 4,34).

a. Texto obscuro, ao qual falta provavelmente uma palavra. Uma versão gr. (Teodociano) supriu: *sem que nele haja julgamento*.

b. Alusão à tomada de Jerusalém e ao fim do culto do Templo, em 167. — A linguagem apocalíptica é voluntariamente hermética, mas aqui o texto parece malconservado. Pode-se compreender também: *e até o fim da guerra decretada, haverá devastações* (Teodociano). A velha versão grega parafraseia todo o v. O autor visa em todo caso ao julgamento e ao fim de Antíoco, que ainda não chegaram.

c. Trata-se do último "setenário de anos", que preludia o Fim.

1Mc 1.45ss oblação^d; na ala das abominações, haverá um devastador^e, e isto até que o aniquilamento decretado caia sobre o devastador^f.”

2.44: 8,25;
11,45;
14 28,22

6.29;
Dn gr. 14,1

1.7: 4,5

4.6; 5,14;
9,22

9,3;
Ne 1,4

Gn 2,14;
Sr 24,25

12,6;
Ez 9,2
Jr 10,9

Ri 3,4
Is 13,4;
33,3

10 A grande visão final^a. ¹No ano terceiro de Ciro^b, rei da Pérsia, uma palavra foi revelada a Daniel, cognominado Beltshaçar. Essa palavra era verdade e grande sofrimento^c. Ele compreendeu a palavra; teve a compreensão dela pela visão.

²Naqueles dias, eu Daniel, estive de luto durante três semanas: ³não comi nenhum alimento fino, nem carne, nem vinho entraram em minha boca, e não me perfumei até o fim das três semanas. ⁴No vigésimo quarto dia do primeiro mês^d, eu me encontrava às margens do grande rio, quer dizer, o Tigre. ⁵Levantei os olhos e vi, e eis que havia um homem vestido de linho^e, ele tinha um cinturão de ouro de Ufaz^f ao redor dos rins. ⁶Seu corpo era como o crisólito, seu rosto, como o aspecto do relâmpago, seus olhos, como tochas de fogo, seus braços e suas pernas, como o brilho do bronze polido, e o rumor de suas palavras, como o ruído de

uma multidão^g. ⁷Eu, Daniel, só eu vi a aparição; as pessoas que estavam comigo não viram a aparição, mas um grande terror caiu sobre elas, e fugiram escondendo-se^h. ⁸Eu permaneci só, vendo essa grande aparição. Não me restou força alguma; meu aspecto se perturbou alterando-se e não conservei nenhuma força. ⁹Ouvi o som de suas palavras; e quando ouvi o som de suas palavras, caí em letargiaⁱ sobre meu rosto, com a face por terra. ¹⁰E eis que certa mão me tocou; ela me ergueu, todo trêmulo, sobre os joelhos e as palmas de minhas mãos. ¹¹E o homem me disse: “Daniel, homem predileto^j, compreende as palavras que te digo e mantém-te de pé no teu lugar, porque agora fui enviado a ti”. Enquanto ele me comunicava essa palavra, pus-me de pé, todo trêmulo. ¹²Ele me disse: “Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que te empenhaste em compreender e te humilhar diante de Deus, tuas palavras foram ouvidas, e é por causa de tuas palavras que eu vim. ¹³O Príncipe do reino da Pérsia se opôs a mim durante vinte e um dias^k, mas eis que Mikael, um dos Príncipes da pri-

1Sm 28,20

10,16; 11,6;

1Cr 29,14;

2Cr 2,5;

13,20; 22,9

8,18

Ez 2,1-2

10,21; 12,1;

Jd 9; Ap 12,7

d. Cessação do culto no Templo, do outono de 167 a 14 de dezembro de 164. A cronologia simbólica de um meio-sentenário de anos evoca por si só um empreendimento mau, destinado ao fracasso (cf. 7,25 nota).

e. Alusão à ereção de um altar idolátrico no lugar do altar dos holocaustos, em 7 de dezembro de 167 (1Mc 1,54). O termo hebraico *shumêl* traduzido por *devastador* faz jogo de palavras com o epíteto do deus sírio Bāal dos céus (*Bāal shamēm*), identificado com Zeus Olímpico. Na linguagem profética, a palavra *abominação* é usada para designar ídolos. Esses dois termos *abominação* e *devastador* formam uma só expressão em 11,31 e 12,11, retomada no NT (Mc 13,14; Mt 24,15). Quanto à *asu*, essa poderia designar aqui os quatro chifres do altar.

f. Se o devastador designa Bāal Shamēm (= Bāal dos céus), há aqui uma alusão à supressão de seu ídolo quando da purificação do Templo (164); se o termo designa Antíoco IV, há um anúncio velado de sua queda próxima (cf. fim do v. 26).

g. Para encerrar o livro, na sua edição hebraica, o autor retoma o essencial de sua mensagem num vasto painel apocalíptico (caps. 10–12). Conforme o uso, este está situado no quadro de uma aparição angelical (10,1–11,1). O anjo explica ao vidente o desenrolar da história na qual o desígnio de Deus se realiza. Uma primeira parte (11,1–39) baliza em suas grandes linhas toda a história do Oriente, do tempo dos persas ao reinado de Antíoco Epifanes. Atinge-se assim um ponto crítico, que coincide com a época em que o texto foi composto. A partir daí, dois quadros visam ao futuro: um descreve em termos muito gerais o fim do

perseguidor (11,40–45); o outro evoca o fim do tempo, com a ressurreição e a retribuição dos justos (12,1–4). O final do trecho (12,4–13) retorna ao quadro da visão e propõe cálculos simbólicos sobre o “tempo do fim”.

h. Cronologia convencional: em nosso autor, Ciro, o Persa, sucede a Dario, o Medo.

i. A expressão não é clara; ela pode fazer alusão às provas de Israel que serão descritas no cap. 11.

j. Ficamos surpresos ao ler que o jejum de Daniel continuou até 24 nisan, ou seja, durante um período que inclui a festa da Páscoa (14 nisan), e isto contrariamente à Torá. Talvez uma alusão à interdição de celebrar a festa, determinada por Antíoco. O fiel então decide jejuar, nestas circunstâncias excepcionais.

k. A túnica de linho, veste sacerdotal, é geralmente utilizada para descrever as aparições angelicais.

l. Palavra desconhecida; talvez seja preciso compreender: *de ouro puro* (cf. Ct 5,11).

m. Esta descrição se inspira em Ez 1 e 9.

n. Como no cap. 5, a visão celeste se destina a um único destinatário, mas ela ocasiona um temor religioso em todos os que estão presentes (cf. At 9,7; 22,9).

o. Cf. 8,18 nota.

p. Cf. 9,23.

q. Na literatura apocalíptica, cada nação tem um patrono angelical (um *Príncipe*) que vigia sobre ela e a representa. O mundo celeste reflete assim o mundo terrestre, o que explica o

meira ordem', veio em meu socorro, e eu permaneci junto aos reis da Pérsia'. ¹⁴Eu vim para te fazer compreender o que acontecerá a teu povo no futuro, pois ainda há uma visão para aqueles dias!"

¹⁵Enquanto ele me falava nesses termos, voltei minha face para a terra e me calci.

¹⁶Mas, alguém com a aparência dos filhos de homem tocou meus lábios; abriu a boca e pus-me a falar. Disse eu àquele que se mantinha diante de mim: "Meu Senhor, por causa da aparição, angústias se apossaram de mim e não conservei nenhuma força. ¹⁷Como esse servo de meu senhor poderia falar a meu senhor que aqui está, quando não subsiste em mim nenhuma força e não me resta alento?" ¹⁸Então, o de aparência humana tocou-me de novo e me reconfortou. ¹⁹A

seguir ele me disse: "Não temas, homem predileto"! Que a paz esteja contigo. Sê forte! Sê forte!" Enquanto ele me falava, recobrei as forças e disse: "Que meu senhor fale, pois me reconfortaste". ²⁰Ele me disse: "Sabes por que eu vim a ti? Retomarei agora o combate contra o Príncipe da Pérsia, e vou sair, e virá o Príncipe da Grécia". ²¹Mas eu te anunciarei o que está escrito no Livro da verdade". Não há ninguém que me dê mão forte contra aqueles, senão Mikael, vosso Príncipe.

combate entre os anjos. O número de 21 dias (3 vezes 7) é simbólico, corresponde ao jejum de três semanas observado por Daniel (v. 2).

r. Há quatro príncipes da primeira ordem (ou arcanjos), segundo o livro de Henoc, contemporâneo do livro de Daniel ou anterior a ele: Mikael ("Quem é como Deus?"), Gabriel ("Homem de Deus"), Rafael ("Deus cura"), Uriel ("Luz de Deus").

s. O gr. leu: eu o deixei lá junto do Príncipe da rei da Pérsia. t. Cf. Hab 2.3. u. Cf. 9.23.

v. De acordo com a convenção literária do texto, o anjo interrompeu seu combate para fazer uma revelação a Daniel. Ele desvendou-lhe agora a seqüência dos acontecimentos até a época grega.

w. O Livro da verdade: na literatura apocalíptica, tudo o que se desenrola sobre a terra está inscrito antecipadamente no céu. x. O ano I de Dario, o Medo, é, com efeito, o ano da tomada de Babilônia por Ciro. Gabriel dá mão forte a Mikael, pois os judeus são então libertados de seu cativeiro.

y. Talvez Ciro, Cambises e Dario I, mas Cambises não é

11 ¹Quanto a mim, no ano um de Dario, o Medo, estive a postos para dar-lhe força e apoio".

²Agora, pois, vou comunicar a verdade. Eis que ainda vão surgir três reis para a Pérsia^a, a seguir um quarto acumulará uma riqueza maior que a de todos, e quando ele estiver fortalecido pela sua riqueza, ele porá tudo em movimento contra o reino da Grécia^a. ³Porém um rei valente surgirá; ele exercerá uma grande dominação agindo a seu modo. ⁴Quando estiver bem estabelecido, seu reino será quebrado e dividido aos quatro ventos do céu, sem retornar a seus descendentes, nem ter o domínio que tinha exercido, pois sua realza será arrancada e destinada a outros^a. ⁵O rei do Sul se tornará forte^b, mas um de seus príncipes será mais forte que ele e exercerá uma dominação maior do que a sua^c. ⁶Ao final de alguns anos se aliarão, e a filha do rei do Sul virá para junto do rei do Norte para executar acordos^d. Mas ela não conservará o apoio de ninguém e sua descendência não subsistirá: será abandonada, ela e aqueles que a tiverem trazido, seu filho e seu apoio, naquele tempo^e. ⁷Um broto de suas raízes surgirá no seu lugar, ele virá para o exército e entrará na fortaleza do rei do Norte; e ele agirá contra eles e vencerá^f. ⁸Até mesmo seus deuses, com suas imagens de metal fundido e

Is 41.2,25;
45.13;
Esd 1.1,5
2.40;
8.5,7,21
11.16,36

2.41-43;
8.8,22;
Jz 7,16

Jz 15,18;
Jz 12,9

Jr 18,23

mencionado na Bíblia. Esd e Ne citam apenas Ciro, Dario I, Xerxes e um só Artaxerxes.

z. Dario I tomou a iniciativa da primeira "guerra meda". Mas a perspectiva histórica é simplificada: todas as guerras medas, terminadas pela paz de Calias em 449-48, sob Artaxerxes I, são agrupadas em uma só, e passa-se diretamente para Alexandre Magno, no v. 3.

a. Com a morte de Alexandre (323), seu império é dividido entre os "diádocos" (cf. Dn 8.8 e nota). A competição entre eles durará muitos anos, antes que a situação se estabilize parcialmente.

b. Ptolomeu I Soter, primeiro rei do Egito (323-285).

c. Seleuco I Nicitor, primeiramente lugar-tenente de Ptolomeu, a seguir fundador da dinastia dos selêucidas na Síria (312-280).

d. Casamento entre Antíoco II e Berenice, filha de Ptolomeu II (por volta de 250).

e. Berenice, seu marido e seu filho foram envenenados pela primeira mulher de Antíoco II (246).

f. Ptolomeu III, irmão de Berenice, combateu até o Eufrates e penetrou na cidade de Antioquia, capital dos selêucidas (246). Ele obteve um butim considerável (cf. v. 8).

Jr 25,34; Os 13,15	seus objetos preciosos de prata e de ouro, ele os levará cativos para o Egito. A seguir ele permanecerá alguns anos longe do rei do Norte ^a . ⁹ Este irá para o reino do Sul, depois voltará para o seu território ^b . ¹⁰ Seus filhos ^c sustentarão o combate; reunirão uma grande multidão de tropas. Um deles avançará, reventará e atravessará; a seguir ele voltará e dará combate até a cidadela ^d . ¹¹ O rei do Sul ficará enraivecido. Sairá para combater contra esse rei do Norte; mobilizará uma grande multidão e a multidão oposta será entregue a seu poder ^e . ¹² Quando essa multidão tiver sido dissipada, seu coração se exaltará; ele fará cair miríades, mas não triunfará ^f . ¹³ O rei do Norte voltará e mobilizará uma multidão maior que a primeira. No final de algum tempo, de alguns anos, ele avançará com um grande exército e material considerável ^g .	8,9 2Rs 12,18; Jr 42,15,17
Is 8,8; Jr 47,2; Na 1,8 8,7		Os 12,15
1Rs 20,28		Sl 37,10; Jo 20,7s
2,35; Is 40,24; 41,16; Ez 28,2ss.		Zc 9,8
Gn 14,11-12; 2Cr 21,14		7,8; 8,9
11,22-31	¹⁴ Naquele tempo, uma multidão se levantará contra o rei do Sul e homens violentos de teu povo se levantarão ^a , para cumprir uma visão, mas eles vacilarão. ¹⁵ O rei do Norte virá, e construirá um aterro de cerco e se apoderará de uma cidade fortificada ^b . As forças do Sul não resistirão, nem suas tropas de elite: elas não terão forças para se manter. ¹⁶ Aquele que avançar contra ele agirá a seu modo; ninguém se sustentará contra ele;	8,23 9,26

g. O filho mais velho de Antíoco II, Seleuco II, reconquista seus estados na Síria (246-241).

h. Acontecimento não atestado pelos outros historiadores antigos.

i. Seleuco III (226-223) e Antíoco III (223-187).

j. Primeira campanha de Antíoco III contra Egito (220): Antíoco conquista a Palestina, que dependia até então do reino do Egito.

k. Alusão provável à vitória de Ptolomeu IV (221-203) sobre Antíoco III, na Batalha de Ráfia (217).

l. A vitória de Ráfia não trará resultados decisivos.

m. Contra-ofensiva de Antíoco III a partir de 204.

n. Alusão aos judeus que tomaram partido em favor de Antíoco, traíndo o suserano egípcio.

o. Tomada de Sídon por Antíoco III, após a batalha decisiva de Páncion em 198.

p. A partir dessa data, a Palestina passa para o domínio dos selêucidas.

q. Tradução conforme às versões para um texto pouco claro. r. Antíoco III dá a Ptolomeu V sua filha Cleópatra por mulher, a fim de anexar o Egito; mas Cleópatra toma posição em favor do Egito e apela para os romanos contra a Síria (cf. v. 18).

e deter-se-á na Terra Magnífica, tendo em mão a destruição^a. ¹⁷Disposto a vir com todo o poderio de seu reino, concluirá acordos com ele^b; ele dará uma filha das mulheres para o destruir^c; mas isso não se confirmará, isso não acontecerá. ¹⁸Ele então voltará suas vistas para o lado das ilhas e se apoderará de muitas delas^d; mas um magistrado porá fim ao seu ultraje^e. ¹⁹Depois ele voltará suas vistas para as cidadelas da terra; mas ele vacilará, cairá e não mais será encontrado^f. ²⁰Alguém se levantará no seu lugar, que fará passar um exator no Esplendor do reino^g; mas em alguns dias ele será quebrado, não em consequência da cólera ou da guerra^h. ²¹No seu lugar se levantará um ser desprezível, ao qual não terá sido dada a honra da realeza: ele virá em plena paz e se apossará da realeza por meio de intrigasⁱ. ²²As forças invasoras serão submersas diante dele e serão vencidas, assim como o chefe de uma aliança^j. ²³Graças aos acordos feitos com ele, ele usará de enganos; atacará e vencerá com pouca gente^k. ²⁴Em plena paz, ele virá às regiões férteis da província, e fará o que não fizeram seus pais, nem os pais de seus pais: distribuirá aos seus butim, despojos e material, e urdirá suas maquinações contra fortalezas; isso até certo momento^l. ²⁵Ele exercitará sua

s. Expedição de Antíoco contra as regiões costeiras (= as ilhas) da Palestina, Síria e Ásia Menor, que dependiam então do Egito.

t. O *magistrado* (termo talvez equivalente a cônsul) é o romano Lúcio Scipio, que bate Antíoco III em 190 em Magnésia.

u. Morte de Antíoco III quando da pilhagem de um templo no Elâm (julho 187).

v. Seleuco IV (187-175) envia seu ministro Heliodoro para se apoderar do tesouro do Templo de Jerusalém (por volta de 176), cf. 2Mc 3.

w. Seleuco IV é assassinado por Heliodoro (175).

x. Antíoco IV Epifanes (175-164), irmão de Seleuco IV, se apossa da realeza no lugar do filho deste (cf. 1Mc 4,7).

y. Alusão possível à residência das tropas de Heliodoro. O "chefe de uma aliança" é o sumo sacerdote Onias III, destituído em 174, prisioneiro na Síria e depois assassinado em Dafne, durante o verão de 170 (cf. 9,26 e nota; cf. 2Mc 4,7-17,30-38).

z. Alusão obscura. Talvez trate-se das intrigas que levaram ao pontificado de Jerusalém Jasão (174) e depois Menelau (174); cf. 2Mc 4,7-12,23-29.

a. Preparativos da campanha contra o Egito.

força e sua coragem contra o rei do Sul com um grande exército^b. O rei do Sul se porá em guerra com um exército extremamente grande e muito poderoso; mas ele não se sustentará, porque maquinações serão tramadas contra ele: ²⁶aqueles que comiam à sua mesa o destruirão^c, seu exército será submergido^d e um grande número de vítimas cairá^e. ²⁷Os dois reis, com o coração cheio de maldade, conversarão mentirosamente à mesma mesa^f; mas isso não dará resultado, porque o fim deve chegar a seu tempo. ²⁸Ele voltará para sua terra com um material importante. Tendo ele intenções hostis contra a Aliança Santa, ele as cumprirá, a seguir ele voltará para sua terra^g. ²⁹Quando chegar a hora, ele se voltará contra o Sul^h, mas não será no final como no início. ³⁰Naves de Kitim virão contra ele e será desencorajadoⁱ. De novo ele se enfurecerá e agirá contra a Aliança Santa; novamente ele se porá de acordo com aqueles que abandonam a Aliança Santa^j. ³¹Forças vindas de sua parte tomarão posição; elas profanarão o Santuário-cidadela, farão cessar o sacrifício perpétuo e instalarão a abominação devastadora^k. ³²Fará apostasiar, por meio de intrigas, os profanadores da Aliança, mas o povo daqueles que conhecem seu Deus agirá com firmeza; ³³os membros

do povo capazes de discernimento instruirão uma multidão, mas cairão sob a espada, a chama, o cativo e a espoliação, durante dias. ³⁴Quando caírem, receberão pequena ajuda^l, mas uma multidão se juntará a eles em meio a intrigas. ³⁵Entre os que discernem, há quem cairá, para ser acrisolado, purificado e alvejado^m até o tempo do fim, pois ele deve chegar a seu tempo. ³⁶O rei agirá a seu modo; ele se exaltará e crescerá acima de todo deus, e contra o Deus dos deuses proferirá coisas espantosasⁿ. Ele será bem-sucedido, até que a cólera seja consumada, pois o que está decretado será executado. ³⁷Ele não terá consideração para com os deuses de seus pais; não terá consideração nem para com o favorito das mulheres, nem para com nenhuma divindade^o, porque ele se engrandecerá acima de tudo^p. ³⁸Ele honrará em seu lugar as divindades das cidadelas; honrará, com ouro e prata, pedras preciosas e jóias, uma divindade que seus pais não tinham conhecido. ³⁹Ele agirá contra as fortificações das cidadelas com uma divindade estrangeira; àqueles que a reconhecerem cumulará de glória. Ele os fará dominar sobre a multidão e lhes concederá terras de cultivo como recompensa. ⁴⁰No tempo do fim^q, o rei do Sul o enfrentará, mas o rei do Norte irrom-

8,19;
11,35IMc 1,
15,63;
Lc 1,72Gn 10,4;
Nm 24,24;
Ez 27,68,11; 9,27;
12,112Mc 6,2;
Mt 24,15Nm 35,33;
Jr 3,2

12,10

11,40;

12,49

2Ts 2,4

2,47

Dt 32,12

b. Guerra de Antíoco IV contra Ptolomeu VI (170-169); cf. *IMc* 1,16-20.

c. Alusão aos maus conselhos do eunuco Eulaeus que recomendou a Ptolomeu IV que fugisse para a Samotracia.

d. Lit.: *submergir*; mas o contexto mostra claramente que se trata de um desastre, não de uma vitória. O texto de vários manuscritos hebraicos, o siríaco e o latino leem o verbo no passivo.

e. Tomada de Pelusa por Antíoco.

f. Ptolomeu VI, prisioneiro de Antíoco IV, foi tratado como hóspede mas teve de assinar uma paz humilhante.

g. Ao retorno do Egito, Antíoco IV pilha o Templo de Jerusalém (169); cf. *2Mc* 5,15-21.

h. Segunda campanha de Antíoco IV contra o Egito em 168; cf. *2Mc* 5,1-14.

i. Intervenção da frota romana. O legado romano Popilius Laenas transmite a Antíoco IV uma decisão do Senado romano, que lhe ordena depor as armas e evacuar o Egito e Chipre.

j. Ao retornar de sua campanha egípcia, o rei inaugura uma política de opressão contra o judaísmo, apoiando os judeus partidários da helenização.

k. O misarca Apolônio (cf. *IMc* 1,29 nota ou *2Mc* 5,24) é

enviado a Jerusalém para construir aí a cidadela da Acrá (*IMc* 1,33-40); o culto é interrompido no outono de 167; o Templo é consagrado ao culto de Zeus Olímpico em 7 de dezembro de 167 (*2Mc* 6,2). Sobre a *abominação devastadora*, cf. 9,27 nota e *IMc* 1,54; Mt 24,15.

l. Alusão à revolta de Matatias (*IMc* 2) e aos primeiros sucessos de Judas Macabeu (cf. *IMc* 2,1-3,26; *2Mc* 8,1-7). O autor, provavelmente um hassideu, não coloca sua esperança no triunfo das armas. Ele espera uma intervenção divina mais direta. A *multidão*, a partir do segundo Isaías, designa o povo de Israel (cf. Is 53).

m. Cf. v. 33 nota; *2Mc* 6,12-17, sobre o sentido da perseguição. n. Cf. Dn 7,8,11,25. Antíoco Epifanes assume a figura de um adversário do próprio Deus.

o. Antíoco abandona o culto dos deuses sírios e de Adonis-Tamuz (*o favorito das mulheres*), para tornar oficial o culto de Zeus Olímpico, ao qual se faz alusão no v. 38.

p. Antíoco se diviniza, como o indica seu nome de reinado inscrito em suas moedas: "Antíoco, deus manifestado (= *epifanês*)".

q. A partir do v. 40, abre-se a evocação do futuro, que começa pelo julgamento de Deus sobre Antíoco. A guerra final é descri-

perá sobre ele com seus carros, cavaleiros e numerosos navios; penetrará na terra, inundará e destruirá. ⁴¹Virá à Terra Magnífica, e muitos vacilarão^a; estes escaparão de suas mãos: Edom, Moab e as primícias dos filhos de Amon^b. ⁴²Estenderá sua mão sobre as terras, e a terra do Egito não poderá escapar dele. ⁴³Ele se apossará dos tesouros de ouro e de prata e de todas as jóias do Egito, os líbios e os kushitas seguirão seus passos^c. ⁴⁴Mas notícias do Oriente e do Norte o atormentarão^d; ele sairá com grande furor para destruir e aniquilar a multidão. ⁴⁵Plantará as tendas de seu palácio entre os mares e a santa montanha da Magnificência e chegará a seu fim, sem que ninguém lhe venha em socorro^e.

todo aquele que estiver inscrito no Livro^f. St 69,29; Ap 3,5

² Muitos daqueles que dormem no solo poeirento despertarão^g, estes para a vida eterna, aqueles para o opróbro, para o horror eterno^h. Mt 25,46

³ E os que souberam discernir resplandecerão como o esplendor do firmamento, 11,33,35; Mt 13,43

aqueles que tornaram justa a multidãoⁱ, como as estrelas para todo o sempre^j. Sh 3,7

⁴ Quanto a ti, Daniel, guarda em segredo estas palavras e sela o Livro até o tempo do fim^k. A multidão estará perplexa, mas o conhecimento aumentará^l. x,26

⁵ E eu, Daniel, via, e eis que dois outros homens se postavam lá, um numa margem do rio e o outro na outra margem. 10,4

⁶ Alguém disse^m ao homem vestido de linho que se achava sobre as águas do rio: "Quando virá o fim dessas coisas espantosas?" ⁷ Ouvi o homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio; ele levantou para o céu a mão direita e a mão esquerda, e fez este juramento por Aquele-que-vive-para-sempre: "Isso será 4,31; 6,27; Ap 1,18; 10,5-6

¹² ¹Naquele tempo se levantará Mikael, o grande Príncipeⁿ,

ele que está junto dos filhos de seu povo.

Será um tempo de angústia,

como nunca houve desde que existe uma nação

até aquele tempo^o.

Naquele tempo, teu povo será salvo,

ta em termos convencionais, porque não corresponde a nenhuma circunstância histórica conhecida.

r. De acordo com a ótica do autor, o julgamento final intervirá na terra de Israel: cf. 44b-45.

s. Os três inimigos tradicionais dos judeus são vistos como aliados do rei idólatra.

t. O horizonte do autor se estende além do Egito até o Alto-Nilo e o deserto líbio.

u. Na sua fronteira oriental, Antíoco IV tinha problemas com os partos e os armênios. Alusão provável a uma expedição de Antíoco à Grande Armênia e à Média em 165.

v. Com a morte do tirano, o conflito entre Deus e a Potência inimiga chega a seu fim. Uma era nova vai se abrir (cf. cap. 12). Com efeito, Antíoco morreu no Elâm no outono de 164. Os detalhes relativos à sua morte não são conhecidos do autor no momento em que ele escreve.

w. Cf. 10,21. Mikael, chefe do exército celeste, vai presidir à libertação final.

x. A crise que se estabelece na história atinge seu paroxismo precisamente no momento em que a libertação chega. Na perspectiva profética, o desfecho esperado é sempre iminente. Essa iminência psicológica não deve ser interpretada como um anúncio datado do fim do mundo.

y. No céu são mantidos atualizados os registros que contêm os nomes dos vivos, destinados aqui a se tornarem os membros da nova Jerusalém (cf. 4,2-3).

z. Deus triunfa sobre o último inimigo, a Morte personificada, e arranca-lhe os fiéis que ela engolira indevidamente. Nos textos

mais antigos, o tema da ressurreição era compreendido de modo simbólico e coletivo (cf. Ez 37,1-14, e provavelmente Is 26,19). A promessa da ressurreição individual é a resposta profética ao problema posto pela experiência do martírio (cf. 2Mc 7,9,11,14,23,29).

a. Os infernos, "lugar" da morte, não são nomeados aqui, mas se encontram paráfrases equivalentes: o *opróbrio*, o *horror* (cf. Is 66,24). Em contraste com a sorte reservada aos justos, os infernos tornam-se o "lugar" da condenação, onde os ímpios são privados da vida eterna.

b. A promessa da ressurreição visa em primeiro lugar aos chefes espirituais do povo (os que discernem) que o mantiveram na verdadeira fé: só Deus justifica, mas eles, pelo seu ensinamento, conduzirão a multidão para a justiça (cf. Is 53,11).

c. A vida eterna não é diretamente descrita, mas a luz do firmamento e das estrelas serve de símbolo para evocar a transfiguração dos ressuscitados.

d. Cf. 8,26.

e. A Septuaginta leu: *até que muitos sejam instruídos e que o conhecimento aumente*. Teodocião: *até que muitos estejam perplexos e a terra esteja repleta de injustiça*. O sentido da expressão do texto massorético permanece incerto. Há talvez um paralelo em Am 8,12.

f. Trata-se provavelmente de um dos dois anjos do v. 5. Para a cena, cf. 8,13-16. As versões grega e latina leram: *eu disse*.

g. Cf. a cena descrita em 8,16. O homem vestido de linho, cf. 10,4-7.

h. Lit. *Até quando o fim?* Cf. 8,13.

por um período, dois períodos e um meio períodoⁱ; quando a força do povo santo estiver totalmente quebrada, todas essas coisas terminarão". ⁹Ouvi, mas não compreendi, e eu disse: "Meu senhor, qual será o término dessas coisas?" ⁹Ele disse: "Vai, Daniel, pois estas palavras são mantidas em segredo e seladas até o tempo do fim^j. ¹⁰Uma multidão será purificada, alvejada, acrisolada^k. Os ímpios agirão com impiedade. Nenhum ímpio compreenderá, mas os que discernem^l compreenderão. ¹¹A partir do tempo em que cessar o sacrifício perpétuo^m e se instalar a abominação devastadoraⁿ, haverá mil duzentos e noventa dias. ¹²Feliz aquele que esperar e que atingir mil trezentos e trinta e cinco dias^o! ¹³Tu, vai até o fim. Terás repouso e te

levantarás para receber a tua parte no final dos dias^p."

13 *História de Susana^a. ¹Havia um homem que habitava em Babilônia; seu nome era Joaquim^b. ²Ele tomou uma mulher chamada Susana^c, filha de Helcias^d, muito bonita e temente ao Senhor. ³Seus pais eram justos^e e tinham instruído sua filha segundo a Lei de Moisés^f. ⁴Joaquim era muito rico, e tinha um parque contíguo à sua casa^g. Os judeus afluíam para junto dele, porque ele era o mais ilustre de todos. ⁵Naquele ano, haviam sido designados como juízes dois anciãos tomados de entre o povo, daqueles dos quais o Soberano disse: "A iniquidade veio de Babilônia, de anciãos, juízes, que passavam por governadores do povo^h".*

i. Mesma expressão que em 7,25; os três anos e meio (cronologia simbólica) correspondem à metade do setenário mencionado em 9,27.

j. Sobre tal consigna de segredo, cf. 8,26 e 12,4.

k. Alusão à perseguição, cf. 11,35.

l. Sobre essa expressão, cf. 11,33 e 35; 12,3.

m. Cf. 9,27 nota; 11,31 nota.

n. Cf. 8,13; 9,27; 11,31.

o. O livro dá quatro indicações cifradas diferentes para o tempo do fim. *Três anos e meio*, em 7,25 e 12,7, número simbólico que designa aquilo que está destinado a fracassar (a metade de sete, cifra da totalidade): 1.150 dias, em 8,14; 1.290 dias, em 12,11, e 1.335 dias aqui. O segredo desses números ainda não foi descoberto, mas o Apocalipse de João dá talvez uma certa chave. Em Ap 11,2,3, os três anos e meio de Daniel equivalem a 42 meses ou 1.260 dias. O cálculo é pois feito sobre um ano de 360 dias. De acordo com um tal cômputo, 1.150 dias = 3 anos mais 70 dias; 1.290 dias = 3 anos e 1/2 mais um mês; 1.335 dias = 1.290 dias mais um mês e 1/2. Segundo 8,14, 1.150 dias poderiam corresponder ao tempo exato durante o qual o culto judaico foi interrompido, a partir do outono de 167 até 14 de dezembro de 164 (cf. 8,14 nota). Esse período seria simbolicamente descrito sob a forma de "3 anos e 1/2" = 1.260 dias (em 7,25 e 12,7). Os dois outros números (1.290 e 1.335) poderiam estar em relação com a composição da grande profecia final (caps. 10-12) e o momento em que deve ser publicado e selado o livro secreto (12,9), para que "os que discernem compreendam" (12,10). O livro de Daniel na sua totalidade teria vindo à luz naquele momento, ou seja, 2 meses e 1/2 após a purificação do Templo feita a 14 de dezembro de 164 (= fevereiro de 163).

p. Segundo 12,1-4 essa herança é a participação dos justos na vida eterna.

q. A história de Susana chegou até nós somente na versão grega, sob duas formas sensivelmente diferentes, na Septuaginta e na tradução de Teodocião. Passando de uma para outra, assiste-se ao desenvolvimento de uma tradição que possui um original semítico, mas que conheceu várias formas. Na origem, o

episódio não tinha, mui provavelmente, nenhuma relação com o livro de Daniel. Na Septuaginta, ele ainda constitui um apêndice deste. Põe em cena "um jovem" (vv. 52,55,60), identificado secundariamente com Daniel (vv. 45,48,52), e termina com um elogio geral dos jovens piedosos. Compreende-se, entretanto, que o próprio nome do herói bíblico ("Deus julga") tenha reclamado tal identificação. Na fase documentada por Teodocião, esta é um fato adquirido; na mesma ocasião, a narrativa entrou no ciclo de Daniel, para constituir o seu primeiro episódio. A primeira forma do texto semítico é anterior à Septuaginta (antes de 145, mais ou menos); a outra é anterior à época do NT (que conhece a versão de Teodocião). A finalidade da narrativa é mostrar que Deus não abandona os inocentes que clamam a ele (vv. 42-43,60), bem mais que exaltar a sabedoria do jovem juiz; este não tem afinal senão um papel ocasional. Em contraste com a iniquidade dos dois anciãos, a fidelidade de Susana a seus deveres de esposa faz dela um modelo para as mulheres judias (vv. 22-23,63). Quando possível, o texto sublinha com complacência a prática da Lei de Moisés em terras de exílio (vv. 61-62). O texto traduzido aqui é o de Teodocião, se bem que o da Septuaginta, mais curto, tenha seu valor próprio.

r. Em grego *Iôakim*, transcrição do hebraico Joaquim (cf. 2Rs 23,34).

s. O grego *Susana* transcreve o hebraico *Shushan*, "Lírio".

t. Transcrição do hebraico *Hilkia* (cf. 2Rs 22,4).

u. Epíteto freqüente na literatura sapiencial, que será retomado no NT, por ex.: Mt 1,18 (José), Lc 1,6 (os pais de João), 2,25 (Simeão), Lc 23,50 (José de Arimateia).

v. Desde a fixação da Lei de Moisés, esta se tornou o fundamento da vida judaica e o princípio de toda educação.

w. Esta apresentação de Joaquim e de sua casa contrasta fortemente com aquilo que deve ter sido a situação dos judeus no início do exílio em Babilônia. Ela supõe uma longa permanência em terras de exílio, que torna anacrônica a intervenção do jovem Daniel (v. 44).

x. Esta citação do Senhor (designado aqui como *despotês*, "dono soberano", cf. 4,23) não se encontra textualmente na Bíblia e sua origem permanece enigmática.

⁶Eles próprios freqüentavam a casa de Joaquim, e todas as pessoas a serem julgadas vinham até eles⁹. ⁷Ora, quando o povo se retirava, ao meio do dia, Susana entrava e passeava no parque de seu marido. ⁸Os dois anciãos a viam cada dia entrar e passear, e foram tomados de desejo por ela: ⁹perverteram seu pensamento e desviaram seus olhos, para não olhar para o Céu nem se lembrar dos justos julgamentos⁴. ¹⁰Todos os dois ardiam de cobiça por causa dela; mas não tinham exposto um ao outro o seu tormento, ¹¹porque tinham vergonha de expor seu desejo, pois queriam ter relações com ela; ¹²e cada dia eles espreitavam^a avidamente para vê-la. ¹³Disseram um ao outro: "Vamos para casa, pois é hora do almoço"; depois, saindo, eles se separaram. ¹⁴A seguir, tendo dado meia-volta, se reencontraram no mesmo lugar. Quando perguntaram um ao outro o porquê daquilo, tiveram de confessar o seu desejo. Então fixaram de comum acordo um momento em que pudessem encontrá-la sozinha.

¹⁵Ora^b, enquanto esperavam um dia favorável, ela entrou, como na véspera e na antevéspera, com apenas duas moças, e desejou banhar-se no parque, porque fazia calor. ¹⁶Lá não havia ninguém, exceto os dois anciãos que estavam escondidos e a espiavam. ¹⁷Ela disse às moças: "Trazei-me óleo e perfumes, depois fechai os portões do parque, para que eu me banhe". ¹⁸Elas fizeram como ela dissera: fecharam os portões do parque e saíram por uma porta lateral para trazer o que lhes fora

ordenado; não viram os anciãos, que estavam escondidos. ¹⁹Ora, quando as moças saíram, os dois anciãos se levantaram, correram para ela ²⁰e disseram: "Os portões do parque estão fechados, e ninguém nos vê. Estamos tomados de desejo por ti; consente pois ter relações conosco. ²¹Senão, testemunharemos contra ti que um jovem estava contigo e que por isso dispensaste as moças". ²²Susana então gemeu e disse: "Estou cercada por todos os lados. Se com efeito eu fizer isso, é para mim a morte^c; e se eu não o fizer, não escaparei de vossas mãos. ²³Mais vale para mim cair em vossas mãos sem ter feito nada, do que pecar em presença do Senhor". ²⁴E Susana gritou em alta voz, enquanto os dois anciãos gritavam também contra ela. ²⁵Um deles correu para abrir os portões do parque. ²⁶Quando as pessoas da casa ouviram gritos no parque se precipitaram pela porta lateral, para ver o que lhe havia acontecido. ²⁷Quando os anciãos contaram sua história, os servos ficaram envergonhados, pois jamais coisa semelhante havia sido dita a respeito de Susana.

²⁸Ora no dia seguinte, quando o povo se reuniu na casa de seu marido Joaquim, os dois anciãos chegaram repletos de um pensamento criminoso contra Susana, a fim de condená-la à morte. E disseram na presença do povo^d: ²⁹"Mandai buscar Susana, filha de Helcias, mulher de Joaquim!" Mandaram buscá-la. ³⁰Ela veio, bem como seus pais, seus filhos e todos os seus próximos. ³¹Susana era muito delicada e bela de se ver. ³²Os

Jo 8,4-5

Nm 5,18-22

y. Ver-se-á mais adiante que o julgamento de Susana se realiza na própria casa de Joaquim. A Septuaginta situa-o, ao contrário, em um lugar de reunião localizado na cidade próxima; é lá que os judeus em litígio vão encontrar aos juízes vindos "das outras cidades".

z. O Céu é uma expressão atenuada para designar Deus (cf. Dn 4,23). Os justos julgamentos podem designar aqui seja os mandamentos de Deus, seja o modo com o qual ele julga os maus.

a. Lemos espreitavam, com alguns manuscritos, porque a lição espreitaram concorda mal com o complemento de tempo cada dia.

b. Lit. e aconteceu...

Expressão corrente nas narrações hebraicas, mas pouco concebível em uma composição grega (a não ser que o autor imite conscientemente o estilo da Septuaginta); assim também no v. 19a.

c. Cf. Lv 20,10; Dt 22,22.

d. A Septuaginta é mais circunstanciada: *Eles vieram à assembléia da cidade próxima da qual eles habitavam, e todos os israelitas que lá estavam reuniram-se em conselho. Os dois anciãos e juízes se levantaram e disseram: ...* Esta apresentação das coisas é nitidamente superior à de Teodocião, que parece condensá-la desajeitadamente.

criminosos ordenaram que lhe fosse retirado o véu — porque ela estava coberta com um véu — para se saciarem com sua beleza. ³³Todos os seus choravam, como todos os que a viam. ³⁴Os dois anciãos, levantando-se no meio do povo, puseram as mãos sobre sua cabeça. ³⁵E ela, chorando, levantou os olhos para o céu, porque seu coração tinha confiança no Senhor.^f ³⁶Os anciãos disseram: “Passávamos sós no parque, quando ela entrou com duas servas; ela fechou os portões do parque e despediu as servas. ³⁷Então veio até ela um moço que estava escondido, e ele deitou com ela. ³⁸Vendo essa iniquidade, do canto do parque onde estávamos, acorremos a eles, ³⁹e nós os vimos ter relações. Quanto a ele, não pudemos dominá-lo, porque era mais forte que nós e, tendo aberto os portões, ele se precipitou para fora. ⁴⁰Porém ela, nós a pegamos e perguntamos a ela quem era aquele moço; ⁴¹e ela não o quis declarar a nós. Somos testemunhas disso”. A assembléia acreditou neles, enquanto anciãos e juízes, e eles a condenaram à morte. ⁴²Susana então clamou com voz forte e disse: “Ó Deus eterno! Tu que conheces os segredos e sabes todas as coisas antes de sua origem! ⁴³Tu bem sabes que eles apresentaram falso testemunho contra mim; e eu vou morrer sem ter feito nada daquilo que maldosamente inventaram contra mim”. ⁴⁴O Senhor ouviu sua voz.

⁴⁵Enquanto ela era levada para ser morta, Deus suscitou o espírito santo^g de um rapaz muito jovem chamado Daniel. ⁴⁶Ele clamou com voz forte: “Eu

sou inocente do sangue desta!” ⁴⁷Todo o povo se voltou para ele, e disseram: “Que palavra é essa que estás dizendo?” ⁴⁸Mas ele, em pé no meio deles, disse: “Sois vós insensatos a tal ponto, filhos de Israel? Sem ter feito investigação nem saber o que é certo, vós condenastes uma filha de Israel. ⁴⁹Voltai ao tribunal, pois estes deram testemunho falso contra ela”. ⁵⁰Todo o povo voltou para lá às pressas, e os anciãos^h disseram a Daniel: “Vem sentar-te no meio de nós e expõe-nos o teu pensamento, porque Deus te deu o privilégio dos anciãos”. ⁵¹Daniel disse-lhes: “Separai-os um do outro, e eu irei julgá-los”. ⁵²Uma vez separados um do outro, ele chamou um deles e lhe disse: “Ó tu que envelheceste no mal! Aí estão os pecados que cometeste anteriormente: ⁵³tu pronunciavas julgamentos injustos, condenando inocentes e absolvendo os culpados, quando o Senhor te disse: “Não farás morrer o inocente e o justo”. ⁵⁴Agora pois, se realmente tu viste esta mulher, sob que árvore a viste ter relações? Ele disse: “Sob um lentisco”. ⁵⁵Daniel disse: “Verdadeiramente mentiste contra tua própria cabeça! Pois o Anjo de Deus, que já recebeu a ordem de Deus, te abriráⁱ ao meio”. ⁵⁶Tendo-o dispensado, ordenou que lhe trouxessem o outro e lhe disse: “Raça de Canaã e não de Judá! A beleza te seduziu e o desejo perverteu o teu coração. ⁵⁷Assim agíeis com as filhas de Israel^j e essas, amedrontadas, tinham relações convosco; mas uma filha de Judá não suportou vossa iniquidade. ⁵⁸Agora pois, dize-me: sob que árvore tu a surpreendeste tendo

Mt 27,24;
At 18,6

Sh 4,8-9;
Sr 25,4

Gn 9,22-27

SI 13,13-15;
Pr 15,11;
Hb 4,13

4,5;
5,11-14

e. Sobre esse costume do véu que as mulheres judias trajam, cf. 1Cor 11,2-16, onde Paulo remete à tradição das “igrejas de Deus”, quer dizer, do judeu-cristianismo.

f. A Septuaginta introduz neste lugar a oração de Susana: *Senhor, Deus eterno! Tu que sabes todas as coisas antes de sua origem! Tu sabes que eu não fiz aquilo que esses dois criminosos maldosamente imaginaram contra mim* (cf. aqui vv. 42-43).

g. Cf. Dn 5,12: há em Daniel um espírito extraordinário, da sabedoria e da inteligência... Trata-se de uma atitude particular do homem que manifesta a ação do Espírito de Deus nele.

h. Notar-se-á que essa apresentação do tribunal dos anciãos não concorda com a do v. 5, onde os velhos são os próprios

juízes. Nos vv. 28-29, é ainda na qualidade de anciãos e de juízes que eles mesmos convocam o tribunal.

i. Citação de Ex 23,7.

j. O grego encerra um jogo de palavras entre o nome da árvore (*skhinon*) e o verbo “fender” (*skhizō*). Se o texto se apoia num original semítico, é necessário supor aqui uma transposição apropriada, como se fosse dito em português: “sob um abricoteiro” — “o Anjo de Deus te abrirá ao meio”.

k. A distinção feita aqui entre as filhas de Israel e as filhas de Judá não é concebível senão numa época em que reina de novo a tensão entre os habitantes do antigo território de Israel e os judeus, que se compreende muito bem após o cisma dos samaritanos, contra os quais o texto polemiza indiretamente.

relações?" Ele disse: "Debaixo de um carvalho verde". ⁵⁹Daniel disse-lhe: "Verdadeiramente mentiste contra tua própria cabeça! Pois o Anjo de Deus espera, com a espada na mão, para te cortar ao meio¹, a fim de vos exterminar". ⁶⁰Toda a assembléia de Israel clamou com voz forte, e henderam a Deus que salva aqueles que nele esperam. ⁶¹Depois se voltaram contra os dois anciãos, pois Daniel os fizera condenar-se pela boca deles mesmos de falso testemunho. Agiram para com eles do modo como tinham maldosamente maquinado contra seu próximo, ⁶²a fim de agir segundo a Lei de Moisés^m; eles os mataram, e o sangue inocente foi salvo naquele dia. ⁶³Quanto a Helcias e sua mulher, louvaram a Deus por causa de sua filha Susana, com Joaquim seu marido e todos os seus próximos, porque nada de inconveniente foi encontrado nela. ⁶⁴E Daniel tornou-se grande diante do povo, a partir daquele dia e depois^a.

14 Daniel e os sacerdotes de Bel¹. ¹O rei Astíages reuniu-se a seus pais, e *Ciro, o Persa, recebeu sua realeza*². ²Daniel era companheiro do rei e mais ilustre que todos os seus amigos³. ³Ora os babilônios tinham um ídolo, de nome Bel⁴, e gastavam com ele todos os dias

doze artabas⁵ de farinha, quarenta ovelhas⁶ e seis metretas⁷ de vinho. ⁴O rei o venerava, e diariamente vinha adorá-lo. Daniel porém, adorava seu Deus. O rei lhe disse: "Por que tu não adoras Bel?" ⁵Ele disse: "Porque eu não venero ídolos feitos por mãos de homem, mas o Deus vivo, que criou o céu e a terra e tem o domínio sobre toda carne". ⁶O rei lhe disse: "Pensas tu que Bel não seja um deus vivo? Não vês tudo isso que ele come e bebe diariamente?" ⁷Daniel, sorrindo, respondeu-lhe: "Não te enganes, ó rei! Ele é de argila por dentro, de bronze por fora⁸, e jamais comeu nem bebeu nada". ⁸O rei, irritado, chamou seus sacerdotes e disse-lhes: "Se não me disserdes quem come essas provisões⁹, morreréis. Mas se mostrardes que é Bel quem as come, Daniel morrerá, por ter blasfemado contra Bel". Daniel disse ao rei: "Que seja feito segundo a tua palavra!" ¹⁰Os sacerdotes de Bel eram em número de setenta, além das mulheres e das crianças. O rei foi pois com Daniel à casa de Bel. ¹¹Os sacerdotes de Bel disseram: "Eis que vamos sair. Tu mesmo, ó rei, apresenta os alimentos e os manjares e o vinho misturado, depois fecha a porta e sela-a com teu sinete. ¹²Se, vindo pela manhã, não constatares que Bel comeu tudo, nós morreremos,

SI 115,4;
Is 44,9-19;
Dt 4,16s
Gn 1,1;
14,19,22

Jr 50,2;
51,44;
Epr 40

1. Jogo de palavras parecido com o do v. 55, entre o nome do carvalho verde (*prinos*) e o verbo "cortar" (*prío*). Em português, poderia ser: "sob uma pereira" — "o Anjo de Deus te fará perecer" etc.

m. Cf. Dt 19,16-21.

n. A conclusão da Septuaginta, deixando Daniel de lado, contém simplesmente um elogio dos jovens piedosos, *bem-amados de Jacó na sua simplicidade: Pois enquanto os jovens forem piedosos, haverá neles um espírito de ciência e de inteligência, pelos séculos dos séculos*. Este final confirma indiretamente o caráter anônimo do herói posto em cena na narração primitiva. Ele liga também essa narrativa à literatura sapiencial.

o. Esse trecho polêmico contra a idolatria é do mesmo filão que certas sátiras recolhidas alhures no AT (SI 115,5-8; 135,15-18; Is 40,19-20; 41,6-7; 44,9-20; Jr 10,3-5; Epr 6). Mas ao invés de um discurso contra os ídolos surdos e mudos, tem-se uma narração viva denunciando a impostura de seus sacerdotes. Tal sátira permanece superficial, mas mostra muito bem a atitude dos judeus diante dos cultos pagãos. A Septuaginta e Teodociação seguem duas recensões do texto semítico perdido com variantes notáveis. Aqui se traduz o texto de Teodociação.

A Septuaginta dá como título ao capítulo: Da profecia de Habacuc.

p. Este dado cronológico, análogo ao que se encontra no início dos diversos capítulos do livro, falta na Septuaginta, que fala apenas de algum rei de Babilônia. O dado depende aparentemente da tradição recolhida pelos historiadores gregos (Heródoto, *Inquirição*, I, 75,107-130).

q. Os títulos empregados aqui lembram de perto os das cortes helenísticas na época dos reis selêucidas. Os *amigos do rei* são então seus cortesãos. Os *companheiros* são seus íntimos, análogos aos confidentes dos imperadores romanos em uma época mais tardia. Na Septuaginta, o herói da narração é *Daniel, filho de Abul*.

r. Essa nota histórica é exata (cf. Is 46,1). *Bel* (Senhor) é uma designação de Marduk, deus nacional de Babilônia.

s. Medida de origem persa (mais ou menos 56 litros), usada a seguir em todo o mundo helenístico.

t. Septuaginta: *quatro ovelhas*.

u. Medida grega de aproximadamente 39 litros (1 pé cúbico).

v. Lembre-se da estátua feita de diversos materiais, de Dn 2.

w. Lit.: *essa despesa*.

do contrário Daniel morrerá, pois mentiu contra nós". ¹³Externavam seu desprezo, porque tinham feito sob a mesa uma entrada secreta, pela qual eles sempre entravam e retiravam as provisões.

¹⁴Ora^x, depois que saíram e o rei apresentou os alimentos a Bel^y, Daniel deu ordem a seus servos, os quais trouxeram cinza e a pulverizaram por todo o santuário, em presença apenas do rei. Tendo saído, fecharam a porta e a selaram com o sinete do rei, e depois se foram.

¹⁵Os sacerdotes vieram durante a noite, segundo seu costume, bem como suas mulheres e seus filhos; comeram e beberam tudo. ¹⁶O rei se levantou de manhã bem cedo, e Daniel com ele. ¹⁷Ele disse: "Os selos estão intactos, Daniel?" Este disse: "Intactos, ó rei!" ¹⁸Ora, quando abriram as portas, o rei olhou para a mesa, e clamou com voz forte: "Tu és grande, ó Bel! Não há nenhum embuste em ti!" ¹⁹Daniel sorriu; impediu o rei de entrar no interior e disse-lhe: "Vê pois o piso e reconhece de quem são essas pegadas". ²⁰O rei disse: "Eu vejo pegadas de homens, mulheres e crianças". ²¹O rei, encolerizado, fez então prender os sacerdotes, suas mulheres e seus filhos. Eles lhe mostraram as portas secretas pelas quais entravam para consumir^z o que havia sobre a mesa. ²²O rei mandou matá-los, e entregou Bel ao

arbitrio de Daniel, que o demoliu, bem como a seu templo^a.

Is 46,1-2

Daniel e o Dragão^b. ²³Havia também um grande Dragão^c, e os babilônios o veneravam. ²⁴O rei disse a Daniel: "Tu não podes me dizer que ele não é um deus vivo. Adora-o pois!" ²⁵Daniel disse: "É ao Senhor, meu Deus, que adorarei^d; porque somente ele é vivo. ²⁶Mas tu, ó rei, concede-me a permissão, e eu matarei o Dragão sem espada nem bastão". O rei disse: "Eu te concedo". ²⁷Daniel tomou pezo, gordura e cabelos; fez ferver tudo juntamente, confeccionou pelotas e as pôs na boca do Dragão. O Dragão as comeu e morreu. E Daniel disse: "Vede pois o objeto de vossa veneração!" ²⁸Ora, quando os babilônios o souberam, ficaram violentamente indignados. Eles se ajuntaram contra o rei e disseram: "O rei tornou-se judeu: ele abateu Bel, matou o Dragão e massacrou os sacerdotes". ²⁹Depois eles foram para junto do rei e disseram: "Entrega-nos Daniel, senão nós te mataremos, a ti e tua casa". ³⁰O rei viu que o pressionavam vivamente; cedendo à necessidade, entregou-lhes Daniel. ³¹ Lançaram Daniel na cova dos leões, e aí ele esteve seis dias. ³²Havia na cova sete leões. Diariamente eram dados a eles dois corpos e duas ovelhas; mas então nada lhes foi dado, para que

Dt 6,4.13;
Mt 4,10

Dn 6

x. Lit. *E aconteceu...* (tradução literal de uma expressão semítica).

y. Não se deve esquecer que, nas civilizações antigas, o rei era o chefe do culto: é nessa qualidade que ele apresenta aqui as oferendas.

z. Lit. *para despendar*.

a. Essa indicação não tem evidentemente valor histórico. Sabemos por uma crônica babilônica que Ciro restaurou, ao contrário, o culto de Bel em Babilônia. Por outro lado, após a revolta da cidade em 485, as tropas de Xerxes a saquearam, e foi então que suas instalações cultuais foram destruídas. Elas estavam em ruínas quando Heródoto passou por aí, meio século mais tarde. Alexandre projetou restaurar os templos e o culto da cidade.

b. Esta narração faz seqüência à destruição da estátua de Bel. É um novo episódio da luta de Daniel contra a idolatria babilônica. O culto dos animais sagrados florescia no Egito desde tempos imemoriais, e na época helenística retornou com sucesso. Mas não parece ter sido praticado na Mesopotâmia. Seja como for, trata-se aqui de um animal fabuloso do qual a arte mesopotâmica oferece numerosas representações. A narração se inspira sem

dúvida nessas representações, mas a polêmica que ela suscita permanece bastante superficial (cf. Sb 11,15; 12,24-25; 15,18). É interessante encontrar sob outra forma e em outro contexto o episódio de Daniel na cova dos leões (cf. Dn 6). A redação aqui supõe um contexto histórico diferente do da narração conservada no aramaico de Dn 6; ela se enriqueceu com a lenda de Habacuc, transportado para Babilônia para alimentar Daniel, e toda alusão a alguma perseguição oficial desapareceu do horizonte. Trata-se, pois, de uma narração mais tardia. As duas recensões gregas, da Septuaginta e de Teodociano, comportam apenas variantes secundárias.

c. Lembre-se que a figuração do Dragão estava especialmente ligada à deusa Tiamat nos cultos mesopotâmicos. O AT conhece o Dragão como representação simbólica das potências do mal (Jó 7,12; Sl 74,13; 91,3).

d. Reminiscência de Dt 6,13 ou do Decálogo (cf. Ex 20,3).

e. Esta reflexão supõe conhecido o proselitismo judaico, cujo resultado arruinava os cultos idólatricos. Parece, porém, que esse jamais conseguiu, na Antiguidade, realizar o ideal proposto pela presente narração.

comessem Daniel. ³³O profeta Habacuc se encontrava na Judéia. Ele tinha feito cozinhar uma sopa e migalhas de pão em um vaso, e ele partia para o campo, para levá-lo aos ceifeiros. ³⁴O Anjo do Senhor disse a Habacuc: "Leva a refeição que tens a Babilônia, a Daniel, na cova dos leões". ³⁵Habacuc disse: "Senhor, jamais vi Babilônia, e não conheço a cova". ³⁶O Anjo do Senhor tomou-o pelo topo do crânio e carregou-o pelos cabelos de sua cabeça, depositou-o em Babilônia sobre a cova, na impetuosidade de seu soprol. ³⁷Habacuc gritou dizendo: "Daniel, Daniel. Toma a refeição que Deus te enviou".

³⁸Daniel disse: "Tu te lembraste de mim, ó Deus, e não abandonaste aqueles que te amam". ³⁹Daniel se levantou e comeu. O Anjo do Senhor remeteu imediatamente Habacuc ao lugar onde ele estava. ⁴⁰No sétimo dia, o rei foi chorar por Daniel. Ele foi à cova e olhou, e eis que Daniel estava sentado. ⁴¹Gritando com voz forte, ele disse: "Tu és grande, Senhor, Deus de Daniel, e não há outro além de ti". ⁴²Ele o retirou de lá. Quanto aos responsáveis pela sua perda, ele os fez lançar na cova, e foram imediatamente devorados em sua presença^h.

Sl 9,11;

27,9b;

145,8s

6,20

3,95(28)s;

6,27s

6,25

Ez 8,3

f. É difícil dizer se há aqui alusão ao fenômeno físico do vento (sopro) que arrebatou o profeta, ou ao Espírito de Deus que opera suas obras maravilhosas (a palavra empregada é a mesma em

ambos os casos).

g. Cf. Dt 6,26-27.

h. Cf. Dn 6,24.

ESDRAS E NEEMIAS

INTRODUÇÃO

Os livros de Esdras e de Neemias constituíam, na origem, um único livro. Pertencem ao período subsequente ao retorno dos judeus do cativeiro babilônico, período que se prolongou durante mais de um século. A atividade dos dois personagens principais, Esdras e Neemias, não é mencionada em nenhum outro livro do Antigo Testamento hebraico. Sem os dois livros que levam os nomes deles, seria muito difícil, senão impossível, conhecer os eventos que marcaram a restauração do judaísmo após a provação do Exílio.

Conteúdo dos livros. Distinguem-se com facilidade as diversas partes destes dois livros:

O livro de Esdras conta inicialmente (caps. 1-6) a volta dos primeiros cativos autorizados a retornar a Jerusalém por permissão de Ciro, rei dos persas, que acabava de conquistar a Babilônia. Esses primeiros repatriados restabeleceram o altar sobre as ruínas do Templo de Jerusalém, antes de reconstruir o próprio santuário, e apesar de graves dificuldades advindas dos dirigentes regionais e dos adversários do judaísmo. O Templo só foi inteiramente reconstruído vários anos depois, na época dos profetas Ageu e Zacarias, sob o reinado de Dario (5,1-2).

Segundo os capítulos 7-10, após um intervalo de várias dezenas de anos, Esdras, sacerdote e escriba, encarregado de uma missão oficial pelo rei da Pérsia, Artaxerxes, chega a Jerusalém, onde se aflige por ver um estado de coisas bem pouco fiel à tradição judaica, em especial por causa dos numerosos casamentos entre judeus e pagãos. Empreende uma reforma radical neste ponto e, respaldado pelo povo, manda os estrangeiros para fora das fronteiras da terra judaica, provavelmente bastante restrita naquela época.

No início do livro de Neemias (caps. 1-7) o relato explica de que maneira Neemias, alto funcionário do rei Artaxerxes, entristecido com as notícias recebidas de seus compatriotas de Jerusalém, obtém do rei a autorização para inspecionar a capital judaica e empreender a reconstrução da mesma, começando pela muralha. Esta será re-

construída em cinquenta e dois dias, graças ao zelo de Neemias, obrigado ao mesmo tempo a lutar contra inimigos e a estimular a coragem e a disciplina de todos os habitantes.

Nos capítulos 8-9, Esdras volta ao primeiro plano dos acontecimentos e restaura o culto e a celebração das festas em conformidade com a Lei de Moisés, que trouxera de Babilônia.

Após diversos trechos relatando compromissos do povo, listas e a festa de inauguração da muralha, o livro termina com uma série de reformas efetuadas por Neemias em Jerusalém por ocasião de uma segunda estada, mais ou menos doze anos mais tarde (caps. 10-13).

Eis, portanto, como se apresenta o plano dos dois livros:

Esdras

- 1: O edito de Ciro.
- 2: Lista dos deportados repatriados.
- 3: Restabelecimento do culto.
- 4,1-5: Obstrução por parte dos inimigos de Judá.
- 4,6-24: Troca de correspondência durante o reinado de Xerxes e Artaxerxes.
- 5,1-6,18: Construção da Casa de Deus.
- 6,19-22: A Páscoa.
- 7,1-10: O escriba Esdras.
- 7,11-28: A carta de Artaxerxes.
- 8,1-14: Os companheiros de Esdras.
- 8,15-36: Viagem de Esdras a Jerusalém.
- 9: Oração de humilhação de Esdras.
- 10,1-17: Despedida das mulheres estrangeiras.
- 10,18-44: Lista dos culpados.

Neemias

- 1: Oração de Neemias.
- 2: Viagem de Neemias a Jerusalém.
- 3,1-32: Restauração dos muros de Jerusalém.
- 3,33-4,17: Obstáculos e dificuldades.
- 5: Injustiças sociais. Intervenção de Neemias.
- 6: Término da reconstrução das muralhas.
- 7: Recenseamento dos israelitas.
- 8: Leitura pública da Lei.

9: Oração de confissão dos pecados.

10: Resoluções diversas.

11: Repartição dos habitantes de Jerusalém.

12: Sacerdotes e levitas.

13: Reformas diversas, realizadas por Neemias.

A história literária dos dois livros é bastante complexa. As antigas traduções gregas do Antigo Testamento abrangem, além de uma tradução dos dois livros reunidos em um só, um outro livro de Esdras, bem diferente destes últimos e com muita frequência designado sob o termo: Esdras grego, ou então 1 Esdras (sendo que 2 Esdras designa a tradução dos dois livros hebraicos de Esdras-Neemias). O Esdras grego contém certas passagens das Crônicas e de Esdras, mas também relatos apócrifos (os três jovens pajens de Dario etc.). Quanto à tradição latina: ela conhece 4 livros de Esdras, sendo que o 1º corresponde ao livro bíblico de Esdras, o 2º ao livro de Neemias, o 3º ao Esdras grego¹, e o 4º é um apocalipse tardio atribuído a Esdras, mas que já não tem mais nada em comum com os dois livros do Antigo Testamento. A maior parte das edições modernas da Bíblia contém apenas os dois livros de Esdras e de Neemias, e deixam de lado o Esdras grego (1 ou 3Esd) e o Apocalipse de Esdras (4Esd), que nunca fizeram parte do cânon judaico.

Problemas literários. Não há indicação quanto ao autor destes dois livros, mas é comum admitir-se que foi um e mesmo autor que redigiu e compôs a vasta síntese histórica dos dois livros das Crônicas, seguidos dos livros de Esdras e de Neemias. Um dos indícios mais significativos é a identidade entre os últimos versículos de 2 Crônicas (36,22-23) e os primeiros versículos de Esdras (1,1-3), o que demonstra a continuidade do relato. No entanto, os métodos de composição diferem sensivelmente.

Para os livros de Esdras e Neemias, o autor utilizou como fontes diversos documentos antigos, que reproduziu e sistematizou entre si de modo a articulá-los e incorporá-los no mesmo conjunto. Assim, é possível descobrir:

a) documentos oficiais em hebraico (listas, estatísticas, etc., tais como Esd 2 e Ne 7: 10,3-30; 11,3-36; 12,1-26) e em aramaico (correspondên-

cia diplomática, decretos oficiais, Esd 4,9-6,18; 7,11-26);

b) memórias de Esdras (Esd 7-10) contendo trechos redigidos na primeira pessoa, como Esd 7,27-9,15, e trechos na terceira pessoa, como Esd 7,1-10; 10; Ne 8-9;

c) memórias de Neemias (Ne 1-7; 10; 12,27-13,31).

A utilização desses diversos documentos explica também a dualidade de idioma constatada no livro de Esdras, já que certos trechos foram conservados em aramaico (Esd 4,8-6,18 e 7,12-26), ao passo que o restante está em hebraico. Esta particularidade encontra-se também no livro de Daniel (2,4-7,28).

Contudo, a redação dos dois livros a partir dessas fontes levanta alguns problemas de solução nada fácil. É o que ocorre com a lista dos judeus que voltaram do cativeiro, a qual figura ao mesmo tempo no cap. 2 de Esdras e no cap. 7 de Neemias, isto é, em duas situações históricas bem diversas. No primeiro caso (Esd 2), esta lista aplica-se às primeiras caravanas de deportados retornados a Jerusalém em decorrência do edito de Ciro em 538, totalizando mais de 50.000 pessoas. No segundo caso (Ne 7), trata-se de uma enumeração feita na época de Neemias, após a reconstrução das muralhas de Jerusalém pelo ano de 445, ou seja, cerca de um século mais tarde. É provável que esta lista, reproduzida nesses dois contextos, não represente com exatidão nem a situação no início do retorno, nem a da época de Neemias, mas uma época intermediária, que poderia ser a de Zorobabel e de Josué, que aliás figuram encabeçando a lista. Pode-se pensar em um recenseamento do povo que regressou a Jerusalém desde uns vinte anos antes, no mínimo, após a reconstrução do segundo Templo (520-515).

Quanto à data da redação dos dois livros, é difícil precisá-la, uma vez que é necessário levar em conta o conjunto da obra de Crônicas-Esdras-Neemias. A julgar pelo conteúdo histórico desta obra, pelas idéias religiosas nela expressas e pelo ambiente do qual parece provir o autor, o período de acabamento da sua vasta obra historiográfica poderia situar-se entre o final do séc. IV e meados do séc. III a.C. Este período corresponderia

1. Daí a designação do Esdras grego, seja por 1 Esdras, seja por 3 Esdras. (Nas notas que seguem, este livro é designado através da sigla 3Esd)

apenas à redação final dos livros, já que as fontes literárias utilizadas remontam certamente a épocas bem anteriores.

Problemas históricos. A análise dos livros Esdras-Neemias levanta problemas relativos aos próprios eventos históricos. Dentre estes destacam-se dois, que têm originado hipóteses diversas, das quais nenhuma se impõe como solução certa e definitiva.

O primeiro problema refere-se à interrupção da reconstrução do Templo de Jerusalém (Esd 4). Segundo o texto, esta interrupção foi ordenada pelo rei persa Artaxerxes (465-424) em consequência das queixas de habitantes da região que se opunham aos judeus (Esd 4,6-24). Ocorre que a cronologia torna tal acontecimento impossível. Com efeito, a construção do Templo foi terminada no 6º ano do reinado de Dario, isto é, por volta de 515 (Esd 6,15), após ter sido retomada no segundo ano do mesmo reinado, em 520 (Esd 4,24; Ag 1,15). A passagem Esd 4,6-23 refere-se a acontecimentos da época de Artaxerxes, ou seja, no mínimo 50 ou 60 anos mais tarde. A hipótese mais provável para resolver este problema consiste em ver, nesta última passagem, documentos relativos à interrupção de outros trabalhos, diferentes dos de reconstrução do Templo: talvez uma tentativa de reconstrução das muralhas da cidade na época de Artaxerxes, o que aliás explicaria bastante bem a ulterior iniciativa de Neemias para retomar esses trabalhos e levá-los a bom termo, sempre sob o reinado de Artaxerxes (Ne 1-4 e 6). O próprio conteúdo da correspondência diplomática de Esd 4,6-23 fala explicitamente de uma reconstrução da cidade e das muralhas, e não do Templo (vv. 12.13.16). Como explicar que este documento tenha sido inserido no meio do relato referente ao Templo em uma época bem anterior? Não o sabemos. Como se tratasse de trabalhos interrompidos por ordem de um rei da Pérsia, talvez tenha havido confusão, no momento da redação do livro, entre os trabalhos do Templo, na época de Dario, e os da muralha, na época de Artaxerxes.

Mais complexo é o segundo problema: o da cronologia da atividade de Esdras e de Neemias em Jerusalém. A ordem cronológica atual do relato fala da chegada de Esdras no 7º ano de Artaxerxes (Esd 7,7) e da sua atividade reformadora (Esd 8-10), e

em seguida, da chegada de Neemias no 20º ano de Artaxerxes (Ne 2,1) e da sua atividade em prol da reconstrução das muralhas (Ne 1-7). A seguir vê-se Esdras reaparecer — quando não se fizera mais menção a ele em Ne 1-7 — para a leitura solene da Lei (Ne 8-9); e por fim, Neemias exerce sua atividade sozinho, no decurso de outra estada em Jerusalém no 32º ano de Artaxerxes (Ne 13,6). Tem-se, pois, a impressão de que Esdras e Neemias exerceram sua atividade em Jerusalém simultaneamente, mas independentemente um do outro, ignorando-se quase totalmente, o que parece surpreendente, dado que os dois receberam uma missão oficial do rei Artaxerxes (Esd 7,11; Ne 2,7-8). Têm-se buscado diversas explicações para resolver esta dificuldade: pensou-se que Esdras ficou por pouco tempo em Jerusalém e voltou ao rei da Pérsia enquanto Neemias estava em Jerusalém. Mas neste caso seria preciso supor uma verdadeira dança alternada dos dois, pois em Ne 8-9 Esdras está novamente em Jerusalém, e Neemias teria então partido novamente para junto do rei, antes de voltar a Jerusalém cerca de doze anos mais tarde (Ne 13,6). Pretendeu-se resolver a questão situando Esdras quando da segunda vinda de Neemias a Jerusalém (o que explicaria a presença simultânea dos dois, segundo Ne 8,9), mas neste caso é preciso modificar a data indicada em Esd 7,8: não se trataria mais do 7º ano de Artaxerxes, mas do 27º ou do 37º ano desse rei (ou seja, pelo ano de 438 ou 428).

Finalmente, tem-se proposto — e esta hipótese é quicá a mais plausível — considerar toda a atividade de Neemias como anterior à de Esdras: Ne 1-7 e 10-13 relatariam esta atividade de reconstrutor e de reformador. Mais tarde, em uma época que poderia ser o 7º ano do rei Artaxerxes II (e não de Artaxerxes I), por volta de 398-397, Esdras teria chegado a Jerusalém (Esd 7,7). Teria então realizado suas reformas (Esd 7-10) e restaurado o culto em sequência à leitura solene da Lei (Ne 8-9). Esta hipótese, porém, não soluciona todas as dificuldades e não explica a presença de Neemias no momento da leitura da Lei (Ne 8,9). É verdade que este último dado poderia provir do redator final, que apresentou como contemporâneas as atividades de Esdras e de Neemias. O redator não teria levado em conta as datas respectivas das estadas e das reformas efetuadas pelos dois. O que queria era sobretudo dar a prioridade ao sacerdote-escriba Esdras em

relação ao leigo *Neemias*. Esta razão teológica teria desorganizado a cronologia real dos acontecimentos. Mas estamos apenas diante de uma hipótese; o problema ainda não encontrou solução plenamente satisfatória.

Perspectivas religiosas. Os livros de *Esdras* e de *Neemias* certamente não pertencem à categoria daqueles que se volta a reler freqüentemente. Muitos leitores da Bíblia pouco os conhecem e acreditam encontrar neles nada mais do que alguns documentos úteis para a história bíblica, porém destituídos de maior interesse para os dias de hoje. Esta opinião não é exata e estriba-se num preconceito. Sem dúvida, estes dois livros não são comparáveis a outros cujo conteúdo religioso é muito mais rico, como ocorre com os *Salmos*, *Jó* ou os *Profetas*. Mas revelaria desconhecê-los quem deixasse de enfatizar sua importância religiosa e seu valor permanente no conjunto dos livros bíblicos, tão ricos e tão variados. Em uma orquestra, os instrumentos não desempenham todos o mesmo papel, nem têm a mesma sonoridade. No entanto, são todos necessários para se poder ouvir a sinfonia na sua plenitude.

Esses dois livros não apresentam uma exposição teológica propriamente dita, mas nos eventos bem concretos que relatam é possível descobrir as idéias mestras que guiaram os seus heróis.

Os três centros de preocupação claramente evidenciados nesses textos são: o Templo, a cidade de Jerusalém, a comunidade do povo de Deus.

A reconstrução do Templo é a primeira tarefa do povo que retorna do cativeiro. Aliás, o próprio objetivo da volta do Exílio é a reconstrução do santuário, já ordenada, segundo *Esd* 1,2, pelo rei *Ciro* em seu edito. A Casa de Deus é o sinal real e material da presença de Deus no meio do seu povo. É também o lugar em que se pode celebrar o culto; daí a importância de tudo o que concerne ao sacerdócio (2,36-39), aos levitas e a todo o pessoal ligado ao lugar santo (2,40-63), assim como de tudo o que diz respeito aos objetos culturais, às oferendas (1,9-11; 2,68-69) e sobretudo ao altar, que é o primeiro a ser restabelecido para nele se oferecerem os sacrifícios, antes da própria edificação do novo Templo (3,1-7). Se ocorre um atraso na reconstrução do Templo, é sobretudo em razão da hostilidade dos adversários que procuram impedir os judeus de restabelecerem sua

influência (cap. 4), ao passo que nada se diz, nestes dois livros, da negligência, da indiferença e do desânimo dos próprios judeus nesta tarefa — como o atesta, porém, a profecia de *Ageu* (*Ag* 1,2-5). Pelo contrário, em *Esd* 6, a alegria explode por ocasião da Dedicação do Templo terminado, o qual é a obra de Deus mais que dos homens (v. 22).

A presença do Templo é inseparável da cidade mesma; aliás, a preocupação por Jerusalém, cidade santa no presente e no futuro, faz parte dos objetivos que levaram *Neemias* a pedir a autorização do rei *Artaxerxes* para vir à capital judaica a fim de restaurá-la e restituir-lhe a importância que lhe cabe. Esta preocupação por Jerusalém explica o zelo patriótico e religioso que ele demonstrou na reconstrução das muralhas em ruínas, com o concurso de toda a população (*Ne* 2-6). Para ele, tratava-se de uma missão profundamente religiosa, que Deus lhe havia confiado e que cumpriu, a despeito das dificuldades e das lutas, com a certeza de que Deus estava com ele e combatia em favor do seu povo. As medidas que *Neemias* adotou a seguir, com o fim de repovoar a cidade por muitos trocada pelo campo (*Ne* 11), ou com o fim de fazer respeitar o sabbado (*Ne* 13,15-22), mostram que, para ele, Jerusalém devia voltar a assumir seu papel de cidade santa. Tratava-se do prolongamento de toda a história passada, interrompida pela ruína e pelo cativeiro.

Todavia, o Templo e a cidade só têm significado real em função do povo que vive neste lugar e que constitui a comunidade do povo de Deus. Pois bem, esta comunidade, sacudida pelo Exílio, precisa ser restaurada sobre o seu verdadeiro fundamento, que é a obediência à Lei de Deus. É sobretudo aqui que aparece a importância da obra de *Esdras* e de *Neemias*. O povo judeu não desfruta mais da sua independência nacional; só tem razão de ser porque é uma comunidade religiosa que reata a tradição antiga com as exigências da situação presente. Tal obra de restauração precisava manifestar-se em setores diversos. Primeiramente no do culto: a leitura solene da Lei de Moisés, trazida por *Esdras* (*Ne* 8) e explicada ao povo antes da festa dos Tabernáculos, fornece os elementos principais daquilo que será mais tarde o serviço da sinagoga. A Lei é o fundamento da vida do judaísmo, e permanecerá tal através dos séculos.

A obediência à Lei de Deus explica também as medidas muitas vezes severas ordenadas por Esdras e Neemias para reconduzir o povo à observância das festas, dos sábados, das obrigações referentes às ofertas e aos dízimos destinados ao culto e aos sacerdotes (Ne 10; 12; 13,1-22), e também para reagir contra os casamentos com pagãos (Esd 10; Ne 13,23-29). É ainda por fidelidade à Lei que Neemias, com suas palavras e exemplo pessoal, soube equacionar o problema de ordem social, que dividia a população em conseqüência das diferenças de renda e da escandalosa desigualdade de condição social (Ne 5).

E no entanto, apesar dessas exigências, não nos deparamos na religião de Esdras e de Neemias com um legalismo tacanho que desfiguraria as perspectivas da verdadeira religião, como ocorre com freqüência neste campo. A Lei é sempre a do Deus vivo, que fala e age, e para o qual o povo pode voltar-se através de um culto sincero e de uma oração espontânea. A cada instante vemos Esdras e Neemias dirigirem-se a Deus para pedir seu conselho, sua ajuda, sua proteção, ou para exprimir-lhe seu reconhecimento cheio de alegria (Esd 3,11; 6,21-22; 7,27-28; Ne 1,4-11; 4,4-5; 5,19 etc.). As duas grandes orações conservadas em Esd 9 e Ne 9 encerram com probabilidade elementos litúrgicos em uso no culto judaico (arrepentimento, confissão dos pecados, imploração do perdão de Deus, rememoração da história do povo no passado e de suas infidelidades, ato de confiança no Deus de Israel, etc.). Esses textos revelam quanto a pregação dos profetas anteriores ao Exílio havia finalmente produzido seus frutos e conduzido o povo a esses sentimentos de humilhação e de fé no Deus que perdoa.

Importa notar ainda um aspecto — secundário decerto, mas não sem valor — da vida religiosa dos judeus dessa época em Jerusalém: é a polêmica contra uma concepção excessivamente frouxa e liberal da vida religiosa, que acaba por admitir envolvimento com o paganismo. Mostram-no as medidas contra os casamentos com pagãos, mas também a recusa formal de toda colaboração com habitantes locais que se oferecem para trabalhar na reconstrução das muralhas (Ne 2,19-20; 4; 6 etc.), mas que na realidade são inimigos dos judeus. Percebe-se aqui o prelúdio da oposição entre judeus e samaritanos, cujo cisma se operará em época posterior (sem dúvida por volta de 328).

Os livros de Esdras e de Neemias põem em relevo sobretudo a personalidade desses dois homens tão diferentes, e no entanto animados do mesmo desejo de trabalhar na restauração do seu povo e da vida religiosa: Esdras, sacerdote e escriba, erudito no campo da Lei, inspirador da renovação do culto, rigorista no tocante aos compromettimentos com os povos pagãos, e Neemias, leigo enérgico e de coragem indomável, a pregar pelo exemplo através do seu desinteresse, homem de oração e de fé. E no entanto, por maior que seja o valor desses dois homens, sua personalidade nunca é priorizada em relação à sua obra. Cumprem a missão que Deus lhes confiou, e afora esta missão nada mais sabemos a respeito da vida deles, a respeito do término da sua atividade e da sua morte. A pessoa deles apaga-se por trás da ação, deixando na sombra o que aconteceu antes e depois do ministério que exerceram. Este é também um traço característico da vida religiosa do judaísmo de sua época.

2Cr 36,22-23;
Jr 25,11-12;
29,10

Is 45,1

1 O edito de Ciro. 'Ora', no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia^a — para que se cumprisse a palavra do SENHOR, saída da boca de Jeremias^b —, o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, a fim de que em todo o seu reino fizesse publicar uma proclamação, e até um documento escrito, para dizer^c: ^{2a}Assim fala Ciro, rei da Pérsia: Todos os reinos da terra, o SENHOR, o Deus dos céus^d, os deu a mim, e ele mesmo me encarregou de construir-lhe uma Casa em Jerusalém que está em Judá. ³Dentre vós^e, quem pertence a todo o seu povo^f? Que seu Deus esteja com ele, e que suba a Jerusalém, em Judá, para construir a Casa do SENHOR, o Deus de Israel — é o Deus que está em Jerusalém! ⁴Em todos os lugares nos quais reside o resto do povo^g, que as pessoas deste lugar tragam a cada um prata, ouro, bens e gado, assim como a oferta voluntária^h para a Casa do Deus que está em Jerusalém!ⁱ ⁵Então levantaram-se os chefes de família de Judá e de

Benjamin, os sacerdotes e os levitas, enfim todos aqueles cujo espírito Deus despertara para ir construir a Casa do SENHOR que está em Jerusalém^k. ⁶E todos os seus vizinhos os ajudavam com vontade, através de objetos de prata^l e de ouro, de bens e de gado, de presentes preciosos^m, sem contar, além disso, tudo o que era oferecido voluntariamenteⁿ. ⁷O rei Ciro fez retirar os objetos pertencentes à Casa do SENHOR, que Nabucodonosor levava embora de Jerusalém para colocá-los na casa dos deuses dele^o. ⁸Ciro, rei da Pérsia, os fez retirar por intermédio do tesoureiro Mitredat^p, o qual os fez contar através de Sheshbazar, o príncipe de Judá^q. ⁹Eis o levantamento: pratos de ouro: 30; pratos de prata: 1.000; facas: 29; ¹⁰taças de ouro: 30; taças de prata, de segunda categoria: 410; outros objetos: 1.000. ¹¹Total dos objetos de ouro e de prata: 5.400^r. Sheshbazar levou todo esse acervo, quando os deportados subiram de Babilônia para Jerusalém.

2Rs 25,13-17

a. Os vv. 1-3a são idênticos a 2Cr 36,22-23. Muitos comentaristas acreditam que os livros Esd-Nc e Cr são obra de um mesmo autor, o Cronista.

b. Ciro reinou de 558 a 528. Depois da conquista de Babilônia, no outono de 539, arrogou-se o título de "rei de Babel". O primeiro ano do "reinado babilônico" corresponde a 538.

c. O profeta Jeremias predissera o fim do cativeiro somente após um período de 70 anos de duração — em número redondo, contando sem dúvida a partir do ano 606; cf. Jr 25,11-12 e 29,10 notas. O autor de Jr 31,38 anunciou a reconstrução de Jerusalém, e o Segundo Isaias descreveu com maior precisão o papel de Ciro, que chama de "ungido" (messias); é ele que, sob a égide de Deus, reconstruirá o Templo e governará todos os povos da terra, cf. Is 44,28; 45,1-6.

d. Além da proclamação oral, temos aqui uma proclamação afixada, uma inscrição ou um documento de arquivo, como a de Esd 6,2-8 (cf. 2Cr 30,5-6; Esd 10,7; Ne 8,15).

e. Os reis persas honraram os "deuses do céu", como Ahura-Mazda, seu deus nacional. Sem dúvida favoreceram, por esta razão, a Casa, isto é, o Templo do Deus dos Israelitas.

f. Outra tradução possível: *Tudo aquele dentre vós que fizer parte de todo o seu povo, que seu Deus seja...*

g. O edito dirige-se a todos os exilados. Na realidade, somente uma parte destes regressou à sua terra, cf. v. 5.

h. Na linguagem profética, o *resto* designa o conjunto dos repatriados e, mais particularmente, este Israel fiel que se apóia unicamente em Deus; cf. Is 10,20-21.

i. Isto é, a oferta em prol do Templo ou do culto, que era

deixada à generosidade de cada um, indo além dos donativos fixados pela Lei; mesma fórmula em Esd 2,68; 7,15-16; 8,28; Ne 7,69.

j. Depois da conquista de Babilônia, Ciro manifesta uma grande tolerância religiosa. Quer apresentar-se mais como libertador do que como conquistador. Manda de volta ao respectivo templo os ídolos roubados e transportados à Babilônia pelos seus predecessores. Este edito está, portanto, em perfeita consonância com a sua política religiosa.

k. Cf. 2,40 nota.

l. Lit. *fortificaram suas mãos através de objetos de prata*. Quanto às últimas palavras, o gr. (3Esd 2,8) leu: *por todos os meios, por prata, por ouro*.

m. O gr. (3Esd 2,8) leu: *presentes preciosos em grande número, além de...*

n. A volta do cativeiro é aqui assemelhada ao retorno do Êxodo. Os hebreus que partem do Egito enriquecem-se com os bens dos seus vizinhos, cf. Ex 3,22; 11,2; 12,35.

o. Outra tradução possível: *a casa do seu deus*; a expressão no plural lembra o enorme panteão babilônico. O texto faz alusão aos eventos de 587, cf. 2Rs 25,13-17.

p. *Mitredat* ou *Mitridates* é uma palavra persa que significa "consagrado a Mitra".

q. *Sheshbazar*, o príncipe de Judá, talvez seja o filho do rei ioiakim. É bem verdade que 1Cr 3,18 o denomina Shenaçar. O nome é de origem babilônica.

r. O total dos objetos contados, 5.400, não corresponde à soma dos elementos enumerados, que é 2.499. Será que o texto está

Ne 7.6-72

2 Lista dos deportados. 'Eis os filhos da província que regressaram do cativeiro, da deportação — os que Nabucodonosor, rei de Babilônia, deportara para Babilônia — e que voltaram a Jerusalém e a Judá, cada um para a sua cidade'. ²Foram eles que vieram com Zorobabel, Josué, Nehemiá, Saraiá, Reclaiá, Mordokai, Bilshan, Mišpar, Bigvai, Rehum, Baanã'.

Número dos homens do povo de Israel¹: ³os filhos de Parosh: 2.172; ⁴os filhos de Shefatia: 372; ⁵os filhos de Arah: 775; ⁶os filhos de Pahat-Moab, isto é os filhos de Ieshua e de Ioab: 2.812; ⁷os filhos de Elâm: 1.254; ⁸os filhos de Zatu: 945; ⁹os filhos de Zakai: 760; ¹⁰os filhos de Bani: 642; ¹¹os filhos de Bebai: 623; ¹²os filhos de Azgad: 1.222; ¹³os filhos de Adoniquâm: 666; ¹⁴os filhos de Bigvai: 2.056; ¹⁵os filhos de Adin: 454; ¹⁶os filhos de Ater, isto é de Iehizquía: 98; ¹⁷os filhos de Bešai: 323; ¹⁸os filhos de Iorá: 112; ¹⁹os filhos de Hashum: 223; ²⁰os filhos de Guibar: 95; ²¹os filhos de Bet-Lehem²:

123; ²²os homens de Netofá: 56; ²³os homens de Anatot: 128; ²⁴os filhos de Azmávet: 42; ²⁵os filhos de Qiriat-Arim, de Kefirá e de Beerot: 743; ²⁶os filhos de Ramá e de Gueba: 621; ²⁷os homens de Mikmás: 122; ²⁸os homens de Betel e de Ai: 223; ²⁹os filhos de Nebô: 52; ³⁰os filhos de Magbish: 156; ³¹os filhos de um outro Elâm: 1.254; ³²os filhos de Harim: 320; ³³os filhos de Lod, de Hadid e de Onô: 725; ³⁴os filhos de Jericó: 345; ³⁵os filhos de Senaá: 3.630³.

³⁶Os sacerdotes⁴: os filhos de Iedaia, isto é a casa de Josué: 973; ³⁷os filhos de Imer: 1.052; ³⁸os filhos de Pashehur: 1.247; ³⁹os filhos de Harim: 1.017.

⁴⁰Os levitas: os filhos de Josué e de Qadmiel, isto é os filhos de Hodaviá: 74⁴.

⁴¹Os cantores: os filhos de Asaf: 128⁵.

⁴²Os porteiros⁶: os filhos de Shalum, os filhos de Ater, os filhos de Talmon, os filhos de Aquub, os filhos de Hatitá, os filhos de Shobai, no total: 139.

⁴³Os doados⁷: os filhos de Tsihá, os filhos de Hasufá, ⁴⁴os filhos de Tabaot,

mal conservado, ou será que o Cronista cita apenas um fragmento de uma peça contábil antiga, escrita em aram. e conservada nos arquivos?

s. Para fazer compreender a importância da grande caminhada dos deportados para Jerusalém, o autor inseriu aqui uma longa estatística da população judaica que engloba os chefes, os leigos e o pessoal do Templo. Esta lista é paralela à de Ne 7.6-72, ou seja, é a peça de arquivo descoberta pelo próprio Neemias. O documento parece antigo: mas a intenção primária do autor permanece obscura para nós: tratar-se-á do censo das pessoas que participaram das primeiras caravanas em marcha para Jerusalém? Ou não será antes uma estatística dos judeus já reinstalados na Judéia, os *filhos da província da Judéia*?

t. Onze guias conduzem o povo. Mas a semelhança de Ne 7.7, o documento primitivo talvez contivesse um duodécimo nome, o de Nahamani. Conduzido por esses doze chefes, Israel, com doze tribos, regressa à sua terra. Os nomes importantes são Zorobabel, neto do rei ioiakim, pretendente ao trono de David (cf. 1Cr 3.19) e Josué, neto do sumo sacerdote Seraiá, e também sumo sacerdote (cf. 1Cr 5.40 e 2Rs 25.18). Os outros nomes são desconhecidos. O nome de Sheshbazar não é mencionado. A caravana desse comissário real para a reconstrução do Templo deve ter precedido de pouco a de Zorobabel, comissário para o repatriamento.

u. Os vv. 3-35 dão a lista dos judeus divididos de acordo com os seus clãs ou seus lugares de origem (vv. 21-34).

v. O gr. (3Esd 5.15-16) acrescenta: *Os filhos de Keilan e de Azaias: 67; os filhos de Azur: 432; os filhos de Ania: 101; os filhos de Arom...*

w. As localidades cujos nomes seguem estão situadas na parte

norte do território de Judá: não ultrapassam Bet-Lehem e Netofá, ao sul, Ai e Betel, ao norte, Lod, Hadid e Onô, a oeste, Jericó, a leste. Nos vv. 21.24.26.29, antes dos nomes dos lugares, provavelmente se deve ler: *os homens de...* como em Ne, em lugar de *os filhos de...*; talvez seja preciso também retificar os vv. 30.33-35, contra Ne.

x. Várias dessas localidades são bem conhecidas: v. 23, *Anatot*, a pátria de Jeremias; v. 25, três cidades guibeonitas no norte de Jerusalém, cf. Js 9.17; v. 26, *Ramá*, a residência de Samuel, cf. 1Sm 7.17, e Gueba, uma das cidades levíticas, cf. Js 21.17. As outras localidades são mais difíceis de situar. Os vv. 31-32 dão nomes de pessoas, cf. vv. 7 e 39.

y. Os sacerdotes agrupados em 4 famílias regressaram numerosos a Jerusalém para retomar sua função cultural. Duas dessas famílias são conhecidas antes do Exílio: as de *Josué* e de *Imer*, cf. Jr 20.1. Essas duas famílias, senão todas as quatro, são de ascendência sadocita.

z. Segundo o gr. (3Esd 5.26) deve-se provavelmente ler: *Os levitas: os filhos de Josué, isto é, Qadmiel, Binai, Hodaviá*. Os levitas, pouco numerosos quando do regresso, não parecem muito entusiasmados, cf. Esd 8.15. Segundo o Dt e Ez, a função deles era bastante pouco considerada, cf. Ez 44.10-14.

a. Um único grupo de cantores: regressou do Exílio. As outras famílias assinaladas em 1Cr 16.37-41 sem dúvida permaneceram na terra durante o cativeiro.

b. Lit. *Os filhos dos porteiros*, cf. Ne 7.45. Os cantores e os porteiros ainda se distinguem dos levitas; mais tarde, 1Cr 6.16-32 os assimilará aos levitas.

c. Hebr. *netinim*. Segundo a tradição, trata-se de homens que "David e os chefes doaram para o serviço dos levitas", cf. Esd

os filhos de Querôs, os filhos de Siahá, os filhos de Padon, ⁴⁵os filhos de Lebaná, os filhos de Hagabá, os filhos de Aquub^d, ⁴⁶os filhos de Hagab, os filhos de Shalmái, os filhos de Hanan, ⁴⁷os filhos de Guidel, os filhos de Gaḥar, os filhos de Reaiá, ⁴⁸os filhos de Reḥin, os filhos de Neqodá, os filhos de Gazâm, ⁴⁹os filhos de Uzá, os filhos de Pasêah, os filhos de Besai, ⁵⁰os filhos de Asná, os filhos de Meunim, os filhos de Nefusim, ⁵¹os filhos de Baqubuq, os filhos de Haqufá, os filhos de Ḥarḥur, ⁵²os filhos de Bašlut, os filhos de Meḥidá, os filhos de Ḥarshá, ⁵³os filhos de Barqôs, os filhos de Siserá, os filhos de Tamah, ⁵⁴os filhos de Nešaiá, os filhos de Hatifá.

⁵⁵Os filhos dos servos de Salomão: os filhos de Sotai, os filhos de Ha-Soféret, os filhos de Perudá, ⁵⁶os filhos de Iaálá, os filhos de Darqon, os filhos de Guidel, ⁵⁷os filhos de Shefatíá, os filhos de Ḥatil, os filhos de Pokéret-Ha-Šebaim, os filhos de Ami. ⁵⁸Total dos doados e dos filhos dos servos de Salomão: 392.

⁵⁹Eis os que subiram de Tel-Melaḥ, de Tel-Ḥarshá, de Querub-Adan e Imcr^f e dos quais não foi possível saber se sua casa paterna e sua raça pertenciam efetivamente a Israel: ⁶⁰os filhos de Delaiá, os filhos de Tobíá; os filhos de Neqodá: 652; ⁶¹e alguns dentre os sacerdotes: os filhos de Ḥobaiá, os filhos de Ha-Qoş, os filhos de Barzilai — aquele que des-

posara uma das filhas de Barzilai, o guileadita, e que acabara sendo chamado por esse nome. ⁶²Essas pessoas procuraram seu registro de genealogias, mas não o encontraram; então foram declarados contaminados, excluídos do sacerdócio. ⁶³E o governador^e lhes disse que não comessem alimentos santíssimos^h, até que um sacerdote se apresentasse para o Urim e para o Tumimⁱ.

⁶⁴A assembleia inteira abrangia 42.360 pessoas^j, ⁶⁵sem contar os seus servos e as servas, que eram 7.337; eles tinham 200 cantores e cantoras^k; ⁶⁶seus cavalos: 736; suas mulas: 245; ⁶⁷seus camelos: 435; os jumentos: 6.720^l.

⁶⁸Na sua chegada à Casa do SENHOR que está em Jerusalém, alguns chefes de família fizeram ofertas voluntárias^m para a Casa de Deus, a fim de restabelecê-la em seu lugar. ⁶⁹Segundo suas posses, doaram ao tesouro da obra 61.000 dracmas de ouro e 5.000 minas de prata e 100 túnicas de sacerdotesⁿ. ⁷⁰Então os sacerdotes, os levitas, uma parte do povo, os cantores, os porteiros e os doados fixaram-se em suas cidades. Todos os israelitas estavam em suas cidades.

3 Restabelecimentos do culto. ¹Ao chegar o sétimo mês^o, quando os filhos de Israel estavam em suas cidades, ²o povo se reuniu em Jerusalém como se fora uma só pessoa. ³Josué, filho de

Ne 7.72;
8.1

2Sm 17.27-29;
19.32-40;
1Rs 2.7

8.20. [São comparáveis aos "oblatos" que serviam nos conventos medievais.] Como quer que seja, trata-se de descendentes de estrangeiros (cf. os nomes) que exerciam funções subalternas no Templo, como "os filhos dos estrangeiros" mencionados por Ez 44.7-9; cf. também Js 9.23.27. Esses doados regressaram numerosos a Jerusalém, 258 e 8.20; sem dúvida nada tinham a perder ao deixar a Babilônia.

d. O gr. (3Esd 5.30) acrescenta: os filhos de Utá, os filhos de Ketub.

e. Os servos de Salomão são empregados de segunda ordem, diferentes dos doados. Talvez sejam descendentes dos canaanitas empregados por Salomão na construção do Templo. cf. 1Rs 9.20-21; 2Cr 8.7-8.

f. Essas localidades podem situar-se na região de Nipur, na Babilônia. Será que as três últimas palavras designam duas (Querub-Adan e Imcr, cf. Ne 7.61) ou três cidades?

g. O termo governador corresponde a uma palavra (em hebr. *tirshuta*) cuja origem é persa e que significa "aquele que é reverenciado ou temido", cf. Ne 7.65.69; 8.9.

h. Quanto à proibição dos alimentos santos, cf. Lv 22.10-16. I. Quanto a Urim e Tumim, cf. Ex 28.30. Não há outros testemunhos históricos desse antigo uso de tirar a sorte, desde a época de David.

j. Esta cifra engloba as mulheres e as crianças?

k. Esses músicos profanos são diferentes dos cantores do culto assinalados nos vv. 41 e 70.

l. Leia-se *seus jumentos* com as versões e alguns mss. hebr. O retorno dos deportados efetuou-se por caravanas sucessivas. Com efeito, uma caravana de 50.000 homens é bastante improvável, e o número dos animais é excessivamente pequeno para assegurar a subsistência deles.

m. Cf. Ex 25.2-7; 35.4-29; Nm 7.1-9.

n. O gr. (3Esd 5.44) substitui os 61.000 dracmas de ouro por 1.000 minas de ouro. A menção a esta soma em dracmas, moeda grega, ou mesmo em dárlicos, moeda de Dario, não é provável, pouco após a conquista de Ciro.

o. O sétimo mês (*tishri*: setembro-outubro) é o mês das grandes festividades em Jerusalém.

loşadaq, levantou-se com seus irmãos, os sacerdotes, assim como Zorobabel, filho de Shealtiel, com seus irmãos, e construíram o altar do Deus de Israel, para apresentar holocaustos, como está escrito na Lei de Moisés^p, o homem de Deus. ³Restabeleceram o altar sobre as suas fundações^q, pois tinham medo^r das populações da terra^s, e nele apresentaram holocaustos ao SENHOR, os holocaustos da manhã e da tarde. ⁴Depois celebraram a festa das Tendões, como está escrito, apresentando o holocausto dia por dia segundo o número cotidiano fixado pelo costume. ⁵Depois disso, apresentaram o holocausto perpétuo, os holocaustos para as luas novas^t e para todos os tempos sagrados do SENHOR^u, bem como por todos os que faziam ofertas voluntárias ao SENHOR. ⁶Desde o primeiro dia do sétimo mês, começaram a oferecer holocaustos ao SENHOR. Como ainda não tivessem sido lançadas^v as fundações do Templo do SENHOR, ⁷deram dinheiro aos canteiros e aos carpinteiros, bem como víveres, bebida e azeite aos sidônios e tírios, para que fizessem vir por mar madeira de cedro do Líbano até Jafa, conforme a autorização

que lhes fora dada pelo rei da Pérsia, Ciro. ⁸Depois, no segundo ano da chegada deles à Casa de Deus em Jerusalém, no segundo mês^w, Zorobabel, filho de Shealtiel, e Josué, filho de loşadaq, com o resto dos seus irmãos, os sacerdotes, os levitas e todos aqueles que retornaram do cativo para Jerusalém, começaram a estabelecer^x os levitas de vinte anos e mais^y para dirigir os trabalhos da Casa do SENHOR. ⁹Quanto a Josué, seus filhos e seus irmãos, Qadmiel com seus filhos, os filhos de Judá^z, todos juntos, distribuíram-se de modo a poder dirigir cada operário que trabalhava na Casa de Deus, sem falar dos filhos de Henadad, seus filhos e seus irmãos, os levitas. ¹⁰Então os construtores lançaram as fundações do Templo do SENHOR, enquanto os sacerdotes, paramentados, com as trombetas, assim como os levitas filhos de Asaf, com os címbalos^{aa}, foram instalados para louvar o SENHOR de acordo com as disposições de David, rei de Israel. ¹¹No louvor e ação de graças ao SENHOR, eles respondiam uns aos outros: *Porque Ele é bom, pois sua fidelidade dura sempre para Israel^{ab}*. Todo o povo fazia grandes ovações^{ac}, louvando

2Cr 23.18

Ex 29.38-42;
Nm 28.6-8
Ex 23.16;
Lv 23.24;
Dt 16.13

Nm 28.3-8

1Cr 22.4-5;
2Cr 2.8-10.16;
1Rs 5Sl 100.5;
106.1: 136

p. Diante das ruínas do antigo Templo, os repatriados fazem o que é mais urgente: edificar o altar dos holocaustos para aplicar as prescrições de Moisés.

q. A localização do antigo altar permanecia conhecida de todos; de resto, durante o Exílio, os judeus que permaneceram em Jerusalém puderam continuar o serviço cultual sobre as ruínas desse altar, cf. Jr 41.5.

r. Lit. *pois* (ou *quando*) *no medo sobre eles, da parte dos povos das terras*. O sentido da frase permanece incerto. Que é que temiam exatamente os judeus, retornados do Exílio? A origem deste temor seria de ordem política? Os antigos deportados temiam uma reação da população local, análoga à que será contada no capítulo que segue. Ou então, haveria também um motivo de ordem religiosa? Conforme temiam os repatriados, o antigo altar estava maculado, impróprio para o culto, e, portanto, era preciso reconstruí-lo.

s. A expressão (lit. *os povos das terras*) designa aqui aqueles — judeus e outros — que ficaram na Palestina durante o Exílio e estavam em atrito com os que voltaram de Babilônia, cf. 9.12.11; 10.2.11 e Ne 9.30.

t. O gr. (3Esd 5.51) acrescenta: *os holocaustos para o sábado*, antes de *as luas novas*.

u. Isto é, para as festas. Através destas indicações, o Cronista quer sublinhar o zelo dos deportados pelo culto. Desde o início, todas as prescrições rituais são observadas.

v. É preciso distinguir a obra de Sheshbazar, contada em 5.16, da de Josué-Zorobabel. O trabalho do primeiro deve ter consis-

tido em desentulhar as ruínas do antigo Templo e em nivelar o terreno. Ele não conseguiu levar o trabalho avante. Josué e Zorobabel lançaram a seguir as primeiras fundações do segundo Templo.

w. Isto é em abril-maio de 537. O gr. é mais preciso: *no primeiro dia do segundo mês*.

x. Outra tradução possível: *eles começaram (o trabalho) e estabeleceram...*

y. Confia-se aqui a uma função importante a levitas de vinte anos; Nm 4.3 e 8.24 exigia, porém, a idade mínima de vinte e cinco anos. Essa idade mais baixa explica-se, quer pelo reduzido número dos levitas quando do regresso (74 ao todo), quer simplesmente pela própria juventude da comunidade dos deportados, entusiastas que preferiram a aventura do regresso à instalação tranquila na Babilônia.

z. Em lugar de: *Qadmiel... Judá*, deve-se provavelmente ler: *Qadmiel, Binui e Hodaviá*, cf. 2.40.

aa. Ao contrário de 2.41, os cantores *filhos de Asaf* são aqui assimilados aos levitas. A trombeta é o instrumento dos sacerdotes (1Cr 15.24); a cítara, a harpa e os címbalos, os instrumentos dos levitas (1Cr 25.1.6).

ab. É a fórmula de responso litúrgico muitas vezes utilizada pelos cantores, segundo o Cronista: 1Cr 16.34; 2Cr 5.13 e 7.3.

ac. Lit. *uma grande ovação*: idem nos vv. seguintes. A palavra *ovação* designa aqui um grito litúrgico, cf. Sl 47.6, utilizado em particular no primeiro dia do sétimo mês, Lv 23.24 e Nm 29.1.

o SENHOR, pela fundação da Casa do SENHOR. ¹²Então muitos sacerdotes, levitas e chefes de família entre os mais idosos^d — os que haviam visto a Casa de outrora — choraram em alta voz, enquanto sob seus olhos se lançavam as fundações da Casa atual. Mas muitos também elevavam a voz em ovações de alegria. ¹³Desta forma, não se conseguia distinguir entre o estrondo dos gritos de alegria e a voz do choro do povo. De fato, o povo soltava grandes aclamações cujo estrondo era ouvido longe.

4 Obstrução dos inimigos de Judá.

¹Quando os inimigos de Judá e de Benjamin souberam que os deportados construíam um Templo ao SENHOR, o Deus de Israel, ²aproximaram-se de Zorobabel^e e dos chefes de família e lhes disseram: "Queremos construir junto convosco! Como vós, com efeito, também nós procuramos a Deus^f, o vosso, e lhe oferecemos sacrifícios^g, desde a época de Asaradon, rei da Assíria, que nos fez subir para cá^h". ³Mas Zorobabel, Josué e o resto dos chefes de família de Israel lhes disseram: "Não cabe a vós construir junto conosco uma Casa para o nosso Deus: cabe só a nós construir para

o SENHOR, o Deus de Israel, como no-lo ordenou o rei Ciro, rei da Pérsia". ⁴Entretanto, a população da terra chegou a enfraquecer as mãos do povo de Judá e a intimidar os construtoresⁱ. ⁵Pagaram conselheiros contra eles para fazer fracassar o plano deles, durante todo o tempo de Ciro, rei da Pérsia, até o reinado de Dario, rei da Pérsia^j.

Troca de correspondência sob Xerxes e Artaxerxes.

⁶Sob o reinado de Xerxes, no início do seu reinado, eles escreveram uma acusação contra os habitantes de Judá e de Jerusalém^k. ⁷No tempo de Artaxerxes, Bishlâm, Mitredat, Tabeel e seus outros colegas escreveram a Artaxerxes, rei da Pérsia; o texto da carta estava escrito em caracteres aramaicos e em língua aramaica^l. ⁸O^m chanceler Rehum e o secretário Shimshai escreveram ao rei Artaxerxes a seguinte cartaⁿ acerca de Jerusalém: ⁹"O chanceler Rehum^o, o secretário Shimshai, seus outros colegas, a gente de Din, de Afarsatak, de Tarpel, de Afaras^p, de Uruk, de Babilônia, de Susa, de Deha^q, de Elâm^r e os outros povos que o grande e ilustre Asnapar^r deportou e fez residir na cidade de Samaria e no resto da terra,

d. Vários mss. lêem: *muitos... chefes de família e anciãos...*
e. O gr. acrescenta o nome de Josué, cf. v. 3.

f. A expressão bíblica *procurar a Deus* significa honrar, invocar a Deus, especialmente no Templo: ela é frequente na pena do Cronista, 1Cr 22,19; 2Cr 17,4; 31,21 etc.

g. Texto conservado pelas versões antigas e pelo texto hebr. segundo a tradição oral. O texto hebr. "escrito" traz: *e nós não oferecemos sacrifícios* — de maneira a recusar aos pagãos até a possibilidade de prestar um culto ao verdadeiro Deus.

h. Os inimigos de Judá, denominados no v. 4 a *população* (lit. *o povo*) da terra, são os descendentes de pagãos exilados pelos reis da Assíria, como Asaradon (681-669). Além dos seus antigos ídolos, esses colonos adotaram o culto do Senhor (cf. 2Rs 17,24-41). Sua religião sincretista era um perigo para o povo fiel. Zorobabel vai recusar compromissos com eles (cf. também 3,3 nota).

i. Ao passo que o profeta Ageu (Ag 1,2-9) denunciava a indiferença do povo, o Cronista atribui o atraso da construção à obstrução dos inimigos de Judá. Contra este projeto de reconstrução agiram também fatores econômicos, a miséria...

j. Isto é, de 537 até 522. O trabalho só recomençaria em 520, segundo ano do reinado de Dario (522-486). O v. 24 deve ser lido imediatamente após o v. 5.

k. Os vv. 6-23 constituem uma inserção referente à obstrução

do pessoal da Samaria em uma época posterior a Dario, sob os reinados de Xerxes (486-465) e de Artaxerxes I (465-424). Trata-se aqui da construção da cidade e das muralhas (cf. v. 12) e não mais da construção do Templo.

l. Lit. *escrito em aramaico e traduzido para o aramaico*. É difícil perceber o sentido exato. O gr. suprime a última palavra (a palavra *aramaico*). Talvez esta palavra não passe de um parentese para assinalar a passagem do hebr. para o aram. no v. subsequente; cf. caso semelhante no começo da seção aramaica de Daniel, Dn 2,4.

m. De Esd 4,8 até 6,18, o texto está em aram.

n. *Rehum*, chanceler ou governador da Samaria (cf. v. 17), empreende uma nova tentativa contra Jerusalém. Tinha esse direito, já que a província da Samaria englobava na época o distrito de Judá.

o. Lit. *Então o chanceler Rehum*. O gr. suprime *então*; de fato, a palavra não cabe aqui, como introdução a esta carta.

p. As 4 palavras (*a gente de Din* etc.), consideradas no texto atual como nomes de localidades, talvez fossem originalmente nomes de pessoas. Neste caso poder-se-ia traduzir: *os juízes, os delegados, os cônsules, os funcionários*.

q. Com mais probabilidade, pode-se interpretar *a gente de Susa*, isto é, *os elamitas*.

r. Trata-se provavelmente de Assurbanipal (668-626).

no Além-Eufrates" etc.". "Eis a cópia da carta que a ele enviaram: "Ao rei Artaxerxes, teus servos, gente do Além-Eufrates" etc. "Temos de comunicar ao rei que os judeus, que subiram daí para vir até nós em Jerusalém", estão reconstruindo a cidade rebelde e má; eles vão reerguer os muros e fazem examinar as fundações". "Precisamos comunicar ao rei que, se esta cidade for reconstruída e seus muros, reerguidos, eles não pagarão mais tributo, imposto e direito de passagem, o que acabará trazendo prejuízo aos reis. "Agora, uma vez que comemos o sal do palácio" e que não nos parece conveniente ver o rei sendo objeto de zombaria, enviamos ao rei estas informações, "para que se efetuem investigações no livro das memórias dos teus pais". No livro das memórias, encontrei e saberás que esta cidade é uma cidade rebelde, que acarreta prejuízo aos reis e às províncias, e na qual fomentaram revoltas desde os tempos antigos. Por isso esta cidade foi destruída". "Informamos ao rei que, se esta cidade for reconstruída e seus muros, reerguidos, não terá mais domínio no Além-Eufrates".

"O rei enviou a seguinte resposta": "Ao chanceler Rehum, ao secretário Shimshai e a seus outros colegas que habitam na Samaria e no resto do Além-Eufrates: paz etc. "A ata oficial que vocês nos envia-

ram foi lida, de maneira clara^b, em minha presença. "Por ordem minha, fizeram-se investigações e descobriu-se que, desde os tempos antigos, esta cidade se subleva contra os reis e é agitada pela revolta e pela sedição". "Houve em Jerusalém reis poderosos que dominaram todo o Além-Eufrates; a eles pagava-se tributo, imposto e direito de passagem. "Agora, dai ordem de fazer cessar o trabalho dessa gente; que essa cidade não seja reconstruída, até que eu ordene. "Cuidem de não agir com negligência neste assunto, para que o mal não aumente e não gere prejuízo para os reis".

"Desde o momento em que a cópia desta ata oficial do rei Artaxerxes foi lida na presença de Rehum, do secretário Shimshai e de seus colegas, apressaram-se em ir a Jerusalém para tratar com os judeus e os fizeram cessar o trabalho pela força e pela violência. "Então, em Jerusalém, o trabalho da Casa de Deus cessou, e esta interrupção durou até o segundo ano do reinado de Dario, rei da Pérsia^d.

5 Construção da Casa de Deus.

"Quando" os profetas — Ageu, o profeta, e Zacarias, filho de Idô^e — profetizaram com vistas aos judeus que estavam em Judá^f e em Jerusalém, em nome do Deus de Israel que estava sobre eles, "Zorobabel filho de Sheal-

2Rs 18.7;
24.1.20

Ne 1.3

Ag 1.14-
2.9;
Zc 4.9

s. Lit. do outro lado do rio. Além-Eufrates ou Transeufratênia é o nome oficial da província situada a oeste do Eufrates, abrangendo a Síria e a Palestina.

t. A dupla introdução à carta, nos vv. 9 e 11, revela a desordem do texto atual. Sem dúvida, deve-se considerar os vv. 9-10 como glosa; ou então, o v. 11 como uma nota marginal...

u. O regresso dos deportados continua ainda na época de Artaxerxes.

v. A tradução do último verbo é incerta. Outra tradução possível: *Eles vão reerguer os muros, e as fundações (já) estão reparadas*.

w. Isto é, porque estamos submetidos ao rei, como subordinados ligados a ele pelo laço da aliança. Quanto à aliança de sal, cf. Lv 2.13.

x. Isto é, as antigas crônicas reais, cf. Est 2.23; 6.1. Os pais são os reis persas e babilônicos, cuja sucessão Artaxerxes se arroga.

y. O gr. explicita o sujeito: *na qual os judeus têm...*

z. Em 587.

a. A palavra *resposta*, de origem persa, designa ao mesmo tempo uma decisão, uma ordem real, cf. 5.7.11; 6.11.

b. A raiz da expressão traduzida por *de maneira clara* significa *separar, distinguir exatamente* ou ainda *tornar claro, traduzir com clareza*, cf. Ne 8.8. Seria uma alusão à tradução persa da carta em aramaico, v. ?? Poder-se-ia neste caso traduzir: *na sua tradução exata*. Ou então, estaria o rei apenas assinalando que compreendeu perfeitamente a carta?

c. Alusão possível às revoltas de Ezequias, de Joaquim e de Sedecias, cf. 2Rs 18.7; 24.1.20.

d. Este v. fala dos trabalhos do Templo e não dos muros da cidade. Ele é continuação do v. 5 precedente.

e. O gr. coloca no início deste v. as últimas palavras do capítulo anterior: *No segundo ano de Dario...*

f. Segundo Zc 1.1, Zacarias é o neto de Idô.

g. Lit. *lehud*: é a denominação oficial da província persa de Judá.

tiel^h, e Josué, filho de Ioşadaq, levantaram-se e se puseramⁱ a construir a Casa de Deus em Jerusalém; com eles havia os profetas de Deus que os ajudavam. ³Nesse momento, o governador^j do Além-Eufrates, Tatnai, Shetar-Boznai e seus colegas vieram a eles e lhes disseram: "Quem vos deu ordem de construir esta Casa e de reerguer estas paredes^k? 'Então, nós vos dizemos': Quais são os nomes dos homens que realizaram esta construção?" ⁵Mas o olho de seu Deus pousava sobre os anciãos dos judeus^l: não os fizeram interromper o trabalho até que se enviou o relatório de Dario e dele voltou a carta oficial sobre a questão.

^{6.4} "Cópia da carta enviada ao rei Dario pelo governador do Além-Eufrates, Tatnai, Shetar-Boznai e seus colegas, a gente de Afarsak no Além-Eufrates". ⁷Enviaram-lhe uma mensagem na qual estava escrito: "Ao rei Dario, paz completa^m! "Que o rei saiba que fomos à província de Judáⁿ, à Casa do grande Deus^o. Ela está sendo construída com pedras de cantaria^p e recobrem-se os muros com madeira. Este trabalho está sendo feito cuidadosamente e ele prospera nas mãos deles^q. "Então perguntamos a esses

anciãos^r e lhes dissemos: 'Quem vos deu ordem de construir esta Casa e de reerguer estas paredes?' ¹⁰Além disso, perguntamos pelos nomes deles, para comunicá-los a ti, a fim de escrever o nome dos homens que os encabeçam. ¹¹Eis a resposta que obtivemos: 'Somos os servos do Deus dos céus e da terra', e estamos reconstruindo a Casa construída há muitos anos, que fora construída e acabada^s por um grande rei de Israel. ¹²Mas uma vez que os nossos pais irritaram o Deus dos céus, ele os entregou às mãos do caldeu Nabucodonosor, rei de Babilônia, e ele^t destruiu esta Casa e deportou o povo para Babilônia^u. ¹³No entanto, no primeiro ano de Ciro, rei de Babilônia, o rei Ciro ordenou construir esta Casa de Deus^v. ¹⁴Além disso, os objetos da Casa de Deus, de ouro e de prata, que Nabucodonosor mandou retirar do Templo de Jeusalém para levá-los ao Templo de Babilônia^w, o rei Ciro os mandou tirar do templo de Babilônia para entregá-los ao citado Sheshbazar, que nomeara governador. ¹⁵Ele lhe disse: 'Toma esses objetos e vai depositá-los no Templo de Jerusalém, e que a Casa de Deus seja reconstruída em seu lugar^x'. ¹⁶Então esse Sheshbazar veio lançar os

Dn 5.2.23

h. Shealtiel é o filho mais velho do rei ioiakim, cf. 1Cr 3.17. Zorobabel traz em si, portanto, a esperança da linhagem real, cf. Ag 2.23.

i. Sheshbazar já desentulhara os fundamentos do Templo, cf. v. 15. Mas a obra continuava incompleta. Foi necessária toda a energia de Ageu e de Zacarias para começar a construção propriamente dita.

j. Segundo um documento babilônico datado de 521, após a revolta da Babilônia, um certo Ushiani se tornou sátrapa de Babilônia e do Além-Eufrates, tendo como assistente Tatnai, *pehá* do Além-Eufrates (*pehá* significa governador ou alto-comissário).

k. É incerta a tradução desta palavra; pode tratar-se de um embelezamento de vigas que garantiam a coesão dos muros, cf. 6.4.

l. Lit. *então nós lhes dissemos assim*; as versões escrevem: *eles lhes disseram*. Nos dois casos, o sujeito designa aparentemente a autoridade persa; ver, porém, o v. 10.

m. O gr. escreve *sobre os deportados de Judá*.

n. Como em 4.9, as palavras *gente de Afarsak* podem ser traduzidas por *persas* ou por *funcionários*.

o. A expressão *paz completa* (= *inteira*) ou *prosperidade total* é uma fórmula de saudação correspondente a "saudações cordiais". O gr. liga *completa* ao v. 8: *Que o rei saiba inteiramente...*

p. O gr. (3Esd 6.8) acrescenta: *Tendo-nos dirigido ao distrito de Judá e tendo vindo à cidade de Jerusalém, encontramos os antigos deportados judeus reconstruindo, na cidade de Jerusalém, uma grande Casa para o Senhor*.

q. Outra tradução possível: *na grande Casa de Deus*.

r. Lit. *com pedras de rolar*: pesadas pedras que são deslocadas empurrando-as sobre toras de madeira. O gr. traduz *com pedras de qualidade*. Cf. 6.4.

s. Outra tradução possível: *este trabalho é feito energeticamente e prospera rapidamente...*

t. A menção a *esses anciãos* postula no v. anterior um texto primitivo análogo ao do gr., cf. v. 8 nota.

u. Entre os judeus e os persas, a expressão utilizada habitualmente é *o Deus dos céus*. O *acréscimo e da terra* sublinha o universalismo da religião do Deus único.

v. Salomão, o construtor do Templo.

w. O sujeito dos verbos seguintes pode ser o rei ou o próprio Deus.

x. A ruína de 587 é uma punição de Deus por causa dos pecados do povo.

y. Alusão ao edito de Ciro, de 538.

z. Trata-se provavelmente do Templo de Marduk, em Babilônia.

a. Este v. parece conter uma contradição: como depositar objetos em um Templo que ainda não está reconstruído? (O gr.

fundamentos da Casa de Deus em Jerusalém^b. Desde aquele momento até agora, ela está em construção, mas não está terminada^c. ¹⁷Agora, portanto, se aprouver ao rei, que se pesquise na tesouraria real^d, lá na Babilônia, se houve mesmo uma ordem dada pelo rei Ciro para construir esta Casa de Deus em Jerusalém; e que se nos envie a decisão do rei sobre este assunto^e.

6 ¹Então o rei Dario deu ordem de pesquisar nos arquivos da tesouraria, depositados^f lá na Babilônia^g; ²e, na fortaleza de Ecbátana^h, da província da Média, encontrou-se um rolo no qual estava escrito:

"Arquivoⁱ. ³No primeiro ano do rei Ciro, o rei Ciro deu uma ordem: Casa de Deus de Jerusalém.

A Casa será reconstruída lá onde se oferecem sacrifícios^j e onde se encontram seus fundamentos^k; sua altura será de 60 côvados e sua largura de 60 côvados^l. ⁴Haverá 3 filas de pedras de cantaria e uma fila de madeira nova^m, e as despesas serão cobertas pela casa do reiⁿ.

1Rs 6,2.36;
7.12

⁵Além disso, reconduzir-se-ão para lá os objetos da Casa de Deus, de ouro e de prata, que Nabucodonosor retirou do Templo de Jerusalém e levou para Babilônia; cada um deles irá para o seu lugar no Templo de Jerusalém. Tu os depositarás na Casa de Deus^o.

⁶Agora, Tatnai, governador do Além-Eufrates, Shetar-Boznai e seus colegas, gente de Afarsak do Além-Eufrates^p, não vos ocupeis com isso^q. ⁷Deixai que executem o trabalho desta Casa de Deus; o governador dos judeus, com os anciãos dos judeus, construirá esta Casa no seu local. ⁸Eis as minhas ordens acerca do que fareis com esses anciãos dos judeus na construção dessa Casa de Deus: é com os bens do rei, provenientes do imposto do Além-Eufrates^r, que a despesa será paga, exatamente para esses homens, sem interrupção^s. ⁹O que for necessário — touros novos, carneiros, cordeiros para os holocaustos do Deus dos céus; trigo, sal, vinho e óleo segundo as indicações dos sacerdotes de Jerusalém^t — lhes será dado diariamente, sem falta. ¹⁰para que

não tem o fim da frase, o que elimina a contradição). Mas pode ser que antes de terminar a reconstrução, se tenha levantado no local um santuário provisório.

b. A palavra aram. traduzida por *fundamento* designa, ao que parece, o terreno nivelado sobre o qual poderão ser assentadas as fundações propriamente ditas. Cf. a mesma palavra em 4.12 e 6.3; em 3.6 lembra-se que as fundações ainda não estavam postas.

c. Os anciãos salientam que a permissão de construir, concedida por Ciro, continua válida. Evitam cuidadosamente lembrar a interrupção dos trabalhos depois de Sheshbazar, o que, na circunstância, poderia dar azo a alguma prescrição.

d. Lit. na casa dos tesouros, isto é, na parte do palácio real onde estavam os objetos preciosos e os arquivos reais.

e. Lit. na casa dos livros dos tesouros depositados. O edito de Ciro afetava diretamente a tesouraria, cf. 6.4.

f. A palavra Babilônia, tomada em acepção ampla, designa sem dúvida o país inteiro, como em 5.17.

g. Lit. *Ahmetá*, isto é Ecbátana. Segundo Xenofonte (*Cirópédia*, VIII, 6.22). Ciro passava o inverno na cidade de Babilônia, a primavera em Susa e o verão em Ecbátana. O edito de Ciro pode, portanto, ter sido promulgado durante o verão do ano 538.

h. Lit. *Memória ou Memorial*, designando um documento conservado nos arquivos.

i. Outra tradução possível: *A Casa será construída como lugar em que se oferecem sacrifícios*. Neste caso o texto insistiria na destinação do futuro Templo, lugar dos sacrifícios, e não somente na sua localização.

j. Lit. e seus fundamentos mantidos (ou preservados). Deve-se construir sobre a área terraplanada do antigo Templo, que será

desentulhada por Sheshbazar. Alguns traduzem: *e se hão de restabelecer as suas fundações*.

k. O texto não indica o comprimento; a versão sir. traz 20 côvados para a largura. O texto parece, portanto, incerto. É provável que o segundo Templo mantivesse as mesmas dimensões que o de Salomão: 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura, cf. 1Rs 6.2 (ver a Tabela dos pesos e medidas), se bem que certos textos dêem a impressão que ele era de dimensões mais modestas (Ag 2.3; Esd 3.12).

l. Com vários mss. e o gr., deve-se ler provavelmente: *uma fila de madeira*, eliminando *nova*. Quanto a este vigamento no interior do muro no Templo de Salomão, cf. 1Rs 6.36 e 7.12.

m. Tal tipo de financiamento por parte das autoridades persas está bem de acordo com a sua política religiosa; também no Egito e na Babilônia, os persas favoreciam os lugares de culto.

n. Em lugar de *tu os depositarás*, as versões registram a 3ª pessoa do singular: *e ele* (isto é, cada objeto) *será depositado*. O texto se torna assim mais coerente.

o. Outra tradução: *os colegas deles, os funcionários do Além-Eufrates*, cf. 5.6 nota.

p. Outra tradução possível: *Afastai-vos de lá*. Em continuidade ao edito de Ciro, Dario dá agora suas ordens. Os dois decretos são fundidos em um só: Dario decide retomar a obra de Ciro.

q. Com as receitas do fisco recebido na província.

r. Isto é, sem interrupção no reembolso das despesas.

s. Os persas parecem bem informados sobre as práticas culturais judaicas; um escriba judeu deve tê-los assessorado no caso. Os animais servem para os sacrifícios sangrentos, o trigo e o sal para as oferendas, e o óleo para as libações.

possam fazer oferendas aplacadoras⁴ ao Deus dos céus e orem pela vida do rei e dos filhos dele". ¹¹Estas são as minhas ordens no tocante a todo aquele que transgredir este edito: arranque-se uma estaca de madeira da sua casa, e que ele seja empalado reto nela⁵; e, além disso, sua casa seja transformada em monturo. ¹²Que o Deus que faz residir lá o seu nome⁶ destrua todo rei e todo povo que, transgredindo esta ordem, estender sua mão para destruir esta Casa de Deus em Jerusalém. Eu, Dario, dei uma ordem; que assim se cumpra com exatidão!"

¹³Então o governador do Além-Eufrates, Tatnai, Shetar-Boznai e seus colegas procederam exatamente segundo a ordem enviada pelo rei Dario. ¹⁴Os anciãos dos judeus continuaram a construir com sucesso, segundo a profecia de Ageu, o profeta, e de Zacarias filho de Idô⁷; terminaram a construção, de acordo com a ordem do Deus de Israel e segundo a ordem de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, rei da Pérsia⁸. ¹⁵Terminou-se⁹ esta Casa no terceiro dia do mês de adar, no sexto ano do reinado do rei Dario¹⁰. ¹⁶Os filhos de Israel, os sacerdotes, os levitas e o resto dos deportados realizaram na alegria a dedicação^b desta Casa de Deus.

¹⁷Ofereceram, para a dedicação desta Casa de Deus, cem touros, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e, pelo pecado de Israel¹¹, doze bodes, segundo o número das tribos de Israel. ¹⁸Eles estabeleceram os sacerdotes de acordo com suas classes, e levitas de acordo com suas divisões, para o serviço de Deus em Jerusalém, segundo as prescrições do livro de Moisés^d.

A Páscoa. ¹⁹Os deportados celebraram a Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês^e; ²⁰como os sacerdotes, juntamente com os levitas, se houvessem purificado, todos estavam puros: imolaram então a Páscoa para todos os deportados, para seus irmãos, os sacerdotes, e para si mesmos^f. ²¹Assim os filhos de Israel, de volta da deportação, comeram^h com todos aqueles que, junto deles, romperam com a impureza dos pagãos da terraⁱ, a fim de buscar o SENHOR, o Deus de Israel. ²²Celebraram com alegria a festa dos Pães sem fermento^j, durante sete dias, pois o SENHOR os cumulava de alegria, mudando o coração do rei da Assíria^k a respeito deles, a fim de consolidar as mãos deles na tarefa da Casa de Deus, do Deus de Israel.

t. Cf. Gn 8.21.

u. A oração dos judeus pelos reis é recomendada por Jr 29.7; 1Mc 7.33; Br 1.11. Cf. 1Tm 2.2.

v. Ou ainda: *e que erguida* (a estaca), *ele seja empalado nela*. Os persas, como os assírios, empalavam homens vivos. Segundo Heródoto (III, 159), Dario aplicou este suplício a 3.000 babilônios por ocasião da tomada dessa cidade. Ao que parece, os judeus sempre recusaram suplício tão bárbaro, ao menos para homens vivos; cf. Dt 21.22; Js 10.26.

w. A fórmula *o Deus que faz residir lá seu nome* é frequente em Dt 12.11; 14.23, etc., e nos primeiros caps. de 1Rs e 2Cr. Mais uma vez, reconhece-se aí a marca de um escriba judeu, funcionário do rei, na redação deste edito.

x. A atividade do profeta Ageu situa-se por volta do ano 520 (Ag 1.1); a de Zacarias continuaria até 518, no mínimo (Zc 1.1 e 7.1).

y. O reinado de Artaxerxes (465-425) é bem posterior à reconstrução do Templo (520-515). O autor aramaico deste documento inseriu o nome desse rei (do qual foi contemporâneo?) para lembrar sua ação no tocante aos muros da cidade e do Templo, cf. Ne 3.9-31; cf. a transposição cronológica dos vv. 4.6-23.

z. Lit. *ele terminou*; as versões têm: *eles terminaram*.

a. Isto é, em fevereiro-março (adar) do ano de 515.

b. Cf. a *dedicação*, isto é a consagração do Templo, 2Cr 7.5. Não se trata aqui da festa da Dedicação instituída por Judas

Macabeu em 165.

c. Quanto aos sacrifícios pelo pecado, cf. Lv 4.5; Ez 40.39; 45.19-23.

d. 1Cr 23.6-23 e 24.3-31 atribui a instituição das classes de sacerdotes e de levitas a David; o Pentateuco menciona somente a instituição dos sacerdotes e dos levitas, cf. Ex 29; Lv 8; Nm 3 e 8.

e. A partir deste v., o texto está novamente em hebr., e não mais em aram.

f. Isto é o mês de nisan; quanto à data da Páscoa, cf. Ex 12.1-6 e Lv 23.5.

g. O Cronista sublinha o papel dos levitas que imolam a Páscoa (2Cr 30.17-19 e 35.11), enquanto Dt 16.2 e Ex 12.2 permitiam a todos os judeus executar este rito.

h. Com o gr., leu-se provavelmente a *Páscoa*, depois de *eles comeram*.

i. A população local de origem judaica, que permanecera na Palestina durante o Exílio, podia unir-se aos anciãos deportados, desde que rompesse qualquer vínculo com os pagãos.

j. Sobre a festa dos Pães sem fermento (os Ázimos), cf. Ex 12.15-20; Lv 23.6-8; 2Cr 30.21.

k. Trata-se sempre de Dario, rei da Pérsia. O reino assírio há muito desaparecera, e a palavra *Assíria* designa aqui toda a Mesopotâmia.

7 O escriba Esdras. ¹Depois desses acontecimentos¹, sob o reinado do rei da Pérsia Artaxerxes, Esdras^m, filho de Saraíá, filho de Azariá, filho de Hîlqiá^a, ²filho de Shalum, filho de Şadoq, filho de Ahitub, ³filho de Amariá, filho de Azariá, filho de Meraiot, ⁴filho de Zeraíá, filho de Uzi, filho de Buqi, ⁵filho de Abishua, filho de Pinhas, filho de Eleazar, filho de Aarão, o sumo sacerdoteⁿ — ⁶este Esdras subiu de Babilônia. Era um escriba perito na Lei de Moisés^p outorgada pelo SENHOR, Deus de Israel. O rei deu-lhe tudo o que pedira, pois a mão do SENHOR, seu Deus, estava sobre ele. ⁷Entre os filhos de Israel e entre os sacerdotes, os levitas, os cantores, os porteiros e os doados, alguns subiram a Jerusalém, no sétimo ano do rei Artaxerxes; ⁸ele chegou, portanto, a Jerusalém no quinto mês: era o sétimo ano do rei^q. ⁹Com efeito, no primeiro dia do primeiro mês^r, ele mesmo fixou a viagem desde Babilônia^s, e no primeiro dia do quinto mês chegou a Jerusalém, pois a boa mão de seu Deus estava sobre ele. ¹⁰Esdras, com efeito, aplicara seu coração em perscrutar a Lei do SENHOR^t, em pô-la em prática e em ensinar^u as leis e os costumes em Israel.

A carta de Artaxerxes. ¹¹Eis a cópia da ata oficial que o rei Artaxerxes deu ao sacerdote-escriba Esdras^v, escriba das palavras ordenadas pelo SENHOR^w e das leis deste a respeito de Israel: ¹²“Artaxerxes^x, o rei dos reis, ao sacerdote Esdras, escriba da Lei do Deus dos céus, saudação^y etc. ¹³Eis as minhas ordens: no meu reino, todo aquele que, entre o povo de Israel, seus sacerdotes e seus levitas, quiser voluntariamente ir a Jerusalém, que vá contigo! ¹⁴Com efeito, és enviado da parte do rei e dos seus sete conselheiros^z: para fazer uma investigação acerca de Judá e de Jerusalém, segundo a Lei do teu Deus que está na tua mão^{aa}; ¹⁵em seguida, para levar a prata e o ouro das ofertas voluntárias do rei e dos seus conselheiros ao Deus de Israel, cuja morada é em Jerusalém, ¹⁶assim como toda a prata e o ouro que encontrares em toda a província de Babilônia, juntamente com as ofertas voluntárias que o povo e os sacerdotes levarão para a Casa do seu Deus em Jerusalém^{ab}. ¹⁷Conseqüentemente, cuidarás de comprar, com este dinheiro, touros, carneiros, cordeiros e o que for preciso para as oferendas e as libações deles; tu os apresentarás sobre o altar da Casa de vosso Deus em Jerusalém. ¹⁸O que for bom fazer, segun-

7,9,28;
8,18,22,31;
Ne 2,8,18

7,6,28

1. Os caps. 7-9 relatam a história de Esdras utilizando diversos extratos das memórias deste último: no v. 28, e muitas vezes nos 2 caps. seguintes, encontrar-se-á o pronome pessoal na primeira pessoa do singular. Outro fragmento desta história encontra-se em Ne 8.

m. O nome de Esdras (*Ezrá*) significa etimologicamente “o Senhor ajuda” ou “aquele que o Senhor ajuda”; houve outros personagens com este nome, cf. Ne 12,1.13.33.

n. O gr. introduz aqui um verbo; em hebr. é preciso esperar o v. 6.

o. Lit. o *sacerdote* (que é) a *cabeça*; mesma expressão em 2Cr 31,10. Comparar os vv. 1-5 com a genealogia de 1Cr 5,29-41; em 1Cr 5,41, o filho de Seraíá é lehoşadaq, em Esd 7,1, o próprio Esdras. Cabe perguntar se esta genealogia não é uma inscrição que visa autenticar o caráter sacerdotal de Esdras, na linha do sacerdócio aarônico.

p. Esdras, importante funcionário da corte persa, v. 14, era um escriba hábil em escrever a Lei, versado no conhecimento das Escrituras e zeloso no ensino, v. 10.

q. Quanto à cronologia de Esdras e Neemias, ver a Introd. r. Isto é, na lua nova de nisan (março-abril).

s. Lit.: *Ele a fixação da subida desde a Babilônia*. O gr. leu: *ele fixou a subida*...

t. Perscrutar a Lei equivale a procurar a Deus, cf. 6,21.

u. Outra tradução possível: *e em ensinar ativamente*.

v. Mesma expressão em Ne 8,9; 12,26.

w. Lit. *O escriba das palavras dos mandamentos do Senhor*. O gr. leu: *o sacerdote-escriba do livro das palavras*.

x. Os vv. 12-26 estão em aram. Na realidade o rescrito de Artaxerxes abrange duas ordens reais: uma dirigida a Esdras, a outra aos tesoureiros, vv. 21-24. O documento foi redigido por um escriba bem versado nos assuntos judaicos, vv. 17 e 24.

y. Lit. *terminado ou completo*; a tradução segue o gr. (3Esd 8,9) e o sir., que escrevem a palavra paz ou saudação; temos talvez aqui uma fórmula de saudação análoga à de 5,7: *paz completa*. A palavra seguinte, correspondente à abreviação; etc., poderia também traduzir-se por: *e agora*.

z. Cf. Est 1,14 e Xenofonte (*Anábase*, 56,Ass.).

aa. Esdras recebe uma missão oficial: examinar se a situação político-religiosa de Israel corresponde ao que é prescrito na sua coleção das leis de Moisés.

ab. Além das ofertas dadas pelos judeus estabelecidos em Babilônia, Esdras poderá solicitar os pagãos, sem falar da contribuição real, v. 15. Esta excepcional ajuda pecuniária faz subentender que o edito de Dario não estava mais sendo aplicado na época: cf. 6,9-10.

do teu entendimento e o dos teus irmãos, com o resto da prata e do ouro, fá-lo-eis segundo a vontade de vosso Deus^c. ¹⁹Os objetos que te forem dados para o serviço da Casa de teu Deus, deposita-os diante do Deus de Jerusalém. ²⁰O resto do que for necessário para a Casa do teu Deus e que te incumbe garantir, debitá-lo-ás na conta da tesouraria do rei. ²¹Eu, o rei Artaxerxes, ordeno a todos os tesoureiros do Além-Eufrates que façam exatamente tudo o que lhes pedir o sacerdote Esdras, escriba da Lei do Deus dos céus^d, ²²até a quantia de cem talentos de prata, cem kores de trigo, cem bates de vinho, cem bates de azeite, e sal à vontade^e. ²³Tudo o que ordenar o Deus dos céus seja executado com diligência para a Casa do Deus dos céus, para que a sua cólera não se levante^f sobre o reino do rei e dos seus filhos. ²⁴Ademais, comunicamo-vos que de nenhum dos sacerdotes, dos levitas, dos cantores, dos porteiros, dos doados e dos servidores^g desta Casa de Deus é permitido cobrar tributo, imposto ou direito de passagem^h. ²⁵Quanto a ti, Esdras, com a sabedoria do teu Deus que está na tua mãoⁱ, estabelece juízes e magistrados que administrem a justiça a todo o povo do Além-Eufrates, a todos aqueles que conhecem as leis do teu Deus — e vós as dareis a conhecer a quem não as conhece^j. ²⁶Todo aquele que não cumprir a Lei do teu Deus e a lei do rei com exatidão, que se lhe

aplique a sentença^k, seja a morte, o desterro^l, uma multa ou a prisão^m.

²⁷Bendito seja o SENHORⁿ, o Deus de nossos pais, que pôs no coração do rei honrar desta forma a Casa do SENHOR, em Jerusalémⁿ. ²⁸Diante do rei, dos conselheiros e de todos os mais altos ministros do rei, em sua fidelidade, ele se inclinou sobre mim; então, consolidado — pois a mão do SENHOR, meu Deus, estava sobre mim —, reuni alguns chefes de Israel para partir comigo. 7,6,9

8 Os companheiros de Esdras. ¹Eis, com suas genealogias, os chefes de família que subiram comigo de Babilônia, sob o reinado do rei Artaxerxes^p: ²Dos filhos de Pinhas: Guershom; dos filhos de Itamar: Daniel^q; dos filhos de David: Hatush; ³dos filhos de Shekaniá, dos filhos de Parosh: Zekariá, com o qual foram registrados cento e cinquenta homens^r; ⁴dos filhos de Pahat-Moab: Elihoenai, filho de Zerafiá e, com ele, duzentos homens; ⁵dos filhos de... Shekaniá, filho^s de Iahaziel e, com ele, trezentos homens; ⁶e dos filhos de Adin: Ébed, filho de Ionatan e, com ele cinquenta homens; ⁷e dos filhos de Elâm: Ieshaiá, filho de Ataliá e, com ele, setenta homens; ⁸e dos filhos de Shefatia: Zebadiá, filho de Mikael e, com ele, oitenta homens; ⁹dos filhos de Ioab: Obadiá, filho de Iehiel e, com ele, duzentos e dezoito homens; ¹⁰e dos filhos de... Shelomit,

c. O dinheiro excedente será empregado segundo as normas da Lei.

d. O documento oficial compreende uma cópia da ordem de pagamento dirigida aos tesoureiros do rei.

e. Cf. a Tabela de pesos e medidas.

f. Lit. a cólera (de Deus) não esteja sobre o reino.

g. Sem dúvida trata-se dos servos de Salomão, cf. 2,55.

h. Tal insenção de impostos era então uma prática corrente no reino persa.

i. Alusão à Lei de Moisés, cf. v. 6, ou de Deus, vv. 10.12.14.21.25.26.

j. Em lugar de vós os dareis a conhecer, o gr. (3Esd 8,23) e o sir. têm: Tu (Esdras) os darás a conhecer.

k. Outra tradução possível: Que a sentença exata lhe seja aplicada.

l. Palavra de tradução incerta. Outra tradução possível: a expulsão, a excomunhão... (em gr. uma correção: punição, educação!).

m. O encarceramento por decisão da justiça só aparece na Palestina depois do Exílio, sob a influência estrangeira.

n. O texto volta a ser escrito em hebr.; Esdras fala de si mesmo na 1ª pessoa: as memórias de Esdras começam por um louvor a Deus.

o. A ação de Deus é manifesta, mesmo entre os reis pagãos, cf. 1,1-2.

p. A caravana de Esdras abrange cerca de 1.500 homens. A lista menciona primeiro dois chefes de famílias sacerdotais; um representante da família de David; depois, nos vv. 3-14, 12 chefes judeus representando todo Israel. Comparar os nomes desta lista com os de 2,3-61; 10,25-44; Ne 7,8-63 e 10,15-28.

q. A família sacerdotal de Pinhas é a de Esdras, cf. 7,5. Itamar é o descendente de Ebiatar, expulso do sacerdócio por Salomão, cf. 1Rs 2,26. Ao passo que em Esd 2 os sacerdotes pertenciam ainda à linha de Sadoc, o ramo rival, de ascendência aarônica, volta a encontrar pouco a pouco sua influência, cf. 1Cr 24,4.

r. Lit. varões; idem nos vv. seguintes.

s. Leia-se com o gr.: dos filhos de Zatu: Shekaniá filho de..., cf. 2,8; Ne 7,14.

filho de¹ Iosifiá e, com ele, cento e sessenta homens; ¹¹e dos filhos de Bebai: Zacarias, filho de Bebai e, com ele, quarenta homens; ¹²e dos filhos de Azgad: Iohanan, filho de Ha-Qatan e, com ele, cento e dez homens; ¹³e dos filhos de Adoniqâm: os últimos, dos quais seguem os nomes: Elifélet, Ieiel e Shemaia^a e, com eles, sessenta homens; ¹⁴e dos filhos de Bigvai: Utai e Zabud^a e, com eles, setenta homens.

Viagem de Esdras a Jerusalém. ¹⁵Eu os reuni perto do riacho que corre em direção a Ahavá^a e ali acampamos três dias^c. Examinei atentamente o povo e os sacerdotes, mas não encontrei nenhum dos filhos de Levi. ¹⁶Então enviei os chefes Eliézer, Ariel, Shemaia^a, Elnatan e Iarib, Elnatan, Natan, Zekariá, Meshulâm, bem como os instrutores^d Ioiarib e Elnatan, ¹⁷com a ordem de se dirigirem a Idô, chefe da localidade de Kasifiá; e pus na boca deles as palavras que tinham de dizer, a Idô e a seus irmãos, que eram os doados^e na localidade de Kasifiá, a fim de nos trazerem oficiais para a Casa do nosso Deus. ¹⁸Como a 7.6boa mão do nosso Deus estava sobre nós, trouxeram-nos um homem avisado, um dos filhos de Mañli, filho de Levi, filho de Israel, a saber Sherebiá, com seus filhos e seus irmãos, em número de dezoito, ¹⁹bem como Hashabiá e com ele

Ieshaiá^a, um dos filhos de Merari, seus irmãos e os filhos deles, em número de vinte; ²⁰e entre os doados que David e os 2.43chefes deram para o serviço dos levitas, duzentos e vinte doados, todos designados pelo seu nome^b. ²¹Ali proclamei, perto do riacho Ahavá, um jejum para humilhar-nos diante do nosso Deus, a fim de implorar o favor de caminhar sem obstáculo, nós e nossos filhos, com as nossas bagagens. ²²Pois eu tinha vergonha de pedir ao rei uma força de cavalaria Ne 2,9para nos proteger contra o inimigo no decurso da caminhada; com efeito, havíamos dito ao rei: "Boa é a mão do nosso Deus sobre todos aqueles que o 7.6procuram; mas forte é a sua cólera sobre todos os que o abandonam". ²³Jejuamos, portanto, pedindo este favor a nosso Deus^c, e ele nos ouviu. ²⁴Depois tomei à parte doze chefes dos sacerdotes com Sherebiá, Hashabiá^d e dez dos irmãos deles com eles. ²⁵Pesei para eles a prata, o ouro e os objetos que constituíam a contribuição^e para a Casa do nosso Deus que o rei, seus conselheiros, seus chefes e todos os israelitas presentes haviam trazido^f. ²⁶Pesei nas mãos deles seiscentos e cinquenta talentos de prata, objetos de prata totalizando cem talentos^g, cem talentos de ouro, ²⁷vinte taças de ouro valendo mil dárícos^h, dois objetos de bronze brilhanteⁱ, de toda beleza, preciosos como o ouro. ²⁸Depois eu

t. Leia-se com o gr.: *e dos filhos de Bani: Shelomit, filho de...* cf. 2,10; Ne 7,15.

u. Em lugar de um nome só, o do chefe de família, indicam-se três nomes; o texto os designa com a expressão bastante obscura: *os últimos* (os caçulas?).

v. Leia-se: *Zakur* ou, segundo o gr. (3Esd 8,40): *Utai, filho de Zakur*.

w. A palavra *Ahavá* designa ao mesmo tempo uma localidade (desconhecida) da Babilônia e um riacho — ou melhor, um canal de irrigação, cf. vv. 21 e 31.

x. Segundo 7,9, a partida da Babilônia é fixada para o dia primeiro do primeiro mês; no dia 12 desse mês ocorre a partida de Ahavá, cf. 8,31. A reunião da caravana deve ter-se realizado durante os primeiros dias; depois, perto do canal, a caravana se organizou durante 3 dias (isto é, alguns dias, cf. 8,32 e Ne 2,11); finalmente, mais alguns dias foram necessários para encontrar levitas, existentes em números excessivamente reduzido (cf. 2,40 nota). Desconhecemos a cronologia exata dos eventos.

y. Lit. *os que fazem compreender*: daí os instrutores, com a

função de explicar a Lei, cf. 8,7,9.

z. Lit. *a Idô, seu irmão, os doados*: a tradução segue o gr.

a. Leia-se, com o gr., *Hashabiá e Ieshaiá*, suprimindo *com ele*.

b. Isto é, apontados pelos seus nomes em um registro.

c. Lit. *e nós procuramos, do nosso Deus, sobre isso*.

d. Os dois homens citados pelos nomes são levitas, cf. vv. 18-19. Os sacerdotes e os levitas estão encarregados dos objetos de culto, cf. Nm 3,8-31; 4,7-15; 1Cr 26,20.

e. Lit. *os objetos, o que foi tributado (terumá)*; este termo designa uma oferta ritual e cultural feita em favor dos sacerdotes e do Templo, cf. Ex 25,2 nota).

f. A contribuição real sublinha a legitimidade do santuário de Jerusalém aos olhos das autoridades persas.

g. Lit. *objetos de prata, cem por talentos*. Outra tradução possível: *cem objetos de prata de dois talentos*.

h. Um dáríco é uma moeda de ouro.

i. É incerto o sentido da palavra traduzida por *brilhante* (bronze recoberto de cobre?).

lhes disse: "Sois consagrados ao SENHOR, esses objetos são consagrados e a prata e o ouro são uma oferta voluntária ao SENHOR, o Deus dos vossos pais; ²⁹cuidai de guardá-los até que os peseis diante dos chefes dos sacerdotes, dos levitas e dos chefes de família de Israel, em Jerusalém, nos quartos da Casa do SENHOR!."

³⁰Então os sacerdotes e os levitas se encarregaram da prata, do ouro e dos objetos pesados, para levá-los a Jerusalém, à Casa do nosso Deus. ³¹Partimos do rio Ahavá, no dia doze do primeiro mês, a caminho de Jerusalém. A mão do nosso Deus estava sobre nós e, durante o percurso, ele nos arrancou das mãos^h do inimigo e do assaltante emboscado. ³²Chegamos a Jerusalém e ali descansamos três dias. ³³No quarto dia pesamos a prata, o ouro e os objetos na Casa do nosso Deus, nas mãos do sacerdote Meremot, filho de Uriáⁱ, com quem estava Eleazar, filho de Pinhas e, na casa deles, os levitas Iozabad, filho de Josué, e Noadiá, filho de Binuí. ³⁴Número, peso, tudo coincidia; e o peso total foi consignado por escrito. Naquele momento", ³⁵os que voltaram do cativeiro, os deportados, ofereceram em holocausto ao Deus de Israel doze touros por todo Israel, noventa e seis carneiros, setenta e sete cordeiros, doze bodes pelo pecado^j: tudo em holocausto ao SENHOR^k. ³⁶Depois transmitiram as ordens do rei aos sátrapas do rei e aos governadores^p do Alé-

-Eufrates que deram apoio ao povo e à Casa de Deus.

9 Oração de humilhação de Esdras.

¹Quando isto terminou^q, os chefes aproximaram-se de mim para dizer-me: "O povo de Israel, os sacerdotes e os levitas não se separaram das populações da terra. Conformando-se^r com as abominações^s desses últimos — as dos canaanitas, dos hetitas, dos perizitas, dos ieubitas, dos amonitas, dos moabitas, dos egípcios e dos emoritas^t —, ²eles e seus filhos desposaram as filhas, e a raça santa se mesclou com as populações dessas terras. A mão dos chefes e dos notáveis foi a primeira neste negócio de infidelidade". ³Ao ouvir isto, rasguei minha veste e meu manto, arranquei os cabelos de minha cabeça e os pêlos da barba e me sentei, acabrunhado. ⁴Todos os que tremiam às palavras do Deus de Israel reuniram-se junto a mim por causa desta infidelidade dos deportados, e eu fiquei sentado, acabrunhado até a oferenda da tarde. ⁵Por ocasião da oferenda da tarde, saí da minha prostração^u e, com a veste e o manto rasgados, caí de joelhos, estendi minhas mãos para o SENHOR, meu Deus, ⁶e lhe disse: "Meu Deus, estou por demais envergonhado e confuso para levantar meu rosto para vós, meu Deus, pois nossas faltas se multiplicaram por sobre nossas cabeças, e a nossa ofensa cresceu até os céus. ⁷Desde os dias dos

j. Trata-se de locais contíguos ao Templo, nos quais se depositavam as oferendas, cf. I Rs 6,5-10; Ez 41,5-11; 42,1-14.

k. *Da palma* (da mão), isto é do perigo, cf. Sl 119,109; Jz 12,3.

l. Meremot pertence à família de Ha-Qoş, Ne 3,4,21, isto é, uma família que teve dificuldades para demonstrar sua origem sacerdotal, cf. 2,61 e Ne 7,63.

m. Depois do fragmento extraído das memórias de Esdras, 7,27-8,34, o Cronista acrescenta algumas observações, vv. 35-36.

n. O número 12 ocupa um lugar importante em Esd, cf. 6,17 e 8,24.

o. Os deportados (o autor não fala dos outros) oferecem sacrifícios de ação de graças e sacrifícios de expiação pelo pecado; tudo é apresentado sem distinção, como um holocausto.

p. O termo persa *sátrapas*, no plural, designa aqui os governadores provinciais; o mesmo acontece com a palavra de origem

babilônica *pehâ* (governador). As duas palavras encontram-se juntas em Est 3,12; 8,9; Dn 3,2,3,27; 6,7.

q. Segundo 10,9, a história que segue desenrola-se pouco antes do meio do 9º mês, portanto, bem depois da chegada de Esdras, no 5º mês. Há necessidade de um certo lapso de tempo antes de Esdras passar à ação.

r. Outra tradução possível: *os levitas não se separaram das populações das terras, no que concerne às abominações deles, a dos...*

s. A palavra *abominação*, freqüente no Dt, evoca as práticas idolátricas; Dt 7,1-4 condena a idolatria provocada por casamentos com mulheres pagãs; cf. também Ex 34,15-16.

t. É a lista tradicional dos inimigos do povo, cf. Dt 7,1; Js 3,10 e 24,11.

u. Mt 2,11 formula a mesma acusação em relação a Judá.

v. Pelas 3 horas da tarde, cf. I Rs 18,29 e Dn 9,21.

w. Lit. *eu me levantei da minha humilhação*.

nossos pais até hoje, grande é a ofensa de nossa parte; por causa dos nossos pecados, nós, nossos reis e nossos sacerdotes, estamos entregues aos reis do mundo^x, à espada, ao cativeiro, à pilhagem e à vergonha, como hoje. ⁸E agora, faz pouco^y, a graça do SENHOR, nosso

Is 4.3 Deus, nos deixou um resto de escapados e nos deu um cantinho^z no seu lugar santo; assim nosso Deus iluminou nossos olhos^a e nos restituiu um pouco de vida na nossa servidão. ⁹Pois somos escravos, mas na nossa servidão nosso Deus não nos abandonou; em face dos reis da Pérsia, inclinou-se sobre nós, em sua fidelidade, para nos dar a vida, a fim de reerguer a Casa do nosso Deus, restabelecer suas ruínas e nos dar um muro em Judá e em Jerusalém^b. ¹⁰E agora, nosso Deus, que dizer depois disso? Pois abandonamos os teus mandamentos ¹¹que, através dos teus servos os profetas, prescreveste nestes termos: “A terra na qual entraís para dela tomar posse é uma terra maculada, maculada pelas populações dessas terras e pelas abominações das quais a encheram de um extremo a outro^c, na sua impureza. ¹²E agora, não deis

Lv 18,25s;
Ez 36,17

Dt 7.3 vossas filhas aos filhos deles, não toméis as filhas deles para vossos filhos^d, não procureis jamais ter a paz e o bem-estar que lhes são próprios, para vos tornardes fortes, para comerdes dos bens da terra e os deixardes em posse aos vossos filhos, para sempre”. ¹³Pois bem, após tudo o que nos aconteceu em razão das nossas

más ações e nossa grande culpa — se bem que tu, nosso Deus, tenhas deixado de lado^f algumas das nossas faltas e nos tenhas conservado o resto de escapados que aqui estão —, ¹⁴“poderíamos nós começar a violar os teus mandamentos e a nos ligar por casamento a essa gente abominável? Não te irritarias contra nós até destruir-nos, sem deixar um resto de escapados? ¹⁵SENHOR, Deus de Israel, tu és justo^g: com efeito, mesmo hoje, subsistimos como um resto de escapados. Eis-nos diante de ti com as nossas ofensas, quando, nestas condições, ninguém é capaz de manter-se perante a tua face”.

10 **Afastamento das mulheres estrangeiras.** ¹Como Esdras orasse e confessasse seus pecados em prantos e prostrado diante da Casa de Deus, uma numerosa assembléia de israelitas, homens, mulheres e crianças, reuniu-se junto dele, pois o povo derramava lágrimas em abundância^h. ²Então Shekaniá, filho de Iehiel, um dos filhos de Elâm, declarou a Esdras: “Fomos infiéis ao nosso Deus desposando mulheres estrangeiras, dentre as populações da terra. Mas, quanto a isto, há agora uma esperança para Israel: ³firmemos, agora, uma aliança com o nosso Deus, a fim de despedir todas as mulheres e seus filhosⁱ, segundo o conselho do meu senhor^j e daqueles que temem o mandamento do nosso Deus. Que se faça segundo a Lei^k! ⁴Levanta-te, pois o assunto te diz respeito; estamos

x. Lit. *os reis das terras* (países estrangeiros).

y. Desde o retorno do Exílio. Poder-se-ia traduzir também: *em pouco tempo, subitamente*, pois a volta do Exílio remonta a 70 ou 80 anos atrás!

z. Lit. *uma estaca* (de tenda); é uma imagem tirada da vida nômade para designar um lugar de moradia.

a. Isto é fazer reviver, reanimar, cf. 1Sm 14,29; Sl 13,4; Pr 29,13.

b. Vários comentadores entendem a palavra *muro* no sentido de muralha, fortificações (*munir-nos de uma muralha, para Judá, em Jerusalém*). Este versículo provaria então que Esdras chegou a Jerusalém depois dos trabalhos de reconstrução da muralha por Neemias, se bem que, no texto, os termos *muro* e *muralha* sejam diferentes. Mas outros autores interpretam esta palavra no sentido figurado para designar o recinto de Judá no qual Deus proporciona um abrigo seguro a seu povo.

c. Lit. *de uma boca a uma boca*.

d. Esses casamentos ameaçavam a pureza da raça, a fé e o dinamismo dos deportados.

e. Os vv. 11-12 não citam um texto preciso da Lei, mas vários textos extraídos da Lei e dos Profetas: Lv 18,25-30; Dt 18,9; 2Rs 21,16; Dt 7,3; 11,8; 23,7; Is 1,19; Ez 37,25.

f. Lit. *tenhas mantido em retirada* (abaixo). O povo de Deus não merecia a graça de um resto; Deus não levou em conta todas as faltas, deixou de lado uma parte.

g. Isto é, tu és misericordioso: trata-se aqui da justiça salvífica de Deus.

h. Contrariamente ao cap. anterior, o autor escreve agora na 3a. pessoa.

i. O gr. (3Esd 8,90) escreve *todas as nossas mulheres estrangeiras*; é evidente que as esposas israelitas não foram despedidas.

j. Isto é Esdras, que dirige a assembléia; e não o Senhor Deus.

k. Na verdade, certos textos mostram que o casamento com

contigo; sê forte, e age!" ⁵Então Esdras levantou-se e fez jurarem os chefes dos sacerdotes, dos levitas e de todo Israel, que se faria como fora dito; e eles juraram. ⁶Esdras levantou-se de onde estava, de diante da Casa de Deus; foi em direção ao quarto de Iehohanan, filho de Eliashib"; e lá chegando, não comeu pão e não bebeu água, pois estava em luto por causa da infidelidade dos deportados. ⁷Fez-se publicar uma proclamação em Judá e em Jerusalém, dirigida a todos os deportados, para que se reunissem em Jerusalém. "Todo aquele que não viesse no prazo de três dias, segundo o aviso dos chefes e dos anciãos, teria interditados todos os seus bens, e ele mesmo seria excluído da assembleia dos deportados. ⁸Então todos os homens de Judá e de Benjamin reuniram-se em Jerusalém, em três dias; era o vigésimo dia do nono mês. Todo o povo permaneceu na praça da Casa de Deus, tremendo por causa deste assunto e por causa da chuva. ¹⁰O sacerdote Esdras levantou-se e disse-lhes: "Fostes infiéis, e desposar mulheres estrangeiras só contribuiu para aumentar a culpa de Israel. ¹¹Agora, confessai-vos ao SENHOR, o Deus de vossos pais, e cumpri a sua vontade: separai-vos das populações da terra e das mulheres estrangeiras". ¹²Toda a assembleia respondeu com

voz forte: "É verdade! A nós cabe agir segundo a tua palavra! ¹³Mas o povo é numeroso, e estamos na estação das chuvas; não há como permanecer ao ar livre. Além disso, não é coisa de um dia ou dois, pois somos muitos os que pecamos nisso. ¹⁴Que os nossos chefes permaneçam, portanto, a postos em nome de" toda a assembleia, e que todos os que, em nossas cidades, tomaram mulheres estrangeiras se apresentem, nos prazos fixados, com os anciãos de cada cidade e seus juizes", até que a cólera do nosso Deus se desvie de nós, com respeito a este assunto". ¹⁵Todavia, Ionatan, filho de Asahel, e Iahzeiá, filho de Tiqvá, tomaram posição contra isso", e Meshulâm, com o levita Shabetai, os apoiaram. ¹⁶Mas os deportados fizeram como se havia dito. Com o sacerdote Esdras, escolheram-se homens", chefes de família, para cada casa paterna, todos designados pelo nome; reuniram-se no primeiro dia do décimo mês para examinar a questão. ¹⁷E no primeiro dia do primeiro mês, resolveu-se o problema de todos os homens que haviam tomado mulheres estrangeiras".

Lista dos culpados. ¹⁸Entre os filhos dos sacerdotes que haviam desposado mulheres estrangeiras, encontraram-se:

Js 7,19;
1Sm 6,5;
Jr 13,16;
Mt 2,2

estrangeiras era aceito. Gn 41,45; 48,5-12; Nm 12,1-3; Rt 1,4; 2Sm 3,3; mas o texto da Lei trazido de Babilônia tinha de insistir nessa proibição, como Dt 7,1-4 e 23,4-9.

l. Outra tradução possível: *age com determinação*.

m. A identidade deste Iehohanan filho de Eliashib é objeto de discussão entre os comentaristas. Seria o sumo sacerdote mencionado pelos papíros de Elefantina e que exerceu o seu ministério pelo ano 410, sob o reinado de Dario II? Eliashib seria o sumo sacerdote que viveu na época de Neemias, Ne 3,1 e 13,28? Se assim for, há que admitir que o ministério de Neemias foi anterior ao de Esdras. Como quer que seja, era um personagem importante e notável, e até um sacerdote, segundo 3Esd 9,1.

n. Na época de Esdras, os bens objeto de anátema não eram destruídos, conforme exige Dt 13,13-17, mas confiscados em favor do Templo.

o. O 9º mês cai no inverno (novembro-dezembro), na estação das chuvas.

p. Lit. *por* (toda a assembleia); o povo pede a instituição de uma comissão de inquérito.

q. Lit. *e com eles os anciãos de uma cidade e de uma cidade, e seus juizes*. Os anciãos constituem de certo modo o conselho

municipal; a palavra *juizes* designa aqui os dirigentes.

r. Lit. *até este assunto*; com vários mss. deve-se ler: *acerca deste assunto*.

s. Lit. *se pronunciaram contra isso*; o gr., ao contrário, escreve: *(eles estavam) comigo (Esdras)*; neste caso, as pessoas mencionadas neste v. não seriam contra Esdras, mas a favor dele.

t. Outra tradução possível, embora menos plausível: *mas Meshulâm e Shabetai os (isto é, a maioria favorável a Esdras) apoiaram* (lit. *ajudaram*), e os filhos da deportação assim agiram.

u. Lit. *Eles escolheram Esdras, o sacerdote, homens...*; o gr. acrescenta a partícula de ligação para tornar a frase mais clara: *... o sacerdote Esdras e os homens...*

v. Em hebr. *para Dario*. Com certeza deve-se ler *para procurar (examinar)*, pois o verbo *procurar* (*darash*) se assemelha à palavra Dario (*Dariosh*). Aqui não tem sentido ler *Dario*.

w. A reforma durou, portanto, 3 meses.

x. A lista dos vv. 18-44 compreende 27 membros do clero e 84 judeus, ou seja 111 homens, de um total de no mínimo 30.000. O número de culpados parece bem baixo; mas será que esta lista é completa?

entre os filhos de Josué, filho de Iosadoq e seus irmãos: Maaseiá, Eliézer, Iarib e Guedaliá;¹⁹ estes se comprometeram com a mão^a a despedir suas mulheres e a oferecer um carneiro para a reparação da sua culpa;

²⁰dentre os filhos de Imer: Hanani e Zebadiá;

²¹dentre os filhos de Harim: Maaseiá, Eliá, Shemaiá, Iehiel e Uziá;

²²dentre os filhos de Pashehur: Elioenai, Maaseiá, Ishmael, Netanel, Iozabad e Eleasá.

²³dentre os levitas: Iozabad, Shimeí, Qelaiá — ou Qelítá —, Patahiá, Judá e Eliézer.

²⁴Dentre os cantores: Elisahib.

Dentre os porteiros: Shalum, Telem e Uri.

²⁵Quanto aos israelitas:

dentre os filhos de Parosh: Ramiá, Iizíá, Malkiá, Miamin, Elcazar, Malkiá^c e Benaiá;

²⁶dentre os filhos de Elâm: Mataniá, Zacarias, Iehiel, Abdi, Ieremot e Eliá;

²⁷dentre os filhos de Zatu: Elioenai, Eliashib, Mataniá, Ieremot, Zabad e Azizá;

²⁸dentre os filhos de Bebai: Iehoñanan, Hananiá, Zabai, Atlai;

²⁹dentre os filhos de Beni: Meshulâm, Maluk, Adaiá, Iashub, Sheal e Ieramot;

³⁰dentre os filhos de Pahat-Moab: Adná, Kelal, Benaniá, Maaseiá, Mataniá, Beşalel, Binui e Menashé;

³¹dos filhos de Harim^b: Eliézer, Iishiá, Malkiá; Shemaiá, Shimeon,

³²Benjamin, Maluk, Shemariá;

³³dentre os filhos de Hashum: Matenai, Matatá, Zabad, Elifélet, Ieremai, Menashé, Shimeí;

³⁴dentre os filhos de Bani: Maadai, Amrâm, Uel, ³⁵Benaiá, Bediá, Keluhi,

³⁶Vaniá, Meremot, Eliashib, ³⁷Mataniá, Matenai e Iaasai;

³⁸Bani e Binui^c, Shimeí, ³⁹Shelemiá, Natan, Adaiá, ⁴⁰Maknadbai^d, Shashai, Sharai, ⁴¹Azarel, Shelemiáhu, Shemariá,

⁴²Shalum, Amariá, Iosef;

⁴³dentre os filhos de Nebô: Ieiel, Matatiá, Zabad, Zebiná, Iadai, Ioel, Benaniá.

⁴⁴Todos esses haviam tomado mulheres estrangeiras; e estavam com eles até mulheres das quais tiveram filhos^e.

y. As 4 famílias sacerdotais são as mesmas que em 2,36-39; o sacerdócio de descendência aarônica ainda não está instalado. z. Lit. *eles deram a mão a*; cf. Ez 17,18; 2Rs 10,15.

a. Leia-se Mikaiá, com o gr.; outras versões acrescentam aqui o nome de Hashabiá.

b. Leia-se, provavelmente: *dentre os filhos de Harim*, com

vários mss. hebr.

c. Leia-se, provavelmente: *dentre os filhos de Binui*...

d. Leia-se, provavelmente: *dentre os filhos de Zakai*.

e. Lit. *e havia no meio deles mulheres, e eles tiveram filhos*; com o gr. (3Esd 9,36), pode-se ler: *E eles despediram as esposas e os filhos*.

1 Oração de Neemias. ¹Palavras^a de Neemias, filho de Hakaliá^b.

Aconteceu que no mês de kislev do vigésimo ano^c, quando eu estava em Susa, a cidade forte, ²Hanani, um dos meus irmãos, veio de Judá, ele e alguns homens, e eu lhes perguntei sobre os judeus escapados, o resto que sobreviveu do cativeiro, e sobre Jerusalém. ³Eles me disseram: "Os que restaram do cativeiro^d, lá na província^e, estão em grande infelicidade e na vergonha; a muralha de Jerusalém apresenta brechas e suas portas foram incendiadas^f". ⁴Ao ouvir essas palavras, sentei-me, chorei e fiquei em luto durante vários dias. Depois jejei e orei em face do Deus dos céus. ⁵Eu disse: "Ah, SENHOR, Deus dos céus, Deus grande e temível, que guarda a aliança e

Di 7.9 a fidelidade para com os que o amam e que observam seus mandamentos, ⁶que teu ouvido esteja atento, e teus olhos, abertos, para ouvir a oração do teu servo. Neste momento, de dia e de noite, pronuncio-a diante de ti, pelos filhos de Israel, teus servos: confesso os pecados dos filhos de Israel, que cometemos contra vós. Eu e a casa do meu pai, pecamos. ⁷Verdadeiramente te ofendemos e não observamos os mandamentos, as leis

e os costumes que deste ao teu servo Moisés. ⁸Lembra-te da palavra que, por ordem tua, teu servo Moisés pronunciou: "Se^g vós, de vossa parte, fordes infiéis, eu, de minha parte, vos dispersarei entre os povos; ⁹mas se retornardes a mim, se guardardes os meus mandamentos e os puserdes em prática, mesmo que os vossos exilados estejam nas extremidades do céu, de lá eu os congregarei e os farei vir ao lugar que escolhi para ali fazer habitar o meu nome^h". ¹⁰Eles são teus servos e teu povo, que resgataste por teu grande poder e pela força de tua mão. ¹¹Ah, Senhor, que teu ouvido esteja atento à prece dos teus servos, que se comprazem em temer o teu nome. Concede a teu servo ter sucesso hoje e fazei-o achar misericórdia diante desse homem!"

Eu era então copeiro do reiⁱ.

2 Viagem de Neemias a Jerusalém.

¹Aconteceu que no mês de nisan^k do vigésimo ano do rei Artaxerxes, quando o vinho estava diante dele^l, apanhei o vinho e o servi ao rei. Como eu nunca havia estado triste diante dele, ²o rei me disse: "Por que o teu semblante está triste? Não estás doente? Não será tristeza do coração? Experimentei então um temor mui-

a. *Palavras* ou *atos*. A primeira frase constitui uma espécie de epígrafe para o livro inteiro.

b. O nome *Neemias* (*Nehemíá*) significa: *O Senhor consola*. Três personagens diferentes levam este nome, neste livro (1.1; 3.16 e 7.7). Em lugar de *Hakaliá* há mss. gr. que lêem *Khelkeias* (= Hilquí); este personagem é desconhecido.

c. Segundo 2.1, trata-se do 20º ano de Artaxerxes I, rei da Pérsia (465-424), ou seja, do ano 445 a.C. O mês de kislev era o 9º do ano, no calendário judaico, influenciado pelo calendário babilônico (cf. 2.1 nota).

d. Isto é, os judeus que haviam estado em cativeiro e que agora haviam regressado a Jerusalém.

e. Isto é, a Palestina, que era apenas uma *província* no império persa.

f. Alusão a estragos que não podem absolutamente remontar à época da ruína da cidade em 587, ou seja, a mais de 140 anos antes.

g. Houve provavelmente outras circunstâncias que, mais recentemente, haviam causado destruições na muralha e nas portas (ver por ex. Esd 4.6-23).

g. A conjunção *se* está subentendida. Ela figura em alguns mss. hebr. ou gr.

h. Não há nenhum texto preciso da Lei que corresponde a essas palavras colocada na boca de Moisés (cf. v. 8). Mas várias passagens do Dt aproximam-se delas, em particular 30.1-5. O local escolhido para fazer habitar o nome do Senhor é o Templo de Jerusalém.

i. O rei Artaxerxes.

j. *Neemias* era, portanto, um personagem importante na corte do rei da Pérsia, gozando da confiança dele. Alguns mss. g. têm *eunuco* em vez de *copeiro*, mas provavelmente: por equívoco (os 2 termos gregos são semelhantes).

k. O 1º mês do ano, segundo o calendário babilônico. Mas como se trata do 20º ano do rei da Pérsia (cf. 1.1 nota) e o mês de kislev já é mencionado no mesmo ano, é possível que ainda se tenha utilizado o antigo calendário judaico. Neste caso, o ano iniciava no outono e o mês de nisan vinha depois (e não antes) do mês de kislev.

l. O gr. tem: *o vinho estava na minha frente*, ou seja: o turno era de *Neemias*, cabendo a ele executar a função de copeiro.

to grande. ³Disse ao rei: "Que o rei viva para sempre! Como o meu semblante não estaria triste, quando está devastada a cidade em que estão os túmulos de meus pais, e as portas dela estão devoradas pelo fogo?" ⁴O rei me disse: "Que pretendes então obter?". Orei ao Deus dos céus, ⁵depois disse ao rei: "Se isto parecer bom ao rei e se teu servo for agradável aos teus olhos, enviar-me-eis a Judá, à cidade dos túmulos de meus pais, para que eu a reconstrua". ⁶O rei, a cujo lado estava sentada a rainha^m, me disse: "Até quando durará a tua viagem, e quando regressarás?". Pareceu bom ao rei enviar-me assim, e eu lhe indiquei um prazoⁿ.

⁷Eu disse ao rei: "Se isto parecer bom ao rei, que se me dêem missivas para os governadores do Além-Eufrates", a fim de que me deixem passar até eu chegar a Judá, ⁸e também uma carta para Asaf, guarda da floresta^p do rei, a fim de que ele me dê a madeira para construir as portas da cidade próxima à Casa^q e para as muralhas da cidade, bem como para a casa à qual me dirigirei". O rei me deu essas missivas, pois a boa mão do meu Deus pousava sobre mim. ⁹Dirigi-me aos governadores do Além-Eufrates e lhes entreguei as missivas do rei. O rei havia enviado comigo oficiais do exército e cavaleiros. ¹⁰Isso chegou ao ouvido de Sanbalat, o *horonita*, e de Tobião, o servo *amonita*, que ficaram bem descontentes por saberem que alguém vinha ocupar-se com o que era bom para os filhos de Israel.

¹¹Cheguei a Jerusalém e ali permaneci durante três dias. ¹²Depois levantei-me

durante a noite, eu e alguns homens comigo, mas eu não havia revelado a ninguém o que o meu Deus havia inspirado ao meu coração fazer por Jerusalém. Não havia comigo outro animal de carga afora aquele no qual eu estava montado. ¹³Saí pela porta do Vale durante a noite e fui em direção à fonte do Dragão e à porta da Esterqueira^r. Inspecionei atentamente as muralhas de Jerusalém, que eram só brechas e cujas portas haviam sido devoradas pelo fogo. ¹⁴Passi para a porta da Fonte e a piscina do Rei, e depois o animal que eu cavalgava não teve mais lugar por onde passar. ¹⁵Então subi pelo barranco^t durante a noite e inspecionei atentamente a muralha; em seguida retornei pela porta do Vale e assim estava de volta.

¹⁶Os magistrados não sabiam aonde eu tinha ido nem o que eu havia feito; até aí eu nada havia revelado aos judeus, aos sacerdotes, aos notáveis, aos magistrados^u, nem aos demais que se ocupavam com os trabalhos. ¹⁷Eu lhes disse então: "Vedes a infelicidade na qual estamos, pois Jerusalém está devastada e suas portas estão incendiadas. Vamos reconstruir a muralha de Jerusalém e não sejamos mais uma vergonha!" ¹⁸Revelei-lhes como a mão de Deus, sua boca, havia pousado sobre mim e como o rei me havia falado. Eles disseram então: "Levantemo-nos e construamos!"; e me deram mão forte para esta boa causa^v.

¹⁹Sanbalat, o *horonita*, Tobião, o servo *amonita*, e Gueshem, o árabe^w, quando souberam, riram-se de nós e nos despre-

m. O termo utilizado em hebr. designa a primeira das mulheres do harém e não é a palavra habitual para designar a rainha.

n. Não se dá nenhuma indicação da duração deste prazo. A primeira estada de Neemias em Jerusalém foi de 12 anos (cf. 5,14 e 13,6).

o. Cf. Esd 4,10 nota.

p. Ou: do parque. O termo, de origem persa, resultou no termo *parque*, em português.

q. O Templo de Jerusalém.

r. Esses dois personagens tinham uma responsabilidade na região e opuseram-se a Neemias. Seus nomes e seus qualificativos mostram que eram de origem judaica, mas de raça mista. *Sanbalat* é um nome babilônico. O *horonita* podia designar

alguém da cidade de Bet-Horon (perto de Jerusalém) ou de *Horonaim* no país de Moab. *Tobião* é nome judeu, mas o personagem estava a serviço dos amonitas.

s. Quanto aos nomes desses locais, ver cap. 3 e as notas. A *fonte do Dragão* é a única que não é mais mencionada. Ignora-se a sua localização.

t. O barranco do Cedron, a leste dos muros de Jerusalém.

u. Os termos que designam os personagens são incertos: os *judeus* poderiam designar o conjunto dos leigos do povo; os *magistrados* e os *notáveis* são termos muitas vezes idênticos (13,11 e 13,17).

v. Lit. *eles fortaleceram suas mãos para a boa (coisa)*.

w. Terceiro personagem, do qual ainda não se falou e que reaparecerá (6,6) sob o nome de *Gashmu*.

zaram. Disseram: "Que ides então fazer? Revoltar-vos contra o rei?" ²⁰Dei-lhes esta resposta e lhes disse: "É o próprio Deus dos céus que nos dará o sucesso; nós, seus servos, nos levantaremos e construiremos. Mas para vós, não haverá participação, nem direito, nem recordação em Jerusalém."

3 **Reparação dos muros de Jerusalém.** ¹Eliashib, o sumo sacerdote, levantou-se, assim como seus irmãos os sacerdotes, e construíram a porta das Ovelhas^a. Consagraram-na^y e instalaram-lhe as folhas, depois, até a torre dos Cem, consagraram a muralha^z, até a torre de Hananel^x. ²Ao lado dele construíram os homens de Jericó, e ao lado construiu Zakur, filho de Imri. ³A porta dos Peixes^z foi construída pelos filhos de Ha-Senaá, e foram eles que fizeram o mudeiramento e lhe instalaram as folhas, com suas barras e trancas. ⁴Ao lado deles trabalhou^e Meremot, filho de Uriá, filho de Ha-Qoş, e ao lado^d trabalhou Meshulâm, filho de Berekiá, filho de Meshezabeel; ao lado trabalhou Şadoq, filho de Baaná; ⁵ao lado trabalharam os teçoitas^g, mas os seus notáveis não se submeteram às ordens dos seus senhores. ⁶Foi na porta da Ieshaná^h que trabalharam Ioiadá, filho de Pasêah, e Meshulâm, filho de Besodíá; foram eles que

a construíram e lhe instalaram as folhas, com suas barras e trancas. ⁷Ao lado deles trabalharam Meltiá o guibeonita e Iadon o meronaita, os homens de Guibeon e de Mispá, ao lado^a da sede do governador do Além-Eufrates. ⁸Ao lado dele trabalhou Uziel filho de Harhaiá, o ourives, e a seu lado trabalhou Hananiá, o perfumista; deixaram^h Jerusalém após chegarem à Muralha Largaⁱ. ⁹Ao lado deles trabalhou Refaiá, filho de Hur, chefe de uma metade do setor de Jerusalém. ¹⁰Ao lado deles trabalhou Iedaíá, filho de Harumaf, diante da sua causa, e ao lado dele trabalhou Hatush, filho de Hashabneíá. ¹¹Foi em uma segunda parte^j que trabalhou Malkiá, filho de Harim, assim como Hashub, filho de Pahtat-Moab; trabalharam também na torre dos Fornos^k. ¹²Ao lado dele trabalhou Shalum, filho de Ha-Loşesh, chefe de uma metade do setor de Jerusalém — ele e suas filhas^l. ¹³Foi na porta do Vale^m que trabalhou Hanun, com os habitantes de Zanoah; foram eles que a construíram e lhe instalaram as folhas, com as suas barras e trancas; do mesmo modo, quanto a mil côvados da muralha até a porta da Esterqueiraⁿ. ¹⁴Foi na porta da Esterqueira que trabalhou Malkiá, filho de Rekab, chefe do setor de Bet-Kerem^o; foi ele que a construiu e lhe instalou as folhas com suas barras e trancas. ¹⁵Foi na porta da Fonte^p

x. Fila estava localizada ao norte da cidade, em direção ao ângulo nordeste da muralha.

y. Sem dúvida através de uma cerimônia especial.

z. Lit. *eles a consagraram*.

a. Essas torres são desconhecidas e sua localização deve ter sido a oeste da porta das Ovelhas. A torre de Hananel é citada alhures: 12.39; Jr 31.38; Zc 14.10.

b. Mais a oeste. Sem dúvida localizava-se ali um "mercado de Peixes", suprido pelos comerciantes de Tiro (cf. 13.16).

c. Este verbo, aqui e em toda parte no texto que segue, traduz um termo hebr. que significa: fortificar, consolidar; daí, trabalhar na reparação.

d. Lit. *ao lado deles* (esperar-se-ia: *ao lado dele*).

e. Os habitantes de Teqoa, ao sul de Bet-Lehem.

f. Isto é: *a porta da Velha*, talvez da cidade velha.

g. Poder-se-ia também traduzir: *pertencentes à sede do governador*, ou: *para a sede do governador* (isto é, por conta do governador).

h. Lit. *Eles deixaram, eles abandonaram...* O termo poderia também ter o sentido de: deixar um trabalho terminado, donde:

terminar seu trabalho.

i. Provavelmente uma parte especialmente forte da muralha em um ponto de acesso mais fácil para os inimigos.

j. Parece que várias equipes tiveram duas partes da muralha para reparar (cf. vv. 19.20.21.24.27).

k. A torre da esquina noroeste da cidade.

l. O nome *Ha-Loşesh* significa: o adivinho, podendo ser um nome comum que passou a tornar-se nome próprio. *Suas filhas* poderia então designar as que praticavam a adivinhação. É o único v. em que se mencionam filhas de um dos personagens citados.

m. Porta a sudoeste da cidade, dando para o vale de Hinom.

n. Ao sul da cidade, lá onde se jogavam detritos. O texto traz aqui, sem dúvida por eufemismo, a porta dos *Queijos*. Esta porta localizava-se a 1.000 côvados da porta do Vale, ou seja, a mais ou menos 500m dela.

o. Localidade não identificada; talvez nos arredores de Bet-Lehem.

p. A sudoeste da cidade, por causa da fonte do Pisoeiro (En-Roguel).

que trabalhou Shalum, filho de Kol-Hozé, chefe do setor de Mišpá; foi ele que a construiu, a cobriu e lhe colocou as folhas, com suas barras e trancas; fez o mesmo na muralha do canal que vai^q ao jardim do rei, até os degraus que descem da cidade de David^r.

¹⁶Depois dele trabalhou Nehemias, filho de Azbuq, chefe da metade do setor de Bet-Šur, até defronte dos túmulos de David, até o reservatório artificial e até a casa dos Valentes^s. ¹⁷Depois dele trabalharam os levitas, entre os quais Rehum, filho de Bani, c. ao seu lado, trabalhou no seu próprio setor Hashabiá, chefe da metade do setor de Queilá. ¹⁸Depois dele trabalharam os irmãos deles: Binui^t, filho de Henadad, chefe da metade do setor de Queilá, ¹⁹e, ao lado dele, trabalhou Ézer, filho de Josué, chefe de Mitspá, numa segunda parte, a partir do local que faz frente à subida do arsenal, no ângulo^u. ²⁰Depois dele trabalhou com ardor^v Baruk, filho de Zabai, em uma segunda parte, desde o ângulo até a entrada da casa de Eliashib, o sumo sacerdote. ²¹Depois dele trabalhou Meremot, filho de Uriá, filho de Ha-Qoş, em uma segunda seção, desde a entrada da casa de Eliashib até a extremidade da casa de Eliashib. ²²E depois dele trabalharam os sacerdotes, vindos das redondezas^w. ²³Depois,

trabalhou Benjamin, assim como Hashub, diante da sua casa; depois trabalhou Azariá, filho de Maaseiá, filho de Ananiá, ao lado da sua casa. ²⁴Depois dele trabalhou Binui, filho de Henadad, em uma segunda seção, desde a casa de Azariá até a curva e até o ângulo; ²⁵depois foi Palal, filho de Uzai, defronte da curva e da torre superior que se destaca da casa do rei, perto do átrio da Prisão^x. Depois dele, Pedaiá, filho de Parosh ²⁶— os doados habitavam no Ôfel^y —, até defronte da porta das Águas^z, a leste, e da torre destacada. ²⁷Depois dele trabalharam os teoitas em uma segunda seção, desde o local defronte da grande torre destacada, até a muralha do Ôfel. ²⁸Para cima da porta dos Cavalos^a, trabalharam os sacerdotes, cada um defronte à sua casa. ²⁹Depois, trabalhou Šadoq, filho de Imer, diante da sua casa, e depois dele trabalhou Shemaiá, filho de Shekaniá, guardião da porta do Leste. ³⁰Depois dele^b trabalhou Hananiá, filho de Shelemiá, bem como Hanum filho de Šalaf, o sexto^c, numa segunda seção. Depois dele trabalhou Meshulâm, filho de Berekiá, defronte do seu quarto. ³¹Depois dele trabalhou Malkiá o ourives, até a casa dos doados e dos negociantes, diante da porta de Mifqad^d até o terraço de cima da esquina. ³²Entre o terraço de cima da es-

q. O canal, em hebr. *shélah* (do verbo "enviar"), é uma palavra que tem a mesma raiz que *Shiloh*. Eis porque alguns vêm aqui a menção da piscina de Siloé; mas esta identificação é discutível.

r. A parte mais meridional da colina sobre a qual se localizava a antiga cidade de David.

s. Não se sabe mais o local do reservatório, o mesmo acontecendo com a localização da casa dos Valentes (possivelmente uma caserna).

t. O texto tem *Bawai*, provavelmente por equívoco, pois se trata do mesmo personagem que no v. 24, denominado Binui. Vários mss. e versões antigas trazem o mesmo nome, Binui, nas duas passagens.

u. Texto incerto, sendo que as duas últimas palavras têm tradução muito diferente no gr. Os termos *arsenal* (casa das armas?) e *ângulo* são aproximativos.

v. As palavras *com ardor* traduzem um termo que significa *ele se inflama*, e que não se encontra em todos os mss. e versões antigas.

W. Talvez seja uma repetição inexacta da palavra, bastante semelhante, traduzida por *depois dele*.

w. Lit. *homens das redondezas*. Este termo aplica-se habitualmente à região de Jericó, perto do Jordão (cf. Gn 13,10).

x. Locais bastante incertos, situados a leste da cidade.

y. As palavras colocadas entre travessões interrompem a frase como um parêntese, o qual teria o seu lugar mais lógico no fim do v. 27, que menciona o Ôfel ou parte sul da colina sobre a qual se localizavam o palácio real e o Templo. Quanto aos doados, cf. Ecd 2,43 e nota.

z. A leste da cidade. Talvez esta porta fosse uma das portas do palácio real, e não da muralha, pois os trabalhos são executados *em frente* desta porta, e não na própria porta. Havia ali uma praça bastante ampla, segundo Ne 8,1.

a. Porta da muralha, ou melhor, do palácio real, em direção à muralha do Templo.

b. Aqui e no v. 31 o texto traz, por equívoco, *depois de mim*.

c. Indicação curiosa e inexplicada.

d. O que significa *porta do lugar reservado ou inspecionado*, aplicando-se a uma porta do Templo (e não à muralha) em direção a um local reservado a certos sacrifícios (cf. Ez 43,21) ou ainda em direção a um local semelhante a uma prisão, lugar de vigia ou de punição.

quina e a porta das Ovelhas^e trabalharam os ourives e os negociantes^f.

Os inimigos opõem-se à reconstrução.

³³Quando Sanbalat soube que nós estávamos construindo a muralha, ficou tomado de cólera e irritou-se muito. Zombou dos judeus ³⁴e falou na presença dos seus irmãos e das tropas da Samaria dizendo: "Que estão fazendo esses judeus incapazes? Vamos deixá-los fazer^g? Irão oferecer sacrifícios? Terminarão hoje? Farão reviver as pedras tiradas de montes de poeira, se estão calcinadas?" ³⁵Tobiá, o amonita, estava ao lado dele e também dizia: "Eles estão construindo^h! Se uma raposa subir em cima, lhes fará ruir sua muralha de pedras!"

³⁶Ouve, nosso Deus, pois somos menosprezados. Fazê recai o insulto deles sobre a sua cabeça e entrega-os ao desprezo numa terra de cativeiro. ³⁷Não perdoes a sua falta, e que o seu pecado não seja apagado diante de tiⁱ, pois cometeram uma ofensa para com aqueles que estão construindo^j.

³⁸Construímos, portanto, a muralha, e toda a muralha foi reparada até a metade da altura. O povo teve ânimo no trabalho.

4 ¹Quando Sanbalat, Tobiá, os árabes, os amonitas e os ashoditas souberam que a reparação das muralhas de Jerusalém progredia^k e que as brechas começavam a ser fechadas, irritaram-se sobremedida. ²Coligaram-se, todos juntos, para vir atacar Jerusalém e causar-lhe estragos. ³Então oramos ao nosso Deus, e estabelecemos um posto de guar-

da dia e noite, por causa deles e contra eles. ⁴Mas Judá dizia:

"A força do carregador desfalece, há poeira demais!

E nós não conseguiremos construir a muralha!"

⁵Nossos adversários diziam: "Eles não ficarão sabendo e não verão nada até o momento de chegarmos no meio deles. Então os mataremos e faremos cessar a obra."

⁶E quando chegavam os judeus que moravam perto deles, diziam-nos dez vezes: "De todos os lugares de onde voltaís, eles estão em cima de nós^m!" ⁷Então eu instalei um posto embaixo, atrás da muralha, nas cavidadesⁿ, e dispus o pessoal do povo segundo os clãs, com suas espadas, suas lanças e seus arcos. ⁸Após olhar tudo, levantei-me para dizer aos notáveis, aos magistrados e ao resto do povo: "Não tenhais medo deles! Lembrai-vos do Senhor grande e temível, e combatei pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas filhas, vossas mulheres e vossas casas."

⁹Quando nossos inimigos souberam que estávamos prevenidos e que Deus havia aniquilado o projeto deles, voltamos todos à muralha, cada um para a sua tarefa. ¹⁰Mas a partir desse dia, a metade dos meus servidores trabalhava na obra, e a outra metade segurava na mão as lanças, os escudos, os arcos e as couraças. Os chefes se mantinham atrás de toda a casa de Judá. ¹¹Os que construíram a muralha e os que traziam e carregavam as cargas, com uma mão trabalhavam e com a outra seguravam uma arma^o. ¹²Quanto aos

e. Volta-se à porta das Ovelhas (v. 1), depois de se ter dado assim a volta em torno da muralha.

f. O gr. faz o cap. 4 começar logo após este v., o que gera uma diferença de 6 vv. em relação ao texto hebr. que é o adotado por nós.

g. Lit. *Eles deixarão?* — o que pode ser entendido quer dos inimigos dos judeus (deixarão fazer?), quer dos próprios judeus (deixarão o trabalho, uma vez terminado? Cf. v. 8).

h. Outra tradução possível: *e dizia: "Que construam então eles mesmos!"*

i. Talvez esta oração de Neemias empregue termos litúrgicos utilizados com frequência (cf. Jr 18,23).

j. Poder-se-ia também interpretar: *eles irritaram (a Deus) perante os que constroem.*

k. A expressão aqui usada é a que se aplica a uma ferida que volta a fechar-se e à pele que torna a nascer.

l. Frase ritmada, do gênero das lamentações, em que a primeira parte de cada frase é mais longa que a segunda.

m. Tradução incerta de uma frase de difícil interpretação. O gr. leu: *eles vêm contra nós de todos os lados*. Ao que parece, os judeus do campo, que moravam perto dos lugares em que se encontravam os inimigos, advertiram muitas vezes os habitantes de Jerusalém de que os adversários estavam em toda parte.

n. As palavras *embaixo* e *cavidades* são incertas e prestam-se a interpretações diversas.

o. A palavra traduzida por *arma* vem do verbo *atirar, lançar*; poderia, portanto, ser uma arma de lançamento: *lança* ou *dardo*. Idem no v. 17.

que construíam, cada um construía munido de uma espada na cintura. O que tocava a trompa estava a meu lado. ¹³Eu disse aos notáveis, aos magistrados e ao resto do povo: “A obra é considerável e extensa, e quanto a nós, estamos espalhados ao longo da muralha, longe uns dos outros. ¹⁴No lugar em que ouvirdes o som da trompa, reuni-vos ali e vinde juntar-vos a nós. Nosso Deus combaterá por nós”. ¹⁵Executávamos a obra — a meta-de de nós^p segurando lanças na mão — desde o surgir da aurora até ao aparecimento das estrelas. ¹⁶Foi também nessa época que eu disse ao povo: “Cada um, com seu servidor, passará a noite em Jerusalém; durante a noite, tenhamos uma guarda, e durante o dia, todos mãos à obra!” ¹⁷Ninguém — nem eu, nem meus irmãos, nem meus servidores, nem os homens da guarda que me seguiam — ninguém de nós abandonava suas vestes. Cada um tinha sua arma na mão direita^q.

5 Injustiças sociais. Intervenção de Neemias. ¹Surgiu então uma forte queixa do povo e de suas mulheres contra seus irmãos judeus. ²Alguns diziam: “Nossos filhos, nossas filhas e nós mesmos somos numerosos”. Gostariamos de ter trigo para comer e viver!” ³Outros diziam: “Nossos campos, nossas vinhas e nossas casas, damo-los em hipoteca para termos trigo durante a época da fome”. ⁴Outros ainda diziam: “Para o tributo do rei, tomamos dinheiro emprestado, empenhando nossos campos e

nossas vinhas”. ⁵No entanto, nossa carne é semelhante à carne dos nossos irmãos, e nossos filhos são semelhantes aos deles. E contudo somos obrigados a entregar nossos filhos e nossas filhas à servidão, e algumas das nossas filhas já são escravas; nada podemos contra isso”; nossos campos e nossas vinhas pertencem a outros!”

Ex 21.2

⁶A cólera tomou conta de mim, com violência, ao ouvir a queixa deles e tais palavras. ⁷Impôs-se-me a decisão de censurar os notáveis e os magistrados, e eu lhes disse: “É um fardo que fazeis pesar uns sobre os outros!” Depois, convoquei-os para uma grande assembléia.

⁸Eu lhes disse: “Nós mesmos resgatamos nossos irmãos judeus vendidos às nações, tanto quanto pudemos; mas vós, vendeis vossos irmãos, e é a nós mesmos que eles são vendidos!” Ficaram em silêncio e não encontraram palavra alguma a dizer. ⁹E eu disse: “O que estais fazendo não está correto. Não deveis caminhar no temor do nosso Deus, para evitar a vergonha perante as nações, nossos inimigos? ¹⁰Eu também, meus irmãos e meus servidores, emprestamos a eles dinheiro e trigo. Vamos, pois, abandonar esta dívida. ¹¹Restituí a eles, hoje mesmo, os seus campos, suas vinhas, seus olivais e suas casas, assim como a parte^r do dinheiro, de trigo, de vinho novo e de azeite que lhes emprestastes.” ¹²Eles disseram: “Nós o restituiremos e não exigiremos nada deles. Faremos como mandas”. Chamei os sacerdotes^s e fiz o pes-

p. O texto traz, à guisa de nota redacional, *a metade dentre deles*.
q. Poder-se-ia também interpretar como tratando-se das pessoas de fora, às quais Neemias estaria dando ordem de ficar em Jerusalém durante a noite. Neste caso se poderia traduzir: *durante a noite eles serão para nós uma guarda e, de dia, executarão a obra*. — [O termo *servidor* não significa servo, mas diversas categorias de colaboradores remunerados.]

r. As últimas palavras são incertas. Lit. *cada um sua arma, água*. As versões antigas apresentam traduções diferentes ou suprimem essas palavras. O termo *sua arma* poderia ser interpretado como uma forma do verbo *enviar, retirar*, e se aplicaria à frase anterior: *cada um a retirava (sua veste)*. Todavia, com mais probabilidade deve-se compreender a última palavra (*água*) como um termo de forma muito próxima: *na sua mão direita*.

s. Outra leitura, com leve mudança: *tomados em penhor*.

t. As palavras *nossos campos e nossas vinhas*, nos vv. 3 e 5 poderiam ser uma simples repetição.

u. Lit. *não existem as nossas mãos para a força* — o que pode significar: *não temos mais força*, ou: *não está em nosso poder (impedir esta situação)*.

v. Duas leituras são possíveis: *carregar* uma carga, ou então *dar de empréstimo alguma coisa que ficará como dívida* (como nos vv. 10 e 11).

w. Lit. *e ele disse*

x. Tradução incerta. Lit. *o cento*, isto é, a centésima parte, ou seja, um juro de um por cento — o que é bem pouco para a época. Entretanto, talvez se deva ler aqui a palavra *divida*, como no v. 10, ou ainda, segundo o gr., *uma parte de...*

y. Os sacerdotes devem ser as testemunhas do juramento que as pessoas vão fazer, a pedido de Neemias

soal jurar que fariam como eu havia mandado. ¹³E sacudi também a dobra do meu manto^a, e disse: “É assim que Deus sacudirá fora de sua casa e longe dos seus bens todo homem que não cumprir sua palavra! É assim que ele será sacudido e deixado sem nada!” A assembléia inteira disse: “Amém!” e louvou o SENHOR. E o povo fez o que fora combinado.

¹⁴Desde o próprio dia em que me foi ordenado^a ser governador na terra de Judá, desde o vigésimo ano até o trigésimo segundo ano do rei Artaxerxes, durante doze anos^b, eu e meus irmãos não comemos o pão do governador^c.

¹⁵Antes de mim, os primeiros governadores esmagavam o povo e lhe tiravam pão e vinho e, além disso, quarenta siclos de prata. Também os funcionários deles exerciam o seu domínio sobre o povo. Eu mesmo, porém, não tenho agido assim, por temor a Deus. ¹⁶Eu também me dediquei à obra desta muralha, e não compramos^d campo, e todos os meus servidores estavam aqui reunidos, trabalhando na obra. ¹⁷Os judeus e os magistrados que estavam à minha mesa^e eram em número de cento e cinquenta homens, juntamente com aqueles que vinham a nós das nações vizinhas.

¹⁸O que era preparado cada dia — um boi, seis carneiros selecionados e aves — era preparado por minha conta; e a cada dez dias, todo o vinho^f em abundância. Apesar disso, não reivindiquei o pão do governador, pois o serviço pesava fortemente sobre este povo.

¹⁹Meu Deus, lembra-te, para meu bem, de tudo o que tenho feito por este povo!

6 Conclusão das muralhas. ¹Quando informaram a Sanbalat, a Tobíá, a Gueshem, o árabe, e ao resto dos nossos inimigos que eu havia reconstruído a muralha e que nela não havia mais brechas, eu ainda não tinha, naquele momento, instalado as folhas das portas. ²Sanbalat, assim como Gueshem, mandou dizer-me: “Vem. Marquemos uma entrevista em Kefirim^g, no vale de Onô”. Tencionavam fazer-me mal. ³Enviei-lhes mensageiros para dizer-lhes: “O que estou fazendo é uma obra considerável, e não posso descer. Por que parar a obra, enquanto eu a deixar para descer junto a vós^h?”. ⁴Enviaram-me quatro vezes o mesmo mensageiro, e lhes dei a mesma resposta.

⁵Uma quinta vez, ainda para a mesma mensagem, Sanbalat me enviou seu servidor trazendo em mãos uma carta aberta. ⁶Nela estava escrito: “Entre as nações ouve-se dizer — e o diz Gashmuⁱ — que tu e os judeus tencionais revoltar-vos e, por este motivo, estás construindo a muralha, para tornar-te o rei deles, segundo esses comentários. ⁷Chegaste até a instituir profetas em Jerusalém para proclamar a teu respeito: Há um rei em Judá! — E agora iremos comunicar isto ao rei, de acordo com esses comentários. Vem, portanto, agora, e deliberemos juntos!” ⁸Então eu lhe mandei dizer: “Nada corresponde às palavras que tu dizes; és tu^k que as inventas!” ⁹Todos eles, com efeito, queriam intimidar-nos dizendo:

z. A dobra do manto, que servia de bolso, acima da cintura. Neemias faz aqui um gesto simbólico à maneira dos profetas.

a. Lit. *ele me deu a ordem*, isto é, sem dúvida, o rei da Pérsia.

b. Cf. 1.1; 2.1 e 6, notas.

c. Isto é, aquilo que o governador, por ordem do rei, tinha o direito de reter para si mesmo dos impostos recolhidos. Esta renda representava muitas vezes um ônus bem pesado para o povo.

d. Vários mss. e as versões antigas têm o singular: *eu não comprei*. A frase significa que Neemias e os seus servidores estavam por demais ocupados com a obra e eram por demais livres de interesse próprio para comprar propriedades para si mesmos.

e. Isto é, *a meu encargo*.

f. Alguns mss. têm: *um odre de vinho*, em lugar de *todo o vinho*.

g. Esta palavra pode significar *as aldeias*, como interpretou o gr. É mais plausível tratar-se do nome próprio de uma localidade no vale de Onô, isto é, provavelmente na região de Lod, a noroeste de Jerusalém, não longe da costa mediterrânea.

h. O gr. interpretou: *quando eu a tiver deixado (terminado)*, *descerei a vós*; mas parece difícil admitir que Neemias tenha tido a idéia de cair na emboscada armada pelos seus inimigos, mesmo depois de concluir sua obra.

i. Variante do nome de Gueshem.

j. Portanto, os profetas ainda desempenhavam alguma função, particularmente no momento da entronização de um rei.

k. Lit. *é do teu coração que as inventas*.

"As mãos deles vão abandonar a obra, que não se realizará jamais!" — E agora, fortifica minhas mãos! — ¹⁰Dirigi-me à casa de Shemaíá, filho de Delaíá, filho de Mehetabel, pois ele tinha um impedimento^m. Ele disse: "Encontremo-nos na Casa de Deus, no meio do Templo, e fechemos as portas do Templo, pois eles virão matar-te; é durante a noite que virão matar-te." ¹¹Eu respondi: "Por ventura um homem como eu se entregaria à fuga? E que homem como eu poderia entrar no Templo e continuar a viver?" Não entrarei nele!" ¹²Reconheci, com efeito, que não fora Deus que o enviara, pois se ele tinha pronunciado uma profecia sobre mim, é porque Tobiá, assim como Sanbalat, o haviam pago para isto. ¹³Para que o haviam pago? Para que eu me intimidasse, fizesse o que ele havia mandado e cometesse um pecado. Teriam assim tido ocasião de sujar minha reputação e de me declarar blasfemador.

¹⁴Lembra-te, meu Deus, de Tobiá e de Sanbalat, por causa das ações deles, e também da profetisa Noadíáⁿ e dos outros profetas que queriam intimidar-me!

¹⁵A muralha foi concluída no vigésimo quinto dia do mês de elul^o, em cinquenta e dois dias.

¹⁶Quando todos os nossos inimigos souberam disso, todas as nações que nos rodeiam foram tomadas de temor^a e foram humilhadas^r a seus próprios olhos. Reconheceram que esta obra havia sido executada pela vontade do nosso Deus.

¹⁷Foi também nessa época que notáveis

de Judá haviam dirigido numerosas cartas destinadas a Tobiá, e que lhes chegavam as de Tobiá. ¹⁸É que muita gente em Judá estava ligada a ele por juramento, pois ele era o genro de Shekaniá, filho de Arah, e seu filho Iehohanan havia desposado a filha de Meshulâm, filho de Berekiá. ¹⁹Chegavam mesmo a elogiá-lo na minha presença e lhe relatavam as minhas palavras. Tobiá havia enviado cartas para intimidar-me.

7 Recenseamento dos israelitas ¹Construída a muralha, instalei as folhas das portas; os porteiros, os cantores e os levitas foram estabelecidos nas suas funções. ²Dei ordem de estabelecer sobre Jerusalém meu irmão Hanani, e Hananiá, chefe da cidadela, pois era um homem fiel, que temia a Deus mais do que muitos outros. ³Eu disse a eles: "As portas de Jerusalém não sejam abertas antes do calor do sol, e até os porteiros ocuparem seu posto, suas folhas ficarão solidamente fechadas". Instituir-se-á um rodízio de guarda para os habitantes de Jerusalém, cada um ocupando seu posto e cada um de frente à sua casa".

⁴A cidade era grande e extensa dos dois lados, mas a população era pouco numerosa no interior. As casas não estavam reconstruídas^t.

⁵Meu Deus me inspirou que reunisse os notáveis, os magistrados e o povo para fazer o recenseamento. Encontrei o livro do censo daqueles que haviam subido no início, e nele encontrei escrito o seguinte":

l. Estas últimas palavras constituem uma breve oração dirigida a Deus.

m. Lit. *pois ele estava fechado* — o que pode ser entendido de várias maneiras: *ele estava trancafiado em sua casa* e não queria sair, talvez para marcar simbolicamente o perigo que existia. Ou então: *ele estava impedido* por uma impureza ritual que não lhe permitia sair e ir ao Templo naquele dia (cf. Jr 36,5). Ou talvez, simplesmente, um impedimento qualquer não lhe permitia ir ter pessoalmente com Neemias.

n. Neemias era leigo e não podia entrar no Templo (no Santo), sob pena de cometer um pecado grave, punível com a morte.

o. Uma das raras profetisas mencionadas no AT.

p. Por volta do mês de setembro do mesmo ano (cf. 2,1).

q. Alguns traduzem: *viram* (os verbos *ver* e *temer* têm formas bem próximas, em hebr.).

r. Lit. e *caíram muito* — o que pode significar: *elas se assustaram com isso*, ou *elas ficaram humilhadas com isso*.

s. Tradução incerta. Lit. e *até que eles, ficando de pé, fecharem as folhas, e consolidai*. Poder-se-ia também interpretar no sentido do fechamento do fim da tarde, na presença dos porteiros. Versões antigas leram: *quando ainda for dia, eles fechando...* isto é, antes de anoitecer. Tem-se proposto outras traduções, com correções do texto.

t. Alusão às ruínas que continuavam a existir. Alguns interpretaram a palavra *casas* no sentido de *famílias*: ainda não se haviam restabelecido as famílias, daí a necessidade do recenseamento, do qual o texto passará a falar.

u. O texto que segue (vv. 6-72) é a reprodução, com algumas variantes, da lista já indicada em Esd 2. (Quanto a esta lista, cf. Esd 2,1 nota.)

Esd 2,1-70 ⁶Aqui estão os da província que, entre os cativos deportados — os que haviam sido deportados por Nabucodonosor, rei de Babilônia — subiram novamente e voltaram a Jerusalém e a Judá, cada um em sua cidade. ⁷Vieram com Zorobabel, Josué, Nechemiá, Azariá, Raamiá, Nahamáni, Mordokai, Bilshan, Mispéret, Bigvai, Nehum, Baaná^v.

Número dos homens do povo de Israel^w:

⁸os filhos de Parosh: 2.172; ⁹os filhos de Shefatia: 372; ¹⁰os filhos de Arah: 652; ¹¹os filhos de Pahat-Moab, isto é os filhos de Josué e de Ioab: 2.818; ¹²os filhos de Elâm: 1.254; ¹³os filhos de Zatu: 845; ¹⁴os filhos de Zakai: 760; ¹⁵os filhos de Binui: 648; ¹⁶os filhos de Bebai: 628; ¹⁷os filhos de Azgad: 2.322; ¹⁸os filhos de Adoniâm: 667; ¹⁹os filhos de Bigvai: 2.067; ²⁰os filhos de Adin: 655; ²¹os filhos de Ater, isto é de Hisquia: 98; ²²os filhos de Hashum: 328; ²³os filhos de Beşai: 324; ²⁴os filhos de Harif: 112; ²⁵os filhos de Guibeon: 95; ²⁶os homens de Bet-Lehem e de Netofá: 188; ²⁷os homens de Anatot: 128; ²⁸os homens de Bet-Azmavet: 42; ²⁹os homens de Qiriat-Iearim, de Kefirá e de Beerot: 743; ³⁰os homens de Ramá e de Gueba: 621; ³¹os homens de Mikmâs: 122; ³²os homens de Betel e de Ai: 123; ³³os homens de um outro Nebô: 52^x; ³⁴os filhos de um outro Elâm: 1.254; ³⁵os filhos de Harim: 320; ³⁶os filhos de Jericó: 345; ³⁷os filhos de Lod, de Hadid e de Onô: 721; ³⁸os filhos de Senaá: 3.930^y.

³⁹Os sacerdotes: os filhos de Iedaia, isto é a casa de Josué: 973; ⁴⁰os filhos de Imer: 1.052; ⁴¹os filhos de Pashehur: 1.247; ⁴²os filhos de Harim: 1.017.

⁴³Os levitas: os filhos de Josué, isto é, Qadmiel, os filhos de Hodevá: 74^b.

⁴⁴Os cantores: os filhos de Asaf: 148.

⁴⁵Os porteiros: os filhos de Shalum, os filhos de Ater, os filhos de Talmon, os filhos de Aquib, os filhos de Hatitá, os filhos de Shobai: 138.

⁴⁶Os doados^z: os filhos de Şihá, os filhos de Hasufá, os filhos de Tabaot, ⁴⁷os filhos de Querôs, os filhos de Siá, os filhos de Padon, ⁴⁸os filhos de Lebaná, os filhos de Hagaba, os filhos de Shalmal, ⁴⁹os filhos de Hanan, os filhos de Guidel, os filhos de Gaḥar, ⁵⁰os filhos de Reaiá, os filhos de Reḥin, os filhos de Neqodá, ⁵¹os filhos de Gazâm, os filhos de Uzâ, os filhos de Pasêaḥ, ⁵²os filhos de Besai, os filhos de Meunim, os filhos de Nefishim, ⁵³os filhos de Baqbuq, os filhos de Haqufá, os filhos de Harhur, ⁵⁴os filhos de Batslit, os filhos de Mehidá, os filhos de Harshá, ⁵⁵os filhos de Barqôs, os filhos de Siserá, os filhos de Tamah, ⁵⁶os filhos de Neşrah, os filhos de Hatifá.

⁵⁷Os filhos dos servos de Salomão^d: os filhos de Sotai, os filhos de Soféret, os filhos de Peridá, ⁵⁸os filhos de Iaala, os filhos de Iarqon, os filhos de Guidel, ⁵⁹os filhos de Shefatia, os filhos de Hatil, os filhos de Pokéret-Ha-Sebaim, os filhos de Amon. ⁶⁰Total dos doados e dos filhos dos servos de Salomão: 392.

⁶¹E aqui estão os que subiram de Tel-Melaḥ, Tel-Harshá, Kerub-Adon e Imer, e que não conseguiram informar se sua casa paterna e sua raça eram efetivamente de Israel: ⁶²os filhos de Delaiá, os filhos de Tobia, os filhos de Neqodá: 642; ⁶³e alguns dentre os sacerdotes: os filhos de Hobaiá, os filhos de Ha-Qoş, os filhos de Barzilai — aquele que havia desposado uma das filhas de Barzilai, o guileadita, e passou a ser chamado pelo nome delas. ⁶⁴Eles procuraram seu registro de

v. A lista paralela de Esd 2,2 abrange apenas 11 nomes (o de Nahamani não figura nela), e a ortografia dos nomes muitas vezes apresenta variantes.

w. As cifras indicadas no decurso deste capítulo muitas vezes diferem das indicadas, para os mesmos nomes, em Esd 2. Mas o total é idêntico nos 2 livros: confira 7,66 e Esd 2,64.

x. Esd 2,10 tem: *Bani*

y. Os 3 últimos nomes apresentam variantes em relação a Esd 2,18-20.

z. Esd 2,30 menciona aqui: *os filhos de Magbish: 156* —, que não aparecem em Ne.

a. Quanto a estes nomes de localidades, cf. Esd 2,35.

b. Cf. Esd 2,40 nota.

c. Quanto a esta palavra, cf. Esd 2,43 nota.

d. Cf. Esd 2,55 nota.

genealogia, mas não o encontraram; então foram declarados contaminados, excluídos do sacerdócio. ⁶⁵E o governador prescreveu-lhes que não comessem alimentos santíssimos, até o sacerdote apresentar-se para consultar pelo Urim e Tumim⁶.

⁶⁶A assembleia inteira perfazia o total de 42.360 pessoas, ⁶⁷sem contar seus servos e suas servas, que eram 7.337; tinham 245 cantores e cantoras; ⁶⁸435 camelos, 6.720 jumentos⁷. ⁶⁹Uma parte dos chefes de família fizeram ofertas para a obra. O governador deu ao tesouro 1.000 dracmas de ouro, 50 taças, 530 túnicas de sacerdotes. ⁷⁰Alguns dos chefes de família doaram ao tesouro da obra 20.000 dracmas de ouro e 2.200 minas de prata, ⁷¹e o que foi doado pelo resto do povo foram 20.000 dracmas de ouro, 2.000 minas de prata e 67 túnicas de sacerdotes.

⁷²Então os sacerdotes, os levitas, os porteiros, os cantores, uma parte do povo, os doados e todos os israelitas estabeleceram-se nas suas cidades⁸. O sétimo mês chegou, e os filhos de Israel habitavam nas suas cidades⁹.

8 **Leitura pública da Lei.** ¹Todo o povo, como se fora um homem só, reuniu-se na praça localizada diante da porta das Águas¹, e pediram a Esdras¹ o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés² que o SENHOR havia prescrito a Israel. ³O sacer-

dote Esdras trouxe a Lei diante da assembleia, na qual se encontravam os homens, as mulheres e todos os que tinham capacidade de compreender o que se ouvia¹. Era o primeiro dia do sétimo mês.

²Ele leu no livro, na praça que está diante da porta das Águas, desde a aurora até o meio-dia, diante dos homens, das mulheres e dos que tinham capacidade de entender. Os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da Lei.

³O escriba Esdras estava de pé num estrado de madeira que fora feito para esta ocasião, e do lado direito dele estavam de pé Matatíá, Shemaíá, Anaiá, Uriá, Hiliqíá e Maaseíá, e à esquerda dele estavam Pedaiá, Mishael, Malkiá, Hashum, Hashbadana, Zekariá e Meshulâm. ⁵Esdras abriu o livro aos olhos de todo o povo, pois estava elevado acima do povo inteiro, e ao abri-lo, o povo inteiro se pôs de pé⁴. ⁶E Esdras bendisse o SENHOR, o grande Deus, e o povo inteiro, erguendo as mãos, respondeu: "Amém! Amém". Depois inclinaram-se e prosternaram-se diante do SENHOR, com o rosto em terra. ⁷Josué, Bani, Sherebiá, Iamin, Aquib, Shabetai, Hodiá, Maaseíá, Qelitá, Azariá, Iozabad, Hanan, Pelaiá — os levitas⁵ — explicavam a Lei ao povo, e o povo permanecia de pé no local. ⁸Liam no livro da Lei de Deus, de maneira distinta⁶, explicando o sentido dela, e faziam compreender o que era lido.

e. Cf. Esd 2,63 notas.

f. Em Esd 2,66 contam-se também cavalos e mulas.

g. Nos vv. 69-72 o texto não é mais exatamente paralelo ao de Esd 2,68-70. É difícil explicar as variantes dos dois textos.

h. Esta frase, que não aparece em Esd 2, mas no início de Esd 3, tem boa probabilidade de introduzir o cap. 8 de Ne e ter ali o seu lugar certo (cf. Ne 8,2). O ano não é mencionado, mas poderia ser o indicado por Esd 7,7-8.

i. Cf. 3,26.

j. Esdras, que era ao mesmo tempo escriba e sacerdote, aparece aqui pela primeira vez no livro de Ne. É possível que os caps. 8 e 9 de Ne, onde Esdras desempenha um papel de primeiro plano — ao passo que Neemias é quase totalmente silenciado —, tenham originalmente feito parte de uma coleção de memórias de Esdras, coletânea essa que constituiria a continuação de Esd 7-10 e posteriormente teria sido utilizada pelo redator do conjunto dos livros de Esd e Ne (cf. Introd.).

k. Este livro da Lei de Moisés poderia ser, em todo ou em parte, o Pentateuco atual, primeira parte da Bíblia hebraica e que

na época de Esdras e Neemias talvez já constituísse a Torá, cuja autoridade para o judaísmo aumentará cada vez mais no decurso dos séculos subsequentes (cf. Esd 7,14).

l. Isto é, as crianças na idade da razão.

m. Os vv. 5-8 elencam todos os elementos daquilo que passaria a ser o serviço da sinagoga, diferente do culto celebrado no Templo, onde os sacrifícios eram o elemento central. Aqui, não há sacrifício, senão que o serviço abrange fórmulas litúrgicas com respostas dos participantes, bênçãos, oração (erguendo as mãos ao céu), adoração (em posição prostrada), leitura e explicação da Lei de Deus.

n. O texto traz: e os levitas, mas parece que, em consonância com versões antigas, se deva suprimir o e, pois a palavra levitas se aplica aos nomes anteriores, e não a outros personagens que se acrescentariam a eles.

o. A palavra assim traduzida vem de uma raiz que significa: separar, distinguir exatamente, o que pode significar: de maneira clara, distinta. Poder-se-ia também compreendê-la no sentido de traduzir em linguagem clara, isto é, para uma língua mais

"Então Neemias, o governador^p, Esdras, o sacerdote-escriba, e os levitas que davam as explicações ao povo, disseram a todo o povo: "Este dia é consagrado ao SENHOR, vosso Deus. Não estejais de luto, nem choreis!" — pois o povo todo chorava ao ouvir as palavras da Lei. ¹⁰Ele lhes disse: "Ide comer carne gorda, tomai boas bebidas^r, e mandai levar porções àquele que não pôde preparar nada, pois este dia é consagrado a nosso SENHOR. Não estejais na tristeza, pois a alegria do SENHOR, esta é a vossa força!" ¹¹E os levitas acalmavam o povo inteiro dizendo: "Ficai em silêncio, pois este dia é consagrado. Não fiqueis na tristeza!"

¹²Então todo o povo se foi a comer e beber, a mandar porções e a manifestar grande alegria, pois haviam compreendido as palavras que lhes foram dadas a conhecer.

¹³No segundo dia, os chefes de família de todo o povo, os sacerdotes e os levitas se reuniram junto do escriba Esdras, para bem discernirem o sentido das palavras da Lei. ¹⁴Encontraram escrito na Lei que o SENHOR havia prescrito por intermédio de Moisés, que os filhos de Israel deviam habitar em tendas^s durante a festa do sétimo mês ¹⁵e que eles deviam comunicar isto e publicar este anúncio em todas as suas cidades e em Jerusalém, nestes termos: "Saí para a montanha e levai ramos de oliveira, ramos de oliveira selvagem^t, ramos de murta, ramos de palmeiras e ramos de árvores frondosas, para fazer tendas, conforme

está escrito". ¹⁶Então o povo saiu e levou o material para fazer tendas, cada um sobre o seu teto, nos seus próprios pátios e nos átrios da Casa de Deus, assim como na praça da porta das Águas e na praça da porta de Efraím.

¹⁷Toda a assembléia — os que haviam voltado do cativeiro — fez tendas e habitaram nessas tendas. Desde o tempo de Josué, filho de Nun^u, até este dia os filhos de Israel não fizeram isso. Foi uma alegria muito grande. ¹⁸Fez-se leitura diária do livro da Lei de Deus, desde o primeiro dia até ao último. A festa durou sete dias, e no oitavo dia^v, segundo o costume, houve uma assembléia de encerramento^x.

9 Oração de confissão dos pecados.

¹No vigésimo-quarto dia deste mês, os filhos de Israel, vestidos de saco e cobertos de terra^y, reuniram-se para um jejum. ²Os que eram da raça de Israel separaram-se de todos os estrangeiros e se apresentaram para confessar seus pecados e as faltas dos seus pais. ³Levantaram-se no lugar em que estavam, e deu-se leitura, durante um quarto do dia, ao livro da Lei do SENHOR, seu Deus; durante um outro quarto do dia fizeram a sua confissão e se prostraram diante do SENHOR, seu Deus.

⁴Sobre o estrado dos levitas, levantou-se Josué, assim como Bani, Qadmiel, Shebania, Buni, Sherebia, Bani e Kenâni^z, que bradaram em alta voz para o SENHOR,

Lv 23,33-36.39-43

popular e mais fácil (o aramaico?). A mesma raiz foi empregada posteriormente para falar das *divisões e parágrafos* do texto, sobretudo para a leitura da Lei. Poder-se-ia, portanto, pensar aqui em uma leitura *por parágrafos*, mas este sentido não é atestado em nenhum outro passo do AT (cf. Esd 4,18 e nota).

p. A palavra *governador*, aqui e em 7,65, é diferente da que é habitualmente empregada ao falar-se de Neemias (cf. 5,14). Acresce que as palavras *Neemias o governador* não figuram no gr. É possível que o texto primitivo só fale aqui de Esdras, e não de Neemias, o qual não desempenha papel algum no relato. Seu nome teria sido introduzido no momento da redação final dos livros de Esd-Ne.

q. Trata-se de Esdras. Este verbo no singular confirma a hipótese levantada na nota anterior.

r. Lit. *comei coisas gordas, bebei coisas doces*.

s. O termo hebr. é *sukkot*: tendas, cabanas. A festa aqui prescrita e recordada é a que tradicionalmente foi denominada festa

dos *Tabernáculos* ou das *Tendas*. Seria melhor chamá-la de festa das *Cabanas* ou de *Sukot*.

t. Lit. *de árvore de óleo*, o que se entende de várias maneiras. u. Cf. Lv 23,33-43.

v. Esd 3,4 fala, porém, de uma celebração desta festa pouco depois da volta dos primeiros deportados. Eis por que alguns pensam tratar-se aqui, não de Josué, filho de Nun e sucessor de Moisés, mas do sacerdote Josué citado em Esd 3,2.

w. Segundo Lv 23,34 e 39, a festa começava no dia 15 do mês e durava 7 dias. No oitavo dia, isto é no 22º dia do mês, realizava-se a cerimônia de encerramento.

x. Termo incerto proveniente de um verbo *fechar*, daí cerimônia de fechamento ou de encerramento. Outras interpretações são possíveis.

y. Ritos habituais para marcar o luto e a humilhação.

z. Esta lista de nomes apresenta algumas diferenças em relação à do v. seguinte e à de 8,7.

seu Deus. ⁵E os levitas Josué, Qadmiel, Bani, Hashabneia, Sherebia, Hodaia, Shebania e Petaia disseram:

"Levantai-vos! Bendizei o SENHOR, vosso Deus, desde sempre e para sempre!

Que se bendiga o teu nome glorioso, o qual supera toda bênção e todo louvor!"

"Tu és o SENHOR, só tu! Foste tu que fizeste os céus, os céus dos céus e todo o exército deles, a terra e tudo o que nela existe, os mares e tudo o que eles contêm. És tu que lhes dás a vida a todos, e o exército dos céus se prostra diante de ti^b.

⁷Foste tu, o SENHOR Deus, que escolheste

Gn 12,1 Abrão, o fizeste sair de Ur dos caldeus e

Gn 17,5 lhe puseste o nome de Abraão. ⁸Encon-

Gn 15,18-21 traste nele um coração fiel a ti, e firmaste com ele a aliança para dar-lhe a terra dos canaanitas, dos hetitas, dos emoritas, dos perizitas, dos iebusitas e dos guirgashitas, e para dá-la à tua descendência^c. Mantiveste a palavra, pois és justo.

Ex 22,3-25 ⁹Viste a humilhação dos nossos pais no

Ex 14,15 Egito e ouviste o grito deles à beira do mar dos Juncos. ¹⁰Operaste sinais e prodí-

Ex 7-11 gios contra Faraó, contra todos os seus servos e contra todo o povo da sua terra, pois sabias que no seu orgulho os haviam maltratado, e tu te fizeste um nome, como hoje se vê. ¹¹Fendeste o mar diante deles, e eles atravessaram a pé enxuto no meio

Ex 14 do mar; aqueles que os perseguiam, tu os

Ex 15,5 precipitaste nas profundezas, como uma pedra em águas poderosas. ¹²Através de uma coluna de nuvens os conduziste de

Ex 13,21 dia, e através de uma coluna de fogo, durante a noite, para iluminar-lhes o caminho pelo qual andavam^d. ¹³Desceste

sobre a montanha do Sinai e lhes falaste Ex 19 do alto dos céus; deste-lhes normas justas, leis de verdade, prescrições e ordens valiosas. ¹⁴Deste-lhes a conhecer o teu santo sábado e lhes deste ordens, prescri- Ex 20,8 ções e uma lei, por intermédio de Moisés, teu servo. ¹⁵Deste-lhes, para a fome, o pão do céu, e fizeste jorrar a água do rochedo para a sua sede. Disseste-lhes que fossem tomar posse da terra que com mão erguida juraste^e dar-lhes^f.

¹⁶Mas eles e nossos pais foram orgulhosos, enrijeceram a nuca e não escutaram tuas ordens. ¹⁷Recusaram escutar e não se lembraram dos milagres que ha-

vias feito por eles; enrijeceram sua nuca e, na sua rebeldia^g, puseram na cabeça^h a

idéia de voltar à sua servidão. Mas tu, tu és o Deus dos perdões, benevolente e

misericordioso, lento na cólera e cheio de fidelidade; não os abandonastes,

¹⁸mesmo quando fizeram para si um bezerro de metal fundido e disseram: "Este é o teu Deus que te fez subir do Egito". Tornaram-se culpados de grandes ofen-

sas. ¹⁹E tu, na tua grande misericórdia, não os abandonaste no deserto: a coluna de nuvem não se afastou deles durante o dia para conduzi-los pelo caminho, nem a coluna de fogo durante a noite para iluminar o caminho pelo qual andavam. ²⁰Tu lhes deste o teu bom espíritoⁱ para que tivessem discernimento; não recusaste o maná à boca deles e deste-lhes água para a sua sede. ²¹Durante quarenta anos, asseguraste-lhes a subsistência no deserto; não lhes faltou nada, suas roupas não se estragaram e seus pés não incharam.

a. Esta frase, que se dirige a Deus na 2a. pessoa, já constitui, portanto, o início da oração. O gr. acrescenta no início do v. seguinte: *E Esdras disse...*, para mostrar que é ele quem pronuncia a oração.

b. A longa oração que inicia aqui é uma evocação da história dos israelitas desde as origens. Ela começa por evocar a criação do mundo (Gn 1).

c. Evocação da história de Abraão, e particularmente de Gn 12: 15; 17.

d. Os vv. 9-12 evocam a saída do Egito, a passagem do mar Vermelho e a caminhada no deserto (cf. Ex 1-15).

e. A expressão hebr. é: *tu havias levantado tua mão para dar-lhes...* — o que significa: *tu havias jurado*, fazendo o gesto de levantar a mão.

f. Os vv. 13-15 evocam o dom da Lei através de Moisés no Sinai, o maná no deserto e a água que jorrou do rochedo (cf. Ex 16-24).

g. Em lugar de *na sua rebeldia*, alguns mss. e o gr. têm: *no Egito* — leitura que parece preferível. As duas palavras diferem, no hebr., apenas em uma letra.

h. Lit. *eles deram uma cabeça para voltar à sua servidão*. Alguns entendem a palavra *cabeça* no sentido de *chefe*, e traduzem: *deram-se um chefe para voltar*. Alusão a Nm 14,4.

i. Cf. Ex 32,8. Vários mss. e o gr. têm: *Estes são os teus deuses que te fizeram subir do Egito*.

j. A palavra *espírito* é a mesma que *sopro* ou *vento*. Alguns traduzem: *Vós lhes destes o vosso bom vento...* alusão ao envio das codornizes no deserto (cf. Nm 11,31).

Nm 21.21-35

²²Entregaste-lhes reinos e povos e lhos repartiste como territórios fronteiriços^k, e tomaram posse da terra de Siḥon — a terra do rei de Heshbon^l — da terra de Og, rei do Bashan^m. ²³Multiplicaste os seus filhos como as estrelas dos céus e os fizeste entrar na terra da qual mandaras os seus pais tomarem posse. ²⁴Os seus filhos entraram e tomaram posse da terra; submeteste a eles os habitantes da terra, os canaanitas, e os entregaste às suas mãos, assim como os seus reis e os povos da terra, para que fizessem deles o que quisessem. ²⁵Ocuparam cidades fortificadas e um solo fértil; tomaram posse de casas cheias de bens de toda espécie, dos poços já cavados, das vinhas, dos olivais e das árvores frutíferas em grande número; comeram, saciaram-se, engordaram e viveram nas delícias, graças à tua grande bondadeⁿ.

²⁶Mas eles rebelaram-se e revoltaram-se contra ti; rejeitaram a tua Lei para bem longe deles^o, mataram os teus profetas que os conjuravam a voltar a ti, e tornaram-se culpados de grandes ofensas. ²⁷Então os entregaste às mãos dos seus adversários que os combateram. No tempo da sua aflição gritavam para ti, e tu, do alto dos céus, ouvias e, segundo as tuas grandes compaixões, lhes davas libertadores que os salvavam das mãos dos seus adversários. ²⁸Mas quando estavam em sossego, começavam a praticar o mal diante de ti, e tu os abandonavas às mãos dos seus inimigos, e estes os oprimiam. Gritavam de novo para ti, e tu, do alto dos céus, os ouvias e os livravas, em várias circunstâncias, segundo tuas grandes compaixões. ²⁹Tu os conjuravas a voltar à tua Lei, mas eles agiam com dureza e não escutavam as

tuas ordens; pecaram contra as tuas normas, que o homem tem de cumprir para ter a vida. Rebeldes, deram de ombro e enrijeceram a nuca; não escutaram^p.

³⁰Tu os suportaste^q durante muitos anos; os conjuraste pelo teu espírito, por intermédio dos teus profetas, mas eles não prestaram ouvido. Então os entregaste às mãos dos povos de outras terras. ³¹Nas tuas grandes compaixões, não os entregaste à destruição e não os abandonaste, pois és um Deus benévolo e misericordioso.

³²E agora, nosso Deus, Deus grande, poderoso e temível, que guardas a aliança e a fidelidade, não consideres pouca coisa toda a aflição que nos aconteceu a nós, a nossos reis, a nossos chefes, a nossos sacerdotes, a nossos profetas, a nossos pais e a todo o teu povo, desde o tempo dos reis da Assíria^r até este dia.

³³Tu, és justo em relação a tudo o que nos aconteceu, pois agiste com verdade; mas nós, agimos com maldade. ³⁴Quanto a nossos reis, nossos chefes, nossos sacerdotes e nossos pais, não puseram em prática a tua Lei e não atenderam às tuas ordens nem às tuas advertências que lhes havias repetido. ³⁵Eles, no seu reino e na grande prosperidade que lhes havias dado, na terra extensa e fértil que havias posto diante deles, eles não te serviram e não se desviaram das suas más ações.

³⁶Hoje, eis que somos escravos. Na terra que deste aos nossos pais para dela colhermos os frutos e os bens, eis que somos escravos! ³⁷Seus produtos abundantes são para os reis que estabeleceste sobre nós, por causa dos nossos pecados; eles dominam sobre os nossos corpos e sobre o nosso gado, segundo o seu arbítrio; e nós, nos achamos em grande miséria^s.

k. Palavra pouco usual e que tem traduções diversas.

l. O texto traz: *da terra de Siḥon e da terra do rei Heshbon...* mas Siḥon era o rei de Heshbon. Com o gr., poder-se-ia suprimir as palavras *e da terra do...* ou então ver nessas palavras um aposto explicativo às palavras que antecedem.

m. O v. 22 fala dos inícios da conquista de Canaã (cf. Nm 21.21-35).

n. A evocação da conquista de Canaã está redigida em um estilo semelhante ao do Dt (cf. Dt 6.10-12).

o. Lit. *atrás das suas costas*.

p. Os vv. 27-29 fazem alusão à história dos Juízes (cf. Jz 2. 10-23).

q. Lit. tu "esticaste" no tocante a eles, isto é: *tiveste paciência*.

r. Época da destruição da Samaria pelos Assírios.

s. A oração de humilhação termina de forma bastante brusca, sem nenhum pedido, nem louvor final. Será que o final acabou desaparecendo? O v. 37 parece supor que a terra ainda está sob a dura dominação do tempo do cativo, enquanto o povo está

10 **Compromissos assumidos pelo povo.** ¹Em consequência, fechamos um acordo firme e o colocamos por escrito. Neste texto selado figuram¹ nossos chefes, nossos levitas e nossos sacerdotes.

²Nestes textos selados figuram, portanto: Neemias, o governador, filho de Halkaiá e Sidquiá; ³Seraia, Azaria, Iirmia, ⁴Pashehur, Amariá, Malkiá, ⁵Hatush, Shebaniá, Maluk, ⁶Harim, Meremot, Obadiá, ⁷Daniel, Guineton, Baruk, ⁸Meshulâm, Abiá, Miamin, ⁹Maaziá, Bilgai, Shemaia: estes são os sacerdotes².

¹⁰E os levitas: Josué, filho de Azaniá, Binui, dos filhos de Henadad, Qadmiel, ¹¹e os irmãos deles: Shebeniá, Hodiá, Qelitá, Pelaiá, Hanan, ¹²Miká, Rehob, Hashabiá, ¹³Zakur, Sherebiá, Shebaniá, ¹⁴Hodiá, Bani, Benínu.

¹⁵Os chefes do povo: Parôsh, Pahat-Moab, Elâm, Zatu, Bani, ¹⁶Buni, Azgad, Bebai, ¹⁷Adoniá, Bigvai, Adin, ¹⁸Ater, Hizquiá, Azur, ¹⁹Hodiá, Hashum, Behai, ²⁰Harif, Anatot, Nebai, ²¹Magpiash, Meshulâm, Hezir, ²²Meshezabel, Şadoq, Iadua, ²³Pelatiá, Hananiá, Ananiá, ²⁴Hoshea, Hananiá, Hashub, ²⁵Ha-Loesh, Pilhá, Shobeq, ²⁶Rehum, Hashabná, Maaseia; ²⁷e Ahiá, Hanan, Anan, ²⁸Maluk, Harim, Baaná.

²⁹O resto do povo, os sacerdotes, os levitas, os porteiros, os cantores, os doados³ e todos os que se haviam separado dos povos das outras terras para seguir a Lei de Deus, suas mulheres, seus filhos e suas filhas, todos os que tinham capacidade de compreender, ³⁰dão seu apoio a seus irmãos mais considerados e se comprometem por promessa e juramento a andar segundo a Lei de Deus, dada por intermédio de Moisés, servo de Deus, a fim de guardar e pôr em prática todas as ordens do SENHOR⁴ — nosso Senhor —, suas normas e suas prescrições.

³¹Em consequência, não daremos nossas filhas às populações da terra e não tomaremos suas filhas para nossos filhos; ³²se as populações da terra trouxerem mercadorias e quaisquer gêneros alimentícios para vender no dia do sábado, não compraremos nada durante o sábado e durante os dias de festa⁵, e, no sétimo ano, faremos descanso, e anistia das dívidas de todos os tipos⁶.

³³No que nos diz respeito, fixamos para nós a regra de dar um terço de siclo por ano para o serviço da Casa do nosso Deus, ³⁴para o pão de proposição, para a oferta perpétua, para o holocausto perpétuo, os sábados, as luas novas, para as festas, para as coisas consagradas, para os sacrifícios de expiação dos pecados de Israel e para toda obra da Casa do nosso Deus.

³⁵Nós — os sacerdotes, os levitas e o povo — também sorteamos a propósito da oferta de lenha que se deve trazer à Casa do nosso Deus, segundo nossas famílias, nos tempos fixados cada ano, a fim de acender o fogo sobre o altar do SENHOR, nosso Deus, como está escrito na Lei⁷. ³⁶Da mesma forma, devem-se trazer as primícias do nosso solo, as primícias de todos os frutos de cada árvore, cada ano, para a Casa do SENHOR, ³⁷e os primogênitos dos nossos filhos e do nosso gado, como está escrito na Lei⁸, assim como os primogênitos do nosso gado e do nosso rebanho, que se devem trazer à Casa do nosso Deus e aos sacerdotes em serviço na casa do nosso Deus. ³⁸A melhor parte de nossas massas, das nossas primícias, dos frutos de qualquer árvore, do vinho novo e do azeite traremos aos sacerdotes nas salas da Casa do nosso Deus, assim como o dizimo do nosso solo, aos levitas⁹. Estes, os levitas, fica-

Ex 13,1-2
11-16

Nm 15,19-21; 18,21

Lv 27,21

agora de volta em Jerusalém e na Judéia, em condições de iniciar a reconstrução suas casas e suas cidades.

t. A frase não tem verbo, o mesmo acontecendo com a que começa no v. seguinte com a longa lista dos nomes. É a nomenclatura dos signatários do acordo.

u. Estes 22 nomes de sacerdotes encontram-se de novo, quase exatamente, numa outra lista no cap. 12,1-7

v. Cf. Esd 2,43 e nota.

w. A partir daqui e na sequência, o texto volta à 1ª pessoa do plural, como no v. 1.

x. Lit. *durante um dia de santidade*.

y. Lit. *liberaremos o sétimo ano e a dívida de toda mão*.

z. No Pentateuco não se encontra explicitamente lei que preveja esta oferta de lenha.

a. Cf. Ex 13,1-2.

b. Cf. Nm 15,17-21; Dt 26 etc

rão com o dízimo em todas as cidades em que servimos^c. ³⁹Um sacerdote^d, filho de Aarão, estará com os levitas quando recolherem o dízimo, e os levitas recolherão o dízimo do dízimo para a Casa do nosso Deus e o trarão para as salas da casa do tesouro. ⁴⁰Pois para essas salas os filhos de Israel e os filhos de Levi trarão a contribuição de trigo, de vinho novo e de azeite; é ali que se encontram os objetos do santuário, os sacerdotes em função, os porteiros e os cantores.

E não abandonaram a Casa do nosso Deus.

11 Repartição dos habitantes de Jerusalém. ¹Os chefes do povo habitavam em Jerusalém. O resto do povo tirou sorte para fazer vir um de cada dez homens morar em Jerusalém, a cidade santa, permanecendo os nove outros^e nas cidades. ²O povo deu sua bênção a todos os homens que foram voluntários para morar em Jerusalém.

³Eis aqui os chefes da província que moraram em Jerusalém. Nas cidades de Judá, com efeito, Israel^f, os sacerdotes, os levitas, os doados e os filhos dos servos de Salomão moravam cada um em sua propriedade, em suas próprias cidades. ⁴Em Jerusalém, habitavam alguns dos filhos de Judá e dos filhos de Benjamin.

Entre os filhos de Judá: Ataiá, filho de Uziá, filho de Zekariá, filho de Amariá, filho de Shefatiá, filho de Mahalelel, dentre os filhos de Péreş. ⁵E Maaseiá, filho de Baruk, filho de Kol-Hozé, filho de Hazaia, filho de Adaiá, filho de Ioarib, filho de Zekariá, filho de Ha-Shiloni^g.

⁶Total dos filhos de Péreş que se estabeleceram em Jerusalém: 468 homens de armas.

⁷Aqui seguem os filhos de Benjamin: Shalum, filho de Meshulâm, filho de Ioed, filho de Pedaiá, filho de Qolaiá, filho de Maaseiá, filho de Itiel, filho de Ishaia. ⁸E em seguida^h: Gabai, Salai: 928. ⁹E Ioel, filho de Zikri, era o inspetor deles, enquanto Judá, filho de Ha-Senuá, era o segundoⁱ no comando da cidade.

¹⁰Entre os sacerdotes: Icdaiá, filho de Ioarib, Iakinⁱ. ¹¹Seraia, filho de Hiliqia, filho de Meshulâm, filho de Şadoq, filho de Meraiot, filho de Ahitub, príncipe da Casa de Deus. ¹²assim como os irmãos deles que trabalhavam na Casa de Deus: 822; Adaiá, filho de Ierohâm, filho de Pelaiá, filho de Amşi, filho de Zekariá, filho de Pashehur, filho de Malkiá. ¹³e seus irmãos, chefes de famílias: 242; Amashesai, filho de Azarel, filho de Aḡzai, filho de Meshilemot, filho de Imer. ¹⁴e os irmãos deles, homens de valor: 128. O inspetor deles era Zabdiel, filho de Ha-Guedolim^k.

¹⁵Entre os levitas: Shemaiá, filho de Ḥashub, filho de Azriqâm, filho de Ḥashabiá, filho de Buni; ¹⁶e Shabtai e Iozabad, entre os chefes dos levitas, encarregados das ordens externas da Casa de Deus; ¹⁷Mataniá, filho de Miká, filho de Zabdi, filho de Asaf, o que primeiro começava^l a pronunciar a oração; Baq-buqiá, o segundo dos seus irmãos, e Abdá, filho de Shamua, filho de Galal, filho de Iedutun. ¹⁸Total dos levitas residentes na cidade santa: 284.

c. Lit. *as cidades do nosso serviço* — o que pode interpretar-se ou: *as cidades em que cultivamos*, ou: *as cidades em que prestamos um culto*.

d. Lit. *O sacerdote*, isto é aquele que está designado para isto.

e. Lit. *as nove mãos cheias*. Tomam-se medidas para aumentar a população de Jerusalém, depois da restauração da muralha. Alguns ali se fixam voluntariamente; outros são sorteados: um décimo da população do campo. Cf. uma lista análoga em 1Cr 9.

f. Isto é, o povo.

Esta nomenclatura (Israel, sacerdotes, levitas, etc.) corresponde bem às listas de Esd 2 e Ne 7.

g. Ou *n shilonita*, isto é, o habitante de Shilô.

h. Lit. *e depois dele*. Segundo o gr. e os vv. 13 e 18, talvez se deva ler aqui: *e seus irmãos*.

i. Preferível a: *estava sobre a segunda cidade*.

j. Este nome não leva nenhuma indicação genealógica: *filho de...*, ao contrário do que acontece com os outros. Há quem pense que o texto não foi conservado com exatidão.

k. Palavra que significa *os grandes*, mas que aqui parece ser um nome próprio.

l. Lit. *a cabeça do começo celebrava para a oração*. Em consonância com versões antigas, alguns lêem *do louvor em vez de do começo* (as duas palavras hebr. são bem próximas). A frase, apesar do seu caráter pouco claro, significa que o personagem tinha o encargo de começar a celebração do louvor e da oração.

¹⁹Os porteiros: Aquib, Talmon, e os irmãos deles, guardas das portas: 172.

²⁰O resto de Israel, com sacerdotes e levitas, estabeleceu-se em todas as cidades de Judá, cada qual em seu patrimônio. ²¹Os doados moravam no Ôfel^m; Tsiḥá e Guishpá eram chefes dos doados. ²²O inspetor dos levitas em Jerusalém era Uzi, filho de Bani, filho de Hashabiá, filho de Mataniá, filho de Miká, dentre os filhos de Asaf; eles eram os cantores em atividade na Casa de Deus. ²³Com efeito, havia uma ordem do rei no tocante a eles e um acordo^a a respeito dos cantores, dia por dia. ²⁴Petahiá, filho de Meshezabel, dentre os filhos de Zérah, filho de Judá, estava ao lado do rei^o para tudo o que dizia respeito ao povo.

²⁵Da banda das aldeias no campo, filhos de Judá habitaram em Qiriat-Arbá e suas redondezas^p, em Dibon e seus arredores, em Ieqabseel e suas aldeias, ²⁶em Josué, em Molada, em Bet-Pélet, ²⁷em Ḥaṣar-Shual, em Beer-Sheba e seus arredores, ²⁸em Tsiqlag, em Mekoná e suas redondezas, ²⁹em En-Rimon, em Šoreá, em Iarmut, ³⁰em Zanôah, em Adulâm e suas aldeias, em Lakish e na sua região campestre, em Azeqá e suas redondezas. Estabeleceram-se desde Beer-Sheba até o vale de Hinom^q.

³¹Os filhos de Benjamin estabeleceram-se desde Gueba, em Mikmás, em Ai, Betel e seus arredores, ³²em Anatot, em

Nob, em Ananiá, ³³em Ḥaḥor, em Ramá, em Guitáim, ³⁴em Ḥadid, em Šeboim, em Nebalat, ³⁵em Lod e em Onô, no vale dos Operários. ³⁶Dentre os levitas, alguns das regiões de Judá foram a Benjamin^r.

12 Sacerdotes e levitas. ¹Eis os sacerdotes e os levitas que chegaram^s com Zorobabel, filho de Shealtiel, e Josué: Seraia, Iirmia, Ezrá^t, ²Amariá, Maluk, Ḥatush, ³Shekaniá, Rehum, Meremot, ⁴Idô, Guinetoi^u, Abiá, ⁵Miamin, Maadiá, Bilgá, ⁶Shemeiá, e Ioarib, Iedaia, ⁷Salu, Amoq, Ḥilqiá, Iedaia. Eram os chefes dos sacerdotes e dos irmãos deles, no tempo de Josué.

⁸Os levitas: Josué, Binui, Qadmiel, Sherebiá, Judá, Mataniá, ele e seus irmãos, encarregados dos cantos de louvor. ⁹Baqbuqia e Uni, seus irmãos, a serviço deles^s para as guardas.

¹⁰Josué gerou Ioiaqim, Ioiaqim gerou Eliashib, e Eliashib gerou Ioiaad. ¹¹Ioiaad gerou Ionatan^o, Ionatan gerou Iadua.

¹²No tempo de Ioiaqim, os sacerdotes chefes das famílias eram: para Seraia, Meraia; para Iirmia, Ḥanania; ¹³para Ezrá, Meshulâm; para Amariá, Ichohanan; ¹⁴para Meliku^o, Ionatan; para Shebaniá^o, Iosef; ¹⁵para Haram, Adná; para Meraiot^o, Ḥelqai; ¹⁶para Idô, Zekariá; para Guineton, Meshulâm; ¹⁷para Abiá, Zikri; para Miniamin^o,...; para Moadia^b, Piltai; ¹⁸para Bilgá, Shama, para Shemaia, Ichona-

m. Cf. 3.26 e nota.

n. A palavra designa algo de firme, e já deparamos com ela em 10.1 (um acordo firme). Alguns a traduzem com *salário* fixado, mas é pouco provável. Qual era o rei mencionado neste v.? Seria Davi (o qual, segundo 1Cr 25, havia organizado o pessoal do Templo)? Ou o rei da Pérsia (que havia autorizado Esdras e Neemias a reorganizar o serviço do Templo, cf. Esd 7.21-24)? O texto não especifica.

o. A expressão designa os que representavam os interesses do povo na corte real.

p. Aqui e na sequência, lit. e suas filhas, isto é, as aldeias dependentes da cidade citada.

q. O vale que margeia a colina de Jerusalém a oeste e a sudeste. Em hebr. *gê-hinnom*: o vale de Hinom (palavra que resultou em: a geena).

r. A frase é pouco explícita. Lit. E dentre os levitas, as porções de Judá, em Benjamin — o que alguns têm interpretado assim: entre os levitas, parte estava em Judá e (outra) em Benjamin; este sentido corresponderia à leitura do texto feita por

algumas antigas versões que corrigiram ligeiramente o hebr.

s. Lit. *subiram*.

t. Não se trata de Esdras, mas de outro personagem que figura na lista de Ne 10.3, sob o nome de Azariá.

u. O nome verdadeiro parece ser *Guineton* (cf. v. 16, e 10.7).

v. Lit. *em frente deles*.

w. Este nome deveria ser Iohanan, segundo o v. 22 e outras testemunhas. Nota-se que esta linha é posterior à época de Neemias, pois no tempo dele o sacerdote era Eliashib, depois Ioiaad (13.28), ao passo que aqui se indicam os descendentes deste último duas gerações mais tarde.

x. Corresponde ao *Maluk* do v. 2. O nome de *Ḥatush*, que também figura no v. 2, não é mencionado aqui.

y. É o *Shekaniá* do v. 3.

z. Variantes dos nomes: *Harim* (para *Rehum* do v. 3) e *Meraiot* (para *Meremot* do v. 3).

a. Lacuna do texto, o qual não indica nome de sacerdote para o personagem denominado *Miniamin*.

b. *Maadiá* no v. 5.

tan; ¹⁹para Ioiarib, Matenai; para Iedaíá, Uzi; ²⁰para Salai^c, Qalai; para Amoq, Éber; ²¹para Híliqíá, Hashbaíá; para Iedaíá, Netanel.

²²No tempo de Eliashib, de Ioiadá, de Iohanan e de Iadua, os levitas, chefes de famílias, assim como os sacerdotes, foram inscritos até ao reinado de Dario, o Persa^d.

²³Os filhos de Levi, chefes de famílias, foram inscritos no livro dos Anais, até ao tempo de Iohanan, filho de Eliashib^e.

²⁴Os chefes dos levitas eram: Hashabiá, Sherebiá e Josué, filho de Qadmiel^f, e os irmãos deles, diante deles, para cantar os louvores e as ações de graças, segundo a ordem de Davi, homem de Deus, cada um segundo o turno de serviço: ²⁵Mataniá, Baqbuqíá, Obadiá, Meshulâm, Talmon e Aqub, guardas-porteiros, para a guarda que se montava ao limiar das portas. ²⁶Esses estavam em serviço no tempo de Ioiáqim, filho de Josué, filho de Iosadaq, e no tempo de Neemias, o governador, e de Esdras, o sacerdote-escriva.

Dedicação da muralha. ²⁷Para a dedicação da muralha de Jerusalém, foram procurados os levitas em todos os seus locais de residência, para fazê-los vir a Jerusalém, a fim de celebrar alegremente a dedicação, com louvores e cantos^g, címbalos, liras e harpas. ²⁸Os filhos dos cantores^h reuniram-se desde a região dos arredores de Jerusalém e desde as aldeias dos netofatitas, ²⁹desde Bet-Guilgal e a região campestre de Guebá e de Azmávet, pois os cantores haviam construído para si aldeias nas redondezas de Jerusalém. ³⁰Os sacerdotes e os levitas purificaram-se e purificaram o povo, as portas e a muralha.

³¹Fiz os chefes de Judá subiremⁱ sobre a muralha e formei dois grandes coros. Um deles caminhou para a direita^j sobre a muralha pela porta da Esterqueira^k.

³²Atrás deles caminhavam Hoshaiá e a metade dos chefes de Judá; ³³Azariá, Ezrá, Meshulâm, ³⁴Iehudá, Biniamin, Shemaíá e Iirmiá, ³⁵dentre^l os filhos dos sacerdotes, com trombetas; Zekariá, filho de Ionatan, filho de Shemaíá, filho de Mataniá, filho de Mikaiá, filho de Zakur, filho de Asaf, ³⁶e seus irmãos, Shemeiá, Azarel, Milalai, Guilalai, Maai, Netanel, Judá e Hanani, com os instrumentos de música de David, homem de Deus. Esdras, o escriba, estava diante deles. ³⁷Na porta da Fonte, diante deles, eles subiram os degraus da cidade de Davi, pela subida da muralha, em cima da casa de Davi e até à porta das Águas, a leste.

³⁸O segundo coral caminhou para a esquerda^m, e eu mesmo estava atrás dele, assim como a metade dos chefesⁿ do povo sobre a muralha, acima da torre dos Fornos e até a Muralha Larga, ³⁹e acima da porta de Efraim, da porta da Ieshaná, da porta dos Peixes, da torre de Hananel e da Torre dos Cem, até à porta das Ovelhas. Paramos na porta da Guarda. ⁴⁰Os dois coros pararam a seguir na Casa de Deus, assim como eu mesmo, a metade dos magistrados que estavam comigo, ⁴¹e os sacerdotes Eliaqim, Maaseiá, Miniamin, Mikaiá, Elioenai, Zekariá, Hananiá, com trombetas, ⁴²e Maaseiá, Shemaíá, Eleazar, Uzi, Iehohanan, Malkiá, Elâm e Ézer. Os cantores fizeram-se ouvir, com o inspetor Iizraiá.

⁴³Naquele dia ofereceram-se grandes sacrifícios e se festejou na alegria, pois Deus lhes havia dado uma grande alegria. Jubilavam também as mulheres e

c. Salu no v. 7.

d. Houve vários reis da Pérsia com o nome Dario; segundo a cronologia de Neemias, aqui deve ser Dario III (335-331).

e. Segundo os vv. 10-11 e 22, Iohanan era o neto de Eliashib. f. O texto traz *filho de* (ben em hebr.), mas segundo as outras listas análogas talvez se deva ver aqui uma inexactidão para a palavra *Binui* (cf. 12,8; 10,10).

g. Poder-se-ia também interpretar: *através de louvores e através do som* dos címbalos, das liras, etc.

h. Isto é: os cantores, os que faziam parte deste grupo.

i. O texto retoma a 1ª pessoa do singular, no estilo das memórias de Neemias.

j. Isto é, para o sul.

k. Quanto ao nome das portas e das torres, cf. cap. 3.

l. O texto traz: e dentre os filhos dos sacerdotes.

m. Para o norte.

n. O texto diz: *assim como a metade do povo*, mas trata-se da metade dos chefes do povo, segundo os vv. 31 e 32.

as crianças, e a alegria de Jerusalém foi ouvida de longe.

⁴⁴Naquele dia, estabeleceram-se homens para guardar as salas destinadas aos depósitos provenientes dos recolhimentos das primícias e dos dízimos^a, a fim de ali recolher, providas do campo ao redor das cidades, as porções fixadas pela Lei para os sacerdotes e os levitas. Com efeito, Judá se regozijava dos sacerdotes e dos levitas em serviço, ⁴⁵que observavam o que dizia respeito ao serviço do seu Deus e ao serviço da purificação, enquanto os cantores e os porteiros seguiam a ordem de David e de Salomão, seu filho.

1Cr 23: 25: 26

⁴⁶Pois outrora, no tempo de David e de Asaf, havia chefes dos cantores^b e cantos de louvor e de ação de graças a Deus.

2Cr 29,30

⁴⁷Todo Israel, no tempo de Zorobabel e no tempo de Neemias, dava as porções que cabiam aos cantores e aos porteiros, dia por dia, e depois as coisas consagradas que cabiam aos levitas; e os levitas davam as coisas consagradas que cabiam aos filhos de Aarão.

13 Reformas efetuadas por Neemias.

¹Naquele tempo, deu-se leitura ao livro de Moisés na presença do povo^c, e ali estava escrito que o amonita e o moabita jamais entrariam na assembléia de Deus^d, ²porque eles não foram ao encontro dos filhos de Israel com pão e água, e porque Moab pagara^e Bileã contra eles, para maldizê-los; mas o nosso Deus mudou a maldição em bênção^f. ³Ao ouvirem esta lei, separaram de Israel todo homem de sangue mesclado^g.

Dt 23,3-6

⁴Antes disso, o sacerdote Eliashib havia sido encarregado das salas da Casa do nosso Deus; ele era parente próximo de Tobia^h, ⁵e havia preparado para ele uma

grande sala onde se depositavam, antes, as oferendas, o incenso, os utensílios, o dízimo do trigo, do vinho novo e do azeite, o que estava destinado aos levitas, aos cantores e aos porteiros, da mesma forma que a parte reservada em tributo para os sacerdotes.

⁶Durante todo esse tempo, eu não estava em Jerusalém, pois no trigésimo segundo ano de Artaxerxes, rei da Babilôniaⁱ, eu retornara para junto do rei. Mas depois de algum tempo, pedi a permissão do rei ⁷e voltei a Jerusalém; dei-me conta do mal que havia feito Eliashib, por causa de Tobia^j, preparando-lhe uma sala nos átrios da Casa de Deus. ⁸Irritei-me muito com isto e fiz tirar da sala todos os objetos da casa de Tobia^j. ⁹Depois mandei purificar as salas e reconduzir para ali os utensílios da Casa de Deus, as oferendas e o incenso.

¹⁰Fui também informado de que as porções dos levitas não haviam sido dadas e que os levitas e os cantores que faziam o serviço tinham ido embora, cada um para o seu campo. ¹¹Censurei os magistrados e lhes disse: "Por que a Casa de Deus está abandonada?" — Em seguida os reuni^k e os restabeleci em seu posto. ¹²Então todo Judá trouxe o dízimo do trigo, do vinho novo e do azeite para pôr nos depósitos. ¹³Dei ordem^l de confiar esses depósitos à guarda do sacerdote Shelemiá, do escriba Şadoq e de Pedaiá, um dos levitas, assistidos por Hanan, filho de Zakur, filho de Mataniá, pois eram considerados homens fiéis. A eles cabia fazer a repartição aos seus irmãos.

¹⁴Lembra-te de mim, meu Deus, por causa disso, e não apagues a fidelidade com a qual agi em favor da Casa do meu Deus e do seu serviço^m.

a. Outra tradução possível: *das salas destinadas aos tesouros, às contribuições, às primícias e aos dízimos.*

b. Texto incerto. Segundo as antigas versões, dever-se-ia ler: *Pois no tempo de David, Asaf era outrora chefe dos cantores.* q. Lit. *nos ouvidos do povo.*

r. Cf. Dt 23,3-6.

s. Lit. *ele havia pago*, pois se trata exclusivamente de Moab. As antigas versões têm o plural.

t. Cf. Nm 22-24.

u. Lit. *todo* (homem) *mesclado* (isto é, de raças diversas).

v. No ano de 432 a.C. Os reis da Pérsia também tinham sua residência na Babilônia.

w. Trata-se dos levitas e dos cantores.

x. Segundo uma leitura das antigas versões. O texto traz uma palavra da mesma raiz que o termo traduzido por *depósito*, que vem logo a seguir; mas este termo só figura aqui e se aproxima muito do verbo *ordenar*, dar ordem.

y. Ou: *para sua guarda.*

¹⁵Naqueles dias vi, em Judá, gente pisando uvas nos lagares durante o sábado, ou carregando molhos para dentro e transportando sobre jumentos vinho, uva, figos e todo tipo de outras cargas, para levá-las a Jerusalém durante o dia do sábado. Censurei-os, no dia em que vendiam os seus gêneros alimentícios. ¹⁶Os cidadãos de Tiro^a que moravam na cidade faziam vir peixe e todo tipo de mercadorias, que durante o sábado vendiam aos filhos de Judá e em Jerusalém. ¹⁷Censurei os notáveis de Judá e lhes disse: “Que ação má estais cometendo ao profanar o dia do sábado? ¹⁸Não foi assim que agiram vossos pais? Então nosso Deus fez vir sobre nós^a, bem como sobre esta cidade, toda esta infelicidade. Mas vós, ao profanardes o sábado, agravais a cólera de Deus contra Israel!”

¹⁹Quando as portas de Jerusalém começavam a ficar na sombra antes do sábado^b, mandei fechar as folhas e ordenei que não as abrissem até passar o sábado. Instalei alguns dos meus servidores nas portas para que^c não entrasse nenhuma carga durante o dia do sábado. ²⁰Os comerciantes e os vendedores de todos os tipos de mercadorias passaram a noite, uma ou duas vezes, fora de Jerusalém. ²¹Adverti-os e disse-lhes: “Por que passais a noite diante da muralha? Se recomeçardes, por-vos-ei a mão!” A partir daquele momento não vieram mais durante o sábado. ²²Em seguida, ordenei aos levitas que se purificassem para guardar as portas, a fim de santificar o dia do sábado. Também por causa disso, lembra-te de mim, meu Deus; tem

piedade de mim segundo a tua grande fidelidade!

²³Foi também nessa época que vi judeus que haviam desposado^d mulheres de Ashdod, de Amon e de Moab; ²⁴a metade dos filhos deles falavam a língua de Ashdod, e nenhum sabia falar o idioma judaico, mas apenas a língua de um povo ou de outro^e. ²⁵Censurei-os e os maldisse; bati em alguns dentre eles e lhes arranquei os cabelos; depois fi-los jurar em nome de Deus: “Não deis as vossas filhas aos filhos deles, e não tomeis filhas deles para vossos filhos e para vós!” ²⁶Não foi por causa disso que pecou Salomão, rei de Israel? Entre as numerosas nações, não houve rei como ele; era amado por seu Deus, e Deus o havia feito rei sobre todo Israel. E no entanto, justamente ele foi arrastado ao pecado^f pelas mulheres estrangeiras! ²⁷Temos agora de ouvir que vós também cometeis esta falta tão grave de serdes infieis ao nosso Deus, desposando^g mulheres estrangeiras?”

²⁸Um dos filhos de Ioiadá, filho do sumo sacerdote Eliashib, tornara-se genro de Sanbalat, o *horonita*^h. Mandeí-o para longe de mim!

²⁹Lembra-te deles, meu Deus, porque macularam o sacerdócio e a aliança com o sacerdócioⁱ e os levitas!

³⁰Purifiquei-os de todo estrangeiro, e restabeleci as funções^j referentes aos sacerdotes e aos levitas, cada um em sua tarefa; ³¹restabeleci também as oferendas de lenha^k, nas épocas fixadas, assim como as primícias.

Recorda-te de mim, meu Deus, para o bem!”

z. Alguns corrigem para: *pescadores*. Mas os cidadãos de Tiro eram conhecidos pelo seu comércio marítimo e podiam muito bem vir a Jerusalém para vender suas mercadorias.

a. O gr. acrescenta: *sobre eles e (sobre nós)*.

b. O sábado começa ao pôr do sol.

c. As palavras *para que* faltam na maioria dos mss. Poder-se-ia também traduzir: *e não entrará nenhuma carga...*

d. Lit. *que tinham feito habitar*.

e. As últimas palavras — *mas apenas a língua de um povo ou de outro* — não figuram no gr. Seu lugar lógico seria preferivelmente após as palavras *falavam a língua de Ashdod...* Poder-se-ia também interpretar: *nenhum deles demonstrava saber falar o*

judaico ou a língua de um povo ou de outro.

f. Cf. IRs 11,1-13.

g. Cf. v. 23 nota.

h. Cf. 2,19; 4,1 e 7; 6,1 etc.

i. Ou: *a aliança dos sacerdotes*, segundo um ms. e antigas versões.

j. Ou: *os regulamentos*.

k. Cf. 10,35.

l. Isto é, *pelo bem que tenho feito*, ou: *de uma forma boa, favorável*. O livro de Neemias termina aqui de maneira abrupta, sem outros detalhes sobre os acontecimentos que se seguiram ou sobre a atividade de Neemias.

CRÔNICAS

INTRODUÇÃO

Os dois livros das Crônicas trazem, na Bíblia hebraica, um título que se poderia traduzir por *Palavras (ou Atos) dos dias*, isto é: *livro dos atos diários referentes a uma história ou ainda, segundo São Jerônimo: Crônica de toda a história divina, nome que se perpetuaria sob a forma de livros das Crônicas. Segundo a tradução grega, o nome, longamente conservado na tradição da Igreja, foi: Paralipômenos, palavra grega que significa: coisas deixadas de lado, ou ainda: coisas transmitidas à parte, termo aplicável ao conteúdo destes livros, considerados como complementos aos livros de Samuel e dos Reis. Com efeito, veremos que os relatos dos livros das Crônicas retomam em grande parte os relatos dos livros de Samuel e dos Reis, com outros elementos complementares, numa perspectiva histórica e teológica diferente.*

A divisão em dois livros é artificial, visto que não existe corte entre eles. Em sua origem, constituem um único livro, da mesma forma que os dois livros de Esdras e de Neemias. Aliás, este conjunto Crônicas-Esdras-Neemias forma um todo, como mostram os últimos versículos das Crônicas (2Cr 36,22-23), reproduzidos textualmente nos primeiros versículos de Esdras (1,1-3). Em consequência de circunstâncias desconhecidas, o lugar desses livros foi modificado no cânon da Bíblia hebraica, no qual as Crônicas são os últimos da coletânea, depois de Esdras-Neemias, quando na realidade deveriam precedê-los. É possível que os livros das Crônicas tenham sido recebidos no cânon judaico depois de Esdras-Neemias, porque repetiam Samuel-Reis. A ordem lógica foi restabelecida nas versões antigas e com frequência também nas traduções modernas.

Plano. Os livros das Crônicas constituem um vasto panorama histórico que remonta à criação da humanidade e que se prolonga até o séc. V a.C., depois da volta do exílio da Babilônia. É a mais longa sequência historiográfica da Bíblia, dado que o relato histórico contido nos livros que vão do Deuteronômio ao final dos livros dos Reis (frequentemente chamado: história deuteronômista)

só cobre o período cujo ponto de partida é a conquista de Canaã, e o ponto de chegada, o exílio de Babilônia.

O conteúdo desta história é dividido em quatro seções:

1) 1Cr 1-9: listas genealógicas desde Adão até David, passando pelas 12 tribos de Israel. Algumas destas listas se prolongam até depois da época de David.

2) 1Cr 10-29: reinado de David, desde a morte de Saul até a morte de David.

3) 2Cr 1-9: reinado de Salomão.

4) 2Cr 10-36: história do reino de Judá, desde a morte de Salomão até o exílio da Babilônia, pouco antes da época do retorno a Jerusalém. A continuação deste relato, referente ao retorno e à restauração do judaísmo depois do Exílio, encontra-se nos livros de Esdras e Neemias.

Autor e data. Geralmente atribui-se o conjunto Crônicas-Esdras-Neemias a um mesmo autor, cujo nome é desconhecido e que é chamado o Cronista. A opinião que vê nesses livros a obra de vários autores não é seguida, e as diferenças que aparecem na composição das várias partes desta obra explicam-se naturalmente pela maneira como o autor utiliza os elementos diversificados que lhe serviram de fontes.

A data da redação final da obra é delimitada pelos acontecimentos que aí se narram. A atividade de Esdras e Neemias situa-se essencialmente no séc. V, e talvez no começo do séc. IV a.C. (ver a Introdução aos livros de Esdras e Neemias). Por isso não é possível fazer a redação remontar a uma época anterior a meados do séc. IV, ou seja, 350-330 a.C.

Por outro lado, não parece que se possa descer a uma época muito posterior da história do judaísmo, como seja o período em que os judeus conheceram as provas da perseguição e da guerra, sob os Macabeus, no século II a.C. Parece mais indicado situar a obra do Cronista no período relativamente calmo e tranqüilo que precede o tempo das provações, ou seja, entre 330 e 250

a.C. Ainda que existam algumas adições redacionais de data ulterior à obra do Cronista, parece difícil atribuir ao conjunto dos livros uma data mais recente do que 200 a.C., embora nenhum indício preciso permita chegar com certeza a uma conclusão mais satisfatória.

Composição e método de redação. Se ignoramos o autor das Crônicas e a data precisa da conclusão de sua obra, conhecemos bem a maneira pela qual ele realizou seu trabalho de redação e de composição literária. Este é o único livro do Antigo Testamento que mostra claramente a maneira pela qual foi composto.

Na realidade, o autor não redigiu um relato que lhe tivesse sido inspirado por seus conhecimentos da história antiga do seu povo. Ele reproduz fielmente certo número de documentos que tem diante de si, reordenando-os às vezes em função do objetivo de sua obra e modificando-os de acordo com outros documentos que conhece ou de acordo com a idéia que tinha da história e de seu significado. Além disso, toma o cuidado — o que era raro em sua época — de citar suas fontes, dando-nos assim informações preciosas, ainda que incompletas e por vezes difíceis de precisar.

Ele menciona¹:

- o livro dos reis de Judá e de Israel (2Cr 16,11)
- o livro dos reis de Israel e de Judá (2Cr 27,7)
- o livro dos reis de Israel (1Cr 9,1)
- os atos dos reis de Israel (2Cr 33,18)
- o comentário (ou midrash) ao livro dos Reis (2Cr 24,27)
- os anais do rei David (1Cr 27,24)
- as palavras (ou atos) do vidente Samuel (1Cr 29,29), do profeta Natã (1Cr 29,29), do vidente Gad (1Cr 29,29), do profeta Shemaia e do vidente Idô (2Cr 12,15), de Iehu, filho de Hanani (2Cr 20,34), de Hozai (2Cr 33,19)
- a profecia de Ahia de Shilô (2Cr 9,29)
- a visão do vidente Idô (2Cr 9,29), do profeta Isaías, filho de Amôš (2Cr 32,32).
- o comentário ou midrash do profeta Idô (2Cr 13,22)
- um documento escrito do profeta Isaías, filho de Amôš (2Cr 26,22).

É provável que vários destes títulos designem documentos idênticos, com algumas variantes na formulação de seus títulos. Apesar da variedade de opiniões dos comentadores, é possível identificar pelo menos três grupos de documentos de que o Cronista se serviu; antes de mais nada, os livros de Samuel e dos Reis, dos quais às vezes reproduz textualmente relatos inteiros; em seguida, outro documento histórico, hoje perdido, que continha elementos que o Cronista utilizou para completar os livros anteriores (talvez seja aquele designado com o termo *midrash* ou comentário ao livro dos Reis); por fim, um grupo de documentos que contém diversas tradições proféticas, que o Cronista menciona de maneira pouco precisa, e que provêm ou dos livros de Samuel e dos Reis (tradições sobre Samuel), ou dos livros proféticos (Isaías), ou de outras fontes que hoje desconhecemos.

A todos estes materiais, que constituem o essencial dos relatos, é mister acrescentar outros elementos utilizados pelo Cronista sem indicação de origem e sem referências precisas. Em geral, são textos que provêm de outros livros do Antigo Testamento, que o autor conhecia muito bem e aos quais freqüentemente se reportava. Suas listas genealógicas são tiradas, em grande parte, dos dados da mesma natureza fornecidos pelo Gênesis, Êxodo, Números, Josué, Rute. Há capítulos que reproduzem total ou parcialmente textos litúrgicos tirados do Saltério (1Cr cita os Salmos 105; 96; 106).

Levando em consideração a contribuição pessoal do Cronista a sua obra, pois não se trata de simples compilação de documentos anteriores, e admitindo, como é possível, que algumas adições mais tardias tenham sido juntadas à obra já acabada, constata-se que os livros das Crônicas representam, na literatura bíblica, a única obra em que se pode analisar tão de perto a composição e o método de redação.

Que método? Sem entrar em detalhes dos relatos, mas estabelecendo uma comparação geral entre os livros de Samuel e Reis e os livros das Crônicas, é possível explicitar alguns princípios diretores seguidos pelo Cronista na composição da obra. Em primeiro lugar, ele procedeu por

1. Aqui se trata apenas das fontes relativas aos dois livros das Crônicas. Para os de Esdras e Neemias, consultar a Introdução respectiva.

eliminação, conservando de suas fontes apenas o que queria narrar, de acordo com a idéia que fazia de sua obra. A história do reinado de David e de sua dinastia foi para ele a verdadeira história do povo de Deus e de seus destinos. Consequentemente, tudo o que se referia à história do reino de Israel depois do cisma não lhe interessava; relegou ao silêncio toda esta parte e só narrou a história do reino de Judá e de sua capital, Jerusalém. De modo análogo, deixou de lado certo número de acontecimentos e fatos que não lhe pareciam muito importantes para evidenciar a glória dos reinados de David e de Salomão, ou que lhes fossem desfavoráveis (o adultério de David, a revolta de Absalão, o luxo e a idolatria do fim do reinado de Salomão). Tal método explica, em parte, as lacunas que não se pode deixar de constatar nesta obra histórica (não se alude ao exílio de Babilônia; períodos bastante longos da história entre o Exílio e a restauração de Esdras e Neemias — mais de um século — não são mencionados).

Vem a seguir a tarefa de adaptação que o Cronista levou a cabo, utilizando materiais que lhe serviam de fontes. Em razão quer de sua falta de interesse pela cronologia exata, quer das opiniões teológicas que o guiaram em seu relato, apresentou os fatos como o faria uma testemunha que os apresentasse à luz de sua própria personalidade e de sua época.

As desgraças dos reis e dos povos são sempre explicadas por uma desobediência a Deus; pelo contrário, as bênçãos concedidas por Deus são sempre fruto do zelo e da fidelidade dos personagens com relação ao Templo e ao culto. As modificações de ordem cronológica são sempre difíceis de explicar, mas parecem obedecer a razões mais teológicas do que históricas (particularmente nos livros de Esdras e Neemias). Pode-se falar das Crônicas, como às vezes se faz, como escritos "tendenciosos"? Isto equivaleria a fazer um julgamento pejorativo e injusto do autor, que se preocupou mais em apresentar uma "teologia da história" do que em fazer uma exposição histórica objetiva e completa. Sua obra é menos a de um historiador, em sentido moderno, e mais a de um crente ou teólogo que vê na história o testemunho da ação permanente de Deus e a imagem, certamente ainda imperfeita, mas real, do Reino de Deus.

Por fim, o método de composição comporta um trabalho destinado a completar os dados fornecidos pelas fontes principais, isto é, os livros de Samuel e dos Reis. Graças a outros documentos, a tradições escritas, ou mesmo orais, o Cronista dá detalhes complementares sobre certos aspectos da história do povo que não se encontram nos outros livros do cânon bíblico e que, desta forma, são muito preciosos para um melhor conhecimento desta história. Mesmo se algumas passagens de seu texto exprimem suas reflexões pessoais e sua concepção das coisas, o mesmo não se pode dizer de numerosos pormenores que não podem ser obra de sua imaginação criadora, mas que ele encontrou em fontes que não mais conhecemos.

Além disso, podemos saber como ele tratava suas fontes, comparando as passagens de sua obra com seus paralelos em Samuel-Reis. Embora certos retoques teológicos ou literários sejam perceptíveis aqui e ali, as variantes geralmente são de ordem accidental: o Cronista conheceu o texto hebraico de Samuel-Reis num estado mais antigo que nosso texto atual, e tanto Samuel-Reis como as Crônicas sofreram inevitáveis falhas de copistas. A comparação desses textos em seu estado presente nos dá preciosas informações sobre os acidentes de transmissão possíveis nos outros livros da Bíblia. Ela nos mostra, ao mesmo tempo, que o Cronista geralmente copiava de suas fontes com grande fidelidade. Mas orientava o conjunto do relato por meio de hábeis incisões ou por judiciosos empréstimos a outras fontes complementares.

Em última análise, o método de composição literária do Cronista está estreitamente ligado à sua concepção da história e às suas convicções teológicas que expomos a seguir.

Teologia do autor das Crônicas. A análise do conteúdo dos dois livros das Crônicas permite explicitar e sublinhar os aspectos teológicos mais importantes desta obra, ainda que não se possa pretender conhecer a teologia do Cronista em sua totalidade.

Há uma evidência que se impõe logo de saída: a importância e o lugar central da história da realeza davídica. Tudo o que antecedeu a história de David é reduzido a um conjunto de listas genealógicas que retrocedem até Adão (caps. 1-9), e a ligação com David se faz apenas por um breve capítulo (cap. 10) sobre a morte de Saul, cuja

realiza foi rejeitada por Deus em benefício da de David. Todo o fim do primeiro livro é consagrado a esta (caps. 11–29). Mas se se compararam estes relatos com outros paralelos dos livros de Samuel e dos Reis, não se pode deixar de constatar as diferenças. Tudo o que se refere à infância, à juventude e aos anos da vida errante de David em conflito com Saul é deixado de lado, da mesma forma que seus sete anos e meio de reinado sobre Judá em Hebron, enquanto as outras tribos de Israel conheciam o reinado movimentado de um filho de Saul, Ishbôset. Além disso, todos os acontecimentos familiares referentes à corte do rei, o comportamento do próprio rei no caso de Bat-Sheba, mulher de Uriá, as rivalidades de seus filhos por causa de sua sucessão, a revolta de Absalão, em resumo, tudo aquilo que dá aos caps. 9–23 de 2Sm o caráter vivo e realista de um relato sobre a vida de uma corte real oriental não se encontra nas Crônicas. Sem dúvida, a figura do rei David continua muito humana, mas idealizada. Tudo contribui para mostrar nele o rei segundo a vontade de Deus, o rei que permanecerá à testa de uma dinastia sem fim, sobretudo o rei que consagrou sua vida a fazer de Jerusalém uma capital e uma Cidade Santa e a preparar, até nos mínimos detalhes, a construção do Templo e a organização do culto, que doravante será ali celebrado. Às vezes, chegou-se a estabelecer uma espécie de paralelo entre a figura de Moisés na tradição “sacerdotal” do Pentateuco e a de David nas Crônicas. Com efeito, há certa semelhança entre estes dois homens que são apresentados — em épocas muito diferentes — como chefes e legisladores do povo, em nome de Deus.

Na sequência dos relatos, o rei Salomão aparece como uma figura idealizada, a exemplo de David. A seu respeito, nada se conserva de desfavorável, nem a eliminação brutal de seus rivais no início de seu reinado, nem o luxo, a idolatria e a vida dissoluta da corte real no fim de seu reinado. Salomão é o rei que construiu o Templo seguindo as indicações e os preparativos minuciosos de seu pai, David. A dedicação do Templo assume uma solenidade e amplitude que não se encontra no livro dos Reis.

O Templo e o culto estão no centro das preocupações do Cronista, e pode-se até perguntar se o principal objetivo de sua obra não é precisamente o de apresentar uma história do Templo de Jeru-

salém, a Cidade Santa, e do culto que aí deve ser celebrado. Nas genealogias do início, as listas referentes a Judá e Benjamin são as mais desenvolvidas; é que são as da família de David e do território de Jerusalém. A história dos sucessores de David e Salomão está centrada no Templo, e os desenvolvimentos mais importantes são os que se referem aos reis cuja maior preocupação foi a de restaurar o Templo ou reformar o culto: Asá (2Cr 14–16), Josafat (caps. 17–20), e sobretudo Ezequias (caps. 29–32) e Josias (caps. 34–35). Logo depois da volta do Exílio, encontra-se a mesma preocupação que aparece nos livros de Esdras e Neemias: restauração do altar sobre as ruínas do Templo (Esd 3), reconstrução do Templo (Esd 4–6), da Cidade Santa (Ne 1–4) e restauração do culto (Ne 8–9).

Da mesma forma, o Cronista cerca de especial predileção os ministros do culto, todos membros da tribo de Levi, sejam eles sacerdotes, descendentes de Aarão, sejam levitas, descendentes de outros clãs da mesma tribo. Enquanto todo o Pentateuco mencionava os sacerdotes 27 vezes, alcançam-se o recorde de 53 vezes para Esdras-Neemias e de 76 vezes para as Crônicas. Aplicando o que se estabelece em Lv 1,5 e em Nm 10,8, são os sacerdotes os encarregados de fazer soar as trombetas (1Cr 15,24; 2Cr 13,12) e de verter sobre o altar o sangue das vítimas imoladas (2Cr 30,16). Mas os levitas não são simples empregados subalternos: transportam a arca, são porteiros e guardiães do Templo, desempenham as funções de cantores e músicos; em certas circunstâncias, chegam a participar, juntamente com os sacerdotes, da preparação (não da oferta) dos sacrifícios (2Cr 29,34; 30,16–17).

As cerimônias exprimem, nos relatos que as expõem, acentos de alegria, louvor e reconhecimento, e isto faz supor que o próprio Cronista pode ter sido um levita ou tenha querido restabelecer suas funções às vezes depreciadas.

Outra hipótese a considerar: o autor das Crônicas teria querido, com sua obra, enfatizar a legitimidade exclusiva do Templo e do culto em Jerusalém diante das tentativas feitas por alguns de estabelecer outros santuários e justificar outras cerimônias cultuais no passado, mas também na época do Cronista. Seu relato teria uma perspectiva polêmica, particularmente contra os samaritanos ou os que estiveram na origem deste cisma.

cuja data exata é ignorada. Assim se explicaria o silêncio sistemático do Cronista sobre toda a história do reino de Israel depois do cisma que se seguiu à morte de Salomão. Só o reino de Judá, com a dinastia davídica era legítimo; e os soberanos do reino do Norte, com Samaria, sua capital, e suas cerimônias cultuais contaminados pelo culto dos baalim, eram cismáticos, que não podiam pretender representar o verdadeiro povo de Deus. Por estas mesmas razões se explicariam também os conflitos, no tempo de Esdras e Neemias, com o "povo da terra", que queria ajudar na reconstrução de Jerusalém e que foi impedido pelos descendentes dos exilados, os quais se consideravam os verdadeiros representantes do povo de Deus (Esd 4; Ne 2,19-20; 4; 6).

Estes diferentes aspectos da obra do Cronista conduzem, do ponto de vista teológico, a uma visão sintética que bem pode ser expressa pelo termo teocracia. Para o autor, a história do povo de Deus, na comunidade judaica em que ele vive, é como que a imagem ideal do reino teocrático estabelecido por Deus, à testa do qual foi posto David. Na realidade, Deus é o único rei verdadeiro, e David assenta-se no trono de Deus. Através da realidade terrestre da história passada, o Cronista descreve o reino de Deus tal como podia ser representado na sua época: o culto no Templo único de Jerusalém, a Cidade Santa, exprimia a fidelidade, o júbilo, o louvor do povo a seu Rei, sobretudo graças aos sacerdotes e aos levitas; a obediência à Lei de Deus era a primeira obrigação do povo na vida diária; a relação constante entre Deus e seu povo traduz-se por uma noção de retribuição levada ao grau mais absoluto. A justiça de Deus quer que toda fidelidade — sobretudo da parte dos reis no trono de Jerusalém — receba sua bênção, mas também que toda falta e toda desobediência, particularmente no que se refere ao Templo e ao culto, acarretem a punição

divina. Doutrina tão rigorosa aparece ao longo de toda a história dos reis, sucessores de David, e enquanto os livros dos Reis nada dizem dos motivos da felicidade ou desgraça do povo, os livros das Crônicas se esforçam por dar uma justificação teológica segundo sua noção de justiça retributiva de Deus. Se Manassés gozou de um longo reinado, apesar das suas faltas, é porque se arrependeu e porque, voltando a Deus, purificou dos seus ídolos o Templo (2Cr 33). Se, pelo contrário, Josias, apesar de sua grande fidelidade, encontrou uma morte prematura, é porque se opusera à vontade de Deus por ocasião da passagem dos exércitos egípcios que iam combater na Assíria (2Cr 35).

Ao contrário da literatura apocalíptica, que projeta para o futuro uma imagem da realidade terrestre para anunciar o que será o reino de Deus, a obra do Cronista idealiza o passado para mostrar o que deve ser a vida do povo no presente. Assim a realza teocrática da época de David deve lembrar constantemente aos judeus contemporâneos do autor o que devem ser a celebração de seu culto, a obediência à Lei de Deus e a esperança na justa retribuição divina.

Talvez seja por causa dessa perspectiva teológica voltada preferentemente para o passado que a obra do Cronista não está apoiada numa esperança messiânica explicitamente formulada. As perspectivas de futuro não prendem muito sua atenção. Meditando sobre a história passada, o Cronista parece querer fornecer ao presente uma lição de fidelidade a Deus, à sua Lei e ao seu Culto.

N. B. O texto dos livros das Crônicas, na tradução que segue, exhibe asteriscos (*) nos lugares onde é possível discernir uma mudança de documentos entre as fontes utilizadas pelo autor. As referências marginais e as notas ao texto explicitam quais são estas fontes, quando conhecidas.

PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS

GENEALOGIAS

Gn 5 **1 De Adão a Israel^a.** ¹Adão, Shet, Enosh, ²Kainan, Mahalalel, Iéred, ³Henoc, Metushélah, Lámek, ⁴Noé^b, Shem, Ham e Iéfet.

*

Gn 10.2-4 ⁵Filhos de Iéfet: Gômer, Magog, Madai, Iavan, Tubal, Méshek, Tirás^c.

⁶Filhos de Gômer: Ashkenaz, Difat^d, Togarmá.

⁷Filhos de Iavan: Elishá, Tarshish, Kitim e Rodanim^e.

Gn 10.6-8 ⁸Filhos de Ham: Kush, Mişráim, Put, Canaã.

⁹Filhos de Kush: Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá e Sabteká; filhos de Raamá: Shebá e Dedan. ¹⁰Kush gerou Nimrod, que foi o primeiro guerreiro na terra.

¹¹Mişráim gerou os povos de Lud, de Anâm, de Lehab, de Naftúah, ¹²de Patrôs, de Kaslúah, dos quais descendem os filisteus^f, e os de Kaftor.

¹³Canaã gerou Sídôn, seu primogênito, e

Het, ¹⁴e também o iebusita, o emorita, o guirgashita, ¹⁵o hivitá, o arquita, o sinita, ¹⁶o arvadita, o şemarita e o hamatita^g.

¹⁷Filhos de Shem: Elâm, Assur, Arpakshad, Lud, Arâm^h, Uş, Hul, Guéter e Méshek. ¹⁸Arpakshad gerou Shélah, e Shélah gerou Éber. ¹⁹Éber teve dois filhos: o primeiro recebeu o nome de Péleg, pois foi na sua época que a terra foi divididaⁱ, e seu irmão chamava-se loqtan. ²⁰Loqtan gerou Almodad, Shélef, Haşarmávet, Iérah, ²¹Hadorâm, Uzal, Diqlá, ²²Ebal, Abimael, Shebá, ²³Ofir, Havilá, Iobab. Todos estes são filhos de loqtan.

*

²⁴Shemⁱ, Arpakshad, Shélah, ²⁵Éber, Gn 11.10-26 Péleg, Reú, ²⁶Serug, Naşor, Térah, ²⁷Abrão.

*

que é Abraão^k.

²⁸Filhos de Abraão^l: Isaac e Ismael. Gn 25.12-16

*

a. 1Cr resume toda a história bíblica, desde Adão até David, numa série de listas genealógicas geralmente tiradas dos livros mais antigos: o Pentateuco e os "livros históricos". Visto que o autor quer sublinhar sobretudo o reinado de David, supõe conhecida toda a história anterior a David e se limita a uma recordação em forma de listas genealógicas que constituem os caps. 1-9. Desta forma, insiste na continuidade da história desde as origens do mundo e da humanidade. Na primeira lista (cap. 1), recorda a descendência de Adão até Jacó-Israel, pai das 12 tribos do povo, cujas genealogias particulares serão apresentadas a partir do cap. 2. Em 1.1-4, o Cronista tira de Gn 5.1-32 a lista dos patriarcas antediluvianos.

b. O gr. diz: *os filhos de Noé: Shem, etc.*, sem dúvida para não apresentar os 3 filhos de Noé como se fossem filhos uns dos outros, quando na realidade eram 3 irmãos.

c. Os vv. 5-22 reproduzem Gn 10.2-29, mas limitando-se às listas genealógicas e omitindo as notícias explicativas dos vv. 9-12 e 18b-21. Muitos nomes apresentam variantes de copistas.

d. Segundo Gn 10.3, dever-se-ia ler *Rifut* em lugar de *Difat* (em hebr., o R e o D são muito semelhantes, e com frequência dão lugar a confusões).

e. A lista é incompleta, pois somente dois dos filhos de Iéfet têm sua descendência: Gômer e Iavan. Por que os outros cinco não figuram? O Cronista só reteve alguns elementos, a fim de insistir no que para ele é essencial: a descendência de Shem, que conduz a Abraão e a Israel. No fim do v., o Gn tem *Dodanim* (e não *Rodanim*).

f. De fato, os filisteus são conhecidos como descendentes de Kaftor, e não de Kaslúah (Dt 2.23; Jr 47.4; Am 9.7).

g. Não é fácil identificar todos os povos mencionados nos vv. 5 a 16 (cf. Gn 10 notas). De resto, o autor não parece deter-se nestas listas, pois o que ele realmente quer é falar da linhagem de *Shem* (os semitas); vv. 17-54.

h. A lista deveria parar em *Arâm*. Em seguida, segundo Gn 10.23 e o gr., dever-se-ia ler: *os filhos de Arâm: Uş, Hul, etc.*

i. O verbo *dividir* (em hebr.: *palag*) explica o nome dado a *Péleg*.

j. O vv. 24-27 retomam os nomes dos patriarcas de Gn 11.10-26. Pode-se notar que a descendência de *Shem* é dada duas vezes, de maneira diferente: segundo os vv. 17-23 (que faltam no gr.) sob forma de uma genealogia *horizontal*, isto é, dando todos os filhos de cada um dos descendentes: os filhos de Shem, depois os de Arâm, de Arpakshad, de loqtan (vv. 20-23). Em segundo lugar, a descendência de Shem é dada de maneira *vertical* (vv. 24-27) dando cada vez apenas um filho, desde Shem até Abraão.

k. É Gn 17.5 que menciona a mudança do nome de Abraão para Abraão.

l. Segundo Gn 16.1-6 e 21.1-7, Ismael nasceu antes de Isaac. Mas este último é citado em primeiro lugar, pois é o "filho da promessa" (Rm 9.8). Para a descendência de Abraão, o autor vai falar com alguns detalhes das linhagens que a seu ver são *secundárias*, das quais não mais se falará. Assim, apresenta a descendência de *Ismael* (vv. 29-31) e a da concubina de Abraão: *Qeturá* (vv. 32-33). A mesma coisa para a descendência de *Isaac*: apresenta de forma detalhada a descendência de *Esau* (vv. 33-42) e

²⁹Eis as suas famílias^m: Nebaiot, que foi o primogênito de Ismael; depois nasceram Qedar, Adbeel e Mibsam, ³⁰Mishmá e Dumá, Massá, Hadad e Temá, ³¹Ietur, Nafish e Qedma. Estes são os filhos de Ismael.

*

Gn 25,1-4 ³²Filhos de Qeturá, concubina de Abraão: deu à luz Zimran, Ioqshan, Madan, Midian, Iishbaq e Shúah. Filhos de Ioqshan: Shebá e Dedan. ³³Filhos de Midian: Efá, Éfer, Hanok, Abidá e Eldaá. Todos estes são filhos de Qeturá.

*

Gn 36,1-4,9-28 ³⁴Abraão gerou Isaac. Filhos de Isaac: Esaú e Israel. ³⁵Filhos de Esaú: Elifaz, Reuel, leush, laalâm e Qôrah. ³⁶Filhos de Elifaz: Teman, Omar, Şefi, Gaetâm, Qenaz, Timná e Amaleqⁿ. ³⁷Filhos de Reuel: Naht, Zérah, Shamá e Mizá. ³⁸Filhos de Seir: Lotan, Shobal, Sibeon, Aná, Dishon, Êşer e Dishan. ³⁹Filhos de Lotan: Hori e Homâm. Irmã de Lotan: Timná. ⁴⁰Filhos de Shobal: Alian, Manaht, Ebal, Shefi e Onâm. Filhos de Sibeon: Aiá e Aná. ⁴¹Filho de Aná: Dishon. Filhos de Dishon: Hamran, Eshban, Iitran e Keran. ⁴²Filhos de Êşer: Bilan, Zaavan, Ioaqanⁿ. Filhos de Dishon: Uş e Aran.

Gn 36,31-43 ⁴³São estes os reis que reinaram na terra de Edom, antes que reinasse um rei israelita: Bela, filho de Beor, cuja cidade se chamava Dinehaba. ⁴⁴Bela morreu e em seu lugar tornou-se rei

Iobab, filho de Zérah, de Boşrá. ⁴⁵Iobab morreu e em seu lugar tornou-se rei Hushâm, da terra dos temanitas. ⁴⁶Morto Hushâm, tornou-se rei em seu lugar Hadad, filho de Badad. Ele venceu Midian nos campos de Moab; sua cidade chamava-se Avit. ⁴⁷Hadad morreu, e Samlá de Masreqá tornou-se rei em seu lugar. ⁴⁸Samlá morreu, e Shaul de Rehobot do Eufrates tornou-se rei em seu lugar. ⁴⁹Shaul morreu e, em seu lugar, tornou-se rei Báal-Hanan, filho de Akbor. ⁵⁰Baal-Hanan morreu, e tornou-se rei no seu lugar Hadad; sua cidade chamava-se Pai; sua mulher chamava-se Mehetabel, filha de Matred, filha de Mê-Zahab. ⁵¹Hadad morreu. Os chefes de Edom foram: o chefe Timná, o chefe Aliá, o chefe Ietet, ⁵²o chefe Oholibamá, o chefe Elá, o chefe Pinon, ⁵³o chefe Qenaz, o chefe Teman, o chefe Mibşar, ⁵⁴o chefe Magdiel, o chefe Irâm. Esses são os chefes de Edomⁿ.

*

2 Descendência de Judá. ¹São estes os filhos de Israelⁿ: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon. ²Dan, José e Benjamin, Neftali, Gad e Aserⁿ. Gn 35,23-26

*

³Filhos de Judáⁿ: Er, Onan e Shelá. Os três lhe nasceram da filha de Shua, a canaanita. Er, o primogênito de Judá, tornou-se culpado aos olhos do SENHOR, Gn 38,1-30

faz um apanhado histórico da terra de Edom, nesta descendência (vv. 43-54). Assim, depois de terminar o que se refere aos povos parentes e próximos de Israel, poderá desenvolver o que diz respeito ao próprio Israel (caps. 2ss.).

m. Os vv. 29-31 reproduzem a lista de Gn 25,12-16.

n. Segundo Gn 36,12, Amaleq era filho de Timná, concubina de Elifaz.

o. Ou Aqan (Gn 36,27).

p. Esta lista dos reis de Edom, segundo Gn 36, talvez tenha por finalidade mostrar que alguns povos vizinhos de Israel, como os edomitas, eram seus parentes próximos, de uma mesma linhagem, e que Israel não era um povo isolado e diferente dos outros. Deus criou todos os povos da terra, e seu povo particular foi escolhido para cumprir uma missão no meio dos outros, e não para separar-se dos outros.

q. Nesta lista dos filhos de Jacó, o Cronista segue a ordem de Gn 35,23-26; Ex 1,2 e Nm 1,5-15 (menos para Dan, que não está no mesmo lugar)

r. Aos olhos do Cronista, o mais importante dos filhos de Israel é Judá, visto que sua descendência leva a David. A descendência de Judá é dada de 2,1 a 4,23. Mas esta longa passagem é formada por numerosos documentos que se referem a Judá e David, como se o autor quisesse agrupar tudo o que se refere a esta parte do povo que desempenhou o papel principal na história. Assim é que se encontra uma primeira lista dos descendentes no cap. 2, uma segunda lista no cap. 4,1-23 e um trecho central sobre os descendentes de David no cap. 3. Nenhuma outra lista genealógica dos capítulos que seguem terá tal desenvolvimento, o que se explica pela finalidade do autor: narrar a história de David e de Jerusalém e mostrar suas origens, que remontam aos inícios do povo e da humanidade. O Cronista usou documentos que figuram, em parte, no Gênesis ou nos livros de Samuel; mas usou também alguns que provavelmente provêm de outras fontes, que não se encontram no AT. Nada permite pensar que ele os tenha inventado.

s. Apresentação esquemática dos dados de Gn 38,1-30.

que o fez morrer¹. ⁴Tamar, a nora de Judá^a, lhe gerou Péreş e Zérah. Ao todo, foram cinco os filhos de Judá.

*

Gn 46,12 ⁵Filhos de Péreş: Heşron e Hamul.

*

⁶Filhos de Zérah: Zimri, Etan, Heman, Kalkol e Dará^a; cinco ao todo.

⁷Filho de Karmi^a: Akar, que atraiu a desgraça^a sobre Israel, por ter-se tornado culpado de infidelidade violando o anátema. ⁸Filho de Etan: Azariá. ⁹Filhos de Heşron: nasceram-lhe Ieraşmeel, Ram e Kelubai².

*

Rt 4,19-22 ¹⁰Ram gerou Aminadab, Aminadab gerou Naşshon, chefe dos filhos de Judá. ¹¹Naşshon gerou Salmá. Salmá gerou Bôaz. ¹²Bôaz gerou Obed. Obed gerou Jessé.

*

¹³Jessé gerou Eliab, seu primogênito, Abinadab, o segundo, Shimeá, o terceiro, ¹⁴Netanel, o quarto, Radai, o quinto, ¹⁵Ôşem, o sexto; David, o sétimo. ¹⁶Eles tinham duas irmãs: Şeruiá e Abigáil. Filhos de Şeruiá: Abishai, Ioab e Asahel: três. ¹⁷Abigáil deu à luz a Amasá, e o pai de Amasá era Iéter, o ismaelita^a.

*

¹⁸Kaleb^a, filho de Heşron, gerou filhos com sua mulher Azubá, e Ieriot^b; estes são os filhos que ela teve: Iéşher, Shobad e Ardon. ¹⁹Azubá morreu e Kaleb casou-se com Efrat, que lhe deu à luz Hur. ²⁰Hur gerou Uri, e Uri gerou Beşalel.

²¹Depois Heşron uniu-se à filha de Makir, pai de Guilead; casou-se com ela aos sessenta anos; ela lhe gerou Segub. ²²Segub gerou Iair, que possuía vinte e três cidades na terra de Guilead. ²³Mas Gueshur e Arâm apoderaram-se^c dos acampamentos de Iair, Qenat e suas dependências: sessenta cidades. Todas elas pertenciam aos filhos de Makir, pai de Guilead. ²⁴Depois da morte de Heşron, Kaleb uniu-se com Efrat, esposa de seu pai, Heşron, e ela lhe gerou Ashehur, pai de Teqôa^d.

²⁵Os filhos de Ieraşmeel, primogênito de Heşron, foram: Ram, o primogênito, Buná, Ôren, Ôşem, Aşia^e. ²⁶Ieraşmeel teve outra mulher, chamada Atará; ela foi a mãe de Onã.

²⁷Os filhos de Ram, primogênito de Ieraşmeel, foram Máaş, Iamin e Êqer.

²⁸Os filhos de Onã foram Shamai e Iadá, e os filhos de Shamai: Nadab e Abishur. ²⁹A mulher de Abishur chamava-se Abiháil; ela lhe deu à luz Aşban e Molid. ³⁰Filhos de Nadab: Séled e Apáim. Séled morreu sem filhos. ³¹Filho de Apáim: Iishef; filho de Iishef: Sheshan; filho de Sheshan: Aşlai. ³²Filhos de Iadá, irmão de Shamai: Iéter e Jônatan. Iéter morreu sem filhos. ³³Filhos de Jônatan: Pélet e Zazá. Foram esses os filhos de Ieraşmeel.

³⁴Sheshan não teve filhos^f, mas teve filhas. Ele tinha um escravo egípcio chamado Iarhá. ³⁵Sheshan deu sua filha por

t. Gn 38,6-10 fala também da falta de Onan e de seu castigo, mas o Cronista o omitiu, talvez voluntariamente.

u. A nora de Judá, mulher de Er.

v. Ou *Dardá* (IRs 5,11).

w. *Karmi* ainda não foi mencionado. Segundo Js 7,1.18, ele seria filho de Zúbdi (Zimri?), filho de Zérah, do v. precedente. Algumas palavras do texto podem ter sido omitidas acidentalmente.

x. O termo hebr. *akar* significa *perturbar, trazer infelicidade*. Em Js 7, o personagem chama-se *Akar*.

y. Provavelmente *Kaleb*, cuja descendência será dada no v. 18. Os vv. 6-9 são tirados de um documento desconhecido, confirmado em parte por Js 7,1-18.

z. Os vv. 13-17 não provêm de um documento conhecido, mas são confirmados em parte por ISm 16,6-9 e 2Sm 17,25.

a. Uma primeira lista dos descendentes de Kaleb é apresentada nos vv. 18-24. Outra lista, bastante diferente, será dada nos vv. 42-50, e um complemento nos vv. 50-55, visto que o próprio

Hur é descendente de Kaleb. É difícil explicar estas diferenças que talvez provenham de vários documentos que se encontram, em parte, em Ex 31,2 e Nm 32,39-42.

b. O texto poderia ser traduzido também: ... *gerou Azubá, mulher, e Ieriot*. Mas de acordo com o que segue (v. 19), Azubá era a mulher e não a filha de Kaleb. Aqui, as antigas versões apresentam variantes.

c. Outra tradução possível, mas menos satisfatória: *mas ele (Iair) tomou Gueshur e Arâm, com os acampamentos de Iair...* Com efeito, o verbo *ele tomou* está no singular.

d. A tradução segue a do gr., pois o hebr. tem aqui um texto pouco claro.

e. Este nome poderia ser o da primeira mulher de Ieraşmeel, ao passo que a segunda é mencionada no v. seguinte.

f. No v. 31 dá-se o nome do filho de Sheshan. Aqui, o texto diz que Sheshan não teve filhos, mas somente filhas. É possível que no v. 34 tenha sido usado outro documento, com variantes.

mulher a larhá, e ela lhe deu à luz Atai.

³⁶Atai gerou Natan, Natan gerou Zabad,

³⁷Zabad gerou Eflal, Eflal gerou Obed,

³⁸Obed gerou Iehú, Iehú gerou Azariá,

³⁹Azariá gerou Héles, Héles gerou Eleasá,

⁴⁰Eleasá gerou Sismai, Sismai gerou

Shalum, ⁴¹Shalum gerou Ieqamiá, Ieqa-

miá gerou Elishamá.

⁴²Filhos de Kaleb^k, irmão de Ierahmeel: Meshá, seu primogênito, que foi pai de Zif; e os filhos de Mareshá, pai de Hebron.

⁴³Filhos de Hebron: Qôrah, Tapûah, Requem e Shéma. ⁴⁴Shéma gerou Raḥam, pai de Iorqeâm^k, Requem gerou Shamai.

⁴⁵Filho de Shamai: Maon, e Maon foi o pai de Bet-Sur. ⁴⁶Efá, concubina de Kaleb, gerou Haran, Moşá e Gazez, e Haran gerou Gazez.

⁴⁷Filhos de Iahdai: Reguem, Iotâm, Gueshan, Pélet, Efá e Sháaf. ⁴⁸Maaká, concubina de Kaleb, gerou Shéber e Tirḥaná. ⁴⁹E gerou Sháaf, pai de Madmaná, e Shevá, pai de Makbená e pai de Guibeá. A filha de Kaleb era Aksá. ⁵⁰Foram esses os filhos de Kaleb.

Filhos de Hur, primogênito de Efrata: Shobal, pai de Qiriat-Iearim, ⁵¹Salmá, pai de Bet-Leḥem, Haref, pai de Bet-Gader. ⁵²Shobal, pai de Qiriat-Iearim, teve por filhos: Haroé, a metade dos manaḥtitas^l, ⁵³e os clãs de Qiriat-Iearim: os ietritas, putitas, shumatitas e mishraítas. Deles descendem os şoreatitas e os eshtaolitas.

⁵⁴Filhos de Salmá: Bet-Leḥem, os netofatitas, Atrot-Bet-Ioab, a metade dos manaḥtitas, os şoreitas, ⁵⁵os clãs dos so-

fritas que moram em Iaebeş, os tireatitas, os shimeatitas, os sukattitas. São esses os qenitas que vieram de Hamat, pai da casa de Rekab^j.

*

3 ¹São estes os filhos de David^k, que 2Sm 3,2-5

lhe nasceram em Hebron: o primogênito Amnon, filho de Aḥinoam de Jezreel; o segundo, Daniel^l, de Abigáil de Carmel; ^{2o} terceiro, Absalão, filho de Maaká, filha de Tolmai, rei de Gueshur; o quarto, Adonias, filho de Haguit; ^{3o} quinto, Shefatiá, de Abital; o sexto, Iitreâm, de Eglá, sua mulher. ⁴Os seis nasceram-lhe em Hebron. Ali reinou sete anos e seis 2Sm 5.5 meses. Depois, reinou trinta e três anos em Jerusalém.

⁵São estes os filhos que lhe nasceram 2Sm 5,14-16 em Jerusalém: Shimeá, Shobab, Natan e Salomão, todos os quatro filhos de Bat-Shua^m, filha de Amiel; ⁶Iibhar, Elishuaⁿ, Elifélet, ⁷Nôgah, Néfeg, Iáfia, ⁸Elishamá, Eliadá e Elifélet: nove ao todo.

*

⁹São esses todos os filhos de David, sem contar os filhos das concubinas. Tamar era irmã deles^o.

¹⁰Filhos de Salomão^p: Roboão, Abiá, seu filho, Asá, seu filho, Josafat, seu filho, ¹¹Iorâm, seu filho, Acazias, seu filho, Joás, seu filho, ¹²Amasias, seu filho, Azarias, seu filho, Iotâm, seu filho, ¹³Acáz, seu filho, Ezequias, seu filho, Manassés, seu filho, ¹⁴Amon, seu filho; Josias, seu filho. ¹⁵Filhos de Josias: o primogênito, Ioḥanan, o segundo, Joaquim, o terceiro,

g. Segunda lista de descendentes de Kaleb (cf. v. 18).

h. Ou *loqdeâm* (Js 15,56).

i. O texto traz: *a metade dos menuhot*, mas é provável que se deva ler, como no v. 54: *manaḥtitas*.

j. A maior parte dos nomes destes últimos vv. são nomes geográficos de localidades ou de povoados, alguns dos quais não podem ser identificados.

k. O cap. 3 é consagrado à descendência de David, mas se relaciona diretamente com o cap. 2, visto que David é da descendência de Ram (2,10-17). Na apresentação das diversas listas e de seus complementos, percebe-se uma ordem lógica segundo um ritmo freqüente em hebr. (paralelismo invertido):

- filhos de Ram até David: 2,10-17
- filhos de Kaleb: 2,18-24
- filhos de Ierahmeel: 2,25-33
- outros descendentes de Ierahmeel: 2,34-41

— outros descendentes de Kaleb: 2,42-55

— outros descendentes de Ram (descendentes de David): 3, 1-24.

l. Segundo 2Sm 2,3, Daniel usa o nome de *Kileab*. Nas versões antigas encontram-se outras variantes.

m. *Bat-Sheba, filha de Eliâm*, segundo 2Sm 11,3. Não se vê bem a que se referem *os quatro*; Bat-Sheba era mãe apenas do quarto, Salomão. Alguns propõem corrigir por: *o quarto*.

n. O texto traz *Elishamá*, ao contrário de 2Sm 5,15 e 1Cr 14,5. O, Este v. utiliza 2Sm 5,13 e 13,1. Os vv. 10-16 utilizam o conjunto dos livros dos Reis; os vv. 17-22 baseiam-se noutros documentos mais ou menos aparentados às listas de Esd e de Ne.

p. Nos vv. 10 a 16, encontra-se a lista dos reis de Judá, descendentes de David e Salomão, até o Exílio da Babilônia (1Rs 12 a 2Rs 25).

Sedecias, o quarto, Shalum. ¹⁶Filhos de Joaquim: Iekoniá, seu filho; Şidqiá, seu filho^q.

¹⁷Filhos de Iekoniá^r, o cativo: Shealtiel, seu filho. ¹⁸Malkirâm, Pedaiá, Shcnaşar, Ieqamiá, Hoshamá, Nedabiá. ¹⁹Filhos de Pedaiá: Zerubabel e Shimeí. Filhos de Zerubabel: Meshulâm, Hananiá, e Shelomit, a irmã deles. ²⁰Filhos de Meshulâm: Hashubá, Ôhel, Berakiá, Hasadiá, Iushab-Hésed: cinco ao todo. ²¹Filhos de Hananiá: Pelatiá e Ieshaiá, os filhos de Rafaiá, os filhos de Arnan, os filhos de Obadiá, os filhos de Shekaniá^t. ²²Filhos de Shekaniá: Shemaí. Filhos de Shemaí: Hatush, Iigal, Bariaş, Neariá e Shafat: seis ao todo. ²³Filhos de Neariá: Elioenai, Hizqiá e Azriqâm: três ao todo. ²⁴Filhos de Elioenai: Hodaiahu, Eliashib, Pelaí, Aqub, Iohanan, Delaiá e Anani: sete ao todo.

*

4 ¹Filhos de Judá: Péreş, Heşron, Karmi^u, Hur e Shobal.

²Reaiá^s, filho de Shobal, gerou Iáhat, e Iáhat gerou Ahumai e Láhad: são esses os clãs şoreatitas.

³Estes são os filhos de Hur^v: o pai de Etâm, Izreel, Iishmá, Iidbash; sua irmã se chamava Ha-Şclelpôni. ⁴Também Penuel, o pai de Guedor, e Êzer, pai de Hoshá. São esses os filhos de Hur, primogênito de Efrata, pai de Bet-Lehem.

⁵Ashehur, pai de Teqoa, teve duas mulheres: Heleá e Naará. ⁶Naará lhe

gerou Aşuzâm, Hêfer, os temanitas e os aşashtaritas. São esses os filhos de Naará. ⁷Filhos de Heleá: Şéret, Şôhar e Etnan. ⁸Qoş gerou Anub, Haşobebá e os clãs de Aharhel, filho de Harum. ⁹Iaebêş era mais considerado que seus irmãos; sua mãe deu-lhe o nome de Iaebêş, dizendo: "Dei à luz entre dores". ¹⁰Iaebêş invocou o Deus de Israel, dizendo: "Se realmente me abençoares, aumentarás meu território, tua mão estará comigo, tu afastarás o mal, para que eu fique sem dores". Deus lhe concedeu o que pedira.

¹¹Kelub, irmão de Shuhá, gerou Mehir, que foi o pai de Eshton. ¹²Eshton gerou Bet-Rafá, Pasêaş e Tehiná, pai de Ir-Nahash. São esses os homens de Reká.

¹³Filhos de Qenaz: Otniel e Seraí. Filhos de Otniel: Hatat. ¹⁴Meonotai gerou Ofrá, e Seraí gerou Ioab, pai de Guç-Harashim; com efeito, eles eram artesãos^b.

¹⁵Filhos de Kaleb, filho de Iefuné: Iru, Elá e Náam. Filhos de Elá: Qenaz.

¹⁶Filhos de Iehalelel: Zif, Zifá, Tiriá e Asarel.

¹⁷Filhos de Esdras: Iéter, Méred, Êfer e Ialon. Elá^w concebeu Miriâm, Shamai e Iishbá, pai de Eshtmoa; ¹⁸sua mulher, a judaíta, deu à luz Iéred, pai de Guedor, Hêber, pai de Sokô e Iequiel, pai de Zanôaş. São esses os filhos de Bitiá, a filha de Faraó, com a qual Méred se casara.

¹⁹Filhos da mulher de Hodiá^d, irmã de Náham, pai de Queilá, o garmita, e de Eshtmoa, o maakatita^e.

q. Na realidade, Sedecias era filho de Josias, portanto, "tio" de Iekoniá.

r. Os descendentes de Iekoniá (vv. 17-24) são os da época do Exílio e da restauração. Encontram-se vários destes nomes nos livros de Esd e Ne, e é possível que o Cronista (ou um redator) tenha prolongado esta lista até sua época.

s. Estas palavras não figuram no texto, mas são necessárias para a sua compreensão.

t. Texto pouco claro, mas compreensível pelo contexto e pela comparação com os vv. 10-16.

u. A lista só contém cinco nomes, e não seis. Um nome pode ter sido omitido acidentalmente.

v. Uma segunda lista dos descendentes de Judá é dada no cap. 4, l. 1-23, com variantes em comparação com a do cap. 2. A apresentação é diferente, e o Cronista deve ter utilizado documentos de outra origem, que nos conservam muitas informações suplementares. Para a descendência imediata dos filhos de Jacó, estas listas juntam-se com Gn 46,9-25.

w. Ou Kaleb (2,9 e 18).

x. Ou Haroé (2,52).

y. Acrescentam-se as palavras: *os filhos de Hur*, segundo o v. 4. O nome do primeiro filho (pai de Etâm etc.) deve ter desaparecido.

z. O nome *Iaebêş* aproxima-se do termo que significa: *na dor (be-ôsed)*.

a. Tradução possível. Poder-se-ia também compreender como uma espécie de desejo: *se verdadeiramente me abençoas... se aumentas... se tua mão*, etc. Mas então a frase fica inacabada.

b. O nome *Guç-Harashim* significa: *vale dos artesãos*.

c. Trata-se sem dúvida de *Bitiá*, mencionada no v. 18. Alguns invertem, por esta razão, o v. 17b e o v. 18, mas nada obriga a esta modificação.

d. Esta palavra é muito semelhante ao termo traduzido por: *judaíta*, no v. 18. Por isso talvez se devesse compreender: *filhos da mulher judaíta*.

e. O gr. acrescenta todo um membro da frase a este v., cujo texto primitivo pode ter sido mais longo

²⁰Filhos de Shimon: Amnon, Riná, Ben-Hanan e Tilon. Filhos de Iishef: Zohef e o filho de Zohef^f.

²¹Filhos de Shelá, filho de Judá: Er, pai de Leká; Laadá, pai de Mareshá, os clãs da casa dos fabricantes de bisso^g, em Bet-Ashbea. ²²Ioquim, a gente de Kozebá, Ioash e Saraf, que foram senhores de Moab^h, e voltaram para Bet-Lehem — tais fatos são antigos: ²³eram os oleiros e os habitantes das plantações e dos cercadosⁱ; moravam lá com o rei, a seu serviço.

*

Descendência de Simeão. ²⁴Filhos de Simeão^j: Nemuel, Iamin, Iarib, Zérah, Shaul. ²⁵Shelum, seu filho, Mibsam, seu filho. ²⁶Filhos de Mishmá: Hamuel, seu filho, Zakur, seu filho, Shimeí, seu filho. ²⁷Shimeí teve dezesseis filhos e seis filhas, mas seus irmãos não tiveram muitos filhos e, no conjunto, suas famílias não se multiplicaram como os filhos de Judá.

*

²⁸^kMoravam em Beer-Sheba, Molada e Haçar-Shual, ²⁹Bilá, Êsem, Tolad, ³⁰Be-tuel, Hormá, Şiqlag, ³¹Bet-Markabot, Haçar-Susim, Bet-Biri, Shaaráim. Essas foram suas cidades até o reinado de Davíd^l. ³²Suas aldeias foram: Etâm, En-

-Rimon^m, Tôken e Ashan, cinco cidades, ³³e todas as suas aldeias que estavam em torno dessas cidades até Báalⁿ. Essas foram suas habitações e suas próprias listas genealógicas.

*

³⁴ ^oMeshobab, Iamlek, Ioshá, filho de Amasias, ³⁵Ioel, Iehu, filho de Ioshibia, filho de Seraiá, filho de Asiel, ³⁶Elionai, Iaaqobá, Ieshohaiá, Asaiá, Adiel, Iesimiel, Benaíá, ³⁷Zizá, filho de Shifeí, filho de Alon, filho de Iedaiá, filho de Shimri, filho de Semaíá: ³⁸esses que acabam de ser mencionados foram chefes em seus clãs, e suas famílias cresceram muito. ³⁹Percorreram desde o passo de Guedor^p até o oriente do vale, procurando pastagens para o seu gado; ⁴⁰encontraram pastagens boas e abundantes, e a terra era vasta, tranqüila e pacífica, pois os que aí habitavam outrora eram descendentes de Ham^q. ⁴¹Aquela gente mencionada^r chegou no tempo de Ezequias, rei de Judá, destruíram-lhes as tendas e abrigos^s que lá se encontravam e votaram-nos a um interdito que dura até o dia de hoje. Estabeleceram-se em seu lugar, pois lá havia pastagens para o seu rebanho.

⁴²Alguns dos filhos de Simeão foram à montanha de Seir: quinhentos homens comandados por Pelatiá, Neariá, Rafaiá

f. Ou *Zohet* e *Ben-Zohet*.

g. Trata-se de um tecido feito de linho ou com fios comparáveis à seda, provenientes de animais como certos moluscos.

h. Ou: *que se casaram em Moab*, porque a expressão: *ser senhor* (o verbo *ba'al*) pode significar também: *ser proprietário ou marido* de uma mulher.

i. As duas palavras *plantações* e *cercado* poderiam ser também topônimos. Teríamos então: *Netaim* e *Guederá*.

j. Os vv. 24-43 referem-se à descendência de Simeão, cuja tribo sempre esteve próxima da de Judá, e até acabou absorvida por esta, pois Simeão ocupava uma região semidesértica ao sul de Judá, e sua população era muito menos numerosa do que a de Judá, como confirma o v. 27. Mas este mesmo parágrafo é composto de três diferentes elementos: o primeiro (vv. 24-27) contém uma lista dos descendentes de Simeão, tirada de Gn e de Nm (com exceção do v. 27 que é original); para o segundo (vv. 28-33) e o terceiro (vv. 34-33), ver as notas sobre v. 28 e 34.

k. Um segundo elemento do parágrafo (vv. 28-33) fala das localidades ocupadas pelos descendentes de Simeão, segundo Js 19,1-8.

Muitas das localidades mencionadas são desconhecidas, ao

passo que outras (Beer-Sheba, Şiqlag, Hormá) são bem identificadas.

l. Esta informação quer mostrar, sem dúvida, que no reinado de Davíd, Simeão tinha praticamente desaparecido, absorvido por Judá.

m. O total de cinco cidades só se explica se, com o hebr., se considera *En-Rimon* ser o nome de duas cidades, *Ain* e *Rimon*. n. Ou *Baalat* (Js 19,8).

o. Os vv. 34-43 constituem um terceiro elemento do parágrafo 24-43, com uma lista dos chefes dos clãs de Simeão, e dois ou três episódios históricos sobre as relações da tribo de Simeão com os povoados vizinhos da região de Guerar (v. 39), ou daquela de Edom (montanha de Seir) (vv. 42-43), ou talvez de outro lugar (v. 41?). Estas informações não existem em outros textos, e parecem provir de documentos antigos utilizados pelo Cronista. p. Ou *Guerar*, segundo o gr.; localidade conhecida em outros lugares (Gn 20,1; 26,17).

q. Os descendentes de Ham deviam ser votados ao anátema como populações canaanitas, o que explica o v. seguinte.

r. Os descendentes de Simeão.

s. O gr. compreendeu este nome como próprio de uma povoação: *os meunitas*.

e Uziel, os filhos de Iishá.⁴³ Abateram o resto dos sobreviventes de Amaleq e fizeram lá sua morada, até o dia de hoje.

*

5 Descendência de Rúben, Gad e Manassés. 'Filhos de Rúben', primogênito de Israel — ele era o primogênito, mas quando profanou o leito de seu pai, seu direito de primogenitura foi dado aos filhos de José, filho de Israel, e ele foi considerado destituído da primogenitura.² Na realidade, Judá foi o maior entre os irmãos e dele saiu aquele que se tornou príncipe, mas o direito de primogenitura pertencia a José³.

³Filhos de Rúben, primogênito de Israel: Hanok, Palu, Heşron e Karmi.

⁴Filhos de Ioele: Shemaia, seu filho, Gog, seu filho, Shimeí, seu filho, Miká, seu filho, Reaiá, seu filho, Báal, seu filho, Beerá, seu filho, que Tilgat-Pilnéser, rei da Assíria, levou para o cativo. Ele foi príncipe dos rubenitas.⁵ Seus irmãos, segundo seus clãs registrados de acordo com suas genealogias: em primeiro lugar, Ieiel; Zekariáhu, Bela, filho de Azaz, filho de Shema, filho de Ioele; ele se fixara em Aroer e estendia-se até Nebô e Báal-Meon.⁶ A leste, eles habitavam até a entrada do deserto que se estende desde o rio Eufrates, pois ele tinha numerosos rebanhos na terra de

Guilead.¹⁰ No tempo de Saul, guerrearam contra os hagrítas, que caíram em suas mãos; estabeleceram-se em suas tendas, em toda a zona oriental do Guilead¹¹.

¹²Os filhos de Gad, em frente deles, moravam na região do Bashan até Salká; Ioele, o primeiro; Shafâm, o segundo; depois Iaenai e Shafat, no Bashan.¹³ Seus irmãos, segundo suas famílias, foram: Mikael, Meshulâm, Sheba, Iorai, Iackan, Ziá e Êber: sete.¹⁴ Estes são os filhos de Abiháil: filho de Huri, filho de Iarôah, filho de Guilead, filho de Mikael, filho de Icshisai, filho de Iaêdô, filho de Buz.¹⁵ Ahi, filho de Abdiel, filho de Guni, era o chefe de suas famílias.¹⁶ Habitavam no Guilead, no Bashan e em suas dependências, bem como em todas as pastagens de Sheron¹⁷ até seus limites.

¹⁸Todos foram recensados no tempo de Iotâm, rei de Judá, e de Jeroboão, rei de Israel¹⁹.

²⁰Os filhos de Rúben, os gaditas e a meia tribo de Manassés²¹ faziam parte dos homens valentes que usavam o escudo e a espada, manejavam o arco e exercitavam-se para a guerra — quarenta e cinco mil, setecentos e sessenta homens capazes de partir em campanha.²² Fizeram guerra contra os hagrítas, em Iatur, Nafish e Nodab²³.²⁴ Receberam ajuda²⁵ contra eles; os hagrítas, como também todos os que

Js 13,15-23

1. Os descendentes de Rúben, Gad e Manassés vão formar as tribos da Transjordânia (somente meia tribo de Manassés estará nessa região, vv. 23-25 — cf. 7,14-19). Estas tribos não desempenharam papel importante na história ulterior, e o Cronista não se detém muito nelas. Utiliza alguns documentos tirados dos textos bíblicos e de outros lugares, mas as inexactidões e a brevidade das informações mostram que não tinha interesse nesta parte do povo, que sempre foi um tanto exterior à vida da população do centro do país. Começa com Rúben (vv. 1-10), cuja história conservou uma recordação pouco gloriosa (v. 1; Gn 35,22 e 49,4).

u. Estas últimas palavras (*e ele foi considerado...* etc.) aplicam-se a Rúben antes que aos filhos de José, como entendem alguns tradutores. O v. seguinte o confirma.

v. O autor não deixa de sublinhar a predominância de Judá (de onde sairá o príncipe, isto é, David), embora José seja o mais velho.

w. *Ioele* não é mencionado anteriormente, talvez em razão de uma lacuna.

x. Ortografia aproximativa do nome do rei da Assíria, que habitualmente é transcrito *Tiglul-Pilésér* ou *Teglul-Fulasar*.

y. Os hagrítas, descendentes de Hagar, mãe de Ismael (Gn 16,15). Era um povoação árabe.

z. Nos vv. 11-17 trata-se da tribo de *Gad* e das localidades onde ele se fixou.

a. Não confundir com a *planície de Sharon*, ao sul do monte Carmelo. Aqui é um lugar da Transjordânia, que alguns corrigem por *Sirion*, isto é, o Hermon, mas nada confirma isto.

b. Trata-se de Jeroboão II (2Rs 14,16-29).

c. Os vv. 18-22 narram as façanhas militares levadas a cabo pelas três tribos transjordânicas. Seria de esperar que esta passagem aparecesse depois dos vv. 23-25, que falam da meia tribo de Manassés.

d. Nomes de diversas tribos árabes, descendentes de Ismael (Gn 25,15).

e. Lit. *eles foram ajudados* (da parte de Deus), emprego do "passivo teológico" indicando uma ação de Deus sem mencioná-lo como sujeito. Embora estivesse afastado, o povo dessas tribos fazia parte do povo. O Cronista dá uma nota teológica para mostrar que Deus não os abandonava, visto que haviam clamado a ele pedindo socorro (cf. também v. 22).

estavam com eles, caíram em seu poder, pois durante o combate invocaram a Deus, e ele os escudou, visto que tinham confiança nele. ²¹Capturaram seus rebanhos: cinqüenta mil camelos, duzentos e cinqüenta mil ovelhas, dois mil jumentos, além de cem mil pessoas. ²²Muitos homens caíram mortos, pois a guerra vinha de Deus. E se instalaram no lugar deles até o exílio.

Nm 32,39 ²³Os filhos da meia tribo de Manassés^f estabeleceram-se na região entre o Bashan e Báal-Hermon, Senir^g e o monte Hermon. Eram numerosos.

²⁴São estes os chefes de sua família: Êfer, Iisheí, Eliel, Azriel, Iirmeiá, Hodauiá, Iediel. Eram guerreiros valentes, homens renomados, chefes de sua família. ²⁵Eles foram infiéis ao Deus de seus pais e se prostituíram aos deuses dos povos da terra que Deus destruiu diante deles.

²⁶Então o Deus de Israel excitou o espírito de Pul, rei da Assíria, e o de Tilgat-Pilnéser^h, rei da Assíria, que os deportou — os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés — e os conduziu para Hálah, para Habor, para Hará e para o rio Gozan, até o dia de hoje.

Gn 46,11; Ex 6,16-25 **Descendência de Levi.** ²⁷Filhos de Levi: Guershon, Qehat e Merari. ²⁸Filhos de Qehat: Amrâm, Iishehar, Hebron e Uziel. ²⁹Filhos de Amrâm: Aarão, Moisés e

Miriâm. Filhos de Aarão: Nadab e Abihu, Eleazar e Itamar. ³⁰Eleazar gerou Pinhas, Pinhas gerou Abishua. ³¹Abishua gerou Buqi. Buqi gerou Uzi. ³²Uzi gerou Zerahíá. Zerahíá gerou Meraiot. ³³Meraiot gerou Amariá, Amariá gerou Ahitub. ³⁴Ahitub gerou Sadoq. Sadoq gerou Ahimáas. ³⁵Ahimáas gerou Azariá, Azariá gerou Ioñanan. ³⁶Ioñanan gerou Azariá. Este foi sacerdote no templo de Salomão construído em Jerusalém. ³⁷Azariá gerou Amariá, Amariá gerou Ahitub. ³⁸Ahitub gerou Sadoq. Sadoq gerou Shalum. ³⁹Shalum gerou Hilqiá, Hilqiá gerou Azariá. ⁴⁰Azariá gerou Seraia, Seraia gerou Iehoşadaq. ⁴¹Iehoşadaq teve de partir quando o Senhor exilou Judá e Jerusalém pela mão de Nabucodonosor.

6 ¹Filhos de Levi^k: Guershon, Qehat e Merari. ²Eis os nomes dos filhos de Guershon: Libni e Shimeí. ³Filhos de Qehat: Amrâm, Iishehar, Hebron e Uziel. ⁴Filhos de Merari: Maíli e Mushi. São esses os clãs de Levi, segundo seus pais.

⁵De Guershon: Libni, seu filho, Iâhat, seu filho, Zimá, seu filho⁶, Ioah, seu filho, Idô, seu filho, Zerah, seu filho, Ieotrar, seu filho.

⁷Filhos de Qehat: Aminadab, seu filho; Qôrah, seu filho, Asir, seu filho. ⁸Elqaná, seu filho, Abiasaf, seu filho; Asir, seu filho, ⁹Tâhat, seu filho; Uriel, seu filho; Uziá, seu filho; Shaul, seu filho. ¹⁰Filhos de Elqaná: Amasai e Ahimot, ¹¹Elqaná,

f. A meia tribo de Manassés e seus descendentes são apresentados nos vv. 23-25.

g. *Senir* aplica-se ao Hermon (Dt 3,9), ou a uma das suas partes.

h. Neste v. alude-se à deportação das tribos transjordanianas pelo rei da Assíria (2Rs 15,19-20.29). Mas o Cronista, para quem os acontecimentos estão distantes, confunde as duas deportações mencionadas no livro dos Reis (2Rs 15,29 e 17,3-6): uma em 734, atingindo a Transjordânia, e a outra em 721, atingindo Samaria e o Reino de Israel. Mais ainda, menciona dois reis da Assíria, *Pul* e *Tilgat-Pilnéser* (!), quando na realidade estes dois nomes são os de um mesmo personagem (a segunda deportação foi realizada por Salmanasar e Sargom). Mas estes pormenores históricos são secundários para ele, visto que o essencial é mostrar que estes fatos eram uma punição de Deus pelas infidelidades desta parte do povo (vv. 25-26).

i. A numeração dos vv. 27-41, nas bíblias modernas, varia segundo as antigas versões. Esses versículos às vezes são con-

tados como os vv. 1-15 do cap. 6 que, por isso, conta 81. Toda esta passagem se refere à descendência de *Levi* para a qual o Cronista dá mais detalhes do que para a maioria das outras tribos, pois a tribo de *Levi* era encarregada do culto. É formada de diversos elementos, às vezes sem nexo entre si. O primeiro (vv. 27-41) contém uma *lista dos sumos sacerdotes* desde Aarão até o Exílio. A sequência desta lista se encontrará em Nc 12,1-26. O autor quis mostrar sobretudo a continuidade do sacerdócio desde *Levi*, isto é, desde a origem, até sua época. Deve-se notar a ausência, nesta lista, da descendência de *Eli*, sacerdote na época de Saul, julgada pelo Cronista como infiel. Um de seus descendentes foi *Ebiatar*, despojado do sacerdócio por Salomão, em benefício de *Sadoq* (1Rs 2,27-35).

j. Esta breve informação introduzida na lista genealógica não está em seu verdadeiro lugar. Deveria figurar no v. 35 a propósito do primeiro *Azariá*, e não do segundo (1Rs 4,2).

k. A descendência de *Levi* é dada nos vv. 1-15 e reproduzida aproximadamente conforme a lista de Nm 3,17-20 e 26,57-61.

seu filho¹, Şofai, seu filho; Naḥat, seu filho, ¹²Eliab, seu filho, Ieroḥam, seu filho, Elqaná, seu filho, Samuel, seu filho^m.
¹³Filhos de Samuel: o primogênito loel, e Aḥiá, o segundo.

¹⁴Filhos de Merari: Maḥli, Libni, seu filho; Shimeí, seu filho, Uzá, seu filho, ¹⁵Shimeá, seu filho, Ḥaguiá, seu filho, Asaiá, seu filho.

¹⁶Eis os que David encarregou de dirigir o canto na Casa do SENHOR, desde que a arca encontrou um lugar de repousoⁿ. ¹⁷Estiveram a serviço do canto diante da morada — a tenda do encontro — até que Salomão construiu em Jerusalém a Casa do SENHOR; eles se mantinham no serviço em conformidade à sua regra.

¹⁸Eis os que exerciam este serviço, como também seus filhos. Entre os qehatitas: Heman, o cantorⁿ, filho de loel, filho de Samuel, ¹⁹filho de Elqaná, filho de Ieroḥam, filho de Eliel, filho de Tôaḥ, ²⁰filho de Şuf, filho de Elqaná, filho de Maḥat, filho de Amasai, ²¹filho de Elqaná, filho de loel, filho de Azariá, filho de Şefaniá, ²²filho de Taḥat, filho de Asir, filho de Abiasaf, filho de Qôrah, ²³filho de Lişchar, filho de Qehat, filho de Levi, filho de Israel.

²⁴Depois, seu filho Asafⁿ, que se mantinha à sua direita: Asaf, filho de Berekiáhu, filho de Shimeí, ²⁵filho de Mikael, filho de Baaseiá, filho de Malkiá, ²⁶filho de Etni, filho de Zérah, filho de Adaiá,

²⁷filho de Etan, filho de Zimá, filho de Shimeí, ²⁸filho de Iáḥat, filho de Gueršom, filho de Levi.

²⁹Filhos de Merari, seus irmãos, à esquerda: Etan, filho de Qishi, filho de Abdi, filho de Maluk, ³⁰filho de Hashabiá, filho de Amasias, filho de Ḥilqíá, ³¹filho de Amši, filho de Bani, filho de Shémer, ³²filho de Maḥli, filho de Mushi, filho de Merari, filho de Levi.

³³Seus irmãos, os levitas, dedicavam-se inteiramenteⁿ ao serviço da morada da Casa de Deus. ³⁴Aarão e seus filhos queimavam as oblações sobre o altar dos holocaustos e sobre o altar dos perfumes, ocupavam-se de tudo o que se referia ao lugar santo e faziam o rito da absolvição em favor de Israel, segundo o que ordenara Moisés, servo de Deus.

³⁵Eis os filhos de Aarão: Eleazar, seu filho, Pinḥás, seu filho, Abishua, seu filho, ³⁶Buqi, seu filho, Uzi, seu filho, Zeraḥiá, seu filho, ³⁷Meraiot, seu filho, Amariá, seu filho, Aḥitub, seu filho, ³⁸Şadoq, seu filho, Aḥimáaş, seu filho.

*

³⁹Eis os lugares em que moravamⁿ, segundo seus acampamentos em seu território: aos filhos de Aarão, do clã dos qehatitas — pois foi para eles que caiu a sorte em primeiro lugar —, ⁴⁰foi dada Hebron, na terra de Judá, com os terrenos em redor. ⁴¹Mas os campos da cidade e suas aldeias foram dados a Kaleb,

1. O texto traz *Elqaná, filho de Elqaná*, mas por analogia com o contexto é necessário, com as antigas versões, suprimir o segundo Elqaná, e ler: *Elqaná, seu filho*.

m. O texto não traz as palavras: *Samuel, seu filho*, e o do v. 13 é: *Filhos de Samuel, o primeiro, e o segundo Abiá*. O texto é restabelecido de acordo com o gr. Os vv. 10-13 contêm um fragmento de genealogia que vem dar em Samuel, ao passo que de acordo com 1Sm 1.1 este seria um descendente de Efraim e não de Levi. Talvez o autor tenha introduzido voluntariamente Samuel entre os descendentes de Levi, mas pode ter sido por confusão entre dois personagens que trazem o mesmo nome: *Elqaná*, descendente de Levi (v. 8) e *Elqaná*, pai de Samuel (1Sm 1.1).

n. Esta parte do capítulo dá a genealogia dos cantores da época de David (vv. 16-32). Tem por finalidade unir a linhagem dos cantores à de Levi, e mostrar também que suas funções e sua organização remontam ao próprio David, antes mesmo da construção do Templo (vv. 16-17).

o. Segundo 1Cr 25.1, os 3 cantores do tempo de David eram

Asaf, Heman e Iedutun (chamado aqui de *Etan*, v. 29). Talvez na origem não fossem levitas (Esd 2.41), mas teriam sido incorporados depois (Ne 11.17). Aqui fazem parte da linhagem de Levi através de seus 3 filhos: Qehat, Gueršom e Merari.

p. A palavra *irmão* tem um sentido mais amplo do que em português, pois os dois homens não têm o mesmo pai.

q. Nos vv. 33-38 encontram-se alguns dados precisos sobre as funções dos levitas e dos sacerdotes, assim como sobre a descendência de Aarão até David.

r. Os vv. 35-38 seguem exatamente a lista já dada em 5. 30-34.

s. Os vv. 39-45 apresentam a lista das *idades levíticas* segundo Js 21.10-19, com algumas variantes. A principal diferença está em que aqui os descendentes de Aarão são mencionados em primeiro lugar (vv. 39-45), e depois vêm os levitas (vv. 46-50), ao passo que a ordem inversa aparece em Josué: os levitas (21. 5-8), depois os aaronitas (v. 10-19).

t. A expressão *em primeiro lugar* (cf. Js 21.10) falta no texto de Cr.

filho de Iefuné. ⁴²Aos filhos de Aarão foram dadas como cidades de refúgio: Hebron, Libná e seus terrenos, Jatir, Eshtemoa e seus terrenos, ⁴³Hilez e seus terrenos, Debir e seus terrenos, ⁴⁴Ashan e seus terrenos, Bet-Shémesh e seus terrenos, ⁴⁵e, da tribo de Benjamin, Gueba e seus terrenos, Alémet e seus terrenos, Anatot e seus terrenos. O total de suas cidades: treze cidades para seus clãs.

*

Js 21.5-9 ⁴⁶Os outros filhos de Qehat, segundo seus clãs, obtiveram por sorteio dez cidades da tribo de Efraim, da tribo de Dan e da meia tribo de Manassés. ⁴⁷Os filhos de Guershôm e seus clãs receberam treze cidades da tribo de Issacar, da tribo de Aser, da tribo de Neftali e da tribo de Manassés, no Bashan. ⁴⁸Os filhos de Merari e seus clãs obtiveram por sorteio doze cidades tomadas da tribo de Rúben, da tribo de Gad e da tribo de Zabulon.

⁴⁹Os filhos de Israel deram aos levitas essas cidades com suas pastagens. ⁵⁰Por sorteio designaram também as cidades a que deram seus nomes, as quais foram tomadas da tribo dos filhos de Judá, da tribo dos filhos de Simeão e da tribo dos filhos de Benjamin.

*

Js 21.20-39 ⁵¹Os outros clãs dos filhos de Qehat receberam o território de suas cidades da tribo de Efraim. ⁵²Foram-lhes dadas como cidades de refúgio: Siquém e seus terrenos na montanha de Efraim, Guézer e seus terrenos, ⁵³loqmeãm e seus terrenos, Bet-Horon e seus terrenos, ⁵⁴Aialon e seus terrenos, Gat-Rimon e seus terrenos; ⁵⁵e da meia tribo de Manassés: Aner e seus terrenos, Bileãm e seus terrenos. Tudo isto era para o clã dos outros filhos de Qehat.

⁵⁶Para os filhos de Guershôm, segundo seus clãs, foram dadas na meia tribo de Manassés: Golan, no Bashan, e seus terrenos, Ashtarot e seus terrenos; ⁵⁷da tribo de Issacar, Qédesh e seus terrenos, Dabrat e seus terrenos, ⁵⁸Ramot e seus terrenos, Anêm e seus terrenos, ⁵⁹da tribo de Aser, Mashal e seus terrenos, Abdon e seus terrenos, ⁶⁰Huqoq e seus terrenos, Reçob e seus terrenos, ⁶¹e da tribo de Neftali: Qédesh da Galiléia e seus terrenos, Hamon e seus terrenos, Qiriatáim e seus terrenos.

⁶²Para os outros filhos de Merari, foram tomadas, da tribo de Zabulon: Remon e seus terrenos, Tabor e seus terrenos; ⁶³do outro lado do Jordão, perto de Jericó, a leste do Jordão, na tribo de Rúben: Bosor, no deserto, e seus terrenos, Iahsa e seus terrenos, ⁶⁴Qedemot e seus terrenos, Mefáat e seus terrenos, ⁶⁵da tribo de Gad: Ramot de Guilead e seus terrenos, Maḥanaim e seus terrenos, ⁶⁶Heshbon e seus terrenos, Iazer e seus terrenos.

*

7 Descendência das outras tribos.

¹Filhos de Issacar: Tolá, Puá, Iashub, Shimron: quatro.

Gn 46.13;
Nm 26.23-25

²Filhos de Tolá: Uzi, Refaiá, Ieriel, Iahmai, Iibsam e Samuel, que eram chefes das famílias de Tolá — guerreiros valentes, cuja descendência era, no tempo de David, em número de vinte e dois mil e seiscentos^a homens. ³Filho de Uzi: Iizrahíá. Filhos de Iizrahíá: Mikael, Obadiá, Ioel, Iishiá: cinco, todos chefes. ⁴Segundo sua descendência por família, tinham a seu cargo^b tropas de guerra, constituídas de trinta e seis mil homens, e havia muitas mulheres e filhos. ⁵Seus irmãos, para todos os clãs de Issacar,

u. O total das cidades mencionadas não passa de 11. Segundo Js 21.16-17, duas outras cidades são mencionadas: *Iutá* e *Guibeon*, o que levaria o número a 13.

v. Texto restabelecido de acordo com Js 21.5. Depois de ter dado a prioridade aos sacerdotes, o Cronista recua, para citar Js 21.5-9.

w. Trata-se provavelmente da meia tribo de Manassés, que se encontrava no Bashan.

x. Texto restabelecido de acordo com v. 46 e paralelos de Js 21.

y. O cap. 7 é consagrado às tribos das quais ainda não se falou. Encontram-se alguns elementos de Gn e de Nm, mas também de fontes desconhecidas.

z. Alusão possível ao recenseamento realizado no tempo de David (2Sm 24).

a. O número 5 deve compreender o filho de Uzi e seus 4 netos.

b. Lit. sobre eles, o que pode ser compreendido de várias maneiras.

eram oitenta e sete mil valentes guerreiros, segundo o recenseamento total.

Gn 46,21; Nm 26,38-41 ⁶Benjamin: Bela, Biker, Iedíael: três.

⁷Filhos de Bela: Eşbon, Uzi, Uziel, Ierimot e Iri: cinco chefes de família, valentes guerreiros, aos quais o recenseamento atribuiu vinte e dois mil e trinta e quatro descendentes. ⁸Filhos de Beker: Zemerá, Ioash, Eliézer, Elieonai, Omri, Ieremot, Abiá, Anatot, Alémet; estes são os filhos de Beker; ⁹o recenseamento da descendência desses chefes de família dava: vinte mil e duzentos valentes guerreiros. ¹⁰Filhos de Iedíael: Bilan. Filhos de Bilan: Ieúsh, Biniamin, Ehud, Kenaaná, Zetan, Tarshish, Aşishahar. ¹¹Estes são os filhos de Iedíael, chefes de família: dezessete mil e duzentos valentes guerreiros, no exército, prontos para combater.

¹²Shupim e Hupim eram filhos de Ir; Hushim, filho de Aher^d.

Gn 46,24; Nm 26,48-50 ¹³Filhos de Neftali: Iahaşiel, Guni, Iêşer e Shalum. Eram filhos de Bilá.

Nm 26,29-34 ¹⁴Filhos de Manassés: Asriel, nascido de sua concubina araméia. Ela gerou também Makir, pai de Guilead. ¹⁵Makir tomou uma esposa para Hupim e Shupim. O nome de sua irmã era Maaká. O nome do segundo era Şelofhad. Şelofhad só teve filhas^f. ¹⁶Maaká; mulher de Makir, deu à luz um filho, a quem deu o nome de Péresh. Seu irmão chamava-se Shéresh, e seus filhos, Ulâm e Requem. ¹⁷Filhos de Ulam: Badan. Esses foram os

filhos de Guilead, filho de Makir, filho de Manassés. ¹⁸Sua irmã, Moléket, deu à luz Ishehod, Abiézer e Maḥlá. ¹⁹Os filhos de Shemidá foram: Aḥian, Shekem, Liqhi e Aniâm.

Nm 26,35-37 ²⁰Filho de Efraim: Shuteláḥ, Bércd, seu filho, Táḥat, seu filho, Eleadá, seu filho, Táḥat, seu filho, ²¹Zabad, seu filho, Shuteláḥ, seu filho, Êzer e Elead. Os habitantes de Gad nascidos naquela terra os mataram, porque descenderam para roubar seus rebanhos. ²²Efraim, seu pai, chorou-os por muito tempo, e seus irmãos^h vieram consolá-lo. ²³Foi para sua esposa; ela concebeu e deu à luz um filho que ele chamou Beriá, pois ela havia permanecido em sua casa no tempo de sua desgraçaⁱ. ²⁴Teve por filha Sheerá, que construiu Bet-Horon inferior e superior, e Uzen-Sheerá. ²⁵Depois, Réfaḥ, seu filho: Réshef, Télaḥ, seu filho, Táhan, seu filho, ²⁶Laadan, seu filho, Amihud, seu filho; Elishamá, seu filho, ²⁷Nun, seu filho e Josué, seu filho.

²⁸Possuíam propriedades e habitavam em Betel e suas dependências, em Naaran, a leste, em Guézer e suas dependências, a oeste, em Siquéem e suas dependências, e até em Aiá e suas dependências. ²⁹Estavam nas mãos dos filhos de Manassés Bet-Shean e suas dependências, Taanak e suas dependências, Meguido e suas dependências, Dor e suas dependências. Nestas cidades moravam os filhos de José, filho de Israel.

c. Provavelmente seria necessário ler, como em outras listas: *filhos de Benjamin* (cf. vv. 3.13.14). Nos vv. 6-11, encontra-se a lista dos descendentes de *Benjamin*, que figura de novo no cap. 8 com variantes. Aqui talvez se trate de uma lista de lugares de residência de Benjamin, e não dos descendentes. Como não se encontra em parte alguma uma lista dos descendentes de *Zabulon*, alguns viram nestes vv. 6-11 o resto de uma lista dos filhos de *Zabulon* (Nm 26,26-27), e não de Benjamin; isto resolveria o problema da existência de duas listas de Benjamin. Mas esta conjectura não é confirmada por nenhum ms. do texto ou das versões.

d. A palavra: *filho de Aher*, na realidade está no plural (*os filhos de Aher*), embora não haja mais do que um nome. Este v., curiosamente unido aos anteriores, poderia conter o resto de uma breve lista dos descendentes de *Dan* (Nm 26,42-43) que não figura em parte alguma nas listas de Cr.

e. Os filhos de *Neftali*, com algumas variantes ortográficas com relação a Gn 46,24 e Nm 26,48-50.

f. Os filhos de *Manassés* apresentados nos vv. 14-19 levantam

problemas difíceis. Os nomes de *Shupim* e *Hupim* (do v. 12) aparecem ali de maneira inesperada. Quem é o segundo do v. 15? *Maaká* era a irmã (v. 15) e mulher de *Makir* (v. 16)! Os filhos de *Makir* (v. 16) são apresentados como os filhos de *Guilead* (v. 17). Fala-se dos filhos de *Shemidá* (v. 19), sem indicar quem era esta pessoa. É difícil encontrar uma explicação satisfatória para estas questões, e todas as tentativas de restauração do texto são conjecturas.

g. Os vv. 20-29 são formados de muitos elementos: a descendência de *Efraim* (vv. 20-21a e 25-27), o relato de um episódio de combate com os filisteus (vv. 21b-24) e os lugares de residência dos filhos de José, isto é, *Efraim* e *Manassés*.

h. Isto é, sua parentela, porque só havia um irmão: *Manassés*.
i. Aproximação de palavras entre o nome *Beriá* e a expressão *na desgraça* (hebr. *bera'd*). Episódio narrado nos vv. 21b-24 (combate com gente de Gat, filisteus) corta a genealogia dos filhos de *Efraim*, que termina com *Josué* do v. 27. Sem dúvida, é uma tradição muito antiga recolhida pelo Cronista.

Gn 46,17;
Nm 26,44-47

³⁰Filhos de Aser¹: Iimná, Iishvá, Iishvi, Beriá e Sérah, sua irmã. ³¹Filhos de Beriá: Héber e Malkiel. Este foi o pai de Birzait. ³²Héber gerou Iaflet, Shômer², Hôtam e Shuá, sua irmã.

³³Filhos de Iaflet: Pasak, Bimehal e Ashvat. São esses os filhos de Iaflet. ³⁴Filhos de seu irmão¹ Shômer: Rohgá, Ichubá e Arâm. ³⁵Filhos de seu irmão Helem³: Şofá, Iimná, Shélesh e Amal. ³⁶Filhos de Şofá: Súah, Harnéfer, Shual, Beri e Iimrá, ³⁷Béşer, Hod, Shamá, Shilshá, Iitran e Beerá. ³⁸Filhos de Iéter⁴: Iefuné, Pispá e Ará. ³⁹Filhos de Ulá⁵: Araş, Haniel e Bişá. ⁴⁰Todos esses eram filhos de Aser, chefes de família, homens de elite, valentes guerreiros, chefes dos príncipes; e o recenseamento de seus descendentes no exército, para a guerra, chegava a vinte e seis mil homens.

Gn 46,21;
Nm 26,38-41

8 Descendência de Benjamin. 'Benjamin⁶ gerou Bela, seu primogênito, Ashbel, o segundo, Aşrah, o terceiro, ²Nohá, o quarto, e Rafá, o quinto. ³Os filhos de Bela foram: Adar, Guerá, pai de Ehud⁷, ⁴Abishua, Naaman, Aşôah, ⁵Guerá, Shefufan e Hurâm.

⁶Eis os filhos de Ehud⁸. Eles foram os chefes de família dos habitantes de Gueba e os fizeram migrar para Manahat: ⁷Naaman, Aşia e Guerá; foi este que os fez migrar e que gerou Uza e Aşihud⁹.

⁸Shaşarâim teve filhos, nos campos de Moab, depois de ter repudiado suas

mulheres, Hushim e Baará¹. ⁹De sua nova mulher teve os seguintes filhos: Iobab, Şibiá, Meshá, Malkâm, ¹⁰Ieuş, Sakiá e Mirmá. Esses foram seus filhos, chefes de família. ¹¹De Hushim nasceram-Ihe Abitub e Elpáal. ¹²Filhos de Elpáal: Êber, Misheâm e Shémed: foi este quem construiu Onô e Lod com suas dependências.

¹³Beriá e Shema eram chefes de família dos habitantes de Aialon². Foram eles que puseram em fuga os habitantes de Gat.

¹⁴Aşîô, Shashaq, Ieremot³, ¹⁵Zebadiá, Arad, Éder, ¹⁶Mikael, Iishpá e Iohá eram filhos de Beriá.

¹⁷Zebadiá, Meshulâm, Hizqui, Héber, ¹⁸Iishmerai, Iizleá e Iobab eram filhos de Elpáal.

¹⁹Iaqim, Zikri, Zabdi, ²⁰Elienai, Şiletai, Eliel, ²¹Adaiá, Beriá e Shimrat eram filhos de Beriá.

²²Iishpan, Héber, Eliel, ²³Abdon, Zikri, Hanan, ²⁴Hananiá, Elâm, Antotiá, ²⁵Ilfidiá e Penuel eram filhos de Shashaq.

²⁶Shamsheraí, Shehariá, Ataliá, ²⁷Iaare-shiá, Eliá e Zikri eram filhos de Ieroşâm.

²⁸Estes eram os chefes de família, chefes segundo suas genealogias. Eles moravam em Jerusalém. 9,34

²⁹Em Guibeon, moravam o pai de Guibeon³, cuja esposa se chamava Maaká, 9,35-38

³⁰e os filhos, Abdon, o primogênito, Şur, Qish, Báal, Nadab, ³¹Gucdor, Aşîô e Zéqer⁴. ³²Miqlot gerou Shimeá: eles também, a exemplo de seus irmãos, moravam em Jerusalém com seus irmãos⁵.

j. Os filhos de Aser (vv. 30-40), segundo Gn 46,17, reproduzido nos vv. 30-31, e outras fontes desconhecidas, que forneceram uma lista bastante longa desses descendentes.

k. Ou: *Shémer* (v. 34).

l. Outra tradução possível: *Filhos de Shémer: Aşî, Rohgá...*

m. Ou *Hôtam* (v. 32).

n. Sem dúvida, o mesmo chamado *Iitran* do v. 37.

o. Personagem não mencionado anteriormente, talvez por acidente.

p. As informações sobre a descendência de Benjamin, no cap. 8, são diversas e, às vezes, difíceis de compreender. Repetem outras listas, que figuram em 7,6-12 ou em 9,35-44, com variantes. O que predomina neste cap. é o interesse pelos locais onde residiam os descendentes de Benjamin, particularmente Jerusalém. Os vv. 1-5 contêm uma lista dos descendentes de Benjamin.

q. O texto traz *Abihud*. A palavra *abi* vem da palavra *ab*, pai, e segundo Jz 3,15 Ehud é filho de Guerá. Por isso pode-se pensar que aqui o texto era: *pai de Ehud*.

r. Os vv. 6-12 referem-se aos descendentes de Benjamin instalados no país de Moab.

s. O texto dos vv. 6-7 é difícil e provavelmente comporta lacunas.

t. Tradução aproximada de um texto difícil e talvez alterado.

u. Os vv. 13-28 referem-se aos descendentes de Benjamin que habitam em Aialon e Jerusalém.

v. O texto desta passagem, como também a divisão dos vv., podem ser compreendidos de diversas maneiras.

w. Os que moravam em Guibeon e Jerusalém são mencionados nos vv. 29-32, reproduzidos em 9,35-38.

x. O paralelo de 9,35-38 acrescenta dois nomes a esta lista: *Ner* e *Miqlot*, que talvez deveriam figurar aqui.

y. A última frase poderia ser compreendida também assim: *Eles também, ao contrário de seus irmãos, habitavam...* A preposição traduzida por *contrariamente*, ou a exemplo de, significa exatamente: *de frente de...* em frente de... o que pode ser entendido de muitas maneiras diferentes.

9.39-44 ³³Ner gerou Qish^a, Qish gerou Saul, Saul gerou Jônatan, Malki-Shua, Abinadab e Eshbáal^a. ³⁴Filho de Jônatan: Meribáal; Meribáal gerou Miká. ³⁵Filhos de Miká: Piton, Mélek, Tarea, Aḥaz. ³⁶Aḥaz gerou Iehoadá; Iehoadá gerou Alémet, Azmávet e Zimri. Zimri gerou Mošá.

³⁷Mošá gerou Bineá, Rafá, seu filho, Eleasá, seu filho, Aşel, seu filho. ³⁸Aşel teve seis filhos, cujos nomes são: Azriqam, Bokru^b, Iishmael, Sheariá, Obadiá e Ḥanan. Todos eles, filhos de Aşel.

*

³⁹Filhos de Êsheq, seu irmão^c: Ulâm, o primogênito; Ieúsh, o segundo; Elifélet, o terceiro. ⁴⁰Os filhos de Ulâm foram valentes guerreiros e sabiam manejar o arco. Tiveram muitos filhos e netos: cento e cinquenta.

Todos esses eram filhos de Benjamin^d.

9 Os habitantes de Jerusalém. ¹Todos os israelitas foram recenseados e estão inscritos no livro dos reis de Israel. Os de Judá^e foram deportados para Babilônia por causa de sua infidelidade. ²Os primeiros habitantes^f

*

que ali obtiveram sua propriedade e suas cidades foram os israelitas, os sacerdotes, os levitas e os doados^g.

Ne 11.3-19

³Em Jerusalém moravam alguns dos filhos de Judá, de Efraim e de Manassés^h.

⁴Utaiⁱ, filho de Amihud, filho de Omri, filho de Imri, filho de Bani, um dos fi-

lhos de Peréş, filho de Judá. ⁵Entre os shilonitas, Asaiá, o primogênito, e seus filhos. ⁶Entre os filhos de Zérah, Ieuel. Com seus irmãos: seiscentos e noventa.

⁷Entre os filhos de Benjamin: Salu, filho de Meshulâm, filho de Hodaviá, filho de Ha-Senuá; ⁸Iibneiá, filho de Ieroḥâm; Elá, filho de Uzi, filho de Mikri, e Meshulâm, filho de Shefatiá, filho de Reuel, filho de Iibniá. ⁹Com seus irmãos, segundo suas genealogias: novecentos e cinquenta e seis. Todos esses homens eram chefes de família, cada um em sua família.

¹⁰Entre os sacerdotes: Iedaia, Iehoiarib, Iakin, ¹¹Azariá, filho de Hilqiá, filho de Meshulam, filho de Şadoq, filho de Meraiot, filho de Aḥitub, chefe da Casa de Deus; ¹²Adaiá, filho de Ieroḥam, filho de Pashehur, filho de Malkiá; e Maasai, filho de Adiel, filho de Iaḫzera, filho de Meshulâm, filho de Meshilemit, filho de Imer, ¹³e seus irmãos, chefes de famílias: mil setecentos e sessenta guerreiros valentes, para realizar o serviço da Casa de Deus.

¹⁴Entre os levitas: Shemeiá, filho de Ḥashub, filho de Azriqam, filho de Ḥashabiá, dos filhos de Merari, ¹⁵Baqbaqar, Ḥéresh, Galal e Mataniá, filho de Miká, filho de Zikri, filho de Asaf. ¹⁶Obadiá, filho de Shemaiá, filho de Galal, filho de Iedutun, e Berekiá, filho de Asá, filho de Elqaná, que habitavam nas aldeias dos netofatitas.

z. Do v. 33 ao v. 38 encontra-se a descendência de Saul, que corresponde exatamente a 9.39-44. Estes dois textos paralelos provavelmente servem de introdução ao cap. 10, sobre a morte de Saul. Sua descendência estende-se aqui até a décima segunda geração. Segundo 1Sm 14.51, Ner era o irmão e não o pai de Qish. Mas muitos personagens com frequência usavam o mesmo nome.

a. No livro de Samuel, os nomes de Eshbaal e Meribáal têm a forma de Ishbôshet e Mefibôshet. A palavra bôshet (vergonha) substituiu o nome da divindade baal, indigna de figurar no nome de um israelita. Na época do Cronista, a situação provavelmente era diferente e a forma primitiva dos nomes foi conservada na transmissão de um documento e não na de outro.

b. O gr. traduziu a palavra Bokru como se ela viesse de uma palavra muito próxima que significa: seu primogênito. Mas neste caso, o v. só apresenta 5 nomes de filhos, ao passo que no começo ele indica que se trata de 6 filhos.

c. Os vv. 39-40 (os descendentes de Êsheq) não figuram no

texto paralelo de 9.39-44. Constituem uma informação independente cuja origem se ignora.

d. A última frase do v. 40 refere-se a todo o cap.

e. Estas palavras às vezes são unidas à frase anterior: *dos reis de Israel e de Judá*, mas isto não corresponde à acentuação do hebr.

f. Depois desta introdução, o Cronista insere (9.2b-17a) uma lista que é semelhante, apesar de algumas variantes, à de Ne 11.3-19, e que provavelmente corresponde à população de Jerusalém depois do Exílio.

g. Em hebr.: *os doados*. Estes homens eram "doados" ao serviço dos levitas. Cf. Exd 2.43 e nota.

h. Na lista que segue, não se fala mais dos filhos de Efraim e de Manassés, que, de resto, também não figuram na lista paralela de Ne 11.4ss.

i. Segundo Ne 11.4, dever-se-ia colocar no início deste v. *Entre os filhos de Judá*, como na sequência da lista.

¹⁷Os porteiros: Shalum, Aquib, Talmon, Aḥiman e seus irmãos.

*

Shalum era o seu chefe¹. ¹⁸Permanece ainda hoje junto à porta real, a oriente, são eles os porteiros dos acampamentos dos filhos de Levi. ¹⁹Shalum, filho de Qorê, filho de Ebiasaf, filho de Qôrah e seus irmãos, os qorahitas, da mesma família, eram encarregados do serviço, como guardas do limiar da Tenda; seus pais foram encarregados de guardar a entrada do acampamento do SENHOR. ²⁰Pinhás, filho de Eleazar, fora outrora seu chefe; o SENHOR estava com ele⁴. ²¹Zekariá, filho de Meshelemiá, era porteiro da entrada da Tenda do Encontro. ²²Os que foram escolhidos como porteiros dos limiares¹ eram em número de duzentos e doze. Tinham sido recenseados em suas aldeias. Foram David e Samuel, o vidente, que os estabeleceram em sua função permanente^m. ²³Eles e seus filhos estavam encarregados de guardar as portas da Casa do SENHOR, isto é, a Casa da Tenda. ²⁴Os porteiros estavam nos quatro pontos cardeais: a leste, a oeste, ao norte, e ao sul. ²⁵Seus irmãos, que estavam em suas aldeias, de tempos a tempos, deviam vir para junto deles por uma semana; ²⁶mas os quatro porteiros-chefes lá ficavam constantemente. Os levitasⁿ eram encarregados das câmaras e dos tesouros da Casa de Deus. ²⁷Eles passa-

vam a noite em redor da Casa de Deus, pois a eles cabia guardá-la e abri-la todas as manhãs. ²⁸Alguns delesⁿ cuidavam dos objetos de culto; contavam-nos ao guardá-los e ao retirá-losⁿ. ²⁹Alguns dentre eles eram responsáveis pela mobília, sobretudo pelos vasos sagrados, pela flor de farinha, o vinho, o óleo, o incenso e os perfumes. ³⁰Mas os que preparavam a essência aromática para os perfumes eram filhos de sacerdotes.

³¹Um dos levitas, Matatiá — primogênito de Shalum, o qorahita — foi encarregado da confecção das bolachas cozidasⁿ. ³²Entre os filhos de qehatitas, alguns de seus irmãos estavam encarregados da preparação do pão de proposição para cada sábado.

³³Havia cantores^r, chefes de famílias levíticas, que moravam nos alojamentos e estavam dispensados de outras funções, pois dedicavam-se, dia e noite, a seu ofício.

*

³⁴Essesⁿ são os chefes de família para os levitas, chefes segundo suas genealogias. Eles habitavam em Jerusalém. n.28-38

³⁵Em Guibeon moravam o pai de Guibeon, Ieiel, cuja mulher chamava-se Maaká, ³⁶seu filho primogênito, Abdon, e Šur, Qish, Báal, Ner, Nadab, ³⁷Guedor, Ahiô, Zekariá e Miqlot. ³⁸Miqlot gerou Shimeâm. Estes também, a exemplo de seus irmãos, moravam em Jerusalém com eles.

J. A lista dos *porteiros* é seguida de um desenvolvimento que não figura em Ne II e cuja finalidade é, sem dúvida, revalorizar este emprego considerado como subalterno (vv. 17b-33). Nesta perspectiva, a função dos porteiros é descrita como tarefa que remonta não só a David, mas à própria época do deserto e da Tenda do Encontro (vv. 19-21).

k. Ou: *Que o Senhor esteja com ele!* — fórmula litúrgica frequente no judaísmo.

l. Talvez houvesse uma diferença entre os porteiros que guardavam as portas exteriores do Templo, e os *porteiros dos limiares* que guardavam as entradas situadas no interior.

m. As palavras: *em sua função permanente* correspondem a uma palavra hebr. que significa: *a fidelidade, a fé*. Por isso, poder-se-ia traduzir: *por causa de sua fidelidade*; mas o mesmo termo nos vv. 26 e 31 mostra que se aplica antes à permanência e à estabilidade da função.

n. Ou: *Havia levitas que...* mas estas palavras sem dúvida se aplicam aos porteiros já mencionados.

o. Os vv. 28-34 contêm indicações sobre outras funções dos levitas: responsabilidade pelos objetos do culto, preparação das oblações e dos pães de proposição, cantores. Todos eles deviam morar em Jerusalém (v. 34).

p. Lit. *segundo seu número os recolocavam e segundo seu número os faziam sair*.

q. Palavra que só se encontra aqui e cujo sentido não é certo.

r. Estas palavras dificilmente se aplicam aos personagens que precedem: deveriam introduzir uma lista de *cantores*, que não foi conservada.

s. Os vv. 34-44 reproduzem o cap. 8,28-38 com algumas variantes de pormenor e três nomes suplementares: Ieiel, Ner e Miqlot. Não se explica esta repetição de um mesmo texto em dois capítulos consecutivos. A lista de 9,1-34 talvez tenha sido inserida na obra do Cronista depois das listas genealógicas dos caps. 1-8, e, para introduzir o relato da morte de Saul (cap. 10), se teria repetido a lista de sua parentela (9, 35-44).

³⁹Ner gerou Qish, Qish gerou Saul, Saul gerou Jônatan, Malki-Shua, Abinadab e Eshbaál. ⁴⁰Filho de Jônatan: Meribáal. Meribáal gerou Miká. ⁴¹Filhos de Miká: Piton, Mélek, Tahreá. ⁴²Acáz gerou Iaerá, Iaerá gerou Alémet, Azmávet e Zimri;

Zimri gerou Moşá. ⁴³Moşá gerou Bineá, Rafaiá, seu filho, Eleasá, seu filho, Aşel, seu filho. ⁴⁴Aşel teve seis filhos, cujos nomes são: Azriqam, Bokru, Ismael, Sheariá, Obadiá e Hanan. Esses são os filhos de Aşel.

REINADO DE DAVID

*

1Sm 31,1-13

10 Morte do rei Saul¹. ¹Os filisteus travaram combate contra Israel; os homens de Israel fugiram de diante dos filisteus e tombaram, mortalmente feridos, no monte de Guilboa. ²Os filisteus perseguiram de perto Saul e seus filhos, e mataram Jônatan, Abinadab e Malki-Shua, os filhos de Saul. ³O peso do combate recaiu sobre Saul; os arqueiros o descobriram, e ele teve um estremecimento à vista dos arqueiros. ⁴Então Saul disse a seu escudeiro: "Desembainha tua espada e traspassa-me, para não acontecer que esses incircuncisos zombem de mim"; mas seu escudeiro recusou-se, pois estava com muito medo. Então Saul tomou a espada e se lançou sobre ela. ⁵Vendo que Saul estava morto, seu escudeiro também se lançou sobre a espada, e morreu. ⁶Saul morreu, bem como seus três filhos; toda a sua casa morreu ao mesmo tempo². ⁷Ao verem a derrota de Israel e a morte

de Saul e de seus filhos, os israelitas abandonaram suas cidades e fugiram. Vieram os filisteus e lá se estabeleceram.

⁸No dia seguinte, os filisteus vieram espoliar as vítimas. Encontraram Saul e seus filhos caídos no monte Guilboa. ⁹Eles o despojaram, levaram sua cabeça e suas armas e as fizeram circular por toda a terra dos filisteus, anunciando-o a seus ídolos³ e ao povo. ¹⁰Depuseram as armas de Saul na casa do deus deles e pregaram seu crânio no templo de Dagon⁴.

¹¹Todos os habitantes de labesh de Guilcad ficaram sabendo de tudo o que os filisteus fizeram a Saul. ¹²Todos os valentes guerreiros se levantaram, tomaram o corpo de Saul e os corpos de seus filhos e os levaram para labesh. Sepultaram seus ossos debaixo do terebinto de labesh e jejuaram durante sete dias⁵.

*

¹³Saul⁶ morreu por causa da infidelidade cometida para com o SENHOR, porque não observara a palavra do SENHOR e por

1. De acordo com 8,35, dever-se-ia acrescentar aqui: *Acáz*. u. Cf. 8,38 nota.

v. O breve cap. 10 narra a morte de Saul de acordo com 1Sm 31, reproduzido com algumas abreviações e variantes. Este episódio tem como objetivo explicar como e por que a realza passou de Saul a David, supondo já conhecida a história do reinado de Saul, da qual nada diz aqui. O que se tem em vista é a história do reinado de David, a única que importa para o escritor, que enfatiza propositalmente o contraste entre o rei infiel, que morre na vergonha e que não tem sucessor, e o rei David, fiel, cuja dinastia se perpetuaria.

w. Com uma ligeira modificação das vogais, o gr. e o lat. leram: *foi ferido pelos arqueiros*.

x. O texto de 1Sm 31,6 diz: *e todos os seus homens*, isto é, todos os seus soldados. Aqui o Cronista quer mostrar que toda a família de Saul desapareceu e que não houve nenhum sucessor possível. Acontece que a história fala de um filho, *Ishbôsher*, que reinou durante 2 anos (2Sm 2,10), e de um neto, *Mefibôsher*, filho de Jônatan, e também de outros mais (2Sm 21,7-9). Mas para o Cronista, que menciona estes pormenores da descendência

de Saul (8,33-36 e 9,39-44), esta história está definitivamente terminada, como se a casa de Saul não mais existisse.

y. De acordo com 1Sm 31,9: *na casa de seus ídolos*.

z. O texto de Sm é um pouco diferente: *no templo das Astartes e pregaram o seu cadáver na muralha de Bet-Shean*. O Cronista não menciona Astarte, mas fala do templo de Dagon, divindade dos filisteus. É possível que haja ali uma informação exata recolhida em tradição diversa da de Sm.

a. O texto paralelo de Sm diz que eles caminharam *toda a noite* e que *queimaram* os corpos. O Cronista talvez omita estes detalhes por causa da lei em vigor em sua época: não deixar um corpo pendente durante toda a noite (Dt 21,22-23) e não incinerá-lo (Lv 20,14; 21,9), castigo reservado aos criminosos e aos adúlteros — Os habitantes de labesh se recordam de sua libertação por obra de Saul (1Sm 11).

b. Os vv. 13-14 não têm paralelo no texto de 1Sm 31. É um juízo teológico do Cronista, que explica que a morte de Saul foi querida por Deus por causa da infidelidade do rei (1Sm 15), e particularmente de sua consulta ao espírito dos mortos (1Sm 28). De fato, Saul consultara o Senhor (1Sm 28,6), que não

ter consultado alguém que praticava a divinação, ¹⁴em lugar de consultar o SENHOR. Este o fez morrer e transferiu a realeza a David, filho de Jessé.

*

11 O rei David conquista Jerusalém.

2Sm 5,1-3

¹Todo Israel reuniu-se em torno de David, em Hebron, dizendo: "Eis que somos dos teus ossos e de tua carne. ²Já em tempos passados, quando Saul ainda reinava sobre nós, eras tu que fazias Israel sair e entrar. Ora, o SENHOR, teu Deus, te disse: És tu que apascentarás Israel, meu povo, e és tu que serás chefe de Israel, meu povo". ³Todos os anciãos de Israel vieram para junto do rei^d em Hebron, e David concluiu em seu favor uma aliança em Hebron, na presença do SENHOR. Ungiram David como rei de Israel, segundo a palavra do SENHOR transmitida por Samuel^e.

*

⁴E David, como também todo Israel, marchou contra Jerusalém^f, isto é, Iebus^g, onde estavam os iebuseus que habitavam a terra. ⁵Os habitantes de Iebus disseram a David: "Não entrarás aqui". Mas David se apoderou da fortaleza de Sião: é a Cidade de David. ⁶Com efeito, ele havia

dito: "O primeiro a ferir um iebusita será chefe e príncipe". Iobab^h, filho de Seruiá, foi o primeiro a subir e tornou-se chefe. ⁷David instalou-se na fortaleza; é por isso que foi chamada Cidade de David. ⁸Depois construiu a cidade, de todos os lados, desde o Milôⁱ até os arredores, e Iobab restaurou o resto da cidade. ⁹David se tornava cada vez maior, e o SENHOR de todo poder estava com ele.

*

Os valentes de David. ¹⁰Eis os chefes dos valentes de David, que o sustentaram fortemente durante todo seu reinado, como todo Israel, para o fazer reinar sobre Israel, segundo a palavra do SENHOR.

*

¹¹Eis a lista dos valentes de David: Iashobeã^k, filho de Hãmoni, chefe dos Três^l. Foi ele que brandiu sua lança contra trezentas vítimas ao mesmo tempo. ¹²E depois dele, Eleazar, filho de Dodô, o ahojita, que era um dos Três valentes. ¹³Ele esteve com David em Pas-Damim, quando os filisteus lá se reuniram para o combate; havia lá um campo^m coberto de cevada, e o povo fugia de diante dos filisteusⁿ; ¹⁴postaram-se no meio do campo, defenderam-no e abateram os fi-

2Sm 23,8-29

respondeu. A infidelidade de Saul motiva aqui o juízo de Deus e a transmissão de sua realeza a David.

c. O Cronista omite os relatos referentes ao reinado de David em Hebron, durante sete anos e meio, enquanto no resto de Israel reinava o filho de Saul: Ishbôshet (2Sm 1-4). Para ele, o reinado de David, desde o começo, refere-se a *tudo Israel*, e tudo o que diz respeito a Saul e seu reinado não conta. David é o único verdadeiro rei querido por Deus. Os vv. 1-3 seguem fielmente 2Sm 5,1-3, salvo na reflexão final.

d. Embora David ainda não fosse rei, aqui é apresentado como tal: o autor seguiu sua fonte (2Sm 5,3) onde David é chamado rei porque já reina sobre Judá em Hebron.

e. O Cronista acrescenta este final de frase para sublinhar que o reinado de David está de acordo com a vontade de Deus expressa por Samuel (1Sm 16). Portanto, ela não é apenas o resultado de uma ação humana executada pelos representantes do povo.

f. Os vv. 4-9 seguem de modo geral 2Sm 5,6-10, mas com uma perspectiva própria do Cronista: a conquista de Jerusalém é realizada por *tudo Israel*, e não pelas tropas de David (2Sm 5,6). É o primeiro ato de David rei, e não se conserva nenhum pormenor desfavorável ao rei, por exemplo, as palavras injuriosas dos iebusitas dirigidas a David (2Sm 5,6). O importante é Jerusalém, cidade de David, capital escolhida pelo rei desde o começo de seu reinado.

g. O nome *Iebus* para Jerusalém raramente aparece no AT (somente em Cr e em Jz 19,10-11).

h. Iobab não é mencionado no texto paralelo, 2Sm 5. O Cronista pode ter encontrado esta informação em outra fonte, ou então querido sublinhar o papel preponderante de Iobab.

i. Parte da fortaleza que forma o terraplano (o termo vem do verbo hebraico *māle'*, encher).

j. Depois de um endereço particular (v. 10), a lista que segue (vv. 11-47) reproduz com algumas variantes 2Sm 23,8-29. Mas ao contrário do livro de Sm, que a coloca no fim do reinado de David, o livro das Cr a traz para o começo do reinado.

k. *Ishbãal* segundo o gr. Sobre os três homens, o texto só menciona dois (*Iashobeã*, e no v. 12 *Eleazar*). O terceiro, de acordo com 2Sm 23,11, era *Shamã*, mas os vv. 9-12 de 2Sm 23 talvez estejam acidentalmente condensados em 1Cr 11,13-14, que atribuem a Eleazar o que se diz de Shamã em 2Sm 23.

l. A lista distingue dois grupos de valentes: um grupo de *Três* e um grupo de *Trinta*. Mas com frequência há confusão entre os dois, pois em hebr. as palavras *Três* e *Trinta* estão muito próximas entre si. Aqui o texto fala dos *Trinta*, mas trata-se dos *Três*.

m. Lit. *uma porção de campo*.

n. Este episódio é atribuído a um personagem chamado *Shamã*, e não a *Eleazar* como aqui.

listeus; o SENHOR realizou uma grande vitória.

¹⁵Três dos Trinta chefes^o desceram ao rochedo^p para perto de David, junto à gruta de Adulâm, enquanto o batalhão dos filisteus estava acampado no vale dos Refaítas. ¹⁶David estava em seu refúgio, e havia uma milícia de filisteus em Bet-Lehem. ¹⁷David manifestou este desejo: "Quem me dará de beber da água do poço que está à porta de Bet-Lehem?" ¹⁸Os Três irromperam no campo dos filisteus, tiraram água do poço situado junto à porta de Bet-Lehem, levaram-na e apresentaram-na a David. Mas David não quis beber e derramou-a em libação ao SENHOR. ¹⁹Ele disse: "Que Deus me castigue se eu fizer isto! Porventura beberei o sangue destes homens que arriscaram suas vidas? Pois foi com risco de vida que eles a trouxeram!" E não quis beber. Aí está o que fizeram os Três valentes.

²⁰Abshai, irmão de Ioab, era o chefe dos Trinta^q. Foi ele que brandiu a lança contra trezentas vítimas, mas não conquistou um nome entre os Três^r. ²¹Foi duplamente honrado, mais que os Trinta^s, e se tornou seu chefe, mas não alcançou os Três.

²²Benaia, filho de Iehoiadá, filho de um homem de valor e que realizou muitas façanhas, era natural de Qabşeel. Foi ele que abateu os dois heróis^t de Moab; foi ele que, num dia de neve, desceu e matou o leão na cisterna; ²³foi também ele que matou o egípcio de cinco côvados de altura; o egípcio tinha na mão uma lança semelhante a um cilindro

de tear. Desceu contra ele, armado de um bastão, arrancou a lança da mão do egípcio e matou-o com a própria lança dele. ²⁴Eis o que fez Benaiahu, filho de Iehoiadá; ele conquistou um nome entre os Trinta^u valentes; ²⁵foi mais ilustre do que os Trinta, mas não alcançou os Três. David incluiu-o na sua guarda pessoal.

²⁶Guerreiros valentes^v: Asahel, irmão de Ioab; Elhanan, filho de Dodô, de Bet-Lehem; ²⁷Shamot, o harorita; Hêleş, o pelonita; ²⁸Írá, filho de Iqesh, de Teqoa; Abiêzer, de Anatot; ²⁹Sibekai, de Hushá; Hái, o ahohita; ³⁰Mahrai, o netofatita; Hêled, filho de Baaná, o netofatita; ³¹Itai, filho de Ribai, de Guibeá dos filhos de Benjamin; Benaia, de Píreaton; ³²Hurai, das Torrentes de Gáash; Abiel, o arbatita; ³³Azmávet, de Bañurim; Elihabá, de Shaalbon; ³⁴Benê-Hashem, o guizonita; Jônatan, filho de Shaguê, o hararita; ³⁵Ahiâm, filho de Sakar, o hararita; Elifal, filho de Ur; ³⁶Hêfer, o maquerita; Ahiá, o pelonita; ³⁷Heşrô, de Karmel; Naarai, filho de Ezbai; ³⁸Ioel, irmão de Natan; Mibhar, filho de Hagri; ³⁹Sêleq, o amonita; Naarai, de Beerot, escudeiro de Ioab, filho de Şeruiá; ⁴⁰Írá, o iitrita; Gareb, o iitrita; ⁴¹Uriá, o hitita^w.

*

Zabad, filho de Aşlai; ⁴²Adiná, filho de Shizá, o rubenita, chefe dos rubenitas, e com ele, trinta; ⁴³Hanan, filho de Maaká; Ioshafat, o mitnita; ⁴⁴Uziá, o ash-teratita; Shamá e Ieiel, filhos de Hotâm, de Aroer; ⁴⁵Iediael, filho de Shimri, e Iohá, seu irmão, o tişita; ⁴⁶Eliel, dos

o. Estes três homens talvez sejam os que acabam de ser mencionados ou, mais provavelmente, três outros.

p. O texto de 2Sm 23,13 não fala de rochedo, mas traz: *no tempo da colheita*.

q. O texto traz *chefe dos Três*, em lugar de *Trinta*.

r. Tradução do hebr. As versões ¹⁵ têm a negação: *mas teve um nome para ele entre os Três* (isto é: *ele teve um renome*). Este v. é paralelo ao v. 11.

s. Mesma observação que no v. 20: ler os *Trinta* em lugar dos *Três*.

t. Lit. *os dois Ariel*, isto é: *os dois leões de Deus*. A palavra pode ser ou um nome próprio, ou uma comparação imaginada para falar de heróis. Modificando ligeiramente a separação entre

as palavras, poder-se-ia ler também: *os dois leões de Moab*.

u. O texto traz *os Três* (cf. vv. 20 e 21).

v. Os vv. 26-41 apresentam numerosas variantes nos nomes próprios com relação ao texto paralelo de 2Sm 23,24-39.

w. Este nome encerra a lista em 2Sm 23,39. Os nomes que seguem (vv. 41-47) constituem um suplemento da lista que é próprio de Cr. Encontram-se aí 16 nomes que o autor talvez tenha descoberto em outra fonte, e que se referem a personagens de regiões da Transjordânia. Esta outra fonte talvez seja a que se prolonga até 13,4. O autor provavelmente quis mostrar que, desde o começo, David foi reconhecido como rei por todo o povo, incluídos os habitantes das regiões mais externas e com frequência mantidos a distância.

maḥavim; Ieribai e Ioshaviá, filhos de Elnám; Iitmá, o moabita; ⁴⁷Eliel, Obed e Iaasiel, de Šobá^x.

12 ¹Eis^y os que vieram para junto de David em Šiqlag, quando ele ainda era mantido longe de Saul, filho de Qish; contados entre os valentes, participavam do combate. ²Estavam armados com arcos e serviam-se da mão direita e da mão esquerda para lançar pedras e para atirar flechas com o arco.

Entre os irmãos^z de Saul de Benjamin: ³Ahiézer, o chefe, e Ioash, filho de She-maá, o guibeatita; Ieziel e Pélet, filhos de Azmávet, Beraká e Iehu, de Anatot; ⁴Iishmaíá, o guibeconita, valente entre os Trinta e chefe dos Trinta^a; ⁵Iirmiá, Ia-ḥaziel, Ioḥanan e Ioabad, o gaderotita; ⁶Eluzai, Ierimot, Bealiá, Shemariáhu e Shefatíahu, o ḥarifita; ⁷Elqaná, Iishiáhu, Azarel, Ioézer, Iashobeam, os qorahitas; ⁸Ioelá e Zebadiá, filhos de Ieroḥâm, de Guedor^b.

⁹Dentre os gaditas houve quem se apartasse para aderir a David no seu refúgio do deserto. Eram valentes guerreiros, homens de exército formados para o combate, equipados com escudo e lança, bravos como leões e rápidos como gazelas nas montanhas. ¹⁰Ézer era o chefe, Obadiá, o segundo; Eliab, o terceiro; ¹¹Mishmaná, o quarto; Iirmiá, o quinto; ¹²Atai, o sexto; Eliel, o sétimo; ¹³Ioḥanan, o oitavo; Elzabad, o nono; ¹⁴Iirmiáhu, o décimo; Makbanai, o undécimo. ¹⁵Estes eram, entre os filhos de Gad, os chefes de exército; o menor deles valia por cem;

o maior valia por mil^c. ¹⁶Foram eles que atravessaram o Jordão no primeiro mês, quando costuma transbordar em suas margens, e que puseram em fuga todos os habitantes do vale, na margem oriental como na ocidental.

¹⁷Alguns filhos de Benjamin e de Judá^d vieram até o refúgio de David. ¹⁸David saiu-lhes ao encontro, tomou a palavra e disse-lhes: "Se é em paz que viestes a mim, a fim de me ajudar, estou pronto a unir-me a vós; mas se é para me enganar em proveito de meus inimigos, enquanto não há violência nas minhas mãos, que o Deus de nossos pais o veja e julgue!" ¹⁹Então o Espírito revestiu Amasai, chefe dos Trinta^e:

"Nós te pertencemos, David,
E estamos contigo, filho de Jessé!
Paz, paz a ti
e paz a quem te ajuda!
Pois é teu Deus que te ajuda!"

David os acolheu e os estabeleceu entre os chefes da tropa.

²⁰Alguns de Manassés se juntaram^f a David, quando ele veio com os filisteus combater Saul, mas não o puderam ajudar, pois, reunindo-se em conselho, os príncipes dos filisteus despediram David, dizendo: "Ao preço de nossa cabeça ele se juntará a seu senhor, Saul!" ²¹Quando David partiu para Šiqlag, alguns dos de Manassés juntaram-se a ele; Adnah, Ioabad, Iediel, Mikael, Ioabad, Elihu, Šiltai, chefes de milhares de homens de Manassés. ²²Foram esses que ajudaram David e a tropa^g, pois eram todos homens valen-

x. O texto traz: *Iaasiel, de Šobaiá*. Mas provavelmente se trata de *Šobá*, na Síria.

y. Sem paralelo em 2Sm, o cap. 12 contém inicialmente (vv. 1-23) informações sobre muitas tribos de Israel que tinham fornecido homens que aderiram a David desde o começo de seu reinado, na época de sua existência no deserto, sob o reinado de Saul. Portanto, o Cronista supõe conhecidos os relatos de 1Sm 21-30, dos quais não fala.

z. O termo *irmão* tem aqui o sentido de: *membro do mesmo clã*, como em muitas outras passagens (12.30.33.40; 15.5-10; 23.22 etc.).

a. A numeração dos vv. às vezes é privada de uma unidade a partir deste v., e isto faz com que o cap. 12, neste caso, tenha 40 vv. e não 41.

b. Depois da gente de *Benjamin* (vv. 1-8) vem a de *Gad* (vv. 9-16).

c. Ou: *o menor estava à frente de cem, e o maior à frente de mil*.

d. Trata-se, mais uma vez, da gente de *Benjamin*, com a de *Judá* (vv. 17-19).

e. O oráculo profético pronunciado por este personagem quer sublinhar o caráter divino do reinado de David, reconhecido por todos.

f. Lit. *caíram sobre...* Agora se trata de gente de *Manassés* (vv. 20-23). Esta passagem alude ao episódio narrado em 1Sm 29,1-11.

g. Lit. *sobre a tropa*; isto pode significar ou: *que ajudaram David à frente da tropa*, ou, melhor: *... contra a tropa*, e esta seria uma alusão ao relato de 1Sm 30,1-25 onde se trata de uma razia dos amalequitas (com a mesma palavra: *tropa*, v. 8), contra a qual combateu David.

tes e se tornaram oficiais no exército. ²³Com efeito, cada dia, David recebia novos reforços, de tal sorte que o acampamento se tornou tão grande quanto um acampamento de Deus^h.

²⁴Eis o número dos homensⁱ equipados para o exército que vieram para junto de David, em Hebron, para transmitir-lhe a realza de Saul, segundo a ordem do SENHOR: ²⁵Filhos de Judá, armados de escudo e lança: 6.800 homens equipados para o exército; ²⁶dos filhos de Simeão: valentes guerreiros para o exército: 7.100; ²⁷dos filhos de Levi: 4.600. ²⁸mais lehoiadá, comandante para Aarão, com 3.700; ²⁹mais Şadoq, jovem e valente guerreiro, e vinte e dois chefes de sua família. ³⁰Dos filhos de Benjamin, irmãos de Saul: 3.000, a maioria dos quais estava até então a serviço da casa de Saul; ³¹dos filhos de Efraim: 20.800 valentes guerreiros^k, homens renomados de sua família; ³²da meia tribo de Manassés: 18.000, designados nominalmente para irem proclamar David rei. ³³Dos filhos de Issacar, que sabiam discernir os momentos em que Israel devia agir e a maneira de fazê-lo, 200 chefes e todos os seus irmãos sob suas ordens. ³⁴De Zabulon, 50.000 homens prontos para sair em campanha, com todas as suas armas de guerra, e para se alinhar na batalha de coração indiviso^l. ³⁵De Neftali: 1.000 che-

fes com 37.000 homens armados de escudos e lanças. ³⁶Dos danitas, 28.600 homens prontos para o combate. ³⁷De Aser, 40.000 homens prontos para sair em campanha. ³⁸Do Além-Jordão, dos rubenitas, dos gaditas e da meia tribo de Manassés: 120.000 homens, com todas as armas de combate.

³⁹Todos esses homens de guerra, prontos para se pôr em ordem de batalha, dirigiram-se de coração sincero a Hebron, a fim de proclamar David rei sobre todo Israel; todo o resto de Israel também veio para, num só coração, proclamar David rei. ⁴⁰Ficaram lá três dias com David, comendo e bebendo, pois seus irmãos haviam feito preparativos para eles. ⁴¹Das vizinhanças e até de Issacar, Zabulon e Neftali traziam víveres sobre jumentos e camelos, mulas e bois: farinha, tortas de figos, e uvas passas, vinho, azeite, bois e ovelhas em abundância, pois havia alegria em Israel^m.

13 Decisão de trasladar a arca a Jerusalém. 'David reuniu-se em conselho com os chefes de mil e de cem, e com todos os notáveis'. ²Disse a toda a assembléia de Israel: "Se for do vosso agrado e se isto provémⁿ do SENHOR, nosso Deus, enviemos uma mensagem a nossos irmãos de todos os territórios de Israel, bem como aos sacerdotes e aos

h. Isto é, um campo imenso e poderoso. A palavra *Deus* às vezes é empregada para indicar um superlativo.

i. Uma segunda parte do cap. 12 compreende os vv. 24-41. É uma *estatística* dos exércitos que cada uma das tribos forneceu a David. Os documentos do cap. 12 podem ter sido fornecidos ao Cronista por uma fonte independente dos livros de Sm, contendo informações históricas exatas, sem que seja possível verificá-las em outra parte.

j. A tribo de *Levi* geralmente não figura entre as tribos instaladas na terra, pois não tinha território algum. Nas listas em que é mencionada (Gn 49; Dt 33), não se fala das tribos de *Efraim* e de *Manassés*, mas de uma só tribo, a de *José*, do contrário o total seria 13 e não 12. Ora, aqui há treze tribos, com *Efraim* e *Manassés*. Mas para o Cronista a tribo sacerdotal de *Levi* não podia ser omitida.

k. Enquanto os números para as primeiras tribos (Judá, Simeão, Levi, Benjamin) são relativamente pequenos (de 3.000 a 7.000), para as outras tribos (com exceção de Issacar) são mencionados contingentes numerosos (de 18.000 a mais de 50.000).

Não é fácil explicar esta diferença. Será para mostrar que as quatro primeiras tribos já haviam reconhecido o reinado de David em Hebron, ao passo que todas as outras vêm ao rei pela primeira vez e mostram sua fidelidade por meio de tropas muito mais numerosas?

l. Com vários mss. e versões, poder-se-ia ler: e para ajudar David com um coração sem partilha.

m. Os últimos vv. do cap. (vv. 39-41) exprimem a atmosfera de entusiasmo, de alegria e de partilha espontânea que reinava em Israel, marcada por numerosas oblações. David é verdadeiramente o rei querido por Deus e aceito de todo o coração por todo o povo.

n. Os vv. 1-4 formam uma introdução particular a Cr e não figuram em 2Sm 6. O autor mostra que *tudo* o povo, com os sacerdotes e levitas no centro, participe desta assembléia, que tem um caráter religioso (a palavra *assembléia* corresponde ao gr. *ekklesiá*).

o. Esta palavra traduz uma expressão que significa: *fazer uma brecha*, ou *sair*, *provir*. Mas o texto é incerto, e o gr. traduz: *se isto for agradável ao Senhor*.

levitas em suas cidades de residência^a, para que se juntem a nós. ³Então reconduziremos para junto de nós a arca de nosso Deus, pois não nos ocupamos dela no tempo de Saul". ⁴Toda a assembléia concordou em agir desta forma, pois a coisa parecia justa aos olhos de todo o povo.

*

2Sm 6.1-11 ⁵David^a reuniu todo Israel, desde a torren-te do Egito até a entrada de Hamat, para trazer de Qiriat-learim^a a arca de Deus. ⁶Com todo Israel, subiu a Baalá, a Qiriat-learim^a em Judá, para trazer a arca de Deus, do SENHOR que senta sobre os querubins, lá onde seu nome é invocado¹. ⁷Desde a casa de Abinadab, a arca de Deus foi posta sobre um carro novo. Uzá e Ahiô conduziam o carro. ⁸David e todo Israel dançavam com todo o vigor diante de Deus, cantando ao som das cítaras, das harpas, dos tamborins, címbalos e trombetas.

⁹Chegaram à eira de Kidon^a. Uzá estendeu a mão para segurar a arca, porque os bois ameaçavam fazê-la cair^a. ¹⁰A cólera do SENHOR inflamou-se contra Uzá e o abateu, porque ele tocara a arca com a mão; ele morreu ali, diante de Deus. ¹¹David ficou perturbado, porque o SENHOR abriu uma brecha fulminando Uzá,

e esse lugar passou a chamar-se "Brecha de Uzá^a" até hoje.

¹²Naquele dia, David teve medo de Deus e disse: "Como poderei levar para a minha casa a arca de Deus?" ¹³Então David não conduziu a arca para sua casa, na Cidade de David, mas mandou que a levassem para a casa de Obed-Edom de Gat. ¹⁴A arca de Deus ficou três meses na casa de Obed-Edom, em sua casa^a, e o SENHOR abençoou a casa de Obed-Edom e tudo o que lhe pertencia^a.

*

14 David em Jerusalém. Vitória sobre os filisteus. ¹Hirâm, rei de

Tiro, enviou mensageiros a David, levando madeira de cedro, e também pedreiros e carpinteiros, para construir-lhe uma casa^a. ²Então David soube que o SENHOR o estabelecera rei sobre Israel e que sua realza era grandemente exaltada por causa de Israel, seu povo.

³David tomou ainda mulheres em Jerusalém^a, e gerou mais filhos e filhas. ⁴Eis os nomes dos que nasceram em Jerusalém: Shamua, Shobab, Natan e Salomão, ⁵Iibhaz, Elishua e Elpálet, ⁶Nôgah, Néfeg e Iafia, ⁷Elishamá, Beeliadá e Eliflet^a.

p. Ou: nas cidades de seus terrenos.

q. Os versículos 5-14 reproduzem 2Sm 6.1-11 com algumas adições ou supressões: depois o fim do mesmo capítulo de 2Sm (vv. 12-23) dará, em Cr, um longo desenvolvimento que forma os caps. 15-16. A importância da translação da arca para Jerusalém é assim sublinhada no pensamento do Cronista.

r. O autor supõe conhecida a história da arca narrada em 1Sm 4-7 (tomada pelos filisteus, restituição etc.). Nada diz sobre isto e só se interessa por sua translação a Jerusalém por David, dado que no tempo de Saul ninguém se ocupara dela (v. 3)!

s. Baalá e Qiriat-learim são os dois nomes de uma mesma localidade (1Sm 7.1-2; 2Sm 6.2).

t. Fórmula corriqueira, aqui abreviada em consequência da confusão de dois termos semelhantes, mas reconstituída segundo o texto paralelo de 2Sm 6.2.

u. O texto de Sm traz o nome de Nakan.

v. Estas últimas palavras traduzem um verbo que significa: deixar, afrouxar, fazer cair, vergar.

w. Em hebr.: Pêres-Uzá, isto é, Brecha (ou desabamento) de Uzá. A palavra pode ser aplicada também a uma derrubada, uma fulminação. A frase comporta uma expressão difícil de traduzir em português: lit. por ter o Senhor derrubado uma derrubada em relação a Uzá.

x. O texto diz exatamente: com a casa de Obed-Edom, na sua casa, o que pode ser explicado pelo desejo de mostrar que a arca, objeto sagrado perigoso, não estava na própria casa de Obed-Edom, mas ao lado, numa casa particular que lhe era atribuída. O texto de Sm diz simplesmente que estava na casa de Obed-Edom.

y. A sequência do relato, paralelo de 2Sm 6.12-23, encontra-se desenvolvida nos caps. 15 e 16.

z. Este documento (14.1-16) interrompe o relato da translação da arca para Jerusalém que será retomado nos caps. 15 e 16, ao passo que no texto paralelo de 2Sm 5.11-25, ele a precede.

a. Cr não menciona todos os pormenores da história de David, pois a supõe conhecida. Nada diz do reinado de David em Hebron (2Sm 5.4-5 e 13) e não menciona as concubinas que ele tinha (2Sm 5.13). Limita-se a dizer: David tomou ainda mulheres...

b. A lista paralela de 2Sm 5.14-16 não tem dois nomes: Elpálet e Nôgah, e chama um dos filhos Eliadâ (Deus conhece), ao passo que aqui é chamado Beeliadâ (Baal conhece). Os nomes compostos com a palavra Baal com frequência foram corrigidos, por reação contra o culto dos baalim. Portanto, a forma primitiva deste nome pode ter sido conservada aqui pelo Cronista.

⁸Os filisteus souberam que David fora ungido como rei de todo Israel. Todos os filisteus subiram então em busca de David. David o soube e saiu-lhes ao encontro.⁹Os filisteus chegaram e invadiram o vale dos Refaítas.¹⁰David consultou a Deus: "Devo marchar contra os filisteus, e tu os entregarás em minhas mãos?" Disse-lhe o SENHOR: "Marcha contra eles, e eu os entregarei em tuas mãos".¹¹Subiram então a Báal-Peraşim, e lá David os derrotou. E David disse: "Por minha mão Deus abriu uma brecha no meio dos meus adversários, como uma brecha aberta pelas águas". Por isso, este lugar recebeu o nome de Báal-Peraşim.¹²Abandonaram ali seus deuses, e David disse: "Que sejam queimados no fogo!"¹³Os filisteus voltaram a invadir o vale.¹⁴David consultou de novo a Deus, e Deus lhe respondeu: "Não os persigas; faz um desvio longe deles, para cair sobre eles de frente das amoreiras".¹⁵E quando ouvires um ruído de passos no alto das amoreiras, então sairás para o combate: pois Deus terá saído diante de ti para ferir o exército dos filisteus".¹⁶David agiu como Deus lhe ordenou, e derrotou o exército dos filisteus, desde Guibeon^a até Guézer.

*

¹⁷A fama de David^b espalhou-se por todas as regiões, e o SENHOR tornou-o temido por todas as nações.

15 Cerimônia por ocasião do traslado da arca a Jerusalém¹.

¹David construiu para si casas, na Cidade de David; fixou um lugar para a arca de Deus e ergueu para ela uma tenda.²Então disse: "A arca de Deus só pode ser transportada pelos levitas, pois o SENHOR os escolheu para carregar a arca do SENHOR e estar a seu serviço^c para sempre".³David reuniu todo Israel em Jerusalém para fazer subir a arca do SENHOR ao lugar que para ela preparara.⁴Reuniu também os filhos de Aarão e os levitas: ⁵dos filhos de Qehat: o chefe Uriel e seus irmãos, cento e vinte; ⁶dos filhos de Merari: o chefe Asaia e seus irmãos, duzentos e vinte; ⁷dos filhos de Gueršom, o chefe Ioel e seus irmãos, cento e trinta; ⁸dos filhos de Elişafan, o chefe Shemaia e seus irmãos, duzentos; ⁹dos filhos de Hebron, o chefe Eliel e seus irmãos, oitenta; ¹⁰dos filhos de Uzziel, o chefe Aminadab e seus irmãos, cento e doze^k.

¹¹David chamou os sacerdotes Şadoq e Ebiatar, os levitas Uriel, Asaia, Ioel, Shemaia, Eliel e Aminadab, ¹²e disse-lhes: "Vós sois os chefes das famílias levíticas. Santificai-vos, vós e vossos irmãos, e fazei subir a arca do SENHOR, Deus de Israel, para o lugar que lhe fixei. ¹³Com efeito, visto que não estáveis lá na primeira vez^l, o SENHOR nosso Deus nos derrubou, pois não o procuramos segundo as regras^m". ¹⁴Então os sacerdo-

c. 2Sm 5,17 traz: e *ele desceu à fortaleza*.

d. Isto é, o *Baal das brechas* ou o *Senhor das brechas*. Mas a etimologia não é rigorosa, pois foi Deus quem fez uma brecha e não Baal.

e. 2Sm 5,21 indica que David e seus homens arrebatarem os ídolos dos filisteus. Aqui, David ordena que sejam queimados, o que está mais de acordo com a imagem que as Cr dão de David.

f. Não há certeza sobre o nome dessas árvores (umoreiras, lódãos-bastardos, balsameiros, almacegueiras?).

g. Guibeon parece mais exato do que *Guebu* (2Sm 5,25).

h. Aqui termina o texto paralelo a 2Sm 5,11-25. O Cronista acrescenta esta informação para exaltar David no meio das nações.

i. Os vv. 1-24 desenvolvem consideravelmente o relato do traslado da arca a Jerusalém, segundo documentos independentes do texto de Sm. O Cronista quer mostrar não apenas a importância do relato, mas também o papel preeminente desempenhado pelos levitas, cujo organizador fora David, e o caráter

religioso e cultural dessa transladação, que se tornou uma procissão cujos elementos litúrgicos são tirados do livro dos Salmos.

j. Pode-se compreender também: e *para fazer seu serviço para sempre*, isto é, estar a serviço da arca (em hebr., este termo é masculino).

k. Estes nomes já figuram em Nm 3. Os números apresentam variantes no gr.

l. Tradução aproximada de uma palavra cuja forma gramatical não se explica.

m. Este v. alude ao episódio da morte de Uzá (13,9-11) e retoma o mesmo termo: o Senhor realizou *uma brecha* (ou uma fratura), traduzida aqui por: *nosso Deus nos derrubou*. As últimas palavras do v. podem ser entendidas de duas maneiras: *nós não a procuramos* (a arca), *como deveríamos*, ou: *nós não o procuramos* (o Senhor) *segundo a lei*. O Cronista explica o relato de forma diferente de 2Sm 6. Neste último texto, a razão da interrupção do traslado é o temor provocado pela morte de Uzá. Para o Cronista, a razão é a ausência dos levitas para carregar a arca, o que provocou a cólera de Deus. Durante os três meses de

tes e os levitas se santificaram para fazer subir a arca do SENHOR, Deus de Israel. ¹⁵Os filhos dos levitas, como havia ordenado Moisés, segundo a palavra de Deus, transportaram a arca de Deus com barras, sobre os ombros.

¹⁶E David disse aos chefes dos levitas que estabelecessem em sua função seus irmãos, os cantores, com instrumentos de música, alaúdes, liras e címbalos, para fazê-los ressoar com força, em sinal de júbilo. ¹⁷Os levitas estabeleceram Heman, filho de Joel, e entre seus irmãos, Asaf, filho de Berekiáhu; entre os filhos de Merari, seus irmãos, Etan, filho de Kushaiáhu; ¹⁸e com eles, em segundo lugar, seus irmãos: Zekariáhu, Ben^a, Iaaziel, Shemiramot, Iehiel, Uni, Eliab, Benaíáhu, Maaseiáhu, Matitiáhu, Eliflêhu e Miqnciáhu, Obed-Edom e Ieiel, os porteiros. ¹⁹Entre os cantores, Heman, Asaf e Etan faziam ressoar címbalos de bronze; ²⁰Zekariáhu, Uziel, Shemiramot, Iehiel, Uni, Eliab, Maaseiáhu e Benaíáhu tinham alaúdes para voz de soprano; ²¹Matitiáhu, Eliflêhu, Miqueiáhu, Obed-Edom, Ieiel e Azaziáhu tinham liras de oitava, para dirigir o canto. ²²Kenaniáhu, chefe dos levitas encarregados do traslado, organizava o traslado, pois era capacitado.

²³Berekiá e Elqaná eram porteiros da arca.

²⁴Os sacerdotes Shebaniáhu, Ioshafat, Netanel, Amasai, Zakariáhu, Benaíáhu e Eliézer tocavam a trombeta diante da arca de Deus. Obed-Edom e Iehiá eram porteiros da arca.

*

²⁵Então com alegria, David, os anciãos de Israel e os chefes de mil^a partiram para fazer subir a arca da aliança do SENHOR, desde a casa de Obed-Edom. 2Sm 6.12-19

²⁶E para que Deus desse sua ajuda aos levitas que carregavam a arca da aliança do SENHOR, foram oferecidos em sacrifício sete^a touros e sete carneiros. ²⁷David estava vestido com um manto de bisso, e da mesma forma todos os levitas que carregavam a arca, os cantores e Kenaniá, o chefe do traslado. David tinha sobre si também um efod de linho. ²⁸Todo Israel fazia subir a arca da aliança do SENHOR, entre aclamações, ao som da trombeta, do clarim e dos címbalos, fazendo ressoar alaúdes e liras.

²⁹Quando a arca da aliança do SENHOR chegou à Cidade de David, Mikal, filha de Saul, debruçou-se na janela. Viu o rei David saltar e dançar e, em seu coração, o desprezo.

16 Fizeram entrar a arca de Deus e a depositaram no meio da tenda que David fizera erguer para ela; depois ofe-

interrupção. David organiza as funções dos levitas que são os verdadeiros carregadores da arca. A partir de então, pôde-se efetuar o traslado da arca para Jerusalém.

n. Cf. Nm 4.15.

o. Os vv. 16-24 formam uma espécie de parêntese mencionando todas as funções dos levitas (carregadores da arca, cantores, músicos, porteiros). Os sacerdotes também são mencionados (v. 24), mas como tocadores de trombeta, pois Nm 10.1-10 lhes reservava este ofício. No v. 25, recomeça o relato da transladação.

p. Sentido incerto. A palavra pode ser aplicada a uma diferença hierárquica (os que vêm em segundo lugar) ou familiar (de um parentesco mais distante). Alguns corrigem a palavra e lêem o número 12, pois os nomes que seguem são em número de 12.

q. A palavra *Ben* (= o filho) não figura mais no v. 20, e não se encontra no texto gr.

r. Na lista do v. 21 aparece o nome próprio *Azaziáhu* em lugar de *os porteiros*.

s. As expressões: *voz de soprano* e *em oitava* (v. 20) são traduções hipotéticas. A primeira corresponde à palavra *'alamot* (moças jovens?) que se encontra em Sl 46.1, mas o sentido não é certo. A segunda vem do número *oito* (sobre a oitava?), cf. Sl 6 e 12, e poderia aplicar-se também a um instrumento de 8 cordas.

t. Outras traduções possíveis: *para dar o tom ou para pronun-*

ciar uma sentença (profética). O verbo hebraico significa: *levantar, transportar*, e emprega-se em muitas expressões (levantar a voz, fazer um oráculo etc.).

u. As funções eram múltiplas, e ignora-se a diferença exata entre a de *porteiros* (v. 18) e a de *porteiros da arca* (vv. 23-24).

v. Os sacerdotes vêm em último lugar, pois desta forma ficam mais perto da arca. Na ordem das procissões, os últimos lugares são os mais importantes.

w. Enquanto 2Sm 6.12 só fala de David, o autor de Cr faz participar da cerimônia todos os responsáveis pelo povo (anciãos, chefes de mil). A passagem 15.25-16.3 parece-se com 2Sm 6.12-19, de maneira bastante livre.

x. A cerimônia é ampliada: 7 touros e 7 carneiros, em lugar de um boi e um bezerro cevado, segundo 2Sm 6.13.

y. Cf. 4.21 e a nota.

z. Cf. v. 21 e nota. O texto acrescenta aqui pela segunda vez a palavra: *os cantores*, sem dúvida por ditografia.

a. O Cronista abrevia e acentua o relato de 2Sm 6.20-23 quanto a Mikal. Pode ter parecido indigno de David narrar que ele dançara e ficara nu aos olhos de todos. Ademais, já se havia dito que o rei estava vestido com um manto como o dos levitas (v. 27), e não com um simples efod de linho (2Sm 6.14). Sua dança já não podia ter mais nada de inconveniente.

receram, diante de Deus, holocaustos e sacrifícios de paz. ²Quando David acabou de oferecer os holocaustos e os sacrifícios de paz, abençoou o povo em nome do SENHOR. ³Depois distribuiu a todo israelita, homens e mulheres, um pedaço de pão, um bolo de tâmaras e um bolo de uvas passas^b.

*

⁴David^c estabeleceu diante da arca do SENHOR alguns levitas encarregados do serviço, a fim de comemorar, celebrar e louvar o SENHOR, Deus de Israel: ⁵Asaf, o chefe, e seu segundo, Zekariá; em seguida Aziel^d, Shemiramot, Iziel, Matitíá, Eliab, Benaiáhu e Obed-Edom; Iziel tinha alaúdes e liras; e Asaf fazia ressoar címbalos. ⁶Os sacerdotes Benaiáhu e Iahaziel tocavam continuamente trombetas diante da arca da aliança de Deus.

⁷Foi nesse dia que David encarregou, pela primeira vez, Asaf e seus irmãos de celebrar o SENHOR.

*

SI 105.1-15 ⁸ Celebrai o SENHOR^e, aclamai seu nome, dai a conhecer aos povos seus grandes feitos!

⁹ Cantai para ele, tocai para ele; narraí todos os seus milagres!

¹⁰ Ufanai-vos de seu santo nome, alegrai-vos, vós que buscais o SENHOR!

¹¹ Procurai o SENHOR e sua força, buscai sempre sua face!

¹² Lembrai-vos dos milagres que ele fez, de seus prodígios e julgamentos saídos de sua boca!

¹³ Vós, semente de Israel^f, seu servo filhos de Jacó, seus eleitos!

¹⁴ Ele é o SENHOR, nosso Deus

que governa toda a terra!

¹⁵ Lembrai-vos^g para sempre de sua aliança,
— palavra de ordem para mil gerações —,

¹⁶ que ele firmou com Abraão, confirmada por juramento a Isaac;

¹⁷ que ele estabeleceu como decreto para Jacó,

aliança perene para Israel,

¹⁸ quando ele disse: "Eu te dou a terra de Canaã,

este é o patrimônio que vos cabe!"

¹⁹ Então podíeis ainda ser contados^h, éreis um punhado de migrantes.

²⁰ Eles iam de nação em nação, de um reino a outro povo.

²¹ Mas ele não deixou que ninguém os oprimisse,
por causa deles, até reis ele castigou:

²² "Não toqueis nos meus messias; não façais mal a meus profetas!"

*

²³ Cantai ao SENHOR, terra inteira; SI 96
proclamai, dia após dia, sua salvação;

²⁴ anunciai sua glória entre as nações, suas maravilhas entre todos os povos!

²⁵ Pois o SENHOR é grande e cheio de louvor,

terrível e superior a todos os deuses:

²⁶ todos os deuses dos povos são vaidade.

O SENHOR, ele fez os céus.

²⁷ Diante dele, esplendor e brilho, força e majestade em seu lugarⁱ.

²⁸ Rendei ao SENHOR, ó famílias dos povos,

rendei ao SENHOR glória e força;

²⁹ rendei ao SENHOR a glória de seu nome.

b. Estas últimas palavras são termos raros, de sentido incerto. c. Os vv. 4-7 provêm de um documento diferente, mas desconhecido. Dão informações sobre a função dos levitas, que não aparecem em 2Sm 6.

d. O texto traz *Iziel*, como um pouco mais longe. Sem dúvida, é preciso restabelecer *Aziel*, como em 15.18.20.

e. Alguns grupos de cantores estavam encarregados da execução de cânticos litúrgicos particulares (cf. os SI de Asaf no Saltério). O trecho que segue é formado por três extratos de salmos em sequência, sem interrupção: os vv. 8-22 correspondem ao SI 105.1-15; os vv. 23-33 ao SI 96 e os vv. 34-36 ao SI 106.1.47-48. Estes textos são reproduzidos exatamente, com

exceção de algumas variantes introduzidas pelo Cronista ou por um redator, em função de seu tempo e de suas concepções.

f. O SI 105.6 diz: *semente de Abraão*, ao passo que aqui *semente de Israel* se refere mais diretamente à coletividade.

g. SI 105.8: *Ele se lembrou*... O emprego litúrgico do SI orienta-se para a exortação de todos.

h. O SI 105.12 está na terceira pessoa do plural: *podiam ser contados*...

i. Este começo do SI 96 é abreviado.

j. No SI 96.6 lê-se: *em seu santuário*. Mas o Cronista que fazia cantar este Salmo no tempo de David não podia falar do Templo, que ainda não existia.

Apresentai vossa oferta, entrai diante de sua face^k;
prosternai-vos diante do SENHOR,
quando brilha sua santidade.

³⁰ Tremei diante dele, ó terra inteira!
Sim, o mundo permanece firme e inabalável^l.

³¹ Que o céu se alegre, que a terra exulte;
dizei entre as nações: "O SENHOR é rei!"

³² Que brama o mar e suas riquezas;
que o campo inteiro esteja em festa,

³³ que as árvores das florestas gritem de alegria,
diante do SENHOR, pois ele vem
para governar a terra.

*

³⁴ Celebrai o SENHOR, pois ele é bom,
pois sua fidelidade é para sempre!

³⁵ Dizei: "Salva-nos, Deus de nossa salvação,
reúne-nos e livra-nos do meio das nações.

Então celebraremos o teu santo nome
e nos gloriaremos de te louvar.

³⁶ Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
desde sempre e para sempre!"

E todo o povo diga: "Amém!" e:
"Louvai o SENHOR!"

*

³⁷ Davidⁿ deixou lá, diante da arca da aliança do SENHOR, Asaf e seus irmãos,
que deviam garantir o serviço contínuo
diante da arca, conforme a ordem pre-

vista para cada dia; ³⁸e, como porteiros,
Obed-Edom com seus irmãos^o, em nú-
mero de sessenta e oito, Obed-Edom,
filho de Ieditun^p, e Hôsá.

³⁹ David deixou o sacerdote Sadoq e os sacerdotes, seus irmãos, diante da mora-
da do SENHOR, no lugar alto de Guibeon^q,
⁴⁰para oferecer sem cessar ao SENHOR
holocaustos, sobre o altar dos holocaustos,
de manhã e de tarde, e fazer tudo o
que está escrito na Lei que o Senhor
prescreveu a Israel. ⁴¹Com eles estavam
Heman e Iedutun, e o resto dos que fo-
ram escolhidos e nominalmente designa-
dos para celebrar o SENHOR: "Porque sua
fidelidade é para sempre". ⁴²E com eles
— Heman e Iedutun^r — havia trombe-
tas, címbalos retumbantes e instrumen-
tos para acompanhar os cânticos de Deus.
Os filhos de Iedutun ficaram encarrega-
dos da porta.

*

⁴³Todo o povo partiu, cada um para sua casa, e David voltou para abençoar sua casa^s. 2Sm 6.19-20

17 A profecia de Natã. ¹Quando David foi residir em sua casa, disse ao profeta Natã: "Eis que resido numa casa de cedro, e a arca da Aliança do SENHOR está sob uma tenda!" ²Natã respondeu a David: "Faze tudo o que tens intenção de fazer, porque Deus está con- 2Sm 7.1-17

k. Pela mesma razão que no v. 27, o texto que traz: *nos seus átrios* foi modificado por: *diante de sua face*.

l. Nos vv. 30-31, a ordem das frases não corresponde exatamente ao texto do SI 96.10.

m. O v. 36 reproduz a doxologia que termina o SI 106 no fim do quarto livro do saltério, com uma pequena diferença nas últimas palavras, que não são mais uma exortação, mas a constatação de um fato. — É provável que o Saltério com suas cinco coletâneas estivesse pronto na época da redação de Cr.

n. Os vv. 37-42 são continuação do v. 7, e o relato continua sem mesmo especificar que o sujeito dos verbos é David.

o. O texto traz: *com os irmãos deles*, mas as versões têm: *seus irmãos*.

p. Mesmo nome que Iedutun (v. 42, cf. SI 39.1; 77.1). A repetição do nome *Obed-Edom* poderia indicar que dois personagens usavam o mesmo nome. Pode-se também ver aí uma repetição, como aposição ao primeiro nome.

q. O santuário, com o altar onde o sacerdote oferecia os sacrifícios, permaneceu em Guibeon, ao passo que a arca é depositada em Jerusalém, sem dúvida sob uma tenda especial (15.1). Parece

que, para o autor de Cr, o serviço dos levitas diante da arca (vv. 37-38) tinha mais importância do que o culto sacrificial dos sacerdotes de Guibeon. David parece dar mais valor às funções dos levitas, segundo estes caps. 15-16, do que às funções dos sacerdotes, de que se fala muito pouco. Quis-se explicar esta situação pelo fato de que, na época do Cronista, o culto litúrgico, sem sacrifícios, tal como se realizava nas sinagogas, já era considerado mais importante do que o culto sacerdotal do Templo, com sacrifícios. Mas outros, pelo contrário, pensam que o altar era importante demais para ser deslocado, ao passo que a arca podia sê-lo.

r. Estes dois nomes não figuram no gr.

s. O autor reproduz aqui 2Sm 6.19-20a, mas deixa de lado 20b-23. Depois, de 17.1 e 18.17, segue fielmente 2Sm 7.1-8.18, salvo em alguns detalhes onde se encontra a marca de sua interpretação teológica. Segundo ele, David teve a idéia de construir um templo desde os primeiros tempos de seu reinado, depois da transladação da arca para Jerusalém, ao passo que em 2Sm 7.1-2 se mencionam as guerras de David e o repouso que ele conheceu quando Deus o livrou de seus inimigos.

tigo". ³Ora, naquela mesma noite, a palavra de Deus foi dirigida a Natan nestes termos: ⁴"Vai dizer a David, meu servo: Assim fala o SENHOR: Não serás tu" quem me edificará a Casa para que nela eu resida. ⁵Pois eu nunca residi numa casa desde o dia em que fiz subir Israel" até hoje, mas passei de tenda em tenda, de morada em morada". ⁶Em todo lugar onde eu andei com todo Israel, acaso eu disse a um dos juízes" de Israel, a quem ordenei apascentar meu povo: "Por que não me construístes uma casa de cedro?" ⁷Por isso agora dirás a meu servo David: Assim fala o SENHOR de todo poder: Fui eu que te tirei do pastoreio, de detrás do rebanho, para seres chefe de meu povo Israel. ⁸Estive contigo onde quer que fosses, exterminei diante de tua face todos os teus inimigos, e tornarei teu nome como o nome dos grandes da terra. ⁹Designarei um lugar para Israel, meu povo; eu o implantarei, e ele morará neste seu lugar; não mais tremerá, e os criminosos não voltarão mais a devorá-lo" como outrora ¹⁰e como desde quando estabeleci juízes sobre Israel, meu povo. Eu submeti todos os teus inimigos e te anunciei" que o SENHOR te construirá uma casa". ¹¹Quando se tiverem completado

teus dias para te reunires aos teus pais^b, elevarei tua posteridade depois de ti: será um dos teus filhos^c, e estabelecerei firmemente sua realeza. ¹²Ele me construirá uma Casa, e estabelecerei seu trono para sempre. ¹³Serei para ele um pai, e ele será para mim um filho; não lhe retirarei minha fidelidade, como a retirei daquele que te precedeu^d. ¹⁴Confirmá-lo-ei para sempre em minha Casa e em meu reino, e seu trono será estabelecido para sempre". ¹⁵É conforme todas estas palavras e toda esta visão que Natan falou a David.

¹⁶O rei David veio sentar-se^e na presença do SENHOR, e declarou: "Quem sou eu, SENHOR Deus, e o que é a minha casa para me fazeres chegar até aqui?" ¹⁷Ora, isto era pouco aos teus olhos, ó Deus, e falaste da casa do teu servo com muita antecedência. Consideraste-me como um homem ilustre^f, ó SENHOR Deus. ¹⁸Que mais poderia dizer-te ainda David, em vista da glória que deste a teu servo^h? Tu bem conhecesⁱ teu servo. ¹⁹SENHOR, em consideração a teu servo, e segundo o teu coração, realizaste toda esta grande obra para dar a conhecer tuas grandezas. ²⁰SENHOR, não há ninguém como tu, e segundo tudo o que ouvimos^j, não há

2Sm 7,18-29

t. Os vv. 3-14 contém uma revelação que Deus fez a Natan, para ser transmitida a David. É uma promessa profética.

u. A frase, interrogativa em 2Sm 7,5 (*serás tu que me construirás?*), aqui se torna negativa como expressão da vontade de Deus (*não serás tu quem me construirás...*).

v. 2Sm 7,6 traz: (*fora*) do Egito.

w. A última palavra não está no texto, mas subentendida.

x. 2Sm 7,7: "a uma das tribos de Israel". Em hebr., as palavras *juízes* e *tribos* têm certa semelhança e, às vezes, são confundidas.

y. O texto paralelo (2Sm 7,10) diz: *a oprimi-lo*.

z. Em lugar de: *eu te anunciei*, o gr. leu: *eu te tornarei grande*.

a. O essencial da promessa reside no duplo sentido da palavra *casa*. David quer construir uma Casa (um Templo) para Deus, mas é Deus quem lhe dará uma casa (uma descendência).

b. Expressão corrente que significa: morrer.

c. O autor esclarece que se tratará de um dos filhos de David (isto é, Salomão), ao passo que 2Sm 7,12 fala de maneira mais geral: *aquele que sairá de tuas entranhas*, frase que pode ser aplicada a toda a descendência futura.

d. O texto é mais curto do que o de 2Sm 7,14-15, e não tem a frase: *Se cometer alguma falta, eu o corrigirei servindo-me de homens como bastão e de humanos para lhe bater*. Ademais, não menciona o nome de Saul, mas diz: *aquele que te precedeu*.

O Cronista elimina o aspecto demasiado humano do futuro rei, dando-lhe feições de um rei messiânico (cf. Sl 2,6-8).

e. Segundo 2Sm 7,16, trata-se de David: *tuu casa, teu reino, teu trono*. Aqui, com a primeira pessoa (*minha casa, meu reino*), é o próprio Deus que reina, e o rei não é mais do que seu representante sobre o trono de Jerusalém. Não é tanto um messianismo, onde o rei-messias reina sobre a terra, mas uma teocracia, sendo Deus o único rei.

f. *Sentar-se* talvez fosse uma atitude de oração, mas aqui poderia tratar-se de um gesto de David que deseja sentar em seu trono para falar com Deus. Os vv. 16-27 contém uma longa oração de ação de graças e de louvor que David dirige a Deus. g. A última frase do v. é difícil de traduzir. É diferente da frase paralela em 2Sm 7,19 (*Seria isto um ensinamento humano, Senhor Deus?*, cf. nota). Parece que a palavra *torá* (lei, ensinamento) foi lida de outra forma (*tor* = categoria, fileira, grupo?). A tradução dada permanece hipotética.

h. Em 2Sm 7,20, a frase termina com: *dizer-te*, em lugar de: *para a glória...*, de teu servo. Trata-se de um acréscimo voluntário do Cronista que deseja glorificar David, ou de uma simples variante de leitura?

i. Isto é: *tu escolhes, tu umas*.

j. Ler com numerosos mss.: *segundo tudo o que ouvimos e não: em tudo o que...*

outro Deus como tu. ²¹Acaso existe sobre a terra outro povo como teu povo Israel, esse povo que Deus foi resgatar para fazer dele seu povo, para dar-te um grande e temível nome, expulsando nações diante de teu povo que tu resgastaste do Egito? ²²Deste a ti mesmo Israel, teu povo, para fazer dele teu povo para sempre, e tu, SENHOR, te tornaste seu Deus. ²³E agora, seja verdadeira para sempre, ó SENHOR, a palavra que pronunciaste sobre teu servo e sobre sua casa. Age conforme disseste! ²⁴Que ela seja verdadeira! Que teu nome seja engrandecido para sempre e que se diga: "O SENHOR de todo poder, o Deus de Israel, ele é Deus para Israel!" E que a casa de teu servo David seja estável em tua presença! ²⁵Com efeito, foste tu mesmo, meu Deus, que avisaste! teu servo para dizer que lhe construirias uma casa. Eis por que teu servo encontrou a coragem de dirigir-te esta oração. ²⁶E agora, SENHOR, és tu que és Deus, e falaste desta felicidade a teu servo. ²⁷Abençoa, agora, a casa do teu servo, para que ela perdure para sempre na tua presença, pois tu, SENHOR, abençoa e és abençoado para sempre!"

18 Vitórias de David^k. 'Depois disto, aconteceu que David venceu os filisteus e os subjugou. Tomou Gat e suas dependências^l das mãos dos filisteus.

²Derrotou Moab, e os moabitas se tornaram para David servos submissos ao tributo.

³David derrotou Hadadézer^p, rei de Şobá, em Ĥamat, quando ele ia estabelecer seu poder^q sobre o rio Eufrates. ⁴David tomou-lhe mil carros, sete mil cavaleiros^r e vinte mil homens de infantaria. David cortou os jarretes de todas as parelhas, deixando sobrar apenas cem. ⁵Os arameus de Damasco vieram em auxílio de Hadadézer, rei de Şobá, mas David matou vinte e dois mil homens dos arameus. ⁶Então David estabeleceu prefeitos^s em Aram de Damasco. Os arameus se tornaram para David servos submissos ao tributo. O SENHOR dava a vitória a David aonde quer que ele fosse. ⁷David tomou escudos de ouro que os servos de Hadadézer usavam e os levou para Jerusalém. ⁸Em Tibḥat e em Kun^t, cidades de Hadadézer, David se apoderou de uma enorme quantidade de bronze; com este, Salomão fez o mar de bronze, as colunas e os utensílios de bronze^u.

⁹Tôu, rei de Ĥamat, ficou sabendo que David derrotara todo o exército de Hadadézer, rei de Şobá. ¹⁰Enviou seu filho Hadorâm ao rei David para saudá-lo e felicitá-lo por ter guerreado contra Hadadézer e por tê-lo vencido — pois Hadadézer era inimigo de Tôu — e para levar-lhe toda espécie de objetos de ouro, prata e bronze. ¹¹O rei David consagrou também esses objetos ao SENHOR, com a prata e o ouro que conquistara a todas as nações, de Edom^v e Moab, dos filhos de Amon, dos filisteus e de Amaleq.

2Sm 8,1-18

k. O texto paralelo (2Sm 7,23) é mais longo e apresenta algumas diferenças. Mas em ambos os textos a frase tem um estilo pesado e pouco claro.

l. Lit. *tu abriste a orelha de...*

m. O texto de 2Sm 7 difere um pouco em seus três últimos vv. As últimas palavras do v. 27 podem ser compreendidas de diferentes maneiras: lit. *tu abençoa, e abençoado* (particípio passivo) *para sempre*, o que pode significar: *tu abençoa, ó Deus, e és bendito para sempre*, ou... *e ele (o rei) é abençoado para sempre*, ou ainda: *... ela (a casa, isto é, o Templo) é abençoado para sempre*.

n. Os caps. 18–20, que relatam os combates e as vitórias de David sobre os povos vizinhos, reproduzem, em parte, os caps. 8–21 de 2Sm, mas deixando de lado deliberadamente tudo o que era pouco glorioso para David (seu adultério com Bat-Sheba, o incesto de Amnon, a revolta de Absalão etc.).

o. Em lugar de *Gat e suas dependências* (lit. *suas filhas*), o texto de 2Sm 8,1 traz duas palavras difíceis de compreender: *as rédeas do poder (hegemonia)* ou *as rédeas da capital*.

p. Ou: *Hadurézer*.

q. Lit.: *sua mão*. Sem dúvida trata-se de Hadadézer que procurava alcançar o Eufrates, e não de David.

r. 2Sm 8,4 não fala de carros mas de 1.700 cavaleiros.

s. Esta palavra é subentendida, e figura em 2Sm 8,6, como também no v. 13. Não há certeza sobre seu sentido; poder-se-ia também traduzir por: *monumento, estela ou guarnição*.

t. Outros nomes em 2Sm 8,8.

u. O fim do v. não figura em 2Sm 8,8. O Cronista acrescenta esta informação em vista da construção do Templo.

v. 2Sm 8,12-13 traz *Arâm* em lugar de *Edom*. As duas palavras hebr. são muito semelhantes, e é freqüente a confusão entre as letras R e D.

¹²Abshai, filho de Şeruiá*, derrotou os edomitas em número de dezoito mil, no vale do Sal*. ¹³Estabeleceu prefeitos⁹ em Edom, e todos os edomitas se tornaram servos para David. Aonde quer que fosse David, Deus lhe concedia a vitória.

¹⁴David reinou sobre todo Israel, realizando direito e justiça para todo o seu povo.

¹⁵Ioab, filho de Şeruiá, comandava o exército; Iehoshafat, filho de Ahilud, era chanceler[†]; ¹⁶Şadoq, filho de Ahitub, e Abimelek[‡], filho de Ebiatar, eram sacerdotes; Shavshá era secretário; ¹⁷Benaiahu, filho de Iehoiadá, comandava os kereteus e os peleteus[§], e os filhos de David eram os primeiros[¶] ao lado do rei.

*

2Sm 10,1-19 **19** ¹Depois disso^d, aconteceu que Naḥash^e, rei dos filhos de Amon, morreu e seu filho tornou-se rei em seu lugar. ²E disse David: "Tratarei com benevolência a Ḥanon, filho de Naḥash, porque seu pai me tratou com benevolência". Por isso David enviou mensageiros para consolá-lo pela morte de seu pai, e os servos de David chegaram à terra dos filhos de Amon, junto a Ḥanon, para consolá-lo. ³Os príncipes dos filhos de Amon disseram a Ḥanon: "Pensas que foi para honrar teu pai que David te enviou portadores de condolências? Não é antes para sondar, subverter e espionar a terra que seus servos vieram à tua casa?" ⁴Ḥanon prendeu os servos de David, raspou-os^f, cortou suas vestes à meia altura, até acima das coxas, e os

despediu. ⁵David foi informado da sorte desses homens e mandou alguém ao encontro deles, pois estavam cobertos de vergonha. O rei mandou dizer-lhes: "Ficai em Jericó até que vossa barba cresça de novo. Volteis só depois disso".

⁶Os filhos de Amon perceberam que se tinham tornado odiosos a David, e Ḥanon e os filhos de Amon enviaram mil talentos de prata para contratar, de Arâm-dos-Dois-Rios, de Arâm-de-Maaká e de Şobá, carros e cavaleiros^g. ⁷Contrataram trinta e dois mil carros, como também o rei de Maaká e seu povo, que vieram acampar diante de Medebá, enquanto os filhos de Amon, depois de deixarem suas cidades e de se reunirem, chegaram ao lugar do combate. ⁸David ficou sabendo disto e enviou ioab e todo o exército dos guerreiros. ⁹Os filhos de Amon saíram e formaram em linha de combate junto à porta da cidade, mas os reis que tinham vindo mantinham-se à parte, no campo. ¹⁰Ioab viu que havia uma frente de ataque tanto diante como detrás dele; escolheu homens em toda a elite de Israel e estabeleceu uma linha diante dos arameus. ¹¹Confiou a seu irmão Abshai o resto da tropa, e estabeleceram uma linha diante dos filhos de Amon. ¹²Depois disse: "Se os arameus forem mais fortes do que eu, virás em meu auxílio; e se os filhos de Amon forem mais fortes do que tu, irei em teu auxílio. ¹³Sê corajoso, e mostremo-nos fortes ao nosso povo e às cidades^h do nosso Deus. Que o SENHOR faça o que lhe aprouver".

w. Estas palavras não figuram em 2Sm 8,13, onde se diz que o próprio David venceu os edomitas. No v. seguinte, David é sempre o sujeito dos verbos. Será que as palavras *Abshai, filho de Şeruiá* não provêm de um erro de copista?

x. Ao sul do mar Morto.

y. Cf. v. 6 e nota.

z. Cf. 2Sm 8,16 e nota.

a. 2Sm 8,17 traz: *Aḥimélek*.

b. Provavelmente a guarda pessoal de David (talvez gente da *Creta* e da *Filistéia*?).

c. Em Sm, eles são *sacerdotes*, mas aqui o sentido desta palavra é discutível. O Cronista talvez não tenha querido falar dos sacerdotes antes da organização do sacerdócio (cf. caps. 23-24); escreveu simplesmente: *os primeiros*. Todavia, é possível que o texto de Cr. bastante próximo do grego de Sm, este-

ja mais próximo do original.

d. O Cronista omite o relato de 2Sm 9 que narra como David exerceu a benevolência para com um descendente de Saul, Mefibôshet, filho de Jônatan. Ele passa diretamente ao cap. 10, continuação das guerras de David. 1Cr 19,1-20,1a depende de 2Sm 10,1-11,1, com algumas variantes, adições e supressões.

e. Este nome não figura em 2Sm.

f. Segundo 2Sm 10,4: *ele lhe raspou a barba*, isto explica melhor o que se dirá no v. 5.

g. O Cronista aumenta a importância do combate: fala de um presente de 1.000 talentos, de carros e de cavaleiros, ao passo que 2Sm 10,6 só fala de soldados de infantaria. Os nomes das localidades também apresentam variantes.

h. Palavra inesperada. Quais eram essas cidades? O texto paralelo é semelhante.

¹⁴Então Ioaab e sua tropa avançaram para combater os arameus. Estes fugiram de diante dele. ¹⁵Quando os filhos de Amon viram que os arameus tinham fugido, também eles fugiram, diante de Abshai, irmão de Ioaab, e tornaram a entrar na cidade. Ioaab voltou para Jerusalém¹.

¹⁶Os arameus viram que haviam sido derrotados perante Israel. Enviaram mensageiros e fizeram vir arameus do outro lado do Rio; Shofak, general de Hadadézer, os comandava. ¹⁷David foi informado disto. Ele reuniu todo Israel, atravessou o Jordão, chegou onde eles estavam e tomou posição diante deles. David postou-se em ordem de batalha diante dos arameus, que lhe deram combate. ¹⁸Os arameus fugiram diante de Israel, e David matou sete mil atacantes em carros e quarenta mil homens de infantaria. Matou também Shofak, chefe do exército.

¹⁹Os vassalos de Hadadézer viram que tinham sido vencidos perante Israel; por isso, fizeram as pazes com David² e o serviram. Os arameus não mais quiseram vir em auxílio dos filhos de Amon.

*

2Sm 11,1

20 ¹Um ano depois, na época em que os reis saem em campanha, Ioaab conduziu o exército e devastou a terra dos filhos de Amon. Depois veio sitiá-lo Rabá, enquanto David permanecia em Jerusalém.

*

i. Neste v. e nos seguintes, o texto apresenta muitas variantes com relação a 2Sm 10,14-19.

j. 2Sm 10,19: *fizeram a paz com Israel*. Para o Cronista, *é com David*, personagem central de todos os relatos.

k. O Cronista deixa de lado o relato de 2Sm 11,2-12,25: o adultério de David e Bat-Sheba, as censuras do profeta Natã, a morte do filho de David e o nascimento de outro filho: Salomão. Estes acontecimentos, pouco gloriosos para David, não entram no texto de Cr que, pelo contrário, sublinha tudo o que pode dar mais brilho ao grande rei. Este texto faz supor que David tenha participado da campanha militar contra os amonitas, pois, apesar da indicação do v. 1 (*David permanecia em Jerusalém*), os vv. 2-3 supõem que ele partiu (*David e... voltaram a Jerusalém*). Esta pequena anomalia explica-se precisamente pela omissão de 2Sm 11-12. 1Cr 20,1b corresponde a 2Sm 12,26, e 1Cr 20,2-3 a 2Sm 12,30-31.

l. O texto traz: *seu rei (mulkâm em hebr.)*, mas as antigas versões traziam: *Milkom*, nome do deus dos amonitas.

m. Estas palavras, às vezes interpretadas como significando torturas, indicam antes escravização: os escravos são destinados aos trabalhos de serra, de picaretas de ferro, de machado etc.

Ioaab³ venceu Rabá e a destruiu. ²David retirou a coroa que estava na cabeça de Milkom⁴, e constatou que ela pesava um talento de ouro; ela continha uma pedra preciosa. David colocou-a na cabeça e trouxe da cidade grande quantidade de butim. ³Fez também sair a população que estava na cidade e a condenou a trabalhos de serra, de picareta de ferro e de machado⁵. Assim agiu David com todas as cidades dos filhos de Amon; depois David e todo o povo voltaram para Jerusalém.

*

⁴Depois disso⁶, houve um combate em Guézer, contra os filisteus. Foi então que Sibekai de Hushá matou Sipai, um descendente dos refaítas, e eles foram subjugados⁷.

⁵Houve mais um combate contra os filisteus, e Elhanan, filho de Iair, matou Lahmi, filho de Goliat de Gat, cuja lança tinha uma haste semelhante a um cilindro de tecelão⁸.

⁶Travou-se mais um combate em Gat. Encontrava-se ali um gigante que tinha vinte e quatro dedos no total, seis em cada mão e em cada pé. Ele também era um descendente de Harafá. ⁷Ele lançou um desafio a Israel, e Iehonatan, filho de Shimeá, irmão de David, o matou. ⁸Esses homens⁹ eram oriundos de Harafá, em Gat; tombaram sob os golpes de David e de seus servos¹.

*

n. Também aqui o Cronista omitiu passagens inteiras de sua fonte: o incesto de Amnon (2Sm 13-14), a revolta de Absalão (2Sm 15-20), a fome de três anos (2Sm 21,1-14). Passa diretamente às guerras de David, mas abreviando o texto (1Cr 20,4-8 = 2Sm 21,15-22).

o. 2Sm 21,18-19 fala de uma localidade de *Gob*, não citada aqui, ou substituída por *Guézer*.

p. 2Sm 21,19 fala de Goliat de Gat, morto por Elhanan de Bet-Lehem (ao passo que em 1Sm 17 David é quem mata Goliat), mas o texto das Cr, talvez para evitar este desacordo, fala aqui do irmão de Goliat, chamado *Lahmi* (deformação de *Bet-Lehem*).

q. Segundo 2Sm 21,22: *esses quatro (homens)*, pois os vv. anteriores mencionam 4 combates de heróis de David contra os filisteus. Mas o Cronista só fala de 3 combates (vv. 4-8), suprimindo o primeiro (2Sm 21,15-17), onde David, cansado, correu o risco de ser morto por um filisteu e foi salvo precisamente por um de seus homens. Não há dúvida de que o autor de Cr omitiu este episódio, onde David aparece como homem fraco e vulnerável.

r. Se da história de David o Cronista só reteve o relato de suas guerras, deixando de lado os episódios de sua vida privada e

21 Recenseamento do povo e punição de Deus. ¹'Satan' levantou-se contra Israel e induziu David a fazer o recenseamento de Israel. ²David disse a Ioab e aos chefes do povo: "Ide e contai Israel, desde Beer-Sheba até Dan, depois fazei-me um relatório para que eu conheça seu número." ³Então Ioab disse: "Que o SENHOR multiplique por cem o seu povo! Senhor meu rei, acaso não são todos eles servos do meu senhor? Por que meu senhor faz esta pesquisa? Por que seria Israel culpado?" ⁴Mas a ordem do rei foi imposta a Ioab. Ioab partiu e percorreu todo Israel, e depois voltou para Jerusalém. ⁵E Ioab entregou a David os números do recenseamento do povo; todo Israel contava um milhão e cem mil homens que manejavam a espada, e Judá quatrocentos e setenta mil que manejavam a espada*.

*

⁶Não havia recenseado nem Levi nem Benjamin*, pois a palavra do rei desagradou profundamente a Ioab*. ⁷Esta foi uma coisa má aos olhos de Deus.

*

e ele feriu Israel. ⁸Então David disse a Deus: "Cometi um grave pecado". Mas agora digna-te perdoar esta falta a teu

2Sm 24.10-16

suas rivalidades da corte, provavelmente é para justificar a palavra de Deus a seu respeito (22,8): "Tu derramaste muito sangue e fizeste grandes guerras. Não construirás a casa ao meu nome... Esta é a principal razão por que o próprio David não construiu o Templo que preparara com tanto carinho, e que Salomão, homem de paz, erigirá.

s. O relato do recenseamento do povo ordenado por David (1Cr 21.1-27) reproduz o texto de 2Sm 24.1-25, mas com certas diferenças, que se explicam mais pelas idéias particulares do Cronista do que pela utilização de outra fonte hipotética. O objetivo do autor, reproduzindo este capítulo, desfavorável à figura de David, é antes de mais nada explicar como foi escolhido o lugar do futuro Templo de Jerusalém.

t. Satan substitui aqui: a cólera do Senhor (2Sm 24.1)? Deve ter parecido impossível ao Cronista atribuir a Deus, mesmo em sua cólera, o incitamento a recensar o povo, e depois a decisão de punir duramente David. Satan só aparece em 3 lugares no AT (Jó 1-2; Zc 3.1 e aqui). O termo vem de um verbo que significa: *ser o adversário de*. Sendo um nome comum, leva o artigo (o *satan*, o adversário); só o texto de 1Cr 21.1 o emprega sem artigo, como nome próprio.

u. Trata-se de todo o povo (Israel e Judá, segundo 2Sm 24.1).

v. O recenseamento do povo era considerado como uma falta: seja porque se destinava a contar as tropas e o poder do povo,

servo, pois agi realmente como um tolo!"

⁹O SENHOR falou a Gad, o vidente de David, nestes termos: ¹⁰"Vai dizer a David: Assim fala o SENHOR. Eu te proponho três coisas: escolhe uma delas e eu te farei".

¹¹Gad foi ter com David e disse-lhe: "Assim fala o SENHOR. Escolhe: ¹²ou três anos de fome^b, ou uma derrota de três meses diante dos teus inimigos, sob os golpes de espada dos teus adversários; ou então a espada do SENHOR e três dias de peste na terra, o anjo exterminador do SENHOR em todo o território de Israel*. Considera o que devo responder àquele que me enviou". ¹³E David disse a Gad: "Estou numa grande aflição! Que eu caia nas mãos do SENHOR, pois sua misericórdia é muito grande, mas que não caia nas mãos dos homens!"

¹⁴O SENHOR enviou, portanto, a peste sobre Israel, e setenta mil homens de Israel morreram. ¹⁵Deus enviou um anjo a Jerusalém para exterminá-la, e como o anjo levasse a cabo este extermínio, o SENHOR olhou e afligiu-se com este mal^d. Disse ao anjo exterminador: "Basta! Agora retira teu braço!" O anjo do SENHOR achava-se então perto da eira de Ornan, o iebusita*.

*

prelúdio da organização de um exército regular, substituindo o arrolamento em massa dos voluntários para as "guerras do Senhor" segundo a antiga tradição, seja porque usurpava as prerrogativas de Deus, o único que podia conhecer seu povo e dar-lhe sua bênção sem medida.

w. O Cronista omite aqui um desenvolvimento que 2Sm 24.4-7 apresenta, com relação a regiões percorridas por Ioab.

x. Os números diferem dos de 2Sm 24.9, sem razão aparente.

y. Levi era a tribo sacerdotal. Benjamin era aquela em que se encontrava Jerusalém e Guibeon com a tenda da Morada (16.39). Seriam estas as razões pelas quais estas duas tribos não entram no recenseamento? O v. 6 e o começo do v. 7 são próprios do Cronista, e não figuram no texto paralelo.

z. Lit. *era abominação para Ioab*.

a. David reconhece sua falta depois que Deus feriu seu povo. Em 2Sm 24.10, reconhece antes.

b. 2Sm 24.13 (em hebr., mas não no gr.): *sete anos de fome*. Os dois textos paralelos oferecem muitas variantes.

c. 2Sm 24.13 não menciona o anjo do Senhor exterminador, nem a espada do Senhor, e só fala da peste.

d. Com freqüência se traduz por: *e arrependeu-se desta desgraça*. Mas é outro o verbo traduzido habitualmente por *arrependeu-se de seus pecados*.

e. Segundo 2Sm: *Aravna, o iebusita*.

¹⁶David elevou os olhos e viu o anjo do SENHOR entre a terra e o céu, tendo na mão a espada desembainhada, voltada contra Jerusalém. Vestidos de panos de saco, David e os anciãos prostraram-se, rosto em terra^f.

*

2Sm 24.17-25

¹⁷David disse a Deus: “Não fui eu quem mandou recensear o povo? Fui eu quem pecou e quem cometeu o mal. Mas este rebanho, que mal praticou? SENHOR meu Deus, que tua mão pese sobre mim e sobre minha família, mas que ela não seja um flagelo sobre teu povo!”

¹⁸O anjo do SENHOR disse então a Gad: “Que David suba para erigir um altar ao SENHOR na eira de Ornan, o iebusita”. ¹⁹David subiu, segundo a palavra que Gad dissera em nome do SENHOR. ²⁰Ornan se tinha virado e havia visto o anjo, e seus quatro filhos que estavam com ele se esconderam. Ornan estava trilhando o trigo^g. ²¹David veio ter com Ornan, e Ornan olhou e viu David; depois saiu da eira e prostrou-se diante de David, com o rosto em terra.

²²E David disse a Ornan: “Dá-me o local desta eira, e eu construirei aí um altar ao SENHOR. Cede-me pelo seu valor em dinheiro; assim o flagelo será detido longe do povo!” ²³Ornan disse a David: “Toma-o para ti, e que meu senhor, o rei, faça o que lhe aprouver! Vê: dou os bois para os holocaustos, os manguais como lenha e o trigo para a oferta; dou tudo!” ²⁴Mas o rei David disse a Ornan: “Não! faço questão de comprá-lo por seu valor em dinheiro; não quero tomar para o SENHOR o que é teu, oferecendo um holocausto que nada me custa!”

²⁵Então David deu a Ornan, por este terreno, o peso de seiscentos siclos de ouro^h. ²⁶David construiu ali um altar ao SENHOR e ofereceu holocaustos e sacrifícios de paz.

*

Ele invocouⁱ o SENHOR, que lhe respondeu pelo fogo vindo dos céus sobre o altar dos holocaustos.

²⁷Depois o SENHOR disse ao anjo para devolver a espada à bainha.

²⁸Nessa época, vendo que o SENHOR lhe respondera na eira de Ornan, o iebusita, David ofereceu sacrifícios ali. ²⁹A morada do SENHOR que Moisés havia feito no deserto e o altar do holocausto, nesta época, encontravam-se no alto de Guibeon. ³⁰Mas David não podia ir até lá para consultar a Deus, pois ficara amedrontado com a espada do anjo do SENHOR.

22 ¹E David disse: “É aqui a casa do SENHOR Deus, e este será o altar do holocausto para Israel!”

Os preparativos para o Templo^j. ²David mandou reunir os estrangeiros^k que se encontravam na terra de Israel e designou canteiros a fim de trabalharem as pedras de cantaria para a construção da Casa de Deus. ³David preparou também muito ferro para os cravos das folhas das portas e para os ganchos, uma quantidade de bronze que não podia ser pesada ⁴e madeira de cedro sem conta, pois os sidônios e os tírios tinham trazido a David grande quantidade de madeira de cedro. ⁵David dizia: “Meu filho Salomão é jovem e franzino, e a Casa a construir para o SENHOR deve ter renome em todas as terras por seu tamanho e esplên-

f. Este v. não existe em 2Sm. Denota uma concepção mais tardia relativa aos anjos que voam entre o céu e a terra. Fala também dos *anciãos*, que não são mencionados em 2Sm.

g. Texto bastante diferente daquele de 2Sm 24.20 ao dizer que Ornan (Aravna) viu o rei (*mélek*), e não o anjo (*mal'ak*).

h. 600 siclos de ouro: soma considerável com relação ao que se diz em 2Sm 24.24: 50 siclos de prata. O Cronista mostra, desta forma, o imenso valor do local do Templo e o sacrifício feito por David para comprá-lo.

i. Aqui cessa a dependência de 1Cr com relação a 2Sm (a não ser para um v. em 1Cr 29.27). O autor insiste na decisão de

David de consagrar este lugar à Casa de Deus e ao altar dos sacrifícios, para substituir o lugar alto de Guibeon, onde se encontrava a tenda da Morada.

j. Os caps. 22-26 são inteiramente consagrados aos preparativos da construção do Templo e à organização do pessoal encarregado do santuário (levitas, sacerdotes, cantores etc.). Não se encontra nenhum texto paralelo nos livros Sm-Rs, e apenas algumas reminiscências podem ser citadas. O Cronista mostra um interesse evidente pelo Templo e pelo culto.

k. Isto é, os que pertenciam às antigas populações canaanitas que permaneceram no país (cf. 2Cr 2,17-18; 8,7-8).

dor. Por isso farei os preparativos para ele". Assim David, antes de sua morte, fez grandes preparativos.

"Chamou Salomão, seu filho, e ordenou-lhe construir uma Casa para o SENHOR, Deus de Israel.

"David disse a Salomão: "Meu filho", eu tinha muita vontade de construir uma Casa para o nome do SENHOR, meu Deus. "Mas a palavra do SENHOR me foi dirigida nestes termos: 'Tu derramaste muito sangue e fizeste grandes guerras. Não construirás a Casa ao meu nome, pois derramaste muito sangue sobre a terra, diante de mim'. "Eis que te nasceu um filho; ele será um homem de repouso, e a ele darei o repouso diante de todos os seus inimigos ao redor, pois o seu nome será Salomão", e em seus dias darei paz e tranquilidade a Israel. "Será ele a construir uma Casa a meu nome. Ele será para mim um filho, e serei para ele um pai e firmarei para sempre o trono de sua realza sobre Israel".

"Agora, meu filho, que o SENHOR esteja contigo e te faça concluir com êxito a construção da casa do SENHOR, teu Deus, como ele o disse a teu respeito. "Que o SENHOR te dê discernimento e inteligência, quando te estabelecer sobre Israel, para observar a Lei do SENHOR, teu Deus! "Só prosperarás se observares e puseres em prática os estatutos e as normas que o SENHOR prescreveu a Moisés para Israel. Sê forte e corajoso! Não tenhas medo, nem te atemorizes.

"Eis que, apesar de minha pobreza", preparei para a Casa do SENHOR cem mil talentos de ouro e um milhão de talentos de prata". Quanto ao bronze e ferro, preparei uma quantidade tal que não pode ser avaliada. Preparei também madeira e pedras, e tu ainda acrescentarás mais. "Disporás de uma multidão de operários: talhadores, escultores de pedra e de madeira, toda espécie de artesãos hábeis em todos os ofícios. "Quanto ao ouro, à prata, ao bronze e ao ferro, existem em quantidade incalculável". Levanta-te, age, e que o SENHOR esteja contigo!"

"David mandou todos os oficiais de Israel ajudarem seu filho Salomão: "O SENHOR, vosso Deus, não está convosco? Não vos deu ele o repouso por toda parte? Com efeito, entregou em minhas mãos os habitantes da terra que ele submeteu ao SENHOR e a seu povo. "Agora, aplicai vosso coração e vossa vida na busca do SENHOR, vosso Deus. Levantai-vos, construí o santuário do SENHOR Deus, a fim de trazer a esta Casa construída para o nome do SENHOR a arca da aliança do SENHOR e os objetos sagrados de Deus".

23 Organização dos levitas. "Quando ficou idoso e repleto de dias, David estabeleceu seu filho Salomão como rei de Israel. "Depois reuniu todos os chefes de Israel, os sacerdotes e os levitas".

"Foi feito o recenseamento dos levitas, de trinta anos para cima". Contados um por um, seu número foi de trinta e oito

1. Para Salomão, a menos que não seja para a Casa (em hebr., a palavra é masculina).

m. Ou: David disse a Salomão, seu filho: "Eu tinha muita vontade..."

n. Explicação do fato de David não ter construído o Templo: era um homem de guerra que derramou muito sangue (em 1Rs 5,2-4, as guerras não lhe deixaram tempo de pensar no Templo). Isto explica por que o Cronista só conservou a história dessa guerras (1Cr 18-20), entre todos os relatos relativos a David e à vida da corte em Jerusalém. Tal afirmação mostra uma idéia tardia que emite um julgamento moral sobre as guerras, incompatíveis com uma atividade religiosa. Salomão, pelo contrário, será um homem de paz e poderá construir o Templo (vv. 9-10).

o. O nome Salomão vem da mesma raiz que paz (shalom).

p. Citação quase textual de 2Sm 7,13-14.

q. Ou: em minha humildade, em minha aflição...

r. A soma é imensa e provavelmente exagerada para mostrar o tesouro incalculável que o Templo representava.

s. Os vv. 15-16 também poderiam formar uma só frase: todos os artesãos em todos os ofícios quanto ao ouro, à prata...

t. Os vv. 1-2, continuação do cap. 22, falam do fim do reinado de David e encontram sua sequência lógica nos caps. 28-29. Os caps. 23-27 contêm documentos estatísticos e formam um grande parêntese no relato. O cap. 23 fala dos levitas. O Cronista provavelmente utilizou diferentes documentos, que reuniu, sem levar em consideração algumas diferenças de detalhe que eles continham (por exemplo, a idade dos levitas, v. 3). O autor inspirou-se amplamente nos dados do Nm sobre os levitas (caps. 3-4; 8 etc.).

u. Nos vv. 24 e 27, a idade dos levitas está fixada em 20 anos ou mais. Segundo Nm 4,3, eram 30 anos e, segundo Nm 8,23, 25 anos.

mil varões; ⁴vinte e quatro mil dentre eles dirigiram os trabalhos da Casa do SENHOR, seis mil eram escribas e juizes*, ⁵quatro mil eram porteiros e quatro mil louvavam o SENHOR com os instrumentos "que eu fiz para o louvar" (diz David)*.

⁶David os distribuiu em classes, segundo os filhos de Levi: Guershon, Qehat e Merari.

⁷Para os guershonitas: Laedan* e Shimeí. ⁸Filhos de Laedan: Iehiel, o chefe*, Zetâm e Ioel, três. ⁹Filhos de Shimeí*: Shelomit, Haziél e Haran, três. São esses os chefes de família de Laedan. ¹⁰Filhos de Shimeí: Iâhat, Zizá*, Ieush e Beriá; são os quatro filhos de Shimeí. ¹¹Iâhat era o primeiro, Zizá o segundo; Ieush e Beriá não tiveram muitos filhos e formaram uma só família para um único cargo*. ¹²Filhos de Qehat: Amrâm, Iiſchar, Hebron e Uziel, quatro.

¹³Filhos de Amrâm: Aarão e Moisés. Aarão foi posto à parte para se consagrar ao serviço do lugar santíssimo*, ele e seus filhos, para sempre, para oferecer o perfume diante do SENHOR, servi-lo e abençoar em seu nome, para sempre. ¹⁴Moisés foi um homem de Deus; seus filhos foram contados na tribo de Levi. ¹⁵Filhos de Moisés: Guershon e Eliézer. ¹⁶Filho de Guershon: Shebuel, o chefe. ¹⁷Filhos de Eliézer: Rehábiá, o chefe; Eliézer não teve outros filhos, mas os filhos de Rehábiá foram extremamente numerosos.

¹⁸Filhos de Iiſchar: Shelomit, o chefe.

¹⁹Filhos de Hebron: Ieriáhu, o primeiro, Amariá, o segundo, Iahaziél, o terceiro, Ieqameâm, o quarto.

²⁰Filhos de Uziel: Miká, o primeiro, e Iishiá, o segundo.

²¹Filhos de Merari: Maḥli e Mushi. Filhos de Maḥli: Eleazar e Qish. ²²Eleazar morreu sem ter filhos, mas teve filhas que foram desposadas pelos filhos de Qish, seus irmãos*. ²³Filhos de Mushi: Maḥli, Êder, Ieremot: três.

²⁴Eram esses os filhos de Levi conforme suas famílias, os chefes de família segundo seus cargos, de acordo com o recenseamento nominal, um por um; todos os que tinham vinte anos ou mais eram escalados para o serviço da Casa do SENHOR.

²⁵Com efeito, David dissera: "O SENHOR, Deus de Israel, deu repouso a seu povo e ele habita* para sempre em Jerusalém. ²⁶Os levitas não terão mais de transportar a Morada e todos os objetos destinados a seu serviço". ²⁷De fato, segundo as palavras de David, tal foi o recenseamento dos filhos de Levi, a partir de vinte anos ou mais*. ²⁸Estarão à disposição dos filhos de Aarão para o serviço da Casa do SENHOR, no que se refere aos átrios, às salas, à purificação de tudo o que é consagrado, e para fazer o serviço da Casa de Deus*; ²⁹cuidarão do pão de proposição, da flor de farinha para a oferenda, dos pães ázimos, dos bolos fritos, dos bolos mistos e de tudo o que se refere às medidas de capacidade e de tamanho; ³⁰estarão prontos, toda manhã, para celebrar e louvar o SENHOR, e da mesma forma, à tarde, ³¹para todos os holocaustos oferecidos ao SENHOR, para os sábados, as luas novas e as solenidades, segundo o número que lhes foi prescrito para sempre, diante do SENHOR. ³²Assegurarão também as funções da Tenda do Encontro,

v. Estas funções eram empregos subalternos ao lado dos que executavam os trabalhos.

w. O verbo está na primeira pessoa, pois a ordem provém de David (as palavras entre parênteses são acrescentadas). O gr. conjugou o verbo na terceira pessoa, conforme uma sintaxe mais lógica.

x. Chamado *Libni* em outros lugares (6.2.5; Ex 6.17).

y. Pode-se compreender: *filho do primeiro, Laedan: Iehiel...* ou *filho do chefe Laedan: Iehiel, ou filho de Laedan: o primeiro (ou o chefe) Iehiel...*

z. Os filhos de Shimeí virão no v. 10. O v. 9 talvez provenha de um erro de cópia ou de uma glosa tardia.

a. O texto traz *Zizá*, mas com o v. 11 e 4.37, deve-se ler *Zizá*.

b. A primeira palavra pode ser traduzida também por: *lista, número, classe*, sem indicar uma função.

c. Alguns traduzem: *para ser consagrado como santo dos santos...* mas é menos provável.

d. Aqui, seus primos.

e. O sujeito é Deus, e não o povo, como confirma o v. 26 (a *Morada* é a de Deus).

f. Explicação da diferença de idade dos levitas (20 anos em lugar de 30, v. 3): é uma ordem de David, entre suas últimas palavras.

g. Os vv. 28-32 formam uma só frase, muito complexa e difícil de traduzir sem introduzir cortes e suprir verbos.

daquilo que é consagrado^h e dos filhos de Aarão, seus irmãos a serviço da Casa do SENHOR.

24 Repartição dos sacerdotes e do resto dos levitas.

¹Eis as classes dos filhos de Aarãoⁱ: filhos de Aarão, Nadab e Abihu, Eleazar e Itamar. ²Nadab e Abihu morreram na presença de seu pai, sem deixar filhos; por isso as funções sacerdotais foram confiadas a Eleazar e Itamar^j. ³David, bem como Šadoq, dos filhos de Eleazar, e Aħimélek^k, dos filhos de Itamar, os repartiu em classes segundo sua função no serviço. ⁴Constatou-se que os filhos de Eleazar dispunham de mais homens que os filhos de Itamar; os filhos de Eleazar foram repartidos em dezesseis chefes de família, e os filhos de Itamar em oito chefes de família^l. ⁵Foram repartidos por sorteio, tanto uns como outros, pois havia príncipes do santuário e príncipes de Deus^m tanto entre os filhos de Eleazar como entre os filhos de Itamar. ⁶Shemaíá, filho de Netanel, secretário dentre os levitas, inscreveu-os, na presença do rei, dos oficiais, do sacerdote Šadoq, de Aħimelek, filho de Ebiatarⁿ, dos chefes das famílias sacerdotais e levíticas; tirava-se a sorte uma vez para cada família dos filhos de Eleazar, e de duas em duas vezes para os filhos de Itamar.

⁷Iehoiarib foi o primeiro a ser sorteado, Iedaíá o segundo, ⁸Harim o terceiro,

Seorim o quarto, ⁹Malkiá o quinto, Miamin o sexto, ¹⁰Ha-Qoş o sétimo, Abiá o oitavo, ¹¹Ieshua o nono, Shekaniáhu o décimo, ¹²Eliashib o décimo primeiro, Iaġim o décimo segundo, ¹³Hupá o décimo terceiro, Ieshebab o décimo quarto, ¹⁴Bilgá o décimo quinto, Imer o décimo sexto, ¹⁵Hezir o décimo sétimo, Ha-Pişêş o décimo oitavo, ¹⁶Petaħiá o décimo nono, Iehezquel o vigésimo, ¹⁷Iakin o vigésimo primeiro, Gamul o vigésimo segundo, ¹⁸Delaiáhu o vigésimo terceiro, Maaziáhu o vigésimo quarto.

¹⁹Tal foi sua repartição em seu serviço, para entrar na Casa do SENHOR, segundo a regra dada por seu pai Aarão, como o ordenara o SENHOR, Deus de Israel.

²⁰Quanto aos demais filhos de Levi^o, foram estes os chefes: para os filhos de Amrâm: Shubael; para os filhos de Shubael, Ieħdeaiáhu; ²¹para Reħabiáhu e para os filhos de Reħabiáhu, o chefe era Iishiá; ²²para os iişcharitas, Shelomot; para os filhos de Shelomot: Iaħat; ²³para os filhos de Hebron^p: Ieriáhu, o primeiro, Amariá, o segundo, Iaħazieli, o terceiro, Ieqameâm, o quarto; ²⁴filhos de Uziel: Miká; para os filhos de Miká, Shamir; ²⁵irmão de Miká, Iishiá; para os filhos de Iishiá, Zekariáhu; ²⁶filhos de Merari: Maħli e Mushi, filhos de Iaa-ziáhu, seu filho; ²⁷filhos de Merari, para Iaa-ziáhu, seu filho: Shoħâm, Zakur e Ibrí^q; ²⁸para Maħli, Eleazar, que não teve

h. Lit. *do consagrado*, ou *do santo*, o que se poderia compreender também como o *lugar santo*.

i. Os vv. 1-19 contêm uma lista dos sacerdotes comparável às que se encontram em Ne 7.39-42; 10.2-8; 12.1-7.12-21, porém, mais desenvolvida. Encontram-se aí 24 classes de sacerdotes, ao passo que em Ne o número é menor (17 e 21). Existem também algumas variantes nos nomes próprios e em sua ordem de citação. Esta lista é, sem dúvida, um dos documentos mais recentes dos livros das Cr e reflete a situação sacerdotal do judaísmo como ela existirá ainda no começo da era cristã (cf. Lc 1.3.8-9) e na época rabínica.

j. Sobre estes dois personagens, cf. Lc 10.1-2 e Nm 3.1-4.

k. Ao lado de Šadoq, encontra-se habitualmente Ebiatar (2Sm 15.24-36). Mas Ebiatar traiu David (1Rs 1.7) e aqui é substituído por seu filho Aħimélek.

l. Os filhos de Eleazar são o dobro de gente em relação a seu irmão Itamar.

m. Ignora-se o verdadeiro significado dessas expressões: *príncipes do santuário* e *príncipes de Deus*. É possível que corres-

pondam a diferentes funções ou a uma dignidade particular. Para o Cronista, as rivalidades sacerdotais que poderiam existir entre certas famílias são ignoradas ou aplaniadas.

n. O fim do v. não é claro e deu ensejo a várias interpretações. O mais simples é considerar que para cada dois sorteios da gente de Eleazar (que formava 16 famílias), fazia-se um sorteio para os de Itamar (que formavam 8 famílias).

o. Os vv. 20-31 contêm uma lista dos levitas que *restavam*, depois da lista do cap. 23 e os destes vv. A diferença essencial vem da ausência dos descendentes de Guershon (23.7-11). As listas relativas aos descendentes de Qehat e Merari, pelo contrário, são uma geração mais longa. Por isso estamos diante de um complemento que pode ter chegado ulteriormente ao cap. 23.

p. O texto traz *Benai*, o que se aproxima da expressão: *os filhos de...* É preciso suprir a palavra *Hebron* de acordo com 23.19 e o gr., da mesma forma que a palavra o *primeiro* depois de *Ieriħu*.

q. Os vv. 26 e 27 parecem repetir-se, com variantes que tor-

filhos; ²⁹para Qish e os filhos de Qish, Ierahmeel; ³⁰filhos de Mushi: Maḥli, Êder e Ierimot. Esses foram os filhos dos levitas segundo suas famílias. ³¹Como os filhos de Aarão, seus irmãos, também eles tiraram a sorte na presença do rei David, de Ṣadoq, de Aḥimélek e dos chefes das famílias sacerdotais e levíticas, tanto as famílias do chefe como as do irmão mais novo.

25 Os cantores'. 'David e os chefes do exército puseram à parte, para o serviço, os filhos de Asaf, de Heman e de Iedutun, que profetizavam* com cítaras, harpas e címbalos. Eis o nome dos homens que executavam este serviço:

²Dos filhos de Asaf: Zakur, Iosef, Netaniá e Asarela; os filhos de Asaf eram dirigidos por Asaf, que profetizava sob a direção do rei.

³Para Iedutun, os filhos de Iedutun: Guedaliáhu, Šeri, Isaías, Ḥashabiáhu, Matitiáhu e Shimeí*, seis, sob a direção de seu pai, Iedutun, que profetizava com a cítara para celebrar e louvar o SENHOR.

⁴Para Heman: filhos de Heman: Buqiáhu, Mataniáhu, Uziel, Shebuel, Ierimot, Ḥananiá, Ḥanani, Eliata, Guidalti, Romanti-Ézer, Ioshbeqasha, Malôti, Hotir, Maḥaziot*; ⁵todos esses eram filhos de Heman, o vidente do rei, que lhe trans-

mitia as palavras de Deus para elevar seu poder*; Deus deu a Heman quatorze filhos e três filhas; ⁶todos eles estavam sob a direção de seu pai para o canto na Casa do SENHOR, com címbalos, harpas e cítaras, para o serviço da Casa de Deus, sob a direção do rei, de Asaf, de Iedutun e de Heman. ⁷Seu número, com seus irmãos formados para cantar ao SENHOR, todos com maestria, era de duzentos e oitenta e oito.

⁸Sortearam a ordem a ser observada, para os pequenos como para os grandes, para o mestre como para o discípulo*.

⁹E a primeira sorte caiu para Asaf, sobre Iosef*.

A segunda: Guedaliáhu; ele, seus irmãos e seus filhos: doze.

¹⁰A terceira: Zakur: seus filhos e seus irmãos: doze.

¹¹A quarta: Iiṣri; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹²A quinta: Netaniáhu: seus filhos e seus irmãos: doze.

¹³A sexta: Buqiáhu; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹⁴A sétima: Iesarela; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹⁵A oitava: Ieshaiáhu; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹⁶A nona: Mataniáhu; seus filhos e seus irmãos: doze.

nam o texto difícil. O gr. leu: *Uziá* em lugar do segundo *laa:ziáhu*. É difícil reconstituir o texto original.

r. Estas listas das 24 classes dos cantores corresponde às listas das 24 classes de sacerdotes (cap. 24) e de levitas (cap. 23). O Cronista mostra um interesse pelo canto e talvez dê aos cantores um lugar que na realidade não tinham. Não existem outras listas semelhantes nos textos paralelos, e somente alguns dos nomes são conhecidos, particularmente os primeiros: Asaf, Heman e Iedutun, e alguns outros.

s. É a única indicação que atribui aos cantores e músicos do Templo um papel profético (cf. também os vv. 2-3 e comparar com 1Sm 10,5). O profetismo às vezes se exprimiu em manifestações de exaltação religiosa ou em cerimônias litúrgicas, como também na palavra e na pregação.

t. O nome *Shimeí* é incluído aqui para chegar ao número 6, como o prova o v. 17, e também o gr.

u. Os nove primeiros nomes dos filhos de Heman podem formar, em hebraico, uma frase comparável a palavras de louvor como se encontram nos Salmos. A tradução seria: "*Sê-me favorável. Senhor, sê-me favorável. Tu és meu Deus. Ergui-me e proclamei (tua) ajuda. Sentado no infortúnio, falei. Dá visões*

numerosas!" Alguns consideram esta frase como uma oração que um redator teria inserido aqui e que um copista, depois, teria interpretado erroneamente como uma série de nomes próprios. Mas estes nomes se encontram todos, em outra ordem, na lista dos vv. 9-31, o que parece excluir tal hipótese. Outros supõem que, nas famílias dos cantores, podia-se dar aos filhos palavras sucessivas de uma frase cantada no decorrer do culto. Outros ainda vêem nisto uma pura e estranha coincidência!

v. Lit. *para elevar o chifre*; esta última palavra é empregada com freqüência no sentido de força, poder.

w. A lista dos vv. 9-31 tem um caráter sistemático, visto que o sorteio designa em primeiro lugar, alternadamente, os filhos de Asaf e de Iedutun, depois os de Iedutun e de Heman. Os nomes contêm algumas variantes com relação à lista dos vv. 2-4.

x. A menção *para Asaf* (que não tem, como se esperaria, seus paralelos: *para Iedutun*, e *para Heman*), poderia ser uma repetição inexacta da palavra seguinte: *para Iosef*. Depois deste nome, normalmente se esperaria, como para todos os outros nomes, a fórmula *seus filhos e seus irmãos: doze*. Então o total seria 288 (v. 7).

¹⁷A décima: Shimeí; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹⁸A décima primeira: Azarel; seus filhos e seus irmãos: doze.

¹⁹A décima segunda: Hashabiá; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁰A décima terceira: Shubael; seus filhos e seus irmãos: doze.

²¹A décima quarta: Matitiáhu; seus filhos e seus irmãos: doze.

²²A décima quinta: Ieremot; seus filhos e seus irmãos: doze.

²³A décima sexta: Hananiá; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁴A décima sétima: Ioshbeqasha; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁵A décima oitava: Hanani; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁶A décima nona: Malôti; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁷A vigésima: Eliata; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁸A vigésima primeira: Hotir; seus filhos e seus irmãos: doze.

²⁹A vigésima segunda: Guidalti; seus filhos e seus irmãos: doze.

³⁰A vigésima terceira: Mahaziot; seus filhos e seus irmãos: doze.

³¹A vigésima quarta: Romamti-Ézer; seus filhos e seus irmãos: doze.

26 Os porteiros. Outras funções dos levitas. ¹Para os porteiros^y. Para os qorahitas: Mesheleimiáhu, filho de Qorê, um dos filhos de Abiasaf^z. ²Os filhos de Mesheleimiáhu foram: Zekariáhu, o primeiro, Iediel, o segundo, Zebadiáhu, o terceiro, Iatniel, o quarto, ³Elâm, o quinto, Iehohanán, o sexto, Eliehonai, o sétimo.

⁴Obed-Edom teve como filhos: She-maiá, o mais velho, Ichozabad, o segundo, Ioah, o terceiro, Sakar, o quarto, Netanel, o quinto, ⁵Amicl, o sexto, Iissakar, o sétimo, Peuletai, o oitavo, pois Deus o abençoara^a. ⁶A seu filho Shamaí nasceram filhos que tiveram autoridade na sua família, pois eram homens de valor. ⁷Filhos de Shemaí: Otni, Refael, Obed, Elzabad e seus irmãos Elihu e Semaqiáhu, homens de valor. ⁸Todos esses eram filhos de Obed-Edom: eles, seus filhos e seus irmãos eram homens de valor, por causa da energia que mostravam em seu serviço. Somavam sessenta e dois, da linhagem de Obed-Edom.

⁹Mesheleimiáhu teve filhos e irmãos, dezoito homens de valor.

¹⁰Hosá, dos filhos de Merari, teve estes filhos: Shimri, era o chefe; não era o mais velho, mas seu pai o nomeara chefe.

¹¹Hilqiáhu era o segundo, Tebaliáhu o terceiro, Zekariáhu o quarto; eram treze ao todo, os filhos e irmãos de Hosá.

¹²A essas classes de porteiros, aos chefes dos homens como também a seus irmãos, coube a função de servir na Casa do SENHOR^b. ¹³Do menor ao maior, foram sorteados por famílias, para cada uma das portas.

¹⁴O lado leste coube por sorteio a Sheleimiáhu. Para Zekariáhu, seu filho, que era conselheiro prudente, sorteou o norte. ¹⁵A Obed-Edom coube o sul, e a seus filhos, os armazéns. ¹⁶A Shupim^c e a Hosá coube o oeste com a porta de Shalêket^d, na estrada que sobe. As diversas funções eram: ¹⁷a leste seis levitas por dia^e; ao norte, quatro por dia; ao sul, quatro por

y. Nos vv. 1-11 encontra-se uma lista de *porteiros* por famílias. Segundo este texto, todos eles fazem parte dos levitas (cap. 6), ao passo que outros textos os distinguem (Êx 24.27; Ne 7.45; 11.19).

Para o Cronista, toda esta organização remonta a David, antes mesmo da construção do Templo, e todo o pessoal do Templo pertence à tribo de Levi.

z. Um personagem diferente, daquele do cap. 25. Talvez se deva ler aqui, como em 9.19: *Abiasaf*.

a. Talvez seja uma alusão a 13.14 onde se trata da bênção de Deus a Obed-Edom e sua família.

b. Os vv. 12-19 dão a divisão das funções dos porteiros, nos

4 lados do Templo. Segundo o v. 17, parece que o total dos postos a serem preenchidos seriam 24, número correspondente às classes dos sacerdotes e às dos porteiros.

c. Este nome talvez seja uma repetição errônea da palavra anterior: os *armazéns* (*hu-usuppim*). Nesse caso só haveria um nome para a porta do oeste, como havia um para o norte, um para o sul e um para o leste.

d. Este nome de porta não se encontra em outra parte.

e. O texto traz: *seis levitas*, mas é preciso acrescentar como na continuação do v.: *por dia* (a expressão hebraica *por dia* (*lywm*) se parece com a palavra *levitas* (*lwyim*) e pode ter sido omitida acidentalmente).

dia, e dois de cada vez nos armazéns; ¹⁸no Parbar^f, a oeste, quatro na estrada, dois no Parbar.

¹⁹Estas eram as quatro classes de porteiros entre os filhos dos coreítas e os filhos de Merari.

²⁰Alguns levitas, seus irmãos, eram responsáveis pelo tesouro da Casa de Deus e pelos tesouros das coisas sagradas^g.

²¹Os filhos de Laedan — filhos de guershonitas para Laedan, chefes das famílias de Laedan, o guershonita — eram os ieihielitas^h. ²²Os filhos dos ieihielitas, Zetâm e Ioel, seu irmão, eram responsáveis pelos tesouros da Casa do SENHOR.

²³Para os amramitas, iischaritas, hebronitas e uzielitas: ²⁴Shebuel, filho de Guer-shon, filho de Moisés, era chefe responsável pelos tesouros.

²⁵Seus irmãos, pela linha de Eliézer, eram Rehábíahu, seu filho, Isaías, seu filho, Iorâm, seu filho, Zikri, seu filho e Shelomit, seu filho. ²⁶Este Shelomit e seus irmãos eram responsáveis por todos os tesouros das coisas santas que haviam sido consagradas pelo rei David, os chefes de famílias, os chefes de mil e de cem e os chefes do exército. ²⁷Eles os haviam consagrado, tomando-os dos despojos de guerra para a manutenção da Casa do SENHOR. ²⁸E tudo o que haviam consagrado o vidente Samuel, Saul, filho de Qish; Abner, filho de Ner, e Ioab, filho de Şeruiá, tudo o que estava consagradoⁱ foi confiado a Shelomit e seus irmãos.

²⁹Para os iischaritas: Kenaniáhu e seus

filhos eram encarregados dos negócios exteriores de Israel, como escribas e como juízes.

³⁰Para os hebronitas: Hashabiáhu e seus irmãos, homens de valor, em número de mil e setecentos, foram encarregados de inspecionar Israel a oeste do Jordão^j, para todos os assuntos do SENHOR e para o serviço do rei.

³¹Para os hebronitas, o chefe era Ieriá — para os hebronitas realizaram-se pesquisas nas genealogias de suas famílias, no quadragésimo quarto ano do reinado de David, e foram encontrados entre eles homens de valor, em lazer de Guilead.

³²Elc e seus irmãos eram dois mil e setecentos homens de valor, chefes de família, que o rei David estabelecera sobre os rubenitas, os gaditas e os da meia tribo de Manassés, para todos os assuntos de Deus e os do rei.

27 Organização militar e civil do reino de David^k.

¹Filhos de Israel segundo seu número, chefes de famílias, chefes de mil e de cem, escribas a serviço do rei para tudo o que se referia às divisões, a que chegava e a que partia, mês por mês, durante todos os meses do ano. Cada divisão compunha-se de vinte e quatro mil homens.

²A frente da primeira divisão^l, para o primeiro mês, estava Iashobeâm, filho de Zabdiel; sua divisão contava vinte e quatro mil homens. ³Pertencia aos filhos de Péreş e comandava todos os chefes do exército para o primeiro mês.

11.11

f. Palavra de origem estrangeira (persa?) cujo sentido não é certo: anexos (cf. 2Rs 23.11), dependências, lugar, colunata.

g. Nos vv. 20-32 encontra-se uma repartição dos outros levitas em diversas funções: responsáveis pelos tesouros sagrados (vv. 20-28), negócios externos, secretariado, justiça (vv. 29-32). Faltam explicações sobre estas funções. No começo do v. 20, a palavra: *seus irmãos* é lida segundo o gr. O hebr. traz o nome próprio *Ahiá* (próximo da palavra: *seus irmãos*, em hebr.), que não se harmoniza com o que segue.

h. O texto deste v. é pouco claro.

i. Lit. *tudo o consagrante*, que provavelmente se deve ler no passivo: *tudo o consagrado*.

j. A parte oeste da Transjordânia ou, melhor, o oeste do Jordão. A repartição geográfica dos vv. 30-32 é difícil de precisar. Contudo, no v. 32 sem dúvida se trata da Trans-

jordânia, ocupada pelas tribos de Gad, Rúben e a meia tribo de Manassés.

k. Este cap. contém 4 documentos diferentes, que se referem à administração civil e militar de David. Com relação a outros textos (cap. 11; 2Sm 23.8), as variantes dos nomes são frequentes. O v. 1 (com exceção da última frase) constitui uma espécie de introdução geral ao conjunto do capítulo. Muitos termos utilizados podem ser traduzidos de diferentes maneiras, e seu sentido exato nem sempre é conhecido.

l. A primeira lista é a dos *chefes militares* (v. 2-15). Doze divisões de 24.000 homens cada, estavam encarregados dos doze meses do ano, o que representava um exército de 288.000 homens, número considerável para a época e talvez mais teórico do que real (correspondia às 24 classes de sacerdotes, de levitas ou de cantores).

⁴À frente da divisão do segundo mês estava Dodai, o ahojita; sua divisão, que era comandada por Miqlot^m, contava vinte e quatro mil homens.

⁵O chefe do terceiro exército, para o terceiro mês, era Benaiahu, filho do sacerdote-chefe Iehoiadá; sua divisão contava vinte e quatro mil homens; ⁶este Benaiahu foi um valente dos Trintaⁿ, e chefe dos Trinta. À sua divisão pertencia também Amizabad, seu filho.

⁷O quarto, para o quarto mês, era Asahel, irmão de Ioab^o, e seu filho Zabadiá depois dele; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

⁸O quinto, para o quinto mês, era o chefe Shamehut, o iizrahita; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

⁹O sexto, para o sexto mês, era Irá, filho de Iqesh, de Teqoa; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹⁰O sétimo, para o sétimo mês, era Hêles, o pelonita, dos filhos de Efraim; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹¹O oitavo, para o oitavo mês, era Sibekai de Hushá, dos zarhitas; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹²O nono, para o nono mês, era Abiézer de Anatot, dos benjaminitas; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹³O décimo, para o décimo mês, era Maḥrai de Netofá, dos zarhitas; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹⁴O décimo primeiro, designado para o décimo primeiro mês, era Benaia, o pirateonita, dos filhos de Efraim; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹⁵O décimo segundo, para o décimo segundo mês, era Hêldai, o netofatita, do clã de Otniel; sua divisão contava vinte e quatro mil homens.

¹⁶À frente das tribos de Israel^p: para os rubenitas, o chefe era Eliézer, filho de Zikri; para os simeonitas, Shafatiáhu, filho de Maaká; ¹⁷para os levitas, Hashabiá, filho de Qemucl; para Aarão, Ṣadoq^q; ¹⁸para Judá, Elihu^r, dos irmãos de David; para Issacar, Omri, filho de Mikael; ¹⁹para Zabulon, Iishmaiahu, filho de Obadiahu; para Neftali, Ierimot, filho de Azriel; ²⁰para Efraim, Hoshea, filho de Azariahu; para a meia tribo de Manassés, Ioel, filho de Pedaiahu; ²¹para a meia tribo de Manassés em Guilead, Idô, filho de Zekariahu; para Benjamin, Iaasiel, filho de Abner; ²²para Dan, Azarel, filho de Ieroḥam. Tais foram os chefes das tribos de Israel.

²³David não fizera o recenseamento dos que tinham menos de vinte anos, porque o SENHOR lhe dissera que multiplicaria Israel como as estrelas do céu. ²⁴Ioab, filho de Ṣeruia, começara a contá-los, mas não terminou, pois por causa disso a cólera se abateu sobre Israel^e, e seu número não figura nos Anais do rei David^f.

²⁵Responsável pelos tesouros do rei^g era Azmávet, filho de Adiel. Responsável

m. A breve frase referente a Miqlot não existe no gr., e com frequência é considerada como uma informação marginal incorporada ao texto. Rompe a simetria em relação a todas as frases seguintes.

n. Detalhes em 11.22-25.

o. Asahel foi morto por Abner antes que David fosse rei de todo Israel (2Sm 2.18-23). Por isso não podia ser oficial de David no fim de seu reinado. Por isso é mencionado o nome de seu filho, logo depois, como sucessor.

p. A segunda lista é aquela dos *chefes de tribo* (vv. 16-24). Seus nomes na maioria das vezes são desconhecidos, mas as tribos correspondem à lista do cap. 2.1-2, salvo em certos pontos: José é substituído por seus dois filhos: *Efraim e Manassés* (cf. Nm 1; Js 13-14); *Gad e Aser* são substituídos por uma tribo de Aarão que parece nunca ter existido (v. 17). O total é sempre 12.

q. A tribo de Aarão não figura nas listas habituais das tribos. É possível que, por respeito aos sacerdotes, filhos de Aarão, o

Cronista mencione o nome de seu chefe particular, diferente do chefe dos levitas.

r. Talvez *Eliab* (2.13; 1Sm 16.6).

s. Sobre o recenseamento do povo, cf. cap. 21. A frase pode ser compreendida de duas maneiras: ou a cólera de Deus atingiu Israel porque Ioab não concluiu o recenseamento; ou — o que é mais provável — Ioab não concluiu o recenseamento porque a cólera de Deus atingira Israel, o que está de acordo com o cap. 21.

t. Os vv. 23-24 dão a entender que uma lista mais completa dava os nomes das pessoas de cada tribo. Mas estes nomes eram incompletos, porque Ioab não concluiu seu recenseamento e porque David tinha pedido que não se recenseassem os menores de 20 anos.

u. Uma terceira lista refere-se *aos responsáveis pelas posses do rei* (vv. 25-31). Eram doze (número provavelmente intencional), entre os quais encontravam-se estrangeiros (israelita, hagríta).

pelas reservas no campo, nas cidades, nas aldeias e nas fortalezas, era Jônatan, filho de Ozias.

²⁴Responsável pelos trabalhadores do campo para o cultivo do solo, era Ezri, filho de Kelub; ²⁵responsável pelos vinhedos, Shimeí de Ramá; responsável por aqueles que, nos vinhedos, cuidavam das reservas de vinho, era Zabdi, o shifmita; ²⁶responsável pelas oliveiras e sicômoros na Baixada*, Baalhanan, de Guéder; responsável pelas reservas de azeite, Joás; ²⁷responsável pelo gado que pastava em Sharon, Shitrai, o sharonita; responsável pelo gado nos vales, Shafat, filho de Adlai; ²⁸responsável pelos camelos, Obil, o ismaelita; responsável pelas jumentas, Iedeiáhu, o meronita; ²⁹responsável pelos rebanhos, laziz, o hagrta. Todos estes foram os responsáveis pelos bens pertencentes a David.

³⁰Iehonatan, tio de David, era conselheiro*; era homem inteligente e secretário. Iehiel, filho de Hãkmoni, era o encarregado dos filhos do rei. ³¹Ahitôfel era conselheiro do rei, e Hushai, o arakita, era amigo do rei. ³²Iehoiadá, filho de Benaiáhu, e Abiatar sucederam a Ahitôfel. O chefe do exército do rei era Ioab.

28 Últimas recomendações de David. União de Salomão. Morte de David*. 'David reuniu em Jerusalém todos os chefes de Israel, os das tribos e os das divisões que serviam ao rei, os chefes de mil e de cem, e os encarregados de todos os bens e rebanhos do rei e de seus filhos, com os eunucos, os valentes e todos os homens de valor. ²O rei David, pondo-se de pé³, disse-lhes: "Escutai-me, meus irmãos e meu po-

vo. Minha intenção era edificar uma Casa onde repousasse a arca da aliança do SENHOR e o escabelo do nosso Deus, e fiz os preparativos para construí-la. ³Mas Deus me disse: 'Não construirás uma Casa a meu nome, pois és homem de guerra e derramaste sangue'. 'O SENHOR, Deus de Israel, escolheu-me, dentre toda a casa do meu pai, para ser rei de Israel para sempre, pois ele escolheu como guia² a Judá e, na casa de Judá, a casa de meu pai e, entre os filhos de meu pai, aprouve-lhe fazer-me reinar sobre todo Israel. ⁵Entre todos os meus filhos — pois o SENHOR deu-me numerosos filhos — escolheu meu filho Salomão para ocupar o trono da realza do SENHOR sobre Israel. ⁶Depois disse-me: 'É teu filho Salomão que construirá minha Casa e meus atriôs, pois eu o escolhi como filho e serei para ele um pai. ⁷Preparei seu reino para sempre, desde que seja firme, como até hoje, na prática de meus mandamentos e minhas normas'. ⁸E agora, aos olhos de todo Israel, da assembléia do SENHOR e na presença de nosso Deus: observai e investigai todos os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, a fim de possuídes esta boa terra e a transmitídes, depois de vós, como patrimônio a vossos filhos para sempre. ⁹E tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai e serve-o com o coração íntegro e a alma solícita, pois o SENHOR sonda todos os corações e discerne toda forma de pensamento. Se o procurares, ele se deixará encontrar por ti, mas, se o abandonares, te rejeitará para sempre. ¹⁰Agora considera: o SENHOR te escolheu para construir uma casa como santuário; sê forte e age!"

v. Em hebr. a *Shefelá*, região que se abaixa (é o sentido da palavra) para as costas mediterrâneas.

w. Uma quarta lista contém os nomes dos conselheiros do rei (vv. 32-34). Esta lista difere da do cap. 18,14-17, salvo no que diz respeito ao nome de Ioab, chefe do exército. Mas provavelmente se trata de outras funções, não as dos ministros, mas as dos conselheiros privados e amigos do rei. No v. 32, a palavra *tio* pode também designar outro parente próximo.

x. Nos caps. 28-29 encontra-se o relato que é continuação do cap. 22, antes das listas e documentos diversos dos caps. 23-27.

Inicialmente, o rei David exorta o povo e Salomão é encarregado de construir o Templo (vv. 1-10).

y. Lit. *levantou-se sobre seus pés*. David era idoso e enfraquecido (23,1), mas mantém-se de pé para esta circunstância importante.

z. Uma palavra diferente daquelas que, no fim do v. 1, designam certas funções. Aqui, é *aquele que caminha na frente, o guia*.

a. Exortação no estilo de Dt, com referência à entrada em Canaã.

¹¹David deu a seu filho Salomão^b a planta do vestíbulo^c, das suas casas, dos seus armazéns, das suas salas superiores, das suas salas interiores e da sala do propiciatório; ¹²deu-lhe também o plano de tudo o que intencionava^d fazer quanto aos átrios da Casa do SENHOR, quanto a todas as salas ao redor, os tesouros da Casa de Deus e os tesouros dos objetos sagrados; ¹³quanto às classes^e de sacerdotes e levitas, todos os cargos do serviço da Casa do SENHOR e todos os utensílios para o serviço da Casa do SENHOR; ¹⁴quanto ao ouro, com o peso em ouro de todos os objetos de cada serviço, e quanto a todos os objetos de prata, com o peso dos objetos de cada serviço; ¹⁵quanto aos candelabros^f de ouro e suas lâmpadas em ouro, com o peso de cada candelabro e de suas lâmpadas; quanto aos candelabros de prata, com o peso do candelabro e de suas lâmpadas, segundo o serviço de cada candelabro; ¹⁶o peso em ouro para cada uma das mesas da proposição, e a prata para as mesas de prata, ¹⁷os garfos, as taças de aspersão, as ânforas de ouro puro, as tigelas de ouro com o peso de cada tigela e as tigelas de prata com o peso de cada tigela; ¹⁸quanto ao altar dos perfumes, em ouro puro com seu peso, e quanto ao plano do carro^g, dos querubins de ouro com as asas abertas cobrindo a arca da aliança do SENHOR. ¹⁹Tudo isto encontra-se num escrito redigido pela mão do SENHOR, que me fez^h compreender todas as obras do plano.

²⁰Então David disse a seu filho Salomão: "Procede com firmeza e coragem! Age sem medo nem receio, porque o SENHOR Deus, meu Deus, está contigo. Ele não te deixará nem te abandonará, até a conclusão de todo o trabalho para o serviço da Casa do SENHOR. ²¹Eis as classes dos sacerdotes e dos levitas para todo este serviço da Casa de Deus; em toda esta obra haverá contigo homens de boa vontade e repletos de sabedoria em todo trabalho; e os chefes e todo o povo estarão às tuas ordens."

29 ¹O rei David disse a toda a assembleia^a: "Meu filho Salomão, o único que Deus escolheu, é jovem e franzino, e a obra é grande, pois o palácio^b não se destina a um homem, mas ao SENHOR Deus. ²Com toda a minha força preparei para a Casa de meu Deus o ouro para o que será de ouro, a prata para o que será de prata, o bronze para o que será de bronze, o ferro para o que será de ferro, a madeira para o que será de madeira, pedras de ônix e pedras de engaste, pedras negras^c e de diversas cores, todas as espécies de pedras preciosas e grande quantidade de alabastro. ³Além disso, porque me apraz a Casa de meu Deus, dou o ouro e a prata que possuo à Casa de meu Deus, além de tudo o que preparei para esta santa Casa: ⁴três mil talentos de ouro, de ouro de Ofir, sete mil talentos de prata pura, para revestir os muros da construção, ⁵para tudo o que é de ouro, para tudo o que é de prata e

b. David dá a Salomão o plano do santuário e da organização minuciosamente prevista para a celebração do culto (vv. 11-19).

Dessa forma, o Cronista sublinha que, no seu modo de entender, foi David que preparou tudo para o Templo, até em seus menores detalhes. Salomão, mesmo em sua glória, não será mais do que um executor.

c. Ou *modelo*. A mesma palavra empregada em Ex. 25,9 e 40 para o modelo da Morada dado por Deus a Moisés.

d. Lit. de *tudo o que estava no espírito com ele*, o que se poderia também compreender: *tudo o que estava no espírito* (de Deus) *para ele*.

e. O conjunto dos vv. 13-19 forma uma só frase como continuação dos vv. 11-12. É a enumeração de tudo o que se refere ao santuário. O estilo destes vv. nem sempre é regular e preciso.

f. O texto traz: *e o lingote para os candelabros de ouro*, mas

a primeira palavra talvez seja uma repetição errônea da mesma palavra que se encontra várias vezes nestes vv.

g. Esta palavra lembra a visão de Ezequiel (Ez. 1), mas aqui se aplica à arca onde se encontram os querubins.

h. Esta frase, escrita na primeira pessoa, apresenta-se como uma reflexão de David. Alguns corrigem com a terceira pessoa: *que o fez compreender*. O gr. apresenta aqui variantes.

i. Novas exortações de David a Salomão (vv. 20-21).

j. David pede a todos que tragam *donativos voluntários* para a construção do Templo, como ele mesmo fez em grande abundância, a fim de que Salomão, jovem e franzino, pudesse executar esta grande obra (vv. 1-9).

k. Esta palavra geralmente designa uma *fortaleza* e raramente se aplica ao Templo. É de origem persa. Para o Cronista, o Templo é o castelo fortificado onde Deus reina.

l. Palavra que designa o *antimônio*, servindo para maquiagem. Os termos técnicos deste v. são de tradução incerta.

para toda obra dos artesãos. Quem mais deseja dar voluntariamente^m, hoje, ao SENHOR?"

⁶Então os chefes de famílias, os chefes das tribos de Israel, os chefes de mil e de cem e os encarregados dos negócios do rei ofereceram donativos voluntários ⁷e deram-nos para o serviço da Casa de Deus: cinco mil talentos de ouro e dez mil dáricosⁿ, dez mil talentos de prata, dezoito mil talentos de bronze e cem mil talentos de ferro. ⁸Os que possuíam pedras preciosas ofereceram-nas ao tesouro da Casa do SENHOR, entregando-as a lehiel, o guershonita. ⁹E o povo se alegrou com os donativos voluntários, pois era de todo o coração que os ofereceram ao SENHOR. E o rei David também teve grande alegria.

¹⁰David bendisse o SENHOR, na presença de toda a assembléia, dizendo: "Bendito seja, SENHOR, Deus de Israel, nosso pai, desde sempre e para sempre. ¹¹A ti, SENHOR, a grandeza, a força, o esplendor, a majestade e a glória, pois tudo, no céu e na terra, te pertence. A ti, SENHOR, a realeza e a soberania sobre todos os seres^o. ¹²A riqueza e a glória vêm de ti, e és tu que a tudo dominas. Em tuas mãos estão o poder e a força; em tuas mãos, o poder de elevar tudo e firmar tudo. ¹³E agora, nosso Deus, nós te damos graças e louvamos o nome do teu esplendor; ¹⁴pois quem sou eu e quem é meu povo, para que tenhamos o poder de fazer tais ofertas voluntárias? Tudo vem de ti, e o que te demos vem de tua mão. ¹⁵Diante

de ti não passamos de migrantes, hóspedes

des como todos os nossos pais; nossos dias sobre a terra são como a sombra, e sem esperança". ¹⁶SENHOR, nosso Deus, toda esta quantidade de coisas que preparamos para construir uma Casa para teu santo nome provém de tua mão e te pertence. ¹⁷Sei, meu Deus, que sondas os corações e amas a retidão; quanto a mim, foi na retidão do meu coração que ofereci voluntariamente tudo isto, e agora vejo com alegria teu povo, aqui presente, fazer-te essas ofertas espontâneas. ¹⁸SENHOR, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, nossos pais, conserva para sempre as disposições do coração de teu povo, e dirige firmemente seu coração para ti. ¹⁹A meu filho Salomão dá um coração íntegro para guardar teus mandamentos, tuas exigências e teus decretos, a fim de que execute tudo e construa o palácio que te preparei".

²⁰Depois David disse a toda a assembléia: "Bendizei ao SENHOR, vosso Deus". E toda a assembléia bendisse o SENHOR, o Deus de seus pais. Inclinararam-se e prosternaram-se diante do SENHOR e diante do rei.

²¹No dia seguinte^r, os israelitas imolaram sacrifícios ao SENHOR e ofereceram-lhe holocaustos: mil touros, mil carneiros, mil cordeiros com suas libações, e grande quantidade de sacrifícios por todo Israel. ²²Comeram e beberam na presença do SENHOR, nesse dia, com grande alegria e, pela segunda vez^s, proclamaram rei a Salomão, filho de David, e ungiram-no em nome do SENHOR como chefe, e ²³Shadoq como sacerdote^t. ²⁴Salomão

m. Lit. *u encher sua mão* (para dar ao Senhor).

n. Os *dáricos* são moedas da época de Dario, rei da Pérsia. O Cronista emprega esta palavra para a época de David, vários séculos anterior à dos persas.

o. A oração de ação de graças e de louvor pronunciada por David (vv. 10-20) exprime as idéias da época do Cronista, muito mais do que as idéias da época de David. Mas David é apresentado como o exemplo da fé e da piedade que são as do judaísmo pós-exílico.

p. Lit. *aquele que é elevado para tudo para cabeça*, o que poderia significar também: *aquele que é elevado acima de toda cabeça*.

q. *Sem esperança* de prolongar a duração da vida sobre a terra.

r. A passagem contida nos vv. 21-25 narra a unção de Salomão.

mão. Comparados com 2Rs 1 e 2, estes vv. mostram a preocupação do autor em glorificar o reinado de David e em deixar de lado tudo o que pudesse deslustrá-lo: a velhice do pai, a jovem shunamita, a intriga de Natan e Bat-Sheba para fazer nomear Salomão, a tentativa de complô de Adonias, as últimas recomendações de David a Salomão para que fizesse desaparecer os rivais e os homens perigosos. David permaneceu o rei por excelência; a unção de Salomão é reduzida a uma breve informação.

s. Esta palavra, ausente no gr., sem dúvida se destina a harmonizar o texto com 23.1, onde já se falava de nomeação de Salomão como rei. Poder-se-ia também compreender que, pela segunda vez, entronizavam um rei, Salomão, sendo David o primeiro (Saul não é contado).

t. Em 1Rs 1.34 e 39, Shadoq unge Salomão, ao passo que aqui

mão assentou-se no trono do SENHOR para reinar no lugar de David, seu pai, e prosperou". Todo Israel a ele obedeceu.

²⁴Todos os chefes, os valentes, e também todos os filhos do rei David submeteram-se ao rei Salomão. ²⁵À vista de todo Israel, o SENHOR engrandeceu sobremaneira a Salomão, e lhe deu a glória de uma realza como nunca houve antes dele, para nenhum rei de Israel".

²⁶David, filho de Jessé, reinou sobre todo Israel".

*

IRs 2.11 ²⁷Seu reinado sobre Israel durou quarenta anos; em Hebron, reinou duran-

te sete anos^u, e em Jerusalém, trinta e três anos.

*

²⁸Faleceu numa feliz velhice, carregado de dias, de riquezas e de glória, e Salomão, seu filho, tornou-se rei em seu lugar. IRs 2.12

²⁹Os atos do rei David, desde os primeiros até os últimos, encontram-se escritos nos Atos de Samuel, o vidente, nos atos do profeta Natan e nos de Gad, o vidente^y, ³⁰assim como todo o seu reinado e seu poder, e as provações^z que se abateram sobre ele, sobre Israel e sobre todos os reinos das terras.

ele é ungido sacerdote, ao mesmo tempo em que Salomão é ungido como rei.

u. Segundo IRs 2.12, Salomão é entronizado *depois* da morte de David. Ademais, para o Cronista, é o trono de Deus, visto que na realidade é Deus quem reina (vv. 11 e 28.5). O ideal teocrático é aqui bem expresso.

v. Antes de Salomão, os únicos reis foram Saul e David. Mas as palavras: *antes dele* podem ser traduzidas por: *diante dele*, e referir-se a todos os outros reis, antes e depois de Salomão.

w. Os vv. 26-30 contêm a informação final sobre David, como é encontrada em IRs 2.10-12, mas com diferenças onde se exprime o pensamento do Cronista: David reinou sobre *tudo* Israel, mesmo quando residia em Hebron, antes de Jerusalém (v. 27).

e o fim de seu reinado foi feliz e glorioso (v. 28), quando na realidade se conhecem, por outras informações, as preocupações, intrigas e fraquezas que marcaram seus últimos anos (IRs 1-2). Só o v. 27 é literalmente copiado de IRs 2.11.

x. Em 2Sm 5.5 está: *sete anos e seis meses*; mas aqui, como em IRs 2.11 só se fala de *sete anos*.

y. Esta indicação das fontes provavelmente não se refere a documentos originais que o Cronista teria utilizado. Trata-se, sem dúvida, dos textos de Sm que falam de Samuel, de Natan e de Gad. Aliás, estes textos podem provir de documentos mais antigos que serviram na redação dos livros de Sm.

z. Lit. *os tempos*, com freqüência entendidos no sentido de *provações, dificuldades*.

SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS

REINADO DE SALOMÃO

1 ^{IRs 2,12} ¹Salomão^a, filho de David, firmou-se na sua realeza: o SENHOR, seu Deus, estava com ele e o exaltou grandemente.

Sabedoria de Salomão. ²Salomão^b dirigiu-se a todo Israel, aos chefes de mil e de cem, aos juízes e a todos os responsáveis por todo Israel, isto é, aos chefes das famílias. ³Salomão e toda a assembléia com ele dirigiram-se ao lugar alto que estava em Guibeon^c, pois lá se encontrava a tenda do encontro de Deus^d, construída no deserto por Moisés, servo do SENHOR. ⁴Quanto à arca de Deus, David a fizera subir de Qiriat-learim para o lugar que lhe havia fixado; com efeito, erguera para ela uma tenda em Jerusalém^e. ⁵Mas o altar de bronze^f feito por Bezael, filho de Uri, filho de Hur, encontrava-se lá^g, diante da morada do SENHOR, e é a ele que Salomão e a assembléia buscavam^h. ⁶Foi lá que Salomão, na presença do SENHOR, subiu ao altar de bronze que estava diante da tenda do encontroⁱ e ofereceu mil holocaustos^j.

⁷Nessa mesma noite, Deus apareceu a Salomão e lhe disse: "Pede! Que posso eu te dar?" ⁸Salomão respondeu a Deus: "Tu trataste David, meu pai, com grande fidelidade e me fazes reinar em seu lugar. ⁹Agora, SENHOR Deus, que se verifique para com David, meu pai, a tua pa-

lavra, pois foste tu que me fizeste reinar sobre um povo numeroso como o pó da terra. ¹⁰Dá-me, agora, sabedoria e bom senso, para que eu saiba conduzir-me diante deste povo. Com efeito, quem poderia governar teu povo, este povo tão grande?" ¹¹E Deus disse a Salomão: "Já que é este o teu desejo, já que não pediste nem riqueza, nem posses ou glória, nem a vida dos teus inimigos e nem mesmo vida longa, mas pediste para ti sabedoria e bom senso, a fim de governar meu povo sobre o qual te fiz reinar, ¹²a sabedoria e o bom senso te são concedidos, e dou-te também riquezas, posses e glória, como não teve nenhum dos reis que te precederam e não terão os que vierem depois de ti". ¹³Salomão voltou^k do lugar alto de Guibeon, de diante da tenda de reunião, em Jerusalém. E reinou sobre Israel.

Riqueza de Salomão. ¹⁴Salomão^l reuniu carros e cavaleiros. Ele possuía mil quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, que acantonou nas cidades de guarnição e perto de si em Jerusalém. ¹⁵O rei fez com que em Jerusalém a prata e o ouro fossem tão abundantes quanto as pedras, e os cedros tão numerosos quanto os sicômoros de Baixada. ¹⁶Os cavalos de Salomão provinham do Egito e de Qová^m;

^{IRs 10, 26-29; 2Cr 9, 25-28}

a. Esta apresentação geral do reinado de Salomão (972-933) retoma a de IRs 2,12, insistindo em que a grandeza de Salomão era um dom de Deus. Depois o Cronista omite o relato de IRs 2,13-3,3, no qual Salomão manda matar Adonias, Iobab e Shimef e se casa com a filha de Faraó.

b. Esta aparição em Guibeon é narrada também em IRs 3,4-15. O relato do Cronista se interessa sobretudo pelo aspecto cultural (destino da arca da aliança, do altar dos holocaustos e da tenda do encontro) e procura explicar por que Salomão oferece sacrifícios em Guibeon e não em Jerusalém.

c. Sobre a organização do culto em Guibeon, cf. 1Cr 16,39-42 e 21,29-30.

d. Sobre sua construção, cf. Ex 26,1-36 e 36,8-38. A presença do Senhor é mencionada em Ex 25,8; 29,43-46; 40,34-35; 2Sm 7,6 = 1Cr 17,5; Sl 78,60.

e. Transladação da arca: 2Sm 6,1-23; 1Cr 13,1-14 e 15,1-29.

f. Sobre sua fabricação, cf. Ex 20,24-26; 38,1-2.

g. Alguns mss. hebr. trazem: *o altar... encontrava-se lá (sham)*; outros: *ele havia posto (sam) o altar...*

h. Ao mesmo tempo: *queriam honrar e queriam consultar.*

i. Outro sentido possível: *diante do Senhor, que estava presente na tenda do encontro.*

j. O próprio número desses holocaustos mostra que não se deve necessariamente compreender que o próprio Salomão os tenha oferecido. A fórmula hebr. pode muito bem significar apenas que os fez oferecer.

k. Com o gr., contra o hebr., que traz *voltou ao*.

l. O documento que serviu para a redação de 1,14-17 foi também utilizado por IRs 10,26-29, e esta passagem de Reis foi copiada em 2Cr 9,25-28. A comparação destes três documentos mostra a evolução que um texto pode sofrer.

m. Alguns historiadores modernos pensam que se trata de

os mercadores do rei compravam-nos em Qová; ¹⁷ao voltarem, traziam do Egito um carro por seiscentos siclos cada um, e um cavalo por cento e cinquenta. Da mesma forma intermediavam a exportação destinada a todos os reis dos *hetitas* e os reis de Arâm*.

*

1Rs 5,15-7,22 **Construção do Templo.** ¹⁸Salomão mandou construir uma Casa para o nome do SENHOR e uma casa régia para si.

2 ¹Salomão recrutou setenta mil homens para o transporte, oitenta mil para extrair as pedras da montanha e três mil e seiscentos fiscais^p. ²Salomão mandou dizer a Hirâm^q, rei de Tiro: "Tu colaboraste com David, meu pai, enviando-lhe cedros para edificar uma casa para sua residência. ³Ora, eis que eu vou edificar uma Casa para o Nome do SENHOR, meu Deus, a fim de lha consagrar, queimar diante dele incenso perfumado, oferecer as oferendas dispostas^s, continuamente, como também os holocaustos da manhã, da tarde, dos sábados, das luas novas e das festas do SENHOR, nosso Deus; e isso, para sempre, em Israel. ⁴A Casa que quero construir será grande, pois nosso Deus é maior do que todos os deuses. ⁵Quem teria a força de lhe construir uma Casa,

dado que os céus e os céus dos céus não o podem conter? E quem sou eu para construir-lhe uma Casa, se não for para queimar oferendas em sua presença? ⁶Agora, pois, envia-me um especialista para trabalhar o ouro, a prata, o bronze, o ferro^t, a púrpura, o carmesim e a violeta^u, e que conheça a escultura; ele colaborará com os especialistas que tenho comigo em Judá e em Jerusalém e que David, meu pai, preparou^v. ⁷Envia-me também do Líbano troncos de cedro, de cipreste e de sândalo^w, pois sei que teus servos sabem cortar as madeiras do Líbano, e meus servos irão com os teus, ⁸para prepararme madeira em grande quantidade, pois a Casa que quero construir será grande e admirável. ⁹E eis que aos lenhadores que irão abater as árvores darei como alimento^x vinte mil kores^y de trigo, vinte mil kores de cevada, vinte mil bates de vinho e vinte mil bates de azeite^z".

¹⁰Hirâm, rei de Tiro, respondeu a Salomão por escrito: "É porque ama seu povo que o SENHOR te fez reinar sobre ele". ¹¹Hirâm disse também: "Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, que fez os céus e a terra, que deu ao rei David um filho sábio, dotado de prudência e inteligência, que construirá uma Casa para o SENHOR e uma casa régia para si mesmo.

Musri e de *Qoa*, regiões da Cilícia. Mesmo se o texto primitivo designava assim *Musri*, este termo já estava modificado em *Misrdim*, "Egito", quando o Cronista o copiou.

n. Talvez estes reis dos *hetitas* sejam os da Síria do Norte, ao passo que *Arâm* se aplicaria à Síria do Sul. Voltando da Cilícia, os mensageiros de Salomão abasteceriam de passagem os reizinhos sírios. Outro sentido possível: os mercadores *faziam-nos sair por seus próprios meios*.

o. O Cronista omite o julgamento de Salomão (1Rs 3,16-28), a lista de seus funcionários (1Rs 4,1-19) e o quadro de sua prosperidade (1Rs 4,20-5,14), sem dúvida porque estas exposições não se coadunavam com a finalidade religiosa que ele se propunha. Para o relato da construção do Templo, utiliza inicialmente (2Cr 1,18-4,1) uma fonte próxima a 1Rs 5,15-7,22, que insiste no aspecto cultural deste empreendimento (p. ex. 2Cr 2, 2-6), mas negligencia certos detalhes concretos da realização (p. ex. 1Rs 6,4-20), e sobretudo o que se refere aos edifícios profanos de Salomão (1Rs 7,1-12). A numeração da Septuaginta e da Vulgata tem um número a mais no cap. 2, pois numeram 2,1 o que em hebr. é 1,18.

p. Este v. parece uma repetição deformada de 2,16-17; é possível que não existisse no texto primitivo.

q. Aqui e em outros lugares, os mss. hebr. hesitam entre *Hirâm* e *Hurâm*.

r. O texto primitivo provavelmente trazia: *eu, seu filho*; esta última palavra ainda é atestada em gr.

s. *Oferendas dispostas*: lit. *o dispositivo*, que se aplica a coisas bem arrumadas, geralmente aos pães de proposição, mas também aos bolos cobertos de incenso (Lv 24,5-8); o autor parece querer aludir a este texto.

t. A lista paralela de 2,13 sugere a possibilidade de que, por um salto visual, um escriba possa ter omitido *a pedra, a madeira* antes da *púrpura*.

u. Deve-se sem dúvida compreender: *que sabe compor tinturas de púrpura, carmesim e violeta*. Em 2,13 e 3,14 mencionava-se também o linho.

v. 2,13 sugere que o texto primitivo poderia ser: *e com artistas de David, meu pai*.

w. *Sândalo* ou qualquer outra madeira preciosa, pois o sândalo não cresce no Líbano. Tratar-se-ia do junípero? Cf. 9,10.

x. O hebr. traz: *golpes*, o que não apresenta sentido aceitável; sem dúvida, deve-se ler com 1Rs 5,25 e as antigas versões: *como alimento*.

y. Para o *kor* e o *bat*, cf. Lista de pesos e medidas.

¹²Envio-te agora um especialista dotado de inteligência, Hirâm-Abi^z, ¹³filho de uma danita^a e de pai tírio, que sabe trabalhar o ouro, a prata, o bronze, o ferro, a pedra, a madeira, a púrpura, a violeta, o linho^b e o carmesim, executar todo tipo de escultura e realizar todo projeto que lhe for confiado, com teus especialistas e com os especialistas de meu senhor David, teu pai. ¹⁴Que sejam então enviados a seus servos o trigo, a cevada, o azeite e o vinho de que falaste. ¹⁵Quanto a nós, cortaremos árvores do Líbano segundo tuas necessidades; enviá-las-emos a Jafa em jangadas por mar; tu as farás subir até Jerusalém^c.

¹⁶Salomão fez o recenseamento de todos os estrangeiros que residiam no território de Israel, de acordo com o censo que fizera David, seu pai^d, e acharam-se cento e cinquenta e três mil e seiscentos. ¹⁷Destinou setenta mil para o transporte, oitenta mil para as pedreiras da montanha e três mil e seiscentos fiscais para pôr o povo a trabalhar.

3 ¹Salomão começou a construir a Casa do SENHOR em Jerusalém, sobre o monte Moriá^e, onde o SENHOR aparecera a David, seu pai, no lugar que David havia preparado na eira de Ornan, o

Gn 22.2
1Sm 24.
16-25;
1Cr 21.
15-30

z. Ou: *Hirâm-Abi*. Este nome, que significa "Hirâm é meu pai", convém inteiramente a um favorito do rei Hirâm. Em 1Rs 7,13 lê-se: *Hirâm de Tiro*, o que é menos provável.

a. Segundo 1Rs 7,14, trata-se de uma viúva da tribo de Neftali. Por delicadeza, o rei assinala a origem israelita de seu enviado, sem duvidar de que os casamentos com os pagãos eram proibidos em Israel. A descrição dos talentos deste personagem é feita de acordo com Ex 31,2-5; 35,30; 36,1.

b. No texto original, o *linho* talvez figurasse no fim da lista, como em 3,14 ou logo depois de *madeira*, antes desta série de tinturas.

c. Alusão a 1Cr 22,2.

d. Enquanto a montanha do Templo é frequentemente chamada "Sião", jamais é chamada *Moriá* em outros lugares. Gn 22,2 também fala de uma montanha de Moriá (embora as antigas versões não estejam de acordo com o hebr.), mas ignoramos se ela se identifica com a do Templo. Uma tradução literal daria o seguinte: *a montanha de Moriá, que apareceu a David*. Alguns pensam que o texto primitivo seria: *a montanha da visão que apareceu a David*, pois as palavras "visão" e Moriá se parecem em hebr. O autor aludiria assim a 2Sm 24,16-25 = 1Cr 21,15-30.

e. O hebr. repete: *no segundo*, e alguns tradutores entendem: *no segundo (dia)*; mas as antigas versões não leram esta palavra, que parece ser uma repetição errônea.

iebusita. ²Começou a construir no segundo mês^f, no quarto ano de seu reinado. ³Eis as bases fixadas^g por Salomão para construir a Casa de Deus: comprimento, segundo a medida antiga^h, sessenta côvadosⁱ; largura, vinte côvados. ⁴O vestibulo, cujo comprimento correspondia à largura da Casa, tinha vinte côvados, e sua altura era de cento e vinte côvados^j. Ele o revestiu no interior de ouro puro. ⁵Quanto à sala grande, revestiu-a de madeira de cipreste, que recobriu de ouro fino, e fez representar^k aí palmas e guirlandas^l. ⁶Revestiu esta sala com uma decoração em pedras preciosas^m. O ouro era ouro de Parvaimⁿ. ⁷Ele recobriu de ouro a sala: as vigas, os limiáres, as paredes e as portas, e mandou esculpir querubins nas paredes. ⁸Depois, fez a sala do lugar santíssimo: seu comprimento, no sentido da largura da Casa, era vinte côvados e sua largura, vinte côvados; recobriu-a com ouro fino, no valor de seiscentos talentos^o. ⁹Os pregos, de ouro, pesavam cinquenta siclos^p. Ele recobriu de ouro o teto^q.

¹⁰No interior do lugar santíssimo, mandou fazer dois querubins de metal fundido^r, e revestiu-os de ouro. ¹¹As asas dos querubins tinham vinte côvados de comprimento: uma asa do primeiro, de cinco

f. Tradução incerta.

g. Esta expressão mostra que havia várias espécies de côvados: o côvado originário media cerca de 45cm, e o grande 52cm.

h. O sir. conservou aqui: *altura, trinta côvados*. Esta informação, concorde com 1Rs 6,2, deve ter desaparecido acidentalmente.

i. Passagem muito difícil. O texto primitivo poderia ser: *Quanto ao átrio, que estava no sentido da largura da casa, seu comprimento era de vinte côvados, a largura de vinte (ou: de dez) côvados, a altura de cento e dez (ou: de vinte) côvados* (segundo 1Rs 6,3 e 2Cr 3,8).

j. Lit. *fez subir sobre ele*. O gr. e o sir. trazem: *esculpiu* (cf. o v. 14).

k. O sir. supõe: *lirios*.

l. Poderia tratar-se também de um pavimento de mármore multicor.

m. Lugar desconhecido, que não é citado em outra parte do AT, mas que reaparece na literatura judaica posterior.

n. O talento pesava cerca de 35kg. O revestimento do lugar santíssimo teria utilizado 21 toneladas de ouro. É um número considerável, mas não impossível.

o. O siclo valia cerca de 11 gramas.

p. Com frequência se traduz: *os quartos superiores*.

q. Termo desconhecido, que talvez seja uma alteração da palavra *madeira*, lida pelo gr., de acordo com 1Rs 6,23.

côvados, tocava a parede da Casa, e a outra asa, de cinco côvados, tocava uma asa do outro querubim; ¹²uma asa do outro querubim, de cinco côvados de comprimento, tocava a parede da Casa, e a outra asa, de cinco côvados de comprimento, tocava a asa do outro querubim. ¹³As asas destes querubins, estendidas, mediam vinte côvados, e eles estavam de pé, a face voltada para o interior. ¹⁴Mandou fazer o véu de tecido violeta, purpúreo, carmesim e de linho. Mandou representar querubins.

¹⁵Diante da Casa, fez duas colunas de trinta e cinco côvados de comprimento^s, encimadas por capitéis de cinco côvados. ¹⁶Fez guirlandas no Santuário^d e as pôs no topo das colunas. Fez cem romãs^c e as colocou nas guirlandas. ¹⁷Erigiu as colunas diante do Templo, uma à direita e outra à esquerda, dando o nome de *lakin* à da direita, e de *Bôaz* à da esquerda^a.

4 ¹Fez o altar de bronze, com vinte côvados de comprimento, vinte de largura e dez de altura.

*

1Rs 7,23-26

²Fez^w o Mar de metal fundido^a; tinha dez côvados de diâmetro e foi feito em forma circular; tinha cinco côvados de altura, e para contorná-lo serviria um cordão de trinta côvados. ³Na parte inferior, imagens^b de bois davam-lhe a volta em todo o seu redor, dez por côvado^c; cercavam o Mar completamente. Estes

bois, em duas fileiras, haviam sido fundidos formando uma só peça com o Mar. ⁴Este repousava sobre doze bois^d: três voltados para o norte, três para o oeste, três para o sul e três para o leste; o Mar se elevava sobre eles; suas ancas estavam voltadas para o interior. ⁵Sua espessura era de um palmo, e sua borda era trabalhada como a borda de uma taça, na forma de flor-de-lis. Sua capacidade era de três mil bates^e.

*

⁶Fez^w dez bacias, dispondo cinco à direita e cinco à esquerda, para as lavagens: ali se purificava o que servia para o holocausto, mas os sacerdotes se lavavam no Mar de bronze. ⁷Fez os dez candelabros de ouro, segundo as regras, e os colocou no Templo, cinco à direita e cinco à esquerda. ⁸Fez dez mesas e as instalou no Templo, cinco à direita e cinco à esquerda. E fez cem taças de aspersão em ouro^d. ⁹Fez o átrio dos sacerdotes, a grande esplanada e as portas da esplanada; revestiui as portas de bronze.

*

1Rs 7,38-39

¹⁰Quanto ao^e Mar, colocou-o do lado direito, a sudoeste. ¹¹Hirâm fez as bacias, as pás e as taças de aspersão. Terminou toda a obra de que o encarregara o rei Salomão para a Casa de Deus: ¹²duas colunas, as volutas, os dois capitéis^f colocados no topo das colunas; os dois entrelaçados para cobrir as duas volutas

1Rs 7,39-51

r. Lit. *Fez subir sobre ele*. O gr. traz: *teceu* (cf. v. 5).

s. O sir. diz: *dezoito*, de acordo com 1Rs 7,15; 2Rs 25,17; Jr 52,21.

t. O texto parece alterado, pois se trata da descrição das colunas erigidas diante do pórtico.

u. 4,12-13 exige que se entenda: cem romãs sobre cada uma das quatro guirlandas.

v. *lakin* = "ele estabilizará" e *Bôaz* = "nele a força" ou "na força".

w. Para a descrição do Mar de bronze (4,2-5), o Cronista copia fielmente 1Rs 7,23-26 (exceto variantes acidentais).

x. O nome de Mar era dada a uma grande bacia que continha a água necessária para as abluções dos sacerdotes. Cf. também 1Rs 7,23 e nota.

y. 1Rs 7,24 diz: *Havia por baixo da borda coloquintidas em todo o redor, dez por côvado... Estas coloquintidas em duas fileiras...* A mudança de *coloquintidas* (*pega'im*) por *bois* (*beqarim*) era facilitada pela presença da palavra *bois* no v. seguinte.

z. Poder-se-ia traduzir também: *de dez côvados* ou *(sobre) dez côvados*.

a. Estas doze estátuas sustentavam o Mar de bronze, ao passo que as *imagens* do v. anterior formavam um verdadeiro friso monumental.

b. Segundo as dimensões indicadas em 4,2 e supondo um côvado de 52cm, o Mar de bronze continha, se a forma dele era semi-esférica, cerca de 1.000 bates. e, se tinha a forma de um cilindro, cerca de 1.500 bates. Talvez se deva a erros de cópias o fato de 1Rs 7,26 lhe atribuir 2.000 bates, e nossa passagem 3.000.

c. O Cronista omite a descrição dos doze suportes (1Rs 7,27-37), resume a das dez bacias de bronze (1Rs 7,38-39), mas acrescenta outros objetos que julgava mais importantes para o culto.

d. Outra palavra hebr., diferente do v. 5; aqui, no v. 11 e no v. 22 provavelmente se trata de vasos destinados a receber líquidos para os sacrifícios (cf. Nm 7).

e. O Cronista volta a 1Rs 7,39-8,10, que ele transcreve literalmente. Através destas longas descrições transparece seu apego a tudo o que contribui para o culto de Deus.

f. O gr. e 1Rs 7,41 trazem: *as molduras dos capitéis*.

dos capitéis que estão no alto das colunas, ¹³as quatrocentas romãs para os dois entrelaçados, duas fileiras de romãs para cada entrelaçado, para cobrir as duas volutas dos capitéis que estão no topo das colunas; ¹⁴fez os suportes^a, e as bacias sobre as bases, ¹⁵o Mar — único —, tendo debaixo dele os doze bois, ¹⁶as bacias, as pás, os garfos^b e todos os seus acessórios^c. Hirâm-Abi fez isto em bronze polido para o rei Salomão, para a Casa do SENHOR.

¹⁷Foi na região do Jordão, entre Sukot e Şeredat^d, em terra argilosa, que o rei mandou fundir estas peças.

¹⁸Salomão fez todos esses objetos em grande quantidade, a tal ponto que não se podia avaliar o peso do bronze.

¹⁹Salomão fez também todos os objetos destinados à Casa de Deus^e: o altar de ouro, as tábuas sobre as quais se põem o pão da oferenda^f, ²⁰os candelabros^g e suas lâmpadas para arder, segundo a regra, diante da câmara sagrada, em puro ouro; ²¹os florões, as lâmpadas, as pinças de ouro, e ouro de primeira qualidade; ²²as espevitadeiras, as taças de aspersão, as taças e os incensórios, de ouro fino; a entrada da Casa, suas portas interiores que dão para o lugar santíssimo e as portas da Casa que dão para a grande sala, de ouro.

²³Depois que foi levada a bom termo toda a obra que Salomão fizera para a Casa do SENHOR, ele mandou trazer os objetos consagrados^h por seu pai, David:

a prata, o ouro e todos os utensílios, para depositá-los no tesouro da Casa de Deus.

Traslado da Arca. Dedicção do Templo. ²⁴Então, Salomão reuniu em Jerusalém os anciãos de Israel, todos os chefes das tribos, príncipes das famílias dos filhos de Israel, para fazer subir da Cidade de David, que é Sião, a arca da aliança do SENHOR. ²⁵Todos os homens de Israel se reuniram junto ao rei, durante a festa, a do sétimo mêsⁱ. ²⁶Depois de terem chegado todos os anciãos de Israel, os levitas^j carregaram a arca. ²⁷Fizeram subir a arca, a tenda da reunião e todos os objetos sagrados que estavam na tenda. Foram os sacerdotes e os levitas^k que os fizeram subir. ²⁸O rei Salomão e toda a comunidade de Israel, reunida junto dele diante da arca, imolaram tantos animais, entre rebanho e gado, que não se podia contar nem calcular. ²⁹Os sacerdotes levaram a arca da aliança do Senhor ao seu lugar na câmara sagrada da Casa, no lugar santíssimo, sob as asas dos querubins. ³⁰Os querubins estendiam suas asas sobre o lugar da arca, abrigando a arca e suas barras. ³¹Em virtude do comprimento destas barras, viam-se suas extremidades que vinham da arca^l defronte da câmara sagrada, mas não se podia vê-los de fora. Ela está lá ainda hoje^m. ³²Dentro da arca não há nada, a não ser as duas tábuas dadas por Moisés, no Horebⁿ, quando o SENHOR firmou a aliança com os filhos de Israel, ao saírem do Egito.

1Rs 7,51-
8,10

g. Em lugar de: *fez as bases, fez as bacias*, 1Rs 7,43 continua a enumeração e traz: *e as dez bases e as dez bacias*, pois em hebr. *dez* e *ele fez* se parecem. O gr. conserva uma só vez o número dez.

h. Em lugar de: *os garfos*, 1Rs 7,40 e 45 traz: *as taças*, como em 2Cr 4,8 e 11.

i. 1Rs 7,45 traz: *e todos os acessórios que Hirâm fez...*

j. Ou melhor *Şartan*, segundo 1Rs 7,46. *Sukot* e *Şartan* estão situadas a leste do Jordão, perto da confluência do laboq.

k. O gr. e 1Rs 7,48 têm aqui *Senhor*, que sem dúvida é o texto original.

l. Sobre estes pães, cf. Lv 24,6-9.

m. 1Rs 7,49 traz: *os candelabros, cinco à direita e cinco à esquerda*.

n. Esta palavra traduz um termo que, com freqüência, é traduzido por "santo" ou "consagrado", mas cujo sentido original é "posto à parte", "separado".

o. 1Rs 8,2 traz: *durante o mês de etanim*, isto é, no sétimo mês (setembro ou outubro). Portanto, esta festa é a das Tendas, como consta de 7,8-10.

p. 1Rs 8,3 diz: os sacerdotes; e, de fato, é precisamente dos sacerdotes que falará o Cronista em 5,7.

q. No hebr. atual: *os sacerdotes os levitas*; o gr. e 1Rs 8,4 mostram que o texto primitivo devia ser: *os sacerdotes e os levitas*.

r. O texto primitivo, confirmado pelo gr. de acordo com 1Rs 8,8, trazia: *desde o lugar santo*, e não: *que vinham da arca*.

s. Esta reflexão, como também o v. seguinte, que não correspondiam mais à realidade da época das Crônicas (cf. Jr 3,16; 2Mc 2,4-8) mostra com que fidelidade eram copiados os antigos documentos históricos.

t. Cf. Ex 32,15-19; 34,29-32; 40,3. Segundo Ex 16,33-34 e Nm 17,25-26, a arca continha também um vaso cheio de maná e o bastão de Aarão.

¹¹Quando os sacerdotes saíram do lugar sagrado.

*

— pois^u todos os sacerdotes que lá se achavam se haviam santificado, sem observar a ordem das classes^v. ¹²Os levitas que eram cantores em sua totalidade: Asaf, Heman e Jedutun, com seus filhos e irmãos, vestidos de linho, conservavam-se a oriente do altar com címbalos, liras e harpas. Com eles, cento e vinte sacerdotes tocavam trombetas. ¹³Os tocadores de trombeta e os cantores, juntos, faziam-se ouvir em uníssono para louvar e celebrar o SENHOR^w. Quando se elevava o som das trombetas, dos címbalos e dos instrumentos de música, louvavam o SENHOR: “Porque ele é bom, pois sua fidelidade é para sempre” —

*

1R 8.10-22 então^x a Casa se encheu com a nuvem da Casa do SENHOR^y. ¹⁴E os sacerdotes não podiam continuar seu serviço por causa desta nuvem, pois a glória do SENHOR enchia a Casa de Deus^z.

6 Então Salomão disse:

“O SENHOR declarou querer habitar na escuridão^a. ²Eu construí para ti uma Casa principesca, uma morada em que habitarás para sempre”. ³O rei voltou-se e abençoou toda a assembléia de Israel. Toda a assembléia de Israel mantinha-se de pé. ⁴Ele disse: “Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, que realizou por sua mão o que sua boca prometeu a meu

pai, David, dizendo^b: ⁵“Desde o dia em que fiz sair meu povo da terra do Egito, não escolhi uma cidade, dentre todas as tribos de Israel, para nela se construir uma Casa onde estaria meu Nome, e não escolhi outro homem para ser príncipe sobre Israel, meu povo: ⁶mas escolhi Jerusalém para que aí esteja o meu nome, e escolhi David para que seja o chefe de Israel, meu povo”. ⁷David, meu pai, tinha a intenção de construir uma Casa para o nome do SENHOR, Deus de Israel. ⁸Mas o SENHOR disse a David, meu pai: “Tens a intenção de construir uma Casa para meu nome, e fazes bem. ⁹Contudo, não serás tu que construirás esta Casa, mas teu filho, saído de tuas entranhas; ele construirá esta Casa para meu nome”. ¹⁰E o SENHOR realizou a palavra que disse-ra. Eu sucedi a meu pai, David, e ocupo o trono de Israel, como prometera o SENHOR, eu construí a Casa para o nome do SENHOR, Deus de Israel. ¹¹e nela depusitei a arca na qual se acha a aliança que o SENHOR firmou com os filhos de Israel^d”. ¹²Salomão, de pé diante do altar do SENHOR, na presença de toda a assembléia de Israel, estendeu as mãos...

*

¹³— pois^e Salomão mandara fazer um estrado de bronze colocado no meio da esplanada, que tinha cinco côvados de comprimento, cinco de largura e três de altura. Subiu nele, depois ajoelhou-se —

*

u. Segundo um método que reaparecerá, por exemplo, em 2Cr 6.13; 23.1-2.5-6.18-20, o Cronista corta a frase copiada de 1Rs 8.10, para introduzir ali um longo parêntese (vv. 11-13). O autor atribuiu grande importância a estas celebrações musicais e sentia prazer em evocá-las.

v. Os sacerdotes eram divididos em 24 classes; cf. 1Cr 24.3-19.

w. O gr. apresenta um texto bem preferível: *Quando o som se elevava..., dizia-se: “Celebrai o Senhor, porque sua fidelidade é para sempre”*. O Cronista repete este mesmo refrão dos Salmos em 1Cr 16.34-41 e em 2Cr 7.3-6; 20.21, pois ele exprime um dos textos essenciais de sua piedade.

x. Depois do parêntese constituído por 5.11b-13a, o Cronista volta ao texto de Rs, e retoma a frase de 5.11a, interrompida por este parêntese.

y. 1Rs 8.10 exprimia-se mais claramente: *a nuvem enchia a Casa do Senhor*; o gr. de Cr, inspirando-se no contexto, corrige: *a nuvem da glória do Senhor encheu a Casa*.

z. Cf. 1Rs 8.11 e nota.

a. Na obscuridade do lugar santíssimo, que não tinha nenhuma janela para iluminá-lo.

b. O oráculo que segue não se encontra em nenhum outro lugar da Bíblia, mas as idéias que encerra encontram-se em 2Sm 5.2 (= 1Cr 11.2); 2Sm 7.1-2 (= 1Cr 17.1-2); 1Cr 28.2.

c. O autor resume aqui os relatos mais amplos de 2Sm 7.5-13 (= 1Cr 17.4-12) e 1Cr 28.3-6.

d. A arca está tão associada à aliança, que o autor se exprime como se esta aliança estivesse “contida” na arca. — 1Rs 8.21 tem uma fórmula mais desenvolvida: *com nossos pais, quando os fez sair da terra do Egito*.

e. Como em 5.11, o Cronista interrompe a frase começada para inserir uma explicação. Estes parênteses mostram seu cuidado em fornecer todas as explicações possíveis e em especificar que Salomão, que não era sacerdote, não subira os degraus do altar.

IRs 8,23-50 diante^f de toda a assembléia de Israel, estendeu as mãos para o céu ¹⁴e disse: "SENHOR, Deus de Israel, não há Deus como tu no céu nem na terra^g para conservar a aliança e a benevolência para com teus servos, que caminham diante de ti de todo o coração. ¹⁵Cumpriste as promessas para com teu servo David, meu pai: o que com tua boca disseste, com tua mão realizaste, como hoje se vê. ¹⁶E agora, SENHOR, Deus de Israel, mantém a teu servo David, meu pai, a palavra que lhe disseste^h: 'Alguém dos teusⁱ jamais deixará de sentar-se diante de mim sobre o trono de Israel, desde que teus filhos atendam ao seu procedimento e sigam a minha Lei^j, como tu caminaste diante de mim^k'. ¹⁷Agora, SENHOR, Deus de Israel, que se verifique a palavra que disseste a teu servo David! ¹⁸Mas será verdade que Deus pode habitar com os homens sobre a terra? Os próprios céus e os céus dos céus não te podem conter! Muito menos esta Casa que te construí! ¹⁹Sê atento à prece e à súplica de teu Servo, SENHOR meu Deus! Escuta o grito^l e a oração que teu servo te dirige! ²⁰Que teus olhos estejam abertos dia e noite sobre esta Casa, sobre este lugar onde prometeste estabelecer o teu nome! Escuta a oração que teu servo dirige para este lugar! ²¹Digna-te escutar as súplicas que teu servo e Israel, teu povo, dirigem para este lugar. Escuta do lugar em que habitas. Escuta e perdoa. ²²Se um homem pecar contra seu próximo e este pronunciar sobre ele um ju-

ramento com maldição^m e vier pronunciar este juramento diante de teu altar, diante desta Casa, ²³escuta do céu; age, julga entre teus servos, pune o culpadoⁿ, fazendo recair sua conduta sobre sua cabeça, e declara justo o justo, tratando-o segundo a sua justiça^o.

²⁴Se teu povo, Israel, for vencido por um inimigo, por haver pecado contra ti, e se ele depois se arrepender e celebrar teu nome, se ele orar e suplicar diante de ti que estás nesta Casa, ²⁵escuta-o do céu, perdoa o pecado de Israel teu povo, e reconduze-o à terra que lhe deste, a ele e a seus pais.

²⁶Quando o céu se fechar e não houver chuva, por ter o povo pecado contra ti, se orar em direção a este lugar, celebrar teu nome e voltar de seu pecado, porque o terás afligido, ²⁷escuta, tu, no céu, perdoa o pecado dos teus servos e de Israel, teu povo — pois tu lhes indicarás o caminho reto que devem seguir —, e dá a chuva à tua terra, a terra que deste em patrimônio a teu povo.

²⁸Quando houver fome na terra^p, quando houver peste, ferrugem, mela, gafanhotos e locustas, quando seus inimigos sitiarem as cidades de sua terra, qualquer que seja a calamidade ou a doença, ²⁹qualquer que seja o motivo da oração^q, qualquer que seja o motivo da súplica, provenha ela de um particular ou de todo Israel, teu povo, quando cada um tomar consciência de sua desgraça e de seu sofrimento e estender a mão para esta Casa, ³⁰escuta, tu, do céu, lugar onde

f. O Cronista retoma a frase de IRs 8,22 que ele acaba de interromper por seu parêntese; mas a retoma um pouco acima, de modo a repetir várias palavras.

g. IRs 8,23 traz: *em cima nos céus e embaixo na terra*.

h. Em 2Sm 7,5-16 (= 1Cr 17,4-14) e em 1Cr 28,2-10, Deus prometera a David que seu filho construiria o Templo e teria um trono estável para sempre. Salomão pede a Deus, que tão bem realizou a primeira promessa, que realize também a segunda.

i. Lit. *Um homem não será supresso para ti de diante de mim*.

j. Retoma uma fórmula semelhante em 7,18.

k. Este oráculo exprime o sentido geral de 2Sm 7,14-16, insistindo na fidelidade em *andar diante de Deus*.

l. Deve ter havido uma confusão muito antiga no documento recopiado por IRs 8,28, entre *ha-tehinná* ("a súplica") e *ha-rinná* ("a alegria").

m. Como em IRs 8,31, o texto hebr. atual traz: *se a maldição* (no feminino) *vier* (no masculino). A maior parte dos tradutores entende: *se se lhe apresenta o juramento imprecatório e se ele vem prestar juramento diante do altar*.

n. Variante do texto de IRs 8,32: *declara culpado o culpado*.

o. Situação análoga à de Nm 5,12-31: Deus realizará sobre o verdadeiro culpado, nunca sobre o inocente, as maldições que os adversários se desejarem mutuamente.

p. O gr. de IRs 8,37 traduz: *numa de suas portas*, mostrando que se trata de cidade fortificada. Mas o texto de IRs já estava modificado quando o Cronista o copiou.

q. Outra tradução possível: *Qualquer que seja o motivo da oração, qualquer que seja o motivo da súplica, com relação a todo homem, a todo Israel, teu povo, quando cada um...*

habitas, perdoa e trata cada um segundo sua conduta, visto que conheces seu coração — pois só tu conheces o coração dos homens —, ³¹a fim de que te respeitem e andem nos teus caminhos^r todos os dias em que viverem sobre a face da terra que deste a nossos pais.

³²E mesmo o estrangeiro, aquele que não pertence a Israel, teu povo, se vier de uma terra distante por causa do teu grande nome^s, de tua mão poderosa e de teu braço estendido, se vier orar nesta casa, ³³escuta, tu, do céu, lugar onde habitas, e age segundo tudo o que o estrangeiro tiver pedido, a fim de que todos os povos da terra conheçam teu nome^t, e te temam, como faz Israel, teu povo, e saibam que teu nome é invocado sobre esta Casa, que eu edifiquei.

³⁴Quando teu povo partir para a guerra contra seus inimigos na direção em que o enviases, e se ele orar voltando-se para ti na direção desta cidade que tu escolheste e da Casa que construí para teu nome, ³⁵escuta do céu sua oração e sua súplica e fazê triunfar seu direito.

³⁶Quando tiverem pecado contra ti, pois não há quem não peque, e, irritado contra eles, os entregares ao inimigo, e seus vencedores^u os levarem cativos para uma terra longínqua ou próxima, ³⁷se eles cáfiem em si, na terra para onde houverem sido levados, se arrependem e te suplicarem na terra do seu cativeiro, dizendo: 'Somos pecadores, estamos em falta,

somos culpados', ³⁸se retornarem a ti de todo o seu coração e de toda a sua alma, na terra de seu cativeiro aonde tiverem sido levados^v, e se orarem em direção à terra que deste a seus pais, em direção à cidade que escolheste e à Casa que construí para o teu nome^w, ³⁹escuta, do céu, do lugar onde habitas, escuta sua oração e sua súplica, fazê triunfar seu direito e perdoa a teu povo que pecou^x contra ti.

*

⁴⁰ Agora^r, meu Deus, que teus olhos estejam abertos

1Rs 8,52

e teus ouvidos atentos à oração feita neste lugar!

Sl 130,2;

Nc 1,6;

1Cr 7,15

Sl 132,8

⁴¹ E agora, levanta-te, SENHOR Deus, vem para o teu lugar de repouso,

tu e a arca onde reside tua força!

Sl 132,9.16

Que teus sacerdotes, SENHOR Deus,

sejam revestidos de salvação

e que teus fiéis se alegrem na felicidade!

⁴² SENHOR Deus, não rejeites a face do teu consagrado^t,

Sl 132,10

lembra-te dos atos de piedade^u de

Is 55,3

David, teu servo!"

*

7 ¹Quando^b Salomão terminou de orar, desceu fogo do céu, que devorou os holocaustos e os sacrifícios, e a glória do SENHOR encheu a Casa. ²Os sacerdotes não puderam entrar na Casa do SENHOR, pois a glória do SENHOR enchera a Casa do SENHOR. ³Todos os filhos de Israel viram descer o fogo e a glória do SENHOR sobre a Casa; inclinaram o rosto para a terra

r. 1Rs 8,40 não contém: *andem nos teus caminhos*; esta explicação, acrescentada pelo Cronista, retoma seu tema preferido.

s. 1Rs 8,42: *por causa do teu nome, porque eles ouvirão falar de teu grande nome*: a omissão constatada nas Cr talvez provenha de um salto visual.

t. No livro de Ez, todos os povos *conhecem a Deus* por causa dos castigos que lhes inflige; aqui eles o *conhecem* por causa das graças que dele recebem, como em Is 56,3-8; 60-62; 66,18-19.

u. Nesta passagem, o autor multiplica os jogos de palavras entre as formas semelhantes dos verbos *shub*, converter, reconduzir, e *shabah*, capturar, tornar cativo.

v. 1Rs 8,48 diz mais normalmente: *na terra de seus inimigos que os capturaram*.

w. Dn 6,11 mostra que, de fato, os exilados na Babilônia oravam voltados para Jerusalém. Da mesma forma, na Europa, o presbitério das igrejas cristãs geralmente está voltado para o leste (= Jerusalém do ponto de vista europeu). As mesquitas muçulmanas estão voltadas para Meca.

x. Ou então: *aquilo em que ele pecou*.

y. O Cronista omite os 4 últimos vv. do discurso de Salomão, segundo 1Rs 8,50-53, e os substitui por uma composição em estilo antológico que começa por um empréstimo de 1Rs 8,52, justapondo-lhe citações dos Sl 130,2; 132,8; 132,9.16; 132,10 completado por Is 55,3. A escolha destas citações é reveladora das tendências literário-teológicas do Cronista.

z. A concordância do gr., do sir. e de numerosos mss. masoréticos pede que se leia o singular *teu consagrado*. A palavra traduzida aqui por *consagrado* é traduzida em outros textos por *messias*.

a. Muitos exegetas entendem: *das graças concedidas a David*.

b. Empréstimo de outra fonte. O Cronista quer mostrar que Deus acolhe a oração de Salomão, como acolheu, fazendo descer o fogo do céu, a oração de Guideon (Jz 6,21) e de David (1Cr 21,26), e como acolherá a de Elias (1Rs 18) e a de Neemias, segundo 2Mc 1,20-22.

sobre o pavimento e se prosternaram celebrando o SENHOR: "Porque ele é bom, pois a sua fidelidade é para sempre".

*

1Rs 8,62-63 "O rei e todo o povo ofereceram sacrifícios^d diante do SENHOR: "O rei Salomão ofereceu um sacrifício de vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Foi assim que o rei e todo o povo fizeram a dedicação da Casa de Deus.

*

"Os sacerdotes^e conservavam-se em seus lugares; os levitas tinham os instrumentos musicais do SENHOR, feitos pelo rei David para celebrar o SENHOR: "Pois sua fidelidade é para sempre". Quando David louvava a Deus por seu intermédio, os sacerdotes tocavam a trombeta a seu lado^f e todo Israel se mantinha de pé.

*

1Rs 8,64-65 "Salomão^g consagrou a parte central do pátio, que está diante da Casa do SENHOR; com efeito, foi lá que ele ofereceu os holocaustos^h e a gordura dos sacrifícios de paz, pois o altar de bronze que Salomão fizera não podia conter os holocaustos, as oblações e as gorduras. "Naquele tempo, Salomão celebrou a festaⁱ durante sete dias, e todo Israel com ele: foi uma assembleia imensa, vindo desde Lebô-Hamat até a torrente do Egito^j.

*

"No oitavo dia, fizeram^k festa com descanso^j, porque haviam feito a dedicação

do altar durante sete dias e a solenidade durante sete dias. ¹⁰No vigésimo terceiro dia do sétimo mês,

*

mandou voltar^m o povoⁿ para suas tendas, alegre e de coração contente pelo bem que o SENHOR fizera a David, a Salomão e a Israel, seu povo.

1Rs 8,66

Segunda visão de Salomão. ¹¹Quando Salomão terminou a Casa do SENHOR e a casa do rei, e levou a bom termo o que tencionava fazer na Casa do SENHOR e na sua própria casa, ¹²o SENHOR lhe apareceu durante a noite^o e lhe disse: "Ouvi a tua prece

*

e^p escolhi este lugar como Casa de sacrifício. ¹³Se eu fechar os céus e não houver chuva, se eu ordenar ao gafanhoto que devore a terra, se eu enviar a peste a meu povo, ¹⁴e se então meu povo, sobre o qual é invocado o meu nome, se humilhar, orar, buscar a minha face e voltar de seus maus caminhos, eu, do céu, o escutarei, perdoarei seu pecado e sanarei sua terra. ¹⁵Agora os meus olhos estão abertos e os meus ouvidos atentos à oração feita neste lugar. ¹⁶E agora escolhi

6.14-42

6.40

*

e consagrei^q esta Casa, a fim de que meu nome esteja ali para sempre. ¹⁷Quanto a ti, se caminhares diante de mim como fez David, teu pai, agindo de acordo com

1Rs 9,3-9

c. O Cronista omite 1Rs 8,54-61, onde Salomão abençoa a assembleia, porque talvez considerasse que tal bênção estava reservada aos sacerdotes (Nm 6,23-27); depois copia 1Rs 8,62-63.

d. O número considerável de vítimas mostra que se deve entender: *fez sacrificar*, e por isso nada prova que Salomão tenha usurpado as prerrogativas sacerdotais.

e. O Cronista parece tirar este v. do documento que já lhe forneceu 7,1-3. Sua intenção é insistir no aspecto litúrgico da cerimônia.

f. Pode-se entender seja "frente a frente" (formando dois corpos), seja "na frente de" (formação em profundidade).

g. Nos dois vv. que se seguem, o Cronista volta ao texto de 1Rs 8,64-65.

h. O texto dos Reis traz ainda: *e a oferenda*.

i. A festa das Tendias: cf. Lv 23,34-36; Nm 29,12-38; Dt 16,13-15.

j. Sobre esta fórmula, cf. 1Rs 8,65 e Am 6,14. O final de 1Rs 8,65 é omitido.

k. Nova adição ao texto dos Reis, que manifesta o gosto do Cronista pelas datas precisas.

l. Alguns traduzem: *festa de encerramento* (cf. Lv 23,36 e nota).

m. Novo empréstimo do livro dos Reis (1Rs 8,66b-9,3a), com algumas omissões significativas.

n. 1Rs 8,66 traz, segundo o gr.: *e ele* (Salomão) o (= o povo) *abençoou*, e segundo o hebr.: *e ele* (= o povo) *abençoou* (*saudou*) o rei. O Cronista sem dúvida quis evitar a menção a uma bênção que não era dada por um sacerdote.

o. 1Rs 9,2 trazia: *uma segunda vez, como lhe havia aparecido em Guibeon*; pode-se perguntar por que o Cronista suprime esta alusão, quando narrou em 1,2-12 a aparição em Guibeon.

p. O Cronista insere aqui um desenvolvimento que retoma em resumo o discurso de Salomão em 6,14-42, como para mostrar que Deus quer atender à oração do rei e estender a todo o povo os benefícios que vão ser prometidos ao rei.

q. O Cronista volta ao texto de 1Rs 9,3-9, que contém um oráculo de tom parcialmente ameaçador, mas que o Cronista faz preceder de promessas mais favoráveis.

tudo o que te ordenei, e se observares minhas leis e meus costumes, ¹⁸"mantereí o trono de tua realeza, como prometi" a David, teu pai, dizendo: 'Sempre haverá um descendente teu para governar Israel'. ¹⁹"Mas se vos afastardes, se abandonardes os meus decretos e meus mandamentos que vos propus, se fordes servir a outros deuses e vos prosternardes diante deles, ²⁰então eu vos arrancarei de minha terra, que eu vos dei'; e esta Casa, que consagrei a meu nome, eu a rejeitarei longe de minha face e a farei dela o escárnio e o objeto de riso de todos os povos. ²¹Esta Casa, que era tão elevada, será para todos os transeuntes motivo de espanto, e dirão: 'Por que o SENHOR tratou assim essa terra e essa Casa?' ²²E responderão: 'Porque abandonaram o SENHOR, o Deus de seus pais, que os fez sair da terra do Egito, porque aderiram a outros deuses, prostraram-se diante deles e os serviram; por isso fez vir sobre eles toda essa desgraça'".

8 Atividades políticas e religiosas de Salomão. ¹Ao cabo de vinte anos, durante os quais Salomão construiu a Casa do SENHOR e seu próprio palácio, ²restaurou as cidades" que Hiram lhe dera

e nelas" fez habitar os filhos de Israel. ³Salomão marchou contra Hamat-Şobá*,

apoderando-se dela. ⁴"Construiu Tadmor" no deserto e todas as cidades de entrepostos que construiu em Hamat". ⁵Restaurou Bet-Horon-de-Cima^a e Bet-Horon-de-Baixo, cidades fortificadas, munidas de muros, portas e ferrolhos*, ⁶também Baalat

e todas^b as cidades de entrepostos que lhe pertenciam, todas as cidades de guarinição para os carros e aquelas para os cavaleiros. Salomão construiu também tudo o que desejou em Jerusalém, no Líbano e em toda a terra submetida à sua autoridade. ⁷Restava toda uma população de hetitas, emoritas, ferezeus, hivitais e iebusitas^c que não pertencia a Israel. ⁸"Os descendentes desses povos que ficaram depois deles na terra sem serem exterminados pelos filhos de Israel, Salomão os recrutou para as corvéias, até os dias de hoje^d. ⁹Mas Salomão não reduziu nenhum dos filhos de Israel a trabalhos servis, pois eram homens de guerra; eram chefes de seus escudeiros, chefes de seus carros e de seus cavaleiros. ¹⁰Eis o número dos chefes dos prefeitos do rei Salomão: duzentos e cinqüenta*, que comandavam o povo.

¹¹Salomão mandou vir a filha de Faraó da cidade de David para a casa que lhe construíra,

r. Lit. como conclui com. Segundo 1Rs 9,5, o texto primitivo era: como falei a...

s. Fórmula semelhante em 6,16.

t. Em hebr.: eu os arrancarei da face da terra que lhes dei. 1Rs 9,7 traz: exterminarei Israel da face da terra que lhe dei. O Cronista, depois de ter suprimido Israel, parece ter harmonizado mal os pronomes com seu contexto.

u. As Cr omitem a passagem correspondente a 1Rs 9,11-12a; conseqüentemente, o fim da frase: (Hiram, rei de Tiro, saiu para ver) as cidades que Salomão lhe dera, é transformada para se adaptar a seu novo contexto e acaba por dizer o contrário: e as cidades que Hiram dera a Salomão. Mas estas modificações não são necessariamente imputáveis ao Cronista; ele pode ter copiado fielmente um documento já anteriormente remanejado.

v. 2Cr 8,2b-6a é por vezes paralelo de 1Rs 9,12b-18, mas supondo outra redação.

w. Segundo 2Sm 8,3-11 (= 1Cr 18,3-11), foi David que travou uma guerra vitoriosa contra o rei de Şobá e depois recebeu as homenagens do rei de Hamat. Estas duas cidades encontram-se na Síria, a oeste e ao norte de Damasco.

x. A atual Palmira. 1Rs 9,18 fala de Tadmor do Deserto, ao sul de Judá. Os dois nomes podiam facilmente ser confundidos.

y. Para obter um sentido aceitável, geralmente se compreende: "na região de Damasco"; mas este fim do v. 4 talvez não seja mais do que um duplicado proveniente do v. 6.

z. Sobre as duas Bet-Horon, cf. Js 16,3-5 e 1Rs 9,17.

a. Fórmula estereotipada que se encontra em 2Cr 14,6 e que aparecia já em Dt 3,5; 1Sm 23,7; 1Rs 4,13; Ez 38,11.

b. 2Cr 8,6b-11a reproduz fielmente 1Rs 9,19-24.

c. Com os canaanitas e os guirgashitas, que ainda figuram no gr. de 1Rs 9,20, estes povos formam as "sete" nações clássicas da Palestina do tempo do Êxodo: Ex 3,8-17, etc. e sobretudo Dt 7,1.

d. Esta reflexão, que não era mais exata no tempo do Cronista, mostra que, através de 1Rs 9,21, ele copia fielmente um documento muito antigo.

e. Este número não é o mesmo dado por 1Rs 9,23 que é: quinhentos e cinqüenta; um duplicado que se encontra no gr. de 1Rs 5,16 traz: três mil e seiscentos. Constata-se assim quanto as variantes podem aumentar ou diminuir os números.

pois^f disse: "Minha mulher não deve morar na casa de David, o rei de Israel, pois são santos os lugares onde entrou a arca do SENHOR".

*

IRs 9,25 ¹²Então^a Salomão ofereceu holocaustos ao SENHOR, sobre o altar do SENHOR, que ele edificara diante do vestibulo,

*

¹³de acordo^b com os dias em que deviam ser oferecidos segundo as prescrições de Moisés: aos sábados, nas luas novas e nas solenidades, três vezes ao ano: a festa dos pães ázimos, a festa das Semanas e a festa das Tendias. ¹⁴Segundo a decisão de David, seu paiⁱ, estabeleceu as classes dos sacerdotes em suas funções, os levitas em seus turnos para louvar e officiar em presença dos sacerdotes segundo os dias, e os porteiros, segundo suas classes, em cada porta; pois esta era a prescrição de David, o homem de Deus. ¹⁵Em coisa alguma, nem no que diz respeito aos tesouros^j, se afastaram das prescrições do rei a respeito dos sacerdotes e dos levitas. ¹⁶Assim se realizou toda a obra de Salomão até o dia em que foi fundada a Casa do SENHOR e, depois, até sua conclusão, quando se terminou a Casa do SENHOR.

*

IRs 9,26-28 ¹⁷Então^k Salomão partiu para Eşion-Guéber e Eilat, junto ao mar, na terra de Edom. ¹⁸Por intermédio de seus servos, Hirâm enviou-lhe navios e servos peritos em navegação. Com os servos de Salomão eles foram a Ofir^l, e de lá trouxeram quatrocentos e cinquenta^m talentos de ouro, que entregaram ao rei Salomão.

IRs 10,1-13 **9** Visita da rainha de Shebá. ¹A rainha de Shebá ouviu falar da fama de

Salomão. A fim de experimentá-lo em matéria de enigmas, ela veio a Jerusalém com um séquito imponente, com camelos carregados de perfumes, grande quantidade de ouro e de pedras preciosas. Em visita a Salomão, falou-lhe de tudo o que lhe estava no coração. ²Salomão teve resposta para todas as suas perguntas; nenhuma foi tão obscura que o rei não soubesse dar a resposta. ³A rainha de Shebá viu a sabedoria de Salomão, a casa que construíra, ⁴as iguarias de sua mesa, os aposentos de seus servos, a qualidade de seus criados e seus librés, seus copeiros e seus librés, os holocaustos que ofereciaⁿ na Casa do SENHOR, e ela perdeu o fôlego. ⁵Disse ao rei: "É bem verdade quanto ouvi em minha terra sobre tuas palavras^o e sobre tua sabedoria. ⁶Eu não acreditei no que diziam antes de vir ver com meus próprios olhos. Mas eis que não me revelaram nem a metade da amplitude de tua sabedoria! Superas a fama que chegou a meus ouvidos. ⁷Feliz do teu povo, felizes dos teus servos que podem permanecer sempre na tua presença e ouvir a tua sabedoria! ⁸Bendito seja o SENHOR, teu Deus que quis elevar-te a seu trono como rei a serviço do SENHOR, teu Deus! É porque teu Deus ama Israel e deseja fazê-lo subsistir para sempre que ele te fez rei sobre ele, para exercer o direito e a justiça".

⁹Ela deu ao rei cento e vinte talentos^p de ouro, grande quantidade de perfumes e de pedras preciosas. Jamais houve perfumes como os que a rainha de Shebá deu ao rei Salomão.

¹⁰Ademais, os servos de Hirâm e os de Salomão, os que trouxeram o ouro de

f. Inserida no texto de Rs, esta reflexão bem mostra as tendências do Cronista, pouco favorável ao casamento com pagãos.

g. Este v. condensa IRs 9,24b-25, negligenciando diversos detalhes.

h. O Cronista insiste no aspecto cultural da obra de Salomão (8,13-16).

i. Cf. 1Cr 16 e 23-26. Segundo o Cronista, Salomão sancionou e desenvolveu a organização começada por David.

j. O sir. diz: *tudo o serviço da casa*.

k. Todo o resto da informação consagrada a Salomão (8,17-

9,28) é tirada de IRs 9,26-10,28. O Cronista procura inserir em sua obra tudo o que engrandece Salomão.

l. O texto de IRs 9,26-27 é mais normal. O Cronista sem dúvida não modificou voluntariamente este texto, mas seu relato pode ter sido vítima de diversos acidentes de transmissão.

m. Em IRs 9,28 encontra-se: *quatrocentos e vinte*.

n. Cf. 1,6 nota.

o. Ao mesmo tempo "palavras" e "atos", como em português "fatos e gestos".

p. Isto é, mais do que quatro toneladas de ouro.

Ofir, trouxeram também madeira de sândalo^q e pedras preciosas. ¹¹O rei mandou fazer parquê^r com esta madeira de sândalo, para a Casa do SENHOR e a casa do rei, como também cítaras e harpas para os cantores. Jamais se vira^s coisa igual na terra de Judá.

¹²O rei Salomão ofereceu à rainha de Shebá tudo o que ela pediu, sem proporção com o que ela havia trazido ao rei. Depois, ela partiu e voltou para a sua terra, ela e seus servos.

Glória de Salomão. ¹³O peso do ouro que a cada ano chegava a Salomão era de seiscentos e sessenta e seis^t talentos de ouro, ¹⁴sem contar o que lhe traziam os viajantes e os mercadores. Todos os reis da Arábia e os governadores da terra traziam ouro e prata para Salomão.

¹⁵O rei Salomão fez duzentos grandes escudos de ouro batido, para cada um dos quais foram necessários seiscentos siclos de ouro^u batido, ¹⁶e trezentos pequenos escudos de ouro batido, para os quais foram necessários trezentos siclos^v de ouro por escudo. O rei os depositou na casa da Floresta do Líbano. ¹⁷O rei fez um grande trono de marfim, que revestiu de ouro puro. ¹⁸Este trono tinha seis degraus e um escabelo^w de ouro, argolas e braços de cada lado do assento; dois leões se erguiam do lado dos braços ¹⁹e doze leões, à direita e à esquerda nos seis degraus; nada de semelhante jamais se fez em reino algum.

²⁰Todas as taças do rei Salomão eram de ouro e todos os objetos da Casa da Floresta do Líbano eram de ouro fino; no tempo de Salomão não se dava importância alguma à prata.

²¹Com efeito, o rei tinha navios que iam a Tarshish com os servos de Hirâm e, de três em três anos, os navios voltavam de Tarshish carregados de ouro, prata, marfim, macacos e pavões. ²²O rei Salomão tornou-se o maior de todos os reis da terra em riqueza e sabedoria. ²³Todos os reis da terra queriam ser recebidos por Salomão a fim de escutar a sabedoria que Deus lhe infundira ao coração. ²⁴Cada qual trazia seu presente: objetos de prata, objetos de ouro, vestes, armas, perfumes, cavalos e mulas; e isto todos os anos.

²⁵Salomão^x tinha quatro mil estábulos para cavalos, carros, e doze mil cavaleiros, que ele aquartelou nas cidades de guarnição e em Jerusalém, perto da residência real. ²⁶Estendeu seu domínio sobre todos os reis, desde o Rio^y até a terra dos filisteus e até a fronteira do Egito. ²⁷O rei fez com que a prata fosse tão abundante em Jerusalém quanto as pedras, e os cedros tão numerosos quanto os sicômoros da Baixada. ²⁸Os cavalos de Salomão eram importados do Egito e de todas as terras.

*

²⁹Não está o resto^z dos atos de Salomão, dos primeiros aos últimos, escrito nos Atos do profeta Natan, na profecia

1Rs 10,
26-28;
2Cr 1,
14-17

1Rs 11,41

q. Sândalo, ou qualquer outra madeira preciosa que os tírios comerciavam. Cf. 2,7.

r. Segundo 1Rs 10,12, tratava-se antes de um apoio (= balaustrada). Todos esses detalhes técnicos são difíceis de explicar e devem ter dado lugar a variantes de copistas.

s. Uma parte do texto de 1Rs 10,12 acrescenta: *nunca mais veio dessa madeira de sândalo, nem mais foi vista*.

t. Isto é, mais de vinte e três toneladas de ouro. O número 666 não teria valor simbólico?

u. Cerca de 6.600 gramas.

v. Cerca de 3.300 gramas. 1Rs 10,17 traz 3 minas, isto é, 150 siclos.

w. Tradução incerta de um termo sem dúvida mal transmitido, que poderia corresponder a 1Rs 10,19: *em sua parte superior era arredondado por detrás*.

x. O Cronista que tinha em mãos o documento utilizado por

1Rs 10,26-28, inseriu este documento em 2Cr 1,14-17, depois recopiou em 2Cr 9,25-28 a passagem dos Reis redigida a partir deste documento. Assim podemos constatar com que fidelidade cada compilador recopiava suas fontes e, ao mesmo tempo, podemos julgar por exemplos concretos que modificações podiam ser introduzidas nesses documentos, sobretudo no que se refere aos números (assim mil e quatrocentos se torna quatro mil estábulos, pelo deslocamento do número quatro em 2Cr 9,25, mas não em 2Cr 1,14).

y. O Eufrates.

z. O Cronista omite tudo o que, no relato dos Reis, projetava sombra sobre a figura de Salomão: sua poligamia excessiva, suas uniões ilícitas, suas complacências idolátricas, a revolta de Jeroboão. Imitando 1Rs 11,41, o Cronista assinala os documentos de onde tirou sua narração, mas adapta a fórmula dos Reis, sem citá-la em seus próprios termos.

de Ahiá de Shilô e na visão de Iedô, o vidente, filho de Natan, referente a Iarobeam, filho de Nabat? * ³⁰Salomão^a reinou quarenta anos em Jerusalém sobre

tudo Israel^b. ³¹Salomão adormeceu junto de seus pais e foi enterrado na Cidade de David, seu pai, e seu filho Roboão tornou-se rei em seu lugar.

IRs 11.
42-43

HISTÓRIA DOS REIS DE JUDÁ

IRs 12,1-19

10 Roboão e o cisma. ¹Roboão foi para Siquém, pois todo o povo tinha ido a Siquém para proclamá-lo rei. ²Sabendo disso, Jeroboão, filho de Nabat — ele se encontrava no Egito^c, pois tinha fugido para longe da presença do rei Salomão —, voltou do Egito. ³Mandaram-no chamar, e ele veio com todo Israel. Falaram a Roboão nestes termos: ⁴“Teu pai tornou duro o nosso jugo; agora, alivia a dura servidão de teu pai e o jugo pesado que ele nos impôs, e nós te serviremos”. ⁵Disse-lhes ele: “Vinde ter comigo dentro de três dias”. E o povo foi embora.

⁶O rei Roboão consultou os anciãos, que haviam estado a serviço de seu pai, Salomão, durante sua vida: “Que me aconselhaiis responder ao povo?” ⁷Disseram-lhe: “Se te mostrares bom com este povo, se lhes agradares e lhes dirigires palavras boas, eles serão teus servos para sempre^d”. ⁸Mas Roboão negligenciou o conselho que os anciãos lhe deram e consultou os jovens que haviam crescido com ele e estavam a seu serviço. ⁹Perguntou-lhes: “E vós, que me aconselhaiis? Que devemos responder a este povo que me diz: Alivia o jugo que teu pai nos impôs?” ¹⁰Os jovens que haviam crescido com ele, responderam: “Eis o que dirás ao povo que te falou assim: ‘Teu

pai tornou pesado o nosso jugo, mas tu, alivia-o para nós!’ Eis o que lhes responderás: ‘Meu dedo mínimo é mais grosso do que os rins de meu pai!’ ¹¹Doravante, visto que meu pai vos sobrecarregou com um jugo pesado, eu aumentarei o peso de vosso jugo. Já que meu pai vos corrigiu com açoites, eu o farei com correias farpadas^e”.

¹²Jeroboão e todo o povo vieram para junto de Roboão, no terceiro dia, como lhes dissera o rei: “Voltai a mim daqui a três dias”. ¹³O rei Roboão respondeu-lhes duramente; negligenciando o conselho dos anciãos e, ¹⁴seguindo o conselho dos jovens, falou-lhes: “Meu pai tornou pesado o vosso jugo, mas eu aumentarei seu peso. Meu pai vos corrigiu com açoites, mas eu o farei com correias farpadas”.

¹⁵O rei não escutou o povo: este foi o meio indireto empregado por Deus^f para suprimir a palavra do SENHOR dita a Jeroboão, filho de Nabat, por intermédio de Ahiá de Shilô.

¹⁶Visto que o rei não o escutou, todo o povo de Israel replicou ao rei:

“Que parte temos com David?

Nada temos em comum com o filho de Jessé!

Cada qual para suas tendas, Israel!
Cuida de tua casa, David!”

a. Para a visão de conjunto sobre Salomão e para o início de seu relato referente a Roboão (2Cr 9.30-11.4), o Cronista copia a informação de IRs 11.42-12.24.

b. Salomão reinou de mais ou menos 972 a 933.

c. O texto original sem dúvida foi conservado no gr. de IRs 11.43: *quando Jeroboão, filho de Nabat, soube (da morte de Salomão) — estava no Egito, porque fugira do rei Salomão e estava morando no Egito — voltou para a sua cidade, na terra de Sêredá, na montanha de Efraim.*

d. A frase de IRs 12.7 continha uma oposição significativa: *Se hoje te fizeres o servo deste povo... eles serão para ti servos todos os dias.*

e. Lit. *escorpiões*: chicotes terminados em pequenos ganchos de metal semelhantes a anzóis (Dhorme).

f. O texto hebr. atual traz: *tornarei pesado*, mas sabemos pela comparação das versões que o texto original de Cr era: *meu pai tornou pesado*. Aliás, a confusão é fácil em hebr.

g. O redator desta passagem (já inserida em IRs 12.15) quer prevenir a objeção: como pode um rei investido por Deus cometer semelhante falta política, que provocou o cisma? Como o explica IRs 11.31-39 na profecia de Ahiá, era para castigar as faltas de Salomão que Deus decidiu privar a dinastia de Jerusalém de dez das doze tribos, e foi para realizar esta decisão que Deus influenciou Roboão no sentido da predição (que aliás não é reproduzida em Cr).

E todo Israel voltou para suas tendas. ¹⁷Mas Roboão continuou a reinar sobre os filhos de Israel que moravam nas cidades de Judá. ¹⁸O rei Roboão delegou Adorâm, o chefe da corvéia, mas os filhos de Israel o apedrejaram e ele morreu. O próprio rei Roboão mal conseguiu^h subir em seu carro a fim de fugir para Jerusalém. ¹⁹Israel se rebelou contra a casa de David até o dia de hoje.

11 Atividades políticas e religiosas de Roboão.

¹Roboão chegou a Jerusalém e reuniu a casa de Judá e de Benjamin, em número de cento e oitenta mil guerreiros de elite, para combater Israel e reconquistar o reino para Roboão. ²Mas a palavra do SENHOR veio ao homem de Deus Shemeiá: ³"Dize a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a todo Israelⁱ que está em Judá e em Benjamin, o seguinte: ⁴"Assim fala o SENHOR: Não subais para combater vossos irmãos^j. Cada qual volte para sua casa! Pois fui eu que provoqueei este acontecimento^k". Eles escutaram as palavras do SENHOR e renunciaram a marchar contra Iarobêam.

*

⁵Roboão^l residiu em Jerusalém e construiu cidades fortificadas em Judá. ⁶Construiu Bet-Lehem, Etâm, Teqoa, ⁷Bet-Şur, Sokô, Adulâm, ⁸Gat, Mareshá, Zif, ⁹Adoráim, Lakish, Azeqá, ¹⁰Şoreá, Aialon e Hebron; eram cidades fortificadas situadas em Judá e em Benjamin. ¹¹Reforçou suas fortificações instalando nelas administradores e reservas de víveres, azeite e vinho. ¹²Em cada uma dessas cidades

havia escudos e lanças. Reforçou-as extremamente. Assim Judá e Benjamin ficaram para ele.

¹³Os sacerdotes e os levitas que se achavam em todo Israel, desde todos os seus territórios, aliaram-se a ele. ¹⁴Com efeito, os levitas deixaram seus terrenos e suas propriedades, e vieram morar em Judá e em Jerusalém, porque Jeroboão e seus filhos os impediram de exercer o sacerdócio do SENHOR. ¹⁵Jeroboão, entretanto, instituiu seus próprios sacerdotes para os lugares altos, os bodes e os bezerrinhos que ele tinha fabricado. ¹⁶Mas os que, de todas as tribos de Israel, faziam questão de buscar o SENHOR, Deus de Israel, vieram, a exemplo daqueles outros, a Jerusalém para oferecer sacrifícios ao SENHOR, o Deus de seus pais. ¹⁷Eles reforçaram o reino de Judá e, durante três anos, deram apoio a Roboão, filho de Salomão, pois durante três anos, ele andou^m no caminho de David e de Salomão.

¹⁸Roboão casou-se com Maḥalat, filha de Ierimot, filho de David eⁿ Abihail, filha de Eliab, filho de Jessé. ¹⁹Ela lhe deu à luz os filhos Ieúsh, Shemariá e Zaham. ²⁰Depois dela, tomou por esposa Maaká, filha de Absalão, que lhe gerou Abiá, Atai, Zizá e Shelomit. ²¹Roboão amou Maaká, filha de Absalão, mais do que todas as suas outras mulheres e concubinas; pois teve dezoito mulheres e sessenta concubinas; ele gerou vinte e oito filhos e sessenta filhas. ²²Roboão pôs Abiá, filho de Maaká, à testa como chefe de seus irmãos, com o intuito de fazê-lo rei. ²³Ele teve a idéia de disper-

h. Lit. *mostrou-se forte para*, ou então *precisou mostrar-se forte para*.

i. Enquanto 1Rs 12,23 traz: *e a toda a casa de Judá e de Benjamin*, o Cronista tem o cuidado de dizer: *e a todo Israel em Judá e em Benjamin*, porque para ele as duas tribos do sul formam o único verdadeiro Israel.

j. 1Rs 12,24: *vossos irmãos, os filhos de Israel*, mas o Cronista suprime estas últimas palavras, pois para ele as tribos do norte não pertencem mais a Israel. É por isso que se absterá de falar delas, a não ser em suas relações com o reino fiel de Jerusalém.

k. Mesma visão teológica que em 10,5.

l. O Cronista substitui o relato de 1Rs 12,25-14,20, que se refere à história de Jeroboão, por uma informação (2Cr 11,5-

12,9) sobre as construções de Roboão, sobre sua fidelidade inicial e sobre seu retorno a Deus por ocasião da invasão egípcia.

m. O hebr. traz o plural: *eles andaram*, mas parece que o original é mais bem conservado no gr., onde o singular *ele andou* se harmoniza com 12,1-2: não foram os refugiados por fidelidade ao Senhor que caíram na idolatria ao cabo de três anos, foi a idolatria do rei que o privou do apoio deles.

n. A conjunção e não existe mais no texto hebr., o que torna o texto difícil de compreender. Se se admite a correção proposta, David teria tomado por esposa de segunda categoria sua própria sobrinha, filha de seu irmão mais velho, Eliab, o que não era explicitamente proibido por Lv 18,6,16.

o. O gr. e Flávio Josefo dizem *trinta concubinas*. Em hebr. as palavras *trinta* e *sessenta* só têm uma letra de diferença.

sar^o todos os seus filhos em todos os territórios de Judá e de Benjamin, em todas as cidades fortificadas; forneceu-lhes víveres em abundância e providenciou-lhes grande quantidade de mulheres.

12 Invasão de Shishaq. ¹Quando a realza de Roboão estava estabilizada e ele se tinha firmado, abandonou a Lei do SENHOR e todo Israel com ele.

²No quinto ano do reinado de Roboão, Shishaq^q, rei do Egito, marchou contra Jerusalém^r — pois eles tinham ofendido o SENHOR — ³com duzentos carros, sessenta mil cavaleiros e um exército inumerável que veio com ele do Egito: líbios, sukitas^s e kushitas.

⁴Apoderou-se das cidades fortificadas de Judá e chegou até Jerusalém. ⁵O profeta Shemaia^t foi ter com Roboão e os chefes de Judá reunidos em Jerusalém por causa da chegada de Shishaq, e disse-lhes: “Assim fala o SENHOR: Vós me abandonastes; por isso eu também vos abandonei nas mãos de Shishaq”. ⁶“Os chefes de Israel e o rei se humilharam e disseram: “O SENHOR é justo”. ⁷Quando o SENHOR viu que se haviam humilhado, a palavra do SENHOR foi dirigida a Shemaia^t nestes termos: “Eles se humilharam. Não os exterminarei. Em breve lhes darei a libertação e não é pelas mãos de Shishaq que meu furor se abaterá sobre Jerusalém. ⁸Contudo eles se tornarão seus servos e aprenderão a diferença entre servir a mim e servir aos reinos das outras terras”^u.

*
“Shishaq”, rei do Egito, subiu então contra Jerusalém. Tomou os tesouros da Casa do SENHOR e os tesouros da casa do rei. Apoderou-se absolutamente de tudo. Tomou até os escudos de ouro que Salomão fizera. ¹⁰Para substituí-los, o rei Roboão mandou fazer escudos de bronze e os confiou aos chefes que vigiavam a porta do palácio real. ¹¹Cada vez que o rei ia à Casa do SENHOR, os guardas vinham e os tomavam e depois os devolviam à sala dos guardas.

*
¹²Visto que^w o rei se humilhara, a cólera do SENHOR se afastou dele, sem chegar à destruição completa, pois ainda havia coisas boas em Judá.

Fim do reinado de Roboão. ¹³O rei Roboão consolidou-se em Jerusalém e reinou. De fato,

*
Roboão^x tinha quarenta e um anos quando se tornou rei e reinou dezessete anos^y em Jerusalém, a cidade que o SENHOR escolhera entre todas as tribos de Israel para nela instaurar seu nome. Sua mãe chamava-se Naamá, a amonita. ¹⁴Ele fez o mal.

*
pois^z não aplicou seu coração a procurar o SENHOR. ¹⁵Os atos de Roboão, dos primeiros aos últimos, não estão escritos nos Atos do profeta Shemaia^t e nos Atos do vidente Idô...^a

p. Poder-se-ia também compreender que o verbo traduzido por: *ele tivera a idéia* está relacionado com o fim do v. anterior, como o compreenderam os tradutores gregos; isto daria: *porque ele tinha a idéia de o fazer reinar*. ²²*Ele dispersou...*

q. Farasá da 22^a dinastia, chamado também Sheshonq ou Shoshenq.

r. O fim deste v. é idêntico a 1Rs 14.25.

s. Povo desconhecido. Seu nome sem dúvida foi deformado por um acidente de transcrição.

t. Na pena do Cronista, Israel designa não o reino do Norte (como em Rs), mas o único verdadeiro povo de Israel, isto é, o reino do Sul.

u. Isto é: verão qual a diferença entre o serviço do verdadeiro Deus e o dos falsos deuses, que provoca o castigo pela invasão estrangeira.

v. Depois de ter mencionado as causas religiosas da agressão

egípcia, o Cronista retoma o relato de 1Rs 14.25-28, que se situa num ponto de vista pragmático.

w. Nova interrupção do relato de Rs, para destacar o aspecto religioso dos acontecimentos políticos.

x. A apresentação geral do reino de Roboão é novamente tirada de Rs, mas para isto o Cronista volta um pouco atrás, em 1Rs 14.21-22.

y. De 933 a 916.

z. Julgamento moral e indicações bibliográficas redigidas pelo próprio Cronista.

a. Além disso, o hebr. diz: *para ser posto em genealogia ou para se fazer recensar*. O gr. traz: *e sua conduta*. O sir. é totalmente diferente. Talvez o texto primitivo quisesse falar das “Atas” do vidente Idô relativas às genealogias (ou aos censamentos). Em 13.22 se falará do *comentário do vidente Idô*.

IRs 14, 30-31 Houve combates^b contínuos entre Roboão e Jeroboão^c. ¹⁶Roboão adormeceu junto de seus pais e foi enterrado na Cidade de David; seu filho Abiá reinou em seu lugar.

IRs 15,1-2 **13** Reinado de Abiá. ¹No décimo oitavo ano do reinado de Jeroboão, Abiá tornou-se rei de Judá. ²Reinou três anos em Jerusalém^d. Sua mãe chamava-se Mikaiáhu, filha de Uriel, de Guibeá^e.
IRs 15,7 Houve guerra entre Abiá e Jeroboão.

*

³Abiá^f começou a guerra com um exército de guerreiros valorosos: quatrocentos mil homens d'escol. E Jeroboão deu-lhe combate com oitocentos mil^g homens d'escol, valentes guerreiros. ⁴Abiá pos-tou-se no alto do monte Şemaráim^h, situado na montanha de Efraim, e disse: "Escutai-me, Jeroboão e todo Israel. ⁵Não deveríeis saber que o SENHOR, o Deus de Israel, deu a David a realeza sobre Israel para sempre, a ele e a seus filhos, e que esta é uma aliança indestrutível? ⁶Mas Jeroboão, filho de Nabat, servo de Salomão, filho de David, levantou-se e revoltou-se contra o seu senhor. ⁷Aventureiros, vadiosⁱ uniram-se a ele e impuseram-se a Roboão, filho de Salomão. Roboão, que era ainda jovem e de caráter tímido, não pôde resistir-lhes^k. ⁸E agora falais em resistir à realeza do SENHOR que está nas mãos dos filhos de David! Sois uma imensa multidão e tendes convosco os bezeros de ouro que

Jeroboão fabricou para serem vossos deuses! ⁹Acaso não expulsastes os sacerdotes do SENHOR, filhos de Aarão, como também os levitas, instituindo para vós sacerdotes como o fazem os povos de outras terras!? Quem quer que viesse fazer-se investir^m com um novilho de seu rebanho e sete carneiros tornava-se sacerdote desses deuses que não são deuses. ¹⁰Quanto a nós, o SENHOR é nosso Deus, e nós não o abandonamosⁿ: os sacerdotes que servem ao SENHOR são filhos de Aarão e os levitas são os ofician-tes! ¹¹Toda manhã e toda tarde queimam holocaustos ao SENHOR, assim como o incenso perfumado; dispõem os pães sobre a mesa pura e acendem toda tarde o candelabro de ouro com suas lâmpadas. Pois nós asseguramos o serviço^o do SENHOR, nosso Deus, ao passo que vós o abandonastes. ¹²Eis que temos Deus conosco como nosso chefe, temos seus sacerdotes e as trombetas^p para dar o toque de avançar contra vós. Filhos de Israel, não luteis contra o SENHOR, o Deus de vossos pais, pois não tereis êxito".

¹³Jeroboão os mandou contornar por um grupo emboscado alcançando-os por trás; os israelitas estavam em frente de Judá e a emboscada atrás. ¹⁴Ao voltar-se, Judá viu-se atacado pela frente e pelas costas. Clamaram ao SENHOR, e então os sacerdotes tocaram as trombetas. ¹⁵Os homens de Judá lançaram o grito de guerra e, enquanto eles gritavam, Deus derrotou Jeroboão e todo Israel diante de Abiá e

Ez 44,6-16

b. Tirado de IRs 14,30-15,2, depois de 15,6.

c. O Cronista narrou em 11,1-4 que Deus se opôs à guerra entre os dois reinos. Aqui, sem dúvida, não se trata de uma guerra propriamente dita, mas de hostilidade sob a forma de escaramuças contínuas.

d. De 915 a 913.

e. O texto atual traz Mikaiáhu, ao passo que 2Cr 11,20 diz que Maaká, filha de Absalão, era mãe de Abiá.

f. Relato de fonte desconhecida, que procura ressaltar a legitimidade do culto de Jerusalém e o poder da intervenção de Deus.

g. Números tão surpreendentes parecem ter multiplicado a realidade por dez ou por cem.

h. Sobre Şemaráim, cf. Js 18,22.

i. Lit. *uma aliança de sal*, uma aliança consagrada pelo sal (cf. Nm 18,19).

j. Lit. *filhos de Belial*.

k. Evidentemente, Abiá apresenta os fatos de forma tendenciosa.

l. Texto pouco claro. O gr. e o sir. concordam em dizer: sacerdotes vindos do povo da terra, isto é, gente simples do povo. Com efeito, o contexto vai insistir na origem ilegal destes falsos sacerdotes.

m. Lit. *encher as mãos*, fórmula habitual para descrever a investidura sacerdotal (cf. Ex 28,41; 29,24; etc.).

n. O gr. e o sir. concordam numa fórmula que poderia ser original: *Nós, pelo contrário, não abandonamos o Senhor, nosso Deus*.

o. Poder-se-ia compreender, num sentido mais amplo: *pois nós, guardamos as observâncias*.

p. Sobre o papel dessas trombetas especiais para a guerra, cf. Nm 10,9. * [No Israel antigo, porém, não se usava a trombeta de metal, e sim, o chifre de carneiro ou *shofar*.]

de Judá. ¹⁶Os filhos de Israel fugiram de diante de Judá e Deus os entregou em suas mãos. ¹⁷Abiá e seu exército infligiram-lhes dura derrota: quinhentos mil homens de elite, dentre os de Israel, tombaram traspassados. ¹⁸Naquela ocasião os filhos de Israel foram humilhados e os filhos de Judá prevaleceram, porque se apoiaram no SENHOR, Deus de seus pais. ¹⁹Abiá perseguiu Jeroboão e tomou-lhe algumas cidades: Betel e seus arredores, Ieshaná e suas dependências, Efron e suas dependências.

²⁰Jeroboão não recuperou seu poderio na época de Abiá. O SENHOR o feriu e ele morreu. ²¹Abiá, pelo contrário, tornou-se poderoso^a. Desposou catorze mulheres e gerou vinte e dois filhos e filhas.

²²O resto dos atos de Abiá, seus feitos e suas gestas^a, está escrito no comentário^a do vidente Idô.

*

1R 15,8

²³Abiá^a adormeceu junto de seus pais e foi sepultado na Cidade de David. Seu filho Asá se tornou rei em seu lugar.

*

Reinado de Asá. Durante sua vida^a, a terra esteve tranqüila por dez anos^a.

14 ¹Asá fez o que é bom e justo aos olhos do SENHOR, seu Deus. ²Eliminou os altares de origem estrangeira^a e os lugares altos, despedaçou as estelas e cortou os postes sagrados. ³Ordenou a Judá que buscasse o SENHOR, o Deus de seus pais, e pusesse em prática a Lei e os

mandamentos. ⁴Fez desaparecer de todas as cidades de Judá os lugares altos e os altares de incenso^a, e o reino gozou de calma durante o seu reinado.

⁵Construiu cidades fortificadas em Judá, pois a terra gozava de paz. Nesses anos não houve guerra contra ele, pois o SENHOR lhe havia dado o repouso. ⁶Ele disse a Judá: "Construamos estas cidades, cerquemo-las com muralhas, com torres, portas e ferrolhos; a terra está em repouso^a diante de nós. Pois temos buscado o SENHOR nosso Deus, nós o buscamos e ele nos deu o repouso por toda parte^a." E realizaram suas construções.

⁷Asá dispunha de um exército de trezentos mil homens de Judá, armados com escudo grande e lança, e duzentos e oitenta mil^a benjaminitas, armados de escudo pequeno e manejando o arco. Todos eram guerreiros valentes. ⁸Zérah, o kushita^a, marchou contra eles com um exército de mil milhares de homens e trezentos carros, e chegou até Mareshá. ⁹Asá saiu-lhe ao encontro e tomou posição no vale de Șefata, em Mareshá^a. ¹⁰Asá clamou ao SENHOR, seu Deus, e disse: "SENHOR, ninguém a não ser tu pode interpor-se entre o poderoso e o fraco^a. Ajuda-nos, SENHOR, nosso Deus! Pois é em ti que nos apoiamos e em teu nome que viemos contra esta multidão. SENHOR, tu és nosso Deus. Que o homem não rivalize contigo!" ¹¹O SENHOR derrotou os kushitas diante de Asá e de Judá, e os kushitas fugiram. ¹²Asá e o povo que

q. O Cronista, que vê na morte de Jeroboão um castigo de Deus, omite que Abiá morreu antes dele, pois seu reinado não foi além de três anos (2Cr 13,2 e 1Rs 15,9).

r. Lit. *seus caminhos e suas palavras*.

s. Em hebr.: *midrash*. Mais tarde, a literatura rabínica empregou este termo no sentido técnico de "comentário bíblico". Cf. também 24,27.

t. Tirado de 1Rs 15,8.

u. 2Cr 13,23b-15,15. O Cronista não utiliza a breve informação de 1Rs 15,9-12 sobre o reinado de Asá, de origem desconhecida, muito mais desenvolvido, que mostra como a piedade do rei alcançou a prosperidade de seu povo.

v. Esta era de paz durou até a invasão egípcia que será narrada em 14,8-14. 1Rs 15,16 diz, pelo contrário: *Houve guerra entre Asá e Baeshá, rei de Israel, durante todo o tempo*, mas este texto pode aplicar-se a incidentes frequentes nas fronteiras, ao

passo que o Cronista constata que não houve verdadeira campanha militar.

w. Lit. *do estrangeiro*.

x. Cf. Lv 26,30 nota.

y. Segundo o sir. O hebr., em consequência de uma confusão de duas letras semelhantes; *a terra está ainda diante de nós*.

z. O gr. supõe outra vocalização, resultando num sentido mais harmonioso: *Visto que nos ocupamos do Senhor, nosso Deus, ele se ocupou de nós e nos deu repouso nos arredores*.

a. O gr. traz: *duzentos e cinquenta mil*.

b. Isto é, etíope. A nacionalidade do general em seguida é estendida a todo o exército (cf. 14,11 e 16,8), embora fosse composto de egípcios e de diversos outros povos.

c. O gr. traz: *no vale ao norte de Mareshá*. Talvez fosse este o texto original.

d. Lit. *vir em auxílio (na contenda) entre o rico e o sem-força*.

estava com ele perseguiram-nos até Guerar, e pereceram tantos kushitas que não houve sobreviventes, pois foram destroçados diante do SENHOR e de seu acampamento. Os homens de Asá arrebataram^e um butim abundante. ¹³Derrotaram todas as cidades em torno de Guerar, pois o SENHOR lançara sobre elas o terror, e eles saquearam todas as cidades, pois nelas havia muita coisa a saquear. ¹⁴Saquearam também os rebanhos e capturaram grande número de ovelhas e camelos. Depois, voltaram para Jerusalém.

15 ¹Azariáhu, filho de Oded, sobre o qual estava o espírito de Deus, ²saiu ao encontro de Asá e disse-lhe: "Asá e vós todos, de Judá e Benjamin, escutai-me! O SENHOR está convosco quando vós estais com ele. Se vós o buscais, ele se deixa encontrar por vós; mas se vós o abandonais, ele vos abandona". ³Durante muito tempo Israel esteve sem verdadeiro Deus, sem sacerdote para ensinar, sem Lei^a. ⁴Mas em sua aflição, eles voltaram ao SENHOR, o Deus de Israel; buscaram-no, e ele se deixou encontrar por eles^b. ⁵Naqueles tempos, não havia segurança para os que iam e vinham^c, pelo contrário, havia grandes tribulações sobre todos os habitantes da terra. ⁶Nação contra nação e cidade contra cidade^d estavam em luta, pois Deus os havia ferido com toda espécie de aflição. ⁷Quanto a vós, permaneci firmes, e que vossas mãos

não se enfraqueçam, pois haverá um salário para o vosso trabalho^h!"

⁸Quando Asá ouviu estas palavras e a profecia do profeta Odedⁱ, encheu-se de coragem e fez desaparecer as abominações^m de toda a terra de Judá e Benjamin, como também das cidades que havia conquistadoⁿ na montanha de Efraim. Renovou o altar do SENHOR, que está diante do vestibulo^o do SENHOR. ⁹Congregou todo Judá e Benjamin, bem como os de Efraim, de Manassés e de Simeão^p, que vieram habitar com eles, pois muitos israelitas desertaram^q para Asá, vendo que o SENHOR seu Deus estava com ele. ¹⁰No terceiro mês^r do décimo quinto ano do reinado de Asá, eles se reuniram em Jerusalém. ¹¹Nesse dia, ofereceram em sacrifício ao SENHOR uma parte do butim que tinham recolhido, a saber, setecentos bois e sete mil ovelhas. ¹²Entraram na Aliança^s, para buscar o SENHOR, o Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a sua alma. ¹³E todo aquele que não buscase o SENHOR, Deus de Israel, seria morto, fosse ele grande ou pequeno, homem ou mulher. ¹⁴Prestaram juramento ao SENHOR com grande clamor e ovação, trombetas e trompas^t. ¹⁵e todo Judá se alegrou com o juramento. Visto que foi de todo o coração que fizeram o juramento e com toda a boa vontade que o procuraram, o SENHOR deixou-se encontrar por eles e deu-lhes a paz em todas as suas fronteiras.

Mt 24,7

e. O gr. sem dúvida está mais próximo do original: *eles pilharam uma pilhagem*, fórmula bem hebraica.

f. Esta frase pode ser compreendida tanto no presente como no futuro.

g. O redator parece visar especialmente ao período dos Juízes e resumir a seu modo a situação descrita em Jz 2,10-23.

h. A mesma idéia aparece diversas vezes no livro dos Juízes: 3,9.15; 6,7-8; 10,10-16.

i. A mesma fórmula em Zc 8,10, que se aplica ao período anterior à fundação do Templo.

j. Cf. Is 19,2.

k. Mesma fórmula em Jr 31,16.

l. O texto primitivo sem dúvida trazia: *do profeta Azariáhu, filho de Oded* (cf. 15,1), mas as palavras *Azariáhu filho de* não existem mais no texto atual nem em certas camadas do texto gr.

m. Isto é, os ídolos.

n. Na realidade, estas cidades foram conquistadas por seu pai, Abiá (2Cr 13,19). É possível que o texto tenha sido alterado.

o. Este altar é o altar dos holocaustos. Para o *vestibulo* (ou pórtico), cf. 1Rs 6,3; 7,6 ou 1Cr 28,11.

p. Causa estranheza esta menção à tribo de Simeão, situada ao sul de Judá e que não fazia parte do reino de Israel. Será que o texto primitivo trazia *Shomron* = "Samaria", embora esta cidade só tenha sido fundada pelo fim do reinado de Asá (1Rs 16,23-24)?

q. Poder-se-ia também compreender: *eles se haviam submetido a ele em grande quantidade desde Israel*.

r. Portanto, pela festa de Pentecostes, que, em Qumran, era a festa da entrada na Aliança.

s. Isto é, eles participaram de uma cerimônia de renovação da Aliança.

t. Alguns entendem: *ao som de trombetas e de trompas*.

1Rs 15,
13-22

*
16O rei Asá^a privou até mesmo sua mãe, Maaká^y, de sua função de rainha-mãe, porque havia feito um ídolo infame de Aserá; Asá eliminou este ídolo infame, despedaçou-o^z e queimou-o na torrente de Qidron. 17Mas os lugares altos não desapareceram de Israel^x; contudo, o coração de Asá permaneceu íntegro durante toda a sua vida. 18Depositou na Casa de Deus prata, ouro e objetos que seu pai e ele mesmo haviam consagrado^y. 19Não houve mais guerra^a até o trigésimo quinto ano^a do reinado de Asá.

16No trigésimo sexto ano do reinado de Asá, Baeshá, rei de Israel, marchou contra Judá e fortificou Ramá, a fim de barrar o acesso a Asá, rei de Judá. 2Este tirou ouro e prata dos tesouros da Casa do SENHOR e da casa do rei para enviá-los a Ben-Hadad, rei de Arâm^b, que residia em Damasco. Disse-lhe: 3"Há uma aliança entre mim e ti, entre meu pai e teu pai. Eis que te envio prata e ouro; vai, rompe tua aliança com Baeshá, rei de Israel, para que ele não marche mais contra mim".

4Ben-Hadad deu ouvidos ao rei Asá, e enviou contra as cidades de Israel os chefes de seus exércitos que conquistaram Ion, Dan, Abel-Máim^d e todos os

entrepostos das cidades de Neftali. 5Quando Baeshá ficou sabendo disto, desistiu de fortificar Ramá e suspendeu seus trabalhos^e. 6Então o rei Asá convocou todo Judá: tiraram as pedras e a madeira com que Baeshá estava fortificando Ramá. Asá serviu-se deste material para fortificar Gueba e Mişpá.

*
7Nessa época^f, o vidente Hanani foi ter com Asá, rei de Judá, e lhe disse: "Já que te apoiaste no rei de Arâm e não no SENHOR teu Deus, o exército do rei de Arâm escapou de tua mão. 8Não formavam os kushitas^g e os líbios um exército numeroso, com carros e cavaleiros em grande quantidade? E porque te apoiaste no SENHOR, foram entregues em tua mão. 9Pois os olhos do SENHOR percorrem toda a terra para sustentar aqueles cujo coração é totalmente dele. Neste ponto agiste como insensato. Por isso, doravante haverá guerras contra ti". 10Asá irritou-se contra o vidente e o fez prender, pois suas palavras o haviam irritado. Nesta mesma época, Asá oprimiu uma parte do povo.

*
11Eis que^h os atos de Asá, do começo ao fim, estão escritos nos livros dos reis de Judá e de Israel.

u. Depois desta inserção de fonte particular, o Cronista volta ao relato de Rs, que copia quase literalmente, em 15,16-16,6, ainda que a piedade de Asá apareça ali a uma luz menos favorável.

v. Lit. *Maaká, mãe do rei Asá, ele a destituiu de rainha*. Maaká era, mais exatamente, sua avó, segundo 1Rs 15,2 e 2Cr 11,20.

w. O exame das versões mostra que *despedaçou* é uma nota marginal que passou para o texto hebr.

x. O redator não tem ilusões sobre os efeitos limitados desta reforma religiosa, mas faz questão de desculpar a boa vontade do rei Asá.

y. Alguns compreendem: *os objetos sagrados*.

z. 1Rs 15,16 diz, pelo contrário: *Houve guerra entre Asá e o rei de Israel, Baeshá, enquanto viveram*. Mas o redator sem dúvida julgou que as hostilidades não constituíam uma guerra verdadeira e que elas não impediam de apresentar o reinado como uma era de paz (salvo a campanha contra Zérah, o kushita); é o que ele gosta de fazer: 13,23; 14,4-6; 15,15. Consequentemente o Cronista julgou-se autorizado a modificar o texto de Rs, acrescentando uma negação: *não houve* (mais) guerra.

a. O número deve ser resultado de um erro de transcrição muito antigo, porque, segundo 1Rs 15,33 e 16,8, Baeshá só reinou do 3º ao 26º ano de Asá; a agressão de Baeshá, narrada no

episódio seguinte, dever-se-ia situar de preferência no ano 25 ou 26 de Asá. Foi, aliás, o próprio Cronista que acrescentou ao texto de Rs (segundo que fontes?) a explicação: *até o trigésimo quinto ano (?) do reinado de Asá. No trigésimo sexto (?) ano do reinado de Asá*.

b. O texto de 1Rs 15,18 contém diversos detalhes suplementares, que não estão em Cr.

c. A cidade de Ramá, apenas 8km a norte de Jerusalém, pertencia ao território de Benjamin (Js 18,25), portanto ao reino de Judá.

d. Estas três cidades estão situadas bastante longe, ao norte do lago Hulê. A última destas cidades é geralmente chamada Abel-Bet-Maaká.

e. 1Rs 15,21: *ele retornou a Tirzá* (sua capital).

f. O Cronista insere aqui (16,7-10) um documento, ausente no livro dos Reis, que insiste na necessidade de recorrer a Deus e na loucura de recorrer apenas aos homens.

g. Cf. 14,8 e nota.

h. Nota bibliográfica do Cronista, que menciona pela primeira vez o *livro dos reis de Judá e de Israel*, que reaparecerá sob vários títulos em 20,34; 24,27; 25,26; 27,7; 28,26; 32,32; 35,27; 36,8.

14,8-12

¹²Asá ficou doente no ano trigésimo nono de seu reinado; tinha uma doença muito grave nas pernas. E mesmo em sua doença não recorreu ao SENHOR, mas aos curandeiros¹. ¹³Asá adormeceu junto de seus pais e morreu no quadragésimo primeiro ano do seu reinado². ¹⁴Enterraram-no no sepulcro que mandara cavar, na Cidade de David. Estenderam-no num leito repleto de arômatas e de diversos produtos próprios para o embalsamamento e fizeram em sua honra um grandioso fogo³.

*

17 Reinado de Josafat. 'Seu' filho Josafat se tornou rei em seu lugar e mostrou-se forte em relação a Israel⁴. ²Pôs tropas em todas as cidades fortificadas de Judá e guarnições⁵ na terra de Judá e nas cidades de Efraim, que Asá, seu pai, conquistara.

³O SENHOR esteve com Josafat, pois seguiu os caminhos iniciais de David, seu pai⁶, e não procurou os baalim. ⁴Mas buscou o SENHOR⁷, o Deus de seu pai, procedeu segundo seus mandamentos, e não segundo as ações de Israel⁸. ⁵O SENHOR consolidou o reino em suas mãos e todos os de Judá traziam suas oferendas a Josafat, de forma que ele possuía muitas riquezas e glória. ⁶Seu coração progredia pelos caminhos do SENHOR de tal modo que eliminou de Judá os lugares altos e os postes sagrados. ⁷No terceiro

ano de seu reinado, enviou seus dignitários Ben-Hail, Obadiá, Zekariá, Netanel e Mikaiáhu para ensinar nas cidades de Judá. ⁸Com eles encontravam-se os levitas Shemaiáhu, Netaniáhu, Zebadiáhu, Asahel, Shemiramot, Iehonatan, Adoniáshu, Tobiáhu e Tob-Adoniá; eram os levitas, e com eles havia também os sacerdotes Elishamá e Iehorâm. ⁹Ensinaram em Judá, levando consigo o livro da Lei do SENHOR. Percorreram todas as cidades de Judá, ensinando o povo.

¹⁰O terror inspirado pelo SENHOR estendeu-se sobre todos os reinos das regiões que circundavam Judá, e ninguém guerreou contra Josafat. ¹¹Trouxeram a Josafat presentes dos filisteus e prata como tributos. Até os árabes lhe trouxeram animais de rebanho: sete mil e quinhentos carneiros e sete mil e setecentos bodes.

¹²Josafat foi prosperando sempre mais, e construiu em Judá fortalezas e entrepostos. ¹³Havia abundantes provisões nas cidades de Judá e valorosos guerreiros de Jerusalém. ¹⁴Eis a sua divisão, segundo as famílias: de Judá, chefes de mil: o chefe Adná, à frente de trezentos mil⁹ valentes guerreiros; ¹⁵a seu lado, o chefe Iehohanan, à frente de duzentos e oitenta mil homens¹⁰; ¹⁶e a seu lado, Amasiá, filho de Zikri, alistado voluntariamente para o SENHOR, à frente de duzentos mil valentes guerreiros; ¹⁷de Benjamin: Eliadá, valente guerreiro, à frente de duzentos mil homens armados de arco e escu-

I. Excepcionalmente, o Cronista insere, mesmo depois do envio às suas fontes, outro documento sobre o fim do rei (16.12-14). Sem dúvida, é levado pelo desejo de mostrar que a doença deveria ser uma ocasião para recorrer a Deus.

J. O recurso aos médicos e aos curandeiros não é proibido na Bíblia; mas Asá é censurado por não ter aproveitado sua doença para se voltar ao Senhor.

k. Asá reinou de 912 a 871.

l. Lit. *foi deitado num leito que estava cheio de arômatas e de produtos unguentificados, num unguento de fabricação, e foi acesa para ele uma fogueira extremamente grande*.

m. As primeiras palavras desta passagem coincidem com 1Rs 15.24b, mas a fórmula é tão banal que não exige um empréstimo direto. O resto do cap. e o começo do seguinte (17.1-18.2) provêm de uma fonte particular que o Cronista escolheu porque mostra como a reforma religiosa levada a cabo por Josafat lhe valeu a paz e a prosperidade.

n. Pode-se compreender assim: *contra Israel*, se Israel designa

o reino do Norte; ou então, *sobre Israel*, se Israel designa o reino do Sul, como acontece com frequência em Cr.

o. Ou: *governadores*.

p. Visto que David permaneceu fiel a Deus durante toda a sua vida, alguns adotam uma leitura do gr. e omitem *David*, de sorte que *seu pai* designa Asá. No caso de se manter *David*, pode-se compreender ou: a conduta de David anterior ao recenseamento narrado por 1Cr 21, ou: a conduta de David no passado, antigamente.

q. O hebr. omite *o Senhor*; a presença desta palavra, bem atestada em gr., torna a expressão mais normal.

r. Aqui *Israel* designa o reino cismático (com frequência idôlatrico) do Norte.

s. Evidentemente, estes números foram amplificados, visto que os chefes de tais destacamentos são somente *chefes de mil*.

t. O texto primitivo acrescentava, sem dúvida, como nas fórmulas paralelas: *valentes guerreiros*; estas palavras, omitidas por acidente, parecem ter sido reinseridas erroneamente no v. 17.

do, ¹⁸e a seu lado, Iehozabad, à frente de oitenta mil homens equipados para o combate. ¹⁹São estes os que estavam a serviço do rei, sem contar os que o rei havia destinado às praças fortes de todo Judá.

18 ¹Josafat teve muita riqueza e glória. Era aparentado com Acab por casamento^u. ²Depois de alguns anos^v, foi visitar Acab, em Samaria. Acab imolou^w ovelhas e bois em grande quantidade para ele e sua comitiva, e o persuadiu a atacar Ramot-de-Guilead.

*

IRs 22,3-32 ³Acab^x, rei de Israel, disse a Josafat, rei de Judá: "Queres vir comigo a Ramot-de-Guilead"? Ele respondeu: "Para mim o mesmo que para ti, para meu povo o mesmo que para o teu povo; estaremos contigo na guerra".

⁴Josafat disse ainda ao rei de Israel: "Consulta antes a palavra do SENHOR!"

⁵O rei de Israel reuniu os profetas, em número de quatrocentos, e lhes disse: "Podemos guerrear Ramot-de-Guilead ou devo desistir?" Eles lhe responderam: "Vai, Deus a entrega nas mãos do rei."

⁶Josafat disse: "Acaso não existe aqui nenhum outro profeta do SENHOR, para que possamos consultá-lo?" ⁷O rei de Israel disse a Josafat: "Há ainda um homem pelo qual se pode consultar o SENHOR, mas eu o detesto, pois jamais profetiza o bem a meu respeito, mas sempre o mal: é Miquéias, filho de Imíá". Disse Josafat: "Que o rei não fale assim!" ⁸O rei de Israel chamou um eunuco e disse-lhe: "Manda vir depressa Miquéias, filho de Imíá".

⁹O rei de Israel e o rei de Judá, com suas vestes régias^y, estavam sentados, cada qual em seu trono, na esplanada na entrada da porta de Samaria. Todos os profetas entravam em transe para profetizar

diante deles. ¹⁰Sidqiáhu, filho de Kenaaná, que havia feito para si uns chifres de ferro, disse: "Assim fala o SENHOR: Com isto cravarás Arâm até arrematá-lo".

¹¹E todos os profetas profetizavam o mesmo, dizendo: "Sobe a Ramot-de-Guilead, e serás bem-sucedido! O SENHOR a entregará nas mãos do rei".

¹²O mensageiro que fora chamar Miquéias lhe disse: "Eis as palavras dos profetas, de uma só voz anunciam coisa boa para o rei. Que tua palavra esteja de acordo com a deles! Anuncia coisa boa!"

¹³Miquéias disse: "Certo como vive o SENHOR, o que meu Deus disser, é isto que direi!" ¹⁴Ele chegou junto ao rei, que lhe perguntou: "Miquéias^z, podemos guerrear Ramot-de-Guilead ou devo desistir?" Ele respondeu: "Subi! Sereis bem-sucedidos. Eles serão entregues em vossas mãos". ¹⁵O rei lhe disse: "Quantas vezes é preciso que eu te faça jurar para que me digas somente a verdade em nome do SENHOR?" ¹⁶Miquéias respondeu:

"Eu vi todo Israel disperso pelas montanhas,

como ovelhas sem pastor^a.

O SENHOR disse:

Eles não têm donos!

Que cada um volte em paz para sua casa!"

¹⁷O rei de Israel disse a Josafat: "Não te disse eu: 'Ele não profetiza para mim o bem, mas o mal'?" ¹⁸Miquéias disse: "Escutai a palavra do SENHOR: Vi o SENHOR assentado no seu trono e todo o exército dos céus em pé à sua direita e à sua esquerda. ¹⁹O SENHOR disse: 'Quem seduzirá Acab, o rei de Israel, para que ele suba contra Ramot-de-Guilead e lá pereça'? Um respondeu uma coisa, outro respondeu outra. ²⁰Então um espírito^c adiantou-se, apresentou-se diante do SE-

u. Sabemos por 2Cr 21,6 que Josafat casou seu filho primogênito Iorâm com uma filha de Acab.

v. Segundo IRs 22,2 é o 3º ano.

w. Aqui o verbo *imolar* não se aplica a um sacrifício religioso, mas à preparação de copiosos banquetes.

x. O Cronista tira do livro dos Reis este relato detalhado (18, 3-34 = IRs 22,3-36), que ilustra a superioridade de um profeta do Senhor sobre os profetas dos falsos deuses.

y. Lit. *vestidos de vestes*.

z. O hebr. traz aqui a forma abreviada *Miká* em lugar do habitual *Mikáiehu*.

a. O rei compreendeu perfeitamente que a resposta do profeta era irônica.

b. Citação de Nm 27,17, retomada por Mt 9,36 e Mc 6,34.

c. Cf. IRs 22,21 nota.

NHOR e disse: 'Eu o seduzirei'. O SENHOR lhe disse: 'Como?' ²¹Respondeu: 'Partirei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas'. O SENHOR disse: 'Tu o seduzirás; aliás, tens o poder de fazê-lo. Vai, e faze-o assim!'. ²²Se, pois, o SENHOR infundiu um espírito de mentira na boca de teus profetas, foi ele mesmo que falou de desgraça contra ti".

²³Então Sidquiáhu, filho de Kenaaná, aproximou-se de Miquéias, esbofetecou-o e disse: "Por qual caminho o espírito do SENHOR saiu de mim para te falar?" ²⁴Miquéias retrucou: "Tu o verás, no dia em que fores de quarto em quarto para te esconder". ²⁵O rei de Israel ordenou: "Prendei Miquéias e conduzi-o a Amon, chefe da cidade, e a Joás, filho do rei, ²⁶e dizei-lhes: 'Assim fala o rei: Lançai este indivíduo na cadeia e alimentai-o com uma pequena ração de pão e água, até que eu volte são e salvo'". ²⁷Miquéias disse: "Se realmente voltares são e salvo, será porque o SENHOR não falou por mim". Depois disse: "Povos todos, ouvi!..."

²⁸O rei de Israel e Josafat, rei de Judá, marcharam contra Ramot-de-Guilead. ²⁹O rei de Israel disse a Josafat: "Vou disfarçar-me para entrar no combate! Quanto a ti, veste a tua própria roupa". O rei de Israel disfarçou-se e entrou em combate.

³⁰O rei de Arâm dera esta ordem aos chefes de seus carros: "Não ataqueis nem pequeno nem grande, mas somente o rei de Israel". ³¹Dessa forma, quando os chefes dos carros viram Josafat, disseram: "Este é o rei de Israel", e cercaram-

-no para atacá-lo. Mas Josafat se pôs a gritar.

*

O SENHOR o socorreu, e Deus os afastou para longe dele!

*

³²Então os chefes dos carros, percebendo que ele não era o rei de Israel, afastaram-se dele. ³³Entretanto, um homem atirou com seu arco ao acaso^k e atingiu o rei de Israel entre as chapas da couraça. Este disse ao condutor de seu carro: "Volta e faze-me sair da batalha, pois estou ferido". ³⁴O combate foi tão violento nesse dia que o rei de Israel teve de permanecer em seu carro diante de Arâm até a tarde. Depois morreu, no momento do pôr-do-sol.

1Rs 22, 33-36

*

19 ¹O rei de Judá, Josafat, voltou em paz para sua casa, em Jerusalém.

²Iehu, um vidente, filho de Hanani, saiu a seu encontro e disse ao rei Josafat: "É ao ímpio que prestas tua ajuda, e são os inimigos do SENHOR que tu amas? Por causa disso, a cólera do SENHOR virá sobre ti. ³ Todavia, foi encontrado em ti algo de bom, pois queimaste os postes sagrados, que desapareceram da terra, e aplicaste teu coração à procura de Deus".

⁴Josafat residiu em Jerusalém. Depois, saiu de novo em viagem através de seu povo, desde Beer-Sheba até a montanha de Efraim, e reconduziu o povo ao SENHOR, o Deus de seus pais. ⁵Estabeleceu juízes na terra, em todas as cidades fortificadas de Judá, cidade por cidade. ⁶Disse aos juízes: "Considerai bem o que

d. Tudo isto é uma preparação ao mesmo tempo dramática e popular. Cf. 20,37 e 24,20. Sobre os falsos profetas enviados por Deus, ver entre outros Ez 14,9.

e. Este termo dá a entender que Miquéias já esteve na prisão.

f. Estas são as primeiras palavras do livro do profeta Miquéias; podem ter sido acrescentadas em consequência de uma confusão entre dois profetas que tinham nomes semelhantes: o que falava a Josafat em 867, e o que escrevia sob os reis Iotã, Acáz e Ezequias, portanto pelo ano de 740-710. Esta glosa já existia no texto de Rs copiada pelo Cronista, fazendo parte do original.

g. As palavras: *vou disfarçar-me e entrar no combate* são traduzidas segundo as versões, ao passo que o hebr. traz, ou: *disfarça-te e entra...* ou: *disfarçar-se e entrar...*

h. Adivinha-se o que Acab queria. Mas o Senhor desfez seus planos: ele é que foi morto e Josafat foi poupado.

i. 1Rs 22,30 traz o singular: e *entrou*, que é o original lido também por Cr e conservado pelas versões; muitos mss. hebr. trazem o plural: e *eles entraram*.

j. O Cronista inseriu no relato de Rs esta reflexão pessoal, para insistir na intervenção de Deus. O hebr. traz: *incitou-os*, mas as versões leram: *afastou-os*, que é muito mais provável.

k. Lit. *em sua inocência*, isto é, sem saber que se tratava do rei; ou então *em sua perfeição*, quer dizer (como o entendeu o gr.), atingindo bem seu objetivo.

l. Documento pessoal do Cronista (19,1-20,30), que procura expor a reforma religiosa de Josafat, e a ajuda providencial que Deus lhe dá contra uma invasão dos beduínos do deserto.

fazeis, pois não deveis julgar segundo o homem, mas segundo o SENHOR, que estará convosco no ofício judicial". ⁷E agora, que o temor do SENHOR esteja convosco! Observai e praticai isto! Porque no SENHOR, nosso Deus, não há nem injustiça, nem parcialidade, nem corrupção por causa de presentes". ⁸Mesmo em Jerusalém, Josafat estabeleceu levitas e sacerdotes, e chefes de família de Israel para julgar segundo o SENHOR e para advogar em favor dos habitantes de Jerusalém". ⁹E deu-lhes suas ordens, dizendo: "É assim que fareis, no temor do SENHOR, com fidelidade e com um coração sincero. ¹⁰Sempre que vossos irmãos, residentes em suas cidades, introduzirem processo diante de vós, questão criminal ou questão de lei, de mandamento, de decreto ou de costume, instruí-os, para evitar que eles sejam culpados diante do SENHOR e a ira se inflame contra vós e contra os vossos irmãos. Agindo assim não sereis culpados. ¹¹Eis que, para vos orientar em todos os assuntos referentes ao SENHOR, tereis o sumo sacerdote Amariá; e para todos os assuntos referentes ao rei, o chefe da casa de Judá, Zebadiá, filho de Ismael. Os levitas vos darão assistência como escribas. Coragem, e mãos à obra! E que o SENHOR esteja com quem faz o bem!"

20 ¹Depois disto, os amonitas e os moabitas, acompanhados pelos

maonitas^a, vieram mover guerra contra Josafat. ²Informaram-Josafat, dizendo: "Grande multidão marcha contra ti do outro lado do mar, isto é, de Edom^c, e já está em Haşaşon-Tamar, que é En-Guedi". ³Josafat teve medo: decidiu consultar o SENHOR e proclamou um jejum para todo Judá. ⁴Judá reuniu-se para implorar ao SENHOR; de todas as cidades de Judá acorreram para implorar ao SENHOR. ⁵Durante essa assembléia de Judá e Jerusalém^d na Casa do SENHOR, Josafat pôs-se de pé diante do Pátio Novo, ⁶e disse: "SENHOR, Deus de nossos pais, não és tu o Deus que está nos céus, e não és tu que dominas sobre todos os reinos das nações? Em tua mão há força e poder, e ninguém pode enfrentar-te. ⁷Não és tu que és nosso Deus, que desapossaste os habitantes desta terra diante de Israel, teu povo? Não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo? ⁸Nela se estabeleceram e te construíram um santuário para o teu nome, dizendo: ⁹Se nos sobrevier^e alguma desgraça: espada, castigo^f, peste ou fome, se comparecermos diante desta Casa e diante de ti, pois o teu nome está nesta Casa, e se clamarmos a ti em nossa aflição, tu nos ouvirás e nos salvarás". ¹⁰Eis agora os amonitas, os moabitas e os habitantes da montanha de Seir^g, pelo território dos quais não deixaste Israel passar^h depois da saída da terra do Egito, pois que deles se afastou sem os destruir! ¹¹E eis que nos dão a

Is 41,8;
Tg 2,23

6,28-31

m. Esta proposição sem verbo, em hebr., pode ser compreendida: *o Senhor que está convosco quando pronunciis uma justa sentença*; ou: *o Senhor, para que ele vos inspire uma justa sentença*. Esta segunda hipótese parece mais em harmonia com o contexto.

n. Lit. *para o julgamento do Senhor*.

o. O hebr. traz: *e para defender e eles voltaram para Jerusalém*. O gr. traz: *e para julgar os habitantes de Jerusalém*. O texto primitivo poderia ser: *e para a defesa dos* (= em favor dos) *habitantes de Jerusalém*. É o que se adota aqui.

p. Ou: *Que o Senhor esteja com o bem!*

q. Termo restabelecido segundo o gr.

r. Como em hebr. as letras D e R se confundem facilmente, o hebr. e o gr. trazem *Arâm*, isto é, a Síria; mas o sir. e uma antiga versão leram *Edom*. Esta leitura é evidentemente correta, pois o mar em questão é o mar Morto, com Edom ao sul e En-Guedi a oeste.

s. Todas as antigas versões leram: *em Jerusalém*, sem dúvida em conformidade com o original.

t. Josafat cita a oração de Salomão na dedicação do Templo, tal como se apresenta em 2Cr 6,22-39, sobretudo 6,28-31.

u. O hebr. traz *castigo*, mas 2Cr 6,28, texto em que o autor se inspira aqui, sugere-nos que o original sem dúvida poderia ser uma palavra que significa *mal*.

v. Diversos tradutores entendem: *Se vier sobre nós a desgraça... nós compareceremos... nós clamaremos a ti... tu ouvirás e salvarás*, mas a comparação com a oração de Salomão em 6,22-39 mostra que a condição se refere aos três primeiros verbos e a realização somente aos dois últimos.

w. Isto é, a região dos edomitas.

x. Segundo Nm 20,18-21, foram os edomitas que recusaram a passagem aos israelitas; dessa forma, o texto original talvez fosse, segundo o testemunho de uma antiga versão latina: *que não deram a Israel uma passagem para entrar em seu território*.

paga, vindo desapossar-nos da propriedade que tu nos atribuíste! ¹²Nosso Deus^y, não exercerás teu julgamento sobre eles? Pois estamos sem forças diante desta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos o que fazer. Mas nossos olhos estão voltados para ti". ¹³Todos os habitantes de Judá mantinham-se de pé diante do SENHOR, junto com suas famílias, suas mulheres e filhos. ¹⁴No meio da assembléia, o espírito do SENHOR desceu sobre Iahaziel, filho de Zekariáhu, filho de Benaiá, filho de Ieiel, filho de Mataniá, o levita, dos filhos de Asaf. ¹⁵Ele disse: "Prestai atenção, vós todos de Judá, habitantes de Jerusalém e o rei Josafat! Assim vos fala o SENHOR: Não temais e não vos atemorizeis diante desta multidão numerosa, pois esta guerra não é vossa, mas de Deus. ¹⁶Descei amanhã contra eles. Eis que sobem pela encosta da Flor^z, e vós os encontrareis na extremidade do vale, perto do deserto de Ieruel. ¹⁷Não tereis de combater; apresentai-vos, tomai posição e olhai a vitória do SENHOR em vosso favor. Judá e Jerusalém, não temais nem vos apavoreis! Amanhã, parti ao seu encontro, e o SENHOR estará convosco". ¹⁸Josafat prosternou-se, com o rosto em terra; todos os habitantes de Jerusalém se prosternaram diante do SENHOR para adorá-lo; ¹⁹os levitas, do grupo dos filhos dos qehatitas e do grupo dos filhos dos qorahitas, levantaram-se para louvar o SENHOR, Deus de Israel, com voz extremamente forte. ²⁰O povo levantou-se de madrugada e saiu para o deserto de Teqoa. À sua passagem, Josafat se levantou para dizer: "Es-

cutai-me, Judá e habitantes de Jerusalém! Tende confiança no SENHOR, vosso Deus, e sereis invencíveis"! Tende confiança em vossos profetas e alcançareis vitória!"

²¹Decidiu, com o povo, designar gente que precederia os guerreiros, celebrando o SENHOR, louvando sua santa majestade^b e dizendo: "Celebrai o SENHOR, pois^c sua fidelidade é para sempre". ²²No momento em que começavam suas aclamações de louvor^d, o SENHOR pôs agentes de discórdia entre os filhos de Amon, de Moab e da montanha de Seir que atacavam Judá, e eles combateram entre si^e. ²³Os filhos de Amon e de Moab insurgiram-se contra os habitantes da montanha de Seir, para destruí-los e exterminá-los. Quando acabaram com os habitantes de Seir, eles contribuíram^f para aniquilar-se uns aos outros. ²⁴Quando Judá chegou ao promontório de onde se pode observar o deserto, voltou-se para a multidão: eis a terra coberta de cadáveres, sem nenhum sobrevivente. ²⁵Josafat e seu povo^g vieram saquear seus despojos, e encontraram grande quantidade de gado^h, riquezas, vestesⁱ e objetos preciosos. Recolheram de tudo, a ponto de não poder carregá-lo, e passaram três dias ocupados no saque, que era abundante. ²⁶No quarto dia, reuniram-se no vale da Bênção, pois ali bendisseram o SENHOR — por isso deu-se a este lugar o nome de "vale de Bênção", até o dia de hoje. ²⁷Todos os homens de Judá e Jerusalém, com Josafat à frente, voltaram alegres para Jerusalém, pois o SENHOR os alegrara à custa dos inimigos. ²⁸Entraram em Jerusalém e foram à Casa do SENHOR, ao som

y. O gr. e o sir. concordam em afirmar: *Senhor nosso Deus*; sem dúvida correspondem ao original.

z. Em hebr. *Ha-šif*. Seria uma deformação de *Hašašon*, de que se falou em 20,2?

a. Jogo de palavras (como em Is 7,9) sobre a raiz *aman*, que significa "ter confiança" e "ser firme, inabalável, invencível".

b. Outros compreendem: *louvando*, (revestidos) *de um adorno de santidade*. Ver Sl 29,2; 96,9; 1Cr 16,29, mas desta vez o gr. traduz: *em seu átrio santo*.

c. Segundo o sir., e uma antiga versão latina, seria necessário ler a fórmula habitual completa: *Porque ele é bom, pois sua fidelidade dura para sempre*.

d. Lit. *onde eles começaram na aclamação e no louvor*.

e. Em lugar do sentido reflexo, alguns preferem o sentido passivo: *foram batidos* (= derrotados).

f. O hebr. supõe no verbo *contribuir* (*ajudar*) um matiz irônico bastante inesperado. O original talvez seja melhor representado pelo gr. que leu: *levantaram-se uns contra os outros para...*

g. Uma antiga versão latina, que às vezes é uma boa testemunha do original, traz: *e o povo que estava com ele*.

h. O hebr. traz: *nelas*, mas o gr. leu: *gado*; os dois termos podem facilmente confundir-se em hebr.

i. Outra confusão fácil entre *roupas* (gr.) e *cadáveres* (hebr.).

das harpas, das cítaras e das trombetas. ²⁹E o terror de Deus se abateu sobre todos os reinos da região, quando souberam que o SENHOR combatera contra os inimigos de Israel. ³⁰O reinado de Josafat foi calmo e Deus lhe deu o repouso em todas as suas fronteiras.

*

1Rs 22, 41-44 ³¹Josafat^l, filho de Asá, reinou em Judá; tinha trinta e cinco anos quando se tornou rei e reinou vinte e cinco anos em Jerusalém^k. Sua mãe chamava-se Azubá, filha de Shilhí. ³²Seguiu o caminho de seu pai, Asá, sem se desviar, fazendo o que é justo aos olhos do SENHOR. ³³Contudo, os lugares altos não desapareceram e o povo

*

ainda^l não havia fixado seu coração no Deus de seus pais.

³⁴Os demais atos de Josafat, dos primeiros aos últimos, estão escritos nos Atos de Iehu, filho de Hanani, que foram inseridos no livro dos Reis de Israel.

³⁵Depois disso, Josafat, rei de Judá, associou-se ao rei de Israel, Acázias, cuja conduta era culpável. ³⁶Associou-se a ele para construir navios que fossem a Tarshish; construíram-nos em Eşion-Guéber^m. ³⁷Elíezer, filho de Dodaváhu de Mareshá, profetizou então contra Josafat: "Porque te associaste a Acázias", disse, "o SENHOR destruiuⁿ tuas obras." E

os navios se despedaçaram, sem poder ir a Tarshish.

*

21 ¹Josafat^o adormeceu junto de seus pais e foi sepultado junto de seus pais na Cidade de David; seu filho Iorâm^p se tornou rei em seu lugar.

*

Reinado de Iorâm. ²Ele tinha irmãos^q, filhos de Josafat: Azariá, Iehiel, Zekariá, Mikael e Shefatíahu, todos eles filhos de Josafat, rei de Israel^r. ³Seu pai lhes dera numerosos presentes de prata, ouro, objetos preciosos, como também cidades fortificadas em Judá; mas deu a realeza a Iorâm, por ser o mais velho. ⁴Iorâm consolidou-se à frente do reino de seu pai e nele se firmou; depois, mandou passar ao fio da espada todos os seus irmãos e ainda alguns chefes de Israel.

*

⁵Iorâm^t tinha trinta e dois anos quando se tornou rei, e reinou oito anos em Jerusalém^u. ⁶Seguiu o caminho dos reis de Israel, como fizera a casa de Acab, pois casara-se com uma filha de Acab e fez o mal aos olhos do SENHOR. ⁷Mas o SENHOR não quis destruir a casa de David^v, por causa da aliança que fizera com David e porque dissera que lhe daria sempre uma lâmpada^w, a ele e a seus filhos. ⁸No seu tempo, Edom revoltou-se

J. Apanhado geral (20,31-33) sobre o reinado de Josafat, tirado de 1Rs 22,41-44.

k. Josafat reinou de 870 a 846.

l. O Cronista julgou muito sombrio o resto da frase de 1Rs 22,44: *o povo ainda oferecia sacrifícios e queimava incenso (nos lugares altos)*, e o substituiu por um texto mais benigno. Depois indica sua fonte. E, por fim, uma informação sobre as malogradas atividades marítimas de Josafat, semelhante a 1Rs 22,49-50, mostra que não podemos ter êxito quando nos associamos aos ímpios.

m. Este texto cria dificuldade porque geralmente se identifica Tarshish com uma região da Espanha ou da África do Norte, e Eşion-Guéber se encontra no golfo de Ácaba, no mar Vermelho. Seriam inexatas estas indicações? Ou o texto não seria certo? Ou o autor teria empregado uma expressão já feita, utilizada para a navegação de longo curso?

n. Se, como parece, este oráculo é pronunciado antes da partida da expedição, ele constitui um caso de "passado profético", isto é, uma coisa futura é apresentada no passado, para mostrar

que a decisão de Deus já está tomada e que se realizará infalivelmente. Cf. 24,20.

o. Nota final copiada de 1Rs 22,51.

p. Pela mesma época, o rei de Samaria também se chamava Iorâm. Não se confunda com Iorâm, rei de Jerusalém.

q. 21,2-4: informações particulares do Cronista, que mostra em que ambiente de crime Iorâm inicia seu reinado.

r. Tomando Israel no sentido que lhe dá o Cronista: o único reino fiel a Deus, portanto o de Saul constituído principalmente pela tribo de Judá.

s. 21,5-10 = 2Rs 8,17-22: o Cronista tira de Rs sua informação bastante breve sobre Iorâm, que menciona ao mesmo tempo a impiedade do rei e o insucesso de sua política.

t. De 848 a 841.

u. O Cronista, para inserir a noção de aliança, retoca a frase de 2Rs 8,19 que dizia: *O Senhor não quis destruir Judá, por causa de David, seu servo*.

v. O texto de 2Rs 8,19, copiado fielmente pelo Cronista, faz alusão a 1Rs 11,36 e 15,4. Talvez não se trate de uma lâmpada no sentido moderno da palavra, mas de um fogo que está sob a cinza,

contra o poder de Judá e constituiu um rei para si. ⁹Iorâm partiu com seus oficiais e todos os seus carros. Levantou-se à noite, derrotou os edomitas que o haviam cercado, como também os chefes dos carros". ¹⁰Todavia, os edomitas se rebelaram contra o poder de Judá, até o dia de hoje. Foi também nesta época que Libná se revoltou contra seu poder,

*

pois ele abandonara^a o SENHOR, o Deus de seus pais. ¹¹Foi também ele que fundou lugares altos nas montanhas de Judá, incitou os habitantes de Jerusalém à prostituição e fez Judá se extraviar. ¹²Chegou-lhe então um escrito do profeta Elias^c, que dizia: "Assim fala o SENHOR, o Deus de David, teu pai. Visto que não seguiste os caminhos de Josafat, teu pai, nem o de Asá, rei de Judá, ¹³mas seguiste o caminho dos reis de Israel, incitando à prostituição Judá e os habitantes de Jerusalém, a exemplo da prostituição da casa de Acab, e porque mataste até teus irmãos, a casa de teu pai, que valiam mais que tu, ¹⁴o SENHOR vai desferir um grande golpe contra teu povo, teus filhos, tuas mulheres e todos os teus bens. ¹⁵Tu mesmo serás afligido por graves doenças, por uma moléstia nas entranhas, de tal modo que tuas entranhas sairão de teu corpo por causa da moléstia, dia após dia". ¹⁶Então o SENHOR excitou contra

Iorâm a hostilidade^b dos filisteus e dos árabes, que habitam as regiões dos kushitas". ¹⁷Eles subiram contra Judá, invadiram-no e saquearam todas as riquezas que se encontravam na casa do rei, até mesmo os filhos e suas mulheres, e não lhe restou outro filho senão o mais novo, Iehoahaz. ¹⁸Depois de tudo isto, o SENHOR feriu-o nas entranhas com um mal incurável. ¹⁹Os dias foram passando e, pelo fim do segundo ano, suas entranhas saíram sob o efeito da doença, de modo que ele morreu em meio a terríveis sofrimentos. O povo não acendeu fogueira para ele como fizera para seus pais. ²⁰Tinha^d trinta e dois anos quando se tornou rei, e reinou oito anos em Jerusalém. Ele se foi sem ser lastimado e foi enterrado na Cidade de David, mas não nos sepulcros reais.

22 Reinado de Acázias. ¹Em seu lugar, os habitantes de Jerusalém proclamaram rei a Acázias^e, seu filho mais novo, pois o bando que, com os árabes, invadira o acampamento, matou os mais velhos.

*

Assim^f, Acázias, filho de Iorâm, tornou-se rei de Judá. ²Acázias tinha quarenta e dois anos^g quando se tornou rei, e reinou um ano em Jerusalém^h. Sua mãe chamava-se Ataliá, filha de Omri. ³Ele

como em 2Sm 14,7. De todo modo, é a imagem de um fogo que se perpetua ao longo dos dias sem jamais apagar-se (cf. Pr 13,9).

w. O texto não permite precisar se se trata de chefes dos carros de Iorâm, ou daqueles dos edomitas.

x. Portanto, Iorâm consegue evitar a manobra do adversário, mas não vencê-lo de verdade e reconquistar seu território.

y. 21,11-22,1: o Cronista insiste na impiedade do rei e insere um documento que relata seus castigos exemplares: catástrofe militar e doença terrível.

z. Segundo 2Rs 3,11, Elias morrera antes da morte de Josafat e antes da subida ao trono de seu filho Iorâm. Seria necessário admitir aqui alguma falha de copista que teria trocado Eliseu por Elias? Ou deve-se compreender que esta carta foi enviada da parte de Elias inspirando-se em seu espírito, mas sem ter sido escrita por ele?

a. No lugar deste final, uma antiga versão latina, e particularmente o sir., tem um texto mais longo: *e, dia após dia, serás torturado terrivelmente, até que sucumbas*.

b. Lit. o espírito, subentendido "de independência, de ciúme ou de rivalidade".

c. Seja "na vizinhança de", seja "às ordens de", seja nos dois sentidos ao mesmo tempo. Os kushitas são geralmente os etíopes, mas este termo designa também certas tribos de beduínos (cf. 14,8 e nota).

d. Desta vez, o Cronista omite remeter a relatos mais completos.

e. Hebr. *Ahazidhu*. Em 21,17 este personagem é chamado *Iehoahaz* (= *Joacaz*), mas ambas as palavras significam "o Senhor agarrou", porque o sujeito "Iihu", abreviado em "lô", pode ser posto antes ou depois do verbo. Outro Acázias reinara em Samaria um pouco antes (cf. 2Cr 20,35-37) e outro *Joacaz* reinará ali um pouco mais tarde (cf. 2Cr 25,17-25).

f. 2Cr 22,1b-6 = 2Rs 8,26-29. Este relato da impiedade e dos comprometimentos de Acázias é bem do gosto do Cronista, que até o reforçou com apreciações pessoais para melhor justificar o castigo que vai atingir o rei de Judá.

g. Número impossível, pois seu pai morreu aos quarenta anos (21,20). 2Rs 8,26 traz: *vinte e dois anos*; nas Cr., as versões se dividem entre *dezesesseis*, *vinte e vinte* e *dois anos*. Os números facilmente oferecem variantes.

h. Acázias reinou em 841.

também seguiu os caminhos da casa de Acab, pois¹ sua mãe era sua conselheira em impiedade. ⁴Fez mal aos olhos do SENHOR como a casa de Acab, pois¹ foram eles que, após a morte de seu pai, se tornaram seus conselheiros, para a sua perdição. ⁵Seguiu também o conselho deles e marchou com Iorâm, filho de Acab, rei de Israel, para combater Hazael, rei de Arâm, em Ramot-de-Guilead. Mas os arameus^k feriram Iorâm, ⁶e ele voltou a Jezreel para curar os ferimentos^l que recebera em Ramá^m, ao combater Hazael, rei de Arâm. Então Acáziasⁿ, filho de Iorâm, rei de Judá, desceu a Jezreel para visitar Iorâm, filho de Acab, que estava ferido.

*

⁷Veio de Deus^o a perdição^p de Acázias ocasionada por sua visita a Iorâm. Depois de chegar, saiu com Iorâm para combater Iehu, filho de Nimshi, a quem o SENHOR dera a unção régia para eliminar a casa de Acab. ⁸Então, fazendo-se justiceiro da casa de Acab, Iehu encontrou os chefes de Judá e os filhos dos irmãos^q de Acázias, que estavam a serviço do rei, e os matou. ⁹Mandou procurar Acázias; este foi capturado quando se ocultava em Samaria^r, e foi trazido a Iehu, que o executou. Foi-lhe dada uma

sepultura, porque se dizia: "É o filho^s de Josafat, que buscou o SENHOR de todo o coração". Na casa de Acázias não havia ninguém em condições de reinar.

*

Usurpação de Ataliá e entronização de Joás.

¹⁰Quando Ataliá^t, mãe de Acázias, viu que seu filho estava morto, resolveu exterminá^u toda a descendência régia da casa de Judá. ¹¹Mas Iehoshabat, filha do rei, tomou Joás, filho de Acázias, arrebatou-o dentre os jovens filhos do rei que estavam sendo massacrados, e o guardou, com sua ama, no quarto dos leitos^v. Assim Iehoshabat, filha do rei Iorâm, esposa do sacerdote Iehoiadá e irmã de Acázias, fê-lo desaparecer das vistas de Ataliá, evitando que ela o matasse. ¹²Ficou escondido com elas^w na Casa de Deus durante seis anos, enquanto Ataliá reinava na terra^x.

23 ¹No sétimo ano, Iehoiadá resolveu mandar chamar os chefes de cem:

*

Azariáhu^y, filho de Iorâm, Ismael, filho de Iehohanan, Azariáhu, filho de Obed, Maaseiáhu, filho de Adaiáhu, Elishafat, filho de Zikri, para fazerem uma aliança com ele. ²Percorreram Judá e reuniram os levitas de todas as cidades

i. A explicação seguinte, não encontrada em 2Rs 8.27, é típica do pensamento do Cronista.

j. Nova explicação inserida pelo Cronista.

k. Poder-se-ia traduzir, com o gr.: os arqueiros, mas 2Rs 8.28 traz: os arameus, o que é muito mais provável. Estaria este texto já alterado pela confusão de duas letras semelhantes no exemplar copiado pelo Cronista?

l. A maior parte dos mss. hebr. trazem: porque os ferimentos, mas alguns mss. e as versões gr. e sir. concordam com 2Rs 8.29 para ler: ferimentos.

m. Ramá (= a Altura) é o singular de Ramot: pode-se designar esta cidade por uma forma ou por outra.

n. A maior parte dos mss. hebr. confundiram Acázias com Azarias, mas as versões permitem corrigir esta falha do copista.

o. 22.7-9: o relato de 2Rs 9.1-10.36 refere-se mais ao rei de Samaria do que ao de Jerusalém; por isso, o Cronista o substitui por uma breve informação centrada em Acázias.

p. Sentido aproximado.

q. O gr. traz: os irmãos e não: os filhos dos irmãos: 2Rs 10.13-14 fala também de irmãos de Acázias e até explica que eles eram em número de 42. Para compreender estes textos, é preciso não esquecer que no Oriente "irmãos" designa também

os primos, e portanto aqui os membros da família real; com efeito, os irmãos (no sentido ocidental) de Acázias foram todos mortos e seus filhos não podiam estar a serviço do rei, visto que seu avô não teria então mais do que quarenta e um anos!

r. A morte de Acázias é narrada de maneira diferente em 2Rs 9.27-28.

s. Segundo nossa terminologia ocidental, ele era na realidade filho de Iorâm e neto de Josafat.

t. 22.10-23.1 = 2Rs 11.1-4. O Cronista copia o relato de Rs que narra como Joás foi providencialmente salvo do massacre geral perpetrado por sua avó, Ataliá.

u. Lit. levantou-se e falou, mas o verbo "falar" resulta de uma alteração na maior parte dos mss. hebr., pois todas as versões concordam com 2Rs 11.1, lendo o verbo "fazer perecer".

v. Este quarto devia encontrar-se nos anexos do Templo reservados aos sacerdotes, onde o pessoal de Ataliá não tinha o direito de penetrar.

w. elas: isto é, provavelmente Josafat e sua ama.

x. De 841 a 835.

y. 23.1b-24.2. Sem copiar sempre literalmente 2Rs 11.4-12.3, o Cronista segue este relato bem de perto, acrescentando diversos detalhes que considera importantes, para dar uma perspectiva mais religiosa e mais nacional.

de Judá e os chefes dos clãs de Israel, e depois vieram a Jerusalém. ³Toda a assembléia fez uma aliança com o rei na Casa de Deus^a. E Iehoiadá disse-lhes: "Eis o filho do rei. Que ele reine, como o SENHOR o declarou a respeito dos filhos de David! ⁴Eis o que fareis: um terço de vós, os sacerdotes e os levitas^a que entrais em serviço para o sábado, sereis os porteiros das entradas; ⁵outro terço estará na casa do rei, e um terço estará na porta da Fundação; todo o povo estará nos pátios da Casa do SENHOR. ⁶Que ninguém entre na Casa do SENHOR, a não ser os sacerdotes e os levitas em serviço; eles poderão entrar, porque são consagrados. E todo o povo constituirá a guarda do SENHOR. ⁷Os levitas rodearão o rei, cada um com suas armas na mão; todo aquele que entrar na Casa será morto; permaneci junto ao rei aonde quer que vá". ⁸Os levitas e todo Judá agiram^b de acordo com o que ordenara o sacerdote Iehoiadá. Cada qual reuniu seus homens, os que começavam a semana e os que terminavam, pois o sacerdote Iehoiadá não dispensara as classes em função. ⁹Ele entregou aos chefes de cem as lanças e os diversos tipos de escudos^c do rei David, que estavam na Casa de Deus. ¹⁰Dispôs todo o povo, cada qual com sua lança na mão, desde o ângulo direito da Casa até o ângulo esquerdo, junto ao altar e a Casa, para fazer a volta em torno do rei. ¹¹Então fizeram sair o filho do rei, impuseram-lhe^d o diadema, deram-lhe as insígnias da realeza^e e os estabelecaram como rei. Iehoiadá e seus filhos deram-lhe a unção e clamaram^f: "Viva o rei!"

¹²Ataliá ouviu o ruído do povo que acorria e aclamava o rei; ela se dirigiu

ao povo, na Casa do SENHOR. ¹³Olhou, e eis que o rei estava de pé sobre o estrado, à entrada; os chefes^a e os tocadores de trombeta estavam perto do rei; todo o povo da terra gritava de alegria, enquanto ressoavam as trombetas; os músicos tocavam seus instrumentos e dirigiam as aclamações. Ataliá rasgou as vestes e bradou: "Conspiração! Conspiração!" ¹⁴O sacerdote Iehoiadá mandou sair os chefes de cem, encarregados do exército, e disse-lhes: "Fazei-a sair das fileiras! Quem a seguir, morrerá pela espada!" Com efeito, o sacerdote dissera: "Não a mateis na Casa do SENHOR". ¹⁵Agarraram Ataliá e, quando ela chegou à casa real, na entrada da porta dos Cavalos, foi morta nesse lugar. ¹⁶Iehoiadá fez aliança entre si mesmo, todo o povo e o rei, para que fossem um povo para o SENHOR. ¹⁷O povo todo dirigiu-se depois à Casa de Báal e a demoliu; quebraram os altares e as estátuas e mataram a Matan, sacerdote de Báal, diante dos altares. ¹⁸Iehoiadá confiou a segurança da Casa do SENHOR aos sacerdotes, aos levitas^b. — David os dividira em classes, encarregando-os da Casa do SENHOR, para oferecer, segundo o que está escrito na Lei de Moisés, holocaustos ao SENHOR, na alegria e com cânticos, segundo as indicações de David. ¹⁹ele instalara porteiros nas entradas da Casa do SENHOR para que, sob pretexto algum, lá não entrasse nada de impuro. ²⁰Iehoiadá chamouⁱ os chefes de cem, os notáveis, os que tinham autoridade sobre o povo e toda a população; disse ao rei que descesse da Casa do SENHOR; entraram na casa do rei pela porta superior e fizeram o rei sentar-se no trono real. ²¹Toda a população estava em festa e a

z. A seguir lê-se no gr.: *e mostrou-lhe o filho do rei*. Estas palavras são provavelmente autênticas, mas foram omitidas no hebr.
a. Alguns entendem que os três terços são compostos de sacerdotes e levitas, mas outros acham que somente o primeiro terço é composto de sacerdotes e levitas.

b. Em 2Rs 11,9, este verbo tem por sujeito: *os chefes de cem*.

c. Lit. *os escudos e as rodela*s.

d. 2Rs 11,12 diz, mais logicamente: *ele (= Ioiadá) fez sair...* e pós...

e. Pode-se traduzir: *a carta da realeza*.

f. Pode-se compreender: *e disseram*.

g. Poder-se-ia compreender: *os cantores*.

h. Vários mss. hebr. e as antigas versões trazem: *e os levitas*. Em seguida lê-se no gr.: *e ele restabeleceu as classes dos sacerdotes e dos levitas*. Estas palavras provavelmente são autênticas, mas foram omitidas no hebr.

i. Depois deste resumo sobre a reforma litúrgica, onde completou os dados de 2Rs 11,17-18, o autor volta a seu relato da entronização de Joás.

cidade, tranqüila. Ataliá entretanto fora morta pela espada.

2Rs 12,1-3

24 Reinado de Joás. ¹Joás tinha sete anos quando se tornou rei, e reinou quarenta e sete anos em Jerusalém¹. Sua mãe chamava-se Šibíá e era de Beer-Sheba. ²Joás fez o que era agradável aos olhos do SENHOR durante todo o tempo em que viveu o sacerdote Iehoiadá.

*

³Iehoiadá^a fez Joás casar-se com duas mulheres¹, das quais teve filhos e filhas.

2Rs 12,5-13

⁴Depois disso, Joás aplicou o coração a restaurar a Casa do SENHOR. ⁵Reuniu os sacerdotes e os levitas e lhes disse: "Ide pelas cidades de Judá e recolhei de todo Israel dinheiro para restaurar, ano após ano, a Casa de vosso Deus. E fazei-o depressa!" Mas os levitas não se apressaram. ⁶Então o rei mandou chamar o chefe^m Iehoiadá e disse-lhe: "Por que não insististe junto aos levitas para que trouxessem de Judá e de Jerusalém o imposto que Moisés, servo de Deus, e a assembléia de Israel^a estabeleceram para a Tenda do Documento? ⁷Pois a perversa Ataliá e seus filhos^a deixaram que se deteriorasse a Casa de Deus, e até usaram todas as coisas sagradas da Casa do SENHOR para os baalim".

⁸E o rei mandou fazer um cofre, para ser posto diante da porta da Casa do SENHOR, ⁹e proclamar em Judá e em Jerusalém que era preciso levar ao SENHOR o imposto que Moisés, servo de Deus, tinha prescrito a Israel no deserto^p. ¹⁰To-

dos os chefes e todo o povo alegraram-se^a, trouxeram o imposto e o depositaram no cofre, até enchê-lo. ¹¹No momento de levar o cofre à inspeção real confiada aos levitas, e ao verem que havia muito dinheiro, o secretário real e o comissário do sumo sacerdote vieram, esvaziaram o cofre e o levaram para devolvê-lo a seu lugar. Fizeram isto diariamente e recolheram muito dinheiro. ¹²O rei e Iehoiadá entregaram-no ao empreiteiro encarregado das obras da Casa do SENHOR, pagaram os pedreiros e carpinteiros para restaurar a Casa do SENHOR, e também os artesãos em ferro e em bronze contratados para restaurar a Casa do SENHOR. ¹³Os que faziam os trabalhos entregaram-se à obra, e em suas mãos o trabalho progrediu. Restabeleceram a Casa de Deus e a consolidaram. ¹⁴Terminadas as obras, levaram ao rei e a Iehoiadá o resto do dinheiro, e com ele foram feitos utensílios para a Casa do SENHOR: objetos para o serviço e os holocaustos, vasos e objetos de ouro e de prata. Ofereceram-se holocaustos na Casa do SENHOR constantemente, durante toda a vida de Iehoiadá.

*

¹⁵Iehoiadá^a envelheceu e tornou-se repleto de dias, e depois morreu; tinha cento e trinta anos quando morreu. ¹⁶Foi sepultado na Cidade de David, com os reis, pois tinha praticado o bem em Israel^a e para com Deus e sua Casa.

¹⁷Depois da morte de Iehoiadá, os chefes de Judá vieram prostrar-se diante do

J. De 835 a 796.

k. 2Cr 24,3-14 narra a renovação do Templo, que é também descrita em 2Rs 12,5-13, mas os dois relatos têm poucos pontos em comum. O relato de Cr atenua a negligência do clero e põe em relevo a amplitude da renovação.

l. Enquanto David, Salomão e outros reis tinham verdadeiros haréns, Iehoiadá faz aplicar estritamente o preceito de Dt 17,17: *Que (o rei) não tenha numerosas mulheres.*

m. O texto primitivo sem dúvida trazia: *o sacerdote-chefe*, isto é, o sumo sacerdote.

n. Alusão a Ex 30,12-16. O texto primitivo sem dúvida era: *... o imposto de Moisés... sobre a assembléia de Israel para a Tenda do Documento.*

o. Mesmo se lermos com o gr.: *Ataliá e seus filhos*, o texto não é satisfatório, visto que todos os filhos de Ataliá haviam

sido mortos na razia árabe, quando não passavam de adolescentes (21,17), e que o único sobrevivente, Acazias, não reinou mais do que um ano (22,2). Será necessário corrigir por: *Ataliá e seu filho*, ou mesmo por: *Ataliá, a mais perversa entre as mulheres?*

p. Alusão a Ex 30,12-16. É o tributo de meio siclo que se encontra em Mt 17,24-27.

q. Esta alegria por pagar o tributo é tanto mais suspeita pelo fato de que anteriormente os levitas haviam recuado diante de sua impopularidade. O gr. é mais realista, e sem dúvida está mais de acordo com o original, ao dizer: *Todos deram.*

r. 2Cr 24,15-22. Enquanto o livro dos Reis não fala da ingratitude e impiedade de Joás, o Cronista não hesita em descrevê-las, para justificar as desgraças que vão marcar o fim de seu reinado.

s. Ou antes, com o gr.: *para com Israel.*

rei, e o rei os ouviu. ¹⁸Eles abandonaram a Casa do SENHOR, o Deus de seus pais, e prestaram culto aos postes sagrados e aos ídolos. Devido a este pecado, a ira de Deus abateu-se sobre Judá e Jerusalém. ¹⁹Enviou-lhes profetas para reconduzi-los ao SENHOR¹ por suas exortações, mas eles não lhes deram ouvidos. ²⁰Então o espírito de Deus se apoderou² do sacerdote Zekariá, filho de Iehoiadá, que se levantou contra o povo e lhe disse: "Assim fala Deus: Por que transgredis os preceitos do SENHOR? Não prosperareis. Por terdes abandonado o SENHOR, ele vos abandonou". ²¹Conspiraram contra ele e o apedrejaram, por ordem do rei, no átrio da Casa do SENHOR. ²²O rei Joás esqueceu-se da benevolência que Iehoiadá lhe havia testemunhado, e matou seu filho que, ao morrer, exclamou: "Que o SENHOR veja e peça contas!"

*

²³No final³ do ano⁴, o exército de Arâm marchou contra Joás, invadiu Judá e Jerusalém, fez desaparecer dentre o povo todos os chefes e enviou todos os despojos ao rei de Damasco. ²⁴Embora o exército de Arâm tivesse vindo com apenas poucos homens, o SENHOR entregou em suas mãos um exército muito numeroso, pois tinham abandonado o SENHOR, o Deus de seus pais. Quanto a Joás, o exército de Arâm infligiu-lhe um castigo ²⁵e, quando se retiraram, deixaram-no grave-

mente enfermo. Seus servos conspiraram contra ele, por causa do sangue dos filhos⁵ do sacerdote Iehoiadá, e o mataram no seu leito. Depois de sua morte, sepultaram-no na Cidade de David, mas não nos sepulcros régios⁶.

²⁶Estes são os que conspiraram contra ele: Zabad⁷, filho de Shimeat, o amonita; e Iehozabad, filho de Shimrit, a moabita⁸.

²⁷Quanto a seus filhos⁹, à importância de seus impostos¹⁰, à restauração da Casa de Deus, isso não está escrito no comentário¹¹ ao livro dos Reis?

*

Amasias, seu filho¹², tornou-se rei em 2Rs 12,22 seu lugar.

*

25 Reinado de Amasias. ¹Amasias¹³ 2Rs 14,2-6 tomou-se rei com vinte e cinco anos e reinou vinte e nove anos em Jerusalém¹⁴. Sua mãe chamava-se Iehoadan e era de Jerusalém. ²Ele fez o que é reto aos olhos do SENHOR, mas não com um coração íntegro. ³Depois que a realza foi consolidada no seu poder¹⁵, ⁴mandou matar os servos que haviam matado o rei, seu pai. ⁵Mas não fez morrer os filhos deles, segundo¹⁶ o que está escrito na Lei, no livro de Moisés, onde o SENHOR deu esta ordem: "Os pais não morrerão por causa de seus filhos, nem os filhos morrerão por causa de seus pais, mas será por causa do próprio pecado que cada um morrerá".

t. O gr. e o sir. leram a seguir: *mas eles não os escutaram*. Estas palavras faziam parte, sem dúvida, do texto original.

u. Lit. *revestiu*.

v. Novo exemplo do perfeito profético: cf. 20,37 nota.

w. 2Cr 24,23-26 narra, exatamente como 2Rs 12,18-22, a invasão síria e a morte de Joás, mas os dois relatos não dependem um do outro. O dia Cr insiste mais na gravidade do castigo.

x. O período de março-abril, começo do ano, marca o fim da estação chuvosa e o começo da estação seca, favorável às expedições militares, cf. 2Sm 11,1.

y. Embora este plural se encontre no hebr. e no sir., ler-se-á de preferência o singular, de acordo com o gr. e o contexto (24,22).

z. Este detalhe é especificado para opor a sorte do rei à de Iehoiadá (cf. 24,16).

a. Segundo 2Rs 12,22: *Iozabad* ou (segundo outros mss.) *Iozakar*.

b. O autor indica propositalmente a origem materna dos dois conspiradores, saídos ambos de união ilegítima com mulher estrangeira.

c. A remissão às fontes bibliográficas não utiliza aqui as fórmulas habituais.

d. Entenda-se o tributo que teve de pagar ao rei de Damasco. Poder-se-ia também compreender: o tributo que recolhia para as oferendas do Templo. Alguns entendem que se trata de oráculos dirigidos contra eles, pois a mesma palavra hebraica significa: *imposição ou oráculo*.

e. Cf. 13,22 e nota.

f. O fim de 24,27 é tirado de 2Rs 12,22.

g. 25,1-4 copia 2Rs 14,1-6. O Cronista sem dúvida se sentia feliz em mostrar neste texto a aplicação dos preceitos do Dt. Pelo contrário, omite as alusões às práticas idolátricas mencionadas por 2Rs 14,4.

h. De 811 a 782.

i. O gr. concorda com 2Rs 14,5 e diz: *em sua mão*; tal era sem dúvida o texto original.

j. O hebr. traz: *porque segundo...* mas a palavra *porque*, ausente no gr. e em 2Rs 14,6, sem dúvida não figura no original. A citação anunciada provém de Dt 24,16.

*

⁵Amasias^k reuniu Judá e instituiu, segundo os clãs familiares, chefes de mil e de cem, para todo Judá e Benjamin^l. Recenseou os que tinham de vinte anos para cima e encontrou trezentos mil homens d'escol capazes de sair em campanha^m, hábeis no manejo de lança e do escudo. ⁶Depois recrutou em Israel, por cem talentos de prata, cem mil valentes guerreiros. ⁷Mas um homem de Deusⁿ veio dizer-lhe: "Ó rei, não venha contigo um exército de Israel, pois o SENHOR não está com Israel, todos esses filhos de Efraim! ⁸Com efeito, se ele vier, procurarás em vão ser forte no combate"; Deus te fará fraquejar diante de teus inimigos, pois é Deus que tem a força de sustentar ou fazer fraquejar". ⁹Amasias disse ao homem de Deus: "E que fazer com os cem talentos que dei às tropas de Israel?" O homem de Deus respondeu: "O SENHOR tem mais que isso para te dar". ¹⁰E Amasias mandou de volta as tropas que tinham vindo de Efraim, para que fossem para suas casas. Mas eles ficaram muito irritados contra Judá e voltaram para casa cheios de cólera.

2Rs 14,7

¹¹Quando Amasias se sentiu suficientemente forte, levou sua gente para o vale do Sal, e derrotou dez mil homens dos filhos de Seir. ¹²Os filhos de Judá capturaram vivos dez mil homens, levaram-nos ao cume de um rochedo e os precipitaram do cume do rochedo: ficaram todos despedaçados^p.

¹³Os homens da tropa que Amasias impedira de ir para a guerra com ele invadiram as cidades de Judá, desde Samaria^q até Bet-Horon, mataram três mil pessoas e levaram um butim considerável^r.

¹⁴De volta de sua campanha vitoriosa contra os edomitas, Amasias trouxe os deuses dos filhos de Seir, instalou-os como seus deuses, prosternou-se diante deles e ofereceu-lhes incenso. ¹⁵A cólera do SENHOR inflamou-se contra Amasias, e ele enviou-lhe um profeta para lhe dizer: "Por que honraste os deuses deste povo que não puderam salvar seu povo de tua mão?" ¹⁶Enquanto ainda falava, Amasias o interrompeu: "Acaso alguém te instituiu^s conselheiro do rei? Não insistas! Ou queres ser morto?" O profeta não insistiu, mas disse: "Sei que Deus decidiu eliminar-te, pois fizeste aquilo e não deste ouvidos a meu conselho". ¹⁷Amasias, rei de Judá, tomou conselho

*

e mandou^t dizer a Joás, filho de Joacaz, 2Rs 14,8-14 filho de Jehú, rei de Israel: "Vem^u para que vos enfrentemos!" ¹⁸Joás, rei de Israel, mandou em resposta esta mensagem a Amasias, rei de Judá: "O cardo do Líbano mandou dizer ao cedro do Líbano: 'Dá tua filha por esposa a meu filho', mas o animal selvagem do Líbano passou e pisou o cardo. ¹⁹Decerto — dizes tu — venceste Edom. Teu coração se orgulha disto. Mas fica em casa! Por que entrar numa guerra infeliz e

k. 2Cr 25,5-17 narra uma vitória sobre os edomitas que 2Rs 14,7 se contenta em assinalar rapidamente. O Cronista vê nesta história a causa do orgulho que leva Amasias a se afastar de Deus e a provocar seus castigos.

l. O gr. traz: *tudo Judá e Jerusalém*.

m. Segundo outros: *servir no exército* (cf. Nm 1,345, etc.).

n. Esta passagem é tirada de um documento, cujo contexto indicava quem era este homem de Deus.

o. O hebr. parece querer dizer: *se ele chegar, de nada adiantará mostrar-te forte no combate*; o gr. talvez esteja mais próximo do original: *se imaginas vencer graças a eles*.

p. Os filhos de Seir são os edomitas. O rochedo poderia ser o da cidade de Petra (cujo nome significa "rochedo"), capital dos edomitas; isso concordaria com as indicações de 2Rs 14,7.

q. Visto que Samaria não é uma cidade de Judá, mas a capital do reino de Israel, o texto é manifestamente errôneo: sem dúvida

se trata de escaramuças da fronteira que vão de leste a oeste. Segundo 2Cr 13,4, uma cidade disputada entre os dois reinos chamava-se precisamente Şemariim e encontrava-se a nordeste de Jerusalém, ao passo que Bet-Horon está uns vinte quilômetros a noroeste.

r. Assim o rei de Judá é punido por ter cedido à tentação de uma aproximação, mesmo parcial, com o reino de Israel.

s. Segundo a vocalização, obtém-se: *instituíram-te* ou *nós te instituímos*. O gr. traz: *eu te instituí*.

t. Antes de passar a outro documento, o Cronista faz questão de empregar a palavra *conselho* pela quarta vez consecutiva.

u. 2Cr 25,17b-24 copia 2Rs 14,8-14. O Cronista conservou esta passagem, porque ela mostra como Amasias foi punido por seu orgulho e sua idolatria.

v. Seg. o gr. e o sir. O hebr. traz: *Enfrentemo-nos face (a face)!*

w. O rei é apresentado falando a si mesmo.

sucumbir, tu e Judá contigo?" ²⁰ Mas Amasias não o escudou — pois isso vinha de Deus, que os queria entregar às mãos deles, por terem venerado os deuses de Edom^a. ²¹ Joás, rei de Israel, partiu para a guerra, e se enfrentaram, ele e Amasias, rei de Judá, em Bet-Shémesh de Judá. ²² Judá foi derrotado por Israel e cada qual fugiu para a sua tenda. ²³ Em Bet-Shémesh, Joás, rei de Israel, aprisionou Amasias, rei de Judá, filho de Joás, filho de Joacaz, e o reconduziu a Jerusalém. Abriu uma brecha de quatrocentos côvados na muralha de Jerusalém, desde a porta de Efraim até a porta do Ângulo. ²⁴ Apoderou-se^b de todo o ouro, a prata, e de todos os objetos que se achavam na Casa de Deus, sob a guarda de Obed-Edom^c, dos tesouros da casa do rei e reféns; depois voltou para Samaria.

*

2Rs 14.17 ²⁵ Amasias^a, filho de Joás, rei de Judá, viveu ainda quinze anos além da morte de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel.

2Rs 14, 18-20 ²⁶ Os demais atos de Amasias, do começo ao fim, não estão escritos no livro dos Reis de Judá e de Israel, ²⁷ desde o tempo em que Amasias deixou de seguir o SENHOR?

*

Tramou-se^b contra ele uma conspiração em Jerusalém, e ele fugiu para Lakish. Foram enviados homens que o perseguiram em Lakish, onde foi morto. ²⁸ Transportaram-no sobre cavalos e o sepultaram com seus pais numa cidade de Judá^c.

26 Reinado de Ozias. ¹ Todo o povo de Judá escolheu Ozias, que tinha dezesseis anos, e o constituiu rei em lugar de seu pai, Amasias. ² Foi ele que reconstruiu Eilat e a anexou a Judá, depois que o rei adormecera junto de seus pais. ³ Ozias tinha dezesseis anos quando se tornou rei, e reinou cinquenta e dois anos^d em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Iekoliá, de Jerusalém. ⁴ Fez o que era agradável aos olhos do SENHOR, exatamente como o fizera Amasias, seu pai.

*

⁵ Buscou^e a Deus enquanto viveu Zekariáhu, que o instruiu no temor de Deus, e durante o tempo em que permaneceu fiel ao SENHOR, Deus o fez prosperar. ⁶ Fez guerra aos filisteus, desmantelou as fortificações de Gat, de Iabné e de Ashdod; depois construiu^f cidades na região de Ashdod e na região dos filisteus. ⁷ Deus o ajudou contra os filisteus, contra os árabes que habitam Gur-Baal^g e contra os meunitas. ⁸ Os meunitas pagaram um tributo a Ozias, cuja fama chegou à entrada do Egito, pois se tornara extremamente poderoso. ⁹ Ozias construiu torres em Jerusalém: na porta do Ângulo, na porta do Vale e no Baluarte, e as fortificou. ¹⁰ Depois construiu torres no deserto e cavou numerosas cisternas, pois tinha muitos rebanhos; tinha também lavradores na Baixada e na região plana, vinha-teiros nas montanhas e no Carmelo^h. Com efeito, ele gostava da terra. ¹¹ Ozias tinha um exército treinado para a guerra e pron-

x. Esta explicação está inserida no relato dos Reis pelo Cronista, preocupado em explicar o significado das desgraças que vai narrar.

y. Este verbo, bem atestado em 2Rs 14.14, desapareceu no texto atual de Cr, mas encontra-se em sir.

z. Obed-Edom guardara em sua casa a arca da aliança (1Cr 13-13-14). Seus descendentes continuavam a desempenhar um papel importante (1Cr 26.4-8.15).

a. O Cronista, depois de ter citado 2Rs 14.17, modifica a nota bibliográfica de 2Rs 14.18 segundo suas fórmulas pessoais.

b. 25.27a, que não se encontra em 2Rs 14.18, refere-se ao contexto anterior, onde o Cronista retomou do livro dos Reis o relato do castigo de Amasias. Se o referíssemos ao contexto seguinte, chegaríamos a uma impossibilidade, visto que a idolatria de Amasias começara muito antes da morte de Joás de Is-

rael, quinze anos antes. 2Cr 25.27b-26.4 retoma o texto de 2Rs 14.19-22 e 15.2-3.

c. As antigas versões, de acordo com 2Rs 14.20, mencionam: *a Cidade de David*; lá de fato se encontravam os túmulos reais. d. De 781 a 740.

e. 2Cr 26.5-20: fonte particular do Cronista. Ela quer mostrar como a prosperidade do rei lhe inspirou o orgulho, levando-o a pretensões sacrílegas, atraindo-lhe a lepra como castigo.

f. Jogo de palavras entre o nome da cidade *Yabné* e o verbo *wayyibné*: "e ele construiu".

g. O gr. sem dúvida está mais próximo do original ao dizer: *contra os drabes que habitavam sobre o rochedo* (= a cidade de Petra) e *contra os meunitas* (ou: *meinitas*).

h. Não a montanha do Carmelo, que pertence ao reino de Samaria, mas o Carmelo de Judá, que designava a região de Hebron, terra de vinhedos e pomares (*karmel* significa "pomar").

to para sair em campanhaⁱ, dividido em grupos segundo o recenseamento feito pelo secretário Ieiel e o escriba Maaseiâhu^j; estava sob a direção de Hananiâhu, um dos chefes do rei. ¹²O número total dos chefes de clãs^k desses valentes guerreiros era de dois mil e seiscientos. ¹³Sob sua autoridade, uma força armada de trezentos e sete mil e quinhentos homens treinados para guerrear com força e coragem destinava-se a defender o rei contra o inimigo. ¹⁴Em cada campanha, Ozias preparava escudos, lanças, capacetes, couraças, arcos e pedras para as fundas. ¹⁵Mandou fazer em Jerusalém máquinas especialmente inventadas para serem instaladas nas torres e nos ângulos, e para lançar flechas e grandes pedras. Sua fama espalhou-se até bem longe, pois foi maravilhosamente ajudado^l, até tomar-se poderoso. ¹⁶Por causa de seu poder, seu coração se encheu de orgulho a ponto de causar sua perda, e foi infiel ao SENHOR seu Deus, entrando no Templo^m do SENHOR para oferecer incenso no altar dos perfumes. ¹⁷O sacerdote Azariâhu entrou atrás dele, acompanhado de oitenta corajosos sacerdotes do SENHOR. ¹⁸Eles se ergueram contra o rei Ozias e lhe disseram: "Não compete a ti, Ozias, oferecer incenso ao SENHOR, mas aos sacerdotes, filhos de Aarão, sagrados para esta oferta! Sai do santuário, pois foste infiel! Pela ação do SENHOR Deus, isto não será para ti um título de glóriaⁿ!" ¹⁹Ozias, que tinha nas mãos o incensário, encheu-se de cólera. Mas, em meio à sua cólera contra os sacerdotes, apareceu a

lepra em sua fronte, na presença dos sacerdotes, na Casa do SENHOR, perto do altar dos perfumes! ²⁰O sumo sacerdote Azariâhu e todos os sacerdotes observaram-no e viram a lepra em sua fronte! Expulsaram-no imediatamente e ele mesmo se apressou em sair, porque o SENHOR o castigara.

*

²¹O rei^o Ozias ficou leproso até o dia ^{2Rs 15,5} de sua morte. Como leproso, teve de morar separado numa casa, pois estava excluído da Casa do SENHOR. Iotâm, seu filho, chefe da casa do rei, governava a população da terra.

*

²²O resto dos atos de Ozias, dos primeiros aos últimos, foi escrito pelo profeta Isaías, filho de Amôš^p.

*

²³Ozias adormeceu junto de seus pais e ^{2Rs 15,7} foi sepultado junto a eles no terreno^q da sepultura dos reis, porque diziam: "É um leproso". Iotâm, seu filho, se tornou rei em seu lugar.

*

27 Reinado de Iotâm. ¹Iotâm tinha ^{2Rs 15, 33-35} vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou dezessete anos em Jerusalém^r. Sua mãe chamava-se Ierushá, filha de Sadoq.

²Fez o que é agradável aos olhos do SENHOR, exatamente como o fizera Ozias, seu pai, sem contudo entrar no Templo do SENHOR. Mas o povo continuava corrompido. ³Foi ele que construiu a porta superior da Casa do SENHOR.

i. Cf. 25,5 e nota.

j. Não se vê claramente se Ieiel e Maaseiâhu presidiam o recenseamento, ou se eram os chefes do exército (talvez para a administração) sob as ordens do general Hananiâhu.

k. O exército parece ter sido dividido em clãs ou famílias (nossos batalhões atuais?), comandados por dois mil e seiscientos oficiais.

l. O autor quer dizer "Deus ajudou-o maravilhosamente", mas o fraseado passivo permitiu-lhe evitar a menção ao nome de Deus, como em 30,27 (é o que se chama "passivo teológico").

m. O termo hebr. designa aqui a parte do Templo que chamamos "o Santo". Segundo o texto hebr., o rei teria apenas vindo para esta parte do Templo, mas o gr. diz claramente que ele entrou. A

continuação do relato mostra que o gr. representa aqui o original.

n. Pode-se também compreender: isto não será para ti um título de glória, aos olhos do Senhor Deus!

o. 2Cr 26,21-27,3: duas passagens tiradas de 2Rs 15,5-7 e 33-35 (salvo para a remissão às fontes bibliográficas), para terminar o relato do castigo de Ozias e para apresentar as características gerais do reinado seguinte.

p. Este escrito não chegou até nós.

q. Esta fórmula inusual estaria insinuando que foi sepultado fora dos sepulcros reais, mas em sua proximidade imediata? Este fim de frase é acrescentado pelo Cronista.

r. Iotâm foi associado ao trono em 750 e reinou pessoalmente de 740 a 735.

*
Fez^a muitas construções na muralha de Ôfel. ⁴Construiu cidades na montanha de Judá, e também fortificações e torres nas regiões cultivadas. ⁵Foi ele que combateu contra o rei dos filhos de Amon, a quem venceu; naquele ano, eles lhe pagaram cem talentos de prata, dez mil kores de trigo e dez mil de cevada^a; eis o que os filhos de Amon lhe pagaram; o mesmo se deu no segundo e terceiro anos. ⁶Iotâm adquiriu este poder, porque caminhava com firmeza na presença do SENHOR, seu Deus.

2Rs 15,36 *
⁷Os demais atos de Iotâm, todas as suas guerras e sua atuação^a, estão escritos no livro dos reis de Israel e de Judá. ⁸Tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou dezesseis anos em Jerusalém^a.

2Rs 15,38 *
⁹Iotâm^a reuniu-se a seus pais e foi sepultado na Cidade de David. Seu filho Acáz reinou em seu lugar.

2Rs 16,2-4 **28** Reinado de Acáz. ¹Acáz tinha vinte anos quando se tornou rei, e reinou dezesseis anos em Jerusalém^a. Não fez o que é agradável aos olhos do SENHOR, como o fizera seu pai David. ²Seguiu os caminhos dos reis de Israel e chegou até a fazer ídolos para os baalim. ³Ele mesmo ofereceu incenso no vale de Ben-Hinom^b e fez passar seus filhos^c pelo fogo, segundo os costumes abomináveis das nações que o SENHOR desapossara diante dos filhos de Israel. ⁴Ofereceu sacrifícios e queimou incenso nos luga-

res altos, nas colinas e debaixo de toda árvore verdejante^a.

*
⁵O SENHOR^b seu Deus entregou-o às mãos dos arameus, que o derrotaram e fizeram grande número de prisioneiros, levando-os para Damasco. Foi também entregue às mãos do rei de Israel, que lhe infligiu uma pesada derrota. ⁶Péqah^c filho de Remaliáhu, matou num só dia cento e vinte mil homens de Judá, todos eles valentes guerreiros, porque haviam abandonado o SENHOR, Deus de seus pais. ⁷Zikri, o campeão de Efraim, matou Maasciáhu, filho do rei, Azriqâm, mordomo do palácio, e Elqaná, o lugar-tenente do rei. ⁸Os filhos de Israel capturaram entre seus irmãos duzentas mil pessoas: mulheres, meninos e meninas; apreenderam também abundante butim, que levaram para Samaria.

⁹Havia um profeta do SENHOR chamado Oded; ele saiu ao encontro do exército que regressava a Samaria, e lhes disse: "Eis que, em consequência de sua ira contra Judá, o SENHOR, Deus de vossos pais, os entregou em vossas mãos, mas vós os massacrastes com fúria tal, que chegou até o céu. ¹⁰E agora, pensais em reduzir os filhos de Judá e de Jerusalém a escravos e escravas para vós! Mas vós próprios também não sois culpados diante do SENHOR, vosso Deus? ¹¹Ouvi-me agora e restituí os prisioneiros que capturastes^d entre os vossos irmãos, porque o ardor da cólera do SENHOR estará sobre vós". ¹²Alguns chefes dos filhos de Efraim, Azariáhu, filho de Iehoñanan, Berekiáhu, filho de Meshilemot, lehi-

s. 2Cr 27,3-8: desenvolvimento pessoal do Cronista. Primeiro, mostra que a fidelidade ao Senhor garantiu a prosperidade do rei; depois, remete às fontes do relato.

t. Isto é, cerca de 3.400kg de prata, 36.500he de trigo e outro tanto de cevada.

u. Lit. *seus caminhos*.

v. Este v. não é mais do que uma repetição de 27,1. Não se encontra na versão gr. primitiva, nem em sir., e talvez não se encontrasse nem no original.

w. 2Cr 27,9-28,4: tirado de 2Rs 15,38-16,4. Lista geral da impiedade de Acáz, que o Cronista reforça acrescentando 28,2, que não se encontra em 2Rs.

x. De 735 a 716.

y. Isto é, na Geena, vale situado ao sul de Jerusalém e que se destinava especialmente aos cultos idolátricos.

z. 2Rs 16,3 diz apenas: *seu filho* (sem dúvida seu filho mais velho).

a. Cf. 1Rs 14,23 nota.

b. 2Cr 28,5-25: relato independente, mesmo quando utiliza mais ou menos 2Rs 16,5-18. O Cronista insiste na impiedade do rei e nas desgraças que ela acumulou para ele e seu povo.

c. Nome do rei que reinava, na época, na Samaria.

d. Em hebr., *restituir, prisioneiro e capturar* formam um jogo de palavras intencional.

quíaçu, filho de Shalum e Amasa, filho de Hadlai, insurgiram-se contra os que chegavam da expedição, ¹³e lhes disseram: "Não introduzais aqui os prisioneiros, pois seríamos culpados de uma falta contra o SENHOR. Isto aumentaria nossos pecados e nossas culpas, quando^e na verdade nossa culpa é enorme e o ardor de sua cólera está sobre Israel". ¹⁴Os combatentes renunciaram aos prisioneiros e aos despojos, na presença dos chefes de toda a assembléia. ¹⁵Depois, alguns homens, designados nominalmente para isto, levantaram-se e reconfortaram os prisioneiros: com os despojos vestiram todos os que estavam nus, deram-lhes roupas, calçados, alimento, bebida e ungüentos. Depois, puseram todos os estropiados sobre jumentos, e os conduziram até Jericó, a cidade das palmeiras, junto de seus irmãos. Em seguida, voltaram a Samaria.

¹⁶Nessa época, Acaz mandou pedir aos reis^f da Assíria que o socorressem. ¹⁷Mais uma vez, os edomitas tinham invadido Judá, derrotando-o e levando consigo prisioneiros. ¹⁸Os filisteus fizeram incursões contra as cidades da Baixada e do Négueb que pertenciam a Judá; conquistaram Bet-Shémesh, Aialon, Guederot, Sokô e suas dependências, Timná e suas dependências, Guimzô e suas dependências, e aí se estabeleceram. ¹⁹Com efeito, o SENHOR humilhava Judá por causa do rei de Israel^g. Acaz, que incitava Judá à dissolu-

ção e propagava a impiedade contra o SENHOR.

²⁰Tilgat-Pilnéser^h, rei da Assíria, marchou contra ele e o sitiou, em vez de constituir para ele um reforçoⁱ. ²¹Com efeito, Acaz tomara parte dos bens da Casa do SENHOR e das casas do rei e dos príncipes, e os dera ao rei da Assíria, sem que este lhe prestasse socorro algum. ²²Enquanto estava sitiado^j, ele, o rei Acaz, tornou-se ainda mais infiel ao SENHOR, ²³oferecendo sacrifícios aos deuses de Damasco que o haviam vencido^k, pois dizia: "Visto que os deuses dos reis de Arâm vieram em seu socorro, eu também lhes ofereço sacrifícios para que me ajudem." Tornaram-se assim para ele e para todo Israel causa de ruína. ²⁴Acaz ajuntou e quebrou os objetos da Casa de Deus, fechou as portas da Casa do SENHOR e construiu para si altares^l em todas as encruzilhadas de Jerusalém. ²⁵Em cada uma das cidades de Judá, construiu lugares altos, para neles oferecer incenso aos deuses estrangeiros; assim ofendeu o SENHOR, Deus de seus pais.

*

²⁶O resto^m de seus atos e de todos os seus procedimentos, dos primeiros até os últimos, está escrito no livro dos reis de Judá e de Israel.

*

²⁷Acaz adormeceu junto de seus pais e foi sepultado na Cidade de Jerusalémⁿ, mas não foi enterrado nos scul-

e. Pode-se entender também: *de sorte que...*

f. Este curioso plural reaparecerá em 30,6 e 32,4; em ambos os casos o gr. e o sir. trazem o singular. Tratar-se-ia do rei da Assíria e de seus aliados?

g. Vários mss. hebr. e as antigas versões trazem: *rei de Judá*. Estará isto de acordo com o original? Ou teria sido realmente *rei de Israel*, para lembrar que, apesar de suas faltas, Judá era o único verdadeiro Israel?

h. Deformação do nome habitual Tiglat-Piléser.

i. Poder-se-ia compreender também: *... e sitiou-o sem contudo triunfar sobre ele, pois Acaz tinha...* O relato de 2Rs 16,7-10 é muito mais satisfatório: o rei da Assíria, subornado por Acaz, sitia Damasco, e o rei de Judá vai ter com ele para agradecer-lhe. Talvez o Cronista tenha tirado os vv. 5a,16,20-21 de um mesmo relato, onde inseriu duas digressões (os versículos 5b-15 e 17-19); em função deste antigo contexto, seria então necessá-

rio entender: *o rei da Assíria marchou contra ele* (= o rei de Damasco) e *o sitiou, mas isto não foi um reforço para ele* (= o rei de Judá).

j. Ou então: *enquanto ele estava na aflição*. A versão gr. situa estas duas palavras no v. seguinte e obtém um sentido admissível: *Isto não foi para ele uma ajuda, mas uma aflição*.

k. Alusão a 28,5.

l. Pode-se compreender ou: *ele fez altares para o Senhor*, mesmo fora do Templo, ou: *fez para si altares*, isto é, altares segundo suas fantasias. O contexto sugere antes a segunda interpretação.

m. Depois do habitual envio às fontes, 2Cr 28,27-29,2 repete 2Rs 16,20 e 18,1-3, com algumas informações pessoais do Cronista.

n. O hebr. e o sir. dizem: *Cidade de Jerusalém*; o gr., de conformidade com as informações necrológicas anteriores, diz: *Cidade de David*.

cro dos reis de Israel^o. Seu filho, Ezequias, tornou-se rei em seu lugar.

*

2Rs 18,1-3

29 Reinado de Ezequias. ¹Ezequias^o tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou vinte e nove anos^o em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Abiá, filha de Zekariáhu. ²Fez o que é agradável aos olhos do SENHOR, imitando tudo o que fizera David, seu antepassado.

*

³Foi ele^o que, no primeiro mês do primeiro ano de seu reinado, abriu e restaurou as portas da Casa do SENHOR^o. ⁴Convocou os sacerdotes e os levitas e os reuniu na praça do Oriente. ⁵para dizer-lhes: "Escutai-me, levitas! Santificai-vos, agora, e santificai a Casa do SENHOR, Deus de nossos pais. Tirai do santuário toda impureza. ⁶Porque nossos pais foram infiéis e praticaram o mal aos olhos do SENHOR, nosso Deus; abandonaram-no, desviaram seus olhos da habitação do SENHOR, voltaram-lhe as costas; ⁷chegaram até a fechar as portas do Vestíbulo, apagaram as lâmpadas, deixaram de oferecer o incenso e o holocausto no santuário ao Deus de Israel. ⁸Isto provocou o furor do SENHOR contra Judá e Jerusalém, e ele fez deles um exemplo terrificante, um espaço desolado, objeto de zombaria, como o constatais com os próprios olhos. ⁹Eis que nossos pais caíram sob a espada e que nossos filhos, nossas filhas e nossas mulheres estão no cativeiro por causa disso. ¹⁰Agora tenho a intenção de firmar uma aliança com o SENHOR, Deus de Israel, para que se afaste de nós o ardor de sua cólera. ¹¹Agora, meus filhos, não vos recuseis, pois foi a

vós que o SENHOR escolheu para estardes em sua presença, para servi-lo, para serdes seus ministros e para oferecer-lhe o incenso."

¹²Apresentaram-se como levitas: entre os filhos de Qehas^o: Máhat, filho de Amasai, Ioel, filho de Azariáhu; dos filhos de Merari: Qish, filho de Abdi, e Azariáhu, filho de Iehalelei; dos guershonitas: Ioah, filho de Zimá, e Êden, filho de Ioah; ¹³dos filhos de Elişafan: Shimri e Ieiel; dos filhos de Asaf: Zekariáhu e Mataniáhu; ¹⁴dos filhos de Heman: Iehiel e Shimeí; dos filhos de Iedutun: Shemaiá e Uziel. ¹⁵Eles reuniram seus irmãos, santificaram-se e vieram, segundo a ordem do rei e segundo as palavras do SENHOR, purificar a Casa do SENHOR. ¹⁶Os sacerdotes penetraram no interior da Casa do SENHOR para purificá-la; removeram para o pátio da Casa do SENHOR todos os objetos impuros que encontraram no Templo do SENHOR; depois os levitas os amontoaram e os puseram para fora, no vale do Qidron. ¹⁷Começaram esta santificação no primeiro dia do primeiro mês; no oitavo dia do mês, chegaram ao Vestíbulo do SENHOR; santificaram a Casa do SENHOR durante oito dias; e assim terminaram no décimo sexto dia do primeiro mês.

¹⁸Apresentaram-se então ao rei Ezequias para dizer-lhe: "Purificamos toda a Casa do SENHOR, o altar dos holocaustos e todos os utensílios, a mesa de exposição e todos os seus utensílios, ¹⁹como também todos os objetos que o rei Acáz rejeitara, durante as prevaricações do seu reinado. Nós os reconduzimos e santificamos. Ei-los diante do altar do SENHOR."

o. O Cronista subentende, como em muitos outros momentos, que o reino de Judá permanece o único e verdadeiro Israel.

p. O hebr. usa neste cap. duas formas equivalentes para o nome do mesmo rei Ezequias: Yehizquiah e Hizquiah. Ficamos com o último, mais comum.

q. Ezequias, associado ao trono pelo ano de 728, reinou de 716 a 687.

r. 2Cr 29,3-31,21: esta longa passagem é tirada de uma fonte desconhecida e não tem paralelo no livro dos Reis (salvo em 31,1, que se aproxima de 2Rs 18,4). É claro que o Cronista dá

grande importância à reforma religiosa de Ezequias e à celebração solene da Páscoa.

s. Estas portas haviam sido fechadas por Acáz: cf. 28,24.

t. São escolhidos dois personagens em cada um dos três clãs levíticos primitivos, os de Qehat, Merari e Guershon (cf. Gn 46,11; Ex 6,16-19; Nm 3,17-21, etc.), dois outros na família de Elişafan, que era primo de Aarão (cf. Ex 6,22; Lv 10,4; Nm 3,30; 1Cr 15,8), mais dois em cada um dos três grupos organizados por David, os de Asaf, Heman e Iedutun (1Cr 6,18-28; 16,41-42; 25,1-6).

²⁰Na manhã seguinte, o rei Ezequias reuniu os chefes da cidade e subiu à Casa do SENHOR. ²¹Mandou trazer sete touros, sete carneiros, sete cordeiros e sete bodes para o sacrifício pelo pecado^u, na intenção da casa real, do santuário e de Judá; depois disse aos sacerdotes, filhos de Aarão, que os oferecessem sobre o altar do SENHOR. ²²Foram imolados os touros; os sacerdotes recolheram o sangue e o derramaram sobre o altar; imolaram os carneiros, e derramaram o sangue sobre o altar; imolaram também os cordeiros e derramaram o sangue sobre o altar. ²³Depois trouxeram os bodes para o sacrifício pelo pecado, diante do rei e da assembléia, que lhes impuseram as mãos. ²⁴Os sacerdotes os imolaram e ofereceram o sangue em expiação sobre o altar, para interceder por todo Israel, porque foi por todo Israel que o rei mandou oferecer o holocausto e o sacrifício pelo pecado.

²⁵Postou os levitas na Casa do SENHOR com címbalos, harpas e cítaras, segundo a ordem de David, de Gad, o vidente do rei, e de Natan, o profeta, pois esta ordem vinha do SENHOR por intermédio de seus profetas. ²⁶Quando os levitas tomaram lugar com instrumentos feitos por David, e depois os sacerdotes com as trombetas^v, ²⁷Ezequias mandou oferecer o holocausto sobre o altar e, no momento em que começava o holocausto, começaram também o cântico ao SENHOR^w e o toque das trombetas, com o acompanhamento dos instrumentos de David, rei de Israel. ²⁸Toda a assembléia permane-

ceu prostrada, o canto se prolongou e as trombetas tocaram até se concluir o holocausto. ²⁹Terminado o holocausto, o rei e todos os assistentes com ele inclinaram-se e se prostraram. ³⁰Depois o rei Ezequias e os chefes ordenaram aos levitas que louvassem o SENHOR com as palavras de David e de Asaf, o vidente, e eles o louvaram alegremente, e a seguir se ajoelharam e se prosternaram. ³¹Ezequias tomou a palavra e disse: "Agora que estais com as mãos cheias^x para o SENHOR, aproximai-vos, trazei sacrifícios e oferendas de louvor^y à Casa do SENHOR". Então a assembléia trouxe sacrifícios e oferendas de louvor, e todos os que tinham um coração generoso trouxeram holocaustos^z. ³²O número dos holocaustos trazidos pela assembléia foi de setenta bois, cem carneiros, duzentos cordeiros, tudo em holocausto ao SENHOR. ³³Os outros sacrifícios foram de seiscentos bois e três mil ovelhas. ³⁴O número dos sacerdotes foi insuficiente para esfolar todos os holocaustos, e por isso os levitas, seus irmãos, ajudaram-nos até o fim do trabalho e até que os sacerdotes se tivessem santificado. Pois os levitas puseram mais diligência^a em se santificar do que os sacerdotes. ³⁵Além disto, havia holocaustos em abundância, com as gorduras dos sacrifícios de paz e as libações^b para os holocaustos. Assim foi restabelecido o serviço da Casa do SENHOR. ³⁶Ezequias e todo o povo se alegraram com quanto Deus efetuara em prol do povo, pois este evento realizou-se de improviso^c.

u. Sobre a oferenda de um bode em sacrifício pelos pecados de um chefe do povo, cf. Lv 4.22-24.

v. Segundo Nm 10.1-10, tocar a trombeta era reservado aos sacerdotes.

w. O gr. talvez esteja mais de acordo com o original ao dizer: *começou-se a cantar ao Senhor*.

x. Em hebr. "encher as mãos de um sacerdote" significa "consagrar-lo ao Senhor" (cf. Ex 29.1; Jz 17.5-12), mas não é esta expressão que se emprega aqui, onde na realidade se diz: "Vós encheistes vossas mãos". Ademais, o rei não fala aqui aos sacerdotes, mas a toda a assembléia: constata que muita gente trouxe sacrifícios e diz-lhes que podem oferecer estes sacrifícios particulares agora que o sacrifício oficial terminou.

y. Uma das categorias de sacrifícios é precisamente o sacrifi-

cio de louvor (cf. Lv 7.12-13). Sem dúvida, é preciso compreender: sacrifícios, e particularmente sacrifícios de louvor.

z. O oferecimento de um holocausto supõe uma generosidade particular, porque neste caso a vítima é consumida inteiramente, ao passo que nos outros sacrifícios uma parte é devolvida ao doador.

a. Lit. *Os levitas eram retos de coração para se santificarem mais do que os sacerdotes*.

b. Com efeito, só os sacerdotes podiam oferecer os holocaustos sobre o altar, e fazer queimar a gordura das vítimas oferecidas nos sacrifícios de paz e derramar libações. Os levitas ajudavam-nos naquilo que não era especificamente seu ofício sacerdotal, por exemplo, na degolação e no esquartejamento das vítimas.

c. Como o indica o v. 31, não se havia previsto que a cerimô-

30 ¹Ezequias convidou todo Israel e Judá — escreveu cartas até a Efraim e Manassés — para que viessem à Casa do SENHOR, em Jerusalém, a fim de celebrar a Páscoa do SENHOR, Deus de Israel.

²O rei, seus dignitários e toda a assembléia de Jerusalém tinham resolvido celebrar esta Páscoa no segundo mês^d.

³Com efeito, não mais podiam celebrá-la no devido tempo, porque não estavam santificados sacerdotes em número suficiente e o povo ainda não se reunira em Jerusalém. ⁴Esta solução agradou ao rei e a toda a assembléia, ⁵e a executaram fazendo circular em todo Israel, de Beer-Sheba a Dan, o convite para virem a Jerusalém celebrar a Páscoa do SENHOR, Deus de Israel, pois poucas pessoas a haviam celebrado como está escrito. ⁶Partiram então os mensageiros, com cartas escritas pelo rei e seus dignitários, e foram por todo Israel e Judá, para transmitir esta ordem do rei: “Filhos de Israel, voltai ao SENHOR, o Deus de Abraão, de Isaac e de Israel^e, e ele voltará a vós que sobrevivestes depois de terdes escapado das mãos dos reis da Assíria^f. ⁷Não sejais como vossos pais e irmãos, que foram infiéis ao SENHOR, ao Deus de nossos pais, de sorte que os entregou à devastação, como podeis constatar.

⁸Agora, não enrijeçais mais a vossa nuca como vossos pais. Estendei a mão^g para o SENHOR, vinde a seu santuário, que ele consagrou para sempre, e servi ao SENHOR, vosso Deus, para que ele afaste de vós o ardor de sua cólera. ⁹Com efeito, é por vosso retorno ao SENHOR que vossos irmãos e vossos filhos poderão encontrar compaixão junto dos que os deportaram e que poderão regressar a esta

terra, porque o SENHOR, vosso Deus, é misericordioso e compassivo, e não afastará de vós a sua face, se voltardes a ele”.

¹⁰Os mensageiros passaram de cidade em cidade pela terra de Efraim e de Zabulon; mas zombavam deles e os escarneciam. ¹¹No entanto, alguns homens de Aser, de Manassés e de Zabulon deixaram-se tocar e vieram a Jerusalém. ¹²Também em Judá a mão de Deus agiu para fazer executar unanimemente a ordem do rei e dos dignitários, segundo a palavra do SENHOR. ¹³Um povo numeroso reuniu-se em Jerusalém para celebrar a festa dos Pães sem fermento, no segundo mês; era uma assembléia extremamente numerosa. ¹⁴Puseram-se a destruir os altares de sacrifícios que estavam em Jerusalém, e todos os altares de perfumes, para jogá-los no vale do Cedron. ¹⁵Imolaram a Páscoa, no décimo quarto dia do segundo mês. Envergonhados, os sacerdotes e os levitas santificaram-se e foram levar os holocaustos à Casa do SENHOR. ¹⁶Mantinhm-se em seu lugar, segundo seu regulamento, de conformidade com a Lei de Moisés, homem de Deus. Os sacerdotes derramavam o sangue que recebiam das mãos dos levitas. ¹⁷Com efeito, visto que muitos na assembléia não estavam santificados, os levitas se encarregavam da imolação das vítimas pessoais no lugar de todos os que não estavam puros para realizar um ato sagrado para o SENHOR^h. ¹⁸Porque muitos, sobretudo de Efraim, de Manassés, de Issacar e de Zabulon, não estavam purificados, de sorte que comeram a Páscoa em contradição com o que está escrito; mas Ezequias intercedeu por eles dizendo: “Que

nia comporta tantos sacrifícios. Outros entendem: *Tudo foi feito rapidamente*.

d. Com efeito, a lei prevê que, se não se pode celebrar a Páscoa no primeiro mês, pode-se transferi-la para o segundo (Nm 9.6-12).

e. Israel é inicialmente o nome do patriarca Jacó: Gn 32.28.

f. Alusão à situação do reino do Norte, onde Sargom, rei da Assíria, tinha deportado a maior parte da população (cf. 2Rs 17.5-41).

g. Gesto de quem se compromete por meio de uma promessa.

h. Normalmente, aquele que trazia o cordeiro pascal ao Templo encarregava-se de imolá-lo, desde que estivesse em estado de pureza legal. Na teoria, as pessoas legalmente impuras também não deveriam ter comido a Páscoa. Mas, se podiam ser substituídas na imolação, não o podiam ser na manducação. Foi por isso que o rei pediu a Deus que lhes perdoasse.

o SENHOR, que é bom, perdoe a ¹⁹ todos os que aplicaram seu coração à busca de Deus, o SENHOR, Deus de nossos pais, ainda que não o tenham feito com a pureza exigida pelas coisas sagradas!" ²⁰ O SENHOR ouviu Ezequias e não afligiu seu povo¹.

²¹ Os filhos de Israel que se encontravam em Jerusalém celebraram a festa dos pães sem fermento durante sete dias com grande alegria, enquanto os levitas e os sacerdotes louvavam o SENHOR todos os dias, com poderosos instrumentos em honra do SENHOR². ²² As palavras de Ezequias tocaram o coração de todos os levitas, animados de ótimas disposições para com o SENHOR, e continuaram³ a solenidade durante sete dias, oferecendo sacrifícios de paz e dando graças ao SENHOR, Deus de seus pais. ²³ Depois toda a assembléia resolveu celebrar mais sete dias, e celebraram mais sete dias com alegria⁴. ²⁴ Com efeito, Ezequias, rei de Judá, pusera à parte, para a assembléia, mil touros e sete mil cabeças de rebanho, e os dignitários juntaram a isto mil touros e dez mil cabeças de rebanho. Grande número de sacerdotes se haviam santificado. ²⁵ Toda a assembléia de Judá se alegrou, como também os sacerdotes, os levitas, toda a assembléia vinda de Israel, os habitantes vindos da terra de

Israel e que estavam morando em Judá⁵. ²⁶ Grande foi a festa em Jerusalém, pois desde os dias de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, nada de semelhante⁶ tivera lugar em Jerusalém. ²⁷ Depois os sacerdotes levitas⁷ puseram-se a abençoar o povo⁸: sua voz foi ouvida, e sua oração chegou aos céus, morada de sua santidade⁹.

31 ¹ Quando tudo isto terminou, todos os israelitas que lá se encontravam partiram para as cidades de Judá a fim de quebrar as estelas, despedaçar os postes sagrados, demolir os lugares altos e os altares, até seu total desaparecimento de todo Judá e Benjamin, como também de Efraim e Manassés. A seguir, todos os filhos de Israel voltaram para as suas cidades, cada um para sua casa.

² Ezequias estabeleceu as classes dos sacerdotes e dos levitas; além de suas classes, determinou para cada um sua função³; aos sacerdotes e aos levitas: os holocaustos, os sacrifícios de paz, o serviço, a ação de graças e o louvor, nas portas dos acampamentos⁴ do SENHOR. ³ O rei reservou parte de seus rendimentos para os holocaustos, os da manhã e os da tarde, os dos sábados, das luas novas e das solenidades, como está escrito na Lei do SENHOR⁵. ⁴ Disse aos habitantes de Jerusalém que dessem aos sacerdotes e

2Rs 18,4

1. Lit. *ele curou o povo*.

j. O sir. compreende: *Os filhos de Israel... com grande alegria louvavam o Senhor cada dia, os levitas com seus cantos vocais e os sacerdotes com cantos*; o gr.: *os filhos de Israel... celebraram a festa... com grande alegria, e louvavam o Senhor cada dia; os sacerdotes e os levitas (louvavam) o Senhor com instrumentos*.

Alguns comentadores propõem corrigir *com poderosos instrumentos* por *com toda sua força*. Além disso, causa estranheza ver repetir: *O Senhor... em honra do Senhor*. O texto hebr. parece não corresponder ao original.

k. De acordo com o gr. Em hebr. e em sir. esta palavra é modificada por: *eles comeram*.

l. Este prolongamento é completamente excepcional; desta forma a festa dura tanto quanto a purificação do Templo (29,17).

m. Alusão às emigrações indicadas em 2Cr 11,16-17 e 15,9 (estas duas passagens parecem provir da mesma fonte que nosso documento atual).

n. O gr. traz: *não havia existido uma festa assim*.

o. Quase todos os mss. hebr. e a tradução gr. primitiva têm esta fórmula, que lembra que os sacerdotes são, como os levitas,

descendentes de Levi. O sir. e muitos mss. gr. trazem: *os sacerdotes e os levitas*.

p. Com efeito, essas bênçãos eram confiadas aos sacerdotes: Nm 6,23-27.

q. *Foi ouvida* é um passivo teológico, empregado para subentender o nome de Deus. É a este termo subentendido que se refere sua *residência de santidade* (ou *residência de sua santidade*) (cf. 26,15).

r. O autor parece querer dizer que o rei não somente dividiu os sacerdotes e os levitas em diversas classes (como já o fizera Salomão), mas que no interior de cada classe determinou o papel de cada um. Poder-se-ia também compreender: *Ezequias estabeleceu as classes dos sacerdotes e (determinou) para os levitas suas classes, cada um segundo sua função*.

s. Estaríamos mais próximos do original se entendêssemos, seguindo o gr.: *... a ação de graças, o louvor e o serviço às portas dos átrios da Casa do Senhor*. Fórmula semelhante em 2Cr 8,14.

t. Alusão aos caps. 28 e 29 dos Nm, que regulamentam estes diversos sacrifícios, mas sem determinar que o rei devesse fornecer pessoalmente uma parte das vítimas. Esta participação do rei aparece em Ez 45,22-24.

levitas a parte que lhes tocava, a fim de se firmarem na Lei do SENHOR. ⁵Depois da promulgação destas palavras, os filhos de Israel forneceram abundantemente as primícias do trigo, do vinho, do óleo, do mel e de todos os produtos do campo e trouxeram em abundância o dízimo de tudo. ⁶Também os filhos de Israel e de Judá que moravam nas cidades de Judá trouxeram o dízimo dos bois e do rebanho, e o dízimo das oferendas consagradas ao SENHOR, seu Deus; trouxeram-nas fazendo montes e mais montes. ⁷Foi no terceiro mês que começaram a fazer tais montões, e terminaram no sétimo mês. ⁸Ezequias e os dignitários vieram ver esses montões e bendisseram o SENHOR e seu povo Israel. ⁹Ezequias interrogou os sacerdotes e levitas a respeito desses montões ¹⁰e o sumo sacerdote Azariáhu, da casa de Sadoq, respondeu-lhe: "Desde que começaram a trazer estas oferendas à Casa do SENHOR, temos tido o que comer com fartura, e tem sobrado muita coisa, pois o SENHOR abençoou o seu povo, e o que sobra forma estes montões." ¹¹Ezequias ordenou que se preparassem celeiros na Casa do SENHOR, o que foi feito. ¹²Aí depositaram, fielmente, as oferendas retiradas^u, os dízimos e as ofertas sagradas. O responsável por isto ficou sendo o levita Konaniáhu, ajudado por seu irmão Shimeí. ¹³Iehiel, Azaziáhu, Nâhat, Asahel, Ierimot, Iozabad, Eliel, Iismakiáhu, Máhat e Benaiáhu eram os inspetores, sob as ordens de Konaniáhu e de seu irmão Shimeí, por disposição do rei Ezequias, e de Azariáhu, intendente da

Casa de Deus. ¹⁴O levita Qorê, filho de limná e guarda da porta oriental, ocupava-se das oferendas feitas a Deus e distribuía^v os dons tributados ao SENHOR, como também as coisas santíssimas^w. ¹⁵Sob suas ordens, Êden, Miniámin, Ieshua, Shemaiáhu, Amariáhu e Shekaniáhu realizavam fielmente, nas cidades sacerdotais^x, distribuição a seus irmãos, segundo as suas classes, sem diferença entre grandes e pequenos; ¹⁶e além^y dos homens já inscritos, desde a idade de três anos ou mais, todos os que vinham à Casa do SENHOR recebiam cada dia alguma coisa para a sua função em seus grupos, segundo suas classes. ¹⁷A inscrição dos sacerdotes fazia-se segundo sua casa paterna, e a dos levitas, de vinte anos ou mais, por grupos e por classes. ¹⁸A inscrição valia para toda a família^z: mulheres, meninos e meninas; valia para toda a assembléia, com a condição de se terem posto fielmente em estado de santidade; ¹⁹e para os sacerdotes^{aa}, filhos de Aarão, que viviam no campo, no território de cada uma das suas cidades. Pessoas nominalmente designadas distribuíam porções a todos os homens entre os sacerdotes e a todos os inscritos entre os levitas. ²⁰Ezequias agiu assim em todo Judá e fez o que é bom, justo e fiel diante do SENHOR, seu Deus. ²¹Tudo o que executou para o serviço da Casa de Deus, para a Lei e para os mandamentos, ele o fez buscando a Deus de todo o coração, e alcançou êxito.

*

32 ¹Depois^c desses acontecimentos e desses atos de fidelidade, Senaque-

u. Portanto, de maio a setembro, ou seja, no período das colheitas (a ceifa começa em abril).

v. Cf. Lv 7,14 e Nm 5,9.

w. Subentendido: aos sacerdotes.

x. Cf. Lv 21,22.

y. Sobre estas cidades sacerdotais, cf. Nm 35,1-8 e Js 21,1-42.
z. Os vv. 16-19 são redigidos num estilo muito obscuro. O autor parece querer dizer que nos fornecimentos dos mantimentos havia uma dupla diferença entre os sacerdotes e os levitas: 1) os sacerdotes estavam inscritos nos registros das distribuições desde a idade de três anos e os levitas somente depois dos vinte anos; 2) os levitas só tinham seus abonos durante os períodos de

serviço no Templo, ao passo que os sacerdotes tinham ainda outros abonos durante os períodos passados em domicílio.

a. Esta frase parece querer dizer que só se inscrevia o sacerdote ou levita, e que cabia a ele repartir sua ração a toda a família; daí a vantagem dos sacerdotes, inscritos desde a idade de três anos, sobre os levitas, inscritos somente a partir dos vinte anos.

b. O autor, que acaba de dizer que todos os homens em estado de pureza (sacerdotes ou levitas) recebiam rações durante suas funções no Templo, parece querer dizer aqui que além disso os sacerdotes (mas não os levitas) recebiam outras rações durante os períodos em que não estavam em atividade.

c. 2Cr 32,1-23 narra a invasão de Senaquerib utilizando uma

2Rs 18.13-19.37

rib, rei da Assíria, chegou a Judá e sitiou as cidades fortificadas de Judá, com o propósito de desmantelá-las. ²Quando Ezequias viu que Senaquerib vinha na intenção de atacar Jerusalém, ³deliberou com seus dignitários e seus oficiais para obstruir as águas das nascentes, que ficavam fora da cidade. Eles o apoiaram, ⁴e uma multidão numerosa se reuniu para obstruir todas as fontes e o riacho que corria pelo interior da terra^d, dizendo: "Por que os reis da Assíria, vindos aqui, haveriam de achar água em abundância?" ⁵Ezequias pôs-se a reconstruir corajosamente toda a muralha demolida^f, edificou torres, ergueu uma segunda muralha na parte externa, restaurou o Milô^g na Cidade de David, e mandou fabricar armas e escudos em quantidade^h. ⁶Estabeleceu chefes militares à frente do povo, reuniu-os junto a si na praça da porta da cidadeⁱ e falou-lhes dirigindo-se ao seu coração: ⁷"Sede fortes e corajosos! Não temais nem vos apavoreis diante do rei da Assíria e diante de toda a multidão que está com ele, pois conosco está quem é mais poderoso do que ele. ⁸Com ele só força humana^j; conosco está o SENHOR, nosso Deus, para nos socorrer e para combater em nossas batalhas!" O povo ficou reconfortado com as palavras de Ezequias, rei de Judá.

⁹Depois disso, Senaquerib, rei da Assíria, estando ainda em Lakish com todas as suas tropas, enviou seus servos a Jerusalém, para dizer a Ezequias, rei de

Judá, e a todos os de Judá que estavam em Jerusalém: ¹⁰"Assim fala Senaquerib, rei da Assíria: Em que confiais para permanecerdes na fortaleza^k de Jerusalém?" ¹¹Acaso Ezequias não está vos enganando, para vos fazer perecer pela fome e sede, quando vos diz: "O SENHOR nosso Deus nos livrará das mãos do rei da Assíria"? ¹²Não foi ele mesmo, Ezequias, que eliminou os lugares altos e os altares, e mandou Judá e Jerusalém prosternarem-se diante de um único altar^l e queimar incenso sobre este só? ¹³Não sabeis o que fizemos, meus pais e eu, a todos os povos de outras terras? Os deuses das nações dessas terras puderam livrá-las de minhas mãos? ¹⁴Qual foi, dentre todos os deuses destas nações exterminadas por meus pais, aquele que pôde livrar seu povo de minha mão, para que o vosso Deus vos livre de minha mão? ¹⁵Que Ezequias não vos iluda e engane desta maneira! Não lhe deis crédito, pois nenhum deus de nação alguma, de reino algum, é capaz de livrar seu povo de minha mão e da mão de meus pais. Tampouco vossos deuses^m vos livrarão de minha mão!" ¹⁶Os servos de Senaquerib continuaram a deblaterar contra o SENHOR Deus e contra Ezequias, seu servo, ¹⁷e depois Senaquerib escreveu cartas para desafiar o SENHOR, Deus de Israel, e para zombar dele nestes termos: "Assim como os deuses das nações do mundo não livraram seus povos de minha mão, o Deus de Ezequias não livrará

fonte menos detalhada do que 2Rs 18.13-19.37. Pode-se perguntar por que fez esta opção, pois seu relato deixa na sombra o papel de Isaías e negligencia um de seus belos oráculos (2Rs 19.20-34). Sem dúvida, os acontecimentos políticos e militares interessavam menos do que os acontecimentos propriamente religiosos.

d. O v. 30 explica que se trata da fonte de Guion que corre para o Cedron, e que o rei Ezequias desviou por um canal subterrâneo que chegava às muralhas da cidade. Neste canal encontrou-se uma inscrição hebraica que relata sua abertura.

e. Este termo, necessário à clareza do relato, encontra-se em gr. f. Texto incerto. O gr. sem dúvida está mais próximo do original: (*construindo*) *outro muro no exterior*, pois 2Rs 25.4 fala efetivamente desta dupla muralha.

g. Sobre o Milô, cf. 1Cr 11.8 nota.

h. Se o rei de Judá teve tempo para realizar tais preparativos,

é porque a marcha de Senaquerib foi retardada pela resistência de algumas fortificações, por exemplo, a de Lakish, mencionada em 32.9.

i. Em gr.: *a porta do Vale*. Não há dúvida de que esta informação é exata, pois este de fato era o nome de uma das portas de Jerusalém (2Cr 26.9; Ne 2.13-15; 3.13).

j. Lit. *um braço de carne*.

k. Ou: *durante o assédio*; mas parece que então Jerusalém ainda não estava sitiada.

l. Os assírios não censuram a Ezequias o fato de ter eliminado o politeísmo, mas de ter (na opinião deles) comprometido o culto do verdadeiro Deus centralizando-o no Templo de Jerusalém.

m. As antigas versões e vários mss. hebr. leram o singular: *vosso Deus não vos livrará*. Nos vv. 11-12.14.17, os assírios pareciam estar efetivamente informados sobre o monoteísmo do povo judeu.

seu povo de minha mão". ¹⁸Os servos de Senaquerib gritavam, usando a língua de Judá, ao povo de Jerusalém que estava sobre a muralha, para atemorizá-lo e intimidá-lo e, assim, apoderarem-se da cidade. ¹⁹Falavam do Deus de Jerusalém como dos deuses dos povos do mundo, obras de mão humana.

²⁰O rei Ezequias e o profeta Isaías, filho de Amôs, rezaram diante disto e clamaram ao céu. ²¹E o SENHOR enviou um anjo que fez desaparecer todos os valentes guerreiros, os oficiais e os dignitários no campo do rei da Assíria. Ele teve de voltar para sua terra coberto de vergonha e, quando entrou na Casa de seu deus, seus próprios filhosⁿ o mataram a espada. ²²Assim o SENHOR salvou Ezequias e os habitantes de Jerusalém da mão de Senaquerib, rei da Assíria, e da mão de todos os seus inimigos^o, pois assegurou-lhes a paz^p por todos os lados. ²³Muitos levaram a Jerusalém oferendas para o SENHOR e presentes para Ezequias, rei de Judá, que depois destes acontecimentos adquiriu prestígio aos olhos de todas as nações.

2Rs 20,1-11 ²⁴Por aqueles dias^q, Ezequias caiu doente e esteve a ponto de morrer; orou ao SENHOR, e ele lhe disse...^r

O SENHOR realizou^s para ele um prodígio. ²⁵Mas Ezequias não correspondeu ao

benefício recebido, e, por causa do orgulho de seu coração, atraiu a ira sobre si, sobre Judá e Jerusalém. ²⁶Mas Ezequias, apesar do orgulho de seu coração, humilhou-se, ele e os habitantes de Jerusalém, e dessa forma a ira do SENHOR não se abateu sobre eles durante a sua vida. ²⁷Ezequias possuiu muita riqueza e glória; acumulou para si reservas de prata, ouro, pedras preciosas, perfumes e escudos^t e todo tipo de objetos de valor, ²⁸como também entrepostos para as suas provisões de trigo, vinho e óleo; estábulos para as diferentes espécies de gado e apriscos para os rebanhos^u. ²⁹Mandou construir cidades e adquiriu grande quantidade de bois e ovelhas, pois Deus lhe deu grandes bens. ³⁰Foi Ezequias que obstruiu a saída superior das águas do Guion e as fez correr por baixo^v, para oeste da Cidade de David. Ezequias foi bem-sucedido em todos os seus empreendimentos.

³¹Assim^w, por ocasião da visita dos dignitários babilônios enviados a ele para se informarem sobre o prodígio realizado na terra^x, Deus o abandonou e o pôs à prova para conhecer o íntimo de seu coração.

³²Os demais^y atos de Ezequias e suas obras de piedade estão escritas na visão^z do profeta Isaías, filho de Amôs, e^a no

n. Lit. *alguns dos que tinham saído de suas entranhas*.

o. A palavra *seus inimigos* parece ter desaparecido.

p. Com o gr. Em consequência da alteração de uma letra, o hebr. traz: *ele os conduziu*, o que é uma inexactidão manifesta.

q. O Cronista condensa numa breve alusão o relato de 2Rs 20,1-11 sobre a doença e a cura do rei e elimina completamente a intervenção de Isaías. Contudo, o duplo milagre realizado por Deus deveria ter despertado sua atenção.

r. A citação anunciada não figura mais em nossos documentos do texto. Pode ter desaparecido acidentalmente. O gr. procura encontrar um sentido aceitável dizendo: *e ele (= o Senhor) o escutou*. Alguns entendem: *ele orou ao Senhor, que lhe falou e que realizou...*

s. 2Cr 32,24b-30; visão de conjunto que recapitula a situação do reino, sublinhando sua prosperidade apesar de algumas falhas motivadas pelo orgulho.

t. Os escudos às vezes eram de ouro (2Cr 9,15-16).

u. Com o grego. O hebr. traz: *e rebanhos para os estábulos*.

v. Debaxo da colina, sob a qual foi cavado o aqueduto de Eze-

quias, ainda usado em nossos dias. Outros entendem: *para baixo*.

w. Este termo não se refere ao contexto imediato, mas ao orgulho do v. 25. 2Cr 32,31 resume o acolhimento dado a Merodak-Baladan, apresentado mais longamente em 2Rs 20,12-19. O Cronista passa rapidamente sobre este traço de orgulho, que só podemos compreender recorrendo ao relato dos Reis.

x. A palavra *prodígio* parece ser uma alusão ao *prodígio* de 32,34, e então se trataria da cura do rei (como o diz explicitamente 2Rs 20,12); mas a indicação *realizado na terra* faria pensar antes na derrota de Senaquerib: visto que os babilônios eram os inimigos tradicionais dos assírios, poder-se-ia compreender que eles vêm se informar sobre o desastre sofrido por seus adversários.

y. 2Cr 32,32-33: nota habitual sobre o fim de um reinado e informações pessoais sobre os funerais do rei.

z. De fato, o livro de Isaías começa com as palavras: *Visão de Isaías...*

a. O hebr. não traz a conjunção *e*, que no entanto é bem atestada nas antigas versões. De fato, os caps. 18-20 de 2Rs são reproduzidos em Is 36-39.

livro dos reis de Judá e de Israel. ³³Ezequias adormeceu junto de seus pais e foi sepultado perto do caminho que sobe aos túmulos dos filhos de David. Quando da sua morte, todos os judeus e os habitantes de Jerusalém lhe tributaram honras.

*

Seu filho^b Manassés tornou-se rei em seu lugar.

33 Reinado de Manassés. ¹Manassés tinha doze anos quando se tornou

rei, e reinou cinquenta e cinco anos em Jerusalém^c. ²Fez o mal aos olhos do SENHOR, imitando as abominações das nações que o SENHOR desapossara diante dos israelitas. ³Reconstruiu os lugares altos que Ezequias, seu pai, tinha demolido, e erigiu altares aos baalim, fabricou postes sagrados, e se prosternou diante de todo o exército dos céus e lhe prestou culto. ⁴Construiu altares na Casa do SENHOR, da qual o SENHOR dissera: "É em Jerusalém que meu nome estará para sempre".

⁵Construiu altares para todo o exército dos céus, nos dois pátios da Casa do SENHOR. ⁶Foi ele que fez passar seus próprios filhos pelo fogo no vale de Ben-Hinom^d; ele praticou encantamento, magia e feitiçaria; instituiu necromantes e adivinhos; ofendeu o SENHOR fazendo o que é mal a seus olhos. ⁷Instalou na Casa de Deus o ídolo que mandara esculpir, embora Deus tivesse dito a David e a seu filho Salomão: "Nesta Casa, como também em Jerusalém, que escolhi entre todas as tribos de Israel, estabelecerei

meu nome para sempre. ⁸Também não deixarei o pé de Israel sair da terra que estabeleci para seus pais^e, contanto que guardem tudo o que lhes ordenei por intermédio de Moisés: toda a Lei, os decretos e as decisões^f." ⁹Manassés desencaminhou Judá e os habitantes de Jerusalém, a tal ponto, que fizeram mais mal do que as nações exterminadas pelo SENHOR diante dos filhos de Israel^g. ¹⁰O SENHOR falou

*

a Manassés^h e a seu povo, mas eles não lhes deram atenção. ¹¹O SENHOR fez vir contra eles os chefes do exército do rei da Assíriaⁱ: prenderam Manassés em ferros, amarraram-no com uma cadeia dupla de bronze e o levaram para Babilônia. ¹²Encontrando-se nesta aflição, procurou aplacar o SENHOR, seu Deus, humilhou-se profundamente diante do Deus de seus pais ¹³e o implorou. Este se deixou comover, ouviu sua súplica e o fez voltar a Jerusalém para continuar seu reinado. Então Manassés reconheceu que o SENHOR é Deus^j.

¹⁴Depois disto, restaurou a muralha externa da Cidade de David, a oeste de Guihon, no vale, indo até a porta dos Peixes e rodeando o Ôfel; elevou-a a grande altura. Nomeou também chefes militares em todas as cidades fortificadas de Judá. ¹⁵Retirou da Casa do SENHOR os deuses estrangeiros e o ídolo, e lançou fora da cidade todos os altares que construía sobre a montanha da Casa do SENHOR e em Jerusalém. ¹⁶Reconstruiu o altar do SENHOR, e ofereceu sacrifícios

b. 2Cr 32.33-33.10 copia literalmente 2Rs 20.21-21.10, pois o autor nada quer acrescentar à sombria lista da impiedade do rei.

c. Manassés reinou de 687 a 642. — A partir daqui, o Cronista não indica mais o nome da mãe dos diferentes reis.

d. É o vale da Geena, a oeste e ao sul de Jerusalém.

e. O hebr. traz: *vossos pais*, mas as antigas versões harmonizam-se com 2Rs 21.8 para atestar: *seus pais*.

f. As palavras atribuídas a Deus não se encontram em nenhum outro lugar da Bíblia sob esta forma exata, mas em substância correspondem a 2Sm 7.8-16; 1Rs 2.2-4; 3.14; 8.23-53.

g. Trata-se dos canaanitas massacrados por ocasião da conquista da Palestina (Dt 1.7-26; Js 6.17-21; 8.26-29; 10.16-43;

11.7-13.18-22); de fato, a idolatria de Manassés era um ressurgimento das práticas canaanitas.

h. 2Cr 33.10-17 provém de uma fonte independente. O Cronista renuncia a transcrever a sequência do texto de 2Rs 21, onde um oráculo profético expõe muito bem suas idéias sobre a punição da impiedade, e termina a frase a seu modo. Prefere inserir um documento que relata o cativeiro e depois a conversão do rei culpado; dessa forma explica como um rei pôde exercer um reinado de cinquenta e cinco anos, mais longo até do que os de David e Salomão (quarenta anos).

i. Causa estranheza que os assírios levassem seu cativo para Babilônia, e não para a própria capital, Nínive.

j. No sentido de: o único Deus, o verdadeiro Deus.

de paz e louvor, e ordenou a Judá que servisse ao SENHOR, Deus de Israel. ¹⁷Contudo, o povo ainda sacrificava nos lugares altos, mas apenas em honra do SENHOR, seu Deus.

*

¹⁸Os demais atos de Manassés, a oração que fez a seu Deus¹ e as palavras dos videntes que lhe falavam em nome do SENHOR, Deus de Israel, acham-se nas atas dos reis de Israel. ¹⁹Sua oração e como ele foi atendido, todo seu pecado e sua infidelidade, os sítios onde, antes de sua humilhação, construía lugares altos e erigira postes sagrados e estátuas, estão escritos nos Atos de Hozai^m.

*

2Rs 21.18 ²⁰Manassésⁿ adormeceu junto de seus pais e foi sepultado em sua casa^o.

Seu filho Amon se tornou rei em seu lugar.

2Rs 21. 19-24 **Reinado de Amon.** ²¹Amon tinha vinte e dois anos quando se tornou rei, e reinou dois anos em Jerusalémⁿ. ²²Fez o mal aos olhos do SENHOR, como o fizera seu pai, Manassés. Amon ofereceu sacrifícios e prestou culto a todas as estátuas que Manassés, seu pai, fizera. ²³Mas ele não se humilhou diante do SENHOR como se humilhara seu pai, Manassés; pelo contrário, cometeu faltas ainda maiores. ²⁴Seus servos conspiraram contra ele e o mataram em sua casa^o. ²⁵O povo da terra matou todos os que tinham conspirado contra o rei Amon e proclamou rei, em seu lugar, a seu filho Josias.

34 Reinado de Josias. ¹Josias tinha 2Rs 22.1-2
oito anos quando se tornou rei, e reinou trinta e um anos em Jerusalémⁿ. ²Fez o que é agradável aos olhos do SENHOR e seguiu a conduta de David, seu pai, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda.

*

³No oitavo^a ano¹ de seu reinado, sendo adolescente ainda, começou a buscar o Deus de seu pai David e, no décimo segundo ano de seu reinado, começou a purificar Judá e Jerusalém dos lugares altos, dos postes sagrados, dos ídolos esculpidos ou fundidos. ⁴Em sua presença foram demolidos^o os altares dos baalim; ele mesmo derrubou os altares de incenso colocados sobre eles, despedaçou os postes sagrados e os ídolos esculpidos ou fundidos; reduziu-os a pó, que espalhou sobre os túmulos dos que tinham oferecido sacrifícios; ⁵queimou as ossadas dos sacerdotes sobre seus altares. E assim purificou Judá e Jerusalém. ⁶Nas cidades de Manassés, de Efraim, de Simeão e até de Neftali, e nos territórios vizinhos, ⁷ele demoliu os altares e despedaçou os postes sagrados, quebrou os ídolos reduzindo-os a pó e derrubou todos os altares de incenso^o, em toda a terra de Israel. Depois voltou a Jerusalém.

*

⁸No décimo oitavo^a ano de seu reinado, 2Rs 22.3-23.3
depois da purificação da terra e da Casa², Josias enviou Shafan, filho de Aşaliáhu, Maaseiáhu, o governador da cidade, e o

k. 2Cr 33.18-19 indica, segundo as fórmulas caras ao Cronista, as remissões às fontes.

l. Pode-se perguntar se não se trata da "Oração de Manassés" contida em apêndice em certos manuscritos e em algumas edições da Bíblia. Esta oração, ainda que muito bela, não faz parte da Bíblia reconhecida seja pelos católicos, seja pelos protestantes.

m. O gr. traz: *os Atos dos Videntes* (supondo o hebr. *hozim*).
n. 2Cr 33.20-34.2: o Cronista retoma 2Rs 21.18-22.2, seguindo às vezes de perto o texto, outras vezes modificando a redação, outras ainda, acrescentando ou suprimindo alguns detalhes.

o. O gr., de acordo com 2Rs 21.18, traz: *no jardim de sua casa*; o hebr. atual omitiu: *no jardim de*.

p. De 642 a 640.

q. Para um reinado tão curto e tão mau, o Cronista não julgou útil inserir sua habitual remissão aos documentos históricos.

r. De 640 a 609.

s. 2Cr 34.3-7: fonte própria do Cronista, vagamente paralela à de 2Rs 23.6.16.19.20, que resume a reforma religiosa realizada pelo jovem rei desde que assumiu o governo.

t. O hebr. deformou o *oitavo ano* (bem atestado pelo gr.) em *oito anos*.

u. O gr. pode estar mais de acordo com o original do que o hebr., quando diz: *fez demolir... derrubar...*, etc.

v. Tal parece ser o sentido do texto lido pelo gr. e o sir. O hebr. não é satisfatório: *ele escolheu suas casas*; o resultado não é melhor se se supõe: *(e) em suas regiões devastadas*.

w. Cf. Lv 26.30 nota.

x. 2Cr 34.8-31: o texto do Cronista é paralelo ao de 2Rs 22.3-23.3, mas contém muitos detalhes suplementares, tirados sem dúvida de outra fonte, que tem o cuidado de sublinhar o papel dos levitas.

y. Isto é: o Templo.

chanceler Ioaḥ, filho de Joacaz, para restaurar a Casa do SENHOR seu Deus. ⁹Estes foram ter com o sumo sacerdote Hîlqiáhu, e entregaram-lhe o dinheiro oferecido na Casa de Deus e que os levitas guardiães do pátio haviam recolhido da mão de Manassés, de Efraim, de todo o resto de Israel, de todo Judá e Benjamin e dos habitantes de Jerusalém. ¹⁰E entregaram-no em mãos dos que executavam^z o trabalho, que eram responsáveis pela Casa do SENHOR; e os que trabalhavam na Casa do SENHOR o utilizaram para os trabalhos de reparação e restauração da Casa. ¹¹Assim o deram aos carpinteiros e aos pedreiros, para comprar as pedras de talha e a madeira de construção, e para as vigas das construções que os reis de Judá deixaram se deteriorar. ¹²Os homens dedicavam-se conscientemente à sua tarefa; tinham como inspetores os levitas Iáhat e Obadiáhu, dos filhos de Merari, e Zekariá e Meshulam, dos filhos de Qehat^a, eram encarregados da direção. Os levitas, todos peritos em tocar instrumentos musicais^b, ¹³comandavam os carregadores e dirigiam todos os trabalhadores, cada qual segundo sua profissão. Outros dentre os levitas eram secretários, funcionários ou porteiros.

¹⁴Enquanto se utilizava o dinheiro oferecido na Casa do SENHOR, o sacerdote Hîlqiáhu encontrou o livro da Lei do SENHOR dada mediante Moisés. ¹⁵Hîlqiáhu dirigiu-se ao secretário Shafan para dizer-lhe: "Encontrei o livro da Lei na Casa do SENHOR". Hîlqiáhu entregou o livro a Shafan. ¹⁶Este levou o livro ao rei e falou-lhe nestes termos: "Tudo o que foi confiado a teus servos, eles o estão executando; ¹⁷tiraram o dinheiro encontrado na Casa do SENHOR e o entregaram nas mãos dos responsáveis e dos que execu-

tavam o trabalho". ¹⁸Depois, o secretário Shafan anunciou ao rei: "O sacerdote Hîlqiáhu entregou-me um livro". Shafan o leu diante do rei. ¹⁹Quando o rei ouviu as palavras da Lei, rasgou suas vestes, ²⁰e depois ordenou a Hîlqiáhu, a Ahîqâm, filho de Shafan, a Abdon, filho de Miká, ao secretário Shafan e a Asaiá, ministro do rei: ²¹"Ide consultar o SENHOR por mim e pelo resto de Israel e de Judá com relação às palavras do livro que foi encontrado; pois é grande o furor do SENHOR que caiu sobre nós, porque nossos pais não observaram a palavra do SENHOR e não agiram segundo tudo o que está escrito neste livro". ²²Hîlqiáhu e os que haviam sido designados pelo rei foram ter com a profetiza Huldá, mulher de Shalum, filho de Toqhat, filho de Hasrá. Ela morava em Jerusalém, na cidade nova. Transmitiram-lhe o recado ²³e ela respondeu: "Assim fala o SENHOR, Deus de Israel! Dizei àquele que vos enviou a mim: ²⁴Assim fala o SENHOR: Eis que estou para fazer cair a desgraça sobre este lugar e sobre seus habitantes, realizando todas as maldições inscritas no livro lido diante do rei de Judá. ²⁵Visto que me abandonaram e queimaram incenso a outros deuses, irritando-me com todas as obras de suas mãos^c, meu furor se derramará sobre este lugar e não se aplacará. ²⁶Mas ao rei de Judá, que vos envia para consultar o SENHOR, direis o seguinte: Assim fala o SENHOR, Deus de Israel: Ouviste muito bem estas palavras, ²⁷pois teu coração se deixou tocar, e te humilhaste diante de Deus ao ouvires suas palavras contra este lugar e contra seus habitantes, e te humilhaste^d diante de mim rasgando as vestes e chorando diante de mim; ora, eu também te ouvi^e — oráculo do SENHOR. ²⁸Eis que te reunirei a teus

z. A concordância das antigas versões e de 2Rs 22,5 permite corrigir o hebr., que traz: *do operário* (no singular) *encarregados* (no plural).

a. Sobre os clãs levíticos de Qehat e Merari, cf. Ex 6,16-19.

b. Compreende-se bem esta explicação, sobretudo no Oriente, onde, ainda hoje, certos trabalhos são ritmados por cânticos.

c. As *obras de suas mãos* são os ídolos.

d. Esta repetição não existe em 2Rs 22,19.

e. Esta longa frase se esclarece quando se observa a oposição entre seu começo e seu fim: *Ouviste bem estas palavras, visto que... e eu também ouvi*. Outros tradutores pensam que o começo forma uma frase inacabada: *As palavras que ouviste! — Visto que...*

país: serás unido a eles em paz no sepulcro^f. Teus olhos nada verão da desgraça que atraírei sobre este lugar e sobre seus habitantes". Os enviados levaram a resposta ao rei. ²⁹O rei mandou reunir todos os anciãos de Judá e de Jerusalém. ³⁰Depois subiu à Casa do SENHOR, com todos os homens de Judá, os habitantes de Jerusalém, os sacerdotes, os levitas e todo o povo, do maior ao menor. Leu em voz alta todas as palavras do livro da aliança encontrado na Casa do SENHOR. ³¹O rei, de pé em seu lugar^g, concluiu diante do SENHOR a aliança que o obriga a seguir o SENHOR, a guardar de todo o coração e com toda sua alma seus mandamentos, exigências e decretos, praticando as palavras da aliança que estão escritas nesse livro.

*

³²Ele fez^h com que todos os que se encontravam em Jerusalém e em Benjamim se comprometessemⁱ, e os habitantes de Jerusalém também agiram de acordo com a aliança de Deus, o Deus de seus pais. ³³Depois Josias eliminou todas as abominações em todos os territórios pertencentes aos filhos de Israel, e obrigou todos os que se encontravam em Israel a servir ao SENHOR, seu Deus. Durante toda a sua vida, eles não se afastaram do SENHOR, o Deus de seus pais.

*

2R 23. 21-23 **35** ¹Josias^j celebrou a Páscoa do SENHOR em Jerusalém, e a Páscoa foi

imolada no décimo quarto dia do primeiro mês. ²Estimulou^k os sacerdotes em suas funções e os encorajou no serviço da Casa do SENHOR. ³Disse aos levitas encarregados de instruir todo Israel, aos que eram santos para o Senhor^l: "Se tivésseis de colocar a arca santa^m na Casa construída pelo rei Salomão, filho de David, não seria um fardo para vossos ombros. Agora, servi ao SENHOR, vosso Deus, e seu povo Israel. ⁴Organizai-vos por clãs familiares segundo as vossas funções, segundo os documentos do rei de Israel David e de seu filho Salomão". ⁵Permanecei no santuário segundo as divisões dos clãs familiares de vossos irmãos, do povo, e segundo a repartição dos clãs familiares dos levitas". ⁶Imolai a Páscoa, santificai-vos e ficai à disposição de vossos irmãos para pôr em prática a palavra do SENHOR dada por Moisés". ⁷Josias pôs então à parte, para os homens do povo, cordeiros e cabritos do rebanho; o total dos sacrifícios da Páscoa para todos os que lá se encontravam chegava a trinta mil, e mais três mil bois, provenientes das propriedades do rei. ⁸Seus dignitários generosamente apartaram uma oferenda para o povo, os sacerdotes e os levitas: Hilquíahu, Zekariáhu e Iehiel, prefeitos da Casa de Deus, deram aos sacerdotes, para os sacrifícios da Páscoa, duas mil e seiscentas ovelhas^p e trezentos bois. ⁹Os chefes dos levitas, Konaniáhu, e seus irmãos Shemaí e

f. Lit. *Eis que vou reunir-te a teus pais e que serás reunido a teus túmulos na paz.*

g. Ou melhor, com outra vocalização: *sobre seu estrado* (como em 23,13).

h. 2Cr 34,32-33: este desenvolvimento, que não se encontra em 2Rs 23, põe bem em relevo a fidelidade à aliança.

i. Lit. *ele fez pôr-se de pé.*

j. 2Cr 35,1-19: este relato da celebração solene da Páscoa está resumido em 2Rs 23,21-23; o Cronista, pelo contrário, fez questão de comemorar em todos os seus detalhes esta cerimônia religiosa. A partir daqui, o texto de Cr foi retomado pelo apócrifo primeiro (ou terceiro) livro de Esdras (3Esd), que conhecemos através de uma tradução grega (cf. Intr. a Esdras-Neemias).

k. Embora o termo hebr. geralmente signifique "instituir", o contexto parece indicar aqui que estes sacerdotes já estavam "instituídos", mas que eram negligentes em suas funções.

l. O gr. é bem diferente: *Ele diz: aos levitas, que são poderosos*

em todo Israel, que se santifiquem para o Senhor. O sir. dá um sentido excelente: *Ele diz: aos levitas que se encontravam em todo Israel: Santificai-vos para o Senhor...* Para melhorar o hebr., alguns acrescentam e depois de Israel.

m. Lit. *Colocai a arca santa...* Como a arca já se encontrava no Templo desde o reinado de Salomão (2Cr 5,2-10), somos levados a dar a este imperativo um valor condicional, o que é gramaticalmente possível. O pensamento parece ser: Visto que não precisais mais carregar a arca como por ocasião da dedicação do Templo, entregai-vos agora a outras tarefas...

n. O autor faria alusão aos documentos que utilizou em 1Cr 16,4-7; 23,1-32; 25,1-26,32; 2Cr 8,12-16?

o. Ou seja: cada família dos levitas estava encarregada de acolher nela ou tais clãs de outras tribos, para ajudá-los a observar corretamente os ritos da Páscoa, visto que desde há muito o povo perdera o hábito.

p. Esta palavra, exigida pelo sentido, é subentendida em gr., neste v. e no seguinte.

Netanel^q, Hāshabiāhu, Ieiel e Iozabad, apartaram para os levitas, para os sacrifícios pascais, cinco mil cordeiros e quinhentos bois. ¹⁰O serviço foi organizado desta forma: os sacerdotes mantinham-se em seu posto e os levitas em suas funções, segundo a ordem do rei. ¹¹A Páscoa foi imolada, os sacerdotes receberam e derramaram o sangue e os levitas fizeram o esquartejamento. ¹²Quando davam sua parte à gente do povo, segundo as divisões dos clãs familiares, punham de lado a parte a oferecer ao SENHOR em holocausto, como está escrito no livro de Moisés. O mesmo fizeram com os bois. ¹³Assaram ao fogo o cordeiro pascal, segundo o regulamento, enquanto faziam cozer outras comidas sagradas em marmitas, caldeirões ou panelas, e levaram-nas correndo a todo o povo. ¹⁴A seguir, fizeram os preparativos para si mesmos e para os sacerdotes, pois os sacerdotes, filhos de Aarão, tinham estado ocupados até a noite em oferecer o holocausto e as gorduras; foi por isso que os levitas fizeram os preparativos para si e para os sacerdotes, filhos de Aarão. ¹⁵Os cantores, filhos de Asaf, permaneceram em seu posto, segundo a prescrição de David, de Asaf, de Heman e de Iedutun, o vidente^t do rei; da mesma forma, os porteiros permaneceram em cada porta. Não precisaram interromper o serviço, visto que seus irmãos levitas

faziam os preparativos por eles. ¹⁶Naquele dia, todo o serviço do SENHOR foi organizado de modo a celebrar a Páscoa e a oferecer os holocaustos sobre o altar do SENHOR, segundo a prescrição do rei Josias. ¹⁷Foi nessa época que os filhos de Israel presentes celebraram a Páscoa, e durante sete dias a festa dos Pães sem fermento. ¹⁸Páscoa semelhante não se celebrara em Israel desde os tempos do profeta Samuel, e nenhum rei de Israel celebrara Páscoa semelhante à que celebraram Josias, seus sacerdotes, os levitas, todos os de Judá e de Israel presentes e os habitantes de Jerusalém. ¹⁹Foi no décimo oitavo ano do reinado de Josias^{*} que se celebrou esta Páscoa.

*

²⁰Depois^{*} de tudo isso, quando Josias restabelecera a ordem na Casa^u, Nekô, rei do Egito, subiu para uma guerra em Karkemish, no Eufrates. Josias marchou contra ele, ²¹e Nekô enviou mensageiros para lhe dizer: "Que há entre mim e ti^x, rei de Judá? Não é contra ti que venho^y hoje, mas contra meu inimigo habitual^z. Deus mandou que me apressasse. Não te oponhas ao Deus que está comigo, do contrário ele te destruirá". ²²Contudo, Josias não mudou de parecer, pois buscava uma ocasião^a para lutar contra ele. Por isso não ouviu as palavras de Nekô, inspiradas por Deus^b, e veio dar-lhe combate na passagem de Meguido^c. ²³Os ar-

2Rs 23, 29-30

q. Com outra vocalização, poder-se-ia compreender, como o grego: *Konaniāhu, Shemaīahu e seu irmão Netanel*.

r. Lit. *Os sacerdotes derramaram de suas mãos*, mas as antigas versões leram também *o sangue*, omitido no hebr.

s. A gordura do cordeiro pascal era queimada sobre o altar como um holocausto (Lv 3,3-5; ver também na literatura rabínica a Mishná, tratado Pesahim, V,10 e VI,1) e o resto da vítima era entregue ao grupo que a oferecera, para ser comida por ocasião da refeição pascal.

t. O gr. e o sir. leram no plural: *os videntes*; sem dúvida reproduzem o original melhor do que o hebr.

u. Portanto em 622.

v. 2Cr 35,20-25: a derrota e a morte de Josias são relatadas com muito mais brevidade em 2Rs 23,29-30a. O Cronista não teme mostrar o desastre sofrido por este rei fiel a Deus, pois previra em 34,19-28 que este castigo seria provocado pelas infidelidades anteriores do povo de Israel. Além disso, Josias cometeu uma falta contra Deus rejeitando a mensagem que Nekô lhe enviara da parte de Deus.

w. O gr. insere aqui uma longa passagem que traduz um texto hebr. tirado de 2Rs 23,24-27, mas o original sem dúvida não comportava esta adição.

x. Lit. *Que há para mim e para ti?*

y. O hebr., em consequência de um erro de vocalização, traz o verbo na 2ª pessoa.

z. Lit. *a casa de minha guerra* ou *minha casa de guerra*.

a. Alguns compreendem: *mas ele se desfez*, embora o relato da batalha só intervenha no v. seguinte.

b. Em todo este relato, o Cronista parece assemelhar mais ou menos o Deus do Faraó ao verdadeiro Deus.

c. Com efeito, para alcançar a planície de Jezreel, o exército egípcio tinha de atravessar a cadeia de montanhas do Carmelo, e o acesso mais natural ia pelo vale que desembocava em Meguido. Era neste desfiladeiro que o pequeno exército judaico tinha mais possibilidade de enfrentar o poderoso exército egípcio. Har-Meguido é mencionado em Ap 16,16 (Harmagedon) precisamente porque é um campo de batalha tradicional.

queiros atiraram contra o rei Josias, e este disse a seus servos: "Levai-me embora, porque estou gravemente ferido". ²⁴Seus servos tiraram-no de seu carro de combate, deitaram-no num segundo carro e o levaram para Jerusalém. Morreu e foi sepultado nos túmulos de seus pais, e todo Judá e Jerusalém o pranteou. ²⁵Jeremias compôs uma lamentação para Josias; todos os cantores e cantoras falaram de Josias em seus lamentos até o dia de hoje; isto tornou-se um costume em Israel e estes cantos foram inseridos nas lamentações.

*

²⁶Os demais^d atos de Josias e suas provas de piedade conforme o que está escrito na Lei do SENHOR, ²⁷ou seja, seus atos desde os primeiros até os últimos, estão escritos no livro dos reis de Israel e de Judá.

2Rs 23,30

36 Sucessores de Josias e deportação para a Babilônia. ¹A população^e da terra tomou Joacaz, filho de Josias, e o constituiu rei em lugar de seu pai em Jerusalém. ²Joacaz tinha vinte e três anos quando se tornou rei, e reinou três meses em Jerusalém^f. ³O rei do Egito destituiu-o em Jerusalém e impôs à terra um tributo de cem talentos de prata e talentos de ouro^g. ⁴Depois o rei do Egito entronizou seu irmão Eliaqim como rei sobre

2Rs 23,31-34

d. 2Cr 35,26-27 fornece as habituais referências às fontes, em paralelo com 2Rs 23,28.

e. 2Cr 36,1-6: o autor copia 2Rs 23,30-34,1, omitindo alguns detalhes. A partir de agora o gr. parece ter sido mais vezes harmonizado com o texto de Rs, e por isso seu testemunho passa a ter menos valor.

f. Em 609.

g. Alguns entendem: *e um talento de ouro*; o gr. de 2Rs 23,33 traz: *e cem talentos de ouro*, o que sem dúvida é um número exato. Um talento pesava cerca de 34kg.

h. Esta mudança resultaria do fato que o egípcio não possui a letra "l"?

i. O sir. (e o gr.) acrescenta: *onde ele morreu*. Estas palavras que já se encontram em 2Rs 23,34 talvez estejam de acordo com o original.

j. De 609 a 598.

k. 2Cr 36,6-7: breve resumo da segunda campanha dos babilônios contra Jerusalém. As informações recebidas por 2Rs 24,1-4 insistem mais no aspecto de castigo divino, provocado pelas faltas do rei Manassés. O Cronista não parece aceitar

Judá e Jerusalém, mudando seu nome para Joaquim^h. Quanto a seu irmão Joacaz, Nekô levou-o consigo para o Egitoⁱ.

2Rs 23,36-37

⁵Joaquim tinha vinte e cinco anos quando se tornou rei, e reinou onze anos em Jerusalém^j. Fez o mal aos olhos do SENHOR, seu Deus. ⁶Nabucodonosor, rei da Babilônia, subiu contra ele.

2Rs 24,1

*

Prendeu-o^k com dupla corrente de bronze a fim de levá-lo para Babilônia. ⁷Nabucodonosor levou para Babilônia diversos utensílios da Casa do SENHOR e os guardou em seu palácio^l, em Babilônia.

*

⁸Os demais^m atos de Joaquim, as abominações que cometeu e o que lhe aconteceuⁿ, estão escritos no livro dos reis de Israel e de Judá.

*

Seu filho Ioiakin^o se tornou rei em seu lugar. ⁹Ioiakin tinha oito anos^p quando se tornou rei, e reinou três meses e dez dias em Jerusalém^q. Fez o mal aos olhos do SENHOR.

2Rs 24,6-9

*

¹⁰No fim^r e do ano^s, o rei Nabucodonosor enviou uma expedição para levá-lo a Babilônia junto com os objetos preciosos da Casa do SENHOR, e constituiu Sedecias, seu irmão^t, rei sobre Judá e Jerusalém.

*

que as faltas de Manassés tenham reflexos sobre as gerações seguintes.

l. Palácio ou templo: o termo hebr. designa uma casa particularmente vasta e suntuosa.

m. 2Cr 36,8: referência bibliográfica, paralela a 2Rs 24,5.

n. Eufemismo que faz alusão a seu cativeiro na Babilônia.

o. 2Cr 36,8-9: o Cronista copia 2Rs 24,6-9 omitindo o que não se refere diretamente ao rei de Judá.

p. Na realidade, o jovem rei tinha dezoito anos, segundo 2Rs 24,8. Ignora-se se a palavra *dez* foi omitida antes ou depois da cópia feita pelo Cronista.

q. Em 598-597.

r. 2Cr 36,10 só se assemelha a 2Rs 24,10-17 em algumas palavras. O Cronista narra da maneira mais breve possível as campanhas de Nabucodonosor contra Jerusalém.

s. Cf. 2Cr 24,23 nota.

t. Na realidade, o irmão de seu pai, portanto seu tio, como explicam neste mesmo ponto o gr. e o sir. (cf. também 2Rs 24,17-18 e Jr 37,1; 52,1). Mas em hebr. a palavra *irmão* tem um sentido mais amplo que em português.

2Rs 24,
18-19

"Sedecias" tinha vinte e um anos quando se tornou rei, e reinou onze anos em Jerusalém". ¹²Fez o mal aos olhos do SENHOR, seu Deus.

*

Não se humilhou" diante do profeta Jeremias, que falava da parte do SENHOR. ¹³Chegou até a revoltar-se contra o rei Nabucodonosor, que o obrigara a fazer um juramento em nome de Deus. Enrijeceu a nuca e tornou seu coração inflexível, em vez de voltar ao SENHOR, o Deus de Israel. ¹⁴Igualmente todos os chefes dos sacerdotes e do povo multiplicaram suas prevaricações, imitando todas as abominações das nações, e mancharam a Casa que o SENHOR consagrara a si em Jerusalém. ¹⁵O SENHOR, Deus de seus pais, enviou-lhes advertências oportunas e frequentes por intermédio de seus mensageiros, pois tinha compaixão de seu povo e de sua própria habitação. ¹⁶mas eles zombavam dos enviados de Deus, desprezavam suas palavras, zombavam dos profetas, até o furor do SENHOR contra seu povo chegar a tal ponto que já não havia mais remédio. ¹⁷Mandou contra eles o rei dos caldeus^x, que matou pela espada seus jovens no santuário, sem ter piedade nem do adolescente nem da donzela, nem do velho nem do enancado: entregou tudo nas mãos deles. ¹⁸Levou para

Babilônia todos os objetos da Casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da Casa do SENHOR, os tesouros do rei e de seus oficiais. ¹⁹Queimaram a Casa de Deus, demoliram a muralha de Jerusalém, incendiaram todos os seus palácios e destruíram^y todos os seus objetos preciosos. ²⁰Depois, ele deportou para Babilônia os que a espada poupou, a fim de que se tornassem escravos seus e de seus filhos, até o estabelecimento do reino persa. ²¹Assim se cumpriu a palavra do SENHOR transmitida pela boca de Jeremias:

"Até que a terra tenha completado seus sábados, até que tenha praticado o sábado durante todos os seus dias de desolação, por um total de setenta anos".

²²Ora, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para cumprir a palavra do SENHOR que saíra da boca de Jeremias, o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, a fim de que em todo o seu reino mandasse fazer uma proclamação, e até um documento escrito, para dizer: ²³"Assim fala Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR, Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra; ele me encarregou de construir para si uma Casa em Jerusalém, na terra de Judá^b. Quem dentre vós provém de seu povo, de todo ele? Que o SENHOR seu Deus, esteja com ele, e que suba^c..."

u. 2Cr 36,11-12a reproduz 2Rs 24,18-19, omitindo, como sempre desde 2Cr 33,1, o nome da mãe do rei.

v. De 597 a 587.

w. 2Cr 36,12b-21 constitui um relato próprio do Cronista, que insiste na impiedade do rei de Judá.

x. Os caldeus são idênticos aos babilônios, e seu rei na época era Nabucodonosor.

y. O texto grego apócrifo de 3Esd 1,52 traz aqui: *eles consumiram todos os objetos preciosos (até) a destruição*. Isto poderia ser um reflexo exato do texto primitivo.

z. De fato, o autor cita Lv 26,34-35, completado por Jr 25,11 ou 29,10.

a. Para compensar os sábados mal-observados, a terra permanecerá em pousio por setenta anos (dez vezes sete). — Aqui terminava primitivamente o livro das Crônicas. Os dois vv. seguintes, que reproduzem o começo do edito de Ciro, são simplesmente a cópia do começo do nosso livro de Esdras.

b. Jerusalém caiu de tal modo no esquecimento que Ciro julga necessário especificar que Jerusalém fica em Judá.

c. Esd 1,3 precisa: *que ele suba a Jerusalém*.

DEUTEROCANÔNICOS

INTRODUÇÃO

Que são os livros deuterocanônicos? Sob o nome de *Deuterocanônicos* reúnem-se diversos livros de data e gênero diferentes e cuja pertença ao *Cânon* (i.e., a lista oficial) das Escrituras constituiu objeto de discussão no decorrer do tempo. Trata-se de: *Judite*, *Tobias*, *1 e 2 Macabeus*, a *Sabedoria de Salomão*, o *Sirácida* (ou *Eclesiástico*), *Baruc*, a *Epístola* (ou *Carta*) de *Jeremias* (= *Br 6*), e passagens de *Ester* e de *Daniel* próprias da tradução grega. Estes escritos fazem parte do cânon estabelecido oficialmente pela Igreja católica desde o concílio de Trento. As Igrejas orientais (ortodoxas e não-calcêdonianas) nunca adotaram uma posição oficial a seu respeito. Os reformadores do séc. XVI, sem considerá-los canônicos, incluíram-nos na Bíblia em apêndice, julgando que, apesar de não fundarem a fé, poderiam alimentar a piedade dos cristãos. No protestantismo, constituem uma categoria de livros chamados os *Apócrifos* (na qual se incluem outrossim a *Oração de Manassés*, o *3º Livro de Esdras* — adaptação grega de Esdras e Neemias — e o *4º Livro de Esdras*, um apocalipse de origem judaica). No catolicismo, o nome de *Deuterocanônicos*, que lhes foi atribuído desde Sixto de Sena (séc. XVI), apontamos como os livros “admitidos no Cânon por último”, em contraposição aos *Protocanônicos*, que foram admitidos desde o início. Nenhuma das duas designações satisfaz, pois não dizem nada sobre o conjunto destes livros, que, aliás, carece de unidade interna. Assim, a Vulgata latina publicada depois do concílio de Trento pôde distribuí-los, conforme o uso da Bíblia grega, pelas três seções do AT: livros históricos, poéticos e proféticos, relegando ainda os três Apócrifos acima mencionados a um apêndice. Como se trata de um assunto sobre o qual as apreciações das Igrejas divergem, convém expor os dados do assunto. Mas para tanto é preciso examinar historicamente a formação do cânon das Escrituras no judaísmo e posteriormente na Igreja.

Formação do cânon das Escrituras no judaísmo. No judaísmo antigo, a *Torá* (ou Lei) foi ob-

jeto de decisão oficial desde o tempo de sua fixação e promulgação por Esdras, provavelmente em 398 a.C. (cf. Ne 8). A partir desse momento, os cinco “livros de Moisés” foram reconhecidos pelas autoridades persas como a Carta que regia a vida dos judeus do império. Estes, por sua vez, atribuíam-lhes valor normativo para servir de “regra” para a fé e a vida prática; eram *canônicos* no sentido ativo da palavra, quer dizer, como diretrizes *normativas* para a existência. Mais tarde, constituiu-se uma segunda coletânea, a dos *Profetas*, os “anteriores”, ou “primeiros”, Josué, Juízes, *1 e 2 Samuel*, *1 e 2 Reis*, e os “posteriores”, ou “últimos”, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas “menores”). Sem ter o valor normativo da Lei, esta coletânea servia, de certo modo, de base para o comentário prático da Lei, prolongando-lhe o alcance. A formação da coletânea dos *Salmos*, necessária para o uso litúrgico, ensejou uma terceira categoria de livros oficialmente reconhecidos e utilizados no culto do Templo e nas reuniões sinagogais: os *Escritos*. Os limites desta terceira categoria não foram demarcados desde o início, quer por autoridade, quer por costume generalizado. Foi-lhes reconhecida uma autoridade diferente segundo os casos, em função de seu uso prático. Assim, no seio do judaísmo, a lista dos livros sagrados ficou muito tempo aberta. Até quando? E que princípios regiam seu uso? Foi tal ou tal “escrito” acolhido na lista? O uso era igual em todo lugar e ambiente? São questões que abrangem muitos pontos obscuros.

Depois das conquistas de Alexandre Magno (morto em 323), um fato novo interveio na história dos livros sagrados. Uma colônia judaica tinha-se estabelecido em Alexandria do Egito pelo fim do século IV, num tempo em que a Judéia era dominada pelos reis ptolomeus (os lágidas), herdeiros da parte egípcia do império de Alexandre. Estes — como, aliás, também os reis selêucidas, da Síria — confirmaram os privilégios religiosos que o império persa outorgara a seus súditos judeus, constituindo uma “nação” protegida pelo Estado e regida por sua própria Lei. Os judeus po-

diam conservar seu culto e suas peculiaridades culturais. Tinham seus lugares de oração nos bairros e nas aldeias onde suas comunidades estavam estabelecidas. Ora, os judeus do Egito tinham adotado, progressivamente, a língua grega na vida cotidiana. Em consequência disso, sua *Lei* foi logo traduzida para o grego, em parte para conservar a tradição autêntica no interior do judaísmo, graças à leitura pública da Lei nas reuniões sinagogaís, e em parte para estabelecer, aos olhos das autoridades, a base do estatuto legal conforme o qual os judeus deviam ser julgados em caso de conflito.

De acordo com um escrito judaico chamado *Carta de Aristéias*, esta tradução teria sido feita em Alexandria, sob o reinado e por ordem de Ptolomeu II (285-246), por setenta e dois sábios judeus da Palestina escolhidos pelo sumo sacerdote de Jerusalém. Viria daí o nome de "tradução dos *Setenta*" (*Septuaginta*) dado a esta tradução da Lei e ulteriormente estendido a toda a antiga versão grega do AT. Ainda que a *Carta de Aristéias* não tenha valor histórico, a data que ela indica pode ser respeitada. A carta mostra que os judeus de língua grega reconheciam a esta tradução da sua Lei o mesmo valor normativo que ao texto hebraico. Ultrapassando a *Carta de Aristéias*, houve quem não hesitasse em atribuir aos tradutores uma verdadeira inspiração divina, como atesta claramente Filon de Alexandria no início do século I de nossa era. Muitos autores cristãos, querendo provar o caráter inspirado da Bíblia grega, embelezaram a lenda e acentuaram que houve milagroso acordo entre os tradutores.

Depois da Lei, foram traduzidas também as obras que contribuíam para a observância da fé e da vida judaica: os *Profetas* e os *Salmos* em primeiro lugar, e depois os outros escritos na medida de seu prestígio e autoridade (cf. *Sirácida*, Prólogo 6-9.21-25). Adaptações e ampliações faziam desta tradução uma verdadeira interpretação dos textos, em íntima conexão com a mudança de referência cultural decorrente da passagem das línguas hebraica e aramaica para a grega.

Contudo é difícil dizer quais eram os limites da lista dos livros oficialmente reconhecidos e utilizados nos diversos ambientes de implantação do judaísmo, entre o último século da era antiga e a restauração judaica que se seguiu à queda de Je-

rusalém (70 d.C.). No *judaísmo palestinese* e, provavelmente, nas comunidades da Diáspora oriental, muito ligadas a esse, é bem possível que a lista estivesse ainda "aberta": encontrou-se em Massadá, último reduto da resistência judaica contra os romanos (73 d.C.), um rolo do *Sirácida*, atestando talvez seu uso na sinagoga. Aliás, os diversos grupos religiosos não seguiam necessariamente o mesmo uso. Os saduceus atribuíam à Lei tal preeminência que lhes era difícil reconhecer a autoridade de outros livros sagrados. Eles rejeitavam *Daniel*, cuja autoridade era acatada pelos fariseus e pelos membros da comunidade essênica de Qumran. Estes, utilizavam o livro de *Tobias*, o *Sirácida* e, provavelmente, *Baruc*; mas talvez reconhecessem autoridade equivalente a certos Pseudepígrafos' como o livro de *Henoc* ou dos *Jubileus*, e aos escritos oficiais que regiam a vida de sua seita (Regras da Comunidade e da Guerra Santa, coleção dos Hinos, livro da Nova Jerusalém etc.). Convém observar, aqui, que os principais Pseudepígrafos foram traduzidos para o grego e que sua influência não se limitava à comunidade essênica. Ao lado destes grupos, que acolhi- am uma coleção ampla, havia ambientes que definiam as Escrituras de modo mais restritivo, como indicam as tentativas judaicas, no início da era cristã, de estabilizar o texto da Bíblia e de revisar a tradução grega. Estes ambientes, empenhados em conservar e fixar o texto bíblico, não se interessaram por nenhum dos livros deuterocanônicos; eles abriram o caminho à definição da lista dos livros sagrados que vai prevalecer no judaísmo.

Somente entre 80 e 100 d.C. é que os mestres judaicos de obediência farisaica, reunidos em Jâmnia, aboliram as dúvidas quanto à lista oficial das Escrituras. Afirmaram a autoridade de certos livros contestados (Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Ester) e descartaram os livros que julgaram ser posteriores a Ageu, Zacarias e Malaquias, os últimos profetas. No fim do séc. I, o testemunho de Josefo (*Contra Apíão* I, 38-42) reflete fielmente a concepção judaica do Cânon das Escrituras que se impôs a partir de Jâmnia.

Todos os Deuterocanônicos foram assim excluídos da lista estabelecida pelos mestres farisaicos, como também os livros escritos diretamente em grego. Quanto à versão grega dos textos reconhe-

1. Chamam-se assim obras publicadas sob título pseudonímico (cf. Introd. ao Apocalipse).

cidos, esta apresentava, a seus olhos, apenas uma autoridade limitada, à medida que traduzia fielmente os textos originais. Ora, o *judatismo alexandrino* não se contentou em traduzir para o grego os Deuterocanônicos e os principais Pseudepígrafos; de seu seio nasceram também livros originais: a *Sabedoria de Salomão*, o *2º Livro dos Macabeus* e provavelmente uma parte do livro de *Baruc* (Br 4,5–5,9). Que crédito lhe reconheciam? Difícil responder. Não se encontram indícios de conflito entre as comunidades de língua grega e os mestres palestineses, a respeito do cânon definido em Jâmnia, mas é possível que a autoridade reconhecida aos livros sagrados comportasse toda uma gradação. Em todo caso, mesmo depois da decisão de Jâmnia, certos livros excluídos da lista oficial continuaram a ser ocasionalmente citados como Escritura, até no judaísmo rabínico; é o caso do *Sirácida*. Sem terem a autoridade normativa dos livros “canônicos”, eles eram considerados úteis para a edificação dos fiéis.

A formação do cânon das Escrituras na Igreja.

A Igreja cristã, que se formou no seio da Sinagoga, antes de separar-se desta de modo radical, recebeu suas Escrituras sagradas do judaísmo e adaptava-se espontaneamente ao uso prevalecente nas comunidades judaicas das regiões onde se implantava: Palestina, Egito, Síria, Ásia Menor, Grécia, Roma etc. Ora, os limites deste uso eram bastante imprecisos até o fim do século I, como já vimos. Na época de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, a lista dos livros bíblicos não estava definitivamente fechada no seio do judaísmo. As ocasionais citações ou alusões no Novo Testamento são insuficientes para descobrir que livros eram então “recebidos”. O mais que se pode constatar é que, entre os Deuterocanônicos, era certamente utilizada a antiga versão grega de *Daniel* (Septuaginta); que a *Sabedoria de Salomão* era provavelmente conhecida e o *Sirácida*, talvez. Certos Pseudepígrafos faziam parte da herança judaica acolhida pelos cristãos (ver, p. ex., Jd 9 e 14-15). A fixação definitiva da lista das Escrituras judaicas depois de Jâmnia teve certamente repercussão nas Igrejas que tinham contato estreito com comunidades judaicas e nos autores envolvidos em controvérsias com estas; sua situação os convidava a recorrer exclusivamente aos Protocanônicos, já que estes eram reconhecidos por ambos os la-

dos. Em outros lugares, contudo, por força de tradição já estabelecida, continuaram sendo usadas obras excluídas da lista judaica oficial. Na primeira metade do séc. III, Orígenes é uma testemunha valiosa deste uso amplo, ainda mais por colaborar ativamente na fixação do texto crítico da Bíblia e tomar nítida posição na questão do Cânon: ele defendeu os direitos da “Bíblia cristã”, que reconheceu na versão grega do AT, ao contrário dos que se inclinavam para a adoção da “Bíblia judaica” fixada em Jâmnia. Estabeleceu-se, assim, progressivamente, um cânon cristão comportando obras “não discutidas” e, nas suas fronteiras, também obras “discutidas”, às quais se conferia crédito mais ou menos restrito.

Nas Igrejas de língua siríaca, certo número de livros sagrados foi traduzido diretamente da Bíblia hebraica (por judeus ou por cristãos), sem passar pelo grego. O texto destes livros coincide, assim, com o uso da Sinagoga; mas a lista (variável segundo os autores) inclui os livros deuterocanônicos, às vezes traduzidos diretamente do hebraico (o *Sirácida*), às vezes, do grego. As Igrejas orientais de língua grega, ao contrário, atestam usos variados, que no decorrer dos séculos nenhuma decisão jurídica regulamentou de modo definitivo. Ainda hoje, a autoridade reconhecida aos livros deuterocanônicos não é idêntica aos olhos de todos os teólogos orientais, embora a Bíblia grega os contenha todos. Não conserva ela também certos “apócrifos” (segundo a terminologia católica), como *3 Esdras* ou a *Oração de Manassés*, e alguns Pseudepígrafos ou livros assemelhados, como o *3º Livro dos Macabeus*? No Ocidente (Roma e África do Norte) existia, desde o começo do séc. IV, uma lista comum incluindo os Deuterocanônicos, como o atestam os concílios africanos de Cartago e uma carta do papa Inocêncio I. Mas, na mesma época, São Jerônimo, o autor da nova versão que se imporia paulatinamente ao Ocidente latino, contentou-se em traduzir rapidamente alguns deles (*Tobias*, *Judite*), em acrescentar os suplementos de *Ester* e de *Daniel* em apêndice à sua tradução feita sobre a Bíblia hebraica, omitindo a tradução de outros. Seu prolongado contato com o judaísmo palestinese e seu apego à “verdade hebraica” dos livros podem explicar sua atitude mais que reservada! Sua autoridade como tradutor da Bíblia levou certos teólogos da Idade Média a retomar sua opinião, encontrando defen-

sores até o tempo do concílio de Trento (o cardeal Gactano). Esta é a opinião adotada pelos Reformadores protestantes, apoiando-se nas hesitações da tradição grega. Todavia, é preciso esperar até o séc. XIX para que os Deuterocanônicos (então chamados de Apócrifos), depois de postos em apêndice nas bíblias protestantes, sejam totalmente excluídos das traduções divulgadas pelas Sociedades Bíblicas. Atualmente, as posições adotadas pelos teólogos protestantes, a seu respeito, não são uniformes. Alguns estimam que a concepção dominante no protestantismo deve ser submetida a um reexame crítico, não só porque os estudos recentes mostram a insuficiência de sua justificação histórica, mas também porque se torna necessária uma nova reflexão sobre a noção de inspiração da Escritura.

Esta *Introdução* se encerra com a constatação da diversidade de pontos de vista nas diversas Igrejas (ortodoxas, orientais não-calcedonianas, católica, protestantes). Atribui-se aos Deuterocanônicos, conforme o caso, seja uma autoridade igual à dos demais livros bíblicos, seja uma autoridade menor, seja nenhuma autoridade propriamente normativa. Estas atitudes práticas têm como fundo um juízo sobre sua inspiração: será que eles são

testemunhas plenamente credenciadas da Palavra de Deus? Ou deve-se reconhecer que existe gradação na própria inspiração? Ou será que a discussão em torno a certos livros mostra que estes atestam a Palavra de Deus a título secundário, enquanto eco dos livros bíblicos propriamente ditos, de modo que a eles se pode recorrer para alimentar a vida de fé, mas não para fundamentar dogmas? Não cabe aos tradutores destes livros decidir tais questões; basta apresentar aqui, corretamente, o texto com suas anotações. A tradução fez surgir algumas dificuldades, que foi preciso resolver da melhor maneira possível. Assim, oferecemos uma tradução integral do *Ester* grego, por demais diferente do *Ester* hebraico. Os suplementos gregos do livro de *Daniel*, ao invés, encontram-se inseridos no texto hebraico, no seu quadro normal, portanto, na seção dos "Escritos" (cf. supra). Para todos os outros Deuterocanônicos, a diversidade das versões levantou problemas complexos; as Introduções aos respectivos livros informarão o leitor a respeito.

* [Nos Deuterocanônicos, como no Novo Testamento, grafamos os nomes próprios segundo a maneira grecizada, visto ser o grego o idioma em que foram compostos. Veja *Nomes próprios*.]

ESTER (grego)

INTRODUÇÃO

O livro de Ester já se encontra traduzido, nesta Bíblia, segundo o texto hebraico. Segue agora uma tradução do mesmo livro a partir do texto grego. Entre esses dois textos, há semelhanças e diferenças que não se devem apenas à língua empregada em cada um deles. (Ler, antes, a introdução ao Ester hebraico.)

A trama dos acontecimentos é quase idêntica: queda de Astin (este nome substituiu o de Vashti), elevação de Ester, promoção de Haman e sorte lançada contra os judeus, humilhação de Mardoqueu (em hebr. Mordekai), depois sucesso de Ester, reabilitação e triunfo de Mardoqueu, queda de Haman, dominação de Ester, queda dos inimigos e instituição da festa dos Destinos. Essa sucessão de elevações e quedas, de sucessos e reveses, marca o ritmo de uma narração na qual os papéis se invertem. Intrigas palacianas, jogos de espelhos, maquinações, transtornos, encenação calculada para fazer ricochetear a ação, manter o interesse, excitar as paixões, esses são os procedimentos romanescos usados, aos quais se junta, sobretudo no texto grego, o maravilhoso que exalta e amplifica a descrição. O drama se abate sobre os ombros de uma mulher (cf. Judite) elevada a rainha, Ester, uma judia; ele se origina do conflito entre Haman, vizir orgulhoso, e Mardoqueu, judeu fiel e piedoso; e termina por banhar-se no sangue dos pagãos antes de se lavar na exultação de todo um povo. Os contrastes são simples e bem embasados. A ridícula desmesura de Haman acarreta uma vingança exagerada. A festa será tanto maior e mais alegre para o povo libertado quanto mais pesada e tirânica tiver sido a opressão.

Entretanto, o texto grego, influenciado pelos procedimentos romanescos da literatura helenista, acrescenta alguns suplementos (os mais importantes são designados por uma letra alfabética segundo a prática atual das edições da Septuaginta). Logo de início, um sonho (cap. A) prefigura o que vai acontecer; ele terá sua explicação no fim do livro (cap. F) depois de decorridos os acontecimentos, antes que se dê, em apêndice, uma indicação sobre a origem da tradução em grego

da “carta dos Destinos”. Nos capítulos 3 e 8, intercalam-se dois documentos (caps. B e E), conformes ao estilo oficial. Para acentuar o caráter religioso da história, duas orações (cap. C) intervem no momento crítico e operam a inversão da situação. Enfim, no cap. 5, os vv. 1 e 2 são consideravelmente ampliados (cap. D), sobretudo para mostrar o caráter maravilhoso e divino que envolve a realeza e a determina.

Esses suplementos, relegados ao fim do livro por São Jerônimo, foram, assim, tirados de seu contexto. Convém devolvê-los ao lugar que tinham na Bíblia grega (ver a introdução aos Livros deuterocanônicos). Eles se integram, então, no curso da narração, malgrado algumas distorções (contradições: cf. A, 16 e 6,3; duplicatas: cf. A 1-3 e 2,5-6, A 12-16 e 2,21-23).

Desse texto grego existem duas versões: uma de Luciano de Antioquia, outra de Orígenes. Aqui, traduzimos a de Orígenes, porque difere mais do texto hebraico. Comparando-se o texto hebraico e o texto grego sobre os mesmos episódios, podem-se distinguir três “maneiras”: algumas passagens são tradução literal do hebraico numa fraseologia hebraica; outras apresentam um texto simplificado com lacunas; enfim, às vezes o grego acrescenta detalhes, amplifica ou renova o texto hebraico. Essas diferenças textuais serão evidenciadas na diagramação ou em notas. Os caracteres itálicos assinalam os paralelos entre os dois textos; tendo as palavras o mesmo sentido, a tradução é, portanto, praticamente idêntica (comparar com Ester hebraico). As notas registram o que o texto hebraico tem a mais, exceto quando as diferenças são insignificantes.

Enquanto o livro hebraico não mencionou, em parte alguma, o nome de Deus, malgrado uma alusão em 4,14, o texto grego o cita explicitamente, acentuando o caráter religioso e sagrado dessa história difundida nos meios da Diáspora. Mas o mesmo silêncio recai sobre o Templo, a Torá, o Sacerdócio, o Sábado, e Jerusalém, as principais características do judaísmo, a menos que se vejam rápidas alusões em alguns versículos das adições (C,20; C,26; E,15; F,11). Ao contar os

acontecimentos dos quais Ester e Mardoqueu são, cada um por sua vez, os heróis gloriosos (por que o livro é de Ester somente? por que existe também "o dia de Mardoqueu"?), justifica-se a festa dos Destinos, dá-se-lhe ao mesmo tempo uma origem e uma característica religiosa. Este escrito é, portanto, um pretexto e se dirige a uma comunidade de fé que celebra uma festa (9,23-28), alegre manifestação e evocação sempre atual da Aliança com Deus. O livro de Ester faz, de fato, parte dos "cinco Rolos" destinados à leitura por ocasião de certas festas judaicas.

Como no livro de Judite, cuja heroína é também uma mulher audaciosa, a sorte do povo de Deus é decidida por meio de banquetes. Esse tema do festim percorre todo o livro de Ester, sem que se faça referência a Deus nessa ocasião. Se isso constitui um traço de origem pagã (cf. Introdução ao Ester hebraico) do "dia de Mardoqueu" (2Mc 15,36), há em seguida uma nova interpretação do tema (ver A,10) em sentido apocalíptico e segundo as necessidades do tempo presente que envolve o texto e consagra a tradição.

O enraizamento bíblico do livro de Ester é profundo. Reencontramos as lições do Sirácida, o tema do retorno da fortuna, muitas vezes presente no livro da Sabedoria. Por outro lado, não faltam também a essa história paralelos com a situação de José no Egito (Gn 37-50) e com as maravilhosas aventuras de Daniel. Muitos fatos aqui narrados encontram ainda um ponto de comparação nos livros de Esdras e de Neemias ou nos dos Macabeus. Assim os paralelos com os livros mais recentes da Bíblia fornecem não apenas referências para o próprio texto, como também um testemunho da realidade dos fatos nele subentendidos e que outros textos esclarecem, a saber, os conflitos às vezes violentos que explodiram entre as comunidades judaicas e o mundo no qual elas viviam. Através do cenário anacrônico e de ficção embelezada, transparece a autenticidade da história real. O presente é transposto para o passado: ao ser comemorado, ele é revivido sem nada perder de sua própria intensidade. De fato, sob formas maravilhosas ou trágicas exprime-se a atualidade de um povo oprimido que não ignora o seu passado já marcado pela salvação de Deus. Além disso, os detalhes dados aqui e ali não estão em contradição com o que sabemos da Antiguidade: na literatura grega, Heródoto (historiador, séc. V) atesta-os também. O livro de Ester não se opõe

à história; mas mistura-a com um romance edificante que indica a recorrência de um drama religioso e a fidelidade de um Deus salvador.

Passando de uma língua para outras, a Palavra de Deus continua o seu caminho através de diferentes escritas. As discrepâncias entre os textos hebraico e grego nem sempre são imputáveis ao acaso ou à ignorância dos tradutores (os Setenta, como é costume chamá-los). Estes últimos não trazem, antes, a prova de sua fidelidade dinâmica à Palavra de Deus? A mensagem é mais importante do que o texto; a fim de responder aos apelos de seus destinatários, ela se adapta e se amplia. Para quem examina esta obra de tradução comparando os dois textos, hebraico e grego, está já traçada a via para a leitura e, em seguida, para a interpretação guiada pela fé.

Exprimindo-se a mensagem em outra língua, o nacionalismo se mostra menos amargo no texto grego e a perspectiva se alarga. Esse universalismo mais marcado é devido, sem dúvida, ao meio helenista da Diáspora em que esse texto era lido e ouvido. Se era preciso agradar pela descrição, convinha também não chocar por uma agressividade brutal e sangüinária. O fato, entretanto, é que os judeus estão sujeitos a um poder totalitário; seus particularismos os expõem à perseguição. Essa situação mais de uma vez tornou a dar uma atualidade aguda ao livro de Ester. A insubmissão religiosa do judeu Mardoqueu diante de Haman toma uma feição política. A fé conduz o crente a atitudes práticas mesmo contra os poderosos deste mundo; pois não há soberano maior e mais venerável que o próprio Deus.

Mas esse Deus não é uma autoridade distante; ele intervém no curso da história que não está votada aos caprichos da sorte. O livro de Ester nos distancia do fatalismo. São, antes, as orações humildes e os atos corajosos de Ester ou de Mardoqueu que são exemplares. Pois a salvação de Deus não poderia se realizar sem o concurso dos homens a quem ele se dirige. Essa é a Aliança entre Deus e seu povo.

Esta história do povo judeu, libertado da calúnia e da morte, desencadeava nos seus ouvintes banquetes e gritos de alegria. Ela pode também evocar o "banquete" cristão, em que se celebram a libertação e a reconciliação oferecidas a todos os homens por Deus em Jesus Cristo. "Não há mais nem judeu, nem grego..." (Gl 3,28).

A O sonho de Mardoqueu^a. 'No segundo ano do reinado de Artaxerxes, o Grande^b, no primeiro dia de nisan^c, Mardoqueu teve um sonho^d. Descendente de Jairo, de Semeias, de Kisaia^e, procedente da tribo de Benjamin. 'Mardoqueu era um judeu residente em Susa: era um personagem importante que servia na Corte do Rei'. 'Ora, ele fazia parte daqueles que Nabucodonosor, rei de Babilônia, deportara de Jerusalém com Jeconias, rei da Judéia^f.

'Mardoqueu teve este sonho^g:

Clamores e tumulto,

estrondos e sismo,

perturbação na terra^h.

'Dois grandes dragõesⁱ avançam, am-

bos prontos para a luta. Eles soltam um grande grito; 'ao seu grito, cada nação se prepara para o combate, de modo a fazer a guerra a uma nação de justos.

'Dia de trevas e de obscuridade^j,

aflição e ansiedade^k,

opressão e grande perturbação na terra.

'Está perturbada, a nação justa toda inteira, apavorada com as suas desgraças; preparam-se^l para serem aniquilados. 'apelam para Deus^m. Ora, desse apelo, sai, como de uma pequena fonte, um grande rio, uma água abundante.

'Uma luzⁿ se levanta, e o sol. Então os humildes são exaltados^o e devoram^p os nobres.

2Sm 22,8;
Jl 4,16;
1Mc 1,28

Sb 2,10; 17,2;
Zc 14,2

Jl 2,2;
Sf 1,15
Is 8,2;
Rm 2,9

Ez 47,1-12;
Jl 4,18

Is 9,1;
Sf 97,11;
12,4;
Th 13,1;
Sb 5,6; 18,1
Mt 3,20
Sl 75,8;
Lc 1,52

a. Este capítulo inicial não se encontra no texto hebr. Nós o recebemos através do gr. (duas versões). O mesmo se dá com todos os caps. designados por uma letra alfabética (ver Introd.). Neste cap. preliminar são dados os principais temas de Ester: transtorno, opressão; combate, vitória; inversão de situação (queda, elevação); libertação; alegria (festim).

b. É de se observar, por outro lado, que este capítulo não se refere em primeiro lugar a Ester (título do livro), mas a Mardoqueu. No decorrer da narração, esses dois personagens predominam alternadamente.

c. O texto hebr. emprega o nome de Xerxes (cf. Est hebr. 1,1 nota). O texto gr., traduzido aqui segundo a versão de Orígenes, cita sempre Artaxerxes no lugar de Xerxes. Sobre Xerxes e Artaxerxes, cf. Esd 4,6-7. A história persa conheceu três Artaxerxes: 464-424, 404-359, 359-338.

d. Nisan = março-abril, o primeiro mês do ano judeu, segundo a denominação pós-exílica dos meses; cf. Ex 12,2 nota.

e. O *sonho* tem um valor simbólico e premonitório, particularmente evidente no começo deste livro. Essas narrações de sonhos são frequentes: no AT: Gn 15,12; 20,3; 28,10-22; 37,5-10; 40,5-23; 41,1-32 (história de José); Jz 7,13-15; 1Rs 3,5; Dn 4; 7; 2Mc 15,11-12; — no NT: Mt 1,20-24; 2,13-14 (nota); 2,19; 27,19; At 16,9; 18,9; 23,11.

f. Esses nomes estão aqui helenizados (cf. Est hebr. 2,5 nota).

g. Mardoqueu é apresentado aqui como um cortesão. Este versículo não tem correspondente na passagem paralela (em 2, 5-6), que é menos enfática sobre o papel de Mardoqueu.

h. Como a deportação se deu em 597 (2Rs 24,14), há aqui uma inverossimilhança (cf. Est hebr. 2,6 nota). Segundo o início desta narração, Mardoqueu teria, quando menos, 150 anos! Mas esses detalhes fictícios são menos importantes do que o quadro histórico dentro do qual vai se desenrolar a narrativa: a deportação que expatriou os judeus para longe de Jerusalém. Esse acontecimento está na origem da *Diáspora*, a que poderiam pertencer os primeiros leitores do livro de Ester. Nesse passado eles reconheciam a sua experiência atual. É, portanto, nos próprios erros da cronologia que se pode chegar à realidade da

mensagem contida nessa narrativa. Cf. a apresentação de Daniel (Dn 5,13).

i. O sonho de Mardoqueu se apresenta no estilo das manifestações de Deus com um tom apocalíptico (cf. Jl 2,1-11). O livro de Ez se inicia, também, por uma visão (cf. Ez 1,1-28). Ver também: Is 5,30; 29,6. Ademais, esse sonho situa a história de Mardoqueu imediatamente na linha das de José (Gn 37,3-11) e de Daniel (Dn 4 e 7). O livro de Ester apresentará muitos paralelos com esses dois outros personagens bíblicos. Enfim, a narração de sonho é um procedimento literário do romance grego dessa época.

j. A disposição em estíquios não pertence ao texto gr. Visa apenas exprimir o ritmo do texto que, nesse v., junta os nomes dos dois (id. no v. 7).

k. Dentre os textos bíblicos, só aqui a luta opõe dois *dragões*. Em outras passagens, há apenas um (cf. Dn 14,23-30). Essas duas potências mitológicas adversas simbolizam o bem e o mal. Sobre o dragão, cf. Is 27,1 nota; Am 9,3; Jó 3,8; 7,12 nota. Encontra-se, em outras passagens, um combate entre animais fabulosos (cf. Dn 7 e 8).

l. Esta descrição evoca o Dia do Senhor. Cf. Is 9,1 nota; 5,30; 8,22-23; 29,6; Am 5,18-20; Mt 24,29.

m. Ver Rm 2,9 nota, e 5,3 nota. O vocabulário desta narrativa apresenta um colorido nitidamente escatológico.

n. Insistência na ideia de preparação: vv. 5-6. Trata-se de preparativos para a guerra santa.

o. Diferentemente do hebr., que nunca nomeia Deus, o texto gr. se caracteriza pelo emprego dos nomes de *Deus* ou de *Senhor* (42 vezes). Essa clara marca religiosa não se encontra no Est hebr.

p. Ver Is 9,1 nota.

q. Esse movimento para o alto (ou o seu contrário: para baixo) é um dos temas essenciais deste livro. A elevação sucede à queda, ou inversamente. Por outro lado, a forma passiva deixa a entender que se trata aqui de uma ação divina que intervém na história.

r. Aparece aqui, pela primeira vez neste livro, o tema "comer", de grande importância ao longo da narrativa. Ver cap. 1:

¹¹Ao acordar, Mardoqueu, que vira esse sonho e o que Deus¹ decidira fazer, guardou isso no seu coração e, até a noite, desejou a todo custo compreendê-lo.

Dn 7,28
Lc 2,19
Dn 2,3

Mardoqueu denuncia ao rei um complô. ¹²Depois Mardoqueu permaneceu em repouso na Corte, em companhia de Gabata e de Tarra, os dois eunucos reais que guardavam o pátio. ¹³Ele os ouviu falar de suas maquinações e procurou saber de que se ocupavam; descobriu que se preparavam para levantar a mão contra o rei Artaxerxes. Denunciou-os ao rei. ¹⁴O rei interrogou os dois eunucos que, depois de terem confessados, foram presos². ¹⁵O rei mandou que os fatos fossem escritos para que se guardasse sua memória; Mardoqueu também os registrou por escrito. ¹⁶Depois o rei ordenou a Mardoqueu que permanecesse a serviço da Corte³ e o gratificou com presentes pelo que acabara de fazer.

2,23; 6,1-2;
10,2

¹⁷Havia também Haman, o Bugaios⁴, filho de Hamadatos, nobre⁵ do rei. Por causa da questão dos dois eunucos reais, ele procurou fazer mal a Mardoqueu e a seu povo.

Dn 6,5

1 A desgraça de Astin. ¹For⁶ no tempo de Artaxerxes. Este Artaxerxes reinou sobre cento e vinte e sete provín-

Dn 6,2

cias⁷ desde a Índia⁸. ²Nessa época, quando veio ocupar seu trono⁹ na cidade de Susa, ³no terceiro ano de seu reinado, o rei Artaxerxes organizou um banquete para seus amigos, para todas as outras nações¹⁰, para os nobres entre os persas e os medos, e para os superprefeitos¹¹. ⁴Depois, durante cento e oitenta dias, ele lhes mostrou a riqueza de seu reino e o esplendor de suas ricas diversões.

Dn 5,1-4

Jr 1,16

Dn 5,2-3;
2Rs 20,13

⁵Depois do período de bodas, o rei organizou, durante seis dias, para as nações¹² que se encontravam na cidade¹³, um festim no pátio do palácio real¹⁴. ⁶O pátio tinha sido decorado com linho e musselina estendidos sobre cordões de linho e de escarlata, sobre pinos de ouro e de prata, sobre colunas de mármore, e de alabastro¹⁵; havia divãs de ouro e de prata¹⁶ sobre um pavimento de esmeralda, de nácar e de mármore; e mantas com bordados cintilantes, rosas espalhadas à volta, ⁷taças de ouro e de prata¹⁷, uma grande taça de metal ornada de rubis avaliada em trinta mil talentos. Havia vinho bom em profusão, que o próprio rei bebia. ⁸Esse festim não teve restrições: assim o quis o rei e ordenara aos mordomos que agissem segundo o seu desejo e o de cada um.

⁹Astin¹⁸, a rainha, tinha igualmente organizado um festim para as mulheres no

7; 9. Essa imagem, emprestada dos profetas (Is 9,11; Jr 10,25; Mq 3,3) é aplicada em proveito dos justos. Sobre o festim messiânico, ver Is 25,6.

r. Cf. A,9 nota.

s. Cf. At 12,19: o verbo é o mesmo para uma situação idêntica.

t. Mesma expressão que em A,2.

u. Em parte alguma, no texto gr., Haman é cognominado o Agaguita como em Est hebr. (ver 3,1 nota). O sobrenome Bugaios permanece obscuro, a menos que signifique "o Fanfarrão". Este sentido é atestado não somente em Homero, mas ainda em um autor grego mais próximo do livro de Ester. Ver nesse caso, Pr 21,24. Ainda pode se tratar de uma deformação do nome de Bagoas que, em 337, envenenou Artaxerxes III (359-338).

v. Mesma palavra que em A,10.

w. Lit. *Depois disso*. A ligação não vincula este capítulo ao precedente. Outros livros do AT começam também por essa forma estereotipada que parece ligar os diferentes episódios de uma mesma história para além dos livros (cf. Js 1,1; Jz 1,1; Rt 1,1; 1Mc 1,1).

x. Mesmo número em Dn 6,2 (LXX). Esse número, mais sim-

bólico — (12 X 10) + 7 — indica a dominação universal de Artaxerxes (cf. B,2).

y. Este hebr. acrescenta: *até Kush* (= Etiópia). Cf. texto gr. 3,12; B,1; 8,9; E,1.

z. Est hebr. acrescenta: *real*.

a. Isto é, os estrangeiros.

b. Lit. *chefe dos sátrapas*.

c. Só elas são convidadas para este novo festim. Est hebr. dá outra versão: *todas as pessoas que se encontravam na cidadela de Susa*. A intenção de Est gr. é mais universalista.

d. Est hebr. acrescenta: *desde a mais importante até a mais humilde*.

e. Est hebr.: *no pátio do jardim do palácio*.

f. Na descrição do cenário, o gr. amplia hebr. Acrescenta de bom grado detalhes embelezadores.

g. Sobre esses divãs os convivas se estendiam para comer. Cf. Ez 23,41; Am 6,4.

h. No início desse v., Est hebr. acrescenta: *servia-se a bebida em*.

i. Essa rainha Astin é desconhecida fora desta narrativa. Heródoto cita Amestris como esposa de Artaxerxes, mas não menciona nem Astin, nem Ester. Ver Est hebr. 1,9 nota.

palácio real, lá onde estava o rei Artaxerxes.

¹⁰No sétimo dia¹, o rei estava alegre²; ordenou então a Haman, Bazan, Tarra, Boraze, Zatoita, Abataza e Taraba¹ — os sete^m eunucos a serviço do rei Artaxerxes — ¹¹que mandassem vir a rainha à sua presença para sentá-la no trono, cingi-la com o diadema e exibir aos ministros e às nações a sua beleza³; pois ela era bela!⁴ ¹²Mas a rainha Astin recusou-se a vir com os eunucos. Vexado, o rei se encheu de cólera. ¹³Ele disse a seus amigos: “É assim que Astin respondeu? Pois bem! Deliberei e julgai esse caso.”

Jr 8,7:
12,12-13

¹⁴Depois se aproximaram dele Arkesaios, Sarsataios e Malesear, ministros dos persas e dos medos, que se mantinham junto do rei, ocupando os primeiros lugares⁵ ao lado do rei. ¹⁵Eles lhe indicaram⁶, de acordo com as leis, o que se haveria de fazer à rainha Astin, visto que ela não executara as decisões do rei transmitidas pelos eunucos. ¹⁶Mukhaiois tomou então a palavra diante do rei e dos ministros: “Não foi somente ao rei que a rainha Astin insultou, mas também a todos os ministros e todos os governadores reais.” ¹⁷— O rei lhes havia, de fato, relatado as palavras da rainha e a maneira como ela lhe replicara —. Do mesmo modo como ela replicou ao rei Artaxerxes, ¹⁸é assim que todas as outras damas dos ministros persas e medos, quando vierem a saber

da sua resposta ao rei, ousarão infligir desonra igual a seus maridos⁷. ¹⁹Se for do agrado do rei, que ele produza um decreto real, a ser inscrito nas leis dos medos e dos persas. Que não haja outro procedimento! E que a rainha não se aproxime mais do rei, que dará seu título de rainha a mulher melhor que ela!⁸ ²⁰E que repercuta a lei estabelecida pelo rei⁹, que ele fará aplicar no seu reino¹⁰. Assim, todas as mulheres cercarão de atenções os seus maridos, do mais pobre ao mais rico.” ²¹Isso agradou ao rei e aos ministros. De modo que o rei agiu conforme as palavras de Mukhaiois. ²²Ele enviou cartas por todo o reino, a cada província¹¹ segundo sua língua, de sorte que as pessoas tinham medo dentro de suas casas¹².

2 A ascensão de Ester. ¹Depois desses acontecimentos, uma vez apaziguado o seu furor, o rei não mais mencionou Astin¹³, guardando na memória suas declarações e a maneira pela qual a condenara. ²Os servos a seu serviço disseram então: “Que se procurem para o rei jovens¹⁴ virgens e lindas de se ver.” ³Institua o rei comissários em todas as províncias do seu reino e que eles escolham jovens virgens e lindas de se ver, para levá-las ao harém na cidade de Susa. Sejam elas então confiadas ao eunuco real, guarda das mulheres. Que se lhes dêem cremes de beleza e que se lhes

Dn 1,3

j. Segundo o v. 5, o banquete devia durar seis dias. Por seu lado, Est hebr. indicava uma duração de sete dias. Ver 2,18 nota.

k. Est hebr. acrescenta: *por causa do vinho*.

l. Nesta lista, reencontramos o nome de um dos dois eunucos citados em A.12: Tarra. É preciso notar ainda o nome de Haman (cf. A.17); sem dúvida, trata-se de outro personagem. Com efeito, este aqui é um eunuco, enquanto o outro é casado (6,13) e pai de dez rapazes (9,10)! A menos que, passando por cima das inverossimilhanças, o autor o tenha querido associar à desgraça de Astin...

m. O número sete é dado duas vezes neste v. O rei rodeava-se de sete conselheiros: cf. Esd 7,14.

n. Heródoto atesta que esse espetáculo era de costume para as concubinas reais. Essa beleza toda natural não era quase envolvida por vestimentas (ver a mesma palavra em Ez 16,25).

o. Trata-se de um título honorífico (ver E.5). Esta distinção se encontra também em 1Mc 2,18, passim; 2Mc 8,9.

p. Ver Dn 5,7 nota; parece que há ainda aqui um triunvirato de três funcionários à testa da administração.

q. Segundo Est hebr., o rei interrogou os *astrólogos*. No texto gr. são os ministros que, de acordo com a ordem dada no v. 13, respondem ao rei.

r. O tom é exagerado e enfático. Esse incidente palaciano poderia assumir proporções desmesuradas.

s. O sentido pode também ser, palavra por palavra, o mesmo que em Est hebr. “[onde se traduziu *repercutirá*]”.

t. Est hebr. acrescenta: *e ele é grande!*

u. Est hebr. acrescenta: *segundo a sua escrita e a cada povo...*

v. Este capítulo termina com um vasto panorama, assim como em 3,15; D,16; 8,17. A perspectiva se amplia ao fim desses capítulos, para mostrar a ressonância dos fatos. Há aqui, além do mais, uma antecipação de 9,2-3.

w. Quer dizer que Astin não foi mais chamada pelo rei (ver 2,14); ela não faz mais parte de suas concubinas.

x. Ver Heródoto III, 97.

providenciem os outros cuidados. ⁴A mulher que agradar ao rei reinará no lugar de Astin." Isso agradou ao rei, que agiu desse modo.

⁵Havia, na cidade de Susa, um judeu chamado Mardoqueu, descendente de Jairo, de Semeias, de Kisaia, oriundo da tribo de Benjamin; ⁶era um deportado^a, vinha de Jerusalém^a que Nabucodonosor, rei da Babilônia, levava em deportação^b. ⁷Ora, ele era tutor de uma criança, filha de seu tio Aminadab; ela se chamava Ester^c. Ela tinha perdido seus pais, e Mardoqueu a educara para fazê-la sua mulher^d. A jovem^e era linda de se ver.

Jr 8,17

⁸Após a proclamação da ordem do rei^f, numerosas jovens foram juntadas na cidade de Susa sob a autoridade de Gai. Ester foi então levada^a a Gai, o guarda das mulheres. ⁹A jovem lhe agradou e conquistou o seu favor. Ele se apressou em dar-lhe os seus cremes de helez e seu regime^h, bem comoⁱ as sete moças mais importantes vindas do palácio para ela. Ele a tratou bem, a ela e às suas damas de honra, no harém^j. ¹⁰Ester não revelara sua raça, nem sua pátria; pois Mardoqueu a proibia de fazê-lo. ¹¹Por outro lado, todos os dias, Mardoqueu passeava perto do pátio das mulheres, observando o que aconteceria a Ester.

Gn 39,4-21

Dn 1,5

2Mc 6,6

¹²Ao fim de doze meses, chegava o momento de uma jovem se aproximar do rei. O período dos preparativos se desenrolava assim: durante seis meses, ela se untava com óleo de mirra, depois, durante seis meses, com bálsamos e cremes de beleza femininos. ¹³Ela ia^k então para junto do rei. Aquele que ele havia delegado permitia à jovem acompanhá-lo desde o harém até os aposentos reais. ¹⁴À tarde, ela ia; de manhã, ela se retirava para o segundo harém do qual Gai, o eunuco real^l, era o guarda. Ela não ia mais, então, para junto do rei, a menos^m que fosse chamada nominalmente.

¹⁵Quando Ester, a filha de Aminadab, tio de Mardoqueu, cumpriu os prazos para se aproximar do rei, ela não tinha recusado nenhuma das ordens do eunuco guarda das mulheres. De fato, Ester conquistava o favor de todos os que a viam. ¹⁶Ester se aproximou, então, do rei Artaxerxesⁿ no décimo segundo mês, isto é, em adar^o, no sétimo^p ano do reinado. ¹⁷E o rei se enamorou de Ester^q que conquistou^r o seu favor mais do que todas as jovens. Ele lhe impôs então o diadema de sua esposa^s. ¹⁸Depois, o rei organizou, para todos os seus amigos e todos os poderosos, um festim^t durante sete dias e celebrou suas bodas^u com

y. Diferentemente da apresentação feita em A,1-2, o gr. indica primeiro que Mardoqueu era judeu, antes mesmo de citar seu nome. Essa inversão é importante: já de entrada este homem parece ser aqui o tipo da raça judaica (cf. 5,13; 6,13).

z. Mardoqueu não é apresentado aqui como um personagem importante pertencente à Corte real (cf. A,2). Este cap. destaca sobretudo Ester.

a. A construção da frase é diferente de A,3; aqui, é Jerusalém que foi deportada. Ao citar essa cidade, o gr. segue o hebr. neste v.

b. Est hebr. acrescenta: como ioiakim, rei de Judá. Ver A,3 nota.

c. O hebr. e o gr. estão de acordo neste ponto: Ester seria, então, prima de Mardoqueu. Para Aminadab: cf. Ex 6,23; Rt 4,19-20; 1Cr 2,10; 15,11.

d. Est hebr.: ele a adotara como filha. A lenda judaica posterior manteve a versão do grego, de preferência à fornecida por Est hebr.

e. Est hebr. acrescenta: tinha um corpo esplêndido e...

f. Est hebr. acrescenta: e de seu decreto.

g. Est hebr. acrescenta: ao palácio sob a autoridade de...

h. Lit. porção (cf. 9,19).

i. Est hebr. acrescenta: em dar-lhe.

j. Est hebr.: para o melhor apartamento do harém.

k. No início, Est hebr. acrescenta: eis como...

l. Est hebr. acrescenta: e guarda das concubinas.

m. Est hebr. acrescenta: a menos que o rei a deseje e...

n. Est hebr. acrescenta: no seu palácio real.

o. Est hebr.: no décimo mês, isto é, no mês de tétet. O mês de adar é várias vezes citado no livro de Ester: 3,7; 3,13; B,6; 8,12; E,20; 9,1; 9,16; 9,19; 9,21; é o mês da festa dos Destinos (ver cap. 9).

p. Notar ainda o valor simbólico do número 7 (ver 1,10 nota). A cena se passa, portanto, quatro anos depois de 1,3.

q. Est hebr. acrescenta: mais que de todas as mulheres, e ela...

r. Est hebr. acrescenta: sua benevolência e... Mesma expressão em 2,9.

s. O gr. não indica, aqui, que Ester seja designada como nova rainha; ela se torna esposa do rei. Comparar com Est hebr. que acrescenta: e a fez rainha no lugar de Vashti. Entretanto, cf. 2,4; e o texto gr. mais adiante, designará Ester como rainha (4,14; C,12, etc.).

t. Novo festim (ver 1,3 e nota a A,10). Dura sete dias (ver 2,16 nota), quer dizer um dia a mais do que em 1,5 (ver 1,10 nota). Este festim, cuja duração não é explicitada por Est hebr., reveste-se de maior importância na versão gr. Sobre os festejos nupciais, cf. Tb 8,19-20.

u. Est hebr. não menciona bodas neste v. Ver, porém, 2,17.

Ester. Ele concedeu uma redução de tributos a todos os súditos de seu reino.

¹⁹Mardoqueu^a servia na Corte. ²⁰Ester não revelara sua pátria^a; é que Mardoqueu lhe fizera esta recomendação^b:

Ec1 12,13; Sr 1,11-20 2Mc 2,2
temer a Deus e cumprir seus mandamentos — como quando ela estava com ele. Ester não mudou de conduta.

²¹Os dois eunucos reais^c que eram chefes dos soldados da guarda real se tinham ofendido com a promoção de

A. 12-16 Mardoqueu^a e procuravam matar^b o rei Artaxerxes. ²²Mas o caso chegou ao conhecimento de Mardoqueu; ele informou Ester, que revelou ao rei os elementos da conspiração. ²³O rei interrogou os dois eunucos, que foram enforcados^c. Como A. 15 elogio, o rei ordenou que se registrassem esses fatos na Biblioteca Real para guardar a lembrança dos bons ofícios de Mardoqueu.

3 Haman e os judeus^d. ¹Depois desses acontecimentos, o rei Artaxerxes ele-

vou a uma alta posição Haman, o Bugaios^e, filho de Hamadatos; ele o elevou e o fez ocupar o primeiro lugar entre seus amigos^f. ²Todos os cortesãos^g se prostravam diante dele, como o rei tinha, de fato, ordenado^h. Mas Mardoqueuⁱ não se prostrava diante de Haman^j. ³Os cortesãos do rei^k disseram então a Mardoqueu: “Por que não levas em conta o que foi dito pelo rei?” ⁴Todos os dias eles lhe falavam isso, mas ele não os escutava. Então eles informaram a Haman que Mardoqueu se opunha ao que dissera o rei. Mardoqueu lhes revelara que era judeu^l. ⁵Quando soube que Mardoqueu^m não se prostrava diante dele, Haman se encheu de furor ⁶eⁿ resolveu fazer desaparecer^o todos os judeus do reino de Artaxerxes^p. ⁷Ele fez um decreto^q no décimo segundo ano do reinado de Artaxerxes e tirou^r à sorte^s o dia e depois o mês, de modo a aniquilar em um só dia a raça de Mardoqueu^t. A sorte caiu no décimo quarto dia do mês de adar.

Dn 3,8,12

Gn 39,10

A. 17; SI 83,4-5

Jl 4,3; Ne 10,35

Por três vezes (1,5; 2,18; 9,22) o gr. alude às bodas, sem correspondência com Est hebr.

v. Est hebr. acrescenta: e outorgou um dom, regimento.

w. Cf. A.2; A.16; 6,10. No início deste v.. Est hebr. acrescenta: Por ocasião de um segundo ajuntamento de jovens...

x. Est hebr. acrescenta: nem seu povo (ver B.4 nota).

y. O início deste v. é uma duplicata do v. 10. É de se crer que essa recomendação tivesse alguma importância, até para uso dos leitores. O mesmo se dá no Est hebr. Mas o gr. modifica o fim deste v.. corrigindo a duplicata e introduzindo o nome de Deus (ver A.9 nota).

z. No início, Est hebr. acrescenta: Por esse tempo, quando Mordekai estava sentado à porta real...

a. O texto não indica explicitamente por quais razões ele foi promovido. Foi por causa de Ester introduzida junto ao rei? A história do complô é uma duplicata de A.13-16. Todavia esta segunda versão difere da primeira: 1) A.13: Mardoqueu denuncia o complô diretamente ao rei; 2,22: Mardoqueu informa Ester que, por sua vez, denuncia o complô ao rei. — 2) A.14: os eunucos foram presos; 2,23: os eunucos foram enforcados. — 3) A.16: o rei dá presentes a Mardoqueu; 2,23: o rei não dá presentes. — A encenação deste episódio é aqui menos vantajosa para Mardoqueu (ver A.2 nota e 2,6 nota).

b. A expressão levantar a mão contra, que se encontra aqui em Est hebr., já fora empregada em A.13.

c. Sobre esse castigo infamante, ver Dt 21,22-23.

d. Depois da promoção de Mardoqueu (2,21), é a vez de Haman. O autor conduz a intensidade dramática de sua narrativa na qual vão se defrontar dois grandes (cf. A.5).

e. Lit. ele elevou Haman, o Bugaios; o verbo é o mesmo que em A.10 (ver nota). Para o cognome de Haman, ver A.17 nota. Est hebr. traz aqui: o agagita.

f. Ver 1,13, nota.

g. Est hebr. acrescenta: presentes à porta real se ajoelhavam e...

h. Est hebr. acrescenta: a seu respeito.

i. Est hebr. acrescenta: não se ajoelhava e...

j. Ver Est hebr. 3,2 nota.

k. Est hebr. acrescenta: presentes à porta real (cf. v. 2).

l. A recomendação dirigida a Ester (2,10) não vale, portanto, para Mardoqueu. Ver 2,5 nota.

m. Est hebr. acrescenta: não se ajoelhava e... (cf. v. 2).

n. Ver Est hebr. para o início desse v.. que falta na maioria dos mss. gr.

o. Est hebr. acrescenta: o povo de Mordekai, a saber... Mais uma vez, a palavra povo foi aqui evitada pelo grego, por causa de suas conotações religiosas (id.: 1,22; 2,20; 3,8; 3,12).

p. O conflito pessoal entre Haman e o judeu Mardoqueu (ver 2,5 nota) aumenta e se torna questão de Estado. Observam-se ainda os mesmos procedimentos enfáticos que em 1,18 (nota) a propósito de Astin. Essa ampliação, já observada (1,22 nota), depende dos procedimentos romanescos tanto (se não mais) quanto da história.

q. No início, Est hebr. acrescenta: No primeiro mês, isto é, no mês de nisan...

r. Est hebr. acrescenta: o Destino, isto é... (cf. 9,26).

s. Lit. lançou os dados. O substantivo sorte é a palavra-chave deste livro (cf. C.10; 9,26). A prática de tirar à sorte era também usada pelos judeus para fixar uma data (cf. Ne 10,37 = 2Esd 20,35, na Septuaginta). Sobre a data fixada, ver Est hebr. 3,7 nota.

t. Mardoqueu representa o tipo mesmo do judeu (ver 2,5 nota), assim como Judite era considerada a judia.

Dn 5,5; 8Então Haman disse ao rei Artaxerxes: *“Há uma nação dispersa no meio das nações em todo o teu reino”*. Suas leis são muito diferentes das de todas as nações e eles não levam em consideração as leis reais^a. Não interessa ao rei deixá-los tranquilos. *“Se for do agrado do rei, que ele decida aniquilá-los. Quanto a mim, eu registrarei na conta do Tesouro real uma soma de dez mil talentos de prata.”* ¹⁰Então o rei tirou seu anel^e e o pôs na mão de Haman^a para que ele apusesse o selo sobre as cartas contra os judeus. ¹¹Depois o rei disse a Haman: *“Guarda o dinheiro! e trata essa nação como quiseres.”*

2Mc 4,8-9
Gn 41,40-42

¹²Os secretários reais foram então convocados no dia treze do primeiro mês, e escreveram, conforme as ordens de Haman, aos generais e aos ministros de cada província, desde a Índia até a Etiópia, às cento e vinte e sete províncias e aos chefes das nações^b, segundo a sua língua^c, em nome do rei Artaxerxes^d. ¹³Depois enviaram-se correios no reino de Artaxerxes para fazer desaparecer a raça judaica^e em um só dia^f do décimo segundo mês, isto é, adar^g, e para pilhar seus bens.

B Carta de condenação^h. ¹Eis a cópia dessa carta: “O Grande reiⁱ Artaxerxes, aos ministros e prefeitos subalternos das cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até a Etiópia, escreve o que se segue:

²Eu, que estendo meu império sobre numerosas nações e meu poder sobre a terra inteira, tenho querido — sem me deixar inebriar pelo orgulho do poder, mas ao contrário, governando sempre com benevolência e bastante moderação — manter em todo o tempo sem agitação a vida de meus súditos, tornar o reino civilizado e transitável^j até as fronteiras, restaurar a paz à qual aspiram todos os homens.

Jr 2,5

³Quando consultei meus conselheiros para saber como atingir esses objetivos, aquele que, entre nós, se distinguiu pela sabedoria, que tem dado, constantemente, prova de seus bons ofícios e de uma fidelidade inabalável, que obteve o título de segunda personalidade^k do reino, Haman, ⁴nos revelou que, entre todas as tribos espalhadas sobre a terra, encontrasse misturada uma espécie de povo^l mal-intencionado, em oposição por suas leis a toda nação, pessoas que rejeitam continuamente as ordens reais para que não se estabeleça o governo comum que dirigimos com retidão e irrepreensivelmente.

2Mc 11,23

3x

u. Est hebr. tem: *povo* (ver 3.6 nota) e acrescenta: *particular*. Depois de ter tomado uma feição racista (v. 7), a questão se reveste, na boca de Haman, de magnitude política (que se desprende da palavra *nação*). Haman, aliás, não cita os judeus: ele parece defender os interesses supremos do Estado, sem fazer alusão religiosa. Assim a razão de queixa contra Mardoqueu foi bastante ampliada pela argumentação de Haman.

v. Est hebr. acrescenta: *e separada*.

w. Est hebr.: *em todas as províncias do teu reino*.

x. Essas queixas contra os judeus se encontram também fora da Bíblia, em outros textos gregos da Antiguidade.

y. Essa quantia parece exagerada, a julgar por outros documentos históricos.

z. Ver Est hebr.: o grego emprega uma só palavra para significar o anel do dedo. De posse do anel, que servia para marcar com o selo real os documentos oficiais, Haman podia agir a seu arbítrio e dar caráter legal às suas decisões. O rei, assim, se eximiu.

a. Est hebr. acrescenta: *filho de Hamedata, o agagita, opressor dos judeus*. — *{Pôs = hebr. *deu*.}

b. Est hebr. acrescenta: *a cada província segundo sua escrita e a cada povo...*

c. Est hebr. acrescenta: *Escreveu-se...*

d. Est hebr. acrescenta: *e selou-se com o anel real*.

e. Est hebr.: *todos os judeus* (cf. 3.6-7). O gr. acentua o caráter racial do conflito (cf. 2,10).

f. Est hebr. acrescenta: *o treze*. Cf. 3,7 (gr.): *o décimo quarto*. g. Ver 3,7 nota. Visto que o decreto foi redigido a 13 de nisan tem-se um prazo de onze meses antes da data de sua execução, *no décimo quarto dia do mês de adar* (cf. vv. 7 e 12). Esse lapso de tempo parece pouco verossímil.

h. O tom desta passagem é nitidamente enfático. As frases se desenvolvem em longos períodos. O estilo é bem diferente do resto do livro grego (salvo o cap. E). Cf. 3Mc 3,13-30: texto semelhante.

i. Título habitual para os reis persas, cf. Is 36,4,13.

j. Trata-se da organização e da segurança das vias de comunicação, a fim de facilitar as trocas. Os judeus eram também brilhantes comerciantes na Antiguidade.

k. Título honorífico. Cf. 3,1.

l. Esta palavra fora, até agora, evitada pelo grego, à exceção de A.17 (cf. 3.6 nota). Não se trata mais de designar uma entidade étnica ou política; este substantivo acrescenta conotações religiosas à questão (cf. C.8). É preciso também observar que os judeus não são citados explicitamente neste documento (ver 3.8 nota); mas as queixas são as que se aplicavam habitualmente aos judeus (cf. Dn 3,12; Est 4,12-15; Sh 2,15).

⁵Tendo, pois, compreendido que essa nação é a única a se colocar em contínua oposição a todo homem; que ela se põe à parte conduzindo-se segundo leis estrangeiras; e que, hostil aos nossos interesses, comete os piores delitos — e isso para que o reino não encontre estabilidade —: ⁶em consequência, ordenamos que aqueles^m que, por escrito, vos indicar Hamanⁿ, encarregado dos negócios do Estado e para nós um segundo pai^o, que todos esses sejam radicalmente aniquilados, inclusive mulheres e crianças, pela espada de seus inimigos, sem piedade alguma nem consideração, no décimo quarto dia do décimo segundo mês (adar) do ano corrente^p, ⁷de maneira que os oponentes de ontem e de hoje, violentamente precipitados no Hades^q em um só dia, nos assegurem para o futuro negócios definitivamente estáveis e sem conturbação^r.

3 ¹⁴As cópias das cartas foram promulgadas^s em cada província, e foi dada ordem a todas as nações^t para que estivessem prontas no dia marcado. ¹⁵O processo foi conduzido com rapidez, mesmo em Susa. E enquanto o rei e Haman se embebedavam^u, a cidade ficava conturbada^x.

4 Ester e seu povo. ¹Ao saber dos fatos, Mardoqueu rasgou suas vestes, revestiu-se de saco, cobriu-se de cinza^w e, precipitando-se pela rua principal da cidade, gritava em alta voz^x: “Suprime-se uma nação inocente!” ²Depois ele foi

até a porta real e se postou lá; porque não lhe era permitido entrar no pátio^y, coberto de saco e de cinzas.

³Ora, em cada província onde as cartas foram promulgadas, havia^z lamentações, batidas no peito, um grande luto para os judeus, que se deitavam sobre saco e cinzas^a.

⁴As damas de honra e os eunucos da rainha vieram pô-la ao corrente. Ao ouvir o que se passava, ela ficou perturbada. Depois enviou vestes para que Mardoqueu se vestisse e se despiisse do saco^b. Mas ele não consentiu nisso. ⁵Então Ester chamou Hakhraiaios, seu eunuco que se mantinha à sua disposição, e o enviou a colher informações exatas junto a Mardoqueu.

⁷Então Mardoqueu lhe revelou o que tinha acontecido e a promessa que Haman fizera ao rei, relativa aos dez mil talentos para o Tesouro, a fim de aniquilar os judeus. ⁸Ele lhe entregou também uma cópia do que se tinha promulgado em Susa para o seu aniquilamento, a fim de que ele a mostre a Ester^c. Além disso, ele lhe declarou que ordenava a Ester ir à presença do rei pedir-lhe misericórdia e suplicar por seu povo. — ⁹Lembra-te dos dias de tua humilde condição, como foste alimentada pela minha mão; pois Haman, que é a segunda personalidade^d, falou ao rei contra nós para nos fazer morrer. Invoca o Senhor! Fala ao rei a nosso respeito! arrebatá-nos da morte!”

⁹Hakhraiaios veio relatar a Ester todas essas palavras. ¹⁰Então Ester disse

m. Os judeus nunca são citados (ver B.4 nota).

n. Alusão a outro texto que, este sim, citaria os judeus.

o. Título de grão-vizir (cf. B.3; Gn 45.8, a propósito de José).

p. Ver 3.7 e 3.13.

q. O Hades é a morada dos mortos. Cf. 2Mc 6.23; Sr 17.27; 21.10; 28.21; Sb 1.14; 16.13.

r. Cf. B.2.

s. Est hebr. acrescenta: como decreto.

t. Est hebr. substitui nações por povos (ver 3.6 nota).

u. Reencontramos, aqui, o tema do festim (cf. 1.10).

v. Cf. B.7 (mesma raiz).

w. Sinais de luto e dor moral, bem como manifestação de penitência. Cf. Gn 37.34; Jl 1.6s.; Dn 9.3; Esd 9.3-4; Ne 9.1; Jr 4.9-10; 1Mc 3.47; 2Mc 14.15.

x. Mesma expressão que em A.5.

y. Ver Est hebr. 4.2 nota.

z. Est hebr. menciona também o jejum que será reevocado em 4.16.

a. Ver 4.1 nota.

b. Quereria Ester que Mardoqueu penetrasse no pátio, a fim de que ele pudesse informá-la diretamente? Ao revelar assim suas ligações, (cf. 2.10), Mardoqueu comprometeria a missão de Ester: daí a sua recusa.

c. O v. 6 falta no gr., mas não no hebr.

d. Est hebr. acrescenta: e a panha ao corrente.

e. Cf. A.10 (mesma raiz) e 2.7. Ester, malgrado sua dignidade de rainha, não deve esquecer nem suas origens nem sua religião (ver 2.20).

f. Cf. B.3 e B.6. Pode-se também compreender: Haman, o segundo depois do rei, falou contra nós.

a Hakhtrataios: "Vai dizer a Mardoqueu: ¹¹Todas as nações do reino^a sabem que para qualquer um, homem ou mulher, que se apresenta ao rei, no pátio interno, sem ser chamado, não há chance de salvação^b — exceto para aquele a quem o rei estende o cetro de ouro: este será salvo. Quanto a mim, faz trinta dias que não sou chamada a ir à presença do rei^c..." ¹²Hakhtrataios pôs Mardoqueu ao corrente de todas as palavras de Ester.

¹³Mardoqueu respondeu, então, a Hakhtrataios: "Vai lhe dizer, a Ester: Não penses que, única no reino, diferentemente de todos os judeus, tu escaparás. ¹⁴Porque se nesta ocasião te fazes de surda^d, é de outro lugar^e que haverá socorro e proteção para os judeus, ao passo que tu e tua família, vós sereis aniquilados. Ora, quem sabe se não foi para uma ocasião como esta que chegaste à realza^f...?" ¹⁵Ester mandou de volta aquele que tinha vindo a ela para dizer a Mardoqueu: ¹⁶"Vai reunir os judeus que se encontram em Susa e jejuai por mim: não comais, não bebais, durante três dias, nem de dia, nem de noite. Eu também, com minhas damas de honra, privar-me-ei de alimento^g. Feito isso, a despeito da lei, irei à presença do rei, mesmo que deva ser aniquilada." ¹⁷Mardoqueu foi-se embora para fazer tudo o que Ester lhe ordenara.

CA oração de Mardoqueu. ¹Ele orou ao Senhor, lembrando todas as obras do Senhor, ²e disse:

"Senhor, Senhor. Rei Todo-Poderoso: dado que o universo está em teu poder, também não tens oponente quando desejas salvar Israel;

³dado que tu fizeste o céu e a terra e todas as maravilhas que ela contém sob o céu,

⁴também és o Senhor de tudo, e não há quem te possa resistir a ti, o Senhor.

⁵Tu conheces tudo. Tu sabes bem, Senhor, não foi por desmesura, nem por orgulho, nem por ambição que fiz aquilo de não me prostrar diante de Haman, o orgulhoso^h.

⁶Pois consentiria em lhe lambe os pésⁱ para a salvação de Israel.

⁷Mas fiz aquilo para não pôr a glória de um homem acima da glória de Deus^j; não me prostrarei diante de ninguém a não ser diante de ti, meu Senhor; e não é por orgulho que agirei assim.

⁸E agora^k, Senhor Deus, Rei, Deus de Abraão, poupa o teu povo, pois lançam os olhos sobre nós para nos destruir, projetam com paixão aniquilar

Sr 42,15;
51,8
Dn 9,3-14;
Br 1,15-3,8;
Is 37,15-20
Sl 47,3

2Rn 19,15;
Jr 32,17;
Jr 13,18

Br 3,32

Is 42,8;
48,11

Dt 9,26

g. Est hebr.: *Todos os servos do rei e o povo das províncias reais* (ver 3,6 nota).

h. Assim o atesta Heródoto (I,99; III,118-119).

i. Cf. 2,14 e 6,5. As concubinas reais eram então cuidadosamente guardadas no harém pelo eunuco, e sujeitas ao bel-prazer do rei.

j. O verbo hebr. significa ao mesmo tempo *ser mudo* e *ser surdo*; o gr. só reteve o último sentido.

k. Ver Est hebr. 4,14 nota. O texto gr. também não indica o nome do salvador. A reticência é ainda maior porque o gr. não hesita em citar o nome de Deus em outras passagens (A,11; 2,20; C,14).

l. Deus (subentendido) não conduz a história da salvação sem o concurso e a responsabilidade dos homens que dela participam.

m. O jejum precede a realização de uma tarefa difícil; esse meio é uma tentativa para afastar a desgraça ou o fracasso. Cf. Jl 1,14; Dn 9,3; 2Cr 20,3; Jr 4,9-15; 2Mc 13,12.

n. Inúmeras são as reminiscências bíblicas nessa oração cheia de paz e de confiança em Deus, que conhece o coração do ho-

mem e se lembra de sua aliança com ele. O clima é mais calmo do que no resto do livro. Mardoqueu não apela para a vingança (cf. a oração de Judite 9,2s.). Ele se ocupa antes de tudo com a glória de Deus, que deve ser servido pelo homem.

o. 1Mc 1,21 e 24; 2Mc 9,4-11 dão a mesma caracterização a Antíoco Epifanes (que reinou de 175 a 163 e perseguiu os judeus). Ver também Jr 9,9.

p. Lit. *beijar a planta dos pés*.

q. A atitude singular de Mardoqueu, ao contrário dos outros cortesãos (ver 3,12), explica-se pela primazia de Deus sobre o homem, por mais poderoso que este seja. Mardoqueu manifesta audaciosamente seu apego fiel a essa glória suprema que ultrapassa as contingências humanas.

r. Esta expressão, calcada sobre o hebr., é uma articulação forte precedida de uma pausa. Ela marca o ponto culminante da oração e anuncia o pedido. É freqüentemente encontrada nas grandes orações do AT (Ex 32,31-32; Dn 9,15,17; 3,41; Ne 9,32; Tb 3,3.5.6.12; 8,7; Br 2,11...).

- Sl 74,12 o que é teu patrimônio⁹ desde as
Sr 17,17 origens.
- Ex 15,13 ⁹ Não desprezes a tua parte¹, que resgataste
Sl 74,2 para ti da terra do Egito.
- Dn 9,18; ¹⁰ Presta ouvido à minha oração.
Ne 1,6 Sê favorável ao teu quinhão⁹
- Jr 31,13; e muda o nosso luto em regozijo,
Sl 30,12 a fim de que, vivos, cantemos hinos
a teu nome, Senhor,
e não faças desaparecer
aqueles cujas bocas te louvam.”
- Jr 4,9 ¹¹ Israel todo gritava com toda a sua
força, porque viam que iam morrer¹.

Oração de Ester. ¹²Ester, a rainha, presa de um combate mortal, buscou o refúgio junto do Senhor. ¹³Depois de ter tirado suas vestes de glória⁹, ela vestiu vestes de aflição e de luto; em vez dos perfumes de luxo, cobriu a cabeça de cinza⁹ e imundícies; humilhou duramente seu corpo, e tudo o que ela ornava alegremente, recobriu com seus cabelos emaranhados. ¹⁴Ela orava ao Senhor Deus de Israel⁹, dizendo⁴:

Jr 12,8 “Meu Senhor, nosso Rei”,
Is 42,15; Sl 47,1
Dt 6,4; Ne 9,6;
2Mc 1,24
Br 4,19-20
Sl 119,109

Tu és Um só¹! Traze-me socorro,
a mim que sou só⁶ e não tenho socorro
senão em ti;
¹⁵ porque vou enfrentar o perigo⁴.

- ¹⁶ Desde o nascimento, ouvi falar, na
tribo de meus pais,
que tu, Senhor, tomaste Israel dentre
todas as nações
e nossos pais dentre todos os seus
ancestrais
para que se tornassem um patrimônio
perpétuo⁹,
e que tu realizaste por eles tudo o que
disseste¹.
- ¹⁷ E agora⁸, pecamos diante de ti
e tu nos entregaste às mãos de nossos
inimigos
¹⁸ porque glorificamos os seus deuses⁸.
Tu és justo¹, Senhor!
- ¹⁹ Mas agora, o amargor de nossa
escravidão não lhes bastou;
ao contrário, fizeram um pacto com
seus ídolos¹.
- ²⁰ Para abolir o que a tua boca decretou,
fazer desaparecer teu patrimônio⁸,
calar a boca dos que te louvam,
apagar a glória de tua Casa assim como
de teu Altar¹.
- ²¹ abrir a boca das nações⁹ para gabar-se
do nada⁹
e admirar perpetuamente um rei mortal⁹.
- ²² Não entregues teu cetro⁹, Senhor,
àqueles que não existem;

s. Esse tema que se junta, aqui, ao da sorte (mesma raiz; cf. 3,7) sublinha a relação estreita e duradoura entre Deus e aqueles que ele escolheu e que lhe pertencem. Só o texto gr. menciona a palavra “patrimônio”. Cf. Ex 34,9; Dt 32,9; 1Rs 8,51; Jr 10,16; 51,19; Jl 4,2; Sl 28,9; 79,1; 94,5; Jr 13,5.

t. Trata-se da mesma palavra que em 2,9; 9,19; 9,22.

u. Reencontra-se aqui o tema da sorte (C.8 nota). A pertença de Israel a Deus é fortemente sublinhada nesta oração. Deus é parte interessada nessa questão inteiramente humana; sua sorte está ligada à de seu povo.

v. Lit. sua morte (estava) nos seus olhos.

w. Lit. vestimentas de sua glória. Talvez o texto jogue com a palavra glória (cf. C.7).

x. Ver 4,1 nota.

y. Judite toma uma atitude semelhante e se pôe em oração antes de procurar Holofernes (cf. Jr 9).

z. Essa oração de Ester, mais longa que a de Mardoqueu, tem um tom bem menos sereno. Ester une o seu destino ao de sua raça (alternância entre *eu* e *nós*). Ela faz apelo à justiça de Deus diretamente posta em causa por esse conflito com os pagãos. A fidelidade e o poder de Deus intervêm no coração do homem e da história.

a. A realza de Deus ultrapassa a de Artaxerxes, de quem Ester é esposa.

b. Afirmção do monoteísmo contra o politeísmo (cf. C.18-19).

c. Jogo de palavras: Deus, Um Só... Ester, só!

d. Lit. meu perigo está nas minhas mãos. Sendo o perigo iminente, Ester arrisca sua vida (cf. 4,11 e 4,14-16). A sorte de seu povo também está nas suas mãos (cf. 7,3-4).

e. Ver C.8 nota. Os paralelos com a oração de Mardoqueu são inúmeros.

f. Deus é fiel à sua aliança e às suas promessas; ele cumpre até mesmo as suas ameaças (cf. Ne 9,33; Br 2,7).

g. Mesma ligação que em C.8 (ver nota).

h. Sobre a prática de cultos pagãos: 1Mc 1,41-53; Ba 1,2.
i. A fórmula é frequente nas orações: Sl 50,6; 119,137; Dn 3,27-28; 9,7,14; Ne 9,33; Th 3,2. A justiça de Deus consiste na sua perfeita fidelidade à aliança, embora seu povo a tenha transgredido. A mesma ideia foi expressa no fim do v. 16.

j. Lit. eles puseram suas mãos nas mãos de seu ídolos. Sinal de reverência, de confiança e de assentimento.

k. Ver C.16; C.8 nota.

l. No contexto da Deportação (ver A,3 e 2,6), essas palavras têm um sentido mais simbólico; não designam o Templo de Jerusalém, mas o povo judeu que dá, ele mesmo, glória a Deus. Todavia, ver Dn 11,31 (e a nota).

m. Isto é, os pagãos.

n. Esta expressão designa os falsos deuses. Lit.: por virtude das vaidades.

o. Cf. C.14 nota.

p. Deus, invocado como Rei (v. 14), carrega portanto essa insígnia real que tem valor de símbolo (cf. Gn 49,10).

- que não zombem eles de nossa ruína^q.
 Mas vira contra eles o seu projeto
 e, àquele^r que encabeçou a ação contra
 nós.
 inflige-lhe um castigo exemplar.
²³ Lembra-te, Senhor;
 dá-te a conhecer no momento de nossa
 aflição.
 Quanto a mim, dá-me coragem,
 Reis dos deuses^s e Soberano de toda
 autoridade.
²⁴ Põe em minha boca uma linguagem
 melodiosa em presença do leão^t
 e muda seu coração,
 para que ele deteste aquele que nos
 move guerra,
 para que acabe com ele bem como com
 todos os seus comparsas.
²⁵ Livra-nos deles por tua mão e
 traz-me socorro,
 a mim que estou só e nada tenho,
 senão a ti, Senhor.
 Tu tens conhecimento de tudo:
 sabes que detestei a glória dos
 sem-Lei^u,
 que o lícito dos pagãos^v e de todo
 estrangeiro me desgosta.
²⁷ Tu sabes a coação que sofro:
 me desgosta a insígnia orgulhosa^w
 que tenho na cabeça nos dias em que
 devo aparecer;
 ela me desgosta como um pano de
 menstruação^x
 e não a uso nos dias em que estou de
 repouso.
- ²⁸ Tua serva não comeu à mesa de
 Haman
 e não honrei o banquete do rei^y,
 nem bebi o vinho das libações.
²⁹ Tua serva não encontrou felicidade
 desde que mudei de condição^z até
 agora,
 a não ser junto de ti, Senhor, Deus de
 Abraão.
³⁰ Deus, que tens poder sobre todos,
 escuta a voz dos desesperados,
 arranca-nos da mão dos perversos
 e arranca-me do meu medo.”
- [5,1-2 =]
D Ester diante do rei^a. *‘Ao fim de três dias, eis o que se sucedeu:*
 Quando ela parou de rezar, tirou suas
 vestes de penitente para pôr sua veste de
 glória^b. ²Depois, com todo o seu fausto
 solene^c, após ter invocado Deus que vê
 tudo e que salva^d, tomou consigo as duas
 damas de honra.
³Apoiou-se numa delas, como se estives-
 se enfraquecida, ⁴enquanto a outra a seguia
 carregando a cauda de seu vestido. ⁵Ela es-
 tava toda enrubescida, no auge de sua bele-
 za, tinha o ar sorridente como uma apaix-
 onada, mas o coração trancado de medo.
⁶Depois de ter transposto todas as por-
 tas, postou-se diante do rei. *Ele estava
 sentado no seu trono real, revestido de
 todos os adornos de suas aparições
 solenes^e, todo coberto de ouro e de pe-
 dras preciosas: inspirava grande terror^f.*

q. Tema da queda; ver A.10 nota.

r. Haman não é nomeado. Exatamente como os judeus no cap. B.

s. Deus ultrapassa não só a realeza dos homens (vv. 14 e 21) mas também a dos deuses (as *vaidades*). Cf. Dt 10,17; Sl 50,1; 95,3; Dn 2,47; 3,90. Esse título divino não é usado exclusivamente no judaísmo.

t. Designação simbólica de Artaxerxes. Sobre esses símbolos de poder: Ez 32,2; Jl 1,6; Sl 17,12; Pr 19,12; 1Mc 3,4.

u. Os pagãos não observam a Lei de Moisés. Ester devolve, assim, o argumento empregado por Haman contra os judeus (cf. 3,8; B,4-5).

v. Lit.: *incircuncisos*.

w. Trata-se do diadema que é uma faixa de tecido (ver 1,11; 2,17).

x. Imagem idêntica: Is 64,5 (cf. Lv 15,19s.; Lm 1,17).

y. Alusão às práticas descritas em 1,11?

z. Ver 4,8.

a. A passagem que se segue é notável amplificação do gr. em relação ao hebr. (ver 1,6 nota). A descrição física e psicológica é de grande fineza. O estilo e o vocabulário deste cap. evocam as teofanias ou as aparições angélicas (ver v. 13).

b. Ver C,13 nota.

c. Essa expressão é também empregada a propósito das manifestações do Deus terrível (Jl 2,11 [LXX]; 2Mc 6,23; 14,33; 15,34...).

d. *que tudo vê*: cf. 2Mc 7,35; 9,5; 12,22; — *que salva*: cf. Jl 9,11; 1Mc 4,30; 2Mc 2,17; Sb 16,7; 19,9; Br 4,22.

e. Lit. *toda sua vestimenta de manifestação (epifania)*. Esse vocabulário aplica-se particularmente às manifestações divinas (frequentes em 2Mc 2,21; 3,24-25; 5,4; 10,29-30; 12,22; 14,15; 15,27). Talvez seja também uma discreta alusão ao título real de Ptolomeu V (205-180) ou de Antíoco IV (175-164), os quais levaram, ambos, o título de “Epifanes”.

f. Lit. *terrível*. Esse epíteto é comumente aplicado a Deus mesmo. (Dt 10,17; Sl 47,3; Dn 9,4; Ne 1,5; 9,32; 2Mc 1,24).

⁷Ele levantou o rosto inflamado^a de glória, e, no auge do furor^b, lançou um olhar. A rainha prostrou-se¹ no seu estado de fraqueza, mudou de cor e inclinou a cabeça sobre a da dama de honra que a precedia.

Dn 8.17;
1Q.16-19

¹C.24; Pr 21.1

⁸Ora, Deus mudou o espírito do rei para conduzi-lo à mansidão. Inquieto, este saltou de seu trono e a tomou em seus braços, até que ela se refizesse. Ele a confortava com palavras apaziguadoras:

Jr 11.1;
Tb 7.16

⁹Que há, Ester? Sou teu irmão¹: tem confiança! disse-lhe. ¹⁰Não morrerás; nossa ordem concerne ao comum^k. ¹¹Aproxima-te!" ¹²Levantou então o cetro de ouro, pousou-o sobre o seu pescoço, depois abraçou-a e disse: "Fala comigo."

¹³Ela lhe respondeu: "Eu te vi, Senhor, tal como um anjo de Deus¹ e meu coração se perturbou de medo da tua glória; ¹⁴pois és admirável^m, Senhor, e teu rosto é cheio de encantosⁿ." ¹⁵Mas enquanto falava, ela desmaiou de fraqueza. ¹⁶O rei ficou perturbado^o e todo o seu séquito a reconfortava.

5 ¹O rei, então, lhe disse: "Que desejais, Ester? Qual é o teu pedido? Até a metade de meu reino, tu o terás." ⁴Mas Ester respondeu: "Para mim, hoje, é um grande dia. Se for do agrado do rei, que ele venha, ele e Haman, ao banquete que organizarei hoje^p." ⁵O rei então disse: "Apressai Haman para que obedecemos ao convite de Ester! Ambos chegaram

Mc 6.22-23

ao banquete para o qual Ester os havia convidado. ⁶Ora, no fim do festim o rei se dirigiu a Ester: "Que há, rainha Ester? Tudo o que pedires, tu o terás. ⁷Ela respondeu: "Meu desejo?... Meu pedido?... ⁸Se conquistei o favor do rei^q, que ele venha amanhã de novo, com Haman, ao banquete que vou organizar para eles, e amanhã agirei do mesmo modo."

⁹Haman saiu de junto do rei muito feliz, bem contente. Mas quando Haman viu Mardoqueu^r, o judeu, no pátio, encheu-se de grande furor. ¹⁰De volta à sua casa^s, chamou seus amigos e Zôsara, sua mulher; ¹¹ele lhes mostrou sua riqueza^t e a glória da qual o rei o cercara, e como ele o fizera Primeiro Ministro e como lhe confiara o governo do reino. ¹²Depois Haman acrescentou: "Para o banquete, a rainha só convidou a mim e ao rei. Fui convidado também para amanhã. ¹³Mas isso não me agrada, cada vez que vejo Mardoqueu, o judeu, no pátio." ¹⁴Então Zôsara sua mulher e seus amigos lhe disseram: "Que se abata para ti um tronco de vinte e cinco metros de altura"; e amanhã de manhã dize ao rei para pendurar Mardoqueu^r nessa força. Quanto a ti, vai ao banquete com o rei e diverte-te!" A coisa agradou a Haman e a força foi preparada.

1.4;
Sl 49.7

1Rs 21.4-7

6 A honra de Mardoqueu. ¹Nessa noite, o Senhor afastou do rei o sono^u.

D.8;
Dn 2.1;
Eccl 1.1

g. O fogo é também um sinal do Deus que se revela (cf. Ex 3.2; 1Rs 18.38); é um dos elementos da teofania.

h. Cf. D.5. Notar as diferentes atitudes sugeridas por um confronto de vocabulário entre esses dois vv.

i. Lit. caiu: ver A.10 nota.

j. Isto é: teu amante (Ct 4.9; 8.1; Tb 5.21; 7.11) e teu protetor (Pr 17.17). Vocabulário alexandrino.

k. Alusão a 4.11.

l. Trata-se, efetivamente, de uma espécie de manifestação divina (cf. vv. 6-7). Ver Jz 13.6; 2Sm 14.17; Dn 3.92 (LXX). Pode-se entender, também, que Ester veja o rei, desde então, como enviado para executar os desígnios de Deus (cf. Gn 19.1s).

m. O adjetivo refere-se precisamente aos fenômenos miraculosos que produzem uma forte impressão no espectador.

n. O coração benevolente transparece no rosto (cf. Pr 16.15).
o. Atitude contrária a 3.15. A situação está doravante invertida (cf. A.4 e A.7). O rei se mostra mais sensível, ele mesmo fica transtornado. Essa transformação, que vai continuar, operou-se a partir das orações de Mardoqueu e de Ester, que desempenha-

ram um papel mediador.

p. Ester contradiz sua posição expressa em C.28. Os acontecimentos desta história se desenrolam, assim, de banquete em banquete. Entretanto, o texto se encadeia dificilmente com o suplemento grego (D).

q. Cf. 2.17. Est hebr. acrescenta: e se for do agrado do rei conceder-me o pedido e realizar meu desejo (ver v. 7).

r. Est hebr. acrescenta: que não se levantava e nem tremia diante dele. Por outro lado, Est hebr. não menciona o judeu (ver 2.5 nota).

s. No início, Est hebr. acrescenta: Entretanto, Haman se dominou...

t. Est hebr. acrescenta: a multidão de seus filhos.

u. Exagero para mostrar a ridícula extravagância de Haman, depois de ter indicado a sua vaidade (cf. 3.9 nota).

v. Castigo previsto para os traidores e os conspiradores (cf. 2.23 nota).

w. Em lugar desta fórmula, que o faz Senhor intervir (ver A.9 nota), Est hebr. tem: o sono fugiu ao rei.

Este disse então ao seu preceptor que lhe trouxesse o livro das "Memórias dos Dias"^x para lê-lo diante dele. ²*Ele encontrou o texto escrito a propósito de Mardoqueu: como este fizera ao rei revelações referentes aos dois eunucos reais*^y, quando, durante o serviço de guarda, haviam tentado erguer a mão^z contra Artaxerxes. ³*"Que honra, disse o rei, ou que privilégio nós concedemos a Mardoqueu?" Os oficiais a seu serviço responderam: "Tu não lhe concedeste nada"*^a.

⁴*Ora, enquanto o rei se informava sobre os bons ofícios de Mardoqueu, eis Haman no pátio. O rei disse então: "Quem está no pátio?" Haman viera para dizer ao rei que pendurasse Mardoqueu na forca que mandara preparar. ⁵Os oficiais a serviço do rei disseram: "É Haman que está no pátio." O rei declarou: "Convocai-o!" ⁶Depois o rei disse a Haman: "Que farei a alguém a quem desejo honrar?" Haman disse então a si mesmo: "Quem o rei deseja honrar senão a mim?" ⁷Ele respondeu ao rei: "Alguém que o rei deseja honrar? ⁸Que os criados reais tomem uma veste de linho na qual se envolve o rei, e um cavalo^b que o rei monta^c. ⁹Que ele os leve a um dos amigos nobres^d do rei e que este revista o homem que o rei prefere. Que ele o faça montar o cavalo e proclame ao longo da principal rua da*

cidade: Assim será para todo homem que o rei honra!"

¹⁰*Então disse o rei a Haman: "Falaste bem. Faze isso a Mardoqueu, o judeu que serve na Corte^e. Que nada caia fora do que tu propuseste!" ¹¹Haman tomou a veste e o cavalo; revestiu Mardoqueu e o fez montar o cavalo. Depois, circulou ao longo da principal rua^f da cidade proclamando: "Assim será para todo homem que o rei deseja honrar!"*

¹²*Mardoqueu retornou à Corte, enquanto Haman voltava para sua casa, abatido^g, cabisbaixo. ¹³Haman contou a Zôsara, sua mulher, e a seus amigos o que lhe ocorrera. Seus amigos e sua mulher lhe disseram^h: "Se Mardoqueu é da raça dos judeus, isto é o começo de tua humilhaçãoⁱ diante dele; vais seguramente continuar a decair^j. Não poderás, absolutamente, repeli-lo, pois há um Deus vivo com ele"*^k.

¹⁴*Falavam ainda, quando se apresentaram os eunucos, apressando Haman para o festim preparado por Ester.*

7 A queda de Haman. ¹*O rei e Haman vieram festejar com a rainha^l. ²Neste segundo dia, ao fim do festim, o rei disse a Ester: "Que há, rainha Ester? Qual é teu desejo? Qual é o teu pedido?" Seja para ti até a metade do meu reino^m. ³Em resposta, ela declarou: Se conquistei o favor do rei, que me sejam concedidas a*

Gn 41,42-43;
Dn 5,29;
1Mc 10,62-63

Dn 6,21;
14,6;
2Mc 8,35-36

5,3;
Mc 6,21-29

x. Est hebr. (lit.): o livro das Memórias "as Palavras dos Dias". Este título foi entendido (e traduzido) como "os Anais". O termo *Palavras* falta no gr., o que explica a expressão mais sucinta.

y. Est hebr. acrescenta seus nomes como em 2,21.

z. Trata-se do mesmo verbo que em A,13 (ver 2,21 nota).

a. Esta resposta contradiz A,16, mas coincide com 2,23. Entretanto o paralelo com 2,21-23 fica difícil pelo fato de Ester não ser nomeada aqui como intermediária. Este capítulo destaca sobretudo Mardoqueu (cf. 2,6 nota).

b. Costume para homenagear alguém: 1Rs 1,33 nota.

c. Est hebr. acrescenta: e sobre cuja cabeça é posto um diadema real.

d. amigos: ver 1,13 nota; nobres: cf. A,10 e A,17. A precisão do vocabulário não é estranha à composição da narrativa.

e. Ver Heródoto III,84; VII,37,116; VIII,118.

f. Mesma apresentação que em A,2.

g. Lá mesmo onde Mardoqueu proclamara a sua confusão (cf. 4,1).

h. Triunfos semelhantes para José e Daniel (cf. as referências marginais).

i. Mesma palavra que em 1,12.

j. Em lugar de seus amigos (ver 1,13 nota), Ester hebr. tem: seus súbditos.

k. Mesma raiz que em A,10. O sonho se realiza!

l. Lit. *caindo atrás*. Essa maneira de falar é um hebraísmo calcado em grego. Ver A,10 nota.

m. Não era raro, na Antiguidade, ver intervenção divina na inversão repentina de uma situação.

n. Como em Jr 12,15s. e Dn 5, a situação se inverte durante um festim.

o. Mesmas palavras que em 5,7.

p. Em Mc 6,21-29, essa frase é também pronunciada no decurso de um banquete.

minha própria vida — este é o meu desejo — e a do meu povo^a — este é o meu pedido. ⁴De fato, fomos vendidos^a, eu e meu povo, para o extermínio, a pilhagem^a, a escravidão, nós e nossos filhos, para nos tornarmos criados e criadas; mas me tinha feito de surda^a, porque semelhante caluniador^a não é digno da Corte Real^a.”

⁵O rei disse então: “Quem é^a que ousou fazer isso? ⁶Ester respondeu: “Um inimigo^a, Haman, este perverso!” Haman ficou então transtornado diante do rei e da rainha.

⁷O rei deixou o festim para ir ao jardim. Haman se pôs a implorar à rainha, pois se via em má situação.

⁸Quando o rei voltou do jardim, Haman estava prostrado^a sobre o divã^a, no ato de suplicar à rainha. De chofre o rei disse: “Tu queres, então, ainda por cima violar minha mulher na minha casa?” Haman percebeu e virou a cabeça em confusão. ⁹Ora, Bugatan, um dos eunucos, disse ao rei: “Há justamente essa força que Haman mandou preparar para Mardoqueu, que falou para o bem do rei; é uma força de vinte e cinco metros erguida em casa de Haman!” O rei disse: “Que ele seja crucificado!” E Haman ¹⁰foi pendurado na força preparada para Mardoqueu^a. Nesse momento, o furor do rei se acalmou^a.

8 ¹Nesse mesmo dia, o rei Artaxerxes fez dom a Ester de todas as posses de Haman, o caluniador^a. Além disso, Mardoqueu foi convocado pelo rei, pois Ester revelara que ele tinha laços de parentesco com ela^a. ²Tomando o anel que tirara de Haman^a, o rei o deu a Mardoqueu^a. E Ester estabeleceu Mardoqueu sobre todas as posses de Haman.

Gn 41,42;
Dn 2,48

Anulação das medidas contra os judeus. ³De novo, Ester falou ao rei; ela caiu aos seus pés^a, pedindo-lhe que afastasse o mal querido por Haman^a e tudo o que ele fizera contra os judeus. ⁴O rei estendeu a Ester o cetro de ouro^a; então Ester se reergueu e postou-se de pé junto do rei. ⁵“Se for do teu agrado e se conquistei teu favor, disse ela, que se mande revogar as cartas expedidas por Haman^a, as que foram escritas para aniquilar os judeus de teu reino. ⁶Como poderei, com efeito, suportar a visão da desgraça de meu povo? Como poderei ser salva quando for aniquilada minha parentela? ⁷O rei respondeu a Ester^a: “Se te dei todos os bens de Haman, se procurei te agradar e se mandei pendurá-lo na força porque levantou a mão contra os judeus, que desejas ainda? ⁸Por vosso turno, escrevei em meu nome, como bem vos parecer, e selai com o meu anel. Pois

4.13

q. Ver B.4 nota. Aqui o gr. segue Est hebr. Os judeus não são citados, como no cap. B (ver também 3.8 nota).

r. Ester não ignora a negociação de Haman (3.9). José também foi “vendido” (Gn 37; Sb 10.13).

s. Lembrança de 3.13.

t. Ver 4.14 nota.

u. Esta palavra designa o Diabo em pessoa; equivale, na Septuaginta, a Satanás (confira Sl 108.6; Jó 1.6; 1Cr 21.1; Sb 2.24).

v. Nesse v., o gr. retomou quase todas as palavras de Est hebr. mas não a construção.

w. Est hebr. acrescenta: e onde está...

x. Est hebr. acrescenta: o opressor e.

y. Esta palavra designa também o Maligno, isto é, Satanás (v. 4 nota). Cf. Mt 6.3; 13.19.

z. Est hebr. acrescenta: no seu furor.

a. Lit. estava cuidando. Cf. 6.13 e A.10 nota. Essa atitude deve ser comparada à de Ester (D.7 e D.15).

b. Est hebr. acrescenta: em que estava Ester.

c. Alusão à denúncia feita por Mardoqueu: cf. A.12 e 2.21-23.

O texto parece aludir à segunda versão, pois Mardoqueu não se dirigiu diretamente ao rei (ver 6.3 nota).

d. Noutro lugar, o gr., emprega o verbo pendurar (cf. 5.14 nota).

e. O tema sapiencial da inversão da sorte é freqüente na literatura bíblica: Gn 37-50; Ab 15; Sl 7.16; 9.16; 35.7-8; Pr 11.8; 26.27; Ec 10.8; Dn 6.17s.; 14.42; 1Mc 2.62-63; Sr 27.26-27.

f. Mesma expressão que em 2.1, depois da desgraça de Astin.

g. Ver 7.4 nota.

h. A interdição (2.7 e 2.10) seria suspensa agora.

i. Ver 3.10 nota.

j. Até mesmo em Roma, certos judeus se introduziam nas esferas de poder político.

k. Est hebr. acrescenta: ela chorou.

l. Est hebr. acrescenta: o aguçado (ver A.17 nota).

m. Ver 4.11 e D.12. Gesto e sinal de salvação.

n. Est hebr. acrescenta: o filho de Hamadeta, o aguçado (cf. 3.10 nota).

o. Est hebr. acrescenta: a rainha, e a Mardoqueu, o judeu. O gr. destaca somente Ester e descarta Mardoqueu.

tudo o que foi escrito sob ordem do rei e selado com o meu anel, é impossível de ser contestado^p.

⁹Os secretários^q foram convocados a 23 do primeiro mês — isto é nisan^r — do mesmo ano. Aos judeus, escreveram-se as ordens dadas aos intendentos e aos superprefeitos, desde a Índia até a Etiópia^s, para as cento e vinte e sete regiões, a cada província segundo a sua língua. ¹⁰Escreveu-se em nome do rei e selou-se com seu anel^t; depois expediram as cartas através de correios^v. ¹¹Prescrevia aos judeus que seguissem suas próprias leis em cada cidade, tanto para se auxiliarem mutuamente como para tratar seus adversários e seus oponentes como quisessem^w. ¹²em um só dia em todo o reino de Artaxerxes, a 13^a do décimo segundo mês, isto é, adar.

E Carta de reabilitação para os judeus e de condenação para Haman^y.

¹O texto abaixo é uma cópia da carta:

B.1 "O Grande Rei Artaxerxes aos ministros de províncias das cento e vinte e sete regiões, desde a Índia até a Etiópia, a todos os nossos partidários, saudação!

²Muitas pessoas, com demasiada frequência honradas pela extrema generosidade de seus benfeitores^z, nutriram demasiada ambição; ³não apenas buscam fazer mal^a a nossos súditos, mas, incapazes

de suportar o que devia alegrá-los, empreendem conspirar contra seus próprios benfeitores. ⁴Não apenas suprimem a gratidão do meio dos homens, mas além disso, exaltados pelas fanfarronadas dos que não têm nenhuma experiência do bem, pensam que escaparão a uma justiça inimiga do mal, a de Deus que, incessantemente, discerne tudo.

⁵Em numerosos casos também, muitas pessoas elevadas ao poder, sob a pressão de amigos^c em quem tinham posto a sua confiança para o encargo dos negócios, tornaram-se cúmplices do sangue inocente e foram arrastadas a catástrofes irremediáveis: ⁶é que esses amigos, pelas traças mentirosas da malícia, enganaram a total boa fé dos soberanos.

⁷Ora, sem remontar aos relatos assaz antigos que acabamos de transmitir, é possível, pelo exame do que se passa sob os vossos olhos, constatar todas as profanações cometidas por indivíduos corrompidos que exercem indignamente o poder.

⁸Para o futuro, nós^d nos esforçaremos por conduzir o reino à tranquilidade, no interesse de todos, pacificamente, ⁹efetuando as mudanças e sempre julgando com suficiente equidade as questões submetidas a nosso exame.

¹⁰Com efeito, é assim que Haman, filho de Hamadatos, um macedônio^e e na

C.5: D.2;
Ecl 12.14;
2Mc 7.35

Dn 11.21

B.2:
2Mc 11.23

p. Ver Est hebr. 1.19 nota; 8.8 nota e Dn 6.9.

q. Est hebr. acrescenta: *reais, na mesma hora*.

r. Est hebr. *sivan* (maio-junho). Sobre *nisan* = ver A.1 nota c. s. Como no v. 7, Mardoqueu não é citado. O início do v. se assemelha a 3.12, salvo a data. Mas o gr. utiliza aqui a forma passiva; lit. *foi escrito* (do mesmo modo no v. 10). Essa variação gramatical poderia dar a entender a intervenção de Deus na libertação de seu povo.

t. Est hebr. acrescenta: *a cada província segundo a sua escrita, a cada povo segundo a sua língua e aos judeus segundo a sua escrita e sua língua*. Cf. 1.22 nota; 3.12 nota.

u. Em 3.12 (nota). Est hebr. acrescentava *escreveu-se*, omitido pelo gr. (cf. 8.9 nota).

v. O gr. omitira também esse detalhe em 3.12 (nota d). Sobre *anel*, ver 3.10 nota.

w. Est hebr. acrescenta: *em carroçagens da administração, com cavaleiros procedentes de éguas selecionadas*.

x. Est hebr. acrescenta: *e pilhar seus bens*. Cf. 9.10 (gr.).

y. Isto é, segundo o gr., um dia antes da data que Haman tirara a sorte para fazer perecer os judeus (ver 3.7; 3.13; B.6).

z. O início dessa carta é menos enfática que em B.2. A soberania de Deus (v. 18) é doravante confessada pelo rei Artaxerxes. Como no cap. B, a fraseologia é mais complexa e mais longa que nos outros cap. deste livro. Entretanto, apesar do estilo diferente, encontram-se alguns hebraísmos. Não se pode afirmar a autenticidade de um documento desses.

a. Ver Lc 22.25 nota. Ptolomeu III (247-221) recebera o cognome de Benfeitor (Evergete). Os persas tinham uma classe especial na qual os homens eram chamados de *benfeitores do rei* (cf. v. 13; ver Heródoto VIII.25).

b. Mesmo verbo que em A.17, a propósito da ação de Haman.

c. Ver 1.13 nota.

d. A primeira pessoa do plural designa, aqui, Artaxerxes. No cap. B, empregou-se a primeira pessoa do singular (v. 2) e a primeira do plural (v. 6).

e. Essa indicação sobre a origem de Haman não aparece em lugar nenhum em Est hebr. Ela é, no entanto, atestada nas duas versões do gr. (Orígenes e Luciano). Talvez seja um traço da resistência judaica ao helenismo pagão, pois Antíoco Epifanes é um dos herdeiros do império dividido depois da morte de Alexandre.

realidade estrangeiro ao sangue persa, bem afastado de nossa generosidade, beneficiava-se de nossa hospitalidade; ¹¹ele encontrara a amizade que nós temos para com todas as nações, a ponto de ser proclamado nosso "pai" e de se tornar a segunda personalidade do trono real, diante da qual todos se prostravam.

3.1: B.3: 4.8

Dn 5.20 ¹²Mas ele não conteve o seu orgulho, aplicou-se a nos privar do poder e da vida^k; ¹³por uma trama de mentiras fraudulentas, ele reivindicou, para os aniquilar, o nosso próprio salvador e constante benfeitor^h, Mardoqueu, e Ester, a irrepreensível companheira de nossa realeza, bem como sua nação toda inteira.

E.6 ¹⁴Por esses meios, com efeito, ele pensava nos manter isolado e passar para os macedônios o império dos persas^l. ¹⁵Mas nós julgamos que os judeus, fadados à desapareição por esse tríplice crápula^j, não são malfetores; ao contrário, eles se

B.5 governam por leis muito justas; ¹⁶além disso, são filhos do Deus vivo^k, o altíssimo^l, o muito-grande^m, que governa o reino com retidão, para nós como para nossos ancestrais, nas melhores condições.

IMc 12.18-22; 2Mc 11.26 ¹⁷Fareis bem em não utilizar as cartas enviadas por Hamanⁿ, o filho de Hamadatos, ¹⁸visto que seu autor foi crucificado^o na entrada de Susa com toda a sua família^p. Deus, soberano de todas

as coisas, lhe concedeu, assim sem demora, o veredicto que merecia.

¹⁹Após a publicação da cópia desta carta em todo lugar, deixai^q aos judeus a liberdade de seguir seus próprios costumes;

IMc 6.59; 2Mc 11.25

²⁰prestai-lhes auxílio a fim de que, aos que os agrediram num momento de aflição^r, eles os repilam^a a 13 do décimo segundo mês (adar), no mesmo dia^l.

²¹Porque Deus, que exerce seu poder sobre o universo inteiro^u, transformou para eles esse dia em júbilo, em vez de extermínio da raça eleita. ²²Também vós, portanto, entre vossas festas comemorativas, celebrai esse grande dia^v com festejos de toda espécie, ²³a fim de que, de agora em diante, seja isso salvação para nós e para os partidários dos persas, mas para aqueles que conspiram contra nós^w, uma recordação do aniquilamento. ²⁴Toda cidade ou província, em geral, que não agir conforme essas prescrições, será totalmente destruída pela lança e pelo fogo; tornar-se-á não somente tabu para os homens, mas definitivamente execrável também para os animais selvagens e as aves.

Jr 9.9; 51.62; Dn 2.5; 3.96 (29); Ecd 6.11

8 ¹³*Que as cópias sejam afixadas bem à vista em todo o reino, para que no dia marcado todos os judeus estejam prontos^x para fazer a guerra^y a todos os seus adversários.*

3.14; 2Mc 13.12

C.22; 2Mc 4.38; 7.36

o Macedônio (ver as afinidades entre IMc I e Est). Por outro lado, no tempo de Artaxerxes III (359-337), o império persa foi agitado por revoltas que foram sustentadas pela Macedônia. (Ver A.17 nota, sobre o outro cognome de Haman: o Bugaios).

f. Ver B.6 nota.

g. Segunda alusão a um complô (cf. v. 3). Ver A.12-17 e 2.21-23. h. Ver E.2 nota.

i. As ameaças de uma hegemonia macedônia surgem por ocasião do reinado de Artaxerxes III (359-337). Ela será realizada por Alexandre (336-323). Mas pode-se tratar também da helenização difundida pelos herdeiros de Alexandre (ver E.10 nota).

j. Mesma expressão em 2Mc 8.34 e 15.3, a propósito de Nikanor (cf. 2Mc 15.36).

k. Ver 6.13. Cf. Jr 10.10; Os 2.1; 2Mc 15.4; Sb 18.13.

l. Cf. Dn 3.93; Th 1.13; 2Mc 3.31; 4.11; Sb 5.15; 6.3; Si 9.15 e passim.

m. Cf. 2Mc 3.36.

n. Anulação do princípio legislativo enunciado em 8.8 (ver Est hebr. 1.19 nota). Com efeito, Haman apusera o sinete real sobre essas cartas; seu decreto deveria, portanto, ser irrevogável.

o. Mesmo verbo que em 7.9 (ver nota).

p. Cf. Dn 6.25 nota. Há, aqui, uma antecipação a 9.6-14, o que é indicio de diferentes estágios de redação de Est gr.

q. Mesmo verbo que em 3.8.

r. Cf. A.7 (nota).

s. Trata-se aqui apenas de legítima defesa e não de vingança. Em 8.11-12, a prescrição era mais vaga e, portanto, mais ampla.

t. Ver 8.12; em um só dia.

u. Não é mais o poder do rei que é universal (cf. B.2), mas o de Deus, como o afirmara Mardoqueu na sua oração (C.2). A reviravolta e a confissão do rei não deixam de surpreender. Todavia a verossimilhança dos fatos importa menos que seu sentido e alcance. Esse reconhecimento de Deus pelos pagãos (cf. 6.13; E.16) dá um caráter mais universalista ao Livro de Ester, mas somente na sua versão grega. Cf. Esd 1.2; 7.23; Dn 2.47; 4.31-34; 6.27-28; 14.41.

v. Mesma expressão que em 5.4.

w. Essa alusão refere-se a Haman (ver v. 3 e 12), mas também ao complô dos dois eunucos (A.12-17 e 2.21-23). O verbo *conspirar* tem o mesmo radical que o substantivo empregado em 2.22.

x. Ver A.6, A.8 nota.

y. Mesmo verbo que em A.6.

¹⁴Os cavaleiros saíram a toda pressa para executar as ordens do rei; e o decreto foi promulgado, até mesmo em
3.15 Susa.

a isso os obrigava. ⁴⁰O decreto real tivera por efeito difundir¹ seu nome por todo o reino⁸. 1Mc 3.3-9

⁶Na cidade de Susa, os judeus mataram¹ quinhentos homens, ⁷bem como Farsanestaim, Delfon, Fasga, ⁸Fardata, Barea, Sarbakha, ⁹Marmasim, Arufaios, Arsaio, e Zabutaio, ¹⁰os dez filhos de Haman, o Bugaios^m, filho de Hamadatos, o inimigo dos judeusⁿ. Depois eles se entregaram à pilhagem^o. No mesmo dia ¹¹foi dado ao rei o número dos mortos em Susa.

¹²O rei disse, então, a Ester: "Em Susa, os judeus mataram^p quinhentos homens^q. Como, a teu ver, eles procederam nos arredores?... Que pedes tu, portanto, ainda? Tu o terás também". ¹³Ester respondeu ao rei: "Que se conceda aos judeus procederem da mesma forma amanhã, de modo a pendurar os dez filhos de Haman". ¹⁴Ele permitiu que assim fosse feito e, para os judeus da cidade, ele promulgou um edito a fim de que pendurassem os corpos dos filhos de Haman. ¹⁵Os judeus de Susa se reuniram^r portanto no dia 14 de adar^s; eles mataram trezentos SI 109, 12-13; J6 27,13-23; Ez 39,10; Jr 15,11

9 Execução dos inimigos. ¹De fato^a, no décimo segundo mês, isto é, adar, a 13 do mês^b, as cartas escritas pelo rei chegaram ao destino. ²No mesmo dia, os adversários dos judeus foram aniquilados^c. Ninguém se mantinha: tinham medo deles. ³Os superprefeitos, os príncipes e os secretários reais dispensavam atenções aos judeus; porque o medo a Mardoqueu

E.20;
1Mc 7.48-49;
2Mc 15.36

z. Para Mardoqueu, trata-se de um novo triunfo (cf. 6.10-12); mas, desta vez, com feições de festa coletiva depois da libertação. É o quadro invertido de 3.15-4.3.

a. Est hebr. acrescenta: *de junto do rei*.

b. Est hebr.: *luz e alegria, júbilo e honra*. Ver A.10.

c. Lit. *grande taça para beber*. Esse substantivo tem o mesmo radical que o verbo empregado em 3.15. Na repetição do substantivo *júbilo*, seguimos o texto grego.

d. Lit. *nações*. Ver E.21 nota, e cf. Est hebr.

e. Isto é, punham-se a seguir os costumes religiosos do judaísmo. No AT, essa expressão só é empregada aqui (cf. Gl 2.14).

f. Est hebr.: *pois o terror dos judeus caiu sobre elas*.

g. Cf. Est hebr., que apresenta aqui diferenças notáveis.

h. Sobre essa data, ver 8.11-12; segundo Est hebr. (3.13), era o dia fixado pela sorte para o massacre dos judeus.

i. Cf. 8.11 e E.20 nota. Este cap. 9 está mais de acordo com a *pt* scilação de 8.11-12.

j. Lit. *caíra para que fosse nomeado*... Eis de novo o verbo *cair* que constitui um dos temas principais deste livro. (Ver A.10 nota p.)

k. O v. 5, chocante demais por sua brutalidade, está ausente da maioria dos mss. gr. Ver Est hebr. 9.5. A tradição gr. do livro de Ester, mais preocupada com o universalismo, visa atenuar os aspectos vindicatórios dessa narrativa.

l. Est hebr. acrescenta: *aniquilando*... Se se trata de atos de vingança, esta é, no entanto, reprovada por outros textos bíblicos (cf. Sr 28.1.7).

m. Ver A.17 nota.

n. Est hebr. acrescenta: *eles o mataram*.

o. Em nenhuma parte no texto gr., a pilhagem pelos judeus fora autorizada. Mas, segundo Est hebr. (ver 8.11 nota), foi permitida. Antes, a pilhagem contra os judeus fora ordenada (cf. 3.13). O texto gr. rompe, assim, a sua própria coerência, acompanhando o que só Est hebr. tinha indicado anteriormente. Ora, no presente versículo (9.10) Est hebr. tem: *não procuraram meter a mão nos despojos*. Ora, nenhum dos mss. gr. indica uma negação, ao fim desse v., o texto gr. contradiz portanto Est hebr. neste lugar, embora concorde com a "permissão" do cap. anterior do hebr. Pode-se considerar que se trate aqui de uma tradição aberrante, ou de uma tradição diferente que teria guardado a "lembrança" de uma pilhagem.

p. Est hebr. acrescenta: *aniquilando*...; cf. 9.6 nota.

q. Est hebr. acrescenta: *mais os dez filhos de Amã*.

r. Est hebr. acrescenta: *Qual é ainda o teu pedido? Será feito*.

s. Est hebr. acrescenta: *de Susa*.

t. Eles já estão mortos (v. 6-10); mas seu destino será assim exposto em público. Todavia, normalmente penduram-se na forca os vivos (cf. 2.23; 5.14; 7.9-10) e não os cadáveres (ver Gn 40.19-22; 41.13; Dt 21.22; 2Sm 21.9; há uma exceção em Js 10.26). Cf. 5.14 nota.

u. Esse verbo, freqüente no cap. 9, evoca também a reunião na sinagoga.

v. Segundo o gr., era a data que Haman fixara pela sorte para o extermínio dos judeus (cf. 3.7 e B.6). Ver 9.1 nota.

homens, sem se entregar a nenhuma pilhagem".

¹⁶Quanto a todos os outros judeus do reino, eles se reuniram auxiliando-se mutuamente^a. Eles obtiveram de seus atacantes o repouso; com efeito, eles tinham aniquilado quinze mil pessoas^y a 13 de adar, sem se entregar a nenhuma pilhagem. ¹⁷Eles repousaram portanto a 14 do mesmo mês e passaram esse dia de repouso em alegria e júbilo, ¹⁸enquanto os judeus da cidade de Susa que se tinham reunido também no dia 14, sem

^{8.17} repousar, passaram então o dia 15 em alegria e júbilo. — ¹⁹É por isso que os judeus, dispersos^a por todas as províncias no estrangeiro, celebram 14 de adar como um dia feliz de júbilo, enviando-se porções uns aos outros. Mas os habitantes das metrópoles celebram também o 15 de adar como um dia feliz e de júbilo, enviando-se porções.

Na 8.10;
2Mc 8;
2R.30;
Ap 11.10

Instituição da festa. ²⁰Mardoqueu pôs essas coisas por escrito em um livro^a, que enviou a todos os judeus que se encontravam no reino de Artaxerxes, tanto aos mais distantes como aos mais próximos, ²¹a fim de instituir a celebração desses dias felizes, 14 e 15 de adar^b — ²²porque nesses dias os judeus obtiveram de seus inimigos o repouso — bem como desse mês de adar em que a situação se invertera^c a seu favor, passando do luto à alegria e do tormento a um dia feliz;

C.10;
Gn 50.20;
1Mc 9.41

esse mês será celebrado todo inteiro como dias felizes de bodas^d e de júbilo, com envio de porções aos amigos e aos pobres.

²³Os judeus aceitaram^e em conformidade com o que Mardoqueu lhes escrevera: ²⁴como o macedônio^f Haman, filho de Hamadatos, lhes movera guerra, como ele tinha feito um decreto e tirado à sorte para os fazer desaparecer, ²⁵como ele viera à casa do rei para lhe dizer que mandasse enforçar Mardoqueu; mas todas as desgraças que ele tinha começado a provocar contra os judeus, foi sobre ele que se voltaram^g e ele foi enforcado, ele e seus filhos^h.

²⁶É por isso que esses dias são chamados "Destinos"ⁱ; por causa das sortes (que no seu dialeto são chamadas "destinos"), visto os termos desta carta, pelo que tinham sofrido por essa razão, e por tudo o que lhes ocorrera. ²⁷Mardoqueu^j fez deles uma instituição e os judeus aceitaram-na para si mesmos, para sua descendência e para todos os seus adeptos^k. Sem dúvida nenhuma, não procederão de outro modo. Esses dias serão uma recordação feita de geração em geração, em cada cidade, em cada família, em cada província. ²⁸Estes Dias dos Destinos serão celebrados por todos os tempos. Sobretudo, que a recordação não se apague para a posteridade^l!

²⁹Ester, a rainha, a filha de Aminadab, e Mardoqueu, o judeu, puseram por es-

w. Aqui o texto gr. traz uma negação, diferentemente de 9.10 (ver nota).

x. Como em 8.11, onde já foi empregada, esta expressão não se encontra em Est hebr.

y. O texto gr. atenua o número indicado por Est hebr.: *setenta e cinco mil*, cf. 9.4 nota.

z. Mesmo verbo que em 3.8.

a. Trata-se aqui de um livro e não mais de cartas como consta em Est hebr. Não são mais documentos esparsos, mas uma compilação organizada. Ver também A.15.

b. Segundo o v. 19, só os habitantes das metrópoles é que fazem uma festa no dia 15 de adar. É portanto essa tradição que é conservada aqui.

c. A voz passiva indica que foi Deus quem operou essa inversão (cf. F.6-10; C.22). Ver também A.10 nota.

d. Há aqui um paralelo com as duas narrativas de núpcias reais 1.5 e 2.18 (nota). Esta alusão não existe em Est hebr. Sobre o tema das núpcias como expressão da aliança entre Deus e seu

povo, cf. Is 54; Jr 7.34; Os 1-3; Ap 19.7-9).

e. Est hebr. acrescenta: *o que começaram a fazer*.

f. Ver E.10 nota.

g. Ver 7.10 nota.

h. Os vv. 24-25, que apresentam inúmeras variantes em relação a Est hebr., constituem uma espécie de resumo dos principais acontecimentos contados neste livro. Mas Ester não é mencionada aqui. Nesta passagem a preponderância, portanto, é de Mardoqueu.

i. O texto gr. tem aqui a palavra *Frurai*, equivalente ao hebr. *Purim* (ver Est hebr. 3.7 nota).

j. O nome de Mardoqueu é acrescentado; o sujeito não é indicado pelo gr. Cf. 2Mc 15.36.

k. Após o massacre dos adversários, eis aqui uma nota mais universalista que se junta a 8.17. Ver Ex 12.49; Es 56.6-7.

l. Os vv. 24-28, em estilo indireto, poderiam resumir uma carta de Mardoqueu que seria um documento diferente do livro mencionado no v. 20. Segundo o v. 26 tratava-se da carta dos

critos todos os seus atos bem como a confirmação da carta dos Destinos^m.

³¹*Mardoqueu e Ester, a rainhaⁿ, fizeram uma instituição para eles, no que lhes diz respeito, fazendo também, então, de sua resolução uma instituição em vista de sua própria saúdeⁿ.* ³²*Por sua palavra, Ester fez disso uma instituição perpétuaⁿ; depois, puseram-na por escrito para que se guarde sua memória.*

10 Apogeu. ¹*O rei legislou para o reino na terra e no mar.* ²*Seu poder e sua bravura, a riqueza e a glória de seu reino, eis que se puseram por escrito no livro dos reis da Pérsia e da Média, para que se guarde a sua memória.* ³*Ora Mardoqueuⁿ sucedeu ao rei Artaxerxes. Era um grande homem no reino e era glorificado^r pelos judeus. Bem-amado de toda sua nação, ele lhes contava qual fora sua conduta.*

2Sm 22,44;
Sl 18,44

Jr 14,8

F Interpretação do sonho inicial. ¹*E Mardoqueu dizia: "É de Deus que vieram esses acontecimentos.* ²*Lembro-me, de fato, do sonho que tive a esse respeito: e, realmente, nada foi omitido:* ³*A pequena fonte que se tornou rio; depois, havia uma luzⁿ, além do sol, e uma água abundante. O rio é Ester, que*

A.4-10

2Sm 23,3-4;
Nm 24,17

o rei desposou e fez rainha. ⁴*Os dois dragões são Haman e eu.* ⁵*As nações são as que se reuniram para aniquilar o nome dos judeus.* ⁶*A nação que é a minha, é Israel, os que clamaram a Deus e foram salvos. O Senhor salvou o seu povo!* ⁷*O Senhor nos arrancou de todas aquelas desgraças! Deus realizou sinais e prodígios magníficos, que não se produzem entre os pagãos!* ⁸*É por isso que fez duas sortesⁿ, uma para o povo de Deus, outra para os pagãos.* ⁹*Ora, essas duas sortes chegaram na hora, no tempo e no dia do julgamento diante de Deus e para todos os pagãos.* ¹⁰*Deus se lembrou de seu povo e fez justiça a seu próprio patrimônio.* ¹¹*Portanto, esses dias, no mês de adar, 14 e 15 do mesmo mêsⁿ, comportarão para eles uma assembléiaⁿ, manifestações de alegria e de júbilo diante de Deus, em toda geração, para sempre no seu povo. Israel."*

Gn 50,20

Sl 135,9;
Sh 10,16

Sl 105,8
C.4-10

9,27-28

Post-scriptum. ¹*No quarto ano do reinado de Ptolomeu e Cleópatraⁿ, Dositos, declarando-se sacerdote e levita, bem como seu filho Ptolomeu, trouxeram a carta acima. Eles afirmavam que essa era a carta dos Destinosⁿ e que fora traduzida por Lisímaco, filho de Ptolomeu, dos que estão em Jerusalém.*

2Mc 2,13-15

Destinos (cf. F.11). Não há qualquer referência a Deus; Ester não é mencionada. A trama dessa carta seria organizada sobretudo em torno de Mardoqueu, o judeu, tipo da raça oprimida por Haman. Alguns caps. de Est se prendem a essa preponderância de Mardoqueu: cf. cap. 3; 4; 6.

m. Essa carta poderia ser ainda a mesma cujos ecos se encontram nos vv. 24-28. Mas neste v., Ester é citada antes de Mardoqueu. Alguns caps. se prendem à preponderância de Ester: cf. cap. 2; 5; 7; 8 (ver nota precedente). Daí a ambigüidade existente entre o livro de Ester e o Dia de Mardoqueu (2Mc 15,36). — O v. 30 falta no gr.; ver Est hebr. 9,30.

n. A ordem dos nomes está invertida em relação ao v. 29. Foram também suprimidas as indicações: *a filha de Aminadab e, sobretudo, o judeu*; essa última denominação figura, entretanto, em Est hebr. Comparar este v. com o início do v. 27.

o. O objetivo dessa instituição pode ser compreendido de duas maneiras: não celebrar essa festa traz prejuízo à saúde; ou fazer dela uma festança fortifica a saúde. Todavia, pode-se ainda admitir uma terceira interpretação do texto grego: *contra sua própria saúde*, o que seria mais conforme a Est hebr. que menciona, aqui, o jejum e o luto.

p. Aqui ainda (cf. v. 29 nota), a autoridade de Ester, que tinha sido eclipsada nos vv. 20-28, prevalece sobre a de Mardoqueu, que não é citado.

q. Est hebr. acrescenta o *judeu*, como em 9,31.

r. Cf. 9,4. A glória de Mardoqueu é da mesma espécie da de Josê ou de Daniel.

s. Ver A.10 (nota). No decorrer da narrativa essa palavra só é retomada em 8,16. Cf. Sl 36,10; 97,11.

t. Lit. *as nações*. Aqui, é nítida a distribuição religiosa entre *povo e nações* (ver 3,6 nota).

u. Ver 3,7 (nota).

v. Cf. 9,21 nota.

w. A palavra grega é também a que designa a sinagoga (cf. 9,15, nota).

x. Trata-se de Ptolomeu VIII em 114-113, ou de Ptolomeu XII em 48-47. Tendo os dois reinado com rainhas chamadas Cleópatra, é impossível definir qual deles. Além disso, o nome *Ptolomeu* designa três personagens diferentes nesse v.

y. Essa carta foi mencionada em 9,29. Não pode se tratar do livro de Ester tal como o conhecemos, seja segundo o hebr., seja segundo o texto grego.

JUDITE

INTRODUÇÃO

O livro de Judite, como os de Tobias e de Ester, é uma narrativa centrada em torno de um personagem principal e contando com riqueza de detalhes a salvação concedida por Deus ao termo de uma situação crítica. Trata-se aqui do cerco de pequena cidade da Palestina, Betúlia, cuja posição comanda o acesso ao resto do país e a Jerusalém. Uma piedosa viúva sai da cidade, dirige-se ao acampamento inimigo, excita por sua beleza a paixão do comandante-em-chefe, Holofernes, e aproveita da embriaguez do general após um banquete para cortar-lhe a cabeça: ela provoca a derrota dos atacantes.

Historicidade do relato. A narrativa apresenta numerosas dificuldades históricas. Nabucodonosor, rei da Babilônia segundo a história, aparece aqui como rei de Nínive, cidade vencida em 612 pelos exércitos coligados de seu pai, Nabopolassar, e dos medos. Ele, vencedor e destruidor de Jerusalém, envia suas tropas, segundo o livro de Judite, para uma expedição na qual elas são derrotadas e massacradas pelos israelitas, recentemente retornados do cativeiro (Jt 4,3; 5,19). Entretanto, segundo a história, é justamente Nabucodonosor quem deportou os habitantes de Jerusalém. O general que comanda as tropas de invasão, Holofernes, e seu eunuco Bagoas trazem nomes persas que se encontram em textos não-bíblicos, referentes a uma campanha de Artaxerxes III (359-338). O livro de Josué menciona uma cidade de Betul (19,4) no território da tribo de Simeão, tribo à qual pertencia Judite (8,1; 9,2). Mas a Betúlia do livro de Judite localiza-se na Samaria, perto de Dotaim e da planície de Esdrelon (ou de Jezreel); está construída sobre um pico escarpado, acima de fontes que jorram no vale. Não se conhece sítio correspondente a esse nome e a essa situação. Este fato não é isolado. Ao longo da narrativa encontram-se, ao lado de nomes bem conhecidos como Nínive, Damasco, Tiro, Jerusalém, nomes de lugares mais ou menos resistentes à identificação geográfica, apesar dos esforços dos exegetas. Ragau, perto da

qual se trava uma batalha na planície (1,5), é provavelmente a deformação de Rages na Média, a nordeste de Echátana. Rages é mencionada em Tobias (4,1; 5,6), identificando-se hoje com Rai. Mas nem sempre se tem uma solução desse gênero.

Essas dificuldades e outras levam a reconhecer no relato não uma narrativa histórica, mas uma composição livre que visa ilustrar um ensinamento. Entretanto é muito provável que um fato real esteja na origem da tradição narrativa, porque seria difícil inventar um episódio no qual uma mulher desempenha um papel ainda mais notável por sua iniciativa que o da rainha Ester, de fato dirigida por seu tio Mardoqueu.

Por outro lado, o relato de Judite encontra-se em textos judaicos (midrashim) bastante numerosos (uma dúzia), ligados à festa da Hanuká. Esses textos comemoram a dedicação do Templo em 164 a.C., três anos após a profanação de Antíoco. A façanha situa-se em Jerusalém, sitiada pelos gregos de Antioquia, os selêucidas; a heroína é muitas vezes anônima.

Enfim, dois cronistas bizantinos, João Malalas e Jorge Kedrenos, este copiando aquele, relatam o acontecimento de forma bastante diversa. Sob o rei persa Dario, Jerusalém está sitiada. Uma mulher, chamada Judite, dirige-se ao acampamento inimigo, fingindo querer trair o seu povo. Ela obtém de Holofernes, seduzido por sua beleza, a permissão de ficar com ele numa tenda isolada, e aproveita para matá-lo enquanto ele dorme com ela. Judite volta sem dificuldade a Jerusalém, e a cabeça decepada é espetada numa lança no alto das muralhas. Esta apresentação faz supor que a heroína cedeu à paixão do chefe inimigo, ao passo que os midrashim judaicos lhe atribuem somente promessas para o futuro e a narrativa bíblica, ainda mais reservada, fá-la pronunciar palavras vagas (12,14), que podem ser tanto uma resposta cortês, que em nada compromete, como um eufemismo discreto.

A variedade dessas formas do relato e a existência de uma festa comemorativa, segundo a Vulgata

e vários *midrashim*, são mais um indício de que um fato real se encontra na origem da tradição narrativa. Situa-se o fato provavelmente sob a dominação persa, pois é então que é mais fácil encontrar um longo período de paz, em decorrência da façanha de Judite. Não temos mais, porém, os meios de precisar a data exata, as circunstâncias e a dimensão do fato do qual decorre nossa história.

O gênero literário. O gênero literário do livro de Judite não corresponde exatamente às nossas categorias modernas. Não se trata de história, como acabamos de ver. Também não se trata de romance histórico, onde os acontecimentos imaginados tomam lugar num quadro histórico cuidadosamente respeitado; nem de história romanceada, onde a imaginação preenche o silêncio das fontes no que toca aos fatos secundários. A narrativa é um *midrash*, no qual um núcleo que pode ser real é tratado com muita liberdade, amplificado por novos episódios fictícios, fecundado por alusões a textos bíblicos. O autor inspirou-se em diferentes acontecimentos da história de Israel: a astúcia de Tamar (Gn 38), o assassinato de Eglon por Ehud (Jz 3,12-30), o de Sisera por Jael (Jz 4-5), o combate de David e de Golias (1Sm 17), a intervenção de Abigail junto a David (1Sm 25), e muitos outros casos. Há portanto um bosquejo de fatos (muito provavelmente reais), sobre o qual são bordados livremente desenvolvimentos tirados das Escrituras anteriores, visando a um ensinamento que é o objetivo final.

Pode-se falar de parábola; mas é preciso indicar que o ponto de partida é uma narrativa preexistente e não o desejo de fornecer uma ilustração pedagógica a uma doutrina. Por outro lado, os ensinamentos do livro são múltiplos e não limitados a um ponto preciso.

Tem-se falado de apocalipse, mas a aproximação permanece longínqua. Há por certo algum exagero das circunstâncias, mas nada dos monstros fantásticos imaginados por Daniel, pelo Apocalipse e pelas produções não-canônicas do tipo, como o 4º livro de Esdras. O desfecho de Judite (16,25) conduz a um longo período de paz e não às catástrofes do fim dos tempos.

Autor e data. O autor primitivo é desconhecido. Provavelmente escreveu numa língua semítica. Ao

final do séc. II d.C., ou mais tarde ainda, o adaptador grego utiliza a versão dos Setenta e a reproduz textualmente, mesmo onde ela difere do texto hebraico. Assim, Jt 6,2 = Is 28,1; Jt 8,16 = Nm 23,19; Jt 9,7 e 16,2 = Ex 15,2; Jt 10,4 = Gn 38,14; Jt 10,4 = Is 3,20; Jt 14,18 = 1Sm 13,3; Jt 16,12 = 1Sm 20,30. Este redator grego trabalhou sobre um texto semítico, provavelmente hebraico, ora traduzindo-o literalmente, como o demonstram várias expressões que refletem fielmente o estilo hebraico, ora adaptando-o livremente, como o testemunham as diferenças com a Vulgata (cf. *infra*).

Quanto ao protótipo semítico, poderia ter recebido sua forma definitiva na época da insurreição dos Macabeus contra a perseguição grega. As pretensões de Nabucodonosor de ser reconhecido como único Deus de toda a terra (Jt 3,8; 6,2) são comparáveis às atribuídas por Daniel (11,36-37) ao rei ímpio (Antíoco Epifanes). O narrador, provavelmente explorando um relato mais antigo, teria querido encorajar seus compatriotas ameaçados em sua religião, sua Lei e seu Templo, lembrando-lhes pelos exemplos do passado que o Deus de Israel não abandona os seus, mesmo nos perigos mais extremos, e que ele sabe frustrar os empreendimentos de seus inimigos, se os seus fiéis não o abandonam entregando-se à idolatria. O nome de Judite (a Judia) seria o símbolo da nação chamada à resistência contra o perseguidor estrangeiro.

Textos. O texto básico é o grego, derivado da tradução livre ou do cotejo com um texto semítico. Pode-se repartir os manuscritos que o conservaram em várias famílias, três, quatro ou até cinco, segundo os autores que trataram da questão. A presente tradução segue no conjunto a família mais autorizada, a dos grandes manuscritos unciais que datam do séc. IV ou do séc. V, editados por A. Rahlf, Septuaginta; mas leva em conta, para alguns casos, também outras testemunhas textuais.

As versões latinas antigas, feitas a partir do grego, repartem-se em ao menos seis famílias, muito diferentes umas das outras, e supõem uma recensão bem aprofundada, quando não um novo trabalho de tradução. Elas podem supor um texto grego distanciado do que possuímos. Edição completa ainda não existe; está sendo preparada.

As versões siríacas aproximam-se da forma textual representada pelas antigas versões latinas.

A Vulgata, ou nova tradução elaborada por São Jerônimo (cerca do ano 400), foi executada com base num texto aramaico. Ele mesmo confessa que foi um trabalho muito rápido, utilizando as versões latinas antecedentes, suprimindo ou modificando o que não correspondia ao aramaico. O texto é notavelmente mais curto que o grego. Entretanto, como contém algumas passagens sem equivalente no grego ou uma seqüência dos episódios menos bem encadeada, não se pode duvidar de que São Jerônimo tenha efetivamente seguido um modelo aramaico, que se perdeu.

Enfim, há três textos hebraicos, distintos das traduções em hebraico que se apresentam como tais, e que se sucederam depois do século XVI. Esses textos mais antigos, editados ou reeditados recentemente por A.-M. Duharle, seguem a Vulgata versículo a versículo. Mas dela divergem no vocabulário, assim como divergem entre si. Sua existência cria um problema: até agora não se conseguiu demonstrar que eles fossem simplesmente uma versão muito livre da Vulgata.

Canonicidade. Os rabinos judeus não admitiram o livro de Judite na coletânea oficial dos escritos sagrados. Por essa razão a Igreja antiga hesitou quanto a este e outros livros na mesma situação, hesitações sobretudo de estudiosos conhecedores do cânon judaico. Mas havia um uso difundido de Jt, atestado por numerosas citações nos escritores cristãos, mesmo naqueles que teoricamente contestavam sua inspiração.

Uma lista dos livros canônicos atribuída ao bispo de Roma Inocêncio I, em 405, inclui Judite e todos os livros ulteriormente mantidos no cânon pelos concílios de Florença (1442), de Trento (1546), e do Vaticano I (1870).

Os reformadores do séc. XVI voltaram, quanto ao Antigo Testamento, ao cânon judaico mais restrito. E os biblistas protestantes designam de "apócrifos" os livros que não estão nele incluídos, mesmo se gozando de certo crédito. São os que os autores católicos chamam desde a Contra-Reforma de "deuterocanônicos".

O Novo Testamento não cita Judite. Há contudo semelhanças de pensamentos e de expressão que convidam a supor que o livro era conhecido da primeira geração cristã. Assim, Jt 1,11 e Lc 20,11; Jt 8,6 e Lc 2,27; 1Tm 5,5; Jt 8,14 e 1Cor 2,11; Jt 8,25 e Tg 1,2; Jt 13,18 e Lc 1,42; Jt 13,19 e Mt

26,13. Mas o paralelo mais surpreendente só se encontra na Vulgata: Jt 8,24-25 e 1Cor 10,9-10.

Alcance religioso. O livro evidentemente se destina, primeiro, a encorajar os judeus num período em que se encontram ameaçados por um perigo proveniente do mundo pagão. Não é só a existência nacional que está em perigo, mas o culto ao verdadeiro Deus.

O livro contém muitos elementos que são patrimônio comum de toda a Bíblia, mas também certos pontos de vista mais originais que não devem ser encobertos pelo caráter dramático dos acontecimentos e que carecem de esclarecimento.

Deus é transcendente ao homem. Seus desígnios são cheios de misericórdia para com os homens, mas insondáveis. E não se pode prever com certeza a duração ou a extensão das provas às quais ele submete os seus (8,14). Os sacrifícios que se lhe oferecem são totalmente desproporcionados em relação à sua majestade (16,16). A Providência age através das causas secundas: não há nenhum milagre ou feito extraordinário na narrativa: tudo resulta das paixões humanas da ambição, da sensualidade ou do medo em uns e, pelo contrário, da fé e da coragem em Judite.

É uma mulher que é aqui a personagem principal e a artífice de salvação para todo o povo. Ela é a única a não perder a cabeça em meio à aflição geral. Por sua sabedoria, ela reanima os homens que são os líderes oficiais de Betúlia. Sem a ajuda deles, concebe e executa sua empresa audaz. Depois de sua façanha, leva uma vida cujo valor não depende das funções de esposa e de mãe. Há nisso um feminismo que ultrapassa nitidamente a medida daquilo que se encontra em outros passos do Antigo Testamento.

A astúcia de Judite não é prova de virtude, mas também não é uma conduta de moralidade inferior, que se deveria escusar como relevando da imperfeição da antiga aliança antes da vinda do Cristo. A comparação com diferentes exemplos de astúcia contidos nos livros narrativos da Bíblia, sugerida por numerosos detalhes do relato, confere vantagem a Judite. Esta, numa guerra de legítima defesa, mata o chefe inimigo que perpetra uma agressão ao mesmo tempo contra o povo e contra seu culto por uma questão de prestígio ferido. Iael, para citar apenas o paralelo mais óbvio, mata Sisera, que não a ameaçava direta-

mente, quando o clã de seu marido estava em paz com Iabin, rei de Haşor e chefe de Sisera (Jz 4,17-22).

Judite não procura seduzir Holofernes. Seguramente, ela não tem nenhuma ilusão sobre suas qualidades, das quais tira proveito. Mas comporta-se com reserva e dignidade. É a paixão do pagão que o entrega à mercê de uma mulher forte e pura, disposta a enfrentar uma situação de risco, graças a uma vida de oração e de austeridade que lhe assegura o socorro de Deus e o autodomínio.

Não há no livro de Judite um traço sequer de uma concepção rigorista da Lei mosaica, nem mesmo do zelo escrupuloso de Daniel e seus companheiros pela pureza dos alimentos (Dn 1,8-16). Os jejuns da piedosa viúva são espontânea manifestação de luto e de penitência, não a observação de um preceito, e ela os interrompe nos dias de festa (8,6). Seu discurso a Holofernes não exprime uma tese que o autor queria inculcar; ele se destina a burlar o inimigo, fazendo-o crer que os habitantes de Betúlia são adversários desprezíveis, obcecados por escrúpulos insensatos. Na realidade, o livro mostra certa indiferença em relação aos detalhes da Lei. A heroína, que não tem filhos (cf. 16,24), não se preocupou em contrair um casamento levirático, segundo as prescrições do Deuterônomo (25,5-10). Aquior, um amonita, é acolhido na comunidade de Israel (Jt 14,10), apesar da interdição da Lei (Dt 23,4; cf. Ne 13,1-3). Esta característica manifesta um estado de espírito aberto, mais preocupado em assegurar a todos os homens o acesso ao verdadeiro Deus que em proteger o povo escolhido por uma sebe de observâncias. Pode-se ter uma compreensão maleável da Lei e estar pronto a adaptar suas disposições secundárias, em vez de nela enxergar um absoluto intangível em todas as suas partes.

O sofrimento, dilema permanente para os autores inspirados, não é necessariamente e sempre um castigo, retaliação dos pecados do povo ou dos indivíduos. Mas é também uma prova que Deus impõe aos seus para lhes sondar os corações e uma dura lição, que visa instruí-los (Jt 8,25-27). No caso presente, Judite confia, pois o povo não está sendo culpado de idolatria como o foi no passado (8,18-20). A tribulação dos sitiados não é uma prova da cólera divina, mas um convite a virtude mais alta, ao sacrifício pela salvação de todos e pela preservação da cidade santa (8,21-24). É a escolha de Judite (13,20). É preciso acolher o sofrimento com gratidão, como um sinal da solicitude divina (8,25).

Os grandes soberanos são muitas vezes levados por um espírito de orgulho que os leva à deificação. As pretensões de Nabucodonosor a ser reconhecido como único deus por todos os povos (Jt 3,8) ultrapassam as dos reis históricos, Alexandre e seus sucessores, ou mesmo do fictício Dario de Daniel (Dn 6,8). O autor se inspira em Is 14,13-14, Ez 28, e no rei ímpio de Dn 11,36.

A tradução. A tradução segue ordinariamente o texto grego da edição de A. Rahlfs, segundo os três manuscritos mais importantes. Às vezes afasta-se dele, o que é assinalado em nota.

O estilo não primou pela elegância; antes buscou uma fidelidade bastante material ao texto. Se é normal traduzir um hom hebraico para um hom português, pareceu justo traduzir uma versão grega bem servil por uma versão portuguesa igualmente próxima do modelo: repetir os mesmos vocábulos quando são repetidos, variá-los quando são variados, conservar a justaposição de pequenas frases não formando períodos, sem contudo chegar a reproduzir todos os "e" do grego, o que teria sido intolerável.

1 Guerra entre Nabucodonosor e Arfaxad. 'Era' o duodécimo ano do

reinado de Nabucodonosor, que reinou sobre os assírios em Nínive, a grande cidade, nos dias de Arfaxad, que reinou sobre os medos em Ecátana. ²Este último construiu, em torno de Ecátana, muralhas de pedras de cantaria, com a largura de três côvados e o comprimento de seis; elevou a altura da muralha a sessenta e dois côvados e sua largura a cinquenta côvados. ³Nas portas, levantou torres de cem côvados e fundamentos com a largura de sessenta côvados. ⁴As portas, ele as fez, elevando-as a uma altura de setenta côvados e com uma largura de quarenta côvados, pensando nas expedições do exército dos seus guerreiros e nas formações da sua infantaria.

⁵Naqueles dias, o rei Nabucodonosor empreendeu guerra contra o rei Arfaxad na grande planície, isto é, a planície no território de Ragau. ⁶A ele acorreram^a todos os que habitavam na região montanhosa, todos os que habitavam às margens do Eufrates e do Tigre e do Hidaspes e nas planícies de Arioc, rei dos elimeus. Assim, numerosas nações reuniram-se para a batalha dos filhos de Queleud^b.

⁷Nabucodonosor, rei dos assírios, enviou mensageiros^c a todos os que habitavam a Pérsia e a todos os que habitavam no Ocidente, os que habitavam a Cilícia e Damasco, o Líbano e o Antilíbano, todos os que habitavam no litoral, ⁸os que faziam parte dos povos do Carmelo, de Galaad, da Galiléia superior e da grande planície de Esdreclon, ⁹todos os da Samaria e de suas cidades e além do

Jordão até Jerusalém, Batanéia, Queluz, Cades, a torrente do Egito, Dafne, Ramsés e toda a terra de Gessem, ¹⁰até além de Tânis e de Mênfis, e todos os que habitavam o Egito até as fronteiras da Etiópia. ¹¹Mas todos os habitantes de toda a terra desprezaram a palavra de Nabucodonosor, rei dos assírios, e não se aliaram a ele para a guerra, pois não o temiam. Resistiram a ele como um só homem^e e despediram seus mensageiros de mãos vazias, a vergonha no rosto. ¹²Nabucodonosor ficou muito irritado contra toda essa terra e jurou por seu trono e seu reino que haveria de vingar-se de todos os territórios da Cilícia, da Damascena e da Síria, e que faria perecer também por sua espada todos os habitantes de Moab, os filhos de Amon, toda a Judéia e todos os do Egito até os limites dos dois mares. ¹³Ele postou-se em ordem de batalha com o seu exército contra o rei Arfaxad no décimo sétimo ano, venceu-o na guerra e pôs em derrocada todo o exército de Arfaxad, toda a sua cavalaria e todos os seus carros; ¹⁴apoderou-se de suas cidades, chegou até Ecátana, tomou suas torres, saqueou suas praças e transformou seu esplendor em opróbrio. ¹⁵Aprisionou Arfaxad nas montanhas de Ragau, traspassou-o com seus dardos e o exterminou para sempre^f. ¹⁶Regressou com eles a Nínive, ele e sua gente, uma multidão de guerreiros em grande número; e ali ficou, repousando e banquetando-se, ele e seu exército, por cento e vinte dias.

2 Campanha contra o Ocidente. 'No décimo oitavo ano, no vigésimo se-

2Rs 24,1;
Dn 1-4;
2Rs 19,36;
Th 1,3-10;
Jn 1,2
Gn 10,22
Esl 6,2

Th 4,1; 5,6

Gn 14,1;
10,22

3,9; 4,6; 7,3

1Sm 25,11;
2Sm 10,4

Dn 2,12;
3,13;
1Mc 3,27

1Mc 1,40;
2,12

Esl 1,3-4

a. *Era* é acrescentado para evitar um longo período, que só termina no v. 5, depois de um parêntese descrevendo as construções de Arfaxad.

b. Acorreram a título de auxiliares.
c. Provavelmente é preciso supor que os *filhos de Queleud* são os caldeus.

d. *Mensageiros*: acrescentado para maior clareza.
e. Isto é, unanimemente. Quase todos os mss. da versão lat.

antiga e a Vulgata exprimem a idéia de uma resistência unânime a Nabucodonosor. O gr. e a alguns mss. lat. trazem: *Mus ele (Nab.) estava contra eles* (ou *diante deles*) *como um só homem* (ou *um homem só*). A expressão é estranha; comenta-se: "Como um isolado, de quem não havia nada a temer". O texto gr. vem provavelmente de uma corruptela, *fácil em grego*, de certas letras.

f. Lit. *até este dia*.

gundo dia do primeiro mês, no palácio de Nabucodonosor, rei dos assírios, falou-se em vingança contra toda a terra, como ele o dissera. ²Convocou, pois, todos os seus oficiais e todos os seus grandes, fez com eles uma reunião secreta e decidiu, por sua própria boca, a desgraça total para a terra^a. ³Acharam bom exterminar toda carne, todos os que não tinham seguido a palavra de sua boca. ⁴Então, quando concluiu^b a reunião, Nabucodonosor, rei dos assírios, chamou Holofernes, comandante-em-chefe do seu exército, o segundo depois dele, e disse-lhe: ^{5a}Assim fala o grande rei, o senhor de toda a terra^c: Sairás de minha presença e tomarás contigo homens seguros de sua força, até cento e vinte mil infantess, e uma multidão de cavalos com doze mil cavaleiros. ⁶Partirás ao ataque de toda a terra a ocidente, porque desobedeceram à palavra de minha boca. ⁷Tu lhes mandarás que preparem terra e água^d, porque sairei contra eles no meu furor, cobrirei toda a face da terra com os pés do meu exército e os entregarei ao saque. ⁸Seus feridos encherão as encostas; todas as torrentes e os rios estarão cheios, a transbordar, de seus mortos. ⁹Deportarei os seus cativos para a extremidade da terra inteira. ¹⁰Quanto a ti, vai ocupar para mim todos os seus territórios; eles se dirigirão a ti e tu mos reservarás para o dia de sua acusação. ¹¹Quanto aos insubmissos, teu olho não os poupará, entregando-os ao massacre e à pilhagem em toda a terra. ¹²Certo como eu vivo e a minha realeza vigora, eu falei e o executarei com minha mão. ¹³Quanto a ti, não transgredirás uma só das palavras do teu senhor; mas as cumprirás sem falta como as prescrevi, e não tardarás em executá-las.^e

¹⁴Holofernes saiu da presença do seu senhor e chamou todos os príncipes, os generais e os oficiais do exército de Assur. ¹⁵Recenscou os homens de elite^k para o combate, como lhe ordenara seu senhor, até doze miríades, mais doze mil arqueiros montados. ¹⁶Alinhou-os como se costuma alinhar um exército para a guerra. ¹⁷Tomou camelos, asnos e mulas em enorme quantidade, para carregarem a carga, assim como ovelhas, bois e cabras sem número para o reabastecimento, ¹⁸provisões para cada soldado em quantidade, e ouro e prata da casa real em grande abundância. ¹⁹Partiram em expedição, ele e todo o seu exército, para preceder o rei Nabucodonosor e cobrir toda a face da terra na direção do Ocidente, com seus carros, cavaleiros e infantess de elite. ²⁰Com eles partiu uma multidão numerosa como gafanhotos e como a areia da terra, pois não se poderia contá-los, tamanha era a multidão. ²¹Afastaram-se de Nínive e caminharam três dias rumo à planície de Bectilet; de Bectilet foram acampar perto da montanha à esquerda da Alta-Cilícia. ²²Tomando aí todo o seu exército, seus infantess, cavaleiros e carros, afastou-se de lá rumo à região montanhosa. ²³Bateu Fud e Lud e saqueou todos os filhos de Rassiss e os filhos de Ismael, que habitam na orla do deserto, ao sul de Queleon. ²⁴Passou o Eufrates, atravessou a Mesopotâmia e arrasou as cidades fortificadas junto à torrente do Abroná, até a beira-mar. ²⁵Ocupou os territórios da Cilícia, destruiu os que lhe resistiam e chegou aos territórios de lafet, situados ao sul, diante da Arábia. ²⁶Cercou todos os filhos de Madiá, queimou-lhes os acampamentos e devastou-lhes os rebanhos. ²⁷Desceu ainda à pla-

2Rn 18,19
Js 3,11;
Sl 97,5;
Mq 4,13;
Zc 4,14
Mt 1,14

Ez 38,9;
15-16

Ez 7,21

Ez 32,5-6;
35,8

Dt 28,64

IRn 22,27

Ez 5,11;
8,18
Dt 7,16

Dt 32,40;
Is 46,11;
Ez 17,24;
22,14

Enl 4,22;
6,12

Jz 6,5;
7,12

Imc 3,28

2,7

Jz 6,5;
7,12

Jn 3,3

Gn 10,6,13;
Is 66,19

Dn 11,24

g. O sentido, que poderia ser duvidoso, é fixado pelos paralelos de Ism 20,7,9; 25,17.

h. Lit. e aconteceu, quando terminou. A fórmula vem de IRn 8,54. Ela se encontra novamente em Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1, após cada grande discurso.

i. Todo o discurso de Nabucodonosor está cheio de fórmulas que alhures na Escritura se referem a Deus ou são proferidas por

ele: "O Senhor de toda a terra", "eu disse e o farei", etc. Este reemprego midráshico quer mostrar o tipo de um orgulho blasfematório no rei inimigo.

j. Fórmula de origem persa, indicativa de submissão.

k. Fórmula emprestada de Gn 14,14 (gr.), e cujo sentido original em hebr. é provavelmente: "recrutou" seus partidários.

nície de Damasco nos dias da colheita do trigo e incendiou todos os seus campos; entregou seus rebanhos de ovelhas e bois à destruição, saqueou suas cidades, devastou-lhes as planícies e passou todos os seus jovens ao fio da espada! Ez 38,13

28^o Temor e tremor^m caíram sobre os habitantes do litoral, que habitavam em Sídón e em Tiro, os habitantes de Sur e Oquina e todos os de Jâmnia. Também os habitantes de Azoto e de Ascalon ficaram aterrorizados.

3 Embaixadas a Holofernes. 1^o E mandaram-lhe então mensageiros com palavras de paz: 2^a "Aqui estamos na tua presença, nós, os servos de Nabucodonosor, o grande rei. Trata-nos como quiseres. 3^a Nossos currais, todo o nosso chão e todos os nossos campos de trigo, nossos rebanhos de bois e de ovelhas, todos os cercados de nossos acampamentos estão diante de ti. Trata-os como te aprouver. 4^a Nossas cidades e seus habitantes são teus escravos: vem e acomoda-te, como bem te parecer." 5^a Esses homens chegaram à presença de Holofernes e lhe falaram nesses termos.

6^a Quanto a ele, desceu para o litoral com o seu exército, estabeleceu guarnições nas cidades fortificadas^a e nelas recrutou homens de elite como tropas auxiliares. 7^a Acolheram-no aí e em toda a região ao redor com coroas^a e danças, ao som de tamborins. 8^a Mas ele devastou-lhes todo o território e cortou-lhes os bosques sagrados, pois tinha como decisão tomada^a exterminar todos os deuses da terra, a fim de que todas as nações adorassem Nabucodonosor e só a ele, e que todas as línguas e raças o invocassem como deus.

9^a Chegou assim diante de Esdremon, perto de Dotaim^a, que se encontra em frente da grande cordilheira^a da Judéia. 10^a Acamparam entre Guébai e Citópolis e ali permaneceu cerca de um mês para reunir todo o equipamento do seu exército.

4 Alerta e orações públicas na Judéia.

1^o Os filhos de Israel que habitavam a Judéia souberam de tudo o que Holofernes, comandante-em-chefe de Nabucodonosor, rei dos assírios, fizera às nações e de como devastara seus santuários, entregando-os à destruição. 2^o Ficaram extremamente atemorizados por causa dele e angustiados por Jerusalém e pelo templo do seu Deus. 3^o Havia voltado recentemente do seu cativeiro; havia pouco todo o povo da Judéia se reunira de novo, e as alfaias, o altar e a Casa de Deus^a tinham sido consagrados após sua profanação. 4^o Mandaram, pois, mensageiros a todo o território da Samaria, de Coná, de Bet-Horon, de Abelmáim, de Jericó e até Cobá, Aisor e a planície de Salém^a. 5^o Ocuparam todos os cumes das montanhas mais altas, fortificaram todas as aldeias que nelas se encontravam, juntaram reservas de provisões e fizeram os preparativos para a guerra, pois seus campos tinham sido ceifados havia pouco. 6^o Joaquim, que era nesses dias o sumo sacerdote de Jerusalém, escreveu aos habitantes de Betúlia e de Betomestáim, que estão diante de Esdremon, defronte à planície próxima de Dotaim. 7^o Dizia-lhes que guardassem os desfiladeiros da região montanhosa, pois por eles se tinha acesso à Judéia, e era fácil impedir os que estivessem dois a dois, tão estreita era a

Lc 14,32

1Sm 11,1

1Mc 12,23

Gn 31,27;
Ex 15,20;
Jz 11,34;
1Sm 18,6;
1Rs 1,40;
2Mc 6,7

Dn 6,8;
11,36;
2Ts 2,4

1,8

2Rs 18,33-35;
19,17-19

2Mc 13,10;
14,36

Enq 6,14-22;
Ez 38,8

1Mc 14,33

1. Lit. *pela boca da espada*. A expressão é corrente em hebr. m. Lit. *temor e tremor dele*. A expressão vem de Ez 15,16 e se reencontrará em Jt 15,2.

n. Lit. *elevadas*, isto é, com muralhas elevadas, cf. Dt 1,28; 9,1. o. As coroas são trazidas pelo povo que recebe Holofernes, e não são presentes: cf. Jt 15,13; 2Mc 6,7.

p. *Decisão tomada*, lendo *dedogmenon*, com alguns mss., em lugar de *dedomenon*, como lêem as principais testemunhas ("fora-lhe dado" como missão).

q. Grafamos *Dotaim*, como em 4,6; 7,3,18; 8,3. Aqui, porém, os mss. têm a forma *Dotaid*, que é aram. Em Gn 37,17 e 2Rs 6,13 o texto hebr. lê *Dotain* e o gr. *Dotaim*.

r. O texto procura dar a impressão de um país muito escarpado.

s. Lit. *a Casa*; "de Deus" é subentendido. Da mesma forma, mais adiante 8,24.

t. *Abelmáim* (não *Belmáim*), de acordo com 2 mss., cf. 2Cr 16,4. *Cobá* e *o vale de Salém* podem provir de Gn 14,15,18.

passagem. ⁸Os filhos de Israel fizeram como lhes ordenara o sumo sacerdote Joaquim e o conselho dos anciãos de todo o povo de Israel, que residiam em Jerusalém.

⁹Todos os homens de Israel clamaram a Deus com grande ardor e com grande ardor jejuaram: ¹⁰eles, suas mulheres, seus filhinhos e seus rebanhos; e todos os estrangeiros residentes, seus assalariados e seus escravos cingiram os rins com panos de saco. ¹¹Todos os homens de Israel, as mulheres e as crianças que moravam em Jerusalém prosternaram-se diante do templo, cobriram suas cabeças com cinza e desdobraram seus panos de saco diante do Senhor. ¹²Cercaram o altar com um pano de saco e clamaram ao Senhor com ardor unânime, para que não entregasse as crianças à pilhagem, suas mulheres ao rapto, as cidades de seu patrimônio à destruição e o lugar santo à profanação e ao ultraje triunfante das nações. ¹³O Senhor ouviu suas vozes e olhou para a sua aflição. Durante muitos dias o povo continuou a jejuar em toda a Judéia e em Jerusalém diante do lugar santo do Senhor todo-poderoso. ¹⁴O sumo sacerdote Joaquim, todos os sacerdotes que se conservavam diante do Senhor e os ministros do Senhor, com os rins cingidos de panos de saco, ofereciam o holocausto perpétuo, as oferendas votivas e os dons voluntários do povo. ¹⁵Seus turbantes estavam cobertos de cinza e eles clamavam ao Senhor com toda a sua força para que visitasse para seu bem toda a casa de Israel.

5 Holofernes convoca seu conselho.

¹Anunciaram a Holofernes, comandante-em-chefe do exército de Assur, que os filhos de Israel estavam preparando-se para a guerra: que haviam fechado as passagens da região montanhosa, fortificado todos os cumes das montanhas mais altas e armado emboscadas em suas planícies. ²Ele foi tomado de violento furor e convocou todos os chefes de Moab, os generais de Amon e todos os sátrapas do litoral. ³E disse-lhes: "Informai-me, filhos de Canaã, quem é esse povo que reside na região montanhosa? Quais as cidades que habitam? Qual é o efetivo do seu exército? Em que consistem sua força e seu vigor? Quem é o rei à sua frente para comandar suas tropas? ⁴E por que desdenharam vir ao meu encontro, ao contrário de todos os habitantes do Ocidente?"

Discurso de Aquior. ⁵Aquior, comandante de todos os filhos de Amon, respondeu-lhe: "Que meu senhor escute uma palavra da boca de teu servo e te informarei a verdade acerca do povo que habita esta região montanhosa e mora perto de ti; mentira alguma sairá da boca de teu servo. ⁶Esse povo é descendente de caldeus. ⁷Habitaram primeiro na Mesopotâmia, porque não queriam seguir os deuses de seus pais, que estavam na terra dos caldeus. ⁸Abandonaram o caminho de seus ancestrais e adoraram o Deus do céu, o Deus que eles conheceram. Foram expulsos para longe da face de seus deuses, e então refugiaram-se na Mesopotâmia, onde habitaram por mui-

2Cr 20,
3,13;
Jn 3,5-8

2Cr 20,18;
Est 4,2;
Est gr. C, 13

Ex 2,24-25;
3,7;
Ne 9,9
2Cr 20,3

Jl 2,17

Ex 29,38

Jn 7,6;
Ne 9,1;
2Mc 10,25;
14,15

4,5

Imc 3,27

2Rs 24,2;
Sl 83,7-9

Gn 11,31;
Ne 9,7-15;
At 24,2-3
Js 24,2-3

u. A descrição inspira-se em Jn 3,5-8, onde os animais devem jejuar mas não cobrir-se com pano de saco. Em *Jl*, esse detalhe pode depender da pontuação, se se liga *eles... seus rebanhos* ao que precede e não ao que segue. A ausência de *kai* (= e) diante de "eles" recomenda a primeira construção. — *Jejuar*, lit. *afligir a alma*, expressão clássica em hebr. para *jejuar*, traduzida literalmente pela Septuaginta. Muitos mss. repetem *com grande ardor*; alguns mss. gr. e versões lêem na segunda vez *com grande jejum*; outros omitem uma ou outra expressão.

v. Da mesma forma Judite, por ocasião da sua prece (9,1), descobre o pano de saco que trazia sob suas vestes.

w. Talvez se deva compreender não que recubram o altar com

um pano de saco (gesto estranho), mas que estendam ao redor panos de saco, sobre os quais tomarão o repouso indispensável, sem deixar o lugar da oração; cf. o gesto de Rispi, 2Sm 21,10.

x. A visita de Deus é sua intervenção, quer para salvação, quer para julgamento (cf. Ex 3,16 nota).

y. *Sátrapa* é o vocábulo que na Septuaginta traduz mais frequentemente o nome hebr. dos chefes dos filisteus.

z. Alusão muito rápida a uma tradição mais explícita no livro apócrifo dos *Jubileus* e desenvolvida pelos escritores judeus, segundo a qual Abraão se teria convertido, da idolatria, ao Deus do céu. O Gênesis não conhece esta tradição, que pode estar fundada em Js 24,2.

- Gn 12,1 tos dias. ⁹Seu Deus lhes disse para sair do lugar de sua moradia e se dirigirem para a terra de Canaã. Aí habitaram e aí aumentaram muito seu ouro, sua prata e seus numerosos rebanhos. ¹⁰Desceram para o Egito, pois a fome recobrirá a face da terra de Canaã, e lá moraram tão bem que se mantiveram com vida^a, tornaram-se lá uma grande multidão e sua descendência tornou-se inumerável. ¹¹O rei do Egito levantou-se contra eles e sagazmente os explorou na fabricação de tijolos^b; rebaixou-os e transformou-os em escravos. ¹²Clamaram então a seu Deus, que feriu toda a terra do Egito com golpes sem remédio, e os egípcios os expulsaram da sua presença. ¹³Deus fez secar o mar Vermelho diante deles ¹⁴e os conduziu pelo caminho do Sinai e de Cades-Barnê. Quanto a eles, expulsaram todos os que habitavam no deserto. ¹⁵E estabeleceram-se na terra dos amorreus, exterminando com seu vigor todos os habitantes de Hesebon. Então, depois de terem atravessado o Jordão, tomaram posse de toda a região montanhosa. ¹⁶Expulsaram da sua presença o cananeu, o ferezeu e o jebuseu, Siquém e todos os gergeseus, e lá habitaram por muitos dias. ¹⁷Enquanto não pecaram diante de seu Deus, a prosperidade estava com eles, pois têm consigo um Deus que odeia a injustiça. ¹⁸Mas quando se afastaram do caminho que ele lhes estabelecera, foram gravemente destroçados em numerosas guerras e levados em cativeiro para uma terra estrangeira. O templo de seu Deus foi arrasado, e suas cidades foram conquistadas por seus adversários. ¹⁹E agora, tendo voltado para seu Deus, retornaram da dispersão onde se encontravam dispersos, ocuparam Jerusalém onde está seu santuário e se estabeleceram na região montanhosa, que estava deserta. ²⁰Agora, chefe e senhor, se há alguma falta^c nesse povo, se estiverem pecando contra seu Deus e se observarmos neles esta causa de queda, subiremos para fazer-lhes guerra. ²¹Se, porém, não houver injustiça em sua nação, que meu senhor passe adiante, de medo que o Senhor e Deus deles os proteja. E seríamos entregues ao ultraje diante de toda a terra".
- Indignação geral contra Aquior, que é entregue aos israelitas.** ²²Tendo Aquior terminado de falar, todo o povo que cercava a tenda e se encontrava ao redor começou a murmurar. Os altos oficiais de Holofernes e todos os habitantes do litoral e de Moab falaram em moê-lo a pancadas, dizendo: ²³"Não nos deixaremos amedrontar pelos filhos de Israel. Pois é um povo que não tem poder nem força para uma batalha violenta. Subamos, pois, e eles servirão de repasto para todas as tuas tropas, ó chefe Holofernes!"
- 6** ¹Cessado o tumulto dos homens que cercavam o conselho, Holofernes, comandante-em-chefe do exército de Assur, disse a Aquior diante de todo o povo dos estrangeiros^d e a todos os filhos de Moab: ²"Quem és tu, Aquior, e vós, mercenários de Efraim^e, para nos fazer uma profecia como a de hoje e nos dizer que não combatamos a raça de Israel, porque seu Deus os protegerá? Quem é deus senão Nabucodonosor? É ele que enviará sua força e os exterminará da face da terra, e seu Deus não os livrará. ³Quanto a nós, seus servos, nós os bateremos como a um só homem e eles não agüentarão a

2Mc 3,39
1Rs 9,7;
Jr 24,9

Jr 26,8-9

Ez 38,11

3,8

2Rs 18,35;
Dn 3,15;
6,21
Nm 14,15

a. Lit. *foram alimentados*. Mas o vocábulo na Septuaginta significa "manter em vida"; cf. Gn 7,3; 50,20; Js 14,10.

b. Lit. *e logrou-se pelo trabalho e o tijolo; e os humilhou*. O texto retoma as próprias expressões de Ex 1,10.12. É preciso compreendê-lo segundo esse gr. particular e não segundo o sentido do gr. clássico. Alguns mss. trazem: *pela argila e o tijolo*, cf. Ex 1,4.

c. Lit. *uma ignorância*, mas o vocábulo tem frequentemente uma conotação de pecado na Septuaginta.

d. Este vocábulo designa os filisteus na Septuaginta, salvo muito raras exceções. Aplica-se aqui aos habitantes do litoral mencionados anteriormente: 5,2.22.

e. *Mercenários de Efraim*: na Septuaginta, em consequência de um engano de leitura, esses vocábulos traduzem a apostrofe injuriosa: "Beberões de Efraim" de Is 28,1. O autor de Jr retoma esse insulto, provavelmente para significar que Holofernes considera Aquior como espião, pago por Efraim, a tribo central de Israel. * [Veja, porém, v. 5.]

força de nossos cavalos. ⁴Pois nós os queimaremos indistintamente; suas montanhas beberão seu sangue e suas planícies se encherão com seus mortos. A planta de seus pés não resistirá diante de nós; morrerão de morte horrível, diz o rei Nabucodonosor, o senhor de toda a terra. Ele falou, e seus discursos não serão palavras vãs. ⁵Quanto a ti, Aquior, mercenário de Amon, que proferiste essas palavras no dia de tua revolta, não verás mais minha face a partir de hoje, até que eu me tenha vingado dessa raça que escapou do Egito. ⁶Então o ferro de minhas tropas e a lança^f dos meus oficiais te atravessarão os flancos e cairás entre os feridos, quando eu voltar. ⁷Meus servos te conduzirão à região montanhosa e te deixarão numa cidade de suas encostas. ⁸E tu não morrerás, antes de seres exterminado com eles. ⁹Se, porém, esperas em teu coração que eles não sejam capturados, não fique abatido o teu rosto. Eu falei, e nenhuma de minhas palavras ficará sem efeito^g.

¹⁰Holofernes ordenou aos servos que estavam em sua tenda que prendessem Aquior, conduzissem-no a Betúlia e o entregassem às mãos dos filhos de Israel. ¹¹Os servos o prenderam e o conduziram para fora do acampamento, na direção da planície; afastaram-se das partes baixas rumo à região montanhosa e chegaram perto das fontes que estavam abaixo de Betúlia. ¹²Quando os avistaram, os homens da cidade situada sobre o cume da montanha empunharam as armas e saíram da cidade situada sobre o cume da montanha^h; todos os homens armados de funda impediram-nos de subir e lançavam pedras sobre eles. ¹³Dis simulando-se ao pé da montanha, os assírios amarraram Aquior, deixaram-no prostrado ao pé da montanha e retornaram a seu senhor.

¹⁴Então os filhos de Israel, descendo de sua cidade, chegaram até ele. Desamarrando-o, conduziram-no a Betúlia e o apresentaram aos chefes da sua cidade. ¹⁵Estes, naqueles dias, eram Ozias, filho de Micá, da tribo de Simeão; Cabriz, filho de Otonielⁱ, e Carmiz, filho de Melquiel. ¹⁶Convocaram todos os anciãos da cidade; todos os jovens e as mulheres acorreram à assembléia. Colocaram Aquior no meio de todo o povo, e Ozias perguntou-lhe o que acontecera. ¹⁷Em sua resposta, ele referiu as palavras do conselho de Holofernes, bem como as palavras que pronunciara no meio dos chefes dos filhos de Assur e todas as grandes declamações de Holofernes contra a casa de Israel. ¹⁸Prosternando-se, o povo adorou a Deus e clamou: ¹⁹“Senhor, Deus do céu, considera suas insolências; tem piedade da humilhação de nossa raça e olha neste dia para o rosto dos que te estão consagrados.” ²⁰A seguir, consolaram Aquior e o felicitaram efusivamente. ²¹Ozias levou-o da assembléia para sua casa e fez um banquete para os anciãos. E toda aquela noite clamaram ao Deus de Israel por socorro.

7 O cerco e bloqueio de Betúlia. ¹No dia seguinte, Holofernes ordenou a todas as suas tropas, e a todo o povo que viera prestar-lhe auxílio que se pusessem em marcha contra Betúlia, ocupassem as encostas da região montanhosa e movessem guerra aos filhos de Israel. ²Nesse dia, todo homem válido pôs-se em marcha. O exército dos homens de guerra era de cento e setenta mil infantes e doze mil cavaleiros, sem contar a intendência e os homens a pé que aí se encontravam, uma imensa multidão. ³Acamparam na planície próxima de Betúlia, perto da fonte e se estenderam em profundidade desde Dotaim até Belhaim e, em com-

f. A *lança*: segundo as versões. O gr. traz: *o povo*. Pode ter acontecido em gr. uma confusão dos dois vocábulos.

g. Lit. *culrã*. Holofernes retoma a expressão que serve para exprimir a eficácia das promessas divinas: Js 21,45; 23,14; 1Sm 3,19, etc.

h. Esta reduplicação desleante parece mesmo original. Sem ser clara topograficamente, insiste no caráter escarpado da terra; cf. nota a 3,9.

i. Ordinariamente se transcreve *Gotoniel*. Mas o vocábulo gr. com o g correspondente ao hebr. *Otniel*; cf. Js 15,17; Jz 3,9.

Is 34,7;
Jr 46,10;
Ez 32,5-6

2,5

1Rs 22,27

1Rs 8,56

7,3,17

Jl 2,16

2Cr 20,13

2Rs 18,37

Exd 1,2;
5,12

2Rs 19,4,16;
At 4,29
Sl 84,10

Sl 134,1;
Is 30,29

4,7

2,15-20

3,9; 4,6

primento, de Betúlia a Quiamon, diante de Esdrelon.

1M^c 6,40-41; 9,6 ⁴Os filhos de Israel, vendo a multidão, ficaram muito angustiados e disseram um ao outro: "Agora eles rasparão¹ a superfície da terra toda. Nem as altas montanhas, nem os precipícios, nem as colinas suportarão o seu peso." ⁵Tendo cada um tomado o seu equipamento de combate e acendido tochas em suas torres, ficaram de guarda toda aquela noite. ⁶No segundo dia, Holofernes fez sair toda a sua cavalaria diante dos filhos de Israel que estavam em Betúlia. ⁷Inspecionou as encostas que levavam à cidade e explorou seus pontos de água; ocupou-os, neles deixou guarnições de homens de guerra e retornou, em seguida, para seu povo. ⁸Todos os chefes dos filhos de Esaú e os comandantes do povo de Moab e os generais do litoral aproximaram-se para dizer-lhe: ⁹"Que o nosso chefe escute uma palavra, a fim de que não haja vítima alguma em teu exército. ¹⁰Pois esse povo dos filhos de Israel não confia tanto em suas lanças quanto nas alturas das montanhas onde moram; de fato, não é fácil o acesso aos cumes de suas montanhas. ¹¹Agora, pois, chefe, não combatas contra eles como se faz numa batalha ordenada, e não cairá homem algum do teu povo. ¹²Fica em teu acampamento, preservando todos os homens do teu exército, mas que teus servos controlem a nascente que sai da base da montanha. ¹³Pois é daí que tiram água os habitantes de Betúlia. A sede os destruirá e eles entregarão a cidade. Nós e nosso povo galgaremos aos cumes próximos das montanhas e ali acamparemos em postos avançados para que ninguém escape da cidade. ¹⁴Consumir-se-ão de fome, eles, suas mulheres e seus filhos: antes que a espada os atinja, estarão prostrados nos locais de sua habitação. ¹⁵Assim lhes pagarás um salário terrível, porque se rebelaram e não vieram ao teu encontro pacificamente".

¹⁶Suas palavras soaram bem aos ouvidos de Holofernes e de todos os seus oficiais, e ele ordenou se fizesse como haviam dito. ¹⁷O acampamento dos filhos de Amon deslocou-se e, com eles, cinco mil dos filhos de Assur; acamparam no vale e ocuparam os pontos de água e as fontes dos filhos de Israel. ¹⁸Os filhos de Esaú e os filhos de Amon subiram, acamparam na região montanhosa diante de Dotaim e enviaram alguns dentre eles para o meio-dia e o levante, diante de Egrebel, que fica perto de Cus, sobre a torrente de Mocmur. O resto das tropas assírias acampou na planície e cobriu toda a face da terra. Suas tendas e bagagens acamparam numa massa compacta, pois eram numerosíssima multidão. ¹⁹Os filhos de Israel clamaram ao Senhor, seu Deus, pois seu espírito estava desencorajado porque todos os seus inimigos os tinham cercado e não havia como fugir do meio deles. ²⁰Todo o acampamento de Assur, seus infantes, seus carros, seus cavaleiros, permaneceram em volta deles por trinta e quatro dias.

Aflicção dos sitiados. Apelo a Ozias. Todos os habitantes de Betúlia viram esgotar-se todos os seus vasilhames de água. ²¹As cisternas esvaziaram-se e não tinham mais água para beber à vontade um único dia, pois a bebida fora racionada. ²²Seus pequeninos estavam abatidos, as mulheres e os jovens encontravam-se esgotados de sede e caíam nas praças da cidade e nas passagens das portas; não tinham força. ²³Todo o povo, jovens, mulheres e crianças, reuniu-se em torno de Ozias e dos chefes da cidade; clamaram em alta voz, dizendo na frente de todos os anciãos: ²⁴"Que Deus julgue entre vós e nós. Pois nestes dias cometestes um grande erro para conosco, não entabulando conversações de paz com os filhos de Assur. ²⁵E agora não há ninguém para socorrer-nos, mas Deus nos

Jz 6,5; 7,12

Ex 14,10

Ez 4,11

Jr 14,16;
Am 8,13;
Lm 2,11

2Cr 20,13

1Sm 24,13;
Jz 11,27

Sl 44,13 vendeu a suas mãos, para que sejamos abatidos diante deles pela sede, numa grande miséria. ²⁶Agora, pois, chamai-os e entregai a cidade toda para o saque à gente de Holofernes e a todo o seu exército. ²⁷Melhor é para nós tornar-nos presa deles do que morrer de sede^k. Sere-mos escravizados, mas viveremos^l e não veremos morrer nossos pequeninos, nem nossas mulheres e nossos filhos expirarem. ²⁸Conjuramo-vos, em nome do céu e da terra, bem como de nosso Deus, Senhor de nossos pais, que se vinga de nós segundo nossas faltas e segundo os pecados de nossos pais^m, a que procedais hoje de acordo com estas palavras".

Ex 14,12 ²⁹Houve um grande gemido de todos à uma, no meio da assembléia; e clamaram ao Senhor em alta voz. ³⁰Disse-lhes Ozias: "Coragem, irmãos. Resistamos ainda cinco dias, durante os quais o Senhor nosso Deus voltará para nós a sua misericórdia; pois não nos abandonará até o fim. ³¹Mas se esses dias passarem sem que nos venha o socorro, então farei como dizeis". ³²Em seguida dispersou o povo para seus postos de guerra: e eles partiram para as muralhas e as torres de sua cidade, tendo mandado de volta as mulheres e as crianças para suas casas. Na cidade reinava grande depressão.

8 Intervenção de Judite. 'Nesses dias, o rumor desses fatos alcançou Judite. Era a filha de Merari, filho de Ox, filho de José, filho de Oziel, filho de Helcias, filho de Ananias, filho de Gedeão, filho de Rafain, filho de Aquitob, filho de Elias, filho de Helcias, filho de Eliab, filho de Natanael, filho de Salamiel, fi-

lho de Sarasadaiⁿ, filho de Israel. ²Seu marido era Manassés, de sua tribo e de sua família, que falecera nos dias de colheita da cevada. ³Ele estava supervisionando os que amarravam os feixes na planície; o calor causticante do sol^o atingiu sua cabeça; caiu de cama e morreu em Betúlia, sua cidade. Enterraram-no com seus pais no campo situado entre Dotaim e Balamon. ⁴Judite vivia em sua casa, na viuvez, havia três anos e quatro meses^p. ⁵Construía para si um caramanchão no terraço de sua casa; vestia um pano de saco sobre os rins e trajava suas vestes de viúva. ⁶Jejuava todos os dias da sua viuvez, exceto aos sábados e em suas vigílias, nas luas novas e em suas vigílias, nas festas e nos dias de regozijo da casa de Israel. ⁷Era muito bela de aspecto e de aparência muito graciosa. Manassés, seu marido, tinha-lhe deixado ouro e prata, servos e servas, gado e campos, e ela permanecia em suas propriedades. ⁸Ninguém espalhava a respeito dela maus comentários, pois tinha um grande temor de Deus. ⁹Chegou-lhe aos ouvidos o rumor da murmuração do povo contra o chefe, pois estavam desencorajados por causa da falta de água. Também chegou a Judite a notícia de todas as palavras que Ozias dirigira ao povo, quando lhes jurara entregar a cidade aos assírios depois de cinco dias. ¹⁰Enviando-lhes sua aia, que administrava todos os seus bens, ela convidou à sua casa Ozias^q, Cabriz e Carmiz, anciãos de sua cidade.

Encontro de Judite com os chefes de Betúlia.

¹¹Chegando eles à sua casa, ela lhes disse: "Escutai-me, chefes dos habi-

Nm 1,6; 2,12

2Rs 4,18-20

Gn 35,29; 50,13

2Rs 4,10

1Rs 21,27; 2Rs 6,30

1Sm 25,3; Est 2,7; Dn gr. 13,2

Dn gr. 13, 2,27

1Sm 11,4-5

Mq 3,9

k. Do que morrer de sede se encontra em alguns mss. gr., mas não nos mais autorizados.

l. I. it. *nossa alma viverá*.

m. Tal concepção popular muito simplista do sofrimento é corrigida mais adiante pelo discurso de Judite (8,25-27).

n. Esta tradução, que dá o sentido mais corrente, segue alguns mss. gr. e as versões, que omitem uma negação (... *para que não procedais*...). As palavras designam então a proposta de rendição imediata do v. 26. Os mss. gr. mais importantes comportam esta negação. As palavras designam então a resistência a todo transe evocada no v. 24. O verbo *proceder* está na segunda pessoa do plural ou no infinitivo, referindo-se então aos chefes

de Betúlia, ou na terceira pessoa do singular, referindo-se nesse caso a Deus, que castiga os israelitas, ou a Holofernes, que lhe serve de instrumento.

o. Alguns mss. gr. e lat. acrescentam aqui: *filho de Simeão*. Mais adiante Judite recorda Simeão como seu pai (9,2). Em Nm 1,6 (gr.), o chefe da tribo de Simeão é Salamiel, filho de Şurishadai.

p. Lit. *o calor ardente*.

q. Os quatro meses correspondem aproximativamente à estação na qual se passa a ação, o fim do verão. Quatro meses após a colheita da cevada (em maio), está-se em setembro, depois de longo período sem chuva.

r. *Ozias*, omitido por alguns mss. gr. e lat.

tantes de Betúlia: não é correta a palavra que pronunciastes ante o povo neste dia, quando firmastes um juramento pronunciado entre Deus e vós, falando em entregar a cidade aos nossos inimigos se, nestes cinco^s dias, o Senhor não vos enviar socorro. ¹²Quem sois vós, que hoje tentastes a Deus e vos pusestes no lugar de Deus em meio aos filhos dos homens?

Isa 17,2;
Sl 95,9

Jr 17,9;
Sl 44,22

1- 40,13;
Mq 4,12

Dn 3,17-18

Nm 23,19

2Sm 15,25;
1Mc 3,60

Sl 44,18-21;
Sb 15,4

Sl 78,88-92

¹³Submetes à prova o Senhor todo-poderoso, quando jamais entenderéis coisa alguma! ¹⁴Pois não descobrirei as profundezas do coração do homem, nem captareis os raciocínios da sua inteligência. Como perscrutariéis a Deus que fez tudo isto, conheceríeis o seu pensamento e compreenderíeis seu desígnio? Não, meus irmãos, não irriteis o Senhor nosso Deus.

¹⁵Pois se ele não tiver a intenção de socorrer-nos dentro dos cinco dias, poder ele tem para defender-nos nos dias em que quiser ou, então, para nos exterminar diante de nossos inimigos. ¹⁶Vós, portanto, não tomeis garantias^u contra os desígnios do Senhor nosso Deus, pois Deus não é como um homem para ser ameaçado, nem como um filho de homem para ser submetido a um árbitro. ¹⁷Eis por que, aguardando a salvação de sua parte, chamemo-lo em nosso socorro e ele escutará nossa voz, se bem lhe aprover. ¹⁸Pois não surgiu entre nossas gerações e não há hoje tribo alguma, nem família nem clã ou cidade, entre nós, que adore deuses feitos por mãos de homem, como aconteceu nos dias de outrora. ¹⁹Por causa disso, nossos pais foram entregues

à espada e à pilhagem e sofreram grande derrota diante de nossos inimigos.

²⁰Quanto a nós, não reconhecemos outro deus fora dele. Por isso esperamos que não nos desdenhe nem afaste sua misericórdia e sua salvação^s de nossa raça. ²¹Porque, se formos feitos cativos, toda a Judéia será tomada também^s, nosso lugar santo será saqueado, e Deus, por nosso sangue, pedirá contas de sua profanação^s. ²²Sobre nossa cabeça, entre as nações onde seremos escravos, ele fará recair o morticínio de nossos irmãos, o cativo da terra e a desolação de nosso patrimônio. Seremos objeto de escândalo e opróbrio diante dos que nos conquistarem. ²³Pois nossa sujeição não ganhará o favor de nossos dominadores^s, mas o Senhor Deus a transformará em desonra.

²⁴Agora, irmãos, mostremos a nossos irmãos que sua vida depende de nós, e que o lugar santo, a casa de Deus e o altar repousam sobre nós. ²⁵Aliás, rendamos graças ao Senhor nosso Deus, que nos prova como a nossos pais. ²⁶Recordai-vos de tudo o que ele fez com Abraão e como ele provou Isaac e tudo o que aconteceu a Jacó na Mesopotâmia da Síria, quando guardava as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe. ²⁷Pois, assim como os fez passar ao fogo para perscrutar seu coração, da mesma forma ele não está se vingando de nós. É para os advertir, que o Senhor flagela os que dele se aproximam.

²⁸Disse-lhe então Ozias: "Em tudo o que disseste, foi com excelente coração que

Is 26,13 gr.
Dn gr. 3,41;
Br 3,7

Sb 19,22

1Rs 9,7

1Mc 2,50;
5,32; 13,4

Dt 8,2

Gn 22

Gn 25,20

Gn 29-31

Sl 17,3;
26,2;
Sb 3,5-6;
Sr 2,5

Pr 3,11-12

Jb 29,22

s. Cinco: acrescentado segundo um ms. gr. e as versões; cf. 7,30-31.

t. Diversas interpretações são possíveis. "Vós estais no lugar de Deus" (pela autoridade oficial exercida), ou "vós vos levantaiis em lugar de Deus" (prejudicando suas intenções).

u. Tomam-se garantias a um devedor, para constrangê-lo a restituir no dia marcado. A condição dos cinco dias de expectativa é como um penhor obrigando Deus a intervir sem tardar.

v. Invertendo os verbos dos dois estíquios paralelos, esta frase reproduz Nm 23,19, segundo a forma particular da versão gr. A tradução *ser submetido a um árbitro* corresponde à leitura mais bem atestada. Com uma letra de diferença (*rô* em lugar de *iota*) encontra-se exatamente o mesmo verbo empregado em Nm 23,19 (gr.), onde é preciso traduzir "ser enganado". Esta segunda leitura é pouco menos atestada que a primeira. É difícil escolher.

w. A frase *afaste sua misericórdia e sua salvação* é geralmente omitida, embora esteja presente em alguns mss. gr. e lat. É necessária para uma construção regular.

x. *Será tomada também*: cf. alguns mss. gr. e lat. As outras formas do texto não oferecem sentido.

y. Por sua derrota seriam culpados pela derrota de todo o povo.

z. Lit. *não chegará felicemente ao favor*. Trata-se, parece, do favor dos conquistadores, mais que do de Deus. Os judeus não devem esperar alcançar a situação de Daniel ou de Neemias na corte do rei estrangeiro.

a. No começo do v. uma negação suplementar está presente em vários mss. Conforme a consideremos ou não como puramente expletiva, pode-se compreender seja que a provação atual de Betúlia se parece com a dos patriarcas pelo seu fim pedagógico, seja que ela se diferencia por um rigor bem menor.

falaste e não há quem possa opor-se às tuas palavras. ²⁹Não é de hoje que é manifesta a tua sabedoria; mas desde o começo de tua vida todo o povo reconheceu tua inteligência e a bondade das inclinações do teu coração.

³⁰Entretanto, o povo sofre uma sede imensa e nos constrange a agir como lhes dissemos e a ligar-nos por um juramento^b que não podemos transgredir. ³¹Portanto, roga por nós, pois és mulher piedosa; e o Senhor enviará a chuva para encher nossas cisternas e não mais desfaleceremos. ³²Respondeu-lhes Judite: "Escutai-me: farei uma ação que chegará aos filhos de nossa raça até gerações de gerações. ³³Esta noite vos postareis à porta; eu sairei com minha aia e, antes dos dias que cogitastes para entregar a cidade a nossos inimigos, o Senhor visitará Israel por meu intermédio. ³⁴Quanto a vós, não procureis inquirir minhas atitudes, porque nada vos direi até que se complete o que estou fazendo." ³⁵Ozias e os chefes disseram-lhe: "Vai em paz, e o Senhor Deus esteja diante de ti para tirar vingança de nossos inimigos." ³⁶Deixando então o caramanchão, dirigiram-se a seus postos.

9 Oração de Judite. ¹Judite prostrou-se, rosto em terra, cobriu a cabeça com cinza e descobriu o pano de saco com o qual se revestia, no mesmo instante em que em Jerusalém oferecia-se o incenso daquela tarde na casa de Deus.

E clamou ao Senhor em alta voz, dizendo: ²"Senhor, *Deus de meu pai* Simeão, em cuja mão puseste uma espada para se vingar de estrangeiros que tinham atentado contra o seio^d de uma virgem para sua desonra, descobrindo sua coxa para sua vergonha e profanando seu seio para sua ignomínia! Com efeito, havias dito: *'Não será assim'*", mas eles o fizeram. ³Eis por que entregaste seus chefes à matança e seu leito, aviltado pela sua fraude, a uma fraude sangrenta^f. Tu feriste os escravos ao lado dos poderosos, e os poderosos sobre seus tronos. ⁴Entregaste suas mulheres à pilhagem, suas filhas ao cativo e todos os seus despojos à partilha entre teus *filhos bem-amados*, ciumentamente zelosos por ti, que, horrorizados com a desonra do seu sangue, chamaram-te em socorro. Ó Deus, meu Deus, escuta-me, a mim que sou viúva. ⁵Pois tu fizeste as façanhas de outrora, de agora e do futuro: tu cogitaste o presente e o futuro e o que tinhas no espírito veio à existência. ⁶Os acontecimentos que decidiste se apresentaram e disseram: "Eis-nos aqui". Pois todos os teus caminhos estão preparados e teu julgamento é feito com previsão. ⁷Eis que os assírios vieram com a força, e se exaltaram por causa de seus *cavalos* e seus *cavaleiros*; ensoberbeceram-se com o braço de seus infantes, e puseram sua esperança no escudo, no dardo, no arco e na funda; não reconheceram que tu és o Senhor que *esmagas as guerras*".

Pr 20,11;
Sb 8,19;
Sr 51,13

1Sm 12,19;
2Rs 19,4

Jz 4,9
Dt 4,9;
Sl 78,4;
Mt 26,13

1Sm 1,17;
Mc 5,34;
Lc 7,50
Dt 32,43

Nm 20,6;
Dn 9,3;
Est. gr. C.13;
1Mc 3,47;

Ex 30,8;
Dn 9,21

Gn 31,5;
Ex 15,2

Gn 34,25

Gn 34,7

Is 24,2;
Ex 12,29;
Sb 18,11
Gn 34,29

Jr 31,20

Nm 25,11;
1Rs 19,10

Sl 33,11;
Is 42,9;
46,10; 48,3;
Dn gr. 13,42

Is 37,26
Br 3,35

Ex 15,1-3;
Sl 20,8;
2Rs 19,
23-24

1Sm 17,45

b. Lit. e a trazer sobre nós um juramento.

c. Lit. por minha mão.

d. Lit. que tinham desatado o seio de uma virgem. A expressão é estranha, e o vocábulo *seio* é repetido mais adiante. A maioria dos exegetas admite que houve confusão de dois termos por um copista: *mêtra*, seio, e *mitra*, cintura, cuja pronúncia era idêntica. É preciso traduzir: *desatar a cintura*, expressão conhecida para um casamento (ou uma violação). O paralelismo entre os três estíquios sucessivos fica então excelente. O v. faz alusão à história de Diná, filha de Jacó (Gn 34).

e. O autor atribui ao próprio Deus o que era somente uma palavra dos irmãos de Diná (Gn 34,7), cujo sentido é ambíguo: "Não se faz assim", ou "isto não passará assim", aludindo a uma norma ou ameaça. O livro dos *Jubileus*, aproximadamente contemporâneo de *Jt*, faz desta frase uma norma, mas sem atribuí-la a Deus (30,5).

f. Lit. tu entregaste... seu leito... enganado no sangue. Trata-se da vingança tirada do sedutor por astúcia. O texto joga com o duplo sentido do verbo gr. *apaton*: ordinariamente "enganar", mas às vezes "seduzir" na Bíblia grega (cf. Ex 22,15 e mais adiante *Jt* 12,16). Há um talão justo: Siquém enganou (seduziu) Diná; e foi enganado pelos irmãos da vítima. Holofernes procura enganar (seduzir) Judite (12,16); será enganado por ela (9,10,13). O leito está com vergonha do engano de Siquém, seja porque os seres inanimados se indignam com os crimes dos homens (cf. Lv 18,25; 20,22; Jr 2,12), seja porque o fato de ter-se deitado denota em Siquém certa vergonha da violação cometida contra Diná. Com efeito, ele pedira para desposar a moça e havia aceito, como condição prévia, a circuncisão. E foi da indisposição passageira resultante que os filhos de Jacó se aproveitaram.

g. Citação de Ex 15,3 segundo o gr.; o hebr. traz: *hamem de guerra* em lugar de *que esmagas as guerras*. Esta última expres-

Ex 15,3 ⁸*Teu nome é Senhor.* Quebra seu vigor pelo teu poder e *abate* sua força pelo teu furor, porque projetaram profanar teus lugares santos, manchar a tenda onde repousa teu nome glorioso^a e derrubar com a espada o chifre do teu altar. ⁹Considera o seu orgulho, *envia tua cólera* sobre suas cabeças, concede à minha mão de viúva a força que planejei. ¹⁰Fere por meus lábios enganosos¹ o escravo ao lado do chefe e o chefe ao lado de seu servo; esmaga sua alta estatura *por mão de mulher*. ¹¹Pois tua força não está no número, não teu poder nos fortes, mas tu és o Deus dos humildes, o *socorro* dos pequenos, o *defensor* dos fracos, o *protetor* dos abandonados, o *salvador* dos desesperados. ¹²Sim, sim, ó *Deus de meu pai*, Deus do patrimônio de Israel, soberrano dos céus e da terra, criador das águas, rei de toda a tua criação, atende minha prece ¹³e *faze* que minha palavra enganosa¹ fira e mate os que fizeram duros projetos contra a tua aliança, tua casa santificada, o cume de Sião e a casa possuída por teus filhos. ¹⁴Faze conhecer a toda nação e toda tribo que tu és o Deus de todo o poder e de toda a força e que nenhum outro além de ti vigia pela raça de Israel."

10 Judite parte para o acampamento inimigo. ¹Então, tendo acabado de clamar ao Deus de Israel e terminadas todas essas palavras, ²ela ergueu-se de sua prostração, chamou sua aia e desceu à casa onde ela passava os dias de sábado e de festas; ³*tirou* o pano de saco com o qual se vestia^a, deixou *suas vestes*

de viúva, lavou seu corpo com água e ungiu-o com espesso óleo perfumado; ⁴pentou os cabelos da cabeça, nela ajustou um diadema e revestiu seus trajes de festa¹, com os quais se cobria nos tempos em que vivia seu marido Manassés; ⁵calçou sandálias aos pés, envergou *os colares, os braceletes, os anéis, os brincos e todos os seus ornamentos, enfeitando-se* para seduzir os olhos dos homens que a vissem. ⁶Deu à sua aia *um odre de vinho* e uma bilha de óleo; encheu um alforje com *farinha de cevada*, com um *holo de frutas secas*, pães e queijo^m; embrulhou cuidadosamenteⁿ todos os *recipientes* e de tudo encarregou a aia. ⁷Saíram ambas para a porta de Betúlia, onde encontraram Ozias e os anciãos da cidade, Cabriz e Carmiz, aí postados. ⁸Vendo-lhe o rosto transformado e mudada a sua veste, foram tomados de grande admiração por sua beleza e disseram-lhe: ⁹"Que o Deus de nossos pais te conceda encontrar graça e realizar teus empreendimentos para orgulho dos filhos de Israel e para a exaltação de Jerusalém!" ¹⁰Ela adorou a Deus e respondeu-lhes: "Ordenai que me seja aberta a porta da cidade e sairei para realizar aquilo sobre que falastes comigo". De fato, deram ordem aos jovens para que lhe abrissem, como ela dissera. ¹¹Fizeram-no, e Judite saiu com sua serva. Os homens da cidade a observaram até que descesse a montanha e atravessasse o pequeno vale. Depois, não mais a viram.

¹²Quanto a elas, caminharam em linha reta vale adentro, até que um posto avançado dos assírios lhes veio ao encontro.

são, retomada também em Is 42,13, não tem o sentido de "fazer cessar o combate". Ela suaviza o antropomorfismo do hebr. mas significa que Deus é capaz de quebrar os braços dos combatentes (Ez 30,24; Jô 38,15; Sl 10,15; 37,17), como também de destruir as armas de guerra (Os 2,20; Sl 46,10; 76,4).

b. Lit. o nome de tua glória.

i. Lit. os lábios do meu engano.

j. Lit. minha palavra e meu engano.

k. Os preparativos de Judite aludem, por vezes textualmente, a diversos episódios bíblicos: à astúcia de Tamar (Gn 38), à esperta intervenção de Abigail junto a David para salvar sua família (1Sm 25,18), bem como à descrição satírica das mulheres

elegantes de Jerusalém por Isaías (3,20). Tudo isso faz parte do procedimento midrístico. Não é a preguiza de um escritor que acha mais cômodo recorrer a frases feitas, mas o desejo de mostrar como a história do passado pode servir de lição no presente.

l. Lit. os trajes da sua alegria.

m. Conforme vários mss. gr. e lat. e a Vulg. deve-se ler: *pães e queijos*. Os principais mss. gr. trazem: *pães puros*; mas tais pães não são conhecidos por outra fonte. Essa leitura provém de uma deformação fácil em gr.

n. Lit. *ela redobrou todos os seus recipientes*: expressão bizarras que se explica talvez por uma alusão a 1Sm 25,18, que fala de dois recipientes de vinho.

¹²Detiveram-na e a interrogaram: “De que lado estás? De onde vens? Para onde vais?” Ela respondeu: “Sou uma filha dos hebreus. Estou fugindo do meio deles, porque estão a ponto de vos ser entregues como repasto.” ¹³Quanto a mim, procuro avistar-me com Holofernes, o comandante-em-chefe de vosso exército, para levar-lhe palavras de verdade. Mostrarei à sua frente o caminho que ele deve seguir para tornar-se o dono de toda a região montanhosa sem que lhe falte ao chamado homem ou viv'alma de suas tropas”. ¹⁴Tendo ouvido suas palavras e observado seu semblante — que lhes parecia admirável pela beleza —, os homens lhe disseram: ¹⁵“Salvaste tua vida apressando-te em descer para apresentar-te a nosso senhor. Agora, vai à sua tenda; alguns de nós te conduzirão até que te entreguem às mãos dele.” ¹⁶Quando te encontrares diante dele, não tenhas medo em teu coração, mas repete tuas palavras e ele há de tratar-te bem”. ¹⁷Escolheram dentre eles cem homens que se juntaram a ela e à sua aia, e conduziram-na até a tenda de Holofernes. ¹⁸Produziu-se um tumulto em todo o acampamento, pois entre as tendas haviam proclamado sua chegada; vinham formar um círculo ao seu redor, enquanto ela continuava fora da tenda de Holofernes esperando que o informassem a seu respeito. ¹⁹Admirava-se a sua beleza e admiravam-se os filhos de Israel por causa dela, cada um dizendo ao outro: “Quem desprezaria esse povo que tem tais mulheres? Não seria bom deixar sobreviver um só homem dentre eles; os que escapassem seriam capazes de enganar toda a terra!” ²⁰Os que dormiam junto a Holofernes saíram, assim como todos os seus oficiais, e introduziram Judite na tenda. ²¹Holofernes repousava em seu leito, sob seu mosquiteiro de púrpura, de ouro, de esmeralda e de pedras preciosas incrustadas. ²²Informaram-no a respeito de Judite e ele dirigiu-se à entrada da tenda, precedido

de archotes de prata. ²³Quando ela chegou diante dele e de seus oficiais, todos admiraram a beleza do seu rosto. *Ela inclinou-se com o rosto em terra e prostrou-se diante dele*, mas os servos a reergueram.

11 Encontro de Holofernes e de Judite.

¹Disse-lhe Holofernes: “Tem confiança, mulher; nada temas em teu coração, pois nunca maltratei homem algum que tenha escolhido servir Nabucodonosor, o rei de toda a terra.” ²E agora, se teu povo, que habita a região montanhosa, não me tivesse desprezado, não levantaria minha lança contra eles. Foram eles que o fizeram a si mesmos. ³Dize-me agora por que fugiste do meio deles e vieste a nós. Em todo caso, vieste para tua salvação. Tem confiança, pois viverás esta noite assim como no futuro. ⁴Ninguém te fará mal algum; ao contrário, tratar-te-ão bem, como convém aos servos do meu senhor, o rei Nabucodonosor”.

⁵Respondeu-lhe Judite: “Aceita as palavras de tua escrava, que tua serva fala diante de ti, e não pronunciarei mentira alguma a meu senhor nesta noite. ⁶Se seguires as palavras de tua serva, Deus realizará sua tarefa contigo, e meu senhor não conhecerá fracasso em sua empreitada. ⁷Certo como vive Nabucodonosor, o rei de toda a terra, e vigora seu poder que te enviou para o reerguimento de todo ser vivo, graças a ti não só os homens o servem, mas os animais selvagens, o gado e os pássaros do céu viverão por teu vigor para Nabucodonosor e toda a sua casa. ⁸Com efeito, ouvimos falar de tua sabedoria e da habilidade de tua alma. Propala-se por toda a terra que só tu és bom em todo o reino, poderoso pelo saber e admirável nas expedições de guerra. ⁹Quanto ao discurso que Aquior proferiu no teu conselho, tivemos conhecimento de suas palavras, porque os homens de Betúlia o salvaram

11,3;
Jz 1,24
Jr 21,9;
38,2,17

Ex 26,1;
28,15-17;
Ct 3,10

Jr 27,6;
Dn 2,38;
Br 3,16-17

2Sm 14,20

Sb 8,15

e ele referiu-lhes o que dissera diante de ti. ¹⁰Eis por que, chefe e senhor, não desprezes seu discurso, mas guarda-o em teu coração, pois é verdadeiro. Nossa raça não é castigada, e a espada não prevalece contra eles, a menos que tenham pecado contra seu Deus. ¹¹E agora, a fim de que meu senhor não seja repellido e impotente, a morte vai cair sobre eles, pois deles apoderou-se o pecado, pelo qual provocam a cólera do seu Deus, cada vez que cometem um desatino. ¹²Pelo fato de faltar-lhes o alimento e de toda água tornar-se rara, projetaram pôr a mão em seus rebanhos e em tudo o que Deus por suas leis lhes ordenou não comer, de tudo resolveram servir-se. ¹³As primícias do trigo, os dízimos do vinho e do azeite que guardaram com cuidado, consagrando-os aos sacerdotes^p que se encontram em Jerusalém diante da face do nosso Deus, decidiram consumi-los, quando ninguém entre o povo tem o direito de tocá-los com as mãos. ¹⁴Enviaram emissários a Jerusalém — pois mesmo os que aí habitam fizeram o mesmo — com a incumbência de lhes trazerem a autorização da parte do conselho dos anciãos. ¹⁵Acontecerá que, quando esta lhes for notificada e eles tiverem agido assim, nesse dia te serão entregues para sua perdição. ¹⁶Eis por que eu, tua escrava, sabendo de tudo isto, fugi do meio deles. E Deus me enviou para contigo realizar façanhas de assombrar toda a terra, todos os que delas ouvirem falar. ¹⁷Pois tua escrava é piedosa, e dia e noite serve ao Deus do céu. Daqui por diante ficarei junto a ti, meu senhor, mas tua escrava à noite sairá para a encosta e rogarei a Deus: ele me dirá quando tiverem cometido seus pecados. ¹⁸Virei então informar-te; sairás com todo o teu exército e ninguém dentre eles te poderá resistir. ¹⁹Hci de conduzir-te através da Judéia, até que

chegues diante de Jerusalém; instalarei teu trono em seu meio e tu os *conduzirás como ovelhas sem pastor, sem que um cão rosne contra ti*^q. Isto me foi dito e anunciado segundo minha presciência e fui enviada para comunicá-lo a ti".

²⁰Suas palavras agradaram a Holofernes e a todos os seus oficiais. Admiraram sua sabedoria e disseram: ²¹"Não há mulher igual de uma extremidade da terra à outra pela beleza do rosto e a inteligência das palavras". ²²Disse-lhe então Holofernes: "Deus fez bem em mandarte à frente do povo, a fim de pôr a força em minhas mãos e a perdição naqueles que desprezaram meu senhor. ²³Quanto a ti, és *linda de aspecto e hábil* em tuas palavras. Se fizeres como dissesse, *teu Deus será o meu Deus*; e tu, ficarás na casa do rei Nabucodonosor e serás afeada por toda a terra".

12 Judite no acampamento inimigo.

A seguir, mandou introduzi-la no lugar onde estava guardada sua baixela de prata, e ordenou que lhe servissem das suas iguarias e do seu vinho^r. ²Mas Judite observou: "Nada comerei, pelo temor de que isso se torne ocasião de queda, mas o que trouxe proverá ao meu sustento". ³Disse-lhe Holofernes: "E quando os alimentos que tens contigo terminarem, onde encontraremos semelhantes para te oferecer? Pois não há ninguém de tua raça conosco". ⁴Respondeu-lhe Judite: "Por tua vida, meu senhor, tua escrava não consumirá o que tenho comigo antes que o Senhor realize por minha mão o que projetou". ⁵Os oficiais de Holofernes conduziram-na à tenda, onde ela dormiu até o meio da noite. Cerca da vigília da aurora^s levantou-se ⁶e mandou dizer a Holofernes: "Meu senhor ordene se permita que tua escrava saia para a oração". ⁷E Holofernes prescre-

Nm 27,17;
1Rs 22,17
Mc 6,34p.

Dn 28,64
8,7

Jr 27,8
8,7;
Dn gr. 13,2
Rt 1,16
Mt 26,13

Dn 1,5
Dn 1,8
Est gr. C,28

Sl 119,
62,147s
Ex 14,24

Sl 63,7;
Sh 16,28

Lv 26,6-8;
Dt 28,7;
2Mc 8,36

Sl 78,59-62

Lv 22,10;
Nm 18,8-19;
Nm 12,44-47

Dn 17,8-11

ISm 3,11;
2Rs 21,12;
Jr 19,3;
Hab 1,5
Esd 5,11;
Lc 2,37

Hab 2,1
Jr 42,4

p. Só os sacerdotes tinham o direito de comer dos produtos consagrados (cf. Lv 22,10).

q. Lit. *rosne com sua língua contra ti*; expressão de Ex 11,7; Js 10,21; significa sucesso irresistível.

r. Lit. *do seu vinho para beber*.

s. Lit. *quando as coisas que tens contigo*.

t. A vigília da aurora é a última vigília da noite. É o momento em que vem o socorro divino (cf. Ex 14,24).

veu a seus soldados da guarda real que não a impedissem. Ela permaneceu três dias no acampamento. Dirigia-se à noite à encosta de Betúlia e banhava-se na fonte, junto ao acampamento. ^{SI 5,9; Tb 4,19} "Quando voltava, pedia ao Senhor Deus de Israel que *dirigisse o seu caminho*" para o reerguimento dos filhos de seu povo. ^{8,6; 2Sm 3,35} Tendo voltado pura, ela permanecia^a na tenda, até que lhe apresentassem sua alimentação à tarde.

O banquete de Holofernes. ^{Est 1,3} ^{Est 1,11} ^{Gn 38,23} ^{Nm 22,16-17} ^{Ecl 9,7} ^{10,4; Rt 3,3; Est 5,1} ^{Am 6,4; Est 7,8; 2Sm 13,1} ¹⁰No quarto dia, Holofernes deu um banquete só para seus servos, não enviando convite a nenhum dos seus funcionários. ¹¹Disse, porém, a Bagoas, o eunuco à frente dos seus negócios: "Trata de convencer essa hebreia que está contigo, para que venha até nós e coma e beba conosco. ¹²Pois seria uma vergonha para nós" deixar de lado tal mulher sem ter relações com ela. ¹³Se não a atrairmos, caçóará de nós". ¹⁴Bagoas saiu da presença de Holofernes, foi ter com ela e disse-lhe: "Que a bela serva *não hesite em vir* até meu senhor para *ser honrada* diante dele, *bebendo conosco do vinho na alegria* e tornando-se hoje como uma das filhas dos filhos de Assur que vivem na casa de Nabucodonosor". ¹⁵Respondendo-lhe Judite: "Quem sou eu para contradizer a meu senhor? Tudo o que agrada a seus olhos me apressarei em fazê-lo, e isto será para mim motivo de alegria até o dia de minha morte". ¹⁶Levantou-se, pois, e revestiu-se de seus trajes e de todos os seus adornos femininos. Sua escrava entrou e estendeu para ela, no chão e diante de Holofernes, as peles que recebera de Bagoas para seu uso cotidiano, a fim de comer reclinada sobre elas. ¹⁷Judite entrou e se estendeu por terra. O coração de Holofernes foi arrebatado por ela e sua alma excitou-se. Estava possuído de

um intenso desejo de se unir a ela, pois desde o dia em que a vira, espreitava o momento favorável para seduzi-la. ¹⁷Disse-lhe, pois, Holofernes: "Bebe e fica na alegria conosco". ¹⁸Respondendo-lhe Judite: "Beberei, sim, meu senhor, pois minha vida é hoje mais honrada que em qualquer outro dia desde o meu nascimento". ¹⁹E, tomando o que sua escrava preparara, comeu e bebeu diante dele. ²⁰Holofernes estava na alegria por causa dela e bebeu vinho exageradamente, mais do que jamais bebera em dia algum desde que nascera.

13 ¹Fazendo-se tarde, seus servos apressaram-se em partir. Bagoas fechou a tenda por fora; despachou os assistentes da presença do seu senhor e todos foram deitar-se. Estavam fatigados, por terem bebido muito. ²Só Judite foi deixada na tenda, onde estava Holofernes prostrado em seu leito, afogado no vinho^b. ³Judite então disse à sua escrava que ficasse fora do aposento de dormir e aguardasse sua saída, como o fazia diariamente. Com efeito, disse que sairia para a oração, e da mesma forma falou a Bagoas.

⁴Todos retiraram-se da sua presença e ninguém, do menor ao maior, permaneceu no aposento de dormir. Judite, de pé junto ao leito de Holofernes, disse em seu coração: "Senhor, Deus de todo poder, lança um olhar nesta hora sobre *as obras de minhas mãos* para a exaltação de Jerusalém. ⁵Pois é agora o momento de cuidar do teu patrimônio e de realizar minha empresa para *esmagar os inimigos* que se levantaram contra nós". ⁶Então, adiantando-se para a coluna do leito junto à cabeça de Holofernes, dali retirou sua cimitarra. ⁷Chegando-se ao leito, agarrou a cabeleira de Holofernes e exclamou: "Dá-me forças neste dia, Senhor Deus de Israel!" ⁸E com toda a energia golpeou por duas vezes o pescoço de

Ecl 9,7

2Sm 13,28;
Is 28,7;
Os 7,5;
Ecl 10,19;
1Mc 16,16

Jz 3,19

Jz 4,18

Jz 4,20

Sl 90,17
10,8; 15,9;
Is 52,1;
60,1; Br 5,5
Ex 15,17;
Dt 4,20;
9,29;
Sl 94,14;
102,14
Ex 15,6

1Sm 17,51

u. O caminho, ou a estrada, a via, é um hebraísmo frequente para designar a conduta, o empreendimento.

v. Pode-se traduzir também: tendo voltado, ela continuava pura.

w. Lit. seria vergonhoso para nossa face.

x. Lit. viver foi engrandecido (exaltado, honrado) em mim, hoje, mais que todos os dias do meu nascimento.

y. Lit. O vinho estava espalhado sobre ele por todos os lados.

- 1Sm 17,51; 1Mc 7,47; 2Mc 15,30 Holofernes, cortando-lhe a cabeça. ⁹Ainda fez o corpo rolar da cama e arrancou o mosquito das colunas. Pouco depois saiu, entregando a cabeça de Holofernes à sua aia ¹⁰e esta a guardou em seu alforje de provisões. Saíram então as duas juntas, como na hora costumeira, para se dirigirem à oração. Atravessaram o acampamento, contornaram a encosta, subiram a montanha de Betúlia e chegaram às suas portas.
- Volta de Judite a Betúlia.** ¹¹De longe, disse Judite aos que montavam guarda às portas: "Abri, abri a porta. Deus, o nosso Deus está conosco para manifestar seu vigor em Israel e sua força contra os inimigos, como o fez hoje!" ¹²Então, quando os homens de sua cidade lhe reconheceram a voz, apressaram-se em descer para a porta da cidade e ali convocaram os anciãos. ¹³Todos acorreram, do menor ao maior, pois sua chegada lhes parecia inacreditável. Abriram-lhes a porta, receberam-nas, acenderam o fogo para clarear e rodaram-nas. ¹⁴Ela lhes disse em alta voz: "Louvai a Deus, louvai-o. Louvai a Deus que não retirou sua misericórdia da casa de Israel, mas esmagou nossos inimigos por minha mão nesta noite". ¹⁵Depois, retirando a cabeça do alforje, mostrou-a a eles e disse: "Eis a cabeça de Holofernes, comandante-em-chefe dos exércitos de Assur, e eis o mosquito sob o qual ele jazia em sua embriaguez. O Senhor o prostrou pela mão de uma mulher. ¹⁶Certo como vive o Senhor, que me protegeu no caminho que eu seguia, meu rosto o seduziu para a sua perdição, sem que ele comigo cometesse pecado para minha mancha e vergonha". ¹⁷Todo o povo ficou absolutamente estupefato. Inclinando-se por terra, adoraram a Deus e disseram unanimemente: "Tu és bendito, ó nosso Deus, que hoje aniquilaste os inimigos de teu povo." ¹⁸E Ozias disse-lhe: "*Bendita sejas tu, minha filha, pelo Deus altíssimo, mais que todas as mulheres da terra, e bendito seja o Senhor Deus, que criou os céus e a terra*, ele que te conduziu para ferir na cabeça o chefe de nossos inimigos. ¹⁹Com efeito, tua esperança não deixará o coração dos homens, que hão de recordar-se do vigor de Deus para sempre. ²⁰Faça Deus com que sejas perpetuamente exaltada e visitada por seus benefícios, porque não poupaste tua vida por causa da humilhação de nossa raça, mas te opuseste à nossa queda encaminhando-te certa ao alvo" diante do nosso Deus". E todo o povo disse: "Assim seja. Assim seja".
- 14** ¹Disse-lhes Judite: "Escutai-me, irmãs. Tomai esta cabeça e suspendei-a no parapeito de nossa muralha. ²Então, quando a aurora brilhar e o sol sair sobre a terra, tomareis as armas", cada um de vós; todos os homens válidos saíreis da cidade. Estabelecei um chefe sobre vós como se fôsseis descer para a planície na direção dos postos avançados dos filhos de Assur, mas não descereis. ³Eles, tomando suas armas, irão para o acampamento e acordarão os generais do exército de Assur; estes últimos correrão à tenda de Holofernes e não o encontrarão. *O temor cairá sobre eles* e fugirão longe de vossa face. ⁴Perseguindo-os, vós e todos os que habitam todo o território de Israel os abateis em seus caminhos. ⁵Mas, antes de fazê-lo, chamai-me Aquior, o amonita, a fim de que veja e reconheça aquele que desprezou a casa de Israel e que o enviou a nós como se fosse para a morte". ⁶Chamaram, pois, Aquior da casa de Ozias. Quando chegou, ao ver a cabeça de Holofernes na mão de um homem da assembléia do povo, *caiu com o rosto*

z. Lit. recordando-se. Serão lembrados, ao mesmo tempo, a esperança indefectível de Judite e o poder de Deus que a atendeu. Em lugar de *tua esperança*, dois mss. gr., as versões, a Vulg., têm *teu louvor*, o que dá um sentido satisfatório. Em hebr. a diferença entre os dois vocábulos é mínima.

a. Lit. *andando sobre o (caminho) reto*. Não se trata aqui em primeiro lugar de retidão moral, mas do sucesso imediato alcançado por Judite, graças a Deus, que tornou reto o seu caminho (12,8), conduzindo-a diretamente ao alvo (10,11).

b. Lit. *as coisas de guerra*.

por terra e seu espírito desfaleceu.

Jz 2.11 ⁷Quando o levantaram, ele lançou-se aos pés de Judite, *prostrou-se* diante dela e

Jz 5.24 disse: "*Bendita sejas tu em todas as tendas* de Judá e em todas as nações que

Ex 15.14 ficarão *perturbadas ao ouvir* teu nome. "E agora, conta-me tudo o que fizeste nesses dias". Judite relatou-lhe no meio do povo tudo o que havia feito desde o dia em que saíra até o momento em que ela lhes falava. ⁹Acabando ela de falar, o

Jz 6.20 povo *aclamou em altos brados* e fez repercutir na cidade os gritos jubilosos.

1Mc 4.58 ¹⁰Vendo tudo o que fizera o Deus de Israel, Aquior creu firmemente em Deus, fez-se circuncidar em sua carne^c e se

Ex 12.48; Jz 6.25; Est 8.17 agregou à casa de Israel até o dia de hoje^d.

Vitória sobre os sitiantes. ¹¹Ao despon-

1Mc 7.47; 2Mc 15.35 tar da aurora, suspenderam a cabeça de Holofernes na muralha. Cada homem tomou suas armas e todos saíram em grupos pelas encostas da montanha. ¹²Ao vê-

los, os filhos de Assur mandaram prevenir seus oficiais: estes foram prevenir os generais, seus chefes de mil e todos os seus comandantes. ¹³Dirigiram-se à tenda de Holofernes e disseram ao superintendente de todos os seus negócios: "Acorda o nosso senhor, pois esses escravo-

1Sm 14.11 s⁵ ousaram descer ao combate contra nós para se fazerem exterminar até o último". ¹⁴Bagoas entrou e bateu na cortina da tenda, pois supunha que Holofernes dormia com Judite. ¹⁵Como, po-

Jz 3.25 rém, ninguém respondesse, afastou a cortina e entrou no aposento de dormir, encobrando-o estirado, morto, sobre o escabelo^e, a cabeça retirada do corpo.

1Sm 5.4 ¹⁶Bagoas clamou em alta voz com lamentos, gemidos e gritos violentos, rasgando

Gn 27.34-38; 2Sm 1.11; Est 4.1 suas vestes. ¹⁷Entrou na tenda onde Judite se hospedava e não a encontrou. Precipitou-se então para o povo, gritando: ¹⁸"Os

Gn 31.33 escravos se revoltaram"; uma só mulher dos hebreus trouxe a vergonha para a casa do rei Nabucodonosor. Pois Holofernes jaz por terra, sem cabeça!" ¹⁹Ao ouvirem essas palavras, os chefes do exército de Assur dilaceraram suas túnicas; sua alma ficou extremamente perturbada, seu clamor e seu grito imenso elevaram-se no meio do acampamento.

15 ¹Ouvindo-o, os que estavam nas tendas ficaram estupefatos ante o

ocorrido. ²Tremor e temor caíram sobre eles; nenhum homem permaneceu ao lado do outro^f; mas esparramando-se todos ao mesmo tempo, fugiram por todos os caminhos da planície e da região montanhosa. ³Os que acampavam na região montanhosa em torno de Betúlia também puseram-se em fuga. Então os filhos de Israel, todos os homens capazes de combater, precipitaram-se contra eles. ⁴Ozias enviou a Betomestaim, a Bebai, a Coba e Cola e a todo o território de Israel, mensageiros a anunciar o que ocorrera, para incitar a que todos se atirassem contra os inimigos para aniquilá-los. ⁵Ouvindo-o, os filhos de Israel *caíram sobre*

14.3; Jz 2.11; Ex 15.16; 1Sm 11.11 eles, todos ao mesmo tempo, e os *bateram até Coba*. Juntaram-se a eles igualmente os habitantes de Jerusalém, bem como os de toda a região montanhosa, pois lhes fora anunciado o que ocorrera no acampamento de seus inimigos. Os de Galaad e da Galiléia atacaram-nos pelo flanco, com grandes golpes, até Damasco e seu território. ⁶O resto dos habitantes de Betúlia caiu sobre o acampamento de Assur, saqueou-o e enriqueceu-se sobre-

Jz 7.24; 1Sm 14.21-22

Gn 14.15; 1Mc 7.46

2Rs 7.16 ou estrado redondo em forma de tartaruga, que devia facilitar o acesso ao leito.

h. A expressão é tirada de 1Sm 13.3 gr. Além do sentido de "violar um pacto", que se aplica melhor à situação dos israelitas em relação aos filisteus do que à dos habitantes de Betúlia, o vocábulo gr. tem também o sentido de "repelir um pedido", "tornar ineficaz um projeto", de onde o seu emprego em Jt 16.5. Há aqui uma espécie de jogo de palavras, preparando o v. do cântico.

i. Lit. *não havia quem ainda ficasse em face do seu companheiro*.

c. Lit. *ele fez circuncidar a carne do seu prepúcio*.

d. A expressão, frequente nos livros narrativos do AT, significa que o fato narrado perdura ainda na época do narrador; p. ex., a agregação de Rahab e de sua família a Israel (Jz 6.25).

e. Trata-se de Bagoas.

f. Os *escravos*, isto é, os hebreus, que os sitiantes já consideravam virtualmente subjugados.

g. O termo *khelônix*, derivado de *khelônê*, tartaruga, é difícil de traduzir. Com vários exegetas, adotamos o sentido, às vezes encontrado em alguns escritores gregos profanos, de *escabelo*

1Sm 17,53 maneira. ⁷Voltando da carnificina, os filhos de Israel apoderaram-se do que sobrava; as aldeias e os sítios da região montanhosa e da planície apoderaram-se de um espólio imenso, de quantidade enorme.

Ação de graças e cântico de Judite.

⁸Joaquim, o sumo sacerdote, e o conselho dos anciãos dos filhos de Israel que residiam em Jerusalém vieram para apreciar o bem que o Senhor fizera a Israel, e para ver Judite e saudá-la. ⁹Ao chegarem perto dela, bendisseram-na todos juntos, dizendo-lhe: "Tu és a exaltação de Jerusalém, o grande orgulho de Israel, a grande ufanía de nossa raça. ¹⁰Tudo isto fizeste com tua mão, fizeste o bem a Israel e nisto Deus se comprazcu. Bendita sejas tu pelo Senhor todo-poderoso para sempre!" E todo o povo respondeu: "Assim seja."

¹¹Todo o povo saqueou o acampamento durante trinta dias. Deram a Judite a tenda de Holofernes, toda a sua prataria, seus leitões, seu vasilhame e todos os seus móveis. Ela os tomou, carregou sobre sua mula, atrelou suas carretas e nelas amontou a carga. ¹²Todas as mulheres de Israel acorreram para vê-la e a abençoaram. Algumas dentre elas organizaram danças em sua homenagem. Ela tomou tirso^k nas mãos e deu-os às mulheres que ali se achavam. ¹³Coroaram-se com oliveira, ela e suas companheiras, e adiantou-se à frente de todo o povo, conduzindo o coro de todas as mulheres. Todos os homens de Israel seguiam-nas, com suas armas e coroas, cantando hinos. ¹⁴Então Judite *entou* esta ação de graças diante de todo Israel, e todo o povo fez ressoar bem alto este louvor:

16 Disse Judite:
"Entoai um cântico a meu Deus
com tamborins,
cantai ao Senhor com címbalos,

componde para ele um salmo de louvor, exaltai e invocai o seu nome.

² Pois o Senhor é um Deus que esmaga as guerras¹,

que instala seus acampamentos^m no meio do povo,

ele *arrancou-me à mão dos que me perseguiram*.

³ Assur veio das montanhas do Setentrão,

veio com as miríades do seu exército; sua multidão obstruiu as torrentes e sua cavalaria recobriu as colinas.

⁴ Ele falou de incendiar meu território, de aniquilar meus jovens à espada, de atirar por terra meus pequeninos, de fazer de meus filhinhos uma presa e de raptar minhas virgens.

⁵ O Senhor todo-poderoso os repeliu pela mão de uma mulher.

⁶ Seu herói não foi suplantado por mãos de jovens,

nem o feriram os filhos dos Titãs nem gigantes de alta estatura o atacaram,

mas Judite, a filha de Merari, derrotou-o pela beleza do seu rosto.

⁷ Ela despiu seu vestido de viúva para confortar os aflitos de Israel.

Ela ungiu seu rosto com perfumes, ⁸cingiu os cabelos com o diadema e envolveu-se numa veste de linho para seduzi-lo.

⁹ Sua sandália arrebatou-lhe os olhos, sua beleza cativou-lhe a alma. A cimitarra cortou-lhe o pescoço.

¹⁰ Os persas estremeceram ante sua audácia

e os medos perturbaram-se com a sua coragem.

¹¹ Então meus humildes soltaram o grito de guerra, e eles ficaram espantados; meus debilitados gritaram, e eles ficaram aterrorizados;

j. Quase todos os mss. gr.: *para a eternidade, o tempo*; um mss. gr.: *para a eternidade dos tempos*; a versão latina antiga: *por um tempo eterno*.

k. Vocabulo é de origem pagã, designando o bastão dos bucanetes, circundado de hera e de pâmpanos. O autor não é sistematicamente hostil a um costume pagão, em si indiferente. Os judeus

tinham práticas análogas em suas festas (Lv 23,40; Ne 8,15; 1Mc 13,51). Os tirso são mencionados também em 2Mc 10,7. l. Cf. 9,7 nota.

m. Seguimos a tradução lat. antiga e a versão sir. Provavelmente caiu uma letra no gr. de onde lit. *pois para seus acampamentos no meio do povo*.

levantaram suas vozes, e eles ficaram desnordeados".

¹² Como *filhos de meninas*,
traspasaram-nos
e, como *filhos de desertoras*, os
feriram".

2Cr 20,15 Quanto a eles, pereceram numa
batalha de meu Senhor.

Is 42,10; ¹³ *Cantarei para meu Deus um hino novo:*
SI 33,3; Senhor, tu és grande e glorioso,
144,9; *admirável em vigor, insuperável!*
SI 86,10;
147,5

Ex 15,6,11 ¹⁴ A ti sirvam todas as tuas criaturas^p,
SI 42,23; pois tu *dixeste e elas existiram*,
SI 31,9; *enviaste o teu espírito e ele as*
SI 104,30 *construiu*;

Jó 9,19; ninguém há que resista à tua voz.

SI 18,8; ¹⁵ *As montanhas serão abaladas fora de*
SI 16,19 *seus fundamentos*
e misturadas com as águas,
SI 97,5; os rochedos *derreter-se-ão como cera*
Jz 5,5; *diante de tua face:*
Mq 1,4

SI 103,13,17; aos que te temem, porém, tu te
SI 7,7 manténs propício.

SI 50,8-13; ¹⁶ Pois todo sacrifício é pequeno
51,18 demais para ser de odor agradável,
e toda a sua gordura, insignificante para
te ser oferecida em holocausto,
SI 10,24; *mas quem teme o Senhor é sempre*
25,10-11 *grande.*

Jr 10,25; ¹⁷ Ai das nações que se levantam contra
50,27; a minha raça:
SI 79,6-7; delas se vingará o Senhor todo-
SI 36,8 -poderoso no dia do julgamento,
Is 66,24; metendo-lhes *o fogo e os vermes* em
SI 7,17 suas carnes,
e chorarão de dor eternamente."

Dn 12,2;
2Mc 7,17;
9,9

¹⁸ Quando chegaram a Jerusalém, ado-
raram a Deus. E, depois de o povo ter-se
purificado, ofereceram seus holocaustos,
suas oblações voluntárias e seus dons.
¹⁹ Judite dedicou todos os pertences de
Holofernes que o povo lhe dera. Quanto
ao mosqueiro que tomara para si do seu
apartamento de dormir, ela o ofereceu a Deus
em anátema. ²⁰ Todo o povo rejubilou-se
em Jerusalém diante do lugar santo du-
rante três meses, e Judite permaneceu
com eles.

2Cr 20,28;
1Mc 5,54;
2Mc 10,38

Nm 31,49-54;
Jr 6,19-24;
Mq 4,13

2Cr 20,27;
1Mc 4,58

Fim da vida de Judite. ²¹ Depois desses
dias, cada um voltou para seu patrimô-
nio. Judite partiu para Betúlia e aí per-
maneceu em sua propriedade. Ela tomou-
se célebre em seu tempo em toda a ter-
ra. ²² Muitos a desejaram, mas homem al-
gum a conheceu todos os dias de sua
vida desde o dia em que *falecera* seu
marido Manassés e *fora reunido a seu*
povo. ²³ Ela avançou em dias com gran-
de glória^a e envelheceu na casa de seu
marido até cento e cinco anos. Deu li-
berdade à sua aia e morreu em Betúlia.
Enterraram-na no sepulcro do seu mari-
do Manassés. ²⁴ A casa de Israel guardou
luto por ela durante sete dias. Antes de
morrer, ela repartiu seus bens entre to-
dos os parentes próximos de seu marido
Manassés e os parentes próximos de sua
própria família.

1Rs 8,66

8,38;
Gn 25,8

Ex 21,2;
Lv 25,41;
Dt 15,12
Gn 25,10;
49,31
Nm 20,29;
Dt 34,8;
2Cr 35,24;
1Mc 9,20
SI 33,24

²⁵ Não houve mais ninguém para atemo-
rizar os filhos de Israel durante os dias de
Judite e por muitos dias após sua morte.

Lv 26,6;
Mq 4,4

n. Para maior clareza acrescentamos *eles*, que designa os inimigos, e *gritaram*, que sublinha o paralelismo dos estíquios, mas que pode ser subentendido na poesia semítica. A passagem, inspirada em Ex 15,14-15, põe em relevo a fraqueza dos sitiados por um lado e, em contraste, o grande desnorteio de seus inimigos. Numerosas variantes mostram que os copistas não compreenderam a oposição.

o. *Filhos de meninas desertoras* é uma injúria sonora proveniente de 1Sm 20,30 gr., que não compreendeu bem o hebr. As duas partes da expressão estão repartidas entre os dois estíquios paralelos e designam as mesmas pessoas, portanto os inimigos. É o que mantiveram um só ms. gr., as versões lat. antigas e o sir. Os outros mss. gr. dão lit. *filhos de meninas os traspasaram*.
p. Lit. *que toda a tua criação ou que toda tua criatura*. Tra-

duzimos pelo plural, para não ter de suprir um sujeito no estíquio seguinte, que é uma citação do SI 33 (gr. 32),9 e 148,5, adaptada à segunda pessoa.

q. Segundo a Vulg. e o paralelo do SI 33 (gr. 32),9 e 104 (gr. 103),30, pode-se perguntar se não havia primitivamente e *ele as criou*. As duas idéias de criação e de construção são aproximadas no pensamento semítico, e os dois vocábulos podem ser confundidos na leitura em hebr.

r. Isto é, sepultado no sepulcro de sua raça.

s. Lit. *ela estava avançando mui grandemente*, o que não dá muito sentido. Alguns mss. da versão lat. antiga permitem suprir: *ela tinha avançado em dias, com uma grande glória*. A expressão "avançado em dias" é clássica (Gn 18,11; 24,1; Js 13,2; Lc 1,7; 2,36) para expressar a idade avançada.

TOBIT

INTRODUÇÃO

O livro de Tobit é uma das jóias da literatura judaica. Romance popular que se inspira na tradição da sabedoria do mundo pagão circundante, obra de edificação alimentada pelos escritos bíblicos, ele dá testemunho, por sua riqueza, da vitalidade humana e religiosa do judaísmo nos séculos posteriores ao Exílio.

Conteúdo do livro. Duas famílias judaicas aparentadas viram-se deportadas em Ninive e Echátana respectivamente, onde hoje se situam o Iraque e o Irã. Ambas, sem culpa alguma de sua parte — pois mantiveram-se numa fidelidade escrupulosa à Lei —, caíram no infortúnio. Tobit, chefe da primeira, perde uma situação confortável e, ademais, fica cego, numa ocasião em que acabara de sepultar, com risco da própria vida, o cadáver de um compatriota desconhecido. Sara, filha única da outra família, é possuída por um demônio que, já por sete vezes, fizera fracassar suas tentativas de casamento, matando os pretendentes na noite de núpcias. Deus ouve a prece tanto de um como da outra e resolve curá-los por intermédio do anjo Rafael, cujo nome significa exatamente “Deus cura”. Tobit, que ainda ignora a decisão de Deus e quer assegurar o futuro de seu filho Tobias, resolve enviá-lo a cobrar certa quantia que depositara outrora na Média. Como viático, confia-lhe os princípios da sabedoria ancestral. Sucede que Rafael, assumindo aparência humana, é contratado como guia da expedição. Ele acompanhará Tobias numa viagem arriscada, que leva o jovem a desposar e salvar Sara, sua parente. Ao regressar, sempre graças aos conselhos de Rafael, cura o seu velho pai. As duas famílias tornam à felicidade. Rafael revela o seu segredo e desaparece. A narrativa termina em ação de graças e perspectivas da salvação vindoura.

Romance popular. À primeira vista, a narrativa dá a impressão de ser rigorosamente histórica, pela abundância de pormenores acerca do tempo, dos lugares, das pessoas e dos grandes episódios da história comum da Assíria e de Israel entre

734 e 612 a.C. (1; 14). Conta-se que Tobit e sua família foram deportados com a tribo de Neftali (1,1-2). Conforme 2Rs 15,29, isto aconteceu por volta de 733, quando o rei da Assíria apoderou-se do norte do reino de Israel para punir a revolta do rei Pêqah. Mas esta exatidão aparente não nos deve iludir. Bom número de dados não resiste à verificação crítica. Evidentemente, o autor só conhece de longe os reis de que fala (1,2 nota; 1,15 nota) e não viajou pelas regiões que descreve (5,6 nota). Seu intento, ao situar a narrativa neste ambiente já longínquo e venerável dos séculos VIII e VII, é unicamente conferir-lhe verossimilhança e autoridade.

De fato, é um narrador atraído pelo pitoresco e pelos pormenores ricamente reproduzidos. Ao escutar Tobit que chama à razão a esposa debulhada em lágrimas depois da partida do filho (5,17-23), ao ver o cão partir e voltar com seu jovem amo (6,1; 11,4), a criada entrar em plena noite, de candeia na mão, no aposento dos jovens esposos (8,11-14), ao deparar com os temores dos velhos pais ante a prolongada ausência do filho (10,1-7), não há quem não reviva a experiência familiar. Os fatos encadeiam-se com arte e se imbricam sem atritos. Tudo acontece na hora certa, e isto confere ao conjunto um feitiço de conto: mal Tobias sai à procura de um companheiro, eis que Rafael se lhe apresenta (5,4); na tarde da primeira etapa da viagem, são-lhe fornecidos os remédios necessários, graças à captura do grande peixe (6,1-5). Sente-se no narrador o prazer de contar e adivinha-se que a seus ouvintes sobra tempo para escutá-lo.

Nas fontes do livro de Tobit: a tradição sapiencial. Explicitamente, o autor do livro de Tobit refere-se à História de Aicar (Aḥikar), o Sábio, ou Sabedoria de Aicar, obra literária muito conhecida no mundo antigo e até entre os gregos, pois Esopo inspirou-se nela para suas fábulas. Coincidência? Foi na colônia judaica de Elefantina, no Egito, que se descobriu a mais antiga versão desta obra, datada do século V a.C. Aicar (Aḥikar,

gr. Akhiakharos) é provavelmente um personagem histórico, ministro dos reis da Assíria, Senaquerib e depois Asaradon (1,22; cf. 2,1.10), um tanto enfeitado pela lenda. Como não tivesse filhos, adotou, para suceder-lhe na corte, o sobrinho Nadan. Formou-o na sabedoria por meio de uma série de advertências em forma de máximas. Mas Nadan, depois de associado ao pai adotivo (11,19), desprezou a sabedoria recebida e, com suas calúnias, levou seu benfeitor ao suplício. Aicar, que por sua sabedoria granjeara amigos, foi escolhido pelo carrasco. Finalmente reabilitado, dirigiu ao sobrinho uma série de censuras em forma de parábolas e mandou lançá-lo à cadeia, onde morreu (14,10).

No livro de Tobit, este famoso Aicar figura em pessoa como sobrinho de Tobit (1,22). É uma forma de fazer reverter ao tio e a seu povo o prestígio indiscutível do sobrinho. Ademais, a própria estrutura da história de Tobit parece calcada na da Sabedoria de Aicar. Como Aicar, Tobit gozou do favor, depois do desvalimento do rei da Assíria (1,13-20); como ele, dirige ao filho duas séries de máximas (4,3-19; 14,8-11), algumas das quais aparentemente tiradas do próprio Aicar (4,10. 15.17.19); mas, em vez da traição de Nadan, o jovem Tobias mostra-se fiel à sabedoria que lhe foi ministrada. Seria talvez este um meio de sugerir que a sabedoria ensinada pelo velho Tobit supera a do sábio Aicar? Seja como for, isto define o gênero literário do nosso livro: romance popular, sem dúvida, mas com pretensão didática e sapiencial.

Ensino para os judeus da Dispersão. Por meio da história de Tobit e Tobias, deportados típicos, o autor quer fornecer a seus irmãos isolados em meio às nações um ensinamento religioso.

A providência de Deus e os anjos. O que está em questão aqui não é tanto a realidade, ao que parece evidente (3,17), da solicitude de Deus para com seus fiéis em aflição, mas é sobretudo a maneira de exercê-la em meio às provações, valendo-se do que parece ser uma sucessão de casualidades em função de um desígnio preestabelecido, dum segredo que só no fim será revelado. A resposta celeste a Tobit e Sara (3,16-17) por uma parte, a revelação de Rafael (12,11-15) por outra, constituem os dois pólos da narrativa.

Os executores dos desígnios de Deus são os anjos. O livro de Tobit é testemunha do progresso desta crença durante o Exílio, especialmente sob a influência persa, quando os anjos são multiplicados, nomeados, encarregados de funções específicas. Em nenhuma outra parte do Antigo Testamento eles são vistos com um aspecto tão humano, como que para não impor a ação divina à liberdade do homem.

Normas de procedimento. Os conselhos dados por Tobit a seu filho (4,21; 14,8-11) são uma das chaves do livro. Os preceitos tomados da Sabedoria de Aicar mesclam-se às prescrições da sabedoria superior que é a Lei de Moisés. O seu conteúdo é revelador. Encontram-se aqui todos os princípios que facultam ao judeu exilado em terra estranha manter a própria identidade e permanecer o justo a quem Deus socorre. Quase não se vê prescrição desse testamento espiritual (4,3 nota; 14,3 nota) de Tobit que não venha ilustrado concretamente por alguma ação dos protagonistas da narrativa.

A família e o casamento. A família é a célula insubstituível na qual se transmite a herança espiritual da nação (1,8; 4,19; 14,3.8-9). Onde a insistência em todas as virtudes que lhe podem favorecer a coesão, muito especialmente o respeito aos pais (1,8; 3,10.15; 4,3-4; 6,15; 14,12-13). Momento decisivo da vida de uma família é o casamento. Nele se realiza a transição de uma geração à outra, dele depende o futuro. É grande o risco de os deportados se deixarem assimilar às nações pela dinâmica dos casamentos mistos. Por isso compreende-se por que o casamento ocupa o centro dos conselhos de Tobit ao filho (4,12-13), assim como ocupa o centro do próprio livro (6-8) que é, afinal, a história de um casamento conforme à vontade de Deus.

As boas obras. O que a família há de transmitir de uma geração à outra é a fidelidade a Deus e a seus mandamentos. A fidelidade a Deus é o principal (1,12; 2,2. 4,5; 14,8-9), mas ela deve traduzir-se nos fatos, numa observância minuciosa, escrupulosa da Lei, revista pela tradição oral (1,8 nota). Nisto já se pressente o que haverá de melhor no zelo dos fariseus (1,8 nota; 3,15 nota). O afastamento do Templo e do seu culto

leva a insistir nos deveres pessoais e privados para com Deus e o próximo. O próximo, no livro de Tobit, limita-se ainda à sua família e a seus irmãos de raça (1,3.16.17; 2,2 etc.). Nenhum irmão judeu deve carecer dos serviços que se prestam numa verdadeira família: assistência (1,17; 2,2.10; 4,16), justa retribuição (4,14; 5,3.7.10.15; 12,1), sepultura (1,17-18; 2,3-8). Mas a esmola e a oração têm a primazia sobre todas as demais obrigações.

A esmola (1,16; 4,7-8.16; 14,8-9), meio de coesão da comunidade, também é penhor da benevolência de Deus. Para quem a pratica, ela constitui um tesouro, uma expiação, um sacrifício agradável a Deus (4,9-11; 14,8-11). A oração é o recurso normal do justo que se fiou inteiramente na fidelidade de Deus. Ela não é concebida como uma série de práticas formalistas, mas como uma disposição constante de acolhida de Deus (4,19). Formulada nas mais diversas circunstâncias de desespero (3,1-6.11-15), de inquietude (8,5-8) e de alegria (8,15-17; 11,14), esta oração consiste em bendizer a Deus (3,11 nota), em dar graças porque ele é justo, todas as suas obras são justas e todos os seus caminhos são fidelidade e verdade (3,2).

A evocação da vida dos patriarcas... O ambiente do livro de Tobit é patriarcal: é no decorrer de uma viagem que Tobias encontra uma esposa, como outrora Isaac e Jacó. Tobias parece perdido para seus pais, como José foi dado por desaparecido para Jacó. Assim como as mulheres dos patriarcas, embora por motivos diferentes, Sara parece destinada a não ter filhos. Tobit é visitado por um anjo em forma humana, como Abraão em Mamrê.

A analogia não se restringe às situações, ela chega à própria formulação da narrativa. Pormenores aparentemente anódinos são extraídos quase ao pé da letra do Gênesis: o encontro (7,3-4 e Gn 29,4-6); o amor nascente (6,19 e Gn 24,67); a conclusão do casamento (7,12-13 e Gn 33,50-51); etc.

A errância dos patriarcas tem sua continuidade na dos deportados (cf. 4,12). A providência de Deus, invisível e discreta, vela sobre o mais insignificante judeu como velara pelos seus ancestrais, provendo aos encontros, dando continuidade, mediante libertações e casamentos, à transmissão

da Promessa de uma geração à outra, até que chegue finalmente o dia da volta à "terra de Abraão" (14,7).

... à luz dos profetas. Tobit relê o seu destino pessoal e o dos seus irmãos deportados à luz dos profetas. Atrás dele, fazendo eco à profecia de Natã, está a fervorosa recordação de Jerusalém e do seu rei (1,4; cf. 5,14). As desventuras que padece em solidariedade com seus irmãos são o cumprimento do castigo anunciado por Amós a Israel pecador (2,6). O porvir mantém-se momentaneamente fechado, o que provoca a tentação de atribuir à cegueira de Tobit um sentido simbólico. E eis que, por meio de Tobias, o filho que lhe daria continuidade à raça, Deus torna a abrir seus olhos, os do corpo e os do espírito, já que, feito ele mesmo profeta, convida a nação inteira à conversão e anuncia-lhe a salvação prometida pelos profetas (13). Quando se cumprirem as profecias de Naum acerca da ruína de Nínive, o Templo será reconstruído provisoriamente, à espera de que se hajam completado os tempos; então todos voltarão à pátria, Jerusalém será reconstruída com um esplendor deslumbrante, visão de luz cujo tom recorda Is 60-62. Tornar-se-á então o centro das nações (13,10-18; 14,3-7).

Ante esse pano de fundo patriarcal e profético, a fidelidade cotidiana à sabedoria de Moisés e dos antigos adquire novo sentido: preparar a volta à terra de Abraão pelo mesmo caminho que propiciara aos ancestrais nela entrarem.

Texto e língua original. O texto do livro de Tobit só chegou até nós em traduções e sob três formas assaz diferentes:

1. Uma forma extensa, à qual chamaremos texto longo, conservada por um manuscrito grego do século IV, o Sinaiticus, e reproduzido com bastante fidelidade pela antiga versão latina anterior à Vulgata de São Jerônimo. Esse texto longo tem uma tonalidade semítica, por vezes um pouco abundante, mas é muito colorido e coerente. Os fragmentos de Tobit descobertos em Qumran (um em hebraico e quatro em aramaico) confirmam-no o mais das vezes. Isto gera a tendência a considerá-lo como o mais próximo ao original perdido. É este que seguimos para a tradução.

2. Uma forma breve, à qual chamaremos texto curto, representada pela maioria dos manuscritos

gregos. Ao que parece, é uma revisão da precedente, destinada a apresentar em grego mais correto um texto abreviado, mais claro, escoimado de pormenores secundários. Esse texto é usado nas Igrejas gregas e em certas traduções modernas; por este motivo, apontaremos todos os casos em que ele se desvia do texto longo, fornecendo um elemento novo de certa importância. Servir-nos-á também para preencher duas lacunas evidentes do texto longo, nos capítulos 4 e 13.

3. Finalmente, uma última forma merece ser assinalada, pois é esta que toda a tradição da Igreja latina conheceu a partir do século V e que os católicos ainda empregam na liturgia. É a Vulgata latina, tradução efetuada por São Jerônimo, seguindo um original aramaico, traba-

lho apressado que nos fornece informações, tanto sobre a personalidade ascética do tradutor e seu conceito de casamento, como sobre os matizes do texto original.

No que tange à língua original, o estudo dos semitismos do texto longo poderia dar preferência ao aramaico, mas nem por isso fica descartada a hipótese de um original hebraico.

Data. As idéias religiosas do livro, o seu recurso aos profetas tardios situam-no sem sombra de dúvida depois do Exílio. A observação das numerosas analogias com o Sirácida, escrito cerca de 190, da fé e do ideal de piedade que já prenunciavam os fariseus pode dar visos de probabilidade a uma data situada por volta de 200 a.C.

TOBIT

1 **Prólogo.** ¹Livro dos feitos de Tobit*, filho de Tobiel, filho de Ananiel, filho de Aduel, filho de Gabael, filho de Rafael, filho de Ragüel^b, da descendência de Ariel, da tribo de Neftali, ²que, no tempo de Salmanasar^c, rei da Assíria, foi deportado de Tisbé, ao sul de Kídios de Neftali, na Galiléia Superior, acima de Aser, em recuo para o oeste, ao norte de Fogor^d.

Vida piedosa de Tobit. ³Eu*, Tobit, segui os caminhos da verdade e pratiquei boas obras^f todos os dias da minha vida; dei muitas esmolas a meus irmãos e às pessoas da minha nação vindos comigo na deportação para a terra da Assíria, em Nínive.

⁴Quando eu estava na minha região, a terra de Israel, no tempo da minha juventude, toda a tribo de Neftali, meu antepassado, afastara-se da casa de David e de Jerusalém^e, cidade escolhida dentre todas as tribos de Israel para servir-lhe de local de sacrifício, ali onde o Templo, a morada de Deus, fora consagrado e construído para todas as gerações vindouras. ⁵Todos os meus irmãos e a casa de Neftali, meu antepassado, sacrificavam sobre todas as montanhas da Galiléia

ao bezerro que Jeroboão fizera em Dan^h. ⁶E eu me via muitas vezes sozinho para ir a Jerusalém por ocasião das festas, conforme prescrito em todo Israel por um decreto perene. Eu acudia a Jerusalém com as primícias, os primogênitos, o dízimo do gado e a primeira tosquia das ovelhas ⁷e os dava aos sacerdotes, filhos de Aarão, para o altar. Eu também dava o dízimo do trigo, do vinho, das azeitonas, das romãs, dos figos e das demais frutas aos filhos de Levi de serviço em Jerusalém; o segundo dízimo, eu o tributava em dinheiroⁱ e ia apresentá-lo cada ano em Jerusalém. ⁸O terceiro^j, eu o dava aos órfãos, às viúvas e aos estrangeiros que residiam com os filhos de Israel; eu o trazia e lho dava de três em três anos, e nós o comíamos de acordo com a prescrição dada a este respeito na Lei de Moisés^k e as instruções dadas por Debo-
ra^l, mãe de Ananiel, nosso pai — pois o meu pai me deixara órfão, ele morreram^m. ⁹Tendo-me tornado adulto, tomei uma mulher da descendência dos nossos ancestrais e dela gerei um filho a quem dei o nome de Tobias.

¹⁰Depois da deportação para a Assíria, sendo eu deportado, vim para Nínive. Todos os meus irmãos e pessoas da mi-

a. No gr., o nome do pai é *Tobit*, distingue-se do nome do filho, *Tobias*. A forma *Tobias*, não raro dada a ambos apesar de sua ambigüidade, provém do latim.

b. O texto curto omite *filho de Rafael, filho de Ragüel*. A respeito das duas formas, longa e curta, de *Tb*, cf. a Introdução.

c. Lit. *Enemessar*. Na realidade, não foi Salmanasar V (726-722) quem deportou a tribo de Neftali para a Assíria, mas o seu predecessor Tiglat-Pileser III (745-727). Quanto ao quadro histórico da narração, cf. a Introd.

d. O texto curto omite *recuada... Fogor*. Pelo fato de não mais identificá-los, os mss. deformaram consideravelmente os nomes geográficos. A localidade de *Tisbé*, diferente da terra natal de Elias (cf. 1Rs 17,1), sem dúvida deve ser situada entre Qadesh-Neftali (aqui *Kídios*) e Haşor (aqui *Aser*); a menção a *Fogor* permanece inexplicada.

e. A narrativa é posta na boca de Tobit até 3,6.

f. Lit. *as justíças*. Tobit é o tipo do judeu fiel a todas as prescrições da Lei, em particular às do Dt; sua piedade tem as características da piedade da Diáspora, especialmente preocupa-
da com evitar os casamentos mistos (cf. v. 9). abster-se dos

alimentos pagãos (vv. 10-11), dar esmolas (vv. 16-17) e enterrar os mortos (vv. 17-18).

g. Depois de *David*, suprimiu-se *meu antepassado*. Texto curto: *afastara-se da Casa* (isto é, do Templo) *de Jerusalém*.

h. Variante do texto curto para o v. 5: *Todas as tribos que tinham apostatado sacrificavam à novilha Báal, até a casa de Neftali, meu antepassado*.

i. Com o texto curto, omite-se aqui *cada seis anos*.

j. O terceiro: restituído conforme o texto curto.

k. Esta prática de três dízimos inspira-se na regulamentação de Dt 14,22-29. Em consequência de uma sobrevalorização da observância, a oferta em dinheiro, que só era opcional, é apresentada aqui como obrigatória.

l. Pode-se ver no ensinamento familiar (cf. 4,19; 6,16; 14,8-9) simultaneamente o canal de transmissão da Lei (cf. Dt 11,19) e a origem de uma tradição complementar (cf. Jr 35,6-10; Mt 15,2 par.).

m. Variante do texto curto para o v. 8: *Eu dava o terceiro a quem de direito, conforme as instruções de Débora, mãe do meu pai etc.*

1Rs 12, 26-33

Dt 16,6-16

Dt 14,22-23

Nm 18,8,12

Dt 18,3-4

Nm 18,

21,24;

Dt 14,27

Dt 14,24-26

Dt 14,

28-29

4,12-13;

6,16;

Gn 24,4,38;

28,2

2Rs 15,29

Dt 10,12;

19,9; 28,9

Sl 86,11;

119,30

Dt 12,5,11

14,5

nha etnia comiam alimentos dos pagãos, ¹¹eu porém abstinha-me de comer alimentos dos pagãos". ¹²E, já que eu me recordava do meu Deus com todo o meu ser, ¹³o Altíssimo concedeu-me o favor de Salmanasar^a, de quem me tornei o provisor de tudo que precisava: ¹⁴eu viajava à Média, onde fazia compras para ele até que morresse. Foi por isso que depusitei em casa de Gabael, irmão de Gabri, na terra da Média, dez talentos^b de prata em sacos. ¹⁵Ao morrer Salmanasar, reinou em lugar dele o seu filho Senaquerib^c; as estradas da Média se encontravam agitadas por uma insurreição e não me foi mais possível ir à Média.

¹⁶No tempo de Salmanasar, eu dera muitas esmolas a meus irmãos de raça; ¹⁷eu dava meu pão aos que tinham fome e roupas aos que estavam nus. Caso avisasse o cadáver de um compatriota jogado fora das muralhas de Nínive, sepultava-o^r. ¹⁸E todos os que Senaquerib matou depois que voltara fugindo da Judéia, por ocasião do castigo que o Rei do céu lhe infligiu por todas as blasfêmias que proferira, fui eu que os enterrei — pois em sua fúria ele matava muitos filhos de Israel, mas eu subtraía seus corpos para enterrá-los —: Senaquerib mandou procurar-los, mas em vão. ¹⁹Um dos moradores de Nínive foi dizer ao rei que era eu quem os sepultava, então eu me escondi; a seguir, quando soube que o rei estava a par do que eu fazia e que eu era procurado para ser executado, fiquei com

medo e fugi. ²⁰Apoderaram-se de todos os meus bens, nada ficou que não fosse confiscado para o tesouro real; só me deixaram minha mulher, Ana, e meu filho, Tobias. ²¹Quarenta dias^s não haviam transcorrido, e o rei foi morto por seus dois filhos, que fugiram para os montes Ararat. Sucedeu-lhe o filho Asaradon^t; ele encarregou Aicar^u, filho do meu irmão Anael, de todas as finanças do seu reino, e ele exerceu poderes absolutos em toda a administração. ²²Então Aicar intercedeu por mim e eu pude regressar a Nínive — com efeito, Aicar fora copeiro-mor, chanceler, chefe de administração e das finanças sob Senaquerib, rei da Assíria, e Asaradon o confirmara em suas funções; ademais, era meu sobrinho, era da minha parentela^v.

2 Tobit na provação. ¹Sob o reinado de Asaradon, voltei para casa, e minha mulher Ana e meu filho Tobias foram-me restituídos. Na nossa festa de Pentecostes, ou seja a santa festa das Semanas^w, prepararam-me um bom jantar. Eu me reclinei para jantar, ²trouxeram-me a refeição, trouxeram-me pratos finos em abundância, e então eu disse ao meu filho Tobias: "Vai, meu filho, vê se encontra entre nossos irmãos deportados em Nínive algum pobre que se lembre do Senhor^x de todo o coração, traze-o para que participe da minha refeição; por isso vou esperar, meu filho, até que voltes". ³Tobias partiu à procura de um

Gn 39,4;
41,39-40;
Dn 2,48
2Rs 17,6

2Rs 19,37;
Is 37,38;
2Cr 32,21

4,16
Is 58,7;
Jc 31,16-20;
Mt 25,
35-36

2Rs 19,
35-36;
Is 37,
36-37;
2Cr 32,21

Ex 34,22;
Dt 16,10

n. Trata-se de alimentos preparados sem levar em conta as prescrições legais (cf. Gn 9,4; Lv 11; Dt 14,3-21). A observância das interdições alimentares é um critério da fidelidade judaica, notadamente após o Exílio (*Est gr.* C 28; Dn 1,8; Jt 12,2).

o. Lit. *deu-me graça e beleza aos olhos de Enemessar*.
p. *Dez talentos*: cerca de 350kg (ou 260kg, se se tratar do talento monetário grego; 2Mc 3,11 nota).

q. Na realidade, o sucessor de Salmanasar foi Sargom II (722-705), verdadeiro predecessor de Senaquerib (704-681).

r. Ser abandonado sem sepultura constituía a pior das maldições (cf. Dt 21,22-23; 1Rs 14,11; Jr 16,4; 22,19; 25,33; Ez 29,5); por conseguinte, enterrar os mortos era um dever sagrado (cf. 2Sm 2,5; Jr 7,33; 38,16). Esse tipo de piedade ocupa um lugar de destaque em *Tb*, quer os defuntos sejam simples correligionários (1,17-18; 2,4,7; 12,12-13) quer parentes próximos (4,3-4; 8,10-12; 14,2,11-13).

s. Texto curto: *Cinquenta dias*.

t. Lit. *Sakherdon*, que se deve identificar com Asaradon (680-669).

u. Este personagem, que aparece várias vezes em *Tb* (1,21-22; 2,10; 11,19; 14,10), é tomado de um antiquíssimo romance oriental, a *Sabedoria de Aicar*; ministro semilendário dos reis da Assíria, era o tipo do político atilado e do sábio dispensador de máximas. Fazendo deste herói popular o sobrinho de Tobit, o autor apropria-se de uma das mais reputadas correntes sapienciais profanas. Cf. a Introd.

v. Este parêntese pretende explicar por que tinham sido conferidos a Aicar plenos poderes e o motivo que tinha de interceder em favor de Tobit.

w. Texto curto: *a santa festa das sete semanas* (cf. Lv 23,15; Dt 16,9).

x. *Do Senhor*; acrescentado segundo o texto curto.

pobre entre os nossos irmãos, mas voltou dizendo: "Pai!" Eu lhe disse: "Que há, meu filho?" Ele me respondeu: "Pai, há alguém da nossa nação que foi assassinado, atiraram-no à praça pública, e ele ainda está lá, estrangulado".⁴ Eu me precipitei, deixando o meu jantar intocado, para recolher o homem da praça, e guardei-o numa das dependências aguardando o pôr-do-sol para sepultá-lo.⁵ Voltando à casa, tomei um banho⁶ e comi o meu pão no luto, lembrando-me da palavra do profeta Amós⁷, proferida contra Betel:

Vossas festas se mudarão em luto e todos os vossos caminhos^b em lamento.

Am 8,10

E pus-me a chorar.⁷ Depois, quando o sol se pôs, saí, cavei uma fossa e enterrei-o.⁸ Os meus vizinhos zombavam dizendo: "Ele já não tem medo! Já o procuraram para matá-lo por causa desse tipo de ocupação, ele fugiu, e ei-lo de novo a enterrar os mortos".

⁹Naquela noite, tomei um banho, saí ao pátio da minha casa e deitei-me junto ao muro do pátio^c, de rosto descoberto por causa do calor.¹⁰ Eu não sabia que havia pardais no muro, por cima de mim; seu excremento me caiu nos olhos, ainda quente, e provocou leucomas^d. Embora eu me fizesse tratar pelos médicos, quanto mais unguentos estes me aplicavam, tanto mais cegavam os meus olhos por causa dos leucomas e acabei ficando to-

Mc 5,26

talmente cego^e. Permaneci sem visão durante quatro anos. Todos os meus irmãos estavam consternados a meu respeito, e Aicar proveu às minhas necessidades durante dois anos, antes de sua partida para a Elimaida^f.

11,19

¹¹Nesta ocasião, minha mulher assumiu trabalhos femininos; ¹²ela os entregava aos seus patrões^g, e estes pagavam-lhe o salário. Ora, a sete do mês de distros^h, ela concluiu uma peçaⁱ e a entregou a seus patrões, que lhe deram a paga e a gratificaram com um cabrito para a refeição.¹³ Ao aproximar-se de mim, o cabrito pôs-se a balir; chamei minha mulher e disse-lhe: "Donde vem este cabritinho? E se tiver sido roubado? Devolve-o aos donos! Nós não temos o direito de comer nada roubado". ¹⁴Ela me disse: "Ora, é um presente que me deram, além do que me deviam!" Contudo eu continuava a não acreditar nela e a dizer-lhe que o devolvesse aos donos. E por causa dele, indignei-me contra ela. Então, ela me replicou: "Onde é que estão as tuas esmolas? Onde é que estão as tuas boas obras? Tudo o que está te acontecendo não deixa dúvida alguma^j".

Dn 22,1-3

Jó 2,9

1,3

3 Oração de Tobit. ¹Cheio de grande tristeza, pus-me a gemer e chorar, depois comecei a orar^k com gemidos:

²"Tu és justo^l, Senhor,

Dn gr. 3,
27-32;
Br 1,15-2,10

y. Isto é, até o dia seguinte (pois o dia dos judeus começava ao anoitecer), de tal sorte que não se profanasse a festa das Semanas (Lv 23,21).

z. Purificação ritual após o contato com um cadáver (cf. Nm 19,11-13); o mesmo no v. 9.

a. O judeu piedoso do pós-exílio medita de bom grado os oráculos proféticos do passado: cf. Dn 9,2; Is 34,16; Ez 38,17; Zc 7,7; Tb 14,4.

b. Em vez de *caminhos*, Am 8,10 traz *cânticos*; a confusão provém sem dúvida da semelhança entre as duas palavras gregas (*hjhodoi* e *odai*). O texto curto traz *festins*, o que acentua a oportunidade da citação.

c. O texto curto não menciona este segundo banho e, pelo contrário, refere que Tobit deita-se *tudo sujo*, quicá para justificar a provação que lhe vai suceder.

d. Manchas brancas sobre a córnea transparente do olho, que podem acarretar a cegueira.

e. Aqui, a Vulg. compara Tobit com Jó, acrescentando notadamente: *O Senhor permitiu que esta provação lhe sobreviesse, a fim de que a sua paciência fosse dada como exemplo à pos-*

teridade como a do santo Jó; cf. 2,14.

f. Província da Pérsia (cf. *Imc* 6,1; *Jt* 1,6). *Tb* não explicita o motivo desta viagem.

g. Lit. *aos patrões dos trabalhos*, isto é, aos que lhe faziam encomendas.

h. Designação macedônia do mês de nisan (março-abril); aproxima-se a Páscoa, como o confirma o fim do v. (cf. Ex 12,3-5)

i. Lit. *ela cortou a urdidura* (no tear).

j. Ana despenha aqui o papel da mulher de Jó, na medida em que considera que seu marido é um réprobo, a quem não adianta mais perseverar em sua piedade.

k. As orações ocupam um lugar de monta em *Tb*. As duas súplicas paralelas de Tobit (3,2-6) e de Sara (3,11-15) — a segunda repetida por Tobias (8,5-7) — iniciam a ação, provocando a intervenção de Rafael. O seu respectivo atendimento provoca as ações de graças de Ragüel (8,15-17) e de Tobit (11,14). O livro é coroado com o cântico de Tobit (13,2-18), de alcance geral.

l. A afirmação da justiça de Deus e a confissão dos pecados atuais e passados do povo são típicas da época pós-exílica; cf. *Dn gr.* 3,26-45; 9,4-19; *Esd* 9,6-15; *Ne* 9,5-37; *Br* 1,15-3,8.

e justas são todas as tuas obras.
Todos os teus caminhos são fidelidade
e verdade

és tu quem julga o mundo.

³ Então, Senhor, recorda-te de mim,
considera e não me castigues por meus
pecados

nem por minhas faltas,

nem pelos que meus pais cometeram
diante de ti.

⁴ Eles desobedeceram^m aos teus
mandamentos,

por isso nos entregaste à pilhagem,
à deportação e à morte,

destinados a sermos zombaria,
escárnio,

objeto de insulto de todas as nações
entre as quais nos dispersaste.

⁵ Sim, todos os teus juízos são verídicos,
quando me tratas conforme os meus
pecados e os dos meus pais^a,
pois não observamos os teus
mandamentos
nem caminhamos na verdade diante
de ti.

⁶ E agora, trata-nos como te aprouver,
ordena que o sopro me seja tirado,
que eu seja libertado da face da terra
para voltar a ser terra.

Para mim morrer é melhor que viver,
pois ouvi que me insultavam sem razão
e sinto em mim uma tristeza imensa.
Ordena, Senhor, que eu seja libertado
dessa desdita,

deixa-me partir para a mansão eterna
e não desvies o teu rosto de mim,
Senhor.

Sim, para mim morrer é melhor

do que experimentar tal infortúnio por
toda a vida
e ouvir que me insultamⁿ.

3.10.13

Os infortúnios de Sara. ⁷No mesmo dia^a,
sucedeu que Sara, filha de Ragüel de
Ecbátana na Média^a, também ouviu que
uma das servas do seu pai a insultava.

⁸O motivo era que ela fora dada em ca-
samento sete vezes, e, em todas as ve-
zes, Asmodeu^a, o demônio perverso,
matará^a os seus maridos antes que se ti-
vessem unido a ela, conforme a obriga-
ção que se tem para com uma esposa.
Disse-lhe pois a serva: "És tu que matas
os teus maridos"! Já são sete a quem foste
dada e não usaste o nome de um só! ⁹Por
que nos maltratas sob pretexto de que
teus maridos morreram? Vai juntar-te a
eles, e de ti nunca se veja nem filho nem
filha!" ¹⁰Naquele dia, cheia de tristeza,
ela se pôs a chorar e subiu ao aposento
superior do pai na intenção de enforcar-
-se^a; mas, pensando bem, ela disse de si
para si: "Poderiam insultar o meu pai e
dizer-lhe: 'Tinhas apenas uma filha que-
rida e ela se enforcou por causa de seus
infortúnios!' Eu faria com que a velhice
do meu pai descesse cheia de tristeza à
morada dos mortos. Melhor farei não me
enforcando, antes suplicarei ao Senhor
que me faça morrer para não ouvir mais
insultos por toda a vidaⁿ".

6.14; 7.11;
Mt 22,
25-27p

2Rs 4.10-11;
Dn 6.11;
Jr 8.5;
At 1.13

3.15; 6.15

Gn 37.35;
42.38;
44.29.31

3.6.13

Oração de Sara. ¹¹Na mesma hora, ela
estendeu as mãos para o lado da janela^a
e pronunciou esta oração:

Dn 6.11

"Bendito^a sejas, ó Deus compassivo!

m. Texto longo: *Eu desobedeci*; corrige-se de acordo com o
texto curto.

n. *E os de meus pais*: acrescentado conforme o texto curto.

o. A narrativa, que fora posta na boca de Tobit desde 1.3,
passa à de um narrador anônimo até o fim do livro.

p. A cidade forte de Jt 1.1-4, hoje Hamadan.

q. O nome de Asmodeu não consta de nenhuma outra parte da
Bíblia. Sua etimologia é incerta, mas ele evoca uma palavra
hebr. cujo sentido é *aquele que faz morrer*. Desta sorte Asmodeu
é a antítese do anjo Rafael, cujo nome significa *Deus cura* (cf.
3.17 nota). Na obra apócrifa intitulada *Testamento de Salomão*,
este demônio apresenta-se igualmente como inimigo da união
conjugal.

r. Na mentalidade antiga, as doenças e os falecimentos estra-

nhos eram não raro imputados a demônios ou espíritos malig-
nos: cf. Mt 9.32; 12.22; Lc 11.14; 13.11.16.

s. Texto curto: *Não percebes que sufocas os teus maridos?*

t. A idéia do suicídio, que aliás Sara acaba rejeitando, é estra-
na ao judaísmo. Os únicos casos mencionados nos textos bíbli-
cos dizem respeito a heróis ameaçados de morte por seus inimi-
gos (Jz 9.54; 16.30; 1Sm 31.4-5; 2Mc 14.41-46) ou a traidores
(2Sm 17.23; 1Rs 16.18; Mt 27.5).

u. O paralelismo com Dn 6.11 sugere que a janela deste quar-
to superior estava voltada para Jerusalém, na direção ritual da
oração (cf. 1Rs 8.38.44.48).

v. O ato de bendizer a Deus é um dos temas favoritos de *Tb*.
Ele inicia a quase-totalidade das orações, petições, bem como
ações de graças (3.11; 8.5.15; 11.14; 13.2); vezes repetidas é

Bendito seja o teu nome pelos séculos!
Que todas as tuas obras te bendigam
para sempre!

¹² Agora, é para ti que ergo o rosto
e volto o meu olhar.

^{3,6} ¹³ Faze com que eu seja libertada desta
terra

^{3,6,10} e nunca mais ouça que me insultam.

¹⁴ Bem sabes, Senhor, que permaneci pura
de qualquer ato impuro com um homem.

¹⁵ Nunca aviltei o meu nome nem o nome
de meu pai

na terra onde me encontro deportada.

^{3,10; 6,15} Sou a filha única de meu pai,
ele não tem outro filho para ser seu

^{Nm 27,8} herdeiro;
tampouco tem irmão junto de si, nem
parente

para o qual deva eu reservar-me
como esposa".

Já perdi sete maridos:

por que haveria de viver ainda?

Mas, se não te aprouver fazer-me morrer,
sê Senhor, atento ao insulto que me
fazem".

^{12,12,14-15} **Tobit e Sara atendidos.** ¹⁶No mesmo
instante, a oração deles dois foi ouvida
na presença da glória de Deus, ¹⁷e Rafael^a
foi enviado para curar a ambos: a Tobit,
eliminando os leucomas de seus olhos, a
fim de que visse com seus olhos a luz de
Deus; e a Sara, filha de Ragüel, dando-

-a por esposa a Tobias, filho de Tobit, e
expulsando Asmodeu, o demônio perverso — de fato, é a Tobias que cabia
recebê-la, de preferência a qualquer outro
pretendente.

Naquele instante, Tobit entrou do seu
pátio para a casa e, quanto a Sara, filha
de Ragüel, ela desceu do quarto de cima.

4 **Testamento de Tobit.** ¹Naquele dia,
Tobit lembrou-se do dinheiro que de-
positara em casa de Gabael, em Rages^a
da Média ²e disse consigo mesmo: "Eis
que eu pedi a morte; seria bom chamar o
meu filho Tobias para revelar-lhe a existên-
cia desse dinheiro antes de morrer".
³Chamou o filho Tobias, que acudiu, e
ele lhe disse^a:

"Sepulta-me como convém. Honra a tua
mãe. Não a abandones dia algum de sua
vida. Faz tudo o que lhe agrada. Não con-
tristes em nada o seu espírito. ⁴Lembra-te,
meu filho, de todos os perigos a que ela
se expôs por tua causa quando estavas em
seu seio. E, quando ela falecer, sepulta-a
junto de mim na mesma sepultura.

⁵Ao longo de todos os teus dias, filho,
recorda-te do Senhor, não consintas em
pecar, nem em transgredir os seus man-
damentos. Exerce obras de justiça todos
os dias de tua vida e não sigas os cami-
nhos da injustiça, ⁶pois aqueles que prac-
ticam a verdade^a serão bem-sucedidos em

Ex 20,12;
Dt 5,16;
Mt 15,4
Pr 23,22
Sr 7,27

13,6;
Jo 3,21

recomendado ao fiel como sua obrigação mais constante (4,19;
12,6,17,18,20; 13,7; 14,8-9); de fato, ele constitui a trama da
piedade de Tobit e Tobias (10,14; 11,15,16; 12,22; 14,2,15); por
fim, ele será o sinal da conversão dos judeus e pagãos (13,18;
14,6).

w. Conforme Nm 36,6-9, as filhas herdeiras deviam casar-se
dentro do clã do próprio pai, para assim conservar nele o patri-
mônio. Esta prescrição é interpretada por *Th* num sentido total-
mente estrito como uma obrigação de contrair matrimônio com
o parente mais próximo que a Lei permite desposar. Este requin-
te de piedade, tão consentâneo com o espírito do livro, constitui
sem dúvida uma referência aos casamentos entre primos em
primeiro grau da época patriarcal (cf. 4,12); talvez seja também
inspirado pela disposição do *levirato*, que mandava desposar
uma viúva sem filho o irmão de seu marido falecido (Dt 25,
5-6; Mt 22,24 par.).

x. Fora de *Th*, este anjo só é citado em obras apócrifas. Seu
nome significa *Deus cura*, e, como sublinha o v., seu papel
principal é mesmo curar Tobit e Sara (6,8-9,17; 11,7-8); sua
função é igualmente de servir de guia a Tobias (5,17), como o

anjo que conduziria Israel através do deserto (Ex 23,20-23) ou
como aquele que conduziu o servo de Abraão até a casa de
Rebeca (Gn 24,7,40). Ao mesmo tempo que faz de Rafael um
intercessor privilegiado diante de Deus e um dos mais eminentes
da hierarquia celeste (12,12,15), *Th* o apresenta durante a narra-
tiva toda como um companheiro que encarna a providência di-
vina na vida do fiel.

y. Gr. *Ragoi*; é o *Ragau* de Jt 1,5,15, na região do atual Teerã.
z. Os vv. 3-19 pertencem ao gênero literário bíblico do
testamento, cuja função é consignar a herança espiritual su-
postamente transmitida por um patriarca antes de sua morte.
A coleção de máximas aqui exaradas reflete com bastante
exatidão a piedade de uma comunidade judaica da Diáspora.
Elas podem ser divididas em cinco partes: vv. 3-4, obriga-
ções para com os pais; vv. 5-11, a prática da esmola; vv. 12-
13, normas do casamento; vv. 14-17, relações com o próxi-
mo; vv. 18-19, modo de proceder nas empresas. Do depósito
de dinheiro, pretexto do colóquio, só se faz menção
incidentalmente nos vv. 20-21.

a. Expressão semítica; compreenda-se: os que cumprem a Lei.

seus empreendimentos. ⁷A todos os que praticam a justiça^b dá esmola dos teus bens. Não haja desgosto em teu olhar quando deres esmola. Nunca desvies o rosto de um pobre, e o rosto de Deus não se desviará de ti. ⁸Dá esmola de acordo com o que tens, conforme a importância dos teus bens. Se tiveres pouco, não receies dar esmola segundo o que tens: ⁹é um tesouro valioso que acumularás para os dias de infortúnio, ¹⁰porque a esmola livra da morte e impede que se vá para as trevas; ¹¹de fato, a esmola é, para todos os que a dão, uma oferenda valiosa aos olhos do Altíssimo^c.

¹²Abstém-te, meu filho, de toda união ilegal^d, e antes de tudo, toma uma mulher da linhagem de teus pais. Não tomes mulher estrangeira, que não seja da tribo do teu pai, porque somos filhos dos profetas^e. Lembra-te, filho, de nossos pais Noé, Abraão, Isaac, Jacó: desde os tempos antigos todos eles tomaram mulher dentre seus irmãos^f, por isso foram abençoados em seus filhos, e sua linhagem terá a terra em patrimônio. ¹³Assim pois, filho, dá preferência a teus irmãos; não te ensoberbeças diante de teus irmãos, dos filhos e filhas do teu povo, não desdenhes tomar uma esposa entre eles, porque no orgulho há muita ruína e perturbação e, na incúria, decadência e miséria extremas, pois a incúria é a mãe da fome.

¹⁴Não guardes até o dia seguinte o sa-

lário de um operário; paga-o logo e, se servires a Deus, terás a paga de volta. Sê precavido, filho, em todas as tuas ações e dá provas de maturidade em todo o teu proceder. ¹⁵O de que não gostas, não o faças a ninguém^g. Não bebas vinho até embriagar-te, e que a embriaguez não te acompanhe no teu caminho. ¹⁶Dá do teu pão a quem tem fome e da tua roupa aos que estão nus. Com tudo o que te sobra, dá esmola. Não haja pesar em teu olhar quando dás esmola. ¹⁷Prodigaliza o teu pão^h sobre a sepultura dos justos, mas não o dês a pecadoresⁱ.

¹⁸Aconselha-te com toda a pessoa prudente e não desprezes um bom conselho. ¹⁹Em todas as circunstâncias, bendize o Senhor teu Deus e pede-lhe que endireite os teus caminhos e leve a bom termo todos os teus empreendimentos e todos os teus projetos, pois nenhum povo é o depositário da perspicácia^j; é, antes, o próprio Senhor quem dá todo o bem, ele rebaixa os que quer até o fundo da morada dos mortos.

E agora, filho, guarda na memória essas instruções e que elas não se apaguem do teu coração. ²⁰A essa altura, filho, devo comunicar-te que deposei dez talentos de prata em casa de Gabael, filho de Gabri^k, em Rages da Média. ²¹Não receies, filho, o ficarmos pobres: possuis muita riqueza se temes a Deus, se evitas toda a espécie de pecado e se fazes o que é bom aos olhos do Senhor teu Deus^l.

b. A partir daqui e até o meio do v. 19, o texto longo comporta uma lacuna; esta é preenchida com o texto curto.

c. O socorro aos pobres, expressamente prescrito por Dt 15,7-11, é uma das práticas constantes da piedade judaica: cf. p. ex. SI 112,9; Pr 19,17; 28,27; Sr 3,30-4,10; 29,8-13; Mt 6,1-4; 19,21 par.; Lc 11,41; 12,33; 19,9; Jo 13,29; At 9,36; 10,2; 2Cor 9,9; Gl 2,10.

d. Lit. de toda a imoralidade. Sem dúvida, trata-se de fato dos casamentos proibidos pela legislação mosaica, e notadamente por Lv 18,6-18 (cf. Mt 5,32 nota; At 15,20 nota).

e. Isto é, no sentido lato, de homens que tiveram relações privilegiadas com Deus (cf. Gn 20,7).

f. O parentesco entre Noé e sua esposa não é atestado na Bíblia, mas o é na obra apócrifa dos *Jubileus*; quanto a Abraão, Isaac e Jacó, cf. respectivamente Gn 20,12; 25,20; 29,15-30.

g. A máxima, chamada "regra de ouro", encontra-se em particular na *Sabedoria de Aicar*, em certos testemunhos de At

15,20,29 e, com uma formulação positiva, na boca de Jesus em Mt 7,12; Lc 6,31.

h. Lit. *Despeja o teu pão*. Algumas versões trazem: *Derrama o teu vinho e teu pão*; com a *Sabedoria de Aicar*, do qual a sentença é extraída, deve-se provavelmente ler: *Despeja o teu vinho*.

i. Este versículo é surpreendente. De fato, a Lei proíbe as ofertas de alimentos para a subsistência dos mortos: Dt 26,14; cf. *Ep Jr* 26; Sr 30,18 gr. Deve-se quer admitir que esse pormenor pagão passou tal qual para *Th*, quer supor que se trate dos alimentos de consolação levados aos parentes dos defuntos após o seu jejum ritual: Jr 16,7; Ez 24,17; cf. 2Sm 3,35. Os infieis ficam excluídos dessas liberalidades.

j. O texto longo recomeça aqui, emendando com o início do v. 7: *A todos os que praticam a justiça, o Senhor lhes dará uma grande perspicácia; ele rebaixa os que quer etc.*

k. Em 1,14, Gabael era apresentado como irmão de Gabri.

Sr 35,10

Mt 7,12;
Lc 6,31

Pr 23,20,31

1,17

4,7

Jr 16,7

Sr 12,4-5,7

Pr 12,15;

13,10

14,8-9;

Sl 34,2

Pr 3,6; 16,3

Dt 4,6

13,2;

1Sm 2,6-7;

Sl 75,8

1,14

1Tm 6,6

5 Preparativos de viagem. ¹Então Tobias respondeu a seu pai Tobit: "Pai, farei tudo o que me ordenaste. ²Mas como poderei recuperar esse dinheiro, se esse homem não me conhece, nem eu a ele? Que sinal dar-lhe para que me reconheça, confie em mim e me entregue o dinheiro? Além disso, não conheço os caminhos para ir à Média!" ³Então Tobit respondeu ao filho Tobias: "Ele assinou uma cautela¹, e eu a endossei, dividi-a em duas partes, para que cada um de nós ficasse com uma metade e deixei a dele junto com o dinheiro. E lá se vão vinte anos que eu deixei este dinheiro em depósito! Agora, meu filho, procura uma pessoa de confiança para que te acompanhe: nós lhe pagaremos um salário até que voltes". Vai pois retirar esse dinheiro em casa de Gabael".

Jz 13,16

⁴Tobias foi à procura de alguém que o pudesse acompanhar até a Média e conhecesse bem o caminho. Ao sair, deu com o anjo Rafael em pé diante dele, mas não suspeitou que fosse um anjo de Deus. ⁵Disse-lhe: "Amigo, donde és?" Disse-lhe o anjo: "Eu sou um filho de Israel, um dos teus irmãos, e vim em busca de trabalho". Tobias disse-lhe: "Conheces o caminho para ir à Média?" ⁶O anjo disse-lhe: "Sim, tenho ido lá com grande frequência, conheço de cor todos os caminhos. Fui à Média muitas vezes e hospedava-me em casa de Gabael, nosso irmão, que mora em Rages da Média. De Ecbatana a Rages², há dois dias de caminho normal, pois são duas cidades situadas nas montanhas". ⁷Tobias disse-lhe: "Aguarda, meu amigo, enquanto vou avisar o meu pai, pois preciso que venhas comigo, eu te pagarei o teu salário". ⁸O

outro disse: "Está bem, fico aqui, mas não demores".

⁹Tobias voltou para avisar o pai Tobit e lhe disse: "Eis que encontrei alguém; é um dos nossos irmãos, os filhos de Israel". Tobit disse-lhe: "Chama-o, para que eu saiba de que clã e de que tribo ele é e se podemos confiar nele para acompanhar-te, filho". ¹⁰Tobias saiu para chamá-lo e lhe disse: "Amigo, meu pai te chama".

O anjo entrou na casa, e Tobit o saudou por primeiro³. O outro respondeu: ^{7,1} "Faço votos de que tenhas felicidade em abundância". Tobit respondeu: "Que felicidade posso eu ainda ter? Sou um homem privado da visão, não vejo mais a luz do céu, estou sepultado nas trevas como os mortos que não contemplam mais a luz. Embora vivo, habito entre os mortos; ouço a voz das pessoas, mas não as vejo". O anjo disse-lhe: "Coragem⁴, Deus não tardará em curar-te⁵, coragem". Disse-lhe Tobit: "Meu filho pretende ir à Média. Poderias viajar com ele e servir-lhe de guia? Pagar-te-ei o teu salário, irmão". Ele disse-lhe: "Estou à disposição para acompanhá-lo, conheço todos os caminhos, tenho ido muitas vezes à Média, percorri todas as suas planícies e montanhas e sei todos os seus caminhos". ¹¹Tobit disse-lhe: "Irmão, de que família és tu e de que tribo? Informa-me, irmão". ¹²O outro disse: "Que te importa a minha tribo?" Tobit disse-lhe: "Na verdade eu quero saber, irmão, de quem és filho e qual o teu nome". ¹³Ele respondeu-lhe: "Eu sou Azarias, filho do grande Ananias, um dos teus irmãos". ¹⁴Tobit disse-lhe: "Sê bem-vindo⁶, irmão. Não me queiras mal, irmão, por ter

7,17; 8,21; 11,11

1. Temos aqui uma aplicação particular da regulamentação referente aos depósitos, prevista pelo Código da Aliança (Ex 22,6-12; cf. Lv 5,21-26).

m. Texto curto: *eu lhe pagarei um salário enquanto viver*.

n. Na realidade, o trajeto exigia cinco a dez vezes mais tempo.

o. Variante: *Rages situa-se na montanha e Ecbatana no meio da planície*. Na realidade, ambas as cidades ficavam em regiões altas.

p. A boa educação exigia antecipar-se, quando possível, à saudação alheia (cf. 7,1).

q. Tb exorta de bom grado a *ter coragem* (5,10; 7,17; 8,21;

11,11) e a *não se preocupar* (5,21; 6,16.18; 10,6), acentuando assim que somente a paciência e a confiança podem acompanhar o andamento lento e misterioso dos desígnios de Deus.

r. O desejo que vive na mente de Tobit torna-se uma predição firme na boca de Rafael; a frase tem um sentido duplo, como em 5,17 (*seu anjo viaje convosco*) e em 5,22 (*um bom anjo viajará com ele*).

s. Texto curto: *Que procuras? Uma tribo e uma família, ou então um homem assalariado para acompanhar teu filho?*

t. A expressão aqui traduzida volta umas vinte vezes em Tb; ela

querido saber a verdade sobre tua família. Acontece que és um irmão e de excelente origem. Eu conhecia bem Ananias e Natã, os dois filhos de Semelias, o grande. Eles iam comigo a Jerusalém e lá adoravam comigo". Eles não se transviaram. Teus irmãos são pessoas de bem, tu és de boa estirpe. Desejo-te um bom dia".

4.14 ¹⁵E prosseguiu: "Eu te dou um salário de uma dracma* por dia, e, quanto ao teu sustento, o mesmo que ao meu filho.

¹⁶Acompanha o meu filho, e acrescenta-
12.1 rei algo mais ao teu salário". ¹⁷O anjo disse: "Sim, vou acompanhá-lo, nada temas. Tudo correrá bem conosco, tanto em nossa ida como em nossa volta para junto de ti, pois o caminho é seguro". Disse-lhe Tobit: "Abençoado sejas^x, irmão!" A seguir, chamou o filho e disse-lhe: "Meu filho, prepara o necessário para a viagem e parte com teu irmão. Que o Deus que está no céu vos tenha lá sob sua proteção e vos traga sãos e salvos de volta para junto de mim! E que o seu anjo viaje convosco para vos guardar, meu filho!"

5.22;
Gn 24.7.40;
Ex 23.20;
Sl 91.11

Tobias saiu para pôr-se a caminho, beijou o pai e a mãe, e Tobit lhe disse: "Boa viagem!" ¹⁸A mãe pôs-se a chorar e disse a Tobit: "Por que mandaste partir o meu filho? Não é ele o bastão da nossa mão^y, ele que vai e vem diante de nós?" ¹⁹Não se ajunte dinheiro a dinheiro, mas seja contado como nada, comparado com o nosso filho^z. ²⁰O modo de vida que o Senhor nos concedeu bastava-nos perfei-

tamente". ²¹Mas ele disse-lhe: "Não te aflijas": tudo sucederá bem ao nosso filho tanto em sua ida como em sua volta para junto de nós, e os teus olhos verão o dia em que ele voltará a ti são e salvo. ²²Não te aflijas, deixa de temer por eles, minha irmã^b: um bom anjo viajará com ele, sua viagem será bem-sucedida e ele voltará são e salvo". ²³E ela parou de chorar.

6.16-18;
10.6

5.17

6 A captura do peixe. ¹O moço partiu, e com ele o anjo; também o cão^c partiu com ele e os acompanhou. Ambos puseram-se a caminho. Ao cair da primeira noite, acamparam à margem do Tigre. ²O rapaz desceu para lavar os pés no Tigre. Então um grande peixe saltou fora da água e quis engolir seu pé^d. O moço gritou. ³O anjo lhe disse: "Agarra-o e domina-o!" O moço apoderou-se do peixe e o puxou para terra. ⁴O anjo disse-lhe: "Abre-o, extrai-lhe o fel, o coração e o fígado, põe-nos à parte, depois joga fora as entranhas: de fato, este fel, este coração e este fígado são muito úteis como remédios". ⁵O moço abriu o peixe, recolheu o fel, o coração e o fígado, a seguir assou o resto, que comeu^e, e pôs uma parte a salgar.

⁶Ambos prosseguiram caminho juntos até as proximidades da Média. ⁷Então o moço fez ao anjo esta pergunta: "Azarias, meu irmão, que remédio existe no coração e no fígado do peixe e no seu fel?"

⁸Ele respondeu: "O coração e o fígado do peixe, se fizeres subir a sua fumaça diante

6.17;
8.2-3

visa tanto à situação moral como a física do homem e, por isso, deve ser diversamente interpretada conforme o contexto: ser bem-vindo, ser feliz, estar bem de saúde, estar são e salvo etc.

u. O texto curto acrescenta: *levando os primogênitos e o dízimo dos produtos*.

v. Esta moeda grega constituía a remuneração normal de um dia de trabalho, como posteriormente o denário romano (cf. Mt 20.2).

w. O texto curto acrescenta *se voltardes sãos e salvos*.

x. A fórmula serve aqui para despedir: cf. Ex 12.32 nota; Js 22.6-7; 2Sm 13.25; 1Rs 8.66; etc.

y. A Vulg. traz: *o bastão da nossa velhice*; a expressão foi consagrada pelo uso.

z. Este v. difícil é traduzido de diversos modos; o sentido geral parece ser o seguinte: é inútil acumular riquezas, nada é

mais precioso do que a vida de um filho.

a. Cf. 5.10 nota.

b. Cf. 7.12 nota.

c. Este cão fiel seguiria seu dono até o fim (11.4). O pormenor situa bem a narrativa fora da Palestina, onde os cães, vivendo em bandos errantes semi-selvagens (Sl 22.17; 59.7.15-16; cf. Lc 16.21), e sempre em busca de restos de carne estragada que lhes abandonavam (Ex 22.30; cf. 1Rs 14.11; 16.4; 21.24), eram considerados repugnantes e desprezíveis (Pr 26.11; 2Pd 2.22; cf. Dt 23.19; 1Sm 24.15; 2Sm 3.8; 9.8; 16.9; 2Rs 8.13; Mt 7.6; Fl 3.2; Ap 22.15).

d. Texto curto: *e quis engolir o moço*.

e. O texto curto menciona que o anjo também come. De fato, as duas recensões estão de acordo: o anjo come na aparência, não come na realidade: cf. 12.19 nota.

do homem ou da mulher que um demônio ou mau espírito atacam, toda a investida será afastada, ficar-se-á libertado para sempre.^f Quanto ao fel, unta com ele os olhos de quem tem leucomas, sopra sobre os leucomas, e eles ficarão curados^g”.

11.8.11-12

Projeto de casamento. ¹⁰Tinham eles entrado na Média e já estavam próximos de Ecbátana, ¹¹quando Rafael disse ao moço: “Tobias, meu irmão!” Ele respondeu: “Que há?” Disse-lhe o anjo: “Deveremos passar a noite que vem em casa de Ragüel. Ele é teu parente. Tem uma ^{3.15}filha chamada Sara. ¹²Afora esta única Sara, não tem filho nem filha; tu és para ela o parente mais próximo e a ti cabe recebê-la com prioridade, assim como tens o direito de herdar a fortuna de seu pai. É moça judiciosa, corajosa, prenda-da de grande formosura, e seu pai é um homem de bem”. ¹³E acrescentou: “Assiste a ti o direito de desposá-la. Ouve-me, irmão, desde hoje à noite eu vou falar da moça a seu pai para que a obtenhamos como tua noiva; e quando voltarmos de Rages, celebraremos o seu casamento. Sei que Ragüel absolutamente não pode recusá-la, nem dá-la por noiva a outro, pois incorreria na morte, conforme o veredicto do livro de Moisés, já que saberia que tens a precedência em receber sua filha em casamento^h. De sorte que, ouve-me, irmão, logo esta noite vamos falar da moça e pedi-la em casamento para ti; e quando voltarmos de Rages, nós a tomaremos e a levaremos conosco para a tua casa”.

8.21; 10.10; 14.13

¹⁴Então Tobias respondeu a Rafael: “Azarias, meu irmão, ouvi dizer que ela ^{3.8}já foi dada sete vezes em casamento e todos os seus maridos morreram no quarto de núpcias; na mesma noite em que se

aproximavam dela, morriam. Ouvi alguns dizerem que era um demônio que os matava, ¹⁵por isso tenho medo. Ele não faz mal a ela, porém apenas alguém quer aproximar-se dela, mata-oⁱ. Eu sou filho único do meu pai. Se viesse a morrer, ^{3.10.15}faria descer à sepultura a vida do meu pai e da minha mãe, cheios de dor por minha causa. E eles não têm outro filho que os seplute”. ¹⁶Disse-lhe Rafael: “Será que esqueceste as instruções do teu pai, ^{4.19}como ele te mandou que tomassees mu-lher da casa do teu pai? Eia, escuta-me, irmão, não te inquietes por causa deste ^{5.21}demônio e casa com ela. Aliás eu sei que esta noite mesmo ela te será dada como esposa. ¹⁷Mas, quando houveres entrado no quarto de núpcias, lança mão de um pedaço do fígado do peixe, bem ^{6.8}como do coração, e coloca-os sobre a brasa do defumador. O cheiro espalhar-se-á, o demônio o sentirá, fugirá e nunca mais tornará a ser visto à volta dela. ¹⁸Quando estiveres a ponto de te unires com ela, antes levantai-vos ambos, orai ^{8.4}e suplicai ao Senhor do céu que vos conceda misericórdia e salvação. Não temas, pois foi para ti que ela foi destinada desde sempre e és tu que a deves salvar. Ela te seguirá e eu te affianço que terás dela filhos que serão para ti como irmãos. Não te preocupes”. ^{5.21}

¹⁹Quando Tobias ouviu as palavras de Rafael e soube que ela era uma irmã para ele, da linhagem e da casa de seu pai, amou-a apaixonadamente e o seu cora-ção apegou-se a ela. ^{Gn 24.14.44}

7 Casamento de Tobias. ¹Ao entrarem em Ecbátana, Tobias disse: “Azarias, meu irmão, leva-me direto à casa do nosso irmão Ragüel”. O anjo o levou à casa de Ragüel. Eles depararam com ele sentado diante da porta do pátio e o sau-

Gn 24.67

f. A idéia era que o odor nauseabundo da fumação incomodava o demônio e o obrigava a fugir (cf. v. 17).

g. A bílis de peixe era um dos remédios usados pela medicina antiga para as doenças dos olhos.

h. Lit. *Eis-me aqui*. A fórmula imita o estilo das tradições patriarcais; ela significa muitas vezes a disponibilidade daquele

que a pronuncia para receber uma mensagem solene: cf. Gn 22.1.11; 27.1; Ex 3.4 hebr.; 1Sm 3.4.16 etc.

i. Nenhum texto bíblico promulga tal castigo num caso destes. No máximo os responsáveis por casamentos entre judeus e estrangeiros são em princípio condenados ao extermínio (Dt 7.3-4).

j. O texto curto especifica que o demônio ama Sara.

- 5,10 daram por primeiro^k. Ele disse-lhes: "Eu vos saúdo cordialmente, irmãos, sois bem-vindos", e os fez entrar em sua casa.
- 5,14 ²Ele disse à sua mulher Edna: "Como este jovem é parecido com meu irmão Tobit!" ³Edna os interrogou e lhes disse:
- Gn 29,4-6 "Donde sois, irmãos?" Disseram-lhe: "Dos filhos de Neftali deportados em Nínive". ⁴Ela lhes disse: "Conheceis nosso irmão Tobit?" Eles disseram: "Sim, conhecemos". ⁵Ela disse-lhes: "Como vai ele?" Eles disseram: "Vai bem, está vivo". E Tobias acrescentou: "É meu pai". ⁶Ragüel ergueu-se num salto, beijou-o ternamente e pôs-se a chorar. Depois falou e lhe disse: "Bendito sejas, meu filho! Tens um excelente pai. Que grande desgraça ter ficado cego um homem tão justo, que dava tantas esmolas!"
- Gn 29,13; 33,4; 45,14-15 ⁷E lançando-se ao pescoço do seu irmão Tobias, pôs-se a chorar. ⁸Da mesma forma sua mulher Edna chorou sobre Tobias, e a filha deles, Sara, também se pôs a chorar. ⁹A seguir, ele matou um carneiro do rebanho e os acolheu calorosamente.
- ⁹Depois de se terem lavado e banhado, quando se puseram à mesa, Tobias disse a Rafael: "Azarias, meu irmão, pede a Ragüel que me dê minha irmã Sara".
- ¹⁰Ragüel ouviu suas palavras e disse ao jovem: "Come, bebe e aproveita a noite, pois a ninguém senão a ti, meu irmão,
- 3,15 toca desposar minha filha Sara, e eu mesmo não tenho o poder de dá-la a outro que não sejas tu, já que és o meu parente mais próximo. Contudo, meu filho, vou dizer-te toda a verdade. ¹¹Eu já a dei a
- 3,8 sete homens dos nossos irmãos, e todos morreram na noite em que se aproxima-
- vam dela. Agora porém, meu filho, come e bebe, e o Senhor intervirá em vosso favor". ¹²Mas Tobias disse: "Eu não comerei nem beberei nada aqui, enquanto não tiveres resolvido este assunto". Ragüel disse-lhe: "Pois então, vou fazê-lo! Já que ela te é concedida de acordo com a decisão do livro de Moisés, quem decide que ela seja tua é o céu. Recebe pois a tua irmã. A partir de agora, és o seu irmão e ela, tua irmã". Ela te é dada a partir de hoje e para sempre. O Senhor do céu há de fazer com que passeis bem esta noite, meu filho. Que ele vos manifeste a sua misericórdia e sua paz!" ¹³Então Ragüel chamou a filha Sara e esta veio ter com ele. Tomando-a pela mão, entregou-a a Tobiasⁿ dizendo: "Recebe-a conforme a Lei e a decisão consignada no livro de Moisés, que ta concedem por esposa. Toma-a e leva-a sem empecilhos para a casa do teu pai. Que o Deus do céu vos conduza em paz!" ¹⁴A seguir, chamou a mãe de Sara e disse-lhe que trouxesse o necessário para escrever. Redigiu a ata do contrato de casamento^o, onde constava que ele lha dava como esposa de acordo com a decisão da Lei de Moisés^p. Só então começaram a comer e beber.
- Gn 24,54
- A noite de núpcias.** ¹⁵Ragüel chamou a esposa Edna e disse-lhe: "Irmã^a, prepara o outro quarto e conduze Sara para lá". ¹⁶Ela foi preparar uma cama no quarto, como lhe dissera. Levou para lá a filha e pôs-se a chorar sobre a sorte dela, depois enxugou as lágrimas^r e disse-lhe: ¹⁷"Coragem, filha, que o Senhor do céu mude
- 5,10

k. Cf. 5,10 nota. O texto curto indica que Sara tinha ido ao encontro deles (cf. Gn 24,15; 29,9).

l. O texto curto é mais lógico: Ragüel vem a saber da cegueira de Tobit por intermédio de seus hóspedes. De fato, a cegueira começou só quatro (cf. 2,10 para o texto longo) ou oito anos antes (cf. 14,2 para o texto curto), e Ragüel estava sem notícias de Tobit havia muito mais tempo, já que nem sequer sabia da existência do seu filho (cf. 3,15).

m. *Tb* emprega muito amplamente os termos *irmão* e *irmã* para designar os correligionários (1,3; etc.), os parentes (6,19; etc.) e os esposos (5,22; 7,12.15; 8,4.21; 10,6.13; cf. Ct 4,9 etc.).

n. Esses gestos não são fortuitos, eles têm um valor ritual: aliás a Vulg. acentuou o caráter litúrgico da passagem.

o. O texto curto acrescenta: e *eles lhe apuseram seu selo*, mas ele não resume o teor do atestado.

p. Este trecho fornece alguns pormenores sobre a instituição e a cerimônia do casamento no judaísmo da Diáspora. Segundo os vv. 12-14, a união deve conformar-se com as disposições da Lei e receber o consentimento do pai da moça; torna-se efetiva pela "entrega" da esposa e por uma declaração solene confirmada por um contrato escrito.

q. Cf. 7,12 nota.

r. No texto curto, quem chora é Sara; sua mãe a consola.

Jo 16,20 a tua aflição em alegria*, coragem, filha". E saiu.

8 ¹Tendo acabado de comer e beber, quiseram deitar-se. Levaram o jovem e fizeram-no entrar no quarto.

²Tobias lembrou-se das palavras de Rafael: tirou da bolsa o fígado e o coração do

6,8 peixe e colocou-os sobre a brasa do defumador.

³O cheiro do peixe manteve à distância o demônio, que fugiu pelos ares até as regiões do Egito¹. Rafael foi até lá,

Mt 12,43; Lc 11,24 algemou-o e acorrentou-o de imediato.

Mt 12,29; Mc 3,27; Ap 20,2 ⁴Em seguida, deixaram Tobias e fecha-

ram a porta do quarto. Ele se levantou da cama e disse a Sara:

6,18 "Levanta-te, irmã", oremos e supliquemos a nosso Senhor que nos manifeste sua misericórdia e sua salvação".

7,12; 8,17 ⁵Ela se levantou e puseram-se a rezar e suplicar, para que lhes fosse concedida a salvação. E ele pôs-se a dizer:

Dn gr. 3,26 "Bendito sejas, Deus de nossos pais!

Bendito seja o teu nome em todas as gerações vindouras!

Bendigam-te os céus e toda a tua criação por todos os séculos!

Gn 2,7 ⁶Foste tu que fizeste Adão,

Gn 2,18,22 foste tu que fizeste para ele auxiliar e

Sc 36,29 amparo, sua mulher Eva,

e de ambos nasceu a linhagem humana.

Foste tu que disseste:

Gn 2,18 *Não é bom para o homem ficar só, façamos-lhe uma auxiliar semelhante a ele*.

4,12 ⁷Agora, pois, não é um desejo ilegítimo que me faz desposar minha irmã que aqui está,

mas o cuidado com a verdade".

Ordena que haja misericórdia para com ela e comigo,

e que ambos cheguemos juntos à velhice".

⁸A seguir, disseram a uma só voz: "Amém, amém!", ⁹e deitaram-se naquela noite.

¹⁰Ora Ragüel levantou-se e reuniu os empregados. Eles saíram para cavar uma sepultura.

De fato, Ragüel pensara: "Pode ser que ele morra; não seríamos então

objeto de zombaria e insulto?" ¹¹Tendo eles acabado de cavar a sepultura, Ragüel

voltou para casa e chamou sua mulher.

¹²Disse-lhe: "Manda uma das criadas ao quarto para ver se está vivo: assim, se estiver morto, poderemos enterrá-lo sem

que ninguém saiba de nada". ¹³Eles avisaram a criada, acenderam a lâmpada e

abriram a porta; ela entrou e os encontrou a dormir juntos um sono profundo.

¹⁴Ela voltou para avisá-los: "Ele está vivo, tudo vai bem".

¹⁵Então eles bendisseram^a ao Deus do céu, dizendo:

"Bendito sejas, ó Deus, com toda a bênção pura!

Bendigam-te por todos os séculos!"

¹⁶Bendito sejas por me teres cumulado de alegria!

pois não sucedeu o que eu imaginava, mas trataste-nos segundo a tua grande

misericórdia.

¹⁷Bendito sejas por ter usado de piedade com dois filhos únicos!

3,15; 6,15

Manifesta-lhes, Senhor, a tua misericórdia e tua salvação

7,12; 8,4

e faz que sua vida decorra na alegria e na graça".

¹⁸E ele ordenou aos empregados que enchessem a cova antes do nascer do dia.

O festim das bodas. ¹⁹Ragüel disse à sua mulher que fizesse pão em abundância,

Gn 18,6-7

depois, indo ao rebanho, trouxe dois bois e quatro carneiros e mandou que os preparassem.

E começaram os preparativos. ²⁰Ele chamou Tobias e declarou-

s. Texto curto: *em graça*.

t. Texto curto: que fugiu para o Alto Egito. Aqui o Egito representa que a extremidade do mundo, quer, de preferência, a terra de origem dos maus espíritos.

u. Cf. 7,12 nota. — ¹[A Vulg. fala em 3 noites de oração.]

v. Este v. é o único da Bíblia que relaciona o casamento com Gn 2,18. Cf. Mt 19,4-5; Mc 10,6-8, que o referem a Gn 1,27; 2,24.

w. Isto é, na ocorrência, o de evitar as uniões ilegais; cf. 4,12. A Vulg. interpreta: o motivo de Tobias seria sua vontade de ter uma descendência.

x. Texto curto: *Ragüel bendisse*.

y. Variante do texto curto para esta frase: *Bendigam-te os teus santos e bendigam-te todas as tuas criaturas! Bendigam-te todos os teus anjos e teus eleitos por todos os séculos!*

-lhe^a: "Durante quatorze dias" não te moverás daqui, mas ficarás comendo e bebendo em minha casa e devolverás a alegria ao coração da minha filha, que ainda está magoada com seus infortúnios. ²¹Toma desde já a metade de todos os meus bens, e voltarás sem estorvo para junto de teu pai. A outra metade será vossa quando minha mulher e eu tivermos morrido. Coragem, filho, eu sou teu pai e Edna é tua mãe. Nós estamos junto de ti e da tua irmã, desde agora e para sempre. Coragem, filho^b!"

9 Resgate do depósito. ¹Então Tobias chamou Rafael e disse-lhe: ^{2a}"Azarias, meu irmão, leva contigo quatro servos e dois camelos; vai a Rages, à casa de Gabael, dá-lhe o comprovante do depósito e resgata o dinheiro^c, a seguir traze Gabael contigo para as bodas. ^{3a}Bem sabes que meu pai não cessa de contar os dias. Caso eu me atarde um só dia, causar-lhe-ia grande pesar. Por outro lado, vês o que Ragüel jurou^d: eu não posso menosprezar o seu juramento". ⁵Rafael partiu com os quatro servos e os dois camelos para Rages da Média, e pernотaram em casa de Gabael. Ele lhe entregou o comprovante^e e comunicou que Tobias, filho de Tobit, tomara mulher e o convidava para as bodas. Sem detença, Gabael contou-lhe os sacos, munidos dos respectivos selos e eles os carregaram. ⁶Depois partiram juntos, de manhã cedinho, e foram às bodas^f. Entraram em casa de Ragüel e encontraram Tobias à mesa. Este levantou-se num salto e saudou Gabael, que se pôs a chorar e o abençoou nos seguintes termos: ^{7.6}"Filho excelente de um homem excelen-

te, justo e caridoso! Que o Senhor te conceda a bênção do Céu, a ti, à tua esposa, ao pai e à mãe de tua esposa! Bendito seja Deus, pois foi meu primo Tobit em pessoa que eu vi".

10 A espera de Ana e Tobit. ¹Entretanto, dia após dia, Tobit fazia a conta dos dias necessários para a ida e a volta. Todos os dias se esgotaram, e seu filho não chegou. ²Ele disse de si para si: "Será que ele ficou retido por lá? Talvez Gabael tenha morrido e não haja ninguém para lhe entregar o dinheiro". ³E começou a inquietar-se. ⁴Sua mulher Ana dizia: "Meu filho pereceu, já não está mais entre os vivos". Ela começou a chorar e lamentar-se por causa do filho, dizendo: ^{5a}"Ai de mim, meu filho: eu te deixei partir, tu, a luz de meus olhos!" ⁶E Tobit dizia-lhe: "Cala-te, não te preocupes, minha irmã^b, ele está bem; decerto foi um contratempo que tiveram por lá, pois quem o acompanha é um homem de confiança, um dos nossos irmãos. Não te atormentes por causa dele, minha irmã, em breve ele estará aqui". ⁷Mas ela respondeu-lhe: "Não me digas mais nada, deixa de mentir-me: o meu filho pereceu!" E todos os dias ela se apressava em sair para observar o caminho por onde o filho partira, pois não confiava em ninguém. Depois do pôr-do-sol, voltava para lamentar-se e chorar a noite inteira sem conciliar o sono.

Tobias a caminho da volta. ⁸Tendo passado os quatorze dias das bodas que Ragüel jurara celebrar para sua filha, Tobias veio dizer-lhe: "Deixa-me partir, pois estou certo de que meu pai e minha

z. O texto curto acrescenta: *com juramento*; este pormenor é necessário para a compreensão do que vem a seguir: cf. 9,3-4; 10,8.

a. As bodas duravam normalmente sete dias: cf. Gn 29,27-28; Jz 14,10.12.17-18; Tb 11,19 texto curto.

b. O texto curto resume consideravelmente todo o parágrafo.
c. Verifica-se aqui que a recuperação do dinheiro deixou de ser a finalidade principal da viagem (cf. 4,3 nota); a verdadeira herança que Deus reservava para Tobias era Sara. Sem dúvida,

os bens materiais constituem uma recompensa legítima (6,12; 8,21; 10,10; 14,13), mas sua importância é secundária (4,21; 5,19-20; cf. 12,1-5) e seu destino é ser repartido pela esmola (1,3.16; 2,14; 4,7-11.16; 7,6; 12,8-9; 14,2,8-9; cf. 2,10; 14,10-11).
d. Cf. 8,20 nota.

e. Lit. *sua cautela*, isto é a metade conservada por Tobit (5,3).

f. O texto curto omite a continuação do v. 6.

g. Texto curto: *Teria ele sofrido uma recusa?*

h. Cf. 7,12 nota.

mãe já não têm esperança de me tornar a ver. Por isso eu te peço, pai, deixa-me partir e voltar para a casa do meu pai; eu já te expliquei a situação em que o deixei". ⁹Ragüel, porém, disse a Tobias: "Fica, meu filho, fica comigo. Vou mandar mensageiros ao teu pai Tobit e eles lhe darão notícias tuas". Tobias disse-lhe: "Não, de modo algum. Rogo-te que me deixes voltar para a casa do meu pai". ¹⁰Logo Ragüel entregou-lhe Sara, sua esposa, bem como a metade de todos os seus bens: servos e servas, bois e ovelhas, asnos e camelos, roupas, dinheiro e objetos vários. ¹¹Ele os deixou partir muito felizes. Saudou Tobias nesses termos: "Passa bem, meu filho, e boa viagem! Que o Senhor do céu vos guie, a ti e à tua mulher Sara, e que eu possa ver vossos filhos antes de morrer!" ¹²À filha Sara, disse: "Vai para a casa do teu sogro¹, pois doravante são teus pais como os que te deram a vida. Vai em paz, filha, e que eu possa ouvir falar bem de ti enquanto viver!" A seguir, saudou-os e deixou-os partir. ¹³Edna, por sua vez, disse a Tobias: "Filho e irmão caríssimo, que o Senhor te traga de volta, e que eu possa viver o bastante para ver teus filhos e os da minha filha Sara antes de morrer! Na presença do Senhor, eu confio minha filha à tua guarda. Não a magoes dia algum da tua vida. Meu filho, vai em paz! Doravante eu sou tua mãe e Sara é tua irmã. Seja-nos dada uma igual felicidade todos os dias da nossa vida!" Depois ela os beijou a ambos e os deixou partir cheios de felicidade. ¹⁴Desta sorte Tobias partiu da casa de Ragüel feliz e alegre, bendizendo o Senhor do céu e da terra, o Rei do universo, por ter dado tão

bom êxito à sua viagem. Ragüel disse-lhe: "Possas ter a felicidade de honrar teus pais todos os dias de sua vida!"

11 A cura de Tobit. ¹Como se aproximassem de Kaserin^k, defronte de Nínive, Rafael disse: ²"Sabes a situação em que deixamos o teu pai." ³Tomemos a dianteira à tua mulher, a fim de preparar a casa enquanto os demais chegam". ⁴Ambos partiram juntos — Rafael disse a Tobias: "Mantém o fel ao alcance da mão". — O cão seguia atrás deles¹. ⁵Ora Ana estava sentada, a observar o caminho por onde viria seu filho. ⁶Ela percebeu que ele vinha e disse a seu pai: "Eis que teu filho está chegando com o homem que o acompanhou". ⁷Rafael disse a Tobias, antes que estivesse junto do pai: "Eu sei que seus olhos se abrirão. ⁸Aplica-lhe sobre os olhos o fel do peixe: o remédio fará os leucomas de seus olhos gretarem e escamarem-se; então o teu pai recobrará a vista e verá a luz". ⁹Ana correu a lançar-se ao pescoço do filho e disse-lhe: "Torno a ver-te, meu filho, doravante posso morrer!" E pôs-se a chorar. ¹⁰Tobit levantou-se e, tropeçando, saiu pela porta do pátio. ¹¹Tobias caminhou ao seu encontro, tendo na mão o fel do peixe, soprou-lhe nos olhos e disse, segurando-o firme: "Coragem, pai!" Aplicou-lhe o remédio e o sustentou". ¹²Depois, com ambas as mãos, fez com que se escamassem os leucomas nos cantos de seus olhos". ¹³Então Tobit lançou-se-lhe ao pescoço e pôs-se a chorar, dizendo: "Vejo-te novamente, meu filho, luz de meus olhos!" ¹⁴E disse:

"Bendito seja Deus!

Bendito seja o seu grande Nome!

1. Texto curto: *Honra teus sogros.*

j. Acrescentou-se, suprimindo, *teus pais*. Sem dúvida a frase toda está fora de lugar, pois Ragüel já se despediu; ficaria melhor no v. 12, após *como os que te deram a vida*, como aliás sugere a variante apontada na nota precedente. Uma versão contornou a dificuldade traduzindo: *Tobias disse a seus sogros: "Praza ao Senhor que eu vos honre todos os dias de vossa vida!"* O texto curto diz: *Tobias cobriu de bênçãos Ragüel e sua mulher Edna.*

k. Localidade não identificada.

1. Em vez de *cão*, o texto longo traz: *Senhor*; isto se corrige conforme o texto curto (cf. também 6,1). Algumas versões fazem, pelo contrário, o cão correr à frente, particularmente a Vulg., que, por outra, acrescenta: *ele demonstrava sua alegria abanando a cauda.*

m. E o *sustentou*: tradução conjectural. O texto poderia igualmente ser corrigido de tal forma que se lesse, com algumas testemunhas: *o remédio penetrou.*

n. Seria também possível compreender que foi o próprio Tobit quem esfregou os olhos.

Benditos sejam todos os seus santos anjos!

Que seu grande Nome esteja sobre nós!
Benditos sejam todos os anjos por todos os séculos!

Pois o Senhor me ferira,
e eis que vejo o meu filho Tobias”.

¹²Tobias entrou, alegre e bendizendo a Deus em alta voz^o. Ele explicou ao pai que sua viagem tivera pleno êxito, que trazia o dinheiro de volta e como tomara por esposa a filha de Ragüel, Sara; e acrescentou: “Eis que ela está chegando, está partindo da porta de Nínive”.

¹⁶Tobit, alegre e bendizendo Deus, saiu ao encontro da nora, rumo à porta de Nínive. Quando a gente de Nínive o viu caminhar e circular totalmente são, sem que ninguém o guiasse, ficaram maravilhados. Tobit proclamava diante deles que Deus se compadecera dele e abria seus olhos. ¹⁷Chegou junto de Sara, esposa do seu filho Tobias, e abençoou-a nesses termos: “Sê bem-vinda, minha filha! Bendito seja o teu Deus que te trouxe à nossa casa, minha filha! Bendito seja o teu pai! Bendito seja meu filho Tobias e bendita sejas tu, minha filha! Entra em tua casa, sê bem-vinda, bênção e alegria para ti, entra, filha!” ¹⁸Naquele dia, houve alegria entre todos os judeus de Nínive. ¹⁹Aicar e Nadan^q, sobrinhos de Tobit^r, também vieram à casa deles, cheios de alegria^s.

12 Rafael se dá a conhecer. ¹Quando terminaram as bodas, Tobit chamou o filho e disse-lhe: “Meu filho, atenta ^{4.14} por pagar o salário do teu companheiro ^{5.16} de viagem, acrescentando-lhe alguma coisa”. ²Este lhe disse: “Pai, quanto é que

lhe vou dar? Mesmo que lhe desse a metade dos bens que ele trouxe comigo, não fico prejudicado. ³Ele me reconduziu são e salvo, curou minha mulher, trouxe o dinheiro comigo, curou-te: depois de tudo isso, quanto lhe darei?” ⁴Disse-lhe Tobit: “Meu filho, é justo que ele tome a metade de tudo o que trouxe”. ⁵Tobias chamou-o e disse: “Toma como salário a metade de tudo o que trouxeste e vai em paz!”

⁶Então Rafael levou ambos à parte e lhes disse: “Bendizei a Deus e celebrai-o diante de todos os viventes por tudo o que ele fez por vós! Bom é bendizer e cantar o seu Nome. Dai a conhecer a todos os homens as ações de Deus, como elas o merecem. Não sejais tardos em celebrá-lo. ⁷É bom manter escondido o segredo^o do rei, mas as obras de Deus, é preciso celebrá-las e revelá-las. Celebrai-as como elas o merecem.

Praticai o bem, e o mal não vos atingirá. ⁸Mais vale a oração com a verdade, e a esmola com a justiça, que a riqueza com a injustiça^v. Mais vale dar esmola que acumular ouro. ⁹A esmola liberta da morte e purifica de todo o pecado. Os que dão esmola serão saciados de vida; ¹⁰os que cometem o pecado e a injustiça são inimigos de si mesmos.

¹¹Agora, vou comunicar-vos toda a verdade, sem nada esconder-vos. Acabo de comunicar-vos o seguinte: ¹²É bom esconder o segredo do rei e revelar com esplendor as obras de Deus^w. ¹³Pois bem! Quando tu oraste, assim como Sara, fui eu que apresentei o memorial^x da vossa prece na presença da glória do Senhor, bem como quando enterravas os mortos^y. ¹⁴Quando não hesitaste em levantar-te e

o. O texto curto põe toda a oração na segunda pessoa.

p. O texto longo traz: *com todo o seu corpo* (gr. *sôma*), mas deve-se ler provavelmente: *com toda a sua boca* (gr. *stoma*), ou seja, em alta voz (cf. 13.7).

q. Lit. *Nabad*; corrigido de acordo com a *Sabedoria de Aicar* (cf. 14.10 nota).

r. Acerca do parentesco entre Aicar e Tobit, cf. 1.21 nota.

s. Variante do texto curto para o v. 19: *Aicar* (lit. *Akhiakharos*) *também veio com o sobrinho Nasbas, e celebraram o casamento de Tobias com festas durante sete dias*.

t. É bom: traduzido conforme o texto curto.

u. Lit. *o mistério*; cf. *Sr* 22.22; 27.16.

v. Texto curto: *É coisa boa a oração com o jejum, a esmola e a justiça; vale mais o pouco com justiça do que o muito com injustiça*.

w. A palavra *memorial* designa, na Bíblia, qualquer ato humano (palavra invocatória, prece, sacrifício, festa, boa obra, etc.) suscetível de incitar Deus a “lembrar-se” favoravelmente do seu autor (cf. *Ex* 3.15 nota; *At* 10.4 nota). Observe-se o papel de intercessor do anjo (cf. *Jó* 33.23-24; *Ap* 8.3-4; *Tb* 12.15 texto curto).

x. O texto curto acrescenta: *então, eu estava junto de ti*.

2.4 deixar o teu jantar para ir sepultar o
3.17 morto, nesse momento eu fui enviado a
ti para pôr-te à prova^a. ¹⁴Mas ao mesmo
tempo Deus enviou-me para curar-te,
bem como a Sara, tua nora. ¹⁵Eu sou
Lc: 1,19
Ap 8,2 Rafael, um dos sete anjos^a que assistem
diante da glória do Senhor e têm acesso
à sua presença^a”.

¹⁶Ambos ficaram transtornados, caíram
Jz 13,20 de rosto em terra e foram tomados de
medo. ¹⁷Ele porém lhes disse: “Nada te-
mais! A paz esteja convosco! Bendizei a
Deus para sempre! ¹⁸Quando eu estava
convosco, não era fruto da minha benevo-
lência estar convosco, mas por vontade de
Deus. A ele é que deveis bendizer todos
os dias, a ele deveis louvar. ¹⁹Vedes agora
Jz 13,16 que eu não comia nada, mas que tínheis
uma visão^b. ²⁰Bendizei pois o Senhor nes-
sa terra e celebrai a Deus. Eis que eu volto
para aquele que me enviou. Assentai por
Jz 13,20; Jo 20,17
At 1,9 escrito^c tudo o que vos aconteceu”. E ele
se elevou. ²¹Eles se reergueram, mas não
podiam mais vê-lo. ²²Bendiziam e ento-
avam hinos a Deus, e celebravam-no por
todas as grandes obras que fizera com eles:
um anjo de Deus lhes aparecera!

13 Cântico de Tobit. 'E Tobit disse^d:

^{2a}Bendito seja para sempre o Deus
vivo!

Bendito seja o seu reino!

É ele que castiga e tem compaixão.

Ele faz descer à mansão dos mortos,

nas profundezas da terra,

depois, faz voltar da grande perdição.

Nada há que escape de sua mão.

4,19;
1Sm 2,6-7;
Sh 16,13

Dt 32,39;
Sh 16,15

y. Esta provação era a da cegueira. Em vez de *neste momen-
to... à prova*, o texto curto reza: *a tua boa ação não me fugiu,
mas eu estava contigo*.

z. Encontram-se ecos desta crença em *sete* arcanjos em Zc
4,10; Ap 1,4; 3,1; 4,5; 5,6; 8,2; os livros canônicos só nomeiam
Miguel, Gabriel e Rafael, mas os apócrifos completaram a lista.
O Conselho celeste de Deus está constituído à imagem da corte
de um monarca antigo: cf. Est 1,14 hebr.; Esd 7,14.

a. Texto curto: *eu sou Rafael, um dos sete santos anjos que
apresentam as orações dos santos e têm acesso à presença da
glória do Santo*.

b. Variante do texto curto para o v. 9: *Todos os dias eu me tor-
nava visível para vós; eu não comia nem bebia, mas vós tínheis
uma visão*. Tanto para uma como para outra recensão, o anjo
dava a ilusão de alimentar-se, quando nada disso acontecia.

³Celebrai-o, filhos de Israel, diante das
nações,

entre as quais ele vos dispersou;

⁴ai ele vos fez ver^e sua grandeza.

Exaltai-o diante de todos os viventes, 12,6
pois ele é nosso Senhor, nosso Deus, Is 63,16;
nosso Pai, 64,7

ele é Deus por todos os séculos.

⁵Ele vos castiga por causa de vossas
iniquidades,

mas compadecer-se-á de todos vós

tirando-vos das nações Dt 30,3

onde fostes dispersados.

⁶No dia em que voltardes a ele, Dt 30,2;

com todo o coração e todo o ser, Zc 1,3;

para praticardes a verdade^f diante dele, MI 3,7

então ele voltará a vós e não mais vos 4,6;

esconderá o rosto. Jo 3,21

⁷E agora considerai o que ele fez por vós
e celebrai-o em alta voz.

Bendizei o Senhor de justiça

e exaltai o Rei dos séculos. 13,11;

⁸*Quanto a mim, celebro-o na terra em 1Tm 1,17

que estou deportado.

Mostro sua força e sua grandeza a uma
nação pecadora^h. Is 1,4

Voltai, pecadores, praticai a justiça
diante dele:

quem sabe, talvez vos seja propício
e use de misericórdia convosco!

⁹Eu exalto o meu Deus Dn 4,34

e exulto de alegria no Rei do céu. 13,13,17

¹⁰Proclamem todos a sua grandeza

e celebrem-no em Jerusalém!

Jerusalém, cidade santaⁱ. Is 52,1;

Deus te castiga por causa das obras de Ap 21,2.10

teus filhos,

e. Apresentando-se como composto por ordem de Rafael, *Th*
entende atribuir-se uma autoridade divina.

d. Texto curto: *E Tobit escreveu uma oração de júbilo e disse*.
O cântico deste cap. tem a função de ressaltar os grandes feitos
que a Providência acaba de realizar (cf. Ex 15,1-18; Jz 5,2-31;
Jt 16,1-17); é composto de um salmo de louvor sobre a sobera-
nia de Deus, dirigido a Israel (vv. 2-10) e de um trecho profético
de perspectiva universalista sobre o porvir de Jerusalém (vv. 10-
18).

e. Texto curto: *ai, fazei ver*.

f. Cf. 4,6 nota.

g. A partir daqui e até o meio do v. 11, o texto longo comporta
uma lacuna; nós a preenchemos com o texto curto.

h. Aqui, o povo de Israel (cf. Is 1,4).

i. O judeu piedoso da Diáspora considera provisório o seu

mas terá novamente compaixão dos filhos dos justos.

¹¹ Celebra o Senhor grandiosamente e bendize o Rei dos séculos, para^l que sua Tenda seja reconstruída em ti na alegria.

¹² Que ele regozije em ti todos os deportados que ele ame em ti todos os infelizes, para^k todas as gerações vindouras.

¹³ Uma luz viva brilhará até os confins da terra.

Nações longínquas em grande número e habitantes de todas as extremidades da terra

virão ao teu santo Nome, com as mãos cheias de ofertas para o Rei do céu.

Gerações de gerações causar-te-ão júbilo,

e o nome da Eleita^l permanecerá para as gerações vindouras.

¹⁴ Malditos sejam todos os que te falarem com dureza!

Malditos sejam todos os que te destruírem e derrubarem teus muros, todos os que abaterem as tuas torres e queimarem tuas casas!

Mas abençoados sejam para sempre todos os que te temerem^m!

¹⁵ Vai, exulta por causa dos filhos dos justos,

pois serão reunidos e bendirão o Senhor dos séculos.

Felizes os que te amam!

Felizes os que se regozijam com tua paz!

¹⁶ Felizes todos os que se afligirem por tua causa, devido a todos os teus castigos! pois em ti se regozijarão e verão toda a tua alegria para sempre.

Sim, eu bendigo o Senhor, o grande Rei,

¹⁷ porque Jerusalém será reconstruída e, na cidade, sua Casa para todos os séculos.

Feliz serei eu, se o resto da minha raça vir a tua glória e celebrar o Rei do céu.

As portas de Jerusalém serão construídas com safira e esmeralda;

de pedras preciosas serão todos os teus muros.

As torres de Jerusalém serão edificadas com ouro

e suas fortificações com ouro puro.

As ruas de Jerusalém serão calçadas com rubis e pedras de Ofir.

¹⁸ As portas de Jerusalém cantarão hinos de júbilo e todas as suas casas cantarão:

'Aleluia! Bendito seja o Deus de Israel!' ^{SI 72,18-19}

E os eleitos bendirão o Santo Nome para sempre".

14 Assim terminaram as palavras de ação de graças de Tobit.

Morte de Tobit. ²Tobit morreu em paz aos cento e doze anosⁿ e foi sepultado com magnificência em Nínive. Tinha sessenta e dois anos quando perdeu a vista^q; depois de a ter recuperado, viveu na abundância e deu esmolas, continuando sempre a bendizer a Deus e a celebrar sua grandeza.

³Estando para morrer, chamou seu filho Tobias^p e lhe deu as seguintes instruções^q: "Meu filho, leva os teus filhos, ⁴parte depressa para a Média; pois acreditado na palavra de Deus proferida por Naum contra Nínive^r: tudo se realizará e desabarará sobre a Assíria e Nínive; tudo o que disseram os profetas de Israel que Deus enviou, tudo isso acontecerá. Nada

exílio. A lembrança permanente de Jerusalém provoca nele a nostalgia do culto de outrora (cf. 1.4.6-7; 5.14), mas também a esperança de que a cidade transfigurada seria um dia o lugar de reconciliação dos povos da terra (cf. 13.13; 14.5-7).

j. O texto longo, que faltava desde o v. 8, recomeça aqui, onde se lê: *E a tua Tenda será reconstruída, etc.*

k. Texto longo: *e*; corrige-se conforme o texto curto.

l. Jerusalém.

m. Isto é, que te reverenciarão; outra versão: *que te construirão*.

n. Não é neste passo que o texto curto indica a idade de Tobit

quando morreu, mas no v. 11, onde ele dá o número de *cento e cinquenta e oito* anos.

o. *Cinquenta e oito*, conforme o texto curto, que acrescenta ter a enfermidade durado *oito* anos.

p. O texto curto acrescenta: *e os filhos deste*.

q. Os vv. 3-11 constituem de certo modo um segundo *testamento* de Tobit (cf. 4.3 nota). O trecho compreende uma parte apocalíptica, onde o patriarca revela os principais acontecimentos futuros (vv. 3-7), e uma parte ética, onde recorda as regras essenciais de conduta (vv. 8-11).

será suprimido de todas as suas palavras, todas se manifestarão no devido tempo. Na Média, haverá mais segurança do que na Assíria e em Babilônia. Pois eu sei e creio que tudo o que Deus disse se cumprirá e se realizará: não falhará uma palavra das profecias. Nossos irmãos que moram na terra de Israel serão recenseados e deportados para longe dessa terra venturosa. ¹⁰T^o a terra de Israel ficará deserta, Sama¹ e Jerusalém ficarão desertas e a Casa de Deus, desolada e queimada por um tempo; ⁵mas Deus se compadecerá deles novamente e os fará voltar à terra de Israel. Eles construirão novamente a sua Casa, não porém como a primeira, até o momento em que se cumprirem os tempos prefixados. Depois disso, todos eles voltarão de sua deportação e reconstruirão Jerusalém com magnificência. Lá, a Casa de Deus será reconstruída de acordo com o que disseram dela os profetas de Israel. ⁶Todos, em todas as nações da terra inteira, voltarão⁸ e temerão a Deus em toda a verdade. Todos abandonarão⁹ seus ídolos enganadores que os faziam extraviar-se em seus erros e bendirão ao Deus dos séculos na justiça. ⁷Todos os filhos de Israel que forem salvos naqueles dias, por se terem lembrado de Deus na verdade, reunir-se-

1.4
a primeira, até o momento em que se cumprirem os tempos prefixados. Depois disso, todos eles voltarão de sua deportação e reconstruirão Jerusalém com magnificência. Lá, a Casa de Deus será reconstruída de acordo com o que disseram dela os profetas de Israel. ⁶Todos, em todas as nações da terra inteira, voltarão⁸ e temerão a Deus em toda a verdade. Todos abandonarão⁹ seus ídolos enganadores que os faziam extraviar-se em seus erros e bendirão ao Deus dos séculos na justiça. ⁷Todos os filhos de Israel que forem salvos naqueles dias, por se terem lembrado de Deus na verdade, reunir-se-

Esd 3,12;
Ag 2,3

Ez 40-42;
Ag 2,9

Lv 26,5;
Jr 32,37

Ez 33,24

Sl 104,35

^{8,9}E agora, meus filhos, eis as minhas instruções: servi a Deus na verdade e fazei o que lhe agrada. Ordene-se a vossos filhos que pratiquem a justiça e a esmola, que se lembrem de Deus e bendigam o seu Nome em todas as ocasiões,

4.19

na verdade e com todas as forças. Quanto a ti, meu filho, deixa Nínive, não fiques aqui. Quando houveres sepultado a tua mãe junto de mim, não te demores mais uma noite no território desta cidade. Pois eu o vejo, há nela muita iniquidade e comete-se grande número de perfídias, sem que ninguém se envergonhe. ¹⁰Vê, meu filho, tudo o que Nadan¹⁰ cometeu contra seu pai adotivo Aicar: não o fez descer vivo ao coração da terra? Mas Deus retribuiu a infâmia ante os olhos da vítima: Aicar tornou a sair à luz, ao passo que Nadan entrou nas trevas eternas, pois tentara matar Aicar. Por ter dado esmolas, Aicar escapou da armadilha mortal que lhe preparara Nadan, mas Nadan caiu na rede mortal que causou sua perda. ¹¹Assim pois, meus filhos, vede o fruto da esmola e o fruto da iniquidade — esta produz a morte. Mas eis que a vida me abandona¹¹. Eles o puseram na cama, e ele morreu. E foi sepultado com magnificência.

2.10;

4.10;
12.9

4.3; 14.2

Epílogo. ¹²Quando sua mãe morreu, Tobias a sepultou com seu pai. Depois partiu com sua mulher¹² para a Média e habitou em Ecbátana, junto do sogro Ragüel. ¹³Cercou os sogros de atenções na sua velhice. Sepultou-os em Ecbátana da Média, a seguir, herdou o patrimônio de Ragüel, bem como o do seu pai Tobit. ¹⁴Morreu cercado de consideração, aos cento e dezessete anos¹⁴. ¹⁵Antes de morrer, teve notícia da ruína de Nínive e viu chegar à Média os ninivitas deportados por Ciáxares¹⁵, rei da Média. Bendisse a Deus por tudo o que fizera aos habitantes de Nínive e Assur. Alegrou-se antes de morrer com a sorte de Nínive, e bendisse o Senhor Deus pelos séculos dos séculos. Amém.

4.4

14.4

10.14

8.21

14.4

Na 3.19

r. Na 1-3. Em vez de *Naum*, o texto curto traz: *Jonas* (cf. Jn 3,4). A respeito da função dos oráculos proféticos na piedade pós-exílica, cf. 2.6 nota.

s. Isto é, se converterão.

t. Em vez de *abandonarão*, o texto curto diz: *enterrarão* (cf. Gn 35,4; Ez 39,12).

u. Lit. *Nadab* (o mesmo, a seguir; corrigido conforme a *Subdoria* de Aicar, onde esta é a forma do nome atribuído ao sobri-

nho adotivo do herói). A respeito das peripécias do romance ao qual se alude neste v. 10, cf. a Introd.

v. O texto curto acrescenta: e seus filhos (cf. 10,11).

w. Texto curto: cento e vinte e sete anos.

x. Lit. *Akhiakharas*; o texto curto nomeia Nabucodonosor e Assuero. Quem de fato destruiu Nínive, em 612, foram Ciáxares e Nabopolassar.

MACABEUS

INTRODUÇÃO

Se é certo que os dois livros dos Macabeus não fazem parte dos livros canônicos, tendo sido considerados como apócrifos por S. Jerônimo e mais tarde pelos protestantes, não o é menos que foram citados e estimados pelos Padres e aparecem nas listas canônicas desde o fim do século IV, embora só no Concílio de Trento o debate tenha se encerrado para os católicos. Lutero deplorava que 1Mc não fosse canônico. Os dois livros dos Macabeus são os únicos que nos informam sobre a história do povo eleito na época helenística, ainda que abrangendo só meio século, desde o fim do reino de Seleuco IV, em 176, até o advento de João Hircano, em 134. A Judéia é então vassala dos selêucidas, cujo império, com Antioquia por capital, se estende do Mediterrâneo aos altiplanos do Irã, mas rapidamente se debilita, acossado pelos romanos e partos e minado pelas competições dinásticas.

O tema dos dois livros é parecido: graças ao socorro divino, Judas Macabeu e seus irmãos reconquistam a autonomia nacional e a liberdade de culto que Antíoco IV Epífanes (175-164) tentara aniquilar. Mas os dois relatos são independentes e não abrangem exatamente o mesmo período.

Ambos nos foram transmitidos em grego, língua original do segundo.

Embora 1 e 2Mc datem os acontecimentos segundo o calendário luni-solar dos selêucidas, 1Mc segue geralmente o cômputo outonal, conforme a era macedoniana de Antíoco, iniciando-se em 7 de outubro (juliano) de 312 a.C., ao passo que 2Mc segue o cômputo vernal, em que a era se aferia pelo 1º de nisan (3 de abril, juliano, de 311 a.C.). Tal cômputo praticava-se na Babilônia e igualmente no Templo de Jerusalém. A inepção vernal vale também para 1Mc 1,54; 2,70; 4,52; 9,3 e 54; 10,21; 13,41 e 51; 14,27; 16,14; trata-se do Templo ou da história judaica interna.

No Codex Sinaiticus figura só o texto de 1Mc. O de 1 e 2Mc encontra-se no Alexandrinus e em numerosos minúsculos, parte dos quais representa a elegante recensão feita por volta de 300 por Luciano, um sacerdote de Antioquia. Ela frequentemente concorda com a Vetus Latina, registrando um texto melhor que o dos outros manuscritos. O historiador Josefo parafraseou 1Mc nas suas Antiguidades Judaicas (XII-XIII), e seu texto nos ajuda às vezes a restabelecer o nosso. Josefo não conheceu 2Mc.

O PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

Conteúdo. 1Mc é uma trilogia que narra as façanhas de Judas Macabeu e seus irmãos Jônatan e Simão. Este último é o fundador da dinastia judaica dos Hasmoneus. Após uma introdução sobre Alexandre Magno e seus sucessores e sobre a tentativa de Epífanes de impor à Judéia os costumes e cultos helênicos (1Mc 1), assistimos à revolta do sacerdote Matatias e seus filhos (cap. 2).

O terceiro, Judas Macabeu, impõe-se como chefe e dirige a campanha durante seis anos, de 166 a 160 (3,1-9,22). Primeiro contra Lísias, governador de Transeufratênia, enquanto Epífanes guerreia na Pérsia (3,1-4,35). Em seguida, vem o relato da Purificação do Templo profanado por Epífanes, bem como o das expedições contra algumas povoações das redondezas (4,36-5), relato

que se deveria seguir ao da morte de Epífanes (6,1-17). Sobre este ponto, a ordem correta é a de 2Mc (9: morte de Epífanes; 10: purificação do Templo), tampouco isenta de confusões (p. ex., as cartas do cap. 11). A segunda campanha de Lísias, sob Antíoco V, filho de Epífanes, termina a favor de Judas (6,18-63), mas Demétrio I, filho de Seleuco IV, suplanta seu sobrinho Antíoco V e substitui Lísias por Báquides; por instigação do sumo sacerdote Alcimo e vão no encalço dos seguidores de Judas, mas este obtém uma brilhante vitória sobre Nicanor, a quem o rei nomeara estrategista da Judéia (cap. 7). Nesse dia (28 de março de 160), dá-se a morte de Nicanor, com a qual se encerra 2Mc, mas 1Mc, após um curioso elogio dos romanos (cap. 8), conta-nos o retorno em

poder de Báquides e a gloriosa morte de Judas em combate desigual (9,1-22).

A segunda seção põe em cena Jônatan (160-143; 9,23-12,53), que soube tirar proveito das lutas que opunham Demétrio I e seu filho Demétrio II a Alexandre Balas, neto (?) de Epifanes, depois a Trifão. Este último governa a princípio em nome do jovem filho de Alexandre, Antíoco VI, depois em seu próprio nome. Jônatan, que Alexandre nomeara sumo sacerdote em 152, aliou-se a Trifão, mas este último o capturou à traição.

Simão o sucede, mas não logra impedir que Trifão execute seu irmão antes de retornar à Síria (fins de 143; 13,23-24). Abstração feita desse luto, a terceira seção consagrada a Simão, sumo sacerdote e etnarca, é uma história feliz (143-134, caps. 13-16). Ele fortifica as cidades da Judéia, toma Jope, Gazara, a Cidadela de Jerusalém (junho de 141; 13,51). Em maio de 142, reatara relações com Demétrio II, que confirmou a carta concedida em 145 (13,35 e 11,30). Em 139, Antíoco VII, irmão de Demétrio II aprisionado pelos árabes, agiu da mesma forma (15,1), mas, uma vez desembaraçado de Trifão, volta-se contra Simão (15,25-41). Já demasiadamente idoso, confia este o comando ao seu filho João (Hircano), que derrota Cendebeu, preposto por Antíoco VII ao Litoral (16,1-10). Pouco depois, Simão é assassinado pelo seu genro Ptolomeu, mas João Hircano desfaz as tramas deste último e toma o poder (16,11-24). Simão renovara a aliança com Esparta e Roma (14,16-24 e 15,15-24) e mantinha boas relações com os reinos e cidades de todo o Mediterrâneo oriental (15,22-23).

Data e características literárias e religiosas. O autor termina a sua obra remetendo o leitor aos

Anais do Pontificado para o resto dos feitos e empreendimentos de João Hircano, o que sugere a utilização desta fonte após a morte de Hircano, em 104. Mas o autor de 1Mc não dá a impressão de estar longe dos fatos, e é por volta de 100 que ele deve ter escrito, antes da investida de Roma, cujo elogio (cap. 8) seria insólito após 63 a.C.

O autor, um judeu da Palestina, imita o estilo dos antigos livros históricos e o texto grego reflete um original semítico, quase certamente hebraico. O renascimento da língua sagrada na época hasmonéia está bem atestado pela literatura de Qumran, onde o aramaico é relegado ao gênero popular dos midrashim e dos Testamentos. O modo de encarar a história atesta o mesmo conservantismo, centrado na nação judaica. O profetismo está fechado e as perspectivas escatológicas e messiânicas ausentes (nessa época elas apenas subsistem na literatura popular e apocalíptica). Enquanto o autor de 2Mc se interessa antes de tudo pelo Templo, 1Mc manifesta uma preocupação constante com a Lei, que não dissocia da Aliança. É observando a Lei e rejeitando, mesmo ao preço da vida, os costumes pagãos, que os judeus desfrutarão os benefícios da Aliança; e ainda que, por uma questão de respeito, Deus não seja nomeado, é evidentemente do "Céu" que vem a vitória. Partidário dos hasmoneus, o autor de 1Mc parece alheio às querelas que opunham os fariseus aos saduceus e ao poder. Refere-se em termos elogiosos à seita dos hassideus, mas não alude à dos essênios que dela se originou. Ora, no dizer de Josefo, fariseus, saduceus e essênios já existiam no tempo de Jônatan. Essa piedade sem fanatismo faz do autor de 1Mc autêntica testemunha dos valores permanentes da antiga Aliança.

O SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

O autor. O segundo livro dos Macabeus não é continuação de 1Mc, porque a narrativa começa antes do advento de Antíoco IV e termina antes da morte de Judas Macabeu. Mas os acontecimentos que precedem a entrada em cena de Judas são muito mais desenvolvidos em 2Mc. Representa ele o resumo de uma obra em cinco tomos compostos pouco tempo depois dos acontecimentos relatados, pouco depois de 160 a.C., por Jasão de Cirene, escritor da diáspora da Cirenaica, bem

documentado sobre Jerusalém, a administração selêucida, os funcionários do governo e seus títulos. De sólida formação helenística, mas judeu ardoroso, Jasão menciona Deus em toda oportunidade, sobretudo por ocasião das orações antes e após os combates, e lança as mais violentas invectivas contra os inimigos de sua religião.

O abreviador anônimo, desconhecido como, aliás, o próprio Jasão, levou a cabo o seu resumo mediante o emprego simultâneo de duas técnicas.

Prática primeiramente, na história apresentada por Jasão, cortes que ele costura por meio de breves relatos acrescentados e, em segundo lugar, “com-prime” o fluxo da dicção histórica aplicando, ao que ele conserva dos acontecimentos narrados por Jasão e de sua interpretação, os processos de abreviação oferecidos pela sintaxe grega, com a qual se mostra perfeitamente familiarizado. O caráter fundamental da obra de Jasão, profundamente religioso quanto ao teor, patética quanto ao estilo, não foi sequer tocado pela técnica da abreviação, a tal ponto que a custo se distingue o que pertence a Jasão do que é da mão do abreviador. É comum falar, no singular, do “autor” do segundo livro dos Macabeus. É também ao abreviador, provavelmente, que se deve a tradução, do aramaico ou do hebraico, das duas primeiras das sete cartas incorporadas ao texto. Serve-se ele dessas duas cartas, postas no começo de 2Mc, para preconizar a celebração da Dedicção do Templo, que constitui o centro da sua narrativa (10,1-8). A data da carta mais recente corresponde a 124 a.C. e nosso livro é, portanto, ligeiramente posterior.

Concepção da história. Como outrora Heródoto, para quem a história era o restabelecimento diacrônico do equilíbrio do mundo pela divindade, o autor encara a história sob o ângulo de uma teologia finalista. Todos os acontecimentos são por ele interpretados como efeitos da vontade de Deus, e não apenas o castigo dos perseguidores e dos traidores e as derrotas dos inimigos ímpios, como também os que repõem os judeus no caminho reto. As vitórias de Judas Macabeu são para ele o sinal do retorno da benevolência divina, merecida pelos sofrimentos dos mártires. Da pregação que acompanha a narrativa dos acontecimentos emerge um ensinamento em parte tributário da tradição judaica, em parte novo.

A criação. Uma das questões que separam a cosmologia e a teologia semíticas das cosmologias gregas é a da criação. O pensamento grego é dominado, sob esse aspecto, pela lei da conservação. O princípio “*ex nihilo nihil fit*” (do nada nada vem), pelo qual Lucrecio formulou, tardiamente, essa lei, determina os sistemas do mundo desde Tales até os estoicos, inclusive entre os pensadores que admitem, como os atomistas, a existência do nada e do vazio. O pensamento

cosmogônico dos judeus, anterior a 2Mc, parece postular a criação “*ex ni-hilo*” do mundo por Deus. Essa criação comporta uma primeira ação, “*bereshit*” (Gn 1,1), que chama à existência, a partir do nada absoluto, o caos do “*tohu wa bohu*”, e uma segunda ação, que consiste em organizar esse caos primordial pelos imperativos tais como o “*yehi ôr*” (que a luz seja feita) (Gn 1,2). Atém-se, o mais das vezes, os autores do AT a esta segunda fase da criação, a da organização de um caos anteriormente criado. O livro da Sabedoria, embora posterior a 2Mc, faz ainda o mundo ser criado por Deus de certa “matéria informe” (11,17-18), sem mencionar a criação primeira desse caos inicial. Fazendo dizer à mãe dos sete mártires que Deus fez o céu, a terra e tudo o que neles há, do nada (2Mc 7,28), e remontando assim à tradição de Gn 1,1, o autor de 2Mc confere à questão fundamental da criação uma precisão que anuncia o NT, cf. Cl 1,15ss.; Jo 1,3.

A ressurreição dos justos. A escatologia do autor de 2Mc desenvolve a do livro de Daniel. Ache-ga-se mais à dos fariseus que ensinam a ressurreição, corpo e alma, dos justos que da escatologia da Sabedoria, a qual, tendo sofrido influências platônicas, afirma somente a eterna felicidade da alma dos justos. Quanto ao ancião Eleazar, parece ater-se a uma perspectiva saducéia (6,23), mas não exclui o futuro castigo do pecador (6,26).

A intercessão. O segundo livro dos Macabeus marca outro desenvolvimento teológico: a eficácia da oração e do sacrifício para expiar os pecados dos mortos (2Mc 12,40-45) e reciprocamente a intercessão dos justos falecidos, como Onias e Jeremias, em favor dos viventes (2Mc 15,11-16), doutrina que será retomada por Filon de Alexandria no seu *De exsecrationibus*, em que os patriarcas são nomeados entre os intercessores. Para os autores do Novo Testamento, Jesus é o único mediador, Hb 7,25 (cf. entretanto Ap 5,8). As Igrejas da Reforma recusar-se-ão a ir além, remetendo a Deus a sorte dos defuntos. Na história do cristianismo oriental e ocidental, o recurso aos santos desempenhou papel importante. É aprovado pelo Concílio de Trento, que sublinha ao mesmo tempo que toda graça passa por Cristo. Da mesma forma as orações em favor dos defuntos. De sua parte estima Lutero que a opinião de

Judas, referida em 2Mc 12,44, não estabelece lei. Recordemos que para os protestantes 1 e 2Mc não são canônicos.

A segunda carta festival. *Certas partes de 2Mc mostram a intenção de agrupar os acontecimentos ao redor do santuário de Jerusalém. Sob este aspecto, a segunda carta liminar (1,10-2,18) é particularmente importante. Redigida, sem dúvida, por um sacerdote contemporâneo de Judas, versado nos velhos escritos, e dirigida ao sábio Aristóbulo da comunidade judaica do Egito, visa ao objetivo prático de convidar, em nome de Judas e dos judeus palestinos, os correligionários do Egito a celebrarem em união com eles a purificação do Templo, e de determinar com precisão as modalidades da celebração dessa festa, fixada em 25 de kislev 148 (15 de dezembro de 164 a.C.). Como rito geral, propõe o autor da carta o da festa das Tendas, 1,18, que Salomão adotara por ocasião da dedicação do primeiro Templo, 2,12 cf. 1Rs 8,65 e 2Cr 7. Mas para dar à dedicação do mês de kislev um acento particularmente solene e reatar os laços com uma tradição antiga, em parte esquecida, quer ele que a purificação se faça por meio do fogo sagrado. Justifica o emprego do fogo com grande reforço de erudição, citando, segundo os apócrifos de Neemias e Jeremias, o exemplo desses profetas, o de Neemias (2,13 e 1,18-36) por ocasião de sua pretensa dedicação do altar do segundo Templo, o de Jeremias (2,1) quando dá aos deportados ordem de levarem consigo o fogo sagrado.*

O martírio e culto dos sete irmãos. *O patético do estilo dessa narrativa traduz o comovido interesse de Jasão e do abreviador. Mas o acontecimento, inegavelmente histórico (cf. 1Mc 1,62-63), do suplicio dessa família tornara-se objeto de uma tradição popular antes de encontrar lugar em 2Mc, com certos sinais característicos das lendas oralmente transmitidas, como o número sete, a presença do rei, a insistência na crueldade dos suplícios. Todos esses elementos se reencontram em 2Mc. Não dá o autor nenhuma indicação precisa sobre o lugar do martírio e o nome dos sete irmãos. O mesmo silêncio, sobre estas questões, de 1Mc e de Josefo. Pode-se dizer que, conforme o segundo livro dos Macabeus, o lugar do suplicio parece ser na Judéia, cf. 2Mc 6,8-11. Esse é tam-*

bém, um século e meio após o abreviador, o parecer do autor de 4Mc, onde o rei decide a perseguição em Jerusalém, cf. 4Mc 4,23; 5,1; 8,1. A essa localização do martírio na Judéia a chamada tradição antioquena opôs a localização em Antioquia, que se manteve por muito tempo na lenda dos sete irmãos e de Eleazar. A localização em Antioquia provém de uma dedução dos livros bíblicos: do fato de Epifanes achar-se em Antioquia no momento da perseguição religiosa na Judéia concluiu-se que os mártires haviam sido transferidos a Antioquia para o suplicio.

Essa tradição antioquena aparece pela primeira vez por volta de 390, quando João Crisóstomo pronuncia na própria Antioquia as suas homilias sobre os mártires, assinalando-lhes as relíquias em um santuário dos arredores da cidade (cf. PG 50, cap. 617, 623; 63, cap. 530). Pouco depois, Agostinho evoca em um dos seus sermões "a basílica dos santos Macabeus em Antioquia... edificada pelos cristãos". No século VI, João Malalas de Antioquia, autor de uma Cronografia, depois de contar a sedição judaica de Jasão e sua repressão por Antíoco IV (cf. 2Mc 5,5ss.), acrescenta que Antíoco levou Eleazar e os macabeus para Antioquia e aí os supliciou a pequena distância da cidade. Mais além na sua crônica, refere que um certo Judas obteve do rei Demétrio os restos mortais dos Macabeus e os sepultou em Antioquia, no lugar denominado Querateon (cf. PL 97, cap. 321 e 324). Segundo um guia árabe de Antioquia, do século X, a basílica mencionada por Agostinho, antiga sinagoga transformada em igreja pelos habitantes de Antioquia após a sua conversão ao cristianismo, suspendia-se nos flancos do monte Silpius, sobre uma cripta que continha os sepulcros de Esras (Eleazar), dos sete irmãos e de sua mãe, santa Asmunit, nome derivado da forma Asamônia, a hasmonéia, correspondente a Macchabaea, nome latino da mãe dos sete irmãos.

De Antioquia, o culto dos mártires passa para o Ocidente. Já no século IV, nasceu na Gália uma paráfrase latina de 4Mc sob o título Passio SS. Macchabaeorum, que teve uma larga difusão. Suas relíquias foram transportadas para Milão e Colônia, igrejas lhes foram dedicadas em Roma, Lião e Viena, e fixou-se a sua festa no dia 1º de agosto. Os Padres da Igreja, que viam neles uma antecipação dos cristãos, consagraram-lhe numerosas homilias.

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

1 Alexandre Magno, 'Depois de ter derrotado Dario, rei dos persas e dos medos, Alexandre', filho de Filipe, macedônio oriundo da terra dos ketim^b, tornou-se rei no seu lugar, primeiramente na Hélade^c. 'Empreendeu numerosas guerras, conquistou muitas cidades fortificadas e fez perecer os reis da região^d.

³Avançou até as extremidades do mundo^e e tomou os despojos de inúmeras nações. Calou-se a terra diante dele^f. Exaltou-se o seu coração^g e inchou-se de orgulho^h; ⁴reuniu um exército sobremaneira poderoso e subjugou províncias, nações e dinastas, que tiveram de lhe pagar tributoⁱ. ⁵Caiu doente, porém, e viu que estava à morte. ⁶Convocou os seus oficiais nobres, os que com ele haviam sido educados desde a sua juventude, e dividiu entre eles o seu reino antes de morrer^j. ⁷Estava Alexandre no duodécimo ano do seu reinado quando morreu. ⁸Os seus oficiais nobres assumiram o poder, cada qual no seu feudo. ⁹Todos cingiram o diadema após a sua morte, e depois deles os seus filhos, durante longos anos^k. E multiplicaram os males por sobre a terra.

Antíoco IV Epífanes: o helenismo na Palestina (2Mc 4,7-17). ¹⁰Deles saiu um rebento ímpio^l: Antíoco Epífanes^m, filho do rei Antíoco, o qual, após ter sido refém em Roma, tornou-se reiⁿ no ano cento e trinta e sete da realeza dos gregos^o. ¹¹Por esses dias surgiram de Israel indivíduos ignóbeis^p que seduziram a muitos, dizendo-lhes: "Vamos! Aliemo-nos às nações que nos cercam, pois, depois que delas nos separamos, sobrevieram-nos muitos males". ¹²Agradou-lhes tal arrazoado^q, ¹³e alguns de entre o povo apressaram-se a ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observar as práticas das nações^r, ¹⁴conforme os usos delas. Construíram, pois, um ginásio em Jerusalém, ¹⁵refizeram o seu prepúcio^s, 1Cor 7,18 renegaram a aliança santa para se associarem aos pagãos e venderam-se para fazer o mal.

Campanha do Egito e saque do Templo (2Mc 5,11-21). ¹⁶Vendo consolidado o seu reino, Antíoco planejou tornar-se rei do Egito, a fim de reinar sobre os dois reinos. ¹⁷Invadiu, pois, o Egito^t com um imponente exército^u, com carros,

Dn 11,25-28

a. Lit. *e aconteceu que...* A fórmula grega traduz a fórmula hebraica que se encontra em Js 1,1; Jz 1,1; etc.

b. O tradutor transcreveu assim o plural hebr. *kitim*, os ceteus. Designa primitivamente este nome os habitantes de Kition na ilha de Chipre. O termo se estendeu depois ao conjunto da ilha (Gn 10,4), depois, na direção oeste, às ilhas e praias do mar Egeu (Jr 2,10), aqui, a Macedônia (cf. 1Mc 8,5). Mais tarde, nos textos de Qumran, *Kitim* designa provavelmente os romanos.

c. *Hélade* corresponde ao hebr. *lavan* (Is 66,19), que designa a Grécia, a Jônia e as outras costas helenizadas da Anatólia. A frase não é clara.

d. O autor exagera: entre os personagens mandados matar por Alexandre não se conhece nenhum rei.

e. Expressão hebraica: cf. Is 5,26, etc.

f. Lit. *esteve em repouso*, cf. 7,50, etc., expressão bíblica: cf. Jz 3,11, etc.

g. Hebraísmo: cf. 16,13; Dt 17,20; Ez 28,25.17; 2Cr 26,16. h. Hebraísmo: cf. 2Rs 14,10; 2Cr 25,19.

i. Lit. *tornaram-se para ele em tributo*, hebraísmo: cf. Jz 1,30 etc.

j. Na realidade, a partilha do império de Alexandre só se tornou definitiva após a derrota de Antígono em Ipsos, em 301.

k. Ou seja cento e vinte e cinco anos. Trata-se em particular dos reis selêucidas na Síria e dos reis lágidas no Egito.

l. Para a expressão, cf. Dt 29,17 gr.

m. É ele, provavelmente, que é designado em 2,48.62.

n. Em virtude do tratado de Apaméia (188), assinado por seu pai Antíoco III. Em 176, veio a suceder-lhe o seu sobrinho Demétrio, filho de seu irmão mais velho Seleuco IV. Antíoco IV reinou de 175 a 164.

o. É a era selêucida, que começa na Síria em outubro (*tishri*) de 312. Cf. Introd.

p. Lit. *filhos transgressores da Lei* (cf. 1,34; 10,61; 11,21; 2Mc 13,7), que corresponde ao Septuaginta ao hebr. *filhos de beliyyaal* (etimologicamente "patifes"), cf. 1Sm 2,12 nota; Na 2,1 nota; 2Cor 6,15 nota.

q. Lit. *a palavra foi achada boa aos seus olhos*, hebraísmo: cf. Gn 34,18, etc.

r. Para essa autorização, cf. 2Mc 4,9. É necessária a autorização real para derogar à observância das leis nacionais confirmadas por uma carta outorgada no ano 200 por Antíoco III.

s. Operação que visava fazer desaparecer a marca física de que pertenciam a Israel. Cf. 1Cor 7,18.

t. Primeira campanha contra Ptolomeu Filometor em 169. 2Mc menciona só a segunda campanha, omitida por 1Mc.

u. Expressão hebraica. Lit. *multidão pesada*, que traduz o hebr. *povo pesado* ("muita gente") em Nm 20,20.

elefantes^v e uma grande esquadra. ¹⁸e travou combate contra Ptolomeu, rei do Egito, que bateu em retirada diante dele e fugiu, deixando numerosos feridos. ¹⁹As cidades fortificadas do Egito foram tomadas e Antioco apoderou-se dos despojos do Egito. ²⁰Tendo vencido o Egito, voltou no ano cento e quarenta e três^w e subiu contra Israel e Jerusalém com um imponente exército.

²¹Entrando com arrogância no santuário, apoderou-se do altar de ouro, do candelabro de luz e todos os seus acesórios, ²²da mesa de oblação, dos vasos de libações, das taças, dos incensórios de ouro, do véu e das coroas^x; quanto à decoração de ouro da fachada do templo, levou-a toda embora. ²³Apoderou-se também da prata, do ouro, dos objetos preciosos, e não poupou os tesouros ocultos^y que encontrou. ²⁴Tendo-se apoderado de tudo, partiu para a sua terra. Fizera grande carnificina^z e proferira palavras de extrema arrogância.

²⁵Houve grande luto em Israel, em todo o seu território.

Am 8,13 ²⁶Gemeram chefes e anciãos, moços e moças perderam o viço, alterou-se a beleza das mulheres.

²⁷O recém-casado entouu um lamento enlutou-se a esposa em sua câmara nupcial.

²⁸A terra tremeu por causa de seus habitantes, e toda a casa de Jacó se cobriu de vergonha.

SI 132,18;
Jô 8,22

Apolônio em Jerusalém e construção da Cidadela (2Mc 5,24-26).

²⁹Dois anos depois^a, o rei enviou às cidades de Judá um coletor^b, que chegou a Jerusalém com um imponente exército. ³⁰Dirigiu aos habitantes falsas palavras de paz, e acreditaram nele. Lançou-se em seguida repentinamente sobre a cidade, desferiu-lhe um grande golpe^c e fez perecer muita gente em Israel. ³¹Saqueou a cidade, incendiou-a, destruiu-lhe as casas e a muralha. ³²Reduziram ao cativeiro as mulheres e as crianças e se apropriaram do gado; ³³depois reconstruíram a cidade de David com uma alta e sólida muralha e torres possantes, tornando-a a sua cidadela^d. ³⁴Nela, instalaram uma gente perversa, homens sem fé nem lei, e aí se fortificaram. ³⁵Acumularam armas e víveres, depositaram aí os despojos de Jerusalém que tinham reunido, tomando-se uma enorme armadilha.

5,48;
7,10;
11,2

³⁶Tornou-se aquilo uma emboscada para o santuário e um maléfico adversário^e para Israel todo o tempo.

³⁷Derramaram sangue inocente^f ao redor do santuário e macularam o lugar santo.

³⁸Fugiram por causa deles os habitantes de Jerusalém e a cidade tornou-se uma colônia de estrangeiros, tornou-se estranha à sua progenitura e seus próprios filhos a abandonaram.

³⁹Seu santuário ficou desolado como um deserto, 2,12; 4,38

v. Epifanes não leva em consideração a cláusula do tratado de Apaméia que proibia as embarcações de grande porte e os elefantes. Seleuco I reuniu 500 elefantes em Apaméia, nos pântanos do Oronte. Essa cidade tornou-se o depósito deles e o elefante passou a figurar em suas moedas.

w. É o outono de 169 a.C.

x. Cf. a lista análoga de 1Rs 7,48-49. Quanto ao véu, não se sabe se se trata do véu exterior entre o vestibulo e o Santo, ou do véu interior entre o Santo e o Santo dos Santos (Ex 26,31-37).

y. Quanto ao montante, cf. 2Mc 5,21. O tesouro do Templo compreendia igualmente depósitos de particulares: 2Mc 3,10-12,21).

z. Não se sabe ao certo se uma chacina acompanhou, desta vez, o saque. O autor de 1Mc teria conservado da segunda campanha somente este fato que ele situa aqui no decurso da primeira campanha.

a. O cálculo é aproximativo: é na primavera de 167 a.C. que esse exército de 22.000 homens é enviado de Antioquia. Depura-se aqui com o hebraísmo *dois anos de dias*. Confira Gn 41,1 etc.

b. O texto gr. traz o *preposto aos impostos*, em hebr. *sar hummissim*. O original hebr. devia trazer *sar hammusim*: o chefe dos mísios, o misarca de 2Mc 5,24, cf. 1Mc 3,10-12.

c. Lit. *feriu-os com uma grande chaga*, hebraísmo: cf. 1Sm 19,8, etc.; grande chaga: cf. 1Mc 7,22; 13,32; 14,36; 15,29,35.

d. Não confundir com a cidade de David situada anteriormente no Ôfel, ao sul da colina do Templo. Na época helenística, a expressão designa a cidade alta construída pelos reis de Judá a oeste da depressão do Tiropeon na colina ocidental.

e. *Diabo* no gr., que corresponde ao *satan* hebraico, "o adversário" (aqui malfazejo, como em 1Cr 2,1).

f. Expressão hebraica, cf. SI 106,38.

suas festas se transformaram em luto, seus sábados em derisão, sua honra em desprezo^a.

⁴⁰A sua glória igualou-se a sua ignomínia e sua grandeza cedeu lugar ao luto.

Antíoco IV Epífanes suprime o judaísmo (2Mc 6,1-11). ⁴¹Ordenou o rei que em todo o seu reino todos os seus povos formassem um único povo e renunciassem aos seus costumes^b; ⁴²todas as nações se conformaram às prescrições do rei. ⁴³Muitos israelitas, aquiescendo de bom grado ao seu culto^c, sacrificaram aos ídolos e profanaram o sábado. ⁴⁴Por intermédio de mensageiros^d, enviou também o rei a Jerusalém e às cidades de Judá editos em que lhes prescrevia que seguissem costumes estranhos à sua terra, ⁴⁵banissem do santuário os holocaustos, os sacrifícios e as libações, profanassem os sábados e as festas, ⁴⁶maculassem o santuário e as coisas santas, ⁴⁷erguessem altares, santuários e templos aos ídolos, sacrificassem porcos e animais impuros, ⁴⁸deixassem incircuncisos os seus filhos e se tornassem abomináveis^e por todo tipo de impurezas e profanações, ⁴⁹relegando assim ao esquecimento a Lei e alterando todas as observâncias. ⁵⁰Todo aquele que não agisse segundo a ordem do rei seria morto. ⁵¹Foi nestes termos que o rei escreveu a todos os seus súditos. Criou inspetores para todo o povo e ordenou às cidades de Judá que em cada cidade se oferecessem sacrifícios. ⁵²Grande parte do

povo — os que abandonavam a Lei — reuniram-se a eles. Praticaram o mal em sua terra^f ⁵³e obrigaram Israel a esconder-se em todos os lugares de refúgio.

⁵⁴No décimo quinto dia de kislew, no ano cento e quarenta e cinco^g, construiu o rei a abominação da devastação^h sobre o altar dos holocaustos, e ergueram-se altares nas cidades de Judá em redor. ⁵⁵Queimava-se incenso às portas das casas e nas praças. ⁵⁶Os livros da Leiⁱ que eles encontravam eram rasgados e depois lançados ao fogo. ⁵⁷Se chegavam a descobrir em casa de alguém um livro da aliança, e se alguém se conformava à Lei, o decreto do rei causava a sua perda. ⁵⁸Encarniçavam-se cada mês contra os de Israel que tivessem sido colhidos em infração. ⁵⁹No dia vinte e cinco do mês^j, sacrificava-se no altar erguido sobre o altar dos holocaustos. ⁶⁰As mulheres que haviam circuncidado o filho eram — de acordo com o decreto — punidas de morte^k, ⁶¹com os filhinhos suspensos ao pescoço, bem como seus parentes e os que haviam operado a circuncisão. ⁶²Todavia, muitos em Israel permaneceram firmes e resistiram a comer coisas impuras. ⁶³Preferiram morrer a consumir alimentos impuros e profanar a aliança sagrada, e de fato morreram. ⁶⁴Foram dias de grande cólera sobre Israel.

Mt 24,15p

2Mc 6,18-19

2 Lamentação do sacerdote Matatias.

¹'Naqueles dias, ergueu-se^l Matatias^m, filho de João, filho de Simeão, sacerdote

g. Expressão hebraica: Am 8,10, etc.

h. Cf. 1,13, mas aqui se acrescentam obrigações religiosas de sacrificar aos ídolos. Tal decisão punha em jogo a própria existência do judaísmo. A liberdade religiosa só será restabelecida por Antíoco V: 6,57-61; 2Mc 11,22-26.

i. Trata-se antes de tudo do culto a Zeus Olímpico, deus cósmico e deus pessoal do rei (cf. Dn 11,38) que lhe pareceu um excelente fator de unidade (2Mc 6,2). A extensão desse culto é atestada pelas moedas de cidades selêucidas, mas o próprio edito não é mencionado pelos historiadores.

j. O conteúdo das cartas não é reproduzido pelo autor, que dá apenas um resumo a completar com 2Mc 6,2-7; cf. Dn 7,25; 8,11; 11,31.

k. Lit. *manchar as suas almas*, hebraísmo: cf. Lv 1,43, etc.

l. O número dos apóstatas foi relevante: Dn 11,30; 12,4.10. O autor de 2Mc 6,7 se mostra menos severo.

m. O ano de 145 da era selêucida, contada a partir da primavera, isto é (para nós) em dezembro de 167 a.C.

n. A *abominação da devastação*, de que fala também Dn 9,27; 11,31; 12,11, é o altar de Zeus Olímpico assemelhado ao Bál-Shamém (Senhor-do-Céu) fenício, instalado no altar-mor dos holocaustos.

o. Os livros da Lei são aqui os livros do Pentateuco; é, com efeito, a legislação mosaica que era visada pelo decreto real.

p. O dia 25 do mês comemorava o nascimento do rei, e nessa ocasião podiam-se identificar os ausentes (2Mc 6,7). Três anos depois, dia por dia, Judas celebrará a dedicação de um novo altar (4,52-53; 2Mc 10,5).

q. 2Mc 6,10 parece minimizar o número dessas execuções.

r. 1Mc 3,1; 9,31; 13,14; 14,32, expressão bíblica: cf. Jz 10,1-3; 5,7, etc.

s. Este cap. não tem paralelo em 2Mc, que ignora Matatias em

da linhagem de Joarib¹; deixou Jerusalém para se estabelecer em Modin². ²Tinha cinco filhos: João, cognominado Gadi, ³Simeão, chamado Tassi, ⁴Judas, chamado Macabeu⁵, ⁵Eleazar, chamado Avaran, Jônatan, chamado Afus⁶. ⁶Viu os sacrilégios que eram cometidos em Judá e em Jerusalém ⁷e disse:

"Ai de mim! Será que nasci para ver a ruína de meu povo e a destruição da cidade santa,

deixando-me ficar aqui sentado enquanto ela é entregue às mãos dos inimigos?

⁸Seu Templo tornou-se como um homem sem glória,

⁹os objetos que refletem sua glória foram levados cativos;

suas criancinhas eram massacradas nas praças

e seus jovens caíam sob a espada do inimigo.

¹⁰Qual a nação que não herdou parte de sua realza

e não se apoderou de seus despojos?

¹¹Todos os seus ornamentos lhe foram tirados;

e de livre que era, tornou-se escrava.

¹²Eis que o lugar santo, nossa beleza e nossa glória, jaz reduzido a deserto e as nações o profanam.

¹³De que serve viver?"

¹⁴Matatias e seus filhos rasgaram as vestes, envolveram-se em saco e guardaram rigoroso luto¹.

O sacrifício de Modin. ¹⁵Os emissários do rei², encarregados de impor a apostasia, vieram a Modin para os sacrifícios. ¹⁶Muitos dos israelitas foram-lhes ao encontro, mas Matatias e seus filhos conservaram-se reunidos à parte. ¹⁷Tomaram a palavra os emissários do rei e disseram a Matatias: "Tu és um ilustre e grande chefe nesta cidade, apoiado por filhos e irmãos. ¹⁸Sê, pois, o primeiro a cumprir o que foi decretado pelo rei, como o fizeram todas as nações, os homens de Judá e os que foram deixados em Jerusalém. Tu e teus filhos sereis contados entre os amigos do rei³; sereis honrados com dádivas de prata e de ouro e numerosos presentes". ¹⁹Matatias replicou com voz forte: "Ainda que todas as nações do império do rei⁴ lhe dêem ouvidos, e se afaste cada uma delas do culto de seus pais e se conforme às suas determinações, ²⁰eu, meus filhos e meus irmãos caminharemos na aliança de nossos pais. ²¹Que ele⁵ nos conceda a graça de não abandonar a Lei e as observâncias. ²²Não daremos ouvidos às ordens do rei para nos desviar do nosso culto, para a direita ou para a esquerda".

²³Nem bem acabara ele de proferir estas palavras, apresentou-se, à vista de todos, um judeu, para sacrificar no altar de Modin, conforme a ordem do rei. ²⁴Ao vê-lo, Matatias inflamou-se de zelo e seus rins fremiram; tomado de jus-

proveito do personagem de Judas, restaurador do santuário profanado. O nome próprio de Matatias é a transcrição helenizada de *Mattityá* ou *Mattityáhu*, "dom do Senhor". Josefo nomeia Hasmoneu, o epônimo da dinastia hasmonéia.

¹. Joarib era o chefe da primeira das 24 classes sacerdotais (1Cr 24,7). Outras listas, particularmente a de Qumran, sugerem que essa preeminência só era adquirida após o ingresso dessa classe no soberano pontificado (1Mc 10,20). As notícias de 1Cr 24 e de Ne 11 e 12 terão, portanto, sido remanejadas.

². Hoje *El-Midyá*, dez quilômetros a leste de Lida-Lod, onde Simão ergueu um mausoléu familiar (13,27-30).

³. Não se pode reter para *Makkabaios* a etimologia de *Maqqebet*, martelo, porque os cognomes eram dados às crianças em tenra idade ou no nascimento. Talvez Macabeu derive de *maqab* (varar, designar) e signifique "designação do Senhor", cf. Is 62,2.

⁴. Três desses filhos sucederão ao pai: Judas, 3,1; Jônatan, 9,28-29; Simão, 13,8. João será morto pouco depois de Judas,

9,38. Eleazar morreu heroicamente na batalha de Bet-Zacarias, 6,46.

⁵. Cf. 2,70; 4,39; 9,20; 13,26; hebraísmo: cf. Gn 50,10, etc.; At 8,2.

⁶. Provavelmente Filipe, preposto em Jerusalém (2Mc 5,22), e seus acólitos.

⁷. Distinção honorífica herdada da corte da Pérsia. Os *amigos do rei* tinham acesso ao soberano (3,38; 6,10,28; 10,16,20,60; 11,26,57; 14,39) que eventualmente lhes confiava missões (6,14; 7,8; 15,28).

⁸. Lit. *a casa da realza do rei*, aramaísmo, 7,2 e Dn 4,27; cf. 1Mc 3,32.

⁹. Deus talvez esteja subentendido por escrupulo teológico (cf. 3,18) e ter-se-ia lit.: (*Que Deus*) *nas (seja) misericordioso (e nos guarde) de abandonar...* mas 2Sm 20,20 tem a mesma expressão e pode-se traduzir esse hebraísmo *longe de mim* (lit. *interdito*). O gr. responde a essa expressão hebraica insistindo na misericórdia.

¹⁰. Expressão hebraica: cf. 2Sm 14,19; etc.

ta cólera^d, atirou-se contra ele e degolou-o sobre o altar. ²⁵Quanto ao funcionário do rei^e, que obrigava a sacrificar, matou-o naquela hora, e derrubou o altar. ²⁶Estava abrasado de zelo pela Lei, como se abrasara Finéias contra Zambri, filho de Salu. ²⁷Gritou então Matatias em alta voz através da cidade: "Que todos os que têm zelo pela Lei e apóiam a aliança me sigam". ²⁸Ele próprio e seus filhos fugiram para as montanhas^f, abandonando tudo o que possuíam na cidade.

Matatias no deserto: provações e êxito. ²⁹Muitos homens, então, que buscavam a justiça e a equidade desceram ao deserto para se estabelecerem. ³⁰eles, seus filhos, suas mulheres e seus rebanhos, porque o infortúnio se abatera sobre eles. ³¹Anunciou-se aos homens do rei e às forças aquarteladas em Jerusalém, na Cidade de David, que alguns indivíduos, tendo rejeitado o edito do rei, tinham descido para os esconderijos do deserto^g. ³²Uma tropa numerosa saiu-lhes ao encontro e, alcançando-os, armou acampamento diante deles e se dispôs a atacá-los no dia de sábado. ³³Disseram-lhes: "Basta! Saí, obedeci à ordem do rei e tereis salva a vossa vida". — ³⁴"Não sairemos^h, responderam eles, e não observaremos a ordem dada pelo rei de infringir o dia de sábado." ³⁵Atacados imediatamente, ³⁶abstiveram-se de revidar, de lançar pedras, de obstruir as entradas dos seus esconderijos. ³⁷"Morramos todos em nossa retidão, diziam eles; que o céu e a terra nos sejam teste-

munhas de que nos faizeis perecer injustamente." ³⁸Desencadearam o assalto contra eles em pleno sábado, e pereceram: eles, suas mulheres, seus filhos e seus rebanhos, ao todo um milhar de pessoasⁱ.

³⁹Quando souberam o que acontecera, Matatias e seus amigos os choraram amargamente ⁴⁰e disseram uns aos outros: "Se todos fizermos como fizeram nossos irmãos, se não lutarmos contra as nações por nossa vida e nossas observâncias, não tardarão a nos exterminar da face da terra". ⁴¹Tomaram nesse mesmo dia esta decisão: "Todo homem que nos vier atacar no dia de sábado, combatamo-lo e assim não morreremos todos como morreram nossos irmãos em seus esconderijos".

⁴²Reuniu-se então a eles o grupo dos hassideus^k, homens destemidos em Israel^l e todo aquele que se dedicava à Lei. ⁴³Todos os que queriam escapar de tais males acudiram a aumentar-lhes o número e a força^m. ⁴⁴Reuniram um exército, feriram os pecadores na sua cólera e os ímpiosⁿ no seu furor. O resto buscou refúgio entre as nações. ⁴⁵Matatias e seus amigos fizeram então incursões para derrubar os altares ⁴⁶e circuncidaram à força as crianças incircuncisas que encontraram no território de Israel. ⁴⁷Enxotaram os filhos da arrogância^o e a empresa logrou êxito em suas mãos. ⁴⁸Arrebataram a Lei da mão das nações e dos reis e não deram vantagem^p ao pecador^q.

Testamento e morte de Matatias.

⁴⁹Aproximavam-se do fim os dias de

d. Lit. *uma cólera segundo a Lei*. O zelo (ciúme) pela Lei, característico da piedade da época, inspira-se em Dt 13,7-12.

e. Josefo, *Ant.* XII, 270 dá o seu nome: Apeles.

f. Cf. 2Mc 5,27; trata-se da montanha de Judá, cf. Ne 8,15 e talvez Lc 1,39.65.

g. São as grutas do deserto de Judá, a oeste do mar Morto. h. A Mishná não autoriza um percurso superior a dois mil côvados (cerca de 1km) no dia de sábado.

i. Josefo, *Ant.* XII, 274, informa com exatidão que foram queimados nas cavernas. 2Mc 6,11 relatará a mesma cena, cuja responsabilidade atribuirá a Filipe. Cf. 2,15 nota.

j. Hebraísmo: cf. 1Sm 10,11; etc.

k. Transcrição gr. do hebr. *hasidim*: piedosos, cf. 7,13; 2Mc

14,6. Esse agrupamento deu origem aos essênios e fariseus.

l. Hebraísmo: cf. 8,1; etc.

m. 2Mc 8,1 estima seu número em seis mil homens.

n. Em gr. *sem lei*, expressão que indica toda a importância assumida então pela Lei, cf. 3,5-6; 7,5; 9,23.58; 11,25. Essa expressão está ausente de 2Mc.

o. Construção hebraica, cf. 3,36.58, etc.

p. Lit. *não deram um chifre ao pecador*, cf. Sr 49,5. Na Bíblia, o chifre é o símbolo do poder, cf. Dn 7,8. Em *Henoc* 90,9, o grande chifre é Judas Macabeu.

q. O *pecador* poderia ser um nome coletivo, mas aqui é mais plausível que a exemplo de 1,10 e 2,62, o texto designe o rei Antíoco.

Matatias^r, e ele disse a seus filhos^s:

"Eis agora o reino da arrogância e do ultraje,
o tempo da eversão e a explosão da cólera.

⁵⁰ A vós agora, meus filhos, cabe zelar pela Lei,
e dar vossas vidas pela aliança de nossos pais.

⁵¹ Lembrai-vos dos feitos dos nossos antepassados em seu tempo,
e ganhareis uma grande glória e um renome eterno.

⁵² Não foi Abraão fiel na prova,
e não lhe foi isso imputado como justiça?

⁵³ José, no tempo da sua aflição,
observou a Lei
e tornou-se senhor do Egito.

⁵⁴ Finéias, nosso Pai, pelo seu zelo ardente,
recebeu a aliança de um sacerdócio eterno.

⁵⁵ Josué, por ter cumprido a sua missão,
tornou-se juiz em Israel.

⁵⁶ Caleb^t, pelo seu testemunho vcrax,
recebeu da assembléia uma terra em patrimônio.

⁵⁷ David, pela sua piedade^u,
herdou um trono real para sempre.

⁵⁸ Elias, por ter ardido em zelo pela Lei,
foi elevado ao céu.

⁵⁹ Ananias, Azarias, Misael, pela sua confiança em Deus,
escaparam às chamas.

⁶⁰ Daniel, pela sua retidão^v,

foi salvo da goela dos leões.

⁶¹ Compreendi que, de geração em geração,
não arrefecerá nenhum dos que nele esperam.

⁶² Não temais as ameaças do homem pecador^w,
porque sua glória se transformará em podridão e vermes^x.

⁶³ Hoje se exalta
e amanhã não mais o acharão,
porque terá retornado ao seu pó
e seus projetos serão aniquilados.

⁶⁴ Meus filhos, sede homens e mantende firmemente^y a Lei,
porque é ela que vos cumulará de glória.

⁶⁵ Aí está Simeão^z, vosso irmão, eu sei que é um homem ponderado, ouvi-o sempre, e ele será para vós um pai^a. ⁶⁶Judas Macabeu, valente desde a sua juventude, será o chefe de vosso exército e conduzirá a guerra contra os povos. ⁶⁷Quanto a vós, agrupai em torno de vós todos os que observam a Lei e assegurai a desforra^b de vosso povo. ⁶⁸Retribuí aos pagãos o mal^c que vos fizeram e apegai-vos aos preceitos da Lei^d. ⁶⁹Em seguida, abençoou-os e foi reunido a seus pais^e. ⁷⁰Morreu no ano cento e quarenta e seis^f e foi sepultado no túmulo da família em Modin; por ele Israel inteiro se cobriu de pesado luto^g.

3 Elogio de Judas Macabeu. ¹Em seu 2.1-4 lugar, levantou-se o seu filho Judas, cognominado Macabeu; ²todos os seus

r. Lit. e aproximaram-se os dias de Matatias (para) morrer, hebraísmo, cf. Gn 47.29, etc.

s. Este testamento, gênero literário cultivado pela apocalíptica e escritos quiméricos, relembra o elogio dos pais em Sr 44-50. Duas virtudes são aqui sublinhadas: a fidelidade na provação, mas também a preocupação da glória e do renome (cf. v. 64; 3.3; 9.10; etc.).

t. Como em Sr 46.9, o elogio de Caleb se segue ao de Finéias e de Josué, o que leva a crer que o autor de 1Mc conhecesse o Sirácida.

u. Expressão hebraica: a palavra gr. *héleos*, misericórdia, traduz habitualmente o hebr. *hésed*, fidelidade, misericórdia ou mérito. Nosso texto confirma que 2Cr 6.42 (cf. Is 55.3) alude, por certo, aos méritos de David. Entre essas obras pias figura a instalação da arca em Jerusalém.

v. O autor conhecia o livro de Daniel, cf. 1.54.

w. O homem pecador é provavelmente Antíoco Epífanes, cf.

1.10 e 2.48.

x. A 2ª parte do v. alude provavelmente ao fim de Antíoco Epífanes, 2Mc 9.9.

y. Expressão que, na Septuaginta, traduz um hebraísmo que se encontra em Dt 31.6, etc. *[Lit. sede fortes na Lei.]

z. Nome semítico (*Shimeon*) do segundo filho de Matatias, chamado alhures pelo nome gr. de Simão (*Simôn*), escolhido por sua homofonia, v. 3; 5.17; etc. Cf. At 15.4.

a. Lit. vos será por pai (texto provável), construção hebraica.

b. Lit. vingai a vingança, hebraísmo, cf. 9.42 e Nm 31.2.

c. Lit. retribuí a retribuição aos pagãos, hebraísmo. Cf. Jt 4.4.

d. Expressão hebraica utilizada para os patriarcas (Gn 25.8, etc.), os chefes do povo e os reis (Jz 2.10; 2Rs 22.30; 2Cr 34.28). Matatias é assimilado aos grandes homens do AT, e pronuncia bênçãos antes de morrer, como Jacó e Moisés.

e. Na primavera de 166 a.C., cf. 3.10 e 37.

f. Cf. 2.14, nota.

irmãos e todos os seguidores de seu pai lhe deram apoio e combateram com alegria por Israel.

³ Ele estendeu o glorioso renome de seu povo, revestiu a couraça como um gigante, cingiu as armas de guerra e travou combates, protegendo o acampamento com a sua espada.

⁴ Qual um leão em ação, um filhote de leão rugindo para a presa,

⁵ perseguia os ímpios que rastreava e às chamas entregava os perturbadores do seu povo.

⁶ Os ímpios foram submetidos pelo temor que ele inspirava, todos os agentes da impiedade foram tomados de pânico, e a libertação foi, na sua mão, levada a bom termo.

⁷ Tornou amarga a vida de numerosos reis^a,

seus feitos alegraram Jacó e um eterno louvor será a sua memória.

⁸ Sulcou as cidades de Judá e delas exterminou os ímpios. Afastou de Israel a cólera,

⁹ Sua fama chegou até os confins da terra, e ele reuniu os que estavam perdidos^b.

Vitória de Judas sobre Apolônio e Seron. ¹⁰ Apolônio mobilizou pagãos e um forte contingente da Samaria para combater Israel^c. ¹¹ Informado disso, Judas saiu ao seu encontro, derrotou-o e matou-o. Caíram muitos mortalmente feridos, e os sobreviventes fugiram. ¹² Recolheram-se os seus despojos, Judas se apoderou da

espada de Apolônio, utilizando-a todos os dias no combate. ¹³ Seron, comandante do exército da Síria, soube que Judas reagrupara em torno de si uma tropa aguerrida e uma assembléia de fiéis ¹⁴ e disse a si mesmo: "Farei um nome para mim e me cobrirei de glória no reino. Combatarei Judas e seus homens que desprezaram a ordem do rei". ¹⁵ Partiu, pois, por sua vez e com ele se pôs em marcha um poderoso contingente de ímpios para vingar-se dos filhos de Israel. ¹⁶ Aproximou-se da subida de Bet-Horon^d, e Judas lhe saiu ao encontro com um punhado de homens. ¹⁷ À vista do exército que subia a seu encontro, disseram a Judas: "Como poderemos nós, tão poucos, lutar contra tamanha multidão? Estamos extenuados e em jejum". ¹⁸ Judas respondeu: "Facilmente acontece que uma multidão caia nas mãos de um pequeno número^e, e é indiferente ao Céu^f operar a salvação por meio de muitos ou de poucos homens. ¹⁹ Pois a vitória no combate não depende do tamanho do exército, mas da força que vem do Céu. ²⁰ Esses aí vêm contra nós, transbordando de orgulho e impiedade, para nos fazerem perecer, a nós, nossas mulheres, nossos filhos, e para nos despojarem. ²¹ Nós, ao invés, combatemos pelas nossas vidas e pelas nossas leis ²² e Ele os destruirá ante os nossos olhos. Não os temais, portanto!"

²³ Ditas estas palavras, atirou-se de improviso sobre eles. Seron e seu exército foram esmagados diante dele. ²⁴ Perseguiram-nos na descida de Bet-Horon até a planície. Cerca de oitocentos homens pereceram, e o resto fugiu para a terra dos filisteus^g. ²⁵ Judas e seus irmãos começaram a inspirar temor e a fazer tre-

g. São Antíoco IV Epífanes, Antíoco V Eupátor e Demétrio I Soter.

h. Provável alusão ao repatriamento dos judeus dispersos na Galiléia e Além-Jordão (cf. 14,7 nota).

i. A campanha de Apolônio e a de Seron, que se lhe seguirá, situam-se durante a primavera e o verão de 166 a.C.

j. Judas renova a façanha de Josué (Js 10): a *subida de Bet-Horon* é itinerário obrigatório para ir da planície marítima ao altiplano judaico; no v. 24 é a *descida de Bet-Horon*. Sobre *Gazara*, 4,15, cf. Js 10,33, etc.

k. Cf. 1Sm 17,46; Sl 20,8-9. Reaparece aqui o tema da guerra santa. Cf. Js 23,3 nota.

l. Por respeito, o autor de *IMc* evita nomear Deus. Cf. v. 50; 4,10,40,55; 9,46; 12,15; 16,3.

m. Exortação de estilo deuterônômico, cf. Dt 1,29; 3,18-22; 9,1-6.

n. Anacronismo deliberado: o autor de *IMc* apresenta os acontecimentos como uma renovação da história antiga de Israel, quando Jônatan e David forçavam os filisteus a debandar para as suas cidades (cf. 1Sm 14; 17; 2Sm 5). Mas após as invasões

mer as nações circunvizinhas.²⁶Sua fama chegou até o rei e todas as nações comentavam as batalhas de Judas.

Antíoco IV, ao partir para a Pérsia, nomeia Lísias regente.²⁷Ao ouvir essas notícias, Antíoco foi acometido de grande cólera e mandou reunir todas as forças do seu reino, um exército poderosíssimo.²⁸Abriu o seu tesouro, distribuiu um ano de soldo às tropas e ordenou-lhes que ficassem de prontidão para qualquer eventualidade.²⁹Viu, porém, que mingua o dinheiro nos seus cofres e que era magro o produto dos impostos da província, devido às dissensões e ao infortúnio que ele mesmo provocara na terra ao ab-rogar as leis que existiam desde tempos imemoriais.³⁰Temeu a possibilidade de não ter fundos suficientes para prover às despesas e liberalidades a que antes se entregara com mão generosa, avantajando-se nisso aos seus predecessores.³¹A ansiedade tomou conta do seu espírito, e ele decidiu partir para a Pérsia³², para arrecadar os impostos das províncias³³ e juntar muito dinheiro.³²Deixou Lísias³⁴, homem ilustre e de parentesco real³⁵, à frente dos seus negócios³⁶, desde o Eufrates até os confins do Egito.³³e encarregou-o da educação de seu filho Antíoco³⁴, até o seu regresso.

³⁴Confiou-lhe a metade das tropas e os elefantes e deu-lhe instruções a respeito de todas as suas decisões; quanto aos habitantes da Judéia e de Jerusalém,³⁵devia enviar contra eles um exército para destruir a força de Israel e o pequeno resto de Jerusalém e para apagar do lugar a lembrança deles.³⁶Devia instalar filhos de estrangeiros³⁷ por todo o seu território e lotear a sua terra³⁸.³⁷Tomou, pois, o rei consigo a metade restante das tropas e partiu de Antioquia, capital do seu reino, no ano cento e quarenta e sete³⁹; transpôs o Eufrates e passou pelas províncias do planalto⁴⁰.

Górgias e Nicanor (2Mc 8,8-15).³⁸Lísias escolheu Ptolomeu, filho de Dorimenes, Nicanor e Górgias³⁹, personagens de relevo entre os amigos do rei.³⁹Enviou com eles quarenta mil homens⁴⁰ e sete mil cavaleiros para invadirem o país de Judá e devastá-lo segundo a ordem do rei.⁴⁰Tendo partido com todo o seu exército, chegaram perto de Emaús⁴¹ e estabeleceram o seu acantonamento na planície.⁴¹Os comerciantes da região souberam-no de nomeada⁴², muniram-se de ouro e prata em grande quantidade, bem como de peias⁴³, e vieram ao acampamento para levar como escravos os filhos de Israel. Reuniram-se a eles um contingente da Síria⁴⁴

assírias (séc. VIII a.C.) a Filistéia não existia mais como país independente.

o. As particularmente severas cláusulas financeiras do tratado de Apaméia (188 a.C.) contribuíram, com a prodigalidade de Antíoco IV (v. 30), para pôr em dificuldade a tesouraria selêucida.

p. Trata-se de fato do conjunto da Transeufratária.

q. Essa campanha visava também reconquistar a Armênia.

r. Personagem igualmente mencionado por Políbio.

s. Hebraísmo, lit. *parentela de realza*. Cf. 2Mc 11,1; Jr 41,1. É o mais alto título honorífico na corte selêucida, cf. 1Mc 10,89. Cf. *rebenito de realza*, 1Rs 11, 14, etc., *trono de realza*, 7A, etc., *casa de realza*, 2,19, etc.

t. Designa esta fórmula o vizir dos monarcas selêucidas: 2Mc 3,7, cf. 2Mc 10,11; 11,1; 13,2.

u. Filipe será o seu tutor (6,14; 2Mc 9,29). O futuro Antíoco V Eupátor será assassinado em 161 a.C., após dois anos de reinado (7,1-4).

v. Mesma expressão no v. 45 e em Ez 44,7. O gr. traduz provavelmente uma expressão hebraica (*filho de estrangeiro*) que designa simplesmente *estrangeiro*.

w. Após o extermínio ou venda dos judeus rebeldes (2Mc 8,9-

11), devia Lísias, conforme o uso selêucida, confiscar todas as terras e revendê-las a colonos estrangeiros (cf. Dn 11,39), transformando assim a Judéia em terra real.

x. Na primavera de 165 a.C.

y. O planalto iraniano.

z. Em 2Mc 8,9, Górgias é o adjunto de Nicanor. Mais tarde, Górgias tornar-se-á estratega da Iduméia, 2Mc 12,32.

a. Comparar os vinte mil homens de 2Mc 8,9, mas talvez a analogia com 1Cr 19,18 ateste novo empréstimo aos gloriosos fatos do passado.

b. Posição estratégica que comandava o acesso a Jerusalém pela subida de Bet-Horon, cf. 9,50.

c. Lit. *ouviram seu nome*, expressão da Septuaginta, cf. Gn 29,13 e Nm 14,15. Segundo 2Mc 8,10, é Nicanor que convoca os compradores.

d. Leia-se, no gr., *pedas*, empecilhos, em vez de *paidas*, crianças.

e. O original hebr. trazia provavelmente *Arâm* (escrito 'rm') que o gr. transformou em *Síria*. De fato *Edom* (escrito 'dm') conviria melhor ao contexto. As letras *r* e *d* têm a mesma forma nessa época.

e da terra dos filisteus^f. ⁴²Judas e seus irmãos viram que a desgraça se agravava, e que acampavam exércitos no seu território. Inteiraram-se também da ordem do rei para que se entregasse o povo a uma destruição radical. ⁴³Disseram uns aos outros: "Reergamos da sua ruína o nosso povo e combatamos por ele e pelo nosso lugar santo". ⁴⁴Convocou-se a comunidade^g para se preparar para a guerra, orar e implorar piedade e misericórdia.

⁴⁵Jerusalém estava deserta, de seus filhos nenhum entrava ou saía, o santuário estava pisoteado, o estrangeiro ocupava a Cidadela, nela se instalou o pagão. Calaram-se em Jacó os gritos de alegria, extinguiu-se o som das flautas e das liras.

A concentração em Masfa (2Mc 8,16-23). ⁴⁶Reuniram-se e vieram a Masfa^h, diante de Jerusalém, porque houvera outrora em Masfa um lugar de oração para Israel. ⁴⁷Jejuaram aquele dia, envolveram-se em saco e, a cabeça coberta de cinza, rasgaram as suas vestes. ⁴⁸Desenrolaram o livro da Lei, para nele leremⁱ o que os pagãos pediam aos simulacros de seus falsos deuses. ⁴⁹Trouxeram os paramentos sacerdotais, as primícias e os dízimos, e fizeram vir os nazires que haviam completado os dias de seu voto.

Nm 6,1-21

^{3,18}⁵⁰E elevaram a voz para o Céu dizendo: "Que faremos desta gente e para onde a levaremos^j? ⁵¹Teu lugar santo foi calçado aos pés e profanado, os sacerdotes jazem no luto e na humilhação ⁵²e eis que as nações se coligaram contra nós, a

fim de nos fazerem desaparecer. Tu conheces os seus desígnios a nosso respeito. ⁵³Como poderemos resistir contra elas se não vieres em nosso auxílio?" ⁵⁴Em seguida fizeram soar as trombetas e levantaram grande clamor.

⁵⁵Depois disto, Judas estabeleceu chefes do povo, chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez^k. ⁵⁶Aos que construíram a sua casa, que acabavam de contrair matrimônio ou de plantar uma vinha, ou que tinham medo, disse que voltassem para casa, conforme o que permitia a Lei^l. ⁵⁷Pôs-se então o exército em marcha e veio acampar ao sul de Emaús. ⁵⁸"Equipai-vos, disse Judas, e portai-vos com bravura"; estai preparados para combater amanhã essas nações reunidas para a nossa ruína e a de nosso santuário, ⁵⁹porque é melhor para nós morrer em combate do que presenciar as desgraças de nossa nação e de nosso lugar santo. ⁶⁰A vontade celeste será cumprida."

Dt 20,5-9

4 A vitória de Emaús (2Mc 8,23-29,34-36). ¹Górgias tomou consigo cinco mil infantes e mil cavaleiros d'escol, e esse destacamento partiu à noite, ²a fim de irromper no acampamento dos judeus e cair sobre eles de surpresa. Os homens da Cidadela serviam-lhe de guia. ³Judas o soube e partiu com seus bravos para combater o exército real que se achava em Emaús, ⁴enquanto seus efetivos ainda estavam dispersos fora do acampamento. ⁵Górgias chegou de noite ao acampamento de Judas, não encontrou ninguém aí e pôs-se a procurar os judeus pelas montanhas, porque, dizia ele: "Estão fugindo de nós".

f. Lit. a terra dos estrangeiros (*allofóioi*), nome que na Septuaginta frequentemente traduz *filisteus* (termo conservado em 3,24). Da mesma forma em 1Mc 4: 5; 11 e 2Mc 10.

g. A antiga instituição da assembleia do povo reacquire o seu prestígio. Cf. as legendas das moedas hasmônicas: *a comunidade dos judeus*.

h. Masfa (*Mispá* em hebr.) pode ser situado no Tell en-Nasbeh (1Rs 15,22; Jr 40-41), ou preferentemente em *Nebi Samwil* acima de Gabuon, onde orou Salomão (1Rs 3,4; cf. Jz 20,1; 1Sm 7,5-7).

i. Uma frase lida ao acaso fornecia a palavra de ordem (cf.

2Mc 8,23). Esse modo de consulta não é conhecido por outra via na Bíblia.

j. Perguntam-se os judeus onde se realizará a cerimônia que marcará o fim do nazirado, porque o Templo, onde se celebrava antes, lhes é ainda inacessível.

k. Como o farão os essênios, inspira-se Judas sobretudo na presumível organização do povo no tempo do Êxodo, Ex 18,21 etc. Cf. para os chefes de mil e de cem: 2Sm 18,1, de cinquenta: 2Rs 1,9,14.

l. Essas isenções marcam provavelmente a influência dos hassídeos, 2,42.

m. Lit. (*como*) filhos de poder, construção hebraica, cf. 2Sm 2,7.

6Ao romper do dia, Judas surgiu na planície com três mil homens, mas estes não tinham as armaduras e espadas que gostariam de ter. 7Divisavam o acampamento dos pagãos, poderoso e fortificado, os cavaleiros que o cercavam, todos gente experimentada, adestrada para o combate. 8Judas disse aos seus homens: "Não temais essa multidão e não receeis o seu assalto. 9Lembra-vos como nossos pais foram salvos no mar Vermelho, quando o Faraó os perseguia com o seu exército, 3,18 10e elevemos agora ao Céu o nosso clamor; se ele nos quer, lembrar-se-á da aliança dos pais e esmagará hoje diante de nós aquele exército, 11e saberão todas as nações que há alguém que resgata e salva Israel". 12Os estrangeiros levantaram os olhos; vendo os judeus marcharem contra eles, 13saíram do acampamento para dar batalha. As hostes de Judas fizeram soar a trombeta 14e entraram em combate. As nações foram esmagadas e fugiram em direção à planície, 15mas os que estavam na retarguarda caíram sob o fio da espada. A perseguição atingiu Gazara e as planícies da Iduméia, de Azoto e de Jâmnia: pereceram aí cerca de três mil homens.

16Voltando da perseguição com a sua tropa, disse Judas ao povo: 17"Não vos atireis avidamente aos despojos, porque outro combate nos espera. 18Górgias e seu destacamento estão na montanha, não longe de nós. E agora, resisti aos nossos inimigos e lutai contra eles; depois disso recolhereis os despojos com toda a segurança". 19Mal acabara Judas a sua frase, avistou-se no alto da montanha um destacamento à espreita. 20Viram que os seus haviam sido postos em fuga e que o acampamento estava em chamas. A fumaça ainda visível revelava o que tinha acontecido. 21Vendo isso encheram-se de

pavor. Vendo também o exército de Judas na planície, pronto para o combate, 22fugiram todos para a terra dos filisteus. 23Judas voltou então para saquear o acampamento; levou-se muito ouro e prata líquida, tecidos de púrpura violeta e de púrpura marinha, além de grandes riquezas. 24De volta, louvava-se e bendizia-se o Céu, porque ele é bom e eterno o seu amor.

SI 118,1.29
2Cr 20,21

25Naquele dia, houve uma grande libertação em Israel. 26Os estrangeiros que conseguiram escapar vieram anunciar a Lísias tudo o que acontecera. 27Essas notícias abalaram-no profundamente e fundiram sua coragem, porque as coisas com Israel não tinham ocorrido como ele queria e o resultado era o contrário do que lhe havia ordenado o rei.

Primeira campanha de Lísias (2Mc 11,1-12).

28No ano seguinte, ele reuniu sessenta mil homens d'escol e cinco mil cavaleiros para combater os judeus. 29Vieram para a Iduméia e acamparam em Betsur; Judas lhe saiu ao encontro com dez mil homens. 30Quando viu aquele poderoso exército, orou assim: "Tu és bendito, salvador de Israel, tu que quebraste o ímpeto do poderoso guerreiro pela mão de teu servo David e que entregaste o acampamento dos filisteus às mãos de Jônatan, filho de Saul, e de seu escudeiro. 31Entrega do mesmo modo às mãos de teu povo Israel esse exército, e que se envergonhem de sua infantaria e de sua cavalaria. 32Infunde-lhes o temor, faz ruir a sua força impudente, e que sejam abalados pela sua derrota. 33Fá-los caírem sob a espada dos que te amam, e que todos os que conhecem o teu nome te celebrem com hinos". 34Travou-se o combate, e no corpo-a-corpo o exército de Lísias perdeu cerca de cinco mil ho-

ISm 17,23-54

ISm 14,1-14

3,18

n. Forma aramaica do nome de Guézer, 35km a noroeste de Jerusalém, cf. 3,16; 9,52; 13,43-44; 15,28; 2Mc 10,32; etc.

o. A Iduméia corresponde à parte ocidental de Edom, ao sul da Judéia.

p. Em hebr. Ashdod; Js 11,22 etc.

q. Em hebr. labné (2Cr 26,6) ou labneel (Js 15,11).

r. Produzida em Tiro, a *púrpura marinha* (em hebr. *argaman*) era vermelho escuro, é a "púrpura vermelha" de Ex 25-29. Existia também a púrpura violeta, em hebr. *tekélet*.

s. No começo de 164 a.C.

t. Lísias contornou a Judéia pelo litoral. Betsur é a posição estratégica no limite sul da Judéia.

mens.³⁵ Ao ver a derrocada do seu exército e a intrepidez que o exército de Judas adquirira, ao ver também como estes últimos se mostravam prontos para viver ou morrer corajosamente, Lísias partiu para Antioquia^u, onde recrutou estrangeiros na intenção de retornar à Judéia com superioridade de forças.

Purificação do Templo e dedicação.

³⁶Disseram então Judas e seus irmãos: "Eis que nossos inimigos estão esmagados. Subamos agora para purificar o santuário^v e fazer a sua dedicação".³⁷ Todo o exército se reuniu e subiram ao monte Sião.³⁸ Viram o santuário abandonado, o altar profanado, as portas incendiadas; nos átrios a vegetação crescera como num bosque ou numa montanha, e as salas estavam destruídas.³⁹ Rasgaram as suas vestes, cobriram-se de pesado luto e cobriram-se de cinza.⁴⁰ Prostraram-se com o rosto por terra e, ao sinal dado pela trombeta, elevaram clamores ao céu.

⁴¹Judas ordenou a alguns de seus homens que combatessem os que estavam na Cidadela até que ele tivesse purificado o santuário,⁴² e em seguida escolheu sacerdotes sem mácula, cheios de zelo pela Lei,⁴³ que purificaram o santuário e removeram para um lugar impuro as pedras da contaminação.⁴⁴ Deliberaram também sobre o que se haveria de fazer com o altar dos holocaustos, que havia sido profanado.⁴⁵ e ocorreu-lhes a boa idéia de o demolir, a fim de que não se tornasse para eles objeto de vergonha, pois os pagãos o haviam conspurcado. Demoliram-no⁴⁶ e depuseram as pedras sobre a montanha da Morada, em lugar conveniente, aguardando a vinda de um profeta que se pronunciasse a respeito.⁴⁷ Tomaram então, conforme a Lei, pedras não-talhadas e construíram um novo al-

tar segundo o modelo do precedente.

⁴⁸Restauraram o santuário e o interior da Morada e santificaram os átrios.⁴⁹ Fabricaram novos utensílios sagrados e introduziram no Templo o candelabro, o altar dos perfumes e a mesa.⁵⁰ Fizeram fumegar o incenso sobre o altar, acenderam as lâmpadas do candelabro que resplandeceram no Templo.⁵¹ Depuseram os pães sobre a mesa, correram as cortinas e remataram todos os trabalhos empreendidos.

⁵²No dia vinte e cinco do nono mês^x, denominado kislev, no ano cento e quarenta e oito, levantaram-se ao romper da aurora^y e ofereceram, segundo a Lei, um sacrifício sobre o novo altar dos holocaustos que haviam edificado.⁵⁴ O altar foi inaugurado com cânticos, ao som de cítaras, liras e címbalos, na mesma época do ano e no mesmo dia em que os pagãos o haviam profanado.⁵⁵ O povo inteiro se prosternou, face por terra para adorar, e depois fez subir o louvor ao Céu que o conduzira ao triunfo.⁵⁶ Celebraram a dedicação do altar durante oito dias e ofereceram holocaustos com grande alegria, bem como sacrifício de comunhão e de ação de graças.⁵⁷ Enfeitaram a fachada do Templo de coroas de ouro e pequenos escudos^z e restituíram ao primitivo esplendor os portais bem como as salas, que muniram de portas.⁵⁸ Uma grande alegria reinou em meio ao povo, cancelando-se assim o opróbrio infligido pelos pagãos.⁵⁹ Judas, seus irmãos e toda a assembléia de Israel decidiram que os dias da dedicação do altar seriam anualmente^a celebrados a seu devido tempo pelo espaço de oito dias, a partir do dia vinte e cinco de kislev, com júbilo e alegria.

⁶⁰Por esse tempo, construíram-se ao redor do monte Sião altas muralhas e

ISm 2,28

1.39;
2.12

3.18

9.27
14.41

Ex 20,25;
Dt 27,6

u. Segundo 2Mc 11,13-14, essa batalha foi seguida de tratativas entre os beligerantes.

v. O Templo, pilhado e profanado pelos pagãos (1,21-22), deve ser purificado e de novo consagrado.

w. Por volta de 14 de dezembro de 164 a.C., terceiro aniversário do primeiro sacrifício oferecido a Zeus (1,59).

x. De manhã cedo: 6,33, cf. 16,5, expressão hebraica. cf. Gn 22,3 etc.

y. Motivos ornamentais arrancados da fachada do Templo: 1,2.

z. A Hanuká, festa da dedicação do Templo, terá grande importância em 2Mc (caps. 1-2 e 10,1-8). Cf. Jo 10,22.

possantes torres, para impedir que os pagãos viessem, como antes, calcar aos pés esses lugares. ⁶Judas postou ali uma guarnição para defendê-lo. Fortificou Betsur, para que o povo tivesse uma fortaleza diante da Iduméia.

5 Judas contra os idumeus e os amonitas (2Mc 10,14-33). ¹Quando as nações circunvizinhas souberam que o altar tinha sido reconstruído e o santuário restituído ao seu estado anterior, ²ficaram sumamente irritadas e decidiram suprimir os descendentes de Jacó que estavam no meio delas; puseram-se a matá-los e a exterminá-los de entre o povo. ³Judas guerreou contra os filhos de Esau^a na Iduméia e em Acrabatene^b, porque cercavam Israel. Desferiu-lhes grande golpe, repeliu-os e apoderou-se de seus despojos.

⁴Lembrou-se em seguida da perversidade dos filhos de Bean^c; constituíam verdadeira cilada e tropeço para o povo, armando-lhes emboscadas nos caminhos. ⁵Encerrou-os em suas torres, assediou-os e votou-os ao anátema; incendiou as suas torres com todos os que estavam lá dentro^d. ⁶Passou depois aos filhos de Amon, onde deparou com uma forte tropa, sob o comando de Timóteo. ⁷Travou contra eles numerosos combates e os levou de vencida. ⁸Apoderou-se de Jazer^e, bem como das aldeias adjacentes^f, e voltou para a Judéia.

Queixas dos israelitas da Galaadítide e da Galiléia. ⁹As nações de Galaad^a aliaram-se contra os israelitas estabelecidos no seu território, decididos a fazê-los desaparecer, e estes refugiaram-se

na fortaleza de Datema. ¹⁰Enviamam a Judas e seus irmãos mensagens do seguinte teor: "As nações uniram-se contra nós para nos fazer desaparecer. ¹¹Prepararam-se para atacar a fortaleza em que estamos refugiados, e Timóteo é quem comanda o seu exército. ¹²Vem sem demora arrancar-nos das suas mãos, pois muitos dentre nós já sucumbiram. ¹³Todos os nossos irmãos da terra de Tobias^b foram mortos, suas mulheres levadas em cativeiro, assim como seus filhos; seus bens foram confiscados, e cerca de mil homens pereceram nesses lugares^c." ¹⁴Não terminara ainda a leitura dessas cartas quando, de vestes rasgadas, chegaram a Galiléia outros mensageiros com notícias semelhantes: ¹⁵"Habitantes da Ptolemaida^d, de Tiro e de Sídón coligaram-se contra nós com toda a Galiléia dos Estrangeiros^e, para nos exterminar". ¹⁶Quando Judas e o povo tiveram conhecimento desses fatos, convocaram uma grande assembléia para deliberar sobre o que convinha fazer em prol dos irmãos expostos à opressão e aos ataques. ¹⁷Judas disse a seu irmão Simão: "Escolhe os homens que quiseres e vai libertar teus irmãos que estão na Galiléia; eu e meu irmão Jônatan iremos a Galaadítide". ¹⁸Deixou na Judéia José, filho de Zacarias, e Azarias, chefe do povo, com o resto do exército, para assegurar a guarda. ¹⁹E deu-lhes esta ordem: "Governai o povo e não traveis combate com os pagãos até a nossa volta." ²⁰Três mil homens foram consignados a Simão para ir à Galiléia, e oito mil, a Judas para ir à Galaadítide.

Expedição à Galiléia e à Galaadítide (2Mc 12,10-31). ²¹Estando na Galiléia,

a. As campanhas se desenrolam entre o início e o outono do ano de 163 a.C.

b. Sem dúvida, a região de Aqrabê, a sudeste de Siquém.

c. Provavelmente uma tribo árabe. Este nome é atestado na onomástica sul-arábica.

d. Nova evocação das práticas da época da conquista.

e. Essa incursão constitui sem dúvida a réplica à chacina de que fala o v. 13.

f. Cf. v. 65 lit. *suas filhas*, expressão hebraica, cf. Nm 21,25; Js 15,45; Jz 11,26.

g. Na época helenística, *Galaad* (hebr. *Guilead*), ou de preferência *Galaadítide* (cf. vv. 17-27), compreendia também o planalto sírio ao norte do Jarmuc, onde os judeus contavam numerosas colônias.

h. A região entre Amã e o Jordão, governada pela família judia dos Tobíadas, cf. Ne 2,10; 6,17-18; 13,8; 2Mc 3,11.

i. Exações que estão, sem dúvida, na origem da incursão dos vv. 6-8, cf. 2Mc 12,17-18.

j. Nome dado a Aco por Ptolomeu II, mais tarde São João d'Acre.

k. Cf. Is 8,23: *Galiléia das nações*.

Simão travou muitos combates com os pagãos que foram varridos diante dele. ²²Perseguiu-os até a porta de Ptolemaida. Cerca de três mil pagãos pereceram, e ele lhes tomou os despojos. ²³Tomou consigo os judeus da Galiléia e de Arbatés¹, com suas mulheres, suas crianças e todos os seus haveres, e os conduziu alegremente à Judéia.

²⁴Judas Macabeu e Jônatan, seu irmão, transpuseram o Jordão e marcharam três dias pelo deserto. ²⁵Encontraram-se com os nabateus^m, que os abordaram pacificamente e lhes contaram tudo o que acontecera aos seus irmãos na Galaadítide e também ²⁶que muitos deles estavam sitiados em Bosora, em Alimas, Casfo, Maced e Carnainⁿ, cidades, todas elas, grandes e fortificadas; ²⁷que havia outros deles confinados nas outras cidades da Galaadítide, e que seus inimigos tinham decidido atacar no dia seguinte essas fortalezas, tomá-las e fazer desaparecer num só dia todos os que nelas se encontrassem. ²⁸Imediatamente Judas e seu exército tomaram através do deserto a direção de Bosora. Apoderou-se da cidade e passou a fio de espada^o toda a população masculina, recolheu os despojos e incendiou a cidade.

²⁹À noite puseram-se novamente a caminho e marcharam até perto da fortaleza^p. ³⁰O dia apareceu e, erguendo os olhos, avistaram uma tropa numerosa, incalculável, que armava escadas e máquinas para apoderar-se da cidade; o combate já estava travado. ³¹Vendo que o combate tinha começado, e que o clamor da cidade subia até o céu, em meio ao alarido e ao clangor das trombetas, ³²Judas disse aos homens do seu exército: "Combatei

hoje pelos vossos irmãos!" ³³Dividiu o exército em três corpos e lançou os seus homens contra a retarguarda do inimigo. Fizeram soar as trombetas e entoaram a invocação. ³⁴As tropas de Timóteo, reconhecendo que era o Macabeu, puseram-se em fuga à sua aproximação. Ele lhes infligiu contundente derrota e nesse dia cerca de oito mil homens pereceram no combate. ³⁵Voltou-se em seguida para Alimas, atacou-a, conquistou-a, matou toda a população masculina, recolheu os despojos e incendiou a cidade. ³⁶De lá partiu para se apoderar de Casfo, Maqued, Bosor e outras cidades da Galaadítide.

³⁷Depois desses acontecimentos, Timóteo reuniu outro exército e tomou posição diante de Rafon^q, na outra margem da torrente. ³⁸Judas mandou explorar o acampamento, e referiram-lhe o seguinte: "Todas as nações que nos cercam estão reunidas em torno de Timóteo, formando um exército numeroso", ³⁹recrutaram-se também árabes como reforço, e estão acampados na outra margem da torrente, prestes a abater-se sobre ti para o combate". Judas lhe saiu ao encontro ⁴⁰e aproximou-se da água com o seu exército. Disse então Timóteo aos chefes do seu exército: "Se ele atravessar por primeiro, não lhe poderemos resistir, porque terá grande vantagem sobre nós". ⁴¹Mas, se ele se acovardar e acampar do outro lado da torrente, atravessaremos nós e o levaremos de vencida". ⁴²Logo que chegou à beira do curso de água, Judas postou à margem da torrente os escribas do povo^t e deu-lhes esta ordem: "Não consintais que acampe homem algum. Todos devem sair para o combate!" ⁴³Foi o primeiro a atravessar ao encontro do

1Sm 14,9-10

1. É provavelmente a região compreendida entre a Galiléia e a Samária, a que Josefo chama Nabatênia.

m. Alhures chamados *arabes* (2Mc 5,8; 12,10), esses caravaneiros sulcam o planalto transjordaniano. Estes vêm provavelmente de Bosrá, importante entroncamento das pistas do deserto, e do Hauran, onde foram testemunhas do que referem a Judas.

n. Esses burgos puderam ser identificados, porque seus nomes se mantiveram até nossos dias.

o. Expressão hebraica: cf. Js 6,21; 8,24; etc.

p. É Datema (v. 9), sítio não identificado a oeste de Bosra. q. Hoje Er-Rafeh, a leste do Nahr el-Ehreir, afluente da margem direita do Jarmuc.

r. 120.000 infantas e 2.500 cavaleiros, segundo 2Mc 12,20. s. L. it. *prevalecendo prevalecerá sobre nós*, hebraísmo, cf. 1Sm 26,25, etc.

t. Os oficiais da administração do exército. cf. Ex 5,6; Dt 20,5.8.9; Js 1,10; 3,2.

inimigo, e todo o povo o seguiu. Esmagou diante de si os pagãos, que lançaram de si as suas armas e fugiram para o santuário de Carnain". ⁴⁴Primeiramente os homens de Judas se apoderaram da cidade, depois incendiaram o santuário e os que lá se achavam. Carnain foi arrasada, e tornou-se desde então impossível resistir a Judas.

⁴⁵Reuniu este último todos os israelitas da Galaadítide, do menor ao maior, com suas mulheres e seus bens; era uma ingente multidão que se dirigia para a terra de Judá. ⁴⁶Chegaram a Efron^u, cidade importante e bem fortificada, que ficava no caminho; como era impossível contorná-la pela direita ou pela esquerda, cumpria atravessá-la. ⁴⁷Os habitantes da cidade lhes recusaram passagem e barricaram as portas com blocos de pedra.

^{1,30} ⁴⁸Judas mandou que lhes fizessem esta proposta pacífica: "Vamos atravessar a vossa terra para ir à nossa, ninguém vos fará mal. Transitaremos como simples pedes". Mas eles recusaram-se a abrir para ele. ⁴⁹Judas fez então circular no exército a ordem de pôr-se cada um em posição onde estivesse. ⁵⁰Os soldados tomaram posição e Judas atacou a cidade durante todo aquele dia e toda a noite, e a cidade caiu em suas mãos. ⁵¹Ele fez passar todos os do sexo masculino ao fio da espada, arrasou completamente a cidade, tomou-lhe os despojos e atravessou a cidade sobre os corpos dos mortos. ⁵²Transpuseram o Jordão rumo à Grande Planície em frente de Betsan. ⁵³Judas ia e vinha, reagrupando os retardatários e animando o povo ao longo do caminho, até chegarem à terra de Judá. ⁵⁴Galgaram o monte Sião cheios de alegria e ofereceram holocaustos^v, porque tinham regressado em paz, sem perder nenhum dos seus.

Os combates na zona marítima e na Iduméia (2Mc 12,32-45). ⁵⁵Durante os dias em que Judas e Jônatan estavam na terra de Galaad e Simão, seu irmão, na Galiléia, diante de Ptolemaida, ⁵⁶José, filho de Zacarias, e Azarias, chefe do exército, inteiraram-se das suas proezas e dos combates que haviam travado, ⁵⁷e disseram: "Celebremos também o nosso nome e partamos a combater as nações que estão ao redor de nós". ⁵⁸Deram ordens às forças que comandavam e marcharam contra Jâmnia. ⁵⁹Górgias saiu da cidade com seus homens para os combater^{4.15}, ⁶⁰José e Azarias foram desbaratados, e perseguiram-nos até os confins da Judéia. Cerca de dois mil homens do povo de Israel pereceram naquele dia. ⁶¹Foi um grande revés para o povo, pelo fato de não terem escutado Judas e seus irmãos, imaginando que também eles se assinalariam por feitos gloriosos. ⁶²Mas não eram da semente dos homens aos quais fora dado salvar Israel.

⁶³O valoroso Judas e seus irmãos cobriram-se de glória perante todo Israel e todas as nações onde se lhes ouvia pronunciar o nome. ⁶⁴Aglomerava-se a gente ao redor deles para felicitá-los. ⁶⁵Judas partiu com seus irmãos para guerrear contra os filhos de Esaú na região do sul. Apoderou-se de Hebron e das aldeias adjacentes^{5.8}, demoliu suas fortificações e incendiou as torres de suas muralhas. ⁶⁶Pôs-se, a seguir, em marcha rumo à terra dos filisteus e atravessou Maresa^x. ⁶⁷Morreram em combate, naquele dia, alguns sacerdotes que, querendo dar mostra de bravura, atiraram-se ao combate de maneira temerária. ⁶⁸Judas voltou-se em seguida para Azoto, distrito dos filisteus, derrubou-lhes os altares, mandou queimar as imagens esculpidas de seus deuses, recolheu os des-

u. Significa *os dois chifres*, atributo da Astarte local, de que o templo, o Cárnion de 2Mc 12,26, tirava o seu nome, cf. Gn 14,5; Js 9,10: Ashtarot-Qurnaim.

v. *Et-Taybê*, 30km a sudeste do lago de Genesaré.

w. 2Mc 12,31 situa esse episódio no Pentecostes em 163 a.C.

x. Ele parece estar à frente da estratégia (província) do Litoral (e da Iduméia, 2Mc 12,32).

y. Depois do Exílio os judeus não se haviam reinstalado na região do Hebron, que se tornara iduméia.

z. Cidade helenística 20km a norte de Hebron, a *Maresá* de Js 15,44.

2Mc 12,40 pojos dessas cidades e regressou à terra de Judá.

6 Morte de Antíoco IV e advento de Antíoco V (2Mc 1,11-17; 9; 10,9-11).

3,37 2Mc 9,25 11). 'Percorria o rei Antíoco as províncias do planalto, quando ouviu dizer que havia na Pérsia uma cidade chamada Elimaida^a, célebre pelas suas riquezas, sua prata e seu ouro, ²com um santuário^b riquíssimo, em que se guardavam peças de armadura de ouro, couraças e armas, deixadas por Alexandre, filho de Filipe, rei da Macedônia, o qual por primeiro reinou sobre os gregos. ³Para lá se dirigiu e procurou apoderar-se da cidade para saqueá-la, mas não logrou o seu intento, porque os habitantes da cidade souberam do seu plano ⁴e levantaram-se contra ele para combatê-lo. Batendo em retirada, deixou, vivamente contrariado, aquelas paragens, para recolher-se a Babilônia. ⁵Vieram anunciar-lhe na Pérsia a derrota das tropas enviadas à terra de Judá. ⁶Lísias, tendo rumado para lá com um poderoso exército, fora inteiramente derrotado pelos judeus. Estes se haviam reforçado com armas, recursos e abundantes despojos tomados aos exércitos por eles destroçados. ⁷Haviam também derrubado a abominação que Antíoco erguera sobre o altar em Jerusalém, bem como haviam cingido de altas muralhas o Santuário, como outrora, e ainda Betsur, uma das cidades pertencentes ao rei^d. ⁸Ao ouvir tais notícias o rei, atônito e transtornado, deixou-se cair sem forças no seu leito. Adoeceu de tristeza, por lhe não terem sucedido as coisas conforme o seu desejo^e. ⁹Permaneceu ali muitos dias,

recaindo incessantemente numa profunda prostração. Quando achou que ia morrer, ¹⁰chamou para junto de si todos os amigos e lhes disse: "O sono se afastou de meus olhos e a angústia me acobrunha. ¹¹Eu me disse a mim mesmo: a que grau de aflição cheguei e em que tempestade me vejo envolvido! No entanto, eu era feliz e amado nos tempos do meu poder! ¹²Mas agora me lembro das perversidades que cometi em Jerusalém; tomei todos os objetos de ouro e prata que lá se encontravam, e mandei exterminar, sem motivo, os habitantes de Judá. ¹³Reconheço^f que é por causa disso que estas desgraças me atingiram, e eis que morro de tristeza em terra estrangeira". ¹⁴Mandou chamar Filipe^h, um de seus amigos, e o pôs à frente de todo o seu reino. ¹⁵Deu-lhe o seu diadema, o seu manto e o seu sinete, constituindo-o tutor de seu filho Antíoco e encarregando-o de prepará-lo para o trono. ¹⁶Morreu nesse lugar o rei Antíoco no ano cento e quarenta e noveⁱ. ¹⁷Ao ser informado de sua morte, Lísias estabeleceu como rei seu filho Antíoco, a quem criara desde a infância, e a quem deu o cognome^j Eupátor^k.

O cerco da Cidadela. ¹⁸A guarnição da Cidadela bloqueava Israel ao redor do santuário, enganando-se em molestá-lo em toda ocasião e em fortalecer os pagãos. ¹⁹Resolvido a exterminá-los, convocou Judas todo o povo para sitiá-los. ²⁰Reuniram-se e puseram cerco à Cidadela, no ano cento e cinqüenta^l. Construíram-se catapultas e outras máquinas. ²¹Alguns dos sitiados lograram, contudo,

a. Não se conhece nenhuma cidade com esse nome. Trata-se, provavelmente, da região montanhosa a noroeste de Susa.

b. É o Nêanon, dedicado a Nênea-Artêmis, 2Mc 1,13,15.

c. Em Tabae da Pérsia, situada no oásis de Ispahan.

d. As fortalezas do império dependiam diretamente do rei, que nelas instalava as suas próprias guarnições.

e. Na realidade, Antíoco deve ter morrido antes do fim dos trabalhos de restauração de Jerusalém (v. 16), e sua menção aqui é redacional. Cf. Introd.

f. 1Mc e 2Mc atribuem ao rei sentimentos de arrependimento. Para 1Mc, a morte do rei sanciona a pilhagem do Templo.

g. De fato, a Pérsia faz ainda parte do império selêucida.

h. Rival de Lísias, cf. vv. 55,63; 2Mc 9,29. Não confundir com o Filipe de 2Mc 5,22; 8,8.

i. Setembro ou outubro de 164 a.C., portanto, antes da dedicação do Templo, em 14 de dezembro de 164 a.C. (4,52) e não depois, como pensa o autor de 1Mc. Cf. 2Mc 1,13.

j. Lit. *chamou seu nome*, hebraísmo; cf. Gn 16,11 etc.

k. Significa *filho de um nobre pai*; homenagem de Lísias a Antíoco IV.

l. Em 163-162; o assédio ocorreu, efetivamente, na Iduméia (v. 31).

romper o cerco e, acompanhados de alguns israelitas ímpios, ²²foram ter com o rei, e disseram-lhe: "Até quando tardarás a fazer justiça e a vingar nossos irmãos?" ²³Consentimos de bom grado em servir a teu pai, em nos conduzir segundo as suas ordens e a observar os seus editos. ²⁴Por isto nossos compatriotas^m sitiaram a Cidadela e nos trataram como estrangeiros". E, o que é pior, mataram quantos dentre nós puderam apanhar e pilharam nossos bens. ²⁵E não é somente contra nós que estenderam a mão, mas também contra todos os teus territórios^o. ²⁶Investem hoje contra a Cidadela de Jerusalém para dela se apoderarem; e fortificaram o santuário de Betsur. ²⁷Se não lhes atalhares imediatamente o passo, farão ainda mais, e não mais os poderás conter".

Antíoco V e Lísias na Judéia. Batalha de Bet-Zacarias (2Mc 13,1-17). ²⁸Enco-lerizou-se o rei ao ouvir tais palavras, e reuniu todos os seus amigos, o chefe de sua infantaria e os de seu séquito. ²⁹Dos reinos estrangeiros e das ilhas do mar, vieram tropas mercenárias. ³⁰Suas forças se elevavam a cem mil infantens, vinte mil cavaleiros e trinta e dois elefantes^q de combate. ³¹Vieram pela Iduméia e sitiaram Betsur^r, atacando-a por muito tempo com a ajuda de máquinas, mas os sitiados, por meio de incursões, ateavam-lhes fogo e lutavam valentemente. ³²Saiu então Judas da Cidadela e tomou posição em Bet-Zacarias^s diante do acampamento real. ³³Levantou-se o rei de madrugada^t e lançou o seu exército de uma só vez pelo caminho de Bet-Zacarias; as tropas se dispunham em ordem de batalha e tocaram-se as trombetas. ³⁴Para

instigar os elefantes à batalha^u mostraram-lhes suco de uva^v e de amoras. ³⁵Os animais foram repartidos entre as falanges^w. Junto a cada elefante foram dispostos mil homens revestidos de malhas de ferro e protegidos por elmos de bronze, e quinhentos cavaleiros d'escol foram destacados para cada elefante. ³⁶Estes preveniam todos os movimentos do animal e o acompanhavam sem deles se afastar um só momento. ³⁷Sobre cada elefante, uma sólida torre de madeira fixada com correias formava abrigo, e em cada torre se achavam os três guerreiros que combatiam sobre os animais, além do seu condutor^x. ³⁸O rei dispôs o restante da cavalaria nos dois flancos do exército para fustigar o inimigo e proteger as falanges. ³⁹Quando o sol iluminava os escudos de ouro e de bronze^y, iluminavam-se as montanhas ao seu clarão e refulgiam como tochas acesas. ⁴⁰Parte do exército real se desdobrou no alto da montanha e outra nas suas faldas; avançavam com firmeza e em boa ordem. ⁴¹Sobresaltavam-se todos ao ouvir o rumor daquela multidão e o retinir das armas entrechocadas; era, realmente, um imenso e poderoso exército. ⁴²Judas e seu exército avançaram para travar o combate: do exército do rei caíram seiscentos homens. ⁴³Então Eleazar, cognominado 2.5 Avaran, ao ver ajazeado com um arnês real um dos elefantes, que se avantajava a todos os outros em estatura, e conjecturando que sobre ele estivesse o rei, ⁴⁴sacrificou-se^z para salvar o seu povo e adquirir um nome imortal. ⁴⁵Precipitou-se em direção ao animal através da falange, matando à direita e à esquerda, a tal ponto que os inimigos se apartaram

m. Lit. *os filhos de nosso povo*, hebraísmo, cf. 2Cr 35,5, etc.

n. Mesma expressão em 11,53; 15,27 ("mudar para com...").

o. Os macabeus se portam como senhores fora dos restritos limites da Judéia pós-exílica (15,30), que eles não levam em conta, 15,33-34.

p. 2Mc 13,2 fala de esquadões de vinte e dois elefantes.

q. Provavelmente o mesmo itinerário que o da campanha de Lísias (4,29). Um encontro referido por 2Mc 13,14 se travará em Modin.

r. 20km a sudoeste de Jerusalém.

s. Hebraísmo, cf. 4,52.

t. Cf. 3 *Macabeus* (apócrifo posterior a 1 e 2Mc); Ptolomeu IV Filopátor manda embriagar os elefantes que devem esmagar os judeus no hipódromo de Alexandria.

u. Lit. *sangue do cacho de uvas*, hebraísmo; cf. Gn 49,11, etc.

v. O elefante devia ser protegido nos flancos.

w. Lit. *o seu hindu*, por causa do lugar de origem dos elefantes.

x. Peças de bronze os reforçavam e podiam ser incrustadas de ouro, cf. também 1Rs 10,16.

y. Lit. *deu-se a si mesmo*, cf. Gl 1,4, etc.

para um lado e para o outro. ⁴⁶Esgueirou-se sob o elefante e de baixo desferiu-lhe um golpe mortal^a: o elefante caiu por terra sobre Eleazar, que morreu ali. ⁴⁷Os judeus, vendo a força impetuosa das tropas reais, retiraram-se.

O assédio do monte Sião e tomada de Betsur (2Mc 13,18-23). ⁴⁸Seguindo-lhes no encalço, subiu o exército real para Jerusalém. O rei sitiou a Judéia e o monte Sião. ⁴⁹Concluiu a paz com os de Betsur, que evacuaram a cidade por não dispor de víveres que lhes permitissem enfrentar um assédio, pois era, efetivamente, o ano sabático^b. ⁵⁰O rei apoderou-se de Betsur e ali estabeleceu uma guarnição. ⁵¹Sitiou o santuário durante muitos dias e instalou baterias e máquinas^b, lança-chamas e catapultas, escorpiões, lança-flechas e fundas. ⁵²A essas máquinas os sitiados opuseram outras, e combateram durante muitos dias. ⁵³Mas não havia provisões nos depósitos, porque era o sétimo ano e os israelitas, reconduzidos das nações pagãs para a Judéia, tinham consumido as últimas reservas. ⁵⁴Foram, assim, deixados no lugar santo só poucos homens, por causa da fome. Os outros se dispersaram, cada qual para o seu lado.

Antíoco V concede aos judeus a liberdade religiosa (2Mc 13,23-26; 11,22-26).

⁵⁵Foi quando Lísias veio a saber que Filipe, a quem o rei Antíoco, ainda em vida, encarregara de educar seu filho Antíoco e prepará-lo para ocupar o trono, ⁵⁶regressara da Pérsia e da Média com as tropas que haviam acompanhado o rei,

e procurava pôr-se à frente dos negócios do reino. ⁵⁷Ao inteirar-se disso, Lísias preparou-se para partir às pressas. Disse ao rei, aos generais do exército e aos homens: "Enfraquecemo-nos cada dia mais, escasseia-se-nos a comida, o lugar que sitiámos é bem fortificado, e os cuidados do reino recaem sobre nós. ⁵⁸Estendamos agora a mão direita a esses homens^c, façamos a paz com eles e com toda a sua nação. ⁵⁹Permitamos-lhes^d que se conduzam segundo seus costumes de outrora, porque se se exasperaram e fizeram tudo isso, é por causa de suas leis, que abolimos." ⁶⁰Agradaram ao rei^e e aos seus próceres estas palavras; enviou, pois, aos judeus propostas de paz, que foram por eles aceitas. ⁶¹O rei e os chefes ratificaram-nas com juramento; diante do que os judeus saíram da fortaleza. ⁶²O rei entrou no monte Sião e vendo as fortificações da praça violou o seu juramento e mandou demolir as muralhas que a circundavam^f. ⁶³Partiu, em seguida, a toda pressa e regressou a Antioquia. Encontrando a cidade em poder de Filipe, travou batalha contra ele e apoderou-se da cidade à força.

7 Demétrio I sobe ao trono (2Mc 14,1-4). ¹No ano cento e cinquenta e um^g,

Demétrio, filho de Seleuco, evadiu-se de Roma e dirigiu-se com um punhado de homens a uma cidade do litoral^h onde se inaugurou seu reinadoⁱ. ²E aconteceu que apenas penetrou na casa real de seus pais, o exército deitou as mãos em Antíoco e Lísias para levá-los à sua presença. ³Informaram-no a respeito: "Não me façais ver o seu rosto", disse ele. ⁴E o exército

2.19

z. O ventre era mais vulnerável, porque não era recoberto pela couraça. 2Mc situa em Modin um episódio análogo (13,15-17).

a. Do outono de 164 ao outono de 163. É a colheita de 163 que falta.

b. São os arbalistas. As baterias são plataformas de tiro, cf. 20. Esta descrição da artilharia selêucida é a mais completa que se conhece.

c. Gesto de reconciliação: cf. 11,50.62.66; 13,45.50.

d. Essa reviravolta deve se explicar pela morte de Antíoco Epifanes, campeão da helenização forçada, pela carestia e pelo regresso iminente de Filipe, rival de Lísias.

e. Cf. 8,21. Lit. *agradou diante do rei*, hebraísmo, cf. o texto hebr. de Est 5,14.

f. 2Mc 11,25 fala do Templo, mas não menciona os baluartes que, para o autor de 1Mc, são inseparáveis deles.

g. Em 161 a.C. Essa evasão organizada por Apolônio (cf. 10,69) é relatada por Políbio.

h. 2Mc 14,1 indica com precisão que é Tripoli do Líbano. De lá ele ganhará Antioquia. Momento favorável, porque o círculo de Antíoco estava implicado no assassinato de um legado romano.

i. Ele será reconhecido no ano seguinte por Roma e tomará o nome de Demétrio I Soter.

os matou, e Demétrio tomou assento no seu trono real¹. ⁵Foi quando vieram ter com ele tudo o que havia em Israel de homens sem fé nem lei, conduzidos por Alcimo, que cobiçava o cargo de sumo sacerdote. ⁶Acusaram o povo perante o rei, dizendo: "Judas e seus irmãos fizeram perecer todos os teus amigos e nos expulsaram de nosso país. ⁷Envia, pois, agora um homem de tua confiança^k para que veja todas as devastações de que Judas se tornou culpado entre nós e no domínio do rei, e que sejam punidos, eles e todos os seus auxiliares".

Báquides e Alcimo devastam a Judéia.

⁸O soberano escolheu Báquides, um dos amigos do rei, governador da Transeufratênia^l, homem de grande prestígio no reino e fiel ao rei. ⁹Enviou-o juntamente com o ímpio Alcimo^m. A este último conferiu o sacerdócio, e incumbiu-o de tirar vingança dos filhos de Israel. ¹⁰Partiram eles com numeroso exército e chegaram à terra de Judá. Enviaram a Judas e seus irmãos mensageiros com propostas aparentemente amistosas, traiçoeiras na realidade. ¹¹Os judeus, vendo que eles vieram com um poderoso exército, não deram crédito algum às suas palavras. ¹²Uma comissão formada de escribas foi, contudo, ter com Alcimo e Báquides, visando encontrar uma solução justa. ¹³Entre os israelitas os primeiros a solicitar a paz foram os hassideusⁿ. ¹⁴Diziam eles, com efeito: "É um sacerdote da estirpe de Aarão que veio com as tropas; não cometerá nenhuma injustiça contra nós". ¹⁵Dirigiu-lhes palavras pacíficas e assegurou-lhes com juramento: "Não procuraremos fazer-vos mal algum, nem

tampouco aos vossos amigos". ¹⁶Acreditaram nele, e ele prendeu sessenta dentre eles e os trucidou num só dia, conforme o que está escrito: ¹⁷*Esparharam as car-* SI 79.2-3
nes de teus santos e derramaram seu sangue ao redor de Jerusalém. E não havia quem os enterrasse. ¹⁸Então o temor e o terror se apoderaram de todo o povo: "Neles, dizia-se, não há verdade nem justiça, porque violaram o pacto e o juramento que haviam feito". ¹⁹Báquides partiu de Jerusalém e foi acampar em Bet-Zet^o. Mandou prender grande número de homens que haviam passado para o seu lado, bem como alguns do povo; fê-los degolar e lançou-os num grande poço. ²⁰Depois, confiando a Alcimo o governo da província e deixando-lhe um exército para sustentá-lo, retornou Báquides para junto do rei. ²¹Alcimo lutou para se fazer admitir como sumo sacerdote, ²²e todos os que semeavam a confusão entre o povo se agruparam à sua volta; assenhorearam-se da terra de Judá e fizeram um imenso mal^p a Israel. ²³Vendo que a maleficência de Alcimo e seus partidários contra os filhos de Israel ultrapassava a dos pagãos, ²⁴pôs-se Judas a percorrer todos os confins da Judéia, exercendo vingança contra os renegados e impedindo-os de circular pela região.

Nicanor na Judéia (2Mc 14,5-36).

²⁵Ao ver que Judas e seus companheiros se haviam tornado mais fortes, e vendo-se na impossibilidade de enfrentá-los, voltou Alcimo para junto do rei e acusou-os de grandes males^q. ²⁶O rei enviou Nicanor^r, um dos seus mais ilustres generais, que manifestava ódio e hostilidade a Israel, com a ordem de exterminar o

j. Lit. *Sobre o trono de sua realeza*, hebraísmo, cf. 10.53; 11.52; 1Rs 1.46; 2Cr 23.20 e 1Rs 9.5; 1Cr 22.10; 2Cr 7.18; Dn 5.20.

k. Segundo 2Mc 14.4, Alcimo visitou Demétrio antes dessa entrevista.

l. Designação, tomada dos persas, da metade oeste do império selêucida.

m. É o nome gregizado de Eliagim, aarônica apóstata, amigos dos gregos, descendente talvez de laqim, chefe da duodécima classe sacerdotal: 1Cr 24.12.

n. A princípio seguidores de Judas (2.42), consideram eles

que as garantias do rei no tocante à liberdade religiosa são agora suficientes.

o. Hoje Beit Zeita, 6km a norte de Betsur. Foi encontrado aí um poço com escadaria.

p. Lit. *fez um grande golpe*, 13.32; 14.36; 15.29.34, hebraísmo, cf. 1.30.

q. Cf. o relato mais matizado de 2Mc 14.5-14.

r. Derrotado por Judas, 3.38, por ocasião da morte de Epifanes, esse personagem tomou o partido de Demétrio desde antes da volta deste para o Oriente

povo. ²⁷Nicanor chegou a Jerusalém com um poderoso exército, e dirigiu a Judas, bem como a seus irmãos, pérfidas propostas de paz: ²⁸“Não haja luta entre mim e vós”; irei com uma pequena escolta, para uma entrevista pacífica”. ²⁹Chegou onde estava Judas e saudaram-se amistosamente, mas os inimigos estavam preparados para seqüestrar Judas. ³⁰Percebendo que Nicanor viera ter com ele com intenções dolosas, temeu Judas a sua presença e recusou a entrevista. ³¹Nicanor, compreendendo que seu artilho fora descoberto, partiu ao encontro de Judas para lhe dar combate, nas imediações de Cafarsalama”. ³²Sucumbiram cerca de quinhentos homens do exército de Nicanor, e os outros fugiram para a Cidade de David’.

³³Depois dessas ocorrências, Nicanor subiu ao monte Sião. Alguns sacerdotes e anciãos do povo saíram do lugar santo” para saudá-lo pacificamente e mostrar-lhe o holocausto que se oferecia pelo rei. ³⁴Ele, porém, os escarneceu, ultrajou-os e prorrompeu em palavras insolentes. ³⁵Proferiu, cheio de cólera, este juramento: “Se desta vez Judas não for entregue às minhas mãos, e com ele o seu exército, ao regressar, restabelecida a paz, incendiarei esta casa”. E saiu furioso. ³⁶Então os sacerdotes entraram e, postados diante do altar e do Templo, disseram em lágrimas: ³⁷“Foste tu, ó Deus, que escolheste esta Casa para que sobre ela fosse invocado o teu nome, a fim de que ela seja uma casa de oração e de súplicas. ³⁸Exerce contra este homem e contra o seu exército a tua vingança, e que eles caiam sob a espada. Lembra-te das suas blasfêmias e não lhes concedas trégua”.

Derrota e morte de Nicanor (2Mc 15,1-36). ³⁹Nicanor deixou Jerusalém e foi acampar em Bet-Horon, onde o alcançou um exército da Síria. ⁴⁰Judas acampou em Adasa^a com três mil homens. Judas fez então esta oração: ⁴¹“Quando os mensageiros do rei blasfemaram, teu anjo interveio e feriu cento e oitenta e cinco mil dentre eles”; ⁴²Da mesma forma esmaga hoje diante de nós esse exército, e que saibam os outros que ele falou impia-mente contra o teu lugar santo, e julga-o segundo a sua maldade”. ⁴³Os exércitos travaram batalha no dia treze de adar^a, o de Nicanor foi esmagado e ele próprio foi o primeiro a morrer no combate. ⁴⁴Vendo-o por terra, os soldados de Nicanor abandonaram as armas e fugiram. ⁴⁵Perseguiram-nos os judeus pelo percurso de uma jornada, desde Adasa até as vizinhanças de Gazara, ao clangor das trombetas da perseguição. ⁴⁶De todas as aldeias judaicas dos arredores saíram grupos para cercá-los e abatê-los. Todos pereceram ao fio da espada, nenhum escapou. ⁴⁷Recolhidos os despojos e o butim, deceparam a cabeça de Nicanor e a sua mão direita, que ele erguera de maneira tão insolente, levaram-nas e expuseram-nas à vista de Jerusalém. ⁴⁸Apos-sou-se do povo um júbilo indescritível e festejou-se aquele dia como um dia de excepcional alegria. ⁴⁹Decretou-se a celebração anual daquele dia, o dia treze de adar. ⁵⁰E o país de Judá gozou de repouso^b durante certo tempo^c.

8 Elogio dos romanos. ¹A fama dos romanos chegou aos ouvidos de Judas^d; eram valentes guerreiros^e, benevolentes para com todos os que se aliassem a eles, e prontos a fazer amizade com

s. Hebraísmo, cf. Gn 13,8.

t. Lit. *para ver vossos rostos* (Ex 10,28) *com paz* (Ex 18,23). semitismo, cf. 12,52.

u. Khirbet Selma, perto de Guibeon.

v. Então nas mãos dos pagãos, 1,33-35.

w. Lit. *dos* (lugares) *santos*; aqui, o Templo.

x. Hebraísmo, cf. 1Rs 8,43; sobre o lugar escolhido por Deus, cf. 1M 12,11 etc.

y. Cf. Js 15,37 e Dessau de 2Mc 14,16.

z. É o rei da Assíria, Senaquerib.

a. Cerca de 28 de março de 160 a.C.

b. Cf. 1,3; 9,57; 11,38,52; 14,4.

c. Em 2Mc 15,35ss., termina aqui o relato comum aos dois livros.

d. Lit. *Judas ouviu o nome dos romanos*, cf. 3,41.

e. 10,19; 11,44, cf. 2,42. Lit. *poderosos de força* (Js 8,3; 1Cr 12,30), hebraísmo; expressão ausente de 2Mc.

todos os que os procurassem^f — e eram valentes guerreiros^g. ²Falaram-lhe também das suas guerras e façanhas levadas a cabo contra os gálatas^h, que haviam vencido e submetido ao tributo, ³de tudo o que fizeram na província de Espanha para se apoderar das minas de prata e ouro que ali existiamⁱ ⁴e como se haviam apossado daquela terra, graças à sua habilidade e perseverança — de fato, este lugar estava a grande distância —; e o mesmo sucedera aos reis vindos das extremidades da terra para atacá-los: eles os tinham esmagado, infligindo-lhes um grande desastre, enquanto os outros lhes pagavam um tributo anual; ⁵finalmente, haviam derrotado a Filipe, a Perseu, rei dos citeus^j, assim como aos que se levantaram contra eles, e subjugaram-nos.

⁶Antíoco, o Grande, rei da Ásia, que marchara contra eles para combatê-los com cento e vinte elefantes^k, cavalaria, carros e numerosíssimo exército, fora por eles desbaratado^l ⁷e, capturado vivo, foralhe imposto, a ele e aos seus sucessores, o pagamento a termos fixos de pesado tributo e a entrega de reféns^m. ⁸Tomaram-lhe a região da Índia, a Médiaⁿ, a Lídia e algumas de suas mais belas províncias e entregaram-nas ao rei Êumenes^o. ⁹Os povos da Grécia decidiram ir exterminá-los. ¹⁰Cientes disso, mandaram os romanos um só general contra eles, guerrearam contra eles e houve entre os gregos numerosas baixas, sendo suas mulheres e filhos levados para o cativeiro; os romanos pilharam os seus bens, submeteram a terra, arrasaram as suas

fortalezas e reduziram-nos a uma servidão que perdura até hoje^p.

¹¹Também os outros reinos e as ilhas que lhes haviam resistido, eles os destruíram e sujeitaram; ¹²mas com os seus amigos e com os que confiam no seu apoio mantiveram amizade. Submeteram os reis vizinhos e distantes, e temem-nos quantos lhes ouvem o nome. ¹³Reinam os que eles consideram dignos de reinar e receber sua colaboração, e aos outros eles depõem. Estão no apogeu do seu poder. ¹⁴Apesar de tudo isso, nenhum dentre eles cingiu o diadema ou se revestiu da púrpura para se engrandecer com ela. ¹⁵Proveram-se de um senado em que diariamente se reúnem em conselho trezentos e vinte membros que deliberam permanentemente acerca dos assuntos do povo, para lhes garantir a boa ordem^q. ¹⁶Confiam cada ano a um só homem^r o cargo de os governar e a dominação sobre todo o império, e todos lhe obedecem, a ele somente, sem nenhuma inveja ou ciúme.

Aliança dos judeus com os romanos.

¹⁷Judas escolheu Eupólemo^s, filho de João, filho de Acos^t, e Jasão, filho de Eleazar, e enviou-os a Roma, para concluir um pacto de amizade e aliança ¹⁸e conseguir que lhes tirassem o jugo, porque viam que o reino dos gregos reduzia Israel à servidão^u. ¹⁹Partiram para Roma — era muito longo o caminho — e, entrando no Senado, tomaram a palavra e disseram: ²⁰Judas Macabeu, seus irmãos e o povo judeu nos enviaram à vossa

f. Roma apoiava de bom grado os movimentos rebeldes para enfraquecer as monarquias ainda não completamente submetidas.

g. Repetição errônea, por ditografia.

h. Possível alusão à submissão da Gália Cisalpina no começo do séc. II.

i. As campanhas de Cipião, 218-206 a.C.

j. Filipe V da Macedônia, batido em Cincófalos em 197, e seu filho Perseu, batido em Pidna em 168 a.C. Sobre os citeus, cf. I, 1.

k. Número exagerado. Políbio fala de 54 elefantes.

l. Antíoco III, batido em 189 a.C. em Magnésia do Sípilo, teve de assinar o duro tratado de Apaméia, cf. 2Mc 3,4-8.

m. Na realidade, conseguiram escapar dos vencedores.

n. Índia e Média: possível corrupção textual por *Iônia* e *Mísia*.

o. A cavalaria de Êumenes II de Pérgamo contribuiu grandemente para a vitória romana.

p. Nestes vv., o elogio dos romanos, que se supõe situar-se em torno de 160 a.C., desce até 146, data da redução da Grécia a província romana.

q. O autor opõe ao absolutismo oriental a democracia romana, mais achegada à ideologia macabeia.

r. Na realidade, o poder estava nas mãos de dois cônsules.

s. Trata-se talvez do autor de uma história dos reis da Judéia, citada por Josefo e Eusébio.

t. A família sacerdotal de Acos é conhecida através de 1Cr 24,10 etc.

u. Lit. *sujeitava Israel na sujeição*, hebraísmo, cf. Ez 29,18.

presença, para firmarmos convosco aliança e paz e para sermos inscritos no rol de vossos aliados e amigos". ²¹Agradou-lhes tal proposta". ²²Eis a cópia da carta que

14,18 gravaram em tábuas de bronze e enviaram a Jerusalém, para que ali se tornasse um memorial de paz e aliança.

²³"Prosperidade aos romanos e à nação dos judeus, sobre o mar, sobre a terra e para sempre! Longe deles a espada e o inimigo! ²⁴Mas se for declarada a guerra primeiro aos romanos ou a algum dos seus aliados, em qualquer lugar em que se exerça o seu domínio, ²⁵a nação judaica combaterá a seu lado de todo o coração", segundo o que lhes ditarem as exigências do momento. ²⁶Conforme aprovou a Roma, nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios serão dados ou emprestados aos beligerantes, e cumprirão seus compromissos sem nada receber em paga. ²⁷Da mesma forma, se alguma terra atingir primeiro a nação dos judeus, os romanos combaterão com ela de toda a sua alma, segundo o que lhes ditarem as exigências do momento. ²⁸Não será dado aos seus adversários^a nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios, como aprovou a Roma, mas cumprirão lealmente os seus compromissos. ²⁹Foi nestes termos que os romanos fizeram um pacto com o povo judeu^b. ³⁰Se, no futuro, uns e outros decidirem acrescentar ou suprimir alguma coisa, poderão fazê-lo como lhes aprouver, e será, de pleno direito, reconhecida a validade de toda adição ou supressão. ³¹No tocante aos males com que os molestou o rei Demétrio, escrevemos-lhe nestes termos: 'Por que fizeste pesar o teu jugo^c sobre os judeus, nossos amigos e aliados? ³²Se,

portanto, continuarem a te acusar, apoiaremos a sua causa" e combateremos contra ti no mar e na terra".

9 Morte de Judas Macabeu no combate de Beerzet.

¹Demétrio, quando soube que Nicanor sucumbira com o seu exército na batalha^b, enviou de novo à terra de Judá Báquides e Alcimo com a ala direita do exército. ²Tomaram estes o caminho da Galiléia, assediaram Mesalot^c no território de Arbelas, tomaram-na e mataram aí grande número de pessoas. ³No primeiro mês do ano cento e cinquenta e dois^d, acamparam diante de Jerusalém. ⁴Depois partiram dali e dirigiram-se para Beerzet^e com vinte mil infantes e dois mil cavaleiros. ⁵Judas estava acampado em Elasa^f, tendo consigo três mil guerreiros d'escol. ⁶À vista do grande número das forças inimigas sentiram-se tomados de terror. Muitos desertaram, restando em campo pouco mais de oitocentos homens. ⁷Judas viu que seu exército se esvaecera justamente quandourgia a batalha; partiu-se-lhe de dor o coração, porque não dispunha mais de tempo para reagrupar os seus. ⁸Desamparado, disse aos que haviam ficado: "Eia! Saíamos contra os nossos adversários, e vejamos se os podemos enfrentar". ⁹Tentavam, porém, dissuadi-lo, dizendo: "Por enquanto nada podemos fazer, a não ser salvar as nossas vidas. Voltaremos com nossos irmãos para retomar a luta. É por demais reduzido o nosso número." ¹⁰Judas replicou: "Não se há de dizer^g que optei pela fuga^h. Se é chegada a nossa hora, morramos varonilmente por nossos irmãos e não deixemos que se anuvie a nossa glória."

v. A delegação voltou provavelmente em 161 a.C.

w. Lit. com *um coração inteiro*, hebraísmo, cf. 2Rs 20,3; 1Cr 29,9, etc.

x. Lit. *uns aliados* (contra Israel?).

y. O grego *dêmos*, aqui e em 12,6: 14,20-23, designa o povo no sentido político e não étnico.

z. Hebraísmo, cf. 2Cr 10,10, etc.

a. Lit. *Nós lhes faremos direito*, hebraísmo, cf. Gn 18,25; Dt 10,18.

b. Sequência de 7,50.

c. A oeste do lago de Tiberíades.

d. Abril-maio de 160 a.C.

e. 20km a norte de Jerusalém, cf. 1Cr 7,31.

f. Se se trata do *Khirbet Il'usa*, perto de Bet-Horon, o campo de Judas é distante do de Báquides. Mas pode ser que nosso texto queira falar da retaguarda de Judas.

g. Hebraísmo, cf. Gn 44,17.

h. Lit. de *fazer aquilo, fugir deles*.

¹¹O exército inimigo deixou o acampamento e tomou posição para atacá-los. Sua cavalaria estava repartida em dois corpos, os fundibulários e os arqueiros puseram-se à frente do exército, bem como a tropa de choque — os mais valentes — ¹²postando-se Báquides na ala direita. A falange avançou dos dois lados ao som das trombetas. Os homens de Judá fizeram também soar as suas ¹³e a terra foi abalada¹ pelo estrépito dos exércitos; o combate se travou pela manhã e prolongou-se até o entardecer.

¹⁴Judas viu que Báquides e o forte do seu exército estavam na ala direita. À volta de Judas agruparam-se todos os que estavam inflamados de coragem. ¹⁵Levaram de roldão a ala direita e a perseguiram até os montes de Azara¹. ¹⁶Vendo a derrocada da ala direita, voltaram-se os da ala esquerda sobre os passos de Judas e dos seus e os acossaram pelas costas. ¹⁷Tornou-se renhida a luta^k e houve muitas baixas de uma parte e de outra. ¹⁸Judas sucumbiu também e os outros fugiram.

¹⁹Jônatan e Simão tomaram nos braços o seu irmão Judas e o sepultaram no túmulo de seus pais em Modin. ²⁰Pranteou-o todo Israel e cobriu-se por ele de pesado luto¹: prolongaram por muitos dias os seus lamentos: ²¹*“Como pôde cair o herói que salvara Israel?”* ²²O restante das ações de Judas, de seus combates, das proezas que realizou, de seus títulos de glória não foi escrito, pois era demais.

Jônatan sucede a Judas. ²³Após a morte de Judas, reapareceram os ímpios por todo o território de Israel e os obreiros da iniquidade reergueram a cabeça. ²⁴Como reinasse então uma carestia particularmente grave, a região aderiu a eles.

²⁵Báquides escolheu homens ímpios para reger o país. ²⁶Estes instauravam perquirições e devassas contra os amigos de Judas e os submetiam a interrogatório, levando-os depois a Báquides, que os punia e ridicularizava. ²⁷Reinou então em Israel uma opressão como não houvera outra desde o final dos tempos dos profetas. ²⁸Reuniram-se então todos os amigos de Judas e disseram a Jônatan: ²⁹*“Desde a morte do teu irmão Judas, não há mais homens como ele para marchar contra o inimigo, contra Báquides e contra todos os que são hostis a nossa nação. ³⁰Nós te escolhemos hoje, portanto, no lugar dele como chefe e guia, para levares avante a nossa luta.”* ³¹Recebeu Jônatan nesse instante o comando e sucedeu ao seu irmão Judas.

4,46:
14,41

2.1.5

Jônatan no deserto de Técua e na terra de Moab. ³²Báquides veio a saber disto e procurava matá-lo. ³³Jônatan e seu irmão Simão, e todos os que acompanhavam Jônatan foram informados a respeito. Refugiaram-se no deserto de Técua^m e acamparam perto das águas da cisterna Asfarⁿ. ³⁴Báquides o soube no dia de sábado e transportou-se com todo o seu exército para além do Jordão. ³⁵Jônatan enviou seu irmão, que comandava a tropa, para pedir aos seus amigos, os nabateus, a autorização de deixar com eles em depósito as suas bagagens, que eram consideráveis. ³⁶Mas os filhos de Jambri^o, os de Mádaba^p, fizeram uma incursão, apoderaram-se de João e de tudo o que ele trazia consigo e partiram com seu butim. ³⁷Em seguida a esses acontecimentos, anunciaram a Jônatan e a Simão, seu irmão, que os filhos de Jambri celebravam um faustoso casamen-

5.25

i. Expressão bíblica, cf. 1Rs 140; Sl 18,7; 97,4; 114,7.

j. Correção segundo Josefo: é Báal-Haṣor, 2Sm 13,3, cf. Ne 11,33. O texto traz *montes de Azoto*, mas não se conhece nenhuma montanha perto de Azoto.

k. Lit. o *combate tornou-se pesado*, hebraísmo, cf. 1Sm 31,3; 1Cr 10,3.

l. Hebraísmo, cf. 2,14, etc.

m. É a pátria do profeta Amós (Am 1,1), 18km a sudeste de

Jerusalém, que domina o deserto do mesmo nome, 2Cr 20,20, cujos wadis, descendo para o mar Morto, serviram de refúgio a David, 1Sm 24 e 26. * [Hebr.: Teqoa.]

n. A localização não está assegurada, talvez o atual Sheik Ahmad Abu Safar, 6km a sul de Técua.

o. Ou *Amraí*, segundo Josefo, Ant. XIII, 11.

p. Cidade do planalto transjordânico, uns 20km do mar Morto (Nm 21,30 etc.). * [Hebr.: Medebá.]

to: com grande pompa conduziam de Nabata^q a noiva. Era ela filha de um importante personagem de Canaã.³⁸ Lembraram-se da sangrenta morte de João, seu irmão, e subiram a esconder-se ao abrigo de uma dobra da montanha.³⁹ Erguendo os olhos, viram o noivo, seus amigos e seus irmãos que vinham em sua direção com tamborins, músicos e um rico equipamento bélico, no meio de um ruidoso cortejo e de todas as bagagens.⁴⁰ Saindo de sua emboscada, precipitaram-se sobre eles e os massacraram; muitos caíram, mortalmente feridos, e os sobreviventes fugiram para a montanha. Levaram todos os seus despojos.⁴¹ Desse modo as bodas se transformaram em luto e o som de seus músicos, em lamento.

Am 8.10

⁴²Tiraram^r, assim, vingança do sangue^s de seu irmão e voltaram para os pântanos do Jordão^t.

Escaramuça às margens do Jordão.

⁴³Ao saber disso, Báquides também veio às margens do Jordão, em dia de sábado, com numeroso exército.⁴⁴ Disse então Jônatan a seus companheiros: "Eia! Combatamos para salvar as nossas vidas, porque hoje não é como ontem e anteontem".⁴⁵ Temos um combate à nossa frente; de um lado as águas do Jordão, do outro o pântano e o cerrado. Não há por onde bater em retirada.⁴⁶ Agora erguei

aos Céus o vosso clamor, a fim de escapardes das mãos de vossos inimigos".

⁴⁷Travou-se o combate, e Jônatan estendeu a mão para ferir Báquides, mas este esquिवou o golpe jogando-se para trás.⁴⁸ Jônatan e os seus atiraram-se ao Jordão e o atravessaram a nado, mas os inimi-

gos não transpuseram o Jordão no seu encalço^r.⁴⁹ Dos de Báquides pereceram nesse dia cerca de mil homens.

Báquides ergue fortificações na Judéia.

Morte de Alcimo.⁵⁰ Báquides regressou a Jerusalém. Construiu cidades fortificadas na Judéia, a fortaleza situada em Jericó, Emaús, Bet-Horon, Betel, Tamnata^u, Faraton e Tefon, com altas muralhas, portas e ferrolhos^v.⁵¹ Estabeleceu depois em cada uma delas uma guarnição para fustigar Israel.⁵² Fortificou a cidade de Betsur, Gazara e a Cidadela.^{4.15} Pôs aí tropas e reservas de mantimentos.⁵³ Tomou como reféns os filhos dos próceres da região e aprisionou-os na cidadela de Jerusalém.

⁵⁴No ano cento e cinquenta e três^w, no segundo mês, Alcimo deu ordens para que se demolisse a muralha^x do pátio interno do lugar santo, destruindo assim a obra dos profetas^y, e deu início à demolição.⁵⁵ Nisto Alcimo teve um ataque, e os trabalhos foram suspensos. Sua boca se fechou e ficou paralisada, impedindo-o de pronunciar desde então uma só palavra e de dar ordens acerca de sua casa^z.⁵⁶ Alcimo morreu nessa época, presa de vivos sofrimentos.⁵⁷ Vendo que Alcimo estava morto, Báquides voltou para junto do seu rei, e a terra de Judá gozou de repouso pelo espaço de dois anos.

1.3;
7.50

Báquides malogra diante de Bet-Basi e deixa a Judéia.

⁵⁸Todos os ímpios reuniram-se em conselho: "Jônatan e seus seguidores", diziam eles, "vivem tranqüilos e descuidados. É chegado o momento de fazermos vir Báquides, e ele os

q. Segundo Josefo, é uma praça forte aramaica situada nas proximidades do monte Nebô (cf. Nm 32.3), de que ela conserva o nome, na orla da planície de Moab, aqui chamada Canaã, por arcaísmo.

r. Hebraísmo, cf. 2.67.

s. *Vingar o sangue*: hebraísmo, cf. Dt 32.43; 2Rs 9.7.

t. São as baixadas pantanosas chamadas *zôr* (cerrado) em árabe, repletas de arbustos espinhosos e de difícil acesso.

u. Hebraísmo, cf. Gn 31.2; Js 4.18.

v. O entrevero deve ter ocorrido na margem ocidental do Jordão (Josefo). Báquides obriga Jônatan a voltar à margem oc-

dental, sem transpor ele próprio o curso d'água.

w. *Tamnata*: forma aramaica da Timná de Js 19.50; *Faraton*: Pireaton de Jz 12.15; *Tefon*: Tapua de Js 12.17.

x. Os ferrolhos são as barras transversais que bloqueiam as portas.

y. Abril-maio de 159 a.C.

z. Talvez a parede que separava o pátio dos pagãos dos dos judeus.

a. Alusão ao papel desempenhado por Ageu e Zacarias na construção do Templo após o Exílio.

b. Expressão bíblica, cf. 2Rs 20.1. Trata-se de disposições testamentárias.

prenderá a todos numa mesma noite".⁵⁹Foram deliberar com ele sobre o assunto. ⁶⁰Báquides pôs-se a caminho com numerosa tropa, escrevendo secretamente a todos os seus aliados da Judéia para lhes pedir que capturassem Jônatan e seus companheiros. Mas o plano deles foi descoberto, e malogrou inteiramente. ⁶¹Em represália, cinquenta dos instigadores locais dessa má ação foram capturados e mortos. ⁶²Jônatan, Simão e seus partidários retiraram-se em seguida para o deserto em Bet-Basi^c; restauraram-lhe as ruínas e a fortificaram. ⁶³Sabedor disso, reuniu Báquides todas as suas tropas e mandou também os seus partidários da Judéia. ⁶⁴Veio tomar posição diante de Bet-Basi, atacou-a durante muitos dias e mandou construir máquinas. ⁶⁵Deixando na cidade o seu irmão Simão, Jônatan, com um pequeno destacamento, operou uma surtida na região. ⁶⁶Bateu Odomera e seus irmãos, assim como os filhos de Fasiron^d, no seu acampamento. Desencadearam o ataque e partiram para o assalto às tropas^e. ⁶⁷Simão e seus homens fizeram então uma surtida^f e atearam fogo às máquinas. ⁶⁸Deram combate a Báquides: completamente desbaratado, caiu em profundo abatimento com o malogro do seu plano de ataque. ⁶⁹Tomado de um violento ressentimento contra os homens iníquos que o haviam feito vir àquela região, matou muitos deles e resolveu retornar à sua terra. ⁷⁰Ao ter conhecimento disso, enviou-lhe Jônatan alguns mensageiros para negociar a paz e combinar a restituição dos prisioneiros. ⁷¹Ele aceitou as propostas e agiu conforme a solicitação de Jônatan, ju-

rando que jamais em sua vida lhe procuraria fazer mal algum. ⁷²Deveceu-lhe os que fizera prisioneiros^g na terra de Judá, regressando em seguida à sua própria terra e não mais retornou ao território dos judeus. ⁷³Descansou afinal a espada em Israel^h e Jônatan foi instalar-se em Macmasⁱ, onde começou a julgar o povo^j e fez desaparecer os ímpios do meio de Israel. Dt 19,19

10 Alexandre Balas nomeia Jônatan sumo sacerdote.

¹No ano cento e sessenta^k, Alexandre Epífanes^l, filho de Antíoco, desembarcou e apoderou-se de Ptolemaida. Foi bem recebido e foi lá que começou o seu reinado. ²Inteirado disso reuniu o rei Demétrio um poderoso exército e saiu a combatê-lo. ³Escreveu a Jônatan uma carta muito pacífica, cheia de promessas para ele. ⁴Pois dizia consigo: "Apresemos-nos em firmar a paz com eles, antes que a façam com Alexandre contra nós, ⁵porque então se lembrará ainda naquele momento dos males que o fizemos suportar, assim como a seus irmãos e à sua nação". ⁶Autorizou-o até a recrutar tropas, a fabricar armas e a se dizer seu aliado. Ordenou que lhe entregassem os reféns que estavam na Cidadela. ⁷Jônatan veio a Jerusalém e leu a mensagem diante de todo o povo^m: ⁸"encheram-se de grande temor" ao ouvirem que o rei dava a Jônatan a autorização de recrutar tropas. ⁹A guarnição da Cidadela devolveu os reféns a Jônatan e este os entregou às suas famílias. ¹⁰Jônatan passou a residir em Jerusalém e pôs-se a reconstruir e a restaurar a cidade. ¹¹Aos que empreenderam os trabalhos ordenou 9,53

c. Esd 2,17 menciona, entre os repatriados de Babilônia, os filhos de Beşai, cujo nome sobreviveu no de Beit Bassá, entre Bet-Lehem e Técua.

d. Tribos árabes aliadas a Báquides.

e. O sujeito desta frase é ambíguo.

f. Saída possível por uma ação diversiva de Jônatan (segundo Josefo, *Ant.* XIII, 28).

g. Lit. o cativo (os cativos) que ele havia capturado, hebraísmo; cf. Am 1,6, etc.

h. Expressão bíblica, cf. Jr 47,6. A paz durou aproximadamente de 157 a 152 a.C.

i. Cf. Ism 13,2, etc. A aproximadamente 12km a nordeste de Jerusalém. * [Hebr. Mikmās.]

j. Jônatan é assimilado a um dos antigos Juizes, cf. Jz 3,10, etc.

k. Entre setembro de 153 e outubro de 152.

l. Esse aventureiro chamado Balas pretendia ser o filho de Antíoco Epífanes explorando a sua semelhança com ele.

m. Lit. aos ouvidos do povo, hebraísmo, confira Ex 24,7, etc.

n. Lit. eles temeram um grande temor, hebraísmo, cf. Jn 1,10, etc.

Jônatan que reconstruíssem os baluartes e cercassem o monte Sião de uma muralha de pedras de cantaria, o que foi executado⁹. ¹²Os estrangeiros que ocupavam as fortalezas construídas por Bábuides puseram-se em fuga. ¹³Abandonou cada qual o seu posto e voltou para sua terra. ¹⁴Somente em Betsur deixou-se que ficassem alguns dos que haviam abandonado a Lei e os preceitos: porque era um lugar de refúgio.

¹⁵O rei Alexandre soube das promessas com que Demétrio acenara a Jônatan. Referiram-lhe também os combates e atos de heroísmo que seus irmãos e ele próprio haviam levado a cabo e os sofrimentos que tinham suportado. ¹⁶“Encontraremos acaso homem igual a este?”, exclamava ele. “Precisamos agora fazer dele um amigo e aliado.” ¹⁷Escreveu-lhe, pois, uma longa carta redigida nestes termos:

¹⁸“O rei Alexandre a seu irmão Jônatan, saudação. ¹⁹Soubemos a teu respeito que és um homem destemido⁹ e que mereces ser nosso amigo. ²⁰Por este motivo, a partir deste dia, nós te constituímos sumo sacerdote⁴ de tua nação e te damos o título de amigo do rei — honrou-o, portanto, com a púrpura⁷ e uma coroa de ouro —, a fim de que abraços o nosso partido e nos guardes a tua amizade”.

²¹Jônatan revestiu-se dos ornamentos sagrados no sétimo mês do ano cento e sessenta⁸, por ocasião da festa das Tendas; recrutou tropas e fabricou muitas armas.

Oferecimentos de Demétrio I a Jônatan. ²²Posto ao corrente desses fatos comentou Demétrio, contrariado: ²³“Que fizemos nós para que Alexandre coopte antes de nós a amizade dos judeus para lhes obter o apoio? ²⁴Escrever-lhes-ei, eu também, em termos persuasivos, com oferecimentos de situação elevada e subvenções, a fim de que me garantam o seu apoio”. ²⁵E escreveu-lhes nos seguintes termos:

“O rei Demétrio à nação dos judeus, saudações. ²⁶Sempre reconheceste a validade das convenções efetuadas entre nós, permaneceste nossos amigos, não vos passastes para o lado dos nossos inimigos. De tudo isso estamos informados e nos regozijamos. ²⁷Continuai a nos guardar a vossa fidelidade e recompensaremos a vossa atitude com benefícios: ²⁸conceder-vos-emos muitas isenções fiscais e vos dispensaremos favores. ²⁹A partir de agora vos libero, e declaro isentos todos os judeus, dos tributos, do imposto sobre o sal e das coroas”. ³⁰Além disso, a partir deste dia, renuncio para sempre ao terço dos produtos do solo e à metade dos frutos das árvores que me cabem⁵, em benefício da terra de Judá e dos três distritos⁶ da Samarítide e da Galiléia que lhe são anexados⁵. ³¹Jerusalém será santa e isenta⁵, assim como o seu território, de dízimos e direitos⁶. ³²Renuncio também à Cidadela de Jerusalém e cedo-a ao sumo sacerdote, que poderá estabelecer ali uma guarnição de sua escolha. ³³A todo judeu que, da terra de

o. Cf. 6,62; esses trabalhos serão retomados por Jônatan, no apogeu do seu poder, 12,35-37.

p. Hebraísmo, cf. 8,1, etc.

q. Essa nomeação é legítima para o autor de *IMc.* Alexandre, reconhecido por Roma e outras potências, usa de seu direito régio (2Mc 4,10). A nomeação de um descendente de Joarib (cf. 2,1.54) acarreta a evicção dos oníadas. Talvez seja quando o filho de Onias III funda no Egito o templo de Leontópolis (Josefo *Ant.* XIII, 62-73) e que o “Senhor de justiça” (do *Doc. de Damasco* 1,11) se refugia em Qumran.

r. A capa de púrpura era a insígnia dos amigos do rei e dos sumos sacerdotes dos cultos helenísticos.

s. Entre 23 e 30 de outubro de 152 a.C. Para a data da celebração, cf. Lv 23,33.

t. Sem mencionar Jônatan, Demétrio vai aceitar parte de suas

reivindicações, inscrevendo-as, todavia, no quadro da soberania real, cf. v. 31.

u. Originariamente a coroa é um dom sob a forma de uma coroa de folhagem de ouro, depois o seu equivalente em moedas de ouro. v. Em 165, Antíoco IV substituiu o tributo por taxas territoriais muito mais pesadas, fazendo da Judéia uma propriedade real (3,36); aqui, o tributo parece ser restabelecido.

w. Divisões territoriais egípcias (*nomós*): cf. 11,34.

x. Reconhecimento dos distritos conquistados por Judas.

y. A expressão grega completa, *santa e inviolável*, é conservada pelo texto de Josefo, *Ant.* XIII, 51. Esse privilégio, que inclui o direito de asilo, limita-se à cidade de Jerusalém.

z. O texto de Josefo diz: *franquia do dízimo e dos direitos*, franquia que se estende igualmente à Judéia, que é o território da cidade de Jerusalém.

Judá, tiver sido levado prisioneiro para qualquer parte do meu reino, restituo-lhe a liberdade, sem exigir resgate. Que todos sejam isentos de impostos, inclusive sobre o seu gado. ³⁴Todas as festas, os sábados e as luas novas, as festas prescritas, com os três dias que as precedem e os três que se lhes seguem serão todos dias de imunidade e remissão^a para todos os judeus de meu reino. ³⁵Ninguém terá autoridade para exigir deles qualquer pagamento ou para inquietar algum dentre eles sobre qualquer assunto que seja. ³⁶Alistar-se-ão no exército real judeus num total de trinta mil soldados, e receberão o mesmo soldo que as demais tropas do reino. ³⁷Alguns deles serão aplicados às principais fortalezas do rei. Alguns dentre os judeus serão designados para cargos de confiança no reino. Seus prepositos e chefes serão escolhidos das suas próprias fileiras e se conduzirão segundo as leis, como o ordenou o rei para a terra de Judá. ³⁸Quanto aos três distritos ajuntados à Judéia às expensas da região da Samaria, sejam elas anexadas à Judéia e considerados como dependentes de um só homem, isentos de obediência a outra qualquer autoridade que não a do sumo sacerdote.

³⁹Dão Ptolemaida e o território a ela anexo^b ao santuário de Jerusalém, para cobrir as despesas do culto. ⁴⁰De minha parte darei, todos os anos, quinze mil siclos^c de prata descontados das rendas reais, a serem arrecadados nas localidades mais adequadas. ⁴¹A título retroativo, consignarão doravante os funcionários aos trabalhos do Templo todo o excedente que não pagaram como o faziam nos anos precedentes. ⁴²Além disso, os cinco mil siclos de prata previamente tributados sobre os bens do santuário, no capítulo de seus proventos anuais, serão destinados aos sacerdotes em exercício.

⁴³Todo aquele que por causa de um débito ao fisco real ou outro negócio qualquer se refugiar no Templo de Jerusalém, ou dentro de seus limites, ficará livre, com todos os bens que possua no meu reino.

⁴⁴Os custos dos trabalhos de construção e restauração do santuário correrão por conta do rei. ⁴⁵As despesas motivadas pela reconstrução das muralhas e o reforço das fortificações de Jerusalém e pela reconstrução dos baluartes em outros lugares da Judéia serão igualmente cobertas pelos recursos reais".

Encl. 6.4

Morte de Demétrio I. ⁴⁶Ouvindo essas palavras, Jônatan e o povo recusaram-se a acreditar nelas e a levá-las em consideração, porque ainda traziam na memória todo o mal que Demétrio fizera em Israel e a opressão que fizera pesar sobre eles. ⁴⁷Decidiram-se a favor de Alexandre, porque a seus olhos ele nutria propósitos pacíficos^d, e tinham sido constantemente seus aliados. ⁴⁸O rei Alexandre reuniu grandes forças e marchou contra Demétrio. ⁴⁹Travada, entretanto, a batalha, abandonou o exército de Alexandre o campo de batalha. Demétrio perseguiu-o e levou vantagem sobre os seus soldados. ⁵⁰Combateu-se renhidamente até o pôr-do-sol. Mas Demétrio sucumbiu naquele dia.

Aliança de Alexandre Balas com Ptolomeu VI e com Jônatan. ⁵¹Enviou Alexandre a Ptolomeu^e, rei do Egito, embaixadores com esta mensagem:

⁵²"Eis-nos retornados ao nosso reino e sentados no trono de nossos pais; tomamos o poder, esmagamos Demétrio e nos apoderamos de nossa terra. ⁵³Demos-lhe, efetivamente, batalha, desbaratamo-lo completamente, a ele e a seu exército, e ocupamos o seu trono real^f. ⁵⁴Façamos,

a. Generalização do costume que suspendia dívidas e direitos de outorga durante a peregrinação.

b. Demétrio incitava os judeus a atacar uma base de Balas (10.1). Os judeus tinham contas a acertar com a gente da Ptolemaida: 2Mc 6.8; 1Mc 5.15,22.

c. Designa aqui o *siclo* o tetradracma tírio de 14 gramas. Cf. a apelação "siclo de Israel" para os tetradracmas da primeira revolta.

d. Porque a coulição contra Demétrio lhes parecia dever prevalecer.

e. Ptolomeu VI Filométor, 180-145 a.C.

f. Hebraísmo, cf. 7.4.

agora, um pacto de amizade, e desde hoje dá-me a tua filha em casamento: serei teu genro e far-te-ei, assim como a ela, presentes dignos de ti^g.

⁵⁵Respondeu o rei Ptolomeu nos seguintes termos: "Feliz o dia em que tornaste a entrar na terra de teus pais e te sentaste no seu trono real. ⁵⁶Far-te-ei, agora, o que tu escreveste. Mas vem ao meu encontro em Ptolemaida, a fim de termos uma entrevista, e serei teu sogro, como disseste".

⁵⁷Partiu Ptolomeu do Egito com Cleópatra, sua filha, e dirigiu-se a Ptolemaida no ano cento e sessenta e dois^h. ⁵⁸O rei Alexandre saiu ao encontro de Ptolomeu; este deu-lhe a sua filha Cleópatra e celebrou o casamento em Ptolemaida com grande pompa, como convém aos reis. ⁵⁹O rei Alexandre escreveu a Jônatan que viesse visitá-lo. ⁶⁰Jônatan dirigiu-se a Ptolemaida com grande pompa e encontrou-se com os dois reis; deu-lhes, bem como a seus amigos, prata e ouro e numerosos presentes e encontrou graça a seus olhosⁱ. ⁶¹Foi quando indivíduos sem fé nem lei, a peste de Israel, se coligaram contra ele. Acusaram-no perante o rei, que não lhes deu atenção alguma.

⁶²Ordenou até que despojassem Jônatan de suas vestes e o revestissem de púrpura, e sua ordem foi cumprida. ⁶³O rei fê-lo assentar-se ao seu lado e disse aos seus dignitários: "Saí com ele ao centro da cidade e mandai proclamar que ninguém, sob pretexto algum, deverá apresentar queixa contra ele, e que ninguém, por qualquer motivo que seja, ouse molestá-lo". ⁶⁴Quando os caluniadores vieram as honras que lhe eram tributadas,

consoante a proclamação real, e a púrpura sobre os seus ombros, puseram-se todos em fuga. ⁶⁵O rei fez-lhe ainda a honra de inscrevê-lo entre os seus primeiros amigos^j, e constituiu-o estratega e governador^k. Assim Jônatan regressou a Jerusalém na paz e na alegria.

Demétrio II envia Apolônio contra Jônatan, que o derrota.

⁶⁷No ano cento e sessenta e cinco^l, Demétrio^m, filho de Demétrio, veio de Creta, à terra de seus pais. ⁶⁸Inteirando-se disso o rei Alexandre, vivamente contrariado, regressou a Antioquia. ⁶⁹Demétrio confirmou Apolônioⁿ no cargo de governador^o da Celesíria^p; reuniu este um grande exército, veio acampar nas proximidades de Jâmnia^q e mandou dizer ao sumo sacerdote Jônatan:

⁷⁰"És verdadeiramente o único a te ergueres contra nós e eis-me, por tua causa, transformado em objeto de derisão e opróbrio. Por que exercer a tua autoridade contra nós nas montanhas? ⁷¹Se confias em tuas tropas, desce agora contra nós na planície, e lá nos mediremos um com o outro, porque a força das cidades está comigo. ⁷²Informa-te e fica sabendo quem sou eu e quem são os que nos prestam a sua colaboração. Dizem eles que não podereis ficar de pé ante nossas fileiras, visto que já por duas vezes teus pais foram postos em debandada em sua própria terra. ⁷³Não poderás resistir à cavalaria e a tão grande exército, na planície, onde não há terreno acidentado, nem rochedos, nem para onde fugir".

⁷⁴Jônatan ficou abalado ao ouvir as palavras de Apolônio^r. Escolheu dez mil

1Sm 4,2-10;
31,1s

g. O autor de *IMc* dá a substância da carta, porque não conhece o texto exato. O verbo utilizado traduz aqui o hebraico *hitattên* "ser genro" e no v. 56 *hotên* "ser sogro".

h. No outono de 150 a.C.

i. 11,24, hebraísmo, cf. Gn 6,8, etc.

j. Distinguiam-se na corte selêucida os *amigos dos primeiros amigos*, cf. 11,27 e 2Mc 8,9.

k. Lit. *meridarda* (cf. At 16,12), quer dizer, de uma "porção" de território mais vasta que uma estratégia.

l. Em 147 a.C.

m. Demétrio II Nicanor (filho de Demétrio I Soter, morto em combate contra Balas, v. 50). Seu reinado começará em 145, ao

morrer Balas (11,17). Reinará até 125, com interrupção durante o tempo em que ficou prisioneiro dos partos, de 138 a 129 a.C.

n. O mesmo, com certeza, que ajudou Demétrio I a evadir-se de Roma (cf. 7,1).

o. Pode-se supor que Apolônio fora nomeado por Antíoco V ou Demétrio I, de quem era partidário (7,1), depois deposto por Balas. Sobre o seu pai Apolônio, cf. 2Mc 3,5.

p. Cumpre subentender aqui a Fenícia, compreendida na província de Apolônio, cf. 2Mc 3,5.

q. Sede da divisão administrativa do Litoral, cf. 5,58.

r. Lit. *no seu pensamento*. Hebraísmo: a palavra gr. *diánoia* traduz o hebr. *coração*, 11,49; Gn 17,17, etc.

homens e partiu de Jerusalém; seu irmão Simão veio para junto dele, para auxiliá-lo. ⁷⁵Acampou nas imediações de Jope. Os habitantes lhe fecharam as portas, porque existia lá uma guarnição de Apolônio. Desencadearam o ataque. ⁷⁶Amedrontados, os habitantes da cidade abriram as portas, e Jônatan se apoderou de Jope. ⁷⁷Tão logo o soube, pôs Apolônio em linha três mil cavaleiros e uma numerosa infantaria, e dirigiu-se para Azoto, como se fosse atravessar para lá, enquanto, ao mesmo tempo, avançava pela planície, confiante na sua numerosa cavalaria. ⁷⁸Perseguiu-o Jônatan do lado de Azoto, e os exércitos entraram em combate. ⁷⁹Apolônio deixara mil cavaleiros dissimulados atrás de suas linhas. ⁸⁰Jônatan foi avisado desse plano de emboscada na retarguarda. Os cavaleiros cercaram seu exército e lançaram os seus dardos sobre as tropas desde a manhã até o entardecer. ⁸¹Estas, porém, fiéis à senha de Jônatan, resistiram firmemente, e os cavalos se cansaram. ⁸²Foi então que Simão, à frente de suas tropas, atacou a falange: com a cavalaria exausta os inimigos foram esmagados por Simão e fugiram. ⁸³A cavalaria se dispersou na planície. Os fugitivos chegaram a Azoto e entraram no "Templo de Dagon", o santuário de seu ídolo, para aí encontrar a salvação. ⁸⁴Jônatan incendiou Azoto e as cidades circunvizinhas. Saqueou-as e entregou às chamas o santuário de Dagon e os que nele se haviam refugiado. ⁸⁵Ao todo oito mil homens pereceram pela espada ou pelo fogo. ⁸⁶Jônatan partiu de lá e tomou posição perto de Ascalon. Os habitantes da cidade saíram-lhe ao encontro com grande pompa. ⁸⁷Jônatan e os seus voltaram então para Jerusalém, carregados de despojos.

⁸⁸Informado de tudo o que acontecera, quis o rei Alexandre conceder novas honrarias a Jônatan. ⁸⁹Enviou-lhe um broche de ouro, como os que se costuma conceder aos parentes do rei, e deu-lhe, como propriedade, Acaron e todo o seu território.

11 Ptolomeu VI derrota Alexandre Balas. Ambos morrem.

¹Reuniu o rei do Egito um exército numeroso como a arcia à beira do mar¹, bem como uma imponente frota, e procurou apoderar-se pela astúcia do reino de Alexandre², para acrescentá-lo ao seu reino. ²Rumou para a Síria com palavras de paz. Os habitantes das cidades abriam-lhe as portas, saíam-lhe ao encontro e o recebiam, porque a ordem do rei Alexandre era de que se recebesse o seu sogro. ³Ora, tão logo entrava numa cidade, deixava ali Ptolomeu tropas em guarnição. ⁴Quando se aproximava de Azoto mostraram-lhe o santuário de Dagon incendiado, Azoto e seus arredores destruídos, os cadáveres atirados aqui e acolá e os restos dos que haviam sido queimados durante o combate, porque os tinham amontoado nos lugares por onde o rei devia passar. ⁵Referiram-se ao rei as ações de Jônatan, para suscitar a sua reprovação, mas ele não disse palavra. ⁶Jônatan veio ao encontro do rei em Jope com grande pompa. Saudaram-se mutuamente e passaram a noite nesse lugar. ⁷Jônatan acompanhou o rei até o rio chamado Eleutério³, regressando em seguida a Jerusalém.

⁸Assenhoreou-se o rei Ptolomeu das cidades costeiras até a Selêucia marítima⁴, e nutria maus desígnios contra Alexandre. ⁹Enviou embaixadores ao rei Demétrio para lhe dizerem: "Vem, façamos aliança um com o outro: eu te darei

s. Cf. 1Sm 5,2ss. Havia outro templo de Dagon em Gaza Jz 16,23, e um lugar chamado *Bet-Dagon* entre Jope e Jâmnia (Js 15,41).

t. Lit. *sobre o labio do mar*, hebraísmo, cf. Gn 22,17, etc. Metáfora no domínio militar, cf. 1Sm 13,5.

u. Em consequência de um atentado perpetrado contra ele por Amônio, ministro de seu genro Balas (Josefo) ou por cau-

sa da frouxidão de Balas (Diodoro)? Estas duas fontes se inspiram em Políbio, amigo de Demétrio e, por conseguinte, hostil a Balas.

v. Hoje o Nahr el-Kebir, que marca a fronteira norte do Líbano a uns 20km de Trípoli.

w. O porto de Antioquia, na embocadura do Oronte, cf. At 13,4.

a minha filha, que é a mulher de Alexandre^x, e tu reinarás sobre o reino de teu pai. ¹⁰Arrendo-me, com efeito, de lhe ter dado a minha filha, porque procurou matar-me". ¹¹Censurava-o assim porque cobiçava o seu reino". ¹²Retomou a sua filha, deu-a a Demétrio, mudou de atitude para com Alexandre e sua inimizade tornou-se manifesta. ¹³A seguir fez Ptolomeu o seu ingresso em Antioquia^z e cingiu o diadema da Ásia, unindo deste modo em sua fronte dois diademas, o do Egito e o da Ásia". ¹⁴Achava-se então Alexandre na Cilícia, porque os habitantes dessa região se haviam revoltado. ¹⁵Sabendo do que se passava, pôs-se Alexandre em marcha contra Ptolomeu para lhe dar combate. Este, porém, saiu-lhe ao encontro com poderoso exército e o fez bater em retirada^b. ¹⁶Alexandre refugiou-se na Arábia e o rei Ptolomeu triunfou. ¹⁷Zabdiel^c, o árabe, decapitou Alexandre e enviou a Ptolomeu a cabeça. ¹⁸O rei Ptolomeu, por sua vez, morreu três dias depois^d, e as guarnições de suas praças fortes foram massacradas pelos habitantes. ¹⁹Demétrio tornou-se rei no ano cento e sessenta e sete^e.

Nova carta de Demétrio II em favor dos judeus. ²⁰Por esses dias, reuniu Jônatan os da Judéia para atacar a Cidada que está em Jerusalém^f, e armaram contra ela numerosas máquinas de guerra. ²¹Gente sem fé nem lei, que odiava a

anunciar-lhe que Jônatan sitiava a Cidada. ²²A essas palavras, Demétrio encolerizou-se e partiu imediatamente para Ptolemaida. Escreveu a Jônatan que le-
vantasse o cerco e viesse o mais depressa possível avistar-se com ele em Ptolemaida. ²³Recebida a comunicação, ordenou Jônatan que se continuasse o assédio, escolheu alguns anciãos de Israel e alguns sacerdotes e expôs-se a si mesmo ao perigo. ²⁴Tomando consigo prata, ouro, vestes e outros presentes em abundância, compareceu à presença do rei em Ptolemaida, e encontrou graça aos seus olhos^g. ²⁵Tentaram, é verdade, acusa-lo certos ímpios de sua nação, ²⁶mas o rei se houve para com ele à maneira dos seus predecessores, e prestigiou-o diante de todos os seus amigos. ²⁷Confirmou-lhe o pontificado^h e todas as dignidades anteriores, e mandou que fosse inscrito no número dos seus primeiros amigos. ²⁸Jônatan pediu ao rei que isentasse de impostos a Judéia e as três toparquias da Samarítide, prometendo-lhe em troca trezentos talentosⁱ. ²⁹O rei anuiu ao seu pedido e escreveu a Jônatan uma carta concebida nos seguintes termos:

³⁰"O rei Demétrio a Jônatan, seu irmão^j, e à nação dos judeus, saudações. ³¹Ende-reçamo-vos, a título de informação, uma cópia da carta por nós escrita a nosso parente Lástenes. ³²O rei Demétrio a Lástenes, seu pai^k, saudações. ³³Tendo em conta os bons sentimentos que nutrem para conosco, decidimos fazer benefícios

x. É difícil saber se Cleópatra já está separada de Alexandre, sendo que vários mss. põem o verbo no passado.

y. O autor de *IMc* não acredita na existência de um atentado contra Ptolomeu, cf. v. 1.

z. Sem encontrar resistência, porque ela foi entregue pelos generais de Alexandre, em particular Dídoto, cognominado Trifão (v. 39).

a. De fato, Ptolomeu conserva apenas a Celessíria, que ele reivindicava desde o começo do seu reinado, a título de dote de sua mãe Cleópatra I.

b. Batalha às margens do Oinóparo, o atual Nahr Afrin, a nordeste de Antioquia.

c. Esse nome significa "dom de El"; Diodoro, que chama com o seu nome grego Díocles, esclarece que Balas lhe confiara o seu filho Antíoco VI.

d. Desmontado e duramente ferido durante o combate, expi-

rou cinco dias depois, cheio de alegria por saber que seu rival morrera: Josefo, *Ant.* XIII, 117s.

e. Em agosto ou setembro de 145 a.C.

f. Demétrio teria renunciado à Cidadela, 10,32 e Balas teria confirmado essa cessão, 10,47: Jônatan quer torná-la efetiva.

g. Hebraísmo, cf. 10,60.

h. Previamente outorgado por Balas, 10,20.

i. Jônatan pede ao rei para a Judéia e as três nomas o regime do tributo, proposto por Demétrio I, e que era tradicionalmente de 300 talentos, e não o do imposto territorial.

j. Jônatan, chamado *parente do rei*, é, portanto, confirmado em todos os títulos que Balas lhe conferira.

k. Qualificado, assim, como parente do rei, era Lástenes originário de Creta, onde recrutara os mercenários que permitiram instalar Demétrio no trono.

à nação dos judeus, que são nossos amigos e se portam com retidão para conosco. ³⁴Nós lhes confirmamos a posse da Judéia e dos três distritos de Aferema, Lida e Ramatáim¹. Foram desmembradas da Samaritide em proveito da Judéia, com todas as suas dependências, em favor de todos os que sacrificam em Jerusalém, em troca dos direitos régios anuais que o rei ali percebia anteriormente sobre os produtos de seu solo e de suas árvores^m.

³⁵Quanto ao que ainda nos cabe dos dí-zimos, quanto aos vários direitos que nos são devidos, incluídos os das salinas e ^{10,29}das coroas, vigora doravante isenção totalⁿ. ³⁶Desde agora e por todo o sempre não sofrerão estas disposições nenhuma derrogação. ³⁷Cuidai, portanto, agora de tirar uma cópia desta carta, e seja ela entregue a Jônatan para ser afixada em lugar visível na montanha santaⁿ.

Jônatan socorre Demétrio II em Antioquia. ³⁸Vendo o rei Demétrio que a terra gozava de tranquilidade sob a sua direção, e que não sentia mais nenhuma resistência à sua autoridade, desmobilizou todo o seu exército e despediu cada um para a sua casa, conservando porém as tropas estrangeiras que recrutara nas ilhas das nações^o. Atraíu, por isso, sobre si o ódio de todas as tropas que lhe haviam ficado de seus pais. ³⁹Ora, Trifão^p, outro-ra partidário de Alexandre, ciente das unânimes recriminações do exército contra Demétrio, foi ter com Jâmlico^q, o árabe que educava Antíoco, o filho adol-escente de Alexandre. ⁴⁰Instou com ele para que lhe entregasse o menino, a fim de que reinasse no lugar de seu pai, e informou-o de tudo o que ordenara De-

métrio, e o quanto as tropas o odiavam. Permaneceu lá muitos dias.

⁴¹Jônatan mandou pedir ao rei Demétrio que removesse da Cidadela de Jerusalém e das outras fortalezas os que as guarne-ciam, pois estavam sempre a provocar Israel para a guerra. ⁴²Assim respondeu Demétrio a Jônatan: "Não só isto farei a ti e à tua nação, mas cumular-te-ei de honras", a ti e à tua nação, assim que tiver uma ocasião adequada. ⁴³De mo-mento, porém, farias bem em me enviar homens que combatam ao meu lado, por-que todas as minhas tropas me abando-naram". ⁴⁴Jônatan enviou-lhe então, para Antioquia, três mil valentes guerreiros, a ^{8,1}cuja chegada muito se alegrou o rei. ⁴⁵A população da cidade aglomerou-se no centro, em número de aproximadamente cento e vinte mil pessoas, com o propó-sito de matar o rei. ⁴⁶Refugiou-se este no palácio, enquanto os habitantes da cida-de invadiam as ruas, iniciando-se, então, os combates. ⁴⁷O rei chamou em seu socorro os judeus. Estes se reuniram to-dos junto dele e, em seguida, espalhan-do-se pela cidade, mataram naquele dia cerca de cem mil pessoas. ⁴⁸Incendiaram naquele dia a cidade, recolhendo abun-dantes despojos, e o rei foi salvo. ⁴⁹Ven-do que os judeus se haviam assenhoreado da cidade como eles queriam, os habi-tantes perderam o ânimo^e e puseram-se a bradar ao rei, suplicando-lhes assim: ⁵⁰"Dai-nos a mão direita, e cessem os judeus de combater contra nós e contra a cidade." ⁵¹Largaram as armas e fizeram a paz. Os judeus entraram cobertos de glória na presença do rei e aos olhos de todos os de seu reino. Tendo, assim, granjeado um esplêndido renome, regres-

1. São respectivamente Efraim (Js 18,23), Lod (1Cr 8,11) e Rama (1Sm 1,1 = Arimatéia de Mt 27,57).

m. Para essas três nomas, os impostos continuam a ser devidos ao rei, contrariamente ao pedido feito por Jônatan (v. 28) e às disposições de Demétrio I (10,31).

n. Nova restrição à carta precedente: entre as vantagens da carta não entra mais em questão ceder a Cidadela de Jerusalém.

o. Expressão bíblica, cf. Gn 10,5, etc. Trata-se em particular de Creta (10,67). O cretense Laístenes deve ter sugerido ao jo-

vem rei esta desastrada medida de economia, para se desembaraçar das tropas sírias e macedônias, que lhe eram hostis, e conservar somente os mercenários cretenses.

p. Sobre Trifão, cf. v. 13 nota.

q. É, talvez, o filho de Zabdiel (v. 17). Seu nome significa *Deus reina*. Residia em Cálcis, a sudeste de Alepo, o atual Qínnesrin.

r. Lit. *eu te glorificarei de glória*, semitismo, cf. 14,29-39.

s. Lit. *Foram enfraquecidos nos seus pensamentos*, hebraísmo, cf. 10,74.

saram os judeus a Jerusalém, carregados de despojos. ⁵²O rei Demétrio firmou-se no trono real¹, e a terra gozou de tranqüilidade sob a sua direção. ⁵³Faltou, no entanto, a todas as suas promessas e mudou completamente em relação a Jônatan. Não lhe reconheceu mais os serviços prestados e infligiu-lhe mil vexames.

Jônatan alia-se a Antíoco VI contra Demétrio II. ⁵⁴Depois disso, Trifão voltou com Antíoco, ainda adolescente, que se tornou rei e cingiu o diadema². ⁵⁵Todas as tropas despedidas por Demétrio reuniram-se em torno de Trifão e lutaram contra Demétrio, que fugiu e foi desbaratado. ⁵⁶Trifão tomou os elefantes e apoderou-se de Antioquia³.

⁵⁷O jovem Antíoco escreveu a Jônatan nestes termos: "Eu te confirmo no cargo de sumo sacerdote, estabeleço-te à frente dos quatro distritos" e te conto entre os amigos do rei". ⁵⁸Enviou-lhe também vasos de ouro e um serviço de mesa, autorizando-o a beber em taças de ouro, envergar a púrpura⁴ e o broche de ouro⁵. ⁵⁹Nomeou Simão, seu irmão, estratega do território que se estende das Escadas de Tiro⁶ à fronteira com o Egito. ⁶⁰Jônatan partiu e percorreu a Transeufratênia⁷, compreendidas as cidades. Todas as tropas da Síria formaram a seu lado para combater em seu favor. Dirigiu-se a Ascalon, e a população o acolheu com grande pompa. ⁶¹De lá rumou para Gaza, mas as portas da cidade se fecharam. Pôs-lhe cerco, incendiou os arredores e en-

tregou-se ao saque. ⁶²Os habitantes de Gaza pediram clemência a Jônatan: ele lhes estendeu a mão direita, tomando, ⁶³porém, como reféns os filhos de seus próceres, e enviando-os a Jerusalém. Perlastrou em seguida a região até Damasco.

⁶⁴Jônatan soube que os generais de Demétrio se achavam em Cedes⁸, na Galiléia, com numeroso exército, a fim de demiti-lo de suas funções. ⁶⁵Partiu ao encontro deles, deixando na região seu irmão, Simão. ⁶⁶Este último tomou posição diante de Betsur e atacou-a durante muitos dias, bloqueando-a totalmente. ⁶⁷Imploraram-lhe então os habitantes que lhes aceitasse a mão direita, ao que ele acedeu. Obrigando-os, todavia, a evacuar a cidade, ocupou-a e estabeleceu nela uma guarnição⁹. ⁶⁸Por sua vez, Jônatan e seu exército tinham tomado posição acima das águas de Genesar¹⁰ e, de madrugada, penetraram na planície de Asor¹¹. ⁶⁹O exército dos estrangeiros marchou ao seu encontro na planície, deixando de emboscada um destacamento nas colinas. ⁷⁰Jônatan movimentou suas tropas pela frente. Os homens de emboscada saíram então de seus esconderijos e travou-se o combate. ⁷¹Fugiram todos os soldados de Jônatan. Nenhum deles ficou, exceto dois chefes de suas tropas — Matatias, filho de Absalão¹² e Judas, filho de Calfi. ⁷²Jônatan rasgou as vestes¹³, espargiu terra sobre a cabeça e orou. ⁷³Empenhou-se, a seguir, em combate contra eles, derrotou-os, e os pôs em fuga. ⁷⁴Vendo isso, os que haviam fugido de seu acampa-

t. Hebraísmo, cf. 7.4.

u. Antíoco VI reinará a partir do verão de 144 e será morto por Trifão dois anos depois (1331).

v. Por volta do verão de 144, Demétrio retirou-se para a Selêucia marítima, de onde controlava a Cilícia e a Mesopotâmia. Na costa só Tiro, Sídón e Gaza lhe permaneceram fiéis.

w. O quarto distrito é o de Acrabata (5.3). [Cf. 10.30 e nota.]

x. Esse privilégio remonta aos persas, cf. 3 (= 1) *Esdras* 3.5. y. Depois de Balus e Demétrio II, Antíoco VI renova seus favores a Jônatan, o que atesta o poder dos hasmoneus.

z. Lit. a *Escada*: Existem, de fato, duas, ao sul de Tiro, donde a costumeira denominação: as *Escadas*. A rota costeira entre Tiro e Aco galga as escarpas do Ras el-Abiad e do Ras en-Nacura. São as "subidas" de 1Rs 4.16 (Septuaginta), em hebr.

"malot", transformado em "Bealot" no texto masorético.

a. Na realidade, a Celessíria.

b. Cades de Neftali (Js 12.22), 36km a sudeste de Tiro.

c. Jônatan deseja controlar essa cidadela, posto meridional da Judéia; sua intervenção ocorreu durante o verão de 144 a.C.

d. Cf. Lc 5.1, *lago de Genesaré*, alhures chamado mar de Kínêret, Nm 34.11, etc., mar de Tiberíades ou da Galiléia, Jo 6.1.

e. A cidade cananéia (Js 11.10) não é mais que uma fortaleza importante pela sua posição entre o lago de Genesar e o antigo lago Hulê.

f. Provavelmente o de 2Mc 11.17, de quem outro filho se distinguirá (1Mc 13.11).

g. Expressão bíblica, cf. Js 7.6 e Mt 26.25.

mento reagruparam-se e deram com ele início à perseguição, que se prolongou até Cedes, onde ficava o acampamento inimigo, e ali, por sua vez, acamparam. ⁷Nesse dia pereceram, dentre os estrangeiros, cerca de três mil homens. E Jônatan retornou a Jerusalém.

12 Jônatan renova a aliança com Roma.

Jônatan, vendo que a conjuntura lhe era favorável, escolheu alguns homens e os enviou a Roma para confirmar e renovar a amizade com os romanos^h. ²Enviou também cartas análogas a Espartaⁱ e a outros lugares. ³Partiram eles, pois, para Roma, foram introduzidos no Senado, onde se exprimiram nestes termos: “Jônatan, o sumo sacerdote, e a nação dos judeus enviaram-nos para renovar a amizade e a aliança com eles, como outrora”. ⁴O Senado deu-lhe cartas para as autoridades de cada país, munidos das quais se encaminhassem em paz à terra de Judá.

⁵Eis a cópia da carta de Jônatan aos espartanos:

“Jônatan, sumo sacerdote, o Senado da nação^j, os sacerdotes e o resto do povo judeu, aos espartanos seus irmãos, saudações. ⁷Já anteriormente, uma carta foi enviada ao sumo sacerdote Onias, da parte de Ario^k que reinava sobre vós, atestando que sois nossos irmãos, como consta da cópia anexa. ⁸Onias recebeu com honras o emissário e aceitou a carta em que se falava claramente de aliança e amizade. ⁹Nós, portanto, embora não tenhamos necessidade de tais coisas — os livros santos^l que estão em nossas mãos são, com efeito, a nossa consolação — ¹⁰tentamos enviar alguém a fim de renovar a aliança e a amizade, antes que nos tornemos estranhos a vós, porque muitos

anos se passaram desde que nos enviastes uma delegação. ¹¹Não cessamos, em todo esse tempo, de nos lembrar de vós nas festas e nos outros dias feriadados, nos sacrifícios e orações, como é justo e conveniente para com irmãos. ¹²Regozijamo-nos com a vossa glória. ¹³Vimo-nos, de nossa parte, às voltas com provações e guerras, e os reis das regiões circunvizinhas nos combateram. ¹⁴Não vos quisemos importunar, a vós e a nossos aliados, a propósito dessas guerras. ¹⁵Temos, com efeito, para nos ajudar um socorro que nos vem do Céu^m e fomos livrados de nossos inimigos, que se foram humilhados. ¹⁶Escolhemos, portanto, a Numênio, filho de Antíoco e Antípatro, filho de Jasãoⁿ, e os enviamos aos romanos para renovar com eles a nossa amizade e a nossa aliança de outrora. ¹⁷Demos-lhes também instruções de se apresentarem a vós, de vos saudar e de vos entregar a nossa carta a respeito da renovação da aliança e de nossos vínculos de fraternidade. ¹⁸Tende por bem responder-nos sobre este assunto”.

¹⁹Eis a cópia da carta enviada a Onias: ²⁰Ario, rei dos espartanos, a Onias, sumo sacerdote, saudações. ²¹Descobriu-se num texto sobre os espartanos e os judeus que eles são irmãos e da raça de Abraão^o. ²²Agora, que temos conhecimento disso, conviria que nos escrevêsseis sobre a vossa prosperidade. ²³De nossa parte respondemo-vos que vossos rebanhos e bens são nossos, e os nossos serão vossos. Ordenamos, pois, que vos seja enviada uma mensagem neste sentido”.

Campanhas de Jônatan na Celessíria e de Simão na Filistéia. ²⁴Jônatan soube que os generais de Demétrio tinham rea-

h. Renovação do tratado enunciado em 8.22-23. Esse modo de proceder é característico da época, cf. 14.18.22.

i. As negociações com Esparta são compreensíveis, porque essa cidade está em vias de readquirir importância. As outras missões terão lugar quando do regresso de Roma, cf. 15.22-23.

j. É, na realidade, a assembleia dos anciãos cf. v. 35 e 2Mc 1.10: 13.13. Todavia, em 2Mc 4.44 e 11.27, é talvez um *Senado* no sentido helenístico da palavra.

k. A carta teria sido enviada por Ario I (309-265) ao epônimo

da dinastia sacerdotal oníada. Josefo situa a negociação sob Onias III, falecido em 174 a.C.

l. Única atestação bíblica desta expressão.

m. Omissão já notada do nome de Deus, cf. 3.18.

n. A identificar, sem dúvida, com o de 8.17.

o. Esta legenda existia já em Esparta quando lá se refugiou Jasão após 168 (2Mc 5.9). O escrito sobre os espartanos e sua atribuição a Ario I emana talvez da colônia judaica de Esparta.

parecido com tropas mais numerosas para guerrear contra ele. ²⁵Seguiu para Jerusalém e saiu ao seu encontro na região da Amatitida^p, não lhes dando tempo de penetrar na sua terra. ²⁶Enviou espiões ao seu acampamento; estes voltaram e informaram que os inimigos se preparavam para cair sobre eles durante a noite. ²⁷Ao pôr-do-sol, Jônatan ordenou aos seus que vigiassem e mantivessem as armas ao alcance da mão, preparados para o combate durante a noite inteira. Postou também guardas avançadas ao redor de todo o acampamento. ²⁸Notando que Jônatan e os seus estavam prontos para o combate, os adversários se atemorizaram e, com o coração invadido pelo medo, acenderam fogueiras no seu acampamento. ²⁹Mas Jônatan e os seus só se deram conta de sua partida ao amanhecer, porque viam as fogueiras. ³⁰Sem esperar por eles, lançou-se Jônatan em sua perseguição, sem lograr alcançá-los, porque haviam transposto o rio Eleutero^q.

³¹Voltou-se então Jônatan contra os árabes chamados zabadeus^r. Derrotou-os e apoderou-se dos seus despojos. ³²Tendo levantado acampamento, rumou para Damasco e percorreu toda a região. ³³De sua parte, pôs-se também Simão em marcha e avançou até Ascalon e as praças fortes vizinhas. Desviou-se em seguida para Jope e a ocupou, por precaução. ³⁴Chegara, com efeito, aos seus ouvidos que os habitantes da cidade tencionavam entregar a fortaleza aos soldados de Demétrio. Instalou nela uma guarnição para defendê-la^s.

Jônatan fortifica Jerusalém. ³⁵Ao regressar, Jônatan reuniu os anciãos do

povo^t e decidiu com eles edificar fortalezas na Judéia, ³⁶altear as muralhas de Jerusalém, erguer uma separação entre a Cidadela e a cidade^u, a fim de isolá-la e para que a gente de Demétrio não pudesse comprar nem vender. ³⁷Reuniram-se para reconstruir a cidade, porque ruíra parcialmente o baluarte da torrente a leste da cidade; restaurou-se também o setor denominado Cafenata^v. ³⁸Simão reconstruiu Adida^w na Baixada, fortificou-a e dotou de portas munidas de ferrolhos. 9.50

Jônatan cai nas mãos de Trifão. ³⁹Trifão procurava reinar na Ásia, cingir o diadema e estender a mão contra o rei Antíoco. ⁴⁰Receando que Jônatan obstasse à realização do seu intento e o atacasse, buscou um meio de apoderar-se dele e eliminá-lo. Pôs-se a caminho de Betsan. ⁴¹Acompanhado de quarenta mil homens escolhidos, saiu Jônatan ao seu encontro e de Betsan. ⁴²Verificando que ele viera com numeroso exército, absteve-se Trifão de deitar-lhe as mãos. ⁴³Recebeu-o com honras, apresentou-o a todos os seus amigos, ofertou-lhe presentes e ordenou a todos os seus amigos e às suas tropas que obedecessem a Jônatan como a ele próprio. ⁴⁴A seguir disse a Jônatan: "Por que impor fadigas a toda esta gente se nenhuma guerra nos ameaça? ⁴⁵Despede-a, escolhe alguns homens para escoltar-te e vem comigo a Ptolemaida. Entregar-te-ei essa cidade bem como as outras fortalezas^x, o resto das tropas e todos os funcionários, e em seguida voltarei, porque é por esse motivo que estou aqui." ⁴⁶Fiando-se nele, agiu Jônatan como ele lhe dissera: despediu o exérci-

p. Tradução da expressão bíblica *terra de Hamat* (2Sm 8,9). Esse distrito corresponde, de fato, à Apamênia selêucida. A Apamênia confinava, a nordeste, com a Celessíria, que dependia, por sua parte, de Jônatan.

q. Cf. 11,7. Esse curso d'água formava provavelmente a fronteira noroeste da Celessíria.

r. O nome se manteve no topônimo Zebdani, cidadezinha situada entre o Antilíbano e Damasco.

s. Jônatan encontra aqui o meio de agir simultaneamente em nome de Antíoco VI e de favorecer ao mesmo tempo os judeus, cf. 14,5.

t. É uma parte da assembléia do povo. 12,6 e Nm 1,18-19; Ecd 10,1. Essa assembléia restrita lembra a de Ne 2,15-16.

u. A Cidadela está ainda nas mãos dos sequezes de Demétrio. 11,20.

v. Palavra aramaica que significa provavelmente duplo. Seria o bairro de 2Rs 22,14, situado a noroeste do Templo e chamado *mishnê*, "o duplo", em relação à cidade *intra muros*.

w. Hadid, de Ecd 2,33, 6km a noroeste de Lida (Lod), cf. 13,13.

x. Trifão finge reconhecer a autoridade de Jônatan sobre a Fenícia.

to, que regressou à terra de Judá. ⁴⁷Con-servou consigo três mil homens, desta-cando dois mil deles para a Galiléia; os outros mil o acompanharam. ⁴⁸Mas quan-do Jônatan entrou em Ptolemaida, os habitantes fecharam as portas e passa-ram ao fio da espada quantos haviam en-trado com ele. ⁴⁹Trifão enviou tropas de infantaria e cavalaria à Galiléia e à Gran-de Planície^a para exterminar os seguidor-es de Jônatan. ⁵⁰Compreenderam estes que ele fora aprisionado e que estava perdido, assim como seus companheiros. Animaram-se mutuamente e avançaram em fileiras cerradas, prontos para a luta. ⁵¹Seus perseguidores, vendo que eles empenhavam sua vida, retrocederam. ⁵²Chegaram todos em paz^b à Judéia, pran-tearam Jônatan e seus companheiros e um grande temor se apossou deles. Todo Israel se cobriu de pesado luto. ⁵³Todas as nações circunvizinhas procuraram aniquilá-los. "Não têm mais quem os comande e nem quem lhes saia em so-corro", diziam; "ataquemo-los agora, e cancelaremos de entre os homens até a sua lembrança."

13 Simão sucede a Jônatan. ¹Simão soube que Trifão reunira um gran-de exército para invadir a terra de Judá e devastá-la. ²Vendo o povo trêmulo de medo, subiu a Jerusalém, reuniu o povo ³e tranqüilizou-o, dizendo: "Bem sabeis tudo o que eu, meus irmãos e a casa de meu pai cumprimos em prol das leis e do santuário, bem como os combates e agruras com que enfrentamos". ⁴Foi por isso que meus irmãos deram a vida^b por Israel, e fiquei eu sozinho^c. ⁵Longe de mim o pensamento de salvar a minha vida, qualquer que seja a tribulação. Não sou melhor que meus irmãos^d. ⁶Ao con-trário, vingarei a minha nação, o santuá-

rio, vossas mulheres e filhos, porque to-das as nações, impelidas pelo ódio, coli-garam-se contra nós para nos aniquilar". ⁷A essas palavras reacendeu-se o ânimo do povo^e, ⁸e com vibrante voz responde-ram: "Tu és o nosso chefe no lugar de 9.30 Judas e de Jônatan, teu irmão. ⁹Dirige nosso combate, e faremos tudo o que nos disseres". ¹⁰Reuniu, pois, todos os guer-reiros, deu-se pressa em concluir as muralhas de Jerusalém e fortificou-a em derredor. ¹¹Enviou a Jope^f Jônatan, filho 11.70 de Absalão, acompanhado de um impor-tante contingente, e ele expulsou os que nela se encontravam e aí se estabeleceu.

Simão repele Trifão, que mata Jôna-tan. ¹²Partiu Trifão de Ptolemaida com numeroso exército para invadir a terra de Judá, levando consigo Jônatan prisio-neiro. ¹³Simão veio acampar em Adida, 12.38 a cavaleiro da planície. ¹⁴Inteirado de que Simão assumira o lugar de seu irmão e se dispunha a travar combate, enviou-lhe 2.1-5 Trifão mensageiros para lhe dizer: ¹⁵"É por causa da quantia devida ao tesouro real pelo teu irmão Jônatan, em razão das funções que exercia, que nós o detemos. ¹⁶Envia, pois, cem talentos de prata e dois de seus filhos como reféns, para que, uma vez libertado, ele não deserte. Depois disso, o soltaremos". ¹⁷Conhecen-do embora a alevosia dessas palavras, mandou Simão buscar o dinheiro e as crianças, rezeando atrair sobre si grande hostilidade da parte do povo. ¹⁸"Foi por-que não lhe enviei dinheiro e as crianças — diriam — que Jônatan pereceu." ¹⁹En-viou-lhes, assim, as crianças e os cem talentos, mas Trifão faltou à palavra e não pôs Jônatan em liberdade. ²⁰Depois disso Trifão pôs-se em marcha para in-vadir a região e devastá-la. Desviou pelo caminho de Adora^a, mas Simão e seu

y. Situada entre Betsan (Bet-Shean) e o Jordão, cf. 5.52.

z. Lit. *com a paz*, semitismo, cf. 7.28.

a. Lit. *que nós vimos*, hebraísmo; com efeito, em hebr. "ver" significa às vezes experimentar, cf. 1Rs 10.4.

b. Na realidade, Jônatan ainda não morreu, mas Simão e o povo o ignoram.

c. Expressão análoga em 1Rs 19.10.14; Rm 11.3.

d. Mesma expressão em 1Rs 19.4.

e. O verbo gr. significa etimologicamente "reanimar-se" e "reacender-se"; traduz *recobrou vida* em Gn 45.27.

f. Tomada por Simão, 12.33-34.

exército permaneciam em seus calcanhares. ²¹Entrementes, a guarnição da Cidadela^h enviou mensageiros a Trifão, pedindo-lhe instantemente que sem demora fosse ter com eles pelo deserto, e que

9.33 lhes enviasse viveres. ²²Trifão preparou toda a sua cavalaria para ir até lá, mas a nevasca que sobreveio aquela noite forçou-o a ficarⁱ. Dirigiu-se, contudo, à Galadítide^j. ²³Nas proximidades de Bascama mandou matar Jônatan, que aí foi sepultado. ²⁴Em seguida Trifão regressou à sua terra.

²⁵Simão mandou recolher^k os restos mortais de seu irmão Jônatan e os depôs no túmulo de Modin, cidade de seus pais. ²⁶Israel inteiro o cobriu-se de luto^l e se lamentou por muitos dias. ²⁷Simão alteou o túmulo de seu pai e de seus irmãos para torná-lo visível de longe — o monumento, tanto por trás como pela frente, era de pedra polida — ²⁸e ergueu sete pirâmides, uma ao lado da outra^m, para seu pai, sua mãe e seus quatro irmãos. ²⁹Cercou-as de uma obra constituída de altas colunasⁿ encimadas, para eterna memória, de armaduras flanqueadas de navios esculpidos em relevo^o, para serem vistos por todos os que navegam pelo mar. ³⁰Tal é o mausoléu que ele fez em Modin, e que existe até o dia de hoje.

Demétrio II confirma o tratado com os judeus. ³¹Ora, Trifão, agindo perfidamente para com o jovem rei Antíoco

co^p, matou-o. ³²Reinou em seu lugar, cingiu o diadema da Ásia e infligiu grandes males à terra^q. ³³Simão reconstruiu as fortalezas da Judéia, cercou-as de altas torres, imponentes baluartes, munidos de portas e ferrolhos, e nelas armazenou mantimentos. ³⁴Em seguida, enviou Simão ao rei Demétrio uma delegação incumbida de pedir-lhe a isenção de impostos para a região, visto que outra coisa não havia feito Trifão a não ser cometer rapinagens^r. ³⁵O rei Demétrio mandou que se lhe desse uma resposta conforme às suas palavras, e escreveu-lhe a seguinte carta:

³⁶“O rei Demétrio a Simão, sumo sacerdote e amigo dos reis, aos anciãos e à nação dos judeus, saudações. ³⁷Recebemos a coroa de ouro e a palma que nos enviastes. Estamos dispostos a firmar convosco uma paz completa e a prescrever aos funcionários que vos concedam abatimentos. ³⁸Tudo o que decidimos a vosso respeito permanece em vigor, e as fortalezas que construístes vos pertencem. ³⁹Absolvemo-vos dos erros e delitos até hoje cometidos, bem como dispensamos da coroa que deveis^s e, se algum outro direito era percebido em Jerusalém^t, que não mais seja exigido. ⁴⁰Se alguns de vós sois aptos para se arrolarem em nossa guarda real, que se façam inscrever, e que haja paz entre nós”.

⁴¹No ano cento e setenta^u, foi retirado de Israel o jugo das nações^v, ⁴²e o povo começou a datar as atas e contratos do

2Mc 14.4

g. Cf. 2Cr 11.9; 8km a oeste de Hebron. Trifão segue o mesmo itinerário que Lísias, 4.29; 6.31.

h. A muralha construída por Jônatan, 12.36, isola-os doravante da cidade.

i. Este episódio situa-se provavelmente no início do inverno de 143-142.

j. A corrigir, provavelmente, por *Galiléia*, porque *Bascama*, do v. seguinte, contração de *Ber-Segmá* (= casa do sicômoro), é o tell es-Semak, no cume do Carmelo) (em hebr.: *Shiqmoná*). A execução de Jônatan se deu justamente antes do embarque de Trifão.

k. Lit. *enviou e tomou*, construção hebraica: cf. 2Rs 23.16.

l. Hebraísmo, cf. 2.14.

m. Construídas sobre soco, formam elas o coroamento do mausoléu e são característicos da arte funerária da época.

n. Túmulos desse gênero, de colunas embutidas e às vezes de

frisos ornados de brasões, são conhecidos no Oriente Médio, notadamente em Petra e no vale do Cedron.

o. Querem, sem dúvida, comemorar a tomada dos portos mediterrâneos.

p. A ordem cronológica real parece ser: advento de Trifão, captura de Demétrio e assassinato de Antíoco VI.

q. Hebraísmo, cf. 7.22.

r. O texto hebr. provavelmente quis fazer um trocadilho entre o nome *Trifão* e *téref*, rapina.

s. Cf. 10.29; não se trata do presente do v. 37, mas do tributo anual.

t. Jerusalém e a Judéia parecem isentas das outras taxas.

u. A tradição judaica data esse fato de 27 de maio de 142 a.C.

v. Símbolo de servidão (cf. 8.18), concretizado pelo pagamento do tributo.

"ano primeiro de Simão, sumo sacerdote, estratega e chefe dos judeus".

Simão toma Gazara e a Cidadela de Jerusalém. ⁴³Por aqueles dias, Simão pôs cerco a Gazara^a e, investindo contra ela de todos os lados, construiu uma torre móvel, encostou-a contra as muralhas da cidade, martelou uma das torres e se apoderou dela. ⁴⁴Da torre saltaram em seguida os homens para a praça, o que espalhou o pânico. ⁴⁵Os habitantes da cidade, suas mulheres e filhos subiram às muralhas, rasgando as vestes e suplicando a Simão que lhes estendesse a mão direita. ⁴⁶"Não nos trates", imploravam eles, "segundo a nossa malvadez, mas segundo a tua misericórdia." ⁴⁷Simão entrou em acordo com eles e suspendeu o ataque. Expulsou-os, porém, da cidade, purificou as casas que continham ídolos e entrou triunfalmente, ao canto de hinos e bênçãos. ⁴⁸Baniu da cidade toda impureza e nela estabeleceu homens que praticavam a Lei. Fortificou-a e nela mandou construir para si uma residência.

⁴⁹Os da Cidadela de Jerusalém, impedidos de transitar livremente para fazer as suas compras e vendas^b, sofreram grande fome, e a fome fez vítimas. ⁵⁰Em altos brados puseram-se então a suplicar a Simão que lhes aceitasse a mão direita, ao que ele acedeu. Expulsou-os, contudo, desse local e limpou a Cidadela de suas imundícies. ⁵¹Nela entraram no dia vinte e três do segundo mês do ano de cento e setenta e um^c em meio às aclamações e palmas, ao som das liras e dos címbalos^d, dos hinos e dos cantos, porque fora extirpado de Israel um grande

inimigo. ⁵²Simão ordenou que a data fosse jubilosamente celebrada todos os anos^e. Fortificou a montanha do santuário de frente da Cidadela e ali foi residir com os seus. ⁵³Vendo, entretanto, Simão que seu filho João^f demonstrava ter atingido a plena maturidade, nomeou-o chefe de todas as tropas. E João passou a residir em Gazara.

14 Morte de Demétrio II, elogio de Simão. ¹No ano cento e setenta e dois^d, reuniu o rei Demétrio o seu exército e partiu para a Média em busca de reforços para poder combater Trifão. ²Informado de que Demétrio entrara no seu território, Arsaces^e, rei da Pérsia e da Média, enviou um de seus generais com a incumbência de capturá-lo vivo^f. ³Pôs-se este a caminho, desbaratou o exército de Demétrio, capturou-o e conduziu-o à presença de Arsaces, que o lançou na prisão^g.

⁴Gozou a terra de Judá de repouso 1.3: 7.50
durante todo o reinado de Simão e ele procurava o bem da nação. Bem aceita pelos seus foi a sua autoridade, e sua magnificência durante todos os seus dias.

⁵Acrescentou à sua glória a tomada de Joazebo; 12.33
fez dela o seu porto e abriu um caminho para as ilhas.

⁶Dilatou as fronteiras de sua nação governou com firmeza a terra ⁷e reagrupou numerosos cativos^h. Assenhoreou-se de Gazara, de Betsur e da Cidadelaⁱ e dela extirpou toda impureza.

w. A supressão das guarnições srias e dos impostos marca uma etapa importante rumo à completa independência. Aqui Simão é ainda *estratega* nomeado pelo rei. Não é uma era própria que é adotada, mas o cômputo dos anos de Simão.

x. Cf. 4.15, etc. Com Josefo. *Ant.* XIII, 6 cumpre corrigir *Gaza* por *Gazara*, cf. 14.7; 15.28.35.

y. Essa situação dura há dois anos, cf. 12.36.

z. Dia 4 de junho de 141 a.C.

a. Mesmos instrumentos de música em 1Cr 15.16.28.

b. Esse dia marca o fim da presença de uma guarnição selêucida em Jerusalém, que se prolongou por 26 anos.

c. É o futuro João Hircano.

d. De outubro de 141 a setembro de 140 a.C.

e. Mitridates I, que usa também o nome de Arsaces VI (171-138) é o fundador da potência parta.

f. A captura ocorreu em 139 a.C.

g. Exilou-se na Hircânia.

h. Lit. *Reagrupou um numeroso cativo*, hebraísmo, cf. 2Cr 28.5. São os judeus isolados em país estrangeiro, cf. 3.9 e 5.9-36.45-54.

i. Cf. 13.43-48; 11.65-66; 13.49-52, as três mais importantes praças fortes selêucidas da Judéia.

E ninguém lhe pôde resistir.

^k Cultivava cada qual em paz a sua terra, o solo dava seus produtos e as árvores das planícies os seus frutos^l.

⁹ Os anciãos, sentados pelas praças^k, só falavam de prosperidade. Os jovens envergavam trajes de gala e esplêndidas armaduras^l.

¹⁰ Abasteceu as cidades e proveu-as de meios de defesa: a ponto de ser celebrado seu glorioso nome até nas extremidades da terra.

¹¹ Fez reinar a paz na terra e grande foi a alegria de Israel.

¹² Sentou-se cada qual à sombra de sua videira e de sua figueira^m e não havia quem lhes infundisse temor.

¹³ Da terra deles desapareceu todo agressor e os reis foram esmagados naqueles dias.

¹⁴ Amparou todos os humildes de seu povoⁿ. Observou a Lei e suprimiu todo ímpio e malvado.

¹⁵ Cobriu de glória o santuário e de numerosas alfaia o enriqueceu.

Esparta envia uma carta a Simão. Embaixada a Roma. ¹⁶ Soube-se em Roma e até em Esparta que Jônatan morrera e foi grande a consternação. ¹⁷ Quando, porém, souberam que seu irmão Simão se tornara sumo sacerdote em seu lugar, que era senhor do campo e das cidades, ¹⁸ mandaram gravar em placas de bronze a renovação da amizade e da aliança outrora firmadas com Judas e Jônatan, seus irmãos^o. ¹⁹ Essas placas foram lidas perante a assembléia em Jerusalém. ²⁰ Eis a

cópia da carta^p enviada pelos espartanos:

"Os magistrados e a cidade de Esparta a Simão, sumo sacerdote, e aos anciãos, aos sacerdotes, e ao resto do povo dos judeus, seus irmãos, saudações. ²¹ Os embaixadores enviados ao nosso povo nos deram notícia de vossa glória e de vosso prestígio, e nos alegramos com sua vinda. ²² Registramos as suas declarações entre as decisões do povo: Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, embaixador dos judeus, vieram até nós para renovar a amizade conosco. ²³ Aprouve ao povo receber com todas as honras esses homens e depor a cópia de seu discurso nos arquivos públicos, a fim de que lhes conserve a memória o povo de Esparta. De tudo se exarou, de mais a mais, uma cópia destinada a Simão, o sumo sacerdote".

²⁴ Depois disto^q Simão enviou Numênio a Roma com um grande escudo de ouro^r, de mil minas de peso, para confirmar a aliança com eles^s.

Decreto da Assembléia em honra de Simão. ²⁵ Tomando o povo conhecimento desses fatos, puseram-se a dizer: "Que testemunho de reconhecimento daremos a Simão e a seus filhos, ²⁶ visto que ele e seus irmãos e toda a casa de seu pai se mostraram firmes? Ele repeliu pelas armas os inimigos de Israel e deu ao povo o acesso à liberdade". Gravaram uma inscrição em placas de bronze que foram afixadas em colunas^t no monte Sião. ²⁷ Eis a cópia do texto:

"No dia dezoito de elul do ano de cento e setenta e dois^u, terceiro ano^v de Simão, sumo sacerdote eminente em Asa-

j. Expressão bíblica, cf. Lv 26,4.

k. Expressão bíblica, cf. Zc 8,4.

l. Lit. *glórias e vestimentas de guerra*. Em Ex 33,5, o gr. "vestimentas de glória" traduz o hebr. "adornos".

m. Expressão bíblica, cf. Mq 4,4, etc.

n. Cf. o povo humilde, Sl 18,28; Sf 3,12.

o. Cf. 8,22. Essa renovação de aliança deve ter sido solicitada por Simão desde a sua subida ao poder em 142 a.C. (13,41), data da resposta romana (15,16) por intermédio de Numênio (v. 24). Os diversos episódios estão mal repartidos no decurso da narrativa, cf. 15,16 nota.

p. Como em 10,54, o autor de *IMc* dá apenas a substância da carta e redige à sua maneira. Em Esparta, com efeito, não eram os *arcontes* que presidiam às negociações e sim os *éforos*.

q. Confusão dos episódios, cf. v. 18.

r. Cf. a explicação em 15,18.

s. A seqüência será contada em 15,15ss.

t. Provavelmente no átrio do Templo, cf. v. 48.

u. Provavelmente o dia 13 de setembro de 140 a.C.

v. É o único sincronismo entre a era selúcida e os anos de governo de Simão.

ramel^w, ²⁸na grande assembléia dos sacerdotes, do povo, dos chefes da nação e dos anciãos da região^x, fomos notificados do seguinte: ²⁹Durante as freqüentes guerras sobrevividas na região, Simão, ^{2.1}filho de Matatias, descendente dos filhos de Joarib, e seus irmãos expuseram-se ao perigo e levantaram-se contra os inimigos de sua nação^y, a fim de preservar incólumes o seu santuário e a Lei, e desse modo cobriram de glória a sua nação^z. ³⁰Jônatan plasmou a unidade da sua nação e tornou-se o seu sumo sacerdote, indo, em seguida, reunir-se ao seu povo^a. ³¹Os inimigos dos judeus quiseram invadir a sua região para devastá-la e estender a mão contra o seu santuário. ^{2.1-5} ³²Nessa emergência, levantou-se Simão e combateu contra eles pela sua nação. Despendeu grande parte dos seus bens e equipou os homens do exército nacional e proveu-os do seu soldo^b. ³³Fortificou as cidades da Judéia e Betsur, cidade fronteira situada nos limites da Judéia, outrora o arsenal inimigo; postou aí uma guarnição de guerreiros judeus. ³⁴Fortificou Jope na orla do mar, Gazara nos confins de Azot, outrora habitada pelos inimigos^c; ali instalou colonos judeus, provendo-os de todo o necessário à sua subsistência. ³⁵Testemunhou o povo a fidelidade de Simão e a glória que ele decidira dar à sua pátria; constituíram-no seu chefe e sumo sacerdote em razão de tudo o que fizera, da justiça e da fé que guardara para com a sua pátria, e porque o engrandecimento de seu povo fora a sua constante preocupação. ³⁶Nos

seus dias, Simão logrou extirpar do território os pagãos, bem como os que estavam na Cidade de David em Jerusalém, onde haviam construído para si uma cidade; de lá realizavam sortidas para profanar as imediações do santuário e atentar gravemente^d contra a sua santidade. ³⁷Instalou nesse local soldados judeus e fortificou-o para a segurança da região e da cidade, alteou as muralhas de Jerusalém. ³⁸Por tudo isto o rei Demétrio confirmou-lhe o pontificado^e, ³⁹incluiu-o no número de seus amigos e cumoulou-o de honrarias^f. ⁴⁰Tivera, com efeito, conhecimento de que os romanos tratavam os judeus como amigos, aliados e irmãos^g, que haviam tributado honrosa acolhida aos embaixadores de Simão ⁴¹c que os judeus e os sacerdotes tinham havido por bem nomeá-lo para sempre chefe e sumo sacerdote, até que se erguesse um profeta fiel^h, ⁴²nomeá-lo estratega e responsável pelo santuário, encarregado de nomear os chefes dos trabalhos, os altos funcionários da administração da região e os responsáveis pelo armamento e pelos fortes; ⁴³— responsável pelo santuárioⁱ — a quem todos deveriam obediência, e promulgaram que todos os decretos da região fossem redigidos em seu nome e, finalmente, que fosse revestido da púrpura e de insígnias de ouro. ⁴⁴Ninguém dentre o povo e dentre os sacerdotes ousará contrariar qualquer destas disposições, nem contradizer as suas ordens, nem convocar reuniões no país sem a sua autorização, ou revestir-se de púrpura ou usar broche de ouro^j. ⁴⁵Tudo aque-

9.27

w. Provável transcrição de *hasar* 'um El, "o átrio do povo de Deus", nome do pátio externo do santuário.

x. É a assembléia plenária; a assembléia de 12.35 é mais restrita.

y. Apesar do seu caráter hebraizante, para o qual várias vezes se chamou a atenção, imita *IMc*, como é aqui o caso, o estilo dos decretos honoríficos das cidades gregas, cf. v. 32: *gastou uma grande parte dos seus bens*.

z. Lit. *glorificaram com uma grande glória*, semitismo, cf. v. 39 e 11.42.

a. Hebraísmo, cf. Gn 49.29.

b. Ao exército de voluntários sucede um exército permanente.

c. Lit. *na qual habitavam os inimigos outrora lá*, construção hebraica.

d. Lit. *fazer um grande golpe*, hebraísmo, cf. 7.22.

e. Reafirmação da dependência de Simão em relação à autoridade seleucida.

f. Lit. *glorificou-o com uma grande glória*, cf. v. 29.

g. Afirmção redacional; a comunidade de origem só foi invocada para os espartanos, 12.21.

h. Como em 4.46, a decisão definitiva está ligada à vinda de um profeta, cf. *Regra de Qumran* 9.11 e Jo 1.21.25; 6.14; 7.40. Seria Simão contestado como sumo sacerdote pelos sequazes dos oníadas ou sua função temporal lesava os direitos da descendência davídica?

i. Ditografia do v. precedente.

j. Cf. 10.89; 11.58. Aqui lit. *agrafar a agrafe*, semitismo.

le que transgredir estas disposições será passível de sanção^k. ⁴⁶“Todo o povo concordou unanimemente em que se concedessem a Simão tais prerrogativas. ⁴⁷Simão as aceitou e consentiu em exercer o pontificado, em ser supremo chefe militar e etnarca dos judeus e dos sacerdotes, e em estar à testa de todos^l.

⁴⁸“Decidiram que este texto fosse gravado em placas de bronze, e que seria afixado em lugar visível no recinto do santuário^m. ⁴⁹e que cópias dele seriam depositadas no tesouro, à disposição de Simão e seus filhosⁿ.

15 Carta de Antíoco VII a Simão.

¹“Antíoco”, filho do rei Demétrio, enviou das Ilhas do Mar uma carta a Simão, sacerdote e etnarca dos judeus, e a toda a nação. ²Estava ela redigida nos seguintes termos:

“O rei Antíoco a Simão, sumo sacerdote, etnarca, e à nação dos judeus, saudações. ³Como certos indivíduos perniciosos se apossaram do reino de meus pais, revindiquei o reino para restabelecê-lo como outrora. Recrutei para tal fim numerosas tropas e armei navios de guerra ⁴com o fito de desembarcar na região e perseguir os que arruinaram nossa região e devastaram muitas cidades do meu reino. ⁵Agora, pois, eu te confirmo todas as imunidades consentidas pelos reis meus predecessores, bem como a dispensa que te concederam de todos os outros tributos”. ⁶Concedo-te o privilégio de cunhars a tua moeda”, de livre circulação na tua região; ⁷Jerusalém e o santuário são livres. Todas as armas de que estás munido, as fortalezas que construístes e

ocupas continua a ser tua propriedade^o. ⁸Todas as dívidas presentes e futuras para com o tesouro real te sejam canceladas, desde agora e para sempre. ⁹Quando tivermos restabelecido a nossa realeza outorgaremos a ti, bem como ao teu povo e ao santuário, honras tais que vossa glória se tornará manifesta por toda a terra^p”.

Antíoco VII sitia Trifão em Dora. ¹⁰No ano setenta e quatro^q, Antíoco partiu para a terra de seus pais^r, e todas as tropas aderiram a ele, de tal sorte que a Trifão restaram apenas uns poucos. ¹¹Antíoco lançou-se em sua perseguição, e Trifão refugiou-se em Dora^s, que dá para o mar, ¹²côncio de que as desgraças se acumulavam e as suas tropas o haviam abandonado. ¹³Antíoco veio acampar sob as muralhas de Dora com cento e vinte mil infantes e oito mil cavaleiros. ¹⁴Cercou a cidade e os navios se concentraram diante dela, impedindo esse bloqueio terrestre e marítimo que qualquer pessoa entrasse ou saísse.

A embaixada judia regressa de Roma, que renova a sua aliança. ¹⁵Numênio e seus companheiros^t voltaram de Roma, portadores das cartas dirigidas aos reis e às regiões, e concebidas nestes termos: ¹⁶“Lúcio”, côsul dos romanos, ao rei Ptolomeu, saudações. ¹⁷Vieram ter conosco como amigos e aliados, para renovar a amizade e a aliança de outrora, os embaixadores dos judeus, enviados pelo sumo sacerdote Simão e o povo dos judeus. ¹⁸Trouxeram um escudo de ouro de mil minas^u de peso. ¹⁹Eis o motivo por

k. Expressão bíblica, cf. Lv 20,9, etc.

l. Os títulos de Simão revelam as bases do seu poder: a tradição (*sumo sacerdote*), o respeito pela soberania selêucida (*estratego*), a nação (*etnarca*). A autoridade sobre os sacerdotes é afirmada talvez por causa da persistente fidelidade do clero aos oníadas.

m. Sob os pórticos, que eram passeios frequentados. n. Foi em Rodas que Antíoco VII Sidetas (138-129) soube do cativo de seu irmão Demétrio II.

o. A isenção dos tributos estende-se implicitamente aos distritos anexados à Judéia (cf. 11,34).

p. Esse privilégio foi logo anulado (v. 27).

q. Cf. 10,31. Mas aqui a Judéia, território de Jerusalém, é incluída nessa concessão.

r. No outono de 139 a.C.

s. Desembarca na Selêucia, o porto de Antioquia.

t. A sul do Carmelo, cf. Js 11,2, etc.

u. Sequência de 14,24.

v. Lúcio Metelo, que se dirige a Ptolomeu VII Fiscon, era côsul em 142 a.C. Essa carta não está, portanto, no seu lugar no texto de *JMc*; cf. 14,18 nota.

w. Esse v. explica o extraordinário peso que se encontra em

que nos aprouve escrever aos reis e às regiões para que não lhes procurem criar embarços^a, que não os combatam, a eles, suas cidades ou sua região, e que não se aliem aos que acaso os venham a combater. ²⁰Decidimos igualmente aceitar de sua parte o escudo. ²¹Se, por conseguinte, elementos perniciosos fugiram de sua região e buscaram guarida junto de vós, entregai-os ao sumo sacerdote Simão, para que os castigue segundo a sua lei”.

²²A mesma carta foi dirigida ao rei Demétrio^a, a Átalo^a a Ariarates^a e a Arsaces^b ²³e a todas as regiões^c, a Sampsames^d, aos espartanos, a Delos, a Mindos, a Sicione, à Cária, a Samos, à Panfília, à Lícia, a Halicarnasso, a Rodes, a Fasélis, a Cós, a Side, a Árados, a Gortina, a Cnido, a Chipre e a Cirene. ²⁴E redigiram para Simão, o sumo sacerdote, uma cópia dessas cartas.

Recriminações de Antíoco VII contra Simão. ²⁵O rei Antíoco estava acampado nos arrabaldes da cidade de Dora, lançando incessantemente destacamentos do seu exército contra ela e montando máquinas de guerra. Seu bloqueio contra Trifão impedia quem quer que fosse de entrar ou sair. ²⁶Simão enviou-lhe dois mil homens escolhidos para combater ao seu lado, bem como prata, ouro e copioso material bélico. ²⁷O rei, entretanto, não só não os quis receber como revogou tudo o que precedentemente acertara com Simão, mudando totalmente a sua atitude para com ele. ²⁸Enviou-lhe Atenóbio, um

de seus amigos, para tratar com ele nestes termos: “Ocupais Jope, Gazara e a Cidadela de Jerusalém, cidades do meu reino. ²⁹Reduzistes a deserto o seu território, causastes grandes estragos^e à terra e vos assenhoreastes de numerosas localidades do meu reino^f. ³⁰Restituí, portanto, agora as cidades que tomastes e pagai os tributos^g dos lugares de que vos apoderastes fora das fronteiras da Judéia. ³¹Ou então dai em seu lugar quinhentos talentos de prata, e mais outros quinhentos talentos^h pelas vossas devastações e pelos tributos dessas cidades; do contrário iremos aí, e será a guerra”.

³²Chegando a Jerusalém, Atenóbio, o valido do rei, viu a magnificência de que se cercava Simão, a sua baixela de ouro e prata, um aparato grandioso. Ficou estupefato com o que via, e transmitiu a Simão as palavras do rei. ³³Simão respondeu-lhe: “É a herança de nossos pais, injustamente detida pelos nossos inimigos durante certo tempoⁱ, que reconquistamos e não uma terra estrangeira ou o bem alheio. ³⁴Apenas nos aproveitamos de uma oportunidade favorável para recuperar a herança de nossos pais. ³⁵Quanto a Jope e Gazara, que tu reivindicas, causavam elas grande mal ao nosso povo e à nossa região. Por elas daremos cem talentos”.

Sem dizer palavra, ³⁶Atenóbio voltou furioso para junto do rei e referiu-lhe essas palavras e tudo o que vira da glória de Simão, ficando o rei sumamente encolerizado.

6,24

14,24. Não é um escudo de ouro que *pesava* mil minas (= 500 kg), mas que *valia* mil minas de prata, o que equivale a um peso de ouro de 44 kg.

x. Alusão a vexames antijudaicos?

y. Roma ignorava ainda a sua captura pelos partos.

z. Átalo II, rei de Pérgamo, 159-138 a.C.

a. Ariarato V, 162-131 a.C., rei da Capadócia.

b. Cf. 14,2; é a primeira menção a um contato entre Roma e o império parto.

c. Essa lista, que atesta o estado político do Oriente Médio por volta de 150 a.C., menciona a esmo regiões independentes com as suas cidades: a Cária com Cnido, Halicarnasso e Cós, a Lícia com Fasélis, a Panfília ao sul do reino de Pérgamo; ilhas independentes: Delos, Samos, Rodes, Creta com Gortina, Árados com seu território continental na costa síria; cidades: Mindos,

que pertence a Pérgamo, cidades independentes como Sicione e Sidé, Roma dirige-se sem intermediário a Chipre e a Cirene, vassallos do Egito, onde viviam numerosos judeus.

d. Essa cidade, hoje Samsun no mar Negro, dependente dos reis do Ponto aliados de Roma. No fim do século I a.C. havia ali uma colônia judaica.

e. Lit. *fizestes um grande golpe*, hebraísmo, cf. v. 35; 7,22.

f. Há, provavelmente, quatro distritos anexados à Judéia, 11,57, g. Esta palavra é, talvez, uma ditografia, cf. v. 31.

h. Ou seja 13.000kg, soma superior aos 300 talentos gregos do tributo tradicional (11,28). Essa exigência de Antíoco contradiz o que ele escreveu anteriormente (v. 8), mas concorda com as condições exigidas por seu irmão (13,39).

i. A legitimidade do poder selêucida parece aqui contestada.

Devastações do governador Cendebeu na Judéia. ³⁷Trifão conseguiu embarcar e fugir para Ortósia¹. ³⁸O rei nomeou Cendebeu epistratego² do Litoral, confiando-lhe uma tropa de infantes e cavaleiros³, ³⁹com instruções de acampar a pouca distância da Judéia, reconstruir Quedron, reforçar suas portas e guerrear contra o povo. Por sua vez, lançou-se o rei em perseguição de Trifão^m. ⁴⁰Cendebeu rumou para Jâmnia e deu início a uma série de provocações contra o povo, realizando incursões na Judéia, fazendo prisioneiros e entregando-se a inúmeras atrocidades. ⁴¹Reconstruiu Quedronⁿ e aquartelou ali cavaleiros e infantes para efetuar investidas e patrulhar as estradas da Judéia, como lhe recomendara o rei.

16 Os filhos de Simão põem Cendebeu em fuga. ¹João subiu de Gazara^o e pôs Simão, seu pai, ao corrente das perversidades perpetradas por Cendebeu. ²Simão convocou seus dois filhos mais velhos, Judas e João, e disse-lhes: "Meus irmãos e eu, bem como a casa de meu pai, combatemos os inimigos de Israel desde a nossa juventude até hoje e por muitas vezes nos foi dado salvar Israel. ³Agora, porém, estou velho e, pela misericórdia^p do Céu, vos achais no vigor da idade. Tomai, portanto, o meu lugar e o de meu irmão, parti a combater por vossa pátria, e que o socorro do Céu esteja convosco". ⁴Escolheu ele na região vinte mil infantes e cavaleiros, e puseram-se em marcha contra Cendebeu; passaram a noite em Modin. ⁵Tendo-se levantado ainda de madrugada^q, avançavam pela planície, quando lhes surgiu ao encontro um numeroso exército de in-

fantes e cavaleiros. Uma torrente^r, porém, interpunha-se entre ambos os exércitos. ⁶João e os seus tomaram posição diante do inimigo. Notando que seus soldados hesitavam em transpor a torrente, João atravessou-a por primeiro. Quando viram isto, atravessaram-na também em seu seguimento. ⁷Dividiu ele a sua tropa colocando a cavalaria^s no meio da infantaria, porque a cavalaria contrária era muito numerosa. ⁸Mandou tocar as cornetas, e Cendebeu foi derrotado com seu exército; muitos caíram mortalmente feridos, e os restantes fugiram para a fortaleza. ⁹Judas, o irmão de João, ficou ferido, e João os perseguiu até Quedron, reconstruída por Cendebeu. ¹⁰Fugiram também até as torres situadas nos campos de Azoto. João as incendiou e perderam dois mil homens. João regressou em paz para a Judéia.

Assassinato de Simão. Sucede-o seu filho João. ¹¹Ptolomeu, filho de Abubo^t, fora nomeado^u estrategista da planície de Jericó. Possuía prata e ouro em abundância, ¹²visto ser genro do sumo sacerdote. ¹³Exaltando-se^v, por isso, o seu coração teve vontade de apoderar-se da região e concebeu o pérfido desígnio de eliminar Simão e seus filhos. ¹⁴Ora, empenhado em fazer boa administração, Simão percorria as cidades da região. Desceu a Jericó, com Matatias e Judas, seus filhos, no ano cento e setenta e sete, no undécimo mês, que é o mês de shebat^w. ¹⁵Recebeu-os traiçoeiramente o filho de Abubo numa pequena fortaleza^x chamada Doc, que ele mandara construir; preparou-lhe um solene banquete, mas deixou escondidos ali no fortim alguns ho-

J. Entre Trípoli e o rio Eleutério, mencionado em 12.30.
k. Espécie de superprefeito.
l. Sobre essa estratégia (província), cf. 11.59 e 2Mc 13.24.
m. Sitiado em Apaméia, sua cidade de origem, foi morto ou se suicidou.
n. Hoje Qatra, a 6km de Jâmnia e a 25km de Modin.
o. Onde morava, 13.53.
p. Lit. *Pela misericórdia*; Céu está subentendido; cf. 3.18.
q. Hebraísmo, cf. 4.52.

r. O Wadi Qatra.
s. Primeira menção da cavalaria hasmônica.
t. Este nome é talvez de origem árabe.
u. Nomeado talvez por Simão.
v. Hebraísmo, cf. 1.3.
w. Este nome, acadiano e depois aramaico, lê-se ainda em Zc 1.7.
x. É o mês de fevereiro de 134 a.C.
y. No pico da montanha da Quarentena que domina Jericó.

mens. ¹⁶Estando Simão e seus filhos embriagados, Ptolomeu e seus homens ergueram-se da mesa, tomaram suas armas, lançaram-se sobre Simão na sala do festim e o mataram, a ele e aos dois filhos e a alguns de seus servos. ¹⁷Perpetrou, assim, a grande traição e retribuiu o bem com o mal.

¹⁸Ptolomeu prestou por escrito contas ao rei do que fizera, pedindo que lhes fossem enviadas tropas de reforço, a fim de lhes entregar cidades e campos. ¹⁹Despachou outros emissários a Gazara para suprimir João e enviou uma carta aos comandantes^y, convidando-os a vir à sua presença para que lhes distribuisse prata, ouro e presentes. ²⁰Enviou outros mais

para se apoderarem de Jerusalém e da montanha do santuário. ²¹Alguém, contudo, adiantando-se, foi a Gazara anunciar a João a morte de seu pai e de seus irmãos. E acrescentou: "Ele mandou matar também a ti!" ²²Ficou João, ao receber tais notícias, completamente transtornado. Prendeu, porém, os homens que tinham vindo matá-lo e os executou, porque soube que tencionavam matá-lo. 13,52

²³O resto das ações de João, seus combates, as proezas que realizou, os baluartes que mandou construir^z e suas outras empresas^a, ²⁴tudo isso se acha escrito^b no livro dos Anais^c de seu pontificado, a partir do momento em que se tornou sumo sacerdote em lugar de seu pai.

y. Lit. *chefes de mil*, cf. 3,55.

z. Reergue os baluartes de Jerusalém, demolidos por Antíoco VII após a rendição da cidade.

a. Evocação de 9,22.

b. Expressão bíblica, cf. 2Cr 27,7, etc.

c. Lit. *livro dos dias*, forma abreviada da expressão hebraica "livro dos fatos dos dias", IRs 14,29.

SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

CARTA AOS JUDEUS DO EGITO

1 A carta festival de 124 a.C.¹ A seus irmãos judeus do Egito, saudações! Seus irmãos^a, os judeus de Jerusalém e os da região da Judéia (lhes desejam) paz e prosperidade! ²Que Deus vos cumule de benefícios e se recorde de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó, seus fiéis servidores. ³Que ele vos dê a todos um coração para adorá-lo e cumprir generosamente e de bom grado as suas vontades. ⁴Que ele abra o vosso coração à sua Lei e aos seus preceitos e que faça reinar a paz. ⁵Que ele vos ouça as orações, reconcilie-se convosco e não vos abandone no tempo da desgraça. ⁶É a oração que aqui mesmo lhe dirigimos neste momento por vós. ⁷Sob o reinado de Demétrio^b, no ano cento e sessenta e nove, nós, os judeus, vos escrevemos: ⁸“Na tribulação e na crise que se abateram sobre nós nestes anos, desde que ^{4.7} Jasão e seus seguidores traíram a causa da terra santa e do reino, ⁹chegando a ponto de atear fogo à grande porta do Templo^d e de derramar o sangue inocente, elevamos ao Senhor as nossas preces e fomos atendidos. Oferecemos um sacrifício e flor de farinha, acendemos as lâmpadas e expusemos os pães”. ¹⁰E agora vos escrevemos convidando-vos a celebrar a festa das Tendass^e do mês de kislew, ¹¹no ano de cento e oitenta.

A segunda carta de 164 a.C.¹ Os habitantes de Jerusalém e os da Judéia, o conselho dos anciãos e Judas a Aristó-

bulo^a, conselheiro do rei Ptolomeu e oriundo da estirpe dos sacerdotes consagrados pela unção^b, bem como aos judeus do Egito, alegria e saúde! ¹²Salvos por Deus de grandes perigos, nós lhe agradecemos grandemente por assistir-nos contra o rei; ¹³porquanto ele próprio expulsou os que marcharam armados contra a cidade santa. ¹⁴Tendo, com efeito, ido à Pérsia^c seu chefe, juntamente com seu exército, que parecia invencível, foram massacrados no templo de Nãnea, graças a um estratagema empregado pelos sacerdotes de Nãnea^d. ¹⁵Efetivamente, sob pretexto de desposar a deusa, Antíoco, acompanhado de seus amigos, foi a esse lugar com a intenção de receber-lhe as vultosas riquezas a título de dote. ¹⁶Os sacerdotes do Nãneon expuseram-nas, e o rei penetrou com algumas pessoas do seu séquito no recinto do templo. Mas assim que Antíoco entrou, eles fecharam o santuário, ¹⁷abriram a porta dissimulada no forro do teto e fulminaram o chefe, atirando-lhes pedras. Cortaram aos intrusos os membros e a cabeça, e lançaram-nos aos que estavam fora. ¹⁸Em tudo seja louvado o nosso Deus, que entregou à morte os que cometeram um sacrilégio!

¹⁹Como vamos celebrar no dia vinte e cinco de kislew a purificação do Templo, julgamos ser nosso dever informar-vos a esse respeito, a fim de que também a celebreis à maneira da festa das Tendass e do fogo que apareceu quando Neemias,

IMc 4,36

a. O emprego do termo *irmãos* indicaria que esta primeira carta foi escrita em hebraico. Data do ano de 188 da cronologia dos selêucidas (1.10), 124 a.C.

b. Demétrio II (145-138 e 129-125), cf. IMc 10,67.

c. Citação de uma carta dirigida pelos judeus de Jerusalém a seus irmãos do Egito no ano de 169 da era selêucida, calculada, aqui como alhures em 2Mc (salvo 2Mc 11), a partir de abril de 311 a.C.; trata-se, portanto, de 143-142 a.C.

d. Cf. 8,33 e IMc 4,38.

e. O nome da festa das Tendass (Dt 16,16 e 31,10) designa aqui a festa da Dedicção, que se inspira nos seus ritos, 2Mc 10,6.

f. Presume-se que esta segunda carta seja do ano 148 da era selêucida, 164 a.C., data da morte de Antíoco IV. Os dados legendários que ela explora são do gosto do tempo, e não lhe infirmam a autenticidade.

g. Aristóbulo é autor de um comentário bíblico alegórico.

h. Provavelmente os sumos sacerdotes.

i. Mais precisamente na Elimaida, cf. IMc 6, onde os fatos são relatados com mais exatidão. A *Pérsia* designa a terra a leste do Eufrates, cf. v. 19.

j. Deusa de origem sumeriana, assemelhada a Artêmis. *[Cf. IMc 6,2 nota.]

que construiu o Templo e o altar, ofereceu sacrifícios. ¹⁹Porque quando nossos pais foram levados para a Pérsia, os piedosos sacerdotes de então, tendo tomado do fogo do altar, ocultaram-no secretamente numa cavidade semelhante a um poço seco, e ali o abrigaram de modo que o local fosse ignorado de todos. ²⁰Pasados muitos anos, quando a Deus aprouve, Neemias, enviado pelo rei da Pérsia, mandou à procura do fogo os descendentes dos sacerdotes que o haviam ocultado. Tendo eles, porém, explicado que não tinham encontrado o fogo, e sim um líquido espesso, ordenou-lhes que colhessem um pouco desse líquido e lho trouxessem. ²¹Estando tudo pronto para os sacrifícios, ordenou Neemias aos sacerdotes que derramassem o líquido nas achas de lenha e nas oferendas postas sobre elas. ²²Feito isto, quando depois de algum tempo o sol, a princípio velado pelas nuvens, pôs-se a brilhar, acendeu-se, com grande admiração de todos, uma grande fogueira. ²³Enquanto se consumava o sacrifício, pronunciavam os sacerdotes uma oração, e com eles todos os presentes, Jônatan^k conduzindo o coro e respondendo os demais com Neemias. ²⁴A oração era a seguinte:

“Senhor, Senhor Deus, criador de todas as coisas^l, temível, forte, justo, misericordioso, o único rei, o único bom, ²⁵o único liberal, o único justo, todo-poderoso e eterno, que salvas Israel de todo mal, que fizeste de nossos pais teus eleitos e os santificaste, ²⁶digna-te aceitar este sacrifício por todo o teu povo de Israel, conserva teu patrimônio^m e santifica-o. ²⁷Reúne os que dentre nós estão dispersosⁿ; liberta os que se acham em escravidão entre as nações, lança um olhar propício aos que são desprezados e objeto de abominação, a fim de que reconheçam as nações que tu és o nosso Deus. ²⁸Castiga os que nos tiranizam e

ultrajam insolentemente. ²⁹Implanta o teu povo no teu lugar santo, como disse Moisés”.

Ex 15,17

³⁰Os sacerdotes executavam hinos. ³¹Consumidas as matérias do sacrifício, ordenou Neemias que se derramasse o resto do líquido sobre grandes pedras. ³²Feito isto, acendeu-se uma labareda, que foi absorvida pela luz irradiada pelo altar fronteiro. ³³Divulgado o acontecimento e tendo sido referido ao rei dos persas que no local para onde os sacerdotes deportados haviam ocultado o fogo aparecera um líquido com o qual Neemias e seus companheiros haviam santificado as matérias do sacrifício, ³⁴mandou o rei que se cercasse esse local e declarou-o sagrado, após haver comprovado o fato. ³⁵Aos seus favoritos concedia o rei uma parte dos vultosos proventos que dali auferia. ³⁶A esse líquido deram Neemias e os seus acompanhantes o nome de neftar, que quer dizer ‘purificação’, mas é comumente denominado nafta.

2 ¹Nos escritos encontra-se que o profeta Jeremias ordenou aos que partiam para a deportação que tomassem do fogo, como ficou indicado, ²e que o profeta recomendou aos que eram levados, após lhes haver dado a Lei, que não se esquecessem dos preceitos do Senhor e não se extraviassem nos seus pensamentos, ao verem estátuas de ouro e prata e os ornamentos de que estavam revestidas^o. ³Entre outros conselhos do mesmo gênero, exortou-os a não deixar que a Lei se afastasse de seu coração. ⁴Contava-se nesse escrito que o profeta, avisado por um oráculo, fez-se acompanhar pela tenda e a arca, foi à montanha que Moisés subira e de onde contemplara o legado de Deus ⁵e que, lá chegando, encontrou Jeremias uma habitação em forma de gruta, introduziu ali a tenda, a arca e o altar dos perfumes, feito o que lhe obstruiu a entrada. ⁶Alguns de seus

Dr 34,1-4

Jl 15,13

Dr 30,3-5

k. Talvez o Ionatan de Ne 12,11.

l. Esta oração pode ser tirada de uma liturgia do Templo de Jerusalém.

m. Meris = parte, herança, patrimônio, como em 14,15.

n. Tema das esperanças messiânicas.

o. Alusão ao que narra a *Epístola de Jeremias* (ou *Br 6*), escrito deuteroacanônico que, na Bíblia grega, vem logo depois das Lamentações, atribuídas ao mesmo profeta.

companheiros quiseram ir lá para marcar o caminho com sinais, mas não o puderam encontrar⁸. ⁷Sabedor disso, Jeremias os repreendeu, dizendo-lhes: "Esse lugar ficará desconhecido até que Deus haja consumado a reunião do seu povo e lhe haja manifestado a sua misericórdia. ⁸O Senhor mostrará, então, novamente esses objetos, e a glória do Senhor aparecerá com a Nuvem, como se mostrou no tempo de Moisés e quando Salomão orou para que o santo lugar⁹ fosse gloriosamente consagrado". ⁹Contava-se, além disso, que, dotado de sabedoria, ele ofereceu o sacrifício da dedicação e da conclusão do santuário. ¹⁰Assim como Moisés orara ao Senhor e um fogo descido do céu consumara as matérias do sacrifício, assim orou Salomão, e o fogo baixado do céu consumiu os holocaustos. ¹¹Dissera Moisés que era por não ter sido comido que o sacrifício pelo pecado fora consumido. ¹²Analogamente, também, celebrou Salomão os oito dias de festa.

Ex 24,16

1Rs 8,10h

Lv 9,24

2Cr 7,1

Lv 10,16

1Rs 8,65

¹³Nesses escritos e nas memórias de Neemias⁷ contava-se, além desses mesmos fatos, que Neemias, fundando uma biblioteca, nela reuniu os livros respeitantes aos reis e profetas, os de David e das cartas dos reis sobre as oferendas.

Sr prol. 9-10

¹⁴Da mesma forma Judas reuniu todos os livros dispersos por causa da guerra que nos moveram, e acham-se em nossas mãos. ¹⁵Se, portanto, deles precisais, enviai-nos pessoas que vo-os possam levar.

IMc 1,56-57

¹⁶Escrevemo-vos esta carta na iminência de celebrar a purificação do Templo; fareis bem, portanto, em lhe celebrar os dias. ¹⁷O Deus que salvou todo o seu povo e nos conferiu a todos a herança, a realeza, o sacerdócio e a santificação, ¹⁸conforme prometera pela Lei, esse Deus, assim o esperamos, terá em breve compaixão de nós e trazendo-nos de todas as regiões que há debaixo do céu nos congregará no lugar santo, porque nos arancou de grandes males e purificou o lugar santo.

1,8

Ex 19,5-6:
1Pd 2,9

PREFÁCIO DO AUTOR

¹⁹Quanto à história de Judas Macabeu e de seus irmãos, à purificação do imenso santuário, à dedicação do altar, ²⁰assim como às guerras contra Antíoco Epifanes e seu filho Eupátor, ²¹e às aparições celestes que se produziram em favor dos bravos que lutaram generosamente pelo judaísmo, a tal ponto que, não obstante o seu diminuto número, pilharam toda a região e perseguiram a turba dos bárbaros, ²²reconquistaram o santuário, célebre em todo o universo, libertaram a cidade e restabeleceram as leis ameaçadas de abolição, havendo-lhes o Senhor sido propício com toda a sua mansidão, ²³tendo todos esses fatos sido desenvolvidos em cinco livros por Jasão de Cirene, tentaremos resumir-los numa só obra. ²⁴Con-

siderando, com efeito, a avalanche das cifras e a dificuldade experimentada pelos que desejam mergulhar nas narrativas da história, devido à abundância da matéria, ²⁵cuidamos de proporcionar um regalo aos que se contentam com uma simples leitura, uma comodidade aos que se comprazem em confiar os fatos à sua memória, e utilidade a todos que depararam com estas páginas. ²⁶Para nós, que tomamos sobre nós o penoso trabalho deste resumo, trata-se não de uma tarefa fácil, mas de uma questão de suores e vigílias, ²⁷comparável ao árduo trabalho do organizador de um banquete que busca a satisfação dos outros. Da mesma forma, para prestar serviço a muitas pessoas, de bom grado suportaremos este traba-

p. Outros deuterocanônicos e apócrifos se inspiraram nessa lenda, conhecida já de Eupólemo, segundo Eusébio. Cf. IMc 8,17. q. Lit. o lugar. O autor diz às vezes o *santo lugar*, e mais freqüentemente o *lugar*, cf. Jo 11,48. Traduzimos quase sempre:

o *santo lugar*.

r. Apócrifo perdido. Papel análogo é atribuído a Esdras também alhures (4Esd 14,37-50).

s. Ver essas aparições em 3,24; 5,2; 10,29; 11,8; cf. 15,27.

lho, ²⁴deixando ao escritor^t o cuidado de entrar nos pormenores de cada acontecimento, esforçando-nos por traçar os contornos de um resumo. ²⁵Porquanto, assim como incumbe ao arquiteto de uma casa nova ocupar-se do conjunto da construção, enquanto ao encarregado de decorá-la com pinturas de encaústica cabe procurar o que é preciso para a ornamentação, o mesmo, parece-me, sucede conosco. ³⁰Penetrar no assunto, perلustrá-lo,

examinar-lhe com curiosidade o pormenor pertence ao que compõe a história; ³¹mas aplicar-se à busca da concisão e renunciar à exposição completa dos fatos é uma concessão que convém se faça ao autor de uma adaptação.

³²Começemos, portanto, aqui o nosso relato sem nada acrescentar ao que fica dito: despropositado seria, com efeito, alongar-nos no que precede a história e resumir, em seguida, a própria história.

HISTÓRIA DE HELIODORO

3 **Traição de Simão.** ¹Quando os habitantes da cidade santa gozavam de completa paz e aí se observavam da melhor maneira as leis graças à piedade do sumo sacerdote Onias^u e a seu horror ao mal, ²sucedida que os próprios reis honravam o santo lugar e davam ao santuário os mais magníficos presentes, ³a tal ponto que Seleuco, o rei da Ásia^v, cobria com seus proventos pessoais todas as despesas exigidas pelo serviço dos sacrifícios. ⁴Certo Simão, porém, da tribo de Bilgá^w, instituído prepósito do Templo, entrou em desacordo com o sumo sacerdote no que dizia respeito à agoranomia^x da cidade. ⁵Como não lograsse prevalecer contra Onias, foi ter com Apolônio, filho de Tráseas^y, então governador militar da Celessíria e da Fenícia^z. ⁶Denunciou-lhe o tesouro de Jerusalém, dizendo que regurgitava de inauditas riquezas, a ponto de ser incalculável a quantia das somas, sem a menor proporção com as despesas exigidas

pelos sacrifícios, e acrescentando que era possível fazê-las cair nas mãos do rei. ⁷No decorrer de uma audiência real, Apolônio pôs o rei ao corrente da denúncia que lhe fora feita a respeito dessas riquezas. Tendo escolhido Heliodoro, que se achava à frente da administração^a, enviou-o o rei com a ordem de proceder ao confisco das riquezas indicadas. ⁸Heliodoro pôs-se sem demora a caminho, aparentemente para inspecionar as cidades de Celessíria e Fenícia, mas na realidade para executar os desígnios do rei. ⁹Chegado a Jerusalém e amigavelmente recebido pelo sumo sacerdote e pela cidade, deu parte da revelação que lhe fora feita e explicou o motivo de sua presença; perguntava se essa acusação correspondia à verdade. ¹⁰Fez-lhe então ver o sumo sacerdote que o tesouro se compunha dos depósitos das viúvas e dos órfãos^b, ¹¹e em parte, também, dos de Hircano^c, filho de Tobias, personalidade investida de importante cargo, e que, con-

t. O escritor é Jasão de Cirene.

u. Onias III, filho de Simão II (Sr 50) pertencia, segundo Josefo, a uma linhagem de sumos sacerdotes que remontava a Sadoq, e cuja lista é dada em 1Cr 5,27-41 e Ne 12,10-11.

v. Seleuco IV Filopátor (187-175). O reino selêucida compreendia então a Síria, a Mesopotâmia e o Irã.

w. Bilgá, segundo a *Vel. Lat.* (gr. Benjamin). É o chefe de uma das 24 classes sacerdotais, 1Cr 24,14.

x. O preposto (*prostátês*) era o administrador do Templo. A *agoranomia* era a polícia dos mercados.

y. Sem dúvida aparentado com Ptolomeu, filho de Tráseas; que ocupou o mesmo cargo no tempo de Antíoco III.

z. Essa província selêucida, que faz continuação à estratégia de "Síria-e-Fenícia" ptolemaica, compreendia a Palestina, o Líbano e a Síria meridional.

a. Expressão que designa o primeiro ministro. 10,11; 11,1; 13,2; *IMc* 3,32. Heliodoro fará perecer Seleuco, segundo Apiano (*Syriaca*, 45).

b. Os direitos das viúvas e dos órfãos são considerados como particularmente sagrados nos livros santos, Dt 27,19; cf. 14,29.

c. Esse Hircano nos é conhecido através de Josefo, *Ant.* XII, 160ss. O nome de Tobias é freqüente nessa família, que governava a Amanítida desde o tempo de Neemias, cf. Ne 2,10; 13,8.

trariamente às caluniosas indicações do ímpio Simão, havia ali, ao todo, quatrocentos talentos de prata e duzentos talentos de ouro^d; ¹²e que, de mais a mais, era absolutamente impossível lesar os que haviam depositado a sua confiança na santidade do lugar, na majestade e inviolabilidade^e de um Templo venerado no mundo inteiro.

A cidade em tumulto. ¹³Heliodoro, porém, em virtude das ordens do rei, sustentava absolutamente que essas riquezas deviam ser confiscadas para o tesouro real. ¹⁴No dia por ele fixado, apresentou-se para fazer o inventário dessas riquezas. Viva inquietação espalhou-se então pela cidade. ¹⁵Revestidos das suas vestes sacerdotais, prosternavam-se os sacerdotes diante do altar e invocavam o Céu, autor da lei sobre os depósitos, rogando-lhe que conservasse intactos esses bens para os que os haviam depositado. ¹⁶Era impossível, ante o semblante do sumo sacerdote, não se confranger o coração, de tal modo deixavam a sua expressão e a alteração de sua cor transparecer a angústia de sua alma. ¹⁷O terror e o tremor de seu corpo revelavam a quem o visse o sofrimento que lhe oprimia o coração. ¹⁸Das casas saíam muitos, aos grupos, para rezar juntos, a fim de afastar do santo lugar o opróbrio que o ameaçava. ¹⁹As mulheres, cingidas de saco^f abaixo dos seios, enchiam as ruas; as jovens, ainda retidas em suas casas, corriam umas para as portas, outras assomavam nos muros, outras, ainda, debruçavam-se nas janelas: ²⁰todas elas, as mãos estendidas para o céu, volviam para ele as suas súplicas. ²¹Causava comisseração ver a confusa prostração e a expectativa do sumo sacerdote, agitado por grande angústia. ²²En-

quanto se suplicava ao Senhor todo-poderoso que guardasse intactos, em toda a segurança, os depósitos para os que os haviam confiado, ²³Heliodoro, de sua parte, executava o que fora decidido.

O castigo de Heliodoro. ²⁴Acercava-se já, com a sua guarda, do Tesouro, quando o Soberano dos Espíritos^g e de todo o poder fez uma grande aparição, de tal modo que todos os que tinham ousado ir lá foram feridos pelo poder de Deus, perdendo vigor e coragem. ²⁵Apareceram-lhes, com efeito, um cavalo, montado por terrificante cavaleiro, e ricamente ajaezado. Lançando-se impetuosamente, agitou contra Heliodoro as patas dianteiras. O homem que o cavalgava parecia revestido de uma armadura de ouro. ²⁶Ao mesmo tempo, apareceram a Heliodoro dois jovens de extraordinário vigor e de grande formosura, envergando trajes esplêndidos. Postando-se de um lado e de outro, puseram-se a açoitá-lo sem parar, assestando-lhe uma saraivada de golpes. ²⁷Heliodoro caiu logo por terra e foi envolvido por densas trevas. Recolheram-no para depô-lo numa liteira, ²⁸e esse homem, que acabara de entrar no sobre-dito tesouro com numeroso séquito e toda a sua guarda, foi levado embora, incapaz doravante de valer-se a si mesmo, por pessoas que reconheciam abertamente a soberania de Deus. ²⁹Por efeito do poder divino, jazia esse homem sem voz, destituído de toda esperança e de todo socorro. ³⁰Quanto aos outros, bendiziam o Senhor que milagrosamente glorificara o seu santo lugar; e o santuário que, pouco tempo antes, enchia-se de terror e de perturbação, transbordava agora de alegria e regozijo, graças à manifestação^h do Senhor todo-poderoso. ³¹Apressaram-

d. O *talento* monetário grego era de aproximadamente 26,2kg. O ouro valia dez vezes mais que a prata. Esta soma parece pouco verossímil, porque o tributo anual da Judeia era de 300 talentos de prata, cf. *IMc* 11,28.

e. Essa inviolabilidade, a *asylia*, só será, no entanto, concedida ao Templo por Demétrio I, cf. *IMc* 10,43.46.

f. Para marcar o luto, as mulheres vestiam-se de saco, deixando nus os seios, soltavam os cabelos e feriam o peito.

g. O título *Soberano dos Espíritos* é raro; caracteriza, no livro apócrifo de *Henoc*, a seção das Parábolas. Cf. *Henoc* 12,9 (Pai dos Espíritos).

A palavra *soberano* traduz aqui e em 12,15.28; 15,3-29 a palavra gr. "dinastia", raramente aplicada a Deus no resto da Bíblia grega (*Sr* 46,5; *ITm* 6,15).

h. Essas "epifanias" e "teofanias" são frequentes nas literaturas da época greco-romana. Entre os gregos, a tradição remonta

-se alguns dos companheiros de Heliodoro a pedir a Onias que orasse ao Altíssimo¹ e impetrasse a vida para o que ali jazia no seu último alento.³²Receando que o rei viesse a suspeitar de um atentado dos judeus contra Heliodoro, ofereceu o sumo sacerdote um sacrifício para que a vida fosse devolvida àquele homem.³³Enquanto o sumo sacerdote oferecia o sacrifício de expiação, apareceram a Heliodoro os mesmos jovens, revestidos dos mesmos trajes. De pé junto dele disseram-lhe eles: "Agradece de todo o teu coração ao sumo sacerdote Onias, porque é graças a ele que o Senhor te poupa a vida: ³⁴de tua parte, fustigado pelo Céu, vai anunciar a todos a grande força de Deus". E, ditas estas palavras, desapareceram.

A conversão de Heliodoro. ³⁵Heliodoro, após ter oferecido um sacrifício ao

Senhor e dirigido fervorosas preces àquele que lhe conservara a vida, despediu-se afetuosamente de Onias e voltou com o seu exército para junto do rei. ³⁶A todos rendia ele testemunho das obras do Deus altíssimo¹, que contemplara com os seus próprios olhos. ³⁷Perguntando-lhe o rei qual seria o homem indicado para ser enviado outra vez a Jerusalém, respondeu Heliodoro: ³⁸"Se tens algum inimigo ou alguém que conspire contra teu governo, envia-o lá, e o receberá: moído de pancadas, se escapar, porque um poder divino cerca verdadeiramente esse lugar. ³⁹Porquanto aquele que tem a sua mansão no Céu vela sobre esse lugar e o protege, e aos que para lá se dirigem com más intenções, fere-os e fá-los perecer". ⁴⁰São estes os fatos relativos a Heliodoro e à conservação do tesouro.

A PERSEGUIÇÃO SOB ANTÍOCO EPÍFANES

4 Simão e Onias. ¹Continuava o sobredito Simão, tornado delator do tesouro e da pátria, a caluniar Onias, dizendo que fora ele quem investira contra Heliodoro e urdira esses males. ²Ao benfeitor da cidade, protetor dos seus irmãos de raça, zeloso observador das leis ousava ele apresentar como conspirador contra o governo. ³Esse ódio crescia a tal ponto que até assassínios foram cometidos por homens^k recrutados por Simão. ⁴Onias, considerando quão desastrosa era essa rivalidade e vendo que Apolônio, filho de Menesteu, governador militar da Celessíria e da Fenícia, reforçava a malvadez de Simão, ⁵foi à presença do rei, não como acusador de seus concidadãos, mas tendo em vista o interesse geral e particular de todo o

povo. ⁶Via ele, com efeito, que sem uma decisão real, seria dali para a frente impossível fazer reinar a paz na administração, e que Simão não poria termo à sua loucura.

O sumo sacerdote Jasão introduz o helenismo (IMc 1, 10-15). ⁷Tendo Seleuco deixado esta vida e sucedendo-lhe no trono Antíoco, cognominado Epífanis^l, Jasão^m, irmão de Onias, usurpou o pontificado, ⁸havendo prometido ao rei, no decurso de uma audiência, trezentos e sessenta talentos de prata e oitenta talentos, a serem deduzidos de uma renda não discriminada. ⁹Comprometia-se, além disso, a transcrever para o seu nome outros cento e cinquenta talentos, se ele o autorizasse a estabelecer um ginásio e

ao politeísmo homérico. Por esse processo literário ilustra o nosso autor a onipotência de Deus.

1. Esta apelação, *hýpsistos* em gr., ausente alhures nos *Macabeus*, era familiar aos judeus helenizados bem como os pagãos aos quais o autor a faz pronunciar (cf. *Zeus Hýpsistos*).

j. Esse epíteto, *mégistos* em gr., é freqüente no paganismo

oriental, mormente na qualificação do deus supremo (*Zeus mégistos*). Também ela foi escolhida para caracterizar a maneira de pensar de um pagão.

k. *Homens*: lat. (*por um dos homens*: gr.).

l. Antíoco IV, que reinaria de 175 a 164.

m. Transposição grega, por consonância, do nome judeu Josué ou Jesus, cf. Josefo, *Ant.* XII, 239.

uma efèbia" e fazer o recenseamento dos antioquenos de Jerusalém". ¹⁰Tendo o rei anuído à sua proposta, Jasão, assim que se apossou do poder^o, induziu os seus irmãos de raça a trocarem o seu estilo de vida pelo dos gregos. ¹¹Suprimiu as franquias que os reis tinham, por humanidade, garantido aos judeus, graças à mediação de João, pai de Eupólemo que seria enviado em embaixada para firmar um tratado de amizade e aliança com os romanos; destruiu as instituições legítimas e inaugurou costumes contrários à Lei. ¹²Comprazeu-se, com efeito, em mandar construir um ginásio bem ao pé da Acrópole^a e conduziu os melhores dentre os efèbos ao uso do pétaso^r. ¹³Grças à desmedida perversidade de Jasão, um ímpio e não um sumo sacerdote, o helenismo e a penetração estrangeira chegaram a tal ponto ¹⁴que os sacerdotes já não mostravam mais nenhum zelo pelo serviço do altar, e sim, desprezando o Templo e negligenciando os sacrifícios, apressavam-se a tomar parte na palestra das distribuições de óleo, proibidas pela Lei, assim que soava o chamado do gongo. ¹⁵Nenhum caso faziam das honras de sua pátria e tinham em sumo apreço as glórias helênicas. ¹⁶Foi por isso que não tardaram a se ver envolvidos numa penosa situação, e encontraram naqueles mesmos cujas maneiras de viver procuravam copiar e com quem se queriam parecer em tudo, inimigos e carrascos. ¹⁷Não se violam impunemente as leis divinas, como o período seguinte irá mostrar.

¹⁸Celebrando-se em Tiro os jogos quadrienais^s na presença do rei, ¹⁹o impuro Jasão enviou representantes dos antioquenos de Jerusalém, aos quais entregou trezentas dracmas de prata para o sacrifício de Héracles. Mas os próprios portadores acharam que não convinha aplicá-los a esse sacrifício, e que elas deveriam ser reservadas a outras despesas. ²⁰O dinheiro destinado ao sacrifício de Héracles por quem o enviara foi, pois, empregado, por iniciativa dos que o traziam, à construção de trirremes^t.

Antíoco Epífanes aclamado em Jerusalém. ²¹Tendo Apolônio, filho de Menesteu, sido enviado ao Egito para assistir às núpcias do rei Filomêtor^u, chegou ao conhecimento de Antíoco que este último se tornara hostil à sua política, e cuidou de se defender^v. Essa preocupação o levou a Jope, de onde rumou para Jerusalém. ²²Triunfalmente recebido por Jasão e pela cidade, foi introduzido à luz das tochas e em meio às aclamações. Em seguida foi acampar o seu exército na Fenícia.

Menelau torna-se sumo sacerdote. ²³Ao cabo de três anos^w, Jasão enviou Menelau, irmão daquele Simão de que acima se falou, com a incumbência de levar o dinheiro ao rei e levar a bom termo a negociação^x de assuntos urgentes. ²⁴Tendo Menelau sido apresentado ao rei e tendo-o abordado com modos de um personagem importante, conseguiu que lhe fosse atribuído o pontificado, descar-

n. Instituição grega que garantia a educação física e intelectual do jovem, particularmente no ginásio, antes de sua entrada na vida civil.

o. Tornava-se assim Jerusalém uma cidade grega sob o nome de Antioquia, em honra de Antíoco IV.

p. O sumo sacerdote era confirmado ou até designado pelo soberano. cf. 4.24 e 14.7.19; 1Mc 7.5; 10.20; 13.36.

q. A Acrópole, sede da guarnição síria, dominava o Templo, a noroeste.

r. O chapéu de abas largas usado pelos efèbos e por Hermes, deus das competições esportivas.

s. Lit. *quinqüenais* (contava-se o ano dos jogos precedentes). Celebravam-se de quatro em quatro anos em honra de Melcart, o célebre deus de Tiro e Cartago, assemelhado ao Héracles grego.

t. Navios de guerra de três séries de remadores superpostas, que aparecem pela primeira vez na Jônia, no século VI.

u. Ptolomeu VI Filomêtor, filho de Ptolomeu V Epífanes e de Cleópatra I, irmã de Antíoco Epífanes. Filomêtor desposou por volta de 174 sua irmã Cleópatra II.

A palavra *núpcias* traduz *ta prôtoklisia* (cf. Mt 23.6), "a presidência do banquete", aqui sem dúvida o das núpcias. Outros manuscritos têm *ta prôtoklësia*, palavra não atestada (a proclamação, a entronização?).

v. Cf. Tito Lívio, XLII, 29: o Egito prepara a reconquista da Celessíria.

w. No fim, por conseguinte, de 172 ou no começo de 171.

x. *Negociações*: texto e sentido incertos.

tando Jasão mediante uma oferta superior em trezentos talentos à dele. ²⁵Regressou munido das cartas régias de investidura, sem dispor de nada que o tornasse merecedor do pontificado e nada a fazer valer senão os furores de um tirano cruel e a sanha de um animal selvagem. ²⁶De modo que Jasão, que suplantara seu próprio irmão, foi por sua vez suplantado por outro e teve de se exilar na região dos amonitas. ²⁷Quanto a Menelau, possuía ele certamente o poder, mas nada pagava ao rei da quantia que lhe prometera. ²⁸Sóstrates, todavia, o comandante da Acrópole^c, apresentou-lhe reclamações, porque era a ele que competia a arrecadação dos impostos. Por isso ambos foram convocados pelo rei. ²⁹Menelau deixou para substituí-los como sumo sacerdote seu irmão Lisímaco, e Sóstrates deixou Crates, o comandante dos cipriotas^d.

O assassinato de Onias. ³⁰Sucedeu nesse ínterim que os habitantes de Tarso e de Malos^e se revoltaram, porque suas cidades tinham sido presenteadas a Antióquide, concubina do rei. ³¹Partiu, pois, o rei às pressas para restabelecer a ordem, deixando em seu lugar Andrônico, um dos grandes dignitários. ³²Menelau, então, crente de que se lhe apresentara um momento favorável, furtou alguns objetos de ouro do santuário e presenteou-os a Andrônico, e logrou vender outros a Tiro e às cidades vizinhas. ³³Tendo recebido informações seguras sobre esses fatos, Onias, já refugiado no recinto inviolável de Dafne perto de Antioquia^b, admoestou-o severamente. ³⁴Em consequência disso Menelau, tomando de parte Andrônico, instou com ele para que matasse Onias. Andrônico foi ter com Onias; fiando-se da astúcia estendeu-lhe a mão

direita com juramento e convenceu-o, embora o outro conservasse alguma dúvida^e, a sair do seu asilo. E matou-o imediatamente, sem qualquer consideração pela justiça. ³⁵Grande pesar e forte comoção produziu, por isso, não só nos judeus como também em muitos de outras nações, a cruel e injusta morte desse homem^d.

³⁶Quando o rei voltou das cidades da Cilícia, os judeus da cidade e os gregos que compartilhavam o seu ódio ao mal compareceram à sua presença para tratar com ele do injustificado assassinio de Onias. ³⁷Afligido até o fundo de sua alma e tomado de compaixão, Antióco derramou lágrimas à lembrança da sabedoria e grande moderação^e do defunto. ³⁸A seguir, inflamado de indignação, despojou imediatamente Andrônico da púrpura e rasgou-lhe as vestes, e ordenou que fosse levado por toda a cidade até o lugar em que exercera a sua impiedade contra Onias, e despachou deste mundo o assassino, que assim recebeu do Senhor o justo castigo.

A morte de Lisímaco. ³⁹Tendo um grande número de furtos sacrílegos sido cometidos na cidade por Lisímaco, com a cumplicidade de Menelau, e tendo-se o rumor de tais furtos espalhado, amotinou-se o povo contra Lisímaco, quando já muitos objetos de ouro haviam sido dispersados. ⁴⁰Sublevando-se a multidão, transbordante de cólera, armou Lisímaco perto de três mil homens e lançou contra ela injustos ataques, sob o comando de um tal Aurano, homem avançado em anos, mas não menos em loucura. ⁴¹Ao notarem que também essa agressão provinha de Lisímaco, uns se muniram de pedras, outros de pedaços de pau; outros, enfim, apanhavam a mancheias a

y. Comandante, em gr. *eparca*, isto é, prefeito militar.

z. Uma tropa de mercenários cipriotas, cf. 12,2 e 1Mc 1,29.

a. Malos e Tarso, a futura pátria de Paulo, eram cidades greco-orientais da Cilícia.

b. Dafne, a 8km de Antioquia, era célebre pelo seu santuário de Apolo, fundado por Seleuco I e que desfrutava do direito de asilo, cf. 3,12.

c. Texto mal conservado, mas o sentido é claro.

d. Onias é o *Ungido* de Dn 9,26, e o *chefe da aliança* de Dn 11,22.

e. *Sabedoria e moderação*, virtudes essencialmente gregas; o autor, colocando-se no ponto de vista de Antióco, as faz atribuir por este a Onias.

cinza^f que por lá havia, e investiram tumultuosamente contra os homens de Lisímaco. ⁴²Feriram muitos, mataram alguns e puseram os demais em fuga, e ao próprio ladrão sacrílego massacraram-no ali mesmo junto ao tesouro.

Menelau absolvido. ⁴³Sobre esses fatos foi instaurado um processo contra Menelau. ⁴⁴Por ocasião da ida do rei a Tiro, os três homens enviados pelo Conselho dos Anciãos^g defenderam a causa deles em sua presença. ⁴⁵Vendo-se perdido, Menelau prometeu importantes somas a Ptolomeu, filho de Dorimeno^h, para que ele ganhasse o rei à sua causa. ⁴⁶Ptolomeu conduziu o rei ao peristilo, sob pretexto de levá-lo a tomar um pouco de ar, e fê-lo mudar de parecer. ⁴⁷De sorte que a esse homem, que fora o autor de todo mal, Menelau, despediu o rei absolvido de todas as acusações, enquanto condenava à morte infelizes que, se houvessem defendido a sua causa perante os próprios citasⁱ, teriam sido absolvidos. ⁴⁸Sofreram, pois, sem demora essa pena injusta os que haviam tomado a defesa da cidade, do povo e das alfaías. ⁴⁹Viu-se, por isso, até habitantes de Tiro, horrorizados com tão hediondo crime, proverem magnificamente à sepultura deles. ⁵⁰Quanto a Menelau, graças à cupidez dos poderosos, manteve-se no poder, crescendo em malícia e afirmando-se como grande inimigo dos seus concidadãos.

5 Segunda campanha do Egito. ¹Por esse tempo, Antíoco começou a preparar o seu segundo ataque contra o Egito^j. ²Ora, aconteceu que em toda a

cidade, durante cerca de quarenta dias, apareceram, correndo pelos ares, cavaleiros vestidos de mantos bordados a ouro, tropas armadas dispostas em coortes, ³esquadrões^k de cavalaria em ordem de batalha, ataques e contra-ataques de ambos os lados, escudos agitados, florestas de lanças, espadas desembainhadas, arremessos de dardos, cintilações de armaduras de ouro e couraças de todo gênero. ⁴Rezavam todos para que essa aparição^l fosse de bom augúrio.

A repressão de Epífanes. ⁵Ora, difundindo-se os falsos rumores da morte de Antíoco, Jasão, tomando consigo não menos de mil homens, dirigiu de improviso um ataque contra a cidade. Forçada a muralha e tomada finalmente a cidade, Menelau refugiou-se na Acrópole. ⁶Entregava-se Jasão implacavelmente à fauna de massacrar os seus próprios concidadãos, sem perceber que o êxito alcançado sobre os seus irmãos de raça era o maior dos reveses, imaginava arrancar troféus de inimigos quando era aos seus próprios compatriotas que os arrebatava. ⁷Por um lado, não logrou apoderar-se do poder, e de outro, acabou por cobrir-se de vergonha por causa de sua traição, voltando a retirar-se para o seu exílio na Amanítide. ⁸Sua conduta criminoso teve, pois, um paradeiro: preso por Aretas, tirano dos árabes, fugindo da cidade^m, perseguido por todos, detestado como renegado das leis, execrado como algoz de sua pátria e de seus concidadãos, foi, como um naufrago, parar no Egito. ⁹Esse homem, que banira de sua pátria um grande número de pessoas, pereceu em terra estrangeira, tendo demandado a

f. A cinza dos sacrifícios, acumulada perto do altar.

g. Este é, por certo, aqui o sentido da palavra gr. *gerusia*; cf. *IMc* 12,6 e 35.

h. O personagem reaparecerá cinco anos mais tarde, 8,8; cf. *IMc* 3,38.

i. "Mais cruel que os citas", era uma expressão proverbial; cf. *Cl* 3,11; Cícero, *In Verrem*, II, 5,150. Sobre a apreciação moral dos citas, cf. também Aristóteles, *Probl.* 872a4, *Polit.* 1324b11, e *passim*. Para a crueldade de Epífanes, cf. 7,4.

j. Essa segunda campanha foi em 168; a primeira campanha é

de 169, cf. *IMc* 1,16.

k. Em gr., *ilē*, unidade de ao menos 250 cavaleiros. Usa o autor nos vv. 2 e 3 uma terminologia militar de notável precisão, que reaparece em Políbio, o historiador grego contemporâneo.

l. Aparições semelhantes são notadas por Josefo na sua *Guer-ra judaica*, VI, 296 ss.

m. Trata-se de Petra, capital do rei, ou tirano, dos nabateus (cf. *IMc* 5,25). Esse Aretas não é talvez o primeiro do nome. Nosso texto segue os melhores mss. lat. O gr. tem: *de cidade em cidade*.

Lacedemônia na esperança de ali encontrar um refúgio em atenção a uma comum origem". ¹⁰Ele, que lançara tantos homens ao solo sem sepultura, por ninguém foi chorado, de ninguém recebeu as derradeiras homenagens, nem teve lugar algum no túmulo de seus pais".

¹¹Quando lhe chegou aos ouvidos a notícia desses acontecimentos, o rei concluiu deles que a Judéia o traía. Partiu, pois, do Egito, furioso como um animal selvagem, e tomou a cidade à mão armada. ¹²Ordenou em seguida aos soldados que abatessem sem piedade todos os que lhes caíssem nas mãos e que degolassem os que subissem para as suas casas. ¹³Foram exterminados jovens e anciãos, trucidadas mulheres e crianças, degoladas virgens e crianças de peito. ¹⁴Houve oitenta mil vítimas nesses três dias; quarenta mil pereceram à espada, e não foi menor o número^p dos que foram vendidos como escravos.

A pilhagem do Templo (1Mc 1,21-24).

¹⁵Não satisfeito, ousou penetrar no mais santo santuário de toda a terra^q, tendo por guia Menelau, tornado traidor das leis e da pátria^r. ¹⁶Tomou nas suas mãos impuras os vasos sagrados e arrebatou com suas mãos profanas as oferendas que os outros reis ali haviam depositado para o desenvolvimento, a glória e a dignidade do santo lugar. ¹⁷Exaltava-se^s Antíoco nos seus pensamentos, sem ver que era por

causa dos pecados dos habitantes da cidade que o soberano Mestre se irritara por algum tempo, e que essa era a razão de sua aparente indiferença para com o lugar santo. ¹⁸Se não estivessem mergulhados numa multidão de pecados^t, também ele, a exemplo de Heliodoro, enviado por Seleuco para inspecionar o tesouro, teria sido, desde a sua chegada, açoitado e demovido assim de sua temerária empresa. ¹⁹Mas o Senhor não escolhera a nação por causa do santo lugar, e sim o santo lugar por causa da nação^u. ²⁰Eis por que o próprio lugar, após ter participado das desgraças acontecidas com a nação, teve, em seguida, parte nos benefícios; abandonado no momento da cólera do Todo-Poderoso, foi novamente, em virtude da reconciliação com o soberano Mestre, restaurado em toda a sua glória.

²¹Antíoco, portanto, após ter tomado do Templo mil e oitocentos talentos^v, apressou-se em retornar a Antioquia, crendo, na soberba exaltação de seu coração, ter tornado navegável a terra firme e transitável a pé o oceano^w. ²²Deixou, contudo, prepósitos^x incumbidos de fazer mal à etnia; em Jerusalém, Filipe^y, de etnia frígia, de caráter ainda mais bárbaro que aquele que o nomeara; ²³no monte Garizim, Andrônico^z, e além destes Menelau, que com maior perversidade que os outros se elevava acima dos seus concidadãos.

n. Esse parentesco fictício fundava-se certamente na reputação de austeridade de que gozavam os espartanos e na legislação de Licurgo, comparável à de Moisés. cf. 1Mc 12,21. Os judeus terão chegado a conhecer esse povo no Egito, país com o qual Esparta mantinha estreitas relações.

o. O desejo de "repousar com os seus pais" é frequentemente expresso no AT. cf. Gn 49,29; 50,25; 1Rs 2,10, etc.

p. Números desproporcionais à população de Jerusalém. Josefo indica como número dos cativos dez mil. Ant. XII, 251.

q. Essa pilhagem é a mesma que a de 1Mc 1,21. Mas enquanto em 1Mc ela se situa após a primeira campanha, o autor de 2Mc omite a primeira campanha, da qual só retém essa pilhagem para situá-la na repressão da revolta.

r. Por essas expressões, frequentes entre os gregos, o autor apresenta Menelau como mau cidadão, introduzindo assim no judaísmo noções de moral política que lhe são estranhas à origem.

s. Sobre o orgulho de Epifanes. cf. 1Mc 1,24.

t. Tese desenvolvida em 6,12-17.

u. Esta afirmação é um presságio do Evangelho. cf. Mc 2,27. v. Cerca de 47 toneladas, número muito exagerado, mesmo em se tratando de talentos de prata.

w. Repetição quase textual da fórmula "navegar em terra firme e caminhar na superfície do mar", pela qual Isócrates, *Panegírico* 89, censura as empresas técnicas de Xerxes, a ponte sobre o Bósforo e o túnel do Ato. Mesma condenação da *hybris* em relação ao *cosmo* em Heródoto, VII, 22,34, e em Ésquilo, *Persas* 745 ss.

x. Em grego: *epístatai*, título que designa os delegados do rei em uma cidade.

y. Personagem diferente de Filipe, "amigo do rei", que aparece em 9,29 e 1Mc 6,14,55.

z. Personagem do mesmo nome que o assassino de Onias, que é visto perecer após a sua vítima.

Intervenção de Apolônio, o Misarca (*IMc* 1,29-35). Nutrindo para com os judeus uma irreconciliável hostilidade, ²⁴enviou o rei, à frente de um exército de vinte e dois mil homens, o misarca Apolônio, com ordem de degolar todos os que estavam no vigor da idade e vender as mulheres e crianças. ²⁵Chegando a Jerusalém e se fazendo de pacífico, aguardou Apolônio que chegasse o santo dia do sábado, dia em que, aproveitando-se do repouso dos judeus, ordenou aos seus homens que fizessem um desfile militar. ²⁶A todos os que haviam saído para assistir ao espetáculo mandou ele massacrar e em seguida, irrompendo pelas ruas da cidade com a sua soldadesca, exterminou ainda inúmeras pessoas.

²⁷Ora, Judas Macabeu, com uma dezena de outros, retirou-se para o deserto^a, viviam ele e seus companheiros à maneira dos animais selvagens nas montanhas, alimentando-se exclusivamente de ervas, para evitar toda contaminação^b.

6 Instalação dos cultos pagãos (*IMc* 1,41-64). Pouco tempo depois, o rei enviou Géron Ateniense^c, para obrigar os judeus a se apartarem das Leis de seus pais e a cessarem de regular a sua vida pelas leis de Deus, ²para profanar o Templo de Jerusalém e dedicá-lo a Zeus Olímpico, e para dedicar a Zeus Hospitaleiro o do monte Garizim, como pediam^d os moradores do lugar. ³Era, mesmo para a massa do povo, penosa e intolerável a invasão desses males. ⁴Encheram-se, efetivamente, o Templo de desregramentos e orgias: não faltavam ali pagãos a se divertir com as meretrizes e a terem comércio carnal com mulheres nos átrios sagrados^e, para onde levavam coisas proibidas. ⁵O altar estava coberto de vítimas impuras, excluídas pelas leis.

⁶Não era permitido celebrar o sábado nem observar as festas de nossos pais, nem sequer confessar que se era judeu. ⁷Era-se conduzido com amarga violência a participar todos os meses de uma refeição ritual, no dia do nascimento do rei^f, e quando chegavam as festas dionisíacas, era-se forçado a acompanhar, coroado de hera, o cortejo de Dionísio. ⁸Emanou-se, por instigação dos habitantes de Ptolemaida^g, um decreto estabelecendo que nas cidades gregas da vizinhança se observasse a mesma conduta em relação aos judeus e que estes tomassem parte no festim ritual. ⁹com ordem de degolar os que não se resolvessem a adotar os costumes gregos. Podia-se, desde então, prever a calamidade iminente. ¹⁰Assim, duas mulheres foram entregues à justiça por terem mandado circuncidar seus filhos. Obrigaram-nas a andar ostensivamente pela cidade com os filhos suspensos aos seios, antes de as precipitarem do alto das muralhas. ¹¹Outros se tinham reunido nas cavernas vizinhas para ali celebrarem às escondidas o dia do sábado. Denunciados a Filipe, foram queimados juntos, porque renunciaram a se defender para não desrespeitar a santidade do dia.

IMc 1,60-61

IMc 2,29-38;
Dn 11,33

O sentido providencial da perseguição.

¹²Recomendo, portanto, aos que tiverem entre as mãos este livro que não se deixem desencorajar por causa dessas calamidades, mas que, ao invés, ponderem consigo mesmos que essas perseguições aconteceram não para a ruína, mas para a educação de nossa gente. ¹³Quando os ímpios não são deixados por muito tempo a si mesmos, mas são prontamente atingidos pelos castigos, é um sinal de grande bondade. ¹⁴Para castigar as outras nações espera, efetivamente, com longa-

a. A ordem cronológica dos acontecimentos difere aqui da que é apresentada por *IMc*; cf. *IMc* 2,28.

b. Sobre a dificuldade, para um judeu, da vida no deserto, cf. *Lv* 11.

c. *Géron* (nome próprio) de preferência a *ancião* (gr. *gérôn*).

d. O texto não é seguro.

e. Lit. *peribola*, isto é, recinto. Na época greco-romana, o peribolo dos templos comportava salas para as refeições rituais. f. Sobre essa data, cf. *IMc* 1,59.

g. *Dos habitantes da Ptolemaida*: conj. segundo o sir. Esse porto da Galiléia é a antiga Aco. *Js* 19,30; *Jz* 1,31, muito hostil aos judeus. *2Mc* 13,25; *IMc* 5,15; 12,48.

nimidade o soberano Mestre que elas cheguem a completar a medida de suas iniquidades; não lhe aprouve, porém, agir assim conosco, ¹⁵a fim de não ter de nos punir na última extremidade, quando nossos pecados houvessem atingido a sua plena medida^h. ¹⁶Não nos retira ele nunca a sua misericórdia: formando-o pela adversidade, não desampara o seu povo. ¹⁷Seja-nos bastante termos relembado esta verdade e, finda esta breve digressão, retornemos à nossa narrativa.

O martírio de Eleazar. ¹⁸Eleazarⁱ, um dos mais eminentes doutores da Lei, homem já avançado em idade e do mais nobre aspecto, estava sendo forçado, enquanto lhe abriam a boca à força, a comer carne de porco. ¹⁹Ele, porém, preferindo uma morte gloriosa a uma vida infame, encaminhou-se voluntariamente para o suplício da roda. ²⁰Cuspiu o que tinha na boca, como devem fazer os que têm a coragem de rejeitar o que não é permitido comer por amor à vida. ²¹Os que presidiam ao banquete ritual proibido pela Lei tomaram Eleazar de parte, porque esse varão era um velho conhecido deles, e tentaram convencê-lo a mandar que viessem carnes cujo uso lhe era permitido e preparadas por ele, e fingisse comer das carnes da vítima prescrita pelo rei: ²²que agindo assim seja preservado da morte e desfrutaria desse ato de humanidade^j a que fazia jus a velha amizade que os unia. ²³Ele, contudo, empenhado em agir honestamente, de maneira digna de sua idade, da autoridade de sua velhice e de seus venerandos cabelos encanecidos numa existência laboriosa, digna da irrepreensível conduta

que mantivera desde a infância, mas sobretudo da santa legislação estabelecida por Deus, respondeu que o enviassem sem tardança à morada dos mortos^k. ²⁴E acrescentou: "Sobremaneira indigno seria usar, em nossa idade, de tal fingimento; pois muitos jovens, pensando que Eleazar tivesse abraçado aos oitenta anos o gênero de vida dos estrangeiros, ²⁵desencaminhar-se-iam por causa de uma dissimulação que, de resto, não me faria lucrar, e bem despropositadamente, senão um pequeno resto de vida. Não faria eu mais que atrair sobre a minha velhice mácula e desonra. ²⁶E ainda que me subtraísse agora ao castigo dos homens, não escaparia, nem vivo nem morto, às mãos do Todo-Poderoso. ²⁷Deixando, portanto, agora a vida com coragem, mostrar-me-ei digno da minha velhice, ²⁸tendo deixado aos jovens o nobre exemplo de uma bela morte, voluntária e generosa, pelas veneráveis e santas leis".

E tendo dito estas palavras encaminhou-se diretamente ao suplício da roda. ²⁹Os que o conduziam mudaram em malevolência a benevolência que pouco antes lhe haviam mostrado, porque o discurso que acabara de fazer era, no entender deles, pura loucura. ³⁰Ele, no entanto, prestes a morrer sob os golpes, disse, suspirando: "Ao Senhor que possui a ciência santa", é manifesto que, podendo escapar à morte, suporto no meu corpo dores cruéis sob as chicotadas, mas que em minha alma eu sofro com alegria por causa do temor que ele me inspira".

³¹Foi assim que esse homem partiu desta vida, deixando pela sua morte, não somente aos jovens mas à grande maioria

h. Duplo aspecto da justiça divina, já sugerido em Gn 15,16 e desenvolvido em Sb 11,10; 12,20-22; 1Ts 2,16.

i. O martírio de Eleazar, de que o abreviador terá encontrado a narrativa, bem como a do martírio dos sete irmãos, em Jasão de Cirene, lembra o martírio dos "doutores do povo", evocado em Dn 11,32-35.

j. A virtude grega da "filantropia", termo que traduzimos aqui e em 9,27 por *humanidade*, só é atribuída pelo autor aos pagãos ou aos judeus helenizados.

k. Lit. o *Hades*, termo gr. que traduz o hebr. *Sheol* (Gn 37,35;

etc.). Contrariamente aos sete irmãos, Eleazar não considera explicitamente a ressurreição. Mas crê no castigo após a morte (v. 26).

l. Fórmula oriunda em parte da terminologia jurídica dos gregos, mas que no autor designa a Lei; reaparece no cap. 7, em 8,21 e em 13,14.

m. O que está em causa na Bíblia é só a "a ciência das coisas santas" (Pr 30,3; Sb 10,10). Filon de Alexandria, *De fuga et inventione*, 196, diz de modo análogo: "A subordinação de Deus é santa, não comporta nada de terrestre, julga todas as coisas".

da nação, um exemplo de nobre coragem e um memorial de virtude".

7 O martírio dos sete irmãos. ¹Sucedeu também que sete irmãos foram presos com sua mãeⁿ, e o rei quis obrigá-los, com açoitos e nervos de boi, a tocarem a carne de porco proibida pela Lei. ²Fazendo-se porta-voz dos outros, disse um deles: "Que vais perguntar, que queres saber de nós? Estamos prontos a morrer antes que transgredir as leis de nossos pais". ³O rei, enfurecido, mandou que se pusessem ao fogo assadeiras e caldeirões. ⁴Aquecidos estes ao máximo, ordenou que cortassem a língua ao que havia sido o seu porta-voz, que lhe arrancassem a pele da cabeça e lhe decapassem as extremidades, aos olhos de seus irmãos e de sua mãe. ⁵Quando estava completamente mutilado mandou que o trouxessem para junto do braseiro e o assassem, enquanto ainda respirava. Enquanto o vapor se espalhava ao redor da assadeira, os outros, com a sua mãe, exortavam-se uns aos outros a morrer corajosamente. E diziam: "O Senhor Deus vê, e na verdade tem compaixão de nós, como anunciou Moisés pelo cântico que protesta abertamente nestes termos: *E ele terá compaixão de seus servos*"^p.

⁷Tendo o primeiro deixado a vida, levaram o segundo ao suplício. Após lhe arrancarem a pele da cabeça com os cabelos, perguntaram-lhe: "Comerás da carne de porco, para não seres torturado por todo o corpo, membro por membro?" ⁸Ele, porém, respondeu na língua de seus pais^q: "Não!" Sofreu por isso também ele as torturas, uma por uma. ⁹Prestes a exa-

lar o último suspiro, disse: "Celerado que és, tu nos exclus da vida presente, mas o rei do mundo, visto morrermos por suas leis, nos ressuscitará para uma vida eterna"^r. He 11,35

¹⁰Depois dele supliciarão o terceiro. Apresentou logo a língua quando lho ordenaram e estendeu intrepidamente as mãos. ¹¹E fez esta corajosa declaração: "Do céu me vêm estes membros, por causa de suas leis eu os desprezo, e é dele que espero recuperá-los". ¹²O próprio rei e os que o rodeavam ficaram vivamente impressionados com a grandeza de alma desse jovem que em nada reputava os sofrimentos. ¹³Morto este último submeteram o quarto às mesmas cruéis torturas. ¹⁴Quando estava para expirar, disse: "É melhor morrer pela mão dos homens esperando, segundo as promessas feitas por Deus, ser ressuscitado por ele, porque para ti não haverá ressurreição para a vida". ¹⁵Trouxeram em seguida o quinto e o torturaram. ¹⁶Fixando os olhos no rei, disse ele: "Tu és poderoso entre os homens, sendo embora corruptível. Fazes o que bem te apraz, mas não creias que nossa linhagem tenha sido abandonada por Deus." ¹⁷Quanto a ti, espera um pouco e verás o seu grande poder, como ele te atormentará, a ti e à tua descendência". ¹⁸Depois deste trouxeram o sexto. Momentos antes de expirar disse: "Não te entregues a vãs ilusões, porque é por causa de nós mesmos que suportamos estes padecimentos, tendo pecado contra o nosso Deus. Sobrevieram-nos por isso estranhas calamidades. ¹⁹Quanto a ti, não penses que ficarás impune, tu que ousaste desencadear uma guerra contra Deus".

n. Os Padres desenvolverão este epílogo acrescentando-lhe considerações teológicas. S. João Crisóstomo, no 3º *sermão* sobre os santos Macabeus, vê também em Eleazar "o protomártir da antiga Aliança".

o. Também este segundo exemplo de martírio, o de uma mãe de família e seus sete filhos, foi muito utilizado na pregação. p. Citação de Dt 32,36, onde se trata justamente da participação nos sacrifícios e refeições rituais dos pagãos.

q. Se bem que a língua dessa família fosse o aramaico, entende-se certamente o autor pela *língua de seus pais*, o hebraico, aqui

e nos vv. 21 e 27, cf. 12,37 e 15,29.

r. Essa crença na vida eterna, lit. em uma *revivificação eterna da vida*, expressa-se já em Dn 12,2, mas com menos clareza.

s. Para o autor, os ímpios são privados de revivificação; esta é reservada aos justos.

t. Esses *tormentos* são: o fim miserável do rei, cf. 9; a morte violenta de seu filho Antíoco V, cf. 14,2; de seu suposto filho Alexandre Balas, cf. 1Mc 11,17; do Antíoco VI filho de Balas, cf. 1Mc 13,31.

u. Pela escolha dessas expressões, apresenta o autor a perse-

²⁰Sobremaneira, admirável e digna de imperecível renome foi a mãe que via morrer seus sete filhos no espaço de um só dia e o suportava com serenidade porque punha no Senhor a sua esperança. ²¹Exortava cada um deles na língua de seus pais. Cheia de nobres sentimentos e animada de coragem varonil, dizia-lhes essa mulher: ²²“Não sei como aparecistes em minhas entranhas; não fui eu quem vos deu o espírito e a vida, e não fui eu quem organizou os elementos de que cada um de vós se compõe. ²³E, por conseguinte, o Criador do mundo, que formou o homem desde o nascimento e que está na origem de todas as coisas, vos restituirá, na sua misericórdia, o espírito e a vida, porque vos sacrificais agora a vós mesmos por amor de suas leis”.

²⁴Julgou-se Antíoco vilipendiado e viu nessas palavras uma grave ofensa à sua pessoa. Estando, pois, ainda em vida o mais moço, começou a exortá-lo e a prometer-lhe com juramento que o tornaria rico e muito feliz se abandonasse a tradição de seus pais, que o faria seu amigo e lhe confiaria altas funções. ²⁵Mas como o rapaz não desse a menor atenção às suas palavras, o rei mandou à mãe que se aproximasse e exortou-a a dar ao adolescente conselhos que lhe salvassem a vida. ²⁶Finda a sua longa exortação, consentiu ela em persuadir seu filho. ²⁷Inclinou-se para ele e, ludibriando o cruel tirano, disse-lhe na língua de seus pais: “Meu filho, tem pena de mim que te trouxe em meu seio durante nove meses, que te amamentei durante três anos, que te nutri e eduquei até a idade em que estás — e que provi ao teu sustento. ²⁸Eu te suplico, meu filho, olha o céu, olha a terra, contempla todas

as coisas que neles existem, e reconhece que Deus as criou do nada^a e que a humana geração é feita da mesma maneira. ²⁹Não temas este algoz, mas mostrando-te digno de teus irmãos, aceita a morte, a fim de que eu te encontre com teus irmãos no tempo da misericórdia”.

³⁰Apenas⁷ terminara ela de falar, disse o jovem: “Que estais esperando? Não obededei às ordens do rei, obededei às ordens da Lei que foi dada por Moisés a nossos pais. ³¹E tu, o inventor de toda a calamidade que se abate sobre os hebreus⁴, não escaparás às mãos de Deus, ³²porque nós, se sofremos, é por causa de nossos próprios pecados. ³³Embora esteja momentaneamente encolerizado contra nós, para nos punir e educar, o nosso Senhor, que é vivo, não tardará a reconciliar-se com os seus servos. ³⁴Quanto a ti, porém, ímpio, o mais pestilento de todos os homens, não te elevés estultamente, embalando-te em ilusórias esperanças e erguendo a tua mão contra seus servidores, ³⁵porque ainda não escapaste ao julgamento do Deus todo-poderoso que tudo vê⁸. ³⁶Porque nossos irmãos, depois de terem tolerado agora uma dor passageira por uma vida inesgotável, caíram pela aliança de Deus^b, ao passo que tu, pelo julgamento de Deus, arcarás com o justo castigo do teu orgulho. ³⁷De minha parte entrego, como meus irmãos, o corpo e a vida pelas leis de meus pais, suplicando a Deus que não tarde a mostrar-se clemente para com a nossa nação e induzir-te por provações e flagelos a confessar que ele é o único Deus^c. ³⁸Peço, enfim, que sobre mim e meus irmãos se detenha a cólera do Todo-Poderoso, mercadamente desencadeada sobre a nossa linhagem^{d1}”

6,15-16

guição de Epifanes como uma “teomaquia” e sublinha assim o caráter titânico da luta de Antíoco; cf. *IMc* 1,10. O termo é retomado em At 5,39.

v. O autor atribui um papel decisivo na ressurreição ao espírito, dom de Deus ao mesmo título que a vida.

w. *amigo*: é um título oficial; cf. 8,9 e *IMc* 10,65 nota.

x. Lit. *não os fez de coisas que existiam*, modo novo e mais preciso de exprimir a criação. Texto luciano: *fez-lhes de coisas que não existiam*, isto é, do caos primitivo. Uma parte do latim traduz: *ex nihilo* (donde a expressão corrente).

y. *Apenas*, conjectura. Texto: *ainda*.

z. Termo arcaizante, que reaparece em 11,13 e 15,37, mas ausente de *IMc*.

a. Fórmula freqüente nas orações do politeísmo grego: esse poder era atribuído sobretudo a Hélios e a Apolo.

b. Restituição provável de um v. corrompido.

c. Confissão particularmente importante, pelo fato de que Antíoco se considerava como a manifestação de Zeus.

d. Pessoalmente inocente, essa criança aceita o seu suplício como expiação dos pecados de sua raça.

³⁹Louco de furor, usou o rei contra o último dos irmãos de uma crueldade ainda mais refinada que a de que usara contra os outros, a tal ponto o deixara exasperado o sarcasmo. ⁴⁰Morreu, pois, aquele jovem sem se ter manchado e com uma perfeita confiança no Senhor. ⁴¹Morreu, enfim, por último, a mãe, após os seus filhos. ⁴²Ponhamos, porém, um ponto final neste assunto dos banquetes rituais e das monstruosas torturas.

8 A insurreição de Judas Macabeu.

¹Enquanto isso, Judas Macabeu e seus companheiros, introduzindo-se furtivamente nas aldeias, chamavam para junto de si os seus irmãos de raça e, agregando ao seu grupo os que permaneceram fiéis ao judaísmo, conseguiram reunir perto de seis mil deles. ²Imploravam ao Senhor que voltasse os olhos para o povo que todos oprimiam, que tivesse piedade do Templo profanado pelos ímpios, ³que se compadecesse da cidade que destruíam e nivelavam ao solo, que ouvisse o sangue que elevava até ele o seu clamor, ⁴que se recordasse também do inominável morticínio das crianças inocentes e, finalmente, que desencadeasse a sua indignação contra aqueles que tinham blasfemado contra o seu nome⁵. ⁵Tão logo se viu à frente de uma tropa, tornou-se Macabeu invencível às nações, havendo-se mudado em misericórdia a cólera do Senhor. ⁶Caindo de improviso sobre cidades e aldeias, incendiava-as e, ocupando as posições favoráveis, infligia ao inimigo reveses sem conta. ⁷Para tais ataques escolhia sobretudo a cumplicidade da noite, e a fama de sua valentia se espalhava por toda parte.

Campanha de Nicanor e de Górgias (IMc 3,38-4,27). ⁸Vendo que esse ho-

mem ia aos poucos tomando importância e obtendo vitórias cada vez mais frequentes, Filipe^a escreveu a Ptolomeu, ^{4,45}estratega da Celessíria e da Fenícia, pedindo-lhe que viesse ajudá-lo a defender os interesses do rei. ⁹Ptolomeu, tendo à sua disposição Nicanor, filho de Pátroclo, da ordem dos primeiros amigos, enviou-o prontamente à frente de um exército de pelo menos vinte mil homens de todas as nações, para que exterminasse toda a raça dos judeus^b. Associou-lhe também Górgias, general de profissão e experimentado em assuntos de guerra. ¹⁰Nicanor tinha em mente saldar mediante a venda dos judeus que fossem capturados o tributo de dois mil talentos devidos pelo rei aos romanos¹. ¹¹Enviou sem demora às cidades marítimas convite para que fossem comprar escravos judeus, prometendo ceder-lhes noventa deles por um talento. Não contava ele com a sanção que lhe sobreviria da parte do Todo-Poderoso.

¹²A notícia da aproximação de Nicanor chegou aos ouvidos de Judas. Quando ele comunicou aos seus o iminente aparecimento do exército inimigo, ¹³os covardes e os que careciam da fé na justiça que Deus fugiram e ganharam outros lugares. ¹⁴Os outros vendiam tudo o que lhes restava e ao mesmo tempo pediam ao Senhor que salvasse os que foram vendidos pelo ímpio Nicanor ainda antes que se tivesse travado o encontro, ¹⁵se não por causa deles, ao menos por causa das alianças firmadas com seus pais e porque se invocara sobre eles o seu nome augusto e cheio de majestade. ¹⁶Tendo, pois, congregado os seus homens em número de seis mil, exortava-os Macabeu a não se deixar intimidar ante os inimigos e a não se preocupar com o avultado

e. O relato que se segue vincula-se a 5,27. O autor reúne aí em bloco os fatos atribuídos a Matatias em IMc 2,19-48 com a atividade própria de Judas antes da intervenção de Antíoco, cf. IMc 3,1-26.

f. Cf. IMc 1,25ss; 1,36ss; 2,8ss; 3,45, onde as desventuras dos judeus que constituem aqui o objeto de uma oração se exprimem sob a forma de trenos, isto é, de lamentações.

g. Filipe Frígio (cf. 5,22), governador da Judeia.

h. Ordem radical que rompia com a política de assimilação praticada até o presente, mas debalde, em relação aos judeus. Cf. IMc 3,34-36.

i. Trata-se provavelmente dos atrasados da dívida contraída pelo pai de Epifanes, condenado pelo tratado de Apameia de 188 ao desembolso de 12.000 talentos em doze anuidades.

número de pagãos que injustamente os atacavam, e a lutarem com bravura, ¹⁷mantendo diante dos olhos o criminoso ultraje por eles perpetrado contra o santo lugar, o indigno tratamento infligido à cidade ludibriada, e enfim a ruína de suas tradições. ¹⁸“Eles”, acrescentou, “fiam-se das armas e feitos audaciosos, enquanto nós, de nossa parte, pomos a nossa confiança no Deus todo-poderoso¹, capaz de prostrar por terra com um só sinal de sua cabeça os que marcham contra nós e, com eles, o mundo inteiro”. ¹⁹E enumerou-lhes também os casos de proteção de que haviam sido favorecidos os seus antepassados: sob Senaquerib², quando pereceram cento e oitenta e cinco mil homens, ²⁰em Babilônia, numa batalha contra os galatas³, em que o número total dos que tomavam parte na ação era, ao todo, de oito mil homens, ao lado de quatro mil macedônios, e em que, metidos os macedônios em dificuldades, os oito mil aniquilaram os cento e vinte mil inimigos, graças ao socorro que lhes viera do Céu, e recolheram depois abundantes despojos.

²¹Após tê-los armado de coragem com estas palavras e tê-los animado a morrer pelas leis e pela pátria — e tendo dividido o seu exército em quatro corpos^m —, ²²pôs à frente de cada um seus irmãos Simão, José e Jônatan, confiando às ordens de cada um deles mil e quinhentos homens. ²³Ordenou, além disso, a Ésdriasⁿ que lesse o livro sagrado; depois de dar como senha “Socorro de Deus”^o, tomou a direção da primeira coorte^p e atacou Nicanor. ²⁴Tendo-se o Todo-Poderoso tornado seu

aliado, trucidaram mais de nove mil inimigos, feriram e mutilaram a grande maioria dos soldados de Nicanor e os puseram todos em fuga. ²⁵Tomaram o dinheiro dos que vieram para comprá-los como escravos. Depois de os perseguirem até longe, tornaram sobre os seus passos, premidos pela hora, ²⁶porque estava-se na vigília do sábado, motivo pelo qual não se atrasaram a persegui-los. ²⁷Ajuntadas as armas do inimigo e recolhidos os seus despojos, puseram-se a celebrar o sábado, multiplicando as bênçãos e louvando o Senhor por lhes ter reservado para esse dia as primeiras gotas do orvalho^q da sua misericórdia. ²⁸Depois do sábado, distribuíram uma parte dos despojos às vítimas da perseguição, às viúvas e aos órfãos, e repartiram o resto entre si e seus filhos^r. ²⁹Tendo assim disposto dos despojos, fizeram uma súplica em comum, rogando ao Senhor misericordioso que se reconciliasse inteiramente com os seus servos.

Derrota de Timóteo e de Báquides. ³⁰No decurso das campanhas contra os soldados de Timóteo e de Báquides⁴, mataram mais de vinte mil e apossaram-se valorosamente de altas fortalezas. Dividiram em duas partes iguais uma presa ainda mais importante, uma para si mesmos, outra para os perseguidos, os órfãos e as viúvas, sem esquecer os anciãos. ³¹Recolhendo cuidadosamente as armas inimigas, armazenaram-nas em locais apropriados; quanto ao resto dos despojos, transportaram-nos para Jerusalém. ³²Executaram o filarca⁴, do círculo de Timóteo, homem

j. Cf. Sl 20,8.

k. Cf. 2Rs 19,35; Is 37,36; esse acontecimento será evocado também em 15,22; *IMc* 7,41ss.

l. Episódio não atestado por outra via.

m. A segunda parte do v. é certamente uma glosa.

n. *Esdrias* segundo o lat. e o aram. O gr. tem *Eleazar*. Nosso personagem será idêntico ao Esdras de *2Mc* 12,36 e ao Azarias de *IMc* 5,18-56.

o. As palavras de ordem, os dias de batalha eram também uma tradição entre os gregos e os romanos. A palavra de ordem *Socorro de Deus* é dada aqui pelo livro santo, cf. *IMc* 3,48.

p. A coorte (em gr. *speira*) não vai além de 600 homens. Aqui

e em 12,20 trata-se mais de batalhões. Para as circunstâncias da batalha, cf. *IMc* 4,1-24.

q. De orvalho (*staxantos*): lat. e alguns mss. gr. Texto recebido: tendo fixado (*taxantos*).

r. Nessa partilha insiste-se na assistência social, sem dúvida sob a influência dos assídeos, cf. *Doc. de Damasco*, XIV, 12-16.

s. De fato, as datas prováveis da entrada em cena desses dois personagens são apenas 163 para o estratega Timóteo e 161 para Báquides, cf. *IMc* 5,6 e 7,8. Cf. *2Mc* 10,14-38.

t. Talvez o chefe dos árabes derrotados no começo da campanha contra Timóteo, cf. 12,10ss.

de notória impiedade que fizera imenso mal aos judeus. ³³Enquanto celebravam as festas da vitória em sua pátria, queimaram vivos os que tinham ateado fogo às portas sagradas^u e se haviam refugiado com Calístenes numa pequena casa, recebendo assim o digno salário de sua profanação.

Fuga e confissão de Nicanor. ³⁴O três vezes celerado Nicanor, que trouxera os mil negociantes para a venda dos judeus, ³⁵humilhado, graças à ajuda do Senhor, por aqueles que ele julgava serem o que de mais reis havia no mundo, despojando-se dos seus trajes de gala fugia campos afora à maneira de um escravo fugitivo. Abandonado por todos, chegou a Antioquia, favorecido por um extraordinário golpe de sorte, quando o seu exército se achava destruído. ³⁶E aquele que prometera aos romanos constituir um tributo com o preço dos prisioneiros de Jerusalém, proclamava que os judeus possuíam um defensor, que os judeus eram invulneráveis pela simples razão de que seguiam as leis que lhes havia prescrito esse defensor*.

9 Fim de Antíoco Epifanes (1Mc 6,1-17; 2Mc 1,11-17). ¹Aconteceu que, por esse tempo, voltava Antíoco das regiões da Pérsia, desarmado e sucumbido. ²Invadira, com efeito, a cidade de Persépolis, com a intenção de saquear o templo^v e oprimir a cidade. Diante disso, a população se sublevara e recorrera às armas, e sucedeu que Antíoco, posto em fuga pelos habitantes, viu-se forçado a bater em humilhante retirada. ³Perto de Ecbátana^w soube o que sucedera a Ni-

canor e à gente de Timóteo. ⁴Acometido de violenta cólera, ocorreu-lhe a idéia de fazer os judeus pagarem a afronta a ele infligida pelos que o haviam posto em fuga. Ordenou, pois, ao cocheiro que tocasse o carro sem parar, a fim de apressar o fim da viagem, enquanto já lhe pairava sobre a cabeça a sentença do Céu. Afirmara ele, com efeito, no seu orgulho: "Farei de Jerusalém a vala comum dos judeus, quando lá chegar". ⁵O Senhor, porém, que tudo vê, o Deus de Israel, feriu-o de uma chaga incurável e invisível. Mal acabara de proferir essa frase, uma dor nas entranhas, que nada conseguia aliviar, e violentíssimas cólicas o acometeram. ⁶com toda a justiça, aliás, porque ele torturara as entranhas de outros homens com numerosos e nunca vistos suplícios. ⁷Ele, porém, em nada moderava a sua arrogância. Sempre cheio de orgulho, vomitava contra os judeus o fogo de sua cólera e mandava que se acelerasse a viagem. Subitamente caiu do carro, que rolava com estrépito; levados numa queda violenta desconjuntaram-se todos os membros do seu corpo. ⁸E esse homem, que momentos antes acreditava, na sua sobrehumana jactância, poder imperar às ondas do mar, e que se imaginava capaz de pesar na balança os cumes das montanhas^x, jazia por terra e houve de ser transportado numa padiola, deixando patente aos olhos de todos o poder de Deus. ⁹A tal ponto que os olhos do ímpio formigavam de vermes, que entre dores atrozes a sua carne ainda viva caía aos pedaços e que, por causa do mau cheiro que exalava dessa podridão, o exército era acometido de violentas náuseas". ¹⁰Aquele que pouco antes jul-

u. Certamente quando da intervenção do misarca descrita em 5,24, cf. 1,8; 1Mc 1,31; *Calístenes*, desconhecido por outra via, é provavelmente um judeu helenizante.

v. A proclamação da grandeza de Deus dos judeus pelos pagãos é um dos temas prediletos do autor, cf. 3,36; 9,12; mesmo tema em Dn 3,95; 4,31; 6,27; Jr 5,6-21.

w. O templo em questão se achava na Elimaida, 1Mc 6,1, ao norte da Pérsia. Jasão ou o abreviador terá preferido situar esse saque numa cidade conhecida de todos, Persépolis; cf. 1Mc 6,1.

x. A atual Hamadan, 700km a nordeste de Persépolis. Na realidade, Epifanes morreu em Tabac, a meio-caminho entre as duas cidades.

y. Sobre as intenções hostis do rei, cf. 1Mc 3,35 ss.

z. Pretensões sacrílegas, porque só a Deus pertence dar ordens às ondas do mar e medir as montanhas, cf. Is 51,15; 40,12, etc.

a. Ignora-se a natureza exata da última doença de Epifanes. A descrição dessa putrefação das carnes (antecipação do castigo do

gava poder tocar os astros do céu, agora ninguém o podia transportar, por causa do incômodo insuportável desse mau cheiro.

¹¹Foi então que, tendo caído no mais profundo abatimento, ele começou a despojar-se daquele desmedido orgulho e a dar-se conta da situação a que fora reduzido sob o azorrague divino, em meio aos mais horribéis padecimentos. ¹²Como nem ele próprio podia suportar o fétido odor que espalhava, reconheceu: "É justo submeter-se a Deus e, simples mortal, renunciar a igualar-se à divindade". ¹³Mas as preces desse ser abjeto iam a um Amo que não mais devia comiscar-se dele. ¹⁴Prometia declarar livre a cidade santa para a qual ele se apressara a rumar, a fim de arrasá-la e dela fazer uma vala comum. ¹⁵tornar iguais aos atenienses esses judeus que ele julgara indignos até de uma sepultura e bons para servir de pasto às aves de rapina ou para ser atirados às feras com seus filhos. ¹⁶ornar com as mais belas oferendas o santo Templo que ele pilhara outrora, restituir-lhe com amplos acréscimos os vasos sagrados e prover com as suas próprias rendas às despesas dos sacrifícios. ¹⁷Prometia, além disso, tornar-se judeu e percorrer todas as regiões habitadas proclamando o poder de Deus^b. ¹⁸Mas como os seus padecimentos não se acalmassem de maneira alguma, visto pesar sobre ele o justo juízo de Deus, escreveu aos judeus, em sua situação desesperada, a carta a seguir transcrita, sob a forma de súplica, e concebida nos seguintes termos:

Carta de Antíoco aos judeus. ¹⁹“Aos excelentes judeus, aos cidadãos, Antíoco, rei e pretor: alegria, saúde e felicidade! ²⁰Se passais bem, vós e vossos filhos, se vossos negócios correm conforme os vossos desejos, rendemos por isso copiosas ações de graça. ²¹Quanto a mim, encontro-me desde algum tempo acamado e sem forças, mas conservo de vós afetuosa recordação. Ao regressar das regiões da Pérsia, tendo caído numa inquietante fraqueza, julguei necessário pensar na segurança de todos. ²²Não desespero do meu estado; tenho, pelo contrário, firme esperança de escapar deste estado de fraqueza. ²³mas, considerando que meu pai, na época em que empreendeu campanha contra as localidades do planalto, designou um sucessor^d, ²⁴a fim de que, em caso de um acontecimento inesperado ou de uma notícia infausta, os habitantes da região não se perturbassem, mas soubessem a quem havia sido deixada a administração dos negócios, ²⁵tendo também presente que os dinastas^e próximos de nós e os vizinhos de nosso reino espreitam o momento favorável, atentos às eventualidades que se ofereçam, designei como rei meu filho Antíoco, que frequentemente confiei e recomendei à maioria de vós, quando precisava subir às pressas para as satrapias do planalto. Escrevi-lhe a carta que abaixo transcrevo^f. ²⁶Peço-vos, portanto, e rogo-vos que vos lembreis dos benefícios que de mim recebestes em público e em particular, e que conserveis, todos e cada um de vós, a benevolência que tendes para comigo e meu filho. ²⁷Estou,

sheol, cf. Is 14,11; 66,24; Sr 7,17; 19,3; Jr 16,17; At 12,23), faz parte do gênero literário escolhido pelo autor.

b. Nabucodonosor, a quem o autor de Daniel atribui certos traços de Epifanes, proclama igualmente o poder de Deus. Dn 4,31-33, mas não manifesta a intenção de se fazer judeu. Nabucodonosor é perdoado, ao passo que Deus não ouve as orações de Epifanes, cf. 2Mc 9,13.

c. Segundo a tradução de um dos mss. lat. Este título tornou-se plausível pela mania de Epifanes por tudo o que fosse romano; cf. Políbio, XXVI, 1,5ss. A carta teria, na realidade, sido dirigida aos cidadãos de Antioquia, que o autor teria substituído pelos judeus.

d. Por volta de 210, quando de sua campanha oriental, Antíoco III havia, com efeito, associado ao trono seu filho Antíoco o Moço, que morreu antes do pai. Pelo ano de 192, pouco antes de sua campanha da Ásia Menor, designou como sucessor seu filho Seleuco (IV).

e. Trata-se dos reis vizinhos, em particular Ptolomeu VI e Arsaces VI (cf. 1Mc 15,22) que cobiçavam partes do império selêucida.

f. O autor, como não teve acesso a esta segunda carta, não a integrou no seu texto, o que permite concluir que a carta aqui apresentada é a transcrição de um documento autêntico.

com efeito, persuadido de que, cheio de humanidade^g, há de seguir escrupulosamente as minhas instruções e se entenderá bem convosco”.

²Coube, assim, a esse homem sanguíneo e blasfemo^h, após ter sofrido dores tão horríveis quanto as que infligira a outros, a sorte, lamentável entre todas, de perder a vida em terra estrangeira, em plena montanha. ³Seu corpo foi levado por Filipe, seu íntimo amigoⁱ, que, no entanto, receando-se do filho de Antíoco, retirou-se para junto de Ptolomeu Filomêtor, no Egito^j.

10 Purificação do Templo (1Mc 4,36-61). ¹Sob a guia do Senhor, Macabeu, com seus companheiros, recuperou o santuário e a cidade^k. ²Destruíu os altares erguidos em praça pública pelos estrangeiros, bem como os locais de culto. ³Depois de purificarem o Templo, construíram um altar; tiraram centelhas do sílex, proveram-se de fogo nesta fonte^l e ofereceram um sacrifício após dois anos de interrupção; puseram a fumaça o incenso, acenderam as lâmpa-

das e expuseram os pães. ⁴Cumpridos esses ritos, rogaram ao Senhor, prosternados com o ventre por terra, rogaram ao Senhor que não mais os deixasse cair em tais males, mas sim que, se algum dia viessem a pecar, os corrigisse com clemência, e os não entregasse às nações blasfemadoras e bárbaras. ⁵Foi exatamente no mesmo dia em que o Templo havia sido profanado pelos estrangeiros que se deu o dia da purificação^m do Templo, o dia vinte e cinco do mesmo mês, que é o de kislev. ⁶Celebraram em transportes de alegria os oito dias à maneira das Tendões, recordando-se de que pouco antes haviam passado os dias da festa das Tendões entocados nas montanhas e nas grutas, à maneira de animais selvagens. ⁷E por isso é que, portando tirsoⁿ, ramos verdes e palmas, elevaram hinos àquele que levava a bom termo a purificação do seu lugar santo. ⁸Através de um edito público, confirmado por um voto e dirigido a toda a nação dos judeus, decretaram que esses dias seriam solenemente celebrados todos os anos.

OS ACONTECIMENTOS SOB ANTÍOCO EUPÁTOR

Começo de seu reinado. ⁹Foram estas, portanto, as circunstâncias da morte de Antíoco, cognominado Epifanes. ¹⁰Vamos agora expor os acontecimentos concernentes a Antíoco Eupátor^o, filho do ímpio, resumindo as calamidades ligadas às

guerras. ¹¹Tendo herdado o reino, pôs, com efeito, esse príncipe à frente dos negócios do estado um tal Lísias, estratego-mor da Celessíria e da Fenícia^p. ¹²Quanto a Ptolomeu, cognominado Macron^q, o primeiro a observar a justiça em

g. Cf. 6,22 nota.

h. Essas violências verbais, que contrastam singularmente com o tom da carta do rei, respeitada no seu teor, são características do método do abreviador.

i. Não é mister tomar ao pé da letra a expressão *syntrophos*, lit. *educado com*. Esse termo era não raro um título honorífico.

j. Pormenor difícil de conciliar com 1Mc 6,55-63. Mas é provável que Filipe tenha ficado no Egito de 164 ao fim de 163; cf. 13,23.

k. Estabelece, assim, o autor de 2Mc uma relação entre a morte do rei e a dedicação do Templo, quando em 1Mc 4,26ss. e 6,1ss. a dedicação é erroneamente situada antes da morte de Epifanes.

l. Evitava-se por esse expediente um fogo profano. O autor atribui grande importância à pureza do fogo cultual, cf. 1,19-2,12.

m. O autor de 1Mc sublinha a dedicação do altar (4,36), ao passo que aqui a cerimônia é designada pelo termo *katharismós*, purificação.

n. Esse emblema é aqui diferente do *tirso* dos cortejos báquicos, bastões guarnecidos de folhas de videira, de hera, de pinhas; trata-se da cidra que se carregava com um ramalhete de folhagem na festa das Tendões.

o. Essa sucessão não levava em conta o ramo mais velho da família real; cf. 1Mc 6,17.

p. Sobre esse personagem, cujo título é em gr. *estratego-protarca*, cf. 1Mc 3,32.

q. Cognome que significava “Cabeça longa”, e servia para distinguir esse personagem de seus numerosos homônimos. Estratego de Chipre ao tempo da minoridade de Filomêtor, bandeira-se para o campo selúcida, provavelmente em 168, no momento em que a frota de Epifanes se apodera de Chipre.

relação aos judeus, visando reparar as tropelias contra eles cometidas, procura-va governá-los pacificamente. ¹³Acusado por isso pelos amigos do rei junto a Eupátor, via-se continuamente chamado de traidor por ter abandonado Chipre, que Filomêtor lhe confiara, e se ter passado para o lado de Antíoco Epífanes. Não se tendo sabido portar à altura de sua nobre dignidade, tomou veneno, pondo, assim, termo à própria vida.

Górgias e as fortalezas iduméias (IMc 5,1-8). ¹⁴Górgias, investido no cargo de estratega da região, mantinha tropas mercenárias e aproveitava todas as ocasiões para guerrear contra os judeus. ¹⁵Concomitantemente, os idumeus, donos de fortalezas bem situadas, fustigavam os judeus e, tendo acolhido os proscritos de Jerusalém, punham-se a fomentar a guerra. ¹⁶Macabeu e seus soldados, porém, após terem feito orações públicas e pedido a Deus que a eles se aliasse, puseram-se em marcha contra as fortalezas dos idumeus. ¹⁷Após vigoroso assalto apoderaram-se dessas posições e repeliaram todos os que combatiam nas muralhas; degolavam os que lhes caíam nas mãos e mataram deles não menos de vinte mil. ¹⁸Havendo-se eles refugiado nas duas torres particularmente fortes, munidas de todo o necessário para sustentar o cerco, ¹⁹deixou Macabeu para assediá-los Simão e José, com Zaqueu¹ e os seus em número suficiente, e partiu ele próprio para os lugares onde era mais urgente a sua presença. ²⁰Os companheiros de Simão, todavia, ávidos de riquezas, deixaram-se

ganhar a peso de dinheiro por alguns que guardavam as torres e, pela quantia de setenta mil dracmas², deixaram que alguns escapassem. ²¹Quando contaram a Macabeu o que acontecera, ele reuniu os chefes da tropa e acusou os culpados de haverem vendido seus irmãos a peso de dinheiro, por terem deixado livres contra eles os seus inimigos. ²²Fê-los, pois, executar como traidores e se apoderou logo das duas torres. ²³Conduzindo a bom termo toda a expedição por ele dirigida, aniquilou nessas duas fortalezas³ mais de vinte mil homens.

Vitória de Judas contra Timóteo e tomada de Gazara. ²⁴Timóteo⁴, que fora anteriormente⁵ vencido pelos judeus, tendo recrutado forças estrangeiras em grande número e considerável quantidade de cavalos vindos da Ásia⁶, surgiu na Judéia com a intenção de conquistá-la pelas armas. ²⁵Ante a sua aproximação, Macabeu e seus homens, com a cabeça coberta de cinzas e os rins cingidos de um cilício, imploravam a Deus. ²⁶Prosternados contra o rodapé anterior do altar, rogavam a Deus que se lhes mostrasse favorável, sendo inimigo de seus inimigos e adversário de seus adversários, segundo as claras expressões da Lei⁷. ²⁷Ao saírem da oração, empunharam as armas e avançaram até um ponto bem distante da cidade; quando chegaram perto do inimigo, detiveram-se. ²⁸No momento em que se espalhava a claridade do sol nascente, ambas as partes partiram para o assalto, tendo uns como penhor do êxito e da vitória, com sua valentia, o recurso

r. Os acontecimentos que se vão seguir, vv. 14-38 e 12,10-45, são corretamente situados pelo autor sob o reinado de Antíoco V, ao passo que IMc 5 os refere antes da morte de Epífanes. s. Cf. 2Mc 8,30 e IMc 5,4ss.

t. Segundo IMc 5,17ss, Judas confia a Galiléia a seu irmão Simão e a Judéia a Azarias e a Josefo, filho de Zacarias. Nosso José é este último personagem, e Zaqueu (Zakkheios) deve ser seu pai, podendo esse nome ser um diminutivo de Zacarias.

u. Essa indicação faz parte dos exageros numéricos do autor, assim como a dos 20.000 mortos do v. 28, em contradição com os 9.000 refugiados do v. 18. Para suprimir essa contradição as versões lat. omitiram este último número.

v. Em IMc 5,5 Judas "vota ao anátema" os inimigos refugiados nas duas torres.

w. O relato que se vai seguir é sem paralelo em IMc. Como Timóteo, que aí encontra a morte, reaparece em 12,10-31, quando da campanha de Galiad no verão de 163, o episódio não está no seu lugar cronológico.

x. Cf. 8,30 e 9,3. Mas se se restitui a ordem cronológica situando esta narrativa após a expedição de Galiad, o anteriormente deve se referir a 12,17ss.

y. Eram afamados os cavalos criados pelos partos nos planaltos do Irã.

z. Cf. Ex 23,22, com as mesmas palavras que nas versões gr.

ao Senhor, e tomando os outros por guia das batalhas a sua cólera. ²⁹Durante o violento combate que se travava apareceram do céu aos inimigos, sobre caválos de rédeas de ouro, cinco homens magníficos que se puseram à frente dos judeus^a. ³⁰Tomando Macabeu no meio de si e protegendo-o com suas armaduras, conservavam-no incólume, e lançavam dardos e raios contra os adversários, de sorte que estes, ofuscados e entontecidos pelo resplendor, se dispersaram na mais completa desordem. ³¹Vinte mil e quinhentos infantes e seiscentos cavaleiros foram passados ao fio da espada. ³²O próprio Timóteo fugiu para uma praça forte muito bem guarnecida, chamada Gazara^b, comandada por Quéreas. ³³Mas Macabeu e os seus a sitiaram durante quatro dias com alegre entusiasmo. ³⁴Fiadados da segurança da praça, os que se achavam no seu interior multiplicavam as blasfêmias e não cessavam de proferir palavras ímpias. ³⁵Ao rair o quinto dia, vinte jovens dentre os soldados de Macabeu, vivamente encolerizados com aquelas blasfêmias, animados de varonil coragem, lançaram-se contra as muralhas e em assomos de furor puseram-se a massacrar quem quer que lhes caísse às mãos. ³⁶Do mesmo modo outros, pelo lado oposto, partiram muralha acima contra os sitiados, surpreendendo-os pelas costas, incendiaram as torres e, acendendo fogueiras, queimaram vivos os blasfemadores. Quanto aos primeiros, abateram as portas, fizeram entrar o resto do exército e foram os primeiros a ocupar a cidade^c. ³⁷Degolaram Timóteo, que se

escondia numa cisterna, e com ele seu irmão Quéreas e Apolófanes. ³⁸Depois de levarem a cabo essas proezas bendisseram com hinos e louvores o Senhor que concedia grandes benefícios a Israel e lhes dava a vitória.

11 Primeira campanha de Lísias

(1Mc 4,26-35). ¹Bem pouco tempo depois, Lísias, tutor e parente do rei, à frente dos negócios do reino^d, vivamente contrariado com os últimos acontecimentos, ²reuniu cerca de oitenta mil infantes com toda a sua cavalaria e pôs-se em marcha contra os judeus, esperando fazer da cidade uma residência para os gregos, ³submeter o santuário a um imposto, a exemplo dos outros templos das nações e pôr à venda todos os anos a dignidade de sumo sacerdote^e. ⁴sem levar na menor conta o poder de Deus, depositando arrogante confiança nas suas miríades de infantes, nos seus milhares de cavaleiros e seus oitenta^f elefantes.

⁵Tendo chegado à Judéia, aproximou-se de Betsur^g, praça forte distante de Jerusalém cerca de cinco esquesos^h, e acometeu-a vigorosamente. ⁶Quando Macabeu e os seus souberam que Lísias sitiava as fortalezas, suplicaram ao Senhor com gemidos e lágrimas, junto com a população, que enviasse a Israel um bom anjo para salvá-lo. ⁷O próprio Macabeu, o primeiro a empunhar as armas, exortou os outros a se exporem com ele ao perigo para socorrer os seus irmãos. Partiram, então, impelidos por um comum ardor; ⁸achavam-se ainda perto de Jerusalém quando um cavaleiro vestido

Ex 23,20

a. Cf. 2.21. Segundo o seu prólogo (2.21) o abreviador achou a narrativa dessas aparições em Jasão.

b. Única menção dessa raça forte em 2Mc; cf. 1Mc 4.15; 13.43-48.

c. É bem rápida essa ocupação! Este relato parece dever-se ao desejo do abreviador de atribuir a Judas os feitos de seu irmão Simão, cf. 1Mc 13.43ss.

d. Como o cargo de tutor, que remonta a Antíoco IV, expirava com o advento de Antíoco V, vê-se que o abreviador situa sob Antíoco V uma ação que na realidade se desenrola sob Antíoco IV, e cujo relato devia ter seu lugar, em Jasão de Cirene, após 8.36.

e. Pretende assim Lísias sujeitar diretamente o Templo, contrariamente à carta de Antíoco III (que parece ter isentado de impostos o Templo, cf. Josefo, *Ant.* XII, 142), e arrecadar antecipadamente sobre a cidade os impostos indiretos habitualmente devidos pelas cidades gregas.

f. A indicação do número, sumamente improvável, é omitida por diversos mss.

g. Fortaleza que datava do tempo dos hicsos, reconstruída por Roboão, 2Cr 11.7, e repovoada de judeus sob Neemias (cf. Ne 3.16). Fechando a Judéia ao sul, será ela disputada pelos macabeus aos selêucidas, cf. 1Mc 14.33.

h. Medida itinerária de 30 estádios, quer dizer cerca de 5.5km.

de branco^l apareceu-lhes à frente, brandindo armas de ouro. ⁹Todos, então, bendisseram a uma voz o Deus misericordioso, e se sentiram animados de uma grande força, prontos para transpassar não somente os homens como também os mais ferozes animais e muralhas de ferro. ¹⁰Avançaram em ordem de batalha, tendo um aliado vindo do Céu, porque o Senhor se compadecera deles. ¹¹Precipitando-se como leões sobre as hostes contrárias, prostraram-lhes onze mil infantes e mil e seiscentos cavaleiros^j, e puseram em debandada o exército dos inimigos. ¹²Em sua maioria conseguiram estes salvar-se, mas feridos e desarmados. E o próprio Lísias, para se salvar, apelou vergonhosamente para a fuga.

Paz com os judeus (IMc 6,57-61). ¹³Mas Lísias, a quem não faltava o bom senso, refletiu sobre a derrota que acabara de sofrer e, compreendendo que os hebreus eram invencíveis porque o Deus poderoso era aliado deles, enviou-lhes mensageiros ¹⁴com propostas de reconciliação baseadas em condições justas, prometendo que persuadiria o rei a tornar-se amigo deles. ¹⁵Concordou Macabeu, por amor ao bem público, com tudo o que Lísias lhe propôs, e tudo o que Macabeu transmitiu por escrito a Lísias sobre os judeus, o rei o aprovou.

¹⁶A carta escrita aos judeus por Lísias era assim redigida: "Lísias, ao conjunto^k dos judeus, saudações! ¹⁷João e Absalão^l, vossos emissários, tendo-me entregue o documento abaixo transcrito, rogaram-me que ratificasse os artigos nele contidos. ¹⁸Expus, consequentemente, ao rei o que lhe devia ser submetido, após ter eu

mesmo concedido o que me era possível. ¹⁹Se, portanto, conservais as vossas boas disposições para com o Estado, esforçame-ei também de futuro por trabalhar para o vosso bem. ²⁰Quanto aos pormenores, dei ordens aos vossos emissários e aos meus subordinados que conversem convosco a esse respeito. ²¹Passai bem. No ano de cento e quarenta e oito, no dia vinte e quatro do mês de Dióscoro^m.

²²A carta do rei continha o que se segue: "O rei Antíoco a seu irmão Lísias, saudações! ²³Tendo o nosso paiⁿ emigrado para junto dos deuses^o, e desejando nós mesmos que os habitantes de nosso reino sejam isentos de todo dissabor, a fim de se aplicarem ao cuidado de seus próprios afazeres. ²⁴Informados de que os judeus, recusando-se a adotar os costumes gregos, como queria nosso pai, e de que, preferindo a sua maneira particular de viver, pedem que lhes seja permitido observar as suas leis, ²⁵nós, desejando que essa nação seja, também ela, isenta de todo dissabor, decidimos lhes seja restituído o Templo e que possam viver como cidadãos segundo os costumes de seus antepassados. ²⁶Farás bem em enviar-lhes alguém que, representando-nos, lhes estenda a mão a fim de que, inteirando-se da atitude que assumimos, se sintam confiantes e empreguem o seu tempo em cuidar com toda a tranqüilidade dos seus afazeres."

²⁷Era o seguinte o teor da carta do rei endereçada aos judeus: "O rei Antíoco ao senado^p dos judeus e aos demais judeus, saudações! ²⁸Se passais bem, é como desejamos. Quanto a nós, estamos bem de saúde. ²⁹Menelau deu-me a conhecer o desejo que tendes de retornar

At 15,29

l. Essa aparição, ignorada de IMc, deriva dos processos literários do autor, cf. 3,30.

j. Em IMc 4,34 o número dos mortos não chega a cinco mil. k. Quer dizer "ao povo judaico". O termo gr. *plēthos* do texto é freqüente, com este sentido nas inscrições gr. Mesmo sentido nos Atos (6,5 e *passim*). A expressão correspondente do hebr., *rabbin*, designa nos textos de Qumran a Comunidade por oposição aos dirigentes.

l. Ignora-se se esse João é o mais velho dos filhos de Matatias, IMc 2,2. Absalão é um personagem importante, cujos dois fi-

lhos exerceram comandos militares, IMc 11,70; 13,11.

m. Nome de um mês cretense, que corresponde ao xântico dos vv. 30 e 33. No ano de 148 selêucida o mês de xântico ou adar vai de 26 de fevereiro a 27 de março de 164 a.C.

n. Isto é, Epifanes.

o. A apoteose dos soberanos mortos é tradicional na família real depois de Antíoco I, que instaura o culto de seu pai Seleuco I. Os romanos preservaram esse costume para seus imperadores.

p. Esta expressão designa aqui a Assembléia dos Anciãos, cf. IMc 12,35.

aos vossos lares para cuidares de vossos afazeres. ³⁰A todos os que voltarem para casa antes do dia trinta do mês de xântico ser-lhes-á estendida a mão e dar-se-lhes-ão garantias de segurança. ³¹Os judeus poderão usar de seus alimentos particulares e seguir as suas leis como no passado, e nenhum deles será molestado de maneira alguma por faltas cometidas por ignorância. ³²Enviei também Menelau^q para vos tranquilizar. ³³Passai bem. No ano de cento e quarenta e oito, no dia quinze do mês de xântico”.

³⁴Os romanos, por sua vez, dirigiram aos judeus uma carta do seguinte teor: “Quinto Mêmio, Tito Manílio e Mânio Sérgio, legados romanos”, ao povo^r dos judeus, saudações! ³⁵As coisas que Lísias, parente do rei, vos concedeu, também nós vo-las concedemos. ³⁶Quanto à que ele julgou dever submeter à decisão do rei, enviai-nos, após as haverdes examinado, um representante vosso, a fim de que as exponhamos ao rei de um modo que vos seja vantajoso, porque iremos a Antioquia^s. ³⁷Apressai-vos, pois, em enviar-nos os vossos mensageiros, para que saibamos, também nós, quais são as vossas intenções. ³⁸Passai bem. No ano de cento e quarenta e oito, no dia quinze do mês de xântico”.

12 Incidentes de Jope e Jâmnia.

¹Concluídos esses tratados, voltou Lísias para junto do rei^t, e os judeus retomaram ao cultivo da terra. ²Mas entre os estrategos locais, Timóteo e Apolônio,

filho de Geneu, além de Hierônimo e Demofonte, aos quais vinha ajuntar-se Nicanor, o Cipriarca^u, não deixavam os judeus desfrutarem de sossego e tranquilidade. ³Os habitantes de Jope^v cometeram um ato particularmente ímpio. Convidaram os judeus domiciliados entre eles a subirem com suas mulheres e filhos em embarcações para eles preparadas, porque, diziam, não existia nenhuma inimizade contra eles. ⁴Sob a garantia de um decreto^w exarado pelo povo da cidade, os judeus, de sua parte, aceitaram a proposta, para demonstrar que queriam a paz e não alimentavam desconfianças. Mas quando chegaram ao largo, foram lançados ao mar, sendo de pelo menos duzentos o seu número.

⁵Tão logo teve Judas conhecimento da crueldade cometida contra os de sua nação, deu a conhecer as suas ordens aos seus homens^x, após invocar a Deus, justo juiz, marchou contra os assassinos de seus irmãos. Incendiou o porto durante a noite, ateou fogo aos navios e fez passar pelas armas os que ali haviam buscado refúgio. ⁶Como, porém, a cidade tivesse sido fechada, partiu com a intenção de voltar para extirpar também toda a cidade dos jopitas. ⁷Avisado de que os habitantes de Jâmnia^y queriam proceder da mesma forma com os judeus que moravam entre eles, ⁸atacou de noite também os jamnitas, incendiou o porto com a frota, de tal sorte que os clarões das chamas foram avistados até em Jerusalém, a uma distância de duzentos e quarenta estádios.

q. Por essa intenção de enviar Menelau, o sumo sacerdote detestado pelos insurretos, mostra o rei que não pretende reconhecer-lhes o chefe. As concessões do rei são, por conseguinte, apenas parciais.

r. *Quinto Mêmio* não é conhecido por outra via, mas um personagem da mesma família. *Tito Mêmio*, fora legado em 170. Os dois nomes *Tito Manílio* e *Mânio Sérgio* são restituídos graças a diversos manuscritos. O texto recebido apresenta a leitura inviável *Tito Mânio* (dois prenomes!). *Mânio Sérgio* e *Tito Manílio* são personagens cuja atividade diplomática é bem conhecida.

s. *Povo* no sentido jurídico. Em *2Mc* só aqui é atestado o termo *démox*.

t. Para af se avistarem com Epifanes ao seu regresso. Seria o primeiro contato dos judeus com os romanos, cuja vitória de

Pidna, em junho de 168, lhes consolidara a influência em todo o Oriente.

u. Para o autor trata-se sempre de Antíoco V.

v. *Nicanor* era chefe de um corpo de mercenários cipriotas; *Timóteo* controlava a Transjordânia, cf. *1Mc* 5,6.

Os outros três estrategos não são mencionados em outros lugares.

w. A atual Jafa. Esta cidade, o mais importante porto ao sul de Ptolemaida, será tomada por Jônatan. *1Mc* 10,76, e Simão expulsará dela os não-judeus. *1Mc* 13,11; 14,34.

x. A assembleia da cidade havia certamente votado créditos para uma festa pública que incluía uma excursão ao mar.

y. Cidade do litoral, mencionada também em *1Mc* 5,58, cujo porto ficava 8km a nordeste da cidade e distava de Jerusalém, em linha reta, 50km, o que equivale a 270 estádios.

Expedição à Galaadítide (1Mc 5,9-54).

¹⁰Afastara-se de lá com seu exército nove estádios^a, durante uma marcha contra Timóteo, quando caíram sobre ele um contingente de árabes^a constituído por ao menos cinco mil homens a pé e quinhentos cavaleiros. ¹¹Tendo-se travado um violento combate e saindo, com a ajuda de Deus, vitoriosos os soldados de Judas, pediram os nômades a Judas que lhes estendesse a mão direita, prometendo fornecer-lhe gado e lhe serem úteis em qualquer outra eventualidade. ¹²Compreendendo que poderiam realmente prestar-lhe muitos serviços, consentiu Judas em fazer as pazes com eles, e depois de se darem as mãos retiraram-se para as suas tendas.

¹³Judas atacou também certa cidade fortificada, cercada de muralhas e habitada por uma população mista, cujo nome era Caspin^b. ¹⁴Os sitiados, fiados na solidez de suas muralhas e nos seus depósitos de víveres, mostravam-se sumamente grosseiros para com os soldados de Judas, juntando aos insultos as blasfêmias e ditos obscenos. ¹⁵Mas Judas e seus soldados, depois de invocarem o grande Soberano do mundo, aquele que sem aríetes e

Jos 6

nem máquinas de guerra fez cair Jericó no tempo de Josué, investiram furiosamente contra as muralhas. ¹⁶Tendo-se apoderado da cidade pela vontade de Deus, fizeram uma carnificina indescritível, de tal modo que o açude vizinho, da largura de dois estádios, parecia cheio do sangue que para ali escoara.

A batalha do Cárnion (1Mc 5,37-44).

¹⁷Tendo-se afastado de lá setecentos e cinquenta estádios^c, chegaram ao Cárax, do lado dos judeus chamados tubianos.

¹⁸Quanto a Timóteo, não o encontraram

nesses lugares, porque se afastara deles sem nada ter feito, mas não sem ter deixado em certo sítio uma guarnição inegavelmente muito forte. ¹⁹Dositeu^d e Sosípatro, generais de Macabeu, rumaram para lá e deram morte a todos os homens deixados por Timóteo na fortaleza, em número de mais de dez mil. ²⁰Macabeu, por seu lado, tendo agrupado o seu exército em coortes^e, nomeou os que ficariam^f à sua frente e pôs-se em marcha contra Timóteo, que tinha à sua volta cento e vinte mil infantes e dois mil e quinhentos cavaleiros. ²¹Informado da aproximação de Judas, Timóteo evacuou as mulheres e crianças, com o resto da bagagem, para o lugar denominado o Cárnion^g, porque a praça era inexpugnável e de difícil acesso devido à estreiteza das passagens em toda a região.

²²A coorte de Judas foi a primeira a aparecer: tendo o pânico se apoderado do inimigo, bem como o temor que lhes inspirava a manifestação daquele que tudo vê, fugiram em todas as direções, de sorte que não raro se feriam entre si e se traspassavam com a ponta de sua espada. ²³Judas os perseguiu com particular determinação, passando ao fio da espada esses criminosos, dos quais fez perecerem até trinta mil homens. ²⁴Timóteo, caindo ele próprio nas mãos dos soldados de Dositeu e de Sosípatro, astuciosamente lhes pedia que o deixassem partir são e salvo porque, dizia, tinha em seu poder parentes e até irmãos de muitos deles, e poderia ser que fossem executados. ²⁵Tendo-lhes ele garantido, em longos arrazoados, que lhes restituiria são e salvos esses homens em virtude do compromisso que assumia, puseram-no em liberdade para salvar os seus irmãos.

z. Essa distância não pode ser contada a partir de Jâmnia, mas de certo local situado na Galaadítide; confira 1Mc 5,9-12.

a. Esses árabes são nabateus, cf. 1Mc 5,25.

b. Sobre o episódio de Caspin, cf. 1Mc 5,26-36.

c. Cerca de 140km, distância que induz a pensar numa incursão ao centro da Amanítida, onde se situava o *Kharax*, a "praça forte" de Timóteo.

d. *Dositeu*, judeu "tubiano", cf. v. 35, era particularmente qualificado para uma expedição "à terra de Tobias".

e. Cf. 8,23 nota.

f. os que seriam, conjectura; gr.: nomeou-os.

g. O Cárnion, "Carnaim" é o santuário da Astarte-dos-chifres, cf. 1Mc 5,43. As passagens estreitas de que se fala mais adiante são certamente as que são cavadas pelo nahr-el-Ehreir e seus afluentes, cf. 1Mc 5,37.

²⁶Entretanto, havendo feito uma incur-são contra o Cárnion e o Atargáteion^h, Judas mandou degolar vinte e cinco mil homens.

Efron e Citópolis (1Mc 5,45-54). ²⁷Depois da derrota e destruição desses inimigos, conduziu também o seu exército contra Efronⁱ, cidade fortificada em que morava Lisânias^j. Jovens robustos haviam tomado posição diante das muralhas e combatiam com vigor; havia ali grande quantidade de máquinas e projéteis em reserva. ²⁸Mas, tendo invocado o Soberano que esmaga com a sua força as defesas do inimigo, tornaram-se os judeus senhores da cidade e dos que se achavam no interior dos muros abateram cerca de vinte e cinco mil homens. ²⁹Tendo deixado esse lugar, marcharam contra Citópolis^k, a seiscentos estádios de Jerusalém. ³⁰Tendo, porém, atestado os judeus que ali se haviam estabelecido a benevolência a eles dispensada pelos citopolitanos e a cortês acolhida que lhes haviam reservado no momento da adversidade, ³¹agradeceram Judas e seus soldados a estes últimos, e exortaram-nos a que também no futuro mostrassem boa disposição para com os de sua raça. Chegaram a Jerusalém pouco tempo antes da festa das Semanas^l.

Campanha contra Górgias. ³²Depois da festa chamada de Pentecostes, marcha-

ram contra Górgias, estrategista da Iduméia^m. ³³Górgias saiu à frente de três mil infantes e quatrocentos cavaleiros. ³⁴Na batalha campal que se travou, aconteceu cair um pequeno número de judeus. ³⁵Certo Dositeuⁿ, do corpo dos tubianos, valente cavaleiro, lograra já subjugar Górgias e, agarrando-o pela clâmide^o, arrastava-o com força no intento de capturar vivo esse amaldiçoado, mas um cavaleiro trácio^p, arremetendo contra Dositeu, decepou-lhe o ombro, e Górgias escapou e fugiu para Maresa. ³⁶Quanto aos soldados de Esdris^q, havia muito que vinham combatendo, e caíam de esgotamento. Judas rogou então ao Senhor que se mostrasse aliado dos judeus e seu guia na guerra. ³⁷Entoou na língua paterna^r o grito de guerra com hinos e pôs em debandada os soldados de Górgias.

O sacrifício pelos mortos. ³⁸Tendo reunido o seu exército, Judas o conduziu à cidade de Odolâm^s; mas no sétimo dia da semana subsequente, eles se purificaram^t segundo o costume e celebraram o sábado nesse lugar. ³⁹No dia seguinte, vieram à procura de Judas — no tempo em que a necessidade disso se impunha^u — para recolher os corpos dos que tinham caído na luta e sepultá-los com seus parentes no túmulo de seus pais. ⁴⁰Encontraram debaixo das túnicas de cada um dos mortos objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia^v, que a Lei proíbe aos

h. O *Atargáteion*, santuário da grande deusa síria Atargatis, é, provavelmente, idêntico ao Cárnion, santuário de Astarte, cf. v. 21. Os cultos das duas deusas se confundiam por serem ambas assemelhadas à Afrodite celeste.

i. Cf. 1Mc 5,45ss.

j. A maior parte dos mss. trazem *Lisias*. Seja como for, esse estrategista local é distinto do ministro Lisias.

k. A antiga cidade de Betsan (Bet-Shean), cf. 1Mc 5,52. No séc. III recebeu sucessivamente os nomes de Nisa e de "Cidade dos Citas" (Jz 1,27, vers. gr.; Jt 3,10; *Pollbio*, V, 70), porque lá, segundo a lenda, enterrara Dionísio a sua nutriz Nisa como também citas de sua escolta.

l. Como a Páscoa de 163 caía, segundo o calendário selêucida, no dia 25 de abril, e a festa das Semanas (Ex 34,22 e *passim*) se celebrava 50 dias após o sábado que coincidiu com a Páscoa ou se seguia a ela, a chegada a Jerusalém ocorre entre 14 e 20 de junho de 163.

m. Cf. 1Mc 5,55-68.

n. Trata-se do general que capturou Timóteo, v. 24.

o. O manto curto dos cavaleiros.

p. Contava o exército de Epifanes 3.000 mercenários da Trácia, país que se estendia entre a Macedônia e o mar Negro.

q. Sobre *Esdras* ou *Azarias*, cf. 8,23 e 1Mc 5,18 e 56ss.

r. Quer dizer, em hebr., cf. 7,8 e 15,29. Os hinos guerreiros tinham um caráter litúrgico, como o atesta o uso essênio em Qumran.

s. Cidade fortificada (2Cr 11,7) cujo nome *Odollam* é uma forma evoluída de "Adulâm", cf. Js 12,15; 1Sm 22,1.

t. Porque haviam matado e tocado mortos, o que os tornava impuros durante sete dias.

u. Este inciso é certamente uma glosa.

v. Amuletos ou objetos oferecidos aos deuses nos templos da antiga Filistéia (cf. 1Mc 5,68), objetos que deveriam ter sido queimados. Dt 7,25; cf. Js 7,15; 1Cr 14,12.

judeus. Ficou patente, assim, para todos que era essa a razão por que esses soldados tinham perecido. ⁴¹Todos, pois, bendizendo a conduta do Senhor, justo juiz que torna manifestas as coisas ocultas, ⁴²puseram-se em oração pedindo que a falta cometida fosse inteiramente apagada, e o valoroso Judas exortou a tropa^a a se conservar isenta de todo pecado, tendo sob os seus olhos o que acontecera por causa da falta dos que tinham caído pouco antes. ⁴³Depois, tendo feito uma coleta individual, enviou a Jerusalém cerca de duas mil dracmas, a fim de oferecer um sacrifício pelo pecado^z, no que agiu com grande acerto e nobreza, pensando na ressurreição. ⁴⁴Se, com efeito, ele não esperasse que os soldados mortos em combate ressuscitariam, teria sido supérfluo rezar pelos mortos: ⁴⁵persuadido que estava de que uma belíssima recompensa está reservada aos que adormecem piedosamente, santo foi e piedoso o seu pensamento; e foi essa a razão por que mandou que se celebrasse pelos mortos um sacrifício expiatório, para que fossem absolvidos de seu pecado^y.

bate armados de foices^b. ³Com grande astúcia, entretanto, diligenciava Menelau, que se juntara a eles, por iludir Antíoco, não para a salvação da pátria, mas na esperança de poder reassumir a sua dignidade. ⁴Mas o Rei dos reis despertou contra esse celerado a cólera de Antíoco e quando Lísias demonstrou ao rei que o dito Menelau era a causa de todos os males^c, ordenou que o levassem para a Beréia^d e ali o executassem, também a ele, conforme o costume do lugar. ⁵Existia ali uma torre de cinquenta côvados^e, cheia de cinzas; essa torre era munida de um mecanismo giratório, inclinado de todos os lados para a cinza. ⁶A tal mecanismo se fazia subir o culpado de pilhagem sacrílega ou de qualquer outro crime monstruoso e de lá o precipitavam e lhe davam morte. ⁷Foi esse o suplício em que morreu esse prevaricador, e que privou Menelau da própria inumação; ⁸e com toda a justiça, porque, como ele cometera muitos pecados contra o altar, cujo fogo e cuja cinza eram puros, justo era que na cinza encontrasse a morte^f.

1Mc 6,28-30

13 Campanha de Antíoco e de Lísias. Suplício de Menelau. ¹No ano cento e quarenta e nove^g, chegou a Judas e seu exército a notícia de que Antíoco Eupátor marchava a caminho da Judéia com numerosa tropa^a, ²e que levava consigo seu tutor Lísias, que estava à frente da administração real; possuía um exército grego de cento e dez mil infantes, cinco mil e trezentos cavaleiros, vinte e dois elefantes e trezentos carros de com-

Orações e êxitos dos judeus perto de Modin. ³Com o espírito obsessado por designios bárbaros aproximava-se, pois, o rei, para infligir aos judeus os mais horríveis daqueles tratamentos a que os submetera o seu pai. ⁴Ciente disso, conclamou Judas a multidão a invocar dia e noite o Senhor, para que, sobretudo dessa vez, viesse em socorro dos que estavam ameaçados de serem privados da Lei, da pátria e do Templo santo^h,

w. Lit. *a multidão* (*plēthos*), termo cujo sentido militar reaparece em 13,1; 14,1.20.41; 15,11.

x. Estimam certos comentadores que, para Judas, esse sacrifício se destinava unicamente a afastar dos sobreviventes os efeitos do pecado. Mas o narrador aprova a oração pelos mortos.

y. Sobre a importância deste texto, que sofreu remanejamentos, ver a Introd. (em "Intercessão").

z. Segundo o calendário vernal e tendo em conta 1Mc 6,20, estamos no outono de 163. Os acontecimentos relatados no cap. 13 lêem-se, em parte, em 1Mc 6,28-63.

a. Cala-se o autor sobre o motivo dessa campanha, ou seja o cerco da Cidadela, 1Mc 6,18ss.

b. Esses carros, já conhecidos dos acmênidas, figuravam entre outros no exército de Antíoco III na batalha de Magnésia.

c. Josefo, que não parece ter conhecido 2Mc e que terá colhido seus informes sobre Menelau em uma crônica sacerdotal, atribui claramente ao suplício de Menelau o mesmo motivo que 2Mc, situando-o, contudo, após a tomada de Jerusalém pelo rei.

d. O nome de Beréia, cidade macedoniana (At 17,10), fora dado a Alepo por Seleuco Nicator, o fundador da dinastia.

e. Cerca de 22 metros. O suplício da cinza era praticado pelos persas nos séculos V e IV.

f. Construção algo artificial para fazer perecer Menelau pela aplicação da lei do talião (Ex 21,23ss.).

g. Esta associação, *a lei e a pátria e o Templo santo*, mostra

¹¹e que não deixasse que esse povo, que começava apenas a recobrar alento, caísse em poder das nações insolentes. ¹²Tendo todos cumprido essa determinação e implorado ao Senhor misericordioso com lágrimas e jejuns, prostrados durante três dias ininterruptos, Judas exortou-os e ordenou-lhes que se mantivessem junto dele. ¹³Mas após conferenciar em particular com os anciãos, resolveu pôr-se em marcha antes que o exército do rei invadisse a Judéia e se apoderasse da cidade, e enfrentar decididamente a emergência com a ajuda do Senhor. ¹⁴Tendo, pois, confiado ao Senhor do mundo o cuidado de decidir a pendência, exortou os seus a combaterem generosamente pelas leis, pelo santuário, pela cidade, pela pátria e pelas instituições, e acampou o seu exército nas imediações de Modin. ¹⁵Deu como senha aos seus soldados "Vitória de Deus", depois atacou de noite com uma elite de jovens corajosos os arraiais do rei^b e aniquilou cerca de dois mil dos homens do acampamento^c. Sua gente traspassou o maior dos elefantes com a sua torreta; ¹⁶encheram por fim o acampamento de terror e confusão, retirando-se em seguida com pleno êxito. ¹⁷Começava já a despontar o dia quando se concluiu essa proeza realizada graças à proteção de que o Senhor cercava Judas.

Antíoco V trata com os judeus (IMc 6,48-63). ¹⁸Depois de ter experimentado

assim a audácia dos judeus, tentou o rei atacar as praças por meio de estratégias. ¹⁹Rumou para Betsur, poderosa fortaleza dos judeus, mas foi repellido, acossado, vencido^d. ²⁰Judas fez chegar aos sitiados o que lhes era necessário. ²¹Mas Rodoco, do exército judaico, revelou segredos aos inimigos; foi descoberto, detido e justicado^e. ²²Ainda uma segunda vez parou o rei com os de Betsur; estendeu-lhes a mão, recebeu a deles e retirou-se, ²³atacou Judas e seus soldados e levou a pior^f. À notícia de que Filipe, a quem ele deixara à frente dos negócios do reino^g, cometera um desatino em Antioquia, ele ficou transtornado. Entrou em entendimentos e negociações com os judeus, jurou respeitar todas as condições justas e reconciliou-se com eles. Ofereceu um sacrifício^h, reverenciou o Templo e mostrou-se generoso para com o lugar santoⁱ. ²⁴Dispensou bom acolhimento a Macabeu^j e deixou Hegemônides como governador militar para a região compreendida entre Ptolemaida e a região dos gerrênios^k. ²⁵Dirigiu-se a Ptolemaida, mas os habitantes dessa cidade, descontentes com o tratado, não ocultavam a sua indignação^l e procuravam rejeitar as suas cláusulas. ²⁶Subiu então Lísias à tribuna, defendeu o melhor que pôde essas cláusulas, persuadiu os espíritos, acalmou-os, reduziu-os a melhores sentimentos e partiu para Antioquia.

São estes os acontecimentos concernentes à expedição e retirada do rei.

IMc 6,43-46

IMc 6,49-50

IMc 6,55-63

a estreita fusão das virtudes cívicas dos gregos da época helenística e dos valores tradicionais dos judeus; cf. v. 14.

h. O autor emprega a expressão "a corte real" *basilikè aulè*, que pode designar o palácio ou qualquer outra residência do rei (aqui a sua tenda).

i. Número exagerado, dado o objetivo muito limitado dessa operação.

j. Essa expedição é descrita com mais pormenores em IMc 6,31, onde falta, no entanto, o episódio da traição de Rodoco.

k. Lit. *foi encarcerado*, eufemismo à maneira do autor; cf. 4,34, onde o suplício de Onias é expressado de maneira análoga.

l. Estilo de resumo, em que os fatos são apresentados de maneira vantajosa aos judeus. Na realidade, a rendição de Betsur só se deu após o recuo de Judas; cf. IMc 6,47-50.

m. Filipe fora nomeado primeiro ministro por Epífanes. Refugiara-se junto a Filomêtor, 9,29, e regressara a Antioquia num momento em que lhe parecia favorável à evicção de Lísias, IMc 6,56.

n. Cf. 3,35.

o. Lit. *mostrou-se filantropo*; cf. 6,22; 14,9.

p. Judas Macabeu é, assim, reconhecido *de facto*. Marca, pois o ano de 163 o advento oficioso dos hasmoneus; cf. Josefo, que atribui 126 anos à dinastia, assinalando-lhe o fim a execução de Antígono em 37 a.C. (Ant. XIV, 490).

q. Habitantes de Gerra, cidade situada perto de Pelusa e que representava a extremidade sul da Fenícia.

r. Sobre Ptolemaida, cidadela do helenismo, e sobre a sua hostilidade aos judeus, cf. 6,8.

LUTA CONTRA NICANOR, GENERAL DE DEMÉTRIO I

14 Intervenção do sumo sacerdote Alcimo (*IMc 7.1-38*). 'Após um

intervalo de três anos', Judas e os seus souberam que Demétrio, filho de Seleuco, aportara a Trípoli com poderoso exército e esquadra', 'conquistara a região e mandara matar Antíoco e seu tutor Lísias. 'Certo Alcimo, que se tomara precedentemente" sumo sacerdote mas que se maculara voluntariamente no tempo da revolta, compreendendo que não havia para ele salvação, nem dali por diante acesso possível ao santo altar, 'foi apresentar-se ao rei Demétrio cerca do ano cento e cinquenta e um e levou-lhe uma coroa de ouro e uma palma e, além disso, alguns ramos atribuídos, segundo o costume, ao santuário'. Manteve-se, contudo, reservado naquele dia.

'Aproveitou, porém, uma ocasião cumplice de sua demência quando Demétrio o convocou ao seu Conselho" e o interrogou sobre as disposições e planos dos judeus. 'Respondeu: "Os judeus aos quais se dá o nome de hassideus", dirigidos por Judas Macabeu, fomentam a guerra e as sedições e não deixam o reino gozar de tranqüilidade. 'E por essa razão, tendo sido despojado da minha ancestral dignidade, refiro-me ao pontificado, aqui vim, "primeiramente impelido pelo cuidado dos interesses do rei, e em seguida movido pela consideração que de mim merecem nossos concidadãos, porque a temeridade dos que acabo de nomear mergulha toda a nossa etnia num grande infortúnio. 'Tu, pois, ó rei, quando tiveres

comprovado a realidade desses agravos, digna-te prover à salvação de nossa região e de nossa etnia tão exposta, com esta afável benevolência' que a todos prodigalizes. '10Pois enquanto Judas viver será impossível ao Estado desfrutar de paz". '11Ditas por ele tais coisas deram-se pressa os outros amigos do rei, hostis à ação de Judas, em inflamar Demétrio. '12Tendo imediatamente escolhido Nicanor, que se tomara elefantarca', nomeou-o governador militar da Judéia e fê-lo partir '13com a ordem de eliminar Judas, dispersar os que estavam com ele e entronizar Alcimo como sumo sacerdote do maior dos santuários. '14Os gentios da Judéia, que haviam fugido diante de Judas, aderiram em levas aos soldados de Nicanor, na esperança de que o infortúnio e as desgraças dos judeus redundassem em seu próprio benefício.

Nicanor faz amizade com Judas. '15Informados da aproximação de Nicanor e da agressão dos gentios, os judeus cobriram-se de cinzas* e invocaram Aquele que estabelecera para sempre o seu povo e jamais cessara de socorrer com claros sinais^b de predileção o seu patrimônio. '16Obedientes à ordem de seu chefe, partiram imediatamente de onde estavam e entraram em combate com os inimigos perto do povoado de Dessau^c. '17Simão, irmão de Judas, travara batalha com Nicanor, mas colhido de surpresa pela repentina chegada dos contrários, sofrera, a princípio, ligeiro revés^d. '18Notando,

s. Isto é, o terceiro ano a partir de 149 (cf. 13.1) que segundo o calendário babilônico vai de 25 de março de 161 a 12 de abril de 160. Os acontecimentos relatados em 14.1-36 reaparecem com outros pormenores em *IMc 7.1-38*.

t. Antecipa-se aqui o autor aos acontecimentos, cf. *IMc 7.2*. u. Sob Antíoco V, segundo Josefo, Ant. XII, 384ss; cf. *IMc 7.5*.

v. A coroa de ouro, a palma e o ramo de oliveira, na origem dos dons ocasionais ao soberano, haviam acabado por tornar-se tributos regulares, cf. *IMc 10.29; 11.35; 13.37.39*.

w. Houve, na realidade, duas entrevistas entre Alcimo e Demétrio, que resultaram um no envio de Báquides, a outra no de Nicanor, *IMc 7.5ss* e 25.

x. "Os Piedosos" (cf. *IMc 2.42* nota), que a crueldade de Báquides, *IMc 7.16*, terá impellido uma segunda vez a associarem-se à revolta macabéia, cf. *IMc 2.42*.

y. Lit. *filantropia*, cf. 6.22; 13.23.

z. *Elefantarca*, título atestado também por Apiano e Tito Lívio (*magister elephantorum*). O título de *estratego da Judéia* é uma criação do rei marcando sua vontade de privar os judeus, Alcimo inclusive, de todo poder político.

a. Cf. 10.25 e *IMc 11.70*.

b. Lit. *com epifânias*; cf. 2.21.

c. Talvez uma corrupção de Adasa, perto de Cafarsálama de *IMc 7.31*.

d. Texto mal transmitido.

todavia, Nicanor a bravura dos soldados de Judas e a sua firmeza nos combates travados pela pátria, achou melhor não apelar para uma decisão por derramamento de sangue.¹⁹ Enviou por isso Posidônio, Teódoto e Matatias para que estendessem a mão aos judeus e recebessem a deles.²⁰ Após aprofundado exame das propostas, o chefe as comunicou às tropas e, mostrando-se unânimes os pareceres, manifestaram elas o seu assentimento às convenções.²¹ Fixou-se um dia em que os chefes se encontrariam em particular. Dois veículos, um de cada lado, se adiantaram e dispuseram-se cadeiras de honra.²² Judas postara em locais favoráveis homens armados e prontos para intervir no caso de uma súbita perfídia da parte dos inimigos. A conferência resultou num acordo.²³ Nicanor passou a residir em Jerusalém, mas nada fez aí de inconveniente. Despediu as multidões que, em levadas, se haviam reunido em torno dele.²⁴ Constantemente admitia Judas à sua presença, experimentando por ele sincera afeição.²⁵ Aconselhou-o a casar-se e ter filhos. Judas casou-se, viveu tranqüilo e tomou parte na vida^e.

Alcimo reacende as hostilidades. Nicanor ameaça o Templo.²⁶ Alcimo, porém, vendo que se entendiam bem e conseguindo uma cópia do tratado firmado por eles, foi à presença de Demétrio e lhe disse que Nicanor tinha projetos contrários ao governo, porque o adversário por excelência do seu reino, Judas, ele o havia promovido a diádoco^f.²⁷ Enfureceu-se o rei, e excitado pelas calúnias desse miserável, escreveu a Nicanor, declarando-lhe estar indignado com os ditos convênios e ordenando-lhe que enviasse sem demora a Antioquia o Macabeu preso em grilhões.²⁸ Ao receber essa missiva, Ni-

canor ficou perplexo e não se podia conformar com a idéia de violar os convênios com um homem que não tinha culpa alguma.²⁹ Mas como não fosse possível agir contra a vontade do rei, espreitava uma ocasião para executar essa ordem mediante um estratagema.³⁰ Macabeu, por sua vez, notando que Nicanor se mostrava mais frio a seu respeito e que seu trato ordinário se tornava menos afável, deduziu daí que as perspectivas não se anunciavam nada boas. Reuniu, pois, um grande número de seus partidários e passou a esquivar-se de Nicanor.³¹ Este, quando viu que Macabeu o deixara para trás, dirigiu-se ao grandioso e santo Templo no momento em que os sacerdotes ofereciam os costumeiros sacrifícios e ordenou que lhe entregassem o homem.³² Como afirmassem com juramento ignorar onde estava o homem que ele procurava,³³ estendeu Nicanor a mão direita contra o Templo e proclamou com juramento: "Se não me entregardes Judas acorrentado, arrasarei ao solo este templo de Deus, destruirei o altar e erguerei neste lugar a Dionísio^g um esplêndido santuário".³⁴ E dizendo isto retirou-se. Os sacerdotes, então, estenderam as mãos para o Céu e invocaram o que sempre combateu por nossa nação, dizendo:³⁵ "Senhor, tu que de nada precisas, a ti aprouve ter entre nós^h o Templo em que habitas.³⁶ Agora, portanto, Senhor santo de toda santidadeⁱ, preserva para sempre da profanação esta casa que acaba de ser purificada".

Morte de Razis.³⁷ Ora, certo homem, Razis de nome, um dos anciãos de Jerusalém, foi denunciado a Nicanor. Homem devotado aos seus concidadãos, gozava de excelente reputação e era chamado de pai dos judeus por causa de sua afeição

IMc 7,33-38

e. Este traço de simpatia entre Nicanor e Judas não aparece em IMc, onde os dois personagens permanecem vigorosamente opostos.

f. Isto é, "sucessor", título reservado aos "amigos" do rei. Vê-se, assim, Nicanor acusado de ter prometido a Judas o primeiro lugar vacante nesse grau da hierarquia.

g. Iniciativa pessoal de Nicanor porque, segundo as moedas da época, era mais a Apolo, o deus dinástico dos selêucidas, que Demétrio I venerava.

h. Lit. *o Templo de tua habitação sob a tenda*. O termo gr. *skênôsis* só é atestado aqui na Bíblia grega.

i. Lit. *santificação*; cf. 2,17.

por eles.³⁸ Fora acusado de judaísmo nos tempos anteriores à revolta, e expusera então com grande constância o seu corpo e a sua vida pelo judaísmo.³⁹ Querendo manifestar a malevolência que nutria para com os judeus, Nicanor enviou mais de quinhentos soldados para prendê-lo,⁴⁰ imaginando que se fizesse desaparecer esse homem assestaria um grande golpe contra os judeus.⁴¹ Achando-se as suas tropas na iminência de se apoderar da torre e forçando elas o pórtico com a ordem de atear fogo e incendiar as portas, Razis, cercado de todos os lados, dirigiu contra si mesmo a sua espada,⁴² preferindo morrer nobremente a cair nas mãos dos criminosos e padecer ultrajes indignos de sua nobreza.⁴³ Como, porém, no urgir da refrega, tivesse dirigido mal o golpe e as tropas se precipitassem portas adentro, correu animosamente ao alto da muralha e precipitou-se com intrepidez sobre a multidão.⁴⁴ Recuaram todos o mais rápido possível e ele foi cair no meio do espaço vazio.⁴⁵ Respirando ainda e inflamado de ardor, pôs-se de pé e com o sangue a jorrar aos borbotões e em meio às atrozes dores das suas feridas, atravessou correndo a multidão. De pé sobre uma rocha escarpada⁴⁶ e já completamente exangue, arrancou as entranhas e, tomando-as com ambas as mãos, arrojou-as contra a multidão. Rogou ao Senhor da vida e do espírito^k que lhes restituísse um dia, e deste modo terminou os seus dias.

15 Blasfêmia de Nicanor. ^lNicanor, entretanto, informado de que Judas

e os seus se encontravam na região da Samaria^l, decidiu atacá-los sem o menor risco, no dia do repouso.² Os judeus que os seguiam à força disseram-lhe^m: “Não os faças perecer de maneira tão selvagem e bárbara, mas dá glória ao dia que foi honrado e santificado de preferência por Aquele que vela sobre todas as coisas”.³ Mas esse três vezes celeradoⁿ perguntou se havia no céu um soberano que houvesse prescrito a celebração do dia do sábado^o. Quando lhe explicaram que “fora o próprio Senhor vivo”, soberano no céu, quem ordenara se observasse o sétimo dia”,⁵ ele retrucou: “E eu também, soberano na terra, ordeno que se tomem as armas e se faça o serviço do rei”. Viu-se todavia na impossibilidade de cumprir o seu cruel desígnio.

Exortação e sonho de Judas.⁶ Nicanor, com efeito, num assomo de extrema jactância, decidira erigir um troféu comum^q com os despojos de Judas e dos seus.⁷ Macabeu, por sua vez, conservava uma confiança inalterável e tinha toda a esperança de obter socorro da parte do Senhor.⁸ Exortava os que estavam com ele a não temer o ataque dos gentios, tendo presentes no espírito os socorros que no passado lhes tinham vindo do Céu e a esperar com confiança, agora também, a vitória que lhes viria do Todo-Poderoso.⁹ Encorajando-os com a Lei e os Profetas e relembando-lhes também os combates que já haviam sustentado, encheu-os de novo ardor.¹⁰ Tendo, assim, lhes despertado a coragem, acabou de exortá-los mostrando-lhes a deslealdade dos gen-

J. Este episódio, cujo estilo lembra o dos sete irmãos e de Eleazar, está ausente de *IMc*. É provável que, como eles, tenha sido tomado sem modificação notável a Jásão de Cirene.

k. Mesma associação, *vida e espírito*, que em 7.22. Nem sempre o caráter condenável do suicídio é reconhecido pelos homens dessa época (cf. *Ji* 2Sm 17.23; *Tb* 3.10), talvez por influência do estoicismo. Mas Sto. Agostinho dirá, a propósito de Razis: “Nem tudo o que é grandioso é necessariamente bom” (*Cartas*, 204).

l. Região familiar a Judas. Josefo situa o lugar de refúgio de Judas após a batalha de Bet-Zacarias nas montanhas da Gofnátide, onde se desenrolará o conjunto da luta contra Nicanor; cf. *Guer-*

ra dos Judeus, 1.45.

m. Ignora Nicanor que Matatias e os seus haviam decidido defender-se mesmo no dia de sábado, *IMc* 2.41.

n. Em 8.34 esse epíteto é aplicado a Nicanor, filho de Patroclo, dos primeiros amigos de Epifanes, cf. 8.9. Trata-se, portanto, muito provavelmente do mesmo personagem.

o. Lit. *dos sábados*: plural que reaparece no gr. de Ex 20.8; Dt 5.12, etc., e várias vezes no NT.

p. Cf. Nm 14.21; 2Rs 19.4, etc.

q. É esta a única menção bíblica do termo *troféu* (*tropaion*) no sentido próprio (exposição dos despojos, armaduras). Em 5.6 o sentido é figurado.

tios e a violação dos seus juramentos⁷.
 11Depois de armar a cada um deles, menos da segurança que dão os escudos e lanças que da firmeza fundamentada em nobres palavras, interpretou-lhes um sonho digno de fé, uma espécie de visão⁸, com a qual alegrou-os a todos. 12Eis o espetáculo que se lhe havia deparado: Onias, outrora sumo sacerdote, aquele homem de bem, de ar modesto e afabilíssimo caráter, nobre na sua linguagem e dedicado desde a infância à prática de todas as virtudes, erguia as mãos e orava por toda a comunidade dos judeus⁹. 13Em seguida apareceu a Judas, da mesma forma, um homem de cabelos brancos e venerando aspecto, admirável na sua prestância e circundado de majestade. 14Tomando a palavra, disse Onias: "Este homem é o amigo de seus irmãos, que ora assiduamente pelo povo e por toda a cidade santa, Jeremias¹⁰, o Profeta de Deus". 15Estendendo a sua mão direita, apresentou então Jeremias a Judas uma espada de ouro e lhe entregou com estas palavras: 16"Tom a esta espada santa, ela é um dom de Deus, e com ela esmagarás os inimigos".

Derrota e morte de Nicanor (1 Mc 7,39-50). 17Revigorados por estas magníficas palavras de Judas, capazes, na verdade, de inspirar coragem e de dar aos jovens uma alma viril, decidiram os judeus não se entrincheirar em um acampamento, e sim passar corajosamente ao ataque e, numa luta corpo a corpo, remeter a decisão à boa parte¹¹, uma vez que a cidade, a religião¹² e o santuário estavam em perigo; 18porque a inquietação a respeito das mulheres e crianças, dos irmãos e parentes pouco representava para eles, quando o maior e o primeiro dos temo-

res dizia respeito ao Templo consagrado.

19A angústia dos que estavam encerrados na cidade não era menor, inquietos que estavam com a ação em campo raso. 20Enquanto aguardavam todos o iminente desfecho, os inimigos se haviam já reunido e dispunham o seu exército em ordem de batalha. Os elefantes eram levados para uma posição favorável e a cavalaria se alinhava ao longo das alas¹³. 21Macabeu considerou com atenção as tropas presentes, o variado aparato de suas armas e o aspecto truculento dos elefantes. Ergueu as mãos para o céu e invocou o Senhor que opera prodígios, porque sabia que não era pelas armas, mas segundo o seu querer que ele concede a vitória aos que dela são dignos. 22Dizia ele na sua invocação: "Senhor, no tempo de Ezequias, rei da Judéia, tu enviaste o teu anjo, e ele exterminou cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senakerib. 23Envia também agora, ó soberano dos céus, um bom anjo diante de nós para semear o medo e o terror. 24Que pela grandeza de teu braço sejam feridos os que vieram, com a blasfêmia nos lábios, atacar o teu povo santo!" E com estas palavras deu ele por finda a sua prece.

25Enquanto os soldados de Nicanor avançavam ao clangor das trombetas e dos cantos de guerra, 26os homens de Judas trocavam os primeiros golpes com os inimigos, fazendo invocações e preces. 27Combatendo com as mãos e invocando a Deus com o coração, prostraram a menos trinta e cinco mil homens e regozijaram-se intensamente com essa manifestação do poder de Deus¹⁴. 28Terminada a tarefa, iam-se dispersando alegremente quando encontraram, estendi-

2Rs 19,35s

8,19;

r. Cf. 5,25; 12,3 e 1 Mc 6,62.

s. Esta distinção entre o sonho e a visão é conforme à tradição grega, na qual, desde Homero, a visão tem maior objetividade que o sonho.

t. Sobre o papel de intercessor de Onias, cf. 3,10.31-34; 4,5. u. O sonho de Judas faz parte da literatura apócrifa suscitada por Jeremias, cf. 2,1-8. Mas a intercessão póstuma de Onias e de Jeremias manifesta um desenvolvimento teológico notável em relação ao passado, em que as orações eficazes dos justos pelos

homens se limitavam à sua vida terrestre, Gn 18,24; Ex 32,11; Jo 42,8. Mas cf. já Sr 46,20 (gr.).

v. *a boa fortuna*: lat. e uma parte do gr. Texto recebido: *com coragem varonil*.

w. Lit. *as coisas santas* (*ta hagia*), expressão frequente em 1 Mc no sentido de santuário.

x. Cf. 1 Mc 6,35 e 38.

y. Cf. 2,21. O autor só consagra uma linha às operações militares e toda uma página aos sonhos e discursos, o que é

do no chão e revestido de sua armadura, o corpo de Nicanor. ²⁹Em meio aos clamores e à confusão bendiziam o soberano Senhor na língua de seus pais⁴. ³⁰Aquele que, na primeira fila^a, se consagrara de corpo e alma aos seus concidadãos, que conservara uma terna afeição aos seus compatriotas, ordenou que cortassem a cabeça de Nicanor e seu braço até o ombro e os levassem a Jerusalém. ³¹Para lá se dirigiu ele pessoalmente, convocou os seus compatriotas, dispôs os sacerdotes diante do altar e mandou buscar a guarnição da Cidadela. ³²Exibindo a cabeça do abominável Nicanor^b e a mão que aquele infame estendera tão insolentemente contra a Casa do Todo-

-Poderoso, ³³cortou a língua do ímpio Nicanor e ordenou que a dessem em pedaços aos pássaros, e que pendurassem diante do Templo o salário da sua loucura. ³⁴Todos elevaram então ao céu bênçãos ao Senhor misericordioso, dizendo: "Bendito seja Aquele que conservou isento de mancha o seu santo lugar!"

³⁵Judas mandou que pregassem a cabeça de Nicanor na Cidadela^a qual manifesto e ostensivo sinal a todos do socorro do Senhor. ³⁶Decretaram todos por voto público não deixar passar esse dia sem o assinalar, mas celebrar^c o décimo terceiro dia do duodécimo mês, chamado adar em aramaico^d, véspera do chamado dia de Mardoqueu.

1Sm 31,9-10

EPÍLOGO DO ABREVIADOR

³⁷Foi assim que se desenrolaram os acontecimentos relacionados com Nicanor; e como desde aqueles tempos ficou a cidade^e na posse dos hebreus, concluirei, também eu, aqui, a minha obra. ³⁸Se está boa a composição e logrou feliz êxito, é o que eu desejava; se pouco valor tem e não excede a mediocridade, foi o

que pude fazer. ³⁹Porque assim como é prejudicial beber vinho puro ou água pura, enquanto o vinho misturado com a água é uma bebida agradável que proporciona deleitoso prazer, da mesma forma é a arte de dispor a narrativa que encanta o entendimento dos que lêem a obra^h. Aqui, portanto, concluo.

característico do gênero literário escolhido por ele. O número de vítimas, que foi exagerado, deriva do mesmo gênero.

z. Sem dúvida em hebr., como em 12,37, uma vez que o aram. é qualificado de "língua siríaca" pelo autor, cf. v. 36 nota.

a. Lit. *como protagonista*, termo que, na Bíblia, só se encontra aqui e em 1Mc 9,11.

b. Cf. o episódio da cabeça de Holofernes, Jr 13,15 e 14,1.

c. Lit. *seu lugar*, cf. 2,8.

d. Anacronismo, uma vez que a Cidadela só foi libertada nove anos mais tarde. Trata-se talvez de uma adição posterior.

e. A celebração desse aniversário é mencionada também no *Rolo do Jejum*, a *Meguilat Ta'unit*, e por Josefo, *Ant.* XII, 412.

f. Lit. *em língua siríaca*.

g. Quer dizer a cidade religiosa, o monte Sião de 1Mc.

h. Lit. *a composição (sintaxis)*, isto é, a maneira pela qual o autor dispôs a matéria histórica.

SABEDORIA

INTRODUÇÃO

Título, autor, data. Este livro foi intitulado, nos tempos antigos, *A Sabedoria de Salomão*, porque os caps. 7-9 dão a palavra a este rei, que a tradição judaica considerava "o sábio" por excelência. Trata-se, entretanto, de um artifício literário em voga na época, destinado a respaldar, com uma autoridade unanimemente reconhecida, um pensamento novo. Na realidade, o livro revela parentesco com os escritos do judaísmo alexandrino e foi redigido em grego por um autor que permaneceu no anonimato.

A data de seu aparecimento é incerta. Vários indícios, tirados principalmente do vocabulário e de uma alusão às reivindicações de igualdade civil dos judeus do Egito (19,16), levam-nos a não ir além dos anos 50 a.C. e até mesmo a aceitar data mais próxima, já no período romano, a partir da tomada de Alexandria por Augusto (30 a.C.). Parece evidente que o livro não foi escrito de uma só vez. Sua composição se escalona ao longo de vários anos, e a terceira parte apresenta numerosas semelhanças com a Vida de Moisés, de Filon de Alexandria (nascido pelo ano 20 a.C.). Mesmo na hipótese de ambos utilizarem independentemente um mesmo midrash, não parece que estejam temporalmente muito afastados um do outro.

Unidade de autor e de composição. Logo numa primeira leitura, o Livro da Sabedoria impressiona pela diversidade de estilos e de temas. A imitação da poesia bíblica vai, pouco a pouco, cedendo lugar — principalmente a partir de 11,4 — a um estilo periódico que tende à prosa rimada. Igualmente se observa que os caps. 6-10 insistem no papel criador e providencial da Sabedoria, que, por sinal, não volta mais a ser mencionada. Esta diversidade levou os críticos a postular vários autores para este livro. Entre as hipóteses aventadas, assinalamos duas: a) os caps. 1-5 teriam sido escritos em hebraico e traduzidos para o grego pelo autor dos capítulos seguintes; b) toda a obra teria sido escrita em grego, mas os capítulos 11-19 seriam de outro autor, completamente distinto daquele dos capítulos precedentes. Hoje se admi-

te, cada vez mais, o reconhecimento da unidade de autor, porque o conjunto do livro revela uma mesma cultura e uma mesma personalidade literária. É importante assinalar, particularmente, o recurso a dois procedimentos:

a) O contraste ou a comparação: o destino imortal dos justos, por exemplo, é colocado em oposição à vida estéril dos ímpios; a esterilidade virtuosa, à fecundidade ímpia; a sorte dos israelitas, à dos egípcios.

b) O desenvolvimento progressivo das idéias: o autor procede por toques sucessivos. O tema da morte, por exemplo, é abordado logo no começo do livro (1,11-13.16) para ser retomado e desenvolvido em diversas oportunidades ao longo do texto (2,20.24; 3,2-3; 4,7-14 etc.). O autor explora a riqueza do tema para evocar ora a morte física, ora a morte espiritual ou as duas em conjunto; e seu pensamento, aqui como em outros lugares, parece impedir qualquer iniciativa de redução sistemática.

Por outro lado, no plano formal, observa-se uma preocupação constante em utilizar um vocabulário rebuscado, inclinado a neologismos e ao emprego constante de numerosas figuras de construção ou de retórica. Destacam-se também o sentido inusitado atribuído a diversos termos e a monótona repetição das mesmas partículas gregas de ligação ("e", "mas", "pois", "é que").

Estrutura e conteúdo. O Livro da Sabedoria pode ser dividido em três grandes seções, que são o reflexo de situações e preocupações diferentes:

1. O destino humano segundo Deus (1-5). Esta seção opõe o destino dos justos ao dos ímpios que os perseguem. Sua finalidade é fortalecer a fé dos judeus: as provações que sofrem preparam sua glorificação no além. O autor os exorta a praticar a justiça, que é imortal (1,1-15). É verdade que os ímpios, transviados pelo materialismo, perseguem o justo, que para eles se tornou insuportável (1,16-2,20). Todavia, agindo assim, eles ignoram que Deus reservou para as almas puras a imortalidade, ao passo que os adversários da Sabedoria

receberão o devido castigo (2,21-3,12). Uma mulher fecunda, mas de comportamento ímpio, só merece censura; ao passo que a mulher estéril, mas virtuosa, é digna de elogio (3,13-4,6). Da mesma forma, a longevidade dos ímpios, condenada pela morte prematura do justo, não tem nenhuma significação positiva nem os impedirá de ser confundidos quando forem julgados e se encontrarem face a face com o justo, glorificado por Deus, e vãos serão os seus remorsos (4,7-5,14). Quanto aos justos, viverão para sempre e Deus os protegerá no dia do juízo (5,15-23).

2. Elogio à Sabedoria (6,1-11,3). Tal elogio é posto na boca de Salomão. Contudo o rei não é citado. Aliás, o Livro da Sabedoria evita praticamente todo nome próprio. Há apenas duas exceções: Pentápolis (10,6) e mar Vermelho (10,18; 19,7). Salomão dirige-se aos demais reis para convidá-los a se abrirem aos ensinamentos da Sabedoria israelita. Parece que o autor tem em mira os soberanos não-judeus e, através deles, os meios pagãos cultos.

Logo após este apelo aos príncipes (6,1-11), Salomão apresenta a Sabedoria como uma realidade misteriosa, que pede para ser conhecida e praticada (6,12-21). Anuncia, em seguida, uma revelação sobre sua natureza e origem (6,22-25). Embora de condição humana, ele foi ouvido em sua oração e a Sabedoria lhe trouxe todos os bens (7,1-14). Depois de ter invocado a Deus, fonte de todo o conhecimento (7,15-21), ele descreve progressivamente as propriedades e a natureza da Sabedoria (7,22-8,1). Ela é, para ele, como uma esposa ideal, junto à qual dá a entender que vive (8,2-16). Mas tal intimidade só se consegue por um dom de Deus (8,17-21). Por isso, Salomão dirige uma nova oração para que a Sabedoria o assista no cargo de soberano e o instrua na vontade divina (9,1-12). Somente ela conhece tal vontade, podendo, por isso, salvar os homens (9,13-18). Desde as origens até a saída do Egito, através de todos os episódios narrados no Gênesis, ela se revela como a mestra da história (10,1-11,3).

3. Meditação sobre o Êxodo (11,4-19,22). A última seção do livro é mais longa e, sobretudo, mais complexa do que as precedentes. Consiste principalmente numa série de comparações sobre a sorte dos israelitas e dos egípcios a partir da narrativa das pragas do Êxodo, mas essa sucessão é freqüentemente interrompida por digressões e por uma polêmica contra a idolatria. A dureza

dos contrastes e a severidade do tom levam a pensar que o autor, ao defender os valores do judaísmo, procura colocar de sobreaviso todos os que ameaçam a sua comunidade. Ao começar o assunto, expõe o princípio normativo: o instrumento do qual Deus se serve para castigar seus adversários reduzida em benefício para Israel (11,5). Assim, a água que castiga os egípcios (alusão ao Nilo mudado em sangue) estanca a sede dos israelitas no deserto (11,4-14). Em seguida, o autor desenvolve uma polêmica contra o culto aos animais, enfatizando como Deus sempre castiga com moderação, no propósito de levar ao arrependimento (11,15-12,1). Nesta perspectiva, interpreta-se a função das vespas antes do extermínio dos cananeus (12,2-14). De todo modo, Deus julga com soberana imparcialidade e sua moderação deve servir de norma para os israelitas (12,15-22). A polêmica contra o culto aos animais prossegue com uma ponta de ironia (12,13-27). O autor distingue, então, duas formas de idolatria: a divinização dos elementos da natureza (13,1-9) e o culto prestado a obras humanas (13,10-14,11). A segunda foi introduzida insidiosamente (14,12-21) e causou completa perversão da vida (14,22-31). Se Israel, por sua fé, foi preservado do perigo da idolatria, todos os demais povos caíram nela, como o oleiro que molda um deus de argila (15,1-19). Aqui o autor retoma o fio de suas comparações e desenvolve sucessivamente seis: o milagre das cordoneiras e a invasão das rãs (16,1-4); a serpente de bronze que cura os hebreus, e os animais mortíferos lançados contra os egípcios (16,5-14); o maná e o granizo (16,15-29); as trevas e a coluna de fogo (17,1-18,4); a morte dos primogênitos do Egito e a libertação pascal (18,5-25); finalmente, o afogamento dos egípcios nas águas do mar Vermelho e a livre passagem de Israel por elas (19,1-12). Os egípcios foram castigados por se terem mostrado piores em hospitalidade que os habitantes de Sodoma (19,13-17). Pela última vez, o autor volta a falar dos milagres do Êxodo para relacioná-los com uma certa teoria sobre os elementos da natureza (19,18-21). O livro termina com uma breve conclusão em forma de doxologia (19,22).

Influências. O autor do Livro da Sabedoria é um poeta e um mestre espiritual que pretende compor uma obra pessoal, original. Mesmo recorrendo a

numerosas fontes, evita reproduzi-las tais como são, integrando-as discretamente em seu trabalho. É assim que procede com relação ao Antigo Testamento. Com efeito, são pouco numerosas as citações extraídas dos textos bíblicos anteriores. Contudo, sua obra é alimentada por um conhecimento e uma meditação profundos de tais textos (particularmente Gênesis, Êxodo, Isaías, Provérbios, Sirácida), que o autor parece ter lido na versão grega da Septuaginta. Ainda se pode distinguir, na última parte, uma influência inegável do *mi-drash* — espécie de comentário judaico dos textos bíblicos que dá lugar a amplificações legendárias.

A mesma observação vale para a literatura e a cultura helenísticas. O autor recorre livremente a seus conhecimentos em matéria de poesia, retórica, ciências e, principalmente, de filosofia grega. Excepcionalmente, é possível distinguir citações quase literais de Homero e de Platão, ou referências bastante precisas a certa explicação científica ou teoria filosófica. No mais das vezes, trata-se apenas de alusões ou reminiscências.

O fato de o autor ter-se inspirado ao mesmo tempo em escritos bíblicos anteriores e em escritos gregos não é de causar surpresa. Esse procedimento é característico dos meios judeus alexandrinos. Os temas e concepções bíblicas constituem a base de toda reflexão teológica, mas são examinados, traduzidos, desenvolvidos e, às vezes, adulterados, pelo recurso a noções gregas. É preciso recordar que o autor se dirige, de um lado, a leitores judeus que pouco ou nada sabem do hebraico e que estão, como ele, impregnados de cultura helenística; por outro, dirige-se a leitores gregos, a quem deseja convencer da absoluta superioridade da sabedoria judaica. Tanto num caso como noutro, recorre a noções gregas para tornar mais acessível aos leitores a herança particular de Israel. Obedece, portanto, menos ao cuidado de inovar ou de anexar elementos colhidos de outra civilização, do que à vontade de ser, de maneira eficaz, fiel testemunha da tradição judaica. Note-se sua condenação muito clara de toda forma de idolatria e de filosofia materialista, ou a sua profunda oposição ao determinismo astral, bem como aos mistérios atuais, principalmente dionisíacos.

Doutrina. Este livro enriquece a literatura sapiencial com novos esclarecimentos acerca de dois

pontos importantes: a imortalidade da alma dos justos e a personificação da Sabedoria.

1. Imortalidade dos justos. O autor se debate com o problema do justo que morre sem receber recompensa alguma. Oferece uma resposta às questões angustiantes de Jó, ensinando que as almas virtuosas perseguidas sobre a terra gozam de tranqüilidade perfeita junto a Deus e que, no dia da Visita ou do Juízo, serão recompensadas (2,22; 3,1-9; 4,7-14; 5,15-23). Em sua maneira própria de insistir sobre a prioridade e o destino imortal da alma, o autor deixa transparecer inegáveis influências gregas. Todavia, ele não partilha do dualismo platônico: o homem permanece um ser composto de alma e corpo, e a doutrina da ressurreição corporal, afirmada explicitamente em Dn 12,2-3 e 2Mc 7,9 parece bastante presente em alguns trechos (cf. especialmente 3,7 e 5,15-16). Ele resume em duas palavras tipicamente gregas a idéia de uma recompensa futura dos justos: "imortalidade" (1,15; 3,4; 4,1; 8,17; 15,3) e "incorruptibilidade" (2,23; 5,18-19). O autor quer fazer os leitores compreenderem que a vida dos justos não acaba com a morte física, mas se prolonga eterna e gloriosamente junto a Deus. Ao contrário, por sua conduta, os ímpios renunciam desde agora à imortalidade e de certa forma já estão mortos. Para o autor, a imortalidade não é uma noção abstrada aplicada indistintamente a todos; ela se refere à alma dos justos.

2. Personificação da Sabedoria. Personificando a Sabedoria, o autor retoma e prolonga o texto de Pr 1-9. Todavia, ele acentua a atividade criadora da Sabedoria (7,12,22; 8,5-6) e sua função cósmica (7,24; 8,1). Para os gregos, a sabedoria era principalmente um meio de se chegar ao conhecimento e à contemplação do divino. Para o autor, ela é a Revelação divina, é quem desvela a vontade e as intenções de Deus (9,13-17). Ela partilha da vida de Deus e está associada a todas as suas obras (8,3-4). Governa o mundo com bondade (8,1). Reside particularmente nos justos, na alma dos quais permanece, transformando-os em amigos de Deus (1,4; 7,27). Finalmente, ela é a fonte de toda ciência e de todo conhecimento (7,16-21). Tal personificação da Sabedoria levanta, porém, uma questão delicada: trata-se de um procedimento literário, mais exatamente poético, ou o autor efetivamente considera a Sabedoria como uma realidade inter-

mediária entre Deus e o mundo, ou até mesmo uma pessoa divina? O texto não permite nenhuma conclusão. A Sabedoria parece ao mesmo tempo revelar e assumir os aspectos fundamentais da atividade divina. Sua relação com o Espírito (1,6; 7,7.22-23; 9,17) parece, às vezes, incitar a reconhecer nela a prefiguração do Espírito Santo. É difícil, contudo, fundamentar essa interpretação. A Sabedoria tende a identificar-se com toda a revelação de Deus na história de Israel e no mundo criado. Ou seja, realiza o amor de Deus, "com bondade governando o universo" (8,1). Neste sentido, ela prefigura, sobretudo, o movimento da graça divina que culmina em Jesus Cristo.

É digna de nota a densidade doutrinal de vários desenvolvimentos:

- a retomada original do tema do Justo sofrendor (2,10-20);
- a responsabilidade particular dos soberanos no exercício de um poder que lhes é confiado por Deus (6,1-11);
- as considerações sobre os limites do conhe-

cimento humano, principalmente com relação à ordem espiritual (9,13-18);

- a capacidade de aceder ao conhecimento do Deus único a partir da sua criação (13,1-9);

- as reflexões originais sobre o governo providencial de Deus, com base em narrativas bíblicas antigas (11,21-12,1; 12,15-18);

- a intercessão do sumo sacerdote Aarão, cujo papel é ampliado às dimensões do universo (18, 20-25).

O Livro da Sabedoria é um escrito judaico que se distingue, ao mesmo tempo, pela fidelidade à religião tradicional de Israel e pela constante preocupação em atualizá-la. Em virtude disso, não é de estranhar que algumas de suas doutrinas se encontrem no Novo Testamento (cf. Rm 1,20-23; Cl 1,12.15.17; Hb 1,2-3) e que ele seja bastante citado pelos Padres da Igreja.

N.B.: A presente tradução baseia-se no texto grego estabelecido por J. Ziegler, na edição de Göttingen, 1962.

SABEDORIA

I. O DESTINO HUMANO SEGUNDO DEUS

1 A justiça, fonte de vida

Sl 45,8;
Ct 29,17

¹ Amai a justiça, vós que governais a terra^a,

tende pensamentos retos sobre o Senhor, procurai-o com simplicidade de coração.

Is 65,1;
Jr 36,14gr.

² Porque ele se deixa encontrar^b por quem não o tenta e se manifesta a quem não recusa crer nele.

³ Os pensamentos tortuosos afastam de Deus; o Poder, posto à prova, confunde os insensatos^c.

⁴ Em alma perversa a Sabedoria^d não entra; ela não habita um corpo sujeito ao pecado.

⁵ Pois o santo Espírito, educador, foge da duplicidade, afasta-se dos pensamentos tolos e se perturba^e quando sobrevém a injustiça.

⁶ A Sabedoria é um espírito benévolo, mas não deixa impune aquele cujos lábios blasfemam;

Deus o sonda até os rins, escruta seu coração segundo a verdade e está à escuta do que diz sua língua.

⁷ Sim, o Espírito do Senhor enche a terra^f e, contendo^g o universo, tem conhecimento de cada som.

⁸ Por isso, quem fala de modo iníquo não passa despercebido e a justiça acusadora não deixará de encontrá-lo.

⁹ As intenções do ímpio serão examinadas, e o som de suas palavras chegará até o Senhor, como prova de seus crimes.

¹⁰ Há um ouvido ciumento escutando tudo; não lhe escapa o resmungo murmurado.

¹¹ Evitai, portanto, o inútil resmungar e, para não maldizer, refreai a língua: palavra dita em segredo não fica sem seqüela, e boca caluniadora mata a alma^h.

¹² Não procureis a morte extraviando a vossa vida.

Não chameis sobre vós a ruína, pelas obras de vossas mãos.

¹³ Pois Deus não fez a morte; não lhe dá prazer a perda dos vivos.

Ez 18,23;
33,11

¹⁴ Ele criou todos os seres para que subsistam e, no mundo, as gerações são salutaresⁱ; nelas não há veneno funesto, e a dominação do Hades não se exerce sobre a terra.

¹⁵ pois a justiça é imortal^j!

Filosofia dos ímpios^k

¹⁶ Os ímpios, porém, por gesto e palavra, convidaram o Hades.

Tomando-o por amigo, languescem por ele

e com ele firmaram pacto:

Is 28,15

de fato, são dignos de pertencer a seu partido.

2 ¹ Pois, com falsos argumentos, dizem entre si:

a. Ou "juízes da terra". Cf. Sl 2,10. Esta interpelação aos soberanos é aqui puramente formal, em oposição à que se encontra em 6,1.

b. Tema bíblico. Cf. Is 65,1; Jr 29,13-14; Pr 8,17.

c. O poder divino é continuamente desafiado pela incredulidade e pela conduta dos insensatos.

d. A alternância de sujeitos (Deus, Poder, Sabedoria e depois o Espírito) evoca aspectos diversos da atividade divina.

e. Lit. *é refutado*; outra tradução possível: *ele se transforma em censor*.

f. Transposição de Jr 23,24.

g. Ou *mantendo coeso*: a expressão então teria sido empresta-

da dos estoicos, que concebiam o Espírito como uma força que assegurava a coesão interna do universo.

h. Introdução do tema da morte.

Para o autor, a verdadeira morte não é física, mas de ordem espiritual. Já presente na vida dos ímpios, torna-se definitiva no além.

i. No sentido de que asseguram a continuação da vida.

j. Mais à frente o autor vai esclarecer que os justos são chamados à imortalidade (2,22-23; 3,4-9; 5,15).

k. Os ímpios vivem sob o signo da morte, pois sua concepção de vida se inspira na recusa de toda transcendência (2,2-9) e no desprezo de todo valor moral (10-11).

- "Curta e triste é nossa vida.
Não há remédio quando o homem
chega ao fim
e ninguém, pelo que saibamos, voltou¹
do Hades.
- ² Nascermos por acaso
e, depois, será como se nem
tivéssemos existido.
O sopro em nossas narinas é apenas
fumaça
e o pensamento, centelha faiscando às
batidas de nosso coração^m.
- ³ Quando ela se extingue, nosso corpo
vira cinza
e a respiração se dissipa como ar flácido.
- ⁴ Nosso nome será esquecido com o
tempo,
e ninguém se lembrará de nossas obras.
Nossa vida terá passado como nuvem,
sem deixar rastro,
há de desfazer-se como bruma
dissipada pelos raios do sol
e consumida por seu calor.
- ⁵ Nosso tempo de vida é como o trajeto
de uma sombra.
Nosso fim não pode ser adiadoⁿ;
está lacrado, não há volta para
ninguém.
- ⁶ Vamos, pois, desfrutemos as coisas
boas do presente
e aproveitemos a criação, como na
juventude, com ardor.
- ⁷ Embriaguemo-nos com os melhores
vinhos e perfumes.
Não deixemos escapar as primeiras
flores da primavera.
- ⁸ Coroemo-nos com botões de rosas,
antes que murchem.
- ⁹ Ninguém de nós falte à nossa orgia;
deixemos em toda parte as marcas de
nossa alegria;
afinal, é essa a nossa parte, o quinhão
que nos toca.

- ¹⁰ Oprimamos o pobre, mesmo se for
justo;
não poupemos a viúva,
nem respeitemos as cãs do ancião.
- ¹¹ Que a força seja a nossa norma de
justiça,
pois a fraqueza mostra-se inútil.

Perseguição do justoⁿ

- ¹² "Armemos ciladas ao justo: ele nos
incomoda,
opõe-se às nossas ações,
repreende-nos as transgressões da Lei
e nos censura por pretermos nossa
educação.
- ¹³ Ele declara ter conhecimento de
Deus
e chama a si mesmo filho^p do Senhor.
- ¹⁴ Tornou-se uma censura viva às nossas
idéias,
vê-lo já é um peso para nós.
- ¹⁵ Sua vida é diferente da dos outros
e estranho, o seu comportamento.
- ¹⁶ Para ele não somos mais que um
objeto falsificado.
Desvia-se de nossos caminhos como de
sujeira.
Ele proclama venturosa a sorte dos
justos
e se gloria de ter a Deus por pai.
- ¹⁷ Vejamos, pois, se suas palavras são
verdadeiras
e verifiquemos como ele vai terminar.
- ¹⁸ Se o justo é filho de Deus, este há de
vir em seu socorro
e o arrancará às mãos de seus
adversários. SI 22.9
- ¹⁹ Vamos testá-lo com ultraje e tortura;
medir até onde vai a sua serenidade FI 4.5
e provar a sua resistência.
- ²⁰ Condenemo-lo a uma morte infame,
já que, segundo diz, haverá
intervenção divina^q em seu favorⁿ.

1. Ou *não livra*.

m. A vida do espírito é apresentada como um simples processo mecanicista, em continuidade com as antigas concepções (bíblicas e gregas) que faziam do coração a sede do pensamento.
n. Possível alusão a Is 38,7-8.

o. Os ímpios se unem contra o justo na intenção de fazê-lo morrer, porque é para eles uma repreensão viva. Pode-se tratar

de um indivíduo determinado, cuja sorte foi comparada à do Mestre de Justiça de Qumran ou à do Servo Sofredor de Is 53. Mas o singular pode designar também os justos em geral, ainda mais porque o autor trata em seguida do destino coletivo dos justos (3,19).

p. Ou "servo".

q. Aqui, como em 3,7; 4,15; 14,11, traduzimos por *interven-*

Indesculpável erro dos ímpios

- ²¹ Assim é que pensam, mas enganam-se;
 Rm 1.21 sua maldade os cega;
²² desconhecem os secretos desígnios de Deus,
 não esperam recompensa para a vida santa
 e não apreciam a honra reservada às almas puras.
²³ Ora, Deus criou o homem para ser incorruptível
 e o fez imagem daquilo que lhe é próprio.
 Rm 5.12 ²⁴ Mas, pela inveja do diabo a morte entrou no mundo*
 e a experimentam os que são do seu partido¹.

3 Destino imortal dos justos e vida estéril dos ímpios

- ¹ As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus²,
 tormento algum os atingirá.
² Aos olhos dos insensatos passaram por mortos;
 sua partida pareceu uma desgraça
³ e seu afastamento, uma catástrofe;
 entretanto, eles estão na paz!
⁴ Mesmo que, à vista dos homens, tenham sido castigados,
 sua esperança era plena de imortalidade³.

- ⁵ Depois de leves correções*, receberão imensos benefícios.
 Deus os provou
 e os achou dignos de si.
⁶ Purificou-os como o ouro ao crisol
 e os acolheu como a oferta de um holocausto.
⁷ No momento, porém, em que Deus intervir⁴, eles resplandecerão e correrão como centelhas na palha⁵.
⁸ Julgarão as nações e dominarão os povos⁶,
 e o Senhor reinará sobre eles para sempre.
⁹ Os que nele confiam compreenderão a verdade⁷,
 e os que são fiéis no amor permanecerão com ele⁸,
 pois graça e misericórdia são para seus eleitos⁹.
¹⁰ Mas os ímpios receberão castigo segundo merecem seus projetos,
 por terem desprezado o justo⁸ e abandonado o Senhor.
¹¹ Pois os que rejeitam a Sabedoria e sua disciplina⁹ são infelizes:
 sua esperança é vã e seus esforços, sem valor,
 inúteis, também, os seus trabalhos.
¹² Suas mulheres são insensatas,
 seus filhos, depravados
 e sua descendência, amaldiçoada.

ção um termo bíblico que significa também *visitação* (cf. 3.13), *inspeção*, *ajuste de contas* (cf. 19.15). Designa habitualmente uma intervenção divina, favorável ou punitiva, com o objetivo de acabar com um estado de crise ou de opressão (cf. Gn 50.24; Ex 3.16). A expressão toma aqui, por exceção, um alcance individual: Deus intervirá, à última hora, para livrar o justo da morte. Os ímpios zombam dessa esperança.

r. Segundo o contexto, *aquilo que lhe é próprio* (a Deus) deve ser a eternidade; diversos mss. trazem exatamente esta palavra. Retomada original de Gn 1.26-27.

s. Interpretação de Gn 3: o diabo teria invejado a vocação do homem à imortalidade.

t. Isto é: o partido do diabo.

u. A expressão implica, ao mesmo tempo, dependência imediata (Jó 12.10 gr.) e proteção (Dt 33.3). As almas dos justos estão protegidas dos tormentos, sem que se diga, porém, se escapam do Hades (Sheol) ou aí se encontram num lugar especial.

v. Nas provações, os justos venceram, na esperança da imortalidade futura, certos de que Deus lhes recompensaria a constância e a fidelidade.

w. A palavra traduzida por *correções* significa também educação. O tema da educação paternal de Deus (Dt 8.5; Pr 3.12) adquire aqui um alcance escatológico. As *correções leves* dos

justos serão magnificamente compensadas (cf. Rm 8.18; 2Cor 4.17; Hb 12.7-11). Elas também servem à sua purificação (cf. 1Pd 1.6-7).

x. Cf. 2.20 nota. Esta intervenção divina, favorável às almas dos justos, marcará a sua glorificação definitiva.

y. No AT, a imagem da palha em chamas evoca uma destruição rápida e radical, provocada seja pela cólera divina (Ex 15.7; Is 5.24; Na 1.10; Ml 3.19), seja pela vitória de Israel sobre os inimigos (Ab 18; Zc 12.6). Sobre as fúscas que propagam o fogo, cf. Is 1.31. Os justos glorificados seriam então associados a Deus no castigo dos ímpios. Compará-los a fúscas manifesta, também, a entrada num estado novo, luminoso e glorioso.

z. Os justos serão associados ao reinado eterno de Deus sobre todos os povos da terra. Cf. Dn 7.18.22.27.

a. A *verdade* refere-se aqui ao desígnio misterioso e providencial de Deus sobre os homens (cf. 4.17).

b. Ou *os que são fiéis permanecerão junto a ele no amor*.

c. O texto é incerto. Alguns mss. trazem uma versão mais longa: *pois há graça e misericórdia para seus santos, e ele visitará os seus eleitos*.

d. Também se pode compreender assim: *por ter desprezado a justiça*.

e. Retomada quase literal de Pr 1.7 (gr.).

Virtude vale mais que fecundidade^f

¹³ Feliz, sim, é a mulher estéril, mas livre de mancha,
que não conheceu leito pecaminoso^g:
ela produzirá fruto quando da visitação das almas.

¹⁴ Feliz também o eunuco^h cuja mão não praticou o mal
e que não alimentou maus pensamentos contra o Senhor;
ser-lhe-á dada, por sua fidelidade, graça excelente
e um quinhão mais delicioso no Templo do Senhorⁱ.

¹⁵ Pois o fruto dos esforços virtuosos é pleno de glória
e infectível, a raiz da prudência.

¹⁶ Mas os filhos dos adúlteros não se desenvolverão
e a semente do leito pecaminoso desaparecerá.

¹⁷ Mesmo se viverem muito tempo, como nada serão contados
e sua velhice há de ser desprezada até o fim.

¹⁸ Se morrerem cedo, não terão esperança alguma,
nem consolo, no dia do veredicto.

¹⁹ É doloroso o destino de uma linhagem injusta!

4 ¹ Preferível é não ter filho e possuir a virtude,
pois esta deixa uma lembrança plena de imortalidade^j:

ela é reconhecida por Deus e pelos homens.

² Quando presente, é imitada,
quando ausente, lamentada;
na eternidade, triunfa coroada,
vencedora na luta dos combates sem mancha^k.

³ Mas a numerosa descendência dos ímpios será inútil:
brotada de cepos bastardos, não lançará raízes profundas,
nem estabelecerá bases sólidas.

⁴ Mesmo se por um tempo se ramifique,
por falta de firmeza será abalada pelo vento
e desenraizada pela tempestade.

⁵ Seus ramos, nem bem desenvolvidos, serão quebrados.
Seu fruto se perderá, verde demais para ser comido;
para nada servir.

⁶ Os filhos nascidos de sonos culpáveis,
quando do inquérito^l, serão contra os pais testemunhas de sua maldade.

Morte prematura do justo e longa vida dos ímpios^m

⁷ O justo, mesmo que morra prematuramente, conhecerá o repouso.

⁸ Pois velhice honrada não é questão de longevidade;
ela não se mede pelo número de anos.

⁹ Como cabelo branco é para os homens a prudência,

f. O autor recusa-se a dar um valor positivo ou negativo à esterilidade ou à fecundidade em si. Elogia a virtude e condena a impiedade opondo o comportamento virtuoso de uma mulher estéril ao comportamento ímpio de uma mulher fecunda. A oposição não é entre a virgindade e o casamento.

g. A proibição não visa à união sexual em si. Não há razão para pensar que o autor seja mais rigorista que o pensamento judeu do qual está, aliás, imbuído. Ele se refere sem dúvida a uniões proibidas pela lei de Deus, mas sem precisá-las suficientemente. Deve estar englobando aqui, numa mesma categoria, casamento entre judeus e pagãos, casamentos contratados na impiedade e adultérios (3,16; 4,3,6).

h. O eunuco é colocado como contrapeso à mulher estéril. Não se trata, portanto, especialmente de homens que escolheram a castidade, mas de todos os homens, que, casados ou não, não podem gerar filhos. O autor refere-se a Is 56,3-5 que já incluía os eunucos nas assembleias de Israel.

i. Enquanto Isaías (56,5) prometia uma mudança da sorte do

eunuco no Templo messiânico, o autor evoca uma glorificação do eunuco na eternidade. Um lugar de honra lhe será reservado na morada celeste de Deus.

j. A virtude personificada deixa uma eterna lembrança entre os homens. Este tema, de origem grega (Xenofonte, *Memorabilia*, II,1,33), é enriquecido por um motivo bíblico (Sl 112,6) e ligado a Deus; a vida virtuosa assegura a sobrevivência na memória de Deus.

k. A referência aos jogos gregos é evidente: o vencedor fazia uma entrada triunfal, tendo na cabeça uma coroa.

l. Lit. o *inquérito deles*, sem que se saiba, no entanto, a quem se refere: se aos pais, aos filhos ou a ambos ao mesmo tempo.

m. O autor opõe agora a morte prematura do justo à vida longa dos ímpios. Assim como a fecundidade, a longevidade não significa para ele uma marca da bênção de Deus (e isso em contraste com os livros bíblicos anteriores). A evocação de um justo morto antes da idade pode, no caso, referir-se a um fato concreto.

e uma vida sem mancha equivale à idade avançada.

¹⁰ Tendo agradado a Deus, o justo foi por ele amado

e, vivendo no meio dos pecadores, foi levado para longe^a.

¹¹ Foi arrebatado, para que a malícia não lhe alterasse o entendimento, e a perfídia não lhe seduzisse a alma.

¹² Pois o fascínio da frivolidade obscurece os verdadeiros valores e a vertigem do desejo abala a mente sem malícia.

¹³ Em pouco tempo levado à perfeição chegou à plenitude de muitos anos.

¹⁴ Sua alma agradou tanto ao Senhor que apressou-se^a a sair do meio dos perversos.

As pessoas viram e não entenderam, não lhes entrou na cabeça este mistério^b:

¹⁵ graça e misericórdia são para seus eleitos e ele intervirá em favor de seus santos.

¹⁶ A morte do justo condena a vida longa dos ímpios e a juventude, cedo consumada, a longa velhice do injusto.

¹⁷ Eles verão a morte do sábio, sem compreender o que o Senhor quis para ele, nem por que o pôs em segurança^a.

¹⁸ Eles verão, e terão apenas desprezo, mas o Senhor zombará deles^c.

¹⁹ Depois, transformar-se-ão em cadáveres desonrados, alvos de vergonha eterna entre os mortos^d.

Deus os precipitará, silenciados, de cabeça para baixo.

sacudi-los-á desde as suas bases; eles ficarão em desolação até o fim, mergulhados na dor, e sua memória perecerá.

Reações dos ímpios diante do justo glorificado

²⁰ Apresentar-se-ão apavorados para o ajuste de contas de seus pecados, e seus crimes se levantarão contra eles, para acusá-los^e.

5 ¹ O justo, então, se manterá de pé, com toda a segurança, em frente dos que o oprimiam e dos que desprezavam seus esforços.

² Vendo-o, os ímpios tremerão de medo insuportável, estupefatos de verem o justo salvo contra toda expectativa.

³ Dirão entre si^a, arrependidos e com gemidos e soluços, na angústia de seu espírito:

⁴ “Eis aquele de quem outrora zombávamos e a quem tomávamos como objeto de sarcasmo.

Insensatos, considerávamos sua vida uma loucura e infame, a sua morte!

⁵ Como, então, foi contado entre os filhos de Deus e participa da sorte dos santos?”

⁶ Nós, portanto, andamos afastados do caminho da verdade, a luz da justiça^a não nos iluminou e o sol não se levantou para nós!

⁷ Caminhamos até o enjôo nas sendas da injustiça e da perdição, percorremos desertos sem pistas,

n. Ainda jovem, o justo foi retirado do mundo dos mortos e levado para outro lugar. O mesmo verbo é utilizado no arrebatamento de Henoc (Gn 5,24). A semelhança não é fortuita. Nos dois casos, Deus intervém especialmente, mas se Henoc escapou à morte, o justo, porém, teve de passar por ela.

o. Ou ele se apressou em retirá-lo de um meio perverso.

p. Lit. tal fato.

q. Os ímpios são incapazes de compreender que a morte do justo é marca de uma graça divina particular (o exemplo de Henoc poderia tê-los ajudado) e a condenação implícita do ambiente pecador em que vivia. Cf. Is 57,1-2.

r. A respeito desse rir do Senhor, anunciador de castigos, cf. Sl 2,4; 59,9.

s. Livre referência a Is 14,18-19.

t. Cena do julgamento no qual os pecados dos ímpios desempenham o papel da acusação.

u. Como em 2,1; mas desta vez o tom muda. O desfrute dos bens presentes evanesce diante da desolação provocada por uma vida irremediavelmente perdida, e a vontade de zombar do justo se transforma em assombro diante do destino glorioso que lhe coube.

v. Os filhos de Deus e os santos designam aqui, sem dúvida, os anjos (cf. Sl 89,6-8). O justo é introduzido à sua convivência. Esta crença é encontrável na seita de Qumran.

w. A respeito da luz da justiça, cf. Is 58,8-10 e 59,9-10. Os ímpios não aceitaram conformar-se às regras da justiça revelada por Deus.

mas não conhecemos os caminhos do Senhor!

⁸ Para que serviu a nossa arrogância?
Que lucro nos trouxe a riqueza,
da qual nos orgulhávamos?

⁹ Tudo isso esvaneceu-se como a sombra,
como uma mensagem entregue na corrida^a

¹⁰ Como o navio que corta as ondas
agitadas,
sem que se possa encontrar o traço de
sua passagem,

nem o sulco de sua quilha nas ondas,
¹¹ como o pássaro que, atravessando os
ares,
não deixa sinal do trajeto que faz,
pois o ar leve, golpeado pelas penas,
fendido pela impetuosa força
das asas que batem, é atravessado
sem que se encontre, depois, indício
de sua passagem,

¹² como atrás da flecha disparada contra
o alvo
o ar cortado logo volta a se unir,
de tal modo que não se reconhece o
trajeto percorrido,

¹³ assim também nós, mal nascidos,
desaparecemos,
sem ter podido mostrar sinal algum de
virtude:

em nossa malícia fomos consumidos^b.

¹⁴ De fato, a esperança do ímpio é como
palha levada pelo vento
ou como tênue espuma dissipada pela
tempestade;
ela se dispersa como fumaça ao vento,
e se esvanece como a lembrança do
hóspede de um dia.

Futuro glorioso dos justos e destruição da terra

¹⁵ Mas os justos vivem para sempre^c;
no Senhor está a sua recompensa,
o Altíssimo cuida deles.

¹⁶ Receberão a esplêndida coroa real,
o magnífico diadema^a, da mão do
Senhor.

Com sua destra, ele os defenderá
e, com seu braço, lhes dará cobertura.

¹⁷ Tomará por amadura^b o seu ciúme
vingador,

armará a criação toda para castigar
seus inimigos:

¹⁸ vestirá a justiça como couraça,
como elmo porá o julgamento
inapelável,

¹⁹ como escudo sobraçará a santidade
invencível

²⁰ e, como espada, afiará a sua ira
implacável.

O universo inteiro estará ao seu lado,
combatendo os insensatos.

²¹ Rajadas de raios certos partirão
e, como de um arco teso, voarão das
nuvens para o alvo.

²² Como de uma balista serão lançadas
saraivadas de fúria,
as ondas do mar se desencadearão
contra eles,

os rios os submergirão sem piedade.

²³ Um sopro poderoso^c se levantará
contra eles
e como um furacão os dispersará.
A iniquidade terá feito da terra inteira
um deserto
e a maledicência terá derrubado o
trono dos poderosos^d.

Is 59,17;
Ef 6,11-17;
1Ts 5,8

x. Lit. *como uma notícia que passa correndo*. Alusão às mensagens difundidas por rápidos corredores. Cf. Jó 9,25.

y. As imagens do navio, do pássaro e da flecha têm o mesmo alcance. Caracterizam a vida dos ímpios: uma vida efêmera e vã, que não deixa rasto algum.

z. Por contraste, o autor retoma a situação dos justos. Podemos perguntar se evoca a sua condição terrestre, suportada pela esperança numa vida imortal, ou a condição no além, antes de receberem a recompensa suprema. As duas hipóteses talvez se conciliem no pensamento do autor, porque a glorificação dos justos (v. 16a-17) permanece ligada a acontecimentos de alcance terrestre (v. 16c-23).

a. Com *esplêndida coroa real e magnífico diadema* o autor associa livremente reminiscências bíblicas. Cf. Dn 7,18; Is 62,3.

b. Pode-se comparar esta descrição do Deus que se arma para o combate à de Is 59,17, na qual, aliás, o autor se inspira.

c. Este *sopro poderoso*, logo em seguida à evocação do fogo e da água, faz pensar num vento formidável que Deus desencadeia contra os ímpios.

d. A cólera de Deus se estende então a toda a terra, que se torna semelhante a um deserto (cf. Is 24,1-6). O autor se cala com relação ao destino final reservado aos ímpios. A menção dos reinos derrotados talvez prepare a interpelação aos reis, que abre o capítulo seguinte.

II. ELOGIO DA SABEDORIA

6 Frequentem os soberanos a escola da Sabedoria

¹ Escutai, pois, ó reis^e e compreendei! Deixai-vos instruir, vós que julgais por toda a terra!^f

² Prestai ouvidos, vós que dominais multidões e vos orgulhais da multidão de vossas nações^g:

³ é do Senhor que recebestes vosso poder e do Altíssimo, a vossa soberania^h; ele examinará vossas obras e sondará vossas intenções.

⁴ porque, sendo ministros de sua realeza, não julgastes segundo o direito, não respeitastes a lei, nem agistes segundo a vontade de Deus.

⁵ Terrível e repentinamente ele surgirá diante de vós, porque um julgamento implacável se exerce contra os grandes.

⁶ O pequeno é escusável e digno de misericórdia, mas os poderosos serão examinados com vigor.

⁷ O soberano de todos não recuará perante ninguémⁱ e não levará em conta a grandeza: ele criou o pequeno e o grande, e sua providência é a mesma para todos;

⁸ mas aos fortes um duro exame está reservado.

⁹ É, pois, a vós, ó príncipes, que vão minhas palavras, a fim de que aprendais a Sabedoria e não venhais a tropeçar.

¹⁰ Os que tiverem observado santamente as santas leis serão reconhecidos como santos

e os que nelas tiverem sido instruídos encontrarão defesa^j.

¹¹ Sede ávidos de minhas palavras, desejai-as ardentemente, e recebereis educação.

A Sabedoria vem ao encontro do homem

¹² A Sabedoria brilha, não fenece; deixa-se ver facilmente pelos que a amam, deixa-se encontrar pelos que a procuram. ^{1,2}

¹³ Antecipa-se aos que a desejam, sendo a primeira a se dar a conhecer.

¹⁴ Quem parte cedo à sua procura não se afadigará, ^{Sc 4.12}

pois a encontrará sentada à sua porta. ^{Pr 1,21;}

¹⁵ Apaixonar-se por ela é a perfeição do discernimento. ^{K.3gr.}

c quem velar por sua causa estará em breve sem inquietações. ^{Pr K.34}

¹⁶ Pois ela deambula em busca dos que dela são dignos, aparece-lhes benevolmente nos caminhos e vai ao encontro deles em cada um de seus pensamentos^k.

¹⁷ Começo da Sabedoria é o genuíno desejo de ser por ela educado;

¹⁸ querer ser por ela educado é amá-la, amá-la é guardar suas leis, observar suas leis é estar seguro da incorruptibilidade,

¹⁹ e a incorruptibilidade aproxima de Deus.

²⁰ Assim, o desejo da Sabedoria eleva até o reino^l.

²¹ Se, pois, príncipes dos povos, vos comprazeis nos tronos e nos cetros, prestai homenagem à Sabedoria e reinareis para sempre.

e. O autor retoma a interpelação inicial (1.1) prolongando-a com mais insistência. Utiliza mais uma vez, mas de modo diferente. Sl 2.10.

f. Lit. *juizes dos confins da terra*.

g. É bem possível que haja aqui uma alusão ao poder romano.

h. A origem divina do poder é mais claramente afirmada do que em Pr 8.15-16 e Dn 2.21; 4.14 etc. Cf. Rm 13.1.

i. O conjunto do v. inspira-se em Dt 1.7 e Jô 34.17-19.

j. Quando do julgamento divino. Neste v., talvez o autor dis-

tinga duas categorias: os reis de Israel em primeiro lugar e depois os soberanos pagãos, convidados a fazer-se prosélitos.

k. Em todo esse desenvolvimento, a Sabedoria não se identifica simplesmente com um corpo de doutrina. Ela designa, sobretudo, Deus que solicita o homem e quer ser conhecido pelo homem.

l. O autor conclui assim um procedimento grego de argumentação (o *sortes*) para mostrar que o desejo da Sabedoria é o primeiro passo decisivo em direção à realeza celeste que ela outorga (vv. 17-20).

Anúncio de uma revelação sobre a Sabedoria^m

²² Mas que é a Sabedoria e qual a sua origem? Vou anunciá-lo, sem esconder seus mistériosⁿ. Remontarei ao princípio de sua existência,

e exporei à luz do dia o conhecimento de sua realidade; não me desviarei da verdade

²³ e jamais caminharei com a inveja que devora, pois ela exclui a participação na Sabedoria.

²⁴ A multidão dos sábios, ao contrário, assegura a salvação do mundo e um rei sensato, a prosperidade de um povo.

²⁵ Deixai-vos educar por minhas palavras, e delas tirareis proveito.

Condição humana de Salomão

7 ¹ Também eu sou homem mortal, igual a todos,

descendente do primeiro que foi plasmado de terra.

No ventre de uma mãe fui esculpido em carne,

² durante dez meses, tendo tomado consistência no sangue^o

a partir do sêmen viril e do prazer que acompanha o sono.

³ Eu também, desde que nasci, aspirei o ar que é comum a todos e caí sobre a terra onde todos sofrem igualmente:

como para todos, meu primeiro grito foram vagidos.

⁴ Fui envolto nas faixas, cercado de cuidados.

⁵ Nenhum rei iniciou de outra maneira sua existência.

⁶ Para todos, há uma só maneira de entrar na vida, como também, de sair.

Eficácia de sua oração

⁷ Por isso orei^p, e o discernimento me foi dado; implorei, e o espírito da Sabedoria veio a mim.

⁸ Eu a preferi aos cetros e aos tronos e, junto dela, considerei como nada a riqueza;

⁹ não a comparei à pedra preciosa porque todo o ouro do mundo^q, diante dela, seria apenas areia e a prata, perante ela, pareceria lama.

¹⁰ Amei-a mais do que à saúde e à beleza e decidi possuí-la como minha luz, pois sua claridade não conhece declínio.

¹¹ Junto com ela vieram-me todos os bens ao mesmo tempo, pois tinha em suas mãos uma riqueza incalculável.

¹² Tirei proveito de todos esses bens, sabendo-os dirigidos pela Sabedoria^r; ignorava, porém, que ela mesmo fosse o seu autor^s.

¹³ O que aprendi com simplicidade, reparto-o sem reserva: não calarei a sua riqueza.

¹⁴ Pois ela é para os homens um tesouro inesgotável: os que o exploraram^t conseguiram a amizade de Deus, recomendados a ele pelos dons que provêm da educação.

m. Salomão expressa a intenção de definir a Sabedoria. Não conseguirá fazê-lo, a não ser a partir de 7.22, depois de nos relatar longamente a sua própria experiência.

n. Salomão retoma a terminologia das religiões místicas e se apresenta como um mistugogo. Mas reage contra as doutrinas reservadas a um pequeno número de iniciados (cf. também 7.13): a Sabedoria que ele revela é acessível a todos.

o. Diferentemente de Jó 10.10-11, que atribui diretamente a Deus a formação do embrião, o autor descreve unicamente o processo fisiológico. Refere-se a teorias médicas gregas. Os dez meses se explicam tanto pelo hábito de se contar como inteiro o décimo mês começado, como pelo recurso a meses de 30 dias.

p. A importância que Salomão dá à oração tem explicação, sem dúvida, na referência a IRs 3.4-14. Mas ele reage, também, insistindo na sua condição puramente natural (vv. 1-6) contra a crença de que os reis eram seres de exceção, dotados desde o nascimento de uma sabedoria divina.

q. Lit. o ouro todo inteiro.

r. Discreta justificação do usufruto dos bens enumerados, porque dirigidos e regulados por uma sabedoria superior. Cf. por exemplo, Platão: *Eutidemo*, 280B-281E.

s. A idéia de que a Sabedoria é também criadora é insistentemente sublinhada, conforme outros mss.: Cf. 7.22; 8.5-6.

t. Conforme outros mss.: os que o adquiriram.

Invocação a Deus, fonte de todo conhecimento

- ¹⁵ Que Deus me conceda falar com inteligência
e conceber pensamentos dignos dos dons recebidos,
pois é ele quem guia a Sabedoria e dirige os sábios.
- ¹⁶ Em seu poder mantém a nós e nossas palavras,
todo saber e toda ciência das técnicas.
- ¹⁷ Foi ele quem me deu conhecimento exato do real".
Ensinou-me a estrutura do universo e a atividade dos elementos^x,
- ¹⁸ o começo, o fim e o meio dos tempos, as alternâncias dos solstícios e as mudanças das estações,
- ¹⁹ os ciclos do ano e as posições dos astros,
- ²⁰ as naturezas dos animais e os instintos das feras,
os impulsos violentos dos espíritos^w e os pensamentos dos homens,
as variedades das plantas e as propriedades das raízes.
- ²¹ Toda a realidade escondida e manifesta, eu a conheci,
- ²² pois a Sabedoria, artífice do universo, me ensinou.

Natureza da Sabedoria^a

- Há nela um espírito^y inteligente, santo, único, múltiplo^z,
sutil, móvel,
distinto, sem mancha,
claro, inalterável,
amante do bem, diligente,
- ²³ independente, benfazejo, amigo do homem,
firme, seguro, tranqüilo,
que tudo pode, supervisiona tudo,

- e penetra todos os espíritos,
os inteligentes, os puros, os mais sutis.
- ²⁴ Pois a Sabedoria é mais móvel que qualquer movimento:
por causa de sua pureza, passa e penetra através de tudo.
- ²⁵ Ela é um eflúvio do poder de Deus^a,
irradiação pura da glória do Todo-poderoso;
eis por que mancha alguma se insinua nela.
- ²⁶ Ela é um reflexo da luz eterna, Hb 1,3
espelho sem mancha da atividade de Deus
e imagem da sua bondade. Cl 1,15
- ²⁷ Como ela é única, pode tudo:
permanecendo em si mesma, renova o universo
e, ao longo dos tempos, passa nas almas santas
para formar amigos de Deus e profetas.
- ²⁸ Pois são amados de Deus somente os que privam da intimidade da Sabedoria.
- ²⁹ Ela é mais radiosa que o sol e ultrapassa toda constelação.
Comparada à luz, sua superioridade resplandece:
- ³⁰ a noite sucede à luz,
mas o mal não prevalece sobre a Sabedoria.
- 8** ¹ Ela se estende com força de uma extremidade do mundo à outra,
e com bondade governa o universo.

A Sabedoria, esposa ideal para Salomão

- ² Eu a amei e a procurei desde minha juventude,
busquei desposá-la,
apaixonei-me por sua beleza.
- ³ Sua glória eclipsa a nobreza, pois partilha a vida de Deus, Jo 4,4

u. A enumeração que se segue é uma amplificação helenizada de IRs 5,12-13.

v. Todos os fenômenos naturais eram, então, explicados pela teoria dos quatro elementos: o ar, a água, o fogo, a terra.

w. Os espíritos parecem designar as potências misteriosas que agem no universo ou no homem.

x. Esta passagem glorifica a Sabedoria personificada, unindo as exposições de Pr 8,22-31 e Sr 24. Estes textos exerceram influência no NT, especialmente em Jo 1,1-18; Hb 1,1-3.

y. O autor esclarece, primeiramente, a natureza da Sabedoria

pela do espírito que está nela. Este espírito recebe 21 atributos (3 vezes 7) relacionados por grupos de dois ou de três, com certa progressão: propriedades físicas, qualidades morais, disposições providenciais, atributos divinos. Este tipo de enumeração encontra paralelos nos âmbitos gregos e judaicos.

z. Único em sua espécie, este espírito possui, entretanto, múltiplas possibilidades de ação.

a. O autor estabelece agora a natureza da Sabedoria com relação a Deus. Os termos escolhidos evocam uma muito estreita dependência, como em Hb 1,3.

e o soberano do universo a amou.

⁴ Iniciada na própria ciência de Deus,
é ela quem decide suas obras.

⁵ Se a riqueza é um bem desejável na vida,
que há de mais rico que a Sabedoria,
autora de todas as coisas?

⁶ Se nossa inteligência é eficaz,
não é mais ainda a artifice dos seres?

⁷ Ama-se a retidão?
As virtudes são o fruto de seus trabalhos,
pois ela ensina moderação e prudência,
justiça e coragem^b,
e não há nada de mais útil aos homens
na vida.

⁸ Deseja-se ainda aproveitar uma longa
experiência?

Ela conhece o passado e prognostica o futuro,
sabe interpretar as sentenças e resolver
os enigmas,
prevê sinais e prodígios^c,
os momentos e os tempos favoráveis.

⁹ Por isso, resolvi fazer dela a
companheira de minha vida,
sabendo que seria minha conselheira
para o bem,
meu reconforto nos cuidados e na
aflição.

¹⁰ Graças a ela, dizia-me eu, serei
glorificado junto às multidões
e, apesar de jovem, gozarei da estima
dos anciãos.

¹¹ Considerar-me-ão penetrante no
exercício da justiça
e os príncipes, diante de mim, ficarão
maravilhados.

¹² Se me calar, esperarão; se eu falar,
estarão atentos;
se meu discurso se prolongar,
levarão a mão à boca^d.

¹³ Graças a ela, obterei a imortalidade

e deixarei aos pósteros uma lembrança
eterna.

¹⁴ Governarei os povos, e as nações me
serão submissas^e.

¹⁵ Ouvindo meu nome, soberanos
temíveis se encherão de medo;
mostrar-me-ei benigno entre a
multidão e corajoso na guerra.

¹⁶ De volta à casa, repousarei junto a ela,
pois sua companhia não causa amargura
nem sua intimidade, aflição,
mas só contentamento e alegria.

Prelúdio à oração de Salomão

¹⁷ Tendo assim raciocinado comigo mesmo
e considerado, no coração,
que o parentesco com a Sabedoria
assegura a imortalidade;

¹⁸ que sua ternura produz um nobre gozo
e os labores de suas mãos, riqueza
inesgotável;
sua freqüentação assídua, um
julgamento prudente
e a comunicação de suas palavras, a
celebridade,
eu ia por toda parte, procurando
tomá-la por esposa.

¹⁹ Eu era, sem dúvida, criança bem dotada
e recebera, em quinhão, boa alma;

²⁰ ou antes, como era bom, viera a um
corpo sem mancha^f.

²¹ Entretanto, sabendo que só havia de
obter a Sabedoria^g por dom de Deus
— e reconhecer de quem depende um
benefício, era ainda uma prova de
discernimento —
voltei-me para o Senhor e o invoquei,
dizendo-lhe de todo o coração:

9 Oração para obter a Sabedoria

¹ Deus dos pais^h e Senhor
misericordioso,

1Rs 5.14.21:
10.1-9

b. Esta enumeração grega das virtudes cardeais é única na Bíblia.
c. A expressão designa aqui fenômenos naturais insólitos:
eclipses, terremotos etc.

d. Gesto de admiração. Retomada de Jó 29,9.

e. Alusão a 1Rs 5,1 com retomada possível de um motivo
messiânico (Sl 2,8; 18,48; 47,4 etc.).

f. As boas disposições naturais de Salomão (19a) vinculam-se
principalmente à bondade da alma (19b). O autor se exprimiu
como se o "eu" pessoal se identificasse com o corpo que recebe

a alma. Ao tomar consciência de que este modo de falar vai
sobressaltar os leitores gregos, habituados a identificar o "eu"
com a alma, ele se apressa em explicar: a alma de Salomão, seu
verdadeiro "eu" pessoal, vem ao seu corpo (20). Recorrer a esta
concepção grega implica a aceitação de certa preexistência da
alma com relação ao corpo.

g. Lit. de que não seria possuidor.

h. Referência aos patriarcas e a seus descendentes até David.
Cf. 1Rs 8,57.

que fizeste o universo por tua palavra
 2 e por tua Sabedoria formaste o homem,
 para que dominasse as criaturas por ti
 chamadas à existência,

3 para que governasse o mundo com
 piedade e justiça
 e proferisse os julgamentos com
 retidão de alma,

4 dá-me a Sabedoria que partilha o teu
 trono
 e não me excludas do número de teus
 filhos.

5 Vê, eu sou teu servo e filho de tua serva¹,
 homem fraco e de vida breve,
 desprovido para o entendimento do
 direito e das leis.

6 De resto, por mais que alguém fosse
 perfeito entre os filhos dos homens,
 sem a Sabedoria que vem de ti, seria
 contado como nada.

7 Foste tu que me preferiste¹ para rei do
 teu povo,
 juiz de teus filhos e de tuas filhas^k.

8 Ordenaste-me construir um Templo em
 tua montanha santa
 e um altar, na cidade onde
 estabeleceste a tua morada,
 à imitação da tenda santa que tinhas
 preparado desde a origem¹.

9 Junto de ti está a Sabedoria que
 conhece tuas obras
 e que estava presente quando criavas o
 mundo.

Ela sabe o que é agradável a teus olhos
 e o que é reto segundo teus
 mandamentos.

10 Fá-la descer dos santos céus,
 do trono de tua glória digna-te enviá-la
 para que se afadigue a meu lado
 e eu conheça o que te agrada.

11 E ela, que sabe e compreende tudo,
 guiar-me-á em minha conduta com medida
 e me protegerá por sua glória.

12 Assim meus atos poderão ser-te
 agradáveis,
 julgarei teu povo com equidade
 e serei digno do trono de meu pai.

A Sabedoria necessária ao homem

13 Qual homem poderia conhecer a
 vontade de Deus?

Quem poderia fazer idéia das intenções
 do Senhor?

14 Os pensamentos dos mortais são
 hesitantes,
 precárias, nossas reflexões.

15 O corpo, submetido à corrupção,
 entorpece a alma;
 o invólucro de terra é um fardo para
 o espírito solicitado em todos os
 sentidos^m.

16 Já temos dificuldade em representar-
 nos as realidades terrestres,
 mesmo o que está a nosso alcance,
 descobrimo-lo com esforço.
 E as realidades celestes, quem as
 explorou?

17 Quem teria conhecido tua vontade,
 se tu mesmo não concedesses a
 Sabedoria
 e das alturas não enviasses teu santo
 espírito?

18 Assim endireitaram-se as veredas dos
 habitantes da terra,
 os homens foram instruídos no que te
 agrada
 e pela Sabedoria foram salvos.

10 A Sabedoria dirige a história, das origens até o Êxodo

1 Por ela, o primeiro plasmado, pai do
 mundo,
 foi guardado com carinho depois de ter
 sido criado solitárioⁿ.
 Depois o arrancou de sua própria
 transgressão^o

i. Retomada literal do Sl 116,16.

j. Provável alusão à eliminação de Adonias (1Rs 1) e dos
 outros filhos de David (1Cr 28,5-6).

k. Em Is 43,6, as mulheres são denominadas *filhas de Deus*, ao
 mesmo título que os homens são seus *filhos*. Cf. Dt 32,19; Ez 16,20.

l. O autor remete diretamente ao exemplo divino do santuário
 mosaico. Cf. Ex 25,9.

m. Idéia semelhante encontra-se em Platão (*Fédon* 66B-67B)
 e a associação dos principais termos relembra também Platão
 (*Fédon* 81B-C, *Fédro* 247B).

n. Alusão à solidão do primeiro homem logo após sua criação.
 Ele precisava então de uma especial proteção da Sabedoria.

o. O autor menciona aqui a transgressão do homem para insis-
 tir no papel salvífico da Sabedoria.

- ² e deu-lhe a força de tudo dominar^p.
³ Mas o homem injusto que dela se afastou por sua cólera pereceu^q nos seus furores fraticidas.
⁴ A terra, por causa dele^r submersa pelo dilúvio, foi ainda salva pela Sabedoria, que pilotou o justo sobre um lenho sem valor.
⁵ E quando as nações, unânimes no mal, foram confundidas^s, foi ela quem reconheceu o justo, guardou-o irrepreensível diante de Deus e permitiu-lhe ser mais forte que sua ternura para com o filho^t.
⁶ Da mesma forma, enquanto os ímpios pereciam, ela preservou o justo fugitivo diante do fogo que se abatia sobre as cinco cidades^u.
⁷ Em testemunho de sua perversidade subsiste ainda hoje uma terra árida e fumegante, plantas com frutos que as estações não amadurecem e uma coluna de sal, levantada em memória de uma alma incrédula^v.
⁸ Os que menosprezam a Sabedoria não só tornaram-se incapazes de conhecer o bem, mas ainda deixaram para a posteridade uma lembrança de sua loucura, para que, em suas próprias faltas, não pudessem ficar ocultos.
⁹ A seus servos, porém, a Sabedoria livrou de suas provações.
¹⁰ Ao justo, que fugia da cólera de seu irmão,

- ela guiou por veredas retas: mostrou-lhe o reino de Deus^w e deu-lhe o conhecimento das coisas santas^x;
 fê-lo prosperar no meio de suas fadigas e multiplicou o fruto de seus trabalhos^y;
¹¹ assistiu-o contra a cobiça dos exploradores e ainda o enriqueceu;
¹² guardou-o de seus inimigos e protegeu-o contra os que lhe armavam ciladas; atuou como árbitro a seu favor em rude combate, para que soubesse que a piedade é mais poderosa do que tudo^z.
¹³ Ela também não abandonou o justo que foi vendido^a, mas preservou-o do pecado^b;
¹⁴ desceu com ele ao fosso^c e não o abandonou em suas cadeias até entregar-lhe^d o cetro da realeza e a autoridade sobre os que eram seus senhores; convenceu de mentira seus caluniadores e conferiu-lhe uma glória eterna^e.
¹⁵ Por ela o povo santo, descendência irrepreensível, foi libertado de uma nação de opressores.
¹⁶ Ela entrou na alma de um servo do Senhor^f e por prodígios e sinais, opôs-se a reis temíveis.
¹⁷ Entregou aos santos o salário de seus duros trabalhos

p. Trata-se do poder de domínio do homem sobre as criaturas (cf. 9,2-3).

q. A morte de Caím é apresentada como a consequência espiritual de seu crime.

r. Neste resumo, o dilúvio parece ter sido provocado pelo crime de Caím. Mas Gn 6,1-5, e mais adiante em 14,6, o atribui a outras causas.

s. Torre de Babel e confusão das línguas, Gn 11,1-9.

t. Lit. *manteve-o firme contra a ternura por seu filho*. Episódio do sacrifício de Isaac por Abraão, Gn 22,1-19.

u. Lot escapa à destruição das cidades daquele vale. Gn 19,1-25. v. A imaginação popular relacionou a excepcional aridez da região de Sodoma e Gomorra com o castigo divino destas cidades. A *coluna de sal* é mencionada em Gn 19,26.

w. Alusão ao sonho de Jacó, Gn 28,10-22. Deus lhe revela como exerce a realeza.

x. A expressão provavelmente refere-se à fundação do santuário de Betel, Gn 28,16-22; 35,6-7. Outra tradução possível é *conhecimento dos santos*, isto é, dos anjos, contemplados em sonho, Gn 28,12.

y. Lit. *multiplicou seus trabalhos*. O autor evoca o duro período durante o qual Jacó esteve a serviço de Labão, Gn 31,38-42.

z. Uma interpretação espiritual de Gn 32,23-32; Jacó triunfou por causa de sua piedade, obtendo a bênção solicitada.

a. Trata-se de José, vendido por seus irmãos. Cf. Gn 37,12-36.

b. A sedutora de Gn 39,7-12 torna-se uma espécie de personificação do pecado.

c. A palavra grega assim traduzida remete seja à cisterna de Gn 37,24, seja à prisão egípcia de Gn 40,15. Ao mesmo tempo o autor aplica aqui à Sabedoria uma reminiscência de Dn 3,49.

d. Lit. *até que lhe trouxesse*.

e. A glória de José no passado (Gn 41,37-45) era muito presente aos judeus do Egito e da Palestina (1M 2,60).

f. A Sabedoria inspirou o comportamento de Moisés.

e os conduziu por um caminho maravilhoso^a:

tomou-se para eles abrigo durante o dia e chamejar de estrelas durante a noite^b.

¹⁸ Ela os fez atravessar a pé o mar Vermelho, fê-los passar através de águas caudalosas.

¹⁹ Quanto aos inimigos, ela os engoliu e depois, num burburinho, expeliu-os do fundo do abismo.

²⁰ Eis por que os justos despojaram os ímpios^c e cantaram, Senhor, teu nome santo,

unânimes celebrando a tua mão que os havia defendido^d.

²¹ Pois a Sabedoria abriu a boca dos mudos e soltou a língua dos pequeninos^e.

11 ¹ Ela conduziu a bom termo suas empresas, graças a um santo profeta^f.

² Quanto a eles, atravessaram um deserto inóspito e armaram suas tendas em lugares jamais pisados;

³ enfrentaram inimigos e repeliram adversários.

III. MEDITAÇÃO SOBRE O ÊXODO

Comparação entre a sede dos israelitas e a dos egípcios

⁴ Eles sentiram sede e te invocaram: de um rochedo escarpado foi-lhes dada água,

de dura rocha, o alívio de sua sede^m.

⁵ Assim, as mesmas realidades que tinham servido para castigar seus inimigos tornaram-se para eles um benefício em sua afliçãoⁿ.

⁶ Em lugar do jorro contínuo de um rio perturbado por um sangue lamacento

⁷ em castigo do decreto infanticida^o, tu deste a eles, contra toda esperança, água abundante,

⁸ depois de lhes ter mostrado, pela sede então sofrida, como havias punido seus adversários.

⁹ De fato, com essa provação, embora disciplinados com misericórdia,

ficaram sabendo que tormentos sofriam os ímpios julgados com cólera.

¹⁰ Os teus, puseste-os à prova como pai que adverte^p; mas àqueles, tu lhes pediste contas como rei severo que condena.

¹¹ Longe ou perto dos teus, aqueles sofriam do mesmo modo:

¹² dupla tristeza apoderou-se deles^q, com um gemido à lembrança do passado;

¹³ pois, ao saberem que, pelo próprio instrumento de seu castigo, os outros tinham sido favorecidos, perceberam a intenção do Senhor^r.

¹⁴ E aquele a quem outrora haviam rejeitado, expondo-o^s, e depois mandado embora com zombaria, encheu-os de espanto no fim dos acontecimentos, pois tinham passado sede de maneira diferente dos justos^t.

g. *Surpreendente*: quer pela direção tomada (cf. Ex 13,17), quer pelos prodígios que o acompanham.

h. A Sabedoria é identificada com a coluna de nuvem, proteção contra o calor do dia e luz na escuridão da noite (cf. Ex 13,21-22; 14,19-20).

i. O fato não é mencionado pelo relato bíblico. O autor deve estar retomando um assunto já tradicional ligado a Ex 14,30.

j. Alusão ao cântico de Moisés, Ex 15.

k. Lit. *tornou clara, distinta*. Reminiscência de Is 35,6 e Sl 8,2-3.

l. A expressão designa Moisés.

m. Episódio da sede no deserto (Ex 17,1-7) referido também em Dt 8,15 e Sl 114,8.

n. Enunciado de um princípio geral que vai servir de apoio a uma série de antíteses.

o. Cf. Ex 1,22. O autor estabelece uma relação de dependência entre este decreto e a primeira praga (a água do Nilo transformada em sangue. Ex 7,14-25).

p. O tema das correções paternas de Deus (cf. 3,5 nota) recebe aqui uma aplicação histórica.

q. *Em dobro*, porque a sede experimentada outrora é evocada na memória (v. 12b) e há neles um vivo sentimento de estarem sob o julgamento de Deus (v. 13).

r. Lit. *eles sentiram o Senhor*.

s. Trata-se da "exposição" (= abandono) de Moisés na margem do Nilo. Cf. Ex 1,22; At 7,19,21.

t. Quando do milagre da água no deserto.

O culto dos animais castigado com moderação

¹⁵ Por causa dos pensamentos insensatos, inspirados por sua injustiça, que os fizeram errar até levá-los a render culto a répteis sem razão e a vis animais,

Rm 1.20-23

tu lhe enviaste em castigo uma multidão de animais sem razão^u,

12.23;

Jr 2.19;

Sl 7.15-17;

Pr 1.31

¹⁶ para que saibam que cada um é punido por aquilo em que peca.

¹⁷ Não era difícil à tua mão todo-poderosa, que criou o mundo a partir de matéria informe^v,

enviar contra eles uma multidão de ursos ou de leões ferozes,

¹⁸ ou monstros desconhecidos, criados de propósito, cheios de furor capazes de exalar um hálito de fogo, de expelir uma fumaça infecta, ou lançar pelos olhos faíscas terríveis.

¹⁹ Não só o seu malefício teria podido aniquilá-los num instante, já a sua vista teria bastado a fazê-los perecer de pavor.

²⁰ Aliás, mesmo sem essas feras, eles poderiam ser derrubados com um único sopro,

perseguidos pela justiça e dispersados pelo sopro do teu poder, mas tudo dispuseste com medida, número e peso^w.

Onipotência e amor de Deus

²¹ Tua grande força está sempre à tua disposição: quem, pois, resistirá ao vigor de teu braço?

²² Sim, o mundo todo está diante de ti como o peso ínfimo que desequilibra uma balança^x.

como a gota de orvalho matinal que desce para o solo^y.

²³ Mas tu, de todos tens piedade porque tudo podes, e afastas os olhos dos pecados dos homens para levá-los ao arrependimento. Rm 2.4

²⁴ Tu amas todos os seres^z e não detestas nenhuma de tuas obras: tivesses odiado uma delas, não a terias criado.

²⁵ Como teria subsistido um ser qualquer, se tu não o tivesses querido, ou teria sido conservado, sem ter sido chamado por ti^{aa}?

²⁶ Tu os poupas a todos porque são teus, ó Soberano que amas a vida,

12 e o teu espírito incorruptível está em todos os seres!

Sl 104.

29-30;

Jó 34.14-15

Castigo progressivo dos cananeus

² É por isso que repreendes progressivamente os culpados e os advertes, lembrando-lhes aquilo em que pecam, a fim de que renunciem ao mal e creiam em ti, Senhor.

³ Assim foi com os antigos habitantes da terra santa,

⁴ que detestaste por causa de suas práticas odiosas^b: obras de magia, ritos ímpios,

⁵ assassinatos cruéis de crianças, festim de carne e sangue humanos onde se comem até as entranhas; esses verdadeiros iniciados surpreendidos em plena orgia,

⁶ pais assassinos de seres sem defesa, tinham querido fazê-los perecer pela mão de nossos pais,

⁷ a fim de que recebesse uma digna colônia de filhos de Deus

u. O culto egípcio aos animais recebe o castigo através das pragas do Egito, nas quais intervêm animais. Este tema, após uma longa interrupção, será desenvolvido em 16.1-4.

v. Esta expressão, tomada da filosofia grega, designa, sem dúvida, o caos inicial de Gn 1.2. Em si mesma, não implica a eternidade da matéria, mas o autor não diz se é ou não criada.

w. Fórmula de origem grega, cujo sentido é esclarecido por Is 40.12 e Jó 28.25-26. Refere-se à ordem estabelecida por Deus na criação e ao governo providencial do mundo.

x. Lit. *como o peso ínfimo retirado dos pratos da balança*. y. Encontram-se aqui modificadas duas imagens utilizadas por Is 40.15.

z. O amor de Deus por todos os seres existentes é justificado pela criação considerada como uma obra de amor.

aa. A respeito do "chamado" das criaturas à existência, cf. Is 41.4; 48.13; Rm 4.17. — Notar-se-á a estreita ligação entre criação e preservação dos seres.

b. O autor amplia os dados bíblicos sobre as "abominações" dos cananeus (Dt 12.29-31; 18.9-12; Sl 106.36-36 etc.).

esta terra, que te é cara entre todas.

⁸ Entretanto, mesmo a esses, tu os poupaste porque eram seres humanos, e enviaste vespas, como percursoras do teu exército,

para os exterminar pouco a pouco.

⁹ Por certo, terias podido numa batalha entregar os ímpios às mãos dos justos ou destruí-los num instante, por feras temíveis ou por uma palavra decisiva.

¹⁰ Mas exercendo passo a passo a tua justiça, davas lugar ao arrependimento, não ignorando que sua natureza era viciada,

sua perversidade, inata, e sua mentalidade jamais mudaria,

¹¹ pois era uma semente maldita desde a origem^e.

Não é tampouco por medo de alguém, que lhes havias oferecido a impunidade de seus pecados.

¹² De fato, quem ousará dizer-te: Que fizeste?

Quem se oporá à tua decisão?

Quem, ainda, te citará em juízo pela ruína de povos que tu mesmo criaste?

Quem virá depor contra ti, como defensor de homens injustos?

¹³ Além de ti, não há outro Deus que tome conta de tudo,

a quem deverias provar que não julgaste injustamente.

¹⁴ Não há, igualmente, rei nem soberano que possam enfrentar-te, para defender os que tu castigaste.

O domínio absoluto de Deus, fonte de sua justiça

¹⁵ Porque és justo, governas o universo com justiça, e condenar alguém que não mereça ser castigado

parece-te incompatível com o teu poder.

¹⁶ Pois tua força é a fonte de tua justiça e teu domínio sobre todos te faz usar de clemência para com todos.

¹⁷ Demonstra sua força aquele cujo poder absoluto é posto em dúvida; ele confunde a arrogância dos que reconhecem esse poder^d.

¹⁸ Mas tu, que controlas tua força, julgas com serenidade e nos governas com toda moderação, pois estás ao teu alcance, quando quiseses, o poder de agir.

Aplicação moral

¹⁹ Procedendo assim, ensinaste a teu povo que o justo deve ser amigo dos homens, e cnchestes teus filhos de esperança ao ofereceres o arrependimento pelos pecados.

²⁰ Se puniste os inimigos de teus filhos, homens votados à morte, com tal preocupação de indulgência, dando-lhes o tempo e a oportunidade de renunciar ao mal,

²¹ com quanto mais precauções julgaste teus filhos,

depois de ter oferecido a seus pais juramentos e alianças com magníficas promessas^f!

²² Assim, para nos educar, flagelas nossos inimigos com moderação^f, a fim de que pensemos na tua bondade quando temos de julgar, e contemos com a tua misericórdia quando nos julgas.

Conclusão sobre o culto dos animais

²³ Eis por que, os que em sua loucura tinham levado uma vida injusta, tu os atormentaste com suas próprias abominações.

²⁴ Com efeito, eles tinham-se extraviado para além dos caminhos do erro:

e. O autor lembra aqui a maldição lançada contra o antepassado epônimo dos cananeus (Gn 9.25).

d. O texto não é claro. De acordo com alguns mss., nós lemos o verbo na terceira pessoa em lugar da segunda. O autor parece opor o comportamento de um soberano inseguro de seu poder ao de Deus, senhor da própria força (cf. v. 16 e 18).

e. O autor reporta-se à época patriarcal, quando Deus se comprometeu, por juramento e aliança, com Abraão (Gn 15; 17: 22, 16-18) e depois com seus descendentes (Gn 26.3-4; 50.24 etc.).

f. Com moderação, conjectura que é cada vez mais mantida; a explicação "com dez mil golpes" que há nos mss. está em contradição com as idéias desenvolvidas.

consideravam como deuses os mais vis e desprezíveis dos animais^g, deixando-se iludir como criancinhas sem juízo.

²⁵ Então, como a crianças sem raciocínio, enviaste um castigo de zombaria.

²⁶ Aqueles, porém, que não compreenderam essas punições para crianças, sofrerão um digno julgamento de Deus.

²⁷ Exasperados por esses animais que os faziam sofrer, e vendo-se castigados pelos que eles tomavam por deuses, reconheceram por experiência o Deus verdadeiro a quem outrora recusavam conhecer^h.

Por essa razão caiu sobre eles a suprema condenaçãoⁱ.

Polêmica contra a idolatria^j. Divinização dos elementos

13 ¹São fúteis todos aqueles, homens por natureza, nos quais se instalou o desconhecimento de Deus: a partir dos bens visíveis, não foram capazes de conhecer Aquele que é^k, como também não reconheceram o Artífice^l, mesmo considerando suas obras.

² Foi o fogo, o sopro ou o ar veloz, o ciclo dos astros ou a água impetuosa, ou os luzeiros do céu regulando o curso do mundo que eles tomaram como deuses^m.

³ Se, encantados por sua beleza, consideram-nos como deuses, que saibam quanto o Senhor dessas coisas lhes é superior,

pois criou-as Aquele que está na origem da beleza.

⁴ Se estão admirados com o seu poder e a sua eficácia,

compreendam, a partir dessas realidades, quanto é mais poderoso Aquele que as fez.

⁵ Pois a grandeza e a beleza das criaturas conduzem por analogia a contemplar o seu Criador.

⁶ Entretanto, esses homens merecem repreensão menor: talvez se extraviem apenas na sua maneira de procurar Deus e de querer encontrá-lo.

⁷ Mergulhados em suas obras, perscrutam e cedem então à aparência, pois é belo o espetáculo do mundo!

⁸ Todavia, mesmo esses não são desculpáveis por isso.

⁹ Se chegaram a ser tão sábios, a ponto de poderem conjecturar o curso eterno das coisas, como não descobriram mais cedo o seu Senhor?

Os ídolos fabricados por mão humana e o exemplo clássico do artesanato

¹⁰ Infelizes, porém, com sua esperança em objetos sem vida, são os que chamaram deuses as obras de mãos humanasⁿ:

ouro e prata trabalhados com arte, representando seres vivos, ou pedra sem valor, trabalhada por mão do passado.

¹¹ Um artesão^o, por exemplo, serrou uma árvore, fácil de transportar.

g. Tradução incerta de um texto pouco seguro.

h. Nesta frase, de articulação curiosa, o autor faz primeiramente alusão aos animais utilizados nas pragas do Egito. Em seguida assimila-os aos animais venerados pelos egípcios. — O reconhecimento do Deus verdadeiro, de acordo com os textos do Êxodo, ficou na exterioridade e foi passageiro: foi sob a pressão dos acontecimentos que Faraó deixou os hebreus saírem do país (Ex 9,27-28).

i. Através da morte dos primogênitos e do afogamento dos egípcios no mar Vermelho.

j. A alusão ao culto dos animais dá margem a uma longa digressão (caps. 13-15). O autor denuncia duas grandes formas de idolatria: a divinização da natureza (13,1-9) e o culto aos ídolos fabricados (13,10-15,17), retornando depois ao culto dos animais.

k. Cf. Ex 3,14 gr.

l. Título grego. O universo é concebido como uma obra fabricada com arte por uma causa inteligente.

m. O autor não visa ao culto prestado pelos diversos povos a tal ou qual força natural, mas às crenças filosóficas e científicas que divinizam os elementos da natureza. Os antigos filósofos gregos tinham dado sucessivamente prioridade a este ou aquele elemento. A divinização dos astros permanecia uma constante no pensamento grego, mas o estoicismo é especialmente visado aqui.

n. Esta outra forma de idolatria, proibida formalmente pela Bíblia (cf. Ex 20,4-5; Dt 4,15-18 etc.) e muitas vezes denunciada entre os outros povos (cf. Is 40,18-20; 44,9-20; Jr 10,1-15 etc.), vai ser criticada sob diversos aspectos.

o. Esta descrição irônica inspira-se em Is 44,13-17, e também em Jr 10,3-5,9.

- Agora raspa-lhe a casca toda, com habilidade,
trata-a com a devida arte
e fabrica um utensílio, destinado às necessidades da vida.
- ¹² Quanto aos refugos do seu trabalho, fá-los queimar para preparar sua comida e se farta;
- ¹³ resta uma sobra que para nada serve, pois é madeira retorcida e cheia de nós: ele a toma e esculpe, para ocupar seu lazer,
talha-a com a competência de sua habilidade
e a faz representar uma imagem de homem;
- ¹⁴ ou torna-a semelhante a um vil animal, depois de ter-lhe passado vermelho, pintado sua tez de encarnado e recoberto todas as suas falhas.
- ¹⁵ Prepara-lhe então um nicho apropriado, instala-a no muro e fixa-a com ferro:
- ¹⁶ Tomou, portanto, precauções para que não caia,
sabendo-a incapaz de se ajudar a si mesma, porque é uma imagem precisada de ajuda.
- ¹⁷ Entretanto, ao orar para ter bens, casamento e filhos,
não se envergonha de dirigir-se a esse objeto sem vida:
invoca saúde a quem está sem força,
- ¹⁸ implora vida a quem está morto, suplica proteção a quem não tem valia alguma,
confia suas viagens a quem não é capaz de dar um passo;
- ¹⁹ e por seus meios de vida, seu trabalho e o bom êxito de suas mãos,
pede ajuda vigorosa a mãos sem vigor.

14 Outro exemplo a propósito da navegação

¹ Outro prepara um navio, dispondo-se a

- percorrer as ondas cruéis,
e invoca um lenho^p mais carcomido que o navio que o transporta.
- ² Pois este foi concebido com o desejo de adquirir recursos
e foi construído por uma sabedoria engenhosa.
- ³ Mas é a tua providência^q, ó Pai, que segura o leme:
tu traçaste um caminho sobre o mar, vereda segura entre as ondas^r,
- ⁴ mostrando por isso que podes salvar de todo perigo,
mesmo se alguém embarca sem nenhuma competência.
- ⁵ Não queres que as obras de tua Sabedoria fiquem improdutivas:
por isso os homens confiam suas vidas a um lenho ínfimo
e puderam atravessar o mar encapelado sobre uma jangada, escapando a todo perigo.
- ⁶ Assim, nas origens, quando pereciam os gigantes^s orgulhosos,
a esperança do mundo refugiou-se numa jangada
e, dirigida por tua mão, conservou para o futuro uma semente de geração^t.
- ⁷ Bendito o lenho tornado instrumento de justiça!
- ⁸ Maldito, porém, o ídolo fabricado, ele e seu autor,
este, por tê-lo talhado, e aquele, coisa corruptível, por ter sido chamado deus.
- ⁹ Pois Deus detesta igualmente o ímpio e sua impiedade,
- ¹⁰ e a obra será castigada com o artesão.
- ¹¹ Sim, a intervenção divina se estenderá aos ídolos das nações^u
porque se tornaram uma abominação na criação de Deus,
escândalo para as almas dos homens e armadilha, sob os passos dos insensatos.

p. O ídolo de madeira colocado na proa do barco.

q. Termo grego que, com a idéia que expressa, aparece apenas aqui e em 17.2, na Bíblia grega. A navegação é protegida pela Providência. A mesma idéia aparece no SI 107.23-30.

r. Utilização quase literal de Is 43.16 e do SI 77.20 (a respeito da passagem pelo mar Vermelho), para ilustrar a eficácia da

proteção divina contra as tempestades.

s. Referência aos gigantes, mencionados por Gn 6.1-4; outras alusões em Br 3.26-28; Jr 16.7.

t. Alusão à arca de Noé. Cf. 10.4.

u. Este anúncio de uma intervenção divina punitiva (cf. 2.20) contra os ídolos retoma Jr 10.15.

Dupla explicação da origem dos ídolos de forma humana

¹² Na origem dessa prostituição^v está a idéia de fabricar imagens.

e sua descoberta trouxe a corrupção da vida.

¹³ Elas não existiam no começo, como também não subsistirão indefinidamente.

¹⁴ Por causa do julgamento superficial dos homens, fizeram sua entrada no mundo:

da mesma forma, um súbito fim lhes está destinado.

¹⁵ Afogado por um luto prematuro, um pai manda fazer uma imagem de seu filho inesperadamente arrebatado

e, ao que não era mais do que um cadáver de homem, presta agora honras como a um deus,

e transmite aos seus subalternos mistérios e ritos;

¹⁶ depois, fortificado pelo tempo, esse ímpio costume fica sendo observado como lei^w.

Da mesma forma, por ordem dos soberanos, as imagens talhadas tornaram-se objeto de culto:

¹⁷ como não se podia honrá-los em sua presença, por causa da distância, reproduziu-se a sua aparência, vista de longe.

e mandou-se fazer uma imagem visível do rei venerado

a fim de testemunhar uma adulação solícita ao ausente, como se estivesse presente.

¹⁸ Mesmo entre os que não o conheciam, a extensão do culto foi estimulada pela ambição do artista.

¹⁹ Pois este, querendo talvez agradar ao soberano, empenhou sua arte para realçar mais a beleza que a semelhança;

²⁰ a multidão foi seduzida pelo encanto da obra

e esse homem, ao qual antes prestavam-se honras, tornou-se alvo de adoração^x.

²¹ Assim, a vida humana deixou-se prender na armadilha quando os homens, vítimas da desgraça ou do poder, atribuíram à pedra e à madeira o nome indizível.

Consequências da idolatria

²² Eles não se contentaram em errar no conhecimento de Deus mas, vivendo no vasto conflito gerado pela ignorância, ousam dar a tais flagelos o nome de paz.

²³ Com seus ritos infanticidas, seus mistérios ocultos ou suas procissões frenéticas, com cerimônias extravagantes,

²⁴ não respeitam mais nem as vidas, nem a pureza dos casamentos, mas um elimina o outro traiçoeiramente ou o aflige pelo adultério.

²⁵ Tudo é confusão: sangue e assassinato, roubo e fraude, corrupção, deslealdade, distúrbios e perjúrio,

²⁶ inversão de valores, esquecimento dos benefícios, contaminação das almas, perversão sexual, anarquia dos casamentos, adultério e devassidão.

²⁷ Pois o culto dos ídolos impessoais é o começo, a causa e o cúmulo de todo o mal,

²⁸ seja por se abandonarem a uma alegria delirante ou à prolação de falsos oráculos,

seja por viverem na injustiça ou perjurar com facilidade.

²⁹ Como depositam confiança em ídolos inertes,

v. Utilizado aqui no seu sentido bíblico, o termo designa a infidelidade religiosa de Israel, a sua prostituição aos deuses pagãos e aos ídolos (Nm 14,33; 2Rs 9,22; Jr 2,20; Os 4,12; 5,4; 6,10 etc.).

w. Esta primeira explicação se inspira numa prática atestada

no mundo greco-romano: a "apoteose" dada às crianças mortas.

x. A divinização do soberano vivo é feita, portanto, por intermédio de sua estátua. O culto que lhe é prestado obedece às prescrições oficiais (o que, entretanto, é difícil de datar) e à piedade popular estimulada pela qualidade artística da obra.

estão seguros, após seus juramentos nefandos, de não sofrer dano algum.

- ³⁰ Entretanto, duplo castigo os atingirá: porque pensaram mal de Deus, apegando-se aos ídolos, e com malícia juraram falso, desprezando a santidade.

- ³¹ Pois não é o poder das coisas pelas quais se jura mas a justiça, reservada aos pecadores, que segue sempre a transgressão dos injustos.

15 A fé de Israel o preservou da idolatria

Ex 34,6

- ¹ Mas tu, nosso Deus, és bom e fiel, és paciente e governas todos os seres com misericórdia.
- ² Mesmo se pecamos permanecemos teus, porque reconhecemos teu poder; mas não pecaremos, sabendo que somos contados como teus.
- ³ Pois conhecer-te é a justiça perfeita e reconhecer o teu poder é a raiz da imortalidade^y.
- ⁴ Não nos enganou a invenção humana de uma arte perversa, nem o trabalho estéril dos pintores de ilusão que produzem uma forma lambuzada, de cores variadas.
- ⁵ cuja vista acaba por despertar a paixão dos insensatos e lhes faz desejar a forma inerte de uma imagem morta.
- ⁶ Amantes do mal e dignos de tais esperanças são tanto os que as fabricam como os que as desejam ou as adoram!

Exemplo do oleiro idólatra

- ⁷ Também o oleiro^z, que amassa penosamente a terra amolecida e molda cada um dos utensílios para nosso uso:

com a mesma argila, ele forma tanto os vasos destinados a usos nobres como aos opostos, tudo da mesma maneira; qual será a função de cada um deles, é o oleiro quem decide.

- ⁸ Depois, entregando-se a um trabalho ímpio, utiliza-se da mesma argila para moldar um deus ilusório, enquanto, apenas nascido da terra, voltará dentro em breve à terra de onde Gn 3,19 foi tirado, quando se lhe exigir que restitua sua Lc 12,20 alma.

- ⁹ Em lugar de preocupar-se com a morte inevitável e com a brevidade de sua vida, ele rivaliza com os ourives e os que fundem a prata, imita os que moldam o bronze e considera uma glória fabricar falsificações.

- ¹⁰ Seu coração é apenas cinza^a; mais vil que a terra, a sua esperança; e sua vida, mais desprezível que a argila.

- ¹¹ Pois não reconhece Aquele que o moldou, que nele inspirou uma alma ativa e lhe insuflou um espírito que faz viver^b.
- ¹² A seus olhos, nossa vida é um jogo e a existência, uma feira de negócios: é preciso, diz ele, tirar proveito de tudo, mesmo do mal.

- ¹³ Esse homem, portanto, mais que ninguém, sabe que peca ao fabricar, com matéria terrena, tanto vasos frágeis como ídolos.

Ilimitada idolatria dos inimigos de Israel

- ¹⁴ Mas todos^c se revelam insensatos em extremo e mais infelizes que uma alma infantil, os inimigos e opressores do teu povo.

y. O conhecimento em questão não é puramente intelectual, mas, segundo o uso bíblico, impregna a vida inteira. A respeito da relação entre justiça e imortalidade, cf. 1.15.

z. Retomada original de um motivo bíblico para expressar a liberdade do Criador: cf. Is 29,16; 45,9; Jr 18,2-6 e Rm 9,20-21.

a. Utilização literal de Is 44,20 gr.

b. Interpretação feita com a ajuda de termos eruditos (*alma ativa e espírito que faz viver*) das expressões *sopro de vida e alma vivente* de Gn 2,7.

c. O autor generaliza e insiste em outro traço da idolatria egípcia: além do culto aos animais, a adoção de ídolos estrangeiros.

- 15 Pois consideraram deuses todos os ídolos das nações
 SI 115,4-7 que não têm o uso dos olhos para ver,
 135,15-17 nem das narinas para aspirar o ar,
 nem dos ouvidos para ouvir,
 nem dos dedos nas mãos para apalpar,
 e cujos pés não sabem caminhar.
- 16 Foi um homem que os fez,
 e um ser com sopro de empréstimo os modelou:
 ora, homem algum pode modelar um deus à sua semelhança^d.
- 17 Sendo mortal, só pode fabricar com suas mãos ímpias uma obra morta; assim mesmo, vale mais que os objetos de sua adoração, pois recebeu a vida, enquanto eles não a terão jamais.
- 12,24 18 Mas até aos animais mais repugnantes eles adoram,
 os piores de todos quanto à estupidez
 19 e cuja vista nada mostra da beleza que poderia seduzir em outros animais; pois escaparam ao louvor de Deus e à sua bênção^e.

16 Comparações entre israelitas e egípcios. Codornizes e rãs^f

- 11,16; 12,23-27 1 Eis por que foram castigados merecidamente por animais semelhantes e atormentados por uma multidão de feras.
- 2 Em lugar desse castigo, fizeste bem a teu povo:
 para satisfazer o ardor do seu apetite, foi um alimento saboroso, codornizes, que lhe preparaste^g.
- 3 Assim os primeiros, embora ávidos por alimento, enojados pelos animais enviados contra eles^h,

perdiam toda vontade de comer, enquanto os outros, após breve penúria, podiam partilhar de um manjar delicioso.

4 Era preciso que os opressores vissem abater-se contra eles uma penúria implacável,
 enquanto aos outros bastava constatar como seus inimigos tinham sido atormentados.

Serpente de bronze e feras mortíferas

- 5 E mesmo quando o furor terrível dos animais venenosos desencadeou-se contra os teus,
 que pereciam sob a mordida das serpentes sinuosas,
 tua cólera não permaneceu até o fim.
- 6 Como advertência foram perturbados por pouco tempo,
 pois tinham um penhor de salvaçãoⁱ que lhes recordava o mandamento de tua Lei.
- 7 Com efeito, todo aquele que se voltava^j era salvo, não pelo objeto que contemplava,
 mas por ti, o Salvador de todos.
- 8 E assim provaste a nossos inimigos que és tu quem liberta de todo mal.
- 9 A eles, mataram-nos as picadas dos gafanhotos e das moscas^k, sem que se encontrasse remédio para preservar sua vida,
 pois mereciam ser castigados por tais feras.
- 10 A teus filhos, ao contrário, nem o dente das serpentes venenosas pôde vencer, pois tua misericórdia veio ao seu encontro e os curou.
- 11 Para que se lembrassem de tuas palavras eram agulhoados,

d. O fabricante de ídolos não tem o poder de lhes comunicar o *sopro de vida* (Gn 2,7) que ele mesmo recebeu de Deus por empréstimo.

e. Porque são divinizadas e adoradas.

f. Retomando a oposição utilizada desde o cap. 11,4-16, o autor vai prolongar, nestes últimos quatro capítulos, seu paralelo entre a nocividade das pragas para os egípcios e os benefícios concedidos a Israel quando do Êxodo.

g. O milagre das codornizes (Ex 16,1-13; Nm 11,4-6.31-34; SI 78,26-30) é interpretado como um sinal da solicitude de Deus, que atende a todos os desejos de seu povo.

h. Referência provável às rãs (Ex 7,26-8,10).

i. O episódio da serpente de bronze (Nm 21,4-9) recebe uma interpretação espiritual. A serpente faz os israelitas voltarem à obediência.

j. Segundo o verbo aqui empregado, o fato de *voltar os olhos para a serpente* (Nm 21,8-9) adquire o sentido espiritual de uma *conversão (volta) para Deus*.

k. Ampliação dramática de Ex 8,16-28 e 10,1-20. A nocividade destes insetos torna-se mortífera para os egípcios, ao passo que os israelitas foram curados de mordidas mortais. A respeito da palavra que cura, cf. SI 107,20.

mas foram logo libertados
para que, tombados em esquecimento
profundo,
não fossem subtraídos à tua ação
benfazeja.

¹² E não foi ervá nem pomada que os
remediou,
mas tua Palavra, Senhor, que a todos
cura.

¹³ És tu que tens poder sobre a vida e
sobre a morte;
fazes descer às portas do Hades e de lá
fazes subir¹.

¹⁴ Quanto ao homem, pode matar por sua
maldade,
mas não pode fazer voltar o sopro
que saiu,
nem liberta a alma que foi recolhida^m.

Granizo e maná

¹⁵ É impossível escapar de tua mão.

¹⁶ Os ímpios, que recusavam conhecer-te,
foram flagelados pela força do teu
braço:

perseguidos por chuvas e granizos inco-
muns e por chuvaradas implacáveis,
eram também consumidos pelo fogoⁿ.

¹⁷ O mais paradoxal é que, na água, que
tudo extingue,
o fogo cresce em vigor,
pois o cosmo é aliado dos justos.

¹⁸ Ora a chama se abrandava
para não queimar os animais^s enviados
contra os ímpios,
mas para que, ao vê-lo, eles com-
preendessem que eram perseguidos
por um julgamento de Deus;

¹⁹ ora, dentro da própria água, ela ardia
com força superior à do fogo,

a fim de destruir as colheitas de uma
terra injusta.

SI 78,25gr.

²⁰ Em contrapartida, nutriste teu povo
com alimento de anjos:

forneceste-lhe do céu, sem esforço de
sua parte, um pão já preparado,
possuindo todos os sabores e adaptado
a todos os gostos^p.

²¹ A substância que vinha de ti manifesta-
va tua doçura^q para teus filhos:
adaptando-se ao desejo de quem a
consumia,
modificava-se ao gosto de cada um.

²² Neve e gelo^r resistiam ao fogo e não
se derretiam,
para mostrar que as colheitas dos inimigos
tinham sido destruídas pelo fogo que
ardia sob o granizo
e soltava relâmpagos em meio à chuva.

²³ O mesmo fogo, ao contrário, para per-
mitir aos justos que se alimentassem,
olvidava-se do próprio poder.

²⁴ A criação, pronta a servir a ti, seu Autor,
se retesa para o castigo dos injustos
mas se distende^s para o bem dos que
confiaram em ti.

²⁵ E por isso, prestando-se a toda mudança,
ela estava a serviço do dom vindo de ti
e que se tornava alimento,
ao gosto de quantos o pediam.

²⁶ Desse modo, Senhor, teus filhos, a
quem amaste, deviam aprender
que não é a produção de frutos que
alimenta o homem,
mas a tua palavra que faz subsistir os
que crêem em ti^t.

²⁷ O que o fogo não destruí^u
simplesmente derretia-se ao calor de
um breve raio de sol^v,

1. Retomada original de Dt 32,39; ISm 2,6 e Tb 13,2. Sem falar explicitamente de ressurreição, o autor afirma que o poder de Deus não é limitado pela morte.

m. Ao Hades ou por Deus? O texto não o diz.
n. A praga do granizo é acompanhada de chuvas torrenciais e raios devastadores (cf. Ex 9,23-24; SI 78,47,49; 105,32).

o. Provavelmente os gafanhotos, mas não se sabe se a *chama* é a dos fogos acesos pelos egípcios para destruir os insetos ou a que brilhava no meio do granizo. No segundo caso, a ação das duas pragas (gafanhotos e granizo) é considerada simultânea, pelo autor.

p. Esta explicação a respeito do maná apóia-se, provavelmente, em uma exegese judaica já aceita:

q. O gosto de mel (Ex 16,31) do maná permite ao autor falar da doçura de Deus.

r. Outras maneiras de designar o maná, segundo Ex 16,14 e Nm 11,7 gr. Fundia-se sob os raios do sol, mas resistia ao calor do fogo que os israelitas faziam para cozinhá-lo (Ex 16,23; Nm 11,8).

s. A natureza criada é comparada à corda de um arco ou de um instrumento de música (cf. 19,18) que Deus estica ou relaxa.

t. A graduação apresentada em Dt 8,3 é transformada aqui em oposição.

u. Cf. v. 22 nota.

v. Cf. Ex 10,21.

- ²⁸ para que se soubesse que é preciso antecipar-se ao sol para te render graças e te encontrar desde o raiar do dia".
- ²⁹ Mas a esperança do ingrato se derreterá como a geada do inverno e se escoará como água inútil.

17 A praga das trevas^a

- ¹ Teus julgamentos são grandes e difíceis de compreender: por isso, as almas sem instrução se extraviaram.
- ² Os ímpios, que tinham imaginado escravizar a nação santa, jaziam prisioneiros das trevas e encarcerados numa longa noite, trancados sob seus tetos e banidos da providência eterna^b.
- ³ Quando pensavam ficar ocultos, com seus pecados secretos, graças ao véu opaco do esquecimento, ei-los dispersos, tomados de pavor terrível, transtornados por alucinações.
- ⁴ Nem mesmo o esconderijo^c que os abrigava perservava-os do medo: ruídos aterradores ressoavam em torno deles e tétricos fantasmas, de rosto lúgubre, lhes apareciam.
- ⁵ Nenhuma potência de fogo conseguia dar claridade, nem as chamas brilhantes das estrelas eram capazes de iluminar aquela noite horrenda.
- ⁶ Só lhes aparecia um braceiro, que se acendia por si mesmo^d e espalhava o terror; quando essa visão desaparecia de seus olhos, ficavam horrorizados

e imaginavam pior ainda o que acabavam de ver.

- ⁷ Os artifícios da magia tinham fracassado, e sua presunção de saber recebia um desmentido humilhante.
- ⁸ Os que se jactavam de expulsar da alma enferma os temores e as inquietações^b, caíam eles mesmos enfermos de uma preocupação ridícula.
- ⁹ Ainda que nada houvesse de aterrador para os amedrontar, entretanto, aterrorizados com os passos de animais ou com os silvos de répteis, morriam de medo, recusando encarar o próprio ar^c, do qual ninguém pode fugir.
- ¹¹ Pois a maldade, condenada por seu próprio testemunho, mostra que é medrosa: ela sempre aumenta as dificuldades, oprimida pela consciência^d.
- ¹² E o medo outra coisa não é senão o abandono dos recursos que vêm da razão.
- ¹³ Quanto menos se conta interiormente com essa ajuda^e, tanto mais penoso é o desconhecimento da causa do tormento.
- ¹⁴ Mas eles, durante aquela noite verdadeiramente insuportável, saída das profundezas do insuportável^f Hades, dormindo o mesmo sono,
- ¹⁵ eram ao mesmo tempo perseguidos por fantasmas monstruosos e paralisados pelo desfalecimento de sua alma: um medo súbito e inesperado derramou-se neles.
- ¹⁶ Assim, pois, quem quer que lá se encontrasse^g, caía

w. Justificação da oração matinal recitada pelos judeus.
x. Cf. Ex 10,21-23. A esta praga o autor vai opor mais adiante (18,3) a *coluna de fogo*.

y. Isto é, estar privado da luz do dia que Deus continuava a fazer brilhar sobre todos os demais seres humanos.

z. Provavelmente a treva que os envolvia.

a. O autor parece atribuir a Deus um procedimento mágico utilizado pelos "prestidigitadores" da época: provocar a auto-inflamação da madeira. Mas aqui o aparecimento e o desaparecimento contínuo do fenómeno tem como finalidade excitar a imaginação.

b. O autor toma o caso dos magos do Êxodo para ridicularizar

personagens de seu tempo (filósofos ambulantes, adivinhos, exorcistas etc.).

c. Trata-se, sem dúvida, da escuridão, cheia de mistério e entremeada de visões intermitentes.

d. Na Bíblia, primeira menção explícita à consciência como acusador e juiz interior.

e. Texto difícil. Outra interpretação possível: "Quanto menos se espera interiormente pelo que vai acontecer".

f. Lit. *impotente ou impossível*. O Hades pode ser chamado de impotente porque nele toda atividade cessa.

g. Isto é, no Egito, mas fora das cidades.

e ficava encerrado numa prisão sem grades.

¹⁷ Fosse lavrador, pastor,
ou empregado em duros trabalhos no deserto,
tomado de surpresa, sofria a fatalidade inelutável.

¹⁸ pois todos estavam presos pela mesma corrente de trevas.

O sibilar do vento,
o canto harmonioso dos pássaros nos ramos frondosos,
a cadência da água correndo impetuosa,

¹⁹ o ruído seco das rochas que desmoronam,

a corrida invisível dos animais saltitantes,
o rugido das feras mais selvagens,
ou o eco repercutindo na cavidade das montanhas^h

tudo isso os paralisava de medo.

²⁰ Pois o mundo todo era iluminado de uma luz esplendorosa
e se entregava desimpedidamente a seus trabalhos.

²¹ Somente sobre eles uma noite pesada se estendia,

imagem das trevas destinadas a acolhê-los:

eles, porém, eram para si mesmos um peso mais grave do que as trevas.

18 A coluna de fogo

¹ Para teus santos, ao invés, havia uma luz fulguranteⁱ.

Os outros ouviam-lhes a voz, sem distinguir sua figura,

e proclamavam-nos felizes por não terem tido de sofrer como eles.

² Agradeciam-lhes por não procurarem

desforrar-se, depois dos maus-tratos recebidos.

e pediam-lhes perdão por sua hostilidade.

³ Aos teus, entretanto, propiciaste flamejante coluna de fogo,
guia para um itinerário desconhecido e sol inofensivo para uma gloriosa migração.

Ex 13,
21-22;
14,24;
Nm 14,14;
Sl 78,14;
105,39

⁴ Sim, mereciam ser privados da luz e aprisionados pelas trevas os que tinham retido cativos teus filhos, pelos quais devia ser dada ao mundo a luz incorruptível da Lei^j.

A morte dos primogênitos

⁵ Eles tinham decidido fazer perecer os recém-nascidos dos santos^k,

dos quais somente um foi salvo, depois de exposto^l;

para castigá-los, tu lhes arrebastaste multidão de meninos
e os destruístes todos juntos na água impetuosa^m.

⁶ Aquela noite fora conhecida antecipadamente por nossos paisⁿ a fim de que, sabendo a que juramento 12.21 haviam dado crédito, pudessem alegrar-se com toda segurança^o.

⁷ Ela foi esperada por teu povo, como salvação para os justos e ruína para os inimigos.

⁸ Com efeito, o que te serviu para punir os adversários

tornou-se para nós, a quem tinhas chamado, um título de glória.

⁹ Em segredo, os piedosos descendentes dos justos^p ofereciam sacrifícios^q, e de comum acordo propuseram-se esta lei divina^r:

h. Esta enumeração deixa transparecer a influência da sensibilidade e da poesia gregas.

i. Cf. Ex 10,23.

j. Antes de tudo a Lei mosaica contida no Pentateuco, vista pelo autor como expressão das verdades religiosas e morais, reveladas a Israel. Sobre a repercussão universalista da Lei, cf. já Ex 2,2-5; 42,6-49,6. Sobre a sua perenidade, cf. Br 4,1.

k. Cf. 11,7 nota.

l. Cf. 11,14 nota.

m. Diferentemente de 11,6-7, o decreto infanticida é castigado aqui pela praga dos primogênitos (Ex 12,29-30) e pelo afogamento no mar Vermelho (cf. mais adiante 19,1-5).

n. Sejam os patriarcas, informados sobre a escravidão e a saída do Egito (cf. Gn 15,13-14), sejam os hebreus do Êxodo a quem Moisés instruiu, com antecedência, sobre a noite pascal (cf. Ex 12,21-28).

o. Outra tradução possível: *pudessem recobrar coragem*.

p. Lit. *os piedosos filhos dos bons*, isto é, os descendentes dos patriarcas.

q. Alusão ao sacrifício do cordeiro pascal, em cada casa.

r. Lit. *estabeleceram, em comum acordo, a lei da divindade*. O autor parece fazer remontar a esse momento do Êxodo as leis sobre a participação de todas as tribos na Conquista (Nm 32,16-24) e sobre a partilha dos despojos (Nm 31,27; Js 22,8).

que os santos partilhariam solidariamente vantagens e perigos, já antecipadamente entoando os cânticos dos pais.

¹⁰ O clamor discordante dos inimigos lhes respondia

e a voz queixosa dos que choravam seus filhos se estendia ao longe.

¹¹ Escravo e patrão eram atingidos pelo mesmo castigo,

o homem da plebe sofria como o rei.

¹² Todos ao mesmo tempo, pelo mesmo gênero de morte,

tinham cadáveres incontáveis;

e os sobreviventes não bastavam para sepultá-los^a

pois sua descendência mais preciosa tinha sido aniquilada num instante.

¹³ Eles, que de tudo descreiam por causa de seus sortilégios,

reconheceram, ante a perda de seus primogênitos, que esse povo era filho de Deus¹.

¹⁴ Pois, enquanto um silêncio tranqüilo envolvia todas as coisas

e a noite estava no meio do seu curso^a,

¹⁵ a tua Palavra onipotente^a, deixando os céus e o trono real,

irrompeu como guerreiro impiedoso no meio da terra maldita,

¹⁶ empunhando, como espada afiada^a, teu decreto irrevogável.

Levantando-se^a, ela encheu tudo de morte;

ela chegava ao céu, enquanto

caminhava sobre a terra^a.

¹⁷ De repente, visões de sonhos terríveis os transtornaram

e terrores inesperados os assaltaram.

¹⁸ Cada um era lançado fora, aqui e ali, semimorto,

declarando a razão de sua morte,

¹⁹ porque os sonhos que os tinham enlouquecido o indicavam de antemão, a fim de que não percessem ignorando por que sofriam esse castigo.

Intervenção de Aarão no deserto

²⁰ É verdade que a provação da morte atingiu também os justos

e houve um massacre da multidão no deserto^a,

mas não perdurou por muito tempo a cólera^a.

²¹ Com efeito, um homem irrepreensível apressou-se em protegê-los:

munido das armas próprias do seu ministério,

a oração e o incenso aplacador^b,

ele enfrentou o furor e pôs fim à calamidade,

demonstrando que era teu servo.

²² Venceu a irritação, não pela força física ou a eficácia das armas,

mas pela palavra submeteu o executor do castigo,

trazendo à lembrança os juramentos e 12.21 as alianças dos pais.

²³ Quando já se amontoavam, uns sobre os outros, os cadáveres,

ele, interpondo-se,

fez sustar a cólera

e barrou-lhe o caminho que levava aos sobreviventes.

²⁴ Sobre a longa veste do efod^c estava figurado o cosmo todo^d,

os gloriosos nomes dos pais, gravados sobre as quatro fileiras de pedras^e

s. Traço original sugerido por Nm 33.4.

t. Cf. Ex 4.22-23; Os 11.1.

u. Cf. Ex 11.4; 12.29.

v. Nas narrativas do Êxodo, o flagelo é atribuído diretamente a Deus (11.4-5; 12.29), salvo em 12.23, onde se trata do Exterminador. O autor mostra a Palavra em ação; ela, em certo sentido, identifica-se com a sentença divina que está executando.

w. Mesmo motivo apocalíptico em Ap 19.15.21.

x. Ou *detendo-se*.

y. Reminiscência de 1Cr 21.16 e talvez também de Homero, *Ilíada* 4.443.

z. O autor seguirá de muito perto o texto de Nm 17.9-15.

a. Cf. Nm 17.11 onde a *cólera*, de algum modo, se desliga de Deus. O autor vai utilizar este motivo para não imputar ao próprio Deus a destruição do povo. Mas adiante a *cólera* se identifica com um personagem misterioso (*o executor do castigo* v. 22; o *Exterminador* v. 25).

b. Lit. *a propiciação do incenso* ou *a expiação do incenso*.

c. Cf. Ex 28.6.31-35 etc.

d. O texto não esclarece se o simbolismo cósmico apóia-se na veste ou em particularidades do efod (cores, ornamentos etc.). Este simbolismo é antigo (cf. Ex 28.6 nota); foi desenvolvido nos escritos recentes do judaísmo helenizado (Fílón e Flávio Josefo).

e. Cf. Ex 28.17-21.

e a tua majestade^f, sobre o diadema de sua cabeça.

- ²⁵ A essa vista o Exterminador^g recuou, e dessas coisas teve medo:
a simples experiência da tua cólera tinha bastado.

19 Passagem do mar Vermelho

¹Contra os ímpios, porém, abateu-se até o fim um furor sem piedade^h, pois Deus sabia de antemão o que ainda fariam:

- ²depois de terem permitido que os nossos partissem e tendo-os mandado sair às pressasⁱ, mudariam de opinião e os perseguiriam^j.

³De fato, enquanto ainda estavam empenhados em seus lutos^k e se lamentavam sobre os túmulos de seus mortos, conceberam outra idéia, absurda: aos que suplicaram que partissem puseram-se agora a perseguir, como a fugitivos.

- ⁴A necessidade^l, merecidamente, os impelia a esse extremo e provocava o esquecimento do passado, para que recebessem por completo o castigo que faltava a seus tormentos^m:
⁵ teu povo faria então a experiência de uma travessia extraordinária, enquanto eles, ao contrário, encontrariam morte inusitada.

⁶ Pois a criação inteira, segundo cada

espécie, foi sendo remodeladaⁿ, obedecendo às tuas ordens, a fim de que teus filhos fossem guardados de todo mal.

- ⁷ Viu-se a nuvem recobrir o acampamento e a terra seca surgir onde havia água^o; o mar Vermelho tornou-se uma entrada sem obstáculo, e as ondas impetuosas, uma planície verdejante

⁸ por onde todo um povo passou, protegido por tua mão e contemplando prodígios maravilhosos.

- ⁹ Espalharam-se como cavalos^p na pastagem e saltaram como cordeiros^q, celebrando-te, SENHOR, a ti, que os libertavas^r.

¹⁰ Pois eles recordavam, ainda, os acontecimentos de sua migração: como a terra, em vez da geração de animais, produziu mosquitos^s, e como o Rio, em vez de animais aquáticos, vomitou multidão de rãs^t.

- ¹¹ Mais tarde, viram também uma nova - geração de pássaros quando, impelidos pelo desejo, reclamaram manjares delicados^u
¹² e, para seu consolo, subiram do mar as codornizes^v.

Comparação com a falta de hospitalidade de Sodoma^w

¹³ Os castigos sobrevieram aos pecadores

f. Cf. Ex 28,36, mas o autor deve estar pensando na inscrição do próprio nome de Deus.

g. O termo foi emprestado de Ex 12,23 e reaparece em Hb 11,28 e 1Cor 10,10. O personagem aqui designado faz pensar no Satan de Jó 2,1-10 e sobretudo no anjo exterminador de 1Cr 21,15.

h. Na Bíblia, a cólera de Deus não se realiza de modo irreversível a não ser num contexto apocalíptico (cf. 1Ts 2,16): aqui a obstinação de Faraó e de seu povo prefigura o endurecimento final dos ímpios.

i. Cf. Ex 12,31-33.

j. Cf. Ex 14,5-6.

k. Cf. Nm 33,4.

l. O termo evoca o endurecimento do coração de Faraó e é qualificado com a *justo título* (lit. *uma necessidade merecida*). Por conseguinte, ao invés de significar um determinismo rigoroso e cego, a necessidade simplesmente impulsiona os culpados de encontro a um merecido castigo.

m. Motivo apocalíptico que se encontra em 2Mc 6,14.

n. Os fenômenos miraculosos que permitiram a saída do Egito são interpretados como uma espécie de *remodelamento* da criação descrita em Gn 1.

o. Cf. Ex 14,20-22.

p. Cf. Is 63,13.

q. Cf. Mt 3,20; Sl 114,4,6.

r. Cf. 10,20 e nota.

s. Alusão à terceira praga (Ex 8,12-15).

t. Alusão à segunda praga (Ex 7,26-8,11), mas aqui ela não se presta tanto à idéia de produção pelo Rio como a precedente, ou seja, a idéia de produção pela terra. O autor comenta-se com estabelecer uma aproximação para assimilar dois modos anormais de geração de seres vivos.

u. Cf. 16,2 e nota.

v. Cf. Nm 11,31.

w. De modo inesperado, o autor volta ao tema do castigo final

não sem terem tido, como sinais precursores, relâmpagos fulminantes^a. Com justiça estavam sofrendo por causa de sua maldade, pois tinham manifestado contra o forasteiro um ódio particularmente cruel.

¹⁴Outros^b não tinham acolhido os desconhecidos que acabavam de chegar^c; estes, porém, reduziram à escravidão forasteiros que eram seus benfeitores^a.

^{14.11} ¹⁵E não é tudo: um ajuste de contas^b aguarda os primeiros, por terem recebido com hostilidade os estrangeiros;

¹⁶Mas estes, depois de terem festejado com alegria a vinda dos que já participavam dos mesmos direitos^c, acabrunharam-nos com trabalhos terríveis^d.

¹⁷Foram, pois, feridos de cegueira^e, exatamente como aqueles, à porta do justo, quando, envoltos em trevas sem fundo, procuravam, cada um, a passagem para a própria porta.

Nova harmonização dos elementos

¹⁸Os elementos^f permutavam entre si como, na harpa, a variação das notas muda a natureza do ritmo, embora mantendo sempre a sonoridade^g.

É o que aparece claramente quando se examina o que aconteceu:

¹⁹com efeito, seres terrestres tornavam-se aquáticos^h, os que nadam caminhavam sobre a terraⁱ,

²⁰o fogo redobrava na água a sua potência e a água esquecia a sua capacidade de apagá-lo^j;

²¹por outro lado, as chamas não consumiam as carnes dos frágeis animais que iam e vinham no meio delas^k, e não faziam derreter essa espécie de alimento divino^l, semelhante ao gelo que derrete facilmente.

Doxologia

²²Sim, em todas as coisas, Senhor, exaltaste e glorificaste teu povo, e não deixaste jamais de assisti-lo, a todo momento e em todo lugar^m.

dos ímpios para justificá-lo tanto pela violação das regras sagradas da hospitalidade como para fazer um paralelo sobre o tema entre egípcios e habitantes de Sodoma.

x. Segundo uma interpretação judaica do Ex 14.24, o afogamento no mar Vermelho foi precedido por uma violenta tempestade.

y. Os habitantes de Sodoma (Gn 19.1-29).

z. Os dois visitantes de Gn 19.1-2 não pedem hospitalidade; permanecem a distância.

a. Sobretudo graças aos serviços prestados por José.

b. Mesmo que sejam menos culpáveis que os egípcios, os habitantes de Sodoma serão castigados no último dia por sua habitual hostilidade com relação aos estrangeiros. Quanto à palavra traduzida por *ajuste de contas*, cf. 2.20 nota.

c. Esta evocação de um passado ideal, no qual os hebreus teriam usufruído de igualdade cívica, traz, de modo velado, sem dúvida, uma reivindicação atual dos judeus do Egito.

d. Cf. Ex 1.8-14.

e. Provável alusão à praga das trevas (Ex 10.21-23), a partir

de Gn 19.11, que traz o incidente acontecido na porta, chamado aqui o *justo*.

f. Cf. 7.17 nota.

g. Os textos gregos comparam muitas vezes o universo ou seus elementos constitutivos a uma harmonia musical. O autor retoma o tema de modo obscuro e se esforça por fazer uma aplicação aos acontecimentos da saída do Egito. As relações estabelecidas na origem entre os elementos e suas propriedades aparecem então intercambiáveis: a criação é *remodelada* (cf. v. 6) e prefigura um mundo novo a serviço dos eleitos.

h. Tanto os hebreus e seus rebanhos, durante a passagem do mar Vermelho, como os homens e os cavalos do exército egípcio, afogados nas águas.

i. As rãs, cf. v. 10.

j. Nos dois casos, lembrança de 16.17.19.23.

k. Cf. 16.18 e nota.

l. Lit. *alimentação de ambrosia*. Alusão ao maná, cf. 16.22-23.

m. Esta doxologia, dirigida diretamente a Deus, é uma mensagem de conforto e de esperança aos contemporâneos do autor.

SIRÁCIDA

INTRODUÇÃO

A obra do Sirácida (ou Eclesiástico) apresenta ao tradutor e ao leitor apreciável número de problemas. Embora ligado à literatura sapiencial (cf. Introdução ao Livro dos Provérbios), o livro data de uma época em que esse gênero literário está no fim de uma longa evolução. Em consequência disso, sua fisionomia resulta complexa. Sua transmissão passa por meio de inúmeras peripécias: rejeitado do cânon judaico-palestínense, encontram-lo na classe dos livros chamados Deuterocanônicos ou Apócrifos; e o texto hebraico original, perdido e depois parcialmente reencontrado, durante séculos só foi conhecido através de versões que tiveram, elas também, uma história complicada. Apresentamos aqui somente um guia de leitura, que permita abordar um texto tão denso de surpresas quanto de riquezas.

Título e autor. Este livro já se distingue pelo fato de ser o único do Antigo Testamento (fora dos escritos proféticos) cujo autor seja conhecido com certa segurança. Que ele mesmo tenha assinado sua obra se explicaria, segundo muitos, por uma influência helenística. Seu nome é “Jesus, filho de Sirac” (50,27; 51,30; em hebraico, Ben Sirac), donde vem o apelativo moderno de Sirácida, ou Siracides. A tradição cristã, ao menos desde a época de S. Cipriano, designou o livro com o nome de Eclesiástico (= livro da Igreja, ou da assembléia), para ressaltar a importância que lhe atribuía, especialmente no período de instrução dos seus neófitos. A literatura judaica fala de “Provérbios de Ben Sirac” (título conhecido por S. Jerônimo) ou, mais simplesmente, do “Livro de Ben Sirac”. Os manuscritos gregos mais importantes têm por título “Sabedoria de Jesus, filho de Sirac”, ou “Sabedoria de Sirac”.

Sabemos, pelo próprio livro, que Ben Sirac era uma pessoa bem conceituada em Jerusalém, um escriba tomado desde a juventude pelo amor à Lei e preocupado em comunicar aos outros (24,34; 33,18) — provavelmente e sobretudo aos jovens aristocratas da cidade — os frutos de sua meditação (32,15) e de sua experiência, para tanto

abrindo uma escola (51,23). Depois de ele mesmo ter procurado apaixonadamente a sabedoria (51,13-30), tinha sabido tirar proveito de viagens ao exterior (34,9-11), talvez por ocasião de missões mais ou menos oficiais (39,4). Em várias oportunidades, isto lhe valeu passar por situações difíceis, das quais o Senhor o livrou (34,12; 51,1-7). De modo geral, porém, ele parece ter levado uma vida tranqüila e feliz, vivendo na abundância, junto a uma esposa criteriosamente escolhida (36,21-27) e com filhos a quem educa severamente para prevenir aborrecimentos futuros (30,7-13; 42,5). O tom de suas advertências (33,19) permite suspeitar que ele ocupava em Jerusalém algum cargo de importância, talvez no organismo incumbido de governar o país, sob a responsabilidade do sumo sacerdote.

Apesar da sua devoção evidente para com o Templo, o sacerdócio e o culto (50,5-21), nada permite afirmar que ele tenha sido sacerdote. Pelo fim da vida, como o professor que se decide enfim a publicar suas preleções tantas vezes ministradas, ele resolveu-se a transmitir seu ensinamento por escrito, a fim de que todos os homens “ávidos de instrução aprendam a viver tanto melhor segundo a Lei” (Prólogo). Seu objetivo aparecerá mais claro quando tivermos esboçado a situação histórica do judaísmo nessa época.

Data e situação histórica. Duas informações permitem concluir que Ben Sirac vivia em Jerusalém por volta de 200 a.C. e que sua obra remonta a 180 a.C. aproximadamente. O tradutor grego, seu neto, a propósito nos informa, no Prólogo, que começou seu trabalho antes do trigésimo oitavo ano do rei Evergetes, o qual se identifica com Ptolomeu VII (170-116); portanto, depois de 132. Pode-se presumir que o avô tenha escrito cerca de cinquenta anos antes.

Por outro lado, Ben Sirac evoca seguramente recordações pessoais no hino entusiasta consagrado ao sumo sacerdote Simão (50,1-24), que estava no cargo por ocasião da conquista de Jerusalém por Antíoco III em 198. Visto que nada

permite ler no livro qualquer alusão à situação trágica instaurada após a deposição de Onias III, filho de Simão, em 174, e a perseguição violenta de Antíoco Epífanes (175-163), ficamos autorizados a situar a obra do Sirácida no período de transição entre uma ocupação estrangeira bastante liberal e a luta violenta que culminará na insurreição dos Macabeus em 167.

A Palestina, depois de ter estado durante mais de um século (desde 301) sob a dominação dos ptolomeus do Egito, passara ao poder dos selêucidas da Síria em 198. Antíoco III (223-187) e seu sucessor Seleuco IV (187-175) foram muito favoráveis aos judeus, concedendo-lhes privilégios e isenções e até contribuindo para a restauração e o culto do Templo (2Mc 3,3). A obra de restauração descrita em Sr 50,1-4 situar-se-ia bem nesse contexto.

As conquistas de Alexandre tinham revelado ao mundo uma nova forma de civilização, cujos múltiplos aspectos estão incluídos no termo helenismo. Uma tendência "ecumênica" (G. F. Moore) a adotar esta forma nova de vida espalhou-se muito depressa. No entanto, exatamente por causa de suas características — fusão de culturas, sincretismo religioso, universalismo tendendo a abolir fronteiras de raça e religião, glorificação das forças da natureza e culto do homem — o helenismo devia em pouco tempo pôr em xeque a existência do judaísmo. Ben Sirac, espírito aberto que não recusa boa acolhida a certos usos gregos, como, por exemplo, a certas concepções filosóficas estoicas, está consciente de que esse movimento novo de idéias e de costumes corre o risco de opor-se a algumas das exigências essenciais da sua religião (Sr 2,12-14). Ele partilha o mal-estar que muitos judeus piedosos deviam estar sentindo e prevê o fim da coexistência pacífica entre as duas visões de mundo: a hora da escolha devia soar em breve. Mesmo em Jerusalém, as concessões exageradas de certos membros do sacerdócio e da aristocracia parecem-lhe apostasia e motivam sombrios pressentimentos que o futuro próximo vai confirmar (cf. 1Mc 1-2).

Finalidade do livro. Diante desses perigos, Ben Sirac põe-se a escrever para defender o patrimônio religioso e cultural do judaísmo, sua concepção de Deus, do mundo e de sua eleição privilegiada. Seu objetivo é convencer os correligioná-

rios de que Israel, que possui em sua Lei revelada a autêntica Sabedoria, nada tem a invejar das conquistas reais, mas ambíguas, do pensamento e da civilização gregos. Para tanto, ele elabora uma síntese entre a religião tradicional e a sabedoria comum, aprofundando-a em sua própria experiência. O tradutor grego estenderá a influência desse manual de conduta prática do judeu que pretende permanecer fiel a todos os que, "mesmo estando em outras terras, desejam instruir-se, reformar seus costumes e viver conforme à Lei". Apesar da pressão das forças pagãs, apesar das forças de corrupção que o solapam por dentro, o povo eleito deve preservar-se de uma capitulação diante do helenismo, capitulação que o levará a perder a própria identidade (cf. 1Mc 1,11-15). Balanço da tradição judaica diante desse novo perigo, o livro de Ben Sirac dirige-se a todo aquele que com sinceridade queira comportar-se como judeu num mundo que mudou: é a obra de um conservador lúcido que, para salvar o essencial, indica com precisão onde este se encontra, sabendo porém que de nada serve ignorar as situações novas.

Traços marcantes da religião do Sirácida. Esboçaremos aqui um quadro das idéias mestras do livro, para ressaltar seus traços originais. De fato, ele toca em tantos aspectos da vida que seria preciso recopiar um sumário da obra: desde a amizade, a esmola, a educação dos filhos, as mulheres, os médicos e a doença, a riqueza e a pobreza, os escravos, os banquetes e a maneira de neles se comportar, até a história antiga de Israel, os sacrifícios e o culto, Deus, a Lei, a criação, a liberdade humana, a morte.

Trata-se, antes de tudo, de um escrito de sabedoria (1,1-10; 24; 50,27; 51,13-30) que se apresenta como herdeiro de uma tradição já antiga em Israel (33,16-18). Reconhece-se em Ben Sirac uma influência de Jó, mas ele se destaca sobretudo como comentador dos Provérbios (cf. 18,29), às vezes glosando e estendendo um pensamento que seu predecessor encerrara num dístico conciso. Uma novidade, entretanto, vem à luz: a Sabedoria, intemporal, universal, de outrora, é agora apresentada em relação com a história de Israel, tal como se vê no elogio dos antepassados (44,1-49,16; cf. semelhante apresentação em Br 3,9-4,4) e, mais ainda, quando ela é personificada no

cap. 24, comparável a Pr 8 e Jó 28. É possível que a preocupação de oferecer uma resposta aos problemas levantados pelo helenismo tenha levado o autor a identificar a sabedoria com a Lei outorgada a Israel no Sinai (24,23; mesma identificação em Br 4,1). Doravante, o sábio e o justo encontram-se unidos no observador escrupuloso da vontade divina, aquele que teme o Senhor.

O tema do temor de Deus aparece com tanta frequência que alguns quiseram ver nele a idéia central do livro. De fato, o temor de Deus recobre um setor muito extenso da vida religiosa (2,15-17), exprimindo a noção de piedade pessoal em relação a um Ser infinitamente bom, mas cuja santidade exige que o homem, para ter-lhe acesso, tome os caminhos estreitos da obediência. O temor de Deus exprime-se pela fidelidade à Lei e equivale praticamente a uma concepção dilatada da sabedoria. A idéia tradicional que nele vê o caminho dessa sabedoria apresenta-se sob a forma concreta da aplicação em seguir uma regra de vida precisa, a Torá escrita (1,26; 6,37). Estudo da Lei e busca da Sabedoria aparecerão doravante no judaísmo como uma tarefa única. As qualidades e funções da Sabedoria são atribuídas à Torá (origem divina, papel na criação, personificação), e o rabinismo, admitindo a preexistência da Lei da mesma forma que a da Sabedoria, nada mais fará que levar adiante as concepções já expressas pelo Sirácida.

Mesmo reconhecendo sua insistência na Lei, erraríamos vendo em Ben Sirac o apóstolo de uma religião legalista. Sua concepção de Deus e das relações divinas com o homem, fundada menos na especulação que em sua experiência pessoal, basta para revelar uma piedade autêntica. Contra certas correntes, ele defende a fé tradicional: Deus é o eterno e o único (18,1; 36,4; 42,21); ele é o autor de uma criação perfeita (42,21-24), apesar dos seus mistérios e contradições aparentes, diante da qual, como o salmista, Ben Sirac se enche de entusiasmo (16,24-18,14; 39,12-35; 42,15-43,33); Deus conhece tudo (42,18-25); numa palavra, ele é "o tudo" (43,27). Ele governa o universo com justiça e providência (16,17-23), tendo predeterminado o tempo de cada coisa e retribuindo com equidade (33,13). Ele é também o misericordioso que perdoo (2,11). Numa palavra, Deus é Pai, não somente de Israel, de quem é o Deus por excelência (17,17; 24,12), mas de cada ser humano (23,1).

Este último ponto constitui um progresso considerável na teologia do judaísmo. A atitude do Sirácida perante o Criador é a de uma confiança inabalável, o que explica o lugar considerável que a oração ocupa em seu livro. Sua piedade é o fundamento de um otimismo habitual (30,21-25) que sabe triunfar de dificuldades reconhecidas objetivamente, bem como de certas limitações em sua visão da sorte do homem e do seu destino.

Nessa época, os filósofos procuravam conciliar a liberdade do homem e a existência do mal com a fé numa divindade boa e onipotente. Não se pode dizer que a resposta de Ben Sirac seja muito satisfatória, pois ele se contenta em manter firmemente os dois termos do paradoxo. O homem foi criado livre (15,14); é nele mesmo, e não em Deus (15,11-13), que se encontra a fonte do mal (21,27; 25,24), nessa inclinação malvada do coração que desempenhará, na antropologia rabínica, um papel tão grande na explicação do pecado. Mas o homem pode dominá-lo (31,10) e, se triunfar, receberá de Deus uma justa retribuição.

Essa retribuição ainda está limitada, no Sirácida, ao horizonte terrestre e ao gozo de uma felicidade concebida segundo o esquema tradicional: saúde e longa vida, posteridade numerosa, abundância e renome. Como seus predecessores, ele ainda não vê, para além deste mundo, senão a sombra que sai da morada dos mortos (Sheol), numa existência diminuída, sem esperança de retorno à luz dos viventes. Pouco tempo depois dele, sob a influência do pensamento grego (e provavelmente iraniano) e sob o choque da perseguição religiosa, a idéia de imortalidade e de ressurreição se fará explícita (2Mc 7,9; Dn 12,2-3). Ela já parece comumente admitida no momento em que o tradutor grego reinterpreta a obra de seu avô (48,11). O neto parece igualmente afirmar a existência de um castigo dos ímpios na outra vida (7,17). Mas no próprio Ben Sirac, por falta dessa abertura para uma "esperança cheia de imortalidade" (Sb 3,4), a insistência na fatalidade da morte (8,7; 14,17; 28,6; 41,3) dá a várias passagens um tom de desencanto (40,1-11).

As esperanças escatológicas de Ben Sirac limitam-se a um horizonte terrestre, político-nacional, e se compreende que os intérpretes tenham tido dificuldade em apontar nele traços precisos de um messianismo davídico, enquanto as idéias messiânicas se desenvolveram tão amplamente em

Israel. Somente a oração de Sr 36,1-17 poderia ser a prolongação dos ecos desse messianismo. Mas sua interpretação permanece discutida.

A atitude do Sirácida em face de uma crença na ressurreição, o seu amor do culto, sua veneração pelo sacerdócio sadoquita (cf. 51,12 no hebraico) e, por outro lado, a falta de referência explícita às idéias messiânicas que se desenvolverão nos meios fariseus fizeram-no relacionar-se com uma espécie de pré-saduceísmo. De fato, pode-se situá-lo na linha desse movimento conservador, nacionalista, ligado à Lei escrita. Mas seria um erro assimilá-lo pura e simplesmente aos saduceus que conhecemos pelos evangelhos e por Flávio Josefo: ele ainda vive antes da diferenciação do judaísmo em seitas caracterizadas.

Em relação às nações pagãs, Ben Sirac manifesta uma atitude já tipicamente judaica. Após certa abertura universalista nos Profetas, as dificuldades do período pós-exílico levaram Israel a um particularismo pouco a pouco reforçado pela idéia da eleição bem como pelas exigências práticas da vida segundo a Lei: circuncisão, sábado, regras de pureza alimentar e ritual. A concepção helenista do homem cidadão do universo, então em voga, não arrefeceu a ufania do autor de pertencer à raça escolhida no meio da qual a própria Sabedoria estabeleceu sua residência privilegiada (24,7ss). Ele recomenda separar-se, principalmente dos ímpios (11,33; 12,14; 13,17), atitude levada ao extremo pelos essênios de Qumran e que provavelmente dará aos fariseus essa designação característica: "os separados". O mundo aparece, pois, dividido em duas categorias, a dos bons e a dos maus ou, equivalentemente, a dos sábios e a dos insensatos (21,11-28). Contudo, há traços reveladores de uma sensibilidade nova no judaísmo, e certos desenvolvimentos sobre o perdão (27,30-28,7) encontrarão paralelos no Evangelho. Talvez mesmo a concepção do "semelhante" que é "carne" como cada ser humano (28,4-5) anuncie já a idéia de que todos os homens são irmãos. Aliás, a exegese judaica antiga compreendeu às vezes Lv 19,18 da seguinte maneira: "Amarás o teu próximo como a outro tu mesmo".

Plano. Os comentadores não estão muito de acordo quanto ao plano da obra. Recordemos que o Sirácida é um semita e um mestre de sabedoria que compõe segundo critérios muito diferentes dos

nostros. Reunindo suas notas, ele retomou a forma de um ensinamento oral por temas sucessivos, comportando numerosas digressões e formando assim largas unidades sem estrutura definida. Portanto, nenhum plano sistemático se impõe. Mas é possível reconhecer, ao menos, duas partes: 1-23 e 24-50, cada uma começando por um elogio da sabedoria. O capítulo 51 contém dois apêndices: um cântico de ação de graças e um poema sobre a busca da sabedoria.

Outros distinguem também duas partes, mas da seguinte maneira: uma primeira parte (1-42,14) contendo sentenças de todo gênero em torno de um elogio contínuo da sabedoria constantemente evocada (1,1-20; 4,11; 6,18; 8,8 etc.), conduzindo a uma segunda parte, meditação sobre as obras de Deus na criação e na história (42,15-50,29). Para melhor clareza, propomos distinguir as seções seguintes:

Prólogo

A) 1,1-16,23

B) 16,24-23,27

C) 24,1-32,13

D) 32,14-42,14

E) 42,15-50,24

Epílogo: 50,25-29

Apêndice: 51,1-30

Importância. A importância do Sirácida provém do seu papel de testemunha de uma época de transição onde começam a desenhar-se traços característicos do judaísmo, enquanto este representa uma forma evoluída da religião bíblica. Assinalamos acima alguns desses traços. Ben Sirac nos informa sobre aspectos essenciais desse judaísmo polímorfo no qual o cristianismo deitará raízes: é muito diferente do judaísmo rabínico, ao qual a preponderância farisaica (após o ano 70 de nossa era) vai dar um aspecto monolítico. Sob esse ponto de vista, sua obra deve ser estudada junto com a ampla literatura dos Apócrifos do Antigo Testamento e os escritos descobertos há um quarto de século no deserto de Judá. Do confronto judaísmo-helenismo, ela dá testemunho quer por seus empréstimos (nem sempre fáceis de identificar) quer por suas advertências ou mesmo invectivas apaixonadas.

Ben Sirac é também testemunha importante da constituição quase acabada de um cânon das Escrituras. O prólogo menciona a divisão tripartida

clássica ("a Lei, os Profetas e os outros escritores"; cf. também 39,1-3) e o livro cita ou menciona mais ou menos explicitamente o Pentateuco, Josué, Samuel, Reis, Crônicas, Jó (hebr.: 49,9), Isaías, Jeremias, Ezequiel, os doze Profetas menores (especialmente Malaquias e Ageu), Neemias. Os Salmos são atribuídos a David e os Provérbios a Salomão.

O Sirácida será um dos autores preferidos do judaísmo: muitas vezes citado no Talmud e até entre os autores da Idade Média, sua obra deve ser posta em paralelo com um tratado fundamental da literatura judaica, os Ensinamentos dos Pais (*Pirqê Abót*). As referências aos clássicos da Sabedoria antiga do Oriente Próximo (como a História de Aḥikar [Aicar], cf. Tobit: Introdução) e aos textos judaicos mais antigos, indicados nas notas, mostrarão concretamente este aspecto ao mesmo tempo tradicionalista e criador do Sirácida. De fato, como o escriba do Evangelho, ele soube "tirar do seu tesouro coisas novas e antigas" (Mt 13,52).

Reconheceu-se também a influência do Sirácida sobre textos importantes da liturgia judaica, como os da festa do Grande Perdão (Kippurim); e a oração das Dezoito Bênçãos apresenta paralelos notáveis com 36,1-17.

Quanto ao Novo Testamento, os paralelos numerosos (sobretudo com Tg) provam que Ben Sirac desfrutou de grande estima entre os primeiros cristãos, estima confirmada pelo nome de Eclesiástico que a tradição dará a seu livro e, após algumas hesitações, pela inserção da obra no cânon das Escrituras. Admitido na coleção dos livros religiosos em Alexandria, e apesar da estima de que acabamos de falar, a obra foi no entanto rejeitada pelas autoridades farisaicas por causa de sua origem tardia e, talvez, por causa de idéias que não estavam mais de pleno acordo com a ortodoxia que se estabeleceu após 70. Essa decisão explica as hesitações dos cristãos nos primeiros séculos e é responsável também pela história complicada da transmissão do texto.

Transmissão do texto. O original foi redigido em hebraico, e S. Jerônimo, no século IV, ainda conheceu uma sua cópia. Mas a seguir desapareceu totalmente, se se excetuam as citações rabínicas, várias das quais remontam apenas a florilégios. Ora, no fim do século passado, numa dependência de uma sinagoga do Cairo, descobriram-se

fragmentos hebraicos recobrindo cerca de dois terços do texto grego. Os mais importantes são os manuscritos A e B, publicados em 1910 por S. Schechter. Fragmentos menores, da mesma procedência, foram também identificados a seguir. Outros fragmentos hebraicos mais ou menos importantes foram recuperados em Qumran e na fortaleza de Massadá (tomada pelos romanos em 73), confirmando a autenticidade substancial dos manuscritos do Cairo.

Eis a lista das passagens que possuímos agora em hebraico:

1,19-20 (Qumran)

3,6-16,26

18,31-19,2

20,5-7,13

25,8.13.17-24a

26,1-3.13-17

27,5-6,16

30,11-34,1

35,11-38,27b

39,15c-51,30

Reconheceram-se dois estados do texto no hebraico reencontrado: o mais antigo é o que serviu de base à versão grega feita no Egito, cerca de 130 a.C. pelo neto de Ben Sirac (Grego I), ao passo que uma edição revista no sentido das idéias farisaicas (entre 50 e 150 d.C.) foi utilizada para uma revisão do texto grego entre 130 e 215 de nossa era (Grego II), revisão atestada numa série de manuscritos gregos. A versão siríaca também parece remontar a esta revisão do hebraico.

Nossa tradução seguiu o texto grego conforme a edição crítica de J. Ziegler (Göttingen 1965), referindo em notas os acréscimos de Grego II, importantes por causa de sua antiguidade. O grego é uma testemunha privilegiada do original hebraico e é em grego que o Sirácida foi acolhido pela tradição judaica e a tradição cristã. Sob este ponto de vista, os progressos teológicos que oferece em relação ao hebraico (quando a comparação é possível) documentam a evolução das idéias religiosas em Israel. Certas adaptações a um contexto teológico, histórico, geográfico e social diferente explicam também variantes cujos motivos as notas procurarão explicitar. Essas adaptações resultam da tendência midráshica que consiste essencialmente em atualizar a Palavra de Deus para as necessidades de uma comunidade

de viva, evitando que a *Escritura* se torne uma múmia.

Os fragmentos hebraicos foram utilizados cada vez que permitiam interpretar as leituras obscuras do grego, e citamos em nota as leituras variantes relevantes por seu conteúdo religioso; da mesma forma procedemos com as variantes do siríaco e da versão latina. Propor uma versão a partir do hebraico, cujas testemunhas são de valor variável e, além disso, recobrem apenas uma parte do original, resultaria em oferecer um texto compósito, cujas opções seriam injustificáveis sem uma abundância de notas críticas.

Notemos enfim que todos os manuscritos gregos comportam uma transposição de dois cader-nos e remontam portanto a um mesmo arquétipo: a seção 33,16b–36,10a encontra-se após 30,24 e a seção 30,25–33,16a vem depois de 36,10a. Aqui, com os editores modernos do grego, restabelece-se a ordem primitiva conservada pelo siríaco e o latim e confirmada pelo hebraico. Temos portanto

as correspondências seguintes entre as antigas edições e a nossa numeração, que segue a de Ziegler:

30,25-40 = 33,16b-33

31 = 34

32 = 35

33,1-13a = 36,1-10a

33,13b = 30,25

34 = 31

35 = 32

36,1-16a = 33,1-16a

Em nossa época, quando judeus e cristãos procuram instaurar entre si um verdadeiro diálogo, a literatura propriamente judaica se revela pouco conhecida entre as Igrejas. Este escrito de sabedoria, que por tanto tempo alimentou a tradição judaica e forneceu, durante dois mil anos, tão múltiplos temas à meditação e à oração cristãs, pode ainda iniciar-nos num mundo de pensamento que nos ajudará a compreender melhor, hoje, a mensagem do Novo Testamento.

SIRÁCIDA

PRÓLOGO

(1) Muitas coisas importantes nos foram transmitidas pela Lei, os Profetas e os que os seguiram^x; por causa deles, convém exaltar Israel por sua instrução e sua sabedoria. Mas não se deve somente adquirir a ciência pela leitura, (5) pois é preciso também que os amigos do saber possam ser úteis aos que estão fora^y, tanto pela palavra como por escrito.

Eis por que meu avô Jesus, que se tinha entregue acima de tudo à leitura da Lei, dos Profetas (10) e dos outros livros de nossos pais, e que alcançara grande domínio sobre eles, foi levado também a escrever sobre a instrução e a sabedoria. E isto para que aqueles que amam o saber, tendo-se familiarizado com estes assuntos, progridam ainda mais na vida segundo a Lei. Sois portanto convidados a fazer sua leitura com benevolência e atenção, e a mostrar indulgência se vos parecer que, (20) apesar de todo o nosso

esforço, não conseguimos traduzir bem certas expressões. Pois as coisas ditas em hebraico neste livro não têm o mesmo valor quando traduzidas em outra língua. Aliás, não somente esta obra, mas também a Lei, os Profetas (25) e os outros livros apresentam divergências consideráveis quanto ao conteúdo.

Foi no ano 38 do reinado do Evergetes^z que, tendo eu chegado ao Egito e aí permanecendo um pouco, encontrei um exemplar^a desta importante instrução. (30) Julguei então muito necessário empregar eu mesmo algum esforço e aplicação em traduzir este livro. E, depois de ter consagrado muitas vigílias e ciência, durante esse lapso de tempo, a fim de levar a bom termo o trabalho, pude publicá-lo em favor daqueles que, no estrangeiro, querem ser amigos do saber (35) e conformar seus costumes à vida segundo a Lei.

SEÇÃO A

O mistério da sabedoria

- 1 ¹ Toda sabedoria vem do Senhor^a,
ela permanece com ele para sempre.
² A areia dos mares, as gotas da chuva,
os dias da eternidade, quem os contará^b?
³ A altura do céu, a extensão da terra,
a profundidade do abismo^c, quem as explorará?
⁴ Antes de todas as coisas foi criada a sabedoria,
desde toda a eternidade, a inteligência prudente^d.

Pr 2,6

w. Primeiro esquema conhecido antecipando o futuro cânon dos livros santos. Distinguem-se três categorias: Lei, Profetas, outros livros. Já estão traduzidos em grego (linhas 24-26). Estas afirmações, aliás, não são exclusivas do prólogo. O próprio livro enumera certo número de elementos ou categorias desse cânon (cf. 48,24 nota; 49,9-11). De outro lado, a tradução busca muitas vezes seu vocabulário na tradução grega do Pentateuco e utiliza a de Jeremias (Sr 49,7).

x. *Aos que estão fora*. A expressão pode designar os judeus da dispersão, os que estão no estrangeiro (prólogo linha 34); ou então os pagãos, os que não pertencem à comunidade (cf. Mc 4,11; 1Cor 5,12), aqui a comunidade de Israel; ou ainda os profanos, os (judeus) que não estudaram na escola dos escribas (cf. Jo 7,15). O terceiro sentido parece mais provável.

y. Cf. Introd.: Data e situação histórica.

z. O vocábulo grego assim traduzido é desconhecido alhures como substantivo. Como adjetivo, significa *dessemelhante*. Lendo o texto segundo ligeira variante, alguns compreendem: *achei que a instrução* (no Egito) *era muito diferente* (da nossa).

a. O tradutor emprega geralmente *Senhor* para traduzir os nomes divinos YHWH, Elohim (= Deus), Elyôn (= o Altíssimo); raramente utiliza o vocábulo Deus.

b. Este v. é reproduzido quase totalmente no *Livro dos Segredos de Henoc* 47,5.

c. *A profundidade do abismo*: com a trad. latina, apoiada no sir. — Gr.: *o abismo e a sabedoria*.

d. A preexistência da sabedoria é um tema corrente nos livros sapienciais: Jó 28,12-23; Pr 8,22-31; Br 3,20-32.

- ⁶ 'A raiz da sabedoria, a quem foi revelada?
Suas realizações, quem as conhece?
⁸ 'Um só é sábio, deveras temível,
aquele que se assenta em seu trono.
⁹ O Senhor mesmo a criou,
foi ele quem a viu e mediu
e a derramou sobre todas as suas obras.
¹⁰ Em toda carne, segundo sua liberalidade,
ele a concedeu^a aos que o amam^b.

Jl 3,1-2;
At 2,17-
18,33

O temor do Senhor^c

- ¹¹ O temor do Senhor é glória e ufanía,
júbilo e coroa de alegria.
¹² O temor do Senhor alegra o coração,
dá júbilo, contentamento e longa vida^d.
¹³ Para quem teme o Senhor, tudo irá bem no fim,
no dia de sua morte será abençoado^k.
¹⁴ Começo da sabedoria é o temor do Senhor^c,
para os fiéis, ela foi criada com eles no seio materno.
¹⁵ Entre os homens ela fez seu ninho, fundação de eternidade,
com a sua descendência ela permanece fielmente^m.
¹⁶ Plenitude da sabedoria é o temor do Senhor,
ela inebria os homens com seus frutos.
¹⁷ Toda a sua casa, ela a enche com o que desejam;
e com os seus produtos, os celeiros.
¹⁸ Coroa da sabedoria é o temor do Senhor,
que faz florescer a paz e a boa saúdeⁿ.
¹⁹ 'Ela faz chover a ciência e o conhecimento inteligente,
e exalta a glória dos que a possuem.
²⁰ Raiz da sabedoria é o temor do Senhor
e seus ramos são uma vida longa^p.

Pr 4,10

Pr 8,31;
Br 3,38

Paciência e domínio de si

- ²² Uma irritação injusta não poderá justificar-se,
pois o movimento de quem se irrita^q o arrasta à perdição.

e. Damos em nota alguns vv. que só se encontram em alguns mss. gr.: *'Fonte da sabedoria é a palavra de Deus nos céus / e seus caminhos são os mandamentos eternos.*

f. *'A ciência da sabedoria, a quem foi manifestada? / Sua grande experiência, quem a compreendeu?*

g. Sir.: *multiplicada*, isto é, prodigalizada. Idéia subjacente no gr. h. Alguns mss. gr. acrescentam: *O amor do Senhor é uma sabedoria gloriosa / sua parte ele a concede aos que o vêem.*

i. O temor do Senhor resume a atitude do crente diante do seu Deus, atitude ao mesmo tempo de amor e de obediência. Essa atitude tem um lugar considerável na teologia de Ben Sirac e permanece estreitamente ligada à sabedoria (cf. v. 14).

j. O sir. traduz *longa vida* por "vida eterna", esclarecimento que ultrapassa o horizonte habitual do nosso autor. Alguns mss. gr. acrescentam: *O temor do Senhor é um dom do Senhor / e é ele quem firma nas veredas do amor.*

k. Este texto visa normalmente à esperança de um fim de vida feliz sobre a terra. Se o tradutor gr. o entendeu como visando à bênção divina no dia da morte, é possível que tenha subentendido a expectativa de uma retribuição na outra vida.

l. Desenvolvimento sobre as relações entre o temor e a sabedoria, tema antigo: Sl 111,10; Jó 28,28; Pr 1,7; 9,10; 15,33.

m. Ou então: *ela será encarregada de sua descendência.*

n. *Uma e outro são dons de Deus em vista da paz / u ufanía traz bem-estar* (var.: *ele aumenta a ufanía de*) *àqueles que o amam.* Acrescentado por alguns mss. gr.

o. Com alguns mss. omitimos: *Foi ele quem a viu e mediu*, cf. v. 9.

p. Alguns mss. acrescentam: *'O temor do Senhor tira os pecados / onde permanecer* (ou: *quem nele persevera*) *afasta toda cólera.* Trata-se da cólera divina: cf. Pr 24,18; 15,1.

q. Lit. *sua irritação.*

- ²³ Até o momento oportuno o homem paciente resistirá e logo a alegria lhe será restituída.
- ²⁴ Até o momento oportuno guardará para si seus pensamentos, e os lábios da multidão proclamarão sua inteligência.

Sabedoria e retidão

- ²⁵ Entre os tesouros da sabedoria estão os provérbios do saber, mas a piedade é alvo de horror para o pecador.
- ²⁶ Tu, que desejas a sabedoria, observa os mandamentos*, 19,20
e o Senhor ta concederá.
- ²⁷ Pois sabedoria e instrução é o temor do Senhor; seu bel-prazer é a fidelidade e a doçura.
- ²⁸ Não sejas indócil ao temor do Senhor, e não te aproximes dele com duplicidade de coração*. Tg 1,6-8
- ²⁹ Não sejas hipócrita diante dos homens, mas vigia sobre teus lábios.
- ³⁰ Não te exaltes a ti mesmo, para não vires a cair e atrair sobre ti a desonra.
Pois o Senhor revelará teus segredos e te humilhará no meio da assembléia^t, porque não chegaste ao temor do Senhor e teu coração está cheio de astúcia.

O temor de Deus na provação^u

- 2** ¹ Filho, se aspiras servir ao Senhor, prepara tua alma para a provação. Tg 1,2-4
- ² Torna reto o coração e sê resoluto, não te perturbes no momento da aflição.
- ³ Apega-te a ele, dele não te separe, e acabarás teus dias na prosperidade.
- ⁴ Tudo o que te acontecer, aceita-o e no revés de tua humilhação sê paciente;
- ⁵ porque é no fogo que se prova o ouro, e no cadinho da humilhação, os que são agradáveis a Deus*.
- ⁶ Tem confiança em Deus e ele virá em tua ajuda, segue um caminho reto e espera nele. Pr 3,5-6
- ⁷ Vós que temeis o Senhor, contai com sua misericórdia; não vos desvieis, para não cairdes.
- ⁸ Vós que temeis o Senhor, confiai nele, e vossa recompensa não vos faltará.
- ⁹ Vós que temeis o Senhor, contai com a prosperidade, o júbilo perene e a misericórdia*.

r. A sabedoria se confunde com o cumprimento da Lei, cf. Ecl 12,13. Ela é como a recompensa da obediência aos mandamentos.

s. O coração duplo (cf. língua dupla 5,9,14; 6,1) é fonte de hipocrisia e de mentira, cf. Sl 12,3. É a característica do mau.

t. Trata-se provavelmente da sinagoga, cf. Pr 5,14.

u. Os preceitos contidos neste cap. enquadravam-se nas circunstâncias do início do séc. II a.C., em vésperas da perseguição

de Antíoco Epífanes (2Mc 1,2-4,12-15). Mas cabem em qualquer época e se encontram frequentemente no AT (Sl 3; 5; 6 etc).

v. Alguns mss. gr. acrescentam: nas doenças e na pobreza confia nele.

w. Alguns mss. gr. acrescentam: pois seu salário é um dom perene e jubiloso. A formulação permanece numa perspectiva terrestre, cf. Is 35,10; 51,11.

Is 51,1-3;
Sl 22,4-6

Ex 34,6-7

Dt 6,5-6;
10,12-13;
Jo 14,15-23;
1Jo 5,3
32,15

2Sm 24,14

- ¹⁰ Considerai as gerações passadas e vede:
quem depositou sua confiança no Senhor e ficou frustrado?
Quem perseverou no temor do Senhor e foi abandonado?
Quem o invocou e foi por ele desprezado?
- ¹¹ Pois o Senhor é compassivo e misericordioso,
perdoa os pecados e salva no momento da aflição.
- ¹² Ai dos corações covardes e das mãos sem coragem,
ai do pecador que anda sobre dois caminhos¹!
- ¹³ Ai do coração sem coragem, que não tem confiança:
é por isso que não será protegido!
- ¹⁴ Ai de vós, que perdestes a perseverança²!
Que fareis, quando o Senhor vos examinar³?
- ¹⁵ Os que temem o Senhor jamais desobedecem às suas palavras,
os que o amam observam seus caminhos⁴.
- ¹⁶ Os que temem o Senhor procuram a sua complacência,
e os que o amam se alimentam de sua Lei.
- ¹⁷ Os que temem o Senhor mantêm o coração sempre preparado,
e humilham-se diante dele, dizendo:
- ¹⁸ "Preferimos cair nas mãos do Senhor
do que nas mãos dos homens;
pois tamanha é a sua grandeza,
tão grande também sua misericórdia".

Deveres para com os pais

3

- ¹ Escutai, filhos, os conselhos de^b vosso pai,
e agi de tal modo que possais ser salvos;
- ² pois o Senhor glorifica o pai em seus filhos
e confirma a autoridade da mãe sobre sua prole.
- ³ Quem honra seu pai expia os pecados
⁴ e cumula um tesouro quem glorifica sua mãe.
- ⁵ Quem honra seu pai encontrará alegria nos próprios filhos,
e no dia em que orar será atendido.
- ⁶ Quem glorifica seu pai terá longa vida,
quem obedece ao Senhor dará satisfação à sua mãe^c
- ⁷ e, como a senhores, servirá a seus pais.
- ⁸ Com atos e palavras honra teu pai
a fim de que sua bênção venha sobre ti;
- ⁹ porque a bênção de um pai consolida a casa dos filhos
mas a maldição de uma mãe arranca-lhe até os alicerces^d.

Ex 20,12;
Dt 5,16;
27,16

Ex 20,12

Gn 27,27-29;
48,15-20;
49,3-27;
Dt 33,1-25

x. Isto é, aquele que não tem firmeza e constância no serviço de Deus.

y. *Perseverança*: o termo gr. comporta as nuances de paciência e de esperança.

z. Para pedir contas. Jó 7,18. Este verbo com sentido técnico, muitas vezes traduzido por "visitar", significa também que Deus intervém para salvar (Ex 4,31; Sf 2,7), recompensar ou punir (Ex 20,5; Is 13,11), segundo o que ele constata.

a. Ben Sirac identifica aqui o amor com o temor de Deus e a obediência. É um amor desinteressado, que não conta com recompensa, e que se encontra no cristianismo e no judaísmo; cf. Pirque Abot 1,3: "Sede como escravos que servem a seu senhor

sem pensar na recompensa".

b. *Os conselhos de*, correção de Ziegler conforme o lat.; gr. *a mim*.

c. *Quem teme o Senhor honrará seu pai*, acrescentado por alguns mss. gr.

d. Aqui começa um dos mss. hebr. (A) da Gueniza do Cairo, que prossegue até 16,24.

e. Hebr. *A bênção de um pai enraíza / a maldição da mãe arranca a plantação*. O gr. transpõe a metáfora agrária do hebr. para uma comparação citadina, mais inteligível para leitores gregos.

- ¹⁰ Não te glories da desonra de teu pai,
pois não é glória para ti a desonra de teu pai;
¹¹ a glória de um homem vem da honra de seu pai
e é opróbrio para os filhos a mãe na desonra.
¹² Filho, ampara teu pai em sua velhice
e não o aflijas enquanto vive.
¹³ Mesmo se perder a razão, sê indulgente
e não o insultes porque estás em pleno vigor.
¹⁴ Tua esmola para com teu pai não será esquecida:
em vez dos teus pecados, ela será para ti uma casa nova^f.
¹⁵ No dia de tua desgraça, lembrar-se-ão de ti;
como geada ao sol^g, assim se desfazerão teus pecados.
¹⁶ É um blasfemo aquele que abandona seu pai,
é maldito do Senhor quem irrita sua mãe.

Ex 21,17

Lv 20,9

Dt 27,16;

Pr 19,26;

30,17

A humildade

- ¹⁷ Filho, age com mansidão em tudo o que fazes
e serás amado pelo homem que agrada a Deus^h.
¹⁸ Quanto mais fores grande, tanto mais é preciso que te humilhes,
e encontrarás graça diante do Senhorⁱ.
²⁰ Pois é grande o poder do Senhor,
e ele é glorificado pelos humildes^j.
²¹ O que é muito difícil para ti, não o procures;
o que está acima de tuas forças, não o investigues^k.
²² Reflete sobre os mandamentos que te foram dados,
pois não necessitas das coisas escondidas.
²³ Não te afadigues com obras que te ultrapassam;
o que já te foi mostrado é mais do que a mente humana pode conceber.
²⁴ Muitos se transviaram por suas especulações^l,
sua imaginação perversa falseou seus pensamentos^m.

Pr 3,34;

Sl 25,9

O orgulho

- ²⁶ O coração endurecido acabará na desgraça,
pois quem ama o perigo nele pereceráⁿ.
²⁷ O coração endurecido será acabrunhado de fadigas,
pois o pecador acumula pecado sobre pecado.
²⁸ Não há remédio para a desgraça do orgulhoso,
pois a planta da perversidade está enraizada nele^o.

f. Texto difícil, de sentido incerto. Hebr.: *ela compensará teu pecado*.

g. Lit. *ao bom tempo*.

h. Hebr.: *Filho, em tua prosperidade caminha com humildade e serás mais amado que aquele que dá presentes*.

i. Alguns mss. gr. acrescentam: *“Muitos são altaneiros e gloriosos / mas é aos humildes que ele revela seus segredos”*. Cf. Mt 11,25.

j. Hebr.: *Pois é grande a misericórdia de Deus / aos humildes ele revela seu segredo*.

k. Advertência contra as curiosidades despertadas pela filosofia grega; elas arriscavam ser uma ameaça para a fé. O verbo gr. traduzido por *procurar* corresponde ao hebr. *darash*, donde o substantivo *midrash*.

l. Hebr.: *Pois são numerosas as opiniões dos filhos dos homens*. Também aqui pode-se ver uma alusão aos gregos, ou antes a desvios doutrinários no seio do judaísmo.

m. Alguns mss. gr. acrescentam: *“Se não tens pupilas, também te falta a luz; / não tendo ciência, não faças ostentação!”*

n. Nesta passagem, o amor do perigo é a presunção orgulhosa que leva a afrontar sem consideração não importa que risco for. Hebr.: *Quem ama os prazeres, por eles será arrastado*.

o. Hebr.: *Não pretendas curar a maldade do ímpio; para ele não há cura, pois sua maldade provém de mau rebento*. O orgulho é o mal fundamental, que se manifesta pela obstinação do coração, cf. Ex 7,14; 8,28. Depois de ter-se enraizado, é incurável.

²⁹ O homem inteligente medita os provérbios em seu coração;
ouvido atento, eis o que o sábio deseja^p.

A esmola

7,32-36;
29,8-13;
Dt 15,7-11
Tb 12,9

³⁰ Como a água apaga o fogo crepitante,
assim a esmola apaga os pecados.
³¹ Quem retribui os benefícios pensa no futuro^q;
se vier a vacilar, encontrará apoio.

4

¹ Filho, não prives o pobre do seu sustento,
nem deixes enlanguescer os olhos do indigente.
² Não faças sofrer alguém com fome,
nem exasperes um homem em seu despojamento.
³ Não atormentes mais ainda um coração exasperado^r,
nem faças esperar teus benefícios a quem deles precisa.
⁴ Não repilas o suplicante em sua aflição
nem desvies do pobre o teu rosto.
⁵ Do indigente não desvies o olhar^s,
nem lhe dêes motivo para te maldizer.
⁶ Se te maldisser na amargura de sua alma,
seu criador escutará sua oração.
⁷ Procura ser bem-visto pela assembléia;
perante um grande, abaixa a cabeça.
⁸ Inclina teu ouvido para o pobre,
responde-lhe com doçura palavras de paz.
⁹ Livra o oprimido das mãos do opressor,
e não sejas pusilânime quando administras a justiça.
¹⁰ Sê para os órfãos como um pai,
como um marido para sua mãe^t;
e serás como um filho do Altíssimo^u,
que te amará mais do que tua mãe^v.

Pr 3,27-28
Tb 4,7

Dt 15,9;
24,15

Jó 29,12

Is 49,15

A sabedoria educadora

¹¹ A sabedoria enaltece^w seus filhos
e se desvela pelos que a procuram.
¹² Amá-la é amar a vida;
os que madrugam por ela serão repletos de alegria.
¹³ Quem a possui obterá a glória em herança:
para onde quer que vá, o Senhor o abençoa.
¹⁴ Os que a servem prestam culto ao Santo;
aos que a amam, o Senhor os ama.
¹⁵ Quem a^x escuta julgará com equidade^y,
quem a ela se apegar estará em segurança.

6,27;
Pr 1,23-25;
8,15-21;
9,1-6
Pr 3,35

p. Hebr.: *alegra-se o ouvido atento à sabedoria.*
q. Hebr.: *Quem faz o bem tornará a encontrá-lo em seu caminho.*
r. Hebr.: *Não excites as entranhas do infeliz.*
s. 4b-5a estão ausentes do hebr.
t. Hebr.: *para as viúvas.*
u. Hebr.: *Deus te chamará filho.* O gr. atenua.

v. Hebr.: *te agradecerá e te salvará da destruição.*
w. Hebr.: *educa.* Mas o verbo gr., segundo seus outros empregos no *Sir.*, não fala de educação. Significa enobrecer, engrandecer alguém.
x. No hebr., os pronomes estão na primeira pessoa: *quem me escuta* (vv. 15-19).
y. *Com equidade*, conforme o hebr.; gr. *as nações.*

- ¹⁶ "Quem nela confiar há de obtê-la em herança
e sua posteridade conservará sua posse.
¹⁷ Ela o acompanhará primeiro por caminhos tortuosos
trazendo a ele o temor e o tremor;
atormentá-lo-á com sua disciplina
até que tenha confiança nele,
e o experimentará com seus preceitos".
¹⁸ A seguir, retornará diretamente para ele e o alegrará^b,
revelando-lhe seus segredos.
¹⁹ Se, porém, se desviar, ela o abandonará
e o entregará à sua própria ruína^c.

Jó 11,6;
Dn 2,21-22

Pudor e respeito humano

- ²⁰ Observa as circunstâncias e guarda-te do mal,
sem envergonhar-te de ti mesmo^d.
²¹ Pois há uma vergonha que conduz ao pecado;
c outra, que é glória e graça.
²² Não tenhas preconceito contra ti mesmo,
nem te envergonhes a ponto de cair^e.
²³ Não te proibas de falar quando preciso^f.
²⁴ É pelo discurso que se reconhece a sabedoria,
e a instrução, pelas palavras da língua.
²⁵ Não arguas contra a verdade,
mas sente vergonha de tua ignorância.
²⁶ Não tenhas pudor de confessar teus pecados,
nem pretendas opor-te ao curso de um rio^g.
²⁷ Não te rebaixes diante do insensato,
nem te deixes influenciar pelo poderoso^h.
²⁸ Luta pela verdade até a morte
e o Senhor Deus combaterá em teu favorⁱ.
²⁹ Não sejas ousado em teus projetos
e, depois, preguiçoso e indolente em teus atos.
³⁰ Não te faças de leão dentro de casa
enquanto és um poltrão entre teus servos^j.
³¹ Que tua mão não seja aberta só para tomar,
e fechada, quando se trata de dar^k.

41,16

2Sm 12,13;
1Rs 21,29;
Sl 38,2-5;
51,6;
Lv 5,5;
Nm 5,7

At 20,35

z. Versículo ausente do hebr.

a. Hebr.: *Pois ando com ele como uma estranha! e primeiro o experimento com tentações! até que seu coração fique repleto de mim.* Tem-se no hebr. uma prosopopéia da Sabedoria que recorda Pr 1,22ss. e 8,1ss.

b. Ausente do hebr.: *e o alegrará*.

c. Hebr. acrescenta: *se de mim se afastar, mandá-lo-ei embora e o deixarei à mercê dos ladrões.*

d. Há talvez nesta passagem uma alusão à tentação que espreitava os judeus: dissimular sua fé diante do helenismo, por respeito humano.

e. A queda de que se trata é o pecado, como no v. 21a. Hebr.:

Não tropeces em tuas próprias ciladas.

f. Alguns mss. gr. e o hebr.: *Não ocultes tua sabedoria por vanglória.*

g. A mesma imagem se encontra na *História de Ahikar* 2,65 (cf. Tb, Introd.).

h. Hebr.: *não resistas em face dos poderosos / Não te assentes com um juiz iníquo / pois acabarias julgando com ele segundo seu bel-prazer.*

i. Hebr. acrescenta: *Não te faças tratar como hipócrita / e não calunies com tua língua.*

j. Gr. obscuro.

k. Cf. *Didaquê* 4,5; *Pseudo-Barnabé* 19,9.

Presunção do rico e do pecador

- 5** ¹ Não te apóies em tuas riquezas¹
e não digas: "Elas me bastam!"
² Não te deixes arrastar por teu instinto² e tua força
a seguir as paixões do teu coração.
³ Não digas: "Quem terá poder sobre mim?"³
pois o Senhor com certeza te punirá.
⁴ Não digas: "Pequei e nada me aconteceu!"
pois é longânime a paciência do Senhor.
⁵ Não estejas tão seguro do teu perdão
para amontoares faltas sobre faltas.
⁶ Não digas: "Sua misericórdia é grande,
ele perdoará a multidão dos meus pecados!"
pois tanto a compaixão como a cólera lhe pertencem
e sobre os pecadores se abaterá o seu furor.
⁷ Volta ao Senhor sem demora
e não adies de um dia para outro,
pois a cólera do Senhor vem de repente
e serás aniquilado no dia do castigo.
⁸ Não te apóies em riquezas injustamente adquiridas:
de nada te valerão no dia da angústia.

A conversão do sábio³

- ⁹ Não joeires com qualquer vento⁴
e não te metas em qualquer atalho,
como o faz o pecador de língua ambígua.
¹⁰ Sê firme em teu sentimento⁵
e seja uma só a tua palavra.
¹¹ Sê pronto em escutar⁶
mas lento em dar a tua resposta.

1. A riqueza é uma das fontes mais freqüentemente denunciadas do orgulho e da "suficiência" que leva a satisfazer as paixões sem escrúpulos e a esquecer a precariedade da condição humana. Cf. Dt 8,17-18; 1Jo 2,16.

m. A expressão não significa que se moderem os desejos, contentando-se com as riquezas que se tem; mas que se procure exclusivamente a posse das riquezas: cf. Lc 12,18-19.

n. Lit. *alma*, indicando a sede dos impulsos que agitam o homem.

o. Hebr. (duplicata): *Não sigas teu coração e teus olhos* (cf. Num 15,39) para te deixares arrastar pelos maus desejos.

p. Esta atitude arrogante e presunçosa é a do ímpio que, seguro de seu bom êxito (Sl 10,6; 73,3.4.12), gaba-se dos desejos de sua alma (Sl 10,3) e afasta o pensamento de Deus (Sl 10,4; 53,2) e de seus juízos (Sl 10,11.13; 36,2; Sf 1,12).

q. Hebr.: *pois o Senhor procura* (= ama) *os perseguidos*, ou então *pede contas das coisas passadas*, sentido mais adaptado ao contexto.

r. Por mais tarde que ela chegue, a cólera de Deus atingirá o pecador. Este não deve equivocar-se sobre a ausência de reação sensível de Deus: cf. Ecl 8,11-14. — Hebr. (duplicata): *Não digas: o Senhor é misericordioso, ele apagará todos os meus pecados* (cf. v. 6).

s. É grave falta especular com o perdão de Deus, fazendo de

sua bondade uma razão a mais para pecar tranquilamente. Mas é também um cálculo malfeito: Deus é justo, e sua cólera atingirá os pecadores.

t. Cf. Is 61,2; 63,4.

u. Hebr.: *riquezas de mentira*, isto é, enganadoras para aquele que as possui e deposita nelas uma confiança que será frustrada. Pode-se também compreender: *riquezas adquiridas pela mentira e a falsidade*, portanto injustas.

v. Medida, discrição, firmeza e domínio de si servem de introdução aos problemas implicados no uso da palavra. Este tema, comum a todas as literaturas de sabedoria, é exaustivamente tratado por Ben Sirac (cf. 20-28).

w. O joeiramento separa o grão da casca aproveitando o vento: este leva embora a casca, enquanto o grão recai na peneira. A imagem exprime a falta de firmeza nas convicções e a tendência a seguir opiniões contrárias e inconciliáveis.

x. Significa duplicidade e má fé. Cf. Sl 12,3; Sr 28,14; 1Tm 3,8.

y. Lit. *convicção* (baseada num conhecimento seguro). É preciso aferrar-se a convicções que orientem a vida, não sendo como cataventos que se viram para lá e para cá, movidos pela oportunidade do momento (cf. Tg 1,6-8).

z. Citado por Tg 1,19. Cf. Pr 18,13.

¹² Se tens uma opinião^a, responde a teu próximo;
caso contrário, põe a mão à boca^b.

¹³ Glória e desonra estão no falar^c
e a língua do homem pode causar sua ruína.

¹⁴ Não cries fama de maldizente,
nem armes emboscadas^d com a língua;
porque, se a vergonha recai sobre o ladrão,
condenação severa atinge a duplicidade^e.

¹⁵ Evita tanto as pequenas como as grandes faltas

6

¹ e, de amigo, não te tornes inimigo.

Pois a má fama traz vergonha e desonra:
tal é a sorte do pecador de língua ambígua.

² Não te exaltes no desígnio de tua alma^f,
para que tua força não seja dilacerada como um touro^g.

³ Devorarás tuas folhas, destruirás teus frutos,
e acabarás reduzido a lenho seco.

⁴ Uma paixão perversa arruína quem a entretém
e faz dele a irrisão dos seus inimigos.

A amizade

37,1-6

⁵ Palavras^h amáveis multiplicam os amigos,
uma língua afável multiplica as palavras corteses.

Pr 15,1

⁶ Sejam numerosos os que te saúdamⁱ,
mas teus conselheiros, um entre mil!

37,7-15

⁷ Se queres adquirir um amigo, adquiere-o provando-o:
não te apresses em confiar nele.

⁸ Há quem seja amigo na hora que lhe convém
mas não permanece tal no dia da aflição.

⁹ Há o amigo que se muda em inimigo
e revela as divergências, para tua desonra.

Pr 25,9-10

¹⁰ Há o amigo companheiro de mesa,
que não permanece tal no dia da aflição.

¹¹ Na tua prosperidade será como tu mesmo,
dando ordens com desenvoltura a teus servos.

¹² Mas se fores humilhado, estará contra ti
e se ocultará da tua vista.

¹³ Mantém distância dos inimigos
e usa de cautela com os amigos.

¹⁴ Amigo fiel é refúgio seguro:
quem o encontrou encontrou um tesouro.

a. Hebr.: *Se podes, responde a teu próximo.*

b. Isto é, guarda o silêncio. Cf. Pr 30,32; Jó 21,5; 29,9; 40,4.

c. Hebr.: *Glória e desonra estão em poder do tagarela.* A língua é para todos causa de pecado (19,16) e pode levar-nos à ruína (5,13), mas não é um inimigo indomável. O AT faz o elogio da língua dos justos e dos sábios (Pr 10,20; 12,18; 15,2 etc.) e denuncia também a malignidade da língua (Sl 5,10; 10,7; 52,4-6; Pr 10,31; 17,4; 26,28 etc.). Ben Sirac trata longamente de seus pe-rigos (28,13-26) e afirma sua ambigüidade (37,18; cf. Tg 3, 2-10).

d. Hebr.: *com a língua não calunies.* É a leitura original mal lida pelo gr.

e. Lit. *o homem de língua dúplice.* Hebr.: *A vergonha foi criada para o ladrão/ e o desprezo de seu próximo, para o homem de língua dúplice.*

f. Hebr.: *Não sucumbas ao poder de tua paixão.* Parece que o hebr. combate a paixão e o gr., o orgulho.

g. *Tua força:* Ziegler corrige segundo o hebr. e o lat.; todos os mss. gr. têm *tua alma.* Como um touro não consta no hebr. Texto obscuro. Para não corrigi-lo arbitrariamente, o sentido provável é: não te deixes levar pelas paixões violentas, que te despedaçariam como se desquarta um touro.

h. Lit. *uma garganta.*

i. Ou talvez: *Os que te desejam a paz.*

- ¹⁵ Amigo fiel não tem preço:
é um bem inestimável.
¹⁶ Amigo fiel é um elixir de longa vida:
os que temem o Senhor o encontrarão.
¹⁷ Quem teme o Senhor dirige bem sua amizade:
como ele é, tal será seu companheiro^l.

Aquisição da sabedoria

- ¹⁸ Filho, desde a juventude acolhe a instrução,
e até teus cabelos brancos, encontrarás a sabedoria.
¹⁹ Como o lavrador e o sementeiro, aproxima-te dela
e aguarda seus frutos excelentes.
Pois, em seu cultivo, labutarás um pouco
mas comerás em breve de seus produtos.
²⁰ Como a sabedoria é rude para os ignorantes!
Nela não persevera o homem sem inteligência:
²¹ como uma pedra^k, ela é um peso que testa a sua força,
e ele não tardará em largá-la.
²² Pois a sabedoria justifica seu nome^l:
ela só é visível a poucos.
²³ ^mEscuta, filho, aceita minha advertência
e não rejeites meu conselho.
²⁴ Introduz teus pés em seus grilhões
e teu pescoço em sua argola.
²⁵ Inclina teus ombros para transportá-la
e não te impacientes com seus laços.
²⁶ ^aAchega-te a ela com toda a tua alma
e com toda a tua força guarda seus caminhos.
²⁷ Segue-a em suas pegadas e procura-a: ela se te dará a conhecer;
e quando a alcançares, não a deixes escapar.
²⁸ No fim, encontrarás nela o repouso
e ela se mudará para ti em alegriaⁿ.
²⁹ Seus grilhões serão para ti abrigo poderoso
e sua argola, uma veste suntuosa.
³⁰ Seu jugo^p é um ornamento de ouro
e seus laços, fitas de púrpura violeta.
³¹ Dela te revestirás, como de um traje suntuoso,
e, como de uma coroa de alegria^q, dela te cingirás.
³² Se quiseres, filho, serás instruído;
se aplicares tua alma, tornar-te-ás hábil^r.
³³ Se gostares de escutar, aprenderás;
se prestares ouvido, tornar-te-ás sábio.

j. Hebr.: *Qual alguém é, tal será seu amigo: / qual sua fama, tais serão suas obras.*

k. Pedra grande que se esforçavam por levantar em concursos (cf. Zc 12,3).

l. Hebr.: *disciplina*. Há um jogo de palavras entre *musar* = "disciplina", e *musar* = "apartado", "afastado". A disciplina merece o seu nome em hebr. por ser difícil de alcançar.

m. Os vv. 23-24 não constam no hebr.

n. Ausente no hebr.

o. A recompensa trazida pela conquista da sabedoria é o repouso e o contentamento.

p. O gr. compreendeu mal o hebr. (*seu jugo*) e o traduziu: *sobre ela*, enfraquecendo a homogeneidade do texto; cf. Mt 11,29.
q. Hebr.: *coroa de honra*.

r. O autor indica a via concreta que leva à aquisição da sabedoria.

- ³⁴ Freqüenta a assembléia dos anciãos
e apegate à sua sabedoria*.
- ³⁵ Toda exposição divina, escuta-a com prazer^t;
cuida para não deixar escapar nenhum provérbio sábio.
- ³⁶ Se vires um homem inteligente, corre a ele desde o amanhecer;
que teus pés gastem os degraus de sua porta.
- ³⁷ Reflete nas ordens do Senhor^u
e aplica-te sem cessar a seus mandamentos;
ele mesmo fortalecerá teu coração
e a sabedoria que desejas te será dada.

Sl 1,2

Conselhos diversos

- 7** ¹ Não faças o mal, e nenhum mal te acontecerá.
- ² Afasta-te da injustiça, e ela se afastará de ti.
- ³ Não semeies nos sulcos da injustiça,
para não vires a colhê-la sete vezes mais.
- ⁴ Não peças ao Senhor o poder,
nem ao rei um assento glorioso.
- ⁵ Não banquetes o justo diante do Senhor,
nem o sábio, diante do rei.
- ⁶ Não procures tornar-te juiz,
se não és capaz de extirpar a injustiça;
pois poderias ser influenciado pela pessoa de um príncipe,
comprometendo assim tua própria integridade^v.
- ⁷ Não peques contra a assembléia da cidade,
nem te rebaixes diante da multidão.
- ⁸ Não cometas duas vezes^w o teu pecado,
pois basta o primeiro para te tornares culpado.
- ⁹ *Não digas: "Ele olhará a abundância de minhas oferendas;
quando as apresentar ao Altíssimo, ele as aceitará".
- ¹⁰ Não sejas pusilânime em tua oração,
e não negligencies em dar esmola.
- ¹¹ Não rias jamais do homem que está na amargura,
pois há Alguém que humilha e que exalta.
- ¹² Não inventes mentiras contra teu irmão,
e nada semelhante faças contra teu amigo^x.
- ¹³ Guarda-te da mentira em qualquer circunstância:
persistir nela não leva a nada de bom⁴.
- ¹⁴ Não sejas tagarela na assembléia dos anciãos,
nem repitas as palavras na oração.
- ¹⁵ Não desprezes o trabalho pesado,
nem o trabalho do campo, criado pelo Altíssimo⁴.

Jó 4,8;
Pr 22,8;
Gl 6,8

Tg 1,6

ISm 2,7;
Lc 1,52

Mt 6,7

s. Ausente do hebr.

t. Divina: inspirada por Deus. Hebr.: *Tem prazer em ouvir falar de tudo*.

u. Hebr.: *Aprende a conhecer o temor do Altíssimo*.

v. Recusa da ambição e das ações injustas.

w. Lit.: *Não ligue junto*.

x. Ausente do hebr. Os profetas já tinham condenado esta concepção do sacrifício como meio de obter a salvação (Is 1, 11-15; Jr 7,21-24; Am 5,21-25); só conta o arrependimento do

homem e a misericórdia de Deus (Is 1,16-20; Jr 7,1-15)

y. Ou: *Não retribuas a um amigo o que ele te fez* (de mal). z. Hebr.: *pois o seu resultado não é agradável*.

a. Os rabinos proclamaram muitas vezes a necessidade do trabalho manual (Pirqê Abôt 11,2); cf. também os textos de Qumran. Sempre sensível à ambigüidade das coisas, Ben Sirac ensina em contrapartida, em 38,24-34, que os que trabalham com suas mãos são incapazes de adquirir a sabedoria.

- ¹⁶ Não te associes à assembléia dos pecadores^b:
lembra-te de que a cólera não tarda.
¹⁷ Humilha vigorosamente tua alma,
pois a punição do ímpio é o fogo e os vermes^c.

Os amigos e a família

Dt 24,14-15

- ¹⁸ Não troques um amigo por dinheiro,
nem um verdadeiro irmão pelo ouro de Ofir^d.
¹⁹ Não te separe de uma esposa sábia e boa,
pois sua graça vale mais que o ouro.
²⁰ Não maltrates o servo que trabalha fielmente,
nem o assalariado que leva o trabalho a peito.
²¹ Que tua alma ame^e o servo inteligente;
não lhe recuses sua liberdade.
²² Tens rebanhos? Cuida bem deles.
Se deles tiras proveito^f, conserva-os.
²³ Tens filhos? Educa-os;
dobra-lhes o pescoço^g desde a juventude.
²⁴ Tens filhas? Vela por seus corpos,
e não lhes mostres um rosto complacente.
²⁵ Casa tua filha, e terás concluído um grande negócio^h;
mas entrega-a a um homem inteligente.
²⁶ Tens uma mulher segundo tua almaⁱ? Não a repudies.
Mas não te fies naquela a quem não podes amar.
²⁷ ^jDe todo o coração glorifica teu pai
e não esqueças os sofrimentos de tua mãe.
²⁸ Lembra-te de que lhes deves o nascimento:
como lhes retribuirás o que fizeram por ti?

Pr 13,24;
22,15;
23,13-14;
29,15,17

Tb 4,3-4

Os sacerdotes^k

- ²⁹ Com toda a tua alma reverencia o Senhor
e respeita seus sacerdotes.
³⁰ Com toda a tua força ama a quem te criou
e não abandones seus ministros.
³¹ Teme o Senhor e honra o sacerdote.
Dá-lhe a sua parte, como te foi prescrito:
primícias, sacrifícios de reparação, oferenda das espáduas, sacrifício de
consagração e primícias das coisas santas^l.

b. Hebr.: *Não te faças contar entre os homens do povo, isto é, não te dê importância.*

c. Cf. Pirê Abô IV.4. Hebr.: *pois a esperança do homem são os vermes*. Não te apresses em dizer: "Que desgraça!" ⁱ Volta-te para Deus, compraze-te em suas veredas. A menção do fogo, no gr., seria o indício de um progresso nas idéias?

d. Ofir tinha a fama de produzir ouro fino: 1Rs 9,28; Is 13,12; Jó 28,16; 1Cr 29,4.

e. Hebr.: *Ama como a ti mesmo*. A lei previa a libertação dos escravos após seis anos de escravidão: Ex 21,2; Dt 15,12-15.

f. Hebr.: *se te são fiéis*.

g. Hebr.: *casa-os*.

h. Hebr.: *e desaparecerão os teus cuidados*.

i. Ausente do hebr.: *segundo tua alma*.

j. Os vv. 27-28 estão ausentes do hebr.

k. Ben Sirac vota grande admiração ao sacerdócio: 45,6-26; 50; e também ao culto: 47,8-10; 49,12.

l. Hebr.: *Carne dos holocaustos, oferendas da mão*. *sacrifícios de justiça, oferendas de santidade*. Trata-se dos sacrifícios e oferendas do ritual judaico: primícias (Nm 18,11-18), sacrifício de reparação (Lv 5,6), oferenda das espáduas (Nm 6,19; Dt 18,3) ou das coxas (Ex 29,27; Lv 7,32). O sacrifício de consagração é provavelmente a oblação de Lv 2,1-16.

Os pobres e os aflitos^m

- ³² Estende a mão ao mendigo,
para que sejas plenamente abençoado.
- ³³ Que o favor de teus dons chegue a todos os vivos
e mesmo aos mortos não recuses tua graçaⁿ.
- ³⁴ Não te desvies daqueles que choram:
com os aflitos, aflige-te.
- ³⁵ Não hesites em visitar os doentes:
é por tais ações que serás amado.
- ³⁶ No que quer que faças^o, lembra-te do teu fim
e jamais pecarás.

Dt 14,29;
Sl 41,2

Rm 12,15

Prudência e circunspeção

- 8** ¹ Não entres em disputa com um homem poderoso,
para não vires a cair em suas mãos^p.
- ² Não entres em processo com um rico,
pois ele terá mais peso do que tu^q.
É que o ouro tem perdido a muitos,
chegando a desviar até o coração dos reis.
- ³ Não entres em disputa com o tagarela:
não jogues lenha em sua fogueira.
- ⁴ Não gracejes com o mal-educado,
para não veres teus ancestrais insultados^r.
- ⁵ Não faças reprimendas a quem se arrepende do seu pecado:
lembra-te de que todos nós somos culpados^s.
- ⁶ Não desprezes alguém por ser idoso,
pois alguns dentre nós também envelhecem^t.
- ⁷ Não te alegres por mais alguém ter morrido:
lembra-te de que nós todos temos de morrer.
- ⁸ Não desprezes as considerações^u dos sábios,
mas consagra-te ao estudo de suas máximas.
Pois é deles que aprenderás a instrução
e a desempenhar teu ofício junto aos grandes.
- ⁹ Não te desvies das considerações dos idosos,
pois também eles as aprenderam de seus pais.
Junto deles aprenderás a compreender
e a ter resposta pronta quando preciso.

Lv 19,32;
Sl 4,8Pr 14,35;
16,13-14

Jó 15,18

m. As obras de misericórdia exercidas para com os pobres, os mortos, os que estão na aflição, encontram-se na literatura rabínica e no NT. São as aplicações de uma doutrina vinda dos profetas e retomada pelo Dt.

n. O AT manifesta a preocupação de assegurar aos mortos uma sepultura decente: 1Sm 31,10-13; 2Sm 21,10-14; Is 34,3; Jr 22,19; Tb 1,17-18; 12,12.

o. Lit. *Em todas as tuas palavras* (ou: *ações*). Dizendo que se trata dos fins últimos do homem, o gr. é mais preciso que o hebr. *a seqüência* ou *o fim*, que pode significar o resultado, as conseqüências dos atos.

p. Hebr. acrescenta uma duplicata do mesmo v.

q. Hebr. acrescenta: *e poderás perecer*. Os juízes não eram sempre íntegros em Israel (1Sm 8,3), apesar das leis editadas (Ex 23,8; Dt 16,19), dos castigos previstos para casos graves (Dt

27,25) e apesar também dos apelos de sábios como Ben Sirac. r. Hebr.: *para que ele não venha a desprezar os nobres*.

s. *Culpados* segundo o hebr.; gr.: *estamos em castigos*. A ideia da universalidade do pecado, comum no AT (1Rs 8,46; Ecl 7,20) é afirmada ainda mais claramente no NT (Rm 3,9-20).

t. Isto é, ou serão diminuídos pela velhice, ou simplesmente avançarão em idade.

u. Em sua origem, a sabedoria possui um aspecto prático: é a educação do funcionário, docilmente haurida no ensinamento dos antigos, transmitida de pai a filho em forma de "provérbios". A tradição oral, que se tornará a "lei oral" entre os rabinos, ocupa um lugar de importância em Israel: Dt 4,9; 11,19; Sl 44,2; 78,3; Jó 8,8; 12,12. A maior parte dos livros bíblicos, em particular as coletâneas de máximas, foi transmitida oralmente, antes de ser escrita.

- ¹⁰ Não acendas os carvões do pecador
para não te queimares nas chamas de seu fogo.
- ¹¹ Não fiques insistindo^a diante do insolente,
para que não venha a prender-te no laço de tuas próprias palavras^a.
- ¹² Não emprestes dinheiro a alguém mais poderoso do que tu:
se o emprestas, considera perdido teu dinheiro.
- ¹³ Não sejas fiador acima de tuas posses^a;
se o fizeres, conta com a obrigação de pagar.
- ¹⁴ Não entres em processo com um juiz,
pois julgarão em favor dele, por causa de sua posição^a.
- ¹⁵ Não viajes com o audacioso^a,
para que não te acabrunhe de males:
pois ele se dirigirá por seus caprichos
e, por sua loucura, perecerás com ele.
- ¹⁶ Não entres em conflito com o violento
nem atraveses com ele o deserto:
pois o sangue derramado não é nada a seus olhos
e onde não poderás gritar por socorro, ele te atacará.
- ¹⁷ Não tomes conselho com o insensato,
pois ele não saberá dissimular vossas conversas.
- ¹⁸ Na presença de um estranho, nada faças de secreto,
pois não sabes o que ele poderia daí deduzir^a.
- ¹⁹ Não abras o coração a qualquer um,
pois não receberias nenhum agradecimento por isso^b.

Pr 22,24

As mulheres

- 9** ¹ Não tenhas ciúme da mulher do teu carinho^a,
para que ela não aprenda a agir mal contra ti.
- ² Não te entregues a uma mulher,
a tal ponto que ela venha a dominar sobre ti.
- ³ Não vás ao encontro de uma cortesã;
toma cuidado para não cair em suas redes.
- ⁴ Não te entretendas com a tocadora de lira,
para não te deixares prender por seus artifícios^a.
- ⁵ Não detenhas teus olhares sobre uma jovem,
para não seres envolvido em sua condenação.
- ⁶ Não te entregues às prostitutas,
para que não venhas a perder o teu patrimônio.
- ⁷ Não vagueies o olhar pelas ruas da cidade,
nem perambules por seus recantos desertos^a.
- ⁸ Desvia o teu olhar de uma mulher bonita
e não detenhas os olhos na beleza que não te pertence.

Pr 23,27;
29,3

Mt 5,28

v. Ou: *Não cedas*. Hebr.: *Não te retires*.w. Lit.: *para que não se prepare como uma cilada para a tua boca*.x. *Sr* é menos desfavorável ao penhor que os antigos sábios, cf. 29,14-20.y. Lit. *dignidade*. Pode-se também traduzir: *julgá-lo-do segundo sua própria opinião*. Hebr.: *pois ele julgará a seu bel-prazer*.z. Hebr.: *com um homem forte ou um soldado*.a. Lit. *o que ele dará à luz*.b. Hebr.: *e não afastes de ti a felicidade*.c. Lit. *a esposa que repousa em teu seio*. A questão do ciúme é tratada do ponto de vista jurídico em Nm 5,14.d. Hebr.: *para que ela não venha a queimar-te com sua boca*.e. Hebr.: *passando por tolo a teus próprios olhos/ e combinando um preço atrás de sua casa*.

Pela beleza de uma mulher se transviaram muitos:
o amor nela se acende como um fogo^f.

- ⁹ Jamais te sentes à mesa com mulher casada,
nem festejes com ela bebendo vinho:
para que tua alma não se incline a ela
e, em tua paixão^g, não venhas a escorregar na desgraça.

Pr 2,16;
5,3-20;
6,23-29;
7,5; 22,14;
23,27;
30,20

Relações humanas

- ¹⁰ Não abandones um velho amigo,
pois um amigo recente não tem igual valor.
Como o vinho novo, tal é o amigo novo:
quando envelhecer, hás de bebê-lo com alegria.
- ¹¹ Não invejes o sucesso do pecador:
não sabes que triste fim o espera.
- ¹² Não agrades o bom êxito^h dos ímpios:
lembra-te de que não ficarão impunes até a morteⁱ.
- ¹³ Mantém distância de quem tem o poder de matar,
e não passarás pelo medo da morte.
Se fores a ele, porém, evita qualquer passo em falso,
para que não venha a tirar-te a vida.
Reconhece que caminhas no meio das armadilhas
e que andas por sobre as muralhas da cidade^j.
- ¹⁴ Tanto quanto possas, procura teu próximo
e aos sábios pede conselho.
- ¹⁵ Conversa com pessoas inteligentes
e todos os teus discursos versem sobre a Lei do Altíssimo.
- ¹⁶ Que os justos sejam teus companheiros de mesa,
e tua ufania esteja no temor do Senhor.
- ¹⁷ Na mão dos artesãos está a obra que se louva^k;
no chefe do povo, a sabedoria do seu discurso.
- ¹⁸ O homem tagarela é temido em sua cidade;
o irrefletido se faz detestar por suas palavras^l.

Sl 37,1-2;
73,3;
Pr 24,19

O governo

10

- ¹ O juiz^m sábio disciplina seu povo;
a autoridade do homem inteligente é bem estabelecida.
- ² Tal o juiz do povo e tais os seus ministros,
tal quem dirige a cidade e tais seus habitantes.
- ³ Um rei ignorante é a ruína do seu povo,
pois toda cidade funda-se sobre a inteligência dos seus príncipes.

f. *Ahikar* 2,72: "Filho, teus olhos não fitem uma mulher que é bela e não sejas curioso a respeito de uma beleza que não te pertence, pois muitos pereceram por causa da formosura de uma mulher, e seu amor foi como um fogo que queima".

g. Hebr.: e não venhas a cair em sangue na cova.

h. *O bom êxito*: gr. *eudodia*, corrigido por Ziegler conforme o hebr. O conjunto dos mss. têm: *a complacência, eudokia*.

i. Expressão da fé tradicional em uma retribuição terrestre.

j. Onde se expõe às flechas do inimigo. Hebr.: *sobre uma rede*.

k. Paralelo entre a habilidade do artesão e as palavras sensatas

de um chefe do povo, mas o sentido do primeiro estíquio é incerto. Hebr.: *A retidão é obscurecida pelos que têm destreza em suas mãos*.

l. Hebr.: e a censura em sua boca é detestada.

m. Esse juiz (*shofet*) administra a cidade e governa o povo, como os suetas cartagineses. Nisso aproxima-se dos chefes carismáticos dos inícios da instalação em Canaã, chamados "juízes", dos quais no entanto é preciso distingui-los. Mas sua função não é a de administrar a justiça entre particulares, segundo o sentido usual moderno do vocábulo "juiz".

- ⁴ Na mão do Senhor está o governo da terra:
ele suscita o homem adequado no momento oportuno.
⁵ Na mão do Senhor está o sucesso do homem;
na pessoa do escribaⁿ ele fará repousar a sua glória.

Rm 13.1

Contra o orgulho

- ⁶ Não guardes ressentimento^o do próximo, seja qual for a desfeita:
nada faças num ímpeto de violência.
⁷ O orgulho é detestável aos olhos do Senhor e dos homens;
tanto a um como aos outros a injustiça é abominável.
⁸ A realzeza passa de um povo a outro
por causa das injustiças, das violências e da cupidez^p.
⁹ Por que se orgulha quem é terra e cinza,
quando, ainda em vida, seus intestinos são podridão^q?
¹⁰ Uma longa doença desafia o médico^r;
quem hoje é rei, amanhã estará morto.
¹¹ Tendo o homem morrido,
sua herança são os répteis, as feras, os vermes^s.
¹² O começo do orgulho do homem é seu afastamento do Senhor^t,
a revolta do seu coração contra aquele que o criou.
¹³ Começo do orgulho é o pecado:
quem nele persiste^u, provoca um dilúvio de abominação.
Eis por que o Senhor tornou flagrantemente as suas misérias^v
e os associou até exterminá-los.
¹⁴ O Senhor revirou os tronos dos príncipes^w
e estabeleceu os mansos^x em lugar deles.
¹⁵ O Senhor arrancou as raízes das nações
e em seu lugar plantou os humildes.
¹⁶ O Senhor devastou o território das nações^y
e as assolou até os fundamentos da terra^z.
¹⁷ Ele as retirou do meio dos homens e as fez perecer,
cancelando da terra até sua memória.
¹⁸ O orgulho não foi criado para os homens
nem o impulso da cólera para os que nascem das mulheres.
¹⁹ Que raça é digna de honra? A raça dos homens.
Que raça é digna de honra? Os que temem o Senhor.
Que raça é indigna de honra? A raça dos homens.
Que raça é indigna de honra? Os que transgridem os mandamentos^b.

Gn 18,27

Is 14,11;
Jz 17,14ISm 2,4-8;
Lc 1,51-52;
Sr 33,12

n. Hebr.: *diante do legislador*. O gr. adapta o texto ao Egito, onde os escribas podiam ser altos funcionários, quase ao nível do legislador.

o. Hebr.: *não retribuas o mal*.

p. Hebr.: *por causa da violência do orgulho*. Talvez haja uma alusão à situação da Palestina nos séculos III-II a.C., por ocasião das lutas entre lágidas e selêucidas. Alguns mss. gr. acrescentam: *Nada é mais injusto que o homem que ama o dinheiro/ porque ele torna venal até sua própria alma*.

q. Conjetura segundo o hebr. Gr.: *rejeita seus intestinos* (?).
r. Hebr.: *o médico se aflige com uma doença curta*. O sentido deste v. é incerto.

s. Hebr.: *os vermes, as larvas e os insetos*.

t. Hebr.: *é um homem desavergonhado*.

u. Hebr.: *sua fonte*.

v. Hebr.: *encheu seu coração de flagelos*. O autor parece ter em vista exemplos precisos: pragas do Egito (Ex 7-11), destruição de Nínive (612 a.C.), queda de Babilônia (539 a.C.).

w. Hebr.: *dos orgulhosos*.

x. Hebr.: *os humildes*.

y. Ausente do hebr.

z. Hebr.: *recoabriu os vestígios das nações*.

a. Hebr.: *destruiu suas raízes*.

b. Não é em vista de sua natureza que o homem é digno de honra ou de desprezo, mas em razão de sua atitude para com Deus.

- ²⁰ Entre seus irmãos é honrado quem tem o comando;
aos olhos do Senhor, porém, os que o temem^c.
²² O prosélito, o estrangeiro, o pobre^d,
sua ufania é o temor do Senhor.
²³ É injusto insultar um pobre inteligente
e fora de propósito, glorificar um pecador.
²⁴ O grande, o juiz, e o príncipe são glorificados,
mas nenhum deles é maior do que aquele que teme o Senhor.
²⁵ Um servo sábio terá homens livres a seu serviço,
e o homem ajuizado não murmurará por isso^e.

Jr 9,22-23;
1Cor 1,26-31;
2Cor 10,17;
Tg 1,9
Pr 17,2;
11,29

Humildade e verdade

- ²⁶ Não banquetes o sábio ao fazeres teu trabalho,
nem te glorifiques no momento do embarço.
²⁷ Vale mais quem trabalha e tem de tudo em abundância
que aquele que anda pavoneando-se e não tem pão.
²⁸ Filho, glorifica tua alma com mansidão,
concede-lhe a honra que ela merece.
²⁹ Quem peca contra sua alma, quem o justificará?
Quem glorificará aquele que desonra sua própria vida?
³⁰ Um pobre pode ser honrado por sua ciência
e o rico, por sua riqueza.
³¹ Se alguém é honrado na pobreza, quanto mais o será na riqueza?
Mas se é desprezado na riqueza, quanto mais não o será na pobreza?

Pr 12,9

11,1

Não confiar nas aparências

- 11** ¹ A sabedoria do humilde o faz levantar a cabeça:
ela o faz sentar-se no meio dos grandes.
² Não louves um homem por sua beleza,
nem tenhas horror a alguém só por sua aparência.
³ A abelha é pequena entre os seres alados,
mas o que ela produz é o que há de mais doce.
⁴ Não te vanglories do manto que trazes
e no dia de tua glória não te exaltes^f;
pois as obras do Senhor são admiráveis,
mas ocultas, as suas obras, aos homens^g.
⁵ Muitos tiranos foram prostrados por terra^h,
e aquele com quem não se contava cingiu o diadema.
⁶ Muitos príncipes foram completamente desonrados
e homens ilustres foram entregues à mercê de outrem.
⁷ Não censures antes de te haveres informado:
reflete primeiro, repreende depois.
⁸ Não respondas antes de teres escutado:
não intervenhas no meio do discurso.

Pr 18,13

c. Mss. gr. acrescentam: ²¹ O temor do Senhor é o começo da aceitação (por Deus), mas o começo da rejeição é o endurecimento e o orgulho.

d. Hebr.: *Hóspede ou estrangeiro, migrante ou pobre.*

e. Para Ben Sirac, as situações sociais têm importância apenas secundária: a verdadeira superioridade é a do sábio. Análoga será a atitude de S. Paulo: Gl 3,28; Cl 3,11; Fm 16.

f. Hebr.: *Não zombes de quem está mal vestido/ nem escarneas de quem está num dia de amargura.*

g. Isto é, elas são invisíveis e imprevisíveis, e todas as situações estão à mercê de uma mudança da sorte. Cf. 1Sm 2,8; Sl 113,7ss; Jó 12,17-19.

h. Hebr.: *Muitos humilhados se assentaram sobre um trono.*

- ⁹ Não questione por uma coisa que não te diz respeitoⁱ
e não te metas em contenda de pecadores.

Só o auxílio divino é eficaz

Lc 10,41-42

- ¹⁰ Filho, não sejam muito numerosas as tuas ocupações:
se as multiplicas, não ficarás sem culpa;
se persegues, não alcanças;
e se foges, não escapas^l.

Pr 11,24;

21,5;

Sl 127,1-2

- ¹¹ Um se esforça, afadiga-se e se apressa,
e fica sempre mais desprovido^k.
¹² Outro é fraco e carente de ajuda,
falto de forças^l e rico de miséria:
mas os olhos do Senhor o fitaram com benevolência,
e ele o reergueu de sua humilhação^m.

Is 45,7;

Jó 1,21;

2,10

- ¹³ O Senhor o fez reerguer a cabeçaⁿ
e muitos ficaram admirados.
¹⁴ Os bens e os males, a vida e a morte,
a pobreza e a riqueza vêm do Senhor^o.
¹⁵ Os dons do Senhor são assegurados aos homens piedosos^p,
sua benevolência os guiará para sempre.
¹⁶ Há quem se enriqueça à força de atenção e de economia,
mas eis qual será o seu salário:

Sl 49,17-18;

Jó 27,16-23;

Eccl 2,21-23;

Lc 12,16-21

- ¹⁹ Quando disser: "Encontrei o repouso,
agora vou comer de meus próprios bens",
ele não sabe quanto tempo vai passar,
deixará os bens a outros e morrerá.

Importância da morte

Sl 37,1;

73,3;

Pr 3,31;

23,17

- ²⁰ Fica firme em tua aliança^q e consagra-te a ela,
envelhece em teu trabalho.
²¹ Não te espantes das obras do pecador:
tem confiança no Senhor e persevera em tua fadiga,
pois é fácil aos olhos do Senhor
enriquecer um pobre de repente e rapidamente.
²² A bênção do Senhor é a recompensa do homem piedoso:
ele faz florescer num instante sua bênção^r.
²³ Não digas: "De que mais preciso?"
Que bens ainda me faltam?"

i. Hebr.: *se não foste prejudicado.*

j. Hebr.: *Filho, se não correres não chegarás! e, se não procurares, não encontrarás.*

k. *Desprovido ou distanciado.* Sr., ao menos na versão gr., mostra pouca confiança no sucesso da atividade humana.

l. *Forças ou meios.*

m. Hebr.: *do pó da putrefação.*

n. Hebr. acrescenta: *e o reergueu.*

o. Alguns mss. gr. acrescentam: ¹⁵*A sabedoria, a ciência e o conhecimento da Lei vêm do Senhor; / o amor e o caminho das boas obras dele procedem. (Hebr. A sabedoria, o bom senso e a compreensão da palavra vêm do Senhor; / o pecado e as veredas retas vêm do Senhor).* ¹⁶*A loucura e a obscuridade foram criadas para os pecadores; / os que se comprazem no mal no*

mal envelhecem.

p. *Piedoso* serve aqui e alhures para traduzir um termo hebr. que quer dizer *justo*.

q. Hebr.: *em tua tarefa.* O gr. escolheu mal entre os sentidos possíveis do vocábulo hebr., mas sem abandonar a idéia de coisa mandada, imposta. A aliança tem por sinal a Lei.

r. Ou: *seu bom êxito floresce*, lendo *eundia*, *bom êxito*, segundo o lat. *processus*, em lugar de *eulogia*, *bênção*.

s. Hebr.: *Satisfiz meu desejo.* Todo o v. pode ter dois sentidos opostos. Se a interrogação é verdadeira, o autor critica a insatisfação perpétua de quem procura sempre o que ainda poderia lhe faltar. Se a interrogação é retórica, então tem o valor de negação: é a suficiência orgulhosa que é preciso evitar, e o v. 23 é assim paralelo ao v. 24. Ben Sirac gosta da interrogação retórica.

- ²⁴ Não digas: "Tenho tudo o que me é necessário;
que desgraça me poderia ainda atingir?"
- ²⁵ No dia da ventura esquecem-se os males,
no dia da desgraça esquece-se a ventura¹;
- ²⁶ pois é fácil ao Senhor, no dia da morte,
retribuir ao homem segundo os seus caminhos.
- ²⁷ Uma hora má traz o esquecimento do bem-estar,
mas o fim do homem é que revela suas obras.
- ²⁸ Antes da morte não proclames ninguém feliz,
pois é na morte² que se reconhece um homem³.

Rm 2,6

Desconfiar do malvado

- ²⁹ Não introduzas qualquer um em tua casa
pois numerosas são as ciladas do homem astuto.
- ³⁰ Uma perdiz cativa em sua gaiola, tal é o coração do orgulhoso⁴:
como espião, aguarda a tua queda⁵.
- ³¹ Mudando o bem em mal, ele arma suas ciladas⁶:
nos atos mais puros encontra o que censurar.
- ³² Uma centelha acende uma fogueira:
assim, as ciladas do pecador fazem correr o sangue.
- ³³ Guarda-te do malvado, pois planeja o mal
e pode manchar tua reputação para sempre⁷.
- ³⁴ Acolhe o estranho, e ele te atirárá em confusões
e de ti afastará os teus.

O discernimento nos benefícios⁸

- 12** ¹ Ao fazeres o bem, sabe a quem o fazes⁹
e te agradecerão por teus benefícios.
- ² Faze o bem ao homem piedoso, e encontrarás tua recompensa:
senão junto dele, certamente junto do Altíssimo.
- ³ Não há felicidade para quem persevera no mal,
e para quem se recusa a dar esmola¹⁰.
- ⁴ Dá ao homem piedoso, mas jamais prestes ajuda ao pecador¹¹.
- ⁵ Faze o bem ao humilde, mas nada concedas ao ímpio;
recusa-lhe seu pão e não lho dês,
a fim de que não tenha nisso poder sobre ti¹².

t. Os vv. 25b-26 são substituídos em hebr. por uma duplicata do v. 27.

u. O gr. *em seus filhos* escolheu mal entre os diversos sentidos de um vocábulo hebr. que pode significar *quer seus filhos quer sua morte*.

v. Este pensamento, familiar aos gregos, encontra-se também na literatura judaica; cf. o célebre episódio de Cresos e Sólon, referido por Heródoto. *Histórias* 130-32. O autor não põe em dúvida o julgamento que espera os humanos no dia da morte, mas não explica a natureza da retribuição.

w. A imagem é a de um pássaro colocado como chamariz numa gaiola, a fim de atrair outros pássaros. O coração do orgulhoso atrai o próximo para as armadilhas do pecado.

x. Entre os dois estíquios do v. 30, o hebr. tem seis vv. que faltam em gr. e existem só parcialmente em sir.

y. Hebr.: *O caluniador muda o bem em mal*.

z. Entre os vv. 33 e 34, o hebr. acrescenta: *Não te ajuntes com o malvado, pois ele te faria desviar de tua rota e te afastaria de tua aliança*. Possível alusão a uma helenização que afastaria da Lei.

a. A circunspeção na caridade explica-se pelo fato de que Sr escreve num período de crise, quando o judaísmo se via envolvido pelo helenismo triunfante e devia, caso quisesse sobreviver, recusar todo compromisso com o adversário.

b. Hebr.: *Se fazes mal ao homem bom, a quem farás bem?*

c. Hebr.: *Não há proveito em fazer bem ao malvado; nem mesmo é fazer uma boa obra*.

d. Duplicata do v. 7, ausente do hebr.

e. Hebr.: *Não lhe entregues armas de guerra para que não as utilize contra ti*.

- Pois tu serias retribuído com males em dobro^f
 por cada um dos benefícios que lhe concedesses.
⁶ Pois também o Altíssimo detesta os pecadores
 e inflige aos ímpios o castigo que merecem^g.
⁷ Dá, pois, ao homem bom, mas não prestes jamais ajuda ao pecador^h.

Verdadeiros e falsos amigos

- ⁸ Não é na felicidade que se descobreⁱ quem é amigo;
 já na desgraça, o inimigo não fica oculto.
⁹ Quando um homem é feliz, seus inimigos se afligem^j;
 em suas desgraças, até seu amigo se afasta dele.
¹⁰ Nunca te fies de teu inimigo;
 pois sua maldade é igual ao bronze que se enferruja^k.
¹¹ Mesmo que ele banque o humilde^l e se aproxime cabisbaixo,
 presta atenção e toma cuidado com ele.
 Sê para ele como um polidor de espelho,
 e sabe que não ficará sempre manchado de ferrugem^m.
¹² Não o estabeleças perto de ti,
 para que não te derrube e tome o teu lugar;
 nem o assentes à tua direita,
 para que não venha a cobiçar teu próprio assento;
 no fim compreenderias a justeza de minhas observações
 e te lembrarias, com pesar, de minhas palavrasⁿ.
¹³ Quem teria piedade do encantador mordido por uma serpente
 e dos que chegam perto dos animais bravios?
¹⁴ Assim é quem freqüenta o pecador^o
 e se deixa envolver em seus pecados^p.
¹⁵ Ficará uma hora contigo^q
 mas, se vacilares, não se retardará.
¹⁶ O inimigo tem a doçura nos lábios,
 mas em seu coração quereria precipitar-te na cova^r;
 pode ter as lágrimas nos olhos
 mas, se tiver a oportunidade, não se saciará de sangue.
¹⁷ Se te acontecer alguma desgraça, tu o encontrarás lá adiante
 e, sob pretexto de te socorrer, há de agarrar-te ao calcanhar.
¹⁸ Balançará a cabeça e esfregará as mãos,
 invectivará sem cessar e mudará de feição^s.

f. Hebr. acrescenta: *no tempo da tua penúria*.

g. Certos mss. gr. acrescentam: *ele cuida deles até o dia de seu castigo*. Jesus invocará um argumento oposto para exigir uma atitude aberta para com todos, Mt 5,45.

h. Hebr. acrescenta: *reconforta o humilde, mas não dê nada ao soberbo*.

i. Traduzimos conforme o hebr. Gr. obscuro.

j. Hebr.: *mesmo quem o odeia é seu amigo*.

k. Assim como a ferrugem sempre termina por atacar um metal, a maldade sempre se manifestará. Outro sentido: como o metal é dissimulado pela ferrugem, assim a maldade se oculta, cf. v. 11.

l. Hebr.: *que ele te escute*.

m. Ou então: *para te assegurar que não se corroa totalmente*.

Hebr.: *age com ele como com quem revela um segredo/ e não encontrará maneira de te prejudicar/ e conhece as consequências da inveja*.

n. Hebr.: *e gemerás com o meu gemido*.

o. Hebr.: *quem se associa a uma mulher insolente*.

p. Hebr. acrescenta: *não ficará sem que o fogo o consuma/ Enquanto caminhar contigo, não se descobrirá a ti/ e se caíres, não se abaixará para te ajudar*.

q. Hebr.: *Enquanto ficares de pé, ele não se descobrirá*.

r. Hebr.: *pensa em covas profundas*.

s. Gestos freqüentes de escárnio: Jr 18,16; Ez 25,6; Na 3,19; Sl 22,8; 109,25; Lm 2,15. — *Mudará de feição*: seu rosto triunfante mostrará que sua simpatia era fingida e hipócrita, cf. v. 16c.

As ciladas do rico orgulhoso

13

- ¹ Quem toca no piche fica sujo,
quem frequenta o orgulhoso^t torna-se como ele.
² Não levantes um fardo pesado demais para ti
nem freqüentes um homem mais forte ou mais rico do que tu.
Como podem ir juntas a panela de barro e a panela de ferro?
Se se chocarem uma com a outra, a primeira se quebra^u.
³ O rico comete uma injustiça e é ele que se ofende^v;
o pobre sofre a injustiça e ainda tem de desculpar-se^w.
⁴ Se lhe fores útil, ele te explorará;
se estiveres na penúria, deixar-te-á cair.
⁵ Se tiveres algum bem, viverá contigo
e te devorará, sem remorsos.
⁶ Precisa ele de ti? Enganar-te-á,
sorrirá para ti e te dará esperança;
far-te-á cumprimentos e dirá: "Que posso fazer por ti?"
⁷ Vai humilhar-te em seus banquetes^x,
até te despojar por duas e três vezes^y,
e no fim zombará de ti.
Depois, ao ver-te, não te dará atenção
e sacudirá a cabeça a teu respeito.
⁸ Toma cuidado para não te deixares enganar,
para não seres humilhado por tua insensatez^z.

Desconfiar dos grandes

- ⁹ Quando um poderoso te convidar,
mantém-te à parte
e seu convite será tanto mais insistente^b.
¹⁰ Não te precipites, para não seres repellido,
e não te mantinhas longe demais, para não seres olvidado.
¹¹ Não pretendas falar de igual para igual com ele,
e não confies em seus longos discursos;
pois ele te põe à prova com a tua tagarelice
e te perscruta mesmo quando te sorri.
¹² É impiedoso quem não guarda para si as tuas palavras,
pois não te poupa nem os golpes nem as cadeias^c.
¹³ Sê reservado e toma muito cuidado,
pois caminhas à beira de tua ruína^d.

t. Hebr.: zombador.

u. Esta comparação célebre já se encontra entre as fábulas do grego Esopo, cerca de 600 a.C. Hebr. acrescenta: *Por que então o rico se ligaria ao pobre?*

v. Hebr.: e dela se ufana.

w. Hebr.: e geme.

x. Hebr.: de que precisas? (cf. *Pirqê Abôt* II.3). — Os dois últimos estíquios faltam no hebr.

y. Ele te despojará, ao te impor a obrigação de lhe retribuir seus convites.

z. Hebr.: Enquanto tirar proveito, ele se diverte contigo; duas vezes, três vezes, ele te mostrará estima.

a. Hebr.: Toma cuidado para não te perturbares demais! assemelhando-te aos insensatos. No hebr., estes estíquios têm antes conexão com o que segue.

b. Hebr.: Quando um rico se aproximar, mantém-te afastado! e ele te fará adiantar-te.

c. Hebr. acrescenta: *Se um violento for nomeado governador, ele não terá piedade e atentará contra a vida de muitos.* Sentido conjectural, tanto em gr. como em hebr.

d. Hebr.: não caminhaes com os violentos. — Alguns mss. gr. acrescentam: *"Ouvindo estas coisas em teu sono, acorda e ama ao Senhor por toda a vida" e invoca-o para a tua salvação.*

Contraste entre o rico e o pobre

- ¹⁵ Todo ser vivo ama seu semelhante
e todo homem ama seu próximo.
- ¹⁶ Toda carne se une segundo sua espécie
e o homem se liga a seu semelhante.
- ¹⁷ Que há de comum entre o lobo e o cordeiro?
Tal é o pecador, em face do homem piedoso.
- ¹⁸ Que paz pode reinar entre a hiena e o cão
e que paz, entre o rico e o pobre?
- ¹⁹ Os onagros no deserto são a caça dos leões;
assim os pobres são o pasto dos ricos.
- ²⁰ Uma condição humilde causa horror ao orgulhoso;
assim o pobre causa horror ao rico.
- ²¹ O rico que vacila é amparado por seus amigos;
mas o humilde que cai é ainda repellido pelos seus^f.
- ²² Quando o rico se engana, muitos vêm em sua ajuda
e, se profere tolices, ainda lhe dão razão^g.
Mas se o humilde se engana, logo o censuram^h;
e, se diz coisas sensatas, não se lhe dá atenção.
- ²³ Quando um rico fala, todos se calam
e levam até as nuvens o seu discursoⁱ.
Quando um pobre fala, perguntam: "Quem é este?"
e, se tropeça, empurram-no para fazê-lo cair.
- ²⁴ A riqueza é boa quando isenta de pecado;
mas a pobreza é má, nos dizeres do ímpio^j.
- ²⁵ É o coração do homem que modela o seu rosto,
quer para o bem, quer para o mal.
- ²⁶ É sinal de bom coração um rosto alegre^k,
mas a intervenção dos provérbios exige penosa reflexão^l.

Mc 10,23-24;
Mt 13,22;
Pr 15,13

Felicidade do justo^m

Tg 3,2

- 14** ¹ Feliz o homem cuja boca não falhou
e que não é atormentado pelo pesar dos seus pecados.
- ² Feliz aquele cuja consciência não o acusaⁿ,
e que jamais foi frustrado em suas esperanças.

Inveja e avareza

Ecl 5,9;
6,2

- ³ Ao avarento não fica bem a riqueza;
para o cobiçoso, qual a utilidade de grandes bens?
- ⁴ Quem acumula privando-se, acumula para outrem;
outros viverão no luxo com os seus bens.

e. Imagem corrente. Is 11,6 acrescenta a reconciliação do lobo e do cordeiro como um dos sinais da era messiânica; cf. Mt 10,16.

f. Hebr.: *é remetido de um amigo a outro*.

g. Hebr.: *Quando o rico fala, eleva-se às nuvens a sua sabedoria e seus discursos repreensíveis são considerados perfeitos*.

h. Hebr.: *gritam-lhe hei! hei!*

i. Hebr.: *a sua sabedoria*.

j. O gr. traduz servilmente um hebraísmo que significa *na*

medida da impiedade. Este v. parece destinado a corrigir os precedentes: o rico nem sempre é mau, nem o pobre é sempre bom.

k. Hebr.: *bom*; gr. *em festa* é o resultado de uma má leitura do hebr.

l. Hebr.: *um homem fechado exprime pensamentos tristes*. Texto obscuro em gr. e em hebr.

m. Depois de ter-se estendido sobre o perigo das riquezas, Sr proclama que só o justo é feliz.

n. Hebr.: *que não se priva*.

- ⁵ Quem é duro para consigo mesmo, para quem será bom?
Não aproveitará dos seus próprios tesouros.
- ⁶ Não há ninguém pior do que aquele que se maltrata a si mesmo, pois aí está a paga da sua maldade. Pr 11,17
- ⁷ "Se fizer algum bem, é por inadvertência que o faz; e terminará por revelar sua malignidade.
- ⁸ É perverso o homem de olhar invejoso, que vira o rosto e despreza as pessoas.
- ⁹ O olho do cobiçoso não se satisfaz com a sua parte: uma avidez maligna resseca sua alma^p.
- ¹⁰ O avarento^q é sovina até no pão e passa falta em sua própria mesa^r.

O bom uso das riquezas

- ¹¹ Filho, na medida em que o possas, trata-te bem e apresenta ao Senhor as oferendas que lhe são devidas^s.
- ¹² Lembra-te de que a morte não tarda e que o pacto do Hades não te foi revelado^t. Sl 49
Is 28,15-19
- ¹³ Antes de morrer, faz o bem a teu amigo: sê generoso e dá a ele segundo tuas posses.
- ¹⁴ Não te privas da felicidade de um dia, nem deixes escapar tua parte de uma satisfação legítima^u.
- ¹⁵ Não terás de deixar para outro o fruto de teus labores? e o fruto de tuas fadigas não ficará para a partilha da herança?
- ¹⁶ Dá, recebe, e alegra tua alma, pois não há mais possibilidade, no Hades, de procurar o prazer^v.
- ¹⁷ Toda carne envelhece como um vestido; é a lei eterna: "Deves morrer". Is 50,9;
Sl 6;
Sl 102,27;
Jó 13,28
- ¹⁸ Como a folhagem verdejante sobre uma árvore frondosa ora cai e ora rebrota, assim as gerações de carne e de sangue: morre uma, outra aparece. Eccl 1,4
- ¹⁹ Toda obra corruptível desaparece e, quem a produziu, com ela também se vai^w.

Na intimidade da sabedoria^x

- ²⁰ Feliz o homem que se aplica à sabedoria e que emprega sua inteligência a refletir;
- ²¹ que medita no coração, em seus caminhos, e pensa em seus segredos^y.
- ²² Ele se lança em sua procura como um caçador e se mantém à espreita, à sua passagem.

o. Os vv. 7 e 8 faltam em hebr. O v. 8 falta em sir. O homem mau afasta seu olhar de quem precisa de ajuda. As pessoas, lit. as almas.

p. Hebr.: quem toma a parte do seu próximo perde a sua.

q. Lit. O olho mau, expressão calcada no hebr.

r. Hebr. acrescenta: Um olho bom multiplica o pão / e de uma fonte seca faz jorrar água sobre a mesa.

s. O grego do segundo estíquio compreendeu mal o hebr.: engorda segundo os teus meios.

t. Trata-se provavelmente do decreto que fixa a data da morte. u. Hebr.: Quando se partilha a marmita, não vás embora / e não alimentes maus desejos.

v. Segundo a concepção tradicional, a alma que desce à morada dos mortos não conhece alegria nem sofrimento.

w. Hebr.: Todas as ações do homem são votadas à corrupção / e a obra de suas mãos o seguirá.

x. A sabedoria se descobre sobretudo nos provérbios e máximas. y. Hebr.: em suas veredas, corrigindo o hebr. conforme o sir.

- ²³ Olha com atenção por sua janela
e escuta à sua porta.
²⁴ Acampa ao lado de sua casa
e fixa a estaca^a da tenda dentro de seus muros.
²⁵ Arma sua tenda junto dela
e se aloja na moradia da felicidade.
²⁶ Entrega os filhos à sua proteção^a
e permanece debaixo de seus ramos.
²⁷ É por ela protegido contra o calor
e acampa em sua glória^b.

A recompensa do justo

- 15** ¹ Quem teme o Senhor age coerentemente,
quem é mestre da Lei^c atingirá a sabedoria.
² Ela virá ao seu encontro como mãe
e como uma esposa virgem^d o acolherá;
³ com o pão da inteligência o alimentará
e da água da sabedoria lhe dará a beber.
⁴ Ele se apoiará nela e não se dobrará,
a ela se apegará e não será confundido;
⁵ ela o exaltará acima de seus companheiros
e lhe abrirá a boca no meio da assembléia.
⁶ Ele encontrará júbilo e uma coroa de alegria
e alcançará um renome eterno.
⁷ Mas os insensatos não a atingirão
e os pecadores não chegarão a vê-la.
⁸ Ela mantém-se longe do orgulhoso^e,
dela nem se lembrarão os mentirosos.
⁹ O louvor destoa na boca dos pecadores,
pois não foi enviado da parte do Senhor.
¹⁰ É a sabedoria que faz proferir o louvor^f,
e é o Senhor quem o inspira^g.

Dt 32,2;
Is 12,3;
Jr 2,13;
17,13;
Ez 47,1-12

Liberdade do homem

- ¹¹ Não digas: “É por causa do Senhor que me afastei^h”,
pois o Senhor não faz o que detesta.
¹² Não digas: “Foi ele quem me desviou”,
pois ele não precisa do pecador.
¹³ O Senhor odeia toda abominação:
não pode ser amada pelos que o tememⁱ.
¹⁴ Ele mesmo criou o homem no começo^j
e o entregou ao seu próprio arbítrio^k.

Tg 1,13-15

z. Hebr.: *suas cordas*.
a. Hebr.: *Faz seu ninho entre seus ramos*.
b. Hebr.: *sob sua proteção*. — Esta “glória” talvez designe a nuvem que manifesta a presença do Senhor (Ex 16,10; Ez 1,28); é a Shekiná (“Presença”) da literatura rabínica.
c. O escriba ou “doutor da lei” desempenhará um papel cada vez mais importante no judaísmo.
d. Hebr.: *como a esposa de sua juventude*.
e. Hebr.: *dos gracejadores*.

f. Hebr.: *na boca do sábio é pronunciado o louvor*.
g. Hebr.: *quem a possui o ensinará*. Nos vv. 9-10, o louvor é o da sabedoria.
h. Sr protesta contra a tendência do pecador a atribuir ao Senhor a responsabilidade de suas faltas. Isto o leva a considerações mais genéricas sobre a liberdade do homem.
i. Hebr.: *ele não faz que as encontrem aqueles que o temem*.
j. Hebr. acrescenta: *e o entregou a seu inimigo*.
k. Ao vocábulo gr. *diaboulion*, *conselho*, corresponde o hebr.

- ¹⁵ Se quiseres, podes observar os mandamentos:
ficar fiel depende de tua boa vontade¹.
¹⁶ Ele colocou junto de ti o fogo e a água:
podes estender a mão segundo a tua escolha.
¹⁷ Aos homens são propostas a vida e a morte^m:
a cada um será dado segundo a sua escolha.
¹⁸ Pois é grande a sabedoria do Senhor;
ele é forte e poderoso e vê todas as coisas.
¹⁹ Seus olhares se voltam para os que o tememⁿ,
pois ele mesmo conhece todas as obras dos homens.
²⁰ A ninguém prescreveu que fosse ímpio,
a ninguém deu permissão para pecar^o.

Dt 11,26

Sl 33,13-15

Maldição dos ímpios

- 16** ¹ Não desejes uma multidão de filhos sem préstimo,
nem te alegres com filhos ímpios.
² Por numerosos que sejam^p, não te alegres por eles
se não possuírem o temor do Senhor.
³ Não deponhas tua confiança em sua vida^q
nem te apóies em seu número^r:
pois um só^s vale mais do que mil,
e morrer sem filhos é melhor do que ter filhos ímpios.
⁴ Por um só homem inteligente^t a cidade será povoada,
mas a raça dos ímpios^u será extinta.
⁵ Vi com meus olhos muitas coisas semelhantes
e ouvi com meus ouvidos exemplos ainda mais tocantes.
⁶ Na assembléia dos pecadores se acende o fogo,
contra um povo rebelde se inflamou a cólera^v.
⁷ Ele não perdoou aos antigos gigantes^w,
que se rebelaram por causa de sua força^x.
⁸ E não poupou a cidade de Lot,
cujo orgulho considerou abominável^y.
⁹ Nem teve piedade do povo da perdição,
que foi exterminado por seus pecados^z;

Lv 26,30-31;
Dt 28,15-29;
29,20-21

yéser (cf. Gn 6,5 nota). Em Ben Sirac, temos ainda o sentido neutro de "vontade livre que pode optar pelo bem ou pelo mal" (cf. Introd.; Sr 37,3). Na literatura rabínica, o termo tomará o sentido claramente pejorativo de *instinto, inclinação má*. O Talmud (Qidd. 30b) diz: "Criei o instinto mau e criei a Lei para curá-lo. Se vos entregardes ao estudo da Lei, não caireis em seu poder". (Cf. também Pirqê Abót IV,2). — Da carta de Tiago 1,13-17 a Erasmo (*Tratado do livre-arbítrio*), este v. serviu para muitos desenvolvimentos sobre a liberdade humana.

l. Hebr.: *Se quiseres, observarás o mandamento e a inteligência para fazer sua vontade: se tiveres fé nele, tu também viverás*.
m. Tema dos dois caminhos, o do pecado e o da sabedoria: cf. Dt 30,15-20; Jr 21,8; Pr 2,8-9.12-20; *Didaqué* 1,1-2; 5,1.

n. Hebr.: *Os olhos de Deus vêem suas criaturas*.

o. Após o primeiro estíquio deste v., hebr. diz: *e ele não fortaleceu os mentirosos. Não tem piedade para quem faz coisas vãs. Nem para quem revela um segredo*.

p. Hebr.: *e mesmo que dêem fruto*.

q. Sua vida, isto é, na duração de sua vida.

r. Vários mss. gr. acrescentam: *Pois geraráis com um luto prematuro. E, de repente, conhecerás o seu fim*.

s. Hebr. acrescenta: *que faça o que agrada* (a Deus). — Sr matiza, segundo outros (cf. Pr 17,21; 19,13), a idéia tradicional que via na família numerosa uma bênção de Deus. O que conta não é o número de filhos, mas sim o seu valor, isto é, sua sabedoria.
t. *Inteligente*; hebr.: *sem filhos, mas temente a Deus*.

u. Hebr.: *pela raça dos perversos, será aniquilada*. Haveria aqui uma alusão aos tofadas, família influente de origem amonita, e ao sumo sacerdote Simão II (cf. cap. 50)?

v. Provável alusão à insubmissão dos israelitas no tempo de Moisés (Nm 11,1; 16,1-35).

w. Hebr.: *príncipes*.

x. Alusão a Gen 6,1-7.

y. Hebr.: *que atraíam sobre si a cólera por seu orgulho*. Alusão a Sodoma e Gomorra (Gn 19,1-29).

z. Trata-se dos habitantes de Canaã, como o indica já um ms. gr.: *Tudo isso, ele o fez a povos de coração duro e não foi consolado pelo número de seus santos*.

SI 62.13

- ¹⁰ nem de seiscentos mil guerreiros,
que se tinham reunido na dureza de seus corações^a.
¹¹ Mesmo que um só tivesse a nuca enrijecida,
seria de espantar que ficasse impune;
porque a piedade e a cólera estão nele,
que é poderoso no perdão, mas derrama sua cólera^b.
¹² Como é grande sua misericórdia, assim é sua reprovação:
ele julga os homens segundo suas obras.
¹³ O pecador não escapará com a sua rapina,
e a paciência do piedoso não será frustrada^c.
¹⁴ A cada esmola ele dará um lugar^d,
e cada qual será tratado segundo suas obras^e.

Certeza de retribuição

SI 18,8;
97,4;
104,32;
Jó 37,1-7

- ¹⁷ Não digas: "Eu me esconderei do Senhor";
e: "Lá de cima, quem se lembrará de mim?"
No meio da multidão não serei reconhecido:
quem sou eu na imensa criação^f?"
¹⁸ Ora, o céu e os céus dos céus,
o abismo e a terra são abalados com a sua visita^g.
¹⁹ As montanhas e os fundamentos da terra
são tomados de tremor ao seu olhar.
²⁰ Mas em tudo isto não se reflete:
quem presta atenção às suas veredas?
²¹ Como a tempestade que sobrevém sem ser avistada,
a maior parte de suas obras está no escondido^h.
²² "As obras de sua justiça, quem as anuncia?
Quem as espera? E a aliançaⁱ está tão longe!"
²³ Assim pensa o homem que perdeu o espírito:
o insensato, o transviado, só pensa loucuras^j!

SEÇÃO B

A sabedoria divina na criação

Pr 1.23

- ²⁴ Escuta-me, filho, e adquiere o saber,
aplica teu coração às minhas palavras.
²⁵ Com medida revelarei a instrução^k,
com exatidão proclamarei o conhecimento.

a. Pode-se também traduzir: *os que se exaltaram em seus pecados*. Trata-se dos seiscentos mil israelitas que não puderam entrar na Terra Prometida. Nm 1.46; 11.21; 14.20-35. Alguns mss. gr. acrescentam: *flagelando-os, compadecendo-se, ferindo, curando*. J o Senhor os guardou na misericórdia e na disciplina.

b. Hebr.: *contra os malvados fez rebentar sua cólera*.

c. Hebr. acrescenta: *eternamente*.

d. Hebr.: *Para todo aquele que pratica a justiça, há um salário*.
e. Certos mss. gr. acrescentam de acordo com o hebr.: ¹⁵ *O Senhor endureceu Faraó para que não o reconhecesse*. J a fim de que suas ações fossem conhecidas sob os céus. ¹⁶ *Sua misericórdia é manifesta a toda a criação*. J e ele deu em partilha sua luz e as trevas a Adão (hebr.: e seu louvor aos filhos de Adão).
f. Hebr.: e que é minha alma entre a infinidade dos espíritos

de todos os filhos de Adão? — Influência do helenismo? Ou lembrança de que já Adão e Caim tentaram esconder-se da face do Senhor (Gn 3,10; 4,9)?

g. Não se pode escapar à visita de Deus, que é grandiosa e terrível. É preciso preparar-se para ela. Alguns mss. gr. acrescentam: *O universo inteiro foi criado e existe por sua vontade*.

h. Hebr.: *Mesmo a mim, ele não dá atenção*. J Quem, pois, observará meus caminhos? Se eu pecar, nenhum olho me verá; e se eu mentir em profundo segredo, quem o saberá?

i. A aliança designa aqui o pacto (cf. 14,12) em que Deus é a parte contraente como vingador do crime. Alguns mss. gr. acrescentam: e o exame de todas as coisas terá lugar no fim.

j. Hebr.: o insensato conta com isso.

k. Hebr.: *derramarei meu espírito*.

- ²⁶ Quando no princípio o Senhor criou¹ suas obras,
ao fazê-las, separou as suas partes^m. Gn 1;
Sl 136,5-9
- ²⁷ Ordenou suas obras para a eternidade,
desde sua origem até seu futuro longínquo.
Elas não têm fome e não se afadigam,
e não abandonam suas tarefas. 42,20-25;
Sl 136,5-9
- ²⁸ Nenhuma entra em choque com a do lado,
e jamais desobedece à sua palavraⁿ.
- ²⁹ Pois o Senhor olhou para a terra
e cumulou-a com os seus benefícios.
- ³⁰ De toda espécie de animais cobriu-lhe a superfície,
e é a ela que eles devem retornar. Gn 1,24-25;
3,19;
Sl 104,29
- 17** ¹ Da terra o Senhor criou o homem
e a ela o faz de novo tornarⁿ.
- ² Para os homens marcou um número preciso de dias e tempo
determinado, Gn 6,3;
Sl 90,10
e deu-lhes poder sobre as coisas da terra.
- ³ À sua semelhança revestiu-os de força,
tendo-os feito à sua imagem.
- ⁴ Fez com que fossem temidos de todo ser vivo,
para que dominassem sobre os animais selvagens e os pássaros^p. Gn 9,2
- ⁶ Deu-lhes o julgamento, a língua e os olhos,
os ouvidos, e o coração^q para refletir.
- ⁷ Encheu-os de sabedoria e de inteligência,
e mostrou-lhes o bem e o mal.
- ⁸ Infundiu o seu temor^r em seus corações
para mostrar-lhes a magnificência de suas obras^s.
- ¹⁰ E eles louvarão seu santo nome
a fim de proclamar a magnificência de suas obras.

A aliança e a Lei

- ¹¹ Concedeu-lhes, além disso, o saber
e outorgou-lhes, em herança, a lei da vida^t. 45,5
- ¹² Com eles firmou uma aliança eterna
e lhes mostrou seus julgamentos. Dt 30,15-20
- ¹³ Seus olhos viram a magnificência de sua glória
e seus ouvidos ouviram a glória de sua voz. Ex 19,16-19
- ¹⁴ E disse-lhes: "Guardai-vos de toda injustiça",
e a cada um deu mandamentos em relação a seu próximo.

Nada escapa ao Senhor

- ¹⁵ Suas veredas estão diante dele em todo tempo
e não escaparão a seus olhares^u.

1. Criou, *kīseī*, lit. quando da criação, correção segundo o hebr. Gr. *krlsei*, por decreto.

m. Aqui termina o ms. hebr. A.

n. As obras, nos vv. 27-28, são os astros.

o. Sr segue a ordem da narrativa de Gn 1. Sobre o homem tirado da terra, cf. Ecl 3,20; 12,7.

p. Alguns mss. gr. acrescentam: **Eles receberam o uso das cinco operações do Senhor; como sexto dom, deu-lhes a inteligência em partilha* / e o sétimo, a palavra, como intérprete das

mesmas operações.

q. Para os hebreus, o coração é a sede da inteligência.

r. A maior parte dos mss. trazem *seu olho*, que designa a inteligência.

s. Alguns mss. gr. acrescentam: **Concedeu-lhes que se usassem, através dos séculos, de suas maravilhas.*

t. Alguns mss. gr. acrescentam: *a fim de que refletissem que, agora, são mortais.*

u. Alguns mss. gr. acrescentam: **Seus caminhos desde a ju-*

Dt 32,8-9

- ¹⁷ Para cada povo estabeleceu um chefe,
mas Israel é a parte do Senhor^a.
¹⁹ Todas as suas nações estão diante dele como o sol,
seus olhares observam continuamente suas veredas.
²⁰ Suas injustiças não lhe passam despercebidas,
todos os seus pecados estão diante do Senhor^a.
²² A esmola de um homem é para ele como um sinete,
e ele conserva um benefício como a pupila de seu olho^a.
²³ No fim erguer-se-á e os retribuirá,
sobre suas cabeças colocando sua retribuição^a.
²⁴ Mas aos que se arrependem concede a possibilidade do retorno,
e consola os que arrefecem na perseverança.

Convite à penitência

Sl 6,6;
115,17

- ²⁵ Volta ao Senhor e deixa o pecado,
ora diante de sua face e assim diminui tua ofensa^a.
²⁶ Retorna para o Altíssimo e afasta-te da injustiça^a,
detesta vigorosamente a abominação.
²⁷ Quem louvará o Altíssimo na moradia dos mortos,
em lugar dos vivos que lhe rendem graças?
²⁸ Quando um homem morre e cessa de existir, termina a ação de graças:
é quando vive e está com saúde, que pode louvar o Senhor.
²⁹ Como é grande a misericórdia do Senhor,
e o seu perdão para aqueles que se voltam para ele!
³⁰ A capacidade de tudo fazer não pertence aos homens,
pois um filho de homem não é imortal.
³¹ O que há de mais luminoso que o sol? Entretanto, sofre eclipse!
E o ser de carne e de sangue intenta o mal^b!
³² Deus^c vigia o exército dos corpos celestes,
mas os homens, todos, são apenas terra e cinza.

Sl 103,8;
111,4;
145,7-9

Gn 18,27

Grandeza de Deus

18

- ¹ Aquele que vive eternamente
criou todas as coisas no seu conjunto.
² Somente o Senhor será proclamado justo^d.
⁴ A ninguém concedeu que anunciasse suas obras:
quem, pois, descobrirá suas grandezas?

ventude voltam-se para o mal/ e não são capazes de mudar seu coração de pedra em coração de carne. De fato, na partilha dos povos da terra... — Esta glosa, que remete a Gn 6,5; Ez 11,9; 36,26, destoa por seu pessimismo do que Ben Sirac afirma a respeito da liberdade humana (cf. Sr 15,11-20) ou da conversão (17,24-26).

v. Alguns mss. gr. acrescentam: ¹⁸*Seu primogênito, a quem nutre com a instrução/ e ao qual dispensa a luz do amor, sem abandoná-lo.*

w. Alguns mss. gr. acrescentam: ²¹*Mas o Senhor é bom e conhece sua criatura/ e não os desampara nem os abandona, antes os poupa.*

x. Alguns mss. gr. acrescentam: *concedendo a seus filhos e* ²²*thus o arrependimento.*

y. Não se determina quando e de que forma terá lugar a retribuição; cf. Mt 25,34-40.

z. Lit. *o obstáculo*, isto é, as ocasiões de pecado.
a. Alguns mss. gr. acrescentam: *pois ele mesmo te conduzirá das trevas à luz da salvação.*

b. O homem é feito de matéria corruptível e é inclinado ao mal.
c. Ou: *o sol*. Ambas as interpretações são possíveis, pois o gr. não determina o sujeito. A oposição com o homem, que é terra e cinza, sugere que é Deus quem vigia, cf. Jó 4,17-19; 15,14-16; 25,4-6.

d. Alguns mss. gr. acrescentam: *e não há outro como ele/* ³*Ele governa o mundo com a palma de sua mão;/ tudo obedece à sua vontade/ porque ele é o rei de todas as coisas pelo seu poder/ distinguindo entre elas as sagradas das profanas.*

- ⁵ A força de sua majestade, quem a calculará?
 Quem empreenderá contar seus gestos de misericórdia?
⁶ Não se pode retirar nem acrescentar nada:
 é impossível descobrir as maravilhas do Senhor.
⁷ Quando alguém terminar, é então que começa;
 e quando parar, sua perplexidade permanece^f.

O nada do homem

- ⁸ Que é o homem? para que serve? SI 8,5
 Que significa o bem, ou o mal que faz?
⁹ O número de seus dias é grande se atingir cem anos^f. SI 90,10
¹⁰ Uma gota d'água do mar, um grão de areia,
 tais são esses poucos anos em vista da eternidade.
¹¹ Eis por que o Senhor é paciente para com os homens
 e derrama sobre eles sua compaixão.
¹² Ele vê e sabe como é miserável o seu fim:
 eis por que multiplica seu perdão.
¹³ O homem tem compaixão de seu próximo,
 mas o Senhor tem compaixão de toda criatura^g:
 ele repreende, instrui, ensina,
 e reconduz, como o pastor, o seu rebanho.
¹⁴ Tem compaixão dos que aceitam a instrução,
 e dos que procuram com solicitude seus julgamentos.

A maneira de dar

- ¹⁵ Filho, faze o bem sem acrescentar a censura,
 nem mistura, com teus dons, palavras amargas.
¹⁶ Acaso o orvalho não abranda o calor?
 Assim uma palavra pode valer mais que um presente.
¹⁷ Uma palavra não vale mais que um rico presente?
 O homem caridoso junta uma ao outro.
¹⁸ O insensato faz uma censura desprovido de tato: Tg 1,5
 assim o dom do invejoso queima os olhos.

Virtudes da providência

- ¹⁹ Aprende, antes de falar,
 e cuida de ti, antes de adoeecer.
²⁰ Examina-te antes do julgamento
 e, na hora em que te pedirem contas, encontrarás perdão.
²¹ Humilha-te antes de ficar doente^h,
 por ocasião dos teus pecados mostra teu arrependimento.
²² Que nada te impeça de cumprir tua promessa no tempo devido:
 não esperes a morte para justificar-te. Dt 23,22-24
²³ Antes de fazer uma promessa, prepara-te:
 não sejas como o homem que tenta o Senhor. Pr 20,25

e. Se é possível ao homem conhecer a Deus (cf. Rm 1,19ss.), sua grandeza está fora do nosso alcance. A soma de tudo o que sabemos a seu respeito é apenas um começo, cf. Sr 43,27-32.

f. Alguns mss. acrescentam: *O tempo do repouso eterno é imprevisível para cada um.*

g. O autor acentua que a misericórdia divina se exerce para com toda criatura, sem excluir nenhuma: é um elemento tardio no AT: Jn 4,11; SI 145,9.

h. A doença é apresentada como punição pelo pecado, cf. Sr 38,9-10.

- ²⁴ Lembra-te da cólera nos dias do fim;
do castigo, quando Deus afastar sua faceⁱ.
- ²⁵ Lembra-te dos tempos de penúria nos tempos de abundância,
da miséria e das privações, nos dias de riqueza.
- ²⁶ Da aurora até a noite o tempo muda,
tudo passa depressa diante do Senhorⁱ.
- ²⁷ O homem sábio está de sobreaviso em todas as coisas;
quando o pecado impera, evita toda negligência^k.
- ²⁸ Todo homem inteligente conhece a sabedoria,
e presta homenagem a quem a encontrou.
- ²⁹ Os que são hábeis nas palavras mostram também sua sabedoria:
eles derramam como chuva as sentenças perspicazes^l.

Domínio de si^m

- ³⁰ Não te deixes arrastar por teus desejos,
e refreia tuas concupiscências.
- ³¹ Se concederes a satisfação dos teus desejos,
isto fará de ti o escárnio de teus inimigos.
- ³² Não ponhas tua alegria numa vida de prazer,
e não te obrigará a pagar-lhe os custosⁿ.
- ³³ Não te empobreças festejando com dinheiro emprestado^o,
quando nada tens em tua bolsa^p.

19

- ¹ O operário dado ao vinho não se enriquecerá^q;
quem despreza as coisas pequenas, pouco a pouco cairá.
- ² O vinho e as mulheres desnorteiam os homens inteligentes;
quem frequenta as prostitutas, torna-se cada vez mais temerário^r.
- ³ A podridão e os vermes, tal será sua sorte:
a temeridade causará sua ruína.

Pr 23,20-21;
Dt 21,20

Os 4,11;
Pr 31,3-5;
Pr 5,5;
7,26-27;
9,18

Perigos da tagarelice

- ⁴ Quem entrega muito cedo a sua confiança é uma cabeça^s leviana;
aquele que peca, é a si mesmo que prejudica.
- ⁵ Quem sente prazer no mal será condenado^t,
- ⁶ mas aquele que detesta a tagarelice escapa do mal^u.
- ⁷ Não repitas jamais o que dizem,
e jamais perderás coisa alguma.

Pr 25,9-10

i. A perspectiva fica limitada aos castigos que atingem o pecador durante sua existência terrestre, aos quais a morte põe um fim.

j. O Senhor pode fazer variar rapidamente a condição do homem.

k. Alguns compreendem: *nos dias em que for atraído pelo pecado*.

l. A chuva é aqui uma imagem da abundância (cf. 10,13; 39,6; 50,27). Alguns mss. gr. acrescentam: *Mais vale a confiança no único Senhor/ do que ligar um coração morto a um morto*.

m. O subtítulo se encontra no gr.

n. Um fragmento hebr. dá esta variante: *Não te alegres por um prazer sem valor/ que te fará duas vezes mais pobre*. O vocábulo que traduzimos por *sem valor* é traduzido no gr. e no sir. por *muito, abundância*. O lat. acumula as duas traduções opostas. O sentido permanece incerto.

o. Hebr.: *Não sejas guloso nem bebedor*.

p. Alguns mss. gr. acrescentam: *seria armar um laço para ti mesmo*.

q. O gr. resulta de uma leitura defeituosa do hebr.: *aquele que faz isso*.

r. Hebr.: *O vinho e as mulheres tornam o coração insolente/ um apetite desregrado arruína quem o tem*.

s. Lit. *um coração*.

t. Alguns mss. gr. acrescentam: *Quem resiste aos prazeres coroa sua própria vida/ aquele que controla sua língua viverá em paz*.

u. Outra tradução igualmente provável apóia-se no sir. e parcialmente num dos grandes mss. gr.: *Aquele que repete as palavras perdeu o espírito*. Em hebr. os verbos "odiar" e "repetir" têm muita semelhança.

- ⁸ Não contes nada, nem de amigo nem de inimigo;
a menos que o silêncio te renda cúmplice, nada reveles;
⁹ pois poderiam ouvir-te e desconfiar de ti,
e, chegado o momento, mostrar-te-iam seu ódio.
¹⁰ Ouviste um caso? Sê como um túmulo!
Fica tranqüilo, ele não te fará estourar.
¹¹ Por uma palavra o insensato mete-se em dores,
como a mulher em dores de parto.
¹² Uma flecha cravada na carne da coxa,
tal é a palavra no ventre do tolo.

Corrigir os amigos

- ¹³ Interroga^w teu amigo: talvez não tenha feito nada
e, se fez, não tornará a fazê-lo.
¹⁴ Interroga teu próximo: talvez não tenha dito aquilo
e, se o disse, não o repetirá mais.
¹⁵ Interroga teu amigo, pois a calúnia é freqüente,
e não te fies em tudo o que se diz.
¹⁶ Alguém resvala sem má intenção:
quem não pecou alguma vez em palavras?
¹⁷ Interroga teu próximo antes de o magoar,
e deixa a Lei do Altíssimo seguir seu curso^x.

Verdadeira e falsa sabedoria

- ²⁰ Toda sabedoria é temor do Senhor;
em toda sabedoria está a prática da Lei^y.
²² Mas a ciência do mal não é a sabedoria,
o conselho dos pecadores não é a prudência.
²³ Há uma habilidade que é abominação;
aquele a quem falta a sabedoria é insensato.
²⁴ Mais vale um homem sem inteligência, mas temente ao Senhor,
que alguém muito hábil, mas transgressor da Lei.
²⁵ Há uma habilidade minuciosa que pode conduzir à injustiça:
a de quem age fraudulentamente para fazer valer seu direito^z.
²⁶ O mal-intencionado pode curvar-se sob o efeito da aflição,
mas suas entranhas estão cheias de astúcia;
²⁷ ele oculta seu rosto e faz de surdo
e, quando ninguém estiver atento, levará vantagem sobre ti.
²⁸ Outro abstém-se de pecar só por falta de forças,
mas fará o mal logo que encontrar a ocasião.
²⁹ Pelo semblante se reconhece o homem;
pelo aspecto do rosto, a pessoa sensata.

v. Lit. *Que morra contigo!*

w. O verbo gr. significa: *fazer reprimendas*, mas também *investigar, interrogar*.

x. A lei ordena reconciliar-se com o inimigo (Lv 19,17). Alguns mss. gr. acrescentam: *"O temor do Senhor é o princípio do bom acolhimento / mas a sabedoria consegue o seu amor / "O conhecimento dos preceitos do Senhor é uma instrução de vida / e os que fazem o que lhe agrada colherão dos frutos da árvore da mortalidade*.

y. Alguns mss. gr. acrescentam: *e o conhecimento da sua onipotência*. Idéia fundamental, que constitui um dos temas da literatura sapiencial (Pr 1,7; 9,10; 15,33; Jd 28,28; Sl 111,10).

Os mesmos mss. gr. acrescentam: *"O servo que diz ao seu senhor: "Não farei o que te agrada" / mesmo se depois o faz, irrita a quem lhe dá alimento*.

z. Alguns mss. gr. acrescentam: *mas há quem se mostre sábio, justificando o julgamento*.

2Mc 15.12

³⁰ As vestes de um homem, o seu sorriso,
seu modo de andar revelam quem ele é.

A arte de repreender

22.6

20

¹ Há uma reprimenda inoportuna,
e há um silêncio que denota o homem sensato*.
² Mas é melhor repreender do que guardar a cólera,
³ e aquele que reconhecer seus erros sair-se-á bem, sem prejuízo^b.
⁴ Como um eunuco que arde no desejo de deflorar uma jovem,
tal é aquele que pretende pela força estabelecer a justiça^c.

30.20

Calar-se ou falar cientemente

Pr 17.28

37.20

Pr 15.23;
Ecl 3.7

⁵ Aquele, calando-se, é tido como sábio;
este, de tanto falar, torna-se odioso.
⁶ Há quem se cale por não ter resposta;
outro se cala porque sabe o momento certo^d.
⁷ O sábio se cala até o momento oportuno;
o fanfarrão e o insensato deixam passar a ocasião.
⁸ Quem multiplica as palavras será detestado,
e quem abusa de sua posição^e atrai sobre si o ódio^f.

Paradoxos

⁹ Alguém pode às vezes tirar proveito de suas desgraças,
ao passo que um ganho inesperado pode reverter em prejuízo^g.
¹⁰ Há presentes que não te trarão vantagem alguma
e há presentes que te valerão em dobro.
¹¹ Da glória provém às vezes o rebaixamento;
mas alguns, após a humilhação, tornaram a levantar a cabeça^h.
¹² Há quem compre muitas coisas com pouco dinheiro,
mas paga sete vezesⁱ o seu valor.
¹³ Com poucas palavras^j o sábio sabe fazer-se estimado,
mas as amabilidades dos tolos são prodigalizadas em vão.
¹⁴ O presente do insensato não te trará vantagem alguma^k,
pois seus olhos esperam muito mais em retorno^l.

a. Retomada do tema da admoestação fraterna (cf. 19.13-17): às vezes necessária e salutar, deve contudo sempre ser feita com conhecimento de causa.

b. O sir. tem: *Não há proveito algum para aquele que censura o malvado*, o que combina melhor com o v. 1.

c. É inútil querer, pela violência, impor a virtude (justiça em sentido lato) ou o comportamento reto. Outra tradução: *aquele que sob constrangimento pratica a justiça*.

d. Isto é, quando convém calar. O autor assinala que, por si só, o silêncio não é prova de sabedoria.

e. Ou: *aquele que procura impor-se* (cf. 32.9). O gr. e o sir. dependem talvez de uma defeituosa tradução do hebr. *mashal* compreendido no sentido de *dominar*, em lugar de *falar em provérbios*. O texto original queria dizer que tanto quem fala incoericamente como quem fala torrencialmente fazem-se detestar da mesma maneira.

f. Alguns mss. gr. acrescentam: *Como é belo ver arrepender-*

-se aquele a quem se admoesta; desta maneira, tu também escaparás a uma falta voluntária. Texto que a Vulg. apresenta no v. 4.

g. Por vezes, a desgraça traz algum benefício, ao passo que a sorte (cf. 29.6) tem também às vezes efeitos funestos.

h. É o paradoxo de Lc 1.52.

i. Número simbólico, para dizer que se pagou caro demais, acreditando-se ter feito bom negócio. Pode-se também compreender: *Um compra muitas coisas por pouco dinheiro, enquanto outro, ao contrário, paga por elas o sétuplo*.

j. Texto corrigido segundo o hebr. O v. falta no sir.

k. Alguns mss. gr. acrescentam: *da mesma forma acontece com o invejoso, que dá contra a vontade*.

l. Lit. *pois seus olhos, em lugar de um só, são numerosas*. O presente feito pelo insensato tem mais valor a seus olhos que aos olhos do destinatário; bem por isso, ele espera retribuição. Não é apenas com um olho, mas com sete (lat., sir.), que ele espera avidamente sua recompensa.

- ¹⁵ Ele dá pouco e faz muitas afrontas^m,
abrindo bem a boca como um pregociro.
Empresta hoje alguma coisa e reclama amanhã:
um homem assim é detestável!
- ¹⁶ O tolo declara: "Não tenho amigo algum
e por meus benefícios ninguém me agradece!"
Os que comem do seu^a pão têm a língua maldosa.
- ¹⁷ Mas quantos, e quantas vezes, o ridicularizam^o!

18,18;
Tg 1,5

O uso ajuizado da língua

- ¹⁸ É melhor resvalar no pavimento do que com a língua^p;
a queda dos maus ocorrerá da mesma forma, de repente.
- ¹⁹ O homem sem modos é como uma anedota inoportuna^a
que se encontra constantemente na boca dos imbecis.
- ²⁰ Da boca do tolo não se aceita o provérbio,
pois ele jamais o enuncia no momento certo. Pr 26,7,9
- ²¹ Alguns há, a quem a indigência preserva do pecado
e que, vindo o repouso, não têm remorso algum^f.
- ²² Alguns há que perdem sua alma por respeito humano,
e a perdem na presença de um insensato!
- ²³ Alguns há que fazem promessas a um amigo por respeito humano
e assim, por nada, dele fazem um inimigo.

A mentira

- ²⁴ É mancha vergonhosa num homem a mentira;
ela se encontra continuamente na boca dos imbecis. 20,26;
41,17;
Pr 12,22;
13,5
- ²⁵ Mais vale o ladrão que o mentiroso inveterado:
mas ambos vão à frente^a da própria ruína. 7,13
- ²⁶ A inclinação do mentiroso conduz à desonra^f
e sua vergonha está constantemente nele.

Vantagens e obrigações da sabedoria

- ²⁷ Basta pouco ao sábio^v para prosseguir adiante,
e um homem sensato ganha o favor dos grandes. 8,8
- ²⁸ Quem cultiva a terra faz subir sua porção de trigo,
e quem tem o favor dos grandes obterá o perdão da injustiça^a.

m. Recordando sem cessar e em alta voz seus benefícios, assim humilhando seus beneficiários. Cf. Talmud de Jerusalém, Berakôt IV,2 (7d).

n. Seu, Ziegler corrige conforme o lat.; gr. e outras versões, *meu*.
o. O final do v. 16 e deste v. são talvez uma reflexão do escriba sobre o v. 16. Alguns mss. gr. acrescentam: *Pois, o que tem, ele não o recebeu com um espírito reto; da mesma forma, o fato de não ter é para ele indiferente*.

p. Lit. *um passo em falso no pavimento que com a língua*. Cf. nossa expressão *lapsus linguae*. Provérbio de sabedoria popular que também se atribui ao estóico Zenão (Diógenes Laércio 7,26). O original hebr. é talvez representado pelo sir.: *Como água derramada num pavimento, assim é a conversação do ímpio no meio dos justos*.

q. Sir.: *Como não se pode comer uma cauda (do carneiro) sem sal, assim é a palavra não proferida a seu tempo*.

r. O estado do pobre pode preservá-lo de certos perigos, obrigando-o a fazer da necessidade virtude. Mas ele está também mais exposto a perder-se por vergonha, não ousando fazer frente mesmo a um tolo (v. 22), ou lançando-se em promessas que não poderá manter (v. 23).

s. Lit. *herdarão*.

t. Pode-se também compreender que a mentira se torna um hábito. O sir. talvez tenha conservado o sentido original: *pois o fim do mentiroso é a ignomínia*.

u. Subtítulo do gr.: *Máximas*.

v. Corrigido segundo o sir. Em consequência de um equívoco fácil em gr., todos os mss. gr. têm: *Quem é sábio em palavras vai para a frente*, que se pode também compreender: *O sábio, por suas palavras, vai para a frente*.

w. Como o trabalho bem-feito produz fruto, uma posição privilegiada torna possível uma intervenção eficaz nos casos de

Ex 23,8;
Dt 16,19;
Pr 21,14
41,14-15;
Lc 11,33;
Mt 13,52;
25,25

- ²⁹ Presentes e dádivas cegam os olhos dos sábios;
como flocinha na boca, impedem as censuras.
³⁰ Sabedoria escondida e tesouro enterrado:
para que serve uma e outro?
³¹ É preferível o homem que mantém oculta sua tolice
do que aquele que esconde sua sabedoria^a.

Fuga do pecado

17,25

21

- ¹ Filho, pecaste? não tornes a fazê-lo
e pede perdão por tuas faltas passadas.
² Como de uma serpente, foge do pecado^a,
pois, se te aproximares, ele te morderá;
seus dentes são como dentes de leão
que tiram a vida dos homens.
³ Toda transgressão^a é como espada de dois gumes:
a ferida que abre é sem remédio.
⁴ Ostentação^a e violência dissipam uma fortuna;
assim será extirpada a casa do orgulhoso.
⁵ A prece que sai da boca do pobre chega aos ouvidos de Deus
e, sem tardar, justiça lhe será feita^b.
⁶ Quem não suporta a advertência segue os passos do pecador;
mas quem teme o Senhor se arrepende em seu coração^c.
⁷ O falador é universalmente conhecido^d,
mas o homem ponderado está a par dos seus equívocos^e.
⁸ Quem constrói sua casa com o dinheiro alheio,
é como se ajuntasse pedras para seu próprio túmulo^f.
⁹ Uma assembleia de ímpios é como estopa amontoada:
acabarão na chama e no fogo^g.
¹⁰ O caminho dos pecadores é plano e sem pedras^h
mas, no fim, está o sorvedouro do Hadesⁱ.

SI 18,7

35,18-21

Pr 28,11

7,16;
16,6

Mt 7,13-14

Retratos do sábio e do tolo

- ¹¹ Quem observa a Lei tem domínio de seus pensamentos^j,
e o temor do Senhor tem por termo a sabedoria.

injustiça. Pode-se também compreender: *consegue sejam perdoados seus erros*.

x. Um ms. gr. acrescenta: *Mais vale a perseverança inabalável na busca do Senhor do que aquele que, sem mestre, leva adiante sua própria vida*.

y. O autor vai sugerir os perigos do pecado comparando-o à serpente (cf. Gn 3,1; Pr 23,32), ao leão (Jl 1,6; Sr 27,10; 1Pd 5,8) e à terrível espada de dois gumes (SI 149,6; Pr 5,4) que ele menciona frequentemente (22,21; 26,28; 39,30; 40,9; 46,2).

z. O termo *anomia* (cf. 23,11; 41,18; 46,20; 49,2) corresponde a vários vocábulos hebr. que designam pecado, impiedade, iniquidade. Na Bíblia gr. pode-se encontrar muitas vezes uma relação com a Lei, conforme o sugere a etimologia. Poder-se-ia traduzir aqui: *transgressão da lei* (cf. 1Jo 3,4).

a. O vocábulo é um *hápax* cuja significação é imprecisa: sugere a admiração e o estupor provocados pela ostentação impudente da riqueza.

b. Lit. *seu julgamento chega sem tardança*. Sir.: *e sobe até o juiz do universo* (ou: *dos séculos*).

c. Ou: *deseja-a de coração*.

d. Lit. *É conhecido de longe o homem poderoso na língua*.

e. Lit. *sabe quando resvala*. Sir. poderia ter a leitura original: *O sábio reconhece o que tem diante dos olhos e de imediato descobre os ímpios*.

f. Algumas testemunhas: *para o inverno*.

g. Sir.: *Como uma subida de areia sob os pés de um ancião, tal é o poder dos ímpios ao lado do fogo* (cf. 25,20).

h. Para este sentido. cf. Is 28,25; 45,2; 62,10. Alguns compreendem (com o lat.): *um caminho bem pavimentado*, portanto ininterrupto. A estrada fácil do pecador o conduz tanto mais depressa à sua perdição: cf. Pr 14,12; 16,25.

i. Nova atestação da crença numa retribuição pessoal (cf. 2,10; 9,12; 11,26,27; 12,3). Mas Ben Sirac limita-a muitas vezes à vida presente, de tal modo que só podemos ver aqui o esboço de uma doutrina que se desenvolverá mais tarde e que o lat. exprime já com clareza: *mas no fim encontram os infernos, as trevas e os tormentos*.

j. O hebr. tinha provavelmente o vocábulo *yésher* que se encon-

- ¹² Não chegará a ser educado aquele que não tem habilidade^k; mas há uma habilidade que gera muita amargura.
- ¹³ A ciência do sábio cresce como um dilúvio^l e seu conselho é como uma fonte de água viva^m. Pr 18,4;
Jr 2,13;
17,13
- ¹⁴ O coração do tolo é como um vaso quebradoⁿ; não pode reter nada do que aprende.
- ¹⁵ Se o homem instruído ouve uma palavra sábia, aprova-a e a encarece.
O devasso a ouviu? Ela lhe desagrada^o e ele a rejeita para trás de suas costas.
- ¹⁶ O falar do tolo é como um fardo na viagem; nos lábios do inteligente, porém, encontra-se agrado.
- ¹⁷ Na assembléia procura-se ouvir o homem sensato, e no coração meditam-se suas palavras.
- ¹⁸ Casa em ruínas, tal é a sabedoria aos olhos do tolo, e a ciência do inteligente são apenas palavras incoerentes^p.
- ¹⁹ Como grilhões nos pés, tal é a instrução para o imbecil, e como algemas em sua mão direita.
- ²⁰ O tolo, quando ri, o faz alteando a voz; o homem ponderado sorri pouco e discretamente^q.
- ²¹ Como um ornato de ouro, tal é a instrução para o homem sensato, como um bracelete em seu braço direito. 6,24,30
- ²² Um tolo se precipita com os pés para dentro da casa, enquanto o homem experiente se apresenta com modéstia^r.
- ²³ Desde a entrada, o insensato espia para dentro da casa, enquanto o homem bem-educado mantém-se fora.
- ²⁴ Escutar às portas é o costume do mal-educado; o homem sensato sentir-se-ia carregado de vergonha^s.
- ²⁵ Os lábios dos tagarelas repetem o que outros disseram^t, enquanto as palavras das pessoas sensatas são pesadas na balança. 28,25
- ²⁶ Na boca dos tolos se encontra o seu coração; no coração dos sábios se encontra a sua boca^u.
- ²⁷ Quando um ímpio maldiz seu adversário^v, é a si mesmo que maldiz.

tra no sir. e que explica o gr. Mas sua significação aqui ainda é neutra. Cf. Sr 15,14 nota.

k. O termo traduzido por *habilidade* tem uma significação favorável ou pejorativa conforme os contextos, designando uma habilidade de bom ou de mau quilate (cf. 19,23; 37,19).

l. Cf. Gn 7,17-18 (gr.). O dilúvio nem sempre é imagem de castigo; pode também significar a abundância da bênção divina (39,22). O sir. talvez tenha conservado a leitura original: *como uma fonte de água*.

m. Lit. *fonte de vida*. Sir.: *como águas vivas*. Em oposição à água de uma cisterna, mais que no sentido de: fonte que dá a vida (Pr 13,14). Cf. Pirê Abô VI,1.

n. Sir.: *o coração do mau é como uma cisterna rachada*.

o. Sir.: *ele zomba dela*.

p. Alguns preferem aqui o sir. que dá a opinião do insensato sobre a verdadeira sabedoria: *Para o tolo, a sabedoria é como uma prisão/ e a ciência é como carvões acesos para o insensato*. Mas seria de esperar na segunda parte um sinônimo de *prisão*; conjectura-se um termo como *grilhões*

q. Este v. parece fora de lugar; alguns o colocam depois do 21 ou 26.

r. Lit. *tem vergonha diante de um rosto*. O sábio espera modestamente que o convidem a entrar.

s. Gr. e sir. podem se explicar por uma leitura equivocada do original hebr.: *fecha os ouvidos* (cf. Zc 7,11).

t. V. maltransmitido no gr. e sir. Aqui seguimos um ms. gr. Alguns propõem compreender: *os lábios dos estrangeiros falam com dificuldade*... A palavra lenta, que neles é necessidade, é normal no sábio, que pesa tudo o que diz.

u. O tolo fala antes de ter refletido; o sábio, ao contrário, reflete primeiro e só a seguir exprime seus pensamentos.

v. O gr. tem aqui *Satanás*, que pode designar o adversário do ímpio, isto é, o homem bom e piedoso. Mas, na época de Ben Sirac, Satanás já era considerado um ser pessoal maléfico (cf. Jó 1-2; 1Cr 21,1). Seria nesse caso identificado com o instinto mau (cf. Lc 22,3; Jo 13,27). Lat. *o diabo*. Que o pecador ponha a culpa em sua própria malícia e não no demônio.

- ²⁸ O maldizente mancha sua própria pessoa
e se faz detestar lá onde ele vive.

O preguiçoso

- 22** ¹ O preguiçoso é como uma pedra enlameada:
toda gente o despreza por sua infâmia.
Ez 4.12 ² O preguiçoso é comparável a um monte de esterco:
todos os que o tocam sacodem a mão.

Filhos mal-educados

- Pr 17.21 ³ É uma vergonha ser pai de um filho mal-educado,
e o nascimento de uma filha significa prejuízo*.
⁴ A moça sensata herdará de um marido,
mas aquela de quem se tem vergonha é a aflição de quem a gerou*.
Pr 12.4 ⁵ A descarada envergonha pai e marido
e por um e pelo outro será desprezada.
⁶ Advertência inoportuna é como música em pleno velório,
30.1 mas é sabedoria empregar em qualquer tempo vara e disciplina*.

O tolo é incorrigível

- 21.14 ⁹ Ensinar a um tolo é como colar cacos
ou como despertar um dorminhoco de um sono profundo*.
¹⁰ Dirigir-se a um tolo é como conversar com um homem adormecido;
no fim, perguntará: "Que foi?"
¹¹ Chora por um morto, pois deixou a luz;
chora também por um tolo, pois perdeu a inteligência.
Chora menos amargamente por um morto, pois encontrou o repouso,
enquanto a vida do tolo é pior que a morte.
¹² O luto por um morto dura sete dias*,
enquanto o do tolo e do ímpio, todos os dias de sua vida.
¹³ Com um insensato não multipliques as palavras
e não caminhaes com o homem sem inteligência*;
toma cuidado com ele para não teres aborrecimentos
e não seres manchado quando se sacudir.
Evita-o se quiseses encontrar o repouso
e não quiseses desgostar-te com suas estultices.
21.16; Pr 27.3 ¹⁴ O que há de mais pesado que o chumbo?
Qual é seu nome, senão: o tolo?

w. O nascimento de uma filha era em si considerado uma má sorte. O Talmud (Menahôt 43b) ensina o homem a agradecer a Deus cada dia por não tê-lo criado mulher nem escravo. É pois inútil restabelecer o paralelismo acrescentando, por exemplo, (Uma filha) *perversa*. Cf. as preocupações de um pai, descritas em 42.9-14.

x. Lit. *a que provoca a vergonha* (de seu marido): sua conduta permite concluir com razão que seu pai a educou mal.

y. Os autores de sabedoria são claramente a favor dos castigos físicos (cf. Pr 13.24; 19.18; 22.15; 23.13-14; 29.15), mais eficazes do que reprimendas, que podem produzir efeitos contrários. Alguns mss. gr. acrescentam aqui dois vv. (glosa evidente): *"Filhos que têm de que se alimentar e levam uma vida*

decente escondem a origem humilde de seus pais. "Filhos insolentes, soberbos e mal educados desonram a nobreza de sua família.

z. Isto é, fazer algo perfeitamente inútil e fora de propósito; é tempo e fadiga perdidos.

a. Segundo o costume tradicional (cf. Gn 50.10; Jr 16.24). Em 38.17 nosso autor recomenda dois ou três dias de luto.

b. Sir.: *não andes na estrada com um porco*. Leitura presumivelmente original que o tradutor gr. achou muito realista; mas ela corresponde bem ao que segue, a imagem do animal que se sacode depois de ter-se chafurdado na lama. Um grupo de mss. gr. acrescenta: *porque, sem disso se dar conta, te cobrirá de desprezo*.

- ¹⁵ Arcia, sal, barra de ferro
são mais fáceis de suportar que um homem sem inteligência^c.
- ¹⁶ Como a armação de madeira, bem presa à construção,
não é deslocada pelo terremoto^d,
assim um coração assentado em decisões bem refletidas
não perderá sua segurança no momento devido.
- ¹⁷ Um coração confirmado pela decisão da inteligência
é como um ornato de estuque^e em muro polido.
- ¹⁸ Calhaus colocados^f em lugar elevado
jamais poderão resistir à força do vento;
assim um coração amedrontado por pensamentos tolos
não poderá resistir ante um temor qualquer.

Fidelidade aos amigos

- ¹⁹ Quem fere um olho faz jorrar as lágrimas;
quem fere o coração descobre-lhe os sentimentos^g.
- ²⁰ Quem atira pedras contra os pássaros afugenta-os;
quem faz reprimendas ao amigo destrói a amizade.
- ²¹ Se brandiste a espada contra o amigo
não desesperes: há possibilidade de retorno^h.
- ²² Se abriste a boca contra o amigoⁱ
nada temas: uma reconciliação é possível.
Mas ultraje e arrogância, segredo traído^j, golpe desleal^k,
eis o que fará fugir qualquer amigo.
- ²³ Ganha a confiança de teu próximo^l enquanto é pobre,
para que sejas cumulado com ele em sua prosperidade.
No tempo da provação permanece-lhe fiel,
para teres tua parte quando ele herdar^m. 6.8-10;
12.9
- ²⁴ Como o vapor da fornalha e a fumaça precedem o fogo,
assim também, antes do sangue chegam os insultosⁿ. 27.15
- ²⁵ Não terei vergonha de proteger um amigo
e não me esconderei diante dele^o. 6.12
- ²⁶ Se, porém, me acontecer algum mal por sua causa,
todos os que o ouvirem precaver-se-ão contra ele^p.

c. Comparar com *História de Ahikar* 2.45-46: "Filho, trouxe sal e transporte-i chumbo, e nada vi de mais pesado que a dívida que um homem deve pagar quando nada havia pedido em empréstimo. Filho, trouxe sal e transporte-i pedras, e não me foram mais pesados que um homem que se estabelece na casa de seu sogro".

d. Pode-se pensar numa fileira de pranchas consolidando a base de um muro (cf. IRs 6.36; 7.12) ou em pináizios reforçando um muro de terra ou de tijolos. Cf. S. Jerônimo, *In Hab.* 2.11.

e. Lit. *como um ornato de areia*. O sir. que tem *escultura, gravura*, permite pensar num baixo-relevo. Por mais frágil que seja o ornato, a solidez do muro o protege, como a reflexão fortalece os propósitos da vontade.

f. Provável alusão ao costume palestinese de colocar, sobre os muros das vinhas, pequenas pedras que os chacais derrubavam ao passar, chamando assim a atenção. Segundo outros mss., gr., tratar-se-ia de uma *palçada*: tradução que adapta o texto para leitores que não podiam compreender a alusão primitiva.

g. Trata-se de palavras que ferem, como o mostra o v. 20b. Muitos preferem o sir.: *faz partir a amizade*.

h. Um confronto leal, mesmo se violento, não destrói necessariamente a amizade; ao passo que as maneiras de agir mencionadas acima lhe são fatais.

i. Numa discussão, um acesso de cólera momentâneo por ocasião de uma explicação franca com um amigo.

j. Cf. 8.17; 27.16-21; Pr 11.13; 20.19; 25.9.

k. Cf. 27.25; Dt 27.24.

l. Sir.: *Apóia teu amigo*. Supõe-se pois no original hebr. um verbo com o duplo sentido de *ser fiel, permanecer fiel e ganhar a confiança*, o que explica a opção das versões.

m. Um grupo de mss., gr. acrescenta: *Pois não se deve sempre desprezar a aparência (lastimável), nem muito menos admirar um rico desprovido de sensatez*.

n. Este v. quebra o desenvolvimento e ficaria melhor entre os vv. 20 e 21.

o. O v. parece uma glosa do v. 23. Sir.: *Se teu amigo se tornou pobre, não te enrubescas dele, nem dele te escondas*.

p. Se a sua ingratidão provocar algum desagredo, isto ao menos servirá aos outros de lição para estarem de sobreaviso. Sir.: *Se*

Súplica

SI 141,3

23

- ²⁷ Quem porá^a uma guarda à minha boca e, em meus lábios, o lacre da discrição, para impedi-los de causar minha queda e minha língua não me leve à perdição?
- ¹ Senhor, Pai^r e Soberano de minha vida, não me abandones a seus caprichos e não permitas que eles me façam cair.
- ² Quem aplicará a vara a meus pensamentos e a disciplina da sabedoria a meu coração, sem poupá-los em meus desvios e sem deixar passar suas faltas?
- ³ Para que não se multipliquem meus erros nem se acumulem meus pecados; para que eu não caia diante de meus adversários e meu inimigo não se felicite por isso^s.
- ⁴ Ó Senhor, Pai e Deus de minha vida, não me dês a arrogância dos olhos^l
- ⁵ e afasta de mim a concupiscência.
- ⁶ Que o apetite sexual e a luxúria^a não tenham poder sobre mim, e não me entregues ao desejo impudico!

Os juramentos^v

Tg 3,1-12

Mt 5,34;
23,20;
Tg 5,12

- ⁷ Escutai, filhos, como se disciplina a boca!
Quem observar este ensinamento, não será jamais surpreendido^r.
- ⁸ O pecador se deixa prender por seus próprios lábios, e o gracejador e o orgulhoso neles encontram ocasião de queda.
- ⁹ Que tua boca não se acostume ao juramento nem te acostumes a pronunciar o nome do Santo!
- ¹⁰ Com efeito, da mesma forma que um escravo, constantemente vigiado^s, não fica livre das marcas dos golpes, assim também quem jura e pronuncia o Nome em qualquer circunstância não será jamais isento do pecado.
- ¹¹ Aquele que muito jura acumula as faltas^r

teu amigo te revelou um segredo, não o divulgues, para que não se acoutele a teu respeito todo aquele que te ouvir e não te considere um malfetor.

q. Esta interrogação é um hebraísmo que equivale a um desejo.
r. O termo *pai* é aplicado muito raramente a Deus no AT. Esta paternidade refere-se mais especialmente a Israel, primogênito do Senhor (Ex 4,22; Jr 31,9; cf. Rom 9,4) e baseia-se na concepção de Deus criador e salvador; ela se refere também ao rei messiânico (2Sm 7,14). Às vezes ela não é determinada (Mt 1,6; 3,17; SI 103,13) ou se refere aos infelizes (SI 68,6). Encontra-se o apelativo "*meu Pai*" na boca do povo culpado (Jr 3,4) e a expressão "*tu és meu Pai*" (Sr 51,10) na boca do rei messiânico (SI 89,27). Para o judaísmo helenístico, cf. Sb 2,16; 11,10; 14,3; 3Mc 5,7; 6,4,8; 7,6. Em contrapartida, encontra-se com muita frequência "*Pai*" no judaísmo rabínico. Nossa passagem (cf. também v. 4) é notável, e por isso é pena que não se tenha encontrado o texto hebr. deste cap., restando-nos somente uma parafrase tardia em prosa: esta, assim como o texto hebr. de 51,1.10, faz supor uma fórmula original como "Deus de meu

pai" (cf. Ex 15,2). Pode-se dizer que a invocação pessoal "*Meu pai*", dirigida a Deus, "não é atestada até aqui na literatura do judaísmo palestinese antigo" (J. Jeremias).

s. Um grupo de mss. gr. acrescenta: *para os quais está longe a esperança da tua misericórdia*.

t. Não se trata diretamente de orgulho, mas de impudência e descaramento (cf. 26,9), e de perversidade do olhar (Gn 39,7; Mt 5,28). Segundo muitos comentadores, seria preciso colocar entre 4a e b a fórmula de 1b: *não me abandones a seus caprichos* (referindo-se ao coração e aos pensamentos do v. 2).

u. Lit. *desejo do ventre* (eufemismo) e *união sexual*.

v. Alguns mss. gr. e versões têm aqui o subtítulo: *Instrução da boca* (tirado do começo do v. 7).

w. Ou: *não será jamais considerado culpado* (cf. texto gr. de Ex 22,9).

x. Ou: *posto sob tortura*. O verbo significa *examinar com cuidado*, mas pode também indicar o interrogatório propriamente dito (At 22,24). Sobre o tratamento dos escravos, cf. 33,25-33.
y. Lit. *será repleto de iniquidade*.

e o chicote não se afastará da sua casa.
 Se jurar por inadvertência^a, o pecado recairá sobre ele;
 e se o fizer por levandade, pecará duplamente.
 Se jurou em vão, não será justificado
 e sua casa será acabrunhada de reveses^a.

Palavras inconvenientes

- ¹² Há um modo de falar que é comparável à morte:
 possa ele jamais encontrar-se no patrimônio de Jacó^b!
 Pois os homens piedosos se mantêm afastados de semelhantes coisas
 e não se chafurdam nos pecados.
¹³ Não acostumes tua boca às grosserias inconvenientes,
 pois elas fazem pecar em palavras^c.
¹⁴ Lembra-te de teu pai e de tua mãe
 quando te sentares no meio dos grandes.
 Não os esqueças diante deles
 e teu mau costume não te leve a cometer estultices.
 Quererias então jamais ter nascido
 e maldiriam o dia do teu nascimento^d.
¹⁵ Um homem habituado a linguagem inconveniente
 é incorrigível para o resto de seus dias.

Jr 20.14;
 Jô 3,3

Sobre a impureza

- ¹⁶ Dois tipos de pessoas acumulam os pecados^e
 e o terceiro atrai sobre si a cólera:
 uma paixão ardente, que chameja como o fogo
 — ela só se extinguirá quando for saciada —
 o homem que entrega à impureza a carne do seu corpo^f,
 que não tem sossego enquanto o fogo não o queima;
¹⁷ — ao impudico todo pasto é bom^g,
 e não se acalmará até que morra —
¹⁸ o homem infiel ao seu próprio leito
 e que diz a si mesmo: "Quem poderia ver-me?
 Está escuro ao redor, as paredes me escondem,
 ninguém pode ver-me. Por que preocupar-me?
 O Altíssimo não tomará nota^h de meus pecados!"
¹⁹ Os olhos dos homens, eis o que ele teme;
 e ignora que os olhos do Senhor

Jô 24,15

15.18-19;
 17.19-20;
 Pr 15,3.11

z. Para este sentido do verbo gr., cf. Lv 5.18; Sl 119.67 (pecar por inadvertência).

a. O v., de estilo casuístico, após o enunciado dum princípio geral, enumera três casos de gravidade crescente: juramento feito por equívoco, de boa fé; juramento pronunciado sem se procurar saber de sua legitimidade; perjúrio voluntário.

b. O povo de Israel, por oposição aos pagãos; ou então a Terra Santa (cf. Is 58.14). Trata-se da blasfêmia punida com a pena de morte (Lv 24.16), delito tão grave que o autor não ousa nomeá-lo.

c. Pode-se também compreender: *há nelas matéria (ocasião) de pecado* (supondo *dabar* no original hebr.).

d. A vigilância é particularmente necessária junto aos grandes (8.8), e a lembrança dos pais deve ajudar o israelita a impor a

si mesmo uma conduta nobre. O contrário poderia atrair-lhe a vergonha, isto é, aborrecimentos tais que ele desejaria não ter jamais vindo ao mundo.

e. Sir.: *Minha alma detesta duas espécies de gente*. Provérbio numérico, modo de exposição frequentemente utilizado na literatura sapiencial (cf. 25.1-2.7-11; 26.5; 50.25; Pr 6.16; 30.15) a fim de realçar o terceiro elemento de uma série (cf. também todo o cap. V do tratado Pirqê Abôt). Aqui, o autor pretende sublinhar a gravidade do adultério.

f. Lit. *o homem impudico no corpo de sua carne*. A expressão *corpo de carne* encontra-se em Cl 1.22; ver nota.

g. Lit. *todo pão* (ou *alimento*) *é agradável*. Cada novo alimento de sua paixão parece-lhe tão doce quanto o precedente.

h. Lit. *não se lembrará*.

Pr 5,21

são infinitamente mais luminosos que o sol:
observam todos os passos dos homens
e penetram os recantos mais secretos.

SI 139,
1-12

- ²⁰ Antes de serem criadas, todas as coisas lhe eram conhecidas,
c ainda o são, mesmo depois de terminadas.
²¹ Esse homem receberá seu castigo nas praças da cidade:
far-se-á apanhar¹, onde menos espera.

A mulher adúltera

Sb 3,16:
4,3

- ²² O mesmo sucederá com a mulher que, abandonando o marido,
lhe dá um herdeiro nascido de outro.
²³ Primeiro, porque ela desobedeceu à Lei do Altíssimo:
depois, cometeu uma falta contra seu marido;
em terceiro lugar, prostituiu-se no adultério
e concebeu filhos de outro homem.
²⁴ Será, pois, conduzida à frente da assembléia
e ali será interrogada a respeito de seus filhos¹.
²⁵ Seus filhos não poderão criar raízes
e seus ramos não produzirão frutos.
²⁶ Uma maldição se ligará à sua memória
e sua infâmia jamais será cancelada.
²⁷ Os que restarem saberão assim²
que nada se compara ao temor do Senhor
e que nada é mais doce que observar seus mandamentos³.

46,10;
Eccl 12,13

SEÇÃO C

Elogio da Sabedoria"

24

Jó 28;
Pr 1,20-33;
8; 9,1-6;
Br 3,9-4,4

- ¹ A sabedoria proclama seu próprio elogio,
ela se glorifica no meio do seu povo.
² Na assembléia do Altíssimo" abre a boca
e diante do seu Poder se glorifica.
³ "Eu saí da boca" do Altíssimo
e como um vapor recobri a terra.
⁴ Habitava⁴ nas alturas do céu
e meu trono repousava sobre a coluna de nuvem⁴.

Pr 2,6

1,1

i. Exatamente no sentido da expressão popular: *fazer-se imobilizar*. Lv 20,10 e Dt 22,22 previam a pena de morte por lapidação. O direito judaico posterior introduzirá, como substituto, a flagelação; mas parece que na época de Ben Sirac já se havia abandonado o rigor primitivo.

j. Para estabelecer sua ilegitimidade, com as consequências (cf. Dt 23,3). Poder-se-ia também compreender: *e as consequências recairão sobre seus filhos* (segundo o sentido que tem o termo *paqad*, "visita", no AT).

k. Sir.: *e todos os habitantes do país reconhecerão*.
l. Alguns mss., gr. acrescentam: *É uma glória imensa seguir o Senhor./ e vida longa, para ti, ser acolhido por ele*.

m. Título do mss. Aplica-se especialmente à primeira parte, em que a própria Sabedoria toma a palavra (vv. 1-22). É o cap. culminante do livro, no qual se apresenta uma como síntese da doutrina da Sabedoria, do seu papel na criação e na história da salvação. Este texto célebre pôde influenciar a formulação cristã

da teologia trinitária e inspirar a descrição do papel do Verbo em Jo 1. Em Ben Sirac, só se pode tratar da personificação poética de um atributo divino, que se manifesta sobretudo na Lei. O judaísmo posterior deduzirá daí naturalmente a concepção da preexistência da mesma Lei.

n. Isto é, Israel, a comunidade do Senhor (cf. Sr 15,5; Dt 23,2-4; 1Cr 28,8).

o. Identificação da Sabedoria e da Palavra criadora, seguida talvez de uma evocação do Espírito de Deus de Gn 1,2. A imagem do v. 3b, entretanto, é diferente da de Gn 1,2b e quer sobretudo exprimir a penetração universal dessa Sabedoria em todo o universo.

p. Lit. *Arnei minha tenda* (*kateskênōsa*, aliteração com o termo *Shekinā*, que designa a "Presença divina" no judaísmo).

q. A nuvem em que Deus se manifestava no deserto (Ex 13,21-22; 33,9-10). Filon de Alexandria também identificava *nuvem* e *Sabedoria*.

- 5 A órbita do céu, percorri-a sozinha
e caminhei pela profundidade dos abismos.
- 6 Sobre as ondas do mar e pela terra inteira,
sobre todos os povos e todas as nações se estendia o meu poder.
- 7 Entre todos eles procurei onde repousar:
em que território poderia eu instalar-me?
- 8 Então deu-me uma ordem o Criador de todas as coisas,
aquele que me criou fixou minha morada.
E disse-me: "Em Jacó estabelece tua morada,
em Israel recebe o teu patrimônio".
- 9 Antes que o tempo começasse, ele criou-me
e pelos séculos não cessarei de existir.
- 10 Na santa Morada prestei culto em sua presença,
e foi assim que me fixei em Sião.
- 11 Na cidade amada ele me fez repousar
e em Jerusalém exerço meu domínio.
- 12 Deitei raízes num povo ilustre,
na porção do Senhor se encontra meu patrimônio.
- 13 Cresci como um cedro do Líbano
e como um cipreste nas alturas do Hermon.
- 14 Cresci como uma palmeira de Engadi,
como as mudas de oleandro em Jericó,
como uma bela oliveira na planície,
como um plátano cresci.
- 15 Como a canela^r e o bálsamo aromático,
como a mirra de escol exalei meu perfume;
como o gálbano, o ônix e o estoraque,
como uma nuvem de incenso na Morada.
- 16 Como um terebinto desdobrei meus ramos,
e meus ramos são cheios de graça e majestade.
- 17 Como a videira produzi sarmentos graciosos,
e minhas flores deram frutos de glória e de riqueza^s.
- 19 Vinde a mim, vós que me desejais,
e saciai-vos de meus frutos.
- 20 Pois minha lembrança tem mais doçura que o mel
e minha posse, mais do que o favo de mel.
- 21 Os que comem de mim terão ainda fome
e os que bebem de mim ainda terão sede^t.

Gn 1,1;
Pr 8,23;
Jo 17,5

r. A Sabedoria é apresentada como à procura de um lugar onde estabelecer-se na terra: Deus lhe designa Israel como residência. Comparar com a legenda rubínica, atestada no Targum (Dt 33,2) e no Talmud (Aboda Zara 2b), segundo a qual a Lei foi proposta a todos os povos, mas foi acolhida somente por Israel.

s. A Sabedoria desempenha funções sacerdotais, primeiro no santuário do deserto (Ex 25-28), depois no Templo de Jerusalém. Ben Sirac é muito ligado ao sacerdócio (45,6-25; 50,1-21) e também ao culto, que ele apresenta como obra da sabedoria divina, porque codificado pela Lei.

t. Lugar às margens do mar Morto (Js 15,62), célebre por suas palmeiras (2Cr 20,2). A região de Jericó era famosa por suas touceiras de loureiros-rosa (oleandros). A planície é a região que

se estende das montanhas de Judá em direção ao mar. Cf. as comparações análogas de 50,8-10.

u. A identificação de algumas destas plantas aromáticas é incerta. Notar sobretudo seu uso no culto: os termos empregados aqui se reencontram no gr. de Ex 30,23-34.

v. Um grupo de mss. gr. tem esta glosa célebre: "Eu sou a mãe do belo amor, do temor, da ciência e da santa esperança. Eu, que permaneço sempre, sou dada a todos os meus filhos, os que por Ele são escolhidos. A Vulg. dá a primeira parte e acrescenta: Em mim está toda a graça do caminho e da verdade; em mim, toda a esperança de vida e de força (inspirado provavelmente em Jo 14,6).

w. A sabedoria excita o desejo dos que dela comem e bebem, porque não há nada mais desejável do que ela. Quando Jesus

- ²² Aquele que me escuta não conhecerá a vergonha e os que comigo trabalham^a não pecarão.

A Sabedoria e a Lei^b

Ex 24,7;
Br 4,1

- ²³ Tudo isto é o livro da aliança do Deus Altíssimo, a Lei que Moisés nos prescreveu para ser o patrimônio das assembleias de Jacó^c.
²⁵ É ela que faz transbordar a sabedoria como o Fison^d e como o Tigre, na estação dos frutos novos;
²⁶ que inunda de inteligência como o Eufrates e como o Jordão, nos dias da colheita^e;
²⁷ que derrama a instrução em ondas como o Nilo^f e como o Geon nos dias da vindima.
²⁸ O primeiro jamais terminou de conhecê-la assim como o último jamais tocará a sua profundidade^g.
²⁹ Pois seu pensamento é mais vasto que o oceano e seus desígnios, mais profundos que o grande abismo.
³⁰ Quanto a mim^h, era como um canal que deriva de um rio, como um aqueduto entrando num jardimⁱ.
³¹ E disse para mim mesmo: "Vou irrigar meu jardim, vou inundar meu canteiro".
Então, meu canal tornou-se como um rio e meu rio se transformou em mar.
³² E vou ainda fazer brilhar a instrução como a aurora, difundindo ao longe a sua luz.
³³ E vou ainda derramar o ensino como profecia, legando-o às gerações futuras.
³⁴ Vede, não é só para mim que me afadiguei, mas para todos os que a sabedoria procuram.

33,18

O bom e o mau marido^a

25 ¹ Há três coisas que minha alma deseja apaixonadamente^b e que são belas aos olhos do Senhor e dos homens:

falar da água que estanca a sede (Jo 4,13-14) e do alimento que acalma a fome e a sede (Jo 6,35), é por oposição aos outros alimentos incapazes de saciar o fiel. A imagem parece utilizada em sentidos opostos, mas contém a mesma idéia: exalta a excelência do que é oferecido, quer pela sabedoria, quer por Jesus.
x. Lit. *os que trabalham em mim*. O sir. sugere que se traduza: *os que me servem*.

y. Após o discurso da Sabedoria, Ben Sirac a identifica com a Lei mosaica, cuja riqueza ele descreve comparando-a à abundância dos rios mais célebres e à imensidão dos mares. Tal insistência na Lei já é típico do judaísmo do final do AT e se encontra muitas vezes na Bíblia grega (Br 4,1).

z. Cf. Dt 33,4 (gr.). O plural talvez indique uma alusão às assembleias sinagógicas, uma vez que a sinagoga, após o exílio, logo se tornou uma instituição fundamental do judaísmo, sobretudo na *Diáspora*. Elas são atestadas no Egito ao menos desde Ptolomeu III (segunda metade do séc. III a.C.). Alguns mss. gr. acrescentam: *24 Não cesseis de vos fortificar no Senhor / e apegai-vos a ele, a fim de que vos confirme / O Senhor todo-poderoso é o Deus único e, fora dele, não há outro salvador*.

a. Para estes rios, cf. Gn 2,11-14. Esta evocação quer talvez sugerir que a Lei permite fazer reflorir sobre a terra o Paraíso das origens. O Targum de Gn 3,24 assilará a Lei à árvore da vida.

b. Cf. Js 3,15; 4,18.

c. Lit. *o Rio*, corrigindo o gr. (*como a luz*) com a ajuda do sir. (*como o rio*). O nome hebr. do Nilo pode facilmente confundir-se com o termo que significa luz.

d. Hebraísmo (o primeiro... o último = todo o mundo) para exprimir a riqueza inesgotável da Sabedoria.

e. O autor aplica a si mesmo as imagens propostas mais acima, comparando-se a um canal que faz escorrer para os outros um pouco da abundância das águas da Sabedoria. Como os profetas, ele quer levar mais longe o seu ensino e transmiti-lo às gerações vindouras.

f. Lit. *um paraíso*. Este termo prolonga a imagem dos vv. 25-27. g. Após ter louvado a boa harmonia entre os esposos, Ben Sirac fala primeiro do bom e do mau marido (vv. 2-11), especialmente do ancião infiel, antes de começar uma longa série de reflexões sobre a boa e a má mulher (25,13-26,18).

h. Este texto é corrigido segundo sir. e lat. Os mss. gr. dão a

- a concórdia entre irmãos, a amizade entre vizinhos,
e uma mulher e um homem em perfeito acordo.
- ² Há três espécies de pessoas que minha alma detesta,
e cujo comportamento me irrita profundamente:
o pobre arrogante, o rico mentiroso,
e o velho adúltero, desprovido de inteligência.
- ³ Se nada ajuntaste na tua mocidade,
como encontrarias algo na tua velhice?
- ⁴ O julgamento convém aos cabelos brancos,
e aos anciãos, saber dar um conselho!
- ⁵ A sabedoria convém aos idosos,
e às pessoas honradas, a reflexão e o conselho!
- ⁶ A coroa dos anciãos é uma grande experiência,
e sua ufania, o temor do Senhor.
- ⁷ Há nove coisas que em mim mesmo considero felizes,
e minha língua pode ainda enunciar uma décima:
um homem que pode encontrar sua alegria nos filhos,
e o que pode, ainda vivo, contemplar a ruína de seus inimigos.
- ⁸ Feliz quem vive com mulher inteligente¹,
e quem, pela língua, não deslizou,
e quem não teve de servir a um senhor indigno¹.
- ⁹ Feliz quem encontrou a prudência^k
e quem pode falar a ouvidos atentos.
- ¹⁰ Como é grande quem encontrou a sabedoria!
Ninguém, porém, ultrapassa aquele que teme o Senhor.
- ¹¹ O temor do Senhor está acima de qualquer coisa:
quem o possui, a quem poderíamos compará-lo?^l

23,27;
40,26-27;
Pr 1,7

A mulher má

- ¹³ Qualquer ferida, menos a do coração^m,
qualquer maldade, menos a maldade de uma mulher!
- ¹⁴ Qualquer aflição, menos a causada pelo ódio;
qualquer vingança, menos a vingança dos inimigos!
- ¹⁵ Não há venenoⁿ pior que o da serpente,
nem ira pior que a ira da mulherⁿ.
- ¹⁶ Preferiria morar com um leão ou um dragão,
a morar com uma mulher perversa.
- ¹⁷ A maldade de uma mulher transforma seu aspecto^p
e seu rosto sombrio lhe dá o ar de um urso.
- ¹⁸ Seu marido toma lugar^q no meio dos vizinhos
e, constrangido, suspira amargamente.

Pr 21,9,19;
25,24

palavra à Sabedoria: *Com três coisas me adorno e com elas me aformoseio.*

l. Conforme sir. e hebr., é preciso acrescentar aqui: *quem não lava com um boi e um burro* (cf. Lv 19,19; Dt 22,10). Assim se restabeleceria o número das dez bem-aventuranças anunciadas. É a expressão metafórica de um casal mal combinado (cf. 2Cor 6,14).

j. Hebr. e sir. determinam o sentido: *inferior a ele*.

k. Sir.: *Feliz o homem que encontrou um amigo*; Lat.: *um amigo verdadeiro*.

l. Um grupo de mss. gr. acrescenta: *12 O temor do Senhor é o princípio do seu amor, mas é pela fé que se começa a aderir a ele*.

m. Hebr. e sir. têm a conjunção *como* diante do segundo membro de frase destes dois vv. O sentido é, pois: *nenhuma ferida, por mais grave que seja, é como...*

n. O gr., que tem o vocábulo *cabeça*, traduziu mal o hebr. *rash*, que pode ter dois sentidos: *cabeça* ou *veneno* (cf. Dt 32,33; Jó 20,16).

o. Com o sir. e alguns mss. gr. e lat. Outros têm: *a cólera do inimigo* (proveniente de 14b).

p. Hebr.: *A maldade da mulher obscurece o aspecto de seu marido e torna a sua figura tão negra quanto um urso*.

q. O verbo significa também *tomar lugar à mesa*. Poder-se-ia então compreender que ele também vá tomar suas refeições alhures.

- ¹⁹ Toda malícia é pouca coisa perto da malícia de uma mulher: que a sorte do pecador recaia sobre ela!^r
- ²⁰ Como a subida arenosa aos pés de um ancião, tal é a mulher faladeira para um marido pacífico.
- ²¹ Não te deixes seduzir^s pela beleza da mulher; guarda-te de cobiçar uma mulher.
- ²² Estrondos^t, insolências, enorme vergonha, quando é a mulher que sustenta o marido.
- ²³ Coração abatido, rosto ressabiado, ferida no coração: eis a obra da mulher perversa. Mãos inertes e joelhos paralisados^u, eis a obra daquela que não faz feliz seu marido.
- ²⁴ A mulher está na origem do pecado e é por causa dela que nós todos morremos^v.
- ²⁵ Não deixes a água escapar^w; nem deixes a mulher má com liberdade de falar.
- ²⁶ Se ela não andar ao dedo e ao olho^x, separa-te dela e manda-a embora^y.

Felicidade do homem bem casado

26

- ¹ Uma boa esposa faz o marido feliz e duplica o número de seus dias^r.
- ² A mulher de valor faz a alegria do seu marido que passará em paz todos os seus anos.
- ³ Uma boa esposa significa sorte excelente; é a parte concedida aos que temem o Senhor.
- ⁴ Pobres ou ricos, têm o coração contente^s e, em qualquer ocasião, o rosto alegre.

Pr 31,10

A mulher má

- ⁵ Há três coisas que meu coração recebe e a quarta, tenho medo de afrontá-la: os comentários da cidade, ajuntamento de povo, e calúnia, coisas todas mais medonhas que a morte;
- ⁶ mas a grande dor e aflição é uma mulher ciumenta de outra, pois o flagelo da língua participa de tudo isso^t.
- ⁷ Esposa má é canga de boi que sacode^u; querer tomá-la em mãos é como pegar um escorpião.

r. Ou então: *que a sorte faça com que ela pertença a um pecador* (em punição dos pecados deste! ou: para que ele a maltrate).

s. Ou então: *Não te exponhas a cair*. Hebr. *Não caias por causa da beleza de uma mulher e não cobices o que ela possui*. Na escolha de uma mulher, não é nem sua beleza nem sua fortuna que se deve primeiro considerar, mas o seu caráter.

t. Sir.: *uma grande servidão*. O hebr. está corrompido e pode ser corrigido no sentido do sir. ou do gr.

u. Imagem da decadência física e moral (cf. Is 35,3; Sl 109,24). Contrapor Pr 31,11-12.

v. Trata-se do pecado primeiro (Gn 3,6) em que a mulher arrasta o homem e com isso traz a morte (Gn 3,22). Paulo pode ter-se inspirado neste texto para 1Tm 2,14; mas geralmente é Adão que ele considera o primeiro responsável (Rm 5,12; 1Cor 15,21-22).

w. Imagem de uma cisterna rachada de onde a água escaparia continuamente (ou ainda, de canais de irrigação mal conservados) antes que uma torrente que se represasse para evitar catástrofes.

x. Lit. *segundo tuas mãos*, isto é, sob tuas ordens e tua direção.

y. *Corta-a de tua carne*. Dt 24,1 prevê o divórcio da mulher, bem como seu repúdio, embora o matrimônio os tenha feito "uma só carne" (Gn 2,24).

z. Seja porque a felicidade é fonte de saúde, seja porque a mulher cuida bem do seu marido (*engorda-o*, diz hebr. no v. 2).

a. Lit. *bom*. Trata-se ainda do homem bem casado.

b. Sentido confirmado pelo sir. Este estíquo é diversamente interpretado.

c. Mal fixada, fere ao esfregar e impede de puxar eficazmente.

- ⁸ A mulher que se embriaga provoca enorme indignação:
não poderá manter oculta a sua ignomínia^d.
- ⁹ Lê-se a má conduta de uma mulher em seus olhares descarados,
por suas pálpebras se a reconhece^e.
- ¹⁰ Ao redor da filha^f sem discrição, monta uma guarda reforçada;
se descobrir uma ocasião, ela se aproveitará. 42,11
- ¹¹ Sobre seu olhar impudente exerce vigilância;
e não te espantes se ela cair em falta a tuas custas.
- ¹² Como o viajante sedento abre a boca
e bebe da primeira água que encontra,
ela se oferece a qualquer abraço^g
e a todas as flechas escancara a sua aljava.

Louvor da esposa perfeita

- ¹³ O encanto da esposa faz a alegria do marido
e seu senso prático lhe assegura o bem-estar^h.
- ¹⁴ A mulher que fala pouco é um dom do Senhor
e nada vale uma pessoa bem educada.
- ¹⁵ É a graça das graças uma mulher pudica
e nada se pode estimar mais que uma pessoa casta.
- ¹⁶ Semelhante ao sol que se eleva nas alturas do céuⁱ
é a beleza de uma mulher perfeita em sua casa bem-arrumada.
- ¹⁷ Como uma lâmpada que brilha no candelabro sagrado^j,
tal é o rosto formoso num corpo bem-plantado.
- ¹⁸ Colunas de ouro numa base de prata,
tais são as pernas graciosas sobre calcanhares firmes^k.

Situações escandalosas

- ²⁰ Há duas coisas que me afligem o coração
e uma terceira que me excita a cólera:
um soldado^l em necessidade por causa de sua pobreza,
homens inteligentes sendo abandonados com desprezo,
e quem passa da justiça para o pecado:
o Senhor o destina a perecer pela espada^m.

d. Isto é, sua nudez (cf. Ez 16,8). Sugere-se também que a embriaguez conduz ao adultério.

e. Suas pálpebras pintadas (cf. Jr 4,30; Ez 23,40) ou suas olhadelas (Pr 6,25).

f. Segundo o uso semítico, o vocábulo pode designar qualquer mulher, não necessariamente filha.

g. Lit. *ela se assenta diante de toda estaca (de tenda)*. Este final de v. é particularmente realista.

h. Lit. *engorda seus ossos* (cf. Pr 15,30 e o hebr. do v. 2).

i. Tradução inspirada no hebr. e no sir. Gr. lit. *as alturas do Senhor* (cf. 43,9).

j. Alusão ao candelabro de ouro do Templo (1Mc 1,21; 4,49,50). Este v. e o seguinte poderiam também estar inspirados em Ex 25,31-39; 26,32 assim como em Ct 5,15.

k. Discute-se a autenticidade dos vv. 19-27 dados pelo sir. e um grupo de mss. gr.: ¹⁹*Filho, guarda a saúde na flor de tua idade e não entregues tua força a estranhos.* ²⁰*Depois de teres, procurado em toda a planície um lote de terra boa, semeia tua própria semente e tem confiança em tua nobre origem.* ²¹*As-*

sim, os rebentos que deixares depois de ti poderão ufanar-se de apregoar sua nobreza. ²²*Uma mulher que se faz pagar será comparada ao escuro; e, se casada, é uma armadilha mortal para quem a freqüenta.* ²³*A mulher ímpia será dada em quinhão ao pecador, enquanto a piedosa o será a quem teme o Senhor.* ²⁴*A mulher sem pudor passa sua vida na desonra, mas a mulher pudica é reservada, mesmo com o seu marido.* ²⁵*A mulher descarada é comparável a um cão, mas a que tem pudor temerá o Senhor.* ²⁶*A mulher que honra o marido parecerá sábia aos olhos de todos, mas a que o desonra será reconhecida de todos como orgulhosa e ímpia. Feliz o marido de uma boa esposa: o número de seus dias será dobrado.* ²⁷*A mulher gritalhona e faladeira é como trombeta que afugenta o inimigo. A alma do seu marido passará a vida entre os ruídos da guerra.*

l. Sir.: *um homem rico*. Leitura que concorda melhor com o paralelismo. O hebr. tinha uma expressão significando "homem forte, guerreiro" ou "homem rico".

m. Lit. *prepará-lo-á para a espada*.

Perigos do comércio

- ²⁹ Dificilmente o comerciante evitará as faltasⁿ,
e permanecerá livre de pecado o revendedor.
- 27** ¹ Muitos pecaram por amor do lucro
e quem procura enriquecer-se desvia o olharⁿ.
- ² Como se introduz uma estaca na juntura das pedras,
assim também entre venda e compra se intercalaⁿ o pecado.
- ³ Se alguém não se apegar firmemente ao temor do Senhor,
bem depressa a sua casa cairá em ruínas.

A palavra revela o homem

- ⁴ Quando se sacode a peneira, ficam os resíduos:
do mesmo modo os defeitos de um homem, quando discute.
- ⁵ Como o forno prova os vasos do oleiro,
assim a prova de um homem está no seu raciocínio.
- ⁶ O fruto da árvore revela como foi o seu cultivo:
assim a discussão, os pensamentos do coração do homem.
- ⁷ Não louves a ninguém antes de ouvi-lo falar,
pois é aí que se provam os homens.

A justiça

- ⁸ Se procurares a justiça, hás de alcançá-la
e dela te revestirás como de um manto glorioso.
- ⁹ Os pássaros da mesma espécie aninham-se juntos:
assim a verdadeⁿ retorna para os que a praticam.
- ¹⁰ Como o leão está à espreita da sua presa,
assim o pecado espreita os que praticam a injustiça.
- ¹¹ O discurso do homem piedosoⁿ é sempre sábio,
ao passo que o insensato muda como a lua.
- ¹² Mede teu tempo no meio de insensatos;
ao contrário, demora-te na companhia de pessoas refletidas.
- ¹³ As palavras dos tolos provocam irritação,
e sua risada é um deboche culpávelⁿ.
- ¹⁴ A linhagem de quem jura sem cessar faz arrepiar os cabelosⁿ,
e suas alterações obrigam a tapar os ouvidos.
- ¹⁵ Contenda de orgulhosos traz derramamentos de sangue
e suas invectivas são penosas de se ouvir.

Os segredos

22.22

- ¹⁶ Quem revela segredos arruína a confiança
e não encontrará mais amigo segundo o seu coraçãoⁿ.

n. O autor visa aqui diretamente as indelicadezas às quais um negociante se deixa facilmente arrastar. Mas, além dos perigos da fraude e da cobiça, o comércio obrigava a contatos com os pagãos e, em todo caso, entretinha preocupações bem estranhas ao que, para o sábio, é o essencial: o estudo da Lei. Assim, como os rabinos posteriores (Pirqê Abôt II 6; Erubim 55b), Ben Sirac (cf. 38.25-34) tem pouca estima pelo comércio.

o. Do temor de Deus (v. 3), do que é honesto e justo, para se apegar a todos os meios de acumular dinheiro (cf. a expressão "negócios equívocos"); ou então, das necessidades dos pobres (cf. 4.5; Pr 28.27).

p. Conjetura. Texto gr. é *triturado*. Familiarmente: *chega a se fixar* (?).

q. No sentido de justiça e de virtude. A lealdade e a honestidade terminam por serem proveitosas aos que as praticam. A injustiça (v. 10) aparenta-se aqui com a mentira, a deslealdade.

r. Ler com sir. e um grande ms. gr.: *do homem sábio*. Este, em suas palavras, dá testemunho de uma sabedoria constante.

s. Lit. *libertinagem de pecado* (cf. 21.5).

t. Das pessoas piedosas que o escutam.

u. Lit. *para sua alma*. Um amigo que é como um outro ele mesmo (Dt 13.7), segundo seu próprio desejo.

- ¹⁷ Ama teu amigo e permanece-lhe fiel;
mas, se revelaste seus segredos, não corras mais atrás dele.
- ¹⁸ Pois, assim como alguém perde um dos seus que faleceu*,
assim também tu perdeste a amizade do teu próximo.
- ¹⁹ Como um pássaro que tivesses deixado escapar de tua mão,
assim também deixaste partir o teu próximo, e não o recuperarás.
- ²⁰ Não o procures mais, pois já está muito longe;
como a gazela, escapou da armadilha.
- ²¹ Pode-se tratar de uma ferida,
e após a injúria pode haver reconciliação;
mas nenhuma esperança existe para quem revelou segredos.

Hipocrisia e duplicidade

- ²² Quem pisca o olho planeja golpes baixos;
mas quem o conhece mantém-se longe dele*. SI 35,19;
Pr 6,12-15
- ²³ Sob teus olhares, sua boca é toda mel
e ele se extasiará ante as tuas palavras;
por trás, porém, muda de linguagem
e faz de tuas palavras objeto de escândalo*. 12,16
- ²⁴ Há muitas coisas que eu detesto, mas a ele acima de tudo;
e o Senhor também lhe terá aversão*.
- ²⁵ Quem lança uma pedra no ar, lança-a contra a própria cabeça;
e um golpe traiçoeiro arrasta feridas em retorno*. 22,22
- ²⁶ Quem abre uma cova, nela cairá;
quem arma uma cilada, nela será apanhado. SI 7,16
- ²⁷ O mal que o homem comete retorna contra ele;
sem que ele saiba de onde, isto lhe acontecerá.
- ²⁸ Sarcasmo e insulto são coisas de orgulhoso,
mas a vingança o espera como um leão à espreita.
- ²⁹ Serão apanhados na armadilha os que se alegram com a queda dos piedosos;
o sofrimento os consumirá, antes que morram*.

O perdão

- ³⁰ Rancor e cólera são também coisas detestáveis,
mas nelas o homem pecador é considerado mestre.
- 28** ¹ Quem se vinga, experimentará a vingança do Senhor,
que pedirá contas rigorosas de seus pecados.
- ² Perdoa a teu próximo a injustiça cometida;
então, quando orares, teus pecados serão perdoados.
- ³ Se um homem alimentar a cólera contra outro,
como poderá pedir ao Senhor a cura^b? Mt 5,23-24;
6,12,14;
18,21-35;
Mc 11,25;
Lc 6,37

v. Outra tradução: *perdeu aquele a quem matou*. Todos os mss. gr., exceto um, têm: *que destruiu seu inimigo*. Sir.: *que perdeu sua parte na herança*. É difícil decidir qual a leitura original. Fica a idéia de uma supressão definitiva, de uma perda irreparável.

w. Muitos mss. gr.: *ninguém poderá removê-lo disso*.

x. Ele as refere modificando-lhes o sentido, e carregando-as de intenções maldosas. Pode-se também compreender: *ele usa de tuas palavras para te armar uma cilada*; ou então (em oposição aos louvores prodigalizados na presença do interessado): *sobre tuas palavras lança o descrédito*.

y. Sir. acrescenta (provavelmente com razão, porque o estíquo é curto demais); *e o maldirá*.

z. Lit. *um golpe perfido partilhará as feridas*. Esta idéia da *nêmesis*, a justiça imanente, que faz recair os efeitos do mal sobre seu autor, é muitas vezes expressa, sobretudo nos livros poéticos (SI 7,16-17; 57,7; Pr 26,27; Ecl 10,8).

a. Perspectiva de retribuição terrestre, na linha das idéias tradicionais (cf. Jó 21,20-21).

b. Isto é, cura espiritual pelo perdão dos pecados. Notar-se-á a elevação moral desta doutrina, que prepara para as exigências do NT.

- ⁴ Ele não tem compaixão alguma de um homem, seu semelhante: como então poderá suplicar por seus próprios pecados?
- ⁵ Se ele, que é apenas carne^e, guarda rancor, quem lhe obterá o perdão de seus próprios pecados?
- ⁶ Pensa no fim que te espera, e deixa de odiar; pensa na corrupção e na morte, e observa os mandamentos.
- ⁷ Lembra-te dos mandamentos^d, e não guardes rancor contra teu próximo; lembra-te da aliança do Altíssimo, e passa por cima da ofensa.

7.36:
38.20

As contendas

- ⁸ Conserva-te longe das contendas, e cometerás menos pecados; pois o homem irado esquentará a discussão.
- ⁹ O pecador semeia a perturbação entre os amigos e lança a discórdia onde reinava o entendimento^f.
- ¹⁰ O fogo continua a queimar se for alimentado e uma briga se envenena quando há obstinação. Um homem se arrebatou na proporção da sua força^f, e sua cólera sobe na razão de sua fortuna.
- ¹¹ Um litígio inesperado acende o fogo^g e uma disputa súbita faz correr o sangue.
- ¹² Sopra na centelha e ela se inflama; cospe-lhe em cima, e se apagará; ambos os resultados provêm de tua boca^h.

Pr 26.20-21

22.24:
27.15

A língua maligna

Tg 3.1-12

- ¹³ Maldito o cochichador e o velhacoⁱ: arruinaram muita gente que vivia em bom entendimento.
- ¹⁴ As murmurações de um terceiro^j abalaram a muitos, e os expulsaram de nação em nação; demoliram cidades fortificadas e abateram as casas dos grandes.
- ¹⁵ As murmurações de um terceiro causaram o repúdio de mulheres corajosas, privando-as do fruto de seus trabalhos.
- ¹⁶ Quem lhes der atenção não encontrará mais sossego^k, não poderá mais viver com tranquilidade.
- ¹⁷ Um golpe de chicote produz contusões, mas um golpe de língua quebra os ossos.
- ¹⁸ Muitos caíram ao fio da espada, mas menos que os que pereceram por causa da língua.
- ¹⁹ Feliz quem estiver ao abrigo de suas investidas, quem não tiver sido exposto ao seu furor;

c. Cf. 17.31; Gn 6.3.

d. Cf. Lv 19.17-18.

e. Lit. *no meio de pessoas que viviam em paz*.

f. O forte e o rico podem permitir-se violentas contendas e entregar-se impunemente a todos os excessos.

g. Sir.: *Resina e piche acendem uma fogueira*. Alguns propõem: *Uma fagulha repentina pode acender uma fogueira*.

h. Assim, depende da boca ou da má vontade de cada um limitar, ou ao contrário, agravar uma desavença.

i. Lit. *aquele que tem língua dúplice*.

j. Lit. *a terceira língua*. Designa aquele que semeia a desunião entre dois aliados, dois amigos. A fórmula traduz literalmente a expressão hebraica que designa a calúnia. Segundo o Talmud (Arakin 15b), a calúnia "mata três pessoas": o caluniado, o autor da calúnia e aquele que lhe dá crédito. Primariamente as expressões "língua dúplice" e "língua tríplice" eram designações populares da serpente. Aproximar, quanto ao sentido, a fórmula "língua de víbora" = pessoa mal-dizente.

k. Antes de tudo o marido.

quem não teve de arrastar o seu jugo
nem esteve ligado por seus laços.

²⁰ Pois seu jugo é um jugo de ferro,
e suas cadeias, cadeias de bronze.

²¹ A morte que ela inflige é uma morte espantosa:
é preferível o reino das sombras.

²² Ela, porém, não terá ação sobre os homens piedosos,
que não serão queimados em suas chamas.

²³ Os que abandonam o Senhor cairão sob seus golpes;
entre eles¹, ela se acenderá sem jamais se extinguir;
contra eles será lançada como um leão
e, como pantera, os dilacerará.

^{24a} Vê, tu cercas tua propriedade^m com uma sebe de espinhos:

^{25a} fazes também uma balança e pesos para as tuas palavrasⁿ.

21.25

^{24b} Guardas cuidadosamente^o tua prata e teu ouro:

^{25b} fazes também para tua boca porta e ferrolho^p.

22.27

²⁶ Toma cuidado para que tua língua não te faça tropeçar,
se não quiseses cair nas mãos de quem está à tua espreita.

O empréstimo^q

29

¹ Quem empresta a seu próximo faz obra de misericórdia,
e quem lhe vem em socorro^r observa os mandamentos.

SI 37.21.26

² Emprresta a teu próximo, quando ele se encontra em necessidade,
e restitui também a teu próximo, no tempo devido.

³ Mantém tua palavra e sê leal para com ele,
e a todo momento encontrarás o de que precisas.

⁴ Muitos consideram o empréstimo uma sorte grande^s
e deixam em dificuldade aqueles que os socorreram.

⁵ Antes de ter recebido, beija-se a mão das pessoas,
fala-se modestamente^t das riquezas do próximo.
No momento de restituir, porém, arrasta-se na demora,
paga-se com fórmulas de pesar
e acusam-se as circunstâncias^u.

⁶ Se se chega a pagar, o credor a custo recuperará a metade,
o que considerará uma sorte^v.

Caso contrário, despojaram-no de seus haveres

I. Pode-se também compreender que servirão de alimento para o fogo.

m. Sir. determina: *tua vinha*. Comparar gr. e hebr. com 36.30.
n. A transposição nestes vv. é proposta por Ziegler e muitos autores.

o. Sir.: *Tu lacras ou fechas sob selo judicial*. O gr. poderia aliás dizer a mesma coisa. Antes dessa operação, pesa-se o ouro e a prata; isto explica a segunda parte do v.

p. Diríamos nós: *mede teus termos e pesa tuas palavras*.

q. Não se trata aqui dos problemas do empréstimo com juros, mas da obrigação de emprestar que a própria Lei impõe (Ex 22.24; Lv 25.35-36; Dt 15.7-11). Por causa da insegurança de tal gesto, alguns recusam-se a cumpri-lo, pois não percebem que praticar essa caridade ao irmão necessitado é um bom investimento!

r. Lit. *quem o fortificou com sua mão*.

s. Lit. *como um objeto encontrado*, que ninguém se preocupa em restituir. Sir.: *há muitos devedores que procuram pedir emprestado*. A repetição de 6b faz pensar que gr. talvez tenha entendido mal o original.

t. Sir.: *eleva-se a voz*. Será para exprimir uma espécie de direito, uma vez que aquele que possui tem o dever de emprestar, ou então para acentuar a certeza com a qual alguém promete restituir? Em todo caso, em seguida se faz sentir ao credor que suas reclamações são importunas e se apresenta toda sorte de escusas.

u. Ou então: *alega-se um prazo muito curto*. Sir.: *e restitui-se após longa demora*.

v. Lit. *como um objeto encontrado* (cf. v. 4), uma fortuna inesperada.

e ele ainda adquiriu sem razão um inimigo,
o qual o reembolsará em maldições e injúrias
e o pagará com desprezo em lugar de consideração.

⁷ Muitos, sem maldade^w, recusam-se a emprestar
por temor de se verem despojados por nada.

A esmola

- ⁸ Com o pobre, porém, usa de paciência
e não o deixes enlanguescer atrás de tua esmola^x.
⁹ Por causa do mandamento^y, vai em ajuda do indigente
e, na necessidade em que está, não o despeças de mãos vazias.
¹⁰ Sê pronto a perder dinheiro por um irmão ou amigo,
antes que perdê-lo deixando-o enferrujar sob uma pedra.
¹¹ Dispõe do teu tesouro segundo os preceitos do Altíssimo^z,
e será para ti mais proveitoso que o ouro.
¹² Encerra tuas esmolas em teus celeiros^a:
são elas que te livrarão de toda desgraça.
¹³ Melhor que um escudo sólido, melhor que uma pesada lança,
elas combaterão por ti diante do inimigo.

Mt 6,19-20;
Tg 5,3

Fiança^b

8,13

- ¹⁴ O homem de bem se faz fiador de seu próximo,
mas quem perdeu toda vergonha o abandona^a.
¹⁵ Não esqueças os benefícios do teu fiador,
pois ele se empenhou pessoalmente por ti.
¹⁶ O pecador dilapida os bens do seu fiador
e o ingrato por natureza^d abandona aquele que o salvou.
¹⁷ e o ingrato por natureza^d abandona aquele que o salvou.
¹⁸ A fiança já arruinou a muita gente próspera^e
e os desamparou, como as ondas do mar;
já constrangeu homens poderosos ao exílio
e os fez vaguear por nações estrangeiras.
¹⁹ Quando um pecador se precipita para dar fiança,
se pretende lucro, vai ao encontro de processos^f.
²⁰ Vem ajudar teu próximo^g na medida de tuas posses,
mas toma cuidado para não te deixares prender.

w. Muitos mss. gr., apoiados pelo sir., têm: *por causa de tal malícia muitos...* As diversas recensões poderiam explicar-se por um texto hebr. mal compreendido: *Muitos não emprestam ao próximo.*

x. Cf. 3,30-4,5. Apesar da resistência que alguns experimentam em se separar do seu dinheiro, há motivos mais elevados, pelas razões mencionadas acima, que obrigam a mostrar-se generoso.

y. Cf. Dt 15,7-11.

z. Por causa do v. seguinte e da menção anterior dos mandamentos, o sir. parece mais próximo do original: *Põe de lado um tesouro de beneficência e de amor.* Também o Cristo declara a beneficência o mais seguro dos investimentos (Lc 12,33; 16,9) em vista da vida futura. A mesma doutrina se encontra no Talmud. Aquela não está ainda plenamente desenvolvida e a retribuição está limitada a este mundo.

a. Em reserva para o futuro, como garantia contra a desgraça. Cf. Tb 2,14; 4,9-10.

b. Considerando-a uma obra de caridade. Ben Sirac a olha com bastante mais simpatia que os antigos sábios (Pr 11,15; 17,18; 20,16; 22,26-27), embora recomende certa prudência (v. 20).

c. Sir.: *foge diante da sua garantia.*

d. O gr. deveria traduzir-se *ingrato de pensamento* (ou de coração, se se levar em conta o equivalente hebr. habitual em Ben Sirac), mas aqui o original era provavelmente *yešer* (disposição, inclinação), pois o sir. compreendeu: *quem abandona seu criador* (o que supõe o hebr. *yošer*) *abandona seu salvador.*

e. O vocábulo pode designar quer pessoas honestas, quer pessoas estabelecidas na prosperidade.

f. Processos judiciários, pois a lei proíbe toda espécie de usura (Ex 22,24; Lv 25,36; Dt 23,20).

g. Sir.: *dá em penhor a teu próximo.*

Autonomia do sábio

- ²¹ As primeiras necessidades da vida são: água, pão, roupa e uma casa, para resguardar a intimidade^h. 39.26
- ²² Mais vale uma existência de pobre ao abrigo do próprio teto, que um brilhanteⁱ passado em casa alheia.
- ²³ Tenhas pouco ou muito, fica satisfeito, e não ouvirás a censura de ser um estranho^j.
- ²⁴ Vida miserável é passar de casa em casa, sem poder abrir a boca porque se é um estranho.
- ²⁵ Dás de comer e beber sem que te agradeçam^k, e ao mesmo tempo deves ainda ouvir palavras amargas:
- ²⁶ "Vem aqui, estrangeiro, prepara a mesa; e, se tens alguma coisa, dá-me de comer".
- ²⁷ — "Vai-te daqui, estrangeiro, dá lugar a um mais digno^l! Meu irmão vem hospedar-se comigo, preciso da casa!"
- ²⁸ São coisas penosas para um homem lúcido: a afronta de ser estrangeiro^m e os ultrajes do credor.

Educaçãoⁿ

30

- ¹ Quem ama o filho aplica-lhe com freqüência o chicote, a fim de poder, finalmente^o, encontrar nele sua alegria. 23.13-14; 29.15; Pr 23.24;
- ² Quem educa bem seu filho ficará satisfeito^p com ele: dele se ufanará entre seus conhecidos.
- ³ Quem instrui seu filho causa inveja ao inimigo e, diante dos amigos, estará radiante a seu respeito.
- ⁴ Se o pai sucumbe, é como se não tivesse morrido: pois deixa, depois de si, alguém que lhe é semelhante^q. 7b 9.6
- ⁵ Durante a vida, alegrou-se em vê-lo; no momento de morrer, não tem de que lamentar-se.
- ⁶ Pois deixa alguém que o vingará de seus inimigos e dará aos amigos o reconhecimento que lhes deve.
- ⁷ Quem trata com moleza o filho deverá tratar de suas feridas^r: ao mais têmue grito, suas entranhas serão estremecidas.
- ⁸ Cavalo indomado torna-se recalcitrante; da mesma forma, um filho entregue a si mesmo torna-se impossível.
- ⁹ Acaricia uma criança, e te causará surpresas^s; brinca com ela, e te contristará.
- ¹⁰ Não rias com ela, para não teres de com ela sofrer; e acabarás, por fim, mordendo teus dedos^t.

h. Lit. *a vergonha* (cf. 26.8).

i. Encontra-se o mesmo termo em Lc 16.19.

j. Convite a permanecer em casa, na própria condição mais ou menos próspera. Alguns vêem aqui uma alusão aos comerciantes que se expatriavam com facilidade em vista do lucro e acabavam vivendo como parasitas, sobretudo a expensas de seus correligionários, expondo-se assim a todas as afrontas.

k. Sir.: *És um estrangeiro e deves beber o ultraje*. Cf. Pr 26.6.

l. Lit. *fora da presença da glória*; tradução literal de uma fórmula como Dt 28.20, significando "por causa de". Por causa da chegada de um hóspede importante, é preciso ceder-lhe o lugar, cf. Lc 14.8-9.

m. Cf. v. 23. O v. termina retomando o tema dos vv. 1-13.

n. Título do gr.: *Sobre os filhos*.

o. Isto é, nos últimos tempos de sua vida.

p. O verbo é clássico para designar a alegria que os filhos dão a seus pais. Encontramo-lo só aqui na Bíblia gr. e em Fm 20.

q. Tema freqüente na literatura de sabedoria.

r. Interpretação incerta. Trata-se ou de pequenos ferimentos dos quais o pai se sente obrigado a condoer-se, ou dos golpes que receberá de seu filho, ou antes dos que este se causará a si mesmo por uma vida desregrada.

s. Bem entendido, desagradáveis.

t. Lit. *rangendo os dentes*. Mesmo verbo em Ez 18.2 (*os dentes dos filhos ficaram embotados*), mas o contexto é diferente. A má educação produz frutos amargos; a familiaridade exagerada

- ¹¹ "Não lhe deixes liberdade em sua juventude".
¹² Mortifica seus rins enquanto é criança;
 caso contrário, tornando-se indócil, não te obedecerá mais".
¹³ Educa teu filho e trabalha para formá-lo^a
 para não teres de sofrer a afronta de uma conduta vergonhosa^a.

A saúde^a

- ¹⁴ Mais vale um pobre com saúde e constituição robusta
 que um rico, cujo corpo está minado.
¹⁵ Uma saúde robusta vale mais que todo o ouro do mundo
 e um espírito^a vigoroso, mais do que imensa fortuna.
¹⁶ Nenhuma riqueza é comparável à saúde do corpo,
 nem há felicidade que valha a alegria do coração.
¹⁷ Mais vale a morte que uma vida de miséria,
 e o repouso eterno, que uma doença crônica.
¹⁸ Coisas boas derramadas ante uma boca fechada^b
 são como oferendas de alimento colocadas sobre um túmulo^c.
¹⁹ Que serve ao ídolo a oblação que se lhe faz,
 se não pode comer e nem sequer sentir o cheiro^d?
 Assim acontece com aquele a quem o Senhor atormenta^e:
²⁰ olha com seus olhos e suspira,
 como suspira o eunuco abraçando uma virgem^f.

Epr 26

20.4

A alegria^a

- ²¹ Não abandones tua alma à aflição
 e não te atormentes deliberadamente^b.
²² Um coração alegre mantém o homem em vida
 e o contentamento prolonga a duração de seus dias.
²³ Distraiⁱ tua alma, reconforta o coração
 e expulsa longe de ti a tristeza;
 pois a tristeza causou a perda de muitos
 e nada ganha quem a ela se entrega.
²⁴ Inveja e cólera tornam os dias menos numerosos
 e a preocupação produz uma velhice prematura^j.

Ecl 11,9-10

14.16

no começo leva a um resultado tão desagradável quanto o comer uvas verdes.

u. Aqui começa um dos grandes mss. hebr. (B) mais ou menos completo até o final do livro.

v. Alguns mss. gr. acrescentam: *e não feches os olhos a seus erros. Fá-lo dobrar a nuca em sua juventude.*

w. Alguns mss. gr. acrescentam: *e te causará muitos tormentos.*

x. Hebr.: *Corrige teu filho e torna pesado seu jugo: é para que, na sua tolice, ele não se erga contra ti.*

y. Ou: *de sua desonra.*
 z. Os grandes mss. gr. têm aqui como subtítulo, quer *Os alimentos*, quer *A saúde*. Mas algumas testemunhas os colocam antes do v. 16.

a. Alguns mss. gr. têm: *Um corpo*. Hebr.: *Prefiro ao ouro uma boa saúde e, às pérolas, um espírito feliz.*

b. A do doente inapetente.

c. Hebr.: *Como uma oferenda colocada diante de um ídolo*. O vocábulo *ídolo* em hebr. foi compreendido como pedra sepulcral pelo sir. e gr. O contexto favorece a leitura do hebr. O tradutor gr. terá adaptado o texto a um ambiente onde essa prática era

menos conhecida, evocando outro costume mais difundido.

d. Tema clássico da polêmica contra os ídolos (Dt 4,28; Sl 115,5; Is 44,9; Jr 10,5; Sb 15,15; Dn 14,1-22).

e. O doente que o Senhor feriu (cf. v. 14). Hebr.: *Assim é aquele que tem fortuna e não pode aproveitá-la.*

f. Hebr. e muitos mss. gr. acrescentam: *assim é aquele que quer pela força estabelecer a justiça*. Ou então: *aquele que sob constrangimento pratica a justiça*.

g. Notar o lugar da alegria na religião do Sirácida. Ele recomenda aqui que se afastem as preocupações inúteis (cf. Mt 6,34) e os sentimentos de rancor responsáveis por um clima moral que inclui na saúde.

h. Ou: *por teus projetos*. Lit. *em teu conselho*.

i. Lit. *Engana, seduz*. A maioria dos mss. gr. têm: *Ama tua alma*.

j. Toda a tradição manuscrita grega (que remonta portanto a um mesmo arquétipo) coloca aqui 33,16-36,10 antes de 30,25-33,16a. A ordem primitiva foi conservada pelo sir. e o lat. e confirmada pelo hebr. Nós a restabelecemos com os editores modernos do gr.

- ²⁵ Um coração alegre favorece o bom apetite^k,
e a seus alimentos dá grande atenção.

As riquezas

31

- ¹ A insônia provocada pela riqueza acaba por fazer emagrecer^l,
e a preocupação que traz afugenta o sono.
(= 34) ² As preocupações do tempo de vigília^m impedem até de adormecer,
como uma grave doença afastam o sono.
³ O rico se mata para acumular uma fortuna
e, quando repousa, é para se refestelar de prazeres.
⁴ O pobre se mata para viver mesquinamente
e, quando repousa, cai na indigência.
⁵ Quem ama o ouro não poderá permanecer justo, Pr 28.20
e aquele que persegue o lucro acabará extraviando-se.
⁶ Muitos foram entregues à ruína por causa do ouro, 1Tm 6.9
e sua perdição irrompeu sobre elesⁿ.
⁷ É uma armadilha^o para os que por ele se afeiçoam^p
e todos os insensatos se deixam por ela apanhar.
⁸ Feliz o rico que se encontra irrepreensível
e que não correu atrás do ouro^q.
⁹ Quem é ele, para que possamos felicitá-lo?
Pois comportou-se de maneira admirável entre o seu povo^r.
¹⁰ Quem passou por esta prova e saiu-se bem?
Isto, para ele, é motivo de ufania.
Quem pôde cometer uma transgressão e não a cometeu,
fazer o mal, e não o fez?
¹¹ Então, ele será confirmado em sua prosperidade^s,
e a assembléia proclamará suas benemerências^t.

Os banquetes^u

- ¹² Se te encontrares sentado a uma lauta mesa^v,
não exclames boquiaberto diante dela: "Que fartura!"
¹³ Lembra-te de que é um vício ter o olho ávido.
Aliás, na criação, que há de pior que o olho?
É por isso que chora por qualquer motivo^w.

k. V. obscuro. Lit. *Um coração luminoso também é bom para os alimentos*. Hebr. *o sono de um coração contente lhe equivale a alimentos suculentos*. Cf. Pr 15.15.

l. Lit. *consome as carnes*.

m. Lit. *o cuidado das vigílias*. O significado do v. é incerto. Hebr.: *O cuidado da subsistência faz perder o sono e, mais que uma doença grave, dissipa o sono*.

n. Hebr. *Numerosas têm sido as vítimas do ouro! e os que puseram sua confiança nas pérolas! Não puderam escapar da desgraça! nem salvar-se no dia da cólera*. A segunda parte parece uma glosa do escriba.

o. Lit. *um lenho de tropeço*.

p. Outra leitura dos mss. gr. e das versões: *para os que lhe sacrificam*. Hebr.: *para o todo*.

q. Hebr. e sir. têm aqui o termo *mammon*, frequente no Targum e no Talmud para designar a riqueza em geral. Cf. Mt 6.24; Lc 16.9.11.13.

r. O gr. oculta uma expressão hebr. (cf. Jz 13.19; 2Cr 26.15)

que designa uma maneira notável de agir. O hebr. traduzido por *entre o seu povo* pode também compreender: *seu apetite*, segundo uma raiz árabe. O v. poderia então significar: *ele soube de maneira notável reprimir seus apetites*.

s. Lit. *seus bens serão confirmados*.

t. Hebr.: *seus louvores*. Mesma expressão em 44.15. O gr. quis explicitar. Pode-se reconhecer aqui uma alusão ao costume de proclamar nas sinagogas os nomes dos benfeitores e de perpetuá-los por meio de inscrições.

u. O hebr. tem o título: *Instrução sobre o alimento e o vinho*. Segue um extrato do manual de urbanidade de Ben Sirac.

v. Variante marginal do hebr.: *Filho, se estás sentado à mesa de um grande*. Cf. Pr 23.1.

w. Seja porque brilha de inveja, seja antes porque, sendo a fonte do pecado (cf. Nm 15.39; Jz 31.7), o olho chora por isso no momento do castigo. Hebr.: *Deus não criou nada pior que o olho; eis por que ele se agita diante de tudo*. As paixões são alimentadas pela vista e se manifestam também pelo olhar.

- ¹⁴ Não estendas a mão para tudo o que vês^a
para não te acotovelares com teu vizinho^y sobre o mesmo prato.
- ¹⁵ Julga por ti mesmo sobre o que teu próximo sente,
e comporta-te sempre com reflexão^d.
- ¹⁶ Come do que te oferecem, como pessoa bem-educada,
e não mastigues com ruído, para não seres odioso.
- ¹⁷ Sê o primeiro a parar, por boa educação,
e não te mostres insaciável, para não chocares ninguém^a.
- ¹⁸ Se estás sentado em numerosa companhia,
não estendas a mão antes dos outros.
- ¹⁹ Quão pouco basta ao homem bem-educado!
Depois, quando deitado, não se sente sufocar.
- ²⁰ Quem come com moderação goza de um sono salutar^h:
levanta-se cedo e sente-se bem disposto^e.
Os tormentos da insônia, a náusea e as cólicas
são o quinhão do homem imoderado.
- ²¹ Se foste constrangido a comer muito,
levanta-te, vai vomitar e ficarás aliviado^d.
- ²² Escuta-me, filho, não me desprezes
e no fim compreenderás minhas palavras.
Em tudo o que fizerdes sê razoável
e não te sobrevirá nenhuma enfermidade.
- ²³ Quem recebe suntuosamente^e, seu louvor está em todos os lábios,
testemunho seguro de sua magnificência.
- ²⁴ Aquele que é mesquinho nas recepções, a cidade o criticará,
testemunho exato de sua sovinice.

37.30

O vinho

Is 5.22

- ²⁵ Com o vinho, não banques o homem forte,
pois o vinho já perdeu a muitos^f.
- ²⁶ Como a fornalha prova a têmpera do aço^a,
assim o vinho prova os corações, quando orgulhosos se confrontam.
- ²⁷ Para os homens, o vinho é como a vida
se a gente o toma com moderação.
Que vida leva aquele a quem falta o vinho!
Por isso mesmo foi inventado nas origens^h, para trazer a alegria.
- ²⁸ O vinho traz a alegria do coração e o júbilo da alma
quando bebido a propósito e na medida certa.
- ²⁹ Bebido em excesso, o vinho é a amargura da alma,
trazendo consigo provocações e confrontosⁱ.
- ³⁰ A embriaguez aumenta o furor do insensato, às suas custas^j:
diminui-lhe as forças e lhe vale maus golpes.

40.20

x. Hebr. e mss. gr.: *Lá onde ele (= teu hóspede) olha.*

y. Lit. *com ele.*

z. Hebr.: *Considera teu vizinho como a ti mesmo e reflete em tudo o que detestas (cf. Tb 4.15).*

a. Ou: *para que não venhas a tropeçar.*

b. Lit. *Para estômago moderado, sono salutar.*

c. Lit. *e sua alma (está) com ele.*

d. Conselho de ordem prática para um caso de necessidade. O conhecido costume dos romanos é bem diferente, pois provocavam os vômitos para poder continuar a comer.

e. Lit. *Quem é generoso nos pães.*

f. Sobre os perigos do vinho, cf. Pr 20.1; 21.17; 23.20-21.29-35; 31.4-5.

g. Hebr.: *o crisol prova o trabalho do ferreiro.*

h. *Nas origens:* texto corrigido segundo hebr. e lat. Cf. Jz 9.13; Sl 104.15; Ecl 10.19.

i. Ou: *com excitação e cambaleando.* Hebr.: *dores de cabeça, amargura e vergonha / o vinho bebido com disputas e cólera.*

j. Hebr.: *Vinho demais é uma armadilha para o tolo.*

- ³¹ Num banquete regado a vinho, evita entrar em questão com teu próximo e rebaixá-lo no meio de sua alegria.
Não lhe dirijas palavras injuriosas
nem o fatigues com tuas reivindicações.

Como comportar-se durante um banquete

- 32** ¹ Se te escolheram para presidir^k, não tomes ares emproados: comporta-te com os outros como um deles.
(= 35) Ocupa-te com eles, e somente depois vai também sentar-te.
² Tendo cumprido todos os teus deveres, toma o teu lugar para poderes gozar de sua satisfação e ver-te coroado^l por teu perfeito desempenho^m.
³ Fala, ancião, pois te fica bem, e dize exatamente o que sabes: mas não impeças a músicaⁿ.
⁴ Durante a audição, não te estendas em discursos e não faças, inoportunamente, ostentação de sabedoria.
⁵ Sinete de rubi em adereço de ouro, tal é um concerto em banquete regado a vinho.
⁶ Sinete de esmeralda em engaste de ouro, tal é uma ária musical com vinho delicioso.
⁷ Fala, moço, se deves fazê-lo, mas duas vezes no máximo, e se te interrogarem^o.
⁸ Fala sucintamente, dizendo muito em poucas palavras: sê como o homem informado, que entretanto não fala.
⁹ Em companhia dos grandes, não procures impor-te; e onde há idosos^p, não fiques tagarelando.
¹⁰ Como o relâmpago precede o trovão^q, assim a graça antecede o homem reservado^r.
¹¹ Chegado o momento, levanta-te e não fiques por último; volta logo para casa, sem vaguear no caminho.
¹² Lá poderás divertir-te e fazer tuas fantasias, mas não peques, falando sem moderação^s.
¹³ Depois, por tudo isso, bendize quem te criou e te cumula de seus bens.

7,14

SEÇÃO D

O temor de Deus

1,11-20

- ¹⁴ Quem teme o Senhor acolhe a instrução e os que o procuram desde a aurora alcançam seu favor^t.

k. Alguns mss. gr. trazem o subtítulo: *Sobre os que presidem*. Imitando gregos e romanos, introduzira-se entre as pessoas abastadas da Palestina o costume de oferecer grandes banquetes, nos quais se observavam as regras de etiqueta. Escolhia-se um mestre de cerimônias (cf. 2Mc 2,27; Jo 2,8), responsável por que tudo saísse bem. Os rabinos alertarão contra tais costumes; Ben Sirac contenta-se em recordar alguns princípios de boas maneiras.

l. Sobre esse costume, cf. Is 28,1; Sb 2,8.

m. Ou: *pela perfeita ordem*. Ou ainda: *segundo o bom costume*. Cf. hebr. aqui e em 31,17.

n. Hebr.: *o canto*. O termo gr. pode também significar ao mesmo tempo música e canto.

o. Poder-se-ia compreender (cf. hebr.): *mas só depois de teres orado duas vezes*.

p. Mss. gr. têm: *enquanto um outro fala*. Hebr.: *Em meio a anciãos não te levantes (para falar) e com os príncipes não te prodigalizes em efusões*.

q. Hebr.: *antes do granizo brilha o relâmpago*.

r. A estima e a benevolência são conquistadas já antes das palavras do homem discreto.

s. Lit. *por uma palavra orgulhosa*.

t. Hebr.: *uma resposta*. O hebraico, neste v. e no seguinte, emprega por três vezes o mesmo verbo (*darash* = "procurar") para dizer *procurar a Deus* ou a *vontade divina* e *perscrutar*

Mt 5,16

Sl 91,12

Jó 5,19:
Sl 9133
(= 36)

- ¹⁵ Quem perscruta a Lei, dela será saciado;
para o hipócrita, porém, ela será ocasião de queda.
- ¹⁶ Os que temem o Senhor reconhecerão o que é justo*
e, como uma luz, farão brilhar suas boas obras.
- ¹⁷ O pecador recusa ser repreendido
e encontra escusas para agir como bem entende*.
- ¹⁸ O sensato não deixa jamais de refletir;
quanto ao ímpio* e ao orgulhoso, nenhum temor os faz hesitar.
- ¹⁹ Não empreendas nada sem ter antes refletido,
e de tua ação não terás de te arrepender*.
- ²⁰ Não andes por um caminho semeado de obstáculos,
para não te contundires nos lugares pedregosos*.
- ²¹ Não te fies em caminho muito plano,
²² e mesmo com teus filhos fica de sobreaviso*.
- ²³ Em tudo o que fazes, sê fiel a ti mesmo*;
pois também isto é observar os mandamentos.
- ²⁴ Quem se apóia na Lei aplica-se a observar os mandamentos,
e quem põe sua confiança no Senhor não sofrerá dano algum.
- ¹ Quem teme o Senhor não conhecerá a desgraça
mas da provação será por sua vez libertado.
- ² O sábio jamais terá aversão à Lei;
mas quem nela é hipócrita é como navio na tempestade*.
- ³ À Palavra* o homem inteligente se abandona,
pois dá tanto crédito à Lei quanto ao oráculo*.
- ⁴ Prepara o que deves dizer, se queres que te escutem;
reúne teu saber e depois dá a tua resposta*.
- ⁵ Os sentimentos do tolo são como roda de carro;
e seu raciocínio, como um eixo que gira.
- ⁶ O amigo zombador é como um garanhão:
relincha, sob qualquer um que o monte.

Desigualdade das condições

- ⁷ Onde vem que um dia é mais importante que o outro,
uma vez que todos os dias do ano recebem sua luz do mesmo sol?
- ⁸ É que eles foram distinguidos no pensamento^f do Senhor,
que estabeleceu diversas estações e festas.
- ⁹ A alguns deles, elevou e consagrou;
aos outros, deixou o número dos dias ordinários.

a lei: vários outros aspectos concretos do te-mor de Deus (v. 16). A procura de Deus está inscrita na primeira linha da *Regra* da comunidade de Qumran onde se sabe do grande papel exercido pelo "perscrutador da Lei".

u. Cf. Pr 28,5. Alguns vêem neste v. uma alusão ao famoso farol de Alexandria (cf. 24,32). — Publicou-se em 1931 uma segunda recensão hebraica de 32,16-34,1.

v. Hebr.: *ele molda a Lei aos caprichos de suas necessidades*, isto é, interpreta-a no sentido que lhe convém.

w. Seguindo o hebr. Gr.: *o estrangeiro*.

x. Ou ainda: *e não mudes mais de opinião em tua atividade*.

y. O termo dado por todos os mss. gr. é uma corruptela do que propõem hebr. e sir.: *contra a pedra duas vezes*.

z. Pode-se estar enganado, mesmo na confiança aparentemente mais justificada. Hebr.: *presta atenção por onde andas*.

a. Ou: *tem confiança em ti mesmo*. Hebr.: *guarda-te a ti mesmo*. Cf. Pr 19,16.

b. Possível alusão às novas correntes que o helenismo espalhava então no judaísmo e cujas idéias deviam ser julgadas segundo os critérios da fidelidade tradicional à Lei. Quanto à imagem da tempestade, cf. Tg 1,6; 4Esdras 12,42; 1Henoc 101,4.

c. Muitos mss. gr. têm: *À Lei*. Hebr.: *À palavra do Senhor*.

d. Lit.: *à consulta do oráculo*. Trata-se dos oráculos proferidos com a ajuda do *Urim* e do *Tumim* (Lv 8,8; Nm 27,21; 1Sm 14,41).

e. Hebr.: *e depois começa a agir*.

f. Hebr. e sir.: *na sabedoria*.

- ¹⁰ Também os homens são todos tirados do solo,
e é da terra que Adão foi criado.
- ¹¹ O Senhor, porém, na sua grande misericórdia, os distinguiu
e os fez andar por caminhos diferentes^a.
- ¹² Abençoou e exaltou alguns dentre eles,
e a outros consagrou e os ligou a si^b.
A outros amaldiçoou e rebaixou,
e os derrubou de suas posições.
- ¹³ Como a argila que se encontra na mão do oleiro^c,
que pode ser modelada a seu bel-prazer^d,
assim são os homens entre as mãos do seu autor,
que lhes retribuirá segundo o seu julgamento.
- ¹⁴ Diante do mal está o bem
e, diante da morte, a vida:
assim também, diante do homem piedoso encontra-se o pecador^e.
- ¹⁵ Contempla, pois, todas as obras do Altíssimo:
andam duas a duas, opostas uma à outra.
- ¹⁶ Quanto a mim, sou o último a render a guarda^f,
como aquele que rebusca as uvas após os vindimadores^g.
- ¹⁷ Graças à bênção do Senhor, atingi a meta
e, como outro vindimador, enchi meu lagar.
- ¹⁸ Vede, não é só para mim que me afadiguei,
mas para todos aqueles que procuram a instrução^h.

1Sm 2,6-8;
Lc 1,51-53

42,24

Como governar os bens e a casa

- ¹⁹ Escutai-me, grandes do povo
e vós, chefes da assembléia^a, prestai-me ouvidos!
- ²⁰ Ao filho, à mulher, ao irmão, ao amigo
não dêis poder sobre ti durante tua vida.
Não faças a outrem doação de teus bens
para que, arrependido, não venhas a reclamá-los.
- ²¹ Enquanto estás em vida e ainda respiras,
não te deixes dominar por ninguém^b.
- ²² Pois é melhor que teus filhos te peçam,
do que tu mesmo dependeres do querer de teus filhos^c.
- ²³ Em todos os teus negócios conserva a autoridade
e não deixes que toquem em tua reputação^d.

g. Lit. *e tornou diversos os seus caminhos*. A idéia da eleição de Israel está no pano de fundo (cf. 24,8), junto com a das escolhas divinas das quais ninguém pode pedir contas (cf. Rm 9). Deus escolheu Israel, com uma eleição especial dos sacerdotes e dos levitas, enquanto os povos cananeus foram aniquilados (v. 12).

h. Lit. *e fez-se aproximarem dele*. Expressão técnica para designar a consagração às funções do culto: Nm 16,5; Ez 40,46; 45,4.

i. Comparação célebre (Is 29,16; 45,9; 64,7; Jr 18,1-6; 19, 1-13; Sb 12,12; Rm 9,12-24) que exprime a soberana liberdade da ação divina, mistério profundo para o homem.

j. É também a leitura do hebr. Alguns mss., gr.: *e todos os seus caminhos são segundo o seu beneplácito*.

k. Hebr. e sir. acrescentam: *e em face da luz, as trevas*. Oposição bem conhecida nos escritos de Qumran e nos Apócrifos

(Testamento de Aser 5,1-4). Mas este acréscimo parece aqui inautêntico.

l. Lit. *tenho sido aplicado* ou *tenho vigiado*. O autor, chamado por Deus depois dos profetas, aplicou-se tanto que cumpriu sua tarefa tão bem quanto qualquer outro.

m. Cf. Is 24,13; Jr 49,9.

n. Poder-se-ia considerar o v. 18 como conclusão de uma seção começada em 24,30. De fato, retoma quase palavra por palavra 24,34, formando assim uma espécie de inclusão.

o. Esta exortação introduz uma nova série de conselhos.

p. Com hebr. e sir.: *não te alienes a ninguém*.

q. Lit. *do que olhares tu mesmo para as mãos de teus filhos*. Expressão da dependência (Sl 123,2).

r. Lit. *não manches a tua glória*, isto é, não cedas em nada quanto à autoridade e a honra que te são devidas.

- ²⁴ Quando chegar o último dos dias de tua vida
e a hora de morrer, então distribui a tua herança.

Os escravos^s

Pr 26,3

- ²⁵ Para o asno, forragem, vara e carga;
para o servo, pão, disciplina e trabalho.

- ²⁶ Se o fizeres trabalhar com disciplina, encontrarás repouso^t;
deixa-o com as mãos livres, e ele procurará a liberdade.

Pr 29,19

- ²⁷ Canga e correias fazem dobrar o pescoço;
para servo mau, tortura e castigos^u.

- ²⁸ Lança-o no trabalho, para que não fique ocioso^v,
²⁹ pois a ociosidade ensina muitas coisas perniciosas.

- ³⁰ Aplica-o às tarefas que lhe competem
e, se não obedecer, carrega-o com grilhões.
Mas não cometas excessos com ninguém,
e nada faças que seja contrário à justiça^w.

- ³¹ Se tens apenas um empregado, seja ele como tu mesmo,
pois foi a preço de sangue que o adquiriste^x.
Se tens apenas um empregado, trata-o como a um irmão,
pois ele te é necessário como tua alma.

- ³² Se o maltratares, e ele se afastar e fugir,
por qual caminho sairás à sua procura^y?

Ilusão dos sonhos

- 34** ¹ Esperanças vãs enganam o homem sem inteligência
e os sonhos dão asas aos insensatos.

- = 31** ² É como agarrar uma sombra ou perseguir o vento,
dar atenção aos sonhos.

- ³ Um simples reflexo^z, eis o que se vê em sonho:
diante de um rosto, a reprodução desse rosto.

Jó 14,4

- ⁴ Do impuro, que pode sair de puro?
Da mentira também, que parte de verdade?

Ecl 5,6

- ⁵ Adivinhações, augúrios, sonhos, tudo são balelas,
puras fantasias como as da mulher em dores de parto.

- ⁶ A menos que provenham de uma intervenção do Altíssimo^a,
não lhes dê a mínima atenção;

s. Subtítulo dos mss. gr.: *Sobre os escravos*. Estes eram tratados duramente na sociedade antiga, em função de seus serviços e de seu rendimento. Mas a Bíblia ensina que se lhes deve um tratamento justo e humano (cf. v. 30).

t. Algumas testemunhas gr. têm: *Põe a trabalhar o teu servo, e encontrarás o descanso*. Hebr.: *Põe teu escravo a trabalhar, para que ele não procure fugir*.

u. Cf. Ex 21,20-21; Mt 18,34; Lc 12,46.

v. Hebr.: *para que não se revolte*.

w. *As tarefas que lhe competem* (v. 30a) ou então: *como lhe convém* (isto é, a um escravo). — *Contrário à justiça*, isto é, contrário ao direito dos escravos determinado pela Lei (Ex 21,1-6; Lv 25,46; Dt 15,12-18).

x. Ao preço de tuas fadigas, ou ainda, com risco de tua vida, se se tratar, como pensam alguns, de um prisioneiro de guerra (cf. Nm 31,26; Dt 21,10). Talvez o autor pense também na inserção do escravo na família, como verdadeiro membro.

y. Dt 23,16-17 proíbe delatar o escravo fugitivo.

z. Lit. *isto depois daquilo*. Por não ser mais que um reflexo, o sonho não traz nada: ou é inconsistente, ou então apenas reproduz a realidade.

a. Lit. *sejam enviados pelo Altíssimo por ocasião de uma visita*. Deus às vezes instrui os homens por meio dos sonhos: Gn 20,3-7; 28,10-17; 31,10-13,24; 37,5-11; 41,1-36; 46,2; Jz 7,13; 1Rs 3,5; Mt 1,20-23; 2,13-22; cf. Nm 12,6. Mas os profetas dissuadem de recorrer à adivinhação sob todas as suas formas porque ele dá ocasião à mentira: Jr 23,25; 27,9; 29,8-9; Zc 10,2. — Jl 3,1 conta os sonhos entre as manifestações escatológicas do Espírito. Ben Sirac reconhece a possibilidade desse gênero de intervenção, mas se lhe mostra pouco favorável. Vê na instrução e reflexão dos sábios, transmitidas por tradição, um meio mais simples de adquirir a sabedoria. Em escritos um pouco posteriores a Ben Sirac, o sonho é considerado um meio autêntico de revelação: Dn 2; 4; 2Mc 15,11.

- ⁷ pois os sonhos transviaram muita gente,
e caíram os que neles depositavam sua esperança.
⁸ A perfeição da Lei dispensa tais imposturas^b,
e a sabedoria na boca do homem fiel é a perfeição.

Utilidade das viagens

- ⁹ O homem que viajou^c aprendeu muito;
e o homem de experiência exprime-se com conhecimento de causa.
¹⁰ Quem não foi posto à prova sabe poucas coisas,
¹¹ mas quem viajou está cheio de recursos.
¹² Muito vi no decurso de minhas viagens
e o que compreendi ultrapassa o que eu poderia dizer.
¹³ Muitas vezes corri perigos mortais,
mas fui salvo graças à minha experiência^d.

O temor de Deus^e

- ¹⁴ Os que temem o Senhor terão vida longa^f,
¹⁵ pois sua esperança repousa naquele que os pode salvar.
¹⁶ Quem teme o Senhor não tem nada a recear:
jamais se amedronta, pois Ele é a sua esperança.
¹⁷ Feliz a alma daquele que teme o Senhor!
¹⁸ Em quem se apóia? Quem é seu sustentáculo?
¹⁹ Os olhares do Senhor estão sobre aqueles que o amam^g:
escudo possante, sustentáculo vigoroso,
abrigo contra o vento escaldante, sombra contra os ardores do meio-dia,
salvaguarda contra os obstáculos e proteção contra a queda.
²⁰ Ele eleva a alma e faz brilhar o olhar,
trazendo cura^h, vida e bênção.

15.19;
SI 33.18

A verdadeira religiãoⁱ

- ²¹ Oferecer em sacrifício o produto da injustiça é uma oferta defeituosa^j
²² e os dons dos que violam a Lei não poderão ser bem aceitos.
²³ O Altíssimo não se compraz nas ofertas dos ímpios,
e não é de acordo com o número das vítimas que perdoa os pecados^k.
²⁴ É como imolar o filho na presença do pai
oferecer um sacrifício retirado dos bens dos pobres.
²⁵ O pão dos indigentes é a vida dos pobres:
quem dele os priva é um assassino.

b. Ao invés dos sonhos que não se realizam, a Lei e a sabedoria oferecem garantias seguras. Certos tradutores compreendem que, conforme este texto, a Lei deve ser cumprida, isto é, observada, sem o acréscimo de fantasias tiradas dos sonhos.

c. Vários mss. gr. dizem: *que foi instruído*.

d. Lit. *graças a isso*. Tratar-se-ia da experiência e da habilidade que acabam de ser mencionadas. Para outros, é a proteção divina que vai ser abordada nas linhas seguintes. Se se considera que há gradação, eleva-se da vaidade do recurso aos sonhos (vv. 1-8) à experiência do homem, que é muito mais valiosa (vv. 9-11) e, em seguida, à proteção divina que abriga do perigo aquele que teme a Deus (vv. 12-17). Entretanto, parece preferível ligar o v. 12 ao que precede, e compreender que Ben Sirac foi salvo graças ao que aprendeu.

e. Cf. 1.11-20 etc. O temor de Deus é um dos temas centrais do livro: cf. Introd.

f. Lit. *O espírito dos que temem o Senhor viverá*. Fica-se na perspectiva da retribuição terrestre, imediata.

g. *Os que o amam*; lat.: *os que o temem*; sir.: *todos os seus servos*.

h. Deus opera a cura, 1.18; 38.2.

i. Ben Sirac dá lugar importante ao aspecto cultural da religião (35.4-10; 38.11). Entretanto, seguindo a tradição que vem dos profetas, insiste na retidão moral que ele identifica com a observância da Lei (35.1).

j. Esta oferenda é ilícita, porque atingida por uma tara, como o seria o animal que apresentasse um defeito: cf. Lv 22.20-21.

k. Cf. ISm 15.22; Is 1.11-17; Jr 6.20; Os 6.6; SI 51.18-19; Pr 15.8; 21.3.27; Sr 7.9.

Lv 19,13;
Dt 24,14-15

- ²⁶ É matar o próximo tirar-lhe os meios de subsistência;
²⁷ e é derramar sangue privar o assalariado do seu salário.
²⁸ Um constrói, outro destrói:
que ganharam eles senão a balbúrdia?
²⁹ Um bendiz¹, o outro maldiz:
de quem o Soberano escutará a voz?
³⁰ Quem se purifica do contato com um morto e de novo o toca,
de que lhe serviu ter tomado banho^m?
³¹ Assim é o homem que jejua por seus pecados
e sai dali para fazer de novo as mesmas coisas.
Quem poderá prestar ouvido à sua prece?
De que lhe serviu ter-se privadoⁿ?

35

- ¹ Observar a Lei equivale a multiplicar as oferendas^o;
² apegar-se aos mandamentos é oferecer um sacrifício de salvação^p;
Lv 2 (= 32) ³ ter conhecimento^a é fazer uma oferenda de flor de farinha;
Lv 7,11-15 ⁴ e dar esmola é oferecer um sacrifício de louvor.
Lv 16 ⁵ O que agrada ao Senhor é manter-se longe do mal;
manter-se longe da injustiça é um sacrifício de expiação.
⁶ Entretanto, não apareças diante do Senhor com as mãos vazias:
⁷ cumpre todos esses sacrifícios porque te são ordenados.
Lv 3,14-17 ⁸ A oferenda do justo é uma oferenda de gordura sobre o altar^r
e seu perfume aplacador sobe em presença do Altíssimo.
⁹ O sacrifício do homem justo é bem aceito
e seu memorial^s não será esquecido.
Dt 26,1-10 ¹⁰ Com generosidade^t glorifica o Senhor
e não sejas mesquinho ao oferecer-lhe as primícias do teu labor^u.
¹¹ Em cada uma de tuas ofertas mostra um rosto alegre
e com prazer consagra o dízimo.
Dt 14,22-29 ¹² Dá ao Altíssimo na medida de seus dons,
Dt 12,6-7 com a generosidade que te permitem teus meios^v.
Dt 26,15 ¹³ Pois o Senhor paga em retorno
e te restituirá sete vezes mais^w.
Dt 10,7 ¹⁴ Não procures corrompê-lo com presentes, ele não os aceitará.
Jó 34,19 ¹⁵ Não te apóies num sacrifício injusto,
pois o Senhor é juiz e não faz distinção de pessoas^x.

1. *Bendiz*: com o sir.; gr. diz: *suplica*. Os vv. 24-26, na sua forma interrogativa, negam a eficácia de ações que vão em sentido contrário. Atribui-se às vezes a oração ao rico, a maldição ao pobre, esta última neutralizando a primeira.

m. O contato com um cadáver provoca uma impureza legal que se purifica por meio de abluções rituais (Nm 19,11ss.).

n. Lit. *humilhar-se*.

o. Ben Sirac pede que se junte a observância da Lei com as práticas do culto. Este lhe serve para afirmar o valor propriamente religioso da vida moral. É uma prova da estima que ele devota aos ritos exteriores. Ao mesmo tempo, afirma que a materialidade dos sacrifícios é inoperante junto de Deus, que exige a retidão moral daquele que os oferece (cf. v. 7,9). Sobre os diversos sacrifícios cf. Lv 1-7

p. Isto é, um sacrifício de paz, cf. Lv 3.

q. Pode tratar-se de um simples reconhecimento humano (cf. a esmola, que está em paralelo no estíquio seguinte) ou da ação

de graças religiosa.

r. Lit. *a oferenda do justo engorda o altar*.

s. O memorial é a parte retirada da oblação para ser consumida pelo fogo, Lv 2,1-3.

t. Lit. *com um olho bom*.

u. Lit. *de tuas mãos*.

v. Lit. *com um olho bom, segundo o que pode atingir tua mão*.

w. Número indicando a plenitude, cf. 7,3; 20,12; 40,8.

x. Lit. *a glória da pessoa não é nada junto dele*. Esta ideia é muitas vezes expressa no AT: Dt 10,17; 2Cr 19,7. Cf. *Livro dos Jubileus*: "Ele não é alguém que faça aceção de pessoas, nem é alguém que receba presentes, quando diz que executará seu julgamento sobre cada um: se alguém der tudo o que existe sobre a terra, mesmo assim ele não considerará esses dons, nem aceitará o que quer que seja em suas mãos, pois é um justo juiz" (5,16). A ideia será retomada no NT, cf. 1Pd 1,17. Ela é transposta: At 10,34; Rm 2,11; Gl 2,6.

- ¹⁶ Ele não tem parcialidade contra o pobre^y,
mas ouve a prece de quem é tratado injustamente.
- ¹⁷ Jamais rejeita a súplica do órfão,
nem da viúva, quando extravasa sua queixa.
- ¹⁸ Pois as lágrimas da viúva^z não descem por suas faces
- ¹⁹ e seu grito não acusa aquele que as provoca?
- ²⁰ Quem serve ao Senhor segundo seu beneplácito^a é bem aceito,
e seu pedido chega até as nuvens.
- ²¹ A oração do humilde atravessa as nuvens:
e ele não se consola^b enquanto ela não atingiu seu alvo,
e não cessa enquanto o Altíssimo não tenha intervindo,
- ²² enquanto não tenha exercido o direito em favor dos justos e adminis-
trado a justiça^c.
O Senhor não tardará^d
e não terá paciência com eles^e,
até que tenha esmagado os rins dos homens sem piedade.
- ²³ Sobre as nações fará recair sua vingança,
até que tenha suprimido a turba dos insolentes^f
e quebrado o cetro dos injustos;
- ²⁴ até que tenha retribuído a cada um segundo suas obras,
julgando as obras dos homens segundo suas intenções;
- ²⁵ até que tenha tomado na mão a causa do seu povo,
enchendo-o de júbilo com a sua misericórdia^g.
- ²⁶ Bem-vinda é a sua misericórdia no tempo da aflição,
como as nuvens de chuva no tempo da seca.

Prece pela libertação e restauração de Israel^h

- 36** ¹ Tem piedade de nós, ó Soberano, Deus do universo,
² difunde o teu temor sobre todas as nações.
- (= 33) ³ Levanta a mão contra as nações estrangeirasⁱ,
para que vejam o teu poder.
- ⁴ Assim como lhes mostraste a tua santidade agindo em nós^j,
assim também mostra-nos a tua grandeza em ação no meio delas.

SI 79.6

y. Deus é o protetor qualificado do pobre, do órfão e da viúva, aqui escutando suas preces que apelam à sua justiça: cf. Ex 22.21-22; Pr 22.22-23; 23.10-11.

z. Hebr. omite: *da viúva*.

a. Texto impreciso: *aquele que serve segundo o bel-prazer*. Quem é servido? Deus ou o próximo? De mais a mais, o bel-prazer pode ser de Deus (cf. 1.26; 2.15), do próximo, ou mesmo daquele que serve (cf. 15.15).

b. Hebr.: *ela não repousa*.

c. Hebr.: *e que o juiz de justiça aplique o direito*.

d. Mudança muito nítida de tom: passa-se do plano individual ao coletivo. À prece humilde sucede uma súplica vingativa. No v. 24a retoma-se o tom precedente.

e. Deus é lento para a cólera (cf. Ex 34.6; Sr 18.11-12), mas sua paciência não chega até a fraqueza. No começo do estúquio, o hebr. acrescenta: *como um guerreiro*.

f. O hebr. correspondente à *turba dos insolentes* pode ser traduzido por *o cetro do orgulho*, mas também *a tribo do orgulho*, ou então, conforme um ms., *as tribos do orgulho*, o que equivale ao gr.

g. Hebr.: *por sua salvação*.

h. Esta súplica, que tem uma nuance escatológica, mas provavelmente não messiânica, apresenta pontos de contato com o salmo hebr. de Sr 51.12 bem como com a oração judaica das *Dezeto Bênçãos*. A dureza marcante desta súplica (vv. 1-12) sobressai em meio ao caráter geralmente sereno do livro escrito por Ben Sirac. Alguns propõem colocar sua composição pouco depois das destruições operadas em Jerusalém e em toda a Palestina pelas tropas egípcias de Escopas em 199, ou então aplicá-la aos selêucidas e aos sírios que sucederam aos egípcios. Seu início e seu final são marcados no ms. hebr. pela letra *pé*, como o começo do salmo hebr. inserido em 51.12. É talvez o indicio de que esta prece foi acrescentada ao livro de Ben Sirac. Explicar-se-iam assim as diferenças de vocabulário e de mentalidade em relação ao resto do livro.

i. Hebr.: *o povo estrangeiro*, que nada permite identificar com segurança.

j. Deus, que é o santo por excelência (cf. Is 6.3), não pode receber nenhum acréscimo de santidade. Ele *se santifica* manifestando que é o único Deus santo. Ele fez resplandecer sua gló-

Dt 32,39
1Cr 17,20

Sl 79,6

Ex 15,17;
Sl 132,14

- ⁵ Para que te reconheçam, como nós mesmos reconhecemos,
que não há outro Deus fora de ti, Senhor.
⁶ Renova os sinais e repete as maravilhas.
⁷ Glorifica tua mão e teu braço direito.
⁸ Excita o teu furor e derrama tua cólera.
⁹ Suprime o adversário e aniquila o inimigo.
¹⁰ Apressa o tempo, lembra-te do momento fixado⁴
e divulguem-se as tuas façanhas!
¹¹ Por um fogo vingador seja devorado o que sobreviver,
e os que maltratam teu povo encontrem sua ruína.
¹² Esmaga as cabeças dos chefes inimigos^m
que dizem: "Não há ninguém como nós!"
¹³ Reúne todas as tribos de Jacó^o.
^{14b} Entrega-lhes a posse do patrimônio como no começo^p.
¹⁷ Tem piedade, Senhor, do povo que leva teu nome;
de Israel, a quem trataste⁴ como primogênito.
¹⁸ Tem compaixão da cidade do teu santuário,
Jerusalém, o lugar do teu repouso.
¹⁹ Enche Sião com a proclamação dos teus grandes feitos,
e teu Templo^r, com a tua glória.
²⁰ Dá testemunho do que tu criaste no princípio^o,
cumpra as profecias pronunciadas em teu nome.
²¹ Dá sua recompensa àqueles que te esperam
e teus profetas sejam reconhecidos como verídicos.
²² Atende, Senhor, a súplica de teus servos
segundo tua benevolência⁴ para com o teu povo;
e todos os que estão sobre a terra reconheçam
que tu és o Senhor, o Deus dos séculos.

O discernimento

- ²³ As entranhas absorvem toda espécie de alimentos,
mas há alguns alimentos melhores que outros.
²⁴ Como o paladar reconhece pelo gosto os pratos de caça,
assim, o coração inteligente, as palavras mentirosas.
²⁵ O coração tortuoso provoca contrariedades,
mas o homem experiente lhe revidará^u.

ria aos olhos dos pagãos castigando Israel por seus pecados. A fórmula é equivalente à que lhe é paralela: *mostrar sua grandeza* (cf. Ez 28,22; 38,23). Ela é ainda explicitada pelo v. seguinte.

k. Hebr.: *apressa o fim*. O *fin* (hebr.) é o *tempo* (gr.), a data fixada para a recolocação em ordem de todas as coisas por Deus, o qual desbarata os inimigos do seu povo (Dn 11,35). Esse tempo, aguardado com impaciência, foi fixado por Deus (cf. Sl 75,3). Em lugar de *momento fixado*, alguns mss. gr. lêem *juramento*.

l. A este estíquo e a dois seguintes do texto gr. correspondem somente em hebr. os vocábulos *pois quem te dirá*: "Que estás fazendo?", que são uma fórmula de censura (cf. Is 45,9; Jó 9,12; Ecl 8,4). O gr. faz a paráfrase, por respeito a Deus.

m. Hebr.: *a cabeça dos chefes de Moab*. Alusão a Nm 24,17, clara no hebr., foi em parte eliminada pelo tradutor grego.

n. Lit. *Não há senão nós*. Hebr.: *Não há senão eu*. cf. Is 47,10.

o. Com este estíquo termina a transposição dos dois cadernos pelos mss. gr. (cf. Introd.).

p. Hebr.: *como nos dias de outrora*. O desejo expresso aqui manteve-se sempre vivo na literatura judaica e sobretudo na liturgia. Trata-se da posse da terra.

q. Lit. *fizeste semelhante a um primogênito*; hebr.: *a quem chamaste*, cf. Ex 4,22.

r. Corrige-se *laon*, povo, por *naon*, templo, conforme o hebr.

s. Lit. *tuas criaturas do princípio*. Os rabinos consideravam Israel como uma das seis criaturas anteriores ao mundo (Gênesis Rabbi 1,4, comentário de Gn 1,1).

t. A maior parte dos mss. gr. lê: *bênção*, muitas vezes determinando de *Aarão*.

u. Estamos ainda longe do preceito evangélico de pagar o mal com o bem, e amar o inimigo (cf. Lc 6,27). Ben Sirac, aliás, limita-se aqui a uma constatação.

Escolha da esposa

- ²⁶ A mulher aceitará qualquer homem por marido,
mas há moças preferíveis a outras'.
- ²⁷ A beleza da mulher torna o rosto alegre
e ultrapassa todos os desejos do homem*.
- ²⁸ Se ela tem sobre a língua bondade e doçura,
seu marido escapa à condição ordinária dos homens*.
- ²⁹ Quem adquire uma mulher tem o começo' da fortuna,
uma ajuda semelhante a ele e uma coluna de apoio.
- ³⁰ Onde não há cerca, a propriedade está exposta à devastação;
onde não há mulher, o homem vagueia e se lamenta*.
- ³¹ Quem, pois, confiará num assaltante ousado
que pula de cidade em cidade?
O mesmo acontece ao homem que não tem ninho,
e faz parada lá onde a noite o surpreende.

Pr 15,4

Gn 2,18

Amigos verdadeiros e falsos

6,5-17

- 37** ¹ Todo amigo diz: "Também eu sou amigo",
mas há amigos que só o são de nome.
- ² Que aflição semelhante à morte*,
quando um companheiro e amigo^b se muda em inimigo!
- ³ Ó inclinação perversa*! Onde é que foste formada*,
para cobrir a terra de engano?
- ⁴ O companheiro se compraz com a alegria do amigo,
mas no tempo da aflição se levanta contra ele*.
- ⁵ Por uma refeição*, o companheiro sofre com seu amigo;
na hora do combate, porém, toma o escudo.
- ⁶ Não te esqueças do amigo em teu coração*,
nem percas a sua lembrança no meio de tuas riquezas*.

6,1

Pr 27,10

Bom e mau conselheiro

- ⁷ Todo conselheiro enaltece o seu conselho,
mas há alguns que aconselham em seu próprio interesse.

v. O segundo estíquio deste v. não corresponde bem ao primeiro, mas é lacunoso em hebr. e falta no sir. Uma variante marginal do hebr. diz: *mas há mulheres mais belas*, em vez de *preferíveis*. Conforme o texto atual, a mulher não tem escolha, enquanto o homem pode escolher.

w. Hebr.: *dos olhos*.

x. Lit. *não é como os filhos dos homens*. Hebr.: *não faz parte dos filhos dos homens*. Ao mesmo tempo que faz o elogio da mulher boa e carinhosa, Ben Sirac lastima sua raridade.

y. O hebr. pode significar *o começo*, mas também *o cume*.

z. Alusão a Gn 4,12. Caím que *vagueia lamentando-se* é o tipo de homem privado de mulher

a. *Vizinha à morte* ou *que faz aproximar-se da morte*.

b. Hebr.: *segundo tua alma*

c. A má inclinação (cf. 15,14 nota, onde a inclinação não é má) terá grande importância na literatura rabinica, onde faz parte integrante da natureza má do homem, a quem impele ao pecado (cf. Gn 6,5). Entretanto, pode tratar-se aqui apenas do *mau desígnio* do homem que trai seu amigo.

d. Hebr. diferente; *ai do malvado* (ou: *do amigo*) *que diz: Por que fui eu formado?* Isto se adapta muito bem ao contexto que procede, mas é considerado por muitos comentadores como um texto corrompido, enquanto o início do gr. seria fiel ao original. Hebr., lat., sir. concordam quanto ao verbo *criar, formar*, no qual também o gr. estaria corrompido, a menos que tenha querido sugerir a imagem do oleiro que forma um objeto fazendo-o girar, donde a nossa tradução *formada*. Pode-se também perguntar se o gr. não quis enfraquecer o texto para não atribuir a Deus a criação do mal.

e. Hebr.: *Quão malvado é o amigo que espia para a mesa, e no tempo da desgraça mantém-se afastado!*

f. Lit. *No interesse de seu estômago*. Hebr.: *o bom amigo combaterá contra o inimigo*, enquanto o gr. descreve o falso amigo que só pensa em meter-se ao abrigo por detrás do seu escudo.

g. Hebr. pode significar *seja em teu coração seja no combate*.

h. Hebr.: *e não o abandones no momento do saque*. Os dois estíquios do hebr. são perfeitamente coerentes

- ⁸ Toma cuidado com quem costuma dar conselhos:
informa-te primeiro do que ele precisa,
— pois é para si que forma projetos —;
isto, para que não lance a sorte a teu respeito
- ⁹ e te diga: “Tua conduta está certa”,
mantendo-se depois à distância, para ver o que te acontece.
- ¹⁰ Não consultes a quem te olha por baixo,
e aos que te invejam não reveles teu projeto.
- ¹¹ Não consultes uma mulher sobre seu rival,
nem a um covarde, sobre a guerra,
a um comerciante, sobre um negócio,
a um comprador, sobre uma venda,
a um invejoso, sobre a gratidão,
a um homem severo, sobre a bondade,
a um preguiçoso, sobre qualquer trabalho,
a um assalariado por ano, sobre o término de uma tarefa^l,
a um empregado preguiçoso, sobre um grande trabalho:
em nenhum desses te apóies para conselho algum^j.
- ¹² Ao contrário, frequenta assiduamente o homem piedoso^k,
a quem conheces como observante dos mandamentos
e cuja alma se parece com a tua^l,
o qual, se fracassares, estará pronto a sofrer contigo.
- ¹³ Sabe, também, perseverar no projeto do teu coração^m,
pois não há ninguém que te seja mais fiel que ele:
- ¹⁴ a alma de um homem adverte-o habitualmenteⁿ
melhor do que sete^o sentinelas postadas no alto para fazer a vigia.
- ¹⁵ Acima de tudo, porém, pede ao Altíssimo
para que dirija teu caminho na verdade.

Pr 20,14

Pr 16,9

Verdadeira e falsa sabedoria

- ¹⁶ Princípio de todo empreendimento é a discussão^p:
antes de toda ação está a reflexão.
- ¹⁷ Raiz dos pensamentos é o coração^q,
do qual brotam quatro ramos:
o bem e o mal, a vida e a morte,
e aquela que constantemente decide, isto é, a língua.
- ¹⁹ Uma pessoa hábil, que serve de educador para muitos,
para si mesmo não serve para nada.

Dt 30,15
Pr 18,21

i. Hebr.: *sobre o produto da semente* (cf. Jó 38,27), *sobre a despesa com a semente*, ou *sobre as semeaduras* (lit. *o lançar a semente*).

j. Os dois últimos estíquios do v. faltam no hebr.

k. Hebr. ms. D: *mas (consulta) um homem que teme sempre*, cf. Pr 28,14. Em Pr, a expressão, que é excepcional, significa talvez o medo do pecado antes que o temor de Deus. Em Sr, é mais provavelmente o temor de Deus.

l. Ou: *cujos desejos* (lit. *alma*) *são como os teus* (lit. *tua alma*) ou: *cujos coração responde aos teus desejos* (cf. Sl 20,5).

m. Os vv. 13-14 recomendam ater-se ao próprio julgamento, porque este é de uma fidelidade a toda prova e sabe mostrar-se muito perspicaz e desperto.

n. Lit. *tem às vezes costume de advertir*. Estíquio pouco satisfatório em gr.

o. Número perfeito. As sete sentinelas indicam a vigilância que não pode ser tomada de surpresa. Cf. Pr 26,16, em contexto análogo, mas conselho diferente.

p. Lit. *palavra*. Hebr. e gr. impõem esta tradução e a rejeição do vocábulo *razão* que às vezes se propõe aqui.

q. Texto gr. difícil. Pode-se traduzir: *a pista* (= a vereda?) *da mudança do coração faz jorrar quatro partes*. Seguindo uma variante onde *coração* está no genitivo, pode-se traduzir: *como pista da mudança* (ou *da variedade*) *do coração, aparecem quatro lotes*.

- ²⁰ Outro, que é hábil em palavras, faz-se detestar e será privado de todo alimento*.
- ²¹ Com efeito, o favor do Senhor não lhe foi concedido*, porque estava desprovido de toda sabedoria.
- ²² Uma pessoa é sábia em proveito próprio¹, e os frutos de sua inteligência são para o seu corpo*.
- ²³ Um homem sábio instrui o seu povo e os frutos de sua inteligência são de confiança*.
- ²⁴ Um homem sábio é cumulado de bênçãos e todos os que o vêem proclamam-no feliz.
- ²⁵ Uma vida humana, podemos contar-lhe os dias; mas os dias de Israel são incontáveis.
- ²⁶ O sábio herdará a confiança* no meio de seu povo e seu nome viverá para sempre.

A temperança

- ²⁷ Filho, por toda a tua vida põe-te à prova: vê o que é mau para ti e abstém-te disso.
- ²⁸ Pois nem tudo convém a todos* e nem todos encontram satisfação em tudo.
- ²⁹ Não seas insaciável de todo prazer e não te lances sobre os manjares:
- ³⁰ pois o excesso de comida é causa de doença e a gula anda perto das cólicas*.
- ³¹ Muitos morreram das consequências de sua gula, mas aquele que toma cuidado prolonga sua vida.

O médico e as doenças

38

- ¹ Honra o médico por seus serviços, pois o Senhor criou também a ele*.
- ² Pois é do Altíssimo que vem a cura* e é do rei que o médico recebe presentes*.
- ³ A ciência do médico o faz levantar a cabeça: perante os grandes, ele é admirado.
- ⁴ O Senhor criou remédios saídos da terra*, e o homem ajuizado não os rejeita.
- ⁵ Não foi um pedaço de madeira que tornou doce a água, para assim manifestar sua virtude*?

r. Hebr. acrescenta: agradável.

s. Ou: o favor (justo dos outros) não lhe foi concedido pelo Senhor. Cf. v. 20. Este v. falta nos mss. hebr. e em sir.

t. Lit. para sua alma, o que poderia também significar: a seus próprios olhos.

u. Lit. para o seu corpo. Ziegler corrige conforme o hebr. Gr.: em sua boca são dignos de fé, ou ainda: em sua boca (= conforme o que diz) estão assegurados.

v. Ou: dignos de fé; hebr.: para eles.

w. Confiança: na maioria dos mss. gr.; hebr., sir., lat. e alguns mss. gr. têm: glória.

x. Cf. 1Cor 6.12; 10.23 onde se retoma este texto a propósito de uma situação diferente.

y. Hebr.: da náusea.

z. Em lugar de manifestar suspeita em relação ao médico, como 2Cr 16.12, Ben Sirac considera-o um dom de Deus. Recorrer a ele não faz sombra a Deus, muito pelo contrário (v. 2).

a. Hebr.: a sabedoria do médico.

b. O médico ou o doente. No hebr. este estíquio refere-se a presentes oferecidos por um rei terrestre; em gr. talvez se trate da mesma coisa, ou então do dom de curar outorgado por Deus, o grande rei, quer ao médico (cura ativa), quer ao doente (cura passiva; cf. 1.18; 28.3; 34.17). Seria então um caso de desvio teológico devido ao tradutor grego.

c. Isto é, as plantas medicinais.

d. Sua virtude, a da madeira; ou seu poder, o de Deus. Trata-se das águas amargas que Moisés tornou doces (Ex 15.23-25). Considera-se que Ben Sirac, como Filon (*De vita Mosis*, 1.185),

- ⁶ Foi ele quem deu aos homens a ciência
para que estes o glorifiquem por suas maravilhas.
⁷ Por elas, ele trata e acalma a dor^f;
⁸ o farmacêutico prepara o remédio,
de sorte que suas obras não têm fim^f
e a saúde^g vem dele sobre a face da terra^h.
⁹ Filho, na doença não seas negligenteⁱ,
mas roga ao Senhor e ele te curará.
¹⁰ Renuncia às tuas faltas e tuas mãos ajam com retidão,
de todo pecado purifica teu coração.
¹¹ Oferece o perfume aplacador e o memorial de flor de farinha,
faze uma libação de óleo sobre tua oferenda segundo tuas posses^j.
¹² e depois dá lugar ao médico, pois o Senhor criou também a ele:
e não se afaste de ti, pois tu precisas dele.
¹³ Chega o momento em que teu restabelecimento está em suas mãos
pois eles também rogarão ao Senhor
para que lhes conceda que consigam aliviar^k
e encontrar um remédio para salvar uma vida.
¹⁵ Quem peca diante daquele que o criou,
que caia nas mãos do médico^l!

35.4-9

Tg 5.14

O luto^m

22.11-12

- ¹⁶ Filho, derrama lágrimas por quem morreu;
como alguém cruelmente tocado, entoa uma lamentação.
Dá a seu corpo a sepultura que lhe é devida
e não negligências seu túmulo.
¹⁷ Lamenta-te amargamente, chora quentes lágrimas,
observa o luto que ele mereceⁿ.
Um dia ou dois, para evitar as maledicências,
e depois consola-te da tua tristezaⁿ.
¹⁸ Pois da aflição pode sair a morte
e o desgosto do coração mina as forças.

atribui o milagre a uma virtude de madeira, provinda esta de sua criação por Deus. Se não se trata da virtude da madeira, mas do poder de Deus, coincide-se talvez com o que diz o *pseudo-Filon* XI.15: Deus "mostrou (a Moisés) a árvore da vida, da qual este cortou um pedaço para lançá-lo em Mará, e a água de Mará tornou-se doce" (cf. *Sr* 19.19). A madeira seria então um símbolo da Lei.

e. No estado atual do texto gr., é Deus quem trata; o hebr. diz: *por elas o médico acalma a dor*.

f. Provavelmente se deve compreender que a criação continua desenvolvendo os efeitos da obra de Deus. Alguns compreendem que se trata da eficácia do trabalho do farmacêutico: *seu trabalho está apenas terminado e...*

g. Em lugar de *saúde*, alguns traduzem *paz*. O termo grego significa somente paz, mas corresponde a um vocábulo hebr. que tem os dois sentidos. *Saúde* parece impor-se pelo contexto.

h. Hebr.: *a fim de que não cesse a sua obra e que a habilidade (ou: a ciência) não desapareça de entre os homens*.

i. Hebr.: *não te exaltes*.

j. Lit. *engorda a oferenda*. Poder-se-ia também interpretar o começo do estíquio: *faz uma grande oferenda*. Entretanto, o

vocábulo hebr. traduzido como *oferenda* designa uma bolacha (cf. *Targ. Ex* 29.23). *Segundo tuas posses* é traduzido do hebr., porque o gr. está obscuro: *como não existindo* (mesma fórmula em *Sr* 44.9).

k. Hebr.: o *diagnóstico*. Ben Sirac tem bem mais confiança que seu tradutor no caráter científico da medicina. Para ele a intervenção divina não consiste logo numa cura maravilhosa e inesperada, mas nos dons de ciência concedidos ao médico.

l. Isto é, que caia enfermo, cf. variante marginal do hebr. A doença é fruto do pecado (cf. *Jo* 9.2). A idéia é tradicional em Israel (cf. *Dt* 28.21-22.27.35.59-61). Hebr.: *torna-se valente diante do médico*, ou então: *terá de mostrar-se valente diante do médico*.

m. Homem de tradição, Ben Sirac convida a respeitar os costumes funerários, demonstrativos e minuciosos, que os judeus partilham com o mundo oriental (cf. *Jr*. 9.16-20; *Ez* 24.15-23; *Am* 5.16; *Mc* 5.38 e par.). Seu realismo, porém, o faz descartar as manifestações excessivas.

n. Segundo o grau de parentesco ou a dignidade do defunto.

o. Ou então: *para evitar conseqüências desagradáveis*. O sentido permanece muito incerto

- ¹⁹ Durante a aflição, o pesar é permanente^p
e o coração maldiz uma vida de pobre^q.
²⁰ Não abandones teu coração à tristeza:
afasta-a, e lembra-te do fim^r.
²¹ Não o esqueças, não há retorno:
tu não serás de utilidade alguma para o morto, e a ti mesmo prejudicarias.
²² Lembra-te de que sua morte será também a tua:
ontem eu^s, hoje tu.
²³ Desde que um morto repouse, deixa de pensar nele:
consola-te a seu respeito, desde o momento em que expirou.

O escriba, superior ao operário^a

- ²⁴ A sabedoria do escriba se adquire com o favor do lazer:
Quem tem poucos negócios a tratar tornar-se-á sábio.
²⁵ Como se tornaria sábio quem maneja o arado^t,
cujo orgulho se limita a brandir o agulhão,
que conduz os bois e passa a vida trabalhando com eles,
e cuja conversa gira apenas em torno de novilho^u?
²⁶ Pois ele empenha o coração em abrir sulcos,
e suas vigílias se passam dando forragem aos bezerros.
²⁷ O mesmo se diga de todo servente ou mestre-carpinteiro,
que de noite como de dia estão ocupados;
daquele que grava sinetes em entalho,
variando sem descanso os motivos;
ele empenha o coração em reproduzir o desenho
e suas vigílias se passam no acabamento de sua obra.
²⁸ O mesmo também se diga do ferreiro sentado à bigorna,
com a atenção fixada nos trabalhos sobre o ferro.
O vapor do fogo consome-lhe as carnes,
e no calor do forno debate-se longamente.
O ruído do martelo ressoa sem cessar^v a seus ouvidos
e seus olhos estão fixos no modelo a reproduzir;
ele empenha o coração em aperfeiçoar seus trabalhos
e suas vigílias se passam em retocá-los até a perfeição.
²⁹ Assim também se dá com o oleiro, sentado em sua faina,
fazendo girar o reboło^w com os pés;

p. Este v. falta no hebr. Vê-se mal a sua relação com o contexto. O pesar aí provém da aflição e não de um luto. Alguns compreendem que o excesso do pesar minaria as forças de alguém, a ponto de reduzi-lo à miséria.

q. A concordância do sir. e do gr. impõem o texto deste estíquio contra as variantes que se tomam para propor outras traduções mais satisfatórias, mas certamente inexatas.

r. A expressão é difícil. Em 7.36 e 28.6 Ben Sirac diz, mais ou menos como aqui: *lembra-te do fim*, isto é, da morte, a fim de convidar seu leitor a considerar mais do que os acontecimentos imediatos. Aqui a perspectiva é menos ressaltada, pois não se trata de fazer o bem, mas de retardar a morte, eliminando a aflição. O gr. torceu o pensamento, traduzindo por *fin* aquilo que no contexto significa o futuro.

s. Hebr.: *Não penses mais nela, pois para ele não há mais esperança*. A morte matou a esperança: cf. a atitude de David

ante a morte do filho adúltero de Bat-Sheba, 2Sm 12.22-23. t. Hebr.: *ontem ele*.

u. Os vv. 24-33 têm muita semelhança com a sátira egípcia dos ofícios, que afirma a superioridade do escriba e do seu gênero de atividade. O desprezo manifestado aqui pelos trabalhos manuais, considerados como um empecilho à reflexão, não é o tom habitual dos livros sapienciais da Bíblia, inclusive de Ben Sirac.

v. Em 11.20 Ben Sirac recomenda o trabalho manual, pois ele garante a subsistência (10.27; 40.18; cf. Pr 13.4), em particular o trabalho nos campos (7.15; 20.28; Pr 12.11; cf. Pr 6.6-11; 24.30-34).

w. Ou então: *e passa seu tempo com*. Pensamento oposto: Pr 12.10; 27.23.

x. Lit. *se renova em*.

y. Lit. *a roda*.

está constantemente preocupado com sua obra
e toda a sua atividade está contada^a.

- ³⁰ Com o braço ele modela a argila
e com os pés faz dobrar sua resistência.
Ele empenha o coração em aplicar cuidadosamente o verniz
e suas vigílias se passam limpando o forno.
- ³¹ Todos estes se fiam de suas mãos
e cada um é competente^a em seu ofício.
- ³² Sem eles não se constrói uma cidade,
nem ninguém a habitaria ou por ela circularia.
Entretanto, no conselho do povo não se pergunta a sua opinião
³³ e na assembléia não subirão aos lugares de honra.
Na tribuna do juiz não tomarão assento:
pois não compreendem as disposições do direito^b
e não fazem brilhar nem a instrução nem o direito.
Ninguém os encontrará ocupados com provérbios^c,
³⁴ mas são eles que sustentarão a criação eterna
e sua oração diz respeito ao seu ofício^d.

Elogio do escriba

SI 1.2

39

- Outra coisa se dá com quem se aplica
a refletir sobre a Lei do Altíssimo,
¹ que estuda a sabedoria de todos os antigos
e consagra seu tempo livre às profecias^e.
- ² Ele preserva as narrativas dos homens renomados
e penetra nas sutilezas das parábolas.
- ³ Busca o sentido oculto dos provérbios
e passa a vida entre os enigmas das parábolas.
- ⁴ Desempenha funções entre os grandes
e se faz presente entre os chefes.
Percorre as terras das nações estrangeiras,
pois conhece, por experiência, o bem e o mal entre os homens^f.
- ⁵ Empenha o coração em dirigir-se, de manhã cedo,
para junto do Senhor que o criou,
orando em presença do Altíssimo.
Abre sua boca para orar
e suplica por seus próprios pecados.
- ⁶ Se o Senhor, o Grande, o quiser,
será repleto do espírito de inteligência:

M, R

Is 11.2

z. A conta de que se trata seria antes o número de peças a fazer que sua data de entrega ou a exatidão de suas dimensões.

a. A sabedoria em seu estágio mais humilde é um saber-fazer, uma habilidade técnica. Como tal, é um dom de Deus (cf. Ex 31.1-6; Ez 27.8), mas sob esta forma ela limita estreitamente a reflexão do homem.

b. Pode-se entender este estíquio das decisões pronunciadas por ocasião dos julgamentos, mas também da lei de Moisés que, por não a terem estudado, os artesãos e o comum do povo são incapazes de compreender (cf. Jo 7.49).

c. Lit. *em provérbios*. A raiz hebraica suposta por este texto é dupla: uma, cujo sentido é *parecer*, dá o vocábulo *comparação*,

provérbio; a outra significa *mandar, dominar*. Se se liga o texto à segunda raiz, obtém-se: *ninguém os encontrará entre os chefes*, sentido muito melhor adaptado ao contexto.

d. Ou: *consiste em seu trabalho*.

e. A *lei*, a *sabedoria* e as *profecias* podem designar as três partes do que se tornará o cânon das Escrituras. Cf. prólogo 1.8.24 onde também são mencionadas três partes: *lei, profetas, outros livros*.

f. O escriba viaja, não para aumentar sua experiência (cf. 34.9-12; 51.13), mas justamente por causa dessa experiência, que o capacita a receber missões. Alguns traduzem, de acordo com sir.: *pois ele quer fazer a experiência*, mais harmonizado com o contexto, mas menos justificado gramaticalmente em gr.

- fará chover as palavras da sua sabedoria
e em sua prece louvará o Senhor.
- ⁷ Possuirá a retidão do julgamento e da ciência
e refletirá sobre os segredos de Deus.
- ⁸ Fará brilhar a instrução que lhe foi dada
e na lei da aliança do Senhor colocará seu orgulho.
- ⁹ Muitos louvarão sua inteligência
e ela jamais será cancelada de sua memória.
Sua lembrança não desaparecerá
e seu nome viverá de geração em geração.
- ¹⁰ As nações falarão de sua sabedoria 44,15
e a assembléia proclamará o seu louvor.
- ¹¹ Se viver muito tempo, deixará um nome mais glorioso que mil outros
e, se morrer, isto lhe basta*.

Louvor de Deus e de sua obra

- ¹² Depois de ter refletido, quero falar ainda,
pois estou repleto como a lua cheia.
- ¹³ Escutai-me, filhos santos, e cresci
como a roseira que brota junto à água corrente. SI 1,3
- ¹⁴ Como o incenso, exalai um bom perfume
e florescei como o lírio.
Elevai a voz, cantai junto^h,
e bendizeis o Senhor em todas as suas obras.
- ¹⁵ Proclamai a grandeza do seu nome
e publicai o seu louvor
pelos cantos dos vossos lábios e em vossas cítaras.
E assim falai em vossa ação de graças:
- ¹⁶ Como são belas, todas as obras do Senhor,
e cada uma de suas ordens se realiza a seu tempo.
- ¹⁷ Não há motivo de dizer: "Que é isso? Por que aquilo?",
pois cada coisa terá sua solução a seu tempo.
Por sua palavra, a água se deteve amontoando-se,
a um aceno de sua boca formaram-se reservatórios de água. Ex 14,21-22;
Js 3,16
- ¹⁸ Quando ordena, tudo se realiza segundo lhe agrada
e não há ninguém que possa opor-seⁱ à sua obra de salvação.
- ¹⁹ As obras de toda carne estão diante dele
e não é possível furtar-se a seus olhos. SI 139,1-12;
Sb 1,7-8
- ²⁰ Desde a origem até o fim dos tempos^j ele observa
e nada há de extraordinário para ele.
- ²¹ Não se deve dizer: "Que é isso? Por que aquilo?",
pois todas as coisas foram criadas para a sua utilidade.
- ²² Sua bênção é como um rio^k que transborda
e como um dilúvio^l que dessedenta a terra.

g. Ziegler corrige uma letra do texto gr. porque este não oferece sentido algum satisfatório: *produz para si* (?).

h. O paralelismo com o estíquio seguinte convida a corrigir segundo o sir. O gr. diz: *Exalai perfume e entoai um cântico*.

i. *Opor-se*, com o hebr.; gr.: *diminuir*.

j. Lit. *de eternidade em eternidade*.

k. Hebr. diz: *um Nilo*. A cheia anual do Nilo fertiliza o seu vale. A imagem exprime a natureza concreta da bênção do Senhor.

l. Hebr.: *um rio*, talvez o Eufrates. O gr. transpõe a imagem para exprimir a superabundância da bênção.

- ²³ Da mesma forma, sua cólera será o quinhão das nações^m,
como quando mudou a água em salmoura".
- ²⁴ Para os santos, seus caminhos são retos;
mas para os ímpios, são cheios de obstáculos.
- ²⁵ Os bens foram criados para os bons desde o princípio,
assim como os males, para os pecadores.
- ²⁶ São de primeira necessidade para a vida do homem:
a água, o fogo, o ferro, o sal,
a flor de farinha de trigo, o leite, o mel,
o sangue do cacho de uva, o óleo, as vestes.
- ²⁷ Tudo isso é um bem para os homens piedosos,
mas transforma-se em mal^o para os pecadores.
- ²⁸ Há ventos que foram criados para o castigo:
ao se desencadarem, agravaram seus flagelos^p.
No tempo do aniquilamento despejam sua violência
e aplacam a fúria do seu criador.
- ²⁹ Fogo e granizo, fome e morte^q,
tudo isso foi criado para o castigo.
- ³⁰ As presas dos animais ferozes, os escorpiões e as víboras,
a espada que castiga os ímpios para sua perdição,
- ³¹ todos alegram-se em cumprir suas ordens:
sobre a terra estão prontos para quando necessário
e, chegando o seu momento, não transgredirão sua palavra.
- ³² Eis por que, desde o princípio, tive certeza
e, depois de ter refletido, o escrevi:
- ³³ "As obras do Senhor, todas elas são boas;
ele provê a toda necessidade, quando esta se faz sentir.
- ³⁴ Não se deve dizer: "Isto é pior que aquilo!"
pois cada coisa, a seu tempo, será reconhecida como boa.
- ³⁵ E agora, de todo o coração e a plena voz,
cantai, e bendizei o nome do Senhor!"

Ecl 3,1-11;
7,10

Sl 145,21

Miséria do homem

Jó 7,1-5;
14,1-2

40

- ¹ Grandes dificuldades foram criadas para cada homem^r
e um jugo pesado está sobre os filhos de Adão
desde o dia em que saem do seio de sua mãe
até o dia em que voltam para a mãe universal.
- ² Objeto de suas reflexões e temor do seu coração
é reavaliar o que os espera: o dia da morte.
- ³ Desde quem está sentado sobre um trono ilustre
até o que está humilhado sobre a terra e a cinza,

m. As nações pagãs provocam a cólera de Deus por sua oposição à sua vontade (cf. lat.). O verbo hebr. pode também ser traduzido por *desapossa*. Neste caso tratar-se-ia dos cananeus desapossados de sua terra pelos israelitas: cf. 16,9.

n. Lit. *sal*. Interpreta-se isto como uma alusão à destruição de Sodoma e Gomorra, cuja região fértil transformou-se em deserto salgado (Gn 19,24ss; cf. Sr 16,8).

o. Aqui começa o fragmento do ms. hebr. encontrado em 1964 em Massadî, o qual, portanto, é anterior ao ano 73 da nossa era.

O ms. compreende 39,27-32; 40,10-19,26-30; 41,1-44,17.

p. Lê-se em vários mss. gr.: *ao desencadear* (sua cólera), *agravou*. Trata-se então de Deus.

q. "O segundo (céu) contém fogo, neve e gelo, preparados para o dia do mandamento do Senhor, para o justo julgamento de Deus. Nele se encontram todos os espíritos das desgraças para o castigo dos ímpios" (*Testamento de Levi* 3,2).

r. Hebr.: *Deus deu em partilha grandes dificuldades*. Por respeito ao nome divino, o gr. o omite.

- ⁴ desde quem veste a púrpura e cinge a coroa*, até o que está coberto de pano grosseiro,
- ⁵ não há senão furor, inveja, perturbação e agitação, temor da morte, ressentimento e discórdia. Até no momento do repouso, sobre a cama, o sono da noite apenas varia os cuidados¹. Jô 7,4
- ⁶ Um pouco, um nada de repouso e logo, nos sonhos, estão aflitos*, exatamente como em pleno dia: perturbados pelas visões do coração, são como fugitivos que escapassem do combate. Ecl 2,23
- ⁷ No momento da libertação*, acordam, todos espantados com o seu vão receio.
- ⁸ Para todo ser de carne, do homem ao animal, mas para os pecadores sete vezes mais:
- ⁹ morte, sangue, discórdias, espada*, calamidades, fome, destruição, flagelos.
- ¹⁰ Tudo isso foi criado contra os ímpios, e é por causa deles que veio* o dilúvio. 39,25-29 Gn 6,5-7
- ¹¹ Tudo o que vem da terra volta para a terra e o que vem das águas volta para o mar². Gn 3,19 Ecl 1,7

Falsos bens e bens verdadeiros

- ¹² Todo presente corruptor e toda injustiça desaparecerão, mas a fidelidade permanecerá para sempre.
- ¹³ As riquezas dos injustos³ secarão como a torrente e passarão como um forte trovão que ribomba no aguaceiro*.
- ¹⁴ Quando o injusto abre as mãos, ele se alegra*, da mesma forma os transgressores desaparecerão completamente.
- ¹⁵ Os rebentos dos ímpios não multiplicarão seus ramos: suas raízes impuras estão sobre a rocha abrupta⁴. 23,25; Sh 4,3
- ¹⁶ O caníço, que viceja às margens das águas de qualquer rio, é arrancado antes de qualquer outra erva⁵. Jô 8,11-12
- ¹⁷ Mas um benefício é um jardim luxuriante⁶ e a esmola permanece para sempre. 40,27

O temor de Deus, bem supremo

- ¹⁸ A vida do autônomo e do artesão é agradável⁷; entretanto, mais feliz que os dois é aquele que encontra um tesouro.

s. Hebr.: *o turbante e o diadema*.

t. Sentido duvidoso: lit. *muda seu conhecimento*.

u. *Estão aflitos*: correção mínima apoiada em mss. gr. e na tradução armênia. — A maioria dos mss. lê: *como no dia de observação* (ou: *de vigia*).

v. Em lugar do texto, alguns propõem que se leia: *no momento da necessidade, no momento crítico*.

w. Hebr.: *peste, sangue, queimaduras, seca* (ou: *espada*).

x. Aqui começa a passagem 40,10-30, que se lê no ms. de Massadá e confirma várias vezes as leituras marginais do ms. hebr. B.

y. Hebr.: *e tudo o que vem de cima retorna para cima*, cf. Ecl 3,21; 12,7. No contexto, esta afirmação não diz mais que seu

paralelo 40,11a, isto é, o retorno das criaturas à sua origem.

z. Acordo do gr. com Massadá, contra ms. hebr. B.

a. Hebr.: *e como torrente poderosa em nuvem de trovoadas*. b. Gr. obscuro. Hebr. muito incerto: *com sua destruição os oprimidos se alegram*, ou então: *com sua inchação os rochedos são dilacerados*.

c. *Impuras*: hebr.: *da violência*. O rochedo não permite um enraizamento sólido.

d. Hebr.: *chuva*; gr. sir.: *erva*.

e. Lit. *como um paraíso de bênçãos*.

f. Hebr., ms. B: *a vida com vinho e licores é agradável*; hebr. Massadá: *a vida de abundância (e) de ganho* (ou: *de bebida*) é agradável.

Pr 17,17

40,17

- ¹⁹ Ter filhos e fundar uma cidade perpetua o nome^a,
mas acima de ambos se considera a mulher irrepreensível.
- ²⁰ O vinho e a música^b alegram o coração,
mas acima de ambos está o amor à sabedoria¹.
- ²¹ A flauta e a harpa produzem melodia agradável,
mas acima de ambas está a língua suave¹.
- ²² Graça e beleza, tal é o desejo do olho,
mas acima de ambas está a verdura dos campos.
- ²³ Amigo e companheiro se encontram no tempo oportuno,
e mais ainda, uma mulher e seu marido^b.
- ²⁴ Irmãos e apoios intervêm no tempo da adversidade;
muito mais, porém, é a esmola que liberta.
- ²⁵ Ouro e prata dão segurança¹;
mais que eles, porém, se apreciará um conselho.
- ²⁶ Riqueza e força dão confiança^m;
mais ainda, porém, o temor do Senhor.
Com o temor do Senhor, nada falta;
com ele, não é mais preciso procurar socorro.
- ²⁷ O temor do Senhor é como um jardim luxurianteⁿ;
ele protege mais que toda glória.

A mendicância

Jó 20,14

- ²⁸ Filho, não leves vida de mendigo:
é preferível morrer a mendigar.
- ²⁹ O homem que olha para a mesa alheia,
sua vida não deveria contar como vida^a.
Ele mancha a garganta^p com comidas estrangeiras,
quando um homem instruído e bem-educado delas se abstém.
- ³⁰ Ao impudente, a mendicância é agradável na boca,
mas nas entranhas lhe arde como fogo.

A morte

41

Jó 3,20-23

Tb 3,6

- ¹ ^qÓ morte, como a tua lembrança é amarga
para o homem que vive tranqüilo no meio de seus bens^f,
para o homem que não tem cuidados, a quem tudo sai bem
e que é ainda bastante vigoroso para entregar-se ao prazer^f.
- ² Ó morte, tua sentença contudo é bem-vinda
para o homem na indigência e cujas forças diminuem,
cuja extrema velhice é acobardada por toda espécie de cuidados,
que está revoltado⁴ e perdeu a paciência.

g. Muitas cidades trazem o nome de seu fundador: Alexandria, Antioquia. Depois deste estíquio, lê-se em hebr. e sir.: *entretanto, mais que estas duas coisas vale a descoberta da sabedoria. Descendência* (ou: *gado*) e *plantações fazem florescer o nome*.
h. Hebr.: *a bebida*.

i. O gr. espiritualiza o texto. Em hebr. trata-se da amizade entre amigos (com o sir.) ou do amor entre esposos.

j. Hebr.: *sincera*.

k. Hebr.: *uma mulher ajudada*.

l. Lit. *firmam o pé*.

m. Lit. *elevam o coração*; hebr.: *alegram o coração*.

n. Lit. *paraiso de bênção*.

o. Em hebr. o vocábulo *vida* é às vezes empregado no sentido de alimento, subsistência. Poder-se-ia traduzir: *seu alimento não deveria contar como alimento*. *|Em gr. *vida* = meios de viver.|
p. *garganta*, segundo o hebr.; gr. *alma*.

q. Este cap. existe, com algumas lacunas, no ms. de Massadá.

r. Ou *sua casa*. O sentido *casa*, com o mesmo vocábulo hebr., é certo em 44,6.

s. O gr. tem *trofên*, alimento. É preciso corrigir para *tryfên*, prazer, conforme hebr. e sir.

t. Hebr. Massadá: *que perdeu a vista*.

- ³ Não tenhas medo da sentença de morte:
lembra-te dos que te precederam e dos que te seguirão.
⁴ Tal é a sentença do Senhor a respeito de todo ser de carne. Gn 3,19
Por que discutir o beneplácito do Altíssimo?
Quer vivas dez, cem, ou mil anos,
no lugar dos mortos ninguém te censurará sobre tua vida.

O castigo dos ímpios

- ⁵ Os filhos dos pecadores tornam-se filhos abomináveis,
que freqüentam as casas dos ímpios. Ez 16,44
⁶ A herança dos filhos dos pecadores acaba em ruína*,
e a infâmia se ligará para sempre à sua descendência.
⁷ Um pai ímpio sofrerá as censuras de seus filhos,
pois é a ele que devem a própria infâmia.
⁸ Ai de vós, homens ímpios,
que abandonastes a Lei do Altíssimo.
⁹ Se nasceis, é para a maldição que nasceis;
e quando morrerdes, é a maldição que recebeis em partilha*.
¹⁰ Tudo o que vem da terra, para a terra voltará;
assim os ímpios, vêm da maldição e vão para a ruína*. 40,11

A boa fama

- ¹¹ Os homens ficam de luto por seu corpo,
mas o nome dos pecadores não é bom, será apagado*.
¹² Preocupa-te com o teu nome, pois ele te sobreviverá*,
mais do que mil montões de ouro*. Pr 22,1;
Ecl 7,1
¹³ Uma vida feliz só dura certo número de dias,
mas o bom nome permanece para sempre. 17,2;
37,25

Verdadeira e falsa vergonha

- ¹⁴ Conservai a instrução na paz, meus filhos*.
Sabedoria escondida e tesouro invisível,
que proveito se pode tirar de uma e de outro? 20,30-31;
Mt 5,14-16;
25,25
¹⁵ Mais vale o homem que dissimula sua loucura
do que o homem que esconde sua sabedoria.
¹⁶ Vou, pois, dizer-vos de quê, realmente, é preciso envergonhar-se*. 4,21;
20,22-23
Pois não é bom entreter toda espécie de vergonha,
e nem todos emitem um parecer fiel sobre todas as coisas*.
¹⁷ Tende vergonha da má conduta diante do pai e da mãe,
da mentira, diante do chefe e do poderoso,

u. Hebr. Massadá: *por causa do filho do ímpio, o reino será destruído.*

v. Hebr.: *se vos multiplicais, é para a ruína; se geraís, é para a aflição; se cambaleais, é para a alegria eterna; e se morreis, é para serdes malditos.* Com o sir., em lugar de 'olam, eterna, é preciso ler 'am, do povo, porque a alegria de que se trata é má para aqueles que dela são objeto. Alguns mss. gr. têm só o primeiro estíquio do hebr.

w. Hebr.: *Tudo o que vem do nada retorna ao nada; assim o ímpio, que vem de nada, a nada retorna.*

x. Hebr.: *O corpo do homem é vaidade; mas um renome de piedade (ou: bondade) não desaparecerá.*

y. Pensamento oposto ao de Ecl 8,15. Hebr. diz: *ir-se-á, em vez de sobreviverá.*

z. Hebr. ms. B: *de sabedoria*; margem B, Massadá: *precioso.*

a. Hebr.: *Ensinarmento daquela vergonha, ensinamento da vergonha; escutai, filhos, o ensinamento da vergonha.* O ms. B apresenta, pois, um título no começo desta nova seção. E coloca o título, que corresponde ao nosso v. 14a, depois de 14bc.

b. Lit. Assim, pois, senti a vergonha segundo minha palavra (hebr.: meu julgamento).

c. Ou: *nem aprovar qualquer coisa por confiança.* Hebr.: *nem toda vergonha deve ser escolhida.*

- ¹⁸ do delito, diante do juiz e do magistrado,
da transgressão, diante da assembléia e do povo,
da perfídia, diante do companheiro e do amigo,
¹⁹ do roubo, diante das pessoas do lugar onde moras.
Envergonha-te diante da verdade de Deus e diante da Aliança^d,
de apoiar o cotovelo sobre os pães^e,
de dar ou receber com desdém^f,
²⁰ de guardar silêncio diante dos que te saúdam,
de demorar-te olhando para uma prostituta,
²¹ de repelir um compatriota^g,
de subtrair a alguém sua parte ou o que lhe deram,
de seguir com os olhos a mulher de outro,
²² de ter familiaridade com sua serva,
e não te aproximes do seu leito.
Envergonha-te de afrontar os amigos com palavras
— depois de teres dado, não ofendas! —

9.8-9

19.7-8

42

- ¹ de repetir uma palavra que ouviste,
revelando os segredos.
É assim que terás a vergonha verdadeira
e encontrarás graça diante de todos os homens.
Das seguintes coisas, porém, não te envergonhes^h
e nelas não procures pretextoⁱ para pecar:
² não te envergonhes da lei do Altíssimo e da sua Aliança,
nem de uma sentença sua que justifique um ímpio^j,
³ nem de fazer as contas com um companheiro e com viajantes,
nem de partilhar a herança com outros^k.
⁴ nem da exatidão da balança e dos pesos^l,
nem de adquirir muito ou pouco^m,
⁵ nem da vantagem que os comerciantes tiram da vendaⁿ,
nem de corrigir freqüentemente os filhos^o,
nem de fazer sangrar as costas de um escravo mau^p.
⁶ Com mulher curiosa^q é bom usar o sinete;
e onde são muitas as mãos^r, põe as coisas sob chave.

30.1.12

33.25.27

d. O gr. equivocou-se. É preciso ler com o ms. de Massadá: *de quebrar um juramento ou pacto*.

e. O texto é seguro, mas sua interpretação é incerta.

Parece surpreendente que se trate das boas ou más maneiras à mesa.

f. Hebr.: *de negar-se a conceder o que é pedido*.

g. Lit. *de afastar o rosto de um parente*.

h. Este cap. está todo ele no ms. de Massadá.

i. Após ter enumerado os atos vergonhosos a evitar, Ben Sirac convida a não se envergonhar de outras coisas por respeito humano (cf. 4.20-31).

j. Ou: *não te deixes influenciar pelas pessoas a ponto de pecar*. A expressão que orienta a interpretação deste estíquio significa normalmente: *levar em conta as pessoas*. Alguns traduzem: *não peques levando em conta as pessoas*, isto é, sendo tão parcial que ofendas a Deus.

k. Não se deve enrubescer por ser justo nos julgamentos, mesmo quando se deva absolver o ímpio inocente (cf. Dt 1.17). Talvez o ímpio designe aqui os estrangeiros. Poder-se-ia compreender também que não se deve, por temor de absolver o ímpio — isto é, o culpado, recusar a função de administrar a jus-

tiça; ou ainda, que não se deve absolver o culpado por vergonha de pronunciar o julgamento.

l. Lit. *do dom da herança de outros* (com Ziegler escolhemos *heteron*, outros, e não *hetairôn*, amigos); hebr.: *das discussões de herança e de bens*.

m. Hebr.: *nem da poeira da balança e do contrapeso*. “O atacadista deve limpar suas medidas uma vez por mês, o particular uma vez por ano; ... que o varejista limpe suas medidas duas vezes por semana, enxugue seus pesos uma vez por semana e limpe a balança cada vez que pesar” (Mishná, Baba Butra V.10). É um tema freqüentemente abordado pelos rabinos.

n. Entre 4a e 4b, hebr. (B e Massadá) acrescenta: *e da limpeza do efá e do peso*.

o. Em 26.29 e 27.2, Ben Sirac advertia contra os perigos morais aos quais o comércio expõe.

p. Os estíquios 5bc faltam no ms. hebr. B, mas constam no de Massadá.

q. Hebr. Massadá: *e um servo mau que coxeia para andar* ou então: *e para um servo mau e cupenga, boas bastonadas*.

r. Lit. *má*. Termo geral, cujo sentido é determinado pela frase.

s. Massadá e gr.: *muitas*; hebr. ms. B: *leves*.

- ⁷ O que entregas em depósito, fazes contar e pesar;
o que dás, o que recebes, põe tudo por escrito.
- ⁸ Não tenhas vergonha de corrigir o imbecil e o tolo,
nem o velho decrépito, acusado de devassidão¹.
Mostrarás então que és verdadeiramente instruído
e receberás a aprovação de todos os viventes.

Pr 10,13;
19,29;
26,3

Solicitude de um pai pela filha

- ⁹ Uma filha, para o pai, é causa secreta de insônia^a,
e a preocupação que traz afasta o sono:
quando jovem, porque ela arrisca de passar da flor da idade;
uma vez casada, porque poderia ser repudiada;
- ¹⁰ na sua virgindade, corre o perigo de ser deflorada
e de ficar grávida na casa de seu pai;
quando unida ao marido, corre o perigo de tornar-se infiel
e, na casa de seu marido, corre o perigo de ser estéril.
- ¹¹ Em torno da filha sem modos monta uma guarda reforçada,
para que ela não faça de ti o escárnio de teus inimigos,
o comentário da cidade e a causa do bulício do povo^a,
e não te cubra de confusão na assembléia^a.

Dt 24,1

26,10

Cuidado com as mulheres

- ¹² Não fixes o olhar na beleza de um humano^a,
nem tomes assento no meio das mulheres^a.
- ¹³ Pois, assim como das vestes sai a traça,
da mulher sai a malícia feminina.
- ¹⁴ Melhor a maldade do homem que a bondade de uma mulher:
a mulher cobre de vergonha e expõe ao insulto^a.

Ecl 7,26-28

SEÇÃO E: GRANDEZA E SABEDORIA DE DEUS NA NATUREZA^a

- ¹⁵ Vou agora recordar as obras do Senhor:
aquilo que vi, vou narrá-lo.
Pelas palavras^b do Senhor suas obras existem^c:

Gn 1,3;
Sh 9,1

1. Hebr. B: *o ancão e o idoso que se aconselham para a devassidão*; hebr. Massadá: *(o vel) ho trôpego preocupado com a devassidão*.

u. Hebr.: *um tesouro decepcionante*. Este v. e os seguintes são citados e comentados pelo Talmud (Sanhedrin 100b).

v. Hebr. Massadá: *e da assembléia do povo*; hebr. B: *e o objeto da maldição do povo*.

w. Lit. *de muitos* (pollôn, corrupção provável de pylôn, portas); hebr. *a assembléia da porta*, isto é, o tribunal. É na porta da cidade que se instalava o tribunal, ali pronunciando-se as sentenças. O tradutor adaptou o texto a seus leitores gregos. Os mss. hebr. e sir. acrescentam dois estíquios que o gr. omite: *no lugar onde ela mora não haja qualquer janela nem compartimento que dê vista para os acessos ao redor*.

x. Hebr.: *a homem algum ela mostre a sua beleza*. Trata-se ainda da filha moça a vigiar e preservar; a seção precedente prossegue até o v. 14.

y. Hebr.: *e ela não habite na casa das mulheres*.

z. Julgamento muito pessimista, talvez paradoxal, sobre a mulher. Os Provérbios não vão tão longe em sua severidade. O

rabinismo posterior será também tão pouco indulgente quanto Ben Sirac. Entretanto, o contexto convida a não dar uma interpretação absoluta. Trata-se dos perigos que a companhia das mulheres casadas pode trazer para uma jovem, perigos maiores que os provocados pela grosseria e a brutalidade dos homens.

a. 42,15-43,33 constitui um hino à grandeza de Deus manifestada pela natureza.

b. Hebr. Massadá: *a palavra*; hebr. B: *na* (ou: *pela*) *palavra de Deus, por sua vontade*. O hebr. atribui a criação à Palavra de Deus (no sing., cf. Sl 33,6). O termo utilizado é da mesma raiz que o substantivo *Memrá* (Palavra) das versões aramaicas, o qual se tornará o substantivo costumeiro do Nome inefável no uso sinagoga. É talvez já uma manifestação da tendência que chegará, em ambiente cristão, a personificar a Palavra (cf. Jo 1).

c. Alguns mss. acrescentam: *e seu decreto realizou-se com sua bênção (eulogia)*, que é preciso corrigir: *e seu decreto realizou-se segundo sua vontade (eudokia, que tem o apoio do hebr. e do sir.)*; hebr.: *uma obra de sua benevolência* (ou: *vontade*), *de sua doutrina*.

- SI 19,2 ¹⁶ O sol que brilha contempla todas as coisas
e a obra do Senhor está cheia de sua glória.
- Pr 15,11;
Jô 26,6 ¹⁷ Não foi possível aos santos^d do Senhor
contar todas as suas maravilhas:
aquelas que o Senhor todo-poderoso solidamente estabeleceu
para que o universo seja consolidado em sua glória^e.
- SI 139,1-4 ¹⁸ Ele sonda o abismo e o coração,
pondo às claras as suas manobras^f:
pois o Altíssimo possui toda a ciência
e tem o olhar fixo nos sinais dos tempos^g.
- 16,27-28 ¹⁹ Ele anuncia o passado e o futuro
e revela os indícios das coisas ocultas.
- 33,14-15;
Ecl 3,1-8 ²⁰ Nenhum pensamento lhe escapa
e nenhuma palavra lhe fica escondida.
- ²¹ Ele dispôs com ordem as obras grandiosas de sua sabedoria,
pois ele ^h antes da eternidade e até a eternidade.
Nada foi acrescentado e nada foi tiradoⁱ,
e ele não precisou de conselheiro algum.
- ²² Como são desejáveis todas as suas obras,
até a menor centelha que se possa contemplar^j!
- ²³ Tudo isto vive e permanece para sempre,
para todas as necessidades, e tudo lhe obedece^k.
- ²⁴ Todas as coisas existem aos pares, uma correspondendo à outra,
e ele nada criou de imperfeito^l.
- ²⁵ Uma reforça o bem da outra.
Quem poderia saciar-se de ver a sua^m glória?

SI 19,5-7 O sol

SI 8,4;
19,2;
136,4-9

43

- ¹ Que esplendor, o das alturas do puro firmamentoⁿ,
que espetáculo, o do céu, na visão de sua glória!
- ² O sol que aparece proclama, ao nascer,
que coisa admirável é a obra do Altíssimo!
- ³ Em seu meio-dia ele resseca a terra:
quem pode resistir ao seu ardor?
- ⁴ Atiça-se a fomalha para os trabalhos que se fazem ao fogo^o,
mas três vezes mais quente é o sol que queima os montes^p.
Ele exala vapores ardentes
e, dardejando seus raios, ofusca os olhos.

d. Os santos são os anjos que vivem na presença de Deus.
e. Hebr.: *diante de sua glória*. Trata-se af da glória de Deus.
O gr. atribui esta glória às maravilhas criadas por Deus.
f. Hebr.: *os seus segredos*.
g. Cf. 43,6. Os astros foram criados por Deus para dividir e marcar o tempo (Gn 1,14). Eram também considerados como dirigindo o futuro de maneira fatal (Jr 10,2). Ben Sirac afirma que Deus os conhece e, por conseguinte, é ele quem domina o futuro. O hebr. não fala de *sinais do tempo*, mas do que deve acontecer até a eternidade.
h. Hebr.: *ele é o mesmo*.
i. Nada é acrescentado nem tirado, seja à obra de Deus (cf. 18,6; Ecl 3,14), seja ao próprio Deus. O estilo elíptico não permite fazer uma escolha definitiva.

j. *Até* é uma variante. Texto gr.: *como*; hebr. Massadá: *até uma centelha e uma visão fugidia* (lit. *visão de aparência*).

k. Gr. e hebr. B: *obedece*, o que é uma corruptela do hebr. Massadá: *é guardado*. Texto hebr. original: *e para todas as necessidades, tudo está guardado*.

l. Hebr.: *inútil*.

m. Hebr.: *a sua* (delas, das criaturas).

n. O sentido geral dos vv. 1-5 referentes ao sol é claro, mas a interpretação dos detalhes é duvidosa, apesar do acordo global do texto gr. com o ms. hebr. de Massadá. A expressão é muito elíptica. *Puro firmamento*, cf. Ex 24,10 gr.

o. Hebr. Massadá: *forno abrasado (para) os trabalhos de fundição*.

p. Hebr.: *uma língua do astro consome a (terra) habitada*.

- ⁵ É grande o Senhor, que o criou^a
e que, com suas palavras, lhe dirige a rápida carreira.

A lua

- ⁶ Também a lua, pontual em suas fases,
indica as épocas e é um sinal do tempo^r.
⁷ Da lua vem o sinal da festa^a,
esse astro que diminui até desaparecer.
⁸ É dela que o mês recebe o seu nome^t;
seu crescimento é maravilhoso no decurso de suas mudanças^a,
fanal dos exércitos que acampam lá em cima,
brilhando no firmamento do céu.

Gn 1,14-18;
Sl 89,38;
104,19

As estrelas^r

- ⁹ A beleza do céu é a glória das estrelas,
ornamento luminoso nas alturas do Senhor.
¹⁰ À palavra do Santo elas se mantêm, às suas ordens,
jamais relaxando em suas vigílias.

Br 3,34-35

O arco-íris

- ¹¹ Olha o arco-íris e bendize aquele que o fez^a,
tão belo é ele em seu esplendor:
¹² traça no céu um círculo de glória,
pelas mãos do Altíssimo estendido.

50,7;
Ez 1,28

Fenômenos naturais

- ¹³ Por sua ordem faz cair a neve^a
e lança os relâmpagos, executores do seu julgamento.
¹⁴ Eis por que se abrem as reservas^r,
e as nuvens esvoaçam como pássaros.
¹⁵ Em sua grandeza, ele condensa as nuvens
que se pulverizam em pedras de saraiva.
^{17a} A voz do seu trovão deixa a terra em pânico,
¹⁶ e à sua vista as montanhas se abalam.
Por sua vontade sopra o vento do sul,

Sl 147,
16-17;
Jô 37,6
Jô 38,22

q. Hebr. B: *pois o Senhor fez dele um sinal e suas palavras dirigem* (ou: *fazem brilhar*) *seus ministros* (ou: *reguladores*). Esta forma do texto e sua tradução são apoiadas pelo papel paralelo de sinal que é também atribuído à lua nos vv. seguintes. A literatura apócrifa concede grande papel ao sol no estabelecimento do calendário (cf. *Jubileus*).

r. Hebr.: *e a lua também luzirá em tempos que retornam* (Massadá: *gulará os tempos*) *para presidir às épocas e ser um sinal eterno*.

s. Concordância entre gr. e sir.; hebr. B: *neles a estação e as datas legais* (*hoq*). Hebr. B margem: *nela a estação e dela a lei* (ou: *às datas legais*) (*hoq*). Hebr. Massadá: *a ela a estação e dela a festa* (*hag*). No tempo de Ben Sirac, o calendário religioso oficial baseava-se na lua, como o será mais tarde o calendário farisaico. As duas grandes festas da Páscoa e das Tendões começavam no dia da lua cheia (Lv 23,5,34).

t. Em hebr. o nome da lua, *yeraḥ*, serve também para designar o mês. Ao contrário, o outro nome do mês, *ḥodesh*, isto é, novidade, aplica-se precisamente à lua nova que marca o início do mês.

u. Hebr. B: *como ela é admirável em seu retorno*.

v. Em hebr. estes vv. 9-10 falam de uma estrela. Pode-se ver neles uma comparação que se aplica à lua, ou então a designação de Vênus, a estrela da manhã. Hebr. B: *a beleza do céu e a glória de uma estrela* (ou: *e a glória [do céu] é uma estrela*) *e sua luz brilhou nas alturas de Deus*. ¹⁴Pela palavra de Deus, ela se mantém no lugar prescrito e não se descuida nas suas vigílias (Massadá: *na sua vigília*). Hebr. Massadá 9b: *ela adorna* (ou: *se levanta de manhã*) *e faz resplandecer as alturas de Deus*.

w. O arco-íris é o sinal da aliança entre Deus e toda a terra, cf. Gn 9,12-17.

x. Os vv. 13-17a referem-se especialmente à tempestade e aos fenômenos que a acompanham. Hebr. ms. B: *Seu poder desenha o relâmpago*; ms. Massadá: *Sua reprimenda (...) a saraiva e dirige os traços do julgamento*. A tempestade é um sinal de julgamento, cf. Sl 18,8-16; Sl 29.

y. Deus abre seu arsenal, onde guarda em reserva o raio e os outros flagelos, cf. 39,28-39.

- ^{17b} assim como o furacão do norte e o turbilhão do vento.
Como pássaros que descem, assim derrama a neve;
como o gafanhoto que se abate, ela tomba.
- ¹⁸ A beleza de sua alvura arrebatat o olhar
e quando ela cai o coração se extasia.
- ¹⁹ Como sal sobre a terra ele derrama a geada
que se enrijece e se torna como pontas de espinhos*.
- ²⁰ O vento frio do norte põe-se a soprar,
condensando o gelo na superfície da água.
Sobre qualquer lençol de água ele se abate,
revestindo-a como que de uma couraça.
- ²¹ Esse vento devora as montanhas e abraça o deserto,
consumindo o verdor das plantas como fogo.
- ²² A tudo isso a bruma úmida traz pronto remédio;
e o orvalho, que sobrevém após a canícula, traz de novo a alegria.

Jó 37,10;
38,29-30

O mar

SI 89,10;
Jó 7,12;
26,12
SI 107,
23-27

- ²³ Segundo seu desígnio, o Senhor dominou o abismo^b
e nele plantou as ilhas.
- ²⁴ Os que navegam sobre o mar^c descrevem seus perigos^d
e custamos a acreditar em nossos ouvidos^e.
- ²⁵ Há nele obras estranhas e maravilhosas,
animais de toda espécie e a raça dos monstros marinhos^f.
- ²⁶ Por ele, o mensageiro chega à meta^g;
por sua palavra, todas as coisas se coadunam^h.

Is 44,26

A glória de Deus

- ²⁷ Poderíamos dizer muitas coisas e não chegaríamos ao fim.
Eis o resumo de nossas palavras: ele é o tudoⁱ.
- ²⁸ Onde encontrar a força de glorificá-lo?
pois ele é o Grande, e ultrapassa todas as suas obras.
- ²⁹ O Senhor é temível e soberanamente grande:
admirável é o seu poder.
- ³⁰ Para glorificar o Senhor, exaltai-o,
tanto quanto puderdes, e ele estará sempre acima.
Para exaltá-lo redobrai as forças
e não vos canseis, pois não chegareis ao fim.
- ³¹ Quem é que o viu^j, para ser capaz de descrevê-lo?
Quem o engrandecerá na medida do que ele é?

SI 96,4;
145,3
1,8

z. Hebr.: *afasta*.

a. Hebr. ms. B: *e desabrocha em flores como safira*; ms. Massadá: *e produz flores como espinhos*. Tem-se proposto traduzir *cristais de sal*, conforme o fenício, em lugar de *flores*.

b. Parece que há um pano-de-fundo mitológico: o abismo personificado é submetido por Deus, cf. SI 104,5-9. Entretanto, o hebr. correspondente a *dominou* é incerto em ambos os mss. Traduz-se também o hebr.: *pôs em ordem*.

c. Hebr.: *descem ao mar*: expressão que designa os navegadores (cf. Is 42,10; SI 107,23) que singram os mares e neles descobrem coisas extraordinárias.

d. Hebr.: *seu fim*, isto é, seus limites.

e. Lit. *o que ouvem nossos ouvidos nos espanta*.

f. Hebr.: *potências do abismo*, cf. v. 23 nota e SI 104,25-26.

g. Ou: *faz boa viagem*, cf. SI 107,28-30; Sb 14,3-5.

h. Hebr.: *e por suas palavras ele executa (sua) vontade*.

i. Esta fórmula de sabor panteísta foi às vezes considerada uma interpolação estoica, quando não tinham ainda sido descobertos os mss. do Cairo. Sabe-se agora que ela fazia parte do texto hebr. Provavelmente emprestada do estoicismo, ela manifesta a abertura de Ben Sirac ao mundo helenístico, mas nele ela está desprovida de todo ranço panteísta. Seu Deus é o Deus de Israel que tudo criou (18,1; 24,8; 39,21; 43,33; cf. Is 44,24), que é o Deus de tudo (36,1; 45,23 hebr.), e que portanto se distingue de suas obras, às quais ele ultrapassa (43,28).

j. Doutrina tradicional da impossibilidade de ver a Deus: Ex 33,20; Jo 1,18; 1Tm 6,16; 1Jo 4,12. Este v. falta no ms. hebr. B. É impossível saber se estava ou não no ms. de Massadá.

- ³² Há muitas coisas escondidas, maiores do que estas,
pois nós vimos apenas um pouco de suas obras.
- ³³ Com efeito, é o Senhor que fez tudo
e aos homens piedosos concedeu a sabedoria.

18,1

1.9-10:

ELOGIO DOS ANTEPASSADOS*

Hb 11

- 44** ¹ Façamos, pois, o elogio dos homens ilustres¹,
de nossos antepassados, em suas gerações^m.
- ² O Senhor criou uma glória imensa,
sua grandeza, desde a eternidadeⁿ:
- ³ alguns dominaram em seus reinosⁿ,
tornando-se famosos por seu poder;
outros foram conselheiros, graças à sua inteligência,
anunciadores de profecias^p;
- ⁴ outros, foram chefes do povo por seus conselhos,
por sua inteligência instruindo o povoⁿ,
com as sábias palavras do seu ensinamento^r.
- ⁵ Outros compunham cânticos melodiosos,
e escreviam narrativas poéticas.
- ⁶ Homens ricos, dotados de poder,
vivendo em paz em suas casas.
- ⁷ Todos esses foram glorificados pelos de sua geração,
e ainda em vida foram exaltados.
- ⁸ Alguns dentre eles deixaram um nome
que fará proclamar seus louvores.
- ⁹ Mas há também aqueles dos quais não resta lembrança:
desapareceram como se não tivessem existido,
pois eles são como se não tivessem sido,
assim como seus filhos depois deles.
- ¹⁰ Estes, porém, são homens de bem¹,
cujas boas ações não foram esquecidas¹.
- ¹¹ Para sua descendência passam os seus bensⁿ,
sua herança para seus rebentos.

k. O título é dado pelos mss. hebr. e gr. A sabedoria e a piedade (43,33; 44,1) são os traços comuns dos ancestrais cujo elogio Ben Sirac vai fazer. A história que ele retrata não é a da aliança, mas a da sabedoria no meio do povo de Deus. No testamento de Matatias (IMc 2,51-64), encontra-se um breve paralelo ao elogio dos antepassados por Ben Sirac.

l. Hebr.: *homens de bem* (cf. 44,10): trata-se dos homens piedosos (*hasidim*, Sr 43,33, cf. hassideus, IMc 2,42; 7,13). O emprego desta expressão para designar os homens devotados à Lei situa Ben Sirac entre os predecessores longínquos dos fariseus e dos essênios.

m. Traduzimos do hebr. O gr. diz: *e de nossos pais pela geração*.

n. Grego pouco satisfatório. Hebr. B: *abundante em glória é a porção do Altíssimo* e *(ela é) sua grandeza desde sempre*, ou: *e sua grandeza (subsiste) desde sempre*. O sentido do vocábulo traduzido como *grandeza* é incerto, podendo-se também traduzir: *e (ela é) sua parte desde sempre*, que oferece excelente paralelismo e se aplica sem contestação a Israel. Ms. B margem e Massadá: *O Altíssimo deu-lhes em partilha uma glória abun-*

dante e eles foram grandes desde sempre. Segundo alguns, Ben Sirac fala primeiro dos pagãos famosos (vv. 2-9), cuja celebração e a duração da lembrança que deixaram não suportam a comparação com as glórias de Israel. Outros julgam que se trata unicamente dos ancestrais de Israel.

o. Ou: *por sua maneira de reinar*; ou ainda: *durante seu reinado*.

p. Hebr.: *visionários universais em suas profecias*.

q. Hebr. ms. B: *príncipes graças a seus profundos pensamentos*; ms. Massadá: *(seus) decretos*.

r. Hebr.: *hábeis em falar, graças à sua formação de escribas*. Citando a função de escriba, Ben Sirac não está necessariamente falando de Israel. Ela já tinha um lugar no Egito dos faraós e na Mesopotâmia. — O hebr. acrescenta um 4º estíquio: *e governadores em suas funções*, que se traduz também: *e autores de provérbios graças às suas tradições*.

s. Cf. 44,1 nota.

t. Hebr.: *e o que eles esperam não terminará*.

u. Com o hebr. é preciso ligar *bens* a 11a; o gr. o transforma em adjetivo, transposto para 11b: *Com a sua descendência permanecem uma boa herança, os seus rebentos*.

- ¹² Sua descendência cumpre suas obrigações^s,
e seus filhos, por causa deles.
¹³ Permanecerá para sempre sua descendência
e sua glória não há de desaparecer.
¹⁴ Seus corpos foram sepultados na paz
e seu nome vive através das gerações.
¹⁵ As nações proclamarão^a sua sabedoria
e a assembléia anunciará o seu louvor.

39.10

Henoc

Gn 5,24;
Hb 11,5

- ¹⁶ Henoc^s agradou ao Senhor e foi trasladado;
é um exemplo de conversão^o para as gerações.

Noé

Gn 6,9
Is 6,13;
4,2-3
1Pd 3,20;
2Pd 2,5
Gn 9,9

- ¹⁷ Noé foi encontrado perfeito e justo:
no tempo da cólera assegurou a retomada^s.
Por causa dele houve um resto para a terra
quando se deu o dilúvio^a.
¹⁸ Alianças eternas foram firmadas com ele
para que nenhum ser de carne fosse mais destruído por um dilúvio.

Abraão

Gn 17,4-6;
Rm 4,1-25

- ¹⁹ O grande Abraão, ancestral de uma multidão de nações,
não se encontrou ninguém que o igualasse em glória^b.
²⁰ Ele observou a lei do Altíssimo
e entrou numa aliança com ele:
em sua carne confirmou a aliança^c
e na prova foi encontrado fiel.
²¹ Eis por que Deus lhe assegurou por juramento
que as nações seriam abençoadas em sua descendência,
que ele o multiplicaria como a poeira da terra^d,
que exaltaria sua descendência como as estrelas^e,
e que o patrimônio deles se estenderia
desde o mar até o mar
e desde o Rio até as extremidades da terra^f.

Gn 22,1-18;
1Mc 2,52;

Hb 11,17-19
Gn 12,3;
18,18; 22,18;
Gl 3,8
Gn 13,16
Gn 15,5
Ex 23,31;
Dt 11,23-24

v. Lit. *mantém-se nas alianças*. Este v. presente em Massadá falta no ms. hebr. B.

w. Hebr.: *a comunidade repetirá*.

x. Outra menção a *Henoc* encontra-se em 49,14. Aquela que lemos aqui (hebr. ms. B; todos os mss. gr.) foi provavelmente acrescentada. Não a encontramos nem no ms. de Massadá, que faz começar a série dos ancestrais com Noé, nem no sir. Sua presença indiscutível no gr. convida a supor que esta adição foi feita muito cedo.

y. Hebr. B: *sinal de ciência* (cf. *Jubileus* 10,17: *um testemunho para as gerações*). Na literatura apocalíptica, Henoc é o inventor da escrita e da astronomia (*Jubileus* 4,17); ele possui o conhecimento dos segredos tanto naturais como sobrenaturais (cf. *Livro de Henoc*).

z. Lit. *tornou-se o rebento* (cf. 48,8). Foi ele quem permitiu à raça humana subsistir e re florescer.

a. Hebr.: *E por sua aliança cessou o dilúvio*, ¹⁹*por um sinal perpétuo ela foi firmada com ele*. Este sinal é o arco-íris, cf. *Jubileus* 6,10 que faz eco a Gn 9,9-17.

b. Ziegler corrige o gr. *hómoios* "semelhante" por *mómos* "mancha, defeito", segundo o hebr.: *não colocou mancha (mun) alguma em sua glória*.

c. Abraão se faz circuncidar (Gn 17,24) em sinal de aceitação da aliança que Deus celebra com ele (17,10).

d. Este estíquio e o seguinte, que existem também no sir., faltam no hebr.

e. Sir.: *que faria sua descendência dominar as nações*. Este texto mostra que a exaltação da qual se trata no gr. é bem mais que uma multiplicação numérica da descendência de Abraão.

f. Os dois mares são o mar Morto e o Mediterrâneo; o Rio é o Eufrates. As extremidades da terra evocam antes Sl 72,8 e Zc 9,10 do que Gn 22,17 ou 15,18.

Isaac

- ²² A Isaac deu a mesma certeza^a
por causa de Abraão seu pai.

Gn 17,19;
26,3-5,24

Jacó

- A bênção de todos os homens e a aliança^b,
²³ ele as fez repousar sobre a cabeça de Jacó.
Confirmou-o nas suas bênçãos^c
e deu-lhe em patrimônio a terra,
que dividiu em lotes
e repartiu entre as doze tribos.

Gn 28,13-15

Gn 49,1-27

Moisés

45

- Fez sair dele um homem de bem^d
que encontrou graça aos olhos de todos^e,
¹ amado de Deus^f e dos homens:
Moisés, cuja memória é abençoada.
² Deu-lhe uma glória igual à dos anjos^g
e tornou-o grande pelo temor que inspirava aos inimigos^h.
³ Por suas palavras precipitouⁱ os prodígios,
e glorificou-o diante dos reis^j;
deu-lhe os mandamentos para seu povo
e mostrou-lhe algo de sua glória.
⁴ Por causa de sua fidelidade e doçura, consagrou-o,
escolhendo-o entre todos os seres de carne.
⁵ Fê-lo ouvir sua voz
e o introduziu na nuvem.
Deu-lhe, face a face^k, os mandamentos,
a lei da vida e da inteligência,
para ensinar a Jacó a aliança^l
e seus decretos a Israel.

Ex 7-10

Ex 24,12;
32,15-16

Ex 33,22
Hb 3,2-5
Nm 12,3,7;
Sr 1,27
Ex 19,19
Ex 20,21;
24,18
Ex 33,11

Dt 30,16;
32,47;
Sr 17,11

Aarão

- ⁶ Exaltou também Aarão^m, santo semelhante a Moisés,
seu irmão, da tribo de Levi.

g. Hebr.: e a Isaac suscitou um filho (ben). O gr. leu *ken* "assim", "da mesma forma", como a margem do ms. hebr. B e provavelmente o sir.

h. Hebr.: *aliança para todo ancestral* (lit. *primeiro*) *ele o tornou*. Encontra-se também em Qumran a fórmula "a aliança dos primeiros": *Documento de Damasco* I, 3-5; VI,2.

i. Uma variante marginal do hebr. talvez forneça o texto original, como foi mais vezes constatado nas passagens em que se possui o ms. de Massadá (39,27-43,30). Em lugar de *bênção*, lê-se *primogenitura*. A semelhança gráfica dos dois vocábulos em hebr., *beraká* e *beroká*, explica a confusão. O título de primogênito conferido a Jacó (cf. Gn 25,29-34; 27,19-33) está perfeitamente situado, pois é ele que justifica a entrada na posse da herança. Entretanto, Gn 27,33 confirma explicitamente a bênção surripada por Jacó.

j. Cf. 44,1 nota.

Propõe-se às vezes aplicar as duas primeiras linhas, que concernem a Moisés, a José, filho de Jacó.

k. Lit. *toda carne*.

l. *Amigo de Deus*, Ex 33,11 gr. e Filon. *Quem é o herdeiro de coisas divinas?*, I, 21. Filon chama várias vezes Moisés de "amado de Deus", cf. *Alegorias das leis* II, 88.

m. Lit. *santos*.

n. Hebr.: *ele o fortificou nas alturas*, isto é, sobre o Sinai. Lê-se na margem do hebr. a variante: *por prodígios terríficos*. o. Conforme o hebr., corrigindo o gr. que diz: *fez cessar*. Cf. Ex 8,8s.26s; 9,33; 10,18s.

p. Hebr.: *fortificou-o diante do rei*, isto é, o faraó.

q. O hebr. é mais reservado que o gr. sobre a familiaridade de Moisés com Deus: *colocou-lhe* (ou: *entregou-lhe*) *nas mãos os mandamentos*.

r. Hebr.: *as prescrições*.

s. De todos os personagens evocados por Ben Sirac, é Aarão, o sacerdote, que ocupa mais espaço, em igualdade com o sumo sacerdote Simão (cap. 50). O sacerdote eclipsa, de certa maneira, os outros papéis.

Ex 29,9;
Nm 25,13

⁷ Confirmou-o por uma aliança eterna
e concedeu-lhe o sacerdócio do povo.
Tornou-o feliz com belos ornamentos^t
e cingiu-o com uma veste de glória.

⁸ Revestiu-o com soberbos paramentos
e coroou-o^u com as insígnias do seu poder:
vestes interiores, túnica longa e efod^t.

Ex 28,
6-12,31-35,42

⁹ Circundou-o com romãs,
com sininhos de ouro numerosos em volta,
os quais tilintavam a cada um de seus passos
fazendo ouvir seu tilintar no Templo,
como memorial para os filhos de seu povo^u.

Ex 28,33-35

Ex 28,2-5

¹⁰ Adornou-o ainda com uma veste sagrada de ouro, de púrpura violeta
e de púrpura vermelha, trabalho de artista;
com o peitoral do julgamento e o oráculo da verdade^u;

Ex 28,15-30

¹¹ com carmesim retorcido, trabalho de artesão
e com pedras preciosas, gravadas como sinetes,
incrustadas num engaste de ouro, trabalho de joalheiro,
tendo todas uma inscrição gravada para servir de memorial,
segundo o número das tribos de Israel.

Ex 28,36-38

¹² Enfim, um diadema de ouro por cima do turbante,
tendo gravada a marca de consagração,
insígnia de honra, trabalho de alta qualidade,
delícias dos olhos, adornos perfeitos.

Ex 29,29

¹³ Antes dele não tinha havido nada de tão belo
e um estrangeiro jamais os revestira,
mas somente seus filhos
e seus descendentes para sempre.

Ex 29,
38-42;
Nm 28,3-8
Ex 28,41;
29,4-9;
Lv 8,1-13

¹⁴ Seus sacrifícios se consumam totalmente,
duas vezes por dia, para sempre.

¹⁵ Foi Moisés quem lhe conferiu a investidura^u
e lhe fez a unção com o óleo santo.

Nm 6,27

Foi para ele uma aliança eterna,
assim como para sua descendência, todos os dias que durar o céu,
para celebrar o culto e ao mesmo tempo exercer o sacerdócio
e abençoar seu povo pelo Nome.

¹⁶ Escolheu-o dentre todos os viventes
para oferecer o holocausto ao Senhor,
o incenso e o perfume em memorial,
e para fazer o rito de absolvição sobre o povo^u.

Lv 2,29-16

Lv 16,1-14

¹⁷ Confiou-lhe, em seus mandamentos,
o poder sobre as prescrições da lei^u.

t. Hebr.: *e ele* (Aarão) o (= a Deus) *serviu em sua glória*.
Mudança surpreendente: não é Deus que é o sujeito, como para
os outros verbos. Quanto ao verbo, não é satisfatório nem em
hebr. nem em gr.

u. *Coroou. estefúnōsen*, com hebr., lat., corrigindo o verbo gr.
esterēōsen, fortaleceu.

v. Hebr.: *manto*.

w. Seja um memorial para Deus em favor de seu povo (cf. Ex
28,12; Nm 31,54), seja um memorial que faça o povo pensar em

Deus (cf. Nm 17,5).

x. O oráculo da verdade é o Urim e Tumim (cf. Ex 28,30).

y. Lit. *eneheu as mãos*, cf. Ex 29,9.

z. *Fazer o rito de absolvição* (45,16) e *obter o perdão* (45,23)
traduzem o mesmo verbo hebr. que o gr. também traduz por um
mesmo verbo. Traduzimos diferentemente para acentuar o con-
texto ritual de 45,16.

a. Lit. *as prescrições dos decretos*; hebr.: *decreto e costume*.
Trata-se de um poder de jurisprudência exercido pelos sacerdo-

para ensinar a Jacó suas exigências
e iluminar Israel com sua lei.

Lv 10,11;
Dt 33,10

- ¹⁸ Estrangeiros^b levantaram-se contra ele
e o invejaram no deserto:
os homens de Datan e de Abirâm
e o bando de Coré, numa violenta cólera.

- ¹⁹ O Senhor o viu e isto não lhe agradou,
e foram exterminados pelo furor de sua cólera:
operou prodígios contra eles,
devorando-os pelas chamas do seu fogo.

- ²⁰ E ainda aumentou a glória de Aarão,
conferindo-lhe um patrimônio:
deu-lhe em quinhão as primícias dos frutos da terra
e assegurou-lhe, primeiro, pão em abundância.

Nm 18,12-13
Lv 24,5-9

- ²¹ Pois eles têm por alimento os sacrifícios do Senhor,
que ele lhe deu, bem como à sua descendência.

Lv 6,9-11;
Nm 18,8-19;

- ²² Em contraposição, na terra do povo ele não tem patrimônio
nem entre o povo há uma parte para ele,
pois *Eu mesmo sou tua parte e teu patrimônio*.

Nm 18,20;
Dt 18,1-2

Finéias

- ²³ Finéias, filho de Eleazar, é o terceiro^c em glória
por seu zelo no temor do Senhor
e por sua firmeza, por ocasião da apostasia do povo,
na generosa coragem de sua alma:
assim ele obteve o perdão para Israel.

Nm 25,7-11;
1Mc 2,26

- ²⁴ Eis por que foi estabelecida em seu favor uma aliança de paz:
ele seria o chefe do santuário e do seu povo
para que, a ele e à sua descendência,
pertença o soberano sacerdócio para sempre.

Nm 25,12-13
1Mc 2,54

- ²⁵ Houve também uma aliança com David^d,
filho de Jessé, da tribo de Judá;
a herança do rei passa do filho a um só filho,
enquanto a herança de Aarão passa a toda a sua descendência.

2Sm 23,5;
Sl 89,4-5

- ²⁶ Que o Senhor infunda a sabedoria em vosso coração^e
para julgardes seu povo com justiça,
a fim de que sua prosperidade não desapareça
nem sua glória, através das gerações.

Josué e Caleb

- 46** ¹ Josué, filho de Nun, foi um valente guerreiro.
Sucedeu a Moisés na função profética

tes (cf. 38,33, mesma expressão gr., mas no singular): Dt 17,9;
Ez 44,23-24; Ag 2,11; Mt 2,7.

b. Datan, Abirâm, Coré (*Qôrah*) e seus partidários são estrangeiros à família de Aarão, Nm 16,1-17,15.

c. Finéias (*Pinhás*) é o terceiro em glória: seja após seu avô Aarão e seu pai Eleazar, de acordo com a tradição sacerdotal; seja depois de Moisés e Aarão, que constituem com ele a trilogia sacerdotal do deserto no elogio que traça Ben Sirac; seja depois de Abraão,

que *ninguém iguala em glória* (44,19) e Moisés, cuja glória é *igual à dos anjos* (45,2). Nos dois primeiros casos, é sua pertença à casta sacerdotal que seria o motivo de sua glória; no terceiro caso, seria a sua fidelidade (45,23; cf. Abraão 44,20; Moisés 45,4).
d. Ben Sirac tratará longamente de David (47,2-11) e de Salomão (47,12-22), mas a aliança aarônica que se estende a toda a descendência ultrapassa, a seus olhos, a aliança davídica.

e. Súplica em favor dos descendentes de Aarão.

- e, fazendo jus ao seu nome^f, tomou-se grande
para salvar os eleitos do Senhor,
para castigar os inimigos levantados contra ele
e para fazer Israel tomar posse de seu patrimônio.
- Js 8,18-26 ² Que glória ele adquiriu ao levantar as mãos,
brandindo a espada contra as cidades!
- Ex 17,13 ³ Quem, pois, antes dele, foi tão firme*?
Pois foi ele quem dirigiu os combates do Senhor.
- Js 10,12-14 ⁴ Não é por ele^h que o sol foi detido
e que um só dia tornou-se dois?
- 46,16 ⁵ Ele invocou o Altíssimo, o Poderosoⁱ,
quando os inimigos o pressionavam de todos os lados,
e o Senhor Supremo o atendeu
arremessando pedras de granizo de uma força enorme.
- Js 10,11 ⁶ Caiu por sobre a nação inimiga,
trucidando os adversários que desciam a encosta^j;
para que as nações conhecessem todas as suas armas^k,
pois é contra^l o Senhor que elas estavam guerreando.
Com efeito, ele andou nas pistas do Poderoso,
- Js 10,10-11 ⁷ e nos dias de Moisés agiu com fidelidade,
assim como Caleb, filho de Jefoné:
resistindo perante a assembléia,
impediram o povo de pecar
e fizeram cessar as murmurações perversas.
- Nm 14,6-10 ⁸ Por isso, eles dois foram salvos,
só eles entre seiscentos mil pedestres,
para serem introduzidos no patrimônio
numa terra que mana leite e mel.
- Nm 14,30 ⁹ E o Senhor deu a Caleb o vigor
que com ele permaneceu até sua velhice:
ele o fez subir às alturas da terra^m
que sua descendência devia conservar como patrimônio,
- 16,10 ¹⁰ a fim de que todos os filhos de Israel saibam
que é bom seguir o Senhor.
- Ex 3,8 ¹¹ Os juízes também, cada um segundo sua famaⁿ,
todos aqueles cujo coração não se prostituiu^o
e que não se desviaram do Senhor,
que sua lembrança seja abençoada!
- Js 14,9-11
- Nm 14,24
- Jz 2,16-19

Os juízes

f. *Josué* significa "o Senhor salva". Transcreve-se em gr. *Iêsous*, de onde, em português, *Jesus*.

g. Hebr.: *quem poderia resistir diante dele?*

h. Lit.: *por sua mão*, isto é, por seu intermédio.

i. O nome divino *Elyôn*, isto é, o Altíssimo, que designa o criador dos céus e da terra e o soberano do país, recurso plenamente indicado em caso de perigo, aparece quinze vezes a partir de 39,6. A primeira parte do livro emprega a palavra Deus ou YHWH, traduzidos em gr. constantemente por *Kyrios*, Senhor. J. Lit. *na descida*, em Bet-Horon.

k. No v. 6, é de novo Josué que é sujeito. Sua panóplia comporta armas espirituais que fazem intervir o próprio Senhor.

l. Ou: *em presença do*. Hebr. 6cd: *a fim de que todos os povos votados ao interdito saibam que Deus vigia os seus combates*.

m. A região montanhosa de Hebron foi atribuída a Caleb: Js 14,13-15.

n. Lit. *cada um segundo seu nome*, que se poderia também traduzir: *cada um nomeadamente*.

o. A idolatria é qualificada de prostituição, cf. Jr 5,7; Os 2, 4-7.

Samuel

- ¹² Seus ossos refloram-se de seus túmulos^p
e que seu nome se renove
nos filhos desses homens ilustres!
- ¹³ Amado por seu Senhor, Samuel^q,
profeta do Senhor, estabeleceu a realeza,
e ungiu governantes sobre o seu povo^r. 1Sm 8-10
- ¹⁴ Segundo a lei do Senhor, julgou a assembléia
e o Senhor interveio em favor de Jacó. 1Sm 7,3-6,
15-17
- ¹⁵ Por sua fidelidade mostrou-se autêntico profeta,
e em suas palavras foi reconhecido como vidente verídico.
- ¹⁶ Invocou o Senhor, o Poderoso, 46,5
quando os inimigos o apossavam de todos os lados,
oferecendo um cordeiro ainda tenro. 1Sm 7,9-10
- ¹⁷ E o Senhor trovejou do céu,
com grande estrondo fazendo ouvir sua voz.
- ¹⁸ Ele exterminou os chefes dos tírios^s
e todos os príncipes dos filisteus.
- ¹⁹ Antes do tempo do sono eterno ele testemunhou
diante do Senhor e de seu ungido: 1Sm 12,1-5
"Jamais tomei riquezas de quem quer que seja,
nem mesmo as sandálias",
e ninguém o acusou^t.
- ²⁰ Mesmo depois de ter adormecido, profetizou ainda
e anunciou ao rei o seu fim: 1Sm 28,6-25
do seio da terra elevou a voz,
profetizando para apagar a iniquidade do povo^u.

Natan

47

- ¹ Depois dele surgiu Natan,
para profetizar nos dias de David. 2Sm 7,1-17;
12,1-15

David

- ² Como a gordura que se retira dos sacrifícios de salvação^v,
assim David é posto à parte entre os filhos de Israel. Lv 4,8-10
- ³ Brincou com leões como se fossem cabritos
e com ursos como se fossem cordeirinhos. 1Sm 17,
34-37
- ⁴ Em sua juventude, não foi ele quem matou o gigante
e cancelou a vergonha do povo,
quando brandiu a funda com uma pedra
e abateu a arrogância de Goliat? 1Sm 17,
32-54

p. Lit. lugar. O desejo de ver refloram-se os ossos dos Juizes (cf. 49,10) poderia, mais tarde, expressar uma idéia de ressurreição. Aqui parece antes referir-se a uma posteridade que renovaria, no tempo de Ben Sirac, a fidelidade dos Juizes. A linha falta no hebr.

q. Hebr.: Amado por seu povo e agradável a seu criador / aquele que foi pedido desde o seio de sua mãe / consagrado ao Senhor na função profética / Samuel, juiz e sacerdote / Por ordem de Deus, estabeleceu a realeza.

r. Os reis ungidos por Samuel são Saul (1Sm 10,1) e David

(1Sm 16,13).

s. Exterminou (cf. 47,7); hebr.: submeteu (cf. 1Sm 7,13). Tírios: o tradutor leu *šor* = Tiro, em lugar de *šar* = inimigo.

t. Hebr. acrescenta: até o tempo do seu fim, foi tido por sensato aos olhos do Senhor e aos olhos de todo vivente.

u. Trata-se provavelmente do anúncio da derrota de Israel e da morte de Saul, 1Sm 28,19, mas nada nesse texto apóia nosso último estíquio.

v. Hebr.: sacrificios de paz.

- ⁵ Com efeito, invocou o Senhor, o Altíssimo, que infundiu em sua direita a força para eliminar um homem treinado no combate e reerguer o poder^w de seu povo.
- ISm 18,7
- ⁶ Por isso deram-lhe glória por dez mil^x, e louvaram-no com^y as bênçãos do Senhor oferecendo-lhe o diadema da glória.
- 2Sm 5,1-3
2Sm 8,2-14
- ⁷ Pois ele extermina^z os inimigos em torno e aniquila os filisteus, seus adversários, abatendo até hoje o seu poder.
- 2Sm 5,17-25;
8,1;
21,15-22
2Sm 23,1
- ⁸ Em todas as suas obras rendeu homenagem ao Santo Altíssimo, por palavras de louvor^a: de todo o coração cantou hinos^b e amou aquele que o havia criado^c.
- ICr 16,4-7
- ⁹ Estabeleceu cantores diante do altar, onde faziam ressoar suaves melodias^d.
- ¹⁰ Deu esplendor às festas, um brilho perfeito às solenidades^e, fazendo-os louvar o nome santo do Senhor, fazendo desde a aurora ressoar o santuário.
- 2Sm 12,13
- ¹¹ E o Senhor lhe perdoou os pecados e exaltou para sempre o seu poder: concedeu-lhe a aliança real e um trono glorioso em Israel.
- 42,25;
2Sm 7,11-16;
Sl 89,29-38

Salomão

- ¹² Depois dele surgiu um filho, cheio de saber, que, graças a ele, viveu em segurança^f.
- ¹³ Salomão reinou num tempo de paz: Deus concedeu-lhe o repouso ao redor a fim de que levantasse uma Casa para seu nome e preparasse um santuário para a eternidade.
- IRs 5,4,
17-19
- ¹⁴ Quão sábio foste em tua juventude, transbordante de inteligência como um rio!
- IRs 6
IRs 3,4-28;
5,9-14
Ecl 1,16
- ¹⁵ Teu espírito recobriu a terra, e tu a encheste de parábolas e enigmas.
- ¹⁶ Teu nome chegou até as ilhas longínquas e foste amado por tua paz^g.
- ¹⁷ Teus cantos, teus provérbios, tuas parábolas e tuas interpretações fizeram a admiração do mundo^h.
- IRs 10,1-9

w. Lit. *reerguer o chifre de*. O chifre é o símbolo da força.

x. Hebr.: *Também as moças cantaram para elel e lhe deram o cognome de "Dez mil" / Tendo cingido o diadema, combateu e ao redor submete o inimigo / estabelecendo cidades entre os filisteus*.

y. Ou: *pelas*.

z. Cf. 46,18 nota.

a. Lit. *glória*. Quase a metade do elogio de David visa sua atividade litúrgica. É um dos alvos maiores do interesse de Ben Sirac.

b. Trata-se dos salmos, cf. 2Sm 23,1

c. Lat. acrescenta: *e lhe havia dado o poder contra seus inimigos*.

d. Alguns mss. gr. acrescentam: *e cada dia louvarão por seus cantos*.

e. Ou: *distribuiu com perfeição os tempos sagrados*. Cf. ICr 23,30-31.

f. Lit. *ao largo*. A idéia de Ben Sirac não é atribuir a extensão da realeza de Salomão ao gênio político de David, mas à proteção divina que se exerceu em favor do filho, em consideração ao pai, cf. v. 22.

g. Alusão ao nome de Salomão que pertence a mesma raiz que *shalôm*, paz, prosperidade. cf. v. 13a

h. Lit. *das regiões*.

- ¹⁸ Em nome do Senhor Deus,
daquele que se chama o Deus de Israel^l,
amontoaste ouro como se fosse estanho,
e como chumbo acumulaste a prata. 1Rs 10,10.
14-25,27
- ¹⁹ Mas entregaste^l teus flancos às mulheres,
e foste subjugado em teu corpo. 1Rs 11,1-8
- ²⁰ Maculaste assim a tua glória
e profanaste tua raça,
a ponto de atrair a cólera sobre teus filhos
e de lhes fazer deplorar tua loucura^k.
- ²¹ E a soberania foi cindida em duas,
de Efraim surgindo um reino rebelde. 1Rs 12
- ²² Mas o Senhor não renunciou à sua misericórdia
e não deixou perecer nenhuma de suas palavras^l.
Ele não fez desaparecerem os descendentes de seu eleito^m
e não suprimiu a posteridade daquele que o tinha amado:
a Jacó deu um resto 2Sm 7,15-16;
Sl 89,34-38
e a David, uma raiz que dele saiu. Is 4,3

Roboão

- ²³ Salomão repousou com seus pais 1Rs 12,1-25
e deixou, depois de si, alguém de sua descendência,
o mais louco do povoⁿ, desprovido de inteligência,
Roboão, que por sua decisão causou a revolta do povo.

Jeroboão

- Jeroboão^o, filho de Nabat, fez pecar Israel
e indicou a Efraim o caminho do pecado. 1Rs 12,
26-33
- ²⁴ Então seus pecados se multiplicaram tanto
que foram desalojados de sua terra. 1Rs 13,
33-34
2Rs 17,
21-23
- ²⁵ Entregaram-se a toda sorte de maldades
até a vinda do castigo.

Elias

48

- ¹ O profeta Elias levantou-se como o fogo
e sua palavra queimava como tocha.
- ² Fez vir sobre eles a penúria^p
e por seu zelo os reduziu a pequeno número. 1Rs 17,1;
Tg 5,17
1Rs 19,
10,14
- ³ Pela palavra do Senhor fechou o céu
e de lá, por três vezes, fez cair o fogo. 1Rs 18,38;
2Rs 1,10-12
- ⁴ Que glória adquiriste, Elias, por teus prodígios^q!
Quem poderia orgulhar-se de parecer contigo?

l. Hebr.: *Foste chamado com o nome venerando que se invoca sobre Israel*. Alusão provável ao primeiro nome de Salomão, *ledidiá*, amado do Senhor, cf. 2Sm 12,25.

j. Lit. *estendeste*.

k. Texto impreciso em gr.; *lhes ou te*. Hebr. diz: *e a aflição sobre teu leito*, isto é, sobre tua posteridade.

l. *Palavras*, com o hebr. Gr. diz: *obras*.

m. Hebr.: *seus eleitos*.

n. Hebr.: *largo em loucura*. O adjetivo *rhb*, largo, e o substan-

tivo *'am*, povo, parecem formar um trocadilho com o nome de Roboão, em hebr. *rhb'm*.

o. Em hebr. o nome de Jeroboão, o mais aviltado de todos, é precedido de: *até que surja* — *que nenhuma lembrança dele se conserve*.

p. Hebr.: *quebrou para eles o bastão de pão*. O grego transpôs esta imagem, incompreensível fora de seu ambiente de origem.

q. Hebr.: *Como eras temível, Elias!*

- IRs 17,
17-24
- IRs 21,17-24
2Rs 1,16-17
- 2Rs 2,11
- 5 Tu, que fizeste levantar-se um defunto da morte e da morada dos mortos, pela palavra do Altíssimo*;
6 tu, que precipitaste reis na ruína e homens ilustres, abaixo de seus leitos*;
7 tu, que ouviste censuras no Sinai^t e no Horeb, sentenças de castigo;
8 tu, que ungiste reis^u para exercer a desforra e profetas, para serem teus sucessores*;
9 tu, que foste arrebatado num turbilhão de fogo sobre um carro com cavalos também de fogo*;
10 tu, que foste designado, nas censuras para os tempos a vir*,
reconduzir o coração do pai para o filho^v e restabelecer as tribos de Jacó*^w!
11 Felizes os que te viram e os que adormeceram no amor, porque nós, também, com certeza, viveremos*.

Eliseu

- 2Rs 2,9-15
- 2Rs 3,
13-14;
6,12-23
- 2Rs 17,23;
Dn 28,63-64
- 12 Apenas Elias foi envolvido no turbilhão, Eliseu ficou repleto do seu espírito. Durante seus dias, não foi intimidado por chefe algum e ninguém conseguiu impor-se a ele.
13 Nada era difícil demais para ele, e até no sono da morte seu corpo profetizou^y.
14 Durante sua vida realizou prodígios, e mesmo após a morte suas obras foram maravilhosas.
15 Apesar de tudo isto, o povo não se converteu e não se afastaram de seus pecados, até que fossem deportados de sua terra e dispersados por toda a terra.

r. Hebr.: *segundo a vontade do Senhor*.

s. Hebr.: *cetno*, isto é, a realeza. Erro do gr.: em lugar de *mutteh*, *cetno*, leu *mittah*, *leito*.

t. IRs 19,9-18. Dizendo que sete mil homens lhe permaneceram fiéis, Deus contradiz Elias que pensava estar sozinho, e implicitamente lhe censura o ter-se desencorajado.

u. Hebr.: lit. *ml'*, executor, em lugar de *mlk*, rei (gr., sir.).

v. Hebr.: *(fazer) o revezamento em teu lugar*, cf. 44,17b. Por ordem de Deus (IRs 19,15-16), Elias ungiu Hazael como rei de Damasco; Iehu, como rei de Samaria e Eliseu, como profeta.

w. O gr. elimina as palavras *para o alto* (9a) *ao céu* (9b: vocábulo incompleto e incerto em hebr.), que determinam em hebr. e sir. para onde Elias foi arrebatado. Este abrandamento é semelhante ao da Septuaginta a propósito de Henoc (Gn 5,24) e de Elias (2Rs 2,11). Seu objetivo é não chocar a mentalidade do mundo helenístico.

x. Hebr.: *(tu) de quem está escrito (que foste) estabelecido para os tempos*. Ziegler corrige o gr. conforme o hebr. Seguimos, porém, os mss. gr. Os "tempos" são provavelmente os tempos messiânicos; e as "censuras" concernindo a esse futuro, ameaças. Cf. nota seguinte.

y. A fórmula é tirada de Mt 3,24. Ela será retomada em Lc 1,17 para indicar que João Batista cumpre a profecia do retorno de Elias.

z. Linha proveniente de Is 49,6. Todo este v. de Ben Sirac atesta a tradição judaica que aguardava, para os tempos messiânicos, a volta de Elias, arrebatado para junto de Deus.

a. O texto gr. exprime uma clara esperança de sobrevivência: cf. 7,17, alusão a castigos após a morte. O hebr. está muito mutilado. O sir. diz: *Bem-aventurado quem te viu e morreu; em verdade não morreu, mas viverá* (ou: *viveremos*) *com certeza*. Parece haver aqui uma alusão a Eliseu, que viu Elias partir (2Rs 2,10ss; Mt 17,10; Mc 9,11). Em gr., é difícil saber se se trata dos que viram Elias ou dos que verão o seu retorno, pois o verbo é um participio sem valor temporal.

b. Hebr.: *Por baixo dele sua carne foi criada*. Se a expressão *debaixo dele* designa a sepultura (cf. 49,10b), o gr. talvez aluda à ressurreição de um morto cujo cadáver foi lançado no túmulo de Eliseu (2Rs 13,20-21), sobretudo se se leva em conta o paralelismo entre o v. 13 e o v. 14. Entretanto, pode-se também pensar na ressurreição do menino sobre o qual Eliseu se deitou (2Rs 4,33-37) e traduzir o gr.: *mesmo deitando-se, seu corpo profetizou*.

Restou apenas um povo numeroso^c
e um governante da casa de Davi.

- ¹⁶ Alguns dentre eles fizeram o que agrada a Deus,
mas outros multiplicaram seus pecados.

Ezequias e Isaías

- ¹⁷ Ezequias fortificou sua cidade
e canalizou água para seu interior.
Com o ferro cavou o rochedo
e construiu reservatórios para as águas. 2Cr 32,5
2Rs 20,20;
2Cr 32,30
- ¹⁸ No seu reinado subiu Senaquerib
e enviou Rabsaces; este partiu^d
e levantou a mão contra Sião,
com muita arrogância em seu orgulho. 2Rs 18,13-
19,36;
Is 36-37
- ¹⁹ Então seus^e corações e suas mãos tremeram,
sentindo dores como as mulheres no parto.
- ²⁰ E invocaram o Senhor, o Misericordioso,
estendendo para ele suas mãos,
e do céu o Santo prontamente os ouviu,
libertando-os pelas mãos de Isaías.
- ²¹ Ele feriu o acampamento dos assírios
e seu anjo os exterminou^f.
- ²² Pois Ezequias fez o que agrada ao Senhor,
permanecendo firme^g nos caminhos de David, seu pai,
segundo lhe prescrevera o profeta Isaías,
grande e verídico em suas visões. 2Rs 18,1-7
- ²³ Em seus dias o sol retrocedeu
para prolongar a vida do rei. " 2Rs 20,
4-11;
Is 38,4-8
Is 24-27
- ²⁴ Sob uma poderosa inspiração viu o fim dos tempos
e consolou os aflitos de Sião^h.
- ²⁵ Até a eternidade anunciou o futuro
e as coisas ocultas, antes de elas se realizarem.

Josias

49

- ¹ A memória de Josias é uma mistura aromáticaⁱ,
preparada pelo trabalho do perfumista.
Em todas as bocas é como o mel,
e como música em banquete irrigado a vinho.
- ² Ele seguiu o caminho reto, convertendo o povo^j
e suprimindo os horrores da impiedade^k.
- ³ Dirigiu seu coração para o Senhor,
e em dias ímpios fortificou a piedade.

2Rs 22-23;
2Cr 34-35

c. Hebr.: *Mas restou a Judá um pequenino número*.
d. *E partiu* falta no hebr., e sir., e parece ser uma ditografia de
e levantou.

Alguns mss., gr. acrescentam *de Laquis*. O tradutor gr. consi-
dera nome próprio o título de função de *copeiro* ou *ajuda-de-*
campo, e transcreve Rabsaces, cf. 2Rs 18,17.

e. Trata-se de Ezequias e Jerusalém.

f. Hebr.: *e os destroçou com um flagelo*. O gr. refere-se a Is
37,36.

g. Trocadilho com o nome de Ezequias, "Deus tornou firme".

h. Alusão a Is 40-66 que, para Ben Sirac, é do mesmo autor
que a primeira parte do livro.

i. Cf. Ex 30,34ss. Esta comparação litúrgica dá uma idéia da
estima que Ben Sirac nutre por Josias.

j. Ou: *ele teve êxito na conversão do povo*. Hebr.: *pois ele se*
afligiu com nossas apostasias.

k. Isto é, o culto dos falsos deuses, quando ele promulgou a
reforma baseada no Dt, cf. 2Rs 22-23.

Últimos reis de Judá: Jeremias

- ⁴ Com exceção de David, Ezequias e Josias, todos eles acumularam suas faltas porque abandonaram a Lei do Altíssimo. Os reis de Judá desapareceram¹,
⁵ pois entregaram seu vigor a outros e sua glória a uma nação estrangeira^m.
⁶ Os inimigos puseram fogo à cidade escolhida, a cidade do santuário, e tornaram desertas as suas ruas
⁷ por causa de Jeremiasⁿ; pois o haviam maltratado, a ele, consagrado profeta desde o seio de sua mãe *para desenraizar, destruir e fazer perecer*, mas também *para construir e plantar*^o.

2Rs 25,9;
Jr 52,13

Jr 11,19;
20,1-2;
37,11-16;
38,4-13
Jr 1,5

Ezequiel

- Ez 1 ⁸ Ezequiel teve uma visão da Glória^p que Deus lhe mostrou, sobre o carro dos querubins^q.
⁹ Pois recordou-se dos inimigos na chuva torrencial^r e fez o bem aos que seguem o caminho reto.

Os Pequenos Profetas

- ¹⁰ Quanto aos ossos dos doze profetas, que refloresçam de seus túmulos!
 Pois encorajaram^s Jacó e o libertaram pela fidelidade da esperança.

Zorobabel e Josué

- ¹¹ Como engrandecer Zorobabel, que foi como um sinete na mão direita^t,
¹² e da mesma forma Josué, filho de Josedec?
 Em seus dias, edificaram a Casa^u e levantaram um santuário consagrado ao Senhor, destinado a uma glória eterna!

Evd 3,2-
5,2;
Ag 1-2

Neemias

- ¹³ Também de Neemias é grande a memória, pois reergueu nossas muralhas em ruína, restaurou as portas e ferrolhos e tornou a levantar as nossas casas.

Nc 3-4; 6

l. Hebr.: *até que desapareçam*: trata-se da infidelidade de todos os reis de Judá. Como em 2Cr. mesmo Asa e Josafat não entram no agrado de Ben Sirac.

m. A expressão *entregar seu vigor* não tem o mesmo sentido no hebr. e no gr. Em hebr., é Deus que é o sujeito do v. 5 e o v. diz qual foi o castigo. Segundo o gr., é a causa (pois) a ruína que é expressa: a falta de confiança dos reis em Deus, manifestada pelas alianças com nações estrangeiras.

n. Ou: *segundo a profecia de*; lit. *pela mão de*.

o. Esta citação de Jr 1,10, feita segundo a versão gr. da Septuaginta, atesta a existência dessa versão na época em que se traduziu o livro de Ben Sirac.

p. Gr. acrescenta ao hebr. um esclarecimento: *de glória*, isto é, "da Glória" divina (cf. Sr 17,13), ou "gloriosa" "mag-

nífica" (outros empregos do genitivo *de glória* no texto gr. de Ben Sirac).

q. Hebr.: *e revelou-lhe os aspectos do carro*, cf. Ez 1 e 10. r. Hebr., sir.: *e evocou também Jó, que praticou todas as veredas da justiça*, cf. Ez 14,14,20. O tradutor vocalizou mal o nome de Jó, lendo *oyeb*, inimigo; e pensou talvez na chuva diluviana de Ez 38,22, que é um dos instrumentos da cólera divina contra Gog.

s. Lit. *lugar*, cf. 46,12. Ben Sirac manifesta a existência, em sua época, da coleção dos doze profetas da Bíblia hebraica.

t. Hebr.: *curaram*.

u. Referência explícita a Ag 2,23. O sinete é o símbolo da autoridade (Gn 41,42).

v. Isto é, o Templo.

Henoc

- ¹⁴ Ninguém sobre a terra foi criado semelhante a Henoc^w, pois ele, da terra, foi arrebatado.

Gn 5,24;
Hb 11,5

José

- ¹⁵ Não houve também^x homem algum como José, guia de seus irmãos e sustentáculo de seu povo: mesmo seus ossos foram tratados com respeito^y.

Gn 42-47:
50,18-21

Os primeiros ancestrais

- ¹⁶ Sem e Set^z foram gloriosos entre os homens. Mas, acima de qualquer ser vivente criado, está Adão.

Gn 6,10;
9,18-27;
10,21-22;
4,25-26;
5,6-8;
Jo 15,7

O sumo sacerdote Simão^a

50

- ¹ Foi Simão, filho de Onias^b, sumo sacerdote, quem durante sua vida restaurou a Casa^c e em seus dias consolidou o santuário.
² Por ele foram assentadas as fundações da altura dupla^d, o embasamento elevado do recinto do Templo.
³ Em seus dias foi cavado^e o reservatório das águas, um tanque cujo perímetro^f era como o do Mar.
⁴ Preocupado em preservar seu povo da ruína, fortificou a cidade para o caso de cerco.
⁵ Com que glória brilhava ao fazer a volta ao santuário^g, quando saía de detrás do véu^h!
⁶ Como a estrela da manhã no meio da nuvemⁱ, como a lua nos dias em que ela está cheia^j,
⁷ como o sol resplandecendo sobre o santuário do Altíssimo^k, como o arco-íris brilhando entre nuvens de glória,
⁸ como a flor das roseiras nos dias da primavera^l, como os lírios perto das fontes^m de água,

w. Henoc já foi citado em 44,16. Cf. nota.

x. A maioria dos mss. gr. tem: *não nasceu*.

y. Lit. *visitados*, isto é, alvo de atenções: foram embalsamados (Gn 50,26), retirados do Egito (Gn 50,25) por Moisés (Ex 13,19) e inumados em Siquém (Js 24,32).

z. Hebr.: *Sem, Set e Enós foram visitados/ mas acima de todo ser vivo (está) a glória de Adão. Visitados*, talvez como em 15c e como o compreendeu o gr.: *glorificados, alvo de atenção (?)*. — Sir.: *Set, Sem e Enós foram criados pelo homem (ou: entre os homens), mas acima de tudo isso (estão) as glórias de Adão*. Não se vê bem em que se funda para Ben Sirac a glória suprema de Adão. Talvez no fato de que, tendo sido criado por primeiro, ele é exclusivamente obra de Deus (cf. Lc 3,38). Em todo caso, é como ancestral de Israel que ele figura aqui.

a. Trata-se provavelmente de Simão II, filho de Onias II e pai de Onias III, que foi o último sumo sacerdote da linhagem sadoquita (Josefo, *Antiguidades* XII,4,10). Simão faleceu por volta de 195. A admiração que lhe devota Ben Sirac faz supor que este o tenha visto oficiando no Templo.

b. Hebr.: *Yohanan*. O que corresponde no gr. a 49,15b é colocado pelo hebr. antes de 50,1 e se aplica a Simão: *o maior entre seus irmãos e a glória do seu povo, Simão*.

c. O Templo havia sofrido com a campanha egípcia que fracassou diante dos sírios em Pânion (198). Foi restaurado por

ordem de Antíoco III.

d. Hebr.: *Durante seus dias foi construído o muro/ os ângulos de habitação (ou: de refúgio) no palácio (ou: santuário) do rei*. O hebr. muda a ordem dos vv. 2 e 3. Ignora-se o que significa a *altura dupla*. Ziegler corrige *diplês*, "dupla" para *aulês*, "do pátio, átrio, palácio".

e. *Cavado*, gr. corrigido segundo o hebr.

f. Hebr.: *abundância*. Em hebr. poderia tratar-se do mar em sentido comum; em gr. só se pode tratar do grande tanque, chamado mar de bronze, situado no Templo (1Rs 7,23-26).

g. A maioria dos mss. gr. diz: *cercado de seu povo*. Hebr.: *quando olhava desde a Tenda*.

h. Lit. *da casa do véu*, que designa o lugar mais santo do Templo, Ex 26,31-37. O sumo sacerdote ali entrava apenas na festa do Grande Perdão, Lv 16.

i. Hebr. e numerosos mss. gr.: *das nuvens*.

j. Seguimos a maioria dos mss. gr. Ziegler corrige conforme o hebr.: *como a lua cheia nos dias da festa*. A Páscoa é celebrada na lua cheia de nisan, Ex 12,6; Lv 23,5; Ez 45,21, e a festa das Tendias é ligada à lua cheia do outono por Lv 23,34.

k. Hebr.: *sobre o palácio (ou: santuário) do rei*.

l. Hebr.: *como a flor sobre os ramos nos dias da festa*, isto é, na primavera.

m. Hebr.: *curios*.

- como a vegetação do Líbano em dias de verão,
 9 como o incenso que queima sobre o incensórioⁿ,
 como um vaso de ouro maciço
 ornado de toda espécie de pedras preciosas,
 10 como a oliveira que produz seus frutos,
 como o cipreste que se eleva até as nuvens^o,
 11 quando ele revestia seu manto de glória
 e endossava toda a sua soberba paramentação,
 quando subia ao santo^p altar,
 ele enchia de glória o recinto do santuário.
 12 Quando recebia as porções das mãos dos sacerdotes,
 ele mesmo de pé, junto ao braseiro do altar,
 seus irmãos ao redor formavam uma coroa
 como mudas de cedro sobre o Líbano,
 e o circundavam como troncos de palmeiras^q.
 13 Todos os filhos de Aarão em sua glória,
 com a oferenda do Senhor em suas mãos,
 mantinham-se diante da assembléia de Israel.
 14 E ele, completando as funções litúrgicas no altar,
 preparava a oferenda do Altíssimo, Todo-Poderoso:
 15 estendia a mão sobre a taça
 e fazia a libação do sangue da uva,
 derramando-o sobre as bases do altar,
 como perfume apacador para o Altíssimo, Rei do universo^r.
 16 Então, os filhos de Aarão soltavam gritos,
 faziam soar suas trombetas de metal batido
 e produziam imenso clamor,
 como memorial diante do Altíssimo.
 17 E todo o povo, em conjunto, de repente,
 caía com a face por terra
 para adorar seu Senhor,
 o Todo-Poderoso, o Deus Altíssimo^s.
 18 Os cantores o louvavam com suas vozes,
 ao clamor imenso incorporando sua doce melodia.
 19 E o povo suplicava ao Senhor Altíssimo,
 em oração diante do Misericordioso,
 até que se completasse a solenidade do Senhor
 e se concluísse a sua liturgia^t.
 20 Então ele descia do altar e elevava as mãos^u
 sobre toda a assembléia dos filhos de Israel,
 para dar com seus lábios a bênção do Senhor
 e ter a honra de pronunciar o seu Nome^v.

n. Hebr.: *sobre a oferenda*.

o. Hebr.: *a árvore de óleo que intumescce os ramos* (de seiva).

p. Hebr.: *majestoso*.

q. Hebr.: *salgueiros de torrente*.

r. As libações análogas descritas pelo ritual do Lv são libações de sangue, Lv 1: 3; 4: 7; 8: 9. Uma libação de vinho acompanhava o holocausto perpétuo (Ex 29,40; Nm 28,7), o holocausto e a oferenda do primeiro feixe de trigo (Lv 23,13), assim como diversas oferendas (Nm 15,1-12). Este v., autenticado pelo sir., está ausente no hebr.

s. Hebr.: *para adorar o Altíssimo, o Santo de Israel*. O gr. é mais universalista que o hebr.

t. Hebr.: *e que ele lhe tivesse trazido suas (oferendas) devidas*. Pode-se entender o *lhe* como referente a Deus ou ao altar.

u. Conforme Lv 9,22, o sumo sacerdote abençoava o povo antes de descer do altar. Nm 6,23-27 dá a fórmula-tipo desta bênção.

v. Nessa época, a festa do Grande Perdão era a única circunstância em que o sumo sacerdote estava autorizado a pronunciar o nome próprio de Deus (*Mishná, Yoma*, III, 8; VI, 2).

- ²¹ E pela segunda vez todos se prosternavam para receber a bênção da parte do Altíssimo.

Exortação

- ²² Agora, bendizeis o Deus do universo*, que por toda parte realiza grandes coisas: ele exaltou nossos dias* desde o seio materno e age conosco segundo a sua misericórdia.
- ²³ Que ele nos conceda a alegria⁷ do coração e faça com que em nossos dias⁷ venha a paz a Israel, para os⁸ dias da eternidade.
- ²⁴ Que sua misericórdia permaneça fielmente conosco⁸ e que, ainda em nossos dias, nos liberte⁸.

Nações detestadas

- ²⁵ Há duas nações que minha alma detesta, e a terceira nem é nação:
- ²⁶ os que se estabeleceram na montanha de Seir^d, os filisteus, e o povo tolo que habita em Siquém.

Conclusão

- ²⁷ Uma instrução de inteligência e de saber foi gravada neste livro por Jesus, filho de Sirac, filho de Eleazar, de Jerusalém^e, que derramou como chuva a sabedoria do seu coração.
- ²⁸ Feliz aquele que se voltar incessantemente a estes ensinamentos: quem os fixar em seu coração há de tornar-se sábio.
- ²⁹ Porquanto, se os puser em prática, será forte em todas as coisas, porque o temor do Senhor é a sua vereda^f.

APÊNDICE*

Oração de Jesus, filho de Sirac^h

51 ¹ Quero render-te graças, ó Senhor, ó Reiⁱ.

w. Hebr.: *o Senhor, Deus de Israel*, cf. v. 17, nota.

x. Hebr.: *o homem*.

y. Hebr.: *a sabedoria*.

z. Hebr.: *entre vós*.

a. Ou: *como nos*, com referência possível ao futuro ou ao passado. Este estíquo não existe em hebr.

b. Hebr.: *com Simão*.

c. Hebr.: *e que mantenha para ele a aliança de Finéas/ que não será rompida nem com ele nem com a sua descendência como os dias dos céus*. O hebr. deste v. dá a impressão de ter sido redigido ainda em vida de Simão. Não tinha mais razão de ser na época do tradutor, pois a linhagem sacerdotal sadoquita fora interrompida com a morte de Onias III. Entretanto, 50.1-5 fala de Simão no passado.

d. Hebr., lat.: *Seir*; gr. *Samaria*. Trata-se com certeza de Seir e dos edomitas, não dos samaritanos, pois estes constituem o "povo insensato" de Siquém.

e. Hebr.: *Simeão, filho de Jesus, filho de Eleazar, filho de Sirac*. O sir. apóia o gr. Cf. Introd.

f. Lit. *sua pista, seu vestígio*. Alguns mss. acrescentam: *e aos*

homens piedosos ele dá a sabedoria. Bendito seja o Senhor para sempre. Amém. Amém. O hebr. é bastante breve: *pois o temor do Senhor é a vida*.

g. O cap. 51 constitui um apêndice ao livro de Ben Sirac propriamente dito, embora seja atestado na língua original e em todas as versões. Trata-se de dois salmos; o primeiro, uma ação de graças (vv. 1-12); e o segundo, que descreve a busca da sabedoria pelo autor (vv. 13-30). Sua autenticidade é discutida. Se a questão continua pendente para o primeiro, ela parece resolvida negativamente quanto ao segundo, depois da descoberta de uma parte desse salmo em Qumran. Todavia pode-se continuar a inquirir se não foi o próprio Ben Sirac quem inseriu, no final do seu livro, dois textos que não eram seus. De qualquer maneira, é o texto gr. que é canônico para católicos e ortodoxos, e esse texto inclui os dois salmos.

h. Este título figura nos mss. gr. Ele introduz um cântico de ação de graças (vv. 1-12) a Deus, que livrou o autor dos perigos causados pela perseguição e a calúnia: cf. SI 18; 2Sm 22. Estilo e vocabulário são muito próximos dos salmos.

i. Deus é rei: cf. SI 47.7-8; 93.1; 96.10; 97.1; 99.1. Às vezes

e louvar-te, ó Deus, meu Salvador¹.

Rendo graças ao teu nome,

Ex 15,2

² pois foste para mim um protetor e socorro^h,
e livraste meu corpo da perdiçãoⁱ,

do laço da língua caluniadora^m,
dos lábios que fabricam a mentira.

Na presença de meus adversários,

³ tu foste um socorro e me livraste,
segundo a grandeza da tua misericórdia^a e do teu nome^o.

Das moradias^p dos que estavam prestes a devorar-me,
da mão dos que queriam acabar com a minha vida
e das múltiplas provas que suportei, me libertaste:

⁴ da fogueira sufocante que me cercava
e do meio de um fogo que eu não tinha acendido^q;

⁵ das entranhas profundas do Hades,
da língua impura e da palavra mentirosa^r,

⁶ e dos dardos^s de uma língua iníqua.

Minha alma esteve próxima da morte
e minha vida tocava o fundo do Hades.

Nm 16,33

⁷ Eles cercavam-me^t de todos os lados e não havia quem me socorresse^u!
Eu contava com o apoio dos homens e nada havia.

Sl 25,6

⁸ Lembrei-me^v, então, de tua misericórdia, Senhor,
e de tua beneficência, desde sempre:
que tu libertes os que com paciência te esperam^w,
e que os salvas das mãos dos malvados.

⁹ E fiz subir da terra minha súplica,
implorando-te para ser preservado da morte^x.

¹⁰ Invoquei o Senhor, pai de meu senhor,
para que não me abandone nos dias de aflição,
no tempo dos orgulhosos, quando me encontro sem socorro.

Deus é invocado sob esse nome como aqui: Sl 5,3; 44,5; 68,25; 74,12; 84,4. Hebr.: *meu Deus, minha salvação* ou *Deus de minha salvação*; cf. Sl 18,47; 51,16; 88,2.

j. Hebr.: *Deus de meu pai*, Ex 15,2.

k. O hebr. difere profundamente do gr.: *refúgio da minha vida* / pois tu livraste minha alma da morte / preservaste minha carne da coval e do domínio da morada dos mortos desembraxaste meu pé: / tu me arrancaste à calúnia do povo / ao flagelo da calúnia da língua e ao lábio daqueles que se transviam na mentira.

l. O perigo incorrido é mortal no sentido estrito da palavra, da mesma forma que nos vv. 5,6,7. Não é simplesmente uma imagem.

m. Mentira e calúnia são flagelos dos quais o justo pede para ser salvo: cf. Sl 123,5; 52,3-6; 120,2. Sobre os malefícios da língua, cf. 28,13-26.

n. Como em muitos salmos de ação de graças, a misericórdia de Deus é a fonte da salvação: cf. Sl 51,3; 69,14.

o. E do teu nome falta no hebr.

p. Ziegler corrige *mordidas* (em gr. *brygmôn*) para *laços* (em gr. *brokhôn*) que corresponderia ao hebr. *do laço dos espreitadores do rochedo*. Parece preferível conservar o texto unânime dos mss. gr. e das versões, cuja imagem é coerente. — Os que estão prestes a devorar (Sl 22,14; Jô 19,22) são talvez

caluniadores: cf. Dn 3,8 onde se diz dos educadores que (lit.) *comeram os pedaços dos judeus*.

q. Isto é, quando eu era absolutamente inocente.

r. Hebr.: *dos lábios de astúcia e dos inventores de mentira* (cf. Jô 13,4).

s. Conforme o hebr. O gr. diz: *ao rei, calúnia de uma língua iníqua*.

t. Hebr.: *Eu me voltava para todos os lados, e ninguém para me trazer ajuda*.

u. Cf. Is 59,16; 63,5; Sl 22,12.

v. O gr. dirige-se diretamente a Deus na segunda pessoa, enquanto o hebr. fala dele na terceira pessoa. — Uma das características do fiel do Senhor é lembrar-se da sua misericórdia e de seus benefícios: cf. Ex 13,3; Dt 32,7; Sl 105,5; 77,12; 143,5.

w. Hebr.: *os que nele buscam refúgio*. Cf. Is 57,13.

x. A partir da segunda linha do v. 9, o hebr. difere ainda mais do gr.: ... e das portas da morada dos mortos o meu grito / *proclamei: Senhor, és tu o meu Pai* / pois tu és o herói da minha salvação (= meu poderoso salvador) / Não me abandones no dia da angústia / em dia de ruína e de desolação. O texto gr. do v. 10 caiu sob suspeita de ser uma interpretação cristã. O mesmo problema se verifica com o Sl 110,1 (em gr.); cf. Sl 2,7. — Deus chamado *Pai*: 23,1, cf. nota; Sb 14,3. Deus chamado *herói*, *valente* ou *guerreiro*, cf. Dt 10,17; Sl 24,8.

- ¹¹ E louvarei sem cessar o teu nome,
cantando^y hinos de ação de graças.
Pois minha prece foi atendida:
- ¹² tu me salvaste da perdição
e me livraste deste tempo de desgraça.
Eis por que eu quero render-te graças e louvar-te,
e bendirei o nome do Senhor^z.

Busca apaixonada da Sabedoria^a

- ¹³ Quando ainda jovem, antes de andar errante^b,
procurei^c a sabedoria abertamente em minha oração^d.
- ¹⁴ Diante do Templo eu a pedi,
e até o fim vou procurá-la.
- ¹⁵ Em sua flor, como na uva que amadurece,
ela foi a alegria do meu coração.
Meu pé andou pelo caminho reto,
pois desde a juventude^e segui seus vestígios.
- ¹⁶ Por pouco que eu tenha inclinado o ouvido, acolhi-a
e encontrei para mim abundante instrução.
- ¹⁷ É graças a ela que progredi^f;
a quem me dá a sabedoria, tributarei a glória,
- ¹⁸ pois resolvi pô-la em prática:
zelei pelo bem e jamais me arrependerei.
- ¹⁹ Minha alma, com ela, lutou valentemente
e na prática da Lei procurei ser minucioso.
Levantei minhas mãos para o céu
e deplorei minhas faltas a seu respeito^g.
- ²⁰ A ela dirigi minha alma
e na pureza^h a encontrei.

6,18;
Sb 8,2

y. A partir da segunda linha, difere o hebr.: *Lembrar-me-ei de ti na oração./ Então o Senhor ouviu minha voz/ e deu ouvido à minha súplica*.¹² *Salvou-me de todo mal/ e livrou-me no dia da angústia*.

z. O hebr. intercala aqui uma ladainha de ação de graças, ausente do gr. e do sir., que apresentaremos por último.

a. O Salmo sobre a procura da sabedoria é um acróstico alfabético (cf. Sl 25; 37; 119; Pr 31); esta característica é manifesta no fragmento hebr. encontrado em Qumran e na segunda metade da tradução sir. Este salmo existe em um ms. hebr. do Cairo (ms. B, vv. 13-30) e parcialmente num rolo de salmos encontrados em Qumran na gruta 11 (vv. 13-20). O gr. está bastante próximo do texto de Qumran, enquanto o hebr. do Cairo parece antes uma estrita retradução em hebr. da tradução sir. Esta se afasta bastante do gr. e do hebr. de Qumran. Apesar de seu parentesco, Qumran e gr. divergem tanto na expressão como no conteúdo. A maneira como o salmo se apresenta em Qumran testemunha a sua existência independente. Ignoramos se figurou no original hebr. de Ben Sirac. O texto gr. é uma adaptação do salmo de Qumran. Este, segundo alguns comentadores, de maneira muito realista e cheia de duplos sentidos, descreve o amor e a procura da sabedoria sob a imagem das relações entre uma criança e sua ama, e depois entre um jovem e sua namorada. A

tradução gr. teria suavizado esse aspecto. O texto expõe os esforços do autor para encontrar a sabedoria (13-22), e depois convida a receber dele a instrução (23-30). Numerosas analogias com 6,18-37 e 24,1-34.

b. *Andar errante*: o verbo faz alusão às viagens de Ben Sirac (cf. 34,9-12), mas possui também outra significação, a de errar; o texto hebr. de Qumran possui a mesma ambigüidade.

c. A procura da sabedoria: 6,27; 24,34; 33,18; 39,1.

d. Cf. 1Rs 3,9. A sabedoria é dom de Deus, mas também o fruto de uma busca perseverante, como o demonstra todo o livro.

e. *Desde a (minha) juventude*: 6,18; 7,23.

f. A partir deste v., o gr. e o ms. de Qumran divergem bastante. Em hebr. a imagem da sabedoria nutriz pode apoiar-se em Pr 8,30-31, ao passo que a imagem da amante pode alegar a da sabedoria mãe e esposa, Sr 15,2. A linha de pensamento do gr. fixa-se no progresso, fruto do zelo aplicado e militante, acompanhado pela oração.

g. Lit. *faltas por ignorância*: 23,21 *Th* 3,3; Hb 9,7.

h. Dois sentidos possíveis: *guardando-me puro*, *encontrei-a ou encontrei-a em sua purificação*, isto é, num período lícito de relações sexuais. Teríamos aqui vestígios da metáfora sabedoria-mulher, talvez continuada no v. 21.

24,19;
Mt 11,28

Lc 55,1-2;
Jo 7,37

Lc 55,1;
Pr 4,5,7
6,24-25;
Mt 11,29-30

Dt 30,11-14;
Rm 10,8

6,28;
22,13

Pr 16,16;
Mt 13,
44-46

- Com ela recebi a inteligência¹ desde o começo:
eis por que jamais conhecerei o abandono¹.
- ²¹ Minhas entranhas comoveram-se em sua busca:
de fato, uma boa aquisição consegui¹.
- ²² O Senhor me deu a língua como recompensa,
e com ela vou glorificá-lo¹.
- ²³ Aproximai-vos de mim, vós que não tendes instrução,
e freqüentai a minha escola^m.
- ²⁴ Por que razão ficar mais tempo desprovidos,
enquanto vossas almas se encontram tão sedentas²?
- ²⁵ Abro a boca e proclamo:
adquiri-a para vós sem dinheiro,
- ²⁶ submetei vosso pescoço ao seu jugo
e vossa alma receba a instrução!
Bem perto se pode encontrá-la^o.
- ²⁷ Vede com vossos olhos quão pouco me afadiguei
até encontrar um profundo repouso.
- ²⁸ Participai na instrução mesmo se a preço de muito dinheiro,
pois graças a ela ganhareis ouro em abundância^p.
- ²⁹ Que vossa alma se alegre com a misericórdia do Senhor
e não sintais vergonha em louvá-lo.
- ³⁰ Realizai vossa obra antes do tempo marcado,
e ele, no tempo que é seu, vos dará a recompensa.

Salmo^o acrescentado pelo ms B do Cairo a 51,12

- ^a Louvai o Senhor porque ele é bom, porque eterno é seu amor.
- ^b Louvai o Deus dos louvores, porque eterno é seu amor.
- ^c Louvai o guardião de Israel, porque eterno é seu amor.
- ^d Louvai o Criador do universo, porque eterno é seu amor.
- ^e Louvai o Redentor de Israel, porque eterno é seu amor.
- ^f Louvai o que reúne os dispersos de Israel, porque eterno é seu amor.
- ^g Louvai o que constrói sua cidade e seu santuário, porque eterno é seu amor.
- ^h Louvai o que faz surgir um chifre^r na casa de David, porque eterno é seu amor.

i. Lit. *coração*, a faculdade de compreender.

j. A sabedoria é incapaz de abandonar quem a procure. Novo prolongamento possível da metáfora.

k. A *boa aquisição* ou a *boa propriedade* é a própria sabedoria. O sentido é figurado, como em 28,24.

l. Um dos benefícios da sabedoria é a eloquência, o dom de ensinar e de louvar a Deus.

m. Lit. *Vinde morar estavelmente* (cf. 14,26; 24,7) *na casa da instrução* (ou *do estudo*). Em hebr. *bei midrash*, primeira aparição da expressão que vai tornar-se técnica para designar o lugar onde as pessoas se entregam ao estudo da Lei: cf. 32,14 nota.

n. A sede exprime o desejo da sabedoria: 24,21; Am 8,11; Pirqê Abô 1,4: *Que tua casa seja um lugar de reunião para os sábios... e bebe com avidéz suas palavras*.

o. Hebr. ms. do Cairo: *Ela está próxima dos que a procuram/ e quem a ela aplica sua alma, encontra-a*.

p. Este v. parece contradizer o v. 25. O hebr. corrompido não

presta aqui nenhuma ajuda. A sabedoria que ultrapassa todas as riquezas (7,8-14), segundo o autor, quer dizer que o esforço da busca pode parecer um investimento considerável, mas o resultado ultrapassa todos os lucros descontados.

q. Este salmo não se encontra em versão alguma. Só é atestado no ms. B do Cairo. É provavelmente um texto pré-cristão e seu parentesco com os textos de Qumran faz pensar que ele constitui, em nosso livro, uma adição feita pela seita. Sua estrutura litânica é análoga à do SI 136. É uma ação de graças. Praticamente nenhuma de suas fórmulas é original. Elas têm paralelos múltiplos na Bíblia, mas sobretudo na prece judaica chamada das *Dezoito bênçãos*. Deus é celebrado sob títulos que afirmam sua força, seu poder, ou o apresentam como salvador de seu povo.

r. O chifre é o símbolo da força. A imagem parece ter, como no SI 132,17, alcance messiânico: a descendência que Deus suscitará à casa de Davi será poderosa.

- ⁱ Louvai o que escolheu como sacerdote os filhos de Sadoc^s, porque eterno é seu amor.
- ^j Louvai o escudo de Abraão, porque eterno é seu amor.
- ^k Louvai o rochedo^t de Isaac, porque eterno é seu amor.
- ^l Louvai o poderoso de Jacó, porque eterno é seu amor.
- ^m Louvai o que escolheu Sião, porque eterno é seu amor.
- ⁿ Louvai o Rei dos reis dos reis^u, porque eterno é seu amor.
- ^o Pois ele restaurará o poder^v de seu povo,
motivo de louvor para todos os seus fiéis,
os filhos de Israel, o povo que lhe está próximo.
Aleluia.

Poema sobre o zelo em procurar a sabedoria

(segundo o ms. de Qumran)

- ^{51,13} Quando ainda jovem, antes de andar errante,
eu a procurei.
- ¹⁴ Ela veio a mim na sua beleza (*ou*: abundância)
e até o fim a perseguirei.
- ¹⁵ Assim como vinga a flor quando as uvas amadurecem para a alegria do
coração,
meu pé andou (*ou*: calcou-a) na planície,
pois desde a juventude a conheci.
- ¹⁶ Inclinei um pouco meu ouvido
para encontrar em abundância lições agradáveis.
- ¹⁷ Ela tornou-se para mim uma nutriz (*ou*: um motivo)
e a quem me ensinou quero dar o louvor que ela merece.
Eu me propus divertir-me,
- ¹⁸ pois fui diligente no prazer (*ou*: no bem)
e sem descanso.
- ¹⁹ Aticei meu desejo por ela,
sem desviar meu rosto.
- ²⁰ Excitei meu desejo (*ou*: suportei o mal) por ela
e sobre suas alturas não tenho sido indolente.
Estendi (*ou*: abri) minha mão...
Considerarei sua nudez (*ou*: seus segredos), purifiquei minhas palmas
(*ou*: guardei-me puro)...

s. A menção aos sacerdotes, filhos de Sadoc, não supõe forçosamente a existência do pontificado sadoquita, isto é, uma data anterior à perda do soberano pontificado por Onias III (170 a.C.).
t. *Rochedo*, título de Deus freqüente nos salmos.

u. Tripla repetição equivalente a um duplo superlativo, que

exalta a majestade de Deus; freqüente no Talmud e no ritual judaico. Nabucodonosor é chamado de rei dos reis, Ez 26,7; Deus é chamado Senhor dos senhores, Dt 10,17; Sl 136,3; e Antíoco Epífanes, príncipe dos príncipes Dn 8,25.

v. Lit. *chifre*.

BARUC

INTRODUÇÃO

O livro de Baruc chegou até nós graças à versão grega da Septuaginta, onde se encontra entre Jeremias e as Lamentações. São Jerônimo absteve-se de traduzi-lo para o latim porque, a seu ver, "os hebreus nem liam, nem possuíam" este livro; por isso, o que foi inserido na Vulgata é a tradução latina da Vetus Latina. Na Vulgata, Baruc se situa geralmente entre as Lamentações e Ezequiel — juntamente com a Carta de Jeremias que, na Vulgata, vem logo em seguida e constitui o seu capítulo sexto.

Pseudonímia. "Você já leu Baruc? Era um gênio notável!" (La Fontaine, segundo Louis Racine).

Foi na Vulgata que La Fontaine leu Baruc, por ocasião de um ofício de trevas ao qual Jean Racine o havia levado. Não podendo deixar de admirá-lo, La Fontaine perguntou ao amigo: "Notável gênio este Baruc: quem era ele?" Eis uma pergunta à qual é bem difícil responder. De fato, à primeira leitura, a obra se apresenta como tendo sido redigida por Baruc, "secretário" de Jeremias, durante o exílio na Babilônia, para proveito da comunidade que ficara em Jerusalém. Mas as numerosas discrepâncias entre as informações dos escritos contemporâneos relativos à tomada de Jerusalém e ao Exílio e os dados de Baruc tornam impossível a atribuição desta obra ao "secretário" de Jeremias (cf. notas em Br 1,1.2.8.10.12 e 14). O livro inclui-se, portanto, na literatura pseudonímica; a pseudonímia implica um autor diferente, bem como outra situação e outros destinatários que os enunciados no texto. Daí decorre a principal dificuldade para ler Baruc. Ele segue o modelo das narrativas referentes à tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 587 e aos anos de exílio, sem deixar de introduzir certo número de alterações, cuja função é adaptar o modelo à situação histórica do seu tempo. Tais diferenças são os sinais característicos do processo de atualização. Para situar Baruc no espaço e no tempo, e para compreender sua função, mister é tentar descobrir, por trás do que diz o texto, o que ele, na realidade, designa.

As quatro partes do livro. Mas a leitura esbarra ainda com outra dificuldade: o caráter compósito da obra. De fato, ela é constituída de quatro partes heterogêneas, que não podem ser nem do mesmo autor, nem da mesma época: uma introdução histórica, uma oração penitencial, uma meditação sobre a Sabedoria, e finalmente uma exortação a Jerusalém. Esses trechos diferem tanto pela língua original que supõem, como pelo gênero literário e a doutrina: daí provêm os problemas da unidade da coletânea em sua composição atual e o da sua função global.

a) A introdução histórica (1,1-14). Descreve-nos as circunstâncias em que o livro de Baruc teria sido composto, e com que finalidade. Teria esta introdução sido redigida diretamente em grego, por um escritor familiarizado com a Septuaginta, ou remontaria a um original semítico? Ambas as hipóteses foram defendidas, mas a segunda parece mais verossímil. De modo geral, esta parte serve de prefácio às orações que seguem; mais particularmente, é uma introdução à oração penitencial, cuja ocasião e cujo quadro litúrgico define.

b) A oração penitencial (1,15-3,8). Duas partes se podem distinguir (1,15 nota): de início, uma confissão (1,15-2,10), a seguir uma súplica (2,11-3,8). O texto grego desta oração, mosaico de citações bíblicas, é, com toda a verossimilhança, tradução de uma prece inicialmente redigida em hebraico. Ela pertence a um gênero literário bem definido, o da confissão nacional; testemunhas características disso são: Esd 9,6.15; Ne 9; Sl 106 e Dn 9,4-19; tal gênero literário aparece igualmente em Qumran (cf. particularmente a coletânea litúrgica intitulada "As palavras das luminárias" da gruta IV).

O início da oração (1,15-2,19) depende da de Daniel, inserindo-lhe, porém, algumas modificações. Em especial, Baruc omite as passagens de Daniel relativas a Jerusalém e ao santuário desolado (Dn 9,16.17b.18b.19); mas Baruc acrescenta desenvolvimentos sobre a situação do povo no Exílio (Br 2,3-5.13.14b). Essas modificações sugerem que a oração penitencial de Baruc provém

de uma comunidade judaica da diáspora, para a qual a situação do Templo já não se apresentava de modo tão dramático quanto a evocada por Daniel. Do ponto de vista cronológico, várias hipóteses foram apresentadas para explicar este parentesco estreito entre as confissões nacionais de Daniel e as de Baruc; caso se conclua por um empréstimo tomado diretamente de Daniel por Baruc, a oração conservada no segundo é posterior ao primeiro; mas não é impossível tampouco que essas duas confissões sejam translados de uma oração mais antiga (a respeito de um arcaísmo doutrinal, cf. 2,17, nota) que teriam sido inseridos posteriormente e de forma independente nos dois livros.

Função litúrgica, data e ambiente de origem das duas primeiras partes de Baruc: o jejum e as lamentações, os sacrifícios oferecidos no santuário, a confissão nacional, tudo isso indica que o quadro litúrgico das duas primeiras partes de Baruc é o de uma liturgia penitencial celebrada com vistas a reconciliar o povo com seu Deus, depois de alguma catástrofe nacional. Vários períodos particularmente conturbados podem ser levados em consideração: 169 e os anos subseqüentes, sob Antíoco Epifanes, a tomada de Jerusalém por Pompeu em 63 a.C.; finalmente a efetuada por Tito em 70 d.C. Mas o saque do Templo por Antíoco IV em 169 e a restauração do culto por Judas Macabeu em 164, portanto, cinco anos mais tarde (cf. 1,2.8) são o que parece explicar melhor as discrepâncias significativas da tipologia usada neste escrito. A intercessão em prol de Nabucodonosor e do seu filho Baltasar (1,11) nos faria remontar a Antíoco IV e a seu filho, o futuro Antíoco Eupátor. Quanto ao ambiente de origem dessas duas primeiras partes, não há dúvida de que seja uma comunidade judaica da diáspora, talvez de Antioquia, profundamente apegada às tradições religiosas da Judéia — ao contrário dos partidários da helenização integral, como o sumo sacerdote Menelau (cf. 2Mc 4,23ss.) —, mas politicamente hostil a uma resistência armada contra os selêucidas (1,11-12; 2,21.24).

c) A meditação sobre a Sabedoria (3,9-4,4). À oração penitencial segue-se uma meditação sobre a Sabedoria (3,9 nota). O texto retoma a interrogação sobre a causa das desgraças do povo no Exílio, mas a resposta é formulada nos termos característicos dos escritos sapienciais.

A meditação sobre a Sabedoria se situa numa virada da história das doutrinas sapienciais judaicas. A idéia de uma Sabedoria dispensada universalmente (Pr 8,17.31), definida como temor de Deus (Pr 1,7; 9,10; 15,33; Sl 111,10; Jo 28,28), é precisada: ora é identificada com a Lei, cujo depositário único é o povo eleito (Sr 24,8-12; Br 4,1); ora é apresentada como participante da obra criadora de Deus (Pr 8,22-31; Sr 24,9; e talvez Br 3,32-35, cf. nota ao v. 32), depois, habitando entre os homens. Esta segunda concepção prenuncia os ulteriores desenvolvimentos teológicos que identificarão a Sabedoria com o Messias (1Cor 1,24; 2,6-9; Jo 1,14). Em Baruc, há a convergência dessas duas correntes (compare-se Br 4,1 com 3,38). Sem dúvida a identificação da Sabedoria com a Lei é ressaltada com mais clareza no texto grego; nele, contudo, está igualmente presente a corrente messiânica, como se evidencia particularmente na tradução latina de Br 3,38; de fato, para a Vetus Latina, depois de Deus ter transmitido a Sabedoria a Jacó, “ele foi visto na terra e se entreteve com os homens”: esta ligeira inflexão basta para fazer derivar o conjunto do desenvolvimento da corrente que identifica a Sabedoria com a Lei para a corrente que identifica a Sabedoria com o Messias (cf. entretanto a nota do v. 38). Assim foi que os Padres da Igreja interpretaram este versículo como referente à encarnação de Cristo. É bem possível que Paulo se tenha utilizado desta seção de Baruc nos dois primeiros capítulos da sua primeira epístola aos Coríntios.

Por causa das afinidades doutrinárias que esta meditação sobre a Sabedoria apresenta com o Sirácida, é cabível datá-la do século II a.C.; mas é difícil defini-lo com maior precisão. Também aqui as opiniões acerca da língua em que este trecho foi composto se dividem. Todavia, parece mais verossímil um original grego. A questão do seu relacionamento com as demais partes do livro está longe de ter recebido uma resposta satisfatória: houve quem propusesse reconhecer nele uma homilia pronunciada por ocasião de um dia de penitência.

d) Exortação e consolação de Jerusalém (4,5-5,9). A última parte do livro pertence a outro gênero literário (cf. 4,5 nota); trata-se de um poema de estímulo e reconforto, cujo estilo é muito parecido com o do Segundo Isaías. O problema da língua original, semítica ou grega, é tão controvertido para esta parte quanto para a prece-

dente. O undécimo salmo de Salomão, redigido pouco depois da tomada de Jerusalém por Pompeu em 63 a.C., é muito parecido com esta seção de Baruc; a comparação dos dois escritos permite concluir pela anterioridade de Br 4-5. Ao contrário da introdução histórica e da oração penitencial que se situam no início do Exílio e preconizam uma política de conciliação com as nações, aqui o texto lhes é francamente hostil e supõe a iminência da volta dos dispersados. Pertence, por conseguinte, a uma época e um ambiente sensivelmente diferentes dos das duas primeiras partes. Anterior a 63, pode ser datado da segunda metade do século II, e atribuído a uma comunidade da diáspora que se tinha apartado dos selúcidas, estimulada a isso pelas conquistas políticas e militares dos hasmoneus. Finalmente, parece que esta exortação a Jerusalém se insere sem dificuldade nos moldes da liturgia penitencial (cf. Br 4,20 nota): é a resposta de Deus, sob forma de oráculo, à súplica nacional.

O livro em seu conjunto. Baruc é um escrito da diáspora judaica, que convida os hierosolimitanos a celebrar uma liturgia penitencial. As duas primeiras partes, mais antigas, devem ser contemporâneas ou pouco posteriores aos acontecimentos de 164 e parecem provir de uma comunidade da dispersão, politicamente situada a meia distância entre os partidários de Menelau e os partidários dos macabeus. A quarta parte, acrescentada posteriormente, provém, sem dúvida, de um ambiente conquistado à causa da independência judaica.

Quanto à elucubração sobre a Sabedoria, é difícil definir sua proveniência: por razões de estilo, atinentes em particular à unidade de locutor, inclinar-nos-íamos de preferência a ligá-la à exortação a Jerusalém. Com toda a verossimilhança, o livro recebeu a forma definitiva no decorrer da segunda metade do século II.

Em sua forma atual, o texto começa com uma constatação de ruptura entre Deus e seu povo e termina com sua reconciliação. Esta passagem da ruptura à reconciliação opera-se mediante uma reflexão sobre o pecado, depois sobre a Sabedoria identificada com a Lei: tal é o desenvolvimento de conjunto. Mas a sua unidade reside, outrossim, em sua função litúrgica: Baruc pode ser tido como o texto de um dia de jejum penitencial. É provável que depois do século II se lhe tenha feito uma leitura reatualizante, mormente no dia de jejum comemorativo da destruição do templo em 70: a coincidência salientada pela tradição judaica, particularmente por Flávio Josefo e a Mishná, da data das destruições em 587 e 70, no quinto mês; a menção, nas fontes rabínicas, a jejuns penitenciais celebrados depois de 70, seguindo o modelo daqueles a que alude Zc 7,3 e 8,19; finalmente o testemunho das Constituições Apostólicas (V, 20,3), segundo as quais os judeus liam Baruc no aniversário da destruição de Jerusalém, são outros tantos indícios em favor desta hipótese. Em nossos dias, a liturgia da Igreja católica recomenda ler algumas passagens de Baruc; em particular Br 3,9-15; 3,32-4,4 fazem parte das leituras possíveis da vigília pascal.

INTRODUÇÃO

1 ^aEis o conteúdo^a do livro que Baruc^b, filho de Nérias, filho de Maasias, filho de Sedecias, filho de Hasadías, filho de Helcias, escreveu em Babilônia^c, ²no quinto ano, no sétimo^d dia do mês, na época em que os caldeus haviam tomado Jerusalém e a tinham devastado pelo fogo^e.

³Baruc fez a leitura do conteúdo deste livro na presença^f de Jeconias^g, filho de Joaquim, rei de Judá, e de todo o povo que viera para escutar o livro, ⁴na presença das autoridades, dos filhos dos reis^h, dos anciãos, em suma, na presença de todo o povo — do menor até o maior —, de todos os que habitavam em Babilônia às margens do rio Sudⁱ. ⁵As pessoas choravam, jejuavam, oravam diante do Senhor^j. ⁶A seguir, eles ajuntaram dinheiro, dando cada qual conforme os seus meios^k, ⁷e o enviaram a Jerusalém, ao sacerdote Joaquim^l, filho de Helcias, filho de Salom, bem como aos outros sacerdotes e a todo o povo que se

encontrava com ele em Jerusalém. ⁸Antes disso, Baruc tomara os objetos da Casa do Senhor — os que tinham sido levados para fora do santuário — para fazer com que voltassem à terra de Judá^m no décimo dia do mês de sivanⁿ; tratava-se dos objetos de prata mandados fazer por Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, ⁹depois que Nabucodonosor, rei de Babilônia, deportou Jeconias de Jerusalém, e o levou para Babilônia, bem como os chefes, os prisioneiros^o, as autoridades e o povo da terra.

¹⁰E eles disseram: “Eis que vos enviaremos dinheiro: com esta quantia, comprai vítimas destinadas a holocaustos e sacrifícios pelos pecados, comprai incenso; fazei oferendas^p, apresentai sacrifícios sobre o altar^q do Senhor, nosso Deus, ¹¹e orai pela vida de Nabucodonosor, rei de Babilônia e pela do seu filho, Baltasar^r, a fim de que seus dias sejam como os dias do céu sobre a terra^s. ¹²Então o Senhor nos dará a força e

a. Lit. *as palavras do livro*: cf. Jr 29,1.

b. A respeito do problema levantado pela atribuição deste livro ao secretário de Jeremias, cf. Introd.; aliás, existem outros escritos apócrifos atribuídos a Baruc. Este passo é o único que fornece uma genealogia tão pormenorizada.

c. A menção feita por Baruc a Babilônia não concorda com a informação de Jr 43,6-7, segundo a qual Jeremias e Baruc foram forçados a ir para o Egito pouco depois do assassinato de Godolias.

d. Variante: *o nono*.

e. Estaríamos em 582, provavelmente no quinto mês; isto é, na data do aniversário do saque de Jerusalém em 587, conforme 2Rs 25,8 (Jr 52,12 traz *no décimo dia*). A publicação do livro faz-se durante uma cerimônia penitencial (v. 5) tal como se realizariam mais tarde (Zc 7,3-5; 8,19).

f. Lit. *aos ouvidos de*. A expressão designa a leitura ou a proclamação pública de um livro, um cântico, uma palavra profética. Cf. Ex 24,7; Dt 32,44; Jr 36,6.11-14.

g. Trata-se do rei Ioiakim. Em 598, após três meses de reinado, ele foi aprisionado por Nabucodonosor e levado para Babilônia (2Rs 24,12); só foi libertado ao cabo de 37 anos de cativeiro (2Rs 25,27; Jr 52,31).

h. Quer os príncipes de sangue real, quer os cortesãos, os familiares do rei.

i. Rio ou canal de irrigação de Babilônia, não mencionado alhures. Alguns autores, estribados em certos manuscritos, o identificam com o rio Ahavá de Esd 8,15.

j. Atitudes e atividades características das liturgias penitenciais. Cf. Esd 10,1; Jl 1,14 nota; 2,12.

k. Lit. *conforme o que podia a mão de cada um*.

l. Não mencionado em outro lugar da Bíblia. Decerto um sacerdote de segunda categoria, que permanecera em Jerusalém depois da ruína da cidade. Cf. 2Rs 23,4; 25,18, nota.

m. Este dado contradiz Esd 1,7-11. O interesse conferido aos objetos sagrados, já manifesto nos textos pós-exílicos como 1Rs 7,40-51; 2Cr 29,18-19; Esd 1,7-11; 7-19, parece ter sido particularmente vivo no tempo dos macabeus: Dn 1,2; 5,2-4; 1Mc 1,21-24; 4,49-51; 2Mc 2,4-12. A lenda, mencionada no último texto citado, é repetida em vários escritos apócrifos e no Talmud.

n. O sír. traz: *no décimo dia de nisan*.

o. Certos mss. dizem como Jr 24,1; 29,2: *os artesãos*.

p. Lit. *maná*. Na Septuaginta a palavra grega *manna* (= maná) é empregada por vezes em Jr (cf. 17,26; 41,5), mas sobretudo em Ez para significar o termo hebraico *minhá* (= oferenda). A respeito desses sacrifícios e oferendas, cf. Introd. ao Lv.

q. A suposta existência deste altar, mas sobretudo da casa do Senhor no v. 14, está em contradição com o v. 2, que implica a destruição do santuário.

r. Mesmo anacronismo que em Dn 5,2, pois Baltasar não era filho de Nabucodonosor, mas de Nabônides, rei usurpador, derubado por Ciro.

s. Ou seja: que seus dias durem tanto quanto o céu sobre a terra. Cf. Dt 11,21.

Escl 9,8 iluminará nossos olhos; viveremos à sombra¹ de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e à sombra de seu filho Baltasar, servi-los-emos durante numerosos dias e encontraremos graça diante deles. ¹³Rezai igualmente ao Senhor nosso Deus por nós, pois pecamos contra o Senhor nos-

so Deus, e até este dia o furor e a cólera do Senhor não se afastaram de nós. ¹⁴Enfim, fareis a leitura deste livro que vos enviamos, para que se faça a confissão dos pecados² na casa do Senhor, no dia da Festa³ e nos dias em que for conveniente⁴. ¹⁵Direis:

· ORAÇÃO PENITENCIAL⁵

^{2,6} **A confissão.** Ao Senhor nosso Deus pertence a justiça, mas a nós, a vergonha no rosto, como hoje se vê! A vergonha para o homem de Judá e os habitantes de Jerusalém, ¹⁶para nossos reis, nossos chefes, nossos sacerdotes, nossos profetas e nossos pais. ¹⁷Pois nós pecamos contra o Senhor, ¹⁸não lhe fomos fiéis e não escutamos a voz do Senhor nosso Deus, que nos mandava andar⁷ segundo os preceitos que ele colocou diante de nós. ¹⁹Desde o dia em que o Senhor fez sair nossos pais da terra do Egito até este dia, não cessamos de ser infiéis ao Senhor nosso Deus⁸ e procedemos levemente⁹, não escutando a sua voz. ²⁰Por isso, como hoje se vê, as desgraças se colaram a nós, assim como a maldição proferida por ordem do Senhor pelo seu servo Moisés, no dia em que fez sair nossos pais da terra do Egito, para nos dar uma

terra que mana leite e mel. ²¹Nós não escutamos a voz do Senhor nosso Deus, conforme todas as palavras dos profetas que ele nos enviou, ²²mas íamos, cada qual, seguindo o desígnio do seu coração perverso^b, servir a outros deuses, fazer o que é mau aos olhos do Senhor, nosso Deus.

2 ¹Por isso, o Senhor pôs em execução a palavra que pronunciara contra nós, contra nossos juízes que governaram Israel, contra nossos reis, contra nossos chefes e contra os habitantes de Israel e de Judá: ²não se fizeram debaixo do céu inteiro coisas semelhantes às que ele fez em Jerusalém, de conformidade com o que está escrito na Lei de Moisés^d; ³a tal ponto que chegamos a comer, um, a carne do seu filho, o outro, a carne de sua filha⁴. ⁴E o Senhor os entregou ao poder de todos os reinos que nos rodeiam, para

Ex 3,8;
Jr 11,4-5

Jr 18,12

2,24;
Dn 9,12

Dn 9,13
Lm 2,20;
4,10

Th 3,4

t. Imagem do abrigo e da proteção que os reis ou reinos, comparados a árvores ou guarda-sóis, prestam a seus súditos: Jz 9,15; Is 30,3; Ez 31,1-2,6; Lm 4,20; Dn 4,9,18; Mc 4,32.

u. Outra tradução possível: *para que se faça a sua leitura pública* (cf. Jr 36,6,8).

v. A Festa, sem outra especificação, designa habitualmente a festa por excelência, a Festa das Tendões: 1Rs 8,2,65; Ez 45,25. Quanto à Festa das Tendões, cf. Ex 23,16 nota; Lv 23,33-36 nota.

w. Lit. *nos dias do tempo oportuno*. Outras traduções possíveis, apoiando-se nos diversos sentidos do substrato hebraico costumeiro: *data determinada*, cf. Ex 13,10; Dn 8,19, ou *dia da Assembléia*, cf. Lv 23,2 nota.

x. A primeira parte da oração, a *confissão* (1,15-2,10) tem como centro a explicação do passado; aos habitantes de Judá é que cabe a responsabilidade pela ruptura da Aliança: as desgraças que nos feriram são consequência do nosso pecado. O "nós" (vv. 15,17 etc.) parece referir-se aos habitantes de Jerusalém, enquanto os exilados são mencionados na 3ª pessoa do plural (Br 2,4-5).

A continuação da oração, a *súplica* (2,11-3,8), refere-se mais diretamente ao próprio tempo do Exílio: quem reza são os exilados, dirigindo-se a Deus na segunda pessoa. A função do Exílio no plano divino é induzir o povo a refletir seriamente sobre seu

modo de proceder, a lembrar-se do Nome de Deus e afastar-se do pecado. A oração prova que os exilados estão nessas disposições de coração; por isso é que esperam com confiança a realização da promessa de Deus (2,34-35).

y. Para descrever a obediência total exigida pela Aliança a que Israel se recusara, o autor repete expressões frequentes em Jr e na literatura deuteronomica: *escutar a voz do Senhor* (repetido em Br 1,19,21; 2,5,10,22,24,29; 3,4); cf. Ex 15,26; 19,5; 23,22; Dt 4,30; 15,5; Jr 3,13,25; 7,23; 11,4; 22,21; *andar conforme os mandamentos*: Lv 26,3; Jr 26,4; 32,23; 44,10,23; *que ele colocou diante de nós*: Dt 4,8; 11,26,32; 30,1,15,19.

z. Israel é pecador e infiel desde sua juventude, tema da pregação profética e elemento das orações penitenciais. Cf. Ez 16; 20; 23; Ne 9; Sl 78; 106 etc.

a. Alguns aventam a hipótese de que o original semítico trazia como Dn 9,5,11: *Nós nos rebelamos*.

b. Cf. Jr 3,17, nota.

c. Alguns mss. acrescentam como em Dn 9,12: *de atrair sobre nós grandes desgraças*.

d. Cf. as maldições de Lv 26,27-29 e Dt 28,53-57.

e. Cf. 2Rs 6,28-29; Jr 19,9; Ez 5,10. Segundo o historiador Flávio Josefo, atos desse tipo teriam sucedido por ocasião do cerco de Jerusalém em 70 d.C.

sofrerem ultraje e desolação^f entre todos os povos dos arredores, onde ele os dispersou. ⁵Eles foram subjugados, em vez de levar vantagem, porque pecamos contra o Senhor nosso Deus, não escutando a sua voz.

Dt 28, 13,43

^{1.15} ⁶Ao Senhor nosso Deus pertence a justiça, mas a nós e a nossos pais, a vergonha no rosto, como hoje se vê! ⁷Tudo o que o Senhor anunciara contra nós, todas essas desgraças desabaram sobre nós.

Dn 9.13

⁸E nós não imploramos a face do Senhor, para que apartasse cada um de nós dos pensamentos do seu coração perverso^g. ⁹Por isso, o Senhor velou por essas desgraças e as mandou contra nós; porque o Senhor é justo em tudo o que nos mandou fazer. ¹⁰mas nós não lhe escutamos a voz, que nos dizia para andar de acordo com os mandamentos que o Senhor pusera diante de nós.

Dn 9.14; Jr 1.12; 31.28; 44.27

A súplica. ¹¹E agora, Senhor Deus de Israel, que fizeste sair o teu povo da terra do Egito com tua mão forte, com sinais e prodígios, com grande poder e com teu braço estendido, que adquiriste um Nome como hoje se vê^h, ¹²nós pecamos e agimos como ímpios, cometemos a injustiça, Senhor nosso Deus, contrariando todas as tuas prescrições. ¹³Que a tua ira se aparte de nós, pois estamos abandonados, número reduzido no meio das nações nas quais nos dispersasteⁱ.

Dn 9.15

Dt 4.34 Jr 32.20; Ne 9.10 Is 63.12 Dn 9.5; IRs 8.47

Dn 9.16

Jr 42.2; Dt 4.27

Dn 9.17

¹⁴Escuta, Senhor, nossa prece e nosso pedido, poupa-nos por causa de ti^j e con-

cede-nos graça diante dos que nos deportaram, ¹⁵a fim de que toda a terra saiba que tu és o Senhor nosso Deus, pois o teu Nome foi invocado sobre Israel e sobre a sua descendência^k. ¹⁶Senhor, olha do alto da tua santa morada^l e leva-nos em consideração; inclina, Senhor, o teu ouvido e escuta; ¹⁷abre os olhos e vê: não são os mortos no Hades, aqueles cujas entranhas não têm mais alento, que darão glória e justiça ao Senhor^m. ¹⁸mas é a alma em extremo aflita, o que caminha curvado e enfraquecido, é o olhar vacilante, e a alma esfomeada quem te dará glóriaⁿ e justiça, Senhor!

Dn 9.18

Dt 28.65

¹⁹Por isso, não é apoiando-nos nas obras de justiça dos nossos pais e dos nossos reis que depomos^o nossa súplica diante de tua face, Senhor nosso Deus; ²⁰pois desencadeaste a tua ira e tua cólera contra nós, como tinhas anunciado por intermédio dos teus servos, os profetas, dizendo: ²¹“Assim fala o Senhor: *Curvai os ombros, servi ao rei de Babilônia, e permaneceréis na terra que eu dei a vossos pais.* ²²Mas se não escutardes a voz do Senhor que vos manda servir ao rei de Babilônia, ²³*eu farei com que a voz da alegria e a do prazer, a voz do recém-casado e a da jovem esposa abandonem as cidades de Judá e saiam de Jerusalém; toda essa terra ficará desolada, vazia de seus habitantes*”^p. ²⁴Mas nós não escutamos a voz que nos mandava servir ao rei de Babilônia; por isso puseste em execução as palavras que pro-

Dn 9.18; Tt 3.5

1.13

Jr 27.11-12

Jr 7.34; 33.10-11

2.1

f. Cf. Jr 24.9; 42.18; 44.8.12; 49.13.

g. Ao que parece, o texto gr. põe o acento aqui na *recusa* de orar ao Senhor, com vistas a exprimir o extremo endurecimento de Israel. Mas é bem possível que o original semítico tenha sido análogo a Dn 9.13: *nós não aplacamos a face do Senhor, apartando-nos cada um dos pensamentos do nosso coração perverso*.

h. A saída do Egito, façanha do Senhor por excelência e causa de seu grande renome, é a fonte da esperança em outras iniciativas de salvação.

i. O texto difere sensivelmente de Dn 9.16; cf. a Introd. — Sobre a noção de *número reduzido* ou de *resto*, cf. Am 5.15 e Is 1.9, notas; Is 4.2-3.

j. Variante: *por causa do teu Nome*.

k. Invocar o Nome do Senhor sobre um objeto ou sobre pessoas é constituir-lhes propriedade pessoal do Senhor: 2.26; Is 63.19; Jr 7.14; 14.9; cf. também Am 9.12; Jr 7.10; 2Sm 12.28.

l. A comparação com Dn 9.18 (cf. Introd.) convida a ver aqui o céu, residência do Senhor, de preferência ao Templo. Cf. IRs 8.30.

m. Compare-se Jr 17.28. Sobre a concepção antiga da morada dos mortos aqui atestada, cf. Is 38.18, nota; Sl 6.6; 30.10; 88.11-13; 115.17; Ecl 9.5-6.

n. Esta doutrina arcaizante, em particular com relação à de Dn 12.2 nota, opõe-se a uma datação por demais recente desta oração; a não ser que se deva perceber nela o indício de um ambiente tradicionalista.

o. Cf. Rm 4.20 nota.

p. Lit. *fazemos cair*: é o movimento de prostração, cf. Ecd 9.5. O único apoio possível para uma súplica é o próprio Senhor, justo e misericordioso, fiel a suas promessas. Cf. 2.14; Ex 32.11-14. Compare-se com Rm 5.18.

q. Cf. também Jr 16.9; 25.10.

nunciaras pela boca dos teus servos, os profetas: arrancar-se-iam dos seus túmulos as ossadas de nossos reis e as ossadas de nossos pais⁹. ²⁵E ei-las *jogadas aos ardores do dia e ao gelo da noite*; eles morreram em cruéis sofrimentos, pela fome, a espada e o exílio¹⁰; ²⁶e a Casa

sobre a qual foi invocado o teu Nome, reduziste-a ao estado em que hoje se vê, por causa da perversidade da casa de Israel e da casa de Judá. ²⁷E, no entanto, agiste para conosco, Senhor, segundo toda a tua equidade e toda a tua grande compaixão, ²⁸conforme o que tinhas anunciado por intermédio do teu servo Moisés, no dia em que lhe ordenaste que escrevesse a tua Lei perante os filhos de Israel, dizendo: ²⁹Se não escutardes a minha voz, pois bem, esta imensa multidão ruidosa ficará reduzida a pouca coisa em meio às nações nas quais os dispersarei; ³⁰pois eu sei que não me escutarão, porque é um povo de dura cerviz.

Mas eles cairão em si, na terra onde terão sido deportados, ³¹e saberão que sou eu, o Senhor, seu Deus. Eu lhes darei um coração e ouvidos que ouvem, ³²eles me louvarão na terra onde tiverem sido deportados e lembrar-se-ão do meu Nome. ³³Renunciarão à sua obstinação e às suas más ações, pois se lembrarão do caminho de seus pais, que pecaram contra o Senhor. ³⁴E eu os farei voltar à terra que prometi a seus pais Abraão, Isaac e

Jacó; apossar-se-ão dela; eu os tornarei numerosos e, na verdade, eles não serão mais diminuídos! ³⁵Firmarei para eles uma aliança eterna, a fim de que eu seja para eles Deus, e eles sejam um povo para mim; e não farei mais sair o meu povo Israel da terra que lhes dei¹¹.

3 ¹Senhor todo-poderoso, Deus de Israel, quem clama a ti é uma alma angustiada, um espírito acabrunhado. ²Escuta, Senhor, e tem compaixão, pois pecamos contra ti; ³tu, permaneces para sempre, mas nós, para sempre estamos perdidos! ⁴Por isso, Senhor todo-poderoso, Deus de Israel, escuta a oração dos mortos de Israel¹², dos filhos daqueles que pecaram contra ti: eles não escutaram a voz do Senhor seu Deus, então as desgraças se colaram a nós. ⁵Não te recordes das injustiças dos nossos pais, mas, nesta ocasião, lembra-te da tua mão e do teu Nome, ⁶pois tu és o Senhor nosso Deus, e nós te louvaremos, Senhor!

⁷Foi por isso que inspiraste o temor em nossos corações: para que invocássemos o teu Nome. Nós te louvaremos no nosso exílio, pois arrancamos de nossos corações toda a injustiça dos nossos pais, que pecaram contra ti. ⁸Eis-nos hoje neste exílio em que nos dispersaste, expostos ao ultraje e à maldição e para nossa emenda, por causa de todas as injustiças dos nossos pais que se separaram do Senhor, nosso Deus.

MEDITAÇÃO SOBRE A SABEDORIA¹³

Exortação

⁹ Ouve, Israel, os preceitos de vida,

prestai ouvido para aprender a discernir¹⁴.

Dt 4,1;
Pr 4,20-23

q. A ausência ou a violação da sepultura é uma abominação e uma maldição: Am 2,1-3; Jr 16,4; 22,18-19.

r. Lit. *afastamento*. Muitos traduzem por *peste*, devido a Jr 32,36. Sobre esses flagelos, cf. 2Sm 24,13; Jr 14,12; 24,10; Ez 5,12.

s. Os vv. 29-35 apresentam-se como citação livre de um discurso divino, resumindo a teologia de Lv 26,14-45; Dt 4,25-31; 28,58-68; 30,1-10 com expressões tiradas de Jr e Ez. Cf. Jr 24,5-7; 32,36-40.

t. Quer antepassados falecidos que intercedem pelos exilados, quer, preferivelmente (por causa de 2,17) os próprios exilados, comparáveis a mortos: cf. Is 41,14 nota; Is 59,10; Ez 37,

1-14; Lm 3,6. Alguns pensam que o original semítico tinha: *os homens*.

u. Um personagem anônimo dirige-se ao Israel disperso entre as nações. Numa primeira *exortação* (3,9-14), convida Israel a tomar consciência de que a causa do seu Exílio é o ter abandonado a fonte da Sabedoria. A seguir vem um desenvolvimento — *meditação* — sobre esta Sabedoria inacessível, só de Deus conhecida, mas confiada por ele a Israel; pois a Sabedoria é a Lei (3,15-4,1). Daí uma nova *exortação* (4,2-4): que Israel se volte para ela!

v. Repetição das fórmulas deuteronômicas numa ótica sapiencial: *Ouve, Israel*: Dt 5,1; 6,4; *preceitos de vida*, i. é, que dão a

Jr 31,31-34;
32,40;
Ez 37,26-27

Sl 102,13;
Lm 5,19-20

1,20

Ez 20,14;
Sl 79,9;
Mt 18

Jr 32,39-40

2,4;
Jr 42,18

¹⁰ Que acontece, Israel? Por que estás em terra de inimigos?
Por que envelheceste em terra estrangeira?

Os 9.4 ¹¹ Por que te contaminaste com os mortos* e por que foste incluído no número dos que descem ao Hades?

¹² Foi porque abandonaste a fonte da Sabedoria*.

¹³ Se tivesses seguido o caminho de Deus, habitarias na paz para sempre.

Pr 2,1-4;
Dt 4,6-8 ¹⁴ Aprende onde está o discernimento, onde, a força, onde, o saber, para conhecer, ao mesmo tempo, onde estão a longevidade e a vida, onde estão a luz dos olhos e a paz.

A Sabedoria inacessível

Jó 28,12.20;
Sr 1.6 ¹⁵ Quem encontrou a morada da Sabedoria e quem entrou em seus tesouros?

Jr 27,6;
Dn 2,38;
Jr 11,7 ¹⁶ Onde estão os chefes das nações, e os que domam os animais selvagens da terra?

Ez 28,4;
Pr 2,4; 3,14 ¹⁷ Onde estão os que se divertem com os pássaros do céu, os que põem em reserva a prata e o ouro, nos quais os homens puseram sua confiança, eles, cuja fortuna não tem limites?

¹⁸ Onde estão os que lavram a prata e fazem dela o objeto de seu cuidado, eles, cujas obras superam a imaginação*?

¹⁹ Foram aniquilados, desceram ao Hades, e outros surgiram em seu lugar*.

²⁰ Outros mais jovens viram a luz e habitaram sobre a terra; mas eles não conheceram o caminho da ciência,

²¹ não prestaram atenção a suas veredas e não se preocuparam com ela; os filhos ficaram à parte do caminho de seus pais.

²² Ela tampouco foi ouvida em Canaã
Jr 49,7

²³ até os filhos de Agar que andavam em busca do saber sobre a terra, os mercadores de Merran e Teman, os narradores de fábulas e os pesquisadores do saber, não conheceram o caminho da Sabedoria e não se lembraram das suas veredas. Gn 25,12

²⁴ Ó, Israel, como é grande a casa de Deus, como é vasto o domínio que lhe pertence!

²⁵ Ele é grande e não tem fim, é elevado e sem medida!

²⁶ Ali é que foram gerados os famosos gigantes, os do princípio*, de alta estatura e versados na arte da guerra.

²⁷ Não foi a eles que Deus escolheu, nem a eles que indicou o caminho da ciência;

²⁸ e pereceram, pois não tinham discernimento; pereceram por causa de sua irreflexão.

²⁹ Quem subiu ao céu, quem se apoderou dela
Dt 30,11-12;
Sr 24,4 para fazê-la descer das nuvens*?

vida: Dt 6,24; 8,1; cf. também Lv 18,5; Ez 20,11; Ne 9,29. O discernimento: é a virtude da prudência, a inteligência e a razão prática, a reflexão; ver Introd. aos Provérbios, cf. Pr 2,2 nota.

w. Os pagãos que tornam impuros os israelitas deportados, da mesma forma que os mortos: Lv 5,2.

x. Repetição do tema de Jeremias "Deus, fonte de água viva": Jr 2,13; 17,13; cf. Sl 36,10; Pr 13,14; 14,27; 16,22; 18,4; Sr 21,13; 24,23-29.

y. Retomando a pergunta de Jó (Jó 28,12.20), o autor começa acumulando as respostas negativas (vv. 16-31), a fim de, em seguida, fazer sobressair a onisciência e a liberalidade de Deus (3,32-4,1). Os primeiros visados são os grandes da política, das finanças e os artistas: vv. 16-19.

z. O sentido do v. é incerto; várias traduções são possíveis: 1) *Os que acumulam dinheiro e a quem o dinheiro preocupa, mas cujas obras não deixam vestígios;* 2) *Os que trabalham a prata*

com esmero, mas cujas obras não deixam vestígios; 3) *Aqueles que trabalham a prata com tanto esmero que suas obras são insondáveis.*

a. As jovens gerações, tanto quanto as antigas, não descobriram a Sabedoria; cf. vv. 20-21.

b. Os povos do Oriente, embora reputados pelo saber, pouco a descobriram: vv. 22-23. — Há quem proponha ler *Madian* em vez de *Merran*.

c. Os gigantes das origens (cf. Gn 6,1-4) também não encontraram a Sabedoria, vv. 26-28. Esses gigantes são objeto de especial interesse nas proximidades da era cristã: *Sb* 14,6; *Sr* 16,7; *Henoc* 7: 15; *Jubileu* 5: 7.

d. Para concluir a exposição da inacessibilidade da Sabedoria, os vv. 29-31 recorrem a uma formulação usual da literatura sapiencial. O paralelismo com Dt 30,11-14 provoca a identificação da Sabedoria com a Lei (cf. *Br* 4,1).

- ³⁰ Quem foi além do mar, quem a encontrou
 Jó 28,15; Pr 2,4
³¹ Ninguém há que lhe conheça o caminho, ninguém mesmo que deseje seguir-lhe a vereda.

Só Deus a conhece e a doou a Israel

- Jó 28,23-27 ³² Mas Aquele que sabe todas as coisas a conhece,
 ele a descobriu com sua inteligência; ele preparou a terra para a eternidade^e, depois, povoou-a de quadrúpedes;
³³ ele envia a luz e ela se põe a caminho; chamou-a: ela obedeceu-lhe tremendo;
 Sr 43,9-10 ³⁴ as estrelas brilharam em suas vigílias e se alegraram;
 Sl 147,4; Is 40,26; Jó 38,35 ³⁵ ele as chamou, e elas responderam: "Ei-nos aqui!"
 Brilharam com júbilo para seu Criador.
³⁶ Ele é o nosso Deus, e não se contará outro fora dele.
 Is 43,10; 44,6; 45,18; Jó 28,23 ³⁷ Ele descobriu todo caminho que leva à

- ciência
 e o indicou a Jacó, seu servo, e a Israel, seu bem-amado.
³⁸ Depois disso, ela^f foi vista na terra e viveu entre os homens.
 Pr R,31; Sb 1,6; Jo 1,14; Sr 24,23-24
4 ¹A Sabedoria é o livro dos mandamentos de Deus,
 a Lei que existe para todo o sempre^g; Todos os que se apegam a ela irão para a vida,
 3,9; Sr 45,5
 mas os que a abandonam morrerão.

Exortação

- ² Volta-te^h, Jacó, apanha-a; põe-te a caminho da claridade, ao encontro de sua luz.
 Jr 3,12; Ez 14,6; Os 14,2-3; Is 60,3
³ Não cedas a tua glória a um outro, nem os teus privilégios a uma nação estrangeira.
⁴ Felizes somos nós, Israel, pois nos é possível conhecer o que agrada a Deus!

EXORTAÇÃO E CONSOLAÇÃOⁱ DE JERUSALÉM

Exortação aos exilados

- ⁵ Coragem^l, meu povo, tu que és o memorial^k de Israel!
 Is 50,1; 52,3
⁶ Vós fostes vendidos às nações, mas não foi para a vossa destruição;
 Dt 32,16
 foi porque irritastes a Deus que fostes entregues aos inimigos;
⁷ pois exasperastes vosso Criador,

- sacrificando a demônios e não a Deus; Lv 17,7; Dt 32,17; Sl 106,37; 1Cor 10,20; Dt 32,13-14,18
⁸ olvidastes o Deus eterno que vos alimentou
 afligistes também aquela que vos criou, Jerusalém.
 Is 1,2
⁹ Ela viu desabar sobre vós a cólera de Deus e disse:

e. A idéia de que a Sabedoria participa na obra da criação, aqui, está implícita (compare-se com Pr 8,22-31). Os vv. 33-35 referem-se igualmente à criação; mas com certeza sugerem também a sua repetição no ritmo da natureza e em particular na alternância do dia e da noite. Por isso, o domínio de Deus sobre a natureza, cujos segredos permaneceram inacessíveis ao homem, atesta continuamente que só ele conhece a Sabedoria desde sempre.

f. Embora o contexto nos mova de preferência a compreender que a *Sabedoria* é que foi vista e viveu entre os homens, o texto grego, que não esclarece qual seja o sujeito desses dois verbos, permanece ambíguo; a tradução "ele foi visto", "ele viveu" é viável (acerca desta opção adotada pela *Vetus Latina*, cf. *Introd.*). Neste caso, pode-se reconhecer neste passo, quer uma alusão ao Messias (como fariam os Padres da Igreja), quer uma alusão à manifestação de Deus no Sinai, a revelar a Lei a Moisés (cf. Dt 4,33-36; Sr 17,11-14).

g. A respeito deste v., conclusão de uma longa meditação de Israel sobre a Sabedoria, cf. *Introd.*

h. É um convite à conversão.

i. Inspirando-se em Dt 32, um profeta anônimo dirige-se em primeiro lugar aos exilados, para *exortá-los* e lembrar-lhes a causa de sua deportação (4,5-9). A seguir, Jerusalém personificada toma a palavra como em Lm 1 (4,9-29): ela profere sua *queixa* às vizinhas de Sião (vv. 9b-16), depois dirige-se a seus filhos deportados (vv. 17-29) para *consolá-los*: Deus os vai salvar e mudar seu sofrimento em alegria. Finalmente o profeta retoma a palavra (4,30-5,9) para dirigir a Jerusalém um discurso de *exortação*, cujos temas e fórmulas são parecidos a Is 40-55 e 60-62. De início, ele anuncia o castigo dos inimigos (4,30-35), em seguida, convida Jerusalém à alegria evocando a reunião e a volta triunfal de seus filhos (4,36-5,9).

j. A interpeleção *Coragem!* escande as diversas partes da narrativa.

k. Embora o povo esteja no Exílio, ele conserva e perpetua o nome de Israel. Outro sentido possível: o autor compara Israel à porção de escol das oferendas, denominada *memorial* (cf. Lv 2,2 nota) que se punha a consumir sobre o altar como um perfume que aplacava o Senhor.

Jerusalém exorta e reconforta seus filhos

"Escutai, vizinhas de Sião,

Deus infligiu-me uma grande dor;

¹⁰ pois eu vi o cativoiro
que o Eterno¹ infligiu a meus filhos e
filhas;

¹¹ eu os tinha criado com alegria,
^{4.23} mas deixei-os partir na dor e no
sofrimento.

¹² Que ninguém se alegre
se estou viúva e abandonada por muitos.
Fizeram-me ficar deserta por causa do
pecado dos meus filhos,
porque eles se afastaram da Lei de
Deus;

¹³ eles não conheceram suas prescrições,
não caminharam pelos caminhos dos
preceitos de Deus,

^{Pr 1.2-3} nem seguiram as sendas da educação
conforme sua justiça.

¹⁴ Que venham, as vizinhas de Sião!
Lembraí-vos do cativoiro
que o Eterno infligiu a meus filhos e
filhas!

¹⁵ Pois ele arremessou contra eles uma
nação vinda de longe,
uma nação insolente e de língua estranha,
homens que não tiveram respeito ao
ancião nem compaixão da criança,

¹⁶ que levaram os filhos queridos da viúva
e a reduziram à solidão, privando-a de
suas filhas.

¹⁷ Mas eu, como posso vir em vosso
socorro?

^{4.21.29} ¹⁸ Aquele que vos infligiu essas
calamidades
é quem vos arrancará às mãos de
vossos inimigos.

¹⁹ Andai, filhos, andai!

Quanto a mim, eis-me abandonada e
deserta;

²⁰ despi a veste da paz,
pus minha vestimenta de suplicante^m;

clamarei ao Eterno na decorrer de to-
dos os meus dias.

²¹ Coragem, filhos! Clamai a Deus
e ele vos arrancará da dominação, das
mãos de vossos inimigos;

²² pois quanto a mim, depus no Eterno a
esperança de vossa salvação
e o Santo concedeu-me uma alegria:
a misericórdia virá logo para vós da
parte do Eterno, vosso Salvador.

²³ Pois eu vos deixei partir no sofrimento
e na tristeza, ^{4.11}
mas Deus vos restituirá a mim na
alegriaⁿ e no regozijo para sempre. ^{4.29;}

²⁴ Assim como as vizinhas de Sião vêm
agora vosso cativoiro,
verão em breve a salvação que virá do
vosso Deus: ^{Is 51.11;}

ela vos sobrevirá com a glória resplan-
deciente e o esplendor do Eterno. ^{61.7}

²⁵ Filhos, suportai com paciência a cólera
que vos veio de Deus;
o inimigo te perseguiu, mas em breve
verás a sua destruição
e lhe pisarás a nuca". ^{Js 10.24;}

²⁶ Meus tenros filhos percorreram
caminhos pedregosos,
foram levados como gado arrebatado à
força pelos inimigos. ^{Sl 110.1}

²⁷ Tende coragem, filhos, e clamai a Deus, ^{4.21}
pois aquele que vos conduziu para lá
lembrar-se-á de vós.

²⁸ Assim como tivestes o propósito de vos
afastar de Deus,
depois de convertidos, multiplicai
vossos esforços para procurá-lo!

²⁹ Pois aquele que vos infligiu essas cala-
midades fará vir sobre vós a alegria
eterna junto com a vossa salvação". ^{4.18.23}

Consolação de Jerusalém

³⁰ Coragem, Jerusalém! Aquele que te deu ^{Is 40.1}
o teu nome^p, ele te reconfortará.

1. Em nenhum outro lugar, em toda a Bíblia, encontra-se esta expressão usada sozinha para designar a Deus. *Baruc* lhe vota particular afeição (4.10.14.20.22.24.35; 5.2), querendo frisar a imutabilidade de Deus e do seu desígnio. Assim também os dons que Deus quer conceder aos homens são eternos: a alegria, o nome (4.23.29; 5.1.4). Confira já 2.35; 3.13; 4.1.

m. Lit. *o saco da minha súplica*. É uma das práticas rituais mais características da liturgia penitencial.

n. Encontra-se em *Br* a mesma atmosfera de alegria provocada pelo anúncio do retorno no *Dêutero-Isaías*. Cf. *Br* 4.23.29.36; 5.9 e *Is* 51.3.11; 52.9; 55.12; 60.15; 61.3.

o. Gesto de humilhação imposto pelo vencedor ao vencido.

p. Para fazer dela sua cidade e dar-lhe a entender sua vocação

³¹ Desgraçados daqueles que te maltrataram e se alegraram com tua queda!

³² Desgraçadas as cidades das quais os teus filhos foram escravos!
Desgraçada aquela que recebeu teus filhos!

³³ Pois, assim como ela se alegrou com tua queda e se congratulou por tua ruína,
assim também será afligida por sua própria devastação;

³⁴ eu a privarei da população numerosa que causa sua alegria,
e sua insolência mudar-se-á em sofrimento.

Is 47,14 ³⁵ pois o Eterno fará cair um fogo sobre ela por longos dias,
e ela será habitada por demônios durante mais tempo ainda.

5,5 ³⁶ Olha para o oriente*, Jerusalém, e vê a alegria que te vem de Deus,

³⁷ Eis que chegam os filhos que viste partir;

Is 43,5-7 ³⁸ chegam, reunidos do oriente até o ocidente pela palavra do Santo, alegrando-se pela glória de Deus.

5 ¹Jerusalém, despe o teu vestido de sofrimento e infortúnio
e veste para sempre o teu belo adorno da glória de Deus.

² Cobre-te com o manto da justiça, que vem de Deus,

e põe na cabeça o diadema da glória do Eterno;

³ pois Deus vai mostrar o teu esplendor* a toda a terra que jaz debaixo do céu, Is 62,1-4

⁴ e te dará este nome para sempre: 4,30
"Paz-de-Justiça e Glória-de-piedade".

⁵ Levanta-te, Jerusalém, coloca-te sobre Is 51,17;
o alto e volta o olhar para o oriente; 60,1
vê os teus filhos, reunidos desde o poente até o levante pela palavra do Santo; 4,36;
Is 60,4

eles se alegram de que Deus se recorde*.

⁶ Saíram das tuas portas a pé, expulsos por inimigos,
mas Deus os faz voltar para ti, Is 60,4;
carregados gloriosamente como um 66,20
trono real*.

⁷ Pois Deus ordenou que toda a montanha elevada seja rebaixada, Is 40,4
assim como as dunas sem fim; 49,11

ele mandou encher os vales para que a terra seja nivelada

e Israel possa avançar com passo Is 42,16
seguro, na glória de Deus.

⁸ Por sua ordem, também as florestas e Is 41,19
cada árvore odorífera
prepararam sombra para Israel;

⁹ Pois Deus guiará Israel, na alegria, à Ex 13,21-22
luz de sua glória,
acompanhado da misericórdia e da justiça que lhe pertencem.

Cf. Is 1,26; 60,14; 62,4,12; Jr 33,16; Ez 48,35; Zc 8,3; Sl 87,5. O próprio autor lhe dará seu nome definitivo em 5,4.

q. O autor tem em vista mais particularmente Babilônia; compare-se com Jr 50-51; Is 47.

r. Donde virá a salvação, conforme o Segundo Isaias: Is 41,2,25; 46,11; cf. Mt 2,2.

s. Reflexo do próprio esplendor de Deus, 4,24.

t. Cf. 4,30 nota.

u. Nos vv. 5-9, o autor, bem como o Segundo Isaias, descreve a volta dos exilados como um novo Êxodo. O 11º Salmo de Salomão é muito parecido com este trecho; cf. Introd.

v. Aqui está a resposta à súplica de 3,5.

w. A versão latina reza: *como filhos reais*. Alguns traduzem, supondo um original semítico: *como sobre um trono real*.

EPÍSTOLA DE JEREMIAS

INTRODUÇÃO

A Epístola de Jeremias situa-se, conforme as versões que no-la transmitem, ou depois das Lamentações, ou depois de Baruc, embora não apresente nenhum vínculo com Baruc, ela constitui, na Vulgata, o seu sexto capítulo. Para Orígenes, "Jeremias com as Lamentações e a Carta" é um dos vinte e dois livros do cânon hebraico (cf. Eusébio, História Eclesiástica, VI, 25); Jerônimo, ao invés, considera a epístola "pseudepígrafa" e por isso contenta-se, na Vulgata, com retomar o texto da Vetus Latina.

O escrito se apresenta como cópia de uma carta cujo autor seria Jeremias, e cujos destinatários estariam a ponto de partir para o cativeiro de Babilônia. O teor geral, que pende mais para o gênero homilético do que para o epistolar, é uma advertência contra a idolatria, que se situa na linha de Jeremias e do Segundo Isaias (especialmente Jr 10,1-16; Is 44,9-20; cf. também Is 40,19-20; 41,6-7; 46,1-9) e prepara ulteriores desenvolvimentos do Livro da Sabedoria (Sb 13-15) e de Paulo (Rm 1,18-32).

O texto é entrecortado por exortações que se repetem como refrões (vv. 4.14.22.28.39.44.51.56.64.68). Contudo, não é fácil evidenciar a sua estrutura de conjunto. Depois da introdução (v. 1-6), uma primeira seqüência condena os ídolos por serem criados, inanimados e corruptíveis (vv. 7-26), por serem objeto de um culto desprezível (vv. 27-32), por serem impotentes (vv. 33-39). A seguir, uma segunda seqüência retoma os mesmos argumentos numa ordem diferente (vv. 40-44: o culto aos ídolos; vv. 45-51: sua natureza; vv. 52-57: sua impotência). Finalmente, depois de ter ressaltado a sua inferioridade com relação aos objetos utilitários, aos fenômenos naturais e aos animais selvagens (vv. 58-68), o texto conclui pela inutilidade, pela inércia e pela corruptibilidade dos ídolos, comparando-os com o espantalho, com o espinhal e o cadáver (vv. 69-71).

Os desacordos entre uma ou outra informação do livro de Jeremias e certos dados da Epístola (cf., por exemplo, v. 2), o recurso manifesto a obras posteriores ao grande profeta, o fato de não estar a epístola incluída na Bíblia hebraica

são outros tantos argumentos contra a autenticidade da sua atribuição a Jeremias. Baseando-se principalmente no critério da língua original e no da identificação dos ídolos, houve quem visse na Epístola um escrito grego emanado do judaísmo helenizado, ao passo que outros reconheceram nela a tradução de um original semítico destinado às comunidades de Babilônia e referindo-se aos cultos babilônicos da época dos selêucidas.

Por isso, tentou-se explicar certas dificuldades do texto grego como sendo contra-sensos ou leituras errôneas, imputáveis ao tradutor de um texto semítico perdido; mas esses argumentos não são decisivos (cf. notas aos vv. 11,30 e 71). A constatação de que o v. 69 da Epístola deriva do texto hebraico de Jeremias 10,5, e não das correspondentes versões gregas, é igualmente um indício favorável a essa hipótese. Seria então mister admitir que a tradução grega deste suposto original semítico seja anterior ao século I a.C. Com efeito, foi descoberto num papiro da sétima gruta de Qumran um pequeno fragmento grego (cf. vv. 43-44), que é o testemunho mais antigo da Epístola: ele é datado aproximadamente do ano 100 a.C.

A descrição arqueológica dos ídolos, as notações relativas ao culto e ao sacerdócio (muitas das quais não passam de uma repetição de Jeremias ou Isaias) são de um homem que vê as coisas do exterior e de modo sistematicamente hostil; isto não impede, no entanto, que certos pormenores pareçam colhidos na hora: a sua relativa precisão parece ter em vista um meio cultural específico. Alguns pensam nos cultos babilônicos, que atravessavam um período de re florescimento na época dos selêucidas. Assim, depois de serem despojadas de sua apresentação polêmica, pode-se identificar nas notações referentes à toailete do deus (v. 12) uma alusão à cerimônia da "lavagem da boca"; ou ainda, no comércio das vítimas sacrificais a que se entregam os sacerdotes (v. 27), uma alusão malévola à repartição das porções do sacrifício entre os membros da classe sacerdotal, depois da oblação dos órgãos nobres à divindade. Bel, Senhor por excelência em Babilônia, é Marduk: os sacerdotes "conjuradores" recorrem a ele para expulsar os maus espíritos dos

doentes (v. 36). Marduk, deus da cura, também é deus da justiça (v. 13), da guerra (v. 14), da fortuna (v. 34), da chuva (v. 52). Finalmente os vv. 30-31, com a menção aos carros processionais e aos ritos de lamentação, parecem referir-se à primeira parte da festa do Ano Novo: as estátuas de Marduk e do seu séquito divino eram postas em carros, saíam do recinto do templo, a seguir eram conduzidas em procissão para fora da cidade; o desaparecimento do deus era ocasião de cenas de dor, que cessavam com o seu regresso triunfal. Outros pormenores, particularmente os referentes ao sacerdócio feminino (vv. 28-29) ou à prostituição sagrada (vv. 10 e 42-43), reportam o leitor com toda a verossimilhança ao culto de Ishtar, senhora da guerra e do amor, sendo que, aqui, só o segundo aspecto é levado em consideração. Nesta primeira hipótese, o original semítico da Epístola se destinaria à diáspora judaica de Babilônia, a fim de precavê-la contra toda forma de comprometimento com a religião babilônica recentemente restaurada.

No entanto, não seria possível fixar-se de forma certa nas menções a Babilônia, a Nabucodonosor (vv. 1-3) ou aos caldeus (v. 40) para identificar os idólatras; pois, da mesma forma que a atribuição fictícia da Epístola a Jeremias, é possível que a função de tais menções seja situar a epístola num quadro histórico e geográfico fictício, o do exílio na Babilônia. De onde uma segunda hipótese que merece igualmente ser levada em consideração: a polêmica da Epístola poderia ser dirigida contra cultos sírios ou fenícios. Lícito é pensar em Hadad e Astarte. Os carros processionais são frequentemente atestados, particularmente em moedas sírias. Conforme o testemunho mais tardio de Luciano de Samosata (A deusa síria, 6), cerimônias em honra da morte e renascimento de Adonis eram celebradas no templo de Afrodite de Biblos; eram ocasião de manifestações de luto: os participantes deixavam-se raspar a cabeça; os ritos de prostituição não lhes eram estranhos. Essas considerações não deixam de ser conjecturais; ao menos, têm sobre as precedentes a vantagem de explicar melhor a presença, nesta Epístola, de alguns argumentos característicos da polêmica contra os ídolos, tal como seria formulada no seio do judaísmo helenizado, em particular na Sabedoria de Salomão ou em Filon de Alexandria (cf. notas aos vv. 17.45-47.59-67). Nesta segunda hipótese, que não implica necessariamente a existência de um original semítico, a Epís-

tola teria sido destinada a algumas comunidades judaicas da Síria ou da Fenícia, na época grega.

O segundo livro dos Macabeus (2,1-2) menciona documentos segundo os quais Jeremias teria recomendado aos deportados que não se transviassem à vista das estátuas de ouro e prata, cobertas de adornos. Caso fossem uma alusão à Epístola de Jeremias, teríamos aí a prova de que ela é anterior à segunda metade do século II a.C. Por outro lado, há quem reconheça no desacordo entre o v. 2 da Epístola e Jr 29,10 um indício de atualização: sete gerações de quarenta anos dão duzentos e oitenta anos; é só contar a partir do Exílio de 597 ou do de 586, e se chegará aproximadamente ao fim do século IV. Seja qual for a inconsistência desses dois argumentos tomados em si mesmos, pode-se, todavia, situar a data da composição da epístola entre o fim do século IV e a primeira metade do século II.

Como os seus predecessores, a Epístola se utiliza da arma da derrisão: para conferir maior mordacidade à sua polêmica, compraz-se em acreditar que as representações figuradas das divindades se confundem com as próprias divindades; e finge ignorar que, mesmo aos olhos de seus adoradores, esses simulacros jamais deixarão de ser objetos inertes, se não forem consagrados. Na realidade, esta crítica acerba à idolatria é função da teologia que a subtece; e que aqui permanece implícita; mas é fácil reconstituí-la em suas linhas gerais. De fato, cada uma das funções e qualificações que são negadas aos ídolos é atribuída de modo subliminar ao Deus de Israel (vejam-se em particular as referências marginais aos vv. 33-37 e 52-53). Ao contrário dos ídolos criados (vv. 7.45-46) e corruptíveis (vv. 19.23.54.71), o Deus dos judeus é incriado e eterno; aos ídolos fabricados por mãos de homem, portanto criaturas de criaturas, opõe-se o Deus criador; os ídolos são múltiplos, Deus é único; eles são inanimados, ele é Vivo; eles estão encerrados num templo como numa prisão, ele é sem limites e onipresente; eles não têm poder, nem sobre as contingências humanas, nem sobre as que os afetam diretamente. Deus, pelo contrário, é providente e basta-se plenamente a si mesmo. Assim essa polêmica contra as representações figuradas das divindades estrangeiras é, ao mesmo tempo, uma nova afirmação da transcendência do Deus de Israel, da sua atividade criadora e providencial.

EPÍSTOLA DE JEREMIAS

Cópia da carta que Jeremias^a enviou aos que iam ser levados prisioneiros para Babilônia pelo rei dos babilônios, para anunciar-lhes o que Deus lhe prescrevera.

Br 1,15-2,10
1^a Por causa dos pecados que cometestes contra Deus, sereis levados prisioneiros para Babilônia por Nabucodonosor, rei dos babilônios. ²Tendo chegado a Babilônia, ali ficareis por anos muito numerosos, por um longo período, até sete gerações^b; a seguir, porém, eu vos farei sair de lá em paz. ³Doravante vereis em Babilônia deuses de prata, ouro e madeira, que se carregam aos ombros^c e inspiram temor às nações. ⁴Por isso, acautelai-vos para não vos tornardes, por vossa vez, semelhantes em tudo aos estrangeiros; não se apodere de vós o temor desses deuses^d à vista da multidão que se prostra diante deles e por trás deles! Mas disse em vosso coração: "É diante de ti que é preciso prosternar-se, ó Senhor!"
Jr 10,7
Ea 23,20-23; 32,34
6^a Pois o meu anjo está convosco; ele é que cuida das vossas almas^e.

Is 40,19-20
Jr 10,4
Jr 10,14
Is 46,7; Sl 115,7
7^a De fato, a língua desses deuses foi moldada por um operário; não há dúvida de que os ídolos são folheados a ouro e prata, mas eles são enganadores e não podem falar. ⁸Como no caso de uma donzela que tem pendão por atavios, essa gente lança mão do ouro ⁹e com ele coroa

a cabeça dos seus deuses. Sucede mesmo que os sacerdotes lhes furtam ouro e prata para suas despesas pessoais; ¹⁰chegam a dar uma parte deles às prostitutas do terraço^f. E esses deuses de prata, ouro e madeira são trajados de roupas, como homens^g. ¹¹Mas não estão protegidos da ferrugem e da decomposição^h. Depois de revestidos com trajes de púrpura, ¹²limpam-lhesⁱ o rosto da poeira do templo que se acumula sobre eles. ¹³Embora não possa fazer morrer a quem o ofende, este deus empunha um cetro, como juiz de uma região. ¹⁴Segura um punhal na mão direita e um machado, contudo não se protege nem da guerra nem dos bandidos. Nisso é que se reconhece que não são deuses^j; por isso, não os temais!

¹⁵Como a louça^k quebrada se torna imprestável, ¹⁶assim são os seus deuses, depois de instalados nos templos; seus olhos cobrem-se com a poeira levantada pelos passos do povo que entra. ¹⁷Assim como se fecham as portas sobre quem tiver cometido uma injúria contra o rei, na intenção de levá-lo à morte^l, assim os sacerdotes trancam os templos com portas reforçadas, fechaduras, ferrolhos para que esses deuses não sejam saqueados pelos bandidos^m. ¹⁸Acendem mais lâmpadas do que necessitam para si mesmos,

a. Quanto ao gênero literário e à atribuição da Epístola ao profeta Jeremias, veja-se a Introd.

b. O autor discrepa de Jr 27,7 (cf. nota), que sugere que o Exílio duraria três gerações, e de Jr 25,11-12; 29,10 (cf. também 2Cr 36, 21; Dn 9,2) que falam de uma duração de setenta anos, número global (cf. Introd.).

c. Possível alusão, bem como no v. 5, às procissões da festa do Ano Novo em Babilônia. Cf. Introd.

d. Tema geral da carta, que voltará a aparecer como um refrão, sob a forma de exortação: *Não os temais!* nos vv. 14, 22, 28, 64, 68.

e. Outra tradução possível: *que pede contas de vossas almas*.

f. Talvez uma alusão às prostitutas sagradas (cf. vv. 42-43) dos cultos babilônicos; cf. em Heródoto I, 181, a descrição do templo de Zeus Belos em forma de patamares, e a menção a uma mulher (decerto alguma sacerdotisa que representava a esposa do deus) que residia na capela do patamar superior. Outras possíveis traduções: *prostitutas da alcova* (segundo Nm 25,8 nota), ou *prostitutas do lugar mal-afamado*.

g. Texto latino: *eles dão parte dele às prostitutas, e adornam as cortesãs; e novamente quando receberam esse dinheiro das cortesãs, adornam seus deuses*.

h. Lit. *Do alimento*. Mas o termo grego tem por vezes o sentido de *carie* (dentária) ou de *úlcera*. Na hipótese de um original semítico, alguns autores supõem uma leitura defeituosa de um texto que rezaria como em MI 3,11; Jô 13,28, *daquele que devora*, e propõem *nem dos vermes*, ou *nem dos roedores*.

i. Alusão aos ritos de vestição e da limpeza dos deuses.

j. Mais um refrão da Epístola, que torna a aparecer nos vv. 22, 28, 50, 51, 64, 71.

k. O termo pode ter o sentido mais geral de *objeto*, de *utilidade*, de *móvel*, cf. v. 58.

l. Texto latino: *como sobre um morto posto no túmulo*.

m. Cf. Filon de Alexandria, *De Decalogo*, 74, onde se depara em especial esta comparação: os deuses encerrados no templo como malfetores numa prisão; eles estão *"como na prisão"*, colocados no santuário sob guarda e vigilância.

Dt 4,28; apesar de os deuses não poderem ver
SI 115,5-7; sequer uma delas. ¹⁹São comparáveis a
135,16 alguma viga do templo, cujo cerne, ao
que dizem, está carcomido; os vermes
que saem da terra os devoram, e eles e a
seus mantos: eles nem o sentem! ²⁰Têm
o rosto tisonado pela fumaça do templo.
²¹Por sobre seus corpos e cabeças, voam
morcegos, andorinhas, pássaros; há até
gatos. ²²Por esse sinal sabereis que não
são deuses: por isso não os temais!

²³Quanto ao ouro com que os folhea-
ram para embelezá-los, se não lhe lim-
pam o empanamento, não restituirão o
seu brilho; pois quando os fundiram, eles
nem sequer sentiram. ²⁴Esses objetos, que
não têm o menor alento, compram-se por
qualquer preço. ²⁵Como não têm pés,
³carregam-nos aos ombros; com isto, eles
Is 41, manifestam aos homens a própria indigni-
24,29; dade; até mesmo os que os servem
Jr 10,15 sentem vergonha. ²⁶pois se acaso um ído-
72; lo cai no chão, eles precisam apanhá-lo;
Jr 10,14 se o põem de pé, ele não se deslocará
por si mesmo; se estiver deitado, tam-
pouco se reerguerá. Mas é como a mor-
toes que lhe oferecem presentes. ²⁷As ví-
Sr 30,18-19 timas oferecidas às divindades, os sacer-
9,32 dotes as vendem para tirar proveito, da
mesma forma como as mulheres deitam
partes delas na salgadeira, em vez de
distribuí-las ao pobre e ao doente; ²⁸a
Lv 15,19; mulher menstruada e a que acaba de dar
12,4 à luz tocam nas vítimas dos sacrifícios.
Vós que sabeis por esses exemplos que
eles não são deuses, não os temais!

²⁹Donde vem que os chamem deuses,
quando são mulheres^a que servem a es-

ses deuses de prata, ouro e madeira? ³⁰Os
sacerdotes conduzem carros^a dentro de
seus templos; com as vestes rasgadas, os
cabelos e a barba raspadas^a, a cabeça
descoberta, ³¹soltam bramidos e gritam
diante dos seus deuses como gente que
participa de uma refeição fúnebre^a. ³²Com
a roupa que tiraram dos deuses, os sacer- 9,27
dotes vestem suas mulheres e seus fi-
lhos. ³³Quer se lhes faça o bem ou o mal,
esses deuses não o poderão retribuir; eles
não podem entronizar nem destituir um 52
rei^a. ³⁴Igualmente não poderão dar rique-
za nem moeda alguma; se alguém não
cumpre um voto que lhes fez, eles não
lhe pedirão satisfação. ³⁵Eles não salva-
rão um homem da morte, nem tampouco
arrebatarão o fraco da dominação do
poderoso. ³⁶Não devolverão a vista a um
cego; ao homem que está na aflição, não
o farão sair dela. ³⁷Eles não se compade-
cerão da viúva, nem serão benfeitores do
órfão. ³⁸Assemelham-se às pedras arran-
cadas da montanha, esses objetos de
madeira folheada a ouro e prata; os que
os servem ficarão cobertos de vergonha. 25
³⁹Como então se pode considerar ou pro-
clamar que são deuses?

⁴⁰Tanto mais que os próprios caldeus
os desonram: quando vêem um homem
que não pode falar, levam-no para junto
de Bel e pedem que o mudo fale, como 35,6
se o deus fosse capaz de compreender^a;
Jr 10,14; ⁴¹e essa gente é incapaz de refletir o su-
18,20 ficiente para abandonar esses deuses
que não têm compreensão. ⁴²As mulhe-
res cingem-se de cordas^a e, a seguir, ins-
talam-se nos caminhos para queimar

n. Os vv. 24-26 retomam temas habituais da polêmica contra os ídolos: eles não têm respiração (Jr 10,14; SI 135,17; Hab 2,19); é preciso que os carreguem (Jr 10,5; Is 46,7; SI 115,7). Ao passo que o Deus de Israel, por sua vez, dá a respiração (Gn 2,7; Jó 34,14-15; SI 104,29-30); não é carregado, mas sustenta o seu povo (Is 46,3-4).

o. Compare-se com Dt 14,28-29 nota; 26,12-14.

p. Em Israel, a função sacerdotal era reservada aos homens. q. Possível alusão aos carros processionais de que se dá testemunho particularmente em Babilônia e na Síria (cf. Introd.). Outros autores supõem uma leitura errônea de um original semítico e traduzem, como o fez o texto latino, *estão sentados*. r. Compare-se com Dt 14,1 nota; Lv 21,5.

s. Possível alusão aos ritos fúnebres da festa do Ano Novo em

Babilônia ou aos ritos siro-fenícios de celebração da morte de Adonis. Cf. Ez 8,14 nota; veja a Introd.

t. Ao contrário do Senhor, Deus de Israel, que entroniza ou destitui os reis de Israel e os das outras nações: Saul, David, Jeroboão, Ciro etc.

u. Lit. *de sentir*. Igualmente no v. seguinte: *que não têm sentimento*.

v. Possível alusão aos ritos da prostituição sagrada em Babilônia. Cf. já o v. 10. Compare-se com Heródoto I, 199: *A mais vergonhosa das leis da Babilônia é a que obriga todas as mulheres da nação a irem uma vez, na vida ao templo de Afrodite para entregar-se ali a um desconhecido (...). As mulheres ficam sentadas no recinto sagrado de Afrodite, com a cabeça cingida por uma corda (...). Traçavam-se em todos os sentidos passadi-*

farelo"; ^{43e}, quando uma delas dormiu com o transeunte que a convidou, zomba da vizinha que não foi escolhida como ela e cuja corda não foi rompida. ⁴⁴Tudo quanto concerne a esses deuses não passa de mentira; então como é que se pode considerá-los ou proclamá-los deuses?

⁴⁵Eles foram fabricados por operários e ourives; nada mais se tornarão do que aquilo que esses artesãos querem que venham a ser. ⁴⁶Aqueles que os fabricaram não viverão muito tempo; ⁴⁷como é então que os objetos de sua fabricação poderiam ser deuses? Destarte esses homens deixam para sua posteridade mentira e vergonha. ⁴⁸Quando uma guerra ou calamidade desabam sobre esses ídolos, os sacerdotes deliberam entre si para saber onde esconder-se com eles. ⁴⁹Como então não se dar conta de que quem não está em condições de salvar a si mesmo da guerra e da calamidade não é deus? ⁵⁰São objetos de madeira folheados a ouro e prata: verificar-se-á depois disso que não passam de mentira; para todas as nações e para os reis, será evidente que não são deuses, mas obras feitas por mãos de homens*, e que neles não há nenhuma obra de Deus. ⁵¹Então quem não se verá obrigado a admitir que eles não são deuses?

⁵²Eles não suscitarão reis para uma região, nem darão chuva aos homens. ⁵³Não tomarão decisões sobre os assuntos que lhes dizem respeito e tampouco prestarão socorro à vítima de uma injustiça: não prestam para nada; ⁵⁴são como gralhas entre o céu e a terra. Caso o fogo se ateie no templo dos deuses de madeira

folheados a ouro e prata, seus sacerdotes safar-se-ão e escaparão sãos e salvos, mas eles serão consumidos inteiramente como vigas no meio do braseiro. ⁵⁵Não se oporão nem a um rei nem a inimigos. ⁵⁶Como então admitir que são deuses e julgá-los tais?

Os deuses de madeira folheados a prata e ouro não se protegerão nem dos ladrões nem dos bandidos; ⁵⁷que venham arrancar-lhes brutalmente o ouro e a prata, e retirem-se com as vestes que os cobriam, eles serão incapazes de valer-se a si mesmos! ⁵⁸Por isso, é melhor ser um rei que dá provas de bravura, ou um objeto útil numa casa, do qual o proprietário poderá servir-se, do que esses deuses enganadores; ou então, mais vale uma porta de casa, que protege quem está dentro, do que esses deuses enganadores; uma coluna de madeira num palácio, do que esses deuses enganadores. ⁵⁹Pois o sol, a lua e as estrelas*, que brilham e têm a missão de servir, mostram-se dóceis; ⁶⁰também o relâmpago, quando aparece, é fácil de ser visto; o mesmo acontece com o vento que sopra em todas as regiões; ⁶¹quando Deus as manda percorrer toda a terra, as nuvens cumprem o que lhes foi determinado; ⁶²e o fogo, enviado do alto para devastar montes e florestas, faz o que lhe é ordenado. Quanto aos ídolos, nem sequer são feitos à imitação das formas e dos poderes desses elementos. ⁶³Daí evidencia-se que não se deve considerar nem proclamar que são deuses, já que não estão em condições de pronunciar uma sentença

cos, por meio de cordas estendidas, que permitiam aos visitantes circular no meio delas e fazer a escolha.

w. Decerto um rito de magia simpática, destinado a apressar o encontro com o estranho. Cf. Teócritos. *As mágicas*, verso 33.

x. No fragmento grego da *Epístola* descoberto em Qumran, constam algumas palavras dos vv. 43-44.

y. O tema dos vv. 45-47 já está em germe em Jr 10,9 e Is 44,11, e será desenvolvido em termos mais filosóficos em Sb 15,7-9.16-17 e em Filon (*De Decalogo*, 69): *Ao objeto fabricado, o fabricante prevalece, tanto com relação ao tempo (ele é mais antigo do que sua obra e, de certa forma, seu pai), como relativamente ao poder, já que o autor da ação se avantajava àquele que é seu objeto.*

z. Expressão clássica para designar os ídolos: Dt 4,28; 2Rs 19,18; Sl 115,4; 135,15; Sb 13,10.

a. Nos vv. 59-67, bem como em Jeremias e no Segundo Isaías (Jr 10,10-13; Is 44; 45; 46), o autor contrapõe à inanidade e impotência dos ídolos a onipotência do Deus de Israel e seu senhorio sobre a criação (aliás este é um tema da literatura sapiencial: Jó 38-39; Jr 42,15-43,33). Mas a descrição dos elementos da natureza permanece discreta (eles são evocados só depois dos objetos utilitários) e o autor insiste na sua docilidade. O livro da *Sabedoria* (Sb 13-15) e Filon de Alexandria (*De Decalogo*, 53-81; *De vita contemplativa*, 3-9) unirão a crítica da idolatria às das honras divinas prestadas ao mundo (cosmolatria) e da adoração aos animais (zoolatria).

nem de fazer o bem aos homens. ⁶⁴Sabei, portanto, que não são deuses, não os temais!

⁶⁵Com efeito, eles não podem amaldiçoar nem abençoar os reis; ⁶⁶são incapazes de mostrar às nações sinais no céu, de brilhar como o sol ou iluminar como a lua. ⁶⁷Os animais selvagens são superiores a eles, já que podem, fugindo para um abrigo, socorrer-se a si mesmos. ⁶⁸Portanto, de modo algum nos é manifesto que são deuses por isso não os temais!

⁶⁹Como um espantalho numa plantação de pepinos^b que não protege nada,

assim sucede com os deuses de madeira folheados a ouro e prata. ⁷⁰Ou então, é ao espinheiro^c num jardim, no qual pou- sam todos os pássaros, ou ainda a um Br 2.25
cadáver lançado à escuridão que são comparáveis os seus deuses de madeira folheados a ouro e prata. ⁷¹Ao verdes deteriorar-se a sua púrpura e seu brilho^d, compreenderéis que eles não são deuses.

Finalmente esses objetos serão devorados e se tornarão a vergonha da região. Is 42.17;
44.9-11;
Jr 2.26-28

⁷²Assim pois, mais vale um homem justo que não tem ídolos: ele estará a salvo da 25
vergonha.

b. Esta comparação supõe que o autor recorreu ao texto hebr. de Jr 10.5 e não às versões gregas correspondentes. Cf. Introd.

c. Imagem da inutilidade e da nocividade. Cf. Jz 9.7-15.

d. Lit. *seu brilhante*. Na hipótese de um original semítico, supõe-se um termo hebraico passível de ser traduzido, seja por *alabastro* (Ct 5.15), seja por *linho fino* ou *bisso* (Ex 25.4). O texto latino traz *escurlate*.

NOVO TESTAMENTO

INTRODUÇÃO

O *Novo Testamento* apresenta-se sob a forma de uma coletânea de vinte e sete livros, todos escritos em grego e de dimensões muito desiguais. Por volta do século II criou-se o costume de designar esta coletânea pela expressão de “Novo Testamento”. Com efeito, os escritos que a compõem haviam pouco a pouco adquirido tamanha autoridade que eram tidos praticamente em pé de igualdade com os textos do Antigo Testamento, por muito tempo considerados pelos cristãos sua única Bíblia, por eles nomeada “a Lei e os Profetas”, segundo o costume judeu da época. Se os escritos cristãos acabaram sendo chamados de “Novo Testamento”, isto se deve essencialmente a terem os primeiros teólogos cristãos, depois de Paulo (2Cor 3,14), julgado que esses textos encerravam as disposições de uma nova aliança, cujos termos deviam reger as relações entre Deus e seu povo durante a última fase da história da salvação. A palavra “Testamento” traduz o termo empregado em hebraico para designar a aliança concluída entre Deus e Israel. O fato de falarem numa nova aliança levou os cristãos a designarem, conseqüentemente, a coletânea dantes denominada “a Lei e os Profetas”, com o nome de Antigo Testamento, indicando com isso que viam nela sobretudo a codificação da antiga Aliança mosaica, que a seu ver, fora simultaneamente renovada e superada por Jesus.

A redação desses vinte e sete livros e sua compilação numa coletânea única decorreram de um processo demorado e complexo. Por outra parte, a transmissão dessas obras, desde a antigüidade até nossos dias, implicou certo número de contingências, que não isentaram o texto de alterações. Finalmente, a distância, tanto histórica como geográfica e cultural, que nos separa do universo do Novo Testamento constitui uma dificuldade essencial para uma boa compreensão desta literatura. Torna-se, pois, indispensável, hoje, situá-la no ambiente que assistiu ao seu nascimento e difusão inicial.

Qualquer introdução ao Novo Testamento, por sumária que seja, vê-se obrigada a examinar de

início as condições em que os primeiros cristãos foram levados a elaborar uma nova compilação das Sagradas Escrituras. A seguir, deve estudar como esses textos, constantemente copiados e recopiados, conseguiram vencer os quase quatorze séculos de movimentada história entre sua redação e sua fixação de forma quase imutável, quando da invenção da imprensa; e deve, ao mesmo tempo, dar conta da maneira pela qual se podem remediar as diversas alterações sofridas pelo texto no decorrer de sua transmissão manuscrita. Finalmente, a *Introdução* tenta fazer uma apresentação tão exata quanto possível do ambiente histórico, religioso e cultural em que o Novo Testamento nasceu e se difundiu.

Esses três principais aspectos da *Introdução* são comumente denominados de *problema do cânon*, *problema do texto* e *problema do ambiente* de origem do Novo Testamento.

O cânon do Novo Testamento. Assim como a palavra portuguesa “regra”, a palavra grega *kanôn* admite um sentido figurado, o de regra de conduta ou regra de fé. Em português, a palavra “cânon” conservou este segundo sentido; designa, em certos casos, uma lista oficial. Neste sentido é que se fala de um cânon dos livros sagrados para designar a lista oficialmente reconhecida dos livros considerados normativos para a vida e a fé da Igreja. Com este sentido, o termo só entrou efetivamente em curso, na literatura cristã, a partir do século IV.

Cabe perguntar como os primeiros cristãos foram induzidos a pensar e concretizar a constituição de uma nova coletânea de livros sagrados e a realizá-la, complementando a coletânea denominada “a Lei e os Profetas”. Sumariamente, esta evolução pode ser esquematizada da seguinte forma:

Para os cristãos da primeira geração, a autoridade suprema em matéria religiosa assentava-se em duas instâncias. A primeira era o Antigo Testamento, citado pelos primeiros autores cristãos em todas as suas partes, ou quase, como revelação de Deus. A segunda instância, que logo adquiriu pree-

minência, era comumente denominada "o Senhor". Esta expressão designava, de uma só feita, o ensinamento outrora ministrado por Jesus (1Cor 9,14) e a autoridade do Ressuscitado, expressa por intermédio dos apóstolos (2Cor 10,8.18). Dessas duas instâncias que tinham força de critério, só o Antigo Testamento constava de textos escritos. Em contrapartida, as palavras do Senhor e a pregação dos apóstolos foram conservadas oralmente durante muitos anos, e só com o desaparecimento dos últimos apóstolos se tomou consciência da necessidade, quer de fixar por escrito o essencial do seu ensinamento, quer de assegurar a conservação do que eles haviam redigido. A questão da autoridade de que se revestiam essas novas obras devia necessariamente surgir um dia, mesmo que, num primeiro tempo, a autoridade da tradição oral tenha prevalecido amplamente em face dos documentos escritos.

Até cerca do ano 150, parece que os cristãos se deixaram conduzir quase inconscientemente ao esboço de uma nova coletânea das Sagradas Escrituras. Há grandes probabilidades de que eles primeiramente tenham reunido e utilizado em sua vida eclesial um compêndio das epístolas de Paulo. Ao agir assim, seu objetivo não era constituir um suplemento da Bíblia. Eles simplesmente se deixaram levar pelas circunstâncias: de fato, os documentos paulinos já estavam escritos numa época em que, em ampla escala, a tradição evangélica ainda se conservava só oralmente; ademais, o próprio Paulo preconizara a leitura pública de suas cartas, bem como sua circulação pelas igrejas circunvizinhas (1Ts 5,27; Cl 4,16).

Em todo caso, desde o início do século II, numerosos autores cristãos dão a perceber claramente que conhecem um avultado número de epístolas paulinas. Daí poder concluir-se que uma compilação dessas epístolas foi constituída muito cedo e logo teve vasta difusão, devida, sem dúvida, à grande notoriedade do apóstolo. A despeito da autoridade que se atribuía a esses escritos, não existe todavia, antes do início do século II (cf. 2Pd 3,16), testemunho de que os tenham considerado como Escritura Sagrada e como detentores de uma autoridade comparável à da Bíblia.

Durante todo este período, a posição dos evangelhos não se manifesta tão claramente quanto a das epístolas de Paulo. Sem dúvida, as obras dos antigos autores cristãos não carecem de citações

dos evangelhos ou de alusões aos mesmos, mas quase sempre é difícil definir se as citações são feitas segundo textos escritos que esses autores tivessem ante os olhos ou se eles se contentavam com evocar fragmentos da tradição oral. De qualquer forma, antes de 140 não existe testemunho algum de que se tenha conhecido uma coletânea de escritos evangélicos. Nem se aduz qualquer caráter normativo ligado a uma dessas obras. Só na segunda metade do século II é que surgem testemunhos cada vez mais claros da existência de uma coletânea de evangelhos e da autoridade que, progressivamente, lhe foi atribuída.

Por volta de 150, inicia-se um período decisivo para a formação do cânon do Novo Testamento. Justino Mártir foi o primeiro a indicar que os cristãos liam os quatro evangelhos, por ocasião das assembleias dominicais, considerando-os como obras dos apóstolos (ou, quando menos, de personagens diretamente ligadas aos apóstolos) e atribuindo-lhes uma autoridade análoga à da Bíblia.

Se esses escritos foram investidos de tamanha autoridade, não foi tanto por causa de sua origem apostólica, mas antes pelo fato de retratarem a história do "Senhor", de acordo com a tradição recebida. Muito cedo, entretanto, ressaltou-se a apostolicidade dessas obras, em particular quando foi preciso defendê-las contra a proliferação de escritos do mesmo gênero, mas cujo conteúdo dependia, o mais das vezes, de uma imitação grosseira, ou mesmo da mais pura fantasia.

De fato, pouco depois de 150, mal se fez sentir na Igreja a necessidade de uma norma aceita universalmente, os cristãos voltaram-se para a coletânea dos quatro evangelhos, que então se haviam imposto à atenção de todos, em virtude de suas qualidades internas e da autenticidade do testemunho que davam do "Senhor". De muitos pontos de vista era tão esmagadora a superioridade dos quatro que, bem depressa, eles eclipsaram o conjunto da literatura paralela, de tal sorte que se pode considerar que, por volta de 170, os quatro evangelhos já haviam adquirido o estatuto de literatura canônica, muito embora esta palavra ainda não houvesse sido pronunciada.

Quanto às epístolas de Paulo, há quase certeza de que não entraram uma após outra no cânon: foi o conjunto da coletânea que nele foi acolhido a partir do momento em que a idéia de possuir um cânon do Novo Testamento começou a se impor

na Igreja. É provável que a noção de apostolicidade, já invocada em favor da autoridade dos escritos evangélicos, tenha atuado mais amplamente em favor da literatura paulina, que, pouco a pouco e de maneira fortuita, assumira o aspecto de uma compilação cuja autoridade era amplamente aceita nas igrejas do século II.

Percebe-se que assim nasceu o princípio de um novo cânon das Sagradas Escrituras, mas este princípio, no fundo, jamais foi verdadeiramente discutido. A existência do cânon é antes uma situação de fato, que se generalizou rapidamente na Igreja. A reflexão teológica só interveio *a posteriori* ante a necessidade de definir pormenorizadamente o conteúdo do cânon. Muito provavelmente este movimento foi acelerado pela intervenção do herege Marcião († 160) que, por rejeitar integralmente a autoridade do Antigo Testamento, tinha urgente necessidade de dotar a sua igreja de novas Escrituras Sagradas e, por conseguinte, de um novo cânon. Desta forma, os marcionitas contribuíram até certo ponto para vulgarizar o princípio do novo cânon, o qual se admite ser composto de duas partes, o Evangelho e os Apóstolos, exatamente como o antigo também se compunha de duas partes, a Lei e os Profetas. Desde o fim do século II, a idéia de uma nova norma escriturística implantou-se solidamente na Igreja, mas faltava definir o conteúdo do novo cânon. A lista definitiva das obras pertencentes ao cânon só se fixaria progressivamente, à medida que se estabelecesse um acordo em prol da crescente consciência da unidade da Igreja, graças ao desenvolvimento das relações entre as diversas comunidades de cristãos. Entre 150 e 200, assiste-se à definição progressiva do livro dos Atos como obra canônica. No fim do séc. II, Irineu de Lião considera esta obra como Escritura Sagrada e a cita como o testemunho de Lucas a respeito dos Apóstolos. De fato, o livro dos Atos foi acolhido no cânon especialmente por seu parentesco com o terceiro evangelho, do qual era continuação. A evolução da noção de autoridade apostólica, no decurso do séc. II, foi igualmente um fator importante para a inclusão no cânon desta obra, que bem cedo foi considerada como introdução necessária ao conjunto das epístolas.

Quando se tenta, no limiar do séc. III, fazer um balanço desta evolução, chega-se às seguintes constatações: em toda a parte, os quatro evange-

lhos conquistaram uma posição inexpugnável, que nunca mais lhes seria contestada. Desde este período, pode-se considerar concluído o cânon dos evangelhos. Quanto ao que diz respeito à segunda parte do cânon (os Apóstolos), deparam-se por toda a parte citados como Sagrada Escritura treze epístolas de Paulo, o livro dos Atos e a primeira epístola de Pedro. Certa unanimidade formou-se acerca da primeira epístola de João. Assim, o cânon definitivo já está mais do que esboçado. Subsistem, todavia, zonas de incerteza. Ao lado de obras que se impuseram universalmente à Igreja por uma espécie de evidência interna, encontra-se um número importante de obras "flutuantes", mencionadas como canônicas por alguns Padres, mas tidas só como leitura proveitosa por outros. A epístola aos Hebreus, a segunda de Pedro, a de Tiago e a de Judas entram neste caso. Paralelamente, obras que nesta época são habitualmente citadas como Escritura Sagrada, e por conseguinte incluídas no cânon, não se manteriam muito tempo nesta situação e se veriam por fim expulsas dele. Foi o que sucedeu com a obra de Hermes intitulada "o Pastor", com a Didaqué, com a primeira epístola de Clemente, a epístola de Barnabé e o apocalipse de Pedro.

Nesta fase do processo, o critério de apostolicidade parece ter atuado de forma bastante geral, e vêem-se pouco a pouco cair em desgraça todas as obras que era impossível vincular a um apóstolo. Os livros que ainda seriam contestados durante o séc. III foram precisamente aqueles cuja apostolicidade era discutida neste ou naquele setor da Igreja. Os casos mais controversos foram os da epístola aos Hebreus e o do Apocalipse. A canonicidade da primeira foi por longo tempo energeticamente negada no Ocidente e a do segundo, no Oriente. Por outro lado, a segunda e a terceira epístolas de João, a segunda epístola de Pedro e a epístola de Judas só se impuseram lentamente. Não é necessário acompanhar pormenorizadamente todas as fases desta evolução, que resultará, no decorrer do séc. IV, na constituição de um cânon cujo conjunto é idêntico ao que nós conhecemos hoje, só persistindo incerteza quanto à ordem dos livros.

A preocupação com a unidade, numa Igreja na qual se impunha sempre mais a precedência romana, contribuiu consideravelmente para atenuar as divergências que se haviam manifestado em alguma fase do processo da formação do cânon.

Os apócrifos do Novo Testamento. Os livros reconhecidos como canônicos tornaram-se, por isso mesmo, textos sagrados e passaram a desfrutar, a partir da data de sua agregação ao cânon, uma espécie de imunidade que lhes valeu chegar até a era da imprensa em bom estado de conservação.

O mesmo não sucedeu com as obras que não lograram implantar-se no cânon. Se algumas delas (como a Didaqué ou a epístola de Barnabé) desfrutavam de estima geral e, por este motivo, foram bem conservadas a despeito da sua exclusão do cânon, outras, em compensação, por não terem os mesmos títulos, foram descartadas de forma bem mais brutal da prática eclesiástica; tornaram-se assim muito vulneráveis, o que explica que ainda só existam em forma de vestígios.

Reservou-se a denominação de “apócrifos”, ou seja, “escondidos”, para um certo número de obras que, apesar de certa semelhança com os escritos canônicos do Novo Testamento, eram consideradas como transmissoras de idéias estranhas à da Igreja e, em geral, secretas ou latentes, isto é, reservadas para um ambiente “sectário”, único a poder dispor delas para nelas haurir um “verdadeiro conhecimento”, ou gnose. Mais tarde, consideraram-se apócrifas as obras sobre as quais a Igreja recusava fundamentar a doutrina e fé e cuja leitura pública nas funções dominicais não autorizava. Esses livros, embora fossem em certos casos recomendados à leitura individual por seu caráter edificante, deviam permanecer ocultos no decorrer da prática litúrgica pública. É nesta última acepção que a palavra seria ordinariamente compreendida antes de, no momento da conclusão do cânon, vir a designar escritos falsamente atribuídos a apóstolos. A partir desta data, uma conotação nitidamente pejorativa prende-se ao termo “apócrifo”. As obras apócrifas serão então consideradas como veículos de erro.

Seja qual for o seu valor literário, os apócrifos do Novo Testamento não deixam de ser obras extremamente preciosas para o estudo da evolução das idéias religiosas nos séculos II e III.

Podem-se distinguir, *grossa modo*, no conjunto da literatura apócrifa, quatro categorias de escritos, que correspondem às diversas classes de escritos canônicos. Vale dizer que existem evangelhos, atos dos apóstolos, epístolas e apocalipses apócrifos. Só algumas destas obras serão aqui mencionadas.

Os evangelhos dos Nazarenos, dos Hebreus e dos Egípcios só chegaram até nós através de citações feitas pelos Padres da Igreja. Pelo que se pode julgar, tratava-se de escritos bastante parecidos com os evangelhos canônicos. O evangelho de Pedro, do qual se descobriu um fragmento no Egito nos fins do século passado, já contém traços de um gnosticismo que se manifesta em toda a sua extensão em obras mais bem conhecidas por nós, desde a recente descoberta, sempre no Egito, de livros como o evangelho da Verdade, o evangelho de Filipe e o evangelho de Tomé, este último contendo muitos pontos comuns com os evangelhos sinóticos. Essas obras diferenciam-se claramente, porém, dos evangelhos canônicos, pelo fato de não comportarem praticamente nenhum elemento narrativo. O livro conhecido com o nome de Proto-evangelho de Tiago apresenta uma narrativa ampliada dos evangelhos da infância, interessando-se mais particularmente pela história de Maria e pelos fatos que cercaram o nascimento de Jesus.

Quanto aos atos apócrifos, são em geral escritos de edificação popular, inspirados longinquamente no livro canônico dos Atos. Comprazem-se em desenvolver o elemento maravilhoso na vida dos apóstolos que pretendem glorificar. De qualquer forma, esta é a impressão deixada pelos atos de João, Paulo, André.

Excetuando-se o caso da *Epistola Apostolorum*, escrita por volta de 150, e que se prende mais ao gênero apocalíptico, pouco há a dizer das epístolas apócrifas. Na verdade, estes escritos não se podem comparar com as epístolas canônicas: assemelham-se menos a cartas do que a pequenos tratados de teologia, além de serem bastante medíocres. Quanto aos apocalipses apócrifos, podem ser citados, além do “Pastor” de Hermas o apocalipse de Pedro (uma especulação sobre a vida futura, o paraíso e o inferno) e o apocalipse de Paulo, que pretende pormenorizar a famosa visão relatada por 2Cor 12, durante a qual o apóstolo fora arrebatado ao terceiro céu.

Todos estes livros são posteriores aos escritos canônicos, dos quais são muitas vezes imitações. Em geral, não incorporam em si nenhuma tradição histórica antiga e, por isso, não são de grande valia para o estudo do Novo Testamento, seja qual for o interesse que apresentem para a história do pensamento cristão mais tardio.

O texto do Novo Testamento. Conhecemos o texto dos vinte e sete livros do Novo Testamento através de um número muito grande de manuscritos, redigidos em línguas bem diversas e conservadas atualmente em bibliotecas espalhadas pelo mundo. Nenhum desses manuscritos é autógrafo: todos eles são cópias, ou cópias de cópias dos manuscritos outrora redigidos pela mão do próprio autor ou por ele ditados. Todos os livros do Novo Testamento, sem exceção, foram escritos em grego, e existem nesta língua mais de 5.000 manuscritos, sendo que os mais antigos estão redigidos em papiro e os demais em pergaminho. Em papiro, só se possuem partes, por vezes pequenas, do Novo Testamento. Os mais antigos manuscritos gregos contendo a maior parte ou a íntegra do Novo Testamento são duas Bíblias em pergaminho que datam do século IV. A mais venerável é o *Codex Vaticanus*, assim chamado por ser conservado na Biblioteca do Vaticano; este manuscrito, de origem desconhecida, infelizmente mutilado, atesta o Novo Testamento, salvo a Epístola aos Hebreus 9,14–13,25, a primeira e segunda epístolas a Timóteo, as epístolas a Tito e a Filêmon, o Apocalipse. No segundo manuscrito, denominado *Codex Sinaiticus*, por ter sido descoberto no mosteiro de Santa Catarina, no monte Sinai, o Novo Testamento está completo; acrescenta-se-lhe até a epístola de Barnabé e parte do “Pastor” de Hermas, livros que não seriam conservados pelo cânon definitivo do Novo Testamento. Hoje, o Sinaítico se conserva no British Museum, de Londres. Esses dois manuscritos estão redigidos em bela caligrafia chamada maiúscula ou uncial bíblica. Nada mais são do que os mais célebres dentre cerca de 250 outros pergaminhos de escrita idêntica ou mais ou menos análoga, datados do século III até o século X ou XI; aliás em sua maioria, máxime os mais antigos, só conservam uma fração, por vezes bem pequena, do texto do Novo Testamento.

Nem todas as cópias do Novo Testamento que chegaram até nós são idênticas. Muito pelo contrário, podem discernir-se entre elas diferenças, cuja importância varia, mas cujo número é, em todo caso, bem considerável. Algumas destas diferenças só concernem a pormenores gramaticais, ao vocabulário, ou à ordem das palavras; outras vezes, porém, verificam-se entre os manuscritos divergências que afetam o sentido de passagens inteiras.

A origem dessas divergências é bastante fácil de descobrir. De fato, o texto do Novo Testamento foi, durante muitos séculos, copiado e recopiado por escribas mais ou menos competentes, nenhum deles, porém, isento das deficiências de toda a sorte que fazem com que cópia alguma, por fiel que seja, se conforme plenamente a seu modelo. A isto deve-se acrescentar que certo número de escribas, animados das melhores intenções, tentaram por vezes corrigir passagens de seu modelo, que lhes pareciam eivadas quer de erros caracterizados, quer de alguma falta de precisão teológica. Ao agirem assim, introduziram no texto variantes inéditas, quase sempre errôneas. Pode-se finalmente acrescentar que o uso cultural que se fez de não poucas perícopes do Novo Testamento provocou freqüentes deslizos do texto, no sentido de embelezamentos litúrgicos ou de harmonizações favorecidas pela recitação oral.

Inevitavelmente, no decorrer dos séculos, as transformações introduzidas pelos escribas se somaram umas às outras, donde o texto ter finalmente chegado à época da imprensa carregado de corrupções várias, que se traduzem pela presença de um número assaz considerável de variantes.

O objetivo ideal visado pela “crítica textual” é reconstituir, com base em todos esses documentos divergentes, um texto que com a maior probabilidade se aproxime do original. De qualquer forma, não há como esperar uma recuperação do próprio texto original.

O primeiro trabalho da crítica textual consiste em levar em consideração todos “os testemunhos” existentes do texto. Em outras palavras, é-lhe necessário arrolar e classificar todos os documentos que reproduzem, no todo ou em parte, o texto do Novo Testamento. Aqui levam-se em conta não só os manuscritos redigidos em grego, mas também todos os que incluem traduções do Novo Testamento nas línguas correntes entre os cristãos dos primeiros séculos (essencialmente o latim, o siríaco e o copta). Em certo número de casos, essas traduções se fizeram com base em originais gregos anteriores ao *Vaticanus* ou ao *Sinaiticus*, podendo testemunhar um estado do texto anterior ao que se pode alcançar por intermédio dos mais antigos manuscritos gregos. À medida que o seu substrato grego pode ser reconstituído com precisão, as traduções antigas desempenham um papel importante no estabelecimento do texto do Novo Testamento.

Além dos manuscritos gregos e das versões antigas, a crítica textual tenta valer-se das inúmeras citações do Novo Testamento que se encontram nas obras dos primeiros Padres da Igreja. A incontestável vantagem dessas citações é, em particular, a de remontar muitas vezes a um estado do texto anterior ao que transmitem as versões mais antigas (e, por conseguinte, além do que permitiriam conhecer os mais antigos manuscritos gregos). De outra parte, pode-se determinar a data e origem geográfica dessas citações com relativa facilidade e, assim, tem-se à mão um meio para formar uma idéia do texto do Novo Testamento em uso numa época exata, neste ou naquele setor da Igreja. Em contrapartida, estas citações apresentam um duplo inconveniente. Não só cada uma delas reproduz unicamente um fragmento do texto, mas sobretudo, infelizmente para nós, os Padres citavam o mais das vezes de cor e sem muito rigor, de modo que nem sempre é possível confiar totalmente nas informações que transmitem.

Uma vez arrolada e analisada a profusão de documentos constituída pelos manuscritos gregos, as antigas traduções e as citações patrísticas, a crítica textual, esforcamo-nos por ordenar tudo isso, a fim de utilizá-lo da melhor forma, com vistas a remontar o mais longe possível rumo ao texto original.

Nessa perspectiva, um exame atento levou os especialistas a constatar que o elenco das testemunhas conhecidas se repartia em um número bastante limitado de grupos capitais. Destarte, foi possível constituir três ou quatro grandes famílias de testemunhas, cujos representantes revelam ser cópias de um mesmo modelo.

Como consequência deste trabalho, ainda inacabado, mas já considerável, a crítica hodierna pode basear-se, em escala bastante ampla, não mais na massa de testemunhos individuais, mas em grupos de testemunhas, cada uma das quais representando um tipo de texto cuja origem pode ser datada e localizada com maior ou menor certeza.

Os principais tipos de textos identificados pela crítica são os seguintes:

— Um texto chamado “antioqueno” ou “sírio”, por causa de sua origem, geralmente situada em Antioquia, por volta de 300. Ele é atestado pela imensa maioria dos manuscritos gregos, sobretudo os mais recentes, pois tornou-se bastante rapidamente o texto mais usado no mundo bizantino

— motivo pelo qual se chama também “bizantino” ou *koiné ékdosis* (edição comum). Ele revela uma preocupação característica com a elegância e clareza; facilmente harmoniza entre si passagens mais ou menos paralelas e amalgama as variantes de um mesmo trecho. Sua qualidade crítica é medíocre. Apesar de tudo isso, foi a partir de variedades tardias deste texto que se efetuaram as primeiras edições impressas no Novo Testamento, cujo texto se imporia durante mais de três séculos como *textus receptus* ou texto recebido por todos.

— Um texto chamado “alexandrino” ou “egípcio”: tudo indica, de fato, ser a sua pátria o Egito e mais exatamente, Alexandria. Suas principais testemunhas são o *Vaticanus* e, em grau inferior, o *Sinaiticus*. Ele existia, ao mais tardar, por volta de 300, e certas descobertas recentes fazem pensar que, ao menos quanto aos evangelhos, teria existido numa data sensivelmente anterior. Chamam-no amiúde de texto “neutro”, pois parece não resultar de uma revisão realmente sistemática e tendenciosa. Todos os especialistas, ou quase, concordam em reconhecer-lhe, no conjunto, um valor crítico elevado, quer este provenha de uma tradição manuscrita especialmente fiel, quer de uma restauração textual, cuja qualidade não seria de surpreender no mundo alexandrino. Por isso, desde a segunda metade do séc. XIX, as edições do Novo Testamento seguem de boa mente, e com razão, esse tipo de texto que, entretanto, não deve ser considerado como testemunha sempre e em tudo infalível.

— Um texto chamado “ocidental”. Este apelativo, que data do séc. XVIII, verificou-se parcialmente inexacto. Com efeito, as antigas versões latinas do Novo Testamento e certos manuscritos greco-latinos, como o *Codex Bezae* (século IV?) para os Evangelhos e os Atos, atestam deveras a ampla difusão desse tipo de texto no Ocidente; agora, porém, é evidente que ele existiu também no Oriente, como o demonstram certas versões orientais, muitas citações e fragmentos de antigos manuscritos gregos. Em muitos casos, esse texto “ocidental”, cuja origem e unidade ainda permanecem problemáticas, apresenta-se como sendo a forma mais antiga e universalmente atestada do Novo Testamento. Ele se distingue por uma tendência pronunciada às explicações, às precisões, às paráfrases, às harmonizações, que muito geral-

mente o afastam do texto primitivo; em mais de um caso, porém, suas antigas variantes, sobretudo quando breves, são dignas de consideração.

Essas grandes famílias de manuscritos não são as únicas que se podem identificar. Existem também formas intermediárias entre os tipos mais definidos que acabamos de mencionar. Contudo, não é necessário adentrar nesses pormenores para dar a entender todo o interesse deste método, que consiste em isolar certos tipos de textos e situá-los no tempo e no espaço, graças aos dados cronológicos e geográficos que as versões, as citações e, em dadas circunstâncias, a paleografia oferecem. Com isso, torna-se possível esboçar, para cada variante, para cada livro, para o Novo Testamento inteiro, pelo menos uma história do texto que permita ver quais são as formas mais antigas, as mais amplamente atestadas e, por conseguinte, as que, em paridade de outras condições, têm maior probabilidade de corresponder ao texto original.

Este primeiro trabalho crítico, que se chama "crítica externa", ainda não é suficiente. Não raro, por exemplo, ele resulta na constatação da existência, no séc. II ou III, de duas variantes do mesmo trecho bastante difundidas e entre as quais a escolha é difícil. Neste caso, só resta recorrer aos préstimos da "crítica interna".

Esta já não considera essencialmente as variantes como tipos diferentes do texto do Novo Testamento. Pelo contrário, parte do princípio que o teor de cada variante deve ser examinado como um caso individual, resultante de uma intervenção intempestiva, consciente ou não, de um copista. O objetivo da crítica interna é, antes de mais nada, reconstituir de maneira precisa a espécie de interferência que foi feita pelo copista responsável pela eclosão da variante e quais foram as motivações dessa intervenção. Estabelecido isto, é relativamente fácil, a seguir, reter como leitura primitiva a que se revelou como sendo origem de todas as leituras corrompidas. Este método, contudo, dá margem a uma ampla intervenção do juízo subjetivo do crítico, que deve explorar simultaneamente sua opinião pessoal sobre o texto e seu conhecimento, não só do modo costumeiro de proceder dos escribas, mas também dos erros que eles cometem com maior frequência. Este caráter subjetivo do método explica em grande parte por que só é empregado como complemento da crítica externa.

Seja como for, os resultados conseguidos desde

cerca de 150 anos pela crítica textual do Novo Testamento são notáveis. Atualmente, o texto do Novo Testamento pode ser considerado como bem estabelecido. Só poderia ser novamente posto em dúvida seriamente devido à descoberta de novos documentos.

Esses resultados tornaram possíveis os progressos enormes que se podem verificar entre as edições modernas do Novo Testamento e as que haviam sido efetuadas entre 1520 e 1850, mais ou menos, antes da aplicação rigorosa das regras da crítica textual. A edição mais difundida em nossos dias é a da Nestle-Aland, que se baseia no texto das três grandes edições científicas realizadas na segunda metade do séc. XIX por Tischendorf, Wescott e Hort, e Weiss. O *Greek New Testament*, editado pelas Sociedades Bíblicas e levado a cabo por K. Aland, M. Black, B.-M. Metzger e A. Wikgren, esmerou-se em aprimorar-lhe o texto. Nesta última edição é que, com algumas exceções, se baseia a presente tradução.

O ambiente do Novo Testamento. O cristianismo nasceu no seio de um povo que passara por uma história tormentosa. Após o doloroso exílio babilônico, que marcara definitivamente a consciência judaica, Israel tornara a instalar-se precariamente na Palestina; mas, quando reintegraram a Terra Prometida, os judeus tiveram de se dar conta de que os tempos haviam mudado e já não se podia pensar em viver lá como nos tempos anteriores. De fato, a Palestina se tornara, mais do que outrora, objeto da cobiça de interesses que a ultrapassavam e também, mais do que outrora, via-se exposta às influências insidiosas e persistentes de idéias estrangeiras e, portanto, pagãs, que, de forma sempre mais aguda, entravam em conflito com as tradições judaicas ancestrais que eles se esforçavam por manter intactas, apesar de todos os obstáculos. Com o passar dos anos, o confronto entre o judaísmo e o mundo circunvizinho evoluiu para formas cada vez mais violentas.

Desde a morte de Alexandre Magno, em 323, a Palestina caíra sob a dependência dos reis helênicos. Estes tiveram para com os judeus atitudes muito diversas, desde uma grande tolerância até as mais furiosas tentativas de absorção cultural. O nome de Antíoco IV Epifanes (175-164) ficou ligado ao mais cruel destes esforços para subjugar a pulso o particularismo judeu, impondo-lhe a

conversão ao helenismo. O ponto culminante foi a consagração do templo de Jerusalém a Zeus Olímpico. Esses acontecimentos, relatados no livro dos Macabeus, tiveram como efeito obrigar todos os judeus piedosos (os *hasidim*) quer à resistência passiva, quer à revolta. A insurreição militar, sob a chefia dos irmãos Macabeus, resultou na reconquista de uma relativa independência política e religiosa, que durou cerca de um século. A dinastia dos hasmoneus, que tomou este nome de um antepassado de Judas Macabeu, governou de fato a Palestina até lhe ser imposto o regime romano. Intervindo para pôr fim às disputas internas que dividiam os últimos hasmoneus, Pompeu apoderou-se de Jerusalém no ano 63 a.C.

O período romano da história da Palestina foi dominado, em seus primórdios pela dinastia de Herodes. Herodes Magno (Mt 2,1) reinou de 40 a 4 a.C., não raro graças ao terror. A sua origem iduméia e, portanto, não-davídica, juntamente com a sua crueldade, atraíram sobre ele um ódio implacável por parte do povo judeu. À sua morte, os três filhos repartiram o reino entre si. A Herodes Antipas coube como herança a Galiléia (Lc 3,1) e a Peréia, onde reinou de 4 a.C. até 39 d.C. Ele é conhecido por ter mandado matar João Batista (Mc 6,17-29) e por ter desempenhado um papel no processo de Jesus (Lc 23,6-16). De Arquelau (Mt 2,22), que recebera a Judéia e a Samaria, e de Filipe, que recebera os territórios situados ao norte da Peréia (Lc 3,1), os evangelhos citam apenas os nomes.

Contudo, o poder político predominante estava na mão dos funcionários romanos, prefeitos ou procuradores. O Novo Testamento conservou a lembrança de vários deles. Pôncio Pilatos, o quinto da série, exerceu suas funções brutalmente, entre os anos 27 e 37; Félix, homem cruel e viciado (se acreditarmos em Tácito), procurador de 52 a 60, contribuiu amplamente para fazer eclodir a guerra civil nos territórios sob sua jurisdição. Perante ele é que compareceu Paulo em Cesaréia (At 23,23-24,26); seu sucessor foi Festo (At 25-26), diante de quem Paulo apelou para o tribunal de César (At 25,11-12).

O governo dos procuradores fora interrompido por uma breve restauração do poder dos Herodes em benefício de Agripa I, neto de Herodes Magno, e que se salientou, segundo o Novo Testamento, como um dos primeiros perseguidores da Igre-

ja nascente (At 12,1-23). Este intermédio (39-44) não viu melhorar a situação da Palestina. Sob os últimos procuradores, as perturbações políticas nada mais fizeram do que ampliar-se e, em 66, acabaram degenerando numa verdadeira revolta. A repressão energeticamente aplicada pelos romanos levou, em 70, à destruição de Jerusalém e do seu Templo. Uma vez destruído o Templo, os judeus viram-se impossibilitados de celebrar o seu culto. Era todo o sistema político, religioso e nacional do judaísmo que naufragava na pior catástrofe de sua história.

Ao que parece, antes que se produzissem esses funestos eventos, a pequena comunidade cristã saíra de Jerusalém, para refugiar-se em Pela, na Decápole.

A partir de 70, a história do judaísmo reduz-se praticamente à história dos milhões de judeus que, havia séculos, se tinham dispersado por toda a bacia do Mediterrâneo, na Mesopotâmia e até na Pérsia, ao sabor de todas as tormentas políticas que tinham sacudido o Oriente Médio. As comunidades mais numerosas desta dispersão ou "Diáspora" residiam em Alexandria, em Antioquia e em Roma. Ali, os judeus gozavam de um estatuto jurídico particular que lhes permitia manter uma administração religiosa e civil baseada na Lei mosaica. Um anti-semitismo popular latente contribuía para isolar essas comunidades de seu ambiente social, mas só raramente os hostilizava de forma deliberadamente violenta. A vida religiosa e cultural dos judeus da Diáspora centrava-se na Sinagoga, instituição que funcionava ao mesmo tempo como escola, núcleo cultural e lugar de culto. Este consistia essencialmente na oração, na leitura da Torá e na sua explicação.

Na época de Jesus, o judaísmo representava um sistema socioreligioso homogêneo, fundado na fé no Senhor, o Todo-poderoso e Único, e no respeito a uma norma absoluta, a Torá ou Lei. A partir desses dois elementos fundamentais, o pensamento judaico podia evoluir com muita liberdade, gozando, notadamente, de larga tolerância por parte das instâncias religiosas.

Toda a vida judaica desenrolava-se à luz divina da Lei. Sendo de origem divina, esta Lei é perfeita. Contudo, ela precisa ser explicada e interpretada, para poder aplicar-se aos problemas concretos e individuais. Protraindo-se por longos séculos, este esforço de explicação teve como resultado

desenvolver, em torno da Torá escrita, uma Torá oral, constituída pelo que chamavam de Tradição dos Antigos e tida como remontando até Moisés, através de uma cadeia ininterrupta de rabinos. O Novo Testamento dá o nome de escribas a esses letrados judeus, intérpretes da Torá. Na época de Jesus, eles desfrutavam de uma autoridade considerável no seio da população e, em particular, nas suas camadas médias. Exercendo na sociedade as funções de teólogos e juristas, ocupavam lugar de destaque na vida judaica. A partir do séc. III da nossa era, os rabinos empreenderam pôr por escrito o conjunto da tradição dos escribas, que até então conservara-se oral. Este trabalho enorme resultou na constituição da Mishná (repetição da Lei, comentário) que, por sua vez, entrou na composição do Talmud (ensinamento).

O outro pólo da vida judaica era incontestavelmente, no séc. I, o Templo de Jerusalém, para o qual convergiam os sentimentos religiosos e nacionais de todo o povo. De fato, o Templo era concebido como centro do mundo, lugar onde Deus devia manifestar-se no último dia. Todos os judeus maiores de idade e de sexo masculino consideravam uma obrigação, para não dizer um prazer, pagar o imposto do didracma, que se destinava a prover às necessidades do santuário. As funções culturais e litúrgicas eram assumidas por sacerdotes que se escolhiam entre os descendentes da família de Aarão. Em suas tarefas, eram eles assistidos por levitas. Toda uma classe sacerdotal gravitava assim em torno do santuário de Jerusalém; ela se hierarquizava rigorosamente sob a autoridade suprema de um Sumo Sacerdote, que também presidia ao Sinédrio, assembleia de 70 membros, sacerdotes e leigos, que tinham competência em assuntos civis e religiosos.

Ao mesmo tempo, um crescente antagonismo opunha os escribas a esses representantes da classe sacerdotal. Este antagonismo era um dos aspectos da oposição que reinava entre o Templo e a Sinagoga, ou entre saduceus e fariseus. Essas duas grandes tendências formavam o que ordinariamente se denomina judaísmo oficial.

Na época de Jesus, os saduceus já viam a sua autoridade fortemente contestada. De fato, eles eram, sob todos os pontos de vista, conservadores e partidários da ordem, embora esta fosse romana, o que lhes garantia, aliás, o essencial de suas prebendas. Por isso, eles eram para o povo seria-

mente suspeitos de colaboração, senão mesmo de conluio com a potência pagã de ocupação. Em todo o caso, tinham perdido toda a influência sobre o povo. Este preferia, aos saduceus, seus adversários fariseus, nos quais via, ao contrário, patriotas fiéis ao Senhor e à Lei, até mesmo descendentes dos famosos *hasidim* que se tinham associado à revolta contra Antíoco Epífanes na época dos Macabeus. Em 70, a ruína do Templo devia acarretar a dos saduceus, que dele dependiam inteiramente. A partir desta data, o judaísmo oficial é representado unicamente pela tendência farisaica.

À margem desses dois grandes "partidos", existiam, no tempo de Jesus, diversas seitas, algumas das quais são de grande interesse para o conhecimento do ambiente de origem do cristianismo.

A respeito da seita dos zelotes, só possuímos informações parciais e difíceis de interpretar. Parece que formavam uma ala extremista do partido dos fariseus. Seus membros estavam dispostos a fazer respeitar as prescrições da Lei por todos os meios, inclusive violentos. Apresentados por vezes como vulgares assaltantes de estrada, eram antes fanáticos religiosos, irredutivelmente opostos a qualquer forma de autoridade que não proviesse diretamente da Lei. Por isso, não hesitavam em punir de morte os que, a seu ver, se tinham tornado culpados de graves faltas contra a Lei e, mais particularmente, os que colaboravam com o poder pagão de ocupação. É possível que certos discípulos de Jesus, ou até Paulo, tenham tido relações com a seita dos zelotes, antes de se tornarem cristãos.

Ainda mais periféricos do que os zelotes, porém mais bem-conhecidos depois da descoberta dos manuscritos do mar Morto em Qumran, os essênios eram na maioria monges, mas alguns podiam residir fora do mosteiro central de Qumran e exercer notável influência sobre os habitantes da Palestina. Eram os essênios, muito hostis às autoridades judaicas que estavam no poder e principalmente ao Sumo Sacerdócio. Apesar de judeus muito rigorosos, os essênios acolheram muitas idéias estrangeiras, as quais adaptaram à sua teologia. Assim é que, sem dúvida por influências iranianas, eles foram induzidos a desenvolver uma doutrina claramente dualista, fundada na oposição radical de dois espíritos ou duas forças, uma do Bem, outra do Mal, que lutam num combate sem

tréguas até o dia derradeiro, em que se assistirá ao triunfo definitivo do Príncipe da Luz sobre o Anjo das Trevas.

O Novo Testamento nunca se refere aos essênios; não contém nenhum indício de uma influência direta do essenismo sobre o cristianismo. Pode-se afirmar, entretanto, que personagens como João Batista, Jesus e os primeiros discípulos estão mais próximos dos meios "sectários" judeus do século I do que do judaísmo oficial. Ora, enquanto se saiba, esses meios todos simpatizavam mais ou menos com as idéias essênias. Por isso, não é impossível que o cristianismo das origens tenha admitido até certo ponto essas idéias e que uma mentalidade e um procedimento de natureza essênica tenham predominado no seio da primeira comunidade cristã de Jerusalém, ao menos durante algum tempo.

Os essênios devem ter participado ativamente na rebelião contra os romanos. Eles desaparecem da cena da história na tormenta de 70.

Os acontecimentos que levaram à destruição de Jerusalém dão testemunho do grau de exasperação atingido pelas massas judaicas submetidas à arbitrariedade dos procuradores romanos. Esta exasperação, amplamente explorada pelos elementos zelotes, alimentava-se, outrossim, no manancial de todas as crenças apocalípticas que muito se tinham desenvolvido na Palestina desde o século II a.C. Cada vez mais, arraigara-se na consciência judaica a convicção de que Deus não tardaria a afrontar o desafio da presença pagã na Terra Santa e iria restabelecer a sua justiça, ao mesmo tempo que os privilégios dos seus eleitos, implantando de maneira espetacular o seu Reino na terra.

Esta intervenção divina devia marcar o fim das atuais tribulações, ao mesmo tempo que o início de uma nova era, da qual seriam banidos o Mal e a impiedade. Finalmente, tal advento devia ser anunciado por um recrudescimento das catástrofes e calamidades, acompanhadas pela subversão definitiva e total dos inimigos de Deus. Este conjunto de crenças constitui as concepções escatológicas do judaísmo antigo.

No século I da nossa era, as esperanças escatológicas estavam longe de constituir uma unidade coerente. O que havia era um pulular de idéias bastante confusas, difíceis de serem ordenadas. Contudo, o que se pode afirmar é que, nas proximidades da era cristã, essas concepções se

radicalizaram muito claramente, pelo menos em certos meios. As desventuras de Israel eram então profundas demais para que fosse razoável esperar por mais tempo que um messias humano e histórico pudesse restaurá-lo um dia em sua dignidade de povo eleito. Doravante, só de Deus é que, cada vez mais, se esperava uma mudança da situação; e somente em virtude de uma subversão cósmica e pela irrupção de um mundo totalmente novo se vislumbrava a realização da tão suspirada transformação. Neste cenário apocalíptico, o papel do messias nem sempre é muito importante. Ao se referirem a ele, os autores apocalípticos já não parecem considerá-lo, como outrora, um messias terrestre, um ungido de Javé, em outras palavras, um rei descendente da família de David que assumiria funções essencialmente políticas e militares para garantir, com a ajuda de Deus, a libertação e a prosperidade do povo. O messias tende cada vez mais a assumir o aspecto de um ser sobrenatural, associado a Deus mais do que aos homens. Em certo número de apocalipses, ele recebe o nome de Filho do Homem — que designa, na realidade, uma figura essencialmente celeste, sem ponto de contato real com a humanidade e inacessível ao sofrimento. O conjunto das concepções messiânicas e apocalípticas desta época fornece certo número de materiais a partir dos quais se elaborou a cristologia dos cristãos. Contudo, a consideração do destino sofredor de Jesus impôs aos cristãos conferir um conteúdo inteiramente novo ao quadro que lhes era fornecido pelo messianismo e a apocalíptica dos seus contemporâneos.

Alguns traços do mundo greco-romano. No início da era cristã, o mundo romano é o herdeiro direto do império grego construído por Alexandre Magno. Por sob um verniz romano, deparam-se a mesma administração provincial, as mesmas condições de vida coletiva e individual, numa palavra, a mesma civilização helenista, e a língua comum ainda é o grego.

Um olhar sobre o mapa do império romano, mais que uma simples enumeração, mostra-nos sua extensão. Tem as dimensões de um mundo e a cada ano assenta melhor sua autoridade, reduzindo os particularismos e opondo-se às investidas dos bárbaros (germanos, partos...).

Resultado de numerosas conquistas, o império agrupa territórios de estatutos diferentes: o Egito,

propriedade pessoal do imperador, que para lá delega um prefeito vice-rei; os protetorados, antigos reinos que conservam suas instituições tradicionais; e as províncias. Entre estas devem-se distinguir as províncias senatoriais (Ásia = Ásia Menor) e as províncias imperiais, onde ainda estacionavam as tropas romanas e a autoridade era exercida pelos governadores responsáveis unicamente perante o imperador (Síria). Os procuradores administram regiões que se assinalam por características particulares (Judéia).

Este sistema autoritário, que não reserva às regiões mais do que uma aparência de autonomia (assembleias provinciais), garante a todos uma paz relativa, mas real, de que se aproveitam particularmente os territórios da Ásia, graças aos intercâmbios que a ordem favorece. De resto, as cidades fruem de certa liberdade: são geridas pela assembleia (*ekklēsia*), cujos membros são todos os cidadãos, e sobretudo pelo conselho (*boulē*) dos notáveis. As corporações desempenham igualmente função importante na vida local.

Além de ser cidadão da sua cidade natal, uma pessoa pode gozar da cidadania romana: este privilégio pode provir de direito hereditário (é o caso de Paulo), ser adquirido a preço de ouro ou conferido a título de recompensa. O cidadão romano é isento das penas corporais e ignominiosas (At 22,25-29) e pode recorrer ao direito de apelar para o imperador (At 25,10ss.).

Pouco antes da era cristã, os imperadores começaram a ser considerados como seres divinos, filhos de deus, deuses eles mesmos. Este processo, que sofre ampla influência das crenças orientais (Egipto, Pérsia), corresponde perfeitamente à lógica dos fatos: sendo um o império, o culto deve manifestar o seu único fundamento. Tibério, Cláudio, Vespasiano preferiram limitar-se a incentivar o culto do imperador falecido, mas Calígula, Nero e Domiciano se fizeram adorar. Na realidade, esta religião não foi imposta por Roma; bastou que o imperador desse livre curso ao entusiasmo, à gratidão... ou à obsequiosidade das províncias, cidades ou corporações. Isto explica a impressionante floração deste culto (Éfeso dedicava-lhe vários templos), que coexistia perfeitamente com as demais formas religiosas. Os sumos sacerdotes eram escolhidos dentre os magistrados locais. Tratava-se de um encargo dispendioso, mas que garantia ao seu titular uma real influência política, uma

vez que a religião estava estreitamente imbricada na administração.

Esta situação criaria para os primeiros cristãos um terrível problema: como continuar sendo bom cidadão sem aceitar deixar-se induzir à adoração do imperador? Muitos trechos do apóstolo Paulo se esclarecem quando lidos a esta luz: tratava-se nada menos que de rejeitar toda uma concepção do mundo. As visões do Apocalipse repisam amiúde este problema candente.

As massas do povo prendem-se mais particularmente ao culto prestado aos deuses familiares protetores, muito próximos dos cuidados cotidianos, mas os cultos cívicos são os que, junto com o culto imperial, manifestam melhor o caráter essencial da religião da época: toda a vida cotidiana acha-se impregnada de religião e de uma religião que, além do mais, é oficial. As fases da vida do homem, quer como indivíduo quer como membro de uma sociedade, seja ela qual for (família, tribo, corporação, cidade), são por ela profundamente marcadas. Assim, qualquer cargo público implica necessariamente uma participação ativa no culto.

Trata-se de uma religião muito diversificada (os deuses são legião), mas o culto deles é sempre meramente ritual. Convém honrar os deuses e oferecer-lhes sacrifícios de acordo com as regras; nisto consiste a piedade.

As cerimônias abrangem orações litúrgicas (invocação, convite ao deus para o sacrifício, pedidos de benefícios) e sacrifícios, concebidos como presentes ofertados ao deus, geralmente alimentos. Uma parte do sacrifício é queimada; o resto é, quer consumido pelo clero local ou pelos fiéis, quer posto à venda no mercado. Daí surgem os problemas para os cristãos que compram essas carnes ou são convidados para tais refeições (1Cor 8).

A gratidão do homem para com o deus que o atendeu exprime-se não raro por meio de ofertas votivas como as que foram encontradas nas escavações da piscina Probática em Jerusalém (havia ali um santuário pagão dedicado a um deus curandeiro).

O amálgama das idéias e das pessoas favorecia evidentemente a difusão de cultos de origem oriental e de cunho menos terra-a-terra. Citemos os cultos isíacos, segundo os quais provações sucessivas de iniciação conduzem o homem à assimila-

ção com Osíris, o deus morto, que os sortilégios de Ísis devolveram à vida. Neles pressagiava-se uma certeza da imortalidade.

Os "mistérios" ficam mais estreitamente ligados ao culto cívico e conservam seus liames locais, mesmo quando a sua fama se propaga por todo o império. Trata-se de ritos sagrados, antecidos por uma longa preparação numa atmosfera em que a noção de segredo assume por vezes grande importância. O mais das vezes, não passam de ritos ligados às estações e destinados a garantir a fecundidade. Sucede também que pretendam conferir aos fiéis segurança quanto à vida de além-túmulo (sempre e unicamente em virtude do rito; o ensinamento, o dogma quase não desempenham papel algum). Assim, os mistérios de Elêusis e os

mistérios dionisíacos (Dionísio = Baco), nos quais se exprimem com selvageria a necessidade de evasão pelo êxtase e o delírio sagrado por ocasião de corridas desatinadas e da manducação de carnes ainda palpitantes. Um deus que assim ensinava furtar-se momentaneamente às condições terrenas não podia desamparar seus fiéis depois da morte.

Eis alguns dos traços característicos do mundo onde os primeiros cristãos iriam viver professando a sua fé: só Cristo é o Senhor, e não o imperador. Portanto, a ele é que se deve obedecer, arriscando-se a ir frontalmente de encontro ao quadro religioso de qualquer vida. Só ele pode ser adorado numa vida de consagração, numa conduta inspirada pelo amor do qual Cristo é testemunha e que traz consigo o penhor da vida eterna.

EVANGELHOS SINÓTICOS

INTRODUÇÃO

O Evangelho e os evangelhos. Antes de mais nada, o Evangelho é, de acordo com o sentido grego da palavra, a *Boa Nova* da Salvação (cf. Mc 1,1), a pregação desta Boa Nova. Assim o entende o apóstolo Paulo ao falar do *seu* evangelho: trata-se do anúncio da salvação na pessoa de Jesus, o Cristo. De sorte que, na origem, o Evangelho não foi um livro¹, obra literária ou histórica; e se o título evangelho foi dado aos quatro livros atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João, é porque cada um desses autores proclama esta Boa Nova no relato que faz das palavras e obras de Jesus, bem como na narrativa que traz de sua morte e Ressurreição.

O leitor moderno, cioso de exatidão e sempre à cata de fatos estabelecidos e verificados, fica desconcertado à vista dessa literatura, que lhe parece desconexa, cujo plano carece de continuidade, cujas contradições parecem insuperáveis e que não logra responder a todas as perguntas que se lhe fazem. Tal reação será vantajosa para o leitor, se o levar a suscitar os verdadeiros problemas, primeiramente o do gênero literário dos evangelhos. Os seus redatores não são literatos que, instalados numa escrivaninha, a manusear documentos devidamente classificados, se teriam abalanzado a escrever uma vida de Jesus de Nazaré desde o nascimento até a morte. Totalmente diversa é a maneira como se deve encarar a composição dos evangelhos. Jesus falou, anunciou a Boa Nova do Reino, convocou discípulos, curou doentes, realizou atos significativos. Após sua morte e à luz da fé pascal, os discípulos e, depois deles, os pregadores anunciaram a sua Ressurreição, repetiram suas palavras e referiram seus atos de acordo com as necessidades da vida das Igrejas. Durante cerca de quarenta anos, formaram-se tradições orais, que conservaram e transmitiram, por meio da pregação, da liturgia e da catequese, todos os materiais

com que deparamos nos evangelhos. Aliás, é verossímil que, no decorrer da história, alguns desses materiais já tivessem recebido uma forma escrita: por exemplo, certas formulações litúrgicas como as profissões de fé, coletâneas de palavras de Jesus ou o relato da Paixão de Jesus que, sem dúvida, bem cedo constituiu um ciclo de narrações claramente estruturado.

Os evangelistas trabalharam a partir desses dados tradicionais que, na vida movediça das primeiras comunidades, já tinham adquirido formas diversas, à medida que a Boa Nova, antes de passar a texto estabelecido, era uma palavra viva, que, simultaneamente, nutria a fé dos cristãos, ensinava os fiéis, adaptava-se aos diversos ambientes, respondia às necessidades das Igrejas, animava sua liturgia, exprimia uma reflexão sobre a Escritura, corrigia os erros e, ocasionalmente, replicava aos argumentos dos adversários.

Destarte, os evangelistas recolheram e puseram por escrito, cada um segundo sua perspectiva, o que lhes era fornecido pelas tradições orais. Mas não se contentaram com isto. Tinham também consciência de estarem anunciando a Boa Nova para os homens de seu tempo, com a preocupação de ensinar e responder aos problemas das comunidades para as quais escreviam². Mais adiante se verá qual foi a perspectiva peculiar de cada evangelista. Ressaltemos, por enquanto, um fato capital, que agora quase não é mais contestado, depois das pesquisas das últimas gerações sobre a história da tradição e da formação dos evangelhos: os evangelhos nos remetem, por numerosos pormenores característicos, à fé e à vida das primeiras comunidades cristãs. Dentre muitas ilustrações possíveis, os textos que nos contam a última ceia de Jesus são um exemplo disso. Deles, possuímos quatro versões (Mt, Mc, Lc, ICor), que na realidade reduzem a dois tipos: por um lado, um tes-

1. Foi Justino quem, por volta de 150, usou primeiro esta palavra para designar o evangelho como livro (*1 Apologia*, 66,3).

2. Tentou-se indicar nas notas da tradução as tendências que caracterizam cada evangelista, toda vez que isto foi possível, e sempre com prudência. As indicações que foram encontradas, p. ex. na anotação às parábolas, só intentam assinalar uma tendência de interpretação. Os títulos das perícopes esforçam-se também por salientar o sentido dominante do texto. Assim, p. ex., a parábola tradicionalmente intitulada *O Filho pródigo* é aqui intitulada *O Filho reencontrado*.

temunhado por Mateus e Marcos, por outro, o que nos é fornecido por Lucas e Paulo. Ora, esses dois tipos, que diferem em vários pontos³, apresentam-se ambos como textos que reproduzem fórmulas tradicionais já fixadas pelo uso litúrgico. Paulo transmite o que recebeu. Ao invés de narrar a última ceia de Jesus em todos os seus pormenores, os evangelistas centram sua narrativa nos gestos e palavras do Mestre, que se repetem na celebração eucarística. Assim, a fórmula *tendo abençoado*, que é a de Mateus e Marcos, denota provavelmente um uso palestino (conforme à bênção judaica), ao passo que o uso por Lucas e Paulo do termo *dar graças* (em grego *eukharistēō*) evoca de preferência um ambiente helênico. Outros exemplos de duas versões diferentes de uma mesma tradição, como o pai-nosso (Mt 6,9-15; Lc 11,2-4), ou as bem-aventuranças (Mt 5,3-12; Lc 6,20-26), nos permitem acercar-nos tanto da natureza das tradições recolhidas como do pensamento particular de cada evangelista.

A passagem pela tradição oral também explica por que numerosas perícopes se apresentam como pequenas unidades literárias centradas numa palavra ou num ato de Jesus, sem enquadramento cronológico ou geográfico preciso; indicam-no as fórmulas introdutórias, vagas por si sós: *naqueles dias* (Mt 3,1; Mc 8,1), *naquele tempo* (Mt 11,25), *depois disso* (Lc 10,1), *ora* (Lc 8,22; 9,18.27.51; 11,27). Cada uma dessas narrativas teve de início uma existência independente das outras, e sua acomodação é muitas vezes obra dos evangelistas. No emprego que as primeiras gerações fizeram dessas traduções, as recordações narradas foram vazadas em certas formas literárias de relativa fixidez; é o que sucede em relatos, episódios que enquadram e situam um dito de Jesus, cenas de controvérsia, de cura ou de milagre. Uma estrutura peculiar a cada um destes gêneros é muitas vezes fácil de descobrir.

Então, como se devem considerar essas tradições, se estão a tal ponto marcadas pelo uso que se fez delas antes de serem fixadas nos evange-

lhos? Qual o crédito que se lhes pode conceder? Qual a sua relação com a realidade da história de Jesus? A essas perguntas pode-se responder que, sendo os nossos documentos testemunhos da fé em Jesus, o Cristo, é este Cristo reconhecido pela fé que eles nos querem fazer encontrar. Contudo, afirmar que os evangelhos são uma pregação, que seus autores — mesmo Lucas, cioso da história⁴ — pretenderam antes de mais nada ser testemunhas da Boa Nova, não significa serem eles indiferentes à realidade (histórica) dos fatos que referem; mas o seu interesse maior é fazer sobressair o seu sentido, mais do que reproduzir exatamente o teor literal das palavras de Jesus (cf. as diferentes formas das bem-aventuranças, do pai-nosso, da fórmula eucarística) ou as circunstâncias e pormenores dos seus atos. Apresentam uma tradição que já é uma interpretação. É pelo estudo minucioso dos textos que tais palavras⁵ ou tais relatos⁶ hão de surgir como sólidos pontos de referência para a história do ministério de Jesus; não poucos métodos acham-se ao alcance dos historiadores para tentar estabelecê-los.

Aqui, dois pontos há que devem ser especificados:

— É certo que, através da tradição, e apesar de não se poder verificar historicamente todo o conteúdo do evangelho, numerosos indícios — que, aliás, esclarecem os demais textos — nos permitem saber que a fé em Cristo ressuscitado se enraíza na vida e nas ações de Jesus.

— Só temos acesso às palavras e ações de Jesus através das “traduções” que delas nos fornecem as tradições antigas e as redações dos evangelistas. A transcrição em grego daquilo que primordialmente foi vivenciado em aramaico é apenas o aspecto mais aparente desse fenômeno de transmissão. Pode-se tentar reconstituir o que Jesus falou em sua língua materna, bem como se pode tentar reconstituir as circunstâncias exatas em que pronunciou tal parábola ou operou tal cura. Todavia, essas tentativas ficam afetadas em seus pormenores por uma probabilidade maior ou menor. Essas limitações da verificação histórica decorrem da

3. Abençoar/dar graças — meu corpo/meu corpo que é dado por vós — meu sangue da Aliança/a nova Aliança em meu sangue — ausência em Mt e Mc da ordem: “Fazei isto em minha memória”.

4. Cf. Lc 1,1-4.

5. Por ex. Mc 1,15: o anúncio da proximidade do Reino não é reflexo da pregação dos cristãos; pois estes, depois da Páscoa, anunciavam, não o Reino, mas a Ressurreição. Cf. também Mc 13,32, a palavra referente *ao dia e à hora*.

6. Por ex. Mc 6,8-9: o envio dos Doze sem nenhum recurso material supõe decerto uma missão muito limitada no tempo e no espaço, não as missões longínquas que a primeira geração cristã presenciaria.

própria natureza dos evangelhos. A fé em Cristo vivo iluminava as recordações referentes a Jesus e se exprimia por um testemunho vivo, com tudo o que este comporta de relatos fragmentários, repetições, ajustes, intervenções da testemunha ou do narrador. A função e a virtude própria desses textos são, todavia, atrair o leitor à fé.

O estudo crítico dos evangelhos permite assim ultrapassar uma leitura ingênua e inserir-se na perspectiva própria do Novo Testamento. Por mais longe que se possa remontan na pesquisa, a pergunta fica de pé: quem é Jesus? Ao invés de se sentir desprovido e incerto, o leitor que se dispuser a ler os evangelhos nesta perspectiva, notadamente, fazendo um estudo comparado dos textos⁷, sempre encontrará mais do que de início suspeitava. Pois, com seus múltiplos elementos de resposta e seu modo de compreender os dados da tradição, cada um dos evangelhos fornecer-lhe-á o meio de verificar e enriquecer seu conhecimento de Jesus, fazendo-o participar do movimento que, sem cessar, vai do passado de Jesus à fé atual da comunidade cristã e da convicção das testemunhas, àquele que é sua fonte.

Os evangelhos e suas relações mútuas. O evangelho chegou até nós sob a forma de quatro livretes. A primeira leitura, percebe-se que o quarto evangelho possui características que o situam à parte, embora não deixe de ter ligações com os três primeiros (cf. Introdução ao Evangelho de São João). Estes três são testemunhos cuja redação é anterior à do evangelho de João. O evangelho segundo Marcos, cuja origem é, com toda a verossimilhança, romana, pode ser datado dos anos 65-70. Os evangelhos segundo Mateus e Lucas, redigidos quinze a vinte anos mais tarde, não refletem os mesmos ambientes e têm destinatários bem diferentes. Contudo, suas características são tão semelhantes que puderam ser denominados "sinóticos", nome proveniente de uma obra publicada no fim do século XVIII com o título de *Sinopsis* (ou seja: visão simultânea), que trazia os textos de Mateus, Marcos, Lucas em três colunas paralelas, de forma a facilitar a comparação entre eles. Esse fato cria um problema particular.

a) *O fato sinótico.* As semelhanças e diferenças entre os sinóticos referem-se: ao material empregado, à disposição em que se apresenta e à sua formulação.

— Quanto ao *material*, eis um levantamento aproximativo do número de versículos comuns a dois ou três evangelhos:

	Mt	Mc	Lc
comuns aos três	330	330	330
comuns a Mt-Mc	178	178	
comuns a Mc-Lc		100	100
comuns a Mt-Lc	230		230
peculiares a cada um	330	53	500

Ao lado das partes comuns, existem fontes próprias para cada evangelho.

— Quanto à disposição, as perícopes agrupam-se em quatro grandes partes:

A. A preparação do ministério de Jesus.

B. O ministério da Galiléia.

C. A subida para Jerusalém.

D. Ministério em Jerusalém. Paixão e Ressurreição.

Dentro dessas quatro partes, Mateus distribui as suas perícopes numa ordem que lhe é peculiar até o cap. 14; a partir daí, apresenta perícopes comuns a ele e a Marcos, na mesma ordem que este. Lucas intercala as perícopes que lhe são próprias no meio de um quadro geral que é idêntico ao de Marcos (assim, Lc 6,20-8,3 ou 9,51-18,14). Deve-se, contudo, notar que, no interior desta concordância de conjunto, há discrepâncias, por vezes, no próprio seio de passagens comuns (assim, em Lucas, o chamamento dos discípulos ou a visita a Nazaré).

— Quanto à formulação, verifica-se igualmente um estreito parentesco entre os textos: assim, um mesmo termo raro (*afientai*) encontra-se em Mt 9,6 = Mc 2,10 = Lc 5,24; ou ainda, somente duas palavras diferem, entre 63, em Mt 3,7b-10 = Lc 3,7b-9. Por outro lado, uma discordância surge bruscamente em passagens que no conjunto são parecidas: numa estrutura fixa, as palavras são diferentes, ou então com palavras idênticas, a estrutura é diferente.

7. Os tradutores esforçaram-se, às vezes à custa de certas asperezas de estilo, por salientar as semelhanças e diferenças entre os textos paralelos dos evangelhos. Dessa forma, o leitor poderá fazer comparações por si mesmo, embora nenhuma nota lhe chame a atenção a respeito.

b) *Interpretação do fato sinótico*. O problema criado pelo fato sinótico estará resolvido quando se tiverem explicado juntamente as semelhanças e as divergências.

Reina um acordo entre os críticos a respeito de certos pontos. *Primeiro, quanto à origem dos evangelhos*. Dois fatores determinaram o estado atual dos textos: a função da comunidade que criou a tradição, quer oral quer escrita, e a função do escritor que manejou as diversas tradições. As variações nas hipóteses dependem essencialmente da importância relativa atribuída pelos críticos a estes dois fatores: poderiam as discordâncias explicarem-se todas pela atividade redatorial do escritor ou exigiriam o recurso a contatos havidos em nível pré-sinótico?

Quanto ao método a seguir, reina certo acordo. As omissões ou acréscimos de matérias e as modificações na formulação podem ser explicadas mais ou menos adequadamente pelas "intenções" dos diversos redatores; mas por causa da arbitrariedade que ameaça as interpretações que se podem dar das mesmas, a solução do problema não pode ser fornecida no nível dos materiais ou da formulação. Só o exame da disposição autoriza uma resposta firme. Para explicar as concordâncias entre longas seqüências de textos, impõe-se a hipótese de uma dependência literária (e não somente oral), quer imediata (interdependência), quer mediata (dependência de uma fonte comum). Para explicar as discordâncias, uns acentuam a influência da comunidade durante a fase pré-sinótica, outros, a dos redatores. Mais exatamente, os críticos concordam geralmente em afirmar dois princípios: Marcos depende de Mateus e de Lucas, Mateus e Lucas são entre si independentes; com efeito, estes últimos entram em desacordo quando um deles deixa de concordar com a ordem de Marcos, e ambos têm passagens comuns com Marcos que o outro não repetiu (Mt: 178 vv.; Lc: 100 vv.).

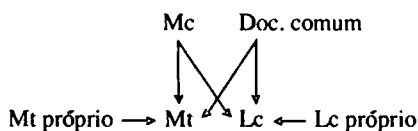
O desacordo entre os críticos subsiste quanto à interpretação da relação de Marcos com os outros dois sinóticos. Teria havido contatos, entre Mateus e Marcos e entre Lucas e Marcos, sob a forma de dependência imediata do evangelho de Marcos ou sob a forma de dependência relativamente a um texto pré-sinótico comum? Eis, em resumo, as duas modalidades de hipóteses que hoje são sustentadas:

1. Certos críticos, mais sensíveis às diferenças do que às concordâncias, preferem renunciar à interdependência imediata dos sinóticos.

a) Uns evocam uma documentação múltipla: os evangelistas teriam utilizado coleções mais ou menos extensas, agrupando desde o início (provavelmente com vistas à pregação missionária da Igreja) pequenas compilações de fatos e sentenças (agrupamentos de milagres, reunião de sentenças...); assim se explicariam as concordâncias menores entre Mateus e Lucas contra Marcos, que contradizem a sua dependência deste; assim se justificariam também as variantes que dificilmente podem ser atribuídas ao trabalho redatorial ou a perspectivas teológicas diferentes.

b) Outros críticos, embora se mantenham fiéis à flexibilidade da hipótese precedente, estimam descobrir na origem da tradição sinótica dois documentos principais, além das tradições singulares. Impõe-se uma constatação: a disposição difere, conforme se trate da parte central (pregação na Galiléia: Mt 4,13–13,58 par.) ou das duas seções que a enquadram (Mt 3,1–4,12 par.; Mt 14,1–24,51 par.). A estreita concordância que domina essas duas seções envolventes sugere a existência de um documento de base idêntico para os três evangelhos; pelo contrário, a discordância que caracteriza a parte central (ministério na Galiléia) revela um estado menos adiantado da organização das tradições. Destarte, na origem dos três sinóticos, haveria, além das tradições singulares, dois documentos principais: um, já fortemente estruturado, outro em estado ainda fluido, no momento em que foram empregados pelos evangelistas, embora seu estado de fusão estivesse então mais ou menos adiantado.

2. Todavia, a maioria dos críticos aderem à hipótese das Duas Fontes. Conforme esta, Mateus e Lucas dependem imediatamente de Marcos, bem como de uma fonte comum independente deste (muitas vezes chamada Q, do alemão *Quelle*). Marcos e esta documentação seriam as duas fontes principais de Mateus e Lucas. O esquema seguinte resume esta hipótese.



Hoje em dia esta hipótese é apresentada com muito mais nuances do que inicialmente. Ela tem a grande vantagem de facilitar o estudo do trabalho redacional de Mateus e Lucas. Assim explicar-se-iam pelo trabalho de redação literária as adições, omissões e transposições verificadas no fato sinótico. Convém observar que, em nossos dias, não se ousa mais resolver categoricamente a questão de saber se o documento comum a Mateus e Lucas é um documento escrito ou uma fonte oral⁸, nem de saber se o texto de Marcos usado por Mateus e Lucas é o que nós possuímos ou algum outro.

No entanto, seja qual for a hipótese crítica adotada para abordar o problema sinótico, só um tra-

balho minucioso permite determinar a natureza das perspectivas de cada evangelista. Acrescente-se que o exame das fontes literárias não é nem o único, nem talvez o mais importante para compreender melhor os evangelhos sinóticos. Fontes documentais, tradição oral, influência do ambiente de origem e utilização de material diverso pelos redatores finais são elementos que se devem levar simultaneamente em consideração, ao se querer dar conta do fenômeno original que é a literatura evangélica.

Este rápido apanhado da questão sinótica talvez ajude o leitor a melhor penetrar as perspectivas de cada um dos evangelistas que serão indicadas nas introduções particulares a Mateus, Marcos e Lucas.

Uma "sinopse evangélica"

A presente tradução visualiza as semelhanças e diferenças no vocabulário dos evangelhos nas "matérias paralelas", que constituem a maior parte do texto dos três primeiros evangelhos (Mt, Mc e Lc). O uso criterioso das referências dos "paralelos sinóticos" acrescentados entre () ao título de cada perícopes permite portanto usar esta tradução para fins de estudo comparativo dos três primeiros evangelhos.

8. Para este documento, só 50% do vocabulário é comum a Mt e Lc. De 23 perícopes, apenas 13 se encontram na mesma ordem em Mt e Lc.

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

INTRODUÇÃO

O prólogo e o final. Em vez de antepor, como Lucas, um prefácio ao seu evangelho, Mateus indica o sentido da sua obra no prólogo que abre a narrativa da vida pública de Jesus (1-2) e no final que encerra o evangelho (28,16-20), por ocasião da única aparição do Ressuscitado: "Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra. Ide, pois; de todas as nações fizeti discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei. Quanto a mim, eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos tempos!" Neste "manifesto" do Ressuscitado, dois pontos mais salientes são sublinhados: a autoridade de Cristo e a função de seus discípulos.

1. Como os outros evangelhos, o de Mateus relata a vida e o ensinamento de Jesus; e, a seu modo, porém mais do que eles, explicita a cristologia primitiva. O Emanuel anunciado a José (1,23), isto é, "Deus conosco", ficará presente aos que crêem até o fim dos tempos (28,20), como o "mestre e docente" (didata) que ele foi na terra e continua sendo, por intermédio de seus discípulos, com uma autoridade plena que recebeu de Deus — e não de Satanás (4,8-10) —, já que o Pai tudo lhe entregou (11,27). É isto que confere ao evangelho de Mateus a perspectiva ética que o caracteriza.

Em conformidade com as Escrituras, este Jesus foi rejeitado pelos judeus, de sorte que a Boa Nova possa ser comunicada aos pagãos. Eis o que mostra, em resumo, o prólogo. De fato, este tem a função, mais que de narrar os acontecimentos da infância de Jesus, de exprimir, a partir de antigas tradições, o sentido da vida terrena daquele que ressurgiu dos mortos. Ao passo que, em nome de Israel e da linhagem de David, José acolhe o Menino concebido do Espírito e nascido da Virgem Maria, eis que, em decorrência da visita dos magos — prefigurações dos pagãos que a Boa Nova convida à salvação —, Jerusalém, os sumos sacerdotes, o rei Herodes, todos o ignoram, o rejeitam e perseguem. Em vez de adorá-lo, Herodes chega a tentar matá-lo junto com as crianças de

Belém; mas Jesus se lhe furta e se refugia na Galiléia, símbolo da terra dos gentios. Morte e ressurreição vêm assim prefiguradas nesta história trágica, que finalmente desemboca na proclamação do Evangelho aos próprios pagãos.

Com isto, Jesus, o Messias, dá o remate à história de Israel. Outra maneira de Mateus manifestá-lo é a demonstração escriturística. Ele salpica o seu texto com citações, na intenção de mostrar que o modo de agir de Jesus se ilumina constantemente pela Escritura: "Assim devia cumprir-se o oráculo do profeta" (1,22 nota). Portanto, os que rejeitaram Jesus enganaram-se quanto à sua pessoa: Jesus é verdadeiramente o Messias esperado pelos judeus.

2. Com autoridade, este Jesus deu aos Onze o encargo de anunciar a Boa Nova e de fazer de todas as nações discípulos seus. Este anúncio é primeiro o do "Reino dos céus", conforme a expressão que caracteriza o primeiro evangelho e que, aliás, se situa dentro da tradição judaica sobre o Reino de Deus. Deus é, de fato, o soberano que permanece presente a seu povo e que, em momentos oportunos, intervém com autoridade no curso da história. Tal modo de falar provém de certo, em parte, do regime político de Israel no decorrer dos séculos; a ocupação romana só consegue acirrar o sonho de uma intervenção soberana de Deus; sim, só Deus é nosso Rei, compraziam-se em dizer os judeus da época. Mas, se Jesus mantém a expressão "Reino dos céus", não o faz no sentido de uma libertação política; ainda menos no sentir de Mateus, pois ele refere estas palavras depois da morte de Jesus e, por isso, não pode contar com a realização por Jesus de tal sonho.

Em Mateus, a expressão tornou-se técnica, para designar a soberania de Deus sobre o seu povo; ela é mesmo empregada em sentido absoluto, quando Jesus anuncia "os mistérios do Reino" (13,11). Alhures — em Lucas ou em João — ela foi comumente reinterpretada e significa: vida eterna, céu. Eis por que, em Mateus, a expressão permanece ambígua. Assume tanto o significado de "reina-

do" como, às vezes, o de "reino", quando vem introduzida por um verbo que signifique "entrar no" (3,2 nota). Ela não visa simplesmente ao futuro, mas igualmente ao presente. As parábolas do Reino (13) indicam as suas características: inaugurado pelo gesto do semeador, deve frutificar até a messe final, de maneira misteriosa e a despeito dos fracassos ocasionais. Em razão desta perspectiva escatológica, o Reino de Deus não pode, pois, identificar-se com a Igreja, mesmo se o termo "Igreja" (16,18; 18,18) designa a comunidade dos discípulos que anunciam o Reino e lhe produzem os sinais. Esta comunidade tem por lei o serviço mútuo (18,12-14) e detém, com Pedro, as chaves do Reino (16,16; 18,19). Embora saiba que o Reino já está inaugurado, ela ora, ainda hoje e sempre: "Faze com que venha o teu reino!" (6,10).

Composição literária. Mateus trabalhou baseado em fontes que lhe são comuns com Marcos ou Lucas; mas, dentro do quadro desta semelhança geral, oferece uma narração bem diferente da de Marcos, quer pelo número e amplitude dos elementos que lhe são próprios (p. ex. 1-2; 5-7; 11,1-30; 13,24-30.36-52; 18,10-35; 28,9-20), quer pela liberdade com que utiliza certas matérias que lhe são comuns com Marcos (compare-se, p. ex., Mt 4,1-11 com Mc 1,12-13; Mt 8,23-27 com Mc 4,35-41; Mt 9,9-13; com Mc 2,13-17; Mt 14,13-21 com Mc 6,32-44; Mt 16,13-20 com Mc 8,27-30; Mt 21,18-19 com Mc 11,12-14; Mt 21,3-46 com Mc 12,2-12; Mt 24,1-36 com Mc 13,1-37), quer finalmente por um conjunto de elementos que ele hauriu com toda a verossimilhança de uma coletânea de palavras de Jesus que também Lucas deve ter empregado (p. ex. 3,7-10; 7,7-11; 11,4-6; 12,43-45). É difícil precisar até que ponto essas fontes já foram anteriormente inseridas em agrupamentos mais amplos, mas pode-se, pelo confronto com Marcos e Lucas, constatar o modo de Mateus compor.

1. As suturas cronológicas, exceto em 4,17 e 16,21, normalmente carecem de valor (cf. 3,1 nota). As indicações topográficas costumam ser bastante vagas e não autorizam a composição de um itinerário minucioso; graças a elas, entretanto, o leitor se vê colocado ante uma trajetória histórica e não ante uma mera sucessão de cenas. Mateus gosta de engastar uma narrativa ou uma

sentença dentro da repetição de uma mesma palavra, procedendo assim a uma "inclusão" (6,19 e 6,21; 7,16 e 7,20; 16,6 e 16,12); emprega o paralelismo sinonímico ou antitético, por exemplo, sob a forma de quiasmo (16,25); não recusa repetir as mesmas fórmulas (8,12; 22,13; 25,30), o mesmo fraseado para designar igual realidade (8,2 e 9,18; 9,4 e 12,25) ou a mesma palavra na boca de locutores diferentes (3,2; 4,17; 10,7). Suas narrações se caracterizam comumente pela brevidade: o anedótico de Marcos desaparece para dar lugar a uma apresentação catequética, que é sóbria e até hierática (comparem-se as narrativas de cura da sogra de Pedro em Mt 8,14-15 e Mc 1,29-31).

Mateus gosta de compor conjuntos por agrupamentos numéricos (assim são privilegiados os números 7, 3 ou 2) ou por meio de encadeamentos (assim 18,4-6). Ao passo que Marcos e Lucas se contentam com justapor as suas fontes, Mateus colige palavras e narrativas (assim 8,5-13 comparado com Lc 7,1-10 e 13,28-29), visando a um sentido mais profundo. Gosta de combinar ensinamentos análogos: assim, insere o "Pai-nosso" num conjunto que já formava uma composição acabada (6,7-15 em 6,1-18) e compõe "discursos" conferindo-lhes caráter exaustivo (assim 10,17-42; 13,35-53; 25). Ao conjunto de milagres que constitui 8,1-17, Mateus acrescenta outras séries de milagres (8,23-9,8 e 9,18-34); aos três anúncios do destino do Filho do Homem, acrescenta desenvolvimentos que amplificam o ensinamento de Jesus (assim 18,5-35; 19,1-20,16).

Finalmente e sobretudo, sempre na ordem da composição literária, são de notar os cinco grupos que se denominam, por falta de termo melhor, os "discursos" de Jesus. São conglomerados de palavras de Jesus que constituem a trama do evangelho e são pontuados pela cláusula aposta a cada um deles: "Ora, tendo Jesus concluído essas instruções" (cf. 7,28 nota). Esses "discursos" apresentam sucessivamente a "justiça do Reino" (5-7), os arautos do Reino (10), os mistérios do Reino (13), os filhos do Reino (18), a vigilância e fidelidade requeridas na espera da manifestação final do Reino (24-25).

2. A partir dessas evidentes características de estilo, o leitor tenta realizar agrupamentos mais vastos. Mas então, já não é Mateus que o exige: é o leitor que o propõe. Por isso, a presente tra-

dução não quis impor grandes divisões ao texto do evangelho. Aqui, todavia, julgamos útil assinalar três tipos de divisão, três "planos" de Mateus propostos pelos críticos.

a) O mais simples, aparentemente, é o plano geográfico, análogo ao que se julga descobrir em Marcos: ministério de Jesus na Galiléia (4,12-13,58); atividade de Jesus nas regiões limítrofes da Galiléia, seguida da viagem a Jerusalém (14,1-20,34); finalmente, ensinamento, padecimentos, morte e ressurreição de Jesus em Jerusalém (21,1-29,20). A dificuldade provém do fato de ninguém conseguir mostrar que Mateus tinha alguma intenção teológica específica ao mencionar esses vários lugares; assim, a divisão geográfica talvez não passe de uma moldura dentro da qual foram agrupadas as diversas matérias.

b) Outros autores estabelecem o plano de acordo com os "cinco discursos" destacados por Mateus graças às cláusulas anteriormente indicadas. De fato, há aí cinco conjuntos em que se encontra compendiado o ensino de Jesus; mas será que eles permitem distribuir os assuntos dentro de uma alternância narração-discurso? Tal correspondência só é fácil de mostrar para 11-12 e 13; mas, nesta hipótese, será realmente possível qualificar 11-12 de narrativa, já que estes capítulos formam uma série de pequenos discursos apenas situados no espaço e no tempo? Quanto aos outros conjuntos, não se pode estabelecer uma relação estreita entre 3-4 e 5-7, nem entre 14-17 e 18; e unir 8-9 com 10 ou 19-23 com 24-25 é forçar o texto. O Evangelho de Mateus não é um catecismo ilustrado com exemplos; narra uma existência histórica que tem alcance doutrinário.

c) Outros pensaram que Mateus quis reproduzir, sobre uma trama histórica, o drama da existência de Jesus. Tendo-se em conta os "sumários" (4, 12-17; 12,15-21...), os encadeamentos (12, 15-21 e 3,13-17; 11,1-12,50 e 8,1-9,34), as anotações topográficas dominantes (8,1-9,34; 14,1-16,20; 20,29-28,20) ou recessivas (11,1-12,50; 16, 21-20,28), a variedade dos auditórios — predominância da multidão (8,1-9,34), dos inimigos (11,1-12,50; 21,23-23,29), dos discípulos (14, 1-20,34; 24,1-25,46) —, pode-se distribuir o conjunto em duas grandes partes.

Na primeira (3,1-13,58), Jesus se apresenta, mas o povo judeu se recusa a crer nele. Todo-poderoso em obras e palavras (4,12-9,34), envia seus dis-

cípulos a anunciarem a Boa Nova (9,35-10,42); efetua-se então a opção pró ou contra Jesus: os ouvintes são convidados a discernir o evento que se realiza, nos milagres anteriormente narrados (11-12) ou no novo ensinamento em parábolas (13). No fim, Jesus é rejeitado pelos seus (13,53-58).

Na segunda parte (14-28), Jesus percorre o caminho que o leva pela cruz à glória da Ressurreição. Dois movimentos animam esta narrativa: um, com base geográfica (14,1-16,20), depois com base doutrinária (16,21-20,34), permite que Jesus ministre à sua comunidade um ensinamento particular. O outro sucede em Jerusalém, onde Jesus faz uma entrada majestosa e toma posse do Templo (21,1-22); depois disto, ele enfrenta seus inimigos: manifesta em três parábolas o desígnio de Deus (21,18-22,14), sai vitorioso das controvérsias e ciladas que lhe armam (22,15-46) e denuncia a hipocrisia dos escribas e fariseus (23). Depois, Jesus anuncia o julgamento do mundo inteiro (24-25); deixa-se julgar e condenar pelos homens (26-27). Finalmente, Deus o ressuscita (28).

De sorte que Mateus relata um drama. Jesus exigia do povo judeu uma adesão incondicional à sua pessoa; proclamava a admissão dos pagãos no Reino dos céus. Este encontro deveria ter sido o arremate do destino do povo de Deus; mas em consequência da recusa de Israel, tornou-se separação, arrancamento. Desde então, a comunidade dos discípulos, fiel ao ensinamento de Jesus ressuscitado, é o verdadeiro povo de Deus que, subtraído à prepotência dos arrendatários rebeldes, deve produzir os frutos esperados por Deus (21,43).

A comunidade de Mateus. Pela escolha do seu material, bem como pela ordenação do mesmo, o Evangelho de Mateus desvenda as preocupações do ambiente em que foi dado à luz. Indiquemos três aspectos do mesmo.

1. Mateus é o evangelista que mais insiste na lei, na Escritura, nos costumes judaicos; por exemplo, introduz por conta própria referências às três grandes práticas de piedade judaicas (esmola, oração, jejum); à diferença de Marcos (7,3-4), não sente necessidade de explicar tais usos; finalmente, Jesus se dirige com prioridade ao seu povo (10,6; 15,24). Mas esta insistência na lei é corrigida por outra, sobre a plenificação que a lei deve receber e que a Escritura aponta na própria pes-

soa de Jesus; e, por fim, sobre os abusos gerados pelas tradições farisaicas. Tudo é submetido a uma reinterpretação radical, como mostram as "antíteses" do Sermão da Montanha, no cap. 5. Mateus insiste na passagem da Boa Nova aos pagãos; o que lhe interessa é, portanto, a explosão do evangelho no âmbito do mundo inteiro; todos os homens serão chamados a juízo pelo Filho do Homem (25,31-46), todas as nações serão convidadas a receber o ensinamento de Jesus (28,19).

2. Em Mateus, diversamente de Marcos, os discípulos ocupam um lugar único na economia da Revelação; são profetas, sábios e escribas da nova lei (13,52; cf. 23,34), mas, ao atenuar seus traços fisionômicos históricos, Mateus aplicou-se em fazer deles tipos duradouros: assim, eles prefiguram o comportamento de qualquer discípulo do porvir, até mesmo quando se mostram homens de pouca fé (8,26; 14,31; 16,8; 17,20).

3. Finalmente, o retrato de Cristo é influenciado pela comunidade cristã de Mateus. Já indicamos como Jesus cumpre as Escrituras, justificando com isto o desígnio de Deus e fundamentando a apologetica cristã. Além disto, Mateus, com uma insistência que lhe é peculiar, apresenta Jesus como Mestre, o Docente por excelência (5,2,19; 7,29; 21,23; 22,16; 4,23; 9,35; etc.). Em Marcos, este termo tem o sentido geral que lhe é comum no mundo antigo; em Lucas, vê-se Jesus a ensinar os seus discípulos a rezar (Lc 11,1); em João, o seu ensinamento refere-se sobretudo à sua própria pessoa (Jo 8,20,28). Em Mateus, o Mestre ensina principalmente a nova "justiça", ou seja, uma fidelidade nova à lei de Deus (5,19-20; 7,29; 15,9; 28,20); dela é o intérprete "escatológico", revestido da "autoridade" suprema de Deus, a fim de apartar seus ouvintes das "tradições humanas" cujos guardiães são os escribas (15,9) e ensinar-lhes uma nova perfeição (5,48; 19,21).

Desde o início do evangelho, Jesus é Cristo, filho de David, Filho do próprio Deus. Na sua qualidade de Filho de Deus e Cristo, Jesus é o "didata", o intérprete decisivo da vontade de Deus. Daí se compreende como o discípulo já o chame, da mesma forma que um cristão, "Senhor", e que Mateus omita os traços que em Marcos descrevem a cólera de Jesus, sua irritação ou ternura; Cristo ostenta uma dignidade muito mais consistente do que em Marcos (compare-se Mt 13,35 e Mc 6,3; Mt 15,33 e Mc 8,4...).

Destinatários, data, autor. Para os antigos Padres da Igreja, a coisa era simples: o primeiro evangelho fora escrito pelo apóstolo Mateus "para os fiéis provenientes do judaísmo" (Orígenes). Muita gente ainda pensa assim, embora a crítica moderna atente mais à complexidade do problema. Diversos fatores permitem localizar o primeiro evangelho. Parece evidente que o texto atual reflete tradições aramaicas ou hebraicas: vocabulário tipicamente palestino (ligar e desligar: 16,19; jugo a carregar, reino dos céus...), expressões estas que Mateus julga inútil, explicar a seus leitores, diversos usos judaicos (5,23; 12,5; 23,5.15.23). Por outra parte, parece evidente que este evangelho não é uma simples tradução de um original aramaico, mas revela uma redação grega. Embora tipicamente impregnado de tradições judaicas, não se pode afirmar que sua proveniência seja palestina. Comumente, estima-se que tenha sido escrito em Antioquia (Inácio refere-se a ele pelos incios do século II) ou na Fenícia, pois nestas regiões vivia um grande número de judeus. Finalmente, pode-se entrever uma polémica contra o judaísmo sinagoga ortodoxo dos fariseus, tal como se manifesta na assembléia sinagoga de Jâmnia pelos anos 80. Em tais condições, numerosos são os autores que datam o primeiro evangelho dos anos 80-90, quicá um pouco mais cedo; não se pode obter total certeza a tal respeito.

Do seu autor, nada diz o evangelho. A mais antiga tradição eclesiástica (Pápias, bispo de Hierápolis, primeira metade do século II) o atribui ao apóstolo Mateus-Levi. Grande número de Padres (Orígenes, Jerônimo, Epifânio) seguem-lhe a opinião, e certos autores quiseram deduzir daí que se pode atribuir ao apóstolo uma primeira forma, aramaica ou hebraica, do nosso Mateus grego. Mas o estudo do evangelho não confirma essas hipóteses, sem todavia invalidá-las radicalmente. Por isso, na falta de conhecer com precisão o nome do autor, convém contentar-se com alguns traços delineados no evangelho mesmo: o autor se reconhece na sua obra. Versado nas Escrituras e tradições judaicas, conhecendo, respeitando, mas interpelando rudemente os chefes religiosos do seu povo, perito na arte de ensinar e fazer "compreender" Jesus a seus ouvintes, insistindo sempre nas conseqüências práticas do seu ensinamento, ele corresponderia bastante aos traços característicos de um letrado judeu feito cris-

tão, um “dono de casa que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (13,52).

Atualidade do primeiro evangelho. Desde o século II, o Evangelho de Mateus foi considerado como “o evangelho da Igreja”, talvez devido às tradições que refere acerca da “Igreja” (16,18 e 18,18) ou, mais provavelmente, devido à riqueza e ordenação de sua documentação. Ainda hoje pode sê-lo, sob condição de não se lhe pedir o que não quer nem nos pode dar. Ao interpelar a sua Igreja, Mateus pouco se importa com reproduzir ao pé da letra a linguagem do tempo de Jesus; identifica-se tão bem com a voz de sua Igreja, da qual é intérprete, que dificilmente se consegue ouvir a “testemunha ocular”. Por isso, em vez de recorrer a ele primeiramente para reconstituir uma história do tempo de outrora, é mister ler nele o evangelho da atual comunidade de Mateus. A melhor maneira de escutá-lo será assumir a atitude do crente tal como Mateus o descreve. Outrossim, o leitor não se deve incomodar com o caráter semitizante do seu estilo, por exemplo lastimando que ele se ache jungido a um pesado aparato de citações escriturísticas. Tomadas essas precauções, Mateus fala muito adequadamente ao cristão de hoje.

Evangelho da plenificação de Israel por Jesus, Mateus manifesta o enraizamento da Igreja em

sua tradição original. A Igreja não é um “novo Israel”, mas o “verdadeiro Israel”; ela não sucede a Israel, mas indica a direção em que o Israel não convertido a Jesus deve avançar para alcançar sua culminação e, em sentido oposto, ela deve descobrir neste Israel as suas próprias raízes.

Ao omitir a identificação da Igreja com o Reino dos céus, Mateus recorda à Igreja de hoje sua verdadeira fisionomia. Sem dúvida, a instituição é necessária para que a comunidade de Jesus sobreviva, mas ela é provisória: o Reino de Deus é, por si só, o que dá sentido à Igreja, situando-a no seu lugar próprio com referência a Deus e a Jesus Cristo, que age na história dos homens.

O cristão hodierno é convidado por Mateus a assumir a atitude dos discípulos do tempo de Jesus. Com eles, pode reconhecer o seu Senhor todo-poderoso, e ouvir que se lhe lance em rosto a própria incredulidade, mas também receber a missão de anunciar a Boa Nova até os confins do mundo. Assim, atualiza-se a relação do crente com o seu Senhor Jesus.

Num mundo em devir, o Ressuscitado manifesta a sua presença e convida os crentes a voltarem incessantemente aos ensinamentos que ele ministrou durante sua vida terrestre: a identidade entre o Cristo ressuscitado e Jesus de Nazaré torna-do presente pelo evangelho, tal é o núcleo do testemunho de Mateus.

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

1 Genealogia de Jesus Cristo. (Lc 3,23-38). ¹ Livro das origens de Jesus Cristo^b, filho de David, filho de

1Cr 17,11
Gn 22,18
Gn 21,3-12;
25,26; 29,35;
1Cr 1,34
Gn 38,29-30;
1Cr 2,4,5,9;
Rt 4,
12,18-19
Rt 4,
13,17-22;
1Cr 2,10-12
Rt 4,17-22
1Cr 2,13-15
2Sm 12,24
1Cr 3,10-14

Abraão,
²Abraão gerou^c Isaac,
Isaac gerou Jacó,
Jacó gerou Judá e seus irmãos,
³Judá gerou Farés e Zara, de Tamar,
Farés gerou Esrom,
Esrom gerou Arâm,
⁴Arâm gerou Aminadab,
Aminadab gerou Naasson,
Naasson gerou Salmon,
⁵Salmon gerou Booz, de Raab,
Booz gerou Jobed, de Rute,
Jobed gerou Jessé,
⁶Jessé gerou o rei David,
David gerou Salomão, da mulher de Urias,
⁷Salomão gerou Roboão,
Roboão gerou Abias,
Abias gerou Asa,
⁸Asa gerou Josafat,
Josafat gerou Jorão,
Jorão gerou Ozias,
⁹Ozias gerou Joatão,
Joatão gerou Acáz,
Acáz gerou Ezequias,
¹⁰Ezequias gerou Manassés,

Manassés gerou Amon,
Amon gerou Josias,
¹¹Josias gerou Jeconias e seus irmãos;
sucedeu então a deportação para Babilônia.
¹²Depois da deportação para Babilônia,
Jeconias gerou Salatiel,
Salatiel gerou Zorobabel,
¹³Zorobabel gerou Abiud,
Abiud gerou Eliaquim,
Eliaquim gerou Azor,
¹⁴Azor gerou Sadoc,
Sadoc gerou Aquim,
Aquim gerou Eliud,
¹⁵Eliud gerou Eleazar,
Eleazar gerou Matan,
Matan gerou Jacó,
¹⁶Jacó gerou José, esposo de Maria
de que nasceu Jesus, a quem chamam
de Cristo.

1Cr 3,15-16;
1Esd 1,32gr.
2Rs 24,
12-16;
2Cr 36,10;
Jr 27,20
1Cr 3,17,19;
Esd 3,2

¹⁷O número total das gerações^d é, pois: quatorze de Abraão a David, quatorze de David à deportação para Babilônia, quatorze da deportação para Babilônia até Cristo.

O anúncio a José. ¹⁸Eis qual foi a origem de Jesus Cristo^e. Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José.

a. O prólogo ao evangelho compreende, depois da genealogia de Jesus (1,1-17), cinco cenas, em que se alternam os sonhos de José (1,18-25; 2,13-15; 2,19-23) e as intervenções de Herodes (2,1-12,16-18). Duas tradições, uma referente a Herodes e a outra a José, parecem mutuamente independentes quanto ao estilo, à estrutura e ao conteúdo.

b. Lit. *Livro da gênese de Jesus Cristo*. Decalcando este título sobre o que inicia a narrativa da descendência do primeiro homem (*Eis a lista da família de Adão*, Gn 5,1). Mt sugere que Jesus, iniciando o livro de uma nova gênese, toma o lugar de Adão (cf. Lc 3,38). Contudo, aqui a história relatada não é a da sua descendência, mas a da sua ascendência: em Jesus a história passada encontra o seu sentido. Quanto à relação da genealogia de Mt com a de Lc, cf. Lc 3,23 nota.

c. *Gerar* alguém é transmitir-lhe a própria imagem, a imagem de Deus (Gn 5,1-3), pelo sangue (genealogias lineares clássicas: Gn 11; 1Cr 5,27-29) ou pela adoção (cf. Gn 10). Para apresentar a origem do homem que sabe ressuscitado e presente à sua Igreja até o fim dos tempos (Mt 28,16-20), Mt recorre primeiro ao gênero literário bíblico das genealogias: Jesus tem suas raízes no povo eleito. Ao mencionar os nomes das quatro mulheres, *Tamar*, *Raáb*, *Rute*, *a mulher de Urias*, Mt realça a presença de três

estrangeiras (lição de universalismo) e as condições irregulares em que conceberam (lição de graça).

d. Várias explicações são propostas para este número quatorze, repetido três vezes: 1) ele seria a soma do valor numérico das três consoantes que, em hebraico, formam o nome de *David* (D = 4, V = 6), donde 4 + 6 + 4 = 14; mas qual era a ortografia deste nome, e Mt não atribui aqui igual importância a Abraão? 2) Conforme os cálculos apocalípticos da época, Jesus surge ao termo da sexta semana (3 x 14 = 6 x 7) da história sagrada que começa com Abraão, ou seja, na plenitude dos tempos. Mas esta explicação estriba-se artificialmente no algarismo 7, que não é mencionado por Mt. 3) Mais simplesmente, Mt verificou que a genealogia transmitida por Rt 4,18-22 (repetida em 1Cr 2,10-13) fornecia dez nomes, desde Furés até David; acrescentando-lhe o pai de Farés e os três patriarcas, dava quatorze desde Abraão até David. Ao reproduzir este número básico para os outros dois períodos, sob condição de omitir os nomes dos três reis entre Jorão e Ozias, Mt teria com isto encontrado um quadro bíblico para sua genealogia.

e. Lit. *Ora, de Jesus Cristo tal foi a gênese* (cf. 1,1). O fato do nascimento legal, afirmado pela genealogia, torna-se agora tema de uma narrativa: José, filho de David, recebe Jesus em sua

Ora, antes de terem coabitado, achou-se ela grávida por obra do Espírito Santo. ¹⁹José, seu esposo^f, que era um homem justo^c não queria difamá-la publicamente, resolveu repudiá-la secretamente^h. ²⁰Tal era o projeto que concebera, mas eis que o Anjo do Senhorⁱ lhe apareceu em sonho e disse: "José, filho de David, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa: o que foi gerado nela provém do Espírito Santo, ²¹e ela dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus, pois é ele que salvará o seu povo dos seus pecados^j". ²²Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor dissera pelo profeta^k: *"Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, ao qual darão o nome de Emanuel, o que se traduz:*

1,25;
Lc 1,31;
2,21
Mt 4,12

Is 8,8,10gr.

"Deus conosco"^l". ²⁴Ao despertar, José fez o que o Anjo do Senhor lhe prescrevera: acolheu em sua casa a sua esposa, ²⁵mas não a conheceu até quando ela deu à luz um filho^m, ao qual ele deu o nome de Jesus.

1,21;
Lc 1,31;
2,21

2 A visita dos magos. ¹Tendo Jesus nascido, em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodesⁿ, eis que magos^o vindos do Oriente chegaram a Jerusalém ²e perguntaram: "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos o seu astro no oriente^p e vimos prestar-lhe homenagem". ³A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado, e toda Jerusalém com ele. ⁴Reuniu todos os sumos sacerdotes e os escribas do povo^q, e inquiriu deles o

Lc 2,4-7
Lc 1,5; 3,1
Nm 24,17

linhagem. Sem dúvida, essa narrativa é resultado de longa elaboração literária. Repetindo provavelmente uma narração apologética anterior (um sonho: cf. 2,13.19), na qual Deus evoca, através das objeções de José, as calúnias concernentes ao nascimento virginal. Mt a orienta teologicamente, graças à citação de Is 7,14, que traduz a fé da Igreja na concepção virginal (cf. Lc 1,26-38). Assim fazendo, dá-se resposta à questão levantada pela genealogia: eis o modo pelo qual Jesus, embora sendo filho de uma virgem, foi filho de David.

f. Antes mesmo de levarem vida comum, os jovens que se comprometeram ao casamento são considerados esposos; só o repúdio legal podia desligá-los do seu vínculo.

g. Será que José se mostra *justo* por observar a lei que autoriza o divórcio em caso de adultério? ou por mostrar-se indulgente? ou por motivo da justiça de que devia usar com uma inocente? ou por não querer ser tido como pai do divino Infante? A resposta a essas perguntas continua controversa.

h. Nenhum texto do AT pode justificar o caráter *secreto* desse repúdio: pelo contrário, para ser legal, ele deve ser autenticado por um certificado oficial (Dt 24,1). Donde a pergunta de S. Jerônimo: "Como é que José pode ser qualificado de justo, quando esconde o crime de sua esposa?" A resposta para esta questão depende da tradução e da interpretação dos vv. 18 e 21; para poder agir justamente, José deve ter formado uma opinião a respeito da origem da criança: Filho divino ou filho adúltero.

i. Apelativo que, como no AT, designa a intervenção do próprio Deus (Gn 16,7.13; Ex 3,2). É mister não confundir *Anjo do Senhor* com os anjos.

j. Segundo sua etimologia, a palavra *Jesus* significa "O Senhor salva". Duas interpretações da mensagem angelica são possíveis: 1) O anjo revela a José a concepção virginal de Maria e lhe confia, além disso, a missão de dar à criança o nome de Jesus, 2) O anjo revela que, embora Maria esteja grávida por obra do Espírito Santo, cabe entretanto a José um papel capital a desempenhar: conferir a esta criança a filiação davídica, dando-lhe o nome.

k. Primeira das citações de cumprimento das Escrituras, mediante as quais Mt interpreta os acontecimentos mais marcantes da vida de Jesus (1,22; 2,15.7.23; 4,14; 8,17; 13,35; 21,4; 27,9). Todas elas apresentam uma forma substancialmente idêntica:

para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta. Acerca do verbo cumprir, cf. 5,17 nota.

l. A citação é feita conforme o texto grego de Is 7,14, exceto quanto a *darás o nome*, que é traduzido por *Mt darão o nome*, sem dúvida para adaptar a citação ao contexto: de fato, Jesus não foi chamado *Emanuel* por José. Outra explicação: Mt seguiria uma tradição textual de Is 7,14 atestada em Qumran (1Q Is) que traz: *chamarão*.

m. *Um filho*. Na linguagem bíblica, o verbo *conhecer* pode designar as relações sexuais (Gn 4,1.17; cf. Lc 1,34 nota). A intenção de Mt é frisar que Maria era virgem quando Jesus nasceu. Pode-se pensar na maneira como, no AT, Deus protegeu a gravidez de Sara e a de Rebeca até o nascimento de Isaac e de Jacó, pai do povo eleito (Gn 20; 26). Será que Maria teve, ulteriormente, relações conjugais com José? Nada se pode concluir deste texto.

n. *Herodes Magno* nasceu por volta de 73 a.C. Filho de Antípatre, mordomo de João Hircano II (63-40), em 47 foi nomeado estratega da Galiléia, depois da Celessíria, em 41, tetrarca da Judéia, e em 40, rei da Judéia, pelo senado romano. Conquistou Jerusalém em 37, exterminou os hasmoneus e recebeu de Augusto a Traconítide, a Batânéia e a Auranitide. Hábil político, grande construtor de cidades helenísticas, apoiou-se no partido dos fariseus; morreu em 4 a.C., sendo que o nascimento de Jesus pode ser fixado dois anos antes. Ao pôr o rei Herodes em contato com Jesus, Mt prenuncia o conflito que vai opor às autoridades oficiais o verdadeiro rei e salvador do seu povo (1,21; 2,2). Outro tema próprio de Mateus: aquele que as autoridades do povo rejeitaram é adorado pelas nações pagãs, representadas pelos magos.

o. A palavra grega *magos* assumia significados diversos: sacerdotes persas, mágicos, propagandistas religiosos, charlatães... O grego bíblico só o emprega em Dn 2,2.10. Aqui, poderia designar astrólogos babilônios, talvez postos em contato com o messianismo judaico; nada indica que sejam reis.

p. *No oriente*. Outra tradução possível: *ao surgir*; a mesma coisa em 2,9.

q. Herodes convoca os responsáveis oficiais pela vida religiosa do povo; os *sumos sacerdotes* são os membros das grandes famílias sacerdotais de Jerusalém; os *escribas* são os intérpretes oficiais da lei. Esses dois grupos encontram-se reunidos contra

Jo 7.42 lugar onde o Messias devia nascer.⁵“Em Belém da Judéia, disseram-lhe eles, pois é isto o que foi escrito pelo profeta: *‘E tu, Belém, terra de Judá, não és decerto a menos importante das sedes distritais de Judá: pois é de ti que sairá o chefe que apascentará Israel, meu povo’*”.⁶Então Herodes mandou chamar secretamente os magos, inquiriu deles a época exata em que aparecera o astro,⁷e os enviou a Belém dizendo: “Ide informar-vos com exatidão acerca do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me para que também eu vá prestar-lhe homenagem”.⁸A estas palavras do rei, eles se puseram a caminho, e eis que o astro que tinham visto no oriente⁹ avançava à sua frente até parar em cima do lugar onde estava o menino.¹⁰À vista do astro, sentiram uma alegria muito grande.¹¹Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se, prestaram-lhe homenagem; abrindo seus escrínios, ofereceram-lhe por presente ouro, incenso e mirra.¹²Depois, divinamente avisados em sonho de que não tornassem a ir ter com Herodes, retiraram-se para sua pátria por outro caminho.

Lc 2.16
SI 72.10.
11.15
2.22

A fuga para o Egito. ¹³Depois da partida deles, eis que o Anjo do Senhor aparece em sonho a José^u e lhe diz: “Levan-

ta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e fuge para o Egito; fica ali até nova ordem, pois Herodes vai procurar o menino para fazê-lo perecer”.¹⁴José levantou-se, tomou consigo o menino e sua mãe, de noite, e retirou-se para o Egito.¹⁵Ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: *Do Egito chamei meu filho*”.

Massacre dos meninos de Belém. ¹⁶Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, foi acometido de grande fúria e mandou matar, em Belém e todo o seu território, todos os meninos de até dois anos, segundo o tempo de que ele se havia certificado com os magos.¹⁷Então cumpriu-se o que fora dito pelo profeta Jeremias.

“Uma voz fez-se ouvir em Ramá, prantos e longo lamento: é Raquel que chora seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem”.

Volta do Egito. Fixação em Nazaré.

¹⁹Depois da morte de Herodes, o Anjo do Senhor apareceu a José, no Egito,²⁰e lhe diz: “Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e põe-te a caminho para a terra de Israel; pois estão mortos os que haviam tramado contra a vida do

1.20;
2.12.13
Ex 4.19

Jesus em 21.15; Mt associa com mais freqüência os sumos sacerdotes aos anciãos do povo (26.3.47; 27.1 etc.). O sentido em ambos os casos é o mesmo: os verdadeiros responsáveis pelo drama são os chefes do povo.

r. Esta citação de Mq 5,1 está combinada com 2Sm 5,2 de modo muito original; ela não corresponde exatamente ao texto do AT, nem hebraico nem grego. Põe na boca dos conselheiros de Herodes uma profecia sobre Belém, cuja importância é assim ressaltada por Mt.

s. Acerca da expressão *no oriente*, cf. 2,2 nota. Este astro não corresponde aos astros que conforme o modo de pensar antigo, não raro, determinavam o destino dos heróis. De preferência, é o astro que, da parte de Deus, designa Jesus à adoração dos magos como rei messiânico (cf. também Nm 24.17).

t. *Incenso e mirra*. Riquezas e perfumes tradicionais da Arábia. A expectativa messiânica judaica contava, para o rei esperado, com a homenagem e as oferendas de todas as nações (cf. Is 60.6).

u. Relato literariamente aparentado com os relatos “eloístas” dos sonhos de Abimelec (Gn 20.3-7), de Laban (31.24) e, mais particularmente, de Jacó na noite de sua partida para o Egito (46.2-4): af se encontra o esquema comando-execução (cf. 1.18

nota). Em sonho são recebidas as diretrizes de Deus que conduz o seu povo. Mesmo conceito que em At (16.9; 18.9; 23, 11), mas sem a nota de encorajamento como nos sonhos de Paulo.

v. Construção semelhante à das narrações da fuga de Jacó (Gn 27.43-45), de Lot (Gn 19.15) ou de Moisés (Ex 2.15); leia-se sobretudo a narrativa de Jeroboão que foge para o Egito, lugar tradicional de refúgio, conforme a Bíblia (1Rs 11.40).

w. Tradução do texto hebraico de Os 11.1, cujo sentido local Mt acertadamente conserva (cf. Os 12.14). O que Mt quer não é justificar o objetivo do deslocamento, mas fundar na profecia o exílio de Jesus evocando o Êxodo.

x. Relato provavelmente pré-mateano, de feitura semelhante a Mt 22.7, talvez modificado pelo evangelista, em vista da citação (2.18), com a especificação em *Belém e todo o seu território*; o conjunto foi adaptado ao contexto pela menção aos *magos*. Quanto ao fundo, a história condiz perfeitamente com os hábitos de Herodes.

y. Tradução livre do texto hebraico de Jr 31.15, com algumas reminiscências do texto grego. *Raquel*, mãe dos israelitas do Norte, chora por seus filhos exilados. *Belém*: lugar tradicional do túmulo de Raquel; *Ramá*: lugar de reunião dos deportados que partiam para o exílio (Jr 40.1).

menino". ²¹José levantou-se, tomou consigo o menino e sua mãe, e entrou na terra de Israel^e. ²²Mas ao saber que Arquelau^a reinava na Judéia em lugar do seu pai Herodes, teve medo de ir para lá; ²³e, avisado divinamente em sonho, retornou-se para a região da Galiléia. ²⁴E veio morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: *ele será chamado nazoreu^b*.

3 João Batista (Mc 1,2-6; Lc 3,1-6; Jo 1,19-23). 'Naqueles dias', apresenta-

-se João, o Batista, proclamando^d no deserto da Judéia^a. ²"Convertei-vos^f; o Reinado dos céus^g aproximou-se^h!" ³Dele é que falara o profeta Isaías ao dizer: *"Uma voz clama no deserto: 'Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredasⁱ'"*. ⁴João usava um traje de pêlo de camelo, com um cinto de couro à volta dos rins; alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre^j. ⁵Então Jerusalém, toda a Judéia e toda a região do Jordão iam ter com ele; ⁶'faziam-se batizar^k por ele no Jordão, confessando os pecados^l.

z. Esta narrativa é certamente influenciada pela do exílio de Moisés em Midian (Ex 4,19-23).

a. *Arquelau*: Etnarca da Judéia, Samaria e Iduméia, de 4 a.C. até 6 d.C. Destituído pelo imperador Augusto a pedido de uma delegação de judeus e samaritanos, foi exilado em Viena, nas Gálias. Seu domínio foi entregue a um governador romano.

b. *Nazoreu*. Jesus é chamado assim nos Atos (cf. At 2,22 nota). Difícil é determinar o texto ao qual Mt quer referir-se. O termo não equivale nem a nazareno, cidadão de Nazaré, nem a um membro da seita dos nazoreenianos. Como em 26,71. Mt vê nesta palavra um equivalente de *galileu* (26,69), sendo que ali se pode compreender: *aquele de Nazaré* (21,11; cf. Jo 1,45; At 10,38). Não é impossível que Mt tenha querido evocar o *Santo de Deus por excelência*, o nazir (Jz 13,5; cf. 16,17; Mc 1,24).

c. *Naqueles dias*. No grego, esta expressão introduz habitualmente, como aqui, um novo episódio sem ligação cronológica com o que precede. — A narração da vida pública de Jesus é introduzida, bem como em Mc e Lc, por um tríptico: pregação de João (3,1-12), batismo de Jesus (3,13-17), tentação de Jesus (4,1-11).

d. *Proclamando*. Em grego, *kéryssein*, donde deriva *kérygma* (querigma). Do uso profano (proclamação do arauto em nome do rei: cf. Gn 41,43), o verbo passou para o domínio religioso (proclamação em nome de Deus: cf. Jl 2,1). Usado aqui para a pregação de João Batista, ainda o será para a de Jesus (4,17), dos seus discípulos (10,7,27), da Igreja primitiva (At 8,5). Em Mt (exceto em 11,1), o conteúdo da proclamação é brevemente lembrado (3,2-3; 4,17; 10,7) ou condensado nas expressões o *Evangelho do Reino* (4,23; 9,35; 24,14) ou o *Evangelho* (26,13); note-se que os verbos *proclamar* e *evangelizar* (= anunciar uma boa nova) podiam ser mais ou menos sinônimos no grego da Septuaginta (cf. 2Sm 1,20; Is 40,9).

e. *Judéia*. Expressão peculiar de Mt, que só aparece aqui. Região maldefinida, situada entre a cadeia de montanhas que corre de Jerusalém a Hebron, e o Mar Morto ou o Jordão inferior (cf. 3,6, onde a atividade de João é localizada de modo mais preciso). Conforme mostra o v. 3, Mt se interessa menos pela exatidão topográfica do que pelo significado bíblico do *deserto* (cf. 4,1; 11,7; 14,13; 24,26). Nesta região, então pouco povoada, mas não desértica no sentido moderno da palavra, é que foram descobertos, a partir de 1947, os vestígios das instalações e dos escritos chamados "do mar Morto". Cf. já *Imc* 2,29: "Muitos homens que buscavam a justiça e o direito desceram ao deserto para aí se estabelecerem".

f. *Convertei-vos*. Este verbo e o substantivo correspondente aparecem, em Mt, em contextos que lhe conferem grande impor-

tância (3,2; 4,17; 11,20-21; 12,41). De preferência ao sentido inculcado pela etimologia grega (mudança de mentalidade), é preciso reconhecer nele o tema, capital no AT, sobretudo desde Jeremias, da mudança de orientação, da volta incondicional ao Deus da aliança. Mt equipara as pregações do Batista e de Jesus (3,2; 4,17), embora distinga seus ministérios quanto à finalidade do batismo (3,11): conversão comprovada por atos (3,8 nota) ou recusa dos judeus de se converterem (11,20,21; 12,41; cf. Lc 5,32; 15,7).

g. Em conformidade com o uso judaico que evita pronunciar o nome de Deus, Mt diz *Reinado dos céus* preferivelmente a *Reinado de Deus* (só Mt 12,28; 19,24; 21,31,43). As palavras *dos céus* não designam um reino celeste, mas que Aquele que está nos céus (5,48; 6,9; 7,21) reina sobre o mundo. Instruído pelo AT, Mt sabe que o reino sempre *pertenceu ao Senhor* (Sl 22,29; 103,19; 145,11-13 etc.); mas ele entende anunciar que este Reinado de sempre *se aproximou* dos homens na pessoa de Jesus. A rigor, só se deveria traduzir *por reino* quando se quer designar o âmbito (p. ex., *entrar na...*: 5,20; 7,21; 18,3; 19,23). Nos outros casos, convém traduzir *por reinado*. Cf. Lc 4,43 nota.

h. Ou *tornou-se próximo*. Mesma expressão em 4,17 e 10,7 (mesmo verbo, traduzido também por *chegar*, em 21,1,34; 26,45-46). Hoje em dia, ela se interpreta: 1) O Reinado está próximo, ou muito próximo (Jesus anuncia a vinda ou irrupção iminente e universal deste reino); 2) o Reinado está presente (cf. 12,28, com um outro verbo: *já chegou até vós*), sendo que esta presença se pode compreender de modos diversos: ou o Reinado já está plenamente realizado, ou está secretamente inaugurado na pessoa e atividade de Jesus, mas em breve será manifestado a todos. De qualquer forma, a vinda do Reinado exige a conversão.

i. Ao citarem Is 40,3, os sinóticos seguem o grego, que põe *no deserto* em conexão com *voz*; e não com *preparai*, como faz o texto hebraico. Substituem uma *estrada para nosso Deus* (= *YHWH*) por *suas veredas*, tornando com isso possível a aplicação do texto ao próprio Jesus, proclamado pelos cristãos como "Senhor".

j. João usa os trajes clássicos dos profetas (Zc 13,4), em particular de Elias (2Rs 1,8), que regressara na pessoa de João Batista (cf. Mt 17,9-13; Mt 3,23).

k. *Batizar*. Por ser oferecido a todos, conferido por João e recebido uma só vez, este batismo difere profundamente das abluções rituais dos essênios (que eram cotidianas) e do batismo dos prosélitos (que os "purificava" para permitir-lhes entrar em contato com os judeus): cf. Mc 1,4 nota. Graças à conversão à qual está ligado, ele prepara para o batismo trazido por Jesus (Mt 3,11).

l. Cf. Mc 1,5 nota.

Apelo de João à conversão (Lc 3,7-9).

⁷Como visse muitos fariseus e saduceus^m que vinham ao seu batismo, disse-lhes:

12,34; 23,33

Lc 21,23;

Rm 1,18;

2,5; 5,9;

Et 5,6; Cl 3,6;

Ap 6,6,17

Jo 8,

33,37,39;

Rm 4,12

"Crias de víboras, quem vos ensinou

como fugir da iraⁿ que está para vir?

⁸Produzi, pois, fruto que testemunhe da

vossa conversão^o; ⁹e não concebais dizer a

vós mesmos: 'Temos por pai Abraão'.

Pois eu vos digo, destas pedras aqui Deus

pode suscitar filhos a Abraão. ¹⁰O ma-

chado já está pronto para cortar^a a raiz

das árvores; toda árvore que não der bom

fruto será cortada e lançada ao fogo.

batizará no Espírito Santo e no fogo^l.

Jo 1,33;

At 1,5;

11,16

¹²Traz na mão a pá, vai jogar sua cira e recolher o trigo no celeiro; mas o refugo, ele o queimará no fogo que não se extingue^m".

Batismo de Jesus (Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; cf. Jo 1,29-34).

¹³Então chega Jesus, vindo da Galiléia ao Jordão, junto a João,

para fazer-se batizar^r por ele. ¹⁴João quis

opor-se a isto: "Eu é que preciso ser

batizado por ti, dizia, e és tu que vens a

mim⁷?" ¹⁵Mas Jesus replicou-lhe: "Dei-

xa, agora é assim que nos convém cum-

prir toda a justiça^m". Então, ele o deixa

fazer. ¹⁶Logo que foi batizado, Jesus saiu

da água. Eis que os céus se abriram^r, e

ele viu o Espírito de Deus descer como

uma pomba^z e pairar sobre ele, ¹⁷e eis

que uma voz vinda dos céus dizia: "Este

Gn 22,2;

Mt 12,18;

17,5

Batismo de água e batismo de fogo (Mc 1,7-8; Lc 3,15-18; cf. Jo 1,24-28).

¹¹"Eu vos batizo na^a água, em vista da con-

versão; mas aquele que vem depois de

mim é mais forte do que eu^r; eu não sou

digno de tirar-lhe as sandálias^s; ele vos

Jo 1,26;

31,33;

At 1,5; 11,16

At 13,24;

19,4

11,3;

Jo 1,15;

At 13,25

m. Aqui, Mt aproxima *fariseus* e *saduceus* como em 16,1.6, 11.12 e, em outro sentido, 22.34. Em outro lugar, aproxima os fariseus dos *escribas* (c. 23). Lc, no relato paralelo (3,7-9) só se refere às *multidões*. Tais diferenças explicam-se pelos ambientes diferentes aos quais os evangelistas se dirigem.

n. Neste anúncio do julgamento que se aproxima, a *côlera* designa a reação do Deus santo diante do pecado (cf. Is 30, 27-33). João anuncia a chegada iminente do juiz escatológico, mas Jesus apresenta-se como servo manso e humilde (12,18-21), aquele que, segundo Paulo, salva da ira (1Ts 1,10).

o. Lit. *um fruto "digno" da vossa conversão*; o mesmo adjetivo em Mt 10,10.11.13.37.38; 22,8. A palavra *fruto*, no singular, designa aqui todo o comportamento do homem, não uma particular manifestação de piedade, ou de moral. A conversão requerida não é fruto da pregação do Batista. Ou João exige que a conversão real se manifeste no comportamento, ou denuncia a conversão de seus ouvintes como ilusória, já que destituída de alcance real. A segunda interpretação é recomendada por 3,9.10.

p. Lit. *está posto contra a raiz*.

q. O *b'* hebraico subjacente à preposição *em* não tem necessariamente sentido locativo, mas pode ter um valor instrumental (cf. Ap 6,8; 19,21; compare Mc 5,25 e Mt 9,20); aqui *pela água, pelo Espírito*.

r. Ao contrário do que sucede habitualmente nos cortejos oficiais, a personagem mais importante vem aqui em segundo lugar. Só aqui e em 12,29, Jesus é designado como o *Forte*, qualificativo que, no AT (Dn 9,4; Jr 32,18), caracteriza Deus e, por volta dos tempos de Jesus, o Messias esperado (cf. *Salvus de Salomão*). Ao termo *força* Mt prefere *autoridade* (7,29; 9,6; 28,18).

s. Não *calçar suas sandálias*, mas *tirar-lhas*: gesto característico do escravo.

t. De forma menos externa que a água, o *fogo* simboliza a ação de Deus que purifica, *depura* (Mt 3,2; Zc 13,9; cf. 1Pd 1,7). Por isso, poder-se-ia compreender: "O Espírito Santo que depura como o fogo" (a conjunção e seria explicativa). Mas

parece preferível admitir que o *fogo* não muda de sentido do v. 11 para o v. 12, onde se trata realmente de um castigo; o fogo representa pois, de preferência, a *côlera* (cf. 3,7 nota), correlativo necessário (cf. Rm 1,16-18) da participação na *santidade* de Deus (a conjunção e acrescencia então um matiz especial).

u. No AT e no NT, a *messe* é a imagem do juízo final, da consumação dos tempos, por ser a ocasião em que o homem grão (ou a parte sadia do trigo) é separado do ruim (Jl 4,12-13; Is 27,12-13; Ap 14,14-16; cf. Mt 13,30 nota).

v. Para fazer aceitar que Jesus tenha sido batizado no meio dos pecadores, a tradição evangélica evoca uma palavra profética (3,17): Jesus, que se assimila aos pecadores, é de fato o Filho de Deus.

w. O protesto de João Batista pretende ressaltar a superioridade de Jesus, como anteriormente sua pregação mostrava a superioridade do batismo vindouro com relação ao batismo da água (cf. Jo 3,23-30).

x. Em Mt, a palavra *justiça* designa a fidelidade nova e radical à vontade de Deus (5,6.10.20; 6,1.33; 21,32). João Batista e Jesus sujeitam-se juntamente a um desígnio de Deus cujo significado há de ser revelado por todo o evangelho, quer Jesus se solidarize aqui com os pecadores para salvá-los, quer o batismo represente o primeiro protesto público de Jesus contra o sonho judaico de um Messias triunfante (cf. 4,1-11, 11,2-6; 16,13-23).

y. Expressão que significa a união entre a terra e o céu (cf. At 7,56; 10,11-16; Jo 1,51) e uma revelação celeste (Is 63,19; Ez 1,1; Ap 4,1; 19,11). — Alguns mss. acrescentam: *para ele*.

z. Nenhuma interpretação segura pôde ser dada deste símbolo. Provavelmente não se trata de uma alusão à pomba que voltou à arca de Noé (Gn 8,8-12). Alguns, estribados em tradições judaicas, identificaram a *pomba* com Israel. Para outros, ela sugere o amor de Deus (cf. Ct 2,14; 5,2) que desce à terra. Finalmente, de acordo com as outras tradições judaicas que viam uma pomba no Espírito de Deus adejando sobre as águas (Gn 1,2), alguns estimam que ela evoca a nova criação que se efetua no batismo de Jesus.

é o meu Filho bem-amado^a, aquele que me aprouve escolher^b”.

4 A tentação de Jesus^c (Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). ¹Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. ²Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites^d, acabou sentindo fome. ³O tentador^e aproximou-se e lhe disse: “Se és o Filho de Deus^f, ordena que estas pedras se transformem em pães”. ⁴Mas ele respondeu: “Está escrito: *Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*”^g.

⁵Então o diabo o leva à Cidade Santa, coloca-o sobre a cumeeira do Templo^h e lhe diz: “Se és o Filho de Deus, atira-te para baixo, pois está escrito: *Ele dará*

a teu respeito ordem a seus anjos e eles te carregarão nas mãos, para evitar que contundas o pé em alguma pedra”ⁱ. Jesus lhe diz: “Também está escrito: *Não porás à prova o Senhor teu Deus*”^j. ⁸O diabo o leva ainda a uma montanha muito alta; mostra-lhe todos os reinos do mundo e seu esplendor^k e lhe diz: “Tudo isso te darei, se, prostrando-te, me adorares^l”. ⁹Então Jesus lhe diz: “Retira-te, Satanás! Pois está escrito: *Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto*”^m. ¹¹Então o diabo o deixou, e eis que se aproximaram anjos, e o serviamⁿ.

Jesus retira-se para a Galiléia (Mc 1,14-15; Lc 4,14-15). ¹²Depois que soube que João fora entregue^o, Jesus retirou-

Hb 2,18;
4,15
4,6;
27,40
Ne 11,1;
Is 52,1;
Mt 27,53
Ap 11,2;
21,2,10;
22,19
4,3; 27,40

1Cor 10,9

Dn 3,
5,10,15;
Mt 2,11;
18,26;
1Cor 14,25;
Ap 4,10;
5,14; 7,11;
11,16;
19,4,10; 22,8

14,3;
Mc 6,17;
Jo 3,24

a. Estas palavras associam a terminologia de Sl 2,7, que repete a antiga profecia de Natã em 2Sm 7,14 (*tu és meu filho...*) à de Is 42,1 (*meu bem-amado que me aprouve escolher*). Esta última passagem ainda não apresenta o servo sofredor de Is 53, mas aquele que *não levanta a voz* (42,2; cf. Mt 12,18-21), *não vacila, nem é quebrantado* (Is 42,4). Graças à fusão desses textos escriturísticos, Mt une em Jesus as duas figuras proféticas do filho de estirpe real e do Servo.

b. Lit. *em quem pus o meu beneplácito*. Não se trata de uma complacência arbitrária, mas de uma eleição visando a uma missão; daí: *escolher*.

c. Esta narração deriva de uma tradição que remonta, quanto ao essencial, a Jesus (cf. Mc 1,12-13); de fato, a recusa do messianismo terreno, que é sua afirmação central, data do tempo pré-pascal, e o combate com Satanás só chegou a termo com a morte e a ressurreição de Jesus. Esta recordação foi reassumida por Mt e Lc num estilo de controvérsia, mostrando a superioridade de Jesus sobre seu adversário. Af Jesus aparece como o novo Israel tentado no deserto, como indicam as citações expressas do Deuteronômio (8,3; 6,16; 6,13). Jesus recusa, não só recorrer a forças espirituais para fins terrenos, como também intimidar Deus a salvá-lo magicamente por um milagre e submeter-se a Satanás para dominar politicamente o mundo. Ao contrário de Israel, Jesus sai vencedor do combate: não se deixou apartar de Deus. Mt frisa o aspecto messiânico da Tentação, graças à dupla tipologia de Jesus, novo Israel e novo Moisés. Associada ao batismo, a cena pode fornecer também o sentido da existência cristã: em princípio, todo filho de Deus triunfou do demônio.

d. O número *quarenta* (= os anos de uma geração) designa um período bastante longo, cuja duração exata não se conhece (Gn 7,4; Ex 24,18). Aqui, este prazo talvez evoque o tempo que Moisés passou no alto do monte (Ex 34,28; Dt 9,9,18); provavelmente simboliza os 40 anos passados por Israel no deserto (Nm 14,34), aos quais já se referiam os 40 dias de caminhada de Elias (1Rs 19,8).

e. Muitos são os *tentadores* que se apresentaram a Jesus durante sua vida (16,13; 22,18,35); a narrativa atual quer fornecer o sentido dessas diversas tentações.

f. Ou seja: *Já que és o Filho de Deus*. A argumentação repete a palavra celeste pronunciada no batismo (3,17).

g. Mateus cita Dt 8,3 segundo o grego; o texto hebraico não tem tanta precisão: “...de tudo o que sai da boca do Senhor”.

h. A *cumeeira*, em grego diminutivo de uma palavra significando a ala de um edifício, poderia também referir-se à cornija superior de uma das grandes portas, donde Jesus teria precisado atirar-se para manifestar a sua “messianidade” às multidões que geralmente se apinhavam neste lugar.

i. Cf. Sl 91,11-12, citado conforme o grego. Como em Dt 8,3, essas palavras do Sl 91 não visam exatamente ao Messias, mas a qualquer israelita fiel que espera o socorro só de Deus. A Satanás, que cita as Escrituras ao pé da letra, Jesus responde evidenciando o seu significado fundamental.

j. Dt 6,16. Lit. “*Não tentarás o Senhor, teu Deus*”. Tentar a Deus é um tema corriqueiro no AT (Ex 17,2-7; Nm 14,22; Sl 78,18 etc.), em dois sentidos complementares: desobedecer-lhe para ver até onde chega sua paciência ou, como aqui, recorrer à sua bondade com objetivo interesseiro.

k. Lit. *se, caíndo (a meus pés), me adorares*. Aqui, o verbo *adorar* designa um ato de submissão total, de consequências concretas e imediatas (cf. 2,2; 8,2; 9,18; Gn 37,7-10). Igual sentido em 28,17.

l. *Retira-te*: a mesma injunção será feita a Pedro em 16,23, acrescida de um apelo a segui-lo (retomado aqui por alguns manuscritos, que acrescentam: *atrás*).

m. Dt 6,13; cf. Ex 34,14; Dt 32,39; Is 43,10.

n. O verbo *servir* significa aqui servir à mesa, dar de comer (cf. 8,15). Jesus recebe dos anjos, isto é, de Deus por seus mensageiros, o alimento que recusou providenciar para si, obedecendo à sugestão de Satanás. Ele ensinará seus discípulos a pedi-lo e a recebê-lo igualmente ao Pai (6,11).

o. Isto é, preso, aprisionado (cf. Lc 3,20), como é dito igualmente de Jesus (17,22; 26,2; 27,2,18,26). A escolha do termo e a forma do verbo no passivo sugerem que, embora os atores do drama sejam os homens, quem o dirige segundo seus próprios desígnios é Deus (cf. At 4,28).

Jo 2,12 -sc^o para a Galiléia.¹³A seguir, abandonando Nazaré^a, veio morar em Cafarnaum, à beira-mar^r, nos territórios de Zabulon e de Neftali,¹⁴para que se cumprisse o que diz o profeta Isaías^s:

¹⁵*Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, Além-Jordão,*

Lc 1,79 *Galiléia das Nações!*

¹⁶*O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; para os que jaziam na região sombria da morte levantou-se uma luz.*

¹⁷A partir de então, Jesus começou¹a proclamar: "Convertei-vos: o Reinado dos céus aproximou-se"^u.

Chamamento dos primeiros discípulos (Mc 1,16-20; Lc 5,1-11). ¹⁸Andando ao longo do mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar: eram pescadores. ¹⁹Disse-lhes: "Vinde em meu seguimento", e farei de vós pescadores de homens"^w. ²⁰Eles então, deixan-

do logo as redes, seguiram-no^x. ²¹Indo daí adiante, ele viu mais dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, no barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes. Ele os chamou. ²²Deixando logo seu barco e seu pai, seguiram-no.

Jesus e as multidões (Mc 1,39; Lc 6,17-18). ²³A seguir, percorrendo toda a Galiléia, ele ensinava em suas sinagogas, proclamava a Boa Nova do Reino^y e curava toda doença e enfermidade entre o povo^z. ²⁴Sua fama espalhou-se por toda a Síria, e trouxeram-lhe todos os que padeciam de toda a espécie de doenças e tormentos: endemoninhados, lunáticos, paralíticos; ele os curou. ²⁵E grandes multidões o seguiram, vindas da Galiléia e da Decápole, de Jerusalém e da Judéia, e de além do Jordão.

5 O Sermão da Montanha (Mc 3,13; Lc 6,12-13.20). ¹Ao ver as multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se, e seus discípulos aproximaram-se

p. Este verbo costuma ser usado por Mt para indicar recuo diante de um perigo (2,12.13.14.22; 12,15; 14,13; 15,21; cf. 14,13 nota).

q. Forma rara, melhor atestada aqui do que Nazaré. Esta indicação supõe que a família de Jesus se instalara neste lugar (2,23). O profeta de Nazaré (cf. 21,11) *abandona* sua pátria, como abandona seus inimigos (16,4) ou Jerusalém (21,17).

r. Trata-se do lago de Genesaré (cf. Lc 5,1; 8,22). O lugar onde se erguia *Cafarnaum* é localizado comumente a NO do lago, hoje Tell Hum.

s. Para precisar não somente o lugar, mas o significado profético do ministério de Jesus desde o início. Mt é o único que cita Is 8,23-9,1, modificando-lhe, aliás, profundamente o texto. Essas palavras caracterizam o conjunto do evangelho de Mateus: na Galiléia, Jesus dirige-se às tribos do povo mais ameaçadas pela *noite* pagã, como fora Israel por parte dos assírios. Por isso mesmo, este ministério entra em contato com *todas as nações* (28,19). Ao passo que outros se retiram ao deserto (por exemplo, os homens de Qumran ou João Batista) ou concentram sua atividade em Jerusalém, Jesus, o Emanuel anunciado pelo profeta (Is 7,14; 8,8.10), escolhe a *Galiléia das nações*, que Mt evoca no decurso do seu evangelho (cf. 2,22; 3,13; 4,23.25; 28,16).

t. A fórmula *A partir de...* que, além daqui, só se depara em 16,21, quer ressaltar, não só, num sentido mitigado, que Jesus *pôs-se a...*, mas que solenemente inaugura o ministério da sua pregação; Jesus vai apresentar-se em palavras (5,1-7.29) e em atos (8,1-9.34).

u. Cf. 3,2 nota.

v. Lit. *Vinde após mim*. Expressão análoga: 16,23-24.

w. A respeito da expressão *pescadores de homens*, cf. Mc 1,17 nota.

x. No judaísmo do séc. I, o verbo *seguir* designava habitualmente o respeito, a obediência e os numerosos serviços que os discípulos dos rabinos deviam prestar a seus mestres. Ao aplicar este termo a Jesus e a seus discípulos, Mt lhe modifica o sentido em vários pontos: 1) já não é o discípulo que escolhe seu mestre; o chamamento vem de Jesus e é geralmente atendido por uma obediência imediata (4,22; 9,9); 2) os discípulos seguem Jesus não só como ouvintes, mas como colaboradores, testemunhas do Reino de Deus, obreiros da sua messe (10,1-27), da mesma forma como entre os zelotes os discípulos não se ligam só ao ensino do mestre, mas à sua pessoa; 3) Mt revela amiúde que as multidões seguem Jesus, indicando com isto que elas procuram vagamente nele o mestre que não encontraram nos rabinos oficiais da sinagoga (4,25; 8,1; 12,15; 14,13 etc.); 4) num segundo período, Jesus procede a uma crítica deste *seguimento*, mostrando que ele significa muito mais do que a princípio os discípulos ou as multidões tinham imaginado; seguir Jesus é nada menos que tomar sobre si a sua cruz (16,24).

y. Lit. *o Evangelho do Reino*, expressão peculiar a Mt (9,35; 24,14). Ela designa, quer o anúncio da *chegada* deste reino ou reinado de Deus (cf. 3,2 nota), quer este anúncio com todas as instruções práticas de Jesus que o evangelista nele inclui, isto é, todo o evangelho mateano.

z. Além do anúncio do Evangelho, as *curas* significam que o Reino de Deus está em ação (cf. 10,1-7.8; 11,5 nota). Por meio da palavra *toda*, Mt frisa o alcance universal do comportamento de Jesus: talvez aluda a Is 53,4, citado em Mt 8,17.

dele.^a E, tomando a palavra^b, ele os ensinava^c:

As bem-aventuranças (Lc 6,20-26).

¹ "Felizes^d os pobres de coração^e: deles é o Reino dos céus.

SI 37,11 ⁴ Felizes os mansos^f: seu quinhão será a terra^g.

⁵ Felizes os que choram^h: eles serão consolados.

SI 42,3 ⁶ Felizes os que têm fome e sede da justiçaⁱ: eles serão saciados.

18,33; Tg 2,13 ⁷ Felizes os misericordiosos: eles alcançarão misericórdia.

SI 24,2; 51,12 ⁸ Felizes os corações puros^j: eles verão a Deus.

⁹ Felizes os que agem em prol da paz; eles serão chamados filhos de Deus.

¹⁰ Felizes os perseguidos por causa da justiça: deles é o Reino dos céus.

¹¹ Felizes sois vós quando vos insultam, vos perseguem e mentindo dizem contra vós toda a espécie de mal por minha causa. ¹² Alegrai-vos e regozijai-vos, porque grande é a vossa recompensa nos céus: foi assim, com efeito, que perseguiram os profetas que vos precederam^k.

O sal e a luz (Mc 9,50; 4,21; Lc 14, 34-35; 8,16; 18,33). ¹³ "Vós sois o sal da terra^l. Se o sal perde seu sabor, como tornará a ser sal? Não serve mais para nada;

IR 5,26;
Lc 1,79;
Hb 12,14;
Tg 3,18
1Pd 3,14

10,22;
1Pd 4,14

2Cr 36,16

At 7,52;
Hb 11,32-38;
Tg 5,10

a. Como Lc (6,20-49) e valendo-se de um material muitas vezes semelhante, Mt reuniu sentenças de Jesus num discurso inaugural que expõe a nova justiça cristã. Depois das Bem-aventuranças, que servem de exórdio (5,3-12): (I) a justiça perfeita (enunciado geral: 5,13-20, seguido de cinco ilustrações: 5,21-48), (II) as boas obras (enunciado geral: 6,1, seguido de três ilustrações: 6,2-18), (III) três admoestações, cada qual seguida de uma ilustração (7,1-12; 7,13-20; 7,21-27). Situado no conjunto do Evangelho, o Sermão da Montanha não se apresenta como a carta magna do cristianismo: faltam-lhe, entre outras coisas, a Cruz, a Eucaristia, a Igreja, o Espírito. É um apelo dirigido por Jesus a quem o queira seguir.

b. Lit. *abrindo a boca*.

c. *Ensinava*. O Sermão da Montanha é apresentado por Mt como uma *didakhê*, ensino que supõe a proclamação anterior do Reino.

d. *Felizes*. Expressando-se conforme uma fórmula clássica da Bíblia, usada para felicitar alguém por um dom concedido (Mt 13,16; 16,17) ou para anunciar a felicidade a determinada categoria de pessoas (Mt 11,16; Lc 11,28; cf. Lc 6,20 nota). Jesus vem declarar quem são os que se encontram na situação mais propícia para receber o Reino de Deus. — Dois tipos de bem-aventuranças foram aqui agrupadas por Mt e Lc. O primeiro (Mt 5,3-9) gira em torno da pobreza e do comportamento do homem; o segundo (5,10-12), que concerne à perseguição, pode ter sido pronunciado em circunstâncias diferentes, provavelmente durante a segunda parte da vida de Jesus. — As duas formulações das bem-aventuranças, por Mt e por Lc, poderiam ajudar a remontar ao estádio profético, o de seu pronunciamento por Jesus em pessoa. Neste estádio, Jesus não diz quais são as virtudes necessárias para entrar no Reino; apresenta-se como Messias enviado para os pobres, os preferidos de Deus (cf. Mt 11,15), aqueles que, cá na terra, não são avantajados e dependem só de Deus. Ao passo que Lc contrapõe os pobres aos ricos como se contrapõe o céu vindouro à terra presente, Mt mostra que a pobreza interior é a condição necessária para entrar no Reino. Todavia, essas duas interpretações só assumem seu verdadeiro sentido se marcarmos uma relação com Jesus que enuncia a palavra e que se doa.

e. Lit. *pobres pelo espírito* ou *em espírito*. Este espírito não é o Espírito Santo, nem a inteligência, mas, como o coração do v. 8, o centro e a totalidade da pessoa: *O Senhor está próximo dos corações quebrantados e salva os espíritos abatidos* (SI 34,19).

Esses pobres pertencem à grande família dos que as provações materiais e espirituais acostumaram a só contar com o socorro de Deus: *Sou pobre e miserável, o Senhor pensa em mim...* (SI 40,18). Juntamente com os milagres, a evangelização dos pobres é o sinal dado por Jesus aos emissários de João Batista para reconhecerem nele o Messias esperado (Mt 11,5).

f. Assim como os pobres, os mansos o são menos por temperamento do que pela dura necessidade da sua condição social e religiosa. Jesus se apresenta como um deles (Mt 11,29; 21,5): o discípulo de Cristo deve assemelhar-se a ele (2Cor 10,1; Gl 5,23; Tt 3,2; 1Pd 3,16). — Alguns manuscritos invertem os versículos 4 e 5.

g. Vale dizer a *Terra Prometida*, outra expressão do Reino dos céus: *Os humildes possuirão a terra* (SI 37,11).

h. Lit. *os que estão de luto*. Não os melancólicos, nem as vítimas da opressão social que, em virtude da lei de compensação, terão na outra vida uma contrapartida, recebendo o Messias (Lc), mas os que ainda esperam a Consolação definitiva (Lc 2,25), a única que libertará os homens de sua aflição (cf. Is 61,2).

i. *Justiça*. Com toda a verossimilhança, não se trata da justiça de Deus (isto é, da salvação escatológica, pois Jesus nunca aconselhou mais do que a espera vigilante), nem da justiça social sobre a terra, mas da justiça da prática, da vida cristã sempre mais perfeita, que é a fonte da justiça entre os homens (cf. 5,20 nota).

j. Lit. *os puros quanto ao coração*. Como a pobreza do v. 3, esta pureza é a do cerne mesmo da pessoa, designado pela palavra *espírito* (traduzido por *coração*) no v. 3. Não se trata de uma perfeição moral, mas de uma retidão pessoal que os evangelhos designam também com o termo *simplicidade* (cf. 6,22 nota e 15,11 nota). Quanto ao sentido bíblico da palavra *coração*, cf. Lc 1,66 nota).

k. Depois da bem-aventurança referente aos perseguidos em geral (v. 10: "*Felizes*" sem verbo), vêm a aplicação aos discípulos (v. 11: "*Felizes sois vós*"; v. 12: "*alegrai-vos*") e a recordação dos perseguidos de outrora, os *profetas*, de quem são os continuadores (cf. Mt 10,41; 13,17; 23,24).

l. O sal torna os alimentos saborosos (Jó 6,6); por ter a propriedade de conservá-los (Br 6,27), acaba significando o valor duradouro de um contrato, tal como uma *aliança* de sal (Nm 18,19), pacto perpétuo (2Cr 13,5). Mateus interpreta a palavra de Jesus (Lc 14,34; Mc 9,50), afirmando que o crente deve

jogam-no fora e é calcado aos pés pelos homens.

Jo 8,12; 9,5; Fl 2,15; Mc 4,21; Lc 8,16; 11,33

14^a Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada num monte. 15 Quando se acende uma lâmpada, não é para pô-la debaixo do alqueire, mas sobre a lâmparina, e ela brilha para todos os que estão na casa^m. 16 Assim também brilha a vossa luz aos olhos dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obrasⁿ, eles glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

Et 5,8,9; IFJ 2,12

17 Não penseis que vim abrogar a Lei ou os Profetas: não vim abrogar, mas cumprirⁿ. 18 Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei um i nem um ponto do ⁿ, sem que tudo haja sido cumpridoⁿ. 19 Portanto, no Reino dos céus, aquele que transgredir um só desses mínimos mandamentos e ensinar os homens a fazer o mesmo será declarado o mínimo; pelo contrário, quem os puser

3,15; Rm 3,31

Jesus e a lei. 17^a Não penseis que vim abrogar a Lei ou os Profetas: não vim abrogar, mas cumprirⁿ. 18 Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei um i nem um ponto do ⁿ, sem que tudo haja sido cumpridoⁿ. 19 Portanto, no Reino dos céus, aquele que transgredir um só desses mínimos mandamentos e ensinar os homens a fazer o mesmo será declarado o mínimo; pelo contrário, quem os puser

4,17; 21,33

Tg 2,10

conservar e tomar saboroso o mundo dos homens em sua aliança com Deus: senão, já não serve para nada, e os discípulos merecem ser jogados fora (cf. Lc 14,35).

m. No Oriente, a casa das pessoas humildes consta de uma peça. n. A saber, aquelas de que o Sermão da Montanha apresenta alguns exemplos.

o. *Cumprir*. O verbo grego *plêroon* pode significar *realizar* (p. ex., uma profecia: 1,22 nota) ou *encher* (uma rede: 13,48; uma medida: 23,32). O contexto do Sermão da Montanha convida a ler aqui o segundo sentido. Jesus não só se propõe a cumprir a profecia, mas quer levá-la à perfeição, e com isso dar o verdadeiro sentido ao código de vida religiosa em que a lei então se transformara; com isso, faz-lhe alcançar uma perfeição radical e recobrar sua simplicidade original (cf. 5,20).

p. Lit. *nem um iota, nem o mínimo traço*. No alfabeto, o *iod* é a menor letra; o *traço* talvez designe a ponta ou barra que distinguem duas letras entre si (um pouco como o G do C). De qualquer forma, o sentido é que nenhum pormenor da lei deve ser menosprezado.

q. Expressão difícil; provavelmente não signifique *até que eu tenha cumprido tudo na cruz, nem até que todos os mandamentos tenham sido cumpridos por meus discípulos*, mas *até o fim do mundo*. A lei, revalidada por Jesus, guarda toda a sua autoridade.

r. As expressões *o mínimo... grande* não exprimem uma ideia de hierarquia no Reino. Com estas expressões, os rabinos respectivamente desaprovavam ou aprovavam os diversos comportamentos dos homens.

s. Como em 5,6.10, esta *justiça* é a fidelidade dos discípulos à lei de Deus, fidelidade nova, tornada possível e urgente pela interpretação autorizada (7,29) que Jesus dá desta lei. A mesma palavra, com o mesmo sentido: 3,15; 5,6.10; 6,1.33; 21,32.

em prática e os ensinar, no Reino dos céus será declarado grande^r. 20 Pois eu vos digo: se a vossa justiça^a não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos céus.

Homicídio e reconciliação (Mc 11,25; Lc 12,57-59).

21^a Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não cometerás homicídioⁿ*; aquele que cometer um homicídio responderá por ele no tribunal^r. 22 Pois eu vos digo: todo aquele que se encolerizar contra seu irmão responderá por isso no tribunal; aquele que disser a seu irmão: 'Imbecil^m' estará sujeito ao julgamento do Sinédrio^r; aquele que disser: 'Louco^s' será passível da geena de fogo^z. 23 Portanto, quando fores apresentar a tua oferenda ao altar, se ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, 24 deixa a tua oferenda ali, diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, vem apresentar a tua oferenda. 25 Põe-te logo de acordo com teu adversárioⁿ, enquanto es-

Mt 19,18p; Rm 13,9; Tg 2,11

Jo 3,15

t. *antigos*. No plural, a palavra aqui empregada por Mt (*arkhioi*) designa os que nos precederam, os antepassados, que se encontram na origem da tradição (cf. Lc 9,8.19); não se deve confundir-na com *presbyteroi* (cf. Mt 16,21; 21,23 etc.), que designa os *anciões* no sentido de *notáveis*.

u. O que o Decálogo proíbe é o homicídio deliberado, p. ex. a vingança pessoal (cf. Ex 20,13; Dt 5,17).

v. *Tribunal*. Jesus resume as punições enunciadas na lei, sem ater-se à sua formulação literal (Ex 21,12; Lv 24,17; Nm 35,16-18; Dt 17,8-13). Mais exatamente, Jesus não diz que tal homem é passível de morte; proclama que ele está sujeito a um julgamento de condenação, que é o juízo de Deus (cf. Rm 1,32).

w. Lit. *raká*, provável transcrição da injúria talmúdica *reiqi* (imbecil, insensato...); cabeça oca, desmiolado.

x. O grande Sinédrio de setenta e um membros, sediado em Jerusalém, em oposição aos simples tribunais (cf. 5,21-22), de vinte e três membros, espalhados pelo país (cf. 10,17 nota).

y. *Louco*. Injúria de *per si* bastante banal, mas que, ao que parece, podia assumir entre os judeus um sentido muito mais grave e visar a uma rebelião contra Deus (cf. Dt 32,6; 1Cor 4,10).

z. A *geena*, vale de Jerusalém onde se praticaram em honra de Moloc holocaustos de crianças (2Cr 28,3; 33,6); profanada por Josias (2Rs 23,10), talvez tenha sido transformada em lixo público. Em todo caso, tornou-se símbolo de maldição (Jr 7,31; 19,6), e até de maldição eterna, na literatura apocalíptica. É neste último sentido que o NT a ela se refere (10 vezes em Mt).

a. Aplicação catequética feita por Mt de uma parábola escatológica (Lc 12,57-59). Esta mostrava a necessidade de converter-se antes que fosse tarde; Mt quer dar a entender que é mister não estar irado com um homem ao comparecer diante do Deus-juiz, sob pena de condenação eterna.

tás ainda a caminho com ele; não aconteça que esse adversário te entregue ao juiz, e o juiz, ao policial, e sejas lançado na cadeia. ²⁶Em verdade, eu te digo: de lá não sairás enquanto não tiveres pago o último tostão^b.

18,34-35

Adulterio e escândalo (Mt 18,8-9; Mc 9,43.47-48). ²⁷“Ouvistes que foi dito: Não cometerás adultério^c. ²⁸Pois eu vos digo: qualquer um que olha para uma mulher^d cobiçando-a, já cometeu adultério com ela, em seu coração.

Mt 19,18p

Rm 13,9;
Tg 2,11

²⁹“Se o teu olho direito te leva à queda^e, arranca-o e atira-o longe de ti: pois é preferível para ti que um só membro teu pereça a que seja lançado na geena teu corpo inteiro. ³⁰E se tua mão direita te leva à queda, corta-a e lança-a longe de ti: pois é preferível para ti que um só membro teu pereça a que vá parar na geena teu corpo inteiro.

18,8-9;
Mc 9,43-47

O repúdio (Mt 19,7-9; Mc 10,4-5.10-12; Lc 16,18). ³¹“Por outra parte foi dito:

19,7;

Mc 10,4

Se alguém repudiar sua mulher, dê-lhe

b. Lit. *quadrante*, isto é, a quarta parte de um asse, moeda romana que permitia comprar dois pardaís (cf. Mt 10,29).

c. Ex 20,14; Dt 5,18.

d. O olhar fixado numa mulher — casada ou noiva — intenta arrebatá-la a outrem. Esta palavra reveste o mesmo valor em Mt 1,20.24 (trad.: *esposa*); 5,31; 14,3. Jesus não condena o desejo que o homem tem pela mulher, mas a avidez ativa que, *de per si*, já se apropria da mulher alheia.

e. Lit. *te escandaliza*. Conforme a Bíblia, o “escândalo” não é um mau exemplo, nem um fato revoltante, mas, etimologicamente, um *obstáculo*, uma *armadilha* (Sl 124,7), uma *pedra de tropeço* que faz cair (Is 8,14-15; Rm 9,33; 1Pd 2,8). Numerosas são as causas ou ocasiões de queda: primeiro, Jesus (Mt 11,6; 13,57; 15,12; 17,27; 26,31-33), mas também, em outro sentido, os homens (5,29; 16,23; 18,6-9), o mundo (13,41; 18,7), a perseguição (13,21; 24,10).

f. Sem dúvida, é no coração (Mt 12,34) isto é, no mais íntimo do homem, que residem o bem e o mal, e não nos seus instrumentos que são os membros visíveis; mas Jesus fala hiperbolicamente do caso-limite em que estes serviriam só como instrumentos do pecado.

g. Aqui, como em 19,9, não se trata de divórcio no sentido moderno da palavra, mas do direito que assistia ao esposo de repudiar sua mulher. Citação de Dt 24,1.

h. Lit. *exceto em caso de impudícia*. Aqui e em 19,9, a palavra traduzida por *união ilícita* é interpretada em três sentidos principais: 1) *Algo vergonhoso* (cf. Dt 24,1 grego, e as discussões rabínicas que se lhe referem). Neste caso, o inciso parentético autorizaria o repúdio da esposa por diversos motivos

um certificado de repúdio^a. ³²Eu, porém, vos digo: quem quer que repudie sua mulher — exceto em caso de união ilícita^b — expõe-na ao adultério; e se alguém se casa com uma repudiada, é adúltero.

O juramento. ³³“Ouvistes ainda que foi dito aos antigos: Não jurarás, mas cumprirás os teus juramentos para com o Senhor^c. ³⁴Eu, porém, vos digo que não jureis, em hipótese alguma: nem *pelo céu*, que é o trono de Deus, ³⁵nem *pela terra*, que é o escabelo de seus pés, nem *por Jerusalém*, que é a Cidade do grande Rei. ³⁶Não jures tampouco por tua cabeça, pois não podes fazer um só cabelo ficar branco ou preto. ³⁷Quando falardes, dizei ‘Sim’ ou ‘Não’^d: todo o resto vem do Maligno.

Tg 5,12

Is 66,1;
Mt 23,22;
At 7,49
Sl 48,32Cor
1,17.20

O talião (Lc 6,29-30). ³⁸“Ouvistes que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*^e. ³⁹Eu, porém, vos digo: Não resistais ao mau^f. Pelo contrário, se alguém te esbofeteia na face direita, vira-lhe também a outra. ⁴⁰A quem quer conduzir-te ante o

Jo 18,22

1Cor 6,7

aqui não especificados. 2) O *adultério*, ou seja, a infidelidade da mulher a seu esposo. Neste caso, o inciso autorizaria o repúdio da mulher adúltera. 3) A *união conjugal ilegal*, especialmente conforme a legislação de Lv 18,6-18, sentido que reaparece provavelmente em At 15,28-29. Neste caso, Jesus proibiria qualquer repúdio, exceto somente nos casos de uniões ilegais previstas por Lv 18. Esta famosa “exceção mateana” talvez seja uma aplicação, pelo evangelista, de uma palavra de Jesus, que excluía todo o repúdio, a uma nova situação análoga à que 1Cor 7 permite supor. Sejam quais forem estas hipóteses, a originalidade da sentença está em recordar a indissolubilidade fundamental da união conjugal. A tradição ortodoxa vê no inciso uma base para constatar que, em caso de adultério, existe divórcio.

i. Cf. Lv 19,12; Nm 30,3; Dt 23,22.

j. De acordo com outra tradição, conservada em Tg 5,12: *Seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não; assim não caireis sob o golpe do julgamento*”, o sentido seria que a boca deve proferir o que há no coração. Mas, segundo certas fórmulas orientais, o sentido de Mt é, preferivelmente: *Seja o teu falar tão verdadeiro que não precisas recorrer a juramentos*. Jesus critica aqui a linguagem não abusiva ou falsa, e o recurso ao juramento em determinadas circunstâncias.

k. Ex 21,24 (ver nota); Lv 24,20; Dt 19,21.

l. Aqui não se trata de não-resistência ao mal em geral. O verbo aqui usado significa *resistir* no sentido de revidar, devolver um golpe com outro, quer imediata e pessoalmente, quer por um contra-ataque no tribunal. Mesmo verbo com o mesmo sentido: Lc 21,15; At 13,8; Rm 13,2; Gl 2,11; Tg 4,7; 1Pd 5,9.

juiz para tomar a tua túnica, cede-lhe também o teu manto^m. ⁴¹Se alguém te força a andar mil passosⁿ, anda com ele dois mil. ⁴²Dá a quem te pede; a quem quer pedir-te emprestado, não vires as costas.

Amor aos inimigos (Lc 6,27-28.32-36).

⁴³“Ouvistes que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo^o. ⁴⁴Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, ⁴⁵a fim de serdes verdadeiramente^p filhos do vosso Pai que está nos céus, pois ele faz nascer o seu sol sobre os maus e os bons, e cair a chuva sobre os justos e os injustos. ⁴⁶Pois se amais aqueles que vos amam, que recompensa^q tereis por isso? Não agem da mesma forma até os coletores de impostos^r. ⁴⁷E se saudais somente vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem os pagãos a mesma coisa? ⁴⁸Vós, portanto, *sereis perfeitos*^s, como é perfeito o vosso Pai celeste^t.

6 A esmola. ¹“Guardai-vos de praticar vossa religião^u diante dos homens

para atrair os seus olhares; do contrário, não haverá nenhuma recompensa para vós da parte do vosso Pai que está nos céus. ²Por isso, quando deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas^v nas sinagogas e nas ruas, tendo em vista a glória que vem dos homens. Em verdade, eu vos declaro: eles já receberam sua recompensa. ³Quanto a ti, ao dares esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita, ⁴a fim de que tua esmola fique no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te retribuirá.

A oração. ⁵“E quando rezardes, não sejas como os hipócritas que gostam de fazer suas orações de pé nas sinagogas e nas esquinas^w, a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade, eu vos digo: já receberam a sua recompensa. ⁶Quanto a ti, quando quiseres orar, entra em teu quarto mais retirado^x, tranca a tua porta, e dirige a tua oração ao teu Pai que está ali, no segredo. E teu Pai, que vê no segredo, te retribuirá. ⁷Quando orardes, não multipliqueis palavras^y como fazem os

6,16; 23,5

Is 26,20;
2Rs 4,33

Mt 19,19;
22,39p;
Rm 13,9;
Gl 5,14;
Tg 2,8
Ex 23,4-5;
Pr 25,21;
Rm 12,20;
Lc 23,34;
At 7,60;
Rm 12,14;
1Cor 4,12;
Ef 5,1

Lv 19,2

23,5

m. A túnica, roupa de baixo, é indispensável; só se arrancava a quem vai ser vendido como escravo (cf. Gn 37,23). Portanto, a exigência da parte adversa é exorbitante: entretanto, diz Jesus, é preciso permitir que ela chegue até o extremo e ceder também o manto, traje superior, que serve para agasalhar-se à noite e que a lei, por este motivo, só autoriza reter por um dia (Ex 22,25; Dt 24,12).

n. Isto é, mil passos (duplos), medida romana equivalente a 1.478,50m. Provável alusão às requisições praticadas pelos militares ou funcionários romanos.

o. Cf. Lv 19,18. O ódio aos inimigos não é prescrito no AT. Na comunidade de Qumran, todo aquele que não pertencesse ao grupo dos filhos da luz era votado ao ódio que entrega o filho das trevas à vingança divina. Aqui trata-se provavelmente do inimigo da comunidade religiosa (cf. Sl 31,7; 139,21; Rm 5,10; 2Ts 3,15 e as alusões às perseguições em Mt 5,10.44). Este ódio violento, no domínio religioso, designa portanto antes uma oposição coletiva do que uma paixão individual (cf. 6,24; 10,22; 24,9-10).

p. Lit. *vos tornardes*. Trata-se da passagem a um novo estado afetando a pessoa integralmente, até em sua manifestação (*a fim de aparecerdes, de vos mostrardes*).

q. O termo traduzido por *recompensa* é frequente em Mt (5,12.46; 6,1.2.5.16); em 10,41-42; 20,8, tem o sentido literal de salário, aquilo que é devido. Nos caps. 5 e 6, o acento é posto no contraste: recompensa dos homens — recompensa de Deus. Jesus nos põe de sobreaviso contra uma interpretação literal desta linguagem antropomórfica, quando mostra que a recompensa de

Deus é soberana e só deriva de sua bondade (cf. 20,15).

r. Os coletores de impostos (em tradução frequente e inexacta, *publicanos*, cf. Lc 3,12 nota) eram objeto de desprezo geral, por estarem a serviço dos romanos e, não raro, exercerem a rapina em sua profissão (cf. Lc 19,8). Muitas vezes eram assimilados aos *pecadores* (9,10.11; 11,19).

s. Dt 18,13 gr.

t. A perfeição dos discípulos deve corresponder à de Deus, cuja generosidade se estende *aos bons e aos maus*, conforme Lc 6,36 tão bem traduziu com a palavra *misericordioso*. A única vez que Mt torna a empregar este termo é em 19,21.

u. Lit. *justiça*. A palavra (cf. 5,20 nota) designa aqui a especial fidelidade às três práticas judaicas fundamentais: a esmola (6,2-4), a oração (6,5-6) e o jejum (6,16-18).

v. O termo *hipócrita* faz mais que designar o homem cujos atos não condizem com seu pensamento (Mt 6,2.5.16; 15,7; 22,18; 23,13); impregna-o um sentido que, sem dúvida, provém do correspondente aramaico *hanefá* que, no AT, costuma significar *perverso, ímpio*; o hipócrita está em vias de se tornar um ímpio (24,51) e, por vezes, se torna cego (7,5); seu juízo se falseia, se perverte (cf. Lc 6,42; 12,56; 13,15). Só o contexto permite definir a aceção do termo.

w. Como as preces deviam ser feitas em horas fixas, os *hipócritas* encontravam oportunidade favorável de se fazerem notar. x. Em teu quarto mais retirado: a palavra designa um lugar secreto, provavelmente o celeiro.

y. O verbo grego *battalogein* presta-se a diversas interpretações. Alguns traduzem: *dizer coisas vãs*; outros evocam os pa-

pagãos; eles imaginam que pelo muito falar^a se farão atender. ^{6,32; Lc 12,30} "Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe do que precisais, antes que lho peçaís."

O "Pai-nosso" (Lc 11,2-4). ⁹ "Vós, por-

tanto, orai assim:

Pai nosso, que estás nos céus^b,
dá a conhecer a todos quem tu és^c, Ez 36,23
¹⁰ faz com que venha o teu Reinado^d,
faz com que se realize a tua vontade^e,
na terra, à imagem do céu^f.

piros mágicos que multiplicam fórmulas abracadabéricas para aplacar a divindade; finalmente há quem especifique: *Não digais: batta...* (palavra sem sentido), mas: *Pai Nosso*.

z. O erro de tal oração (pagã: cf. IRs 18,27; mas por vezes também judaica: cf. Is 1,15; Sr 7,14) não consiste tanto em ser longa, quanto em pretender, por sua extensão, pressionar a divindade.

a. A oração dos discípulos de Jesus assemelha-se, tanto pelo conteúdo como pela forma, às orações judaicas e particularmente à "oração das Dezoito Preces", que os judeus rezam ainda hoje. Distingue-se dela, em primeiro lugar, por sua grande simplicidade e pela liberdade com que Deus é nela invocado. Também a ordem das petições é original e característica do ensinamento de Jesus. Ela principia por uma tríplice prece que é um apelo à intervenção de Deus para o advento do seu Reino: qualquer preocupação de triunfo político ou religioso fica excluída. A seguir, vem a série de petições que exprimem as necessidades essenciais dos discípulos. Nesta segunda parte, bem como na invocação, a primeira pessoa do plural congrega os fiéis individuais numa comunidade de oração.

Esta oração foi-nos transmitida por Mateus e por Lucas em duas formas diferentes. A versão de Lucas é mais breve: 5 pedidos em vez de 7, e nas partes comuns há 2 ou 3 divergências de pormenores. É impossível dizer com certeza qual seja a forma mais antiga. De uma e de outra parte, percebem-se indícios de adaptação ao uso de um ambiente peculiar. As comunidades serviam-se, pois, de formas diferentes desta oração.

A tradução desta prece numa língua moderna oferece especiais dificuldades. O texto grego traz a marca do original semítico. Certas expressões exigem um bom conhecimento do AT e do judaísmo antigo para serem interpretadas como convém. Os próprios especialistas discordam acerca do sentido que se deve dar a tal termo (cf. v. 11) ou fórmula (cf. v. 13). Compreende-se perfeitamente que, nessas condições, as antigas traduções preferiram, geralmente, ater-se a reproduzir o texto grego palavra por palavra. Contudo, esta solução, que se esquia a assumir certos riscos, deixa de fato o usuário exposto a obscuridades ou ambigüidades que nem sempre derivam do texto original. Foi por isso que se julgou necessário propor aqui uma tradução que, livre de qualquer pretensão litúrgica, tente, com o auxílio de notas, renovar a compreensão de um texto de capital importância.

b. Lit. *Pai nosso, aquele nos céus*. Os discípulos dirigem-se ao seu Pai comum, que é único (23,9). A expressão *nos céus* não pretende localizar o Pai; ela corresponde a um modo de expressão semítico que afirma simultaneamente que Deus domina a terra inteira (nos céus) e que Deus, por seu amor paterno, está bem perto dos homens (*Pai nosso*) (a riqueza desta expressão refletir-se-ia bem na tradução: *Pai celeste, nosso Pai*). Algumas vezes Mateus traduziu a expressão literalmente: *meu Pai, aquele nos céus* (7,21; 10,32,33; 12,50; 16,17; 18,10,19) e *vosso Pai, aquele nos céus* (5,16,45; 6,1,9; 7,11; 18,14). A presença desta última fórmula em Mc 11,25 (cf. Lc 11,13) inclina numerosos críticos a atribuí-la a Jesus em pessoa (apesar do texto paralelo de Lc 11,2, que a ignora). Outras vezes, Mt a exprimiu por

celeste, ou seja, por *vosso pai, o celeste* (5,48; 6,14.26,32; 23,9) ou por *meu pai, o celeste* (15,13; 18,35).

c. Lit. *que o teu Nome seja santificado*. O Nome de Deus é um termo bíblico tradicional para designar respeitosamente o seu ser, máxime nos textos cultuais. *Santificar a Deus ou o seu Nome* é uma expressão clássica na Bíblia e no judaísmo. Já que Deus é o Santo por excelência, ela não pode significar que se acrescente seja lá o que for à sua santidade; mas indica que se reconhece, que se proclama o que ele é, que se lhe presta glória (como em Jo 12,28, que deve ser um equivalente deste pedido).

A Bíblia e o judaísmo conhecem dois modos de santificar a Deus ou o seu nome. Os legistas e rabinos, em suas exortações, convidam os fiéis a santificar a Deus pela obediência a seus mandamentos e, com isso, a reconhecer sua autoridade sobre eles (Lv 22,32; Nm 27,14; Dt 32,51; Is 8,13; 29,13). Os profetas, em seus oráculos acerca da salvação vindoura, anunciam que Deus vai santificar-se, manifestando-se aos olhos de todas as nações como justo Juiz e Salvador (Is 5,16 e sobretudo Ez 20,41; 28,22,25; 36,23; 38,16,23; 39,27).

Na oração em apreço, ao lado do pedido da vinda do Reino de Deus, que só nos pode ser assegurada por ele mesmo, trata-se desta intervenção salutar (a forma passiva *que seja santificado* é de uso corrente na literatura judaica para indicar discretamente a ação de Deus, sem nomeá-lo: cf. Mt 5,6,7,9; 7,1.2.7.8...). Só Deus pode manifestar-se tal como é em seu poder e na sua glória, justiça e graça. Para Jesus, como para Ezequiel (cf. acima), tal manifestação visa aos homens todos.

d. Lit. *que o teu Reinado venha* (cf. 3,2 notas). Este Reinado, *chegado* com Jesus ou por ele inaugurado, o *Pai-nosso* pede que ele se manifeste em breve e seja definitivamente reconhecido por toda a terra.

e. Lit. *que tua vontade se realize*. Assim como a oração de Jesus no Getsêmani (Mt 26,42; Lc 22,42), tampouco este pedido é uma prece de resignação, mas um apelo a Deus, para que *faça* de tal sorte que sua vontade se cumpra: daí a tradução proposta, que põe a Deus como sujeito da frase. A forma do verbo implica uma realização global levada a termo, o que só pode ser obra de Deus. A ligação entre este pedido e os dois anteriores indica tratar-se antes de tudo da realização por Deus da sua vontade de fazer com que seu reino chegue (cf. Is 44,28; 46,10-11; 48,14; Ef 1,5,9). Mas esta vontade concerne aos homens e não se poderia cumprir sem a sua adesão, tanto no fim dos tempos, por uma concordância perfeita entre suas vontades e a dele (cf. Jr 31,31-33; Ez 36,27), como agora, pelo cumprimento dos mandamentos, cuja necessidade é tantas vezes acentuada em Mt (5,17-20; 6,33; 7,21.24-27; 12,50; 21,30...).

f. Lit. *Como no céu, assim na terra*. A tradução habitual *assim na terra como no céu* tem o inconveniente de insinuar que se trata de uma adição: na terra e também no céu; ao passo que o sentido é pedir que se realize na terra o que já existe no céu, da mesma forma que no esquema apocalíptico (cf. Dn 4,32; 1Mc 3,60). O céu é concebido como o Reino de Deus totalmente realizado: a terra deve necessariamente ser imagem dele. Poder-se-ia parafrasear: *para que a terra seja o que tu queres que ela seja, o que ela deve ser*. Aliás, é bem possível que esta frase não se refira

sus disse ao centurião: "Volta para casa!

9,29; Como acreditaste, assim te seja feito". E
15,28; o servo ficou curado naquela hora.
Jo 4,50-51

Cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31; Lc 4,38-39). ¹⁴Ao entrar na casa de Pedro^a, Jesus viu a sogra dele acamada, com febre. ¹⁵Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou^c; ela se levantou e pôs-se a servi-lo^d.

1Cor 9,5

Curas e exorcismos (Mc 1,32-34; Lc 4,40-41). ¹⁶Ao anoitecer, trouxeram-lhe numerosos endemoninhados^e. Ele expulsou os espíritos pela palavra^f e curou todos os doentes, ¹⁷para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías^g: *Foi ele quem levou as nossas enfermidades e carregou sobre si as nossas doenças*.

Seguir Jesus (Lc 9,57-60). ¹⁸Vendo grandes multidões^a ao redor de si, Jesus deu ordem de partirem para a outra margem^b.

Mc 4,35;
Lc 8,22

¹⁹Um escriba aproximou-se dele e lhe disse: "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que vás". ²⁰Jesus lhe disse: "As raposas têm tocas e os pássaros do céu, ninhos; o Filho do Homem^c, porém, não tem onde recostar a cabeça". ²¹Outro dos seus discípulos disse: "Senhor, permite-me que vá primeiro enterrar o meu pai". ²²Mas Jesus lhe disse: "Segue-me e deixa os mortos enterrarem os seus mortos^d".

2Cor 8,9

1Rs 19,20

9,9;
Jo 1,43;
21,19

A tempestade acalmada (Mc 4,31-41; Lc 8,23-25). ²³Ele subiu ao barco, e seus discípulos o seguiram^e. ²⁴Eis que houve no mar uma grande tempestade^f, a ponto de o barco ser coberto pelas ondas^g. Ele, contudo, dormia. ²⁵Eles se aproximaram

à vista da felicidade dos justos (cf. Jô 16,9; Sl 35,16; 37,12; 112,10; Lm 1,2; Mt 13,42-43,50; 22,13; 24,51; 25,30).

u. Cf. Mc 1,29.

v. A febre, ou "fogo dos ossos", segundo os rabinos, era facilmente atribuída a uma origem não-natural (cf. Lv 26,16; Dt 28,22); a oração pode fazer com que desapareça (Jo 4,52; At 28,8).

w. Mt simplifica a cena, não mencionando a presença dos discípulos (Mc 1,29); atualiza-a, dando a Simão o nome de Pedro; conforme ele, Jesus toma a iniciativa da cura e é o único a quem a mulher serve (à diferença de Mc e Lc). Na opinião de Mt, este milagre simboliza a obra do Servo (8,17); é o que sugere um vocabulário que, para os primeiros cristãos, evocava a fé na Ressurreição: *ao pôr a doente de pé, Jesus a ressuscita* (Mt 9,25; 16,21; 17,23; 20,19; 26,32; 28,6; Mc 9,27; At 3,15; 13,37; 1Cor 15,4).

x. Assim como o judaísmo do seu tempo, também os evangelhos conhecem quatro expressões: *endemoninhados* (lit. *os que são presa dos demônios*), demônios, espíritos e espíritos impuros. Nos exorcismos efetuados por Jesus, note-se sobretudo, como aqui, o papel da sua palavra soberana, em contraste com as manipulações não raro complicadas dos exorcistas do seu tempo, bem como o vínculo explícito com o AT, que apresenta as curas de Jesus como sinais da intervenção decisiva de Deus para a cura e salvação dos homens.

y. Lit. *mediante a palavra*. Assim como a Palavra de Deus é ativa e eficaz (1Ts 2,13; Hb 4,12), assim também a palavra de Jesus realiza o que diz (cf. Mt 8,8; Mc 2,10; Lc 4,36).

z. Conforme Is 53,4 (LXX), *são os nossos pecados que ele carrega sobre si, as nossas dores que ele sofre*. Substituindo *carrega por leva* (tomou), *pecados por enfermidades*, Mateus mostra que Jesus não só é o Servo de Deus adoentado, sofrendo e expiando os pecados dos homens (cf. 1Pd 2,24), mas ainda aquele que, curando os doentes, revela-se o Salvador destinado a resgatar os pecadores.

a. Alguns manuscritos trazem o singular *a multidão*. Como Mt também emprega o singular, a correção do plural num singular não é impossível.

b. Cf. Lc 8,22 nota: *na outra margem*.

c. Com exceção de At 7,56; Ap 1,13; 14,14, a designação *Filho do Homem*, decalque de uma expressão semítica, só se encontra, nos evangelhos, na boca de Jesus. Nisto a comunidade primitiva reconheceu uma das expressões típicas de Jesus de Nazaré, de preferência aos demais títulos que outorgou a Jesus (Senhor, Cristo, Filho de Deus). Em certos casos, Jesus parece não se identificar com o Filho do Homem (16,27; 24,30); em outros, o faz claramente (8,20; 11,19; 16,13). Alguns estudiosos se inclinariam a identificar a expressão com o dito de Ezequiel: *o homem que sou* (Ez 2,1,3...); a maioria a relaciona com a tradição apocalíptica (Dn 7,13) e o *livro de Henoc*; ver nota sobre Dn 7); segundo esta tradição, o Filho do Homem virá no último dia julgar os pecadores e salvar os justos. Ao designá-lo assim, a comunidade primitiva manifesta uma originalidade que se pode atribuir a Jesus. Ela mostra em Jesus aquele que antecipa o julgamento com autoridade, salvando os pecadores (Mt 9,6) e inaugurando a era messiânica (12,8). Ligado à descrição profética do Servo de Deus (Mc 8,31; Mt 17,9.22.23; 20,18; 26,2.24.25), este título assume um significado inédito com relação ao judaísmo, pois une paradoxalmente a glória à cruz.

d. Seguir a Cristo faz passar para um plano secundário as obrigações e cerimônias fúnebres (cf. 10,37). Os *mortos* são os que não encontraram a vida do Reino (10,38; 16,25-26).

e. Com a palavra-chave *seguir* (8,22-23) e com a inserção do episódio precedente onde se trata de *discípulos* (8,21) e de *partir* (8,18-19.21), Mt mostra que o episódio é narrado em vista dos cristãos que devem aprofundar seu compromisso no seguimento de Jesus.

f. Lit. *um grande sismo*. Este fenômeno acompanha as teofanias no Sinai (Ex 19,18; 1Rs 19,11), a aparição a Jô (Jô 38,1; 40,6), a morte e ressurreição de Jesus (Mt 27,51.54; 28,4); é um traço clássico das descrições apocalípticas do fim dos tempos (24,7). Quanto à tempestade, cf. Mc 4,37 nota.

g. Ao contrário de Mc, a narrativa parece escrita segundo o testemunho de um espectador que teria estado fora do barco.

e o despertaram, dizendo: “Senhor, socorro! Estamos perecendo”.²⁶ Ele lhes disse: “Por que estais amedrontados, homens de pouca fé?” Então, pondo-se de pé, ele ameaçou^h os ventos e o mar, e fez-se uma grande bonança.²⁷ Os homensⁱ maravilharam-se e diziam: “De que qualidade é este, para que até os ventos e o mar lhe obedecem?”

Os dois endemoninhados gadarenos (Mc 5,1-20; Lc 8,26-39).²⁸ Tendo ele chegado ao outro lado, na região dos gadarenos^k, vieram ao seu encontro dois endemoninhados que saíam dos túmulos^l, tão perigosos que ninguém podia passar por aquele caminho.²⁹ Eis que se puseram a gritar: “Que há entre nós e ti^m, Filho de Deus? Será que vieste cá para atormentar-nos antes do tempo?”³⁰ Ora, havia a certa distância uma grande vara de porcos^o que pastavam.³¹ Os demônios suplicavam a Jesus, dizendo: “Se nos expulsas, manda-nos para o rebanho de porcos”.³² Ele lhes disse: “Ide!” Eles saíram e foram para os porcos; e todo o rebanho se precipitou, do alto da escarpa, no mar, e morreram na água.³³ Os guardas fugiram, foram para a cidade e con-

taram tudo, bem como o episódio dos endemoninhados.³⁴ Então, toda a cidade saiu ao encontro de Jesus; apenas o avisaram, suplicaram-lhe que abandonasse o seu território.

9 Cura de um paralítico (Mc 2,1-12; Lc 5,17-25).

Jesus, pois, subiu ao barco, tornou a atravessar o mar e veio para sua cidade^q.^{8,6; At 9,33} Eis que lhe traziam um paralítico estendido numa padiola. Vendo-lhes a fé^r, Jesus disse ao paralítico: “Confiança, meu filho, os teus pecados estão perdoados”.^{9,33-35} Ora, alguns escribas disseram a si mesmos: “Este homem blasfema!”^{12,25} Sabendo o que eles pensavam, Jesus disse: “Por que ter maus pensamentos em vossos corações? Que é mais fácil? Dizer: ‘Teus pecados estão perdoados’ ou dizer: ‘Levanta-te e anda’?”^{At 9,33-35} Pois bem! para que saibais que o Filho do Homem^s tem autoridade na terra para perdoar os pecados — diz então ao paralítico: “Levanta-te, toma tua padiola e vai para casa”.^{12,25} O homem levantou-se, e foi para casa.^{12,25} Vendo isto, as multidões foram tomadas de temor e deram glória a Deus que dá tamanha autoridade aos homens^t.

h. Recorrendo a uma expressão provinda da mais antiga tradição (Lc 12,28 = Mt 6,30). Mateus quer mostrar quanto os discípulos que seguiam Jesus estavam expostos à incredulidade, deixando-se dominar pela preocupação ou o medo (Mt 14,31; 16,8; 17,20). O discípulo *de pouca fé* não vive de acordo com a luz que sua fé lhe proporcionava.

i. Agindo como um exorcista (Mc 1,25; 9,25; cf. Lc 4,39), mas visando aqui às forças da natureza, Jesus ordena como Senhor (Jd 9). O mar era considerado como o antro das forças maléficas (cf. Is 51,10; Dn 7,2-7; Sl 65,8; 89,10; 93,3-4).

j. Com a expressão *os homens* (= as pessoas em geral), Mateus costuma designar os não-crentes (5,13; 10,17,32-33), os que precisam da Boa Nova (4,19; 5,16,19; 6,12 etc.), os que falam de Jesus como de fora (16,13), ou mesmo os que nada compreendem das coisas de Deus.

k. *Gadarenos*. Gadara, cidade helenista da Transjordânia, 10 km a sudeste do lago de Genesaré, na Decápole. Conforme este v., parece que o território desta cidade se estendia até o lago de Genesaré, mas o fato é discutível. Mc 5,1 e Lc 8,26 trazem aqui o termo *gerasenos* ou *gergesênios*; mas nem Gerasa, nem Gergesa parecem convir a este relato.

l. Cf. Mc 5,2 nota.

m. Cf. Mc 1,24 nota.

n. As palavras *cá e antes do tempo* são peculiares a Mt, nesta narrativa. Decerto, aludem ao tempo do juízo final, em que os demônios serão todos reduzidos à impotência; o exorcismo de

Jesus antecipa essas curas derradeiras. A palavra *aqui* acentua que Jesus age em território pagão, anunciando igualmente a libertação de todas as nações. Essas duas palavras poderiam, outrossim, evocar os cristãos de origem pagã na Igreja à qual Mt se dirige.

o. Cf. Mc 5,11 nota.

p. Lit. *bem como as coisas dos endemoninhados*. Esta expressão frisa o caráter secundário do episódio dos porcos; o essencial é o triunfo de Jesus sobre o demônio.

q. Conforme Mc 2,1, trata-se de Cafarnaum, aqui nomeada *a sua cidade* provavelmente porque ali era que Jesus pagava o imposto (cf. 17,24-27).

r. A *fé* parece ser consistente nas diligências exercidas para com Jesus pelo doente e seus carregadores (cf. Mc 2,4; Lc 5,18-19).

s. Lit. *menino*.

t. A respeito da blasfêmia, cf. 26,65 nota.

u. Cf. 8,20 nota.

v. Ao fazer andar um homem paralisado, Jesus quer mostrar que tem autoridade para *perdoar os pecados*, que a acusação de blasfêmia — em sentido vulgar, mas quiçá interpretada pelos cristãos em sentido próprio (9,3; 26,65) — carece de fundamento e, portanto, que uma questão foi levantada acerca da sua pessoa.

w. Este final surpreendente (o plural em vez do singular) talvez evoque o ambiente eclesial onde foi composto o evangelho de Mt: o poder de perdoar os pecados fica assim ligado à própria autoridade de Jesus (cf. 16,19; 18,18).

Jesus chama Mateus (Mc 2,13-17; Lc 5,27-32). ⁹Ao passar, Jesus viu sentado na coletoria de impostos um homem que se chamava Mateus^a. Disse-lhe: "Segue-me". Ele se levantou e o seguiu.

^{8,22; Jo 1,43; 21,19; 11,19; Lc 7,34; 15,1,2; 19,7} ¹⁰Ora, estando à mesa em sua casa^a, sucedeu que muitos coletores de impostos e pecadores^b tinham tomado lugar com Jesus e seus discípulos. ¹¹Ao verem isto, os fariseus diziam a seus discípulos: "Por que é que o vosso mestre come com os coletores de impostos e os pecadores?" ¹²Mas Jesus, que os ouvira, disse: "Não são os que têm saúde^b que precisam de médico, mas os doentes. ¹³Idc pois aprender o que significa: *É a misericórdia que eu quero, não o sacrifício*^c. Pois eu vim chamar, não os justos, mas os pecadores".

Sobre o jejum. O velho e o novo (Mc 2,18-22; Lc 5,33-39). ¹⁴Então os discípulos de João^d o abordam e lhe dizem: "Por que, enquanto nós e os fariseus jejuamos, os teus discípulos não jejuam?" ¹⁵Jesus lhes disse: "Podem os convidados às núpcias^e estar de luto enquanto está com eles o esposo^f? Mas virão dias em que o esposo lhes será tirado^e, e então

jejuarão^h. ¹⁶Ninguém põe remendo de pano novo numa roupa velha; pois o pedaço acrescentado repuxa a roupa e o rasgão aumenta. ¹⁷Não se põe vinho novo em odres velhos; senão, os odres estouram, o vinho se derrama e os odres se perdem. Pelo contrário, põe-se o vinho novo em odres novos, e ambos se conservam^h".

Cura de uma mulher e ressurreição da filha de um dos notáveis (Mc 5,21-43; Lc 8,40-56). ¹⁸Enquanto Jesus lhes dizia isto, eis que um dos notáveis se aproximou e, prostrado, dizia-lhe: "Minha filha morreu agora mesmo; mas vem impor-lhe a mão^j, e ela viverá". ¹⁹Levantando-se, Jesus o seguia com seus discípulos. ²⁰Ora, uma mulher que padecia de hemorragias havia doze anos aproximou-se por trás e tocou na franja^k da sua veste. ²¹Ela dizia consigo: "Se eu conseguir somente tocar em sua veste, serei salva". ²²Mas Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: "Confiança, minha filha! A tua fé te salvou". E desde aquela hora, a mulher ficou salva. ²³Ao chegar à casa do notável, vendo os tocadores de flauta e a agitação da turba, Jesus disse: ²⁴"Retirai-

^{8,3; Mc 6,5; 8,23,25; Lc 13,13; Lv 15,25}

^{At 3,16}

x. *Mateus*. Chamado por Mc de Levi, filho de Alfeu, e por Lc de Levi; seu nome consta das listas de apóstolos (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15; At 1,13); nada se sabe acerca de sua vida. Desde a Antiguidade, levantaram-se dúvidas a respeito da identidade entre Mateus e Levi, ou Levi, filho de Alfeu, e ainda mais quanto à atribuição do primeiro evangelho a este Mateus.

y. A casa de Mateus, não a de Jesus (cf. Lc 5,29).

z. *Coletores de impostos e pecadores*: cf. 5,46 nota.

a. No mundo oriental, em particular no palestino, a refeição era o momento por excelência da comunhão entre os homens. Ao aceitar o convite de um pecador, isto é, de um impuro, cercado por grande número de pecadores, Jesus infringia prescrições rabínicas fundamentais.

b. Lit. *os fortes*. O termo aramaico *berí*^u, subjacente ao grego, significa igualmente os *sãos*; assim o traduziu Lc 5,31.

c. Esta citação de Os 6,6 repete-se em 12,7. Em ambos os casos, ela não condena, em princípio, os sacrifícios rituais, e sim um tal apego aos ritos tradicionais da vida religiosa, que leve a desatender o mandamento capital da misericórdia.

d. *João*. Em torno a João Batista formara-se uma comunidade de crentes que sobreviveu à morte dele (11,2; 14,2; Lc 11,1; Jo 3,25; 4,1; At 18,25; 19,1), sem dúvida até o século II (cf. Jo 3,25).

e. Lit. *os filhos da sala das núpcias*.

f. O símbolo do *esposo* costuma designar Deus (Is 54,4-8;

61,10; 62,4-5; Jr 2,2; 31,3; Ez 16; Os 1-3 e Ct em sua interpretação judaica alegórica), por vezes o Rei-Messias vindouro (Sl 45,7-8; cf. Hb 1,8), e aqui o próprio Jesus (Mt 25,1.5.10; Jo 3,29; Ap 18,23; cf. 2Cor 11,12).

g. Provável alusão à morte de Jesus.

h. *Jejuarão*: cf. 6,16 nota.

i. Lit. *tanto um como o outro são conservados*. O novo é incompatível com o velho. Não se deve tentar adaptar o Evangelho ao antigo sistema judaico.

j. Esta expressão, no singular (*a mão*), só aparece, no NT, aqui e em Mc 7,32; talvez se trate de um carisma pessoal de Jesus. Em Mc 5,23, tratar-se-ia do gesto ritual da imposição das mãos (cf. Lv 9,22; 16,21; At 9,17 nota).

k. Como qualquer judeu piedoso, Jesus usava uma *franja* em sua veste (cf. Nm 15,38-41; Dt 22,12); os fariseus, por vaidade religiosa (Mt 23,5), ampliavam-lhe a largura. Ela era guarnecida de um filete roxo, símbolo do céu, e devia recordar os mandamentos de Deus; daí a veneração de que era objeto (cf. 14,36; Mc 6,56; Lc 8,44).

l. O verbo *salvein* tem habitualmente o sentido de *salvar* (10,22; 24,13; At 2,47; 4,12; 16,30), mostrando a relação íntima que liga *salvação* a *saúde*. A fórmula é frequente nos evangelhos (Mc 10,52; Lc 7,50; 17,19; 18,42). Pode ser interpretada: 1) a tua fé te dispôs a ser salva; 2) a tua fé te salvou porque te pôs em contato comigo, autor da salvação; 3) a tua fé é operadora de salvação.

Jo 11,11 -vos: a menina não está morta, ela dorme^m". E zombavam dele.²⁵ Depois de terem posto a multidão para fora, ele entrou, tomou a mão da menina, e ela despertouⁿ.²⁶ A notícia disto se difundiu por toda aquela região^o.

Cura de dois cegos. ²⁷ Enquanto Jesus se retirava, dois cegos o seguiram gritando: "Tem piedade de nós, Filho de David!"^p ²⁸ Quando ele entrou na casa, os cegos adiantaram-se ao encontro dele, e Jesus lhes disse: "Credes que eu posso fazer isto?" — "Sim, Senhor", disseram.²⁹ Então, ele tocou-lhes os olhos, dizendo: "Suceda-vos conforme a vossa fé".³⁰ E os olhos se lhes abriram. Então Jesus lhes disse severamente: "Cuidado! Que ninguém o saiba!"³¹ Eles, porém, mal saindo, falaram dele em toda a redondeza.

Cura de um possesso mudo (Lc 11,14-15). ³² Ao saírem, eis que lhe trouxeram um possesso mudo^r. ³³ Expulso o demônio, o mudo pôs-se a falar. E as multidões maravilharam-se e disseram: "Nunca se viu algo assim em Israel!"³⁴ Mas os

fariseus diziam: "É pelo chefe dos demônios que ele expulsa os demônios".^{12,24; Mc 3,22; Lc 11,15}

Jesus e as multidões sem pastor (Mc 6, 6,34; Lc 10,2). ³⁵ Jesus percorria todas as cidades e aldeias, e ali ensinava em suas sinagogas, proclamando a Boa Nova do reino e curando toda doença e toda enfermidade^s. ³⁶ Vendo as multidões, tomou-se de compaixão por elas, porque estavam exaustas e prostradas como ovelhas sem pastor^t. ³⁷ Então diz aos seus discípulos: "A messe^u é abundante, mas os operários, pouco numerosos; ³⁸ pedi, pois, ao dono da messe que mande operários para a sua messe".^{4,23; Mc 1,39}

10 Missão dos Doze (Mc 3,16-19; Lc 6, 14-16). ¹ Tendo chamado seus doze discípulos, Jesus lhes deu autoridade sobre os espíritos impuros, para que os expulsassem e curassem toda doença e toda enfermidade^v.^{9,35; Mc 1,34; Lc 7,21}

² Eis os nomes dos doze apóstolos^w. O primeiro, Simão, a quem chamam Pedro, e André, seu irmão^x; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³ Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o coletor de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu^y;^{Jo 1,43}

m. Cf. Lc 8,52 nota.

n. Cf. Lc 7,14 nota.

o. Divergindo de Mc e Lc. Mt não assinala a proibição de divulgar a notícia.

p. *Filho de David*. Primeira aplicação a Jesus desse título popular do Messias (cf. 15,22; 20,30-31; 21,9,15; cf. Lc 3,23 nota).

q. Embora aparentado com a narração da cura dos cegos de Jericó (Mt 20,29,34), a origem deste relato é pré-mateana: de fato, ao contrário da tendência peculiar de Mt, Jesus impõe severamente o segredo aos miraculados. O motivo desta proibição é sem dúvida o fato de os cegos de Jericó aclamarem Jesus como Filho de David (v. 27).

r. Para concluir a apresentação do Messias em palavras e atos (4,25-9,34). Mt traz uma narrativa que novamente reproduz em 12,22-24. Sem dúvida seu intento é anunciar a cisão causada pela atividade de Jesus (cf. Jo 7,40-43).

s. Com este sumário das atividades de Jesus, que lembra 4,23-25. Mt introduz uma nova seção: as instruções missionárias dadas aos apóstolos (10,5-15), às quais acrescenta recomendações provenientes de outros contextos (10,16-42).

t. 1Rs 22,17. Mt evoca a atitude de Jesus, que se considerou enviado às ovelhas perdidas de Israel (Mt 15,26; 10,6; Lc 19,10). A mesma evocação depara-se em Mc 6,34, por ocasião do episódio da multiplicação dos pães. Aqui, ela confere sentido à missão dos discípulos: a misericórdia do bom Pastor. Jesus preme a expectativa do AT (Êx 34,23; Zc 13,7).

u. Imagem comum do juízo final (veja Mt 3,12 nota), a messe

está, aqui, atualizada no tempo mesmo de Jesus (cf. Mt 4,29; Jo 4,35-37): o julgamento se efetua pelo ministério de Jesus e de seus discípulos (cf. Mt 10,15), pois o Reino de Deus já chegou (Mt 3,2; 4,17; 10,7).

v. Exorcismos e curas dependem do mesmo poder. A doença é sinal do reino de Satanás e do pecado; curar é sinal de vitória sobre Satanás (cf. Mt 17,18).

w. *Os doze apóstolos*: esta expressão, quase única no NT (cf. AT 1,26; Ap 21,14), está na confluência de dois modos de designar os primeiros discípulos de Jesus: são os *Doze* (cf. Mt 26,14), são também os *Apóstolos* (cf. Lc 6,13 nota; Mc 6,30). Apóstolo significa *enviado*, e mais precisamente, segundo o substrato semítico, *plenipotenciário* (veja 10,40 nota). O número 12 corresponde ao das doze tribos de Israel (cf. Mt 19,28).

x. As quatro listas de nomes de apóstolos diferem sobretudo na ordem dos três nomes que seguem o de Pedro. Mt e Lc 6,14 referem, sem dúvida, a ordem primitiva; Mc 3,17 antepõe a André os filhos de Zebedeu, que formam com Pedro um trio privilegiado (Mt 17,1; 26,37; Mc 5,37). At 1,13 faz João passar à frente de Tiago, imediatamente depois de Pedro, decerto por causa da sua posição importante na Igreja primitiva.

y. *Tadeu*. Há muita divergência entre as testemunhas do texto: algumas testemunhas antigas lêem *Tadeu*, como a grande massa dos manuscritos de Mc; grande número traz *Lebeu* ou *Lebê*, *cognominado Tadeu*; outros, *Judas, filho de Tiago* (como Lc 6,16) ou *Judas, o Zelote*. A solução mais simples é que cada um dos sinóticos teve um nome diferente para o undécimo apóstolo:

26.25; 27.3; 4^a Simão, o zelote^a, e Judas Iscariotes^a.
Mc 14.43; aquele mesmo que o entregou.
Jo 6.64;
12.4; 13.11;
18.2.5

(Mc 6,7-11; Lc 9,2-5; cf. Lc 10,3-12).

5^a Estes doze, Jesus os enviou em missão^b com as seguintes instruções: "Não tomeis o caminho dos pagãos e não entreis numa cidade de samaritanos^c; ⁶de preferência, ide às ovelhas perdidas da casa de Israel.

7^a A caminho, proclamai que o Reinado dos céus se aproximou^d. 8^a Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai.

9^a Não providencieis ouro, nem prata, nem dinheiro para guardar em vossos cintos, 10^a nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; pois o operário tem direito ao seu alimento^e. 11^a Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, informai-vos para saber quem é digno de vos acolher^f e permanecí ali até vossa partida. 12^a Ao entrardes na casa, saudai-a^g; 13^a se esta casa for digna, desça a vossa paz sobre ela; mas se não for digna, volte a vós a vossa

paz. 14^a Caso não vos acolham e não escutem as vossas palavras, abandonando esta casa ou esta cidade, sacudi a poeira dos vossos pés^h. 15^a Em verdade, vos digo: no dia do juízo, a terra de Sodoma e Gomorra será tratada com menos rigor do que essa cidade.

Anúncio de perseguições (Mc 13,9-13; Lc 21,12-19). 16^a Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, pois, astutos como as serpentes e simples como as pombas.

17^a Acautelai-vos com os homens: eles vos entregarão aos tribunaisⁱ e vos flagelarão em suas sinagogas. 18^a Por minha causa, sereis levados perante os governadores e reis: com isso terão um testemunho^j, tanto eles como os pagãos. 19^a Quando vos entregarem, não vos preocupeis em saber como falar ou o que dizer: o que tiverdes de dizer vos será concedido naquela hora, 20^a pois não sereis vós a falar, é o Espírito do vosso Pai que falará em vós. 21^a O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; os filhos

Mt. Lebeu; Mc. Tadeu; Lc. Judas, filho de Tiago. Aliás, é pouco provável que esses nomes diferentes hajam pertencido a uma só pessoa, pois os três nomes são igualmente semíticos (naquele tempo, quando uma pessoa tinha vários nomes, um era geralmente judeu e o outro, grego ou romano). A tradição, que foi tão firme em manter o número dos doze apóstolos, só hesita quanto ao nome de um deles.

2. Lit. *o cananeu*, transcrição de um termo aramaico que significa *o zeloso* e designava *os zelotes*, cujo nacionalismo religioso opunha-se com violência à ocupação romana. Talvez Simão tenha participado de um desses grupos, antes de ser encontrado por Jesus.

a. *Iscariotes*. Diversas interpretações foram propostas. *Originiário de Keriot*, aldeia situada ao sul da Palestina (cf. Js 15,25; Am 2,2); *mentiroso* (segundo uma raiz aramaica), epíteto injurioso aplicado ao traidor depois de sua façanha; transcrição semítica de *sicarius*, equivalente latino de *zelote* (qualificativo de Simão, que forma um par com Judas); esta última interpretação ajudaria a compreender por que Judas atraíu Jesus, que repudiou a ideologia dos zelotes (cf. 17,24-27).

b. Lit. *os enviou*. A este mesmo verbo corresponde a palavra apóstolo — enviado, encarregado de missão (cf. sobretudo: 10,16.40; 15,24). A sinagoga judaica valia-se de enviados oficiais, para os quais vigorava o princípio: o enviado equipara-se a quem o envia. Em Mt 15,24, mas sobretudo em Jo, Jesus apresenta-se como o enviado do Pai (Jo 3,17.34; 5,36-37; 17,3.18 etc.).

c. Os *samaritanos*, miscigenados desde a queda da Samaria em 721 a.C., tinham o seu próprio templo no monte Garizim (Jo 4,20). Eram objeto de desprezo por parte dos judeus, e lho re-

tribuíam amplamente. Conforme o texto, Jesus parece ter tomado em consideração esta separação profunda. Alhures parece pô-la em questão (Lc 10,30-37; Jo 4,4-48); depois de ressuscitado, suprime-a (Mt 28,19; At 1,8).

d. Cf. 3,2 nota.

e. Lit. *digno da sua alimentação*. Mt refere-se ao direito que os rabinos, em certas condições, tinham de viver à custa dos donativos de seus discípulos (cf. 1Cor 9,14; 1Tm 5,18). Em Lc 10,7, o operário é digno do seu salário.

f. Lit. *procurai quem seja digno*: isto é, se há alguém digno.

g. A *saudação judaica* consiste em desejar a paz (*shalom*), como acrescentam, por imitação de Lc 10,5, diversos manuscritos que trazem: *Paz a esta casa*, e como o supõe o versículo seguinte.

h. Gesto de ruptura (cf. At 13,51) conhecido no mundo antigo. Não se quer levar nada consigo de uma cidade ou bairro tidos, aqui, por indignos de receber o Evangelho.

i. Lit. *sinédrios*. Único texto do NT onde a palavra *sinédrio* (= *sunhedrin*) aparece no plural; alusão aos *pequenos sinédrios* locais formados de vinte e três pessoas categorizadas da sinagoga; funcionavam como cortes de justiça para os casos que não eram da alçada do *grande sinédrio* de Jerusalém (cf. 5,22 nota; 26,59). Estas cenas de violência aconteciam nas sinagogas, as quais continham um local para este fim. Depois da queda de Jerusalém, em 70, esses sinédrios locais adquiriram grande importância; talvez Mt se refira a esta época.

j. O fato de permanecer firmes até o fim (cf. 24,13), pública e oficialmente, atesta *à face de todos os povos* (24,14) que, através das provações dos últimos tempos, o juízo de Deus já começou.

se insurgirão contra os seus pais e os
 24.9 farão condenar à morte.²²Sereis odiados por todos por causa do meu Nome. Mas quem perseverar até o fim, este será salvo.²³Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; em verdade, eu vos declaro, não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que chegue o Filho do Homem^k.²⁴O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor.²⁵Ao discípulo, basta-lhe ser como o seu mestre; e ao servo, como o seu senhor. Já que trataram de Beelzebul^l o dono da casa, com quanto maior razão dirão o mesmo dos de sua casa!

Não temais! (Mc 8,38; Lc 9,26; 12,2-9).

26^mPortanto, não tenhais medo deles! Nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nada de secreto que não venha a ser conhecido.²⁷O que eu vos digo na escuridão, dizei-o à luz do dia; o que ouvis ao pé do ouvido, proclamai-o sobre os telhados^m.²⁸Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a almaⁿ; temei muito mais aquele que pode fazer perecer a alma e o corpo na geena.²⁹Não se vendem dois pardais por um tostão^o? Contudo, nenhum deles cai por terra sem o assentimento do vosso Pai^p.

³⁰Quanto a vós, até vossos cabelos estão todos contados.³¹Não tenhais medo, portanto: valeis mais do que todos os pardais.³²Todo aquele que se declarar por mim^q diante dos homens, também eu me declararei por ele diante do meu Pai que está nos céus;³³mas todo aquele que me tiver renegado diante dos homens, também eu o renegarei diante do meu Pai que está nos céus.

Não a paz, mas a espada (Lc 12,51-53).

³⁴“Não vos ponhais a imaginar que eu vim trazer a paz à terra; eu não vim trazer a paz, e sim a espada.³⁵Sim, eu vim separar o homem do seu pai, a filha da sua mãe, a nora da sua sogra; ³⁶os inimigos de alguém serão as pessoas da própria casa^t.”

Renunciar a si mesmo para seguir Jesus (Mc 8,34-35; Lc 14,26-27; 9,23-24).

³⁷Quem ama^s seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim.³⁸Quem não toma sobre si a sua cruz e não me segue não é digno de mim.³⁹Quem tiver a própria vida assegurada^u perdê-la-á e quem perder a vida por minha causa vai achá-la.

k. Lit. *não tereis acabado as cidades de Israel*... Alusão quer à atividade missionária dos discípulos em Israel, cuja duração ou brevidade são profetizadas, quer à fuga dos discípulos de cidade em cidade, por causa da perseguição. Quanto à *vinda do Filho do Homem*, não se trata, provavelmente, da sua vinda na destruição de Jerusalém, em 70, nem da sua vinda gloriosa na Transfiguração ou na Ressurreição, mas do seu advento glorioso no fim dos tempos. À maneira dos profetas do AT, Jesus anuncia para um presente iminente acontecimentos futuros (cf. Mc 9,1 nota).

l. *Beelzebul*. Cf. 12,24 nota.

m. Jesus talvez recorra a um dito popular (*Tudo acaba aparecendo à luz do dia*), mas modificando-o: chegou a hora (do Reino: 10,7) de proclamar a todos o que Jesus revelou a seus discípulos. Os seus primeiros destinatários são os da casa de Israel (10,6), mas aqui a formulação já não é restritiva, ela visa aos homens todos.

n. *Alma*. Ao passo que a palavra *psykhé* equivale muitas vezes a vida (Mt 10,39; 16,25-26), Mt distingue aqui o corpo da alma (Lc 12,4-5 só fala do corpo). Ele não identifica alma e vida, pois deveria distinguir duas espécies de vida, o que não faz em parte alguma. O corpo é aquilo pelo qual o homem se exprime, a alma é o princípio que o mantém em relação com o Deus da vida.

o. Lit. *por um asse*, uma das menores moedas romanas (cf. 5,26).

p. Lit. *sem vosso Pai*. Neste contexto, a expressão significa ou que Deus não estará ausente à morte dos discípulos (morte esta cuja causa ou autor não estariam especificados), ou que os discípulos não morrerão pelo Evangelho sem que Deus o queira; sua morte não será fortuita, terá um significado.

q. Lit. *me confessará*. Trata-se do testemunho que chegue ao derramamento do sangue (10,26-31; cf. Lc 12,8-9), consistindo em unir o próprio destino ao de Cristo. *Renegar* (10,33) Jesus é dizer: *Não conheço este homem* (26,34,74); aos que o renegam, Jesus dirá por sua vez: *Eu não vos conheço* (7,23; 25,12); e, não obstante, ele perdoou a Pedro (Jo 21,15-19). Pelo contrário, aqueles que se houverem declarado por ele, isto é, se houverem proclamado solidários com ele, publicamente e por atos, Jesus os reconhecerá como seus diante do Pai.

r. Cf. Mt 7,6.

s. O termo grego *filein* (amar) não é o que, nos evangelhos sinóticos, designa o amor a Deus e ao próximo (*agapen*: 5,43; 19,19; 22,37-39); costuma ter em Mt um sentido pejorativo (6,5; 23,6). Esta sentença, à qual Lc 14,26 atribuiu um sentido ainda mais pesado, mostra que os laços de família, embora legítimos, podem tornar-se empecilhos no caminho de quem quer seguir Jesus.

t. Lit. *aquele que tiver achado* (cf. 16,25).

Quem vos recebe a mim recebe (Mc 9,37-41; Lc 9,48; 10,16; Jo 13,20).

18,5 ⁴⁰ "Quem vos recebe é a mim que recebe, e quem me recebe recebe Aquele que me enviou". ⁴¹ "Quem recebe um profeta, na qualidade de profeta, receberá uma recompensa de profeta; e quem recebe um justo, na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo". ⁴² "Todo aquele que der de beber, nem que seja um copo de água fresca, a um desses pequenos", por ser ele um discípulo, em verdade vos digo, não perderá a sua recompensa."

11 ¹ "Ora, quando Jesus terminou as instruções a seus doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas suas cidades".

Pergunta de João e declaração de Jesus (Lc 7,18-35). ² "Ora, João, na prisão, ouvira falar das obras de Cristo. Mandou-lhe perguntar por seus discípulos:

³ "És tu 'Aquele que vem?' ou devemos esperar outro?" ⁴ "Jesus lhes respondeu: 'Ide referir a João o que ouvís e vedes:

⁵ *os cegos recobram a vista e os coxos andam direito*, os leprosos são purificados e *os surdos ouvem*, os mortos resuscitam e *a Boa Nova é anunciada aos pobres*", ⁶ e feliz de quem não cair por causa de mim!"

⁷ "Como eles se afastassem, Jesus pôs-se a falar de João às multidões: "Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ⁸ Então, que fostes ver? Um homem trajando roupas elegantes? Mas os que usam roupas elegantes estão nas moradas dos reis. ⁹ Então, que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta. ¹⁰ Dele é que está escrito: *Eis que eu envio meu mensageiro diante de ti*. ¹¹ Em verdade eu vos digo, dentre os que nasceram de mulher, não surgiu ninguém maior que João, o Batista; e todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele". ¹² Desde os dias de João, o Batista, o Reino dos céus é assaltado com violência; são violentos os que o arrebatam". ¹³ De fato, todos os profetas, bem como a lei, profetizaram até João". ¹⁴ Se qui-

u. Expressão análoga em 18,5. A idéia de que o *enviado é igual aquele que o envia* era muito conhecida pelo judaísmo. Se o apóstolo (*apóstolos*) é, em certo sentido, igual aquele que o envia (*apostellein*), não o é por causa de sua personalidade, mas em virtude de uma missão, de uma função, de uma palavra que lhe foram confiadas por Jesus e, por intermédio dele, pelo próprio Deus. Por isso, a *acolhida* tem um alcance mais amplo do que o simples gesto de hospitalidade: é acatamento e sujeição à Palavra dos enviados de Jesus.

v. Os termos *profeta* e *justo* ainda aparecem associados em 13,17 e 23,19; eles pertencem ao vocabulário do AT e do judaísmo do tempo de Jesus. Podem ser compreendidos, ou como uma alusão a *profetas* e *justos* designados como tais nas comunidades cristãs do séc. I, ou antes como oposições *ao vos* (v. 40) designando os apóstolos; desta maneira, estes seriam equiparados aos profetas e justos do AT.

w. Podem-se ver nesses *pequenos*, quer os apóstolos (sentido sugerido por Mc 9,41), quer todos os discípulos, como testemunhas do reino de Deus (sentido sugerido pela especificação: por ser ele um *discípulo*), ou, antes, no seio da comunidade dos discípulos, os mais humildes, os mais deserdados e, talvez, os mais desprovidos por causa da perseguição (sentido dominante em 18,5-10, mas num contexto de vida comunitária, não de perseguição).

x. Conclusão de 9,35-10,42 e introdução à seção que descreve as reações de João (11,2-19), dos galileus (11,20-24) e dos fariseus (12,1-45) perante Jesus, que se apresenta como Messias por palavras (5,1-7,29) e por atos (8,1-9,34).

y. *Aquele que deve vir*. Título messiânico (cf. 3,11; Jo 1,27). Entre o modo de agir do juiz anunciado pelo Precursor (3,11-12) e o de Jesus (caps. 8-9) existe tal desproporção que a pergunta

feita é plausível, mesmo que ela pretenda convidar a Jesus a passar à ação.

z. A resposta de Jesus é um centão de textos de Isaias: 26,19 (mortos), 29,18-19 (surdos), 35,5-6 (cegos, surdos, coxos, pobres), 61,1 (Boa Nova para os pobres). Mt 5,1-9,34 mostra como Jesus cumpre a profecia: a salvação de Deus é concedida (cf. Lc 4,18-19).

a. Lit. *vier a ser escandalizado por mim* (cf. 5,29 nota). É pela tomada de posição pró ou contra Jesus que o julgamento se opera (cf. 10,32-33). Aqui, o Reino e Jesus são quase identificados.

b. O Reino é inaugurado em Jesus; João lhe ficou no limiar. Entre ele e Jesus com seus discípulos há uma ruptura, uma novidade radical.

c. Duas interpretações mais dignas de consideração: 1) De acordo com Lc 13,24, em que o discípulo é convidado a *esforçar-se por entrar pela porta estreita*, e com Lc 16,16, em que *todo homem emprega a sua força para entrar no Reino*, tratar-se-ia da violência dos justos, ou ainda, do Reino dos céus que rompe seu caminho com violência. Esta interpretação de Lucas só encontra respaldo aqui na primeira parte do versículo, pois o termo *os violentos* sempre designa os inimigos, os atacantes. 2) Outrossim, mais provavelmente, Jesus visa aos adversários que impedem os homens de entrar no Reino. De fato, sucede que o Reino de Deus, com sua vinda, suscita a violência. Alguns até pensam poder especificar quais sejam esses adversários: os zelotes, que querem estabelecer este reino pelas armas, ou as potências demoníacas, que pretendem manter o domínio sobre o mundo e, assim, o arrebatam aos justos.

d. *João*, o Precursor, veio encerrar o tempo da antiga Aliança: torna-se sucessor do último dos profetas, Malaquias, e realiza a

Mc 9,11-13; serdes compreender-me, ele é o Elias que
Lc 1,17; deve voltar.¹⁵ Quem tiver ouvidos, ouça!
Jo 1,21
13,9,43; ¹⁶A quem compararei esta geração? É
Mc 4,9,23; comparável a crianças sentadas nas pra-
Lc 8,8; ças, que interpelam outras. ¹⁷Dizem:
Ap 2,7; 13,9

Tocamos flauta para vós, e não dançastes!

Entoamos um canto fúnebre, e não batestes no peito!

¹⁸De fato, veio João; não come nem

3,4; 9,14; bebe, e dizem: 'Ele perdeu o juízo'.

¹⁹Veio o Filho do Homem, ele come e bebe, e dizem: 'Eis um glutão e um bebedor, amigo dos coletores de impostos e dos pecadores!' Mas a Sabedoria foi reconhecida justa por suas obras²⁰.

9,11;
Lc 15,1-2;
19,7

Lamentação sobre as cidades da Galiléia (Mt 10,15; Lc 10,12-15). ²⁰Então, ele começou a invectivar as cidades onde se realizara a maioria de seus milagres, porque elas não se converteram.

²¹'Ai de ti, Corazin! Ai de ti, Betsaida!

Pois se os milagres que se realizaram entre vós se tivessem realizado em Tiro e Sídon, há muito que, cobertas de saco e cinza²¹, elas se teriam convertido. ²²Sim, eu vos digo, no dia do Juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós.

Is 23,1-8;
Ez 26-28;
Jl 4,4-8;
Am 1,9-10;
Zc 9,2-4;
Est 4,1

²³E tu, Cafarnaum, acaso serás elevada até o céu? Até a morada dos mortos descenderás!

Is 14,13,15

Pois se os milagres que se realizaram em ti se tivessem realizado em Sodoma, ela ainda hoje subsistiria. ²⁴Por isso, eu vos digo, no dia do Juízo, a terra de Sodoma será tratada com menos rigor do que tu."

Gn 19,24,28;
2Pd 2,6;
Jd 7;
10,15;
Lc 10,12

O Pai e o Filho (Lc 10,21-22). ²⁵Naque-la ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos.²⁶ Sim, Pai, foi assim que dispuseste na tua benevolência²⁷. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo²⁸.

Tb 8,5;
12,6;
At 17,24
1Cor 1,26-29

28,18;
Jo 3,35;
13,3; 17,2;
Fl 2,9;
Jo 1,18;
10,15

Tomai o meu jugo. ²⁸'Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso. ²⁹Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque eu sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas. ³⁰Sim, o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve³¹.

Jr 31,25

Jr 6,16

1Jo 5,3

sua última predição: *Eis que eu vou enviar-vos o profeta Elias...* (Mt 11,14).

e. Cf. Mt 3,23 (= 4,4). A mesma profecia é lembrada em Mt 17,11-13. Cf. 17,3 nota.

f. Lit. *Ele tem um demônio*; como em Jo 7,20, esta expressão é figurativa e não se refere a possessão diabólica.

g. Trata-se, quer, em sentido irônico, da *sabedoria* desta geração, cujas obras consistiram em rejeitar João Batista e, depois, Jesus, quer do próprio Jesus, *Sabedoria* de Deus (cf. 12,42; 1Cor 1,24), ou então do designio salvífico de Deus que é *justificado*, isto é, reconhecido e proclamado com base nas obras de João Batista e de Jesus, apesar da oposição desta geração (v. 16).

h. *Corazin*, nome desconhecido até o período do NT, onde só aparece aqui e em Lc 10,13; cidade nomeada três vezes no Talmud e em Eusebio (265-340), que a situa a 3km de Cafarnaum; *Betsaida*, na embocadura do Jordão a norte do lago de Tiberíades, na Gaulanítide; reconstruída no início de nossa era por Herodes Filipe com o nome de Lúlias. Sobre o *Ai de ti*, cf. 23,13 nota.

i. Espécie de confissão pública encenada, por meio da qual as pessoas se reconheciam pecadoras (cf. Jr 6,26; Jn 3,5-8).

j. De preferência a ver neste trecho uma linguagem sapiencial relacionada com Sr 51 ou Pr 8; Sr 24; Sb 6-8, parece preferível reconhecer nele uma linguagem apocalíptica, como a do livro de Daniel. Ao passo que os sábios não foram capazes de interpretar

o sonho de Nabucodonosor (Dn 2,3-13), o *mistério é revelado* a Daniel, que implorou o *Deus do céu* (2,18-19,28) e *louva* a Deus por lhe ter concedido a *sabedoria* (2,23); trata-se do *reino fundado pelo próprio Deus* (2,44). Em Mt, os *pequeninos* são os discípulos (Mt 10,42), a quem são reveladas estas coisas (Dn 2,29), isto é, o *mistério do Reino dos céus* (cf. Mt 13,11).

k. Lit. *há benevolência diante de ti*. A expressão lembra a voz do Pai no batismo (3,17) e a citação de Is 42,1 em Mt 12,18.

l. Em prosseguimento ao versículo precedente, *tudo* designa o Reino e seus segredos. Esta palavra situa-se melhor na tradição apocalíptica (Dn 2,22,28-29; 7,10-27) do que na sapiencial (Sr 24: 51) ou helenista. É uma das três passagens, com 21,37 e 24,36, nas quais Jesus exprime, de maneira indireta, ter uma relação única com Deus, seu Pai (cf. Mc 14,36; Lc 2,49; 24,46; Jo 20,17).

m. A imagem do *jugo*, já conhecida no AT (Jr 2,20; 5,5; Os 10,11), costumava designar, no judaísmo, a Lei de Deus, escrita ou oral (Sr 6,24-30; 51,26-27); este jugo nem sempre era sentido como algo pesado ou ofensivo: a "alegria do jugo" era experimentada no judaísmo (Sr 51,26-27). Aqui, na mesma perspectiva que a do Sermão da Montanha (caps. 5-7), iniciado com o anúncio da felicidade do Reino de Deus, Jesus contrapõe sua interpretação libertadora da lei ao legalismo judaico, pois, simultaneamente com uma lei renovada, Jesus transmite aos homens a alegria do Reino.

12 As espigas arrancadas (Mc 2,23-28; Lc 6,1-5). 'Naquele tempo sucedeu de Jesus passar, num dia de sábado', através de um campo de trigo. Seus discípulos sentiram fome e puseram-se a arrancar espigas e a comê-las. Vendo isto, os fariseus lhe disseram: "Olha teus discípulos, que fazem o que não é permitido fazer durante o sábado".

Dt 23,25-26

Ex 20,10;
Dt 5,14

³Ele lhes respondeu: "Não lestes o que David fez, quando teve fome, ele e seus companheiros, ⁴como entrou na casa de Deus e como comeram os pães de proposição, que nem a ele nem a seus companheiros era permitido comer, senão aos sacerdotes?" ⁵Ou não lestes na lei que, no dia de sábado, no Templo, os sacerdotes violam o sábado sem cometer falta alguma?" ⁶Ora, eu vos digo, há aqui algo maior do que o Templo. ⁷Se tivésseis compreendido o que significa: *É a misericórdia que eu quero, não o sacrifício*⁸, não teríeis condenado esses homens, que não cometeram falta. ⁹Pois o Filho do Homem é senhor do sábado".

12,41,42;
Lc 11,31,32

Os 6,6

O homem da mão paralisada (Mc 3,1-6; Lc 6,6-11). "Ele foi embora dali e entrou na sinagoga deles. ¹⁰Aí se encontrava um homem que tinha u'a mão paralisada". Fizeram-lhe a seguinte pergunta: "Será permitido fazer uma cura em dia de sábado?", com o intento de acusá-

-lo. ¹¹Mas ele lhes disse: "Quem dentre vós, se só tem uma ovelha e esta cai num buraco num dia de sábado, não vai apanhá-la e tirá-la dali?" ¹²Ora, o homem vale mais do que uma ovelha! Logo é permitido praticar o bem no dia de sábado". ¹³Então ele disse ao homem: "Estende a mão". Ele a estendeu e ela ficou em perfeitas condições, tão sadia quanto a outra. ¹⁴Depois de saírem, os fariseus deliberaram contra ele, acerca dos meios de fazê-lo perecer".

Lc 14,5

6,26; 10,31;
Lc 12,7,24Lc 13,16;
Jo 5,9; 7,23;
9,1427,1;
Mc 11,18;
Lc 19,47;
Jo 5,16,18

Jesus, o servo de Deus. ¹⁵Tendo-o sabido, Jesus retirou-se de lá". Muitos o seguiram; ele os curou a todos. ¹⁶E com severidade ordenou que não o dessem a conhecer^a, ¹⁷a fim de que se cumprisse a palavra do profeta Isaías:

Mc 3,7-10;
Lc 6,17-198,4; 9,30;
Mc 3,12;
5,43; 7,36

¹⁸*Eis o meu servo a quem eu elegi, meu Bem-amado, que me aprouve escolher sobre ele perei o meu Espírito, e ele anunciará o direito às nações.*
¹⁹*Não se envolverá em disputas, não soltará gritos, sua voz não será ouvida nas praças.*
²⁰*Ele não quebrará o caniço rachado, não apagará a mecha que ainda fumeja, até ter conduzido à vitória o direito.*
²¹*Em seu nome as nações porão sua esperança.*

Is 42,1-4

n. Mais controvérsias a respeito do sábado: 12,9-14; Lc 13,10-17; 14,1-6; Jo 5,1-18; 7,19-24. Nelas, Jesus mostra a autoridade que tem sobre a lei, em particular sobre a legislação sabática, enraizando-a no AT, mais especialmente em Os 6,6 (cf. Mt 9,13); este é o sentido do v. 8.

o. A exprobração não se funda no roubo, nem no fato de comer, mas no trabalho proibido; pois, para os casuístas, arrancar espiga equivalia a uma ceifa (cf. Ex 34,21).

p. Quanto a este episódio, cf. 1Sm 21,2-7. Quanto à prescrição, cf. Lv 24,5-9.

q. Quanto à maior atividade dos ministros do culto durante o sábado, cf. Lv 24,8; Nm 28,9.

r. Cf. 9,13 nota.

s. Lit. *ressequida* (cf. 1Rs 13,4; Mc 3,1 nota).

t. Lit. *um tratamento*, atividade proibida durante o sábado.

u. No tempo de Jesus, a casuística dos rabinos permitia infringir a lei do sábado para prestar socorro a um homem em perigo de morte; mas não tolerava ato algum medicinal, menos ainda salvar uma res. Jesus tira, aqui, um argumento da prática concreta dos camponeses a quem fala: para salvar uma ovelha, eles não

hesitam em derrogar ao ensinamento dos mestres. Quanto mais poderiam compreender que ele cure um homem a despeito da doutrina oficial.

v. *Acerca dos meios de ou a fim de fazê-lo perecer.* Trata-se, decerto, de um conciliábulo para tramar uma ação, não de uma assembléia oficial.

w. Em virtude da pressão exercida por seus inimigos, Jesus "bate em retirada" (cf. 14,13 nota). É o que Mt justifica com a profecia do Servo, aplicada a Jesus.

x. Lit. *que não tornassem pública a sua identidade*, o que representa mais do que manifestar que ele é o autor dessas curas.

y. Esta citação de Is 42,1-4 não corresponde, exatamente, nem ao texto hebraico, nem à tradução grega da Septuaginta; talvez Mt use outro texto ou uma adaptação já tradicional em seu meio. Ainda não se trata, aqui, do Servo Sofredor de Is 53, mas, poder-se-ia dizer, do Servo "discreto" (o v. 19 corresponde à ordem do silêncio do v. 16). Por outro lado, aqui exprime-se a nota, capital em Mt, do ministério de Jesus para as nações (vv. 18-21).

z. O *direito*. Este termo (grego *krisis*, hebraico *mishpat*) designa as prescrições pelas quais o Deus de justiça funda suas relações de aliança com os homens (Gn 18,25; Dt 4,6-8).

Jesus e Beelzebul (Mc 3,22-30; Lc 11,14-23; 12,10). ²²Então trouxeram-lhe um possesso cego e mudo; ele o curou, de tal sorte que o mudo falava e enxergava*. ²³Espantadas, todas as multidões diziam: "Não é este o Filho de David?" ²⁴Mas os fariseus, ao ouvirem isto, disseram: "Este só expulsa os demônios por Beelzebul, o chefe dos demônios".

²⁵Percebendo suas reações, ele lhes disse: "Todo reino dividido contra si mesmo precipita-se para a ruína: nenhuma cidade, nenhuma família^d, dividida contra si mesma, subsistirá. ²⁶Se, pois, Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo: como é, então, que seu reino subsistirá? ²⁷E se é por Beelzebul que eu expulso os demônios, os vossos discípulos* por quem os expulsam? Eles mesmos, pois, serão vossos juízes! ²⁸Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reinado de Deus já vos alcançou*. ²⁹Ou ainda, como é que alguém pode entrar na casa do homem forte e apoderar-se de seus bens, sem primeiro ter amarrado o homem forte^h? Então ele saqueará sua casa. ³⁰Quem não está comigo está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa!.

³¹Eis por que eu vos declaro: todo pecado, toda blasfêmia será perdoada aos

homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. ³²E se alguém profere uma palavra contra o Filho do Homem, isto lhe será perdoado; mas se falar contra o Espírito Santo, isto não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouroⁱ.

As palavras e o coração (Mt 7,16-17; Lc 6,44-45). ³³Suponde* que uma árvore seja boa: seu fruto será bom; suponde-a doente: seu fruto será doente; é pelo fruto^j que se reconhece a árvore. ³⁴Crias de víboras, como poderíeis dizer coisas boas, quando sois maus? Pois o que a boca fala é o que transborda do coração. ³⁵O homem bom, do seu bom tesouro tira coisas boas; o homem mau, do seu mau tesouro tira coisas más. ³⁶Ora, eu vo-lo digo: os homens prestarão contas, no dia do juízo, de qualquer palavra incon siderada^m que tiverem proferido. ³⁷Porque é segundo tuas palavras que serás justificado e é segundo tuas palavras que serás condenado.

O sinal de Jonas (Mt 16,1-4; Mc 8,11-12; Lc 11,16,29-32). ³⁸Então alguns es-cribas e fariseus tomaram a palavra: "Mestre, queremos que nos faças ver um sinal". ³⁹Ele lhes respondeu: "Geração

Mt 10,38

Mc 9,40;
Lc 9,50

1Tm 1,13

3,7; 23,33;
Lc 3,715,18;
Mc 7,21

Jo 6,30

a. Como em 9,32: mas aqui o possesso também é cego; será para resumir os dois milagres indicados em 9,27-33?

b. *Filho de David*. Sobre esta expressão, cf. 9,27. A atividade de Jesus provoca divisão entre os judeus (cf. Jo 7,11-13; 10,19-21).

c. *Beelzebul* ou *Beelzebub* (Mc 3,22), o príncipe dos demônios (9,34). A origem deste nome é discutida; Beelzebub, deus de Egron (cf. 2Rs 1,2) ou senhor (Baal) do esterco (palavra esta que designa o culto aos ídolos), ou, então, Baal das moscas. Seja como for, Jesus é acusado de só ter poder sobre os demônios em virtude do chefe destes, donde a sua resposta nos vv. 25-37.

d. A palavra grega designa tanto uma *família* ou *clã*, como um edifício (cf. 2Sm 7,5-16: mesmo duplo sentido em hebr.).

e. Lit. *os vossos filhos*, isto é, os discípulos dos fariseus.

f. Os discípulos dos fariseus, que também praticavam os exorcismos, terão o direito de condenar seus próprios mestres, intolerantes para com Jesus.

g. Lit. *chegou a vós de surpresa*. Inversão do argumento, não mais *a pari*, mas *a contrario*. Expulsando os demônios, Jesus dá a entender que com o Reino de Deus começou uma nova era: não uma nova instituição, mas o irromper de uma ação, a ação mesma de Jesus, pondo fim à dominação de Satanás (cf. Lc 10,18).

h. *O homem forte* cf. Is 49,24-25; 53,12.

i. A expressão evoca o comportamento do pastor (cf. 26,31; Jo 10,12; 11,52; 16,32), que figura o proceder do próprio Deus para com seu povo (Is 40,11; 49,18; Ez 34,13,16). Pode-se também traduzir: *Quem não acumula comigo dissipa*, o que evoca o ceifador em sua labuta (cf. 3,12; 13,30; 25,24).

j. Não uma condenação sem apelação, mas uma advertência para não ser condenado. O homem pode não apreciar em seu justo valor o mistério do Filho do Homem, mas não tem desculpa ao interpretar mal o sinal constituído pelo exorcismo efetuado por Jesus, no Espírito. Note-se a voz passiva para exprimir a ação divina. Finalmente, este texto lembra que Deus sempre é dono do seu perdão.

k. Lit. *Fazei*. Também se traduz, erroneamente: *Tornai a árvore boa*. O grego autoriza a interpretação aqui proposta.

l. *Fruto*: cf. 7,16 nota.

m. Lit. *sem eficácia* (cf. 20,3-6). Outros traduzem *sem fundamento*, ou *vã* (cf. Tg 2,20; 2Pd 1,8).

n. Este pedido de um *sinal* é feito de conformidade com a tradição judaica, segundo a qual o Messias devia operar sinais que o acreditassem aos olhos do seu povo (cf. 1Cor 1,22; Mt 16,1; 24,30), mas com indubitável má intenção, e assimilando sinal e prodígio.

mal e adúltera que reclama um sinal! Em matéria de sinal, não lhe será dado nenhum, senão o sinal do profeta Jonas.⁴⁰ Pois assim como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim o Filho do Homem estará no seio da terra três dias e três noites.⁴¹ Por ocasião do juízo, os homens de Nínive levantar-se-ão com esta geração e a condenarão, pois eles se converteram à pregação de Jonas; pois bem! aqui está mais que Jonas.⁴² Por ocasião do juízo, a rainha do Sul se levantará com esta geração e a condenará, pois ela veio dos confins do mundo para escutar a sabedoria de Salomão; pois bem! aqui está mais que Salomão.

Volta ofensiva do espírito impuro (Lc 11,24-26). ⁴³Quando o espírito impuro sai de um homem, ele percorre as regiões áridas em busca de descanso, mas não o encontra. ⁴⁴Então, diz consigo mesmo: 'Vou tornar à minha morada de onde saí'. Ao chegar, encontra-a desocupada, varrida e arrumada. ⁴⁵Então, vai tomar consigo mais sete espíritos piores do que ele, lá entram e se instalam. E o último estado deste homem torna-se pior que o primeiro. Assim sucederá igualmente a esta geração má.⁴⁶

A verdadeira família de Jesus (Mc 3,31-35; Lc 8,19-21). ⁴⁶Ainda falava às multidões, e eis que a sua mãe e os seus irmãos⁴⁷ estavam do lado de fora, procurando falar-lhe. [⁴⁷Alguém lhe disse: "Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora, procurando falar contigo".]

⁴⁸Aquele que lhe falou, Jesus respondeu: "Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?" ⁴⁹Mostrando com a mão seus discípulos, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos." ⁵⁰Pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã, minha mãe⁵¹.

13 As parábolas do reino (Mc 4,1; Lc 8,4). ¹Naquele dia, Jesus saiu de casa e sentou-se à beira do mar. ²Grandes multidões reuniram-se junto dele, tanto que ele entrou num barco, onde se sentou; toda a multidão quedava-se na margem.

O semeador (Mc 4,2-9; Lc 8,5-8). ³Ele lhes disse muitas coisas em parábolas. "Eis que o semeador" saiu para semear. ⁴Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho; e os pássaros do céu vieram e comeram

o. O sinal correspondente ao de Jonas pode ser a morte de Jesus ou a ressurreição de Jesus, que Mt evoca pela menção dos três dias e três noites, ou antes, a pregação de Jesus, correspondendo à pregação de Jonas em Nínive (cf. 12,41 = Lc 11,32). p. Cf. 1Rs 10,1-10.

q. Neste contexto (cf. Lc 11,24-26, bem diferente), esta pequena parábola provavelmente não alude à beleza da alma purificada por Cristo e recaída no pecado, nem à alma humana "esvaziada" de Deus pelo pecado e, por isso, "bela" aos olhos dos demônios, mas à condição final desta geração má (v. 45); momentaneamente "curada" por Jesus (v. 15), ela estará em breve (no juízo final? no momento da redação do evangelho?) em pior estado do que antes de sua intervenção.

r. Na Bíblia, como ainda hoje no Oriente, a palavra *irmãos* pode designar tanto os filhos da mesma mãe, como os parentes próximos (cf. Gn 13,8; 14,16; 29,15; Lv 10,4; 1Cr 23,22).

s. Este versículo falta em várias testemunhas.

t. Posto em Mt em seguimento à controvérsia com os fariseus (12,22-45), este episódio serve de contrapartida positiva; Jesus constitui, com seus discípulos, uma família espiritual, cuja origem única é o Pai celeste (cf. 7,21).

u. Notação de valor didático, destituída, porém, de valor cronológico.

v. Mateus agrupou neste capítulo as *parábolas* referentes ao Reino dos céus. Não são meras comparações extraídas da vida

cotidiana com vistas a ilustrar um ensinamento. São narrativas cuja composição e cujos termos evocam a própria vida de Jesus: neste sentido, podem ser qualificadas de alegorizantes. Mateus as distribui em três seções, estruturadas segundo o esquema: parábola/pergunta/explicação; isto sucede nas duas primeiras seções: semeador (13,3-9.10-17.18-23), joio (13,24-30.36.37-43); a última seção (44-50) conclui-se com uma pergunta de Jesus: *Compreendes tudo isso?* (51) e sua conclusão (52). Por sobre essa trama foram acrescentadas outras parábolas (13,31-33) e uma conclusão antiga (34-35).

w. Não tanto o contraste entre o princípio e o fim (cf. 13,31-33), mas o rendimento da semente conforme o terreno é o cerne desta parábola: três terrenos estéréis, um terreno bom com três rendimentos. Jesus anuncia um acontecimento escatológico: os últimos tempos foram inaugurados, já se deu o encontro entre o germe e a terra (Zc 6,12-13). Duas interpretações prevalecem: uma insiste na confiança acerca da frutificação final, a despeito dos atuais fracassos, a outra, no apelo para ser uma terra boa, que leve a semente esparzida a produzir fruto.

x. Talvez Mt haja estabelecido um paralelo com 13,1: *Jesus saiu*. y. Em época de sementeira, nos campos da Palestina, os *caminhos* facilmente se distinguem das terras cultivadas; era natural que parte das sementes, caída à beira do caminho, isto é, ainda sobre o caminho, fossem descoberta pelos pássaros e devorada.

13,55;
Mc 6,3;
Jo 2,12;
At 1,14

Lc 5,1-3

tudo. ⁵Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra; logo brotaram, porque a terra era pouco profunda; ⁶mas, quando o sol se levantou, ficaram queimadas e, por lhes faltarem raízes, secaram. ⁷Outras caíram entre os espinhos; os espinhos cresceram e as sufocaram. ⁸Outras caíram na terra boa e deram fruto, uma cem, outra sessenta, outra trinta por um^f. ⁹Quem tiver ouvidos, ouça^g!”

11.15: 13.43;
Mc 4.23;
Lc 14.35;
Ap 2.7; 13.9

Por que Jesus fala em parábolas (Mc 4,10-12; Lc 10,9-10). ¹⁰Os discípulos aproximaram-se e lhe disseram: “Por que lhes falas em parábolas?” ¹¹Ele respondeu: “Porque a vós é dado^b conhecer os mistérios^c do Reino dos céus, ao passo que a eles não é dado. ¹²Pois àquele que tem, será dado, e estará na superabundância; mas àquele que não tem, mesmo o que tem ser-lhe-á tirado^d. ¹³Eis por que lhes falo em parábolas: porque eles olham sem ver e ouvem sem ouvir, nem compreendem^e; ¹⁴e para eles se cumpre a profecia de Isaías que diz^f:

*Por muito que ouçais, não
compreendereis;
por muito que olheis, não vereis.*

Jo 12.40;
At 28.26-27

z. Trinta, segundo uns, é um rendimento excepcional; segundo outros, um rendimento excelente, mas não descomunal. Note-se a ordem decrescente dos números e, na mesma linha, certa ausência de interesse quanto ao crescimento da semente.

a. Ouvidos: cf. Mc 4.9 (Dt 29.3; Sl 115.6).

b. Em vez do passado composto *foi dado*, a tradução interpreta com o indicativo presente o pretérito perfeito grego (resultado presente de uma ação passada); este presente significa que o dom não se tornou coisa possuída, mas exprime uma relação que o une ao doador.

c. A expressão *mistérios do Reino* era familiar à apocalíptica do tempo de Jesus, em que designava os desígnios ocultos de Deus relativamente ao fim dos tempos. Nos evangelhos, ela só aparece aqui, e refere-se quer ao próprio Reino (aos discípulos é dado o conhecimento do Reino), quer ao mistério ou segredo de Jesus como instaurador do Reino, quer, enfim, conforme o contexto imediato, aos segredos que se referem ao caráter inicialmente secreto e contestado do Reino, de acordo com as parábolas deste capítulo.

d. Fórmula idêntica em 25.29, onde ela condiz mais com o contexto. No presente passo, *aquele que tem* possui, na fé em Jesus, o conhecimento do Reino; ser-lhe-á concedido um conhecimento ainda mais completo. Em 25.29, *aquele que tem* é o servo fiel que pode entregar a seu patrão o resultado do seu trabalho.

e. Divergindo de Mc 4.12: *para que, embora olhem...* Mt diz *porque eles olham sem olhar*, parecendo abrandar a formulação

¹⁵ *Pois o coração deste povo se tornou insensível,
tornaram-se duros de ouvido,
taparam os seus olhos,
para não ver com seus olhos,
não ouvir com seus ouvidos,
nem compreender com seu coração,
e para não se converter.
E eu os teria curado!*

¹⁶ “Quanto a vós, felizes os vossos olhos Lc 10.23.24 porque vêem, e vossos ouvidos porque ouvem^h. ¹⁷Em verdade, eu vos digo: muitos profetas e muitos justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram.

Interpretação do semeador (Mc 4,13-20; Lc 8,11-15). ¹⁸ “Vós, portanto, ouvi a parábola do semeador^h. ¹⁹Aquele que ouve a palavra do Reino e não compreende, porque o Maligno vem e se apodera do que foi semeado no seu coraçãoⁱ, é o que recebeu a semente^j à beira do caminho. ²⁰Aquele que recebeu a semente em lugar pedregoso é o que, ouvindo a Palavra, logo a acolhe com alegria; ²¹mas não tem raízes em si, é homem de momento: mal chega a tribulação ou a perseguição por causa da Palavra, ele cai^k. ²²Aquele

de Mc e fazer recair a responsabilidade da cegueira nos homens e não em Deus. Mas a citação de Is 6.9-10 por Mt mostra que o seu texto tem o mesmo sentido fundamental que o de Mc: não discernir em Jesus o segredo do Reino aumenta ainda mais a cegueira para com este Reino; o acesso ao Reino ou a exclusão do mesmo são determinados pelo acolhimento ou rejeição da pessoa e do ensino parabólico de Jesus; não há neutralidade possível.

f. Is 6.9-10. Apesar das diferenças de tradução que possam aparecer entre Mt 13.14-15 e At 28.26-27, é mister ter presente que ambos citam exatamente o texto grego de Is.

g. Lit. *Mas vós sois felizes por verdes com vossos olhos e ouvirdes com vossos ouvidos*.

h. Antes que proporcionar uma aplicação moral (Mc, Lc), Mt reitera, sob forma de interpretação, a proclamação do acontecimento que a parábola anuncia em linguagem simbólica e que os discípulos estão vivendo (13.16-17): releitura teológica e ética do texto.

i. Lit. *De qualquer um que escuta... o Maligno vem e arranca*. Este versículo não descreve duas atividades sucessivas, mas explica a primeira (ouvir e não compreender) pela segunda (a do Maligno).

j. A forma verbal autoriza ambas as traduções: *aquele que semeou, e aquele que foi semeado*; este último sentido parece ser conhecido na apocalíptica judaica (4 Esdras 8.41).

k. Lit. *ele fica escandalizado*.

que recebeu a semente entre os espinhos é o que ouve a Palavra, mas o cuidado do mundo e a sedução das riquezas sufocam a Palavra, e ele fica sem fruto¹. ²³O que recebeu a semente na terra boa é o que ouve a Palavra e compreende: então, ele dá fruto e produz, um cem, outro sessenta, outro trinta por um."

Lc 12,16-21;
1Tm 6,
9.10.17

O joio. ²⁴Ele lhes propôs outra parábola^m: "Sucede com o Reino dos céus o mesmo que a um homem que semeou boa semente em seu campo. ²⁵Enquanto as pessoas dormiam, veio o seu inimigo; semeou joioⁿ por cima, bem no meio do trigo, e foi embora. ²⁶Quando a erva cresceu e deu espigas, então apareceu também o joio. ²⁷Os servos do dono da casa vieram dizer-lhe: 'Senhor, não foi boa semente que semeaste no teu campo? Donde vem então que haja nele joio?' ²⁸Ele lhes disse: 'Foi um inimigo que fez isso'. Os servos lhe disseram: 'Então, queres que nós vamos tirá-lo?' ²⁹Não, disse ele, não aconteça que, tirando o joio, arranqueis o trigo com ele. ³⁰Deixai que ambos cresçam até a ceifa^o, e na época da ceifa direi aos ceifeiros: 'Apanhai primeiro o joio e amarraí-o em molhos para queimá-lo; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro'".

O grão de mostarda (Mc 4,30-32; Lc 13,18-19). ³¹Jesus lhes propôs outra

parábola^p: "O Reino dos céus é comparável a um grão de mostarda que um homem toma e semeia no seu campo. ³²É a menor de todas as sementes^q; mas, quando cresce, é a maior das hortalças; torna-se uma árvore, de sorte que os pássaros do céu vêm fazer ninhos em seus ramos"

17,20;
Lc 17,6

Sl 104,12;
Ez 17,23;
31,6
Dn 4,9.18

O fermento (Lc 13,20-21). ³³Disse-lhes outra parábola: "O Reino dos céus é comparável ao fermento que uma mulher põe em três medidas de farinha, de tal forma que a massa toda fica fermentada"

1Cor 5,6;
Gl 5,9

Por que Jesus fala em parábolas (Mc 4,33-34). ³⁴Tudo isso, Jesus o disse às multidões em parábolas, e nada lhes dizia a não ser em parábolas, ³⁵a fim de que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: "Abrirei a boca para proferir parábolas^r, proclamarei coisas escondidas desde a fundação do mundo".

Sl 78,2

Explicação do joio. ³⁶Então, deixando as multidões, Jesus foi para casa, e seus discípulos aproximaram-se dele e lhe disseram: "Explica-nos a parábola do joio no campo". ³⁷Ele lhes respondeu: "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; ³⁸o campo é o mundo; a boa semente são os súditos^s do Reino; o joio são os súditos do Maligno; ³⁹o inimigo

15,15;
Mc 4,10;
7,17; Lc 8,9

1. Ou então: *ela* (a Palavra) *torna-se infrutífera*.

m. Esta parábola só fala da terra boa e dilata o tempo até a ceifa. Talvez seja uma resposta a todos os impacientes, como João Batista (comparar 13,30 com 3,12). Ela afirma a existência de um tempo intermediário, ao longo do qual é preciso ter paciência, esperando o julgamento e a vitória de Deus.

n. Nome coletivo que designa as plantas nocivas à agricultura: sarças, espinheiros etc. (Is 34,13; Os 9,6); aqui, provavelmente, o joio embriagante, *lolium temulentum*. As ervas daninhas eram secadas, depois queimadas como combustível.

o. A *ceifa* é a imagem bíblica tradicional que simboliza o julgamento no fim dos tempos (veja Mt 3,12 nota; 13,37 nota; Is 17,5; Jr 13,24; Ap 14,14-20).

p. A força da parábola está no contraste entre a pequenez do início e o esplendor do fim. O crescimento só vem mencionado num inciso (13,32). A parábola inspira-se em Ez 17,23 (ramo cortado que se torna cedro magnífico) e em Dn 4,9.18 (pássaros do céu). Sua lição é uma visão de fé: reconhecer, através dos modestos inícios de Jesus — muito mais modestos que os de outros reformadores em Israel —, o esplendor do fim

q. A mostardeira é uma hortalça que pode atingir certo tamanho. Há exagero em dizer que sua semente é a menor de todas as sementes, embora a expressão *pequeno como um grão de mostarda* tenha virado provérbio: hiperbólica é também a menção da árvore, onde os pássaros vem fazer ninhos.

r. À diferença de Lc 13,19, Mt não afirma, mas pressupõe a expectativa comum de Israel expressa em Ez 17,23 e Dn 4,9.18, a saber, que o fim será esplêndido, mesmo para as nações, quando vier o Senhor.

s. (Mesma construção gramatical que em 1,25, cf. nota). Ao contraste ensinado pelo grão de mostarda, acrescenta-se a mistura do levedo e a transformação da massa. O final não autoriza que se fixe o interesse na paciência exigida pelo tempo intermediário; põe em relevo o contraste entre a quantidade módica de levedo e o crescimento da massa.

t. Lit. *Abrirei a boca para parábolas*. Diferindo do primeiro motivo dado às parábolas (13,10-15), a segunda explicação relaciona como a maneira necessária da revelação dos mistérios divinos.

u. Lit. *os filhos do Reino, os filhos do Maligno*; semitismo (cf. Mt 12,27).

Jo 8,44; 1Jo 3,10 que o semeou é o diabo; a ceifa é o fim do mundo; os ceifeiros são os anjos. ⁴⁰Assim como se junta o joio para queimá-lo ao fogo, assim acontecerá no fim do mundo: ⁴¹O Filho do Homem enviará seus anjos; eles apanharão, a fim de jogar para fora do seu Reino, todas as causas de queda^c e todos os que cometem a iniquidade. ⁴²e eles os lançarão na fôrnelha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes. ⁴³Então os justos resplandecerão como o sol, no Reino do seu Pai. Quem tiver ouvidos ouça!

O tesouro e a pérola. ⁴⁴“O Reino dos céus é comparável a um tesouro que estava escondido num campo e que um homem descobriu: ele o esconde novamente. e, em sua alegria, vai, põe à venda tudo o que tem e compra aquele campo. ⁴⁵O Reino dos céus ainda é comparável a um comerciante que procurava pérolas finas. ⁴⁶Tendo encontrado uma pérola de grande valor, foi vender tudo o que tinha e comprou-a.

A rede. ⁴⁷“O Reino dos céus é comparável ainda a uma rede que se lança ao mar e que reúne peixes^d de toda espécie. ⁴⁸Quando está cheia, puxam-na para a praia, depois, sentados, juntam em ces-

tos o que é bom e jogam fora o que não presta. ⁴⁹Assim acontecerá no fim do mundo: os anjos sobrevirão e separarão os maus dentre os justos ⁵⁰e os lançarão na fôrnelha de fogo; lá haverá choro e ranger de dentes.”

Conclusão. ⁵¹“Compreendestes tudo isso?” — “Sim”, responderam-lhe. ⁵²E Jesus lhes disse: “Assim, pois, todo escriba instruído acerca do Reino dos céus é comparável a um dono de casa que tira do seu tesouro coisas novas e antigas”.

Jesus rejeitado em Nazaré (Mc 6,1-6; Lc 4,16-24). ⁵³Ora, quando Jesus terminou essas parábolas, partiu dali. ⁵⁴Tendo vindo à sua pátria^b, ensinava os habitantes em sua sinagoga, de sorte que, impressionados, diziam: “Donde lhe vêm essa sabedoria e os milagres?” ⁵⁵Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria, e seus irmãos^c, Tiago, José, Simão e Judas? ⁵⁶E suas irmãs não estão todas entre nós? Então, de onde lhe vem tudo isso?” ⁵⁷E era para eles uma ocasião de queda^d. Jesus lhes disse: “Um profeta só é desprezado em sua pátria e sua casa”^e. ⁵⁸E ali, não fez muitos milagres, porque eles não tinham fé^f.

v. 1.it. *Todos os escândalos.*

w. Consideradas fora do seu contexto, essas duas parábolas dão ensejo a vários sentidos possíveis: valor do tesouro e da pérola, alegria da descoberta, obrigação de vender tudo. O tema escondido/revelado é primordial e traduz-se pela alegria. Enquadradas entre duas ameaças terríveis (13,42.50), que contrastam violentamente com a alegria, estas parábolas passam a ser uma exortação a vender tudo para possuir esta alegria.

x. Esta parábola (13,47-48), bem como a do joio, acentua a coexistência de maus e bons até o fim dos tempos; em compensação, ela insiste, não na paciência (nada de intervenção dos discípulos), mas na ameaça que pesa sobre o *que não presta*.

y. Esta explicação alegoriza a parábola com termos iguais aos da explicação do joio (13,40-43); ao mencionar só o destino dos maus, ela frisa o aspecto cominatório da parábola, assim como 7,24-27 convidava a levar a sério o ensinamento de Jesus. Dando o último remate ao ensinamento das parábolas do tesouro e da pérola, exorta a optar pela alegria e não pelas lamentações. z. Quanto à importância da compreensão em Mt, cf. 15,10 nota.

a. Este escriba instruído acerca do Reino tanto pode ser um ouvinte qualquer que *compreendeu* o ensinamento de Jesus (isto pressuporia que Mt se dirigisse especialmente a ouvintes letra-

dos, versados nas Escrituras), como o próprio evangelista (o que insinuaria que o autor de Mt fosse um escriba convertido ao cristianismo). O *tesouro* designa quer o ensinamento tradicional dos escribas judeus, renovado pela fé em Cristo, quer o pensamento do AT apresentado como “cumprido” pelo escriba cristão, quer o ensinamento já antigo de Jesus, apresentado aqui pelo evangelista como fonte das coisas antigas e novas que anseia sejam compreendidas por sua comunidade.

b. *Pátria*. Em grego, este termo pode designar a terra dos antepassados em seu conjunto (2Mc 8,21; Jo 4,44) ou, como aqui, o lugar de origem, a cidade ou aldeia onde a família se instalou. Lc 4,16-24 põe este relato no início de sua narrativa para que servisse de narração-tipo. Acerca de Nazaré, cf. 2,23 nota.

c. *Irmãos*: cf. 12,46 nota.

d. Lit. *eles estavam escandalizados por ele* (ou *a respeito dele*): cf. 5,29 nota.

e. Jesus parece citar um ditado ou algum trecho das Escrituras (cf. Lc 4,24 e Jo 4,44); destas hipóteses, nem uma nem a outra foram verificadas. Se for um ditado, isto implica ser Jesus a tal ponto homem que não foge à lei psicológica confirmada pela experiência: “Ninguém é profeta na própria terra”.

f. A ausência de fé inibe somente em parte (diferente de Mc 6,5) o poder milagroso de Jesus (cf. 14,2).

Dn 3,6;
Mt 8,12;
13,42;
22,13; 24,51;
25,30;
Lc 13,28

7,28; 11,1;
19,1; 26,1;
Lc 7,1

Jo 7,15

Lc 3,23;
Jo 6,42

11,6; 26,31

14 A morte de João Batista (Mc 6, 14-29; Lc 9,7-9; 3,19-20). ¹Naquele tempo, Herodes, o tetrarca^g, teve notícia da fama de Jesus ²e disse a seus familiares: "Este homem é João, o Batista! É ele, ressuscitado dos mortos; eis por que o poder de fazer milagres atua nele"^h. ³De fato, Herodes mandara prender e acorrentar João, e o lançara no cárcere, por causa de Herodíades, mulher do seu irmão Filipeⁱ; ⁴porque João lhe dizia: "Não te é permitido tê-la como mulher". ⁵Embora o quisesse matar, Herodes teve medo da multidão, que tinha João na conta de profeta^j. ⁶Ora, no aniversário de Herodes, a filha de Herodíades executou uma dança perante a platéia e agradou a Herodes. ⁷Por isso ele se obrigou sob juramento a dar-lhe tudo o que pedisse. ⁸Incitada por sua mãe, ela lhe disse: "Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João, o Batista". ⁹O rei^k contristou-se; mas, por causa do seu juramento e dos convivas, ordenou que lhe dessem ¹⁰e mandou decapitar João no cárcere. ¹¹Sua cabeça foi trazida num prato e dada à moça, que a levou à sua mãe. ¹²Os discípulos de João vieram to-

mar o cadáver e o sepultaram; a seguir, foram informar Jesus^m.

Jesus alimenta cinco mil homens (Mc 6,30-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15). ¹³A esta notíciaⁿ, Jesus retirou-se dali, de barco, para um lugar deserto, à parte. Ao sabê-lo, as multidões o seguiram a pé de suas cidades^o. ¹⁴Ao desembarcar^p, ele viu uma grande multidão; foi tomado de compaixão por eles e curou seus doentes^q. ¹⁵Cai da tarde^r, os discípulos aproximaram-se dele e lhe disseram: "O lugar é deserto e já passou da hora; despede, pois, as multidões; que elas vão às aldeias comprar víveres para si". ¹⁶Mas Jesus lhes disse: "Elas não precisam ir; dai-lhes vós mesmos de comer". ¹⁷Então eles lhe dizem: "Nós só temos aqui cinco pães e dois peixes". ¹⁸"Trazei-mos", disse ele. ¹⁹E, tendo ordenado às multidões que se instalassem^s sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos para o céu, pronunciou a bênção; e partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos, às multidões^t. ²⁰Todos eles comeram e ficaram saciados^u; e recolheram os pedaços que sobravam^v: doze

g. *Herodes Antipas*, filho de Herodes Magno e de Maltace, e irmão de Arquelau. Depois da morte do pai, recebeu em partilha a Galiléia e a Peréia (cf. Lc 23,7,12).

h. Lit. *os milagres atuam nele*. Com a narrativa da morte de João (14,3-12) e a referência a Jesus, que seria João ressuscitado dos mortos (14,2), talvez queira Mt anunciar a segunda parte do evangelho, concernente à morte e à ressurreição de Jesus (14,1-28,20); esta segunda parte só começará, de fato, em 16,21.

i. *Herodíades*, filha de Aristóbulo e Berenice, mulher de Herodes Filipe (não confundir com o tetrarca); posteriormente, ela desposou ilegalmente Herodes Antipas; sua filha Salomé veio a casar com o tetrarca Herodes Filipe.

j. A lei proibía os casamentos consanguíneos (Lc 20,21). Para casar com a sobrinha, Herodes Antipas repudiaria sua primeira mulher, filha do rei nabateu Aretas.

k. Cf. Mc 6,15. Quanto ao medo que os chefes têm do povo, cf. Mt 21,26,46.

l. Na realidade, Herodes não passava de tetrarca (14,1). m. Estas últimas palavras são próprias da narração de Mateus; indicam a ligação com a narração subsequente (cf. 14,13).

n. Assim como ele se retirara à notícia de que João Batista fora preso (Mt 4,12), Jesus se retirou ao saber da morte do Precursor, presságio da sua: não chegara a hora de afrontar a Paixão (cf. Mt 15,21; 16,4; Jo 8,59; 11,54).

o. Isto é, costeando a borda do lago e acompanhando, com o olhar, o barco que Jesus tomara.

p. Lit. *Saindo dali*.

q. Segundo Mt, Jesus nem ensina muitas coisas (Mc 6,34), nem *jula do Reino* (Lc 9,11). Mais claramente do que em Lc e especialmente em Mc (Mc 8,34 = Lc 9,23; Mc 10,1), Jesus doravante se dedica à formação dos que o seguem (14,13-16,20).

r. Cf. Mc 6,35 nota.

s. Lit. *estender-se* (para a refeição).

t. Menos do que João, porém mais do que Lc e sobretudo Mc, Mt decalca a sua narrativa sobre a instituição eucarística (Mt 26,26).

Mt 14

Ele tomou os cinco pães

e... e...

pronunciou

a bênção

a seguir,

partindo os pães,

ele os deu aos discípulos

Mt 26

Jesus tomou pão

e,

depois de ter pronunciado

a bênção

a seguir

partiu

dando-os aos discípulos.

Ademais, Mt concentra a atenção nos pães que, só eles, são partidos, distribuídos, recolhidos.

u. Talvez se deva perceber, na associação binária *comer/ficar furto* (Ex 16,12), uma alusão ao maná (cf. Sl 78,29; Jo 6), outorgado a Israel no deserto (Ex 16,4; cf. 16,13).

v. Este pormenor depara-se no milagre de Eliseu (2Rs 4,42-44), em que, aliás, o criado do profeta desempenha papel análogo ao dos discípulos.

cestos" cheios! ²¹Ora, os que tinham comido eram cerca de cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças.

Jesus caminha sobre as águas (Mc 6,45-52; Jo 6,16-21). ²²Logo em seguida, Jesus obrigou^a os discípulos a entrarem no barco e precedê-lo rumo à outra margem, enquanto ele despedia as multidões. ²³E, depois de ter despedido as multidões, subiu ao monte para orar, à parte. Chegada a noite, ele estava ali, sozinho. ²⁴O barco já se encontrava a várias centenas de metros da terra^z; era açoitado pelas ondas — pois o vento lhes era contrário. ²⁵Por volta do fim da noite^z, Jesus foi ao encontro dos discípulos caminhando sobre o mar. ²⁶Vendo-o caminhar sobre o mar, os discípulos ficaram apavorados: "É um fantasma", diziam, e, com medo, puseram-se a gritar. ²⁷Logo, porém, Jesus lhes falou: "Confiança, sou eu, não tendes medo!" ²⁸Dirigindo-se a ele, Pedro^a disse: "Senhor, se és mesmo tu, ordena-me que vá ao teu encontro sobre as águas". ²⁹"Vem", disse ele. E Pedro, saindo do barco, caminhou sobre as águas e foi rumo a Jesus. ³⁰Mas, à vista da violência do vento^b, teve medo e, come-

çando a afundar, exclamou: "Senhor, salva-me!" ³¹Logo Jesus, estendendo a mão, o pegou, dizendo-lhe: "Homem de pouca fé, por que duvidaste?" ³²E quando subiram no barco, o vento amainou. ³³Os que estavam no barco prostraram-se diante dele e lhe disseram: "Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!"

Curas em Genesaré (Mc 6,53-56). ³⁴Depois da travessia, eles aportaram em Genesaré^d. ³⁵O povo desta localidade o reconheceu, mandaram aviso a toda a região e trouxeram-lhe todos os doentes. ³⁶Suplicavam-lhe que os deixasse apenas tocar na franja de sua veste^e; e todos os que nela tocaram ficaram curados^f.

15 Controvérsia sobre a tradição (Mc 7,1-13).

"Então fariseus e escribas de Jerusalém^g adiantam-se para Jesus e lhe dizem: ²Por que teus discípulos transgridem a tradição dos antigos^h? De fato, eles não lavam as mãos ao tomar as refeiçõesⁱ". Jesus lhes replicou: ³E vós, por que transgredis o mandamento de Deus em nome de vossa tradição? ⁴De fato, Deus disse: *Honra teu pai e tua mãe*, e ainda: *Aquele que amaldi-*

w. Observação que pode evocar o número dos discípulos que Jesus escolheu e a quem ensina a dar o pão às multidões esfaimadas (10,1-2,5; 11,1; 19,28; 20,17; 26,20). Quanto aos *cestos*, cf. Mc 6,43 nota.

x. Observação surpreendente: Jesus parece querer sustar bruscamente o entusiasmo dos discípulos, assinalado por Jo 6,15. y. Lit. *a vários estádios*. O estádio equivale a 185 metros. Variante: *ele estava no meio do mar*. O lago tem 12km de largura.

z. Lit. *Na quarta vigília da noite*, ou seja, em seu último quarto.

a. Pedro. Três episódios concernentes a Pedro são próprios de Mt: este, Mt 16,13-20 (ligado à confissão de Cesaréia), Mt 17,24-27 (o episódio da didracma). Sua atenção volta-se doravante, não para as multidões, mas para os discípulos (cf. Mt 14,14 nota) e, dos discípulos, para Pedro, protótipo do discípulo em sua dúvida e sua fé.

b. Outra leitura: *vendo o vento violento*.

c. Nem Mc, nem Jo referem esta aclamação de cunho litúrgico (como o grito de Pedro em 14,30). É preciso, pois, indubitavelmente, relacioná-la com o episódio de Pedro salvo do mar: Jesus é Filho de Deus, enquanto arranca do abismo (cf. Sl 18,17; 32,6; 144,7; Is 43,2) aqueles que estão no barco: este, no sentir de Mt, provavelmente representa a Igreja (cf. Mt 8,23-27).

d. Poderia também traduzir-se *rumo a Genesaré*. — Esta lo-

calidade situava-se na margem direita do lago, entre Mágdala e Cafarnaum (Mc 6,53; Lc 5,1).

e. A respeito da *franja*, cf. 9,20 nota.

f. A salvação e a cura são, muitas vezes, designadas pelo mesmo termo nos evangelhos (cf. 9,22 nota).

g. *Fariseus e escribas*. Mt associa muitas vezes essas duas categorias ao povo judeu em sua oposição a Jesus (5,20; 12,38; 23,2-7), assim como os escribas e os chefes do povo ou sumos sacerdotes (16,21; 21,15). A maioria dos escribas pertencia ao partido dos fariseus, sobretudo após a queda do Templo, por volta do tempo da redação final de Mt. Mt nem sempre é polêmico com relação aos escribas (8,19; 13,52; 23,2,34).

h. *A tradição dos antigos*. Conjunto dos comentários da lei, transmitidos oralmente nas escolas rabínicas e que se fixaram nos tratados da Mishná, depois no Talmud; chamada *tradição dos homens* em Mc 7,8 ou *vossa tradição* em Mc 7,9; Mt 15,3,6. Josefo a denominava "tradição dos pais".

i. O uso da ablução das mãos, antes e depois das refeições, de origem provavelmente cultural na antiga religião israelita (Ex 30,18-21; Dt 21,6), inicialmente reservado aos oficiais do Templo, foi estendido ao povo fiel pela piedade farisaica, mais ou menos na época de Jesus. Os membros da comunidade de Qumran praticavam-no sob a forma de abluções corporais em tanques cujos vestígios foram descobertos. Por dirigir-se a um meio ao qual eram estranhos tais costumes, Mc 7,3-4 julgou necessário explicá-los a seus ouvintes.

Lc 6,12;
9,28

Lc 24,37

Jo 21,7

Mc 4,39

16,16; 26,63;
27,54;
Mc 14,61;
15,39;
Lc 22,70;
Jo 1,49

Lc 11,38

19,19;
Mc 10,19;
Lc 18,20;
Ef 6,2

coar pai ou mãe seja punido de morte^l.

⁵Vós, porém, dizeis: "Todo aquele que disser a seu pai ou à sua mãe: 'O auxílio que devias receber de mim é oferta'".

⁶este não precisará honrar seu pai^l. E anulastes a palavra de Deus em nome da vossa tradição. ⁷Hipócritas^m! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, quando disse:

Is 29,13gr. ⁸*Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.*

⁹*É em vão que me prestam culto, pois as doutrinas que ensinam não passam de preceitos de homens*".

O puro e o impuro (Mc 7,14-23). ¹⁰A seguir, chamando a multidão, ele lhes disse: "Ouvi e compreendei^l! ¹¹Não é o que entra na boca que torna o homem impuro^o; mas o que sai da boca, eis o que torna o homem impuro". ¹²Então, os discípulos aproximaram-se e lhe disseram: "Sabes que ao ouvirem esta palavra, os fariseus ficaram escandalizados?" Ele respondeu: ¹³"Toda planta que meu Pai não plantou^o será arrancada. ¹⁴Deixai-os: são cegos que guiam cegos. Ora, se um cego guia outro cego, ambos cairão num

buraco!" ¹⁵Pedro interveio e lhe disse:

"Explica-nos esta palavra enigmática".

¹⁶Jesus disse: "Também vós ainda estais sem entendimento? ¹⁷Não sabeis que tudo o que penetra na boca vai para o ventre, depois é evacuado para a fossa? ¹⁸Mas o que sai da boca provém do coração, e é isto que torna o homem impuro. ¹⁹De fato, é do coração que provêm más intenções, homicídio, adultérios, devassidão, roubos, falsos testemunhos, injúrias". ²⁰Aí está o que torna o homem impuro; mas comer sem ter lavado as mãos não torna o homem impuro".

13,36;
Mc 4,10;
Lc 8,9

12,34

1Cor 5,
10,11;
6,9-10;
Ef 5,3-5;
Cl 3,5,8;
1Tm 1,
9,10;
2Pt 3,2-4;
Ap 21,8;
22,15

A fé da Cananéia (Mc 7,24-30). ²¹Partindo dali, Jesus retirou-se para a região de Tiro e Sídon^l. ²²E eis que uma cananéia^o veio de lá e se pôs a gritar: "Tem piedade de mim, Senhor, filho de David! A minha filha é cruelmente atormentada por um demônio". ²³Jesus, porém, não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos, aproximando-se, fizeram-lhe este pedido: "Despede-a", porque ela nos persegue com seus gritos". ²⁴Jesus respondeu: "Fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Is-

9,27;
20,30-31;
Mc 10,
47,48;
Lc 18,38-39

j. Citações de Ex 20,12; Dt 5,16 e Ex 21,17 (cf. Lv 20,9).

k. *Oferenda*. Trata-se aqui do direito de *qorban*, palavra que significa oferta à divindade (Ez 20,28), outrossim tesouro do Templo (Mt 27,6); com esta fórmula jurídico-religiosa, consagravam-se a Deus bens que deviam ter servido para o sustento dos pais idosos ou desprovidos de recursos. Esta prática era objeto de violentas críticas no judaísmo desde antes de Cristo, tão vivo era o sentimento de solidariedade familiar.

l. Alguns mss. acrescentam *ou sua mãe*.

m. A respeito dos *hipócritas*, cf. 6,2 nota.

n. O verbo *compreender* desempenha, em Mt, uma função importante. Diante de Jesus, dos mistérios do Reino, das questões concretas que, como aqui, se propõem, trata-se, antes de mais nada, de escutar e compreender (13,13.14.51; 16,12). Esta compreensão abrange uma atenção ao ensinamento de Jesus e o engajamento numa obediência nova, como aqui a respeito da pureza.

o. Lit. *macula*. A instrução sobre as abluções (vv. 1-9) aprofunda-se na questão mais geral do *puro e impuro*. Este tema, que tinha um papel de capital importância no judaísmo palestino do tempo de Jesus (cf. Lv 11-16), só aparece aqui e em Mc 7,14-23. Os vv. 12-14, peculiares a Mt, provavelmente não pertenciam de início a este relato: faz-lhes eco Lc 6,39. As prescrições judaicas destinadas a preservar o homem de manchas oriundas do exterior, Jesus opõe um conceito novo: o mal está no homem e o que o macula é o que ele diz (v. 18; palavras ofensivas ou mentirosas!), ou faz contra o próximo (v. 19: todos

esses vícios prejudicam o próximo). De sorte que a pureza pessoal se manifesta nas relações com os outros.

p. *Escandalizados*: cf. 5,29 nota.

q. O tema de Deus que *planta*, envolvido no AT mediante as imagens da vinha (Is 5,1-7; Ez 19,10-14; Os 10,1) e da plantação de Deus para a sua glória (Is 60,20-22; 61,1-3), tinha importância relevante em Qumran: *Quando estas coisas acontecerem em Israel, o conselho da comunidade será fortalecido na verdade, em sua qualidade de plantação eterna* (Regra de Qumran).

r. Lit. *parábola*. Cf. Mc 7,17 nota.

s. Tais "catálogos de vícios" e de "virtudes" eram muito difundidos no ensinamento filosófico popular da época, da mesma forma como no judaísmo; eles são numerosos no NT (p. ex., Rm 1,29-30. Gl 5,19-23; 1Pd 4,3). Repare-se aqui que todos esses desregramentos não são depravações pessoais, encaradas em seus efeitos individuais, mas ofensas feitas a outros.

t. Tanto aqui como em 11,21, a expressão *Tiro e Sídon* tem também um valor teológico: designa as nações pagãs que, em certas condições que o texto especifica, vão partilhar do ministério de Jesus.

u. *Cananéia*. Os fenícios denominavam a si mesmos de cananeus; o nome Canaã designa, no decorrer da história, diversas regiões maldelinadas: a Terra Prometida ocupada pelos antigos israelitas; as tribos autóctones, em Israel; a Fenícia no tempo de Jesus. O nosso texto pressupõe ser esta mulher uma pagã, o que não exclui que tenha ouvido falar de Jesus.

v. Pode-se traduzir também: *Atende-a*.

rael".²⁵ Mas a mulher veio prostrar-se diante dele: "Senhor, disse ela, vem em meu socorro!"²⁶ Ele respondeu: "Não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorrinhos".²⁷ "É verdade", Senhor!"
 Lc 16.21 disse ela; mas os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos".²⁸ Então Jesus lhe respondeu:
 8.10 "Mulher, grande é a tua fé! Suceda-te
 8.13; conforme queres!" E sua filha ficou cura-
 9.29 da desde aquela hora.

Curas junto ao lago (Mc 7,31). ²⁹Dali, Jesus se dirigiu às cercanias do mar da
 5.1 Galiléia. Subiu à montanha, e ali se assentou.³⁰ Veio a ele gente em grande multidão, trazendo consigo coxos, cegos, aleijados, mudos e ainda muitos outros. Depuseram-nos a seus pés, e ele os curou.
 Mc 7.37 ³¹Por isso as multidões maravilhavam-se à vista dos mudos que falavam, dos aleijados que tornavam a ficar sãos, dos coxos que caminhavam direito, e dos cegos que recobravam a vista. E renderam glória ao Deus de Israel.

Jesus alimenta quatro mil homens (Mc 8,1-10; cf. Mt 14,13-21 par.). ³²Jesus chamou seus discípulos e lhes disse: "Tenho compaixão desta multidão, pois já faz três dias que permanecem comigo, e não têm o que comer. Não quero despedi-los em

jejum: poderiam desfalecer pelo caminho".³³ Os discípulos lhe dizem: "Onde encontraremos, num deserto, pão suficiente para saciar tamanha multidão?"
³⁴Jesus lhe disse: "Quantos pães tendes?"
 14.17.19.20; Mc 6.38-43; Lc 9.13-17; Jo 6.9-13
 — "Sete, disseram, e alguns peixinhos".
³⁵Ele mandou a multidão acomodar-se no chão, ³⁶tomou os sete pães e os peixes e, depois de ter dado graças, partiu-os e os dava aos discípulos, e os discípulos, às multidões.
³⁷E todos comeram e ficaram saciados; recolheu-se o que sobrava dos pedaços: sete³⁸ cestos cheios.
³⁹Ora, os que tinham comido eram quatro mil homens, sem contar as mulheres e crianças.
³⁹Depois de despedir as multidões, Jesus entrou no barco e foi para o território de Magadan^b.

16 Os sinais dos tempos (Mc 8,11-13; Mt 12,38-39; Lc 11,16-29; 12,54-56). ¹Os fariseus e saduceus adiantaram-se e, para o pôr à prova, pediram que lhes mostrasse um sinal vindo do céu.² Jesus respondeu-lhes: "Ao cair da tarde, vós dizeis: 'Vai haver bom tempo, pois o céu está vermelho, afogeuado';³ e de manhã: 'Hoje, mau tempo, pois o céu está vermelho e sombrio^d'. De sorte que sabeis interpretar o aspecto do céu, mas os sinais dos tempos^e, não sois capazes!⁴ Geração má e adúltera que recla-

9.36; 14.14; Mc 6.34
 14.15;
 Mc 6.36;
 Lc 9.12

19.3
 12.38;
 Jo 6.30;
 1Cor 1.22

12.39;
 Lc 11.29

w. Com esta resposta, Jesus faz eco à instrução dada em 10.6. Ou então, Jesus quer pôr à prova a fé da mulher, resistindo de início, pedagogicamente, ao seu pedido; ou então considera-se efetivamente enviado com prioridade a Israel, sendo que, neste caso, o despacho final do pedido da pagã anuncia, em circunstância excepcional, o acesso dos pagãos à salvação, depois de sua morte e ressurreição. Numerosos textos de Mt confirmam esta última interpretação (p. ex. 8.5-13; 21.33-44; 28.16-20). A expressão *ovelha perdida da casa de Israel* pode designar Israel em conjunto (cf. 10.5-6) ou os *pecadores* em Israel (cf. 18.12-14).

x. Outra tradução possível: *Por favor* (cf. Fl 4.3; Fm 20). Neste caso, a mulher não reconheceria explicitamente a prioridade de Israel no acesso à salvação, mas voltaria à carga; com isto, o sentido desta narrativa ficaria profundamente modificado.
 y. Cf. Mt 11.4-5.

z. Este segundo relato da multiplicação dos pães apresenta algumas variantes relativamente ao primeiro. Insiste mais na compaixão de Jesus e na fome da multidão. Jesus tem a iniciativa do gesto e ordena que se instalem; o estilo é menos influenciado pela instituição da Eucaristia (dupla menção aos peixes), embora se leia o verbo *eukharistein* em 15.36 (cf. 1Cor 11.24).

Alguns estudiosos opinam ter esta narrativa sua origem num meio helenístico.

a. *Sete*. Número provavelmente destinado a frisar simbolicamente a perfeição do milagre e, conforme alguns, a evocar a instituição eclesial dos Sete, futuros encarregados de servir às mesas (At 6.2-6). Cf. Mc 8.8 nota.

b. *Magadan*. Localidade desconhecida, como também Dalmanuta (Mc 8.10). Variante: *Mágdala*.

c. *Do céu*. Estas últimas palavras não designam um sinal que Jesus pudesse mostrar no céu, mas um sinal que viesse do céu, vale dizer, concedido por Deus para acreditar Jesus perante o seu povo (cf. Mc 8.11). Jesus realizou muitos sinais, não porém aqueles que os judeus, versados em tais assuntos, podiam esperar e aceitar (cf. p. ex. Mt 11.5). — *Pôr à prova*: pode ser traduzido também: *armar uma cilada*.

d. Manuscritos importantes omitem a segunda parte do v. 2 e o v. 3.

e. *Sinais dos tempos*. Expressão que designa os sinais característicos dos dias da vinda do Messias. Neste contexto, pode referir-se quer aos milagres ou sinais realizados por Jesus (p. ex. as curas e a multiplicação dos pães, cf. 11.3-5), quer ao próprio Jesus como *sinal* por excelência.

ma um sinal! Em matéria de sinal, não lhe será dado nenhum, senão o sinal de Jonas¹. Ele os deixou lá e partiu.

O fermento dos fariseus (Mc 8,14-21; Lc 12,1-6). ⁵Ao passarem para a outra margem, os discípulos se esqueceram de levar pães. ⁶Jesus lhes disse: "Cuidado! Acautelai-vos do fermento^a dos fariseus e dos saduceus!" ⁷Eles faziam entre si esta reflexão: "É porque não trouxemos pães". ⁸Mas Jesus o percebeu e lhes disse: "Homens de pouca fé, por que esta reflexão pelo fato de não terdes pães?" ⁹Ainda não compreendeis? Não vos lembrais dos cinco pães para os cinco mil e quantos cestos levastes de volta? ¹⁰Nem dos sete pães para os quatro mil e quantos cestos levastes de volta? ¹¹Como não percebeis que eu não vos falava de pães, quando vos dizia: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus!?" ¹²Então eles compreenderam que ele não

dissera que se acautelassem do fermento dos pães, mas do ensinamento dos fariseus e dos saduceus.

Pedro reconhece em Jesus o Filho de Deus (Mc 8,27-30; Lc 9,18-21). ¹³Tendo chegado à região de Cesaréia de Filipe^b, Jesus interrogava seus discípulos: "No dizer dos homens, quem é o Filho do Homem?" ¹⁴Eles disseram: "Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas". ¹⁵Ele lhes disse: "E vós, quem dizeis que eu sou?" ¹⁶Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". ¹⁷Retomando a palavra, Jesus então lhe declarou: "Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, pois não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, mas o meu Pai que está nos céus". ¹⁸E eu, tu te digo: Tu és Pedro^c, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja^d, e a Potência da morte^e não terá

Mc 6,14-15;
Lc 9,7-8

Er 2,20

f. A respeito desta expressão, cf. 12,40 nota.

g. Só Mt apresenta o *fermento* como *ensinamento dos fariseus e dos saduceus* (v. 12; cf. Lc 12,1; a hipocrisia, a *falsidade*; Mc 8,15; o fermento de Herodes). A interpretação de *fermento* como ensinamento era conhecida pelo judaísmo em sentido bom e mau (cf. também 1Cor 5,6-8). Destarte o fermento dos fariseus e dos saduceus provavelmente não designa suas pessoas, mas suas funções de mestres e mentores do povo (cf. v. 1).

h. *Cesaréia de Filipe*. Cidade construída junto às nascentes do Jordão, em 2 ou 3 a.C., por Herodes Filipe, em honra de Augusto. Atualmente Banias.

i. *Filho do Homem*. Acerca deste título de Jesus, cf. Mt 8,20 nota.

j. Só Mt nomeia *Jeremias*, cuja volta como precursor do Messias o judaísmo contemporâneo não aguardava. Jesus é tido na conta de profeta, como menciona a tradição sinótica (Mt 21,11, nota); Mc 6,15; Lc 7,16,39).

k. Mt é o único que põe nos lábios de Pedro esta expressão, cujas raízes derivam do AT e que adquiriu na fé cristã a plenitude do seu sentido. No AT, a expressão *Filho de Deus* aplica-se aos anjos, ao povo eleito, aos israelitas fiéis, ao Messias (2Sm 7,14; Sl 2,7; 89,27). Ela designa uma relação particular com Deus fundada em sua eleição e na missão que confia a seus filhos. O cristianismo primitivo, desenvolvendo essas idéias de eleição e missão, frisou, desde suas primeiras confissões de fé, o caráter único e decisivo da pessoa de Jesus: ele é aquele que mantém com Deus uma relação filial inigualável, e a quem foi confiada uma missão ímpar na obra da salvação dos homens (1,21; 2,15; 3,17; 4,3; 11,25-27; 26,63).

l. A expressão "a carne e o sangue" designa o homem todo, considerado em sua fraqueza natural (Sr 14,18; 1Cor 15,50; Gl 1,16). Pedro foi agraciado com uma *revelação* divina (mesmo termo em 11,25-27; Gl 1,16). Mas esta revelação, embora aprovada por Jesus, tem um sentido cuja profundidade Pedro mostraria, mais tarde, não ter apreendido (16,22-23).

m. *Pedro*: tradução grega do nome aramaico *Kefi* (rocha). Tal nome grego não era usado como nome próprio de pessoa na sociedade da época. O NT usa também a simples transcrição grega da palavra aramaica (Cefas; Jo 1,42; 1Cor 1,12; Gl 1,18 etc.).

n. *Igreja*. Muito provavelmente, o termo *ekklesia* traduz o termo *qahal* (ou ainda *sod* e *edá*, com os quais a congregação de Qumran se designa a si mesma como comunidade escatológica dos eleitos de Deus). Aqui, o termo designa a nova comunidade que Jesus vai fundar e cujo alicerce será Pedro. A declaração de Jesus corresponde à função eminente que, segundo o NT, Pedro desempenhou nos primeiros dias da Igreja (4,18; 17,1; At 1,13,15; 3,1; 10,5; Jo 6,67-69; 21,15-23; Gl 2,7). A tradição católica aduz este texto para fundamentar a doutrina segundo a qual os sucessores de Pedro herdam o seu primado. A tradição ortodoxa opina que, em suas dioceses, todos os bispos que confessam a verdadeira fé integram-se na sucessão de Pedro e na dos demais apóstolos. Embora reconheçam a posição e a função privilegiada de Pedro nas origens da Igreja, os exegetas protestantes estimam que Jesus só tem em vista, aqui, a pessoa de Pedro.

Jesus promete a Pedro o poder de *ligar e desligar*: isto significa, no judaísmo, proibir ou permitir e, definitivamente, excluir da comunidade religiosa ou nela reintroduzir. A imagem das *chaves* do Reino alude a uma autoridade que o judaísmo fundava na interpretação da lei, aqui na confissão de Jesus como filho de Deus. Esta autoridade é prometida a Pedro e, mais adiante, ao conjunto dos discípulos (18,18); ela é dada aos discípulos reunidos (Jo 20,23). Manifesta-se particularmente no perdão dos pecados e dá acesso ao Reino de Deus. Este, por conseguinte, está vinculado, de certa forma, a uma Igreja cujos traços ainda não estão definidos, mas que, com o poder das chaves, aqui já se nos depara não desprovida de certa estrutura.

o. Lit. *as portas do Hades*. O *Hades*, em hebr. *Sheol*, designa a morada dos mortos (cf. Nm 16,33). As *portas* simbolizam o seu poder (cf. Jó 38,17; Sh 16,13). O Hades não conseguirá reter

força contra ela. ¹⁹Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus; tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus". ²⁰Então ele ordenou severamente aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo.

17,9;
Mc 9,9

Jesus anuncia a paixão e ressurreição (Mc 8,31-33; Lc 9,22). ²¹A partir daquela hora^a, Jesus Cristo^a começou a mostrar a seus discípulos que devia partir para Jerusalém, sofrer muito por parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas, ser morto e, no terceiro dia, ressuscitar^a. ²²Pedro, tomando-o à parte, pôs-se a censurá-lo, dizendo: "Deus te livre disso, Senhor! Não, isto não te sucederá!" ²³Ele porém, voltando-se, disse a Pedro: "Afasta-te! Para trás de mim, Satanás! Tu és para mim ocasião de queda^a, pois teus intentos não são os de Deus, mas os dos homens".

4,10

Condições para seguir a Jesus (Mc 8,34-9,1; Lc 9,23-27). ²⁴Então, Jesus disse a seus discípulos: "Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". ²⁵Pois quem quiser salvar sua vida^a, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á. ²⁶Que proveito terá o homem em ganhar o mundo inteiro, se o paga com a própria vida? Ou então, que dará o homem, que tenha o valor de sua vida? ²⁷Pois o Filho do Homem virá com seus anjos na glória do seu Pai; e então, retribuirá a cada um segundo a sua conduta^a. ²⁸Em verdade, eu vos declaro: dentre os que estão aqui, alguns não morrerão^a antes de ver o Filho do Homem vir como rei".

10,38;
Lc 14,27

10,39;
Lc 17,33;
Jo 12,25

4,8-9

25,31

Dn 12,2-3;
15m 26,23

10,23

20,21

17 Jesus transfigurado (Mc 9,2-9; Lc 9,28-36). ¹Seis dias depois^a, Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os conduz à parte sobre uma alta montanha^b. ²Ele foi transfigura-

2Pd 1,16-18

na morte os membros da comunidade messiânica congregada por Jesus.

p. A fórmula *A partir de...* alhures só encontrada em 4,17, quer realçar que Jesus começa solenemente a revelar o mistério do Filho do Homem padecente e glorioso: três anúncios da Paixão e da Ressurreição (16,21; 17,22-23; 20,17-19) escandem a subida de Jesus a Jerusalém (16,21-20,34).

q. Nos evangelhos, a designação *Jesus Cristo* só se encontra em Mt 1,1.18 e Jo 17,3.

r. Este anúncio da Paixão, do qual se conservou em Mc um texto mais antigo, é modificado por Mt de acordo com a terminologia do seu tempo: Jesus ressuscitará, não *depois de três dias* (fórmula típica de Mc, cf. Mc 8,31 e nota), mas *no terceiro dia* (cf. 1Cor 15,4; Mt também adota a fórmula de Mc, em 27,63). No pensamento do evangelista, os anúncios feitos por Jesus de sua paixão e ressurreição devem sublinhar o desígnio de Deus e a obediência de Cristo nestes acontecimentos; não se trata, pois, de uma fatalidade, nem de um episódio accidental. Só Mt repete que os discípulos são os ouvintes de Jesus e indica Jerusalém como lugar público de seus sofrimentos.

s. Lit. *Retira-te, para trás de mim* (cf. 4,10 nota). Jesus rechaça a sugestão de Pedro; por outro lado, ele ordena ao apóstolo que o siga.

t. Lit. *tu és para mim um escândalo* (cf. 5,29 nota).

u. *Homens*. Esta oposição entre os *intentos* (lit. *pensamentos*) de Deus e os *intentos* dos homens tem suas raízes no AT e no judaísmo do tempo de Jesus.

v. Quanto ao termo *seguir*, cf. 4,20 nota. Jesus aqui impugna um conceito superficial deste *seguimento*; ele consiste em nada menos que em renunciar a si mesmo e tomar a própria cruz (sobre esta expressão, cf. Mc 8,34 nota).

w. Lit. *sua alma* (cf. 10,28 nota). Imitando o hebraico, o grego

bíblico emprega muitas vezes a palavra *alma* (hebr. *néfesh*; gr. *psykhē*) em lugar dos pronomes pessoais eu, tu, ele; poderia, portanto, traduzir-se aqui: quem quer salvar-se. O pronome pessoal figura em 16,24 na expressão "renuncie a si mesmo".

x. Mt cita o SI 62,13 (cf. Rm 2,6; 2Tm 4,14) para exprimir a ideia de retribuição pessoal. Profundamente arraigada no AT (Pr 24,12; Sr 11,26; 16,12-14; Ez 18; Dn 12,2-3), esta ideia recebe em Mt duas características novas: Jesus, o Filho do Homem (25,31-46), é quem julgará cada um no último dia; por outro lado, Mt insiste constantemente na importância das boas obras, cumpridas unicamente em consideração daquele que *to retribuirá* (6,4.6.18; cf. 5,16).

y. Lit. *não terão provado a morte*.

z. Lit. *vir com seu Reino*. Esta palavra de Cristo implica evidentemente que certos contemporâneos de Jesus não morrerão antes da manifestação gloriosa do Filho do Homem. Como todos os profetas, Jesus anuncia o que deve acontecer para sua geração. É difícil determinar a época desta manifestação. Uns pensaram na ruína de Jerusalém, outros nas aparições do ressuscitado, outros ainda na Transfiguração.

a. A Transfiguração ilumina a subida do Filho do Homem a Jerusalém (cf. 16,21 nota), onde é situada pela tradição pré-sinótica. Aos discípulos, que não podem compreender o caminho que seu mestre quer seguir (16,22), Deus faz vislumbra- lar glória misteriosa do seu Filho e exige deles que escutem seu ensinamento (cf. 17,5 nota). Mateus mantém firmemente o esquema primitivo de uma revelação de apocalipse (cf. Dn 10,1-2), da qual 2Pd 1,17-18 parece apresentar uma tradição particular. Acerca dos seis dias, cf. Mc 9,2 nota.

b. Não na *montanha* em geral (Mt 14,23), mas *sobre uma alta montanha*, como para a Tentação (4,8) e para a missão final na Galiléia (28,16). Omitindo a localização desta montanha, Mt

do^o diante deles: seu rosto resplandeceu como o sol, suas vestes tornaram-se brancas como a luz. ³E eis que lhes aparecem Moisés e Elias que conversavam com ele^d. ⁴Pedro, intervindo, disse a Jesus: "Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, levantarei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés, uma para Elias". ⁵Ainda falava, quando uma nuvem luminosa os encobriu^e. E eis que, da nuvem, uma voz dizia: "Este é o meu Filho bem-amado, aquele que me aprouve escolher. Ouvi-o!" ⁶Ao ouvirem isto, os discípulos caíram de rosto em terra, tomados por grande temor. ⁷Jesus aproximou-se, tocou neles e disse: "Levantai-vos! Não tenhais medo!" ⁸"Erguendo os olhos, nada mais viram senão Jesus, só. ⁹Quando desciam do monte, Jesus lhes deu a seguinte ordem: "Não digais nada a ninguém^f a respeito desta visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos".

Sobre Elias (Mc 9,11-13). ¹⁰E os discípulos o interrogaram: "Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?"

¹¹Ele respondeu: "Decerto, Elias vem e restabelecerá tudo; ¹²mas cu vos digo,

^{11.14} Elias já veio e, em vez de reconhecer-lo,

fizeram com ele tudo o que quiseram. O Filho do Homem também vai sofrer da parte deles^g. ¹³Então os discípulos compreenderam que Jesus lhes falava de João, o Batista. Lc 1,17

Cura de um lunático (Mc 9,14-29; Lc 9,37-43). ¹⁴Quando eles chegaram perto da multidão, um homem aproximou-se dele e lhe disse, caindo de joelhos: ¹⁵"Senhor, tem piedade de meu filho: ele é lunático e sofre muito; cai muitas vezes no fogo ou na água^h. ¹⁶Embora eu o tenha trazido aos teus discípulos, eles não o puderam curar". ¹⁷Tomando a palavra, Jesus disse: "Geração incrédula e transviada, até quando estarei convosco?" Até quando terei de vos suportar? Trazei-mo aqui". ¹⁸Jesus ameaçou o demônio, que saiu do menino, e este ficou curado desde aquela hora. ¹⁹Então os discípulos, aproximando-se de Jesus, disseram-lhe em particular: "E nós, por que não conseguimos expulsá-lo?" ²⁰Ele lhes disse: "Por causa da pobreza da vossa fé. Pois, em verdade, eu vos digo, se um dia tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta montanha: 'Passa daqui para acolá' e ela passará. Nada vos será impossívelⁱ. ²¹Ademais, esta espécie

Dt 32,5.20

8,13; 9,22;
15,28;
Jo 4,52.53

1Cor 13,2

quer provavelmente significar que a revelação derradeira terá lugar, não sobre a montanha sagrada de Sião (Sl 2,6), mas sobre a montanha escatológica para onde afluirão as nações (Is 2,2-3; cf. 11,9; Dn 9,16).

c. Lit. *metamorfoseado, mudado* (cf. Mc 9,2 nota).

d. *Moisés e Elias*, de preferência a representarem um, a Lei e o outro, os Profetas, aparecem aqui como precursores ou como testemunhas da Aliança. Elias devia ser o precursor do Messias (Mt 3,23; cf. Jr 48,10) e, um pouco mais abaixo, é identificado com João Batista (17,12), morto por ordem de Herodes (14,3-12). Ao mesmo tempo que Elias (cf. Mc 9,4 nota), aparece Moisés (cf. Ap 11,3-6), cuja assunção o judaísmo admite, tanto quanto a de Elias (2Rs 2,11) e de Henoc (Gn 5,24).

e. Cf. Lc 9,33 nota.

f. Possível alusão à *festa das Tendas* (Ex 28,16 nota; Lv 23,28-34; Dt 16,13).

g. Da mesma forma como sobre o Sinai (Ex 19,16; 24,15-16), como sobre a Tenda do encontro (Ex 40,34.35) e sobre o Templo (1Rs 8,10-12), a *nuvem* é sinal de teofania (cf. 2Mc 2,7-8).

h. *Escutai-o*. No batismo (Mt 3,17), a voz do céu designara Jesus como o Filho (cf. Sl 2,7), o Servo (Is 42,1); na Transfiguração, ela o designa antes como o Profeta que todo o povo deve escutar (cf. At 3,22 citando Dt 18,15). Lá, ela se dirigia a Jesus; aqui, ela se dirige aos discípulos e, através destes, às "multidões".

i. A recomendação de guardar segredo sobre o que foi revelado pelo Céu é um tema clássico da literatura apocalíptica (cf. Dn 12,4-9), reprisado pelos sinóticos, sobretudo por Mc, na perspectiva do "segredo messiânico" (Mt 8,4; 9,30; 12,16; 16,20; cf. notas sobre Mc 1,34 [segredo imposto aos demônios]; 1,44; 8,30).

j. Uma tradição fundada em Mt 3,23, via em *Elias* um precursor do Messias. Ele devia preparar o povo para o encontro com o Messias, reunindo-o na unidade e na fidelidade. Os vv. 12 e 13 apresentam Elias como já vindo, mas rejeitado por seu povo. Um mesmo destino une Jesus ao seu precursor: os escribas deviam tê-lo sabido: por isso não têm desculpa.

k. Sobre os anúncios da Paixão, cf. 16,21 nota. O anúncio em apreço não menciona a ressurreição (cf. v. 9).

l. Ao que parece, um epilético. Por muito tempo, quase até a época moderna, acreditou-se, também no Ocidente, que os ataques de epilepsia estavam ligados às fases da lua. Mc e Lc atribuem, logo de início, a doença a um *espírito*, cuja presença só seria reconhecida, em Mt, depois de sua expulsão por Jesus.

m. Esta apostrofe dificilmente pode visar ao pai, que veio ter com Jesus. Para além da multidão e dos discípulos, que não são interlocutores de Jesus, ela parece dirigir-se a qualquer descrente (cf. 11,16; 12,39-45).

n. O crente pode, como o próprio Deus (Is 40,4), deslocar uma montanha (mais exatamente: *esta* montanha). Mt faz, evidente-

de demônios não pode sair a não ser pela oração e o jejum”.

Jesus anuncia de novo a paixão e ressurreição (Mc 9,30-32; Lc 9,43-45).

- 16.21 Eles estavam reunidos na Galiléia, e Jesus lhes disse: “O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens; ²²eles o matarão e, no terceiro dia, ele ressuscitará”. E eles ficaram profundamente entristecidos.

Jesus e Pedro pagam o imposto. ²⁴Tendo eles chegado a Cafarnaum, os coletores da didracma^a aproximaram-se de Pedro e lhe disseram: “O vosso mestre não paga a didracma?” ²⁵“Sim”, disse ele. Quando Pedro chegou à casa, Jesus, antecipando-se, disse-lhe: “Qual é o teu parecer, Simão? Os reis da terra, de quem recebem as taxas ou impostos? Dos seus filhos^a ou dos estranhos?” ²⁶E como ele respondesse: “Dos estranhos”, Jesus disse-lhe: “Por conseguinte, os filhos estão isentos”. ²⁷Contudo, para não causar a queda^a desta gente, vai ao mar, lança o anzol, o primeiro peixe que surgir, pega-o e abre-lhe a boca: nela encontrarás um estáter^d. To-

ma-o e entrega-o a eles por mim e por ti”.

18 O maior no Reino (Mc 9,33-37; Lc 9,46-48). “Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Quem é o maior no Reino dos céus?” ²Chamando uma criança, postou-a no meio deles ³e disse: “Em verdade, eu vos digo: se não mudardes e não vos tornardes como as crianças^a, não entrareis no Reino dos céus. ⁴Aquele pois, que se fizer pequeno como esta criança, eis o maior no Reino dos céus. ⁵Quem acolhe em meu nome uma criança^a, como esta, acolhe a mim mesmo”.

Lc 22,24

19,14;
Mc 10,15;
Lc 18,17

20,26-27;
Mc 10,43-44;
Lc 22,26
10,40;
Lc 10,16;
Jo 13,20

Jesus põe os discípulos de sobreaviso (Mc 9,42-48; Lc 17,1-2). “Mas todo aquele que causa a queda^a de um só desses pequenos que crêem em mim, é preferível para ele que lhe pendurem ao pescoço uma grande mó^e e o precipitem no abismo do mar. ⁷Desgraçado do mundo^a que causa tantas quedas^a! Decerto, é necessário que haja escândalos, mas ai do homem por quem acontece a queda! ⁸Se a tua mão ou o teu pé te levam a queda, corta-os e lança-os longe de ti;

mente, do seu relato uma exortação à fé: insere aqui esta palavra de Jesus, da qual Lc 17,6, em outro contexto, traz uma ligeira variante; por outro lado, Mt 21,21 (cf. Mc 11,22-23) repete a mesma sentença, sem mencionar, porém, o grão de mostarda, para concentrar a atenção na obrigação de não hesitar quando se ora.

o. Alguns estudiosos dão este versículo como interpolado, não por ser mal-abonado, mas por provir de uma harmonização tardia com Mc 9,29. Não convencidos, outros críticos o conservam; conforme estes, é o versículo 20b que, no decurso da tradição pré-sinótica, foi inserido na trama de um texto aparentado com o de Mc. A respeito do jejum, cf. 6,16 nota.

p. *Didracma*. Imposto do Templo de duas dracmas ou meio siclo; era exigido para o culto do Templo uma vez por ano de todos os israelitas do sexo masculino, mesmo daqueles que moravam fora da Palestina. Pagava-se em moeda judaica: isto explica a presença de cambistas instalados no átrio do Templo (2,12; Jo 2,15).

q. Esses filhos dos reis da terra tanto podem ser sua família como a totalidade do seu povo. Na qualidade de membro do povo de Israel ou, conforme uma interpretação que melhor corresponde ao contexto, na qualidade de filho de Deus, Jesus é senhor do Templo e poderia não pagar imposto. Pagá-lo-ia, contudo, e Pedro com ele, pela razão indicada no v. 27.

r. *Os filhos*, isto é, Jesus e seus discípulos, por direito, estão isentos e, segundo o princípio enunciado no início do versículo,

não deveriam pagar o imposto.

s.lit. a fim de não os escandalizar (cf. 5,29 nota).

t. *Estáter*. Um estáter valia quatro dracmas, ou seja, o imposto para duas pessoas.

u. Uma criança (*paidion*: mesma palavra em 2,8-11; 11,16; 19,13-14), não uma criança pequenina (exceto talvez em 19,13-14); em 11,25 e 21,16, encontra-se outra palavra (*nēpios*), que pode ser traduzida por *pequeno*. Aqui, trata-se de um menino, já que é capaz de responder ao chamamento de Jesus. Ele não é apresentado como um modelo de inocência, pureza ou perfeição moral; ao contrário dos discípulos, ele não tem pretensão, mas encontra-se numa situação de dependência.

v. Lit. *uma só criança*.

w. Há aqui uma inversão no pensamento: depois de terem sido exortados a *fazerem-se pequenos* como as crianças, os discípulos são agora convidados a acolher as crianças.

x. Lit. *que escandaliza* (cf. 5,29 nota).

y. Cf. Mc 9,42 nota.

z. Como em 4,8; 5,14; 26,13, a palavra *mundo* designa aqui o conjunto da humanidade, não a natureza cósmica, nem a humanidade enquanto se opõe à revelação de Deus, como em Jo. Sobre esta humanidade, reina Satanás (4,1-11); por isso ela é *desgraçada* e nela os *pequenos* encontram ocasião de queda; pelo menos, que isto não suceda mais à comunidade de Jesus.

a. Lit. *por causa dos escândalos* (cf. 5,29 nota).

mais vale para ti entrar na vida^b maneta ou coxo do que ser lançado com ambas as mãos ou ambos os pés no fogo eterno! ⁹E se o teu olho te leva à queda, arranca-o e lança-o para longe de ti; mais vale para ti entrar caolho na vida do que ser lançado com ambos os olhos na geena do fogo!

A ovelha desgarrada (Lc 15,1-7).

¹⁰“Guardai-vos de desprezar algum desses pequeninos, pois eu vos digo, nos céus os seus anjos se mantêm sem cessar na presença do meu Pai que está nos céus”. [¹¹] ¹²Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas e sucede que uma delas se desgarre, não deixará ele as outras noventa e nove na montanha para ir à procura da que se desgarrou? ¹³E se consegue reencontrá-la, na verdade, eu vos digo, ele sente mais alegria por esta do que pelas noventa e nove que não se desgarraram”. ¹⁴Assim vosso Pai que está nos céus não quer que nenhum desses pequeninos se perca^f.

Correção fraterna. ¹⁵“Se acontecer que teu irmão peque^g, vai ter com ele e fa-ze-

-lhe tuas admoestações a sós. Se ele te ouvir, terás ganho o teu irmão^h. ¹⁶Se não te ouvir, toma contigo mais uma ou duas pessoas para que *toda questão seja resolvida sob a palavra de duas ou três testemunhas*. ¹⁷Se ele recusar ouvi-las, diz-o à Igreja, e se ele recusar ouvir a própria Igrejaⁱ, seja para ti como o pagão e o coletor de impostos^j. ¹⁸Em verdade eu vo-lo declaro: tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu^k.

Rezar juntos. ¹⁹“Eu vos declaro ainda: se dois dentre vós, na terra, se puserem de acordo para pedir seja o que for, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. ²⁰Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles^l.”

O perdão entre irmãos (Lc 17,4). ²¹Então Pedro aproximou-se e lhe disse: “Senhor, quando o meu irmão cometer uma falta a meu respeito, quantas vezes lhe hei de perdoar? Até sete vezes?” ²²Jesus lhe disse: “Eu não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes^m”.

Dt 19,15;
Jo 8,17;
2Cor 13,1;
1Tm 5,19

7,7; 21,22;
Mc 11,24;
Jo 15,7;
16,23;
Tg 1,5;
1Jo 3,22;
5,14-15
28,20;
Jo 14,23

At 12,15;
Hb 1,14

Lc 17,3

b. Não *entrar na vida* no sentido de nascer, mas participar da salvação, da vida eterna; esta palavra tem o mesmo sentido em 7,14; 19,16,29; 25,46.

c. Lit. *vêm sem cessar a face do meu Pai, que está nos céus*. Aqui, os anjos são postos a serviço dos *pequenos*; esta idéia não se depara no judaísmo contemporâneo a Jesus. Os pequenos são dignos das maiores considerações, já que os anjos que velam sobre eles são os mais elevados na hierarquia celeste: é-lhes permitida estar na presença de Deus, coisa que aos demais não é permitida.

d. Este versículo (¹¹*Pois o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido*) falta em numerosos mss. Cf. Lc 19,10.

e. Em Lc 15,4-6, essa ovelha está perdida; em Mt, ela se *desgarrar* (vv. 12, 13, 14). Lc pensa nos homens *perdidos*, que Jesus vem procurar e salvar, enquanto Mt parece ver nesses *pequenos* (v. 10) os membros da comunidade que correm o risco de se perderem por causa do desprezo (v. 10) ou do excesso de severidade (v. 21) de que poderiam ser vítimas. Tanto em Mt como no judaísmo contemporâneo, este perigo de extraviar caracteriza os tempos messiânicos; trata-se de um extraviar mais doutrinal do que moral (Mc 24,4.11.24; 2Tm 3,13; 1Jo 1,8; 2,26; 3,7; Ap 12,9; 19,20).

f. Lit. *Não é a vontade perante vosso Pai que está nos céus que um só desses pequenos se perca*.

g. Outra tradução possível, sustentada por alguns mss.: *se acontecer que teu irmão peque contra ti* (cf. Lc 17,3). Os vv. 15 a 17 têm um paralelo parcial na Regra de Qumran; mas, ao passo que aquela regra se distingue por seu rigor implacável,

estes vv. parecem destinar-se a moderar o zelo de cristãos que exigem a exclusão imediata dos *pecadores*. Jesus, aqui, preconiza reiteradas tentativas de correção fraterna, antes que se alerte a comunidade em seu conjunto. O acréscimo *contra ti*, feito por numerosos manuscritos, interpreta a passagem num sentido individualista, provavelmente sem razão (cf. Lv 19,17; Dt 19,15).

h. *Garhar* (o mesmo verbo: 16,26; 25,16 sobretudo, no mesmo sentido que aqui: 1Cor 9,19-22), não ganhar para a fé, nem conservar a título de amigo pessoal; mas conservar como membro da comunidade que ele estava a ponto de abandonar, ou da qual ia ser excluído.

i. O poder das chaves, concedido anteriormente a Pedro (16,19), é confiado aqui aos ouvintes desta parábola, quer seja ela constituída pela assembleia, quer pelo colégio apostólico.

j. Isto é: *não te ocupes mais com eles; já não és mais responsável por ele*, ou quicá: só Jesus conseguirá alguma coisa neste caso.

k. *Céu* (cf. 16,1 nota; 16,19).

l. Esta palavra de Jesus não respalda as pequenas comunidades separadas. De fato, o contexto mostra que esses *dois ou três* acham-se reunidos *dentro da Igreja* (v. 17), assembleia única. Essas afirmações de Jesus têm provavelmente a finalidade, não de prometer a sua presença a qualquer oração feita em seu nome (o que era evidente de per si), mas de estimular todas as tentativas de correção e reconciliação entre irmãos no seio da Igreja, garantindo-lhes a sua presença.

m. Outra leitura: *setenta e sete vezes sete vezes*. De qualquer forma a expressão significa *indefinidamente*.

O devedor implacável. ²³“Sucedo com o Reino dos céus o mesmo que com um rei que quis ajustar contas com seus servos”. ²⁴De início, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos”. ²⁵Como não tivesse com que pagar, o senhor deu ordem para que o vendessem, bem como sua mulher, seus filhos e tudo o que possuía, em pagamento da dívida. ²⁶Atirando-se-lhe então aos pés, o servo, prostrado, lhe dizia: ‘Tem paciência comigo, e tudo te pagarei’. ²⁷Tomado de compaixão, o senhor deste servo deixou-o partir e lhe perdoou a dívida. ²⁸Ao sair, este servo encontrou um dos seus companheiros, que lhe devia cem moedas de prata; ele o agarrou pela garganta, apertando-a a ponto de estrangulá-lo, dizendo: ‘Paga o que deves’. ²⁹Então o companheiro atirou-se-lhe aos pés e suplicava-lhe: ‘Tem paciência comigo, e te pagarei’. ³⁰Mas o outro não só recusou, como mandou trancafiá-lo na cadeia, até que pagasse o que devia. ³¹Vendo o que acontecera, os seus companheiros ficaram profundamente contristados e foram informar o senhor de tudo o que sucedera. ³²Então, mandando-o vir, o senhor lhe disse: ‘Servo mau, perdooi toda a tua dívida’, porque mo tinhas suplicado. ³³Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu mesmo me compadeceria de ti?’ ³⁴E, cheio de cólera, seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que devia. ³⁵Assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração.”

§.25.26;
Lc 12.58-59

6.15;
Mc 11.25;
Ef 4.32;
Cl 3.13

n. *Servos*. Nas narrativas bíblicas, esta palavra nem sempre designa escravos, mas, muitas vezes, personagens importantes (1Sm 8.14; 2Rs 5.6; Mt 13.27; 25.14-30).

o. Esta soma inimaginável (cerca de sessenta milhões de francos-ouro ou 20 toneladas de ouro!) deve fazer pensar que este servo se encontra numa situação sem saída; sua salvação, só dependerá da *compaixão* (v. 27) do seu senhor. Tal é a situação do homem diante de Deus. Cf. v. 33.

p. Cerca de cem francos-ouro (= 32,5 g de ouro), soma insignificante, comparada com a precedente (cf. v. 24 nota); a desproporção das duas dívidas é fortemente sublinhada.

q. Este elemento da parábola recorda os termos da quinta petição do Pai-nosso.

r. Indicação geograficamente imprecisa. De conformidade com

19 **Contra o repúdio** (Mc 10.1-12; Lc 16.18). ‘Ora, quando Jesus terminou essas instruções, partiu da Galiléia e veio para o território da Judéia além do Jordão’. ²Grandes multidões o seguiram, e lá ele as curou. ³Alguns fariseus achegaram-se a ele e lhe disseram, a fim de prová-lo: “Será permitido repudiar sua mulher por qualquer motivo?” ⁴Ele respondeu: “Não lestes que o Criador, no princípio, *os fez homem e mulher* ⁵e que disse: *Eis por que o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à mulher, e os dois se tornarão uma só carne*?” ⁶Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu!” ⁷Eles lhe dizem: “Por que então Moisés prescreveu que *se desse um certificado de repúdio*, quando se repudiava?” ⁸Ele lhes disse: “Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas no começo não era assim. ⁹Eu vo-lo digo: Se alguém repudia sua mulher — exceto em caso de união ilegal — e se casa com outra, é adúltero”.

7.28; 11.1;
15.53; 26.1

16.1

Ef 5.31

1Cor 6.16

Dt 24.1;
Mt 5.31

5.32;
1Cor 7.10.11

Casamento e celibato. ¹⁰Os discípulos lhe disseram: “Se é tal a condição do homem em relação à mulher, não convém casar-se”. ¹¹Ele lhes respondeu: “Nem todos compreendem esta linguagem, mas só aqueles a quem é concedido. ¹²Com efeito, há eunucos que nasceram assim do seio materno; há eunucos que foram feitos pelos homens; e há os que se tornaram eunucos por causa do Reino dos céus. Compreenda quem puder compreender!”

1Cor 7.
1-2.7-9

1Cor 7.17

o anúncio da Paixão. Jesus e seus discípulos deixam a Galiléia para “passar” à Judéia, isto é, a Jerusalém. Neste intuito, não passam pela Samaria, mas pela região transjordânica da Judéia, para tornar a atravessar o Jordão em Jericó, e subir a Jerusalém.

s. A pergunta do escriba é insidiosa (*provar* significa, aqui: armar uma cilada). Esta questão, que propunha o problema da aplicação da lei enunciada em Dt 24.1. era, nas escolas rabínicas, objeto de distinções sutis.

t. Citação de Gn 1.27; 5.2; 2.24.

u. Lit. e de *repudiar*.

v. A respeito da restrição mateana, cf. 5.32 nota.

w. A doutrina sobre o casamento restaurado em sua dignidade inicial (a vontade do Criador). Jesus acrescenta uma palavra misteriosa, que ele declara até incompreensível sem um dom de

Jesus e as crianças (Mc 10,13-16; Lc 18,15-17). ¹³Então, algumas pessoas lhe trouxeram crianças, para que lhes impusesse as mãos, pronunciando uma oração. Mas os discípulos as escorraçavam. ¹⁴Jesus disse: "Deixai as crianças, não as impeçais de virem a mim, pois o Reino dos céus é para aqueles que são como elas". ¹⁵E, depois de lhes ter imposto as mãos, partiu dali.

O jovem rico (Mc 10,17-31; Lc 18,18-30; 13,30). ¹⁶E eis que um homem aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?" ¹⁷Jesus lhe disse: "Por que me interrogas acerca do bom? Único é aquele que é bom. Se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos".

¹⁸"Quais?", disse ele. Jesus respondeu: "Não cometerás homicídio. Não cometerás adultério. Não roubarás. Não levantarás falso testemunho". ¹⁹Honra teu pai e tua mãe. Enfim: Amarás teu próximo como a ti mesmo". ²⁰O jovem lhe disse: "Tudo isso, eu o observei. Que me falta ainda?" ²¹Jesus lhe disse: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me!". ²²Ao

ouvir tais palavras, o jovem retirou-se, triste, pois tinha muitos bens.

Sl 62,11

²³E Jesus disse a seus discípulos: "Em verdade, eu vos digo: um rico^d dificilmente entrará no Reino dos céus. ²⁴Eu vo-lo repito, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha^e do que um rico entrar no Reino de Deus". ²⁵Ante tais palavras os discípulos ficaram muito impressionados e diziam: "Quem poderá então ser salvo?" ²⁶Fixando neles o olhar, Jesus lhes disse: "Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível".

²⁷Tomando então a palavra, Pedro disse-lhe: "Pois bem! quanto a nós, deixamos tudo e te seguimos. Qual será a nossa recompensa?" ²⁸Jesus lhes disse: "Em verdade, eu vos digo: por ocasião da renovação de todas as coisas^f, quando o Filho do Homem tomar assento no seu trono de glória, vós que me seguistes, também vós vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel". ²⁹E todo aquele que houver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu Nome, receberá muito mais e, em herança, a vida eterna. ³⁰Muitos primeiros serão últimos; e muitos últimos, primeiros".

Dn 7, 9,10,14

20,21; Mc 10,37; Ap 3,21

19,16; Lc 10,25

Deus (11,15; 13,9); ela revela uma situação nova suscitada pela vinda do Reino dos céus. Não se trata de uma crítica ao casamento, mas de uma exceção escatológica não obrigatória; certas pessoas ficam de tal modo empolgadas pelo Reino dos céus que não se casam.

x. A respeito das crianças, cf. 18,3 nota.

y. A respeito desta expressão, cf. 18,8 nota. Toda esta passagem acha-se inserida entre duas menções da vida eterna (vv. 16 e 29); é o processo literário de inclusão, bem ao gosto de Mt.

z. Qualquer judeu fiel devia saber que não existe nenhum bem (lit. nada de bom) por si mesmo; só Deus decide acerca do Bem que ele revela aos homens por sua lei. Mas talvez o interlocutor de Jesus esteja à cata de doutrinas mais elevadas, como se via tão frequentemente.

a. Cf. Ex 20,12-16; Dt 5,16-20.

b. Cf. Lc 19,18. Esta última citação é própria de Mt nesta narrativa.

c. *Perfeito*. Termo próprio da narração de Mt (cf. 5,48). Alguns estudiosos interpretam este passo como referindo-se a uma perfeição reservada a colaboradores próximos de Jesus; a maioria o entende como perfeição de qualquer homem que, seguindo Jesus, *cumpra plenamente* (5,17) a lei.

d. *Rico*. A respeito das riquezas, mesmo legítimas, os evangelhos ensinam: 1) Jesus preveniu os homens sobre o obstáculo

das riquezas para quem quer *entrar na vida*; 2) não faz do despojamento uma regra para todos os que o seguirem, ao contrário dos essênios que o impunham a seus noviços, para grande proveito da comunidade; 3) Jesus amou e chamou homens ricos, que ocupavam um posto social elevado, sem exigir que abandonassem tal posição.

e. Provável alusão ao minúsculo buraco de uma *agulha* de costura, e não a uma porta baixa em muralha de cidade. Trata-se de uma hipérbole de cunho bem oriental, que deve ser interpretada no seu contexto (cf. nota precedente e Mt 5,3 nota).

f. Cf. Gn 18,14; Jr 32,17; Zc 8,6 gr.; Jô 42,2.

g. Em todo o NT, esta palavra só aparece aqui e em Tt 3,5. Originária da apocalíptica judaica, ela designa a *regeneração* (de preferência à renovação) da humanidade e do universo ao fim da economia atual. Esta alteração total começará com um julgamento (cf. 25,31-46) que estabelecerá uma nova escala de valores.

h. Jesus parece prometer aos Doze a participação no julgamento escatológico (cf. 1Cor 6,2; Ap 20,4); Lucas traz uma interpretação diferente (Lc 22,30 nota).

i. A mesma palavra encontra-se em 20,16 e em Lc 13,30. Ao contrário dos essênios, que prometiam a glória aos seus seguidores e destinavam todos os demais homens à perdição, Jesus não classifica seus contemporâneos em duas categorias; sua advertência e sua promessa concernem a todos.

20 Os operários da undécima hora. ¹⁴“O Reino dos céus, com efeito, é comparável a um senhor de casa que saiu de manhã muito cedo, a fim de contratar operários para sua vinha. ²Combinou com os operários o salário de uma moeda de prata por dia e enviou-os à sua vinha. ³Tendo saído pela terceira hora, viu outros postados na praça, sem trabalho. ⁴e lhes disse: ‘Ide, vós também, à minha vinha, e eu vos darei o que for justo’. ⁵Eles foram. Tendo saído de novo pela sexta hora, depois pela nona, fez a mesma coisa. ⁶Pela undécima hora, saiu de novo, encontrou outros que ali estavam e lhes disse: ‘Por que ficastes aí o dia inteiro sem trabalho?’ ⁷‘É porque, disseram eles, ninguém nos contratou’. Ele disse-lhes: ‘Ide também vós para a minha vinha’. ⁸Tendo chegado a tarde, o dono da vinha disse ao seu administrador: ‘Chama os operários, e entrega a cada um deles o seu salário, começando pelos últimos para acabar pelos primeiros’. ⁹Vieram os da undécima hora e receberam uma moeda de prata. ¹⁰Vindo por sua vez os primeiros, pensaram que iam receber mais; mas receberam, também eles, uma moeda de prata cada um. ¹¹Ao recebê-la, murmuravam contra o senhor de casa: ¹²‘Estes que chegaram por último, diziam, só trabalharam uma hora, e tu os tratas como a nós, que suportamos o peso do dia e do calor intenso’. ¹³Mas ele replicou a um deles: ‘Meu amigo, não estou te prejudicando. Não fizeste contrato comigo à

base de uma moeda de prata? ¹⁴Toma o que é teu e vai embora. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti. ¹⁵Não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou então o teu olho é mau porque eu sou bom?’ ¹⁶Assim os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos^k.”

6,23;
Mc 7,22
Mc 10,31;
Lc 13,30

Pela terceira vez, Jesus anuncia sua paixão e ressurreição (Mc 10,32-34; Lc 18,31-34). ¹⁷Quando estava para subir a Jerusalém, Jesus tomou os Doze à parte e lhes disse no caminho; ¹⁸“Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte ¹⁹e o entregarão aos pagãos para que o escarneçam, o flagelem, o crucifiquem; e, no terceiro dia, ele ressuscitará^m”.

Lc 9,22

Lc 24,7.46;
1Cor 15,4

Ambição e serviço (Mc 10,35-45; Lc 22,25-27). ²⁰Então a mãeⁿ dos filhos de Zebedeu aproximou-se dele, com seus filhos, e prostrou-se para fazer um pedido. ²¹Ele lhe disse: “Que queres?” “Ordena, disse ela, que no teu Reino estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e o outro à tua esquerdaⁿ.” ²²Jesus respondeu: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber a taça^o que eu vou beber?” Eles lhe dizem: “Podemos”. ²³Ele lhes disse: “Minha taça, bebê-la-eis; quanto a assentar-vos à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo^p; isto será dado àqueles para quem foi preparado por meu Pai”. ²⁴Os dez, tendo ouvido,

Lc 22,30

Jo 18,11

j. Aqui terminava provavelmente a parábola original que, talvez, se endereçasse aos fariseus, como as de Lc 15. Jesus quer mostrar-lhes que a bondade de Deus ultrapassa os critérios humanos na retribuição concebida como um salário devido, sem contudo descambar na arbitrariedade, que não leva em conta a justiça: ele convida a não se mostrar invejoso perante a liberalidade do amor de Deus.

k. Provavelmente acrescentada à parábola original (v. 15), esta sentença, que é encontrada alhures e em outro contexto (19,30), sublinha um traço episódico sobre a ordem da distribuição dos salários (20,8) e corresponde a uma nova situação, a da igreja de Mt. Os pagãos, chamados posteriormente, chegaram antes dos judeus, chamados em primeiro lugar. Alguns manuscritos acrescentam: *Pois a multidão, decerto, é chamada, mas poucos são eleitos*. Esta afirmação, tomada de 22,14, parece supor que os primeiros chamados (os judeus) recusaram a moeda de prata e que só os operários da undécima hora a aceitaram.

l. Comparada com os dois primeiros anúncios da paixão e da ressurreição (16,21-23; 17,22-23), esta predição fornece pormenores muito mais preciosos: papel dos pagãos, escárnios, flagelação, crucifixação.

m. No relato paralelo, Mc 10,35, não é a mãe dos filhos de Zebedeu, mas eles mesmos que se apresentam, sozinhos, a Jesus. No v. 22, as palavras: *não sabeis... convém melhor à situação descrita por Mc*. Há quem opine que foi Mc que omitiu a menção à mãe dos filhos de Zebedeu para simplificar a narrativa e dar maior realce à resposta de Jesus.

n. Esses dois lugares não são unicamente postos de honra; significam uma associação íntima à autoridade daquele que reina (cf. 19,28 nota).

o. *Beber a taça*. Alusão à paixão e crucifixação de Jesus (cf. Mt 26,39; Mc 10,38 nota).

p. Com efeito, Tiago morreu mártir por volta de 44 em Jerusalém (At 12,2). Quanto a João, a tradição que, fundando-se

indignaram-se contra os dois irmãos.
 25 Mas Jesus os chamou e lhes disse: "Como sabeis, os chefes das nações as mantêm sob seu poder, e os grandes, sob seu domínio". 26 Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande entre vós, seja vosso servo.
 27 E se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo. 28 Assim é que o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate pela multidão".

23,11;
 Mc 9,35;
 Lc 9,48

Ft 2,7

1Tm 2,6

Os dois cegos de Jericó (Mc 10,46-52; Lc 18,35-43). 29 Como saíssem de Jericó, uma grande multidão o seguia. 30 E eis que dois cegos, sentados à beira do caminho, ao saberem que era Jesus quem passava, puseram-se a gritar: "Senhor, Filho de David, tem compaixão de nós!" 31 A multidão os repreendia para que se calassem. Mas eles gritavam com mais força ainda: "Senhor, Filho de David, tem compaixão de nós!" 32 Jesus deteve-se, chamou-os e lhes disse: "Que quereis que eu faça por vós?" 33 Eles lhe dizem: "Senhor, que os nossos olhos se abram!" 34 Tomado de compaixão, Jesus lhes tocou os olhos. Imediatamente recuperaram a vista. E eles o seguiram.

9,27

15,22

9,29,30

21 Entrada messiânica em Jerusalém (Mc 11,1-11; Lc 19,28-40; Jo 12,12-16). 1 Ao se aproximarem de Jerusalém e chegarem perto de Betfagé, no monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, dizendo-lhes: "Ide à aldeia que está à vossa frente; encontrareis logo uma jumentã amarrada e com ela um jumentinho; desamarrai-os e trazei-os a mim. 3 E se alguém vos disser qualquer coisa, respondereis: 'O Senhor precisa dela', e ele os deixará partir sem demora". 4 Isto aconteceu para que se cumprisse o que falou o profeta: *"Dize à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti, humilde e montado numa jumentã e num jumentinho, filho de um animal de carga"*. 6 Os discípulos foram e, fazendo como Jesus lhes prescrevera, trouxeram a jumentã e o jumentinho; depois dispuseram sobre eles suas vestes, e Jesus sentou-se em cima. 8 O povo, em multidão, estendeu as vestes sobre o caminho; alguns cortavam ramos das árvores e com eles juncaavam o caminho. 9 As multidões que caminhavam à sua frente e as que o seguiam gritavam: *"Hosana ao filho de David! Bendito seja, em nome do Senhor, aquele que vem"*. 10 Hosana no mais alto dos céus!" 10 Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda

21,15

23,39;

Lc 13,35

neste texto, fez dele um mártir, é incontestavelmente posterior. Jesus com discrição, entende permanecer a serviço de seu Pai e dos homens (cf. igualmente 24,36).

q. Poder-se-ia também traduzir: *abusar* do seu poder sobre elas; contudo o objetivo desta declaração de Jesus não é criticar o poder político como tal, mas mostrar aos discípulos que este não poderia servir de modelo para eles.

r. O verbo grego, no futuro, tem aqui valor de um imperativo. s. Acerca desta expressão, cf. Mt 26,28 nota e Mc 10,45 nota. Alguns mss. acrescentam um texto semelhante a Lc 14,8-10.

t. A respeito do título de Jesus, cf. 9,27 nota. u. O sentido literal da cura física não exclui, aqui, o sentido simbólico do acesso à luz da salvação, conforme Mt 11,5, que cita Is 61,1-3. Este sentido simbólico é manifesto na narrativa joanina da cura do cego de nascimento (Jo 9).

v. Lit. em Betfagé, aldeia situada no flanco oriental do monte das Oliveiras (cf. Mc 11,1; Lc 19,29); atualmente Kefr-et-Tur. Esta menção antecipa a designação da aldeia de que se trata em 21,2.

w. A fórmula de cumprimento das Escrituras (21,4-5) indica a intenção de Mt: a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém realiza a profecia de Zc 9,9. Preparação (21,1-3), entrada (6-9), efeito produzido (10-11).

x. Em Mt, é a única vez que Jesus se designa a si mesmo como *Senhor*.

y. Ao contrário de Mc, é o proprietário quem consentirá no pedido de Jesus.

z. Citação de Zc 9,9, com a introdução modificada (talvez segundo Is 62,11) e ligeiras variantes (*sobre uma jumentã e sobre um jumentinho, o filho de um animal de carga*, em vez de *sobre um animal de carga e um filhote [ainda] novo*). É a entrada do Rei messiânico em sua Cidade, fazendo a primeira parada sobre o monte das Oliveiras (cf. Zc 14,4); ele a efetua montado, não nos corcéis dos ricos e poderosos, mas na cavalgadura dos patriarcas de Israel (cf. Gn 49,11; Jz 5,10).

a. Preocupado em ver a profecia realizada, Mt não se preocupa com a inverossimilhança. Outros estudiosos interpretam: *Jesus sentou-se sobre as vestes*.

b. Lit. a maior parte da multidão.

c. *Hosana*. Transcrição de uma forma tardia de *hoshia'ná* (dá a salvação; cf. Sl 118,25, versículo precedente *Bendito seja*...). Inicialmente, grito de apelo (2Sm 14,4: *hoshia'* dirigido ao rei), lançado em particular no sétimo dia da festa das Tendas, agitando-se ramos (mas também em outras ocasiões, cf. 2Mc 10,6-7), este termo tornou-se, talvez já no judaísmo, em todo o caso no cristianismo primitivo, uma aclamação cujo destinatário se indica eventualmente (em grego) por um complemento no dativo.

d. Citação (como em 23,39) dos versículos 25a e 26 do Sl 118, não raras vezes evocado a propósito da paixão (e da exaltação)

a cidade ficou alvoroçada: “Quem é?”, diziam; ¹¹e as multidões respondiam: “É o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia”.

Os vendedores expulsos do Templo (Mc 11,15-19; Lc 19,45-48; Jo 2,13-16). ¹²A seguir, Jesus entrou no Templo e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo; derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos vendedores de pombas. ¹³E lhes disse: “Está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração*; vós, porém, fazeis dela uma *caverna de bandidos*!” ¹⁴Aproximaram-se dele cegos e coxos no Templo, e ele os curou. ¹⁵Vendo as coisas prodigiosas que ele acabara de fazer e aquelas crianças que ^{21.9} gritavam no Templo: “Hosana ao filho de David!”, os sumos sacerdotes e os escribas ficaram indignados ¹⁶e lhe disseram: “Ouves o que eles dizem?” Mas Jesus lhes disse: “Sim; nunca lestes este texto: *Da boca dos pequeninos e das crianças de peito preparaste um louvor para ti*?” ¹⁷Em seguida, ele os deixou lá e saiu da cidade para ir a Betânia, onde passou a noite.

A figueira estéril (Mc 11,12-14.20-25).

¹⁸Ao voltar à cidade de manhã cedo, sentiu fome. ¹⁹Vendo uma figueira junto do caminho, aproximou-se dela, mas não encontrou nada a não ser folhas. Ele lhe disse: “Nunca mais produzirá fruto!” No mesmo instante, a figueira secou! ²⁰Vendo isto, os discípulos foram tomados de estupefação e disseram: “Como é que, no mesmo instante, a figueira secou?” ²¹Jesus lhes respondeu: “Em verdade, eu vos digo, se um dia tiverdes a fé e não duvidardes, não somente fareis o que eu fiz com a figueira, mas até, se disserdes a esta montanha: ‘Sai daí e atira-te ao mar’, isto acontecerá”. ²²Tudo o que pedirdes com fé na oração, recebê-lo-eis”. Lc 13,6; 1Cor 13,2

Os judeus questionam a autoridade de Jesus (Mc 11,27-33; Lc 20,1-8). ²³Quando ele entrou no Templo, os sumos sacerdotes e os anciãos do povo aproximaram-se dele, enquanto ensinava, e lhe disseram: “Em virtude de que autoridade fazes isso?” E quem te deu tal autoridade?” ²⁴Jesus lhes respondeu: “Também

de Cristo (cf. Mt 21,42, citando os vv. 22-23). Como João Batista já pressentira (Mt 3,11; 11,2-6), Jesus é *Aquele-que-vem* inaugurar a era messiânica (Hab 2,3 grego; cf. Hb 10,37; Mt 3,1: o Senhor vem ao seu santuário, cf. o episódio seguinte).

e. Lit. *foi sacudida* (verbo usado para os terremotos: Mt 27,51; 28,4; cf. 8,24; Ap 6,13). Quando Jesus entra em Jerusalém como Rei messiânico, a cidade fica abalada, como o fora ao anúncio do seu nascimento (2,3); a vida de Jesus é um acontecimento público. f. Somente Mt refere o que as *multidões* dizem de Jesus (cf. 9,33 e 12,33). Jesus é reconhecido como um profeta (cf. Mt 16,14; Mc 6,15; Lc 7,16,39; 24,19), sem que se objete a isto a sua origem da Galiléia, como em Jo 7,52 (cf. Mt 13,57). A comunidade primitiva veria nele o profeta (At 3,22-23; citando Dt 18,15; cf. Mt 17,5 par.; Jo 1,21; 6,14; 7,40).

g. O gesto de Jesus pode ser entendido, ou como um ato de autoridade que abolia os sacrifícios do Templo, ou como um gesto simbólico de purificação do Templo, purificação esperada pelos judeus desde a profanação por Antíoco Epifanes (167 a.C.) e Pompeu (63 a.C.), ou ainda como um protesto contra o abuso do tráfico dos cambistas e dos comerciantes. Os cambistas ofereciam aos judeus vindos do estrangeiro oportunidade de trocar seu dinheiro, quer para comprar as oferendas (p. ex. uma pomba), quer para pagar a didracma ou imposto do Templo. Cambistas e vendedores deviam permanecer nos pórticos do átrio dos pagãos.

h. Jesus restitui o Templo à sua verdadeira função: *casa de oração* (Is 56,7), e não *covil de bandidos* (Jr 7,11: invectiva de Jeremias contra o Templo, que ele ameaça de destruição, como outrora Shiló).

i. Os enfermos curados por Jesus, *os cegos e os coxos* (cf. 11,4), encabeçam a lista dos enfermos excluídos do sacerdócio levítico (Lv 21,18), bem como a dos excluídos do Templo segundo 2Sm 5,8.

j. Citação do Sl 8,3. Este salmo constava do rol das “Escrituras messiânicas” da Igreja primitiva (especialmente o v. 5; cf. Hb 2,6-8; 1Cor 15,27; Ef 1,22; Fl 3,21; 1Pd 3,22). Destarte, a citação poderia remeter ao conjunto do Sl e designar Jesus como o *Filho do homem* (e não mais como o *filho do Homem*, ou seja, o homem do salmo) *coroado de glória e de honra*.

k. *Betânia*: aldeia situada no flanco oriental do monte das Oliveiras, perto da estrada de Jerusalém a Jericó (Mt 26,6; Lc 10,38; 24,50; Jo 11,1). Atualmente El-‘azariie. Por ocasião das grandes festas judaicas, os peregrinos costumavam passar a noite fora dos muros de Jerusalém.

l. Jesus condena a figueira por não encontrar nela os frutos que dela exige. Contudo, o sentido desta narrativa permanece obscuro. As folhas brilhantes da figueira talvez sejam símbolo dos vistosos edifícios do Templo, condenados por sua esterilidade religiosa.

m. Essas palavras também figuram em 17,20 (cf. nota), onde está o melhor contextualizado.

n. Os vv. 23-27 levantam de novo, de forma polêmica, a questão decisiva da *autoridade* de Jesus (cf. 7,29; 8,10; 9,6; 28,18). Aqui, ela é apresentada em termos tipicamente bíblicos e judaicos; não se trata de uma autoridade individual considerada em si mesma, como a de uma personalidade excepcional, mas da sua fonte: quem te *deu* esta autoridade? Será Deus, Satanás, os homens ou tu mesmo?

eu vos farei uma pergunta, uma só; se me responderdes, também eu vos direi em virtude de que autoridade faço isso.

Jo 1.6,33 ²⁵De onde vinha o batismo de João? Do céu^o ou dos homens?" Eles ponderavam consigo mesmos: "Se dissermos 'Do céu', ele vai nos dizer: 'Então, por que não acreditaste nele?' ²⁶E se dissermos: 'Dos homens', devemos recar a multidão, pois todos consideram João como profeta". ²⁷Então responderam a Jesus: "Não sabemos". Do mesmo modo disse-lhes ele: "Tampouco eu vos digo em virtude de que autoridade faço isso".

²⁸Os dois filhos. ²⁹"Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Aproximando-se do primeiro, disse-lhe: 'Meu filho, vai hoje trabalhar na vinha'. ³⁰Este lhe respondeu: 'Não quero'; pouco depois, tendo-se arrependido⁸, ele foi. ³¹Aproximando-se do segundo, disse-lhe a mesma coisa. Este lhe respondeu: 'Já vou, senhor'; mas não foi. ³²Qual dos dois fez a vontade do pai?" — "O primeiro", responderam eles. Jesus lhes disse: "Em verdade, eu vos declaro, os coletores de impostos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus. ³³Com efeito, João veio a vós no caminho da justiça, e vós não crestes nele; os coletores de impostos e as prostitutas, pelo contrário, acreditaram. E vós, mesmo vendo isto, nem

sequer vos arrependestes para finalmente crer nele.

Os arrendatários homicidas (Mc 12,1-12; Lc 20,9-19). ³³"Escutai outra parábola". Havia um proprietário que *plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e construiu uma torre*⁹; depois, arrendou-a a vinhateiros e partiu em viagem. ³⁴Ao aproximar-se o tempo da colheita, ele enviou seus servos aos vinhateiros para receber os frutos que lhe cabiam¹. ³⁵Mas os vinhateiros agarraram estes servos; a um moeram de pancadas; a outro, mataram; a outro, apedrejaram². ³⁶Ele enviou ainda outros servos, mais numerosos que os primeiros; eles os trataram da mesma forma. ³⁷Finalmente, enviou-lhes o seu filho, dizendo: 'Eles respeitarão o meu filho'. ³⁸Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: 'Eis o herdeiro. Vinde! Matemo-lo e apoderemo-nos da herança'. ³⁹Agarraram-no, lançaram-no fora da vinha e o mataram³. ⁴⁰Pois bem! quando vier o dono da vinha, que fará com esses vinhateiros?" ⁴¹Eles lhe responderam: "Fará perecer miseravelmente esses miseráveis, e cederá a vinha em arrendamento a outros vinhateiros", que lhe entregarão os frutos no tempo devido⁴. ⁴²Jesus lhes disse: "Nunca lestes nas Escrituras:

o. Céu. Isto é, de Deus (cf. v. 23 nota).

p. Alguns mss. invertem a ordem das respostas nos vv. 29 e 30.

q. Mesma palavra em 21.32 e 27.3.

r. Eis uma possível reconstrução da história desta parábola. Na boca de Jesus, a história visava à sorte da vinha (21.41; cf. Mc 12.9); a tradição pré-sinótica concentrou a atenção na sorte do Filho, acrescentando a citação do Sl 118 e das alusões escriturísticas (21.42.44); finalmente, Mt deixou claro que o advento do novo povo (21.43) está ligado ao destino d'Aquele que fala e deve ser condenado à morte, mas ressuscitará. Portanto, quem não quiser ser esmagado pela pedra angular deve declarar-se a favor dele. A parábola, depois de uma introdução (21.33), está estruturada em duas partes: o senhor da vinha, frustrado quanto ao produto da mesma, apesar das reiteradas delegações de seus servos e do envio derradeiro do seu filho (21.34-39), vai confiá-la a outros vinhateiros que a farão produzir frutos (21.40-44).

s. A citação de Is 5.2, inspirada no texto grego, desvia a atenção para o amor do proprietário por sua vinha: é possível que, tal como está, ela não pertença à parábola original (cf. Lc 20.9).

t. Mt frisa, como é de seu feitio, a necessidade de *dar os frutos* da vinha, e não parte deles somente (Mc 12.2; Lc 20.10), segundo sua perspectiva habitual (cf. Mt 7.16-20; 12.33 com Lc 6.43-44); com isto se demonstra a fidelidade à Aliança (cf. 21.41-43; Sl 1.1.3).

u. Cf. Mt 23.37.

v. A ordem dos acontecimentos segundo Mt e Lc (lançar fora – matar) não deve ser o resultado de uma correção do texto de Mc (que traz a ordem: matar – lançar fora): para que dois autores, comumente considerados independentes um do outro, chegassem a um resultado idêntico, teria sido preciso que se apoiassem numa representação comum, fato que as referências por vezes alegadas (Jo 19.17; Hb 13.12) não respaldam. Esta ordem corresponde aos ritos que regulamentavam as execuções dos condenados à morte, notadamente as dos blasfemadores (Lv 24, 14-16; cf. At 7.58). Outra interpretação: ver Mc 12.8 nota.

w. Já que a vinha não designa o povo histórico de Israel, mas o Reino de Deus, os vinhateiros, com toda a verossimilhança, não são os chefes, mas o conjunto de Israel. Os outros serão especificados em 21.43.

x. I. it. *a seu tempo*.

At 4.11; 1Pd 2.7 *A pedra que os construtores rejeitaram foi a que se tornou pedra angular; isto é obra do Senhor, coisa admirável para nossos olhos?*

⁴³Por isso eu vos digo: o Reino de Deus vos será tirado, e será dado a um povo que produzirá frutos.⁴⁴Aquele que cair sobre esta pedra ficará quebrado, e sobre quem ela cair, o esmagará.”⁴⁵Ao ouvirem esta parábola, os sumos sacerdotes e os fariseus compreenderam que Jesus falava deles.⁴⁶Procuravam prendê-lo, mas tiveram medo das multidões, pois elas o consideravam como profeta.

22 O festim nupcial (Lc 14,15-24). ¹E Jesus tornou a falar-lhes em parábolas.²Sucede com o Reino dos céus o mesmo que com um rei³ que deu um banquete para as núpcias⁴ do seu filho. ⁵Ele mandou seus servos chamarem os convidados⁶ às núpcias. Mas eles não quiseram vir. ⁷Ele mandou ainda outros servos com o encargo de dizer aos convidados: ‘Eis que eu preparei o meu banquete, os meus touros e meus ani-

mais cevados já foram degolados, tudo está pronto, vinde às núpcias’.⁸Mas eles, sem fazer caso, foram-se um para seu campo, outro para seu negócio; ⁹os outros, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram. ¹⁰O rei enfureceu-se; enviou suas tropas, fez perecer os assassinos e incendiou-lhes a cidade.¹¹Então, ele disse a seus servos: ‘O banquete está preparado, mas os convidados não eram dignos dele. ¹²Ides, pois, às saídas dos caminhos¹³ e convocai para o banquete todos aqueles que encontrardes’.¹⁴Estes servos partiram pelos caminhos e reuniram todos os que encontraram, maus e bons.¹⁵E a sala do banquete ficou cheia de convivas. ¹⁶Tendo entrado para observar os convivas, o rei avistou ali um homem que não trajava a veste nupcial.¹⁷Meu amigo, disse-lhe, como entraste aqui sem a veste nupcial? Ele ficou calado. ¹⁸Então o rei disse aos servidores: ‘Lançai-o, de pés e mãos atados, nas trevas, fora: lá haverá choro e ranger de dentes’.¹⁹Pois a multidão é chamada, mas poucos são os eleitos’.”

y. Esta citação literal do Sl 118,22-23, segundo o texto grego, orienta a parábola original num sentido cristológico. O leitor cristão já não se vê simplesmente diante do anúncio da morte de Jesus mais do que para o destino do Reino, o seu interesse se volta para a obra admirável de Deus, que ressuscitou seu Filho.

z. Versículo peculiar a Mt e sem dúvida pré-mateano (Reino de Deus, frutos a serem produzidos). *Povo* não designa as nações pagãs (*ethnos*, no singular, raro: cf. 24,7; perspectiva própria de Mt, segundo a qual a Igreja é que toma o lugar de Israel); provavelmente, ele não é identificado com a *nação santa* (1Pd 2,9) (pois neste caso, usa-se *laós*); é a *geração* nova (cf. Jr 7,28-29) dos crentes.

a. Embora ausente de certas versões e manuscritos importantes, este versículo, atestado por todos os demais manuscritos, é muito provavelmente autêntico.

b. A parábola a seguir só tem paralelo em Lc (14,16-24); aliás, os dois textos são tão diferentes que há quem duvide tenham as origens no mesmo relato. Contudo, apesar das diferenças, trata-se de fato, em Mt e Lc, da mesma parábola, com a mesma ponta polêmica. A conexão dos vv. 11-13, próprios de Mt, com o que precede é difícil. Quanto ao v. 14, serve melhor de conclusão aos vv. 1 a 10, do que aos vv. 11-13.

c. Lit. *um homem rei*. O AT e o judaísmo tinham o hábito de falar de Deus como de um rei.

d. Lit. *bodas*, no plural, porque as festividades estendiam-se por vários dias. Como tantas vezes na Bíblia, as bodas são aqui o símbolo da alegre e definitiva comunhão de Deus com o seu povo (cf. Mt 25,1-12). Nesta parábola, o acento não é posto no filho, mas na recusa do convite pelos primeiros convidados.

e. Eles tinham sido convidados com antecedência e deviam

esperar a convocação, isto é, o sinal que lhes anunciasse que as festas estavam para começar.

f. Provável alusão à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70; a narrativa paralela de Lc 14,21 a ignora; pode-se pensar, ou que os vv. 6 e 7 de Mt foram acrescentados à parábola depois da destruição de Jerusalém, ou que toda a parábola tomou forma depois de 70.

g. É provável não se tratar de encruzilhadas no interior da cidade ou das aldeias, mas de pontos de junção, no exterior da cidade, das diversas estradas ou veredas oriundas do campo; em Nm 34,4-6, a palavra tem o sentido de limite exterior de um território. Este pormenor do texto insiste na universalidade do último convite às bodas.

h. Estas palavras aludem, quer ao fato de bons e maus se acharem misturados no Reino, antes do juízo final (cf. 13,37-43), quer, mais provavelmente, à graça de Deus, que convida à alegria do Reino todos os homens, e muito especialmente os pecadores (cf. 9,9-13).

i. A respeito dos vv. 11-14, cf. 22,1 nota. Seria esta *veste nupcial* o símbolo da fé, da alegria da salvação ou da *justiça*, isto é, das boas obras cuja importância Mt sublinha continuamente (5,16-20; 7,21-22)? O contexto recomenda esta última interpretação. O convite de Deus é gratuito, mas é também exigente.

j. Cf. 8,12 nota.

k. Antes que uma alusão aos judeus, convidados primeiro à salvação, mas agora excluídos por recusarem Cristo, este v. enigmático talvez seja uma advertência, de acordo com os vv. 11-13, visando aos que abusam do convite gratuito de Deus e são finalmente rejeitados, postos *fora* do Reino.

O tributo a César (Mc 12,13-17; Lc 20-20-26). ¹⁵Então os fariseus saíram e fizeram um plano, a fim de apanhá-lo numa cilada, fazendo-o falar. ¹⁶Enviaram-lhe seus discípulos, com os herodianos¹, para lhe dizer: "Mestre, sabemos que és sincero e ensinas os caminhos^m de Deus com toda a verdade, sem deixar-te influenciar por quem quer que seja, pois não fazes acepção de pessoas. ¹⁷Dize-nos, pois, qual é o teu parecer: É permitido pagar o tributoⁿ a César, sim ou não?" ¹⁸Mas Jesus, percebendo-lhe a malícia, disse: "Hipócritas! Por que me armais uma cilada? ¹⁹Mostrai-me a moeda que serve para pagar o tributoⁿ". Eles lhe apresentaram a moeda de prata. ²⁰Ele lhes disse: "De quem são esta efígie e esta inscrição?" ²¹Eles responderam: "De César". Então ele lhes disse: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus, o que é de Deus". ²²A essas palavras, eles ficaram estupefatos e, deixando-o, se retiraram.

Rm 13,7

Na ressurreição dos mortos (Mc 12,18-27; Lc 20,27-28). ²³Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus. Os saduceus dizem que não há ressurreição^p. Eles lhe propuseram a seguinte questão: ²⁴"Mestre, Moisés disse: *Se alguém morrer sem ter filhos, seu irmão desposará*

At 23,8

¹. Cf. Mc 3,6 nota. Partidários da família reinante de Herodes, os *herodianos* eram favoráveis aos romanos e, por conseguinte, adversários dos zelotes. Os *fariseus*, por seu lado, consideravam a presença romana como um castigo de Deus e insistiam na piedade pessoal (cf. *Salmos de Salomão*).

^m. Os *caminhos* traçados por Deus, ou talvez os caminhos que levam a Deus.

ⁿ. Além dos impostos indiretos (pedágios, alfândegas, taxas inumeráveis), as províncias pagavam ao Império romano o *tributo*, que era o mesmo para todos os judeus; só as crianças e os anciãos estavam isentos; ele era considerado como sinal infamante da sujeição do povo a Roma; os zelotes proibiam que seus partidários o pagassem.

^o. Lit. *a moeda do tributo*.

^p. Os *saduceus* atinham-se à lei escrita, principalmente ao Pentateuco, onde julgavam não encontrar a afirmação da ressurreição. A formulação deste v. dá a entender que Jesus, como o redator de Mt, tinha mais afinidade com o ambiente farisaico.

^q. A prática do levirato (do latim *levir*= cunhado), fundamentada no Dt 25,5-10 (mas proibida por Lv 18,16 e 20,21), segundo a qual um cunhado desposa a viúva do próprio irmão, caso este não deixe filhos, tinha a finalidade de perpetuar o nome da família e garantir um herdeiro para o defunto. A importância deste

a viúva para dar uma descendência ao irmão^q. ²⁵Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, que era casado, morreu; e como não tivesse descendência, deixou a mulher para seu irmão; ²⁶igualmente o segundo, o terceiro e assim até o sétimo. ²⁷Finalmente, depois de todos eles, morreu a mulher. ²⁸Pois bem! Na ressurreição, de qual dos sete será mulher, já que todos a tiveram?" ²⁹Jesus lhes respondeu: "Estais no erro, porque não conheceis nem as Escrituras nem o poder de Deus". ³⁰De fato, na ressurreição, as pessoas não casam nem são dadas em casamento^r, são como anjos¹ no céu. ³¹E quanto à ressurreição dos mortos, não lestes a palavra que Deus vos disse: ³²*Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó*? Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos". ³³Ao ouvirem isto, as multidões ficavam impressionadas com o seu ensinamento.

7,28; 13,54; Mc 11,18

O maior mandamento (Mc 12,28-34; Lc 10,25-28). ³⁴Ao saberem que ele fechara a boca dos saduceus, os fariseus reuniram-se. ³⁵E um deles, um legista, perguntou-lhe para o pôr à prova: ³⁶"Mestre, qual é o grande mandamento da Lei?" ³⁷Jesus declarou-lhe: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua*

Dt 6,5 (Js 22,5)

costume, igualmente praticado pelos hititas e assírios, diminuirá a partir de quando as filhas passaram a poder herdar (Nm 36).

^r. Cf. Mc 12,24 nota.

^s. Lit. *não se casam* (diz-se do homem) *nem são dadas em casamento* (diz-se da mulher). Cf. 24,38.

^t. A expressão *ser como anjos* não tende de forma alguma a depreciar o casamento (cf. 19,3-9), mas significa, neste passo, não ter outra preocupação, a não ser servir e louvar a Deus (cf. Mt 18,10).

^u. Ex 3,6.15.16.

^v. Ao contrário dos saduceus que ironizam o problema da sobrevivência dos mortos, Deus interessa-se pelos vivos; é o que mostra a citação de Ex 3,6; Deus revelou-se a Moisés como o Deus dos primeiros pais, o Deus vivo que conduz a história dos vivos.

^w. Mesmo verbo que "armar cilada" em 22,18. Em Mt, os vv. 35-40 fazem parte de um grupo de narrativas de conflitos entre Jesus e seus adversários. Em Mc e Lc, o caráter polêmico é menos acentuado (cf. Lc 10,25 nota). A originalidade deste sumário evangélico da lei não está nas idéias de amor a Deus e ao próximo conhecidas no AT (Lv 19,18; Dt 6,5), mas no fato de Jesus assimilar um ao outro, dando-lhes igual importância e, sobretudo, na simplificação e concentração de toda a lei nestes dois mandamentos.

alma e com todo o teu pensamento^x. ³⁸Eis o grande, o primeiro mandamento. ³⁹Um segundo é igualmente importante^y: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*^z. ⁴⁰Desse dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas^z.

Lv 19,18
(Mt 5,43;
19,19;
Rm 13,9;
Gl 5,14;
Tg 2,8)
7,12;
Rm 13,10

O filho e Senhor de David (Mc 12,35-37; Lc 20,41-44). ⁴¹Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes fez a seguinte pergunta: ⁴²“Que lhes parece a respeito do Messias? De quem é ele filho?” Eles lhe responderam: “De David”. ⁴³Jesus lhes disse: “Como é então que David, inspirado pelo Espírito, o chama Senhor, quando diz:

“O Senhor disse a meu Senhor:

Senta-te à minha direita

***até que eu tenha posto os teus inimigos debaixo de teus pés*”?**

⁴⁵Se, pois, David o chama de Senhor, como pode ser ele seu filho?”

⁴⁶Ninguém foi capaz de lhe responder uma palavra. E, desde aquele dia, ninguém mais ousou interrogá-lo^c.

23 Investivas contra os fariseus (Mc 12,38-40; Lc 20,45-47; 11,39-52).

¹Então Jesus dirigiu-se às multidões e a seus discípulos^d: ²“Os escribas e os fariseus estão sentados na cátedra de Moisés^e; ³fazei, pois, e observai tudo o que

vos disserem, mas não vos reguleis por seus atos, pois eles dizem e não fazem.

⁴Amarram pesados fardos^f e impõem-nos aos ombros dos homens, ao passo que eles mesmos se negam a movê-los com o dedo. ⁵Fazem todas as suas orações para se fazer notar pelos homens. Alargam as suas filactérias^g e alongam suas franjas^h.

⁶Gostam de ocupar os lugares de honra nos jantares e os primeiros assentos das sinagogas, ⁷de ser saudados nas praças públicas e de se fazer chamar de ‘mestre’ pelos homens. ⁸Quanto a vós, não vos façais chamar de ‘mestre’: porque tendes um só Mestre e sois todos irmãosⁱ.

⁹A ninguém na terra chameis de vosso ‘Pai’: porque só tendes um, o Pai celeste. ¹⁰Tampouco vos façais chamar de ‘doutores’: porque só tendes um Doutor, o Cristo. ¹¹O maior dentre vós será vosso servo; ¹²todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado. ¹³Ai de vós^j, escribas e fariseus hipócritas, vós que trancaís a entrada do Reino para os homens! Vós mesmos, de fato, nele não entraís, e não deixais entrar os que o desejariam! [¹⁴]

¹⁵Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, vós que percorreis mares e continentes para ganhar um só prosélito^k, e, quando o conquistais, o tornais duas vezes mais digno da geena^m do que vós!

20,26,27;
Mc 9,35;
10,43,44;
Lc 9,48;
22,26;
Jô 22,29;
Pr 29,23;
Ez 21,31;
Lc 14,11;
18,14

x. A respeito desta última palavra, cf. Lc 10,27 nota.

y. Lit. *semelhante*. A similitude diz respeito não à identidade, mas à igual natureza e importância dos dois mandamentos, que não são intermutáveis, como se amar o próximo equivallesse a amar a Deus e vice-versa (cf. todavia 25,40 nota).

z. As palavras *como a ti mesmo* significam: é preciso amar o próximo totalmente, de todo o coração. Disso não se deve entender uma recomendação a amar primeiro a si mesmo, para depois ou igualmente amar o próximo.

a. Acerca do conjunto dos vv. 41 a 46, cf. Mc 12,35 nota.

b. Isto é: *à tua mercê* (cf. Sl 110,1).

c. Este v. serve de conclusão às três controvérsias que precedem: (cf. Mc 12,34 e Lc 20,40).

d. No cap. 23, o evangelista reuniu palavras de Jesus úteis à polémica de sua Igreja contra a sinagoga do seu tempo, que era de obediência farisaica. É possível distinguir: um retrato dos escribas e dos fariseus (1-12), lamentações a respeito deles (13-31), duas investivas (32-33) e um anúncio terrível do julgamento a que serão sujeitos os interlocutores de Jesus (34-36).

e. A *cátedra de Moisés*: a autoridade oficial. Jesus reconhece a autoridade dos escribas que, geralmente, pertenciam ao partido dos fariseus.

f. *Fardos*: expressão judaica para designar o conjunto das prescrições legais, cujos guardas eram os escribas (cf. 11,30).

g. *Filactérias*: pequenos estojos que continham uma reprodução de textos essenciais da lei (Ex 13,1-10; 13,11-16; Dt 6,4-9; 11,13-21); os judeus os atavam ao braço esquerdo ou sobre a testa.

h. *Franjas*: cf. 9,20 nota. Todos os judeus as usavam, mas os fariseus lhes exageravam o tamanho, por ostentação.

i. Esses versículos não proibem aos discípulos exercerem um ministério de mestre ou catequista, e sim usurparem uma autoridade que só pertence a Cristo e a Deus.

j. *Ai de vós!* Esta fórmula não exprime tanto uma maldição, quanto uma dor profunda, ou uma indignação que chega às raízes da ameaça profética (cf. 11,21; 18,7; 24,19; 26,24).

k. Certos mss. introduzem aqui um versículo cujo conteúdo lembra Mc 12,40 e Lc 20,47, mas que não se adapta bem neste contexto: *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, vós que devorais os bens das viúvas e fazeis ostentação de longas preces: por causa disso sofrereis a mais rigorosa condenação.*

l. O *prosélito* era um pagão convertido à fé judaica; aqui, à fé judaica de estrita observância farisaica.

m. Lit. *dele fazeis um filho da geena*.

- 15,14; 23,24; Rm 2,19 ¹⁶Ai de vós, guias cegos, vós que dizeis: "Se alguém jura pelo santuário, isso não tem valor; mas se alguém jura pelo ouro do santuário, fica obrigado". ¹⁷Insensatos e cegos! Que é mais importante, o ouro ou o santuário que tornou sagrado esse ouro? ¹⁸Dizeis ainda: "Se alguém jura pelo altar, isso não tem valor, mas se alguém jura pela oferenda depositada sobre ele, fica obrigado". ¹⁹Cegos! Que é que tem mais importância, a oferenda ou o altar que torna sagrada esta oferenda? ²⁰Assim, quem jura pelo altar jura por ele e por tudo o que está sobre ele; ²¹quem jura pelo santuário jura por ele e por Aquele que o habita; ²²quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por Aquele que nele está sentado. ²³Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho, enquanto descuidais o que há de mais grave na Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade; é isto que era preciso fazer, sem omitir aquilo. ²⁴Guias cegos, que filtrais o mosquito e engolis o camelo! ²⁵Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque purificais o exterior da taça e do prato, quando o interior está repleto dos produtos da rapina e da intemperança. ²⁶Fariseu cego! purifica primeiro o interior da taça, para que também o exterior se torne puro. ²⁷Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que sois semelhantes a sepulcros caiados: por fora têm bela aparência, mas por dentro estão cheios de ossadas de mortos e impurezas de toda a espécie. ²⁸O mesmo se dá convosco: por fora ofereceis aos homens a aparência de justos, enquanto por dentro estais repletos de hipocrisia e iniquidade. ²⁹Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que edificais os sepulcros dos profetas e decorais os túmulos dos justos ³⁰e dizeis: "Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices em derramar o sangue dos profetas. ³¹Assim dais testemunho contra vós mesmos: sois filhos daqueles que assassinaram os profetas! ³²Pois bem! Acabai de encher a medida dos vossos pais!" ³³Serpentes, crias de víboras, como poderíeis escapar do castigo da geena? ³⁴Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis, a outros flagelareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade, ³⁵para que recaia sobre vós todo o sangue dos justos derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vós assassinastes entre o santuário e o altar. ³⁶Em verdade, eu vos digo, tudo isto recairá sobre esta geração.
- Lamentação sobre Jerusalém (Lc 13, 34-35). ³⁷"Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como uma galinha reúne seus pintinhos sob as asas, e vós não quísteis! ³⁸Pois bem! Vossa casa será deixada deserta. ³⁹Pois eu vo-lo digo,

n. Os vv. 16 a 22 não criticam o princípio de fazer votos, mas a casuística farisaica que torna hipócrita a sua prática, ao mesmo tempo que orienta a piedade para prescrições secundárias, postergando os mandamentos principais da lei. Tal é o sentido do v. 23.

o. Os fariseus tinham estendido a prática tradicional do dízimo (cf. Dt 14,22) aos produtos mais insignificantes da terra.

p. Lit. a *fé*, no sentido de fidelidade às prescrições fundamentais da lei (cf. Jr 5,1; Rm 3,3; Gl 5,22).

q. *repleto dos produtos* traduz a preposição *ek* (provenientes de).

r. Certos manuscritos acrescentam: *e do prato*.

s. Os túmulos palestinos eram pintados de branco para evitar que fossem tocados de noite e, por isso, as pessoas ficassem obrigadas a ritos de purificação.

t. Parece que os judeus construíam espécies de monumentos

expiatórios em memória dos antepassados notáveis perseguidos pelo povo.

u. Expressão irônica, que provavelmente visa à morte de Jesus.

v. Ao evocar essas três categorias de chefes espirituais judeus (cf. Jr 18,18), Jesus alude a seus próprios enviados.

w. Esses dois homicídios são o primeiro e o último mencionados pela Bíblia hebraica, provavelmente usada por Jesus. Na realidade, Zacarias era filho de Joiadã (2Cr 24,20-22). Foi assassinado no santuário, estando ainda fora da área de proteção do altar.

x. Cf. 10,23 nota.

y. Esta exclamação parece implicar diversas vindas de Jesus a Jerusalém durante o seu ministério, como afirma o quarto evangelho.

z. Alguns manuscritos omitem a palavra *deserta* (cf. Jr 12,7) O sentido é o mesmo (Jr 22,5).

doravante não me vereis mais, até que digais: *Bendito seja em nome do Senhor aquele que vem*"^a.

Mc 11,10;
Lc 19,38

24 Anúncio da destruição do Templo (Mc 13,1-4; Lc 21,5-7).

¹Jesus saíra do Templo e estava indo embora. Seus discípulos adiantaram-se, a fim de chamar-lhe a atenção para as construções do Templo^b. ²Tomando a palavra, ele lhes disse: "Estais vendo tudo isso, não é? Em verdade eu vos declaro, aqui não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído". ³Estando ele assentado, no monte das Oliveiras, os discípulos adiantaram-se para ele, à parte, e lhe disseram: "Dize-nos quando isto acontecerá e qual será o sinal da tua vinda^c e do fim do mundo^d!"

Lc 19,44

13,39.40.49
28,20

O começo das dores (Mc 13,5-13; Lc 21,8-19). ⁴Jesus respondeu-lhes: "Tomai cuidado para que ninguém vos induza em erro". ⁵Pois muitos virão assumindo o meu nome; eles dirão: 'O Messias sou eu', e induzirão em erro muita gente. ⁶Ouvireis falar de guerras e rumores de guerras.

Jo 5,43

Ficai atentos! Não vos alarmeis: *é preciso que isto aconteça*^d, mas ainda não é o fim. ⁷Pois, levantar-se-ão nação contra nação e reino contra reino; haverá em diversos lugares fomes e terremotos^e. ⁸E tudo isso será o começo das dores do parto^h. ⁹Então, entregar-vos-ão à afliçãoⁱ, matar-vos-ão, sereis odiados por todos os pagãos por causa do meu nome; ¹⁰e então muitos sucumbirão^j; entregar-se-ão uns aos outros, odiar-se-ão entre si. ¹¹Surgirá uma multidão de falsos profetas^k e induzirão em erro muitos homens. ¹²Devido à crescente iniquidade, o amor esfriará na maioria; ¹³mas quem perseverar até o fim, este será salvo. ¹⁴Esta Boa Nova do Reino será proclamada no mundo inteiro^l; todos os pagãos terão nisto um testemunho. E então virá o fim^m.

10,17.23
Jo 16,2
10,22;
Jo 15,18

10,22

28,19

10,18

A grande tribulação (Mc 13,14-23; Lc 21,20-24).

¹⁵"Quando, pois, virdes *instalado no lugar santo o Abominável Devastador*ⁿ, de quem falou o profeta Daniel — que o leitor compreenda^o! —, ¹⁶então, aqueles que estiverem na Judéia^p fujam para as montanhas; ¹⁷quem estiver no

1Mc 1,54;
6,7

a. Aclamação messiânica tirada do SI 118,26 (cf. Mt 21,9 nota). Alusão, quer à paixão de Jesus e ao fim do seu ministério público, quer à sua morte e ao seu regresso glorioso.

b. O novo Templo de Jerusalém, que seria inaugurado em 60, estava então em vias de acabamento (cf. Jo 2,20).

c. Lit. *da tua palavra*. Esta palavra designa a vinda do Filho do Homem no fim deste mundo; o mesmo termo encontra-se em Mt 24,27.37.39; 1Cor 15,23; 1Ts 2,19 etc.

d. A questão dos sinais do fim deste mundo era clássica no judaísmo do tempo de Jesus. Três temas estão intimamente associados neste capítulo: a destruição de Jerusalém, o fim deste mundo e a vinda gloriosa do Filho do Homem. Jesus previne contra a preocupação dos sinais precursores e inculca a vigilância na espera do Filho do Homem que vem (24,30).

e. Este verbo, que também se pode traduzir por *seduzir* ou *induzir em erro*, pertence à terminologia apocalíptica judaica. Faz alusão a *seduções* (messiânicas: Mt 24,5.11.24, diabólicas ou políticas: Ap 2,20; 12,9; 13,14 e doutrinais: 1Jo 1,8; 2,26; 3,7).

f. Cf. Dn 2,28. Esta necessidade (*é preciso...*) não depende de nenhuma fatalidade, nem de empreendimentos humanos, mas do desígnio de Deus.

g. Temas apocalípticos tradicionais (cf. 2Cr 15,6; Is 19,2-6.17).

h. Ao adotar a imagem das *dores do parto* do AT (Is 13,8; Os 13,13 etc.), Jesus ressaltava o caráter inelutável do que deve acontecer. Suas palavras podem ser compreendidas mais precisamente, quer referindo-se ao início das dores, que ainda não são o fim (é o sentido aqui, provavelmente), quer ao começo do fim, então apresentado como iminente.

i. Essas *aflições* ou tribulações, características dos últimos tempos, designam aqui perseguições (cf. Mt 13,21), antes que sofrimentos pessoais em prol do Evangelho (2Cor 1,4; 2,4; 6,4) ou acontecimentos políticos ou cósmicos (Ap 7,14).

j. Lit. *serão escandalizados* (cf. 5,29 nota).

k. Mt compraz-se em frisar a atividade dos *falsos profetas* que, desde o fim do séc. I, perturbava profundamente a Igreja (Mt 7,15; 24,24; cf. 1Jo 4,1).

l. Lit. *em toda a terra habitada* (cf. Rm 10,18). A pregação do Evangelho às nações pagãs é apresentada aqui como razão de ser e cumprimento da história.

m. Isto é, o fim da economia atual e a instauração definitiva do reino de Deus. Mesma palavra com mesmo sentido: 10,22; 24,6.13.

n. Lit. *abominação da desolação*. Em Dn 9,27; 11,31; 12,11, esta expressão alude à profanação do Templo de Jerusalém por Antíoco Epifanes em 167 a.C. No tempo da Igreja, designa quer o diabo, que o Anticristo, quer as traições e apostasias que caracterizarão os últimos dias.

o. Ao sublinhar a importância das palavras que precedem, este inciso mostra que o intento desta passagem não é tanto descrever acontecimentos compreensíveis a todos, mas informar os crentes sobre um porvir que só a fé pode esperar.

p. Possível alusão, não a judeus contemporâneos da tomada de Jerusalém em 70, nem a judeus moradores da Judéia por ocasião da vinda do Filho do Homem, mas a discípulos de Jesus, isto é, cristãos no momento do juízo final. O termo Judéia assumiria então um significado simbólico: nem sequer a terra da promessa (a Igreja?) poderá escapar ao julgamento.

Lc 17,31 terraço do teto não desça para levar o que tem em casa; ¹⁶quem estiver no campo não volte atrás, a fim de pegar seu manto. ¹⁹Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! ²⁰Orai para que não tenhais de fugir no inverno, nem num dia de sábado. ²¹De fato, haverá então uma grande aflição, tal como não houve desde o começo do mundo até agora e nunca mais haverá. ²²E se esses dias não fossem abreviados, ninguém teria a vida salva; mas por causa dos eleitos, esses dias serão abreviados. ²³Então, se alguém vos disser: 'O Messias está aqui!' ou então 'Ele está ali!', não deis crédito. ²⁴De fato, levantar-se-ão falsos messias e falsos profetas e produzirão sinais formidáveis e prodígios, a ponto de induzir em erro, se fosse possível, até os eleitos. ²⁵Eis que vos preveni!

A vinda do Filho do Homem (Mc 13, 24-31; Lc 17,23-24; 21,25-31). ²⁶Se pois vos disserem: 'Ei-lo no deserto', não vades para lá. 'Ei-lo em lugares retirados!', não deis crédito. ²⁷De fato, assim como o relâmpago parte do oriente e brilha até o ocidente, assim sucederá na vinda do Filho do Homem. ²⁸Onde quer que esteja o cadáver, ali se reunirão os abutres. ²⁹Logo depois da tribulação

desses dias, o sol escurecerá, a lua não mais brilhará, as estrelas cairão do céu e as potências celestes serão abaladas. ³⁰Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; então, todas as tribos da terra baterão no peito; e elas verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu na plenitude do poder e da glória. ³¹E ele enviará seus anjos com a grande trombeta, e, dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus à outra, eles reunirão seus eleitos. ³²Compreendei esta comparação tomada da figueira: mal os seus ramos ficam tenros e suas folhas começam a brotar, reconheceis que o verão está próximo. ³³Assim também vós, quando virdes tudo isto, sabei que o Filho do Homem está próximo, às vossas portas. ³⁴Em verdade, eu vos digo: esta geração não passará sem que tudo isto aconteça. ³⁵O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.

Ninguém conhece o dia: vigiai! (Mc 13,32-35; Lc 17,26-27.34-35; 12,39-40).

³⁶Mas este dia e esta hora, ninguém os conhece, nem os anjos do céu, nem o Filho, ninguém senão o Pai, e só ele. ³⁷Tal como foram os dias de Noé, assim será a vinda do Filho do Homem; ³⁸pois assim como, naqueles dias antes do dilú-

q. Esta menção ao sábado, própria de Mt, inclina a situar esta instrução num ambiente judeu-cristão.

r. Cf. Dn 12,1.

s. Lit. nenhuma carne será salva.

t. Tema apocalíptico judeu (*Livro de Henoc*): a tribulação final será abreviada, quer para que os eleitos possam ser atingidos pela missão (cf. v. 14), quer para que eles escapem à destruição total; outra interpretação mais plausível: por causa dos eleitos, a humanidade inteira será poupada. Esses eleitos são os cristãos espalhados no mundo inteiro (Mc 13,27), não só os judeus convertidos ao cristianismo.

u. De fato, parece que, naqueles tempos conturbados, não faltaram falsos cristos ou falsos messias (cf. At 5,36; Teudas; no fim da segunda guerra judaica, em 135, Bar Kokbá foi declarado messias pelo chefe da sinagoga, Rabi Aqibá).

v. Sobre este provérbio, cf. Lc 17,37 nota. Os vv. 27 e 28 exprimem a mesma idéia: quando o Filho do Homem vier na realidade, esta vinda não deixará dúvida alguma; não há, portanto, por que inquietar-se, tentando prever o momento e as condições desta vinda!

w. Cf. Is 13,10 e 34,4. Os poderes dos céus designam os astros e as forças celestes. No judaísmo do tempo de Jesus, essas

expressões fazem parte de coleções tradicionais de textos que serviam para fazer pressentir o caráter cósmico e decisivo da derradeira intervenção de Deus na história.

x. Este sinal é provavelmente o próprio Filho do Homem.

y. A expressão provém de Dn 7,13-14 e é repetida em Mt 26,64. É desta maneira que o AT apresenta muitas vezes as vindas de Deus ou teofanias (Ex 19,16; 34,5; Ez 1,4; 10,3-4 etc.).

z. De acordo com uma engenhosa combinação de textos do AT (Dt 30,4; Zc 2,10(6); cf. Ne 1,9; Ez 37,9), aliás já presente em Mc 13,27, a reunião dos eleitos far-se-á sobre a terra inteira; esta nota universalista, tão do feitio de Mt, diverge do particularismo em voga dentro de certas correntes do judaísmo nos tempos de Jesus, p. ex. entre os essênios.

a. Lit. ele, isto é, o Filho do Homem ou o sinal do Filho do Homem (cf. v. 30 nota) ou então o estabelecimento definitivo do Reino de Deus.

b. Isto é, às portas da cidade, como um rei que entra em sua cidade para nela estabelecer a sua autoridade legítima, por certo tempo menosprezada.

c. A respeito deste v. cf. Mc 13,30 nota.

d. Acerca destas últimas palavras, cf. Mc 13,32 nota. Mt vai mais longe do que Mc, acrescentando a palavra só.

vio, comia-se e bebia-se, casava-se e dava-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, ³⁹e de nada se suspeitava até que veio o dilúvio que os levou a todos, tal será a vinda do Filho do Homem. ⁴⁰Então, dois homens estarão no campo: um será tomado, o outro será deixado; ⁴¹duas mulheres a moer na mó: uma será tomada, a outra será deixada. ⁴²Vigiai, pois, porque não sabeis o dia em que vosso Senhor virá. ⁴³Vós bem sabeis: se o dono da casa soubesse em que momento da noite ia chegar o ladrão, vigiaria e não deixaria arrombar a parede de sua casa^f. ⁴⁴Eis por que, também vós, estai preparados, pois numa hora que não pensais é que vem o Filho do Homem.

O servo fiel (Lc 12,42-46). ⁴⁵Qual é, pois, o servo fiel e prudente que o senhor constitui sobre a criadagem de sua casa para lhes dar o alimento no tempo oportuno? ⁴⁶Feliz deste servo, que o seu senhor, ao chegar, encontrar ocupado em tal serviço. ⁴⁷Em verdade, eu vos digo: ⁴⁸ele o constituirá sobre todos os seus bens. ⁴⁹Mas o servo mau, se ele disser em seu coração: 'O meu senhor tarda', ⁵⁰e se puser a espancar os companheiros de serviço, a comer e beber com os ébrios, ⁵¹o senhor deste servo chegará num dia em que ele não espera e numa hora que ele desconhece. ⁵²expulsá-lo-á^g e o fará partilhar da sorte dos hipócritas^h: lá haverá choro e ranger de dentes.

8,12;
13,42,50;
22,13; 24,51;
25,30;
Lc 13,28

e. Ao transformar o *senhor da casa* (Mc 13,35) em *vosso Senhor*, Mt alegoriza a parábola original (cf. também Mt 25,13 nota).

f. Cf. Mt 6,19 nota.

g. Lit. e o *partirá ao meio*: possível alusão a um suplício do AT (Dn 13,55-59; etc.), mais provavelmente porém, termo técnico, atestado nos escritos de Qumran, para designar a excomunhão ou sujeição à quarentena.

h. Cf. 6,2 nota.

i. Como a precedente, esta parábola centraliza-se na demora do Senhor (24,48; 25,5); mas em vez de fixar a atenção na má-conduta dos servos, focaliza a obrigação de estar *preparado* (24,44; 25,10), quando ressoar o grito que anuncia a chegada do esposo. As virgens, ou são *prudentes* ou *insensatas*, como aqueles que constroem sobre a rocha ou sobre a areia (7,24-27).

25 As dez virgens. ¹“Então o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que tomaram suas lâmpadas e saíram ao encontro do esposo”. ²Cinco delas eram insensatas e cinco, prudentes. ³Ao tomarem suas lâmpadas, as insensatas não tinham levado azeite; ⁴quanto às prudentes, elas tinham levado, junto com as lâmpadas, azeite em frascos. ⁵Como tardasse o esposo, todas elas sentiram sono e adormeceram. ⁶No meio da noite, ressoou um grito: ‘Eis o esposo! Sai ao seu encontro’. ⁷Então, todas essas moças despertaram e aparelharam suas lâmpadas. ⁸As insensatas disseram às prudentes: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque nossas lâmpadas se apagam’. ⁹As prudentes responderam: ‘De modo algum! Não haveria bastante para nós e para vós! Ide antes à casa dos fornecedores e comprei o para vós’. ¹⁰Enquanto elas iam comprá-lo, o esposo chegou; as que estavam entraram com ele na sala do festim nupcial, e a porta foi fechada. ¹¹Finalmente chegaram por sua vez as outras virgens, e dizem: ‘Senhor, senhor, abre-nos!’ ¹²Mas ele respondeu: “Em verdade, eu vos declaro: não vos conheço”. ¹³Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora^k.

Lc 12,35,36

Ap 19,7,9

Lc 13,25,27

Mc 13,35;

Lc 12,40

Os talentos (Lc 19,12-27). ¹⁴“De fato, sucede como com um homem que, ao partir em viagem, chamou os seus servos e lhes confiou seus bens”. ¹⁵A um entregou cinco talentos^m, a outro, dois, a outro, um só, a cada um de acordo com

j. Mesma conclusão em 7,23 e em Lc 13,25-27.

k. Se a palavra de ordem de vigilância significa *não dormir*, esta parábola pode ter sido acrescentada à parábola original: de fato, todas as virgens adormeceram (25,5). Mas a recomendação pode significar *só estar preparado* (cf. 24,42,44).

l. Ao descrever o procedimento dos bons e dos maus servos, esta parábola tem conexão com a do servo fiel (24,45-51); todavia, a fidelidade exigida não consiste simplesmente em estar pronto ou em ter um procedimento correto por ocasião de um atraso — que aqui já não é mencionado —, mas em fazer frutificar os *talentos* confiados, na medida do seu valor. Destarte, esta parábola relaciona-se mais estreitamente com o ensinamento que segue (25,31-46). Lc 19,12-27 refere a parábola das minas, cuja fonte poderia ser um texto aparentado com o presente.

m. O *talento* valia cerca de seis mil francos-ouro (= ca. de 2kg de ouro). * [Trata-se da moeda, não do peso chamado talento.]

suas capacidades; depois, partiu. Sem demora, ¹⁶aquele que recebera os cinco talentos foi fazê-los render e ganhou outros cinco. ¹⁷Da mesma sorte, o dos dois talentos ganhou mais dois. ¹⁸Mas aquele que só recebeu um, foi cavar um buraco na terra e escondeu nele o dinheiro do seu senhor. ¹⁹Muito tempo depois, chegou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. ²⁰Aquele que recebera os cinco talentos adiantou-se e apresentou mais cinco, dizendo: 'Senhor, confias-te-me cinco talentos; eis mais cinco talentos que eu ganhei'. ²¹Seu senhor lhe disse: 'Está bem, servo bom e fiel, foste fiel em pouca coisa, constituir-te-ei sobre muito; vem alegrar-te com teu senhor'. ²²O dos dois talentos adiantou-se por sua vez e disse: 'Senhor, confias-te-me dois talentos; eis mais dois talentos que eu ganhei'. ²³Seu senhor lhe disse: 'Está bem, servo bom e fiel, foste fiel em pouca coisa, constituir-te-ei sobre muito; vem alegrar-te com teu senhor'. ²⁴Adiantando-se, por sua vez, aquele que recebera um só talento, disse: 'Senhor, eu sabia que és homem rigoroso: colhes onde não semeaste, ajuntas o que não espalhaste; ²⁵amedrontado, fui esconder o teu talento na terra: ei-lo, aqui tens o que é teu'. ²⁶Mas seu senhor lhe respondeu: 'Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu colho onde não semeei e ajunto onde tão espalhei. ²⁷Por isso devias ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros: à minha volta, eu teria recuperado com juros o que é meu. ²⁸Tirai-lhe, pois, o

seu talento e dai-o àquele que tem os dez talentos. ²⁹Pois a todo o homem que tem será dado, e estará na superabundância'; mas àquele que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado. ³⁰Quanto a este servo impréstável, lançai-o nas trevas exteriores: lá haverá choro e ranger de dentes'.

O Juízo. ³¹Quando o Filho do Homem vier em sua glória acompanhado de todos os anjos, então ele se assentará em seu trono de glória. ³²Diante dele serão reunidas todas as nações, e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos'. ³³Ele colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos do meu Pai, recebei em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo. ³⁵Porque eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes; ³⁶estava nu, e me vestistes; doente, e me visitastes; na prisão, e viestes a mim'. ³⁷Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando é que nos sucedeu ver-te com fome e alimentar-te, com sede e dar-te de beber? ³⁸Quando nos sucedeu ver-te estrangeiro e acolher-te, nu e vestir-te? ³⁹Quando é que nos sucedeu ver-te doente ou na prisão e irmos a ti? ⁴⁰E o rei lhes responderá: 'Em verdade eu vos declaro, todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes'. ⁴¹Então ele dirá aos que esti-

Dt 33,2gr.
Ap 3,21;
20,11
Zc 14,5;
Jd 14-15
Ez 34,17
Lc 12,32

Lc 22,30

Is 58,7

Pr 19,17;
Mc 9,41;

n. Lit. *entra na alegria do teu senhor*. Note-se o paradoxo que qualifica de *pouca coisa* a soma enorme que foi confiada.

o. Para justificar a decisão do v. 28, Jesus, valendo-se de um provérbio (cf. Mt 13,12; Mc 4,25; Lc 8,18), mostra, simultaneamente, o rigor do julgamento e a inesgotável prodigalidade de Deus. p. Cf. 8,12 nota.

q. Este texto não é uma parábola, mas uma descrição profética do juízo final. O Filho do Homem chega na sua glória (16,27; 19,28), como um rei, para julgar todos os povos e sancionar seu procedimento, conforme as obras de misericórdia que tiverem praticado para com as pessoas necessitadas. Então, ele lhes revela que seus gestos tinham um sentido profundo ignorado por ele. Coroando os ensinamentos dos caps. 24-25, Jesus estende a todos os homens o que antes só dissera dos discípulos (10,40; 18,5): ele se identifica com todos os necessitados, que

são seus irmãos. Outros vêem, nos "mais pequenos", discípulos oprimidos de Jesus, que teriam sido socorridos por pagãos.

r. Tal é o sentido da palavra grega (cf. Ex 12,5; Lv 1,10; Lc 15,29).

s. Os atos louvados por Jesus correspondem às obras de piedade preconizadas pelo judaísmo e pelo NT: alimentar os esmoeados (10,42; Lc 3,11; 14,12-14; At 6,1-3; Rm 12,20; 1Cor 11,33); exercer a hospitalidade (10,40-42; Rm 12,13; Cl 4,10; 1Pd 4,9; Hb 13,2; cf. Mt 10,14; Lc 9,53-54); vestir as pessoas necessitadas (Lc 3,11; At 9,36-39; Tg 2,15-16); visitar os doentes (Lc 10,33-35; Tg 5,14). Divergindo do judaísmo, Jesus não fala da educação dos órfãos, nem do sepultamento dos mortos (cf. 26,10 nota s), mas menciona em acréscimo a visita aos prisioneiros (cf. 2Tm 1,16-18; Hb 13,3).

t. Veja-se em 10,42 um ensinamento análogo, que só visa aos discípulos, aos *pequenos* (cf. aqui, referindo-se a todos os ho-

verem à sua esquerda: 'Retirai-vos para longe de mim, malditos, para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e para seus anjos. ⁴²Pois eu tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; ⁴³eu era estrangeiro e não me acolhestes; estava nu e não me vestistes; doente e na prisão, e não me visitastes'. ⁴⁴Então eles também responderão: 'Senhor, quando é que nos sucedeu vcr-te com fome ou com sede, estrangeiro ou nu, doente ou na prisão sem ir dar-te assistência?' ⁴⁵Então ele lhes responderá: 'Em verdade eu vos declaro, cada vez que não o fizestes a um destes mais pequenos, a mim também não o fizestes'. ⁴⁶E irão estes para o castigo eterno, mas os justos irão para a vida eterna."

26 Conspiração contra Jesus (Mc 14,1-2; Lc 22,1-2; Jo 11,47-49,53).

'Ora', quando Jesus terminou todas essas instruções, disse a seus discípulos: "Vós sabeis que, daqui a dois dias, será a Páscoa": ²o Filho do Homem vai ser entregue^a para ser crucificado". ³Então

os sumos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no palácio do Sumo Sacerdote, que se chamava Caifás⁴. ⁵Eles concordaram em prender Jesus, por um ardid, e matá-lo. ⁶Contudo, diziam: "Não durante a festa", para evitar tumultos no meio do povo".

A unção em Betânia (Mc 14,3-9; Jo 12,1-8). ⁶Jesus se encontrava em Betânia, em casa de Simão, o leproso⁷. ⁸Uma mulher aproximou-se dele, com um frasco de alabastro que continha um perfume de alto preço: ela o derramou sobre a cabeça de Jesus enquanto estava à mesa⁸. ⁹Ao verem aquilo, os discípulos se indignaram: "A troca de que, diziam, este desperdício? ¹⁰Poderia ter sido vendido bem caro, e o montante ser dado aos pobres". ¹¹Percebendo isto, Jesus lhes disse: "Por que molestar esta mulher? É uma boa obra^d que ela acaba de praticar para comigo. ¹²De fato, os pobres sempre os tendes^e convosco; a mim, porém, não me tendes sempre^f. ¹³Ao derramar este perfume sobre o meu corpo, ela o

Ex 12,1-27;
20,18,19;
27,26;
Mc 15,15;
Lc 24,7,20;
Jo 19,16

mens, o superlativo os "mais pequenos"). A expressão na *qualidade de discípulo* (10,42) é substituída aqui por *que são meus irmãos*, não para restringir unicamente aos discípulos a qualidade de irmão (não repetida em 25,45), mas para anunciar a relação que une Jesus a qualquer homem necessitado. Finalmente, o demonstrativo estes, expletivo em 25,40, tem um valor real em 10,42, onde ele remete aos versículos precedentes.

u. Lit. *e sucedeu, quando...* (cf. 7,28; 11,1; 13,53; 19,1).

v. Lit. *estas palavras* (plural de *logos*), agrupadas pelo evangelista com uma finalidade prática (cf. Mt 7,28 nota).

w. Jesus já não se retrai diante da ameaça (cf. 12,15; 14,13), mas enfrenta o seu destino, que prediz em estilo direto e ao qual dá um sentido, associando-o à festa pascal (cf. Mc 14,1 nota).

x. O verbo agora está no presente, e já não no futuro, como nos primeiros anúncios da Paixão (17,22; 20,18): a Paixão começa com esta palavra de Jesus. Poderia traduzir-se: *Sabei que...* e assim marcar o vínculo entre a Páscoa e a crucificação. O verbo *entregar*, comumente empregado com sentido pejorativo (4,12; 5,25; 10,17,19), está no passivo para falar da paixão de Jesus (17,22; 20,18): esta formulação arcaica sugere ser Deus quem entrega aos homens o seu Filho (Rm 4,25; 1Cor 11,23); mais adiante, acentuar-se-á que Jesus se entrega a si mesmo para nos salvar (Gl 2,20; Ef 5,2).

y. Transição sem valor cronológico, mas de alcance teológico (cf. SI 31,14). O conselho dos judeus corresponde provavelmente ao que Jo 11,47-53 situa mais de uma semana antes da Páscoa.

z. Como Jo 11,49; 18,14, Mt põe em relevo o papel desempenhado por Caifás, genro de Anás (Lc 3,2; Jo 18,13). *Sumo Sacerdote*, isto é, chefe supremo do sacerdócio judeu e presidente

do Sinédrio, de 18 a 36 d.C. Mt associa, da mesma forma, os *anciãos do povo* aos sumos sacerdotes, isto é, a certos membros do Sinédrio que exercem as funções mais elevadas na casta sacerdotal (At 4,6). Note-se que os fariseus não aparecem no decurso da narrativa da Paixão.

a. Ou *durante o tempo da festa*, ou *no meio da multidão em festa*. Como a detenção se realizou na época da festa, pode-se preferir o segundo sentido.

b. Assim como Mc, Mt situa dentro do relato da Paixão a cena que, conforme Jo 12,1-8, se verificou seis dias antes da Páscoa. Graças a esta inserção, Mt não só descreve a conspiração (cf. 26,16; Lc 22,1-6), mas apresenta Jesus dominando a situação e seguro do futuro do Evangelho (26,12-13). Acerca de *Simão*, cf. Mc 14,3 nota.

c. Lit. *reclinado à mesa* (cf. Mc 14,3 nota). A narrativa de Mt é mais simples que a de Mc. Ele não menciona o nome do perfume nem a fratura do frasco.

d. O sepultamento consta do rol das obras de misericórdia recomendadas pelo judaísmo tardio (cf. *Tb* 1,17,19; At 9,36). Conforme os rabinos, estas obras exigem, ao contrário da esmola, um empenho pessoal e concernem não só aos pobres e aos vivos, mas também aos ricos e aos mortos (cf. Mt 25,35-44 e nota; Mc 15,42-47; At 8,2).

e. Os verbos gregos estão no presente, com um cunho de inacabado, que sugere a perpetuidade.

f. Jesus lembra a clássica doutrina judaica, que antepunha as *boas obras* à esmola: no caso presente, trata-se de uma unção que, mais tarde, não poderá ser efetuada. Aqui ele não enuncia nenhum princípio sobre a situação dos pobres em relação a ele.

fez para o meu sepultamento. ¹³Em verdade, eu vos digo: onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho^a, no mundo inteiro^b, referir-se-á também, em sua memória, o que ela fez^c.

Traição de Judas (Mc 14,10-11; Lc 22,3-6). ¹⁴Então um dos Doze, que se chamava Judas Iscariotes^d, foi ter com os sumos sacerdotes ¹⁵e lhes disse: "Quanto me quereis dar? e eu vo-lo entregarei!" *Eles lhe fixaram trinta moedas de prata^e.* ¹⁶Desde aquele momento, ele procurava uma ocasião oportuna para entregá-lo^f.

Jo 11,57

Preparativos para a ceia pascal (Mc 14,12-16; Lc 22,7-13). ¹⁷No primeiro dia dos Pães sem fermento^g, os discípulos vieram dizer a Jesus: "Onde queres que preparemos para ti a refeição da Páscoa?" ¹⁸Ele disse: "Ide à cidade, em casa de fulano e dizei-lhe: 'O Mestre diz: O meu tempo está próximo'; é em tua casa que eu celebro a Páscoa com os meus discípulos'". ¹⁹Os discípulos fizeram como Jesus lhes prescrevera e prepararam a Páscoa.

Ex 12,14-20

Anúncio da traição^o (Mc 14,17-21; Lc 22,14; Jo 13,21-30). ²⁰Depois do anoitecer, ele estava à mesa com os Doze. ²¹Enquanto comiam, disse: "Em verdade, eu vos digo, um de vós me vai entregar". ²²Profundamente contristados, cada um deles pôs-se a dizer-lhe: "Seria eu, Senhor?" ²³Em resposta, ele disse: "O que pôs comigo a mão no prato^h, este é que me vai entregar. ²⁴O Filho do Homem parte, conforme está escrito a seu respeito; mas ai do homemⁱ por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor fora para este homem não ter nascido!" ²⁵Judas, que o entregava, tomou a palavra e disse: "Seria eu, rabi?" Ele lhe responde: "Tu o disseste!"

Sl 22.
7,8,16,18;
Is 53,9

A última ceia. Instituição da Eucaristia (Mc 14,22-25; Lc 22,15-20; 1Cor 11,23-26). ²⁶Durante a refeição^j, Jesus tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, ele o partiu; depois, dando-o aos discípulos, disse: "Tomai, comei, isto é o meu corpo". ²⁷A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu-a a eles, dizendo: "Bebi dela todos,

14,19;
15,36;
Mc 6,41; 8,6;
Lc 9,16

g. Evangelho. Cf. Mc 1,1 nota.

h. Cf. Mt 24,14 nota.

i. Iscariotes (cf. Mt 10,4 nota).

j. Lit. *eles lhe pesaram*. As *moedas de prata* não significam trinta denários (o denário era o salário cotidiano; cf. 20,2), mas cerca de cento e vinte francos-ouro (= 40g de ouro). Segundo Ex 21,32, esta quantia era fixada pela lei como preço de um escravo. O Bom Pastor é entregue por uma paga irrisória (Zc 11,12).

k. Entregar (cf. Mt 26,2 nota).

l. Fermento (cf. Mc 14,12 nota). O primeiro dos sete dias em que se comiam os *ázimos*, ou seja, conforme os sinóticos, 15 de nisan. m. *Páscoa*: este termo designa simultaneamente: 1) no contexto histórico do relato, a festa judaica da Páscoa; 2) a Páscoa cristã vivida pelo leitor cristão; e 3) através desta, a Páscoa única, que Jesus celebra. Os estudiosos levam em conta diversas possibilidades: 1) Jesus teria celebrado a refeição de acordo com o rito pascal judaico, e é o que parecem demonstrar os sinóticos; mas os dados de Jo o contradizem, pois, segundo eles, os judeus celebraram a refeição pascal à tarde de sexta-feira (Jo 18,28; 19,14,31,42). 2) Jesus teria celebrado a Páscoa conforme um calendário não-oficial, e sua morte teria então coincidido com a imolação dos cordeiros no Templo (Jo 19,36). 3) Pela dificuldade de antecipar o rito judaico, Jesus teria instituído a Eucaristia durante uma refeição de despedida: se cumpriu o rito judaico, não foi por um rito distinto, mas pelo ato de sua morte sacrificial. Neste caso, é preciso supor que os evangelistas projetaram a sua fé pascal sobre a festa da Páscoa judaica. Em qualquer hipótese, a última refeição de Jesus efetuou-se no ambiente da Páscoa judaica.

n. Fórmula teológica a evocar o desígnio de Deus, que se realiza em *tempos* determinados (cf. 8,29); é o tempo da morte e glorificação de Jesus, que Jo exprime com o vocábulo *hora* (Jo 7,30; 13,1). Diversamente de Mc, não interessam a Mt os pormenores (escolha de mensageiros especiais, estado do cenáculo, descrição do proprietário). Nada o desvia da perspectiva cristológica (cf. 26,2).

o. A narrativa progride em três etapas. Jesus anuncia a traição (21-22); o círculo se estreita (23-24); Judas se revela (25). Com isto, Aquele que sabe para onde vai designa o traidor.

p. *O que... no prato*: isto é, um homem que, aparentemente, vive da comunhão simbolizada pelo prato repartido, mas está resolvido a trair (quanto ao referido costume e ao Sl 41,10, não citado por Mt, cf. Mc 14,20 nota).

q. Lit. *este homem*. Em português, *este* acentua excessivamente a designação; o acento está antes na oposição entre *homem* e *Filho do Homem*. Jesus constata a situação infeliz de Judas (cf. 23,13 nota); ele nem o maldiz, nem o condena.

r. Tratamento que Mt só usa na boca dos adversários de Jesus (23,7; 23,8; 26,49). O v. inteiro é próprio de Mt.

s. Ao inserir no relato da Paixão uma tradição de forma e origem litúrgicas, Mt entende mostrar como Jesus compreendeu sua morte. Em virtude de sua forma litúrgica, este relato convida a reiterar o gesto de Jesus na Ceia. Assim é atualizada a morte de Jesus na cruz e antecipado o banquete escatológico.

t. *Corpo*. Em virtude das palavras *tomai, comei*, este vocábulo não pode ser reduzido a uma simples comparação (assim como o pão é partido, assim também o será o meu corpo). Por outra

Ex 24,8; 28pois isto é o meu sangue, o sangue da
Jr 31,31; Aliança, derramado em prol da multidão.
Zc 9,11; para o perdão dos pecados". 29Eu vos
Hb 9,20 digo: doravante não beberei deste fruto
da videira até o dia^a em que o beber, de
novo, convosco no Reino do meu Pai^m.

Anúncio da negação de Pedro (Mc 14,26-31; Lc 22,33-34,39; Jo 13,37-38).

30Depois de terem cantado os salmos^a, saíram para ir ao monte das Oliveiras.

31Então Jesus lhes disse: "Esta noite mesmo, todos vós caireis por causa de mim^y. De fato, está escrito: *Eu ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas*. 32Mas, depois de ressuscitado, eu vos precederei na Galiléia". 33Tomando a palavra, Pedro lhe disse: "Se todos caírem por causa de ti, eu jamais cairei".

34Jesus lhe disse: "Em verdade, eu te digo: nesta mesma noite, antes que o galo cante, ter-me-ás negado três vezes". 35Pedro disse-lhe: "Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, não, eu não te negarei". E todos os discípulos disseram o mesmo.

No Getsêmani (Mc 14,32-42; Lc 22,40-46). 36Então Jesus chega com eles a uma

propriedade chamada Getsêmani e diz aos Jo 18,1
discípulos: "Ficai aqui enquanto eu vou ali rezar^m". 37Levando consigo Pedro e os 17,1;
dois filhos de Zebedeu, ele começou a Mc 5,37;
sentir tristeza e angústia. 38Disse-lhes 14,33;
então: "Minha alma está triste a ponto Lc 8,51;
de morrer^b. Permanecei aqui e vigiai co- 9,28
migo". 39E indo um pouco mais longe e Hb 5,7,8
caindo de rosto em terra^a, ele orava, di-
zendo: "Meu Pai, se é possível, esta taça
passe longe de mim! Todavia, não como
eu quero, mas como tu queres!". 40Ele vem
para junto dos discípulos e os encontra a
dormir; diz a Pedro: "Então, não tivestes
força para vigiar nem uma hora comigo!
41Vigiai e orai, a fim de não cairdes em
poder da tentação. O espírito está cheio
de ardor, mas a carne é fraca^b". 42De novo,
pela segunda vez, ele se afastou e orou
dizendo: "Meu Pai, se esta taça não pode
passar sem que eu a beba, faça-se a tua
vontade^c!". 43A seguir veio de novo e os
encontrou a dormir, pois tinham os olhos
entorpecidos. 44Ele os deixou, afastou-se
de novo, e orou pela terceira vez, repe-
tindo as mesmas palavras. 45Então ele se
dirige aos discípulos e lhes diz: "Conti-
nuai a dormir e descansai! Eis que se
aproxima a hora em que o Filho do

Zc 13,7
(Mt 26,56;
Jo 16,32)

26,69-75;
Mc 14,66-72;
Lc 22,56-62;
Jo 18,25-27

Jo 11,16

6,13;
Lc 11,4

6,10

2Cor 12,8

Jo 12,23;
13,1; 17,1

parte, o verbo *é* (sem correspondente habitual no jargão semítico subjacente) não basta para estabelecer a identidade do pão com o corpo. Para definir a natureza desta identidade, é preciso relacionar as palavras atinentes ao pão e ao vinho com Aquele que as pronunciou e com a refeição em que elas desdobram o seu sentido; é preciso, outrossim, notar a atmosfera pascal desta refeição (cf. o *sangue da aliança*) e seu alcance sacrificial (sangue oferecido em prol da multidão).

u. Ao derramar seu sangue na cruz, Jesus dá o remate à Aliança que outrora havia sido selada no Sinai com o sangue das vítimas (Ex 24,4-8); implicitamente, proclama também o cumprimento da nova Aliança predita pelos profetas (Jr 31,31-34) e apregoa o valor universal do seu sacrifício *pela multidão*, isto é, de acordo com o sentido semítico da expressão, pela totalidade dos homens (cf. Is 53,12). Acrescentando, à tradição sinótica, para o perdão dos pecados, Mt explicita o sentido que ele atribui à morte de Jesus.

v. O último Dia.

w. No apêndice constituído pelo v. 29 e que Lc insere antes da tradição cultural (Lc 22,15-18), encontramos um fragmento de origem provavelmente não-cultural (cf. Mc 14,25; Lc 22,34-38; Jo 13,34-36), que proporciona a perspectiva escatológica da última refeição de Jesus e exprime a firme esperança de participar na refeição do céu (cf. Mt 8,11).

x. Os salmos do Hallel (Sl 113-118), cuja recitação concluiu a refeição pascal

y. Lit. *vós sereis escandalizados por minha causa*. A morte de Jesus, cujo triunfo os discípulos aguardavam (16,22; 20,21), é a pedra de tropeço contra a qual todos esbarram (cf. 5,29 nota). Jesus cita Zc 13,7.

z. Inserindo o anúncio daquilo que proclamará o anjo no dia da Páscoa (28,7) a tradição sinótica compensa o efeito produzido pelo anúncio sinistro da defeção dos discípulos.

a. Ao contrário de Mc, que ilumina sua narrativa mencionando a hora do Messias (Mc 14,35) e faz ressaltar a oposição entre Jesus e os discípulos (Mc 14,40). Mt atém-se sobretudo ao aspecto cristológico da cena: obediência perfeita do Messias (Mt 26,42) e, secundariamente, modelo da prece na tentação (cf. Lc 22,40,46; 22,39 nota). Se a oração é mencionada três vezes, é para assinalar-lhe a intensidade (cf. Lc 22,44).

b. Perante os discípulos que foram testemunhas da sua Transfiguração (17,1-9), Jesus entra num estado de tristeza que equivale à morte (cf. 1Rs 19,4) e que é o do Justo sofredor (cf. Sl 31,23; 61,3; 116,3). A palavra de Jesus evoca Sl 42,6 e Jn 4,9 gr.

c. Não aniquilado no chão (Mc 14,35), nem ajoelhado (Lc 22,41), mas numa atitude de adoração (cf. Gn 17,3).

d. Cf. Mc 14,38 nota. A respeito da tentação, cf. Mt 6,13 nota e cf. 6,10 nota.

e. Não fazendo vigília, nem orando, os discípulos mostraram que não estavam preparados para enfrentar a hora da tentação que se aproxima; o sono ao qual de agora em diante podem abandonar-se significa que abriram mão da luta.

17,22; Mc 9,31; Lc 9,44; 24,7; Jo 14,31

Homem será entregue às mãos dos pecadores. ⁴⁸Levantai-vos! Vamos! Eis, chegou aquele que me entrega".

Prisão de Jesus (Mc 14,43-52; Lc 22,47-53; Jo 18,2-11).

⁴⁷Ainda falava quando chegou Judas, um dos Doze, com um grande bando armado de espadas e bordões, vindo da parte dos sumos sacerdotes e dos anciãos do povo. ⁴⁸Aquele que o entregava dera-lhes um sinal: "A quem eu der um beijo", dissera, é ele, prendei-o!" ⁴⁹Logo adiantou-se até Jesus e disse: "Salve, rabi!" E deu-lhe um beijo. ⁵⁰Jesus lhe disse: "Meu amigo, faze a tua obra!" Avançando, lançaram as mãos sobre Jesus e o prenderam. ⁵¹E eis que um dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, desembainhou-a, feriu o servo do sumo sacerdote e lhe decepou a orelha. ⁵²Então Jesus lhe disse: "Embainha a tua espada, pois todos os que tomam a espada morrerão pela espada. ⁵³Pensas que eu não posso recorrer a meu Pai, que logo poria à minha disposição mais de doze legiões de anjos?" ⁵⁴Como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais é preciso que assim aconteça?" ⁵⁵Naquela hora, Jesus disse às multidões: "Como contra um bandido^l, partistes com espadas e bordões, para apoderar-vos de mim! Todos os dias eu estava no Templo, sentado a ensinar, e vós

não me prendestes. ⁵⁶Mas tudo isto sucedeu para que se cumpram os escritos dos profetas". Então os discípulos todos o abandonaram e fugiram.

Zc 13,7;
Mt 26,31;
Jo 16,32

Ante o Sinédrio (Mc 14,53-65; Lc 22,54-55.63-71; Jo 18,12-18).

⁵⁷Os que haviam prendido Jesus o levaram à casa de Caifás, o Sumo Sacerdote, onde estavam reunidos os escribas e os anciãos^k. ⁵⁸Quanto a Pedro, ele o seguiu de longe até o palácio do Sumo Sacerdote; ali entrou e sentou-se com os servos, para ver o que ia acontecer. ⁵⁹Ora, os sumos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus para fazê-lo condenar à morte^l; ⁶⁰não o encontraram, embora muitas testemunhas falsas se houvessem apresentado. Afinal, apresentaram-se duas que ⁶¹declararam: "Este homem disse: 'Posso destruir o Santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias'". ⁶²O Sumo Sacerdote levantou-se e lhe disse: "Nada tens a responder? De que é que esta gente testemunha contra ti?" ⁶³Mas Jesus guardava silêncioⁿ. O Sumo Sacerdote lhe disse: "Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Messias, o Filho de Deus". ⁶⁴Jesus lhe responde: "Tu o dizes. Entretanto, eu vos digo, doravante vereis o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu". ⁶⁵En-

27,40

27,12-14

16,16-17

24,30

g. Neste passo, não se trata de um sinal de afeto, mas de uma saudação dirigida ao rabino a quem se testemunha respeito.

h. Lit. *Companheiro, isto pelo qual estás aqui*. Expressão elíptica e estereotipada que deve ser precedida, quer pelo imperativo *Faze...* (Jesus corta logo as saudações, mostra que sabe tudo e domina a situação), quer por um verbo que exprima a aceitação do desígnio de Deus: *Que se cumpra...*

i. Baseando-se numa expressão que consta da literatura rabínica, Jesus exprime a um tempo a plena autoridade que recebeu do seu Pai e sua submissão à vontade divina.

j. Provavelmente, um chefe de bando revolucionário, como Barrabás (Jo 18,40); daí o aspecto paradoxal da situação: Jesus vai ser tratado como um zelote e, como tal, crucificado (27,37) entre dois bandidos (27,38.44).

k. Provavelmente, Mt funde num só evento o comparecimento matinal diante do Sinédrio (único segundo Lc 22,66) e o interrogatório noturno em casa de Anás, o antigo Sumo Sacerdote (Jo 18,12-27).

l. O Sinédrio, já reunido em casa de Caifás, procura logo de

início um falso testemunho: segundo Mt (cf. Mc 14,55), instaurase uma paródia de processo (cf. 26,66 nota).

m. No NT, Jesus jamais atribui a si o papel de destruidor do Templo (Mt 24,2-3; Jo 2,19; At 6,14). Mt não acentua a oposição entre o templo de pedra e o templo não feito por mãos de homem (Mc), nem a profecia concernente à ressurreição de Jesus, mas a dignidade única de Jesus, que ousa declarar-se Senhor (*eu posso*) do Templo de Deus.

n. Como o Servo de Deus que não abriu a boca (Is 53,7; At 8,32).

o. Lit. *à direita do Poder*. À pergunta decisiva, formulada pelo Sumo Sacerdote exatamente nos termos da confissão de Pedro (16,16), Jesus responde, não como em Mc 14,62 por um simples "sim", mas de forma indireta. Ele recusa deixar-se envolver numa situação ambígua a respeito de sua messianidade e fornece o sentido verdadeiro da sua resposta, anunciando a vinda do Filho do Homem, personagem celeste (Dn 7,13), e o privilégio do Filho de David que deve sentar-se à direita de Deus (Sl 110,1; Mt 22,44).

Nm 14,6;
2Sm 13,19;
Esd 9,3;
Jô 1,20;
2,12;
Jr 36,24;
At 14,14
Lv 24,16;
Jo 19,7
1b 50,6

tão o Sumo Sacerdote rasgou as vestes e disse: "Ele blasfemou^p. Que necessidade temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia. "Qual é o vosso parecer?" Eles responderam: "Ele merece a morte^q". "Então eles lhe cuspiram no rosto e lhe deram pancadas; outros o esbofetearam. "Disseram eles: "Banca o profeta para nós, Messias: quem foi que te bateu?"

Negação de Pedro (Mc 14,66-72; Lc 22,56-62; Jo 18,17.25-27). "Ora, Pedro estava sentado fora, no pátio^r. Uma criada aproximou-se dele, dizendo: "Tu também estavas com Jesus, o galileu!" "Mas ele negou, diante de todos, dizendo: "Eu não sei o que queres dizer". "Quando ele estava saindo em direção do pórtico, outra o avistou e disse aos que lá estavam: "Este aí estava com Jesus, o nazoreu". "Novamente ele negou com juramento: "Eu não conheço este homem!" "Pouco depois, os que ali estavam aproximaram-se e disseram a Pedro: "Sem dúvida alguma, tu também és um deles! Aliás, o teu sotaque te denuncia". "Então ele se pôs a jurar com imprecações: "Eu não conheço este homem!" E logo o galo cantou. "E Pedro lembrou-se da palavra que Jesus dissera: "Antes que o galo cante, tu me terás negado três vezes". Ele saiu e chorou amargamente.

26,34;
Mc 14,30;
Lc 22,34;
Jo 13,38;

p. Embora Jesus não tenha pronunciado explicitamente o nome de Deus (mas o Poder), sua resposta é julgada blasfema, pois ele reivindicou a dignidade de uma condição divina.

q. O comparecimento diante do Sinédrio, ignorado por Jo, provavelmente não tem caráter jurídico. Ao contrário de Mc 14,64, Mt não reproduz uma verdadeira sentença de condenação, sentença esta que Lc ignora. Assumindo o aspecto de um simulacro de processo, o comparecimento exprime a verdade profunda da rejeição de Jesus por seus contemporâneos, devido à sua pretensão de ser o Cristo, Filho de Deus.

r. Conforme Lc e Jo, quem ultraja a Jesus são os criados. Mt torna a cena mais odiosa, atribuindo-a aos sinédritas constituídos em corpo. A narração inspira-se em Is 50,5-7.

s. Emoldurando o comparecimento de Jesus diante do Sinédrio, a narrativa da negação de Pedro (26,58.69-75) convida o leitor a situar-se a si mesmo diante do Senhor; perante Jesus que dá testemunho, Pedro renega a sua fé.

t. Nazoreu: cf. 2,23 nota.

u. O dialeto galileu podia distinguir-se do judeu por certos pormenores característicos de gramática e pronúncia.

27 Jesus na presença de Pilatos (Mc 15,1-2; Lc 22,66; 23,1; Jo 18,28).

¹ Chegada a manhã, todos os sumos sacerdotes e os anciãos do povo deliberaram contra Jesus para fazê-lo condenar à morte^{12,14}. ² A seguir, eles o amarraram^{Mc 3,6}, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos.

Morte de Judas. ³ Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, foi assaltado de remorsos e devolveu as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e aos anciãos, ⁴ dizendo: "Pequei entregando um sangue inocente". Mas eles disseram: "Que nos importa? Tu que te avenhas!" ⁵ Então ele se retirou, atirando o dinheiro em direção do santuário, e foi enforcar-se^{26,14.15}. ⁶ Os sumos sacerdotes tomaram o dinheiro e disseram: "Não é permitido deitá-lo no tesouro^{27,24}, pois é preço do sangue". ⁷ Após terem deliberado, eles compraram com aquela quantia o campo do oleiro para sepultura dos estrangeiros. ⁸ Eis por que até agora este campo é chamado: "Campo do sangue". ⁹ Então cumpriu-se o que fora dito pelo profeta Jeremias: *E eles tomaram as trinta moedas de prata: é o preço daquele que foi avaliado, daquele que os filhos de Israel avaliaram.* ¹⁰ E eles as deram pelo campo do oleiro, assim como o Senhor mo tinha ordenado^{27,24}.

v. De conformidade com a política geral de Roma, os governadores deixavam ao Sinédrio (cf. 5,22 nota) uma grande liberdade de ação; ele dirigia a vida religiosa e política dos judeus, dentro dos limites impostos pelo ocupante. Gozaria ele, no tempo de Jesus, do poder de pronunciar e executar a pena capital? Os historiadores ainda não conseguiram chegar a um acordo a este respeito. Com notáveis nuances, as narrativas evangélicas parecem indicar que o possuía, mas que a autorização do governador era necessária para a execução da pena.

w. Expressão idêntica em Jo 18,12. Em Jo, Jesus é amarrado desde sua captura; segundo os sinóticos, só depois do julgamento.

x. Este relato da morte de Judas não concorda exatamente com o de At 1,18-19. As tentativas feitas para harmonizar ambos os textos continuam frágeis.

y. Cf. Mc 7,11 nota.

z. Citação livre de Zc 11,12-13 combinado com elementos de Jr 18,2-3; 19,1-2; 32,6-15. Graças a essas duas denominações *campo do oleiro* e *campo do sangue*, provavelmente conhecidas no ambiente em que o evangelista vivia, ele descobre anúncios proféticos nesses vários textos do AT.

Jesus diante de Pilatos (Mc 15.2-15; Lc 23.2-5.13-25; Jo 18.28-19.16). ¹¹Jesus compareceu perante o governador. O governador o interrogou: "És tu o rei dos judeus?" Jesus declarou: "Tu o dizes"; ¹²As acusações que os sumos sacerdotes e os anciãos aduziam contra ele, porém, ele nada respondeu. ¹³Então Pilatos lhe disse: "Não ouves todos esses testemunhos contra ti?" ¹⁴Ele não lhe respondeu em ponto algum, de sorte que o governador estava muito surpreendido. ¹⁵Em cada festa, costumava o governador soltar para a multidão um prisioneiro, aquele que ela quisesse. ¹⁶Havia um prisioneiro famoso, que se chamava Jesus Barrabás. ¹⁷Pilatos perguntou, pois, à multidão reunida: "Quem quereis que eu vos solte, Jesus Barrabás ou Jesus a quem chamam Messias?" ¹⁸Pois ele sabia que o tinham entregue por inveja. ¹⁹Enquanto ele estava assentado sobre o estrado, sua esposa mandou dizer-lhe: "Não te envolvas na questão deste justo! Pois hoje estive muito aflita em sonho por causa dele". ²⁰Os sumos sacerdotes e os anciãos incitaram as multidões para que pedissem Barrabás e fizessem perecer Jesus. ²¹Retomando a palavra, o governador lhes

perguntou: "Qual dos dois quereis que vos solte?" Eles responderam: "Barrabás". ²²Pilatos perguntou-lhes: "Que farei então de Jesus a quem chamam Messias?" Todos responderam: "Seja crucificado!" ²³Ele retrucou: "Que mal fez ele?" Mas eles gritavam cada vez mais forte: "Seja crucificado!" ²⁴Vendo que aquilo de nada adiantava, mas que a situação ia dando em revolta, Pilatos tomou água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: "Eu sou inocente deste sangue! Toda a responsabilidade é vossa!" ²⁵Todo o povo respondeu: "Caia o seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos!" ²⁶Então ele lhes soltou Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o ter mandado flagelar, entregou-o para ser crucificado.

O rei dos judeus escarnecido (Mc 15.16-20; Lc 23.11; Jo 19.2-3). ²⁷Então os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. ²⁸Eles o despiram e lhe puseram uma capa escarlata. ²⁹Com espinhos, trançaram uma coroa que lhe puseram sobre a cabeça; bem como um caniço na mão direita; ajoelhando-se diante dele, caçoavam dele, dizendo:

a. Esta pergunta de Pilatos a Jesus só se compreende à luz de Lc 23.1-2, que mostra a multidão a denunciar Jesus como pretendente à realeza.

b. Estas palavras, comuns a Mt, Mc e Lc, podem ser compreendidas em sentido positivo: *tu o dizes, e tens razão*. A expectativa messiânica dos judeus ligava-se à expectativa de um rei justo e libertador: *Vê, Senhor, e suscita-lhes o seu Rei, filho de David* (Salmos de Salomão, 17.3).

c. Lit. *Enquanto os sumos sacerdotes e os anciãos o acusavam, ele não respondeu nada*. Sobre o silêncio, cf. 26.63 nota.

d. O costume de soltar um prisioneiro na festa da Páscoa não deixa de ser verossímil, mas parece não ser atestado em nenhum outro lugar.

e. Numerosos mss. omitem a palavra *Jesus* diante de *Barrabás*. Tal tradição textual parece provir, na linha de Orígenes, de uma preocupação de recusar a Barrabás o nome de Jesus, aliás frequente naquele tempo.

f. Cf. 27.16 nota.

g. Não convém considerar a mulher de Pilatos como uma cristã *avant la lettre*. Afligida por um sonho que a deixa perplexa, ela não considera Jesus como um justo no sentido judeu típico de Mt (fiel à vontade de Deus; cf. 1.19; 5.45; 9.13), mas no sentido grego de *homem de bem*, simultaneamente interessante e inquietador.

h. O *suplicio da cruz*, cuja origem é provavelmente oriental, desconhecido da lei judaica, era praticado ordinariamente pelos romanos.

i. Para gente versada nas Escrituras, o gesto e as palavras de Pilatos (cf. Dt 21.6-8; Sl 26.6; 73.13) deviam assumir um significado preciso: Pilatos entende fazer recair sobre os judeus toda a responsabilidade do que vai suceder.

j. Esta exclamação dos judeus também tem raízes no AT (2Sm 1.13-16; 3.29; Jr 51.35; cf. também Lc 23.28). Para além de uma tomada de posição política, os judeus estão encurralados numa alternativa religiosa: é-lhes forçoso, ou reconhecer em Jesus o Messias prometido, ou pedir a sua morte como blasfemador. Qualquer anti-semitismo baseado neste versículo só pode ser uma aberração.

k. *Flagelar*. O chicote romano era munido de fragmentos de osso ou de chumbo; costumava-se flagelar antes da crucifixão para enfraquecer o suplicando e abreviar-lhe os padecimentos. Este suplicio era de origem romana, mas parece que os judeus o adotaram na época de Jesus (cf. 10.17 e 23.34, onde o termo grego não é o mesmo; cf. At 5.40; 22.19).

l. *Pretório*: Cf. Mc 15.16 nota.

m. *Coorte*: Cf. Mc 15.16 nota.

n. Lit. *uma clâmide escarlata*. Trata-se da capa do soldado romano; historicamente, isto é mais verossímil do que Mc 15.17: a púrpura parece ser um tecido precioso demais para ser usado em tal lugar e para tal fim.

o. Cf. 27.31. O tema da derisão aparece amiúde no AT: o justo e o pobre são objeto das zombarias ou das burlas dos homens (Sl 22.8; 44.14; 52.8).

At 3,14

At 3,13; 13,28

Dn 13,46gr;

At 18,6;

20,26

27,4

Ez 33,5;

At 5,28

2,2;
27,11,37;
Mc 15,9.
12,18,26;
Lc 23,27,38;
Jo 18,39;
19,3,19,21
Is 50,6

“Salve, rei dos judeus!”³⁰ Cuspiram nele e, tomando o canço, batiam-lhe na cabeça. ³¹Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe a capa e tornaram a pôr-lhe suas vestes. A seguir, eles o levaram para o crucificar.

Jesus é crucificado (Mc 15,21-32; Lc 23,26-43; Jo 19,16-24). ³²Ao saírem, encontraram um homem de Cirene^p, chamado Simão; eles o requisitaram para levar a cruz de Jesus. ³³Tendo chegado ao lugar chamado Gólgota, isto é, lugar do Crânio^q, ³⁴deram-lhe de beber vinho misturado com fel^r. Ele, tendo-o provado, não quis beber. ³⁵Depois de o terem crucificado, ³⁶repartiram suas vestes lançando a sorte^s. ³⁷E eles ficaram ali, sentados, a guardá-lo. ³⁸Acima da sua cabeça, tinham posto o título de sua condenação, assim redigida: “Este é Jesus, o rei dos judeus”. ³⁹Com ele, são crucificados dois bandidos^t, um à direita, o outro à esquerda. ⁴⁰Os transeuntes o insultavam meneando a cabeça^u. ⁴¹E dizendo: “Tu que destróis o Santuário e o reconstróis em três dias, salva-te a ti mesmo, se és o Filho de Deus, e desce da cruz!” ⁴²Igualmente, com os escribas e os anciãos, caçoavam os sumos sacerdotes: ⁴³“Ele salvou a outros e não pode salvar a si

mesmo! Ele é o Rei de Israel, pois desça agora da cruz, e acreditaremos nele!” ⁴⁴*Pôs em Deus a sua confiança; que Deus o livre agora, se o ama*, pois ele disse: “Eu sou o Filho de Deus!” ⁴⁵Até os bandidos crucificados com ele o injuriavam da mesma forma.

Morte de Jesus (Mc 15,33-39; Lc 23,44-48; Jo 19,28-30). ⁴⁶A partir do meio-dia, trevas cobriram toda a terra até às três horas^y. ⁴⁷Por volta das três horas, Jesus exclamou com voz forte: “Eli, Eli, lemá sabactáni”, isto é, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste...?” ⁴⁸Alguns dos que ali estavam diziam, ao ouvi-lo: “Ei-lo que chama Elias!” ⁴⁹Logo um deles corre a tomar uma esponja que embebeu em vinagre^z; e, fixando-a na extremidade de um canço, ⁵⁰ofereceu-lhe de beber. ⁵¹Os outros disseram: “Espera! Vejamos se Elias virá salvá-lo”. ⁵²Mas Jesus, gritando novamente com voz forte, rendeu o espírito^{aa}. ⁵³E eis que o véu do Santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo^{ab}; a terra tremeu, os rochedos se fenderam; ⁵⁴os túmulos abriram-se, os corpos de muitos santos já falecidos ressuscitaram: ⁵⁵saindo dos túmulos, depois da sua ressurreição, eles entraram na Cidade Santa e apareceram a um gran-

Jo 1,49;
12,13

Jo 5,18;
10,36; 19,7

Ex 26,31-35

4,5; Ap 11,2;
21,2-10;
22,19

p. *Cirene*. Colônia grega, na costa do norte da África; numerosos judeus ali se tinham estabelecido (cf. At 2,10; 11,20).

q. Alusão provável, não ao crânio de Adão (cf. Orígenes), nem aos crânios dos supliciados, mas à forma do rochedo, que recordava a de um crânio.

r. *Quando um homem deve ser executado, permite-se-lhe tomar um grão de incenso dentro de uma taça de vinho, para que perca a consciência...* As senhoras distintas de Jerusalém encarregavam-se dessa tarefa (Tratado judaico sobre o Sinédrio, 43a). Mt menciona o fel, que torna a bebida intragável (cf. Sl 69,22).

s. Alguns mss. acrescentam: *a fim de que se cumprisse a palavra do profeta: eles repartiram entre si minhas vestes e lançaram sorte sobre a minha túnica* (Sl 22,19). Este acréscimo, sem dúvida, foi tomado de Jo 19,24.

t. A inscrição com o título ou razão da condenação fazia parte dos suplicios oficiais. Seu texto, sem dúvida irônico, fora provavelmente imposto por Pilatos (cf. Jo 19,19-22, que explana o episódio).

u. *Bandidos*. Acerca desta palavra, cf. 26,55 nota.

v. Cf. Sl 22,8 e 109,25.

w. Lit. “...e o constróis...” (cf. 26,61 nota)

x. Cf. Sl 22,9; Sb 2,13.18-20.

y. Lit. *a partir da hora sexta... até a hora nona*. Essas trevas (cf. Ex 10,22; Am 8,9-10) figuram provavelmente o juízo de Deus, que desde a cruz se estende por sobre toda a terra, o mundo inteiro. Outra tradução possível: *sobre todo o país*.

z. Cf. Sl 22,2. Grito de angústia, não porém de desespero, já que ele se dirige a Deus citando as Escrituras. Há quem ateneu o realismo desta expressão, observando que este mesmo Sl 22 termina com uma prece confiante.

aa. A respeito da espera de Elias na apocalíptica judaica, cf. 17,10 nota.

ab. *Vinagre*. Bebida forte usada pelos soldados romanos. A alusão ao Sl 69,22 presta a este gesto uma característica desumana que provavelmente não tinha (cf. Jo 19,28-30).

c. Não o Espírito Santo, nem o espírito divino que os gregos dizem residir no homem e opõem ao corpo material, mas o espírito da vida no sentido do AT (Gn 35,18; Sr 38,23; Sb 16,14). d. Trata-se ou do véu que separava o átrio do próprio Templo (de sorte que a morte de Jesus viria permitir o acesso dos pagãos à presença de Deus), ou do véu que separava o Santo dos Santos (neste caso, a morte de Jesus significava o fim do sacerdócio da antiga aliança; neste sentido: Hb 6,19; 10,20). O contexto não impõe a escolha entre uma ou outra dessas interpretações.

de número de pessoas^e. ⁵⁴À vista do terremoto e do que acontecia, o centurião e os que com ele guardavam Jesus foram tomados de grande medo e disseram: “Verdadeiramente, este era o Filho de Deus”.

Sepultamento de Jesus (Mc 15,40-47; Lc 23,49-56; Jo 19,25-38-42). ⁵⁵Estavam

Lc 8,23

ali algumas mulheres que olhavam, a distância; elas tinham seguido Jesus desde os dias da Galiléia, servindo-o. ⁵⁶Entre elas achavam-se Maria de Mágdala.

20,20

Maria, mãe de Tiago e José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. ⁵⁷Ao cair da tarde, chegou um homem rico de Arimatéia,

Dt 21,22.23

chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus^f. ⁵⁸Este homem foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos ordenou que lho entregassem. ⁵⁹Tomando o corpo, José o envolveu num lençol limpo^g e o depositou num

Mc 6,29; At 13,29

túmulo totalmente novo, que mandara cavar para si no rochedo; a seguir, rolou uma grande pedra na entrada do túmulo e retirou-se. ⁶¹Entretanto, Maria de Mágdala e a outra Maria estavam ali sentadas em frente do sepulcro.

Mc 16,3.4

Mc 15,40-47;

Lc 24,10;

Jo 19,25

A guarda do sepulcro. ⁶²No dia seguinte, ou seja, no dia depois da Preparação^h, foram os sumos sacerdotes e os fariseus

todos juntos ter com Pilatos^b. ⁶³“Senhor, disseram-lhe, nós nos lembramos de que aquele impostor^d disse, enquanto vivia: ‘Depois de três dias, eu ressuscitarei!’”. ⁶⁴Por isso, dá ordem de que o sepulcro seja vigiado com segurança até o terceiro dia; não suceda que seus discípulos venham furtá-lo e digam ao povo: ‘Ele ressuscitou dos mortos’. Esta última impostura seria pior do que a primeira”. ⁶⁵Pilatos declarou-lhes: “Tendes uma guarda. Ide! Vigiai o sepulcro com segurança como entendeis”. ⁶⁶Então, eles foram pôr o sepulcro em segurança, selando a pedra e destacando uma guarda.

12,40; 16,21; 17,23; 20,19; Mc 8,31; 9,31; 10,34; Lc 9,22; 18,33; 24,7

12,45; Lc 11,26; 2Pd 2,20

28 Jesus não está mais no sepulcro

(Mc 16,1-8; Lc 24,1-11; Jo 20,1-11-18).

¹Após o sábado, no início^k do primeiro dia da semana, Maria de Mágdala e a outra Maria^l foram ver o sepulcro^m.

27,56.61; Mc 15, 40.47; Jo 19,25

²E eis que se produziu um grande terremotoⁿ: o Anjo do Senhor^o desceu do céu, veio rolar a pedra, e sentou-se em cima.

27,51 27,60; Mc 15,46

³Seu aspecto era o do relâmpago e sua vestimenta branca como a neve. ⁴Com o medo que tiveram dele, os guardas ficaram estarelecidos e como mortos^p. ⁵Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres:

17,2; Mc 9,3; Lc 9,29; At 1,10

“Não temais, vós. Eu sei que procurais Jesus, o crucificado. ⁶Ele não está aqui, pois ressuscitou, como havia dito^q;

e. As descrições dos vv. 51 a 53 incluíam-se nas profecias tradicionais que anunciavam o dia do juízo final (Am 8,3; Is 26,19; Ez 37,12; Dn 12,2).

f. Pode-se traduzir também: *que, também ele, se tornou discípulo de Jesus ou: que se fizera instruir no ensinamento de Jesus* (o mesmo verbo em Mt 13,52 e 28,19). Pode-se interpretar quer, de preferência, que este homem fosse originário de Arimatéia, cidade de Judá a nordeste de Lida (Lod), quer que estivesse chegando desta cidade e fosse entrar em Jerusalém, no momento em que viu o Crucificado.

g. *Preparação*. Esta palavra se aplicava a sexta-feira, dia em que os judeus preparavam a celebração do *shabbat*.

h. Os vv. 62-66, peculiares a Mt, são o eco de uma polêmica entre judeus e cristãos. Não se trata de provar a ressurreição de Jesus, mas de responder à objeção judaica que afirmava ter sido roubado o corpo de Jesus.

i. Lit. *sedutor*: aquele que induz as multidões em erro.

j. Alusão aos anúncios da Paixão e da Ressurreição que os evangelistas relatam; eles parecem ser conhecidos no ambiente judaico no momento da redação de Mt.

k. Lit. *no momento em que começava a luzir o primeiro dia*. Esta expressão alude provavelmente à aparição da estrela ves-

pertina, que indica o início de um novo dia (cf. Lc 23,54). É o cair da noite.

l. Provavelmente mãe de Tiago e de José (27,56).

m. As santas mulheres não vêm para ungir o cadáver (Mc 16,1), mas para ver (visitar) o sepulcro. A narrativa pôde ser influenciada pelo costume judaico de peregrinar aos túmulos dos santos; esta hipótese seria confirmada pelo interesse manifestado mais adiante à determinação do local do sepulcro (28,6: *aquí... vinde ver*).

n. Elemento tradicional das teofanias (cf. Ex 19,18; Sl 114,7; Hb 12,26).

o. Não se trata aqui de um anjo encarregado de interpretar um acontecimento maravilhoso (cf. 28,5), mas do *Anjo do Senhor* (cf. Gn 22,11-15; Ex 3,2-6) que age (28,2) e fala com a mesma autoridade do Senhor (28,5,7; cf. 1,20 nota).

p. Diversamente dos escritos apócrifos e da iconografia popular, Mt não descreve Jesus no ato de ressuscitar; em estilo apocalíptico, mostra os efeitos da ação de Deus.

q. O anúncio de Jesus não insiste primeiro no encontro na Galiléia (Mc 16,7), mas na própria Ressurreição. Com isto sobressai mais vivamente a pregação típica da Igreja nascente (*crucificado... ressuscitado*; cf. At 2,23-24,36; 4,10...).

16,21; 17,23; 20,19.
Mc 8,31.
9,31; 10,34;
Lc 9,22;
18,33; 24,7.
Mc 14,28
28,10,17;
Jo 21,1-23

vinde ver o lugar onde jazia. ⁷Depois, ide depressa dizer a seus discípulos: 'Ele ressuscitou dos mortos', e eis que vos precede na Galiléia; lá é que o vereis. Eis que eu vo-lo disse'. ⁸Deixando às pressas o sepulcro, com medo e grande alegria, elas correram a levar a notícia a seus discípulos'. ⁹E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: "Eu vos saúdo". Elas se aproximaram dele e abraçaram-lhe os pés, prosternando-se diante dele". ¹⁰Então Jesus lhes disse: "Não temais. Ide anunciar a meus irmãos que eles devem ir à Galiléia: lá é que eles me verão". ¹¹Estando elas a caminho, eis que alguns homens da guarda foram à cidade informar os sumos sacerdotes de tudo o que acontecera. ¹²Estes, depois de se terem reunido com os anciãos e terem deliberado com eles", deram aos soldados uma vultosa soma de dinheiro, ¹³com esta instrução: "Direis o seguinte: 'Seus discípulos vieram durante a noite e o furtaram enquanto dormíamos'". ¹⁴E se o fato

chegar aos ouvidos do governador, nós é que o aplacaremos, e agiremos de tal modo que não sejais molestados". ¹⁵Eles tomaram o dinheiro e agiram conforme as instruções que lhes haviam dado. Esta história propagou-se entre os judeus até o dia de hoje".

O Ressuscitado envia seus discípulos em missão. ¹⁶Quanto aos onze discípulos, eles foram para a Galiléia, a uma montanha à qual Jesus lhes ordenara ir". ¹⁷Quando o avistaram, prosternaram-se, mas alguns tiveram dúvidas". ¹⁸Jesus aproximou-se deles e lhes dirigiu estas palavras: "Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra". ¹⁹Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", ²⁰ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei. Quanto a mim, eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos tempos".

26,32;
28,7,10

11,27;
Jo 3,35;
13,3; 17,2;
Ef 1,20-22
At 1,8

Jo 14,23

Ag 1,13;
Jo 17,24
13,39,49;
24,3

r. Diversamente do relato de Mc 16,8.

s. Com este gesto, as mulheres não querem verificar se Jesus tem um corpo, e sim manifestar sua esperança (cf. 2Rs 4,27) e sua veneração (Mt 12,28.11; 8,2; 14,33; 15,25; 28,17).

t. No Evangelho, a menção de *meus irmãos*, acrescentada à mensagem do anjo (28,7), só se encontra aqui e em Jo 20,17, exatamente por ocasião da aparição a Maria de Mágdala, à qual corresponde a presente narrativa.

u. Fórmula estereotipada de S. Mateus: 12,14; 22,15; 27,1,7.

v. Este relato apologetico tenta contradizer a lenda que certos judeus faziam circular no tempo de Mt (cf. Mt 27,62-66). Além disso, demonstra que, de fato, o cadáver não foi roubado, embora fosse possível a hipótese do rapto.

w. Sobre uma montanha da Galiléia, impossível de ser identificada, mas que Mt talvez associe à da Tentação (4,8) ou à da Transfiguração (17,1).

x. A menção à *dúvida* causa estranheza: ela segue-se à da adoração, sem ser equilibrada pela do reconhecimento do Senhor, como sucede no esquema clássico das narrativas de aparições (Lc 24,11.37-44; Jo 20,25-27; Mc 16,11.13-14). Por isso, certos estudiosos vêem nisto um pormenor acrescido a uma tradição que apresentava o encontro do Senhor vivo com seus discípulos sob a forma de uma "epifania", aparentada com o anúncio escatológico de Dn 7,14. Outra tradução possível: *eles, que tinham duvidado* (não de Jesus, mas da palavra das mulheres).

y. Aquele que, no monte da Tentação, não quis receber do demônio o domínio sobre os reinos do mundo (4,9-10) proclama que o recebeu de Deus (cf. Dn 7,14: *ao Filho do Homem foram dados império, honra e reino, e todos os povos, nações e línguas, o adoraram*); e mais: trata-se aqui do *céu e da terra*, segundo a convicção da Igreja primitiva (At 13,33; Rm 1,4; Fl 2,5-11; 1Tm 3,16).

z. Ou ainda: *De todas as nações, ide fazer discípulos* (cf. 2,8; 9,13; 10,6; 11,4; 27,66; 28,7). Estas *nações* designam aqui, não só os pagãos, mas também os judeus (cf. 24,9.14; 25,32). Divergindo do seu modo de proceder durante a vida terrena (10,5-6; 23; 15,24), Jesus agora cumpre a profecia (Is 42,6; 45,18-20; 49,6).

a. *Em nome* de significa que se estabelece uma relação pessoal (cf. 1Cor 1,13; 10,2) do batizado com o Pai, o Filho e o Espírito Santo; designação "trinitária" já conhecida na Igreja primitiva (1Cor 12,3-5; 2Cor 13,13). Provavelmente, a fórmula deriva da prática da Igreja (cf. *Didaque*).

b. Com essas palavras, o Ressuscitado reassume e cumpre a figura e a promessa da presença divina do AT (Ex 3,12; Jr 1,8; Is 41,10; 43,5; Mt 1,23). Ele dá a certeza, não só dos dons particulares (Lc 24,48; Jo 20,22), ou mesmo de uma presença duradoura (Mt 18,20), mas de uma assistência eficaz *todos os dias*, mesmo na perseguição. Com isso, esta presença assimila-se à do Paráclito de S. João (Jo 14,16; 16,7-11, cf. 1Jo 2,1).

EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

INTRODUÇÃO

Ordem e temas principais. O segundo evangelho apresenta-se sob a forma de uma seqüência de narrativas geralmente breves e sem conexões muito precisas. Seu quadro mais característico é constituído por indicações geográficas. A atividade de Jesus decorre na Galiléia (1,14) e arredores desta região, estendendo-se até as terras pagãs (7,24-31; 8,27). A seguir, passando pela Peréia e Jericó (cap. 10), Jesus sobe a Jerusalém (11,1).

Este quadro não revela a disposição interna do livro, dominada antes pelo desenvolvimento de alguns temas fundamentais.

A. O Evangelho. Logo às primeiras palavras, o livro declara o interesse atribuído ao "Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1,1), denominado também, pouco adiante, "Evangelho de Deus" (1,14), ou "Evangelho" sem mais (1,15). Para Marcos, bem como para Paulo, esta palavra designa a Boa Nova, destinada a todos os homens e cuja aceitação define a fé cristã: por meio de Jesus, Deus realizou suas promessas em favor deles (cf. 1,1, nota). Por isso, o Evangelho deve ser proclamado a todas as nações (13,10; 14,9). Este entendimento define a atualidade à qual Marcos não receia adaptar certas palavras de Jesus: desaparecido este, renunciar a si mesmo e tudo abandonar por ele é fazê-lo em prol do Evangelho (8,35 nota; 10,29). Porque a ação de Deus que se manifestou pela vida, morte e ressurreição de Jesus, prolonga-se neste mundo por meio da palavra confiada aos discípulos. Mais do que uma mensagem provinda de Deus e referente a Jesus Cristo, o Evangelho é esta ação divina em meio aos homens. Eis o presente, a partir do qual Marcos se volta para o passado, a fim de falar do seu "começo" (1,1) e para caracterizar, a esta luz, a existência cristã.

B. Jesus Cristo, Filho de Deus. As promessas divinas começaram a cumprir-se com a pregação de João Batista, que abriu o caminho para Jesus de Nazaré (1,2-8). Este, designado por Deus como seu Filho e vitorioso sobre Satanás no deserto,

inaugura a pregação do Evangelho na Galiléia (1,14-15). Daí por diante, começa um verdadeiro drama, o da manifestação de Cristo, Filho de Deus, em duas fases distintas.

1. O poder do ensinamento e dos atos de Jesus contra as forças do mal é reconhecido por um vasto público (1,21-45; 3,7-10...). Mas o ser Jesus Filho de Deus é um fato que deve manter-se secreto (1,25; 3,12). A oposição dos observantes da lei mosaica, orgulhosos e impertinentes, manifesta-se (2-3,6) e chega a ponto de apresentar Jesus como instrumento do príncipe dos demônios (3,22-30). Entretanto, os discípulos distinguem-se nitidamente da multidão (4,10.33-34). E, entre eles, a pergunta dos primeiros que aparecem: "Que é isto?" (1,27), reveza-se com esta outra: "Quem é este?" (4,41). As respostas divergem (6,14-16; 8,27-28). E, não obstante a sua profunda incompreensão da missão de Jesus (6,52; 8,14-21), os discípulos chegam a reconhecer, pela boca de Pedro, que ele é o Cristo (8,29). Mas recebem ordem de se calar (8,30).

2. A partir de então, começa um ensinamento novo: o Filho do homem deve passar pelo sofrimento, a morte e a ressurreição. Este ensinamento, repetido três vezes (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), conduz o leitor ao confronto de Jesus com seus adversários em Jerusalém (caps. 11-13). Aí, o drama culmina: o segredo de Jesus é desvendado no decurso da Paixão (caps. 14 e 15). Sua declaração perante o Sinédrio, que o condena à morte (14,61-62), e a palavra do centurião na hora de sua morte (15,39) coadunam-se com as revelações de Deus por ocasião do batismo e da Transfiguração (1,11; 9,7) e justificam o título do livro: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (1,1 notas). Entrementes, as indiscrições malévolas dos demônios (1,24.34; 3,11) e a fé messiânica dos discípulos (8,29) foram reduzidas ao silêncio: de fato, o sentido das mesmas não se poderia manifestar antes da paixão e morte de Jesus.

O relato da paixão constitui o ápice do livro. Ele é preparado não só pelos conflitos em Jerusalém, pelo tríplice anúncio que segue a profissão

de fé de Pedro, e por uma observação já feita em 3,6; ele responde à pergunta feita desde o primeiro ato público de Jesus, segundo Marcos (1,27), e permite compreender a insistência do livro sobre o que se denominou segredo messiânico (cf. 1,34 nota; 1,44 notas; 8,30 nota). Esta insistência corresponde, sem dúvida, ao fato de Jesus não ter sido reconhecido, ao tempo de sua vida terrena, como o foi depois da Páscoa. Mas, já que o segredo incide exatamente nos títulos sob os quais se exprime a fé cristã (1,1; 3,11; 8,29), Marcos parece querer indicar que eles eram prematuros, e permaneceram equívocos para os judeus e para os pagãos, enquanto sua verdade não fosse reconhecida na humilhação do Crucificado.

C. Jesus e seus discípulos. No “começo” do Evangelho de Marcos, Jesus não aparece só, mas acompanhado dos discípulos que deveriam dar prosseguimento à obra começada. Desde o início da atividade na Galiléia, Marcos narra, sem a menor preocupação de verossimilhança cronológica e psicológica, o chamamento de quatro pescadores para seguirem a Jesus (1,16-29). A seguir, o Mestre anda sempre acompanhado pelos discípulos, exceto quando os manda pregar (6, 7-30). Só no momento da Paixão, depois da fuga deles, é que fica só. Mas o livro não termina sem ter anunciado por duas vezes o seu reagrupamento na Galiléia em volta do Cristo ressuscitado (14,28; 16,7). A posição que lhes é assinalada no decurso da narrativa permite aliás distinguir várias seções.

1. Na primeira fase da manifestação de Jesus, três cenas ilustram uma associação cada vez mais íntima entre ele e seus discípulos: o chamamento dos quatro em vista da pescaria de homens (1,16-20), a escolha dos Doze para viverem com ele e em vista da missão (3,13-19), finalmente a própria missão (6,7-13). Essas três narrativas vêm acompanhadas de visões de conjunto sobre a sua atividade ou as reações que ele provocava (1,14-15; 3,7-12; 6,14-16), como se o narrador sentisse a necessidade de se dar conta da situação, antes de prosseguir.

Na primeira seção (1,16-3,6), os discípulos se mantêm inativos junto a Jesus; mas este se mostra solidário com eles, em face das críticas despertadas por sua atitude referente às observâncias judaicas (2,13-28). A segunda seção (3,7-6,6) os

contrapõe aos adversários de Jesus, bem como à sua parentela carnal (3,20-35), e os distingue da multidão como beneficiários de um ensinamento particular (4,10-25.33-34) e testemunhas privilegiadas de milagres maravilhosos (4,35-5,43). A ruptura com Nazaré prepara a terceira seção (6,7-8,30), na qual os Doze, enviados em missão, aparecem na qualidade de “apóstolos” (6,30), encarregados de alimentar a multidão (6,34-44; 8,6). Entretanto, os discípulos recebem revelações que os desconcertam (6,45-52; 7,17-23). Sua incompreensão, já manifestada por ocasião das parábolas (4,13), agrava-se ainda mais (6,52; 8,14-21). A cura de um cego no final desta seção (8,22-26) tem para eles valor exemplar (cf. 8,22 nota).

2. Depois da confissão messiânica de Pedro, cada um dos três anúncios da Paixão e da Ressurreição esbarra na incompreensão dos discípulos e provoca declarações de rude franqueza acerca da condição pessoal (8,34-38) e comunitária (9,33-50; 10,35-45) dos que devem seguir Jesus, tomando a sua cruz. Caso suceda entrarem em cena a multidão ou pessoas outras que os discípulos, é a estes últimos que Jesus se dirige principalmente ou explica em particular suas exigências (9,28-29; 10,10-16; 10,23-31). Continuamente se passa do Mestre ao discípulo e, em relação a ambos, do rebaixamento voluntário à glória prometida. Neste caso, porém, enquanto Jesus quer associá-los ao seu destino, eles permanecem obtusos. Esta seção conclui-se novamente com a cura de um cego, que se põe a seguir Jesus (10,46-52).

As duas seções seguintes (caps. 11-13 e 14-16) mostram Jesus com as multidões, com seus adversários, com seus juízes. Os colóquios com os discípulos são freqüentes e importantes. Jesus os inicia no poder da fé e da oração (11,20-25), previne-os do comportamento a adotar em vista da chegada do Filho do homem (13,1-37), os instrui sobre o sentido da sua morte na expectativa do Reino de Deus (14,22-25), previne-os da defecção deles (14,26-31), previne-os contra a tentação (14,37-40). Mas a fuga deles no Getsemâni e as negações de Pedro atestam o seu fracasso no seguimento de Jesus. Entretanto, nem tudo está acabado: depois da Ressurreição, Jesus os precederá na Galiléia (14,28; 16,7).

A insistência na lentidão dos apóstolos em crer, sua contínua falta de compreensão, sua deficiência no momento em que se cumpre na verdade a

revelação do Cristo, Filho de Deus, responde certamente a um plano premeditado. A função de continuadores do Evangelho que lhes é atribuída impede que pensemos numa polêmica dirigida diretamente contra os primeiros discípulos de Jesus. Como a fé em Jesus só se desenvolveu depois da Páscoa, a sua vida terrestre podia parecer a Marcos um tempo de manifestação real, mas contida pela necessidade do segredo e limitada pela incompreensão dos discípulos. Esta, paradoxalmente, valoriza o mistério de Jesus, indecifrável fora da fé pascal.

Ela assume, outrossim, o sentido de protótipo para a fé dos cristãos, sempre sujeita, como a deles, a ficar em descompasso com relação à revelação divina. A cruz sempre há de ser um escândalo. Para ser proclamado e acolhido em sua verdade, o Evangelho não só exige fidelidade aos termos da confissão da fé, mas sobretudo a autenticidade de uma vida em seguimento de Jesus. A compreensão do seu mistério é inseparável de uma lenta e difícil iniciação à condição de discípulo.

O modo de escrever de Marcos. Aprouve a alguns louvar em Marcos sua arte de narrador. Se o seu vocabulário é pobre (exceto quando fala de coisas concretas e das reações provocadas por Jesus), as suas frases malconcatenadas, seus verbos conjugados sem preocupação com a concordância de tempo, suas próprias deficiências contribuem para dar vida a uma narrativa muito próxima do estilo oral. Contudo, por sob o pormenor "colhido ao vivo", vislumbra-se muitas vezes a trama de um esquematismo que trai elementos já tradicionais ou modelados para o uso das comunidades. Quando o narrador faz reviver a cena, não apresenta o relato singelo de uma testemunha ocular. Aliás, a ausência de qualquer sequência cronológica, por elementar que seja, a indiferença pela psicologia das personagens, a imagem estereotipada da multidão impedem que se leia este evangelho como uma simples vida de Jesus. Mas, sem visos de literatura, Marcos prima por sugerir o retrato vivo de um homem que, com suas reações imprevisíveis, sua compaixão ou rudeza, com a surpresa que causa e com a determinação de sua palavra, contradiz as imagens pré-fabricadas. Toda a alma se lhe traduz num olhar, que pode vir prenhe de cólera ou pleno de bondade (3,5.34), de interrogação ou diligente atenção

(5,32; 11,11), de afeição (10,21), de gravidade contristada ou serena (10,23.27). Perante esse homem todas as atitudes são possíveis, da estupefação ao maravilhamento, da desconfiança à decisão de matar e, para os discípulos, da adesão irrefletida à incompreensão e ao abandono.

Origem do livro. Por volta do ano 150, Pápias, bispo de Hierápolis, atesta a atribuição do segundo evangelho a Marcos, "intérprete" de Pedro em Roma. O livro teria sido composto em Roma, depois da morte de Pedro (prólogo antimarcionita de século II, Irineu) ou ainda durante sua vida (segundo Clemente de Alexandria). Quanto a Marcos, foi identificado com João Marcos, originário de Jerusalém (At 12,12), companheiro de Paulo e Barnabé (At 12,25; 13,5.13; 15,37-39; Cl 4,10) e, a seguir, de Pedro em "Babilônia" (isto é, provavelmente, em Roma), segundo 1Pd 5,13.

Admite-se comumente a origem romana do livro, depois da perseguição de Nero em 64. Disto podem servir de indício certas palavras latinas grecizadas, várias construções de frases tipicamente latinas. Quando menos, o cuidado de explicar os costumes judaicos (7,3-4; 14,12; 15,42) de traduzir as palavras aramaicas, de frisar o alcance do Evangelho para os pagãos (7,27; 10,12; 11,17; 13,10) supõem que o livro se destina a não-judeus, fora da Palestina. Quanto à insistência na necessidade de seguir Jesus carregando a própria cruz, poderia ser de particular atualidade numa comunidade abalada pela perseguição de Nero. Por outro lado, visto ser a ruína do Templo anunciada em Marcos sem nenhuma alusão clara ao modo como se efetuaram esses acontecimentos em 70 (ao contrário de Mt 22,7 e Lc 21,20), nada impede que se date a composição do segundo evangelho entre 65 e 70.

A relação do livro com o ensinamento de Pedro é mais difícil de determinar. A expressão de Pápias, "intérprete de Pedro", não é clara. Contudo, mais do que os pormenores descritivos e a feição de testemunho ocular, o lugar nele ocupado por Pedro testemunha em favor de uma tradição petrina. Dentre o grupo dos Doze, só se destacam Tiago e João, como fiadores, ao que parece, do testemunho de Pedro. Este nem por isso é lisonjeado. Mas, se nem sempre desempenha um papel agradável, não há nisto sinal de oposição contra ele.

Fica, portanto, intacto o problema das fontes de Marcos. Os estudiosos as imaginam diversamente, conforme a comparação com Mateus e Lucas os leve a ressaltar a importância de Marcos na origem destes ou a supor a existência, anterior a Marcos, de uma síntese de tradições referentes a Jesus. Seja qual for a hipótese, a composição do Evangelho de Marcos leva a pensar em uma etapa anterior da tradição, na qual os gestos e palavras de Jesus eram transmitidos independentemente de qualquer visão de conjunto da sua vida ou pregação. A narrativa da Paixão deve ter-se apresentado na origem sob a forma de uma sequência com vários episódios. Conjuntos elementares, como "o dia de Cafarnaum" (1,21-38) ou as controvérsias de 2-3,6 puderam constituir-se bastante cedo e já existir nas fontes de Marcos.

Outra questão que não recebeu resposta: como terminava o livro? Geralmente se admite que a conclusão atual (16,9-20) foi acrescentada para corrigir o final abrupto do livro no v. 8 (cf. 16,9 nota). Mas nunca saberemos se a conclusão original do livro foi perdida ou se Marcos julgou que a referência à tradição das aparições na Galiléia no v. 7 bastava para encerrar sua narrativa.

Importância do livro. Marcos é para nós o primeiro exemplo conhecido do gênero literário chamado evangelho. No uso da Igreja, foi muitas vezes preterido em favor das sínteses posteriores e mais amplas de Mateus e Lucas. Ele tornou a ser valorizado pelos estudos literários e históricos dos

séculos XIX e XX. Hoje, renuncia-se a elaborar uma biografia de Jesus baseada unicamente nas seqüências de Marcos. Todavia, a sua rudeza, a ausência de afetação, a abundância de semitismos, o caráter elementar da reflexão teológica revelam um estágio antigo dos materiais utilizados. Os personagens e os lugares nomeados provêm de tradições arcaicas. Os ensinamentos de Jesus, a insistência na proximidade do Reino de Deus, as parábolas, as controvérsias, os exorcismos só encontram sua posição histórica de origem na vida de Jesus na Palestina. As recordações não provêm diretamente de uma memória individual. Formuladas primeiro em vista das necessidades da pregação, da catequese, da polêmica ou da liturgia das Igrejas, elas têm suas raízes no testemunho dos primeiros discípulos.

O mérito de Marcos consiste em tê-las fixado no momento em que a vida das Igrejas disseminadas fora da Palestina e a reflexão teológica atizada pelo choque com as culturas estrangeiras estavam sujeitas a perder o contato com as origens do Evangelho. Ele conseguiu manter viva, inapagável, a visão de uma existência movimentada, difícil de compreender. Afinal, quem é este homem? A tal pergunta, Marcos traz a resposta dos primeiros crentes, que foram as testemunhas primeiras. Mas, para quem se contentasse com repetir esta resposta, ele reaviva a questão e lembra que a fé se comprova pelo engajamento incondicional no seguimento de Jesus, sempre em ação, pelo Evangelho, no meio dos homens.

EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

1 João, o Batizador (Mt 3,1-6.11-12; Lc 3,1-6.15-18). 'Início do Evangelho' de Jesus Cristo^a. Filho de Deus^c.

² Assim como está escrito no livro do profeta Isaías:

Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti,

para preparar o teu caminho^d.

³ Uma voz clama no deserto:

Jo 1,23 *Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas^e.*

⁴ João, o Batizador, apresentou-se no de-

serto^f, proclamando^g um batismo de conversão para o perdão dos pecados^h.² Toda a região da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém acorriam a ele; faziam-se batizar por ele no Jordãoⁱ, confessando os seus pecados^j. João vestia-se de pêlo de camelo, com um cinto de couro à volta dos rins^k; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. ⁷Ele proclamava: "Depois de mim vem o que é mais forte do que eu, e eu não sou digno de, inclinandome, desatar-lhe a correia das sandálias^l.³

At 13,24; 19,4

At 13,25

a. Palavra grega que significa *boa nova*, *Evangelho* não designa, no NT, um livro e sim, a Boa Nova da salvação por Jesus Cristo (Rm 1,1 nota) pregada pelos apóstolos. É o *Evangelho de Deus* (1,14; Rm 1,1), que está na origem da salvação e da sua proclamação. É também o *Evangelho de Jesus Cristo* (1,1; Rm 15,19); ele o pregou (1,14) antes de se tornar o seu objeto, depois da Ressurreição. O Evangelho deve ser proclamado em todas as nações (13,10; 14,9; cf. 16,15). Ele requer a mesma abnegação solicitada por Jesus (8,35; 10,29). De fato, a ação de Deus, manifestada na vida e obra de Jesus, manifesta-se ainda na Palavra, cujos arautos são os discípulos (cf. 4,14 nota), com quem age o Senhor ressuscitado (cf. 16,20). Mc propõe-se a escrever o *começo* do Evangelho na história, desde a pregação de João Batista (1,2-8), em quem já se manifesta a obra de Deus (11,29-33) a cumprir suas promessas (1,2-3), e cuja mensagem, segundo Mc, concentra-se em Jesus (1,7-8). Cf. At 1,22; 10,37.

b. *Cristo*, isto é, o *Messias*, lit. *consagrado por uma unção*, designação judaica do salvador esperado. Mc compreende esse título no sentido novo que lhe confere sua aplicação a Jesus (9,41; 12,35-37). Em Mc, só um homem reconhece Jesus como Messias: Pedro; mas é logo intimado ao silêncio (8,29-30). E Jesus só aprova esse título durante o seu processo (14,61-62).

c. *Filho de Deus*. Este título não é referido por todas as testemunhas do texto. Em todo caso, ele exprime o pensamento de Mc. Revelado por Deus (1,11; 9,7), divulgado pelos demônios (3,11; 5,7), deve ser mantido em segredo. Mas Jesus não o rejeita durante o seu processo (14,61-62), e um homem, um pagão, o proclama após a sua morte (15,39).

d. Mescla de uma citação de Ex 23,20 gr. com Mt 3,1. O caminho do Senhor Deus, segundo Malaquias, torna-se aqui o do Messias; João, mensageiro de Deus, tem o encargo de prepará-lo.

e. Is 40,3, aplicado aqui à vinda do Messias.

f. Outra leitura: *João apareceu batizando no deserto e proclamando...* Lit. *João, aquele que batiza*, como em 6,14,24; *João, o Batista* em 6,25; 8,28, como sempre em Mt e Lc. *No deserto*: cf. Mt 3,1 nota; Lc 3,3 nota.

g. Cf. Mt 3,1 nota; Lc 3,3 nota. Este verbo, frequentemente empregado para o anúncio público do Evangelho (1,14; 13,10; 14,9; 16,15; cf. Gl 2,2; Cl 1,23; It 2,9), condiz com a publicação dos atos que Deus realiza por Jesus (1,45; 5,20; 7,36). É adequado para designar a pregação pública de Jesus (1,38,39) e a de seus enviados (3,14; 6,12). Aqui e no v. 7, ele sugere que João está encarregado de uma missão divina em prol de todo o

povo: por sua pregação é que se cumprem as profecias (v. 3: *uma voz...*).

h. *Batismo*: esta palavra, empregada no Novo Testamento para designar o batismo de João e o batismo cristão, equipara-se às que designam os banhos ou abluções praticados no judaísmo para a purificação das impurezas rituais (Jt 12,7; Sr 34,25; Mc 7,4; Hb 6,2; 9,10). Desde o fim do século I d.C., há referências a um rito de imersão para a integração dos prosélitos no judaísmo. E, à época de João, vários movimentos religiosos caracterizavam-se por esta prática. É o caso da comunidade de Qumran, na qual banhos cotidianos, reservados aos membros professos, exprimiam o seu ideal de pureza, sem substituir a necessária conversão interior, e na expectativa de uma futura purificação radical (*Regra* 2,25-3,12). O batismo de João distingue-se desta prática: é oferecido a todos, conferido por João e recebido uma só vez, como preparação derradeira para o julgamento, para o *batismo* do fim dos tempos (cf. 1,8 nota). A condição essencial para o mesmo exprime-se na *conversão* (cf. Mt 3,2 nota) e seu objetivo é a *remissão dos pecados*, esperada desde aquele momento, ou, mais provavelmente, como um dom do Reino de Deus anunciado (cf. as promessas de purificação de Israel: Is 1,16; 4,4; Ez 36,25).

i. Lit. *no rio Jordão*.

j. O verbo indica que os pecados se confessavam com palavras e não só com o gesto praticado. No judaísmo daquele tempo, a confissão dos pecados era praticada em certas circunstâncias (por exemplo, quando das litúrgias de expiação, cf. Lv 5,5-6; 26,40; 2Cr 6,37; Ne 1,6; Dn 9,20, ou de renovação da Aliança, cf. Esd 10,1; Ne 9,2; *Jubileus* 1,22; *Regra de Qumran*, 1,21-2,1; *Escrito de Damasco* 20,28-30). Ela exprime a volta para Deus, em vista de conseguir o seu perdão (cf. Sl 32,5; Pr 28,13; Lc 18,13-14; Tg 4,10; IJo 1,9). Menciona-se em At 19,18, ao que parece, com relação ao batismo cristão (cf. 20).

k. Algumas testemunhas do texto lêem somente: *Vestido de pêlo de camelo, ou com uma pele de camelo*. A leitura aqui traduzida, de acordo com a maioria das testemunhas, poderia ter sido influenciada pelo texto de Mt 3,4, para acentuar o paralelo entre João e Elias (2Rs 1,8).

l. Conforme Mc, toda a pregação de João se refere a quem vem depois dele, ou em seu seguimento (lit. *atrás dele*). A expressão, que denota a dignidade, como num cortejo (cf. 1,17,20; 8,33,34), ressalta o contraste entre João e Jesus: aquele que vem depois é na realidade *o mais forte*. A força, atributo do Messias (cf. Is 11,2; 49,25; 53,12; *Sl de Salomão* 17,24), manifestar-se-

"Eu vos batizei com água, ele porém vos batizará com Espírito Santo".

Batismo de Jesus (Mt 3,13-17; Lc 3,21-22).

9Ora, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré na Galiléia e fez-se batizar por João no Jordão. 10No momento em que ele subia da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito como uma pomba descer sobre ele. 11E dos céus veio uma voz: "Tu és o meu Filho bem-amado, aprouve-me escolher-te".

Jesus tentado no deserto (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). 12Imediatamente o Espírito impeliu Jesus para o deserto. 13Durante quarenta dias*, no deserto, ele foi tentado por Satanás¹. Vivía com as feras, e os anjos o serviam².

Jesus proclama o Evangelho na Galiléia (Mt 4,12-17; Lc 4,14-15). 14Depois que João fora entregue, Jesus veio para a Galiléia³. Ele proclamava o Evangelho de Deus⁴ e dizia: 15"Cumpriu-se o tempo⁵, e o Reinado de Deus aproximou-se⁶: convertei-vos e crede no Evangelho⁷".

Chamamento de quatro pescadores (Mt 4,18-22; Lc 5,1-3.10-11). 16Passando ao longo do mar da Galiléia, viu Simão e André, irmão de Simão, lançando a rede ao mar: eram pescadores. 17Jesus lhes disse: "Vinde em meu seguimento⁸, e farei de vós pescadores de homens"⁹. 18Eles, deixando logo as redes, seguiram-no¹⁰. 19Indo um pouco adiante, viu Tiago, 3,17; Lc 9,54

-si na luta de Jesus contra Satanás (3,27 nota). E aquele que vem na frente não passa, na realidade, de um criado; calçar ou desatar as sandálias de alguém era uma tarefa própria do escravo (cf. Jo 13,4-17).

m. Esta palavra evidencia a distância entre a atividade de João, caracterizada pelo batismo de água, e a do Messias, definida como um batismo no Espírito Santo. Mc não menciona o fogo (cf. Mt 3,11 nota). De preferência a Pentecostes (At 1,5) ou o batismo cristão (At 11,16; 19,1-6), o que parece ser designado aqui como purificação e santificação escatológica pelo Espírito Santo é a obra global da salvação inaugurada por Jesus (a seita de Qumran esperava-a para o fim dos tempos, Regra 3,6-8).

n. A entrada em cena de Jesus o faz aparecer como sendo aquele que João anunciava. O interesse volta-se menos para o seu batismo que para a revelação celeste que se lhe seguiu (vv. 10-11). Mc não fala de testemunha alguma, exceto Jesus: a sua narrativa é entregue aos leitores qual uma chave para compreender a sequência do livro.

o. Os céus se rasgam como um tecido (cf. 15,38), sinal de que Deus intervém para realizar suas promessas (Is 63,19), aqui pelo envio do Espírito Santo (cf. *Testamento de Levi* 18,6 e de *Judá* 24,2).

p. Cf. Mt 3,16 nota. Ao descer sobre Jesus, o Espírito o designa como sendo o salvador prometido (cf. Is 11,2; 42,1; 63,11).

q. Lit. *em ti eu pus o meu beneplácito*. Não se trata de um arbitrário divino, mas de uma ação de Deus, de consequência duradoura, a favor de Jesus, que ele reconhece, desde sua entrada em cena, no início de sua atividade, como seu Filho (cf. Sl 2,7), seu bem-amado (cf. 12,6, que talvez recorde Gn 22,12.16), objeto de sua predileção (cf. Is 42,1). Cf. Mt 3,17 nota.

r. Primeira ação de Jesus sob o impulso do Espírito: ser impellido ao deserto para enfrentar o poder de Satanás.

s. A *prova-tentação* é, em Mc, um combate travado durante toda a estada no deserto, ao passo que, em Mt e Lc, sobrevém ao término desta estada. Cf. Mt 4,2 nota.

t. Quanto à origem desta palavra, cf. Jó 1,6. *Satanás* ou o diabo são, no evangelho, os nomes mais comuns do inimigo oposto a Deus e ao estabelecimento do seu Reino. É também chamado Beelzebul (3,22) ou Belial (2Cor 6,15).

u. Os animais selvagens são mencionados, quer para ressaltar a desolação do deserto (Is 34,11-15), quer, de preferência, para

ilustrar, por antecipação, a harmonia do mundo no reinado do Messias (Is 11,6-9). O serviço dos anjos é o sinal da assistência divina. Ele é prometido, junto com o domínio sobre o mundo animal, a quem se fia em Deus (Sl 91,11-13, citado em Mt 3,6). Destarte, Jesus aparece como vencedor da prova.

v. Bem em evidência na narrativa da atividade de Jesus na Galiléia, Mc anota o tema fundamental de sua pregação: vv. 14-15. — *Entregue*: cf. Mt 4,12 nota.

w. O *Evangelho de Deus* (Rm 1,1; 15,16; 2Cor 11,7): a Boa Nova não só vem de Deus, mas é *força de Deus para a salvação* (Rm 1,16) e proclama a ação de Deus em Jesus Cristo. *Proclamar o Evangelho de Deus* constitui a tarefa dos apóstolos (cf. 1Ts 2,2, 8-9). Aplicando-o a Jesus, Mc acentua a continuidade da missão de Jesus e da Igreja.

x. Chegou o tempo fixado por Deus para o cumprimento de suas promessas (cf. 13,20; Dn 7,22; 12,4-9).

y. Ou: *tornou-se próximo* (mesmo verbo em 14,42). Cf. Mt 3,2 nota.

z. Os termos que resumem a pregação de Jesus sugerem que ela tem o seu prolongamento na pregação cristã. Esta afirma que os tempos se cumpriram (Gl 4,4; Ef 1,10), faz apelo à conversão e ao acolhimento do Evangelho pela fé (cf. 1Ts 1,5-6,9; 2,13; Cl 1,5-6). Mas a Boa Nova da aproximação do Reino de Deus torna-se, depois da Páscoa, a da salvação oferecida em Jesus Cristo.

a. Mc vê também, nas origens do Evangelho, o chamamento de quatro discípulos que farão parte do colégio dos Doze (3,13-19) e que, enviados por Jesus (6,7-13), serão seus *apóstolos* (6,30). Mc situa, pois, aqui, sem preocupação alguma de preparação psicológica, essas duas breves narrativas (em 2,14 é oferecida uma terceira). Vazadas no mesmo molde (cf. 1Rs 19,19-20), elas destacam a iniciativa de Jesus no chamamento e a obediência dos homens na resposta.

b. Lit. *Após mim*. (cf. v. 7 nota).

c. No AT (Ez 12,13; Hab 1,15,17; cf. Jr 16,16), a imagem da rede de pesca ou de caça evoca antes o castigo. Aqui aplica-se à futura missão dos Doze: pregando o Evangelho, eles congregarão homens em vista do julgamento e da entrada no Reino de Deus; cf. Mt 13,47-50.

d. Cf. Mt 4,20 nota. *Seguir Jesus* é tornar-se discípulo. O abandono da profissão para viver com o mestre exprime a novi-

filho de Zebedeu^e, e João, seu irmão, que estavam no seu barco, consertando as redes. ²⁰Logo os chamou. E, deixando no barco seu pai Zebedeu com os empregados, partiram em seu seguimento.

Jesus manifesta a sua autoridade na sinagoga de Cafarnaum (Lc 4,31-37).

²¹Eles entraram em Cafarnaum. E logo no dia de sábado^f, tendo entrado na sinagoga, Jesus ensinava. ²²Eles ficavam impressionados com o seu ensinamento; pois ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas^g. ²³Naquela ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído por um demônio impuro^h; ele exclamou: ²⁴“Que há entre nós e tiⁱ, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder. Eu sei quem és: o Santo de Deus!”.

²⁵Jesus o repreendeu: “Cala-te^e e sai deste homem”. ²⁶O espírito impuro sacudiu-o violentamente e saiu dele, soltando um grande grito. ²⁷Todos ficaram tão espantadosⁱ que se perguntavam uns aos outros: “Que é isto? Eis um ensinamento novo, cheio de autoridade! Ele manda até nos espíritos impuros e eles lhe obedecem!”

²⁸E sua fama espalhou-

se logo por toda a parte, em toda a região da Galiléia.

Cura da sogra de Simão (Mt 8,14-15; Lc 4,38-39). ²⁹Logo ao sair da sinagoga, eles foram^m, com Tiago e João, à casa de Simão e André. ³⁰Ora, a sogra de Simão estava de cama, com febre; e logo falou dela a Jesus: ³¹Ele aproximou-se e a fez levantar, tomando-lhe a mão: a febre a deixou e ela pôs-se a servi-los.

Curas depois do sábado (Mt 4,24; 8, 16-17; Lc 4,40-41). ³²Ao anoitecer, após o pôr-do-solⁿ, começaram a trazer-lhe todos os doentes e os endemoninhados^o. ³³A cidade inteira estava aglomerada à porta. ³⁴Ele curou muitos doentes, que sofriam de males de toda espécie, e expulsou muitos demônios; e não deixava os demônios falarem, porque o conheciam^p.

Jesus deixa Cafarnaum (Mt 4,23; Lc 4,42-44). ³⁵De madrugada, no escuro da noite, Jesus levantou-se e saiu, retirando-se para um lugar deserto; ali, ele orava.

³⁶Simão saiu à busca dele, bem como seus companheiros. ³⁷E o acharam e lhe disse-

dade de vida com Jesus, de sorte que a experiência dos Doze serve de protótipo para os crentes, por sua vez chamados a entrar na sua escola.

e. Lit. *Tiago, o de Zebedeu*, filho deste conforme 10,35.

f. Nesta cena, vv. 21-28, Mc associa o ensinamento de Jesus (vv. 21-22) e sua vitória sobre o espírito do mal (vv. 23-26) como uma só e idêntica manifestação da *autoridade* provida de Deus (v. 27).

g. Mc raramente designa o conteúdo do *ensinamento de Jesus*, mas o fato de ele ensinar é apontado com frequência, como também a forte impressão produzida nos seus auditórios (6,2; 10,26; 11,18; depois de um milagre 7,37). A *autoridade* que manifesta lhe vem de Deus (1,27; 2,10; 11,28-33; cf. 13,34). Aqui, Jesus é apresentado em contraposição aos *escribas*, intérpretes oficiais da lei e especialistas nas Escrituras, que se entricheiravam por trás da autoridade dos textos da tradição.

h. Expressão frequente para designar um demônio; o espírito é *impuro*, porque sua influência se opõe à santidade de Deus e do seu povo. Aqui, ele reage vivamente à santidade de Jesus (v. 24). Quanto à relação entre doença e influência demoníaca, cf. v. 32 nota.

i. Expressão bíblica (Jz 11,12; 2Sm 16,10; 19,23; 1Rs 17,18; Jo 2,4) para repelir uma intervenção tida por inoportuna ou manifestar a recusa de quaisquer relações com alguém. O demônio, que é tido como falando pela boca do doente e em nome de seus congêneres, compreende que seu poder sobre o homem está chegando ao fim (cf. Lc 10,18; Ap 20,10).

j. Só Deus é santo, e sua santidade comunica-se ao que lhe pertence ou lhe é consagrado: Jesus é o *Santo de Deus* por excelência, por ser o Cristo (consagrado, cf. v. 1 nota) e o Filho de Deus (vv. 1,11). Não parece que esse título tenha sido aplicado pelos judeus ao Messias. Cf. Jo 6,69; At 3,14; 4,27,30.

k. Cf. v. 34 nota.

l. Nova expressão (cf. v. 22 nota), desta vez peculiar a Mc, da estupefação ou mesmo do temor provocado pelas manifestações de poder ou pelas palavras de Jesus (10,24,32; cf. também 9,15).

m. Em outros mss. se lê: *Saindo... ele foi*.

n. O surgimento das primeiras estrelas assinala o fim do sábado.

o. Cf. Mt 8,16 nota. Mc associa, repetidas vezes, doença e influência dum mau espírito, doentes e endemoninhados (1,34; 3,10-11; 6,13; cf. também Lc 6,18; At 5,16; 8,7). No NT, os demônios são sempre mencionados sob o aspecto de sua influência neste mundo: a obra de Jesus consiste em acabar com ela.

p. Em outros mss. se lê: *Eles conheciam que ele era o Cristo* (cf. Lc 4,41). Aqui, Mc explica por que Jesus impõe silêncio aos demônios: ao passo que sua grandeza escapa aos homens (1,27; 4,41; 6,14-16; 8,27-28), os demônios sabem quem ele é (1,24; 3,11; 5,7), segredo que Jesus não quer ver divulgado (1,25; 3,12), embora ele exprima a verdade revelada pela voz divina, em 1,11 e 9,7, e confessada pela fé cristã (Jesus Messias, Filho de Deus, Santo de Deus). O confronto entre Jesus e o demônio é público e dá provas de um poder extraordinário, mas é cedo demais para revelar o seu sentido. Cf. 1,44 notas.

ram: "Toda a gente te procura". ³⁶E ele lhes disse: "Vamos para outra parte, às aldeias da vizinhança, para que lá também eu proclame o Evangelho"; pois para isso é que eu saí". ³⁷E ele percorreu toda a Galiléia; pregava^b em suas sinagogas e expulsava os demônios.

Purificação de um leproso (Mt 8,1-4; Lc 5,12-16). ⁴⁰Um leproso^c aproxima-se dele; suplica-lhe e cai de joelhos, dizendo-lhe: "Se queres, podes purificar-me".

⁴¹Movido de compaixão^d, Jesus estendeu a mão e tocou nele. Ele lhe disse: "Eu quero, sê purificado". ⁴²No mesmo instante, a lepra o deixou e ele ficou purificado. ⁴³Irritando-se contra ele, Jesus logo o despediu. ⁴⁴Ele lhe disse: "Cuida de não falar nada a ninguém", mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés prescreveu^e; nisto eles terão um testemunho". ⁴⁵Por-

rém, depois de retirar-se, ele se pôs a proclamar bem alto e a divulgar a notícia^f, tanto que Jesus não podia mais entrar abertamente numa cidade, mas ficava fora em lugares desertos. E de toda a parte acorriam a ele.

2 Perdão e cura de um paralítico em Cafarnaum (Mt 9,1-8; Lc 5,17-26).

¹Alguns dias depois, Jesus tornou a entrar em Cafarnaum^g, e soube-se que ele estava em casa^h. ²E tanta gente se aglomerou ali, que não havia mais lugar, nem sequer diante da porta. E ele lhes anunciava a Palavraⁱ. ³Chegam alguns trazendo-lhe um paralítico carregado por quatro homens. ⁴E, como não o pudessem levar até ele por causa da multidão, desdobriram o telhado em cima do lugar onde ele estava e, abrindo um buraco, fizeram descer a maca na qual estava deitado o paralítico^j. ⁵Vendo-lhes a fé^k, Jesus

q. Lit. *eu proclame*. Este verbo basta por si só para designar em Mc a pregação da Boa Nova (1,39; 3,14), assim como em 1,14; 13,10; 14,9.

r. *Sul*: de Carfanaum. Cf. Lc 4,43.

s. Lit. *proclamava*. Ver 1,4 nota; 1,38 nota.

t. O dia de Cafarnaum (vv. 21-34) agrupa algumas ações características, segundo Mc, das primeiras manifestações de Jesus. Da expansão de suas atividades a toda a Galiléia (vv. 35-39). Mc só fornece aqui um exemplo típico: um ato de purificação comparável às vitórias contra os *espíritos impuros* (cf. v. 23 nota). De fato, a lepra era considerada como uma impureza, que excluía o doente da sociedade religiosa, cf. Mt 8,2 nota.

u. Conforme outros mss.: *irritado*. Esta variante não pode ser uma correção da leitura: *movido de compaixão*, ao passo que o inverso pode ser levado em conta. Caso, como pensam numerosos estudiosos, devesse ler *irritado*, a ira de Jesus poderia explicar-se ou porque, ao aproximar-se dele, o leproso infringe a lei (Lv 13,45-46; mas Jesus também vai infringi-la tocando o doente), ou, de preferência, porque o leproso contrariava a vontade que Jesus tem de pregar evitando aglomerações (vv. 35-39,45) e não ser manifestado como Messias e Filho de Deus (v. 34,43,44 nota). Impuro e fonte de impureza, o leproso era tido como objeto de um castigo divino e proscrito da sociedade. Jesus, com seu gesto, não reconhece isto, mas envia mesmo assim o doente curado ao sacerdote, para ser reintegrado na comunidade religiosa (v. 44 nota).

A cura da lepra de era considerada como um ato comparável à ressurreição dos mortos e atribuída só a Deus. Como sinal da aproximação do Reino de Deus, ela é comparável à ressurreição dos mortos e é incluída entre os benefícios dos tempos do Messias (Mt 10,8; 11,5 par.). Por este motivo, justifica-se, na perspectiva de Mc, a ordem do silêncio (v. 44).

v. Mais um exemplo das imposições de *silêncio*, particularmente frequentes em Mc (cf. 1,34 nota): a respeito dos milagres, cf. também 5,43; 7,36; 8,26. Aqui no v. 45, tal imposição não é

respeitada, como tampouco em 7,36-37, como se a irradiação do poder do Filho de Deus não pudesse ser contida.

w. Cf. Lv 14,2-32. O leproso curado só podia reingressar na comunidade religiosa se a cura fosse homologada pelo sacerdote em função no Templo.

x. Em outros passos, essa fórmula designa um testemunho de valor jurídico prestado contra (6,11) ou perante alguém (13,9). Em 13,9, o *testemunho* parece ser de aprovação ou acusação, conforme o modo de ser acolhido. Aqui deve suceder o mesmo: o atestado regular da cura reveste a força de um testemunho deste juez. A dificuldade em conciliar esta ideia com a ordem de silêncio do v. 44 significa a tensão, não raro, expressa por Mc entre os aspectos público e secreto da pessoa e da atividade de Jesus; ele recusa revelar-se como Messias, porém manifesta, nos seus ditos e feitos, sua autoridade e o poder de Deus.

y. Lit. *a palavra*. Este termo tem o sentido técnico de *a Palavra de Deus* em 2,2; 4,14-20,33; associado aqui ao verbo *proclamar* que se diz do Evangelho (cf. 1,4 nota), ele pode sugerir que o leproso curado prefigura os pregadores do Evangelho. Cf. 5,19-20; 7,36 nota.

z. Começa aqui uma série de discussões de Jesus com seus adversários, que Mc situa em Cafarnaum: 2,1-3,6. O interesse concentra-se nas palavras de Jesus, que se exprime com clareza acerca de sua missão (2,10,17,19,28; 3,4).

a. Sem dúvida, deve-se tratar da *casa de Simão* (1,29) onde Jesus estava, de certa maneira, *em casa* (é o sentido da expressão em 1Cor 11,34; 14,35). Em 7,17; 9,28 e talvez 3,20, o sentido difere (*numa casa*).

b. *Anunciar a palavra* é expressão consagrada para a pregação cristã (At 4,29,31; 8,25 etc.), a respeito da qual Mc frisa, ainda aqui, ser ela o prosseguimento da de Jesus.

c. Deve-se imaginar uma casa palestina de um só pavimento, cujo teto em forma de terraço é feito de taipa. — *Maca*: lit. *catre*, cf. Lc 5,18 nota.

d. Aqui a *fé* exprime-se pela iniciativa tomada para com Jesus

Lc 7,48 disse ao paralítico: "Meu filho, os teus pecados estão perdoados". "Alguns escribas" estavam ali sentados e refletiam em seus corações: "Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar os pecados a não ser Deus só?"³ Jesus, percebendo logo em seu espírito que raciocinavam assim com eles mesmos, lhes disse: "Por que fazeis tais raciocínios em vossos corações? ⁹Que é mais fácil? Dizer ao paralítico: 'Teus pecados estão perdoados' ou dizer: 'Levanta-te, toma a tua maca e anda'? ¹⁰Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem^a tem autoridade para perdoar os pecados na terra — diz ao paralítico: ¹¹'Eu te digo: levanta-te, toma a tua maca e vai para casa'". ¹²O homem se levantou, tomou logo a maca e saiu diante de todos, de modo que todos se extasiavam e davam glória a Deus, dizendo: "Nunca vimos coisa semelhante!"³

Mt 9,33

Vocação de Levi e acolhida dos pecadores (Mt 9,9-13; Lc 5,27-32). ¹³Jesus saiu de novo^b para a beira-mar. Toda a multidão vinha a ele, e ele os ensinava.

3,7-8;
Mt 4,25
1,22; 6,2

pelo doente e os que o carregavam. Nas narrativas de milagres, sucede ou que Jesus solicite a fé antes de intervir (5,36; 9,23 nota), ou que, após o fato, ele impute a cura à fé do doente (5,34; 10,52). A respeito da fé, cf. 4,40 nota; 11,23 nota.

e. Os escribas (cf. 1,22 nota) são nomeados com grande frequência por Mc, o mais das vezes como adversários de Jesus; cf. contudo 12,34 nota.

f. Cf. Lc 5,21 nota.

g. Cf. Mt 8,20 nota.

h. Cf. 1,16.

i. O chamamento de *Levi*, narrado em moldes iguais aos dos quatro primeiros discípulos (cf. 1,16 nota), introduz uma segunda controvérsia: esta versa sobre a atitude de Jesus com relação aos pecadores.

j. Ali se recolhiam as *taxas* sobre as mercadorias que entravam na cidade ou dela saíam. Cufarnaum achava-se na fronteira do território de Herodes Antipas com o de Filipe (tetraca de Traconítide). Sistemáticamente organizado pelos romanos, o recolhimento de taxas e impostos era franqueado a pessoas particulares, que recorriam à ajuda de coletores subalternos. Certas cidades ou reis dependentes de Roma podiam cobrar em proveito próprio direitos de passagem; devia ser o caso de Herodes Antipas. Cf. Lc 3,12 nota.

k. Cf. 1,18 nota.

l. Trata-se provavelmente de *Levi*, que oferece uma festa em casa, conforme o entendeu Lc 5,29.

m. Quanto à tradução frequente *publicanos*, cf. Lc 3,12 nota.

sentado na colctória de impostos^l. Disse-lhe: "Segue-me". Ele se levantou e o seguiu^k. ¹⁵Ei-lo à mesa em casa dele^l, e muitos coletores de impostos^m e pecadores tinham tomado lugar com Jesus e seus discípulos, pois eram numerosos e seguiam-no. ¹⁶E alguns escribas fariseusⁿ, vendo que ele comia com os pecadores^o e os coletores de impostos, diziam aos seus discípulos: "Que é isto? Ele come com os coletores de impostos e pecadores?" ¹⁷Jesus, que os ouvira, disse-lhes: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes: eu não vim^p chamar os justos, mas os pecadores".

Mt 11,9;
Lc 7,34

Sobre o jejum. O velho e o novo (Mt 9,14-17; Lc 5,33-39). ¹⁸Os discípulos de João^q e os fariseus estavam jejuando. Eles vêm dizer a Jesus: "Por que jejuam os discípulos de João e os discípulos dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?" ¹⁹Jesus lhes disse: "Podem os convidados às núpcias^r jejuar enquanto está com eles o esposo?" Enquanto o esposo estiver com eles, não podem jejuar. ²⁰Mas dias virão em que o esposo lhes será tirado; então jejuarão, naquele

Por abusarem facilmente do próprio cargo para enriquecer ilícitamente (cf. Lc 3,12-13; 19,8), eles eram assemelhados aos *pecadores* que não observavam a lei (cf. Mt 11,19 par.; 18,17; 21,31; Lc 7,29; 18,9-14) e não deviam ser freqüentados. O comportamento de Jesus devia esclarecer as comunidades cristãs dos inícios, que reuniam à mesma mesa, não sem tensões, os cristãos vindos do judaísmo e do paganismo (cf. Gl 2,12-15).

n. Lit. os *escribas dos fariseus*. Outra leitura: *pois havia muita gente e mesmo escribas fariseus o seguiam. Estes, vendo que ele comia...* A maioria dos escribas pertencia à confraria dos *fariseus*, que se aplicavam a conhecer bem a lei e a tradição para promover a sua estrita aplicação (com isto, eles se *separavam* dos não-observantes, tidos como impuros: talvez seja esta a origem do seu nome).

o. Cf. Mt 9,11 nota.

p. Fórmula característica das palavras de Jesus acerca da missão recebida de Deus, cf. 10,45; 11,9; usada tb. para Elias: 9,11-13.

q. Cf. Mt 9,14 nota. Esta discussão sobre o jejum obedece ao mesmo esquema da precedente: a respeito de um fato, faz-se uma pergunta (v. 18) que provoca a resposta decisiva de Jesus (vv. 19-20). Os vv. 21-22 acrescentam à resposta palavras que ampliam o ensinamento.

r. Lit. *os filhos da sala nupcial*, expressão semítica que designa os amigos que o noivo convida para o casamento. O *amigo do esposo* (Jo 3,29; cf. 2Cor 11,2) era a pessoa de confiança que dava assistência ao noivo e providenciava tudo no decorrer das bodas.

s. Cf. Mt 9,15 nota.

dia¹. ²¹Ninguém costura um remendo de pano cru² numa roupa velha; senão o pedaço acrescentado, que é novo, repuxa a roupa, que é velha, e o rasgão aumenta. ²²Ninguém põe vinho novo em odres velhos; senão, o vinho fará estourar os odres, e perde-se tanto o vinho como os odres; pelo contrário, para vinho novo, odres novos³.

As espigas arrancadas e a observância do sábado (Mt 12,1-8; Lc 6,1-5). ²³Num dia de sábado⁴, Jesus passava através de um campo de trigo e os seus discípulos, enquanto caminhavam, puseram-se a arrancar espigas. ²⁴Os fariseus lhe diziam: "Olha o que eles fazem no dia de sábado! Isto não é permitido⁵". ²⁵E ele lhes disse: "Então nunca lestes o que fez David quando ele e seus companheiros se acharam em necessidade e ele sentiu fome. ²⁶como, no tempo do sumo sacerdote Abiatar⁶, entrou na casa de Deus, comeu os pães de proposição, que a ninguém é permitido comer, senão aos sacerdotes, e deu-os também aos que estavam com ele?" ²⁷E ele lhes dizia: "O

sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado⁷, ²⁸de sorte que o Filho do Homem é senhor até do sábado⁸".

3 Cura num dia de sábado (Mt 12, 9-14; Lc 6,6-11). ¹Ele entrou de novo numa sinagoga⁹; havia ali um homem que tinha a mão paralisada¹⁰. ²Eles observavam Jesus para ver se o curava¹¹ no dia de sábado, com o intento de acusá-lo. ³Jesus disse ao homem que tinha a mão paralisada: "Levanta-te! Vem para o meio". ⁴E a eles disse: "Que é permitido no dia de sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou matá-la?" Mas eles ficavam calados. ⁵Passando sobre eles um olhar de cólera¹², enristecido pelo endurecimento de seus corações, disse ao homem: "Estende a mão". Ele a estendeu, e a mão ficou em perfeitas condições. ⁶Depois de saírem, os fariseus deliberaram com os herodianos¹³ contra Jesus, acerca dos meios de fazê-lo perecer¹⁴.

Jesus e a multidão (Mt 4,25; 12,15-16; Lc 6,17-19). ¹Jesus retirou-se com seus

Ex 20,8-10;
Dt 5,12-14

Jo 8,6

Lc 14,3;
Jo 5,10

6,52; 8,17;
10,5; 16,14;
Rm 2,5;
11,25;
Ef 4,18;
Hb 3,8

1. Cf. Mt 9,15 notas.

u. Lit. *não pisou*, que encolhe ainda.

v. É mister escolher entre o *velho* (na certa os velhos usos do judaísmo, cf. 7,3-4,15) e o *novo*, o Evangelho.

w. Sempre o mesmo modelo de narrativa (v. 18 nota), destinado a valorizar a resposta de Jesus (vv. 25-26), ampliada pela afirmação acrescentada no vv. 27-28.

x. Cf. Mt 12,2 nota.

y. Em 1Sm 21,2-7, o sacerdote é Ahimelek, pai de Abiatar (Ebiatar). Mc nomeia este último por ser mais famoso como sumo sacerdote no reinado de David, a não ser que obedeça a outra tradição que considerava Abiatar pai de Ahimelek (2Sm 8,17 hebr.).

z. Esta ideia não é inaudita no judaísmo da época: a obrigação do sábado cessa quando sua obediência acarreta grave dano para a pessoa: cf. 1Mc 2,39-41; e a seguinte afirmação de um rabino, a respeito de Ex 31,14: "O sábado foi entregue a vós, não vós ao sábado" (Mek. 109^a). Cf. também Mc 3,4; Mt 12,11; Lc 14,5.

a. Para Mc, o *Filho do homem* (cf. Mt 8,20 nota) é evidentemente Jesus, que afirma aqui sua autoridade mesmo sobre a instituição divina do sábado. Esta palavra tem um alcance igual ao do v. 10. Ela não tira simplesmente consequência do v. 27, mas de-preende da atitude de Jesus nos vv. 23-27 o princípio que a inspira.

b. De novo refere-se a 1,21. Esta narrativa não obedece ao modelo habitual das narrações de milagres: o interesse, aqui, não se volta para a cura, a não ser enquanto esta fornece matéria para uma controvérsia a respeito do sábado (vv. 2-4) e constitui

a resposta de Jesus ao debate.

c. Lit. *ressequida*.

d. Segundo os rabinos, só se podia dar alívio a um doente durante o sábado se ele estivesse em perigo de morte. O caso do paralítico constituía-se, por isso, em maneira de testar a atitude de Jesus a esse respeito.

e. Jesus contrapõe a ação que vai fazer (praticar) o bem, curar um vida diminuída) à de seus adversários que o espiam com malevolência (praticar o mal, matar, cf. v. 6). Outra interpretação: admitia-se que a lei do sábado cessava estando uma vida ameaçada; aqui, não é o caso; mas Jesus estende o princípio a qualquer cura e a qualquer boa ação feita no dia de sábado, pois não curar equivaleria a matar; não fazer o bem equivaleria a fazer o mal. Em ambos os casos, a atitude de Jesus com respeito ao sábado tende a pôr o sábado a serviço do bem e da vida; cf. Jo 5,17-18.

f. Mc anota com frequência este olhar de Jesus à sua volta 3,34; 5,32; 10,23; 11,11; cf. Lc 6,10.

g. Os *herodianos* eram amigos ou partidários de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e da Peréia (de 4 a.C. até 39 d.C.). Sem o beneplácito deste, não se podia empreender uma ação contra Jesus. Foi ele quem mandou prender João Batista (6,17) e, conforme Lc 13,31, era hostil a Jesus (cf. Mc 8,15). Os herodianos tornaram a encontrar-se com os fariseus em 12,13.

h. Outra tradução: *a fim de fazê-lo perecer*. Sem dúvida, tratava-se de um conciliábulo, cujos membros tramavam entre si, e não de uma assembléia oficial. Este v. 6, que conclui 2,1-3,6, denuncia a Paixão e acentua a gravidade do conflito e o alcance das afirmações de Jesus.

discípulos para beira-mar¹. Uma grande multidão vinda da Galiléia o seguiu. E da Judéia, ²de Jerusalém, da Iduméia, da Transjordânia, da região de Tiro e Sídon¹,

1.33: 6.55 uma grande multidão veio a ele, ao ter a notícia de tudo o que fazia. ³Ele disse

4.1p: aos discípulos que mantivessem um barco à disposição, para que a multidão não o esmagasse. ⁴Pois ele tinha curado a

Lc 5.3 tantos, que todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele

5.28 para tocá-lo. ⁵Os espíritos impuros, quando o avistavam, lançavam-se-lhe aos pés e gritavam: "Tu és o Filho de Deus". ⁶E ele lhes ordenava muito severamente que não o dessem a conhecer¹.

Instituição dos doze (Mt 10,1-4; Lc 6, 12-16). ⁷Ele sobe à montanha^m e chamaⁿ aqueles que ele queria. Eles foram até ele. ⁸que constituiu doze^a para estarem com ele^p e para os enviar a pregar, ⁹com autoridade para expulsar os demônios. ¹⁰E constituiu os Doze^a: Pedro — este é o sobrenome que deu a Simão¹ —, ¹¹Tiago, filho de Zebedeu¹, e João, irmão de Tiago — e deu-lhes o apelido de Boanerges, filhos do trovão¹ —, ¹²André, Fi-

lipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho^a de Alfeu, Tadeu e Simão, o zelote^v, ¹³e Judas Iscariot¹, o mesmo que o entregou.

Jesus e Beelzebul (Mt 12,24-32; Lc 11,15-23; 12,10). ¹⁴Jesus vem para casa^a, e a multidão novamente se aglomera, a tal ponto que eles nem sequer podiam tomar a refeição. ¹⁵A esta notícia, as pessoas de sua parentela vieram para detê-lo, pois diziam: "Ele perdeu o juízo".

¹⁶E os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: "Ele tem Beelzebul¹ em si" e: "É pelo chefe dos demônios que ele expulsa os demônios". ¹⁷Ele os chamou e lhes dizia em parábolas^a: "Como é que Satanás pode expulsar Satanás? ¹⁸Se um reino está dividido contra si mesmo, este reino não se pode manter. ¹⁹Se uma família^a está dividida contra si mesma, esta família não poderá subsistir. ²⁰E se Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir; acabou consigo. ²¹Mas ninguém pode entrar na casa do homem forte^b e saquear seus bens, sem ter primeiro amar-

i. Ao fornecer aqui uma visão global do ministério de Jesus e da atração que ele exercia sobre as multidões, Mc proporciona um contraste com a hostilidade de que Jesus é objeto (2,1-3,6; 3,20-35), sugere o ajuntamento de todo Israel (vv. 7-8) em volta do Filho de Deus (v. 11) e prepara a instituição dos Doze (vv. 13-20).

j. A multidão provém não somente da Galiléia, mas de todas as regiões habitadas pelos judeus. Comparar com 1,5: a João, vinha-se unicamente de toda a Judéia e de Jerusalém.

k. Cf. 1,1 nota; 1,24,34; 5,7.

l. Lit. *que não o* (=Jesus tornassem público. Cf. 1,34 nota. m. Em Mc. Jesus encontra-se com a multidão e a ensina à beira-mar (2,13; 3,7-8; 4,1-2; 5,21), ao passo que, para rezar (6,46) ou para atos de importância referentes aos discípulos (3,13; 9,2), ele sobe à montanha.

n. A iniciativa de Jesus é acentuada, bem como a disponibilidade dos discípulos, tal como em 1,16-20.

o. Texto de outros mss.: *doze que chamou apóstolos*. Este nome lhes é dado por sua qualidade de enviados de Jesus, em 6,30 (cf. Mt 10,2 nota; Lc 6,13 nota).

p. Mc é o único que ressalta este aspecto da vida dos discípulos; cf. 5,18.

q. Estas palavras são omitidas por numerosos mss.

r. Lit. *e ele deu a Simão o nome de Pedro*. Alguns mss. têm, antes desta frase: *primeiro Simão* (cf. Lc 6,14 nota).

s. Cf. 1,19 nota.

t. Cf. Lc 9,54.

u. Ou: *o irmão*. Lit. *Tiago, o de Alfeu*: cf. 1,19 nota; 2,14.

v. Lit. *o cananeu*, de uma palavra aramaica que significa zeloso e designa os zelotes (cf. Lc 6,15 nota e Mt 10,4 nota), membros de um partido político-religioso que pretendia reconquistar, mesmo pela violência, a independência da nação judaica.

w. Cf. Mt 10,4 nota. Em Jo 6,71; 13,26, é o sobrenome do pai de Judas.

x. Cf. 2,1 nota. Mc intercala uma discussão com os escribas vindos de Jerusalém, vv. 22-30, numa cena em que Jesus se defronta com sua família, vv. 20-21 e 31-35 (mesmo procedimento em 5,21-43; 6,7-33; 11,11-21; 14,1-11). Em ambos os casos, ele é objeto de acusações malévolas e parece rejeitado tanto pelos seus como pelas autoridades religiosas de Jerusalém.

y. Um dos nomes do príncipe dos demônios (cf. 1,13 nota; Mt 12,24 nota).

z. É a primeira vez que Mc emprega esta palavra: para ele as parábolas encobrem um mistério escondido *aos de fora*, o mistério do Reino de Deus (4,11 nota; 7,17 nota). Os ditos de Jesus aqui referidos são *parábolas*, não só por causa de sua feição imaginosa, mas por manifestarem a quem é capaz de compreendê-los que o Reino de Deus já está em ação, apressando o fim do reino de Satanás.

a. Lit. *uma casa*, podendo esta palavra designar tanto uma família, como um clã ou um edifício (cf. 2Sm 7,5-16).

b. Cf. Is 49,24-25; 53,12. Jesus aqui é designado como o mais forte, que desmantela o reino de Satanás, o homem forte (cf. 1,7 nota).

Jo 5,16

rado o homem forte; então saqueará a sua casa. ²⁸Em verdade eu vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e as blasfêmias^c, por mais que as tenham proferido. ²⁹Mas se alguém blasfema contra o Espírito Santo^d, fica para sempre sem perdão: é réu de pecado para sempre". ³⁰Isso porque eles diziam: "Ele tem um espírito impuro".

A verdadeira parentela de Jesus (Mt 12,46-50; Lc 8,19-21). ³¹Chegam sua mãe e seus irmãos^e. Estando do lado de fora, eles o mandaram chamar. ³²A multidão estava sentada em torno dele. Dizem-lhe: "Eis que tua mãe e teus irmãos^f estão lá fora: eles te procuram". ³³Ele lhes responde: "Quem são minha mãe e meus irmãos?" ³⁴E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados em círculo à sua volta, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos. ³⁵Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe".

4 Parábola do semeador (Mt 13,1-9; Lc 8,4-8). ¹Novamente, Jesus põe-se a ensinar à beira do mar.^g Uma multidão

junta-se perto dele, tão numerosa que ele sobe para se sentar num barco, no mar. ^{3,7-9; Lc 5,1-3} Toda a multidão estava em terra, voltada para o mar. ²E ele lhes ensinava muitas coisas em parábolas^h. No seu ensinamento ele lhes dizia: ³"Ouví! Eis que o semeador saiu para semear. ⁴Ora, enquanto semeava, parte caiu à beira do caminho; vieram os pássaros e comeram tudo. ⁵Parte caiu também num lugar pedregoso, onde não havia muita terra; logo germinou porque não havia terra profunda; ⁶quando o sol se levantou, foi queimada e, por lhe faltarem raízes, secou. ⁷Parte também caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e ela não deu fruto. ⁸Outros grãosⁱ caíram em terra boa e, crescendo e desenvolvendo-se, produziram fruto^j, e renderam trinta por um, sessenta por um, cem por um^k". ⁹E Jesus dizia: "Quem tem ouvidos para ouvir ouça!"

O porquê das parábolas (Mt 13,10-15; Lc 8,9-10). ¹⁰Quando estavam num lugar isolado^m, os que o rodeavam com os Dozeⁿ começaram a interrogá-lo acerca das parábolas. ¹¹E ele lhes dizia: "A vós é

Mt 13,36p; Lc 8,9

c. Em sentido estrito, *blasfemar* é proferir palavras ofensivas contra Deus, contra seu Nome, diretamente (Ex 22,27; Lv 24, 11-16) ou contra seu poder ou privilégios (cf. Mt 2,7 par.; 14,64 par.; Jo 10,33-36). A blasfêmia pode ofender uma pessoa revestida de uma missão divina (At 6,11), uma instituição sagrada (Is 35,12; 1Mc 7,38). Os evangelhos podem, portanto, falar de blasfêmia a propósito de injúrias contra Jesus, enviado por Deus, investido do seu poder (Mc 15,29 par.; Lc 22,64-65; 23,39).

d. Segundo o contexto imediato, este pecado consiste em negar-se a reconhecer o poder que atua por meio de Jesus, atribuindo a Satanás as obras que ele realiza pelo Espírito Santo. Tal recusa à conversão contraria o perdão. Cf. Mt 12,32 nota.

e. Cf. Mt 12,46 nota. Mc conclui aqui a narrativa começada no v. 21 (cf. v. 20 nota).

f. Alguns mss. trazem: *teus irmãos e irmãs*.

g. Cf. 3,13 nota.

h. Esta série de parábolas (vv. 1-34), postas como exemplo característico do ensinamento de Jesus, ilustra, segundo Mc, a diferença entre um ensinamento destinado à multidão e uma explicação reservada aos discípulos (vv. 10-25,33-34). Nas parábolas, Mc frisa o aspecto enigmático (v. 9); o seu segredo não é revelado a todos os ouvintes (v. 11 nota).

i. Este plural mostra que o interesse se volta para a fecundidade de cada grão.

j. Outra forma: *e eles davam fruto que crescia e se desenvolvia*.

k. Cf. Mt 13,8 nota. A parábola, portanto, opõe às causas de fracasso vindas de fora a extraordinária fecundidade da semen-

te quando cai em terra boa. Esta fecundidade é posta em destaque pela ordem crescente dos números.

l. Cf. Dt 29,3; Sl 115,6. Este chamado à atenção, necessário para perceber o alcance de um ensinamento figurado (4,23; 7,16; Mt 11,15; 13,9,43; Lc 8,8; 14,35; cf. Ap 2,7,11,17,29 etc.), reforça o convite do v. 3 (*escutai*): a parábola deve levar os ouvintes a refletir e, naquele momento, está a realizar-se neles.

m. A brusca inversão de cena com relação aos vv. 1-2, cujos elementos, entretanto, são supostos no v. 36, ressalta a importância do aparte que principia aqui e se estende, com toda a verossimilhança, até o v. 25. Baseando-se nas palavras de Jesus, Mc exprime aqui o seu modo de entender o porquê das parábolas, tendo em conta o malogro da pregação a Israel e a experiência das Igrejas primitivas, às quais as parábolas deviam ser explicadas.

n. Os que o rodeavam (cf. 3,34) não são unicamente os Doze (cf. 7,17; 9,28; 10,10; 13,3); eles prefiguram a comunidade dos cristãos, em oposição à multidão ou *aos de fora*, v. 11 nota.

o. Esta palavra de Jesus, vv. 11-12, excede os limites do caso da parábola do semeador que vai ser explicada nos vv. 13-20. Segundo Mc, ela visa ao conjunto do ensinamento em parábolas. Este envolve um *segredo* ou *mistério* que só pode ser revelado por Deus: o segredo do seu plano e da chegada definitiva do seu Reinado (cf. Dn 2,18-19,22-27,30; Henoc 46,3; 49,2; 61,13; Regra de Qumran 4,18-19; 9,18; 11,5-6; Hinos 2,13; 4,27-28; Rm 16,25-27; Ef 1,9,3,9; 6,19; Cl 1,26-27; 2,2; 4,3). Este *mistério do Reinado* de Deus, até agora escondido a todos, fornece a chave dos atos e palavras de Jesus, que o manifesta àqueles que o rodeiam (cf. 3,23 nota)

dado o mistério do Reinado de Deus, mas para os de fora⁹, tudo se torna enigma⁹,
¹² *para que, por mais que olhem, não vejam*

e por muito que ouçam, não compreendam, a fim de que não se convertam e não sejam perdoados¹⁰”.

¹³E ele lhes disse: “Não compreendeis esta parábola? Então como compreenderdes todas as parábolas?”

Explicação da parábola do semeador (Mt 13,18-23; Lc 8,11-15). ¹⁴“O ‘semeador’ semeia a Palavra”. ¹⁵Tais são os que estão ‘à beira do caminho’ onde a palavra é semeada: quando eles ouvirem, logo

^{1.13} vem Satanás e retira a Palavra que neles foi semeada. ¹⁶E tais são os que recebem a semente ‘em lugar pedregoso’: ao ouvirem a Palavra, logo a acolhem com alegria; ¹⁷mas não têm raízes em si mesmos, são homens de momento; e mal chega a tribulação ou a perseguição por

causa da Palavra, eles caem. ¹⁸Já outros são os que receberam a semente ‘entre os espinhos’: são os que ouviram a Palavra, ¹⁹mas os cuidados do mundo, a sedução das riquezas e as demais concupiscências intrometem-se e sufocam a Palavra, que fica sem fruto. ²⁰E há aqueles que receberam a semente ‘em terra boa’: estes ouvem a Palavra, acolhem-na e produzem fruto, ‘trinta por um, sessenta por um, cem por um’.”

Mt 13,22;
 19,23p;
 Lc 12,15,21

A lâmpada e a medida (Mt 5,15; 10,26; Lc 8,16-18; 11,33; 6,38). ²¹Ele lhes dizia: “Será que a lâmpada vem” para ser posta debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não será para ser posta sobre a luminária? ²²Pois nada há de secreto que não deva ser posto a descoberto, e nada de escondido que não deva vir à plena luz”. ²³Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!” ²⁴Ele lhes dizia: “Prestai atenção ao que ouvis”. A medida de que vos ser-

Lc 12,2

Mt 11,15;
 Mc 4,9

Mt 7,2;
 Lc 6,38

p. Esta expressão, conhecida no judaísmo (Sr: prólogo, 5) e na Igreja primitiva (1Cor 5,12-13; Cl 4,5; 1Ts 4,12), sugere a existência de uma comunidade à qual algumas pessoas permanecem estranhas: segundo Mc, a experiência da Igreja prolonga a de Jesus (cf. v. 10 nota), e os cristãos se beneficiam de uma revelação na qual não têm parte os não-crentes.

q. Lit. *tudo ocorre em parábolas* (construção semelhante, em grego, em 5,25; Lc 4,32; 2Cor 13,5; 1Ts 2,7). A antítese com o dom do mistério convida a compreender aqui *parábolas* no sentido de *enigmas* (é o caso de Ez 21,5 gr.; Sr 39,2-3; a literatura apocalíptica oculta os *mistérios* celestes em *parábolas* que exigem uma explicação, cf. *Henoc* 68,1; *4Esdras* 4,3). Mc esclarece com esta palavra o malogro da pregação de Jesus e, depois, da Igreja no espírito de muitos homens. Frisa, outrossim, o fato de que as parábolas de Jesus, sob seu aspecto de ensinamento estruturado em imagens, acessível à maioria (v. 33), supunham, para serem compreendidas, que se discernisse a intervenção entre os homens, em Jesus, do poder do próprio Deus com vistas ao estabelecimento do seu Reino. Este segredo da sua obra permaneceu inacessível para muitos.

r. Is 6,9-10, citado aqui conforme o texto aramaico (Targum), anunciava o malogro do profeta, cuja pregação devia agravar o pecado do povo empedernido. Este texto voltou a ser usado na Igreja primitiva por ocasião do fracasso da missão cristã entre o povo judeu, cujo endurecimento revelava-se, desta sorte, anunciado pelos profetas e compreendido nos desígnios de Deus (Jo 12,39-41; At 28,26-28). Aqui, a citação é introduzida por um *para que*, o qual exprime, não uma vontade qualquer de Jesus de esconder sua mensagem e impedir que os de fora se convertam, mas a conformidade do seu malogro com a Escritura e o misterioso plano de Deus. A razão última deste plano não é fornecida (cf. Rm 11,7-16,29-32), e a ideia do desígnio de Deus não pretende atenuar em nada a responsabilidade do homem (v. 24). Desta sor-

te, Jesus pôde compreender o seu fracasso. Mc aplica esta reflexão ao caso das parábolas, cuja compreensão talvez se tenha tornado difícil na tradição: elas devem ser interpretadas em função do *mistério do Reino de Deus*, que elas supõem e que, mediante a obra de Jesus, foi revelado aos discípulos e, depois, à comunidade.

s. Primeira aparição do tema, tantas vezes repisado por Mc, da ininteligência dos discípulos (6,52; 7,18; 8,17-18,21,33; 9,10,32; 10,38; cf. 8,32 nota).

t. A explicação da parábola do semeador (vv. 14-20) traz o cunho de sua utilização na Igreja primitiva (sentido técnico de *a Palavra*, equivalente a *Evangelho*; alusão às perseguições, exortação contra as preocupações mundanas). O interesse, que, na parábola, incidia na fecundidade da semente, na explicação se transfere para as disposições dos ouvintes. A parábola é tratada como uma alegoria, cujos pormenores têm um sentido velado que a explicação desvenda.

u. As palavras que seguem continuam a ser dirigidas, conforme Mc, aos discípulos (“ele lhes dizia”, vv. 21,24) e a esclarecer o recurso de Jesus às parábolas. As imagens da *lâmpada* e da *medida* não têm o caráter das parábolas citadas no vv. 3-9,26-29 e 30-32. Depois dos vv. 11-12, a imagem da lâmpada repisa no caráter escondido do que se revela no ensinamento de Jesus e, um dia, deve ser publicado. A imagem da medida sublinha a importância das disposições dos ouvintes.

v. Este emprego inusitado do verbo *vir* para a lâmpada pode evocar a vinda de Cristo (1,7; 2,17; 10,45).

w. Deve, pois, o mistério escondido nas parábolas ser manifestado, embora seja de início revelado somente aos discípulos. Esta palavra, em tal contexto, sugere que, segundo Mc, o *segredo* messiânico deva ser desvendado.

x. Para Mc, o que exige a atenção e as boas disposições dos ouvintes são o objeto mesmo do ensinamento de Jesus e o segredo que este contém (cf. Lc 8,18).

vis é a que servirá de medida para vós, e ser-vos-á dado ainda mais. ²⁵Pois àquele que tem, será dado; e àquele que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado".

Mt 13,12

A semente que germina por si só. ²⁶Ele dizia: "Sucedo com o Reino de Deus o mesmo que com um homem que lança a semente à terra: ²⁷quer ele durma, quer esteja levantado, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. ²⁸A terra produz por si mesma primeiro a erva, depois a espiga, por fim, a espiga cheia de trigo. ²⁹E apenas o trigo amadurece, logo se lhe mete a foice, pois é a época da ceifa".

Tg 5,7

O grão de mostarda (Mt 13,31-32; Lc 13,18-19). ³⁰Ele dizia: "Com que vamos comparar o Reino de Deus, ou com que parábola vamos representá-lo? ³¹É como um grão de mostarda: quando é semeado na terra, é a menor de todas as sementes do mundo; ³²mas depois de semeada, cresce e torna-se a maior de todas as hortalças, e dá grandes ramos, de tal forma que, à sua sombra, os pássaros do céu podem fazer seus ninhos".

Mt 17,20

A lição das parábolas (Mt 13,34-35).

³³Por meio de numerosas parábolas como

estas, ele lhes anunciava a Palavra, à medida que eram capazes de compreender-lhe. ³⁴Não lhes falava a não ser em parábolas, mas, em particular, explicava tudo a seus discípulos^c.

A tempestade acalmada (Mt 8,18. 23-27; Lc 8,22-25). ³⁵Ao entardecer^d daquele dia, Jesus lhes disse: "Passemos à outra margem". ³⁶Deixando a multidão, eles levaram Jesus no barco em que se achava^e; havia outros barcos^f com ele. ³⁷Sobreveio um grande vendaval^g. As ondas investiam contra o barco, a tal ponto que o barco já se enchia de água. ³⁸E ele, na popa, dormia sobre a almofada^h. Eles o despertam e lhe dizem: "Mestre, não te importa que pereçamos?" ³⁹Despertado, ele ameaçou o vento e disse ao mar: "Silêncio! Cala-te!" O vento cessou, e houve grande bonança. ⁴⁰Jesus lhes disse: "Por que estais tão amedrontados? Ainda não tendes fé?" ⁴¹Eles foram tomados de grande temor, e diziam uns aos outros: "Quem é este, para que até o vento e o mar lhe obedeam?"

5 Cura de um possesso na Decápole (Mt 8,28-34; Lc 8,26-39). "Eles chegaram ao outro lado do mar, na região dos gerasenos". ²Ao descer do barco, veio

y. As duas parábolas a seguir recorrem à mesma imagem da semente que a primeira (vv. 3-9) e, como ela, aplicam-se, segundo Mc, ao mistério do Reino de Deus escondido e revelado só aos discípulos durante o ministério de Jesus. A semente que cresce por si mesma, parábola peculiar de Mc, ilustra a força secreta deste mistério até o estabelecimento definitivo do Reino de Deus representado pela ceifa. Note-se que, na parábola, o semeador também é o ceifador.

z. Imagem do juízo: cf. Jl 4,13; Ap 14,15.

a. O contraste entre a pequenez da semente, quando escondida na terra, e a amplitude da planta, ao final do crescimento, sugere a força irresistível do Reino de Deus, cujo poder age secretamente por intermédio das ações e do ensinamento de Jesus.

b. Cf. Ez 17,23; 31,6; Dn 4,9.18: o Reino de Deus há de estender-se a todas as nações.

c. Ao passo que o v. 33 supõe que as parábolas se destinavam a instruir a multidão (cf. v. 2), percebe-se no v. 34 a reflexão de Mc a respeito das parábolas (cf. vv. 10-12). A adesão a Jesus permite avançar-se ao que é acessível à multidão.

d. A aproximação, num mesmo dia, das parábolas (vv. 1-34) e dos quatro milagres que vêm a seguir (4,35-5,43) ressalta que a força do Reino de Deus se manifesta tanto no ensinamento como nos atos de Jesus (cf. 1,27). Por outro lado, os capítulos

4 e 5 mostram como Jesus toma consigo (3,14) os seus discípulos para ensiná-los em particular e lhes desvendar seu poder, fora da presença da multidão.

e. Cf. 4,1. Lit. *eles o levam, assim como estava, no barco*.

f. Outra tradução: *e havia outros barcos com este (barco)*.

g. O lago de Tiberíades é agitado por tempestades e pés-de-vento súbitos, quando nele se embatem os ventos provenientes do Mediterrâneo e os que sopram do deserto sírio.

h. O assento da popa, ordinariamente reservado ao timoneiro, era guarnecido de uma almofada. A palavra grega sugere que Jesus a pusera sob a cabeça.

i. A agitação do mar parece sugerir uma investida satânica, que Jesus reduz à impotência por sua palavra; em 1,25, ele *ameaça* e impõe silêncio a um espírito mau.

j. Conforme outros mss.: *Como (é) que vós não tendes fé?* Em Mc trata-se da fé em Jesus e no poder divino que age por seu intermédio.

k. Cf. 1,27: os espíritos impuros obedecem-lhe. Dominar o mar enforcado, protótipo das forças de oposição a Deus, é característico do poder divino (cf. Sl 89,10; 93,3-4; 107,23-32).

l. Conforme outros mss.: *gadarenos* (por assimilação a Mt 8,28); *gergesênios* (segundo uma conjectura de Orígenes). Gerasa está muito distante do lago para ser identificada com a cidade do

logo a seu encontro, saindo dos túmulos^m, um homem possuído por um espírito impuro.³ Ele morava nos túmulos e ninguém podia prendê-lo, nem sequer com uma corrente.⁴ Pois fora muitas vezes preso com peias e correntes, mas rompera as correntes e arrebatara as peias; ninguém tinha força para subjugar-lo.⁵ Noite e dia, ele andava incessantemente pelos túmulos e montanhas, soltando gritos e dilacerando-se com pedras.⁶ Ao ver Jesus ao longe, ele correu e prostrou-se diante dele.⁷ Com voz forte, ele clama: "Que tens a ver comigo". Jesus, Filho do Altíssimo? Conjuro-te por Deus, não me atormentes".⁸ Pois Jesus lhe dizia: "Sai deste homem, espírito impuro!"⁹ Ele o interrogava: "Qual é o teu nome?" Ele lhe respondeu: "Meu nome é Legião^o, pois somos numerosos".¹⁰ E ele lhe suplicava com insistência que não o expulsasse da região^q.¹¹ Ora, havia ali, a pastar pela montanha, uma grande vara de porcos.¹² Os espíritos impuros^s suplicaram a Jesus, dizendo: "Manda-nos para os porcos, a fim de que entremos neles".¹³ Ele permitiu. E os espíritos impuros saíram, entraram nos porcos, e a vara precipitou-se do alto da escarpa, no mar^r; eram cerca de dois mil e se afogavam no

mar.¹⁴ Os guardas fugiram e relataram o fato na cidade e nos sítios. E o povo veio ver o que acontecera.¹⁵ Eles vêm para perto de Jesus e vêem o possesso sentado, vestido e são do juízo, o mesmo que tivera o demônio Legião^o. Ficaram tomados de temor.¹⁶ Os que tinham visto lhes contaram o que acontecera com o possesso e a respeito dos porcos.¹⁷ E eles puseram-se a suplicar a Jesus que se retirasse do território deles.¹⁸ Quando ele subia ao barco, o que tinha sido possesso suplicava-lhe, pedindo-lhe para ficar com ele^v.¹⁹ Jesus não consentiu, mas disse-lhe: "Vai para casa, para junto dos teus, e refere-lhes tudo o que o Senhor fez por ti em sua misericórdia^u".²⁰ O homem se foi e pôs-se a proclamar^r, na Decápole^y, tudo o que Jesus fizera por ele. E todos se admiravam.

Mt 9,6;
Mc 8,26;
Lc 5,24;
8,39

Cura de uma mulher. Ressurreição da filha de Jairo (Mt 9,18-26; Lc 8,40-56).

²¹Tendo Jesus voltado novamente de barco à outra margem, uma grande multidão reuniu-se junto dele. Ele estava à beira-mar.²² Chega um dos chefes da sinagoga^z chamado Jairo; ao ver Jesus, ele se prostra a seus pés²³ e suplica-lhe com insistência, dizendo: "A minha fi-

v. 14. Pode ser que, para Mc, a região dos gerasenos designe toda a região a oriente do lago. Esta narrativa quer mostrar que a autoridade de Jesus sobre os demônios se exerce também em território pagão (v. 2 nota; v. 11 nota; v. 20 nota).

m. Cavados no rochedo ou aproveitando grutas naturais, esses túmulos podiam oferecer um abrigo. Eles figuram aqui como o lugar da impureza (cf. Is 65,4).

n. Cf. 1,24 nota.

o. Cf. 1,24 nota; 1,34 nota; 3,11. A prostração do endemoniado já exprime o domínio irresistível do Filho de Deus. Aqui, Jesus não impõe silêncio ao demônio, mas não há outro público exceto os Doze.

p. Segundo os exorcistas da época, o conhecimento do nome de um demônio conferia poder sobre ele. Jesus força o inimigo a dizer seu nome. *Legião* quer sugerir que um regimento inteiro de demônios ali se acha instalado (uma legião romana constava de seis mil homens). A pluralidade dos demônios indica a gravidade da possessão (cf. Mt 12,45 par.; Lc 8,2 nota; 8,27). Aqui, a narrativa ultrapassa o caso do doente e tenta ilustrar a vitória de Jesus sobre o reino de Satanás (cf. 3,23-27).

q. Este pormenor revela a origem popular da narração: acreditava-se que um demônio expulso devia procurar outro refúgio (cf. Mt 12,43 par.). Note-se na frase a alternância de singular e plural para designar Legião.

r. A presença dos porcos, animais impuros para os judeus, ilustra aqui a impureza de uma terra pagã.

s. Este sujeito do verbo falta no texto e é transportado do v. 13 para cá.

t. Esse afogamento exprime o fim do poder demoníaco sobre a região e sua libertação da impureza.

u. Lit. *o Legião*. Poder-se-ia traduzir *ele que tinha Legião*, do ponto de vista das pessoas que viam o possesso e ainda ignoravam que fora libertado.

v. O fato de estar com Jesus caracteriza os Doze em 3,14.

w. Lit. *e ele usou de misericórdia contigo*. A ausência da imposição de silêncio, aqui e nos vv. 7-8, só na aparência contradiz o *segredo messiânico*. Aqui Jesus retira-se da região, e a ordem de falar concerne, não à sua pessoa, mas à obra de Deus.

x. Em Mc, habitualmente, este verbo designa a pregação do Evangelho (cf. 1,38 nota). Mc vê aqui um prelúdio à evangelização dos pagãos.

y. Grupo de cidades situadas a leste do Jordão, que, desde Pompeu, gozavam de certa autonomia política. Na maioria, eram habitadas por pagãos.

z. O título de *chefe de sinagoga* designava o responsável pelo culto numa sinagoga, mas aplicava-se também aos membros eminentes da comunidade.

Mt 9,18: lhinha está prestes a morrer; vem impor-
Lc 4,40: lhe as mãos para que seja salva e viva".
At 9,12,17: 24 Jesus se foi com ele; uma numerosa
28,8 multidão o seguia e o esmagava. 25 Uma
mulher^a que sofria de hemorragias ha-
via doze anos 26 — ela sofrera muito por
causa de numerosos médicos e gastara tudo
o que possuía sem melhora alguma;
pelo contrário, seu estado piorara —,
27 esta mulher, pois, soubera o que se di-
zia de Jesus. Ela aproximou-se por de-
trás dele na multidão e tocou-lhe a veste.
28 Ela dizia consigo mesma: "Se eu con-
seguir tocar ao menos suas vestes, serei
salva^b". 29 Logo estancou-se-lhe a he-
morragia^c e ela percebeu em seu corpo
que estava curada do seu mal. 30 Imedia-
Lc 6,9 tamente Jesus percebeu que uma força
saíra dele. Voltou-se para a multidão e
dizia: "Quem foi que tocou minhas ves-
tes?" 31 Seus discípulos lhe diziam: "Tu
vês a multidão que te comprime e per-
guntas: 'Quem me tocou'?" 32 Mas ele
olhava em derredor para ver quem fizera
aquilo. 33 Então a mulher, sabendo o que
lhe sucedera, veio lançar-se temerosa e a
tremar a seus pés e lhe disse toda a ver-
dade. 34 Ele, porém, lhe disse: "Minha
filha^d, a tua fé te salvou; vai em paz e
fica curada do teu mal". 35 Ele ainda fala-
va quando chegam da casa do chefe da
sinagoga pessoas dizendo: "A tua filha
morreu: por que ainda incomodar o Mes-

tre?" 36 Mas, sem levar em conta estas
palavras^f, Jesus disse ao chefe da sinago-
ga: "Não tenhas medo; somente fé". 37 E
ele não permitiu que ninguém o acompa-
nhasse, a não ser Pedro, Tiago e João.
irmão de Tiago^g. 38 Eles chegam à casa do
chefe da sinagoga, Jesus vê agitação,
gente que chora e solta grandes gritos.
39 Ele entra e lhes diz: "Por que esta agi-
tação e este pranto? A criança não está
morta, ela dorme^h". 40 E zombavam dele.
Mas ele põe toda aquela gente para fora
e toma consigo o pai e a mãe da criança
e os que o acompanhavam. Entra onde
se encontrava a criança, 41 toma a mão da
criança e lhe diz: "*Talitá, qum*", que sig-
nifica: "Menina, eu te digo, acorda!".
42 Logo a pequena levantou-se e pôs-se
a caminhar — pois tinha doze anos. À
vista disso, todos ficaram sumamente es-
tupefatos. 43 E Jesus lhes fez vivas reco-
mendações para que ninguém o soubesse^k,
e mandou que dessem de comer à
menina.

6 Em Nazaré (Mt 13,54-58; Lc 4,16.
22,24). Jesus partiu dali. Ele vem
para sua pátria, e seus discípulos o se-
guem^l. No dia de sábado, pôs-se a ensi-
nar na sinagoga. Numerosos ouvintes^m
impressionados diziam: "Donde lhe vem
isto? E que sabedoria é esta que lhe foi
dada, a ponto de se realizarem até mila-

Jo 7,15

a. A respeito da inserção de um relato dentro do outro, cf. 3,20
nota. Nessas duas narrativas de milagres, Me insiste na fé (vv.
34-36) e na salvação (vv. 23-28) obtida por um contato físico
com Jesus (vv. 23,27-30,41). Por outro lado, os dois milagres
são secretos, o primeiro pela própria natureza das coisas, o se-
gundo por vontade de Jesus.

b. Esta reflexão implica a idéia de uma energia que atua por
contato (cf. 3,10; 6,56; Lc 6,19; At 5,15; 19,11-12). A continuação
da narrativa insistirá no valor do toque da mulher anônima,
muito diferente do contato da multidão que comprime Jesus (vv.
30-32): é um contato inspirado pela fé (v. 34); esta discerne em
Jesus o poder divino de salvar. Cf. Mt 9,21 nota.

c. Lit. *a fonte do seu sangue secou*.

d. Cf. Mt 9,22 nota.

e. Pensava-se que o poder de Jesus se deteria ante as fronteiras
da morte (cf. Jo 11,21.32). Daí vem o apelo à fé (v. 36; cf. Jo
11,26). Me acentua esta reflexão, a fim de sugerir que o poder
de Jesus é uma força de ressurreição (cf. v. 41 nota).

f. Outra tradução: *surpreendendo essas palavras*.

g. A continuação vai transcorrer no segredo (vv. 40-43). A
qualidade das três testemunhas (9,2; 14,33; cf. 13,3) ressalta

ainda a importância da revelação que se vai seguir nesta ma-
nifestação antecipada do poder de Jesus sobre a morte.

h. Na linguagem bíblica, a morte é muitas vezes designada pela
imagem do sono (Mt 27,52; 1Cor 11,30; 15,6; 1Ts 4,13-15).

i. Esta fórmula em aramaico pode indicar que o relato proveio
de um ambiente onde se falava esta língua. Sua conservação
numa narrativa destinada a leitores gregos chama a atenção para
o caráter decisivo, eficaz, da palavra de Jesus (cf. 7,34).

j. Outra tradução: *levanta-te*. Este verbo corresponde a *eleu*
dorme (v. 39). O aramaico *qum* significa de *pe*? Os termos gre-
gos usados para exprimir a ressurreição dos mortos evocam
imagens de despertar e surgimento (*egeirēn*: *acordar* ou *fazer*
levantar-se; *anistānai*: *pôr de pé*).

k. O segredo, bastante difícil de se guardar em tais circunstân-
cias (cf. v. 38), acentua que esta narrativa só poderia ser verda-
deiramente compreendida depois da Ressurreição de Jesus.

l. Esta narrativa, na qual Jesus esbarra com a incredulidade da
sua patriazinha, parece estar em continuação com o assunto de
3,20-35, passando por sobre os capítulos 4 e 5, nos quais ele
manifestou aos discípulos algo do seu mistério escondido

m. Conforme outros mss.: *os numerosos ouvintes*.

gres por suas mãos"?³ Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria^a e irmão^b de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs^a não estão aqui entre nós?" E era para eles uma ocasião de queda^a.⁴ Jesus lhes dizia: "Um profeta só é desprezado em sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa".⁵ E não podia fazer ali nenhum milagre^a; contudo, curou alguns doentes, impondo-lhes as mãos.⁶ E admirava-se, porque eles não tinham fé.

Lc 4,24;
Jo 4,44

Missão dos doze (Mt 9,35; 10,1-14; Lc 9,1-6). Ele percorria as aldeias dos arredores, ensinando.⁷ Ele chama os Doze^a. E começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos impuros.⁸ Deu-lhes instruções de nada levar para o caminho, exceto um bastão^a; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto,⁹ mas, como calçado, sandálias, "e não vistais duas túnicas".¹⁰ E lhes dizia: "Se em algum lugar entrardes numa casa", permaneci ali até sairdes do lu-

gar.¹¹ Se numa localidade não vos acolherem e não vos escutarem, saindo dali, sacudi o pó dos vossos pés^a: com isso eles terão um testemunho^a".¹² Eles partiram e proclamaram que era preciso converter-se^a.¹³ Expulsavam muitos demônios, faziam unções com óleo^a em muitos doentes e os curavam.

Mt 3,2

Herodes e Jesus (Mt 14,1-2; Lc 9,7-9).

¹⁴O rei Herodes^b ouviu falar de Jesus, pois o seu nome tornara-se famoso^a. Uns diziam: "João, o Batizador, ressuscitou dos mortos: eis por que o poder de fazer milagres atua nele"^a.¹⁵ Outros diziam: "É Elias"^a. Outros diziam: "É um profeta semelhante a um dos nossos profetas"^a.¹⁶ Ao ouvir essas afirmações, Herodes dizia: "Esse João que mandei decapitar, é ele que ressuscitou".

Morte de João Batista (Mt 14,3-12; Lc 3,19-20).¹⁷ De fato, Herodes mandara prender João^a e o acorrentara na prisão

n. Conforme outros mss.: e os tão grandes milagres que se realizam por suas mãos.

o. Números mss. têm, como Mt 13,55, o *filho do carpinteiro e de Maria. Carpinteiro*: a palavra grega tanto pode significar um operário que trabalha com madeira como com pedra ou metal; é possível pensar num construtor de casas. A ausência da menção ao pai é estranha, em se tratando de uma fórmula judaica: mas aqui, bem como em 3,31-45; 10,29-30, Mc pôde excluí-la ao pensar que o pai de Jesus é Deus (8,38; 13,32; 14,36). Deus é também o pai dos discípulos (11,25; daí talvez a ausência da menção ao pai em 10,29-30).

p. Cf. Mt 12,46 nota.

q. Única menção às irmãs de Jesus, exceto em 3,32, conforme alguns mss.

r. Lit. *eles estavam escandalizados por ele* (ou *a respeito dele*). Porque imaginam conhecê-lo e continuam privados de fé (v. 6). Jesus tornou-se uma pedra de tropeço, na qual esbarram (cf. Mt 5,29 nota; 26,31 nota).

s. Cf. Mt 13,57 nota.

t. Esta impossibilidade prende-se à falta de fé (v. 6). Não se trata de um vínculo psicológico, como se a confiança do doente condicionasse o êxito da cura. Fora de um contexto de fé, um milagre ficaria privado de qualquer significação e não se poderia falar em milagre. A propósito da fé, no relato de milagres, cf. 2,5 nota. O poder da fé não se limita à cura dos doentes (11,22-24). Cf. Mt 13,58 nota.

u. A primeira parte de Mc é marcada por narrações referentes aos Doze (cf. 1,16-20; 3,13-19). Sua missão (vv. 7-13) e depois seu relatório de atividade missionária (v. 30) vão suscitar uma série de episódios em que Mc os mostrará fechados à revelação do segredo de Jesus (6,30-8,21).

v. O *bordão* e as *sandálias* (v. 9) estão excluídos de Mt 10,10;

Lc 9,3; 10,4. As palavras de Jesus foram adaptadas às novas condições dos missionários fora da Palestina, onde o bastão e as sandálias podem ser necessários sem infringir a pobreza.

w. Trata-se da hospitalidade oferecida ao missionário (cf. 7,24).

x. Cf. Mt 10,14 nota.

y. Cf. 1,44 nota.

z. Trata-se da conversão exigida pela vinda do Reino de Deus, conforme 1,15.

a. Aqui, a *unção com óleo* não é prescrita como remédio medicinal (cf. Lc 10,34), mas como um gesto pleno de poder milagroso, da mesma forma como impor as mãos ou tocar alguém com elas.

b. Cf. Lc 3,1 nota. O título oficial de *Herodes Antipas*, que Mc chama rei, era o de *tetrarca*.

c. Quanto à inserção de narrativas referentes a Herodes (vv. 14-29) na da missão dos Doze, cf. 3,20 nota. A enumeração das diversas opiniões sobre Jesus, vv. 14-16, prepara 8,27-30, e quer pôr em relevo o caráter único da pessoa e da missão de Jesus, tais como se revelarão ao longo de 6,31-8,30.

d. Lit. *eis por que os poderes agem nele*.

e. Cf. 9,11 nota; Mt 17,3 nota.

f. Julgava-se que, desde muito, não houvesse mais *profeta*, e a autoridade de Jesus (cf. 1,21-28) podia sugerir que um profeta semelhante aos antigos, talvez o profeta do fim dos tempos (cf. Dt 18,15,18; Jo 6,14; At 3,22-23), aparecera (Lc 9,8 compreendeu: um dos antigos profetas tornou à vida).

g. Esta narração (vv. 17-29), muito mais pormenorizada do que em Mt, pode ser comparada com a de Josefo. Conforme este, Herodes Antipas fez desaparecer João, preso na fortaleza de Maqueronte, por motivos políticos; e a sua derrota diante do rei dos nabateus, cuja filha repudiara para desposar Herodíades, foi considerada castigo de Deus pela morte de João Batista. A

Lv 18,16

por causa de Herodíades, mulher do seu irmão Filipe^h, que ele desposara. ¹⁸Porque João dizia a Herodes: "Não te é permitido ter a mulher do teu irmão". ¹⁹Por isto, Herodíades o odiava e procurava matá-lo, mas não podia. ²⁰pois Herodes temia João, sabendo que era homem justo e santo, e o protegia. Ao ouvi-lo, ficava bem perplexoⁱ; entretanto, ele o escutava de bom grado. ²¹Mas chegou o dia propício, quando Herodes, por ocasião do seu aniversário, deu um banquete a seus dignitários, aos seus oficiais e às grandes personalidades da Galiléia. ²²A filha desta Herodíades^k veio executar uma dança e agradou a Herodes e a seus convivas. O rei disse à moça: "Pede-me o que quiseres e eu to darei". ²³E fez-lhe este juramento: "Tudo o que me pedires eu to darei, mesmo que seja a metade do meu reino". ²⁴Ela saiu e disse à mãe: "Que é que vou pedir?" Esta respondeu: "A cabeça de João, o Batizador". ²⁵A toda a pressa, ela tornou à presença do rei e lhe pediu: "Quero que me dês imediatamente, num prato, a cabeça de João, o Batista". ²⁶O rei ficou contristado, mas por causa do seu juramento e dos convivas, não quis recusar-lhe. ²⁷Ime-

Est 5,3-6
7,2

diatamente, o rei mandou um guarda com ordem de trazer a cabeça de João. O guarda foi decapitá-lo na prisão, ²⁸trouxe a cabeça num prato, deu-a à moça, e a moça a deu à sua mãe. ²⁹Ao ter conhecimento disso, os discípulos de João vieram tomar seu cadáver e o depuseram num túmulo.

Volta dos apóstolos. Jesus alimenta cinco mil homens no deserto (Mt 14, 13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15). ³⁰Os apóstolos^l reuniram com Jesus^m e lhe deram conta de tudo o que tinham feito e tudo o que haviam ensinadoⁿ. ³¹Ele lhes disse: "Vinde vós à parte num lugar deserto e descansai um pouco". Porque havia muita gente que vinha e voltava, e eles nem sequer tinham tempo para comer. ³²Eles partiram de barco rumo a um lugar deserto, à parte. ³³O povo os viu se afastarem e muitos os reconheceram. Então, de todas as cidades acorreram a pé^o para aquele lugar e chegaram antes deles. ³⁴Ao desembarcar, Jesus viu grande multidão. Ele foi tomado de compaixão por eles, porque eram como ovelhas sem pastor^r, e pôs-se a ensinar-lhes muitas coisas^s. ³⁵Depois, como a hora avan-

narrativa de Mc, sem contradizer em nada esta versão dos fatos, denota imprecisão nos pormenores (v. 17 nota), mas distingue-se pelo interesse religioso. Única narrativa de Mc que não é consagrada a Jesus, ela não foge do objetivo do livro: com João realizou-se a volta de Elias como precursor do Messias, e o seu destino prefigura o de Jesus (cf. 9,11-13).

h. Segundo Josefo, Herodíades era esposa de um meio-irmão de Herodes Antipas, também chamado Herodes e que vivia em Roma. Filipe era outro meio-irmão dele, tetrarca da Ituréia e da Traconítide (cf. Lc 3,1; Mt 14,3 nota). Este Filipe casou com Salomé, filha de Herodíades. Quanto a Herodíades, era neta de Herodes Magno e sobrinha de Herodes Antipas.

i. Cf. Mt 14,4 nota.

j. Conforme outros mss.: *ele fazia muitas coisas*, talvez um semitismo no sentido de *ele o escutava com frequência*. Outra tradução menos provável: *ele lhe fazia muitas perguntas*.

k. Conforme outros mss.: *sua filha, Herodíades*.

l. Os Doze são denominados *apóstolos* (em Mc. somente aqui e conforme os mss. em 3,14) enquanto *enviados* por Jesus, ao qual prestam contas da própria missão (cf. 6,7-13; Mt 10,2 nota; Lc 6,13 nota).

m. Na seção 6,30-8,26, chamam a atenção as duas narrativas em que Jesus alimenta a multidão (6,30-44; 8,1-9), e um certo paralelismo dos episódios que sucedem a ambas: uma travessia do lago (6,45-56; 8,10), uma controvérsia com os fariseus (7,1-23; 8,11-13), uma discussão sobre o pão (7,24-30; 8,14-21), uma

cura (7,31-37; 8,22-26). Seja qual for a origem dessas duas narrativas (Mc ou a tradição anterior: compare-se com a sequência de Jo 6: multiplicação dos pães, travessia e caminhada sobre as águas, controvérsia sobre o pão, confissão de fé de Pedro), do ponto de vista da teologia de Mc, depreender-se-á o interesse pela revelação do segredo de Jesus a seus discípulos, o realce sempre mais acentuado da incompreensão destes, a atenção prestada ao relacionamento com os fariseus e pagãos.

n. O nexo da seção aqui iniciada (ver nota precedente) com a aprendizagem que os apóstolos acabam de fazer da sua futura missão sugere que Jesus lhes vai manifestar a verdadeira natureza da tarefa que lhes incumbe, revelando-lhe o mistério escondido de sua obra e de sua pessoa. De fato, Mc insiste na solidariedade dos apóstolos com Jesus relativamente à multidão (vv. 31-33), na participação ativa deles no seu ensino (vv. 30 e 34) e na obrigação de alimentar a multidão (vv. 35-44).

o. Cf. Mt 14,13 nota.

p. A *compaixão* de Jesus (cf. 8,2) é motivada pelo estado de abandono do povo: a imagem bíblica do rebanho sem pastor estigmatiza a incuria dos chefes responsáveis (cf. Mt 9,36 nota). Ela sugere que Jesus procede como o pastor messiânico (Ez 34,23; 37,24) à imagem de Moisés (Nm 27,15-17; Sl 77,21) ou de David, senão de Deus mesmo, pastor de seu povo no deserto (Sl 78,52-53; 23,1; 74,1; 80,1; Ez 34,15).

q. Só Mc dá tanto relevo ao ensinamento de Jesus, manifestação da sua compaixão e da sua missão de pastor (cf. Mt 14,14 nota).

cassee, seus discípulos aproximaram-se dele para dizer-lhe: "O lugar é deserto e a hora já avançou." ³⁶Despede-os, para que vão aos sítios e aldeias dos arredores comprar para si o que comer". ³⁷Mas eles responderam: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Eles lhe disseram: "Será preciso ir comprar pão por duzentas moedas de prata e dar-lhes de comer?" ³⁸Ele perguntou: "Quanto pães tendes? Ide ver!" Tendo verificado, responderam: "Cinco, e dois peixes". ³⁹E ele ordenou que acomodassem todos em grupos sobre a relva verde". ⁴⁰Eles se estenderam em fileiras de cem e de cinquenta". ⁴¹Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, e erguendo os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos discípulos para que os oferecessem ao povo. Repartiu também os dois peixes entre todos. ⁴²Todos eles comeram e ficaram saciados. ⁴³E recolheram-se os pedaços, que enchiam doze cestos, e

também o restante dos peixes. ⁴⁴Os que haviam comido os pães eram cinco mil homens".

Jesus caminha sobre as águas (Mt 14,22-33; Jo 6,16-21). ⁴⁵Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrarem no barco e precedê-lo na outra margem, rumo a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. ⁴⁶Depois de a ter mandado embora, ele se retirou para o monte, a fim de orar. ⁴⁷Já de noite, o barco estava no meio do mar, e ele, em terra, sozinho. ⁴⁸Vendo-os pelejar, remando — pois o vento lhes era contrário —, por volta do fim da noite, ele foi em direção deles, caminhando sobre o mar; estava a ponto de ultrapassá-los. ⁴⁹Vendo-o caminhar sobre o mar, eles julgaram que fosse um fantasma e saltaram gritos. ⁵⁰Pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles; disse-lhes: "Tende confiança, sou eu, não tendes

r. Nestes vv. 35-44, multiplicam-se os temas comuns com 8, 1-9 (cf. 8,1 nota). A presença de seis relatos semelhantes nos evangelhos (dois em Mt, dois em Mc, um em Lc, um em Jo) chama a atenção para seu interesse no conceito da Igreja primitiva. Este interesse deve ter-se manifestado particularmente nas assembleias eucarísticas, como sugere a comparação do v. 41 com 14,22 (narrativa de origem litúrgica, cf. 8,6 nota). Por outro lado, analogias surpreendentes parecem atestar que, ao referir este fato, despertava-se a lembrança de um milagre de Eliseu (2Rs 4,42-44) e do alimento ministrado por Deus a seu povo no deserto (Ex 16; Dt 8,3-16; Sl 78,24-25.29; 105,40; Sb 16,20-26; 1Cor 10,3). Mostrava-se assim o cumprimento em Jesus desses textos relidos pelo judaísmo contemporâneo como anúncio das grandes obras de Deus e do Messias no final dos tempos. Quanto à imagem do banquete messiânico, cf. Is 25,6-8; 55,1-2; 65,13-14; *Henoc* 62,14; Mt 8,11; 22,1-4.

s. Mc insiste particularmente em como Jesus obriga seus discípulos à ação (vv. 38.39.41) e os dispõe a colaborar na sua obra (cf. 3,14-15; 6,7.12-13.30).

t. Lit. *denários*. Segundo Mt 20,2, um denário representa o salário de um dia de trabalho de um operário agrícola; conforme a Mishná, a ração diária de pão para uma pessoa custa a duodécima parte de um denário.

u. Lit. *mandá-los estenderem-se por mesas*.

v. Esta observação (cf. Jo 6,10) talvez não seja estranha ao desejo de mostrar que Jesus procedeu como o Pastor do Sl 23, que conduz o seu povo a um lugar verdejante, junto às águas tranqüilas (v. 1; cf. Mc 6,31) e lhe põe uma mesa (v. 5).

w. A ordenação da multidão, difícil de imaginar só conforme esses dados, forma a antítese do v. 34 e lembra a organização de Israel no deserto (Ex 18,21.25; Nm 31,14; Dt 1,15), considerada como a ordem ideal do povo de Deus (1Mc 3,55; e nos escritos de Qumran: *Regra da comunidade* 2,20-21; *Regra da Congrega-*

ção 1,29-2,1; *Escrito de Damasco* A 13,1; *Guerra* 4,1-5,16-17; cf. *Henoc* 69,3 a respeito da organização angelical).

x. Trata-se da prece de louvor e de ação de graças que acompanha a *fração do pão* na liturgia da mesa do judaísmo de então, assim como na liturgia eucarística cristã, na qual este rito assume um sentido novo. A *bênção* fornece ocasião de recordar os benefícios de Deus a seu povo, exprimindo, ao mesmo tempo, o sentido do pão partido.

y. Trata-se de *cestos* de vime rígido, nos quais os judeus carregam suas provisões. *Doze* cestos: tantos quanto os apóstolos (v. 30), cujo papel ativo é sublinhado no decorrer da narrativa. O tema das *sobras* exprime a superabundância (2Rs 4,43-44), e o fato de serem recolhidas indica que, pela mediação dos apóstolos, a refeição ainda está à disposição de outros convivas.

z. Este número corresponde à disposição do v. 40 e também evoca, a seu modo, o ajuntamento de Israel.

a. Alguns mss. não particularizam *na outra margem*, poremor que certos estudiosos julgam tomado de Mt 14,22. A geografia deste trecho permanece obscura e não se pode precisar onde é que Mc situa o episódio precedente (cf. 7,31; 8,1 nota). *Betsaida*, cidade situada à margem esquerda do Jordão, antes que este desagüe no lago do Tiberíades.

b. Cf. Jo 6,15.

c. Lit. *por volta da quarta vigília da noite*, entre 3 e 6 horas da manhã (cf. 13,35).

d. É próprio de *Jesus caminhar sobre as alturas do mar* (Jô 9,8; cf. Sl 77,20; Sr 24,5) e dominá-lo (Sl 65,8; 77,17; 89,10; 107,29). Cf. 4,41 nota.

e. Este verbo evoca a passagem da glória de Deus diante de Moisés e Elias (Ex 33,19.22; 34,6 gr.; 1Rs 19,11 gr.). Mas cf. Lc 24,28.

f. Lit. *Eu sou*, palavra de revelação divina (Ex 3,14; Dt 32,39;

medo". ⁵¹Subiu junto deles no barco e o vento cessou. Eles estavam sumamente espantados. ⁵²Na realidade, nada tinham compreendido a respeito dos pães*; seu coração estava endurecido^h.

Curas em Genesaré (Mt 14,34-36).

⁵³Após a travessia, eles aportaram em Genesaréⁱ e atracaram. ⁵⁴Mal tinham desembarcado, os habitantes reconheceram Jesus; ⁵⁵percorreram toda a região e começaram a transportar os doentes em macas para os lugares onde descobrissem que ele estava^j. ⁵⁶Onde quer que ele entrasse, aldeias, cidades ou sítios, traziam os doentes para as praças; suplicavam que os deixasse tocar apenas na franja de sua veste^k; e todos os que o tocavam ficavam curados^l.

7 Discussão com os fariseus acerca das tradições (Mt 15,1-20).

¹Os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém reúnem-se com Jesus^m. ²Eles vêem que alguns dos seus discípulos tomam as refeições com mãos impuras, isto é, sem as ter lavadoⁿ. ³De fato, os fariseus, bem como todos os judeus, não comem sem ter lavado cuidadosamente^o as mãos, por

apego à tradição dos antigos; ⁴ao voltar do mercado, eles não comem sem ter feito abluções^p; e há muitas outras práticas tradicionais a que estão apegados: lavagens rituais^q das taças, dos jarros e dos pratos^r. ⁵Os fariseus e os escribas perguntam, pois, a Jesus: "Por que teus discípulos não procedem de acordo com a tradição dos antigos^s, mas tomam as refeições com mãos impuras?" ⁶Ele lhes diz: "Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, pois está escrito":

Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; é em vão que me prestam culto, pois as doutrinas que ensinam não passam de preceitos de homens.

⁷Abandonais o mandamento de Deus e vos apegais à tradição dos homens^t. ⁸Ele lhes dizia: "É bem isto, rejeitais o mandamento de Deus para guardar vossa tradição. ⁹Pois Moisés disse: *Honra teu pai e tua mãe*^u, e ainda: *Aquele que amaldiçoar pai ou mãe seja punido de morte*^v. ¹⁰Mas vós dizeis: 'Se alguém disser a seu pai ou à sua mãe: o auxílio que devias receber de mim é *qorban*^w', isto é, oferecida... ¹¹vós permitis que ele nada mais faça por seu pai ou sua mãe: ¹²assim

Mt 23,25;
Lc 11,39

Lc 11,38

Is 41,4; 43,10.13), que Jesus aplica a si em Jo 8,24.28.58. Sem chegar a ser tão explícito, Mc compreende esta narrativa como sendo a manifestação do ser secreto de Jesus, Filho de Deus, daí a costumeira recomendação nos relatos de revelações sobrenaturais: *não tenhais medo*. — *Confiança* (somente aqui em Mc; cf. Jo 16,33) exprime o efeito da presença de Jesus no meio dos perigos representados pelo mar.

g. De sorte que Mc assimila as duas narrativas como sinais prenhes de uma revelação que ainda escapa aos discípulos (8, 17-21): em Jesus manifesta-se o poder de Deus que sacia o seu povo no deserto e domina o mar.

h. Censura endereçada aos fariseus em 3,5 (cf. 4,13 nota; 8,17). O *coração endurecido*, por causa da má disposição interior, mantém-se fechado à compreensão dos atos e desígnios de Deus (cf. Rm 11,25; Is 6,9-10).

i. Planície fértil a sudoeste de Cafarnaum. É difícil codunar esta indicação com a do v. 45: *rumo a Betsaida*. Mc pode tê-las haurido em fontes diversas.

j. Compare-se com 1,32-34; 3,7-12 este quadro geral das curas operadas por Jesus e do entusiasmo da multidão.

k. Cf. 5,28 nota. A *franja da sua veste*: este pormenor caracteriza Jesus como fiel observante da lei (cf. Nm 15,38-39; Dt 22,12).

l. Cf. 5,34.

m. Esta longa discussão com os fariseus sobre as tradições e

sobre o que é puro ou impuro (vv. 1-23) contrasta com o sucesso de Jesus junto à multidão (cf. o mesmo contraste em 2,1-3,6; 3,20-35; 6,1-6) e intercala-se, não sem motivo, antes da partida de Jesus para terras pagãs, fora da Galiléia (v. 24). A nova compreensão da vontade divina (vv. 6-13) e da pureza (vv. 14-23), para além das tradições judaicas, torna possível a unidade dos judeus e pagãos na Igreja.

n. Lit. *comem os pães*. Na seqção 6,30-8,21, os pães são mencionados com frequência.

o. Não se trata de higiene, mas de uma observância ritual.

p. Termo difícil de traduzir. Outras traduções: *até o cotovelo, com o punho*.

q. No gr., dependendo dos mss.: *sem estar banhados* ou *sem se ter aspergido*.

r. Em gr. *banhos, batismos*; cf. 1,4 nota.

s. Lit. *objetos de bronze*.

t. Ela compreendia preceitos e práticas que especificavam a lei de Moisés.

u. Is 29,13 gr.

v. Ex 20,12; Dt 5,16; cf. Mc 10,19; Ef 6,2.

w. Ex 21,17; cf. Lv 20,9.

x. Palavra aramaica que significa oferta, especialmente oferta feita a Deus (cf. Mt 15,6). Ficava dispensado da obrigação de prestar assistência ao pai ou à mãe quem fizesse voto de dar ao Tesouro do Templo os bens necessários para socorrê-los.

anulais a palavra de Deus com a tradição que vós transmitis⁷. E fazeis muitas coisas deste gênero⁸. ¹⁴A seguir, chamando novamente a multidão, dizia-lhe: “Escutai-me todos e compredeci. ¹⁵Não há nada exterior ao homem que penetrando nele o possa tornar impuro, mas o que sai do homem, eis o que torna o homem impuro”. ¹⁶¹⁷Depois que entrou em casa, longe da multidão, seus discípulos o interrogaram acerca desta palavra enigmática⁹. ¹⁸Ele lhes disse: “Então vós também sois sem inteligência? Não sabeis que nada do que penetra do exterior no homem pode torná-lo impuro, ¹⁹já que não penetra em seu coração, mas no seu ventre, e depois vai para a fossa?” Com isto, ele declarava que todos os alimentos são puros¹⁰. ²⁰Ele dizia: “O que sai do homem, isto é que torna o homem impuro. ²¹De fato, é do interior, é do coração do homem que saem as más intenções, desregramentos, furtos, homicídios, ²²adultérios, cupidez, perversidades, astúcias, inveja, injúrias, vaidade, insensatez. ²³Todo este mal sai do interior e torna o homem impuro”.

A fé de uma siro-fenícia (Mt 15,21-28).

²⁴Saindo dali, Jesus foi para o território

de Tiro⁶. Entrou numa casa e não queria que o soubessem, mas não pôde permanecer ignorado. ²⁵Logo em seguida, uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro ouviu falar dele e veio atirar-se-lhe aos pés. ²⁶Esta mulher era pagã¹, siro-fenícia de nascimento. Ela pedia a Jesus que expulsasse o demônio da sua filha. ²⁷Jesus lhe disse: “Deixa que os filhos se fartem primeiro², pois não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorritos”. ²⁸Ela respondeu: “É verdade³, Senhor, mas debaixo da mesa, os cachorritos comem as migalhas dos filhos”. ²⁹Ele lhe disse: “Por causa desta palavra, vai, o demônio saiu da tua filha”. ³⁰Ela voltou para casa e encontrou a menina estendida na cama: o demônio a deixara⁴.

Cura de um surdo mudo. ³¹Jesus saiu do território de Tiro e voltou para Sídon⁵, em direção do mar da Galiléia, atravessando o território da Decápole. ³²Trazem-lhe¹ um surdo, que falava com dificuldade², e lhe suplicam que lhe imponha a 5,23 mão³. ³³Tomando-o à parte, longe da multidão, Jesus pôs os dedos nos ouvidos dele, cuspiu e tocou-lhe a língua. ³⁴A seguir, erguendo o olhar para o céu, suspirou. E disse-lhe: “*Effatá*”, isto é:

y. Lit. *por vossa tradição que transmitistes*: os fariseus e escribas são cios de uma tradição que receberam e por sua vez transmitem.

z. Alguns mss. lêem aqui as palavras: *Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!*

a. Em gr.: *parábola*. No AT gr. este termo, que traduz o hebr. *maschal*, pode designar uma sentença lapidar e enigmática (cf. 4,11 nota; Lc 4,23). Mc vê nela um sentido latente (v. 14; cf. 4,9), só revelado aos discípulos (cf. 4,10-12) e concernente à obra para a qual Jesus é enviado (3,23-27; 4,11): a ab-rogação das proibições alimentares (v. 19) explica-se pela chegada do Reino de Deus e a vitória sobre Satanás.

b. Lit. *purificando todos os alimentos*, provavelmente reflexão de Mc acerca da afirmação de Jesus. A ab-rogação das proibições alimentares devia eliminar qualquer obstáculo à comunidade de mesa entre cristãos de origem judaica e cristãos de origem pagã (cf. At 10,1-11,18; Gl 2,12). A seção dos pães refere-se à admissão dos pagãos à mesa de Cristo (7,27-28; 8,1 nota).

c. Esta região, que faz limite com a Galiléia ao norte, tinha uma população heterogênea, onde predominava a religião pagã. Mc não fornece motivo algum para esta viagem. O incógnito exclui qualquer intenção missionária. Mas, depois de 7,1-23, Mc interpreta a narrativa que segue como um sinal prenunciador da evangelização dos pagãos (v. 26; cf. já 3,8; 5,1-20; e no AT 1Rs

17,8-24) e da sua admissão à refeição do Senhor (vv. 27-28; notar as menções ao pão em 6,41.52; 7,2; 8,6.14-21).

d. Lit. *grega*, isto é, não-judia.

e. Esta palavra é omitida em Mt e sugere que o Evangelho passará dos judeus aos gregos (Rm 1,16).

f. *É verdade*: certas testemunhas não trazem essas palavras.

g. Lit. e o demônio saiu.

h. Conforme outros mss.: *de Tiro e Sídon e ele voltou para o mar*. Esta indicação geográfica não pretende traçar um itinerário preciso, mas situar em terra pagã as duas narrações subsequentes.

i. Os vv. 32-37 apresentam várias semelhanças com 8,22-26: esses dois relatos, próprios de Mc e situados cada um ao termo de uma série de episódios ligados a uma multiplicação dos pães (cf. 6,30 nota), parecem tomar em Mc o valor de sinais de apoio para uma catequese inspirada em Is 35,5-6, citada aqui no v. 37. O texto de Is (cf. Mt 11,5 par.) fala não só da cura dos surdos e dos mudos, ilustrada pela primeira narrativa, mas também da dos cegos, ilustrada pela segunda. Cf. 8,22 nota.

j. *Falar dificilmente*: no AT, esta expressão só se encontra em Is 35,5 gr.

k. A expressão costumeira no NT é: *impor as mãos*. O singular *a mão* só aparece aqui e em Mt 9,18.

l. Cf. 5,41 nota. Esta fórmula seria incluída na liturgia antiga do batismo.

"Abre-te". ³⁵Logo se lhe abriram os ouvidos, a língua se lhe desatou, e ele falava corretamente. ³⁶Jesus recomendou-lhes que não falassem disso com ninguém: mas, quanto mais recomendava, tanto mais eles o proclamavam. ³⁷Eles ficaram muito impressionados e diziam: "Ele fez bem todas as coisas; faz os surdos ouvirem e os mudos falarem".

8 Jesus alimenta quatro mil homens (Mt 15,32-39; cf. Mc 6,30-44 par.).

"Naqueles dias", como houvesse novamente uma grande multidão e ela não tivesse o que comer, Jesus chama seus discípulos e lhes diz: ²"Tenho compaixão desta multidão, pois já faz três dias que permanecem comigo e não têm o que comer. ³Se os despeço, mandando-os para casa em jejum, vão desfalecer no caminho, e há alguns que vieram de longe". ⁴Seus discípulos lhe responderam: "Onde encontrar de que fartá-los com pães aqui num deserto?" ⁵Ele lhes perguntou: "Quantos pães tendes?" — "Sete", disseram. ⁶E ele mandou a multidão acomodar-se no chão. Depois, tomou os sete pães e, após ter dado graças,

partiu-os e os dava a seus discípulos para que eles lhes oferecessem. E eles os ofereceram à multidão. ⁷Havia também alguns peixinhos. Jesus pronunciou sobre eles a bênção e mandou oferecê-los igualmente. ⁸Comeram e ficaram saciados. E recolheram os pedaços que sobravam: sete cestos; ⁹ora, eles eram cerca de quatro mil. Depois, Jesus os despediu; ¹⁰e logo entrou no barco com seus discípulos e foi à região de Dalmanuta¹.

O sinal negado aos fariseus (Mt 12,38-39; 16,1-4; Lc 11,16-29; 12,54-56).

¹¹Vieram os fariseus e puseram-se a discutir com Jesus; para o pôr à prova², pedem-lhe um sinal que venha do céu³. ¹²Soltando um profundo suspiro, Jesus diz: "Por que esta geração pede um sinal"? Na verdade, eu vos digo, não será dado sinal a esta geração". ¹³E deixando-os, entrou novamente no barco e partiu para a outra margem.

Mt 12,38;
Lc 11,16;
Jo 6,30;
1Cor 1,22;
Is 7,10-12

A incompreensão dos discípulos (Mt 16,5-12; Lc 12,1). ¹⁴Os discípulos tinham-se esquecido de levar pães⁴ e só tinham um pão no barco. ¹⁵Jesus fazia-lhes esta

m. Cf. 1,44 nota. O segredo messiânico destina-se a ser manifestado (4,21-22). O seu caráter provisório aparece sobretudo com relação aos milagres, cuja proclamação antecipa a do Evangelho (mesmo verbo *proclamar* em ambos os casos, cf. 1,45 nota); da mesma forma aqui, o coro final da multidão, v. 37, antecipa o reconhecimento, na comunidade cristã, da obra escatológica de Deus por Jesus.

n. Esta narrativa (vv. 1-10) apresenta a mesma estrutura e os mesmos temas que 6,34-44 (compaixão pela multidão, diálogo com os discípulos, refeição com pães e peixes no deserto, saciedade, sobras, número) com variantes de pormenores que, segundo alguns intérpretes, seriam prova de um acontecimento distinto, mas que podem explicar-se pela vida da tradição em comunidades diferentes. Ambas as narrativas foram relacionadas com a da instituição da eucaristia, a primeira em igrejas judeu-cristãs (cf. 6,35 nota), a segunda em igrejas gregas (cf. v. 6 nota). Em Mc, elas fazem parte de duas séries catequéticas paralelas (cf. 6,30 nota), que insistem nos sinais da missão e autoridade de Jesus, no empedernimento dos fariseus e na incompreensão dos discípulos (cf. 6,52 nota; 8,14 nota; 8,21 nota). Ademais, ao situar o segundo relato em terras pagãs (cf. 7,31 nota), Mc sublinha a expansão da obra de Jesus aos pagãos.

o. Nesta narrativa, Jesus detém a iniciativa. A função dos discípulos só se manifesta nos vv. 6-7 (cf. 6,37 nota).

p. Estes termos lembram Js 9,6-9 e Is 60,4. A aproximação afretada deve ter sido percebida em comunidades onde pagãos eram aceitos à refeição do Senhor.

q. Lit. *donde poderia alguém saciá-los de pães?*

r. Trata-se de um ato idêntico à bênção de 6,41; mesma diferença de vocabulário entre Mc 14,22-24; Mt 24,26-28, narração proveniente de uma tradição judeu-cristã, de uma parte, e 1Cor 11,23-25; Lc 22,19-20, de tradição helenista, da outra parte.

s. Interpretou-se o número *sete* (já no v. 5), quer como número perfeito, quer como alusão ao colégio dos sete que presidiam o serviço das mesas dos helenistas conforme At 6,1-6, ou ainda às setenta nações nas quais tradicionalmente estava dividido o mundo pagão (cf. Lc 10,1).

t. Localidade desconhecida, como *Magadan* de Mt 15,39.

u. Com intenção malévola. Pode-se traduzir também: *para armar-lhe uma cilada*.

v. Cf. Dt 18,20-22; Is 7,10-14. Depois dos *sinais* que Jesus acaba de realizar, este pedido acusa a cegueira dos fariseus. Daí a partida de Jesus no v. 13.

w. A palavra *geração* aparece comumente em expressões de recusa ou condenação (Mt 11,16; 12,39; 16,4; Lc 11,29; At 2,40; Fl 2,15) e alude a textos como Dt 32,5; Sl 95,10. A atitude dos fariseus reproduz a da geração do deserto que punha Deus à prova (v. 11) reclamando constantemente novas demonstrações do seu poder (cf. Nm 14,11,22).

x. Após os fariseus, parece que os próprios discípulos são acometidos de cegueira (vv. 14,21). Vão receber as mesmas censuras (vv. 17-18) — verdade é que sob forma interrogativa — que os de fora em 4,12.

recomendação: "Cuidado! Guardai-vos do fermento dos fariseus e do de Herodes"¹⁶. Eles começaram a discutir entre si, porque não tinham pães. ¹⁷Jesus o percebe e lhes diz: "Por que discutis por não terdes pães? Ainda não atinais e não compreendeis"? Tendes o coração endurecido"? ¹⁸*Tendes olhos: não vedes? Tendes ouvidos: não ouvis*¹⁹? Não vos lembraís, ¹⁹quando eu parti os cinco pães para os cinco mil homens, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?" Eles lhe dizem: "Doze". ²⁰"E quando parti os sete pães para os quatro mil homens, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?" Eles dizem: "Sete". ²¹E dizia-lhes: "Ainda não compreendeis"?"

Cura de um cego. ²²Eles chegam a Betsaida; trazem-lhe um cego^d e suplicam-lhe que o toque. ²³Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia. ^{Jo 9.6} Pôs-lhe saliva sobre os olhos, impôs-lhe as mãos e perguntava-lhe: "Vês alguma coisa?" ²⁴Depois de abrir os olhos^e, ele dizia: "Percebo as pessoas, vejo-as como árvores, mas caminham". ²⁵Em seguida,

Jesus lhe pôs novamente as mãos sobre os olhos e o homem viu claramente; estava curado e via tudo distintamente. ²⁶Jesus o mandou para casa, dizendo-lhe: "Nem sequer entres na aldeia".

Pedro reconhece em Jesus o Messias (Mt 16,13-20; Lc 9,18-21). ²⁷Jesus partiu com seus discípulos^f para as aldeias vizinhas de Cesaréia de Filipe^g. No caminho, ele interrogava seus discípulos: "Quem sou eu, no dizer dos homens?" ²⁸Eles lhe disseram: "João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, um dos profetas". ²⁹E ele lhes perguntava: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Tomando a palavra, Pedro lhe responde: "Tu és o Cristo"^h. ³⁰E ele lhes ordenou severamente que não falassem dele a ninguémⁱ.

Jesus anuncia a sua Paixão e Ressurreição (Mt 16,21-23; Lc 9,22). ³¹A seguir, ele começou a ensinar-lhes^j que era necessário que o Filho do Homem^k sofresse muito, que fosse rejeitado pelos anciãos, os sumos sacerdotes e escribas^l, que fosse morto e, três dias depois, res-

y. O fermento era tido como fonte de impureza e corrupção (1Cor 5,6-8; Gl 5,9) e, para os rabinos, simbolizava as más inclinações do homem. No contexto de Mc, ele parece designar as más disposições, tanto dos fariseus (cf. 2,1-3,6; 7,1-13; 8,11-13) como de Herodes (cf. 6,14-29). Os discípulos corriam o risco de compartilhar essas más disposições, se se mantivessem rebeldes aos esforços de Jesus de lhes manifestar o sentido autêntico da missão à qual os queria associar.

z. Cf. 4,13; 7,18.

a. Cf. 3,5; 6,52 nota.

b. Cf. Jr 5,21; Ez 12,2.

c. Estas palavras de Jesus chamam a atenção para tudo o que se revela da sua missão e da sua pessoa no decorso desta parte do livro, na qual se multiplicaram os sinais não-compreendidos. Na hipótese de só existir um fato na origem de ambas as narrativas aqui recapituladas, seria mister admitir, da parte de Mc, certa liberdade de adaptação catequética das palavras de Jesus, liberdade esta comparável à que supõem as diversas versões evangélicas de uma mesma declaração de Jesus.

d. Cf. 7,32 nota. Depois das censuras dirigidas aos discípulos (vv. 14-21), e antes da primeira profissão de fé destes (vv. 27-30), a cura difícil e progressiva de um cego por Jesus ilustra, segundo Mc, o seu poder iluminador e seus esforços para abrir os olhos dos discípulos. Outra cura de cego sobrevirá ao termo do seu ensinamento sobre sua missão, em 10,46-52.

e. Outras traduções: tendo levantado os olhos ou tendo recuperado a visão.

f. Esta narração (vv. 27-30), preparada desde 6,14-16 (cf. as

respectivas notas), mostra quanto os discípulos, cuja fé Pedro exprime, avançam-se às respostas deficientes dadas à questão suscitada pela atividade de Jesus: ele não vem preparar a vinda de um outro; ele é o Salvador definitivo.

g. Cf. Mt 16,13 nota.

h. Ou seja, o Messias, aquele que os profetas, inclusive João Batista, anunciavam e preparavam. Na época da redação de Mc, tal título exprime a fé da Igreja em Jesus (cf. 1,1 nota).

i. Esta reação de Jesus não implica, segundo Mc, nenhuma desaprovção quanto ao título de Cristo, que ele vai aceitar em 14,62. Este título fica incluído na norma do silêncio, tanto quanto o de Filho de Deus e as demais expressões da fé da Igreja (cf. 1,34 nota; 1,44 notas), prematuras, segundo Mc, antes que a missão de Jesus se conclua pela morte e ressurreição; cf. 4,22 nota; 9,9. Para compreender a insistência de Mc no segredo de Jesus, é preciso levar em conta não só as ambigüidades dos títulos messiânicos judaicos, insuficientes para definir a missão de Jesus, como também os progressos da fé da Igreja primitiva e o empenho de Mc em reler a vida terrestre de Jesus à luz da revelação da Páscoa.

j. Doravante o ensinamento de Jesus versa sobre o modo pelo qual deve cumprir sua missão (vv. 31-33; 9,30-32; 10,32-34). Tal ensinamento, reservado aos discípulos, empresta unidade a esta parte do livro até 10,45. Ele caracteriza uma segunda fase da revelação de Jesus, desta feita explícita (v. 32), após a das parábolas e milagres.

k. Cf. Mt 8,20 nota.

l. Trata-se dos membros do Grande Sinédrio, colégio de 71 membros, que governava o povo judeu. Ele constava dos repre-

suscitasse^m. ³²E falava deste assunto abertamente. Pedro, chamando-o à parte, pôs-se a censurá-loⁿ. ³³Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, repreendeu a Pedro; disse-lhe: "Afasta-te! Para trás de mim, Satanás", pois teus intentos não são os de Deus, mas dos homensⁿ.

Como se deve seguir a Jesus (Mt 16, 24-28; Lc 9,23-27). ³⁴A seguir ele convocou a multidão^o, com seus discípulos, e lhes disse: "Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz^a e siga-me. ³⁵Pois quem quiser salvar sua vida^a perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho^a salvá-la-á. ³⁶E que proveito terá o homem em ganhar o mundo inteiro, se o paga com a própria vida? ³⁷Que daria o homem que tenha o valor^d de sua vida? ³⁸Pois se alguém se envergonhar

Mt 10,28;
Lc 14,27

Lc 12,9;
2Tm 2,12

sentantes da aristocracia leiga (os *ancião*s), das grandes famílias sacerdotais (os *sumos sacerdotes*), entre os quais se elegia o Sumo Sacerdote, e dos *escribas* ou intérpretes da lei (na maioria com tendência farisaica). O Sinédrio era presidido pelo Sumo Sacerdote em exercício (Caifás).

m. Fórmula típica de Mc (cf. 10,34) que pode designar o terceiro dia depois. Cf. Mt 16,21 nota.

n. A reação de Pedro ilustra bem a dificuldade de associar o título de Cristo às perspectivas da paixão e da morte. Talvez isto esclareça a preterição, em Mc, desse título (além dos de Santo e Filho de Deus) até a Paixão.

o. Opondo-se ao padecimento de Jesus, Pedro endossa o papel de Satanás, que tenta desviar Jesus da obediência a Deus. Ele abandona a sua posição de discípulo que deve caminhar *atrás* de Jesus (cf. 1,17.20; 8,34).

p. Cada anúncio da Paixão é seguido de palavras de Jesus, que dele tira as consequências para seus discípulos: vv. 34-38; 9,38-41; 10,35-45. Cf. Lc 9,23 nota.

q. Nestes termos, a palavra de Jesus supõe que a existência do discípulo autêntico seja pautada pela sua: trata-se de segui-lo na renúncia a si mesmo que significa a aceitação da cruz, ou seja, conforme os vv. 35-37, arriscando a própria vida pela causa de Jesus e do Evangelho.

r. Cf. Mt 10,28 nota.

s. Certos mss. só trazem: *por causa do Evangelho*, mas cf. 10, 29. A obra de Jesus se prolonga, conforme Mc, na pregação do Evangelho (cf. 1,1 nota) e este pode levar o discípulo ao sacrifício da própria vida, assim como a missão de Jesus o levou à cruz.

t. Lit. *como preço de compra*, aqui para recuperar a vida perdida (cf. 11,49-9).

u. Lit. *não provando a morte*.

v. *Com poder*: palavras que opõem a manifestação triunfal do Reino à obscuridade dos seus primórdios. Este poder é dado a Cristo no momento de sua Ressurreição (cf. Rm 1,4 nota). Esta afirmação de Jesus foi relatada com matizes diversos (cf. Mt 16,28 nota; Lc 9,27 nota). Os termos aqui empregados designam

de mim e das minhas palavras em meio a esta geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjosⁿ.

9 ¹E ele lhes dizia: "Na verdade eu vos digo, dentre os que aqui estão, alguns ^{13,30}não morrerão" antes de ver o Reinado de Deus vindo com poderⁿ.

A Transfiguração (Mt 17,1-9; Lc 9, 28-36; ver 2Pd 1,17-18). ²Seis dias depoisⁿ, Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, e os leva sós, à parte, ao cimo de uma alta montanha^a. Ele foi transfigurado^o diante deles. ³E suas vestes tornaram-se resplandecentes, tão brancas que nenhum lavandeiro do mundo poderia alvejá-las assim. ⁴Apareceu-lhes Elias, com Moisés^d; eles se entretinham com Jesus. ⁵Intervindo, Pedro disse a Jesus:

realmente a geração contemporânea de Jesus e dos seus discípulos, alguns dos quais veriam o estabelecimento do Reino de Deus, sem dúvida por ocasião do advento final de Cristo. De conformidade com o estilo habitual da linguagem profética e apocalíptica, a afirmação de Jesus não diferencia as diversas etapas que o futuro poderá suscitar e atinge de imediato os ouvintes, a quem convida a se converter sem demora (cf. 8,38). É de se notar a fidelidade da tradição para com uma declaração que não parecia ter-se realizado do modo como talvez se esperasse. Diversas tentativas de interpretação foram propostas (tomada de Jerusalém somente, aparições do Ressuscitado. Transfiguração), sem obter o assentimento geral.

w. Lit. *após seis dias*. No Evangelho, esta indicação não tem maior valor cronológico, mas este pormenor pode ser uma alusão ao transcurso da festa das Tendias, festa alegre e popular. Ela começava seis dias depois do grande dia das Expiações e durava sete dias (Lv 23,34.36). Na tradição anterior à redação evangélica, poderia, pois, tratar-se ou do primeiro dia da festa, que Jesus teria celebrado à parte com os seus, ou do último dia, assinalado por grandes regozijos públicos. Acerca deste episódio, cf. Mt 17,1 nota.

x. Cf. Mt 17,1 nota.

y. Lit. *metamorfosado*. Em outras passagens, o verbo designa uma transformação espiritual (Rm 12,2; 2Cor 3,18). Aqui, a transformação é visível; Mt e Lc mencionam que ela afeta o rosto; os três sinóticos assinalam a transformação perceptível da roupa. Como nos apocalipses judaicos, vestes tão deslumbrantes são um dos sinais da glória celeste concedida aos eleitos, que se tornam semelhantes aos anjos (cf. Mt 28,3; Ap 3,4; 4,4). Esta cena misteriosa só adquire sentido na perspectiva da Ressurreição gloriosa de Cristo, da qual é evidentemente, em Mc, a antecipação.

z. Cf. Mt 17,3 nota. A ordem Elias-Moisés acha-se invertida em Mt e Lc (Moisés e Elias).

a. Com este título respeitoso, *meu Senhor* (de *rab*: grande), dirigia-se a palavra aos doutores da lei, mas também a outros personagens. Dirigido a Jesus (11,21; 14,44-45; cf. 10,51), este

"Rabi", é bom estarmos aqui^b; ergamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, uma para Elias". "Ele não sabia o que dizer^d, pois estavam transidos de medo. "Veio encobri-los uma nuvem", e uma voz soou, vinda da nuvem: "Este é meu Filho bem-amado. Ouvi-o!" "Logo, olhando em derredor, não viram mais ninguém afora Jesus, só, com eles. "Quando desciam da montanha, ele lhes recomendou que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressurgisse dentre os mortos". "Eles cumpriram esta ordem, embora perguntando uns aos outros o que ele entendia por "ressurgir dentre os mortos"^e.

2Pd 1,17

Diálogo a respeito de Elias (Mt 17, 10-13). "E eles o interrogavam: "Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?" "Ele lhes disse: "Decerto Elias vem primeiro e restaura tudo^f, contudo, como é que está escrito a respeito do Filho do Homem que ele deve sofrer muito e ser desprezado^g? "Pois bem, eu

vos declaro, Elias veio e fizeram a ele tudo o que queriam, conforme está escrito a seu respeito".

Cura de um rapaz possesso (Mt 17, 14-21; Lc 9,37-43). "Ao chegarem perto dos discípulos, viram ao redor deles uma grande multidão e escribas que discutiam uns com os outros. "A multidão toda, mal viu Jesus, comoveu-se e acorriam para saudá-lo. "Ele perguntou-lhes: "Que discutis com eles?" "Alguém na multidão respondeu-lhe: "Mestre, eu te trouxe o meu filho: ele tem um espírito mudo^m. "O espírito apodera-se dele em qualquer lugar, atira-o no chão, e o rapaz espuma, range os dentes e fica enrijecido. Pedi a teus discípulos que o expulsem e eles não tiveram força para fazê-lo". "Tomando a palavra, Jesus lhes disse: "Geração incrédula, até quando estarei junto de vós? Até quando terei de suportar-vos? Trazei-mo". "Eles o trouxeram. Mal viu Jesus, o espírito pôs-se a agitar o rapaz com convulsões; este, caindo no

título é reproduzido em Jo 1,38 por *Mestre* (gr. *didaskalos*). Pelos fins do século I, a palavra perdeu o valor vocativo e passou a designar os doutores da lei (donde o uso ainda atual da palavra *rabino*).

b. Cf. Lc 9,33 nota.

c. Cf. Mt 17,4 nota.

d. Mesma fórmula em Mc 14,40.

e. Cf. Lc 9,34 nota.

f. Esta declaração de filiação divina lembra a que foi feita por ocasião do batismo de Jesus. Cf. Mt 17,5 nota.

g. Cf. Mt 17,9 nota. A obrigação do *segredo* evoca outras recomendações semelhantes (Mc 1,34 nota; 1,44 nota; 5,43; 7,36; 8,30 nota). Ao determinar que o segredo só poderá ser levantado depois da Ressurreição, Mc quer dar a entender que este episódio só se poderia compreender depois de revelada a glória da Ressuscitado. Procedendo assim, pode ser que ele faça eco às preocupações da comunidade: como é que, depois de tal manifestação, Jesus não foi reconhecido, ainda em vida, como Messias?

h. Lit. o que *seja* ressurgir dentre os mortos. Estas últimas palavras são uma repetição da declaração anterior: Mc 9,23 (*se tu poderes*) traz uma construção semelhante. Conforme outros mss.: *o que seja: quando ele ressurgiria dos mortos*. O que surpreende os discípulos não é a idéia ou o fato da ressurreição (muitos judeus acreditam nela), mas o modo de Jesus referir-se a ela. Anuncia-a como próxima, quando todos a esperavam para o fim dos tempos. Além do mais, a idéia de que o Filho do Homem glorioso devesse passar pela morte e a ressurreição devia ser chocante.

i. Referindo-se a Mt 3,23 é que se afirmava esta vinda de Elias antes. Diversos textos rabínicos aludem a isto. A comunidade de

Qumran esperava a vinda de um Profeta e dos Messias de Aarão e de Israel (*Regra* 11,11).

j. O verbo aqui traduzido por *restabelecer* é o que Mt 3,24 gr. escolheu para traduzir o hebraico: ele *reconduzirá* o coração dos pais para os filhos (cf. Sr 48,10). Devia, pois, o precursor trabalhar na reconciliação geral. Jesus não contesta tal idéia; todavia, ela lhe parece incompatível com os sofrimentos do Messias que deve vir depois de Elias. Aliás, Elias já veio (v. 13) na pessoa de João Batista (Mt 11,14; cf. ao invés Jo 1,21) e, muito ao contrário de ter podido exercer o seu ministério de reconciliação, ele mesmo padecia.

k. Esta frase é peculiar a Mc. Em vão se procuraria nas Escrituras um texto referente aos sofrimentos do *Filho do Homem*. Poderia haver aqui uma alusão aos sofrimentos do *Servo* em Is 52, 14; 53,4-10, mas aí o *Servo* não traz o título de Filho do Homem.

l. Aqui também a referência à Escritura é própria de Mc e a idéia de que Elias precursor deva sofrer está ausente do AT e não é expressa claramente na literatura judaica. De preferência a uma possível alusão às provações de Elias durante a sua vida, o que se deve realçar é a idéia original de Mc. Segundo ele, existe um paralelismo estreito entre Elias e o Filho do Homem: ambos devem sofrer; o destino de João Batista (cf. 6,17-29) prefigura assim o de Cristo. Esse tema parece-lhe tão importante que provoca um apelo ao testemunho das Escrituras.

m. Esta enfermidade ainda é mencionada no v. 25, sem que se possa ver a sua relação com a doença descrita nos vv. 22-26. É bom notar que Mt (12,22) refere a cura de um homem cego e mudo e Lc (11,14), a de um mudo, às quais Mc não faz menção. A cena pormenorizada dos vv. 21-26 é peculiar a Mc.

n. Talvez uma alusão a Mc 3,27 (*o homem forte*).

o. Cf. Mt 17,17 nota.

chão, rolava, espumando.²¹ Jesus perguntou ao pai: "Faz quanto tempo que isto lhe acontece?" Ele disse: "Desde a infância.²² Muitas vezes o espírito o tem jogado no fogo ou na água para fazê-lo perecer^p. Mas, se podes alguma coisa, vem em nosso socorro, compadecido de nós".

²³Jesus lhe disse: "Se podes!... Tudo é possível para quem crê^q".²⁴Logo o pai do menino exclamou: "Eu creio! Vem em auxílio da minha falta de fé!"²⁵Jesus, vendo a multidão agrupar-se em tumulto, ameaçou o espírito impuro: "Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, sai deste

rapaz e não entres mais nele!"²⁶O espírito saiu com gritos e violentas convulsões. O rapaz ficou feito morto, tanto que todos diziam: "Ele morreu".²⁷Mas Jesus, tomando-lhe a mão, o fez levantar-se e ele se pôs de pé.²⁸Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos perguntaram-lhe em particular: "E nós, por que não conseguimos expulsar este espírito?"²⁹Ele lhes disse: "Esta espécie de espírito, nada o pode fazer sair, a não ser a oração".

Segundo anúncio da Paixão e da Ressurreição (Mt 17,22-23; Lc 9,43-45).

³⁰Partindo dali, eles atravessavam a Galiléia, e Jesus não queria que se soubesse.³¹Pois ensinava seus discípulos e lhes dizia: "O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens; eles o matarão e, quando tiver sido morto, após três dias, ressuscitará".³²Mas eles não compreendiam estas palavras e receavam interrogá-lo.

Quem é o maior? (Mt 18,1-5; Lc 9,46-48).

³³Foram para Cafarnaum. Tendo en-

trado em casa, Jesus lhes perguntava: "Sobre que discutíeis no caminho?"

³⁴Mas eles calavam, pois no caminho tinham discutido para saber quem era o maior.³⁵Jesus sentou-se e chamou os Doze; ele lhes disse: "Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e servo de todos".³⁶E pegando uma criança, postou-a no meio deles e, depois de a ter abraçado, disse-lhes: ³⁷"Quem acolhe em meu nome uma criança^r como esta, acolhe a mim mesmo; e quem me acolhe, não é a mim que acolhe, mas Àquele que me enviou".

Quem não está contra nós está conosco (Lc 9,49-50).

³⁸João disse-lhe: "Mestre, nós vimos alguém que expulsava os demônios em teu nome e procuramos impedi-lo^s, porque não nos seguia".

³⁹Mas Jesus disse: "Não o impeçais, pois não há quem faça milagres em meu nome e, logo depois, possa falar mal de mim.

⁴⁰Aquele que não está contra nós é a favor de nós.⁴¹Todo aquele que vos der de beber um copo de água por pertencerdes a Cristo^t, na verdade eu vos declaro, não perderá a sua recompensa".

Jesus alerta os seus (Mt 18,6-11; Lc 17,1-2).

⁴²"Todo aquele que provoca a queda^u de um só desses pequenos que creem, melhor seria para ele que lhe amarrassem ao pescoço uma grande mó^v e o lançassem ao mar.⁴³Se tua mão te leva à queda, corta-a; mais vale entrares na vida maneta^w, do que ires parar com ambas as mãos na geena, no fogo que não se apaga. [⁴⁴a] ⁴⁵Se teu pé te leva à queda, corta-o; mais vale entrares na vida

p. Cf. Mt 17,15 nota.

q. O poder do crente é o de Deus (cf. 5,36; 10,27; 11,24 nota), ao qual ele se abre pela fé.

r. Os dois verbos aqui traduzidos por *fazer levantar* (*egérein*) e *pôr-se de pé* (*anistáinai*) são empregados alhures para falar da Ressurreição (cf. 5,41 nota). Por meio de traços desse tipo, Mc quer, sem dúvida, estabelecer um vínculo entre os episódios de sua narração e a Ressurreição, cujo sentido é preparado desta forma através de todo o evangelho (cf. 1,31; 8,31; 9,1.7.9-10; 10,34).

s. Conforme outros mss.: *pela oração e pelo jejum* (cf. Mt 17,21 nota).

t. Cf. Mt 18,3 nota.

u. Conforme outros mss.: *nós o impedimos*.

v. Isto é: porque não pertencia ao grupo dos discípulos, assim como o explicitou Lc.

w. Mt 10,42 exprime a mesma idéia, servindo-se de outra expressão.

x. Lit. *escandaliza*. Cf. Mt 5,29 nota.

y. Lit. *uma mó de burro*, isto é, mó de grande porte, girada por um burro, em contraposição à mó que se pode girar manualmente.

z. Isto é, a vida eterna.

a. *Onde o verme não morre e o fogo não se apaga*. Os vv. 44 e 46, em relação aos quais a transmissão do texto é hesitante.

coxo do que seres lançado na geena com ambos os pés. [46 *] 47E se teu olho te leva à queda, arranca-o; mais vale entras no Reino de Deus caolho do que seres lançado com ambos os olhos na geena, 48onde o verme^b não morre e o fogo não se apaga. 49Pois cada um será salgado no fogo. 50Coisa boa é o sal. Mas se o sal perde a força, com que lha restituireis? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros”.

10 Casamento e divórcio (Mt 19,1-9; Lc 16,18).

Partindo dali, Jesus vai para o território da Judéia além do Jordão^f. As multidões novamente se reúnem à volta dele, e ele mais uma vez as ensinava, segundo seu costume. 2Adiantam-se uns fariseus e, para prová-lo^g, perguntam-lhe se é permitido a um homem repudiar sua mulher. 3Ele lhes respondeu: “Que prescreveu Moisés?” 4Eles disseram: “Moisés permitiu escrever um certificado de repúdio e despedir sua mulher”. 5Jesus lhes disse: “Foi por causa da dureza^h do vosso coração

que ele escreveu para vós este mandamento. 6Mas no começo do mundo Deus os fez homem e mulher; 7por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher^k, 8e os dois se tornarão uma só carne^l. Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne^m. 9Não separe, pois, o homem o que Deus uniu”. 10Estando em casa, os discípulos o interrogavam de novo sobre este assunto. 11Ele lhes disse: “Se alguém repudia sua mulher e se casa com outra, é adúltero com respeito à primeira; 12e se a mulher repudia seu marido e se casa com outro, ela é adúltera”.

Mt 5,32;
Lc 16,18;
1Cor 7,
10-11

Jesus e as crianças (Mt 19,13-15; Lc 18,15-17). 13Algumas pessoas traziam-lhe crianças para que tocasse nelas, mas os discípulos as escorraçavam. 14Ao ver isto, Jesus indignou-se e lhes disse: “Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais, pois o Reino de Deus é para os que são como elas. 15Em verdade, eu vos digo, quem não receber o Reino de Deus como uma criançaⁿ não entrará nele”. 16E ele

não constam das edições críticas. A repetição dos exemplos (mão, pé, olho) provocou provavelmente a repetição desta fórmula que só é atestada seguramente no v. 48.

b. Lit. o seu verme. Citação bastante livre de Is 66,24.

c. Traduz-se também: para o fogo ou pelo fogo. Outros mss. trazem: E todo o sacrifício será salgado com sal.

Esta sentença só se encontra em Mc, e causa dificuldade. É conhecido o costume de os palestinos empregarem sal em seus fornos como catalisador: este, ao cabo de alguns anos, perde as propriedades químicas e é jogado fora: ele se tornou sem sal (v. 50). Daí a explicação dada por alguns para o v. 49: cada qual deve ser como sal para o fogo. Mas os diversos textos sinóticos que tratam do sal mostram que este representa a renúncia, qualidade sem a qual o discípulo não é discípulo verdadeiro. Aqui, os vv. 42-48 mostram-nos claramente. Se o fogo é a imagem da provação, da perseguição ou até do fogo eterno (v. 48), o sentido então seria: cada qual deve aceitar o sacrifício para poder passar pela provação.

d. Cf. Mt 5,13 nota.

e. Este dito, bem como o do v. 49, só se encontra em Mc. Para alguns, ter sal seria viver em paz. Mas então esvai-se o símbolo que o sal representa. É melhor compreender: tende em vós mesmos o espírito de sacrifício (diante do mundo) e permaneei em paz (entre vós). Note-se que a conclusão deste discurso volta à preocupação que lhe deu motivo: a pretensão dos apóstolos de ocuparem os primeiros lugares.

f. Isto é, a Peréia.

g. Cf. Mc 8,11; 12,13-15.

h. Dt 24,1. Percebe-se que os fariseus falam de uma licença

(vv. 2,4), ao passo que Jesus lhes pergunta se há um mandamento, que os fariseus em vão se esforçariam por descobrir na lei. Em Mt 19,7-9, pelo contrário, os fariseus falam de um mandamento de Moisés, e Jesus lhes responde que aquilo não passa de uma permissão. Na sua resposta, Jesus passa da declaração que permite o divórcio para a declaração que fundamenta o matrimônio: a dispensa não abole a lei fundamental.

i. Não a insensibilidade, mas a opacidade à vontade de Deus.

j. Gn 1,27.

k. Diversas testemunhas omitem e se ligará à sua mulher.

l. Gn 2,24.

m. Isto é, um ser único (cf. Rm 1,3 nota).

n. Cf. Mt 18,3 nota.

o. Alguns mss. pormenorizam aqueles que as traziam: seja como for, o sentido é o mesmo.

p. Como uma criança pode ser apostro, quer ao sujeito (aquele que), quer ao complemento direito (o Reino de Deus). Ou se deve ser como uma criança para acolher o Reino, ou é preciso acolher o Reino como se acolhe uma criança. O v. 14 (para os que são como elas) mostra que Mc tinha em vista o primeiro sentido: é preciso ser como uma criança. Mt 18,3 explicitou-o claramente nesse sentido, ao passo que Lc 18,7 conservou a fórmula de Mc.

As crianças e os que se lhes assemelham acham-se numa situação de total dependência: este era, de fato, o estatuto das crianças na sociedade daquela época. A criança não é o símbolo da inocência, mas da obediência e disponibilidade. Ao acolher a boa nova do Reino com tais disposições (v. 15), sem discussão, entra-se imediatamente no Reino (v. 14).

as abraçava e abençoava^a, impondo-lhes as mãos.

O chamamento do rico (Mt 19,16-30; Lc 18,18-30). ¹⁷Como ele se pusesse a caminho, veio alguém correndo e lançou-se de joelhos diante dele; perguntava-lhe: “Bom Mestre, que devo fazer para ganhar em herança a vida eterna?” ¹⁸Jesus lhe disse: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus. ¹⁹Conheces os mandamentos: *Não cometerás homicídio, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não prejudicarás ninguém, honra teu pai e tua mãe*”. ²⁰O homem disse-lhe: “Mestre, tudo isso eu observei desde a minha juventude”. ²¹Jesus fitou-o e começou a amá-lo; ele lhe disse: “Só te falta uma coisa; vai; o que tens, vende-o, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”. ²²Mas a estas palavras, ele ficou acabrunhado e retirou-se, triste, pois tinha muitos bens. ²³Olhando à volta, Jesus disse a seus discípulos: “Quão difícil será para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!” ²⁴Os discípulos estavam perplexos com essas palavras. Mas Jesus lhes repete: “Meus filhos, quão difícil é entrar no Reino de Deus! ²⁵É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha^a do que um rico entrar no Reino de Deus”. ²⁶Eles estavam cada vez mais impressionados: diziam uns aos outros: “Então quem pode ser salvo?” ²⁷Fixando neles o olhar, Jesus disse: “Para os homens, é impossível, mas para Deus, não, pois a Deus tudo é possível”. ²⁸Pedro pôs-se a dizer-lhe: “E nós, então, que deixamos

tudo para seguir-te?” ²⁹Jesus lhe disse: “Em verdade, eu vos digo, não haverá ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho”. ³⁰e não receba ao centuplo agora, no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições^b, e no mundo futuro^c a vida eterna. ³¹Muitos primeiros serão últimos e os últimos serão os primeiros”.

Mt 20,16;
Lc 13,30

Terceiro anúncio da Paixão e da Ressurreição (Mt 20,17-19; Lc 18,31-34).

³²Eles estavam a caminho e subiam para Jerusalém. Jesus caminhava à frente deles^d. Estavam assustados, e os que seguiam tinham medo. Tomando novamente os Doze consigo, pôs-se a dizer-lhes o que ia acontecer com ele^e: ³³“Eis que subimos a Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos, ³⁴e eles o escarnecerão, o cobrirão de escarros, o flagelarão, matá-lo-ão e, três dias depois, ele ressuscitará”.

O pedido de Tiago e de João (Mt 20,20-28; cf. Lc 22,25-27).

³⁵Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximam-se de Jesus e lhe dizem: “Mestre, desejaríamos que faças por nós o que te vamos pedir”. ³⁶Ele lhes disse: “Que quereis que eu faça por vós?” ³⁷Eles lhe disseram: “Concede-nos que nos assentemos na glória, um à tua direita e o outro à tua esquerda”. ³⁸Jesus lhes disse: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber a taça^b que vou beber, ou ser batizados com o batismo com que

10,51

12,50

q. Só Mc menciona esta bênção, que não se reduz a uma palavra ou a algum gesto, mas significa o dom do Reino.

r. Ex 20,12-16; Dt 5,16-20. *Não prejudicarás ninguém* é um acréscimo ao Decálogo e omitido em Mt e Lc.

s. Alguns mss. trazem: *difficil para os que se fiam na riqueza*. t. Cf. Mt 19,24 nota.

u. *Por causa do Evangelho* é menção peculiar a Mc (cf. 8,35 nota).

v. Mais uma especificação peculiar a Mc: seguir Jesus sempre implicará expor-se a ser perseguido como o foi o próprio Mestre.

w. Cf. Lc 18,30 nota.

x. Cf. Mt 19,30 nota.

y. Este pormenor não é de natureza meramente narrativa. Para Mc, a atitude de Jesus, caminhando à frente, na certeza da sua missão, contrasta com a incerteza e o receio dos discípulos diante daquilo que os espera em Jerusalém (cf. Jo 11,7-16).

z. Cf. Mc 8,31-32; 9,31-32. Acerca da precisão desse terceiro anúncio, cf. Mt 20,19 nota.

a. Cf. Mt 20,21 nota.

b. A taça, no AT, é muitas vezes símbolo do sofrimento (Sl 75,9; Is 51,17-22; Jr 25,15; Ez 23,31-34). Cf. Mc 14,36. À

serei batizado?" ³⁹Eles lhe disseram: "Podemos". Jesus lhes disse: "A taça que vou beber, vós a bebereis, e com o batismo com que serei batizado, sereis batizados." ⁴⁰Quanto a assentar-vos à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo: isto será dado^c àqueles para quem foi preparado^d". ⁴¹Os dez, tendo ouvido, começaram a indignar-se com Tiago e João. ⁴²Jesus os chamou e lhes disse: "Como sabeis, os que são considerados chefes das nações as mantêm sob seu poder, e os grandes^e, sob seu domínio. ⁴³Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande dentre vós, seja vosso servo, ⁴⁴e se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o escravo de todos. ⁴⁵Pois o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão^f".

1Tm 2,5-6

Cura do cego Bartimeu (Mt 20,29-34; Lc 18,35-43). ⁴⁶Eles chegam a Jericó. Estando Jesus a sair de Jericó com seus discípulos e uma multidão considerável, o cego Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho, mendigando^g. ⁴⁷Ao saber que era Jesus de Nazaré^h, pôs-se a gritar: "Filho de Davidⁱ, Jesus, tem compaixão de mim!" ⁴⁸Muitos o reprimiam para que se calasse, mas ele gritava ainda mais: "Filho de David, tem compaixão de mim!" ⁴⁹Jesus deteve-se e disse: "Chamai-o". Chamam o cego, dizem-lhe: "Confiança, levanta-te, ele te chama". ⁵⁰Deitando fora o manto, ele se

Mt 9,27
15,22

levantou num salto e foi ter com Jesus. ⁵¹Dirigindo-se a ele, Jesus disse: "Que queres que eu faça por ti?" O cego respondeu-lhe: "Rabuni^j, que eu recupere a vista!" ⁵²Jesus lhe disse: "Vai, a tua fé te salvou". Logo ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus pelo caminho.

Mt 9,22;
Mc 5,34p;
Lc 7,50;
17,19

11 Entrada triunfal em Jerusalém

(Mt 21,1-11; Lc 19,28-40; Jo 12,12-16). ¹Ao se aproximarem de Jerusalém, perto de Betfagé e de Betânia^k, para os lados do monte das Oliveiras, Jesus envia dois dos seus discípulos ²e lhes diz: "Ide à aldeia que está à vossa frente; logo que nela entrardes, encontrareis um jumentinho^l amarrado, que ninguém ainda montou. Desamarrai-o e levai-o. ³E se alguém vos disser: 'Por que fazeis isto?', respondei: 'O Senhor^m precisa dele e o devolve aqui sem demora'ⁿ". ⁴Eles partiram e encontraram um jumentinho amarrado fora, na rua, junto a uma porta. Eles o desamarraram. ⁵Alguns dos que ali se encontravam disseram-lhes: "Que estais fazendo, por que desamarrais este jumentinho?" ⁶Eles responderam como Jesus havia dito, e os outros os deixaram ir. ⁷Levaram o jumentinho a Jesus; põem suas vestes sobre ele e Jesus sentou-se em cima. ⁸Muita gente estendeu as vestimentas sobre a estrada, e outros, folhagens que cortavam no campo. ⁹Os que caminhavam à frente e os que seguiam clamavam: "Hosana^o! *Bendito seja em nome do Senhor aquele que vem^p!*" ¹⁰Bendito seja o reino que vem, o reino de

Zc 14,4;
Mc 13,3p;
14,26p;
Lc 21,37;
Jo 8,1;
At 1,12

imagem da taça. Mc acrescenta a do *batismo*, que designa os sofrimentos que submergem o homem entregue à provação em geral e, mais particularmente, à morte do mártir.

c. Cf. Mt 20,23 nota.

d. Passivo que exprime a ação divina: é preciso compreender: *preparado por Deus*, como particulariza Mt 20,23.e. Lit. *seus grandes*.f. Lit. *para numerosos, para muitos*. Aqui, a expressão tem um sentido amplo: Jesus morre *em favor da* e *em lugar da* (pela) multidão dos homens, como o Servo de Isaías pela totalidade do povo. Cf. Is 53,11-12; Mc 14,24 par.g. Conforme outros mss.: um *mendigo cego, Bartimeu*.h. Lit. *o nazareno*, forma costumeira em Mc. Cf. Lc 18,37 nota.

i. Título popular do Messias; cf. 11,10; 12,35; Mt 9,27 nota.

j. Título respeitoso, como Rubi (cf. 9,5 nota), denotando afeição. Mt e Lc converteram esta expressão em *Senhor*.

k. Aldeias próximas de Jerusalém; cf. Mt 21,1 nota e Lc 19,29 notas.

l. Alusão ao oráculo de Zc 9,9.

m. Este texto é o único, tanto em Mc como em Mt, em que a expressão *o Senhor* (com artigo) é usada para nomear Jesus. Foi assim que os primeiros cristãos designaram o Cristo Ressuscitado (enquanto o AT sempre reserva esse título para Deus ou o Messias-Rei). Certas versões compreenderam: *Seu senhor* (= seu proprietário).n. Conforme outros mss.: e *ele* (= o homem que objetiva) *o manda* (= o enviará) *cá imediatamente*.

o. Cf. Mt 21,9 nota.

p. Sl 118,25-26.

David, nosso pai!⁹ Hosana no mais alto dos céus!"¹⁰ E ele entrou em Jerusalém, no Templo. Depois de ter olhado tudo à sua volta¹, como já era noite, saiu para ir a Betânia com os Doze.

A figueira estéril (Mt 21,18-19). ¹²No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele sentiu fome. ¹³Vendo ao longe uma figueira de bastante folhagem, foi ver se encontrava nela alguma coisa. E tendo se aproximado, não encontrou nada a não ser folhas, pois não era tempo de figos. ¹⁴Dirigindo-se a ela, disse: "Nunca mais alguém coma de teus frutos!" E seus discípulos escutavam.

Os vendedores expulsos do Templo (Mt 21,10-17; Lc 19,45-48; Jo 2,13-16).

¹⁵Chegam a Jerusalém. Entrando no Templo, Jesus pôs-se a expulsar os que vendiam e compravam no Templo¹; derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos vendedores de pombas, ¹⁶e não permitia a ninguém atravessar o Templo carregando seja lá o que fosse". ¹⁷E ensinava e lhes dizia: "Não está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações?* Vós, porém, fizestes dela uma *caverna de bandidos*".

¹⁸Os sumos sacerdotes² e os escribas sou-

beram disso e procuravam como o fariam perecer. Pois eles o temiam, porque a multidão era tocada por seu ensinamento. ¹⁹Ao chegar a noite, Jesus e seus discípulos saíram da cidade³.

3,6;
14,1 par.;
Lc 20,19

A figueira seca. Fé e oração (Mt 21,20-22). ²⁰De manhã, ao passar, viram a figueira seca até as raízes. ²¹Pedro, recordando-se, lhe diz: "Rabi, olha, a figueira que amaldiçoaste está completamente seca". ²²Jesus lhes respondeu: "Tende fé em Deus. ²³Em verdade, eu vos declaro, se alguém disser a esta montanha: 'Sai daí e atira-te ao mar', e se não duvidar em seu coração, mas crer que o que diz sucederá, isto lhe será concedido". ²⁴Por isso⁴ é que vos digo: Tudo o que pedis rezando, acreditai que o recebestes, e vos será concedido. ²⁵E quando estiverdes de pé orando, se tendes algo contra alguém, perdoai, para que vosso Pai que está nos céus⁵ também vos perdoe vossas faltas". [²⁶c]

Ef 4,32;
Cl 3,13

A autoridade de Jesus posta em questão (Mt 21,23-27; Lc 20,1-8). ²⁷Eles voltam a Jerusalém. Enquanto Jesus ia e vinha no Templo, os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos aproximaram-se dele⁶. ²⁸Eles lhe diziam: "Em virtude de que autoridade fazes isso⁷? Ou quem te

q. Esta aclamação, que só se encontra sob esta forma em Mc, tem um sentido evidentemente messiânico e real, que Mt 21,9 (*Hosana ao filho de David*) e Lc 19,38 (*Bendito seja o rei*) explicitaram.

r. Este pormenor prepara a cena da expulsão dos vendedores do Templo (vv. 15-19). Aqui se trata do conjunto, com seus átrios, e não do edifício que constituía o coração do Templo, cujo acesso só era permitido aos sacerdotes (cf. 14,58; 15,29-38).

s. Este pormenor, omitido na narração de Mt, sublinha em Mc que o fato tem valor de sinal. Entre dois episódios situados no Templo, a figueira pode representar o Templo, onde o Messias não encontra fruto algum (cf. Jr 8,13; Os 9,16-17; Jl 1,7; Mq 7,1). Por outra parte, a eficiência da palavra de Jesus no v. 14 ilustra, segundo Mc, o poder da fé e da oração (vv. 20-25).

t. Isto é, no átrio dos pagãos (cf. Mt 21,12 nota). O gesto de Jesus cumpre o oráculo de Zc 14,21.

u. Lit. *ele não deixava ninguém atravessar o Templo transportando um objeto*. Decerto, o átrio dos pagãos servia de atalho entre a cidade e o monte das Oliveiras; passava-se por ele sem dar atenção à perturbação daí resultante.

v. Is 56,7. Só Mc cita as últimas palavras deste texto: *pura todas as nações*. Destarte, a purificação do Templo adquire um

alcance universal: o átrio dos pagãos (cf. v. 15 nota) é tão santo quanto o de Israel.

w. Jr 7,11: neste capítulo, o profeta proclama a inutilidade para os judeus de virem adorar no Templo, se o seu modo de vida não se conforma com a justiça e o respeito à lei.

x. Membros das grandes famílias sacerdotais, entre as quais era escolhido o Sumo Sacerdote.

y. Outra tradução: *Quando sobrevinha a noite, Jesus e seus discípulos saíam da cidade*. Não se trataria mais de um fato isolado, mas de um costume.

z. Cf. Mt 17,20 nota. Enquanto Mt valoriza o poder do crente (17,20; 21,21), a fórmula de Mc evoca o de Deus em resposta à fé (cf. 9,23 nota).

a. O dito referente ao poder da fé (v. 23) aplica-se aqui ao poder da oração (cf. Mt 18,19).

b. Lit. *Pai que (está) nos céus* (cf. Mt 6,9 nota). Insólita em Mc, esta fórmula confirma sua dependência de uma coletânea de palavras de Jesus.

c. V. 26: *Mas se não perdoardes, tampouco vosso Pai vos perdoará vossas faltas*. Este v. não é atestado por todas as testemunhas (cf. Mt 6,15).

d. Cf. Lc 20,1 nota.

e. Segundo Mc, poderia tratar-se da purificação do Templo.

deu autoridade para fazê-lo?" ²⁹Jesus lhes disse: "Vou lançar-vos uma só pergunta; respondi-me e eu vos direi em virtude de que autoridade faço isso. ³⁰O batismo de João provinha do céu ou dos homens? Respondei-me!" ³¹Eles ponderavam assim entre si: "Se dissermos 'Do céu', ele dirá: 'Então, por que não acreditastes nele?'" ³²Mas, vamos dizer: 'Dos homens'?..." Eles receavam a multidão^f, pois todos consideravam João como sendo realmente um profeta. ³³Então responderam a Jesus: "Não sabemos". E Jesus lhes disse: "Tampouco eu vos digo em virtude de que autoridade faço isso".

12 Parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46; Lc 20,9-19). ¹E ele se pôs a falar-lhes em parábolas. "Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou um lugar e construiu uma torre^h; depois, arrendeu-a a vinhateiros e partiu em viagem.

²"Chegado o tempo, mandou um servo aos vinhateiros, para receber deles a sua parte dos frutos da vinha. ³Os vinhateiros o agarraram, moeram-no de pancadas e o despediram de mãos vazias. ⁴De novo lhes mandou mais outro servo; a este também espancaram na cabeça e o insultaram. ⁵Mandou ainda um outro — a este, mataram —, a seguir muitos outros: a uns eles moeram de pancadas, e aos outros mataram. ⁶Só lhe restava o seu filho bem-amadoⁱ. Enviou-o por último,

dizendo consigo mesmo: 'Respeitarão o meu filho'. ⁷Esses vinhateiros, porém, disseram uns aos outros: 'É o herdeiro. Vinde! Matemo-lo e ficaremos com a herança'. ⁸Agarraram-no, mataram-no e lançaram-no^j fora da vinha. ⁹Que fará o dono da vinha? Ele virá, fará perecer os vinhateiros e confiará a vinha a outros. ¹⁰Não lestes esta passagem da Escritura: *A pedra que os construtores rejeitaram, foi ela que se tornou pedra angular^k.* ¹¹Esta é a obra do Senhor:

coisa admirável para nossos olhos!^l"

¹²Eles procuravam prendê-lo, mas temiam a multidão. Tinham compreendido que era para eles que ele dissera esta parábola. E, deixando-o, foram-se embora.

O imposto devido a César (Mt 22,15-22; Lc 20,20-26). ¹³Eles enviam^m a Jesus alguns fariseus e alguns herodianosⁿ para pegá-lo numa armadilha, ao fazê-lo falar. ¹⁴Eles vêm dizer-lhe: "Mestre, sabemos que és sincero e não te deixas influenciar seja por quem for: não fazes acepção de pessoas, mas ensinas os caminhos de Deus^o conforme a verdade. Será permitido, sim ou não, pagar o tributo^p a César? Devemos nós pagar ou não pagar?" ¹⁵Ele porém, conhecendo sua hipocrisia, disse-lhes: "Por que me armais uma cilada^q?" Trazei-me uma moeda^r para que eu a veja!" ¹⁶Eles trouxeram uma. Jesus lhes disse: "Esta efígie e esta inscrição são de quem?" Eles responde-

At 4,11;
1Pd 2,7

pois nenhuma outra ação de Jesus parece suscitar tal pergunta. Mt 21,23 indica que Jesus ensinava, e Lc 20,1, que anunciava a Boa Nova. Segundo eles, portanto, a pergunta sobre a autoridade teria em vista a pregação de Jesus.

f. Isto é, de Deus (cf. Lc 11,16 nota).

g. Cf. Mc 12,12; 14,2; Lc 20,19 nota.

h. Is 5,2, onde a vinha representa Israel, acusado de não produzir os frutos que Deus esperava. Aqui, a acusação é lançada contra os vinhateiros que, segundo Mc, designam os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos (v. 12. Cf. 11,27; 14,43.53).

i. Este epíteto (cf. Lc 20,13) evoca intencionalmente os termos com que a voz celeste apresentara Jesus nas cenas do batismo e da transfiguração (cf. Mt 3,17 par.; 17,5 par.) e acentua, de forma velada, o teor messiânico da parábola.

j. Agarrar, matar, lançar fora, em Mc, são pormenores narrativos. Mt e Lc invertem a ordem: *lançar fora, matar*. Cf. Mt 21,39 nota.

k. Lit. ocorreu à cabeça do ângulo. O grego decalca uma

expressão hebraica, que significa: tornou-se cabeça de ângulo, isto é, *pedra angular*.

l. Sl 118,22-23.

m. Os vv. 13-34 (cf. Mt 22,15-40; Lc 20,20-40; 10,25-28) apresentam uma série de controvérsias das quais Jesus sairá vencedor, fazendo seus adversários renunciarem a apanhá-lo na armadilha de suas perguntas, como diz a conclusão: *e ninguém mais ousava interrogá-lo* (v. 34 par.). Na última dentre as questões discutidas (sobre o Messias, filho de David), vê-se Jesus passar à contra-ofensiva. Ao contrário de Mt e Lc, Mc apresenta este episódio como uma polémica indireta: Jesus não se dirige mais a seus adversários, mas aos ouvintes.

n. Cf. Mc 3,6 nota.

o. Cf. Lc 20,21 nota.

p. Cf. Mt 22,17 nota.

q. Esta não é a primeira tentativa dos adversários; cf. Mc 8,11; 10,2 par.

r. Lit. um denário (cf. 6,37 nota).

ram: "De César". ¹⁷Jesus lhes disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". E eles ficavam muito admirados a seu respeito.

Rm 13,7

A ressurreição dos mortos (Mt 22, 23-33; Lc 20,27-38). ¹⁸Vêm alguns saduceus ter com ele¹. São gente que diz não haver ressurreição. Propunham-lhe esta questão: ¹⁹"Mestre, Moisés escreveu para nós: *Se um homem tem um irmão que morre, deixando mulher, mas sem deixar filhos, case com a viúva e dê uma descendência a seu irmão*"... ²⁰Havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu sem deixar descendência. ²¹O segundo desposou a mulher e morreu sem deixar descendência. Assim também o terceiro, ²²e os sete não deixaram descendência alguma. Por última de todos, morreu também mulher. ²³Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será mulher, já que os sete a tiveram por mulher?" ²⁴Jesus lhes disse: "Não será por não conhecerdes nem as Escrituras, nem o poder de Deus", que estais em erro? ²⁵De fato, quando ressuscitam os mortos, as pessoas não casam nem são dadas em casamento", são como os anjos nos céus". ²⁶Quanto ao fato de que os mortos devem ressuscitar, não lestes no livro de Moisés, no episódio da sarça ardente, como Deus lhe disse: 'Eu

sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?' ²⁷Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos². Andais completamente errados".

O primeiro mandamento (Mt 22,34-40; Lc 10,25-28; 20,39-40). ²⁸Um escriba adiantou-se. Tinha-os ouvido discutir e via que Jesus respondia bem. Perguntou-lhe: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" ²⁹Jesus respondeu: "O primeiro é: *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor*". ³⁰*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu pensamento e com toda a tua força*". ³¹Eis o segundo: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*". Não há mandamento maior do que estes". ³²O escriba lhe disse: "Muito bem, Mestre, disseste a verdade: *Ele é o único e não há outro que ele*, ³³*e amá-lo com todo o coração, com todo o entendimento*³, *com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo*, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios". ³⁴Jesus, vendo que ele respondera com sabedoria, disse-lhe: "Não estás longe do Reino de Deus". E ninguém mais ousava interrogá-lo.

Dt 4,35;
Is 45,21

Os 6,6

O Messias e David (Mt 22,41-46; Lc 20,41-44). ³⁵Tomando a palavra, Jesus

s. O fato de os interlocutores usarem essa moeda, símbolo do poder dos romanos, prova que eles aceitam submeter-se a certa ordem política. Para recusar o imposto, teria sido necessário rejeitar todas as formas de presença romana, o que eles não fazem. Sobre tudo, porém, eles confundem os planos. O dever para com Deus é de ordem diferente do dever para com César: o imposto que é devido a este não tem o caráter absoluto e definitivo da obediência a Deus.

1. Cf. Lc 20,27 nota.

u. Dt 25,5-10. Cf. Mt 22,24 nota.

v. À objeção extraída de um ponto do direito mosaico, Jesus opõe a *Escritura*, que implica a afirmação da ressurreição (v. 26 nota) e o *poder de Deus* que a objeção ignora, enquanto supõe uma concepção grosseira da condição dos ressuscitados.

w. Cf. Mt 22,30 nota.

x. Cf. Mt 22,30 nota.

y. Ex 3,6. Jesus cita uma passagem do Pentateuco, único aceito como Escritura pelos saduceus. A expressão *Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó* evoca a eleição divina e a fidelidade de Deus a seus eleitos. A morte seria incapaz de pôr termo a ela.

z. Cf. Mt 22,32 nota.

a. Dt 6,4; Lit. *O Senhor, nosso Deus, o Senhor é um*. Diversas traduções foram adotadas (*é um só Senhor, é o único Senhor*), conforme a interpretação que se dá ao texto hebraico do Dt. A tradução adotada estriba-se no v. 32.

b. Dt 6,5.

c. Lv 19,18.

d. *Com todo o entendimento* difere do v. 30 e parece responder a *com todo o teu pensamento*. Em Dt 6,5 gr. encontra-se ou *coração* ou *pensamento*, conforme os mss. Cf. 2Rs 23,25.

e. Cf. 1Sm 15,22.

f. Único texto do evangelho onde Jesus felicita um escriba. Segundo Mc, este escriba é de boa fé e sua intenção não era malévolá (ao contrário de Mt 22,35 e Lc 10,25). Em Mt, Jesus não consegue nenhuma adesão, mas em Lc é aprovado por escribas, enquanto, segundo Mc, o escriba quase faz figura de discípulo entusiasta, aprovado pelo próprio Jesus. Assim encerra-se em Mc a série das três controvérsias com uma nota positiva, que tanto mais contrasta com as palavras severas que vão seguir (vv. 38-40).

ensinava no Templo^a. Dizia: "Como é que os escribas podem dizer que o Messias^b é filho de David?" ³⁶O próprio David disse, inspirado pelo Espírito Santo:

Disse o Senhor a meu Senhor:

Senta-te à minha direita,

*até que eu tenha posto os teus inimigos
debaixo de teus pés^c.*

³⁷O próprio David chama-o Senhor; então de que modo é seu filho?" A multidão numerosa o escutava com prazer.

Lc 19,48;
21,38

Julgamento dos escribas por Jesus (Mt 23,1-12; Lc 20,45-47). ³⁸Em seu ensinamento, ele dizia: "Acautelai-vos dos escribas que fazem questão de deambular com amplas túnicas, de ser saudados nas praças públicas, ³⁹de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os lugares de honra nos jantares. ⁴⁰Eles, que devoram os bens das viúvas e fingem orar longamente^d, sofrerão a mais rigorosa condenação".

A oferta da viúva pobre (Lc 21,1-4).

2Rs 12,9;
Jo 8,20

⁴¹Sentado defronte do cofre das esmolas, Jesus olhava como a multidão depositava dinheiro^k dentro do cofre das esmolas. Numerosos ricos depositavam muito. ⁴²Veio uma viúva pobre que depositou duas moedinhas, alguns centavos^l. ⁴³Chamando seus discípulos, Jesus lhes disse: "Em verdade, eu vos digo, esta viúva pobre depositou mais do que todos os que depositam dinheiro no cofre. ⁴⁴Por-

que todos depositaram tirando do seu supérfluo, ao passo que ela tirou da sua miséria para depositar tudo o que possuía, tudo o que tinha para viver".

13 Jesus anuncia a ruína do Templo (Mt 24,1-3; Lc 21,5-7).

¹Jesus se retirava do Templo, quando um de seus discípulos lhe disse: "Mestre, olha que pedras, que construções^m!" ²Jesus lhe disse: "Estás vendo essas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído". ³Estando ele assentado, no monte das Oliveiras, defronte do Templo, Pedro, Tiago, Joãoⁿ e André, à parte, perguntavam-lhe: ⁴"Dize-nos quando é que isto acontecerá e qual será o sinal de que tudo isso vai acabar".

Lc 19,44

11,1

O início das dores (Mt 10,17-22; 24,14; Lc 12,11-12; Mt 21,8-19). ⁵Jesus começou a dizer-lhes: "Tomai cuidado para que ninguém vos induza em erro^o.

⁶Muitos virão assumindo o meu nome; eles dirão: 'Sou eu', e induzirão em erro muita gente. ⁷Quando ouvirdes falar em guerras e rumores de guerras, não vos alarmeis: *é preciso que isto aconteça^a*, mas ainda não será o fim. ⁸Com efeito, levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino; haverá terremotos em vários lugares e haverá fome; isto será o princípio das dores de parto^f. ⁹Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos tribunais^g e às sinagogas, sereis moídos de panca-

Is 19,2;
2Cr 15,6

g. Neste episódio, agora, quem interroga é Jesus. Seus interlocutores não são os mesmos nos três sinóticos. Em Mt, são fariseus e em Lc, escribas que acabam de aprovar a resposta dada aos saduceus sobre a ressurreição. Em Mc, Jesus dirige-se a um au-ditério indeterminado, a numerosa multidão que se compraz em escutá-lo (v. 37). Para Mc, com efeito, o confronto direto e público terminou com o recuo dos adversários (v. 34). Estes vv. são uma transição entre a controvérsia e o alerta contra os escribas.

Os três sinóticos apresentam Jesus a argumentar, segundo o modo de um rabino, sobre um ponto de exegese e a mostrar-lhes que a qualidade de Messias não se confunde com a filiação davídica, mas lhe é superior. Sabe-se que, segundo o NT, Jesus é simultaneamente filho de David e Senhor (cf. Rm 1,3).

h. Ou: o Cristo.

i. Sl 110,1.

j. Outro sentido possível: e, como dissimulação, oram longamente.

k. Lit. *cobre* (cf. Mc 6,8).

l. Lit. *isto que é um quadrante*. Essas moedazinhas eram os mínimos valores monetários (*lepton*) em circulação. A especificação *um quadrante* destina-se aos leitores greco-romanos. A equivalência dada não é exata, mas exprime bem que se trata de muito pouca coisa.

m. Cf. Mt 24,1 nota.

n. Esses discípulos são aqueles que foram chamados por primeiro (cf. 1,16-20). Segundo Mc, todo este ensinamento é ministrado privadamente a esses quatro discípulos privilegiados.

o. A pergunta refere-se unicamente à data e aos sinais do fim (cf. Lc 21,7), sem aludir ao advento de Cristo, como é o caso em Mt 24,3.

p. Cf. Mt 24,4 nota.

q. Dn 2,28.

r. Cf. Mt 24,8 nota.

s. Lit. *aos sínédrios*, conselhos formados por vinte e três pessoas proeminentes da sinagoga. Cf. Mt 10,17 nota.

das, comparecereis perante governadores e reis por minha causa: nisso eles terão um testemunho¹. ¹⁰E é preciso que, antes, o Evangelho seja proclamado a todas as nações². ¹¹Quando vos conduzirem para vos entregar, não vos preocupeis, de antemão, com o que direis; mas o que vos for dado naquela hora, dizei-o; pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo³. ¹²O irmão entregará à morte seu irmão; os filhos se levantarão contra seus pais e os farão condenar à morte.

Mq 7,6

¹³Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas aquele que perseverar até o fim⁴, este será salvo.

Jo 15,18-21;
16,2;
1Pd 4,14

A grande desolação (Mt 24,15-25; Lc 21,20-24; 17,23; 21,8). ¹⁴Quando virdes o *Abominável Devastador* instalado onde não deve⁵ — que o leitor compreenda⁶! —, então, os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas⁷; ¹⁵o que estiver no terraço não desça, não entre em casa para levar coisa alguma; ¹⁶o que estiver no campo não volte para trás a fim de pegar seu manto! ¹⁷Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem, naqueles dias! ¹⁸Rezaí para que não suceda no inverno. ¹⁹De fato, esses dias serão de *tal desolação como não houve igual desde o começo do mundo*, que Deus criou, *até agora*⁸, e como nunca mais haverá. ²⁰E se o Senhor não tivesse abreviado esses dias, ninguém⁹ teria a vida salva; mas,

Dn 11,31;
12,11;
1Mc 1,54;
6,7

Lc 21,23;
23,29

por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou esses dias⁹. ²¹Então, se alguém vos disser: "Eis, o Messias está aqui! Eis, está ali!", não deis crédito. ²²Surgirão falsos messias¹⁰ e falsos profetas e farão sinais e prodígios para induzir em erro, se possível, até os eleitos. ²³Vós, pois, estai de sobreaviso, eu vos preveni de tudo.

Dt 13,2-4;
2Ts 2,9-10;
Ap 13,13-14

A vinda do Filho do Homem (Mt 24, 29-31; Lc 21,25-28). ²⁴Mas naqueles dias, depois dessa desolação, *o sol escurecerá, a lua não mais brilhará, as estrelas pôr-se-ão a cair do céu e as potências no céu* serão abaladas. ²⁵Então, eles verão o *Filho do Homem vir, rodeado de nuvens*¹¹, na plenitude do poder e da glória. ²⁷Então ele enviará os anjos e, dos quatro ventos, *da extremidade da terra à extremidade do céu*¹² reunirá seus eleitos.

Ex 32,7-8;
Jl 2,10-31;
3,4; 4,15;
Ap 6,12-14;
8,12

A lição da figueira (Mt 24,32-36; Lc 21,29-33). ²⁶Compreendei esta comparação tomada da figueira: mal os seus ramos ficam tenros e as folhas brotam, reconheceis que o verão está próximo. ²⁹Da mesma forma, também vós, quando virdes isto acontecer, sabeis que o Filho do Homem está próximo¹³, às vossas portas. ³⁰Em verdade eu vos digo, esta geração não passará sem que tudo isso aconteça¹⁴. ³¹O céu e a terra passarão, mas

Mt 5,18;
Lc 16,17

1. Lit. *Isto será um testemunho para eles*, isto é, *diante deles ou contra eles*. Cf. Mc 1,44 nota; 6,11.

u. Esta afirmação universalista (cf. Mt 10,18) ultrapassa a distinção tradicional entre judeus e pagãos, que o v. precedente supõe. Para Mc, ela profetiza e ilustra a missão cristã das primeiras gerações. Cf. Lc 21,24; Rm 11,25.

v. Cf. Lc 12,12 nota.

w. Mt 24,14 nota.

x. Alusão implícita a Dn 9,27. Para Mc, a expressão habitualmente traduzida por *abominação da desolação* designa certamente uma pessoa (o partícipio *instalado* está no masculino), que tem assento num lugar que ela profana. Esta linguagem, voluntariamente sibilina, é típica da literatura apocalíptica e deixa a elucidação do enigma à perspicácia do leitor. Sem dúvida, não se deve procurar neste versículo uma precisão excessiva, referindo-o, por exemplo, à tomada de Jerusalém em 70. Os fiéis, simplesmente, achar-se-ão numa situação tão crítica quanto a que é anunciada em Dn 9.

y. Quer sejam estas palavras um parêntesis de Mc, quer uma

glosa posterior, significam: *Estai atentos àquilo a que me refiro, à profecia de Daniel*, que não é citada explicitamente. Fórmula semelhante, mas com outro sentido, em Mt 24,15 (ver nota).

z. Cf. Lc 17,31 nota.

a. Dn 12,1.

b. Lit. *nenhuma carne*, hebraísmo.

c. Cf. Mt 24,22 nota.

d. Cf. Mt 24,24 nota.

e. Is 13,10; 34,4 gr.

f. Dn 7,13 Com este mesmo texto de Daniel é que Jesus vai responder à pergunta de seus juízes (Mc 14,62). No AT a *nuvem* manifesta a presença divina (Ex 34,5; Lv 16,2; Nm 11,25) e o *Filho do homem* é um personagem celeste (cf. Mt 8,20 nota).

g. Cf. Mt 24,31 nota.

h. Lit. *Ele está perto* (cf. Mt 24,33 nota).

i. Estas palavras não se aplicam necessariamente a um acontecimento histórico preciso, como a ruína do Templo. Naquela época, várias gerações judaicas viveram na expectativa do fim próximo do mundo. Ao falar de acordo com tal expectativa (cf. Mc

1Ts 5.1-2 as minhas palavras não passarão. ³²Mas este dia e esta hora, ninguém os conhece, nem os anjos do céu, nem o Filho, ninguém, senão o Pai!.

Vigiai (Mt 24,42; 25,13-15; Lc 12,36-38; 19,12-13). ³³"Ficai de sobreaviso, vigiai, pois não sabeis quando será o momento. ³⁴É como um homem que parte em viagem: deixou sua casa, confiou a autoridade a seus servos, a cada um, sua tarefa, e deu ao porteiro ordem de vigiar. ³⁵Vigiai, pois, porque não sabeis quando vai chegar o senhor da casa, se à tarde ou no meio da noite, ao cantar do galo ou de manhã. ³⁶para que ele não chegue de improviso e vos encontre a dormir. ³⁷O que vos digo, digo-o a todos: Vigiai!"".

14 Conspiração contra Jesus (Mt 26,1-5; Lc 22,1-2; Jo 11,47.49.53).

¹A Páscoa e a festa dos Pães sem fermento¹ deviam realizar-se dois dias depois. Os sumos sacerdotes^m e os escribas procuravam como prender Jesus por um ardil, para matá-lo. ²Pois diziam: "Não

em plena festa, por receio de que haja tumulto entre o povo"".

A unção em Betânia (Mt 26,6-13; Jo 12,1-8; cf. Lc 7,36-38). ³Jesus estava em Betânia, em casa de Simão, o leproso^e, enquanto estavam à mesa^p, veio uma mulher, com um frasco de alabastro que continha um perfume de nardo, puro e muito caro^a. Ela quebrou o frasco e derramou o perfume em sua cabeça. ⁴Alguns comentavam entre si, com indignação: "A troco de que desperdiçar assim este perfume? ⁵Este perfume poderia ter sido vendido por mais de trezentas moedas de prata^e e o montante ser dado aos pobres!" E eles se irritavam contra ela. ⁶Mas Jesus disse: "Deixai-a, por que a molestais? Foi uma boa obra^e que ela acaba de praticar para comigo. ⁷De fato, os pobres sempre os tendes convosco^e, Dt 15.11 quando quereis, podeis fazer-lhes o bem. A mim, porém, não me tendes sempre. ⁸O que podia fazer, ela o fez: perfumou o meu corpo antecipadamente para o sepultamento^u. ⁹Em verdade, eu vos digo,

9.1 nota). Jesus exprimia-se dentro das categorias de pensamento do universo profético e apocalíptico, para o qual não havia distinção entre as diferentes etapas do desenvolvimento histórico. Também aqui, a tradição conservou fielmente um dito que no entanto suscitava um problema. Chegou mesmo a sublinhá-lo por meio da declaração referida no v. 31 e pela aproximação de outra afirmação aparentemente contraditória (v. 32).

j. Nos sinóticos, a forma absoluta o *Filho*, para designar Jesus em relação ao Pai, só aparece aqui (par. em Mt) e em Mt 11,27 (par. Lc 10,22). Pode-se assimilar-lhe a invocação de Deus por Jesus com o título *Abbá* (Mc 14,36 nota) e a distinção entre os servos e o filho na parábola dos vinhateiros assassinos (Mc 12, 6-7 par.). Fica difícil atribuir à comunidade, que teria desejado corrigir a afirmação referida no v. 30, a afirmação dos limites do conhecimento de Jesus acerca de um ponto de tanta importância naquela época. Já para o judaísmo apocalíptico, só Deus fixa a data do fim. Tanto sobre este ponto como sobre outros, Jesus afirma claramente as prerrogativas de Deus (cf. Mc 10,18.27.40; At 1,7).

k. Para Mc, este ensinamento, que foi ministrado a alguns discípulos, é válido para toda a comunidade dos cristãos, especialmente com se refere à ordem de permanecer em vigília.

l. Embora suas origens fossem diversas, a festa da *Páscoa* e a dos *Pães sem fermento* (ou *Azimos*) estavam ligadas entre si a ponto de praticamente se identificarem (cf. Dt 16,1-8). De conformidade com o costume de Jerusalém, os cordeiros eram imolados no Templo na tarde do dia 14 do primeiro mês (nisan, geralmente em abril), último dia antes da lua cheia seguinte ao equinócio da primavera. Os cordeiros eram consumidos à noite,

no interior da cidade, em família ou em grupos de dez a vinte pessoas (Ex 12,1-14). Desde o anoitecer do dia 14 (para nós, ao anoitecer da véspera, já que o dia começava ao cair da tarde), todo fermento devia ser excluído das casas e o uso de pão fermentado era proibido durante sete dias (Ex 12,15-20). Com a celebração da antiga libertação do Egito, Israel recordava e atualizava os benefícios de Deus, na esperança da salvação messiânica. Era a maior festa do ano. Assim como Pentecostes e a festa das Tendias, ela atraía numerosos peregrinos a Jerusalém.

m. Cf. Mt 26,3 nota.

n. Conforme outros mss.: *por receio de que haja, durante a festa, agitação entre o povo*.

o. Cf. Mt 26,6 nota. *Simão, o leproso*: talvez alguém que fora leproso e houvesse conservado o apelido após a cura.

p. Lit. *ele estava deitado* (para as refeições solenes, os convivas ficavam reclinados de lado, à moda antiga).

q. Trata-se de um óleo aromatizado, fabricado com as raízes e folhas de uma planta da família das valerianáceas, que cresce nos flancos do Himalaia.

r. Lit. *denários*, ou seja, o salário de 300 dias de trabalho de um operário agrícola (cf. Mc 6,37 nota).

s. Cf. Mt 26,10 nota. À esmola. Jesus contrapõe outra obra de misericórdia recomendada no judaísmo, o sepultamento dos mortos (cf. 16,1).

t. No gr., os verbos estão no presente: embora possam ter o sentido de um futuro, exprimem o valor sempre atual das palavras de Jesus (cf. v. 9 e Mc 2,20).

u. Jesus relaciona o gesto da mulher com o drama que se está preparando. Decerto foi também este o motivo pelo qual Mc

Mt 24,14 onde quer que seja proclamado o Evangelho, no mundo inteiro", referir-se-á também, em sua memória, o que ela fez".

Traição de Judas (Mt 26,14-16; Lc 22, 3-6). ¹⁰Judas Iscariot^w, um dos Doze, foi ter com os sumos sacerdotes, para lhes entregar Jesus. ¹¹A esta notícia, eles se alegraram e prometeram dar-lhe dinheiro. E Judas procurava como entregá-lo no momento oportuno.

Preparativos da refeição pascal (Mt 26,17-19; Lc 22,7-13). ¹²No primeiro dia dos Pães sem fermento, em que se imolava a Páscoa^a, seus discípulos lhe dizem: "Onde queres que vamos fazer os preparativos para que tu comas a Páscoa?" ¹³E ele envia dois discípulos seus e lhes diz: "Ide à cidade; um homem virá ao vosso encontro, carregando uma bilha com água^a. Segui-o ¹⁴e, no lugar onde entrar, dizei ao proprietário: 'O Mestre diz: Onde está a minha sala', em que vou comer a Páscoa com meus discípulos?" ¹⁵E ele vos mostrará uma peça do andar superior, vasta, mobiliada^b, completamente aparelhada; aí é que fareis os preparativos para nós". ¹⁶Os

discípulos partiram e foram à cidade. Encontraram tudo como ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

Anúncio da traição (Mt 26,20-25; Lc 22,14; Jo 13,21-30). ¹⁷Depois do anoitecer, ele chega com os Doze. ¹⁸Enquanto estavam à mesa e comiam, Jesus disse: "Em verdade, eu vos digo, um de vós me vai entregar, um que *come comigo*". ¹⁹Tomados de tristeza, puseram-se a dizer-lhe, um depois do outro: "Seria eu?" ²⁰Ele lhes disse: "É um dos Doze, que põe comigo a mão no prato". ²¹Pois o Filho do Homem vai-se, conforme está escrito a seu respeito^c, mas aí do homem por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor fora para este homem não ter nascido!"

Instituição da Eucaristia (Mt 26,26-29; Lc 22,15-20; 1Cor 11,23-26). ²²Durante a refeição, ele tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, partiu-o, deu-lhes e disse: "Tomai, isto é o meu corpo". ²³A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu-lhes, e todos beberam dela. ²⁴E ele lhes disse: "Isto

inseriu este episódio no início dos relatos da Paixão. A mulher não devia pensar senão em prestar homenagem a Jesus (cf. Lc 7,44-46). Mc frisa que é pela Paixão e Ressurreição que esta união adquiriu o seu sentido. Cf. Jo 12,7.

v. Cf. Mc 1,1 nota; 8,35 nota; 10,29 nota. Verifica-se aqui o interesse de Mc pela proclamação do Evangelho, cujo objetivo é propor à fé a obra de salvação efetuada em Jesus Cristo. Por referir-se à Paixão, o gesto da mulher é incluído na exposição da Boa Nova.

w. Cf. Mc 3,19 nota.

x. O dia em que se imolava o cordeiro e se eliminava todo o fermento das casas podia ser considerado como o primeiro dia da festa. De acordo com este modo de contar, atestado em outras circunstâncias, a festa durava oito dias, incluindo o dia 14 de nisan, dia da Preparação. Ver Mc 14,1 nota.

y. Os discípulos dirigem-se a Jesus como chefe da família ou do grupo que vai celebrar a refeição pascal. Os peregrinos deviam encontrar uma sala no interior da cidade. Mc supõe, portanto, que a última refeição de Jesus foi a refeição da Páscoa, embora não faça menção alguma às ervas amargas e ao cordeiro que caracterizavam esta refeição. Conforme Jo, porém, naquele ano, a refeição pascal foi feita pelos judeus de Jerusalém na noite da morte de Jesus (Jo 18,28; 19,14,31-42). Podem-se levar em conta diversas possibilidades: 1. Jesus teria antecipado a celebração do rito judaico; mas é difícil sustentá-lo, não existindo costume algum neste sentido. 2. A diversidade dos calendá-

rios litúrgicos (atestada, por exemplo, em Qumran) poderia explicar que Jesus tenha celebrado a Páscoa em data diferente da dos judeus de Jerusalém; mas é difícil avaliar a difusão dos usos de Qumran no judaísmo e em Jerusalém. 3. A última refeição de Jesus, na expectativa de sua morte pela qual se devia cumprir a Páscoa (Jo 19,36; 1Cor 5,7), teria recebido, por consequência, o caráter de refeição pascal. Em qualquer hipótese, foi uma refeição de peregrinos, celebrada no ambiente de uma festa que atualizava a libertação e a aliança mosaica e reanimava a esperança messiânica (cf. vv. 24-25).

z. Cabe aqui a pergunta de se não se trata de um sinal combinado: habitualmente, quem ia buscar água eram as mulheres.

a. *Seja a sala que me pertence, seja, com maior verossimilhança, a sala de que preciso.*

b. Lit. *juncada* (de tapetes).

c. Sl 41,10.

d. Também estas palavras evocam o Sl 41. Cada conviva tomava diretamente e com a mão seu alimento no prato comum.

e. Não se pode invocar nenhum texto do AT que trate, falando com propriedade, da traição do Filho do Homem. Talvez esta referência à Escritura tenha em vista, em sentido lato, o Sl 41 anteriormente citado (cf. Lc 22,22: *segundo o que foi determinado*), e aplicado por Jo 13,18 à traição de Judas.

f. Cf. Mt 26,26 notas.

g. Lit. *Isto é o meu sangue da aliança*. A expressão *sangue da aliança* é a mesma de Ex 24,8.

Zc 9.11: é meu sangue, o sangue da Aliança^a, deramado em prol da multidão^b. ²⁵Em verdade, eu vos digo, nunca mais beberei do fruto da videira até o dia^c em que o beber, de novo^d, no Reino de Deus^e.

Anúncio da negação de Pedro (Mt 26,30-35; Lc 22,33-34; Jo 13,37-38).

²⁶Depois de terem cantado os salmos^k, saíram para ir ao monte das Oliveiras.

²⁷E Jesus lhes disse: "Todos vós ides cair^l, pois está escrito: *Eu ferirei o pastor e as ovelhas serão dispersas*^m."

²⁸Mas, depois de ressuscitado, preceder-vos-ei na Galiléiaⁿ.

²⁹Pedro lhe disse: "Mesmo que todos caíam, eu não!"

³⁰Jesus lhe disse: "Em verdade eu te digo: tu, hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes^o, me terás negado três vezes^p."

³¹Mas ele tanto mais afirmava: "Mesmo

se tiver de morrer contigo, eu não te negarei". E todos diziam o mesmo.

No Getsêmani (Mt 26,36-46; Lc 22,40-46). ³²Eles chegam a uma propriedade,

cujo nome é Getsêmani^q, e ele diz a seus discípulos: "Ficai aqui, enquanto eu vou rezar". ³³Ele leva consigo Pedro, Tiago e João^r. E começou a experimentar pavor e angústia.

³⁴Ele lhes disse: "Minha alma está triste^s a ponto de morrer. Permane-

cei aqui e vigiai". ³⁵E, indo um pouco mais longe, caiu por terra e orou para que, se possível, esta hora^t passasse longe dele.

³⁶Dizia: "Abhá^u, Pai, tudo te é possível, afasta de mim essa taça^v! Entretanto, não

o que eu quero, mas o que tu queres!"

³⁷Ao voltar, encontra-os dormindo; diz a Pedro: "Simão^w, estás dormindo? Não ti-

veste força para vigiar uma hora?"

³⁸Vigiai e orai, a fim de não cairdes em poder da tentação^x. O espírito está cheio de ardor,

mas a carne é fraca^y". ³⁹Novamente afastou-se e orou repetindo as mesmas pala-

vras. ⁴⁰Depois, de novo, veio e os encontrou a dormir, pois tinham os olhos entorpecidos. E eles não sabiam o que dizer-

lhe. ⁴¹Pela terceira vez, ele vem; diz-lhes: "Continuai a dormir e descansai^z! Aca-

bou-se^a. Chegou a hora: eis que o Filho

h. Cf. Mc 10,45 nota; Mt 26,28 nota.

i. Isto é, o último dia.

j. Aqui, o Reino de Deus é apresentado sob a imagem do festim messiânico (cf. Is 25,6; Lc 13,28 nota).

k. Trata-se dos Sl 115-118 que se cantavam em ação de graças no fim da refeição pascal. Esses salmos eram a segunda parte do *Hallel*, série de salmos que principiavam com a aclamação Aleluia = Louvai o Senhor!

l. Lit. *Todos vós sereis escandalizados*; acerca dessa expressão, cf. Mt 5,29 nota; 26,31 nota.

m. Zc 13,7.

n. Outra tradução: *eu vos conduzirei à Galiléia*. Em contraste com o anúncio da defeção dos discípulos, esta palavra de esperança permite vislumbrar o reagrupamento deles. Segundo Mc, foi na Galiléia que Jesus se manifestou por primeiro (cf. Mc 1,14); aí deve ele também aparecer ressuscitado (Mc 16,7; cf. Mt 26,32; 28,7.10.16, Jo 21).

o. Pode-se compreender no sentido literal *antes que um galo tenha tempo de cantar duas vezes* (isto é, muito depressa) ou como expressão proverbial que significa *antes da aurora*.

p. Nome que significa *lagar do azeite*.

q. Também aqui, estes três discípulos são destacados como testemunhas privilegiadas (cf. 5,37; 9,2; 13,3). Mc frisa assim a importância que atribui a esta última cena em que o mestre e os seus ainda estão reunidos, mas ele vai pôr em realce a oposição entre o comportamento de Jesus e o dos discípulos.

r. Cf. Sl 42,6. *Minha alma*, isto é, *eu mesmo*, *meu ser todo inteiro*. — *A ponto de morrer*, cf. Jn 4,9 gr.

s. Esta palavra não é uma simples indicação de tempo, mas exprime o conteúdo desta *hora* que se avizinha e que é a da Paixão. Mesmo sentido para a palavra *taça* no v. 36 (cf. Jo 12,

27; 13,1; 17,1). É a hora do cumprimento do desígnio de Deus.

t. Em aramaico, esta palavra designa o próprio pai daquele que fala ou de quem se fala. Nunca, nas preces judaicas, designa a Deus. A exemplo de Jesus, os cristãos dirigem-se a Deus da mesma maneira (cf. Lc 11,2 nota; Rm 8,15 nota; Gl 4,6).

u. Cf. Mc 10,38 nota.

v. Há uma intenção manifesta neste emprego do nome que Pedro usava antes de ser discípulo: não conseguir associar-se durante uma hora à vigília de Cristo em agonia não é digno do discípulo Pedro.

w. Cf. Mt 6,13 nota; Lc 11,4.

x. A oposição *espírito-carne* não se deve entender no sentido paulino (a saber, do homem natural oposto ao espírito de Deus, cf. Rm 1,3 nota; 1,9 nota) ou grego (o corpo oposto ao espírito), mas no sentido em que o entendem certos textos judaicos da época: Deus colocou no homem um espírito orientado para o bem, mas o homem é, ao mesmo tempo, inteiramente *carne*, enquanto sujeito ao poder do pecado. O homem não está dividido em duas partes, uma boa, outra má; sente-se, porém, em sua totalidade, solicitado por duas potências opostas.

y. A ordem de Jesus poderia significar *não é mais preciso velar*; provavelmente, porém, traz consigo um matiz de ironia. Outras traduções: *Agora vós dormis e descansais!* ou: *Estaríeis vós a dormir e repousar?*

z. Conforme outros mss.: *o fim é iminente*. A forma do verbo é seguramente atestada nos documentos profanos da época (*papyri*) onde ela significa, ao falar de uma conta: *pago, em ordem*. Alguns traduzem: *Basta!* Mas a expressão explica-se melhor referindo-a à *hora* fixada por Deus. Jesus submete-se à vontade do seu Pai, que ele acata ao chegar a *hora* escatológica (vv. 35.41).

Jo 12,27

Mt 6,10;
Jo 5,30;
6,38

do Homem é entregue às mãos dos pecadores. ⁴²Levantai-vos! Vamos! Eis que chegou aquele que me entrega”.

Prisão de Jesus (Mt 26,47-56; Lc 22,47-53; Jo 18,2-11). ⁴³No mesmo momento, enquanto ainda falava, sobrevém Judas, um dos Doze, com um bando armado de espadas e paus vindo da parte dos sumos sacerdotes, dos escribas e dos anciãos. ⁴⁴Aquele que o entregava combinara com eles um sinal: “A quem eu der um beijo^b, é ele! Prendei-o e levai-o em segurança”. ⁴⁵Logo que chegou, adiantou-se até ele e disse: “Rabi”. E deu-lhe um beijo. ⁴⁶Os outros lançaram as mãos sobre ele e o prenderam. ⁴⁷Um dos que lá estavam puxou a espada, feriu o servo do Sumo Sacerdote e lhe decepou a orelha. ⁴⁸Tomando a palavra, Jesus lhes disse: “Como contra um bandido^c, saístes com espadas e paus para apoderar-vos de mim! ⁴⁹Todos os dias, eu estava entre vós no Templo, ensinando, e não me prendestes. Mas é para que se cumpram as Escrituras”. ⁵⁰E todos o abandonaram e fugiram. ⁵¹Um jovem o seguia, tendo sobre o corpo apenas um lençol. Prendem-no, ⁵²mas ele, largando o lençol, fugiu nu^d.

Jesus perante o Sinédrio (Mt 26,57-68; Lc 22,54-55.63-71; Jo 18,12-18). ⁵³Eles

levaram Jesus à casa do Sumo Sacerdote. Todos eles se reúnem, os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas. ⁵⁴Pedro, de longe, o seguiu até o interior do palácio do Sumo Sacerdote. E estava sentado com os servos e se aquecia junto ao fogo^f. ⁵⁵Ora, os sumos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um testemunho contra Jesus para fazê-lo condenar à morte e não o encontravam^g. ⁵⁶Pois muitos apresentavam falsos testemunhos contra ele, mas os testemunhos não concordavam^h. ⁵⁷Alguns levantaram-se para dar um falso testemunhoⁱ, dizendo: ⁵⁸“Nós o ouvimos dizer: ‘Eu destruirei este santuário feito por mãos de homem e, em três dias, construirei outro, que não será feito por mãos de homem!’”. ⁵⁹Mas, mesmo assim, eles não concordavam em seu testemunho^k. ⁶⁰O Sumo Sacerdote, levantando-se no meio da assembleia, interrogou Jesus: “Nada respondes aos testemunhos que estes aduzem contra ti?” ⁶¹Mas ele guardava silêncio; nada respondeu^m. De novo o Sumo Sacerdote o interrogava; disse-lhe: “És tu o Messias, Filho do Deus bendito?” ⁶²Jesus disse: “Eu o sou”, e vereis o *Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu*ⁿ. ⁶³O Sumo Sacerdote rasgou as vestes^o e disse: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? ⁶⁴Ouvistes a blasfê-

a. As três categorias representadas no Sinédrio (cf. 8,31 nota).

b. Era uma forma usual de saudação entre mestre e discípulo.

c. Cf. Mt 26,55 nota.

d. Só Mc refere este incidente: há muito que o cunho autobiográfico deste pormenor sugeriu que se pode tratar do próprio evangelista. Talvez este personagem anônimo seja a imagem do discípulo fiel que tenta seguir o Mestre.

e. Isto é, os membros do Sinédrio (cf. vv. 43,55).

f. Lit. *à luz*; isto é, ao pé das chamas da fogueira. Talvez haja aí um erro de tradução do hebraico *'ur*, que tanto podia ser lido *'or* (luz) ou *'ur* (fogo).

g. Mc apresenta esta reunião como uma sessão oficial do Sinédrio, que está resolvido a pôr termo ao processo com uma condenação à morte. A procura de *testemunhas* supõe que se queira respeitar as regras jurídicas de um processo.

h. Lit. *não eram iguais*, quer porque os testemunhos não fossem iguais entre si (donde a citação, cf. Dn 13,48-61), quer por não concordarem com a realidade.

i. Mc insiste nessas *testemunhas falsas* (cf. v. 59). Uma afirmação como a de Mc 13,2 pode estar na origem desta acusação, ecoada na hora da crucificação (cf. 15,29; At 6,14; Jo 2,19.21 aplica esta palavra ao corpo de Cristo ressuscitado). Cf. Mt 26,61 nota.

j. *Este santuário*: o edifício reservado aos sacerdotes que constituía o lugar mais sagrado do Templo. Ao contrário de Mt 26,61, Mc acentua a oposição entre o templo antigo e o novo (cf. At 7,48-50; 17,24).

k. Lit. *O seu testemunho não era igual* (cf. v. 56 nota).

l. Outra tradução: *Nada respondes? Que testemunhas alegam contra ti?*

m. O silêncio de Jesus foi interpretado de maneiras diversas. Ele evoca o do Servo em Is 50,6-8; 53,7; cf. também Sl 39,3.10.

n. Lit. *O Filho do Bendito*. Sabe-se que os judeus não deviam pronunciar o nome de Deus.

o. Esta declaração é uma forma de revelação. Segundo Mc, Jesus reconhece que é o Messias e o Filho de Deus, como está anunciado desde o início do livro (1,1). Segundo Mt 26,64 e Lc 22,67, Jesus exprime-se com uma reserva que deixa os interlocutores em face de sua própria pergunta.

p. Sl 110,1; Dn 7,13. Lit. *à direita do Poder*, atributo de Deus que permitia designá-lo sem pronunciar-lhe o nome. *Com as nuvens*: expressão conforme com o texto hebraico e com certos mss. gr. de Dn; outros mss. gr. trazem *sobre as nuvens* (cf. Mt 26,64). Cf. Mc 13,26 nota; 1Ts 4,17.

q. Gesto que exprime simbolicamente a tristeza ou o horror.

27p; Jo 19,7
Lv 24,16
Is 50,6

mia¹. Que vos parece?" E todos o condenaram como digno de morte². ⁶⁵Alguns puseram-se a cuspir nele, a velar-lhe o rosto, a dar pancadas e dizer-lhe: "Banca o profeta!" Os servos o acolheram com bofetadas.

A negação de Pedro (Mt 26,69-75; Lc 22,56-62; Jo 18,17.25-27). ⁶⁶Estando Pedro embaixo, no pátio, chega uma das criadas do Sumo Sacerdote. ⁶⁷Vendo Pedro que se aquecia, ela o fita e lhe diz: "Tu também estavas com o Nazareno, com Jesus!" ⁶⁸Mas ele negou, dizendo: "Não sei e não compreendo o que queres dizer". E ele saiu em direção do vestíbulo¹. ⁶⁹A criada o avistou e pôs-se a repetir aos que ali estavam: "Esse aí é um deles!" ⁷⁰Mas ele novamente negava. Pouco depois, os que ali estavam diziam mais uma vez a Pedro: "Certamente, és um deles! Aliás, és galileu". ⁷¹Mas ele se pôs a jurar com imprecções: "Eu não conheço o homem de quem falais!" ⁷²Logo, um galo cantou pela segunda vez. E Pedro lembrou-se da palavra que Jesus lhe dissera: "Antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três vezes". E saindo precipitadamente², chorava.

15 Jesus perante Pilatos (Mt 27,1-2. 11-26; Lc 23,1-5.13.25; Jo 18,28-

Ao fazê-lo, o Sumo Sacerdote cumpre um ato ritual prescrito pela tradição.

r. Cf. Mc 3,28 nota. Declarar-se Messias ou Filho de Deus (no sentido dos textos judaicos antigos) não era uma blasfêmia. Mas ao falar juntamente de *sentar-se à direita de Deus* e de *vir* (do céu) com as nuvens (cf. 13,26 nota), Jesus reivindica uma categoria divina e pode ser acusado de lesar as prerrogativas de Deus. s. Mc pensa num ato jurídico de condenação (Mt 26,66 é menos explícito; Lc 22,71 não menciona o veredicto). A fórmula usada, diferente da de 10,33, não permite dizer se se trata de uma decisão de entregar Jesus a Pilatos, requerendo sua morte (cf. Mt 27,1 nota).

t. Vários mss. dizem aqui: *e um galo cantou*, sem dúvida por causa dos vv. 30 e 72, a menos que essas palavras indiquem a fusão de várias tradições na atual narrativa.

u. Mt nota que Pedro é reconhecido pelo sotaque.

v. Verbo compreendendo de maneiras diversas. Outras traduções: *ele começou a*, *ele pensou muito*, *ele se cobriu* (a cabeça), *desfez-se* (em lágrimas).

w. Cf. Mt 27,1 nota. Outra forma: *prepararam um conselho*. Mc atribui também a iniciativa aos sumos sacerdotes durante o processo diante de Pilatos (cf. vv. 3,11).

x. Cf. Mt 27,11 nota. Em toda a cena, Mc acentua mais do que

19,16). ¹Logo de manhã, os sumos sacerdotes deliberaram em conselho³ com os anciãos, os escribas e o Sinédrio inteiro. Amarraram Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos. ²Pilatos o interrogou: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus lhe responde: "Tu o dizes". ³Os sumos sacerdotes aduziam contra ele muitas acusações⁴. ⁴Pilatos o interrogou novamente: "Nada respondes? Vê todas as acusações que aduzem contra ti". ⁵Mas Jesus não respondeu mais nada, de sorte que Pilatos estava surpreso. ⁶Em cada festa, ele lhes soltava um prisioneiro, aquele que eles solicitassem. ⁷Ora, aquele que chamavam Barrabás estava na prisão com os sediciosos que tinham cometido um homicídio durante a rebelião⁵. ⁸A multidão subiu e se pôs a pedir o que ele costumava conceder⁶. ⁹Pilatos respondeu-lhes: "Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?" ¹⁰Pois percebia perfeitamente que os sumos sacerdotes o tinham entregue por inveja. ¹¹Os sumos sacerdotes incitaram a multidão⁷ para que, de preferência, ele lhes soltasse Barrabás. ¹²Pilatos então, tomando a palavra, lhes dizia: "Então, que farei com aquele que vós chamais rei dos judeus?" ¹³Eles gritaram de novo: "Crucifica-o!" ¹⁴Pilatos lhes dizia: "Que mal fez ele?" Eles grita-

14,61;
At 8,32

At 13,14;
13,28

Mt e Lc que o debate versa sobre a realeza de Jesus (cf. vv. 9,12). A resposta de Jesus exprime uma inegável reserva (cf. Mt 26,25). Aliás, Pilatos não reage como diante de uma declaração afirmativa.

y. A imprecisão em que são deixados estes numerosos agravos (Lc 23,3.5.14 cita alguns deles) faz sobressair a importância atribuída ao tema da realeza de Jesus.

z. A indicação fornecida supõe um fato bem notório, e mostra que Barrabás não era um bandido de direito comum, mas o cabeça de um motim contra o dominador romano. Cf. Mt 27,16 nota.

a. Variante oferecida por certos mss.: *E gritando, a multidão pôs-se a pedir*. — Sobre este costume, cf. Mt 27,15, nota. É a primeira vez que a *multidão* aparece no relato da Paixão em Mc. Favorável a Jesus por ocasião de suas controvérsias com as autoridades religiosas de Jerusalém (12,12-37), aqui ela intervir para exigir de Pilatos o respeito ao costume, sem manifestar hostilidade alguma contra Jesus.

b. A multidão se deixa manobrar pelos sumos sacerdotes.

c. Variante nos mss.: *Que quereis que eu faça*. Ao referir este diálogo, Mc frisa também a recusa de reconhecer Jesus como rei (v. 13) e os vãos esforços de Pilatos para inocentá-lo (v. 14).

d. A *crucificação*, suplicio de origem persa, foi adotada pelos cartagineses e tornou-se entre os romanos a pena mais cruel e infamante para punir o furto, o homicídio, a traição e a revolta.

ram cada vez mais forte: "Crucifica-o!"¹⁵ Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás e entregou Jesus, depois de o ter mandado flagelar⁶, para ser crucificado.

A coroação de espinhos (Mt 27,27-31; Jo 19,2-3). ¹⁶Os soldados o conduziram ao interior do palácio, isto é, do pretório. Eles chamam toda a coorte⁷. ¹⁷Revestem-no de púrpura e lhe põem sobre a cabeça uma coroa de espinhos que tinham trançado⁸. ¹⁸E puseram-se a aclamá-lo: "Salve, rei dos judeus!" ¹⁹Batiam-lhe na cabeça com um caniço⁹, cuspiam nele e, ajoelhando-se, prostravam-se diante dele¹. ²⁰Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe a púrpura e tornaram a pôr-lhe suas vestes. A seguir, fazem-no sair para o crucificar.

A crucifixão (Mt 27,33-44; Lc 23,36-43; Jo 19,16-24). ²¹Para carregar a sua cruz, eles requisitaram um transeunte que vinha do campo. Simão de Cirene¹, pai de Alexandre e Rufo. ²²E o levaram ao lugar chamado Gólgota, que significa

lugar do Crânio². ²³Quiseram dar-lhe vinho misturado com mirra¹, mas ele não o tomou. ²⁴Crucificam-no e *repartem suas vestes, lançando sobre elas a sorte*^m, para saber o que caberia a cada um. ²⁶Eram nove horas³ quando eles o crucificaram. ²⁶A inscrição que trazia o título de sua condenação estava assim redigida: "O rei dos judeus"⁴. ²⁷Com ele, crucificam dois bandidos⁵, um à direita, outro à esquerda. ²⁸... ²⁹Os transeuntes o insultavam *meneando a cabeça*⁶ e dizendo: "Olá! Tu que destróis o Santuário e o reconstróis em três dias"⁷, ³⁰salva-te a ti mesmo, descendo da cruz"⁸. ³¹Igualmente, os sumos sacerdotes e os escribas escarneciam uns com os outros: "Ele salvou a outros, e não pode salvar a si mesmo!" ³²O Mes-sias, o rei de Israel desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!" Também o injuriavam os que foram com ele crucificados.

A morte de Jesus (Mt 27,45-56; Lc 23,44-49; Jo 19,28-30). ³³Ao meio-dia, houve trevas em toda a terra até as três horas⁹. ³⁴E às três horas⁹ Jesus gritou com

Não podia ser aplicada aos cidadãos romanos. Na Palestina, dois mil revoltosos foram crucificados por ordem do legado romano Varo, depois da morte de Herodes Magno. No ano 7, Judas, o Galileu, passou pelo mesmo suplício por ter suscitado um movimento de oposição aos romanos (cf. At 5,37). A multidão pede para Jesus o castigo reservado aos revoltosos, e para Barrabás, o revoltado, postula a liberdade.

e. Segundo o costume romano, a flagelação precedia a crucifixão. Cf. Lc 23,16-22; Jo 19,1; At 5,40.

f. Aqui, o *pretório* tem as características de um quartel. A *coorte* era a décima parte da legião e comportava seiscentos homens. Entretanto, talvez não se deva dar à palavra o seu sentido técnico e Mc pense simplesmente em todos os soldados que estavam no palácio onde se encontrava Pilatos.

g. A veste de púrpura (simulada por algum pano vermelho), a coroa, a homenagem genuflexa convêm a um rei. Nesta cena de irrisão, Mc ainda insiste no seu tema da realeza de Jesus, Messias crucificado.

h. Cf. Mq 4,14.

i. Cf. Mt 27,29 nota.

j. Cf. Mt 27,32 nota. O próprio condenado devia carregar o instrumento de suplício, ao menos o travessão da cruz. Na certa, o esgotamento de Jesus justificava a requisição de um transeunte (nada sugere que Simão estivesse voltando do trabalho em seus campos). O empenho em precisar-lhe a identidade mostra que, na Igreja primitiva, seus filhos eram conhecidos (Rm 16,13 menciona Rufo, mas este nome era muito difundido).

k. Cf. Mt 27,33 nota.

l. Um costume judeu, que o Talmud funda em Pr 31,6, exigia

que se desse aos condenados esta bebida soporífera (cf. Mt 27,34 nota).

m. Sl 22,19. Cf. Jo 19,24. Em virtude do Sl 22, parece que se dá mais interesse à partilha das vestes do que à crucifixão. Com efeito, os despojos dos condenados cabiam de direito aos soldados. Mas, para o narrador, os acontecimentos assumem uma importância mais teológica do que narrativa.

n. Lit. à *terceira hora*. Esta atenção dada aqui à hora, peculiar em Mc, parece ser de natureza religiosa; Mc pontua a sua narrativa da crucifixão assinalando as três horas tradicionais da oração (vv. 33-34). Cf. Jo 19,14.

o. Cf. Mt 27,37 nota.

p. Cf. Mt 26,55 nota.

q. Alguns mss. trazem aqui a referência: *E cumpriu-se a Escritura que diz: e ele foi contado entre os malfiteiros*, citação de Is 53,12 (cf. Lc 22,37). Este modo de citar não combina com o uso que Mc costuma fazer dos textos do AT. É impressionante que a narrativa da Paixão não contenha, na origem, nenhuma referência explícita à descrição do Servo de Javé conforme Is 53.

r. A expressão evoca Sl 22,8. É um gesto de desprezo (Sl 109,25; Jô 16,4; Sr 12,18; Jr 18,16). *Insultar*: o grego usa um verbo que também significa blasfemar.

s. Cf. 14,58 nota.

t. Cf. Mt 26,61 nota.

u. Lit. à *hora sexta... até a hora nona*. Talvez esta menção das trevas em pleno meio-dia evoque o luto do filho único segundo Am 8,9-10; cf. tb. Ex 10,22. — *Toda a terra* pode significar *toda o país*.

v. Lit. à *hora nona*.

voz forte: “*Eloi, Eloi, lamá sabactáni?*”, que significa: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ³⁶Ao ouvi-lo, alguns dos que ali estavam diziam: “Eis que ele chama Elias!” ³⁶Alguém correu, encheu uma esponja de *vinagre*^c, e, fixando-a na extremidade de um caniço, *ofereceu-lhe de beber* dizendo: “Espera, vejamos se Elias virá tirá-lo daí”. ³⁷Mas, saltando um grande grito, Jesus expirou.³⁸O véu do Santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo.³⁹O centurião que estava em frente dele, vendo que morrera assim^b, disse: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus”.

⁴⁰Havia também mulheres que olhavam, a distância, e entre elas Maria de Mágdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor e de José^d, e Salomé,⁴¹que o seguiam e serviam quando ele estava na Galiléia, e várias outras, que tinham subido com ele para Jerusalém.

O sepultamento (Mt 27,57-61; Lc 23,50-56; Jo 19,38-42). ⁴²Já caíra a tarde, e como fosse um dia de Preparação, isto é, uma véspera de sábado, ⁴³chegou um membro eminente do conselho^e, José de Arimatéia. Também ele esperava o Reinado de Deus^f. Teve a coragem de entrar

em casa de Pilatos para pedir o corpo de Jesus. ⁴⁴Pilatos admirou-se de que já estivesse morto. Mandou chamar o centurião e perguntou-lhe se já estava morto havia tempo. ⁴⁵E, informado pelo centurião, deu licença a José de tomar o cadáver.⁴⁶Depois de ter comprado um lençol, José desceu Jesus da cruz e o envolveu no lençol, depositou-o num túmulo que tinha cavado na rocha e rolou uma pedra na entrada do túmulo. ⁴⁷Maria de Mágdala e Maria, mãe de José, olhavam onde o tinham posto.

16 As mulheres no sepulcro (Mt 28, 1-8; Lc 24,1-11; Jo 20,1). ¹Passado o sábado^g, Maria de Mágdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir embalsamá-lo. ²E de manhã muito cedo, no primeiro dia da semana^h, elas foram à sepultura, tendo despontado o sol. ³Diziam umas às outras: “Quem nos rolará a pedra da entrada do sepulcro?”

⁴E erguendo os olhos, viram que a pedra estava removida; ora, ela era muito grandeⁱ. ⁵Tendo entrado no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e foram tomadas de temor^j. ⁶Mas ele lhes disse: “Não vos assusteis. Procurais Jesus de Nazaré, o

14,8p;
Jo 19,40

Jo 11,38-39

At 1,10;
Ap 7,9.13

w. Citação em aramaico do SI 22,2.

x. Cf. Mt 17,3 nota; Mc 9,11, nota.

y. Cf. SI 69,22. Por irrisão, finge-se querer prolongar a vida de Jesus, para ver se Elias virá. Mas, pela sua alusão ao SI 69, a narração continua dando fé do seu interesse teológico.

z. É de se notar a extrema sobriedade do evangelho perante a morte de Jesus: eles o crucificaram (v. 25), Jesus gritou (v. 34), ele expirou (v. 37).

a. O intento deste v. e do seguinte é dar a entender a importância da morte de Jesus para a história da salvação. A cortina que fechava o Santo dos Santos (cf. Ex 26,33) ou o Santuário do Templo (cf. Ex 26,36-37) rasga-se: é o símbolo do livre acesso a Deus (cf. Hb 6,19-20; 9,3,6-12) ou o presságio do fim do Templo. Mc presta atenção a tudo o que anuncia a participação dos pagãos na salvação (cf. 11,16,17 notas).

b. Conforme outros mss., *gritando assim*. Foi o modo de morrer de Jesus que impressionou o centurião, e sua declaração é, de certo modo, fruto desta morte.

c. Após o judaísmo, é representado aqui o mundo dos pagãos, pelo centurião. Seja qual for o sentido, nos lábios de um pagão, da denominação *filho de Deus*, Mc sugere que se reconheça nela o ato de fé dos cristãos vindos do paganismo.

d. Alguns traduzem: *Maria, a* (isto é, a mulher ou a filha) *de Tiago, o menor e mãe de José*. Mas no v. 47, a mesma Maria é

chamada *a de José*; daí a tradução mantida. A respeito de Tiago e José, cf. Mc 6,3.

e. Isto é, com toda a verossimilhança, do Sinédrio. Os romanos pouco se importavam com o sepultamento dos condenados. A lei judaica, pelo contrário, ordenava enterrar um supliciado antes do pôr-do-sol (Dt 21,22-23). Também At 13,29 atribui aos judeus o sepultamento de Jesus. A narrativa de Mc sugere que havia urgência por causa do pôr-do-sol e do sábado que ia começar (v. 42).

f. Mc faz de José um simpatizante (cf. Lc 23,51); Mt 27,57 e Jo 19,38 o apresentam como discípulo de Jesus.

g. Lit. *ele concedeu o cadáver de José*.

h. Ou seja, depois do pôr-do-sol. Além disso, Mc sugere que o sepultamento foi apressado.

i. Isto é, o nosso domingo.

j. Esta reflexão, que atesta uma preocupação aparentemente secundária, visa chamar a atenção para a surpresa que vai sobrevir. As mulheres vão passar da admiração para o assombro.

k. Este pormenor não só explica a reflexão do v. precedente, mas saliente, para Mc, o caráter surpreendente da abertura do sepulcro.

l. A veste branca designa o mancebo como um personagem celeste (cf. 9,3); daí o termo sagrado que ele provoca e, a seguir, acalma (v. 6), de conformidade com as narrativas bíblicas de aparições.

crucificado: ele ressuscitou^m, não está aqui; vede o lugar onde o tinham posto. ⁷Mas ide dizer a seus discípulos e a Pedro: "Ele vos precede na Galiléia; lá o vereis, como vos disse". ⁸Elas saíram e fugiram para longe do túmulo, pois estavam todas trêmulas e transtornadas; e elas não disseram nada a ninguém, pois tinham medo^o.

Aparições de Jesus ressuscitado^p. ⁹Tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, Jesus apareceu^q primeiro a Maria de Mágdala, da qual expulsara sete demônios. ¹⁰Esta foi anunciá-lo aos que tinham estado com ele e estavam enlutados e choravam. ¹¹Mas, ao ouvirem dizer que ele vivia e elas o tinham visto, não acreditaram nela. ¹²Depois disto, ele se manifestou com outras aparências a dois deles que caminhavam rumo ao campo. ¹³E estes voltaram para anunciá-lo aos outros; também

nestes não acreditaram. ¹⁴A seguir, manifestou-se aos Onze, enquanto estavam à mesa, e lhes censurou a incredulidade e a dureza de coração, porque não tinham crido nos que o tinham visto ressuscitado. ¹⁵E lhes disse: "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a todas as criaturas. ¹⁶Quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado. ¹⁷E eis os sinais que acompanharão os que houverem crido: em meu nome, expulsarão os demônios, falarão novas línguas, ¹⁸pegarão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, isto não lhes causará mal algum; imporão as mãos a doentes e estes serão curados". ¹⁹Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus. ²⁰Quanto a eles, saíram a pregar por toda a parte: o Senhor agia com eles, e confirmava a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam.

At 2,38;
16,31-33

At 8,7;
16,18
At 2,4,11;
10,46; 19,6;
1Cor 14,2-40
Lc 10,19;
At 28,3-6
At 4,30;
5-16;
Tg 5,14-15

2Rs 2,11;
At 1,9-11;
1Tm 3,16
Sl 110,1;
Mc 12,
36 par.
At 8,6;
5-16;
Hb 2,4

m. Lit. *ele foi ressuscitado*: este passivo exprime uma ação do poder divino. Como em todas as narrativas de aparições, o que é valorizada é a mensagem provida de Deus. Aqui, trata-se da afirmação da fé cristã expressa nos termos tradicionais da Igreja primitiva (cf. At 2,23-24; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,28-30).

De Nazaré: lit. o nazareno: Mc emprega amíude este qualificativo (1,24; 10,47; 14,67); mas sob a forma de *nazoreu*, ele é típico da pregação primitiva (At 2,22; 3,6; 4,10). Aqui, acentua a identidade do Crucificado e do Ressuscitado.

n. A aparição do Ressuscitado a Pedro ocupa um lugar de grande destaque na tradição cristã primitiva (1Cor 15,5; Lc 24,34). Como *ele vos disser*: cf. Mc 14,28 nota.

o. A fuga desvairada e o silêncio das mulheres explicam-se pelo terror sagrado produzido pela revelação da Ressurreição de Jesus. A constatação do túmulo vazio não é dada como prova da mesma, todavia manifesta a inutilidade de uma busca do Crucificado, agora Ressuscitado.

p. A tradição manuscrita é muito incerta quanto a este final do evangelho (vv. 9-20).

— Ele não é atestado por certo número de manuscritos. Alguns copistas chegaram a especificar que o v. 8 marcava o fim do evangelho.

— A par da versão extensa, mais divulgada, cuja tradução nós damos, existe uma versão breve: *Elas contaram sucintamente aos companheiros de Pedro o que lhes fora anunciado. A seguir, o próprio Jesus mandou que a proclamação sagrada e incorruptível da salvação eterna fosse levada por eles, do oriente até o ocidente.*

— Alguns mss. fornecem juntamente a versão longa e a breve.

— Um ms. intercala, entre os vv. 14 e 15 da versão longa,

uma objeção dos discípulos e uma resposta de Cristo redigida nestes termos: *Estes disseram em defesa própria: "Este século de impiedade e incredulidade jaz sob o poder de Satanás, que não deixa a verdade e o poder de Deus serem acolhidos pelos espíritos impuros: por esta razão, revela agora a tua justiça". Eles diziam isso a Cristo, e Cristo lhes respondeu: "Está cumprido o termo dos anos do poder de Satanás, mas outras coisas terríveis se aproximam. E eu fui entregue à morte por aqueles que pecaram, a fim de que eles se convertam à verdade e não pequem mais, a fim de que sejam herdeiros da glória, da justiça, glória espiritual e incorruptível que existe no céu".*

Redigidos com um vocabulário e num estilo muito diferentes do resto do evangelho, interrompendo o fio da narração precedente (as mulheres não executam a missão que lhes foi confiada), os vv. 9-20 são uma espécie de sumário dos relatos de aparições mencionadas pelos demais evangelhos, ao qual se acrescentam alusões a fatos referidos no livro dos Atos (vv. 17-20). Este resumo não fornece nenhum elemento novo para um melhor conhecimento de Cristo e de acontecimentos posteriores à Ressurreição. A autenticidade deste final, embora seja ele conhecido desde o século II, já é posta em dúvida por alguns Padres da Igreja. Como lhes parece estranho que o evangelho dc Mc tenha parado bruscamente no v. 8, numerosos estudiosos estimam que o fim do evangelho perdeu-se muito cedo e foi substituído por esse texto. Na realidade, não sabemos se o autor do livro redigira uma conclusão e se, neste caso, ele referia alguma aparição do Ressuscitado ou se lhe pareceu suficiente remeter o leitor à tradição conhecida das aparições na Galiléia (v. 7).

q. Lit. *ele apareceu*, aludindo a Jesus que desde 15,40 está ausente da cena.

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

INTRODUÇÃO

O prólogo do primeiro livro de Lucas. *Dos quatro evangelhos, o de Lucas é o único a se iniciar, como numerosos escritos gregos da época, com um prólogo. Este é dirigido a um certo Teófilo, que parece ser um personagem importante. O livro dos Atos começa também com um prólogo que se dirige ao mesmo personagem e que remete ao livro anterior, em que o autor falou de "tudo o que Jesus fez e ensinou" (At 1,1-2). Desde a Igreja antiga, o evangelho de Lucas e os Atos têm sido atribuídos a um mesmo autor. A crítica moderna confirmou este juízo, fundando-o na homogeneidade da linguagem e do pensamento dos dois livros, bem como na simetria do seu objetivo; o evangelho sublinha a subida de Jesus rumo a Jerusalém, onde se realiza o evento pascal; a paixão e ressurreição do Cristo; os Atos relatam a pregação deste evento a partir de Jerusalém até as extremidades da terra (At 1,8).*

No prólogo do evangelho, Lucas anuncia o assunto, o método e a finalidade da sua obra. Ele vai apresentar "os acontecimentos" que se situam no ponto de partida da pregação da Igreja. Informou-se com cuidado da tradição das primeiras testemunhas e vai expô-la "em ordem". Assim, Teófilo achará aí uma narração sólida dos fatos de que lhe falaram.

Lucas se apresenta, assim, à maneira de um historiador. Ele segue os métodos dos historiôgrafos do seu tempo (cf. a cronologia de 3,1-2). Mas a história que ele quer apresentar é uma história sagrada. O seu propósito essencial é mostrar a significação dos acontecimentos para a fé: uma fé iluminada pelo evento da Páscoa e pela vida da Igreja. Este livro é um evangelho.

A história da salvação na construção do Evangelho. *O terceiro evangelho apresenta o mesmo esquema geral que os evangelhos de Mateus e de Marcos: uma introdução, a pregação de Jesus na Galiléia, a sua subida a Jerusalém, o cumprimento final, nesta cidade, da sua missão, pela Paixão e Ressurreição. Mas a construção de Lucas é elaborada com esmero; ela visa fazer sobressair nessa*

história os tempos e lugares da história da salvação.

1. A introdução (1,5-4,13) comporta duas seções bem diferentes.

As narrações da infância (1,5-2,52) são próprias a Lucas. De maneira sistemática, elas põem em paralelo as vidas de João Batista e de Jesus, enfatizando a subordinação do primeiro ao segundo. Elas apresentam sobretudo o mistério de Jesus em uma sequência de mensagens sobrenaturais que o proclamam concebido do Espírito, santo, Filho de Deus (1,35), Salvador e Cristo Senhor (2,11), salvação de Deus e luz dos pagãos (2,30,32) e, no entanto, votado à rejeição da massa de seu povo (2,34). No limiar do evangelho, antes da lenta manifestação do mistério que a continuação do livro vai relatar, essas revelações constituem um prólogo cristológico comparável ao do evangelho de João (Jo 1,1-18).

O prelúdio da missão (3,1-4,13) comporta, como em Mateus e em Marcos, a missão de João Batista, o batismo de Jesus e sua vitória inicial sobre o tentador. Mas, neste conjunto, Lucas distingue nitidamente o tempo de João, que pertence ainda ao Antigo Testamento, e o de Jesus (3,20 nota); ele insiste na investidura messiânica que o Pai confere a seu Filho após o batismo (3,22 nota); insere aqui a genealogia de Jesus, fazendo-a remontar a Adão, para ressaltar o seu vínculo com a humanidade inteira (3,23-38); enfim, as últimas palavras da narrativa da tentação anunciam já o combate decisivo da Paixão (4,13).

2. A primeira parte da missão de Jesus (4,14-9,50) é toda situada na Galiléia (cf. 23,5; At 10,37), diversamente de Mt 15,21; 16,13 e Mc 7,24,31; 8,27. Lucas abre-a com a cena da pregação do Mestre na sinagoga de Nazaré (4,16-30), que prefigura toda a sequência do evangelho: o anúncio da salvação fundado na Escritura e inspirado pelo Espírito, a alusão à salvação dos pagãos, a rejeição de Jesus por seus compatriotas e a tentativa assassina por eles empreendida. A narração da missão relata, em seguida os atos (sobretudo milagres) e as palavras de Jesus. Ele

conduz os discípulos a um primeiro conhecimento aproximativo da sua pessoa.

Uma primeira seção (4,31-6,11), que segue bastante de perto a ordem de Marcos (1,16-3,6), apresenta Jesus em face da multidão, dos primeiros discípulos, dos adversários, nos milagres e nas controvérsias.

A segunda seção (6,12-7,52), que não existe em Marcos, mas para a qual Mateus oferece paralelos dispersos, começa com o chamamento dos Doze e comporta, antes de tudo, o ensinamento de Jesus aos seus discípulos no discurso das Bem-aventuranças.

A terceira seção (8,1-9,50), onde Lucas torna a emparelhar com a narrativa de Mc 4,1-9,40 (mas sem apresentar paralelo com Mc 6,45-8,26), associa estreitamente os Doze à missão de Jesus. Ela os menciona desde 8,1. O discurso em parábolas distingue, em seguida, entre os ouvintes de Jesus, aqueles que só merecem parábolas e aqueles aos quais "é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus" (8,10). Novos milagres, reservados aos discípulos, levam-nos a fazer a pergunta: "Quem é este?" (8,25). É então que os Doze são enviados a proclamar o Reino de Deus (9,1-6) e participam ativamente da multiplicação dos pães (9,12). Enfim, Jesus pode intimá-los a se pronunciarem a seu respeito, e Pedro reconhece nele "o Cristo de Deus" (9,20). Esta primeira expressão do mistério de Jesus é imediatamente completada: pelo Mestre, que se define como o Messias votado à morte (9,22), e pelo próprio Pai, que proclama, na glória da Transfiguração, a filiação misteriosa de Jesus (9,35).

3. A subida a Jerusalém (9,51-19,28) é a parte mais original da construção de Lucas. Boa parte do seu material se encontra, aqui e ali, em Mateus; há algo também em Marcos, mas Lucas é o único a apresentá-lo na moldura de uma viagem.

Esta é introduzida por uma frase solene, que orienta a marcha de Jesus rumo ao acontecimento pascal, cujo cumprimento está próximo (9,51). O Mestre toma a estrada de Jerusalém, a cidade santa, onde se deve realizar a salvação. Duas outras menções à cidade por Lucas, em 13,22 e 17,11, podem delimitar três seções nesta parte; mas este seccionamento é apenas formal, pois as três seções não oferecem, entre si, nem continuidade geográfica, nem progressão doutrinária. A viagem não obedece à topografia (10,13-15 e

13,31-33 parecem ainda situados na Galiléia; 13,34-35 supõe que Jesus já pregou em Jerusalém); não passa de um quadro literário artificial, que permite a Lucas reunir o seu material, colocando-o sob a luz da consumação pascal.

Ao longo dessa parte, a palavra de Jesus prevalece sobre os milagres e a exortação sobre a apresentação do mistério de Cristo (salvo, todavia, em 10,21-24; 12,49-50; 18,31-33 e 19,12-15). O Mestre se dirige sempre a Israel: o seu afrontamento com os fariseus e os doutores é severo (11,37-52); ele chama o seu povo a se converter (12,51-13,9) e arrosta a sua recusa (13,23-35; 14,16-24). Volta-se sobretudo para os seus discípulos, a fim de lhes definir a missão (9,52-10,20), para convidá-los à oração (11,1-3) e à renúncia (12,22-34.51.53; 14,26-33; 16,1-13; 18,28-30). Uma grande parte desses ensinamentos aos discípulos refere-se a uma situação em que Jesus não estará mais presente no meio deles, e isso corresponde à perspectiva da viagem, ordenada pelo "arrebatamento" de Jesus (9,51): aproxima-se o tempo em que os discípulos terão de pedir o Espírito Santo (11,13), confessar o seu Mestre diante dos homens (12,1-12), esperar a sua volta (12,35-40; 17,22-18,8; 19,11-27), cuidar dos seus irmãos nas comunidades (12,41-48).

Em 18,15, a narração de Lucas torna a encontrar o fio da de Mateus (19,15) e da de Marcos (10,13). Mas Lucas ajunta-lhe, no final, a narração da salvação de Zaqueu e sobretudo a parábola das minas (19,1-10.11-27). Na redação de Lucas, esta parábola prepara o trágico afrontamento entre Jerusalém e o rei que ela vai recusar-se a reconhecer (cf. 19,11 nota).

4. A terceira parte da missão de Jesus (19,29-24,53) narra a realização da salvação em Jerusalém e faz da cidade a representante de Israel perante Jesus no drama da cruz. Lucas salienta isto fortemente na cena inicial da entrada de Jesus (19,29-48): o Mestre se apresenta como rei (vv. 35-38); chora sobre a cidade que vai recusar a sua vinda régia (vv. 41-44); manifesta a sua autoridade no Templo, do qual expulsa os negociantes e onde ensina todos os dias (vv. 45-48).

A revelação de Jesus a Jerusalém comporta as mesmas três seções que há em Mateus e Marcos, mas Lucas introduz matizes que lhe são próprios.

O ensinamento no Templo (20-21) se conclui com o anúncio do julgamento de Jerusalém e da vinda

do Filho do homem. Lucas dirige esses anúncios a todo o povo de Israel (cf. 2,15 nota. 20 nota).

A narrativa da Paixão (22-23) segue o mesmo esquema que os outros evangelhos; mas o relato da Ceia se prolonga com ensinamentos aos Doze a respeito do seu papel de servos, sobre a sua grandeza no Reino futuro e sobre a nova situação que passarão a viver, quando o Mestre se for (22,24-38). Os sofrimentos suportados por Jesus fazem sobressair a sua justiça e o valor exemplar do seu martírio. Na humilhação do Messias, afirma-se a sua Realeza já presente (cf. 22,69 nota; 23,37 nota).

As narrativas da Páscoa (24) são todas localizadas em Jerusalém. Elas não mencionam a antiga tradição das aparições na Galiléia (Mt 26,32; 28,7.10.16-20; Mc 14,28; 16,7; Jo 21), sem dúvida para guardar melhor a simetria com o livro dos Atos. Essas narrativas interpretam a Paixão como caminho querido por Deus, para conduzir o Cristo à sua glória (v. 26), e mostram esta vontade divina anunciada por Jesus (v. 7) e inscrita nas Escrituras (vv. 25-27.44-46). Jesus, finalmente, aparece aos Onze para triunfar sobre as dúvidas deles (vv. 36-43) e investi-los da missão de testemunhas (vv. 47-49). O livro termina com uma primeira narração da Ascensão (v. 51), que manifesta o Senhorio do Ressuscitado (cf. At 2,36).

Assim, todo o evangelho mostra a revelação progressiva do mistério do Senhor Jesus, e o gradual conhecimento desse mistério por parte daqueles que terão de pregar a mensagem do Evangelho.

O tempo de Jesus e o tempo da Igreja. 1. Como Lucas pretende consagrar um segundo livro à pregação dos apóstolos, ele pode patentear, mais nitidamente que Mateus e Marcos, as diferenças entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja.

O seu evangelho mostra a ação de Jesus, consagrada somente a Israel. Ele indica, por certo, a perspectiva universalista da mensagem da salvação, mas sempre em anúncios sobre o futuro (2,32; 3,6; 13,29; 14,16-24) ou em prefigurações tipológicas (3,23-38; 4,25-27; 7,9; 8,39; 10,1; 17,11-19). É somente o Ressuscitado que ordena a missão aos pagãos (24,47-48).

Esta missão, os portadores da mensagem a realizarão graças ao dom do Espírito (24,49; cf. 12,12). Mas no evangelho, Jesus, que é concebido do Espírito (1,35), é o único a agir com a potên-

cia desse Espírito (3,22; 4,1.14.18; 10,21).

Nas narrações da infância, Simeão anuncia a rejeição de Jesus por "muitos em Israel" (2,34-35). Esta rejeição se opera, pouco a pouco, no decurso do evangelho, mas não é inteiramente consumada pela cruz (cf. 23,34), visto que, após Pentecostes, os apóstolos chamarão ainda os judeus de Jerusalém à conversão e à salvação.

2. Mostrando tão claramente a distinção entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja, Lucas quer pôr em plena luz as etapas da obra de Deus na história. Mas tal apresentação dos acontecimentos nunca o faz esquecer que a salvação é dada de uma vez por todas em Jesus Cristo. Desde o começo do evangelho, ele insiste no hoje da salvação (2,11; 3,22; 4,21; cf. 5,26; 19,9; 23,43). Pois, desde o primeiro instante de sua existência, Jesus é o Filho de Deus (1,35), o Salvador (2,11; cf. 1,69.71.77; 2,30; 3,6), o Senhor (2,11, cf. 7,13 nota sobre a insistência de Lucas em dar este título a Jesus); e a sua pregação se inicia com a mensagem da salvação dirigida aos pobres e aos pequenos, que são os seus destinatários privilegiados (4,18; cf. 7,22; 10,21).

Ao descrever o tempo de Jesus, Lucas já pensa na Igreja. Mais freqüentemente do que Mateus e Marcos, ele dá aos Doze o título de apóstolos (cf. 6,13 nota). Pensa em suas responsabilidades nas comunidades (9,12; 12,41-46; 22,14-38) e nos auxiliares da sua missão (10,1; cf. 8,2-3.39).

Mais ainda, ele se preocupa em mostrar, no ensinamento de Jesus, a regra de vida dos discípulos para "cada dia" (9,23; 11,3; 17,4). Insiste sobre a conversão inicial (5,32; 13,1-5; 15,4-32, e sobretudo as cenas de 7,36-50; 19,1-10; 23, 39-43), sobre a fé (1,20.45; 7,50; 8,12-13; 17, 5-6; 18,8; 22,32; 24,25), que deverá se exprimir pela confissão do Senhor (12,2-12; 21,12-19), sobre a oração (11,1-13; 18,1-8; 21,36; 22,40.46), segundo o exemplo reiterado de Jesus (cf. 3,21 nota), sobre a caridade, que apresenta como o ensinamento essencial do discurso aos discípulos (6,27-42; cf. 10,25-37; 17,3-4); propõe freqüentemente que esta caridade se manifeste pela esmola (cf. 11,41 nota), que realiza, ao mesmo tempo, o seu ideal de renúncia ao dinheiro (cf. 5,11 nota, 14,33 nota). Essas exigências são rigorosas, e, no entanto, a alegria explode neste evangelho mais do que em todos os outros: perante os anúncios da salvação (1,14.28.41.44; 6,23; 8,13), as suas

manifestações no advento de Jesus (1,47; 2,10), os milagres (10,17; 13,17; 19,37), o acolhimento da mensagem (10,21) e a conversão dos pecadores (15; 19,6), a Ressurreição (24,52); a salvação de Deus é chamamento à alegria.

3. Jesus anunciava a sua vinda no fim dos tempos, e Lucas mantém essa perspectiva no término do tempo da Igreja (12,35-48; 17,22-37; 18,8; 19,11-27; 21,5-36); mas a sua insistência na salvação presente, no Senhorio pascal de Jesus, na ação do Espírito sobre a Igreja atenua nele a tensão orientada para a parusia iminente (cf. 17,23 nota). A sua esperança é toda banhada na alegria do hoje da salvação. A ruína de Jerusalém, que ele anuncia repetidas vezes em seu evangelho (cf. 19,27 nota), perde em Lucas o seu caráter escatológico; ela nada mais é do que um acontecimento histórico, o castigo dos responsáveis pela morte de Jesus.

A obra literária de Lucas. Lucas utiliza em seu evangelho boa quantidade de material que lhe é comum com Mateus e Marcos, mas também muitos elementos que lhe são próprios (cf. Introd. aos Sinóticos). Estes elementos são muito variados. São narrações como as da infância (1-2), alguns milagres (7,1-17; 13,10-17; 14,1-6; 17,12-19), cenas de conversão (7,36-50; 19,1-10; 23,40-43), intervenções de Herodes (13,31-33; 23,8-12; cf. 8,3 nota), as aparições pascuais (24,13-35,36-53)... ensinamentos e, sobretudo, uma série de parábolas: o bom samaritano (10,30-37), o amigo que é preciso acordar (11,5-8), o rico insensato (12,16-21), a figueira estéril (13,6-9), o construtor, e o rei que parte para a guerra (14,28-33), a moeda e o filho reencontrados (15,8-10,11-32), o gerente astuto (16,1-8), o rico e Lázaro (16,19-31), o servo que não faz mais que o seu dever (17,7-10), o juiz que se faz de rogado (18,1-8), o fariseu e o coletor de impostos (18,9-14).

Têm-se notado, muitas vezes, as semelhanças entre os evangelhos de Lucas e de João. Trata-se aqui menos de textos seguidos do que de todo um conjunto de traços comuns (eles são apontados nas notas de Lucas): o perfil do apóstolo Judas, de Marta e Maria, do Sumo Sacerdote Anás, a aproximação entre a pesca milagrosa e a investidura de Pedro, a traição de Judas atribuída a Satanás, o colóquio de Jesus com os Doze na última Ceia, a declaração messiânica de Jesus às

autoridades judaicas, o reconhecimento da inocência de Jesus por Pilatos, a aparição de Jesus ressuscitado a seus discípulos em Jerusalém, a Ressurreição concebida como exaltação e fonte do dom do Espírito... Essas semelhanças explicam-se melhor por contatos no nível da tradição pré-evangélica do que por dependência literária.

O trabalho redacional de Lucas é considerável, em relação a todo o material da tradição. Isto já se percebeu na "ordem" que Lucas lhe impôs, ao construir o seu livro. Pode-se ainda percebê-lo, comparando as suas composições com os paralelos em Mateus e Marcos: o vocabulário de Lucas aparece muito mais variado, o mais rico de todos os livros do Novo Testamento: a sua linguagem se adapta com plasticidade aos diversos assuntos: o seu grego é geralmente mais correto do que o de Marcos nas narrações em que Lucas coincide com ele, como em muitas outras passagens particularmente esmeradas (1,1-4; 24,13-35); no entanto, ele tem muitos semitismos em vários textos que lhe são próprios, sobretudo nas palavras de Jesus; escolhe com predileção as expressões do Antigo Testamento grego, muito especialmente nas narrações da infância, que vários consideram um pastiche literário.

O seu gosto da clareza aparece na preocupação em situar as suas perícopes por meio de introduções (3,15; 4,1; 5,1,12,17,36...) ou em marcar o fim das mesmas por meio de uma conclusão (3,18,20; 5,15-16; 9,36,43...). Ele agrupa muitas vezes as parábolas aos pares (13,18-21; 14,28-32; 15,4-10); também as sentenças (4,25-27; 11,31-32; 13,1-5; 17,26-30,34-35); mas esses agrupamentos podem, em muitos casos, remontar às suas fontes.

A arte de Lucas se manifesta sobretudo na sobriedade de suas observações, que indicam com uma só palavra o patético de uma situação (2,7; 7,12; 8,42; 9,38...). na tensão dramática das narrações como as de Naim (7,11-17), da pecadora (7,36-50), do "bom ladrão" (23,40-43), ou do encontro de Emaús (24,13-35), de parábolas como as do bom Samaritano (10,30-37) ou do filho reencontrado (15,11-32: "o filho pródigo"). A sua delicadeza é constante, sobretudo quando se aproxima da pessoa de Jesus: ele evita as expressões por vezes rudes de Marcos (Lc 4,1; 8,24,28,45...) e reserva aos discípulos uma fórmula particular para se dirigirem ao Mestre (cf. 5,5 nota).

A elaboração de Lucas sobre os dados da tradição põe muitas vezes ao seu leitor o problema do valor histórico da sua narração. A questão é complexa e só pode ser tratada completamente estudando-se também o método de Lucas no livro dos Atos (cf. *Introd. Atos*). Restringindo-se ao exame do evangelho, pode-se constatar primeiramente que Lucas declara a sua intenção de apresentar os acontecimentos com esmero, a partir de informações sólidas (1,1-4); podem-se também reconhecer as qualidades de um grande número dos seus dados. Mas, de uma parte, Lucas considera o fato de Jesus com toda a sua fé, na qual um historiador vê uma interpretação pessoal, um além da história. Por outro lado, quando apresenta as palavras e os atos de Jesus, Lucas se interessa, antes de tudo, pelo sentido; ele manifesta, por vezes, uma indiferença profunda pela cronologia (4,16-30; 5,1-11; 24,51) ou pela localização topográfica (10,13-15; 13,34-35; 24,36-49); ele não teme compor livremente cenas significantes (1-2; 4,16-30; 5,1-11...). A sua preocupação primordial não é descrever os fatos em sua exatidão material, mas proclamar a história de Jesus enquanto história da salvação. Ele se sente com a liberdade e mesmo com o dever de decifrar os acontecimentos. E o faz à luz da tradição da Igreja.

Dados sobre a origem do terceiro Evangelho. Não é possível pronunciar-se acerca da origem deste evangelho sem examinar os dados do livro dos Atos, que lhe está estreitamente ligado. Aqui, contudo, limitamo-nos a recolher os elementos fornecidos pelo primeiro livro de Lucas.

Para fixar a data da composição deste, os críticos fazem muitas vezes alusão à ruína de Jerusalém (cf. 19,27 nota) e sobretudo à maneira com que esse acontecimento está desvinculado da perspectiva escatológica em que o situam Mateus e Marcos. Parece que Lucas conheceu o cerco e a ruína da cidade, tais como os efetuaram as legiões de Tito no ano 70 (cf. 19,43-44; 21,20.24). O evangelho seria, portanto, posterior a essa data. Os críticos atuais situam muitas vezes a sua redação por volta dos anos 80 ou 90, mas vários lhe atribuem uma data mais remota.

Embora o livro seja dedicado a Teófilo, parece dirigir-se sobretudo, além desse personagem, a

cristãos de cultura grega. Disto se podem relevar vários indícios: a sua linguagem, as suas explicações sobre a geografia da Palestina (1,26; 2,4; 4,31; 23,51; 24,13) e sobre os costumes judaicos (1,9; 2,23-24.41-42; 22,1.7), o pouco interesse pelas discussões a respeito da lei (ele não oferece nenhum equivalente aos dados de Mt 5,20-38; 15,1-20; 23,15-22), a preocupação com os pagãos, a insistência na realidade corporal do Ressuscitado (24,39-43), tão difícil de admitir para os gregos (At 17,32; 1Cor 15).

O próprio autor parece pertencer ao mundo helenístico, tanto por sua linguagem, como por vários traços que acabamos de mostrar. Tem sido muitas vezes notada a sua falta de familiaridade com a geografia da Palestina (cf. 4,29 nota), e também com diversos costumes desta terra (cf. 1,59 nota; 5,19 nota; 6,48 nota; 9,12 nota; 14,5 nota).

Uma tradição cuja mais antiga testemunha é Irineu (Adv. Haer. III, 1,1 e 14,1), no fim do século II, o identificou com o médico Lucas, mencionado por Paulo em Cl 4,14; Fm 24; 2Tm 4,11. Muitos encontraram a confirmação do fato de Lucas ser médico na precisão das suas descrições das doenças; mas esse traço não é decisivo, pois o vocabulário que ele emprega é o de todo homem culto de seu tempo. Quanto às suas relações com Paulo, o evangelho não oferece para as discernir senão alguns termos (cf. 8,12 nota; 8,15 nota; 18,1 nota; 18,14 nota; 21,28 nota; 22,19-20 e as notas...). Para se pronunciar a respeito deste ponto é indispensável examinar os dados do livro dos Atos.

Atualidade de Lucas. Lucas apresenta-se como o intérprete do Evangelho talvez mais acessível que qualquer outro para o homem ocidental hoje. Com efeito, ele lhe está mais próximo, por sua mentalidade e cultura gregas, por seu gosto pela clareza e sua preocupação de explicar, por sua sensibilidade e arte. Sobretudo, Lucas pode ajudar o leitor moderno a ter acesso ao mistério de Jesus: ele mostra o Filho de Deus como Salvador de todos os homens, particularmente atento aos pequenos, aos pecadores e aos pagãos; como Mestre de vida, com todas as suas exigências, mas também com o seu acolhimento e a sua graça.

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

1 Dedicatória. ¹Visto que muitos^b compreenderam compor uma narração dos acontecimentos realizados entre nós^c, ²segundo o que nos transmitiram^d aqueles que foram desde o começo testemunhas oculares e se tornaram servidores da palavra^e, ³pareceu-me bom, também a mim, depois de me ter cuidadosamente informado de tudo a partir das origens^f, escrever para ti uma narração ordenada^g, excelentíssimo^h Teófilo, ⁴a fim de que possas verificar a soidadeⁱ dos ensinamentos que recebeste^j.

Anúncio do nascimento de João Batista. ⁵Havia no tempo de Herodes, rei da Judéia^k, um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias^l; a sua mulher

pertencia à descendência de Aarão e se chamava Elisabete^m. ⁶Ambos eram justos diante de Deus e seguiam todos os mandamentos e observâncias do Senhor de maneira irrepreensívelⁿ. ⁷Mas eles não tinham filho, porque Elisabete era estéril^o e ambos eram de idade avançada^p. ⁸Chegou para Zacarias o tempo de officiar diante de Deus no turno da sua classe^q; ⁹segundo o costume do sacerdócio^r, ele foi designado por sorteio para oferecer o incenso no interior do santuário do Senhor^s. ¹⁰Toda a multidão do povo^t estava em oração do lado de fora na hora da oferta do incenso. ¹¹Então lhe apareceu um anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso^u. ¹²Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e o temor se abateu

a. Lc inicia o seu livro com um prólogo à maneira dos escritores gregos do seu tempo. Menciona os seus predecessores, seus colegas com a informação e a construção literária, e dedica a sua obra a um personagem importante. Através desses modos de agir aparece o seu propósito de historiador sagrado: ele quer escrever um evangelho a partir da tradição.

b. Entre os seus predecessores, que, indubitavelmente, não são muito numerosos (o *muitos* decorre da ênfase habitual dos prólogos), pode-se contar o evangelista Marcos. Mas o exame do evangelho de Lc mostra que o seu autor valeu-se também de outras fontes, das quais não possuímos mais o texto (cf. Introd. aos Evangelhos Sinóticos).

c. O objeto da obra de Lc é o conjunto dos acontecimentos da vida e da missão de Jesus: acontecimentos realizados *por Deus*, como o indica discretamente o passivo do verbo; é por isso que essa narração é um evangelho.

d. Toda a matéria deste livro provém da tradição.

e. Poder-se-ia traduzir, menos exatamente sem dúvida: *aquelles que foram desde o começo testemunhas oculares e servidores da palavra*. Esta última é o evangelho pregado pelos apóstolos (At 4,31; 6,2,7; 11,1).

f. Traduz-se também: *após ter seguido tudo de perto há muito tempo* (pensando na atividade missionária de Lc junto de Paulo); mas Lc parece falar aqui das origens, das quais seguramente ele não participou.

g. Ver-se-á no livro de Lc que não se trata antes de tudo de uma ordem cronológica, mas de uma ordem literária e didática.

h. Lit. *excelente*. Este epíteto se dirige a um personagem mais ou menos oficial (At 23,26; 24,3; 26,25).

i. Como os historiadores do seu tempo, Lc pretende apresentar fatos bem estabelecidos e interpretados.

j. *Teófilo* pode ser um cristão que recebeu a catequese da Igreja. Outros vêm nele um pagão, ao qual Lc apresentaria uma apologia da fé cristã (pode-se traduzir: *das informações que recebeste*).

k. A aparição de *Gabriel* no quadro solene das liturgias do Templo vai anunciar o nascimento e a missão de João. Para exprimir

a palavra de Deus dirigida a Zacarias, Lc emprega a linguagem da Bíblia grega, com os temas tradicionais das aparições (Jz 6, 11-24), das anuições de nascimentos maravilhosos (Gn 16; 17; 18; Jz 13) e dos oráculos proféticos (Mt 2,6; 3,1.23-24; Is 40,3).

l. Trata-se de *Herodes Magno*, morto em 4 a.C. Cf. Mt 2,1 nota. – Aqui, como na língua dos gregos, a *Judéia* designa todo o território dos judeus no séc. 1 a.C. Lc usa o termo neste mesmo sentido em 4,44; 6,17; 23,5; At 10,37; ao contrário, aplica-o, como fariam os judeus, à parte sul da Palestina, em oposição à Galiléia, em 3,1; 5,17; At 9,31.

m. A oitava das 24 classes sacerdotais (1Cr 24,10).

n. [Preferimos usar a forma *Elisabete*, igual ao original grego, à forma popular *Isabel*, confundível com *Iezabel*/Izebel de 1Rs 16,31 etc. *Elisabete* corresponde ao hebr. *Elisheba*, mulher de Aarão.]

o. São verdadeiros fiéis do AT, observadores exemplares da lei e das práticas culturais.

p. Como as mães dos filhos milagrosos: Isaac (Gn 11,30), Jacó e Esaú (Gn 25,21), José e Benjamin (Gn 29,31), Sansão (Jz 13,2-3), Samuel (1Sm 1,5). Essa *esterilidade* é sempre considerada como um opróbrio (Gn 30,23; 1Sm 1,10; Is 4,1) e muitas vezes como um castigo (Lv 20,20-21; 2Sm 6,23).

q. Como Abraão e Sara (Gn 18,11).

r. Cada classe prestava o seu serviço no Templo durante uma semana.

s. Os editores do NT ligam as primeiras palavras deste versículo, ou ao que precede (o turno de serviço das classes), ou ao que se segue (o sorteio).

t. Esse rito se realizava de manhã e de tarde, no momento do sacrifício. Sendo os sacerdotes muito numerosos, era para eles uma honra muito rara poder exercer esta função.

u. Nome sagrado do povo de Deus (*laós*), particularmente freqüente em Lc (1,21.68.77; 2,10.32; 3,15.18.21...).

v. Esse lugar indica sem dúvida a dignidade do anjo (cf. Ez 10,3; Sl 110,1).

w. O altar de ouro de 1Rs 6,20-21; 7,48.

sobre ele⁴. ¹³Mas o anjo lhe disse: "Não temas⁵. Zacarias, pois a tua oração foi ouvida⁶. A tua mulher Elisabete dará à luz um filho para ti, e tu lhe darás o nome de João⁸. ¹⁴Terás por isso alegria e júbilo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento⁹. ¹⁵Pois ele será grande perante o Senhor¹⁰; não beberá, nem vinho, nem bebida fermentada¹¹, e será repleto do Espírito Santo desde o seio de sua mãe¹². ¹⁶Ele reconduzirá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus¹³; ¹⁷e ele mesmo caminhará à sua frente, sob os olhos de Deus¹⁴, com o espírito e o poder de Elias¹⁵, para *reconduzir o coração dos pais aos seus filhos*¹⁶ e conduzir os rebeldes a pensar como os justos, a fim de formar¹⁷ para o Senhor um povo *preparado*¹⁸". ¹⁹Zacarias disse ao anjo: "De que modo o saberei? Pois eu sou velho e minha mulher é avançada em idade". ¹⁹O

anjo lhe responde: "Eu sou Gabriel¹⁹ que permaneço diante de Deus". Fui enviado para te falar e te anunciar esta boa nova". ²⁰Pois bem, vais ficar reduzido ao silêncio e não poderás mais falar até o dia em que isto se realizar, porque não creste em minhas palavras, que se realizarão a seu tempo²⁰". ²¹O povo esperava Zacarias e se espantava de que ele demorasse no santuário²¹. ²²Quando saiu, ele não podia falar-lhes, e eles compreenderam que tivera uma visão no santuário; ele lhes fazia sinais e permanecia mudo. ²³Quando terminou o seu tempo de serviço²², ele voltou para casa. ²⁴Depois disso, Elisabete, sua mulher, ficou grávida; durante cinco meses, permaneceu escondida²³ e dizia de si para si: ²⁵"Eis o que o Senhor Gn 21,6 fez por mim no tempo em que lancei o olhar sobre mim, para pôr fim ao que me causava vergonha²⁴ diante dos homens".

x. Essa *perturbação* é muitas vezes notada no AT perante as aparições dos anjos (Jz 6,22; 13,20,22; Tg 12,16; Dn 8,17-18; 10,7-8,11,16). e, do mesmo modo, o *temor*, que é o pavor do homem diante do mistério cuja transcendência ele sente; Lc o assinalará ainda diante das revelações (2,9; 9,34), dos milagres (1,65; 5,26; 7,16; 8,25,35,37; 24,5,37; At 2,43) e das outras intervenções divinas (At 5,5,11; 19,17).

y. Palavra tranquilizadora usual nas aparições de Deus (Gn 15,1; 26,24; 46,3; Jz 6,23) e dos anjos (Gn 21,17; Tg 12,17; Dn 10,12,19).

z. Não obstante o resto do versículo, não era um filho que Zacarias pedia em sua oração (cf. a sua incredulidade nos vv. 18,20); essa oração que o sacerdote apresentava em nome do povo devia se referir antes à salvação messiânica.

a. Este anúncio retoma os termos dos anúncios de nascimento do AT, sobretudo os de Gn 17,19 (cf. Gn 16,11; Jz 13,3,5; Is 7,14). O nome de *João* significa: *O Senhor agracia*. O menino é o primeiro sinal do advento do messias.

b. Trata-se da *alegria* messiânica, notada ainda em 1,28,44,47; 2,10.

c. Do mesmo modo, Elias se mantinha *diante do Senhor* como um servo (1Rs 17,1; 18,15).

d. Prática dos nazireus (Nm 6,3-4), imposta igualmente a Sansão antes do seu nascimento (Jz 13,4,7,14). Ela anuncia o ascetismo de João Batista (Lc 7,33).

e. Várias personagens do AT são consagradas ao Senhor *antes de seu nascimento*: Sansão, Jeremias, o Servo do Senhor (Jz 13,5; 16,17; Jr 1,5; Is 49,1,5). Isso significa que elas são predestinadas à sua missão (cf. Gl 1,15). A vinda do Espírito sobre João será contada em 1,41-44.

f. João vai herdar a missão de conversão do seu antepassado Levi, tal qual a descreve Mt 2,6.

g. João será o *precursor* de Deus, anunciado em Mt 3,1,24 (cf. Lc 1,76 e 7,27 nota).

h. Segundo Mt 11,14 e 17,12-13, João Batista é *Elias*, esperado no fim dos tempos (Mt 3,23); Mc 9,13 também o supõe. Lc

evita toda identificação de João com Elias; é antes Jesus que ele compara com Elias (4,26; 7,12,15; 9,42,51,54,57,61-62; 22,43-45).

i. É a missão de Elias em Mt 3,24 e Jr 48,10.

j. Lit. *preparar*. Esta palavra, que Lc repete em 1,76 e 3,4 (com Mc 1,3) para descrever a missão de João, é tomada do oráculo de Is 40,3 sobre a vinda do Senhor.

k. Esse termo, diferente do que se acaba de traduzir por "formar", tem o mesmo sentido que ele. Ele toma a aparecer em 7,27 (com Mt 11,10) e Mc 1,2 e deve provir de uma adaptação do oráculo de Mt 3,1 sobre a vinda do anjo do Senhor.

l. Diversamente de Abraão (cf. Gn 15,8), Zacarias duvida (cf. v. 20): ele desejava um sinal.

m. *Gabriel* é, em Dn 8,16-17 e 9,21-27, o anunciador do tempo da salvação.

n. À semelhança dos mais altos funcionários da corte persa, únicos admitidos à presença do rei, *Gabriel* é um dos anjos superiores que podem penetrar junto à glória do Senhor (Tg 12,15).

o. O anúncio do nascimento de João é uma mensagem de Deus sobre a salvação, uma boa nova. Divergindo de Mc, que sempre emprega o substantivo *Evangelho* (cf. Mc 1,1 nota), Lc utiliza sempre, em seu primeiro livro, o *verbo* correspondente (2,10; 3,18; 4,18,43).

p. O *mutismo* imposto a Zacarias é o castigo de sua incredulidade, mas também o sinal que ele pedia para crer.

q. Poder-se-ia traduzir também: *ficava espantado enquanto ele demorava*. Segundo a tradição judaica, o sumo sacerdote não prolongava a sua oração no santuário "para não inquietar Israel".

r. Lit. "*quando se cumpriram os dias (de seu serviço)*", expressão do AT que Lc utiliza em 2,6,21,22 (cf. 9,51; At 2,1; 9,23).

s. Esta indicação quer dar a perceber que Maria só conhecerá a maternidade de Elisabete por revelação (v. 36).

t. Lit. *para tirar o meu opróbrio*. São as palavras de Raquel no nascimento de José (Gn 30,23).

Anúncio do nascimento de Jesus²⁴. ²⁴No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré²⁵, ²⁵a uma jovem²⁶, prometida em casamento²⁷ a um homem chamado José, da família²⁸ de David; e essa jovem se chamava Maria. ²⁹O anjo veio à presença dela e lhe disse: "Alegra-te²⁹, ó tu que tens o favor de Deus³⁰, o Senhor está contigo³¹". ³²A estas palavras, ela ficou grandemente perturbada³², e se perguntava o que podia significar esta salvação³³. ³⁴O anjo lhe disse: "Não temas, Maria, pois obtiveste graça junto a Deus.

³¹Eis que engravidarás e darás à luz um filho, e lhe darás o nome de Jesus³². Ele será grande³³ e será chamado filho do Altíssimo³⁴. O Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; ³⁵ele reinará para sempre sobre a família de Jacó³⁶, e o seu reino não terá fim". ³⁷Maria disse ao anjo: "Como se fará isso, visto que não tenho relações conjugais?". ³⁸O anjo lhe respondeu: "O Espírito Santo virá sobre ti³⁹ e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; e por isso aquele que vai nascer será santo⁴⁰ e será chamado Filho de Deus⁴¹". ⁴²E

2Sm 7,16;

Is 9,6

Is 9,6

Mt 1,20

u. Esta narração, do mesmo gênero que a precedente, com a qual ela apresenta um estrito paralelismo, situa-se na obscuridade de Nazaré. A missão de Jesus é descrita primeiramente como a do Messias tradicional, com os oráculos de Is 7,14; 9,6 e 2Sm 7,14.16 (vv. 31-33), depois como o do Filho de Deus por excelência (v. 35; cf. Rm 1,4). A concepção virginal é o sinal desta filiação única e misteriosa. A superioridade de Jesus sobre João é constantemente frisada pelo paralelo com a narração precedente, e, do mesmo modo, a fé refletida de Maria em contraste com a incredulidade de Zacarias.

v. *Nazaré*, desconhecida do AT, é um lugarejo insignificante (cf. Jo 1,46). Lc a chama de *cidade*, como as outras aldeias de Belém (2,4), Cafarnaum (4,31), Naim (7,11).

w. A palavra grega *parthenos* pode designar qualquer moça (cf. Mt 25,1-13) implicitamente considerada como virgem. Que Maria era virgem fica explicitado na continuação do texto (v. 34), tirando toda ambigüidade a respeito de seu casamento (cf. nota seguinte).

x. Muitas vezes se traduziu por *noiva*. Na realidade, Maria é legalmente *casada* com José (cf. o emprego do mesmo termo em 2,5), mas eles não levam ainda vida em comum (cf. 1,34 nota). O costume judaico prevê, com efeito, um prazo de espera antes que o esposo introduza a sua esposa em casa (cf. Mt 25,1-13).

y. Lit. *casa*.

z. Neste contexto, este imperativo não é a saudação banal do mundo grego. Fazendo talvez eco aos anúncios de salvação à filha de Sião (Sf 3,14; Zc 9,9) ele expressa a alegria da Boa Nova (cf. 1,14 nota).

a. Lit. *favorecida*. Este termo se apresenta como um nome dado a Maria. Ele só se encontra na Bíblia em Sr 18,17 e em Ef 1,6; o termo é aparentado com a palavra *graça*, que, no AT grego, primeiro o favor do rei (1Sm 16,22; 2Sm 14,22; 16,4; 1Rs 11,19; Est 2,17; 5,8; 7,3; 8,5...), depois o amor do bem-amado (Ct 8,10; Est 2,17; 5,8; 7,3; 8,5) (cf. v.30).

b. Essas palavras aparecem muitas vezes nas narrações de vocação (Ex 3,12; Jz 6,12; Jr 1,8.19; 15,20; cf. Gn 26,24; 28,15). Um certo número de testemunhas acrescenta aqui uma parte da bênção do v. 42.

c. O verbo é mais forte do que o empregado para Zacarias em 1,12, pois a saudação do anjo deixa Maria entrever uma vocação singular.

d. Lc não diz que Maria foi tomada de temor, como Zacarias em 1,12; mas ele a mostra entretida em refletir sobre a mensagem do anjo (cf. 1,34 e 2,19). Ela procura penetrar o mistério dessa revelação inesperada.

e. Como em 1,13, o anjo reproduz os oráculos de nascimento do AT. Aqui, o texto mais próximo é Is 7,14 (cf. Mt 1,23). O nome de *Jesus* não é explicado aqui como em Mt 1,21 (*Deus salva*), mas Jesus será dito Salvador em 2,11 (cf. 1,69.71.77; 2,30; 3,6).

f. A diferença de João Batista (1,15). Jesus é *grande* de maneira absoluta.

g. Em contraste com 1,35, o título de *Filho* (de Deus) é aqui o epíteto clássico do rei filho de David (2Sm 7,14; Sl 2,7; 89,27). O nome do *Altíssimo*, usual para Deus no helenismo e no AT grego, só é empregado no NT por Lc (1,35.76; 6,35; 8,28; At 7,48; 16,17) com Mc 5,7 e Hb 7,1.

h. Esse messianismo nacional será ultrapassado em 2,32.

i. Como Zacarias em 1,18, Maria faz uma pergunta. Mas, enquanto a pergunta de Zacarias manifestava a sua incredulidade (v. 20), a de Maria é acolhida pelo anjo como inspirada por uma fé que procura esclarecer-se (vv. 35-36; cf. v. 45). Na narrativa, esta pergunta serve para introduzir uma revelação mais completa do mistério de Jesus (v. 35).

j. Lit. *visto que eu não conheço homem*. Neste contexto, *conhecer* tem o sentido bíblico de ter relações conjugais (Gn 4,1.17.25; 19,8; 24,16...). Maria, que é casada com José, é ainda virgem (v. 27). O anjo lhe anuncia que ela vai ser mãe (v. 31). Ela compreende que isso vai ocorrer imediatamente, como em Jz 13,5.8. Ela objeta então que não tem relações conjugais com José, e a sua pergunta introduz a revelação do anjo. Supõe-se, às vezes, que a pergunta de Maria signifique: eu não quero conhecer homem; admite-se então nela a vontade de guardar a sua virgindade; mas o presente do verbo indica um estado, não uma vontade.

k. Pode-se notar o paralelismo e o contraste com 1,17 em que João é investido do espírito e do poder de Elias. Como no AT, o *Espírito* opera a obra criadora e vivificante de Deus (Gn 1,2; Sl 104,30) e também a investidura do Messias (Is 11,1-6).

l. Esta expressão assinala em Ex 40,35; Nm 9,18-22; 10,34 a presença eficaz de Deus junto a seu povo (cf. Lc 9,34). Tal linguagem bíblica é muito diferente da das teogonias pagãs, totalmente impregnada de erotismo.

m. *Santo*: este termo, que frisa o fato de Jesus pertencer exclusivamente a Deus, é uma das mais antigas expressões da sua divindade (At 3,14; 4,27-30; cf. Lc 4,34).

n. Pode-se traduzir também: *aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus*. O título de *Filho de Deus* é para Lucas, como para o AT, uma designação do Messias (cf. Lc 4,34 e 41; At 9,20 e 22); mas Lc também faz desse título a expressão

eis que Elisabete, tua parenta, está também para dar à luz um filho em sua velhice e já está em seu sexto mês, ela que era chamada estéril, ³⁷pois *nada é impossível a Deus*". ³⁸Maria disse então: "Eu sou a serva do Senhor". Aconteça-me segundo a tua palavra!" E o anjo a deixou.

Visita de Maria a Elisabete. ³⁹Naquele tempo, Maria partiu às pressas, rumo à região montanhosa, para uma cidade de Judá. ⁴⁰Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Elisabete. ⁴¹Ora, quando Elisabete ouviu a saudação de Maria, a criança pulou em seu seio e Elisabete ficou repleta do Espírito Santo. ⁴²Ela deu um grande grito e disse: "Tu és bendita mais do que todas as mulheres; bendito é também o fruto do teu ventre! ⁴³Como me é dado que venha a mim a mãe do meu Senhor? ⁴⁴Pois quando a tua saudação ressoou aos meus ouvidos, eis que a criança saltou de alegria em meu seio. ⁴⁵Bendita aquela que creu: o que lhe foi dito da parte do Senhor se cumprirá!" ⁴⁶Então Maria disse:

Minha alma exalta o Senhor

⁴⁷e meu espírito se encheu de júbilo por causa de Deus, meu Salvador,

⁴⁸porque ele pôs os olhos sobre a sua humilde serva.

Sim, doravante todas as gerações me proclamarão bem-aventurada,

⁴⁹porque o Todo-poderoso fez por mim grandes coisas: santo é o seu Nome.

⁵⁰A sua bondade se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.

⁵¹Ele interveio com toda a força do seu braço;

dispersou os homens de pensamento orgulhoso;

⁵²precipitou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes;

⁵³os famintos, ele os cobriu de bens e os ricos, despediu-os de mãos vazias.

⁵⁴Veio em socorro de Israel, seu servo lembrado de sua bondade,

⁵⁵como dissera aos nossos pais em favor de Abraão e da sua descendência, para sempre."

⁵⁶Maria permaneceu com Elisabete cerca de três meses, voltando depois para a sua casa".

Nascimento e circuncisão de João Batista. ⁵⁷Chegou para Elisabete o termo

1Sm 2,1;
Sl 34,4; 69,31
1Sm 2,1;
Hab 3,18;
Sl 9,15;
13,6; 31,8;
35,9

1,25
1,38;
1Sm 1,11;
Sl 31,8;
Sl 11,12
1,45;
Gn 30,13
1,32;
Dt 10,21;
Sl 71,19
1Sm 2,2;
Sl 111,9;
Is 57,15
Sl 61,6,7;
100,5
103,17

Sl 89,11

Sl 10,14;
Jô 12,19
1Sm 2,8;
Ez 21,31;
Sl 113,7
1Sm 2,5;
Sl 107,9;
34,11
Is 41,8-9
Sl 98,3;
25,6
Mq 7,20;
Sl 18,51

por excelência da relação misteriosa que une Jesus a Deus: em seu evangelho, ele nunca o põe nos lábios dos homens (como fazem Mt 14,33; 16,16; 27,40.43.54; Mc 15,39), mas somente nos lábios do Pai (3,22; 9,35), de um anjo (aquí), dos espíritos diabólicos (4,3.9.41; 8,28) e de Jesus (10,22; cf. 20,13). No término da mensagem de Gabriel, *Filho de Deus* enfatiza o título *filho do Altíssimo* do v. 32 e ressalta a nova plenitude da filiação divina de Jesus (cf. 22,70 nota).

o. Lit. *da parte de Deus*. Fm Gn 18,14, esta frase comenta a concepção milagrosa de Isaac.

p. Lit. *Eis a serva* (cf. Rt 3,9; 1Sm 25,41). Antes que de humildade, trata-se aqui de fé (v. 45) e de amor, pois ser o servo de Deus é, na Bíblia, um título de glória.

q. Lit. *Que aconteceu para mim segundo a tua palavra*.

r. O encontro das duas mães é, na realidade, o encontro dos dois filhos, a cuja missão elas servem. João Batista recebe o Espírito anunciado em 1,15; ele inaugura a sua missão, estreitando diante do Messias secretamente presente em Maria. Sua mãe Elisabete lhe serve como que de intérprete (v. 43). Sobre o cântico de Maria, cf. v. 46 nota.

s. Esse termo talvez designe um dos onze cânticos da Judéia.

t. O título de *Senhor* é um nome do Messias (cf. 2,11 nota).

u. Pode-se traduzir também: *aquela que creu que haverá um cumprimento daquilo que lhe foi dito*. Em contraste com Zacarias (1,20), Maria é a crente.

v. Algumas testemunhas trazem: *Elisabete*. Talvez o texto original não mencionasse a mulher que pronuncia esse salmo.

w. O salmo seguinte, em forma tradicional de ação de graças, emprega, de ponta a ponta, a linguagem do AT. Alguns pensam que ele nasceu na liturgia cristã palestinese; Lc lhe teria então acrescentado o v. 48, para colocá-lo nos lábios de Maria (cf. vv. 38.45). Seja como for, em seu lugar atual e sob a sua forma atual, este hino canta a gratidão pessoal da mãe de Jesus (vv. 46-50), depois a de todo o povo de Deus (vv. 51-55), pelo cumprimento das promessas da Aliança. Diversas hipóteses foram propostas quanto à distribuição do texto em versos e estrofes.

x. Lit. *Ele fez força com seu braço* (cf. Sl 118,15-16). Trata-se de uma intervenção do poder de Deus em favor dos humildes.

y. Lit. *Os orgulhosos pelo pensamento dos seus corações*.

z. O AT nota muitas vezes que Deus se lembra (Gn 8,1; 9,15; Ex 2,24...) para dizer que ele é fiel à sua promessa e a executa. Cf. Lc 1,72.

a. Os três meses de permanência de Maria se estendem até o nascimento de João (cf. 1,36), e Maria pode ter estado presente a este acontecimento. Mas Lc indica aqui a sua partida para concluir a narração, da mesma maneira que contará paradoxalmente a prisão de João antes do batismo de Jesus (3,20): ele destaca assim a distinção das cenas e separa o tempo de João do tempo de Jesus (cf. 1,80, onde ele termina falando da juventude de João, antes de voltar ao nascimento de Jesus).

b. A narração que segue centra-se na revelação maravilhosa do nome de João. Ele se prende, portanto, menos ao nascimento do menino que à sua circuncisão. O acontecimento que se passa na alegria de uma vasta reunião tem larga publicidade.

da sua gestação e ela deu à luz um filho.
 50 Os seus vizinhos e parentes souberam que o Senhor a cumulava com a sua bondade e se alegravam com ela.

51 Ora, no oitavo dia^c, vieram para a circuncisão da criança e queriam pôr-lhe^d o nome do pai, Zacarias^e. 52 Então, a sua mãe tomou a palavra: "Não, disse ela, ele se chamará João^f". 53 Eles lhe disseram: "Não há ninguém em tua parentela que tenha esse nome". 54 E faziam sinais^g ao pai para saber como queriam que o chamassem^h. 55 Ele pediu uma tabuazinha e escreveu estas palavras: "Joãoⁱ é o seu nome"; e todos ficaram espantados^j. 56 No mesmo instante, a sua boca e a sua língua se desataram^k e ele falava bendizendo a Deus. 57 Então, o temor^l se apoderou de todos os que habitavam nas redondezas; e na região montanhosa de toda a Judéia se falava de todos esses acontecimentos^m.

58 Todos os que os souberam os guardaram em seu coraçãoⁿ; eles diziam entre si: "Que vai ser este menino?" E, de fato, a mão do Senhor estava com ele^o.

Salmo profético de Zacarias^a. 59 Zacarias, seu pai, ficou repleto do Espírito Santo e profetizou dizendo:

60 "Bendito seja o Senhor^b, Deus de Israel^c, porque visitou^d o seu povo e realizou a sua libertação^e."

61 e nos suscitou^f uma força^g de salvação na família de David^h, seu servo. SI 18,3
SI 132,17

62 É o que ele anunciara pela boca dos seus santosⁱ profetas de outrora^j:

63 uma salvação que nos liberta dos nossos inimigos SI 106,10
 e da mão de todos os que nos odeiam.

64 Ele mostrou^a a sua bondade para com os nossos pais Mq 7,20
Ex 2,24;
Lv 26,42;
SI 106,45;
111,5
 e se lembrou^b da sua aliança santa.

c. Data legal da circuncisão, segundo Gn 17,12; Lv 12,3 (cf. Fl 3,5).

d. No AT o nome é dado ao nascer (Gn 4,1; 21,3; 25,25-26...). Aqui aparece o costume do helenismo e do judaísmo mais recente.

e. Raramente atribui-se a uma criança o nome do seu pai, mais vezes o nome do seu avô. Esse traço poderia sugerir a idade avançada de Zacarias.

f. Os vv. 61-63 indicam que ela não soube desse nome por seu marido. O seu acordo com ele sobre esse nome aparece como inspirado. É um sinal.

g. Zacarias, portanto, ficou também surdo.

h. No AT, o nome é dado à criança ora pela mãe (Gn 29,32-35; 30,6,24; 35,18; Jz 13,24; 1Sm 1,20; 4,21; 2Sm 12,24...), ora pelo pai (Gn 16,15; 17,19; 35,18; 2,22...). Aqui o pai confirma o nome enunciado pela mãe (v. 60) em obediência ao anjo do Senhor (1,13). Compare, em relação a Jesus, 1,31 e 2,21.

i. Lit. *dizendo*.

j. Zacarias obedece à ordem do anjo (1,13), e manifesta assim a sua fé.

k. O acordo inesperado entre Zacarias e Elisabete sobre o nome insólito da criança é percebido como uma intervenção de Deus. O *espanto* é a reação habitual diante dos milagres (8,25,56; 9,43; 11,14; At 3,10) e das outras manifestações divinas (24,12,41; At 2,7).

l. Lit. *a sua boca foi aberta como também a sua língua*.

m. Cf. 1,12 nota.

n. Lit. *estas palavras*. Nas línguas semíticas, o termo *palavra* pode ser empregado para expressar um acontecimento portador de sentido (cf. 2,15,19,51; At 5,32; 10,37; cf. também At 10,22 nota).

o. Na Bíblia, o *coração* é a sede de toda a vida íntima do homem: seu pensamento, sua memória, seus sentimentos, suas decisões (cf. 2,19,35,51... e sobretudo 21,14).

p. Esta expressão de Lc (cf. At 11,21) se inspira no AT, que exprime assim a proteção de Deus sobre os seus fiéis (SI 80,18; 139,5) e a sua ação sobre os seus profetas (1Rs 18,46; 2Rs 3,15;

Ez 1,3; 3,14,22; 8,1...). Ela significa, aqui, que João é o objeto do favor divino. Segundo alguns, a última frase do v. pertence às reflexões de pessoas que comentam o nascimento miraculoso do Batista.

q. Este salmo, análogo ao de Maria em 1,46-55 e mais difícil ainda de repartir em versos e em estrofes, é uma ação de graças pela salvação messiânica (vv. 68,78-79); ele pode provir da comunidade palestinese. Lc o emprega em paralelismo com os oráculos de Simeão e de Ana sobre a missão de Jesus (2,29-32,34-35,38), indicando nele a missão de João (vv. 76-77).

r. Esta palavra falta em algumas testemunhas antigas.

s. Fórmula tradicional de bênção no AT (Gn 9,26; 14,20; 24,27; Ez 18,10; 1Sm 25,32; 1Rs 1,48; 8,15... Cf. as conclusões acrescentadas ao SI 41,14; 72,18; 89,32; 106,48) e no NT (2Cor 1,3; Ef 1,3; 1Pd 1,3).

t. O AT fala muitas vezes da *visita* de Deus, para expressar as intervenções de sua graça (Gn 21,1; 50,24-25; Ex 3,16; Jr 29,10; SI 65,10; 80,15; 106,4) ou de um castigo (Ex 32,34; Is 10,12; Ez 23,21; 34,11-12; SI 59,6; 89,33). Lc é o único evangelista a empregar essa imagem (1,78; 7,16; 19,44; cf. At 15,14).

u. Termo tradicional no AT grego para expressar a salvação do povo de Deus (SI 111,9; 130,7-8; Is 63,4). Lc o emprega várias vezes (2,38; cf. 21,28; 24,21).

v. Este termo bíblico pode ter sido interpretado como uma alusão à ressurreição de Jesus. Cf. 7,14 nota.

w. Lit. *um chifre de salvação*. No AT o chifre é o símbolo da força (cf. 1Sm 2,10; SI 89,25; 132,17).

x. Aqui aparece claramente o alcance messiânico do salmo.

y. Este epíteto, raro entre os profetas, é reencontrado em At 3,21 e em 2Pd 3,2.

z. A ordem das palavras desta frase varia segundo as testemunhas.

a. Em gr. esta frase é uma subordinada que se pode ligar, quer a *ele visitou* (v. 68), quer, de preferência, a *uma salvação* (v. 71). Ela exprime tanto a finalidade da ação divina (*a fim de mostrar*) como, mais provavelmente, o seu resultado (*assim ele mostrou*).

b. Cf. v. 54 nota.

Gn 17,7; 22,16; Sl 105,8-10; Mq 7,20; Mq 4,10; Sl 97,10

⁷³ do juramento que fizera a Abraão, nosso pai:

Mq 7,20 ele nos concederia,

Mq 4,10; Sl 97,10 ⁷⁴ após ter-nos arrancado das mãos dos nossos inimigos,

render-lhe sem temor o nosso culto

Jz 24,14 ⁷⁵ na piedade e na justiça^c sob o seu olhar, ao longo dos nossos dias.

⁷⁶ E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,

pois caminharás à frente, sob o olhar do Senhor, para preparar os seus caminhos^d,

⁷⁷ para dar ao seu povo o conhecimento da salvação por meio do perdão dos pecados^e.

⁷⁸ É o efeito da bondade profunda do nosso Deus^f:

graças a ela nos visitou^g o astro nascente^h vindo do alto.

⁷⁹ Ele apareceu aos que se acham nas trevas e na sombra da morteⁱ, a fim de guiar os nossos passos no caminho da paz^j!"

Sl 107,10

Is 59,8

c. A *piedade* é aqui a santidade; a *justiça* é a retidão, a fidelidade. d. Lc reproduz aqui as referências proféticas que apresentou em 1,17.

e. Cf. o papel de João em 3,3.

f. Lit. *pelos entranhas de bondade de nosso Deus*. A imagem é clássica no AT (Is 54,7; 63,7.15; Jr 31,20; Zc 1,16; Sl 79,8; 119,77; 145,9), mas o AT grego nunca a aplica a Deus.

g. Um número importante de manuscritos antigos traz: *visitará*. O sentido passado é recomendado pelo paralelismo com o v. 68 e pelos pretéritos passados dos vv. 68-69.

h. Este termo significa, ao mesmo tempo, o *despontar de um astro*, e o *brotar de uma planta*: o AT o emprega para anunciar o descendente de David (Jr 23,5; Zc 3,8; 6,12) e usa o verbo correspondente para exprimir o despontar do astro messiânico (Nm 24,17; cf. Mt 3,20). O salmo deve visar a estes dois sentidos, mas sobretudo ao segundo, muito popular então no judaísmo (cf. Mt 2,22).

i. Cf. o emprego desses termos no anúncio messiânico de Is 9,1.

j. Na Bíblia, a *paz* é plenitude de vida: ela é o dom messiânico por excelência (Is 9,5-6; Mq 5,4). Lc insiste neste tema: 2,14.29; 7,50; 8,48; 10,5-6; 11,21; 12,51; 14,32; 19,38.42; 24,36.

k. Esta notícia retoma os termos das narrativas da infância de Isaac e de Ismael (Gn 21,8.20), de Sansão (Jz 13,24-25), de Samuel (1Sm 2,21.26; 3,19).

l. *Lit. e se fortificava em espírito*. Alguns compreenderam: *sob a ação do Espírito* (cf. Jz 13,25); mas como esta última palavra não tem artigo, ela deve designar o espírito do menino, não o espírito de Deus.

m. Este traço já prefigura a atividade ulterior de João (3,2.4; 7,24).

n. A cena corresponde à de 1,57-66 referente a João Batista. Ela insiste menos na circuncisão e no nome da criança, mais no

Juventude de João Batista^k. ⁸⁰Quanto ao menino, ele crescia e o seu espírito se fortalecia^l; e esteve nos desertos^m até o dia da sua manifestação a Israel.

2 Nascimento e circuncisão de Jesusⁿ.

¹Ora, naquele tempo, foi publicado um edito de César Augusto^o, mandando recensear o mundo inteiro^p. ²Esse primeiro recenseamento teve lugar na época em que Quirino era governador da Síria^q. ³Todos iam se fazer recensear, cada qual em sua própria cidade^r; ⁴José também subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, à cidade de David, que se chama Belém^s, na Judéia, porque era da família e da descendência de David, ⁵para se fazer recensear com Maria, sua esposa^t, que estava grávida.

⁶Ora, enquanto lá estavam, chegou o ^{1.57} dia em que ela devia dar à luz; ⁷ela deu à luz o seu filho primogênito^u, envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles^v na sala dos hóspedes^w.

seu nascimento. Ao contrário de João, que nasce no conforto de uma casa sacerdotal, rodeado por um largo círculo de parentes e de amigos, Jesus nasce entre as incertezas de uma viagem, em um abrigo miserável, e só tem pastores para o acolher. Mas os anjos proclamam o mistério do Salvador, Cristo Senhor, a glória que ele dá a Deus e a paz que traz aos homens.

o. Imperador de 29 a.C. a 14 d.C.

p. Lit. *a terra habitada*. Mas Augusto só pode recensear o Império Romano. Sabe-se por diversos documentos que ele mandou recensear várias províncias do império.

q. Publius Sulpicius Quirinius é conhecido na história como o governador da Síria que efetuou o *recenseamento* da Palestina no ano 6 d.C., dez anos após a morte de Herodes Magno (que se deve ter seguido ao nascimento de Jesus segundo Mt 2,19; cf. Lc 1,5). Ele estava encarregado da política romana no oriente próximo desde 12 a.C. Teria ele começado as operações do recenseamento da Palestina antes da morte de Herodes Magno? Teria Lc antecipado o recenseamento ulterior? Os dados atuais não permitem julgar.

r. Alguns documentos atestam que a administração romana usou este modo de proceder para o recenseamento do Egito.

s. No AT, a *cidade de David* é sempre Jerusalém (2Sm 5,7.9; 6,10.12; Is 22,9). A atribuição desse título a *Belém*, próprio de Lc, parece dever-se à interpretação de Mq 5,1 (cf. Mt 2,6; 1Sm 16,1).

t. O termo grego é o mesmo que em 1,27 (cf. nota).

u. Este epíteto visa sem dúvida preparar a aplicação a Jesus da lei de Ex 13,2.12.15 (cf. Lc 2,23). Lc pensa talvez no título cristológico de Rm 8,29; Cl 1,15.18; Hb 1,6; Ap 1,5.

v. Vários manuscritos antigos não têm estas duas palavras. Alguns trazem *para ele ou para ela*.

w. Esta palavra foi muitas vezes traduzida por *hospedaria*, mas Lc emprega para esta um outro termo (10,34). O que ele emprega

⁸Havia na mesma região pastores⁸, que viviam nos campos e montavam guarda durante a noite junto a seu rebanho. ⁹Um anjo do Senhor se apresentou diante deles, a glória do Senhor⁹ os envolveu de luz e eles ficaram tomados de grande 1.65 temor. ¹⁰O anjo lhes disse: "Não tenhais medo, pois eis que eu venho anunciar-vos uma boa nova, que será uma grande alegria para todo o povo: ¹¹Nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador¹¹, que é o Cristo Senhor¹²; ¹²e eis o sinal que vos é dado: achareis um recém-nascido envolto em faixas e deitado numa manjedoura". ¹³De repente, apareceu uma multidão da milícia celeste que cantava os louvores de Deus e dizia:

1Rs 22,19;
Sl 148,2

¹⁴"Glória a Deus no mais alto dos céus¹⁴ e sobre a terra paz¹⁵ para os seus bem-amados¹⁶".

¹⁵Ora, quando os anjos os deixaram, indo para o céu, os pastores disseram entre si: "Vamos, pois, até Belém e ve-

jamos o que aconteceu¹⁷, o que o Senhor nos deu a conhecer". ¹⁶Eles foram para lá apressadamente e encontraram Maria, José e o recém-nascido, deitado na manjedoura. ¹⁷Depois de ter visto, deram a conhecer o que lhes tinha sido dito a respeito deste menino. ¹⁸E todos os que os ouviram ficaram espantados¹⁸ com o que lhes diziam os pastores. ¹⁹Quanto a Maria, ela retinha todos esses acontecimentos¹⁹, procurando-lhes o sentido²⁰. ²⁰Depois, os pastores voltaram, cantando a glória e os louvores de Deus²¹ por tudo o que tinham ouvido e visto, segundo o que lhes fora anunciado. ²¹Oito dias mais tarde, quando chegou o momento da circuncisão do menino²², chamaram-no com o nome de Jesus, como o anjo o chamara antes de sua concepção²³.

Gn 17,12;
Lv 12,3
1,59
1,63
1,31

Apresentação de Jesus ao Templo. Profecias de Simeão e de Ana¹. ²²Depois, quando veio o dia em que, segundo

aqui designa em 22,11 a sala da última ceia. No presente contexto, trata-se ou da sala de um caravaneiro (este comportava normalmente uma estabulação) ou da sala-de-estar de uma habitação (cf. Mt 2,11). A tradição da gruta aparece no séc. II (Justino).

x. Os pastores eram, nesse tempo, malvistas em Israel, porque viviam à margem da comunidade praticante. São gente humilde, são pobres.

y. A glória do Senhor designa comumente na Bíblia a manifestação visível do mistério divino (cf. Rm 3,23 nota). Lc atribui a Jesus na sua volta no fim dos tempos (9,26; 21,27), também já na Páscoa (24,26) e até na Transfiguração (9,32).

z. O AT grego reserva, o mais das vezes, o título de Salvador a Deus (Dt 32,15; 1Sm 10,19; Sl 24,5; 27,1.9; 62,2.7; 65,6; 79,9; 95,1... Cf. Lc 1,47; 1Tm 1,1 nota); e o dá às vezes aos juízes de Israel (Jz 3,9.15; 12,3; Ne 9,27). Os evangelistas só o dão a Jesus aqui e em Jo 4,42 (mas eles dizem que Jesus salva os doentes: Mc 3,4; 5,23.28.34; 6,56; 10,52; 15,31 e par.). No resto do NT, Jesus é chamado de Salvador em At 5,31; 13,23; Ef 5,23; Fl 3,20; 2Tm 1,10; Tt 1,4; 2,13; 3,6; 2Pd 1,1.11; 2,20; 3,18; 1Jo 4,14. Este título parece ter sido usado sobretudo nas comunidades do mundo grego.

a. Alguns mss. antigos têm: O Senhor Cristo ou o Cristo do Senhor. Esta última fórmula é usual no AT e no judaísmo e torna a encontrar-se em Lc 2,26. Mas o Cristo Senhor já se acha no grego de Lm 4,20 e em Sl de Salomão 17,36, e Paulo menciona muitas vezes o Senhor Jesus Cristo e nosso Senhor Jesus Cristo. Com este título, que lhe é próprio nos evangelhos, Lc indica que Jesus é o Messias e sugere o caráter divino de seu senhorio régio (cf. At 2,36).

b. Os anjos dão glória a Deus (Sl 148,1) por ocasião da salvação que ele concede em Jesus.

c. O nascimento de Jesus é o penhor da paz messiânica (Is 9,5-6; 52,7; 57,19; Mq 5,4; cf. Ef 2,14-17); cf. Lc 7,79 nota.

d. Lit. para os homens (objetos) da (sua) benevolência. Um bom número de mss. antigos têm: sobre a terra, paz, para os homens, benevolência; mas é mais normal dividir este cântico em dois termos (céu e terra), sem opor a terra aos homens. A fórmula os homens que são objeto da benevolência divina encontra-se também nos textos de Qumran, nos quais designa os privilegiados de Deus. O sentido que Lc pretende dar a estas palavras não é claro; ou pensa no povo eleito como no v. 10, ou sua perspectiva é universalista e são todos os homens objeto da benevolência, como em 3,6.

e. Lit. vejamos essa palavra que aconteceu (cf. 1,65 nota).

f. Alguns traduzem: maravilhosos.

g. Alguns traduzem: "estas palavras". É preferível guardar o paralelismo com Lc 1,65 (cf. 2,51). Em Gn 37,11 e Dn 7,28, uma fórmula análoga indica que o depositário da revelação guarda esta revelação para o futuro. Aqui Lc quer destacar a reflexão de Maria sobre os fatos, cujo sentido só será manifestado na revelação pascal.

h. Lit. interpretando-os no seu coração. O verbo traduzido por procurar o sentido é termo técnico para a interpretação de oráculos, no grego helenístico. Para coração, cf. 1,66 nota.

i. Lc nota muitas vezes, após as manifestações divinas e, sobretudo, após os milagres, que os assistentes dão glória a Deus (5,25.26; 7,16; 13,13; 17,15.18; 18,43; At 4,21) e lhe dirigem o seu louvor (18,43; 19,37; At 3,8.9).

j. Lit. quando foram cumpridos oito dias para o circuncidar.

k. Lit. antes que ele seja concebido no seio.

l. Os oráculos de Simeão sobre Jesus correspondem ao de Zacarias sobre o seu filho (1,67-79), mas eles estão engastados em uma narração que mostra a fidelidade dos pais de Jesus à lei. Último profeta do AT com Zacarias, Simeão saudou o advento do Salvador e desvenda aos seus pais alguns traços novos da sua missão.

a lei de Moisés, deviam ser purificados^m, eles o conduziram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhorⁿ 23 — como está escrito na lei do Senhor: *Todo menino primogênito será consagrado ao Senhor*^o — 24 e para oferecer em sacrifício, segundo o que está dito na lei do Senhor, *um par de rolas ou dois pombinhos*^p.

25 Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem era justo e piedoso; esperava a consolação de Israel^q e o Espírito Santo estava sobre ele^r.

26 Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte sem ter visto o Cristo do Senhor^s. 27 Ele veio então ao Templo, impellido pelo Espírito: e quando os pais^t do menino Jesus o conduziram para fazer o que a lei prescrevia a seu respeito, 28 ele o tomou nos braços e bendisse a Deus nestes termos^u:

29 “Agora despedes o teu servo, Soberano, em paz, conforme tua palavra^v.”

Is 40,5 30 Pois os meus olhos viram a tua salvação^w

31 que preparaste em face de todos os povos:

32 luz para a revelação aos pagãos^x e glória de Israel, teu povo^y.”

33 O pai e a mãe do menino estavam admirados^z do que se dizia dele. 34 Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe^{aa}: “Ele está aí para a queda e o soerguimento de muitos em Israel^q e para ser um sinal contestado^b 35 — a ti mesma, uma espada te transpassará a alma^c —; assim serão reveladas as contradições de muitos corações^{dd}.”

36 Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Ela era muito avançada em idade: depois de ter vivido sete anos com o seu marido^e, 37 ficara viúva e tinha atingido a idade de oitenta e quatro anos. Ela não se afastava do Templo^f, participando do culto, noite e dia^g, com jejuns e orações. 38 Chegando no mesmo momento, ela se pôs a celebrar a Deus e a falar do menino a

Is 52,10

Is 42,6;

49,6

Is 45,25;

46,13

m. Lit. *quando foram cumpridos os dias da purificação deles*. Alguns mss. antigos têm: *a purificação dele* ou *dela*. Na realidade, a lei de Lv 12,1-8 só concerne à mãe (daí a segunda variante).

n. Essa *apresentação* do menino no Templo não é requerida pela lei. Relatando-a, Lc quer indicar o zelo com que os pais de Jesus cumprem a tarefa que Deus lhes confiou. (Ele não relata a apresentação de João Batista no Templo.)

o. Lit. *Todo macho abrindo o seio será chamado santo para o Senhor*. Esta lei (Ex 13,2.12.15) comporta o resgate do primogênito (Ex 13,13; 34,20) que se realizava pelo pagamento da soma de cinco siclos durante o mês que se seguia ao nascimento (Nm 18,15-16). Lc nada diz deste resgate de Jesus, mas o seu texto conserva um eco disto no v. 39.

p. É a oferta dos pobres para a purificação da mãe (Lv 12,8).

q. Desde Is 40,1; 51,12; 61,2, essas palavras designam a salvação de Israel.

r. Segundo a linguagem do AT (Nm 11,17.25.29; 2Rs 2,15; Is 11,12; 42,1; 61,1; Ez 11,5), esta expressão significa que Simeão é profeta.

s. Título messiânico tradicional no AT grego (1Sm 24,7.11; 26,9.11.16.23; 2Sm 1,14.16...), à diferença de *Cristo Senhor* (cf. 2,11 nota).

t. Lc, que salientou fortemente a concepção virginal de Jesus, não hesita em falar dos *seus pais* (cf. vv. 41.43) e mesmo do *seu pai* (vv. 33.48). Os copistas substituíram muitas vezes esses termos por *Maria e José*, para indicar que Jesus não tem senão um pai, que está no céu.

u. O oráculo dos vv. 29-32 corresponde ao salmo de Zacarias sobre João em Lc 1,67-79; mas, em vez de se inspirar nos salmos, ele tira os seus termos da segunda parte do livro de Isaias. Ele proclama a salvação concedida em Jesus.

v. Simeão constata que a promessa de Deus está cumprida (v. 26) e acolhe a morte com alegria. **[Soberano = despota.]*

w. Cf. Lc 1,69.71.77; 3,6.

x. A salvação dos pagãos é anunciada aqui pela primeira vez na obra de Lucas. Ela só será claramente proclamada a partir da revelação pascal (Lc 24,47).

y. Ou *maravilhados*. Lc está empenhado em mostrar que após as revelações iniciais de 1,31-35 e 2,11.14 os pais de Jesus ainda não penetraram todo o seu mistério.

z. O oráculo é reservado a Maria, quer porque José terá desaparecido antes de sua realização, quer porque Lc conhece a tradição de Jo 19,25.

aa. Cf. Is 8,14 e 28,16; Lc 20,17.18.

b. Jesus é um *sinal*. Ele não se impõe, mas deve ser acolhido livremente na fé. Na realidade, uma parte importante de Israel o recusará (At 28,26-28).

c. Aqui como em 1,46 e muitos outros textos, a alma representa a pessoa. — Inserida como parêntese, esta ameaça obscura, cuja formulação se inspira sem dúvida em Ez 14,17, deve ser compreendida segundo o seu contexto: Israel vai se dividir diante de Jesus; e Maria será dilacerada por esse drama. Outros vêem aqui um anúncio da paixão (cf. Jo 19,25).

d. Jesus denunciara muitas vezes a incredulidade profunda de seus ouvintes mais devotos, os seus *raciocínios* (5,22; 6,8; 9,47; 24,38). A sua missão terá como resultado *manifestar os segredos dos corações* (Mc 7,6-8; Lc 16,15; At 1,24; 15,8).

e. Lit. *tendo vivido com um marido sete anos a partir de sua virgindade*.

f. É o ideal do perfeito israelita (Sl 23,6; 26,8; 27,4; 84,5.11). g. Cf. At 26,7. Lc gosta de acentuar a constância no serviço e na oração (cf. Lc 18,7; At 20,31) e a atribui aqui a Ana, contrariamente ao costume judaico conforme o qual as mulheres não deviam ser admitidas à noite no recinto do Templo.

todos os que esperavam a libertação^b de Jerusalém^c.

³⁹Quando cumpriram tudo o que prescrevia a lei do Senhor, eles voltaram para a Galiléia, para a cidade de Nazaré.

Juventude de Jesus^d. ⁴⁰Quanto ao menino, ele crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria^e, e o favor de Deus estava com ele^f.

Primeiras palavras de Jesus no templo^g. ⁴¹Os seus pais iam cada ano a Jerusalém para a festa da Páscoa^h. ⁴²Quando ele fez doze anosⁱ, tendo eles subido para lá segundo o costume da festa, ⁴³e quando no fim dos dias de festa eles voltaram, o menino Jesus ficou em Jerusalém sem que os seus pais se apercebessem. ⁴⁴Pensando que ele estivesse com os companheiros de viagem, fizeram uma jornada de caminho antes de o procurar entre parentes e conhecidos. ⁴⁵Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à sua procura. ⁴⁶Foi no fim de três dias que o encontraram no Templo, sentado em

meio aos mestres, ouvindo-os e interrogando-os^j. ⁴⁷Todos os que o ouviam se extasiavam com a inteligência das suas respostas^k. ⁴⁸Vendo-o, eles ficaram tomados de grande surpresa e a sua mãe lhe disse: "Meu filho, por que agiste assim conosco? Vê, o teu pai e eu, nós te procuramos cheios de angústia". ⁴⁹Ele lhes disse: "Por que me procuráveis? Não sabeis que eu devo estar junto do meu Pai?"^l ⁵⁰Mas eles não compreenderam o que lhes dizia^m. ⁵¹Depois ele desceu com eles para Nazaré; era-lhes submisso; e a sua mãe guardava todos esses acontecimentos em seu coraçãoⁿ. ⁵²Jesus progredia em sabedoria e em estatura, e em graça diante de Deus e dos homens^o.

3 Vocação profética de João Batista (*Mt 3,1-6; Mc 1,1-6*). "No décimo quinto ano do governo de Tibério César", sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia^p, Herodes, tetrarca da Galiléia^q, Filipe, seu irmão, tetrarca da região da Ituréia e da Traconítide^r, e Lisânias, te-

h. Lit. o *resgate*. Este termo é precisamente o da lei do resgate dos primogênitos (Ex 13,13-15; 34,20; Nm 18,15-16). Lc não faz aqui nenhum paralelo com o resgate de Jesus que acaba de se realizar (v. 23), mas ele pode inspirar-se numa tradição palestinese que o fazia; para ele, essa palavra indica a salvação do povo de Deus (cf. 1,68 nota).

i. Alguns mss. antigos têm: em *Jerusalém* ou de *Israel*. De qualquer maneira trata-se da salvação do povo de Deus.

j. A breve nota do v. 40 é estritamente paralela à de 1,80 sobre João Batista. Ela faz sobressair melhor o mistério peculiar de Jesus.

k. A *Sabedoria*, no sentido forte que a Escritura lhe dá, é em Lc o bem próprio de Jesus (2,52; 11,31; 21,15).

l. Sobre João estava a mão do Senhor (1,66), como sobre os profetas. Sobre Jesus está o *favor* por excelência. Cf. 1,28 nota.

m. O episódio dos vv. 41-52, sem paralelo na história de João Batista, parece destinado a apresentar antes da pregação do precursor as primeiras palavras de Jesus; logo que atinge a consciência de homem, ele sabe que é o Filho.

n. A lei prescreve três peregrinações por ano (Ex 23,14-17; 34,22-23; Dt 16,16). Lc se inspira aqui, talvez, em 1Sm 1,3,7 (cf. v. 52 nota).

o. Mais ou menos a idade da maturidade religiosa no judaísmo.

p. Os mestres da lei ensinavam nos átrios do Templo, como Jesus o fará mais tarde. O ensinamento deles tomava muitas vezes a forma de diálogo.

q. Lit. com sua *inteligência* e com suas *respostas*.

r. A primeira palavra de Jesus no evangelho de Lc, bem como a última (23,46 cf. 24,49), é para mencionar o seu *Pai*. Traduziram muitas vezes essas palavras: "Que eu devia estar ocupado com os negócios de meu Pai"; mas essa tradução é menos con-

forme ao emprego dos termos, e convém menos à situação (a missão de Jesus ainda não começou).

s. O mistério da filiação de Jesus ultrapassa toda inteligência humana, mesmo a mais aberta à palavra de Deus. As cenas precedentes salientam, no entanto, que Maria e José perceberam alguma coisa deste mistério.

t. Cf. 1,66 nota; 2,19 nota.

u. Esta conclusão repete os temas de 2,40 e parece se inspirar em 1Sm 2,26 (Samuel *fica* diante de Deus como o faz Jesus em 2,43).

v. Lc dá início à missão de João, e ao mesmo tempo à de Jesus, situando-as na história do mundo pagão e na do povo de Deus (cf. jñ 1,5; 2,1-2). Ele conta provavelmente o 15º ano de Tibério, à maneira síria, de 1º de outubro de 27 a 30 de setembro de 28. Outros fazem começar esta missão em 19 de agosto de 28, outros em 1º de janeiro de 28. Foi a partir deste texto, e deduzindo do v. 23 que Jesus tinha então 29 anos completos, que Dionísio, o Pequeno, no século VI fixou o começo da nossa era cristã. Este cálculo parece estar encurtado de vários anos.

w. *Pilatos* foi governador da *Judeia* (no sentido estrito, cf. 1,5 nota) do ano 26 ao ano 36; ele era mais precisamente prefeito, segundo a sua inscrição, descoberta em 1961.

x. *Herodes Antipas* (cf. 9,7-9; 13,31-32; 23,7-12) governou a Galiléia e a Peréia do ano 4 a.C. ao ano 39 d.C. Ele era chamado *tetrarca* (9,7; At 13,1), para distingui-lo de seu pai, o rei Herodes Magno (1,5).

y. *Filipe* governou vários distritos a nordeste do lago de Tiberíades, de 4 a.C. a 34 d.C. i.e. que não menciona aqui os seus domínios na Gaulanítide, na Batanéia e na Auranítide, parece só ter querido mencionar as suas possessões pagãs; ele salienta assim que o anúncio da salvação concerne tanto aos pagãos como aos judeus.

tracar de Abilene^a,²sob os sumos sacerdotes Anás e Caifás^a, a palavra de Deus foi dirigida a João^b, filho de Zacarias, no deserto. ³Ele percorreu toda a região do Jordão^c, proclamando^d um batismo de conversão^e, com vistas ao perdão dos pecados^f,⁴como está escrito no livro dos oráculos do profeta Isaías^g:

*Uma voz clama^h no deserto;
Preparai o caminho do Senhor,
endireitai suas veredas.*

⁵*Toda ravina será aterrada,
toda montanha e colina serão
rebaixadasⁱ;
as passagens tortuosas serão retificadas,
os caminhos ásperos serão aplainados;
⁶e todos^j verão a salvação de Deus^k.*

Ameaça de julgamento (Mt 3,7-10).
⁷João dizia então às multidões que se vinham fazer batizar por ele^l: "Crias de víboras, quem vos mostrou como fugir da cólera que vem^m?⁸Produzi, pois, frutos que testemunhem vossa conversãoⁿ; e não comeceis a dizer a vós mesmos: 'Temos por pai Abraão'. Pois eu vos

digo, destas pedras aqui Deus pode suscitar filhos para Abraão. ⁹O machado já está pronto para cortar^o a raiz das árvores; toda árvore, portanto, que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo^p."

Os frutos da conversão. ¹⁰As multidões perguntavam a João^q: "Que devemos fazer?" ¹¹Ele lhes respondia: "Se alguém tiver duas túnicas, reparta com aquele que não tem; se alguém tiver o que comer, faça o mesmo". ¹²Também vieram coletores de impostos^r fazer-se batizar e lhe disseram: "Mestre, que devemos nós fazer?" ¹³Ele lhes disse: "Não exijais nada além do que vos foi fixado". ¹⁴Militares lhe perguntavam: "E nós, que devemos fazer?" Ele lhes disse: "Não façais violência, nem mal a ninguém, e contentai-vos com o vosso soldo".

Anúncio daquele que vem (Mt 3,11-12; Mc 1,7-8). ¹⁵O povo estava na expectativa e todos se perguntavam em seu coração a respeito de João: não seria ele o

Ez 18,7;
Is 58,7;
At 4,32,35;
Rm 12,8;
Ef 4,28

Jo 8,33,39

z. Esse príncipe obscuro é, sem dúvida, mencionado aqui, porque na época de Lc o seu território dependia do rei judeu, Herodes Agripa II, e porque o seu domínio era pagão.

a. Lit. *sob o sumo sacerdote Anás e Caifás*. O sumo sacerdote é mencionado no fim, em antítese com o César pagão, como chefe do povo de Deus. Então, só havia um sumo sacerdote, Caifás, em função de 18 a 36 d.C. O seu sogro Anás (Jo 18,13), antigo sumo sacerdote, exercia todavia considerável influência ainda, o que explica a sua menção ao lado de Caifás (cf. Jo 18,13-24; At 4,6).

b. Lit. *esteve sobre João*. A vocação de João é formulada nos termos de Jr 1,1 (gr.), para salientar o seu caráter profético.

c. Enquanto, segundo Mt e Mc, João prega no deserto (cf. 3,1 nota), segundo Lc, João deixa o deserto para pregar na região do Jordão, bastante populosa então por causa das construções de Herodes Magno, e de Arquelaus. Para Lc, essa região constitui o domínio próprio de João, como a Galiléia e a Judéia são o domínio de Jesus (cf. a divisão dos mesmos territórios entre Ló e Abraão em Gn 13,10-13).

d. Este termo, que designa uma proclamação pública, à maneira de um arauto (cf. Mt 3,1 nota), pertence à linguagem missionária do cristianismo primitivo (1Ts 2,9...). Lc a aplica à proclamação inicial de Jesus (4,18-19), à sua pregação habitual (4,44; 8,1), à dos apóstolos (9,2; 12,3; 24,47; At 10,42), de Paulo (At 9,20; 19,13; 20,25; 28,31) e dos outros missionários (Lc 8,39; At 8,5).

e. Cf. Mt 3,2 nota.

f. Cf. Mc 1,4 nota.

g. Is 40,3-5. Sobre a maneira como os sínóticos reproduzem o primeiro versículo, cf. Mt 3,3 nota.

h. Lit. *voz daquele que grita*.

i. Para Isaías, esta imagem significa, sem dúvida, que Deus vai rebaixar as grandezas terrestres (Is 2,2-14; Sl 68,16-17). Lc deve dar-lhe o mesmo sentido (cf. 1,52; 14,11; 18,14).

j. Lit. *toda carne*, expressão hebraica para dizer toda criatura (Gn 6,12...).

k. Lc cita este versículo segundo o AT grego que ele abrevia. Estendendo até aqui a citação de Isaías, contrariamente a Mt e Mc, Lc quer indicar que Jesus vai trazer a salvação a todos os homens. Ele tornará a este tema no fim do livro dos Atos (28,28).

l. As ameaças dos vv. 7-9 se dirigem, em Lc, a todos os ouvintes de João (em Mt, aos fariseus e saduceus). Todos são pecadores, todos têm de se converter perante o juízo que vem.

m. Cf. Mt 3,7 nota.

n. Cf. Mt 3,8 nota. Lc fala de *frutos* no plural, o que sugere os atos concretos que ele vai indicar nos vv. 10-14.

o. Lit. *posto contra*.

p. Os vv. 10-14 são um seção própria a Lc. Diante da ameaça do juízo, as multidões e aqueles que são considerados pecadores manifestam a sua conversão, perguntando: "Que fazer?" (cf. At 2,37; 16,30; 22,10). João lhes propõe uma conduta de fraternidade e de justiça, sem mesmo exigir dos coletores de impostos e militares que renunciem à sua profissão, que era então malvista.

q. Traduz-se muitas vezes: *publicanos*, mas este nome designa os personagens importantes que centralizavam a coleta do imposto. No evangelho trata-se de seus longínquos subalternos judeus. Estes eram malvistas entre eles por causa da sua colaboração com o ocupante pagão e das exações de bom número dentre eles. A opinião pública os classificava entre os *pecadores* (5,30; 7,34; 15,1-2; 19,7).

Messias?¹⁶ João respondeu a todos: "Eu vos batizo com água; mas vem aquele que é mais forte do que eu¹⁷, e eu não sou digno de desatar-lhe a correia das sandálias¹⁸. Ele vos batizará no Espírito Santo¹⁹ e no fogo²⁰";²¹ ele tem na mão a pá, a fim de joeirar a sua eira e recolher o trigo em seu celeiro; mas o refugo, ele o queimará no fogo que não se extingue²²".²³ Assim, com muitas outras exortações ainda, ele anunciava ao povo a boa nova.

Fim do ministério de João Batista (Mt 14,3-4; Mc 6,17-18). ²⁴Mas Herodes, o tetrarca, que ele censurava a respeito de

Herodíades, a mulher de seu irmão²⁵, e de todos os crimes que cometera, ²⁶acrescentou ainda isto a todo o resto: prendeu João no cárcere²⁷.

Batismo de Jesus (Mt 3,13-17; Mc 1, 9-11). ²⁸Ora^a, ao ser batizado todo o povo^b, Jesus, batizado também ele, rezava^c; então o céu se abriu; ²⁹o Espírito Santo desceu sobre ele sob uma aparência corporal, como uma pomba^d, e uma voz veio do céu: "Tu és o meu Filho, eu, hoje, te gerei^e".

Genealogia de Jesus (Mt 1,1-16). ³⁰Jesus^f, ao iniciar seu ministério, tinha cerca

r. O grego *khristós*, literalmente: *aquele que recebeu a unção* (de Deus), corresponde ao hebraico *mashiah*. Aqui se traduz por o *Messias*, porque este título é pronunciado por judeus que lhe dão um sentido nacional e político (do mesmo modo em 22,67; 23,2.35.39 e 20,41). Traduz-se a mesma palavra por *Cristo* nos textos em que aparece a sua novidade cristã (2,11.26; 4,41; 9,20; 24,26.46).

Os discípulos de João continuarão por muito tempo se perguntando se o Mestre deles não é o Messias (cf. At 13,25; Jo 1,19-20; 3,28).

s. Este versículo e o seguinte são parecidos com Mt 3,11-12 e Mc 1,7-8 (cf. as notas).

t. Lc voltará ao título messiânico do Forte (11,22; cf. Is 9,5; 11,2).

u. Gesto de escravo que um judeu de então não podia exigir de um servo judeu, pertencente também ele ao povo eleito (cf. Jo 8,33).

v. Aqui, como em At 1,5 e 11,16. Lc opõe o batismo de água (ou com água), conferido por João Batista, ao batismo no Espírito, que será inaugurado em Pentecostes. Isto leva a pensar que, em Lucas, este em (no Espírito) não se deve traduzir por com: o Espírito não é um instrumento, mas uma presença ativa (cf. 4,1).

w. Sobre o sentido primitivo do tema, cf. Mt 3,11 nota. Lc vê, sem dúvida, nesta palavra, um anúncio de Pentecostes; aí ele relatará, com efeito, a vinda do Espírito sob forma de línguas de fogo (At 2,3-4). Esta imagem deve significar para ele a ação purificadora do Espírito.

x. Os profetas anunciaram muitas vezes o juízo de Deus sob a imagem das diversas cenas da messe palestinese (cf. 10,2 nota): por exemplo o joeirar (Jr 15,7; 51,2), o fogo ateado à palha (Is 5,24; 47,14; Jl 2,5; Na 1,10). Falando do fogo que não se apaga (cf. Is 66,24; Mc 9,43.48), João deixa aparecer o alcance escatológico da sua imagem.

y. Herodíades, neta de Herodes Magno, acabava de abandonar o seu marido, um dos numerosos Herodes, que era também seu tio, para se ligar a Herodes Antipas.

z. Mencionando aqui o fim da missão de João, antes mesmo do batismo de Jesus que ele vai realizar, Lc quer indicar que a missão de João e a de Jesus representam dois períodos distintos da história da salvação (cf. 1,56 nota).

a. Recebendo o batismo de João, Jesus entra no movimento de conversão do seu povo. Por ocasião deste fato público, ele recebe uma revelação misteriosa que se situa no ponto de partida da sua pregação, como o era para os profetas a sua vocação: ele é

o profeta sobre quem repousa o Espírito (cf. 4,18), o Filho de Deus, o Messias anunciado pelo AT.

b. Pode-se compreender ou: *enquanto todo o povo era batizado*, ou antes: *depois que todo o povo foi batizado*. Lc parece querer salientar que o batismo de Jesus completa o de todo o povo de Deus; ele nota também, mais nitidamente que Mt e Mc, que esse batismo de água não é mais que a ocasião da revelação que o segue.

c. Lc mencionará muitas vezes a oração de Jesus (5,16; 6,12; 9,18.28-29; 10,21; 11,1; 22,32.40-46; 23,34.46). Esta oração é o lugar do seu encontro com o Pai (10,21; 22,42; 23,34.46).

d. Cf. Mt 3,16 nota. Lc esclarece que a pomba não passa de uma aparição sob a qual o Espírito se tornou visível.

e. Numerosas mss. têm aqui a mesma fórmula que em Mc: *aprove-me escolher-te*. Mas o texto aqui traduzido é atestado em antiquíssimos documentos e corresponde particularmente ao pensamento de Lc. Ele reproduz o Sl 2,7 e significa a entronização messiânica de Jesus, o começo da sua missão junto ao povo de Deus. O fato de esta palavra ser pronunciada pelo Pai faz dela a revelação por excelência do mistério de Jesus (cf. 1,35 nota).

f. Jesus parece ter sido reconhecido como filho de David por alguns dos seus contemporâneos (Mc 10,47-48; 11,10 e par.). Ele é proclamado assim pela pregação apostólica (At 2,29-32; 13,22-23) e por uma antiquíssima profissão de fé (Rm 1,3-4). Mt 1,1-17 e a presente lista de Lc exibem essa descendência davídica de Jesus, fundamentando a sua legitimidade messiânica. Embora Mt e Lc relatem o nascimento virginal de Jesus, ambos deixam a sua genealogia passar por José, porque o AT só estabelece a descendência pelos homens. As duas genealogias são diferentes e bastante artificiais, como o são muitas vezes as genealogias da época. Elas se identificam nos antepassados de Abraão a David, em Salatiel e Zorobabel na volta do exílio, c em José, pai de Jesus. Mt conta 3 x 14 (= 42) gerações de Abraão a Jesus, passando pelos reis de Judá; Lucas conta 11 x 7 (= 77) de Jesus a Adão, sem mencionar outro rei, a não ser David.

Ao contrário de Mt, que coloca a genealogia de Jesus no começo do seu livro, Lc não quer indicar a descendência humana de Jesus senão depois de ter relatado a sua filiação divina (1,35; 3,22). Ele faz questão de ligar Jesus a Adão, e não a Abraão, para marcar sua ligação com toda a humanidade (cf. At 17,26.31). Não menciona rei algum entre David e Salatiel, mas, de preferência, nomes de profetas, sem dúvida por reação contra o messianismo temporal (cf. 4,6).

de trinta anos^a. Ele era filho, como se acreditava^b, de José, filho de Heli, ²⁴filho de Matat, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai,

filho de José, ²⁵filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Hesli, filho de Nagai, ²⁶filho de Maat,

filho de Matatias, filho de Semein, filho de Josec, filho de Joda, ²⁷filho de Joanan, filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, ²⁸filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosâm, filho de Elmadã, filho de Er,

²⁹filho de Jesus, filho de Eliezer, filho de Jorim, filho de Matat, filho de Levi, ³⁰filho de Simeão, filho de Judá,

filho de José, filho de Jonâm, filho de Eliaquim, ³¹filho de Meleá, filho de Mena, filho de Matatá, filho de Natan,

filho de David, ³²filho de Jessé, filho de Jobed, filho de Booz, filho de Salá, filho de Naasson, ³³filho de Aminadab,

filho de Admin, filho de Arni, filho de Esrom, filho de Farés, filho de Judá, ³⁴filho de Jacó, filho de Isaac,

filho de Abraão, filho de Taré, filho de Nacor, ³⁵filho de Seruc, filho de Ragau, filho de Falec, filho de Êber,

filho de Salá, ³⁶filho de Cainâm, filho de Arfaxad, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lamec, ³⁷filho de Matusalá,

filho de Enoc, filho de Jaret, filho de Maleleel, filho de Cainâm, ³⁸filho de Enós, filho de Set, filho de Adão,

filho de Deus.

4 Jesus vitorioso na tentação (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13). ¹Jesus¹, repleto do Espírito Santo, voltou do Jordão e estava no deserto, conduzido pelo Espírito², ²durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo³.

Não comeu nada durante aqueles dias e, decorrido esse tempo, sentiu fome. ³Ora, o diabo lhe disse: “Se^m tu és Filho de Deus, ordena a esta pedra que se transforme em pão”. ⁴Jesus lhe respondeu: “Está escrito: *Não só de pão viverá o homem*”.

⁵O diabo o conduziu mais alto⁴, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra, ⁶e lhe disse: “Eu te darei todo esse poder com a glória desses reinos, porque é a mim que ele foi entregue e eu o dou a quem eu quiser”.

Tu, portanto, se me adorares⁵, tudo isso será teu”. ⁸Jesus lhe respondeu: “Está escrito: *Adorarás ao Senhor, teu Deus, e a ele só prestarás culto*”.

⁹O diabo o conduziu a Jerusalém⁶; postou-o sobre a cumeeira⁷ do Templo e lhe disse: “Se és Filho de Deus, joga-te daqui para baixo;

¹⁰pois está escrito: *Ele dará a teu respeito ordem a seus anjos de te guardarem,* ¹¹e ainda: *eles te carregarão nas mãos, para que não contundas o pé em alguma pedra*”.

¹²Jesus lhe respondeu: “Está escrito: *Não porás à prova o Senhor, teu Deus*”.

¹³Tendo então esgotado toda tentação possível, o diabo afastou-se dele até o momento fixado⁸.

1Cr 3,17-19;
Es 3,2; 5,2

1Cr 1,34-
2,15

Gn 11,10-26;
1Cr 1,17-27

Gn 5,1-32;
1Cr 1,1-4

Dt 8,3

Dt 6,13

Sl 91,11-12

Dt 6,16

g. Lc é o único a fornecer esta informação, aludindo talvez a David, que começou o seu reinado com *trinta anos* (2Sm 5,4).

h. Estas palavras, cujo lugar varia em alguns mss. antigos, querem lembrar a concepção virginal de Jesus.

i. Para os três nomes precedentes, os documentos apresentam numerosas variantes (de dois a cinco nomes, introduzindo notadamente os de Arâm e de Jorâm). Seguimos o texto mais comumente aceito.

j. Sobre esta narração, cf. Mt 4,1 nota. Mencionando Adão imediatamente antes deste episódio, Lc talvez sugira que o combate de Jesus com o diabo seja a réplica daquele do Gênesis.

k. Como em Mt e Mc, Jesus é *conduzido pelo Espírito* que recebeu no batismo. Lc insiste sobre a iniciativa de Jesus, que possui o Espírito em toda a sua plenitude para realizar a sua missão (cf. 4,14-18) e, antes do mais, para enfrentar o diabo em um combate inicial decisivo.

l. Lc une o dado de Mc 1,13 (tentação durante 40 dias) ao que aparece em Mt 4,2 (três tentações ao fim dos 40 dias).

m. Quer dizer: *Visto que tu és o Filho de Deus*. O diabo

argumentou com a palavra divina pronunciada no batismo (3,22)! n. Trata-se talvez de elevação acima da terra, como se depara nas visões dos apocalipses judaicos.

o. Em Lc, o diabo se gaba de dispor do *poder* político sobre o mundo e o propõe a Jesus, para que ele seja o messias temporal esperado pelos seus contemporâneos; mas o poder de Satanás está ameaçado (10,18) e a sua duração é breve (22,53); e Jesus não espera o seu poder a não ser de seu Pai (cf. 10,22; 22,29). p. Cf. Mt 4,9 nota.

q. Mt apresenta esta tentação como a segunda, Lc, como a terceira. Em Lc as tentações terminam em Jerusalém, onde a Paixão será a investida suprema do diabo (v. 13).

r. Cf. Mt 4,5 nota.

s. Cf. Mt 4,6 nota; 4,7 nota.

t. Outra tradição: *até uma ocasião*. Lc, que vai relatar numerosas vitórias de Jesus sobre os demônios, nas curas e nos exorcismos (4,41; 6,18; 7,21; 8,2; 10,18; 11,14-22...), não apresenta nenhum novo ataque de Satanás contra Jesus antes da Paixão

Início da pregação de Jesus na Galiléia (Mt 4,12-17; Mc 1,14-15). ¹⁴Então Jesus, pelo poder do Espírito, voltou para a Galiléia e a sua fama se espalhou em toda a região. ¹⁵Ensinava nas suas sinagogas, sendo glorificado por todos.

Fracasso da pregação em Nazaré (Mt 13,54-58; Mc 6,1-6). ¹⁶Ele veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Entrou, segundo o seu costume, no dia do sábado na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. ¹⁷Deram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, encontrou a passagem onde está escrito:

¹⁸ *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento da parte do Senhor”.*

Lc 58,6

¹⁹Enrolou o livro, entregou-o ao servente e se assentou; todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. ²¹Então, ele começou a lhes dizer: “Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvistes”.

²²Todos lhe prestavam testemunho; espantavam-se da mensagem da graça que saía de sua boca, e diziam: “Não é esse o filho de José?” ²³Então ele lhes disse: “Por certo ireis me citar este provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo’. Soubemos de tudo o que se passou em Cafarnaum, e fazes pois o mesmo aqui em tua pátria”. ²⁴E acrescentou: “Em verdade, eu vos digo, nenhum profeta é bem acolhido em sua pátria”.

²⁵É verdade o que vos digo: havia muitas viúvas em Israel nos dias de Elias,

quando o céu ficou fechado três anos e seis meses e sobreveio uma grande fome sobre a terra toda; 1Rs 17,1

²⁶no entanto, não foi a nenhuma delas que foi enviado Elias, mas sim, a uma viúva em Sarepta de Sídon. 1Rs 17,9

²⁷Havia muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu; no entanto, nenhum deles foi purificado, mas sim Naaman, o sírio”. 2Rs 5,14

²⁸Todos na sinagoga ficaram tomados de cólera, ouvindo essas palavras. ²⁹Eles se levantaram, lançaram-no fora da cidade, e o conduziram até uma escarpa da

(22,3.53). Assim, ele realça a vitória inicial de Jesus e faz dela uma antecipação do triunfo definitivo da Páscoa.

u. Lit. na *potência do Espírito*. Cf. 4,1 nota e 4,18 nota.

v. Lc apresenta a primeira pregação de Jesus em uma sinagoga, como fará para os missionários em At (9,20; 13,5.14.44...). Nesta cena, reúne elementos mais tardios da missão de Jesus (os vv. 22.24 encontram-se também em Mt 13,55.57 e Mc 6,3-4; o v. 23 supõe os fatos de 4,31-41). Este episódio prefigura a recusa oposta a Jesus por uma parte de Israel e a pregação da salvação aos pagãos (cf. At 28,25-28, conclusão da obra de Lucas).

w. Cf. Mt 4,13 nota.

x. Lugar de assembleia religiosa dos judeus, nas cidades da Palestina como nas colônias judaicas do mundo de então. Af se celebrava o sábado pela leitura da Lei e dos Profetas, seguida de uma homilia. Nesta, qualquer judeu adulto podia tomar a palavra, mas as autoridades da sinagoga confiavam habitualmente esta incumbência aos que eram versados nas Escrituras (cf. At 13,15).

y. Terá sido a leitura prevista para aquele sábado ou outra com que Jesus topou? De qualquer forma, Lc parece querer indicar que ela lhe é providencialmente oferecida: Jesus não a escolhe, mas a encontra.

z. O texto citado (Is 61,1) evocava, sem dúvida, a consagração de um profeta (cf. 1Rs 19,16). Jesus aqui se refere ao *Esprito* que ele acaba de receber no batismo e faz dele a fonte da sua mensagem e da sua ação salvadora.

a. Pode-se construir também: *a unção. Ele me enviou a anun-*

ciar a boa nova aos pobres, proclamar...

b. Lit. *um acolhedor, do Senhor*. A citação de Isaías é interrompida antes do final ameaçador: *um dia de vingança para o nosso Deus*. O ano de acolhimento designa o ano jubilar fixado pela lei de cinquenta em cinquenta anos (Lv 25,10-13).

c. Ou: *por*.

d. Lit. *aos vossos ouvidos*. Jesus apresenta a sua vinda como o advento da era de graça anunciada pelo profeta. Lc frisou muitas vezes o *hoje* da salvação (2,11; 3,22; 5,26; 13,32; 19,9; 23,43; cf. 20,24).

e. Esta expressão indica, em Lc, disposições favoráveis dos ouvintes (At 6,3; 10,22; 16,2; 22,12).

f. Lit. *as palavras da graça*, isto é, quer a mensagem que provém da graça, quer a mensagem que a anuncia (cf. At 14,3; 20,32; cf. 20,24).

g. Um número importante de mss. traz habitualmente *Capernaum*, que pode ser a pronúncia síria desse nome.

h. A *pátria* de Jesus é Nazaré (cf. v. 23), cujo mau acolhimento faz prever a rejeição de Jesus por seu povo. Sobre a sentença de Jesus, cf. Mt 13,57 nota.

i. Os vv. 25-26 e 27, com suas repetições paralelas, constituem duas estrofes correspondentes (cf. 13,2-3.4-5).

j. Em 1Rs 18,1, a história de *Elias* conta três anos de seca; aqui, esta provação dura mais seis meses, como em Tg 5,17. Tal prolongação pode ser inspirada pela duração que a tradição judaica atribuiu à provação escatológica, de acordo com Dn 7,25; 12,7.

colina sobre a qual estava construída sua cidade^k, para daí o precipitarem abaixo.³⁰ Mas Jesus, passando no meio deles, seguiu seu caminho^l.

Jesus em Cafarnaum. Autoridade de sua palavra (Mt 7,28-29; Mc 1,21-28).

³¹ Ele desceu então a Cafarnaum, cidade da Galiléia. Ensinava-os no dia de sábado ³² e eles ficavam impressionados com o seu ensinamento, porque sua palavra era cheia de autoridade^m. ³³ Havia na sinagoga um homem que tinha um espírito de demônio impuroⁿ. Ele exclamou com voz forte: ³⁴ "Ah! que há entre nós e ti^o, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder. Eu sei quem és: o Santo de Deus"^p. ³⁵ Jesus o repreendeu: "Cala-te e sai deste homem"^q; e lançando o homem ao chão no meio deles, o demônio saiu sem lhe fazer nenhum mal. ³⁶ Todos ficaram tomados de espanto, e falavam uns aos outros: "Que vem a ser essa palavra? Ele manda com autoridade e poder nos espíritos impuros, e eles saem"^r. ³⁷ E a sua fama se propagava por todo lugar da região.

Curas (Mt 8,14-17; Mc 1,29-34). ³⁸ Levantando-se da sinagoga, ele entrou na

casa de Simão^s. A sogra de Simão estava acometida de febre alta, e eles rogaram-lhe que fizesse algo por ela. ³⁹ Jesus se inclinou sobre ela, repreendeu a febre^t, e esta a deixou; e levantando-se imediatamente, ela se pôs a servi-los. ⁴⁰ Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes de toda espécie trouxeram-nos a Jesus; e ele, impondo as mãos sobre cada um deles, os curava. ⁴¹ Demônios também saíam de um grande número^u, gritando: "Tu és o Filho de Deus!" E repreendendo-os, não lhes permitia falar^v, porque conheciam que ele era o Cristo^w.

Partida de Cafarnaum (Mc 1,35-39; Mt 4,23). ⁴² Quando clareou o dia, ele saiu e foi para um lugar deserto. As multidões o procuravam; depois, tendo-o encontrado, queriam retê-lo, para que não se afastasse deles. ⁴³ Mas ele lhes disse: "Às outras cidades também é preciso que eu anuncie a boa nova do Reinado de Deus^x, pois é para isso que fui enviado"^y. ⁴⁴ E ele pregava^z nas sinagogas da Judéia^z.

5 Pesca milagrosa. Simão, Tiago e João seguem a Jesus^z (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Jo 21,1-11).

Ora, um dia, a

k. Este dado corresponde mal à geografia de Nazaré. Lc parece ter forçado os seus dados para prefigurar o assassinato de Jesus por Israel.

l. Esta fórmula vaga foge de especificar se o fato é milagroso. O essencial para Lc é mostrar Jesus prosseguindo o seu caminho: este só pode terminar em Jerusalém (13,33).

m. Lc mostra a autoridade da palavra de Jesus em seu ensinamento (v. 32) e em seus exorcismos (v. 36).

n. Cf. Mc 1,23 nota. Marcos fala de um *espírito impuro*. Lc, que emprega às vezes esta expressão (4,36; 6,18; 8,29; 9,42; 11,24), a une aqui ao termo *demônio*, que lhe é mais familiar (23 casos).

o. Cf. Mc 1,24 nota e Lc 8,28.

p. Cf. Mc 1,24 nota e Lc 1,35.

q. Em Lc, *Simão* aparece aqui pela primeira vez. Ele seguirá Jesus a partir de 5,1-11.

r. Em Lc, Jesus se dirige aqui à *febre* como a uma potência demoníaca (cf. vv. 35 e 41).

s. Ao contrário de Mc, Lc classifica os possesores entre os doentes (cf. v. 39; 11,14; 13,11; At 10,38; 19,12).

t. Cf. Mc 1,34 nota.

u. Mc relata a declaração dos demônios: *Tu és o Filho de Deus* em 3,11. Lc identifica o título de *Filho de Deus* com o de *Cristo* (cf. At 9,20,22); ele apresenta estes dois títulos em gradação em 1,32,35; 22,67,70.

v. Esta fórmula usual de Jesus, que aparece aqui em Lc pela

primeira vez, liga-se ao pensamento bíblico e judaico que com ela exprime a realeza permanente de Deus sobre o mundo (Sl 93,1-2; 95,3; 99,1-4...) e anuncia a manifestação triunfal no tempo da salvação (Is 52,7; Sl 96-10; 97,1; 98,6...). É este segundo sentido que Jesus adota habitualmente em seu *Evangelho*. O termo grego *basileia* deve ser traduzido por *reino* nas metáforas que descrevem a salvação como um lugar em que se *entra* (18,24-25), onde se permanece (7,28), onde se toma lugar no festim (13,28-29; 14,15; 22,16,30) e nas parábolas (13,18,20). Convém a tradução *reinado* às passagens menos apoiadas em imagens, e que tratam da soberania de Deus manifestada e reconhecida no tempo da salvação (aqui e 10,9,11; 11,2,20; 17,20,21; 19,11; 21,31; 22,18; 23,51). Em Lc, o *Reinado de Deus* é muitas vezes, como aqui, o objeto da pregação de Jesus (8,1; 9,11; 16,6) ou de seus discípulos (9,2,60; ver At 1,3 nota).

w. Em Lc, Jesus explica a sua partida de Cafarnaum pela missão que recebeu de Deus (cf. 4,18).

x. Lit. *ele proclamava* (cf. 3,3 nota d).

y. Considerável número de mss. tem aqui *Galiléia*, que é geograficamente exato e se acha no paralelo de Mc 1,39. Mas *Judéia* é bem atestado e corresponde à linguagem de Lc (cf. 1,5 nota).

z. Lc coloca o engajamento dos primeiros discípulos após os milagres de Cafarnaum, ao contrário de Mt e de Mc. Provavelmente, ele fez esse deslocamento (4,38 viria melhor após esta narração) para motivar mais claramente a resposta dos discipu-

multidão comprimia Jesus para ouvir a palavra de Deus; ele estava à beira do lago^a de Genesaré. ²Viu dois barcos que se achavam à beira do lago; os pescadores que haviam desembarcado lavavam as suas redes. ³Ele subiu a uma das barcas, que pertencia a Simão, e pediu a este que deixasse a praia e se afastasse um pouco; depois ele se assentou no barco e ensinava as multidões^b. ⁴Quando acabou de falar, disse a Simão: "Faze-te ao largo; lança as vossas redes para apanhar peixe". ⁵Simão respondeu: "Mestre^c, nós trabalhamos a noite inteira sem nada pegar; mas, fiado em tua palavra, eu vou lançar as redes". ⁶Eles o fizeram e capturaram uma grande quantidade de peixes; as suas redes se rompiam. ⁷Fizeram sinal ao seus companheiros do outro barco para que viessem ajudá-los; estes vieram e eles encheram os dois barcos, a ponto de quase submergirem. ⁸Vendo isto, Simão Pedro^d caiu aos joelhos de Jesus, dizendo: "Senhor, afasta-te de mim, pois eu sou um homem culpável". ⁹É que o pavor o havia tomado, a ele e a todos os que estavam com ele, perante a quantidade de peixes que pescaram; ¹⁰do mesmo modo, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram os companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: "Não temas, doravante serás pescador^e de ho-

mens". ¹¹Trazendo então os barcos para a terra, deixando tudo^f, eles o seguiram^g.

Purificação de um leproso (Mt 8,1-4; Mc 1,40-45). ¹²Ora, quando Jesus estava numa dessas cidades^h, um homem coberto de lepraⁱ se achava lá. Ao ver Jesus, ele caiu de face em terra e lhe fez este pedido: "Senhor, se queres, podes purificar-me". ¹³Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: "Eu quero, sê purificado", e no mesmo instante a lepra o deixou. ¹⁴Então Jesus lhe ordenou que não falasse disso a ninguém: "Vai antes mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferenda pela tua purificação, como o prescreveu Moisés: nisto eles terão um testemunho". ¹⁵Falava-se de Jesus cada vez mais^j, e grandes multidões se reuniam para ouvi-lo e para se fazerem curar de suas doenças. ¹⁶E ele se retirava aos lugares desertos e rezava^m.

Cura de um paralítico, sinal de perdão (Mt 9,1-8; Mc 2,1-12). ¹⁷Ora, um dia em que ele estava ensinando, havia na assistência fariseus e mestres da lei que vieram de todas as aldeias da Galiléia e da Judéia, como também de Jerusalémⁿ; e o poder do Senhor^o atuava para fazê-lo operar curas. ¹⁸Vieram pessoas trazendo numa padiola^p um homem que estava paralisado; eles procuravam fazê-lo entrar e

los. Ele é o único a juntar aqui a pesca milagrosa (Jo 21,1-14 narra uma pesca milagrosa após a ressurreição de Jesus). Este milagre ilustra a palavra de Jesus em Mt 4,19 e em Mc 1,17.

a. Lc, que pertence ao mundo mediterrâneo, nunca dá a este lago o nome de mar, como fazem Mc e Mt.

b. Encontra-se uma cena semelhante em Mt 12,2-3 e Mc 4,1-2.

c. Este termo (*epistatēs*) só se encontra em Lc, sempre nos lábios de discípulos (8,24.45; 9,33.49), salvo em 17,3. Ele deve indicar uma fé mais profunda na autoridade de Jesus que o habitual *didaskalos*, que também se traduz por mestre.

d. É a única vez que Lc dá a Pedro este duplo nome (cf. 6,14 nota). Ele se encontra também em Mt 16,16 e habitualmente em João (notadamente 21,2.3.7.11).

e. Lit. *homem pecador*, mas, neste contexto, este termo pode ser malentendido. Cf. Mc 2,15 nota, a respeito deste qualificativo. Pedro descobre no milagre a potência divina de Jesus (*Senhor*) e confessa ser indigno de ficar com ele.

f. Cf. Mt 1,17 nota.

g. Lc é o único a indicar, tanto aqui como nas narrativas de vocação, que os discípulos devem deixar *tudo* para seguir Jesus (5,28; 18,22; cf. 12,33; 14,33).

h. Cf. Mt 4,20 nota.

i. Lit. *uma das cidades*: uma daquelas de que se trata em 4,43. j. Cf. Mt 8,2 nota.

k. Este *testemunho* refere-se, simultaneamente, ao poder de Jesus e à sua obediência à lei. Ele dirige-se provavelmente, não só ao sacerdote que deve constatar a cura (Lv 14,2-3), mas também às autoridades judaicas. Outros pensam que ele visa ao conjunto do povo.

l. Lit. *a palavra a seu respeito se espalhava ainda mais*.

m. Esta menção da *oração de Jesus*, correspondente à de Mc 1,35 sem paralelo estrito em Lc, apresenta a oração como um hábito de Jesus (cf. Lc 3,21 nota).

n. Aqui começa uma série de controvérsias que vai prosseguir até 6,11.

o. A assistência é muito mais numerosa do que nas narrações paralelas de Mt e Mc, o que realça a importância da declaração de Jesus.

p. Aqui, o *Senhor* designa Deus. O *poder* (*potência*) é muitas vezes mencionado por Lc para apresentar os milagres do Altíssimo (1,35), de Jesus (4,36; 6,19; 8,46; At 10,38), dos apóstolos (9,1; At 3,12; 4,7.33), de Simão, o mago (At 8,10).

q. Lit. *um leito*. Lc, que emprega aqui a mesma palavra que Mt, utilizará nos vv. 19 e 24 um diminutivo para significar, que

colocá-lo diante dele; ¹⁹e como, por causa da multidão, não viam por onde fazê-lo entrar, subiram ao telhado e, através das telhas, fizeram-no descer com a sua padiola no meio da assistência, diante de Jesus. ²⁰Vendo-lhes a fé, ele disse: "Teus pecados te são perdoados". ²¹Os escribas e os fariseus se puseram a raciocinar: "Que homem é esse que fala blasfêmias? Quem pode perdoar os pecados senão Deus somente?" ²²Mas Jesus, percebendo-lhes os raciocínios, lhes disse: "Por que raciocinais em vossos corações? ²³Que é mais fácil? Dizer: 'Teus pecados te são perdoados' ou dizer: 'Levanta-te e anda'?" ²⁴Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem^a tem sobre a terra autoridade para perdoar os pecados — ele disse ao paralítico: Eu te digo, levanta-te, apanha a tua padiola e vai para casa". ²⁵No mesmo instante, este se levantou diante deles, pegou o que lhe servia de cama e partiu para casa, glorificando a Deus". ²⁶O êxtase se apoderou de todos e eles glorificavam a Deus; cheios de temor, diziam: "Hoje vimos coisas extraordinárias".

Vocação de Levi e chamado aos pecadores (Mt 9,9-13; Mc 2,13-17). ²⁷Depois disso, ele saiu e viu um coletor de im-

postos^a, chamado Levi^b, sentado à mesa da coletoria. Ele lhe disse: "Segue-me". ²⁸Deixando tudo, ele se levantou e se pôs a segui-lo^c.

²⁹Levi fez para Jesus um grande festim em sua casa^d; e lá estava toda uma multidão de coletores de impostos e de outras pessoas^e à mesa com eles. ³⁰Os fariseus e os escribas^f murmuravam, dizendo aos discípulos de Jesus: "Por que comeis e bebeis com os coletores de impostos e os pecadores^g?" ³¹Jesus, tomando a palavra, lhes disse: "Não são os santos que precisam de médico, mas os doentes". ³²Eu vim chamar não os justos, mas os pecadores, para que eles se convertam^h".

Questão sobre o jejum (Mt 9,14-15; Mc 2,18-20). ³³Eles lhe disseram: "Os discípulos de Joãoⁱ jejuam com frequência e fazem orações, e, do mesmo modo, os dos fariseus, ao passo que os teus comem e bebem". ³⁴Jesus lhes disse: "Acaso podeis fazer jejuar os convidados às núpcias^j, enquanto o esposo está com eles? ³⁵Mas dias virão em que o esposo lhes será tirado, então eles jejuarão, naqueles dias^k".

O velho e o novo (Mt 9,16-17; Mc 2, 21-22). ³⁶Ele lhes disse ainda uma pará-

se trata de uma padiola improvisada. Como Mt, ele evita aqui o *catre* (maca) de Mc, que é em grego um termo vulgar.

r. Lc pensa aqui numa casa greco-romana com o seu *telo* de telhas.

s. Quase não se consegue traduzir a interpelação "*Homem*" que Jesus aqui dirige ao doente e que se torna a encontrar em 12,14; 22,58.60. Nos paralelos de Mt 9,2 e Mc 2,5. Jesus diz: *Meu filho* (lit. *menino*). Lc reserva esta última denominação ao diálogo familiar (2,48; 15,31; 16,25); em outros casos, ele emprega: *Meu amigo* (11,5; 14,10). Ele enfatiza, portanto, na presente passagem, uma distância entre Jesus e o paralítico.

t. A idéia dos escribas é exata. Mas eles deveriam examinar se a pretensão de Jesus é fundada ou não.

u. Pode-se traduzir também: *Que raciocínio fazeis...?*

v. Cf. Mt 8,20 nota.

w. Cf. 2,20 nota.

x. Cf. 3,12 nota.

y. Este personagem só aparece, no NT, nesta cena de Mc e de Lc. Mt 9,9 menciona em seu lugar Mateus (cf. Mt 9,9 nota).

z. Ao contrário de Mt e de Mc, que dizem *ele o seguiu*, Lc frisa que Levi se torna discípulo a título permanente, e que ele deixou tudo (cf. 5,11 nota).

a. Mt 9,10 e talvez Mc 2,15 poderiam se referir à casa de Jesus. Mas em Lc Jesus nunca tem casa (cf. 9,58).

b. Em contraste com Mt e Mc, Lc evita chamá-los *pecadores*, como o farão os fariseus no v. 30.

c. Na realidade, os *escribas* são em sua maioria *fariseus*.

d. Cf. Mt 9,11 nota. Em Lc, a censura se dirige aos discípulos (ao contrário de Mt e Mc), sem dúvida por respeito para com o Mestre (cf. 6,2).

e. Nos *pecadores*, Jesus vê *doentes* que é necessário curar. Ele se compara ao *médico* (cf. 4,23).

f. Lit. *à conversão*. Lc acrescenta estas palavras para explicitar um tema que lhe é caro. Ele insistirá no apelo de Jesus à conversão (13,1-5; 15; 16,30; 24,47) e no sucesso deste apelo (7,36-50; 19,1-10; 23,40-43). Este apelo se dirige a todos: não há verdadeiros justos (cf. a parábola de 15,7).

g. Em Lc, os interlocutores de Jesus são ainda os fariseus, como na cena precedente. Isso torna bastante estranho o fato de que eles mencionem os *discípulos dos fariseus*.

h. Cf. 11,1. Lc falará mais tarde dos *discípulos de João*, o Batista (cf. 7,18-19).

i. Cf. Mc 2,19 nota.

j. Cf. Mt 9,15 notas.

bola^k: "Ninguém rasga um pedaço de uma roupa nova para pôr um remendo numa roupa velha; senão, ter-se-á rasgado o novo, e o remendo tirado do novo não se ajustará ao velho^l.³ Ninguém põe vinho novo em odres velhos; senão, o vinho novo fará estourar os odres, e o vinho se derramará e os odres ficarão perdidos.⁴ Pelo contrário, é preciso pôr o vinho novo em odres novos.⁵ E ninguém^m que bebe vinho velho desejaⁿ vinho novo, pois diz: 'O velho é melhor'".

6 As espigas colhidas no dia do sábado (Mt 12,1-8; Mc 2,23-28).^o Ora, num segundo sábado do primeiro mês^p, enquanto ele atravessava um campo de trigo, os seus discípulos arrancavam espigas, as debulhavam com as mãos e as comiam.^q Alguns fariseus disseram: "Por que fazeis o que não é permitido no dia de sábado?"^r Jesus lhes respondeu: "Nem sequer lestes^s o que David fez quando teve fome, ele e seus companheiros? Como entrou na casa de Deus, tomou os pães de proposição, deles comeu e deu a comer aos seus companheiros: aqueles pães que a ninguém é permitido comer, senão aos sacerdotes e somente a eles?"^t E^u lhes dizia: "O Filho do Homem é senhor do sábado".

Cura de um homem de mão paralisada, no dia de sábado (Mt 12,9-14; Mc 3,1-6). Num outro dia de sábado, ele entrou na sinagoga e ensinou: havia ali um homem, cuja mão direita estava paralisada.^v Os escribas e os fariseus observavam Jesus para ver se ele faria uma cura^w no dia de sábado, a fim de achar motivo de acusá-lo.^x Mas ele conhecia seus raciocínios^y; disse ao homem da mão paralisada: "Levanta-te e fica de pé aí no meio". O homem se levantou e se pôs de pé.^z Jesus disse a eles: "Eu vos pergunto se é permitido no dia de sábado fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou perdê-la".^{aa} Passando o olhar sobre eles todos, disse ao homem: "Estende a mão". Ele o fez, e a sua mão ficou em perfeitas condições.^{ab} Eles se encheram de furor e falavam entre si sobre o que poderiam fazer contra Jesus^{ac}.

Escolha dos doze apóstolos (Mt 5,1; 10,1-4; Mc 3,13-19). Naqueles dias, Jesus foi à montanha para orar e passou a noite orando a Deus^{ad}; depois, quando amanheceu, chamou os seus discípulos e escolheu doze deles, aos quais deu o nome de apóstolos^{ae}: Simão, ao qual deu

k. Por esta introdução, Lc separa da cena precedente os três exemplos seguintes. Estes impõem uma escolha entre o velho (sem dúvidas as rotinas do judaísmo) e o novo (o Evangelho).

l. Lc força a imagem de Mt e Mc, fazendo tirar duma roupa nova o remendo para a roupa velha.

m. Este versículo, próprio de Lc, falta em vários mss., mas é bem atestado.

n. Várias testemunhas acrescentam: imediatamente.

o. Lit. *bom*, mas é uma comparação, como bem compreendem numerosos mss. A língua de Jesus não possui comparativo.

p. Lit. *um sábado segundo primeiro*. Ambos esses adjetivos se acham em numerosos mss. Eles correspondem a uma fórmula judaica conhecida. Nessa data, próxima da messe, era proibido comer o grão da nova messe (Lv 23,14). Esse dado, que corresponde aos costumes do judaísmo e que está bem situado aqui, é seguramente antigo e provavelmente original no texto. Outra versão: *um sábado*.

q. Como em 5,30, é aos discípulos que Lc faz dirigir-se a censura dos fariseus, e esta tem um sentido original em Lc, se se admitir a variante do v. 1. É ainda Jesus quem responde.

r. Cf. ISm 21,2-7.

s. Cf. a lei de Lv 24,5-9.

t. Um ms. antigo transfere este v. para depois do v. 10 e insere aqui um pequeno episódio: "No mesmo dia, vendo alguém tra-

balhar no dia do sábado, ele lhe disse: ó homem, se sabes o que fazes, és bem-aventurado; mas se não o sabes, és maldito e transgressor da lei".

u. Cf. Mc 2,28 nota.

v. Lit. *seca*.

w. Os casuístas fariseus consideram a cura, mesmo milagrosa, como um ato medicinal e, portanto, um trabalho proibido no dia de sábado (cf. 13,14 e 14,1-2).

x. Lc já notou a perspicácia de Jesus em 5,22, com Mt e Mc. Ele é o único a notá-la aqui como em 9,47 (cf. 11,17 e 20,23).

y. Cf. Mc 3,4 nota.

z. Lit. *foi restaurada*.

aa. Enquanto Mt e Mc relatam aqui os propósitos homicidas dos fariseus (e dos herodianos) contra Jesus, Lc não especifica as intenções dele. Talvez porque julgue esta ameaça prematura, mas também porque nunca envolve os fariseus na morte de Jesus: ele atribui a responsabilidade desta aos sumos sacerdotes.

ab. Sobre a oração de Jesus em Lc, cf. 3,21 nota. Aqui, esta oração mostra a importância da escolha dos Doze.

ac. Lc ressalta que os Doze são escolhidos (cf. At 1,2,24) entre os discípulos e que eles recebem o nome de apóstolos (cf. Mt 10,2 nota). Este título designa aqueles que Jesus envia para levar a sua mensagem de salvação. Lc o emprega seis vezes em seu evangelho (aqui; 9,10; 11,49; 17,5; 22,14; 14,10); Mt e Jo: 1

o nome de Pedro^d, André, seu irmão, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, ¹⁵Matheus, Tomé, Tiago, filho^e de Alfeu. Simão, chamado Zelote^f, ¹⁶Judas, filho^g de Tiago^h, e Judas Iscariotⁱ, que se tornou traidor.

Jesus e a multidão (Mt 4,24-25; Mc 3,7-11). ¹⁷Descendo com eles, ele se deteve num lugar plano com uma grande multidão de discípulos e uma grande massa de povo de toda a Judéia^j, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídon; ¹⁸eles tinham vindo para ouvi-lo e se fazerem curar de suas doenças; os que estavam

atormetados por espíritos impuros eram curados; ¹⁹e toda a multidão procurava tocar nele, porque uma força saía dele^k e os curava a todos.

Pregação à multidão. Os felizes e os infelizes (Mt 5,1-12). ²⁰Então, levantando os olhos sobre os seus discípulos, Jesus disse:

"Felizes", vós, os pobres", o Reino de Deus é vosso.

²¹ Felizes, vós que agora tendes fome: sereis saciados".

Felizes, vós que agora chorais^l: haveis de rir.

vez; Mc: 2 vezes. Ao contrário de Paulo, ele reserva este nome para os Doze (salvo At 14,4.14).

d. Para o pensamento bíblico, aquele que dá um *nome novo* a um homem assume o poder sobre ele (2Rs 23,34; 24,17), como faz o pai ao nascer o seu filho; este nome define também para ele um destino novo pela eficácia do mesmo, sobretudo quando é o próprio Deus quem impõe o nome novo (Gn 17,5.15; 32,29). A atribuição a *Simão* do nome de *Pedro* é relatada pelos evangelhos em momentos diferentes: Mt 16,18 a situa bastante tarde, em resposta à confissão messiânica; Jo 1,42 a situa no primeiro encontro do discípulo com o Mestre; Mc 3,16 e Lc a vinculam à escolha dos Doze; ambos sublinham esse dado mencionando até: então *Simão* (Lc 4,38; 5,1-10, salvo 5,8), e, em seguida, *Pedro* (Lc 22,31 e 24,34, usando o nome Simão, devem provir de fontes particulares).

e. Ou: *irmão*.

f. Lc traduz o termo aramaico de Mt 10,4 e Mc 3,18 (cf. Mt 10,4 nota).

g. Ou: *irmão*.

h. Este apóstolo corresponde a Lebeu em Mt e a Tadeu em Mc. Ele é mencionado ainda em At 1,13 e em Jo 14,22 (cf. Mt 10,3 nota). Em grego, seu nome é idêntico ao de Judas; é para distingui-lo deste que se precisa: *filho de Tiago*.

i. Cf. Mt 10,4 nota.

j. Aqui o termo designa toda a Palestina (cf. 1,5 nota).

k. Cf. 5,17 nota e 8,46 nota.

l. O conjunto de ensinamentos dos vv. 20-49 corresponde ao Sermão da montanha de Mt 5-7, onde se encontra a maioria dos elementos de Lc. Mas, em Lc, ele aparece mais tarde na missão de Jesus (os seus atos precedem as suas palavras: Lc 24,19; At 1,1; 10,39) e é muito mais curto. Lc deve ter descartado da sua fonte os elementos propriamente judaicos que não concernem aos seus leitores, tais como os que se acham em Mt 5,17-38; 6,1-6,16-18. Ele apresenta esses versículos como um discurso que se dirige primeiramente aos discípulos, para definir a conduta do discípulo perfeito. Aí podem-se distinguir, após as bem-aventuranças e as ameaças (vv. 20-26), exortações ao amor aos inimigos (vv. 27-35), à generosidade para com o próximo (vv. 36-42), ao realismo eficaz do verdadeiro discípulo (vv. 43-49): à graça da salvação que as bem-aventuranças lhe anunciam, o fiel seguidor de Jesus deve responder com um amor generoso e concreto.

m. As bem-aventuranças são fórmulas clássicas da tradição bíblica e judaica, quer para exprimir o anúncio profético de uma alegria futura (Is 30,18; 32,20; Dn 12,12...), quer para exprimir a

ação de graças por uma alegria presente (Sl 32,1-2; 33,12; 84,5. 6.13...), ou então, nas exortações dos sábios, a promessa de uma recompensa (Pr 3,13; 8,32.34; Sr 14,1-2.20; 25,8-9; Sl 1,1; 2,12; 34,9...). Elas visam sempre a uma alegria concebida por Deus.

Os evangelhos trazem várias bem-aventuranças de Jesus. Algumas são felicitações por um dom já concedido (Mt 13,16; 16,17), as mais numerosas são promessas aos que acolhem a sua mensagem (Mt 11,6; Lc 11,28; 12,37.38.43; 14,14; Jo 13,17; 20,29).

O discurso presente começa por bem-aventuranças, tanto em Lc como em Mt, mas Lc só traz quatro, cujo equivalente se acha nas nove de Mt 5,1-12. As de Lc parecem visar a situações presentes concretas, as de Mt, atitudes que constituem a justiça. Não é impossível que Mt tenha acentuado nelas a função de exortação e Lc, o caráter social, de conformidade com o seu interesse pelos pobres (cf. nota seguinte).

Em Lc, as bem-aventuranças são seguidas por quatro antíteses que proclamam sistematicamente a infelicidade dos felizes deste mundo. Mt não as traz, e muitos pensam que Lc as redigiu, ele próprio, para reforçar a lição das bem-aventuranças. Essa hipótese não é indubitável, pois já se encontram no AT pares de bem-aventuranças e ameaças (Tb 13,14; Pr 28,14; Ecl 10,16-17; Is 3,10-11; Jr 17,5-8); e a dureza dessas ameaças não corresponde à mansidão de Lucas.

A ideia geral das bem-aventuranças de Lc é a de prometer a salvação que são *agora* pobres e aflitos. O Reino de Deus aparece aí como inversão das situações presentes (cf. Lc 1, 51-53; 16,19-26).

n. Como indicam as bem-aventuranças seguintes e as ameaças que lhes são opostas, trata-se primeiramente aqui dos que são *pobres* de bens deste mundo (enquanto em Mt se trata dos que têm *coração de pobre*). Jesus manifestou muitas vezes a sua predileção por eles (Mc 10,21; 12,43 e par.) e Lc lhes consagra um interesse especial (14,13.21; 16,19-26; 19,8). Quando Jesus dirige a sua mensagem primeiramente aos pobres (4,18; 7,22), visa também aos pequenos (10,21) e aos humildes (14,11; 18,14), no meio dos quais ele mesmo nasceu. Esta preferência concedida aos pobres e aos pequenos é a marca da liberalidade soberana de Deus: ela é convite a tudo esperar da sua graça; ela convida também, e Lc é sensível a isso, à compaixão para com os infelizes.

o. Esta promessa tem uma ressonância escatológica. Já no AT anunciava o *saciamento dos famintos* (Is 49,10; Jr 31,12.25; Ez 34,29; 36,29) e a isto acrescentava, às vezes, como aqui, o anúncio da alegria subsequente aos choros (Is 25,6-9).

p. Os *choros* e o *riso*, fórmulas mais concretas e provavelmente

²² Felizes sois vós quando os homens vos odeiam, quando vos rejeitam, e quando insultam e proscvem vosso nome como infame^q por causa do Filho do Homem.

²³ Alegrai-vos nesse dia e saltai de alegria, pois grande é a vossa recompensa no céu; com efeito, é da mesma maneira que os seus pais tratavam os profetas^r.

²⁴ Mas infelizes^s, vós, os ricos: já tendes a vossa consolação.

1s 65,13-14 ²⁵ Infelizes, vós que estais saciados agora: tereis fome.

Infelizes, vós que rides agora: estareis no luto e chorareis.

²⁶ Infelizes sois vós quando todos^t os homens falam bem de vós: com efeito, é da mesma maneira que seus pais tratavam os falsos profetas.

O amor aos inimigos (Mt 5,39-47).

²⁷ "Mas eu vos digo, a vós que me ouvís":

Rm 12, 14.21 ²⁸ Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, ²⁹ bendizeis os que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam.

ICor 6,7 ³⁰ "A quem te bate numa face, apresenta ainda a outra. A quem te toma o manto, não recuses também a tua túnica". ³¹ Dá a quem quer que te peça, e a quem te

toma o teu bem não o reclames. ³² E assim como quereis que os homens façam a vós, fazei do mesmo modo a eles".

³³ "Se amais os que vos amam, que gratidão mereceis"? Pois os pecadores também amam os que os amam. ³⁴ E se fazeis o bem^a aos que vo-lo fazem, que gratidão mereceis? Os próprios pecadores fazem o mesmo. ³⁵ E se emprestais àqueles dos quais esperais que vos restituam, que gratidão mereceis? Até os pecadores emprestam aos pecadores para que lhes restituam o equivalente. ³⁶ Mas amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar em compensação^a. Então a vossa recompensa será grande, e vós sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para os ingratos e para os maus.

Sr 4,10-11

A generosidade para com o próximo (Mt 5,48; 7,1-12; 15,14; 10,24-25; 7,3-5).

³⁶ "Sede generosos como vosso Pai é generoso". ³⁷ Não vos arvoreis em juízes^b, c não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; absolvi, e sereis absolvidos, ³⁸ dai e ser-vos-á dado. É uma boa medida, socada, sacudida, transbordante, que derramarão^c nas dobras da vossa veste^d, pois^c a medida de que vos servis servirá também de medida para vós."

Rm 14,10

Mc 4,24

te mais primitivas que as de Mt 5,4, caracterizam os infelizes e os felizes deste mundo. Todo o resto do evangelho mostra que não basta ser factualmente infeliz ou feliz para obter a felicidade ou a infelicidade, mas que importa compreender e acolher sua situação à luz da salvação.

q. Esta expressão semítica, que não se encontra em Mt 5,11, deve ter significado primitivamente: que eles vos difamem.

r. A partir da perseguição de Antíoco IV, em 167 a.C. (2Mc 6-7), o judaísmo insistiu muitas vezes nas *perseguições* sofridas pelos *profetas* e nos seus mártires. Jesus, do mesmo modo, menciona muitas vezes o martírio dos profetas (Lc 11,47-51; 13,33-34).

s. As quatro declarações seguintes, estritamente paralelas às bem-aventuras, querem fazer sobressair as promessas, mas também as exigências. Elas não são maldições (*Ai de vós!*), nem condenações irrevogáveis, mas queixumes (*Infelizes sois vós!*) e ameaças: apelos vigorosos à conversão (cf. 10,13; 11,42-52; 17,1; 21,23; 22,22).

t. Esta palavra falta em vários mss. e também no paralelo do v. 22.

u. Depois de ter considerado os abastados deste mundo, Jesus volta aos seus ouvintes.

v. Lc propõe uma ordem mais lógica do que Mt 5,40, que pensa, aliás, em um processo, e não, como Lc, em uma agressão.

w. Mt 7,12 diz que nisto consiste a Lei e os Profetas, isto é,

o resumo da revelação do AT. Lc deixa de lado essa fórmula: para ele, a Lei e os Profetas são essencialmente profecias acerca de Jesus (24,27.44).

x. A idéia jurídica de recompensa (Mt 5,46), é substituída por Lc pela de *gratidão* (lit. *graça*), como em 17,9. Esta palavra evoca para ele o favor de Deus (cf. 1,30; 2,40.52). Em lugar dos coletores de impostos e dos pagãos de Mt 5,46-47, ele vai mencionar os pecadores.

y. Este termo geral e moral substitui em Lc a saudação oriental de Mt 5,47.

z. Pode-se traduzir também: sem desesperar de nada. Alguns mss. antigos trazem: *sem desesperar ninguém*, ou *de ninguém*.

a. Ou: *misericordioso(s)*. Enquanto Mt 5,48 diz *perfeito*, segundo o vocabulário legalista judaico, Lc define Deus como *misericordioso*. É uma expressão tradicional do AT (Ex 34,6; Dt 4,31; Sl 78,38; 86,15...) e poderia ser a expressão original de Jesus. Ela exprime bem a idéia de toda a seção (vv. 36-42).

b. Cf. Mt 7,1 nota. Nestas frases, os verbos na voz passiva exprimem o julgamento de Deus.

c. Nas línguas semíticas, o plural impessoal pode indicar a ação de Deus (cf. 12,20; 16,9).

d. Para recolher grão, o oriental arregaça a *frente de sua vestimenta* (cf. Rt 3,15).

e. Esta palavra falta em vários mss.

³⁹Ele lhes disse também uma parábola: "Porventura um cego pode guiar um cego? Acaso não cairão ambos em um buraco?" ⁴⁰O discípulo não está acima do seu mestre, mas todo discípulo bem-formado será como o seu mestre.

Jo 13,16;
15,20

⁴¹"Por que olhares o cisco que está no olho do teu irmão, se a trave que está no teu olho, não a reparas?" ⁴²Como podes dizer ao teu irmão: 'Irmão, espera que eu vou tirar o cisco que está no teu olho', tu que não enxergas a trave que está no teu? Homem de juízo pervertido*, tira primeiro a trave do teu olho! e então enxergarás direito para tirar o cisco que está no olho do teu irmão.

O verdadeiro discípulo (Mt 12,33-37; 7,16-21). ⁴³"Não há boa árvore que produza um fruto doente e nem árvore doente que produza um bom fruto. ⁴⁴Cada árvore, com efeito, se reconhece pelo fruto que lhe é próprio: de um espinheiro não se colhem figos, nem de cardos se colhe uva. ⁴⁵O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem; e o mau, do seu mau tesouro, tira o mal; pois o que sua boca fala é o que transborda do coração^b.

⁴⁶E por que me chamais 'Senhor, Senhor' e não fazeis o que eu digo?

(Mt 7,24-27). ⁴⁷"Todo homem que vem a mim, que ouve as minhas palavras e as

põe em prática, eu vou mostrar-vos a quem é comparável. ⁴⁸Ele é comparável a um homem que constrói uma casa: cavou, aprofundou e lançou os alicerces sobre a rocha. Sobrevindo uma cheia, a torrente se lançou contra essa casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem edificada^c.

⁴⁹"Mas aquele que ouve e não põe em prática é comparável a um homem que construiu uma casa no chão raso, sem alicerces: a torrente se lançou contra ela e imediatamente ela desmoronou, e a destruição dessa casa foi total."

7 Cura do escravo de um centurião (Mt 8,5-13; Jo 4,46-54).

¹Tendo Jesus completado todo o seu discurso perante o povo^d, entrou em Cafarnaum. ²Um centurião^e tinha um escravo doente, à beira da morte^f, e ele o apreciava muito. ³Tendo ouvido falar de Jesus, enviou-lhe algumas personalidades gradas^g dentre os judeus para rogar-lhe viesse salvar o seu escravo. ⁴Vindo ter com Jesus, estes suplicavam-lhe com insistência e diziam: "Ele merece que tu lhe concedas isso, ⁵pois ama a nossa nação e foi ele que nos edificou a sinagoga^h". ⁶Jesus caminhava com eles e já não estava muito longe da casa, quando o centurião enviou amigos para lhe dizer: "Senhor, não te dês a esse trabalho, pois eu não sou digno de que entres sob o meu teto. ⁷E

f. Mt 15,14 aplica esta imagem aos fariseus que transviavam o seu povo. Lc a dirige aos discípulos e convida especialmente os responsáveis por eles à lucidez.

g. Lit. *hipócrito* (cf. Mt 6,2 nota: 23,28; Mc 12,15). Esta palavra, que só reaparece em Lc em 12,56 e 13,15, tem no uso bíblico um sentido mais amplo do que em nosso vocabulário corrente. Conquanto indique, às vezes, a dissimulação voluntária (Mt 22,18), ela marca às vezes o desacordo entre a conduta exterior e o pensamento profundo (Mt 15,7; 23,25,27) ou, como aqui, a falsidade, consciente ou não; muitas vezes, significa o ímpio, o perverso.

h. Este último versículo aplica à palavra do homem a parábola precedente da árvore e do seu fruto, como Mt 12,34, enquanto Mt 7,16,20 utiliza a mesma imagem para dizer que a pessoa é julgada por seus atos, o que corresponde melhor ao contexto. (Mas Mt 7,15-23 restringe esta lição ao discernimento dos falsos profetas.)

i. Lc adapta ao mundo grego o quadro palestinese de Mt 7,24-25. Ele visa a uma terra onde é preciso cavar profundamente

para lançar os alicerces, onde os rios são permanentes e só ameaçam as casas por suas cheias. Jesus (e Mt) pensa num rio temporário que se lança sobre a casa num dia de tempestade.

j. Lit. *Quando ele completou todas as suas palavras aos ouvidos do povo*. O discurso se dirigia inicialmente aos discípulos (cf. 6,20 nota). A narração de cura que segue visa menos ao milagre (v. 10) do que à fé que o obtém. Como Mt, Lc vê neste episódio o prelúdio da entrada dos pagãos na Igreja; mas ele é o único a insistir sobre as boas relações do pagão com os judeus (vv. 3-5) e sobre a sua humildade (vv. 6-7); ele sabe como é difícil para um judeu aceitar o convite de um pagão (At 10,28; 11,3).

k. Oficial do exército romano que comanda uma centena de homens. Ele é pagão (cf. v. 9).

l. Visto ser pagão o seu senhor, traduz-se aqui por *escravo* a palavra traduzida alhures por *servo*. Ao contrário de Mt, mas como em Jo 4,49, o doente está em perigo de morte.

m. Lit. *anciãos*.

n. Lc apresenta este pagão como animado de sentimentos favoráveis ao judaísmo, tal como o centurião Cornélio em At 10,2.

por isso também que eu não me julguei autorizado a ir ter contigo; mas dize uma palavra e seja^a o meu servo curado. ⁸Pois até eu, que sou um subalterno, tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: 'Vai' e ele vai, e a outro digo: 'Vem' e ele vem, e ao meu escravo: 'Faze isto' e ele o faz". ⁹Ouvindo essas palavras, Jesus encheu-se de admiração por ele; voltou-se para a multidão que o seguia e disse: "Eu vos digo, mesmo em Israel não encontrei tamanha fé". ¹⁰E ao chegarem de volta, os enviados encontraram o escravo^a em boa saúde.

Ressurreição de um jovem em Nain.

¹¹Ora, Jesus foi em seguida a uma cidade chamada Nain^a. Os seus discípulos iam com ele, como também uma grande multidão. ¹²Quando chegou perto da porta da cidade, estavam levando um morto para enterrar, um filho único^a, cuja mãe era viúva, e uma multidão considerável da cidade a acompanhava. ¹³Ao vê-la, o Senhor^a foi tomado de compaixão por ela e lhe disse: "Não chores mais". ¹⁴Ele se admirou e tocou na padiola^a; os que a carrega-

vam pararam; e ele disse: "Jovem, eu te ordeno, desperta". ¹⁵Então o morto se assentou e pôs-se a falar. E Jesus o entregou à sua mãe". ¹⁶Todos ficaram tomados de temor, e eles glorificaram a Deus^a, dizendo: "Um grande profeta" se ergueu no meio de nós e Deus visitou^a o seu povo". ¹⁷E essa opinião sobre Jesus se espalhou em toda a Judéia e em toda a região^a.

João Batista interroga-se sobre Jesus

(Mt 11,2-6). ¹⁸Os discípulos de João relataram todos esses fatos ao seu mestre; e ele, dirigindo-se a dois de seus discípulos, ¹⁹mandou-os ao Senhor^a para lhe perguntar: "És tu 'Aquele que vem' ou devemos esperar outro?" ²⁰Ao chegarem junto de Jesus, esses homens lhe disseram: "João, o Batista, enviou-nos a ti para perguntar: 'És tu aquele que vem, ou devemos esperar outro?'" ²¹Naquele momento, Jesus curou muitas pessoas de doenças, de enfermidades e de espíritos malignos e restituiu a vista a muitos cegos^a. ²²Depois, respondeu aos enviados: "Ide relatar a João o que tendes visto e ouvido: *os cegos recuperam a vista, os*

o. Numerosos mss. trazem aqui *será curado*, sob a influência de Mt 8,8.

p. A *fé* do centurião consiste em aceitar sem reserva a autoridade de Jesus (cf. Mt 8,10 nota). A fórmula de Lc é menos dura para Israel do que a de Mt.

q. A esta palavra, numerosas testemunhas acrescentam ou substituem o *doente*.

r. Decerto Lc introduz aqui esta narração que lhe é própria para preparar a palavra de Jesus em 7,22 (cujo paralelo em Mt 11,5 é preparado por 9,23-26). Como acontece frequentemente em Lc, a narração aplica a Jesus alguns traços da história de Elias (1Rs 17,10.12.17-24).

s. Só Lc notará ainda um traço análogo em 8,42 e 9,38. É, sem dúvida, uma evocação do milagre de Elias (1Rs 17,12).

t. Lc dá a Jesus este título perto de vinte vezes nas seções narrativas de seu relato, sem falar dos vocativos *Senhor*, cujo sentido é mais fraco. Dessa maneira, ele assinala a realza misteriosa de Jesus. Mt e Mc só chamam a Jesus de *o Senhor* (Mt 21,3; Mc 11,13) uma vez cada um.

u. Conforme o uso palestino, o corpo é colocado diretamente sobre uma padiola; mas Lc, como em 5,19 imagina as coisas no contexto greco-romano.

v. Este verbo, cujo sentido primitivo é *fazer levantar, levantar-se* (cf. Lc 1,69; 3,8; 5,23.24; 6,8; At 9,8; 10,26) e *despertar* (cf. At 12,7), foi empregado para designar a *ressurreição* dos mortos desde as origens desta crença (cf. um dos textos gregos de Dn 12,2). Lc o emprega, como os outros autores do NT, para designar a *ressurreição* geral no último dia (20,37 e talvez 11,31),

e também as *ressurreições* operadas por Jesus (7,22; 8,54) e a *Ressurreição* do Mestre (9,22; 24,6.34). Este termo é muitas vezes empregado na mensagem pascal antiga (At 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,37; 1Ts 1,10; 1Cor 15,4.12-15...), em paralelo com o outro verbo significando *levantar*, que se encontra em Lc 8,55 (cf. v. 54); 18,33; 24,7 (cf. v. 6); 46 e no livro dos Atos (cf. At 10,40).

w. Lc evoca aqui o milagre de Elias (1Rs 17,23), como em 9,42.

x. Cf. 2,20 nota.

y. Os únicos profetas aos quais o AT atribui *ressurreições* são Elias (1Rs 17,17-24) e Eliseu (2Rs 4,18-37 e 13,20-21).

z. Cf. 1,68 nota.

a. Na língua de Lc, a *Judéia* designa muitas vezes toda a terra dos judeus e compreende a Galiléia, à qual pertence Nain (cf. 1,5 nota); a *região* pode designar as regiões pagãs que a rodeiam.

b. Mss. bastante numerosos têm aqui *Jesus*. Mas a expressão *o Senhor* é bem atestada, e é característica de Lc (cf. o v. 13 nota).

c. Esta fórmula é nos evangelhos uma designação do Messias (Mc 1,7 e par.; 11,9 e par.; Mt 23,39 e Lc 13,35; Jo 6,14; 11,27; cf. Sl 118,26).

d. *João*, preso por Herodes (3,20), dá-se conta de que Jesus é diferente do Messias juiz e purificador de Israel que tanto ele como seus contemporâneos esperavam (3,16-17). A sua mensagem a Jesus parece menos uma pergunta do que um convite a passar à ação.

e. Este versículo, ausente de Mt (11,3), que já contou milagres desse gênero, é introduzido por Lc para fundar a afirmação do versículo seguinte (cf. 7,11 nota).

cofos andam direito, os leprosos são purificados e *os surdos ouvem*¹, *os mortos ressuscitam*, a *boa nova*² é anunciada aos pobres. ²³E feliz de quem não cair por causa de mim³."

Julgamento de Jesus sobre João, o Batista (Mt 11,7-11). ²⁴Quando os enviados de João partiram, Jesus pôs-se a falar dele às multidões: "Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ²⁵Então que fostes ver? Um homem vestido de trajes elegantes? Mas os que vestem trajes suntuosos e vivem no luxo acham-se nos palácios dos reis. ²⁶Então, que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, mais que um profeta⁴. ²⁷Dele é que está escrito: *Eis que envio o meu mensageiro diante de ti; ele preparará o teu caminho diante de ti*. ²⁸Digo-vos, entre os que nasceram de mulher nenhum⁵ é maior do que João; e todavia, o menor no Reino de Deus é maior do que ele⁶."

O acolhimento feito a João Batista e a Jesus (Mt 11,16-19). ²⁹Todo o povo, ao

ouvi-lo, e mesmo os coletores de impostos, reconheceram a justiça de Deus⁷, fazendo-se batizar com o batismo de João. Mt 21,32

³⁰Mas os fariseus e os legistas⁸ rejeitaram o desígnio que Deus tinha a seu respeito⁹, não se fazendo batizar por ele. ³¹"A quem, pois, compararei os homens desta geração? A quem são comparáveis? ³²São comparáveis a crianças sentadas na praça e que se interpelam umas às outras, dizendo:

'Tocamos flauta para vós, e não dançastes.

Entoamos¹⁰ um canto fúnebre, e não chorastes'.

³³"De fato, João, o Batista, veio: ele não come pão, não bebe vinho, e dizeis: 'Ele perdeu o juízo'. ³⁴V veio o Filho do Homem, come, bebe, e dizeis: 'Eis um comilão e um bebedor', amigo dos coletores de impostos e dos pecadores'. ³⁵Mas a Sabedoria¹¹ foi reconhecida justa¹² por todos os seus filhos¹³."

Jesus e a pecadora¹⁴. ³⁶Um fariseu convidou-o a comer com ele¹⁵; ele entrou na

f. Jesus apresenta os seus milagres e a sua pregação nos termos com que Lc 26,19; 29,18; 35,5-6 e 61,1 anunciava a era da salvação. São esses os sinais da sua missão de Salvador.

g. Lc 4,18 já mostrou na pregação aos pobres o essencial da missão de Jesus, que cumpre o oráculo de Is 61,1.

h. Jesus sabe que é difícil para os seus contemporâneos, e mesmo para João, reconhecer-lo como Messias. A presente bem-aventurança é um convite à fé, a partir dos sinais que ele oferece.

i. É por sua exigência inflexível de justiça que João está na cadeia (3,19-20); ele não é um *junco* que se dobra ao vento.

j. João é um asceta (1,15.80; 7,33), não um cortesão.

k. Certos meios do judaísmo da época esperam o *profeta precursor* do Dia do Senhor (Jo 1,21; 6,14; 7,40).

l. Em Mt 3,1 Deus anuncia o mensageiro que preparará o caminho *diante dele* (o texto é próximo de Ex 23,20). Aqui, Jesus cita este texto para anunciar o seu próprio precursor (cf. 1,17).

m. Numerosos mss. acrescentam aqui a palavra *profeta*, que não se encontra no paralelo de Mt 11,11.

n. Cf. Mt 11,11 nota. Em Lc esta antítese adquire toda a sua força pela distinção entre o tempo de João e o tempo de Jesus (cf. 3,20 nota; 16,16 nota).

o. Lit. *justificaram a Deus*. Eles reconheceram e cumpriram a vontade de Deus. Para Lc, todo o povo acolheu a missão de João, mesmo os pecadores (3,10-14,21). Esta visão é mais otimista que a de 7,31-35.

p. Lc emprega muitas vezes este termo (10,25; 11,45-46,52; 14,3), que se encontra uma vez em Mt 22,35. Ele designa na realidade os escribas; são os doutos (11,45-52).

q. Muitos traduzem: *rejeitaram por sua parte o desígnio de Deus* (sobre o *desígnio de Deus*, cf. At 2,23 nota). Segundo Mt 3,7, muitos fariseus tinham vindo ao batismo de João.

r. Várias testemunhas acrescentam *para vós* (cf. a frase precedente).

s. Lit. *ele tem um demônio*. Como em Jo 7,20 e 10,20, a expressão é figurativa e não visa à *posseção* propriamente dita.

t. Esta calúnia repleta de ódio mostra pelo menos que, aos olhos dos seus contemporâneos, Jesus não aparece como um asceta, ao contrário de João (cf. o contraste entre 1,80 e 2,40).

u. Lc notou várias vezes os vínculos de Jesus com a *Sabedoria* de Deus, cuja mensagem ele traz (2,40-52; 11,31; 21,15). Aqui, como em 11,49, Jesus se refere à *Sabedoria* como ao próprio Deus em seu desígnio, seguindo uma fórmula judaica.

v. Lit. *foi justificada*. Cf. v. 29 nota.

w. Mt 11,19 diz *suas obras*. Talvez haja aí duas tradições diferentes do mesmo original semítico. Para Lc, há filhos da Sabedoria: os que acolhem Jesus pela fé e respondem assim ao desígnio de Deus (cf. v. 30). Eles são verdadeiramente os filhos de Deus (cf. Jo 1,12).

x. Esta união de Jesus se assemelha à de Betânia, que os outros evangelhos ligam à Paixão (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8). Ela tem um sentido totalmente diverso: é uma cena de conversão e de perdão, provavelmente posta neste lugar por causa de 7,34. Lc apresenta aqui o seu tema favorito: a misericórdia de Jesus para com os pecadores (15; 19,1-10; 23,40-43).

y. Lc é o único evangelista que mostra os *fariseus* tão favoráveis a Jesus, que chegam a convidá-lo à sua mesa (11,37;

casa do fariseu e se recostou à mesa^z.
³⁷Chegou uma mulher da cidade, que era pecadora^a; ela soube que ele estava à mesa em casa do fariseu. Trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume^b ³⁸e vindo por detrás, em lágrimas, aos pés de Jesus^c, ela se pôs a banhar os seus pés de lágrimas; enxugava-os com os seus cabelos, cobria-os de beijos e derramava perfume sobre eles^d.

³⁹Vendo isso, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: "Se este homem fosse um profeta^e, saberia quem é esta mulher que o toca, e o que ela é: uma pecadora". ⁴⁰Jesus tomou a palavra e lhe disse: "Simão, tenho algo a dizer-te". "Fala mestre", disse ele. ⁴¹"Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentas moedas de prata^f, o outro, cinquenta. ⁴²Como não tivessem com que pagar, ele perdoou a dívida de ambos. Qual dos dois o amará mais?" ⁴³Simão respondeu: "Penso que aquele a quem ele perdoou a maior dívida". Jesus lhe disse: "Julgaste bem".

⁴⁴E voltando-se para a mulher, ele disse a Simão: "Estás vendo esta mulher? Eu entrei em tua casa: tu não me derra-

maste^h água sobre os pés, mas ela banhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. ⁴⁵Tu não me beijaste, mas ela, desde que entrouⁱ, não cessa de me cobrir os pés com beijos. ⁴⁶Tu não derramaste óleo perfumado sobre a minha cabeça, mas ela derramou perfume sobre os meus pés^j. ⁴⁷Se eu te declaro que os seus pecados tão numerosos foram perdoados, é porque ela mostrou muito amor^k. Mas aquele a quem se perdoa pouco, testemunha pouco amor". ⁴⁸Ele disse à mulher: "Os teus pecados foram perdoados".

⁴⁹Os convivas se puseram a dizer consigo mesmos: "Quem é este homem que chega a perdoar os pecados?" ⁵⁰Jesus disse à mulher: "A tua fé te salvou. Vai em paz"^{l,48}.

8 Os que acompanhavam Jesus em sua pregação. ¹Ora, a seguir, Jesus caminhava através de cidades e aldeias; ele proclamava e anunciava a boa nova do Reinado de Deus. Os Doze estavam com ele^m, ²e também mulheresⁿ que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças. Maria, dita de Mágdala^o, da

Mc 16,9

14,1) e a preveni-lo da ameaça de Herodes (13,31). Neste ponto, ele está sem dúvida mais próximo da realidade histórica do que Mc e sobretudo Mt, para quem o fariseu se tornou sistematicamente o adversário de Jesus, em decorrência das polémicas da Igreja nascente. Este juízo mais matizado de Lc pode ser devido à influência de Paulo, que sempre se ufanou de ter sido fariseu (Fl 3,5; cf. At 23,6; 26,5).

z. *Se recostou*: sobre o leito onde se estende o convidado nas refeições solenes (cf. 11,37; 12,37; 13,29; 14,7-10; 17,7; 20,46; 22,14; 24,30).

a. Pode-se entrar livremente nunca casa onde se dá um festim.

b. O clima do Oriente explica o uso abundante que aí se faz dos perfumes.

c. Jesus está estendendo sobre um leito diante da mesa (v. 36) e a mulher permanece fora do círculo dos convivas.

d. O fato insolito aqui é a condição da mulher, mais ainda do que os sinais de sua afeição.

e. Alguns mss. trazem: *o profeta* (cf. 7,26 nota).

f. Para o fariseu, esta mulher é legalmente impura, e um verdadeiro profeta deveria afastá-la.

g. Lit. *quinhentos denários*. O denário era então o salário de um dia de trabalho de um operário agrícola (cf. Mt 20,2).

h. Lit. *deste* (cf. v. 45). É um costume da hospitalidade oriental (Gn 18,4; 19,2...). Lc há de insistir também na hospitalidade oferecida a Jesus por Marta e Maria (10,38-42) e por Zaqueu (19,1-10).

i. A maior parte dos mss. lê: *desde que eu entrei*. Seguimos aqui algumas testemunhas antigas, cujo texto é mais coerente com a narração.

j. Alguns mss. antigos omitem: *sobre os meus pés*, o que permite traduzir: *ela aí derramou perfume*. Neste caso trata-se de uma unção sobre a cabeça, como em Jo 11,2.

k. Traduziu-se muitas vezes: *os seus pecados... foram perdoados porque ela muito amou*. Mas esta interpretação parece excluída, tanto pelo fim do versículo, como pela parábola que precede (vv. 41-43). O amor é consequência e sinal do perdão (cf. 19,8-9).

l. Vindo a Jesus, a mulher mostrou publicamente a sua fé, que a aparta do pecado. Longe de comprometer Jesus, ela já vem purificada. Obtém a *paz*, que é, na Bíblia, plenitude de vida, salvação, mais do que tranquilidade psicológica; cf. 1,79 nota.

m. Jesus cumpre a sua missão em companhia de um grupo de discípulos, como farão mais tarde os missionários da Igreja (At 8,14; 11,26; 13,2-3...). Mas os Doze só receberão a responsabilidade da missão a partir de 9,1-2.

n. A presença dessas *mulheres* em volta de Jesus, confirmada por Mt 27,55 e Mc 15,41, é um fato excepcional no mundo palestinese (cf. Jo 4,27).

o. Vamos encontrá-la ao pé da cruz (Mt 27,56 e par.), no sepultamento de Jesus (Mt 27,61 e par.) e no túmulo aberto (Lc 24,10 e par.), onde ela será a primeira a ver o Ressuscitado, segundo Jo 20,11-18.

qual haviam saído sete demônios^p.³Joana, mulher de Cusa, intendente^q de Herodes, Susana e muitas outras, que os^r ajudavam com os seus bens.

Parábola da semente (Mt 13,1-9; Mc 4,1-9). ⁴Foi quando uma grande multidão se reuniu e veio a ele de todas as cidades, que ele disse^s, em parábola: ⁵“O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, parte caiu à beira do caminho, foi calcada aos pés, e os pássaros do céu comeram tudo. ⁶Outra parte caiu sobre a pedra^t; brotou, mas secou por falta de umidade. ⁷Outra parte caiu no meio dos espinhos; crescendo junto, os espinhos a sufocaram. ⁸Outra parte ainda caiu na boa terra; brotou e produziu fruto ao centuplo^u”. Dizendo

De 29.3 isso, Jesus exclamou: “Quem tiver ouvidos para ouvir ouça^v!”

Por que esta parábola? (Mt 13,10-13; Mc 4,10-12). ⁹Os seus discípulos lhe perguntaram o que significava esta parábola. ¹⁰Ele disse: “A vós é dado^w conhecer os mistérios do Reino de Deus^x; mas para os

outros, é em parábolas, para que *olhem sem ver e ouçam sem compreender^a*.”

Explicação da parábola da semente (Mt 13,18-23; Mc 4,13-20). ¹¹“E eis o que significa a parábola^b: a semente é a palavra de Deus.¹²Os que estão à beira do caminho são os que ouvem, depois vem o diabo e retira a palavra do coração deles, a fim de que não cheguem à fé e não sejam salvos. ¹³Os que estão sobre a pedra são os que acolhem a palavra com alegria, quando a ouvem; mas eles não têm raízes: por um momento crêem, mas no momento da tentação^d, desistem. ¹⁴Aquilo que caiu entre os espinhos são os que ouvem e, por causa das preocupações, das riquezas e dos prazeres da vida, são asfixiados^e durante o caminho e não chegam à maturidade. ¹⁵Aquilo que está na boa terra são os que ouvem a palavra num coração leal e bom^f, a retêm e produzem fruto à força de perseverança^g.”

A luz para todos. Conclusão do discurso (Mc 4,21-25). ¹⁶“Ninguém acende uma lâmpada^h para cobri-la com um vaso

11,33;
Mt 15,15

p. A idéia de que *vários demônios* podem possuir a mesma pessoa se encontra também em 8,27.30 e 11,26. Isso deve ser uma representação judaica para significar o poder da influência de Satanás sobre o possuído (sobretudo com o número sete, que significa a plenitude). Para Maria de Mágdala, Lc não esclarece se se trata de doença ou de possessão, nem se ela é a pecadora de 7,36-50 como às vezes se pensou.

q. O cargo exato deste funcionário e a sua importância são maldefinidos, como também a função de Manaém junto a Herodes em At 13,1. Vários têm visto uma relação entre a menção de Lc a esses personagens do séquito de Herodes e os dados que só ele reporta sobre o tetrarca e sua família (Lc 3,1; 13,31; 19,12-14; 23,7-15; At 4,27; 12).

r. Em outros mss.: *que o ajudavam*.

s. Em paralelo a Mt 13,1-52 e Mc 4,1-34. Lc tem um discurso em parábolas (cf. Mc 4,2 nota). Mas o seu é muito mais curto. Talvez tenha posto à parte as duas parábolas que relata em 13,18-21. Parece sobretudo ter querido centrar este discurso em dois temas complementares: o mistério de Jesus reservado aos discípulos durante a missão de Jesus (8,10), e depois proclamado publicamente na pregação pascal (8,16-17).

t. Sobre esta parábola, cf. Mt 13,3 nota.

u. Nos paralelos de Mt e de Mc trata-se dos lugares pedregosos onde há muita terra, o que dá um quadro mais verossímil e bem palestinese.

v. Lc só guarda da parábola de Mt e de Mc o rendimento máximo.

w. Cf. Mc 4,9 nota.

x. Como Mc (cf. Mc 4,11 nota). Lc apresenta, nos vv. 9-10, o sentido do uso das palavras; mas ele é menos duro do que Mc para com Israel (cf. v. 4 nota; v. 10 nota).

y. Cf. Mt 13,11 nota.

z. Cf. Mt 13,11 nota.

a. Lc não prossegue como Mc a dura citação de Is 6,10, mas ele o fará explícita e completamente em At 28,26-27, quando a recusa da grande maioria de Israel estiver consumada.

b. Lit. *A parábola é esta*. Jesus responde agora à pergunta que os discípulos lhe faziam no v. 9 (cf. Mc 4,14 nota).

c. Lc é o único a precisar que a palavra deve ser acolhida na fé (cf. v. 13). Ele acrescenta aqui, como Paulo, que esta fé dá acesso à salvação.

d. Mt e Mc falam de tribulação escatológica (cf. Mt 24,21.29; Mc 13,19.24) e de perseguição. Lc pensa na vida cristã de todos os dias (cf. 9,23).

e. Pode-se traduzir também: *e que vão sob o peso das preocupações... da vida; eles são asfixiados e não chegam...*

f. Lit. *belo e bom*. Em grego, estes dois adjetivos associados designam o homem de *status*.

g. Este termo designa a resistência aos perigos que ameaçam a palavra. Ele é próprio de Lc, aqui em 21,19. É um termo familiar a Paulo: 1Ts 1,3; 2Cor 1,6; 6,4; 12,12; Rm 2,7; 5,3,4; 8,25; 15,4-5; Cl 1,11.

h. Como o sugere o v. 17, Lc opõe a obscuridade atual de Jesus à irradiação futura da pregação apostólica (cf. Mc 4,21 nota); assim ele completa a afirmação do v. 10.

ou para pô-la debaixo de uma cama; antes, põe-na sobre uma luminária para que os que entram vejam a luz. ¹⁷Pois não há nada secreto que um dia não apareça, nada oculto que não deva ser conhecido e vir à plena luz. ¹⁸Prestai, pois, atenção à maneira^a como ouvis. Pois àquele que tem será dado; e àquele que não tem, mesmo o que ele acredita^b ter ser-lhe-á tirado^c.”

12.2:
Mt 10,26

A verdadeira família de Jesus^d (Mt 12,46-50; Mc 3,31-35). ¹⁹A sua mãe e os seus irmãos^e chegaram perto dele, mas não podiam abordá-lo por causa da multidão. ²⁰Anunciaram-lhe: “A tua mãe e teus irmãos estão lá fora; eles querem te ver”. ²¹Ele lhes respondeu: “A minha mãe e os meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática^f”.

Jesus apazigua uma tempestade (Mt 8,18.23-27; Mc 4,35-41). ²²Ora, um dia ele subiu ao barco com os seus discípulos; e lhes disse: “Passemos para a outra margem do lago^g”, e eles se fizeram ao largo. ²³Enquanto navegavam, Jesus adormeceu. Um vendaval^h se abateu sobre o lago: o barco fazia água e eles se achavam em perigo. ²⁴Aproximaram-se e o despertaram, dizendo: “Mestre, mestre”, estamos perecendo!” Ele acordou, amea-

çouⁱ o vento e as vagas; eles se apaziguaram e fez-se a bonança. ²⁵Depois ele lhes disse: “Onde está a vossa fé?” Tomados de temor, eles se maravilharam^j e diziam entre si: “Quem é este, que manda até nos ventos e nas ondas”, e eles lhe obedeceram^k” 17,6

Cura de um possesso em região pagã (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20). ²⁶Eles aportaram na região dos gergesênios^l, que fica defronte da Galiléia. ²⁷Quando ele descia à terra, veio ao seu encontro um homem da cidade^m que tinha demôniosⁿ. Desde muito tempo, cie não vestia roupa e não morava numa casa, mas nos túmulos^o. ²⁸Ao ver Jesus, ele se lançou a seus pés gritando e disse com voz forte: “Que tens a ver comigo^p, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Eu te rogo^q, não me atormentes”. ²⁹Jesus ordenava, de fato, ao espírito impuro que saísse daquele homem. Pois, muitas vezes, o demônio se tinha apoderado dele; amarravam-no, para o guardar, com correntes e peias, mas ele arrebatava os seus grilhões e era impedido pelo demônio para os lugares desertos^r. ³⁰Jesus o interrogou: “Qual é o teu nome^s?” — “Legião”, respondeu ele, pois numerosos demônios haviam entrado nele. ³¹E eles lhe suplicavam que não lhes ordenasse ir para o abismo^t.

i. Diversamente de Mc 4,24, Lc faz a sentença referir-se à *atitude* daquele que *escuta*. Em Lc, esta é a conclusão do discurso em parábolas.

j. Acrescentando esta palavra, Lc reduz o paradoxo da sentença. Ele não o fará no texto paralelo 19,26 (cf. Mc 4,25; Mt 13,12; 25,29).

k. Cf. Mt 13,12 nota.

l. Mt e Mc colocam este episódio antes do discurso em parábolas. Lc o desloca para fazer dele a aplicação do seu discurso. m. Cf. Mt 12,46 nota.

n. Diversamente de Mc 3,21, Lc não diz que os familiares de Jesus vêm com a intenção de se apoderar dele.

o. Cf. Mt 12,50 nota. Lc particulariza, na linha do discurso precedente, que é preciso *escutar a palavra* com *fé* para a pôr em *prática* (cf. v. 15). Ele voltará a este ponto a respeito da mãe de Jesus (cf. 11,28 nota).

p. Jesus quer partir para uma região pagã que fica do outro lado do lago (sobre este termo, cf. 5,1 nota).

q. Cf. Mc 4,37 nota.

r. Cf. 5,5 nota.

s. Cf. Mt 8,26 nota.

t. A censura de Jesus aos discípulos é menos dura do que em Mc 4,40: eles têm a fé, mas não sabem pô-la em prática.

u. Lc nota o *temor* dos discípulos, como Mc 4,41, e o *pasmo* deles, como Mt 8,27. Ele salienta essas reações no fim de várias narrações de milagres (cf. 1,12 nota e 63 nota).

v. Lit. *a água*.

w. Aqui, e no v. 37, mss. bastante numerosos trazem *gadarenos* ou *gerasenos*, que parecem respectivamente as leituras originais de Mt e de Mc. De qualquer forma, trata-se da região pagã situada à margem oriental do lago.

x. Cf. os vv. 34 e 39. Nesta região, não pode passar de um simples povoado.

y. Cf. 8,2 nota.

z. Cf. Mc 5,2 nota.

a. Cf. 4,34 e Mc 1,24 nota.

b. Em Lc, os demônios suplicam a Jesus, enquanto em Mc 5,7 eles procuram afastá-lo pelo poder do nome de Deus.

c. O *deserto* é, no AT como entre os povos semíticos, a habitação dos seres demoníacos (Lv 16,10; Is 13,21; 34,12.14; Tb 8,3; Br 4,35). O evangelho utiliza por vezes essa representação (cf. Lc 4,1; 11,24).

d. Cf. Mc 5,9 nota.

e. Em Lc, os demônios têm medo de serem mandados de volta para o mundo infernal, enquanto em Mc eles temem ser expulsos da região. Cf. Ap 9,1 nota; 20,1.3.

³²Ora, havia ali uma vara considerável de porcos^f pastando na montanha. Os demônios suplicaram a Jesus que lhes permitisse entrar naqueles porcos. Ele lhes permitiu. ³³Os demônios saíram do homem, entraram nos porcos e a vara se precipitou, do alto da escarpa, no lago e aí se afogou.

³⁴À vista do que acontecera, os guardas fugiram e relataram o fato na cidade e nas aldeias. ³⁵O povo veio ver o que acontecera. Eles chegaram perto de Jesus e acharam, sentado a seus pés^g, o homem do qual haviam saído os demônios: ele estava vestido e em pleno juízo, e eles ficaram tomados de temor. ³⁶Os que tinham visto lhes relataram como aquele que era demoníaco fora salvo^h. ³⁷Então toda a população da região dos gergesênios pediu a Jesus que se afastasse deles, pois estavam tomados de grande medo; e ele subiu ao barco e voltou.

³⁸O homem do qual os demônios tinham saído pedia-lhe para ficar com ele. Mas Jesus o despediu, dizendo: ³⁹“Volta para a tua casa e conta tudo o que Deus fez por ti”. E o homem se foi, proclamando por toda a cidadeⁱ tudo o que Jesus fizera por ele.

Cura de uma mulher e ressurreição da filha de Jairo (Mt 9,18-26; Mc 5, 21-43). ⁴⁰Ao voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois eles estavam todos a

esperá-lo. ⁴¹E eis que chegou um homem chamado Jairo; ele era chefe da sinagoga^j. Caindo aos pés de Jesus, suplicava-lhe que viesse à sua casa ⁴²porque ele tinha uma filha única^k, de cerca de doze anos, que estava morrendo. Enquanto Jesus ia, as pessoas quase o sufocavam.

⁴³Havia ali^l uma mulher que sofria de hemorragias fazia doze anos; ela perdera tudo o que possuía com médicos^m e nenhum a pudera curar. ⁴⁴Aproximou-se por detrásⁿ, tocou na franja^o de sua veste e, no mesmo instante, a sua hemorragia cessou. ⁴⁵Jesus perguntou: “Quem foi que me tocou?” Como todos se escusassem, Pedro^p disse: “Mestre, é o povo que te aperta e te comprime”. ⁴⁶Mas Jesus disse: “Alguém tocou em mim; eu senti uma força sair de mim”. ⁴⁷Vendo que não passou despercebida, a mulher veio, tremendo, lançar-se aos seus pés; ela contou diante de todo o povo por que motivo havia tocado nele, e como tinha sido curada no mesmo instante. ⁴⁸Então ele lhe disse: “Minha filha, a tua fé te salvou. Vai em paz.”

⁴⁹Ele ainda falava quando chegou alguém da casa do chefe da sinagoga e disse: “A tua filha morreu. Não incomodes mais o mestre”. ⁵⁰Mas Jesus, que ouvira, disse a Jairo: “Não tenhas medo; crê somente e ela será salva”. ⁵¹Ao chegar à casa, Jesus não deixou entrar consigo senão Pedro, João e Tiago^q com o

Nm 15,
38-39;
Dt 2,12

f. Cf. Mc 5,11 nota.

g. É em Lc a atitude do discípulo. Cf. 10,39 e At 22,3.

h. Pode-se traduzir: *Aqueles que tinham visto como o que era demoníaco tinha sido salvo lhes relataram*. — Lc introduz no fim o termo *salvar*, que designa tanto a cura (6,9; 8,48.50; 17,19; 18,42; 23,35.37.39) como a regeneração espiritual (7,50; 8,12; 19,10); aqui ele parece unir os dois sentidos.

i. Lc menciona a *cidade* (cf. vv. 27.34) e não a Decápole, como Mc 5,20. Nos dois casos, trata-se de um anúncio da salvação aos pagãos, mas ele é mais discreto em Lc. Para este, a pregação aos pagãos só começa na Páscoa.

j. Cf. Mc 5,22 nota.

k. Cf. 7,12 nota.

l. Estas duas palavras são acrescentadas por necessidade da tradução. Sobre a atitude da mulher, cf. Mc 5,28 nota.

m. Alguns bons mss. antigos omitem: *ela tinha gasto todos os seus bens com os médicos*.

n. Por causa de sua doença, a mulher é legalmente impura, e sua impureza é contagiosa (Lv 15,18-27). É-lhe proibido mistu-

rar-se com a multidão, e, em particular, aproximar-se do profeta. Daí a sua atitude discreta.

o. Cf. Mt 9,20 nota.

p. Lc é o único a mencionar *Pedro*. Numerosos mss. antigos acrescentam: *e os seus companheiros*.

q. Lc já assinalou esta ação do poder de Deus em Jesus (5,17; 6,19). Ele o apresenta aqui como uma energia que pode agir independentemente da vontade de Jesus, mas da qual este tem consciência.

r. Cf. Mt 9,22 nota e Lc 7,50 nota.

s. Em Lc, o tempo do verbo indica que Jesus pede um *ato de fé*; em Mc 5,36, Jairo é convidado a continuar a crer.

t. Estes *três discípulos* serão testemunhas da transfiguração (9,28). Mt 26,37 e Mc 14,33 os mencionará junto de Jesus no Getsêmani. Destarte, estão particularmente associados à ação e ao mistério do Mestre. Contrariamente a Marcos, Lucas menciona João antes de Tiago, como em 9,28 e At 1,13; isso corresponde ao lugar de destaque que ele dá a João nos Atos.

pai e a mãe da criança. ⁵²Todos choravam e se lamentavam por causa dela. Jesus disse: "Não choreis; ela não está morta, ela dorme". ⁵³E eles zombavam de Jesus, porque sabiam que ela estava morta. ⁵⁴Mas ele, tomando-a pela mão, chamou-a: "Menina, acorda". ⁵⁵O seu espírito voltou e ela se levantou no mesmo instante. E ele ordenou que lhe dessem de comer. ⁵⁶Os seus pais ficaram estupefatos; e ele lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que havia acontecido.

9 Missão dos Doze (Mt 10,1-9.11-14; Mc 6,6-13). Tendo reunido os Doze, ele lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e lhes concedeu curar as doenças¹. ²Enviou-os² a proclamar o Reinado de Deus e fazer curas, ³e lhes disse: "Não leveis nada para a viagem, nem bastão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; não tendais duas túnicas cada um. ⁴Em qualquer casa onde entrardes, permanecí ali. Daí é que partireis de novo. ⁵Se não vos acolherem, deixando essa cidade, sacudi a poeira de vossos pés³: será um testemunho contra eles". ⁶Eles partiram e foram de cidade em cidade, anunciando a boa nova e fazendo curas por toda parte.

Herodes intrigado pela fama de Jesus (Mt 14,1-2; Mc 6,14-16). ¹Herodes, o tetrarca⁴, soube de tudo o que se passava e estava perplexo⁵ porque alguns diziam

que João ressurgira dos mortos, ⁶outros, que Elias aparecera⁶, outros, que um profeta de outrora ressuscitara. ⁷Herodes disse: "João, cu mesmo o fiz decapitar. Mas quem é este, de quem ouço dizer tais coisas?" E procurava vê-lo⁶.

Jesus sacia uma multidão (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44). ¹⁰Ao voltarem⁷, os apóstolos contaram a Jesus tudo o que haviam feito. Ele os levou e se retirou para um lugar afastado, para os lados de uma cidade chamada Betsaida⁸. ¹¹Ao saberem disso, as multidões o seguiam. Jesus os acolheu; falava-lhes do Reinado de Deus e curava aqueles que precisavam de cura⁸.

¹²Mas o dia começou a declinar. Os Doze se aproximaram e lhe disseram: "Despede a multidão; que eles vão se alojar⁹ nas aldeias e povoados dos arredores e aí achem o que comer, pois estamos aqui num lugar deserto". ¹³Mas ele lhes disse: "Dai-lhes de comer vós mesmos". Então eles disseram: "Nós não temos mais que cinco pães e dois peixes... a menos que vamos nós mesmos comprar comida para todo esse povo". ¹⁴Havia, com efeito, cerca de cinco mil homens.

Ele disse aos seus discípulos: "Fazei que se instalem por grupos¹⁰ de cinqüenta¹¹". ¹⁵Eles assim fizeram e instalaram a todos. ¹⁶Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos para o céu, ele os abençoou, partiu-os¹² e dava-

Mt 26,26

u. A menina está realmente morta (v. 53), mas para Jesus a morte não é definitiva; Deus pode despertar os mortos, reduzindo assim a morte a um simples sono (Jo 11,11; cf. At 7,60; 13,36; 1Ts 4,13-15; 1Cor 15,18-20); aqui Jesus talvez procure também reduzir o aspecto espetacular do acontecimento.

v. Cf. 7,14 nota. — O termo *menina* aqui é o mesmo que *criança* no v. 51.

w. Cf. o milagre de Elias em 1Rs 17,21-22.

x. Cf. Mc 5,43 nota. Lc modificou a construção do final de Mc para obter uma conclusão mais solene.

y. Cf. Mt 10,1 nota.

z. Cf. 6,13 nota e Mt 10,5 nota.

a. Cf. Mt 10,14 nota, e a realização dessa ordem em At 13,51.

b. Cf. Lc 3,1 nota.

c. Em Mt 14,2 e Mc 6,16, Herodes crê que João Batista, ressuscitou em Jesus. Para Lc, este monarca helenista deve ser demasiado cético para admitir tal possibilidade.

d. Como o anunciava Mt 3,23 (cf. Mt 17,10; Mc 9,11).

e. Lc prepara aqui 23,8.

f. Cf. Mc 6,35 nota.

g. Lc situa o episódio perto desta cidade, enquanto em Mc 6,45 os discípulos se dirigem a ela após a multiplicação dos pães.

h. Jesus *ensina*, como em Mc 6,34; ele *cura*, como em Mt 14,14 e 15,30.

i. Essa preocupação de alojar a multidão não é indicada nem em Mt nem em Mc; ela não corresponde aos costumes palestinos e deve ter sido introduzida aqui por Lc, que reage como grego.

j. Lit. *Fazei-os estenderem-se por leitos* (= canteiros). Cf. 7,36 nota.

k. Cf. Mc 6,40 nota.

l. A maneira dos judeus, Jesus inicia a refeição com uma bênção. Os seus gestos são relatados nos mesmos termos que na refeição eucarística; to Davida, Lc fala aqui de *abençoar* os pães e em 22,19 de dar graças.

si 78,29 -os aos discípulos para os oferecerem à multidão. ¹⁷Eles comeram e ficaram todos saciados; e foram recolhidos os pedaços que lhes sobraram: doze cestos".

Pedro reconhece Jesus como o Messias. Jesus declara que deve morrer

(Mt 16,13-21; Mc 8,27-31). ¹⁸Ora, como estivesse em oração, num lugar afastado, os discípulos estavam com ele, e ele os interrogou: "Quem sou eu no dizer das multidões?" ¹⁹Eles responderam:

9,7-8 "João, o Batista; para outros, Elias; para outros, tu és um profeta de outrora que ressuscitou".

²⁰Ele lhes disse: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro, tomando a palavra, respondeu: "O Cristo de Deus" ²¹E ele, com severidade, lhes ordenou que não o dissessem a ninguém, ²²explicando que o Filho do Homem devia sofrer muito, ser rejeitado por parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas, ser morto e, no terceiro dia, ressuscitar".

Como seguir Jesus (Mt 16,24-28; Mc 8,34-9,1). ²³Depois, ele disse a todos: "Se alguém quiser vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo e tome sua cruz cada dia, e siga-me. ²⁴Pois quem quiser salvar sua vida perdê-la-á: mas quem perde sua vida por causa de mim, salvá-la-á. ²⁵E que proveito tem o homem em ganhar o mundo inteiro, se ele se perde ou arruina a si mesmo?" ²⁶Pois se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem se envergonhará dele quando vier em sua glória e na do Pai e dos santos anjos. ²⁷Verdadeiramente eu vos digo, entre os que estão aqui, alguns não morrerão antes de ver o Reinado de Deus".

A glória do Filho de Deus (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8). ²⁸Ora, cerca de oito dias depois dessas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu à montanha para rezar. ²⁹Enquanto rezava, o aspecto do seu rosto mudou a sua roupa se

m. Cf. Mt 14,20) nota.

n. Sozinho com seus discípulos, Jesus os intima a se pronunciarem sobre a sua missão. Pedro, em nome de todos, o reconhece como o Messias. Imediatamente, Jesus afasta o equívoco temporal por meio do anúncio de sua morte próxima. Em Lc, como em Jo 6,67-71, este episódio decisivo se segue à multiplicação dos pães. Mt 14,22-16,12 e Mc 6,45-8,26 inserem entre os dois acontecimentos uma viagem bastante longa em território pagão.

o. Cf. 3,21 nota.

p. Segundo Mt 16,13 e Mc 8,27, a cena se passa na região de Cesaréia de Filipe; Jo 6,59 a situa em Cafarnaum. Lc se limita a notar o isolamento de Jesus com os seus discípulos.

q. Poder-se-ia também traduzir: *uns responderam*: "João, o Batista", outros "Elias", outros: "dizem que tu és..."

r. Lc repetirá este título em 23,35. Ele já mostrou Jesus proclamado Cristo pelos anjos (1,32-33; 2,11), por Simeão (2,26-30), pelos demônios (4,41); mas Pedro é o primeiro dos discípulos a dar este título a Jesus (sobre a tradução *o Cristo*, cf. 3,15 nota).

s. Lit. *dizendo*. Lc liga estreitamente o silêncio que Jesus impõe aos seus discípulos sobre a sua dignidade messiânica ao anúncio de sua morte próxima. Só quando Jesus tiver ressuscitado, os Doze proclamaram publicamente a Jesus como Messias (At 2,36).

t. Estas três categorias de personagens são as três ordens que constituem o Sinédrio.

u. Cf. Mt 16,21 nota. Lc não relata a intervenção de Pedro para afastar Jesus da morte (Mt 16,22-23 e Mc 8,32-33), mas ele insistirá em 9,45 e 18,34 sobre o fato de que os discípulos não compreenderam esse anúncio.

v. Essas diversas palavras de Jesus, que encontramos em outros lugares nos evangelhos (Mt 10,38-39,33; Lc 14,27; 17,33; 12,9), foram reunidas aqui por uma tradição já antiga, para apli-

car aos discípulos a lição da morte do seu Mestre (cf. Jo 12,25-26).

w. Por esta introdução, Lc dá a sentir que essas palavras não visam somente aos Doze, mas a todos os discípulos de Jesus (cf. Mc 8,34).

x. Cf. Mc 8,34 nota.

y. Estas duas palavras que Lc introduz aqui (cf. 11,3) frisam que se trata de uma lei permanente da vida do cristão.

z. Cf. 12,19 nota.

a. A expressão *se arruina* corresponde à que é traduzida em Mt 16,26 e Mc 8,34 por: *ele o paga* (com sua vida). Este termo deve ter parecido muito fraco a Lc, que acrescenta *se ele se perde*.

b. Em Mt 16,27 e Mc 8,38, só se trata da glória do Pai. Lc acrescenta-lhe a glória pessoal do Filho que Jesus vai manifestar em sua Transfiguração (9,32), como prenúncio da sua glória pascal (24,26).

c. Lit. *não saborearão a morte* (expressão judaica).

d. Para Lc, *ver o Reino de Deus* é, sem dúvida, reconhecer o senhorio pascal de Jesus ressuscitado (22,69; At 2,36), cujo anúncio a transfiguração vai constituir. Cf. Mc 9,1 nota.

e. Cf. Mt 17,1 nota. Lc vai insistir sobre a conversa de Jesus com dois profetas que o prefiguraram no AT: eles falam do acontecimento pascal a realizar-se em Jerusalém. Esse acontecimento é anunciado aqui pela glória de Jesus, que Lc é o único a mencionar, no v. 32 (cf. 24,26).

f. Cf. Mt 17,1 nota.

g. Cf. 3,21 nota.

h. Lc evita a palavra grega "metamorfose" (Mt 17,2; Mc 9,2) que tem para os seus leitores uma ressonância pagã; ele vai falar antes da glória de Jesus (v. 32).

tornou de uma brancura fulgurante.³⁰ E eis que dois homens conversavam com ele; eram Moisés e Elias³¹; aparecendo na glória³², falavam da partida³³ de Jesus que ia se realizar em Jerusalém.³⁴ Pedro e os seus companheiros estavam acoburnhados de sono; mas, acordando³⁵, viram a glória de Jesus e os dois homens que com ele estavam.³⁶ Ora, como estes se apartassem de Jesus³⁷, Pedro lhe disse: "Mestre, é bom que estejamos aqui³⁸; ergamos três tendas³⁹: uma para ti, uma para Moisés, outra para Elias". Ele não sabia o que dizia.

³⁴ Enquanto ele assim falava, sobreveio uma nuvem que os recobria⁴⁰. O temor se apossou deles no momento em que penetravam nela.⁴¹ E uma voz fez-se ouvir proveniente da nuvem; ela dizia: "Este é o meu Filho, aquele que eu escolhi⁴², ouvi-o!"⁴³ No momento em que a voz ressoou, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naquele tempo⁴⁴, não contaram a ninguém nada do que haviam visto⁴⁵.

Cura de um menino possesso (Mt 17,14-18; Mc 9,14-27). ³⁷ Ora, no dia seguinte, quando eles desciam da montanha, uma grande multidão veio ao encontro de Jesus.³⁸ E eis que do meio da

multidão um homem exclamou: "Mestre, eu te rogo, põe teus olhos sobre o meu filho, pois ele é o meu filho único".³⁹ Acontece que um espírito se apodera dele; de repente ele grita⁴⁰, ele o faz ter convulsões e espumar, e só o abandona muito dificilmente, deixando-o todo alquebrado.⁴¹ Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam".⁴² Tomando a palavra, Jesus disse: "Geração incrédula e transviada, até quando estarei eu junto de vós" e terei de vos suportar? Traze aqui o teu filho".⁴³ Apenas a criança se aproximou, o demônio a lançou por terra e a agitou em convulsões. Mas Jesus ameaçou o espírito impuro, curou a criança e a entregou a seu pai".⁴⁴ E todos estavam impressionados com a grandeza de Deus⁴⁵.

Segundo anúncio da Paixão (Mt 17,22-23; Mc 9,30-32). Como todos se admirassem de tudo o que ele fazia, Jesus disse aos seus discípulos: ⁴⁴ "Escutai bem o que eu vou dizer-vos⁴⁶: o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens".⁴⁷ Mas eles não compreendiam esta palavra; ela lhes permanecia velada, para que não compreendessem o seu sentido⁴⁸; e eles tinham medo de interrogá-lo a este respeito.

i. Cf. Mt 17,3 nota.

j. Moisés e Elias possuem a glória porque foram associados à obra de Deus (Ex 34,29-35; 2Cor 3,7-11) e voltaram para junto dele de modo misterioso (Dt 34,5-6; 2Rs 2,11-12). A glória será concedida a todos os que forem admitidos no mundo futuro (1Ts 2,12; 2Ts 2,14; 1Cor 2,7; 15,43; 2Cor 3,18; 4,17; Fl 3,21; Rm 5,2,8,18,21; Cl 1,27; 3,4). Jesus a possui aqui antes da sua ressurreição (v. 32; cf. 2,9 nota).

k. Lit. *éxodo*. Jesus deve realizar o novo éxodo, por sua morte, ressurreição e ascensão, que permitirão aos seus aceder a Deus com ele. Este mistério vai se realizar em Jerusalém, centro da história da salvação.

l. Pode-se traduzir também: *permanecendo acordados*.

m. Lc distingue mais claramente que Mt e Mc a aparição de Moisés e de Elias e a palavra de Deus. Os profetas atestaram que Jesus cumpre as promessas do AT. Deus declara que Jesus é seu Filho.
n. A fórmula é equívoca: será que é para Pedro, em sua alegria presente, ou para os personagens misteriosos aos quais ele quer prestar serviço? De qualquer forma, Pedro compreende mal a situação e sonha com prolongá-la.

o. Cf. Mt 17,4 nota.

p. Como em Lc 1,35, esta palavra indica uma vinda de Deus à maneira das suas manifestações ao povo do Éxodo (Ex 40,35; Nm 9,18,22; 10,34).

q. Lc 23,35 dará ainda a Jesus este título, que deve provir de Is 49,7 e se encontra nos escritos apocalípticos do judaísmo.

r. Cf. Mt 17,5 nota.

s. Segundo o seu hábito, Lc distingue claramente o tempo da missão terrestre de Jesus e o tempo posterior à Páscoa, no qual os apóstolos proclamaram o seu mistério.

t. Lc não relata a conversa dos discípulos com Jesus sobre a identificação de João Batista com Elias (Mt 17,9-13; Mc 9,9-13). Para Lc, Elias é antes a prefiguração de Jesus (cf. 1,17 nota).

u. Cf. 7,12 nota.

v. Vários mss. omitem a menção ao gritar, sem dúvida porque atribuído ao espírito.

w. Cf. Mt 17,17 nota.

x. Cf. 7,15 nota.

y. Lc conclui à maneira das narrações de milagres (cf. 1,63 nota).

z. Lit. *Ponde estas palavras em vossos ouvidos, pois...* (cf. Lc 1,44; 4,21; At 11,22). Vários compreendem: *Guardai bem o que eu vos disse, pois...*

a. Contrariamente a Mt e Mc, Lc não relata aqui o anúncio da Ressurreição de Jesus. É sem dúvida para significar que a compreensão dos discípulos (v. 45) é relativa à Paixão de Cristo.

b. Pode-se traduzir também: *de sorte que eles não podiam perceber o sentido dela*.

Quem é o maior? (Mt 18,1-5; Mc 9,33-37). ⁴⁶Surgiu entre eles uma discussão: qual deles seria o maior? ⁴⁷Jesus, sabendo da pergunta que eles se faziam^d, tomou uma criança, postou-a junto de si, ⁴⁸e lhes disse: "Quem acolhe em meu nome esta criança^e acolhe a mim mesmo; e quem me acolhe acolhe Aquele que me enviou; pois aquele que é o menor entre vós, este é que é o maior".

Quem não é contra vós é por vós (Mc 9,38-41). ⁴⁹Tomando a palavra, João lhe disse: "Mestre, nós vimos alguém que expulsava os demônios em teu nome^f e procuramos impedi-lo^g, porque ele não te segue conosco". ⁵⁰Mas Jesus disse: "Não o impeçais, pois aquele que não está contra vós é a favor de vós^h".

A partida de Jesus para Jerusalém. Mau acolhimento na Samariaⁱ. ⁵¹Ora, como chegasse o tempo em que ele ia ser arrebatado do mundo^j, Jesus tomou resolutamente^k a estrada de Jerusalém. ⁵²Ele enviou mensageiros adiante de si^l. Estes, pondo-se a caminho, entraram em uma

aldeia de samaritanos para preparar a sua vinda^m. ⁵³Mas não o acolheram, porque ele viajavaⁿ para Jerusalém. ⁵⁴Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: "Senhor, queres que digamos que o fogo caia do céu e os consuma?" ⁵⁵Mas Jesus, voltando-se, os repreendeu^p. ⁵⁶E eles viajaram para outra aldeia.

Tudo deixar para seguir Jesus^q (Mt 8,19-22). ⁵⁷Enquanto estavam andando, alguém disse a Jesus no caminho: "Eu te seguirei para onde quer que vás". ⁵⁸Jesus lhe disse: "As raposas têm tocas e os pássaros do céu, ninhos; o Filho do Homem, porém, não tem onde recostar a cabeça^r".

⁵⁹A um outro, ele disse: "Segue-me^s". Este respondeu: "Permite-me ir primeiro entrar o meu pai". ⁶⁰Mas Jesus lhe disse: "Deixa os mortos enterrarem os seus mortos^t, mas tu, vai anunciar o Reinado de Deus".

⁶¹Um outro ainda lhe disse^u: "Eu vou te seguir, Senhor, mas primeiro permite-me despedir-me dos da minha casa". ⁶²Jesus lhe disse: "Quem quer que ponha a mão no arado e olhe para trás não é feito para o Reino de Deus^v".

c. Pode-se traduzir também: *uma questão veio-lhes ao espírito*; o v. 47 indica que se trata de um questionamento interior.

d. Lit. *a pergunta do coração deles* (cf. 6,8 nota).

e. Cf. Mt 18,3 nota.

f. Lc relatará em At 16,18 e 19,13 como Paulo *expulsou os demônios pelo nome de Jesus*.

g. Numerosos mss. trazem: *nós o impedimos disso*.

h. Este julgamento otimista (cf. Mc 9,40) contrasta com o que a polêmica imporá a Jesus em 11,23 (cf. Mt 12,30).

i. Lc abre aqui a longa seção da subida de Jesus a Jerusalém (9,51-19,28). Nisto, ele se aparta do plano de Mt e de Mc, que só retomará em 18,15 (Mt 19,13; Mc 10,13). Nesta seção ele apresenta numerosos elementos que lhe são próprios, muitos que são comuns com Mt, e alguns que se encontram em Mc. Esta parte é dominada pela perspectiva da Páscoa a realizar-se em Jerusalém e pela preocupação de Jesus em preparar os seus discípulos para a missão dele após a sua partida.

j. Lit. *Como se cumprissem os dias do seu arrebatamento*. Esta última palavra pode visar, ao mesmo tempo, à morte e à ascensão de Jesus (cf. 9,31 nota sobre o seu *êxodo*).

k. Lit. *Ele endureceu a sua face para tomar...* (cf. Is 50,7). A formulação solene deste versículo ressalta a importância da partida de Jesus para a cidade onde vai se consumir o mistério pascal.

l. Lit. *diante da sua face*. Esta expressão que evoca a alusão a Isaías do v. precedente, vai ser retomada ainda no v. 53 e em 10,1. Esta linguagem bíblica realça a significação sagrada da viagem de Jesus.

m. Lit. *para preparar para ele*. Os judeus evitavam as rela-

ções com os *samaritanos*, a quem odiavam por causa de suas origens bastardas e divergências religiosas (Sr 50,25-26; Jo 4,9). Jesus rompe com essas querelas (cf. 10,33-37; 17,16-19). Lc deve ver nisto um prelúdio à missão de Filipe em Samaria (At 8,5-25; cf. Jo 4,4-42).

n. Lit. *sua face estava indo* (o mesmo estilo solene).

o. É o castigo que Elias infligira a seus adversários (2Rs 1,10-12) como acrescentam aqui numerosos mss.

p. Mss. bastante numerosos acrescentam: *e ele lhes disse: Vós não sabeis de que espírito sois, (pois) o Filho do homem não veio para perder as vidas (dos homens), mas para salvá-las* (cf. Lc 19,10).

q. Os dois primeiros destes diálogos se encontram também em Mt; o terceiro é próprio de Lc. Este dá aos três um sentido particular, colocando-os na perspectiva da partida de Jesus, exatamente antes do envio em missão dos setenta e dois discípulos.

r. Diversamente de Mt e Mc, Lc nunca mostra Jesus em uma casa que seja própria dele ou do seu grupo (cf. 5,29 nota).

s. Em Mt 8,21-22, é o discípulo quem se apresenta. Em Lc, é Jesus quem toma a iniciativa de o chamar, como em Mc 1,17; ele o envia para anunciar o reino de Deus.

t. Cf. Mt 8,22 nota.

u. Estes dois versículos são próprios de Lc. Eles evocam o chamamento de Eliseu, por Filias (1Rs 19,19-21); mas Jesus é mais exigente que Elias, que deixava o seu discípulo despedir-se dos seus.

v. Para entrar nele (daí a tradução *Reino*), a menos que se trate de anunciar o *Reinado de Deus* como no v. 60 (cf. 4,43 nota).

10 Missão dos setenta e dois discípulos (Mt 9,37-38; 10,7-16; Mc 6,8-11; Lc 9,3-5). 'Depois disso, o Senhor designou setenta e dois' outros discípulos e os enviou, dois a dois, adiante de si^a, a toda cidade e localidade para onde ele próprio devia ir^b. 'Ele lhes disse:

Jo 4,38 "A messe é abundante, mas os operários, pouco numerosos. Pedi, pois, ao senhor da messe que mande operários para a sua messe^c. 'Ide! Eis que eu vos envio como

22.35 cordeiros para o meio de lobos. 'Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, e não saudeis ninguém pelo caminho^d.

⁵"Em qualquer casa^b onde entrardes, dizeis primeiramente: 'Paz^e a esta casa'. 'E se aí se achar um homem de paz^f, a vossa paz irá repousar sobre ele; senão, ela retornará a vós. 'Permaneei nessa, casa comendo e bebendo o que vos derem, pois o trabalhador merece o seu salário^g. Não vos mudeis de casa em casa^h.

⁶"Em qualquer cidade onde entrardes e 1Cor 10,27 vos acolherem, comei o que vos oferece-

rem. 'Curai os doentes que aí se acharem e dizei-lhes: 'Chegou até vós o Reinado de Deusⁱ'. 'Mas em qualquer cidade onde entrardes e não vos acolherem, sai para as praças e dizeis: 'Até a poeira de vossa cidade que se colou aos nossos pés, nós a sacudimos para vo-la restituir^j. No entanto, sabei: o Reinado de Deus chegou^k.

(Mt 11,24.21-23). 'Eu vos digo^l: naquele dia, Sodoma será tratada com menos rigor do que essa cidade. 'Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! pois, se os milagres que se realizaram no meio de vós se tivessem realizado em Tiro e em Sídon, há muito que elas se teriam convertido, vestidas de saco e sentadas na cinza^m. 'Sim, no juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós. 'E tu, Cafarnaum, serás tu elevada até o céu? Jo 4,38 Tu descerás até a morada dos mortosⁿ.

¹⁶"Quem vos ouve a mim ouve, e quem vos rejeita a mim rejeita; mas quem me rejeita rejeita aquele que me enviou^o".

w. Mss. bastante numerosos trazem *setenta* (como também no v. 17). Tanto uma leitura como a outra visam sem dúvida indicar o número das nações pagãs, tal como o judaísmo o encontra em Gn 10, segundo o texto hebraico (70) ou o texto grego (72). Lc sabe que a missão aos pagãos só começará após a Páscoa e Pentecostes (24,47; At 1,8), mas ele quer apresentar aqui uma prefiguração simbólica.

x. Lit. *perante a sua face* (cf. 9,52 nota).

y. Lc é o único que relata esta missão, mas ele pode ter obtido esta informação de uma boa tradição. As palavras de Jesus que ele aqui relata, mais desenvolvidas que as da missão aos Doze em Lc 9,2-5, encontram-se também, em sua maioria, em Mt, no discurso aos Doze (9,37-38; 10,7-16.40) e nos oráculos contra as cidades do lago (11,21-24). A intenção de Lc ao relatar essa missão parece dupla: quer mostrar que a missão não é reservada aos Doze e também que a missão na Palestina prefigura a missão aos pagãos (cf. acima, nota w). Essas duas perspectivas são evidentemente sugeridas a Lc por sua experiência ulterior da missão evangélica.

z. Os profetas do AT descreveram muitas vezes o *juízo* de Deus sob a imagem da *messe* (Jl 4,13), da *debulha* (Is 41,15; Jr 51,33) e do *joeiramento* (Am 9,9; Is 33,11; 41,16; Jr 13,24; 51,2); para eles, era a obra por excelência de Deus. João Batista fez dela a tarefa do *Mais Forte* (31,6-17). Aqui Jesus associa os seus discípulos pela oração e pela pregação a esta obra escatológica, que é agora atual na sua missão (cf. Mt 9,37 nota).

a. As *saudações* orientais são intermináveis. Ora, a mensagem é urgente (cf. 2Rs 4,29).

b. Diversamente de Mt 10,11-14, Lc distingue a conduta dos missionários *em uma casa* (vv. 5-7) e *em uma cidade* (vv. 8-11).

c. Lc e não Mt, reproduz aqui a saudação usual do AT (1Sm

25,6...) que é um voto de prosperidade, de saúde e de felicidade, uma bênção. Aqui, trata-se da *paz* messiânica que o evangelho traz (cf. 1,79 nota); ela é eficaz para quem a recebe (daí o v. 6).

d. Lit. *um filho de paz* (semitismo). isto é, um homem que acolhe a paz de Deus e que pertence ao seu domínio.

e. Paulo citará esta regra como uma lei da missão, renunciando, porém, no que lhe concerne, a se beneficiar dela (1Cor 9,14-18; 2Cor 11,7-11; 1Tsm 5,18). Cf. Mt 10,10 nota.

f. Jesus quer, sem dúvida, que os seus missionários não se preocupem com achar uma hospedagem mais confortável e que se consagrem inteiramente à própria missão.

g. Lit. *aproximou-se até vós*. É a primeira vez em Lc que se trata da *aproximação* do Reino de Deus (cf. Mt 3,2 nota).

h. Cf. 9,5.

i. Neste contexto de Lc, os vv. 12-15 são um lamento profético de Jesus sobre toda cidade que não acolher a mensagem dos seus enviados. O primeiro versículo é empregado no mesmo sentido em Mt 10,15. Na realidade, o oráculo primitivo de Jesus parece mais bem conservado em Mt 11,21-24, cuja construção é mais conforme às leis do paralelismo; este oráculo visava às cidades da margem norte do lago da Galiléia e as censurava por recusarem os sinais de Jesus.

j. Não se trata aqui de uma maldição, mas de uma lamentação e de um último apelo (cf. 6,24 nota). Sobre *Corazim* e *Betsaida*, cf. Mt 11,21, nota.

k. Cf. Mt 11,21 nota. Jesus reconhece que os seus milagres não puderam obter a conversão das cidades (cf. 16,31).

l. Esta sentença conclui o discurso (cf. Mt 10,40), ressaltando a grandeza da tarefa dos missionários, participantes da missão de Jesus. Ele se encontra também sob várias formas nos evangelhos: positiva em Mt 10,40; 18,5 e par.; Jo 13,20; negativa aqui e em Jo 5,23 (por causa do contexto polêmico).

¹⁷Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: "Senhor, até os demônios nos são submissos em teu nome!"¹⁸Jesus lhes disse: "Eu via Satanás cair do céu como o relâmpago".¹⁹Eis que eu vos dei o poder de *calcar aos pés* serpentes e escorpiões, e toda a potência do inimigo²⁰, e nada poderá vos prejudicar²¹. No entanto, não vos alegreis porque os espíritos²² vos são submissos, mas alegrai-vos porque os vossos nomes estão inscritos nos céus²³".

A revelação aos pequeninos: o Pai e o Filho (Mt 11,25-27).²⁴Nessa hora, Jesus exultou sob a ação do Espírito Santo e disse: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isto aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos". Sim, Pai, foi assim que tu dispuseste em tua benevolência²⁵.²⁶"Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece quem é o Filho a não

ser o Pai, nem quem é o Pai a não ser o Filho e aquele a quem ao Filho aprouver revelá-lo²⁷".

(Mt 13,16-17).²⁸Depois ele se voltou para os discípulos e lhes disse em particular: "Felizes os olhos que vêem o que vós vedes!"²⁹Pois eu vos digo, muitos profetas e muitos reis³⁰ quiseram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouviram³¹".

O amor, caminho da vida eterna (Mt 22,34-40; Mc 12,28-31).³²E eis que um legista³³ se levantou e lhe disse, para pô-lo à prova: "Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?"³⁴³⁵Jesus lhe disse: "Que está escrito na Lei? Como o lês?"³⁶Ele lhe respondeu: "*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu pensamento*³⁷, e o teu próximo como a ti mesmo³⁸".³⁹Je-

m. Cf. 9,49 nota.

n. É pouco provável que Jesus fale aqui de uma visão que teria tido, pois ele nunca relata tais experiências. É antes uma expressão figurada (como 10,15) do sucesso dos discípulos contra *Satanás* pelos exorcismos deles; o reinado de Deus está aí (cf. 11,20).

o. Satanás (cf. Mt 13,39).

p. Poder-se-ia traduzir também: *ele não poderá prejudicar-vos em nada*.

q. Alguns bons mss. lêem *demônios*, como no v. 17; mas os *espíritos* devem ser mencionados aqui em antítese com o v. 21. r. Os *livros do céu*, onde estão inscritos os nomes dos eleitos, são uma imagem clássica dos apocalipses (Dn 12,1; Ap 3,5; 13,8; 17,8; 20,12,15; 21,27).

s. Agrupando os vv. 21-22 e 23-24, Lc apresenta aqui a palavra mais explícita de Jesus sobre as suas relações com o *Pai*; ele faz sobressair a graça magnífica que é concedida aos beneficiários dessa revelação.

t. Lit. *por* ou *em* (esta última preposição está presente em alguns mss.). Lc, que insistiu na ação do Espírito em Jesus (1,35; 4,1,14,18), assinala aqui a sua intervenção na alegria de Jesus e em sua oração ao *Pai*.

u. Cf. Mt 11,25 nota.

v. Neste contexto, em Lc, Jesus reconhece no acolhimento da mensagem, levada pelos setenta e dois, a obra da graça soberana do *Pai*. Como nas bem-aventuranças, ele proclama a particular *benevolência* de Deus para com os pequenos, de preferência aos grandes deste mundo.

w. Alguns mss. transferem para cá a introdução do v. 23: *Depois ele se voltou para os discípulos e lhes disse*. Esse retoque é secundário, mas ele ressalta a transição da oração de Jesus (v. 21) para seu oráculo de revelação (v. 22).

x. No fim da missão dos discípulos, este oráculo indica o

centro da mensagem evangélica, que é a revelação do *Pai* no Filho (a fórmula própria de Lc "conhecer quem é" indica o objeto de conhecimento à maneira grega; a fórmula de Mt é mais semítica).

y. A bem-aventurança paralela de Mt 13,16 dirige-se unicamente aos discípulos, testemunhas da revelação de Jesus. Lc a estende a todos os crentes. Esta felicitação conclui os vv. 21-24, frisando a graça concedida aos fiéis, beneficiários do cumprimento das promessas do AT.

z. Mt 13,17 fala de *justos*.

a. Enquanto Mt e Lc relatam este episódio nos últimos dias de Jesus em Jerusalém, Lc o insere aqui no começo da viagem de Jesus, encabeçando os ensinamentos dados aos discípulos. Ele completa a lição acrescentando-lhe a parábola do bom Samaritano; esta mostra como o discípulo deve ser o próximo de todos.

b. Cf. 7,30 nota.

c. Em Mt 12,34, Jesus reconhece que o escriba não está longe do Reino de Deus. Em Mt 22,35, o legista arma uma cilada a Jesus. Em Lc, o escriba "testa" Jesus; no entanto, Jesus encontra nele um interlocutor bem-disposto (vv. 27-28,37).

d. Em Mt 22,36 e Mc 12,28, a pergunta refere-se, à maneira judaica, ao maior ou ao primeiro mandamento. Lc prefere uma formulação mais significativa para os seus leitores (cf. 18,18).

e. Em Lc, Jesus responde por uma pergunta (cf. 20,3). Assim, ele obriga o seu interlocutor a tomar por si mesmo uma posição.

f. Citação de Dt 6,5. O quarto termo da enumeração, ausente do texto hebraico do Dt, acha-se em um dos seus manuscritos gregos. O AT grego o utiliza comumente para traduzir *coração*. Lc deve entendê-lo, segundo a língua do seu tempo, no sentido de pensamento, reflexão.

g. Citação de Lv 19,18. Aqui é o legista quem acha a resposta, enquanto em Mt 22,37 e Mc 12,29 é Jesus quem a dá. Na realidade, os rabinos da época poderiam ter citado ambos os textos, um depois do outro; mas é duvidoso que eles atribuíssem a

sus lhe disse: "Respondeste bem. Faze isto e terás a vida".

Quem é o meu próximo? Parábola do bom samaritano. ²⁹Mas ele, querendo mostrar a sua justiça^a, disse a Jesus: "E quem é o meu próximo?" ³⁰Jesus continuou: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó^a, caiu nas mãos de bandidos que, tendo-o despojado e coberto de pancadas, foram-se embora e o abandonaram quase morto. ³¹Aconteceu que um sacerdote descia por esse caminho; ele viu o homem e passou a boa distância¹. ³²Do mesmo modo um levita chegou a esse lugar; viu o homem e passou a boa distância. ³³Mas um samaritano^m que estava de viagem chegou perto do homemⁿ; ele o viu e tomou-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, atou-lhe as feridas, derramando nelas azeite e vinho^o, montou-o sobre a sua própria montaria, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando duas moedas de prata, deu-as ao hospedeiro e lhe disse: 'Toma conta dele, e se gastares alguma coisa a

mais, sou eu que te pagarei na minha volta'. ³⁶Qual dos três, a teu ver, mostrou-se próximo do homem que caíra nas mãos dos bandidos?" ³⁷O legista respondeu: "Foi aquele que deu prova de bondade para com ele^p". Jesus lhe disse: "Vai e tu também fazes o mesmo^q".

Na casa de Marta e Maria^r. ³⁸Estando eles a caminho, Jesus entrou em uma aldeia, e uma mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. ³⁹Tinha ela uma irmã chamada Maria, que, tendo-se assentado aos pés do Senhor^s, escutava a sua palavra. ⁴⁰Marta se afobava num serviço complicado. Ela se aproximou e disse: "Senhor, não te importa que a minha irmã me tenha deixado sozinha a fazer todo o serviço? Dizc-lhe, pois, que me ajude". ⁴¹O Senhor lhe respondeu: "Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas. ⁴²Uma só é necessária^t. Foi Maria quem escolheu a ^{12,31} melhor^u parte: ela não lhe será tirada".

11 Ensinos sobre a oração^v. A oração dos discípulos (Mt 6,9-13).

mesma importância ao segundo e ao primeiro. Le quer mostrar aqui como a mensagem de Jesus estava preparada pelo AT.

h. Querendo justificar a sua pergunta, visto que foi ele quem responde, ou antes, querendo mostrar a seriedade da sua indagação.

i. Para um judeu daquele tempo, a questão quase não se põe: o próximo é todo membro do seu povo, excluindo os estrangeiros (Ex 20,16-17; 21,14,18,35; Lv 19,11,13,15-18...). Parece que foi Le quem formulou essa pergunta para apresentar a ampliação, por Jesus, da noção tradicional.

j. Jesus responde com uma parábola, como em 7,40-43; 14,16-24; 15,3-32. Esta não é uma comparação, mas um exemplo que apresenta uma atitude a imitar ou a evitar (cf. 12,16-21; 14,28-32; 16,1-8; 18,9-14); ela vai conduzir o legista a ultrapassar a sua estreita perspectiva (vv. 36-37).

k. A estrada, de aproximadamente vinte e cinco quilômetros, atravessa o deserto de Judá, nessa época, infestado de bandidos.

l. É inútil conjecturar sobre os seus motivos: como o levita que o segue, ele não passa de um contraste destinado a valorizar o samaritano.

m. Segundo um uso corrente nas parábolas, aqui aparecem três personagens (cf. sobretudo em Lc 14,18-20; 19,16-24; 20,10-12). Sobre os samaritanos, cf. 9,52 nota.

n. O homem é um judeu, como se pode concluir do contexto e do lugar.

o. A medicina desse tempo utilizava o azeite para acalmar a dor (Is 1,6) e o vinho para desinfetar as feridas.

p. Lit. *que faz a bondade com ele* (expressão do AT grego; cf. 1,72). O legista mesmo dá a resposta que Jesus lhe sugere com sua parábola: o próximo é todo homem que se aproxima dos outros com amor, mesmo quando eles são estrangeiros ou here-

ges. Ninguém mais deve perguntar como o legista: *Quem é o meu próximo?* mas: *Como serei eu o próximo de todo homem?* O velho particularismo de Israel, bem como o judaísmo dos doutores estilham-se diante do evangelho.

q. O verbo *fazer* duas vezes empregado neste versículo (= *deu provas... faz*), e usado também na questão inicial (v. 25) e na primeira resposta de Jesus (v. 28), indica o realismo que se impõe à caridade dos discípulos.

r. O episódio todo é centrado na palavra que o conclui. As duas irmãs são provavelmente as mesmas que em Jo 11,1-40 e 12,1-3, pois elas são descritas com os mesmos traços: *Marta* empenhada no serviço (Jo 11,20; 12,2). *Maria* prostrada aos pés de Jesus (11,32; 12,3).

s. Cf. 8,35 nota.

t. Lit. *É necessária uma só coisa*. Vários mss. suprimem esta frase; outros a substituem: *pouca coisa é necessária* (para a refeição: isso parece uma interpretação ascética); vários unem as duas fórmulas: *pouca coisa é necessária, mesmo uma só* (o que é aparentemente um meio-termo). A maioria lê o texto aqui proposto. Este tem a vantagem de dar ao episódio a sua conclusão mais profunda: a palavra de Jesus passa adiante de toda preocupação temporal (cf. 12,31 e, na obra de Le, o texto comparável de At 6,2). A exegese ulterior descobriu muitas vezes aqui a proclamação da superioridade da contemplação sobre a ação; na realidade, não se trata aqui de contemplar, mas de escutar a palavra que chama para a fé e para o engajamento.

u. Cf. 5,39 nota.

v. À maneira de Mt 6,5-15. Le reúne nos vv. 1-13 vários ensinamentos de Jesus a seus discípulos sobre a oração: o modelo da oração deles, uma parábola que os convida à perseveran-

¹Um dia, ele estava num lugar em oração. Quando terminou, um dos discípulos lhe disse: "Senhor, ensina-nos a rezar, como João o ensinou a seus discípulos". ²Ele lhes disse: "Quando rezardes, dizei":

Pai!

Dá a conhecer a todos quem tu és!

Faze vir o teu Reinado!

³Dá-nos o pão que nos é necessário para cada dia.

⁴Perdoa-nos os nossos pecados, pois nós mesmos perdoamos a todos os que cometeram faltas contra nós.
E não nos introduzas na tentação".

Parábola do amigo que acaba cedendo. ⁵Jesus lhes disse ainda: "Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo no meio da noite para lhe dizer: 'Meu amigo, empresta-me três pães, porque um de meus amigos chegou de viagem em minha casa e eu não tenho nada para

lhe oferecer', e se o outro, de dentro da casa, lhe responder: 'Não me aborreças! Agora a porta está fechada; meus filhos e eu estamos deitados; eu não posso levantar-me para te dar pão', ⁸eu vos digo: mesmo que ele não se levante para lho dar por ser seu amigo, pois bem, porque o outro não tem vergonha, ele se levantará para lhe dar tudo o que lhe é preciso".

Todo aquele que pede recebe (Mt 7, 7-11). ⁹Pois bem, eu vos digo: Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. ¹⁰De fato, todo o que pede recebe, quem procura encontra, e a quem bate se abrirá. ¹¹Que pai entre vós, se o seu filho lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente em lugar de um peixe? ¹²Ou ainda se ele pede um ovo, dar-lhe-á um escorpião? ¹³Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o Pai

ca na súplica, uma exortação a se dirigirem ao Pai com toda confiança.

w. Cf. 3,21 nota.

x. Lc faz alusão a esta oração em 5,33 (cf. nota).

y. Sobre esta oração, cf. Mt 6,9 nota. A fórmula de Lc, mais breve que a de Mt, apresenta, com esta, várias diferenças (cf. notas seguintes).

z. A invocação inicial é aqui mais simples que em Mt. Ela torna a encontrar-se encabecendo as orações de Jesus em Lc 22,42; 23,34.46 (cf. 10,21).

a. Sobre este pedido, cf. Mt 6,9 nota.

b. Sobre este pedido, cf. Mt 6,10 nota. Em Lc, alguns mss. antigos lêem: *Faze vir sobre nós o teu Reinado*; alguns outros, mais recentes, têm no lugar deste pedido ou do primeiro: *Faze vir o teu Espírito Santo sobre nós, e que ele nos purifique*. Esta fórmula poderia ter sido introduzida a posteriori no texto de Lc sob a influência de uma liturgia do batismo.

c. Sobre este pedido, cf. Mt 6,11 nota. Diversamente de Mt, que pede o pão *hoje*, Lc o pede *para cada dia*, porque ele encara a vida cristã em toda a sua duração como em 9,23 (cf. nota). Essa perspectiva é mais grega do que palestina (cf. Mt 6,34).

d. Sobre este pedido, cf. Mt 6,12 nota.

e. Por *pecado* Lc traduz a imagem da dívida, que se encontra no paralelo de Mt, mas ele conserva essa imagem no segundo membro do pedido. Faria o mesmo em 13,24.

f. Lit. *a todo homem que nos deve*. Enquanto Mt situa esse perdão fraterno no instante que precede a oração, Lc o estende a toda a duração da vida cristã (cf. no v. precedente a nota).

g. Sobre este pedido, cf. Mt 6,13 nota. Lc não traz o segundo membro do pedido de Mt, mas também ele atribui a tentação a Satanás (4,2,13; 8,12-13; cf. 22,31).

h. O contexto desta parábola e a aplicação que Lc lhe acrescenta nos vv. 9-13 indicam que se trata de um convite à oração.

A parábola propriamente dita, nos vv. 5-8, apresenta vários traços comuns com a de 18,2-5, à qual Lc dá um sentido análogo (v. 1). É provável que na origem essas duas parábolas formassem um par, como 5,36-38; 13,18-21; 14,28-32; 15,4-10; cf. 13,1-5.

i. Lit. *Qual dentre vós terá um amigo...* Os incisos interrogativos são frequentes nas parábolas de Lc (14,28,31; 15,4,8; 17,7; cf. 11,11; 12,25-26; 14,5). Este método corresponde à pedagogia de Jesus (cf. 10,26 nota).

j. Algumas testemunhas introduzem no começo: *e este, se perseverar batendo*.

k. O amigo não cede por amizade, mas para ter paz, como o juiz sem justiça de 18,4-5. Ambos fazem sobressair *a fortiori* a atitude de Deus, que concede porque é justo e Pai.

l. Esta fórmula de Lc (cf. 16,9) serve-lhe para acrescentar aqui as palavras seguintes com as quais ele faz a aplicação da parábola.

m. Lit. *ser-vos-á dado*. Na linguagem de Jesus esta forma passiva é um modo discreto de indicar a ação de Deus sem mencioná-lo; ela é empregada do mesmo modo no terceiro verbo da frase.

n. Um grande número de testemunhas introduz aqui, sem dúvida seguindo Mt 7,9: *pão, será que ele lhe apresentará uma pedra, ou...*

o. A antítese entre o *ovo* e o *escorpião* é própria de Lc e substitui, em Lc, a de Mt 7,9 entre o pão e a pedra. É possível que o texto de Lc se inspire na menção das serpentes e escorpiões em 10,19. Isto dá à sua antítese uma força maior do que em Mt.

p. Este adjetivo é exigido literariamente pela oposição entre as coisas boas que os pais da terra dão e a bondade do Pai do céu. Não é primordialmente um julgamento moral sobre a corrupção do homem.

do céu⁴ dará o Espírito⁵ Santo aos que lho pedem⁶.”

Jesus, agente de Beelzebul? (Mt 9,32-34; 12,22-30; Mc 3,22-27). ¹⁴Ele expulsava um demônio mudo¹. Ora, depois que o demônio saiu, o mudo se pôs a falar e as multidões ficaram admiradas. ¹⁵Mas alguns dentre eles disseram: “É por Beelzebul², o chefe dos demônios, que ele expulsa os demônios”. ¹⁶Outros, para o pôr à prova, reclamavam dele um sinal que viesse do céu³. ¹⁷Mas ele, conhecendo as suas reflexões, lhes disse: “Todo reino dividido contra si mesmo precipita-se para a ruína e suas casas desmoronam uma sobre a outra”. ¹⁸Se Satanás também está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino?... visto que dizeis que é por Beelzebul que eu expulso os demônios. ¹⁹E se é por Beelzebul que eu expulso os demônios, os vossos discípulos⁴ por quem os expulsam⁵? Eles mesmos, pois, serão os vossos juízes. ²⁰Mas, se é pelo dedo de Deus⁶ que eu expulso os demônios, então o Reinado de Deus já vos alcançou⁷. ²¹Quando o homem forte, com suas armas, guarda o seu palácio, o que lhes pertence está em

segurança. ²²Mas sobrevindo um mais forte⁸ que triunfe sobre ele, toma-lhe todo o armamento no qual ele punha a sua confiança e distribui os seus despojos. ²³Quem não está comigo está contra mim⁹ e quem não junta comigo dispersa. ^{Is 49,24-25} ^{Is 53,12}

Riscos de recai¹⁰ (Mt 12,43-45).

²⁴“Quando o espírito impuro saiu de um homem¹, ele percorre as regiões áridas² em busca de descanso; como não o encontra, ele diz a si mesmo: ‘Vou voltar para a minha morada, de onde saí’. ²⁵Ao chegar, ele a encontra varrida e arrumada. ²⁶Então, vai tomar mais sete espíritos³ piores do que ele, lá entram e se instalam; e o último estado desse homem se torna pior do que o primeiro.”

A verdadeira felicidade. ²⁷Ora, enquanto ele falava isso, uma mulher elevou a voz do meio da multidão e lhe disse: “Bem-aventurada aquela que te trouxe no seio e te amamentou!” ²⁸Mas Jesus disse: “Bem-aventurados antes os que ouvem a palavra de Deus e a observam!”

O sinal do Filho do Homem (Mt 12,38-42). ²⁹Como as multidões se amontoas-

q. Lit. *O Pai, o do céu*. Algumas boas testemunhas lêem: *O Pai dará do céu*.

r. Mt 7,11 fala das coisas boas; Lc introduz o *Espírito Santo*, que é para ele o dom por excelência, tantas vezes concedido na história relatada em seu segundo livro (Atos).

s. Pode-se traduzir também: *aus que lhe rogam*.

t. A doença é atribuída aqui por Lc ao próprio *demônio*, como em 13,11.16 (cf. 4,39 nota) e não ao possesso, como em Mt 12,22 (e 9,32).

u. Cf. Mt 12,24 nota.

v. *O céu* é para os judeus daquele tempo uma das maneiras de designar Deus sem pronunciar o seu nome inefável (Dn 4,23; 1Mc 3,18...). Reencontra-se este uso em 15,7.18.21; 20,4. Em Lc este versículo prepara 11,29-36 (cf. v. 29 nota).

w. Lc pensa em edifícios que cuem em ruínas. O paralelo de Mt 12,25 pode entender *casa* no sentido de família.

x. Lit. *vossos filhos*. Em Mt, trata-se dos discípulos dos fariseus; em Lc, dos judeus em geral.

y. Cf. Mt 12,27 nota. Lc menciona exorcistas judeus em Éfeso, em At 19,13.

z. Esta expressão, própria de Lc, deve aludir a Ex 8,15, onde os milagres de Moisés, inicialmente questionados, são finalmente reconhecidos pelos mágicos de Faraó como obra do *dedo de Deus*. Jesus é o novo Moisés que expulsa os demônios por seu próprio poder. (Em Mt 12,28, ele os expulsa pelo Espírito de Deus.)

a. Cf. Mt 12,28 nota.

b. Lc é o único a mencionar aqui *um mais forte*, nome que João Batista deu ao Messias em 3,16.

c. Esta sentença, que se torna a encontrar em Mt 12,30 é mais severa que a de 9,50, paralela a Mc 9,40. Essa dureza corresponde ao contexto polêmico em que a situam Mt e Lc.

d. Cf. Mt 12,30 nota.

e. Sob as representações demoníacas que ele toma do judaísmo de seu tempo, Jesus descreve a triste sorte de quem recai em poder do Satanás, depois de ter sido libertado dele. Ele está por demais persuadido da sua vitória sobre o Mau para ver nisto algo fatal (cf. 10,18; 11,20); mas adverte os convertidos do perigo que os ameaça. Mt 12,43-45 aplica estes vv. a *esta geração má* (cf. Mt 12,45 nota).

f. Cf. 8,29 nota.

g. Cf. 8,2 nota.

h. Lit. *Feliz o ventre que te trouxe e os seios que sugaste*. É uma expressão tipicamente judaica (cf. 10,23 e Mt 13,16 ou Lc 23,29).

i. Este dito, próprio de Lc, retoma o de 8,21. Em contraste com a maternidade carnal da sua mãe, Jesus proclama a grandeza da fé. Ele visa a todos os crentes, que opõe aos seus adversários dos vv. 14-23. Lc não vê aqui uma crítica a Maria, pois esta, ele a apresentou como a *crente* (1,45), que meditava em seu coração o que acontecia com Jesus (2,19).

sem, ele se pôs a dizer: "Esta geração é uma geração má; ela pede um sinal! Em

1^o Cor 1.22 matéria de sinal não lhe será dado outro^k

a não ser o sinal de Jonas. ³⁰Pois assim como Jonas se tornou um sinal para os habitantes de Nínive, do mesmo modo também o Filho do Homem será um sinal para esta geração^l. ³¹Por ocasião do Juízo^m, a rainha do Sul se erguerá com os homens desta geração, e os condenará, pois ela veio da extremidade da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; pois bem, aqui está mais do que Salomão!³²Por ocasião do Juízo, os homens de Nínive se erguerão com esta geração e a condenarão, pois eles se converteram à pregaçãoⁿ de Jonas; pois bem, aqui está mais do que Jonas^p!

A luz da fé (Mt 5,15; Mc 4,21; Lc 8,16).

³³"Ninguém acende uma lâmpada^q para pô-la num esconderijo^r, mas sobre a lu-

minária, para que os que entram vejam a claridade^s."

(Mt 6,22-23). ³⁴"A lâmpada do teu corpo é o olho^t. Quando o teu olho é sadio^u, o teu corpo inteiro também está na luz; mas se o teu olho está doente, também o teu corpo está nas trevas. ³⁵"Examina, pois, se a luz que está em ti não é trevas". ³⁶Se, pois, o teu corpo está todo inteiro na luz, sem nenhuma parte de trevas, ele estará na luz todo inteiro, como quando a lâmpada te ilumina com seu brilho^v."

Investida contra os fariseus e os legis-
tas^w (Mt 23,4-6-7.13.25-27.29-31.34-36).

³⁷Estando ele a falar, um fariseu o convidou para almoçar em sua casa^x. Ele entrou e se pôs à mesa. ³⁸O fariseu estranhou, vendo que ele não fizera primeiro uma ablução antes do almoço^y.

j. Os ouvintes de Jesus lhe pediram um *sinal* maravilhoso (v. 16), por conceberem os sinais à semelhança dos prodígios do Êxodo e dos prodígios de Elias. Jesus se recusa a fazer tais maravilhas: ele é o sinal por excelência em sua pessoa (v. 30) e em sua pregação (v. 32). Aos seus contemporâneos que se recusam a acolhê-lo, ele opõe os pagãos de outrora que aceitaram a palavra de Salomão e de Jonas.

k. É paradoxal dizer que esta geração não terá senão um *sinal* (ou mesmo nenhum, como Mc 8,12), após os milagres que o próprio Jesus apresenta como sinais (7,22; 11,20). Mas todos eles não passam de um só sinal, constituído pela pessoa mesma de Jesus e sua ação.

l. O v. 32 vai explicar que Jonas foi um *sinal* para os habitantes de Nínive, por sua pregação, isto é, por seu anúncio do Juízo e por seu apelo à conversão (Jn 3,2-5). É da mesma maneira que deve ser concebida a função de sinal quanto ao *Filho do Homem*. Tal é, sem dúvida, o sentido primitivo dessas palavras. Mas quando Lc escreve, após a Ressurreição, é nesta que ele deve perceber o sinal de Jesus por excelência (cf. o futuro: *ele será um sinal*). Mt 12,40 avançou ainda mais, explicando que Jonas foi sinal pelos três dias passados dentro do monstro marinho, prefigurando os três dias passados pelo Filho do Homem "no seio" da terra.

m. Em Mt, este v. vem após o seguinte. É, sem dúvida, o seu lugar primitivo, visto que ele dá como exemplo a *rainha de Shebá*, enquanto os outros vv. apresentam o sinal de Jonas. Lc provavelmente inverteu os dois últimos versículos da pericope para terminá-la com a conversão após a pregação.

n. Este rei é na Bíblia o *sábio* por excelência (1Rs 3; 5,9-14). Mas Jesus é mais sábio do que ele: Lc notou especialmente esta *sabedoria* de Jesus (2,40.52; 21,15), e ele evoca a sagração de Salomão na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (19, 35-38).

o. Cf. 3,3 nota e aqui v. 30 nota.

p. Já João Batista era *mais que um profeta*, pelo seu papel escatológico (7,26-27); Jesus, mais ainda.

q. Neste contexto em que Lc acaba de apresentar Jesus como sinal, os vv. 33-36 convidam a *ver claro* para discernir este sinal, isto é, a crer.

r. Numerosos mss. acrescentam: *ou sob o alqueire*, sem dúvida segundo Mt 5,15 ou Mc 4,21. Em Lc, este versículo é uma duplicata de 8,16; serve de introdução ao v. seguinte, ao qual se liga pela palavra *lâmpada*.

s. Mss. antigos têm: *a luz*.

t. O *olho* é comparado, no homem, a *uma lâmpada*, porque permite ver. Mas ele pode ser lúcido ou opaco.

u. Cf. Mt 6,22 nota.

v. Os vv. 35-36, ou 35, ou 36 faltam em vários mss. antigos. w. Aqui aparece a lição decorrente da imagem. É preciso que o olho não seja trevas, a fim de ser capaz de ver. Após os vv. 29-32, Lc deve pensar nas trevas da incredulidade que impediram esta *geração* de reconhecer em Jesus a salvação.

x. Lit. *se pois o teu corpo todo inteiro é luminoso, sem ter parte tenebrosa, ele será luminoso todo inteiro, como quando a lâmpada ilumina com o seu brilho*. A dificuldade deste texto é que ele é uma tautologia. Pode-se fugir a isso admitindo um jogo de palavras de origem semítica sobre dois sentidos da palavra *luminoso*: se o teu corpo é todo inteiro aberto (ou *pertencente*) à luz, ele será todo inteiro *banhado de luz*, como quando...

y. A maioria dos elementos do requisitório seguinte se encontra em Mt 23, que o dirige contra os escribas e fariseus. Lc distingue a investida contra os *fariseus* (vv. 39-44), e em seguida contras os *legistas* (vv. 46-52).

z. Cf. 7,36 nota.

a. Essas *abluições* são um rito ao qual os mestres judaicos da época atribuíam grande importância (Mc 7,3-4). Jesus as rejeita (Mt 15,20), e os seus discípulos não as praticam (Mt 15,2; Mc 7,2-5).

³⁹O Senhor lhes disse: "Agora, vós ó fariseus, é o exterior da taça e do prato que purificais, mas o vosso interior está cheio de rapacidade e de maldade^b. ⁴⁰Insensatos! Porventura Aquele que fez o exterior não fez também o interior?" ⁴¹Dai antes em esmola^d o que está dentro^e, e então tudo será puro para vós.

⁴²Mas ai de vós, fariseus, que pagais o
18,12 dízimo da hortelã, da arruda^f e de tudo o que cresce na horta, e deixais de lado a justiça e o amor^g de Deus. É isto que era preciso fazer, sem omitir aquilo^h. ⁴³Ai de vós, fariseus, que gostais do primeiro
20,46 assento nas sinagogas e das saudações nas praças públicas. ⁴⁴Ai de vós que sois como esses túmulos disfarçados e sobre os quais se anda sem o saberⁱ.

⁴⁵Então, um dos legistas^j disse a Jesus: "Mestre, falando assim, é a nós também que insultas". ⁴⁶Ele respondeu: "Vós também, legistas, ai de vós que sobrecarregais os homens com fardos esmagadores, e vós mesmos não tocais nesses fardos com um só de vossos dedos^k. ⁴⁷Ai de

vós que edificais os túmulos dos profetas^l, quando são os vossos pais que os mataram. ⁴⁸Assim vós testemunhais que estais de acordo com os atos dos vossos pais, visto que eles mataram os profetas e vós edificais os túmulos^m. ⁴⁹É por isso que a própria Sabedoria de Deusⁿ disse: eu lhes enviarei profetas e apóstolos^o; eles os matarão e perseguirão^p. ⁵⁰A fim de que seja pedida conta a esta geração do sangue^q de todos os profetas que foi derramado desde a criação do mundo, ⁵¹desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias que pereceu entre o altar e o santuário^r. Sim, eu vos digo, pedir-se-á conta disto a esta geração^s. ⁵²Ai de vós, legistas, que tomastes^t a chave do conhecimento^u: vós mesmos não entrastes, e os que queriam entrar, vós os impedistes". ⁵³Quando ele saiu de lá, os escribas^v e os fariseus começaram a encarniçar-se e a lhe arrancar respostas sobre uma multidão de assuntos, ⁵⁴armando-lhe ciladas para se apoderarem de uma de suas declarações.

b. Para Lc, Jesus opõe a religião exterior e formalista dos fariseus à religião interior do coração, que é para ele a exigência de Deus (16.15; cf. Mt 15.1-20; Mc 7.1-23); sobre o coração, cf. Lc 6.45; 10.27; 12.34; 21.34; 24.25.

c. Este v., próprio de Lc, explica por que Deus não pode se satisfazer com a religião exterior e seu legalismo.

d. Tema particularmente caro a Lc, que é o único a apresentá-lo, aqui como em 12.33; 16.9; 19.8; At 9.36; 10.2.4.31; 11.29; 24.17 (e, em paralelo com Mt e Mc, em 6.30; 18.22; 21.1-4). É, pois, provável que a transformação em relação ao v. paralelo de Mt 23.26 seja obra de Lc.

e. Alguns mss., antigos traduzem: *o que tendes*.

f. Planta herbácea selvagem. Para aplicar a lei de Dt 14.22-23, os rabinos submetiam ao dízimo todas as plantas cultivadas, mas discutiam essa obrigação quanto às plantas selvagens. Vários dispensavam de pagar o dízimo da arruda, que Lc é o único a mencionar. g. Mt 23.23 fala de misericórdia, Lc, de amor.

h. Esta última frase falta em várias testemunhas antigas, sem dúvida chocadas com o fato de ela conceder certo valor às práticas legais.

i. Mt 23.27 opunha a beleza exterior dos túmulos à impureza do seu interior. Lc insiste no fato de que essa impureza permanece desconhecida dos homens, e visa assim à dissimulação dos fariseus; mas Deus conhece o coração deles (16.15).

j. Cf. 7.30 nota. Aqui o *legista* se solidariza com os fariseus, embora se distinga deles. Jesus frisa essa diferença atacando os legistas como ideólogos e dirigentes religiosos do judaísmo.

k. Cf. Mt 23.4 nota.

l. Os estudos arqueológicos recentes confirmaram a atualidade desta censura: é a partir da época de Herodes Magno que foram edificados na Palestina os monumentais túmulos dos profetas.

m. Os dirigentes do judaísmo do tempo de Jesus mostram-se, como os seus pais, incapazes de reconhecer os profetas (cf. 7.30; 13.33; 20.1-8).

n. Em Mt 23.34, é o próprio Jesus quem anuncia o envio dos profetas. Em Lc, é a Sabedoria de Deus, isto é, o próprio Deus, e esta formulação judaica poderia ser primitiva (cf. 7.35 nota). Talvez seja uma citação do livro judaico dos *Jubileus*, 1.12.

o. Mt 23.34 fala de sábios e de escribas, Lc, de apóstolos; ele pensa evidentemente nos mensageiros do evangelho, que menciona muitas vezes (cf. 6.13 nota).

p. Cf. 6.23 nota.

q. Lit. *que seja reclamado* (por Deus) o sangue. Lc é o único autor do NT que reproduz esta expressão do AT grego (Gn 9.5; 42.22; 2Sm 4.11; Sl 9.13; Ez 33.6.8), a qual formula o julgamento do homicídio.

r. Lit. *a casa* (de Deus). Os assassinios de Abel e de Zacarias são o primeiro e o último relatados na Bíblia hebraica (Gn 4.8-10; 2Cr 24.20-22). Eles representam a totalidade dos crimes da história sagrada, sem que sejam tomados em conta os mártires mais recentes, como os da época dos Macabeus, relatados no AT grego. É uma perspectiva palestinese.

s. Segundo a idéia bíblica da solidariedade hereditária, esta geração deve arcar com o castigo de todas as faltas anteriores com as quais revela cumplicidade (vv. 48-49).

t. Algumas testemunhas antigas leem: *escondido*.

u. Mt 23.13 censura os escribas e fariseus por terem fechado à chave o Reino, diante dos homens que querem ter acesso a ele. Lc censura os legistas de terem monopolizado a chave do conhecimento; este último é para Lc o caminho de acesso ao Reino.

v. Vários mss. mencionam os legistas com os escribas ou em lugar deles.

12 Confessar abertamente o Filho do homem (Mt 10,26-33.19-20).

so, como a multidão estava reunida aos milhares, a ponto de se comprimirem, ele começou dizendo aos seus discípulos*: "Antes de tudo⁸, guardai-vos do fermento dos fariseus, a falsidade⁹. ^{8.17} Nada há de oculto que não seja revelado, nada de secreto que não seja conhecido. ¹⁰ Porque tudo o que dissesdes na escuridão será ouvido em plena luz¹¹; e tudo o que dissesdes ao ouvido, no recôndito, será proclamado sobre os tetos¹². ¹¹ Eu vos digo a vós, meus amigos: não temais aqueles que matam o corpo e, depois disso, não podem fazer mais nada. ¹² Eu vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei aquele que, depois de fazer morrer, tem o poder de lançar na geena¹³. Sim, eu vos digo, a este é que deveis temer. ¹³ Não se vendem acaso cinco pardais por dois tostões¹⁴? No entanto, nenhum deles é esquecido diante de Deus. ¹⁴ Muito mais, até os vossos cabelos estão todos contados. Não tenhais medo, vós valeis mais

1Sm 14,45

do que todos os pardais. ¹⁵ Eu vos digo: todo aquele que se declarar por mim¹⁶ diante dos homens, o Filho do Homem também há de se declarar por ele diante dos anjos de Deus¹⁷. ¹⁶ Mas aquele que me tiver renegado diante dos homens será renegado diante dos anjos de Deus. ¹⁷ E todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem, isto lhe será perdoado; mas quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado¹⁸. ¹⁸ Quando vos conduzirem perante as sinagogas, os chefes e as autoridades¹⁹, não vos preocupeis com saber como²⁰ vos defender e o que dizer. ¹⁹ Pois o Espírito Santo vos ensinará na hora mesma o que é preciso dizer²¹."

Os bens deste mundo²². ²⁰ Do meio da multidão, alguém disse a Jesus: "Mestre, diz a meu irmão que reparta comigo a nossa herança²³". ²¹ Jesus lhe disse: "Quem me estabeleceu para ser vosso juiz ou para fazer as vossas partilhas²⁴"? ²² E lhes disse: "Cuidado! Guardai-vos de toda

w. Lc apresenta aqui vários ensinamentos de Jesus que se encontram dispersos em Mt. Todos eles visam a definir o testemunho que os discípulos devem prestar ao seu Mestre.

x. Pode-se ler também: *ele começou dizendo primeiro aos seus discípulos: "Guardai-vos..."* Mas Lc começa, várias vezes, frases por: *Primeiramente* (9,61; 10,5; 17,25).

y. Lit. a *hipocrisia* (cf. 6,42 nota g). Como esta sentença visa aos fariseus, vários a ligam à seção precedente. Mas o começo do versículo introduziu uma nova cena, e a passagem seguinte convida a interpretar essa diretiva como um primeiro apelo a falar francamente, sem levar em conta a opinião dos homens. Sobre o *fermento dos fariseus*, cf. Mt 16,6 nota.

z. Mt 10,27 opõe a palavra de Jesus, hoje em segredo, à pregação pública de seus discípulos, que terá lugar mais tarde. Lc só fala dos discípulos; ele opõe a palavra deles, sem repercussão no passado, à sua proclamação pública no futuro; assim, ele anuncia a passagem da sua atuação reservada antes de Pentecostes, à sua pregação ulterior.

a. Lugar usual, no Oriente, para as conversas e a divulgação das notícias.

b. Só Deus tem esse poder. Lc insiste: é a ele que se deve temer. Lc sublinhou muitas vezes este ponto (1,50; 18,2,4; 23,40; At 10,2.22.35).

c. Lit. *dois assees*. Mt 10,29 diz dois pardais por um asse; Lc reduz ainda mais o valor, forçando a imagem como em 5,36 e 11,12.

d. Ou: *me confessará* (cf. Mt 10,32 nota).

e. Trata-se do juízo final exercido por Deus em presença de seus anjos (9,26). Deus só é designado implicitamente, segundo o uso palestinese (cf. 15,10), enquanto Mt 10,32 explicitou a fór-

mula. Aqui o *Filho do Homem* não aparece como juiz, mas como testemunha em favor dos seus, à diferença de Mt 25,31-46.

f. Cf. Mt 12,32 nota. Distinguindo os ultrajes perdoáveis contra o *Filho do Homem* e imperdoáveis contra o *Espírito Santo*, Lc deve opor o tempo da missão terrestre de Jesus (mesmo a sua morte é perdoável: 23,34; At 3,17; 13,27) ao tempo da missão em que os apóstolos inspirados pelo Espírito oferecem a Israel a última possibilidade de conversão (At 2,38; 3,19; 13,46; 18,6; 28,25-28). Mt 12,32 e Mc 3,22-29 relatam esta palavra em outro contexto que lhe dá um sentido diferente.

g. Lc deve visar aqui aos magistrados pagãos.

h. Numerosos mss. acrescentam: *ou em que*, como em Mt 10,19.

i. Para Mt 10,20 e Mc 13,11, é o próprio *Espírito* que falará pela boca dos discípulos. Lc atribui um papel mais ativo às testemunhas de Jesus, dizendo que o Espírito os ensinará (cf. Rm 8,15 a par da fórmula judaica clássica de Gl 4,6). Ele apresenta essa promessa sob uma forma diferente em 21,15 e mostra a sua realização em At 4,8; 5,32; 7,55.

j. Os vv. 13-34 reúnem diversos ensinamentos de Jesus sobre a atitude a tomar em face dos bens deste mundo: advertência geral a respeito de um pedido particular (vv. 13-15), parábola do rico insensato (vv. 16-21), conselho aos discípulos contra a preocupação com a alimentação e o vestuário (vv. 22-32), exortação à esmola (vv. 33-34).

k. Pedia-se facilmente aos rabinos arbitragens desse tipo.

l. Lit. *Homem, quem me estabeleceu...* (cf. 5,20 nota).

m. Aqui, pede-se a Jesus que assuma uma tarefa temporal. Jesus se recusa a fazê-lo; ele se distingue assim de Moisés, que, pelo contrário, *arvorava-se em chefe e juiz* (Ex 2,14; cf. At 7,27-35).

ganância: não é pelo fato de um homem ser rico que ele tem a vida garantida pelos seus bensⁿ.”

Parábola do rico insensato^o. ¹⁶E ele lhes disse uma parábola: “Havia um homem rico, cuja terra produzia muito. ¹⁷E ele se perguntavaⁿ: ‘Que vou eu fazer? pois não tenho onde juntar a minha colheita’. ¹⁸Depois opinou: ‘Eis o que farei: vou demolir os meus celeiros, construir outros maiores e aí amontoarei todo o meu trigo e meus bens’. ¹⁹E direi a mim mesmo: ‘Eis que possuo^q quantidade de bens em reserva para longos anos; descansa, come, bebe e te banqueteia’. ²⁰Mas Deus lhe disse: ‘Insensato, esta noite mesmo a tua vida ser-te-á reclamada^r e o que tu preparaste, quem é que o terá?’ ²¹‘Eis o que acontece a quem reúne um tesouro para si mesmo, em vez de se enriquecer junto a^t Deus’”.

Viver da graça de Deus (Mt 6,25-33).

²²Jesus disse a seus discípulos: “Eis por que eu vos digo: não vos preocupeis^r por vossa vida, quanto ao que comereis, nem por vosso corpo, quanto ao que vestireis. ²³Pois a vida é mais do que o alimento e o corpo, mais do que a roupa. ²⁴Observai

os corvos: eles não semeiam nem colhem, não têm adega nem celeiro; e Deus os alimenta. Quanto mais vós do que os pássaros! ²⁵E quem dentre vós pode, à força de preocupar-se, prolongar, por pouco que seja, a sua existência^r? ²⁶Se, portanto, não tendes poder para tão pouco, por que vos preocupardes quanto a todo o resto^r? ²⁷“Observai os lírios: eles não fiam nem tecem^r; ora, eu vos digo: o próprio Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. ²⁸Se Deus veste assim, no meio dos campos, a crua que hoje está lá e amanhã será lançada ao fogo^r, quanto mais o fará por vós, homens de pouca fé! ²⁹Quanto a vós, não procureis o que comer nem o que beber e não vos atormenteis. ³⁰Tudo isso, os pagãos deste mundo o procuram sem descanso; vós porém, o vosso Pai sabe que precisais disso. ³¹Procurai antes o seu Reino, e isso vos será dado por acréscimo. ³²Não temas, pequeno rebanho^a, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o

Dn 7,18

O tesouro inalterável (Mt 6,19-21).

³³“Vendei o que possuís e dai-o de esmola^r. Fazei para vós bolsas imperecíveis, um tesouro inalterável nos céus; lá nem

n. Lit. *que sua vida procede de seus bens*. Esta afirmação geral conclui o episódio, explicando por que Jesus se recusa a ocupar-se de questões de dinheiro: este não é a fonte da vida. o. Este exemplo (cf. 10,30 nota) faz com que ao fim sobressaia (v. 21) qual é a verdadeira riqueza. É o mesmo convite a juntar para si um tesouro no céu que se acha em 12,33; 18,22; cf. 16,9.

p. Nas parábolas de Lc, os personagens exprimem muitas vezes o seu pensamento por um monólogo (15,17-19; 16,3; 18,4; 20,13); este modo de proceder se encontra também em Mt 21,38 e 24,48 (Lc 12,45).

q. Lit. *Eu direi à minha alma: Alma, tu tens...* A palavra *alma*, significa aqui, como muitas vezes no AT, o ser vivo todo inteiro, a pessoa. Deve-se então traduzi-la por vida (6,9; 9,24; 12,20.22.23; 14,26; 17,33; 21,19), ou, como aqui, por um pronome pessoal.

r. Lit. *eles te reclamam*. Esse plural impessoal designa Deus (cf. 6,38, nota); o Senhor clama o rico deste mundo pela morte.

s. Este v. falta em alguns mss. antigos.

t. Traduz-se também: *visando a Deus ou ao olhar de Deus*. Mas deve-se tratar aqui do tesouro no céu (cf. v. 16 nota).

u. Algumas testemunhas acrescentam: *Dizendo isso, ele exclamava: quem tiver ouvidos para ouvir, ouça* (cf. 8,8; 14,35).

v. Cf. Mt 6,25 nota.

w. Lit. *ajuntar um côvado a sua existência*. Esta última palavra significa ao mesmo tempo a estatura (como em 2,52 e 19,3) e a idade; mas o primeiro sentido fica excluído, pois aumentar à própria estatura um côvado (cerca de 50cm) não é *tão pouco* (v. 26).

x. Este v. é próprio de Lc e incute a mesma indiferença para com as preocupações do mundo que 16,10 e 19,17.

y. A grande maioria das testemunhas textuais lê: *Observai os lírios como eles crescem; eles não se afligem nem fiam*. Mas esta leitura deve depender de Mt 6,28, e a de vários mss. antigos parece preferível.

z. Lit. *forno*.

a. Esta imagem pastoril é clássica no AT para representar o povo de Deus (Gn 48,15; Os 4,16; 13,4-6; Mq 2,12-13; 4,6-7; 7,14; Sf 3,19; Jr 31,10; 50,19; sobretudo Ez 34; Is 40,11; 49,9-10 Ps 23,1 nota; 95,7). Jesus a aplicou a Israel (Mt 9,36; Mc 6,34), aos judeus pecadores (Mt 10,6; 15,24; Lc 15,4-6; 19,10), ou, como aqui, ao grupo dos discípulos (Mt 26,31; Mc 14,27; cf. Jo 10,1-16,27; 21,15-17; At 20,28-29; 1Pd 5,2-3).

b. Esta conclusão é própria de Lc. Pode-se perguntar se o dom do Reino já está presente, ou se ele é prometido com certeza.

c. Lc encabeça, com esta exortação, um conselho que se torna a encontrar em termos um pouco diferentes em Mt 6,19-21 (cf. v. 16 nota). Quanto à sua insistência sobre a *esmola*, cf. 11,41 nota.

ladrão se aproxima, nem traça destrói.

³⁴Pois onde estiver o vosso tesouro, ali também estará o vosso coração.

Parábolas sobre a vigilância^d (Mt 24, 43-51).

³⁵“Permanecei em traje de trabalho e guardai as vossas lâmpadas acesas”.

³⁶E sede como quem espera o seu senhor voltar das núpcias^f, a fim de lhe abrir logo que ele chegar e bater. ³⁷Felizes daqueles servos que o seu senhor ao chegar encontrar vigilantes. Em verdade, eu vos digo, ele vestirá trajes de trabalho, fê-los-á tomar lugar à mesa e passará para os servir. ³⁸E se for na segunda vigília que ele chegar, ou na terceira, e der com esse acolhimento, felizes serão eles!

³⁹“Vós o sabeis: se o dono da casa conhecesse a hora em que o ladrão viria, não deixaria arrombar a parede de sua casa^a. ⁴⁰Vós também, estai preparados, pois numa hora que não pensais é que vem o Filho do Homem.”

⁴¹Pedro disse então: “Senhor, é para nós que dizeis esta parábola ou para todo mundo^h?” ⁴²O Senhor lhe disse: “Qual é, então o intendenteⁱ fiel, prudente, que o senhor estabelecerá sobre os de sua casa para distribuir no tempo devido as rações de trigo? ⁴³Feliz deste servo, que o seu senhor, ao chegar, encontrar ocupa-

do em tal serviço! ⁴⁴Verdadeiramente, eu vos digo, ele o estabelecerá sobre todos os seus bens. ⁴⁵Mas se este servo disser em seu coração: ‘O meu senhor tarda a vir’, e se puser a espancar os moços e moças de serviço, a comer, a beber e a se embriagar, ⁴⁶o senhor deste servo chegará, num dia em que ele não espera e numa hora que ele desconhece: expulsá-lo-á^a e o fará compartilhar da sorte dos infícu^l.

⁴⁷“Ora, tal servo que, conhecendo a vontade de seu senhor, não preparou nada, nem agiu segundo essa vontade, receberá muitos golpes de açoite: ⁴⁸aquele que não a conhecia e fez algo que merecia açoites receberá poucos golpes. A quem muito foi dado, dele se exigirá muito; daquele a quem se confiou muito, exigir-se-á mais”.

Por que Jesus veio^a. ⁴⁹“É um fogo que eu vim trazer à terra, e como quisera que já estivesse aceso^o! ⁵⁰É um batismo^p que eu tenho de receber, e quanto me pesa^q até que seja consumado.

(Mt 10,34-36). ⁵¹“Porventura pensais que é a paz que eu vim estabelecer sobre a terra? Não, eu vo-lo digo, mas antes a divisão^r. ⁵²Pois doravante, se houver cinco pessoas numa casa, elas serão dividi-

d. Nos vv. 35-48, Lc reúne uma série de parábolas que exortam os discípulos à vigilância, na expectativa da volta do Senhor.

e. Lit. *Que os vossos rins estejam cingidos e vossas lâmpadas acesas*. Como no v. 37 e em 17,8 é preciso arregaçar a aba da vestimenta no cinto para estar pronto para o trabalho. É também o modo de trajar do viajante, que os judeus adotam para celebrar a Páscoa (Ex 12,11), na qual esperam a vinda do Messias.

f. Este traço parece querer indicar somente uma hora tardia e indeterminada, sem relação com o simbolismo das núpcias.

g. Lit. *furar a sua casa*. As paredes finas das casas da Palestina são fíceis de serem furadas pelo ladrão (Jó 24,16).

h. Esta questão, própria de Lc, marca uma transição entre a exortação a todos os discípulos (vv. 35-40) e a que visa aos que são responsáveis por seus irmãos como intendentes (vv. 42-48).

i. Este termo é próprio de Lc entre os evangelistas (cf. 16,13.8) e designa um personagem importante (cf. 1Cor 4,1-2).

j. Cf. 12,17 nota.

k. Lit. *ele o partirá ao meio*, mas cf. Mt 24,51 nota.

l. Lit. *os incrédulos*. Mt diz: *os hipócritas*.

m. Os vv. 47-48, próprios de Lc, e sobretudo o v. 48b, sublinham a responsabilidade dos chefes de igrejas e concluem os vv. 41-48.

n. Lc reúne aqui várias afirmações de Jesus sobre a sua pró-

pria missão e prepara assim a seção seguinte (12,54-13,9) sobre a urgência de se decidir por ele.

o. Poder-se-ia traduzir: *que desejo eu se ele já está aceso?* Mas, ao lado do v. 50, trata-se, sem dúvida, de um acontecimento futuro. O fogo de que se fala aqui deve ser para Jesus aquele que acompanha o juízo de Deus nas cenas escatológicas (Is 66,15-16; Ez 38,22; 39,6; Mt 3,19; Jt 16,17). Lc pensa provavelmente no batismo do Espírito e no fogo inaugurado em Pentecostes (cf. 3,16 nota; At 2,3,19).

p. Em Mc 10,38, o batismo é posto em paralelo com a taça da dor para evocar o martírio. Aqui, o batismo está em paralelo com o fogo, num contexto que trata do julgamento. A associação de água e fogo como instrumentos de julgamento é reencontrada em 17,26-29 (cf. 2Pd 2,5-6; 3,6-7). Em contrapartida do julgamento que atingirá os homens, Jesus evoca aqui o julgamento que atingirá a sua pessoa.

q. Tem-se traduzido muitas vezes: *qual é a minha angústia?* Mas aqui o paralelo do v. 49 sugere em Jesus, de preferência à angústia, a pressa de chegar ao termo da sua missão de Salvador.

r. Mt 10,34 diz mais concretamente: *o gládio*, termo que deve ser primitivo. Lc assinalou muitas vezes que a paz é o dom messiânico por excelência (cf. 1,79 nota). Aqui a negação paradoxal de Jesus proclama que esta paz não é a paz carnal e fácil

das: três contra duas e duas contra três.
⁵³Dividir-se-ão pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra”.

A decisão a tomar. Discernir os sinais do tempo¹ (Mt 16,2-3). ⁵⁴Ele disse ainda às multidões: “Quando vedes uma nuvem se erguer no poente, dizeis imediatamente: ‘Vem chuva’, e é o que acontece. ⁵⁵E quando vedes soprar o vento sul, dizeis: ‘Vai fazer um calor insuportável’, e isso acontece. ⁵⁶Ó espíritos perversos”, sabeis reconhecer o aspecto da terra e do céu, e o tempo presente, como não sabeis reconhecê-lo?”

Arrumai os vossos negócios antes do julgamento (Mt 5,25-26). ⁵⁷“Por que também não julgais por vós mesmos o que é justo? ⁵⁸Assim”, quando fores com o teu adversário perante o magistrado, procura entrar em acordo com ele em caminho, para que ele não te arraste perante o juiz, o juiz não te entregue ao executor, e o executor não te jogue na prisão. ⁵⁹Eu te digo: de lá não sairás enquanto não tiveres pago até o último centavo.”

13 A urgência da conversão⁸. ¹Nesse momento, aproximaram-se pessoas

que relataram o caso dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara ao dos seus sacrifícios⁹. ²Ele lhes respondeu: “Pensais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que qualquer outro galileu? ³Não, eu vo-lo digo, mas se não vos converterdes, perecereis todos do mesmo modo.

⁴“E aquelas dezoito pessoas sobre as quais caiu a torre de Siloé e as matou, pensais que eram mais culpadas⁵ do que qualquer outro habitante de Jerusalém? ⁶Não, eu vo-lo digo, mas se vós não vos converterdes, perecereis todos da mesma maneira.”

Parábola da figueira estéril⁶. ⁷E ele disse esta parábola: “Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Foi lá procurar fruto e não encontrou. ⁸Então disse ao vinhateiro: ‘Já são três anos que eu venho procurar fruto nessa figueira e não encontro. Corta-a. Por que ficaria aí a esgotar a terra?’ ⁹Mas o outro lhe responde: ‘Senhor, deixa-a ainda este ano para que eu passe a enxada ao seu redor e aplique estrume. ¹⁰Talvez ela dê fruto no futuro⁸. Senão⁹, tu a cortarás”.

Cura de uma mulher enferma, no dia de sábado¹⁰. ¹¹Jesus estava a ensinar numa sinagoga, num dia de sábado. ¹²Havia lá uma mulher possuída de um espírito que

com a qual sonhavam os falsos profetas (Jr 6,14; 8,11; Ez 13,10.16).

s. Esta *divisão* das famílias é, na tradição profética, uma característica da tribulação do fim dos tempos (Mq 7,6; Ag 2,22; Mt 13,24). Jesus voltará a isto em 21,16 e par.

t. De 12,54 a 13,9. Lc apresenta uma série de ensinamentos sobre a urgência da conversão: um apelo a discernir os sinais presentes (vv. 54-56), uma parábola sobre a necessidade de pôr em ordem a própria alma antes do julgamento (vv. 57-59) um comentário sobre os fatos de atualidade que convidam a se converter (13,1-5), uma parábola sobre o último prazo concedido para dar frutos (13,6-9).

u. Lit. *Hipócritas* (cf. 6,42 nota).

v. Esse *tempo*, que é o de Jesus, é fácil de ser reconhecido, pois os seus sinais são claros (7,22; 11,20). O ponto de vista aqui é diferente do de 11,29.

w. Em Mt, esta parábola serve para expor o dever da caridade fraterna. Aqui ela insiste sobre a urgência de se reconciliar antes do julgamento. Este matiz escatológico aproxima-se mais, sem dúvida, da intenção primitiva da parábola.

x. Duas declarações paralelas de Jesus tiram a lição de dois acontecimentos trágicos recentes. Segundo o conceito corrente da contribuição temporal, os seus ouvintes vêem neles castigos divinos infligidos a pecadores; e o fato de que eles próprios foram poupados os tranquiliza quanto à própria justiça. Jesus rejeita esta visão simplista (cf. Jo 9,2-3); ele mostra nessas desgraças uma advertência dirigida a todos: todos são pecadores, todos têm de se converter.

y. A história relata várias intervenções sangrentas de Pilatos em Jerusalém.

z. Lit. *devedores* (cf. Mt 6,12 nota e Lc 11,4 nota).

a. Esta parábola volta às ameaças clássicas contra a árvore improdutiva (3,8-9; cf. 6,43-44), mas junta-lhes o anúncio de um último prazo. Neste contexto, o apelo à conversão é claro e urgente.

b. Em vez de *no futuro*, alguns traduzem: *no próximo ano* (subentendendo *ano*, mencionado no v. precedente).

c. Numerosos mss. trazem: *fruto. Senão, no futuro...*

d. Esta controvérsia sobre as curas que Jesus opera *no dia de sábado* pertence ao mesmo gênero literário que 6,6-11 e 14,1-6.

a tornava enferma^f fazia já dezoito anos; ela estava toda curvada e não podia endireitar-se completamente^f. ¹²Vendo-a, Jesus lhe dirigiu a palavra e disse: "Mulher, eis que estás liberta da tua enfermidade". ¹³Impôs-lhe as mãos: imediatamente ela ficou ereta^g e se pôs a dar glória a Deus^h.

¹⁴O chefe da sinagoga, indignado por Jesus ter feito uma cura no dia de sábadoⁱ, tomou a palavra e disse à multidão: "Há seis dias para trabalhar. É pois nesses dias que deveis vir para vos fazer curar, e não no dia de sábado". ¹⁵O Senhor lhe respondeu: "Ó espíritos perversos^j, acaso no dia de sábado cada um de vós não desata da manjedoura o seu boi, ou o seu burro, para levá-lo a beber^k? ¹⁶E esta mulher, filha de Abraão, que Satanás tinha ligado já faz dezoito anos, não é no dia de sábado^l que era preciso desatá-la desse liame?" ¹⁷A essas palavras, todos os seus adversários ficaram cobertos de vergonha, e toda a multidão se alegrava de todas as maravilhas que ele fazia.

Parábola do grão de mostarda e do fermento^m (Mt 13,31-33; Mc 4,30-32).

¹⁸Ele disse então: "A que é comparável o Reino de Deus?" A que o hei de comparar? ¹⁹Ele é comparável a um grão de

mostarda que um homem toma e planta em seu jardim. Ele cresce e se torna uma árvore^o, e os pássaros do céu fazem os ninhos em seus ramos^p. ²⁰Ele disse ainda: "A que compararei o Reino de Deus? ²¹Ele é comparável ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, de tal modo que a massa toda fica fermentada^q".

Será que Israel entrará no reino? ²²Ele passava por cidades e aldeias, ensinando e viajando rumo a Jerusalém^r.

(Mt 7,13-14). ²³Alguém lhe disse: "Senhor, será que só pouca gente será salva?" Ele lhes disse então: ²⁴"Esforçai-vos por entrar pela porta estreita^s, pois muitos, eu vo-lo digo, procurarão entrar e não conseguirão^t.

(Mt 25,10-12). ²⁵"Depois que o dono da casa se tiver levantado e tiver fechado a porta; quando, ficando fora, começardes a bater na porta dizendo: 'Senhor, abrenos', e ele vos responder: 'Vós, eu não sei de onde sois',

(Mt 7,22-23). ²⁶"então vos poreis a dizer: 'Nós comemos e bebemos contigo, nas nossas praças ensinaste^u'. ²⁷e ele vos dirá:

e. Lit. *possessa de um espírito de enfermidade*. Esta doença é atribuída a uma ação satânica (cf. v. 16 e 11.14 nota).

f. Pode-se traduzir: *ela não podia absolutamente se endireitar*.

g. Lit. *foi endireitada*.

h. Cf. 2,20 nota.

i. Cf. 6,7 nota.

j. Lit. *hipócritas* (cf. 6,42 nota). Vários mss. trazem o singular, mais fácil neste contexto.

k. Jesus faz apelo à prática usual dos aldeões e ao bom-senso deles, para tirar daí um argumento *a fortiori*.

l. Cf. Mc 3,4 nota. Para Jesus, o *sábado*, dia do Senhor, é por excelência o dia da salvação.

m. Este par de parábolas (cf. 11,5 nota), que Mt apresenta antes (como também Mc, que só traz a primeira), conclui em Lc a primeira seção da subida de Jesus para Jerusalém, orientando o pensamento para o *Reino de Deus*. Lc quer exprimir a expansão incoercível do Reino e o seu poder transformador, como ele constata na experiência da missão.

n. Estas duas parábolas são as únicas que Lc relaciona explicitamente com o *Reino de Deus*.

o. Mss. bastante numerosos precisam: *uma grande árvore*. Mas este adjetivo convém mal à *mostarda*, que é um arbusto, e Lc não insiste no contraste entre ela e a sua semente, como o

fazem Mt 13,32 e Mc 4,30-31.

p. Esta imagem, que Dn 4,9.18 (e Ez 17,23 e 31,6) aplicam ao poder dos grandes reis, pode representar para Lc a expansão do Evangelho entre os povos do mundo.

q. Sobre esta parábola, mais ou menos idêntica em Mt, cf. Mt 13,33 nota.

r. Esta nova menção à subida de Jesus *rumo a Jerusalém* (v. 22) parece marcar o começo de uma nova seção da viagem (13,22-17,10). Os vv. 22-30 agrupam diversas declarações de Jesus sobre a entrada no Reino (Mt as apresenta sob formas e em contextos diferentes).

Lc os dirige contra aqueles dentre os judeus que não tiverem acreditado em Jesus.

s. Jesus não quer fornecer aqui, sobre os resultados do Juízo, mais esclarecimentos do que ele dá alhures sobre a sua data (12,40.46; At 1,6-7). Ele só quer convidar os seus ouvintes a *fazer esforço* para aceder ao Reino (cf. 16,16).

t. Vários ligam a esta frase a primeira parte do v. seguinte, separando-os por uma simples vírgula.

u. Os que falam aqui são judeus, testemunhas da missão de Jesus (no texto paralelo, Mt 7,22-23, trata-se de profetas e de taumaturgos cristãos).

v. Numerosos mss. têm: *ele dirá: eu vo-lo digo...* Quem fala

sl 6.9 "Eu não sei" de onde sois. Afastai-vos de mim, vós todos que fazeis o mal".

(Mt 8,12.11). ²⁸"Haverá choros e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac e Jacó, bem como todos os profetas, no Reino de Deus, e vós, lançados fora". ²⁹Então, virá gente do oriente e do ocidente, do norte e do sul, para tomar lugar no festim, no Reino de Deus.

(Mt 19,30; 20,16; Mc 10,31). ³⁰"E assim, há últimos que serão primeiros e há primeiros que serão últimos".

Jesus enfrenta a morte^b. ³¹Nesse instante, alguns fariseus^c se aproximaram e lhe disseram: "Vai-te embora, parte daqui, pois Herodes quer fazer-te morrer". ³²Ele lhes disse: "Ide dizer a essa raposa^d: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã, e no terceiro dia^e chego ao termo^f. ³³Mas é necessário que eu prossiga o meu caminho hoje, amanhã e no dia seguinte, pois não é pos-

sível que um profeta pereça fora de Jerusalém^g.

Lamentação sobre Jerusalém (Mt 19,41-44 23,37-39). ³⁴"Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como uma galinha reúne os seus pintinhos sob as asas, e vós não quisestes^h. ³⁵Pois bem, vossa casa será deixada desertaⁱ. E eu vos digo, não me vereis mais até que chegue o tempo em que disserdes^j: *'Bendito seja, em nome do Senhor, aquele que vem!'*"

14 Cura de um hidrópico num sábado. ¹Ora, Jesus entrara na casa de um dos chefes dos fariseus num dia de sábado para aí tomar uma refeição^k; eles o observavam, ²e justamente um hidrópico se achava diante dele. ³Jesus tomou a palavra e disse aos legistas^l e aos fariseus: "É permitido ou não curar um doente no dia de sábado?" ⁴Mas eles ficaram em silêncio. Então Jesus, toman-

Mt 12,12;
Mc 3,4

aqui é o juiz do último dia, enquanto em Mt 7,23 é Jesus quem fala na primeira pessoa.

w. Numerosos mss. têm: *Vós, eu não sei...* como no v. 25.

x. O juiz não reconhece como seus aqueles dentre os judeus que praticam o mal: para pertencer ao povo de Deus, não basta pertencer à raça de Abraão (cf. 3,8; Jo 8,33-41), mas é preciso acolher Jesus, ser conhecido do juiz (vv. 25-27).

y. Jesus apresenta aqui o Reino, à maneira judaica, como o festim messiânico (Is 25,6; Lc 14,15.16-24; 22,16.18.30) em que os eleitos estão reunidos ao redor dos patriarcas e dos profetas (cf. 16,22). Os que não tiverem respondido ao chamado de Jesus serão excluídos do festim messiânico. Mas enquanto Mt dirige esta ameaça ao conjunto dos judeus (cf. Mt 8,12 nota), Lc só visa aos ouvintes incrédulos de Jesus.

z. Trata-se dos pagãos que serão admitidos no Reino (cf. Is 22,5-6; 25,6-8; 60; 66,18-21).

a. Cf. Mt 19,30 nota. Esta sentença é mais matizada do que em Mt 19,30 e Mc 10,31 (*multos*) e sobretudo do que em Mt 20,16.

b. Lc acaba de considerar a incredulidade de Israel do tempo de Jesus (vv. 23-30). É nesta perspectiva que ele registra aqui duas declarações de Jesus acerca da sua própria morte: os vv. 31-33, que lhe são próprios, e os vv. 34 e 35, que Mt situa mais tarde.

c. Eles são aparentemente favoráveis a Jesus (cf. 7,36 nota). Todavia, certos comentadores vêem em sua atitude um ato de hostilidade.

d. Herodes não é perigoso para Jesus; ele não é um leão (imagem usual dos rabinos para designar um personagem perigoso). e. Isto é, em breve (expressão usual em aramaico).

f. Lit. *eu estou no fim*. A expressão é equivocada: ela pode

ser entendida no sentido temporal (*a minha missão está terminada*) ou indicar o resultado obtido (*eu atingi a minha meta*). Como em 22,53, como também em Jo 7,30 e 8,20, os inimigos de Jesus não podem atingi-lo antes que *a sua hora tenha chegado*.

g. Jesus anuncia a sua morte em *Jerusalém* e a compara à dos profetas massacrados por Israel (cf. 6,23 nota).

h. Essas palavras, que Mt situa durante a pregação de Jesus em *Jerusalém*, supõem que Jesus já exerceu o seu ministério na cidade antes da "Semana Santa". O fato é muito verossímil (cf. Jo); ele faz sobressair o caráter artificial do plano dos sinóticos, e notadamente da composição da viagem a *Jerusalém* no terceiro evangelho (cf. Introdução).

i. Cf. Jr 12,7. Deus vai abandonar o seu Templo, e portanto entregá-lo à ruína (cf. 21,6), para fazer cair o castigo sobre o seu povo. É a ameaça clássica nos profetas (Mq 3,12; Jr 7,1-15; 26; Ez 8-11).

j. Vários mss. têm, como Mt 23,39, *até que digais...*

k. Anunciando que os seus ouvintes saudarão Jesus com a aclamação messiânica do Sl 118,26 (cf. Lc 19,38), Lc parece admitir a conversão de Israel no fim dos tempos (cf. 21,24 e Rm 11,25-27).

l. Lc apresenta vários elementos no quadro de uma refeição (14,1-24). Todos eles se dirigem a fariseus, que Lc considera como os representantes autênticos do pensamento de Israel. O primeiro episódio é uma cura no dia de sábado, análoga à de 6,6-11 e 13,10-17.

m. Cf. 7,36 nota.

n. Cf. 7,30 nota.

o. Cf. 6,7 nota e 13,16 nota.

do o doente, curou-o e despediu-o. ⁵Depois ele lhes disse: "Qual dentre vós, se seu filho^a ou seu boi cair num poço, não o retirará daí imediatamente em pleno dia de sábado?" ⁶E eles a isso nada puderam objetar.

Escolher o último lugar. ⁷Jesus disse aos convidados uma parábola^a, porque notava que eles escolhiam os primeiros lugares^b. Disse-lhes: ⁸"Quando fores convidado a uma festa de casamento, não vás te colocar no primeiro lugar, para que não ocorra que tenham convidado alguém mais importante do que tu, ⁹e aquele que vos convidou a ti e a ele venha te dizer: 'Cede-lhe o lugar'; então irias todo envergonhado tomar o último lugar. ¹⁰Ao contrário, quando fores convidado, vai te colocar no último lugar, a fim de que à sua chegada aquele que te convidou te diga: 'Meu amigo, vem mais para cima'. Então será para ti uma honra perante todos os que estiverem à mesa contigo. ¹¹Pois todo homem que se eleva ¹²será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado".

Convidar os pobres. ¹²Ele disse também ao que o convidara: "Quando deres um

almoço ou um jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos, senão eles também te convidarão em troca e isso te será retribuído. ¹³Ao contrário, quando deres um festim, convida pobres, aleijados, coxos e cegos", ¹⁴e serás feliz porque eles não têm com que retribuir": com efeito, isso te será retribuído na ressurreição dos justos".

Parábola dos convidados substituídos pelos pobres^c (Mt 22,1-10). ¹⁵Ouvindo essas palavras, um dos convivas disse a Jesus: "Feliz de quem participar da refeição^a no Reino de Deus!" ¹⁶Ele lhe disse: "Um homem ia dar um grande jantar e convidou muita gente. ¹⁷Na hora do jantar, mandou seu servo dizer aos convidados: 'Vinde, já está pronto'. ¹⁸Então eles se puseram a desculpar-se todos do mesmo modo^d. O primeiro lhe disse: 'Acabo de comprar um campo e é preciso que eu vá vê-lo; rogo-te queiras desculpar-me'. ¹⁹Outro disse: 'Acabo de comprar cinco juntas de bois e estou partindo para experimentá-las; eu te rogo, queiras desculpar-me'. ²⁰Um outro disse: 'Acabo de me casar e por isso não posso ir'. ²¹Ao voltar, o servo relatou essas

p. Mss. bastante numerosos substituem ou juntam: *asno*, provavelmente sob o influxo de 13,15.

q. Sem dúvida, Lc apresenta aqui a mesma palavra de Jesus que Mt 12,11 (ver a nota). Mas ele se revela menos familiarizado com os costumes da Palestina; fala de um *poço*, como nos países que conhece, e não de um buraco: sobretudo, menciona um *filho* ou um *boi* que caíram nele, o que constitui casos absolutamente diferentes na casuística judaica. O argumento não funciona tão bem quanto em Mt.

r. Aqui esta palavra tem o seu sentido bíblico de sentença de sabedoria, como em Mc 7,17. À primeira vista, Jesus dá nos vv. 8-10 uma lição de habilidade social comparável a Pr 25,6-7. Mas o seu conselho termina no v. 11 com uma lição de humildade que se opõe às preocupações hierárquicas do mundo judaico (cf. Qumran).

s. Lit. *eleitos* (cf. 7,36 nota z). É o que Jesus censurará aos escribas em 20,46.

t. Esta sentença, que se inspira em Ez 21,31, condena a orgulhosa segurança dos fariseus (cf. 16,15); ela será repetida em 18,14.

u. O contexto da refeição evoca o *convite*. Jesus tira daí um apelo à generosidade para com os pobres e ao desprendimento.

v. O conselho de Jesus vai de encontro a todos os usos habituais. Todos os infelizes enumerados aqui são tipos de pobres (cf. 6,20 nota).

w. Jesus formula uma promessa para os que são desprendidos (cf. 6,32-34).

x. Apoiando-se neste texto e em 20,35, vários pensaram que Lc não admitia ressurreição para os pecadores (este conceito se encontra em certos meios do judaísmo de então). Mas Lc anuncia em At 24,15 uma ressurreição dos justos e dos pecadores. As suas expressões aqui e em 20,35 explicam-se pelo fato de que só os justos chegarão à verdadeira vida.

y. A parábola seguinte é encontrada também em Mt, após a chegada de Jesus a Jerusalém e sob uma forma bastante diferente. Lc faz dela o anúncio do chamamento do povo novo, formado de pobres, tanto judeus como pagãos.

z. Lit. *quem comer o pão*.

a. Esta bem-aventurança, como a do Ap 19,9, exprime a esperança de participar do festim messiânico (sobre este, cf. 13,28 nota).

b. Numerosos mss. trazem: *tudo está pronto* (cf. Mt 22,4).

c. Conforme o uso oriental, os convidados foram avisados de longa data; no último momento, o anfitrião manda um servo procurá-los (cf. Est 5,8 e 6,14) e acompanhá-los.

d. Os convidados são numerosos (v. 16), mas a parábola só apresenta três, segundo a norma usual (cf. 10,33 nota); o último nem sequer se escusa.

e. Lc talvez faça alusão a esse pormenor em 14,26.

respostas ao seu senhor. Então, tomado de cólera, o dono da casa disse ao seu servo: 'Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e traze para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos!'. ²²Depois o servo veio dizer: 'Senhor, foi feito o que ordenaste, e ainda há lugar'. ²³O senhor disse então ao servo: 'Vai pelas estradas e jardins^a, e força^b as pessoas a entrarem, a fim de que a minha casa fique cheia. ²⁴Pois, eu vos digo, nenhum daqueles que tinham sido convidados provará do meu jantar!'''.

Renunciar a tudo para seguir Jesus.

²⁵Grandes multidões^c caminhavam com Jesus; ele se voltou e lhes disse: ²⁶Se ^{18,29}alguém vier a mim sem me preferir^k ao seu pai, à sua mãe, à sua mulher^d, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. ²⁷Aquele que não carrega a sua cruz e não vem em meu seguimento ^{9,23; Mt 10,28} não pode ser meu discípulo.

²⁸Com efeito^m, quem entre vós, quando quer construir uma torre, não começa por se assentar para calcular a despesa e avaliar

se tem com que ir até o fim? ²⁹De outro modo, se ele lança os alicerces sem poder terminar, todos os que o virem zombarão dele ³⁰e dirão: 'Eis um homem que começou a construir e não pôde terminar!'

³¹''Ou qual o rei, quando parte em guerra contra outro rei, que não começa por se assentar para considerar se é capaz, com dez mil homens, de enfrentar aquele que marcha contra ele com vinte mil? ³²Senão, enquanto o outro ainda está longe, ele manda uma delegação e pede para fazer a paz.

³³Do mesmo modo, qualquer um de vós que não renuncia a tudo o que lhe pertence não pode ser meu discípuloⁿ.

Não perder o sabor (Mt 5.13; Mc 9.50).

³⁴Sim, o sal^o é uma coisa boa. Mas se o próprio sal perder o sabor com que se há de salgar? ³⁵Não presta nem para a terra, nem para o esterco: jogam-no fora^p. Quem tiver ouvidos para ouvir ouça^q."

15 Jesus e os pecadores^r. 'Os coletores de impostos e os pecadores^s se aproximavam todos^t dele para o ouvir. ^{2E}

f. A lista desses infelizes é a mesma que em 14.13. Eles são recolhidos na cidade, e Lc deve ver neles os pobres de Israel (cf. 6.20 nota).

g. Lit. *cercados*. Diversamente de Mt 22, 9-10, Lc apresenta uma segunda série de suplentes dos convidados faltosos e os faz trazer de fora da cidade: ele deve pensar nos pagãos.

h. Não se trata de violência, mas de convite premente (cf. 24.29; At 16.15). Interpretações tardias quiseram legitimar com este texto conversões pela força. Estas não acham justificação neste pormenor parabólico, e menos ainda no espírito do evangelho.

i. Cf 13.28-29.

j. Esta seção se dirige às *multidões*, isto é, a todos os discípulos, presente e futuros, de Jesus. Reúne diversos ensinamentos de Jesus sobre a condição dos discípulos centrando-os no tema da renúncia (vv. 25-26 e 33).

k. Lit. *sem odiar*. Como na língua do AT, que não possui comparativo, este verbo significa aqui *amar menos* (cf. Gn 29.31.33; Dt 21.15-16; Is 60.15; Mt 1.3; e Lc 16.13); é assim que o compreendeu Mt 10.37. Lc 18.20 lembrará, por outro lado, o mandamento do Decálogo sobre os deveres para com os pais (Ex 20.12; Dt 5.16).

l. Diversamente de Mt 10.37, Lc menciona aqui o amor da esposa que também deve ceder a prioridade ao amor do Cristo (cf. v. 20; 18.29).

m. O par de parábolas dos vv. 28-30 e 31-32 (cf. 11.5 nota) é próprio de Lc. Elas parecem ter sido, na origem, um exemplo da necessidade de refletir antes de um empreendimento impor-

tante, sem dúvida o engajar-se no seguimento de Jesus. Ligando a isso, como conclusão, o v. 33, Lc faz um apelo à renúncia.

n. Este v., que retoma a conclusão dos vv. 26 e 27, dá uma aplicação nova às duas parábolas precedentes. Faz delas um apelo a *renunciar* a todos os bens próprios. É o ensinamento predileto de Lc (12.13-34; 16.1-13; 18.24-30; cf. 5.11 nota).

o. Cf. Mt 5.13 nota e Mc 9.49 nota.

p. O sentido que Lc atribui à imagem do *sal* não é claro. Seja como for, ele faz dela uma advertência aos discípulos: que não se tornem insípidos, que permaneçam fiéis a si mesmos e em primeiro lugar à mensagem do Evangelho.

q. Retomando aqui a advertência de 8.8, Lc sublinha a importância do chamado de Jesus.

r. Este capítulo constitui uma sólida unidade literária por sua introdução e por suas três parábolas sobre a alegria de achar o que estava perdido (cf. as conclusões dos vv. 6.9.24.32). A progressão é clara: uma ovelha sobre cem, uma moeda sobre dez, um filho sobre dois. Em face dos *justos* que se indignam com o *acolhimento feito aos pecadores* por Jesus, este exprime a alegria que Deus sente ao reencontrar os seus filhos perdidos, e convida os fariseus a participarem desta alegria (especialmente na cena final dos vv. 25-32). As duas primeiras parábolas, rigorosamente paralelas (cf. 11.5 nota), sugerem a procura do pecador pelo Pai; a terceira apresenta o acolhimento feito pelo pai ao pecador que volta a ele.

s. Como em 5.30 e 7.34, os *colectores de impostos* são mencionados com os *pecadores* públicos condenados pelos fariseus.

t. Este adjetivo é omitido em algumas testemunhas antigas.

os fariseus e os escribas murmuravam; eles diziam: "Este homem dá boa acolhida aos pecadores e come com eles!"

Parábola da ovelha reencontrada (Mt 18,12-14). ³Então, ele lhes disse esta parábola: ⁴"Quem dentre vós, se tiver cem ovelhas e perder uma, não deixa as outras noventa e nove no deserto" para ir à procura da que se perdeu, até encontrá-la? ⁵E quando a reencontrou, ele a acomoda cheio de alegria sobre os ombros, ⁶e, de volta à casa, reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: "Alegrai-vos comigo", pois eu reencontrei a minha ovelha que estava perdida!" ⁷Eu vos digo, é assim que haverá alegria no céu por um só pecador que se converta, mais do que por noventa e nove justos que não precisavam de conversão.

Parábola da moeda reencontrada. ⁸"Ou ainda, qual a mulher que, tendo dez moedas de prata e vindo a perder uma, não acende uma lâmpada, varre a casa e procura com cuidado até encontrá-la? ⁹E quando a encontrou, ela reúne as suas amigas e vizinhas e lhes diz: 'Alegrai-

-vos comigo, pois reencontrei a moeda que tinha perdido!' ¹⁰É assim, eu vos digo, que há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte".

Parábola do filho reencontrado. ¹¹Ele disse ainda: "Um homem tinha dois filhos. ¹²O mais moço disse ao seu pai: 'Pai, dá-me a parte de bens que me cabe'. E o pai fez para eles a partilha dos seus bens. ¹³Poucos dias depois, o filho mais moço, tendo juntado o dinheiro, partiu para uma região longínqua e aí dissipou os seus haveres numa vida desregrada. ¹⁴E quando acabou de gastar tudo, uma grande fome sobreveio naquela região, e ele começou a passar necessidades. ¹⁵Foi pôr-se a serviço de um dos cidadãos desse país, que o enviou para os seus campos a guardar porcos. ¹⁶Ele bem que gostaria de encher o ventre com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava. ¹⁷Então, caindo em si, disse a si mesmo: 'Quanto operários de meu pai têm pão de sobra, enquanto eu, aqui, morro de fome!' ¹⁸Vou ter com o meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra

u. Cf. 5,29-30.

v. A imagem do *pastor* e do seu *rebanho* é um tema clássico do AT para expressar as relações de Deus com o seu povo (cf. 12,32 nota); a do *reencounter* da ovelha perdida é uma figura tradicional da salvação (Mq 4,6-7; Jr 23,1-4; Ez 34,11-16). Esta parábola tem seu paralelo em Mt, mas enquanto este a aplica à responsabilidade dos chefes da Igreja em relação aos *pequenos* das suas comunidades, Lc mostra Deus procurando o pecador; ele está, sem dúvida, mais próximo do sentido primitivo da parábola.

w. A pastagem usual dos rebanhos na Palestina; ela corresponde às *montanhas* de Mt 18,12.

x. Este convite a participar da sua *alegria*, que se encontra nos vv. 9,23-24,32 é para Lc um traço capital. Ele prepara a resposta final de Jesus às murmurações dos fariseus (vv. 7,10; cf. v. 32).

y. Para Deus (cf. 11,16 nota).

z. Se Lc pensa em verdadeiros justos, esta afirmação é um paradoxo que sublinha a alegria de Deus ante a conversão do pecador, a atenção que ele consagra à mesma. O contexto que Lc atribui a esta parábola e as suas críticas contra a *justiça* dos fariseus (5,32; 16,15; 18,9; cf. 20,20) sugerem que ele pensa aqui antes em falsos justos, que deveriam reconhecer a necessidade de se converter (cf. 5,32 nota).

a. Lit. *dracmas*. Esta moeda grega equivale ao denário romano (cf. 7,41 nota). Para a dona de casa que só tem dez, a perda é significativa.

b. Lit. *diantes dos anjos de Deus*. Trata-se da alegria de Deus (cf. 12,8 nota); ele a compartilha com os seus anjos.

c. Esta parábola famosa é própria de Lc (ela só apresenta uma longínqua analogia com a de Mt 21,28-32). Ela comporta duas partes, fortemente ligadas entre si pelo mesmo personagem central, o *pai*, e por sua atitude generosa, e mesmo também pelo convite final (vv. 24,32) a participar de sua alegria (é o que leva a evitar o título usual da parábola: "o filho pródigo"). A segunda parte, que termina a narração respondendo ao problema inicial do capítulo (vv. 1-2), manifesta a lição essencial da parábola: ela convida os fariseus a entrarem na alegria de Deus, a terem o coração tão aberto quando o de Deus no acolhimento dos pecadores que voltam a ele.

d. Este pedido não é inaudito (cf. Sr 33,20-24), mas a sua legitimidade é discutida pelos historiadores. O jovem reconheceu mais adiante que pecou contra o seu pai (vv. 18 e 21), mas a natureza da sua falta não é precisada.

e. O termo de Lc é pouco preciso. Traduzem-no às vezes por *devassidão*, sob a influência do v. 30; mas será que, neste v., o filho mais velho não exagera?

f. Para um judeu, era o cúmulo da degradação, pois o porco é um animal impuro (Dt 14,8).

g. Testemunhas bastante numerosas lêem: *saciar-se*, sem dúvida para atenuar a expressão.

h. Lit. *alfarrobas*, frutos de uma árvore mediterrânea, utilizada para alimentação do gado.

i. Cf. 12,17 nota.

j. Jesus não idealiza os sentimentos do infeliz. O foco da parábola não é a conversão do filho, mas o amor do pai.

o céu^k e contra ti. ¹⁹Já não mereço ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus diaristas'. ²⁰E foi ter com seu pai. Ainda estava longe, quando o pai o avistou e foi tomado de compaixão: correu, se lhe lançou ao pescoço e o cobriu de beijos. ²¹O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho...'. ²²Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa, trazei a mais bela' roupa e vesti-o; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés'. ²³Trazei o bezerro cevado, matai-o, comamos e festejemos. ²⁴pois este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado'.

"E eles se puseram a festejar. ²⁵O filho mais velho^l estava nos campos. Quando, ao voltar, se aproximou da casa, ouviu músicas e danças. ²⁶Chamando um dos servos, perguntou-lhe o que era aquilo. ²⁷Este lhe disse: 'É teu irmão que chegou, e teu pai matou o bezerro gordo por tê-lo visto voltar bem de saúde'. ²⁸Então ele se encheu de cólera e não quis entrar. O pai saiu para pedir-lhe que entrasse; ²⁹mas ele replicou ao seu pai: 'Já faz tantos anos que tu te sirvo sem ter jamais

desobedecido às tuas ordens'; e, a mim, nunca deste um cabrito sequer para festejar com meus amigos. ³⁰Mas quando chegou esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, mataste o bezerro gordo para ele!'" ³¹Então o pai lhe disse: 'Meu filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. ³²Mas^o era preciso festejar e alegrar-se porque este teu irmão^p tinha morrido, e está vivo; estava perdido, e foi reencontrado'."

16 A parábola do gerente astuto^r.

¹Depois Jesus disse a seus discípulos: "Um homem rico tinha um gerente^s que foi acusado perante ele de dilapidar os seus bens. ²Ele o mandou chamar e lhe disse: 'Que ouço dizer de ti? Presta contas da tua gestão, pois doravante já não poderás gerir meus negócios'. ³O gerente disse então consigo mesmo: 'Que vou eu fazer, visto que o meu senhor me retira a gerência? Trabalhar na enxada? Eu não tenho força. Mendigar? Tenho vergonha. ⁴Sei o que vou fazer para que, uma vez afastado da gerência, haja pessoas que me acolham em suas casas'. ⁵Então, fez vir, um por um, os devedores

k. Deus. Cf. 11,16 nota.

l. Esta pressa é para um oriental uma atitude inusitada. Como todo o v. e sua continuação, ela exprime o amor do pai. Os beijos deste são sinais de perdão (2Sm 14,33).

m. Várias testemunhas ajuntam aqui: *trata-me como a um dos teus diaristas*, como no v. 19. Mas o texto breve, melhor atestado, faz ressaltar a pressa do pai e o fato de que a sua acolhida impede o filho de chegar ao fim de sua humilhação.

n. Lit. *a primeira*.

o. O *anel* é o sinal da autoridade (Gn 41,42; Est 3,10; 8,2); as *sandálias* fazem parte do traje do homem livre, por oposição ao traje do escravo.

p. Esta retomada dos temas dos vv. 6 e 9 marca o fim da primeira cena da parábola.

q. A atitude deste personagem, cujo diálogo com o pai constitui a segunda cena da parábola, corresponde exatamente à dos fariseus no v. 2.

r. Esta afirmação deve ser exata. Ela corresponde à segurança que os fariseus têm de cumprir todas as exigências da lei (cf. 18,9).

s. Ele se recusa a reconhecê-lo como seu irmão, e vai falar dele com desprezo (cf. 18,9,11).

t. É a alegria essencial, e o convite a ultrapassar o juridicismo para se abrir ao amor.

u. Vários mss. ajuntam: *devias festejar e te...*

v. O pai ratifica a qualificação cheia de desprezo do v. 30: o filho que acaba de voltar é sempre o *irmão* do mais velho.

w. Esta conclusão da segunda cena, preparada pelos vv. 6-9 e 24, é a resposta de Jesus às murmurações dos fariseus. Quando eles virem os pecadores acercarem-se de Jesus, participem da alegria de Deus que *reencontra* os seus filhos.

x. Esta parábola traz muitas vezes dificuldades, porque parece propor o exemplo de um espertalhão. Mas Jesus não hesita, em outras parábolas, em comparar o julgamento de Deus com o de um juiz sem justiça (18,1-8), tampouco em convidar os seus discípulos a serem hábeis como as serpentes (Mt 10,16); é claro que ele não exorta os seus à injustiça ou à malvadez. Na parábola em foco, ele toma a precaução de qualificar o *gerente* como *deseonesto* (v. 8). Se este serve de exemplo (cf. 10,30 nota) não o é senão por sua habilidade.

No estado atual do texto, a parábola é seguida de uma série de sentenças sobre o uso do dinheiro (vv. 9-13). Hesita-se, às vezes, em fixar o ponto onde termina a parábola e começam os comentários. Parece, no entanto, que, no texto de Lc, pode-se situar este ponto entre os vv. 8 e 9; é no v. 9, com efeito, que Jesus toma a palavra e se dá a transição da questão da habilidade para a do dinheiro. Assim, o v. 8 conclui a parábola, convidando os discípulos a serem tão hábeis no serviço do Reino quanto os espertalhões deste mundo em seus negócios escusos.

y. O mesmo termo grego é traduzido alhures, por *intendente*; cf. 12,42 nota.

z. Cf. 12,17 nota.

a. Lit. *a fim de que, quando eu for destituído da gerência, eles me acolham em suas casas*.

do seu senhor e disse ao primeiro: 'Quanto deves ao meu senhor?' 'Este respondeu: 'Cem jarras^b de azeite'. O gerente lhe disse: 'Eis aqui o teu recibo, assentaste e escreve cinquenta'. 'Disse em seguida a outro: 'E tu, quanto deves? Este respondeu: 'Cem sacos^c de trigo'. O gerente lhe disse: 'Eis aqui o teu recibo, escreve oitenta'. 'E o patrão^d elogiou o gerente desonesto^e, porque havia agido com habilidade^f. Com efeito, os que pertencem a este mundo^g são mais habilidosos para com os seus semelhantes^h do que os que pertencem à luzⁱ.

O dinheiro enganador e o bem verdadeiro. ^a "Pois bem, eu vos digo: fazei-vos amigos do Dinheiro^j enganador para que, uma vez desaparecido^k este, esses amigos vos acolham^l nas moradas eternas^m."

¹⁰ "Aquele que é digno de confiançaⁿ em coisas pequenas é digno de confiança

também numa grande; e aquele que é desonesto^o em coisas pequeninas é desonesto também numa grande. ¹¹ Se, pois, não fostes dignos de confiança quanto ao Dinheiro enganador, quem vos confiará o bem verdadeiro? ¹² E se não fostes dignos de confiança quanto ao que vos é alheio, quem vos dará o que pertence a vós^q?"

(Mt 6,24). ¹³ "Nenhum servo pode servir a dois senhores: ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir^r a Deus e ao Dinheiro."

A lei e o Reino. ¹⁴ "Os fariseus^s, que gostavam do dinheiro^t, escutavam tudo^u isso, e zombavam de Jesus. ¹⁵ Jesus lhes disse: "Vós mostrais a vossa justiça aos olhos dos homens^v, mas Deus conhece os vossos corações^w: o que para^x os homens é

b. Lit. *bat*. Os valores atualmente propostos para o bat vão de 21 a 45 litros.

c. Lit. *kor*. O kor vale dez bates, isto é, entre 210 e 450 litros.

d. Para Lc, trata-se do patrão do gerente, visto que Jesus vai tomar a palavra no v. 9. Mas o elogio que ele faz daquele que o rouba é surpreendente pelo desprendimento. É provável que, na parábola primitiva, o patrão fosse Jesus, que tirava a lição da narrativa.

e. Lit. *do gerente da injustiça*. O complemento indica a qualidade do gerente, sua pertença à injustiça. Esta última palavra, no contexto, deve ser traduzida por *desonestidade*, porque os vv. 10-12 vão opô-la ao que é digno de confiança e verdadeiro.

f. Na língua do AT, este termo é muito empregado para expressar qualquer *habilidade*, honesta ou desonesta (cf. Gn 3,1).

g. Lit. *Os filhos deste mundo*: o grupo daqueles que só conhecem o mundo deles e só agem para ele.

h. Lit. *em suas gerações*. Este hebraísmo que também se encontra nos textos de Qumran significa: na categoria deles.

i. Lit. *os filhos da luz*. O grupo daqueles que recebem a luz de Deus. Em Qumran, são os membros da comunidade, opostos aos filhos das trevas, que são os seus adversários.

j. As sentenças dos vv. 9-13 são elementos soltos, reunidos com a finalidade de interpretar a parábola precedente como uma lição sobre os diversos aspectos do dinheiro. Elas estão ligadas entre si por uma série de jogos de palavras semânticas referentes ao *Dinheiro* (*Mamon*: vv. 9.11.13) e ao que é *digno de confiança* (vv. 10.11.12) e *verdadeiro* (v. 11), todos termos que se exprimem a partir da mesma raiz hebraica *aman*. Esses vv. estão igualmente unidos pela antítese entre o embuste e a fidelidade-verdade (vv. 10-12). No começo desta seção, Jesus retorna a palavra para comentar a parábola.

k. Lit. *o Mamon* (como nos vv. 11 e 13). Este termo pode ter provindo primitivamente da ideia de um depósito *confiado*: ele designa aqui o Dinheiro, personificado como uma potência que escraviza o mundo.

l. Alguns mss. trazem: *uma vez que tiverdes desaparecido*.

m. *Vos acolham*. O sujeito *esses amigos* não está expresso no texto; é explicitação nossa; mas pode-se também entender este plural como um termo impessoal que designa Deus, evitando mencioná-lo (cf. 6,38 nota).

n. Lit. *as tendas eternas*. Esta expressão não é encontrada para indicar o lugar da salvação, nem no AT, nem na literatura judaica, nem no NT. Ela deve inspirar-se no repertório de imagens da festa das Tendas (ou Tabernáculos), que se considerava, então, uma prefiguração da era da salvação (Zc 14,16-21). Todo o v. 9 está construído segundo o modelo do v. 4. Ele é um convite a acumular tesouros no céu (cf. 12,16 nota) por meio da esmola (tema caro a Lc, cf. 11,41 nota).

o. Ou: *fiel*.

p. Ou: *injusto*. Cf. v. 8 nota.

q. Vários mss. antigos têm: *o que é nosso*. Trata-se do bem do Reino (e provavelmente, na variante, do bem da Igreja). Nos vv. 10-12, o dinheiro é, portanto, o teste da fidelidade dos discípulos.

r. Aqui, *servir* tem o seu sentido cultural, corrente na Bíblia. Em face de Deus, o Dinheiro é um falso deus. Segundo este v., o dinheiro é, portanto, um perigo muito mais grave do que nos vv. precedentes: pode-se fazer dele um ídolo.

s. As sentenças diversas dos vv. 14-18 têm um objetivo comum: procuram definir a posição de Jesus em face do judaísmo e da lei; preparam também a conclusão da parábola seguinte (v. 31). Os fariseus aparecem aqui como representantes do pensamento judaico.

t. Jesus dirigirá uma censura semelhante aos escribas em 20,47. Seria injusto aplicá-la a todos os fariseus (cf. 7,36 nota). Os vv. 14-15 parecem ser uma transição entre os vv. 9-13, sobre o dinheiro, e as sentenças que se lhe seguem.

u. Esta palavra falta em várias testemunhas.

v. Cf. 18,9 e o legista de 10,29, como também 20,20 nota.

w. Tema bíblico (1Sm 16,7; Pr 24,12) empregado por Lc em At 1,24; 15,8.

x. Ou: *entre*.

14,11; 18,14 superior é uma abominação aos olhos de Deus³.

(Mt 11,13.12). ¹⁶“A Lei e os Profetas vão até João⁴; desde então a boa nova do Reino de Deus é anunciada e todo homem emprega a sua força para nele entrar⁵.

(Mt 5,18). ¹⁷“É mais fácil passarem o céu e a terra do que cair da Lei uma só vírgula⁶.

(Mt 5,32; 19,9; Mc 10,11-12). ¹⁸“Todo homem que repudia a sua mulher e se casa com outra é adúltero; e aquele que se casa com uma mulher repudiada por seu marido é adúltero⁷.

Parábola do rico e de Lázaro⁸. ¹⁹“Havia um homem rico⁹ que se vestia de púrpura e linho fino¹ e que fazia diariamente brilhantes festins. ²⁰Um pobre chamado Lázaro⁸ jazia coberto de úlceras no pórtico de sua casa. ²¹Ele bem quisera saciar-se do² que caía da mesa do rico; mas eram antes os cães que vinham lambe-las suas úlceras³.

²²“O pobre morreu e foi levado pelos anjos para um lugar de honra junto de

Abraão⁴; o rico morreu também e foi enterrado. ²³Na morada dos mortos⁴, em meio às torturas, ergueu os olhos e viu de longe Abraão com Lázaro a seu lado. ²⁴Ele exclamou: ‘Abraão, meu pai, tem compaixão de mim e manda que Lázaro venha molhar a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois eu sofro um suplício nestas chamas’⁵. ²⁵Abraão lhe disse: ‘Meu filho, lembra-te de que recebeste tua felicidade durante a vida, como Lázaro, a infelicidade; e agora, ele encontra aqui a consolação¹, e tu, o sofrimento⁶. ²⁶Além disso, entre vós e nós foi estabelecido um grande abismo, para que os que quisessem passar daqui para vós não o possam e que também de lá não se atravesse até nós’⁷.

²⁷“O rico disse: ‘Eu te rogo, então, pai, que envies Lázaro à casa de meu pai, ²⁸pois eu tenho cinco irmãos. Que ele os advirta para que não venham, também eles, para este lugar de tortura’. ²⁹Abraão lhe disse: ‘Eles têm Moisés e os profetas, que os ouçam’⁸. ³⁰O outro replicou: ‘Não, meu pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for a eles, converter-se-ão’⁹. ³¹Abraão lhe disse: ‘Se eles não escutam Moisés nem os profetas, mesmo

y. Expressão e pensamento bíblicos (cf. Pr 16,5).

z. Para Lc, diversamente de Mt 11,12, João Batista pertence ainda ao AT (cf. 3,20 nota c). É um tempo que se acabou.

a. Pode-se traduzir também: *nele entra a viva força*. A interpretação deste texto é discutível (cf. Mt 11,12 nota). Aqui a tendência edificante de Lc e o seu texto de 13,24 sugerem um convite ao esforço espiritual.

b. Lit. *um só traço* (de letra). Esta sentença, complementar da precedente, afirma a perenidade da Lei. Lc deve entendê-la em seu valor profético (cf. 24,27.44). Assim ele prepara a conclusão da parábola seguinte (v. 31).

c. Essa interdição do *repúdio* tradicional é uma das rupturas mais claras de Jesus com a lei de Moisés (cf. Mt 5,31 nota).

d. A parábola tem duas partes, como a de 15,11-32. Os vv. 19-25 inspiram-se em um tema conhecido no Egito antigo e no judaísmo e ilustram a mudança de situação provocada pela passagem deste mundo para o mundo futuro; é o que proclamam as bem-aventuranças de 6,20.24. Os vv. 27-31, que constituem o ensinamento principal, mostram nas Escrituras o sinal que conduz de modo convincente à conversão. A lição da parábola é clara: é urgente converter-se, e para isso é preciso ouvir *Moisés e os profetas*.

e. Alguns mss. antigos lhe dão um nome: *Neuês*.

f. Lit. *de bisso* (linho finíssimo).

g. É o único caso em que um personagem de parábola recebe um nome. Este, que significa *Deus ajuda*, calha bem ao pobre.

Como a narrativa vai focalizar a sua ressurreição (vv. 27-31), vários acharam aqui uma relação com o episódio de Jo 11; mas o Lázaro de João não é pobre.

h. Bom número de mss. antigos junta: *pedaços* (cf. Mt 15,27).

i. Os *cães* são considerados na Bíblia como animais repugnantes e maus (Sl 22,17-21; Pr 26,11 e Mt 7,6).

j. Lit. *no seio*, isto é, em lugar de honra no festim presidido por Abraão (a respeito deste festim, cf. 13,28 nota). A expressão se encontra também em Jo 13,23, a respeito da Ceia.

k. Esta morada é concebida segundo as representações de certos meios judaicos: os mortos já estão classificados antes do Juízo (cf. v. 28) em diversas categorias que antecipam a bem-aventurança e o castigo eternos (cf. 23,43 nota). Lc é o único evangelista que apresenta assim a situação dos indivíduos no além. Utilizando essas imagens do seu tempo, ele não intenta informar os seus leitores sobre o outro mundo: o seu único objetivo é indicar-lhes o caminho da salvação.

l. Vários mss. têm: *ele, ele é consolado*.

m. Abraão enuncia o princípio da inversão das situações além da morte. Este tema clássico, que se encontra também em outros quadros escatológicos, não constitui todo o pensamento de Jesus. A parábola vai terminar incutindo a necessidade da conversão e da fé para escapar à condenação.

n. Esta imagem não se encontra nos quadros bíblicos e judaicos do além. Ela indica que na morte a sorte dos homens se fixa de modo irreversível.

que alguém ressuscite dos mortos, não ficarão convencidos”^o.

17 Advertência aos discípulos^p (Mt 18,7.6; Mc 9,42). Jesus disse aos seus discípulos: “É inevitável^q que haja causas de queda”. Mas aí daquele por meio de quem acontece a queda. ²É melhor para ele que lhe amarrem ao pescoço uma mó de moinho e o atirem ao mar e que ele não faça cair um só destes pequenos. ³Ficai de sobreaviso.

(Mt 18,15.21-22). “Seu teu irmão vier a te ofender”, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-o. ⁴E se ele te ofender sete vezes por dia e sete vezes voltar a ti, dizendo: ‘Eu me arrependo’, tu o perdoarás”.

(Mt 17,20). ⁵Os apóstolos^r disseram ao Senhor: “Aumenta em nós a fé”. ⁶O Senhor disse: “Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda”, diríeis a este sicômoro: ‘Arranca-te daí e planta-te no mar’, e ele vos obedeceria.

O servo que não fez senão o seu dever. ⁷“Quem dentre vós, se tiver um servo que lavra a terra ou guarda os animais, lhe dirá à sua volta dos campos: ‘Vai depressa pôr-te à mesa?’ ⁸Acaso não lhe dirá antes: ‘Prepara-me o jantar, põe-te em trajes de me servir’, enquanto eu comer e

beber; e depois comerás e beberás por tua vez? ⁹Terá ele gratidão para com este servo porque fez o que lhe fora ordenado?” 6.32-34

¹⁰Do mesmo modo, vós também, quando fizerdes tudo o que vos foi ordenado, dizeis: ‘Somos uns servos quaisquer’. Não fizemos mais do que devíamos fazer”.

Cura de dez leprosos. ¹¹Ora, como Jesus caminhasse para Jerusalém, passou através da Samaria e da Galiléia^b. ¹²Ao entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro. Eles pararam a distância^c ¹³e elevaram a voz para lhe dizer: “Jesus, mestre^d, em piedade de nós”. ¹⁴Vendo-os, Jesus lhes disse: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. Ora, enquanto iam, foram purificados. ¹⁵Um dentre eles, vendo que estava curado, voltou dando glória a Deus em altas vozes^f. ¹⁶Lançou-se de rosto em terra aos pés de Jesus, rendendo-lhe graças; ora, era um samaritano. ¹⁷Então Jesus disse: “Acaso os dez não foram todos purificados? E os outros nove, onde estão? ¹⁸Não se achou ninguém entre eles para voltar e dar glória a Deus; a não ser este estrangeiro!” ¹⁹E ele lhe disse: “Levanta-te, vai. A tua fé te salvou”. 7.50; 8.48

A vinda do Reino de Deus. ²⁰Os fariseus lhe perguntaram: “Então, quando vem o Reinado de Deus?” Ele lhes respondeu: “O Reinado de Deus não vem

o. Este v. constitui o ápice da parábola. O sinal mais decisivo para atrair para a fé não é o milagre, mesmo o mais sensacional, mas a Escritura (cf. 24,27.44), isto é, a coerência da mensagem revelada. Jesus falou alhures da ineficácia dos milagres para as cidades da Galiléia (cf. 10,13 nota), da superioridade dos sinais espirituais sobre os sinais corporais (Jo 14,11; 20,29).

p. Lc reúne aqui vários ensinamentos de Jesus sobre a vida na comunidade: as ocasiões de queda, o perdão fraterno, a fé.

q. Mt diz, com a dureza semítica: *É necessário*. Lc é mais sutil.

r. Cf. Mt 5,29 nota.

s. Lit. *pecar contra ti*. Testemunhas muito numerosas omitem *contra ti*, mas essas palavras parecem exigidas pelo fim do versículo e pelo paralelo do v. 4.

t. Poder-se-ia traduzir também: *no mesmo dia*.

u. Cf. 6,13 nota.

v. Pode-se traduzir também: *Concede-nos a fé*.

w. *a menor de todas as sementes* (Mt 13,32; Mc 4,31).

x. É habitualmente o sentido do termo no AT grego; no grego profano daquele tempo poder-se-ia traduzir *amoreira*, mas o

contraste seria menor com o grão de mostarda.

y. Lit. *Depois de cingir-te, serve-me*. Cf. 12,35 nota.

z. Grande número de mss. acrescenta: *penso que não*.

a. Lit. *bons para nada* (cf. Mt 25,30). O contexto, no qual o servo é, apesar de tudo, útil, mostra que esta expressão é forçada; mas ela se aplica perfeitamente aos discípulos: ninguém é indispensável para o serviço do Senhor.

b. Esperar-se-ia a Galiléia de preferência à Samaria. É ainda menos indicado traduzir: *entre a Samaria e a Galiléia*, pois essas duas regiões são limítrofes. A menção da estrada rumo a Jerusalém abre uma nova seção de viagem (17,11–19,28) como em 9,51 e 13,22.

c. Eles observam a lei de Lv 13,46.

d. É o único caso em que este termo (*epistátês*), freqüente em Lc, não é pronunciado por um discípulo (cf. 5,5 nota).

e. Cf. 5,14 (Lv 14,2-3).

f. Cf. 2,20 nota.

g. A data da vinda do Reino de Deus é a grande questão para o judaísmo de então (cf. Dn 9,2). Os rabinos e os apocaliptes procuram sinais que permitam fixá-la.

como um fato observável^h. ²¹Não se dirá: 'Ei-lo aqui' ou 'Ei-lo ali'. Com efeito, o Reinado de Deus está entre vósⁱ”.

O Dia do Filho do Homem^j. ²²Então disse aos discípulos: “Dias virão em que desejareis nem que fosse um só dos dias^k do Filho do Homem, e não o vereis”.

(Mt 24,26-27). ²³“Dir-vos-ão: ‘Ei-lo ali, ei-lo aqui’”. Não partais nem vos precipiteis^m. ²⁴De fato, como o relâmpago ao faiscar brilha de um lado ao outro do horizonteⁿ, assim será o Filho do Homem por ocasião do seu Dia. ²⁵Mas antes é preciso que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração.

(Mt 24,37-39). ²⁶“Como aconteceu nos dias de Noé, assim acontecerá nos dias do Filho do Homem: ²⁷comiam, bebiam, casavam-se ou eram dados em casamento^o, até o dia em que Noé entrou na arca, então veio o dilúvio e os fez perecer a todos.

²⁸“Ou também como ocorreu nos dias de Lot: comiam, bebiam, compravam,

vendiam, plantavam, construíam; ²⁹mas no dia em que Lot saiu de Sodoma, Deus fez^p cair uma chuva de fogo e de enxofre e os fez perecer a todos.³⁰ Acontecerá do mesmo modo no Dia em que o Filho do Homem se revelar.

³¹Naquele Dia, quem estiver no terraço e tiver os seus objetos de uso dentro de casa não desça para pegá-los; do mesmo modo, quem estiver no campo não volte para trás^q. ³²Lembra-vos da mulher de Lot. ³³“Quem procurar conservar^r a sua vida perdê-la-á e quem a perder há de salvaguardá-la^s. ³⁴Eu vos digo, naquela noite, dois homens estarão sobre o mesmo leito: um será tomado^t, e o outro, deixado. ³⁵Duas mulheres estarão juntas, a moer: uma será tomada e a outra será deixada. ³⁶”

³⁷Tomando a palavra, os discípulos lhe perguntaram: “Onde, Senhor?” Ele lhes disse: “Onde estiver o corpo, ali se reunirão os abutres^u”.

18 Parábola do juiz que se faz de rogado^v. ¹Jesus lhes disse uma parábola sobre a necessidade que tinham, de

h. Lit. *com observação*. Para Jesus, os sinais da vinda do Reino de Deus não dependem da observação sensível, mas da fé. Basta que o acolham a ele para encontrar este reino (cf. 12,54-56).

i. Traduz-se às vezes: *em vós*, mas esta tradução tem o inconveniente de fazer do Reino de Deus uma realidade íntima. Para Jesus, este Reino, que concerne a todo o povo de Deus, está presente de fato em sua ação de salvação (cf. 11,20). Ele está *ao vosso alcance*.

j. Depois de ter expressado a presença do Reino na missão de Jesus (v. 21), Lc apresenta o aspecto complementar deste Reino: a sua realização final imprevisível, no advento do Filho do Homem por ocasião do seu Dia. Um grande número de elementos desse quadro encontra-se também no discurso escatológico de Mt 24 (vv. 26-27,37-39,17-18,41,28). Parece que Lc guardou melhor no conjunto a forma da fonte comum a ambos, salvo, talvez, para os vv. 25 (= Lc 9,22), 31-32 (mais bem colocado em Mt 24) e 33 (= Lc 9,24).

k. Muitas vezes se tem entendido com isso os dias do passado nos quais Jesus vivia entre os seus. Mas o sentido geral do discurso e o seu v. 26 convidam antes a ver aqui o tempo do advento final do Filho do Homem.

l. Os mss. invertem muitas vezes estes termos e apresentam diversas adições.

m. Vários mss. omitem uma ou outra das duas proposições. Como em 19,11 e 21,8-9, Lc põe de sobreaviso contra a crença em um advento iminente do Filho.

n. Lit. *do sob o céu ao sob o céu*. Trata-se dos pontos em que, segundo a crença da época, a cúpula do céu repousa sobre a terra, e portanto, do horizonte.

o. Lit. *Eles desposavam, elas eram desposadas* (cf. 20,34).

p. Lit. *ele fez*. No texto de Gn 19,24, aqui citado, trata-se de Deus. Segundo o costume palestinese, Jesus não o menciona, tanto mais por ser o texto conhecido.

q. Estas advertências ressaltam o caráter tênue e inelutável desse Dia (cf. Jr 4,6; 6,1; 48,6; 49,8,30; 51,6).

r. Vários mss. têm: *salvar*, como em Lc 9,24 e par. Lc emprega aqui um termo do AT grego que significa *obter* ou *deixar a vida salva* (Js 6,17; Sl 79,11; Ez 13,18-19).

s. No AT grego, este termo tem o mesmo sentido que o da nota precedente (Ex 1,17,18,22; Jz 8,19; 1Sm 27,9,11; 1Rs 20,31; 2Rs 7,4; cf. At 7,19). No grego profano, ele significa em primeiro lugar *gerar para a vida*. Lc, escolhendo este termo raro no NT, pode ter pensado na vida nova adquirida por quem sacrifica a própria vida terrestre.

t. No Reino (cf. 1Ts 4,17) ou, ao contrário, para ser eliminado (cf. Mt 13,41-43). Dá no mesmo!

u. Vários mss. acrescentam: *dois homens estarão nos campos: um será tomado e o outro, deixado*. Esta frase, que constitui o v. 36 da numeração corrente, deve provir de Mt 24,40.

v. A questão do lugar corresponde à questão da data no v. 20.

w. As aves de rapina aparecem muitas vezes nas representações de julgamento do AT (Is 18,6; 34,15-16; Jr 7,33; 12,9; 15,3; Ez 39,17). No contexto presente, esta imagem significa que ninguém escapará ao Julgamento (cf. Mt 24,28 nota).

x. Os vv. 2-5 constituem a parábola, que primitivamente talvez formasse um par com a de 11,5-8 (cf. 11,5 nota). Lc a introduz com o v. 1 e junta-lhe como aplicação os vv. 6-7, como também o v. 8.

Mt 24,17-18;
Mc 13,15-16

Gn 19,17

Gn 19,26

9,24;

Mt 10,39;

Jo 12,25

Mt 24,41

rezar constantemente e não desanimar⁷.²Ele lhes disse: "Havia numa cidade um juiz que não tinha nem temor a Deus, nem respeito pelos homens.³E havia nesta cidade uma viúva que vinha dizer-lhe: 'Faze-me justiça contra o meu adversário'.⁴Ele recusou durante muito tempo. Depois disse a si mesmo: 'Mesmo que eu não tema a Deus, nem respeito os homens,⁵vou fazer justiça a essa viúva porque ela me aborrece, a fim de que não fique a me atormentar interminavelmente'".

⁶O Senhor^b acrescentou: "Escutai bem o que diz este juiz sem justiça.⁷E Deus^c não faria justiça aos seus eleitos que clamam a ele dia e noite? E ele os faz esperar^d!⁸Eu vo-lo digo: ele lhes fará justiça bem depressa^e. Mas o Filho do Homem, quando vier, será que achará fé sobre a terra?"

Parábola do fariseu e do coletor de impostos^f. ⁹Ele disse ainda a seguinte parábola a alguns^g que estavam convencidos de serem justos e desprezavam todos os outros^h: ¹⁰"Dois homens subiram ao Templo para rezar; um era fariseu e o

outro era coletor de impostos. ¹¹O fariseu, de pé, rezava assim consigo mesmo: 'Ó Deus, graças te dou por não ser como os outros homens, que são ladrões malfeitores, adúlteros, ou ainda como esse coletor de impostos. ¹²Eu jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de tudo o que adquiro'. ¹³O coletor de impostos, mantendo-se a distância, nem mesmo queria levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: 'Ó Deus, tem compaixão do pecador que eu sou!'. ¹⁴Eu vos digo: este desceu para casa justificadoⁱ, mas o outro não^m, pois todo o homem que se eleva será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevadoⁿ".

O exemplo das crianças (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16). ¹⁵Havia pessoas que traziam a Jesus até as crianças de colo, para que ele as tocasse^o. Vendo isso, os discípulos as repreendiam. ¹⁶Mas Jesus chamou para junto de si as criancinhas, dizendo: "Deixai vir a mim as crianças; não as impeçais, pois o Reino de Deus pertence aos que são como elas. ¹⁷Em verdade, eu vos digo, quem não acolhe o Reino de Deus como uma criança nele não entrará^p".

y. Lc formula aqui o sentido que dá à parábola, com expressões características de Paulo: *rezar sempre* (2Ts 1,11; Fl 1,4; Rm 1,10; Cl 1,3; Fm 4), *não desanimar* (2Ts 3,13; 2Cor 4,1,16; Gl 6,9; Ef 3,13). Após o discurso precedente, e com a aplicação dos vv. 6-8, ele centra esta oração no advento escatológico de Jesus (cf. 21,36).

z. Cf. 12,17 nota.

a. Outros traduzem: *a fim de que ela não venha, por fim, me bater no rosto*. Mas esta tradução não é de todo conveniente ao texto e à situação da viúva. De todo modo, o juiz se decide por um motivo puramente egoísta, mas a insistência da viúva obtém justiça.

b. Trata-se de Jesus (cf. 7,13 nota) que introduz a aplicação da parábola.

c. Jesus não hesita em comparar Jesus com um juiz sem justiça (cf. 16,1 nota). É um raciocínio *a fortiori*.

d. Proposição obscura. Vários traduzem: *enquanto ele os faz esperar ou mesmo se ele os faz esperar ou enquanto exerce paciência para com eles*. De qualquer forma, trata-se do escândalo clássico da inação aparente de Deus (Sl 44,23; Zc 1,12), que a demora da Parusia renova entre os cristãos (2Pd 3,9; Ap 6,9-11).

e. Jesus anuncia aqui um julgamento a curto prazo, como fez em outros casos (Mc 9,1; 13,30 e as notas). Lc deve pensar, como em 17,22-37, em um julgamento inesperado em um futuro indeterminado.

f. Esta sentença, que na origem devia ser independente da

parábola precedente, apresenta a *apostasia* que se deve produzir no fim dos tempos, tema clássico da apocalíptica (cf. 2Ts 2,3; Mt 24,10-12).

g. Sobre o gênero desta parábola, cf. 10,30 notas.

h. Traduz-se às vezes: *visando a alguns*.

i. Lc indica a intenção que atribui à parábola que se segue. Nela, vê uma crítica aos que estão seguros da própria justiça (cf. 5,33; 11,42), que a querem exibir (cf. 16,15; 10,29). Considera-a um apelo à humildade (v. 14).

j. O fariseu cumpre de fato as práticas piedosas da sua seita (cf. 5,33; 11,42) e nisto encontra a certeza da sua justiça; mas ele não espera nada de Deus.

k. Também o coletor de impostos diz a verdade: ele é *pecador*, mas esta confissão sincera o abre para Deus e à sua graça.

l. A *justiça*, que o fariseu pretendia adquirir por suas obras, é um dom que só Deus pode conceder (cf. Fl 3,9).

m. Lit. *diversamente do outro*.

n. Esta sentença, que se acha também em 14,11, é, sem dúvida, aposta aqui por Lc para mostrar nesta parábola um apelo à humildade.

o. Aqui a narrativa de Lc torna a encontrar o fio da de Mt e Mc, que deixou em 9,50.

p. Cf. Mc 10,15 nota. O *Reino* é graça. É preciso *acolhê-lo* com a simplicidade e a gratidão maravilhada da criança. Esta atitude, da qual Jesus faz a condição indispensável da salvação, é a dele mesmo, em seu encontro com o Pai (10,21; Mc 14,36).

Renunciar às riquezas para entrar no Reino (Mt 19,16-30; Mc 10,17-31). ¹⁸Um notável^q interrogou Jesus: “Bom mestre, que devo fazer para ganhar em herança a vida eterna?” ¹⁹Jesus lhe disse: “Por que me chamas de bom? Ninguém é bom senão só Deus.” ²⁰Conheces os mandamentos: *não cometerás adultério, não cometerás homicídio, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe*.” ²¹Ele respondeu: “Tudo isto, eu o tenho observado desde a minha juventude”. ²²Tendo-o ouvido, Jesus lhe disse: “Uma coisa ainda te resta fazer: tudo^l o que tens, vende-o, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me”. ²³Ao ouvir isto, o homem ficou muito triste, pois era muito rico.

²⁴Vendo-o, Jesus disse: “Quão difícil é para os que têm riquezas chegar ao Reino de Deus!” ²⁵Sim, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus^w. ²⁶Os ouvintes disseram: “Então quem pode ser salvo?” ²⁷E ele respondeu: “O que é impossível aos homens é possível a Deus”.

²⁸Pedro disse: “Quanto a nós, deixando os nossos próprios bens, nós te seguimos”. ²⁹Ele lhes respondeu: “Em verda-

de, eu vos digo, ninguém terá deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos, por causa do Reino de Deus. ³⁰sem que receba muito mais^a no tempo atual e, no mundo futuro^b, a vida eterna”.

Último anúncio da Paixão (Mt 20, 17-19; Mc 10,32-34). ³¹Tomando consigo os Doze, Jesus lhes disse: “Eis que subimos a Jerusalém e vai se cumprir tudo o que os profetas escreveram a respeito do Filho do Homem”. ³²Pois ele será entregue aos pagãos, submetido ao escárnio, aos ultrajes, aos escarros; ³³e depois de o terem flagelado, eles o matarão^c e, no terceiro dia, ele ressuscitará”. ³⁴Mas eles não compreenderam nada. Esta palavra lhes permanecia velada e eles não sabiam o que Jesus queria dizer^d.

Cura de um cego em Jericó (Mt 20, 29-34; Mc 10,46-52). ³⁵Ora, quando ele se aproximava de Jericó, um cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmolas. ³⁶Tendo ouvido passar a multidão, perguntou o que era. ³⁷Anunciaram-lhe: “É Jesus, o Nazoreu^e que está passando”. ³⁸Ele exclamou: “Jesus, filho de David”, tem compaixão de mim!” ³⁹Os que iam na frente o repreendiam para

q. Lit. *um chefe*. Mt 19,20 o apresenta como um jovem; mas esta qualificação que parece provir de um retouque da tradição, tem poucas probabilidades de ser primitiva.

r. Em Lc, esta pergunta já foi feita por um legista, em 10,25. A resposta de Jesus ultrapassa o caso do homem de posição para tratar da riqueza (vv. 18-27); a seguir, da renúncia dos discípulos (vv. 28-30). Como final reaparece o tema inicial da *vida eterna*.

s. Citação do Decálogo (Ex 20,12-16; Dt 5,16-20).

t. Cf. 5,11 nota.

u. Esta afirmação violenta não é apenas um paradoxo: tanto para o rico, como para o pobre, não existe salvação pela graça de Deus (v. 27); mas esta salvação é mais difícil para o rico.

v. Lc, que costuma enfatizar que os discípulos deixaram *tudo* (cf. 5,11 nota), não o menciona aqui, ao contrário de Mt e de Mc. Nesta passagem, que descreve a condição dos discípulos, ele parece evocar At 4,32, em que os membros da comunidade de Jerusalém renunciaram a ter bens *próprios*.

w. Lc é o único dos evangelistas a mencionar aqui a renúncia à esposa (cf. 14,26 nota e Mt 19,10-12; 1Cor 7,25-28).

x. Lit. *quantidades de vezes mais*. Vários mss. antigos têm *sete vezes mais* (cf. Sr 35,10), leitura original diferente da de Mt (muito mais) e da de Mc (cem vezes mais).

y. A oposição entre *este mundo* e o *mundo futuro* é uma ideia corrente na apocalíptica judaica da época (cf. Mt 13,22). Lc apresenta este tema sob diversas formas (16,8; 20,34-35).

z. A promessa de Jesus responde finalmente à pergunta do notável (v. 18).

a. Este anúncio da Paixão é o terceiro em Mt e Mc. Lc, que relata como eles os anúncios de 9,22 e 44, introduziu três outros em 12,50; 13,32-33; 17,25. Isso manifesta a importância por ele atribuída a esse mistério da Paixão.

b. Poder-se-ia traduzir menos provavelmente: *cumprir-se para o Filho do homem tudo o que os profetas escreveram*; Lc é o único que faz intervir neste último anúncio da Paixão as predições dos *profetas* (cf. 24,25-27,45-46; At 3,18; 13,27-29...).

c. Não se sabe se o sujeito é definido (*os pagãos*) ou impessoal.

d. Lc aqui é o único a notar a incompreensão da Paixão pelos Doze, como já fizera em 9,45 ao desenvolver Mc 9,32. Alguns vêem nisso uma alusão ao episódio de Mc 10,35-45, que ele não relata.

e. Em Mt 20,29 e Mc 10,46, este milagre efetua-se quando Jesus sai de Jericó, em Lc quando ele aí entra. É provável que Lc tenha antecipado este episódio para colocar em seguida a conversão de Zaqueu e a parábola do príncipe que vai receber a investitura.

f. O *Nazoreu*, forma semítica bastante rara nos sinóticos fora Mt 2,23 e 26,71, mas empregada oito vezes por Lc nos Atos (ver At 2,22 nota).

g. Cf. 3,23 nota e Mt 9,27 nota. Esta aclamação messiânica prepara a cena de 19,27-40.

que se calasse; mas ele gritava ainda mais: "Filho de David, tem compaixão de mim!"⁴⁰ Jesus se deteve e ordenou que lho trouxessem; quando ele se aproximou, Jesus o interrogou: "Que queres que eu faça por ti?" Ele respondeu: "Senhor, que eu recupere a vista!"⁴² Jesus lhe disse: "Recupera a vista! A tua fé te salvou!"⁴³ No mesmo instante, ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus, dando glória a Deus. Todo o povo, vendo isto, ergueu a Deus o seu louvor^h.

7.50;
8.48: 17.19

19 Zaqueu. A salvação de um ricoⁱ.

¹Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. ²Apareceu um homem chamado Zaqueu, chefe dos coletores de impostos, muito rico. ³Ele procurava ver quem era Jesus, e não conseguia por causa da multidão, pois era de pequena estatura. ⁴Ele correu para a frente e subiu num sicômoro^j a fim de ver Jesus, que ia passar por ali. ⁵Quando Jesus chegou a esse lugar, levantando os olhos, disse-lhe: "Zaqueu, desce depressa: hoje preciso ficar na tua casa". ⁶Zaqueu des-

ceu depressa e o acolheu todo alegre. ⁷Vendo isso, todos murmuravam; diziam: "É na casa de um pecador que ele foi se hospedar^k". ⁸Mas Zaqueu, adiantando-se, disse ao Senhor: "Pois bem, Senhor, eu reparto aos pobres a metade dos meus bens e, se prejudiquei alguém, restituo-lhe o quádruplo". ⁹Então Jesus disse a seu respeito: "Hoje" veio a salvação a esta casa^l, pois também ele é filho de Abraão^o. ¹⁰Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido^q.

Parábola do príncipe que vai receber a investidura: as moedas de prata (Mt 25,14-30). ¹¹Como os presentes ouviram essas palavras, Jesus acrescentou uma parábola, porque estava perto de Jerusalém e eles pensavam que o Reinado de Deus se manifestaria imediatamente^r. ¹²Ele disse: "Um homem de alta estirpe viajou para uma região longínqua, a fim de se fazer investir como rei^s e voltar em seguida". ¹³Ele chamou dez^t dos seus servos, distribuiu entre eles dez moedas^u de gran-

h. Lc conclui a narração com um final costumeiro de milagre (cf. 2,20 nota) que prepara 19,37.

i. Esta narração própria de Lc ilustra o tema da conversão, que lhe é particularmente caro (cf. 5,32 nota). Neste final de subida a Jerusalém, a conversão do coletor de impostos manifesta em Jesus aquele que *vão procurar e salvar o que estava perdido* (v. 10).

j. Esta árvore pode ser muito grande, mas os seus primeiros ramos são pouco elevados.

k. Segundo as idéias dos judeus, a convivência com pecadores acarreta a impureza (5,30; 7,34; 15,2).

l. *Zaqueu* anuncia a decisão que toma agora: vai dividir os seus bens com os *pobres*, por liberalidade; aos que ele tenha eventualmente lesado, vai *restituir o quádruplo*, o que ultrapassa as exigências da lei judaica (Ex 22,3.6; Lv 5,21-24; Nm 5,6-7; cf. todavia Ex 21,37; 2Sm 12,6; Pr 6,31) e corresponde à pena do direito romano para o roubo manifesto. Há nisso uma generosidade excepcional.

m. Alguns traduzem *Jesus lhe disse*. Mas as palavras que se seguem dirigem-se aos assistentes. A construção é a mesma que em 12,41; 20,19.

n. Já se notou em 4,21 (nota) a insistência de Lc sobre o *hoje* da salvação.

o. A generosidade de Zaqueu manifesta que ele recebeu o perdão e a salvação. Pode-se comparar-lhe o amor da pecadora em 7,47.

p. Não se trata primordialmente da sua filiação carnal (cf. 3,8 e 13,27 nota), mas da sua pertença ao povo eleito. Não obstante a sua profissão, que faz com que seja considerado como um pecador (v. 7; cf. 5,30; 7,34; 15,1), Zaqueu é, por sua generosidade, um digno filho do pai dos crentes.

q. Conclusão que sublinha o papel de Jesus nesta conversão.

r. Esta parábola corresponde à dos talentos em Mt e deve provir da mesma fonte. Mas Lc a modificou profundamente: primeiro, colocando-a logo antes da entrada régia de Jesus em Jerusalém; em seguida, misturando-lhe vários traços régios tomados da história de Arquelau (ver as notas dos vv. 12,14,27); finalmente, tratando-a de um modo fortemente alegórico. Neste lugar e sob esta forma, a parábola anuncia o Juízo régio que Jesus exercerá por ocasião de sua volta, no advento definitivo do Reino de Deus.

s. Como os judeus do seu tempo, os discípulos esperam o Reino de Deus *dentro de curto prazo* (cf. At 1,6 e Mc 10,37). A parábola de Jesus é apresentada por Lc como um alerta contra essa impaciência; ela mostra que os discípulos têm de exercer uma longa atividade antes da volta do seu Senhor (cf. 17,23 nota).

t. Lit. *receber a realeza*. Aqui, como no v. 15, o contexto impõe interpretar como *realeza* o termo traduzido por *Reino* (= reinado) no v. 11.

u. No império romano, toda investidura de um rei vassalo deve ser ratificada por Roma. O v. 14 mostrará que esse traço se inspira na história de Arquelau, que, por ocasião da morte do seu pai Herodes Magno em 4 a.C., foi solicitar em Roma a confirmação do testamento paterno. Essa narração está particularmente bem situada em Jericó, onde Arquelau edificara um palácio magnífico.

v. Lc indica que há dez servos; Mt não diz o número deles. Mas ambos só indicarão três prestando contas, segundo a norma usual das parábolas (cf. 10,33, nota).

w. Dez moedas. Lit. *mina*. A *mina* é um peso semítico de 1/60 de talento, isto é, cerca de duas libras. Nas contas monetárias ela equivale a cem dracmas ou denários (cf. 7,41 nota; 15,8 nota).

de valor e lhes disse: 'Negociiai até a minha volta'. ¹⁴Mas os seus concidadãos o odiavam e mandaram atrás dele uma delegação para dizer: 'Nós não queremos que ele reine sobre nós'. ¹⁵Ora, quando voltou, investido como rei, ele mandou chamar à sua presença aqueles servos a quem distribuíra o dinheiro, para saber que negócios cada um tinha feito. ¹⁶O primeiro se apresentou e disse: 'Senhor', a tua moeda rendeu dez moedas'. ¹⁷Ele lhe disse: 'Muito bem, servo bom! Já que foste fiel num negócio pequenino', recebe autoridade sobre dez cidades. ¹⁸O segundo veio e disse: 'A tua moeda, senhor, produziu cinco moedas'. ¹⁹Ele disse do mesmo modo a este: 'Quanto a ti, toma a direção de cinco cidades'. ²⁰Um outro veio e disse: 'Senhor, eis aqui a tua moeda, que eu tinha posto à parte, num pano. ²¹Eu tinha medo de ti, porque és um homem severo: tomas o que não depositaste e ceifas onde não semeaste'. ²²Ele lhe disse: 'É segun-

16 15,6

²³Então, por que não depositaste o meu dinheiro no banco? Ao voltar, eu o teria recuperado com juros'. ²⁴Depois, disse aos que estavam ali: 'Tirai-lhe a sua moeda e dai-a ao que tem dez. ²⁵Eles lhe disseram: 'Senhor, ele já tem dez moedas!'. ²⁶— 'Eu vos digo: a todo homem que tem será dado; mas, ao que não tem, mesmo o que tem lhe será tomado'. ²⁷Quanto aos meus inimigos, esses que não queriam que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e degolai-os em minha presença'. ²⁸Terminando essas palavras, Jesus seguiu adiante para subir a Jerusalém'.

A entrada do rei Messias em Jerusalém* (Mt 21,1-11; 15-17; Mc 11,1-10; Jo 12,12-16). ²⁹Ora, quando ele se aproximou de Betfage^b e de Betânia^a, pelos lados do monte chamado das Oliveiras, enviou dois dos discípulos, ³⁰dizendo-lhes: "Ide à aldeia que fica em frente; ao entrardes lá, encontrareis um jumentinho amarrado, no qual ainda ninguém montou. Desamarrai-o e trazei-o. ³¹E se alguém vos perguntar: 'Por que o desamarrais?', responderéis: 'Porque o Se-

O depósito confiado pelo pretendente régio aos seus servos é, portanto, bem menor do que em Mt (onde o senhor lhe entrega cinco, dois e um talentos); sem dívida, Lc quer sublinhar que a tarefa dos servos é desproporcional à sua recompensa: é um *negócio mínimo* (v. 17; cf. 16,10). Em Lc cada servo recebe a mesma soma a fazer valer e se distingue por um rendimento diferente, o que sublinha a eficiência de cada um; em Mt, os depósitos são diferentes, mas os rendimentos idênticos a eles para os dois primeiros servos.

x. É o que sucedeu em 4 d.C., quando Arquelaus foi seguido até Roma por uma delegação de cinquenta judeus, iam pedir a abolição da realeza. Lc evoca essas lembranças para descrever a rejeição da realeza de Jesus pelo Israel oficial.

y. Aqui se inicia a cena da prestação de contas, mais ou menos semelhante em Mt e em Lc, que pensam ambos no juízo final; mas Lc, por seu contexto, mostra que pensa igualmente na realeza de Jesus e no drama de Israel.

z. Título régio que convém ao pretendente enfim investido, e melhor ainda a Jesus em sua glória escatológica. No texto paralelo de Mt, onde não se trata de um rei, a mesma palavra indica meramente o proprietário.

a. Cf. v. 13 nota. A recompensa é régia (cf. 2Cor 4,17).

b. É a opinião de um servo preguiçoso e de má vontade. Mas o rei vai torná-la como norma do seu julgamento: ele é exigente.

c. Este v. falta em muitos mss., antigos, sem dúvida porque não se acha em Mt. Mas ele é bem atestado em Lc, que faz ressaltar o caráter paradoxal do julgamento régio.

d. Esta sentença deve ter existido independentemente da parábola, pois ela não corresponde exatamente à situação e é encontrada também em 8,18 (embora um pouco modificada) e em seus paralelos (Mt 13,12; Mc 4,25). Ela expressa o caráter provisório de todo bem temporal: é preciso valorizá-lo, sob pena de perdê-lo.

e. Conclusão cruel (como a de 14,24), que pode aludir a uma vingança de Arquelaus contra os adversários da sua investidura. Na parábola de Lc, ela indica o rigor do julgamento pronunciado contra o Israel infiel e deve visar sobretudo à ruína de Jerusalém que vai ocupar tanto lugar no resto do evangelho (19,43-44; 21,20-24; 23,28-31).

f. Sem dívida, Lc utiliza aqui Mc 10,32, para descrever a última etapa da subida de Jesus a Jerusalém. Ele mostra o mestre tão decidido quanto na partida (9,51).

g. Nos quatro evangelhos, esta narração mostra como Jesus quis cumprir concretamente o oráculo de Zc 9,9-10, o único anúncio messiânico em que o Messias é humilde. Na narração comum aos quatro, Lc introduz vários traços que sublinham a realeza de Jesus, notadamente algumas alusões à sagração de Salomão em 1Rs 1,33-40. Em Lc, é o início da última parte do evangelho que vai se desenrolar inteiramente em Jerusalém.

h. Cf. Mt 21,1 nota. Povoado próximo a Jerusalém, no monte das Oliveiras, único mencionado no paralelo de Mt 21,1.

i. Povoado situado na encosta oriental do monte das Oliveiras, mais longe de Jerusalém que o precedente. Ela é mencionada em Mc 11,1.

nhor¹ precisa dele". ³²Os enviados partiram e encontraram as coisas como Jesus dissera. ³³Quando eles desamarravam o jumentinho, os seus donos⁴ lhes disseram: "Por que desamarras esse jumentinho?" ³⁴Eles responderam: "Porque o Senhor precisa dele". ³⁵Trouxeram então o animal a Jesus; depois, jogando sobre o jumento as próprias roupas, fizeram Jesus montar⁵; ³⁶e à medida que ele avançava, estendiam as suas roupas sobre a estrada. ³⁷Ele já se aproximava da descida⁶ do monte das Oliveiras quando todos os discípulos, em multidão, cheios de alegria, puseram-se a louvar a Deus com voz forte por todos os milagres que tinham visto. Eles diziam: ³⁸ "*Bendito seja aquele que vem, o rei, em nome do Senhor!*"

Paz no céu e glória no mais alto dos céus!"

³⁹Alguns fariseus, do meio da multidão, disseram a Jesus: "Mestre, repreende os teus discípulos!" ⁴⁰Ele respondeu: "Eu vos digo: se eles se calarem, as pedras gritarão".

Jesus chora sobre Jerusalém. ⁴¹Quando ele se aproximou da cidade e a avis- 13,34-35
tou, chorou sobre ela. ⁴²Ele dizia: "Se tu também^a tivesses sabido, neste dia, como achar a paz!... Mas infelizmente isto ficou oculto aos teus olhos! ⁴³Sim, dias virão para ti em que teus inimigos estabelecerão contra ti obras de assédio^b: eles te cercarão e te apertarão de todos os lados"; ⁴⁴eles te esmagarão a ti e aos teus filhos no meio de ti; e não 13,37,9
deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheste o tempo em que foste visitada".

Jesus entra no Templo e aí exerce a sua autoridade (Mt 21,12-13; Mc 11,15-19; Jo 2,13-16). ⁴⁵Depois Jesus entrou no Templo^c e se pôs a expulsar os que vendiam^d. ⁴⁶Ele lhes dizia: "Está escrito: *A minha casa será uma casa de oração^e*, mas vós fizestes dela uma *caverna de bandidos^f*". ⁴⁷Ele ficava cada dia^g a ensinar no Templo. Os sumos sacerdotes e os escribas procuravam fazê-lo perecer,

j. Cf. 7,13 nota. É a única passagem em que Mt e Mc aplicam esse título a Jesus.

k. A mesma palavra grega foi aplicada a Jesus no v. 31, onde o contexto impunha a tradução *Senhor*; aqui está no plural e designa os proprietários do jumentinho.

l. A redação de Lc faz alusão à sagração de Salomão (1Rs 1,33). m. Esta palavra parece evocar ainda a sagração de Salomão (1Rs 1,38); do mesmo modo; mais adiante, a alegria e as aclamações dos discípulos (1Rs 1,40).

n. Ao contrário de Mt e de Mc, Lc motiva o entusiasmo dos discípulos pelos *milagres* de que foram testemunhas (cf. 2,20 nota).

o. Como Mt e Mc, Lc cita aqui o SI 118,26 (cf. 13,35 nota), mas evita a palavra semítica *Hosana* e acrescenta para Jesus o título de *rei*, como Jo 12,13.

p. Esta aclamação corresponde em Lc ao *Hosana no mais alto dos céus* de Mt e de Mc. Ela evoca o cântico dos anjos no nascimento de Jesus em 2,14; mas agora são os discípulos que celebram a *paz* que lhes vem de Deus e por essa paz dão glória ao Senhor. Essa *paz* (cf. 1,79 nota) deve ser acolhida na fé; Jerusalém vai recusá-la (v. 42).

q. Quer se trate de um protesto (como o dos sumos sacerdotes e dos escribas, em Mt 21,15-16), quer de um convite à prudência (como o dos fariseus, em Lc 13,31), essa intervenção mostra a incredulidade dos *fariseus*. É a última vez que estes aparecem no evangelho de Lc, que evita manifestamente implicá-los na condenação de Jesus (cf. 20,20 nota).

r. Frase obscura, talvez inspirada em Hab 2,11. Deve significar que nada poderia impedir Jerusalém de aclamar Jesus. Também pode-se ver aí um anúncio da ruína da cidade (cf. v. 44), no caso de ela não querer reconhecer o seu rei.

s. Jesus se lamenta sobre a cidade que vai rejeitá-lo. Lc coloca aqui o primeiro dos seus três anúncios da ruína da cidade (19,43-44; 21,20-24; 23,28-31). Lc vê neste acontecimento um julgamento histórico prefigurando o julgamento escatológico.

t. Numerosos mss. acrescentam: *ao menos*.

u. Como os discípulos que acharam a *paz* em Jesus (vv. 37-38).

v. Lit. *paliçada*. Trata-se das obras de assédio para investir contra a cidade.

w. Lc descreve o cerco de Jerusalém pelos romanos em 70 (cf. 21,20-24).

x. A *visita* de Deus à cidade (cf. 1,68 nota) realiza-se aqui pela vinda régia de Jesus. É agora que Jerusalém deveria acolhê-lo.

y. Em Lc como em Mt, este episódio se passa no próprio dia da entrada de Jesus em Jerusalém (em Mc no dia seguinte). Assim, ele termina a sua entrada solene e manifesta o sentido da sua realzação: ela está toda a serviço do seu Pai, para lhe assegurar um culto digno dele.

z. Cf. Mt 21,12 nota. Lc se detém menos que Mt e Mc nos detalhes do acontecimento (para atenuar a violência de Jesus?).

a. Is 56,7. Para Jesus, como para Isaias, esta é a função do Templo.

b. Jr 7,11. Como os contemporâneos de Jeremias, os de Jesus pervertem a destinação do Templo. Este lhes foi dado como lugar da intercessão e do perdão (1Rs 8,30-40); eles fizeram do Templo um refúgio contra a cólera de Deus, uma garantia que lhes assegura a impunidade.

c. Aqui, como em 20,1 e 21,37-38, Lc parece considerar um *ensinamento de Jesus* em Jerusalém, cuja duração ultrapassa os três dias de Mc 11,12,20 e os dois de Mt 21,18.

e também os chefes do povo^d; ⁴⁸mas não achavam nada que pudessem fazer, pois todo o povo, suspenso dos seus lábios^e, o escutava.

20 Pergunta de membros do Sinédrio sobre a autoridade de Jesus^f (Mt 21,23-27; Mc 11,27-33). ¹Ora, num daqueles dias^g, enquanto Jesus ensinava ao povo no Templo e anunciava a Boa Nova, vieram os sumos sacerdotes e os escribas com os anciãos. ²Eles lhe disseram: “Dize-nos em virtude de que autoridade fazes isso^h, ou quem é aquele que te deu esta autoridade.” ³Ele lhes respondeu: “Também eu vou fazer-vos uma pergunta. Dizei-me: ⁴O batismo de João vinha do céuⁱ ou dos homens?” ⁵Eles refletiram entre si: “Se dissermos: ‘Do céu’, ele dirá: ‘Por que não acreditastes nele?’ ⁶E se dissermos: ‘Dos homens’, todo o povo nos apedrejará, pois está convicto de que João era um profeta”^j. ⁷Então eles responderam que não sabiam de onde vinha^k. ⁸E Jesus lhes disse: “Eu tampouco vos digo em virtude de que autoridade faço isso”.

Parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46; Mc 12,1-12). ⁹E ele se

pôs a dizer ao povo esta parábola^l: “Um homem *plantou uma vinha*^m, arrendou-a a vinhateiros e partiu para uma longa viagem. ¹⁰Chegado o tempo, ele enviou um servo aos vinhateiros para que eles lhe dessem a sua parte do fruto da vinha; mas os vinhateiros o despediram moído de pauladas e de mãos vazias. ¹¹Ele insistiu, enviando outro servo: também a este moeram de pauladas, insultaram-no e o despediram de mãos vazias. ¹²Ele insistiu, enviando um terceiroⁿ; também a esse, eles feriram e expulsaram. ¹³O dono da vinha pensou então: ‘Que fazer?’ Eu vou enviar o meu filho bem-amado^o. A este, eles respeitaram”. ¹⁴Mas, ao verem o filho, os vinhateiros refletiram entre si: ‘É o herdeiro. Matemo-lo para que a herança fique para nós!’ ¹⁵E, lançando-o fora da vinha, ¹⁶mataram-no^p. Que lhes fará, então, o dono da vinha? ¹⁷Ele virá, e fará perecer a esses vinhateiros e confiará a vinha a outros”.

A essas palavras, eles disseram: “Não, jamais!” ¹⁸Mas Jesus, fitando-lhes o rosto, disse-lhes: “Que significa então este texto da Escritura:

A pedra que os construtores rejeitaram, foi ela que se tornou a pedra angular^q?

d. Diversamente de Mc. Lc menciona expressamente os chefes da aristocracia leiga, membros do Sinédrio, entre os responsáveis pela morte de Jesus (cf. 23,13.35; 24,20).

e. Lit. *todo o povo estava suspenso a ele, a ouvi-lo*. Lc insiste sobre as boas disposições do povo (*laós*: o povo santo) para com Jesus, em contraste com os propósitos assassinos dos seus chefes (cf. 20,19; 21,38; 23,27.35).

f. Uma delegação, composta das três ordens do Sinédrio, interroga sobre a *autoridade* que ele acaba de assumir, apresentando-se como Messias e expulsando os negociantes do Templo. Antes de responder a esses inquisidores, Jesus lhes pede que se pronunciem primeiramente sobre a missão de João. Não é uma recusa a responder, nem uma escapatória, mas um preliminar necessário: para que o Sinédrio possa reconhecer a autoridade de Jesus seria necessário que estivesse disposto a acolher a missão de um profeta, e sobretudo a do seu precursor. Este ponto é particularmente importante para Lc, que ligou a missão de João à de Jesus (Lc 1-2; At 1,22; 10,37; 13,24-25; 19,4).

g. Algumas testemunhas antigas lêem: *um dia*.

h. Cf. Mt 21,23 nota.

i. Trata-se de Deus. Cf. 11,16 nota.

j. O povo reconheceu a missão de João, opondo-se assim aos fariseus e aos legistas (Lc o notou em 7,29-30). Os sinédritas

ficam com medo de sublevar a cólera popular, negando a origem divina do batismo do precursor: eles sentirão um temor semelhante a respeito de Jesus (20,19; 22,2).

k. Cabia a eles, no entanto, pronunciar-se sobre este ponto.

l. Sobre esta parábola, cf. Mt 21,33 nota.

m. Lc não prolonga a citação de Is 5,2, como o fazem Mt e Mc; mas a referência a Israel já é clara para os leitores da Bíblia.

n. Lc é o único a ater-se aqui ao esquema clássico dos três personagens (cf. 10,33 nota).

o. Cf. 12,7 nota.

p. Cf. Mc 12,6 nota.

q. Em Mc 12,8, o filho é morto e depois, jogado fora; aqui, como em Mt 21,39, *ele é jogado fora e depois, morto*. Cf. Mt 21,39 nota.

r. Em Lc — o único a relatar este protesto —, os sinédritas compreenderam que Jesus ameaçava a autoridade deles sobre o povo de Deus (cf. v. 19 paralelo a Mt e Mc).

s. Vários traduzem *a pedra de cumeceira*. Este v. do Sl 118,22, inspirado por sua vez em Is 28,16, parece ter sido compreendido pelos judeus daquela época como uma promessa de edificação da comunidade messiânica. O cristianismo primitivo o aplicou muito cedo à Ressurreição de Jesus, fundador do novo povo de Deus (At 4,11; 1Pd 2,4.7). Daí ter sido esse texto acrescentado à parábola precedente já em época muito antiga.

¹⁸Tudo homem que cair sobre essa pedra ficará quebrado; e sobre quem ela cair, o esmagará”.

¹⁹Os escribas e os sumos sacerdotes procuraram prendê-lo na mesma hora, mas tiveram medo do povo^a. Eles tinham compreendido que era para eles que Jesus dissera essa parábola.

Cilada contra Jesus a respeito do imposto devido a César (Mt 22,15-22; Mc 12,13-17). ²⁰Ficando à espreita^a, eles enviaram a Jesus delatores que se faziam de justos^a; eles queriam pegá-lo em alguma palavra comprometedor^a para o entregar à autoridade e ao poder do governador^a. ²¹Eles lhe fizeram esta pergunta: “Mestre, nós sabemos que tu falas e ensinas de maneira correta, que és imparcial^a e ensinas os caminhos^a de Deus segundo a verdade. ²²É-nos permitido, sim ou não, pagar o imposto^b a César?” ²³Penetrando-lhes a astúcia, Jesus lhes disse: ²⁴“Mostrai-me uma moeda de prata. De quem traz ela a efígie e a inscrição?” Eles responderam: “De César”. ²⁵Ele lhes disse: “Pois bem, dai a César o que é de César, e a Deus, o que é de Deus”. ²⁶E eles não puderam comprometê-lo peran-

te o povo em suas palavras e, admirados com a sua resposta, ficaram calados.

Pergunta dos saduceus sobre a ressurreição (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27). ²⁷Então se aproximaram alguns saduceus^c. Os saduceus não admitem que haja ressurreição. Eles fizeram a Jesus esta pergunta: ²⁸“Mestre, Moisés escreveu para nós: *Se um homem tiver um irmão casado, que venha a morrer sem filhos, case com a viúva e dê uma descendência ao seu irmão*^d. ²⁹Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem filho. ³⁰O segundo e ³¹depois o terceiro casaram com a mulher, e assim todos os sete: eles morreram sem deixar filhos. ³²Finalmente, a mulher morreu também. ³³Pois bem, esta mulher na ressurreição, de qual deles será^e mulher, já que os sete a tiveram por mulher?”

³⁴Jesus disse: “Os que pertencem a este mundo^f casam-se ou são dados em casamento^g. ³⁵Mas os que foram julgados dignos de ter parte no mundo futuro e na ressurreição dos mortos^h não casam nem são dados em casamento. ³⁶É que eles não podem mais morrer, pois são iguais aos anjosⁱ: são filhos de Deus, visto serem

Rm 13,7

t. Este v., talvez próprio a Lc (cf. Mt 21,44 nota), não é uma citação direta da Escritura, mas inspira-se em Is 8,14-15 (a pedra de tropeço) e em Dn 2,44 (a pedra messiânica que esmaga os impérios da terra). Após o versículo precedente, entende proclamar (como Is 8,14 a par de Is 28,16) que a obra de Deus é perdição para o incrédulo, como é salvação para o crente. Lc já apresentou essa idéia em 2,34. Ela se encontra novamente com a mesma imagem em Rm 9,33 e 1Pd 2,5-8.

u. Os três sinóticos relatam aqui como as autoridades judaicas, decididas a lançar Jesus à perdição, têm medo de sua popularidade junto ao povo. Lc insiste nessa popularidade (cf. 19,48 nota) e no medo das autoridades (22,2; At 5,26).

v. Várias testemunhas antigas têm: *tendo-se afastado*.

w. Em Mt 22,16 e Mc 12,13 são fariseus e herodianos. Lc não indica a pertença dos confabuladores; o que ele diz do esforço para parecerem justos corresponde ao que diz dos fariseus em 16,15 e 18,9; mas viu-se (cf. 19,39 nota) que ele não quer implicar os fariseus na condenação de Jesus.

x. Poder-se-ia traduzir, menos exatamente: *apanhar alguma palavra dele* (o mesmo no v. 26).

y. Sobre este episódio, cf. Mc 12,13 nota.

z. Lit. *não levam em conta o personagem* (cf. At 10,34). Esta expressão é várias vezes empregada no AT grego (Lv 19,15; Sl 82,2; Sr 35,13; 42,1; Mt 2,9). Paulo a retomou em Gl 2,6 (cf. Rm 2,11; Cl 3,25; Ef 6,9; Tg 2,1).

a. Lit. *o caminho* (hebraísmo; cf. Sl 25,4,9; 27,11; 51,15...). Sobre o emprego desse termo na primitiva Igreja, cf. At 9,2 nota.

b. Mt 22,17 e Mc 12,14 empregam um decalque grego da palavra latina *census*; Lc prefere o termo propriamente grego, como Paulo em Rm 13,7.

c. Os *saduceus*, pertencendo às classes superiores do sacerdócio, não admitiam a crença na ressurreição, surgida dois séculos antes, com Dn (12,2-3). Jesus a admite, como os fariseus (cf. At 23,8). Para atacar esta crença, os saduceus opõem a Jesus um exemplo acadêmico, que procura ridicularizá-la. Em sua resposta, Jesus não pode apoiar-se em Daniel, destituído de autoridade para os seus adversários. Ele se funda na Lei (o *Pentateuco*), palavra de Deus incontestada: se Deus se fez amigo dos patriarcas, é pura sempre. E, por uma simples alusão, ele rejeita o conceito por demais material que certos fariseus formavam da ressurreição: os ressuscitados serão comparáveis aos anjos.

d. Dt 25,5-6, citado muito livremente (cf. Mt 22,24 nota).

e. Lit. *torna-se*.

f. Lit. *os filhos deste mundo* (semitismo).

g. Lit. *desposam e são desposados* (o mesmo no v. seg.; cf. Lc 17,27). Alguns mss. antigos juntam ou substituem *são gerados e geram*.

h. Cf. 14,14 nota. Lc sublinha que é uma graça ser admitido no mundo futuro (cf. 21,36).

i. Cf. Mt 22,30 nota.

filhos da ressurreição³⁷. ³⁷E que os mortos devam ressuscitar, o próprio Moisés o indicou no relato da sarça ardente, quando ele chama o Senhor de *o Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó*³⁸. ³⁸Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos³⁹, pois são todos vivos para ele⁴⁰. ³⁹Alguns escribas, tomando a palavra, disseram: “Mestre, falaste bem”. ⁴⁰Pois eles não mais ousavam interrogá-lo sobre nada”.

O Messias, filho e Senhor de David (Mt 22,41-45; Mc 12,35-37). ⁴¹Ele lhes disse então⁴² “Como se pode dizer que o Messias é filho de David, ⁴²visto que o próprio David diz no livro dos Salmos: *O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, ⁴³até que eu tenha posto os teus inimigos como escabelo sob teus pés*”? ⁴⁴Assim David o chama Senhor. Então como pode ser ele o seu filho?”

Precauções contra os escribas (Mc 12,37-40). ⁴⁵Ele disse aos discípulos diante de todo o povo que o escutava: ⁴⁶“Guardai-vos” dos escribas, que fazem questão de deambular com amplas túnicas, gostam das saudações nas praças públicas, dos primeiros assentos nas sinagogas, dos lugares de honra” nos janta-

res. ⁴⁷Eles, que devoram os bens das viúvas e fingem orar longamente⁴⁸, sofrerão a mais rigorosa condenação”.

21 A oferta da viúva pobre (Mc 12, 41-44). ¹Levantando os olhos, Jesus viu aqueles que depositavam suas ofertas no cofre das esmolas. Era gente rica. ²Viu também que uma viúva muito pobre ali depositava duas moedinhas. ³e ele disse: “Verdadeiramente, eu vos digo, esta viúva pobre depositou mais do que todos os outros. ⁴Pois todos eles tiraram do seu supérfluo para depositar nas ofertas”, mas ela tirou de sua miséria, para depositar tudo o que tinha para viver”.

Anúncio da ruína do Templo (Mt 24, 1-2; Mc 13,1-2). ⁵Como alguns falassem do Templo, da sua ornamentação de belas pedras” e dos ex-votos⁶, Jesus disse: ⁶“Do que contemplais, dias virão em que não restará pedra sobre pedra: tudo será destruído”.

Sinais próximos e longínquos do Juízo (Mt 24,3-8; Mc 13,3-8). ⁷Eles lhe perguntaram: “Mestre, quando é que acontecerá isso e qual será o sinal de que isso vai se realizar?” ⁸Ele disse: “Cuidado

J. Este semitismo significa: eles são os herdeiros do mundo novo e da sua vida.

k. Ex 3,6.

l. Cf. Mt 22,32 nota.

m. Pode-se traduzir também: *todos têm por ele a vida*.

n. Aqui, esta *felicitação* é própria de Lc. Os escribas, que, na maior parte, são fariseus, aplaudem a refutação dos seus adversários saduceus. Em Mc 12,32, um escriba dirige a Jesus uma felicitação semelhante por sua definição do primeiro mandamento.

o. Esta conclusão culha mal, depois do v. 39, a não ser que seja atribuída aos saduceus. O seu equivalente em Mt 22,46 e Mc 12,34 é mais bem-colocado como conclusão das controvérsias precedentes.

p. Cf. Mc 12,35 nota.

q. Aqui, Lc segue exatamente o texto grego do Sl 110,1 (cf. At 2,34; Hb 1,13), ao contrário de Mt 22,44 e Mc 12,36.

r. Trata-se menos de desconfiar deles do que de evitar de se lhes assemelhar.

s. Lit. *leitos* (cf. 7,36 nota).

t. Poder-se-ia traduzir também: *como pretexto* (cf. Mc 12,40 nota).

u. Muitos mss. acrescentam: *de Deus* (isto é, oferecidos a Deus).

v. O anúncio por Jesus da ruína do Templo (v. 6) é a ocasião do seu último discurso, no qual profetiza as tribulações do fim

dos tempos e a sua volta em glória, no estilo dos apocalipses da sua época. Em Mt e Mc, este discurso é reservado aos discípulos, no monte das Oliveiras; em Lc ele se dirige ao povo, no Templo. Lc distingue claramente os anúncios do fim dos tempos (vv. 10-11,25-27) e o dos acontecimentos que o precederão (perseguição dos discípulos nos vv. 12-19; ruína de Jerusalém nos vv. 20-24); ele conclui com exortações à esperança e à vigilância (vv. 28-36).

w. O Templo, cuja construção tinha sido empreendida por Herodes Magno, por volta de 19 a.C. (cf. Jo 2,20), era totalmente novo no tempo de Jesus.

x. Essas oferendas dos fiéis (cf. 2Mc 2,13) podem ser elementos da construção ou da decoração do edifício.

y. Vários profetas anunciaram outrora a ruína do primeiro Templo (Mq 3,12; Jr 7,1-15; 26,1-19; Ez 8-11) para significar que o Senhor ab-rogava a aliança, que o seu povo romperia antes dele; essas ameaças tinham então provocado um escândalo (Jr 26). Jesus anuncia a ruína do Templo porque Israel rejeitou, nele, o enviado de Deus; ele provoca um escândalo semelhante (cf. Mt 26,61; 27,40 e par.; At 6,14).

z. Lc não diz que a pergunta é feita pelos discípulos (como Mt e Mc). O discurso se dirige, portanto, à multidão do Templo; destarte, ele é o último discurso público de Jesus, a sua despedida de Jerusalém, cuja ruína ele anuncia.

a. Em Lc, a pergunta se refere à *data* e ao *sinal* da ruína do

para não serdes induzidos em erro^b, pois muitos virão tomando o meu nome^c; eles dirão: 'Sou eu' e 'Chegou o momento^d'; não os sigais. ⁹Quando ouvirdes falar de guerras e de insurreições^e, não vos assusteis. *Pois é preciso que isso aconteça* primeiramente, mas não será logo o fim".

¹⁰Então ele lhes disse: *"Erguer-se-ão nação contra nação e reino contra reino"*.

¹¹Haverá grandes terremotos e, em diversos lugares, pestes e fomes, fatos terríficos vindos do céu e grandes sinais^f.

O tempo prévio: perseguição e testemunho (Mt 10,17-22; Mc 13,9-13).

¹²"Mas antes de tudo isso^g, porão as mãos em vós e vos perseguirão; entregar-vos-ão às sinagogas^h, lançar-vos-ão na prisão; arrastar-vos-ão perante os reis e os governantesⁱ por causa do meu nome. ¹³E isso vos dará uma ocasião de testemunho^j. ¹⁴Ponde bem em vossa mente^k que não tendes de preparar a vossa defesa. ¹⁵Pois eu mesmo vos darei uma linguagem^l e uma sabedoria^m que nenhum dos que são

contra vós poderá contrariar nem contradizer. ¹⁶Sereis entregues até por vossos pais e mães, por vossos irmãos, vossos parentes e vossos amigos, e eles farão condenar à morte vários dentre vósⁿ. ¹⁷Sereis odiados por todos por causa do meu nome; ¹⁸mas nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá. ¹⁹E pela vossa perseverança que ganhareis a vida^o."

O julgamento de Jerusalém (Mt 24, 15-21; Mc 13,14-19).

²⁰"Quando virdes Jerusalém cercada pelos exércitos^p, sabeis então que chegou a hora da sua devastação^q. ²¹Então os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas^r; os que estiverem dentro da cidade não saiam dela; os que estiverem nos campos, não entrem na cidade! ²²Pois serão dias de vingança nos quais se deve cumprir tudo o que está escrito^s. ²³Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias, pois haverá grande miséria no país e cólera contra esse povo. ²⁴Eles cairão devorados^t pela espada; serão levados

Templo, e do mesmo modo em Mc. Em Mt, ela se refere à data da ruína do Templo, ao mesmo tempo que ao sinal do advento de Jesus e do fim do mundo. A resposta de Jesus, em Lc, como aliás em Mt e Mc, vai focalizar, de fato, os sinais do fim e do advento do Filho do Homem. Mas Lc distingue claramente disso a ruína de Jerusalém, da qual já falou em 19,27.44.

b. Cf. Mt 24,4 nota.

c. Trata-se dos *falsos messias* que se atribuirão a função e a autoridade de Jesus.

d. Para Lc, são mestres falazes que anunciam a iminência do fim (cf. 17,23; 19,11).

e. Lc dirá no fim do v. que esses acontecimentos não pertencem ao fim dos tempos, mas à história. Ele pode pensar nas perturbações militares e políticas que sucederam à morte de Nero em 68.

f. Esta nova introdução, junto com o v. 12, marca claramente a distinção, em Lc, entre os sinais do fim (vv. 10-11,25-27) e a história anterior (vv. 12-19,20-24).

g. Tema apocalíptico (cf. Is 19,2; 2Cr 15,6).

h. Os mss. ligam as palavras *vindo do céu* seja aos *grandes sinais* (sob a influência de Mc 8,11), seja aos *fatos terríficos*. Esta última construção parece preferível. Lc voltará a esses sinais do fim dos tempos nos vv. 25-26.

i. Jesus avisa os discípulos de que a fase final que lhes interessa (v. 7) é precedida por um período histórico de testemunho no meio das perseguições. Como o Cristo tem de sofrer para entrar em sua glória (24,26), também os discípulos devem atravessar gloriosamente essa prova.

j. Cf. Mt 10,17 nota.

k. Lc pode pensar na cena que ele conta em At 25,13-26,32.

l. Pode-se traduzir também: *isso terminará para vós no testemunho*. Este último é para Lc a função essencial dos Doze (24,48;

At 1,8,22; 2,32; 3,15; 4,33; 5,32; 10,39; 13,31), de Estêvão (At 22,20), e Paulo (At 22,15 e 26,16; cf. 18,5; 20,21; 22,18; 23,11; 26,22; 28,23). Ele consiste em proclamar a ressurreição de Jesus e o seu senhorio. A palavra grega traduzida por *testemunho* toma nas gerações seguintes o sentido de *martírio*.

m. Lit. *em vossos corações* (cf. 1,66).

n. Lit. *uma boca*.

o. Aqui, é a assistência do próprio Jesus que é prometida às suas testemunhas (cf. Jo 14,18-21). Mas, no paralelo de Lc 12,11-12, como em Mt 10,19-20 e Mc 13,11-12, é a intervenção do Espírito que lhes é prometida (cf. Jo 15,26-27; 16,8-11).

p. Diversamente de Mt 10,21 e de Mc 13,12, Lc precisa que nem todos serão mortos (cf. 11,49). Ele quer, sem dúvida, sugerir que a perseguição não tem o poder de fazer calar a voz das testemunhas de Jesus.

q. Poder-se-ia traduzir, com vários mss.: *Ganhai a vida pela vossa perseverança*. Sobre esta, cf. 8,15 nota.

r. Nas passagens paralelas de Mt e de Mc, relata-se a grande tribulação escatológica no estilo dos apocalipses; Lc anuncia aqui a *ruína de Jerusalém*; ele vê nesta um anúncio do juízo final (cf. 19,42 nota).

s. Lc conserva esta palavra do oráculo de Dn 9,27 utilizado aqui por Mt 24,15 e Mc 13,14; mas ele o aplica ao acontecimento histórico da ruína de Jerusalém.

t. Sobre o convite para *fugir*, nos oráculos que anunciam o Julgamento, cf. 17,31 nota. Mas aqui se trata de um julgamento histórico.

u. Lc pensa nas ameaças dos profetas contra a Jerusalém infiel (Jr; Ez).

v. Lit. *pela boca de*. Expressão bíblica (cf. Gn 34,26; Js 8,24; 19,47; Jz 1,8; Sr 28,18; Hb 11,34).

cativos para todas as nações^w, e Jerusalém será calcada aos pés pelos pagãos até que se cumpra o tempo dos pagãos^x.

A vinda do Filho do Homem (Mt 24, 29-31; Mc 13,24-27). ²⁵“Haverá sinais^y

Is 13,10;
Ex 32,7;
Is 34,4;
Sl 65,8-9

no sol, na lua e nas estrelas, e sobre a terra as nações estarão na angústia, aterrorizadas pelo bramido do mar e pela sua agitação. ²⁶“enquanto os homens desmaiarão de pavor com medo das desgraças que sobrevirão ao mundo; pois as *potências dos céus* serão abaladas^z. ²⁷Então, eles verão o *Filho do Homem vir rodeado de uma nuvem* na plenitude do poder e da glória^a.

Ag 2,6;
Jl 4,16;
Sr 16,18
Dn 7,13-14

A aproximação do Reino de Deus (Mt 24,32-35; Mc 13,28-31). ²⁸“Quando esses acontecimentos começarem a produzir-se, erguei-vos e levantai a cabeça, pois a vossa libertação^b está próxima.” ²⁹“E ele fez uma comparação: “Vede a figueira e todas as árvores”: ³⁰apenas deitam rebentos, sabeis por vós mesmos, ao vê-las, que o verão já está próximo. ³¹Do mesmo modo vós também, quando virdes isso acontecer, sabeis que o Reinado de Deus^d está próximo. ³²Em verdade, eu vos digo, esta geração não passará sem que tudo

aconteça^e. ³³O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão^f.

Exortação à vigilância. ³⁴“Ficai de sobrevivo para que os vossos corações não fiquem pesados pela embriaguez, pelas orgias e pelas preocupações da vida, e que esse dia não caia sobre vós de modo imprevisto^g. ³⁵como uma armadilha^h; pois ele se abaterá sobre todos os que se acham sobre a face da terra inteira. ³⁶“Mas vigiai e rezai em todo momentoⁱ para serdes julgados dignos^j de escapar a todos esses acontecimentos futuros e de vos manterdes de pé diante do Filho do Homem^k.”

Rm 13,13

1Ts 5,3

Is 24,17-18

Os últimos dias de Jesus no Templo. ³⁷Jesus passava o dia no Templo a ensinar^l e saía para passar a noite no monte dito das Oliveiras. ³⁸E todo o povo vinha a ele desde a aurora, no Templo, para ouvi-lo.

Mt 21,17

22 A conjuração contra Jesus (Mt 26,1-5.14-16; Mc 14,1-2.10-11).

¹Aproximava-se a festa dos Pães sem fermento^m, que chamam de Páscoa. ²Os sumos sacerdotesⁿ e os escribas procuravam a maneira de o fazer desaparecer, pois temiam o povo^o. ³E Satanás^p entrou

w. Neste v. e no seguinte, traduzimos a mesma palavra grega por *nações* ou por *pagãos*, conforme ela indique simplesmente os povos do mundo, ou os oponha ao povo de Deus (cf. Rm 15,9 nota).

x. Lit. *os tempos das nações*. Esse tempo parece ser o da evangelização dos pagãos (cf. Lc 24,47); no fim desse tempo, Israel poderia voltar ao Cristo, a quem rejeitou. É a esperança de Paulo em Rm 11,25-27 e Lc parece compartilhá-la em 13,35 (cf. a nota). Outros interpretam como o tempo da dominação dos pagãos sobre Jerusalém, com termo fixado por Deus (cf. Ap 11,2).

y. Cf. vv. 10-11 e suas notas. Mt e Mc distinguem menos claramente este período final da tribulação que a precede.

z. Cf. Mt 24,29 nota.

a. Ao contrário de Mt 24,31 e Mc 13,27. Lc não relata aqui a reunião dos eleitos, embora o faça em 13,28-29; 14,15-24; 22,30. Todo o seu interesse se concentra na vinda triunfal do Cristo.

b. *Libertação*. O termo grego aqui é usado é característico de Paulo (1Cor 1,30; Rm 3,24; 8,23; Cl 1,14...). Nos evangelhos ela só aparece aqui; Lc emprega termos análogos em 1,68; 2,38; 24,21. Cf. Rm 3,24 nota.

c. Lc amplia o exemplo de Jesus, para o uso dos não-palestineses, que não conhecem a figueira.

d. Lc aplica ao Reino de Deus o que Mt 24,33 e Mc 13,29 dizem do acontecimento escatológico.

e. Cf. Mc 13,30 nota.

f. Lc não tem aqui paralelo para a afirmação de Mt 24,36 e Mc 13,32 sobre o dia e a hora ignorados pelo Filho. Possivelmente a tenha transposto para At 1,7, onde não entra em consideração ignorância da parte do Ressuscitado.

g. Aqui não se trata de sinais, ao contrário dos vv. 11 e 25. Pode-se comparar a 1Ts 5,3.

h. Numerosas testemunhas textuais ligam estas palavras à frase seguinte: *pois ele se abaterá sobre como uma armadilha...*

i. Cf. advertência análoga em um contexto escatológico semelhante em 18,1 nota.

j. Testemunhas importantes lêem *a fim de ter a força*; mas esta palavra corresponde menos ao uso de Lc (20,35; At 5,41).

k. Trata-se de resistir à prova terrível do seu julgamento. l. Lc parece supor que a estada de Jesus em Jerusalém foi mais longa que na narrativa de Mt e de Mc (cf. 19,47 nota).

m. Cf. Mc 14,1 nota.

n. Membros das famílias da aristocracia sacerdotal (At 4,6) ou talvez titulares de altos cargos sacerdotais.

o. As autoridades judaicas querem *suprimir* Jesus (termo de Lc 23,32; 19 vezes nos Atos), mas elas temem o povo (cf. 20,19 nota). Cf. Lc já mostrou favorável a Jesus (cf. 19,48 nota).

p. *Satanás* se afastou de Jesus após a tentação inicial (4,13). Ele aparece de novo agora para a investida suprema, como em Jo 13,27 (cf. Lc 22,53).

em Judas chamado Iscariotes^q, que era do número dos Doze, ⁴e ele foi falar com os sumos sacerdotes e os chefes dos guardas sobre a maneira de lho entregar^r. ⁵Eles se alegraram e concordaram em dar-lhe dinheiro. ⁶Ele aceitou e se pôs a procurar uma ocasião oportuna para o entregar, longe da multidão.

Jesus manda preparar a Páscoa (Mt 26,17-19; Mc 14,12-16). ⁷Veio o dia dos Pães sem fermento, no qual era preciso imolar a Páscoa. ⁸Jesus enviou Pedro e João^s, dizendo: "Ide preparar-nos a Páscoa para que nós a comamos". ⁹Eles lhe perguntaram: "Onde queres que a preparemos?" ¹⁰Ele lhes respondeu: "Ao entrardes na cidade, eis que virá ao vosso encontro um homem trazendo uma bilha com água". Segui-o até a casa em que ele entrar, ¹¹e direis ao proprietário dessa casa: "O Mestre manda dizer-te: Onde fica a sala em que vou comer a Páscoa com os meus discípulos?" ¹²E este homem vos mostrará a sala superior, vasta e mobiliada^t; aí é que fareis os preparativos". ¹³Eles partiram, encontraram

tudo como ele lhes dissera, e prepararam a Páscoa.

A nova Páscoa (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; 1Cor 11,23-26). ¹⁴E quando chegou a hora, ele se pôs à mesa^u, e os apóstolos com ele. ¹⁵E ele disse: "Eu desejei tanto comer esta Páscoa convosco antes de padecer^v! ¹⁶Pois eu vos digo, nunca mais^w a comerei até que ela se tenha realizado^x no Reino^y de Deus". ¹⁷Ele recebeu então uma taça^z e, depois de ter dado graças, disse: "Tomai-o e reparti-o entre vós. ¹⁸Pois eu vos digo: Doravante eu não beberei mais do fruto da vinha até que venha o Reinado^{aa} de Deus".

¹⁹A seguir, ele tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: "Isto é o meu corpo^{ab} dado por vós^{ac}. Fazei isto em memória de mim". ²⁰E para a taça ele fez o mesmo após a refeição dizendo: "Esta taça é a nova Aliança^{ad} em meu sangue derramado por vós".

Anúncio da traição (Mt 26,20-25; Mc 14,17-21). ²¹"Mas eis que a mão daquele que me entrega está a servir-se comigo

q. Cf. Mt 10,4 nota.

r. Esses oficiais, que Lc é o único a mencionar (no plural aqui e em 22,52; no singular em At 4,1; 5,24.26), são os *responsáveis pela polícia do Templo*. São provavelmente levitas.

s. Cf. Mt 26,2 nota.

t. Lc é o único a mencionar *os dois discípulos* (cf. 8,51 nota).

u. Em Lc é Jesus quem toma a iniciativa de mandar *preparar a Páscoa*, como os seus adversários tomaram a iniciativa da conjuração contra ele.

v. Cf. Mc 14,13 nota.

w. Lit. *juncada* (de tapetes).

x. Lc apresenta vários elementos que lhe são próprios: o desejo de Jesus (v. 15), a evocação da Páscoa antiga que vai-se cumprir no Reino (vv. 16-18). A sua fórmula eucarística aproxima-se da de Paulo (1Cor 11,23-25).

y. Lit. *ele se estendeu* (cf. 7,36 nota).

z. Jesus nunca emprega este termo senão para designar a sua própria *paixão*. É possível que seja uma referência às profecias de Is 53,4.8-12. Em certos casos, a palavra tem o sentido geral de sofrimentos (Mt 16,21 e par.; Mt 17,12 e Mc 9,12; Lc 17,25). Mas nos escritos de Lc, ele tem também o sentido preciso de morte (Lc 24,26.46; At 1,3; 3,18; 17,3); deve ser o sentido aqui. Este segundo sentido é constante em Hb (cf. 2,18) e em 1Pd (cf. 2,21).

aa. Estas duas palavras faltam em vários mss. de valor.

ab. A refeição ritual da *Páscoa*, memorial da libertação de Israel na saída do Egito (Ex 12). É apresentada aqui como a prefiguração profética (o tipo) da refeição messiânica do povo de Deus na salvação definitiva. (Sobre essa refeição, cf. 13,28 nota.)

c. O *Reino* é a expressão clássica do judaísmo e dos evangelhos para descrever a salvação como um lugar de felicidade e de paz na presença de Deus.

d. Apresenta-se a taça a Jesus porque ele é o presidente da refeição pascal. Lc é o único a mencionar este primeiro cálice, visto que Mt e Mc não descrevem a refeição pascal.

e. A palavra grega é a mesma que para o *Reino* de Deus no v. 16. Mas aqui não mais se trata de um lugar; trata-se do senhorio divino que deve se manifestar em plenitude no fim dos tempos.

f. Mt e Mc relatam esta palavra de esperança *após* a apresentação da taça eucarística (Mt 26,29; Mc 14,25; cf. 1Cor 11,26).

g. Vários mss. antigos omitem a continuação deste v. como também o v. 20. Mas o texto completo permanece bem atestado. A omissão deve ter sido provocada pelo desejo de não apresentar uma segunda taça após a do v. 17.

h. Aqui, como no v. 20 e em Paulo (1Cor 11,24), a palavra de Jesus se dirige diretamente aos assistentes (enquanto em Mt 26,28 e Mc 14,24 o sangue de Jesus é derramado *em prol da multidão*). Essa formulação poderia ser uma precisão litúrgica visando aos fiéis que participam da Eucaristia.

i. Esta fórmula, que também se encontra em Paulo (1Cor 11,24-25), está ausente de Mt e de Mc. Ela define a refeição eucarística como o *memorial* do sacrifício de Jesus, ao modo da refeição pascal de Israel (Ex 12,14; 13,9; Dt 16,3).

j. Somente Lc e Paulo (1Cor 11,25) têm aqui o adjetivo de Jr 31,31-34. O sacrifício de Jesus (o seu sangue: Ex 24,8; cf. Mt 26,28; Mc 14,24) inaugura este tempo de salvação.

nesta mesa^k. ²²Pois o Filho do Homem parte segundo o que foi determinado^l. Mas ai do homem por quem ele é entregue!" ²³E eles se puseram a perguntar uns aos outros qual dentre eles faria isso.

A advertência e promessa aos Doze^m (Mt 18,1; 20,25-28; Mc 9,34; 10,42-45).

²⁴Eles chegaram a discutir sobre quem dentre eles lhes parecia o maior. ²⁵Ele lhes disse: "Os reis das nações agem com elas como senhores, e os que dominam sobre elas fazem-se chamar de benfeitores". ²⁶Quanto à vós, nada disso. Mas o maior dentre vós tome o lugar do mais moçoⁿ, e o que comanda, o lugar de quem serve. ²⁷Qual é, com efeito, o maior, aquele que está à mesa ou aquele que serve? Não é acaso o que está à mesa?

^{12,37; Jo 13,4-5} Ora, quanto a mim, estou no meio de vós no lugar daquele que serve.

(Mt 19,28). ²⁸Vós sois os que perseveraram comigo nas minhas provocações^p. ²⁹E eu disponho^q para vós do Reino como o meu Pai dispôs dele para mim^r: ³⁰assim

comereis e bebereis à minha mesa em meu reino^s, e vos assentareis sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel^t."

Advertência a Pedro. ³¹O Senhor disse^u: "Simão, Simão, Satanás vos reclamou para vos sacudir no crivo como se faz com o trigo"^v. ³²Mas eu orei por ti, a fim de que a tua fé não desapareça^w. E tu, quando tiveres voltado^x, confirma os teus irmãos^y."

(Mt 26,33-34; Mc 14-29-30). ³³Pedro lhe disse: "Senhor, contigo, eu estou pronto a ir até mesmo para a prisão, até mesmo para a morte". ³⁴Jesus disse: "Eu te digo, Pedro, o galo não cantará hoje sem que tenhas negado três vezes que me conheces^z".

Iminência da provação. ³⁵E ele lhes disse: "Quando eu vos enviei sem bolsa, ^{10,4; 9,4} nem alforje, nem sandálias, algo vos faltou?" Eles responderam: "Não, nada". ³⁶Ele lhes disse: "Agora^z, porém, quem tiver uma bolsa tome-a; da mesma maneira quem tiver um alforje; e aquele que ^{Mt 10,34}

k. Lc insere o anúncio da traição após o dom do pão e do vinho, ao contrário de Mt e Mc: ele quer, sem dúvida, reunir todas as palavras de Jesus após o seu ato essencial; assim, ele significa que Judas participou com os Doze da refeição da Nova Aliança.

l. Por esta expressão, que lhe é própria (cf. At 2,23; 10,42; 17,31). Lc interpreta para os seus leitores gregos a ideia judaica das Escrituras a cumprir.

m. Ao contrário de Mt e de Mc, mas como Jo, Lc relata após a Ceia uma série de palavras de Jesus que constituem a sua despedida. Algumas são próprias de Lc; várias encontram-se também, em outros contextos, em Mt e Mc.

n. Desde vários séculos antes de Jesus, o epíteto *Evergetes* é muitas vezes atribuído no mundo grego aos deuses, aos heróis e aos reis.

o. No mundo palestinese, o *mais jovem* é o último da hierarquia. O mesmo se dá na Igreja primitiva (At 5,6; 1Pd 5,5...).

p. Esta afirmação ambígua deve indicar aqui os ataques dos homens (11,16; At 20,19); mas ela não exclui os de Satanás (4,13).

q. Termo que significa ao mesmo tempo a conclusão de uma aliança (v. 20) e a formulação de um testamento (Hb 2,16).

r. Poder-se-ia traduzir também: *Como o meu pai dispôs para mim do Reino, eu disponho para vós que vós comereis...* Mas isso ressalta menos a participação dos discípulos na realeza de Jesus; esta participação é um tema tradicional (Ex 19,6) que será retomado pelo NT (1Pd 2,9; Ap 5,10; 22,5).

s. Como no v. 16, Jesus descreve o Reino sob a imagem do festim messiânico (cf. 13,28 nota). Esse reino é o seu, como em 1,33; 19,12-15; 23,42.

t. Segundo o v. precedente, Lc entende estas palavras como uma promessa de associação dos Doze à realeza de Jesus sobre o povo de Deus (na linguagem bíblica *julgar* significa, às vezes *governar*; cf. Jz 3,10; 12,7.8.11...). O texto paralelo Mt 19,28 parece anunciar, de preferência, que os apóstolos participarão do julgamento escatológico (cf. 1Cor 6,2; Ap 20,4).

u. Este início, que falta em alguns mss., é, no entanto, bem atestado. Ele é bem característico de Lc e abre a segunda seção do discurso (vv. 31-34).

v. Em Lc, este nome não foi mais dado a Pedro desde o chamamento dos Doze. Ele indica aqui o recurso a uma fonte (cf. 6,14 nota).

w. A imagem de "passar ao crivo" significa uma dura provação (como em Am 9,9). O v. seguinte mostra que ela vai se exercer contra a fé dos discípulos.

x. Antes mesmo de anunciar a negação de Pedro (v. 34), Jesus diz por que esta fraqueza não é irremediável.

y. Essas palavras podem ser compreendidas de diversos modos: *Quando tiveres voltado a Deus* (daí a tradução "convertido" que se encontra às vezes); *quando tiveres voltado a Jerusalém, após a dispersão dos discípulos; quando te tiveres reerguido; quando tiveres reconduzido os teus irmãos*; ou mesmo, supondo uma expressão semítica: *Tu, recomeça a confirmar os teus irmãos*. Segundo Lc 24,34 e Paulo (1Cor 15,5), Pedro foi o primeiro a quem apareceu Jesus ressuscitado. A fé de Pedro desempenha aqui, como em Mt 16,15-19, um papel decisivo para a formação da comunidade primitiva.

z. Um novo período começa e este vai ser o da provação e da luta, como o indicam os conselhos seguintes.

não tiver espada venda o manto para comprar uma. ³⁷Pois eu vos declaro, é preciso que se cumpra em mim este texto da Escritura: *Eles o contaram entre os criminosos*^a. E, de fato, o que me concerne vai se cumprir^b.” — “Senhor, disseram eles, eis aqui duas espadas.” Ele lhes respondeu: “Basta”^c.

A oração no monte das Oliveiras^d (Mt 26,36-41; Mc 14,32-38). ³⁹Ele saiu e foi, como de costume^e, para o monte das Oliveiras, e os discípulos o seguiram. ⁴⁰Chegando a este lugar, ele lhes disse: “Rezai para não cairdes em poder da tentação^f.” ⁴¹E afastou-se deles mais ou menos à distância do arremesso de uma pedra e, tendo-se posto de joelhos, rezava, dizendo: ⁴²“Pai, se quiseres afastar^g de mim essa taça!... No entanto, não se faça a minha vontade, mas a tua!” ⁴³Então apareceu-lhe do céu um anjo que o fortificava^h. ⁴⁴Tomado de angústia, ele rezava mais instantemente, e o seu suor se tornou como coágulos de sangue que caíam por terra. ⁴⁵Quando, depois dessa oração, ele se levantou e veio ter com os discípulos, achou-os adormecidos de tristeza^m. ⁴⁶Ele lhes disse: “Quê! estais dormindo? Levantai-vos e rezai para não cairdes em poder da tentação!”

A prisão (Mt 26,47-55; Mc 14,43-49). ⁴⁷Ele ainda falava, quando um bando se aproximou. Aquele que chamavam Judas, um dos Doze, caminhava à sua frente; ele se acercou de Jesus para dar-lhe um beijoⁿ. ⁴⁸Jesus lhe disse: “Judas, é com um beijo que tu entregas o Filho do homem?” ⁴⁹Vendo o que ia acontecer, os que cercavam Jesus lhe disseram: “Senhor, devemos ferir com a espada?” ⁵⁰E um deles feriu o servo do Sumo Sacerdote e lhe decepou a orelha direita. ⁵¹Mas Jesus tomou a palavra: “Deixai fazer, até isto”^o, disse ele; e tocando-lhe a orelha, o curou. ⁵²Jesus disse então aos que tinham vindo contra ele, sumos sacerdotes, chefes dos guardas do templo e anciãos: “Como contra um bandido^p, partistes com espadas e com paus! ⁵³Quando eu estava convosco cada dia no Templo, não pusestes a mão sobre mim; mas agora é a vossa hora, é o poder das trevas”^q.

Jesus nas mãos dos guardas. A negação de Pedro (Mt 26,57-68; Mc 14,53-72). ⁵⁴Eles se apoderaram de Jesus, levaram-no e o fizeram entrar na casa do Sumo Sacerdote^r. Pedro seguia a distância. ⁵⁵Como eles tivessem acendido um grande fogo no meio do pátio e se houvessem assentado juntos, Pedro se assentou no meio deles.

a. Is 53,12. Lc é o único dos evangelistas a aplicar à Paixão de Jesus o oráculo do Servo de Deus. Ele o fará ainda em At 8,32-33 e dará a Jesus o título de Servo em At 3,13,26; 4,27,30 (cf. At 3,13 nota e 8,32 nota).

b. O cumprimento desta Escritura será ao mesmo tempo a realização de uma profecia sobre Jesus e o fim da sua missão.

c. É inútil prosseguir a conversa sobre um mal-entendido: Jesus não exorta a pegar em armas! Alguns interpretam: duas espadas bastarão para fazer aparecer Jesus como um criminoso.

d. Esta narrativa apresenta em Lc vários traços característicos. Ao contrário de Mt e de Mc, Lc não relata nem a separação entre os Doze e os três íntimos, nem a tríplice oração de Jesus, nem as suas últimas palavras aos discípulos a respeito da hora que é chegada. Em compensação, ele introduz nos vv. 43-44 a visão do anjo e o suor de sangue; e, enquadrando a cena entre duas advertências contra a tentação (vv. 40 e 46), ele insiste na lição que todos os fiéis devem tirar deste episódio.

e. Cf. Lc 21,37.

f. Lit. *entrar em*. Cf. Mt 6,13 nota.

g. Este conselho antecipa o do v. 46, que tem paralelo em Mt e Mc. Seu teor evoca o último pedido da oração dos discípulos (11,4).

h. Seguimos aqui o texto de numerosos mss. antigos. Vários outros têm: *Se queres, afasta* (cf. Mc).

i. Cf. Mc 10,38 nota.

j. Este pedido evoca o terceiro pedido da oração dos discípulos em Mt 6,10: ele está ausente de Lc 11,2.

k. Vários mss. antigos de grande valor omitem os vv. 43-44, sem dúvida por julgá-los incompatíveis com a divindade de Jesus.

l. Este traço evoca o episódio de desânimo de Elias, reconfortado por um anjo (1Rs 19,4-8). Pode-se também comparar com Mt 4,11 e Jo 12,29.

m. Lc procura aqui uma desculpa para os discípulos como em 24,41. A não ser que esteja querendo acentuar sua participação na tristeza do Mestre.

n. Saudação usual de um discípulo ao seu rabino, este gesto exprime antes o respeito que o afeto.

o. Lit. *Deixai até isto*. Jesus convida os seus discípulos a aceitar a sua prisão porque é o que foi fixado (v. 22), como em Mt 26,54 e Jo 18,11. Alguns compreendem: *Cessai a resistência*, como em Mt 26,52.

p. Cf. Mt 26,55 nota.

q. O triunfo passageiro de Satanás, o poder das trevas (At 26,18; Cl 1,13).

r. Diversamente de Mt e Mc, Jesus é guardado toda a noite no pátio do palácio do Sumo Sacerdote. É em sua presença que Pedro o renega.

(Mt 26,69-75; Mc 14,66-72; Jo 18,17. 25-27). ⁵⁶Uma criada*, vendo-o sentado à luz do fogo, fitou-o e disse: "Esse também estava com ele". ⁵⁷Mas ele negou: "Mulher, eu não o conheço". ⁵⁸Pouco depois, um outro disse, ao vê-lo: "Tu também és um dos dele". Pedro respondeu: "Não, eu não sou". ⁵⁹Cerca de uma hora mais tarde, um outro insistia: "Certamente, dizia ele, esse aí estava com ele; aliás, é galileu". ⁶⁰Pedro respondeu: "Ó homem, eu não sei o que queres dizer". E imediatamente, enquanto ainda falava, um galo cantou. ⁶¹O Senhor, voltando-se, pôs os olhos em Pedro*; e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, que lhe dissera: "Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes". ⁶²Ele saiu e chorou amargamente.

(Mt 26,67-68; Mc 14,65). ⁶³Os homens que vigiavam Jesus zombavam dele e batiam-no*. ⁶⁴Eles tinham velado o seu rosto e lhe perguntavam: "Faz de profeta! quem é que te bateu?" ⁶⁵E proferiam contra Jesus muitos outros insultos.

Jesus perante o Sinédrio* (Mt 26,59. 63-65; Mc 14,55.61-64). ⁶⁶Quando ama-

nheceu o dia, o conselho dos anciãos do povo, sumos sacerdotes e escribas se reuniu e o conduziram ao Sinédrio deles*. ⁶⁷e lhe disseram: "Dize-nos se és o Mes- Jo 10,24
sias". Ele lhes respondeu: "Se eu vo-lo disser, vós não me creereis; ⁶⁸e, se eu vos interrogar, vós não me respondereis". ⁶⁹Mas doravante o *Filho do Homem se assentará à direita do Deus*". ⁷⁰Todos eles disseram: "Então és o Filho de Deus?" Ele lhes respondeu: "Vós é que dizeis que eu o sou". ⁷¹Então eles disseram: "Que necessidade temos ainda de testemunho, visto que nós mesmos o ouvimos da sua boca?"

23 Jesus perante Pilatos (Mt 27,2.11-14; Mc 15,1-5).

¹E eles se levantaram todos juntos para o conduzir perante Pilatos. ²Puseram-se então a acusá-lo nestes termos: "Nós achamos este homem tumultuando a nossa nação; ele impede de pagar o tributo a César* e se diz Messias, rei". ³Pilatos o interrogou: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus lhe respondeu: "Tu o dizes". ⁴Pilatos disse aos sumos sacerdotes e às multidões: "Eu não acho nada que mereça condenação neste homem". ⁵Mas eles insistiam, dizendo: "Ele suble-

IR- 18,17-18

s. Em Lc, ao contrário de Mt e de Mc, a negação de Pedro é contada antes do comparecimento de Jesus perante o Sinédrio. t. Não traduzimos a interpelação *Homem* (o mesmo no v. 60). Cf. 5.20 nota.

u. Mt 26,73 explica essa identificação pelo sotaque de Pedro. v. Pedro não pronuncia juramento como faz em Mt e Mc. Lc atenua a gravidade da sua negação.

w. Este olhar de Jesus só é indicado por Lc (cf. v. 54 nota). Ele lembra a advertência e a promessa dos vv. 31-34.

x. Mt e Mc relatam *ultrajes* semelhantes, mas no decurso do comparecimento de Jesus perante o Sinédrio.

y. O texto do comparecimento de Jesus perante o Sinédrio corresponde quanto ao essencial aos seus paralelos de Mt e Mc (os depoimentos das testemunhas são omitidos, mas sugeridos no v. 71). Ele difere por sua cronologia (esta sessão da manhã corresponde à da noite em Mt e Mc), por sua apresentação do mistério de Jesus (Filho de Deus entronizado em seu Reino na Páscoa), pela ausência de qualquer sentença do Sinédrio.

z. Termo que pode designar a assembléia ou o lugar da reunião (At 4,15). Em Lc há só uma sessão do Sinédrio, de manhã, ao passo que em Mt e Mc há duas, uma de noite e uma de manhã.

a. Vários mss. antigos têm aqui: *vós não me respondereis, nem me soltareis*. De qualquer forma, Lc mostra Jesus sem ilusão quanto à conclusão desse interrogatório.

b. Lit. *à direita do poder de Deus*. Jesus anuncia aqui, nos termos do SI 110,1, a inauguração imediata do seu Reinado messiânico que vai ser reconhecido na Igreja (At 2,36; cf. 19,12; 24,26). Nos textos paralelos de Mt 26,64 e Mc 14,62, Jesus anuncia a sua volta triunfal no fim dos tempos.

c. O título de *Filho de Deus* é aqui um aprofundamento do título de Cristo-Messias (v. 67), enquanto ele lhe é idêntico em Mt 26,63 e Mc 14,61. Essa distinção, que se encontra também em Lc 1,32 e 35 e em Jo 10,24 e 36, marca a plenitude do mistério de Jesus (cf. 1,35 nota).

d. Poder-se-ia traduzir: *Vós é que o dizeis*; e isto significaria que Jesus recusava esse título (cf. 23,3 nota). Esse não é seguramente o pensamento de Lc aqui (cf. 1,35; 3,22).

e. Lc já deixou prever esta acusação em 20,20-26.

f. Os adversários de Jesus compreendem a sua *realidade* messiânica em um sentido político e a apresentam a Pilatos como um atentado contra a soberania romana (cf. At 17,7). É sob essa acusação que Jesus será condenado (23,30).

g. A resposta de Jesus se assemelha à que ele deu aos sinédritas (cf. 22,70 nota). Mas aqui Jesus nega o ser *rei dos judeus* no sentido político que o governador romano dá a esse título, após a acusação dos sinédritas (v. 2 nota).

h. Desde o começo do processo, Pilatos reconhece a *inocência* de Jesus. Ele o repetirá nos vv. 14 e 22 (cf. At 3,13; 13,28 e Jo 18,38; 19,4,6).

va o povo ensinando por toda a Judéia, desde a Galiléia até aqui".

Jesus perante Herodes. ⁶A essas palavras, Pilatos perguntou se o homem era galileu ⁷e, ao saber que ele dependia da autoridade de Herodes, enviou-o a este último, que se achava também em Jerusalém naqueles dias⁸. ⁸Ao ver Jesus, Herodes se alegrou grandemente, pois fazia muito tempo que desejava vê-lo, por causa do que ouvia dizer de Jesus, e esperava vê-lo fazer algum milagre. ⁹Ele o interrogava com muitas palavras, mas Jesus nada lhe respondeu. ¹⁰Os sumos sacerdotes e os escribas estavam lá e o acusavam com violência. ¹¹Herodes, em companhia dos seus guardas, tratou-o com desprezo e zombou dele; revestiu-o com uma roupa esplêndida⁹ e o devolveu a Pilatos. ¹²Nesse dia, Herodes e Pilatos se tornaram amigos, pois antes eram inimigos.

Jesus inocente e condenado. ¹³Pilatos então convocou os sumos sacerdotes, os chefes e o povo¹⁴ e lhes disse: "Vós me trouxestes este homem como se ele sublevasse o povo; ora tendo procedido diante de vós ao interrogatório, não achei nada neste homem que mereça condenação entre os fatos de que o acusais; ¹⁵Herodes também não, visto que no-lo mandou de volta¹. Assim não há nada que mereça a morte no que ele fez. ¹⁶Por isso, eu vou infligir-lhe um castigo e soltá-lo^m".

(Mt 27,15-26; Mc 15,6-15). ¹⁷^a ¹⁸Eles exclamaram todos juntos: "Elimina-o e solta-nos Barrabás". ¹⁹Este último fora encarcerado por uma rebelião que se produziu na cidade e por homicídio. ²⁰De novo, Pilatos dirigiu-se a eles com a intenção de soltar Jesus. ²¹Mas eles vociferavam: "Crucifica, crucifica-o". ²²Pela terceira vez, Pilatos lhes disse: "Que mal fez este homem? Eu não achei nele nada que mereça a morte. Vou, portanto, infligir-lhe um castigo e soltá-lo". ²³Mas eles insistiam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado, e seus clamores iam crescendo. ²⁴Então Pilatos decidiu que o pedido deles fosse satisfeito. ²⁵Ele soltou aquele que havia sido preso por insurreição e homicídio, o que eles pediam; quanto a Jesus, entregou-o à vontade deles⁹.

A caminho do Calvário (Mt 27,32; Mc 15,21). ²⁶Quando o conduziam, angariaram um certo Simão de Cirene⁹ que vinha dos campos e o carregaram com a cruz para que a levasse atrás de Jesus. ²⁷Ele era seguido por uma grande multidão de povo, entre outros, de mulheres que batiam no peito e se lamentavam por causa dele⁹. ²⁸Jesus se voltou para elas e lhes disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorai por vós mesmas e por vossos filhos. ²⁹Pois eis que dias virão em que se dirá: 'Felizes as mulheres estéréis, que não deram à luz, nem amamentaram'. ³⁰Então come-

i. Sobre *Herodes Antipas*, tetrarca da Galiléia, cf. 3,1 nota. Ele está presente em Jerusalém por causa da peregrinação da Páscoa que reúne todos os judeus. Lc é o único a relatar a sua intervenção na Paixão (cf. At 4,27); ele a preparou em 9,9.

j. Este motivo corresponde ao que Mt 27,31 e Mc 15,20 situam no pretório, entre os soldados romanos.

k. Alguns mss. antigos têm: e os *chefes do povo*; esta leitura faz recair a responsabilidade da condenação de Jesus sobre as autoridades judaicas (que são então as únicas a intervir, nos vv. 18.21.23); ela corresponde melhor à perspectiva de Lc, para o qual o povo não participa desse crime (23,27.35; 24,19-20).

l. Bom número de mss. traz: *visto que eu vos enviei a ele*. m. Aqui e no v. 22 trata-se de uma flagelação para salvar Jesus. Como em Jo 19,1 esta pena não está ligada à sentença de morte, ao contrário de Mt 27,26 e Mc 15,15 (que empregam o termo técnico *flagelar*).

n. Antes do v. 18, várias testemunhas intercalam, com diversas variantes: *ora, ele lhes devia soltar alguém em cada festa*. Estas palavras, que faltam em bom número de testemunhas antigas, constituem o v. 17 da numeração corrente. Possivelmente foram introduzidas aqui a partir de Mt 27,15 ou de Mc 15,6.

o. Lc ressalta assim a responsabilidade das autoridades judaicas, maior que a de Pilatos, que cede ao duplo pedido deles.

p. Cf. Mt 27,32 nota. Acrescentando que Simão leva a cruz *atrás de Jesus*, Lc parece fazer dele o tipo do discípulo (cf. 9,23; 14,27).

q. Este episódio, próprio de Lc, evoca Zc 12,10-14 (cf. Lc 23,48) e sublinha as boas disposições do povo para com Jesus (cf. 23,13 nota).

r. Lit. e as *entradas que não deram à luz e os seios que não amamentaram* (cf. 11,27).

çar-se-á a dizer às montanhas: 'Caí sobre nós', e às colinas: 'Escondei-nos'.

³¹Pois, se se trata assim a árvore verde, que será da árvore seca?" ³²Levavam também outros, isto é, dois malfetores para os executar juntamente com ele.

Jesus crucificado (Mt 27,33-44; Mc 15,22-32). ³³Chegando ao lugar dito "o Crânio", eles aí o crucificaram como também os dois malfetores, um à direita e outro à esquerda. ³⁴Jesus dizia: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". E, para repartir as suas vestes, eles lançaram a sorte. ³⁵O povo ficava lá a olhar; os chefes, porém, escarneciam; diziam: "Ele salvou a outros. Que se salve a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito!". ³⁶Os soldados também zombaram dele; aproximando-se para lhe apresentar vinagre, eles disseram: ³⁷"Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!". ³⁸Havia também uma inscrição acima dele: "É o rei dos judeus".

³⁹Um dos malfetores crucificados o

insultava: "Não és tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também!" ⁴⁰Mas o outro o repreendeu, dizendo: "Tu nem sequer tens o temor de Deus, tu que sofres a mesma pena! ⁴¹Para nós, é justo: nós recebemos o que os nossos atos mereceram; mas ele não fez nada de mal". ⁴²E dizia: "Jesus, lembra-te de mim, quando vieres como rei". ⁴³Jesus lhe respondeu: "Em verdade eu te digo, hoje, estarás comigo no paraíso".

A morte de Jesus (Mt 27,45-56; Mc 15, 33-41). ⁴⁴Era já quase meio-dia^b e houve trevas sobre toda a terra^a até as três horas da tarde, ⁴⁵tendo o sol desaparecido^k. Então o véu do santuário se rasgou pelo meio; ⁴⁶Jesus deu um grande grito; ele disse: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". E, com essas palavras, expirou. ⁴⁷Vendo o que tinha sucedido, o centurião glorificava a Deus, dizendo: "Certamente este homem era justo". ⁴⁸E todas as pessoas que se tinham reunido para esse espetáculo, à vista do que tinha

s. Citação de Os 10,8.

t. A *árvore verde* é a que dá frutos, a *árvore seca* é a que permanece estéril e deve ser cortada e lançada ao fogo (3,9; 13,6-9). Jesus anuncia aqui o castigo de Jerusalém, como em 19,41-44; 21,20-23.

u. Qualificando-os de *malfetores* (Mt e Mc: *bandidos*), Lc sublinha a realização da Escritura citada por Jesus (cf. 22,37 = Is 53,12).

v. Cf. Mt 27,33 nota.

w. A oração de Jesus falta em vários mss. antigos, talvez porque vêm na ruína de Jerusalém o sinal de que Deus não perdoou o crime da cidade. Mas este pedido de *perdo* exprime certamente o pensamento de Lc: ele o mostra imitado por Estêvão ao morrer (At 7,60) e faz valer a mesma desculpa em At 3,17 (cf. 12,10 nota).

x. Este motivo é relatado nos termos do Sl 22,19 (como em Mt e Mc). Encontram-se outras referências aos Salmos nos vv. 35,36,46,49, como também ao Êxodo (v. 44) e a Zacarias (v. 48). Essas alusões ao AT visam mostrar na Paixão de Jesus o cumprimento das Escrituras (cf. Lc 24,25-27,44-46).

y. À ironia incrédula dos *chefes*, Lc opõe o silêncio respeitoso do *povo*.

z. Cf. 9,20. Algumas testemunhas têm: *o Messias, o Filho de Deus* (cf. Mt 27,40,43).

a. Este título, ao qual faz alusão a palavra do Pai em 9,35, evoca Is 49,7 onde ele designa o Servo escolhido por Deus para a sua obra de salvação e desprezado pelos homens. É também um dos nomes do Messias nas parábolas de Henoc.

b. Lc reúne nos vv. 37,38,42 traços que marcam a realeza de Jesus.

c. Numerosas testemunhas acrescentam: *em letras gregas, latinas e hebraicas* (cf. Jo 19,20).

d. O episódio dos vv. 40-43 é próprio de Lc, que se interessa por cenas de conversão (7,36-50; 19,1-10; At 9,1-25; 10; 16,14-15,29-34).

e. Este pedido repete uma fórmula de oração de moribundos, frequente no judaísmo.

f. Lit. *em teu reino* (= realeza). Vários mss. trazem: *ao teu Reino* (no sentido de: ao entrar nele). Mas aqui trata-se antes da dignidade régia com a qual Jesus aparecerá revestido em sua volta (cf. 19,12; 24,26).

g. O *paraíso* é, para certos judeus do tempo, o lugar onde os justos falecidos esperam a ressurreição (encontra-se a idéia, se não a palavra, em Lc 16,22-31).

h. Lit. *a sexta hora*.

i. Ou: *tudo o país*. A fórmula evoca Ex 10,22 (praga das trevas logo antes da morte dos primogênitos e da Páscoa). Cf. também Am 8,9-10.

j. Lit. *a hora nona*.

k. Numerosos mss. têm: *e o sol ficou obscurecido*, que é uma expressão bíblica (Is 13,10; Ecl 12,2; cf. Mt 24,29; Mc 13,24). Quanto ao verbo *desaparecer*, ele poderia, no sentido técnico, indicar um eclipse; mas este fenômeno não pode acontecer em tempo de lua cheia, que coincide com a Páscoa.

l. Cf. Mc 15,38 nota.

m. Jesus reza com o texto do Sl 31,6. Ele introduz este versículo, como todas as suas orações, por uma invocação ao *Pai* (10,21; 22,42; 23,34). É a este que se refere a sua última palavra, bem como a primeira (cf. 2,49 nota).

n. Proclamando que Jesus é *justo*, o centurião confessa que ele é inocente (como Pilatos em 23,4,12,22). Lc evita assim o sentido equívoco que poderia tomar nos lábios de um pagão o termo *Filho de Deus* que Mt e Mc aqui relatam.

acontecido, voltavam batendo no peito. ⁴⁹Todos os seus familiares se mantinham a distância, como também as mulheres que o seguiam desde a Galiléia e que olhavam.

A sepultura de Jesus (Mt 27,57-61; Mc 15,42-47). ⁵⁰Então chegou um homem chamado José, membro do conselho, homem bom e justo; ⁵¹ele não concordara, nem com o projeto deles, nem com os seus atos. Originário de Arimatéia, cidade judaica, ele esperava o Reinado de Deus. ⁵²Este homem foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. ⁵³Ele o desceu da cruz^o, o envolveu em um lençol e o depositou em um túmulo talhado no rochedo, onde ninguém ainda tinha sido posto. ⁵⁴Era dia de Preparação^o, e o sábado se aproximava^q. ⁵⁵As mulheres que o tinham acompanhado desde a Galiléia seguiram José; elas olharam o túmulo e como o seu corpo fora posto. ⁵⁶Depois, voltaram e prepararam aromas e perfumes.

A mensagem recebida no túmulo (Mt 28,1-9; Mc 16,1-8). Durante o sábado, observaram o repouso segundo o preceito,

24 ¹mas no primeiro dia da semana^a, de manhã muito cedo, elas vieram ao túmulo, trazendo os perfumes que tinham preparado^a. ²Elas acharam a pedra rolada de diante do túmulo. ³Entrando, não acha-

ram o corpo do Senhor Jesus¹. ⁴Ora, enquanto elas estavam perplexas com isso^o, eis que dois homens^o se lhes apresentaram com roupas resplandecentes. ⁵Tomadas de medo, elas baixaram o rosto para o chão, quando eles lhes disseram: "Por que procurais o vivente^o entre os mortos? ⁶Ele não está aqui, mas ressuscitou^o. Lembrai-vos como ele vos falou quando ainda estava na Galiléia^o; ⁷ele dizia: 'É preciso que o Filho do Homem seja entregue nas mãos ^{9,22} dos homens pecadores, seja crucificado e, no terceiro dia, ressuscitado^o'. ⁸Então elas se lembraram das suas palavras; ⁹voltaram do túmulo e relataram tudo isso aos Onze e a todos os outros. ¹⁰Eram Maria de Mágdala, Joana e Maria^a de Tiago; as outras companheiras delas o diziam também aos apóstolos. ¹¹Aos olhos destes, essas palavras pareceram um delírio e eles não acreditavam nessas mulheres. ¹²Pedro, no entanto, partiu, e correu ao túmulo; inclinando-se, não viu senão faixas e foi-se embora para casa, muito surpreso com o que havia acontecido.

A aparição aos discípulos de Emaús.

¹³E eis que, nesse mesmo dia^b, dois dentre eles se dirigiam para uma aldeia chamada Emaús^c, a duas horas de viagem^d de Jerusalém. ¹⁴Eles falavam entre si de todos esses acontecimentos. ¹⁵Ora, enquanto falavam e discutiam um com o

o. Lit. *Tendo-o descido, ele...*

p. Do sábado, isto é, uma sexta-feira (cf. Mc 15,42).

q. Lit. *o sábado começava a brilhar*. Esta expressão pode aludir à aparição da estrela vespertina que marcou o começo do sábado, ou às lâmpadas que se acendem para a celebração desta solenidade.

r. Entre os cristãos, esse dia se tornará o domingo.

s. Cf. 23,56. Em Lc como em Mc, as mulheres vêm completar o sepultamento de Jesus com unções.

t. Empregando a fórmula o *Senhor Jesus*, única em seu evangelho, mas frequente nos Atos (1,21; 8,16; 11,20; 15,11...), Lc assinala a condição nova de Jesus ressuscitado.

u. Lc é o único a mencionar primeiro que as mulheres *não acham o corpo de Jesus* e com isto ficam *desnorteadas* (cf. Jo 20,2). Em Mt e Mc, o fato inicial é a mensagem angélica.

v. As mulheres reconhecerão neles anjos (v. 23). Nas passagens paralelas, Mt 28,2.5 *menção um anjo do Senhor*, Mc 16,5, *um jovem de roupa branca*, Jo 20,12, *dois anjos vestidos de branco*.

w. Jesus é agora o *vivente*, e este título evoca o de Deus no AT (Js 3,10; Jz 8,19; 1Sm 14,39...).

x. Alguns mss. antigos omitem esta frase.

y. Em Lc, não se trata de ir à Galiléia, como em Mt e Mc. Para ele, todo o mistério pascal cumpre-se em Jerusalém, de onde os apóstolos partirão para levar o Evangelho (cf. Lc 9,51; 24,49; At 1,8).

z. Alguns mss. especificam *mãe* ou *filha*, para fugir à ambigüidade do texto.

a. Este v. falta em vários mss. antigos. Ele apresenta vários traços comuns com Jo 20,3.5.10.

b. Esta narração, própria de Lc, relata, sem dúvida a partir de uma tradição antiga, a aparição de Jesus a dois discípulos desconhecidos; aliás, Lc aí mostra como Jesus leva esses discípulos, que perderam a fé nele em consequência do escândalo da cruz (vv. 18,21), a recuperá-la pela compreensão das Escrituras (cf. vv. 25-27,32).

c. Localização discutida. Pensou-se especialmente em Amwás, a uns trinta quilômetros a oeste de Jerusalém.

d. Lit. *a sessenta estádios*. É a leitura mais comumente atestada (ela corresponde a uma dúzia de quilômetros); algumas testemunhas lêem *cento e sessenta*, o que conviria para Amwás.

outro, o próprio Jesus os alcançou e caminhava com eles; ¹⁶mas os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer.

¹⁷Ele lhes disse: "Quais são essas palavras que estais trocando ao caminhar?" Então eles pararam, com ar sombrio^f.

¹⁸Um deles, chamado Cléofas, lhe respondeu: "Tu és decerto o único homem de passagem^g por Jerusalém que não tenha sabido o que se passou nestes dias!"

¹⁹—"Que foi?", disse ele. Ele lhes responderam: "O que concerne a Jesus de Nazaré^h, que foi um profetaⁱ poderoso em atos e palavras diante de Deus e diante de todo o povo: ²⁰como os nossos sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram; ²¹quanto a nós, nós esperávamos que ele seria o que devia libertar Israel. Mas, com tudo isso^j, já é o terceiro dia que esses fatos se deram. ²²Entretanto, algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram: tendo ido de madrugada ao túmulo ²³e não tendo encontrado o seu corpo, elas vieram dizer que tinham tido mesmo a visão de anjos que declararam estar ele vivo. ²⁴Alguns de nossos companheiros foram ao túmulo e o que acharam era conforme o que as mulheres haviam dito; quanto a ele, porém, não o viram".

²⁵Ele então lhes disse: "Espíritos sem inteligência, corações tardos para crer

tudo o que os profetas declararam! ²⁶Não era preciso que o Cristo sofresse isso para entrar na sua glória^k?" ²⁷E começando por Moisés e todos os profetas, ele lhes explicou em todas as Escrituras o que lhe concernia.

²⁸Eles se aproximaram da aldeia para onde se dirigiam, e ele fingiu que ia prosseguir. ²⁹Os dois insistiram com ele^m, dizendo: "Fica conosco, pois a tarde está caindo e o dia já começa a declinar". E ele entrou para ficar com eles. ³⁰Ora, quando se pôs à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deuⁿ. ³¹Então os seus olhos se abriram e eles o reconheceram, depois ele se lhes tornou invisível. ³²E disseram-se um ao outro: "Não ardia em nós o nosso coração quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?"

³³No mesmo instante, eles partiram e voltaram para Jerusalém; encontraram os Onze e seus companheiros, ³⁴que lhes disseram: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão^o".

³⁵E eles contaram o que se passara no caminho e como eles o haviam reconhecido na fração do pão^p.

A aparição aos Onze. ³⁶Enquanto assim falavam, Jesus se fez presente no meio deles^q, e lhes disse: "A paz esteja convosco^r". ³⁷Espantados e cheios de medo,

e. Eles só serão capazes de o reconhecer (v. 31), quando Jesus os tiver introduzido pelas Escrituras (vv. 25-27) no mistério da sua morte e da sua ressurreição.

f. Em lugar desta última frase, bom número de mss. traz: *e por que tendes o aspecto sombrio?*

g. Os viajantes tomam o estrangeiro por um peregrino da Páscoa.

h. Numerosas testemunhas lêem o *Nazoreu* (cf. 18,37 nota).

i. Eles ainda consideram Jesus como um profeta.

j. A esperança dos discípulos foi frustrada por causa da condenação de Jesus pelas autoridades de Israel e da crucifixão. Ela o foi também pelo fato de que, três dias após a cruz, Deus continua não intervindo em favor dos profetas.

k. Cf. 9,22; 17,25.

l. Moisés, isto é, a Lei, constitui com os Profetas o essencial das Escrituras (16,16.29-31; 24,44; At 24,14; 28,23); as Escrituras que se lêem no culto da Sinagoga (At 13,15).

m. Insistência bem conforme aos usos da hospitalidade palestinese (cf. 14,23); ela induziu vários comentadores a pensar que os viajantes haviam chegado em casa.

n. É pouco provável que Jesus tenha repetido então a última Ceia. Mas Lc emprega aqui um vocabulário eucarístico (cf. 22,19 e 9,16) para dar a sentir aos seus leitores que a *fração do pão* (At 2,41.46; 20,7.11) os faz encontrar o Ressuscitado, como foi o caso para os discípulos de Emaús.

o. Este acontecimento é mencionado na lista antiga de 1Cor 15,5. Ele foi anunciado em 22,31-32, onde se encontra novamente o mesmo nome arcaico de Simão (cf. 6,14 nota).

p. Pode-se compreender: *por ocasião* da fração, ou *graças a ela*.

q. Esta última seção do evangelho mostra como Jesus introduz os Onze na plenitude da mensagem da Páscoa. Lc a constrói com muita ordem: nos vv. 36-43 Jesus triunfa sobre a incredulidade dos Onze, fornecendo-lhes os sinais da realidade da sua ressurreição (cf. At 1,3); nos vv. 44-49, ele lhes dá o entendimento das Escrituras (cf. vv. 25-27) e lhes define a tarefa de testemunhas da Ressurreição; nos vv. 50-53, Lc conclui o seu livro com a manifestação do senhorio de Jesus reconhecido pelos seus.

r. Palavras muito amplamente atestadas, faltando, porém, em algumas testemunhas textuais de valor. Numerosos estudiosos pensam que elas são tomadas de Jo 20,19.

eles pensaram estar vendo um espírito. ³⁸E ele lhes disse: "Que vem a ser essa perturbação, e por que se elevam essas objeções em vossos corações? ³⁹Olhai as minhas mãos e os meus pés: Sou eu mesmo. Tocai-me, olhai; um espírito não tem carne nem ossos como vós vedes que eu tenho". ⁴⁰A essas palavras, mostrou-lhes as mãos e os pés. ⁴¹Como, sob o efeito da alegria, eles permaneceram ainda incrédulos e como ficaram surpresos, ele lhes disse: "Tendes aqui algo de comer?" ⁴²Eles lhe ofereceram um pedaço de peixe grelhado; ⁴³ele o tomou e comeu à vista deles".

⁴⁴Depois, disse-lhes: "Eis as palavras que eu vos dirigi quando ainda estava convosco: é preciso que se cumpra tudo o que foi escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos".

⁴⁵Então ele lhes abriu as Escrituras, ⁴⁶e lhes disse: "É como foi escrito: o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, ⁴⁷e em seu nome se pregará a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. ⁴⁸E vós sois as testemunhas disso. ⁴⁹Da minha parte, eu vou enviar-vos o que meu Pai prometeu". Quanto a vós, permaneci na cidade^b até que sejais revestidos, do alto, de poder".

⁵⁰Depois ele os conduziu até perto de Betânia^c, erguendo as mãos, os abençoou. ⁵¹Ora, enquanto os abençoava, Jesus se apartou deles, sendo arrebatado ao céu^d. ⁵²Quanto a eles, após se terem prostrado diante dele^e voltaram para Jerusalém, cheios de alegria, ⁵³e estavam sem cessar no Templo, bendizendo a Deus^f.

Jo 20,23
Mt 28,19
At 1,8

Jo 20,22

At 1,9-11

s. Trata-se das chagas da crucifixão (cf. Jo 20,20).

t. Para este v. que corresponde a Jo 20,20, podemos fazer as mesmas observações que para o v. 36 nota.

u. Lc encontra uma desculpa para a incredulidade dos Onze (cf. 22,45).

v. Um bom número de mss. relativamente recentes acrescentam: *e um favo de mel*. É uma glosa inspirada sem dúvida por alguns ritos batismais.

w. Aqui, como em At 10,41, o Ressuscitado come. Lc quer mostrar assim a realidade corporal da Ressurreição, difícil de ser compreendida por seus leitores gregos (cf. At 17,32; 1Cor 15,12).

x. Esta denominação da Escritura é original pelo destaque dado aos Salmos (cf. 24,27 nota). A tradição evangélica utilizou largamente os Salmos como anúncios da Paixão (cf. 23,34 nota) e, nos Atos, Lc citará constantemente os Salmos como profecias do mistério do Cristo.

y. Os vv. 46-48 apresentam todos os temas da pregação apostólica tal qual aparece no livro dos Atos: o emprego das Escrituras (At 2,23-32; 4,10-11; 13,28-29,33-37; 26,22-23), a pregação da conversão e do perdão (2,38; 3,19; 5,31; 10,43; 13,38-39; 26,18), o papel de testemunhas conferido aos Doze (1,8; 2,32; 3,15; 5,32; 10,41; 13,31).

z. Alguns mss. antigos lêem: *com vistas ao perdão* (cf. 3,3).

a. É o anúncio de Pentecostes (cf. At 1,8; 2,33).

b. *Jerusalém* tem sido em Lc o ponto de partida da mensagem da salvação (1,5-25), a meta da missão de Jesus (9,51). Ela será o centro de irradiação da missão apostólica (At 1,8).

c. Sobre o vínculo entre o Espírito e o poder, cf. 1,35 e 4,14.

d. Os vv. 50-53 são a conclusão do evangelho: o Ressuscitado abençoa os seus (cf. At 3,26), estes o adoram como o seu Senhor e bendizem a Deus. No v. 53, o evangelho termina no Templo, onde havia começado (1,8).

e. Esta menção à Ascensão falta em alguns mss. antigos, sem dúvida por causa da dificuldade que há para conciliar esse dado em At 1,3-11 (onde Lc situa este acontecimento quarenta dias mais tarde). Lc quer exprimir aqui que a exaltação de Jesus é inseparável da sua Ressurreição. A narração dos Atos faz de Ascensão a conclusão das aparições pascais e o ponto de partida da missão apostólica.

f. Este gesto de homenagem régia e religiosa falta em algumas testemunhas importantes.

g. Um bom número de mss. sublinha o caráter litúrgico do texto, acrescentando *Amém*.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

INTRODUÇÃO

Um evangelho. *Fiel a uma grande tradição das origens, o quarto evangelho relata o que aconteceu desde os dias de João Batista até o dia em que o Senhor Jesus passou para a glória do Pai (At 1,21-22). A obra se apresenta como um testemunho, e é certo que João¹ quis compor um verdadeiro evangelho. Após o solene prólogo teológico (1,1-18), ele se aplica, numa primeira parte, a narrar diversos acontecimentos e ensinamentos ligados a estes (1,19-12,50); a segunda parte refere longamente os acontecimentos da Paixão e as manifestações do Cristo ressuscitado (13,1-21,25). Como afirma explicitamente em uma breve conclusão (20,30-31), João escolheu certos sinais, dos quais ele traz à luz o significado e o alcance, a fim de levar os cristãos a quem se dirige a melhor aprofundarem a sua fé em Jesus Messias e Filho de Deus. Para consegui-lo, ele é levado a tomar posição contra diversos desvios doutrinais que ameaçavam o cristianismo do seu tempo.*

A estrutura do evangelho. *Não é fácil esmiuçar o plano adotado pelo autor. Por certo, os episódios são, na maioria, nitidamente circunscritos, mas não se percebem claramente os critérios em função dos quais estes episódios foram organizados. A questão é mais delicada ainda porque a hipótese do deslocamento de certas seções, por ocasião da edição, permanece aberta. É-se tentado, por exemplo, a inserir o cap. 5 entre 7,15 e 7,16; a disposição geográfica dos elementos seria assim unificada, e uma longa atividade em Jerusalém daria seguimento a uma estada na Galiléia (4,43-54 e 6,1-7,13). Estendendo ainda mais a hipótese, alguns estudiosos acreditaram poder detectar numerosos deslocamentos de textos e propuseram reconstituições ousadas de algum plano que possivelmente tenha existido.*

É preciso reconhecer, no entanto, que essas teorias não têm nenhum ponto de apoio na transmissão do texto; além disso, elas não levam em conta

as leis muito flexíveis da tradição oral e da composição hebraica, que nem sempre se conformam às regras da nossa lógica.

Para os que aceitam a seqüência do texto tal como ele se apresenta, as soluções são numerosas. Todas, ou quase todas, reconhecem que o evangelho se divide em duas partes, precedidas por um prólogo. Além disso, é fácil distinguir um certo número de seções, em função das indicações geográficas ou cronológicas e do recurso a certos esquemas literários (narrativa-discurso). Mas como se articulam essas seções umas com as outras? Certos autores optam por um plano lógico e frisam as etapas do desenvolvimento metódico de grandes noções teológicas (luz, vida, glória). Outros acreditam discernir as etapas de um afrontamento progressivo de Cristo com o "mundo" e lêem o Evangelho de João como um drama ou um processo que termina no grande julgamento que se opera no decurso dos acontecimentos da Páscoa. Dois planos temáticos foram propostos: os seus partidários renunciam aos rigores de uma síntese racional e encaram um tipo de composição que lembra as variações de um tema musical. Enfatizou-se o emprego de certos procedimentos literários semíticos, como, por exemplo, a inclusão. Muitos estudiosos sublinharam a importância da mística dos números. Eles julgaram perceber planos fundados sobre os números três e sete. Enfim, pretendeu-se reconhecer um desenrolar dos fatos correspondentes ao enredo do Êxodo e alguns sugeriram a hipótese de uma transposição das leituras litúrgicas da antiga sinagoga.

Tudo isso é sugestivo e, por vezes, muito sutil, mas é raro que uma teoria de conjunto seja plenamente satisfatória: não é certo que João tenha obedecido sempre às mesmas regras de composição, nem mesmo que tenha concluído definitivamente a composição da sua obra. Pelo que nos concerne, contentamo-nos em ver no quarto evangelho uma sucessão de episódios compostos sem rigor, mas, no entanto, organizados em função de

1. Designamos assim o conjunto do livro e aquele que o redigiu.

certa evolução do afrontamento de Jesus com o "mundo" de uma parte, e, da outra, do custoso progresso dos crentes no conhecimento, primeiro na Galiléia, depois sobretudo em Jerusalém.

Relações com os evangelhos sinóticos. Se João é fiel à concepção de conjunto de um evangelho, ele se distingue dos evangelhos sinóticos sob muitos pontos de vista. O leitor fica logo impressionado pelas diferenças de ordem geográfica e cronológica: enquanto os sinóticos evocavam uma longa estada na Galiléia, seguida de uma caminhada mais ou menos prolongada rumo à Judéia, concluída por uma breve presença em Jerusalém, João, ao contrário, narra freqüentes deslocamentos de uma região à outra e encara uma presença de longa duração na Judéia, e sobretudo em Jerusalém (1,19-51; 2,13-3,36; 5,1-47; 7,14-20,31). Ele menciona várias celebrações pascais (2,13; 5,1; 6,4; 11,55) e sugere assim um ministério de mais de dois anos.

As diferenças manifestam-se igualmente no plano do estilo e dos processos de composição: enquanto os sinóticos oferecem, o mais das vezes, seções breves, coletâneas de sentenças ou de narrações de milagres, contendo breves declarações, João propõe uma seleção limitada de acontecimentos ou sinais que são, em sua maioria, longamente elucidados em colóquios ou discursos. Desta sorte, ele atinge em certos momentos grande intensidade dramática.

João se singulariza outrossim pela escolha e originalidade do material empregado. Ele evoca, sem dúvida, muitos acontecimentos mencionados pelas tradições sinóticas: a atividade do Batista, o batismo de Jesus no Jordão e a vocação dos primeiros discípulos (1,19-51); o episódio dos vendedores expulsos do Templo (2,13-21); a cura do filho de um oficial régio (4,43-54); a cura de um paralítico (5,1-15) e de um cego (9,1-41); a multiplicação dos pães à beira do lago e o caminhar sobre as águas (6,1-21), controversias em Jerusalém (7-8 e 10); a unção de Betânia e o desenrolar dos acontecimentos da Páscoa (12-21). Mas outros elementos da tradição sinótica parecem ausentes, tais como a tentação no deser-

to, a transfiguração, a narração da instituição da Eucaristia, a agonia no Getsemani, numerosas narrações de milagres e muitos ensinamentos (desde o sermão da montanha e a maioria das parábolas até o discurso escatológico)². Igualmente a linguagem é muito diferente: "Reino de Deus" só aparece em uma passagem (3,3-5); João prefere falar de vida e de vida eterna. Ele gosta dos temas: mundo, luz-trevas, verdade-mentira, glória de Deus-glória que vem dos homens.

Se faltam no quarto evangelho elementos da tradição sinótica, encontram-se, em compensação, dados novos: o sinal de Caná (2,1-11), a conversa com Nicodemos (3,1-11), o diálogo com a Samaritana (4,5-42), a ressurreição de Lázaro e suas conseqüências (11,1-57), o lava-pés (13,1-19) e diversas indicações na narrativa da Paixão e da Ressurreição. Devemos notar ainda a extensão dos discursos e dos colóquios que esclarecem os acontecimentos narrados; assim as derradeiras palestras após a última ceia (13,31-17,26) preparam o tempo da Igreja.

Até que ponto terá João conhecido os evangelhos sinóticos? Vários comentadores pensaram que ele os ignorava; ele só teria conhecido tradições que concerniam ao Senhor, às quais os sinóticos, por sua vez, se teriam referido. Existem, no entanto, alguns contatos literários tão evidentes que é preciso considerar como altamente provável o conhecimento de Mc e sobretudo de Lc; a evidência é menor em se tratando de Mt. Em todo caso, pode-se afirmar que João supõe, em seus destinatários, o conhecimento das grandes tradições sinóticas.

João se aplica a reelaborar essas tradições, fazendo-o com muito mais segurança e liberdade do que os seus antecessores. Para ele, a fidelidade consiste em captar e exprimir em profundidade o alcance dos acontecimentos da salvação que se opera em Jesus: uma fidelidade, por assim dizer, criadora.

Os problemas de composição. Será que essa independência em relação às tradições sinóticas resulta da utilização de outras fontes? Será que apresenta uma real unidade literária, ou deixa transparecer o recurso a documentos diversos?

2. Não é difícil encontrar a transposição destes elementos no conjunto do evangelho: a tentação vem do mundo, a transfiguração acontece em todos os momentos e singularmente na Ressurreição; para a agonia, cf. 12,27; para a Eucaristia, cf. 6,51.

3. Jo 5,8 e Mc 2,11; Jo 6,7 e Mc 6,37; Jo 12,3 e Mc 14,3; Jo 12,3-4 e Lc 7,36-44; Jo 13,27 e Lc 22,3; Jo 13,38 e Lc 22,34; Jo 15,20 e Mt 10,24-25; Jo 18,10 e Lc 22,30; Jo 18,11 e Mt 26,52; Jo 20,23 e Mt 18,18.

E, antes do mais, qual foi a língua da primeira redação? Os freqüentes aramaísmos levaram não poucos pesquisadores a sustentar a hipótese de um original aramaico que teria sido traduzido para o grego; outros supõem que o autor grego valeu-se de certos trechos redigidos em aramaico. Exames mais minuciosos levaram, ao que parece, a abandonar essas hipóteses. O evangelho, do ponto de vista literário, tem uma feitura única; ele foi redigido diretamente no grego pobre, mas correto — intensamente evocador, no entanto —, que o caracteriza. Contém notadamente vocábulos e jogos de palavras que não têm equivalente em aramaico e possui um estilo e traços literários que permitem concluir pela unidade de composição. Muitas coisas se explicam, sem dúvida, pela origem semítica deste autor que escreve em grego, ou pela influência que teria exercido sobre ele a versão grega do AT (Septuaginta). É provável que tenha lançado mão de fontes particulares, notadamente, de uma coletânea de narrativas de milagres, a qual, aliás, tratou com a mesma liberdade com que tratou o material dos sinóticos. Convém lembrar que o autor depende sobretudo do meio cristão e recorre ocasionalmente a fórmulas litúrgicas ou fragmentos de homilias: assim, a camada mais arcaica do prólogo parece ser formada de um hino que lembra os hinos das epístolas do cativo de Paulo, ou das pastorais; e o discurso sobre o pão da vida é construído segundo as regras da homilia rabínica.

O ambiente cultural. Todo pensamento exprime-se por meio de uma linguagem e relaciona-se com um ambiente cultural; emprega vocábulos e categorias que refletem as preocupações e concepções deste. Se o pensamento é original, opera novas conexões e diz coisas novas por meio de material tomado de empréstimo. A Bíblia não foge a essas regras: importa, portanto, procurar as raízes da linguagem joanina nas diferentes culturas que coexistiam nas regiões orientais do Império romano, onde o evangelho foi composto.

A diversidade dos pontos de contato coligidos pelos estudiosos é muito grande. Reconheceram primeiro a influência do helenismo, depois sublinharam cada vez mais as relações com o AT e diversos meios judaicos, detectaram mesmo certos vínculos com as correntes gnósticas.

a) O helenismo. É certo que João, mais do que os sinóticos, apresenta afinidades com o pensa-

mento helenístico. O interesse marcante por tudo o que concerne ao conhecimento e à verdade, o uso do título Logos, em particular o emprego da alegoria, orientavam as pesquisas neste sentido. Pensava-se mais especialmente em Filon de Alexandria que, no começo do século I, tentara uma vasta obra de helenização da herança religiosa do judaísmo: o lugar de destaque que ocupa nesta obra a noção — bastante confusa — de Logos contribuía para corroborar o fato da influência helenística. É verossímil que o pensamento filoniano se haja espalhado por diversos meios judaicos fora da Palestina — a Diáspora —, suscitando um estilo de pesquisas e de vida. João certamente conheceu um ou outro desses círculos. Mas a visão de conjunto é nitidamente diferente: em João não se trata de uma ascensão do conhecimento, partindo das ciências e das reflexões filosóficas em direção à contemplação do Ser; o essencial, para ele, é o conhecimento na fé do Filho encarnado. Mesmo quando se utilizam os mesmos vocábulos, as significações variam: assim, o Logos joanino não aparece como uma criatura intermediária entre Deus e o universo, mas como o Filho preexistente, perfeitamente associado à ação do Pai.

No começo deste século, o conhecimento das formas populares e bastante sincretistas da vida filosófica e religiosa do século I permitiu que outras semelhanças na expressão fossem percebidas. Alguns concluíram que o quarto evangelho não passava de uma vasta adaptação do cristianismo, expurgado de suas concepções apocalípticas e judaicas e transformado numa mística individualista.

b) Influências judaicas. Mas as raízes veterotestamentárias e judaicas do quarto evangelho não tardariam a ser postas em evidência. Notou-se-lhe no estilo a presença de numerosas expressões semíticas, o que deu origem à hipótese de um original aramaico. Sublinhou-se, por outro lado, a importância das reminiscências do AT. Se João cita raramente o AT de maneira explícita e tem suas preocupações voltadas a separar nitidamente a antiga economia da nova, ele não deixa de usar numerosas fórmulas do AT e, em particular, temas da literatura sapiencial: a água, o alimento celeste e o mandá, o pastor, a vinha, o Templo. Tudo se passa como se João tivesse um conhecimento dos temas e de suas diversas variações, mas quisesse empregá-los de modo pessoal e original.

Reconheceram-se, por outro lado, numerosos pontos de contato entre o judaísmo contemporâneo e o evangelista (tipos de raciocínio, processos de composição e elementos de vocabulário em uso nos meios rabínicos). Houve mesmo quem chegasse a detectar alusões ou influências concretas da liturgia judaica. O certo é que João conhece perfeitamente os usos e costumes do judaísmo palestinese do século I. Mas ele também sabe das profundas diferenças que separam este último do cristianismo. A ruptura está consumada (cf. 9,22; 12,42), e João, muito afastado do legalismo e do ritualismo judaicos, põe em evidência a novidade e transcendência do mundo da Encarnação.

Os documentos de Qumran, descobertos faz alguns decênios, permitiram conhecer um outro meio judaico que, da mesma sorte, apresentava afinidades com o quarto evangelho. De uma parte e de outra, notou-se um dualismo muito acentuado nos domínios religioso e moral, tais como o exprimem as oposições luz-trevas e verdade-mentira. De ambos os lados, os adeptos consideram que a sua comunidade inaugura os últimos tempos e se empenham em decifrar o sentido oculto das indicações do AT. Cá e lá, atribui-se grande importância a um Mestre de Doutrina e se sublinha o papel do Espírito de verdade ou do Paráclito.

Mas, ao lado desses traços comuns, há, entre as duas comunidades, numerosas diferenças: o clima é outro. João acha-se tão distante da mentalidade apocalíptica de certos textos de Qumran quanto do legalismo exacerbado que neles se observa. O papel de Jesus difere muito do papel do Mestre de Justiça ou dos dois Messias da seita. Por certo, podem-se apontar correspondências de fórmulas e preocupações, mas a tendência de conjunto é radicalmente diferente.

c) O gnosticismo. Finalmente, há dois séculos que se procura situar o evangelho com relação às correntes gnósticas. Sabe-se que a gnose se apresentava geralmente como um ensinamento esotérico, que conduzia os seus iniciados, após certas purificações, a se abrirem à salvação pelo conhecimento das grandes verdades religiosas ou pelo êxtase. Essas doutrinas inspiravam uma verdadeira aversão às realidades materiais ou carnaís, identificadas com o Mal. Nós conhecemos as tendências gnósticas por textos posteriores ao século

I, escritos tanto num contexto helenístico, mais ou menos marcado por influências orientais, como no contexto cristão. Pode-se pensar que certas tradições gnósticas remontem a épocas um pouco anteriores, não se podendo, por conseguinte, excluir uma interferência no quarto evangelho.

A questão é tanto mais delicada, porquanto as fontes são pouco numerosas e relativamente tardias. Se nos recusarmos a dar largas à imaginação e levar em conta, baseados em escritos muito tardios, um vasto sistema gnóstico que envolveu a maior parte dos meios religiosos do século I, é preciso restringir-nos aos tratados característicos do Corpus hermeticum. Dois deles (I e XIII) propõem um sistema bastante puro: um divino *Anthrôpos*, ou Homem primordial, decaiu e se atolou na matéria: descrevem-se depois as condições e etapas de seu retorno para os céus através de esferas maléficas controladas pelos planetas. Deus aparece como Ser misterioso, fonte de Luz e de Vida, e a verdadeira vida consiste para os homens em alcançá-lo num conhecimento imediato e beatificante.

É difícil estabelecer dependências literárias entre João e esses tratados (e, no caso de dependência, qual seria a fonte⁴?), mas devemos reconhecer preocupações e certas formulações comuns. Formado num meio complexo, em que se encontravam e se enfrentavam muitas tendências, João pode ter sido estimulado e impelido a pôr mais em evidência a relação entre o conhecimento e a vida divina com a qual os homens podem ser gratificados; mas ele reagiu de modo original, pois a sua fé na criação de todas as coisas por Deus excluiu o pessimismo metafísico, e o fato da Encarnação do Filho eterno dava à carne e à condição humana um sentido muito diferente das especulações gnósticas.

d) Originalidade de João. Tantos cotejos minuciosos e delicados não permitiram designar, portanto, uma corrente de pensamento cujas opções fundamentais João teria adotado. Ele parece ter vivido na confluência das grandes tendências filosófico-religiosas do seu tempo, sem dúvida em uma das metrópoles onde coexistiam o pensamento grego e o misticismo oriental e onde o próprio judaísmo se alterava e se abria às influências externas. Mas nem por isso se deve minimizar a profunda originalidade do seu pensamento. Este de-

4. Uma influência de João sobre certas passagens do tratado XIII é muito verossímil.

riva sobretudo da vida e das palavras das comunidades cristãs às quais ele pertence. Ele se refere antes de tudo aos acontecimentos primordiais e vale-se das numerosas buscas da expressão das primeiras elaborações teológicas cristãs: podemos encontrar vários pontos de contato com Paulo, em particular com as Epístolas do Cativo e os documentos que a tradição relaciona com Éfeso. João conhece também vários textos litúrgicos.

Entretanto, esse enraizamento no meio cristão da época não impediu o evangelista de fazer uma obra profundamente original, longamente amadurecida, soberanamente livre com relação às diversas correntes que ele encontrou e avaliou. Tudo é refundido, assimilado, em função de uma visão complexa e, todavia, simples, da realidade e do papel de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (20,30).

O quarto evangelho e a história. *A questão da historicidade do quarto evangelho foi aventada a partir do começo do século XIX. Impressionados pelas numerosas particularidades que, segundo já vimos, distinguem a obra de João dos sinóticos, numerosos comentadores se perguntaram se o seu caráter teológico não correspondia a outras preocupações, alheias à história. Será que o emprego do simbolismo não visa orientar o leitor para um além dos fatos concretos, dos atos e das palavras tais como são percebidos à primeira vista? É assim que muitos críticos resolveram a questão, recusando reconhecer o valor documentário do quarto evangelho; eles apenas viam no quarto evangelho uma meditação, ou mesmo, um "teorema teológico" (A. Loisy).*

Mas o exame mais minucioso dos processos de composição e das intenções dos sinóticos, a renovação das reflexões sobre o método histórico e um estudo mais sereno dos dados joaninos conduzem os leitores de hoje a abandonar a alternativa antiga. A solução é mais complexa.

Convém primeiramente observar que João relata muitos fatos que os sinóticos também referem: a atividade de João Batista e o batismo no Jordão, a purificação do Templo e vários milagres, em particular, a multiplicação dos pães (1,19-51; 2,13-21; 6,1-21); há também o conjunto de narrativas da Paixão e da Ressurreição (12-21). Uma comparação dessas passagens permite concluir que João pretende relatar fatos conhecidos da Tradição e

que ele o fez com fidelidade. Sobre vários pontos, ele fornece mesmo elementos originais, cuja historicidade pode ser levada em consideração; os dados geográficos e cronológicos, bem como as indicações relativas às instituições judaicas e romanas, tudo demonstra um conhecimento das condições de vida da Palestina no começo do século I, condições que deviam desaparecer após a guerra de 66-72 e das quais João estava, aliás, mui distanciado. Ele teve, portanto, o cuidado de se ater às condições reais da história de Jesus; nós não estamos em presença de um conto teológico. O evangelho fala de alguém que viveu, morreu e ressuscitou, e isso tudo em um tempo bem determinado (cf. 2,20) e cuja tradição João conhece. O autor se considera, aliás, ou ao menos era considerado como uma testemunha (19,35; 21,24), o que implica a atestação de fatos ou de verdades de que se possui um conhecimento pessoal e a propósito dos quais se toma partido. Se é verdade que a mensagem comporta essencialmente o fato de que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós", de tal sorte que "nós vimos a sua glória", compreende-se a importância ímpar da realidade histórica dos fatos relatados. João elucida a significação do que aconteceu a Jesus Cristo e é por isso que o seu livro se apresenta primeiramente como a relação de uma série de sinais escolhidos entre muitos outros (20,30-31; 21,25). Fazendo isso, aliás, o evangelista se inscreve na grande tradição bíblica que se aplica a descrever, etapa por etapa, a relação de Deus com o seu povo como a narração dos atos de Deus em meio à história dos homens. Israel sempre admitiu a prioridade do acontecimento sobre o "logos"⁵. "O pensamento hebraico é um pensamento que se exprime em termos de tradições históricas, ele se move principalmente na combinação prática da interpretação teológica do que foi transmitido, de tal sorte que a conexão histórica tem sempre a prioridade sobre a reflexão teológica" (von Rad).

Pois não basta que o evangelista relate fatos brutos, é preciso que ele ponha em destaque o seu significado (cf. 9,1-41) e perceba o seu alcance e profundidade, a fim de que os discípulos possam progredir no conhecimento e se abrir à vida eterna. Os sinais são relatados "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome" (20,31). João

5. No judaísmo pós-bíblico, de fato, a história pode ser considerada como o desenrolar de um plano enunciado por uma Palavra.

tem plena consciência de que essa compreensão progressiva só pôde ser obtida em função do mistério pascal. Era necessária a passagem do Cristo, pela cruz, para a glória plena, a fim de que se desvendasse o sentido profundo da vida de Jesus e da menor de suas ações. A par dela, fazia-se necessário o dom do Espírito de verdade, que é fruto da Páscoa (7,39; 16,7; 20,22): o Espírito conduz os crentes ao conhecimento da verdade total, isto é, à compreensão de tudo o que constitui a realidade e a ação de Jesus, o Filho encarnado de Deus (16,5-15). Esta é a reminiscência joanina: a recuperação compreensiva da história de Jesus (2,21-22; 12,16; 14,26; 15,26-27).

Essa compreensão, em conformidade com uma grande tradição cristã, é obtida através do relacionamento entre os acontecimentos vividos por Jesus e os acontecimentos e palavras proféticas do AT, que adquirem assim o seu verdadeiro sentido (2,17; 5,37-47; 7,17; 12,16.37-41; 19,24.28.36-37). João compreendeu, mais do que nenhum outro, a imensa novidade das realidades que se manifestam em Jesus, e as exprime em função de esquemas tipicamente cristãos.

Estamos, portanto, em presença de uma atitude resolutamente histórica, mas que difere muito das atitudes ou exigências dos historiadores positivistas, preocupados em relatar exatamente os fatos e não em evidenciar o seu significado, situando-os no conjunto da economia da salvação. Autores modernos falaria-mos de história "querigmática" ou de "história qualitativa". Os antigos já falavam de "evangelho espiritual" (Clemente de Alexandria). Esta compreensão em profundidade do Cristo e da sua ação opera-se quase sempre com a ajuda de uma simbolização da sua história. O olhar do discípulo descobre gradualmente que o sentido dos fatos ou das palavras tem diversos níveis e que estes o remetem sempre para além de si mesmos. Daí a importância da noção de "sinal", com um pendor para a evocação dos sentidos múltiplos de um fato ou de uma palavra (3,14-15; 8,28; 12,32), e finalmente certa ironia fina perante as palavras dos adversários, suscetíveis de significar o contrário do que eles queriam dizer (7,52; 9,24-27; 11,49; 12,19; 16,30; 19,18-22). Só a experiência do Espírito permite perceber o alcance do texto.

O autor. Todas essas observações levam a concluir que o Evangelho de João não é um simples

testemunho ocular, exarado de uma assentada logo depois dos acontecimentos. Tudo sugere, ao contrário, uma longa maturação.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que a obra parece inacabada: certas suturas são canhes-tras, certos trechos parecem desprovidos de ligação com o contexto (3,13-21.31-36; 1,15). Tudo leva a imaginar que o autor jamais teve a sensação de ter chegado ao término. Poder-se-ia explicar assim a relativa desordem das perícopes. É provável que o evangelho, tal como o possuímos, tenha sido publicado por discípulos do autor, que lhe acrescentaram o capítulo 21 e, sem dúvida, algumas anotações (assim 4,2 e talvez 4,1; 4,44; 7,39b; 11,2; 19,35). Quanto à narrativa da mulher adúltera (7,53-8,11), todos reconhecem que se trata de um trecho de origem desconhecida, inserido posteriormente (mas que pertence, no entanto, à Escritura canônica).

Quanto ao autor e à data de composição do quarto evangelho, não se encontra, na própria obra, nenhuma indicação precisa. Talvez isso seja deliberado. A atenção não se deve deter na testemunha, mas reportar-se à pessoa daquele que é anunciado e contemplado (3,29; 1,8; 4,41). Contudo, a adição de 21,24 não hesita em identificar o autor com "o discípulo que Jesus amava", aquele que aparece muitas vezes no decurso dos acontecimentos da Páscoa (13,23; 19,26; 20,2). Trata-se, sem dúvida, desse "outro discípulo" que vários textos mencionam sem lhe dar um nome (1,35-39; 18,15).

A partir do século II, as tradições eclesiais chamam de João e começam a identificá-lo com um dos filhos de Zebedeu, um dos Doze. Um fragmento de uma obra de Pápias, bispo de Hierápolis da Frígia, datado de cerca de 140, dá lugar a uma hesitação: "Eu não hesitarei em fazer figurar entre as interpretações as coisas que, algum dia, eu aprendi muito bem dos antigos, e conservei muito bem na memória, tendo-me certificado da sua verdade... mesmo que chegasse alguém que tivesse seguido os antigos, eu me informava dos ditos dos antigos: o que tinham dito André, ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor ou o que dizem Aristião e João, o Antigo, discípulos do Senhor" (Eusébio, Hist. Eccl., III, 39,3-4). Ele distinguia, portanto, um João apóstolo, um dos Doze e um outro João, o Antigo, discípulo do Senhor; mas não se trata de escritos, já que Pápias se interessa so-

breitudo “pela palavra viva e durável”. No fim do século II, Irineu é explícito: “Em seguida, João, o discípulo do Senhor, o mesmo que repousou sobre o seu peito, publicou também um evangelho, durante a sua estada em Éfeso” (Adv. Haer. III, 1,1). Para Irineu, que se diz discípulo de Policarpo, “que falava de suas relações com João e os outros discípulos do Senhor...” (Eusébio, Hist. eccl. V, 20,6-8), trata-se do filho de Zebedeu, um dos Doze. Nessa época, não obstante certas hesitações, há uma tendência muito forte de atribuir a um dos Doze os escritos considerados canônicos. No que concerne ao quarto evangelho, constatamos um acordo quase unânime. Todos os autores (cânon de Muratori, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano) falam do papel de João, um dos Doze, como de um fato certo; somente um reduzido círculo romano, agrupado em volta do sacerdote Caius, exprime hesitações, sem para isso recorrer à tradição. A opinião tradicional foi posta em dúvida, no princípio do século XIX, pela crítica que apontou as diferenças com relação aos sínóticos e a importância da elaboração teológica. Recusando ao autor a qualidade de testemunha ocular, quase sempre negavam também à sua obra qualquer valor histórico; queriam ver nele o teólogo que compusera, em meados do século II, uma espécie de síntese das correntes petrinhas e paulinas. Inicialmente surgiu viva reação nos meios eclesiásticos pois se associava estreitamente a questão da origem joanina à da autoridade do testemunho. Não estavam longe de fazer da atribuição do texto ao apóstolo João em pessoa uma questão atinente à fé. Hoje aprendemos a distinguir melhor as questões, e os progressos da reflexão sobre a história e seus métodos permitiram furtar-nos aos antigos dilemas.

É de se notar, logo de início, que a publicação de um fragmento do quarto evangelho (18,31-33-37-38), descoberto no Egito e que os melhores conhecedores datam dos anos de 110-130, impôs aos estudiosos o retorno a um dado tradicional: a publicação do evangelho pelo fim do século I. A localização numa igreja da Ásia helenística (Éfeso) permanece também muito verossímil. Não é possível excluir absolutamente a hipótese de uma redação pelo apóstolo João em pessoa, mas a maioria dos estudiosos não retém a validade desta eventualidade. Alguns se recusam a dar nome ao autor, que descrevem como sendo um cristão que escreve em grego pelo fim do século I, em uma igreja da Ásia onde

as diversas correntes de pensamento do mundo judaico e do Oriente helenizado se defrontavam; alguns lembram João, o Antigo, de que falava Pápias. Outros acreditam poder acrescentar que o autor estava ligado a uma tradição que se prendia ao apóstolo João: assim se explicaria o lugar proeminente atribuído ao “discípulo que Jesus amava” que parece ter sido identificado com João, filho de Zebedeu; curiosamente, este é o único dos principais apóstolos cujo nome jamais é mencionado.

A teologia. Não se trata aqui de fornecer uma visão sintética do pensamento teológico de João. Fiel à grande tradição bíblica, este não pretende apresentar um sistema, mas uma elucidação dos acontecimentos da salvação. Ele não cogita em estabelecer um princípio fundamental em função do qual os outros dados poderiam organizar-se. Toda a atenção se concentra em Cristo: sob a condição de o conhecerem e entrarem em comunhão com ele, os crentes terão acesso à vida eterna, descobrindo o Pai. Nós nos limitaremos a indicar aqui algumas orientações.

O esquema preexistência-encarnação não é por certo próprio do quarto evangelho; ele se encontra em outros lugares, notadamente no hino de Fl 2,6-11 e em Cl 1,15, em geral, porém, opondo a Paixão à Ressurreição. João tem uma visão mais ampla e, tudo bem pensado, mais tradicional: ele considera o conjunto da vida de Jesus (sinais e palavras) e dá uma grande importância ao seu desenrolar no tempo (o tema da “hora”). É através dos acontecimentos da vida de Jesus, que culminam com a Páscoa, que se opera a manifestação de Deus no meio do mundo (a “glória”); mas esta revelação não se torna por isso um dado do mundo: ela põe o mundo em questão. Os que crerem nascerão para uma vida nova; mas o mundo, enquanto tal, recusará o que não se lhe comensurar, e o evangelho evoca o conflito cujo desfecho será a Paixão e a Ressurreição de Jesus. O mundo será julgado e condenado na “hora” em que pensava triunfar sobre aquele que menos prezara radicalmente.

João não descreve a preexistência do Cristo e não relata, por exemplo, um diálogo celeste em que o Filho teria recebido a sua missão; estamos longe do mito. É na existência de Jesus que o Pai se manifesta para os que progredem no conhecimento, pela fé e pelo dom do Espírito.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

1 **Prólogo^a. 'No início^b era o Verbo^c, e o Verbo estava voltado para Deus^d, e o Verbo era Deus.**

2 Ele estava, no início, voltado para Deus^e.

3 Tudo foi feito por meio dele^f; e sem ele nada se fez do que foi feito.

4 Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens^g.

5 e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam^h.

6 Houveⁱ um homem enviado por Deus; seu nome era João.

7 Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele^j.

8 Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz.

9 O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem^k.

10 Ele estava no mundo^l, e, por ele, o mundo foi feito.

e o mundo não o conheceu^m.

11 Ele veio para o que era seu, e os seus não o acolheramⁿ.

12 Mas aos que o receberam,

aos que crêem em seu nome^o, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus^p.

13 Esses não nasceram^q do sangue, nem de um querer de carne, nem de um querer de homem, mas de Deus.

14 E o Verbo se fez carne^r

17,5;
1Jo 1,1-2;
Ap 19,13

Sb 9,1;
Pr 8,22;
1Cor 8,6;
Cl 1,16-17;
Hb 1,2-3;
Ap 3,14
3,11; 5,26;
8,12

3,19; 1Jo 2,8;
1Ts 5,4

Mt 3,1;
Mc 1,4;
Lc 1,13,17;
76: 3,2

3,19; 8,12;
12,46;
1Jo 2,8
14,17; 17,25

Gl 3,26;
Jo 5,13

3,5-6;
Tg 1,18;
Jo 5,18

Rm 1,3;
Gl 4,4;
Fl 2,7;

1Tm 3,16;

Hb 2,14;
1Jo 4,2;

Ap 21,3;
Ex 25,8;

Dr 4,7;
Is 60,1-2;
Ez 37,27

a. O prólogo parece ter sido composto em dois tempos: um hino ao Cristo celebrado como Verbo divino — hino lembrando as feições da liturgia cristã de Éfeso (cf. Cl 1,15; 1Tm 3,16; Hb 1,3-4) — teria sido amplificado pelo evangelista para indicar alguns temas essenciais da sua obra.

b. Esta expressão, que repete as primeiras palavras do Gênesis, visa não ao começo do tempo do mundo, mas ao começo absoluto. O Verbo existe de modo supereminente e eterno; isto é assinalado também pelo emprego do imperfeito do verbo ser.

c. O Cristo é chamado de o *Logos*; esse termo poderia ser traduzido por *Palavra*, mas parece que é preciso reconhecer aqui a influência da maneira personalizante de exprimir-se usada na literatura sapiencial (Pr 8,23-36; Sb 7,22-8,1; Sr 24,1-22) e no judaísmo helenístico: enquanto Filho eterno, o Cristo é a expressão perfeita do Pai (cf. Cl 1,15: imagem do Deus invisível; Fl 2,6: de condição divina; Hb 1,3: resplendor da glória do Pai). Pela encarnação, ele se tornará a manifestação suprema de Deus no seio da humanidade (cf. 1Jo 1,2).

d. Habitualmente traduz-se *junto de Deus*. A preposição grega indica uma orientação rumo a alguém. Distinto do Pai, que é chamado de Deus, o Verbo está também em perfeita comunhão com ele, como o evangelista há de empenhar-se em demonstrar (5,17-30).

e. O AT já atribuía a criação do mundo à palavra de Deus (Sl 33,6-9; 147,15-18; Is 40,26; 48,3; Sb 9,1-9; cf. Gn 1,3) ou à sabedoria divina (Pr 8,27-30; Sb 7,12; 8,4; 9,9). Toda a atividade criadora é obra do Pai e do Filho (cf. 1Cor 8,6).

f. O termo *egêneto*, "foi feito, fez-se", como em Gn 1,3, exprime muito bem a criação de todas as coisas a *nililo* (cf. 17,24); a própria matéria sendo criada, não haverá nenhum vestígio de dualismo metafísico e todo gnosticismo fica excluído.

g. O Verbo é a fonte de tudo o que pode induzir os homens a viver plenamente a sua existência, a vida física e a vida que se plenifica no encontro com Deus. Simultaneamente, ele é a luz que indica aos homens o verdadeiro caminho que é preciso seguir (8,12).

h. *Compreenderam*: cf. 1,10-13; Ef 3,18; Fl 3,12-13; At 10,34; 4,13. Os homens não compreenderam a primeira manifestação do Verbo, a qual se operou na criação (cf. 1Cor 1,21; Rm 1,19-

23; Sb 13,1-9). Pode-se também entender que a luz escapa às suas tentativas de conquistá-la e julgá-la, como sugeriu uma tradição grega desde Orígenes (cf. 7,34; 8,21, 12,35). Outra tradução: *Oprenderam*.

i. Lit. *Veio a ser* (*egêneto*, cf. v. 3 nota).

j. Trata-se de João Batista (Mc 1,4 par.), considerado como um profeta, cujo ensino conserva atualmente todo o seu valor de testemunho (1,15; 1,19-35; 3,23-36; 5,33; 10,41). — Acentua-se aqui o contraste entre João e o revelador por excelência, Jesus.

k. O Verbo é a luz no sentido mais forte. Todo homem, seja qual for a sua imagem ou a sua condição, pode e deve receber dele as diretrizes que o orientarão para a plenificação de sua vida. O texto atual acrescenta que esta luz se encontra doravante no Cristo, aquele que vem ao mundo (cf. 6,14). Outra tradução possível, mas pouco provável: *tudo homem que venha ao mundo*.

l. O mundo, que para os gregos significava o universo, designa em Jo geralmente a humanidade, encarada ora como objeto de amor de Deus (3,16), ora como organizando-se na rejeição de Deus e da revelação (cf. 12,31 nota; 1Jo 2,16).

m. O AT já conhecia o fato da rejeição da "sabedoria divina" (Br 3,10-14,23,31; Pr 1,2; 4,1; 9,10; 30,3; Sr 6,27; 18,28; cf. *Henn* 42); aqui, porém, trata-se da rejeição do Verbo encarnado.

n. Provavelmente Israel representando historicamente a humanidade que é, toda inteira, o bem do Criador.

o. A fé no nome do Filho consiste em reconhecer e invocar com confiança o poder da pessoa do Filho. O nome manifesta a pessoa (cf. 2,23; 3,18; 1Jo 3,23; 5,13); a fé é adesão ao Cristo que é reconhecido como Filho de Deus e como revelador.

p. *Tornar-se filho de Deus* (3,3-7; 11,52; 1Jo 3,1-2,10; 5,2,4,18) implica uma capacidade que vem de Deus.

q. Certas versões latinas e siríacas e algumas citações patrísticas lêem o verbo no singular; tratar-se-ia então, quer do nascimento eterno do Verbo, quer da concepção virginal. O conjunto dos manuscritos gregos sustenta nitidamente o plural.

r. O Verbo começou a existir na condição humana; este acontecimento constitui o momento decisivo da história da salvação, os cristãos dão testemunho disto. A palavra *carne* designa em Jo

e habitou⁸ entre nós¹
e nós vimos a sua glória²;
glória essa que, Filho único cheio de
graça e de verdade³, ele tem da
parte do Pai.

¹⁵ João dá testemunho dele e proclama:
"Eis aquele do qual eu disse: depois de
mim vem um homem que me prece-
deu, porque antes de mim ele era"⁴.

¹⁶ De sua plenitude⁵, com efeito, todos nós
recebemos, e graça sobre graça⁶.

¹⁷ Se a lei foi dada por Moisés, a graça e
a verdade vieram por Jesus Cristo.

¹⁸ Ninguém jamais viu a Deus⁷; Deus Fi-
lho único⁸, que está no seio do Pai,
no-lo revelou⁹.

O testemunho de João (Mt 3,1-12; Mc
1,2-8; Lc 3,15-17). ¹⁹E eis o testemunho
de João, quando, de Jerusalém, os judeus¹⁰
lhe enviaram sacerdotes e levitas¹¹ para o
interrogarem: "Quem és tu?" ²⁰Ele fez
uma declaração sem restrição; declarou:
"Eu não sou o Cristo". ²¹E eles lhe per-

guntaram: "Quem és tu? És Elias?" Ele
respondeu: "Eu não sou Elias". — "És
tu o Profeta?" Ele respondeu: "Não".
²²Disseram-lhe então: "Quem és tu?...
para que levemos uma reposta aos que
nos enviaram! Que dizes de ti mesmo?"

²³Ele afirmou: "Eu sou a voz *daquele que
clama no deserto: 'Aplanai o caminho
do Senhor'*, como disse o profeta Isaías"¹².

²⁴Ora, os que tinham sido enviados eram
fariseus¹³. ²⁵Eles continuaram a interroga-
lo, dizendo: "Se tu não és o Cristo, nem
Elias, nem o Profeta, por que batizas?"

²⁶João lhes respondeu: "Quanto a mim,
eu batizo na água. No meio de vós está
aquele que vós não conheceis; ²⁷ele vem
depois de mim e eu nem sou digno de
desatar a correia da sua sandália". ²⁸Isso
se passava em Betânia, além do Jordão¹⁴,
onde João batizava.

O Cordeiro de Deus. ²⁹No dia seguinte,
vendo Jesus vir a ele, disse: "Eis o cor-
deiro de Deus¹⁵ que tira¹⁶ o pecado do mun-

a totalidade do homem afetada pela fraqueza que vai dar na morte. O texto supõe talvez uma reação contra as doutrinas docetas que reduziam a Encarnação a uma aparência (1Jo 4,2).

s. Lit. *ele estabeleceu a sua tenda*: alusão provável ao Templo (1. 51; 2,20; 4,23-24; Ex 25,8; Nm 35,34), lugar da Presença divina e da manifestação da Glória (Ex 40,34-35; Is 8,10-13; Is 6,1-4).

t. Trata-se dos homens em geral (1,5,9-13) e mais precisamente dos discípulos ou dos cristãos que fazem a experiência descrita.

u. No AT a palavra *glória* designa aquilo que manifesta Deus aos homens: trata-se ora de uma espécie de resplendor luminoso, que emana do que é santo, ora de acontecimentos através dos quais o poder de Deus se manifesta. Jo descreverá as diversas atividades de Jesus que manifestavam a sua glória (2,11), e particularmente o acontecimento pascal (13,31; 17,2-5; 12,23,28), como também a unidade dos discípulos (17,22-23).

v. O título de Filho único sublinha o caráter absolutamente singular da filiação do Cristo. Essa assegura ao Filho a participação sem reserva *na graça e na verdade*; esta última expressão vem de Ex 34,6, caracterizando a bondade de Deus, que concede os seus dons com uma indefectível generosidade.

w. O testemunho do Batista conserva um valor permanente: ele sublinha que Jesus, que historicamente veio após ele, o supera radicalmente por sua origem e missão divinas.

x. O conhecimento do Verbo encarnado conduz a comunidade dos que abraçaram a fé a participar sempre mais da plenitude dos bens espirituais que está nele, e nele só.

y. A expressão não evoca a sucessão de um favor a outro (AT, depois NT; Cristo, depois Espírito), mas a capacidade constantemente ampliada de acolher o dom de Deus.

z. O homem é radicalmente incapaz de chegar por si mesmo ao conhecimento direto de Deus (Dt 4,12; Sl 97,2). Ele só pode aspirar a isso (14,8).

a. Cf. 13,23. Certos mss. lêem: *o Deus Filho único*, outros: *o Filho único*.

b. O Filho único que participa, sem limite, da vida do Pai, podia, só ele, conduzir os homens ao conhecimento e à vida. Jesus será, por tudo o que é, pelo que faz e pelo que diz, o revelador e a expressão de Deus.

c. Em Jo, o termo *os judeus* designa por vezes, sem outra especificação, os membros do povo de Israel (3,25; 4,9,22 etc.); mas na maioria dos casos ele os considera como representantes do mundo engajado em um processo de incompreensão e, finalmente, de hostilidade para com o enviado de Deus; neste sentido, ele caracteriza particularmente as autoridades constituídas (2,18; 5,10-18, 7,1,13; 9,22 etc.).

d. Vai-se logo ao testemunho essencial; esse testemunho é dado perante os representantes das autoridades supremas e situa o papel e a pessoa de Jesus com relação a João Batista.

e. Segundo Mt 3,23; Sr 48,10-11 e outros, o profeta *Elias* devia voltar para uma última exortação penitencial, às vésperas do juízo final (cf. Mt 11,14; 17,10). A espera de um profeta dos últimos tempos estava difundida em diversos meios e talvez se apoiasse em Dt 18,15 (cf. 6,14; At 3,22).

f. Cf. Is 40,3.

g. Outra tradução possível: *A delegação incluía fariseus*.

h. Não se trata da aldeia de Lázaro, próxima de Jerusalém (11,1,8), mas de um povoado situado à margem esquerda do Jordão, cuja localização é incerta.

i. O texto evoca a morte expiatória de Jesus, amalgamando duas imagens tradicionais: por um lado, a do Servo sofredor (Is 52,13-53,12) que assume os pecados da multidão e que, inocente, se oferece como cordeiro; por outro a do cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel (Ex 12,1-28); cf. 19,14,36; 1Cor 5,7; Ap 5,6,12.

j. O verbo grego significa *levantar* e, a partir daí, *carregar, tomar*

Mt 11,14;
17,10-13;
Mc 9,13;
Dt 18,15;
Mt 3,23-24;
Jo 6,14;
7,40;
At 3,22;
7,37;
8,13;
Mt 3,3p

9,16

Mt 16,14;
21,25;
Mt 11,30;
Lc 20,4

7,27;
Mt 3,6,11;
1Jo 5,6;
Lc 17,21;
1,15; 3,26;
At 13,25

10,40;
Mt 3,6,13

1,36; 19,36;
Gn 22,13;
Is 53,4-7;
Jr 11,19;
At 8,32;
1Cor 5,7;
1Pd 1,18-19;

2,24;
Ap 5,6,9,12
Mt 8,17;
1Jo 3,5;
Jo 4,42

do⁴. ³⁰Dele é que eu disse: 'Após mim vem um homem que me precedeu, porque antes de mim ele era'. ³¹Eu mesmo não o conhecia, mas foi em vista da sua manifestação a Israel que eu vim batizar na água". ³²E João deu o seu testemunho, dizendo: "Eu vi o Espírito, como uma pomba, descer do céu e permanecer sobre ele". ³³Eu não o conhecia, mas aquele que me mandou batizar na água foi quem me disse: 'Aquele sobre o qual vires o Espírito descer e permanecer sobre ele, é ele que batiza no Espírito Santo'. ³⁴E eu vi e atesto que ele é o Filho de Deus".

Os primeiros discípulos. ³⁵No dia seguinte, João se achava de novo no mesmo lugar com dois dos seus discípulos. ³⁶Fixando o olhar em Jesus que caminhava, ele disse: "Eis o cordeiro de Deus". ³⁷Os dois discípulos escutaram esta palavra e seguiram Jesus. ³⁸Então Jesus se voltou e vendo que eles se tinham posto a segui-lo, disse-lhes: "Que procurais?" Eles responderam: "Rabi — que significa Mestre —, onde moras?" ³⁹Ele lhes disse: "Vinde e vereis". Eles foram, pois, viram onde morava e permaneceram junto dele naquele dia. Era mais ou menos a décima hora.

⁴⁰André, irmão de Simão Pedro, era um desses dois, que tinham escutado João e seguido Jesus. ⁴¹Ele foi ter com o seu

próprio irmão Simão, antes de qualquer outro, e lhe disse: "Nós achamos o Messias!" — o que significa o Cristo^o. ⁴²Ele o conduziu a Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse: "Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas" — que quer dizer Pedro^o.

⁴³No dia seguinte, Jesus resolveu ir para a Galiléia. Ele encontra Filipe e lhe diz: "Segue-me". ⁴⁴Ora, Filipe era de Betsaida⁴, a cidade de André e de Pedro. ⁴⁵Ele vai ter com Natanael⁴ e lhe diz: "Aquele de quem está escrito na lei de Moisés e nos profetas, nós o encontramos: é Jesus, o filho de José de Nazaré". ⁴⁶"De Nazaré, lhe disse Natanael, será que pode sair alguma coisa boa?" Filipe lhe disse: "Vem e vê". ⁴⁷Jesus olhou para Natanael que vinha a ele e disse a seu respeito: "Eis um verdadeiro israelita no qual não há fingimento". ⁴⁸"De onde me conheces?", disse-lhe Natanael; e Jesus lhe respondeu: "Antes mesmo que Filipe te chamasse, quando estavas sob a figueira⁴, eu te vi". ⁴⁹Natanael respondeu: "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel". ⁵⁰Jesus lhe respondeu: "Porque te disse que te vira sob a figueira, tu crês. Verás coisas muito maiores". ⁵¹E ele acrescentou: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem".

sobre si, ou levar, tirar, fazer desaparecer. É neste último sentido que Jo o emprega habitualmente (cf. 2.16; 5.8-12; 10.18; 11.3.5).

k. Esta fórmula no singular visa ao conjunto dos pecados do mundo em toda a sua extensão e com todas as suas implicações. l. Cf. 1.15.27.

m. Cf. Mt 3.16 nota. Peculiar de Jo é o *permanecer*.

n. Um mss. gr. e algumas versões lêem: o *eleito* ou o *filho eleito*.

o. Jo, sem dúvida, dirigia-se a leitores de língua grega. Às vezes, contudo, usa termos hebraicos ou aramaicos (cf. 19.17; 20.16), traduzindo-os (cf. 1.38.41.42). Provavelmente quer sublinhar, destarte, que a Palavra de Deus se encarnou (1.14) num determinado momento da história, na Palestina, na realidade dos homens. Cristo traduz *Messias*, i.e., o que recebeu a unção; na tradição judaica (cf. 4.25), este título designava o novo David esperado para o fim dos tempos.

p. Jesus conhece misteriosamente todos os que dele se aproximam (1.48; 2.24-25; 4.16-19). Ele anuncia o nome novo que será imposto a *Simão*; este nome de *Pedro* (em aram.: *Cefas*) indica uma nova vocação (cf. para Abraão, Gn 17.5).

q. *Betsaida Júlias* ficava ao norte do lago de Tiberíades (cf. Mc 8.22-26; Mt 11.21).

r. Certas tradições o identificam com o apóstolo Bartolomeu, mas são infundadas (cf. 21.2).

s. *Natanael*, que se aplicava, ao que parece, ao estudo das Escrituras, demonstra um certo ceticismo a respeito das indicações fornecidas. O conhecimento de Jesus e da sua missão nascerá do encontro com ele e da escuta da sua palavra.

t. Alusão provável à vida consagrada ao estudo das Escrituras: a expressão é bem conhecida na literatura rabínica, na qual a figueira é comparada à árvore da ciência do bem e do mal.

u. Como nos sinóticos, o Cristo de João traz o título de *Filho do Homem*. Mas a visão escatológica evocada por Dn 7.9-15 e prometida por Jesus no decurso do processo diante do Sinédrio (Mc 14.62; Mt 26.64) é inaugurada desde agora. Em função da presença de Jesus na terra, os *céus* estão *abertos* (Is 63.19; Mc 1.10; Lc 2.9-13) e a comunicação com Deus, que o sonho de Jacó anunciava (Gn 28.17), torna-se realidade permanente para os que abraçam a fé.

4,25;
1Sm 2,10;
Sl 2,2

21,15-17;
Mt 10,2;
16,16-18;
Mc 3,16;
Lc 6,14

1Rs 19,19;
Mt 9,9
12,21
Dt 18,18;
Is 7,14;
9,6; 53,2;
Jr 23,5;
Ez 34,23;
Jo 5,39;
At 26,22
7,41,52

Sl 32,2;
73,1;
Gn 25,27;
32,29;
Sf 3,13

6,69; 11,27;
2Sm 7,14;
Sl 2,7;
Mt 14,33;
16,16;
Mc 1,11;
3,11;
Lc 3,22; 4,41;
At 13,33;
Sf 3,15;
Mt 27,42;
Mc 15,32;
Gn 28,10-17;
At 7,56;
Jo 12,28

2 O primeiro sinal. 'Ora, no terceiro dia', houve núpcias em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá. ²Jesus também foi convidado às núpcias, como também os seus discípulos. ³Como faltasse vinho, a mãe de Jesus lhe disse: "Eles não têm vinho". ⁴Mas Jesus lhe respondeu: "Que queres de mim, mulher"? A minha hora ainda não chegou". ⁵Sua mãe disse aos que serviam: "Fazei tudo o que ele vos disser". ⁶Havia lá seis talhas de pedra destinadas às purificações dos judeus; elas continham cada uma duas ou três medidas⁷. ⁷Jesus disse a eles: "Enchei de água essas talhas"; e eles encheram-nas até a borda. ⁸Jesus lhes disse: "Agora tirai um pouco e levai ao mordomo". Eles a levaram ⁹e ele provou a água convertida em vinho — ele não sabia de onde aquilo vinha, ao contrário dos que serviam e que tiraram a água —; por isso ele se dirigiu ao recém-casado ¹⁰e lhe disse: "Todo mundo oferece primeiro o bom vinho e, quando os convivas já estão alegres, faz servir o menos bom. Mas tu guardaste o bom vinho até agora!" ¹¹"Tal foi, em Caná da Galiléia, o início dos sinais⁸ de Jesus. Ele manifestou a

sua glória, e seus discípulos creram nele. ¹²Depois disso, ele desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos⁹ e seus discípulos; mas só ficaram lá poucos dias.

A purificação do Templo (Mt 21,12-17; Mc 11,15-17; Lc 19,45-46). ¹³A Páscoa dos judeus estava próxima, e Jesus subiu a Jerusalém. ¹⁴No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas, como também os cambistas que ali se haviam instalado¹⁰. ¹⁵Então, tendo feito um chicote com cordas, expulsou-os a todos do Templo, e as ovelhas e os bois; espalhou o dinheiro dos cambistas, derrubou suas mesas; ¹⁶e disse aos vendedores de pombas: "Tirai tudo isso daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negócios". ¹⁷Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: "*O zelo da tua casa me devorará*". ¹⁸Mas os judeus, tomando a palavra, disseram-lhe: "Que sinal nos mostras, para agir dessa maneira?" ¹⁹Jesus lhes respondeu: "Destruí este templo, e em três dias eu o reerguerei". ²⁰Então os judeus lhe disseram: "Foram necessários quarenta e seis anos¹¹ para construir este templo e tu o reergue-

v. O terceiro dia: três dias após a promessa feita a Natanael e sete dias após a cena de Betânia (o testemunho de João: 1,28); o evangelho inicia-se portanto, bem como o Gênesis, com uma semana; esta, ao sétimo dia, vai desembocar na primeira manifestação da glória de Jesus (2,11).

w. Lit. *Que há para ti e para mim?* Em certos contextos isso pode significar: *Por que te intrometes?* Assim Mc 1,24. A expressão era corrente tanto nos meios judaicos como na língua grega. Ela indica certa diferença de planos entre os interlocutores. Efetivamente, a ação de Jesus vai situar-se num nível que ultrapassa muitíssimo o nível que Maria devia normalmente ter em vista. O uso da palavra *mulher* não implica nenhum matiz pejorativo (19,26), ele se conforma sobretudo aos costumes helênicos (ver também 4,21; 8,10; 20,13,15).

x. A palavra *hora* designa geralmente o momento da manifestação da glória divina de Jesus; trata-se o mais das vezes da hora da cruz, enquanto marca a passagem para a glória (12,23,27; 13,1; 17,1; 7,30; 8,20). Pode tratar-se também do momento fixado pelo Pai para a manifestação antecipada da glória através dos sinais. Jesus se distancia, portanto, da sua mãe (cf. Lc 2,49) e dá a entender que o milagre que vai manifestar a sua glória (2,11) se realiza em função da vontade de seu Pai. Outra tradução gramaticalmente possível: *Acusa a minha hora não chegou?*

y. Cerca de 40 litros por medida; trata-se, pois, de uma quantidade considerável.

z. Os evangelhos sinóticos tinham reservado o uso da palavra *sinal* (*σήμειον*) aos grandes prodígios que deviam caracterizar a

inauguração dos tempos messiânicos (Mt 12,38; 16,1-4; Mc 8,11-12; Lc 11,16,29); por contraste, designavam os milagres com palavras como *dynaméis* (atos de poder). Jo, retomando uma concepção do AT (Is 66,19), considera os milagres como gestos simbólicos que devem indicar que em Jesus se realiza o acontecimento escatológico; convidam a todos a perceber a filiação divina de Jesus. A transformação da água em vinho acontecida em Caná simboliza provavelmente a passagem da Antiga à Nova Aliança.

a. Cf. Mt 12,46 nota.

b. Trata-se dos animais destinados aos sacrifícios e das moedas autorizadas para as ofertas, tudo isso sinais de uma economia doravante ultrapassada.

c. Os discípulos esclarecem a significação ao evocar o Sl 69,10 (gr.): a Igreja primitiva percebeu o caráter messiânico desse gesto e vê aqui um anúncio da Paixão (como sugerem claramente o verbo posto no futuro e o contexto geral do evangelho).

d. Aos olhos dos judeus, a autoridade que Jesus se arroga nos assuntos do Templo devia ser provada através de um ato prodigioso (cf. Mc 8,11; Mt 12,38; 16,1; Lc 11,16,29-30; 1Cor 1,22).

e. Jesus anuncia um sinal que se situa num plano totalmente diferente do dos seus interlocutores. A fórmula dos sinóticos (Mc 14,58; 15,29; Mt 26,61; 27,40) é remanejada em função do simbolismo indicado mais adiante: são os judeus que abatem o Templo, e Jesus tem a capacidade de o reerguer num curto espaço de tempo.

f. A reforma do Templo por Herodes começara em 20-19 a.C. (Flávio Josefo, *Ant.* XV, 380); o evangelista situa a atividade de

4,46; 21,2
19,26; 7,30;
1Rs 17,18;
Mc 1,24;
Gn 41,55
Mc 7,3-4;
Jo 3,25
4,54; 12,37;
20,30-31;
Is 8,23;
Jo 1,14,50;
11,40; 12,41

Mt 4,13

2,23; 6,4;
11,55; 12,1;
Mt 21,12ss.;
Mc 11,15,17;
Lc 19,45-46

Zc 14,21;

Lc 2,49

Sl 69,10

3,2; 4,48;
6,30; 20,29;
Mt 16,1
Mt 26,61;
27,40;
Mc 14,58;
15,29;
At 6,14

três dias?" ²¹Mas ele falava do templo do seu corpo^a. ²²Por isso, depois que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que ele falara assim, e creram na Escritura, bem como na palavra que ele havia dito^b.

A fé não basta. ²³Enquanto Jesus permanecia em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos creram em seu nome à vista dos sinais que ele operava^c. ²⁴Jesus não se fiava neles^d, porque os conhecia a todos^e, ²⁵e não tinha a menor necessidade de que lhe dessem testemunho a respeito do homem, pois ele sabia o que há no homem.

3 A conversa com Nicodemos. ¹Ora, havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos notáveis judeus^f. ²Ele veio, de noite, ter com Jesus e lhe disse: "Rabi, sabemos que tu és um mestre que vem da parte de Deus, pois ninguém pode operar os sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele". ³Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade eu te digo: a menos que nasça

de novo^g, ninguém pode ver o Reino de Deus^h". ⁴Nicodemos lhe disse: "Como um homem poderia nascer, sendo velho? Poderia ele entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?" ⁵Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade eu te digo: ninguém, a não ser que nasça da águaⁱ e do Espírito, pode entrar no Reino de Deus. ⁶O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito^j. ⁷Não te admires por eu ter dito: 'Necessário vos é nascer do alto'. ⁸O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes nem de onde vem, nem para onde vai^k. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito". ⁹Nicodemos lhe disse: "Como é que isso pode acontecer?"

¹⁰Jesus lhe respondeu: "Tu és mestre em Israel e não tens o conhecimento dessas coisas?" ¹¹Em verdade, em verdade eu te digo: nós^l falamos do que sabemos, nós testemunhamos o que vimos e, no entanto, vós não recebeis o nosso testemunho. ¹²Se vós não credes quando eu vos falo das coisas da terra, como creréis se eu vos falasse das coisas do céu?" ¹³E, no entanto, ninguém subiu ao céu senão

Jesus em 27-28; nessa data a construção não estava terminada, mas o essencial estava construído.

g. A humanidade de Jesus é o lugar da presença e da manifestação de Deus no meio dos homens: Jesus é, portanto, o verdadeiro Templo e, doravante, o culto estará ligado a ele (1.14; 1.51; 4.20-24).

h. É em função da Ressurreição de Jesus e do dom do Espírito que os discípulos compreendem plenamente os acontecimentos e as palavras da vida terrestre de Jesus (12.16; 14.26; 15.26).

i. Como os evangelhos sinóticos, Jo traz sumários mencionando sinais que ele não descreve (cf. 12.37; 20.30). Mas à diferença de Mt, Mc e Lc, que — exceto a Paixão — situam a atividade de Jesus essencialmente na Galiléia, Jo localiza sua obra principalmente em Jerusalém.

j. Ocorre aqui o verbo *crer*, mas com regência diferente da que se registra no v. 23, donde a tradução por *fiar-se em*.

k. Cf. 1.42 nota. Há várias maneiras de compreender este v.: 1) Jesus não se fia na fé dessa gente, porque o entusiasmo diante de um milagreiro ainda não é a fé na Palavra encarnada; 2) não se fia neles porque sabe que a fé é uma caminhada e não um ponto final.

l. Membro do Sinédrio, ele tomará discretamente a defesa de Jesus (7.48-52; 12.42); participará do seu sepultamento (19.34). m. A palavra grega *ἀπ'αρχῆς* pode significar *do começo, de novo ou do alto*; no diálogo de Nicodemos, Jo faz um jogo de palavras com estes dois últimos sentidos.

n. A noção judaica do Reino de Deus, tão freqüente nos evangelhos sinóticos, implica em Jo um modo de existência radicalmente novo, que só se pode receber do alto, de Deus. É o que Jo

chama de *vida* e de *vida eterna*. O tema do segundo nascimento aparece igualmente em Tg 3.5; 1Pd 1.23; 1Jo 2.29; 3.9; 4.7; 5.1.

o. A menção à água, aludindo ao batismo, talvez evoque a entrada de novos fiéis na comunidade dos discípulos.

p. A *carne* (*sarx*) representa aqui a natureza humana com as suas possibilidades e os seus limites, e mais amplamente a existência terrestre, sem nenhum matiz pejorativo (cf. 1.14); o *espírito* (*pneuma*) designa a potência divina que condiciona a existência cristã e as possibilidades que ela implica.

q. Os antigos muitas vezes compararam o caráter misterioso do vento e do ação divina (Ecl 11.5; Pr 30.4; Sr 16.21); a comparação era tanto mais fácil porquanto a mesma palavra *pneuma* designava tanto o vento como o espírito.

r. O homem entregue a si mesmo não chega ao conhecimento das coisas do Espírito; a própria ciência de Israel não o consegue plenamente. A palavra de Jesus, que é o único a ter a experiência imediata das realidades divinas (6.63; 1.18), é necessária, e esta palavra deve ser acolhida na fé.

s. Será que se trata de um plural majestático, ou temos aqui o eco da linguagem com a qual os discípulos atestavam a importância de sua experiência? Pode ser lida também como a confissão, o testemunho dos discípulos, que assumem por sua conta e fazem ouvir por sua vez a proclamação de Jesus (cf. 4.22).

t. Este v. é passível de diversas interpretações: 1) há graça na revelação: até agora Jesus falou de coisas "terrenas", as que se dão aqui embaixo (o nascimento das pessoas à vida segundo o Espírito), mas Nicodemos precisa ainda abrir-se ao mistério da filiação divina de Jesus (3.13) e da sua exaltação na cruz (3.14-15);

Mt 18.3;
Lc 17.21;
1Pd 1.23;
1Jo 5.1;
Tg 1.17-18

Ez 36.25-27;
Mt 19.28;
Rm 6.4;
Ef 5.26;
Tg 3.5;
1Pd 1.3;
2Pd 1.11
6.63;
Gl 6.8;
Sl 78.39
1Cor 15.
44-50

Ecl 11.5;
Sr 16.19;
Jo 14.17

9.30;
Rm 2.20-21
3.32; 5.19;
7.16;
8.26-28;
12.49;
14.24;
1Cor 2.14
6.60-62;
Sb 9.16
Pr 30.4;
Dt 30.12;
Fl 3.19;
Ef 4.9

aquele que desceu do céu, o Filho do Homem^a. ¹⁴E assim como Moisés levantou a serpente^b no deserto, é preciso que o Filho do Homem seja levantado^a. ¹⁵A fim de que todo aquele que crê tenha nele a vida eterna. ¹⁶Deus, com efeito, amou tanto o mundo que deu o seu Filho, o seu único, para que todo homem que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. ¹⁷Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. ¹⁸Quem crê nele não é julgado; quem não crê já está julgado^a, porque não creu no nome^c do Filho único de Deus. ¹⁹E o julgamento é este: a luz veio ao mundo, e os homens preferiram a escuridão à luz, porque as suas obras eram más^a. ²⁰Com efeito, todo aquele que faz o mal odeia a luz, mas receio de que as suas obras sejam desmascaradas^a. ²¹Aquele que age segundo a verdade^b vem à luz para que suas obras sejam manifestadas, já que tinham sido realizadas em Deus^c.

João e Jesus. ²²Depois disso, Jesus foi com os seus discípulos à região da Judéia; ali, ele ficava com eles e batizava. ²³João, por seu lado, batizava em Enon, perto de

Salim, onde as águas são abundantes^d. O povo vinha e se fazia batizar. ²⁴João, com efeito, ainda não tinha sido lançado à prisão. ²⁵Ora, aconteceu que uma discussão a respeito da purificação opôs um judeu^e a alguns discípulos de João. ²⁶Eles vieram ter com João^f e lhe disseram: "Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, aquele sobre quem deste testemunho, eis que se põe também a batizar e todos vão ter com ele". ²⁷João lhes deu esta resposta: "Um homem não pode atribuir-se nada além do que lhe é dado do céu. ²⁸Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: Eu não sou o Cristo; sou aquele que foi enviado diante dele. ²⁹Aquele que tem a esposa é o esposo^g; quanto ao amigo do esposo^h, mantém-se ao pé dele, e o escutaⁱ, e a voz do esposo o enche de alegria. Tal é a minha alegria, ela é perfeita. ³⁰É preciso que ele cresça e eu diminua.

Aquele que vem do alto. ³¹Aquele que vem do alto está acima de tudo. Aquele que é da terra é terrestre e fala de modo terrestre^j. Aquele que vem do céu^k testemunha do que viu e do que ouviu, e ninguém recebe o seu testemunho. ³²Aquele

Nm 21,8-9;
Sb 16,5-7;
Jo 8,28;
12,32,34;
18,32

Cn 22,16;
Rm 5,8;
8,32;
Mt 21,37;
IJo 4,9-10

12,47;
5,22,30;
8,15-16;
At 17,31;
2Cor 5,19
3,36; 5,24;
Mc 16,16;
At 4,12
1,5,9-11;
8,12; 12,48;
IJo 1,7

Ef 5,13;
Jo 24,13-17

Th 4,6 gr.;
IJo 1,6;
Mt 5,14-16

Mt 14,3;
Lc 3,20

Lc 7,18;
Jo 12,19

19,11;
1Cor 4,7;
Hb 5,4;
Tg 1,17
1,19-27;
Mt 3,1;
Mt 11,10;
Mc 1,2

Mt 9,15;
Mc 2,19

2Sm 3,1

8,23;
IJo 4,5

3,11

2) as coisas da terra designam o testemunho de Jesus encarnado ou dos discípulos, ao passo que as coisas do céu apontam o testemunho de Jesus elevado na glória e do Espírito Santo (3,13).
u. Muitos mss. não-alexandrinos, versões e Santos Padres acrescentam: *que está no céu*.

v. Alusão à *serpente de bronze*, erguida por Moisés no deserto; os doentes que olhavam para ela com fé ficavam curados; cf. Nm 21,4-9; Sb 16,6-10.

w. Jesus será *levantado* na cruz, que se tornará o lugar e o sinal da sua exaltação na glória; cf. 8,28-30; 12,32-34; 18,32. Jo parece compreender-se no emprego de expressões que podem ser entendidas em vários sentidos.

x. *Já está julgado*: para o judaísmo e numerosos textos neotestamentários, o juízo final deve vir no fim da história. Para Jo, ao contrário, o julgamento se dá quando o homem se encontra na presença de Jesus (e especialmente, de sua cruz: 16,11) e todavia recusa a revelação (cf. 3,19-21).

y. Cf. 1,12 nota.

z. Uma divisão se opera entre os homens (cf. 9,39-41; 12,37-50) em função do acolhimento ou da rejeição.

a. A revelação desmascara quem faz o mal. Tal "expor à luz" constitui por si mesmo a condenação daquele que recusa Deus.

b. Lit. *faz a verdade*, fraseologia tipicamente judaica assumida por Jo. Para os judeus, tal verdade manifesta-se na Lei (cf. 7,17). Para Jo, *fazer a verdade* significa cumprir a vontade de Deus, tal como foi possível percebê-la (cf. 18,37), o que dispõe alguém a

crer na revelação dada em Jesus e a pôr em prática esta fé.

c. Todo aquele que faz o bem já está numa certa comunhão com Deus e tende para o pleno encontro que se opera em seu Filho (17,6-9).

d. Jo utiliza aqui uma informação desconhecida dos sinóticos: a localização deste local permanece incerta.

e. Vários mss. lêem: *judeus*.

f. Jo alude com frequência a João Batista (cf. 1,6-9.15.19.34.35; 5,35; 10,41). Faz dele a testemunha da filiação divina de Jesus. Tais textos, sem dúvida, ecoam a controvérsia com os discípulos de João, que neste viam o Messias (cf. At 19,1-7). Jo é discretamente polêmico: não João, mas Jesus é o Enviado de Deus; João é apenas a testemunha.

g. No AT Israel é às vezes considerado como a esposa do Senhor (Os 2,21; Ez 16,8; Is 62,4-5). No NT, a Igreja é a esposa do Cristo (2Cor 11,2; Ef 5,25-31, Ap 21,2; 22,17). João reconhece que Jesus é o chefe do povo dos últimos tempos.

h. A tradição judaica confiava um certo papel organizador aos amigos do esposo por ocasião das núpcias.

i. João se mantém na atitude do servo; escutar implica atenção e obediência.

j. Esta passagem completa o desenvolvimento de 3,1-21, para além do testemunho do Batista. A terra representa a esfera do criado com as suas capacidades e os seus limites; contrapõe-se ao céu, isto é, a Deus, de cuja condição o seu enviado, Jesus, participa plenamente.

k. Vários mss. acrescentam: *que está acima de tudo*.

7,28; 1Jo 5,10: que recebe o seu testemunho ratifica¹ que Deus é verídico. ³⁴Com efeito, aquele que Deus enviou^m diz as palavras de Deus, que o Espírito lhe dá sem medida". ³⁵O Pai ama o Filho e entregou tudo em sua mão^o. ³⁶Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; aquele que se recusa a crer no Filho não verá a vida, mas a cólera de Deus permanece sobre ele^m".

4 A conversa com a samaritana.

¹Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais gente do que João ²— na verdade, Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos —, ³ele deixou a Judéia e foi para a Galiléia. ⁴Ora, era preciso que atravessasse a Samaria⁴. ⁵Foi assim que ele chegou a uma cidade da Samaria chamada Sicar, não longe da terra dada por Jacó a seu filho José, ⁶lá mesmo onde se acha a fonte de Jacó⁷. Cansado da viagem, Jesus estava assim sentado junto à fonte. Era mais ou menos a sexta hora. ⁷Chega uma mulher da Samaria para tirar água; Jesus lhe disse: "Dá-me de beber". ⁸Os seus discípulos, com efeito, tinham ido à cidade para comprar o que comer. ⁹Mas esta mulher, esta samaritana, lhe disse: "Como? Tu, um judeu, tu me pedes de beber a

mim, uma mulher samaritana?" Os judeus, com efeito, não querem ter nada em comum com os samaritanos⁴. ¹⁰Jesus lhe respondeu: "Se conhecesses o dom de Deus, e quem é aquele que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva"¹¹. ¹²A mulher disse: "Senhor", tu não tens sequer um balde, e o poço é profundo; de onde tiras, então, essa água viva? ¹³Serias maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço do qual ele mesmo bebeu, como também seus filhos e os seus animais?"

¹⁴Jesus lhe respondeu: "Todo aquele que bebe desta água ainda terá sede; ¹⁵mas aquele que beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe darei se tornará nele uma fonte que jorrará para a vida eterna"¹⁶. ¹⁷A mulher lhe disse: "Senhor, dá-me essa água, para que eu não tenha mais sede e não precise mais vir aqui tirar água". ¹⁸Jesus lhe disse: "Vai, chama o teu marido e volta aqui". ¹⁹A mulher lhe respondeu: "Eu não tenho marido". ²⁰Jesus lhe disse: "Tu dizes bem: 'Não tenho marido'; tiveste cinco¹⁷, e o que tens agora não é teu marido. Nisso disseste a verdade". ²¹"Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és um profeta". ²²Os nossos pais adoraram sobre esta montanha⁴, e vós

4,26;
7,37-38;
At 8,20
6,56;
Ap 21,6;
22,17

6,31-32;
8,53;
Mt 12,
41-42

Jr 2,13

6,35; 7,38;
Is 44,3;
49,10; 58,11

6,34

Mt 16,14;
21,46;
Jo 7,40;
9,17

1. Lit. *confirma* com um sinete.

m. Como em todo o quarto evangelho, o Enviado por excelência é Jesus, o Filho único; Jo usa com frequência este termo para designar Jesus (cf. 5,19-30; 9,7).

n. Poder-se-ia também compreender que o enviado dá o Espírito em abundância aos que abraçam a fé.

o. Outra tradução possível: *ele pôs tudo em sua mão*.

p. A fé, que é adesão confiante à pessoa do Filho, é a única condição para receber a vida eterna; ao contrário, a recusa a crer deixa o homem sem proteção em face da cólera de Deus; nisto consiste seu julgamento.

q. Jesus podia voltar à Galiléia sem passar pela Samaria (subindo o vale do Jordão). Mas Jo faz questão de situar aqui um episódio importante da vida de Jesus, seja porque sua comunidade tinha contatos estreitos com o ambiente samaritano, seja, mais provavelmente, porque o encontro com a samaritana prefigura a missão da Igreja junto aos não-judeus (cf. 4,27-38; 12,20-24).

r. Trata-se de uma fonte que jorra no fundo de um poço profundo.

s. Isto é *meio-dia*, a hora da luz plena.

t. O cisma *samaritano*, nascido de uma reação contra o rigorismo da reforma judaica do pós-Exílio, tinha resultado numa

oposição implacável entre os dois grupos. Um judeu religioso devia evitar todo contato com os impuros e *a fortiori* abster-se de pedir-lhes alimento (cf. Sr 50,25-26; 1Lc 9,52; 10,33; Mt 10,5).

u. A oposição entre as águas estagnadas (ou mortas) e as águas correntes (ou vivas) era clássica (Jr 2,13). Como no diálogo com Nicodemos, Jesus dá-se a conhecer, de modo paradoxal, mediante uma sequência de mal-entendidos que ele parece provocar no seu interlocutor.

v. Este termo parece ser, aqui, mera forma de tratamento (cf. 4,11,19,49; 20,15).

w. Nessa região próxima do deserto, a *água* é o símbolo de todos os valores de vida (Is 12,3; Jr 2,13; 17,13), em particular da sabedoria (Br 3,12; Sr 15,3; 24,30-31), da lei ou do Espírito (Is 44,3; Jl 3,1). Jo pensa aqui no dom do Espírito que dá a vida eterna (cf. 7,38-39).

x. Alguns querem ver uma alusão aos cinco deuses dos samaritanos, de que fala 2Rs 17,29-41.

y. Constatando que Jesus conhece os segredos da sua vida, a mulher o saudou como um homem de Deus e o convidou a esclarecer a questão decisiva do verdadeiro culto (cf. 1,42 nota).

z. O santuário do monte *Garizim*, que dominava a antiga Siquém, tinha sido destruído por João Hircano, em 129 a.C. Era o lugar de culto da religião samaritana.

- Dt 11,29; 12,5-14
Js 8,33;
Sl 122,1-5
- At 6,14
- 2Rs 17,
27-33;
Is 2,3;
Rm 9,3-4;
11,18
- 2,23; 5,25;
Ef 2,18;
1Jo 5,6
- 2Cor 3,17;
Rm 12,1;
Fl 3,3
- Dt 18,
18,22;
Jo 1,41;
14,26
- 9,37;
Mc 14,61-62
- 7,26;
Mt 12,23
- 1,8; 5,30;
6,38-40;
17,4; 19,30
- afirmais que é em Jerusalém que se encontra o lugar onde se deve adorar.”²¹ Jesus lhe disse: “Acredita-me, ó mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha, nem em Jerusalém adorareis o Pai.²² Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus.”²³ Mas vem a hora, e é agora, na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade^a; tais são, com efeito, os adoradores que o Pai procura.²⁴ Deus é espírito^b, e por isso os que o adoram devem adorar em espírito e verdade”.²⁵ A mulher lhe disse: “Eu sei que um Messias deve vir — aquele que chamam Cristo. Quando ele vier, anunciar-nos-á todas as coisas”.²⁶ Jesus lhe disse: “Sou eu, eu que estou falando a ti”.²⁷ Nisso, os discípulos chegaram. Eles ficaram estupefatos ao verem Jesus falar com uma mulher; mas ninguém lhe disse: “Que procuras?” ou “Por que lhe falas?”²⁸ A mulher, então, largando o cântaro foi à cidade e disse ao povo: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não seria ele o Cristo?”²⁹ Eles saíram da cidade e foram ter com ele.³¹ Enquanto isso, os discípulos insistiam com ele: “Rabi, come!”³² Mas ele lhes disse: “Eu tenho para comer um alimento que vós não conheceis”.³³ Nisso os discípulos disseram entre si: “Alguém lhe teria dado de comer?”³⁴ Jesus lhes disse: “O meu alimento é fazer
- a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.”³⁵ Vós mesmos não dizeis: “Daqui a quatro meses, virá a messe”? Ora, eu vos digo: levantai os olhos e olhai; já os campos estão brancos para a messe!³⁶ Já o ceifeiro recebe o seu salário e junta fruto para a vida eterna, de tal modo que aquele que semeia e aquele que colhe se alegrem juntos.³⁷ Pois nisto é verdadeiro o provérbio: “Um é o que semeia, outro, o que colhe.”³⁸ Eu vos envie para colher o que não vos custou nenhum trabalho; outros trabalharam e vós enstrastes no que lhes custou tanto trabalho”.³⁹ Muitos samaritanos daquela cidade tinham acreditado nele por causa da palavra da mulher que afirmava: “Ele me disse tudo o que eu fiz”.⁴⁰ Assim, quando chegaram junto dele, os samaritanos lhe pediram que ficasse entre eles. E ele ficou lá dois dias.⁴¹ Bem mais numerosos ainda foram os que creram por causa da própria palavra de Jesus: “e eles diziam à mulher: “Não é somente por causa dos teus dizeres que nós cremos; nós mesmos o ouvimos^c e sabemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo”^h”.
- Mt 9,37-38;
Lc 10,2;
At 8,25;
Ap 14,15
Sl 126,5-6;
Is 9,2
- Mq 6,15;
1Cor 3,6
- At 8,14-17
- Lc 9,52;
Mt 8,34;
At 10,48;
18,20
- At 8,8
- 3,17;
1Jo 4,14

O segundo sinal de Caná (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10).

⁴²Dois dias mais tarde, Jesus deixou aquela região e foi para a Galiléia.⁴³ De fato, Jesus mesmo tinha afirmado que um profeta não é honrado em sua própria pátria.⁴⁴ Entretanto, quando ele

Mt 13,57;
Mc 6,4;
Lc 4,24

a. O dom do Espírito permite conhecer e adorar a Deus como Pai: tal é o culto *em verdade* que vai caracterizar os tempos escatológicos que começam; a partir deste momento, qualquer outro culto, notadamente aquele celebrado no Templo de Jerusalém, acha-se ultrapassado e fora de uso (cf. At 7,47-48).

b. Não se trata tanto de sublinhar o caráter imaterial de Deus, quanto de afirmar que ele é a fonte dos dons espirituais que transcendem toda maneira de ser das coisas criadas.

c. Para além da declaração messiânica, a resposta poderia ter um alcance teológico mais vasto: Jesus aplica a si a fórmula da revelação de Deus a Moisés: *Eu sou* (Ex 3,14-15. Os 1,9; cf. 6,20; 8,24-28.58; 13,19).

d. Não se trata somente dos usos que se opunham à conversa de um homem com uma mulher desconhecida: os discípulos se espantam sobretudo com o fato de Jesus ter transmitido a Palavra a uma mulher que, além de mulher, era também samaritana; eles não compreenderam que Jesus procura o que o Pai procura (cf. 4,23).

e. Olhando para os campos, pode-se avaliar com certeza o

tempo que ainda antecede a ceifa; mas a *ceifa* escatológica começou e ela deve abranger todas as regiões do mundo (4,42). Os samaritanos que se aproximam constituem as suas primícias (cf. Mt 9,37-38; Lc 10,2).

f. Os discípulos serão os ceifeiros dos últimos tempos; eles recolhem o que custou trabalhos e sofrimentos ao que semeia; alusão aos antigos profetas e sobretudo a Jesus.

g. O testemunho da mulher, como mais tarde o dos apóstolos, só conduz à fé porque é ocasião de encontro com a palavra e a pessoa de Jesus mesmo.

h. O título de *salvador* era por vezes atribuído ao Senhor no AT (Is 19,20; 43,3), mas por vezes também ao imperador no mundo helenístico. Os escritores do NT o aplicam geralmente a Jesus (Mt 1,21; Lc 1,47; 2,11; At 5,31; 13,23; Fl 3,20); Jo é o único a empregar a fórmula *Salvador do mundo* (1Jo 4,14), que sublinha a universalidade da salvação; inserida no término desta narração, ela destaca o seu alcance simbólico.

i. Passagem obscura; pode-se ver nela uma alusão ao acolhimento cético de Nazaré (cf. Mc 6,1-6; Mt 13,54-58; Lc 4,16-30);

chegou à Galiléia, os galileus lhe fizeram boa acolhida: também eles tinham ido a Jerusalém para a festa, e tinham podido ver tudo o que Jesus fizera¹.

2,23

2,1-11: ⁴⁶Jesus volta, pois, a Caná da Galiléia onde mudara a água em vinho. Havia lá um oficial régio, cujo filho estava doente em Cafarnaum^k. ⁴⁷Tendo ouvido dizer que Jesus chegava à Galiléia, vindo da Judéia, veio ter com ele e rogava-lhe que descesse^l para curar o seu filho que estava morrendo. ⁴⁸Jesus lhe disse: "Se não virdes sinais e prodígios nunca creais!"

Mt 12,38; 16,1-4;
Mc 8,11-12;
Lc 11,29-32;
1Cor 1,22;
Mt 8,10-13;
Mc 7,29;
1Rs 17,23

Mc 7,30

⁴⁹O oficial lhe disse: "Senhor, desce, antes que meu filho morra!" ⁵⁰Jesus lhe disse: "Vai, teu filho vive". Aquele homem acreditou na palavra que Jesus lhe dissera e se pôs a caminho. ⁵¹Enquanto descia, os seus servos vieram-lhe ao encontro e disseram: "O teu filho vive!" ⁵²Ele lhes perguntou em que hora tinha melhorado, e lhe responderam: "Foi ontem, na sétima hora, que a febre o deixou". ⁵³O pai constatou que nessa mesma hora Jesus lhe dissera: "O teu filho vive". Desde este momento creu, tanto ele como todos os da sua casa". ⁵⁴Tal foi o segundo sinal que Jesus realizou ao voltar da Judéia para a Galiléia.

At 11,14;
16,14-15,31

2,11

5 Cura de um paralítico em Jerusalém. 'Depois disso e por ocasião de

uma festa judaica^a, Jesus subiu a Jerusalém. 'Ora, existe em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, uma piscina que se chama em hebraico Betzató^b. Ela tem cinco pórticos, ³debaixo dos quais jazia uma multidão de doentes, cegos, coxos, paralíticos [...]'^c. ⁴Havia lá um homem enfermo^d fazia já trinta e oito anos. ⁵Jesus o viu deitado e, sendo informado de que ele estava nesse estado já desde muito tempo, disse-lhe: "Queres ficar curado?" ⁷O enfermo lhe respondeu: "Senhor, eu não tenho ninguém para mergulhar-me na piscina no momento em que a água começa a se agitar; e, no tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim". ⁸Jesus lhe disse: "Levanta-te, toma a tua maca e anda". ⁹E imediatamente o homem ficou curado; tomou a maca e andava.

9,7;
Nc 3,1-32

Lc 8,29

Mt 9,6;
Mc 2,11;
Lc 5,24

Ora, aquele dia era um dia de sábado. ¹⁰Por isso os judeus disseram ao que acabava de ser curado: "É sábado, não te é permitido carregar a tua maca". ¹¹Mas ele replicou: "Aquele que me restituiu a saúde me disse: 'Toma a tua maca e anda'". ¹²Eles o interrogaram: "Quem é esse homem que te disse: 'Toma a tua maca e anda'?" ¹³Mas aquele que fora curado não sabia quem era, pois Jesus se afastara da multidão que se achava nesse lugar. ¹⁴Mais tarde, Jesus tornou a encontrá-

9,14;
Lc 13,14

Jr 17,21-27;
Ex 20,8;
Mt 12,1-8

Mt 8,18;
13,36;
Mc 4,36;
7,17;
Jo 6,2-3,15

mas Jo não relata esse fato. Seria então preciso considerar que Jo encara Jerusalém como a verdadeira pátria de Jesus? Se o oficial é pagão, ele poderia simbolizar o acesso dos gentios dos estrangeiros, ou seja, dos *não-judeus à vida*, em contraste com a falta de fé dos galileus (cf. 1,19 nota; 4,1-3).

j. Lit. visto tudo o que ele fizera em Jerusalém durante a festa, pois eles também tinham ido à festa.

k. Trata-se de uma personagem relacionada à pessoa do rei Herodes Antipas. Na tradição aqui relatada, vários traços lembram o episódio do centurião (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10).

l. A cidade situa-se à beira do lago, que está encaixado numa profunda depressão: é preciso, portanto, descer um largo trecho para chegar lá.

m. Cf. 2,24 nota. A fé que se limita a postular milagres é insuficiente; somente a fé sem reticências em Jesus e em sua palavra conduz à vida. Note-se em toda a narração a ligação entre a fé e a vida, como também a antítese morte-vida: Jesus, fonte de água viva (4,4-26), faz passar da morte para a vida os que nele creem (cf. 5,19-30).

n. Lit. a sua casa.

o. Trata-se de uma festa importante, mas difícil de determinar.

Certos mss. falam *da festa*, isto é, da Páscoa. As transições entre 4,54 et 5,1 e entre 5,47 e 6,1 são abruptas; vários exegetas sugerem que o cap. 5 originalmente estivesse entre os caps. 6 e 7 ou entre 7,14 e 7,15 (sendo, neste caso, 7,15-24 uma conclusão adequada de 5,19-47); a festa de 5,1 seria então a Páscoa mencionada em 6,4.

p. *Betzató* ou *Bezatá*, nome de um bairro de Jerusalém, situado a nordeste do Templo; escavações recentes descobriram ruínas da piscina, não, porém, dos cinco pórticos. Houve nesse lugar um santuário consagrado a Serápis, deus curandeiro.

q. O fim do v. 3 (*que esperavam a agitação da água*) e o v. 4 (*pois em dados momentos o unjo do Senhor descia à piscina; a água se agitava e o primeiro que lá entrava, depois que a água borbulhava, ficava curado; fosse qual fosse a sua doença*) faltam em um número importante de mss., inclusive nos mais antigos. É uma anotação que prepara a narração que vem depois.

r. A narração lembra em vários pormenores o relato da cura do paralítico de Mc 2,1-12 par.

s. Cf. 4,11 nota.

t. Entre as prescrições relativas ao repouso do sábado, a Mishná especifica que é proibido transportar fardos (*Shabbat* 7,2).

-lo no Templo e lhe disse: "Estás bem de saúde: não peques mais, para evitar que te aconteça coisa ainda pior!"¹⁵O homem foi contar aos judeus que Jesus é que o curara.¹⁶A partir de então, os judeus puseram-se a hostilizar Jesus, que fizera aquilo num dia de sábado.¹⁷Mas Jesus lhes respondeu: "O meu Pai até agora está trabalhando, e eu também estou trabalhando".¹⁸Desde esse momento, os judeus procuravam ainda mais dar-lhe a morte, pois ele não somente violava o sábado, mas ainda chamava a Deus de seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus*.

O poder do Filho. ¹⁹Jesus retomou a palavra e lhes disse: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, o Filho não pode fazer nada por si mesmo, mas somente o que vê o Pai fazer; pois o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente".²⁰É que o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz; ele lhe mostrará obras maiores ainda, de modo que ficareis admirados.²¹Com efeito, assim como o Pai reergue os mortos e os faz viver, o Filho também faz viver quem ele quer.²²O Pai não julga ninguém, ele confiou todo julgamento ao Filho,²³a fim de que todos honrem o Filho como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho também não honra o Pai

que o enviou.²⁴Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna; ele não vem a juízo, mas passou da morte para a vida*.

²⁵Em verdade, em verdade, eu vos digo, vem a hora — e é agora — em que os mortos^b ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a tiverem ouvido viverão.²⁶Porque assim como o Pai possui a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho possuir a vida em si mesmo;²⁷ele lhe deu o poder de exercer o julgamento porque é o Filho do Homem*.²⁸Não vos admireis mais com tudo isso! Vem a hora em que todos os que jazem nos túmulos ouvirão a sua voz,²⁹e os que tiverem feito o bem, deles sairão para a ressurreição que conduz à vida; os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição que conduz ao julgamento^d.³⁰Eu não posso fazer nada por mim mesmo: eu julgo segundo o que ouço, e o meu julgamento é justo, porque eu não procuro a minha vontade mas a vontade daquele que me enviou.

Os testemunhos. ³¹"Se eu desse testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não seria aceitável;³²é um outro que dá testemunho de mim, e eu sei que o testemunho que presta de mim é conforme à verdade".³³Vós enviastes uma delega-

u. O texto não afirma uma ligação entre o pecado e a doença (cf. 9,3; 11,4), mas sugere que a ação de Jesus não se limita à cura física. O milagreiro deve doravante viver em função do dom que recebeu.

v. Os rabinos palestineses distinguia a atividade criadora de Deus, que terminou no sétimo dia (Gn 2,2), da atividade ininterrupta do soberano Juiz, que conduz o mundo dos homens rumo à sua plenificação. Jesus situa a sua ação no nível e como que no seio da ação constante do Pai.

w. A afirmação de Jesus implica o fato da sua condição divina e, por conseguinte, também o da sua filiação divina no sentido próprio da palavra; ela vai suscitar a controvérsia e os desenvolvimentos dos vv. 19-30. Mas vislumbra-se também a perspectiva da morte de Jesus.

x. O filho não age em momento algum de modo independente (8,28; 7,16-18; 12,49; 14,10; 7,28; 8,42; 5,30), como tampouco o Pai reserva para si determinadas ações: o agir de um está comprometido totalmente com o agir do outro. A atividade de Jesus é, portanto, a manifestação perfeita da atividade do Pai. y. As obras do ministério terrestre de Jesus serão sobrepujadas por aquelas que estão ligadas à sua elevação e glorificação: o julgamento e o dom da vida eterna (cf. 5,21-30; 14,12-14; 15,20).

z. A tradição judaica afirmava que Deus vivo tem o poder de dar a vida; as palavras *quem ele quer* sublinham a gratuidade da eleição.

a. Aqueles que têm fé no Pai, que os interpela por Jesus, participam da vida divina, e o julgamento escatológico não lhes concerne mais (cf. 3,18).

b. Em todo este trecho, como em 11,25-26, Jo joga simbolicamente com o termo "morte". Os "mortos" designam também — e sobretudo — os que vivem separados de Deus, mortos como são diante da Palavra que os poderia fazer reviver (cf. 11,26 nota).

c. O *Filho do Homem* das profecias escatológicas da apocalíptica judaica exerce as funções de juiz supremo (cf. Dn 7,13; *Henoc* 49,27; cf. 1,51).

d. Trata-se nos vv. 28-29 da *ressurreição* no último dia (cf. Dn 12,1-3); embora situe desde o presente o essencial da ressurreição, que é a participação na vida, na comunhão do Deus vivo. Jo mantém a perspectiva de uma ressurreição plenamente realizada no último dia.

e. Segundo as normas jurídicas comuns, os interlocutores têm o direito de exigir testemunhos que venham confirmar as afirmações inauditas de Jesus. Mas no caso, só um testemunho de Deus poderia finalmente ratificá-las (8,13-14).

3,11.15-16;
8,51; 10,27;
12,44;
18,37;
Jo 3,14

5,28;
11,25-26.43;
Mc 5,41;
Lc 7,14;
8,54
1,4; 3,35;
6,53.57

Dn 7,10-14

11,43-44;
Lc 14,14;
Ap 20,13;
ITs 4,16
Dn 12;
Mt 16,27;
25,46;
At 24,15
4,34; 5,19;
6,38;
Lc 22,42

8,13-14
1,15.34;
3,26; 5,36;
8,18; 10,25;
15,26;
Jo 5,6-9

7,1.19.25;
10,33; 11,53;
Mt 14,5;
26,4;
Mc 14,1
3,35; 10,17;
14,12; 15,9;
17,23-24
Dn 7,10-13;
32,39;
1Sm 2,6;
2Rm 5,7;
Rm 4,17;
Ef 2,5;
Jo 11,25
3,17; 5,27;
9,39; 12,47;
At 10,42;
17,31
Fl 2,10-11;
Lc 10,16;
Jo 2,23

1.19-27; Mt 11,7-11) **ção a João e ele deu testemunho da verdade^f.³⁴ Quanto a mim, não é que eu tenha de receber o testemunho de um homem, mas falo assim, a fim de que sejais salvos.³⁵ João foi a lâmpada que se acende e brilha^g; e vós quistes alegrar-vos por um momento à sua luz^h.³⁶ Ora, eu possuo um testemunho que é maior do que o de João: são as obras que o meu Pai me deu para fazer; eu as faço e são elas que prestam testemunho a meu respeito de que o Pai me enviou.³⁷ O Pai, que me enviou, deu ele próprio testemunho a meu respeito. Mas vós nunca escutastes a sua voz, nem visteis o que o manifestavaⁱ.³⁸ e a sua palavra não permanece em vós, pois não credes naquele que ele enviou^j.³⁹ Vós perscrutais as Escrituras para pensais adquirir por elas a vida eterna^k, e são exatamente elas que dão testemunho a meu respeito^l; mas vós não quereis vir a mim para terdes a vida eterna.⁴⁰ A glória que vem dos homens, eu não tenho de recebê-la.⁴¹ Aliás, eu vos conheço, vós não tendes em vós o amor de Deus^m.⁴² Eu vim em nome do meu**

Pai, e vós vos recusais a me receber. Se outro viesse em seu próprio nome, a este vós receberíeisⁿ!⁴³ Como poderíeis crer, vós que vos glorificais uns aos outros e não procurais a glória que vem de Deus somente^o?⁴⁴ Não penseis que seja eu quem vos acusará perante o Pai: o vosso acusador será Moisés, no qual pondeis as vossas esperanças^p.⁴⁵ Com efeito, se crêsseis em Moisés, creríeis em mim, pois é a meu respeito que ele escreveu.⁴⁶ Se não acreditais no que ele escreveu, como crereis no que eu digo?"

6 Jesus alimenta uma grande multidão (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44; Lc 9,10-17). 'Depois disso, Jesus passou para a outra margem do mar da Galiléia, também chamado mar de Tiberíades^q.² Uma grande multidão o seguia, porque tinham visto os sinais que ele operava nos enfermos.³ Por isso, Jesus subiu à montanha e aí se assentou com os seus discípulos.⁴ Era pouco antes da Páscoa, que é a festa dos judeus^r.⁵ Ora, tendo levantado os olhos, Jesus viu uma grande

f. O testemunho do Batista só pode ter um valor relativo aos olhos de Jesus. Mesmo assim, Jesus o evoca, porque os judeus o haviam acolhido (1.19-34; 3.22-30) até certo ponto. Cf. 3.26 nota.

g. A fórmula lembra Sr 48.1.

h. O testemunho de João não foi recebido como convinha, já que ele devia normalmente conduzir a Jesus; na realidade os ouvintes ativeram-se à emoção de um momento.

i. Os sinais e as ações de Jesus são conjuntamente ação do Pai: por conseguinte os que recusam as declarações e as aspirações messiânicas de Jesus manifestam ruptura com Deus. Pois ninguém que não venha de Deus pode fazer os sinais realizados por Jesus (3.2; 9.16.31). Os judeus deveriam reconhecer a filiação divina de Jesus (cf. 5.19-20; 10.25-38; 14.10-12; 15.24).

j. As manifestações divinas anteriores (como a teofania do Sinai; 37b; Ex 19.16s.) e a permanência da palavra de Deus (38a; Ex 19.5) não foram recebidas como convinha; prova disso é o fato de os judeus não reconhecerem em Jesus a ação de Deus.

k. As Escrituras são a fonte da verdadeira vida (cf. Dt 4.1; 8.1.3; 30.15-20; Sl 119); o tema é frequente nos meios rabínicos, onde havia um constante empenho em explorar as Escrituras.

l. Lidada à luz da encarnação e da exaltação de Jesus, as Escrituras relatam os acontecimentos e as palavras por meio dos quais Deus preparava o advento do seu Filho que traz a plenitude da vida (cf. 1.45; 2.22; 4.20-24; 5.47; 12.41; 19.28) Jesus não critica os judeus por escrutar as Escrituras, mas por não reconhecer que elas testemunham a seu favor.

m. Assim como eles não têm em si a palavra de Deus, assim

também são desprovidos de um verdadeiro amor para com ele (cf. 14.21.23). Jesus conhece os corações (2.25; 3.19-21). Outra tradução possível: *mas eu reconheci que vós não tendes o amor de Deus em vós*.

n. Os que falam em seu próprio nome pertencem a este mundo e falam a sua linguagem (7.6.17-18); o mundo ama aquilo que se conforma com ele, onde percebe o reflexo de si mesmo (15.19). Trata-se, sem dúvida, dos falsos profetas (10.8), mas não é impossível que Jo tenha pensado em Satanás (cf. 8.41-44). É mais provável, porém, que esteja expressando uma regra geral.

o. A raiz profunda da incredulidade está situada na procura da glória pessoal e na aceitação do mundo onde ela se conquista e se reparte. A fé, pelo contrário, supõe que a pessoa se ordene sem reservas para Deus e dele só espere a glória, como Jesus mesmo o fez (7.18; 8.50-54; 12.23.28.43; 13.31-32; 17.1; 1Cor 1.29.31; 3.21; 4.7).

p. Moisés era considerado mediador e protetor dos israelitas diante de Deus. Jesus o apresenta como *acusador* deles, porque não compreenderam o verdadeiro sentido da lei, que era de orientar para a revelação suprema em Jesus (1.17; 6.32; 7.22-23; 9.28-29).

q. A multiplicação dos pães e dos peixes ocupa um lugar central como nos sinóticos (Mc 6.35-44; 8.1-9; Mt 14.13-21; 15.32-38; Lc 9.10-17; ver também 2Rs 4.42-44); ela marca o ápice e o termo da atividade de Jesus na Galiléia, o momento da opção decisiva entre a fé e a recusa.

r. A maneira sistemática de Jo situar os gestos significativos de Jesus quando das festas judaicas (Páscoa; 2.13.23; 6.4; 11.55; 12.1; 13.1; 18.28.39; Tendas; 17.2; Dedicção; 10.22) deve cer-

Mt 24.5.24

12.43;
Rm 2.29;
1Cor 4.5

Dt 31.26-27

Dt 18.15;
Mt 8.10;
Lc 24.27;
At 3.22;
7.37
Lc 16.27-31Mt 14.13-21;
15.32-39;
Mc 6.32-44;
8.1-10;
Lc 9.10-17;
2Rs 4.42-44
Mt 4.25;
8.1; 12.15;
19.2; 20.29;
Mc 5.24;
Lc 9.11
Mt 5.1;
24.3;
Mc 3.13;
Lc 22.39
Dt 12.1;
Jo 2.13;
11.55

multidão que acorria a ele. Ele disse a Filipe: "Onde compraremos pães para que tenham o que comer?" ⁶Falando assim, ele o punha à prova, pois bem sabia o que ia fazer". ⁷Filipe lhe respondeu: "Duzentos denários de pão¹ não bastariam para que cada um recebesse um pedacinho". ⁸Um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro, lhe disse: ⁹"Há aí um rapaz que possui cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tanta gente?" ¹⁰Jesus disse: "Fazei-os sentar". Havia muita relva naquele lugar. Assentaram-se, portanto; e eram cerca de cinco mil. ¹¹Então Jesus tomou os pães, deu graças e os distribuiu aos convivas. Fez o mesmo com os peixes; deu-lhes quanto desejavam. ¹²Quando ficaram saciados, Jesus disse aos seus discípulos: "Recolhei os pedaços que sobraram, de modo que nada se perca". ¹³Eles os recolheram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido. ¹⁴À vista do sinal que ele acabava de operar, esses homens disseram: "Este é verdadeiramente o Profeta, aquele que deve vir ao mundo". ¹⁵Mas Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para fazê-lo rei, retirou-se de novo, sozinho, para a montanha".

Jesus anda sobre o mar (Mt 14,22-27; Mc 6,45-52). ¹⁶Ao anoitecer, os seus discípulos desceram até o mar. ¹⁷Eles subi-

ram num barco e se dirigiram a Cafarnaum, na outra margem. Já havia escurecido, e Jesus ainda não se juntara a eles. ¹⁸Um forte vento soprava, e o mar estava encapelado. ¹⁹Eles tinham remado cerca de vinte e cinco estádios², quando viram Jesus, andando sobre o mar e se aproximando do barco. Então ficaram tomados de medo, ²⁰mas Jesus lhes disse: "Sou eu³, não tenhais medo!" ²¹Eles quiseram recolhê-lo ao barco, mas imediatamente o barco aportou no lugar para onde iam⁴.

Jesus, o pão da vida. ²²No outro dia, a multidão que ficara na outra margem se apercebeu de que havia lá um só barco e que Jesus não tinha acompanhado os seus discípulos no barco deles; estes tinham partido sozinhos. ²³Em compensação, outros barcos tinham chegado, vindos de Tiberíades, perto do lugar onde eles tinham comido o pão depois de o Senhor ter dado graças⁵. ²⁴E quando a multidão verificou que nem Jesus nem os seus discípulos se achavam lá, entrou nas embarcações e seguiu para Cafarnaum, à procura de Jesus. ²⁵E quando eles o encontraram do outro lado do mar, disseram-lhe: "Rabi, quando é que chegaste aqui?" ²⁶Jesus lhes respondeu: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, não é porque vistes sinais que me procurais, mas porque comestes pães à saciedade⁶. ²⁷É necessário que vos empenheis, não

tamente ser compreendida no quadro da polémica entre Igreja e Sinagoga. A verdadeira Páscoa é a elevação do Filho, cordeiro de Deus, as festas judaicas são os momentos em que mais violentamente se manifesta a incredulidade (cf. 1.19 nota).

s. O Cristo joanino sabe todas as coisas (2,25; 4,44; 13,11), mas a questão visa pôr à prova a maneira de pensar do discípulo; a resposta que será dada contribui para sublinhar a amplitude do milagre.

t. A soma é considerável, visto que um denário era o salário de uma jornada de trabalho (Mt 20,2).

u. Jo confirma a simbologia eucarística da narração. Para ele, a multiplicação dos pães é sobretudo uma ação simbólica introduzindo o discurso dos vv. 26-58: Jesus é o verdadeiro pão descido do céu, que sacia os que acreditam nele (6,33).

v. O sinal realizado por Jesus provoca um mal-entendido a respeito de sua pessoa e missão. Reconhece-se nele o profeta dos últimos tempos, o messias político que Deus devia enviar ao mundo para pôr-se à frente de um movimento de libertação

nacional de Israel. É por isso que eles se propõem proclamá-lo rei. Mas Jesus só poderá ser proclamado rei na cruz (cf. 19,19).

w. Jesus, que por ocasião de seu processo romano falará de um "reino que não é deste mundo" (18,36), recusa-se a assumir a realidade como a multidão a encarava. Já surge a ruptura com os conceitos populares da escatologia e do messianismo terrestre.

x. Isto é, cerca de 5km; eles estão, portanto, a bem dizer, no meio do lago.

y. Como em Mc 6,50, Jesus se dá a conhecer; a utilização do título divino do Êxodo: *Eu sou* põe em evidência o caráter divino de Jesus (cf. 4,26; 8,24 nota; 8,28.58; 13,19; 18,5.6.8).

z. Talvez se trate de um segundo milagre (cf. Sl 107,23-32).

a. As últimas palavras são omitidas em vários mss.; elas acentuam a perspectiva eucarística, que caracteriza toda a seção.

b. Eles reconheceram o poder de Jesus como fato, mas não penetraram a sua verdadeira significação; as vantagens imediatas que podem esperar dele despertaram o seu interesse. A fé nasce, ao contrário, do reconhecimento das obras de Jesus como sinais (2,11).

Sl 77,20;
Jô 9,8;
Is 43,16

Mt 14,27

6.11

Mc 1,37

6.11-12

1,40;
Mt 4,18;
10,2;
Mc 1,16;
Lc 6,14
21,9-13

1,21;
Mt 3,11;
Dt 18,15-18;
At 3,22;
7,37;
18,36; 12,13
Mc 1,35

para obter esse alimento perecível, mas o alimento que permanece para a vida eterna^c, o qual o Filho do Homem vos dará, pois foi a ele que o Pai, que é Deus mesmo, marcou com o seu selo^d.²⁸ Então eles lhe disseram: "Que devemos fazer para trabalhar nas obras de Deus?"

²⁹Jesus lhes respondeu: "A obra de Deus é que creiais naquele que Ele enviou".³⁰ Eles lhe replicaram: "Mas tu mesmo, que sinal realizas para que nós vejamos e possamos crer em ti?" Qual é a tua obra?

³¹No deserto, os nossos pais comeram o maná, como está escrito: *Ele lhes deu a comer um pão que vem do céu*^h.³² Mas Jesus lhes disse: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, Moisés não vos deu o pão do céu, mas é o meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu".³³ Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá a vida ao mundo".

³⁴Eles lhe disseram então: "Senhor, dá-nos sempre este pão!"³⁵ Jesus lhes disse: "Eu sou o pão da vida"; aquele que

vem a mim não terá fome; aquele que crê em mim jamais terá sede.³⁶ Mas eu vo-lo disse: vós vistes e no entanto não acreditais^k.³⁷ Todos os que o Pai me dá virão a mim, e aquele que vem a mim, eu não o rejeitarei^l.³⁸ Pois eu desci do céu para fazer, não a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou^m.³⁹ Ora, a vontade d'Aquele que me enviou é que eu não perca nenhum dos que ele me deuⁿ, mas que eu os ressuscite no último dia".⁴⁰ De fato esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia".

⁴¹A partir de então, os judeus começaram a murmurar a seu respeito^o porque ele dissera: "Eu sou o pão que desce do céu".⁴² E acrescentavam: "Não é ele porventura Jesus, o filho de José? Acaso não conhecemos o seu pai e a sua mãe? Como pode declarar agora: 'Eu desci do céu'?"⁴³ Jesus retomou a palavra e lhes disse: "Cessai de murmurar entre vós! ⁴⁴Nin-

c. A turba não deveria ter-se contentado com comer pão e entusiasmar-se por aquele que o multiplicou; deveria ter descoberto o que esse gesto simbolizava: Jesus é aquele que alimenta e que faz viver. Para Jo, a vida eterna é antes de tudo a existência reconciliada com Deus; neste sentido, vida e fé são uma coisa só.

d. O Filho do Homem vem do céu e os sinais que ele realiza são atos mediante os quais Deus garante a autenticidade da sua missão (3,33), como também a possibilidade de os homens obterem por ele a vida eterna. Certos comentaristas vêem na fórmula *marcar com o seu selo* uma alusão ao batismo de Jesus; apoiam-se, com efeito, sobre a utilização da mesma palavra na teologia batismal (cf. Ef 1,13; 4,30; Ap 7,3-4).

e. Os interlocutores estão preocupados com fazer as obras de Deus, ao passo que Jesus lhes pede essencialmente que *creiam* e *recebam* o que lhes é oferecido. Isto é indicado pela forte oposição entre os verbos *trabalhar* e *crer*.

f. A única maneira de *trabalhar para Deus* é cooperar com sua obra crendo naquele que ele enviou.

g. Ver de verdade, para Jo, é descobrir a realidade completa daquele que realiza os sinais; a fé é que abre a visão. O espetáculo dos maiores prodígios não abre os olhos e a pergunta que se faz a Jesus procede sempre do mesmo mal-entendido: espera-se dele que legitime suas pretensões messiânicas realizando milagres que sobrepujem os que conheceu o antigo Israel, mas ao mesmo tempo permanece-se cego diante dos sinais.

h. O dom cotidiano do maná, no deserto, era considerado por vários doutores como o maior prodígio do tempo do Êxodo (Ex 16,15; Nm 11,7; 21,5; Dt 8,3; Sb 16,20); Jo cita Sl 78,24 ou Ne 9,15.

i. Em Jesus cumprem-se as promessas do AT. Neste sentido, Moisés (1,17; 5,45-46; 7,19-24), Jacó (4,4-15), Abraão (8,31-59)

pertencem a uma economia ultrapassada, atestando embora a chegada da salvação em Jesus. Para os primeiros cristãos, o AT é encarado antes de tudo como uma profecia da encarnação do Filho de Deus.

j. *Eu sou o pão da vida*. Jo emprega frequentemente semelhantes expressões em que Jesus se apresenta como quem realiza, em si mesmo, a perfeição do dom que ele traz aos homens que creem (cf. 8,12; 10,7,9; 11,25; 14,6; 15,1). Jesus é o *pão da vida* (cf. 6,51), porque crer nele é participar da verdadeira vida.

k. Cf. 6,30 nota. Jesus dá testemunho de que quem nele crê pode captar o alcance verdadeiro daquilo que todos puderam ver: a fé aguça a penetração da visão (cf. 9,41).

l. Os que vão a Jesus são na realidade dados pelo Pai ao Filho, e é por isso que o Filho os acolhe e os guarda (17,6-15). Jo acentua mais uma vez a gratidão e a soberania da graça de Deus (cf. 6,28 nota; 6,29 nota).

m. Cf. Jo 4,34; 5,19-30. Falando do envio do Filho pelo Pai (cf. 3,34 nota) ou do amor do Pai ao Filho. Jo nada faz senão reafirmar a unidade de Jesus e de Deus e a filiação divina de Jesus.

n. Mesma ideia em Jo 10,28-29; 17,12; 18,9; cf. Mt 18,14.

o. Mesmo insistindo sobre a participação atual nos bens celestes, Jo mantém firmemente a perspectiva escatológica e, concretamente, a expectativa da ressurreição final (cf. 5,28-29, 14,3,19).

p. Como na narração de Ex 16,2-8, a multidão manifesta a sua falta de fé por murmúrios e discussões.

q. Eles não podem associar a condição humana de Jesus à origem divina que ele afirma: só a fé, que é um dom de Deus (7,17), o permite. Não há nenhuma indicação concernente à concepção virginal, mas se, como é provável, Jo conhece essa tradição atestada por Mt e Lc (e combatida por alguns judeu-cristãos), pode haver aqui uma ponta de ironia que se poderia comparar com a de 7,41.

Jo 3,23
Mt 16,1-4;
Mc 8,11;
Lc 11,29-32
Jo 2,11-18

Sl 78,24;
105,40;
Ex 16,
4,13-15;
Nm 11,7-9;
Ne 9,15

6,41-51

4,15;
Mt 6,11;
Lc 11,3
Pr 9,1-6;
Sr 24,19-22;
Is 55,1-3;

Jo 6,
48,51-58

4,10-14

6,26,29,40,
64; 15,24;
20,29;

Mt 13,13
17,2,6-8;
Mt 11,28;
At 16,14;

4,34; 5,30;
Mt 26,39;
Mc 14,36;
Lc 22,42;

Hb 10,9;
3,35;
10,28-29;
17,12; 18,9

6,44,54;
11,24; 5,24

6,33,35,
51,58

Mt 13,55;
Mc 6,3;
Lc 4,22

guém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrair^a; e eu o ressuscitarei no último dia. ⁴⁵Nos profetas está escrito: *Todos serão instruídos por Deus*^a. Todo o que ouviu aquilo que vem do Pai e recebe o seu ensinamento vem a mim.

⁴⁶É que ninguém viu o Pai, a não ser aquele que vem de Deus. Este sim, viu o Pai^a. ⁴⁷Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que crê^a tem a vida eterna^a.

⁴⁸Eu sou o pão da vida. ⁴⁹Os vossos pais, no deserto, comeram o maná e morreram.

⁵⁰O pão que desce do céu é de tal sorte que aquele que dele comer não morrerá.

⁵¹Eu sou o pão vivo que desce do céu.

Quem comer deste pão viverá para a eternidade. E o pão que eu darei é a minha carne^a, dada para que o mundo tenha a vida^a. ⁵²Ouvindo isso, os judeus se puseram a discutir violentamente entre si:

"Como é que este homem pode dar-nos a sua carne a comer?" ⁵³Jesus lhes disse então: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, se não comerdes a carne do Filho do Homem^a e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. ⁵⁴Aquele

que come^a a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia^a. ⁵⁵Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida^a. ⁵⁶Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. ⁵⁷E como o Pai, que é vivo, me enviou e eu vivo pelo Pai, assim aquele que comer de mim viverá por mim^a. ⁵⁸Este é o pão que desceu do céu: ele é bem diferente daquele que os vossos pais comeram; com efeito, eles morreram, mas aquele que comer deste pão viverá para a eternidade^a. ⁵⁹Tais foram os ensinamentos de Jesus, na sinagoga, em Cafarnaum.

A decisão da fé. ⁶⁰Depois de o terem ouvido, muitos dos seus discípulos começaram a dizer: "Essa palavra é dura! Quem pode escutá-lo?" ⁶¹Mas, sabendo em si mesmo que seus discípulos murmuravam a esse respeito, Jesus lhes disse: "Então, isto é para vós uma causa de escândalo? ⁶²E se vísseis o Filho do homem subir para onde estava antes...?"

r. As discussões são estéreis: é a ação do Pai que orienta os seus para aquele no qual se oferece a plenitude da revelação (3.21). Cf. 6.37 nota.

s. Paráfrase de Is 54.13 (cf. Jr 31.33-34; ITs 4.9).

t. Cf. 1.18. Jo afasta uma possível falsa interpretação da citação: é em função de Jesus, conhecedor único do Pai de um modo imediato e pleno, que se realiza a promessa.

u. Vários mss. importantes lêem: *aquele que crê em mim*, v. Cf. 5.25 nota e 11.26 nota.

w. A última seção do discurso (51c-58 ou talvez 48-58) é consagrada explicitamente ao sacramento da Eucaristia. Embora geralmente se concorde em reconhecer a feição joanina do trecho, não se pode excluir que estes vv. sejam um acréscimo ulterior à redação do cap. ou que, ao contrário, Jo tenha retomado aqui uma tradição mais antiga.

x. A palavra *carne* designa tudo o que constitui a realidade do homem, com suas possibilidades e suas fraquezas (cf. 1.14; 3.6; 8.15; 1Jo 4.2). Talvez Jo tenha conservado uma tradição litúrgica independente que traduzia literalmente a palavra aramaica *bisrâ*, que Jesus deve ter empregado na Ceia. Jo insiste sobre o valor salvífico da encarnação.

y. Jo conserva a seu modo a fórmula tradicional que exprime a dimensão redentora da morte de Jesus. Há uma ligação entre o fato de Jesus ser a fonte da vida eterna e o fato da sua morte, e é por isso que se trata do pão que *ele* dará (cf. 10.11.15; 11.50-52; 13.13; 17.19; 18.14; 1Jo 3.16).

z. Torna-se a encontrar aqui a maioria dos temas expostos nas seções precedentes e, retrospectivamente, é o conjunto dos desenvolvimentos anteriores que toma uma coloração eucarística.

a. Lit. *mastigar, roer*. Jo emprega um vocabulário particularmente realista para caracterizar a participação na Eucaristia. Segundo o costume judeu, os alimentos da refeição pascal deviam ser cuidadosamente mastigados.

b. O Filho do Homem vem do céu e volta a subir para o céu, e os que aderem a ele pela fé e a participação no sacramento participarão dessa vida celeste que está nele. A Eucaristia é o fermento da ressurreição para os que crêem (cf. 6.39.40.44; 5.21-29).

c. Por ocasião da refeição da Ceia, o pão e o vinho, corpo e sangue do Cristo, realizam de maneira iminente a finalidade do alimento e da bebida, que é de assegurar a vida.

d. Viver é entrar em comunhão com o Filho e, por conseguinte, com o Pai; esse intercâmbio feito de conhecimento e amor mútuos é garantido de maneira estável e definitiva. A refeição eucarística é, no tempo presente, o momento privilegiado e a realização primeira dessa comunhão.

e. A frase fica incubada. Ao mesmo tempo que constitui o escândalo supremo, a cruz aparece aos olhos da fé como o retorno do Filho à glória que era sua desde antes da criação (17.5.24). Assim, as palavras pronunciadas anteriormente assumirão finalmente todo o seu sentido à luz da glorificação de Jesus e do dom do Espírito que dela decorre (7.39). Através da obscuridade da situação presente e da cruz de Jesus (cf. 13.7), é preciso discernir sua glória e reconhecer a verdade e a força de suas palavras e de seus gestos. Se os vv. 51-58 fazem parte integrante do discurso (cf. 6.51 nota), compreende-se que é preciso ter descoberto a glória de Jesus para reconhecer a força de vida da Eucaristia.

1,33; 3,11; 2Cor 3,6; 15,45; Gl 6,8; 1Pd 3,18

1,48; 13,11

6,37.44

Lc 9,62

Lc 22,28; 2Tm 1,15

Mt 16,16; At 5,20; Dt 8,3

10,36; 17,19; Mc 1,24; Lc 4,34; At 3,14; 1Jo 4,16; 13,18; Lc 6,13; 12,4; 13,22.27; Mt 26,14

63É o Espírito que vivifica, a carne para nada serve. As palavras que eu vos disse são espírito e vida¹. 64Mas há entre vós alguns que não crêem". De fato, Jesus sabia desde o princípio quais eram os que não acreditavam e quem o ia entregar². 65Ele acrescentou: "É por isso que eu vos disse: 'Ninguém pode vir a mim se não lhe for concedido pelo Pai'". 66A partir desse momento, muitos dos seus discípulos se retiraram e deixaram de andar com ele. 67Então Jesus disse aos Doze: "E vós, não quereis partir?" 68Mas Simão Pedro lhe respondeu: "Senhor, a quem iríamos? Tu tens palavras de vida eterna. 69Quanto a nós, cremos e conhecemos que tu és o Santo de Deus"³. 70Jesus lhes respondeu: "Não fui eu quem vos escolhi, vós, os Doze? E, no entanto, um de vós é um diabo!" 71Designava assim a Judas, filho de Simão, o Iscariotes, pois era ele, um dos Doze, quem o ia entregar.

7 A falta de fé dos irmãos de Jesus.

1Depois disso, Jesus continuou a percorrer a Galiléia; pois ele preferia não percorrer a Judéia, onde os judeus procuravam matá-lo⁴. 2Entretanto, estava próxima a festa judaica das Tend⁵. 3Os seus

irmãos⁶ lhe disseram: "Muda-te daqui e vai para a Judéia, a fim de que também os teus discípulos possam ver as obras que fazes. 4Ninguém age às escondidas quando quer manifestar o seu poder. Visto que realizas tais obras, manifesta-te ao mundo!"⁷ 5Na realidade, os seus próprios irmãos não acreditavam nele. 6Então Jesus lhes disse: "O meu tempo ainda não chegou; mas o vosso tempo é sempre favorável". 7O mundo não pode vos odiar, enquanto a mim ele me odeia, porque eu dou testemunho de que suas obras são más⁸. 8Subi vós, para esta festa. Quanto a mim, não subirei, pois o meu tempo ainda não se completou". 9Depois de ter falado assim, ele ficou na Galiléia. 10Mas quando os seus irmãos partiram para a festa, ele também se pôs a caminho, sem deixar-se ver e quase que secretamente⁹.

Ensinaamentos durante a festa das Tend¹⁰. 11No decurso da festa, os judeus o procuravam e diziam: "Onde está

ele?"¹² Na multidão discutia-se muito a seu respeito; uns dizem: "É um homem de bem"; outros: "Pelo contrário, ele seduz a multidão". 13Todavia, ninguém ousava falar abertamente dele, por medo dos judeus⁹.

f. Opondo a *carne* ao *espírito*, Jo não distingue duas partes do ser humano, mas duas maneiras de viver. A *carne* é o homem entregue a si mesmo e aos limites de suas possibilidades: por si mesmo é incapaz de perceber o sentido profundo das palavras e dos sinais de Jesus, ou de crer (cf. 6,37 nota). O *espírito* é a força de vida que ilumina o homem, abre seus olhos e lhe permite discernir a Palavra que se pronuncia em Jesus.

g. Cf. 1,42 nota. A fé que não resiste ao escândalo provocado pelas afirmações de Jesus é vã. — *Subia... quem o ia entregar*: Jo anuncia aqui a traição de Judas (13,11.18.21-30). Em Jo, Jesus mesmo preside à sua paixão, conhece sua hora (11,4; 13,1; 18,4) e adianta-se a ela (cf. 2,4 nota; 12,27 nota).

h. A fé verdadeira é, por contraste, a adesão sem reserva àquele cujas palavras promete e comunica a vida eterna: ele é efetivamente o enviado que Deus consagrou (cf. 10,36; 17,17-19). Esta cena lembra a confissão de Cesaréia (Mt 16,16-23; Mc 8,27-33; sobretudo Lc 9,18-22). *{Os verbos estão no perfeito}

i. A escolha dos Doze por Jesus (15,16) não lhes suprime a liberdade e não impede a possibilidade, para um deles, de o trair. Aquele que traiu se tornou na realidade um instrumento de Satanás (13,2.27; cf. 8,44).

j. Cf. 5,18; 7,19.20.25; 8,37.40; 11,53; a ameaça de morte está presente em toda esta longa seção situada em Jerusalém.

k. A festa das Tend⁵ se celebrava em setembro, na época das vindimas (cf. Lv. 23,33-44; Dt 16,13-16; Ex 23,16); ela durava oito dias (Nm 29,12-39; 2Mc 10,6). Evocava-se com ela a ação salvífica de Deus, no decurso do Êxodo, ao mesmo tempo que se davam graças pelas colheitas do ano. A festa tinha também uma dimensão profética e anunciava as bênçãos da época messiânica (Zc 14,16-19).

l. Cf. Mt 12,46 nota.

m. Segundo a mentalidade do mundo, uma demonstração de poder extraordinário deveria impor incontestavelmente o prestígio do enviado messiânico (cf. 2,18; 4,48; 6,30; Mt 12,38-40).

n. As diferentes fases da ação de Jesus são fixadas pelo Pai que o enviou, e notadamente o momento favorável para a ação decisiva que Jesus chama de a sua hora (2,4; 5,25.28; 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 17,1; Mc 14,35-41). Os que são deste mundo, pelo contrário, dispõem do tempo como querem.

o. A atividade de Jesus ataca o ódio do mundo (15,18-25), porque ela desvenda a verdadeira malícia de suas ações (3,20-21).

p. Cf. 2,4 nota. Jesus obedece à vontade de seu Pai e não às solicitações ambíguas dos homens.

q. Cf. 9,22; 12,42; 16,2. A fé terá de superar doravante o medo das sanções das autoridades judaicas. Jo alude sem dúvida às medidas tomadas pela Sinagoga, depois de 70 d.C., contra os seguidores do Evangelho (ver 9,22 nota e 11,47 nota).

Mt 12,46-48; At 1,14

2,4; 7,30; 8,20

15,18; 3,19-21

11,56

Mt 27,63

9,22; 19,38; 20,19

Zc 14,16-19

¹⁴Quando a festa já estava pela metade, Jesus subiu ao Templo e se pôs a ensinar. ¹⁵Os judeus estavam surpresos com isso e diziam: "Como ele é tão letrado", se não estudou?" ¹⁶Jesus lhes respondeu: "O meu ensinamento não vem de mim, mas d'Aquele que me enviou". ¹⁷Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, ele saberá se este ensinamento vem de Deus ou se eu falo por mim mesmo". ¹⁸Quem fala por si mesmo procura a própria glória; só quem procura a glória daquele que o enviou é verídico, e nele não há impostura". ¹⁹Não foi Moisés quem vos deu a Lei? Ora, nenhum de vós age segundo a Lei: por que procurais matar-me?" ²⁰A multidão lhe respondeu: "Tu estás possesso de um demônio! Quem procura matar-te?" ²¹Jesus retomou a palavra e lhes disse: "Eu só fiz uma obra", e estais todos espantados. ²²Moisés vos deu a circuncisão — embora ela venha dos patriarcas e não de Moisés — e vós a praticais no dia de sábado. ²³Se, pois, um homem pode receber a circuncisão num dia de sábado, sem que a lei de Moisés seja violada, por que irritar-vos contra mim, por eu ter curado completamente um homem num dia de sábado? ²⁴Cessai de julgar segundo a aparência, aprendei a julgar segundo o que é justo!"

²⁵Alguns de Jerusalém diziam: "Não é a este que eles queriam matar?" ²⁶Ei-lo que fala abertamente e ninguém lhe diz nada! Teriam reconhecido as nossas autoridades que ele é verdadeiramente o Cristo?" ²⁷Entretanto, este nós sabemos donde é, ao passo que quando vier o Cristo, ninguém, saberá de onde ele é". ²⁸Então Jesus, que ensinava no Templo, proclamou: "Vós decerto me conheceis! Vós sabeis de onde sou! E, no entanto, eu não vim por mim mesmo": Aquele que me enviou é verídico, a quem vós não conheceis". ²⁹Mas eu o conheço, porque venho de junto dele e foi ele quem me enviou". ³⁰Eles procuraram então prendê-lo, mas ninguém conseguiu pôr-lhe as mãos, porque a sua hora ainda não chegara. ³¹Da multidão, muita gente acreditou nele, e diziam: "Quando o Cristo vier, será que vai operar mais sinais do que este operou?" ³²O que na multidão se cochichava a seu respeito chegou aos ouvidos dos fariseus: os sumos sacerdotes e os fariseus enviaram então guardas para o prender". ³³Jesus disse: "Eu estou ainda convosco por um pouco de tempo e parto para Aquele que me enviou". ³⁴Vós procurais e não me encontrareis, pois onde eu estou, vós não podeis vir". ³⁵Os judeus então puseram-se a dizer entre si: "Para

Mt 7,28;
13,54-57;
Lc 2,47;
At 4,13
12,49; 14,10

8,50;
5,41-44

1,17;
At 7,53;
Rm 2,17-23

8,48-52;
10,20;
Mt 12,24-27
5,1-9,16

Gn 17,10-13;
Lv 12,3;
At 7,8;
Rm 4,11

Mt 12;
1-5,11-12;
Lc 13,15-16;
14,5;
Jo 5,8-9

Is 11,3;
Zc 7,9;
Jo 8,15

9,29

8,19; 19,9;
8,26

8,55; 6,46

2,4; 7,6,44;
Lc 4,29-30

2,11,23;
8,30; 10,42;
11,45;
12,11,42

Mt 11,2;
12,23

1,11; 13,33;
16,5

8,21;
Dt 4,29;
Pr 1,28

r. Lit. *ele conhece as letras*: de início, a expressão designava o estudo elementar (ler e escrever) e, pouco a pouco, englobou o conjunto da formação escolar. Por outra parte, como em Israel essa se baseava inteiramente no conhecimento da lei e das tradições, a expressão evoca finalmente a formação tradicional dos doutores e dos escribas.

s. Jesus não depende, nem de uma tradição escolar, nem de um procedimento de autoridade: o seu ensino provém do seu conhecimento imediato e perfeito do Pai (cf. 3,11-13,31-36; 5,19-23; 12,49-50).

t. Só os que aceitam fazer a vontade de Deus estão preparados para receber a revelação e reconhecer a origem divina da pessoa de Jesus.

u. Lit. *injustiça*.

v. A determinação de rejeitar Jesus, fazendo-o morrer, a ele, o enviado do Pai, é o sinal da infidelidade radical deles a esta lei de que eles se gloriam (cf. 5,47; 7,49,51; 8,37-41).

w. Alusão provável à cura do paralítico de 5,1-15.

x. Lit. *dos pais*. Cf. Gn 17,10; Rm 4,11.

y. A tradição manuscrita é duvidosa: alguns mss. falam dos *sumos sacerdotes*, outros, dos *anciãos*; dois mss. omitem exprimir o sujeito.

z. Percebe-se aqui o eco de polêmicas que se devem ter estendido entre judeus e cristãos durante o séc. I; note-se também o emprego de certa ironia joanina: o Cristo é, ao mesmo tempo, homem — sua origem é conhecida de todos (cf. 6,42) — e Filho de Deus — sua origem celeste escapa ao saber humano.

a. Lit. *E vós me conheceis e sabeis de onde sou; e não vim de mim mesmo*.

b. A incapacidade deles de reconhecer-lhe a qualidade de enviado é o sinal de que eles efetivamente desconhecem a Deus.

c. Somente o sumo sacerdote dispunha de uma *guarda*; as autoridades oficiais metem-se, portanto, num encadeamento de fatos que conduzirá à condenação à morte de Jesus; a atitude relativamente favorável da multidão a respeito dele parece ter apressado a decisão das autoridades (cf. 11,45-46, 11,57; 12,18-19).

d. Em Jo não se encontra o anúncio dos sofrimentos da Paixão como nos sinóticos (cf. Mc 8,31-33 par.; 9,30-32 par.; 10,32-34 par.). Jesus anuncia sua partida, sua volta ao Pai (7,33; 8,21; 13,33) e sua elevação (3,14; 8,28; 12,32).

e. Cf. 8,14,21-22; 13,33,36; 14,4-5,28, 16,5,10; 17,11,13.

f. Esta declaração, propositadamente ambígua, dá ensejo a uma interpretação que pretende ser sarcástica e que nem por isso deixa de ser profética.

onde estará querendo ir, de sorte que não possamos mais encontrá-lo? Será que vai juntar-se aos que estão dispersos entre os gregos^h? Será que vai ensinar aos gregos^h? ³⁶Que significaria esta palavra que ele disse: 'Vós me procurareis, mas não encontrareis', e 'Onde eu estou, vós não podeis vir'?"

O último dia da festa. ³⁷No último dia da festa, *de é também o mais solene*ⁱ, Jesus, de pé, pôs-se a proclamar em alta voz: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba ³⁸aquele que crê em mim^j. Como disse a Escritura: 'Do seu seio jorrarão rios de água viva'^k". ³⁹Ele designava assim o Espírito que deviam receber os que creriam nele: com efeito, ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado^l.

⁴⁰Dentre as pessoas da multidão que tinham ouvido as suas palavras, alguns diziam: "Verdadeiramente este é o Profeta^m!" ⁴¹Outras diziam: "Ele é o Cristo". Mas outras diziam: "Poderia o Cristo vir da Galiléia? ⁴²Não diz a Escritura que ele será *da estirpe de David* e que *ele*

virá de Belém, a cidadezinha de onde David era originário?" ⁴³Deste modo, a multidão se dividiu a seu respeitoⁿ. ⁴⁴Alguns dentre eles quiseram prendê-lo, mas ninguém pôs a mão nele.

⁴⁵Os guardas voltaram, pois, a ter com os sumos sacerdotes e os fariseus, que lhes disseram: "Por que não o trouxestes?" ⁴⁶Os guardas responderam: "Jamais homem algum falou como este homem". ⁴⁷Os fariseus lhes disseram: "Teríeis, então, sido iludidos também vós?" ⁴⁸Entre os chefes ou os fariseus, haverá um só que tenha crido nele? ⁴⁹Apenas há essa massa que não conhece a lei, essa gente maldita^o!"

⁵⁰Mas um dentre os fariseus, aquele Nicodemos que outrora estivera com Jesus, disse: ⁵¹"Acaso a nossa lei condenaria um homem sem o ter ouvido e sem saber o que ele faz?" ⁵²Eles replicaram: "Serias também tu da Galiléia? Procura, e verás que da Galiléia não surge profeta^p".

A mulher adúltera. ⁵³Eles se retiraram cada um para a sua casa.

8 ¹e Jesus foi para o monte das Oliveiras^q. ²Ao clarear o dia, ele voltou

Lv 23,36;
Jo 19,31-34;
Ap 21,6;
22,17;
Is 12,3;
43,20; 44,3;
55,1; 58,11;
Ez 47,1-12;
Jl 3,1; 4,18;
Zc 13,1;
Pr 18,4

1,33; 16,7;
20,22;
At 2,4

Di 18,15-18;
Jo 6,14;
At 3,22;
7,37
4,29; 7,26;
At 9,22

Mt 2,5-6;
9,27;
Rm 1,3
3,11; 9,16;
10,19
7,30

Mt 13,54-56

12,42;
Mt 21,32;
1Cor 1,26

3,1-2; 19,39
Dt 1,16;
17,4

1,46; 5,39;
7,41

Lc 21,37-38

Mt 26,55

g. Ou a *Diáspora dos gregos*.

h. A palavra *gregos* designa ou os judeus helenizados que vivem entre os gentios (inclusive os prosélitos: cf. 12,20; At 11,20; 6,1; 9,29), ou os próprios gentios (os pagãos). Este último sentido é mais provável. A missão aos gentios caracterizará o período que começa com a partida de Jesus (cf. 4,35-38; 12,20-24).

i. Trata-se do sétimo ou talvez do oitavo dia da oitava, o dia de *sukká*. Ambos se caracterizavam por ritos de libações, o que explicaria decerto o simbolismo da água.

j. Outra leitura possível: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Daquele que crê em mim, como diz a Escritura, jorrarão rios de água viva*. Nós seguimos a pontuação aceita pela tradição mais antiga, que corresponde mais ao estilo e ao contexto joaninos: Jesus é a fonte de água viva para os que têm sede e creem. Boa parte da tradição ocidental inseriu um ponto no fim do v. 37 e aplica assim a palavra da Escritura aos que creem e se tornam eles mesmos fonte de vida (cf. 4,14).

k. Ao que tudo indica, não se trata de uma citação explícita, mas de uma espécie de compilação de diversos textos que consideravam os dons celestes como uma água viva (cf. 4,10-15 nota); poder-se-ia pensar mais particularmente em Zc 14,8, que a liturgia da festa empregava.

l. Cf. 1,14 nota. Em Jo a *glória de Jesus* é o que o faz aparecer como Filho único (1,14), o enviado do Pai. Ele a recebe não dos homens (5,41), mas do Pai (1,14; 8,54), desde antes da criação do mundo (17,5). Ela já se manifesta no decurso do ministério terrestre de Jesus (1,14; 2,11; 11,4). O momento por excelência

da *glorificação* de Jesus é o de sua morte e ressurreição (7,38; 12,16,23; 13,31-32; 17,5), que Jo designa várias vezes globalmente com os termos *elevantar*, *elevação* (ver 8,28 nota). A cada instante a glória do Pai se manifesta no Filho e a do Filho, no Pai (11,34; 12,23,28; 13,31-32; 14,13; 17,1).

m. Cf. 1,21; 6,14-15.

n. Cf. 2Sm 7,12-17; Sl 89,4-5; Jr 23,5; quanto a *Belém*, Mq 5,1. Tudo parece suceder como se o nascimento em Belém fosse ignorado pelos adversários. Será que é preciso ver nisso uma ironia joanina? Observemos também que Jo mesmo nunca fala do nascimento de Jesus em Belém.

o. A revelação que se opera em Jesus provoca a *divisão* entre os homens, conforme creiam ou não (cf. 9,16; 10,19; 9,41; 19,13; 3,19-21).

p. Entre o povo simples, depreciativamente chamado pelos mestres o *povo da terra*, que forma a multidão, é que se acham os que creem, ao passo que se acentua a incredulidade das elites dirigentes. Sobre o desprezo para com o povo humilde ignorante (cf. Jr 5,1-4), são numerosos os textos rabínicos.

q. Toda esta seção supõe o desprezo das autoridades de Jerusalém para com a Galiléia e os galileus. Chegaram a negar-lhes qualquer função na história de Israel (cf. 1,46). Não se deve esquecer que os cristãos foram muitas vezes cognominados de galileus por seus adversários judeus. Os zelotes, por sua parte, foram às vezes designados do mesmo modo.

r. A seção 7,53-8,11 falta nos mss. mais antigos e em numerosas versões; outros a colocam, seja após os vv. 36 ou 44, seja no fim do evangelho; outros ainda a introduzem após Lc 21,38.

ao templo e, como todo o povo vinha a ele, assentou-se e se pôs a ensinar. ³Os escribas e os fariseus trouxeram então uma mulher que fora surpreendida em adultério e postaram-na no meio do grupo. ⁴“Mestre, disseram-lhe eles, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. ⁵Na Lei, Moisés nos prescreveu^a apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes a este respeito?” ⁶“Eles falavam assim com a intenção de armar-lhe uma cilada, para ter de que acusá-lo. Mas Jesus, inclinando-se, pôs-se a escrever com o dedo traços no chão. ⁷Como eles continuassem a lhe fazer perguntas, Jesus ergueu-se e lhes disse: “Aquele dentre vós que nunca pecou atire-lhe a primeira pedra”. ⁸E, inclinando-se, pôs-se novamente a escrever traços no chão. ⁹Depois de terem ouvido essas palavras, eles se retiraram um após outro, a começar pelos mais velhos, e Jesus ficou sozinho. Como a mulher continuasse ali, no meio do círculo, ¹⁰Jesus reergueu-se e lhe disse: “Mulher, onde estão eles”? Ninguém te condenou?” ¹¹Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. E Jesus lhe disse: “Eu também não te condeno: vai, e doravante não peques mais”.

Jesus é a luz do mundo. ¹²Novamente Jesus lhes dirigiu a palavra: “Eu sou a luz do mundo. Aquele que vem em meu

seguimento não andarás nas trevas; ele terá a luz que conduz à vida”. ¹³Os fariseus lhe disseram então: “Tu dás testemunho de ti mesmo! O teu testemunho não é válido!” ¹⁴Jesus lhes respondeu: “É verdade que eu dou testemunho de mim mesmo, e no entanto o meu testemunho é válido, porque sei de onde venho e para onde vou; ao passo que vós não sabeis nem de onde venho nem para onde vou”. ¹⁵Vós julgais de modo puramente humano^a. Eu não julgo ninguém; ¹⁶e se me acontecer julgar, o meu julgamento é conforme à verdade^a, porque eu não estou sozinho: há também Aquele que me enviou^b. ¹⁷Aliás, em vossa própria Lei está escrito^c que o testemunho de dois homens é válido. ¹⁸Eu dou testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou também dá testemunho de mim^d. ¹⁹Eles lhe disseram então: “O teu Pai, onde está ele?” Jesus respondeu: “Vós não me conheceis e não conheceis a meu Pai; se me tivésseis conhecido teríeis também conhecido meu Pai”. ²⁰Jesus pronunciou essas palavras no lugar chamado do Tesouro^e, quando ensinava no Templo. Ninguém pôs a mão nele, porque a sua hora ainda não tinha chegado.

A partida de Jesus e o julgamento. ²¹Jesus lhes disse ainda: “Eu parto; vós me procurareis, e contudo morrereis em vos-

Lc 7,37-50;
Nm 5,12-31Lv 20,10;
Dt 22,22-24
Mt 22,15Dt 17,7;
Mt 7,1-5

Mt 22,22

Ex 34,6;
Sl 103,
8,13-14;
Jo 5,141,49; 9,5;
12,46;
1,9; 49,6;
60,1,3;
Mt 5,14;
Jo 2,8,11

Os Padres gregos parecem ignorá-la; o próprio texto apresenta numerosas variantes e não possui as características do estilo joanino. E por isso se pode pensar que, primitivamente, esta perícopa não pertencia ao evangelho de João. Trata-se de uma tradição independente, inserida depois: o seu caráter canônico não é contestável.

s. Cf. Lv 20,10; Dt 22,22-24.

t. O termo empregado sugere que Jesus fazia traços sucessivos, como para uma enumeração (dos pecados de cada um?): cf. Jô 13,26. Traduz-se geralmente *escrevia*, o que é mais obscuro. Este v. poderia evocar Jr 17,13 na sua literalidade: *os que se afastam de mim são inscritos na terra*.

u. Quer Jesus evite a cilada, lembrando as exigências legais (Dt 17,5-7; Ex 23,6-7), quer mais simplesmente queira lembrar aos acusadores a sua própria condição de pecadores (Mt 7,1-2).

v. Isto é, os escribas e os fariseus que o acusavam.

w. Além dos primeiros discípulos, o apelo para seguir Jesus (1,37.41.43; 10,4,7; 12,26; 13,36-37; 21,19.22) se dirige aos fiéis que virão de toda parte; na pessoa de Jesus, que pela cruz entrou na glória do Pai, eles devem reconhecer a luz, isto é, o único que manifesta e torna praticável o caminho que conduz à

5,31

3,11; 13,3;
14,28;
16,281Sm 16,7;
Jo 7,24;
12,47
5,30,37;
8,29; 10,30Dt 17,6;
19,15;
Nm 35,30
5,32,37;
Jo 5,912,45; 14,7;
16,37,30;
Mc 12,417,33-36;
13,33,36;
Dt 24,16;
Ex 18,20;
33,12-20

vida verdadeira junto do Pai (1,4-5,9; 3,19-21; 9,5; 11,9-10; 12,35-36,46; 13,6; Jo 1,5-7; 2,8-10).

x. Lit. *verdadeiro*.

y. A regra comum (5,31) não se aplica a Jesus; somente ele é capaz de exprimir quem ele é, porque vem do Pai e retorna ao Pai; os outros homens são incapazes de chegar, unicamente por seus meios humanos, a este conhecimento.

z. Lit. *segundo a carne*, isto é, *segundo os critérios humanos* e, por conseguinte, também *segundo a aparência* (cf. 7,14; 1Cor 1,26; 2,8-16).

a. Lit. *meu julgamento é verdadeiro*.

b. Cf. 5,22-30; 9,39; 12,47; 13,16-21.

c. Cf. Dt 17,6; 19,15; Nm 35,30.

d. O princípio estabelecido pela lei é finalmente observado, mas de um modo que os ouvintes não estão preparados para compreender.

e. O edifício onde se conservava o *tesouro* do Templo não era acessível ao público, mas o nome aplicava-se à esplanada circunjacente; a não ser que se trate do lugar do pátio das mulheres onde se achavam as caixas de esmolas, destinadas às oferendas (cf. Mc 12,41-43; Lc 21,1-4).

so pecado. Para onde eu vou, vós não podeis ir". ²²Os judeus disseram então uns aos outros: "Teria ele a intenção de se matar? Ele acaba, com efeito, de dizer: 'Para onde eu vou, vós não podeis ir'". ²³Jesus lhes respondeu: "Vós sois daqui de baixo; eu, porém, sou do alto; vós sois deste mundo, eu, porém, não sou deste mundo". ²⁴É por isso que eu vos disse que morrereis em vossos pecados. Se, com efeito, não crerdes que Eu Sou¹, morrereis em vossos pecados".

²⁵Eles disseram então: "Afinal, quem és tu?" Jesus lhes respondeu: "O que eu não cesso de vos dizer desde o começo². ²⁶No que vos concerne, eu tenho muito que dizer e julgar; mas Aquele que me enviou é verídico e o que eu ouvi junto dele é o que declaro ao mundo³". ²⁷Eles não compreenderam que lhes falava do Pai. ²⁸Jesus lhes disse então: "Quando tiverdes elevado o Filho do Homem,

conhecereis que 'Eu Sou' e que eu não faço nada por mim mesmo: eu digo o que o Pai me ensinou⁴. ²⁹Aquele que me enviou está comigo⁵; ele não me deixou sozinho, porque eu sempre faço o que lhe agrada". ³⁰Ao falar assim, muitos creram nele".

³¹Jesus disse pois aos judeus que haviam acreditado nele: "Se permanecéis na minha palavra⁶, sois verdadeiramente meus discípulos, ³²conhecereis a verdade⁷ e a verdade fará de vós homens livres⁸". ³³Eles lhe replicaram: "Nós somos descendência de Abraão e nunca ninguém nos reduziu à servidão⁹; como podes tu pretender que nós venhamos a nos tornar homens livres?" ³⁴Jesus lhes respondeu: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que comete o pecado é escravo do pecado. ³⁵O escravo não permanece

A verdadeira posteridade de Abraão.

³¹Jesus disse pois aos judeus que haviam acreditado nele: "Se permanecéis na minha palavra⁶, sois verdadeiramente meus discípulos, ³²conhecereis a verdade⁷ e a verdade fará de vós homens livres⁸". ³³Eles lhe replicaram: "Nós somos descendência de Abraão e nunca ninguém nos reduziu à servidão⁹; como podes tu pretender que nós venhamos a nos tornar homens livres?" ³⁴Jesus lhes respondeu: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que comete o pecado é escravo do pecado. ³⁵O escravo não permanece

o. Isto é, aderir firmemente àquele em quem se exprime a palavra de Deus, que é a verdade (cf. 8.37; 5.38; 6.56; 15.7; 2Jo 9).

p. Para Jo, a verdade é a realidade de Deus à medida que ele é a plenitude da vida verdadeira e pode associar a ela os homens que ele criou. Esta verdade se manifesta e se comunica em Jesus. Segue-se daí que a fé nele também é conhecimento e acolhimento da verdade (1.14.17; 14.6.17; 15.26; 16.7.13; 17.17-19; 18.37-38; 1Jo 1.6.8; 2Jo 1).

q. Não se trata da liberdade política nem da autonomia interior à qual pode chegar o sábio refletindo sobre o seu ser-homem. A liberdade em relação à mentira (8.44) e à morte (8.24.51) também é capacidade de viver em plenitude (10.10) na comunhão do Filho e do Pai (17.3). Esta liberdade escatológica é um dom vinculado à verdade que se recebe em Jesus.

r. Os judeus compreenderam bem que se tratava da liberdade vivida em uma relação com Deus (politicamente eles foram muitas vezes escravizados); mas esta liberdade é um dom de Deus e ela deve ser vivida na fé; o mero fato de pertencer à descendência de Abraão já não autoriza que se prevaleçam por causa dela, pois os que creem em Jesus é que constituem a verdadeira posteridade de Abraão (cf. Mt 3.9; Rm 4; Gl 4.21-31).

1.1: 13.19;
18.6;
Is 43.11

7.28;
12.48-50

3.14; 5.19;
12.31-32;
Mt 8.20

8.16; 10.30;
16.32

2.23;
7.31; 10.42;
11.45;

12.11.42

3.11;
15.7.14;
At 11.23;

2Jo 2

Mt 3.9;
Mc 9.36

Rm 6.17-19;
2Pv 2.19;
1Jo 3.8

f. Somente o acolhimento verdadeiro de Jesus pela fé poderia arrancá-los do pecado e da morte, consequência deste (sobre o termo "morte", ver 5.25 nota). O descaio deles ou a sua incompreensão atuais estão a selar-lhes a própria perdição: a salvação consistiria em acreditar em Jesus e passar com ele para junto do Pai (cf. 7.33; 9.41; 12.32).

g. Os judeus pensam que Jesus quer se suicidar, um dos pecados mais graves para o judaísmo. Como outras vezes em Jo, a expressão é ambígua (cf. já 7.35): o leitor percebe o sentido profético destas palavras que anunciam, sem que o saibam os que as pronunciam, que Jesus vai de fato dar a sua vida (10.1-18). De modo irônico, Jo faz dos judeus, como mais tarde de Caifás (11.51; 18.14) e Pilatos (19.22), profetas de Jesus.

h. Sobre a oposição dos dois planos de existência, cf. 3.31.

i. A libertação do pecado e da morte depende exclusivamente do reconhecimento, na fé, de Jesus, que aqui define a si mesmo graças a uma fórmula enigmática: *Eu sou*. Talvez Jesus queira evocar as fórmulas precedentes nas quais descreveu a sua função de salvador dos homens (pão, luz). Mas é mais provável que esta fórmula evoque uma expressão bem-conhecida da Bíblia grega (Is 43.10; 41.4; 46.4; 48.12; Dt 32.39); em Is 43.10 a fórmula significa *Eu sou (para sempre) o mesmo*. Talvez haja uma alusão à grande revelação do Sinai: *Eu sou quem serei* (Ex 3.14-16); neste caso a fórmula exprimiria o ser divino de Jesus, que se situa no plano do Pai e que, por isso mesmo, é absolutamente fiel e seguro.

j. O texto suscitou muitas traduções: *Em suma, de que vos estou falando?*; *É preciso somente que eu vos fale?*; *Primeiro o que eu vos digo; Absolutamente o que eu vos disse; Desde o começo o que eu vos digo*. A nossa tradução sublinha os aspectos de duração e de permanência que o presente do verbo dizer sugere. Jesus apresenta com constância o mesmo ensinamento concernente à sua identidade e à sua missão, mas os ouvintes, em geral, manifestam que não foram capazes de o entender.

k. Cf. 7.17; 12.49; 14.10.

l. Elevado sobre a cruz, Jesus será também elevado na glória (3.14-15; 12.32.34), e a sua condição divina aparecerá a todos, ao mesmo tempo que a verdade das suas palavras (ver 7.39 nota).

m. Jesus aplica a si mesmo a fórmula do AT concernente à presença e ao apoio que Deus assegura àqueles a quem confia uma missão (Ex 3.12; Is 1.5; 1Sm 10.7; Jr 1.8; Am 5.14), mas essa fórmula toma a partir daí um sentido eminente (cf. 16.32); correlativamente, Jesus está todo inteiro a serviço do Pai (4.34; 5.30; 6.38).

n. Cf. 2.23; 4.39-41; 7.31; 10.42; 12.11.42.

o. Isto é, aderir firmemente àquele em quem se exprime a palavra de Deus, que é a verdade (cf. 8.37; 5.38; 6.56; 15.7; 2Jo 9).

p. Para Jo, a verdade é a realidade de Deus à medida que ele é a plenitude da vida verdadeira e pode associar a ela os homens que ele criou. Esta verdade se manifesta e se comunica em Jesus. Segue-se daí que a fé nele também é conhecimento e acolhimento da verdade (1.14.17; 14.6.17; 15.26; 16.7.13; 17.17-19; 18.37-38; 1Jo 1.6.8; 2Jo 1).

q. Não se trata da liberdade política nem da autonomia interior à qual pode chegar o sábio refletindo sobre o seu ser-homem. A liberdade em relação à mentira (8.44) e à morte (8.24.51) também é capacidade de viver em plenitude (10.10) na comunhão do Filho e do Pai (17.3). Esta liberdade escatológica é um dom vinculado à verdade que se recebe em Jesus.

r. Os judeus compreenderam bem que se tratava da liberdade vivida em uma relação com Deus (politicamente eles foram muitas vezes escravizados); mas esta liberdade é um dom de Deus e ela deve ser vivida na fé; o mero fato de pertencer à descendência de Abraão já não autoriza que se prevaleçam por causa dela, pois os que creem em Jesus é que constituem a verdadeira posteridade de Abraão (cf. Mt 3.9; Rm 4; Gl 4.21-31).

Gn 21,10; sempre na casa; o filho, porém, nela
 Ex 21,2; permanece para sempre. ³⁶Se, portanto, é
 Dt 15,12; o Filho que vos liberta, sereis realmente
 Jr 2,14-15; homens livres. ³⁷Eu sei que sois a des-
 Gl 4,30; cendência de Abraão; mas porque a mi-
 Rm 6,18,22; nha palavra não penetra em vós, procu-
 2Cor 3,17; 7,23; rais me fazer morrer. ³⁸Eu digo o que vi
 5,18-38; junto do meu Pai, ao passo que vós fazeis
 7,19,25; o que ouvistes junto do vosso pai!"
 Mt 21,33-46; ³⁹Eles replicaram: "O nosso pai é
 3,11; 6,45; Abraão". Jesus lhes disse: "Se sois fi-
 Gn 15,6; lhos de Abraão, fazei, então, as obras de
 17,2; Abraão. ⁴⁰Ora agora vós procurais ma-
 Mt 3,9; tar-me, a mim que vos disse a verdade
 Jo 8,33; que ouvi junto de Deus; isso Abraão não
 fez". ⁴¹Mas vós fazeis as obras do vosso
 Ex 4,22; pai". Eles lhe responderam: "Nós não
 Dt 32,6; nascemos da prostituição! Temos um só
 Is 63,16; pai, Deus!". ⁴²Jesus lhes disse: "Se Deus
 64,8; fosse o vosso pai, vós me teríeis amado,
 Mt 2,10; pois é de Deus que eu saí e que eu ven-
 Jo 5,1; nho; eu não vim por mim mesmo, foi
 Jo 13,3; Ele quem me enviou. ⁴³Por que não
 16,28; compreendeis a minha linguagem? Por-
 17,8; que não sois capazes de escutar a minha
 palavra". ⁴⁴O vosso pai é o diabo, e vós
 Mt 26,73; estais determinados a realizar os desejos
 Rm 8,7; do vosso pai. Desde o princípio, ele se
 Gn 3,4; empenhou em fazer morrer o homem;
 Sh 2,24; ele não se manteve na verdade porque
 Rm 5,12; nele não existe verdade. Quando profere
 Jo 3,8-15; a mentira, ele tira do seu próprio cabedal,

porque é mentiroso e pai da mentira".
⁴⁵Quanto a mim, é porque digo a verda-
 de que não me acreditais. ⁴⁶Quem de vós
 me convencerá de pecado? Se eu digo a
 verdade, por que não me acreditais?
⁴⁷Aquele que é de Deus escuta as pala-
 vras de Deus; e é porque não sois de
 Deus que vós não me escutais".
⁴⁸Os judeus lhe responderam: "Não te-
 mos nós razão ao dizer que tu és um
 samaritano* e um possesso?" ⁴⁹Jesus lhes
 replicou: "Não, eu não sou um possesso;
 mas honro o meu Pai, ao passo que vós
 me desonrais! ⁵⁰Aliás, eu não preciso pro-
 curar a minha própria glória; há Alguém
 que providencia acerca disso e que jul-
 ga. ⁵¹Em verdade, em verdade, eu vos
 digo, se alguém guarda a minha palavra,
 jamais verá a morte". ⁵²Então os judeus
 lhe disseram: "Agora sabemos que tu és
 um possesso! Abraão morreu, e os profetas
 também, e tu vens dizer: 'Se alguém
 guardar a minha palavra, jamais fará a
 experiência da morte'. ⁵³Serás tu maior
 do que nosso pai Abraão, que morreu? E
 os profetas também morreram! Quem
 pretendes ser, então?" ⁵⁴Jesus lhes res-
 pondeu: "Se eu me glorificasse a mim
 mesmo, a minha glória não significaria
 nada. É o meu Pai quem me glorifica,
 ele do qual afirmas que é o vosso Deus.
⁵⁵Vós não o conhecestes, ao passo que

Gl 4,16
 2Cor 5,21;
 1Pd 2,24;
 Jo 3,5
 10,26;
 18,37;
 Jo 4,6;
 5,19
 4,9; 7,20;
 Lc 9,52
 Mt 1,6
 5,41; 7,18;
 1Pd 2,23
 3,11; 5,24;
 11,25;
 14,23;
 Lc 2,26;
 Hb 11,5
 7,20; 10,20
 Mc 9,1;
 At 2,29
 4,12;
 Mt 12,41
 13,32; 17,5

s. A liberdade é um aspecto da condição filial que é oposta à servidão. O pecado, que é desconhecimento e separação de Deus, determina um estado de escravidão ou de alienação. Somente o Filho, em função da sua comunhão com o Pai, acha-se de modo definitivo e seguro na casa (sobre a oposição servo-filho cf. Gn 21,10; Jr 2,14-15,22; Gl 4,1-9; 5,1) e ele vem para que os que abraçam a fé participem de sua condição.

t. A descendência de Abraão não é somente uma realidade biológica ou social; ela exige também uma conformidade com a atitude vivida pelo patriarca; essa conformidade deve-se traduzir na prática e se exprime agora pelo reconhecimento do enviado de Deus (cf. Rm 4,1,11-25; 9,7; Gl 3,6-16). Ao contrário, as tentativas para assassinar Jesus são o sinal incontestável de que os seus autores não são filhos de Abraão, a não ser de modo puramente carnal.

u. Abraão é o protótipo daquele que crê na palavra de Deus; cf. Gn 15,6; Sr 44,20-21; Rm 4,3,18,20; Hb 11,8-19; Tg 2,21-24.

v. Reivindicando a origem divina do seu povo, os judeus chamam a Deus de pai e negam terem nascido de um ato de prostituição; costumava-se designar com o termo *prostituição* o culto dos ídolos, a infidelidade do povo a Deus (Os 1-3; Jr 3,1-4; Is 57,7-13; Ez 16,33); no caso, sua religião é idolátrica mes-

mo; embora considerando-se fiéis a Deus apesar e contra tudo, separaram-se dele, de modo que, agora, Satanás se tornou o verdadeiro pai deles (ver também 19,15).

w. A incapacidade em que eles estão de reconhecer a verdade das palavras de Jesus manifesta que não pertencem ao mundo de Deus (cf. 18,37).

x. A oposição a Deus exprime-se na vontade de destruir a vida concedida ao homem (cf. Gn 3, interpretado por Sh 1,13-16; 2,24; Rm 5,12; Jo 3,8-15). A intenção de matar Jesus decorre deste desejo de destruir a vida.

y. Lit. e o seu pai. Alguns traduzem e pai do mentiroso. O diabo se define pela rejeição da verdade; ele é incapaz de aderir a ela, e a mentira é o sinal da sua ação (Ap 12,9).

z. O pecado aqui é erro e mentira, por ser a recusa da verdade (15,24) e de Deus.

a. Cf. 4,9 nota. O samaritano é, aos olhos dos judeus, o protótipo do homem que se separou do povo eleito e está sujeito às influências perversas.

b. A acusação de possessão demoníaca é clássica; cf. Mt 12,24-37; 9,34; 11,18-19; Lc 11,15-26; cf. também 7,20; 10,20.

c. Cf. 8,24,31; 11,25-26.

d. Lit. saboreará (cf. Hb 2,9).

7,28-29; eu o conheço. Se eu dissesse que não o
Mt 11,27; conheço, seria, como vós, um mentiroso;
Lc 10,22; mas eu o conheço e guardo a sua pala-
vra. ⁵⁶Abraão, vosso pai, exultou na es-
perança de ver o meu Dia; ele o contem-
Gn 17,17; plou e ficou cheio de alegria". ⁵⁷Ao que
Mt 13,17; os judeus lhe disseram: "Nem sequer tens
cinquenta anos e viste Abraão?" ⁵⁸Jesus
lhes respondeu: "Em verdade, em verda-
de, eu vos digo, antes que Abraão fosse,
Eu Sou". ⁵⁹Então eles colheram pedras
1,1; 8,24; para atirá-las contra ele, mas Jesus se lhes
13,19; subtraiu e saiu do Templo.
Is 43,13;
10,31,39;
11,8;
Lc 4,29-30

9 A cura de um cego. ¹Ao passar, Je-
sus viu um homem cego de nascen-
ça. ²Os seus discípulos lhe fizeram a per-
gunta seguinte: "Rabi, quem pecou para
que ele nascesse cego, ele ou seus pais?"
At 3,2; 14,8; ³Jesus respondeu: "Nem ele nem seus
Ex 20,5; pais. Mas é para que as obras de Deus se
Ez 18,20; manifestem nele". ⁴Enquanto é dia, é
Lc 13,2-4; mister¹ trabalharmos nas obras d'Aquele
que me enviou: aproxima-se a noite na
5,14; 11,4; qual ninguém pode trabalhar²; ⁵enquanto
Lc 13,2; eu estiver no mundo, eu sou a luz do
11,9,10; mundo".
12,35-36; ⁶Tendo assim falado, Jesus cuspiu no
4,34; chão, fez lama com a saliva e aplicou-a
1,4; 8,12; nos olhos do cego³, ⁷e lhe disse: "Vai
12,46; ⁸1,24; 3,2;
Is 49,6; 5,16,18;
Mc 8,23; 7,43; 9,31;
10,19

lavar-te na piscina de Siloé" — o que
Is 8,6; significa *Enviado*⁴. O cego foi, lavou-se
2Rs 5,10; e, ao voltar, enxergava.
Lc 13,4

⁵As pessoas da vizinhança e os que
At 3,10; antes costumavam vê-lo — pois era um
mendigo — diziam: "Não é aquele que
ficava sentado pedindo esmolas?" ⁹Uns
diziam: "É ele mesmo!" Outros diziam:
"Não! Deve ser alguém parecido com
ele". Mas o cego afirmava: "Sou eu mes-
mo". ¹⁰Então, eles lhe disseram: "Neste
caso, como é que se abriram os teus
olhos?" ¹¹Ele respondeu: "O homem a
quem chamam Jesus fez lama, esfregou-
a nos meus olhos e me disse: 'Vai a Si-
loé e lava-te'. Então eu fui, lavei-me e re-
cuperei a vista". ¹²Eles lhe disseram: "On-
de está ele?" Ele respondeu: "Não sei".

¹³Levaram aos fariseus o homem que
tinha sido cego. ¹⁴Ora, foi num sábado
que Jesus fizera lama e lhe abrira os
olhos⁵. ¹⁵Os fariseus, por sua vez, per-
guntaram-lhe como tinha recobrado a
vista. Ele lhes respondeu: "Ele me apli-
cou lama nos olhos, eu me lavei e agora
vejo". ¹⁶Entre os fariseus, uns diziam:
"Esse indivíduo não observa o sábado,
portanto não é de Deus". Mas outros
diziam: "Como é que um homem pecador
teria o poder de operar tais sinais?"

e. O AT falava do *dia do Senhor*, o dia do juízo, e da instauração do Reino messiânico (Am 5,18; Is 13,6; Ez 30,3; Jl 1,15 etc.); a fórmula se aplica à vinda de Jesus (cf. Lc 17,24; 1Cor 1,8; 5,5; 2Cor 1,14).

f. Pode tratar-se da visão profética que, até certo ponto, na esperança, percebe já, em certa medida, o advento do Cristo (cf. 12,41) a respeito de Isaías que viu a sua glória; mas é possível compreender que Abraão veja atualmente a vinda de Jesus que realiza a sua esperança (cf. Lc 16,27).

g. Confere 8,28; 13,19; 1,1-3; afirmação explícita da preexistência do Filho eterno com relação a este homem que foi Abraão.

h. Segundo uma concepção muito difundida no mundo antigo, havia um vínculo estreito entre o pecado e as enfermidades físicas (Ex 9,1-12; Sl 38,2-6; Ez 18,20). No caso dos enfermos de nascença, certos rabinos atribuíam a falta aos pais, outros à própria criança, no decurso da gestação.

i. Jesus afasta as teorias correntes sem preocupar-se com propor uma nova. Ele constata o fato da enfermidade e age tendo em vista assegurar a esse homem a sua plena integridade física: assim fazendo realiza um sinal que manifestará aos homens sua origem divina e os convidará a receber a luz verdadeira. A passagem da cegueira à visão simboliza a da incredulidade e da morte à fé e à vida. Neste sentido, o cego (o único cego de

nascença mencionado no NT) pode ser considerado o protótipo dos que chegam à fé.

j. Este plural bem-atestado parece indicar que a comunidade cristã considerava a própria ação como sendo o prolongamento da de Cristo: cf. 14,10-11.

k. A duração da vida e da atividade de um homem é muitas vezes comparada à de uma jornada de trabalho. Do mesmo modo, a atividade de Jesus, que é também a luz do mundo, pode ser comparada a uma jornada (11,10).

l. A atividade salvífica do Pai se manifesta em Jesus para o bem de todos os homens; ele é a única possibilidade de salvação (8,12; 12,35).

m. Na antiguidade, considerava-se que a saliva possuía virtudes curativas: Jesus recorre a um gesto familiar e lhe dá uma eficácia nova (cf. Mc 7,33; 8,23).

n. A *piscina de Siloé* estava situada na cidade (2Rs 20,20; Is 8,6; Ne 3,15); Jo. que atribui grande importância ao tema da missão, sugere uma etimologia: do mesmo modo como a água da piscina do *enviado* restitui a vista, assim também o Enviado messiânico traz a luz da revelação. Talvez se deva ver aqui uma alusão à liturgia batismal.

o. Era proibido fazer qualquer tratamento no dia de sábado, a não ser nos casos de perigos graves (cf. 5,9).

p. Cf. Dt 13,1-6.

E havia divisão entre eles. ¹⁷Então eles se dirigiram de novo ao cego: “E tu, que dizes daquele que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “É um profeta”. ¹⁸Mas enquanto não convocaram os seus pais, os judeus se recusaram a crer que ele tinha sido cego e recobrado a vista. ¹⁹E perguntaram aos pais: “Este homem é de fato o vosso filho que pretendeis ter nascido cego? Então como é que agora ele vê?” ²⁰Os pais lhes responderam: “Nós temos certeza de que este é de fato o nosso filho e que ele nasceu cego. ²¹Como é que agora ele vê, nós o ignoramos! Quem lhe abriu os olhos? Nós o ignoramos. Interrogai-o, ele já tem idade suficiente, ele mesmo que se explique a seu respeito!” ²²Os seus pais falaram assim porque tinham medo dos judeus. Estes já haviam decidido excluir da sinagoga todos aqueles que confessassem que Jesus é o Cristo”. ²³Eis por que os pais disseram: “Ele já tem idade suficiente, interrogai-o”.

²⁴Os fariseus chamaram uma segunda vez o homem que tinha sido cego e lhe disseram: “Dá glória a Deus! Nós sabemos que este homem é um pecador”. ²⁵Respondendo-lhes ele: “Eu não sei se é pecador; só sei uma coisa: eu era cego e agora vejo”. ²⁶Eles lhe disseram: “Que te fez ele? Como te abriu os olhos?” ²⁷Ele respondeu: “Eu já vo-lo contei, mas vós

não escutastes! Por que quereis ouvi-lo mais uma vez? Descerdes acaso tornar-vos seus discípulos também?” ²⁸Os fariseus se puseram então a injuriá-lo e diziam: “Tu és que és seu discípulo! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. ²⁹Nós sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que este, não sabemos de onde é!” ³⁰O homem lhes respondeu: “Aí está, de fato, o que é espantoso, que não saibais de onde ele é, ele que me restituiu a vista! ³¹Sabemos que Deus não atende os pecadores”; mas se um homem é cheio de piedade e faz a sua vontade, Deus o atende”. ³²Nunca se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença”. ³³Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer”. ³⁴Eles replicaram: “Tu és todo pecado desde o nascimento, e vens nos dar lições?”. e o expulsaram.

³⁵Jesus soube que eles o haviam expulsado. Veio então encontrar-se com ele e lhe disse: “Crês no Filho do Homem?” ³⁶E ele respondeu: “Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?” ³⁷Jesus lhe disse: “Pois então, tu já o viste: é aquele que te fala”. ³⁸O homem disse: “Creio, Senhor”, e se prostrou diante dele. ³⁹E Jesus disse então: “Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que aqueles que não viam vejam, e aqueles que viam se tornem cegos”. ⁴⁰Os fariseus que estavam com ele ouviram essas palavras

4.19; 7.40; Mt 21.46

7.27-28; 8.14

Sl 34.15; 66.18; Is 1.15; Pr 15.29

3.2; Sl 51.5-7; Jo 9.2

7.13; 12.42; 19.38; 20.19

Mt 8.20

Js 7.19; Ap 11.13

4.26; Mt 8.10

3.17; 5.22,27,30; 8.12,15; 12.47; Mt 13.13; Mt 15.14; 23.16,23-26; Lc 6.39

q. Cf. 4.19: é a primeira etapa da interpretação do sinal; Jesus é reconhecido como um homem de Deus, dotado de um poder que ultrapassa as possibilidades humanas (Lc 24.19). Cf. também 5.37 nota.

r. Na época de Jesus, o judaísmo usava medidas de segregação de certos delinquentes; foi só pelo fim do séc. I que apareceu uma verdadeira excomunhão dos cristãos; é provável que Jo tenha projetado para o passado uma medida recente (cf. 12.42; 16.2), da qual certamente já foram vítimas alguns cristãos.

s. Convite habitual para dizer a verdade sob o olhar de Deus, sem se preocupar com eventuais inconvenientes pessoais.

t. Cf. 1.19 nota: com humor e ironia, a figura do cego permite ao evangelista aludir ao que então opunha judeus e cristãos.

u. Ver 6.42; 7.27,42-52. A importância adquirida pela lei, no judaísmo, promovera uma altíssima estima pelo legislador Moisés. Os fariseus tendiam a considerá-lo como o mestre de doutrina por excelência. À medida que Jesus aparece como portador da revelação total e definitiva, ele devia ser posto em contraste com Moisés (cf. 6.32 nota).

v. Cf. 5.37 nota. É uma verdade comum (Is 1.15; Sl 66.18; 109.7; Pr 15.29; Jô 27.9; 35.13; Jo 16.23-27; 1Jo 2.21-22).

w. Jo associa a característica grega da piedade com o ideal bíblico que insistia mais na obediência a Deus.

x. Em Th 7.7; 11.7-13; 14.1, não se tratava de um cego de nascença, como também não nos relatos dos evangelhos sinóticos (Mc 8.22-26; Mt 20.29-34; Mc 10.46-52; Lc 18.35-43). A passagem da cegueira à visão simboliza a da incredulidade à fé, das trevas à luz. O sinal realizado por Jesus é, assim, um ato que ilustra o conjunto de seu ministério (cf. 6.36 nota).

y. Nova etapa do itinerário da fé: o ex-cego, que já reconheceu Jesus como profeta (9.17), declara que até então ninguém em Israel foi tão homem de Deus quanto Jesus; os títulos antigos já ficam ultrapassados.

z. Como etapa final, o miraculoso rematou o seu testemunho e sofreu a perseguição, prefigurando a situação vivida pela Igreja joanina (cf. 15.1-16.4a). Jesus vem-lhe ao encontro e se lhe revela como sendo o Filho do Homem, isto é, aquele que vem do céu para reunir os homens e levá-los à participação da vida de Deus (1.51; 3.14-15; 6.62-63).

a. A missão de Jesus provoca neste mundo uma verdadeira inversão das situações; é o que exprimem duas afirmações situadas em níveis diferentes: os cegos que prestam sua fé a Jesus são

e lhe disseram: "Por acaso seríamos cegos também nós?" ^{3.36; 12.48; 15.22; Pr 26,12} ⁴Jesus lhes respondeu: "Se fôsseis cegos, não teríeis pecado. Mas agora dizeis 'nós vemos': o vosso pecado permanece^b".

10 A parábola do pastor. ¹"Em verdade, em verdade, eu vos digo,

^{Mq 2.12} aquele que não entra pela porta no redil das ovelhas^c, mas nele penetra por outra parte, é ladrão e assaltante^d. ²Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas. ³Aquele que guarda a porta lhe abre, e as ovelhas escutam a sua voz; as ovelhas que lhe pertencem, ele as chama, cada uma por seu nome^e, e as leva para fora. ⁴Quando ele as fez sair todas, caminha à frente delas e elas o seguem, ^{10.27} porque conhecem a sua voz. ⁵Elas nunca seguirão um estranho; não só, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos." ⁶Jesus lhes disse essa parábola^f, mas eles não compreenderam o alcance do que ele dizia. ⁷Jesus prosseguiu:

"Em verdade, em verdade, eu vos digo, eu sou a porta das ovelhas. ⁸Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes^g, mas as ovelhas não os escutaram. ⁹Eu sou a porta^h: se alguém entra por mim será salvoⁱ, sairá e voltará^j e achará com que se alimentar^k. ¹⁰O ladrão só aparece para roubar, matar e levar à perdição: eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância^l.

¹¹"Eu sou o bom pastor^m: o bom pastor se despoja da própria vida por suas ovelhasⁿ. ¹²O mercenário, que não é verdadeiramente pastor e a quem as ovelhas não pertencem, ao ver chegar o lobo, abandona as ovelhas e foge; e o lobo se apodera delas e as dispersa. ¹³É que ele é mercenário e pouco lhe importam as ovelhas. ¹⁴Eu sou o bom pastor, eu conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas me conhecem, ¹⁵como o meu Pai me conhece e eu conheço o meu Pai^o, e eu me despojo da vida pelas ovelhas. ¹⁶Eu tenho outras ovelhas que não são deste

curados e chegam ao conhecimento da revelação; ao invés, os que se ufam de serem esclarecidos (cf. 9.16.22.24.29.34) não se acham em condições de ver (14.9) aquele que traz a luz da salvação (9.5; 8.12); eles se encerram para sempre nas trevas e na perdição (cf. 3.17-21; Mc 4.11-12). Quanto ao conceito joanino do julgamento, ver 3.21 nota.

b. Se eles fossem cegos à maneira daquele que foi curado, não teriam pecado; mas os que se apóiam com presunção no que já possuem não prestarão sua fé a Jesus, o único a poder arrancá-los do pecado (cf. 3.36).

c. Durante a noite, as ovelhas eram habitualmente recolhidas dentro de um cercado resguardado por uma mureta e postas sob a proteção de um guarda.

d. A primeira parábola (10.1-5) opõe o pastor, que entra normalmente, porque recebeu missão para isso, aos que procedem irregularmente e querem dominar em proveito próprio, os mestres fariseus, que estão sendo focalizados desde 9.13; esta parábola introduz 10.11-18: "Eu sou o bom pastor". A segunda parábola (10.7-10) ilustra a afirmação de Jesus: "Eu sou a porta"; cf. 10.9 nota.

e. Dentro de Israel há, portanto, duas categorias de homens: os que pertencem de fato ao pastor e respondem ao seu chamamento e o somente a ele, e os que não respondem porque nunca lhe pertenceram. Cf. 1.47 ou 20.16.

f. Palavra misteriosa ou símbolo obscuro, a parábola é, aos olhos de Jo., o modo de revelação adequado à missão temporal de Jesus; só poderá ser entendida de verdade na fé, à plena claridade da revelação final, quando da elevação de Jesus e do dom do Espírito.

g. Não se trata dos profetas do AT, mas dos homens que, tanto no mundo judeu como no mundo pagão, pretendiam por seus próprios meios levar aos homens o conhecimento das coisas divinas e a salvação.

h. O tema da *porta* que dá acesso às realidades celestes era frequente na tradição judaica (Gn 28.17; Sl 78.23; *Henoc* 72.75) e nos evangelhos sinóticos (Mt 7.13-14; Lc 13.23; Mt 25.10; Lc 11.52); em Jo., o próprio Jesus é, por sua encarnação, o lugar da descoberta e do acolhimento dos dons divinos. Eis o sentido da segunda parábola (vv. 7-10).

i. O Cristo salva da morte (cf. 11.26 nota) e de tudo o que tende a destruir o homem (3.17).

j. Salvo, o discípulo encontra a liberdade e a segurança (cf. 8.32.36).

k. Outra tradução possível: *pastagem*.

l. Enquanto os falsos salvadores procuram essencialmente dispersar e destruir, Jesus tem a missão de cumular de bens os seus discípulos, fazendo-os participar da vida do Pai.

m. A imagem do *pastor* que conduz e protege o rebanho fora aplicada, no AT, ora a Deus (Sl 23.1; Is 40.11; Jr 31.9), ora ao rei messiânico (Sl 78.70-72; Ez 37.24), ora aos responsáveis por Israel (Jr 2.8; 10.21; 23.1-8; Ez 34). Ela é utilizada muitas vezes nos evangelhos sinóticos (Mc 6.34; 14.27; Mt 9.36; 18.12-13; 25.32; 26.31; Lc 15.3-7). Jesus realiza perfeitamente a função pastoral à medida que o Filho do Homem participa da condição dos homens para conduzir à vida eterna.

n. Lit. *dispor de sua alma para*; a expressão deve ser comparada com a fórmula *dar a sua alma* de Mc 10.45, que parece derivar de Is 53.12. Ao passo que o mercenário sacrifica as ovelhas ao seu interesse, Jesus vai entregar a sua vida até a morte para que os seus discípulos vivam (cf. 6.51; 10.15; 11.50-52. 18.14).

o. Na tradição bíblica, o *conhecimento* entre pessoas implica o amor; o conhecimento que liga Jesus aos seus encontra a sua fonte e a sua plenitude no amor que liga o Filho ao Pai. A morte na cruz é a expressão suprema desse amor (13.1; 15.13).

redil, e também a estas é preciso que eu conduza; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor⁹.
 17^o O Pai me ama, porque eu me despojo da vida, para a retomar em seguida⁸.
 18^o Ninguém me tira a vida, mas por mim mesmo eu dela me despojo⁷; eu tenho o poder de me despojar da vida e tenho o poder de a retomar: este é o mandamento que eu recebi do meu Pai¹.

19^o Essas palavras provocaram de novo a divisão entre os judeus. 20^o Muitos deles diziam: "Ele é possesso, fala disparates, por que o escutais?" 21^o Mas outros diziam: "Estas não são palavras de um possesso; teria um demônio poder de abrir os olhos a um cego?"

Declaração solene e acusação de blasfêmia.

22^o Celebrava-se então, em Jerusalém, a festa da Dedicção⁵. Era inverno. 23^o No Templo, Jesus ia e vinha sob o pórtico de Salomão¹. 24^o Os judeus formaram um círculo ao redor de Jesus e lhe disseram: "Até quando nos manterás em suspense? Se és o Cristo, dize-nos abertamente!" 25^o Jesus lhes respondeu: "Eu vo-

-lo disse e vós não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim, 26^o mas vós não me credes porque não sois das minhas ovelhas". 27^o As minhas ovelhas escutam a minha voz e eu as conheço, e elas me seguem. 28^o E eu lhes dou a vida eterna; elas nunca perecerão e ninguém poderá arrancá-las da minha mão". 29^o O meu Pai, que mas deu, é maior do que tudo, e ninguém tem o poder de arrancar alguma coisa da mão do Pai. 30^o Eu e o Pai somos um¹¹".

31^o Os judeus apanharam de novo pedras para o apedrejar. 32^o Mas Jesus prosseguiu: "Eu vos fiz ver tantas obras belas que vinham do Pai. Por qual dessas obras quereis apedrejar-me?" 33^o Os judeus lhe responderam: "Não é por uma bela obra que queremos te apedrejar, mas por uma blasfêmia, porque tu, sendo homem, te fazes Deus". 34^o Jesus lhes respondeu: "Não está escrito na vossa Lei: *Eu disse: vós sois deuses*¹²?" 35^o Acontece, pois, que a Lei chama de deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida. Ora, ninguém pode abolir a Escritura. 36^o Ao que o Pai consagrou e enviou ao mundo⁶ vós

5,25;
11,52;
18,37;
Is 56,8;
1Pd 2,25;
Ez 34,23;
37,24
Fl 2,8-9
8,29; 14,31;
15,10
3,11; 7,43;
9,16
7,20; 8,48;
Mc 3,21-22;
Mt 11,18;
Lc 7,33;
At 26,24
3,2; 9,30-33

Pr 28,5;
1Cor 2,14;
Jo 6,64; 8,45;
10,3-4,14
8,47; 10,3;
3,16; 6,39;
17,2,12;
18,9;
Rm 8,33-39;
1Pd 1,5
3,35; 17,24;
Is 43,13
1,1;
17,11,21
8,59
Lv 24,16;
Mt 26,25;
Mc 14,64;
Lc 22,70-71;
Jo 5,18
Sl 82,6;
Rm 3,19;
1Cor 8,5
Mt 5,18;
Lc 16,17;
5,17-20;
Jr 1,5

p. Alusão à missão universal (cf. 4,35-38), que é obra do Cristo tanto quanto a sua ação na Palestina (cf. 17,20): os que, pelo mundo inteiro, já são, misteriosamente, seus (11,52) reconhecerão a sua voz na palavra dos enviados. A unidade dos homens, judeus e gregos, será realizada por Jesus e em Jesus (cf. Gl 3,28; Cl 3,11).

q. Para Jesus, a sua Ressurreição está estreitamente ligada à doação da sua vida na cruz.

r. A narração joanina da Paixão sublinhará particularmente esta soberana liberdade de Jesus.

s. Por volta do fim de dezembro, comemorava-se a restauração e a nova dedicação do Templo, que se seguiram à vitória de Judas Macabeu sobre Antíoco IV (cf. 1Mc 4,36-59; 2Mc 1,9-18; 10,1-8). Essa festa, chamada *hanuká*, calcava-se na festa das Tendias e dava uma importância muito grande às iluminações. Sobre as festas judaicas em Jo, cf. 6,4 nota.

t. Os cristãos de Jerusalém aí se reuniram muitas vezes (cf. At 3,11; 5,12).

u. Mais claramente do que nunca (cf. 2,18; 5,16; 8,25), as autoridades judaicas exigem de Jesus uma definição clara e pública do caráter messiânico de sua missão. Observe-se mais uma vez a ironia joanina: o que pedem é o que Jesus não parou de repetir desde o início de seu ministério! Nos evangelhos sinóticos acha-se um pedido semelhante no decurso do processo perante o Sinédrio (cf. Mt 26,63; Mc 14,61 e sobretudo Lc 22,67). Jo parece situar o processo no decurso de toda a vida de Jesus; desde agora já ressoa a acusação de blasfêmia e manifesta-se a vontade de fazer Jesus morrer.

v. Jesus exprimiu-se claramente, mas a incompreensão do verdadeiro caráter da sua missão provém da falta de fé e, mais profundamente, do fato de não pertencer ao rebanho que o Pai lhe preparava (cf. 6,60-64; 8,24-59).

w. Nenhuma força terrestre tem a capacidade de suplantir o poder do pastor messiânico, e, em consequência, os que nele creem sentem uma perfeita segurança.

x. Cf. Is 43,13. Segundo outros mss.: *meu Pai, o que ele me deu é maior do que tudo*.

y. Jesus pode proporcionar uma proteção absoluta aos seus, porque participa sem limite do poder do Pai (cf. 5,17-19). Por sua imprecisão, que não é fortuita, esta afirmação sugere uma unidade ainda mais profunda (cf. 17,11,22); os ouvintes o compreenderam.

z. Atendo-se às prescrições legais, só havia *blasfêmia* no momento em que se pronunciava o Nome divino (*Sinédrio* 7,5). Mas a condição divina que Jesus reivindica implicitamente, e que é proclamada posteriormente, explica a formulação desta grave acusação (cf. Mc 14,61-63 par.).

a. O termo designa o conjunto das Escrituras (cf. 7,49; 12,34; 15,25). Quanto à ponta polêmica da palavra *vossa*, cf. 1,19 nota e 6,32 nota.

b. Sl 82,6: a exegese judaica aplicava esta palavra não somente aos juízes, mas ao conjunto dos israelitas. É *a fortiori* normal aplicar a fórmula ao enviado por excelência; não há, portanto, motivo para falar em blasfêmia.

c. O enviado de Deus foi posto à parte e participa, de modo privilegiado, da santidade de Deus (cf. Jr 1,5; Sr 49,7; Jo 6,69; 17,17-19).

dizeis: 'Tu blasfemas', porque afirmei que sou o Filho de Deus^d. ³⁷Se eu não faço as obras do meu Pai, continuai a não crer em mim. ³⁸Mas se eu as faço, muito embora não acrediteis em mim, crede nas obras. E assim conhecereis, e conhecereis cada vez melhor, que o Pai está em mim como eu estou no Pai^e. ³⁹Então, eles procuravam mais uma vez prendê-lo, mas ele escapou de suas mãos. ⁴⁰Jesus voltou para além do Jordão, no lugar onde João começara a batizar, e aí permaneceu. ⁴¹Muitos vinham a ele e diziam: "João por certo não operou nenhum sinal, mas tudo o que ele disse deste homem era verdade^f". ⁴²E numerosos foram os que nele creram.

11 Jesus faz reviver um morto. ¹Um homem estava doente; era Lázaro^g de Betânia^h, a aldeia de Maria e de sua irmã, Martaⁱ. ²Trata-se daquela mesma Maria que ungira o Senhor com um óleo perfumado e lhe enxugara os pés com os cabelos^j. Quem estava doente era o seu irmão, Lázaro. ³As irmãs mandaram dizer a Jesus: ^{11.36}"Senhor, aquele que tu amas está doente". ⁴Desde que o soube, Jesus disse: "Esta doença não terminará com a morte, ela

servirá para a glória de Deus: é por ela que o Filho de Deus deve ser glorificado^k". ⁵Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro. ⁶No entanto, mesmo sabendo que Lázaro estava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar onde se encontrava. ⁷Só depois disse aos discípulos: "Voltemos para a Judéia". ⁸Os seus discípulos lhe disseram: "Rabi, há pouco os judeus procuravam te apedrejar^l; e queres voltar para lá?" ⁹Jesus respondeu: "Não tem o dia doze horas^m? Se alguém anda de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundoⁿ"; ¹⁰mas se alguém anda de noite, tropeça, porque a luz não está nele^o".

¹¹Depois de ter pronunciado estas palavras, Jesus acrescentou: "O nosso amigo Lázaro adormeceu^p, mas eu vou despertá-lo". ¹²Os discípulos lhe disseram então: "Senhor, se ele adormeceu, será salvo". ¹³Na realidade, Jesus quisera falar da morte de Lázaro, ao passo que eles imaginavam que falava do adormecimento do sono. ¹⁴Jesus disse-lhes então abertamente: "Lázaro morreu. ¹⁵e eu estou contente, por vossa causa, de não ter estado lá, a fim de que vós creiais. Mas vamos a ele!" ¹⁶Então Tomé, aquele que

Dt 33,3;
Mc 10,21;
Jo 1-2

8,59; 10,31;
Lc 22,28

9,4; 8,12;
12,35;
Mt 6,22-23

12,35;
Jo 2,11

Mt 9,24;
27,52;
Mc 5,39;
Lc 8,52;
At 7,60;
1Cor 11,30

2.11

14,5,31;
20,24-29

d. Jesus assume francamente o título de *Filho de Deus*. Durante esse título adquire um alcance novo à luz da qualidade de sua ação e das fórmulas que exprimem a sua união com o Pai (10,30,38).

e. Cf. 14,10-11; 17,21; 1Jo 3,24; 4,15.

f. Cf. 3,26 nota. Jesus se retira para a Peréia (cf. 1,28). As vésperas da fase decisiva da missão de Jesus. Jo quer recordar o testemunho do Batista (cf. 1,19-35; 3,22-30; 5,33-36).

g. Este nome, abreviação de *Elezazar* (Deus ajudou) parece ter sido bastante difundido no séc. I; encontramos-lo na parábola de Lc 16,19-31, na qual se trata de um pobre que é recompensado após a morte.

h. Não se trata do povoado da Peréia mencionado em 1,28, mas de uma aldeia situada a leste do Monte das Oliveiras, próxima a Jerusalém (Mt 21,17; 26,6; Mc 11,1,11-12; Lc 19,29; 24,50).

i. As duas irmãs são mencionadas por Lc 10,38-42; a tradição à qual Jo se filia considerava Maria como sendo a mulher que ungiu Jesus com perfume.

j. O episódio da unção de Betânia que João, seguindo a tradição, relatará no começo da narração da semana da Paixão (12,1-8) era bem-conhecido por seus destinatários (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Lc 7,36-50).

k. Por causa de sua gravidade e por ensinar a Jesus a realização do seu sinal mais expressivo, esta doença lhe dará a oportunidade de manifestar a glória de Deus, que é também a sua; a ressurreição de Lázaro revela a filiação divina de Jesus (cf. 2,11).

Mais profundamente ainda, essa doença constitui o ponto de partida da série de acontecimentos que conduzirá à morte de Jesus (11,45-54), quer dizer, à sua glorificação na cruz e pela cruz. A todos os que creem será oferecida, deste modo, a possibilidade de participar da sua ressurreição, já que pela cruz se realizará finalmente a manifestação da glória escatológica (cf. 12,16,23,28; 13,31-32; 17,1-5).

l. Cf. 10,31; 5,18; 7,1,19-20,25; 8,37,40. A deliberação que Jesus toma implica um perigo de morte, que ele arrosta muito conscientemente e com plena liberdade (10,18).

m. A jornada de trabalho, que se estende do despontar ao pôr-do-sol, compreende doze horas; Jesus deve prosseguir a realização da sua missão até o termo fixado pelo Pai, até a hora da noite ou das trevas (7,8,33; 13,30; 17,1; Lc 22,53).

n. Jesus traz para os homens a luz que lhes deve permitir andar com segurança (8,12; 9,5; 12,46). O verdadeiro perigo não é o que os discípulos consideram; é o de não perceber a luz que brilha agora, ou de impedir Jesus de cumprir sua obra até o fim.

o. Há complementaridade entre a luz exterior que Jesus traz e a luz interior (cf. Mt 6,23; Lc 11,35); a revelação só é percebida pelos filhos da luz (cf. 3,19-21).

p. Tanto no grego como no hebraico *adormecer* é um eufemismo para morrer. Ao falar em *sono*, quando Lázaro na realidade está morto, Jo acentua um mal-entendido; ele sugere ao mesmo tempo que Jesus traz uma nova compreensão da morte (cf. 11,26 nota; Mt 9,24; Mc 5,39; Lc 8,52).

se chama Dídimos¹, disse aos outros discípulos: "Vamos, também nós, e morramos com ele".

¹⁷Ao chegar, Jesus encontrou Lázaro no túmulo; ele estava lá fazia já quatro dias.

¹⁸Como Betânia dista de Jerusalém cerca de quinze estádios², ¹⁹muitos judeus tinham vindo à casa de Marta e Maria para consolá-las pela perda de seu irmão.

²⁰Quando Marta soube que Jesus chegava, foi ao seu encontro, enquanto Maria continuou sentada em casa. ²¹Marta disse a Jesus: "Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido.

²²Mas mesmo agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus te dará". ²³Jesus lhe disse: "O teu irmão ressuscitará".

²⁴"Eu sei, respondeu ela, que ele ressuscitará, por ocasião da ressurreição no último dia". ²⁵Jesus lhe disse: "Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que crê em mim, mesmo que morra, viverá³; ²⁶e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais". Crês nisto?" ²⁷"Sim,

Senhor, respondeu ela, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, Aquele que vem ao mundo". ²⁸"Dito isso, ela partiu para chamar sua irmã, Maria, e lhe disse baixinho: "O Mestre está aí e te chama".

^{11.20} ²⁹A essas palavras, Maria se levantou imediatamente e foi ter com ele. ³⁰Jesus com efeito ainda não tinha entrado na aldeia; ele ainda se achava no lugar onde Marta o encontrara. ³¹Os judeus estavam

com Maria em casa e procuravam consolá-la. Viram-na levantar-se subitamente para sair, e a seguiram; imaginavam que ela fosse ao túmulo para aí se lamentar. ³²Quando Maria chegou ao lugar onde Jesus se achava, logo que o

avistou, caiu a seus pés e lhe disse: "Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido". ³³Ao vê-los lamentar-se, ela e os judeus que a acompanhavam, ele teve um frêmito interior⁴ e se perturbou. ³⁴Ele disse: "Onde o depusestes?" Eles responderam: "Senhor, vem ver". ³⁵Então Jesus chorou; ³⁶e os judeus diziam: "Vede como ele o amava!" ³⁷Mas alguns dentre eles disseram:

"Este, que abriu os olhos ao cego, não podia impedir que Lázaro morresse?"

³⁸Então, Jesus estremeceu de novo interiormente e foi ao sepulcro; era uma gruta cuja entrada fora coberta por uma pedra⁵.

³⁹Jesus disse então: "Retirai esta pedra". Marta, a irmã do defunto, lhe disse: "Senhor, ele já deve estar cheirando mal... Pois faz quatro dias..." ⁴⁰Mas Jesus lhe respondeu: "Eu não te disse que, se cre-

res, verás a glória de Deus?" ⁴¹Tiraram, pois, a pedra. Então Jesus ergueu os olhos⁶ e disse: "Pai, eu te dou graças por me teres atendido. ⁴²Por certo, eu bem sabia que tu me atendes sempre⁷, mas falei por causa desta multidão que me cerca, a fim de que eles creiam que tu me enviaste". ⁴³Tendo assim falado, gri-

q. Isto é, o gêmeo; esse discípulo simplesmente mencionado nas listas dos Doze (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15; At 1,13) desempenha um papel importante em Jo (14,5; 20,24-29; 21,2).

r. Jo não quer tanto anunciar o destino futuro dos discípulos quanto realçar o mal-entendido de Tomé, incapaz de ver que a ressurreição de Lázaro será a ocasião da glorificação de Jesus. s. Pouco menos de 3km.

t. A esperança da ressurreição escatológica se desenvolvera nos meios influenciados pelo farisaísmo (Dn 12,1-3; 2Mc 7,22-24; 12,44).

u. Jesus recebe do Pai o poder de fazer os que crêem nele terem acesso à vida plena e, portanto, também à ressurreição escatológica (5,26-29; 6,39-40.44.54).

v. No v. 25, o verbo morrer significava o falecimento, o fim da existência terrena do homem; aqui, alude à vida fora da fé, sem contato com Deus, a morte verdadeira; cf. 5,25 nota. Aos olhos de Jo, a ressurreição de Lázaro evidencia que é bem Jesus que nos faz passar da morte à vida.

w. Confessando a qualidade messiânica e a filiação divina de

Jesus, Marta reconhece que Jesus é a fonte de toda ressurreição. *Aquele que vem ao mundo*; cf. 6,14; 1,9; Mt 11,3; Lc 7,19).

x. Maria acolhe Jesus com as mesmas palavras que Marta. Mas o fato de Maria prostrar-se indica uma outra qualidade de acolhimento.

y. Lit. *em espírito*; a expressão evoca uma profunda cólera diante dessas lamentações que são, na realidade, expressão da impotência e da falta de esperança diante da morte; cf. 11,38.

z. O túmulo era provavelmente uma pequena caverna no flanco de uma parede rochosa; uma pedra fechava a entrada (cf. 20,1).

a. Os judeus se voltavam de preferência para o Templo de Jerusalém; o fato de *erguer os olhos para o céu* será bastante típico na tradição litúrgica cristã (17,1; Mc 6,41; Lc 18,13; At 7,55).

b. Sendo constante a comunhão do Pai com o Filho, Jesus é, a todo momento, ouvido e atendido pelo Pai; nele se realiza o que é anunciado aos seus como uma possibilidade escatológica (cf. 14,3; 15,7.16; 16,23-24; 1Jo 3,21-22; 5,14-15). Esta prece mostra que a ressurreição de Lázaro permite entrever a relação filial de Jesus para com Deus.

11.21

12,27; 13,21;

Mt 9,30;

Mc 3,5;

9,19;

12,27; 13,21

Lc 19,41

11,3

Mt 27,60;

Mc 15,46;

Lc 23,53;

24,2;

Jo 20,1

1,14; 2,11;

4,23-26

17,1;

Mt 14,19;

1Rs 18,36-37

6,29; 12,30;

17,8,21;

1Jo 5,14

5,27-29 tou com voz forte: "Lázaro, vem para fora!" ⁴⁴E aquele que tinha estado morto saiu, com os pés e as mãos atadas com as faixas e o rosto envolto num pano. Jesus lhes disse: "Desatai-o e deixai-o ir!"

(Mt 26,1-5; Mc 14,1-2; Lc 22,1-2). ⁴⁵Muitos dos judeus que tinham vindo à casa de Maria e haviam visto o que Jesus fizera creram nele. ⁴⁶Mas outros foram ter com os fariseus e lhes contaram o que Jesus fizera. ⁴⁷Os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram então um conselho^d e disseram: "Que faremos? Este homem opera muitos sinais. ⁴⁸Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele, os romanos intervirão e destruirão tanto o nosso Lugar Santo^e como a nossa nação".

⁴⁹Um dentre eles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano^f, disse: "Vós não compreendeis nada, ⁵⁰e nem mesmo refletis ser do vosso interesse que um só homem morra pelo povo^g e que não pereça a nação inteira". ⁵¹Não foi por si mesmo que ele pronunciou essas palavras, mas, como era sumo sacerdote naquele ano, fez esta profecia^h, que era preciso que Jesus morresse pela nação, ⁵²e não somente por ela, mas para reunir na unidade os filhos de Deus que estão

dispersosⁱ. ⁵³Foi nesse dia, pois, que eles resolveram fazê-lo perecer. ⁵⁴Por seu lado, Jesus se absteve, de ora em diante, de ir e vir abertamente entre os judeus: ele se retirou para a região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim^j, onde permaneceu com seus discípulos.

A unção de Betânia (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; cf. Lc 7,36-38). ⁵⁵Entretanto, a Páscoa dos judeus^k estava próxima. Na véspera desta Páscoa, muita gente subiu, de fora, para Jerusalém, a fim de se purificar^l. ⁵⁶Eles procuravam Jesus e, no Templo, onde eles estavam, diziam entre si: "Que vos parece? Ele nunca virá à festa!" ⁵⁷Os sumos sacerdotes e os fariseus haviam dado ordens: quem quer que soubesse onde ele estava devia denunciá-lo para que se apoderassem dele.

12 ¹Seis dias antes da Páscoa, Jesus chegou a Betânia, onde se achava Lázaro, que ele ressuscitara dentre os mortos^m. ²Ali, ofereceram um jantar em sua honra; Marta servia, e Lázaro se achava entre os convivas. ³Maria tomou então uma libraⁿ de um perfume de nardo puro^o de grande valor; ela ungiu os pés de Jesus, enxugou-os com seus cabelos^p, e a casa ficou cheia do perfu-

2,23; 7,31;
8,30; 10,42;
12,11,42;
Lc 16,31

Mt 26,3-5;
27,18

15,24;
At 4,16

At 6,13-14

18,13;
Mt 26,3;
Lc 3,2

2Cor 5,14

Ex 28,30;
Nm 27,21;
Gn 50,20
4,42;
1Jo 2,2
Is 49,5

5,18;
7,1,25;
8,37-40;
Mt 12,14;
14,5
2,12; 3,22;
7,1

2,12-13;
6,4;
Nm 9,6-13;
2Cr 6,7;
At 21,24-26
7,11

11,1,43-44;
Mt 26,6-13;
Mc 14,3-9

11,2;
Lc 10,40

Lc 7,37-38

e. Os sinais provocam reações diversas, fé ou oposição brutal (cf. 7,43; 9,16; 10,19). O último sinal vai provocar, em Jerusalém, a decisão de levar Jesus à morte.

d. Poder-se-ia também traduzir *sinédrio*. Seria anacrônica a reunião dos sumos sacerdotes e de um grupo de fariseus? Trata-se de uma reunião oficial, sim ou não? Observemos que os fariseus assumiram a liderança do judaísmo depois da destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. Cf. 9,22 nota.

e. Lit. o *Lugar*: isto designa, quer o conjunto de Jerusalém, quer mais particularmente o Templo (2Mc 3,12.18.30; At 6,13-14; 7,7).

f. Caifás exerceu a magistratura suprema de 18 a 36 (Lc 3,2; At 4,6; cf. Flávio Josefo, *Antiguidades* 18,35); o seu papel é sublinhado por Mt 26,3.57 e Jo 18,13-14.24.28. Insistindo sobre o fato de que ele era *sumo sacerdote naquele ano*, Jo talvez tenha querido sugerir a importância sem igual do ano em que se operou a salvação.

g. Caifás transporta o debate para o plano político; sejam quais forem os motivos religiosos, o fato é que Jesus provoca perturbações; convém, pois, eliminá-lo para assegurar a tranquilidade da ordem pública.

h. Na mente dos discípulos, as palavras de Caifás tomam um sentido totalmente diverso à luz dos acontecimentos que hão de seguir: por sua morte, Jesus vai garantir a salvação de Israel e

reunir em um só povo todos os que, pelo mundo inteiro, se acham sob a ação do Pai.

i. Caifás queria evitar perturbações aos judeus. Sem o saber, proclama a significação que a morte de Jesus assumirá para os que creem. Sobre a morte pela unidade, cf. 10,16; 17,19-23; 19,20; 21,11.

j. Frequentemente identificada com a aldeia de *Et-Tayyebeh*, c. 20km a nordeste de Jerusalém, nos confins do deserto.

k. Cf. 2,13; 6,4; Jo aparece opor a festa judaica, que pertence a uma ordem desde então ultrapassada, à verdadeira e única Páscoa do Cristo (13,1).

l. A participação na festa supunha um estado de *pureza* ritual que se conseguia graças a diversas práticas (Ex 19,10-15; Nm 9,9-14; 2Cr 30,1-3.17-20; At 21,24-26; 24,18; Jo 18,28).

m. Cf. Mt 26,13; Mc 14,3-9; Lc 7,36-40.

n. A libra romana pesava 327,45 gramas.

o. Mc 14,3 e Jo empregam o termo *psittikós*, que não é atestado alhures e cujo sentido exato permanece muito controvertido; o termo parece derivar do mesmo radical que a palavra *fé*, o que permitiria traduzir por *autêntico*. Mas talvez se trate do nome da planta da qual é extraído o perfume.

p. Derramando o perfume nos pés de preferência à cabeça (Mt-Mc) e enxugando-o com os cabelos, Maria exprime de modo radical a sua humildade e o seu amor.

6,71 me⁹. "Então Judas Iscariotes", um dos seus discípulos, aquele mesmo que o ia entregar, disse: "Por que não se vendeu esse perfume por trezentos denários⁵, para dá-los aos pobres?" "Ele falou assim, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, encarregado da bolsa, roubava o que nela se guardava. ⁷Jesus disse então: "Deixa-a! Ela observa esse uso em vista de meu sepultamento". ⁸Pobres, vós os tendes sempre convosco; mas a mim não me tendes para sempre". ⁹Entretanto, uma grande multidão de judeus tivera conhecimento de que Jesus estava ali, e vieram não só por causa do próprio Jesus, mas também para ver Lázaro, que Jesus ressuscitara dentre os mortos. ¹⁰Então, os sumos sacerdotes decidiram matar também Lázaro, ¹¹visto que era por causa dele que um grande número de judeus os deixavam e acreditavam em Jesus.

7,31:
11,19,45

A chegada triunfal em Jerusalém (Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Lc 19,28-40). ¹²No dia seguinte, a grande multidão vinda para a festa soube que Jesus estava chegando a Jerusalém; ¹³eles tomaram ramos de palmeiras⁶ e saíram ao seu en-

contro. Clamavam: "*Hosana! Bendito seja, em nome do Senhor, aquele que vem*", o rei de Israel". ¹⁴Achando um jumentinho, Jesus o montou, como está escrito: ¹⁵*Não temas, filha de Sião: eis o teu rei que vem, montado num jumentinho*. ¹⁶Naquele momento, os seus discípulos não compreenderam o que acontecia, mas quando Jesus foi glorificado⁷, eles se lembraram⁸ de que isso tinha sido escrito a seu respeito e que fora isso mesmo que se fizera para com ele. ¹⁷Entretanto, a multidão dos que estavam com ele quando chamara Lázaro para fora do túmulo e o ressuscitara dos mortos prestava-lhe testemunho. ¹⁸De fato, era mesmo por ter sabido que Jesus operara este sinal que ela ia ao seu encontro. ¹⁹Os fariseus disseram então uns aos outros: "Bem estais vendo que não conseguireis nada: eis que todo mundo se põe a segui-lo!"

A glória e a cruz. ²⁰Havia alguns gregos que tinham subido para adorar⁹, por ocasião da festa. ²¹Eles se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia¹⁰, e lhe fizeram este pedido: "Senhor, desejá-riamos ver Jesus". ²²Filipe foi dizê-lo a André e, juntos, disseram-no a Jesus. ²³Je-

q. O perfume derramado havia sido comparado, na literatura judaica, à irradiação de uma vida reta. Talvez se possa comparar com a afirmação de Mt 26,13 e Mc 14,9, segundo a qual o gesto de Maria seria conhecido onde quer que o Evangelho fosse pregado.

r. Cf. 6,71; Jo concentra a atenção em Judas, ao passo que Mc falava de *alguns* e Mt, dos *discípulos*.

s. Um denário era provavelmente o salário de um dia de trabalho. Cf. 6,7 nota; Mc 14,5.

t. Outra tradução possível: *Deixe-a conservar este perfume para...* O sentido exato do texto é obscuro. Ao ver de alguns, Jo, que não disse ter sido o frasco quebrado, pensaria numa reserva desse perfume em vista do sepultamento. Para outros, tratar-se-ia de guardar a lembrança desta ação que se apresentará como uma antecipação dos ritos do sepultamento. Mt e Mc sublinham a importância da presença de Jesus e a urgência de reconhecê-lo na fé (cf. 12,1 nota).

u. Cf. Mt 26,11, Mc 14,7.

v. É o estilo das entradas triunfais de soberanos (cf. JMc 13,51; 2Mc 10,7; Ap 7,9).

w. Cf. Sl 118,25-26. *Hosana*: ver Mt 21,9 nota. Este texto era usado pelos sacerdotes para abençoar os chefes de cortejo que subiam ao Templo. A fórmula é repetida e aplicada a Jesus que é, por excelência, *aquele que vem* (6,14; 11,27; 1,9), encarregado da missão e investido do poder de Deus.

x. O tema do rei messiânico pervade todo o evangelho: em

particular, o relato da Paixão (1,49; 6,15; 18,33.37.39; 19,3.12.14.15.19.21).

y. Lit. *potro de jumenta*. Como as outras testemunhas da tradição evangélica, Jo esclarece o episódio com a ajuda do oráculo messiânico de Zc 9,9, que ele simplifica.

z. Jesus é glorificado pela cruz e pela ascensão (cf. 7,39, 17,1). a. Como os outros evangelistas (Mc 14,72; Mt 26,75; Lc 22,60; 24,6.8). Jo considera que muitas palavras ou atos de Jesus foram incompreendidos ou muito malcompreendidos no decorso de sua vida terrestre. A cruz e a elevação do Senhor permitem reconhecer esses fatos e penetrar-lhes a verdadeira significação, alcançando uma nova compreensão das profecias das Escrituras. Essa reminiscência joanina opera-se sob a moção do Espírito (2,22; 14,26; 15,26; 16,12-15).

b. Trata-se, quer dos discípulos que haviam preparado por uma parte o acontecimento (cf. Mt 11,1-7), quer, mais provavelmente, da multidão que rendia homenagem a Jesus.

c. Ironia joanina: os próprios fariseus constatarem o caráter universal da ação de Jesus (cf. 12,32; Mc 1,37).

d. Embora não de raça judaica, esses homens de cultura grega eram simpatizantes, se não prosélitos, que participavam da peregrinação pascal (At 10,2.22.35; 13,16.26). O desejo deles de adorar o verdadeiro Deus (cf. 4,21-23) os conduziu a procurar o encontro com (mais exatamente, a visão de) Jesus.

e. Cf. 1,44 e 6,8. Filipe e André são os dois únicos discípulos que têm um nome grego. Ver 4,27-38 et 4,42 nota.

Sl 118,25-26;
Mt 27,42;
Mc 15,32;
Jo 1,49;
JMc 13,51;
Ap 7,9

2,22; 14,26;
Mc 4,13;
Lc 24,45

11,43-45

3,26;
11,47-48;
At 5,28

7,35;
11,55;
At 8,27;
24,11

1,44

7,34;
Lc 19,3;
23,8

sus lhes respondeu nos seguintes termos: "É chegada a hora em que o Filho do homem deve ser glorificado".²⁴ Em verdade, em verdade, eu vos digo, se o grão de trigo que cai em terra não morre, ele fica só; se, ao contrário, ele morrer, produzirá fruto em abundância".²⁵ Quem ama a sua vida perde-a; e quem deixa de se apegar^h a ela neste mundo guardá-la-á para a vida eterna.²⁶ Se alguém quiser me servir, siga-me; e lá onde eu estiver, lá também estará o que me serve. Se alguém me servir, o Pai o honrará.

²⁷ "Agora a minha alma está perturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas é precisamente para esta hora que eu vim".²⁸ Pai, glorifica o teu nome! Então uma voz veio do céu: "Eu o glorifiquei e o glorificarei ainda".²⁹ A multidão, que se achava lá e ouvia, dizia que era o trovão; outros diziam que um anjo lhe falara.³⁰ Jesus prosseguiu: "Não é para mim que esta voz ressoou, mas para vós".³¹ Agora é o julgamento^a deste

mundo^a, agora o príncipe deste mundo será lançado fora".³² Quanto a mim, quando eu for elevado da terra^a, atrairei a mim todos os homens".³³ — Por estas palavras ele indicava de que morte morreria.¹

— ³⁴ A multidão lhe respondeu: "Foi-nos ensinado pela Lei^a que o Cristo deve permanecer para sempre". Como podes dizer que é necessário que o Filho do Homem seja elevado? Quem é esse Filho do Homem?" ³⁵ Jesus lhes respondeu: "A luz ainda está entre vós por pouco tempo". Caminhei enquanto tendes a luz, para que as trevas não se apoderem de vós: pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. ³⁶ Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz". Depois de lhes ter falado assim, Jesus se retirou e se escondeu deles.

Epílogo. As condições da fé verdadeira. ³⁷ Embora tivesse operado diante deles tantos sinais, eles não acreditavam nele, ³⁸ de sorte que se cumpriu a palavra

3.19; 9.39; 14.30; 16.11; Lc 10.18; Ap 12.9; 20.1-6; 3.14; 8.28

18.32; 21.19

Sl 89.4.36; 110.4;

Is 9.7;

Dn 7.14;

Jo 10.34;

Rm 3.19;

Mt 8.20

7.33; 8.12;

9.4; 12.46;

11.10;

1Jo 2.11

Is 50.10;

Jr 13.16;

Ef 5.8

2.11;

Dt 29.1.3;

Mt 11.20

7.39; 13.31-32; 17.1; Mt 8.20

Is 53.10-12;

Mt 16.21

Rm 14.9;

1Cor 15.36

Mt 10.39;

16.25;

Mc 8.35;

Lc 9.24;

17.33

7.34; 14.3;

17.24;

Mt 16.24

11.33; 16.21;

18.11; Sl 6.3;

42.5.11;

Mt 26.38;

Mc 14.34;

Lc 22.40-46;

Hb 5.7-8;

17.5;

Mt 3.17;

17.5;

Mc 1.11;

9.7;

Lc 3.22; 9.35;

At 23.9;

Lc 22.43

11.42

f. É o momento decisivo em que Jesus entra na glória, à qual ele associará os seus discípulos (17.1-5.22.24; 1.14.16), glória fixada pelo Pai e situada no termo da carreira terrestre de Jesus (2.4; 7.6.8.30; 8.20; 11.9; 13.1; 17.1); é também e antes de tudo a hora do serviço, até a morte da cruz (Já Mc 14.35.37.41).

g. Familiar à pregação evangélica (Mc 4.3-9.26.31; Mt 13.29-30), a imagem da *semente* que *morre* para suscitar uma ampla messe fora aplicada à doutrina da ressurreição pelos doutores judeus e por Paulo (1Cor 15.35-44). A Paixão, tal como Jesus vai vivê-la, resultará na fecundidade da Ressurreição, que deve reunir judeus e gregos na mesma comunidade messiânica.

h. Lit. *quem odeia*; segundo o uso semítico, o verbo aqui empregado, quando vem oposto a amar, significa o mais das vezes *amar menos*, não considerar como valor supremo, o que implica uma ruptura (Gn 29.31-33; Dt 21.15; Mt 6.24; Lc 16.13; 14.26; ver Lc 14.26 nota).

i. Cf. Mc 8.35; Mt 16.25; Lc 9.24: o discípulo deve unificar e orientar a sua vida segundo a vida nova que o Mestre lhe revela e dá.

j. A ligação entre *servir* e *seguir* a Jesus é um dado fundamental da tradição evangélica (cf. Mc 8.34; Mt 10.38; Lc 14.27). O serviço a Jesus implica que o discípulo participará, a seu modo, da sua morte e da sua Ressurreição (cf. Mc 10.35-45).

k. Jo observa aqui a perturbação que Jesus experimenta diante de sua morte iminente (cf. 11.33-38; 13.21). Em compensação, não narra a agonia de Getsêmani (Mc 14.32-42; Mt 26.36-46; Lc 22.39-46), aludindo contudo a ela (18.11). Jo tende sobretudo a acentuar a perfeita obediência de Jesus, que, glorificando o Pai, entra na Paixão com soberana liberdade (cf. 10.18 nota).

l. O *nome* exprime e manifesta a pessoa. Ao pedir que o nome do Pai seja glorificado, Jesus pede que Deus seja manifestado como Pai (3.16; 17.12.26), coroando a sua obra de amor com os

homens, mediante a morte e a Ressurreição do seu Filho.

m. Após a manifestação da glória pelos sinais e atividade terrestre de Jesus (2.11; 5.36; 10.38; 11.4.40), virá a plena manifestação, através da morte e da Ressurreição (13.31-32; 17.1; 14.10) e do dom do Espírito.

n. A intervenção divina, cujo alcance a multidão não percebeu de imediato, devia, entretanto, levá-la normalmente a discernir o sentido dos acontecimentos de salvação. Não é Jesus quem precisa de explicações: ele está unido ao Pai.

o. No sentido de condenação (cf. 3.19; 3.21 nota; 5.29).

p. Nas tradições apocalípticas, este *mundo* é contraposto ao mundo futuro, no qual Deus reinará. A expressão designa também o mundo atual como lugar onde se manifesta a dominação das potências hostis à soberania divina, potências personalizadas em Jo sob nomes diversos: diabo (6.70; 8.44; 13.2), Satanás (13.27), Príncipe deste mundo (14.30; 16.11).

q. Segundo alguns mss., *jogado abaixo*. Jesus não veio, decerto, para julgar, mas para salvar (3.17-21; 12.47); entretanto, a sua vitória pela cruz acarretará necessariamente a derrota de Satanás e a sua eliminação deste mundo.

r. A *elevação* sobre a cruz deve ser percebida pelos fiéis como elevação na glória junto do Pai. Como acontece outras vezes, Jo joga aqui com expressões de duplo sentido.

s. Cf. 6.44, onde é o Pai quem atrai para o Filho.

t. Cf. 18.32.

u. Isto é, o conjunto das Escrituras e das tradições.

v. Podem-se citar Is 9.66; Sl 110.4; Dn 7.14, mas trata-se de uma concepção popular judaica que não considerava a necessidade da humilhação na cruz.

w. Cf. 8.12; 9.4-5; 1.9; 7.33; 13.33.

x. Este título designa os homens que entraram, pela fé, no domínio da luz e vivem de acordo com ela (Ef 5.8; 1Ts 5.5).

Rm 10,16: que o profeta Isaías dissera: *Senhor quem acreditou no que eles ouviram de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor?*
Hb 4,2

5,44 ³⁰O mesmo Isaías indicou a razão pela qual eles não podiam crer: *“Ele lhes cegou os olhos e endureceu o coração*

Mc 8,18 *para que não vejam com seus olhos, o seu coração não compreenda, eles não se convertam, e eu os teria curado!*

⁴¹Isso, Isaías o disse, porque viu a sua glória e falou a respeito dele⁴². ⁴²No entanto, entre os próprios dirigentes muitos tinham começado a crer nele; mas por causa dos fariseus não ousavam declarar-se em seu favor, temendo serem excluídos da sinagoga⁴³; ⁴³é que eles preferiam a glória que vem dos homens à glória que vem de Deus⁴⁴.

⁴⁴Entretanto, Jesus proclamara⁴⁵: “Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas naquele que me enviou, ⁴⁶e aquele que me vê, vê Aquele que me enviou⁴⁶. “Eu,

a luz, vim ao mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. ⁴⁷Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, não sou eu quem o julga: pois eu não vim julgar o mundo, mas salvar o mundo⁴⁷. ⁴⁸“Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem o seu juiz: a palavra que eu disse o julgará no último dia⁴⁸. ⁴⁹Eu não falei por mim mesmo, mas o Pai que me enviou prescreve-me o que tenho a dizer e a declarar. ⁵⁰E eu sei que o seu mandamento é vida eterna: o que eu digo, digo-o como o Pai me disse.

13 A última refeição e o lava-pés⁴.

¹Antes da festa da Páscoa¹, sabendo Jesus que a sua hora tinha chegado², a hora de passar deste mundo para o Pai³, ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo⁴. ²Durante uma refeição, quando o diabo já incu-

y. Posta no início do oráculo sobre o Servo sofredor (Is 53,1), essa pergunta sublinha o caráter inaudito da palavra e da ação de Deus, que Isaías vai anunciar; Jo toma esse uso da apologetica cristã (cf. Rm 10,16).

z. De modo pessoal, e aproximando-se do texto hebraico, Jo repete um dito de Isaías (6,9-10) muitas vezes empregado pelas primeiras teologias cristãs (Mc 4,11-12; Mt 13,15 e par.; Lc 8,10; At 28,26-27). A cegueira que impede de abrir-se à ação de Deus fora denunciada pelo oráculo do profeta, e os cristãos basearam neste a interpretação da recusa em crer de Israel, da qual eles eram testemunhas (cf. 9,39-41; 3,19-21; 1,9-11).

a. Ao ver de Jo, a glória divina que se manifesta a Isaías já era a que resplandece doravante em Jesus (cf. 8,56; 1Co 10,4).

b. A fé só tem validade quando se engaja sem reticências até a confissão pública que cria o risco de provocar a exclusão da comunidade de Israel (cf. 9,22; 16,1-4).

c. Cf. 5,44.

d. Essa pequena compilação de sentenças particularmente características do Jesus parece constituir o epílogo da primeira parte do evangelho.

e. Jesus nada é por si mesmo ou isoladamente; tal é a sua relação com o Pai que aquele que nele crê presta, ao mesmo tempo, a sua fé ao Pai; ou ainda (o que dá no mesmo) aquele que o vê, vê nele o Pai (cf. 10,38; 13,20; 14,7-11; 5,19-30; 1,18).

f. A palavra exige uma atenção e uma obediência sustentadas com constância (cf. Mt 7,24-27; Lc 6,47-49). A missão de Jesus é exclusivamente consagrada à salvação (3,17; 8,15), mas aquele que a rejeita condena-se à perdição; efetivamente, não existe outro caminho de acesso a Deus (5,22-27; 8,16,26).

g. Jo transfere para a palavra de Jesus o que o judaísmo dizia da lei, que, no julgamento, se torna a norma da condenação (cf. Mc 8,38).

h. O vasto conjunto literário constituído pelos caps. 13-17 reúne elementos muito diversos: antes de tudo, a narração da última ceia que Jesus compartilhou com os seus discípulos e o

relato do lava-pés (13,1-30); em seguida, um extenso colóquio do Mestre com os seus (13,31-17,26). Esta seção justapõe elementos diversos; é claro que 14,27-31 constituía primitivamente o fim de um discurso de despedida, depois do qual se passava para o encontro com os homens encarregados de proceder à prisão (18,1-11). Jo introduziu os caps. 15-17 para desenvolver o primeiro discurso de despedida (13,31-14,31). Nos caps. 13-17, Jesus se dirige aos discípulos e, através deles, aos fiéis de todos os tempos. Trata da existência deles no tempo que começa com sua elevação na glória. Jo abordará até nos pormenores certas preocupações essenciais de seus destinatários: não é, pois, estranho descobrir nestes caps. certo número de anacronismos: Jo deixa Jesus falar do ponto de vista de um fiel de depois da Ressurreição confrontado com os problemas da Igreja no fim do séc. I.

i. Para as festas judaicas em Jo, ver 6,4 nota. Esta refeição é geralmente considerada como o equivalente joanino da última refeição relatada nos sinóticos. No entanto, não se trata aqui explicitamente de uma refeição pascal, nem da instituição da Ceia. Nós ignoramos o motivo pelo qual Jo não narra esta refeição. Ele parece ter preferido deliberadamente narrar a este respeito o vasto discurso do capítulo 6.

j. Jesus está plenamente consciente da chegada da sua hora (2,4; 7,6; 12,23,27) e do alcance dos acontecimentos que começam; ele vai assumi-los com soberana liberdade (10,18; 18,4; 19,28).

k. O termo hebraico que deu origem a *Páscoa* significa uma passagem (Ex 12,12-13). Jo parece sugerir que os acontecimentos que, através da morte, conduzirão Jesus da condição presente à participação na glória do Pai (17,5) constituem para ele (e para os seus) a verdadeira Páscoa, que assim se oporia à *Páscoa dos judeus* (2,13; 6,4; 11,55).

l. Doravante, Jo passa a sublinhar que é o amor que dá todo sentido à obra de Jesus e particularmente à sua Paixão (13,34; 15,9; 17,23; 1Jo 3,16; cf. Gl 2,20; 2Co 5,14; Rm 5,8; 8,35; Ef 3,19; 5,1-2). Os acontecimentos da Páscoa constituem o último ato e a expressão suprema desse amor que salva.

Mt 26,20; Mc 14,17-18; Lc 22,3,14; 1,1; 3,35; 16,28; Mt 11,27; Lc 10,22; Lc 12,37; 17,10

12,3; Lc 7,44

13,12; 14,26

2Sm 20,1gr.

15,3

1,48; 6,64 70-71

tira no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o pensamento de o entregar^m.¹ Sabendo que o Pai lhe entregou todas as coisas entre as mãosⁿ, que ele saiu de Deus^o e voltava para Deus^p, Jesus se levanta da mesa, depõe o seu manto e toma um pano com o qual se cinge. Depois, derrama água em uma bacia e começa a lavar os pés dos discípulos^q e a enxugá-los com o pano com que se havia cingido. Ele chega assim a Simão Pedro, que lhe diz: "Tu, Senhor, lavar-me os pés?" Jesus lhe responde: "O que eu faço, tu não és capaz de saber agora, mais tarde, porém, compreenderás". Pedro lhe disse: "Lavar os pés a mim? Jamais!" Jesus lhe respondeu: "Se eu não te lavar, não poderás ter parte comigo". Simão Pedro lhe disse: "Então, Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça!" Jesus lhe disse: "Aquele que tomou banho não tem nenhuma necessidade de ser lavado^r, pois está inteiramente puro^s. Quanto a vós, estais puros, mas não todos^t". Ele sabia, com efeito, quem ia entregá-lo; e é por isso que disse: "Vós não estais todos puros".

¹²Tendo acabado de lhes lavar os pés, Jesus tomou o seu manto, pôs-se de novo à mesa e lhes disse: "Compreendeis o que vos fiz?" Vós me chamais de Mestre e Senhor^u, e dizeis bem, pois eu o sou. Se pois eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis, também vós, lavar-vos os pés uns aos outros; pois é um exemplo que eu vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também^v. Em verdade, em verdade, eu vos digo, um servo não é maior do que o seu senhor, nem um mensageiro maior do que aquele que o envia^w. Sabendo isso, sereis felizes, se ao menos o puserdes em prática^x. Eu não falo para vós todos; eu conheço os que escolhi^y. Mas assim deve cumprir-se a Escritura: *Aquele que comia o pão comigo ergueu o calcanhar contra mim*^z. Eu vo-lo digo agora, antes que o fato aconteça, a fim de que quando acontecer, creiais que Eu Sou^{aa}. Em verdade, em verdade, eu vos digo, receber aquele que eu enviar é receber a mim mesmo, e receber-me é receber Aquele que me enviou^{ab}.

m. Jo faz ver, por detrás dos bastidores da história, a presença ativa do poder diabólico (cf. 6,71; 8,44; 12,31; 13,27; 16,11; Lc 22,3).

n. Cf. 3,35; 5,19-20,36; 6,37,39; 17,11; Mt 11,27; Lc 10,22. o. Cf. 8,42; 16,27-28; 17,8.

p. Cf. 7,33-34; 16,28; 3,13-15; 6,62.

q. O fato de lavar os pés de alguém era considerado uma ação humilhante, que não se podia impor nem mesmo a um escravo judeu; mas ela podia se tornar expressão da piedade mais eminente com relação a um pai ou a um senhor. O gesto de Jesus podia comparar-se às ações simbólicas dos profetas. Ilustra o amor de Jesus e anuncia a sua morte (cf. v. 7).

r. Pedro, que julga segundo as normas humanas (7,24; 8,15), recusa-se a aceitar um gesto de rebaixamento que vai de encontro à sua afeição e à imagem que ele concebe do Messias (cf. Mt 16,22).

s. É sob a condição de aceitar desde já o gesto de humildade de Jesus, que se põe a seu serviço (assim como dará sua vida por ele), que Pedro poderá compreender e compartilhar a vida nova.

t. Outra leitura: *ninguém tem necessidade de lavar senão os pés*; embora menos bem-atestada, a leitura curta parece corresponder melhor à estrutura do pensamento e aos modos de proceder joaninos. Agora Pedro corre o risco de reduzir a ação de Jesus às suas dimensões materiais: o gesto de Jesus não tem primordialmente uma finalidade de purificação, o importante é receber na fé o que se exprime através deste gesto. Talvez haja aqui uma alusão ao batismo.

u. Em grego, o mesmo termo significa limpo e puro.

v. A purificação trazida por Jesus não tem nada de automático e Judas pôde ser lavado sem ser realmente purificado (cf. 1Cor 11,26).

w. O lava-pés exprime simbolicamente o essencial da vida e da Paixão de Jesus, o amor que assume o serviço mais humilde para salvar os homens. Esse modo de vida fundamenta para os discípulos a capacidade e o dever de imitar o Senhor (cf. 13,34; 15,12).

x. Cf. Mt 10,24; Lc 6,40; 22,24-30: a condição do discípulo ou do enviado deve necessariamente parecer-se com a de Jesus e conduzi-los ao dom da própria vida a serviço de seus irmãos.

y. Cf. Mt 7,21,24-27. Rm 2,13; Tg 1,22,25. Jo une estreitamente o conhecer e o fazer (cf. 3,21; 7,17).

z. Isto é, aqueles que eu efetivamente escolhi (e Judas não estaria incluído). Ou então: eu conheço os corações daqueles que escolhi e sei o que se prepara (interpretação mais provável: cf. 6,70).

aa. Jo cita a seu modo Sl 41,10: *aquele que come o meu pão*, isto é, aquele que eu acolhi e que vive graças a mim (cf. Mc 14,18). *Erguer o calcanhar* contra alguém significa tomar uma atitude hostil e procurar destruir.

ab. Se a traição de um discípulo é desconcertante, o fato de Jesus a ter anunciado deve reconfortar os outros discípulos, pois manifesta o conhecimento que Jesus tem de todas as coisas e a conformidade da sua vida com o designio de Deus, enunciado nas Escrituras. (Quanto à expressão *Eu sou*, cf. 8,24,28,58.)

c. Cf. Mt 10,40; Mc 9,37; Lc 10,16. A missão dos discípulos participa estreitamente da de Jesus (17,17; 20,21).

A traição de Judas (Mt 26,20-25; Mc 14,17-21; Lc 22,21-23). ²¹Tendo assim falado, Jesus ficou perturbado interiormente^d e declarou de modo solene: "Em verdade, em verdade, eu vos digo, um dentre vós vai me entregar". ²²Os discípulos olhavam uns para os outros, perguntando-se de quem ele falava. ²³Um dos discípulos, aquele que Jesus amava^e, achava-se ao lado dele^f. ²⁴Simão Pedro lhe fez sinal: "Pergunta de quem ele fala"; ²⁵o discípulo então se inclinou sobre o peito de Jesus e lhe disse: "Senhor, quem é?" ²⁶Jesus respondeu: "É aquele a quem eu der o bocado que vou umedecer no molho^g". Dito isso, Jesus tomou o bocado umedecido no molho e o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão; ²⁷e logo depois de partilhado o bocado, nesse momento, Satanás entrou em Judas. Jesus lhe disse então: "O que tens a fazer, fazes de depressa". ²⁸Nenhum dos que lá se achavam compreendeu por que ele dis-

sera isso. ²⁹Como Judas tomava conta da bolsa, alguns pensavam que Jesus lhe dissera para comprar o necessário para a festa, ou para dar alguma coisa aos pobres. ³⁰Quanto a Judas, tendo tomado o bocado, saiu imediatamente: era noite^h.

O diálogo supremo. ³¹Apenas Judas saiu, Jesus disse: "Agora, o Filho do Homem é glorificado, e Deus foi glorificado por eleⁱ"; ³²Deus o glorificará em si mesmo^j, e é em breve que ele o glorificará^k. ³³Meus filhinhos, eu só estou convosco por pouco tempo^l. Vós me procurareis, e como eu disse aos judeus: "Para onde eu vou, vós não podeis vir^m", agora também a vós o digo.

³⁴"Um mandamento novo eu vos dou": amai-vos uns aos outros. Como eu vos ameiⁿ, vós também amai-vos uns aos outros^p. ³⁵Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos^q: no amor que tiverdes uns para com os outros^r.

Mt 26,
21-25;
Mc 14,
18-21;
Lc 22,21-23

19,26;
20,2;
21,7,20

21,20

13,2;
Lc 22,3

8,12;
Lc 22,53

12,23;
17,1,5;
Mt 8,20
1,14; 7,39

7,33-34;
8,20

15,12,17;
Lc 10,26-27;
1Jo 2,
7-8,10;
3,11,23;
4,10,19;
5,1,3;
2Jo 5;
1Cor 9,21;
Gl 6,2;
Ad 4,32;
1Jo 3,14

d. Cf. 11,33; 12,27.

e. Este discípulo, cujo nome nunca se diz, parece objeto de um amor de predileção; destarte, ele penetra mais profundamente nas intenções de Jesus. Este discípulo anônimo aparece repetidas vezes em episódios-chave do evangelho (19,26-27; 20,2-10; talvez 18,15-16; e cf. 21,7,20). A tradição pensou, geralmente, tratar-se do apóstolo João mencionado nos sínodos (cf. Mc 1,19,29; 3,17; 5,37; 9,2,38; 10,35,41; 13,3; 14,33 e par.; At 1,13; 3,1,3,4,11; 4,13,19, 8,14; Gl 2,9). Sua figura continua enigmática: modelo do crente (ele é o único discípulo ao lado da cruz na morte de Jesus); muitas vezes apresentado em relação ou em competição com Pedro (cf. 20,2-10), não se sabe se é uma figura simbólica criada pelo evangelista ou se, através dele, Jo leva ao pulso uma personalidade que desempenhou na história um papel importante.

f. Lit. *estava deitado no seio de Jesus*: segundo a moda greco-romana, os convivas se estendem sobre divãs e se apoiam sobre o braço esquerdo; o discípulo situado à direita de Jesus está, portanto, bem perto do seu peito quando se inclina para Jesus. A expressão traduzia também a simplicidade e a franqueza das relações de amizade (cf. 1,18).

g. Cf. 10,18 nota e 12,27 nota. Mais uma vez, por esta observação, Jo destaca que a iniciativa da Paixão está nas mãos de Jesus. — O bocado: trata-se de um pedaço de alimento e não há evidência de que seja pão. Entretanto, alguns pensam que se trataria da Eucaristia (no Oriente a palavra bocado, *psômon*, acabou designando o pão consagrado).

h. Esta notação cronológica tem sobretudo um alcance simbólico; é a hora do poder das trevas (Lc 22,53; Jo 12,35; 3,2; 9,4; 11,10; 19,39).

i. Cf. 1,14 nota e 11,4 nota. Nas Escrituras, a glória é a manifestação de Deus. Dando sua vida, Jesus cumpre até o fim a obra que o Pai lhe dá a realizar, numa obediência perfeita, que atesta sua unidade com o Pai e manifesta sua divindade, e que,

ao mesmo tempo, revela e glorifica o Pai.

j. Alguns mss. acrescentam no começo do versículo: *Se Deus foi glorificado por ele, Deus...*

k. O *agora* escatológico (v. 31) aparece, portanto, como uma permuta: Jesus glorificou o Pai por sua perfeita obediência no serviço humilde até a morte; o Pai responde associando-o a si mesmo, isto é, fazendo-o participar da sua glória eterna, pela exaltação (cf. 17,1-5,22,24; 12,23,28; 14,13; 15,8).

l. Lit. *por pouco*. Cf. 7,33 nota; 8,21.

m. A glorificação de Jesus culmina na sua partida, isto é, a sua morte (sua elevação). Ver 8,28 nota. Essa partida, que foi anunciada aos judeus (7,34; 8,21), o separará também, ao menos temporariamente, dos discípulos; é mister perceber a importância e o valor desta ausência (14,1,28; 16,16,19-22; 20,16-18). Mas é precisamente por sua partida e sua volta para junto do Pai que o Filho estará verdadeiramente presente junto aos discípulos (14,1-29).

n. O mundo pagão, bem como o mundo israelita (Lv 19,18), tinha preconizado por diversos motivos a amizade e o serviço mútuo. O *mandamento* de Jesus é *novo*, primeiro porque ele impõe a exigência essencial para entrar na comunidade escatológica; ele é novo também à medida que exige uma humildade e uma disposição para o serviço que levam a tomar o último lugar e a morrer pelos outros. Tal amor será doravante o sinal da presença do Senhor no mundo (cf. 17,21-23).

o. A maneira de viver de Jesus não oferece somente uma norma e um estilo, ela fundamenta também a possibilidade de viver plenamente o amor fraterno e a edificação mútua. Contrariamente aos sínodos, Jo não fala do amor ao próximo, mas do amor mútuo dos discípulos.

p. O amor atinge o seu pleno desabrochamento em uma comunidade onde há intercâmbio, dom e acolhimento.

q. O amor fraterno vivido é o sinal por excelência da presença do amor de Deus na vida dos homens (cf. 17,21-23; 15,1-17).

(Mt 26,31-35; Mc 14,27-31; Lc 22, 31-34). ³⁶Simão Pedro lhe disse: "Senhor, aonde vais?" Jesus lhe respondeu: "Para onde eu vou, tu não podes seguir-me agora, mas seguir-me-ás mais tarde". ³⁷"Senhor, responde-lhe Pedro, por que não posso seguir-te imediatamente? Eu me despojaré da vida por ti!" ³⁸Jesus respondeu: "Despojar-te da vida por mim? Em verdade, em verdade, eu te digo, tu me terás renegado três vezes antes que um galo comece a cantar".

14 Jesus caminho para o Pai. ¹"Não se perturbe o vosso coração"; vós credes em Deus, crede também em mim". ²Na casa do meu Pai, há muitas moradas. Senão, ter-vos-ia eu porventura dito

que ia preparar-vos o lugar onde ficareis?" ³Quando tiver ido prepará-lo para vós, voltarei e vos tomarei comigo, de tal sorte que lá onde eu estiver também vós estejais". ⁴Quanto ao lugar para onde vou, vós sabeis o caminho". ⁵Tomé lhe disse: "Senhor, nós nem sabemos para onde vais, como poderíamos saber o caminho?" ⁶Jesus lhe disse: "Eu sou o caminho", a verdade e a vida". Ninguém vai ao Pai a não ser por mim. ⁷Se me conhecêsseis, conheceríeis também meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes". ⁸Filipe lhe disse: "Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta". ⁹Jesus lhe disse: "Eu estou convosco há tanto tempo, e entretanto, Filipe, não me reconheceste? Aquele que me viu, viu o Pai. Por que dizes:

7,34; 12,26; 17,24; Hb 6,19-20; Fl 1,23; 1Ts 4,17

11,16; 20,24-29

13,36

Hb 10,20; Mt 11,27; 8,19; 12,45; 2Cor 4,4

Ex 33,18

1,18; 12,45; Cl 1,15; Hb 1,3; Sr 4,14

14,27; 10,28-30; 16,33; 2Cr 20, 17,20 gr.; Ex 14,31; Mc 11,22; 8,35

r. Pedro se engana em relação às palavras de Jesus no mesmo sentido que os judeus em 7,35 e 8,22 (cf. 8,22 nota): não entende que a partida de Jesus é sua volta para o Pai. Parece não ter ouvido o preceito que definia a atividade dos discípulos depois da partida de Jesus e repisa a afirmação de 13,33 (cf. Mt 26,33-35; Mc 14,29-31; Lc 22,33-34).

s. Porque Jesus glorificado o há de buscar (14,1-4), Pedro, na fé, poderá viver em comunhão com Jesus. É possível que Jo aluda, aqui, à morte de Pedro (21,18-20). Mas *mais tarde* remete a 14,2-3; a volta de Jesus ao meio dos seus mediante o Espírito.

t. A partida de Jesus e a perspectiva de ficarem entregues a si mesmos em meio a um mundo hostil fazem nascer no espírito dos discípulos uma profunda angústia, que comporta o risco de os submergir (14,27; 16,6.20). Jesus empenha-se em reconfortá-los mostrando-lhes que a sua partida determinará uma comunhão mais íntima com ele e com o Pai, enquanto o Espírito assegurará a proteção deles.

u. Outras traduções possíveis: *Crede em Deus, e crede também em mim*; e: *vós credes em Deus e credes também em mim*. A fé, que é confiança fundada no Deus que se revela garantindo ajuda, deve necessariamente sobrepujar a angústia. Doravante, ela será também, e antes de tudo, fé em Jesus, o Filho encarnado no qual se opera a revelação suprema (cf. 5,38; 8,46-47).

v. Sendo a casa o lugar onde se reside de modo estável, a expressão fora aplicada ao Templo, que era o lugar da presença de Deus no meio do seu povo (Ex 33,7; 40,34-38; Nm 12,7; 2Sm 7,13-14; Sl 69,10 citado em Jo 2,17); a seguir, a imagem foi empregada para designar a transcendência da existência divina; dir-se-á simbolicamente que a casa de Deus está estabelecida nos céus.

w. Outra leitura possível: *Senão, vo-lo teria dito? Vou preparar o lugar onde estareis*; ou ainda: *Senão, vo-lo teria dito. Vou...* Por sua passagem para a glória, Jesus vai garantir a todos os fiéis a possibilidade de se estabelecerem para sempre na comunhão do Pai, na vida nova (cf. 3,3 nota; 1,14.51; 4,21-23; 8,35). O texto não estabelece diferença entre as moradias.

x. Para Jo, esse retorno de Jesus, que vai associar os seus à sua condição gloriosa, não se situa apenas no fim dos tempos (cf. Mt

16,27; 25,31; 1Ts 4,16-17; 1Cor 11,26; 16,22; Ap 22,17.20; 1Jo 2,28), mas no tempo da Igreja (14,18.23.28; 15,26; 16,7.13.16-23). A desconcertante alternância de verbos presentes e futuros vem do que Jesus fala de um futuro que é já o presente de Jo e seus destinatários (o que acontecerá, depois de sua morte, na comunidade dos fiéis). Cf. 13,1 nota.

y. A imagem do *caminho* longo e difícil que Israel deve percorrer, atendendo ao apelo do seu Deus e apoiando-se nele pela fé, a fim de chegar à Terra prometida, pertencida à simbologia do Êxodo (Dt 1,30-33; 2,1-2; 8,2-10; Sl 77,20; 136). A seguir, a imagem foi aplicada à fé que revela as orientações que o Senhor propõe ao seu povo, visando às recompensas eternas (Dt 32,4; Sl 25,10; 128,1; 147,19-20; Br 3,13-14.37; 4,1). No NT a imagem persiste, mas se transforma. Jesus inaugura uma nova maneira de andar segundo Deus e ao encontro de Deus (Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,23; Hb 10,20), de tal sorte que o cristianismo nascente foi chamado o *caminho* (At 9,2; 18,25; 24,22). Mas a expressão toma em João uma significação mais profunda: Jesus não é somente o caminho na medida em que, por seu ensinamento, ele conduz à vida; ele é o caminho que conduz ao Pai na medida em que ele próprio é a *verdade* e a *vida* (cf. 10,9).

z. Jesus é a *verdade* porque é, enquanto Filho encarnado, a expressão perfeita do Pai para os homens; ele lhes manifesta o Pai (17,8.14; 1,18) tanto por sua atividade como por sua palavra. É assim que ele introduz os que abraçam a fé na comunhão do Pai, na qual consiste a plenitude da vida verdadeira (17,3; 1,4; 3,16; 6,40; 47,63; 11,25). Para Jo, esta volta de Jesus para associar os seus à sua condição gloriosa não se situa apenas no fim dos tempos.

a. Alguns mss. trazem: *Se me conheceis, conheceis também o meu pai*. No Jesus terrestre, que se dá a conhecer plenamente no evento pascal, é que Deus se revela totalmente.

b. Sobre a visão e a fé, cf. 9,3 nota e 20,29. Filipe (1,44; 6,5; 12,22) exprime assim a aspiração mais profunda do ser humano, que só Jesus é capaz de satisfazer (1,18; 6,46 etc.). Mas Filipe ainda não o entendeu. Como Pedro (13,36-38) e Tomé (14,5; cf. 11,16 nota), ainda não reconheceu Jesus de verdade e, dum modo diferente do dos outros, igualmente se engana a respeito de sua pessoa.

Mostra-nos o Pai? ¹⁰Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, eu não as digo por mim mesmo^d. Pelo contrário, é o Pai que permanecendo em mim realiza as suas próprias obras^e. ¹¹Crede-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim; e se não credes na minha palavra, crede, contudo, por causa destas obras. ¹²Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que crer em mim fará também as obras que eu faço; ele fará até obras maiores, porque eu vou para o Pai^f. ¹³Tudo o que pedirdes em meu nome^g, eu o farei, de tal forma que o Pai seja glorificado no Filho^h. ¹⁴Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

A promessa do Espírito. ¹⁵Se me amais, aplicar-vos-eis a observar os meus mandamentos; ¹⁶quanto a mim, eu rogaré ao

Pai, e ele vos dará um outro Paráclitoⁱ, que permanecerá convosco para sempre^j. ¹⁷É ele o Espírito da verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece^k. Quanto a vós, vós o conheceis, pois ele permanece junto de vós e está em vós^l. ¹⁸Não vos deixarei órfãos, eu virei a vós. ¹⁹Ainda um pouco e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis vivo, e também vós vivereis^m. ²⁰Naquele diaⁿ, conhecereis que eu estou no meu Pai e que vós estais em mim e eu em vós^o. ²¹Quem se apegue aos meus mandamentos e os observar^p, este me ama: ora, aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu, por minha vez, o amarei e eu manifestarei a ele^q. ²²Judas, não o Iscariotes^r, lhe disse: "Senhor, como é possível que tenhas de te manifestar a nós e não ao mundo?" ²³Jesus lhe respondeu: "Se alguém me ama, ob-

10,38;
12,49;
14,20;
17,21
10,37-38
7,33; 13,1;
14,28;
Mt 8,10;
21,21;
Lc 17,6
13,31-32;
15,16;
16,23; 17,1;
Mt 7,7-11;
At 3,16
Dt 6,4-9;
7,11; 11,1;
Sl 6,18;
Jo 15,10;
1Jo 5,3;
2Jo 6

14,26;
15,26; 16,7
1,10; 15,26;
16,13;
2Jo 1-2;
Mt 10,20;
Rm 8,26
14,3,28
7,33-34,36;
8,21; 16,16
6,57
10,30,38;
17,11,21-23
16,27;
17,26;
Sr 4,14
At 10,40-41

c. Toda a vida de Jesus, a sua palavra e a sua ação são o lugar da manifestação perfeita do Pai, porque Jesus está unido a ele por uma comunhão indizível (5,17-30; 10,30). Por outro lado, não se diz aqui que Deus é doravante substituído pelo homem Jesus. d. Cf. 7,17-18; 8,26; 12,49-50.

e. Trata-se do conjunto da obra da salvação, cuja manifestação mais sensível são os sinais (5,18; 8,28,42).

f. Não se trata de prodígios assombrosos, mas do testemunho que os discípulos, animados pelo Espírito dispensado pelo Cristo, darão ao mundo, para que ele ereia (17,21-23). A grande obra à qual a missão de Jesus é destinada é a criação de uma comunidade fiel — a Igreja — presente no mundo e dando testemunho dele. — *Porque eu vou para o Pai*: a atividade dos discípulos é considerada como a obra do Senhor, que se desdobra através deles (17,17-18).

g. O nome designa aqui a pessoa do Cristo em sua condição gloriosa e conota o poder espiritual que deve transformar a vida dos homens. Os discípulos realizarão as grandes obras anunciadas na medida em que, alicerçados nele, lhe pedirem que as realize (cf. 15,16; 16,23-24,26, em que se trata de orar ao Pai, invocando o nome de Jesus; 1Jo 5,14, pedir segundo a sua vontade).

h. A ação do Cristo em resposta à oração manifesta a glória (ou o poder espiritual) que o Pai deu ao Filho e, portanto, ao mesmo tempo, a glória do Pai (17,1-5; 1,14,16).

i. Tomado do vocabulário jurídico, o termo *Paráclito* designa aquele que é posto ao lado de um acusado para o ajudar e o defender: o sentido primitivo é, portanto, advogado, auxiliar, defensor. A partir daí começa a repontar, quer o sentido de consolador, quer o de intercessor. A expressão, que, no NT, só aparece na obra de João, designa, ora o Espírito (14,16,26; 15,26; 16,7), ora o Cristo (1Jo 2,1). Alguns exegetas acreditaram poder comparar a expressão com o uso neotestamentário do verbo *parakléō* (At 2,40; 1Cor 14,3), que exorta o cristão a resistir em meio às dificuldades. Em Jo predomina um sentido bastante jurídico: o Espírito ajuda os discípulos no vasto processo que o mundo intenta contra eles (16,4-15); mas os diversos matizes

acima assinalados podem estar mais ou menos presentes e ser acentuados segundo os casos.

j. O dom do Espírito é concedido sem limitação de tempo e assegura para sempre a comunhão com Cristo, que o dispensa (cf. Mt 28,20).

k. O *Esprito* dispensado por aquele que é a verdade ajuda os discípulos a progredir no conhecimento (16,13) e a lhe prestar testemunho (15,27; cf. 1Jo 4,6; 5,6). O *Esprito* da verdade é oposto ao espírito do erro (1Jo 4,5) e à mentira (8,44) que domina o mundo.

l. Certos mss. têm *será*.

m. Enquanto o mundo, entregue somente aos seus meios de conhecimento, será incapaz de perceber Jesus para além de sua morte (7,34; 8,21), os discípulos experimentarão a presença do Cristo ressuscitado (lit. *porque eu vivo*) e compartilharão a sua vida nova; do mesmo modo aqueles que crerem com base no testemunho deles. Esse conhecimento e essa participação na vida do Ressuscitado já constituem para Jo a vida eterna. Pode-se também traduzir: ...*Vós me vereis: porque eu vivo, vós vivereis também*.

n. Fórmula corrente no AT para designar o advento da época escatológica (Is 2,17; 4,1-2; Jr 4,9; Zc 2,15). Os últimos tempos começam para a Ressurreição de Jesus, da qual participam os fiéis. O essencial é concedido desde agora, mas a perspectiva de uma complementação permanece aberta.

o. Somente as relações que unem os discípulos a Jesus permitem descobrir a realidade da relação que une Jesus ao Pai.

p. Com o duplo sentido de *conhecer e praticar com constância*. Pode-se comparar com os pares escutar/guardar (12,47) e escutar/crer (5,24). Essa obediência é a expressão do amor e da fé; ela permite conhecer concretamente o amor do Pai através da manifestação do Cristo. Outra tradução: *guarda*.

q. Cf. Lc 6,16 nota; At 1,13; talvez o Tadeu de Mt 10,3; Mc 3,18.

r. O discípulo de antes da Páscoa ainda não compreende que possa haver um outro modo de existência, implicando outro modo de conhecimento.

servará a minha palavra, e meu Pai o amará; nós viremos a ele e estabeleceremos a nossa morada".²⁴ Aquele que não me ama não observa as minhas palavras; ora, esta palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou.²⁵ Eu vos disse estas coisas enquanto permanecia convosco; ²⁶o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse".²⁷ Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Que o vosso coração cesse de se perturbar e de temer.²⁸ Ouvistes que eu vos disse: "Eu vou, e venho a vós". Se me amásseis, vós vos alegraríeis por eu ir para o Pai, pois o Pai é maior do que eu".²⁹ Eu vos falei desde agora, antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vós creiais".³⁰ Doravante, eu já não

falarei muito convosco, pois aproximareis o príncipe deste mundo. Por certo, ele nada pode contra mim";³¹ mas ele vem a fim de que o mundo saiba que amo o meu Pai e ajo conforme o Pai me prescreveu". Levantai-vos, partamos daqui!"

15 Jesus, a verdadeira vinha. ¹"Eu sou a verdadeira videira", e meu Pai é o vinhateiro.² Todo sarmento que, em mim, não produz fruto, ele o arranca, e todo sarmento que produz fruto, ele o poda, o purifica a fim de que produza mais.³ Vós já estais purificados pela palavra que eu vos disse.⁴ Permaneci em mim como eu permaneço em vós! Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim.⁵ Eu sou a vinha, vós sois os sarmentos; aquele

6,38c; 10,18; 12,31; 13,2; 16,11

12,49; 15,10; Mt 26,46; Mc 14,42

Jr 2,21; Sl 80,9-20; Sr 24,17; 4Mc 1,29; 9,22; Mt 3,10; 15,13

13,10; At 15,9

6,56-57; Rm 11, 17-18; 2Cor 3,5; Fl 2,13

1,3; 15,16; 1Cor 12,12-27

s. Respondendo indiretamente à pergunta, Jesus afirma que ele e o seu Pai fixarão sua morada nos que exprimirão efetivamente seu amor, obedecendo-lhes à palavra: assim se realizará a aspiração dos fiéis do AT (cf. 1Rs 8,27; Ez 37,26-27; Zc 2,14).

t. O envio do Espírito pelo Pai responde ao pedido de (ou por) Jesus (14,13-14; 15,16; 16,23-26) e se liga estreitamente à sua missão. Para Jo, o Espírito é enviado, ora pelo Pai (14,16-26), ora diretamente por Jesus mesmo (15,26).

u. Os discípulos que haviam compartilhado a vida terrestre de Jesus (15,27; At 1,21) guardam a lembrança do que ele fez e disse: o Espírito do Cristo ressuscitado os induzirá a penetrar a significação profunda dos seus atos (2,22; 12,16). É levando assim à compreensão progressiva da realidade de Jesus e do sentido das coisas em sua relação com ele, que o Espírito ensina todas as coisas (cf. 15,26; 16,13-15).

v. Sobre o sentido bíblico do termo traduzido por *paz*, ver Lc 1,79 nota e Rm 5,1 nota. Em Jo, a *paz* é sempre ligada à pessoa de Cristo e à sua presença (14,27; 16,33; 20,19,21,26).

w. Esta frase não pode ser isolada do contexto imediato e do conjunto do pensamento joanino: não se trata das relações que unem o Pai ao Filho em uma perfeita correspondência (5,19-30; 10,30), mas do estudo de humilhação do Filho ao qual vai responder a glorificação pelo Pai, glorificação esta que é fonte de bens espirituais para os discípulos (cf. 16,7).

x. A comparação entre as palavras de Jesus e os acontecimentos conduzirá os discípulos a progredir no conhecimento e na fé (2,21-22; 13,19; 16,4).

y. Cf. 12,31; 6,70,71; 8,41; 13,27.

z. O mundo e aquele que o governa não têm nenhum direito sobre Jesus, porque ele é sem pecado (8,46; 17,4). A Paixão é, portanto, fruto da pura liberdade de Jesus, que exprime assim, por sua perfeita obediência, o seu amor para com o Pai (4,34; 5,30; 6,38).

a. Cf. 13,31 nota.

b. Encerrando o primeiro diálogo de Jesus com os seus, este v. devia introduzir o relato da Paixão (caps. 18-19). Cf. 13,1 nota e Mc 14,42.

c. A imagem da *vinha/videira* fora aplicada muitas vezes ao povo de Israel, para indicar o amor e a eleição de que ele é objeto: plantado e protegido por Deus, ele deveria ter produzido frutos de justiça e santidade. Na medida em que não correspondia à expectativa divina, essa vinha é ameaçada de destruição por ocasião do julgamento escatológico (Is 5,1-7; Jr 2,21; Ez 15,1-8; 19,10-14; Mc 12,1-9; Mt 21,33-41; Lc 20,9-16; Mt 20,1-16; 21,28-32; Lc 13,6-9). Em Jo a imagem evolui: a verdadeira vinha (que se opõe ao antigo Israel?) é Jesus; os discípulos que se ligam vitalmente a Jesus, pela fé, devem produzir frutos.

d. O termo *âmpelos* significa tanto a *videira* como a *vinha*.

e. Cf. 1Cor 3,6-9.

f. Em *mim* pode compreender-se de duas maneiras; quer: *tudo sarmento em mim que não produz...*; quer: *tudo sarmento que não produz fruto em mim...* Os frutos simbolizam a vida vivida (cf. 14,21 nota) e o testemunho dada por esta (sobre o teor missionário dos frutos, cf. 4,30-38 e 12,24).

g. Como o sarmento participa da vida da cepa à qual está ligado, aquele que abraça a fé, por sua adesão a Cristo, participa da vida autêntica, a de Deus: esta participação lhe impõe que viva e aja segundo a novidade revelada por Jesus.

h. Traduzimos o mesmo verbo gr. no v. 2 por *podar*, *purificar* e no v. 3 por *purificar*. A purificação se opera essencialmente pela fé na palavra ou no ensinamento de Jesus exposto o desígnio de salvação de Deus (13,10).

i. Aplicado ao homem, *permanecer* significa ater-se, firme e ativamente, ao que foi proposto no passado, apreendendo-o no presente e encarar o futuro em função disso. É neste sentido que o crente permanece na palavra (8,31), no amor (15,9-10), na luz (1Jo 2,10), em Deus (1Jo 4,13-16). Aplicado a Deus ou a Jesus, *permanecer* exprime a estabilidade dos dons da salvação concedidos aos que creem (1Jo 2,27; 3,9,15; 4,12-15). Pela fidelidade, o homem de fé vincula, sem intenção de voltar atrás, a própria vida a Cristo, no qual os dons de Deus são concedidos para sempre; esta fidelidade implica também uma caminhada de fé.

que permanece em mim e no qual eu permaneço, esse produzirá fruto em abundância, pois, separados de mim, nada podeis fazer¹. ⁶Se alguém não permanece em mim, é jogado fora, como o sarmento, e seca; depois são ajuntados, jogados ao fogo, e queimam². ⁷Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será concedido³. ⁸O que glorifica meu Pai é que produzais fruto em abundância e vos torneis meus discípulos⁴. ⁹Assim como o Pai me amou, também eu vos amo⁵; permaneci no meu amor. ¹⁰Se observardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como, observando os mandamentos do meu Pai, eu permaneço no seu amor⁶.

¹¹“Eu vos disse isso para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja perfeita⁷. ¹²Eis o meu mandamento:

amai-vos uns aos outros como eu vos amo⁸. ¹³Ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles a quem ama⁹. ¹⁴Vós sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos mando. ¹⁵Já não vos chamo servos¹⁰, porque o servo permanece na ignorância do que faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi junto de meu Pai vo-lo fiz conhecer¹¹. ¹⁶Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi¹² e designei¹³ para irdes produzir frutos e para que o vosso fruto permaneça¹⁴, de modo que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo concederá¹⁵. ¹⁷O que eu vos ordeno é que vos ameis uns aos outros.

O ódio do mundo. ¹⁸“Se o mundo vos odeia, sabe que ele me odiou primeiro¹⁶. ¹⁹Se fôsseis do mundo, o mundo amaria

J, Sem negar a realidade e o valor próprio dos empreendimentos humanos, é preciso reconhecer que eles acabam desembocando no vazio, se aqueles que os realizam não se firmam na comunhão de Cristo, o único que pode conferir à vida deles um valor de eternidade (cf. 1.3). Cf. 6.63 nota.

k. Como o ramo infecundo é cortado e destruído, assim o discípulo infiel será, de fato, eliminado da comunidade de Cristo e perderá toda participação na realidade escatológica.

l. Em virtude de sua adesão constante a Jesus e de sua obediência, aquele que crê não sente nenhum temor em face do futuro, pois sabe que, de fato, formulada em função da sua compreensão das intenções divinas, será certamente ouvida e favorecida. Cf. 14.13 nota.

m. A glória do Pai que se manifesta em Jesus é manifestada também por aqueles que produzem os frutos da caridade, em virtude de sua fidelidade a ele.

n. O amor obediente de Jesus a seu Pai, ao qual corresponde o amor do Pai que o glorifica, constitui o fundamento e o modelo eminente da existência cristã, que, por isso, se exprime pela caridade.

o. O amor que responde ao de Cristo se exprime concretamente por uma fecundidade resultante da observância dos seus preceitos (14.15.21) ou do preceito da caridade fraterna (15.12; 13.34; 1Jo 2.3-8; 3.22-23).

p. Sinal de uma vida que desabrocha, a *alegria* era considerada no AT como a característica do tempo da salvação e da paz escatológica (Is 9.2; 35.10; 55.12; 65.18; Sf 3.14; Sl 126.3-5) e o tema reaparece nos evangelhos (Mt 25.21.23; Lc 1.14; 2.10); em Jo a alegria do Cristo ressuscitado é compartilhada, desde logo, pelos discípulos, que vivem da vida nova; esta alegria deve possuir o homem todo e atingir assim uma espécie de plenitude (cf. 17.13; 1Jo 1.4; 2Jo 12). Ela pode coexistir atualmente com o sofrimento (16.20-24; 14.28).

q. Cf. 13.34.

r. Se a morte de Jesus na cruz foi a expressão suprema do seu amor para com o Pai (14.30), ela é também o cume do seu amor

para com os que ele constituiu seus amigos (13.1.34). Nisto jaz o alicerce e a norma do amor fraterno.

s. O *servo* é considerado como o executor de ordens cuja significação e alcance ele não pode perceber. O *amigo*, ao contrário, obedece com conhecimento de causa; Jesus trata os seus discípulos como amigos, visto que lhes revelou integralmente as intenções do Pai, isto é, finalmente o amor infinito do Pai. Segue-se daí que a obediência deles, que é obra do amor, é também obra da liberdade (cf. 8.31-36, com a oposição servo-filhos e a ligação liberdade-conhecimento da verdade).

t. Embora a revelação de Jesus seja integral, ela só será compreendida progressivamente em virtude do dom do Espírito (cf. 16.13).

u. Embora toda amizade suponha uma livre escolha mútua, Jo sublinha o fato da prioridade absoluta da *escolha* operada por Jesus. Ele retoma assim um tema importante do AT (Dt 7.6-8; Am 3.2; 7.15; Is 41.8; 43.20. 44.2; 45.4; 65.9.15.22), que os evangelhos sinóticos conhecem bem (Mc 3.13; Lc 6.13). Em Jo, a escolha de Jesus é expressão da escolha do Pai (6.44; 17.2). A eleição eterna é expressa na vocação à qual se responde pela fé.

v. O verbo grego *tithenai*, como a fórmula hebraica correspondente, exprime o fato de *estabelecer alguém em um cargo*, assegurando-lhe, ao mesmo tempo, os meios de o exercer eficazmente (cf. At 13.47; 20.28; 1Cor 12.28; 2Tm 1.11). O grupo dos discípulos está, portanto, por um dom do Senhor, investido do encargo da missão (cf. 15.2 nota).

w. A missão visa fazer os homens participarem da vida eterna oferecida em Jesus (cf. 4.36).

x. A oração confiante, que faz apelo à ajuda de Jesus, é um aspecto essencial da amizade e da missão. A eficácia apostólica depende radicalmente da oração (cf. 14.13; 16.24-26).

y. Por estarem vitalmente unidos a Jesus, os discípulos compartilharão dolorosamente da perseguição que o ódio do mundo suscita contra ele: o antagonismo entre o mundo e Deus constitui um aspecto essencial da história da salvação; ninguém escapa disso (cf. 5.43 nota; 7.7).

o que lhe pertence^c; mas vós não sois do mundo: fui eu que vos separei do mundo: e eis por que o mundo vos odeia^d.

17.14-16;
1Jo 4,5

²⁰Lembraí-vos da palavra que eu vos disse: 'O servo não é maior do que o seu senhor'; se eles me perseguiram, perseguir-vos-ão também^b; se eles observaram a minha palavra^a, observarão também a vossa. ²¹Tudo isso, eles vo-lo farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou^d.

13.16;
Mt 10,24;
Lc 6,40

²²Se eu não tivesse vindo, se não lhes tivesse dirigido a palavra, eles não teriam nenhum pecado; mas agora o pecado deles não tem defesa. ²³Quem me odeia odeia também a meu Pai^c.

²⁴Se eu não tivesse feito no meio deles^f estas obras que nenhum outro fez, eles não teriam nenhum pecado; mas agora que eles as viram, continuam a nos odiar tanto a mim como a meu Pai; ²⁵para que assim se realize a palavra que está escrita na Lei deles^a: *Eles me odiaram sem razão^b*.

²⁶Quando vier o Paráclito que eu vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da

8,18-19;
16,3;
Mt 5,11;
At 5,40-41;
8,21-24;
9,41; 16,9

5,23; 10,30;
Lc 10,16;
1Jo 2,23
6,36; 9,41;
14,11;
Mt 10,25;
12,24-28

Sl 35,19;
69,4;
Rm 3,19

14,26;
Mt 10,19-20;
At 5,32

verdade, que procede do Paiⁱ, ele próprio dará testemunho de mim^j; ²⁷e, por vossa vez, vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o começo^k.

Lc 1,2;
At 1,8,21-22;
5,32;
1Jo 4,14

16 ¹'Eu vos disse tudo isso para que não sucumbais à prova^l. ²Excluir-vos-ão das sinagogas^m. Mais ainda, virá a hora em que aquele que vos fizer morrer julgará estar oferecendo um sacrifício a Deusⁿ. ³Eles agirão assim por não terem conhecido nem ao Pai nem a mim. ⁴Mas eu vos disse isso, a fim de que, quando chegar a hora deles^o, vos lembreis de que eu vo-lo havia dito^p.

9,22;
Mt 10,17;
At 26,9-11

8,19; 15,21;
Mt 5,11;
24,9;
At 8,1;
13,19; 14,29;
16,25; 17,12;
Mc 13,23

A obra do Espírito. "Eu não vo-lo disse desde o início, pois estava convosco. ⁵Mas agora, vou para Aquele que me enviou, e nenhum de vós me faz a pergunta: 'Para onde vais?' ⁶Mas porque vos disse isso, a aflição invadiu o vosso coração^q. ⁷Entretanto, eu vos disse a verdade; é de vosso interesse que eu parta^r; com efeito, se eu não partir, o Paráclito não virá a vós; se, pelo contrário, eu

13,36; 14,5

16,22;
Mt 17,23

14,16,26;
15,26

z. Cf. 7,7.

a. Cf. 17,14.

b. Cf. 13,16; Mt 10,24-25. O fato da perseguição torna-se o sinal da sua verdadeira pertença a Cristo, cujo destino eles compartilham: longe de os desencorajar, deve fortalecê-los (cf. 1Ts 1,6; 1Pd 4,12-19).

c. Outra tradução possível: *se eles vigiaram a minha palavra, vigiarão também a vossa*.

d. Pela sua fidelidade a Jesus, que os escolheu, e pelo exercício da sua missão, os discípulos falam e agem referindo-se ao nome de Jesus; é, portanto, a ele que se procura atingir, perseguindo-os (cf. Mc 13,13; Mt 10,22; Lc 21,17; At 5,41; Ap 2,3,13; 3,8).

e. O pecado por excelência consiste em rejeitar Deus que se manifesta em Jesus (por suas palavras e por suas obras) (cf. 8,21,24,34, 9,41; 16,9; Mt 12,31-32; Mc 3,28-29; Lc 12,10). Porque a palavra de Jesus, de que a vida dos discípulos dá testemunho, revela o homem e o mundo como são na realidade diante de Deus (cf. 3,21 nota; 16,5-11), a incredulidade reagirá e se exprimirá no ódio.

f. Outra tradução possível: *entre eles*. Cf. 14,10-12.

g. O termo, em sentido amplo, designa o conjunto das Escrituras (cf. 10,34; 8,17).

h. O texto citado se lê em dois lugares: Sl 35,19; 69,5; Jesus aplica a si mesmo a lamentação dos pobres que sofrem e são perseguidos pelos poderosos e pelos maus (o Sl 69 tinha recebido em certos meios uma interpretação messiânica).

i. Procedendo do Pai, o Espírito é enviado pelo Cristo glorificado, ao qual ele está intimamente ligado (cf. 16,5-15; 14,15-17,25-26; 1Jo 3,24; 4,13; Tt 3,6). Cf. 14,26 nota.

j. O Espírito dá testemunho de Cristo aos discípulos e, por eles, ao mundo (16,5-15).

k. O testemunho dos enviados é o apanágio de homens que compartilham a vida de Jesus desde o começo do seu ministério (cf. At 1,21); mas é, também, o atributo do Espírito da verdade, o qual lhes garante a inteligência profunda do Cristo e assim confere à pregação desses homens a sua verdadeira força e a sua verdade (At 5,32).

l. Lit. *Não sejais escandalizados* (cf. Mc 6,3; 9,42). O termo *skandalon* designava uma cilada e, mais amplamente, tudo o que faz cair. Na linguagem bíblica, ele designa o que põe a fé à prova. As dificuldades que o ódio do mundo suscitará contra Jesus e os seus são de natureza a pôr duramente à prova a fé dos discípulos. A palavra de Jesus exprime de antemão a verdadeira significação do escândalo no desígnio de Deus e deve permitir, portanto, que a provação seja vitoriosamente superada (cf. 6,61).

m. Cf. 9,22; 12,42.

n. Uma tradição, que parece de origem zelote, diz explicitamente: "Aquele que derrama o sangue de um ímpio é semelhante a quem oferece um sacrifício" (*Numeri rabbu*, 21,4); assim também, as perseguições assumirão, muitas vezes, um aspecto religioso.

o. Jo alude a fatos bem conhecidos pelos leitores, já que vivem na perseguição (cf. 9,22; 12,42).

p. Cf. 2,22 nota e 14,29 nota.

q. A perspectiva da partida de Jesus provoca nos discípulos uma tristeza (cf. 16,20-22) que afoga qualquer outro pensamento. Eles a superarão quando forem capazes de levantar seriamente a questão do sentido e da significação dessa partida.

r. É bom que Jesus vá: só sua partida — sua elevação na cruz — lhe permitirá acompanhar seus discípulos pelo Espírito e dar-lhes a vida (cf. 14,2 nota).

partir, eu vo-lo enviarei. ⁸E ele, com sua vinda, confundirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento⁹; ⁹a respeito do pecado, porque eles não crêem em mim¹⁰; ¹⁰a respeito da justiça, porque eu vou para o Pai e não me vereis mais¹¹; ¹¹a respeito do julgamento, porque o príncipe deste mundo foi julgado¹². ¹²Eu ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas, atualmente, não sois capazes de as suportar¹³; ¹³quando vier o Espírito da verdade, ele vos conduzirá à verdade¹⁴ plena¹⁵, pois ele não fala por si mesmo, mas dirá o que ouvir e vos comunicará tudo o que está por vir¹⁶. ¹⁴Ele me glorificará, pois receberá do que é meu e vo-lo comunicará¹⁷. ¹⁵Tudo o que o meu Pai possui me pertence; é por isso que eu disse que ele vos comunicará o que receber de mim.

Da aflição à alegria. ¹⁶“Ainda um pouco e não me tereis mais diante dos olhos, e ainda mais um pouco e me vereis¹⁷.”

¹⁷Alguns discípulos seus disseram então entre si: “Que quis ele nos dizer: ‘Ainda um pouco’ e não me tereis mais diante dos olhos, e ainda mais um pouco e me vereis”; ou ainda: ‘Eu vou para o Pai’?” ¹⁸Diziam pois: “Que significa esse ‘um pouco’?, Não compreendemos o que ele quer dizer!” ¹⁹Sabendo que eles desejavam interrogá-lo, Jesus lhes disse: “Vós procurais entre vós o sentido da minha palavra: ‘Ainda um pouco e não me tereis mais diante dos olhos, e ainda mais um pouco e me vereis’. ²⁰Em verdade, em verdade, eu vos digo, vós gemeréis e vos lamentareis enquanto o mundo se alegrará; sereis contristados, mas a vossa tristeza se converterá em alegria²¹. ²¹Quando a mulher dá à luz, ela sente tristeza, porque a sua hora chegou; mas quando cria o filho à luz, não se lembra mais da sua aflição, mas enche-se toda de alegria por ter nascido um homem para o mundo²². ²²Assim também vós estais agora na tristeza; mas eu vos verei de

1,48; 9,2;
Lc 9,45

Mc 16,10;
Lc 5,35;
Ap 11,10

Is 13,8;
21,3;
26,17-18;
Mq 4,9;
1Ts 5,3;
Rm 8,22

s. A condenação e a execução ignominiosa de Jesus deviam aparecer aos homens como prova da sua impostura e do seu pecado, e pôr ao mesmo tempo em evidência a legitimidade do proceder do mundo. Mas a intervenção do Espírito (que determina notadamente o testemunho dos discípulos: 15,26) vai inverter completamente a situação: manifestando que, para além da morte, Jesus foi glorificado por Deus, ele demonstrará a justiça da sua causa, a legitimidade do seu proceder e atestará, assim, de modo irrecusável, o pecado do mundo e a condenação daquele que o governava.

t. O pecado do mundo consiste, antes de tudo, na recusa de prestar fé em Jesus, na recusa da luz (cf. 3,19-21,36; 8,21-24; 9,41; 12,46; 15,21-25).

u. A passagem, pela cruz, para junto do Pai (13,1; 14,2-3; 20,17), que explica o fim do ver de que os discípulos se tinham beneficiado até então (14,19; 16,16.17.19; 7,34; 13,33), constitui a prova irrefragável da inocência e do legítimo direito de Jesus (cf. 8,46) e, portanto também da verdade do seu ensinamento.

v. A vitória de Jesus implica necessariamente a derrota e a condenação sem apelo daquele que regia o mundo (cf. 12,31-32; 14,30; 16,33; 1Jo 2,13).

w. Embora Jesus lhes tenha revelado tudo (15,15), o Espírito os acompanhará nos tempos futuros e os conduzirá em todas as dificuldades por vir, à luz da palavra de Jesus. O emprego do verbo *suportar* (ou *carregar*), empregado o mais das vezes no contexto da Paixão (19,17; Lc 11,46; 14,27; Gl 6,2,5), sugere que se trata, primeiramente, para eles, de entrar na compreensão e na participação da morte e da glorificação de Jesus, em virtude do dom do Espírito (cf. 13,7,33).

x. No AT a expressão era aplicada à lei: cf. Ps 25,5.

y. O dom do Espírito levará os discípulos à plena compreensão da verdade, que se manifesta integralmente no Filho encarna-

do. Como o Cristo se refere sem cessar ao Pai que o enviou (7,17-18; 12,49; 14,10; 15,19-20; 8,28), assim o Espírito remete ao Filho. Não haverá nova revelação independente da que é dada em Jesus Cristo.

z. Trata-se de dizer como os tempos escatológicos se realizam em função do que se realiza em Jesus.

a. Ele glorifica a Cristo na medida em que conduz progressivamente os discípulos ao conhecimento da realidade que nele se manifesta e, ao mesmo tempo, completa a sua obra, que era glorificar ou manifestar o Pai. É assim que se manifesta a unidade inquebrantável da Revelação.

b. Jo usa dois verbos e dois tempos diferentes, para salientar a distinção entre a maneira de ver Jesus durante o período que se encerra (cf. 14,19) e a que será concedida aos discípulos a partir da glorificação. A nova época se caracterizará por um modo mais penetrante de conhecimento do Filho encarnado e glorioso. Cf. 2,22 nota.

c. *Um pouco*: cf. 7,33; 8,21 e 13,33; por esta expressão, Jesus anunciava o fim iminente de sua obra terrestre e sua volta ao Pai. Sobre a incompreensão dos discípulos, cf. 13,36 nota.

d. O desaparecimento de Jesus vai provocar nos discípulos uma grande aflição, enquanto os homens que se haviam coligado contra ele experimentarão a alegria do triunfo. À luz da ressurreição, os discípulos haverão, porém, de perceber que o aparente fracasso de Jesus, sua morte, é precisamente sua glorificação, sua vitória e o julgamento dos que o haviam condenado. Com efeito, é desses próprios acontecimentos que nascerá a situação nova de Jesus e dos seus, que serão, daí, cumulados de alegria.

e. As vivas *dores do parto* (Is 21,3-4; Jr 30,6; Os 13,13; Mq 4,9) conduzem à alegria do nascimento de um homem novo: a imagem tinha sido aplicada no AT aos acontecimentos doloro-

Is 66,14; Jo 14,19; 15,11; 20,20; At 2,46; 2Cor 4,17; 14,13-14,20; 15,16; 1Jo 5,14-15

novos, o vosso coração então se alegrará e essa alegria ninguém vos arrebatara¹.²³ Assim, naquele dia²⁴, não me interrogareis mais sobre nada²⁵. Em verdade, em verdade, eu vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará²⁶.²⁴ Até agora nada pedistes em meu nome: pedi e recebereis, de sorte que a vossa alegria será perfeita²⁷.”

A vitória sobre o mundo. ²⁵“Eu vos disse tudo isso de modo enigmático, mas vem a hora em que já não vos falarei dessa maneira, mas vos anunciarei abertamente o que concerne ao Pai²⁸.²⁶ Nesse dia, pedireis em meu nome e, no entanto, não vos digo que pedirei ao Pai por vós, ²⁷pois o próprio Pai vos ama, porque vós me amastes e crestes que eu saí de Deus²⁹.²⁸ Eu saí do Pai e vim ao mundo; ao passo que agora deixo o mundo e vou para o Pai.” ²⁹Os seus discípulos lhe

disseram: “Eis que agora falas abertamente, abandonando toda linguagem enigmática; ³⁰agora nós sabemos que tu sabes todas as coisas e não tens necessidade alguma de que alguém te interroge³¹. É por isso mesmo que cremos que saíste de Deus”.³¹ Jesus lhes respondeu: “Credes agora? ³²Eis que vem a hora, e ela já chegou, em que sereis dispersados, cada qual para o seu lado, e me deixareis sozinho³³; mas eu não estou só, o Pai está comigo³⁴.³³ Eu vos disse isso para que em mim tenhais a paz³⁵. Neste mundo experimentareis a aflição³⁶, mas tende confiança, eu venci o mundo!”

17 A oração de Jesus. “Depois de ter assim falado, Jesus ergueu os olhos para o céu¹ e disse: “Pai, é chegada a hora, glorifica o teu Filho, a fim de que o teu Filho te glorifique².² Segundo o poder que tu lhe deste sobre toda carne,

sos que devem preludiar os tempos messiânicos (Is 26,16-20; 66,7-14; Mc 13,8; 1Ts 5,3; Rm 8,22; Ap 12,2). Jo aplica a imagem aos acontecimentos da paixão e da glorificação de Jesus, enquanto vividos pelos discípulos.

f. O conhecimento do Cristo ressuscitado, que será concedido aos discípulos, traz consigo uma *alegria* (20,20; 17,13; 1Jo 1,4; 2Jo 12; Mt 28,8-9; Lc 24,41), tanto mais pura quanto o caráter definitivo da vitória afasta dela para sempre toda verdadeira ameaça (16,33).

g. O *dia* que inaugura os tempos escatológicos (cf. Mc 13,11,17,19,24,32; 14,25; At 1,7; 2Tm 1,12,18 etc.).

h. A interrogação é o sinal de uma falta de compreensão. Outra tradução possível: *não tereis mais o que me pedir*.

i. Cf. 14,13-14; 15,16; 16,24,26. Vários mss. e versões lêem: *ele vo-la dará em meu nome*.

j. Até esse dia, os discípulos não oraram em seu nome porque é em virtude da sua passagem para a glória que Jesus assume plenamente o seu poder de mediação (14,13).

k. Cf. 15,11 nota. Pode-se comparar com Mt 7,7-8,11; 18,19; Lc 11,9-13.

l. Os evangelhos sinóticos tinham sublinhado a importância do ensinamento em parábolas que, proposto publicamente a todos, reclamava explicações ulteriores e uma compreensão progressiva, reservadas aos discípulos (cf. Mc 4,11-12,33,34; Mt 13,11-13,34-35; Lc 8,10; Jo 10,6). Mas aqui, é o conjunto do ensinamento de Jesus no decurso do seu ministério na Palestina que é considerado como parcialmente inacessível, até o momento em que a luz pascal e o dom do Espírito permitem penetrá-lo verdadeiramente (2,19,22; 12,14,16; 13,4-7). Note-se que este ensinamento parece concentrar-se na pessoa do Pai.

m. A mediação do Cristo ultrapassa, de muito, a de um simples intermediário. Ela se realiza na medida em que os discípulos são, pela fé plenamente desenvolvida e pelo amor, tão estreitamente unidos a ele que participam diretamente da sua comunhão com o Pai (cf. 3,35; 5,20). É nesta perspectiva que aparece a eficácia da oração *em nome de Jesus* (cf. 14,13-14).

n. Em função do acontecimento pascal, os que tinham começado a crer (6,69) acedem ao plano de uma compreensão profunda de Jesus: eles descobrem que Jesus possui um conhecimento perfeito dos acontecimentos e dos corações e que, sem esperar por suas perguntas, ele lhes fornece as declarações que respondem à expectativa deles. Essa descoberta vai conduzi-los a uma adesão mais explícita e mais intensa. Jo usa de certa ironia em relação aos discípulos: esta categórica profissão de fé precede de pouco sua deserção.

o. A fé atual dos discípulos é ainda insuficiente, eles ainda não são capazes de resistir plenamente à prova da Paixão: as potências do mal vão dispersá-los (cf. Zc 13,7; Mc 14,27; Mt 26,31; Jo 10,12) e cada qual irá para o seu lado (é Jesus quem realiza a reunião deles e a sua unidade).

p. Cf. 8,16,29; 10,30. Jo talvez tenha querido prevenir uma compreensão equivocada de Mc 15,34. Mesmo no momento mais sombrio da Paixão, a presença do Pai não falha.

q. Cf. 14,27.

r. O termo designa, ora as grandes provações que precedem o acontecimento do triunfo messiânico (Mc 13,19,24; Rm 2,9), ora as perseguições de que a comunidade cristã é objeto (Mc 4,17; At 11,19; 1Ts 1,6; 3,3,7; 2Ts 1,4-5; 2Cor 1,8; 2,4; 4,17; 6,4; 7,4; 8,2,13 etc.). Jo combina os dois aspectos e vê nas perseguições que atingem os fiéis (cf. 15,18-16,4) e na Paixão de Jesus a provação escatológica que antecipa e realiza a vitória e, portanto, dá a alegria.

s. Cf. 1Jo 2,13-14; 4,4; 5,4-5; Ap 2,7,11,17,26; 3,5,12,21; 5,5; 6,2; Jo 12,31; 14,30-31.

t. Este gesto, que se encontra em muitas liturgias, exprime que todo o ser se concentra na tendência que o impelle para Aquele que está nos céus (Mc 6,41; Lc 18,13; cf. 11,41 nota).

u. A esperança judaica estava voltada para a *hora* da intervenção definitiva de Deus, no fim dos tempos (Dn 8,17-19; 11,35, 40,45; 24,36,44,50), fixada pelo Pai, esta hora para constantemente sobre o horizonte da atividade de Jesus (2,4; 5,25; 7,6,30;

ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste^v. ³Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo^w. ⁴Eu te glorifiquei sobre a terra, concluí a obra que me deste para fazer^x. ⁵E agora, Pai, glorifica-me junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse^y.

⁶Eu manifestei o teu nome^z aos homens que, do mundo, me deste. Eles eram teus, a mim os deste, e eles observaram a tua palavra^a. ⁷Agora eles sabem que tudo o que me deste vem de ti, ⁸que as palavras que eu lhes dei são as palavras que tu me deste. Eles as receberam, conheceram verdadeiramente que eu saí de ti e creram que me enviaste. ⁹Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo^b, mas por aqueles que tu me deste: eles são teus, ¹⁰e tudo o que é meu é teu, bem como

tudo o que é teu é meu, e assim é que eu fui glorificado neles^c. ¹¹Doravante, eu não estou mais no mundo, e eles permanecem no mundo, enquanto eu vou para ti. Pai santo^d, guarda-os em teu nome, que tu me deste^e, para que eles sejam um como nós somos um^f. ¹²Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome que tu me deste: eu os protegi^g e nenhum deles se perdeu^h, a não ser o filho da perdiçãoⁱ, de sorte que se cumpriu a Escritura^j. ¹³Agora vou para junto de ti e deixo estas coisas ditas, no mundo, para que eles tenham em si a plenitude da minha alegria^k. ¹⁴Eu lhes dei a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo^l, como eu não sou do mundo. ¹⁵Eu não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno^m. ¹⁶Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. ¹⁷Consagra-os pela verdadeⁿ: a

8,20; 11,9), que a reconhece e aceita deliberadamente (12,23,27). Ela é o momento da glorificação do Filho do Homem (cf. 19,28; 25,31; Mc 8,38; 13,26; Rm 8,18). Mas a glorificação se opera através da obediência perfeita, por amor, no âmbito da humilhação: da cruz: é assim que Cristo glorifica o Pai.

v. A glorificação de Jesus implica o poder de associar à sua nova condição todos os homens. A vida eterna não pode ser adquirida pelos esforços humanos; só pode ser recebida como dom gratuito de Deus (3,35; 5,19-30; 13,3; 6,42-44).

w. A vida eterna se realiza no conhecimento imediato (que implica o amor mútuo) do Pai, o qual só pode ser obtido pelo conhecimento de Cristo, no qual se opera a glorificação suprema do Deus único (4,14-36; 6,27; 12,25; 1Jo 3,1-2; 5,13,20).

x. Cf. 4,34; 5,30; 6,38; 8,29; 9,4; 10,37-38; 13,1; 19,30.

y. Seja a glória que o Filho possuía em sua existência primordial junto do Pai (cf. 1,1), seja a glória que o Pai lhe destinava desde o começo. Manifestada durante toda a vida terrestre (2,11; 11,4), ela deve brilhar com esplendor a partir da Ressurreição-exaltação (cf. 3,14) e assim constituir o Filho como aquele que, por excelência, manifesta o nome do Pai.

z. A missão de Jesus consiste, não em transmitir um vocábulo novo, mas em dar a perceber a realidade do Pai através do que ele diz, do que ele faz, do que ele é (cf. 12,28; 10,38; 14,7-11; 1,18). a. O homem não pode, somente por suas próprias aptidões, conhecer a manifestação que se opera em Jesus; é preciso que ele já se ache sob a influência dominante do Pai (cf. 6,37,39,44; 10,29; 17,2,9,12,24) essa situação supõe o serviço sem desvio da verdade (3,21; 18,37; 7,17; 1,47).

b. O termo *mundo* designa aqui o conjunto dos homens que, fechados em sua presunção, rejeitam a Deus; a oração de Jesus só pode concernir aos que foram tomados do mundo para constituir a comunidade dos discípulos (cf. 1,10 nota; 15,19).

c. Na medida em que os bens espirituais trazidos por Jesus manifestam a realidade da sua comunhão com o Pai: a *glória* verdadeira é a manifestação não do poder, mas da comunidade de amor do Pai com o Filho da qual os discípulos participam.

d. A santidade do Pai funda a santidade de Jesus e dos discípulos, de que se tratará nos vv. 17,19 (cf. Lv 11,44; 19,2; 1Pd 1,16); essa invocação foi utilizada muito cedo na liturgia cristã (*Didaquê*, 10,2).

e. Acolhendo aquele que manifesta o nome do Pai, os próprios discípulos entraram em tal comunhão com ele, que nenhum acometimento das forças deste mundo poderia, doravante, separá-los dele.

f. A unidade no amor mútuo é a consequência da comunhão que une o Pai com o Filho (vv. 21-23).

g. Para além da proteção assegurada aos discípulos por ocasião da Paixão (cf. 18,8-9), este dito visa salvaguardá-los nas provações escatológicas que ameaçam encerrar os pecadores num estado oposto ao da vida verdadeira.

h. Jo usa um vocabulário tradicional (3,16; 6,39; 10,28; 12,25; Mt 7,13; At 8,20; Rm 9,22; Fl 3,19), que ele não explica.

i. Isto é, aquele cujo comportamento todo tende, de fato, para a perdição; a expressão que designa Judas possui teor apocalíptico (cf. 6,70; 2Ts 2,3; 1Jo 2,18,22; 4,3).

j. Cf. 13,18, citando Sl 41,10.

k. A profunda alegria que nasce da escuta da palavra de Jesus (3,29) não é ameaçada por sua passagem para junto do Pai, pois o Evangelho garante sua presença permanente na comunidade dos fiéis, que o Espírito sustenta e ilumina.

l. Reagindo contra a espera passiva de uma Parusia iminente, esta afirmação sublinha que a tarefa da comunidade dos discípulos é ser, no meio dos homens, a manifestação do mundo escatológico. Essa tarefa supõe, necessariamente, o afrontamento com o poder do mal e do ódio, que somente será vencido com a ajuda do Pai (15,19-16,4).

m. Cf. 16,11, o *príncipe deste mundo*: Jo personaliza a potência do mal que ameaça os homens (cf. 12,31; 14,30; 16,11; Mt 6,13; 13,19,38; 2Ts 3,3; Ef 6,16; 1Jo 2,13-14; 3,12; 5,18-19).

n. *Consagrar* ou *santificar* um ser é separá-lo do domínio profano para introduzi-lo integralmente e para sempre na esfera de Deus; a santificação é obra do Pai santo (17,11).

20,21 tua palavra é verdade^o. ¹⁸Assim como tu me enviaste ao mundo, eu os envio ao mundo^o. ¹⁹E, por eles, eu me consagro a mim mesmo^o, a fim de que também eles sejam consagrados pela verdade^e.

17,9: ²⁰Eu não rogo somente por eles, rogo também por aqueles que, graças à sua palavra, crêem em mim: ²¹que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste¹. ²²Quanto a mim, dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um como nós somos um². ²³Eu neles como tu em mim, para que eles cheguem à unidade perfeita e, assim, o mundo possa conhecer que tu me enviaste e os amaste como tu me amaste. ²⁴Pai, quero que, lá onde eu estiver, o que me deste estejam também comigo³, e que contemplem a glória que me deste⁴, pois me amaste desde antes da fundação do mundo⁵. ²⁵Pai

10,18; 4,23; 1Cor 1,30; Hb 2,11
17,9: 1Jo 1,3; Rm 10,17
17,11; 10,30,39; At 4,32; Gl 3,28
17,5; 1,14
15,9; 1Cor 6,17; Gl 2,20; Ef 1,4-5
12,26; 1,14; 10,29; 17,5; Gn 45,13

justo⁶, enquanto o mundo não te conheceu, eu te conheci, e estes reconheceram que tu me enviaste. ²⁶Eu lhes dei a conhecer o teu nome e darei a conhecer ainda mais, a fim de que o amor com que amaste esteja neles, e eu neles⁷.

1,10; 8,55; Mt 11,27; Lc 10,22
17,6; Ex 3,13; Rm 8,39

18 A prisão de Jesus (Mt 26,47-56; Mc 14,43-50; Lc 22,47-53)

¹Tendo assim falado, Jesus foi, com os seus discípulos, para o outro lado da torrente do Cedron¹; havia lá um jardim, onde entrou com seus discípulos². ³Ora, Judas, que o entregara, conhecia o lugar, pois Jesus muitas vezes se reunira ali com os seus discípulos. ⁴Ele se pôs à frente da milícia^b e dos guardas fornecidos pelos sumos sacerdotes e os fariseus, e dirigiu-se ao jardim com tochas, lâmpadas e armas. ⁵Sabendo Jesus tudo o que lhe ia acontecer^c, adiantou-se e lhes disse: "Quem procurais?" ⁶Eles lhes responde-

Mt 26, 30-36; Mc 14, 26-32; Lc 22,39; 2Sm 15,23
Lc 21,37; 22,39
7,32,45; Mt 26,47-56; Mc 14, 43-50; Lc 22,47-53
1,48; 12,27; 19,28

o. O instrumento da santificação dos discípulos é a verdade de Deus que se manifesta no Verbo encarnado, ao qual eles aderem pela fé.

p. A consagração-santificação torna os discípulos capazes da missão (cf. 10,36; Jr 1,5; Sr 45,4), porque ela põe à parte, no seio do mundo, sem os isolar, os que são enviados para levar a palavra ao mundo (é o Espírito Santo que os tornará capazes do testemunho: cf. 15,26-27; 20,21-22).

q. À medida que a consagração a Deus compromete a totalidade do ser e do agir do homem, ela engloba a oblação da morte. Este aspecto propriamente sacrificial é acentuado aqui pela proximidade da cruz e pela fórmula *para eles*. Com essa palavra, Jesus exprime a sua vontade de oferecer livremente a vida (10,18; 15,13) para a consagração dos seus discípulos (cf. 6,51; 1Cor 11,24; 15,3; Mc 14,24; Lc 22,20; Hb 2,9; 5,1; 9,7; 10,12). É o que explica que Jo 17 tenha sido freqüentemente chamado "a oração sacerdotal".

r. A santificação dos discípulos funda-se, afinal, no sacrifício da cruz e no dom do Espírito por Cristo glorioso; alguns comentaristas enfatizam, na santificação, a purificação do pecado (15,3), enquanto outros insistem antes no dom espiritual que habilita os discípulos ao exercício de sua missão (vv. 17-20).

s. Jesus engloba na mesma oração os que associa à sua missão e os que, em virtude da pregação deles, vão constituir, no tempo e no espaço, a comunidade dos crentes, a Igreja (cf. 4,35-42; 10,16; 11,52; 12,20,32; 17,2). Este ponto de vista é, implicitamente, o do Evangelho.

t. Aderindo a Jesus, os crentes participam na comunhão de amor que une o Pai com o Filho (5,19-20; 10,15,30; 1Jo 1,3): eles estão por conseguinte unidos entre si, de modo a se tornarem para o mundo o sinal por excelência, tanto da intervenção escatológica de Deus, como da autenticidade da missão de Jesus.

u. A glória que o Cristo obtem do Pai para além da cruz (vv. 1-5) é a manifestação aos homens: da sua comunhão com o Pai.

Os fiéis que a percebem são eles mesmos associados a ela e se tornam, por sua vez, manifestação da glória de Cristo; isto se opera concretamente pela unidade que realizam, amando-se uns aos outros.

v. O discípulo compartilha a condição do Senhor, a sua obediência na humilhação (13,33,36) e a sua exaltação na glória (12,26; 14,3).

w. A contemplação da glória do Cristo (cf. 2Cor 3,18-4,6) é também conhecimento (na participação) do amor que une o Pai e o Filho: aí se encontram o fundamento e o termo de qualquer existência humana.

x. Cf. 1,1-5; 17,5.

y. Aplicado a Deus, o termo *justo* exprime a retidão e a integridade do seu julgamento (Sl 119,137; Dt 32,4); ele pode também sublinhar a sua fidelidade e misericórdia (Sl 7,18; 9,5; 96,13; 116,5; 129,4; 145,17). É provavelmente este aspecto que se encontra aqui (cf. Rm 3,26; Ap 16,5).

z. O vale cavado pela torrente do Cedron separa Jerusalém do monte das Oliveiras (2Sm 15,23; Mt 26,30; Mc 14,26; Lc 22,39).

a. Mt 26,36 e Mc 14,32 falam de um jardim chamado Getsêmani. Jo não relata a oração que Jesus aí fez (entretanto, cf. 12,27; 18,11).

b. O termo *speira* designava habitualmente a coorte romana (mil homens) e chegou-se a pensar que Jo aludia à participação das tropas romanas na prisão de Jesus; mas a expressão designava também as tropas judaicas (Jl 14,11; 2Mc 8,23; 12,20-22) e diversos indícios levam a concluir que a iniciativa cabe aqui a certas autoridades judaicas. De toda maneira, Jo aponta ironicamente para a força empenhada em prender Jesus, que na realidade se entrega a si mesmo; e ao mesmo tempo prepara a fulgurante manifestação do poder divino de Jesus, no v. 6.

c. Longe de ficar surpreso, Jesus tem plena consciência da iminência e do alcance dos acontecimentos da Paixão (cf. 13,1,3; 12,20-28; 10,17-18).

ram: "Jesus, o Nazoreu". Ele lhes disse: "Sou eu". Ora, entre eles estava Judas, que o entregava. ⁶Apenas Jesus lhes disse: "Sou eu", eles tiveram um ímpeto de recuo e caíram. ⁷De novo Jesus lhes perguntou: "Quem procurais?" Eles responderam: "Jesus, o Nazoreu". ⁸Jesus lhes respondeu: "Já vos disse, sou eu. Se pois é a mim que procurais, deixai ir a estes".

⁹Assim, devia realizar-se a palavra que Jesus dissera: "Eu não perdi nenhum daqueles que tu me deste". ¹⁰Então Simão Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cuja orelha direita ele cortou; o nome deste servo era Malco. ¹¹Mas Jesus disse a Pedro: "Torna a pôr tua espada na bainha! A taça que meu Pai me deu, eu não a beberia?" ¹²A milícia com o seu comando e os guardas fornecidos pelos judeus prenderam, pois, Jesus e o amarraram.

No palácio do Sumo Sacerdote Anás (Mt 26,57-58; Mc 14,53-54; Lc 22,54).

¹³Eles o conduziram primeiro à casa de Anás^b. Este era sogro de Caifás, que era o Sumo Sacerdote naquele ano; ¹⁴esse

mesmo Caifás fora o que sugerira aos judeus ser conveniente que um só homem morresse pelo povo¹.

(Mt 26,69-70; Mc 14,66-68; Lc 22,55-57).

¹⁵Simão Pedro e um outro discípulo^a tinham seguido Jesus. Como este discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote, entrou com Jesus no palácio do Sumo Sacerdote. ¹⁶Pedro ficou do lado de fora, junto à porta; o discípulo que era conhecido do Sumo Sacerdote saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar. ¹⁷A jovem criada que guardava a porta lhe disse: "Não és tu também um dos discípulos deste homem?" Pedro respondeu: "Não, eu não sou". ¹⁸Os servos e os guardas tinham acendido um braseiro, porque fazia frio, e eles se aqueciam; Pedro estava com eles e se aquecia também.

(Mt 26,59-66; Mc 14,55-64; Lc 22,66-71).

¹⁹O Sumo Sacerdote pôs-se a interrogar Jesus sobre os seus discípulos e sobre o seu ensinamento^m. ²⁰Jesus lhe respondeu: "Eu falei abertamente ao mundoⁿ, eu sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde todos os judeus se reúnem, e

d. Lit. *Eu sou*. Sobre a densidade de sentido da expressão, cf. 8,24. Respondendo assim, Jesus se revela; a sua aproximação se torna temível para os que encarnam o poder diabólico. O mesmo sucedia no caso da montanha santa em que Deus se revelava a Israel (Ex 19,22) ou no caso da arca em que ele residia (2Sm 6,7). Tanto num caso como no outro, a santidade exclui o profano, a impureza. É também por isso que os discípulos só entram na intimidade de Jesus porque são santificados pela verdade (17,17).

e. Cf. 17,12; 6,39; 10,28; 16,32.
f. Cf. Mc 14,36; Lc 22,42; como Mt 26,39, Jo acentua que Jesus repreendeu Pedro por seu gesto de violência.

g. Nas refeições judaicas, o pai enchia a taça de cada um dos convivas; daí a vocação que cada um recebe de Deus ser representada por uma taça (Sl 116; 16,5). A taça de amargura é muitas vezes evocada no AT para caracterizar as mais acerbadas provações (Is 51,17,22; Jr 24,15,17,28; 49,12; Lm 4,21; Ez 23,31-32). A expressão é empregada por Jesus para designar a Paixão (Mt 20,22-23; Mc 10,38-39); ela evoca talvez a oração do Getsêmani (Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42), que Jo não reproduz, querendo acentuar a soberana determinação de Jesus (12,27 nota).

h. Como Mt e Mc, Jo distingue duas fases do processo judaico. Sem mencionar explicitamente o Sinédrio, ele insinua uma primeira reunião presidida por Anás (18,13-23) e se limita a evocar um conselho presidido por Caifás (18,24-28). Aliás não se trata mais que de interrogatórios bastante rápidos. Aos olhos de João, o verdadeiro processo já teve lugar no decorrer de todo

o ministério de Jesus e a decisão já está tomada (18,14 lembra 11,49-51).

i. Pertencendo a uma família de saduceus, Anás exercera a função de sumo sacerdote durante os anos 6-15; deposto pelas autoridades romanas, ele continuava a exercer uma influência importante nos acontecimentos, e a maior parte dos sumos sacerdotes que o sucederam pertencia à sua família. Jo apresenta Caifás como seu genro, o que é verossímil.

j. Cf. 11,49-51

k. Não é muito fácil identificar esse discípulo que goza de liberdade de entrada no palácio de Anás. Alguns reconhecem nele o companheiro habitual de Pedro, o discípulo que Jesus amava.

l. A tripla negação de Pedro (vv. 17 e 26-27), predita em 13,36-38, parece corresponder ao triplo *Eu sou* de Jesus (vv. 5, 7 e 8). Cf. também o triplo testemunho de João Batista (*não sou*, 1,20-21) e a tripla declaração de Pedro em 21,15-17.

m. Enquanto os sinóticos, na convocação de Jesus diante do Sinédrio, concentram a atenção no caráter messiânico da atividade de Jesus e na blasfêmia (cf. Mt 26,57-66; Mc 14,53-64; Lc 22,66-71), Jo mostra Jesus diante de Anás e sugere um interrogatório que versava sobre os ensinamentos de Jesus e sobre o fato de que ele reunia discípulos (cf. Mc 14,48-49 par.). A acusação de blasfêmia foi pronunciada durante a vida pública (10,22-42).

n. Feito em público a todos os homens, indistintamente, o ensinamento de Jesus não comporta doutrinas esotéricas (7,26), embora só o dom do Espírito permita penetrá-lo verdadeiramente (cf. 16,25).

Mt 26,58;
Mc 14,54;
Lc 22,54-55

18,25

7,26;
Is 45,19;
48,16;
Mt 4,23;
26,55;
Lc 22,53;
At 26,26

nada disse em segredo. ²¹Por que me interrogas? O que eu disse, pergunta-o aos que me escutaram: eles bem sabem o que eu disse". ²²A essas palavras, um dos guardas que se achava ali esbofeteou Jesus^a, dizendo: É assim que respondes ao Sumo Sacerdote?" ²³Jesus lhe respondeu: "Se eu falei mal, mostra em quê; se falei bem, por que me bates?" ²⁴Logo depois, Anás enviou Jesus amarrado a Caifás, o Sumo Sacerdote.

(Mt 26,71-75; Mc 14,69-72; Lc 22,58-62).

²⁵Entretanto, Simão Pedro estava lá, aquecendo-se ao fogo^a. Disseram-lhe: "Não és, porventura, também tu, um dos seus discípulos?" Pedro negou, dizendo: "Não, eu não sou!" ²⁶Um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele cuja orelha Pedro cortara, disse-lhe: "Acaso eu não te vi no jardim com ele?" ²⁷De novo Pedro negou-o e, no mesmo momento, um galo cantou^a.

Jesus diante de Pilatos¹ (Mt 27,1-2.11-14; Mc 15,1-5; Lc 23,1-5). ²⁸Entretanto, tinham levado Jesus da casa de Caifás à residência do governador^a. Era o despoitar do dia. Os que o tinham trazido não

entraram na residência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa^a. ²⁹Pilatos^a veio, pois, para fora ter com eles e disse: "Que acusação apresentais contra este homem?" ³⁰Eles responderam: "Se este indivíduo não tivesse praticado o mal, porventura o entregaríamos a ti?" ³¹Então Pilatos lhes disse: "Tomai-o e julgai-o segundo a vossa lei". Os judeus lhe disseram: "Não nos é permitido condenar ninguém à morte!" ³²Assim devia cumprir-se a palavra pela qual Jesus tinha significado de que morte devia morrer^a. ³³Pilatos voltou, pois, para dentro da residência. Chamou Jesus e disse-lhe: "Tu és o rei dos judeus?" ³⁴Jesus lhe respondeu: "Dizes isso por ti mesmo ou foram outros que to disseram de mim?" ³⁵Pilatos lhe respondeu: "Sou acaso judeu? A tua própria nação, os sumos sacerdotes te entregaram a mim! Que fizeste?" ³⁶Jesus respondeu: "A minha realeza não é deste mundo. Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus^b. Mas a minha realeza, agora, não é daqui". ³⁷Pilatos então lhe disse: "Então tu és rei?" Jesus lhe res-

a. Propondo o recurso aos ouvintes, Jesus solicita um processo verdadeiro (cf. 7.51-52). Ele destaca sobretudo que a decisão já está tomada e que estão se limitando a uma paródia. Jo talvez pretenda apontar aos leitores as suas responsabilidades nesse "processo de Jesus", que dura através de toda a história.

p. Cf. Mt 26.67; Mc 14.65.

q. Cf. 8.46: o recurso à violência não tem nada a ver com o conhecimento da verdade.

r. Cf. Mt 26.71-75; Mc 14.69-72; Lc 22.58-62.

s. Cf. 13.36-38.

t. Jo dá muito mais importância à audiência perante Pilatos que os sinóticos (18.28-19.16). Pilatos vai e vem (sai: 18.29.38; entra: 18.33; 19.9) entre a turba cada vez mais agitada e Jesus, que tudo domina com sua calma soberana. Com efeito, é Jesus que vai conduzir o processo todo, por suas palavras e por seus silêncios. Jo destaca que ele, o acusado, é quem julga os que parecem ser seus acusadores; cf. 19.13 nota.

u. O *pretório* era a residência oficial do procurador romano; sua localização permanece controvertida. Uns o situam no palácio de Herodes; outros, na fortaleza Antônia, vizinha do Templo.

v. Os lugares de habitação dos pagãos eram considerados impuros (At 11.3; Mt 8.8); desejando evitar toda impureza legal, sobretudo no momento de celebrar a Páscoa, os judeus se abstêm de entrar. Ironia joanina.

w. *Pôncio Pilatos* foi procurador da Judéia de 26 a 36; os historiadores do séc. I o descrevem como um alto funcionário, mal-intencionado para com o povo judeu (cf. também Lc 13.1).

x. Várias indicações levam a pensar que na época de Jesus as autoridades judaicas tinham conservado o direito de aplicar a pena capital (o apedrejamento) em certos casos (8.1-11?); mas a crucificação era reservada aos magistrados romanos, como sugere 18.32.

y. Cf 12.32-33; 3.14 nota; 8.28. Repetidas vezes, no relato da Paixão, Jo destaca a conformidade do destino de Jesus com as Escrituras; a Lei, de que os judeus se valem para rejeitar Jesus, dá testemunho em seu favor.

z. *Rei*. Este título não foi usado até aqui pelo próprio Jesus, mas foi aplicado a ele em 6.15 e 1.49. Em conformidade com as informações dos sinóticos (Mc 15.2; Mt 27.11; Lc 23.3), esse título parece resumir a acusação proferida pelas autoridades judaicas (18.30.35). Pilatos deve, normalmente, interpretá-lo no sentido político: Jesus provocaria agitação e reuniria partidários, visando destituir os dirigentes judeus que apoiam os romanos. Paradoxalmente, para Jo, é na Paixão (a volta para junto do Pai) e na cruz que se confirma a realeza de Jesus, o que lhe tira toda ambiguidade (cf. 6.15 nota; 18.33.36.37.39; 19.3.12.15.19).

a. Concordando em agir sem outras informações, a não ser as fornecidas pelas autoridades judaicas, Pilatos se colocou numa situação falsa, da qual ele não conseguiu sair.

b. A *realeza* que Jesus reivindicava indiretamente distingue-se profundamente daquela cujas finalidades e meios são da alçada deste mundo; a realeza de Jesus não tem nenhuma necessidade de força e dos processos habituais da ação política; ele recebe sua realeza de Deus. Poder-se-ia traduzir também *Reino* ou *Reinado*.

pondeu: "És tu que dizes que eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade". Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz".³⁸ Pilatos lhe disse: "Que é a verdade?"

(Mt 27,15-31; Mc 15,6-20; Lc 23,13-25)
Tendo dito isto, ele foi ter com os judeus fora, e lhes disse: "Quanto a mim, eu não acho nenhum motivo de acusação contra ele.³⁹ Mas como é costume entre vós que vos solte alguém por ocasião da Páscoa, quereis que eu vos solte o rei dos judeus?"⁴⁰ Então eles se puseram a gritar: "Não este, mas Barrabás!". Ora, esse Barrabás era um bandido!

19 Então Pilatos levou Jesus e mandou açoitar-lo.² Os soldados, que haviam trançado uma coroa de espinhos, puseram-na sobre a sua cabeça e lançaram sobre ele um manto de púrpura.³ Eles se aproximavam dele e diziam: "Salve, ó rei dos judeus!", e se puseram a dar-lhe pancadas.⁴ Pilatos, saindo de novo, disse aos judeus: "Vede, eu vo-lo trarei para fora: deveis saber que eu não acho nenhum motivo de acusação contra ele".

Jesus veio então para fora: trazia a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos lhes disse: "Eis o homem!"⁶ Mas logo que os sumos sacerdotes e seus guardas o viram, puseram-se a gritar: "Crucifica-o! Crucifica-o!" Pilatos lhes disse: "Tomai-o vós mesmos e crucificai-o, pois quanto a mim, não acho motivo de acusação contra ele".

Os judeus lhe replicaram: "Nós temos uma lei, e segundo esta lei ele deve morrer porque se fez Filho de Deus".⁷ Quando Pilatos ouviu essas palavras, ficou ainda mais assustado.⁸ Entrou de novo na residência e disse a Jesus: "De onde tu és?" Mas Jesus não lhe deu resposta alguma.¹⁰ Pilatos lhe disse então: "É comigo que te recusas a falar? Não sabes que eu tenho o poder de te soltar como tenho poder de te crucificar?"¹¹ Mas Jesus lhe respondeu: "Não terias poder algum sobre mim se não te houvesse sido dado do alto"; e, por isso mesmo, quem me entregou a ti tem um pecado maior".¹² Desde esse momento Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus se puseram a gritar e diziam: "Se o sol-

c. O pensamento bíblico percebera os vínculos entre realeza e subordinação (cf. 2Sm 14,17-20). A realeza escatológica que Jesus inaugura no mundo, nessa hora, não recorrerá à violência: segundo a vontade do Pai que lhe confiou a sua missão, ela se realizará pela aceitação da verdade de Deus, que se manifesta nele, o Verbo encarnado (cf. 14,6; 3,11-12; 8,13-14,46). Sobre *verdade*, cf. 14,6 nota.

d. Os homens que aderem ao enviado de Deus já se acham submissos à sua influência, porque eles agem segundo a verdade (cf. 3,21; 6,42; 17,26; 1,47).

e. Essa pergunta, que não exige resposta, sugere, ao mesmo tempo, o ceticismo pessoal do funcionário romano e a incapacidade do poder político de se colocar no ponto de vista de Jesus, no ponto de vista da verdade. — Em 19,4-6 Pilatos reafirmará a inocência de Jesus, nos mesmos termos de 18,38c e de Lc 23,4,14,22.

f. Cf. Mt 27,15-26; Mc 15,6-15; Lc 23,17-24. Jo se limita a relatar muito brevemente o episódio, acentuando que preferiram um bandido a Jesus, que queriam fazer passar por sedicioso: o mundo reconhece os seus. É preciso acrescentar que a palavra escolhida *lēstēs* (bandido) foi muitas vezes aplicada aos zelotes que recorriam à ação política e religiosa violenta (cf. 10,8). Em 10,1,8 traduzimos por *assaltante*, por causa do contexto.

g. Cf. Mt 27,27-31; Mc 15,16-20. Veja também 18,33 nota.
h. Em Mt e Mc, a flagelação e os ultrajes seguiam a condenação. Em Lc 23,16-22, Pilatos, antes da condenação, propõe corrigir Jesus. — Tem-se a impressão de que Pilatos esperou fazer disso um meio de desviar a atenção: o espetáculo do ho-

mem lamentável e ridículo devia bastar para demonstrar a inanição de suas eventuais pretensões à realeza. Mas Jo considera, sem dúvida, os acontecimentos sob um prisma diferente, e sugere que se veja em Jesus o homem verdadeiro que, exatamente do seio dessa humilhação, inaugura o reino messiânico.

i. A acusação se desvia para o plano religioso e recai agora sobre o essencial, a afirmação da condição de *Filho de Deus* (cf. 5,18-20; 10,33), considerada como uma blasfêmia que, segundo a lei, requer a pena de morte (Lv 24,16).

j. As últimas palavras de Jesus (18,37) acentuam em Pilatos o sentimento de se achar diante de uma ordem de coisas supra-humana e, por conseguinte, ameaçadora e perigosa.

k. Isto é: *Qual é a tua verdadeira origem?* A origem faz conhecer a verdadeira natureza (2,9; 4,11; 7,27-28; 8,14; 9,29-30).

l. O silêncio de Jesus se explica: as condições da verdadeira fé e do verdadeiro conhecimento não existem no caso (cf. Mt 27,14; Mc 15,4; Lc 23,9); nenhuma fórmula as pode suprir. Ver 18,28 nota.

m. Ignorando o que está no alto, Pilatos se ilude também sobre o alcance de um poder que ele crê absoluto; na realidade, este poder lhe é concedido em função de uma vontade superior (cf. 10,17-18); não se deve procurar aqui uma teoria sobre a origem dos poderes.

n. Judas e, sem dúvida, os dirigentes judeus tinham mais possibilidades de reconhecer a realidade de Jesus (6,64.71; 12,4; 13,2.21; 18,30.35). Sobre o pecado como desconhecimento, cf. 8,21-24; 9,41; 15,22-24; 16,8-9; 3,36.

tares, não estarás agindo como amigo de César! Pois todo aquele que se faz rei declara-se contra César”.

¹³Mal ouviu essas palavras, Pilatos fez conduzir Jesus para fora e o instalou em uma tribuna^h, no lugar chamado Litóstratos — em hebraico Gábatáⁱ. ¹⁴Era o dia da preparação da Páscoa, por volta da sexta hora^j. Pilatos disse aos judeus: “Eis ^{18,33-37} o vosso rei!” ¹⁵Mas eles se puseram a gritar: “À morte! À morte! Crucifica-o!” Pilatos replicou: “Devo eu crucificar o vosso rei?”; os sumos sacerdotes responderam: “Nós não temos outro rei, senão César”^k. ¹⁶Foi então que Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado.

A crucifixão e a morte de Jesus (Mt 27,32-44; Mc 15,21-32; Lc 23,26-43). Eles se apoderaram, então, de Jesus.

¹⁷Carregando ele mesmo a sua cruz^l, Jesus saiu e foi para o lugar dito do Crânio, que em hebraico se chama Gólgota^m.

¹⁸Foi lá que eles o crucificaram juntamente com dois outros, um de cada lado e Jesus no meioⁿ. ¹⁹Pilatos redigira um

leiteiro que mandou afixar sobre a cruz: ele trazia esta inscrição: “Jesus, o Nazareu^o, rei dos judeus”. ²⁰Muitos judeus puderam ler este leiteiro, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado ficava ^{Hb 13,12-13} próximo da cidade, e o texto estava escrito em hebraico, latim e grego. ²¹Os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: “Não escrevas ‘rei dos judeus’, mas sim ‘este indivíduo pretendeu ser o rei dos judeus’”. ²²Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi-o”^p.

²³Tendo os soldados acabado de crucificar Jesus, eles tomaram as suas vestes e delas fizeram quatro partes, uma para cada um^q. Restava a túnica; ela era sem costura, tecida de uma só peça de alto a baixo^r. ²⁴Os soldados disseram entre si: “Não a rasguemos, antes sorteemo-la, para ver com quem ficará”. É assim que foi cumprida a Escritura: *Eles dividiram entre si as minhas vestes e sortearam a minha túnica*^s. Eis, pois, o que os soldados fizeram.

²⁵Perto da cruz de Jesus permaneciam de pé a sua mãe, a irmã da sua mãe, Maria de Clopas, e Maria de Mágdala^t. ^{Mt 27,55-56; Mc 15,40-41; Lc 23,49; 24,13,23; 20,2; 21,7,20}

o. É possível que os adversários lembrem o título oficial de *amigo do imperador*, que Pilatos, familiar de Sejano, provavelmente recebera. Reconduzindo o debate para o plano político, os judeus questionam a situação de Pilatos e o obrigam a optar. A partir daí, embora a inocência de Jesus tenha sido muitas vezes reconhecida (18,39; 19,4,6), a causa está perdida.

p. Outra tradução possível: *assentou-se no tribunal* (mas os interlocutores estão fora do palácio e, além disso, por fim, não houve sentença). É possível que o evangelista explore o duplo sentido da expressão. Aos olhos do mundo, quem julga é Pilatos; mas a fé capta um sentido mais profundo: sem o saber, Pilatos entroniza Jesus, que é o juiz de verdade: o mundo é confundido (16,8-11) e agora é o julgamento do mundo (12,31). Cf. 11,52 nota; 19,5 nota; 19,22 nota.

q. Lit. o *pavimento de pedra*; pode-se tratar de lajes ou de mosaicos; a palavra aramaica seguinte sugere um *lugar elevado*.

r. A decisão é tomada durante a Preparação da Páscoa, ao meio-dia: ao que parece, é a partir desse momento que se imolavam os cordeiros do Templo para a refeição pascal; essa coincidência tem para Jo um valor simbólico (cf. 19,36; 1,29).

s. A rejeição de Jesus está a par com o reconhecimento do poder supremo e exclusivo do imperador romano: neste momento decisivo, as autoridades judaicas cessam oficialmente de reconhecer a soberania absoluta de Deus sobre Israel (Jz 8,23; 1Sm 8,7).

t. Segundo a legislação corrente, o condenado devia carregar, ele próprio, o instrumento do suplício; Jo deixa de lado a informação dos sinóticos relativa à intervenção forçada, num certo momento, de Simão de Cirene (Mt 27,32; Mc 15,21; Lc 23,26):

até o fim, Jesus assume plenamente e sozinho sua Paixão e morte. Será que se deve ver aqui uma reação contra uma interpretação docetista que pretendia ter Simão de Cirene sido crucificado em lugar de Jesus?

u. É uma pequena elevação de terreno situada a pouca distância dos muros da cidade (Mt 27,33; Mc 15,20; Hb 13,12-13). O nome de *Gólgota* (crânio) lhe foi dado porque essa elevação rochosa tinha a forma de um crânio. A tradução latina acha-se na origem da palavra *calvário*.

v. Mc 15,27; Mt 27,38; Lc 23,33 precisam que se tratava de bandidos; para Jo são simplesmente homens miseráveis, cuja sorte Jesus compartilha. *No meio* é o lugar do rei (cf. 18,33 nota).

w. Jo introduz o adjetivo *nazoreu* na formulação do leiteiro (Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38). Sobre esta denominação, ver Mt 2,23 nota.

x. Uma inscrição indicava o motivo da condenação. Com sua insistência, Jo resalta o caráter simbólico da inscrição: é pela cruz que Jesus se torna rei messiânico, e este acontecimento deve ser anunciado em todas as línguas do mundo (cf. 11,50-52; 12,32; 10,14-16). Novamente Pilatos é profeta incôscio.

y. Em conformidade com a lei romana.

z. Jo distingue as roupas exteriores e a túnica interior, que é uma só peça e que seria ridículo rasgar. Alguns comentadores quiseram ver aí uma alusão à túnica do sumo sacerdote, por ter Jesus assumido desde então o sacerdócio novo: essa interpretação é pouco verossímil. A respeito da Escritura, cf. 18,32 nota. Nestas poucas cenas, Jo indica sua interpretação da crucificação.

a. St 22,19.

²⁶Vendo assim a sua mãe^e, e perto dela o discípulo que ele amava, Jesus disse à sua mãe: "Mulher, eis aí o teu filho^d".
²⁷A seguir, disse ao discípulo: "Eis a tua mãe". E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa^e.

16,32;
At 21,6

(Mt 27,45-56; Mc 15,33-41; Lc 23,44-49).

18,4; 5,39

²⁸Depois disso, sabendo que a partir de então tudo estava consumado^f, para que a Escritura se cumprisse até o fim^g, Jesus disse: "Tenho sede^h";²⁹ havia lá um cântaro cheio de vinagre; fixaram uma esponja embebida nesse vinagre na ponta de um ramo de hissopoⁱ e aproximaram-na da sua boca.³⁰ Logo que tomou o vinagre, Jesus disse: "Tudo está consumado"; e, inclinando a cabeça^j, entregou o espírito^k.

Jo 19,26-27gr.;
Lc 12,50;
2Tm 4,7;
Ap 15,1;
Jo 4,34
19,14;
Dt 21,22-23;
Gl 3,13

O sangue e a água. ³¹Entretanto, como era o dia da Preparação, os judeus, para

que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado — esse sábado era um dia particularmente solene^l —, pediram a Pilatos que lhes mandasse quebrar as pernas^m e os retirasse.³² Os soldados vieram, portanto, e quebraram as pernas do primeiro e a seguir do segundo dos que foram crucificados com ele.³³ Chegando a Jesus, verificaram que já estava morto; e não lhe quebraram as pernas.³⁴ Mas um dos soldados feriu-lhe o lado com a lança, e imediatamente saiu sangue e águaⁿ.³⁵ O que viu deu testemunho, e o seu testemunho é conforme à verdade^o; e, além disso, aquele sabe que ele diz a verdade^p, a fim de que vós também creiais.³⁶ Com efeito, tudo isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum de seus ossos será quebrado*^q; ³⁷e há também uma outra passagem da Escritura que diz:

7,37-39;
1Jo 5,6-8
21,24

b. Os sínóticos tinham notado a presença de mulheres no Calvário, a certa distância da cruz: entre elas, *Maria de Mgdala* (Mt 27,55-56; Mc 15,40; Lc 23,49). Jo é o único evangelista que as menciona perto da cruz: ele cita três ou quatro, conforme o modo de contar como uma ou duas pessoas a *irmã da mãe de Jesus e Maria, mulher de Clopas*.

c. Lit. a mãe. A partir do v. 26, Jo não fala mais das mulheres, mas tão somente de Maria e do discípulo amado. Cf. 13,23 nota. d. Cf. 2,4.

e. Lit.: no que era seu. Jesus confia sua mãe à proteção do discípulo amado. Diversas interpretações foram propostas: 1. Jesus institui Maria mãe dos fiéis; as tradições ortodoxa e católica falam da maternidade espiritual de Maria para com os fiéis representados aqui pelo discípulo bem-amado. 2. Se, como alguns pensam, o discípulo é um pagão convertido, Jesus reconcilia os judeu-cristãos com os pagão-cristãos. 3. A fé verdadeira, que é vivida debaixo da cruz, inaugura novas relações.

f. Isto é, a obra que o Pai lhe dera a missão de cumprir (4,34; 6,38; 17,4; 13,1) e, portanto, também a Escritura, na qual ela havia sido anunciada.

g. Lit. para que a Escritura fosse levado a termo. h. Cf. SI 69,22; 22,16.

i. Essa planta de folhas peludas era empregada para as aspersões rituais (Lv 14,4; SI 51,9). Identificam-na com a manjerona, que não cresce muito mais de um metro. O seu emprego nas presentes circunstâncias não deixa de causar estranheza. Sem dúvida, é preciso ver aqui um simbolismo litúrgico-pascal (Ex 12,22). Uma correção do texto permitiria ler *dardo*. Quanto ao vinagre, ver Mt 27,48 nota e Mc 15,36 nota.

j. A forma ativa do verbo sugere o pleno domínio que, até o fim, caracteriza Jesus no cumprimento da sua missão (cf. 10,18).

k. Embora situe o dom do Espírito à Igreja durante a aparição pascal (20,22), Jo talvez tenha querido sugerir que é por sua morte que Jesus pode transmitir o Espírito ao mundo (7,39; 16,5-7).

l. Em aplicação de Dt 21,22-23.

m. Para acelerar a morte.

n. O episódio dos vv. 31-33 culmina no testemunho escriturístico alegado no v. 36 (ver 18,32 nota), e os vv. 34-35 parecem interromper o conjunto. Ademais, diversas indicações vocabulares levam certos exegetas a pensar que os vv. 34-35 foram introduzidos tardiamente no evangelho. *Saiu sangue e água*: o fenômeno pode explicar-se naturalmente; imediatamente após a morte, o sangue ainda pode correr e a água seria consequência de um derrame de pleura. Segundo uma tradição rabínica, o corpo do homem é composto de água e de sangue; a efusão desses dois elementos demonstraria a realidade da morte. Jo considera o fato como um sinal do dom do Espírito: cf. água/ Espírito 4,14; 7,38-39; 3,5; sangue/vida eterna 6,51-55. No mesmo sentido, ver também 1Jo 5,6-8. Vários comentadores vão mais longe e percebem um simbolismo sacramental: água/batismo e sangue/Eucaristia; outros vêem aqui o nascimento da Igreja, nova Eva, do lado aberto do novo Adão.

o. A *testemunha* é ao mesmo tempo aquele que tem um conhecimento direto do acontecimento de que fala e aquele que põe em relevo a significação profunda do acontecimento (cf. 1,7; 3,11; 15,26-27): trata-se, ao que parece, do discípulo dileto (19,26-27), cujo testemunho funda a tradição joanina (21,24).

p. Em conformidade com o costume judaico (5,31; 8,13). Jo considera a intervenção de uma segunda testemunha, que reconhece e confirma a absoluta veracidade da primeira. Trata-se, sem dúvida, do Cristo glorioso (muitas vezes designado. em Jo, pelo pronome enfático *ekinos*: 3,28.30; 7,11; 9,28; 1Jo 2,6; 3,3.5.7.16; 4,17). Assim como Jesus dispõe do testemunho que o Pai lhe dá, assim também o discípulo que testemunha sabe que é aprovado e confirmado pelo Cristo que o envia (cf. 5,31-32; 8,13-14). Alguns comentadores veriam aqui antes um testemunho do Pai; outros ainda pensam numa glosa do editor, que reconhece a veracidade do testemunho que relata.

q. Esta citação parece combinar o texto do SI 34,21 (o justo sofredor é protegido na provação) e o de Ex 12,46 e Nm 9,12 (o cordeiro pascal): cf. 1,29.

*Eles olharão para aquele que tras-passaram.**

O sepultamento (Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56). ³⁶Depois desses acontecimentos, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, mas às escondidas, por medo dos judeus, pediu a Pilatos autorização para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu, e José veio tirar o corpo. ³⁹Veio também Nicodemos, aquele que outrora tinha ido ter com Jesus durante a noite*. Ele trazia uma mistura de mirra e aloés, cerca de cem libras¹. ⁴⁰Eles tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em faixas, com aromas, segundo a maneira de sepultar dos judeus. ⁴¹No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste jardim, um túmulo novo, onde ninguém ainda havia sido posto. ⁴²Por causa da Preparação dos judeus e por estar próximo esse túmulo, foi lá que eles depositaram Jesus.

20 Os discípulos no túmulo (Mt 28,1-10; Mc 16,1-8; Lc 24,1-12). ¹No primeiro dia da semana, ao alvorecer, enquanto ainda estava meio escuro, Maria de Mágdala² vai ao túmulo e vê que a pedra fora retirada do túmulo. ²Ela corre, vai ter com Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava*, e lhes diz: "Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos" onde o puseram". ³Então Pedro saiu, como também o outro discípulo, e foram ao túmulo. ⁴Ambos corriam

juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. ⁵Ele se inclina e vê as faixas⁴ deitadas ali. Todavia, não entrou. ⁶Chega também Simão Pedro que o seguia: ele entra no túmulo e observa as faixas ali deitadas ⁷e o pano que cobria a cabeça; este não fora posto com as faixas, mas estava enrolado à parte, em outro lugar. ⁸Só então o outro discípulo, aquele que tinha chegado primeiro, entrou, por sua vez, no túmulo; ele viu e creu⁹. ⁹Com efeito, eles ainda não tinham compreendido a Escritura⁸ segundo a qual Jesus devia ressurgir dentre os mortos*. ¹⁰Depois disso os discípulos voltaram para casa.

Maria de Mágdala vê o Senhor (Mc 16,9-11). ¹¹Maria ficara fora, perto do túmulo, e chorava. Chorando, ela se inclinou para o túmulo ¹²e viu dois anjos vestidos de branco, sentados no mesmo lugar onde o corpo de Jesus fora depositado, um à cabeceira e outro aos pés^b.

¹³"Mulher", disseram-lhe, "por que choras?" Ela lhes respondeu: "Tiraram o meu Senhor e eu não sei onde o puseram". ¹⁴Enquanto falava, ela se voltou e viu Jesus que estava ali, mas não sabia que era ele. ¹⁵Jesus lhe disse: "Mulher, por que choras? Quem procuras?" Mas ela, pensando que se tratava do jardineiro, disse-lhe: "Senhor, se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei". ¹⁶Jesus lhe disse: "Mariâm". Ela

r. Cf. Zc 12,10: é um servo pobre e traspassado que se identifica aquele que funda os tempos messiânicos (cf. 3,14-15; 8,28; 12,32); esta visão será a bem-aventurança dos crentes e o julgamento dos pecadores (cf. Ap 1,7).

s. Cf. 3,1; 7,50.

1. A mirra é uma goma-resina aromática empregada para embalsamar os mortos (cf. Mt 2,11); o aloés serve de perfume (Pr 7,17; Sl 45,9); cem libras é 32,7kg.

u. Cf. 19,25; os sinóticos falam da ida de várias mulheres, entre as quais Maria de Mágdala (originária de um povoado que fica à beira do lago de Tiberíades) sempre é citada pelo nome (Mt 28,1; Mc 16,1,9; Lc 24,10); ela está presente no Calvário (Mt 27,56.61; Mc 15,40.47); Lc a identifica talvez com a pecadora da unção em casa de Simão (Lc 8,2).

v. Cf. 13,23 nota.

w. Esse plural talvez seja um vestígio de um estado mais antigo da tradição, que tinha conhecimento várias mulheres pre-

Lc 24,24;
Jo 18,15

11,44;
19,40

Sl 16,9;
Lc 24,
26-27;
At 2,27.31;
1Cor 15,4;
Jo 5,39

Hb 1,14

20,2

21,4;
Lc 24,16;
2Cor 5,16

sentes ao túmulo (cf. 20,13). Maria exprime assim a sua explicação do túmulo vazio, explicação esta que deve ter tido certo sucesso nos meios palestinos.

x. A palavra grega *othônia* designa seja faixas, seja uma peça de linho bastante preciosa que podia ser utilizada para sepultar os mortos.

y. Ao contrário de Maria, o discípulo vê, no túmulo vazio e nos panos dobrados com cuidado, o sinal que conduz a reconhecer, na fé, a Ressurreição de Jesus.

z. O recurso às Escrituras permitirá situar e interpretar o acontecimento da Ressurreição de Jesus (cf. 1Cor 15,4; At 2,24-31; 13,32-37; Lc 24,27.44-46).

a. Lit. *se erguer*: aquele que jazia no sono da morte se reergue (o vivo fica de pé).

b. Os dois anjos estão sentados nas extremidades da banqueta onde o corpo havia sido depositado; Jo conserva um elemento da tradição sinótica, mas sem deter-se nele (cf. Mt 28,2.5; Lc 24,23; Mc 16,5 falava de um jovem).

se voltou^c e lhe disse em hebraico: "Rabuni", o que significa mestre. ¹⁷Jesus lhe disse: "Não me retenhas^d! Pois eu ainda não subi para o meu Pai. Mas tu, vai ter com os meus irmãos e dize-lhes que eu subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é o vosso Deus". ¹⁸Maria de Mágdala veio, pois, anunciar aos discípulos: "Eu vi o Senhor, e eis o que ele me disse".

Os discípulos vêem o Senhor (Mt 28,16-20; Mc 16,14-18; Lc 24,36-49).

^{14,27; 16,16; 20,1; Mt 16,14-18; Lc 24,36-49} ¹⁹Na tarde desse mesmo dia, que era o primeiro da semana^e, estando as portas da casa em que se achavam os discípulos trancadas por medo dos judeus, Jesus veio^f, pôs-se no meio deles e lhes disse: "A paz esteja convosco". ²⁰Enquanto falava, ele lhes mostrou as mãos e o lado^g. Vendo o Senhor, os discípulos ficaram tomados de intensa alegria^h. ²¹Então Jesus lhes disse de novo: "A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio". ²²Tendo assim falado, soprou sobre eles^k e lhes disse: "Recebei o

Espírito Santo. ²³A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados. A quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos".

O testemunho dos discípulos e a fé.

²⁴Todavia, Tomé, um dos Doze, aquele a quem chamam Dídimo^m, não estava entre eles quando Jesus veio. ²⁵Os outros discípulos lhe disseram: "Nós vimos o Senhor!" Mas ele lhes respondeu: "Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos, se eu não enfiar o meu dedo no lugar dos cravos e não enfiar a minha mão no seu lado, não acreditarei!" ²⁶Ora, oito dias mais tarde, os discípulos estavam de novo reunidos na casa, e Tomé estava com eles. Jesus veio, com todas as portas trancadas, pôs-se no meio deles e lhes disse: "A paz esteja convosco". ²⁷Em seguida, disse a Tomé: "Aproxima o teu dedo aqui e olha as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado, deixa de ser incrédulo e torna-te um homem de fé". ²⁸Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus^o!" ²⁹Jesus lhe disse: "Porque me viste, creste; bem-aventurados os que não viram e contudo creram^p".

7,39; At 1,8; Gn 2,7; Ez 37,9; Sb 15,11; 1Cor 15,45; Mt 16,19; 18,18; 11,16; 14,5; 21,2; 19,34; 20,20; 1Cor 9,1; 1Jo 1,1

14,27; 20,19

19,34; 20,20,25; Mc 16,14; Lc 24,25

4,4k; 1Pd 1,8

c. Cf. 10,5: é porque Jesus a chama pelo nome que Maria o reconhece. *{Mariam é a forma aramaica.}

d. Outra tradução possível: *Não me toques*, que é menos provável; de qualquer forma, Jesus pretende significar a Maria que a mudança que se opera nele, em função da sua passagem para junto do Pai, vai acarretar um novo tipo de relações (cf. 16,5-7,20-23; 14,28; 19,27).

e. Até aqui Jesus falara de Deus dizendo o meu Pai. Embora mantendo uma distinção, ele fala pela primeira vez da paternidade de Deus com relação aos discípulos, a quem chama também de seus irmãos (Mt 28,10). As fórmulas evocam discretamente a nova Aliança da qual os discípulos participam em virtude de seus vínculos com Jesus, que entrou na glória do Pai (1,12; 1Jo 3,1,2).

f. O Cristo é percebido como presente no meio dos discípulos reunidos na tarde do primeiro dia da semana (talvez seja preciso ver aqui uma alusão às reuniões cristãs do domingo).

g. Sobre o medo dos judeus, cf. 1,19; 9,22; 12,42; 16,2. O Cristo ressuscitado vem e permanece no meio dos seus, que não cessará de acompanhar e de conduzir (cf. 14,3,18-19; 16,16).

h. Lc 24,39 tem um objetivo mais apologetico; aqui trata-se de sublinhar a continuidade entre o Jesus que sofreu e o Jesus que está para sempre com eles (cf. Hb 2,18). O Senhor glorioso da Igreja não é outro que Jesus crucificado.

i. A fonte da alegria é o encontro com Cristo ressuscitado (cf. 15,11; 20,20-24; 17,13; Mt 28,8; Lc 24,41,52).

j. A missão dos discípulos decorre da elevação do Filho: cf. 14,12-14. Ela se enfaça no conjunto da missão de Jesus (17, 17-19). Jo acentua o caráter universal (cf. 4,35-38; 12,19-20).

k. *{Lit. *insuflou*.} O verbo grego evoca a primeira criação do homem (Gn 2,7) e sugere que se trata de uma nova criação, de uma verdadeira ressurreição (Ez 37,9; Rm 4,17). O Espírito será o poder de salvação que os discípulos manifestarão doravante em comunhão com Jesus (cf. 15,26-27; 17,17-19).

l. Jo retoma por sua conta uma fórmula tradicional (cf. Mt 16,19; 18,18), que é mister compreender o mais possível no quadro de sua própria teologia: os discípulos perdoarão e reterão os pecados na medida em que proclamarem a missão de Jesus no mundo. A tradição católica e a ortodoxa pensam que o poder de perdoar os pecados é confiado aos membros do colégio apostólico, ao qual foi confiado também, em comunhão com Jesus, o encargo pastoral (21,15-17). Para a tradição protestante, este poder e este encargo são entregues a todos os discípulos, isto é, aos fiéis de todos os tempos (cf. 17,20 nota), e não a Pedro em particular (Mt 16,19) ou a alguma "ordo" sacerdotal (Lc 24,48); escutando o testemunho dos fiéis, os homens acreditarão (seus pecados lhes serão perdoados) ou se escandalizarão (julgar-se-ão a si mesmos, seus pecados lhes serão retidos).

m. Cf. 11,16; 14,5; 21,2.

n. Cf. 14,27 nota; 20,19.

o. Esta última confissão de fé do evangelho associa os títulos de *Senhor* e *Deus* (cf. 1,1,18; cf. Rm 9,5); talvez tenhamos aqui o eco de uma aclamação litúrgica.

p. A fé, doravante, funda-se não na visão, mas no testemunho daqueles que viram; é por essa fé que os cristãos entram em comunhão profunda com o Cristo ressuscitado (17,20).

A meta do evangelista. ³⁰Jesus operou⁴ ante os olhos de seus discípulos muitos sinais que não estão consignados neste livro. ³¹Estes foram escritos para que creiais⁵ que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome⁶.

21 Apêndice. A aparição à beira do lago.

¹Depois disso⁷, Jesus se manifestou de novo aos discípulos à beira do mar de Tiberíades. Eis como as coisas sucederam⁸: ²Simão Pedro, Tomé a quem chamam Dídimo, Natanael de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros discípulos se achavam juntos. ³Simão Pedro lhes disse: “Eu vou pescar”. ⁴Eles lhe disseram: “Nós vamos contigo”. Saíram e subiram ao barco, mas naquela noite não pegaram nada. ⁵Quando já era manhã, Jesus estava de pé na praia, mas os discípulos não sabiam que era ele. ⁶Ele lhe disse: “Moços, não tendes um pouco de peixe?” — “Não”, responderam-lhe eles. ⁷Ele lhes disse: “Lançai a rede do lado direito do barco e achareis”. Eles lançaram a rede, e houve tanto peixe que não podiam mais recolhê-la. ⁸O discípulo que Jesus amava disse então a Pedro: “É o Senhor!” Apenas ouviu que era o Senhor, Simão Pedro vestiu uma

roupa, pois estava nu, e se lançou ao mar⁹. ¹⁰Os outros discípulos voltaram com o barco, puxando a rede cheia de peixes: na realidade, eles não estavam muito longe da praia, a cerca de duzentos côvados¹⁰.

⁹Quando saltaram em terra, viram brasas acesas, com peixe e pão em cima.

¹⁰Jesus lhes disse: “Vamos, trazei esses peixes que acabais de pegar”. ¹¹Simão Pedro subiu de novo ao barco e puxou para a terra a rede que estava cheia com cento e cinquenta e três grandes peixes, e, embora eles fossem tantos, a rede não se rompeu¹¹. ¹²Jesus lhes disse: “Vinde comer”. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: “Quem és tu?”; eles bem sabiam que era o Senhor. ¹³Então Jesus vem, toma o pão e lhes dá; ele fez o mesmo com o peixe¹². ¹⁴Esta foi a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos desde que ressurgira dentre os mortos.

O múnus pastoral de Pedro. ¹⁵Depois da refeição, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Ele respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te quero bem¹³”, e Jesus lhe disse então: “Apascenta os meus cordeiros¹⁴”. ¹⁶Uma segunda vez Jesus lhe disse: “Simão, filho de João, tu

q. Esta cláusula constitui, sem dúvida, o epílogo do evangelho e Jo nela indica qual foi o seu objetivo.

r. Trata-se sobretudo do progresso na fé dos que já pertencem à comunidade dos crentes; mas não se exclui uma intenção missionária.

s. A fé se refere essencialmente a Jesus, e reconhecido em sua condição de Filho de Deus e em sua missão de Messias; ele dá aos que creem verdadeiramente a vida eterna em comunhão com ele (cf. 1.12-16; 3.16 etc.).

t. Situado após o epílogo de 20.30-31, este último capítulo representa o apêndice. A questão da sua origem permanece em discussão: ao lado de traços literários tipicamente joaninos, há fórmulas e conceitos bastante peculiares. Poder-se-ia pensar num complemento redigido por discípulos do evangelista, talvez os mesmos autores dos dois últimos versículos que, sem contestação, constituem uma adição.

u. Pode-se comparar com a narração da pesca milagrosa de Lc 5.1-11, no começo do ministério galileu.

v. Como em 20.2-10, o discípulo que Jesus amava (que é também a figura do discípulo verdadeiro) é o primeiro a reconhecer o Senhor: ele alerta Pedro, que imediatamente se precipita.

w. Um pouco menos de 100 metros.

x. É possível que Jo visasse a um simbolismo da Igreja: os

Mt 4.11;
Lc 24.41-43

Lc 5.6;
2Cr 1.16

4.27

6.11;
Mt 14.19;
15.36;
Mc 6.41; 8.6;
Lc 9.16
20.19.26

1.42;
Mt 16.17;
Lc 7.42-43;
24.34;
1Cor 15.5

At 20.28;
1Pd 5.2

discípulos, agindo fiados na palavra do Cristo ressuscitado, põem mãos à obra e, contra toda expectativa, congregam os homens de toda parte na unidade de uma só e única comunidade (ao contrário de Lc, Jo acentua que não havia ruptura, *schisma*, da rede). Quanto ao número 153, o seu significado simbólico permanece obscuro. Conforme S. Jerônimo, os naturalistas antigos distinguem 153 espécies de peixes: assim, a rede dos apóstolos deverá congrega todas as famílias humanas na mesma Igreja (cf. Mt 13.47-50).

y. Talvez haja uma alusão à refeição eucarística (cf. 6.1-13): os discípulos são convidados e participam do alimento que o Senhor ressuscitado lhes oferece.

z. É preciso, sem dúvida, ver nessa repetição das mesmas expressões um lembrete das declarações impetuosas de Pedro (13.37; Mt 26.30-35; Mc 14.26-31; Lc 22.31-34) e da sua tríplice negação (13.38; 18.17.25-27).

a. Pedro confessa o seu amor sem pretender avantajá-lo a quem quer que seja e, para isso, apela ao conhecimento dos corações que Cristo possui.

b. Jesus é, ao mesmo tempo, o enviado do Pai e o único pastor (cf. 10.14-16; Lc 12.32 nota). Com base no amor confessado e vivido por Pedro, ele lhe confia a tarefa pastoral para com o seu rebanho (cf. 10.1-16). Assim como a missão apostólica só toma

me amas?" Ele respondeu: "Sim, Senhor, tu sabes que eu te quero bem". Jesus disse: "Sê o pastor de minhas ovelhas".¹⁷ Uma terceira vez, ele disse: "Simão, filho de João, tu me queres bem?" Pedro ficou triste porque Jesus lhe dissera uma terceira vez: "Me queres bem?", e respondeu: "Senhor, tu que conheces todas as coisas, bem sabes que eu te quero bem". E Jesus lhe disse: "Apascenta as minhas ovelhas. ¹⁸Em verdade, em verdade, eu te digo, quando eras jovem, amarravas o teu cinto e ias para onde querias; quando ficares velho, estenderás as mãos e um outro atará o teu cinto e te conduzirá para onde não quiseses". ¹⁹Jesus falou assim para indicar com que morte Pedro devia glorificar a Deus^d; e, tendo assim falado, acrescentou: "Segue-me".

O discípulo bem-amado e o testemunho que permanece. ²⁰Tendo-se volta-

do, Pedro viu atrás de si o discípulo que Jesus amava, aquele que, no decorrer da refeição, se inclinara sobre o seu peito e dissera: "Senhor, quem é que vai te entregar?" ²¹Quando o avistou, Pedro disse a Jesus: "E a ele, Senhor, que lhe acontecerá?" ²²Jesus respondeu: "Se eu quero que ele fique até que eu venha^e, que te importa? Quanto a ti, segue-me^f". ²³É devido a esta palavra que se tem repetido entre os irmãos que esse discípulo não morreria. Na realidade, Jesus não lhe dissera que não morreria, mas sim: "Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa^g?"

²⁴É este discípulo que testemunha essas coisas e as escreveu, e nós sabemos que o seu testemunho é conforme à verdade^h.

²⁵Jesus fez ainda muitas outras coisas: se as escrevessem uma a uma, o mundo inteiro não poderia, penso eu, conter os livros que se escreveriamⁱ.

13,37-38;
18,17.25-27;
Lc 22,31-32;
25m 5,2;
Sl 78,71-72

At 21,11.14;
Mt 16,22;
26,39;
2Pd 1,14

12,33;
13,36; 17,1;
7,39

13,23;
19,26; 20,2;
21,7; 13,25

14,3;
Mt 16,28

15,27;
19,35;
3Jo 12

20,30

sentido ligando-se à missão do Filho encarnado (17,17; 20,21), assim também a função pastoral se liga à dele (Mt 10,6; At 20,28-29; 1Pd 5,1-4); um amor sem reservas para com Cristo revela-se aqui como condição de tal tarefa, e será a alma da mesma. A tradição católica elaborou pouco a pouco, notadamente a partir deste texto, a doutrina da função do colégio apostólico e do papa que o preside (cf. Mt 16,17-19; Lc 22,31-32).

c. As variações do vocabulário não têm muita importância. Provém de rebuscamento estilístico.

d. O autor deste cap. escreve muito tempo depois da morte de Pedro. Sabe que a vida de Pedro terminará com um suplício que Jesus aqui anuncia. Para este autor, mesmo que Jo não tenha querido dizer isso, Jo 13,36 alude sem dúvida à morte de Pedro: assim poderá glorificar Deus. — *Estender as mãos* (v. 18b), alusão possível à cruz.

e. Isto é, até a Parusia; cf. a fórmula que encerrava a celebração eucarística (1Cor 11,26) e que encerra também o Apocalipse (Ap 22,7.12.17.20).

f. A frase permanece enigmática e de compreensão difícil: pode-se compreender que Pedro deve dedicar-se à sua missão sem se preocupar com o que não foi explicado; pode-se também pensar que o discípulo dileto, que penetrou melhor que ninguém o mistério do Senhor, continuará presente na Igreja pelo testemunho que está fixado neste livro.

g. Vários mss. não tem: *que te importa*.

h. A comunidade que recolheu o escrito reconhece nele o testemunho permanente e sempre atual do discípulo amado.

i. Este v. é omitido por vários mss. O documento escrito não pode relatar e elucidar tudo o que foi a atividade de Jesus. Nós somos remetidos a Cristo em pessoa.

ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

Como o terceiro evangelho, os Atos dos Apóstolos são obra de Lucas, companheiro de Paulo, que contou neste livro acontecimentos que conhecia bem; esta obra "apostólica" faz parte das Escrituras e é, a esse título, norma de verdade e de fé: tal era, por volta de 200, a convicção de toda a Igreja. Muito cedo, aliás — ao mais tardar no século IV —, os Atos já eram lidos na liturgia eucarística durante o tempo pascal. Eles iluminaram assim a fé da Igreja dos primeiros séculos, animaram e guiaram a vida dos cristãos, do batismo ao martírio, do qual "Estêvão, um dos Sete", fora o primeiro a dar o exemplo. A imagem da primitiva comunidade cristã inspirou o monaquismo nascente e, posteriormente, quase não houve movimento reformador ou missionário em que não se encontrasse, de mistura com os apelos do Evangelho e de Paulo, a saudade da "vida apostólica", tal como é evocada nos Atos. Desde o século XVIII, algumas das certezas que fundavam essa "leitura" multissécular foram postas em dúvida por uma crítica cujos excessos não suprimem os méritos: ela só poderá ser benéfica para a compreensão dos Atos, contanto que seja bastante rigorosa, para não transformar em dogmas as suas sucessivas hipóteses, e bastante clarividente, para reconhecer os próprios limites.

O texto dos Atos. Para ler uma obra antiga, é preciso determinar o seu texto e, no caso dos Atos, essa determinação é um problema bastante complexo. A maioria das testemunhas desse texto apresenta duas formas principais: o texto chamado "sírio" ou "antioqueno", e o texto chamado "egípcio" ou "alexandrino". Mas pode-se reuni-los sob o nome de "texto corrente", tal a semelhança que transparece entre um e outro, quando comparados a uma terceira forma de texto, chamada "ocidental". Em geral essas variantes "ocidentais" não parecem reproduzir o texto primitivo dos Atos. Mas a sua antiguidade e a sua difusão, tanto no Oriente como no Ocidente, são notáveis, bem como o seu interesse histórico ou doutrinal. Por isso, as notas à tradução aqui ofereci-

da as mencionam de bom grado, em particular no cap. 15.

Os Atos do ponto de vista literário. A unidade indiscutível da língua e do pensamento dos Atos não impede que comportem duas partes de aparência bastante diferente. A primeira (1-12 ou 15) se apresenta como um conjunto cujos elementos são antes justapostos que reunidos. As indicações cronológicas são raras. A língua é de tendência semitizante e mais de um aspecto do pensamento parece arcaico. Ao contrário, a segunda parte (13 ou 16-28) dá a impressão de uma trama contínua, de um conjunto mais bem organizado. Os dados cronológicos se tornam bastante numerosos. A língua é mais puramente grega. Por quatro vezes a narração cessa curiosamente de ser escrita na terceira pessoa para passar à primeira pessoa do plural: "nós..." (16,10 nota).

As unidades literárias de certa extensão que se podem distinguir no livro são praticamente todas ou relatos de missão (2,1-41; 8,4-40; 9,32-11,18; 13,1-21,26) ou narrações de processos (4,1-31; 5,17-42; 6,8-8,1; 12,1-7; 21,27-26,32), o último dos quais se prolonga com um longo relato de viagem (26,28). As unidades literárias menores que a análise discerne nesses conjuntos, geralmente complexos, pertencem a dois gêneros principais: narrativas e discursos.

As narrativas, com ou sem diálogos (10,25-33; 21,37-39; 23,1-5; 25,8-12; etc.), são de grande variedade (1,6-11; 2,1-13; 3,1-10; 4,1-22; 5,1-11,17-42; 8,5-25; etc.). Nelas, o maravilhoso ocupa um lugar considerável. Também de ordem narrativa são os "sumários", ou descrições gerais, que a primeira parte do livro consagra à Igreja de Jerusalém (2,42 nota); podem-se equiparar a eles as breves afirmações de ordem geral que se disseminam a seguir no conjunto do livro (6,7; 9,31 etc., 16,5; 19,10,20; etc.). A variedade dos discursos é tão grande quanto a das narrativas. A maior parte deles são pronunciados por cristãos: discursos missionários de diversos tipos (2,14 nota; 10,36, nota; 14,15 nota); discursos de

defesa perante os tribunais judaicos ou romanos (4,8-12; 5,29-32; 7,2 nota; 22,1 nota); discursos dirigidos a outros cristãos (1,16-22; 11,4-17; 15,7 nota; 15,13 nota; 20,18 nota). A esses discursos cristãos, podem-se acrescentar orações (4,24 nota) e uma carta (15,23-29). Por outro lado, alguns breves discursos (5,35-39; 19,25-27.35-40; 24,2-8; 25,14-21), bem como uma carta (23,25 nota) são atribuídos a judeus ou a pagãos.

O autor dos Atos certamente recorreu a fontes: os indícios nesse sentido são numerosos. Seriam essas fontes escritas ou orais? Talvez de ambos os tipos. Em todo caso, elas deviam oferecer uma consistência e uma autoridade bastante grandes, visto serem estas, muito provavelmente, as que explicam a diversidade das duas partes do livro, a despeito de um trabalho redacional cuja importância é atestada pela unidade literária do conjunto. Infelizmente, é muito difícil isolar e delimitar essas fontes com segurança, mesmo no caso do "itinerário" ou "diário de viagem", cuja existência é postulada para passagens em "nós", sem que possamos, todavia, traçar-lhe os limites exatos.

Em compensação, vê-se melhor onde situar, na vida da Igreja primitiva, a origem dessas fontes. Cada igreja devia conservar lembranças da sua fundação e da sua história (cf. 1Ts 1,6; 2,1; 1Cor 2,1-5; 3,5-6; etc.) e conhecer certos episódios da vida do seu fundador (1Ts 2,2; 3,1-2; 2Cor 11,22-12,10; Gl 1,15-3,14 etc.; Hb 13,7). Edificantes, admiráveis ou pitorescas, essas informações podiam passar de uma igreja à outra (1Ts 1,8; 2,14; 1Cor 16,1; 2Cor 8,5; Gl 1,13-23; cf. At 14,27; 15,3-4). E centros importantes, como Jerusalém ou Antioquia (11,19 nota) eram certamente favorecidos neste particular e deviam conservar, por escrito ou oralmente, numerosas informações desse gênero.

É preciso, enfim, acrescentar que, se o autor do "diário de viagem" e o dos Atos são o mesmo, este personagem, companheiro de Paulo, dispunha também de lembranças pessoais.

Os Atos e a história. Sejam quais forem as suas fontes, é possível e necessário examinar o valor histórico dos Atos e, primeiramente, o do quadro em que se situam narrações e discursos. Os dados da história geral e da arqueologia, por uma parte, e os que nos fornece o resto do NT, em particular a correspondência de Paulo, por outra, per-

mitem avaliar, por comparação, a exatidão deste quadro e de certos detalhes. Os resultados do exame são mais freqüentemente favoráveis que desfavoráveis à veracidade dos Atos, permitindo assim estabelecer os elementos de uma cronologia assaz consistente, tanto para as origens cristãs, quanto para a vida e as cartas de Paulo. Esta situação convida o historiador a fiar-se a priori nos numerosos dados do livro que, na falta de meios de verificação exterior, só podem ser rastreados pela crítica interna.

A crítica interna pode registrar, aqui ou ali, nas narrativas, discordâncias ou tensões que parecem corresponder, quer a incertezas ou lacunas nas informações do autor, quer a intenções que o levaram a modificar ou interpretar os dados que as fontes lhe forneciam. A verossimilhança das narrativas constitui outro critério, mas este é de utilização delicada, pois as considerações a que recorre não são todas de ordem histórica. O caso mais difícil é aqui o do maravilhoso, e, em particular, dos relatos de milagre. É por certo possível e, ocasionalmente, provável que o autor, ou já as suas fontes, tenham acentuado esse aspecto de certas narrações. Mas a crítica não deve esquecer que os milagres no cristianismo primitivo desempenharam um papel incontestável (Rm 15,18s.; 2Cor 12,12; Hb 2,4; cf. Mc 16,17s.). Nesses casos, sem falar do da conversão de Paulo, os Atos nada mais fazem do que dar uma fisionomia a realidades atestadas por outra via.

A historicidade dos discursos dos Atos suscita problemas ainda mais complexos que a das partes narrativas. Sabe-se, com efeito, que os historiadores antigos consideravam normal compor mais ou menos livremente os discursos que punham na boca de seus personagens. A brevidade da maioria dos discursos dos Atos impede de ver neles estenografias ou lembranças conservadas in extenso. Certas inverossimilhanças (15,15 nota; etc.), ou certas semelhanças de língua ou de pensamento entre discursos e narrativas indicam uma intervenção mais ou menos acentuada do autor na composição dos discursos. Mas essas observações não autorizam a lhes denegar todo valor documentário. Há boas razões para pensar, por exemplo, que a estrutura geral e certos elementos dos discursos missionários ou do de Paulo aos anciãos de Éfeso (20,18-38) são reflexos fiéis de diversos tipos de pregação cristã. Quanto aos

outros discursos, eles são geralmente verossímeis, mas a apreciação exata do seu valor histórico depende em grande parte do crédito que se concede às informações do autor e em particular ao seu “diário de viagem”.

Resta salientar um último aspecto dos Atos como documento histórico: seus silêncios. O livro não diz nada, por exemplo, da fundação de numerosas Igrejas que menciona (28,13 nota) e não diz uma palavra sequer sobre as dissensões de Paulo com a Igreja de Corinto (19,1 nota). Estes silêncios, e muitos outros, sejam quais forem os seus motivos, indicam que os Atos não são nem uma história geral do cristianismo primitivo, nem mesmo uma biografia completa de Paulo.

A teologia dos Atos. Considerar os Atos tão-somente como documento histórico seria tomar um caminho errado, pois é à luz da fé que eles interpretam a história que contam. Antes de tudo os discursos “lêem”, à sua maneira, a história passada que evocam ocasionalmente, ou mesmo este ou aquele episódio atual (2,16-21.33; 4,10-12; 11,17s. etc.). Mas tal interpretação de fé se afirma também nas partes narrativas, nas quais Deus intervém como um dos atores da narração; ele age por seu anjo (23,8 nota), por seu Espírito (1,8 nota); pelos missionários cristãos (15,4-12; 19,11 etc.); o crescimento das Igrejas é sua obra (2,47; 11,21.23) etc. De modo mais explícito que os evangelhos, os Atos mostram a integração da perspectiva histórica numa perspectiva de fé; o autor é por certo um historiador, mas um historiador que tem fé, como o foram os antigos historiadores de Israel. Para “alcançá-lo” é preciso considerar sua fé e o conteúdo desta, ou seja, em outros termos, sua teologia. Essa teologia está presente em toda parte no livro, mas o essencial dela é fornecido nos discursos e particularmente nos discursos missionários.

A história da salvação. A pregação cristã é a proclamação de uma história da salvação, cujo ator principal é Deus, o Deus que criou o universo (17,24 etc.) e escolheu Israel (3,25; 13,17 etc.). Focalizado na história do mundo, o AT faz parte do Evangelho como uma primeira etapa (13,17-22; 7,2-50), tempo das prefigurações (7,25 nota etc.) e sobretudo da Promessa e das profecias que já anunciavam o plano de Deus (2,23 nota).

O tempo da realização (3,18 nota) começa quando Deus “suscita” Jesus (3,22.26; 13,23), ratificando sua vida, pregação e milagres (1,22; 2,22; 10,36-38). Sem que os judeus o saibam (3,13 nota), a Paixão e a morte de Jesus continuam a realizar o desígnio de Deus. Quando, por fim, Deus ressuscita Jesus, o faz “Senhor e Cristo” (2,36 nota) e lhe dá o Espírito prometido (2,33), é, em certo sentido, “a promessa feita aos pais” plenamente cumprida (13,22s.). Mas sendo essa promessa destinada a Israel e a todos os homens (2,39 nota) “até as extremidades da terra” (1,8 nota), sua realização abre um espaço e um tempo em que a história da salvação prossegue. O presente prende a atenção dos Atos (cf. Lc 4,21 nota) a ponto de esfumar um pouco a visão do futuro (cf. 1,7.10s.), que, não obstante, continua sendo o seu horizonte último: o Dia em que Deus acabará de realizar o seu desígnio, enviando o Cristo, “juiz dos vivos e dos mortos” (10,42 nota; cf. 3,20).

O hoje de Deus. Para os Atos, o que desde a Ressurreição se vê e se ouve (2,33) continua, portanto, a cumprir as profecias (2,16-21; 13,40s.; 15,15-18; 28,25-27). Deus fica sendo sempre o ator principal; e, tornado invisível, Jesus não deixa de ser, com ele, o centro dos acontecimentos: a sua missão continua (3,26), ele derrama o Espírito (2,33) que anima a vida da Igreja (1,8 nota) e “anuncia”, em pessoa, através de Paulo, “a luz ao povo e às nações” (26,23). Convém sublinhar que tal visão do “presente” da história da salvação não foi inventada pelo autor dos Atos, visto que já aparece em Paulo. A própria importância que este atribui à Cruz e à Ressurreição de Jesus, no qual “as promessas de Deus têm o seu sim” (2Cor 1,20), o leva a pensar e agir na perspectiva de um “hoje” (cf. 2Cor 6,2), no qual as Escrituras continuam se realizando, por exemplo, na salvação pela fé (Gl 3,6-9; Rm 1,17; 4; etc.). Para Paulo, como para os Atos, a pregação missionária é a própria palavra de Deus que age e se difunde (1Ts 2,13 s.; 2Ts 3,1; Cl 1,5-6), autenticada por sinais (Rm 15,19; 2Cor 12,12). A sua conversão faz parte do desígnio de Deus (Gl 1,11s.; 15ss. etc.). A vida das Igrejas se lhe apresenta como continuação do tempo de Jesus (1Ts 2,14s.; cf. Hb 2,3-4). O autor dos Atos não é portanto o primeiro a ter percebido a importância do presente no plano de Deus, mas deu a este “hoje” um realce considerável no

dia em que decidiu escrever os Atos como continuação do seu evangelho (1,1).

A palavra de Deus e o seu “espaço”: O plano dos Atos. Este “hoje” é em primeiro lugar, para os Atos, o tempo da Palavra de Deus, da Boa Nova, do testemunho que proclama Jesus ressuscitado Senhor e Cristo. Se as primeiras testemunhas desta fé são, a título único, os doze Apóstolos (1,2 nota; 22 nota), Estevão, Filipe, Barnabé e outros ainda, com Paulo na primeira fila (13,31 nota), participaram desse anúncio da Palavra que se faz ouvir até o fim do livro (28,30s.).

Os Atos estão visivelmente atentos ao espaço simultaneamente geográfico e humano em que se difunde essa Palavra. Em Lucas, a manifestação de Jesus, começada em Nazaré, terminava em Jerusalém. Nos Atos, o Evangelho parte de Jerusalém (2-5), para atingir a Samaria e a Judéia (8,1 nota); depois, atinge a Fenícia, Chipre e a Síria (11,19-22), de onde parte para a Ásia Menor e a Grécia (13-18), antes de chegar a Roma (28,30 nota). Assim, o percurso da Palavra “até as extremidades da terra”, querido pelo Ressuscitado (1,8) e prefigurado no dia de Pentecostes (2,10 nota), entra na sua etapa decisiva. Se o Evangelho é assim anunciado por toda parte, é por ser destinado a “todos os homens” (17,31): primeiro a Israel (2,39 nota; 3,25-26), depois às nações pagãs. Determinada por Deus (2,39; 15,7-11,14) e por Jesus (22,21 nota), esta passagem do Evangelho e da salvação aos pagãos (13,46 nota) é o tema principal do livro. A conversão de Cornélio (10,1 nota), a evangelização dos gregos de Antioquia (11,19 nota), a missão de Barnabé e de Paulo (13,1 nota) são as primeiras etapas dessa abertura que, posta em questão em Antioquia e em Jerusalém, é finalmente confirmada (15,1 nota). Com isso, Paulo pode empreender a grande missão (15,36 nota) que lhe permitirá, graças ao seu cativo (21,33-28,14), levar o Evangelho, segundo a vocação que lhe é peculiar, até Roma, capital do mundo pagão (28,31 nota). Não obstante as incertezas de detalhes, as grandes linhas do plano dos Atos aparecem claramente nessas etapas simultaneamente geográficas e humanas que marcam a difusão da Palavra de Deus.

Conversão, fé, batismo e dom do Espírito. A pregação cristã chama finalmente os seus ouvintes

a se converter (3,19 nota), a sair de sua ignorância (3,17 nota), em uma palavra, a crer, reconhecendo que Jesus é Senhor e Cristo (2,36 nota). A fé, que, para os Atos, é evidentemente um ato livre do homem, nem por isso deixa de ser também um dom de Deus (5,31; 11,18; 15,9; 16,14 etc.), o único que “abre a porta da fé” (14,27) e salva pelo Senhor Jesus (4,12 nota; 15,11). Ao duplo dom divino do perdão dos pecados (3,26 nota; 5,31; 10,43 etc.) e da participação no Espírito difundido por Jesus (2,38; 10,45; 11,17) corresponde misteriosamente, da parte da Igreja, um duplo rito: para o perdão dos pecados, um batismo de água “em nome de Jesus Cristo” (2,38 nota; cf. 1,5 nota; 19,5 nota); para o dom do Espírito, uma imposição das mãos (6,6 nota; mas cf. 10,44 nota). Com isso os novos adeptos da fé ficam “batizados no Espírito Santo” (1,5; 11,16) e participam das Promessas.

As Igrejas, a Igreja, o povo de Deus. É assim que os convertidos ficam agregados a grupos que os Atos não tardam a chamar de Igrejas (5,11 nota; 7,38 nota; 11,26 nota). A sua multiplicidade, muito visível no livro, não as impede de ter consciência de caminharem num mesmo “Caminho de Deus” (9,2 nota), cujos membros, onde quer que estejam, se designam pelos mesmos nomes e, um dia, serão chamados cristãos (11,26 nota; 26,28). Não é portanto de espantar que a palavra Igreja tenha vindo a designar o conjunto das igrejas, “a Igreja de Deus que ele adquiriu para si com o seu próprio sangue” (20,28 nota; cf. 9,1 nota). Em todo caso, é claro que, para o autor, o conjunto dos crentes constitui o único povo de Deus, no qual a fé congrega circuncisos e incircuncisos (15,14 nota; cf. 18,10), ao passo que os judeus que “não escutam” Jesus são excluídos (3,23 nota; cf. 13,46 nota).

Propriedade de Deus, este Povo e essas Igrejas estão singularmente próximos dele e do Senhor Jesus. Tocar nos cristãos é ferir Jesus em pessoa (9,5 nota); entrar em uma das comunidades é juntar-se ao Senhor (cf. 2,47 e 5,14; 11,24), cujo Espírito anima e conduz toda a vida das Igrejas (1,8 nota; 5,3-4,9; 9,31; 15,28; 20,28 etc.).

A vida das Igrejas. Ao mesmo tempo que permitem perceber o que era e o que pretendia ser a vida das primeiras Igrejas, os “sumários” dos Atos

revelam perfeitamente o que o autor considerava o ideal para o qual todas as comunidades cristãs deviam tender.

O primeiro sumário considera antes de tudo a assiduidade ao "ensinamento dos apóstolos" (2,42) — ao qual sucederá o ensinamento de outros dirigentes de Igrejas (14,22; 20,7.18-35). Tal ensinamento prolongava, para o uso dos convertidos, a mensagem em que acreditaram. Nele, a "moral" tinha provavelmente um papel preponderante, insistindo sem dúvida no amor fraterno (cf. 20,35). Em todo caso, a "comunhão fraterna" é o aspecto da vida cristã que vem imediatamente depois do ensinamento. Ela consiste fundamentalmente em "ter um só coração e uma só alma" (4,32; 2,44 nota) — o episódio central do livro diz em última análise como foi salva esta comunhão das Igrejas em que conviviam circuncisos e incircuncisos (15,1-35). Essa comunhão espiritual expande-se, aliás, na partilha de todos os bens (2,44 nota) ou, ao menos, numa repartição entre os irmãos (9,36 nota; 10,48 nota; 20,34; 21,24) ou entre as Igrejas (11,29 nota).

Os dois últimos elementos constitutivos da vida das Igrejas que os Atos põem em destaque são: "a fração do pão e as orações" (2,42). A fração do pão designa certamente a eucaristia (2,42 nota; 13,2 nota; 20,7 notas). Quanto às orações, elas não eram somente um componente da refeição eucarística, do batismo (cf. 22,16) e da imposição das mãos (8,15.17), isto é, da liturgia, mas acompanhavam toda a vida cotidiana das Igrejas e dos cristãos (1,14; 4,24 nota; 9,40; 10,9; 12,5-12 etc.).

Os doze apóstolos, os Sete, Paulo, os profetas, os anciãos. No interior das Igrejas destacam-se grupos de fiéis que têm à sua conta funções particulares. Este é, em primeiro lugar, o caso dos doze apóstolos (1,2 nota) em torno de Pedro (1,13; 2,14; 5,3.29; 9,32 etc.; 15,7) os quais, em Jerusalém e fora de Jerusalém, ocupam um lugar único em seu gênero. A função deles, aliás, ultrapassa (4,33-37; 5,12.18-40; 9,27 etc.) sua missão fundamental de testemunhas (1,8 nota) e de servos da Palavra (6,2). Sem dúvida, sua presença em Jerusalém atesta que, ao menos no início, esta primeira comunidade desempenhou, em larga escala, um papel de centro e reguladora (8,14; 9,32; 11,1.27-30; 15,2.36 nota). São os apóstolos, sobrecarregados por suas responsabilidades e preo-

cupados com a preservação do essencial, que instituem os Sete (6,1 nota). Ao invés, é o próprio Jesus quem confia a Paulo uma missão que, embora não esteja no mesmo plano da dos Apóstolos (13,31 nota), não deixa de ser de importância capital (22,21 nota) e fará dele um fundador e um dirigente de Igrejas. Em outro plano, totalmente diferente, situam-se os profetas: eles jamais apareceram como "instituídos" por homens, mas são inspirados pelo Espírito e desempenham um papel importante na vida das Igrejas (11,27 nota). Quando os Atos falam de anciãos nas Igrejas paulinas, trata-se de personagens "instituídos" por Paulo (14,23 nota) para assumir durante sua ausência a responsabilidade dessas Igrejas (20,18 nota. 28 nota); na falta de outras informações, é permitido supor uma origem e um papel análogos para os anciãos de Jerusalém (11,30 nota) em torno de Tiago (21,18; cf. 12,17; 15,13).

Sem que o autor do livro insista sobre esse ponto, a Igreja e as Igrejas que ele apresenta possuem, pois, ao menos uma certa estrutura. Mas o papel dos simples "irmãos" não fica, com isso, reduzido a nada. Quer sejam profetas, quer não, eles aparecem mais de uma vez associados a decisões importantes (1,15s.; 6,3; 13,1-3; 14,23 nota), e é uma decisão do Espírito, "de acordo com toda a Igreja", que põe termo à assembléia de Jerusalém (15,22.23 nota. 28); para o autor, tal bem poderia ser, na linha da "comunhão", o governo ideal da Igreja.

A Lei de Moisés e a fé em Jesus. Um último ponto da teologia dos Atos deve ser tratado à parte, em razão de sua importância: como é que o autor vê a passagem do judaísmo para o cristianismo, da salvação pela lei (15,1.5) à salvação pela fé e pela graça (15,9.11)?

Paulo, diante do governador Félix, afirma, não sem paradoxo, que seguindo "o Caminho", ou seja, sendo cristão, ele permanece integralmente fiel à fé e à esperança de Israel (26,22 nota). Os judeus que se tornavam cristãos não abandonavam, por isso, as práticas do judaísmo (2,46 nota), a lei e a circuncisão (15,5; 21,20s.). Pedro não era uma exceção (10,9.14). Estêvão talvez fosse menos hostil à Lei do que diziam os seus adversários (6,13 nota). E o próprio Paulo pretende ser (21,24; 25,8) e se mostra fiel observante da Lei (16,3 nota; 21,26; 22,17). A Igreja judaica, ao

mesmo tempo que era a Igreja, estava ainda profundamente imersa no judaísmo. Não criticando essa situação em si mesma, os Atos parecem indicar que a julgam normal.

Mas esse Israel, agora beneficiário das promessas em Jesus "Senhor e Cristo", deve abrir-se às nações, segundo modalidades concretas que nem Jesus nem Deus revelaram aos crentes judeus. Por isso, o próprio Deus intervém para a conversão dos primeiros incircuncisos, Cornélio e os seus, em Cesareia (10,1 nota). Ele faz Pedro compreender que o trato com esses homens, purificados pela fé, e a comensalidade com eles não poderiam ser uma fonte de "impureza" para um judeu (10,28 nota. 35 nota). A Igreja judeu-cristã de Jerusalém admite e saúda este acontecimento (11,18); alguns de seus membros, todavia, o interpretam como uma exceção; com efeito, um dia quererão impor aos gregos convertidos de Antioquia (11,20-21) a circuncisão e a Lei como necessárias à salvação (15,1.5); era sem dúvida um meio radical de resolver os problemas criados pela coexistência e a comensalidade de judeus e não-judeus nas Igrejas. Para o autor dos Atos, a solução desses problemas foi indicada de uma vez por todas em Cesareia e o livro descreve, com visível satisfação, a vitória deste ponto de vista em Jerusalém (15,4-29). Essa vitória, é verdade, foi obtida mediante um acordo (15,19 nota. 20 nota) — que salva aliás a "comunhão" da Igreja —, mas o essencial permanece: com ou sem circuncisão, é pela fé e pela graça do Senhor Jesus que os cristãos são salvos (15,9.11).

Que motivo podia ter então um judeu-cristão de permanecer fiel à circuncisão e à Lei? O autor não diz nada a este respeito. Talvez nem se tenha feito esta pergunta. Em todo caso, ela não devia lhe parecer de maior importância; ele pensa visivelmente que, devido à repulsa ao Evangelho pela maioria dos judeus (13,46 nota), é aos pagãos sobretudo, se não unicamente (28,30 nota), que a salvação é doravante proposta (28,28 nota).

Para quem e por que os Atos? O problema do público visado pelo autor e das intenções que o conduziram a escrever é de uma importância particular para a compreensão histórica e doutrinal de sua obra.

O autor provavelmente não excluiu os judeus do círculo dos seus leitores: alguns deles podiam ser

sensíveis à fidelidade judaica dos cristãos circuncisos, ou ao tema do cumprimento das Escrituras. Mas os Atos não podem ter sido destinados a um público preponderantemente judeu: o autor insiste demais sobre a rejeição do Evangelho por Israel como também sobre as responsabilidades dos judeus na morte de Jesus (2,23; 3,13-15; 13,27-29) e as dificuldades encontradas pela missão cristã. A hipótese de um público pagão se apresenta melhor d primeira vista. É aos pagãos que a salvação é finalmente proposta (28,28). Paulo, o principal missionário cristão, é cidadão romano de nascença (16,37 nota); a sua inocência é sempre reconhecida pelos tribunais romanos (18,15 nota), e com razão, pois "o Caminho" que ele prega não é nem um movimento político sedicioso (17,7 nota), nem uma religião nova ilegal (18,13 nota). Se é inverossímil que os Atos sejam um discurso destinado a defender Paulo perante o tribunal do imperador, é perfeitamente pensável que o autor os tenha escrito julgando que poderiam cair com proveito sob os olhos de leitores ainda pagãos.

Mas, afinal, o próprio conteúdo do livro, a fé que nele se exprime com clareza e continuidade, os problemas que nele são tratados, tudo indica que o autor escreve sobretudo para um público cristão. Teria sido então sua intenção primeira defender as posições missionárias de Paulo contra os judeu-cristãos? Neste caso, ele teria sem dúvida insistido menos na fidelidade judaica da primeira geração cristã, que só podia fornecer argumentos a tais adversários. Na realidade, as suas preocupações fundamentais parecem essencialmente positivas: ele escreve os Atos antes de mais nada, bem como o seu evangelho, para a instrução e a edificação dos cristãos. É com essa finalidade que ele narra a difusão da Palavra até o dia em que ela ressoa "com segurança e sem entrave" na própria Roma. Insistindo no papel da fé, ele se opõe a eventuais tendências judaizantes: respeitando a fidelidade judaica dos cristãos circuncisos, ele desarma sem dúvida possíveis críticas da parte de seus irmãos incircuncisos. Ele é fundamentalmente o homem da unidade e da comunhão, que chama a Igreja a viver, sob a direção do Espírito Santo, como a Igreja de Jerusalém, que tinha um só coração e uma só alma.

O autor e a data dos Atos. É possível, como demonstra a presente introdução, falar longamente

dos Atos *sem identificar o autor ou a data. Mas, do mesmo modo que o problema do público e das intenções do autor, também estas questões clássicas não deixam de se apresentar a quem quer apreciar e compreender o livro.*

O autor dos Atos é o mesmo que o do terceiro evangelho. A tradição esteve persuadida disso durante séculos. Essa identidade de autor é, por outro lado, postulada pela comparação dos prólogos dos dois livros: ambos são dedicados a Teófilo (Lc 1,3; At 1,1) e o prólogo dos Atos faz alusão ao evangelho (At 1,1 nota). O estudo da língua e do pensamento das duas obras, enfim, favorece nitidamente a identidade de autor. Mas quem é ele? A presença das passagens em “nós” sugere que ele tenha pertencido à equipe de Paulo. A descrição dessa sugestão, o lugar atribuído pelo livro à missão de Paulo, concordâncias importantes com o pensamento paulino convidam também a procurar o autor por esse lado, e “Lucas, o caro médico” (Cl 4,14; Fm 24), é então mais ou menos o único candidato provável. Mas outros dados devem ser tomados em consideração. A concordância do pensamento dos Atos com o pensamento de Paulo em suas cartas permanece ao menos problemática em certos pontos, mesmo importantes, como por exemplo a noção de apostolado (13,31 nota) ou o papel da Lei. Do mesmo modo, certas afirmações ou certos silêncios dos Atos parecem verdadeiramente estranhos: como, por exemplo, um companheiro de Paulo, que, aliás, se interessa tão visivelmente pelo problema da conversão dos pagãos, teria deixado de falar da crise gálata? Esses problemas são reais. Mas será que isso obriga a concluir que o terceiro evangelho e os Atos não podem ter por autor um companheiro de Paulo e que a candidatura de Lucas está, portanto, radicalmente excluída? Tal conclusão seria, no mínimo, discutível.

Quanto à data do livro, um ponto é claro: segundo o seu prólogo (1,1), o livro foi escrito depois do evangelho de Lucas. Durante muito tempo a indicação de uma data precisa pareceu simples: se o autor não diz nada sobre o resultado do

processo em Roma, processo cuja fase palestinese ele havia contado longamente, é que ele o ignorou, tendo escrito o seu livro “dois anos” (28,30) após a chegada de Paulo a Roma, isto é, por volta de 62-63, antes do fim do processo. Mas o evangelho de Lucas, e ainda mais o de Marcos, que lhe é anterior, deveriam então ser situados em datas muito antigas, que o conjunto da crítica moderna pensa não poder admitir. Aliás, não se percebe bem por que o autor não teria esperado o fim do processo (28,30 nota) para escrever, ou ao menos, completar o seu livro: seus leitores não teriam ficado surpresos nem com uma condenação (cf. 20,22-24; 21,11-14), nem com uma absolvição (26,32; cf. Fm 22). Na realidade, desde a chegada de Paulo a Roma, a atenção se desvia do processo para voltar ao tema principal da obra: o anúncio do Evangelho em Roma, “nas extremidades da terra” (28,30 nota) por aquele que havia recebido a missão de dar testemunho em Roma como em Jerusalém (23,11). Esta interpretação do fim dos Atos já não permite fixar uma data precisa para a sua redação. Como a crítica atual situa geralmente o terceiro evangelho após o ano 70, ela tende a indicar para os Atos uma data ao redor de 80, com uma aproximação de uns dez anos.

Atualidade do livro dos Atos. O livro dos Atos é, em certo sentido, o mais atual dos livros do Novo Testamento, visto que o tempo e o espaço da Palavra que ele expõe permanecem abertos perante todos os cristãos e assim ficarão até a vinda do Senhor Jesus (1,11). Se “os irmãos” de hoje souberem ler este livro, juntos e pacientemente, eles aprenderão nele, ou reaprenderão, que sempre devem ser, juntos, as testemunhas do Ressuscitado “até as extremidades da terra”, em Igrejas cuja diversidade não impeça que constituam um só Povo de Deus. E o Espírito Santo, que o Senhor Jesus comunica hoje como ontem, lhes inspirará talvez essas “decisões unânimes” (15,25) que lhes permitam seguir juntos “o Caminho do Senhor”.

ATOS DOS APÓSTOLOS

Lc 1,1 **1** **Prólogo.** ¹Eu consagrei meu primeiro livro^a, ó Teófilo, a tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o começo^b até o dia em que, após ter dado, no Espírito Santo, as suas instruções aos apóstolos^c que escolhera^d, foi arrebatado^e. ²É a eles que Jesus se apresentara vivo após a sua Paixão; tiveram mais de uma prova disto, enquanto, durante quarenta dias^f, ele lhes aparecera e mantivera conversação com eles sobre o Reinado de Deus^g.

Lc 24,42-43 ³Durante uma refeição com eles, Jesus lhes recomendou que não deixassem Jerusalém, mas esperassem aí a promessa do Pai, “aquela, disse, que ouvistes de minha boca: ⁴João batizava com água, mas vós, é no Espírito Santo^h que sereis batizados daqui a poucos dias”.

A ascensão. ⁶Os apóstolos estavam reunidos e lhe fizeram esta pergunta:

“Senhor, será que é agora o tempo em que vais restabelecer o Reinoⁱ para Israel?” ⁷Ele lhes disse: “Não vos compete conhecer os tempos e os momentos^j que o Pai fixou por sua própria autoridade; ⁸mas recebereis uma força, a força do Espírito Santo que virá sobre vós^k; e sereis então minhas testemunhas^l em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até as extremidades da terra^m”.

⁹A essas palavras, à vista deles, ele se elevou, e uma nuvemⁿ veio subtraí-lo a suas vistas. ¹⁰Como eles ainda fitassem o céu, para onde Jesus partia, eis que dois homens de vestes brancas apareceram junto deles ¹¹e lhes disseram: “Homens da Galiléia, por que ficais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que vos foi arrebatado para o céu, há de vir^o do mesmo modo como o vistes partir”.

a. Trata-se do evangelho de Lucas: os Atos se apresentam como a segunda parte de uma obra única, cuja primeira parte é constituída por este evangelho. Cf. Introd.

b. Isto é, desde o começo do ministério de Jesus, e mais precisamente desde o seu batismo (cf. 10,37; Lc 3,23).

c. Em Lc, os apóstolos são identificados com os Doze (Lc 6,13 nota) como em At 6,2-6. Esse modo de ver, próprio de Lucas, não é, sem dúvida, o mais antigo (cf. 14,4 nota e Mt 10,2 nota).

d. Outras traduções possíveis: *que ele tinha escolhido pelo Espírito Santo* ou então: *ele foi arrebatado pelo Espírito Santo*.

e. A ascensão de Jesus será designada pelo mesmo termo nos vv. 11 e 22.

f. Lc parecia concentrar em um só dia a Ascensão e a Ressurreição de Jesus (Lc 24,51 nota), que são aqui separadas por *quarenta dias*; esses quarenta dias podem ser compreendidos como uma duração-tipo de iniciação ao ensinamento do Ressuscitado ou como o tempo-limite para lançar distintamente as bases da autoridade das primeiríssimas testemunhas. Cf. 9,1 nota.

g. É o tema da pregação de Jesus em Lucas (Lc 4,43 nota) e da pregação apostólica em At (8,12; 14,22; 19,8; 20,25; 28,23,31).

h. Cf. Mt 3,11 nota. O *batismo no Espírito Santo*, elemento essencial do cumprimento das profecias (1,8; 2,33), enuncia-se nos Atos em termos de *dom*, *vinda*, *recepção* do Espírito. Quanto ao *batismo com água*, ele designa doravante o batismo em nome de Jesus (2,38; 8,16; 19,5). A invocação do Nome e o dom do Espírito Santo que segue o batismo (2,38; 8,15-17; 9,17; 19,6), ou excepcionalmente o precede (10,44-48), caracterizam o batismo cristão, distinguindo-o do batismo de João (cf. 19,5 nota).

i. Pergunta na qual se exprime a esperança judaica, voltada para uma realização iminente, concentrada em Israel, expressa em termos de restauração nacional (Mt 3,23; Sr 36,1-17; Mc 9,12), cf. Lc 19,11 nota e 21,8. A resposta de Jesus (vv. 7 e 8)

amplia simultaneamente o tempo e o espaço do testemunho apostólico; estão nela condensados o plano e o sentido do livro dos Atos.

j. Isto é, as etapas e o conteúdo do desígnio de Deus; eles serão revelados por Deus e pelo Espírito Santo (v. 8 nota) à medida que se forem realizando “os atos dos apóstolos” (cf. 3,20-21; 7,17; 17,26,30).

k. Nos Atos, o *Espírito Santo* é o verdadeiro iniciador da missão apostólica, como o era da missão mesma de Jesus (Lc 4,1 nota). O seu caráter de *poder* (força) manifesta-se em comportamentos humanos por vezes insólitos: o falar em línguas (2,4), assimilado ao dom de profecia (2,17; 11,28; 20,23; 21,4,11). Mas esse poder não intervém de maneira anárquica: comunicado a Jesus e derramado por ele (2,33), o Espírito Santo é recebido em relação com o batismo em nome de Jesus (1,5 nota); ele é dado principalmente visando à pregação e ao testemunho (4,8,31; 5,32; 6,10); intervém diretamente na missão entre os pagãos, agindo sobre o comportamento dos apóstolos (8,15,17; 13,2,4; 15,28), de Filipe (8,29,40), de Pedro (10,19,44-47; 11,12,15; 15,8), de Paulo (16,6-7; 19,1-7,21; 20,22-23; 21,11).

l. O testemunho prestado a Cristo é antes de tudo testemunho da sua Ressurreição (1,22 nota). Nos Atos, as *testemunhas* são antes de tudo os Doze (1,22 nota; 10,41 nota), mas outros também são igualmente chamados *testemunhas*, em sentidos um pouco diferentes (13,31 nota; 22,20 nota).

m. De Jerusalém e dos judeus ao mundo inteiro e aos pagãos, tal deve ser o “espaço” do testemunho apostólico e tal é o plano dos Atos (cf. Introd.).

n. No AT, a *nuvem* é um elemento das manifestações de Deus (p. ex., Ex 13,21-22) e do Filho do Homem em Dn 7,13 (cf. Lc 9,34 nota e 21,27; Mc 14,62).

o. Jesus, que doravante estará ausente, não cessará no entanto

O grupo dos apóstolos. ¹²Deixando então a colina chamada "monte das Oliveiras", eles voltaram para Jerusalém, à distância de um caminho de sábado⁹. ¹³Quando voltaram, subiram à sala superior, onde se reuniram. Estavam lá: Pedro, João, Tiago e André; Filipe e Tomé; Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote; e Judas, filho de Tiago. ¹⁴Todos, unânimes, eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus⁹.

A inclusão de Matias entre os onze apóstolos. ¹⁵Naqueles dias, Pedro se levantou no meio dos irmãos⁹ — estava lá reunido um grupo de cerca de cento e vinte pessoas — e declarou: ¹⁶"Irmãos, era preciso que se cumprisse o que o Espírito Santo anunciara na Escritura, pela boca de David, a respeito de Judas, que se tornou o guia dos que prenderam Jesus. ¹⁷Ele era do nosso número, e tinha recebido a sua parte do nosso serviço. ¹⁸"Esse homem, com o salário da iniquidade, comprou um terreno. Caindo de bruços, abriu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. ¹⁹Todos os habitantes de Jerusalém souberam disso: por isso, esse terreno foi chamado, na língua deles, Hacéldama, isto é, terra de sangue. ²⁰Com efeito, está escrito no livro dos Salmos:

Fique deserta a sua residência e ninguém a habite; e ainda: um outro tome o seu cargo¹.

²¹Há homens que nos acompanharam durante todo o tempo que o Senhor Jesus caminhou à nossa frente⁹, ²²a começar pelo batismo de João até o dia em que ele nos foi arrebatado: é preciso pois que um dentre eles se torne conosco testemunha de sua ressurreição¹".

²³Apresentaram dois, José chamado Barsabás, que tinha o apelido de Justo, e Matias. ²⁴Então, fizeram esta oração: "Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, indica, dentre os dois, aquele que escolheste, ²⁵para que tome, no serviço do apostolado, o lugar que Judas abandonou, a fim de ir para o lugar que lhe cabe¹". ²⁶Fez-se o sorteio e a sorte caiu sobre Matias, que foi desde então incluído entre os onze apóstolos.

2 A vinda do Espírito Santo. ¹Quando chegou o dia de Pentecostes⁹, eles se achavam reunidos todos juntos. ²De repente, veio do céu um ruído como de violento vendaval que encheu toda a casa onde eles estavam⁹; ³então lhes apareceu algo como línguas de fogo⁴, que se repartiam, e pousou uma sobre cada um deles. ⁴Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e se puseram a falar outras línguas⁹,

Lc 6,13-16;
Mc 3,16-19;
Mt 10,2-4

Lc 8,19

Lc 22,47

Mt 27,3-10

Mt 27,8

Lc 16,16

15,8;
Lc 16,15

6,4;
12,17

4,31
Jo 3,8

Dt 4,12
Nm 11,25

de estar presente à vida da Igreja (cf. Introd.): sua *vinda* será, portanto, menos uma "volta" do que a manifestação final dessa presença permanente.

p. Isto é, a distância que era permitido percorrer num dia de sábado (pouco menos de um quilômetro).

q. Sobre a existência de um grupo dos *irmãos do Senhor*, cf. 1Cor 9,5; Mc 6,3; Mt 12,46.

r. Este termo é um dos que designam comumente os cristãos, particularmente em Jerusalém (p. ex. 11,1; 12,17; 14,2; 21,17; cf. 11,26 nota).

s. Os vv. 18 e 19 constituem um parêntese no fio do discurso de Pedro; cf. Mt 27,3-10, onde são os sumos sacerdotes que compram o terreno.

t. Sl 69,26 e 109,8.

u. Lit. *entrou e saiu à nossa frente* (cf. Nm 27,17; At 9,28).

v. Ter estado com Jesus durante a sua vida e após a sua morte (1,1-3; cf. 10,41) é portanto condição necessária para ser integrado ao grupo dos doze apóstolos e participar de sua missão primordial (1,8), querida por Deus (10,41), que é a de ser *testemunhas*: 2,32; 3,15; 4,20-33; 8,25; 10,39-42; 13,31 nota.

w. A expressão visa à sorte merecida pelo crime de Judas (cf. Lc 16,28).

x. Lit. *o dia da Quinquagésima*: essa festa, celebrada cinquenta dias após a Páscoa, comemorava a aliança do Sinai entre Deus e Israel; ela reunia em Jerusalém multidões de judeus vindos de numerosos países. Este será o palco do dom inicial do Espírito por Jesus (2,33); esse dom vai se manifestar por uma espécie de explosão da linguagem. Em Lc, a pregação de Jesus começava em Nazaré (Lc 4,16-30); aqui a pregação apostólica (2,1-41) parte de Jerusalém (cf. 1,8).

y. Sem dúvida, a mesma que em 1,13-14, lugar de reunião e de oração do grupo apostólico.

z. Após o *sopro violento*, as *línguas de fogo* evocam uma mesma fonte de poder que comunica o dom de falar em línguas novas e de proferir uma linguagem nova.

a. O fenômeno que se produz evoca seguramente a "glossolalia" ou "falar em línguas": os apóstolos se exprimem um pouco à maneira dos antigos profetas (cf. Nm 11,25-29; 1Sm 10,5-6; 1Rs 22,10) e, em todo caso, como os cristãos empolgados pelo Espírito nos primeiros tempos da Igreja (cf. 10,46; 19,6; 1Cor

conforme o Espírito lhes concedia exprimir-se.

⁵Ora, em Jerusalém, residiam judeus piedosos, vindos de todas as nações que existem sob o céu^b. ⁶Ao rumor que se propagava, a multidão se reuniu e ficou toda confusa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. ⁷Perplexos e maravilhados, eles diziam: "Todos esses que falam não são galileus?" ⁸Como é que cada um de nós os ouve em sua língua materna? ⁹Partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, ¹⁰da Frígia e da Panfília, do Egito e da Líbia Cirenaica, os de Roma aqui residentes^c, ¹¹todos, tanto judeus como prosélitos^d, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas línguas as maravilhas de Deus!" ¹²Eles estavam todos atônitos, e, em sua perplexidade, diziam uns aos outros: "Que quer dizer isto?" ¹³Outros, porém, desandavam a rir dizendo: "Eles estão cheios de vinho doce!"

10,46
1Cor 14,23

Discurso de Pedro. ¹⁴Então ergueu-se a voz de Pedro, que estava lá com os Onze; ele se exprimiu nestes termos:

"Homens da Judéia^f, e vós todos que residis em Jerusalém, compreendei bem o que está acontecendo, e dai ouvidos às

minhas palavras. ¹⁵Não, essa gente não bebeu, como estais pensando, pois são apenas nove horas da manhã"; ¹⁶mas cumpre-se aqui o que foi dito pelo profeta Joel^h:

¹⁷*Acontecerá nos últimos dias, diz Deus que eu derramarei o meu Espírito sobre toda carne, vossos filhos e vossas filhas serão profetas, vossos jovens terão visões, vossos anciãos terão sonhos;*
¹⁸*sim, sobre os meus servos e sobre as minhas servas naqueles dias eu derramarei o meu Espírito*

e eles serão profetas.

Nm 11,29

¹⁹*Eu farei prodígios lá em cima no céu e sinais aqui embaixo na terra, sangue, fogo e uma coluna de fumaça.*

²⁰*O sol se converterá em trevas e a lua em sangue antes que venha o dia do Senhor, grande e glorioso dia,*

Am 5,18-20

²¹*e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.*

4,12;
Rm 10,13
1Cor 1,2

²²Israelitas, escutai estas palavras: Jesus, o Nazoreuⁱ, homem que Deus tinha acreditado junto de vós, operando por ele milagres, prodígios e sinais^j no meio de vós, como sabeis, ²³esse homem, segun-

12-14), eles falam em um estado de exaltação característico (2,13). Mas *falar outras línguas* é fazer-se entender na língua dos outros povos e tal é, para o autor, o aspecto mais importante do acontecimento. O dom do Espírito restabelece aqui a unidade de linguagem que se tinha desfeito na torre de Babel (Gn 11,1-9) e prefigura assim a dimensão universal da missão dos apóstolos (cf. 1,8).

b. Ou: *havia judeus provenientes de todas as nações... que a sua piedade tinha fixado em Jerusalém*. Em todo caso, não se deve tratar unicamente da multidão heterogênea dos peregrinos de Pentecostes, mas também de judeus vindos de todos os pontos do mundo para, permanentemente, habitar Jerusalém.

c. Essas (doze?) nações, enumeradas mais ou menos do oriente para o ocidente, com a Judéia no centro, simbolizam sem dúvida a totalidade do mundo habitado.

d. Aqui e em 6,5, este termo designa homens que, sem ser judeus de nascença, tinham-se agregado ao povo eleito, não somente observando a lei, mas aceitando a circuncisão. Num sentido mais amplo: 13,43 nota.

e. O discurso de Pedro segue o esquema da pregação apostólica, quando se dirige aos judeus. Ele comporta a proclamação de certo número de acontecimentos que também se encontram em outras intervenções de Pedro (3,13-26; 4,10-12; 5,30-32;

10,36-43) e na de Paulo em Antioquia da Pisídia (13,17-41): em primeiro lugar, a crucificação de Jesus (2,23) e sua ressurreição por Deus (2,24); eventualmente a evocação do seu ministério terrestre (2,22) ou de sua vinda final. Os acontecimentos assim proclamados são apresentados como a continuação da antiga Aliança (cf. 13,16-25) e o cumprimento das profecias (2,16,24-25,31; cf. 3,18 nota) que se realizam em Jesus, entronizado como *Senhor e Cristo* (2,36 nota). Essa apresentação de conjunto do plano de Deus (2,23 nota) termina por um apelo à conversão e à fé (2,38; cf. 3,19 nota). Sobre a pregação apostólica dirigida aos pagãos, ver 14,15 nota; 17,22 nota.

f. O termo que se traduz habitualmente por *judeus* recupera aqui o seu sentido original: *judeenses*.

g. Lit. *a terceira hora do dia*.

h. A citação que segue (Jl 3,1-5) é feita segundo o AT grego: ela comporta certas adições ao hebraico que poderiam provir de uma fonte dos Atos. Acerca da adição "*e eles serão profetas*" (v. 18), cf. 11,27 nota.

i. Este epíteto, cuja origem e significação permanecem obscuras (Mt 2,23 nota), é frequentemente aplicado a Jesus nos Atos (2,22; 3,6; 4,10; 6,14; 22,8; 24,5; 26,9; Lc 18,37 nota); cf. At 24,5 nota.

j. Esta fórmula solene, provavelmente inspirada pelo AT (Ex

do o plano bem-determinado da presciência de Deus^k, vós o entregastes e suprimistes, fazendo-o crucificar pelas mãos dos ímpios^l; ²⁴mas Deus o ressuscitou, livrando-o das dores da morte, porque não era possível que a morte o retivesse em seu poder. ²⁵David, com efeito, disse dele^m:

*Eu via constantemente o Senhor
diante de mim,
pois ele está à minha direita, para que
eu não vacile.*

²⁶ Por isso o meu coração jubilou e a minha língua cantou de alegria.

*Não só, mas a minha carne repousará
na esperança,*

²⁷ pois tu não abandonarás a minha vida na morada dos mortos

*e não deixarás o teu santoⁿ
experimentar a decomposição.*

²⁸ Tu me mostraste os caminhos da vida, e me encherás de alegria com tua presença.

²⁹ Irmãos, é permitido dizer-vos com toda clareza: o patriarca David morreu, foi sepultado, e o seu túmulo ainda hoje se encontra entre nós. ³⁰ Mas era profeta, e sabia que Deus *lhe havia afiançado*

com juramento fazer assentar-se no seu trono alguém de sua descendência, saindo dos seus rins^o. ³¹ Ele previu pois a ressurreição do Cristo, e é a respeito dele que diz: *ele não foi abandonado à mão dos mortos e a sua carne não experimentou a decomposição.* ³² Este Jesus, Deus o ressuscitou, disso^p nós todos somos testemunhas. ³³ Exaltado assim pela destra^q de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, ^{1.4} como estais vendo e ouvindo. ³⁴ David, que por certo não subiu ao céu, disse, no entanto^r:

*O Senhor disse ao meu Senhor:
senta-te à minha direita*

Lc 20,43

³⁵ até que eu tenha feito dos teus adversários
um escabelo sob os teus pés.

³⁶ Que toda a casa de Israel saiba com certeza: a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo^s.

Mt 10,6:
15,24

As primeiras conversões. ³⁷ Com o coração abalado ao ouvirem essas palavras, eles perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: "Que é que nós devemos fazer, irmãos?" ³⁸ Pedro lhes respondeu:

Sl 109,16

7,3; Dt 4,34; 6,22; etc. — cf. At 2,19; 7,36), deve designar essencialmente as curas operadas por Jesus (cf. 10,38). Fórmulas análogas, reduzidas a dois termos, designam os milagres pelos quais Deus respalda com sua autoridade a pregação apostólica: 2,43; 4,30; 5,12; 6,8; 14,3; 15,12; cf. 3,2 nota.

k. Para os Atos, a história da salvação se desenvolve segundo um plano, um designio que a vontade de Deus (21,14; 22,14) estabeleceu e que a sua mão (4,28.30; 11,21; 13,11) realiza. Começada no AT (cf. 13,36), onde a presciência de Deus anuncia a sua continuação pela boca dos profetas (3,18 nota), a realização deste plano entrou em sua fase decisiva com a vinda de Jesus (cf. 4,28.30), segundo tempos e momentos fixados por Deus (1,7). Nem as oposições (5,38s.) nem as incompreensões (3,17 nota) humanas podem entrar essa realização que é inevitável (3,21 nota). Proclamar este plano de Deus é a primeira obrigação do missionário cristão (20,27), cuja pregação recorda o essencial deste plano (2,14 nota).

l. Lit. *dos sem-lei*, isto é, dos pagãos.

m. A citação do Sl 16,8-11 é feita segundo o gr. que traduz por *decomposição* (vv. 27,31) uma palavra hebraica cujo sentido mais corrente é *fosso*; assim, o texto anuncia mais precisamente a Ressurreição.

n. O hebr. traz: *o teu fiel, aquele que se consagrou* (cf. 13,35), em lugar de *o teu santo* (cf. 3,14 nota).

o. Lit. *fruto dos teus rins* (Sl 132,11; 2Sm 7,12-13). Cf. Sl 89,4-5.

p. O pronome *disso* pode referir-se tanto ao próprio Jesus (1,8) como à sua Ressurreição (5,32).

q. E não à direita. Aqui é o sentido instrumental do Sl 118,16 e não o sentido espacial do Sl 110,1. Do mesmo modo em 5,31. A expressão sugere ao mesmo tempo a Ressurreição e a Ascensão.

r. Sl 110,1.

s. Ressuscitando e exaltando Jesus, o Senhor Deus o entronizou como sendo o *Senhor à sua destra* do Sl 110 (citado nos vv. 34s.), como o Cristo de que falavam o Sl 16 (citado nos vv. 25-28) e o Sl 132 (citado no v. 30). Proclamando essa realização do plano de Deus, a pregação apostólica (cf. 2,14 nota) atinge o seu ponto culminante. Jesus é o Cristo, isto é, o Rei-Messias anunciado pela Escritura, como os missionários o anunciam e o provam aos judeus (5,42; 9,22; 17,3; 18,5.28). O título de *Senhor* comporta igualmente este significado messiânico — o meu Senhor do Sl 110,1 é o Rei-Messias —, mas o ultrapassa. Ao longo das suas narrações, os Atos chamam Deus de o Senhor, na linha do AT grego que traduzia assim *Javé*, o nome próprio de Deus; mas, como Lucas (7,13 nota), eles dão também este nome a Jesus, e é muitas vezes difícil saber com certeza quem é que está sendo designado por o Senhor: tal ambigüidade nos orienta para o mistério de Jesus em sua relação a Deus (cf. 5,41 nota). A pregação apostólica ensina, em todo caso, o Senhor Jesus Cristo (28,31), para que todos possam crer nele (11,17), no Jesus Senhor (20,21; cf. Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,11). Cf. 9,20 nota (Filho de Deus).

“Convertei-vos: receba cada um de vós o batismo no nome de Jesus Cristo¹ para o perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo^a. ³⁹Pois é a vós^q que é destinada a promessa, e aos vossos filhos, bem como a todos os que estão longe^r”, quantos o Senhor nosso Deus chamar”. ⁴⁰Com muitas outras palavras Pedro testemunhava; e encorajava-os dizendo: “Salvai-vos desta geração transviada”. ⁴¹Os que acolheram sua palavra receberam o batismo e houve cerca de três mil pessoas^t que nesse dia se juntaram a eles.

A primeira comunidade^u. ⁴²Eles eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações^v. ⁴³O temor se apoderava de todo mundo: muitos prodígios e sinais se realizavam pelos apóstolos. ⁴⁴Todos os que abraçaram a fé^a estavam unidos^b e

tudo partilhavam. ⁴⁵Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro apurado entre todos, segundo as necessidades de cada um. ⁴⁶De comum acordo, iam diariamente ao Templo^c com assiduidade: partiam o pão em casa, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e eram favoravelmente aceitos por todo o povo^d. E o Senhor juntava cada dia à comunidade os que encontravam a salvação.

3 A cura de um enfermo no Templo^e

¹Pedro e João^f subiam ao Templo para a oração das três horas da tarde^g. ²^hCarregavamⁱ para lá um homem que era aleijado desde o nascimento^j — todos os dias instalavam-no à porta do Templo chamada “Bela Porta”^k para pedir esmola aos que entravam no Templo. ³Quando ele viu Pedro e João, que iam entrar no

2.46; 20.7-11
Lc 24.35

4.21; 11.18;
13.48; 21.20
1Cor 1.18;
2Cor 2.15

10.3,9.30;
Esd 9.5;
Dn 9.21
14.8; Jo 9.1

t. O batismo é dado no nome de Jesus Cristo (lit.: em direção, na intenção do nome) ou recebido invocando o nome do Senhor Jesus: 8.16; 10.48; 19.5; 22.16. Esta fórmula indica que a pessoa batizada é posta em relação estreita com o Nome, isto é, com a pessoa mesma de Jesus ressuscitado (cf. 3.16 nota).

u. Cf. 1.15 nota.

v. Este vós inclui também os ouvintes que Pedro considera como mais especialmente responsáveis pela morte de Jesus (v. 23).

w. A expressão, tirada de Is 57.19, visa aos pagãos (cf. 22.21). Judeus primeiramente, pagãos em seguida, é o esquema da missão apostólica (cf. 3.26 nota).

x. Os incrementos da Igreja são registrados de bom grado pelos Atos: v. 47; 4.4; 5.14; 6.1-7; 9.31; 11.21-24; 16.5.

y. Os vv. 42-47 formam o primeiro dos três sumários relativos à vida da comunidade de Jerusalém (cf. 4.32 nota; 5.12 nota). Esses sumários apresentam elementos comuns e afinidades estruturais que convidam a considerá-los juntos. Cada um deles enfatiza um tema em relação com o contexto (aqui, a unidade e a irradiação da comunidade) e insere um breve lembrete dos outros temas: a atividade milagrosa dos apóstolos (v. 43) anuncia aqui o tema de 5.12-15; a partilha dos bens (vv. 44-45), o tema de 4.32-35.

z. O ensinamento dos apóstolos e a comunhão fraterna (cf. v. 44 nota) são os dois primeiros componentes da vida da comunidade, e, ao que parece, do culto que a reúne. Esse culto comporta, entre outras coisas, a fração do pão, isto é, a Eucaristia (20.7) e orações — de preferência a orações judaicas das quais os fiéis ainda participavam (v. 46 nota), aqui deve tratar-se de orações propriamente cristãs (cf. 4.24 nota).

a. *Lit. os tendo crido, o que pode ser traduzido *crentes* ou *fiéis* (raiz *pist-*). Nova maneira de designar os cristãos (cf. 11.26 nota): por um participio do verbo *crer* (4.32; 18.27; 19.18; 21.20). Certamente antigo (cf. 1Ts 1.7; 2.10 etc.), este uso manifesta a importância, atestada aliás em cada página dos Atos, que os cristãos atribuíam à sua fé em Jesus.

b. Os Atos se comprazem em sublinhar, até idealizá-las (cf. 4.32 nota; 6.1 nota), a união (cf. 2.1), a unanimidade (2.46; 4.24; 5.12; 15.25), a comunhão fraterna (2.42), a comunhão de bens (cf. 4.32 nota; 9.36 nota) que caracterizam a primeira comunidade. Esta se torna então um exemplo para todos os fiéis e todas as Igrejas (11.29 nota), cuja unidade é uma das idéias-mestras do livro (cf. Introd.).

c. Os fiéis freqüentam o Templo para participar da oração e ouvir o ensinamento dos apóstolos (cf. 3.1; 5.12.20-21.42).

d. Outra tradução possível: *a grua lhes abriu o acesso junto do povo* (cf. 4.33 nota).

e. Aqui começa um bloco literário constituído por uma narrativa de milagre (3.1-10), um discurso missionário que põe em realce o alcance desse milagre (3.11-26), cujas consequências são uma prisão e um processo (4.1-23), uma oração da comunidade (4.24-30), que resulta numa efusão do Espírito e na retomada da pregação (4.31).

f. Os dois primeiros dos Doze em 1.13 (cf. Lc 8.51 nota): um “par” (4.7.13.19) no qual João tem um papel mudo (3.4.12; 4.7-8.13.19).

g. Lit. da nona hora.

h. A narrativa de milagre que segue (3.1-11) é a primeira dos Atos; realizado por Pedro, ele apresenta um certo número de analogias com um milagre de Paulo (14.8-10; cf. 5.15 nota, 13.6-12; 16.16s., 20.7-12). Outros sinais e prodígios acompanharão a pregação apostólica (2.22 nota e 8.6-8.13; 9.11s.). Deus acredita assim os missionários e a sua pregação (4.30; 14.3.27; cf. 2Cor 12.12; Hb 2.4) como acreditara Jesus (2.22 nota); ver 3.10 nota e 4.21 nota.

i. Ou talvez: *tinham carregado*.

j. Lit. desde o seio de sua mãe.

k. Provavelmente a porta dita “coríntia” que dava acesso ao átrio das mulheres; aqui, Templo designaria, portanto, o recinto sagrado do Templo, acessível apenas aos judeus.

Templo, solicitou-lhes uma esmola. ⁴Pedro então — e João também — o fixou, e lhe disse: “Olha para nós!” ⁵O homem os observava, pois esperava obter deles alguma coisa. ⁶Pedro lhe disse: “Ouro ou prata eu não tenho; mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo¹, o Nazoreu, anda!” ⁷E pegando-o pela mão direita, ele o fez levantar-se. No mesmo instante, os pés e os tornozelos do homem se lhe firmaram; ⁸num pulo ele se pôs de pé, e andava; entrou com eles no Templo, andando, pulando, e louvando a Deus^m. ⁹Todo o povo o viu andar e louvar a Deus. ¹⁰As pessoas o reconheciam: era aquele mesmo que ficava a mendigar na Bela Porta do Templo. E as pessoas ficaram cheias de pasmo, e desnorteadas^a pelo que lhe havia acontecido.

Discurso de Pedro. ¹¹O homem não largava mais Pedro e João; todo o povo ocorreu para eles, estupefato^o, no assim chamado “pórtico de Salomão”. ¹²Ao ver isso, Pedro se dirigiu ao povo: “Israelitas, por que vos espantais do que está

acontecendo? ou por que nos fitar, como se fosse por nosso poder ou por nossa piedade pessoais que tivéssemos feito andar este homem?

¹³“O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Servo^v Jesus que vós entregastes e rejeitastes na presença de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. ¹⁴Vós rejeitastes o Santo e Justo^o, e reclamastes para vós o agraciamento de um assassino! ¹⁵Mas o Príncipe da vida^a que vós havíeis matado, Deus o ressuscitou dos mortos — disso nós somos testemunhas. ¹⁶Graças à fé no nome de Jesus^v, este Nome^v acaba de fortalecer este homem para o qual estais olhando, e que vós conheceis; e a fé que vem de Jesus^v restituiu a esse homem toda a saúde, na presença de vós todos.

¹⁷“Pois bem! Irmãos, eu sei que foi por ignorância^a que agistes, assim como os vossos chefes. ¹⁸Deus, porém, anunciara de antemão pela boca de todos os profetas que o seu Messias sofreria^v e foi o que ele cumpriu^v. ¹⁹Converti-vos, por-

1. O poder de Jesus é posto em ação por este apelo a seu nome (cf. 16,18) que é um tema importante de 3,1–4,31 (ver 3,16 nota). m. Ver 4,21 nota; 3,10 nota.

n. Como os milagres de Jesus (Lc 5,26; 7,16 etc.), os dos apóstolos confundem e deixam perplexos os que os testemunham. Somente a fé decifra o verdadeiro alcance desses milagres (2,11s.41; 9,35.42; 13,12; 19,17s.) e pode assim dar glória a Deus reconhecido como o seu autor (4,21 nota). Sem a fé, os milagres permanecem uma pergunta sem resposta (2,13; 8,13; 14,11.18; 28,6).

o. Texto “ocidental”: *Como Pedro e João saíssem, ele saiu com eles sem os deixar; eles pararam estupefitos...* A cena que se segue situa-se, portanto, fora do Templo no sentido restrito (3,2 nota).

p. Esse pórtico limitava, provavelmente, a leste, o átrio dos pagãos.

q. *Glorificando Jesus pela Ressurreição*, Deus cumpre as promessas que fizera aos pais (cf. 3,18 nota; 3,25 nota).

r. Talvez litúrgico, este título apresenta provavelmente Jesus como o *Servo de Javé* de Is 52,13–53,12 (cf. 8,32 nota; Lc 22,37 nota). Ele é próprio dos Atos (3,26; 4,27.30) e deve ser arcaico (cf. 3,14 nota; 3,15 nota).

s. Dois títulos cristológicos arcaicos (cf. 2,27; 7,52; 13,35; 22,14; cf. 3,13 nota; 3,15 nota; Is 53,11) que estão aqui em forte oposição a *assassino*.

t. Título cristológico que só tem similar no NT em 5,31 e Hb 2,10; 12,2; ele parece arcaico (cf. 3,13 nota; 3,14 nota). A expressão significa sem dúvida que Jesus é o primeiro beneficiário da Vida e, em certo sentido, o seu fundador (cf. 26,23 nota).

u. Trata-se da fé em Jesus (ver notas), que tornou possível o milagre: a fé do aleijado, talvez implícita em sua expectativa (3,5); e a fé necessária a Pedro para realizar esse primeiro milagre (Lc 17,6; cf. 1Cor 12,9; 13,2).

v. O Nome equivale aqui (cf. 3,6 nota; 4,7) à própria pessoa de Jesus Ressuscitado, verdadeiro autor desse milagre (4,10; cf. 4,30). Mais profundamente ainda, é este Nome que traz aos homens a salvação (4,12 nota) da qual os milagres são apenas a imagem. É por esse Nome que os apóstolos sofrem (5,41; cf. 21,13); é nele que são batizados os crentes (2,38 nota), é esse Nome que eles invocam (9,14.21; 22,16; cf. 2,21); cf. 5,41 nota. Toda esta teologia subjacente do Nome é característica dos Atos no NT e deve ser arcaica (cf. Fl 2,9s.).

w. Lit. a fé graças a ele (melhor do que nele) — a ele talvez se refira ao Nome; é mais provável, porém, que se refira a Jesus: a própria fé que curou o homem (cf. Lc 8,48 etc.) viria, então, de Jesus.

x. Essa ignorância é o desconhecimento do desígnio de Deus anunciado pelos profetas (3,18; cf. 2Cor 3,14–16). Ser considerada como uma desculpa (cf. Lc 23,34 nota) não a impede de ser, em si, uma falta que afasta os judeus de Deus (cf. 13,27 nota) assim como um outro tipo de ignorância afasta de Deus os pagãos (cf. 17,30 nota). Uns e outros não podem livrar-se dela a não ser pela conversão e pelo perdão (3,19 nota).

y. Cf. 4,26 nota.

z. Esta afirmação explicita um aspecto fundamental da fé e da mensagem apostólica (cf. 2,14 nota): a realização por Deus das suas profecias e das suas promessas no AT (cf. 1Cor 15,3–4). Inaugurada pela vinda de Jesus (3,26; 13,23), sua Paixão (1,16;

tanto, e voltai a Deus^a, a fim de que os vossos pecados sejam apagados: ²⁰assim virão os tempos de refrigério^b concedidos pelo Senhor, quando ele enviar o Cristo que vos é destinado. Jesus, ²¹que o céu deve^c acolher até os tempos do restabelecimento de tudo^d aquilo de que Deus falou pela boca dos seus santos profetas de outrora. ²²Moisés primeiro disse^e: *O Senhor Deus suscitará para vós, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu; vós o escutareis em tudo o que ele vos disser.* ²³E toda pessoa que não escutar esse profeta será eliminada do seu povo^f. ²⁴E todos os profetas, desde Samuel e seus sucessores, por sua vez, falaram para anunciar os dias que estamos vivendo. ²⁵Vós sois filhos dos profetas e da Aliança que Deus concluiu com os vossos pais^g, quando disse a Abrão: *Em tua descendência, todas as famílias da terra serão abençoadas*^h. ²⁶É para vós que Deus primeiroⁱ suscitou^j, depois enviou o seu Servo, para vos abençoar, desviando cada um de vós das suas más ações^k."

4 Pedro e João diante do Sinédrio.

¹Pedro e João falavam ainda ao povo quando os sacerdotes, o comandante do Templo e os saduceus os abordaram. ²Estavam exasperados por vê-los instruir o povo e anunciar, no caso de Jesus, a ressurreição dos mortos^l. ³Eles os mandaram prender e pôr na prisão até o dia seguinte, pois a tarde já caíra. ⁴Entre os ouvintes da Palavra, muitos haviam abraçado a fé; o número deles se elevava a cerca de cinco mil pessoas^m.

⁵Foi portanto no dia seguinte que se reuniram os chefes, os anciãos e os escribas que se achavam em Jerusalém. ⁶Estavam lá o sumo sacerdote Anás, Caifás, João, Alexandre, e todos os membros das famílias de sumos sacerdotes. ⁷Mandaram trazer Pedro e João à sua presença e procederam ao interrogatório: "A que poder ou a que nomeⁿ recorrestes para fazer isso?" ⁸Repleto de Espírito Santo, Pedro lhes disse então: ⁹"Chefes do povo e anciãos, por termos feito um benefício a um enfermo, somos

5.24-26; 16.20; Lc 22.4.5
5.17; 23.6-8; Lc 20.27-39
26.23; 1Co 15.20-23; Cf 1.18; Ap 1.5
4.26 (Sl 2.2); 5.21; Lc 22.66
Lc 3.2; Jo 18.13.24.28
3.12; Lc 20.2
9.17; 13.9; Lc 12.11-12; 21.15
10.38

4.25-28; 13.27-29) e sua Ressurreição (2.32-34; 3.13 nota; 13.32-37), esta realização prossegue com o perdão dos pecados (10.43), o dom do Espírito (2.16-21.33), o desenrolar da pregação apostólica (13.40s. 46s.; 28.25-28) e a constituição da Igreja (15.14-19), à espera de se completar com a vinda gloriosa do Cristo (3.20-21).

a. Lit. *voltai*. Esse apelo à conversão para o perdão dos pecados é a conclusão habitual dos discursos missionários (2.38; 3.26; 10.43; 13.38; 17.30). A *conversão* é uma transformação interior que faz o homem passar da ignorância (3.17 nota) à fé, aproximando-o de Deus (26.18-20); para os judeus esta aproximação é antes um retorno (9.35); e para os pagãos, uma vinda para Deus (14.15; 15.19).

b. Ou: *do repouso, da trégua*. A vinda de Jesus transformará a existência humana.

c. Lit. *é preciso que o céu o acolha*... Nos Atos, encontra-se muitas vezes, como aqui, essa notação de uma espécie de necessidade (cf. Lc 2.49; 4.43; 9.22 etc.): tal acontecimento *deve* acontecer. *é necessário* que tal homem faça tal coisa. Aqui ou ali, esta necessidade decorre de um ensinamento de Jesus (20.35; cf. 14.22), mais geralmente, porém, ela se liga diretamente ao plano de Deus (cf. 2.23 nota) anunciado pela Escritura (1.16.20; 17.3), revelado atualmente a certos homens (9.6.16; 19.21; 23.11; 27.24), ou conhecido pela fé e na fé (5.29; 4.12; 16.30).

d. Sem que se possa excluir a idéia de uma restauração cósmica (cf. 2Pd 3.13; Ap 21.1-5), as perspectivas se limitam antes, aqui como em 3.25, a Israel. *Tudo* deve designar a realeza davídica (cf. 1.6; Lc 1.69) e o povo disperso, cujo restabelecimento os profetas anunciaram (cf. Mt 17.11).

e. Citação compósita (Dt 18.15.18s.; Lv 23.29). Jesus aparece

aqui como o profeta semelhante a Moisés (cf. 7.25 nota; 37; Jo 1.21; 6.14; 7.40).

f. Em outras palavras, somente os judeus que acolheram ou acolherem Jesus continuarão a fazer parte do povo de Deus (cf. 15.14 nota).

g. Esta menção à aliança com os pais esclarece a alusão ao Deus dos pais em 3.13. A expressão *filhos da Aliança* é atestada em Qumran.

h. O texto citado (Gn 22.18; cf. 12.3) diz "todas as nações da terra": a perspectiva é universalista (cf. Gl 3.8-29). A substituição de *nações* por *famílias* indica que aqui esta promessa é aplicada primeiramente, se não unicamente, a Israel (cf. 3.26 nota): é a ele que é destinada a bênção (3.26); cf. 5.31 nota.

i. Ou: *É para vós primeiramente que Deus...*; neste caso o texto afirmaria a prioridade de Israel na história da salvação (cf. 2.39 nota; 13.46 nota).

j. Esse termo remete a *suscitará* da citação feita em 3.22; mas o verbo significa também *ressuscitar*; seria preciso poder traduzir: *Deus primeiramente suscitou e ressuscitou*...

k. A conversão (cf. 3.19) seria assim um dom de Deus (cf. 5.31; 10.36; 11.18 etc.) e do seu Servo. Mas poderia traduzir-se também: *...para abençoar cada um de vós, se se desviar das suas más ações*.

l. Os *saduceus*, não crendo na ressurreição geral (cf. 23.6 nota), não podiam admitir a ressurreição particular e privilegiada de Jesus (26.23 nota).

m. Este v. é uma espécie de parentese; pode-se também compreender que o número de membros da comunidade passou para cerca de cinco mil pessoas (cf. 2.41 nota).

n. O *nome* de Jesus situar-se-á no centro do debate (ver 3.16 nota).

intimados hoje a dizer por que meio este homem se acha curado".¹⁸ Sabei, portanto, vós todos e todo o povo de Israel: é pelo nome de Jesus Cristo, o Nazoreu, crucificado por vós, ressuscitado dos mortos por Deus! É graças a ele¹⁹ que este homem se acha aí, diante de vós, curado! ²⁰Ele é a pedra que vós, os construtores, tinheis rejeitado e que se tornou a pedra angular²¹. ²²Não há nenhuma salvação, a não ser nele²³; pois não há sob o céu nenhum outro nome oferecido aos homens, que seja necessário à nossa salvação²⁴. ²⁵Vendo a convicção²⁶ de Pedro e de João e apercebendo-se de que se tratava de homens sem instrução, homens do povo, estavam surpresos. Reconhecendo que eram companheiros de Jesus, ²⁷olhavam para o homem que estava perto deles, curado, e não achavam o que replicar.

²⁸Deram portanto ordem de fazê-los sair do Sinédrio, e deliberaram. ²⁹"Que vamos fazer com essa gente?", diziam eles. "De fato, eles são realmente autores de um milagre evidente: a coisa é manifesta a toda a população de Jerusalém, e nós não podemos negá-lo. ³⁰Entretanto, é preciso limitar suas consequências entre o povo: vamos portanto ameaçá-los, para que não mencionem mais esse nome"

diante de quem quer que seja." ³¹Então mandaram chamá-los de novo, e proibiram-nos formalmente de pronunciar ou ensinar o nome de Jesus³². ³³Mas Pedro e João lhes replicaram: "O que é mais justo aos olhos de Deus: escutar-vos a vós? ou escutar a Deus? A vós, cabe julgar! ³⁴Quanto a nós, é certo que não podemos calar o que vimos e ouvimos³⁵". ³⁶Com renovadas ameaças, não achando como castigá-los, eles os soltaram, por causa do povo: pois todo mundo rendia glória a Deus³⁷ pelo que tinha acontecido. ³⁸O homem que fora beneficiado com esta cura milagrosa tinha, com efeito, mais de quarenta anos.

A comunidade em oração. ³⁹Depois de soltos, Pedro e João foram ter com os seus companheiros e lhes contaram tudo o que os sumos sacerdotes e os anciãos lhes haviam dito. ⁴⁰Eles os escutaram; depois todos, unânimes, dirigiram-se a Deus nestes termos: "Senhor, és tu que criaste o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm, ⁴¹tu que puseste pelo Espírito Santo essas palavras na boca de nosso pai David, teu servo":

Por que esses estrondos das nações e esses vãos empreendimentos dos povos?

o. Isto é, curado, mas esta cura é a imagem, se não o sinal, da salvação (4.12 nota); cf. 14.9; 3.16 nota; Lc 8.36 nota.

p. *Graças ao Nome* ou *graças a Jesus*, o que é a mesma coisa (3.16 nota).

q. Sl 118.22; ver Lc 20.17 nota.

r. Frase ausente em algumas testemunhas.

s. Lit. em (ou por meio de) quem é preciso que sejamos salvos. Só Jesus é Salvador (5.31; 13.23). A salvação anunciada (2.21; 13.47) e prefigurada no AT (cf. 7.25) será a questão central da crise narrada em At 15 (15.1.11); ela era proclamada pela pregação apostólica (11.14; 13.26), que lhe abria o caminho (16.17; cf. 9.2 nota) para todos os homens (13.47), mediante a fé (16.30s.); cf. 15.1 nota e 15.7 nota.

t. Este substantivo (como também o verbo que o origina) designa a *firmeza*, ao mesmo tempo interior e visível, que caracteriza de um extremo (2.29) ao outro (28.31) dos Atos, a pregação apostólica, mesmo nas situações difíceis. Fundada em Deus, no Nome, no Senhor, cuja presença é manifestada pelos sinais e prodígios que acompanham a pregação (4.29.31; 9.27s.; 14.3), essa firmeza aparece como um aspecto da fé.

u. De preferência a: *para que eles não falem mais neste nome*. O que vai ser proibido aos apóstolos é falar do Nome, isto é, de Jesus e de Jesus ressuscitado (cf. 3.16, nota).

v. De preferência a: *de ensinar em nome de Jesus*.

w. Os apóstolos viram e ouviram Jesus antes (1.22 nota; 10.39) e depois (1.3; 10.41s.) da sua morte; e eles creram. O que não podem calar, enquanto testemunhas (1.22 nota), é, no meio e acima de tudo, a fé que eles têm em Jesus ressuscitado e salvador (4.10-12).

x. Como Lucas (2.20 nota), os Atos falam de bom grado em *louvar, glorificar* etc., a Deus. Ao louvar da primeira comunidade (2.47) se junta em breve o do enfermo curado (3.8-9), depois o de Cornélio (10.46) e de outros pagãos (13.48; cf. 19.17). A primeira comunidade glorifica a Deus por essas conversões (11.18; 21.20), porque ela reconhece nelas a sua intervenção; o louvor pleno supõe, com efeito, a fé (cf. 13.48) que discerne a ação de Deus na trama da história (em contraposição: 12.23).

y. Os Atos só apresentam poucos exemplos de orações cristãs: duas se dirigem a Deus (1.24s.; 4.24-30), e dois breves apelos são dirigidos ao Senhor Jesus (7.59s.). As duas orações a Deus têm a mesma estrutura fundamental: interpellam a Deus numa fórmula mais ou menos desenvolvida (1.24s.; 4.24-28), depois exprimem o objeto do pedido que lhe dirigem (1.24b-25; 4.28-30).

z. Sl 2.1-2 (cf. Sl 2.7 em 13.33 e Lc 3.22).

²⁶ *Os reis da terra se aliaram e os chefes se reuniram para agirem como um só contra o Senhor e contra o seu Ungido*.*

²⁷ *Sim, eles se reuniram verdadeiramente nesta cidade. Herodes e Pôncio Pilatos, com as nações e os povos de Israel^b, contra Jesus, teu santo servidor, que tu tinhas ungido.* ²⁸ *Assim, realizaram todos os desígnios que tua mão e tua vontade haviam determinado.* ²⁹ *E agora, Senhor, sê atento às suas ameaças, e concede aos teus servos que anunciem a tua Palavra com inteira segurança*.* ³⁰ *Estende, pois, a mão para que se produzam curas, sinais e prodígios^d pelo nome de Jesus, teu santo servo".* ³¹ *No fim da sua oração, o local em que estavam reunidos foi abalado; todos ficaram repletos do Espírito Santo^e, e proclamavam com firmeza a palavra de Deus.*

Lc 23,12
Lc 18,32;
23,13,23
2,23; 3,18;
13,27,29;
Lc 22,22;
24,26
Lc 7,30

2,1-4;
10,44-46

A partilha dos bens, Barnabé, Ananias e Safira^f. ³² *A multidão daqueles que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma e ninguém considerava como propriedade sua algum bem seu; pelo contrário, punham tudo em comum.* ³³ *Um grande poder assinalava o testemunho prestado pelos apóstolos à ressurreição do Senhor Jesus, e*

2,42

Lc 18,28

2,44

2,36

uma grande graça operava em todos eles^g. ³⁴ *Ninguém, entre eles, era indigente: com efeito, os que possuíam terrenos ou casas os vendiam, traziam o preço^h dos bens que haviam cedido ³⁵ e o depositavam aos pés dos apóstolos. Cada um recebia uma parte, segundo suas necessidades.*

2,45

³⁶ *Assim José, cognominado pelos apóstolos Barnabéⁱ — o que significa homem da consolação —, possuía um terreno. Era levita oriundo de Chipre. ³⁷ Ele vendeu o seu terreno, trouxe a importância^j e a depositou aos pés dos apóstolos.*

5 ¹ *Um homem chamado Ananias vendeu uma propriedade, de acordo com Safira, sua mulher; ² depois, em conivência com ela, reteve^k uma parte do preço, trouxe o resto e o depositou aos pés dos apóstolos. ³ Mas Pedro disse: "Ananias, por que Satanás encheu o teu coração? ⁴ Mentiste ao Espírito Santo^l e retiveste uma parte do preço do terreno. ⁵ Não podias guardá-lo, sem o vender, ou, se o vendesses, dispor do preço a teu bel-prazer^m? Como é que esse projeto pôde nascer em teu coração? Não foi aos homens que mentiste, foi a Deus". ⁶ Ao ouvir essas palavras, Ananias tombou e expirou. Um grande temor se apoderou de todos os que ficavam sabendo disso. ⁷ Os*

Lc 22,3

2,43; 5,11

a. Ou: *contra o seu Cristo*, mas a reiteração de *ungido* no v. 27 convida a traduzir aqui o grego *khristós* (= ungido) em vez de o traduzir em *Cristo*. No salmo se tratava da unção dos reis de Israel, que aparece agora como uma prefiguração da unção de Jesus (cf. 10,38).

b. *Herodes, Pilatos e os chefes de Israel* (cf. 4,5) parecem identificados com os reis e os chefes do Si 2,2 (4,26). As *nações* e os *povos* do salmo visavam unicamente às nações pagãs, que são sem dúvida visadas aqui unicamente por *as nações*.

c. Cf. 4,13 nota.

d. Como Deus já fizera para Jesus (2,22 nota; cf. 3,2 nota).

e. Esta efusão do Espírito evoca Pentecostes (2,1-4): o Espírito está sempre presente na Igreja (cf. 10,46 nota).

f. O segundo sumário dos Atos (4,32-35; cf. 2,42 nota) introduz uma breve notícia sobre Barnabé (4,36-37) e o episódio de Ananias e Safira (5,1-11). O tema central deste pequeno conjunto literário (4,32-5,11) é a *comunhão de bens* (cf. Lc 12,33; 18,22; Jo 12,6). Voluntária (5,4), e não imposta, como em Qumran, esta entrega dos bens para uso da comunidade não era, portanto, tão generalizada quanto o diz o sumário (4,32,34).

g. Estranho ao tema central do sumário (4,32 nota), este v. poderia ser um acréscimo redacional (cf. 2,42 nota). O *grande poder* não é provavelmente o dos apóstolos (cf. 3,12), mas o de

Deus que opera os sinais e prodígios (cf. 3,2 nota); do mesmo modo a *grande graça* provavelmente não é graça humana (= a simpatia do povo, cf. 2,47; 5,13), mas a graça de Deus que apoia a pregação apostólica (4,30; 6,8; 11,23; 14,26; 15,40).

h. Ou talvez: *recebiam o preço* (cf. 4,37 nota).

i. Primeira menção a uma figura notável da primeira comunidade (11,22). Qualificado, mais adiante, de apóstolo (14,4 nota), Barnabé soube descobrir e apoiar Paulo (9,27; 11,25; 13-14), cujas ideias missionárias ele compartilhava (15,2,12; cf. 1Cor 9,6), embora não compartilhasse da opinião a respeito de Marcos (15,35-39).

j. Ou talvez: *recebeu a importância desta venda* (cf. 4,34 nota).

k. O mesmo verbo assinala a culpa de Acã (Js 7,1). Nos dois episódios, os temas do extermínio dos culpados e da intimidação do grupo estão ligados de maneira análoga.

l. A expressão *mentir ao Espírito Santo* não tem paralelos exatos (cf. v. 4 nota). Mas em Qumran, a mentira a respeito dos bens (cf. 4,32 nota) é a primeira falta comunitária sancionada pela Regra.

m. Pôr os bens em comum era, portanto, um gesto livre (cf. 4,32 nota). A culpa dos esposos é uma mentira, tanto mais grave porquanto afeta um domínio no qual o Espírito intervém (cf. v. 3 nota; v. 9 nota; Lc 12,10 nota).

jovens vieram então sepultar o corpo, e o levaram para enterrar.

⁷Passaram cerca de três horas; sua mulher entrou, sem saber o que acontecera.

⁸Pedro a interpelou: "Dize-me, o terreno, foi mesmo por este preço que o vendestes?" Ela disse: "Sim, foi mesmo por este preço!" ⁹Então Pedro prosseguiu: "Como pudestes pôr-vos de acordo para provocar ¹⁰o Espírito do Senhor"? Escuta, os passos dos que acabam de enterrar o teu marido estão à porta; eles vão te levar, a ti também". ¹¹Imediatamente ela tombou aos pés de Pedro, e expirou. Ao entrarem, os jovens a encontraram morta, e a levaram para a enterrar junto de seu marido. ¹²Um grande temor se apoderou então de toda a Igreja^a e de todos os que souberam do acontecido.

Milagres dos apóstolos^a. ¹²Muitos sinais e prodígios se realizavam entre o povo pela mão dos apóstolos. Todos permaneciam^a, unânimes, sob o pórtico de Salomão, ¹³mas ninguém mais ousava juntar-se a eles; o povo no entanto os elogiava, ¹⁴e multidões cada vez mais numerosas de homens e mulheres aderiam ao Senhor, pela fé^r. ¹⁵Chegavam a expor os doentes nas ruas, acomodando-os em camas ou em padiolas, a fim de que a passagem de Pedro, ao menos sua sombra caísse em algum deles^a. ¹⁶A mul-

tidão ocorria também das localidades vizinhas de Jerusalém, trazendo doentes e pessoas atormentadas por espíritos ^{Lc 6.19}impuros, e todos eram curados.

Prisão e libertação dos apóstolos. ¹⁷Nesse ínterim, o Sumo Sacerdote e todo o seu grupo — tratava-se do partido dos saduceus¹ — ficaram tomados de furor; ¹⁸mandaram prender os apóstolos e os lançaram publicamente na cadeia^a. ¹⁹Mas, durante a noite, o anjo do Senhor^a abriu as portas da prisão, fê-los sair, e lhes disse: ²⁰"Ide, ficai no Templo, e lá, anunciai ao povo todas essas palavras de vida^a!" ²¹Eles o escutaram, e, desde o despontar do dia, foram ao Templo e ali ensinavam.

O Sumo Sacerdote chegou; ele e seus assessores convocaram o Sinédrio, assembleia plenária^a dos israelitas, e mandaram procurar os apóstolos na prisão. ²²Mas os guardas, chegando lá, não os acharam no cárcere. Voltando relataram o seguinte: ²³"Nós encontramos a prisão cuidadosamente fechada, e as sentinelas diante das portas; mas quando abrimos não achamos ninguém dentro". ²⁴Ao anúncio desta nova, o comandante do Templo e os sumos sacerdotes ficaram perplexos a respeito dos apóstolos, perguntando-se o que teria acontecido. ²⁵Mas alguém veio lhes anunciar: "Eis que os

3.15; 11.18;
13.46.48

4.2

3.11;
Jo 10.23

n. Ainda aqui, o *Espírito do Senhor* é personificado (cf. vv. 3 e 32). *Provocado* pela mentira, ele reage com o rigor e a rapidez de um poder eminentemente presente e ativo na vida da comunidade.

o. Aparição do termo *Igreja*, que designará doravante a reunião dos crentes num determinado lugar, ou o grupo que eles constituem em uma localidade, ou mesmo um conjunto de comunidades (9.31 nota; 11.26 nota; 20.28 nota). No mundo grego, *ekklesia* designava a assembleia deliberativa dos cidadãos; no vocabulário bíblico, a assembleia do povo de Israel, particularmente no deserto (cf. 7.38 nota). É notável que o autor só empregue o termo *Igreja* depois de ter caracterizado o agrupamento dos primeiros discípulos de Jerusalém como uma comunidade, nascida do testemunho apostólico, voltada para a fé no Ressuscitado, e animada pelo Espírito Santo.

p. Terceiro sumário (cf. 2.42 nota); o seu tema dominante é a atividade milagrosa dos apóstolos. Esse tema (cf. 2.43; 4.33) corresponde à oração de 4.30. Os vv. 12b e 14 lembram o tema do primeiro sumário e rompem o encadeamento lógico entre 12a e 15-16.

q. Os fiéis e não mais unicamente os apóstolos.

r. Melhor do que: *se ajuntavam* (à comunidade) *crendo no Senhor* (cf. 11.24). Juntando-se à comunidade, é ao Senhor que se ajuntam; o que sugere uma espécie de identificação entre o Senhor e os seus (cf. 9.5 nota).

s. Cf. Paulo em 19.11-12.

t. Os *saduceus*, mais que os fariseus, formavam um verdadeiro partido, muito influente e particularmente hostil aos discípulos de Jesus (cf. 4.2 nota).

u. Ou: *na cadeia pública*, o que indicaria um modo de detenção mais severo do que em 4.3.

v. Melhor de que: *um anjo do Senhor*. A expressão designa, no AT, o enviado de Deus, a personificação de sua intervenção particular em favor do seu povo (ver 23.8 nota).

w. Lit. *todas as palavras desta vida*. Forma gramatical análoga encontra-se em 13.26, resumindo o objetivo essencial visado pela pregação apostólica.

x. O uso deste termo (*gerousia*: assembleia de anciãos, senado), único no NT, mas frequente no grego, visa certamente a fazer leitores não-judeus compreenderem o que era o Sinédrio.

homens que tínheis lançado na prisão estão no Templo e instruem o povo!"
 26Então o comandante partiu com os guardas para trazer os apóstolos, sem violência todavia, pois temiam ser apedrejados pelo povo^o.

27Trouxeram-nos, pois, apresentaram-nos ao Sinédrio, e o Sumo Sacerdote os interrogou: 28"Vós vos tínhamos formalmente proibido, disse-lhes, de ensinar esse nome, e eis que encheistes Jerusalém com vossa doutrina; quereis fazer recair

4,18 sobre nós o sangue desse homem?"
 2,14 29Mas Pedro e os apóstolos responderam^a:
 4,19 "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. 30O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes suspen-

10,39;
 13,29;
 Gl 3,13;
 Dt 21,23
 2,33; 3,19;
 10,36; 11,18

15,28 cedeu aos que lhe obedecem".

33Exasperados por essas palavras, eles projetavam matá-los. 34Mas um homem se levantou no Sinédrio; era um fariseu chamado Gamaliel^d, doutor da Lei estimado por todo o povo. Ele ordenou que fizessem sair, por um instante, os acusados, 35depois declarou: "Israelitas, tomai muito cuidado com o que ides fazer no

caso desses homens. 36Há algum tempo surgiu Teudas^e; ele pretendia ser alguém, 8,9 e tinha reunido cerca de quatrocentos homens; ele, foi morto, todos os que o tinham seguido debandaram e não sobrou nada. 37Depois, surgiu Judas, o Galileu^f, na época do recenseamento; ele sublevava gente para segui-lo; também ele pereceu, e todos os que o haviam seguido se dispersaram. 38Então eu vos digo: não vos ocupeis mais com esses homens, e deixai-os ir embora! Pois, se é dos homens que vem o propósito ou o empreendimento deles, desaparecerá por si mesmo; 39se é de Deus, não podereis fazê-los desaparecer. Não vos arrisqueis a ver-vos em contenda com Deus!"

Lc 20,4

2Mc 7,19

Acedendo ao seu parecer, 40chamaram de novo os apóstolos, mandaram açoitá-los com varas e, depois de intimidá-los a não mais pronunciarem o nome de Jesus soltaram-nos. 41Os apóstolos deixaram o Sinédrio, felizes por terem sido achados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome^h. 42Cada dia, no Templo como nas casas, não cessavam de ensinar e anunciar a boa nova de Jesus Messias^h.

21,13;
 1Pd 4,13;
 Jo 7

6 A instituição dos Seteⁱ. 'Naqueles dias, o número de discípulos^j aumentava, e os helenistas se puseram a reclamar contra os hebreus^k, porque as suas

9,29; 11,20

y. Melhor do que: *não os apedreje*; não é possível tratar-se de um apedrejamento formal.

z. Isto é: tornar-nos responsáveis pela sua morte (cf. Mt 27,25; At 18,6 nota).

a. Os vv. 29-32 são um breve resumo da pregação apostólica, voltada para a proclamação essencial (cf. 2,14 nota).

b. Ainda aqui a missão de Jesus Salvador pareceria limitar-se a Israel (cf. 3,25 nota; 2,39 nota).

c. Trata-se da obediência à vontade de Deus (2,23 nota) que é constituída pela própria fé (cf. 2,38).

d. O que nós sabemos de Gamaliel, mestre de Saulo de Tarso (22,3), corresponde bem à intervenção que vai seguir: era um fariseu de tendência liberal na interpretação da Lei.

e. Segundo o historiador judeu, Josefo, Teudas se dizia profeta e prometia aos seus partidários fazê-los passar o Jordão a pé enxuto, como Josué, o libertador da Terra prometida. Os Atos situam a breve atividade de Teudas antes do recenseamento (v. 37), num passado já antigo (Lc 2,2 nota), enquanto Josefo a situa, sem dúvida por engano, em 44-46.

f. Atestada igualmente por Josefo, a insurreição chefiada por Judas, o Galileu, foi provocada diretamente pelo recenseamento

de que trata Lc 2,2 nota. Essa insurreição deu início ao movimento zelote (que não acabou logo, como Gamaliel parece dizer).

g. Isto é, por Jesus glorificado. O *Nome* era um apelativo que os judeus reservavam a Deus; designar assim Jesus era uma maneira de dizer que ele era o *Senhor* (cf. 2,36 nota; 3,16 nota).

h. Ou: *de anunciar esta boa nova: que Jesus era o Messias*.

i. A instituição dos Sete (6,1-7), a história de Estêvão e a pregação que se lhe seguiu (6,8-8,4) constituem um ponto de transição no plano do livro: partindo de Jerusalém, o Evangelho acabará sendo anunciado aos pagãos (cf. 6,1 nota).

j. *Discípulos*: um dos nomes pelos quais os cristãos se designam entre si (cf. 11,26 nota) e que aparece aqui pela primeira vez: o seu uso se estenderá para além do seu quadro original palestinese (cf. 9,1,26; 16,1; 18,23).

k. Essa distinção entre *hebreus* e *helenistas* parece ser o reflexo, no interior da comunidade, de uma situação característica do judaísmo em Jerusalém (cf. 9,29 nota). Sendo os Atos o único documento que fala desses dois grupos, é difícil saber exatamente o que os distinguia. O lugar do nascimento — na Palestina para os hebreus, fora da Palestina para os helenistas — devia ser um critério determinante, sem ser indispensável: Paulo, nascido

4.35 viúvas eram esquecidas no serviço cotidiano¹. "Os Doze" convocaram então a assembléia plenária² dos discípulos e disseram: "Não convém que nós descuidemos a Palavra de Deus por causa do serviço das mesas".³ Procurai antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta função. "Quando a nós, continuaremos a assegurar a oração e o serviço da Palavra".⁴ Esta proposição foi aceita por toda a assembléia: escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas, e Nicolau⁵, prosélito de Antioquia;⁶ apresentaram-nos aos apóstolos, oraram e lhes impuseram as mãos⁷.
 2.41 A palavra de Deus crescia, e o número dos discípulos aumentava consideravelmente em Jerusalém; uma multidão de sacerdotes⁸ obedecia à fé.

Atividades e prisão de Estêvão. "Estêvão", cheio de graça e de poder, operava

prodígios e sinais notáveis entre o povo.⁹ 5.12 "Mas, nesse ínterim, gente da sinagoga dita dos Libertos¹⁰, com gente de Cirene, de Alexandria, da Cilícia e da Ásia, começaram a discutir com Estêvão¹¹, como eram incapazes de se opor à sabedoria e ao Espírito que distinguia suas palavras.¹² Subornaram homens para dizer: "Nós o ouvimos pronunciar palavras blasfematórias contra Moisés e contra Deus".¹³ Amotinaram o povo, os anciãos e os escribas, apoderaram-se de Estêvão inopinadamente e o conduziram ao Sinédrio.¹⁴ Lá, apresentaram falsas testemunhas¹⁵ que diziam: "Este homem não cessa de proferir palavras hostis contra o Lugar santo e contra a Lei";¹⁶ de fato, nós o ouvimos dizer que esse Jesus, o Nazoreu, destruíria este Lugar e mudaria as normas que Moisés nos transmitiu".¹⁷ Todos os que estavam assentados no Sinédrio tinham os olhos fitos nele, e viram o seu rosto como o rosto de um anjo".

em Tarso, formado em Jerusalém, pode dizer-se *hebreu* (2Cor 11.22; Fl 3.5). Um segundo critério era certamente a língua materna ou ao menos usual — aramaico ou grego —, juntamente com a Bíblia — hebraica ou grega — que se lia correntemente. Enfim e sobretudo, os helenistas deviam ser em geral muito mais abertos do que os hebreus em sua maneira de compreender e viver o judaísmo ou, eventualmente, a sua fé cristã (cf. nota seguinte; 6.8 nota).

1. Esse conflito vai ser resolvido pela instituição de uma *diáconia*, de um serviço das mesas (v. 2 nota) — onde o autor talvez veja a origem dos *diáconos* (Fl 1.1) — que se distingue do serviço apostólico da oração e da Palavra (v. 4). Na realidade, esse conflito banal correspondia provavelmente a tensões internas da comunidade, bastante graves para serem percebidas do exterior: ao que parece, são os cristãos helenistas que, na linha de Estêvão (6.8 nota), vão ser doravante o principal objeto da hostilidade das autoridades judaicas de Jerusalém (8.1 nota). São eles também, muito provavelmente, que, na linha de Filipe (8.5 nota) — um dos Sete (v. 5) que, como Estêvão, passa do serviço das mesas para o serviço da Palavra —, vão levar o Evangelho para fora de Jerusalém e da Palestina, até os págãos (11.19 nota; 11.20 nota).

m. Cf. 1.2 nota.

n. É a Igreja enquanto assembléia deliberante (cf. v. 5; 15.13.30).

o. *Essa serviço das mesas*, exercido particularmente — supõe-se — por ocasião das refeições com Eucaristia (2.42 nota), e que talvez comportasse a gestão dos bens postos em comum, levava os apóstolos a sacrificarem um pouco a sua missão primordial: anunciar a Palavra.

p. Esses sete nomes são gregos; portanto é provável que os Sete sejam todos helenistas, responsáveis e defensores do grupo

deles. Mas isso não é indiscutível: se os Sete tinham sobretudo uma função de arbitragem, eles deviam contar, em seu grupo, helenistas e hebreus, podendo estes últimos ocasionalmente ter nomes ou apelidos gregos.

q. Ou: que *oraram e lhes impuseram*... O gesto da imposição das mãos interveio muitas vezes nos Atos: aqui para a entrada em um serviço comunitário; alhures para o dom do Espírito que segue o batismo (8.17; cf. 19.6; cf. 9.17), para uma cura (9.12.17; 28.8) ou para um envio em missão (13.3).

r. Havia milhares deles em Jerusalém.

s. Primeiro nomeado dos Sete (v. 5), *Estêvão* é aqui objeto de uma notícia, cuja extensão (6.8–8.2) e conteúdo (v. 13 nota) manifestam a importância que o autor dos Atos lhe atribui. A sua atitude para com o Templo e a Lei (v. 13 nota) e a sua interpretação da história de Israel (7.2 nota) mostram que ele era muito provavelmente de origem helenística.

t. Isto é, dos judeus *libertos* da escravidão, que fora o estado deles ou dos seus antepassados — judeus, por exemplo, que haviam sido levados como escravos por Pompeu em 63 a.C. Este grupo, como provavelmente cada um dos seguintes, tinha uma sinagoga particular em Jerusalém.

u. O episódio das *falsas testemunhas* (v. 11) com as suas acusações exageradas (cf. v. 13 nota) lembra o episódio análogo do processo de Jesus (Mt 26.61; Mc 14.58; cf. Jo 2.19), omitido aliás em Lc. O resultado do processo de Estêvão reproduzirá igualmente a do processo de Jesus (7.56 nota; 7.59 nota).

v. Decerto Estêvão não era favorável ao Templo (7.48 nota); mas ele qualificaria a Lei de *palavras de vida* (7.38 nota), provavelmente sem a interpretar com o mesmo rigor que os seus adversários. Paulo será objeto de acusações análogas (21.28).

w. A narração propriamente dita do processo, suspensa com esta notação, recomeçará em 7.55, depois do discurso de Estêvão.

7 O discurso de Estêvão. ¹O Sumo Sacerdote lhe perguntou: "É isso mesmo?" ²Estêvão respondeu: "Irmãos e

pais, escutai. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harran³. ³E disse-lhe: *Deixa a tua terra e a tua família e vai para a terra que eu te mostrar*. ⁴Abraão deixou então a terra dos caldeus para habitar em Harran. De lá, após a morte de seu pai, Deus o fez passar para esta terra que vós habitais agora. ⁵Ele não lhe deu nenhuma propriedade nesta terra, nem sequer onde pôr o pé, mas prometeu dar-lhe a posse dela, a ele e à sua descendência depois dele, embora Abraão não tivesse filho. ⁶E Deus falou assim: *A sua descendência habitará em terra estrangeira, hão de reduzi-la à escravidão e a maltratarão durante quatrocentos anos*. ⁷Mas a nação da qual eles forem escravos, eu a julgarei, diz Deus, e depois disso eles sairão e me prestarão culto neste lugar⁸. ⁸Ele lhe deu a aliança da circuncisão; e foi assim que, tendo gerado Isaac, Abraão o circuncidou no oitavo dia. Isaac fez o mesmo com Jacó, e Jacó, com os doze patriarcas.

⁹Com inveja de José, os patriarcas o venderam, a fim de que fosse levado para o Egito. Mas Deus estava com ele; ¹⁰livrou-o de todas as suas angústias e concedeu-lhe graça e sabedoria perante Faraó, o rei do Egito, que o constituiu governador sobre o Egito e sobre toda a sua casa. ¹¹Ora, sobreveio uma fome em

toda o Egito e em Canaã; a angústia era grande e os nossos pais não mais conseguiam se abastecer. ¹²Tendo sabido que havia viveres no Egito, Jacó enviou para lá os nossos pais uma primeira vez; ¹³na segunda, José se fez reconhecer por seus irmãos, e a sua origem foi revelada ao Faraó. ¹⁴José mandou então buscar Jacó, seu pai, e todos os seus parentes, ao todo setenta e cinco pessoas. ¹⁵Jacó desceu portanto para o Egito, e aí morreu, como também os nossos pais. ¹⁶Transportaram-nos para Siquém, e os depuseram no sepulcro que Abraão havia comprado, a preço de dinheiro, dos filhos de Emor, pai de Siquém⁹.

¹⁷Como se aproximasse o tempo em que devia realizar-se a promessa solene que Deus fizera a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito, ¹⁸até o advento de um outro rei do Egito, que não conhecera José. ¹⁹Perfidamente, esse rei perseguiu a nossa etnia; sua malevolência para com os pais chegou a ponto de mandá-los enjeitar seus recém-nascidos, para os impedir de viver. ²⁰Foi nesse tempo que nasceu Moisés. Ele era belo aos olhos de Deus. Foi criado durante três meses na casa de seu pai ²¹e, ao ser enjeitado, a filha de Faraó o recolheu e o criou como seu próprio filho. ²²Moisés foi iniciado em toda a sabedoria dos egípcios¹⁰, e era poderoso em palavras e em ações¹¹.

²³Quando ele completou quarenta anos¹², sobreveio-lhe a idéia de ir ter com

x. O discurso de Estêvão é o mais longo dos Atos; isso mostra a sua importância. Ele se apresenta como uma retrospectiva da história de Israel que, indo de Abraão (vv. 1-8) a Salomão e ao Templo (vv. 46-49), detém-se muito particularmente em Moisés (vv. 17-43), visivelmente apresentado como figura prenunciadora de Jesus (v. 25 nota). Mas esta retrospectiva não se contenta, como alhures a pregação apostólica (13,17-22; cf. 2,14 nota), em lembrar os benefícios de Deus. Logo ela se transforma em requisitório contra um Israel que sempre resistiu ao Espírito Santo (v. 51; cf. vv. 27,35,39,42,52) e contra um Templo supervalorizado (7,48 nota).

y. Segundo Gn 11,31, a aparição se situa em Harran. Estêvão segue aqui, como num certo número de outros pontos da continuação do discurso, uma tradição extrabíblica testemunhada por Filon e Josefo.

z. Gn 15,13-14 e Ex 3,12; mas em vez de *esta montanha*, Estêvão diz *este lugar*, isto é Jerusalém e o Templo (cf. 6,13,14),

caso não se trate aqui do lugar misterioso de 7,49 (cf. 7,48 nota).

a. Var.: em Siquém. Este v. confunde a caverna de Macpela comprada por Abraão (Gn 23,2-20) com o campo comprado por Jacó em Siquém (Gn 33,18-19), como também o sepultamento de Jacó em Macpela (Gn 50,7-13) com o de José em Siquém (Js 24,32). Esta confusão reflete uma tradição oral que poderia ser samaritana.

b. Trata-se, provavelmente, ainda aqui, de uma tradição judaica (cf. 2Tm 3,8): Moisés teria sido iniciado na legendaria sabedoria do Egito (cf. Is 19,11) que, para os contemporâneos de Estêvão, comportava antes de tudo a magia e as ciências ocultas (cf. já Ex 7,11,12,22 etc.).

c. Esta afirmação é análoga à dos discípulos de Emaús concernente a Jesus (Lc 24,19): será que Moisés começa a ser apresentado como figura do Salvador? (Cf. v. 25 nota).

d. Cf. v. 30. A tradição judaica dividia a vida de Moisés em períodos de quarenta anos (cf. Ex 7,7; Dt 34,7).

3,13; Sl 29,3

Gn 11, 31-12,1

Gn 12,1 Gn 12,5

Dt 2,5

Gn 12,7; 13,15; 15,18

6,13; 21,28

Gn 17,10-14

Gn 21,4

Gn 37,11,28

Gn 39, 2,3,21,23

Sl 105,21

Gn 41,37-39

Gn 41,54; 42,5

Gn 42,1-2

Gn 45,3-4

Gn 45,16

Gn 45, 9-11,18,19; 46,27

Gn 46,5-6; 49,33

Ex 1,7-8

Ex 1, 10-11,22

Ex 2,2; Hb 11,23

Ex 2,3-10

Ex 2,11-12 seus irmãos, os israelitas. ²⁴Vendo um deles ser maltratado, tomou sua defesa e, para vingar o irmão maltratado, matou o egípcio. ²⁵Pensava dar a entender a seus irmãos que, por sua mão, Deus lhes trazia a salvação; mas eles não o compreenderam. ²⁶No dia seguinte ele foi visto^f intervir numa briga para tentar reconciliar os adversários: 'Amigos, disse-lhes ele, vós sois irmãos, por que vos maltratais?' ²⁷Mas aquele que maltratava o companheiro repeliu^g Moisés, dizendo: '*Quem te constituiu chefe e juiz sobre nós?*' ²⁸*Queres me matar como mataste ontem o egípcio?*' ²⁹A essas palavras, Moisés fugiu e se refugiou no estrangeiro, na terra de Madiã, onde teve dois filhos.

Ex 2,14
Lc 12,14 ³⁰Ao cabo de quarenta anos, um anjo lhe apareceu no deserto do monte Sinai, na chama de uma sarça ardente. ³¹Moisés, admirado com esta visão, quis aproximar-se para olhar; a voz do Senhor se fez ouvir: ³²*'Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó'*. Muito trêmulo, Moisés não ousava mais olhar. ³³Então o Senhor lhe disse: '*Tira as sandálias dos teus pés, pois o lugar onde estás é uma terra santa*'. ³⁴*Sim, eu vi a miséria do meu povo no Egito e ouvi o seu gemido; eu desci para libertá-lo. E agora, vai, eu quero enviar-te ao Egito*'. ³⁵Esse Moisés, que haviam rejeitado com estas palavras: '*Quem te estabeleceu chefe e juiz?*', foi a ele que Deus enviou como chefe e libertador^h, por intermédio

Ex 2,15
Ex 3,1-2
Ex 3,4
Ex 2,14

do anjo que lhe aparecera na sarça. ³⁶Foi ele que os fez sair do Egito, operando prodígios e sinaisⁱ na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos. ³⁷Foi ele, Moisés, que disse aos israelitas: *Deus vos suscitará, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu*^m. ³⁸Ele que, por ocasião da assembléiaⁿ no deserto, se mantinha entre os nossos pais e o anjo que lhe falava sobre o monte Sinai^o; foi ele que recebeu palavras de vida^p para no-las dar. ³⁹Mas os nossos pais não quiseram obedecer-lhe; eles o repeliram, e voltaram em pensamento para o Egito. ⁴⁰Com efeito, disseram a Aarão: '*Faze-nos deuses que caminhem à nossa frente: pois esse Moisés, que nos fez sair da terra do Egito, não sabemos o que foi feito dele*'. ⁴¹Moldaram um bezerro naqueles dias, ofereceram um sacrifício a esse ídolo e festejaram alegremente a obra de suas mãos. ⁴²Então Deus os entregou, por sua vez, ao culto do exército do céu^q, como está escrito no livro dos profetas:

Acaso me ofereceste vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto, casa de Israel?

⁴³*Vós transportastes a tenda de Moloc e o astro do vosso deus Raifan, essas imagens que vós fizestes para as adorar.*

Por isso eu vos deportarei para além de Babilônia^r.

e. Acima, Jesus fora apresentado como o *profeta* semelhante a Moisés (3,22 nota; cf. 7,37). *Moisés* aparece aqui como prefiguração de Jesus (cf. já no v. 22 nota); ele traz a salvação (v. 25), é chefe, juiz (cf. 10,42 nota) e libertador (vv. 27,35), opera sinais e prodígios (v. 36), está situado entre Deus e os homens (v. 38) e sobretudo encontra a oposição de Israel (cf. v. 2 nota; v. 27 nota).

f. Lit. *ele apareceu*. Discreta alusão às aparições do Ressuscitado? (Cf. v. 25 nota.)

g. Esse tema voltará nos vv. 35 e 39: Moisés foi *rejeitado* como Jesus (3,13,14); cf. v. 25 nota.

h. Ex 3,6.

i. Ex 3,5.

j. Ex 3,3,10.

k. Ou: *redentor*, como Jesus (cf. Lc 1,68; 2,38); cf. v. 25 nota.

l. Como Jesus (cf. 2,22 nota); cf. v. 25 nota.

m. Dt 18,15. Cf. At 3,22 nota; 7,25 nota.

n. Alusão à convocação do povo no deserto em Ex 19,7-15 (cf. Dt 9,10; 10,4). Será que essa *assembléia* ou *igreja* prefigura aqui a Igreja de Jerusalém? (Cf. 5,11 nota.)

o. Esse papel de intermediário evoca o de Jesus (cf. v. 25 nota).

p. Lit. *palavras vivas*. Essa fórmula lembra a que designa a pregação apostólica em 5,20. O seu emprego para falar da lei (cf. Lc 10,26-28) sublinha que as falsas testemunhas exageravam ao menos a hostilidade de Estêvão a respeito dela (6,11,13,14).

q. Ex 32,1,23.

r. São os astros, ao culto dos quais ainda alude a citação seguinte.

s. Am 5,25-27, segundo o AT gr. Esta citação, um pouco modificada por Estêvão, estigmatiza a idolatria persistente em Israel e prepara a continuação do discurso, voltada para o Lugar santo (vv. 44-50).

Ex 7,3;
14,21;
Nm 14,33;
At 2,22

7,53;
Gl 3,19;
Hb 2,2

Ex 19,1-6;
20,1-17;
Rm 10,5;
Gl 3,12
Nm 14,3

Ex 32,4-6

44 Os nossos pais no deserto tinham a tenda do testemunho: aquele que falava a Moisés prescrevera que ele a fizesse segundo o modelo que vira. 45 Os nossos pais, tendo-a recebido, introduziram-na, sob a direção de Josué, na terra conquistada às nações que Deus expulsou de diante deles; ela aí ficou até os dias de David. 46 Este encontrou graça diante de Deus e pediu o favor de dispor de uma residência para o Deus de Jacó. 47 Mas foi Salomão quem lhe construiu uma casa. 48 E no entanto o Altíssimo não habita mansões construídas pela mão dos homens. Como diz o profeta:

49 *O céu é o meu trono e a terra um escabelo sob meus pés. Que casa me edificareis, diz o Senhor, e qual será o lugar do meu repouso?* 50 *Não foi, acaso, a minha mão que criou todas essas coisas?*

51 Homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo, nisso vós sois bem semelhantes aos vossos pais!

52 Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles chegaram a matar os que anunciavam, de antemão, a vinda do Justo, esse mesmo que agora traístes e assassinastes! 53 Vós tínheis recebido a lei promulgada por anjos e não a observastes.

Apedrejamento de Estêvão. 54 Essas palavras os exasperaram, e eles rangiam os dentes contra Estêvão. 55 Mas este, repleto do Espírito Santo, fixava os olhos no céu: viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à destra de Deus. 56 Eis, disse ele, que eu contemplo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à destra de Deus. 57 Eles soltaram então grandes gritos, tapando os ouvidos. Depois, todos juntos, atiraram-se contra ele, 58 arrastaram-no para fora da cidade, e se puseram a apedrejá-lo. As testemunhas tinham deposto as vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. 59 Enquanto o apedrejavam, Estêvão pronunciou esta invocação: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" 60 Depois, dobrou os joelhos e soltou um grande grito: "Senhor, não lhes leves em conta este pecado!" E a essas palavras, morreu.

8 1 Ora, Saulo era um dos que aprovavam este homicídio.

A primeira perseguição de uma Igreja. Naquele dia, rompeu contra a Igreja de Jerusalém violenta perseguição. Todos, com exceção dos apóstolos, se dispersaram nas regiões da Judéia e da Samaria. 2 Homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram por ele solene funeral. 3 Quanto a Saulo, devastava a Igreja; pe-

t. Outra variante antiga: *para a casa de Jacó*.

u. Lit. *feitas à mão*. Estêvão emprega aqui uma argumentação que Paulo, na linha dos pregadores judeus, oporá aos templos pagãos (17,24 nota) e aos ídolos (17,29 nota). Vê-se que a sua atitude para com o Templo é, ao menos, muito reservada (cf. 7,7 nota).

v. Is 66,1-2.

w. Que falava por Moisés e os profetas (v. 52) e ainda fala pelos pregadores do Evangelho (cf. v. 55).

x. Cf. 3,14 nota.

y. Única menção deste título fora dos evangelhos, e dito por outro que Jesus: é manifestamente uma alusão a uma palavra de Jesus por ocasião do seu processo (Lc 22,69; cf. At 6,13 nota).

z. Os Atos recordarão esta presença de Saulo à morte de Estêvão (22,20; 26,10), sugerindo assim que este acontecimento deve ter marcado profundamente Paulo.

a. Aqui e no v. 60, as palavras de Estêvão, dirigidas a Jesus, lembram duas palavras de Jesus na cruz que são próprias de Lucas (Lc 23,46.34). O primeiro martírio é apresentado como uma imitação da morte de Jesus (cf. 6,13 nota).

b. Lit. *ele adormeceu*.

c. Os vv. 1b-4 constituem uma transição para uma etapa capital dos Atos (8,5-11,26): abandonando Jerusalém (cf. 1,8), o Evangelho vai passar de *um lugar para outro* (8,4) e atingir particularmente os samaritanos, com Filipe (8,5-40), depois os pagãos em Cesaréia, com Pedro (9,32-11,18), e em Antioquia, com os helenistas (cf. 6,1 nota), enquanto o futuro apóstolo dos pagãos se converte e começa a pregar (9,1-30). A perseguição favorece involuntariamente essa "explosão" missionária (8,1b.4) que o autor parece ligar estreitamente ao martírio de Estêvão (8,2). Saulo, o perseguidor, põe-se a caminho, sem o saber, para a sua conversão (8,3).

d. Pela primeira vez a palavra *Igreja* é seguida aqui de uma determinação geográfica; pressente-se que outras igrejas locais vão ser fundadas (cf. 11,22; 13,1).

e. Até aqui só tinham sido perseguidos Pedro e João (4,1-22; 5,17-42), depois Estêvão. Agora, pela primeira vez, a perseguição atinge a *Igreja*, ou antes, parte da Igreja — muito provavelmente os helenistas (6,1 nota). Os *apóstolos* designa aqui, sem dúvida, os apóstolos e os fiéis *hebreus* que, até nova ordem, ficam ao abrigo da perseguição por sua relativa fidelidade ao judaísmo local.

netrava nas casas e arrancava de lá homens e mulheres e os lançava na prisão. ⁴Aqueles, no entanto, que haviam sido dispersos iam de um lugar para outro, anunciando a boa nova da Palavra.

A palavra de Deus em Samaria. ⁵Foi assim que Filipe^f, tendo descido a uma cidade da Samaria^g, ali proclamava o Cristo^h. ⁶As multidões, unânimes, aderiam às palavras de Filipe, pois ouviam falar dos milagres que fazia, e os viam. ⁷De fato, muitos espíritos impuros saíam, soltando grandes gritos, daqueles que estavam possessos, e muitos paralíticos e aleijados foram curados. ⁸Houve uma grande alegriaⁱ nessa cidade.

⁹Ora, já vivia na cidade um homem chamado Simão, que praticava a magia e mantinha maravilhada a população de Samaria. Ele pretendia ser alguém de importância, ¹⁰e todos aderiam a ele, do menor ao maior. “Este homem, diziam, é o Poder de Deus que chamam o Grande!” ¹¹Aderiam assim a ele porque os mantinha desde muito fascinados com seus sortilégios. ¹²Mas quando acreditaram em Filipe, que lhes anunciava a boa nova do Reinado de Deus e do nome de Jesus Cristo^k, eles recebiam o batismo, homens e mulheres. ¹³O próprio Simão, por sua vez, se tornou crente, recebeu o batismo e não largava mais Filipe. Pois ao presenciá-los os grandes sinais e milagres que se realizavam, ficara maravilhado.

¹⁴Quando souberam que a Samaria acolhera a palavra de Deus, os apóstolos que estavam em Jerusalém enviaram para lá

Pedro e João. ¹⁵Ao chegarem, eles oraram pelos samaritanos, a fim de que recebessem o Espírito Santo. ¹⁶Com efeito, o Espírito ainda não caíra sobre nenhum deles; só tinham recebido o batismo no nome do Senhor Jesus. ¹⁷Pedro e João se puseram então a lhes impor as mãos^l e os samaritanos recebiam o Espírito Santo.

¹⁸Mas Simão, quando viu que o Espírito Santo era dado pela imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro. ¹⁹“Concedei-me, disse, a mim também, este poder, a fim de que aqueles a quem eu impuser as mãos recebam o Espírito Santo”. ²⁰Mas Pedro lhe replicou: “Pereça o teu dinheiro, e tu com ele, por teres acreditado que podias comprar com dinheiro o dom gratuito de Deus^m”. ²¹Não há para ti nem parte nem herança no que se passa aqui, pois o teu coração não é reto diante de Deus. ²²Arrepende-te, portanto, da tua maldade, e roga ao Senhor: o pensamento que te acudiu ao coração talvez te seja perdoado. ²³Eu vejo que, de fato, estás na amargura do fel e nos vínculos da iniquidade”. ²⁴E Simão, respondeu: “Rogai vós mesmos ao Senhor em meu favor, para que não me aconteça nada do que disestes”.

²⁵Pedro e João, depois de terem dado testemunho e anunciado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém; eles anunciavam a Boa Nova a numerosas aldeias samaritanas.

Filipe e o cunuco etíope. ²⁶O anjo do Senhorⁿ dirigiu-se a Filipe: “Dirige-te

f. Filipe, um dos Sete e portanto provavelmente um helenista (6,5 nota), vai evangelizar (8,5.12.35.40) a Samaria (8,5-25) para a qual já se dirigia a atenção de Lc (9,52 nota), depois, após o batismo do eunuco etíope (8,25-39), outras cidades até Cesaréia (8,40), onde Paulo o encontraria um dia, revestido do bem-merecido título de *evangelista*. (21,8).

g. Sicar, por exemplo (Jo 4,5), ou alguma outra cidade. Alguns mss. lêem: *a cidade de Samaria*; tratar-se-ia então de Sebaste, a nova Samaria, construída por Herodes Magno.

h. Isto é, o Messias (2,36 nota), que os samaritanos também esperavam (Jo 4,25).

i. Como em Lc (1,14 nota), a *alegria* é frequentemente mencionada nos Atos: 5,41; 8,39; 11,23; 13,48.52; 15,3,31; cf. 20,7

nota. Trata-se da alegria dos tempos messiânicos, da alegria da salvação na fé.

j. Simão era considerado uma emanção direta, e a mais elevada, do poder mesmo de Deus.

k. Cf. 3,16 nota.

l. Cf. 6,6 nota; assim o Espírito Santo dado à Igreja de Jerusalém é comunicado aos samaritanos batizados, enquanto a missão de Filipe recebe de Pedro e João, enviados dos apóstolos (v. 14), o seu caráter plenamente apostólico.

m. Na Idade Média, a palavra “simonia” designaria e condenaria a compra das coisas santas a preço de dinheiro.

n. Cf. 23,8 nota. O anjo do Senhor se torna o próprio Espírito nos vv. 29 e 39 (cf. 10,1 nota).

10,44; 11,15

26,18;
Dt 12,12;
14,29
Sl 78,37

Dt 29,18

para o Sul^a à estrada que vai de Jerusalém a Gaza; ela está deserta". ²⁷E Filipe partiu imediatamente. Ora, um eunuco etíope, alto funcionário de Candace^a, rainha da Etiópia, e administrador geral do seu tesouro, que fora a Jerusalém em peregrinação^a, ²⁸voltava para casa; sentado em seu carro, lia o profeta Isaías. ²⁹O Espírito disse a Filipe: "Adianta-te e alcança aquele carro". ³⁰Filipe correu para lá, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías e lhe disse: "Será que compreendes verdadeiramente o que estás lendo?" ³¹"E como poderia eu compreender, respondeu ele, se não tenho guia?" E convidou Filipe a subir e sentar-se junto dele. ³²O que ele estava lendo era esta passagem da Escritura:

*Como uma ovelha que se conduz ao matadouro,
como um cordeiro mudo perante
aquele que o tosquia,
assim ele não abre a boca.*

³³*Na sua humilhação foi-lhe negada justiça.*

*A sua geração, quem a relatará?
Pois a sua vida é eliminada da terra^a.*

³⁴Dirigindo-se a Filipe, o eunuco lhe disse: "Por favor, de quem fala o profeta assim? De si mesmo ou de algum outro?" ³⁵Filipe então tomou a palavra^a c,

partindo deste texto^a, anunciou-lhe a boa nova de Jesus. ³⁶Prosseguindo o caminho, chegaram a uma nascente d'água, e o eunuco disse: "Eis aqui água. Que impede que eu receba o batismo?" ³⁷¹ e ³⁸Deu ordem de parar o carro; ambos desceram à água^a, Filipe e o eunuco, e Filipe o batizou. ³⁹Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe, o eunuco não o viu mais, mas prosseguiu o seu caminho com alegria^a. ⁴⁰Quanto a Filipe, encontrou-se em Azoto, e de lá, anunciava a Boa Nova em todas as cidades por onde passava até chegar a Cesaréia^a.

9 *A vocação de Saulo^a.* 'Saulo, que respirava contínuas ameaças e morticínios contra os discípulos' do Senhor, foi ²pedir ao Sumo Sacerdote cartas para as sinagogas de Damasco. Se encontrasse lá adeptos do Caminho^b, homens ou mulheres, ele os traria presos a Jerusalém.

³Seguindo o seu caminho, ele se aproximava de Damasco, quando, de repente, uma luz vinda do céu o envolveu com o seu brilho. ⁴Caído por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: "Saul, Saul, por que me persegues?" ⁵"Quem és tu, Senhor?" perguntou ele. "Eu sou^a Jesus, é a mim

o. Lit. *Levanta-te e vai*: semitismo que aparecerá novamente em 9,11. — *Para o Sul*, ou: *por volta do meio-dia*. Cf. 22,6. p. Esse termo não é um nome próprio, mas um título que designava a rainha da Etiópia, como *Faraó*, o rei do Egito.

q. Lit. *para adorar* (a Deus).

r. Em voz alta, como era costume entre os antigos.

s. Is 53,7-8 (segundo o grego). Única citação nos Atos (mas cf. 3,13 nota) do oráculo de Is 52,13-53,12 referente ao Servo sofredor, que parece ter desempenhado um papel importante na compreensão e na pregação primitivas da Paixão (ver: Lc 22,37 nota; Mt 8,17 nota; Rm 10,16 e 15,21; 1Pd 2,24,25).

t. Lit. *Abriu a boca*. Esta expressão bíblica (cf. Dn 10,16; Jó 3,1 etc.) sublinha a importância do que vai ser dito (cf. 10,34). u. Cf. 3,18 nota.

v. O v. 37 é atestado sobretudo por testemunhas "ocidentais" (desde o séc. II): *Se creês de todo o teu coração, é lícito. O eunuco respondeu: Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus*. Esta variante é sem dúvida fruto da influência de antigas fórmulas batismais. Cf. 9,20 nota.

w. Trata-se do batismo por imersão (cf. Mc 1,9-10); a imagem do sepultamento em Rm 6,43 supõe o mesmo rito.

x. *A alegria* de uma fé (8,8 nota) que permanece após o desaparecimento de Filipe e talvez mesmo seja confirmada pelo

caráter extraordinário desse desaparecimento.

y. Onde Pedro viria (10,24-28) e onde Paulo se hospedaria em casa de Filipe (21,8).

z. Aqui começa o primeiro dos três relatos (9,1-19) que contam a conversão de Saulo-Paulo; os dois outros (22,4-21; 26,9-18) acham-se em discursos de Paulo. A triplíce repetição desse relato com diferenças notáveis é, para Lucas, um modo de sublinhar a importância de um acontecimento (cf. 10,1 nota) que, por se situar fora dos *quarenta dias* (1,3 nota), não deixa de ser uma intervenção capital de Jesus ressuscitado: ele confia a Paulo a missão de *levar o seu nome perante os pagãos* (v. 15).

a. Cf. 6,1 nota.

b. Normalmente, o *Caminho* deveria significar a maneira de viver e agir, a conduta por excelência (cf. Is 30,21; Pr 15,10). Mas a esse sentido abstrato, os Atos, e só eles, acrescentam um sentido novo: o termo é um dos (cf. 11,26 nota) que designam os cristãos (19,9,23; 22,4; 24,14,22), porque eles seguem o *caminho do Senhor, de Deus* (18,25,26; cf. Mt 22,16; Sl 27,11 etc.), o *caminho da salvação* (16,17; cf. Mt 21,32).

c. O gr. transcreve aqui (e no v. 17), o mais exatamente possível, a pronúncia semítica do nome de Paulo.

d. *Eu sou* é aqui, como em outras passagens (Lc 21,8; 22,70; 24,39; Jo 6,20,35 etc.), uma fórmula de revelação.

Lc 10,16 que persegues^a. ^a“Mas levanta-te, entra na cidade e ser-te-á dito o que deves fazer”. ^b“Os seus companheiros de viagem tinham parado, mudos de espanto: eles ouviam a voz, mas não viam ninguém^f. ^c“Saul se levantou do chão, mas embora tivesse os olhos abertos, não enxergava mais nada^a, e foi conduzindo-o pela mão que os seus companheiros o fizeram entrar em Damasco, ^d“onde permaneceu privado da vista durante três dias, sem comer, nem beber.

^e“Havia, em Damasco, um discípulo chamado Ananias^b; o Senhor o chamou em uma visão: “Ananias!” “Eis-me aqui, Senhor”, respondeu ele. ^f“O Senhor acrescentou: “Vai à rua chamada ‘rua Direita’ e, na casa de Judas, perguntarás por alguém chamado Saulo de Tarso; ele está lá rezando. ^g“¹²e acaba de ver^d um homem chamado Ananias entrar e lhe impor as mãos para restituir-lhe a vista”. ^h“Ananias respondeu: “Senhor, eu ouvi muita gente falar deste homem, e contar todo o mal que ele fez aos teus santos^j em Jerusalém. ⁱ“E, aqui, ele dispõe de plenos poderes recebidos dos sumos sacerdotes para aprisionar todos os que invocam o teu nome^k”. ^l“Mas o Senhor lhe disse: “Vai, pois este homem é um instrumento por mim escolhido para dar testemunho do meu Nome^l perante as nações pagãs, os reis e os israelitas. ^m“Eu

mesmo lhe mostrarei quanto precisará 15,26;
sofrer por meu Nome”. ⁿ“Ananias partiu, 21,13. 5,41
entrou na casa, impôs-lhe as mãos^m e disse: “Saul, meu irmão, é o Senhor que me envia — este Jesus, que te apareceu 13,31
no caminho que seguias — a fim de que recuperes a vista e fiques repleto de Espírito Santo”. ^o“Imediatamente, uma espécie de membranas lhe caíram dos olhos”, ele recuperou a vista, e recebeu 7b 11,12-15
então o batismo ^p“e, depois de alimentar-se, recuperou as forças.

Pregação de Saulo em Damasco. Ele passou alguns dias com os discípulos de Damasco. ^q“e não tardou em proclamar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus”. ^r“Todos os que o ouviam ficavam estupefatos e diziam: “Não é ele que, em Jerusalém, perseguia os que invocam este nome? E não viera expressamente para os levar presos aos sumos sacerdotes?”” ^s“Mas Saulo manifestava-se cada vez mais claramente, e confundia os judeus que habitavam Damasco, provando que 18,28
Jesus era de fato o Messias.

^t“Um tempo bastante longo decorrerá^p quando esses judeus se coligaram para fazê-lo perecer. ^u“Saulo então teve conhecimento de sua trama. Eles chegavam a guardar as portas da cidade, dia e noite, para poder matá-lo. ^v“Mas, uma noite, os seus^d discípulos tomaram-no e

Rm 10,12;
1Cor 1,2

Jr 1,10

Gl 1,13-23
9,14; 22,16

20,3.19;
23,30

e. Na pessoa de seus discípulos quem é perseguido é o Senhor (cf. 5,14 nota).

f. Só Paulo viu o Senhor (cf. v. 27); os seus companheiros estão à margem do acontecimento (cf. 22,9).

g. Paulo ficou cego por causa do brilho da aparição (cf. 22,11).

h. *Ananias* era judeu (22,12) como os outros *discípulos de Damasco* (9,19) — se não fosse assim, o autor, especialmente atento à conversão dos pagãos, o teria indicado. Nós ignoramos tudo sobre a fundação da Igreja de Damasco.

i. Var.: *ver em visão*, o que sublinha o paralelismo das duas visões e assim a intervenção de Deus que toma em pessoa a iniciativa da missão aos pagãos (cf. 10,19-20).

j. Outro nome dos cristãos (cf. 11,26 nota), raro nos Atos (9,32,41; 26,10,18), mais frequente em Paulo (Rm 1,7; 1Cor 1,2; 6,1,2; 14,34 etc.); cf. *os santificados* (20,32 nota). No judaísmo, este termo geralmente designava os membros da comunidade messiânica futura (Dn 7,18. nota), mas o grupo de Qumran assumira esse título por antecipação. Os cristãos, por sua vez, tinham consciência de já serem a comunidade messiânica que se constituía ao redor de Jesus Messias, o *Santo* por excelência (3,14 nota).

k. Outra maneira (cf. 11,26 nota) de chamar os cristãos (cf. 9,21; 22,16), e que sem dúvida vem de Jl 3,5.

l. Lit. *levar meu nome*, menos no sentido de uma transmissão e de um anúncio do que no de um testemunho e de uma confissão em situação de acusado e perseguido (cf. Lc 21,12-19), como sublinha o v. seguinte. O perseguidor vai se tornar perseguido.

m. O gesto da *imposição das mãos* parece estar aqui em relação com a cura e, ao mesmo tempo, com o dom do Espírito Santo (cf. 6,6 nota).

n. É preciso sem dúvida compreender: *E foi como se membranas lhe caíssem logo dos olhos*.

o. Exceto na var. 8,37, este título de Jesus só aparece nos Atos aqui e, se quisermos, em 13,33; em ambos os casos, ele é atribuído a Paulo — que o emprega muitas vezes em sua correspondência (1Ts 1,10; Gl 1,16; 2,20 etc.). Aqui o seu emprego em paralelo com o *Messias* (v. 22) acentua a sua significação messiânica; cf. Lc 1,32 nota; 1,35 nota.

p. Será que o autor sabe da viagem de Paulo à Arábia (Gl 1,17)?

q. Alguns mss. omitem este possessivo surpreendente; cf. 14,20

o desceram ao longo da muralha dentro de um cesto.

Saulo em Jerusalém. ²⁶Chegado a Jerusalém, Saulo procurava agregar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não conseguindo acreditar que fosse verdadeiramente discípulo. ²⁷Barnabé^r tomou-o então consigo, introduziu-o junto aos apóstolos^s, e lhes contou como, no caminho, ele vira o Senhor, que lhe falara¹, e como, em Damasco, ele se tinha expressado com firmeza^a em nome de Jesus. ²⁸A partir de então, Saulo ia e vinha com eles, em Jerusalém, exprimindo-se com firmeza em nome do Senhor. ²⁹Ele conversava com os helenistas^u e discutia com eles; eles porém procuravam matá-lo. ³⁰Quando os irmãos souberam disso, levaram-no para Cesaréia e, de lá, fizeram-no partir para Tarso^w.

³¹A Igreja^x, em toda a extensão da Judeia, da Galiléia^y e da Samaria, vivia então em paz, ela se edificava e procedia no temor do Senhor, crescendo^z, graças ao apoio do Espírito Santo.

A cura de Enéias em Lida. ³²Ora, aconteceu que Pedro, que se deslocava continuamente^a, foi ter também com os santos que habitavam Lida^b. ³³Ali ele encontrou um homem chamado Enéias, estendido num catre havia já oito anos; era paralítico. ³⁴Pedro lhe disse: "Enéias, Jesus Cristo te cura. Levanta-te, e arru-

ma tu mesmo a tua cama!" E ele se levantou imediatamente. ³⁵Vendo isto, toda a população de Lida e da planície de Saron se voltou para o Senhor.

A ressurreição de Tabita em Jope.

³⁶Havia em Jope uma mulher que era discípula; chamava-se Tabita, o que se traduz Gazela^c. Era rica em boas obras e em esmolas^d. ³⁷Ora, naqueles dias ela caiu doente e morreu. Depois de a terem vestido, velavam-na no quarto de cima. ³⁸Como Lida ficava perto de Jope^e, os discípulos foram informados de que Pedro estava lá e enviaram-lhe dois homens encarregados deste convite: "Vem ter conosco sem demora". ³⁹Pedro partiu imediatamente com eles. Quando chegou, fizeram-no subir ao quarto de cima, e todas as viúvas puseram-se diante dele chorando e mostrando-lhe as túnicas e as vestes que Dorcas fazia quando estava em companhia delas. ⁴⁰Pedro mandou sair todo mundo e, pondo-se de joelhos, orou; depois, voltando-se para o corpo, disse: "Tabita, levanta-te". Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, ergueu-se e se assentou. ⁴¹Ele lhe deu a mão, fê-la levantar-se e, chamando de volta os santos e as viúvas, apresentou-lhes Tabita viva. ⁴²Toda Jope soube disso, e muitos creram no Senhor. ⁴³Pedro permaneceu bastante tempo em Jope, na casa de um certo Simão, que era

Rm 15,19

20,32
10,2

2,47: 16,5

Lc 8,51-54

Mc 5,41

10,5

3,6-7;
Mc 2,11

nota. O episódio da fuga para fora de Damasco é evocado por Paulo em 2Cor 11,33.

r. Cf. 4,36 nota.

s. Os vv. 27-30 acentuam os vínculos de Paulo com os apóstolos e Jerusalém. Comparar com Gl 1,18-24.

t. Ou: e *lhe havia falado*.

u. Cf. 4,13 nota.

v. Helenistas judeus, cuja oposição violenta a Paulo mostra que esse ambiente não era necessariamente acessível à mensagem apostólica (cf. 6,1 nota).

w. Cidade natal de Paulo na Cilícia (22,3) onde ele vai ficar vários anos (cf. 11,25; Gl 1,21).

x. A palavra Igreja — se não admitirmos a variante bastante bem-atestada, *as Igrejas* — designa aqui um conjunto de Igrejas (cf. 5,11 nota). É o único caso nos Atos, além de 20,28, em que a *Igreja de Deus* parece mesmo designar o conjunto das Igrejas.

y. Não se sabe nada, por outras fontes, da fundação de uma Igreja na Galiléia.

z. Esse crescimento tranqüilo da Igreja, apresentado num breve sumário (cf. 2,42 nota), introduz a viagem de Pedro e suas conseqüências (9,32 nota).

a. Ou talvez: *em todos os lugares*.

b. Da viagem de Pedro, o autor só conservou dois milagres (9, 32-42), que lembram, pelo fundo e a forma, certos milagres de Jesus (cf. 3,2 nota). Esses dois relatos de milagre introduzem (cf. 9,43 e 10,5-6) o acontecimento capital de Cesaréia (10,1 nota).

c. Em grego: *Dorkas*, tradução do nome semítico *Tabita* (cf. 1,23; 12,12; 13,1,9).

d. *As esmolas* talvez anunciem as de Cornélio (10,2 nota). Em todo caso a esmola, já apreciada no judaísmo (Th 4,7-11; cf. Mt 6,1-4), é uma forma cristã de *partilha* (cf. 2,44 nota) que é prezada por Lucas (Lc 11,41 nota).

e. Vinte quilômetros mais ou menos.

10 ¹Havia em Cesaréia* um homem chamado Cornélio, centurião da coorte chamada “a Itálica”^h. ²Em sua piedade e temor a Deusⁱ, que toda a sua casa^j compartilhava, ele cumulava de liberalidades o povo judeu^k e invocava a Deus a toda hora. ³Um dia, pelas três horas da tarde^l, ele viu distintamente, em visão^m, um anjo de Deusⁿ entrar em sua casa e interpelá-lo. “Cornélio!” ⁴Cornélio fixou nele os olhos e, tomado de temor, respondeu: “Que há, Senhor?” — “As tuas orações e as tuas liberalidades subiram como memorial^o diante de Deus. ⁵E agora^p, manda homens a Joze para fazer vir de lá um certo Simão, cognominado Pedro. ⁶Ele é hóspede de outro Simão, curtidor,

cuja casa fica a beira-mar". ⁷Mal desaparecera o anjo que acabava de lhe falar. Cornélio chamou dois homens de sua casa bem como um soldado muito piedoso, a seu serviço havia muito tempo⁸. ⁹deu-lhes todas as informações necessárias e os enviou a Jope.

A visão de Pedro em Jope. ⁹No dia seguinte, enquanto, seguindo viagem, eles se aproximavam da cidade, Pedro subira ao terraço da casa para rezar; era cerca de meio-dia'. ¹⁰Mas sentiu fome e quis comer. Estavam lhe preparando uma refeição quando um êxtase^a o surpreendeu. ¹¹Ele contempla o céu aberto: desce de lá um objeto indefinível, uma espécie de pano imenso, vindo pousar sobre a

8,40
23,23,33
27,1; Lc 7,2
10,22,35;
13,16,26,50;
16,14
9,36; Lc 7,5
Lc 2,37;
18,1; Sl 34,2

3,1
18,9

Ex 17,14;
Sr 35,6;
50,16;
Th 12,12-15;
Mc 14,9
Lc 6,14;
Mt 16,18;
Jo 1,42
10,18,23,32

22,6
Jo 4,6-8

7,56: Ez 1,1;
Mt 3,16;
Jo 1,51
11,5; Ez 1

f. A mais extensa narração dos Atos (10,1-11,18) tem por centro (10,44-48) e por ponto culminante (11,18) os primeiros batismos de pagãos. Esta entrada dos pagãos na Vida (11,18), aceita por Pedro (10,48; 11,15-17), é a seguir aprovada pela Igreja de Jerusalém (11,1-18). Localmente, este acontecimento não parece ter tido consequências, ao menos imediatas, mas ele constituía um precedente capital e rico de promessas (15,7 nota; 15,14 nota). Ele é apresentado com insistência como devido à iniciativa do próprio Deus, cujas principais intervenções são em geral contadas duas vezes e recordadas: visões de Cornélio (10,3-8 = 10,30-33; cf. 11,13) e de Pedro (10,9-16 = 11,5-10; cf. 10,28), intervenções menor (10,20; cf. 11,12) ou maior (10,44-46, cf. 11,15) do Espírito. Aliás este desígnio de Deus só é desvendado progressivamente (10,5,17.20.33.45; 11,3) aos interessados, que não obstante o realizam à medida que o decifram através de toda uma série de contatos em Cesaréia (10,1-8), em Jope (10,9-23), em Cesaréia ainda (10,24-48) e, enfim, em Jerusalém (11,1-18).

g. O primeiro episódio do conjunto (9,1-11,18) situa-se em Cesaréia (cf. 8,40 nota): é a visão de Cornélio (10,1-8) que será repetida e lembrada (cf. nota). Note-se a alternância entre o anjo e o Espírito (cf. 8,26 nota; 23,8 nota).

h. Provavelmente a 2ª coorte *itálica*, cujo recrutamento era em princípio feito na Itália.

i. Lit. *piadosos e tementes a Deus*. A *piiedade* (3.12; 10.7; cf. 17.23) é uma palavra e uma noção gregas, que o cristianismo primitivo só assimilaria tardiamente (1 e 2Tm, 11, 2Pd). O *temor de Deus* é uma expressão de origem e conteúdo judaicos: ela supõe a fé no Deus de Israel, implica a fidelidade a todas as exigências da Aliança relativas a Deus e a outrem e conduz à sabedoria que não duvida de que, por vezes a despeito das aparências, o mundo tenha um sentido (Pr 1.7; Sr 1.11-20); não é pois de espantar que em At 9.31 esse *temor de Deus* baste para exprimir toda a fé e a vida da Igreja. *Tementes a Deus* designava não-judeus que se tinham convertido ao judaísmo (13.16,26; cf. 18.7: *adorador de Deus*, sem chegar, como os prosélitos (2.11 nota), à circuncisão. Cornélio e os seus pertenciam a esse meio (10.22,35), que forneceria mais de um convertido ao cristianismo (13.43 nota).

J. Aqui, como em 11.14; 16.15.31; 18.8 (cf. 1Cor 1.16), a *casa* designa a família e os servos, como também ocasionalmente pessoas com relacionamentos de profissão ou de amizade (cf. 10.7.24). Em geral, a *casa* inteira se convertia e recebia o batismo (16.15.31.34; 18.8; 1Cor 1.16).

k. Lit. *ele cumulava de esmolas o povo*. Essas *esmolas* eram sem dúvida doações feitas à comunidade judaica de Cesaréia (cf. o centurião de Lc 7,5); são sobretudo essas doações generosas que atraem a atenção de Deus sobre Cornélio (10,43), cf. 9,36 nota.

1. Lit. *por volta da nona hora do dia.*

m. As visões são frequentes nos Ato: 7.55-56; 9.10.12; 10.17-19; 11.5; 12.9; 16.9.10; 18.9 nota. Mas a palavra nunca é usada para designar as aparições de Jesus aos Doze.

n. O Anjo de Deus (vv. 3.7.22; 11,13) passa a ser um *homem* no v. 30 (cf. Lc 24,4.23); ver 23.8 nota.

o. *Memorial*: como um monumento ou uma festa comemorativa (Js 4,7; Ex 12,14). Poder-se-ia pensar também em um sacrifício (Lv 2,2) ou em uma oração (Pn 12,12) destinados mais especialmente a atrair "a memória" de Deus. O sentido, em todo caso, é claro: as esmolas (10,2 nota) e a oração de Cornélio estão presentes no pensamento de Deus (cf. 10,31).

p. *E agora* marca o começo de uma etapa decisiva que terminará com o batismo (cf. 10.48). O texto não diz nada do que Cornélio espera — salvo centos mss. que acrescentam no fim do v. 6: *Ele te dirá o que deves fazer* (cf. 9.6). As especificações virão em seguida (v. 22 nota). Tudo transcorrer e se realiza através dos contatos da hospitalidade (vv. 6.18.23.32).

q. Lit. *entre os que estavam desde muito tempo a seu serviço*. No Antigo Oriente e na Bíblia, os mensageiros vão *dois a dois* (como testemunhas); aqui, um soldado os acompanha (cf. 10.19; 11.11).

r. Lit. na sexta hora mais ou menos, a hora da refeição (cf. 22,6). Não era uma hora habitual de oração.

s. *Êxtase* é um termo raro no NT. Indica a *sensação de total estranheza* provocada por uma visão (18,9 nota) na qual Deus ou Jesus manifestam, como aqui, a sua vontade (11,5; 22,17; cf. Mc 16,8). O mesmo termo é também um dos que indicam o espanto profundo à vista de um milagre (3,10 nota; Lc 5,26; Mc 5,42).

terra por quatro pontas¹; ¹²e dentro dele, todos os animais quadrúpedes, os que rastejam sobre a terra, os que voam no céu¹. ¹³Uma voz se dirigiu a ele: "Vamos, Pedro! Mata e come!" ¹⁴Pedro respondeu: "Jamais, Senhor! Nunca em minha vida comi nada imundo nem impuro!" ¹⁵E de novo uma voz se dirigiu a ele, pela segunda vez: "Não te atrevas a chamar imundo o que Deus tornou puro!" ¹⁶Isso repetiu-se três vezes, e o objeto foi imediatamente recolhido ao céu.

¹⁷Pedro tentava em vão explicar a si mesmo o que podia significar a visão que acabava de ter, quando precisamente os enviados de Cornélio, perguntando aqui e acolá pela casa de Simão, apresentaram-se no portão de entrada. ¹⁸Eles se puseram a gritar para certificar-se de que Simão cognominado Pedro era mesmo hóspede naquela casa. ¹⁹Pedro estava ainda preocupado com sua visão, mas o Espírito lhe disse: "Aí estão dois homens^a que te procuram. ²⁰Desce logo e põe-te a caminho com eles, sem nenhum escrúpulo: sou eu^b que os envio". ²¹Pedro desceu e foi ter com os homens: "Eis-me aqui, disse-lhes. Eu sou aquele que pro-

curais. Qual é o motivo da vossa visita?" ²²Eles responderam: "É o centurião Cornélio, um homem justo, que teme a Deus e cuja reputação é boa entre toda a população dos judeus. Um anjo santo lhe revelou que devia chamar-te à sua casa para te ouvir expor os acontecimentos". ²³Então Pedro os fez entrar, e lhes ofereceu hospedagem.

Logo no dia seguinte, partiu com eles, acompanhado por alguns irmãos de Jope^a. ²⁴No outro dia, ele chegou a Cesaréia. Cornélio, por seu lado, que os esperava, convocara os seus parentes e amigos íntimos. ²⁵No momento em que Pedro chegou, Cornélio veio ao seu encontro e caiu-lhe aos pés para lhe prestar homenagem^b. ²⁶Mas Pedro lhe disse: "Levanta-te!" e o ajudou a se levantar. "Também eu sou apenas um homem." ²⁷E, conversando com ele, Pedro entrou. Deitando então com um auditório numeroso, ²⁸declarou: "Como bem sabeis, é um crime para um judeu o fato de ter relações assíduas, ou mesmo algum contato com um estrangeiro. A mim, porém, Deus acaba de fazer compreender que não se devia declarar imundo ou impuro nenhum homem^c. ²⁹Eis por que, sem re-

1. O texto e a interpretação deste v., a partir de *desce*, são particularmente incertos. Pedro parece ver uma vasta tenda (o santuário celeste?), cujo cimo permanece no céu, enquanto a base alcança a terra em quatro pontos. Na principal variante do texto, o pano aparece antes como suspenso no ar pelos quatro cantos, sem que nada obrigue, aliás, a ver, nesse pano, uma toalha. Alguns traços desta visão evocam a de Ez 1: o céu aberto, o número quatro (os pontos cordeais), a presença de animais (cf. nota seguinte), a voz (de Deus).

u. Esta enumeração, bem como a sua repetição aproximativa em 11,6, lembra as de Gn 1,21.24 (cf. 6,7; 7,14). As duas listas, não obstante as suas lacunas, têm em vista todos os animais criados por Deus (cf. v. 14 nota, 15 nota).

v. Pedro não compreendeu o alcance da ordem que acabava de lhe ser dada pela voz (cf. nota seguinte): como bom judeu, ele permanece fiel às prescrições de Lv 11 que, distinguindo entre animais puros e animais impuros, proibiam estes últimos, considerados como fonte de uma grave contaminação ritual.

w. Lit. *purificou*. A voz do v. 13 falava portanto em nome de Deus, e a sua ordem: *Mata e come* implicava que doravante a distinção entre animais puros e impuros estava ultrapassada (cf. 15,20 nota). O alcance derradeiro desta revelação, sugerida no v. 20, somente se definirá nos vv. 28.34 (notas).

x. Variantes: *homens* ou *três homens* (cf. v. 7).

y. O *Espírito* fala certamente em nome de Deus. Ele sugere a

Pedro que não deveria renovar, para com esses homens, os "escrúpulos" que manifestara perante os animais (v. 14). É uma resposta às perguntas infrutuosas que Pedro se punha acerca do sentido de sua visão (vv. 17.19). Ele compreendeu esta resposta, visto que, embora judeu, hospedará esses incircuncisos, que não deveria frequentar (cf. v. 28 nota). A visão de Pedro concerne portanto finalmente aos homens.

z. O termo assim traduzido (cf. 10,37.44; 11,14.16 etc.) significa *ora acontecimento*, *ora palavra*, ora ambos simultaneamente, isto é, como frequentemente nos Atos, um acontecimento — uma intervenção de Deus na história — iluminado pela Palavra. O v. 5 não dizia o que Cornélio devia esperar (10,24) de Pedro: aqui o objeto da espera é enunciado misteriosamente (cf. v. 33). Ele só se revelará nos vv. 37.44.

a. Esses irmãos serão, com Pedro, testemunhas do dom do Espírito aos pagãos (10,45; 11,12).

b. Var. ocidental: *Quando Pedro se aproximou de Cesaréia, um dos servos correu na frente para anunciar a sua chegada. Cornélio, precipitando-se para fora, veio ao seu encontro...*

c. Pedro exprime aqui o sentido profundo da sua visão: os incircuncisos não devem mais ser considerados como *impuros*. Anulando a distinção entre animais puros e impuros, Deus anulou ao mesmo tempo a possibilidade de mancha contagiosa (cf. Lv 11), que os pagãos contrariam consumindo animais *impuros*. Assim desaparecia o principal obstáculo que impedia os judeus

15,9; Gn 9,3;
Mt 15,11;
Rm 14,14;
1Tm 4,4;
Ef 2,19
Gn 41,32

12,13

10,21;
9,10.12

11,12; 15,9

Lc 1,6;
2,25; 23,50

Hb 7,1.10

14,15;
Lc 4,8;
Mt 8,2; 9,18
14,14; 12,22;
Ap 19,10;
22,9

10,14; 11,9;
15,9;
Gl 2,12-16

- 10,20; 11,12 ticência alguma, eu vim quando me mandaste chamar. Mas agora eu gostaria de saber por que motivo me fizestes vir".
 30E Cornélio respondeu: "Faz exatamente três dias neste momento, às três horas da tarde, eu estava orando em casa. De repente, um personagem de vestes esplêndidas se apresentou diante de mim 31e me declarou: 'A tua oração foi atendida, Cornélio, e a memória de tuas liberalidades está presente diante de Deus. 32Por isso envia alguém a Joze para convidar Simão, cognominado Pedro, a vir aqui. Ele é hóspede da casa de Simão, o curtidor, à beira-mar'. 33Assim, imediatamente eu te mandei chamar e tu tiveste a gentileza de vir ter conosco. Agora estamos todos aqui diante de ti 34para escutar tudo o que o Senhor te encarregou de nos dizer".
- Lc 24,4
 Lc 1,13
 Fl 4,14
 Jo 6,68

O discurso de Pedro na casa de Cornélio. 34Então Pedro tomou a palavra e disse: "Na verdade, eu me dou conta de que Deus é imparcial" 35e de que, em toda

8,35; 18,14
 Dt 10,17;
 Gl 2,6;
 Rm 2,11;
 Ef 6,9;
 Cl 3,25;
 1Pd 1,17

de frequentarem os pagãos (cf. v. 20 nota) e particularmente de comer com eles (11,3). Para Deus o que conta é só o valor moral e religioso dos homens (10,35 nota).

d. Variante: *em face de Deus*, fórmula freqüente, retomada talvez do v. 31.

e. Lit. *abriu a boca*; cf. 8,35 nota.

f. Lit. *Deus não faz aceção de pessoas* (Lc 20,21); ele não leva em conta a nação à qual alguém pertença, a situação social etc. (cf. nota seguinte).

g. Lit. *lhe é agradável*. Portanto não são a pureza ou impureza rituais que tornam o homem agradável a Deus como um sacrifício (Fl 4,18; 1Pd 2,5), mas sim o *temor de Deus* (cf. v. 2 nota) e a *justiça* (isto é, a qualidade de sua vida religiosa e moral) e, mais profundamente ainda, a fé em Jesus, que *purifica os corações* dos judeus e dos pagãos (15,9) — cf. Rm 14,18 e seu contexto, onde se trata de alimentos puros e impuros. O sentido da visão está agora plenamente revelado.

h. A afirmação capital dos vv. 34-35 introduz um novo exemplo de pregação apostólica (2,14 nota). Após uma declaração sobre o sentido da vinda de Jesus (v. 36), as etapas do seu ministério são brevemente evocadas segundo o plano dos evangelhos sinóticos (vv. 37-39a) até a sua consumação: a morte, a Ressurreição e as aparições, a missão confiada aos apóstolos (vv. 39b-42); no fim, um apelo implícito à fé, confirmado pelo testemunho dos profetas (v. 43). A linguagem dos vv. 36-39, particularmente difícil e complicada, reflete-se na tradução.

i. A mensagem de salvação pela qual Deus anuncia a paz entre si e os homens (Is 52,7; Sl 107,20; 147,18).

j. Se a mensagem foi dirigida primeiro a Israel (13,46 nota),

nação, quem quer que o tema e pratique a justiça é acolhido por ele". 36A sua mensagem, ele a enviou aos israelitas: a boa nova da paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos os homens!.

37Vós o sabeis. O acontecimento! propalou-se em toda a Judéia; ele começou pela Galiléia, após o batismo proclamado por João; 38esse Jesus, oriundo de Nazaré, sabeis como Deus *lhe conferiu a unção do Espírito Santo* e do poder; ele passou por toda parte como benfeitor, curava todos os que o diabo mantinha escravizados, pois Deus estava com ele.

39E nós somos testemunhas de toda a sua obra no território dos judeus, como em Jerusalém. Ele, que os judeus suprimiram suspendendo-o no madeiro, 40Deus o ressuscitou ao terceiro dia e *lhe concedeu* manifestar a sua presença, 41não ao povo em geral, mas a testemunhas designadas de antemão por Deus, nós que comemos com ele e bebemos com ele após a sua Ressurreição dentre os mortos. 42Por fim, ele nos prescreveu que

13,26;
 Sl 107,20;
 147,18;
 Is 52,7;
 Rm 10,15
 Rm 10,12

Lc 4,14;
 23,5;
 1,22; 13,24;
 Lc 24,47

4,27

Lc 2,33,38;
 Lc 7,22-23;
 Is 29,18;
 35,5;
 Lc 4,35-36;
 9,6; 13,16
 Jo 3,2

5,30;
 Gl 3,13;
 Dt 21,23
 1,3,21-22

1,22; 22,14
 1,4;
 Lc 24,30,42;
 Mc 16,14;
 Jo 21,12;
 3,15; 4,10;
 13,29-30
 17,31

ela o é agora a todos os homens sem exceção, visto ser Jesus o Senhor (2,36 nota) de todos.

k. No texto grego, esta afirmação tem por objeto, ao mesmo tempo, o que precede e o que segue: os ouvintes são portanto considerados como gente que não somente conhece os acontecimentos que vão ser evocados, mas ainda e sobretudo admitem o significado desses acontecimentos, como se deprende do v. 36 e do conjunto do discurso. Num certo sentido, desde o começo eles são gente de fé; é a este título (cf. 11,17) que vão receber o Espírito (v. 44; cf. 11,15).

l. Cf. v. 22 nota.

m. Cf. Lc 4,18-21 (citando Is 61,1) que sugere que a descida do Espírito sobre Jesus por ocasião do seu batismo (Lc 3,21-22) era uma *unção*; este mesmo espírito vai *cair* sobre os incircuncisos que crêem e escutam a Pedro (v. 44). Cf. 1,8 nota.

n. Lit. *fazendo o bem*. O título de *benfeitor* era facilmente dado aos soberanos helenísticos (cf. Lc 22,25).

o. Cf. 1,22 nota; 1,8 nota.

p. *Eles* designa provavelmente os *judeus*, mas sem insistência (cf. 2,23; 3,13-15; 13,28).

q. Essa especificação cronológica ocasionalmente mencionada na pregação apostólica (cf. 1Cor 15,4 no contexto indicado por 1Cor 15,1), só aparece aqui nos Atos (cf. Lc 9,22; 13,32; 18,33; 24,46).

r. Assim separado do grupo das testemunhas privilegiadas, o povo judeu não tem, em certo sentido, mais que uma só prerrogativa: ser o primeiro destinatário de uma mensagem (vv. 36,42) que neste momento Pedro anuncia também às nações pagãs; cf. 43 nota.

s. O texto ocidental continua: *e que vivemos em sua intimidade durante quarenta dias*.

13,46 proclamássemos ao povo e désssemos este testemunho: foi a ele que Deus designou como juiz dos vivos e dos mortos¹.⁴³ ^{2,36; 7,27; 17,31} dele que todos os profetas dão este testemunho⁴⁴: o perdão dos pecados é concedido por seu Nome a todo aquele que nele deposita a sua fé⁴⁵.
^{4,10-12; 1,24; 13,39; 15,9-11; Rm 10,9-13}

A vinda do Espírito sobre os pagãos.

^{11,15; 8,16; 19,5-6} ⁴⁶Pedro ainda estava expondo esses acontecimentos, quando o Espírito Santo caiu sobre todos os que tinham escutado a palavra⁴⁷. ⁴⁸Foi uma estupefação entre os crentes circuncisos que acompanharam Pedro: o dom do Espírito Santo era agora derramado até sobre as nações pagãs!
^{2,17-21,33; Rm 5,5; Tt 3,6; 2,11; 19,6} ⁴⁹De fato, ouviam essas pessoas falar em línguas e celebrar a grandeza de Deus⁵⁰. Pedro retomou então a palavra: ⁴⁷"Poderia alguém impedir de batizar com água⁵¹ estas pessoas que, tanto quanto nós, receberam o Espírito Santo?" ⁴⁸Deu ordem de os batizar⁵² em nome de Jesus Cristo, e eles então lhe pediram que ficasse mais alguns dias⁵³.
^{9,19; 14,28; 16,15; 21,4; 28,14}

11 O relato de Pedro em Jerusalém.

¹Os apóstolos e os irmãos estabe-

lecidos na Judéia tinham ouvido dizer que as nações pagãs acabavam, por sua vez, de receber a palavra de Deus.
^{8,14; 15,7; 17,11; 1Ts 1,6; 2,13} ²Quando Pedro subiu de volta para Jerusalém, os circuncisos tiveram discussões com ele⁵⁴. ³Tu entraste, diziam eles, na casa de incircuncisos notórios⁵⁵, e comeste com eles⁵⁶! ⁴Então Pedro narrou o caso desde o princípio, e lho expôs ponto por ponto:

⁵"Como eu me achasse na cidade de Jope, a orar, vi em êxtase esta visão: do céu descia um objeto indefinível, uma espécie de pano imenso que, por quatro pontos, vinha pousar do céu, e chegou até mim. ⁶Com o olhar fixo nele, eu o examinava, e vi os quadrúpedes da terra, os animais selvagens, os que rastejam, e os que voam no céu⁵⁷. ⁷Depois, ouvi uma voz dizer-me: 'Vamos, Pedro! Mata e come!' ⁸Então eu disse: 'Jamais, Senhor. Nunca em minha vida, nada de imundo ou de impuro entrou na minha boca'. ⁹Uma segunda vez a voz se fez ouvir do céu: 'O que Deus tornou puro, tu não o declares imundo!' ¹⁰Isso recomçou três vezes, depois tudo aquilo foi de novo içado para o céu. ¹¹E eis que no

1. Nos Atos, o ofício de juiz só é atribuído diretamente (cf. 7,25 nota) a Jesus aqui e em 17,31 (cf. 2Tm 4,1; 1Pd 4,5; cf. Mt 25,31-46); para a fé judaica, ele era uma prerrogativa divina (Rm 2,16; 3,6; 1Pd 1,17 etc.). Esse julgamento *dos vivos e dos mortos* se exercerá certamente por ocasião da vinda final (1,11) de Jesus (ver por ex. *os mortos e os vivos* de 1Ts 4,13-18); mas nada permite excluir que, para o autor, ele seja também uma realidade atual, como para 2Ts 1,5; 1Pd 4,17; Jo etc.

u. Única vez em que se recorre explicitamente, neste discurso, a um aspecto fundamental da pregação apostólica: o cumprimento das profecias (3,18 nota). O autor pensa em textos proféticos relativos à fé e ao perdão dos pecados (como p. ex. os citados por Rm 1,17; 9,33; 10,13 etc.).

v. Esta afirmação completa a que encabeçava o discurso (v. 35 nota) e anuncia a que concluirá (11,18) todo o "círculo" de Cornélio. Em Jesus morto e ressuscitado, Senhor de todos, a salvação é doravante oferecida a *toda aquele* que crer, judeu ou pagão (cf. 11,17); somente a fé purifica verdadeiramente os corações de todos (15,9 nota).

w. Derramando o Espírito, quando Pedro ainda não tinha acabado de falar — ou apenas começado (11,15) a fazê-lo —, Deus (e o Senhor Jesus; 2,33) continua a manifestar que guarda a iniciativa (cf. v. 1 nota) nessa questão capital, em que, não obstante, a Palavra apostólica desempenha um papel indispensável.

x. Esta frase lembra o relato de Pentecostes (2,4,11,17); agora, é "o Pentecostes das nações" pagãs (cf. 11,15; 19,2 nota).

y. Lit.: *impedir a água para que não sejam batizados*. Aqui, o dom do Espírito precede o batismo e não está em relação com uma imposição das mãos (6,6 nota): com ou sem tal gesto, este dom vem de Deus.

z. Aqui, como em outros casos (19,5?; 1Cor 1,14,17), não são os próprios apóstolos que batizam (cf. 8,12,36).

a. A comunidade de vida e, sem dúvida, de mesa, que a hospitalidade implica consagra a existência da nova Igreja de Cesária.

b. Var. ocidental: *Pedro, no fim de um tempo bastante longo, decidiu pôr-se a caminho para Jerusalém. Ele se dirigiu aos irmãos para os confirmar, (depois partiu) fazendo, pelas zonas rurais, freqüentes discursos e instruindo. Quando chegou entre eles, anunciou-lhes a graça concedida por Deus. Mas os irmãos circuncisos discutiam com ele*.

c. Lit. *homens que ainda têm o seu prepúcio*.

d. Os *crentes circuncisos* de Jerusalém ainda não parecem atribuir à incircuncisão dos pagãos convertidos a importância que tomará daí para a frente (15,1 nota). As censuras que eles fazem a Pedro referem-se sobretudo à comensalidade com os pagãos, fonte mais grave de impureza ritual para judeus (10,28 nota): tratava-se, de fato, de uma dificuldade candente para uma comunidade cristã, cujo culto tinha como centro uma Eucaristia celebrada, ao menos habitualmente, no decurso de uma refeição (20,7 nota).

e. Cf. 10,12 nota.

10.17 mesmo instante três homens se apresentaram na casa em que estávamos^f; eram enviados a mim de Cesaréia. ¹²O

10.19 Espírito me disse que fosse com eles e em nenhum escrúpulo^g. Os seis irmãos

10.23,45 que estão aqui me acompanharam.

10.20; 15.9 Entramos^h na casa do homem em questão. ¹³Ele nos contou como havia visto o

10. anjo se apresentar em sua casa e lhe dizer: 'Envia alguém a Jope para fazer vir

3.22-30-33 Simão, cognominado Pedro. ¹⁴Ele exporá diante de ti os acontecimentos que vão

10.22 trazer a salvação para ti e para toda a tua casaⁱ. ¹⁵Apenas eu tomara a palavra, o

10.34,44 Espírito Santo caiu sobre eles^j como fizera sobre nós no início. ¹⁶Eu me lembrei então desta declaração do Senhor:

2.1-4 'João, dizia ele, deu o batismo de água, mas vós recebereis o batismo no Espírito Santo'. ¹⁷Se Deus concedeu a essas pessoas o mesmo dom gracioso que a nós,

Lc 22.61; 24.6; Jo 14.26; 1.5; Lc 3.16 por termos crido no Senhor Jesus Cristo^k, quem era eu para impedir a Deus de agir^l?" ¹⁸A essas palavras, os ouvintes recobram a calma e deram glória a Deus: "Eis que Deus concedeu também às nações pagãs a conversão que conduz à Vida^m!"

21.14; Rm 15.7-13

2.38; 3.15; 5.20; 13.46; 14.27

f. Variante: *onde eu estava*.

g. Ou talvez: *sem fazer diferença*. A expressão lembra a de 10.20 e anuncia a afirmação de 15.9.

h. O plural sublinha que Pedro não estava só (cf. 10.23 nota).

i. A solidariedade de Cornélio com a sua casa (10.2 nota) corresponde à de Pedro com os irmãos de Jope (v. 12 nota); cf. 16.15.31s.; 18.8.

j. Cf. 10.46 nota.

k. Cf. 10.43 nota.

l. Lit. *impedir Deus* (cf. 10.47 nota).

m. Lit. *a conversão para a* (ou: *rumo à*) *Vida*. Assim se conclui — ou se inicia — a história de Cornélio (10.1 nota); para os judeus, como para os pagãos, a Vida e a conversão que a ela conduz são um dom de Deus — Pedro dirá mais adiante: *uma graça do Senhor Jesus* (15.11).

n. Tendo o Evangelho alcançado a Samaria (8.5 notas), e, graças à intervenção de Deus, os primeiros pagãos (10.1 nota), o autor volta (vv. 19-30) aos *dispersos* de Jerusalém: alguns, por própria iniciativa, vão anunciar Jesus Senhor aos pagãos de Antioquia, capital da Síria; este acontecimento decisivo traz toda uma série de intercâmbios entre esta cidade e Jerusalém, e sobretudo a entrada em cena de Paulo, "desaparecido" havia muito tempo (9.30). A despeito da sua má reputação, esta grande cidade pagã de Antioquia seria doravante um centro missionário muito importante (13.1-3; 14.26-28; 15.35-36; 18.22).

o. São provavelmente helenistas (6.1 notas). Um dos Sete era

A fundação da Igreja de Antioquiaⁿ.

¹⁹Entretanto, aqueles que a tormenta ^{8.1.4} sobrevinda por causa de Estêvão dispersara foram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, sem anunciar a Palavra a ninguém, a não ser aos judeus. ²⁰No entanto, alguns deles, originários de Chipre e de Cirene, depois de chegarem a Antioquia, dirigiam também aos gregos^o a Boa Nova de Jesus Senhor. ²¹O Senhor os assistia^p de tal modo que foi grande o número dos que se voltaram para o Senhor, abraçando a fé. ²²O rumor deste acontecimento chegou aos ouvidos da Igreja que estava em Jerusalém, e delegaram^q Barnabé para Antioquia. ²³Quando ele viu lá mesmo a graça de Deus em ação, encheu-se de alegria e insistia com todos para que permanecessem do fundo do coração apegados ao Senhor. ²⁴Era, com efeito, um homem reto, cheio do Espírito Santo e de fé^r. Uma multidão considerável aderiu assim ao Senhor. ²⁵Barnabé partiu então para Tarso, a fim de buscar Saulo^s. ²⁶Encontrou-o lá e o trouxe para Antioquia. Eles passaram um ano inteiro trabalhando juntos nesta Igreja^t e instruindo uma multidão consi-

de Antioquia (6.5); de Chipre eram igualmente originários Barnabé (4.36) e Mnason (21.16); e, de Cirene, Lúcio (13.1).

p. O Senhor, que provocou diretamente a conversão de Cornélio e dos seus, não pode senão apoiar a iniciativa dos missionários de Antioquia.

q. A conversão dos pagãos atrai a atenção da Igreja de Jerusalém (cf. 11.1), que nessa ocasião manifesta mais uma vez a sua preocupação por travar e manter relações com as outras Igrejas. Acima, os apóstolos em pessoa garantiam tais ligações (8.14; 9.32); aqui, por razões que não são apontadas (língua? distância? cidade pagã?), a primeira Igreja só envia um delegado. O próprio Pedro, no entanto, foi a Antioquia em ocasião indeterminada (Gl 2.11s.).

r. É pois o Espírito Santo que, por intermédio de Barnabé, apóia eficazmente a pregação do Evangelho aos pagãos.

s. Que o relato deixara em Tarso, em 9.30. Segundo Gl 1.18; 2.1, esse "desaparecimento" de Paulo poderia ter durado cerca de dez anos. A diligência de Barnabé vai permitir a Paulo começar a desempenhar a sua missão de enviado aos pagãos (9.15) — com efeito, se Paulo entretimentos se tivesse dirigido aos pagãos, os Atos o teriam indicado.

t. É aqui que, pela primeira vez, *Igreja* (5.11 nota) designa uma comunidade exterior à Palestina e composta de circuncisos e incircuncisos (o termo não aparecia na história de Cornélio); isso é provavelmente intencional (cf. nota seguinte). Este será doravante o emprego mais freqüente do termo.

derável. E foi em Antioquia que pela primeira vez os discípulos foram designados com o nome de "cristãos".

Um gesto de ajuda mútua. ²⁷Naqueles dias, profetas desceram de Jerusalém a Antioquia. ²⁸Um deles, chamado Ágabo, fez então saber, iluminado pelo Espírito, que uma grande fome ia reinar no mundo inteiro — isto aconteceu, de fato, sob Cláudio. ²⁹Os discípulos resolveram então enviar, segundo os recursos de cada um, uma contribuição em ajuda aos irmãos que habitavam a Judeia. ³⁰Foi o que se fez. A remessa, dirigida aos anciãos, foi confiada às mãos de Barnabé e de Saulo.

12 Execução de Tiago, prisão e libertação de Pedro. ¹Naquela época, o rei Herodes empreendeu maltra-

tar alguns membros da Igreja. ²Eliminou à espada Tiago, irmão de João. ³E quando se deu conta da satisfação dos judeus, mandou proceder a uma nova detenção, a de Pedro — era nos dias dos Pães sem fermento. ⁴Depois de o mandar deter, ele o pôs na prisão, e o confiou à guarda de quatro pelotões de quatro soldados; tencionava fazê-lo comparecer perante o povo após a festa da Páscoa. ⁵Pedro estava pois na prisão, mas a oração ardente da Igreja subia sem cessar para Deus em sua intenção.

⁶Herodes ia fazê-lo comparecer. Nessa noite, Pedro dormia entre dois soldados, preso com duas correntes, e havia sentinelas diante da porta. ⁷Mas, de repente, o anjo do Senhor surgiu e o local ficou inundado de luz. O anjo despertou Pedro batendo-lhe no lado: "Levanta-te depressa!", disse. As correntes se desprende-

1.13:
Mc 10,35-40

Lc 22,1

26,7;
Lc 22,44;
Tg 5,16
Jr 4,9

5,18-24;
16,25

6,15; 9,3;
22,6; 26,13;
Lc 2,9

u. Mais um novo termo para designar aqueles que o autor chamou e ainda chamou de: *os irmãos* (1.15 nota), *os crentes* (2.44 nota), *os discípulos* (6.1 nota), *o Caminho* (9.2 nota), *os santos* (9.13 nota) etc. *Cristão* traduz o grego *khristianós*, que é formado a partir de *khristós* (= Cristo). Ao passo que todas as outras denominações, ou quase todas (cf. 24.5 nota), provêm dos próprios interessados, é nos meios não-cristãos que parece situar-se a criação da palavra *cristão*, isto é, *partidário, adepto de Cristo*. O seu surgimento manifesta que a Igreja de Antioquia é percebida pela opinião pública não mais como seita judaica (cf. 24.5), mas como novo grupo religioso consciente de pertencer a Cristo (cf. 26.28; 1Pd 4,16).

v. Provavelmente por iniciativa própria. Havia, portanto, na Igreja de Jerusalém, *profetas* (cf. 15.32; 21.10), assim como posteriormente em Antioquia (13.1), em Éfeso (19.6) e em Cesaréia (21.9) igualmente cristãos *profetizarão*. Esta *profecia* cristã é inspirada pelo Espírito Santo (v. 28; 13.1-27; 19.6; 21.11); ela parece portanto ser apresentada como cumprimento da profecia citada em 2.18, onde o autor acrescentou ao texto de Joel: *e eles serão profetas*. Como os do AT, os profetas cristãos anunciam ocasionalmente o futuro (v. 28; 21.10-14), mas em função do presente, ao qual infundem ânimo e apoio (15.32; cf. 1Cor 14.1 nota).

w. Variante ocidental: *Havia uma grande alegria. Quando nós estávamos reunidos, um desses profetas, chamado Ágabo, falou para dar a conhecer... O nós que aparece nesta variante deve ser comparado aos nós característicos de algumas passagens da segunda metade do livro (16.10 nota).*

Lit. em ou pelo de Espírito (cf. v. 27 nota).

y. Houve, de fato, uma fome crônica entre 46-48 em diversos pontos do Império.

z. As providências que vão de Jerusalém para Antioquia (vv. 22.27), responde agora esta colaboração (uma coleta, provavelmente), este gesto de partilha que vai de Antioquia para Jerusalém. Assim se amplia a *comunhão* característica da primeira comunidade (2.44 nota).

a. Por que não aos apóstolos? O autor não o diz. Esse grupo de *anciãos* na Igreja de Jerusalém é mencionado aqui pela primeira vez; com os apóstolos e depois deles, ele desempenhará um papel marcante por ocasião da Assembleia de Jerusalém (15.2.4.6 etc.; 16.4) e tornará a ser encontrado sozinho, ao lado de Tiago em 21.18. Fora de Jerusalém, grupos análogos somente são assinalados nas Igrejas de Listra, Iconio, Antioquia da Pisídia (14.23) e Éfeso (20.17); mas isto não quer dizer que não existissem com certeza em outras Igrejas. O silêncio dos Atos só dá ensejo a hipóteses a respeito da origem desta instituição. Ela corresponde muito provavelmente aos conselhos de anciãos que estavam à frente das comunidades judaicas; em Jerusalém, esses *anciãos* judeus são citados após os sumos sacerdotes (4.23, cf. v. 5.8; 23.14; 25.15), um pouco como os *anciãos* cristãos depois dos apóstolos. Sobre a designação dos anciãos: 14.23 nota; sobre a sua função: 20.18 nota.

b. Segunda vinda de Paulo a Jerusalém (cf. 9.26-30); mas será que ela se deve identificar com a segunda viagem a Jerusalém de Gl 2.1 (cf. Gl 1.18)? Ver 12.25 nota; 15.3 nota.

c. A perseguição atinge de novo os apóstolos (cf. 8.1 nota) em Jerusalém (vv. 1 a 19): morte de Tiago, nova prisão e libertação milagrosa de Pedro (cf. 4.1; 5.18-19) que, depois disso, desaparece (12.17 nota). O perseguidor, Herodes, morre em Cesaréia (vv. 20 a 23; cf. nota seguinte). Paulo e Barnabé voltam para Antioquia (vv. 24-25) de onde vão partir em missão (13.1 nota).

d. *Herodes Agripa I*, sobrinho de Herodes Antipas (Lc 23.8-12), tinha-se tornado rei da Judeia e da Samaria em 41, após diversas intrigas em Roma. A sua política foi favorável ao judaísmo de tipo farisaico (cf. vv. 3.11). Sobre a sua morte: v. 22 nota.

e. Esses sete dias começavam com a celebração da Páscoa (cf. v. 4). Pedro foi portanto preso mais ou menos na época do ano em que Jesus o fora (Lc 22.41).

f. Cf. 23.8 nota. Este anjo intervirá de novo no v. 23 para *ferir* Herodes (mesmo verbo que *bater* aqui no v. 7b).

ram das mãos de Pedro. ¹⁰E o anjo acrescentou: "Põe o teu cinto e ata as tuas sandálias!" Pedro o fez. O anjo acrescentou: "Veste teu manto e segue-me!" ¹¹Pedro saiu atrás dele; não se dava conta de que a intervenção do anjo era real, mas

10,3; 18,9

pensava estar tendo uma visão. ¹²Transpuseram assim um primeiro posto de guarda, depois um segundo, e chegaram à porta de ferro que dava para a cidade: ela se abriu por si mesma diante deles^a. Tendo saído, foram até o fim da rua e de repente o anjo deixou Pedro, ¹³que, então, entrou em si: "Agora, disse ele consigo, compreendo: foi realmente o Senhor que enviou o seu anjo e me fez escapar das mãos de Herodes e de toda a expectativa do povo dos judeus". ¹⁴Ele se orientou e dirigiu-se para a casa de Maria, mãe de João, chamado Marcos^b; estava lá uma assaz numerosa assembléia a orar.

5,19; 16,26

10,17

¹⁵Quando ele bateu no batente do portão, uma jovem criada, chamada Rode, veio atender. ¹⁶Ela reconheceu a voz de Pedro e, por isso, em sua alegria, não abriu o portão, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava ali, diante do portão. ¹⁷"Estás doida", lhe disseram. Mas ela não desistia. "Então é o seu anjo", disseram eles. ¹⁸Pedro, entretanto, continuava a bater. Afinal, abriram: era ele.

Lc 24,41

Ficaram pasmos. ¹⁹Ele lhes fez sinal com a mão que se calassem, contou como o Senhor o fizera sair da prisão, e concluiu: "Ide anunciar¹ isso a Tiago e aos irmãos". Depois ele se retirou e pôs-se a caminho para outro destino^a.

13,16; 21,40
15,13;
21,18;
1Cor 15,7

¹⁸Ao despontar do dia, houve agitação entre os soldados: que fim levará Pedro?

5,21-23

¹⁹Herodes o mandou procurar sem conseguir achá-lo. Por isso, mandou proceder ao interrogatório dos guardas e deu ordem de levá-los. Depois desceu da Judéia para Cesaréia, onde passou algum tempo.

16,27; 27,42

A morte do rei Herodes. ²⁰Herodes tinha um litígio irritante com os habitantes de Tiro e Sídon. Estes concordaram em se apresentar diante dele. Com o apoio de Blasto, camareiro do rei, a quem tinham aliciado, solicitaram uma solução amigável — pois o abastecimento do território deles provinha do território do rei^m. ²¹No dia combinado, Herodes, revestido de suas vestimentas régias, tomara lugar na tribuna e pronunciava o discurso oficial. ²²enquanto o povo o aclamava: "É a voz de um deus e não de um homem!" ²³Mas de repente, o anjo do Senhor feriu Herodes, por não ter prestado glória a Deus e, devorado pelos vermes, ele expirou.

14,15; 28,6;
2Mc 9,12
2Sm 24,16;
2Rs 19,35;
2Mc 9,5-9

g. Em 5,19, a porta abriu-se por intervenção do anjo; em 16,26, em consequência de um abalo sísmico.

h. Para indicar quem é essa *Maria*, o autor dá o nome do filho dela que os seus leitores podem conhecer (mesmo modo de agir em Mc 15,21.40). De fato, João Marcos, que aparece aqui pela primeira vez, foi missionário com Paulo e Barnabé (por pouco tempo: 12,25; 13,13), depois com Barnabé (15,37-39). Este primo de Barnabé encontrar-se-á mais tarde ao lado de Paulo (Cl 4,10; Fm 24) e de Pedro (1Pd 5,13). O estilo muito vivo dessa narração em que Mc aparece nos Atos lembra o tom característico do evangelho que lhe é atribuído.

i. Isto é, de certo modo, seu duplo espiritual (cf. Mt 18,10; Hb 1,14; Tb 5,4).

j. De certa forma como as mulheres tinham *anunciado* o túmulo vazio aos Onze (Lc 24,9), o que contrabalança a evocação inicial da Paixão (v. 3 nota).

k. Ou: *um outro destino*, o que poderia, em última análise, ser uma alusão ao martírio de Pedro. Em todo caso, Pedro não reaparecerá mais nos Atos (mas cf. Gl 2,7; 1Cor 9,5; 1Pd) a não ser em 15,7-11, para tirar as consequências definitivas do batismo de Cornélio. O livro, doravante orientado para o anúncio do Evangelho aos pagãos, quase só falará de Paulo (cf. Gl 2,9-10).

l. Para os executar.

m. A tensão entre as cidades livres da costa e a hinterlândia, produtora do trigo de que elas necessitam, é conhecida desde o AT (1Rs 9,11; Ez 27,17). Esse breve trecho de história política e econômica é uma introdução ao relato da morte de Herodes.

n. *No dia marcado* para celebrar o feliz êxito das negociações. A solenidade da cerimônia faz pensar num dia de festa. Talvez se trate da festa que, de quatro em quatro anos, celebrava o aniversário da fundação de Cesaréia por Herodes Magno: com efeito, o historiador judeu, Josefo, faz coincidir com essa festa a morte de Herodes (v. 22 nota).

o. Esta aclamação é mais do que uma simples adulação em um mundo pagão que divinizava facilmente os seus soberanos; ela evoca a aclamação que atribuirá a Nero uma voz sagrada. Para os Atos, ela é sem dúvida uma blasfêmia.

Josefo conta assim a morte de Herodes: "Ele entrou no teatro à aurora, vestido com uma túnica toda de prata e de admirável tecido... Então ele foi acometido de dores de intestino e morreu três dias depois", isto é, três dias após a festa do aniversário de Cesaréia (v. 21 nota), em abril de 44. O fundo teológico da narração dos Atos é bastante análogo ao da narração da morte de Antíoco Epifanes (2Mc 9,1-28).

24A palavra de Deus, entretanto, crescia e se multiplicava. 25Quanto a Barnabé e Saulo, retiraram-se depois de se terem desincumbido do seu serviço^p em favor de Jerusalém^q; levavam consigo João, chamado Marcos.

13 O envio de Barnabé e de Saulo em missão^r.

11,19,26 Havia em Antioquia, na Igreja local, profetas e homens encarregados do ensino^s: Barnabé, Simeão, chamado Níger, e Lúcio de Cirene, Manáem, companheiro de infância do tetrarca Herodes, e Saulo^t. 2Um dia em que eles celebravam o culto^u do Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: "Reservai-me Barnabé e Saulo, em vista da obra^v para a qual eu os destino". 3Então, depois de terem jejuado e rezado e lhes terem imposto as mãos^w, despediram-nos.

Em Chipre, Sérgio Paulo e o mágico Elimas.

4Vendo-se assim enviados em missão pelo Espírito Santo, Barnabé e Saulo desceram à Selêucia, de onde navegaram para Chipre. 5Chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus

nas sinagogas^x dos judeus. Estava também com eles João, que lhes servia de assistente. 6Depois de atravessarem toda a ilha até Pafos, encontraram lá um mágico, pretense profeta: era um judeu chamado Bar-Jesus, 7que pertencia ao círculo do procônsul Sérgio Paulo, homem inteligente. Este convidou Barnabé e Saulo e manifestou o desejo de ouvir a palavra de Deus. 8Mas Elimas, o mágico — pois assim se traduz o seu nome^y —, opunha-se a eles e procurava desviar da fé o procônsul. 9Então Saulo, ou antes Paulo^z, repleto de Espírito Santo, fixou o olhar nele 10e lhe disse: "Ó tu que és cheio de astúcia e intrigas, filho do diabo, inimigo jurado da justiça, não vais parar de falsear a retidão dos caminhos do Senhor? 11De resto eis que a mão do Senhor está sobre ti: vais ficar cego, e até nova ordem nem sequer verás o sol!"

No mesmo instante, a escuridão e as trevas o invadiram, e ele se pôs a girar à procura de um guia. 12Vendo o que se tinha passado, o procônsul abraçou a fé; pois a doutrina do Senhor o impressionava vivamente.

p. Trata-se evidentemente do *serviço* que lhes tinha sido confiado pela Igreja de Antioquia (11,29 nota). Os dois elementos da notícia relativa a esta viagem estão portanto separados por 12,1-23. Queria o autor indicar com isso que Paulo e Barnabé esperaram a partida de Pedro e a morte de Herodes em abril de 44 para voltar para Antioquia? Ou será que se trata de um artifício redacional, indicando por exemplo que a próxima partida de Paulo em missão supõe "o desaparecimento" de Pedro (v. 17 nota)? É difícil responder.

q. Ou: *uma vez assegurado o seu serviço em Jerusalém*. Gramaticalmente o texto poderia também ser traduzido assim: *eles voltaram a Jerusalém, uma vez terminado o seu serviço*, o que o contexto torna impossível (cf. 11,30). É provavelmente essa ambigüidade do texto que explica a aparição de variantes como: *eles tornaram a partir de Jerusalém* (para Antioquia) *uma vez assegurado o seu serviço*.

r. O batismo de Cornélio e a evangelização dos pagãos de Antioquia (11,19 nota) produzem os seus frutos: Paulo e Barnabé vão partir para a primeira grande viagem missionária em terra pagã, no sul da Ásia Menor (13,1-14,28). Quem os envia em missão é o Espírito Santo, mas por intermédio da Igreja de Antioquia (13,3-4); é portanto a esta Igreja que Paulo e Barnabé prestarão contas de seu trabalho (14,27-28), durante o qual o Espírito (13,9,52) e Deus (13,11; 14,3,23,27) vão agir com eles.

s. *Esses homens encarregados do ensino (didaskaloi)* só aqui são mencionados nos Atos; mas cf. 1Cor 12,28; Ef 4,11; Hb 5,12; Tg 3,1 (?), onde o mesmo termo é traduzido por *mestre*, *doutor*... Esses homens deviam portanto ser caracterizados por

dons espirituais referentes à compreensão e ao ensinamento da fé. Sobre os *profetas*: 11,27 nota.

t. Enquanto Barnabé encabeça a lista, Saulo a termina: ele continuará a desempenhar um papel secundário (vv. 2,7) até o v. 9 (cf. a nota).

u. Ou a *liturgia* (grego *leitourgia*). No mundo pagão, uma *leitourgia* era uma festa cívica celebrada às expensas de um personagem rico. Os judeus tinham adotado esse termo para designar o serviço dos sacerdotes no Templo (cf. 2Cr 13,10; Hb 10,11; Rm 15,16). Trata-se aqui, sem dúvida, da Eucaristia (20,7 nota).

v. Esse termo, repetido em 14,26, designa a missão comum de Barnabé e Saulo, que terminará em 15,35. Começará então a missão propriamente paulina.

w. Cf. 6,6 nota. Esse gesto marca o início de uma tarefa precisa.

x. O anúncio feito prioritariamente aos judeus é um método constante que Paulo continuará aplicando; cf. 13,14; 14,1; 16,13; 17,2,10,17; 18,4,19; 19,8; 28,17,23. O princípio que o rege é enunciado em 13,46. Cf. também 3,26 nota.

y. Explicação um tanto obscura. Provavelmente é preciso compreender que *Elimas* (de uma raiz semítica que significa *esconder*) se traduz por o *mágico* (o homem das coisas *ocultas*).

z. O autor, que até agora tinha empregado o nome judaico Saulo, usará doravante Paulo, nome romano (sobre os nomes duplos: 9,36 nota). Essa mudança de nome marca a tomada de contato de Paulo com o mundo pagão oficial, bem como o momento a partir do qual ele assume de fato um papel de primeiro plano em sua missão com Barnabé (vv. 42,46,50; 14,3,19-21); cf. v. 1 nota.

8,9; 19,13,18-19; Mt 7,15

4,8; 8,20-23; Sr 1,30; Jr 5,27

Pr 10,9; Os 14,10

Dr 28,29

5,28; 17,19

Em Antioquia da Pisídia, discurso de Paulo.

¹³Paulo e seus companheiros embarcaram em Pafos e chegaram a Perge, na Panfília. E João separou-se deles, a fim de voltar para Jerusalém^a. ¹⁴Quanto a eles, deixando Perge, prosseguiram seu caminho e chegaram a Antioquia da Pisídia. No dia do sábado, entraram na sinagoga e se assentaram. ¹⁵Após a leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga lhes mandaram dizer: "Irmãos, se tiverdes algumas palavras de exortação^b a dirigir ao povo, tomai a palavra!" ¹⁶Paulo então se levantou, fez sinal com a mão e disse:

"Israelitas, e vós que temeis a Deus^d, escutai-me. ¹⁷O Deus do nosso povo de Israel escolheu nossos pais. Ele fez crescer o povo durante a sua estada na terra do Egito; depois, com a força do seu braço, os fez sair de lá; ¹⁸durante cerca de quarenta anos, no deserto os alimentou^e; ¹⁹em seguida, depois de ter exterminado sete nações na terra de Canaã, distribuiu o território delas como herança; ²⁰tudo isso durou cerca de quatrocentos e cinquenta anos^f. Depois disso, deu-lhes juízes até o profeta Samuel. ²¹Então eles reclamaram um rei, e Deus deu-lhes Saul, filho de Cis, membro da tribo de Benjamin, que reinou quarenta anos^g.

²²Depois de o ter destituído, Deus lhes suscitou David como rei. Foi deste que ele prestou o seguinte testemunho: '*Eu achei David, filho de Jessé, homem segundo o meu coração*^b, que cumprirá todas as minhas vontades'. ²³Foi da sua descendência que Deus, segundo a sua promessa, fez sair^d Jesus, o salvador de Israel^d. ²⁴Precedendo a sua vinda, João^b já proclamara um batismo de conversão para todo o povo de Israel ²⁵e, quando estava terminando a sua carreira, dizia: 'Que pensais que eu sou? Eu não o sou! Mas eis que vem depois de mim alguém do qual eu não sou digno de desatar as sandálias'.

²⁶Irmãos, quer sejais filhos da linhagem de Abraão, quer pertençaís aos que entre vós temem a Deus, é a nós que esta palavra de salvação^m foi destinada! ²⁷A população de Jerusalém e seus chefes não reconheceram Jesus; e, condenando-o, cumpriram^a as palavras dos profetas que se lêem todos os sábados. ²⁸Sem ter achado nenhum motivo para o matar, pediram a Pilatos que o fizesse perecer ²⁹e, como tivessem cumprido tudo o que estava escrito a seu respeito, desceram-no do madeiro e o depositaram num túmulo. ³⁰Mas Deus o ressuscitou dos mortos ³¹e ele apareceu durante vários dias aos que

a. Paulo lembrar-se-á deste abandono de João Marcos (15,38); cf. §2.12 nota.

b. Trata-se da "homilia" que, na sinagoga, seguia-se ordinariamente à leitura da Escritura (cf. Lc 4,16-22). Tal exortação ou encorajamento assinala alhures a operação do Espírito Santo (9,31) ou a da palavra apostólica (15,31) entre os cristãos. O termo é de particular frequência nas epístolas paulinas.

c. Aqui começa o único exemplo desenvolvido (vv. 16-41) de uma pregação de Paulo aos judeus (cf. 2,14 nota). Em sua segunda parte (vv. 26-39), esta pregação reproduz o esquema da pregação de Pedro, voltada para a Ressurreição de Jesus: o final, vv. 38-39, contém um elemento de feição paulina: a justificação pela fé e não pela lei. Em sua primeira parte, vv. 17-25, o discurso de Paulo apresenta certa analogia com o discurso de Estêvão (7,2 nota).

d. Cf. 10,2 nota.

e. Variante: *ele os suportou* (citação de Dt 1,31 gr.).

f. Ou seja, mais ou menos quatrocentos anos de estada no Egito (Gn 15,13; Ex 12,40-41) e quarenta anos de caminhada no deserto (Dt 2,7). Existiam cronologias divergentes conforme as tradições do judaísmo (cf. Gl 3,17).

g. Esta indicação cronológica não vem diretamente da Bíblia.

Paulo também era oriundo da tribo de Benjamin (Rm 11,1: Fl 3,5) e tinha o nome desse primeiro rei.

h. Sl 89,21 e 1Sm 13,14; o fim da citação provém de outra parte (Is 44,28?). A breve evocação da história de Israel, vv. 17-22, pára em David; a ascendência davidica de Jesus ocupa um lugar importante na pregação dirigida aos judeus (2,25-32,34; cf. 7,46).

i. Variante: *suscitou*, como nos vv. 22 e 30 (cf. 3,26 nota).

j. Lit. *Jesus como salvador para Israel*.

k. O batismo e o testemunho de João Batista (1,5; 10,37; 19,3-5) ainda pertencem ao tempo da promessa (cf. Lc 16,16 nota). Depois de João, é com Jesus que começa verdadeiramente o tempo da salvação (cf. v. 26).

l. Ou seja: *eu não sou o Messias* (Lc 3,15; cf. Jo 1,19-20; 3,28).

m. Lit. *a palavra desta salvação* (cf. 5,20). Var.: *é a vós em vez de é a nós*.

n. Três motivos são sublinhados nos vv. 27-29: ignorância, responsabilidade ativa da população de Jerusalém e dos seus chefes, cumprimento das Escrituras. Mais nitidamente do que em 3,17 (nota), a ignorância dos judeus é aqui apresentada como um desconhecimento culposos.

havam subido com ele da Galiléia para
1.22 Jerusalém; estes são agora as suas testemu-
nhas perante o povo^o!

³²“Nós também, nós vos anunciamos
esta Boa Nova: a promessa feita aos pais,

³³Deus a realizou plenamente em favor
2.39 de nós, seus filhos, quando ressuscitou
Jesus, como está escrito no salmo se-
gundo^o:

Tu és meu filho.

Eu, hoje, te gerei.

³⁴“Que Deus o tenha ressuscitado dos
mortos, sem retorno possível à decom-
posição, é precisamente o que ele tinha
declarado^o:

*Eu vos darei as santas,
as verdadeiras realidades de David.*

³⁵“E é por isso que ele diz também em
outra passagem^o:

2.31 *Não deixarás o teu Santo
experimentar a decomposição.*

³⁶“Ora David, depois de ter estado em
seu tempo a serviço do plano de Deus,
adormeceu, foi ajuntado a seus pais, e
experimentou a decomposição. ³⁷Mas
aquele que Deus ressuscitou não experi-
mentou a decomposição. ³⁸Sabei, portan-
to, irmãos, que é graças a ele que vos
vem o anúncio do perdão dos pecados; e
esta justificação^o, que não pudesdes obter
15.10 na lei de Moisés. ³⁹nele é que ela é plena-
mente concedida a todo homem que crê.

⁴⁰“Tomai, portanto, cuidado para que
não vos atinja esta palavra dos profetas^o:

⁴¹“*Olhai, vós, arrogantes.*

*Sede tomados de estupor e desaparecei!
Com efeito, enquanto viveis,
eu vou realizar uma obra,
obra em que não acreditáreis
se alguém vo-la contasse”.*

⁴²Ao saírem, rogaram com instância a
Paulo e a Barnabé que tornassem a falar
do mesmo assunto no sábado seguinte.

⁴³Quando a assembléia se dispersou, bom
número de judeus e de prosélitos ado-
radores^a acompanharam Paulo e Barna-
bé que, em suas conversas com eles, os
exortavam a que permanecessem fiéis à
graça de Deus.

11.23;
14.22.26;
15.40; 20.32

Paulo e Barnabé se voltam para os

pagãos. ⁴⁴Quando chegou o sábado, qua-
se toda a cidade se reunira para escutar
a palavra do Senhor. ⁴⁵À vista dessa
multidão, os judeus foram tomados de
furor e o que eles opunham às palavras
de Paulo eram injúrias^a. ⁴⁶Paulo e Bar-
nabé tiveram então a intrepidez de de-
clarar: “É a vós por primeiro que devia
ser dirigida a palavra de Deus. Mas, vis-
to, a que rejeitais e vós mesmos vos
julgais indignos da vida eterna, então nós
nos voltamos para os pagãos”. ⁴⁷Pois tal
é a ordem que recebemos do Senhor^o:

5.17; 17.5
18.6; 19.37;
26.11

18.6; 28.28

o. Mesmo constatando que a atividade dos Doze se limita de
fato ao povo, isto é, a Israel, ao que parece, Paulo reconhece
aqui que eles são as testemunhas por excelência. Doravante, o
autor comprazer-se-á em notar que Paulo também recebeu de
Deus e de Jesus a missão de *testemunha* (20.24; 22.15.18; 26.16)
especialmente junto dos pagãos, e que ele cumpre esta missão
(18.5; 23.11; 26.22; 28.23); cf. 22.21 nota. Mas, se deve, como
os Doze (4.20), dizer o que *viu e ouviu* (22.15), ele não viu, nem
ouviu as mesmas coisas que eles (1.22 nota); a manifestação de
Jesus que caracteriza a sua conversão é posta em relação mais
com outras manifestações futuras (26.16; cf. 18.9 nota) do que
com as aparições às testemunhas dos quarenta dias (cf. 9.1 nota).
Paulo vê as coisas de modo diferente (1Cor 15.8-9; cf. 9.1; Gl
1.16-17). Sobre Estêvão *testemunha*: 22.20 nota.

p. Sl 2.7: esta citação (cf. Hb 1.5; 5.5) apresenta a ressurreição
de Jesus como a sua suprema entronização messiânica (2.36
nota; cf. Lc 3.22 nota; Rm 14).

q. Is 55.3: as *realidades santas* prometidas a David são o
próprio Jesus — o Santo (v. 3.3; 3.14 nota) — e a plena justifi-
cação que ele confere (vv. 38-39).

r. Sl 16.10: nos vv. seguintes, este texto é interpretado como
em 2.25-31.

s. Como muitas vezes nos Atos (2.38; 5.31; 10.43; 26.18) a
salvação (vv. 23.26) anunciada e trazida por Jesus é chamada,
antes de tudo, o *perdão dos pecados*; depois, com a impotência
da lei (cf. Rm 3.21-31; etc.) e a *justificação* (cf. Rm 3.24 nota)
concedida a *toda* *homem* que *crê* (cf. Rm 1.16; etc.), são evoca-
dos o vocabulário e o pensamento de Paulo.

t. Hab 1.5: esta nota ameaçadora ecoa no fim do livro (28.
26-27 = Is 6.9-10).

u. *Prosélitos* significa aqui (cf. 2.11 nota) *tementes a Deus*
(10.2 nota); esta última denominação será doravante substi-
tuída por *adorador* (13.50; 16.14; 17.4.17; 18.7). Esses am-
bientes de incircuncisos que participavam da fé judaica deve-
ter fornecido membros bastante numerosos às comunidades
paulinas.

v. Ou: *blasfêmias*, se os judeus não atacavam somente a Pau-
lo, mas também ao Cristo que Paulo anunciava (cf. 18.6; 26.11).

w. Aqui retine, de modo solene e dramático, a decisão de abrir
brecha na prioridade do povo de Israel (cf. 2.39 nota; 3.25 nota;
3.26 nota) e *levar o Evangelho às nações*. A *mesma passagem*
para os pagãos em 18.6 (cf. 19.8-9) e 28.17.28 (mas ver 28.27
nota).

x. Is 49.6 aplicado a Cristo em Lc 2.32.

*Eu te estabeleci luz das nações,
para que levas a salvação*

1,8 *até as extremidades da terra".*

⁴⁸A essas palavras, os pagãos, cheios de alegria^a, glorificavam a palavra do Senhor, e todos os que estavam destinados à vida eterna^a abraçaram a fé.

⁴⁹A palavra do Senhor difundia-se por toda a região. ⁵⁰Mas os judeus lançaram a agitação entre as mulheres de alta posição que adoravam a Deus, como também entre os principais da cidade; provocaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé e os expulsaram de seu território. ⁵¹Estes, tendo sacudido contra eles o pó dos seus pés, foram para Icônio; ⁵²quanto aos discípulos, ficavam cheios de alegria e do Espírito Santo^a.

14 Paulo e Barnabé em Icônio. ¹Em Icônio sucedeu a mesma coisa: Paulo e Barnabé foram à sinagoga dos judeus e falaram de tal modo que judeus e gregos^b abraçaram a fé em grande número. ²Mas aqueles dentre os judeus que não se tinham deixado convencer suscitaram no espírito dos pagãos a malquerença contra os irmãos. ³Nem por isso Paulo e Barnabé deixaram de prolongar a sua permanência por certo tempo; a sua firmeza se fundava no Senhor, que dava testemunho da palavra de sua graça, concedendo-lhes operar com as próprias mãos sinais e prodígios. ⁴A população da cidade ficou dividida: uns eram a

favor dos judeus, outros dos apóstolos^c. ⁵Pagãos e judeus decidiram, com seus chefes, recorrer à violência e apedrejar os apóstolos; ⁶cientes da situação, estes procuraram refúgio nas cidades de Licaônia, Listra, Derbe e regiões circunvizinhas. ⁷Lá também anunciaram a Boa Nova.

A cura de um inválido em Listra; discurso de Paulo. ⁸Achava-se em Listra um homem que não podia ficar de pé; sendo inválido de nascença, ele nunca tinha andado. ⁹Um dia em que ele escutava Paulo falar, este fixou os olhos nele e, vendo que tinha fé^d para ser curado, ¹⁰disse com voz forte: "Levanta-te direito sobre os teus pés!". O homem deu um salto; caminhava^e!

¹¹À vista do que Paulo acabara de fazer, ergueram-se vozes da multidão, dizendo em licaônio: "Os deuses se tornaram semelhantes a homens e desceram até nós". ¹²Chamavam Barnabé de "Zeus" e Paulo de "Hermes", porque era ele quem falava^a. ¹³O sacerdote de Zeus-fora-dos-muros^b mandou trazer touros e coroas às portas da cidade^c; de acordo com a multidão, ele queria oferecer um sacrifício. ¹⁴A esta notícia, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram os mantos e se precipitaram para a multidão gritando: ¹⁵"Gentel! que estais fazendo? diziam. Nós também somos seres humanos iguais a vós! A Boa Nova que vos anunciamos^k é que aban-

y. Cf. 8,8 nota.

z. Esta expressão judaica corrente não implica uma predestinação (cf. Lc 10,20) que não deixasse lugar à liberdade humana (cf. v. 46).

a. Isto é: de uma alegria dada pelo Espírito (cf. 1,6; Gl 5,22).

b. Já encontrado em 11,20, esse termo designará daqui por diante os não-judeus (18,4; 19,10.17; 20,21).

c. Aqui, como no v. 14, *apóstolos* deve ser entendido muito provavelmente no sentido etimológico de *enviados* (cf. Jo 13,16): Barnabé e Paulo foram enviados em missão pela Igreja de Antioquia (13,1-4; cf. 2Cor 8,23). Este sentido muito amplo deve ser antigo; em todo caso, ele é contrário ao uso do autor que, em todas as demais partes do seu livro, reserva o título de *apóstolos* aos Doze, os enviados por excelência (1,2 nota; 1,26; 2,37.42; 4,33; etc.; 16,4). Ver 22,21 nota.

d. A cura intervém como resposta à fé; cf. 3,16 nota.

e. Este relato de cura lembra por vários pormenores o de 3, 2-9 (cf. 3,2 nota).

f. Um dialeto local. Por não compreendê-lo, os apóstolos não reagiram imediatamente.

g. A lenda frígia de Filêmon e Báucis visitados por Zeus e Hermes podia dispor os espíritos simples a tais identificações.

h. O templo de Zeus edificando diante das portas da cidade.

i. Ou: *nas portas do templo*. Os sacrifícios efetuavam-se no exterior dos templos.

j. Lit. *Homens* (= varões)!

k. Este breve discurso (vv. 15-17) é um primeiro exemplo de pregação dirigida não mais a judeus (2,14 nota), mas a gregos que não participam da fé judaica. Quem é anunciado por primeiro é Deus criador e providência — aliás em termos bíblicos (ver os paralelos) — sem nenhuma alusão à história de Israel ou às profecias. O discurso não passa dum esboço inacabado, que o discurso de Atenas retomará, desenvolvendo-o (17,22 nota).

3,19: doncis essas tolices, para vos voltardes
 1Ts 1,9 para o Deus vivo *que criou o céu e a terra, o mar e tudo o que neles se encontra*.
 4,24; 17,24. SI 146,6 Ap 14,7
 17,30: as nações seguirem os seus caminhos,
 Rm 3,25
 17,26: cumulado os vossos corações de alimento e satisfação".
 SI 147,8; Jr 5,24 SI 145,16 SI 16,11
 19Vieram então de Antioquia e de Icônio judeus que aliciaram a multidão aos seus intentos. Paulo foi apedrejado, depois o arrastaram para fora da cidade, deixando-o por morto.
 20Mas quando os discípulos se reuniram em volta dele, Paulo se levantou e entrou de novo na cidade. No dia seguinte, junto com Barnabé, partiu para Derbe.

Volta da missão. 21Depois de terem anunciado a Boa Nova nesta cidade e nela terem feito discípulos bastante numerosos, eles passaram de novo por Lистра, Icônio e Antioquia. 22Aí confirmavam o coração dos discípulos e os exortavam a perseverar na fé: "É necessário, diziam, que passemos por muitas tribu-

lações para entrar no Reino de Deus".
 23Em cada Igreja eles designaram anciãos, fizeram orações acompanhadas de jejum e confiaram-nas ao Senhor, no qual tinham posto a sua fé.
 24Atravessando então a Pisídia, foram à Panfília, 25anunciaram a Palavra em Perge, depois desceram à Atália. 26De lá navegaram para Antioquia, seu ponto de partida, onde tinham sido confiados à graça de Deus para a obra que acabavam de realizar. 27À chegada, eles reuniram a Igreja e contaram tudo o que Deus realizara com eles, e sobretudo como tinha aberto aos pagãos a porta da fé. 28Passaram então certo tempo com os discípulos.

15 Conflito em Antioquia a respeito da circuncisão. 1Alguns indivíduos desceram então da Judéia com o intento de doutrinar os irmãos, dizendo: "Se não vos fizerdes circuncidar segundo a norma de Moisés, não podereis ser salvos". 2Daí resultou um conflito, e discussões bastante graves opuseram Paulo e Barnabé a essa gente. Decidiu-se que Paulo, Barnabé e alguns outros subissem a Jerusalém para entrevistarem-se com os apóstolos e os anciãos a respeito dessa contenda". 3A Igreja de Antioquia

Mt 7,14; 1Tm 3,3

15,40 13,2

15,5-24; Gl 5,2 6,14; 21,21; Gn 17,9-14; Lv 12,3

15,7

11,30

Gl 2,1

11,30

1. Var.: *seus discipulos* (cf. 9,25 nota).

m. Aqui, a fé é sinônimo de vida cristã.

n. Única informação dada pelos Atos sobre o modo de nomeação dos *anciãos*, que aparecem aqui pela primeira vez fora de Jerusalém (11,30 nota). É possível que as Igrejas tenham participado da sua escolha (cf. 6,5-6; 16,2-3), mas em todo caso a decisão final pertence aos apóstolos (cf. Tt 1,5) e, de certo modo, ao Espírito Santo (20,28). Sobre o papel dos anciãos: 15,13 nota.

o. De maneira significativa, a imagem da *porta aberta*, que aparece também em 1Cor 16,9; 2Cor 2,12; Cl 4,3, intervém exatamente no meio do livro dos Atos. O acesso dos pagãos à fé, anunciado em 10,45; 11,18, é realmente o acontecimento fulcral no qual se apóiam as duas partes do livro.

p. O relato que aqui começa (15,1-35) manifesta-se de capital importância no plano do livro: a *porta da fé* aberta aos pagãos (14,27 nota) escapa — na verdade por pouco — ao perigo de ser novamente fechada (15,35 nota); os cristãos conseguem permanecer povo de Deus no qual os incircuncisos se ajuntaram, na fé e na salvação, aos circuncisos (15,14 nota). A crise começa (15,1-4) e termina em Antioquia (15,30-35), mas atinge o auge e chega ao seu desfecho em Jerusalém (15,5-29), onde se situam um discurso de Pedro (15,7-11), outro de Tiago (15,13-21) e uma carta (15,23-29), interligados por elementos narrativos (15,4-6,12-13,22-23). A unidade literária deste conjunto levanta pro-

blemas e as suas relações com o relato de Gl 2 são problemáticas. Deliberadamente ou não, o autor dos Atos pode ter reunido e apresentado aqui a seu modo acontecimentos que, na realidade, teriam sido mais dispersos e mais complexos.

q. Var. ocidental: *Alguns fiéis de procedência farisáica descem então...* (cf. 15,5).

r. Como será demonstrado a seguir (15,24), trata-se de cristãos circuncisos. Será preciso identificar este episódio com o que Paulo conta em Gl 2,11-14? É difícil: um se situa antes de importantes conversações em Jerusalém (At 15,4-29), enquanto o outro parece situar-se posteriormente (Gl 2,1-10); os problemas levantados são diferentes e Pedro só aparece no relato dos Atos para exprimir a sua posição enunciada nos vv. 7-11.

s. Var. ocidental: *Se não vos fizerdes circuncidar e não vos conduzirdes segundo a norma de Moisés...* (cf. 15,10 nota).

t. Para além dos problemas suscitados pela comensalidade dos cristãos circuncisos e incircuncisos (11,3 nota), uma questão fundamental põe-se agora: como ver salvo? (cf. 4,12 nota). Se isto é impossível sem a circuncisão — e a crise a Lei (15,10 nota) — para que serve a fé (15,9)?

u. Variante ocidental (em vez de *Decidiu-se...*): *Paulo, com efeito sustentava vigorosamente ser-lhes preciso permanecer como estavam quando tinham abraçado a fé* (cf. 1Cor 7,17-18); *mas os que tinham vindo de Jerusalém intimaram-nos* — a Pau-

1Cor 16, 6.11; 2Cor 1.16
14.27; 15.4.12
proveu a viagem deles^r. Passando pela Fenícia e a Samaria, eles narravam ali a conversão das nações pagãs e provocavam assim uma grande alegria em todos os irmãos^s.
14.27; 15.12
Ao chegarem a Jerusalém, foram acolhidos^r pela Igreja, pelos apóstolos e anciãos, e os puseram a par de tudo o que Deus realizara com eles.

Solução do conflito: a Assembléia de Jerusalém.

11.2; Gl 2.4-5
15.1
Alguns fiéis oriundos do farisaísmo^r intervieram então^r para sustentar que era necessário circuncidar os pagãos e prescrever-lhes que observassem a lei de Moisés. Os apóstolos e os anciãos^s se reuniram^b para examinar essa questão.
15.2
Como a discussão se tivesse acalorada, Pedro interveio^c para declarar^d: "Vós sabeis, irmãos, foi por uma escolha de Deus que, desde os primeiros dias e entre vós, as nações pagãs ouviram de

minha boca a palavra do Evangelho e abraçaram a fé. Deus, que conhece os corações, lhes prestou testemunho quando lhes outorgou, como a nós, o Espírito Santo^r. Sem fazer a menor diferença^f entre elas e nós, foi pela fé que ele purificou os seus corações^s. Visto isso, por que tentar a Deus, impondo à nuca dos discípulos um jugo que nem os nossos pais, nem nós mesmos fomos capazes de suportar^g? Mais uma vez, foi pela graça do Senhor Jesusⁱ, como cremos, que fomos salvos, exatamente como eles!"

Houve^e então um silêncio em toda a assembléia, a seguir escutaram Barnabé e Paulo contar todos os sinais e prodígios que Deus, por intermédio deles, realizara entre os pagãos^k.

Quando terminaram, Tiago tomou a palavra: "Irmãos, escutai-me. Simeão acaba de nos lembrar como Deus, desde o início, cuidou de tirar dentre as nações pagãs um povo para o seu nome^m. Esse

lo, a Barnabé e a alguns outros — a subir a Jerusalém para ir ter com os apóstolos e os anciãos, a fim de serem julgados sobre esta questão, a respeito dessa contenda. Exigir a circuncisão é aqui, para Paulo, pôr novamente em dúvida uma prática missionária adquirida, aprovada por Barnabé em nome de Jerusalém (11.22-24) e já amplamente aplicada (13-14).

v. Ou: os acompanhou (no caminho: cf. 21.5).

w. Estes irmãos aprovam portanto as posições de Paulo e Barnabé. Certas concordâncias entre At 15.4-29 e Gl 2.1-10 inclinam a identificar as duas estadas de Paulo em Jerusalém que estes textos contam. Mas em Atos trata-se de uma terceira viagem (cf. 9.26-30; 12.25 nota), em Gálatas, de uma segunda (cf. Gl 1.18) e, por outro lado, os dois relatos apresentam divergências importantes. Se concernem aos mesmos acontecimentos, os seus pontos de vista diferem consideravelmente.

x. Variante ocidental: eles foram acolhidos generosamente (cf. 21.17). O texto ocidental vai acentuar doravante a unanimidade da Igreja em favor da solução que será dada ao conflito de Antioquia.

y. Lit. oriundos da (ou: pertencentes à) seita dos fariseus.

z. Var. ocidental: Aqueles que os haviam intimado a subir para se encontrar com os anciãos — fiéis provenientes do farisaísmo — intervieram então contra os apóstolos... Cf. 15.1 nota.

a. A reunião parece limitada aos apóstolos e aos anciãos (cf. Gl 2.2.6), ao passo que, mais adiante, toda a comunidade está presente (15.12.22s.): imperícia redacional? ou vestígios de fontes que narravam duas reuniões diferentes? Cf. nota seguinte.

b. Var. ocidental: Os apóstolos e os anciãos se reuniram com o conjunto (dos irmãos)... cf. nota anterior.

c. Var. ocidental: ...intervio no Espírito (Santo). O texto ocidental continuará a insistir sobre a participação do Espírito na solução final.

d. Pedro vai ressaltar as implicações doutrinárias permanentes da conversão de Cornélio (cf. 10.1 nota; 11.18 nota), tanto para os circuncisos como para os incircuncisos, o dom do Espírito (15.8), o perdão dos pecados (15.9), a salvação (15.11) são obra de Deus pela fé e pela graça do Senhor Jesus (15.9.12). Subordinar a salvação à circuncisão seria, portanto, provocar a Deus (15.10).

e. Var. ocidental: ele lhes deu o Espírito Santo, a eles exatamente como a nós (cf. v. 7 nota).

f. Sem fazer a menor diferença traduz uma fórmula mais ou menos idêntica à que é traduzida em 10.20 por sem teres nenhum escrúpulo (cf. 11.12).

g. Tal era o sentido da visão de Pedro em Cesaréia (10.35 nota; 10.43 nota).

h. Esse jugo não é somente a circuncisão, mas o conjunto da Lei (cf. 15.5; Gl 5.3). Pedro é portanto favorável a um status quo integral (cf. 15.2 nota): os cristãos incircuncisos não devem ser submetidos à Lei.

i. Var. ocidental: Senhor Jesus Cristo.

j. Var. ocidental: Como os anciãos estivessem de acordo com Pedro, houve...

k. Deus dera assim a sua caução (cf. 3.2 nota) a um trabalho missionário que nada mais pedia dos pagãos do que a fé (13.38s.; 13.12-48; 14.1; cf. Gl 2.2).

l. Tiago vai aprovar o discurso de Pedro (15.14) e confirmá-lo com um argumento escriturístico (15.15-18). Mas as suas conclusões (15.19) ficarão aquém das conclusões de Pedro (15.10 nota): ele dá maior importância às exigências judaizantes (cf. 15.19 nota; 21.21-25; Gl 2.12).

m. Isto é: que lhe pertença como propriedade. O alcance exato desta afirmação capital (cf. Zc 2.15) é especificado pela citação de Amós que a acompanha e da qual ela já emprega dois termos (nações e nome): é procurando o Senhor, isto é, convertendo-se,

fato concorda, aliás, com as palavras dos profetas, pois está escrito¹⁶:

"Depois disso, eu virei reedificar^a a choupana desmoronada de David. As ruínas que dela restam, eu as reedificarei, e eu a reerguerei.

17 A partir de então o resto dos homens procurará o Senhor, com todas as nações portadoras do meu nome^b.

Eis o que diz o Senhor, ele realiza assim os seus projetos

¹⁸ conhecidos desde sempre^a.

¹⁹ "Por conseguinte, eu sou de parecer^c que não se acumule obstáculos diante dos pagãos que se voltam para Deus.

²⁰ Escrevamos-lhes^d simplesmente que se abstenham^d das impurezas da idolatria, da imoralidade, da carne asfixiada, e do

sangue^e. ²¹ Desde muitas gerações, com efeito, Moisés dispõe de pregadores em cada cidade, visto que o têm todos os sábados nas sinagogas^f."

13.15.27;
2Cor 3.5

As decisões e a carta da Assembléia.

²² De acordo com toda a Igreja, os apóstolos e os anciãos decidiram então escolher, dentre os seus, delegados que enviariam a Antioquia com Paulo e Barnabé. Foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, personagens de realce entre os irmãos^g. ²³ Esta foi a carta a eles confiada^h: "Os apóstolos, os anciãos e os irmãos saúdamⁱ os irmãos de origem pagã que se acham em Antioquia, na Síria e na Cilícia^j. ²⁴ Soubemos que alguns dos nossos tinham ido vos perturbar e confundir os vossos espíritos com suas afirmações;

5.11

15.1; Gl 1.7

que as nações se juntam (15.17) a um Israel restaurado (15.16; cf. 1.6), ele mesmo convertido e, por isso, beneficiário das Promessas (cf. 2.39; Rm 11.16s.; 15.8-12). Doravante o povo de Deus é constituído de convertidos circuncisos e incircuncisos (cf. Ef 2.14; 1Pd 2.10).

n. Am 9.11s. segundo o gr. A argumentação atribuída a Tiago seria impossível com o hebr. que lia assim o fim da citação (15.17): *de tal modo que conquistarão o resto de Edom e as nações...*

o. Lit. *eu retornarei e reedificarei...*

p. Lit. *sobre as quais o meu nome foi pronunciado* (como tomada de posse). No NT essa expressão só se encontra em Tg 2.7.

q. O fim da citação pode ser uma reminiscência de Is 45.21; o texto é muito incerto. Certas testemunhas do texto ocidental lêem p. ex.: *Desde sempre a obra do Senhor lhe é conhecida.*

r. Tiago vai pedir aos judeus convertidos que renunciem a exigir a circuncisão (15.19), e aos pagãos convertidos, que se submetam a algumas exigências legais aceitáveis. Os primeiros reconhecerão assim que o povo de Deus reúne circuncisos e incircuncisos, enquanto os outros facilitarão as relações humanas no seio desse povo (cf. 15.20 nota).

s. Ou: *prescrevamos-lhes.*

t. Das interdições que seguem (cf. 15.29), a primeira refere-se às carnes provenientes dos sacrifícios pagãos, chamadas *idolóticos* (cf. 1Cor 8-10; Ap 2.20). A segunda, a *imoralidade*, concerne muito provavelmente às uniões ilegítimas perante a Lei (cf. Lv 18.6-18). A terceira proíbe a *carne de animais não-sangrados* e também a quarta, sem dúvida (cf. Lv 17.10-16), a não ser que ela se refira ao homicídio (Gn 9.5-6). Com o seu cunho principalmente ritual, elas bem parecem ter por finalidade evitar que os cristãos incircuncisos sejam para os irmãos judeus uma fonte de *contaminação*, em particular por ocasião das refeições comuns (11.3 nota; Gl 2.12). Essas quatro exigências se encontram também aproximativamente nos "sete preceitos de Noé" que, segundo a literatura rabínica, eram impostos tanto aos pagãos como aos judeus (cf. Gn 9.3-7).

u. Var. ocidental: *...de abster-se das contaminações da idolatria, da imoralidade e do sangue, e não fazer a outrem o que*

não queriam que os outros lhes fizessem (algumas testemunhas omitem *da imoralidade*); cf. 15.29 nota. A ausência da *carne asfixiada* e a presença da "regra de ouro" final (cf. Mt 7.12) convidam a situar as interdições num plano não-ritual (cf. nota), mas moral: a "imoralidade" teria então um sentido muito geral e o *sangue* designaria o homicídio.

v. Tiago lembra o caráter antigo e profundo da leitura semanal, nas sinagogas, de *Moisés*, isto é, do Pentateuco. A solução que ele propõe não causará estranheza, portanto, aos convertidos do paganismo que, assim, são informados dos problemas levantados pela Lei quanto às relações entre judeus e gregos: tal é ao menos um dos alcances possíveis de uma argumentação obscura.

w. *Judas* é desconhecido de outras fontes. *Silas* — ou Silvano — tornar-se-á colaborador de Paulo (15.40; cf. 1Ts 1.1; 2Ts 1.1; 2Cor 1.19) e, ao que parece, de Pedro (1Pd 5.12). Provavelmente participe das visitas missionárias de Paulo (15.31s.) e falasse grego.

x. Lit. *tendo escrito pela mão deles*. Var. ocidental: *tendo escrito pela mão deles uma carta que continha isto*. Poder-se-ia também compreender que a própria redação da carta lhes foi confiada (cf. 1Pd 5.12 nota quanto a Silvano). Após o endereço (15.23), a carta contém uma exposição de motivos (15.24) e as duas decisões tomadas: o envio de delegados (15.25-27), as exigências impostas (15.28s.).

y. Var. levemente mais provável do que as seguintes: *Os apóstolos e os anciãos, irmãos, saúdam...* ou: *Os apóstolos e os anciãos saúdam* (cf. 15.28 nota).

z. A origem dessas Igrejas da Síria (exceto Antioquia) e da Cilícia permanece desconhecida. Segundo os Atos, as decisões de Jerusalém foram comunicadas por Paulo às Igrejas da Panfília, da Pisídia e da Licadônia (16.1-4), a quem a carta aqui não é dirigida; talvez também às Igrejas da Síria e da Cilícia (15.41 nota). Entretanto, tem-se a impressão de que Paulo veio a saber muito mais tarde (21.25 nota) da própria existência dessas decisões às quais as suas cartas não fazem nenhuma alusão (cf. Gl 2.1-10 ou 1Cor 8-10, onde no entanto se trata dos idolóticos). As origens dessa carta conservada pelos Atos talvez não sejam exatamente as que o livro lhes atribui.

eles não tinham mandato para isso.²⁵ Nós resolvemos unanimemente escolher delegados que enviássemos com os nossos caros Barnabé e Paulo,²⁶ homens que expuseram suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.²⁷ Nós vos enviamos pois Judas e Silas para vos comunicar de viva voz as mesmas diretivas.²⁸ O Espírito Santo e nós mesmos^b decidimos não vos impor nenhuma outra obrigação a não ser estas exigências inevitáveis:^c ²⁹abster-vos das carnes de sacrifícios pagãos, do sangue, dos animais asfixiados e da imoralidade^d. Se evitardes tudo isso com cuidado, tereis agido bem^e. Adeus!”

³⁰Após as despedidas, a delegação desceu a Antioquia, onde reuniu a assembléia para lhe comunicar a carta.³¹ A sua leitura foi uma alegria pelo estímulo que trazia^f. ³²Judas e Silas, por seu lado, como eram profetas^g, lhes proporcionaram longamente de viva voz estímulo e apoio; ³³demoraram-se algum tempo com eles, depois os irmãos os despediram, desejando-lhes paz, para ajuntar-se aos que os haviam enviado.³⁴ ³⁵Quanto a Paulo e Barnabé, ficaram em Antioquia. Em companhia de outros muitos ainda, ensi-

navam e anunciavam a boa nova da Palavra do Senhor^h.

Partida de Paulo em missão com Silasⁱ.

³⁶Após certo tempo, Paulo disse a Barnabé: “Voltemos a visitar os irmãos em cada uma das cidades onde anunciamos a Palavra do Senhor. Nós veremos a quantas andam”. ³⁷Barnabé queria também levar com eles João, chamado Marcos.³⁸ Mas Paulo não era de opinião que se retomasse como companheiro um homem que os abandonara na Panfília e, portanto, não participara do trabalho deles^k. ³⁹Esta discordância se agravou a tal ponto que eles partiram cada qual para seu lado. Barnabé tomou consigo Marcos e embarcou para Chipre, ⁴⁰enquanto Paulo associava Silas a si e partia, confiado pelos irmãos à graça do Senhor^l.

Timóteo associado a Paulo e Silas.

⁴¹Percorrendo a Síria e a Cilícia, Paulo confirmava as Igrejas^m.

16 ¹e assim chegou a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia que abraçara a fé e de um pai que era gregoⁿ. ²Tinha

a. Var. ocidental: *...Jesus Cristo, tendo em vista toda e qualquer provação*.

b. O Espírito Santo é considerado como inspirador da decisão tomada (cf. 13,1-4). *Nós mesmos* designa, quer unicamente os apóstolos e os anciãos, quer toda a assembléia, conforme a var. escolhida em 15,23 (nota).

c. A carta adota as propostas de Tiago (15,20 nota).

d. Var. ocidental: *...de abster-se das carnes de sacrifícios pagãos, do sangue e da imoralidade e não fazer a ouzura o que eles não queriam que se lhes fizesse (e da imoralidade está ausente em algumas testemunhas: outras mencionam os animais asfixiados ou a carne asfixiada)*; cf. 15,20 nota.

e. Ou: *assim vós ficareis à vontade*. Algumas testemunhas ocidentais continuam: *porque sereis levados pelo Espírito Santo*.

f. Os destinatários da carta se alegraram, sem dúvida, mais por não serem obrigados à circuncisão do que por terem de se submeter às observâncias pedidas. Devia ser também o ponto de vista de Paulo (cf. Gl 2,1-10, se este texto concerne ao mesmo acontecimento que At 15).

g. Var. ocidental: *como profetas repletos do Espírito Santo...*

h. Var. ocidental (v. inteiro): *Silas resolveu que ficaria e Judas foi-se embora sozinho* (cf. 15,40).

i. A crise foi superada e a porta da fé permanece aberta aos pagãos (cf. 14,27 nota). A palavra do Senhor vai reencetar a sua caminhada.

j. Aqui começa uma nova parte dos Atos: uma grande missão

propriamente paulina (cf. Gl 2,7-9). Paulo parte de Antioquia (15,35.40; cf. 11,19 nota), mas no fundo o seu ponto de partida situa-se em Jerusalém (cf. Rm 15,19) onde a liberdade da palavra do Senhor acabava de ser salva e para onde Paulo voltará em 21,15-26. Uma breve permanência em Antioquia, talvez precedida de uma passagem por Jerusalém (18,22 nota), permite distinguir dois períodos nessa grande missão.

k. Var. ocidental: *o trabalho para o qual eles tinham sido enviados* (cf. 11,3.5.13).

l. Depois de terem visitado as jovens Igrejas para confirmá-las (15,41-16,5), Paulo e seus companheiros vão para a Macedônia (16,6-17,15), depois para Atenas (17,16-34) e enfim para Corinto (18,1-17). Este avanço importante do Evangelho rumo ao Ocidente, diretamente querido por Deus (16,6-10), vai colocar os missionários, pela primeira vez, em contato com as autoridades romanas (16,16-40; 18,12-17) e com a cultura grega (17,16-34).

m. Variante ocidental: *comunicando-lhes as prescrições dos anciãos*, isto é, as decisões tomadas em Jerusalém (cf. 16,4).

n. Primeira menção a Timóteo, que acompanhará Paulo no decurso de sua grande missão (17,14-15; 18,5; 19,22; 20,4). A sua mãe, de origem judaica, não o fizera circuncidar e era casada com um pagão: o seu judaísmo não era de estrita observância. Timóteo se tornará o discípulo preferido do apóstolo (At 19,22-24), encarregado de missões delicadas (1Ts 3,2-6; 1Cor 4,17; 16,10-11).

6,3; 22,12; 10,19; 18,9
 Le 7,5
 27m 3,11
 1Cor 9, 20,21
 15,23-29; 21,25
 15,2 4,22 23; 21,18
 Cl 2,5;
 IPd 5,9

boa reputação entre os irmãos de Listra e de Icônio. ³Paulo desejava levá-lo consigo; então tomou-o e o circuncidou, por causa dos judeus que se achavam nessas paragens. Todos sabiam com efeito, que o seu pai era grego^a. ⁴Nas cidades em que passavam^b, Paulo e Silas transmitiam^a as decisões que os apóstolos e os anciãos de Jerusalém^c tinham tomado, e pediam que se conformassem a elas. ⁵As Igrejas fortaleciam-se na fé^c e cresciam em número de dia para dia^d.

Paulo chamado para a Macedônia.

⁶Paulo e Silas percorreram a Frígia e a região gálata^a, pois o Espírito Santo os impedira de anunciar a Palavra na Ásia^a. ⁷Chegados aos limites da Mísia^a, eles tentaram ir para a Bitínia^a, mas o Espírito de Jesus^a não lho permitiu. ⁸Atravessaram^a então a Mísia e desceram a Trôade.

o. O alcance desta observação não é evidente. Ela sugere provavelmente que os judeus podiam se perguntar se o pai de Timóteo tinha ou não deixado circuncidar o seu filho, que o direito judeu considerava israelita. A decisão de Paulo esclarece a situação. O autor notará outros casos em que Paulo manifesta que permanecia fiel ao judaísmo (18,18 nota; 21,21 nota), como o eram os cristãos de Jerusalém (2,42 nota; 46 nota; etc.). mas nada diz de claro acerca dos motivos desta fidelidade (cf. 1Cor 9,20). Talvez o acentue para mostrar a continuidade entre a Igreja de Jerusalém e a missão paulina. Ver Introd.

p. Texto ocidental: *Atravessando as cidades, eles pregavam com perfeita firmeza o Senhor Jesus Cristo, transmitindo ao mesmo tempo as decisões...*

q. Lit. *eles lhes transmitiam* (cf. 15,41 nota). *Lhes* designa os fiéis dessas cidades (cf. 15,23 nota; 21,25 nota).

r. Cf. 11,30 nota, 14,23 nota e 20,18 nota.

s. Cf. 14,22 nota e 10,43 nota.

t. Este v. é um breve sumário que lembra os do começo do livro (2,42 nota). Nos vv. 1-5, o autor sugere que, aventurando-se por novos caminhos, os missionários permaneceriam em estreita comunhão com a Igreja de Jerusalém.

u. É preciso sem dúvida compreender o itinerário de Paulo e Timóteo (vv. 6-10) da seguinte maneira. Paulo desejava ir para o Ocidente (nota), mas foi impedido pelo Espírito. Ele obliqua então para o Norte, atravessa a Frígia, depois, para o Nordeste, a *região gálata* (sobre a Galácia, cf. Introd. a Gl). Querendo prosseguir para o Norte, em direção à Bitínia, o apóstolo vê-se detido uma segunda vez pelo Espírito. Não lhe resta senão um caminho, aquele que Deus lhe indica, pela Mísia, rumo a Trôade e à Europa.

v. A Ásia: a região de Éfeso e de Esmirna, de preferência à província romana da Ásia, que englobava ainda outras regiões, entre as quais a Mísia.

w. Ou: *em face da Mísia*, talvez mesmo: *na Mísia*. A Mísia é a parte da Ásia Menor que margeia o mar de Mármara e a parte nordeste do mar Egeu.

de^a. ⁹Uma noite, Paulo teve uma visão^b: apareceu-lhe um macedônio de pé, fazendo este pedido: "Passa à Macedônia, vem socorrer-nos!" ¹⁰"Após esta visão de Paulo, procuramos^d logo partir para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus^a acabava de nos chamar para anunciar aí a Boa Nova.

Em Filipos, a conversão de Lídia.

¹¹Tendo embarcado em Trôade, rumamos direto para a Samotrácia; depois, no dia seguinte, chegamos a Neápolis ¹²e de lá fomos para Filipos, cidade principal do distrito de Macedônia^c e colônia romana^a. Nesta cidade passamos algum tempo. ¹³No dia do sábado, transpusemos a porta, a fim de alcançar, ao longo de um rio, um lugar onde, pensávamos nós^b, devia haver um lugar de oração^d; depois de assentados, falamos às mulheres que aí

x. A Bitínia, contígua à Mísia, dá acesso ao mar Negro.

y. *Espírito de Jesus*: expressão única em Le e At (cf. Fl 1,19). Variantes: *Espírito do Senhor*; *Espírito*. Sobre o Espírito e a missão: 1,8 nota.

z. Ou: *costearam...*

a. *Trôade*: porto a noroeste da Ásia Menor; colônia romana desde Augusto (cf. 16,11; 20,5,6; 2Cor 2,12).

b. Lit. *Uma visão apareceu a Paulo durante a noite* (cf. 18,9 nota).

c. V. 10 segundo uma var. ocidental: *Ao despertar, ele nos contou a sua visão e nós compreendemos que o Senhor nos chamava a evangelizar o povo da Macedônia*.

d. Se a variante ocidental de 11,28 (nota) não for autêntica, aqui é que aparece a primeira narrativa (16,10-17) dos Atos, escrita na primeira pessoa do plural. Ocorrerão três outras: 20,5-15; 21,1-18; e 27,1-28,16 (ver Introd.).

e. Var.: *o Senhor*.

f. Lit. *primeira cidade do distrito da Macedônia*. Se o autor quis dizer que Filipos era sede administrativa de distrito, cometeu um erro, pois a Macedônia compreendia quatro distritos e a sede administrativa daquele em que se achava Filipos era Anfípolis. A rigor, poder-se-ia compreender também: *primeira cidade que se encontra entrando nesse distrito...* O texto é, aliás, particularmente incerto. A var. *cidade do primeiro distrito da Macedônia* seria a mais exata historicamente, mas é mal-atestada.

g. Lit. *colônia*. A alguns quilômetros no interior da região, não longe do porto de Neópolis. *Filipos* se achava na *vía Egnatia* que ligava Neápolis a Dirráquio (na costa adriática). Colônia romana havia mais de um século, ela era habitada em parte por veteranos de Antônio e camponeses italianos. A sua administração era tipicamente romana (cf. vv. 20-21). Orgulhosos de seu direito de cidadãos romanos, os seus habitantes tinham uma mentalidade que Paulo ainda não encontrara (cf. v. 21).

h. Var.: *segundo o uso*.

i. *Esse lugar de oração* não devia ser uma sinagoga, pois a função religiosa da qual participam Paulo e seus companheiros

estavam reunidas. ¹⁴Uma delas, chamada Lídia, era comerciante de púrpura, originária da cidade de Tiátira¹, que já adorava a Deus^k. Ela era toda ouvidos; pois o Senhor abriu-lhe o coração para torná-la atenta às palavras de Paulo. ¹⁵Depois que recebeu o batismo, ela e sua casa¹, convidou-nos nesses termos: “Visto julgardes que eu creio no Senhor, vinde hospedar-vos na minha casa”. E ela nos forçou a aceitar^m.

Em Filipos, prisão e libertação de Paulo. ¹⁶Um dia em que nós íamos ter ao lugar da oraçãoⁿ, veio ao nosso encontro uma jovem criada que tinha um espírito de adivinhação^p — os seus oráculos obtinham avultados lucros para os seus patrões. ¹⁷Ela nos perseguia, a Paulo e a nós, gritando: “Estes homens são os servos de Deus Altíssimo; eles vos^q anunciam o caminho^r da salvação”. ¹⁸Isso se repetiu durante vários dias. Importunado, Paulo acabou voltando-se e disse ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo, eu te ordeno: Sai dessa mulher!” E, no mesmo instante, o espírito saiu. ¹⁹Os seus patrões, que viam esvaír-se a esperança dos lucros, apoderaram-se então de Paulo e Silas e os arrastaram até à praça

pública^s perante os magistrados. ²⁰Eles os apresentaram aos estrategos^t, dizendo: “Esses homens lançam a perturbação em nossa cidade: são judeus ²¹e preconizam normas de comportamento que não é permitido a nós, romanos, nem admitir nem seguir^u”. ²²E a multidão se amotinou contra eles; os estrategos mandaram arrancar-lhes as vestes, deram ordem de os açoitar com varas, ²³e, depois de os ter moído a pancadas, jogaram-nos na prisão, ordenando ao carcereiro que os vigiasse de perto; ²⁴sendo tal a ordem recebida, ele os jogou na cela mais retirada e lhes prendeu os pés nos cepos^v.

²⁵“Por volta da meia-noite, Paulo e Silas, em oração, cantavam os louvores de Deus, e os outros presos os escutavam. ²⁶De repente houve um tremor de terra tão violento que abalou os alicerces do edifício^w. Todas as portas se abriram no mesmo instante e os grilhões de todos os prisioneiros arrebentaram^x. ²⁷Arrancado de seu sono, o carcereiro viu as portas da prisão abertas; pensando que os prisioneiros tivessem fugido, tomou da espada e ia suicidar-se^y. ²⁸Mas Paulo gritou-lhe com voz forte: “Não faças nada de funesto contra ti; nós estamos todos aqui”. ²⁹O carcereiro pediu luz, precipi-

2Cor 11.25;
Fl 1.30;
ITs 2.2

12.4-5

Ef 5.19;
Cl 3.16

4.31

não parece ser de tipo sinagoga (era indispensável a presença de ao menos dez homens).

j. *Tiátira*, na Ásia Menor, era um centro de tinturaria. A púrpura designa os tecidos tingidos de uma cor violácea. Esses tecidos, muito apreciados, eram exportados.

k. Lit. *adoradora de Deus*. Cf. 13.43 nota.

l. Sobre o batismo de *casas inteiras*, cf. 10.2 nota.

m. Sobre a hospitalidade, cf. 10.2.6.48 nota. Paulo preferia prover por si mesmo às suas necessidades (20.34 nota); daí provavelmente a insistência de Lídia. A Igreja de Filipos foi generosa para com Paulo (Fl 4.15-16).

n. Após as intervenções divinas que dirigiram Paulo rumo à Macedônia (vv. 6-10), a narração insiste sobre a fundação da Igreja de Filipos (vv. 11-15), com a dupla confirmação dos missionários pelo poder de Cristo (vv. 16-18 e 25-34). Confrontado com o paganismo numa cidade romana (cf. v. 12 nota), o cristianismo sai vitorioso do combate.

o. Cf. 16.13 nota.

p. Lit. *espírito píton*. O Píton era a serpente guardiã do oráculo de Delfos; o termo designou posteriormente qualquer espírito divinatório.

q. Var.: *nos*.

r. Cf. 9.2 nota.

s. Lit. a *ágora* que, nas cidades helenísticas, era a praça cen-

tral onde se acertavam os negócios, faziam-se as compras e se administrava a justiça. Nas grandes cidades, como Atenas, os seus pórticos eram um lugar de discussão e de intercâmbio intelectual. Cf. 17.17.

t. Os *duumviri iure dicundo* encarregados da justiça.

u. O autor, que acentua habitualmente a benevolência dos romanos para com os cristãos, menciona aqui excepcionalmente uma oposição provida de cidadãos romanos. Mas, como ele mostrará, as incriminações indicadas (ordem perturbada e proselitismo) são infundadas — se o proselitismo feria a mentalidade romana, ainda não era formalmente proibido. O verdadeiro motivo da hostilidade é a decepção dos senhores da escrava.

v. Lit. *de madeira*. Os *cepos* eram entaves fixados na parede que impediam a evasão dos prisioneiros.

w. O episódio da libertação milagrosa (v. 25-34; cf. 5.19-21; 12.7-11) parece inserido posteriormente na narração do exorcismo da escrava que tinha o espírito de adivinhação: os vv. 35-40 retomam o fio dessa narração sem nenhuma alusão à libertação milagrosa.

x. Lit. *o edifício da prisão*.

y. Embora os terremotos não sejam raros nessa região, trata-se evidentemente, ao ver do autor, de um milagre.

z. Os carcereiros da época deviam sofrer a pena daqueles que tinham deixado evadir-se (cf. 12.19 e 27.42).

tou-se para o interior e, todo trêmulo, lançou-se aos pés de Paulo e de Silas.

³⁰Depois, tendo-os feito sair, disse-lhes:

^{2,37} “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” ³¹Eles lhe responderam: “Crê no

^{4,12} Senhor Jesus^b e serás salvo, tu e a tua casa”. ³²Eles anunciaram então a palavra do Senhor a ele e a todos os que viviam em sua casa.

³³Imediatamente, em plena noite, o carcereiro os levou para lhes lavar as chagas; depois, sem mais esperar, recebeu o batismo, ele e todos os seus. ³⁴Em seguida, fez Paulo e Silas subirem para a casa dele, ofereceu-lhes uma refeição e se alegrou com os seus por ter crido em Deus.

³⁵Ao amanhecer, os estrategos mandaram dizer pelos litores^c ao carcereiro: “Solta esses homens!” ³⁶O carcereiro comunicou esta notícia a Paulo: “Os estrategos mandam dizer que vos solte. Sendo assim, sai e ide em paz!” ³⁷Mas Paulo declarou: “Eles nos mandaram açoitar em público, sem condenação, a nós que somos cidadãos romanos^d, e nos jogaram na prisão. E agora querem nos lançar fora clandestinamente? De modo algum! Eles que venham pessoalmente nos libertar!” ³⁸Os litores relataram essas declarações aos estrategos, que ficaram amedrontados ao saber da sua condição de cidadãos romanos ³⁹e vieram pedir-lhes desculpas^e; depois libertaram-nos,

rogando-lhes que deixassem a cidade.

⁴⁰Depois de saírem da prisão, Paulo e Silas foram ter com Lídia, avistaram-se com os irmãos para os encorajar, depois partiram.

11,23; 13,15;
14,22; 15,32;
20,1,2

17 Dificuldades em Tessalônica. ¹Passando por Anfípolis e Apolônia, eles chegaram a Tessalônica, onde os judeus tinham uma sinagoga. ²Como costumava, Paulo foi procurá-los e, durante três sábados sucessivos, dirigiu-lhes a palavra; a partir das Escrituras, ³ele explicava e demonstrava que o Messias devia sofrer, ressuscitar dos mortos e, dizia ele, “o Messias é este Jesus que eu vos anuncio!” ⁴Alguns dos judeus se deixaram convencer e foram ganhos por Paulo e Silas, como bem uma multidão de grandes adoradores de Deus, e bom número de mulheres da alta sociedade^f.

1Ts 2,2

13,14

9,20; 18,5;
26,23;
Lc 24,26

13,43;
28,24

⁵Mas os judeus, furiosos, recrutaram alguns maus elementos que vagabundavam pelas ruas, amotinaram a multidão e semearam a desordem na cidade; dirigiram-se então à casa de Jasão, à procura de Paulo e de Silas, que queriam apresentar à assembléia do povo; ⁶não os achando, arrastaram Jasão e alguns irmãos para os apresentar aos politarcas^g: “Esses homens que sublevaram o mundo inteiro, gritavam eles, estão agora aqui, ⁷e Jasão os acolheu. Todos esses indivi-

13,45;
1Ts 2,15

Rm 16,21

16,20; 24,5

a. Passagem da idéia de ter a vida salva à da salvação eterna (cf. 4,9 nota).

b. Sobre a fé: 10,43 nota, e sobre a confissão de fé: 2,36 nota; 8,37 nota; cf. Rm 10,9.

c. Sobre o batismo de casas inteiras, cf. 10,2 nota.

d. V. 35 segundo certas testemunhas ocidentais: *Quando amanheceu, os magistrados se reuniram na praça pública, no mesmo lugar, e, cheios de temor pela lembrança do terremoto que se produziu, enviaram litores para dizer: “Solta esses homens que recebeste ontem”*.

e. Como em Roma, cada magistrado de Filipos tinha dois litores à sua disposição. Esses oficiais de justiça os escoltavam trazendo na mão os fasces, símbolo do poder. Lucas parece bem-informado acerca das instituições de Filipos.

f. Variante ocidental: *e parti*.

g. Paulo faz apelo ao direito romano que proibia submeter um cidadão romano à flagelação, daí o temor dos magistrados (cf. 22,29). Paulo lançará mão outras vezes dos seus privilégios de cidadão romano (22,25,29; 23,27).

h. Ou: *entender-se com eles*. Texto ocidental do v. 39; e *che-*

gados à prisão com numerosos amigos, eles lhes rogaram que saíssem, dizendo: “Nós ignorávamos o que vos concerne, isto é, que sois homens justos”. Depois de os terem conduzido para fora, fizeram-lhes o seguinte pedido: “Sai desta cidade, a fim de que os que vos acometeram com seus gritos não se reúnam de novo”.

i. Provar a partir das Escrituras proféticas que Jesus é o Messias, o Cristo, é um aspecto típico da pregação aos judeus (2,14 nota, 36 nota; 3,18 nota).

j. Lit. *se tornaram o quinhão de*.

k. O autor insiste de bom grado na conversão das *mulheres* em geral e, em particular, das da *alta sociedade*. O papel delas foi importante para o sucesso, no Império, das religiões orientais e do judaísmo, para o qual elas propendiam mais que os homens. Elas devem ter facilitado muitas vezes a missão cristã. O autor pôde conhecer pessoalmente esses ambientes (13,50; 17,12; cf. Lc 8,1-3; 10,38-42). Entre os convertidos de Tessalônica, estavam sem dúvida Aristarco e Segundo (20,4; Cl 4,10).

l. Ou, menos bem, *perante a multidão*.

m. Os magistrados de Tessalônica se chamavam, de fato, politarcas.

25.8 duos agem contra os editos do imperador; eles pretendem que existe um outro rei, Jesus^{25.8}.⁸Esses gritos impressionaram a multidão e os politarcas, ⁹que exigiram então uma fiança de Jasão e dos outros, antes de os soltar.

Bom acolhimento em Beréia. ¹⁰Imediatamente os irmãos fizeram Paulo e Silas partir, de noite, para a Beréia. Ao chegarem, eles foram à sinagoga dos judeus. ¹¹Mais corteses que os de Tessalônica, estes acolheram a Palavra com inteira boa vontade, e cada dia examinavam as Escrituras para ver se era assim mesmo¹¹. ¹²Muitos dentre eles abraçaram a fé, como também mulheres gregas de alta posição e homens, em número apreciável.

¹³Mas apenas os judeus de Tessalônica souberam que também em Beréia Paulo anunciava a palavra de Deus, sobrevieram, para agitar e perturbar também aí as multidões. ¹⁴Sem mais tardar, os irmãos fizeram então partir Paulo para chegar ao mar, enquanto Silas e Timóteo ficavam lá¹⁴. ¹⁵Os que escoltavam Paulo foram até Atenas, depois voltaram com

a ordem, para Silas e Timóteo, de virem juntar-se-lhe o mais depressa possível.

Paulo e os filósofos de Atenas. ¹⁶Enquanto Paulo os esperava em Atenas¹⁶, tinha a alma conturbada por ver esta cidade cheia de ídolos. ¹⁷Por isso, dirigia a palavra na sinagoga, aos judeus e aos adoradores de Deus, e, cada dia na praça pública¹⁷, a toda a gente. ¹⁸Havia até filósofos epicureus e estoicos¹⁸ que conversavam com ele. Alguns diziam: "Que quer dizer esse tagarela?" E outros: "Deve ser um pregador de divindades estrangeiras". — Paulo anunciava, com efeito, Jesus e a Ressurreição¹⁹. ²⁰Tomaram-no pois consigo para o conduzirem perante o Areópago: "Poderíamos saber, diziam, qual é essa nova doutrina que expões?" ²¹Realmente estás sempre a nos atenuar os ouvidos com afirmações estranhas, e nós queríamos saber o que é que elas significam²¹. ²²É preciso que se diga que todos os habitantes de Atenas e todos os estrangeiros lá residentes passavam a maior parte do tempo contando ou escutando as últimas novidades.

²²De pé no meio²² do Areópago, Paulo tomou a palavra: "Atenienses, eu vos

n. O cristianismo seria assim um movimento sedicioso que preconizava Jesus como um *basileus* (= rei, imperador), rival da autoridade imperial (cf. Lc 23,2 nota; Jo 19,12). Na realidade, os cristãos evitavam, ao que parece, dar a Jesus esse título particularmente ambíguo, preferindo ao de *Cristo* ou *Senhor* (cf. 2,36 nota). Foi sem dúvida valendo-se da significação "régia" desses dois títulos que os judeus de Tessalônica forjaram a sua acusação.

o. Isto é: se Jesus era mesmo o Messias (cf. v. 3 nota).

p. A perseguição continuará em Tessalônica (ITs 2,14). Quanto a Timóteo, ele alcançou Paulo em Atenas ou mesmo o acompanhou, e de lá partiu de novo para Tessalônica (ITs 3,1-6): o autor simplifica.

q. Degradada politicamente, Atenas continuava sendo, como centro "universitário", o modelo da cultura helenística. Ela será o palco do primeiro encontro (17,16-34) entre o Evangelho e o alto pensamento pagão.

r. Paulo se dirige logo de início tanto aos judeus como aos pagãos: é uma novidade e um caso único (cf. 13,46 nota). Sobre a *praça pública*, ver 16,19 nota.

s. O epicurismo e o estoicismo eram então as escolas filosóficas mais difundidas. Elas fariam profundamente, mas o cristianismo, mesmo sendo favorecido por alguns dos seus aspectos, esbarrar na que era comum a ambas: a rejeição de um Deus pessoal absolutamente distinto do universo, um certo humanismo, um racionalismo fundamental.

t. Lit. *apanhador de grãos*, qualificativo de um pássaro, predador e tagarela sem dúvida, difícil de identificar.

u. A palavra *Ressurreição* é tida pelo nome de uma nova divindade, associada a Jesus. A idéia de uma ressurreição corporal era estranha ao helenismo, que não concebia sobrevivência a não ser como uma imortalidade espiritual.

v. O *Areópago* é uma colina, a oeste da Acrópole. O supremo conselho de Atenas, antes de se reunir na Ágora, tinha outrora realizado ali as suas sessões. Aqui, o *Areópago* poderia designar a colina, escolhida como sossageado lugar de encontro. Mas é mais provável que se trate do conselho, cujas atribuições se tinham então tornado sobretudo religiosas e "universitárias". O autor insiste de bom grado no testemunho perante as autoridades (4,8-12; 5,27-33; etc.; cf. 9,15; Lc 21,12). Os magistrados, sem intentar processo, querem informar-se acerca dessa doutrina desconhecida (no v. 34, um deles se converte) e sobre suas consequências.

w. Ou: *diante do*. Entre todos os grandes discursos de Paulo contidos nos Atos (13,16-41; 20,18-35; 22,1-21; 24,10-21; 26,2-33), o que começa aqui é o mais típico de sua pregação aos pagãos (cf. 14,15 nota; ITs 1,9-10; Hb 6,1-2). Após um exórdio que termina no *deus desconhecido* (vv. 22-23), Paulo sugere (vv. 25-29) que esse deus é o Deus criador e Providência (que ele já tinha anunciado aos pagãos de Lístia: 14,15 nota), depois, ele apresenta diretamente o Evangelho (vv. 30-31) sob um ângulo, a bem dizer, bastante especial (v. 31 nota). O *seu discurso* comporta mais de um tema corrente na pregação judaica aos pagãos (vv. 24 nota, 25 nota; cf. Sb 13-14; Rm 1,19-25; Ef 4,17-19); para ajudar os seus ouvintes a saírem da *ignorância* (v. 30

9,25; 13,14;
23,23,31

1Co 1,22

1,14; 17,34

13,12; 28,22

considero, sob todos os aspectos, homens quase religiosos demais. ²³Com efeito, quando percorro as vossas ruas, o meu olhar se dirige, muitas vezes, para os vossos monumentos sagrados, e descobri, entre outros, um altar com esta inscrição: 'Ao deus desconhecido'. Aquilo que venerais assim, sem o conhecer, é o que eu vos venho anunciar³.

²⁴O Deus que criou o universo e tudo o que nele se encontra, ele que é o Senhor do céu e da terra, não habita templos construídos pela mão dos homens². ²⁵E o seu serviço tampouco exige mãos humanas², como se ele carecesse de alguma coisa², pois ele dá a todos a vida e a respiração e tudo o mais.

²⁶A partir de um só homem², ele criou todos os povos para habitarem toda a superfície da terra, ele determinou tempos fixos², e traçou os limites do habitat dos homens: ²⁷era para que eles procurassem a Deus²; talvez o pudessem descobrir às apalpadelas, a ele que, na rea-

lidade, não está longe de cada um de nós¹. ²⁸«Pois é nele que nós temos a vida, o movimento e o ser², como disseram alguns de vossos poetas:

Pois nós somos de sua raça².

²⁹«Então, visto que somos da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade¹ se pareça com ouro, prata, ou mármore, escultura da arte e da imaginação do homem. ³⁰Eis que Deus, sem levar em conta esses tempos de ignorância¹, anuncia agora aos homens que todos, e em toda parte, têm de se converter. ³¹Com efeito, ele fixou um dia em que deve julgar o mundo com justiça², pelo homem¹ que designou, conforme a garantia que deu a todos, ressuscitando-o de entre os mortos.»

³²As palavras "ressurreição dos mortos"¹, uns zombavam, outros declararam: "Nós te ouviremos sobre isso noutra ocasião". ³³Foi assim que Paulo os deixou². ³⁴Alguns, no entanto, tinham aderido a ele e abraçado a fé: entre eles,

Is 40.18-20;
Sb 13.10

10.42; Sl 9.9;
96.13
1Ts 1.10

1Cor 1.23;
15.12

3.17; 14.17;
Gl 4.8

42.4; 14.15;
Sl 146.6;
Ne 9.6;
Ap 14.7
7.48; 19.26
Is 66.1-2

Is 42.5;
Jr 7.22;
Sb 13.10

14.15-17;
Gn 10;
Dt 32.8

Is 55.6; 65.1;
Sh 13.1-9;
Rm 1.19-20

nota), Paulo se esforça por descobrir no paganismo analogias com a sua mensagem (v. 23 nota; etc.).

x. Ou: *Ao deus incognoscível*. Dedicavam-se altares aos deuses desconhecidos para se conciliarem mais seguramente o favor de divindades esquecidas ou ignoradas. Aqui, porém, Paulo emprega esta fórmula no singular; talvez ela tenha existido sob essa forma, que até agora ainda não é atestada nas inscrições antigas; talvez Paulo adapte a fórmula ao que ele entendia, que era preparar os seus ouvintes à proclamação do Deus de Israel e de Jesus, que eles de certo modo veneram sem ainda o conhecer.

y. Var.: *Aquele que venerais... é ele que eu venho...*

z. Esse tema polêmico do AT (1Rs 8.27; Is 66.1-2), já empregado pelo judaísmo em sua pregação aos pagãos, é retomado aqui pela pregação cristã quando se dirige aos pagãos e mesmo, ocasionalmente, aos judeus (7.48 nota); cf. nota seguinte. Um tema análogo se encontra entre os estoicos.

a. Alusão à fabricação dos ídolos, tema da pregação judaica, depois cristã (cf. 19.26), aos pagãos.

b. Ainda um tema do AT (Sl 51.18; Jr 7.22) que condiz, aliás, com uma idéia estoica, desenvolvida na mesma época por Sêneca.

c. Ou: *de um só princípio*. Var.: *de um só sangue*. A tradição bíblica relativa a Adão concorda aqui com o conceito estoico da unidade do gênero humano.

d. Outra tradução: *ele fixou aos povos tempos que lhes são distribuídos*; a ênfase estava então mais na história que na ordem do mundo. Mas o texto paralelo de 14.17 faz pensar antes nas estações do ano. A ordem do mundo era uma noção central do estoicismo.

e. Var.: *a divindade* (cf. v. 29 nota).

f. O texto sugere ao menos que os pagãos, através da criação, teriam podido descobrir a Deus. Uma idéia análoga se acha em

Rm 1.19-20, mas numa perspectiva mais realista e pessimista (Rm 1.20 nota); cf. entretanto abaixo v. 30 nota.

g. Frase inspirada no poeta Epimênides (séc. VI a.C.). A triade platônica: vida, movimento, ser é paralela à do v. 25.

h. Citação dos *Fenômenos* de Áratos (séc. III a.C.) próximo de um pensamento do estoico Cleanto. O texto de Áratos significa: *nós tiramos dele a nossa origem*. O sentido dado por Paulo é, portanto, "acomodaticio". Sem dúvida, para uma aproximação com a idéia de imagem de Deus de Gn 1.26 (cf. 2Pd 1.4; 1Jo 3.2).

i. O termo *divindade* (cf. v. 27 nota), com o seu alcance muito geral, permite passar da diversidade dos deuses pagãos à unidade de Deus. Os pagãos concebiam os deuses à imagem do homem; a partir dos seus próprios princípios, é o processo inverso que Ihes é proposto aqui.

j. A *ignorância* dos judeus era devida ao desconhecimento das profecias (3.17 nota; 13.27 nota). A dos pagãos (cf. v. 23) provém do fato de que não souberam descobrir Deus através da criação; a fórmula empregada aqui por Paulo deixa entender que essa ignorância dos pagãos é culpada (cf. v. 27 nota).

k. Nesta pregação dirigida a pagãos (cf. 14.15 nota), Paulo não fala nem da vida nem da morte de Jesus (cf. a pregação aos judeus; 2.14 nota; 13.16 nota). Jesus é diretamente apresentado como um homem (cf. 2.23) que será o artífice de um juízo universal (cf. 10.42 nota). A sua Ressurreição é afirmada, mas como garantia dessa missão de juiz, confiada por Deus a Jesus.

l. Variante: *por um homem, Jesus*.

m. Cf. v. 18 nota.

n. Em meio a um sucesso que parece ter sido modesto (v. 34). Será por essa razão que Paulo passou, em Corinto, a uma pregação menos adaptada e mais "louca"? (1Cor 2.1-5; cf. 1.17-18.22-25). É possível. De qualquer forma, porém, o helenismo, se não os gregos, resistirá muito tempo ao Evangelho.

Dionísio, o Areopagita*, uma mulher chamada Dâmaris, e outros mais.

18 A fundação da Igreja de Corinto.

¹Deixando Atenas, Paulo foi em seguida para Corinto^a. ²Lá encontrou um judeu chamado Áquila, originário do Ponto, que acabava de chegar da Itália com sua mulher, Priscila^a. Pois Cláudio decretara que todos os judeus deviam sair de Roma^a. Paulo relacionou-se com eles ³e, como tinha o mesmo ofício — eram fabricantes de tendas* —, instalou-se em

casa deles, e aí trabalhava^a. ⁴Cada sábado, tomava a palavra na sinagoga e procurava convencer judeus e gregos^a. ⁵Mas quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia^a, Paulo se consagrou inteiramente à palavra, atestando perante os judeus que Jesus é o Messias. ⁶Diante da oposição e das injúrias deles*, Paulo sacudi as vestes* e lhes declarou: “Que o vosso sangue caia sobre a vossa cabeça!” Disso eu estou puro; doravante, é aos pagãos que irei^a. ⁷Abandonando este lugar, ele foi para a casa de certo Tício Justo^a, adorador de Deus, cuja casa fica-

va junto da sinagoga. ⁸Crispo, chefe da sinagoga creu no Senhor com toda a sua casa^b; e muitos coríntios, escutando Paulo, abraçavam a fé e recebiam o batismo. ⁹Uma noite, o Senhor disse a Paulo em visão: “Não tenhas medo, continua a falar, não te cales. ¹⁰Com efeito, eu estou contigo e ninguém porá a mão em ti para te maltratar porque, nesta cidade, um povo numeroso me é destinado^a”. ¹¹Paulo passou aí um ano e seis meses a ensinar a palavra de Deus.

O comparecimento de Paulo perante

Galião. ¹²Sob o proconsulado de Galião na Acaia^a, a hostilidade dos judeus se tornou unânime contra Paulo, e eles o levaram ao tribunal^a. ¹³“Este indivíduo quer induzir o povo a um culto ilegal de Deus”, sustentavam eles*. ¹⁴Paulo ia tomar a palavra, quando Galião respondeu aos judeus: “Se se tratasse de um delito, ou de algum crime vergonhoso, eu receberia a vossa queixa, ó judeus, pois seria coisa razoável; ¹⁵mas visto que as vossas discussões concernem a uma doutrina^b, a nomes e à lei que vos é pró-

o, Dionísio, o Areopagita, a quem mais tarde se atribuíram, falsamente, escritos célebres. É aqui um tipo de convertido da elite (cf. 13,12; 17,4 nota).

p. Colônia romana fundada por Júlio César, Corinto era a capital da província da Acaia. Era um importante centro comercial, dotado de dois portos (um de cada lado do istmo). A população, basicamente latina, era cosmopolita, e o culto de Afrodite lhe dava má reputação. O cristianismo se enraizaria, no entanto, mais facilmente em Corinto, num meio popular (1Cor 1,26), do que em Atenas.

q. Áquila e Priscila serão excelentes colaboradores de Paulo, em Corinto e em Éfeso (18,18-19; 1Cor 16,19); depois em Roma (Rm 16,3; cf. 2Tm 4,19).

r. Esse decreto, datado de 49-50, é conhecido do historiador romano Suetônio; nós ignoramos até que ponto e durante quanto tempo foi observado (cf. 28,17; Rm 16,3).

s. Trabalho feito com peles, ou, mais provavelmente, tecelagem de lonas de pêlo de cabra, técnica da Cilícia, pátria de Paulo. Os rabinos praticavam um ofício manual. Para Paulo é um meio de não viver a expensas de ninguém e de proclamar o Evangelho gratuitamente (cf. 20,34 nota).

t. Var.: eles trabalharam.

u. Var. ocidental: Entrando cada sábado na sinagoga, ele tomava a palavra, expunha o nome do Senhor Jesus e se esforçava em convencer não somente os judeus, mas até os gregos.

v. Cf. 17,14 nota p. Foi então (cf. v. 12 nota) que Paulo escreveu 1Ts (1Ts 1,1; 3,1-6) e, pouco mais tarde, 2Ts (cf. 2Ts 1,1).

w. Ou: as suas blasfêmias (cf. 13,45 nota).

x. Gesto de ruptura; sacode-se para trás de si até o pó do lugar que se deixa (cf. 13,51; 22,23).

y. Isto é: sois as únicas responsáveis do que vos acontecer (cf. 5,28 nota; 20,26).

z. Cf. 13,46 nota.

a. Var.: Tito Justo. Era provavelmente um incircunciso: Paulo rompe com a sinagoga indo morar em casa dele (cf. 10,28 nota).

b. Cf. 10,2 nota.

c. O ministério de Paulo, que começou por uma visão (9,10.12 nota; 26,19; 23,11), continua do mesmo modo (18,9; 26,16; cf. 13,31 nota) orientado por Deus (16,9-10; 27,24; cf. 10,3 nota) — que age também em sua vida pelo Espírito Santo (1,8 nota).

d. Lit. um povo numeroso é para mim (cf. 15,14 nota).

e. Uma inscrição achada em Delfos permite situar esse proconsulado de Galião, irmão de Sêneca, em 51-52 ou 52-53. O comparecimento de Paulo situa-se decerto pelo fim de sua estada de dezoito meses (vv. 11.18). Paulo deve ter permanecido em Corinto de 50 a 52.

f. Lit. ao estrado; a justiça administrava-se normalmente, não em uma sala, mas sob um pórtico.

g. A religião e, até certo ponto, a lei judaica eram reconhecidas pela lei romana. Para acusar Paulo aqui (cf. 17,7 nota) do crime capital que a introdução no império de uma religião nova acarretava, os seus adversários judeus tiveram de apresentar o cristianismo como uma religião diferente do judaísmo. Não era tão malpensado (cf. 11,26 nota), mas Galião não vai ser da opinião deles (v. 15 nota).

h. Ou: palavras.

1Cor 1,14

1s 41,10;

Jr 1,8

1Cor 2,3

15,14;

Jo 10,16;

1Cor 16,9

19,10

13,7; 19,38

23,29;

25,18-19;

Jo 18,31

pria, isso é da vossa conta! Eu não quero ser juiz em tal matéria". ¹⁶E os fez sair do tribunal. ¹⁷Todos^l então se apoderaram de Sóstenes, chefe da sinagoga, e o moíam de pancadas diante do tribunal; mas Galião absolutamente não ligou para isso.

1Cor 1.1

Passagem de Paulo por Antioquia.

¹⁸Paulo ficou ainda bastante tempo em Corinto. Depois deixou os irmãos e embarcou para a Síria, em companhia de Priscila e Áquila. Em virtude de um voto^k, mandara raspar o cabelo em Cêncreia^l. ¹⁹Aportaram em Éfeso, onde Paulo se separou dos companheiros. Ele foi, da sua parte, à sinagoga e aí dirigiu a palavra aos judeus^m. ²⁰Como estes lhe pedissem que prolongasse a sua estada, ele recusou. ²¹mas deixou-os com estas palavras: "Eu tornareí a vir convosco outra vez, se Deus quiser". Ele embarcou em Éfeso, ²²desembarcou em Cesaréia, subiu para saudar a Igrejaⁿ, e desceu para Antioquia, ²³onde ficou algum tempo^o. Depois, tornou a partir e percorreu sucessivamente a região gálata e a Frígia^p, confirmando todos os discípulos.

Rm 16.1

13.14;
17.17; 18.4;
19.8

Rm 1.10;
15.32

16.5-6

Apolo em Éfeso e Corinto. ²⁴Um judeu chamado Apolo^q, originário de Alexandria, chegara a Éfeso. Era um homem sábio^r, versado nas Escrituras. ²⁵Fora instruído no Caminho do Senhor^s e, com o espírito cheio de fervor^t, pregava e ensinava com exatidão o que concernia a Jesus, mas só conhecia o batismo de João. ²⁶Ele se pôs, portanto, a falar com toda convicção na sinagoga. Mas tendo-o ouvido, Priscila e Áquila o tomaram consigo e lhe expuseram mais exatamente ainda^u o Caminho de Deus. ²⁷Como tivesse a intenção de ir à Acaia, os irmãos o aprovaram e escreveram aos discípulos que lhe dessem bom acolhimento^v. Quando chegou, foi, pela graça de Deus^w, de grande ajuda para os fiéis. ²⁸pois a força de seus argumentos prevalecia sobre os judeus, de público, quando ele provava pelas Escrituras que Jesus era o Messias^x.

Rm 12.11

19.3

Rm 16.1;
2Cor 3.1;
Cl 4.10

9.20; 17.3;
18.5; 19.8

19 A chegada de Paulo a Éfeso. 'Foi durante a estada de Apolo em Corinto que Paulo chegou a Éfeso, passando pela região alta^y. Aí ele encontrou alguns discípulos^z e lhes perguntou:

18.27

i. Os *nomes* de que fala Galião são sem dúvida os títulos dados a Jesus. Contrariamente aos acusadores de Paulo, Galião considera o cristianismo como uma questão ligada à comunidade judaica e à sua lei: é uma variedade do judaísmo que se beneficia do mesmo reconhecimento legal que este último e, por isso, não concerne à justiça romana (cf. 25.19). Ao longo de todo o seu livro (16.35-39; 17.8-9; 19.37-38; 24.20-22; 26.31-32), o autor compraz-se em registrar decisões ou apreciações oficiais que se coadunam com esta impronúncia. Ele enfatiza assim ao mesmo tempo a inanidade das acusações feitas contra o cristianismo ou contra Paulo, pessoalmente, e a imparcialidade da justiça romana.

j. Var.: *todos os gregos*, ou *todos os judeus*. No primeiro caso tratar-se-ia não de um tumulto entre judeus, mas de um ato de hostilidade contra eles.

k. Trata-se do voto chamado de nazirado, que obrigava, entre outras coisas, a manter os cabelos compridos durante um certo tempo (Nm 6.9-18). Talvez haja confusão com o voto indito em 21.23-27, ou então o voto feito em Cêncreas só se cumpriu em Jerusalém.

l. Porto de Corinto no mar Egeu.

m. Ou: *converteram com os judeus*.

n. A Igreja de Jerusalém de preferência à de Cesaréia. Mas Lucas esbate essa visita, pois o seu plano é fazer Paulo partir de Jerusalém, a fim de reconduzi-lo para lá (15.36 nota; cf. nota seguinte).

o. Aqui começa a viagem tradicionalmente chamada "terceira

viagem missionária" (18.23-21.14), após um ano, talvez, de residência em Antioquia. É antes o segundo período da grande missão paulina (cf. nota precedente), na qual a narração vai ficar centrada em Éfeso (19.1 nota).

p. Cf. 16.6 nota.

q. Apolo será bem-sucedido em Corinto (18.27-28), onde dará ocasião a polémicas na Igreja (1Cor 1.12; 3.4-6; 16.12; cf. Ti 3.13). Foi proposto ver nele o autor da epístola aos Hebreus.

r. Ou *eloquente*.

s. Variante ocidental: *Ele tinha sido informado... em sua pátria*, isto é, em Alexandria. Segundo essa variante, a fé cristã teria atingido o Egito em época muito remota. Seja como for, o cristianismo de Apolo é de um tipo arcaico que se poderia qualificar de "anterior a Pentecostes", visto que ele ignora o batismo cristão (cf. 2.38; 19.2 nota; 18.28 nota. Sobre o Caminho: 9.2 nota).

t. Outra tradução: *ardendo pelo Espírito Santo*. Mas a continuação do texto sugere ao menos que Apolo ainda não recebera o Espírito.

u. Antes que de retificação, trata-se de um complemento de instrução.

v. Var. ocidental: *Coríntios residentes em Éfeso, que o tinham ouvido, convidaram-no a passar com eles para a pátria deles; com o seu consentimento, os efésios escreveram aos discípulos de Corinto que o acolhessem bem*.

w. Lit. *pela graça*.

x. Cf. 2.36 nota. Notar que Apolo só se dirige aos judeus.

y. Var. ocidental: *Enquanto Paulo, segundo um projeto pes-*

8,17; 10,44 "Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé?" — Mas eles lhe responderam: "Nós nem mesmo ouvimos falar do Espírito Santo!"² Paulo perguntou: "Então que batismo recebestes?"
 1,5; 10,37 Eles responderam: "O batismo de João"³.
 13,24n; Le 3,3,15-18 ⁴Paulo continuou: "João ministrava um batismo de conversão e pedia ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus".⁵ Eles o escutaram e receberam o batismo em nome do Senhor Jesus⁶.
 2,38; 8,16; 10,48 ⁶Paulo lhes impôs as mãos, e o Espírito Santo veio sobre eles: falavam em línguas e profetizavam⁷.
 8,17 ⁷Eram ao todo cerca de doze pessoas.
 2,4; 10,46

A pregação de Paulo em Éfeso. ⁸Paulo ia à sinagoga e, durante três meses, nela tomou a palavra com toda convicção a respeito do Reinado de Deus, esforçando-se por convencer os seus ovinos.⁹ Como alguns se endurecessem e, longe de se deixar convencer, difamavam o Caminho em plena assembléia¹⁰ Paulo rompeu com eles e, tomando à parte os discípulos, dirigia-lhes diariamente a palavra na escola de Tirano¹¹.¹² Esta situação durou dois anos¹³, de tal sorte que

toda a população da Ásia¹⁴, judeus e gregos, pôde ouvir a palavra do Senhor.

A desventura dos exorcistas judeus.

¹⁵Deus realizava pelas mãos de Paulo milagres pouco comuns.¹⁶ a tal ponto que recolhiam, para os aplicar sobre os doentes, lenços ou panos que haviam estado em contato com sua pele. Então, essas pessoas ficavam curadas de suas doenças, e os espíritos maus se retiravam.¹⁷ Alguns exorcistas judeus¹⁸ itinerantes tentaram, por sua vez, pronunciar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos maus e diziam: "Eu vos conjuro por esse Jesus que Paulo proclama!"¹⁹ Sete filhos de um Sumo Sacerdote judeu, um certo Sceva, tentavam esta prática²⁰.
 5,15; 14,8,44; 5,16; 16,16-18 ²⁰O espírito mau lhes replicou: "Jesus, eu o conheço, e sei quem é Paulo. Mas vós, quem sois?"²¹ E, lançando-se sobre eles, o homem que era habitado pelo espírito mau prevaleceu sobre eles todos, com tal violência que escaparam da casa seminus e cobertos de chagas.²² Toda a população de Éfeso, judeus e gregos, esteve a par dessa aventura; o temor invadiu a todos, e celebraram a grandeza do nome do Senhor Jesus²³.
 16,17; 2,43; 5,5,11

soal, queria ir a Jerusalém, o Espírito lhe disse que voltasse para a Ásia: passando pelo planalto, ele chegou a Éfeso (cf. 19,21). Vindo da Frígia (18,23), é pelo interior montanhoso que Paulo chega à capital da província proconsular da Ásia, onde já estivera (18,19-21). Os Atos falam demoradamente da evangelização de Éfeso (19,1-39), que era um dos maiores centros comerciais e religiosos do mundo greco-romano. Mas, de uma estada que durou mais de dois anos (19,10 nota), eles só conhecem ou relatam alguns episódios bastante desarticulados entre si (ver também 20,18-35). Foi em Éfeso que Paulo escreveu 1Cor, provavelmente Gl e talvez Fl; essas cartas, como também 2Cor, escrita pouco depois, na Macedônia (cf. 20,1), revelam outros aspectos do apostolado efesino de Paulo (ver também Ef e Ap 2,1-7).

z. Lit. ...ouvindo dizer se o Espírito Santo existe. Mas é inverossímil que esses discípulos, esses crentes (vv. 1 e 2), ignorem a existência do Espírito. Com maior ou menor certeza, é do dom do Espírito desde Pentecostes que eles não ouviram falar (cf. Jo 7,39). Sua fé não deixa de ter certa analogia com a de Apolo (18,25 nota).

a. O lugar e a data desse batismo permanecem desconhecidos. Tê-lo recebido não impedia esses efesios de serem cristãos, ao menos até certo ponto (nota precedente; cf. Jo 3,22; 4,1-2).

b. O batismo cristão aparece aqui como nitidamente distinto do batismo de João, mesmo independentemente da imposição das mãos que se lhe seguiu (1,5 nota; 6,6 nota).

c. Um pouco como em Cesaréia (10,46; cf. 2,4 nota e 11,27 nota).

d. Como em Corinto (18,6-7), a hostilidade de certos membros da comunidade judaica vai levar Paulo a romper com essa comunidade (13,46 nota), mas ele ainda terá ovinos judeus (19,10).

e. Trata-se talvez de algum professor de retórica; ele alugava ou emprestava a sua sala a Paulo — da quinta à décima hora, especifica uma variante ocidental, isto é, das 11 às 16h, durante as horas vagas do almoço e da sesta.

f. Esses dois anos acrescentam-se aos três meses de 19,8. Em 20,31, Paulo dirá que ficou três anos em Éfeso.

g. Esta afirmação, embora só diga respeito à província da Ásia e não da Ásia Menor, é certamente otimista. É possível entretanto que a fundação das Igrejas de Colossas (Cl 1,7), de Laodiceia e de Hierápolis (Cl 4,13,15; Ap 3,14-22) remonte a essa época.

h. Como os havia também na Palestina (Lc 9,49; Mt 12,27). Os processos habituais desses exorcistas talvez confinassem com a magia (cf. 19,19).

i. Não se conhece nenhum sumo sacerdote judeu com o nome de Sceva. Variante ocidental: entre eles os (sete) filhos de um sacerdote Sceva queriam agir da mesma forma; eles tinham o costume de exorcizar tais homens e, aproximando-se do possesso, punham-se a pronunciar sobre ele o nome: "Não te ordenamos que saias, diziam, por Jesus, que (o apóstolo) Paulo anuncia".

j. O que é aqui glorificado não é Deus (4,21 nota; cf. 19,11), mas o nome de Jesus (3,16 nota) feito Senhor (2,36 nota).

¹⁹Uma multidão de fiéis^k vinha fazer em voz alta a confissão de suas práticas^l.
¹⁹Um bom número daqueles que se tinham entregue à magia^m amontoaram os seus livros e os queimaram publicamente. Quando se calculou o valor deles, verificou-se que chegava a cinquenta mil moedas de prata.²⁰ Assim, pela força do Senhor, a Palavra crescia e aumentava em poderⁿ.

O motim de Éfeso e a partida de Paulo. ²¹Depois desses acontecimentos, Paulo tomou a decisão, no Espírito^o, de ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e a Acaia^p. Ele declarava: “Quando eu tiver estado lá, ser-me-á preciso ainda ir a Roma^q”. ²²Enviou à Macedônia Timóteo e Erasto, dois dos seus auxiliares, enquanto ele mesmo prolongava um pouco a sua estada na Ásia.

²³Foi nessa época que se deram perturbações bastante graves a respeito do Caminho.²⁴ Com efeito, um ourives chamado Demétrio fabricava templos de Artemis feitos de prata^r e obtinha assim para os artesãos lucros muito apreciáveis^s.
²⁵Ele reuniu esses artesãos, assim como os membros das profissões similares, e lhes declarou: “Vós sabeis, meus amigos, o nosso bem-estar provém desta atividade. ²⁶Ora, vós verificais vós mesmos, ou ouvís dizer: não somente em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, esse

Paulo agita uma multidão considerável, persuadindo-a, como diz, que os deuses que saem das nossas mãos não são deuses^t. ²⁷Não é somente a nossa profissão que corre o risco de ficar desacreditada, mas é também o templo da grande deusa Artemis que poderia ser menosprezado e ver-se, em breve, despojado da grandeza daquela a quem adoram a Ásia e o mundo inteiro!”

²⁸A essas palavras, os ouvintes ficaram furiosos e não paravam mais de gritar: “Grande é a Artemis de Éfeso!” ²⁹A agitação alastrou-se por toda a cidade e precipitaram-se em massa para o teatro, apoderando-se, de passagem, dos macedônios Gaio e Aristarco^u, companheiros de viagem de Paulo. ³⁰Paulo estava resolvido a ir à assembleia, mas os discípulos não lho permitiram. ³¹E alguns asiarcas^v, seus amigos, desaconselhavam-no também de arriscar-se no teatro.

³²Evidentemente cada um gritava coisa diferente do que o vizinho, e a confusão reinava na assembleia onde a maioria ignorava até quais fossem os motivos da reunião. ³³Alguns da multidão informaram certo Alexandre^y, que os judeus haviam empurrado para a frente. Com a mão, Alexandre fez sinal de que queria dar uma explicação à assembleia. ³⁴Mas quando souberam que ele era judeu, todos se puseram a escandir a uma só voz, durante cerca de duas horas: “Grande é

k. Var. ocidental: *uma multidão de crentes*, isto é, de homens que se convertiram; a sua iniciativa seria então contemporânea e não posterior à sua conversão.

l. Trata-se de práticas mágicas.

m. Lit. a *futilidades*, eufemismo para designar a magia. Os livros de magia de Éfeso eram então famosos.

n. Em outras palavras, a pregação do Evangelho era bem-sucedida (cf. 6,7; 12,24).

o. Ou talvez: *em seu espírito* (cf. 20,22).

p. Tais eram os projetos de Paulo quando escrevia 1Cor (1Cor 16,5-6; cf. 2Cor 1,15s.), mas os Atos nada dizem aqui sobre o motivo da viagem a Jerusalém — que era levar para lá a coleta das Igrejas paulinas (cf. 24,17 nota).

q. Cf. Rm 1,12s.; 15,23. Paulo parece ainda não ter preocupações quanto à sua viagem a Jerusalém (cf. At 20,22s.).

r. A longa narração que começa aqui (19,23-40) é viva, pitoresca e não desprovida de certa ironia. Ela mostra mais uma vez (cf. 18,15 nota) que a pregação cristã não incorre em nenhuma censura da parte das leis romanas (19,37-39). A história e a

arqueologia confirmam em mais de um ponto as informações dadas aqui sobre Éfeso.

s. Trata-se de miniaturas do santuário mais popular e mais rendoso da cidade, o grande templo de Artemis (19,27). A deusa venerada sob esse nome nada tinha em comum com a virgem caçadora dos gregos; era uma deusa oriental da fecundidade.

t. Ou talvez: *um trabalho muito apreciável*.

u. A inexistência dos deuses idolatrados era de fato um tema da pregação paulina aos pagãos (17,25 nota).

v. Demétrio exagera um pouco em prol dos interesses da causa.

w. Cf. 20,4; 27,2; 17,4 nota.

x. A cada ano as cidades da Ásia elegiam três ou quatro *asiarcas* (chefes da Ásia) que presidiam ao culto provincial do imperador e de Roma. Essas altas personalidades conservavam o título quando deixavam essas funções.

y. Ou: *...puseram-se de acordo com um certo Alexandre*. Variante: *impeliram para fora da multidão um certo Alexandre*. Não se percebe muito bem com que finalidade este judeu (19,34) intervém na questão.

a Artemis de Éfeso!"³⁵Entretanto, o secretário^o conseguiu acalmar a multidão: "Efésios, disse ele, existe acaso alguém que não saiba que a cidade de Éfeso é a cidade santa^a da grande Artemis e da sua estátua caída do céu^b?"³⁶Visto que a resposta não padece dúvida, deveis portanto voltar à calma e evitar falsas manobras.³⁷Vós trouxestes para cá homens que não cometeram nem sacrilégio nem blasfêmia contra a nossa deusa.³⁸Se Demétrio e os artesãos que o seguem estão em litígio com alguém, existem audiências, existem procônules: portanto, compareçam as partes perante a justiça!³⁹E se tiverdes ainda outras reclamações, a questão será resolvida pela assembléia legal.⁴⁰De fato, nós estamos correndo o risco de sermos acusados de sedição por causa da nossa reunião de hoje, pois não existe nenhum motivo que possamos apresentar para justificar esta arruaça". E, com essa declaração, ele despediu a assembléia.

20 De Éfeso a Trôade pela Grécia e a Macedônia. 'Quando o tumulto

se acalmou, Paulo mandou chamar os discípulos e os encorajou. A seguir despediu-se deles e tomou o caminho da Macedônia^d.²Depois de ter atravessado essas regiões, e nelas ter encorajado decididamente os irmãos, chegou à Grécia, ³onde passou três meses^e. No momento de embarcar para a Síria, como os judeus conspirassem contra ele, resolveu passar de novo pela Macedônia^f. ⁴Ele tinha como companheiros^g: Sópatros, filho de Pirro, da Beréia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe^h, e Timóteo, como também Tíquico e Trófimo, da província da Ásiaⁱ. ⁵Esse grupo, que tinha tomado a dianteira, esperou-nos^j em Trôade. ⁶Quanto a nós, partindo de Filipos depois dos dias dos pães sem fermento^k, embarcamos para alcançá-los, cinco dias mais tarde, em Trôade, onde nos detivemos durante uma semana.

A ressurreição de Êutico em Trôade.

⁷No primeiro dia da semana^m, enquanto estávamos reunidos para partir o pãoⁿ, Paulo, que devia pôr-se a caminho no

z. Sem ser o primeiro magistrado da cidade, o *secretário* ou chanceler era um personagem importante, particularmente por ocasião das sessões da assembléia do povo.

a. Lit. *a cidade que guarda o templo*.

b. Esta era a crença popular.

c. Lit. *que se intentem mutuamente acusações*.

d. Este versículo de transição põe um ponto final na história do motim, e retoma a narração das viagens de Paulo (cf. 19.21-22). A atenção do autor se volta para Jerusalém (cf. 19.1 nota), para a prisão de Paulo e a última viagem para Roma. Foi então que Paulo escreveu 2Cor.

e. O lugar dessa cidade foi, sem dúvida nenhuma, Corinto, provavelmente durante o inverno de 57-58; foi aí que Paulo escreveu a sua carta aos cristãos de Roma. Os Atos, que não falam de atritos entre Paulo e a Igreja de Corinto durante os meses precedentes, tampouco se referem aos motivos da viagem de Paulo: a crise coríntia e a coleta para Jerusalém (cf. 24.17 nota). Ver as introduções a Rm e 1-2Cor.

f. O v. 3, segundo o texto ocidental: *...três meses. Como os judeus trassem ciladas contra ele, ele quis embarcar para a Síria, mas o Espírito lhe disse que tornasse a passar...*

g. Muitos manuscritos acrescentam: *até a Ásia* (cf. 2Cor 8.18-22).

h. Var. ocidental: *de Doberios*, cidade da Macedônia, situada entre Filipos e Anfípolis. Se esse Gaio fosse macedônio, poder-se-ia pensar em identificá-lo com o Gaio mencionado em 19.29.

i. *Sópatros*: cf. Rm 16.21? *Aristarco*: cf. 19.29; *Gaio*: cf. nota precedente. *Trófimo*: cf. 21.29 e 2Tm 4.20. *Tíquico*: cf. Ef

6.21; Cl 4.7; 2Tm 4.12; Tt 3.12. Sem dúvida todos esses personagens tinham sido delegados por suas Igrejas para levar a coleta a Jerusalém (cf. 2Cor 8.16-9.5; cf. v. 3 nota).

j. Começo da segunda seção em "nós" (20.5-15); cf. 16.10 nota.

k. Cf. 12.3 nota. Essa indicação dá a entender que Paulo celebrara a festa judaica da Páscoa (cf. 16.3 nota; 1Cor 5.7).

l. A narrativa de viagem, que continuará no v. 13, é interrompida pelo breve episódio da ressurreição de Êutico. Paulo não reza nem apela para o nome de Jesus (cf. 16.18; 3.16 nota), mas repete alguns gestos de Elias (cf. 1Rs 17.17-24; 2Rs 4.8-37).

m. Isto é, o dia da Ressurreição de Jesus (Lc 24.1), que, mais tarde, se chamará *dia do Senhor* (Ap 1.10 = o domingo). Esse dia é marcado aqui (cf. 1Cor 16.2?) por uma reunião (cf. nota seguinte) que, segundo o contexto, tem lugar ao entardecer e na noite do sábado (os dias, para os judeus, começavam ao pôr-do-sol da véspera).

n. Trata-se aqui (cf. Lc 24.30 nota) da *Eucaristia*, já celebrada em Jerusalém (2.42 nota; 2.46), onde, como aqui, ela se celebrava em casa (2.46), isto é, num local privado. Sem dúvida, esta *fração do pão* (cf. 1Cor 11.23-25) era acompanhada geralmente de uma refeição (v. 11; cf.: 2.46; 6.2 nota; 11.3 nota; 1Cor 11.17-22). Ela comportava também orações (2.42), uma pregação (vv. 9.11; cf. 2.42?) e talvez intercâmbios entre cristãos (cf. nota seguinte). A sua atmosfera parece ter sido alegre (2.46; cf. 16.34?), como o conjunto da vida da Igreja (8.8 nota). Outras alusões possíveis à Eucaristia, nos Atos: 6.2 nota; 13.2 nota; 16.34; 27.35 nota.

dia seguinte, dirigia a palavra^o aos irmãos e prolongara a palestra até cerca de meia-noite. ⁸Não faltavam lâmpadas na sala superior^o onde estávamos reunidos. ⁹Um jovem chamado Êutico, que se assentara no peitoril da janela, foi tomado por um profundo sono, enquanto Paulo não cessava de falar. Dominado pelo sono, ele caiu do terceiro andar e, quando quisessem levantá-lo, estava morto. ¹⁰Paulo desceu então, precipitou-se para ele^o e o tomou nos braços: "Não vos perturbeis! Ele está vivo!" ¹¹Depois de subir de novo, Paulo partiu o pão e comeu; depois prolongou a prática até a aurora e então partiu. ¹²Quanto ao rapaz, levaram-no vivo, e isto foi um imenso reconforto!

Mc 5,35-43

De Trôade a Mileto. ¹³Tomando a dianteira, nós embarcamos então em um navio cujo destino era Assos, onde devíamos apanhar Paulo, que devia ir para lá por terra^o, conforme decidira. ¹⁴Quando ele nos alcançou em Assos, nós o tomamos a bordo e fomos para Mitilene. ¹⁵De lá fizemo-nos à vela no dia seguinte até a altura de Quio; com mais um dia passamos por Samos e, vinte e quatro horas mais tarde, após uma escala em Trogílio^o, chegamos a Mileto. ¹⁶Paulo estava, com efeito, resolvido a evitar a escala em Éfe-

so, para não perder tempo na Ásia^o. Ele só tinha uma urgência: estar em Jerusalém, se possível, para o dia de Pentecostes.

Em Mileto, o adeus de Paulo aos anciãos de Éfeso. ¹⁷De Mileto, Paulo fez convocar os anciãos da Igreja de Éfeso^o. ¹⁸Quando se lhe juntaram, ele lhes declarou: "Vós sabeis qual foi sempre o meu comportamento para convosco desde o dia da minha chegada à Ásia. ¹⁹Eu servi ao Senhor com toda a humildade, em lágrimas e no meio de provações provocadas pelas conjurações dos judeus. ²⁰Eu não omiti nada^o do que pudesse vos ser útil; ao contrário, preguei e vos instruí, tanto em público como em particular. ²¹O meu testemunho chamava tanto os judeus como os gregos a se converterem a Deus e a crerem em nosso Senhor Jesus^o.

²²Agora, prisioneiro do Espírito^o, eis-me a caminho de Jerusalém; não sei qual há de ser lá a minha sorte, ²³mas, em todo caso, o Espírito Santo me atesta, de cidade em cidade, que cadeias e tribulações lá estão à minha espera. ²⁴Aliás, eu na verdade não atribuo valor algum à minha vida^o; minha meta é levar a bom termo a minha carreira e o serviço que o Senhor Jesus me confiou: dar testemunho do Evangelho da graça de Deus.

o. Ou: *conversava com os irmãos*. Ao lado da pregação, a Eucaristia comportava, dando-se o caso, colóquios entre os participantes: isso parece suposto por At 13,1-4, se o culto de que aí se trata é de fato a Eucaristia (13,2 nota); cf. 1Cor 14.
p. No último andar da casa (cf. 1,13; Lc 22,12).
q. Ou: *inclinou-se sobre ele*. Neste caso, o relato evocaria ainda mais os milagres de Elias e Eliseu (cf. v. 7 nota).
r. Lit. *a sua alma está nele*. O que quer dizer não que *ele ainda esteja vivo*, mas que *ele tenha recuperado a vida* (cf. v. 9). Para o autor, trata-se realmente de uma ressurreição, paralela à que Pedro operou em favor de Tabita (9,36-43).
s. O verbo poderia especificar que ele tenha ido a pé.
t. A menção da escala em Trogílio, que não é atestada por todos os manuscritos, tem a seu favor uma certa verossimilhança.
u. Cf. 16,6 nota.
v. Lit. *De Mileto, tendo enviado (um mensageiro) a Éfeso, ele convocou os anciãos da Igreja* (cf. nota seguinte).
w. Após os discursos de Paulo a judeus (13,16-41) e a pagãos (14,15-17; 17,22-31), o autor apresenta agora um que se dirige a cristãos e mesmo mais precisamente a dirigentes de Igreja (vv. 18-35). Trata-se, ao mesmo tempo, de um discurso de despedida, que lembra por mais de um pormenor os do AT e do judaís-

mo (cf. 2Tm), e de uma exortação a responsáveis, confirmada em 1Tm, Tt e 1Pd 5,1-4. Após ter evocado o seu passado na Ásia (vv. 18-21), Paulo aborda o presente e o futuro (vv. 22-28); depois, exorta os seus ouvintes à vigilância (vv. 29-32) e ao amor fraterno (vv. 33-35). As menções precedentes aos *anciãos* (11,30 nota; 14,23 nota) não diziam nada sobre as funções exatas destes. Vê-se aqui, no momento de uma partida definitiva (vv. 22-25), que Paulo os encarrega de prosseguir em Éfeso, enquanto anciãos, o trabalho que ele mesmo aí realizou a serviço do Evangelho e da Igreja (ver v. 28 notas). É provavelmente o que ele já lhes pedira por ocasião de sua partida de Éfeso (20,1 — que aliás não assinala a instituição desses anciãos). O lugar que o autor dá a esta exortação mostra que, a seu ver, o seu alcance ultrapassa o caso particular em que a situa.
x. Esta expressão, difícil de traduzir, significa que Paulo não ocultou nada, não reservou nada só para si. Cf. 20,27.
y. Sobre a *conversão* e a *fé*: cf. 3,19 nota; 2,44 nota; 3,16 nota; 10,43 notas.
z. Lit. *acorrentado pelo Espírito*, antes que *acorrentado em espírito* (cf. v. 23; 21,11 e 1,8 nota).
a. Texto incerto e tradução exata difícil, mas o sentido geral é claro.

11,30

18,19; 19,10; 1Ts 1,5

Fl 3,18

2Cor 1,8; 11,24

1Ts 2,10-12

19,10
3,19; 14,15
16,31

15,26;
Fl 1,23
1Cor 9,
24-27;
Fl 3,12;
2Tm 4,7
26,16-18

19,8; 28,31 18,6 20,20 1Pd 2,9; SI 74,1-2 ITm 3,2; Tt 1,7; 1Pd 2,12 5,28; Lc 22,20; Ef 1,7; 1Pd 1,2 Mt 7,15; Jo 10,12; 2Tm 4,2-4 Gl 4,17; 1Tm 4,1-2; IJo 2,19

25. "Doravante, bem sei, não voltareis a ver o meu rosto, todos vós, entre os quais passei proclamando o Reinado^b! 26. Posso pois atestar hoje diante de vós: eu estou puro do sangue de todos^c. 27. Na verdade eu nada descuidei: ao contrário, anunciei-vos todo o plano de Deus. 28. Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho^d de cuja guarda o Espírito Santo vos constituiu responsáveis^e, apascentai a Igreja de Deus^f que ele adquiriu para si com o seu próprio sangue^g. 29. Bem sei que, após a minha partida^h, vão se introduzir entre vós lobos ferozesⁱ que não pouparão o rebanho; 30. do meio de vós mesmos surgirão homens de palavras perversas, que arrastarão os discípulos atrás de si. 31. Vigiai, pois, lembrando-vos de que, noite e dia, durante três

anos, eu não cessei, com lágrimas, de admoestar a cada um de vós. 32. E agora, eu vos entrego a Deus e à sua palavra de graça^j que tem o poder de construir o edifício^k e de assegurar a herança a todos os santificados^l! 33. Eu não cobicei a prata, o ouro ou as vestimentas de ninguém. 34. Estas mãos que aqui estão, vós próprios o sabeis, proveram às minhas necessidades e às de meus companheiros^m. 35. Eu vos mostrei sempre que é penando assim que se deve prestar ajuda aos fracosⁿ, e lembrar-se destas palavras que o próprio Senhor Jesus pronunciou: 'Há mais felicidade em dar do que em receber'." 36. Depois dessas palavras, Paulo se pôs de joelhos com todos eles, e orou^p. 37. Todo mundo então prorrumpiu em soluços e

Mc 13,35 19,10 2Cor 2,4 1Ts 2,11 14,23; 15,40 Ef 2,20-22; 1Pd 1,5 Tg 5,2-3 18,3; 1Ts 2,9

b. Cf. 1,3 nota.

c. Isto é: eu fiz tudo o que podia e cada um doravante é responsável por sua sorte: cf. 18,6 nota.

d. No AT, essa metáfora do *rebanho* designa o povo de Deus e, nos evangelhos, o grupo dos discípulos (Lc 12,32 nota). Aqui, ela é aplicada, se não à Igreja, ao menos a uma Igreja local. Talvez para acentuar que Jesus é o pastor supremo e, em certo sentido, único, da Igreja (cf. 1Pd 2,25; 5,4; Hb 13,20), o autor não dá (cf. 1Pd 5,3) esse título aos anciãos (cf. Ef 4,11?), mas a função deles não deixa de ser a de um pastor (nota seguinte).

e. Ou: *supervisores, inspetores* (= grego *episcopos*; uma palavra de igual sentido designava em Qumran um dos responsáveis pela comunidade). Essa metáfora define aqui a responsabilidade coletiva dos anciãos perante a Igreja: cf. 1Pd 5,2 (onde o verbo correspondente *guardar, supervisionar* também é aplicado aos anciãos) e 1Pd 2,25 (onde o substantivo é aplicado ao Cristo pastor). Esta responsabilidade é semelhante à de um pastor para com o seu rebanho; ela é, portanto muito geral, mas concerne em particular à unidade e à salvaguarda da Igreja (v. 29 nota) e ao anúncio do evangelho (v. 18 nota). *Guardiães* talvez seja igualmente aqui, como *anciãos*, um título ligado a uma função comunitária durável (cf. Fl 1,1; ITm 3,2; Tt 1,7). O termo (= *bispa*) designará mais tarde o responsável por uma Igreja local.

f. Variantes: do *Senhor (Jesus)*, de *(Jesus) Cristo*, do *Senhor, do Senhor (e) de Deus*; a aparição dessas variantes se explica pela dificuldade assinalada na nota seguinte. A expressão *Igreja de Deus*, única nos Atos — onde se encontra alhures o termo *Igreja* (5,11 nota; 11,26 nota) —, é freqüente em Paulo, no singular (1Cor 1,2; 2Cor 1,1 etc.) e no plural (ITs 2,14; 2Ts 1,4; etc.). O sentido da expressão inclui certamente aqui a Igreja local de Éfeso, mas a solenidade do contexto (cf. Ef 1,14; 5,25-27) convida a pensar que, para este último emprego do termo *Igreja* nos Atos, esse sentido restrito se abre para um sentido mais amplo (cf. 9,31 nota): a Igreja, o povo de Deus em seu conjunto (15,14 nota).

g. Provavelmente melhor que: *pelo sangue do seu próprio* (subentendido: *Filho*), o que faz desaparecer fácil demais uma metáfora única e ousada na qual *sangue* parece designar ao mesmo tempo a pessoa do seu Filho (cf. 17,26 nota?) e o sangue

deste Filho. As variantes nas quais a *Igreja* não é a *Igreja de Deus*, mas do Filho (cf. nota precedente) têm sido outra maneira de evitar a metáfora.

h. Uma *partida* que Paulo considera como definitiva (v. 25); esse termo é um eufemismo, característico dos discursos de despedida, para designar a morte.

i. Os inimigos serão de duas espécies. Uns virão de fora, como lobos que se infiltram no redil (v. 29); outros, de dentro, perturbarão a comunidade (v. 30).

j. Lit. *a palavra da sua graça*; cf. v. 24; 14,3; Lc 4,22.

k. Lit. *de construir*. É evidentemente a comunidade, a Igreja, que Deus *constrói*, edifica (cf. 1Cor 3,5-17; 1Pd 2,4-10).

l. Ou, mais lit., *de dar uma herança* (= uma parte de herança) *entre todos os santificados*. Sendo os *santificados* (cf. 26,18) aqueles que se tornam *santos*, isto é, cristãos (9,13 nota), o texto significaria então que é Deus quem concede aos homens a entrada na Igreja; mas aqui, como em 26,18 (cf. Ef 1,18), é melhor compreender que é Deus quem concede aos homens *parte* na salvação (cf. Ef 1,14; 5,5; Cl 3,24; Hb 9,15; 1Pd 1,4), como Abraão teve parte na Terra prometida (cf. At 7,3; Gl 3,18; Hb 11,8). A expressão *ter o seu quinhão, a sua parte* (de herança) *entre os santos* era tradicional (Sh 5,5; Qumran).

m. Cf. 18,3 nota. Paulo trabalhava com as próprias mãos para prover às suas necessidades pessoais (ITs 2,9; 2Ts 3,8; 1Cor 4,12; 9,13-15), embora aceitando, ocasionalmente, uma ajuda externa (Fl 4,15-19; cf. 2Cor 11,9). Aqui o seu trabalho provê também às necessidades dos seus companheiros.

n. Trata-se provavelmente dos pobres, dos economicamente *fracos*... Mas pode-se também pensar nos *fracos* na fé (Rm 14,1,20-21; 15,1; 1Cor 8,7-10; 9,22; cf. 9,6-15) que poderiam ficar escandalizados com a cupidéz, embora só aparente, dos anciãos (cf. 1Pd 5,3).

o. Os evangelhos não nos conservaram esta palavra *do Senhor* (cf. 11,16), que lembra máximas análogas atestadas então no mundo grego. Em Paulo, o *Senhor* pode significar a *tradição* "evangélica" (cf. 1Cor 7,10.12.25; 11,23).

p. Os cristãos gostavam de orar antes de se separarem (cf. 21,5-6).

Rm 16,16;
1Cor 16,20
lançavam-se ao pescoço de Paulo para o
beijar — ³⁸a sua tristeza provinha sobre-
tudo da frase em que dissera que eles
não veriam mais o seu rosto — depois,
acompanharam-no até o navio.

21 Subida de Paulo para Jerusalém.

¹Depois de nos termos apartado
deles e de termos de novo zarpado,
rumamos direto para Cós; no dia seguin-
te, para Rodes; e de lá para Pátara.
²Achando um navio de partida para a
Fenícia, subimos a bordo e partimos.
³Chegando à vista de Chipre, deixamos a
ilha a bombordo, a fim de rumar para a
Síria, e desembarcamos em Tiro⁴, pois
era lá que o navio devia descarregar a
sua carga. ⁴Ficamos lá sete dias, pois tí-
nhamos descoberto os discípulos; impe-
lidos pelo Espírito⁵, estes diziam a Paulo
que não subisse a Jerusalém. ⁵Na obs-
tante, quando terminou o tempo de nos-
sa estada, partimos de novo e, enquanto
caminhávamos, todos nos acompanhava-
vam, inclusive mulheres e crianças, até
fora da cidade. Lá, de joelhos na praia,
oramos; ⁶depois, feitas as despedidas,
tomamos o navio, e eles voltaram para
casa. ⁷Quanto a nós, terminada a traves-
sia desde Tiro, chegamos a Ptolemaida
e, depois de termos saudado os irmãos,
passamos um dia com eles.

⁸Partindo de novo no dia seguinte, che-
gamos a Cesaréia, onde fomos à casa de
Filipe, o Evangelista⁹, um dos Sete, e nos
hospedamos em casa dele. ⁹Ele tinha qua-
tro filhas virgens que profetizavam¹⁰. ¹⁰En-

quanto passávamos lá vários dias, chegou
um profeta da Judéia, chamado Ágabo. ^{11,28}
¹¹Vindo ter conosco, ele tomou o cinto de
Paulo, amarrou os próprios pés e mãos¹¹ e
declarou: "Eis o que diz o Espírito Santo":
O homem a quem pertence este cinto, eis
como, em Jerusalém, os judeus o amarra-
rão e entregarão às mãos dos pagãos!¹² ^{20,23;}
¹²A essas palavras, nós e os irmãos da cidade¹²
suplicamos a Paulo que não subisse a
Jerusalém. ¹³Então ele nos respondeu: "Por
que estais aí a chorar e a me dilacerar o
coração? Da minha parte, estou pronto não
somente a ser amarrado, mas a morrer em
Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus". ^{5,41; 20,24}
¹⁴Como não se deixasse convencer, nós
não insistimos. "Seja feita a vontade do
Senhor!", dizíamos. ^{Lc 21,12;}
¹⁵Ao cabo desses poucos dias, termina-
dos os nossos preparativos, subimos para
Jerusalém; ^{Rm 15,31}
¹⁶alguns discípulos de Cesa-
reia, que também iam para lá em nossa
companhia, levaram-nos à casa de Mna-
son de Chipre, um discípulo dos primei-
ros tempos, para nos hospedarmos. ^{Lc 22,42}

¹⁵Ao cabo desses poucos dias, termina-
dos os nossos preparativos, subimos para
Jerusalém; ^{Lc 9,51}
¹⁶alguns discípulos de Cesa-
reia, que também iam para lá em nossa
companhia, levaram-nos à casa de Mna-
son de Chipre, um discípulo dos primei-
ros tempos, para nos hospedarmos.

O encontro de Paulo e Tiago em Jeru- salém.

¹⁷Ao chegarmos a Jerusalém¹⁷, foi
com prazer que os irmãos nos acolhe-
ram. ¹⁸No dia seguinte, Paulo foi cono-
sco à casa de Tiago, onde todos os an-
ciãos também se achavam. ¹⁹Depois de
os ter saudado, ele lhes contou detalha-
damente tudo o que Deus realizara por
seu serviço entre os pagãos¹⁸. ^{15,3-4,12}
²⁰Seus ou-
vintes davam glória a Deus¹⁹ e disseram a
Paulo: "Podes ver, irmão, quantos milha-

q. Terceira narração em "nós" (21,1-18); ver 16,10 nota.
r. Variante: *Pátara e Mira*.

s. Tiro, embora houvesse decaído de sua importância, era sem-
pre um porto movimentado da Fenícia. Provavelmente fora
evangelizada pelos cristãos dispersos de Jerusalém (11,19-20
nota).

t. São provavelmente profetas (cf. v. 11; 11,27 nota e 1.8
nota).

u. Cf. 8,5 nota. Foi sem dúvida graças à sua atividade e aos
seus sucessos missionários que ele conquistou esse apelido de
Evangelista (= evangelizador, cf. Ef 4,11; 2Tm 4,5).

v. Sobre os profetas: ver 11,27 nota; sobre as profetisas: 1Cor
11,5; 14,33-35; cf. 1Tm 2,11-12.

w. A profecia é encenada, como sucedia com os antigos pro-
fetas.

x. Cf. 11,27 nota; 1.8 nota.

y. Lit. o povo do lugar.

z. A mesma expressão é usada para a subida de Jesus a Jeru-
salém (ver os paralelos).

a. Paulo termina assim a grande obra missionária começada
logo após a Assembléia de Jerusalém (15,36 nota). No relato
que começa (vv. 18-25), mais de um traço evoca esta assembléia
(v. 19 nota; v. 25 nota), cujas prescrições são confirmadas tanto
para os judeus (vv. 20,24) como para os pagãos convertidos (v.
25). Note-se também uma alusão ao episódio de Estêvão (v. 21
nota).

b. A situação denota uma analogia indubitável com a de 15,12
(mas ver também 14,27; 15,3).

c. Eles reconhecem, portanto (ao que parece, sem se deter
muito nisso), que Deus tomou a peito a conversão dos pagãos.

11,2; 15,1-5; res abraçaram a fé entre os judeus, e todos são ardentes partidários da Lei. ²¹Ora, eles estão a par de boatos que correm a teu respeito: o teu ensinamento induziria todos os judeus, que vivem entre os pagãos, a abandonarem Moisés; tu lhes dirias que não mais circuncidem os seus filhos e não sigam mais as normas^d. ²²Que fazer? Eles vão saber, sem dúvida alguma, que estás aqui. ²³Faze, pois, o que te vamos dizer. Temos quatro homens que estão ligados por um voto. ²⁴Toma-os contigo, cumpre a purificação juntamente com eles, e toma à tua conta as suas despesas. Assim eles poderão mandar raspar a cabeça^e e todo o mundo compreenderá que os boatos que correm a teu respeito não significam nada, mas que tu também te conformas à observância da lei. ²⁵Quanto aos pagãos que abraçaram a fé, nós lhes escrevemos^f as nossas decisões: abster-se da carne de sacrifícios pagãos, do sangue, da carne asfíxiada e da imoralidade^g. ²⁶Paulo pois, no dia seguinte, tomou consigo esses homens e, começando a purificação ao mesmo tempo que eles, foi ao Templo, para indicar a data^h em que, terminada a purificação, a oferta seria apresentada por cada um deles.

A prisão de Paulo no Temploⁱ. ²⁷Os sete dias estavam para terminar quando os judeus da Ásia, que o tinham notado no Templo, sublevaram toda a multidão e o agarraram. ²⁸Eles gritavam: "Israelitas,

socorro! Eis, o homem que combate o nosso povo, a Lei e este Lugar^j, no ensinamento que difunde por toda parte e a todos! Chegou até a trazer gregos ao Templo e profana assim este santo Lugar!" ²⁹Com efeito, eles já tinham visto Trófimo de Éfeso com ele na cidade e pensavam que Paulo o introduzira no Templo. ³⁰A cidade inteira se amotinou, e o povo chegou em massa. Apoderaram-se de Paulo e o arrastaram para fora do Templo, cujas portas foram imediatamente fechadas. ³¹Procuravam matá-lo, quando essa notícia chegou ao tribuno da coorte: "Jerusalém inteira está tumultuada!" ³²Ele reuniu imediatamente soldados e centuriões e mandou arremeter contra a multidão: à vista do tribuno e dos soldados, cessaram de bater em Paulo. ³³Aproximando-se, o tribuno se apoderou dele e deu ordem de atá-lo com duas correntes; depois, quis saber quem ele era e o que fizera. ³⁴Mas, na multidão, cada qual gritava coisa diferente do que o vizinho e, como o tribuno não podia tirar nada a limpo por causa daquela balbúrdia, deu ordem de levar Paulo para a fortaleza^k. ³⁵Quando este chegou aos degraus da escadaria, os soldados tiveram de carregá-lo por causa da violência da multidão. ³⁶Pois o povo em peso o seguia gritando: "À morte!"

Autodefesa de Paulo perante os judeus. ³⁷No momento em que iam fazê-lo entrar

d. Isto é, as prescrições da Lei (cf. 15,1.5). Era fácil, mesmo para um judeu de boa fé, tirar essas conseqüências do ensinamento de Paulo sobre a salvação pela fé, sem a circuncisão e sem as obras da Lei (Rm 2,25-29; 3,21-26; 10,4; Gl 3,22). Na realidade, Paulo cogitava mais de livrar da Lei os pagãos convertidos do que de desviar dela os judeus que tinham abraçado a fé, se admitissem que aquilo não era o essencial. Para o autor dos Atos, Paulo, aceitando a proposta que lhe vão fazer (vv. 23-25), decerto não representa de modo nenhum uma comédia (cf. 16,3 nota).
e. O próprio Paulo talvez tivesse de cumprir um voto (cf. 18,18 nota). Ele assumiria as despesas que as ofertas finais implicavam (v. 26).
f. Variante: *eles não têm observações a te fazer: pois lhes escrevemos...*
g. Paulo quase parece ter conhecimento aqui da existência da carta de 15,23-29 (ver 15,23 nota).
h. Esse costume de marcar data para uma oferta é desconhe-

cido das outras fontes. Talvez a abundância dos sacrifícios obrigasse a se inscrever de antemão. Os ritos de purificação duravam sete dias (v. 27).

i. Com a cena de motim que segue (vv. 27-36), os projetos (19,21; 20,16) e os pressentimentos (20,22.25; 21,13) de Paulo, bem como as profecias a seu respeito, começam a se realizar. Até o fim do livro, Paulo vai estar preso e em processo: em Jerusalém (21,33-23,30), em Cesareia (23,31-26,32) e finalmente, após longa viagem (27,1-28,14), em Roma (28,17-30).

j. Esta acusação (cf. v. 21 nota, 24,6) lembra a que fora levantada contra Estêvão (6,11-13 nota). Os pagãos só eram admitidos no primeiro recinto do Templo (átrio dos *Gentios*): adentrar mais era para eles um sacrilégio passível de morte, como o indicavam inscrições visivelmente expostas.

k. A *fortaleza* Antônia, construída por Herodes, dominava o ângulo noroeste do Templo. A guarnição romana, uma coorte auxiliar, estava aquartelada ali.

20,4;
2Tm 4,20

Lc 23,18

na fortaleza, Paulo disse ao tribuno: "Poderia eu dizer-te uma palavra? — Tu sabes grego? respondeu-lhe ele. ³⁶Então, não és o egípcio que, nestes últimos tempos, sublevou e conduziu para o deserto quatro mil sicários? — ³⁷Eu, retrucou Paulo, sou judeu de Tarso, na Cilícia, cidadão de uma cidade que não deixa de ser famosa. Rogo-te, autoriza-me a falar ao povo". ⁴⁰Concedida a autorização, Paulo, de pé nos degraus, fez sinal com a mão ao povo. Fez-se um grande silêncio e ele lhes dirigiu a palavra em língua hebraica".

22 ¹⁴"Irmãos e pais, escutai a defesa" que eu tenho para vos apresentar agora". ²O silêncio fez-se maior ainda quando ouviram Paulo dirigir-lhes a palavra em língua hebraica: ³"Eu sou judeu, nascido em Tarso, na Cilícia, mas é aqui, nesta cidade, que fui educado" e recebi, aos pés de Gamaliel¹, uma formação rigorosamente conforme à lei de nossos pais. Eu era partidário ferrenho de Deus, como vós todos sois no dia de hoje, ⁴e, perseguindo este Caminho² até a morte, mandei acorrentar e jogar na prisão homens e mulheres. ⁵O Sumo Sacerdote e todo o colégio dos anciãos podem dar testemunho disso; deles, com efeito, é que havia recebido cartas para os nossos irmãos, quando fui a Damasco com a missão de agridhoar e trazer para Jerusalém, para fazê-los punir, os que lá estivessem.

⁶"Eu prosseguia assim o meu caminho e me aproximava de Damasco quando,

por volta do meio-dia, uma grande luz vinda do céu me envolveu com o seu brilho. ⁷Caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saul, Saul, por que me persegues?' ⁸Eu respondi: 'Quem és tu, Senhor?' A voz acrescentou: 'Eu sou Jesus, o Nazoreu, é a mim que tu persegues'. ⁹Os meus companheiros viram bem a luz, mas não ouviram a voz que me falava". ¹⁰Eu perguntei: 'Que devo fazer, Senhor?' E o Senhor me respondeu: 'Levanta-te, vai a Damasco, e lá te será indicada em pormenores a tarefa que te é destinada'. ¹¹Mas como o fulgor daquela luz me tinha privado da vista, foi conduzido pela mão dos meus companheiros que cheguei a Damasco.

¹²"Havia lá um certo Ananias³; era um homem piedoso, fiel à Lei, cuja reputação era boa junto de todos os judeus que habitavam por lá. ¹³Ele veio ter comigo e me disse: 'Saul, meu irmão, recupera a vista!' E, no mesmo instante, eu a recuperei e o vi. ¹⁴Ele me disse: 'O Deus dos nossos pais te destinou a conheceres a sua vontade, a veres o Justo e a ouvires a sua própria voz". ¹⁵Com efeito, deves ser testemunha⁴ em favor dele, diante de todos os homens", daquilo que tiveres visto e ouvido. ¹⁶Por que, então, haverias de hesitar? Vamos! Recebe o batismo e a purificação dos teus pecados, invocando o seu nome⁵".

¹⁷"De volta a Jerusalém⁶, estando eu a orar um dia no Templo, aconteceu-me cair em êxtase ¹⁸e vi o Senhor que me

Gl 1,14;
Rm 10,2;
Fl 3,6;
1Cr 28,9;
9,1-2;
26,9-11;
1Cor 15,9;
Gl 1,13,23;
Fl 3,6;
R,3; 9,2

2,22

6,3; 16,2

Gl 1,15

3,14; 7,52

1. Nacionalistas judeus extremistas que fomentavam a revolta contra os romanos. Esse episódio do egípcio é conhecido do historiador Josefo.

m. Provavelmente, em aramaico.

n. Esta defesa, dirigida à multidão dos judeus (22,1-21), será seguida de duas outras: uma destinada ao governador Félix (24,10-21), a outra ao rei Agripa (26,2-23; cf. 23,1.6). O conteúdo e o estilo desses discursos adaptam-se aos seus ouvintes. Tal adaptação explica, ao menos em parte, as diferenças bastante notáveis que apresentam, entre si e com 9,1-19, os relatos da conversão de Paulo que se acham no primeiro (22,6-16) e no último (26,12-17) desses discursos.

o. Nascido... educado... formado: o mesmo esquema biográfico que para Moisés em 7.20-22.

p. Os alunos sentavam-se no chão, aos pés do mestre. Sobre Gamaliel: 5,34 nota.

q. Cf. 9,2 nota.

r. Comparar esta narrativa da conversão de Paulo com 9,3-19 e 26,12-18 (cf. v. 1 nota).

s. Como em 9,7, mas por um procedimento inverso, sugere-se que os companheiros de Saulo não sabem exatamente o que está acontecendo (cf. Jo 12,29-30).

t. Ananias é apresentado aqui não como um discípulo (9,10), mas como um judeu exemplar: Paulo fala para judeus. Por outro lado, o leitor é tido como já estando a par dos elementos da narração de 9,10-16.

u. Lit. a voz (ou: uma palavra) de sua boca.

v. Sobre esse qualificativo: cf. 1,22 nota; 13,31 nota; 22,21 nota.

w. Isto é, os judeus e os pagãos.

x. Cf. 1,5 nota; 3,16 nota; 9,14 nota.

y. O episódio da visão de Paulo (cf. 18,9 nota) toma aqui o

dizia: 'Depressa, deixa Jerusalém sem tardar, porque eles não acolherão o testemunho que tu darás de mim'. ¹⁹Eu respondi: 'Mas, Senhor, eles bem sabem que sou eu quem ia às sinagogas para mandar pôr na prisão e açoitar com varas os que crêem em ti. ²⁰E quando o sangue de Estêvão, tua testemunha^a, foi derramado, eu também estava lá, aprovava os seus assassinos e guardava as roupas deles'. ²¹Mas ele me disse: 'Vai, é para longe, para as nações pagãs que eu vou te enviar^b.'"

²²Os judeus, que tinham escutado Paulo até essas palavras, puseram-se então a dar gritos: "Livrem a terra dum indivíduo desses! Ele não deve ficar vivo!"

²³Como vociferassem, jogassem os mantos e atirassem pó para o ar, ²⁴o tribuno deu ordem de fazer Paulo entrar na fortaleza e submetê-lo a interrogatório pelo chicote^d, para descobrir o motivo desses gritos que soltavam contra ele. ²⁵Im estender Paulo para o chicote^e quando ele disse ao centurião de serviço: "Tendes o direito de aplicar o chicote a um cidadão romano, que nem sequer foi julgado?" ²⁶A essas palavras, o centurião foi informar o tribuno: "Que ias fazer? O homem é cidadão romano!" ²⁷O tribuno veio então perguntar a Paulo: "Dize-me, és de fato cidadão romano?" "Sim", dis-

se Paulo. ²⁸O tribuno acrescentou: "Quanto a mim, tive de pagar um preço alto para adquirir esse direito^f — E eu, disse Paulo, o tenho de nascença". ²⁹Por isso, os que iam submetê-lo, sob tortura, a interrogatório, deixaram-no imediatamente; quanto ao tribuno, ficara com medo, ao descobrir que era um cidadão romano que mantinha acorrentado.

Paulo perante o Sinédrio. ³⁰No dia seguinte, resolveu a saber com certeza de que os judeus acusavam Paulo, o tribuno mandou tirar-lhe as correntes; depois ordenou uma reunião dos Sumos Sacerdotes com todo o Sinédrio, e mandou Paulo descer para que comparecesse perante eles.

23 Com os olhos fitos no Sinédrio, Paulo declarou: "Irmãos, é com uma consciência livre de qualquer remorso que eu procedi para com Deus até este dia". ²Mas o Sumo Sacerdote Ananias^a ordenou aos seus assessores^b que lhe batessem na boca. Paulo lhe disse então: ³"É a ti que Deus vai ferir, parede caíada! Tu te sentas para me julgar segundo a Lei e, sem consideração à Lei, ordenas que me batam?" ⁴Os assessores o advertiram: "Tu insultas o Sumo Sacerdote de Deus!" ⁵"Eu não sabia, irmãos, respondeu Paulo, que ele era o Sumo Sacerdo-

5,21; 6,12
Mt 10,17

24,16;
2Cor 1,12

Jo 18,22-23

Mt 23,27

Lv 19,15

lugar dos acontecimentos contados em 9,26-30: não é simplesmente devido a uma trama dos judeus que Paulo deixa Jerusalém, mas por ordem expressa do Senhor (cf. v. 21 nota).

z. Paulo vai objetar que o seu testemunho de perseguidor convertido teria no entanto uma eficiência singular em Jerusalém.

a. O termo *testemunha* (cf. 13,31 nota), aqui (*mártir* gr.), já tem quase o sentido de *mártir* (cf. 7,59 nota).

b. Interrompido pelos judeus, o discurso de Paulo termina com esta evocação da sua missão junto aos pagãos, sem mencionar a sua partida para Tarso (cf. 9,30). Nos outros relatos da conversão de Paulo, essa missão, em vez de lhe ser confiada como aqui pelo Senhor em Jerusalém, é ou anunciada pelo Senhor a Ananias (9,15; cf. 22,15 nota), ou participada a Paulo por Jesus no caminho de Damasco (26,17-18). O essencial fica sendo o que Paulo afirma em suas cartas: esta missão lhe vem em última instância de Deus (Gl 1,15-16; Cl 1,25 etc.). Em todo caso, testemunha (v. 15 nota) e enviado, Paulo poderá legitimamente dizer-se *apóstolo* (1Cor 9,1; 15,9; Gl 1,17; 2,8), mas num sentido mais amplo do que nos Atos (1,2 nota; 14,4 nota).

c. O sentido desses gestos (cf. 13,51) não é claro. Eles signi-

ficam provavelmente a mesma coisa que os gritos do v. 22: os judeus querem que eles mesmos e o chão do Templo se vejam logo livres de Paulo.

d. Era um método habitual de inquérito.

e. Ou: *iam amarrar Paulo com tiras de couro*.

f. Decerto o tribuno Cláudio Lísias o tinha adquirido recentemente, sob o reinado de Cláudio (41,54): era costume os novos cidadãos tomarem o nome do imperador reinante. Paulo herdara talvez esse direito de um antepassado que o adquirira quando César concedera a cidadania a judeus da Cilícia, por ocasião de sua campanha contra Fárnares.

g. Ananias, filho de Nebedeu, nomeado Sumo Sacerdote em 47, deposto em 59 ou talvez já em 51-52 (e, neste caso, antes do comparecimento de Paulo). Ele seria assassinado dentro de um espaço pelos judeus, em 66, no começo da revolta contra Roma.

h. Ou: *aos que se achavam perto de Paulo*.

i. O significado desta metáfora não é claro. Sem dúvida, ela assimila Ananias à parede frágil, cuja pintura de bela aparência não a impedirá de desmoronar lamentavelmente (cf. Ez 13,10-14). Seria este um anúncio profético do triste fim de Ananias (cf. v. 2 nota)?

te; de fato está escrito: *Tu não insultarás¹ o chefe do teu povo*".

*Sabendo que a assembléia era composta em parte de saduceus e em parte de fariseus¹, Paulo exclamou no meio do Sinédrio: "Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus; é pela nossa esperança, a ressurreição dos mortos^m, que estou sendo julgado". ⁷Mal Paulo acabara de fazer essa declaração, iniciou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembléia se dividiu. ⁸Com efeito, os saduceus sustentam que não há ressurreição, nem anjo, nem espíritoⁿ, ao passo que os fariseus professam a realidade de tudo isso. ⁹Foi um grande alvoroço! Alguns escribas do grupo dos fariseus intervieram, e protestaram energicamente: "Nós não achamos nada a censurar neste homem! E se um espírito lhe tivesse falado? ou então um anjo?" ¹⁰Como o conflito se agravasse, o tribuno, com medo de vê-los despedaçar Paulo, deu ordem à tropa que descesse e o tirasse do meio deles, reconduzindo-o à fortaleza.

¹¹Na noite seguinte, o Senhor se apresentou^a a Paulo e lhe disse: "Coragem! Acabas de dar testemunho da minha causa em Jerusalém, é preciso que também em Roma testemunhes igualmente".

Conjuração dos judeus contra Paulo.
¹²Quando amanheceu o dia¹, os judeus formaram uma conjuração^e e se comprometeram sob juramento^a a não comer nem beber antes de terem matado Paulo. ¹³Mais de quarenta pessoas participavam dessa conjuração. ¹⁴Eles foram ter com os Sumos Sacerdotes e os anciãos^e e lhes disseram: "Nós nos comprometemos com um juramento solene^a a não comer nem beber antes de termos matado Paulo. ¹⁵Então, da vossa parte, com o acordo do Sinédrio, deveis propor ao tribuno que vo-lo traga, sob pretexto de examinar o seu caso mais minuciosamente; da nossa parte, já providenciamos para suprimi-lo antes que chegue". ¹⁶Mas o filho da irmã de Paulo teve notícia da cilada: foi à fortaleza, entrou e preveniu Paulo. ¹⁷Chamando um dos centuriões, Paulo lhe disse: "Leva este moço ao tribuno; ele tem algo a lhe comunicar". ¹⁸O centurião tomou-o e o levou ao tribuno: "O prisioneiro Paulo, disse, chamou-me e me pediu que te trouxesse este moço; ele tem algo a dizer-te". ¹⁹O tribuno o tomou pela mão, retirou-se de parte e se informou: "Que tens a me comunicar?" ²⁰Os judeus, respondeu o jovem, combinaram pedir-te que leves Paulo amanhã perante

9.23-29;
20.3; 25.3

5.17-34;
26.6;
Mt 10.16;
Fl 3.5

Mt 22.23

5.34

18.9

28.16-31

j. Ex 22.27.

k. Ou: *Tu não amaldiçoarás*.

l. Paulo vai usar de habilidade dizendo-se *fariseu* (cf. 26.5; Fl 3.5). É exato que, em mais de um ponto, o cristianismo herdou crenças farisaicas.

m. Contrariamente aos fariseus, os *saduceus* não admitiam certas crenças, como a ressurreição dos mortos ou a existência dos anjos (nota seguinte), que tinham surgido assaz tardiamente no judaísmo e, por esse motivo, só eram pouco ou nada atestadas nos escritos do AT aceitos como canônicos por todos os judeus. Por isso, os saduceus achavam-se na impossibilidade doutrinal de admitir a fé em Jesus, primeiro ressuscitado dentre os mortos (4.2 nota; 26.23 nota). Ao contrário, essa fé podia harmonizar-se com a crença dos fariseus na ressurreição (24.15 nota; 26.6-8; 28.20).

n. Aqui e no v. 9, *espírito* é um equivalente menos preciso de *anjo*. Rejeitada pelos saduceus como uma inovação, a angelologia judaica aceita pelos fariseus atingia o seu pleno desenvolvimento na literatura apocalíptica e entre os essênios. Nos Atos, a angelologia é sóbria, muito parecida com a dos livros mais antigos da Bíblia. No discurso de Estêvão, é um anjo que aparece a Moisés na sarça (7.30.35), como em Ex 3.1-2, e que lhe fala no Sinai (7.38-53); temos aí um modo judaico de afirmar a realidade de uma intervenção divina respeitando ao mesmo tem-

po a transcendência do Deus escondido. Alhures, em At 1-12, trata-se muitas vezes do *anjo do Senhor* (5.19; 8.26; 12.7-11.23) ou de *Deus* (10.3.7.22; 11.13). Essa expressão vem do AT (Gn 16.7; Jz 13.3-21 etc.). Às vezes ela parece um simples substituto de *Deus* (5.19 nota; 12.10 nota. 23); outras, parece designar um ser "pessoal" tão visível quanto um homem (10.3 nota; 1.10; 6.15). Em um caso, o *anjo do Senhor* se torna o *Espírito* (8.26 nota). Após At 12, só uma vez se alude a um anjo (27.23); as intervenções de Deus são antes atribuídas ao Espírito (cf. 1.8 nota; 18.9 nota).

o. É a segunda intervenção dos fariseus (cf. 5.34) em favor de um cristão que o autor põe em destaque (cf. v. 14 nota; Lc 7.36 nota). Havia fariseus convertidos (15.5).

p. Var.: *ou um anjo? Não façamos guerra a Deus* (cf. 5.39). Seria essa menção da fala de um espírito ou de um anjo uma alusão à aparição de Jesus a Paulo?

q. Cf. 18.9 nota.

r. Var.: *certos judeus*.

s. Ou: *fizeram uma assembléia*.

t. Lit. *por anátema*, isto é, votando-se à maldição divina se o juramento não fosse cumprido.

u. Notar a ausência dos escribas, fração do Sinédrio que em grande parte aderira aos fariseus (cf. no v. 9 nota).

v. Lit. *nós nos comprometemos por anátema*.

o Sinédrio sob pretexto de um inquérito mais exato sobre o seu caso. ²¹Mas não te deixes enganar. Vão ser mais de quarenta a lhe armar uma emboscada; eles se comprometeram com juramento a não comer nem beber antes de o terem eliminado; as suas providências já estão tomadas, eles só esperam o teu assentimento". ²²O tribuno despediu o jovem recomendando-lhe: "Não contes a ninguém que me revelaste esta maquinação".

Transferência de Paulo para Cesaréia.

²³Ele chamou então dois centuriões e lhes disse: "Ponde de prontidão, a fim de partirem para Cesaréia, desde as nove horas da noite", duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos auxiliares".

²⁴Preparam-se também montarias para levar Paulo² são e salvo ao governador Félix³. ²⁵Ele escreveu uma carta, cujo conteúdo era o seguinte⁴: ²⁶"Cláudio Lísias, a sua Excelência o governador Félix, saudações! ²⁷Os judeus se tinham apoderado do homem que eu te estou enviando, e iam eliminá-lo, quando intervim com a tropa, a fim de o livrar deles, pois acabava de saber que é cidadão romano".

²⁸Como eu estivesse resolvido a saber de que o acusavam, mandei-o comparecer perante o Sinédrio deles. ²⁹Constatei que a acusação versava sobre discussões relativas à lei deles⁵, mas sem nenhuma

inculpação que merecesse a morte ou os grilhões⁶. ³⁰Informado de que eles preparavam um atentado contra este homem, eu o envio a ti, comunicando também aos acusadores que o denunciem na tua presença⁷".

³¹Executando a ordem que tinham recebido, os soldados levaram Paulo, e o conduziram de noite até Antipátrida. ³²No dia seguinte, deixando os cavaleiros seguirem com Paulo, eles voltaram para a fortaleza⁸. ³³Logo à chegada a Cesaréia, os cavaleiros entregaram a carta ao governador e também lhe apresentaram Paulo. ³⁴O governador leu a carta e perguntou de que província Paulo era originário. ³⁵Informado de que era da Cilícia: ³⁶"Eu te ouvirei, disse, quando os teus acusadores também estiverem aqui". Ele deu ordem de mantê-lo no pretório de Herodes⁹.

24 O requisitório de Tértulo¹. Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias² desceu com anciãos e um certo Tértulo, advogado; eles apresentaram queixa perante o governador contra Paulo. ^{25.2}Este foi convocado, e Tértulo começou o seu requisitório nestes termos: ^{24.10}"Graças a ti e às reformas que te empenhaste em realizar em favor deste povo, nós gozamos de uma paz completa³. ³Sempre e em toda parte⁴, excelente Félix, é com vivo reconhecimento que

26.31; 28.18;
Lc 23.15

Lc 23.6

25.2

24.10

w. Lit. desde a terceira hora da noite.

x. O efetivo parece numeroso, mas essa importância sublinha a do prisioneiro. *Auxiliares* traduz um termo militar obscuro.

y. Lit. animais para neles fazer montar Paulo e o conduzir.

z. Antônio Félix, liberto, irmão de Palas, ministro de Nero, foi procurador da Judeia de 52 a 59 ou 60; cf. 24.24.

a. Var.: Félix. Ele temia com efeito que os judeus se apoderassem dele e o matassem; e que, depois, ele mesmo viesse a ser acusado de ter recebido dinheiro.

b. O bilhete de Lísias conforma-se às fórmulas gregas oficiais de correspondência. Ele está redigido habilmente: a sua presença aqui visa frisar, mais uma vez, a imparcialidade da autoridade romana (cf. 18.15 nota), a perfídia das autoridades judaicas e a inocência de Paulo.

c. Lit. romano. Lísias não insiste na sua mancada (22.25).

d. Var.: à sua lei, a Moisés e a um certo Jesus.

e. Cf. 18.15. As declarações das autoridades sobre a inocência de Paulo continuam a ser enfatizadas (cf. 18.15 nota).

f. Var.: diante de ti. Adeus.

g. A fortaleza do Templo: 21.34 nota.

h. Palácio construído por Herodes, e convertido em residência do procurador da Judeia.

i. O relato do comparecimento perante Félix (24.1-23) é composto com arte. Sem prolixidade, Lucas não omite nenhum elemento de uma audiência: requisitório, defesa, decisão. Mais uma vez (cf. 23.29), a inocência de Paulo é admitida. Sê-lo-á ainda por duas vezes, na sequência do livro (cf. 25.18-19 e 26.31-32); cf. 18.15 nota.

j. Subentendido: em Cesaréia. Sobre Ananias: 23.2 nota.

k. Em conformidade com o direito antigo, é a parte adversa que pronuncia o requisitório. Após uma longa *captatio benevolentiae* (vv. 2-4), Tértulo, antes de concluir (v. 8), fixa-se em duas incriminações: a) perturbação da paz pública nas comunidades judaicas (v. 5); b) violação do Templo (v. 6). Este breve discurso conforma-se com as regras da retórica antiga.

l. Isto corresponde pouco à realidade. Félix (23.24 nota) parece ter sido um magistrado violento e sem escrúpulos.

m. Certos tradutores ligam *sempre e em toda parte* à frase precedente: *que te empenhaste em realizar sempre e em toda parte*.

acolhermos esses benefícios. ⁴Para não te importunar demais, a exposição será breve: eu te rogo que lhe concedas a benevolência que em ti reconhecemos". ⁵Nós descobrimos que este homem era uma peste, que provocava motins entre todos os judeus do mundo, e que era mentor da seita dos nazoreus". ⁶Ele tentou até profanar o Templo, e então nós o prendemos. ⁷Pl ⁸Tu poderás, por ti mesmo, interrogando-o, ver confirmarem-se todos os agravos que formulamos contra ele". ⁹Os judeus apoiaram este requisito, declarando que era objetivo.

A defesa de Paulo. ¹⁰A um sinal do governador que o convidava a falar, Paulo replicou: "Eu sei que faz longos anos asseguras a justiça em nossa nação: por isso é com confiança que vou defender a minha causa. ¹¹Tu podes verificá-lo; não faz mais de doze dias que eu subi a Jerusalém para adorar. ¹²E nem no Templo, nem nas sinagogas, nem na cidade, ninguém me descobriu ocupado em discutir com alguém ou em amotinar a multidão. ¹³Esses homens são portanto totalmente incapazes de provar as acusações que fazem contra mim". ¹⁴Eis o que

confesso: eu estou a serviço do Deus dos nossos pais segundo o Caminho que eles qualificam de seita": creio em tudo o que está escrito na Lei e nos Profetas"; ¹⁵tenho esta esperança em Deus — e eles também a compartilham — de que haverá uma ressurreição dos justos e dos injustos". ¹⁶E por isso que também eu me esforço por manter sem cessar uma consciência irrepreensível diante de Deus e diante dos homens. ¹⁷Depois de muitos anos, voltei para trazer esmolas ao meu povo, como também ofertas". ¹⁸Foi então que me descobriram no Templo no fim da minha purificação: não havia nem aglomeração nem tumulto; ¹⁹mas certos judeus da Ásia... Eles é que deveriam ter-se apresentado diante de ti para me acusar, se todavia tivessem algo de que censurar-me. ²⁰Ou então digam os que estão aqui que delito descobriram quando compareci perante o Sinédrio. ²¹Seria acaso esta única frase que eu gritei de pé no meio deles: "É pela ressurreição dos mortos que sou submetido a juízo hoje diante de vós?"

²²Perfeitamente a par do que concernia ao Caminho, Félix adiou o processo: "Eu julgarei a vossa causa quando o tribuno

n. Lit. *te importunar, eu te rogo que nos escutes brevemente com tua indulgência.*

o. Nova designação dos cristãos (cf. 11.26 nota). O termo que traduzimos por *seita* (cf. v. 14) é empregado no caso dos saduceus (5.17) e dos fariseus (15.5). Aqui ele tem um sentido pejorativo. É a única vez no NT que os cristãos são chamados *nazoreus* como Jesus (22.2 nota).

p. Vários manuscritos acrescentam aqui: *e nós queríamos julgá-lo segundo a nossa lei.* ¹Intervindo, o tribuno Lísias o arrancou das nossas mãos com muita violência e ordenou aos seus acusadores que se apresentassem diante de ti. Neste caso o interrogatório proposto no v. 8 visaria ao tribuno e não a Paulo.

q. Como o requisito de Tértulo (v. 2 nota), a defesa de Paulo é um bom exemplo de retórica antiga. Após uma *captatio benevolentiae* muito sóbria (v. 10), Paulo refuta a primeira incriminação (vv. 11-13); depois, tendo reconhecido que é *segundo o Caminho* que permanece fiel à fé judaica (vv. 14-16; cf. 16.3 nota), ele aborda a segunda incriminação: o que sucedeu no Templo (vv. 17-19) e no Sinédrio (vv. 20-21).

r. Lit. *tu és o juiz.* Var. ocidental: *tu és o justo juiz.*

s. É preciso sem dúvida acrescentar os sete dias de 21.27 aos cinco dias de 24.1. Propõe-se entretanto uma outra maneira de contar, partindo de 21.7.18.27; 22.30; 23.12.32.

t. Paulo se apóia num princípio jurídico fundamental: o que deve ser demonstrado é a culpabilidade e não a inocência.

u. Sobre o termo *Caminho*, cf. 9.2 nota. Sobre *seita*, cf. 24.5 nota.

v. Sobre o alcance dessa afirmação, ver 26.22 nota.

w. Cf. 23.6 nota. Duas concepções da ressurreição dos mortos parecem ter-se desenvolvido no judaísmo: segundo uma, a ressurreição estaria reservada aos justos (cf. Lc 14.14 nota; 2Mc 7.14); segundo a outra, todos os homens ressuscitariam antes de serem julgados — é a concepção que aparece aqui.

x. Única alusão dos Atos (cf. 20.3 nota; 20.4 nota) à coleta feita por Paulo em favor dos pobres de Jerusalém (cf. Gl 2.10; 1Cor 16.1-4; 2Cor 8-9; Rm 15.25-28). Segundo o que Paulo diz aqui, essa coleta teria sido o objetivo principal da sua vinda a Jerusalém. A descrição de Lucas a esse respeito permanece misteriosa, muito embora a diferença de perspectiva possa ser explicada pelas intenções de cada autor. Dizendo que essas esmolas trazidas aos judeu-cristãos eram destinadas ao seu povo, Paulo as assimila provavelmente ao imposto do Templo que os judeus pagavam em todo o império tal como na Palestina (cf. Mt 17.24).

y. Paulo alude sem dúvida às ofertas da purificação (21.24.26). z. Conclusão hábil, que pode reacender a controvérsia de 23.6-9 e reduz todo o assunto a uma questão de doutrina propriamente judaica, sem interesse para a justiça romana (18.15 nota; 25.19).

a. Cf. 9.2 nota.

Lísias tiver descido até aqui". ²³Deu ordem ao centurião de manter Paulo na prisão com certa liberdade, sem impedir nenhum dos seus de se ocuparem dele.

28,30-31

Paulo na prisão. ²⁴Alguns dias depois, Félix encontrava-se em companhia de Drusila^b, sua mulher, que era judia. Mandou convocar Paulo e o ouviu falar da fé no Cristo Jesus. ²⁵Mas como a palestra se orientasse para a justiça, o domínio dos instintos e o julgamento futuro, Félix tomou-se de perturbação^c: "Por enquanto, retira-te. Voltarei a chamar-te numa próxima ocasião". ²⁶Nem por isso deixava de esperar que Paulo lhe desse dinheiro; por isso ele o mandava chamar, com bastante frequência, para se encontrar com ele. ²⁷Ao cabo de dois anos^d Félix teve por sucessor Pórcio Festo^e e, como quisesse agradar aos judeus, deixou Paulo na prisão^f.

Mc 6,17-20

17,32

12,3; 25,9

25 Paulo perante Festo: apelo ao imperador. ¹Ora, três dias depois da chegada em sua província, Festo subiu de Cesaréia a Jerusalém. ²Os sumos sacerdotes e os principais judeus vieram a ele apresentar queixa contra Paulo^g. Com insistência, ³pediram-lhe insidiosamente, como um favor, a transferência de Paulo^h para Jerusalém: na realidade, queriam

25,15

armar uma emboscada para matá-lo no caminhoⁱ. ⁴Mas Festo respondeu que o lugar da detenção de Paulo era Cesaréia, e de qualquer forma, ele mesmo voltaria para lá em breve. ⁵"Aqueles dentre vós que são qualificados, acrescentou, juntem-se a mim para descer a Cesaréia^j, e, se houver algo de irregular no caso desse homem, apresentem queixa contra ele!"

23,30

⁶Festo não ficou entre eles mais de oito ou dez dias^k. Logo que desceu a Cesaréia, tomou assento no tribunal logo no dia seguinte e deu ordem de trazer Paulo. ⁷Quando este chegou, os judeus que tinham descido de Jerusalém, em círculo ao redor dele, o cobriram de acusações numerosas e graves, mas eram incapazes de as justificar^l. ⁸Paulo mantinha a sua defesa^m: "Eu não cometi delito, dizia, nem contra a lei dos judeus, nem contra o Templo, nem contra o imperadorⁿ". ⁹De-sejando ser agradável aos judeus, Festo fez a Paulo esta proposta: "Aceitas subir a Jerusalém para que a tua questão seja lá julgada em minha presença?" ¹⁰Mas Paulo replicou: "Eu estou diante do tribunal do imperador, portanto é aí que devo ser julgado. Quanto aos judeus, eu não lhes fiz mal nenhum, como tu mesmo estás percebendo perfeitamente. ¹¹Se de fato sou culpado, se cometi algum crime que mereça a morte, não pretendo

24,5-6

6,13

12,3; 24,27

b. Filha mais moça do rei Agripa I, *Drusila* desposara o rei de Éfeso. Por meio de intrigas escandalosas, Félix lha havia arrebatado. Esses precedentes explicam a reação perturbada de Félix diante dos temas do domínio dos instintos e do juízo final (v. 25) (cf. Mc 6,17-20).

c. Talvez o temor do julgamento, ou simplesmente o de ver Paulo abordar os problemas de sua vida privada (cf. nota precedente e v. 27 nota).

d. Fim do mandato de Félix antes que duração-limite de uma detenção preventiva (cf. 28,30 nota).

e. Temos poucas informações sobre *Pórcio Festo*, procurador da Judéia desde 59 ou 60. Filho de uma ilustre família, magistrado íntegro, ele permitiu que Paulo escolhesse o lugar do seu processo (cf. 25,9-12).

f. Var. ocidental: ... *Pórcio Festo, e ele deixou Paulo detento por causa de Drusila*.

g. Igual maneira de tratar a demanda que foi instaurada pelos judeus perante Félix (cf. 23,30; 24,1).

h. Lit. *Eles pediram contra ele* (Paulo) *o favor de que Paulo fosse transferido*.

i. O mesmo projeto que em 23,12-22.

j. Ou: *desçam juntos a Cesaréia*.

k. Esta notação e a do *dia seguinte* sublinham que Festo quer dar uma solução rápida ao caso de Paulo.

l. Como os acusadores de Jesus (Lc 23,14-15; Mc 14,55-59).

m. Os três pontos desta defesa supõem que os acusadores judeus reiteravam o conjunto das acusações apresentadas até então contra Paulo (e contra os cristãos): delitos contra a lei judaica (6,11.13 nota; 18,13 nota; 18,15 nota; 21,21.28 nota; 23,29) reconhecida por Roma, e contra o Templo (6,13 nota; 21,28; 24,6), cuja proteção Roma garantia; atentados diretos contra o imperador, isto é, contra a lei romana (16,21 nota; 17,7 nota; 18,3 nota; 24,5). É esse conjunto de incriminações (aliás, inconsistentes como sublinha o v. 7) que Paulo quer ver julgado pelo tribunal do imperador (v. 11).

n. O imperador era então Nero (54-68). Aqui e mais adiante (17,7; 25,10-12.21; 26,32; 27,24; 28,19), o imperador traduz o título imperial *César*.

o. Será que Festo quer simplesmente deslocar o lugar do processo, ou transferir o caso de Paulo para uma instância judaica? Segundo o autor, é a fraqueza moral de Festo, e não o reconhecimento da culpabilidade de Paulo, que obstam à libertação do apóstolo.

25,7 me livrar da morte^p. Mas se as acusações de que esses homens me incriminam se reduzem a nada, ninguém tem o direito de me entregar ao arbítrio deles. Eu apelo para o imperador^r". ¹²Festo então consultou o seu conselho e respondeu: "Tu apelas para o imperador: ao imperador irás".

Paulo diante de Agripa e Berenice.

¹³Alguns dias haviam decorrido quando o rei Agripa^r e Berenice chegaram a Cesaréia e visitaram Festo^s. ¹⁴E como eles se demorassem lá um certo tempo, Festo informou o rei da questão de Paulo: "Há aqui, disse ele, um homem que Félix deixou na prisão. ¹⁵Por ocasião da minha estada em Jerusalém, os sumos sacerdotes e os anciãos dos judeus vieram apresentar uma queixa contra ele e pediram a sua condenação. ¹⁶Eu lhes respondi que não era costume dos romanos condenar um acusado sem primeiro o ter confrontado com seus acusadores e lhe ter permitido defender-se dos seus agravos^t. ¹⁷Eles tornaram a encontrar-se aqui^u e eu, sem me conceder a mínima dilação, logo no dia seguinte, tomei assento no tribunal, e dei ordem de trazer esse homem. ¹⁸Depois de reunirem-se ao redor dele^v, os acusadores não apresentaram nenhuma das incriminações graves que eu te-

ria podido supor. ¹⁹Tinham somente com ele não sei que dissensões relativas à religião^w que lhes é própria^x, e em particular a um certo Jesus, que morreu, mas que Paulo afirma estar vivo. ²⁰Não atinando com o andamento a dar à instrução de tal causa, eu lhe propus então ir a Jerusalém para que a sua questão fosse julgada lá. ²¹Mas Paulo interpôs apelo para reservar o seu caso à jurisdição de Sua Majestade^y, e eu ordenei por isso que ele seja mantido na prisão até a sua transferência para o tribunal do imperador". ²²Agripa disse então a Festo: "Bem quisera, eu também, ouvir este homem!" "Amanhã mesmo o ouvirás," foi-lhe respondido.

²³No dia seguinte, Agripa e Berenice chegaram, pois, com grande pompa^z e fizeram a sua entrada na sala de audiência, acompanhados de oficiais superiores e de personalidades importantes da cidade. A uma ordem de Festo, trouxeram Paulo, ²⁴e Festo tomou a palavra: "Rei Agripa, e vós todos que estais conosco, estais vendo este homem. Toda a população judaica^{aa} veio ter comigo a respeito dele em Jerusalém e até aqui, gritando que não se devia deixá-lo vivo. ²⁵De minha parte, eu não achei nada em seus atos que mereça a morte^{ab}; mas, visto que ele interpôs apelo à Sua Majesta-

18,15; 23,29

17,18; 20,10; Lc 24,5,23; 2Cor 13,4

25,9

25,11-12

Lc 23,8

Lc 21,12; Mt 10,18; Mc 13,9

25,1,7,15,17; 22,22

23,9; 26,31; 28,18

p. O argumento é clássico desde Sócrates. Paulo não põe em questão o valor da lei.

q. Este apelo ao imperador cria numerosos problemas históricos e jurídicos. Em que casos era possível o apelo ao imperador? Teriam os cidadãos romanos o direito de recorrer a essa instância suprema? Seria possível o apelo antes que a sentença fosse proferida? Após a apelação, prescreveria a lei ao magistrado dar-lhe o seguimento? O que interessa aos Atos é menos a exposição da maneira de tratar a demanda do que a ênfase quanto a pôr em destaque a inocência de Paulo e a ação de Deus nos acontecimentos.

r. Marcos Júlio Agripa (II), filho de Herodes Agripa (cf. 12,1-5,19-23), nasceu em 27 e morreu em cerca de 100. Tendo-se tornado rei de Cálcis, no Líbano, por volta de 50, recebeu mais tarde outros territórios a administrar. *Berenice*, irmã de Agripa II e de Drusila (cf. 24,24), viúva na época, vivia na corte de seu irmão; célebre é o amor que Tito teve por ela.

s. Visita de cortesia ou gesto de submissão?

t. Festo enuncia aqui, em termos muito precisos, um princípio de equidade que os romanos realmente aplicavam e que o autor admira visivelmente.

u. Ou: *eles vieram comigo* (cf. 25,5 nota).

v. Ou: *Depois de chamados a comparecer*.

w. A palavra pode significar também *superstição*. Mas o sentido de religião se impõe, pois Festo fala com um judeu.

x. Este romano mantém-se distante perante as singularidades de uma religião estrangeira.

y. Lit. *AO julgamento do Augusto*. *Augusto*: título imperial.

z. O autor se preocupa em mostrar a audiência obtida pelo cristianismo de preferência a especificar o modo adotado para tratar a demanda. Como Jesus (só em Lc: 23,6-12), Paulo comparece perante um monarca judeu.

aa. A inocência de Paulo vai ser afirmada pela terceira vez neste capítulo (cf. 25,1-12 e 14-21). A repetição é um processo comumente usado por Lucas para sublinhar os acontecimentos importantes (cf. vocação de Paulo, episódio de Cornélio: v. 25 nota).

ab. Esta generalização (cf. v. 2) acentua as responsabilidades dos judeus nesse longo processo de Paulo.

c. Terceira declaração da inocência de Paulo na boca de um oficial ou de um magistrado romano (cf. 23,29 e 25,18). Cf. a tríplice afirmação de Pilatos que declara a inocência de Jesus (cf. Lc 23,4,14,22 e At 13,28) e v. 24 nota.

de^d, decidi enviar-lho. ²⁶Como não dispo-
nho de nenhum dado certo para escrever
ao soberano^e a seu respeito, mandei-o
comparecer diante de vós, diante de ti
sobretudo, rei Agripa, a fim de ter con-
dições de lhe escrever, após esta audiên-
cia. ²⁷Com efeito, seria absurdo, a meu
ver, enviar um prisioneiro sem sequer es-
pecificar as incriminações que pesam
contra ele^f.

26 Discurso de Paulo perante Agri-
pa. ¹Agripa disse a Paulo: "Tens
permissão de pleitear a tua causa". Então
Paulo estendeu a mão e apresentou a sua
defesa^g: ²"De todas as acusações que os
judeus fazem pesar sobre mim, eu me
considero tanto mais feliz, rei Agripa, de
ter de me defender diante de ti^h, porquan-
to estás a par de todos os costumes dos
judeus e de todas as suas controvérsias.
Rogo-te, pois, que me escutes com bene-
volência.

⁴"O período da minha vida que, desde
a minha primeira juventude, passei no
seio da minha nação, em Jerusalémⁱ, to-
dos os judeus o conhecem. ⁵Eles sabem
de longa data, e podem testemunhar, se
quiserem, que eu vivi segundo a tendên-
cia mais estrita^j da nossa religião, como
fariseu. ⁶E hoje, se sou denunciado pe-
rante a justiça, é pela esperança na

promessa^k que Deus fez aos nossos pais
⁷e que as nossas doze tribos, assegurando
o culto dia e noite, sem trégua, espe-
ram que se realize; é por causa desta
esperança, ó rei, que eu fui acusado pe-
los judeus^k. ⁸Por que se julga incrível
entre vós que Deus ressuscite os mortos?

⁹"De minha parte, eu tinha na verdade
julgado dever combater por todos os
meios o nome^m de Jesus, o Nazoreu. ¹⁰E
foi o que fiz em Jerusalém: eu pessoal-
mente encarcerei grande número de san-
tosⁿ em virtude do poder que recebera
dos sumos sacerdotes, e dei o meu sufrá-
gio quando os matavamⁿ. ¹¹Percorrendo
todas as sinagogas, eu multiplicava as mi-
nhas sevícias contra eles, para os forçar
a blasfemar^o e, no auge do meu furor, eu
os perseguia até nas cidades estrangeiras.

¹²"É assim que um dia eu ia a Damasco
com plenos poderes e mandato especial
dos sumos sacerdotes. ¹³Eu estava a ca-
minho, ó rei, quando, por volta do meio-
dia, vi descer do céu, mais resplande-
cente do que o sol, uma luz que me en-
volveu em seu brilho, bem como aos
meus companheiros de viagem^q. ¹⁴Nós
todos caímos por terra e eu ouvi uma
voz que me dizia em língua hebraica:
'Saul, Saul, por que me persegues? É
duro para ti recalitrar contra o agui-
lhão!' ¹⁵Eu respondi: 'Quem és tu, Sc-

24,15

Rm 4,17;
Hb 11,19

2,22

9,2

Lc 2,9

d. Lit. *ao Augusto*. Cf. 25,21 nota.

e. Lit. *ao Senhor*, título do imperador que o designava como
senhor absoluto do universo, desde a época de Cláudio. Esse
título não implica a natureza divina do soberano, todavia, atribui
ao monarca, à maneira oriental, a glória de um deus. Cf. 12,22
nota.

f. O gesto é o mesmo que em 13,16; 21,40.

g. Esta apologia solene (vv. 2-23) é, do ponto de vista da
forma, ainda mais esmerada que a precedente (24,10-21): é a
última, e Paulo se dirige a um auditório régio. O relato da sua
conversão (nos vv. 9-18) intervm aqui (cf. 9,1-18; 22,3-16)
como elemento da sua demonstração: a fé em Jesus ressuscitado
está implicada na esperança de Israel (vv. 4-8) e a pregação de
Paulo não tem outro conteúdo senão aquele que as Escrituras
anunciavam (vv. 19-23).

h. Cf. 22,3: Paulo não diz nada aqui do seu nascimento em
Tarso; ele simplifica devido às exigências de uma argumentação
que insistiria especialmente sobre as suas atividades em Jerusa-
lém (vv. 9,20,21,26 nota).

i. Lit. *o partido mais estrito*.

j. Toda essa esperança aberta a Israel pela promessa *aos pais*

(cf. 3,25-26) se concentra, para Paulo, na ressurreição dos mor-
tos (v. 8 nota) já realizada na ressurreição de Jesus (v. 23 nota;
v. 26 nota).

k. Cf. 23,6 notas.

l. Essa insistência, não tanto na ressurreição final, mas no
poder vivificador de Deus, prepara a afirmação da Ressurreição
de Jesus no v. 23.

m. Cf. 3,16 nota.

n. O emprego dessa denominação (9,13 nota) tende a subli-
nhar a culpabilidade de Paulo.

o. A aprovação dada ao assassinio de Estêvão (8,1) seria então
um caso entre outros.

p. A *blasfêmia* devia consistir em uma maldição do nome de
Jesus (cf. 13,45 nota; 1Cor 12,3).

q. Aqui a *luz* envolve todas as pessoas presentes e não somen-
te Paulo (9,3; 22,6,9): talvez ela prefigure a luz do v. 23.

r. Cf. 21,40 nota. Essa especificação, própria desta narrativa
(cf. 9,4; 22,7), explica a transcrição *Saul* (9,4 nota).

s. Esse provérbio de origem grega, que não figura nas narra-
ções paralelas, evoca o boi que se defende em vão contra as
incitações do boiadeiro. Não é tanto uma crise interior que é

nhor?' O Senhor continuou: 'Eu sou Jesus: é a mim que tu persegues! ¹⁶Mas, põe-te em pé! Eis por que eu te apareci: Destinei-te para seres servo e testemunha da visão em que acabas de me ver^a, assim como das visões nas quais eu te aparecerei ainda'. ¹⁷Eu já te liberto do povo e das nações pagãs, e a eles^a eu te envio. ¹⁸para que lhes abras os olhos, as desvias das trevas para a luz, do império de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e uma parte da herança com os santificados^a pela fé em mim^a'.

¹⁹A partir de então, rei Agripa, eu não resisti a esta visão celeste. ²⁰Muito pelo contrário, aos habitantes de Damasco primeiro, e de Jerusalém, em todo o território da Judéia^a, depois às nações pagãs, eu anunciei que eles tinham de se converter e se voltar para Deus^a, vivendo de um modo que corresponda a essa conversão^b. ²¹Eis o motivo pelo qual os judeus me detiveram quando eu me achava no Templo e tentaram dar cabo de mim. ²²Firmado na proteção de Deus, até este dia, continuo a dar testemunho diante de pequenos e grandes; os profetas e

Moisés predisseram o que devia acontecer, e eu não digo nada além disso^c. ²³Cristo sofreu, e ele, o primeiro a ressuscitar dentre os mortos^d, deve anunciar a luz^e ao Povo e às nações pagãs^f.

²⁴Paulo chegara a este ponto da sua defesa, quando Festo interveio, levantando a voz: "Estás louco, Paulo! O teu grande saber está te levando à loucura!"

²⁵Mas Paulo respondeu: "Eu não estou louco, excelente Festo, faço ouvir a linguagem da verdade e do bom senso. ²⁶O rei, a quem me dirijo com toda a certeza, está decerto a par destas coisas, e eu tenho todos os motivos para pensar que nada disso lhe escapa, pois não foi em um recanto escondido que esses fatos aconteceram^g. ²⁷Crês nos profetas, rei Agripa? Eu estou certo de que crês". ²⁸Agripa disse então a Paulo: "Pouco te falta, pelo teu arrazoado, para fazeres de mim um cristão^h!" — ²⁹"Questão de pouco, sim, respondeu Paulo, mas também questão de monta, praza a Deus que não somente tu, mas também todos os que me escutam hoje, vos torneisⁱ exatamente o que eu sou... sem os grilhões que

17.2-3;
Lc 24.26
13.47;
Lc 2.9

assim descrita, mas a situação objetiva de Paulo: opondo-se ao poder irresistível que se lhe revela, ele só faria agravar o seu caso.

1. Alusão à vocação de Ezequiel (Ez 2.1.3)? As palavras de Jesus que seguem aqui são organizadas em torno de duas expressões-chave: "as nações pagãs" lembra a vocação de Jeremias (Jr 1.5.7-8.10) e "luz (das nações)" reporta-se à eleição do Servo (Is 42.6-7.16). Jesus se dirige aqui a Paulo como Deus enviando os seus profetas: a missão junto aos pagãos é o cumprimento das profecias do AT (cf. 15.14 nota; 13.47 nota; 28.25-28). Sobre o momento dessa missão: 22.21 nota (cf. 22.17 nota).

u. Variante: *A visão que acabas de ter.*
v. Cf. 13.31 nota; 18.9 nota.

w. Lit. *aos quais*. O pronome relativo tem como antecedente não somente os pagãos, mas também os judeus (o povo).

x. Cf. 20.32 nota.
y. Cf. 13.38 nota; 2.44 nota.

z. Variante: *território dos judeus*. Essa pregação de Paulo na Judéia não concorda muito bem com Gl 1.22. Talvez o autor evoque aqui o esquema missionário de 1.8 para indicar que Paulo se torna o realizador em seguimento dos Doze.

a. Cf. 3.19 nota.
b. Lit. *fazendo obras dignas da conversão* (cf. Lc 3.8).

c. Paulo leva aqui ao limite extremo a sua fé no cumprimento das Escrituras (cf. 3.18 nota): num certo sentido, o Evangelho não acrescenta nada ao AT, visto que tudo o que ele proclama (= v. 23) foi anunciado de antemão (cf. nota seguinte). Trata-se

de mostrar quanto a fé cristã está autenticamente incluída na fé de Israel (cf. v. 28. nota).

d. Lit. *e, primeiro da ressurreição dos mortos, ele deve...* A Ressurreição de Jesus é apresentada como a primeira realização, a realização antecipada (cf. 4.2 nota; 3.13 nota; 1Cor 15.20; Cl 1.18) da esperança mais importante de Israel (v. 6 nota; v. 8 nota). Ainda aqui a fé cristã aparece como incluída na fé judaica (cf. nota precedente e v. 28 nota).

e. Isto é, a salvação, cujo anúncio é atribuído aqui não a Paulo (13.47 nota) ou aos pregadores cristãos (4.12 nota), mas diretamente a Jesus (cf. 3.26). Último emprego nos Atos da palavra *luz*, que neles quase não aparece fora (12.7; 16.29) dos relatos da conversão de Paulo (vv. 13 nota; 18; 9.3; 13.47; 22.6.9.11).

f. A morte de Jesus e a sua ressurreição, como também o anúncio da luz (v. 23), deram-se com efeito em Jerusalém (v. 4 nota); depois foram proclamados na Judéia e no mundo inteiro (v. 20).

g. Ou talvez: *Mais um pouco, e me persuades de que fizeste um cristão*. Agripa compreendeu bem a argumentação de Paulo: crer nos profetas (v. 27) já é ser cristão (v. 22 nota). Mas ele rejeita esta conclusão. Paulo na sua réplica, vai fazer jogo de palavras com o "pouco" desdenhoso de Agripa (v. 28), para lançar um último apelo (cf. nota seguinte).

h. Portanto não se é *feito cristão* por um homem, mas a *pesoa se torna cristã* pela intervenção de Deus (cf. 11.18 nota). Implicitamente, o discurso de defesa de Paulo termina assim, como uma pregação habitual, com um apelo à conversão (3.19, nota).

³⁰O rei se levantou, bem como o governador, Berenice e os que estavam sentados com eles. ³¹Ao se retirarem, falavam entre si: "Este homem, diziam, não fez nada que mereça a morte ou a prisão". ³²Agripa confiou a Festo: "Este homem poderia ser solto, se não tivesse apelado para o imperador".

27 **Embarque para Roma**¹. ¹Quando o nosso¹ embarque para a Itália foi decidido, entregaram Paulo e mais alguns prisioneiros a um centurião chamado Júlio, da Coorte Augusta². ²Nós subimos então a bordo de um navio de Adramítio³, de partida para as costas da Ásia, e fizemo-nos ao mar. Estava conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. ³No dia seguinte, por ocasião de uma escala em Sídón⁴, Júlio, que tratava Paulo com humanidade⁵, permitiu-lhe que fosse ter com os seus amigos e desfrutasse a acolhida deles. ⁴De lá, retomando a viagem por mar, navegamos abaixo de Chipre⁶, pois os ventos nos eram contrários. ⁵Seguiu-se então a travessia do mar que banha a Cilícia e a Panfília, e desembarcamos⁷ em Mira⁸, na Lícia. ⁶Ali, o centurião achou um navio de Alexandria⁹ a caminho da Itália e nele nos fez embarcar. ⁷Durante alguns dias a nossa na-

vegação foi vagarosa, e só a duras penas chegamos à altura de Cnido⁸. Como o vento nos fosse contrário, passamos abaixo da ilha de Creta, rumo ao cabo Salomone⁹, depois de o ter dobrado a custo, chegamos a um lugar chamado "Belos Portos", perto da cidade de Lasia¹⁰.

⁹Mas um certo tempo decorrera, e daí para a frente tornava-se perigoso navegar, visto que o Jejum¹¹ já tinha passado. Paulo quis dar sua opinião: ¹¹"Meus amigos, disse-lhes ele, estimo que a navegação vai acarretar prejuízos e perdas consideráveis, não somente para a carga e o navio, mas também para nossas pessoas". ¹²Não obstante, o centurião confiava mais no capitão e no administrador¹³ do que nas advertências de Paulo. ¹³Como o porto, além disso, se prestasse mal para a invernagem, a maioria foi de opinião que se prosseguisse a viagem; tentariam atingir Fênix, porto de Creta, aberto ao sudoeste e ao noroeste¹⁴, para aí passar o inverno.

A tempestade. ¹³Uma tênue brisa do sul se levantara, e eles pensaram que o projeto fosse realizável: tendo pois levantado âncora, tentaram costear Creta de perto. ¹⁴Mas quase imediatamente um vento

2Cor 11,25

19,29: 20,4;
Fm 2424,23;
28,16,23,30

i. O recurso de Paulo ao imperador (25,11; 26,32) tem como consequência o seu envio a Roma, realização de um projeto apostólico (19,21) e de um desígnio providencial (23,11). Os perigos e os reveses não faltarão no decurso dessa longa viagem (27,1-28,16), mas para o autor, Deus guia visivelmente o seu transcurso (vv. 9 nota; 24 nota; 28,3 nota).

j. Reaparecimento do *nós* (16,10 nota) que se manterá até a chegada a Roma (28,16). O autor se apresenta assim como participante desta viagem da qual fornece um relato extremamente vivo e pormenorizado.

k. Talvez uma unidade mais especialmente ligada ao serviço do imperador.

l. Cidade da costa oeste da Ásia Menor defronte de Lesbos. Os navios mercantes, além de sua carga, pegavam passageiros.

m. Cidade da Fenícia, ainda importante. Sobre a sua evangelização, cf. 11,19: *os amigos* de Paulo, de quem se vai tratar, são sem dúvida os cristãos da cidade.

n. Cf. 27,31,43. O autor nota de bom grado as disposições favoráveis dos centuriões para com os cristãos (10,1; 23,17; 22,25-26) ou para com Jesus (Lc 7,5 nota; 23,47. nota).

o. A costa norte de Chipre. O vento é do oeste.

p. Variante: *desembarcado no fim de quinze dias*.

q. Escala habitual entre o Egito e a Grécia (cf. 21,1).

r. A frota mercante alexandrina era importante. Ela transportava especialmente para Roma o trigo do tributo do Egito (cf. v. 38).

s. Na extremidade sudoeste da Ásia Menor.

t. Ao sul de Creta.

u. Na costa sul da ilha.

v. A narração da tempestade que começa aqui liga-se a um gênero literário clássico (Sl 107; Jn 1; *Odisséia*, *Enéida*); ela se desenvolve segundo o esquema seguinte: uma discussão sobre a navegação (vv. 9-11); a tempestade que não deixa nenhuma esperança (13-20); o encorajamento de um anjo e a intervenção de Paulo (21-26); o naufrágio (27-44). O relato é dominado pelo pensamento de Deus que guia Paulo para Roma, a meta fixada (vv. 24-25).

w. Trata-se da festa das Expiações que se celebrava em setembro. Não se navegava de setembro a fevereiro ou março. Talvez inspirado, Paulo terá razão (v. 21 nota) contra os profissionais.

x. O representante do armador.

y. Poder-se-ia compreender o inverso: *fechado a sudoeste e a noroeste*, o que seria mais consoante com a geografia, mas forçaria o sentido. Mal protegido a oeste, este porto o é pelo menos dos ventos de norte-nordeste; a sua localização é controvertida.

de furacão, chamado euraquilão^z, vindo da ilha, desabou sobre eles; ¹⁵o navio foi arrastado, incapaz de resistir ao vento, e, deixando-nos levar, fomos à deriva^a. ¹⁶Singrando sob a proteção de uma pequena ilha chamada Cauda, conseguimos, contudo, a duras penas, dominar o escaler. ¹⁷^bDepois de o ter içado a bordo, recorreu-se aos meios de emergência: cingir o navio com cabos^c e, com receio de irmos encalhar na Sirte^d, arriar a âncora flutuante^e; e continuamos assim à deriva. ¹⁸No dia seguinte, como fôssemos sempre violentamente sacudidos pela tempestade, jogou-se carga ao mar ¹⁹e, no terceiro dia, com as próprias mãos, os mar-

ele me disse! ²⁶Devemos^h encalhar em alguma ilha”.

Salvos do naufrágio. ²⁷Era a décima quarta noite que derivávamos no Adriático; por volta da meia-noite, os marinheiros pressentiram a aproximação de terra. ²⁸Lançando então a sonda, acharam vinte braças; um pouco além lançaram-na de novo e acharam quinze. ²⁹Temerosos de sermos atirados contra escolhos, jogaram quatro âncoras na popa, suspirando ardentemente pelo raiar do dia. ³⁰Mas, como os marinheiros, sob pretexto de firmar a posição do navio com as âncoras da proa, tentavam fugir do navio e desciam o escaler ao mar, ³¹Paulo disse ao centurião e aos soldados: “Se esses homens não ficarem a bordo, vós não podereis ser salvos”. ³²Os soldados então cortaram as amarras do escaler e o deixaram cair.

³³Enquanto se esperava o dia, Paulo exortou todo mundo a se alimentar, dizendo: “É hoje o décimo quarto dia que passais na expectativa, sem comer, e ainda não comestes nada. ³⁴Por isso eu vos exorto a alimentar-vos: pois disso depende a vossa salvação. Torno a dizer, nenhum de vós perderá um cabelo sequer de sua cabeça”. ³⁵A estas palavras, ele tomou pão, deu graças a Deus na presença de todos, partiu-o e se pôs a comerⁱ. ³⁶Todos então, recobrando coragem, alimentaram-se por sua vez. ³⁷Ao todo, nós éramos duzentas e setenta e seis pessoas a bordo. ³⁸Depois de saciados, aliviou-se o navio, jogando o trigo ao mar.

³⁹Quando clareou o dia, os marinheiros não reconheciam a terra, mas distinguiram

rinheiros abateram o aparelho do navio. ²⁰Desde vários dias nem o sol nem as estrelas apareciam; a tempestade, de uma violência pouco comum, continuava perigosa: doravante, toda esperança de sermos salvos nos desamparava.

²¹Havia muito tempo que não tínhamos comido nada, quando Paulo, de pé no meio deles, lhes disse: “Estais vendo meus amigos^f, fora melhor terdes seguido o meu conselho, não deixar Creta e fazer assim a economia desses prejuízos e dessas perdas. ²²Mas, agora, eu vos convido a manter a coragem; pois nenhum de vós perderá a vida: somente o navio se perderá. ²³Com efeito, esta noite mesmo, um anjo do Deus a quem pertenço e a quem sirvo apresentou-se a mim

²⁴e me disse: ‘Não tenhas medo, Paulo: é necessário^g que compareças diante do imperador; e Deus também te concede a vida de todos os teus companheiros de travessia!’ ²⁵Coragem, pois, meus amigos! Eu me fio em Deus: sucederá como

MI 10,30

z. Vento do nordeste que empurrava o navio para a África.
a. Var. ocidental: ... à deriva ao vento e tínhamos ferrado as velas.

b. O bote era normalmente rebocado pelo navio.
c. As cintas do navio eram formadas de cabos que cercavam o navio, para evitar deslocação das peças do seu cavename.

d. Golfo da Cirenaica, na costa da África.

e. Peça de madeira flutuante que mantinha o navio na direção do vento, com a popa voltada para as ondas.

f. Lit. *Homens!* Paulo intervirá com a autoridade que lhe dá a realização da sua advertência “profética”. Desta vez (cf. v. 9

nota), a sua declaração é atribuída explicitamente a uma intervenção divina, o que faz dela um apelo implícito à fé em Deus.

g. Esta *necessidade* refere o sucesso ao plano de Deus (3,21 nota; 2,23 nota; cf. 27,1 nota).

h. Lit. *É-nos necessário* (cf. nota precedente).

i. Não o mar hoje assim denominado, mas toda a extensão entre a Grécia e a Sicília.

j. Var. ocidental: *dando-nos também*. Esta variante acentua o simbolismo eucarístico que o autor confere indubitavelmente ao que, para ele, ao que parece, não passa de uma refeição ordinária; cf. 20,7 nota.

uma enseada com uma praia, e tencionavam, se possível, encalhar ali o navio. ⁴⁰Então soltaram as âncoras, abandonando-as ao mar, e ao mesmo tempo desamarraram os remos da popa^k; depois, içando ao vento a cevadeira^l, rumaram para a praia. ⁴¹Mas esbarraram num banco de areia^m, e aí encalharam o navioⁿ: a proa, enterrada, ficou presa, enquanto a popa se desconjuntava pelo embate do mar. ⁴²Os soldados tiveram então a idéia de matar os prisioneiros, temendo que algum escapasse a nado. ⁴³Mas o centurião, decidido a salvar Paulo, impediu-os de executar o seu projeto; ordenou aos que sabiam nadar que saltassem à água por primeiro e alcançassem a terra. ⁴⁴Os outros o fariam quer sobre tábuas, quer sobre destroços do navio^o. E foi assim que todos chegaram à terra sãos e salvos.

12.19; 16.27

28 Paulo em Malta. ¹Já fora de perigo. soubemos que a ilha se chamava Malta. ²Os nativos^p nos^q demonstraram uma benevolência fora do comum. Com efeito, acendendo uma grande fogueira, eles nos convidaram todos a aproximarmos, pois começara a chover, e fazia frio. ³Paulo tinha ajuntado uma braçada de lenha seca, e a jogava ao fogo, quando o calor fez sair dela uma víbora que se prendeu na sua mão^r. ⁴Quando os nativos vi-

ram este animal pendurado na mão dele, diziam uns aos outros: "Este homem é certamente um assassino; ele conseguiu escapar do mar, mas a justiça divina^s não lhe permite viver". ⁵Paulo, na realidade, sacudiu o bicho no fogo, sem sofrer o menor mal. ⁶Eles contavam vê-lo inchar, ou cair subitamente morto; mas, após uma longa espera, constataram que nada de anormal lhe acontecia. Mudando então de opinião, repetiam: "É um deus!"

Lc 10.19; Mc 16.18

⁷Havia, nos arredores, terras^t que pertenciam ao primeiro magistrado da ilha^u, chamado Públio. Ele nos acolheu e hospedou amigavelmente durante três dias. ⁸O pai dele estava então de cama, tomado de febres e disenteria. Paulo acudiu à sua cabeceira e, pela oração e imposição das mãos^v, curou-o. ⁹Depois disso, todos os outros habitantes da ilha que estavam doentes vinham ter com ele e por sua vez eram curados^w. ¹⁰Eles nos deram numerosas provas de acatamento^x e, quando partimos, proveram-nos de todo o necessário.

12.22; 14.11

10.48; 16.15; 28.14

6.6; Lc 4.40; Mc 9.29; Tg 5.14

5.15-16; 8.7

20.34

A viagem de Malta a Roma. ¹Foi ao cabo de três meses^y que embarcamos num navio que inverna na ilha; era um navio de Alexandria que tinha por insígnia os Dióscoros^z. ²Desembarcamos em Siracusa para uma escala de três dias. ³De lá, costeando o litoral^a, fomos a Régio.

2Cor 11.26
27.26

2Cor 11.27

k. Lit. *os freios dos lemes*. Estes eram largos remos fixados por cabos.

l. Pequena vela da proa do navio.

m. Lit. *um lugar entre duas correntes*.

n. Reminiscência da *Odisseia*: 9.546.

o. Ou (pouco provável): *ou sustentados por membros da equipagem*.

p. Lit. *bárbaros*. Os gregos chamavam bárbaros os que não falavam a língua deles (cf. Rm 1.14). Em Malta os nativos falavam um dialeto púnico.

q. Divergindo do cap. 27, o *nós* se restringe (aqui e no v. 7) ao grupo dos cristãos. O autor não fala mais nada da escolta de Paulo (mas cf. 28.16).

r. Esta narrativa de milagre (vv. 3-6; cf. Lc 10.19; Mc 16.18) e a seguinte (vv. 7-10) manifestam que Deus está sempre com Paulo (cf. 27.1 nota).

s. Lit. *a Justiça*. Para os gregos, a *Justiça* era uma divindade à qual não se podia escapar. Será que os habitantes de Malta partilhavam dessa crença?

t. A tradição situava esta propriedade no lugar chamado São Paulo Milqi (o bem-vindo ou o bem-acolhido), sobre as faldas

da colina Bur-Marrad, não longe de uma baía que poderia ser a do naufrágio. Escavações recentes revelaram que essa tradição remonta ao menos até o séc. IV.

u. Lit. *ao primeiro da ilha*, título oficial exato do primeiro magistrado de Malta na época romana.

v. Lit. *tendo rezado e tendo-lhe imposto as mãos*. Sobre esse gesto, ver 6.6 nota.

w. Esse tipo de breve afirmação geral se acha em outras partes do livro (8.7; 19.11-12; cf. 9.31; 12.24; 19.20) e lembra um pouco os grandes sumários do começo dos Atos (2.42 nota); cf. Lc 4.40; 5.15; 7.21. O autor não relaciona esses milagres (cf. v. 3 nota) com uma pregação; aliás ele não menciona nenhuma pregação propriamente dita de Paulo durante a viagem de Cesaréia a Roma. É nesta última cidade que o anúncio do Evangelho recomeçará (28.23-31).

x. Ou talvez: *múltiplos presentes*.

y. Em fevereiro ou março, muito provavelmente (cf. 27.9 nota).

z. O culto dos *Dióscoros*, Cástor e Pólux, protetores dos marinheiros, era muito difundido no Egito. A insígnia devia ser uma figura de proa, esculpida ou pintada.

a. O texto e a tradução são incertos; poder-se-ia também ler e compreender: *levantando a âncora ou talvez largando as amarras*.

No dia seguinte o vento sul se levantara e nós chegamos em dois dias a Pozzuoli^b.
¹⁴Encontramos irmãos que nos convidaram a passar uma semana com eles. Eis como fomos para Roma^c.
¹⁵Desta cidade, os irmãos^d que souberam da nossa chegada vieram ao nosso encontro até o Foro de Ápio e as Três Tabernas^e; Paulo, quando os viu, deu graças a Deus; ele recobrou confiança^f.

Paulo em Roma. ¹⁶Por ocasião da nossa chegada a Roma, Paulo obtivera a autorização de ter um domicílio pessoal, com um soldado para o guardar^g.
¹⁷Três dias depois, ele convidou os principais judeus^h para se encontrarem lá. Quando estiveram reunidos, declarou-lhes: "Irmãos, eu que não fiz nada contra o nosso povo ou contra as normas recebidas dos nossos pais, estou prisioneiro desde que fui entregue em Jerusalém às mãos dos romanos.
¹⁸No fim do inquérito feito por eles, queriam me soltar, pois não havia nada no meu caso que merecesse a morte.
¹⁹Mas a oposição dos judeus me obrigou a apelar para o imperador, sem que por isso eu tenha o intento de acusar a minha

naçãoⁱ.
²⁰Esta é a razão pela qual eu pedi para vos ver e conversar convosco. Na realidade, é por causa da esperança de Israel que eu carregue estas cadeias^j".
²¹Eles lhe responderam: "Quanto a nós, não recebemos nenhuma carta da Judéia a teu respeito; e nenhum irmão, ao chegar, nos comunicou qualquer relatório ou qualquer boato desfavorável sobre a tua pessoa.
²²Mas nós pedimos para te ouvir expor o que tu mesmo pensas: pois, quanto à tua seita^k, sabemos que ela encontra oposição por toda parte".
²³Tendo combinado com ele um dia, vieram em maior número encontrar-se, em seu domicílio. Em sua exposição, Paulo dava testemunho do Reinado de Deus^le, da manhã até tarde, esforçava-se por convencê-los, falando de Jesus a partir da lei de Moisés e dos profetas^m.
²⁴Uns se deixavam convencer pelo que Paulo dizia, outros se recusavam a crerⁿ.
²⁵No momento de partir^o, nem sempre concordavam entre si; Paulo só acrescentou uma palavra: "Como é exata a palavra do Espírito Santo que declarou aos vossos pais pelo profeta Isaias^p:"
²⁶*Vai ter com este povo e dize-lhe:*

estratopedarca to prefeito do pretório ou o chefe dos estrangeiros). Alguns acrescentam que Paulo pôde morar *fora do acampamento*. Essas informações poderiam ser exatas.

h. Em Roma como alhures (13.46 nota), Paulo se dirige aos judeus antes de se dirigir aos pagãos (28.28-31).

i. Uma var. ocidental acrescenta: *mas somente de salvar a minha alma* (isto é, minha vida) *da morte*.

j. *A esperança de Israel* é a ressurreição dos mortos, antecipada na Ressurreição de Jesus (26.6 nota).

k. Cf. 24.5 nota.

l. Cf. 1.3 nota.

m. Cf. 17.3 nota. Resumo tipicamente lucano da mensagem cristã.

n. O autor nota, assim, pela última vez (cf. 14.1-2; 17.4-5.12; 18.6-8) que os judeus se dividem em face do Evangelho (cf. v. 29 nota) antes de sublinhar que, tomada em seu conjunto, a atitude do povo (v. 26) é de rejeição (v. 25 nota).

o. Isto é, muito provavelmente, os judeus (cf. nota precedente); mas, a rigor, *eles* poderia designar os judeus e Paulo.

p. O autor cita agora por inteiro (cf. Lc 8.10 nota) Is 6.9-10. Esse texto é *exato* no sentido de que ele agora se realiza (como Hb 1.5 em 13.41); cf. Mt 13.14-15; Mc 4.12; Jo 12.40. A rejeição do Evangelho por *esse* povo, isto é, de fato pela maioria dos judeus, aparece assim como um dos acontecimentos anunciados pela Escritura (3.18 nota) e por isso se integra no plano de Deus (2.23 nota); cf. v. 27 nota.

b. A distância de Régio a Pozzuoli é de cerca de 350km. O porto de Pozzuoli, no golfo de Nápoles, ainda não fora eclipsado pelo de Óstia, construído por Cláudio. Ignoramos tudo da fundação da comunidade de Pozzuoli. Várias comunidades aparecem assim nos Atos sem indicações sobre a sua origem: Damasco, 9.10; Galiléia, 9.31; Jope, 9.41; Cilícia, 15.23; Alexandria, 18.24.25 (var.); Éfeso, 18.27; Ptolemaida, 21.7; Roma, 28.15.

c. O autor antecipa o que vai dizer no v. 16; talvez queira indicar que desde então a viagem está praticamente terminada. Seguindo a *via Campana*, depois a *via Appia*, um bom andador podia gastar cinco dias de Pozzuoli a Roma (200km mais ou menos).

d. Havia já *irmãos* em Roma alguns anos mais cedo, por volta de 50 (18.2); mas o autor não diz nada sobre as origens dessa Igreja da capital imperial (cf. v. 13 nota).

e. O *Foro de Ápio* estava a mais ou menos 65km de Roma e as *Três Tabernas* a cerca de 49km.

f. Esta observação parece dar a entender que Paulo não deixava de ter certa apreensão quanto aos seus primeiros contatos com a Igreja romana; cf. as precauções oratórias de Rm 1.11-15 (cf. 15.20).

g. Paulo se beneficia de um regime de favor que permitia a um prisioneiro morar onde quisesse e tratar de seus afazeres sob a vigilância de um soldado. Lucas toma a introduzir discretamente a autoridade romana e a situação de prisioneiro que era a de Paulo. Vários mss. assinalam a transferência de Paulo para um

*Por mais que ouçais, não
compreendereis:
por mais que olheis, não vereis.*

²⁷ *Pois o coração deste povo se
endureceu,
eles se tornaram duros de ouvido,
taparam os próprios olhos,
para não verem com seus olhos,
não ouvirem com os seus ouvidos,
não compreenderem com o seu coração*

e não se voltarem para Deus^q.

E eu os curarei?

²⁸ *Sabei, pois: é aos pagãos que foi enviada esta salvação de Deus; esses sim, escutarão*. ¹²⁹ ^u ³⁰ *Paulo viveu assim dois anos inteiros, à própria custa^w, e recebia todos os que vinham ter com ele^x, proclamando o Reinado de Deus e ensinando o que concerne ao Senhor Jesus Cristo com inteira firmeza e sem peias^y.* 13.46: 18.6 28.16.23 1.3; 19.8: 20.25: 28.23 4.13

q. Portanto *este povo*, tomado em seu conjunto, rejeita a conversão que a pregação cristã lhe pede (3.19 nota).

r. Se a citação de Is 6.9-10 tivesse sido feita segundo o hebr., ela teria terminado assim: *E não ser curados* (cf. Mt 13.15). Mas, como muitas vezes (cf. por exemplo 15.15 nota), o autor segue aqui a Septuaginta, que antecipou a esperança aberta a Israel por Is 6.11-13, traduzindo: *E (= mas) eu os curarei*. Se o autor compreendia assim o texto que cita, o seu pensamento se orientava em sentido análogo ao de Rm 11.11-15 onde a recusa de Israel não é definitiva. Mas, na realidade, o que o autor retém sobretudo, se não unicamente, é o sentido geral da citação (cf. nota seguinte); daí a tradução como pergunta retórica: *E eu os curarei?*, na qual a ameaça não exclui um último chamamento (cf. v. 30 nota).

s. Esta proclamação da transição do Evangelho para os pagãos é a última do livro (13.46 nota), o que lhe dá tanto mais solenidade. Definitivo ou não (nota precedente), o endurecimento de Israel abre a *salvação de Deus* (cf. Is 40.5 grego) aos pagãos que, *por sua parte*, contrariamente a *esse povo*, *escutarão* (cf. v. 27).

t. Numerosos mss. inserem aqui: *Enquanto ele lhes dizia isso, os judeus foram-se embora, mantendo entre si uma grande discussão*.

u. Paulo ficou portanto dois anos em liberdade vigiada (v. 16 nota). O alcance exato desta última indicação cronológica é problemático. Teria sido o livro redigido no fim desses dois anos e antes da conclusão do processo de Paulo? Teria sido Paulo solto então, pelo fato de nenhum acusador judeu se ter apresentado (cf. 24.27 nota)? Ou teria sido Paulo, nesta ocasião, julgado e condenado? Ver a introdução. O mais claro é que,

aqui, o autor se interessa menos pelo destino de Paulo do que pela pregação do Reino de Deus (cf. 1.3) em Roma, capital do mundo pagão, por aquele mesmo cuja missão *pessoal* era evangelizar este mundo (22.21 nota; cf. Rm 1.5,14-15). Assim a proclamação do Evangelho até as extremidades da terra, como queria Jesus ressuscitado (1.8 nota, cf. Introdução), chegou a uma etapa que, sem ser derradeira (cf. Rm 15.23-24), é contudo definitiva (cf. 28.31 nota).

v. Certas testemunhas acrescentam: *judeus e gregos*. Essa variante, seja qual for a sua autenticidade, põe um problema real: falando de *todos os que vêm ter com Paulo*, será que o autor pensa unicamente nos pagãos (v. 28)? Ou será que esse *todos* não incluía também judeus que se subtraíam ao endurecimento de Israel como tal? Esta segunda hipótese concordaria melhor com uma perspectiva essencial do livro (11.18 nota; 15.11,14 nota).

w. A *inteira firmeza* concerne à atitude de Paulo (cf. 4.13 nota); *sem peias* talvez seja uma última homenagem discreta à imparcialidade e à sabedoria da justiça romana (cf. 18.15 nota). Mas no fim das contas esta conclusão parece sobretudo querer acentuar que, não obstante as perseguições e as dificuldades referidas ao longo de todo o livro, *a palavra de Deus não está acorrentada* (2Tm 2.9). *Para todos os* que o quiserem (nota precedente) ela soará *nas extremidades da terra* (v. 30 nota). Ela tem o futuro à sua frente até o dia evocado pela variante que termina o v. e o livro em certas testemunhas ocidentais: *dizendo que ele é o Cristo Jesus, o Filho de Deus, pelo qual o mundo inteiro começará a ser julgado*.

EPÍSTOLA AOS ROMANOS

INTRODUÇÃO

De todas as cartas do apóstolo Paulo, a Epístola aos Romanos é inegavelmente a mais importante. E isso, não só por ser a mais extensa. Do ponto de vista doutrinal, é uma das mais ricas — a ponto de ser considerada, muitas vezes, uma carta-tratado — e a mais notavelmente estruturada. “Esta epístola toda inteira, asseverava Calvino, é disposta metodicamente”. Historicamente, enfim, nenhuma outra exerceu igual influência; um teólogo protestante chegou recentemente a dizer (não sem uma ponta de exagero) que a história da Igreja se confundia com a da interpretação desta epístola. Não há negar que este texto sempre ocupou um lugar privilegiado na história da exegese. Foi comentado, quer de forma continuada, quer não, por Orígenes, João Crisóstomo, Teodoro, o Ambrosiástico, Pelágio, Agostinho, Abelardo, Tomás de Aquino, etc. Papel sobremaneira decisivo desempenhou entretanto a sua interpretação em dois momentos da história da Igreja: no século V, por ocasião da crise pelagiana e das grandes controvérsias sobre a gratuidade da salvação, e no século XVI, quando dos incios da Reforma protestante.

Aos olhos de numerosos historiadores, o comentário à Epístola aos Romanos por Lutero, em 1516, foi o verdadeiro ponto de partida da Reforma. Foi outrossim explicando a Epístola aos Romanos, seu primeiro comentário bíblico (publicado somente em 1540), que Calvino preparou a segunda edição da Instituição da religião cristã (1539) e fixou as principais teses da sua doutrina. Os reformadores protestantes tinham esta epístola em particular estima. “Ela é na verdade, assegurava Lutero, o coração e a medula de todos os livros.” Calvino pretendia igualmente que “todo aquele que chega à sua verdadeira compreensão tem como que a porta aberta para entrar no tesouro mais secreto da Escritura”. Para Melancton — cuja obra-mestra, os *Loci communes rerum theologicarum*, é de fato uma explicação da Epístola aos Romanos —, esta carta “fornecia o sumário da doutrina cristã”. A dogmática luterana primitiva confunde-se pois, na

realidade, com uma dogmática da Epístola aos Romanos.

Desde aquele tempo, os exegetas e teólogos protestantes não cessaram de comentar esta epístola. Mencionemos em particular o comentário de Karl Barth (1919), cuja influência foi decisiva para o pensamento teológico contemporâneo. Ao privilegiarem assim este texto, os teólogos protestantes tenderam, sem dúvida, a certo “unilateralismo”; o exegeta protestante F.-J. Leenhardt não hesita em falar de “desequilíbrio”. Os teólogos católicos, por seu turno, deram ênfase exagerada ao ensinamento da primeira epístola aos Coríntios.

Por causa deste papel desempenhado pela Epístola aos Romanos na história da Igreja dos quatro últimos séculos, é compreensível que os responsáveis pela Bíblia — Tradução Ecumênica tenham resolvido começar o seu trabalho pela Epístola aos Romanos. A seu ver, uma versão desta epístola seria um teste; com efeito, eles estavam persuadidos de que a tradução ecumênica da Bíblia não esbarraria em obstáculos intransponíveis se a Epístola aos Romanos pudesse ser apresentada em uma versão aceita por todos. E persuadidos estavam sobretudo do desafio teológico que estava em jogo neste empreendimento; segundo a feliz expressão do pastor M. Boegner, “o texto das nossas divisões” devia tornar-se o “texto do nosso encontro”.

Posição da epístola na vida do Apóstolo. Ao ditar esta carta a Tércio (16,22) Paulo encontra-se provavelmente em Corinto, em casa de Gaio, que “hospeda a mim e a toda a igreja” (16,23, cf. 1Cor 1,14-15). Ele está prestes a partir (alguns pensam até que já tivesse partido) para Jerusalém (15,25-33), levando o produto da coleta que organizara na Macedônia e na Acaia em proveito dos “santos de Jerusalém que estão na pobreza” (15,25-26). Acabava de passar três meses em Corinto (At 20,3) no fim de sua terceira viagem missionária, no decurso da qual escrevera, alguns meses antes, as epístolas aos Coríntios, aos Gálatas e talvez aos Filipenses. Acha-se, pois, no

fim de um dos períodos mais movimentados de sua atividade epistolar e teológica. Ele julga ter cumprido a sua tarefa no Oriente (15,19-20). Do-ravante, propõe-se levar o Evangelho ao Ocidente. O seu espírito já se volta para Roma e para a Espanha (15,24). Contudo, está preocupado quanto ao êxito da viagem a Jerusalém. Pressente as dificuldades que vai encontrar (15,30-31). Esses temores são confirmados pelos Atos dos Apóstolos: "Agora, prisioneiro do Espírito, eis-me a caminho de Jerusalém; não sei qual há de ser lá a minha sorte, mas em todo caso, o Espírito Santo me atesta, de cidade em cidade, que cadeias e tribulações estão lá à minha espera..." (At 20,22-23).

De acordo com o sistema cronológico que se adote, a Epístola aos Romanos situar-se-á em 57 ou 58; em todo caso, no início da primavera, isto é, na época do ano em que recomeçava a navegação regular, após os meses adversos do inverno.

A autenticidade paulina desta carta jamais foi posta em dúvida. Somente os dois últimos capítulos levantam uma questão de crítica literária ante as hesitações da transmissão manuscrita a seu respeito (cf. cap. 15, nota).

Finalidade e ocasião. *Embora sejam bastante conhecidas as circunstâncias da redação da Epístola aos Romanos, permanece enigmática a natureza mesma desta carta: estamos em presença de um tratado sob forma epistolar ou de uma verdadeira carta, escrito circunstancial? Em outros termos, o apóstolo teria em vista, ao ditar essa epístola, fornecer à igreja de Roma um ensinamento acerca da verdade evangélica, ou seria o seu intuito primordial colher algum resultado prático que respondesse às necessidades particulares que ele sabia existirem nesta Igreja?*

a) Um escrito doutrinal. *Até por volta do fim do século XIX, a maioria dos comentadores considerou a Epístola aos Romanos como uma carta-tratado: para eles, tratava-se de um escrito doutrinal sob forma de carta aberta. O anúncio da próxima vinda de Paulo a Roma não passaria para ele de simples pretexto. Aliás, não conhecendo esta Igreja, não tendo outrossim nenhuma ascendência direta sobre ela, cioso ademais "de não edificar sobre alicerces assentados por outro" (15,20), Paulo nem tem necessidade de tratar dos problemas concretos da comunidade, nem de se meter*

na polêmica ou na apologia pessoal. Ele só aproveita a ocasião que lhe é dada de enviar um bilhete à Igreja de Roma, a fim de expor aos romanos e, além do círculo dos romanos, a todos os crentes, os principais problemas que então lhe ocupam o pensamento, e tornar a expor serenamente e de modo mais sistemático a sua mensagem da epístola aos Gálatas.

De fato, a comparação entre as duas epístolas impõe-se. Tanto numa como na outra, encontram-se temas básicos da teologia paulina: justificação e salvação, lei mosaica e fé cristã, valor profético da figura de Abraão etc. Não menos impressionante, entretanto, é o contraste entre ambas. Se a epístola aos Gálatas dá a impressão de ter sido escrita sob o império da emoção, a epístola aos Romanos impressiona por seu tom calmo e didático, seu despojamento, sua elevação de conceitos. É a mesma mensagem, mas exposta e desenvolvida ampla e serenamente, sem polêmica. Chegou-se até a descrever a Epístola aos Gálatas como um rio cascateando das montanhas onde nasce, e a Epístola aos Romanos como o mesmo rio expandindo majestoso suas águas na planície.

Sem dúvida, Paulo, em toda a extensão da epístola, dirige-se com veemência a um interlocutor, embora nunca chegue a designá-lo de maneira mais precisa. Basta ler uma tradução vernácula para se ficar impressionado com o incessante emprego que o apóstolo faz da interrogação retórica, da interjeição, da exclamação, da frase incidente ou do parentese. Em nenhuma outra de suas epístolas ele recorre tanto a processos oratórios, tais como, por exemplo, as fórmulas "Que diremos, pois?", "Ignorais então?", "Ó homem, quem quer que sejas"... Mas precisamente a abundância dessas fórmulas retóricas prova que o interlocutor de Paulo é apenas um personagem fictício, segundo os procedimentos da filosofia popular da época.

O caráter mais intemporal, mais doutrinal desta epístola explica por que quiseram ver aqui uma espécie de "suma teológica". Contudo, ela contém demasiadas lacunas para ser considerada um "sumário da doutrina cristã", ou mesmo uma síntese da teologia paulina. A extraordinária diferença, não só de estilo, mas mesmo de temas, entre a Epístola aos Romanos e as epístolas aos Coríntios, que entretanto datam do mesmo período, deve com efeito despertar a atenção. Estas são dominadas por dois assuntos próximos entre

si: nelas Paulo defende a sua autoridade apostólica e combate pela unidade e edificação da Igreja de Corinto. Na carta aos Romanos, por assim dizer, nunca se trata da Igreja, ao menos expressamente, a não ser nas recomendações práticas dos últimos capítulos. A grande instrução coríntia sobre a Eucaristia (1Cor 11,17-34) não tem equivalente algum na Epístola aos Romanos. Se, nas epístolas aos Coríntios, o Espírito é fonte dos carismas comunitários e dos ministérios instituídos, em Rm 8, ele está na origem da liberdade e da oração pessoais. Entretanto, as epístolas aos Coríntios não deixam de ter o seu eco na Epístola aos Romanos: em ambas encontra-se a imagem da Igreja-corpo de Cristo (1Cor 12,12-27; Rm 12,4-6) e o tema do Cristo-segundo Adão (1Cor 15; Rm 5).

Se não se pode considerar a Epístola aos Romanos como síntese do pensamento teológico do apóstolo, pode-se menos ainda considerá-la o equivalente de uma dogmática cristã no sentido moderno da palavra; talvez seja possível caracterizá-la como exposição do que o próprio Paulo chama duas vezes, na epístola, de "o seu evangelho" (2,16; 16,25), o que ele considera o núcleo da boa nova que ele anuncia às nações.

b) Um escrito circunstancial. O caráter intemporal e geral da Epístola aos Romanos não impede que ela seja "situada historicamente" e que responda aos problemas mais graves que se punham então à Igreja. Para alguns, o tema da Igreja, a despeito da ausência deste termo, constitui mesmo o horizonte para o qual convergem as linhas essenciais do pensamento exposto na epístola. Paulo tem consciência do perigo que ameaça a Igreja nesse momento da sua história: ela corre o risco de se dividir em duas comunidades, uma judeu-cristã, herdeira da Sinagoga, e outra, a dos pagãos convertidos dos quais ele se sabe o apóstolo, separada da primeira, sem vínculo visível com o passado. As crises muito recentes que abalaram as Igrejas da Galácia e de Corinto só contribuíram para convencê-lo da gravidade da situação. Ao redigir a sua carta, Paulo está inseguro quanto ao acolhimento que terá em Jerusalém. Compreende-se pois que tenha querido, em uma epístola destinada a um amplo círculo de leitores, sublinhar a unidade da Revelação no Antigo Testamento e no Evangelho, as promessas infalíveis a Israel e seu papel na história da salvação. A Epístola aos Romanos seria de certo modo o paralelo

— no plano doutrinal — do esforço de Paulo — no plano prático — para organizar uma coleta destinada a prestar socorro às necessidades da comunidade judeu-cristã e a ressaltar a solidariedade dos crentes de origem pagã com os da Palestina.

De resto, será verdade, como geralmente se afirma, que os destinatários imediatos da epístola não lhe condicionaram nem o fundo, nem a forma? A Epístola aos Romanos constituiria neste caso uma exceção na obra literária de Paulo, pois todas as suas outras cartas são escritos circunstanciais, suscitados pelas necessidades concretas da Igreja à qual se dirige. Assim sendo, não seria lógico perguntar se a Epístola aos Romanos não se explica também pela situação da Igreja de Roma nos anos 57-58? Muitos autores fizeram pesquisas neste sentido. Entretanto, a situação exata da Igreja de Roma no momento em que Paulo lhe escreve, a sua estrutura, as suas tendências nos são por demais desconhecidas para que as explicações propostas possam ser mais do que uma hipótese de pesquisa. A própria epístola não nos dá nenhuma indicação explícita. Paulo só menciona como motivo de sua ida o desejo vivo de "fortalecer" a fé dos cristãos de Roma. Não recearia ele que os judaizantes propagassem as próprias idéias em Roma, como tinham feito na Galácia e em Corinto? Não estaria querendo pôr os romanos de sobreaviso contra as maquinações deles? Tudo isso não é impossível; entretanto nada na carta nos autoriza a lhe atribuir este objetivo (ver contudo 16,17-26, mas o tom severo desse trecho contrasta com o tom moderado do resto da carta).

De todas as hipóteses consideradas, uma entretanto merece nossa atenção. Desde o começo do século XIX, vários comentadores se têm perguntado se a Carta aos Romanos não teria tido essencialmente uma finalidade conciliatória. Sabe-se, com efeito, que a colônia judaica de Roma era muito importante, chegando até a provocar um edito de expulsão do imperador Cláudio em 41, talvez em consequência de perturbações suscitadas pela pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Sabe-se igualmente que também os cristãos de origem judaica foram atingidos por essa medida, em consequência da qual Áquila e Prisca, por exemplo, emigraram para Corinto (At 18,2). O edito, no entanto, foi ab-rogado sem demora, e numerosos judeus voltaram para Roma. Quando Paulo se pôs a escrever a sua carta, Áquila e

Prisca lá se achavam de novo (16,3). Pode-se perguntar se os cristãos de origem pagã não tinham tomado uma atitude de certo menosprezo e superioridade para com os seus irmãos de origem judaica, por ocasião da volta destes últimos (cf. 11,17-25; 14,3.10; 15,25-27). Não teria a Igreja de Roma ficado, em consequência disso, profundamente dividida, cindida em dois partidos, um formado de convertidos do paganismo, o outro de convertidos do judaísmo? Diante de tal situação, Paulo se proporia a fazer com que uns e outros se aceitassem mutuamente, tomando consciência de sua unidade fundamental. O ponto alto da carta seria, assim, Rm 15,7: "Acolhei-vos, pois, uns aos outros, como o Cristo vos acolheu, para a glória de Deus". Todos os desenvolvimentos anteriores teriam como objetivo final esta conclusão prática.

Diversos indícios conferem a esta hipótese certa verossimilhança. Pôde-se assinalar que o apóstolo tem constantemente "um olho voltado para os judeu-cristãos, o outro para os convertidos do paganismo" (Pfleiderer). Com efeito, a carta usa freqüentemente termos "judeu-gregos" e seus paralelos (1,14-16; 2,9.10.25-27; 3,9-29; 4,9-12; 9,23; 10,12; 11,13-25; 15,8ss.). A estranha ausência do endereço à "Igreja de Deus", que figura como destinatária em todas as epístolas de Paulo, explica-se facilmente se o apóstolo julga não estar diante de uma comunidade unida. Enfim, o longo desenvolvimento dos capítulos 9-11 sobre o povo de Deus e o destino de Israel se legitima plenamente nesta perspectiva. Recentemente, esta hipótese foi reassumida e apoiada com novos argumentos. Sendo assim, a Epístola aos Romanos denotaria um caráter eminentemente "ecumênico" por antecipação. Por mais sedutora que ela seja, esta interpretação não passa, entretanto, de simples hipótese. De fato, a ausência de qualquer alusão precisa da parte de Paulo à situação da Igreja de Roma impede sua confirmação. Mas nem por isso ele deixa de iluminar fortemente esta carta difícil e enigmática e de conferir-lhe um interesse novo.

Plano da epístola. Nenhum outro texto de Paulo dá a impressão de ser tão fortemente estruturado e de apresentar um plano tão rigoroso quanto a Epístola aos Romanos. Entretanto, embora todos os comentadores reconheçam nesta carta, como aliás na maioria das outras, duas partes bem dis-

tintas, uma doutrinal (1-11), a outra exortativa ou parenética (12-16), a unanimidade desaparece, quando se trata de lhe determinar o plano de maneira mais precisa. Por isso, alguns exegetas chegaram a opinar que ela não apresentava outra estrutura que a de um diálogo. A Epístola aos Romanos, foi dito, não seria mais que uma missiva oriunda de um constante *dialogus* cum Judaeis (diálogo com os judeus).

No entanto, a maioria dos comentadores pensa que ela apresenta um plano firme e bem-pensado, à condição todavia de reconhecer que ela não é totalmente unificada, nem do ponto de vista do estilo, nem do ponto de vista da sequência das idéias. Paulo não é um Cícero nem um Bossuet, e o fluxo retórico do seu ditado não se deixa enquadrar em parágrafos. Segundo esses comentadores, o apóstolo teria querido tratar do pecado (1,18-3,20), em seguida, da justificação (3,21-4,25) e finalmente da santificação (5-8). Nesta hipótese, porém, o fim da epístola seria uma sucessão de apêndices mais ou menos independentes da parte doutrinal.

Por isso, novos estudos propuseram outras estruturas, ao que parece mais próximas da intenção central do apóstolo, e mais conformes à maneira dos profetas do Antigo Testamento, que procediam menos por desenvolvimento lógico do que por repetições concêntricas. Eis, a título de exemplo, o resumo de um desses planos recentemente propostos. Em quatro fases sucessivas, a epístola descreveria a tribulação da humanidade e a vitória do Evangelho sobre esta tribulação: 1. Tribulação dos pagãos e dos judeus sob a condenação divina (1,18-3,20) e justificação, pela graça de Jesus Cristo, de todos os que nele crêem (3,21-4,25). 2. Tribulação da humanidade solidária com o primeiro Adão (5,1-14) e salvação da humanidade pela solidariedade com Jesus Cristo (5,15-6,23; em Rm 5, ambos os temas da tribulação e da salvação estão intimamente mesclados). 3. Tribulação da humanidade escrava da lei (7,1-25) e libertação da humanidade pelo Espírito (8,1-39). 4. Tribulação de Israel em sua rejeição de Cristo (9,1-10,21) e acesso final à salvação do novo Israel composto de judeus e pagãos (11,1-36). Este plano, evidentemente hipotético, oferece uma dupla vantagem: põe em evidência o fato de que as quatro descrições da tribulação e da salvação se exprimem em quatro terminologias de natureza e

origem diferentes: jurídica para a primeira, sacramental para a segunda, espiritual para a terceira e histórica para a última. Mostra, além disso, como Rm 9-11 se liga organicamente à argumentação de 1-8. Este plano, no entanto, não satisfaz em dois pontos: embora mostre como Rm 9-11 se integra naturalmente na argumentação da epístola, ele não ressalta que esses capítulos constituem, apesar de tudo, uma parte relativamente independente do resto e formam até um conjunto por tal modo unificado que é lícito perguntar-se se não foram redigidos à parte e inseridos posteriormente neste lugar da epístola. Com efeito, eles não se apresentam como seqüência necessária de Rm 1-8, cujo tema fundamental, enunciado em 1,16-17, é a justiça nova trazida aos homens por Cristo. Por outro lado, este plano não põe de manifesto o papel de dobradiça exercido pelo cap. 5. Numerosos comentadores frisaram, de fato, que, a partir do cap. 5, começa a aparecer um ponto de vista parcialmente novo. Aí a justificação apresenta-se como doravante pertencente ao passado, e já realizada: os verbos que designam a justificação estão todos no aoristo (perfeito simples); a fé, ainda mencionada em 5,2, cede lugar à esperança; o tema da *kaukhêsis* (orgulho, altivez, glorificação) sofre igualmente uma transformação e toma doravante uma significação positiva, pois este "orgulho" não exprime mais do que apoiar-se unicamente em Deus. Enfim, o tema fundamental de 5,11-8,39 não é mais o da justificação, mas o da vida; o batismo inaugura a nossa vida com Cristo (cap. 6); o dom e a presença dinâmica e vivificante do Espírito são o sinal da nossa comunhão com Cristo glorificado e com a sua vida divina do Ressuscitado (cap. 8).

A argumentação de Rm 1-8 revela, pois, um desenvolvimento progressivo. Se este não se patenteia mais claramente, é porque o apóstolo, ao ditar um texto difícil, seguiu muitas vezes várias linhas de argumentos e pensamentos que se entrecruzam. Seja como for, o interesse da apresentação em quatro grandes conjuntos consiste em mostrar como Paulo se empenha em anunciar o Evangelho dirigindo-se alternativamente aos cristãos de origem judaica e aos de origem pagã, exortando-os por fim, na grande parênese conclusiva (12,1-16,27), a viver do amor no concreto cotidiano: que, renunciando a toda pretensão, esses cristãos

procurem o bem dos outros e busquem evitar tudo o que possa ameaçar a solidariedade entre eles e com todos os homens. É assim que, nos dias deste mundo, eles anunciarão e esboçarão a consumação da história (13,11-14). A quinta parte da carta, nesta perspectiva, articula-se organicamente com as quatro primeiras.

Teologia da epístola. Como já foi dito, embora a Epístola aos Romanos não trate de todos os temas da teologia paulina, os que ela aborda têm uma profundidade, uma clareza e uma força ímpares. Em nenhuma outra parte, o apóstolo fala tão soberanamente do poder da graça, da maldição do pecado, da justificação pela fé, da morte e da vida com Cristo ressuscitado, da ação do Espírito... Não há como relatar aqui de forma sintética a riqueza de um pensamento cujo rigor em nada se enfraquece ao matizar-se e cuja sutileza não lhe diminui o vigor. As notas, particularmente abundantes para esta epístola, farão com que o leitor se depare com todos os grandes temas do apóstolo no próprio lugar onde estes surgem no texto: é uma espécie de léxico do vocabulário paulino que se encontrará no rodapé das páginas da nossa edição, sempre relacionado com o andamento do pensamento apostólico.

Digamos que foi particularmente precioso para nós, católicos, ortodoxos e protestantes, descobrir passo a passo as riquezas da mensagem apostólica. Encontramo-nos unidos numa mesma paixão por compreender e numa mesma vontade de receber, para dela viver hoje, uma das linhas mestras da mensagem originária que, graças ao apóstolo, conquistou a totalidade da bacia mediterrânea. Escutando com gratidão a voz dos grandes intérpretes da epístola ao longo dos séculos e recolhendo as riquezas das nossas respectivas tradições, saboreamos como graça e bênção o privilégio de poder traduzir e anotar em comum, em profunda unidade de espírito, este texto, que, no passado, foi ocasião de tantas controvérsias. A equipe ecumênica responsável por esta nova versão, que foi o teste da possibilidade de levar a bom termo a Bíblia — Tradução Ecumênica, e todos os que a estimularam e apoiaram em seu esforço, desejam que os leitores — notadamente os grupos ecumênicos — participem da alegria e do proveito que ela desfrutou em seu trabalho.

EPÍSTOLA AOS ROMANOS

1 Endereço e saudação. 'Paulo, servo' de Jesus Cristo^b, chamado a ser apóstolo^c, posto à parte para anunciar o Evangelho de Deus^d. ²Este Evangelho, que ele

já prometera por seus profetas nas santas Escrituras^e, ³concerne ao seu Filho^f, oriundo, segundo a carne^g, da estirpe de David, ⁴estabelecido, segundo o Espírito

a. Aqui esse termo, que também significa escravo, provavelmente alude aos grandes servos de Deus do Antigo Testamento.
b. *Jesus Cristo*. Há nas epístolas paulinas várias maneiras de exprimir o nome de Jesus Cristo: o Cristo, Cristo, o Cristo Jesus, Cristo Jesus, Jesus Cristo. Constatando que existem nas tradições confessionais hábitos diversos quanto à tradução dessas expressões, mantivemo-nos o mais próximo possível do grego quanto ao uso do artigo definido.

c. Lit. *apóstolo por chamado* (cf. também, I Cor 1,1). A mesma fórmula é aplicada aos santos, isto é, aos cristãos, em Rm 1,7 e I Cor 1,2: *santos por chamado*.

d. *Evangelho*. Esta palavra é uma transcrição de um substantivo grego que significa "boa nova". A raiz não é frequente no AT grego, e por isso é preciso estar tanto mais atento à sua presença em algumas das grandes profecias messiânicas (Is 52,7; 61,1; cidades em Rm 10,15 e Lc 4,18-19). É certamente aí que é preciso buscar a razão pela qual os autores do NT empregam o termo em um sentido preciso (e quase técnico): a Boa Nova que Deus anuncia ao mundo, enviando-lhe Jesus Cristo, a fim de instaurar o seu Reino (daí os diversos qualificativos: Evangelho de Deus: Rm 1,1; Mc 1,14; Evangelho de Jesus Cristo: Rm 15,19; Mc 1,1; Evangelho do Reino: Mt 4,23...). O caráter novo do Evangelho concerne antes de tudo à pessoa de Jesus Cristo: as profecias do AT já anunciam o amor e o perdão de Deus oferecidos a todos os homens, mas é agora, em Jesus Cristo, que essas promessas se cumprem e realizam. Por isso, o apóstolo insistirá sobre esse ponto no v. 2: Deus o pôs à parte, a ele, Paulo, para levar aos homens, tanto pagãos como judeus, o Evangelho que os profetas tinham anunciado.

e. Como foi dito na nota anterior, o apóstolo insiste na unidade fundamental das duas alianças. Isso merece ser sublinhado. Com efeito, Paulo se dirige a uma comunidade composta de cristãos tanto de origem judaica como pagã. Ele quer que *todos* saibam que são herdeiros das promessas contidas no AT.

f. Os vv. 3 e 4, que retomam uma fórmula de confissão de fé, apresentam um paralelismo estrito (cf. Lc 3,23 nota). Jesus é, segundo a carne, oriundo da estirpe de David; segundo o Espírito, ele é constituído Filho de Deus, com poder, por sua Ressurreição de entre os mortos. Segundo alguns, Paulo consideraria sucessivamente as duas "naturezas", humana (v. 3) e divina (v. 4) de Cristo. Mas parece que nestes vv. Paulo considera a pessoa de Jesus de Nazaré em sua condição humana. Antes da Páscoa, esta condição é marcada pela fraqueza e humildade da carne (v. 3). Depois da Páscoa, ela é marcada pela entrada na posse da plenitude das prerrogativas divinas (*com poder*). Paulo afirma que, em sua condição terrestre, Jesus era Filho de Deus (v. 3; *seu Filho*); ele afirmará a sua divindade em Rm 9,5. Mas, na Ressurreição, ele é constituído Filho de Deus, a título novo e messiânico, enquanto tem a missão de fazer os crentes participarem da filiação divina (Rm 8,29; Gl 4,5-7) e de exercer a sua função de Senhor dos vivos e dos mortos (Rm 14,9). A perspectiva é a mesma que a dos discursos dos Atos (At 2,36).

g. *Carne* (*sarx*). Este termo aparece mais de vinte vezes em nossa epístola.

1. Numa primeira série de textos, o vocábulo *carne* designa, como muitas vezes no AT, a pessoa humana, cumulada de bens pelo seu Criador, mas sempre caracterizada como uma existência frágil e ameaçada pela morte. *Toda carne*, isto é, todo homem, é como a flor dos campos (Is 40,6), ao mesmo tempo coroada de grandeza e limitada em seus poderes e duração. É neste sentido que Jesus Cristo "é oriundo de David segundo a carne" (Rm 1,3), isto é, plenamente homem em seu destino régio e doloroso, israelita segundo a *carne* entre os israelitas (Rm 9,5). O apóstolo emprega sobretudo a expressão veterotestamentária *toda carne* para afirmar negativamente que *nenhuma carne*, isto é, nenhum ser humano pode ser justificado pela prática das obras legais (Rm 3,20; Gl 2,16), a fim de que ninguém (*nenhuma carne*) se vanglorie diante de Deus (I Cor 1,29). Nesses textos, o homem é apresentado globalmente como um ser de *carne e sangue* (I Cor 15,50; Gl 1,16; Ef 6,12), entregue às dificuldades da vida e, por isso mesmo, capaz de achar força e socorro, não se fechando em si mesmo, mas somente em seu Criador. É assim que a palavra *carne*, em Paulo, designa muitas vezes o *corpo* sofredor de Cristo ou do apóstolo (Cl 1,22-24; 2 Cor 12,7; Gl 4,13-14; Fl 1,22-24). Nestes últimos textos, o conteúdo dá a entender que, quando a *carne* sofre, é o homem que sofre em seu coração e em seu espírito, tanto quanto em seu corpo. Enfim, esta carne, na qual o homem não poderia confiar, é também o homem religioso que se orgulha das suas mais altas disciplinas: ao fariseu que era, Paulo opõe o que, a seu exemplo, põem a sua confiança *não na carne*, isto é, em seu bom êxito religioso, mas em Jesus Cristo (Fl 3,3-7).

II. Numa segunda série de textos, o apóstolo, com esta palavra, não insiste mais apenas nos limites naturais, fixados pelo Criador à condição humana. Esta, ele a apresenta como dominada e mesmo desqualificada pelo pecado e a morte. Paulo não identifica a carne (nem o corpo) com o pecado: ele nunca a opõe, como princípio material, a um princípio superior que seria a alma ou o espírito. Se a carne, isto é, a fraqueza humana, é inquietante, ela o é à medida que é escravizada ou habitada por potências destrutivas: o pecado, as próprias paixões e, definitivamente, a morte. Tal é o ensinamento de Rm 7: quando nós estávamos *na carne*, as paixões pecadoras se serviam de nossos membros visando à morte (7,5); de tal sorte que, identificando o eu com essa *carne* escravizada, o apóstolo pode afirmar que *nenhum bem habita em mim, quero dizer, em minha carne* (Rm 7,18) e que *pela carne estou sujeito à lei do pecado* (Rm 7,25).

III. Numa terceira série de textos, o apóstolo descreve a libertação da carne pelo Espírito e, baseado nesta libertação realizada, exorta os cristãos a viverem não mais segundo a *carne*, mas segundo o *Espírito*. Este tema domina Rm 8. Depois de ter afirmado que Deus condenou o pecado (e não a carne) na carne do Cristo crucificado (Rm 8,3), Paulo coloca os seus correspondentes perante uma opção decisiva: se eles persistirem em viver segundo a carne, não poderão agradar a Deus e caminharão para a morte; mas se obedecerem ao Espírito que habita neles, irão para a vida já manifestada na ressurreição de Jesus (Rm 8,11). Notemos aqui que o apóstolo não descreve duas categorias de

Santo^h, Filho de Deus com poder, por sua Ressurreição^d de entre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor. ⁵Por ele nós recebemos a graça de ser apóstolo^l, a fim de conduzir à obediência da fé^a, para a glória de seu nome, todos os povos pagãos, ⁶aos quais pertencéis também vós, que Jesus Cristo chamou^l. ⁷A todos os diletos de Deus que estão em Roma, aos santos^m pelo chamado de Deus, a vós, graça e

paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Paulo e os cristãos de Roma. ⁸Em primeiro lugar, dou graças ao meu Deus mediante Jesus Cristo por todos vós: no mundo inteiro se proclama que tendes fé. ⁹Pois Deus me é disso testemunha, ele ao qual eu presto um cultoⁿ no meu espírito^o, anunciando o Evangelho de seu

homens, uma das quais seria carnal e a outra, espiritual; ele colocou cada cristão diante dessas duas possibilidades, daí as advertências dos vv. 12-13. Entretanto, o tom de vitória que pervade todo esse capítulo mostra que a carne e o espírito não são duas forças iguais que solicitariam indefinidamente o homem em sentidos opostos. A condenação do pecador na carne do Crucificado (v. 3) e a ressurreição de Jesus em seu corpo (v. 11) inauguraram a nova era da libertação definitiva. O tempo dos *frutos da carne* cede lugar ao tempo dos *frutos do Espírito* (Gl 5,13-25); embora o cristão viva ainda *na carne*, ele não vive mais *segundo a carne*, pois pertence Àquele que se entregou por ele (Gl 2,20). Mesmo assim é preciso, e a advertência é muito séria, não *terminar pela carne*, depois de ter começado pelo Espírito (Gl 3,3).

h. Lit. *Espírito de santidade*. A expressão vem do AT (cf. Is 63,10; Sl 51,13).

i. Pode-se ainda traduzir: *após a sua ressurreição*. Seja como for, o acento recai sobre as palavras *com poder*. Não é a Ressurreição que fez de Jesus o Filho de Deus, mas, na Ressurreição, Deus o elevou soberanamente (Fl 2,9) e lhe deu a glória (1Pd 1,21) e o poder supremo (Ef 1,20-23).

j. Lit. *graça e apostolado em vista da obediência da fé entre todos os pagãos*. Não se deve compreender: graça de um lado, apostolado do outro; Paulo considera o seu apostolado como um dom particular da graça de Deus. Cf. Rm 12,3; 15,15; 1Cor 3,10; Gl 2,8-9.

k. A fé, resposta ao Evangelho (Rm 1,1 nota), compromete o homem inteiro. É por isso ela é sempre obediência (*a obediência que é a fé*). Com efeito, ela implica a *submissão* livre do homem ao Deus que se lhe revela como fiel e veraz e que, renovando o homem, permite-lhe obedecer à sua vontade (cf. Rm 6,15-20). Para o conjunto do conceito paulino de fé, cf. Rm 10,9 nota.

l. Pode-se também compreender: *chamados a Jesus Cristo*, isto é: *vós que, tendo recebido o chamado de Deus, pertenceis a Jesus Cristo*.

m. Lit. *aos santos chamados ou santos por chamamento* (cf. Rm 1,1 nota; Ex 19,5-6; Dn 7,18; At 9,13; 1Pd 1,16; 2,9-10). A santidade, no AT, consiste em ser consagrado a Deus. Nos autores do NT, o homem é primordialmente santo, não por causa da sua perfeição moral ou religiosa, mas em virtude de uma vocação pela qual Deus o chama como membro do seu povo consagrado e lhe confia uma missão (cf. 1Cor 1,2). Mas é escusado dizer que esta vocação implica e exige a santidade da vida (Rm 6,19,22; 2Cor 1,12; 7,1 etc.). Cf. Rm 6,19 nota; 15,25 nota. n. Cf. Rm 15,16 nota.

o. *Espírito*. Paulo emprega este termo em quatro sentidos principais: o espírito de Deus ou Espírito Santo (mais de vinte vezes em Rm), o espírito do homem (uma quinzena de vezes no total das epístolas paulinas, inclusive este v.), o espírito do mundo,

ou do mal, sob diversas formas (Rm 11,8; 1Cor 2,12; Ef 2,2; 2Tm 1,7), o sopro destruidor do Senhor (2Ts 2,8, citação de Is 11,4). Limitar-nos-emos aqui a um breve esboço do pensamento paulino.

l. Às vezes é difícil discernir se tais textos pertencem à primeira ou à segunda categoria, por exemplo, em Rm 12,11, e mesmo, segundo certos autores, em Rm 8,4 (a obediência à carne ou ao espírito), ou 8,5 (os que vivem segundo a carne e os que vivem segundo o espírito; cf. ainda 2Cor 6,6; Ef 4,3 etc.). O embaraço dos tradutores se manifesta no uso desordenado que fazem da maiúscula ou da minúscula na palavra espírito. Essa dificuldade suscita uma outra, mais profunda: qual é, no pensamento de Paulo, a relação exata entre o Espírito de Deus (= que vem de Deus, dado por Deus) e o espírito do homem (= que pertence a toda criatura humana [Rm 1,9; 8,16; 1Cor 2,11; 5,3-4; Gl 6,18; Fl 4,23; 1Ts 5,23; Fm 25 etc.]?) Certos autores sublinham a *correspondência profunda entre o espírito do homem e o Espírito de Deus que o suscita e dirige*, outros põem em relevo antes o cuidado de Paulo em distinguir esses dois espíritos (como em Rm 8,16, cf. nossa tradução). Seguindo o AT, o apóstolo insiste menos no parentesco essencial entre o Espírito de Deus e o espírito do homem que na soberania do primeiro sobre o segundo. Aliás, não é somente do espírito (Rm 8,16) ou do coração do homem (Rm 5,5) que o Espírito de Deus toma posse, mas de toda a pessoa. O Espírito *habita* os cristãos (Rm 8,9), e até o corpo deles (1Cor 6,19), como faz quanto à Igreja (1Cor 3,16). Este verbo *habitar*, ao lado de outros, de origem veterotestamentária, descreve a presença do Espírito como real (o Espírito não fica externo ao que ele habita), mas sempre distinta (o Espírito nunca se confunde com o que ele habita); isto é verdadeiro tanto para o corpo humano como para o corpo que é a Igreja.

II. Segundo Paulo, a extensão das *operações* do Espírito de Deus (ou Espírito do Cristo: Rm 8,9; Fl 1,19; Gl 4,6 etc.) é ilimitada. Ao passo que, no AT e nos evangelhos, o Espírito se manifesta o mais das vezes em milagres ou sinais extraordinários, aqui, é a vida ordinária da Igreja e dos crentes que ele anima de parte a parte. Já presente na ressurreição de Jesus (Rm 1,4) como estará na ressurreição final (Rm 8,11), ele caracteriza o regime da nova aliança com relação à antiga (Gl 3,3; 4,29; Ez 36,27), cria a fé e lhe responde (1Ts 1,5; 4,8; Gl 3,2; 1Cor 12,3), suscita a oração filial (Gl 4,6; Rm 8,15-16; Ef 6,18), a vida nova na alegria (1Ts 1,6; Gl 14,17) e o amor (Gl 5,16-25) em vista da santificação (2Ts 2,13). Na Igreja, sucede o mesmo: a *manifestação* de um mesmo Espírito exprime-se na variedade e na unidade dos carismas (1Cor 12), pois há um só corpo e um só Espírito (Ef 4,4), e como os três ministérios paulinos fundamentais (apóstolos, profetas, doutores) são igualmente *dados* pelo Espírito, pode-se dizer que a estrutura da Igreja, bem como as

Filho: eu faço sem cessar menção a vós, ¹⁰pedindo continuamente, nas minhas orações, que eu tenha enfim, por sua vontade, a oportunidade de ir ter convosco. ¹¹Com efeito, tenho um desejo muito ardente de vos ver, a fim de vos comunicar algum dom espiritual, para que por ele sejais confirmados^p, ¹²ou melhor, para ser eu reconfortado convosco e no meio de vós pela fé que nos é comum a vós e a mim^q. ¹³Não quero que ignoreis, irmãos, que muitas vezes projetei ir ter convosco — até agora tenho sido impedido —, a fim de colher algum fruto entre vós, como entre os outros povos pagãos. ¹⁴Sou devedor aos gregos^r como aos bárbaros, às pessoas cultas^s como às ignorantes; ¹⁵daí o meu desejo de vos anunciar o Evangelho, a vós também que estais em Roma.

A justiça de Deus. ¹⁶Pois não me envergonho do Evangelho^t: ele é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê^u, do judeu primeiro, e depois do grego^v. ¹⁷De fato, é nele que a justiça de Deus^w se revela, pela fé e para a fé^x, segundo o que está escrito: *Aquele que é justo pela fé viverá*^y.

Gl 3,11;
Hb 10,38

O pecado dos pagãos. ¹⁸Com efeito, a cólera de Deus^z se revela^a do alto do céu contra toda impiedade e toda injustiça dos homens que mantêm a verdade cativa da injustiça; ¹⁹pois o que se pode conhecer de Deus é para eles manifesto^b: Deus lho manifestou. ²⁰Com efeito, desde a criação do mundo, as suas perfeições invisíveis^c, eterno poder e divindade, são visíveis em suas obras, para a inteligência^d; eles são pois inescusáveis,

suas operações, tanto as mais fortuitas, como as mais extraordinárias (glossolalia, profecia, dom de cura etc.), são igualmente manifestações do Espírito.

III. O apóstolo Paulo precisou frequentemente intervir para restabelecer a unidade espiritual (Fl 2,1-2; 1Cor 3,1-4) e a ordem nas Igrejas. Ele o fez, lembrando que a vida espiritual perde a autenticidade quando se desvincula da história de Jesus Cristo. Numa primeira frente, Paulo lembrou, principalmente aos coríntios, que se o Espírito os tinha cumulado de seus dons, ele fora dado primeiro ao apostolado para que ele conhecesse e fizesse conhecer as graças concedidas aos homens em Jesus Cristo (1Cor 2,10-16), o que especificava a relação entre o Espírito, a obra histórica do Cristo e o ministério eclesialístico. Numa segunda frente, na epístola aos romanos, o apóstolo mostra que o Espírito de liberdade, de adoção filial e de oração, constitui o penhor (Rm 8,23) do mundo novo e que os cristãos, associados por ele à vida do Cristo ressuscitado (Rm 8,11), podem e devem romper com as servidões legais e carnisais, o que especifica a relação entre o Espírito, a conduta atual dos crentes e a sua glorificação derradeira.

p. O mesmo verbo reencontra-se em 1Ts 3,2,13; 2Ts 2,17; 3,3.

q. Redundância propositada.

r. Paulo considera aqui o conjunto da humanidade, composta pelos povos civilizados (gregos) e os outros (bárbaros). No v. 16, ao contrário, ele se situa do ponto de vista teológico e distingue os judeus, povo eleito, do resto da humanidade (seja qual for o seu grau de cultura), reunido sob o termo genérico de gregos (cf. 1,16; 2,9-10; 3,9; 10,12...).

s. Lit. sábios (cf. 1,22; 1Cor 1,19-20,25-27).

t. Evangelho (cf. Rm 1,1 nota).

u. De todo aquele que crê. Essas palavras não são restritivas: o apóstolo pressupõe que o chamado à fé é universal e que, pela pregação, todo homem pode ser levado a crer (cf. Rm 10,14-16).

v. Cf. Rm 9-11, e especialmente 11,11-14. Cf. ainda Rm 2,9-10; At 13,46.

w. "Não a justiça distributiva que recompensa as obras, mas a justiça salvífica de Deus que cumpre as promessas por graça" (Lyonnet).

x. Outra tradução: *da fé à fé*. A fórmula é obscura. Fraseados análogos em 2Cor 2,16; 3,18; 4,17. Foram propostas várias interpretações desta parte da frase: da fidelidade de Deus para a fé do crente (Barth), da fé do pregador para a fé do ouvinte, da fé antiga para a fé nova (Tertuliano), *da fides informata à fides formata* (Sto. Tomás), isto é, da simples adesão da inteligência para a fé que desabrocha na caridade. Calvino fala do *continuo progresso que se processa todos os dias em cada fiel*.

y. Hab 2,4 gr. Poder-se-ia ainda traduzir: o justo viverá pela fé. No entanto, o contexto convida a optar pela tradução escolhida: o Evangelho é revelação da justiça de Deus, poder de Deus para salvar o crente. A vida de que fala a citação não está pois isenta de ressonâncias escatológicas. Para o conjunto do conceito paulino da fé, cf. Rm 10,9 nota.

z. O AT já associa a cólera à justiça salvífica de Deus (cf. Mg 7,9; Sf 3,1-10). Esses dois temas também estão ligados na pregação evangélica: em Paulo, cf. 1Ts 1,10.

a. Este verbo, no presente como no v. 17, descreve os efeitos permanentes da cólera divina no seio da humanidade pecadora. Só a revelação de Deus em Jesus Cristo permite medir todo o seu alcance.

b. Alguns traduzem: *é manifesto neles*, isto é, às suas faculdades interiores. A continuação do cap. não recomenda esta interpretação.

c. Lit. *as suas coisas invisíveis*.

d. Paulo afirma que, se os pagãos conheceram a Deus (v. 21), de fato este conhecimento não foi seguido da atitude que deveria ter sido a sua consequência (adoração, ação de graças), de sorte que eles são indesculpáveis (v. 20) e objeto da cólera de Deus (v. 18). Ele pressupõe (vv. 19 e 20) que Deus se manifestou aos homens pelas obras da criação. O Concílio Vaticano I cita este texto para apoiar a afirmação de que Deus pode ser conhecido pela razão humana com certeza, de direito, senão de fato

²¹visto que, conhecendo a Deus, não lhe renderam nem a glória, nem a ação de graças que são devidas a Deus; pelo contrário, eles se transviaram em seus vãos raciocínios e o seu coração insensato se tornou presa das trevas²²; pretendendo-se sábios, eles se tomaram estultos; ²³trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens que representam o homem corruptível, pássaros, quadrúpedes, répteis²⁴.

²⁴Por isso Deus os entregou²⁵, pela concupiscência dos seus corações, à impureza na qual eles mesmos aviltam os próprios corpos. ²⁶Eles trocaram a verdade de Deus²⁶ pela mentira, adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. Amém. ²⁷Por isso Deus os entregou a paixões degradantes: as suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; ²⁸os homens, igualmente, abandonando as relações naturais com a mulher, inflamaram-se de desejos uns pelos outros, cometendo a infâmia de homem com homem e recebendo em sua pessoa o justo salário do seu desregramento. ²⁹E como eles não julgaram bom guardar o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua inteligência insensata: por isso fazem o

que não deveriam fazer. ²⁹Estão cheios de toda sorte de injustiça, de perversidade, de cupidez, de maldade, cheios de inveja, de homicídios, de brigas, de dolo, de depravação, são difamadores, ³⁰detratores, inimigos de Deus, provocadores, orgulhosos, fanfarrões, astutos para o mal, rebeldes contra os seus pais, ³¹sem inteligência, sem lealdade, sem coração, sem compaixão. ³²Embora conheçam o veredicto de Deus³¹, que declara dignos de morte os que cometem tais ações, eles não se limitam a praticá-las, mas aprovam ainda os que as cometem.

13,13;
1Cor 5,10-11;
6,9-10;
Gl 5,19-21;
Ef 5,3-5;
1Tm 1,9-10;
2Tm 3,2-4;
Tt 3,3;
1Pd 4,3;
Ap 21,8;
22,15

2 O justo juízo de Deus. ¹Inescusável és pois, tu, homem qualquer que julgues; porque julgando a outrem, condenas-te a ti mesmo, visto que fazes o mesmo, tu que julgas. ²Ora, nós sabemos que o juízo de Deus se exerce segundo a verdade contra os que cometem tais ações. ³Tu, que julgas os que as cometem e ages como eles, pensas acaso que escaparás ao juízo de Deus? ⁴Ou desprezas a riqueza de sua bondade, de sua paciência e de sua generosidade, sem reconhecer que essa bondade te impele à conversão? ⁵Por teu endurecimento, por teu coração

Mt 7,2

Sh 11,23;
2Pd 3,9-15

(Denzinger, 32^a ed., nn. 3004-3005). Os reformadores protestantes sublinham, aqui, sobretudo a universalidade do fenômeno religioso e a impossibilidade de um conhecimento autêntico do verdadeiro Deus fora da revelação do Cristo. O sentimento religioso natural dos homens só os conduz à superstição ou à cegueira espiritual (cf. Calvino, *Instituição* I, 1, 2 e 4).

e. O conhecimento e o sentimento religioso não levaram os homens a glorificar o Deus vivo. A afirmação é tomada da apologética judaica contra o paganismo: *Sh* 13,1-9 desenvolve longamente esse tema: os pagãos, contemplando as maravilhas do mundo, deveriam ter sido levados a reconhecer o Criador de todas elas. Ora, eles gastaram tesouros de ciência a perscrutar a criação e os seus mistérios celestes para edificá-los, mas o Deus criador, eles não o quiseram conhecer. Por isso eles são inescusáveis em sua estultície (cf. ainda 1Cor 1,21). Note-se a atitude radicalmente negativa de Paulo com respeito às religiões pagãs. Os seus erros e excessos grosseiros lhe servem para demonstrar que os pagãos são culpados perante o Deus do Evangelho.

f. Referência ao Sl 106,20 aludindo ao episódio do bezerro de ouro. Paulo amplia a perspectiva, mencionando ainda outros ídolos e visando, portanto, a outros povos.

g. A expressão, freqüente no AT (cf. Jz 2,14; 3,28; Sl 106,41), volta ainda nos vv. 26 e 28. Rejeitar o Deus verdadeiro e cair na idolatria não é uma atitude puramente intelectual, as consequên-

cias morais seguem-se de perto. Quando a humanidade não adora mais o seu Criador, ela fica como que deslocada do seu eixo. Esse desregramento é, segundo Paulo, a justa sanção da rejeição de Deus.

h. Não a verdade revelada por Deus, mas o verdadeiro Deus em oposição aos ídolos mentirosos (cf. Jr 10,10-14; 16,19-21; Sl 115-19; 1Ts 1,9).

i. Paulo pensa provavelmente no veredicto da consciência humana (cf. Rm 2,14-16). Também pode pensar nas leis promulgadas pela autoridade temporal: *Ela está a serviço de Deus para manifestar a sua cólera para com os malfetores* (Rm 13,4).

j. *Conversão*. A palavra grega (*metanoia*), assim traduzida, pode igualmente ser expressa por arrependimento, penitência. Os primeiros cristãos empregam, para exprimir esta idéia: — quer (como aqui) uma raiz de derivação puramente grega que, segundo a sua etimologia, denota a mudança de mentalidade (todavia, a palavra nunca mais tem o sentido que às vezes recebia em grego: mudança de opinião; de conformidade com a mentalidade semítica, ela sempre caracteriza um estímulo que interessa o homem todo); — quer uma raiz que conserva ainda a lembrança do hebraico (*shul*): reviravolta, ação de mudar de finalidade, de orientação. A conversão é, portanto, a graça, concedida ao homem em Jesus Cristo, de se desviar do mal e de se voltar para Deus; no texto em apreço, é a bondade de Deus que conduz à conversão.

Sf 1,14-18; 2Ts 1,5-10; Ap 11,18 impenitente*, acumulas contra ti um tesouro de cólera para o dia da cólera¹, no qual se revelará o justo juízo de Deus, ⁶que retribuirá a cada um segundo as suas obras^m. ⁷vida eterna para aqueles que, por sua perseverança em praticar o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade, ⁸mas cólera e indignação para aqueles que, por rebeldia, revoltam-se contra a verdade e se submetem à injustiça. ⁹Tribulação^a e angústia para todo ser humano^o que comete o mal, para o judeu primeiro e também para o grego^b; ¹⁰glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu primeiro e também para o grego. ¹¹pois em Deus não há parcialidade^a. ¹²Todos os que pecaram sem a lei perecerão também sem a lei^c; todos os que pecaram sob o regime da lei serão julgados pela lei. ¹³Não são, com efeito, os que escutam a lei que são justos diante de Deus; justificados serão aqueles que a põem em prática. ¹⁴Quando pagãos, sem ter lei, fazem naturalmente o que a lei ordena^a, eles próprios fazem as vezes de lei para si mesmos,

eles que não têm lei. ¹⁵Mostram que a obra exigida pela lei está inscrita em seu coração; a sua consciência dá igualmente testemunho disso^d, assim como os seus julgamentos interiores que sucessivamente os acusam e os defendem^e. ¹⁶É o que aparecerá no dia em que, segundo o meu Evangelho, Deus julgará por Jesus Cristo o comportamento oculto dos homens^f.

A desobediência de Israel. ¹⁷Mas se tu, que ostentas o nome de judeu^g, que des-cansas na lei e pões o teu orgulho no teu Deus^h, ¹⁸tu que conheces a sua vontade, tu que, instruído pela lei, discernes o essencial, ¹⁹tu que estás convencido de seres o guia dos cegos, a luz dos que estão nas trevas, ²⁰o educador dos ignorantesⁱ, mestre dos simples, porque possuis na lei a expressão mesma do conhecimento e da verdade... ²¹Pois bem, tu que ensinas os outros, não te ensinas a ti mesmo! Pregas que não se roube, e roubas! ²²Proíbes o adultério, e cometes adultério! Tens horror aos ídolos, e pilhas os seus tem-

Mt 7,21;
Tg 1,22-25
At 10,35

Is 48,1-4;
Mt 3,8-9;
Jo 8,33-39

Mt 15,14;
Jo 9,40-41

Mt 23;
Lc 18,9-12;
Jo 3,10

Sl 50,
16-21

k. No v. precedente, a mesma raiz grega foi traduzida por *conversão*. Poder-se-ia, portanto, traduzir aqui: *coração convertido*.

l. Isto é, o dia do juízo final (cf. Ez 7,19; Sf 2,2-3; Ap 6,17). m. Sl 62,13. Cf. Mt 16,27 nota.

n. *Tribulação*. Para uma explicação da palavra e das noções que a ela se prendem no AT, cf. Rm 5,3 nota. Aqui o sentido se aproxima de preferência daquele que se encontra nos escritos do judaísmo contemporâneo do Cristo: as calamidades reservadas aos ímpios nos últimos dias.

o. Lit. *para toda alma de homem*.

p. Mesma fórmula em Rm 1,16 e 2,10 (cf. At 3,26; 13,46).

q. lit. *junto de Deus, não há aceção* (ou *consideração*) de pessoas. Fórmula grega de origem veterotestamentária. Cf. Lv 19,15; Dt 10,17; At 10,34; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25; Tg 2,1; 1Pd 1,17.

r. Em toda esta passagem (vv. 12-14), Paulo quer mostrar que, do ponto de vista da culpabilidade, a existência da lei mosaica não introduz uma diferença essencial entre o judeu e o pagão. Ambos são pecadores e objeto da cólera de Deus. Os judeus serão julgados segundo a lei mosaica e condenados porque transgrediram esta lei (vv. 12,17-24). Quando Paulo diz que os pagãos são sem lei (vv. 12,14), quer dizer que eles não conhecem a vontade de Deus por meio de uma lei divinamente revelada como a lei de Moisés; ele não pensa em uma lei humana, civil ou penal. Mas o veredicto da consciência deles tem função de lei e constitui um equivalente da lei de Moisés, inscrito no coração do homem (v. 15). Neste sentido limitado, pode-se falar, a respeito desta passagem, de uma "lei natural".

s. Lit. *as coisas da lei*.

t. Ela dá testemunho quer desta obra prescrita pela lei, quer dos próprios pagãos.

u. Texto difícil. Outras traduções possíveis: *como os julgamentos interiores de censura ou de elogio que eles emitem uns sobre os outros*; ou ainda: *e seus pensamentos, acusando-se ou defendendo-se cada um por sua vez*.

v. Lit. *as coisas escondidas dos homens*. Este v. se liga provavelmente ao v. 13. É para frisar esta ligação que foram juntadas as palavras: *é o que aparecerá*, que não se acham no gr.

w. Cf. Gl 2,15; Fl 3,5.

x. Lit. *que te glorificas em Deus* (cf. 4,2 nota).

y. Lit. *insensatos*. Esta palavra, presente quase em cada página dos livros sapienciais, caracteriza o homem que rejeita a existência e sobretudo a autoridade de Deus (Sl 14,1), e que, em consequência disso mesmo, dá livre curso às suas más inclinações (Pr 10,23) e por isso não poderia agradar a Deus (Eccl 5,3). É o pagão consciente e ufano da sua depravação. Com pouca diferença, tal é o sentido da palavra em Lc 12,20; 1Cor 15,36; o homem que absolutamente não leva em conta a onipotência de Deus que pode ressuscitar o que está morto. Aqui, Paulo emprega o adjetivo em um sentido ligeiramente diferente, visto que se trata de gente que tem necessidade de ser instruída. Daí a tradução proposta. A longa frase (vv. 17-20) fica inacabada.

z. Sem dúvida, trata-se do comércio, ou da recepção de ídolos ou de outros objetos votivos oferecidos aos templos pagãos pelos seus fiéis. Por detrás da apostrofe do apóstolo, pode-se discernir uma alusão a Dt 7,25.

plos!²³Orgulhas-te da lei, e desonras a Deus, transgredindo a lei!²⁴De fato, como está escrito, *o nome de Deus é blasfemado por vossa causa entre os pagãos*^a.

Tg 2,7;
2Pd 2,2

Jr 9,24-26;
1Cor 7,19;
Gl 5,3-6

²⁵Sem dúvida, a circuncisão é útil^b, se praticas a lei, mas se transgredes a lei, mesmo com tua circuncisão, não passas de um incircunciso. ²⁶Se, pois, o incircunciso observar as prescrições da lei, acaso a sua incircuncisão não lhe será contada por circuncisão? ²⁷E o que, fisicamente incircunciso, cumpre a lei^c julgará a ti que, com a letra da lei e a circuncisão, transgredes a lei. ²⁸Com efeito, não é o que se vê que faz o judeu, nem é a marca visível, na carne, que faz a circuncisão. ²⁹mas é o que fica oculto que faz o judeu, e a circuncisão é a do coração, a que se refere ao Espírito e não à letra^d. Eis, pois, quem recebe o seu louvor, não dos homens, mas de Deus.

At 7,51;
Ef 2,11;
Fl 3,2-7;
Cl 2,11
7,6;
2Cor 3,6

3 A universalidade da desobediência. Qual é, então, a superioridade do judeu? Qual é a utilidade da circuncisão? Ela é grande sob todos os aspectos! Em primeiro lugar, foi a eles que

as revelações^e de Deus foram confiadas. ³E então? Se alguns foram infiéis, acaso a infidelidade deles tornaria nula a fidelidade de Deus? ⁴Claro que não! Deus deve ser reconhecido verídico^f e todo homem, mentiroso, conforme está escrito: *É preciso que sejas reconhecido justo em tuas palavras, e que triunfes quando te julgam*^g. ⁵Mas se nossa injustiça põe em relevo a justiça de Deus, que dizer? Acaso Deus não é injusto ferindo-nos com a sua cólera? — Falo segundo a lógica humana^h. — ⁶Claro que não! Pois como Deus julgaria o mundo? ⁷Mas se, pela minha mentira, a verdade de Deus resplandece tanto mais para a sua glória, por que seria eu ainda condenado como pecador? ⁸E então, por que não faríamos o mal para que daí resulte o bem, como alguns pretendem caluniosamente que nós digamos? — Esses sim, merecem a condenação!ⁱ ⁹E daí? Temos nós ainda, os judeus, alguma superioridade^j? Absolutamente não! Pois já o provamos: todos, judeus e gregos, estão sob o império do pecado. ¹⁰Como está escrito:

9,4-5
Dt 4,6-8;
32,7-11;
Sl 147,19-20;
103,7;
Jo 4,22
9,6; 11,29;
Sl 89,31-38;
100,5;
119,89-90;
Os 1,3;
1Jo 1,9;
Ap 19,11;
Sl 116,11;
Jo 3,33
1,17-18
6,19;
Gl 3,15
6,1-15
1,18-2,24;
11,32;
Gl 3,22
Sr 17,20;
1Jo 1,8-10

Não há justo, nem mesmo um só.

a. Is 52,5. Tema profético conhecido (cf., p. ex., Ez 36,20-22).

b. A circuncisão, sinal da aliança entre Deus e o seu povo, era motivo legítimo de orgulho para os judeus. Daí a ver nela um penhor certo de salvação e gloriar-se desse sinal objetivo de pertença ao povo eleito, há apenas um passo. Paulo censura muitas vezes os seus compatriotas por terem dado este passo, pondo assim a sua confiança na carne (Fl 3,3-7). Aqui, a argumentação toma um sentido totalmente diverso. Paulo quer sobretudo insistir na inconseqüência e culpabilidade dos judeus, que, embora circuncisos, não obedecem a Deus.

c. Não o cristão de origem pagã, como propõem numerosos comentaristas, mas, segundo o contexto, o pagão que cumpriu naturalmente as obras prescritas pela lei (cf. 2,14). Ideia semelhante nos evangelhos (Mt 12,41; Lc 11,32).

d. Cf. Mt 6,4.6.18. Desenvolvendo o conceito de uma circuncisão verdadeira, implicando uma vida de fidelidade a Deus, o AT já falara de circuncisão do coração (cf. Jr 4,4; 9,25; Dt 10,16; 30,6). Esta espiritualização era ensinada no seio de vários grupos do judaísmo, principalmente entre os que viviam na diáspora (Dt 3,38-40; Sr 35,1-10. Cf. o testemunho de Filon, no séc. I d.C. e no séc. II, o de Justino).

e. Lit. *oráculos*. Tal é, com efeito, o sentido mais freqüente da palavra no grego clássico. Pode-se ainda traduzir, de conformidade com a etimologia, as *palavras*. Trata-se do que Deus disse, tanto dos mandamentos como das promessas ou das profecias. Cf. At 7,38; Hb 5,12; 1Pd 4,11.

f. Trata-se aqui da *verdade* no sentido bíblico, que faz pensar antes na solidez de Deus ou em sua fidelidade à aliança e, por

oposição, na inconstância e infidelidade do homem. Cf. Sl 19,10; Dn 4,37; Ap 3,7; 6,10.

g. Sl 51,6 gr.

h. Lit. *segundo o homem*.

i. A lógica humana conclui que Deus não pode ferir com a sua cólera um pecador, pelo fato que este, por seu pecado mesmo, contribui para fazer resplandecer a grandeza da justiça divina. Seria então preciso deduzir daí que Deus jamais poderá ser o juiz soberano do mundo. Como esta conclusão é, segundo o apóstolo Paulo, inaceitável, é evidente que as premissas do raciocínio são também evitadas de erro. O fato de que o pecado contribui para manifestar a justiça de Deus não impede que ele permaneça sujeito à cólera e ao juízo de Deus.

j. Alusão a ataques de cristãos judaizantes contra o evangelho paulino da graça. Essas duas acusações são repetidas e discutidas em Rm 6,1 e 6,15.

k. Lit. *Mas quê? Prevaleceremos?* Trata-se evidentemente dos judeus.

l. Nos primeiros vv. de Rm 3, o apóstolo se interrogou sobre a superioridade dos judeus, superioridade real, pois Deus os distinguira em seu plano de salvação. A própria infidelidade do povo eleito não fez senão manifestar a excelência dos dons que ele recebera. Mas, por essa infidelidade pecadora, Israel se encontra no mesmo nível que os pagãos. Todos os homens estão sob o domínio do pecado. O fato de se pertencer ou não ao povo eleito não implica, portanto, aos olhos de Deus, vantagem nem superioridade. Outra tradução: *Não de modo absoluto*.

¹¹ *Não há homem sensato, não há um que procure a Deus.*

¹² *Eles estão todos transviados, juntamente pervertidos, não há um que faça o bem, não há sequer um sô^m.*

¹³ *A sua garganta é um sepulcro aberto; com sua língua semeiam o engano; há um veneno de cobra debaixo dos seus lábios^m;*

¹⁴ *a sua boca está cheia de maldição e de azedume^m;*

Pr 6,18 ¹⁵ *os seus pés são rápidos para derramar o sangue;*

¹⁶ *a ruína e a desgraça estão nos seus caminhos,*

Lc 1,79 ¹⁷ *e o caminho da paz, eles não conhecem^p.*

¹⁸ *Nenhum temor de Deus diante dos seus olhos[!]*

¹⁹ *Ora, nós sabemos que tudo o que diz a lei¹, ela o diz aos que estão sob a lei, a fim de que toda boca seja fechada e o mundo inteiro seja reconhecido culpado diante de Deus. ²⁰Eis por que ninguém será justificado diante de Deus² pelas obras da lei; com efeito, a lei dá apenas o conhecimento do pecado¹.*

2.12; 3.9;

Gn 6.11-12

4.15; 7.7;

Gl 2.16

A justiça que vem da fé. ²¹ *Mas agora, independentemente da lei, a justiça de Deus foi manifestada; a lei e os profetas lhe prestam testemunho. ²²É a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo³ para todos os que crêem, pois não há diferença: ²³todos pecaram, estão privados da glória de Deus⁴, ²⁴mas são gratuitamente justificados⁵ por sua graça, em virtude da libertação⁶ realizada em Jesus Cristo. ²⁵Foi a*

1.16-17;

Jo 4.9-10

5.1;

2Cor 5.19;

Ef 2.4-10

m. SI 14.1-3 gr. = SI 53.2-4 gr.

n. SI 5.10 gr.; 140.4.

o. SI 10.7 gr.

p. Is 59.7-8.

q. SI 36.2.

r. Esta palavra designa aqui todo o AT, como em 1Cor 14.21.34. A lei reveste, portanto, para o apóstolo, um valor profético. Admitida a condenação dos pagãos, trata-se agora dos judeus, podendo-se concluir que: o mundo inteiro é culpado diante de Deus.

s. SI 143.2.

t. Lit. pela lei, com efeito, conhecimento do pecado (cf. Rm 7.4 nota).

u. Alguns traduzem: *pela fé de Jesus Cristo*.

v. A glória, no sentido bíblico, designa a santidade e o esplendor divinos enquanto manifestados e comunicados. A sua presença no meio do povo no tabernáculo do deserto (Ex 40.34-35) e no Templo (1Rs 8.11) é um dos privilégios de Israel (Rm 9.4). O pecado privara Israel da presença desta glória (Ez 10.18-19; 11.22-23). Ela voltaria na época messiânica (Ez 43.1-9) e seria uma característica da nova comunidade santa e purificada (Is 60.1); esta glória atrairá todas as nações que se porão a caminho rumo a ela (Is 60.3). Paulo estende a todos os homens e aplica à pessoa e à obra do Cristo o tema da privação e do dom dessa glória. Jesus é o Senhor da glória (1Cor 2.8). A glória de Deus está sobre a face do Cristo (2Cor 4.6), pois ele é a imagem de Deus (2Cor 4.4). Todos os homens, por seu pecado, estão privados desta glória (Rm 3.23), mas ela é comunicada aos crentes por Jesus Cristo. Desde agora são revestidos com ela, como que por antecipação, à medida que são transformados à imagem do Cristo (2Cor 3.18) à espera da glorificação total da parusia (Rm 8.18.21.30).

w. Só em Rm, o verbo *justificar* e o substantivo *justiça*, ou *justificação*, aparecem nada menos que quarenta vezes; as outras epístolas também os empregam, sobretudo Gl e Fl. O apóstolo desenvolve este tema em quatro orientações principais:

1. Deus é justo (Rm 1.17; 3.5.21.26; 10.3; 2Cor 5.21), o que significa que ele permanece fiel a si mesmo e ao seu desígnio de

salvação para os homens; esta justiça é, portanto, menos distributiva do que soberana, régia e salvífica; é uma constante da ação histórica de Deus e assim manifesta o que ele é: *revelada* ao homem em Jesus Cristo, ela é e comunicada pelo Evangelho (Rm 1.17).

II. Esta justiça em ação se exerce para com o homem pecador (Rm 3.23-24) votado por seu pecado à cólera de Deus (Rm 1.18; 2.5). Ela culmina num veredicto de graça que só requer do homem uma humilde aceitação, a obediência da fé (Rm 1.5). Toda justiça própria, ou autojustificação fica, portanto, excluída (Rm 3.19-30; 4.2-10; 9.30-31; 10.3-4; Gl 2.16; Fl 3.6-9).

III. Entretanto, o ato gratuito de Deus que justifica o homem cria nele a vida nova; comunicando ao homem a justificação gratuita, o Cristo inaugura nele a vida do Espírito (Rm 8.2), a santificação (1Cor 1.30). O justificado se põe a serviço da justiça, isto é, de uma vida aprovada por Deus (Rm 6.13-20), e produz, portanto, frutos para a glória de Deus (Rm 7.4; Fl 1.11).

IV. Mais delicada é a questão da relação entre essa justificação gratuita e inicial e o juízo final. Por um lado, o apóstolo insiste muitas vezes na importância das obras, a obediência à lei de amor e o julgamento em que cada um será julgado segundo as suas obras (Rm 2.5-6.12-27; 14.10-12; 2Cor 5.10). Por outro lado, nas principais evocações deste julgamento, ele fundamenta a sua segurança, não nas obras, mas em Deus, que justifica, e em Cristo, que morreu e intercede por todos (Rm 8.30-39; Fl 3.8-14).

x. O substantivo aqui empregado (*apolytrōsis*) encontra-se nove vezes no NT. — No AT, o verbo simples correspondente (*lytrōthai*) é empregado muito frequentemente para designar a libertação concedida por Deus ao seu Povo; do cativoiro egípcio (Dt 7.8; 15.15 etc.), do cativoiro de Babilônia (Is 41.14; 43.1 etc.), e, mais profundamente, do pecado (Sl 130.8). Esta libertação messiânica se realizou em Jesus Cristo (1Cor 1.30; Cl 1.14). Ela é a remissão dos pecados (Cl 1.14; Ef 1.7); sua finalidade é a constituição de um povo novo feito propriedade de Deus (Ef 1.14, cf. Ef 19.5), ao passo que antes era escravo do pecado e da morte (Rm 6.6.20-21). Ela é dom gratuito da soberana liberdade de Deus em Jesus Cristo (Ef 1.7). Pelo Cristo

ele que Deus destinou para servir de expiação⁷ por seu sangue, por meio da fé, para mostrar o que era a justiça, pelo fato de ter deixado impunes os pecados de outrora, ²⁶no tempo da sua paciência. Ele mostra, pois, a sua justiça no tempo presente, a fim de ser justo e de justificar aquele que vive da fé em Jesus⁸. ²⁷Há, pois, motivo de orgulhar-se? Está excluído! Em nome de quê? Das obras? De forma alguma, mas sim, em nome da fé⁹. ²⁸De fato, nós estimamos que o homem é justificado pela fé¹⁰, independentemente das obras da lei. ²⁹Ou então Deus seria

somente o Deus dos judeus? Porventura não é ele também o Deus dos pagãos? Sim! ele é também o Deus dos pagãos, ³⁰visto ser um só o Deus que justificará os circuncisos, pela fé, e os incircuncisos, pela fé. ³¹Será que, pela fé, estamos tirando à lei todo o valor? Muito pelo contrário, estamos confirmando a lei!

4 Abraão, o crente. ¹Que diremos, pois, de Abraão, nosso antepassado? Que obteve ele segundo a carne? ²Se Abraão foi justificado por suas obras, tem de que se orgulhar⁴, não porém diante de

morto e ressuscitado, o crente se beneficia desde agora dessa redenção (Rm 3.24; Cl 1.14; Ef 1.7; 1Cor 1.30), que, porém, só será total e definitiva no fim dos tempos (Ef 1.14), e se estenderá ao corpo do homem (Rm 8.24) bem como à criação inteira (Rm 8.22). A noção de *resgate*, de preço pago para a libertação de um prisioneiro ou a redenção de um cativo, está etimologicamente presente no pano de fundo do vocabulário paulino (*lytron*), e não está ausente do pensamento do apóstolo, mas os seus diversos elementos não são explorados de modo igual. Paulo diz frequentemente que o cristão foi *comprado* ou *resgatado* (1Cor 6.20; 7.23; Gl 3.13; 4.5), mas esta expressão significa antes de tudo que o cristão *pertence* a Deus e está livre da escravidão e do cativeiro do pecado e da morte. Se o *preço* desse resgate é evocado (1Cor 6.20; 7.23) é para insistir no caráter *oneroso* desta redenção, para a qual Deus, em seu amor, não hesitou em entregar o seu próprio Filho (Rm 5.8; 8.32): é o *sangue* de Jesus — isto é, a sua vida entregue por amor — que é o preço deste resgate (Ef 1.7, cf. 1Pd 1.19). — Mas a metáfora não é explorada mais a fundo: é deixado na sombra o aspecto de transação, como também a pessoa à qual o preço é pago. Quanto à *maneira* pela qual Deus opera a nossa redenção no Cristo, Paulo a exprime simultaneamente por meio de categorias jurídicas (Rm 8.3: enviando o seu próprio Filho na condição da nossa carne de pecado, Deus *condenou* o pecado da carne; cf. também 2Cor 5.21 e Gl 3.13), por meio de uma terminologia sacrificial (3.25: expiação; 8.3: sacrifício pelo pecado), e de um vocabulário de participação (6.4-10: *se fomos totalmente unidos, assimilados à sua morte, nós o seremos também à sua ressurreição*, v. 5). Não se trata de optar por uma dessas formulações, mas de valorizá-las todas, privilegiando talvez o aspecto sacrificial: por seu sacrifício, o Cristo se solidariza com a humanidade pecadora e se torna chefe da humanidade nova que participa da sua vida, oferecendo-se a Deus e colocando-se por amor a serviço dos homens (cf. Ef 5.1-2; Rm 12.1). Cf. as notas sobre Rm 3.25: 6.7, 10; 7.4; 8.3, 4.

y. Lit. que Deus colocou propiciatório. No AT gr., a palavra designa o *propiciatório*, objeto do culto do templo de Jerusalém, lugar da aspersão na festa anual da expiação; no decurso dessa cerimônia, os pecados de Israel eram perdoados (Lv 16). Paulo vê, portanto, nesse rito, uma figura do sacrifício do Cristo. Por seu sangue, isto é, por sua oferta sacrificial, o Cristo nos comunica o perdão de Deus *por meio da fé*, única que nos permite participar do benefício deste perdão e desta salvação. Outros vêem nessa palavra um substantivo abstrato (*meio de expiação*) sem referência ao propiciatório do templo.

z. A cruz do Cristo mostra o que era no passado a justiça de Deus (justiça salvífica que realiza as promessas por graça, cf. Rm 1.17 nota). Insistindo num dos temas do AT, Paulo afirma que, no passado, Deus continha a sua cólera por misericórdia e deixava os pecados impunes (Ex 34.6-7; Sl 103.8; Is 48.9; Jr 15.15). Esta paciência só tinha sentido em vista do perdão definitivo no Cristo. Agora, esta justiça está plenamente manifestada na cruz do Cristo, pela qual Deus justifica, na graça, o homem pecador.

a. Lit. Por que lei? A das obras? De forma alguma, mas pela lei da fé.

b. Em sua tradução da Epístola aos Romanos, Lutero acrescentou uma palavra: "O homem é justificado pela fé *somente*". Este acréscimo deu ensejo, no tempo da Reforma protestante, a uma viva polémica. Entretanto, ele não trai o pensamento de Paulo que, nesta passagem, visa retirar toda função às obras na justificação do pecador. Para Paulo, a fé é o caminho único que conduz à misericórdia de Deus. Do ponto de vista linguístico, este acréscimo é até necessário, se se admitir que Paulo pensa à maneira semítica, pois o aramaico omite a palavra "somente" onde o uso ocidental a considera indispensável.

c. A tradição manuscrita deste v. é incerta. Algumas testemunhas lêem: *Que diremos nós, portanto, de Abraão, nosso antepassado segundo a carne?* Dizendo *Abraão, nosso antepassado*, Paulo não se dirige forçosamente a judeu-cristãos: pode-se também pensar, ou que ele se solidariza com o povo judeu, ou que ele considera Abraão como o pai de todos os crentes, seja qual for a sua origem, o que é a idéia essencial deste capítulo. Na figura de *Abraão*, Paulo quer mostrar que, muito ao contrário de se opor às escrituras do AT, a justificação pela fé constitui, ao invés, o tema fundamental dessas Escrituras. Com isto, o apóstolo estabelece a unidade teológica das duas alianças. A figura de Abraão já aparecia em Gl 3.6-9.

d. Nós sempre traduzimos os termos paulinos correspondentes pela expressão "*orgulhar-se, pôr o seu orgulho*" etc. (cf. Rm 2.17, 23; 3.27; 5.2, 3, 11; 15.17). Este tema volta frequentemente em Paulo. Alguns chegaram mesmo a ver nele o tema central do seu pensamento: "Em sua essência, o pecado é essa pretensão (orgulho) do homem de se fazer valer diante de Deus, quer pela justiça das obras (entre os judaizantes), quer pela sabedoria (entre os gregos)... Então o homem se esquece de que tudo o que ele é, e tudo o que ele tem, deve-o à graça de Deus... Crer é precisamente reconhecer isto e tudo receber dessa graça e desse Deus" (R. Bultmann). Por um lado, a obra de Deus em Jesus Cristo destruiu todo o orgulho humano, sobretudo sob a sua

IMc 2.52 Deus! ³Com efeito, que diz a Escritura?
Gn 12.1-5; *Abraão teve fé em Deus e isto lhe foi*
Gl 3.6-9; *levado em conta de justiça*. ⁴Ora, para
Tg 2.20-24
 11.6; aquele que realiza obras, o salário não é
Mt 20.1-16; considerado como uma graça, mas como
Lc 17.7-11 um débito. ⁵Ao contrário, para aquele que
Gl 2.16 não realiza obras^f, mas crê naquele que
 justifica o ímpio, a sua fé é levada em
 conta de justiça. ⁶É assim que David ce-
 lebra a felicidade do homem ao qual Deus
 credita a justiça, independentemente das
 obras^g:

⁷ *Felizes aqueles cujas ofensas são per-
 doadas e os pecados absolvidos*^h!

⁸ *Feliz o homem cujo pecado o Senhor
 não leva em conta*ⁱ.

⁹Porventura essa declaração de felici-
 dade só concerne aos circuncisos ou tam-
 bém aos incircuncisos? De fato, nós di-
 zemos: *a fé de Abraão lhe foi creditada
 como justiça*^j. ¹⁰Mas em que condições o
 foi? Antes ou depois da sua circuncisão?
Gn 17.9-14; Não foi depois, mas antes^k! ¹¹Depois, o
Gl 3.7-9 sinal da circuncisão lhe foi dado como
 sinete da justiça recebida pela fé^l, quan-
 do ele era incircunciso; assim ele se tor-
 nou, ao mesmo tempo, pai de todos os

crentes incircuncisos, para que lhes fos-
 se atribuída a justiça. ¹²e pai dos circun-
 cisos, dos que não só pertencem ao povo
 dos circuncisos, mas também caminham
 nas pegadas da fé de nosso pai Abraão,
 antes de sua circuncisão^m.

¹³Com efeito, não foi em virtude da lei,
 mas em virtude da justiça da fé que a
 promessa de receber o mundo como he-
 rança foi feita a Abraão ou à sua descen-
 dênciaⁿ. ¹⁴Se os herdeiros o são em virtu-
 de da lei, a fé não tem mais sentido, e a
 promessa fica anulada. ¹⁵Pois a lei pro-
 duz a cólera; onde não há lei, tampouco
 há transgressão^o. ¹⁶Assim sendo, é pela
 fé que nos tornamos herdeiros^p, a fim de
 que isto seja por graça e a promessa
 permaneça válida para toda a descendên-
 cia de Abraão, não somente para os que
 se escudam na lei, mas também para os
 que se escudam na fé de Abraão, que é
 o pai de todos nós. ¹⁷Com efeito, está
 escrito: *Eu fiz de ti o pai de um grande
 número de povos*^q. Ele é nosso pai diante
 dAquele em quem acreditou, o Deus que
 faz viver os mortos e chama à existência
 o que não existe^r. ¹⁸Esperando contra toda

Gn 12.2-3;
22.15-18;
Hb 11.8-12;
Gl 3.15-16

Gl 3.18;

3.20
5.20-21;
7.7-13;
Gl 3.10,19,22

Gl 3.22-29

Rm 3.29;
Ez 37.1-10
Hb 11.19

forma religiosa (Rm 3.27; 1Cor 1.29.31; Gl 6.13). Por outro
 lado, uma nova segurança (orgulho) é concedida ao homem na
 obra de Jesus Cristo (Rm 5.2; Gl 6.14; etc.), bem como nos
 sofrimentos e nas alegrias do ministério evangélico (Fl 1.26;
 2.16; 2Cor 1.12; 7.4; 11.30; 12.9; 1Ts 2.19). Em todos esses
 textos, traduzidos de formas muito diferentes em nossas versões
 modernas, trata-se desta mesma palavra grega.

e. Gn 15.6. *Lit. foi-lhe imputado para justiça*. A fé é creditada
 a Abraão. Mas isso não significa que a fé seja considerada como
 obra legal que mereça a justiça. Com efeito, o contexto mostra
 que essa terminologia de aspecto jurídico e financeiro serve para
 ilustrar a aprovação soberana de Deus para com um crente pri-
 vado de toda justiça própria (Rm 9.22-23; Gl 3.6; Tg 2.23).
 Segundo os vv. 7 e 8, ressalta que, para Paulo, a imputação a
 Abraão de sua fé se faz pelo perdão de Deus. É um perdão
 eficaz que transforma quem o recebe, e inaugura nele uma vida
 de justiça (cf. Rm 3.24 nota).

f. Isso não significa que, na fé, o homem permaneça passivo.
 A fé mobiliza o homem todo e o engaja na atividade do amor
 (Gl 5.6), mas ela nada tem de uma obra legal.

g. Evocando o caso de um culpado agradado. "S. Paulo estabele-
 ce simplesmente que se pode ser justo sem as obras" (Lagarange).

h. *Lit. cobertos*. Segundo a terminologia do AT, esta palavra sig-
 nifica que esses pecados são não somente "encobertos", de modo
 que Deus, ou o homem, não mais os vêem, mas que são aniquila-
 dos, que não existem mais (cf. Sl 32.1; 85.3; Pr 10.12; Tg 5.20; 1Pd
 4.8) como o mostra aqui o paralelismo com a idéia de perdão.
 i. Sl 32.1-2.

j. Gn 15.6.

k. *Lit. Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na
 circuncisão, mas na incircuncisão*.

l. *Lit. a justiça da fé* (cf. Rm 4.3 nota).

m. Outra tradução, não-recomendada pelo contexto: *pai dos
 circuncisos, isto é, não só dos que pertencem ao povo dos cir-
 cuncisos, mas ainda dos que caminham nas pegadas...* Neste
 caso, os que caminham nas pegadas são os pagãos, enquanto, na
 tradução adotada, são os judeus.

n. "Assim são salvaguardadas a gratuidade do dom e a trans-
 cendência do doador" (Lyonnet).

o. No conceito paulino da história da salvação, os papéis res-
 pectivos da promessa, da fé e da lei são bem discriminados; a
 herança é recebida pela fé, fundada na promessa; a lei só vem
 mais tarde (Gl 3.17). Aliás, esta lei será igualmente integrada no
 desígnio de salvação de Deus, porque manifesta a transgressão
 e desmascara o pecado, objeto da cólera divina (cf. Rm 3.20), o
 que será explicado detalhadamente em Rm 7.8-12; a lei obriga
 o homem a reconhecer-se pecador e, assim, anuncia a cruz de
 Jesus Cristo. (Sobre a cólera divina em nossa epístola, cf. Rm
 1.18; 2.5; 3.5; 4.15; 5.9; 9.22; 12.19 etc.).

p. *Lit. Por isso é pela fé...*

q. Gn 17.5. Alusão ao poder criador de Deus, considerado não
 somente na criação, mas também na obra de salvação inaugura-
 da em Abraão e Sara (cf. vv. 18-22).

r. *Lit. que chama as coisas que não são como se fossem*.
 Acrescentamos a proposição *ele é nosso pai*, necessária à com-
 preensão do texto.

esperança, ele acreditou e assim se tornou *pai de um grande número de povos* segundo a palavra: *Assim será a tua posteridade*¹⁹. Ele não fraquejou na fé, ao considerar o seu corpo — era quase centenário — e o seio materno de Sara, ambos atingidos pela morte²⁰. Diante da promessa divina, ele não sucumbiu à dúvida, mas foi fortificado pela fé e rendeu glória a Deus²¹. plenamente convencido de que, o que Deus prometeu, também tem o poder de cumprir. ²²Eis por que isto lhe foi levado em conta de justiça²³. ²⁴Ora, não é para ele só que está escrito: *Isto lhe foi levado em conta*, ²⁵mas para nós também, nós em favor de quem a fé será creditada, visto que cremos naquele que, dentre os mortos, ressuscitou Jesus, nosso Senhor, ²⁶entregue por nossas faltas²⁷ e ressuscitado para nossa justificação²⁸.

5 O homem justificado, reconciliado e salvo. ¹Assim, pois, justificados pela

fé, nós estamos em paz²⁹ com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; ³⁰por ele, temos acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos estabelecidos³¹ e nos orgulhamos³² na esperança³³ da glória de Deus. ³⁴Não só, mas orgulhamo-nos até em nossas tribulações³⁵, sabendo que a tribulação produz a perseverança; ³⁶a perseverança, a fidelidade provada³⁷, a fidelidade provada, a esperança; ³⁸e a esperança não engana, pois o amor de Deus³⁹ foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. ⁴⁰Sim, quando ainda estávamos sem força⁴¹, Cristo, no tempo determinado, morreu em prol dos ímpios. ⁴²Dificilmente alguém se disporia a morrer por um justo; talvez aceitasse morrer por um homem de bem. ⁴³Mas neste Deus prova o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. ⁴⁴E já que agora estamos justificados por seu sangue, com muito maior razão seremos por ele salvos da cólera. ⁴⁵Com efeito, se quando

Is 53,5;
Ef 2,14-17;
Cl 3,15
Ef 2,18; 3,12;
Jo 14,6

8,17;
Cl 1,27;
Tt 2,13

8,18;
2Cor 4,17;
12,9-10;
Tg 1,2-4;
1Pd 1,6-7
Hb 6,18-19;
Sl 22,5; 25,3

8,9-16;
Gl 4,6;
Tt 3,5-7;
1Jo 4,13
Sl 22,5; 25,3;
Tt 2,14;
1Pd 3,18

8,32;
Gl 2,20;
Ef 5,2;
1Tm 2,6;
Tt 3,4-7;
Jo 3,16;
15,3;
1Jo 3,16;
4,10
1,18; 2,5-8;
1Ts 1,10

15,4;
1Cor 10,6

1,4;
1Pd 1,3-21

1Cor 15,17;
Cl 2,11-13

3,24-30;
9,30;
Fl 3,9

s. Gn 15,5.

1. *Atingidos pela morte*: a idade de Abraão e Sara não lhes permitia mais assegurar-se uma descendência. É nesse sentido que Paulo pode, a justo título, considerar os seus corpos como já mortos.

u. Estas últimas palavras são uma "expressão bíblica (Js 7,19; 1Sm 6,5 etc.) para definir a atitude do homem que reconhece tudo dever a Deus e só nele se apóia" (Lyonnet).

v. Gn 15,6.

w. Is 53,6 gr.; cf. Rm 8,32.

x. O vínculo entre a Ressurreição de Jesus e a justificação é compreendido de modos diversos. "A justiça é com efeito uma primeira participação da vida de Cristo ressuscitado" (Lyonnet). "Como Abraão, nós somos justificados pela fé no Deus da promessa; para nós, a promessa é manifestada e resumida na Ressurreição do Cristo" (Leenhardt).

y. Certos mss. lêem: *estejamos em paz*. Esta leitura não se harmoniza com o contexto: Paulo quer menos exortar os crentes a procurar a paz do que fazê-los tomar consciência de que em Jesus Cristo a paz lhes é dada agora (Ef 2,14). A paz é o grande bem messiânico e não uma simples disposição de alma (1Rs 5,26; Lc 1,79; Ef 2,14 e as notas).

z. Esta graça na qual estamos estabelecidos é a nova condição do crente gratuitamente justificado em Jesus Cristo (Rm 3,24). Ele é uma criação nova (2Cor 5,17). — As palavras *pela fé* são omitidas por numerosas testemunhas.

a. Se o ser humano não pode apresentar nenhum título que lhe mereça a justificação (Rm 3,27; cf. Lc 18,9-14), o crente não pode fundar o seu orgulho em suas obras; em compensação ele pode depositar o seu orgulho na esperança, pois esta, como a fé,

só se apóia na misericórdia de Deus e na sua fidelidade em cumprir suas promessas (cf. Rm 4,2 nota).

b. Inaugurada na obra redentora de Jesus, a realização da promessa só achará o seu pleno cumprimento na glória, isto é, na salvação final (Rm 8,11.18-25). A justificação é a antecipação desta salvação que, na sua forma escatológica, permanece objeto de esperança (Rm 8,24).

c. No AT, este termo designa sobretudo as tribulações do povo e dos homens piedosos. Assim, nos Salmos, ela designa as desditas do justo (Sl 37,39; 50,15). No judaísmo, as tribulações são um sinal do fim dos tempos (a era messiânica só se instaura depois de dores de parto), a tribulação deve ainda vir. Para os cristãos, ela veio, a era escatológica já está presente; no NT, e especialmente em Paulo, o termo desempenha um papel de monta. A condição dos fiéis, e sobretudo dos apóstolos, é sofrer tribulação (cf. At 11,19; 17,5-6; 2Cor 1,4-5; Fl 4,14). É mesmo uma condição à qual os missionários e os fiéis não podem escapar (Jo 16,33; At 14,22; 1Ts 3,3). A tribulação prende-se, no NT, uma nota escatológica perceptível em vários textos (Mt 24,9-28; Ap 1,9; 7,14). Paulo quer dizer que o crente não põe o seu orgulho nem nas tribulações consideradas em si mesmas nem nos esforços que faria para vencê-las; ele põe toda a sua segurança na graça de Deus, que se manifesta precisamente na fraqueza do homem (2Cor 12,9-10).

d. Lit. *o pôr à prova*, isto é, o teste de qualificação que permite avaliar se uma pessoa ou uma coisa têm ou não certas competências ou qualidades (2Cor 8,2; 1Pd 1,6-7).

e. Trata-se aqui do amor que Deus tem por nós e não do amor que nós temos por ele. Este v. é, de todo o NT, o que afirma com maior nitidez a ligação entre o amor e o Espírito.

f. Isto é, impotentes para nos desvencilhar do pecado.

5.9: éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com ele pela morte do seu Filho, com muito maior razão, reconciliados, seremos salvos por sua vida.¹¹ Não só, mas nos orgulhamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem, agora, recebemos a reconciliação.

Adão e Jesus Cristo. ¹²Eis por que^h, assim como por um só homem o pecado

entrou no mundo, e pelo pecado, a morte¹, e assim a morte atingiu todos os homens: aliás todos pecaram¹... ¹³pois¹, até à lei, o pecado estava no mundo e, embora o pecado não possa ser sujeito a sanção¹ quando não há lei, ¹⁴no entanto, de Adão a Moisés a morte reinou, mesmo sobre os que não tinham pecado por uma transgressão idêntica à de Adão, figura^m da-quele que havia de vir.

Gn 2,17;
3,19;
Sl 2,24;
1Cor 15,
21-22.45;
Rm 6,23;
Gl 6,7-9;
Tg 1,15

4.15

g. Desde agora justificados (v. 9), reconciliados com Deus (vv. 10-11), graças ao sangue, isto é, à morte do Cristo (vv. 9-10), os crentes aguardam, cheios de esperança, a salvação escatológica, último fruto da Ressurreição de Cristo (v. 10). Paulo nunca separa a morte do Cristo da sua ressurreição (cf. 4.25). A perspectiva dos vv. 9-11 é a mesma que a de Rm 5,2 e 8,11.

h. O desenvolvimento dos vv. 12-21 opõe uma à outra duas economias: a do pecado e a da graça. Nestes vv. capitais, mas difíceis, o intento de Paulo não é tanto estabelecer um paralelo de estrita semelhança entre Adão e Cristo, quanto sublinhar a oposição entre um e outro, e mostrar a superioridade do segundo sobre o primeiro. Além disso, é preciso não esquecer que, em toda esta passagem, o Cristo e sua obra são o centro do pensamento de Paulo: é a partir deste centro que Adão é apresentado como aquele por quem se instaurou o reino da morte do qual Cristo arrancou a humanidade.

i. "O pecado separa o homem de Deus. Esta separação é a morte: morte espiritual e eterna, cujo sinal é a morte física, cf. Sl 2,24; Hb 6,1" (Lyonnet). Nesta passagem, o pecado e a morte são personificados de modo impressionante.

j. O fim do v. 12 apresenta dificuldades célebres de tradução e interpretação. A expressão grega traduzida por *aliás* foi compreendida: 1) como uma conjunção (porque, pelo fato de que, em virtude do que, visto que, sob a condição de que), o que, gramaticalmente, parece o sentido mais defensável, atestado por paralelos tais como 2Cor 5,4; Fl 3,12; 4,10; 2) como um relativo cujo antecedente seria Adão (por causa do qual, em razão do qual, no qual); 3) como um relativo cujo antecedente seria a morte (por causa da qual, em vista da qual). Estas diversas traduções implicam evidentemente diferenças de interpretação, mas, em qualquer hipótese, a interpretação permanece delicada.

— Para os Padres latinos e para Lutero igualmente, há aqui, antes de tudo, a afirmação de uma inclusão misteriosa de todos os homens no ato mesmo do pecado de Adão (a Vulgata chega a traduzir: "Adão, no qual todos os homens pecaram"). Nessa linha de interpretação, pode-se compreender ou que Adão, pai da humanidade, transmitiu aos seus descendentes uma herança de morte, ou que todos os pecados da humanidade estavam de antemão contidos na revolta de Adão.

— Para alguns Padres gregos e numerosos exegetas católicos (Lagrange, Lyonnet) e protestantes (Calvino, Michel), Paulo visaria sobretudo aqui aos pecados pessoais cometidos por cada homem (cf. Rm 3,23): é através deles que o poder do pecado, introduzido no mundo por Adão, produziu os seus efeitos de morte.

— De qualquer forma, o texto do v., como o contexto dos vv. 12-18, supõe uma relação de solidariedade entre a transgressão de Adão e os pecados pessoais de cada homem. Note-se, entretanto, que Paulo não trata aqui diretamente da natureza exata desta solidariedade. É preciso ainda observar que aos olhos de

Paulo, como aos dos seus contemporâneos, Adão não é somente um indivíduo histórico, mas também e sobretudo o personagem que inclui toda a humanidade. É a este último título que Paulo vê nele uma figura do Cristo.

— Uma corrente importante da exegese protestante contemporânea vai mais além: "Paulo liga esta situação à falta de Adão; mas este modo de ver não deve ser tomado, ao que parece, num sentido por demais histórico. Acabamos de lembrar que a pessoa de Adão era objeto de uma reflexão que lhe dava o caráter de um ser coletivo. As páginas do Gênesis que o apóstolo tem aqui em mente, achamo-las utilizadas no cap. 7 com uma liberdade e atualizadas com uma pertinência que revelam que Paulo lia no Gênesis um ensinamento teológico geral muito mais do que a narração de um acontecimento sucedido uma vez, num lugar determinado, a um personagem preciso. O modo mítico, que ele emprega aqui para falar do pecado e da morte, corresponde à sua interpretação do Gênesis, onde ele sabia ler o enunciado de uma estrutura fundamental da existência humana" (Leenhardt).

k. A comparação começada no v. 12 permanece suspensa; ela será continuada nos vv. 15 e 18.

— Para alguns, os vv. 13-14 explicam o fim do v. 12: *aliás todos pecaram*. Paulo, situando-se no plano jurídico, raciocina assim: os homens que viveram entre Adão e Moisés não podiam, mesmo sendo pecadores, ser punidos de morte em virtude de uma lei que lhes dissesse respeito pessoalmente, visto não haver lei. Por conseguinte, estes homens sofriam a morte não por causa dos seus pecados mas em virtude do pecado de Adão.

— Para outros, o v. 13 exprime a objeção seguinte: como podia a morte ser a sanção do pecado, visto que não havia lei? No v. 14 Paulo responde: os pecados cometidos pelos homens que viveram entre Adão e Moisés tinham em si mesmos um poder de morte: a morte não é uma sanção puramente exterior, ela é uma consequência da natureza mesma do pecado, cujo reino se instaurou pela culpa de Adão.

— Seja como for, parece mesmo que Paulo afirma antes de tudo que, se a morte reinou sobre todos os homens, mesmo antes de Moisés, é porque, sabendo-o ou não, os homens estavam encerrados dentro de uma economia de morte (Rm 11,32; Gl 3,22), inaugurada em Adão, que representa e inclui toda a humanidade pecadora, sujeita ao poder da morte até o dia da vitória do Cristo.

l. Pode-se também traduzir *levado em conta, contado como tal*, m. Lit. o *tipo* (cf. 1Cor 10,6). Já como o primeiro de todos os homens, Adão é uma figura de Cristo, "primogênito de toda a criatura" (Cl 1,15; cf. Rm 8,29): mas, sobretudo, enquanto inaugura uma economia universal do pecado e da morte, Adão prefigura negativamente aquele que instaura a economia universal da graça. Na realidade, aliás, Paulo é menos sensível às semelhanças entre Adão e Cristo do que às diferenças que opõem um ao outro (cf. v. 15).

¹⁵Mas não acontece com o dom da graça o mesmo que com a falta; pois, se pela falta de um só a multidão^a sofreu a morte, com muito maior razão a graça de Deus, graça concedida em um só homem, Jesus Cristo^a, derramou-se em abundância sobre a multidão. ¹⁶E também não acontece com o dom o mesmo que com as conseqüências do pecado de um só: com efeito a partir do pecado de um só, o julgamento conduz à condenação, ao passo que a partir de numerosas faltas, o dom da graça conduz à justificação. ¹⁷Pois se por um só homem, pela falta de um só, reinou a morte, com muito maior razão, pelo único Jesus Cristo, reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça. ¹⁸Em suma^a, assim como pela falta de um só sucedeu para todos os homens a condenação, assim pela obra de justiça de um só sucede para todos os homens a justificação que dá a vida. ¹⁹De fato, assim como, pela desobediência de um só homem, a multidão se tornou pecadora, assim também, pela obediência de um só, a multidão se tornará justa. ²⁰Quanto à lei, ela interveio para que proliferasse a falta^a, mas onde proliferou o pecado superabundou a graça, ²¹a fim de que, assim como o pecado reinara para a morte^a, as-

sim, pela justiça, a graça reine para a vida eterna por Jesus Cristo, nosso Senhor. 6.23

6 Morte e vida com Jesus Cristo. ¹Que diremos, pois? Será preciso permaneceremos no pecado para que a graça se torne abundante? ²Por certo que não! Visto que estamos mortos para o pecado, como viver ainda no pecado? ³Ou ignorais^a que nós todos, batizados em Jesus Cristo, é na sua morte que fomos batizados? ⁴Pois pelo batismo, nós fomos sepultados^a com ele em sua morte, a fim de que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória^a do Pai, também nós levemos uma vida nova. ⁵Pois se^a fomos totalmente unidos, assimilados à sua morte^a, sê-lo-emos^a também à sua Ressurreição. ⁶Compreendamos bem isto: o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que seja destruído esse corpo de pecado^a e, assim, não sejamos mais escravos do pecado. ⁷Pois aquele que está morto está libertado do pecado^a. ⁸Mas se estamos mortos com Cristo, cremos^a que também viveremos com ele. ⁹Com efeito, nós o sabemos: ressuscitado de entre os mortos, Cristo não morre mais; a morte não tem mais domínio sobre ele. ¹⁰Pois, morrendo, é para o pecado^a que ele morreu uma vez por todas; vivendo, é para

2Tm 2,12;
Ap 20,4-6

Is 53,11;
Fl 2,8;
Hb 5,8
4-15;
7,7-8;
Gl 3,19

Gl 3,27

Cl 2,12;
2Tm 2,11

Fl 3,10-11

Ef 2,6

Cl 3,9-10;
4,22-24;
Gl 5,24;
6,14

At 13,34

1Pd 3,18;
Hb 9,26

n. Isto é, todos os homens (cf. v. 18).

o. Lit. *e o dom na graça, a do único homem Jesus Cristo*.

p. Depois dos argumentos *a fortiori* dos três vv. precedentes, Paulo volta à comparação começada no v. 12.

q. Paulo não quer dizer que a finalidade da lei fosse o pecado como tal. Se a lei contribuiu para manifestar o pecado e torná-lo abundante, foi para que, finalmente, a graça fosse superabundante no Cristo Jesus. O pensamento de Paulo sobre a lei será desenvolvido e precisado no cap. 7.

r. Lit. *na morte*.

s. Esta doutrina não é especialmente paulina. Supõe-se que ela fosse conhecida mesmo em uma comunidade não-evangelizada por Paulo. Para outros, tratar-se-ia de uma interrogação puramente retórica; nesse caso, este ensinamento seria novo.

t. A maioria dos comentaristas discerne aqui uma alusão ao rito batismal por imersão.

u. Isto é: pela onipotência do Pai. É tradicionalmente pela manifestação do seu poder de salvação que Deus revela a sua glória, isto é, se manifesta como Deus (cf. Ex 15,7; Jo 11,40). Cf. também Rm 3,23 nota.

v. Aqui e no v. 8, se não tem sentido condicional, mas equívoco a *visto que*.

w. Lit. *Se nós nos tornamos uma mesma planta com a seme-*

lhança da sua morte. Pode-se também compreender: *se nós nos tornamos um mesmo ser* (com ele) *por uma morte semelhante à sua*.

x. Notar a diferença dos tempos: passado, para a morte, futuro, para a ressurreição (cf. v. 8). Em Cl 2,12, os dois verbos estão no passado. Mas em Rm 6,11, vê-se que, se a conformidade ao Cristo ressuscitado só será plena na parusia, ela já é vivida agora.

y. Não o *corpo* enquanto distinto da alma, mas o homem inteiro agindo em e por seu corpo, lugar necessário de sua existência, de sua ação, de sua presença no mundo (cf. Rm 12,1 nota). As duas expressões do versículo *corpo de pecado e homem velho* são, portanto, equivalentes.

z. Lit. *É justificado do pecado*. Versículo difícil. Ou *é justificado* significa *está quite*: seria um axioma jurídico de alcance geral: pela morte, a ação penal é extinta. Ou então, e melhor, atribuindo ao verbo o mesmo sentido que ele tem em todas as outras passagens em Paulo: aquele que morreu (com Cristo, v. 8, cf. v. 5) está *libertado* do pecado que dominava o velho homem: ele se tornou justo.

a. Esta vida nova, inaugurada neste mundo (vv. 4,11) e plenificada com a ressurreição dos mortos (vv. 5,8), é uma realidade que só é recebida na fé.

b. Cf. Rm 8,3. O Cristo, que jamais conheceu o pecado, tor-

Deus que ele vive. ¹¹Do mesmo modo também vós: considerai que estais^c mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo.

1Pd 2,24

Gn 4,7 ¹²Portanto, que o pecado não mais reine^d em vosso corpo mortal^e para vos fazer obedecer às suas concupiscências. ¹³Não ponhais mais os vossos membros a serviço do pecado como armas da injustiça, mas, como vivos egressos de entre os mortos, fazendo dos vossos membros armas da justiça, ponde-vos a serviço de Deus. ¹⁴Pois o pecado não terá^f mais domínio sobre vós, visto que já não estais sob a lei, mas sob a graça.

Gl 5,18

O serviço da justiça. ¹⁵E então? Vamos pecar porque não estamos mais sob a lei, mas sob a graça? Não, decerto! ¹⁶Não sabeis que, pondo-vos a serviço de alguém como escravos para lhe obedecer, sois escravos daquele a quem obedeceis, quer do pecado, que conduz à morte, quer

Jo 8,34

da obediência, que conduz à justiça^g?

¹⁷Demos graças a Deus: vós éreis escravos do pecado, mas obedestes de todo o vosso coração^h ao ensinamento comumⁱ ao qual fostes confiados; ¹⁸libertados do pecado, vós vos tornastes escravos da justiça. ¹⁹Eu me sirvo de palavras totalmente humanas, adaptadas à vossa fraqueza^j. Do mesmo modo que pusestes vossos membros como escravos a serviço da impureza e da desordem, que conduzem à revolta contra Deus^k, ponde-os agora como escravos a serviço da justiça, que conduz à santificação^l. ^{12,1}

Gl 5,13;
Jo 8,36

²⁰Quando éreis escravos do pecado, éreis livres com relação à justiça. ²¹Que frutos produzíeis então? Hoje tendes vergonha deles, pois o seu fim é a morte^m. ²²Mas agora, libertados do pecado e feitos escravos de Deus, produzis os frutos que conduzem à santificação e cujo fim é a vida eterna. ²³Pois o salário do pecado é a morte; mas o dom gratuito

Jo 15,8-16

5,12-21;
Gl 6,8;
Tg 1,15

nou-se solidário com a humanidade pecadora (2Cor 5,21). Por sua morte (e Ressurreição) ele liberta da dominação do pecado os que foram unidos a ele.

c. Preferível a *considerai-vos como mortos*. A tradução afasta uma interpretação puramente psicológica; não é o caso de imaginar-se morto, mas de tomar a sério, como um dado objetivo, o fato de estar morto.

d. É um imperativo; não uma aspiração, mas uma exigência. Tornai-vos (em vossa vida) o que vós doravante sois (v. 11): mortos para o pecado, vivos em Cristo. É um grande tema paulino. Cf. Cl 3,3.5 (vós estais mortos... fazei morrer...); Fl 3,12-15.

e. Cf. v. 6 nota. Enquanto o *corpo mortal* não tiver revestido a imortalidade (cf. 1Cor 15,54), o cristão conserva uma tendência ao pecado (cf. Gl 5,14-16); mas, pela graça de Cristo, ele pode doravante triunfar dela.

f. Este futuro exprime simultaneamente uma certeza e uma exigência.

g. A frase de Paulo foi respeitada. Mas é evidente que o segundo senhor não é a obediência (obedecer-se-ia à obediência), mas Deus, a quem se obedece.

h. Notação importante, que corrige o que há de inadequado no vocabulário do escravo aplicado à justiça (vv. 16,18,19) e a Deus (vv. 22). Trata-se de um serviço livre no amor.

i. Lit. *à regra do ensinamento*. Trata-se da primeira pregação cristã, cujo conteúdo fundamental permanece idêntico, seja qual for o pregador (1Cor 15,11). Paulo reconhece assim a autenticidade do ensino que os cristãos de Roma receberam, embora não dele (Rm 15,15; 16,17). Paulo tem a preocupação de manifestar o seu acordo com os outros mensageiros do Evangelho (Gl 2,2).

j. Lit. *Eu falo humano por causa da fraqueza da vossa carne*. Paulo se desculpa por empregar uma linguagem inadequada (cf. v. 17 nota), cujo caráter deficiente provém, quer da fraqueza dos ouvintes, quer do próprio mistério que nenhuma linguagem hu-

mana pode exprimir de maneira totalmente satisfatória — ou antes, dos dois motivos ao mesmo tempo.

k. Paulo emprega a mesma palavra (*anomia*) que se traduziu sucessivamente por *desordem* e *revolta contra Deus*, para exprimir a progressão: a desordem inicial conduz à atitude final de rejeição da vontade divina.

l. “A injustiça na qual se atola o escravo do pecado opõe-se a santificação. O povo de Israel é ‘santo’ porque é o povo que Deus pôs à parte, o povo estabelecido pela eleição em uma relação estreita com Deus; a santidade de Israel é, portanto, obra de Deus; mas a esta eleição, Israel deve responder pela obediência, pela prática da justiça. A santificação será o comportamento pelo qual aquele que é ‘santo’ por iniciativa de Deus, por pertencer ao seu povo, realiza a sua vocação concretamente por sua obediência pessoal. Do mesmo modo, o crente é santo, por pertencer ao corpo do Cristo. Como crente e batizado, ele se tornou propriedade exclusiva de Cristo; pertence-lhe como um membro pertence a um corpo; esta condição objetiva se traduzirá por uma vida de obediência, que realizará concretamente o que é de direito. Os membros do corpo do crente se tornaram membros do Cristo (12,4-5; 1Cor 6,15; 12,12-17). O crente deve, portanto, progredir na santificação para realizar a santidade que já é dada em Jesus Cristo. *Nyn = agora* frisa que a situação atual do crente, tal como a obra do Cristo a determina, é a base da exortação a progredir na santificação pela prática da justiça (cf. a fórmula de Ap 22,11: *que aquele que é santo se santifique ainda*)” (Leenhardt).

— Acrescentemos que, segundo o próprio contexto de Rm 6, esta santificação nada mais é que a realização concreta desta vida nova dada em Cristo no batismo (v. 4). Cf. Rm 1,7 nota e 15,25 nota.

m. Pode-se também traduzir: *Que fruto recolhestes então (de ações) de que hoje vos envergonhais?*

de Deus é a vida eterna, em Jesus Cristo, nosso Senhor".

7 O cristão isento da lei. ¹Ou então ignorais, irmãos — falo a pessoas competentes em matéria de lei^o —, que a lei só tem autoridade sobre o homem enquanto ele vive? ²Assim, a mulher casada está ligada por uma lei a um homem enquanto ele vive; mas se ele vem a morrer, ela não depende mais da lei conjugal. ³Portanto, se durante a vida do seu marido ela pertencer a outro, será chamada de adúltera; mas, se o marido vier a morrer, ela estará livre com relação à lei, de modo que não será adúltera pertencendo a outro. ⁴Vós igualmente^o, meus irmãos, fostes mortos com relação à lei^o, pelo corpo de Cristo^o, para pertencerdes a um outro, o Ressuscitado dentre os

1Cor 7,39

6,5-6;
8,11-22;
2Cor 5,15

mortos, a fim de que produzamos frutos para Deus. ⁵Com efeito, quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas, ^{6,20-21} servindo-se da lei^o, agiam em nossos membros^o, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. ⁶Mas agora, mortos ao que nos mantinha cativos, fomos liberados da lei, de maneira que servimos sob o regime novo do Espírito e não mais sob o regime ultrapassado da letra".

2,29;
6,12-14;
2Cor 3,6

O papel da lei. ⁷Que diremos, então? ^{8,20} A lei seria pecado? Não, decerto! Mas eu^o só conheci o pecado pela lei. Assim, eu não teria conhecido a concupiscência se a lei não tivesse dito: *Não cobiçarás*^o.

⁹Valendo-se da ocasião, o pecado produziu em mim toda a sorte de concupiscências, por intermédio do mandamento. Pois, sem lei, o pecado é coisa

Tg 1,14-15;
Rm 4,15;
5,13-20

1Cor 15,56

n. Os vv. 21 e 22 são estritamente paralelos: a morte é o resultado final do pecado; a vida eterna, o resultado final da santificação. Mas o v. 23 marca a diferença: o processo que conduz à morte decorre de uma justa retribuição (*salário*); o que conduz à vida eterna é obra da misericórdia gratuita de Deus (*dom gratuito*). Sobre o papel das obras do homem neste processo, as doutrinas católica e protestante permanecem divergentes.

o. Os romanos eram famosos por sua ciência jurídica. Outra tradução: *Eu falo a homens que conhecem a lei*. Tratar-se-ia então da lei de Moisés. A catequese cristã, mesmo quando se dirigia a cristãos de origem pagã, referia-se constantemente ao AT.

p. Não se deve insistir nos detalhes da comparação: no exemplo dado por Paulo, é a morte do marido que libera a mulher (vv. 2-3); na aplicação que ele faz, é a morte do cristão com o Cristo que o libera (v. 4). A comparação vale unicamente no ponto seguinte: o vínculo criado pela lei é rompido pela morte.

q. Isto é, a lei de Moisés. Mas é preciso notar que Paulo não se limita aos aspectos cívicos desta lei (circuncisão, regulamentações culturais e alimentares). O único exemplo preciso que ele dá é tirado do decálogo (v. 7) e evoca o mandamento dado por Deus a Adão (cf. os vv. 9-11 notas). Paulo considera a lei de Moisés enquanto lei moral vinda de Deus e se impondo do exterior. O que ele diz sobre isso se aplica a toda a moral que apenas indica ao homem o caminho a seguir, sem lhe dar a força necessária para fazê-lo. Além da lei de Moisés, Paulo distingue três outras leis neste capítulo e no começo do seguinte: a lei do pecado que está em meus membros (v. 23, cf. vv. 22 e 25), a lei do Espírito que dá a vida em Jesus Cristo (Rm 8,2) e a lei que a minha inteligência ratifica (v. 23). As duas primeiras são princípios dinâmicos que impelem o homem a agir desta ou daquela maneira. A terceira deve ser comparada com a lei interior que os pagãos possuem (cf. Rm 2,12 nota e 15 nota); é uma lei que ilumina e condena, mas que deixa o homem na sua miséria. Acontece o mesmo com a lei de Moisés: ela é santa (Rm 7,12), mas, considerada em si mesma, não dá senão o conhecimento do pecado (Rm 3,20). Cf. Rm 2,12; 4,15 nota.

r. Notar o paralelismo com o cap. 6, onde Paulo mostra que, morto com o Cristo, o cristão está morto para o pecado. Aqui o apóstolo explica que, morto com o Cristo, o cristão morreu para a lei. Duas interpretações são possíveis: 1. O cristão morreu para a lei pelo corpo do Cristo, no sentido de que o Cristo sofreu, em vez do fiel e em seu nome, o veredicto de morte exigido pela lei contra o pecador. Doravante, a lei não tem mais nenhuma exigência a formular com relação ao homem unido ao Cristo. 2. Por sua união ao Cristo morto e ressuscitado (v. 4), o cristão não vive mais na carne (v. 5), mas no Espírito (v. 6, cf. Rm 8,9), e a lei do Espírito que dá a vida me libertou em Jesus Cristo da lei do pecado e da morte (Rm 8,2); o cristão cumpre a justiça exigida pela lei (Rm 8,4), isto é, as exigências morais da lei de Moisés, em virtude do dinamismo próprio desta vida nova (cf. nota precedente), quando antes, sob o império da carne (Rm 8,5-7), entregue à lei do pecado que está em seus membros (Rm 7,23), ele era condenado pela lei de Deus, que o declarava pecador e votado à morte, sem lhe dar a força de sair desse estado. Ele está, portanto, morto para a lei, que não exerce mais contra ele o seu veredicto de condenação (Rm 8,1).

s. I.é, as que (subentendido: agem, são virulentas) por meio da lei. Os vv. 7-14 explicarão essa fórmula.

t. Esta expressão designa o homem inteiro, enquanto age no mundo. Os membros não são depreciados. Eles podem estar, seja a serviço da impureza e da desordem, seja a serviço da justiça (Rm 6,18-19).

u. Paulo anuncia aqui, como costuma fazer, o tema do desenvolvimento seguinte, o do cap. 8 (cf. Rm 6,14 anunciando o tema do cap. 7). Para a distinção letra-Esperito, cf. 2Cor 3,3. Trata-se da oposição entre a lei escrita de Moisés e a lei do Espírito (Rm 8,2) e de nenhum modo da distinção entre a "letra" de uma lei e o seu "espírito".

v. O sentido deste *eu* é esclarecido pela alusão indubitável a Adão e à sua culpa, nos vv. 9 e 11-24. Trata-se de todo homem que se acha, como Adão, às voltas com a lei, a transgressão e o pecado.

w. Ex 20,17; Dt 5,21.

morta⁸. ⁹Outrora, na ausência de lei, eu vivia⁹. Mas veio o mandamento, o pecado tomou vida⁹, ¹⁰e eu morri: o mandamento, que deve levar à vida, comprovou-se, para mim, fator da morte. ¹¹Pois o pecado, valendo-se da ocasião, seduziu-me⁹ por meio do mandamento e, por meio dele, causou-me a morte. ¹²Assim, pois, a lei é santa, e o mandamento, santo, justo e bom.

Lv 18,5;
Dt 4,1;
5,32-33;
Ez 20,11
Gn 3,13;
2Cor 11,3;
Hb 3,13

Dt 4,8

O homem sob o domínio do pecado.

¹³Então, o que é bom se tornou causa de morte para mim? Não, decerto! Mas é o pecado: servindo-se do que é bom, ele me causou a morte, a fim de que fosse manifestado como pecado e aparecesse em toda a sua virulência de pecado⁹, por meio do mandamento. ¹⁴Certamente, sabemos que a lei é espiritual; eu, porém, sou carnal, vendido como escravo ao pecado. ¹⁵Efetivamente, eu não compreendo nada do que faço: o que eu

quero, não o faço, mas o que odeio, faço-o⁹. ¹⁶Ora, se faço o que não quero, estou de acordo com a lei e reconheço que ela é boa⁹; ¹⁷não sou eu, pois, quem age assim, mas o pecado que habita em mim⁹. ¹⁸Pois eu sei que em mim — quero dizer em minha carne — o bem não habita: quer o bem está ao meu alcance, não, porém, praticá-lo. ¹⁹Visto que não faço o bem, que quero, e faço o mal, que não quero. ²⁰Ora, se faço o que não quero, não sou eu quem age, mas o pecado que habita em mim. ²¹Eu, que quero fazer o bem, constato portanto esta lei⁹: é o mal que está ao meu alcance. ²²Pois eu me comprazo na lei de Deus, enquanto homem interior⁹, ²³mas em meus membros⁹ descubro outra lei que combate contra a lei que a minha inteligência ratifica⁹; ela faz de mim o prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. ²⁴Infeliz que eu sou! Quem me livrará deste corpo que pertence à morte⁹? ²⁵Graças se-

Gn 6,5;
8,21

Gl 5,17

2Cor 4,16;
Ep 3,16
Gl 5,17

Sl 22,1-12;
107,6.13.19.28

x. "Sem lei..., as ações do homem são realizadas fora de todo o critério que lhes daria o preço de um ato moral e religiosamente qualificado" (Leenhardt). Cf. v. 9 nota.

y. Paulo pensa provavelmente no tempo que precedeu o primeiro pecado do homem. Mas, de certa forma, isto vale para qualquer homem (cf. v. 7 nota). Paulo não precisa a natureza dessa vida anterior ao pecado. A seu ver, ela serve para marcar o contraste com a morte espiritual que se lhe segue.

z. Esta expressão, como a do v. 8 (*sem lei, o pecado é coisa morta*), mostra bem que a lei não cria o comportamento pecador: ela o desmascara e o manifesta enquanto tal, revelando a verdadeira natureza das ações que o homem realiza sob o domínio da lei de pecado que está em seus membros (v. 23).

a. É a expressão de Gn 3,13. Seguindo a lei do pecado, que conduziu à morte, a pessoa humana é enganada, como Eva o foi pela serpente. Escolhe a morte, quando Deus a chama para a vida.

b. Lit. *a fim de que ele aparecesse extremamente pecador*. O pecado é aqui personificado e caracterizado por seus efeitos sobre o ser humano: esta personificação continua até o v. 20.

c. Para a maioria dos exegetas antigos e para alguns modernos, trata-se aqui e nos vv. seguintes do cristão. Mas trata-se antes do homem pecador ainda não justificado pela fé. Certamente, a situação descrita aqui torna a encontrar-se, transposta, na vida do crente (Gl 5,17), mas de maneira bem diferente. É preciso guardar-se de fazer do conflito descrito nos vv. 15-24, uma análise psicológica ou a descrição de uma experiência pessoal de Paulo. Trata-se de um olhar lançado sobre o homem pecador, que somente a luz da fé tornou possível. Só a fé revela e manifesta a vida do homem, escravo do pecado, certos aspectos cujo sentido ele mesmo não podia descobrir. O pensamento de Paulo se traduziria com bastante exatidão em termos de "alienação" (no sentido profundo desta palavra, conforme a sua etimologia: pertencer a um outro). O pecado aliena o homem, no

sentido de que o engaja em um destino que contradiz as suas aspirações profundas e a vocação à qual Deus o chama. É esta contradição que Paulo põe em evidência, mostrando que o homem deseja o bem e aspira, mas sem sucesso, a evitar o mal. É a aspiração que é expressa pelo verbo *querer* nos vv. 15,19, 20-21; e o *eu* dos vv. 17 e 20 designa o ser humano que reconhece essa alienação sem poder escapar dela (v. 18). É neste sentido que o homem reconhece que a lei é boa (v. 16). Há coincidência entre o conteúdo da lei e o que o homem reconhece ser a sua verdadeira vocação (vv. 22-23).

d. Lit. *eu estou de acordo com a lei que ela é boa*.

e. A intenção de Paulo, aqui como no v. 20, não é de modo nenhum atenuar a responsabilidade do homem pecador (cf. v. 15 nota).

f. A palavra *lei* é empregada aqui em um sentido banal e atenuado. *Eu constato portanto esta lei* significa: de fato, as coisas passam-se constantemente desse modo.

g. Esta expressão, que tem a sua origem na filosofia grega vulgarizada, designa a parte racional do homem (cf. v. 23: *a lei que a minha inteligência ratifica*). Esta noção não implica a renovação do homem pelo Espírito. Aqui, o *homem interior* é um aspecto do homem velho, do homem pecador.

h. Esta expressão designa o homem todo, considerado aqui como cativo do pecado. Neste texto, ela tem o sentido da palavra *carne* dos vv. 5 e 18.

i. Lit. *a lei da minha inteligência*. Sobre essa expressão e sobre a expressão *lei do pecado que está em meus membros*, cf. v. 4 nota.

j. Lit. *do corpo desta morte*: semitismo (cf. Rm 12,1). Poder-se-ia parafrasear: quem me libertará do meu "eu" cativo do pecado e votado à morte, a fim de que eu possa revestir um "eu" novo em Jesus Cristo (Rm 8,1) e transformado pelo Espírito (Rm 8,5-11).

5,21; 6,23;
1Cor 15,57

jam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!

Eis-me, pois, ao mesmo tempo sujeito pela inteligência à lei de Deus e pela carne, à lei do pecado⁴.

8 A isenção da lei pelo Espírito. ¹Agora, pois, não há mais nenhuma condenação para os que estão em Jesus Cristo. ²Pois a lei do Espírito¹, que dá a vida em Jesus Cristo², liberou-me³ da lei do pecado e da morte. ³O que era impossível à lei, porque a carne a votava à impotência, Deus o fez⁴: por causa do pecado, enviando o seu próprio Filho na condição da nossa carne de pecado⁵, ele condenou o pecado na carne⁶, ⁴a fim de que a justiça exigida pela lei⁷ seja realizada em nós, que não andamos sob o domínio da carne, mas do Espírito⁸. ⁵Com efeito, sob o domínio da carne⁹, tende-se para o que é carnal, mas sob o domínio do Espírito, tende-se para o que é espiritual: ⁶a carne tende para a morte, mas o Espírito tende para a vida e a paz. ⁷Pois o pendor da carne é revolta contra Deus: ela não se submete à lei de Deus, nem sequer o pode. ⁸Sob o domínio da carne

2Cor 3,17;
Gl 5,18;
At 13,38-39
Hb 7,18

Gl 3,13;
2Cor 5,21
Hb 2,14-18;
4,15
Mt 5,17

Gl 5,16-23

6,21

Tg 4,4

não se pode agradar a Deus. ⁹Ora, quanto a vós, não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito, visto que o Espírito de Deus¹⁰ habita em vós. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não lhe pertence. ¹⁰Se o Cristo está em vós, o vosso corpo, sem dúvida, está destinado à morte por causa do pecado, mas o Espírito é vossa vida por causa da justiça¹¹. ¹¹E se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, por seu Espírito que habita em vós.

1Jo 2,15-16

1Cor 3,16

1Cor 6,14;
2Cor 4,14

¹²Assim, pois, irmãos, nós temos uma dívida, mas não para com a carne, para devirmos viver de modo carnal¹². ¹³Pois se viverdes de modo carnal, morrereis; mas se, pelo Espírito, fizerdes morrer o vosso comportamento carnal¹³, vivereis. ¹⁴Com efeito, os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses é que são filhos de Deus: ¹⁵vós não recebestes um espírito que vos torne escravos¹⁴ e vos reconduza ao medo, mas um Espírito que faz de vós filhos adotivos e pelo qual nós clamamos: *Abba*¹⁵, Pai. ¹⁶Esse Espírito é quem atesta ao nos-

Gl 4,7;
2Tm 1,7

Gl 4,6

k. Esta última frase ficaria mais bem-situada depois do v. 23. Esta conjectura, no entanto, não se firma em nenhuma testemunha do texto.

l. Esta expressão é como um resumo de Jr 31,33 e Ez 36,27; 37,14. Renovado e transformado pelo Espírito de Deus dado por Jesus, o crente pode obedecer à vontade de Deus, que não é mais para ele um constrangimento exterior, mas a lei interior da sua vida nova.

m. Algumas testemunhas lêem: *te libertou*; outras: *nos libertou*. n. Alguns traduzem: *libertou-me em Jesus Cristo*.

o. Outras traduções: *a respeito do pecado, em virtude do pecado* (a expiar). Alguns interpretam esta expressão como um termo do vocabulário sacrificial no AT grego (cf. Is 53,10).

p. Lit. *em uma carne semelhante à do pecado* (ou *na semelhança de uma carne de pecado*). O Cristo assume plenamente o destino da nossa condição pecadora sem ser ele mesmo, de modo algum, pecador (2Cor 5,21).

q. Aqui, essa condenação realizada na *carne* do Cristo crucificado é única e definitiva; ela põe fim à dominação do pecado sobre a *carne* do crente, o qual se tornou solidário com o ato de obediência e de amor do Cristo.

r. Esta *justiça* é a conformidade com a vontade de Deus (cf. Rm 5,18). Para outros, tratar-se-ia de um veredicto de condenação (cf. Rm 1,32), pronunciado pela lei contra o pecador e que o Cristo sofreu em nosso nome.

s. Lit. *que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito*.

t. Lit. *os que são segundo a carne... os que são segundo o Espírito*.

u. Outros traduzem: *se verdadeiramente o Espírito de Deus...*

v. Lit. *o corpo está morto por causa do pecado, o Espírito é vida por causa da justiça*. Para o sentido de *corpo*, cf. Rm 6,6 nota. A existência atual vai para a morte por causa do pecado e da morte que entrarão no mundo (Rm 5,12). Mas a existência nova no Espírito vai para a vida eterna, graças à justiça salvífica de Deus, que faz viver o Cristo que ressuscitou dos mortos e não morre mais (Rm 6,9). Outros compreendem: *naquele que está justificado, o corpo é "cadáver para o pecado"*; o pecado não tem mais do que um cadáver diante de si, do qual ele não pode mais servir-se (Rm 6,6; 7,8). Para outros, o espírito de que se fala neste v. é o espírito do homem.

w. O segundo membro da antítese está subentendido: o Espírito exige de nós uma vida segundo o Espírito.

x. Lit. *vós fazeis morrer as obras do corpo*. Aqui *corpo* é sinônimo de *carne* e designa um gênero de vida centrado em si mesmo (cf. Rm 6,6).

y. Lit. *um espírito de escravidão... um espírito de adoção filial*.

z. Este termo aramaico é a expressão da intimidade filial, cheia de familiaridade e ternura de Jesus e de seu Pai (Mc 14,36; cf. Mt 11,25; Lc 22,42 etc.). A nossa filiação adotiva nos faz participar dela (cf. Gl 4,6). Paulo talvez aluda ao começo do *Pai-nosso*, na tradição de Lucas (Lc 11,2).

so espírito que somos filhos de Deus^a. ¹⁷Filhos, e portanto herdeiros: herdeiros de Deus^b, co-herdeiros de Cristo, visto que^c, participando dos seus sofrimentos, também teremos parte^d na sua glória.

Lc 24:26;
1Pd 4:13

A glória futura. ¹⁸Eu estimo, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deve ser revelada em nós^e. ¹⁹Pois^f a criação espera com impaciência a revelação^g dos filhos de Deus: ²⁰entregue ao poder do nada^h — não por vontade própria, mas pela autoridade daqueleⁱ que lha entregou —, ela guarda a esperança, ²¹pois também ela será libertada da escravidão da corrupção^j, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus^k.

Ecl 1:2;
Gn 3:17

2Pd 12:13;
Ap 21:1

²²Com efeito, sabemos^l: a criação inteira geme ainda agora nas dores do

parto^m. ²³E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espíritoⁿ, gememos interiormente, esperando a adoção^o, a libertação para o nosso corpo. ²⁴Pois nós fomos salvos, mas o fomos em esperança^p. Ora, ver o que se espera não é mais esperar: o que se vê, como ainda esperá-lo^q? ²⁵Mas esperar o que não vemos é aguardá-lo com perseverança. ²⁶Do mesmo modo^r, também o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois nós não sabemos rezar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis^s, ²⁷e Aquele que perscruta os corações sabe qual é a intenção do Espírito: com efeito, é segundo Deus, que o Espírito intercede pelos santos. ²⁸Aliás, nós sabemos que tudo^t concorre para o bem dos que amam a Deus, que são chamados segundo o seu

2Cor 1,22;
2Cor 5,25;
Fl 3,20-21

Tg 4,3-5

a. Preferível a: *o Espírito se junta ao nosso espírito*; tal interpretação lembra os dois testemunhos distintos exigidos, segundo Dt 19,15, citado em Jo 8,17; Mt 18,16; 2Cor 13,1. Mas aqui o duplo testemunho parece dever ser excluído.

b. No AT, a herança designa a posse da Terra prometida (Dt 4,21; trad. por "patrimônio"), e não supõe evidentemente a morte de ninguém. No NT, a Terra prometida se torna o conjunto dos bens divinos: o Reino (Mt 25,34), a vida eterna (Mt 19,29). O Pai comunica todos os seus bens ao seu Filho ressuscitado dos mortos e, por ele, aos crentes.

c. Outros traduzem: *se verdadeiramente* (cf. v. 9).

d. Lit. *visto que participamos dos seus sofrimentos para participar também da sua glória*. A preposição *para* não marca a intenção que deveria dirigir o cristão (como se lhe fosse preciso procurar o sofrimento com a finalidade de obter a glória), mas exprime a relação necessária entre os dois aspectos de um mistério único de morte e ressurreição, para o cristão como para o Cristo (cf. Fl 3,10-11).

e. Cf. 2Cor 4,17. Essa glória existe desde agora no Cristo ressuscitado e mesmo, de certo modo, no cristão (2Cor 3,18). Mas ela ainda não foi manifestada. Paulo fala não somente de manifestação, mas de revelação, porque o homem não pode conceber atualmente uma ideia do esplendor dessa glória futura e porque, através dele, essa manifestação atingirá a criação inteira (vv. seguintes). Cf. Rm 3,23 nota.

f. *O pois* explicita as dimensões desta revelação da glória de Deus, a sua amplitude cósmica.

g. Trata-se evidentemente da revelação da glória (v. 18).

h. Lit. *a criação foi submetida à vaidade*. É o estado da criação após o pecado do homem, que dela se serve contra a vontade de Deus, a serviço do seu egoísmo e da sua vontade de poderio. Para outros, trata-se do caráter corruptível e efêmero das realidades criadas.

i. Trata-se sem dúvida de Deus (cf. Gn 3,17) que, no interior do seu designio de salvação, sanciona o pecado do homem, verdadeiro responsável por essa sujeição (Rm 11,32). Para outros, trata-se igualmente de Deus, mas independentemente do

pecado do homem (cf. v. 20 nota). Para outros, enfim, trata-se de Adão ou de Satanás.

j. Sem dúvida o mesmo sentido que *vaidade* (cf. v. 20 nota).

k. Lit. *para a liberdade da glória dos filhos de Deus*. O AT já ensinava que o universo material seria associado à glória escatológica do povo de Deus (Is 55,13; 65,17). Aqui esta afirmação aparece como um corolário da glorificação do corpo do cristão (vv. 17 e 23), que também é fruto da cruz e da Ressurreição de Jesus (cf. Cl 1,18-20).

l. Pela revelação (alusão, notadamente, a Gn 3,17).

m. Essa expressão bíblica (p. ex. Jr 13,21; Is 66,6-8) designa, ao mesmo tempo, um doloroso estado atual e a espera de um futuro estado glorioso. Toda esta passagem (vv. 19-22) afirma enfaticamente que o mundo material e inanimado será associado à glorificação do corpo do homem no Cristo ressuscitado. Trata-se, em Paulo, de uma afirmação da fé, que não se deve confundir com uma reflexão filosófica sobre o sentido e o devir do cosmos.

n. Aqui a ideia de primícias implica um dom parcial e antecipado, penhor e garantia do futuro total (cf. 1Cor 15,20; Rm 11,16).

o. A adoção já está adquirida (v. 15). O que nós esperamos é a plenitude dos seus efeitos: a redenção do nosso corpo. A palavra *adoção* falta em algumas testemunhas e talvez seja uma glossa tardia.

p. Como a adoção (cf. v. 23 nota), a nossa salvação já está adquirida, mas nós ainda esperamos sua plena realização.

q. Paulo enuncia com o vocabulário visual o que nós exprimimos de preferência em termos de presença, de posse.

r. A semelhança recai sobre os gemidos: os da criação (v. 22), do cristão (v. 23), do Espírito (v. 26).

s. Trata-se, sem dúvida, da atividade do Espírito do qual se tratou no v. 15 (cf. Gl 4,6; cf. também 1Cor 2,10-13).

t. Várias testemunhas acrescentam aqui a palavra *Deus*, daí a tradução: *Deus faz concorrer todas as coisas para o bem das que o amam*. Ou ainda: *Deus colabora em tudo para o bem com os que o amam*.

desígnio. ²⁹Aqueles que ele de antemão conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito de uma multidão de irmãos; ³⁰os que predestinou, também os chamou; os que chamou, justificou-os; e os que justificou, também os glorificou.

Hino ao amor de Deus. ³¹Depois disso, que nos resta dizer? Se Deus é por nós, quem será contra nós? ³²Ele, que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por nós todos, como, junto com o seu Filho, não nos daria todas as coisas? ³³Quem acusará os eleitos de Deus? Deus justifica! ³⁴Quem condenará? Jesus Cristo morreu, não só, mas ressuscitou, ele que está à direita de Deus e intercede por nós! ³⁵Quem nos separará do amor do Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a miséria, o perigo, a

espada? ³⁶Conforme está escrito: *Por tua causa somos levados à morte o dia inteiro, fomos considerados como animais de corte.* ³⁷Mas em tudo isso somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. ³⁸Sim, eu tenho certeza: nem a morte nem a vida, nem os anjos nem as dominações, nem o presente nem o futuro, nem as potências, ³⁹nem as forças das alturas, nem as das profundezas, nem outra criatura alguma, nada poderá separar-nos do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor.

1Cor 4.9;

2Cor 4.11

9 Eleição e pecado de Israel. ¹Em Cristo¹ digo a verdade, não minto, e pelo Espírito Santo² a minha consciência disso me dá testemunho: ³trago no coração uma grande tristeza e uma dor incessante³. ⁴Sim, eu desejaria ser anátema⁴, ser eu mesmo separado do Cristo por meus irmãos, os da minha raça⁵ segundo

Ex 32.32;

1Cor 16.22

u. Em conformidade com o sentido da palavra hebraica, trata-se de uma eleição no amor (cf. Gn 18.19).

v. O Cristo é a imagem perfeita do Pai (Cl 1.15). O Pai reproduz a imagem do seu Filho em todos aqueles que participam da sua filiação (Rm 8.16-17). Essa conformidade à imagem do Filho resulta duma transformação interior e progressiva (2Cor 3.18) e só será plena e total na parusia (1Cor 15.49).

w. Paulo não pensa tanto em evidenciar uma sucessão cronológica entre etapas, algumas das quais podem coincidir; quer antes manifestar um movimento que tende para um termo: a glória, da qual o Cristo está desde agora revestido, e que nos será comunicada por ele. A certeza deste termo, cujas primícias nós já temos pelo Espírito (v. 23), explica o emprego do passado (ele também os glorificou). Cf. 2Ts 2.13-14; Ef 1.11-13.

x. O vocabulário sugere o quadro de um processo (cf. Jó 1-2; Zc 3).

y. A expressão evoca o sacrifício de Isaac (cf. Gn 22.16).

z. Cf. Is 53.6 gr.: e Deus o entregou por nossos pecados.

a. Alguns traduzem: Deus, aquele que justifica?

b. Alguns traduzem: Jesus Cristo que morreu... que intercede por nós? (cf. Is 50.8-9).

c. Sl 44.23.

d. Lit. *nem a altura nem a profundidade*. Paulo enumera uma lista de forças (angélicas, demoníacas, astrológicas) consideradas como podendo ser hostis ao homem.

e. Lit. *do amor de Deus que (está) em Jesus Cristo, nosso Senhor*.

f. Querendo que ninguém possa duvidar das afirmações capitais que ele vai proferir e que toma particularmente a peito, Paulo não se apóia somente em sua lealdade pessoal; ele invoca o Cristo e o Espírito Santo como duas testemunhas irrecusáveis (cf. 2Cor 2.17; Gl 1.20). É possível que o apóstolo pense nas duas testemunhas exigidas pela lei (Dt 19.15).

g. Lit. *no Espírito Santo*. Paulo considera aqui a sua consciên-

cia, não em si mesma, mas enquanto o Espírito Santo testemunha pessoalmente, através dela (cf. Rm 8.16 nota).

h. Nos capítulos precedentes, Paulo mostrou que a doutrina da justificação pela fé era conforme ao ensinamento do AT (cf. Rm 1.17; 3.21; 4.1-25). Nos caps. 9-11, ele mostra que essa doutrina é igualmente conforme ao plano de Deus para Israel, e isso lhe permite responder à seguinte questão dolorosa: Israel, povo-objeto da eleição e da promessa, não reconheceu a realização desta promessa em Jesus Cristo e, por sua infidelidade, parece excluído da salvação; teria fracassado a palavra de Deus? Não, responde Paulo (Rm 9.6), a etapa atual do plano de Deus está de acordo com as etapas precedentes; no interior mesmo do povo eleito, permanece a gratuidade da eleição. Em cada etapa da história de Israel, somente uma fração da descendência carnal de Abraão é objeto da eleição: Isaac e não Ismael (Rm 9.7-9), Jacó e não Esaú (Rm 9.10-13), e atualmente um resto (Rm 11.1-5), como no tempo de Elias (Rm 11.2-5) e de Isaías (Rm 9.27-29): o resto dos judeus que aderem a Cristo. Quanto aos outros, eles continuam a desempenhar um papel no plano de Deus. A infidelidade deles põe em evidência a liberdade da eleição divina que procede por livre escolha e não depende das obras (Rm 9.11-12). Este era o caso no AT (Rm 9.10-17), este é o caso agora (Rm 9.23-24), e tudo se ordena finalmente para a salvação de uns e de outros (Rm 11.30-32): Deus encerrou todos os homens na desobediência, para fazer misericórdia para com todos.

i. O *anátema* não é uma simples excomunhão eclesiástica. No AT, a palavra (*herem*) implica a destruição total dos inimigos de Deus e dos seus bens (Dt 7.26). No NT, ela comporta a idéia de maldição: quem é ferido por um anátema não somente é excluído da comunidade, mas também é maldito (At 23.12; Gl 1.8; 1Cor 12.3; 16.22). Essa declaração excessiva de Paulo mostra o amor que ele tem pelo povo judeu.

j. A palavra traduzida por *raça* significa igualmente: família, tribo, povo, etnia. Ela não permite abordar o mistério de Israel sob o ângulo "racial", no sentido atual do termo.

Gn 12,2-3;
Ex 4,22; 19,
5-6; Dt 7,6;
Os 11,1;
At 13,17;
Rm 3,2;
Ef 2,12
1,3; Gl 4,4;
Mt 1,2-16;
Lc 3,23-34;
1,25;
IJo 5,20;
Tt 2,13;
Jo 1,1;
Nm 23,19;
Is 55,10,11;
Hb 4,12
2,28-29;
Gl 3,7-29;
4,21-31;
Mt 3,9;
Jo 8,31-44

a carne, ⁴eles que são os israelitas⁴, a quem pertencem a adoção, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas ⁵e os pais¹, eles enfim dos quais, segundo a carne, descende o Cristo, que está acima de tudo, Deus bendito eternamente. Amém^m. ⁶Não que a palavra de Deus tenha falhado: com efeito, todos os que são da posteridade de Israel^a não são Israel^o ⁷e, embora sejam descendência de Abraão, nem todos são seus filhos. Não: *É a posteridade de Isaac que será chamada a tua descendência*^p. ⁸O que significa: não são os filhos da carne que são filhos de Deus; como descendência, somente os filhos da promessa são levados em conta. ⁹Pois era uma promessa esta palavra: *Pela mesma época eu voltarei, e Sara terá um filho*^o. ¹⁰E não é só isso: também há Rebeca. É somente de Isaac, nosso pai, que ela concebera¹; ¹¹e, no entanto, os seus filhos ainda não tinham nascido

e, portanto, não haviam cometido nem o bem nem o mal, e já — para que se perpetuasse o desígnio de Deus, desígnio que procede por livre escolha ¹²e não depende das obras, mas daquele que chama — foi-lhe dito: *O mais velho será sujeito ao mais moço*^o, ¹³segundo o que está escrito: *Eu amei Jacó e odiei Esaú*¹. ¹⁴Que diremos, pois? Haveria injustiça, em Deus? Não, decerto! ¹⁵Ele diz, com efeito, a Moisés: *Eu farei misericórdia a quem quiser fazer misericórdia e terci compaixão*^o de quem quiser ter compaixão. ¹⁶Isso não depende, pois, nem da vontade nem dos esforços do homem^v, mas da misericórdia de Deus^v. ¹⁷E assim que a Escritura diz a Faraó: *Eu te suscitei precisamente para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja proclamado por toda a terra*¹. ¹⁸Assim, pois, ele faz misericórdia a quem quer, e endurece a quem quer^o.

11,5-7
1Ts 1,4;
2Pd 1,10

Dt 32,4;
Sl 36,7;
Rm 9,15;
119,75

11,31; 15,9;
Ef 2,4;
Tt 3,5

Ex 4,21;
7,3

k. Isto é, os descendentes de Jacó; sabe-se que este recebeu de Deus o nome de Israel (Gn 32,29). "Deste privilégio decorrem todos os outros: a adoção filial que faz do povo eleito o filho primogênito de Deus (Ex 4,22), a glória pela qual Deus habita no meio do seu povo e se comunica a ele (Is 40,5; Sl 85,10) ... as alianças com Abraão (Gn 15,18), Jacó-Israel (Gn 32,29), Moisés (Ex 24,7-8), David (2Sm 7,11-16; Sl 89,29), o culto prestado ao verdadeiro Deus, a lei como expressão da sua vontade, as promessas messiânicas, os patriarcas depositários da revelação e, privilégio por excelência, a honra de ter dado origem ao Cristo" (Lyonnet).

l. Esta palavra não designa somente as grandes figuras do livro do Gênesis (Abraão, Isaac, Jacó e seus filhos); ela deve ser entendida aqui no sentido geral de "antepassados".

m. Certos comentaristas, interrompendo a frase após *Cristo*, compreendem o fim do v. como uma doxologia dirigida ao Pai: *Aquele que está acima de tudo é (ou seja) bendito eternamente. Amém*. Embora podendo apoiar-se em vários paralelos (Rm 1,25; 2Cor 1,3; 11,31; Ef 1,3), essa interpretação é, no caso presente, difícil de justificar gramaticalmente; por outro lado, ela parece não convir ao contexto.

n. Isto é, Jacó (cf. Gn 32,29; Rm 9,4 nota).

o. Isto é, o verdadeiro povo da promessa, o *Israel de Deus* (Gl 6,16), que é o Israel segundo o Espírito, oposto ao Israel segundo a carne (1Cor 10,18).

p. Gn 21,12. Lit. *é em Isaac que uma descendência será nomeada para ti*. Respeitou-se a frase de Paulo, mas é evidente que, nesta passagem como em todas as outras em que ele emprega a palavra *descendência* (*sperma*; p. ex., Rm 4,13.16.18; 9,8.29; 11,1), o apóstolo quer significar que, entre os filhos de Abraão, somente são a sua descendência autêntica os que, em seu seguimento, crendo como ele na Palavra, tornam-se o povo da Promessa, os filhos de Deus (v. 8).

q. Gn 18,10.14.

r. Lit. *tendo concebido de um só, Isaac nosso pai*. O caso dos dois irmãos, Esaú e Jacó, evocado aqui, manifesta de modo incontestável a liberdade da escolha divina. Ambos filhos de Isaac, poder-se-ia pensar que fossem, ao mesmo título, filhos de Abraão e filhos da promessa, no sentido dos vv. 7 e 8. No entanto, antes mesmo do nascimento dos dois gêmeos, Deus decide que só os filhos de Jacó serão filhos da promessa, decisão tanto mais inesperada quanto, no caso presente, é o mais moço que é preferido ao mais velho (cf. v. 12).

s. Gn 25,23.

t. Mt 12-3. *Eu amei Jacó e odiei Esaú*, semitismo por *eu preferi Jacó a Esaú* (cf. Gn 29,31 e Lc 14,26 esclarecido por Mt 10,37). Não se trata aqui de um juízo de valor emitido sobre Isaac, mas do lugar e do papel da descendência de cada um deles na história da salvação.

u. Ex 33,19. A verdadeira resposta à objeção do v. 14 só será dada no v. 20. Aqui, Paulo contenta-se em citar um novo exemplo da soberana liberdade da ação de Deus. Neste capítulo, não se trata primordialmente da salvação eterna dos indivíduos, mas do seu lugar no plano de Deus para Israel e, por este povo, para a humanidade.

v. Lit. *Isso não depende, portanto, nem daquele que quer, nem daquele que corre*.

w. Aqui, como no v. 18, trata-se da eleição e não da santificação ou da salvação final. Paulo quer afirmar que os esforços humanos são impotentes para fazer chegar à justificação. Alhures, ele também deixou claro que o homem, justificado pela graça de Deus, não se poderia dispensar da luta e do esforço (Rm 6,13-19; 12,11; 1Cor 9,24-27; Fl 3,12-14).

x. Ex 9,16. Este versículo pode ser ilustrado por Ex 7-15.

y. Paulo não considera nem a culpabilidade pessoal do Faraó, nem a sua reprobção eterna. Afirma que a atitude do perseguidor fazia parte de um plano superior de Deus: sem o saber, o Faraó, por sua obstinação, concorria para a realização da Promessa.

Soberana liberdade de Deus. ¹⁹Mas então, dirás, de que se queixa ele ainda? Pois, afinal, quem resistiria à sua vontade? ²⁰— Quem és tu, ó homem, para entrar em contestação com Deus? *Acaso dirá a obra ao artífice*^a: Por que me fizeste assim? ²¹Porventura o oleiro^b não é senhor da sua argila para fazer, da mesma massa, tal vasilha de uso nobre, tal outra de uso vulgar? ²²Se pois Deus, querendo mostrar a sua cólera e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência vasos de cólera^c prontos para a perdição, ²³e isto a fim de desvendar a riqueza da sua glória para com vasos de misericórdia^d que ele, de antemão, preparou para a glória, ²⁴a nós que chamou não somente dentre os judeus, mas ainda dentre os pagãos^e... ²⁵E isto mesmo que ele diz com Oséias: *Aquele que não era o meu povo, eu o chamarei Meu Povo^f e a que não era a amada, a chamarei Amada; ²⁶e aí mesmo onde lhes fora dito: “Vós não sois o meu povo”, eles serão chamados filhos do Deus vivo^g.* ²⁷Isaías, por sua vez, exclama a respeito^h de Israel: *Muito embora o número dos* ^{11.5} *filhos de Israel fosse como a areia do*

mar, é o restoⁱ que será salvo; ²⁸pois o Senhor cumprirá plena e prontamente a sua palavra sobre a terra^j. ²⁹É ainda o que predissera Isaías: *Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse deixado uma descendência^k, nós nos teríamos tornado como Sodoma, semelhantes a Gomorra^l.* ³⁰Qual a conclusão? Esta: pagãos que não procuravam a justiça^m obtiveram-na — falo da justiça que vem da féⁿ —, ³¹enquanto Israel, que procurava uma lei que pudesse alcançar-lhe a justiça^o, não acertou com a lei^p. ³²Por quê? Porque esta justiça, eles não a esperavam da fé, mas pensavam obtê-la das obras^q. Esbarraram na pedra de tropeço, ³³segundo o que está escrito: *Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, um rochedo que faz cair; mas quem crer nele^r não será confundido^s.*

10 Judeus e pagãos têm o mesmo Senhor. ¹Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus por eles é que eles cheguem à salvação. ²Pois, eu sou testemunha, eles têm zelo por Deus, mas é um zelo que não é iluminado pelo conhecimento^t; ³desconhecendo

z. Ou: *que pode ele ainda censurar?*

a. Is 29.16; 45.9.

b. O AT exprime muitas vezes, com a imagem do oleiro, o domínio soberano de Deus sobre o homem (Gn 2.7; Is 29.16; 41.25; 45.9; 64.7; Jr 18.6; Sr 33.13; Sb 15.7).

c. Isto é, homens que, por causa de seu desconhecimento dos caminhos de Deus e de seu apego ao pecado, são objeto da cólera de Deus; eles estão no ponto, maduros para a perdição. Paulo evita dizer que foram modelados por Deus, independentemente do próprio comportamento, em vista da perdição.

d. Isto é, homens que são objeto da misericórdia gratuita de Deus. Diversamente do v. precedente, Paulo afirma aqui que *esses vasos de misericórdia* foram plasmados por Deus em vista da glória.

e. A frase fica suspensa; as bruscas interrupções não são raras em Paulo (Rm 5.12; 15.23-24; 2Cor 5.6-7; Ef 3.1).

f. Os 2.25. Neste oráculo, Oséias anuncia a volta à graça de Israel culpado. Rejeitado, temporariamente, por Deus, por causa das suas faltas, o povo eleito voltará a ser, no dia da conversão e do perdão, povo de Deus, o *seu povo*. Com tranqüila audácia, Paulo aplica esse texto aos pagãos: eles, que não eram povo de Deus, tornam-se, em Jesus Cristo, o *seu povo*.

g. Os 2.1.

h. Ou, *em favor*.

i. Tema capital da pregação profética. Os profetas não cessaram de anunciar que só uma pequena minoria do povo de Israel, o *resto*, compreenderia o sentido das provações, converter-se-ia

e receberia os bens messiânicos (Am 3.12; 5.15; Is 4.3; 6.13; 10.20; Mq 4.6-7; Sf 3.12-13; Jr 23.3; Ag 1.12; Zc 8.6-11; 13.8-9; cf. Sl 18.28; 73.1).

j. Is 10.22-23.

k. Mais uma vez o tema do *resto*.

l. Is 1.9.

m. É com relação aos judeus que Paulo pode dizer, generalizando, que os pagãos não procuravam a justiça, isto é, não a justiça moral, à qual certos pagãos aspiraram, mas a justiça no sentido religioso.

n. Claramente, é de Deus que vem a justificação, pois esta não pode de modo nenhum ser fruto de uma obra humana; mas é concedida por Deus e recebida pelo homem na e pela fé (Rm 3.21-26).

o. Lit. *que procurava uma lei de justiça*.

p. Lit. *não alcançou a lei*. Israel não chegou à meta à qual a lei devia conduzir, de um lado por não a ter observado (Mt 23.3; At 15.10; Rm 2.21-23) e, de outro, por não ter compreendido a sua finalidade.

q. Lit. *porque não da fé, mas como das obras*. Aos olhos de Paulo que, sistematizando, emite um julgamento global sobre o Israel infiel, antes que sobre cada um dos seus membros; o judaísmo, mesmo depois de Cristo, contava com as obras para obter a justificação.

r. Neste v., o sentido desta expressão é: aquele que se apóia, que se fundamenta nele (pela fé).

s. Is 28.16.

t. Lit.: *mas não segundo o conhecimento*.

Rm 10.2-9;
11.7;
Lc 18.9-14;

Is 8.4;
1Pd 2.6;
Lc 2.3-4;
Mt 21.42

At 22.3;
2Cor 3.14;
1Tm 1.13

terem ouvido^d? E como o ouviriam, se ninguém o proclama? ¹⁵E como proclamá-lo, sem ser enviado? Por isso está escrito: *Como são belos os pés daqueles que anunciam boas novas!* ¹⁶Mas nem todos obedeceram ao Evangelho. Isaías diz com efeito: *Senhor, quem acreditou em nossa pregação?* ¹⁷Assim a fé vem da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo^e. ¹⁸Eu pergunto então: Não teriam eles ouvido^h? Como não? *Por toda a terra ressoou a sua voz, e as suas palavras, até as extremidades do mundo!* ¹⁹Eu pergunto então: será que Israel não compreendeu? Já Moisés disse: *Eu vos*

2Ts 1,8;
Hb 4,2;
Jo 10,26

11,11-14

9,30

Jr 31,37

11 Deus não rejeitou Israel. 'Pergunto, pois: teria Deus rejeitado o seu

povo^m? De modo nenhum! Pois eu mesmo sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamin. ²*Deus não rejeitou o seu povo*, que ele conheceu de antemãoⁿ. Ou não sabeis o que diz a Escritura, na passagem em que Elias se queixa de Israel a Deus^o? ³*Senhor, eles mataram os teus profetas, demoliram os teus altares; só resto eu, e eles atentam contra a minha vida!* ⁴Mas que lhe responde Deus? *Eu me reservei sete mil homens, os que não dobraram o joelho diante de Báa^p*. ⁵Do mesmo modo, no tempo presente, também há um resto, segundo a livre escolha da graça^q. ⁶Mas se é por graça, não é, pois^r, em virtude das obras, do contrário a graça não é mais graça^s. ⁷Que dizer a isso? Aquilo que Israel procura, ele não o alcançou: mas os eleitos^t o alcançaram^u. Quanto aos outros, foram endurecidos. ⁸Segundo o que está escrito: *Deus lhes deu um espírito de torpor, olhos para não ver, ouvidos para não ouvir, até este dia^v*. ⁹David diz também: *Que a sua mesa^w lhes seja uma armadilha, uma rede, uma causa de*

2Cor 11,21;
Fl 3,5-7

ISm 12,22;
Sl 94,14

d. Sem o terem ouvido. Para Paulo, quem fala na pregação apostólica é o próprio Cristo.

e. Is 52,7; este texto é uma mensagem de liberdade proclamada aos cativos; ele já recebera uma interpretação messiânica no judaísmo e sem dúvida contribuiu para a adoção da palavra *Evangelho* (cf. Rm 1,1 nota) pela NT e pelos cristãos.

f. Is 53,1. Esta citação anuncia os vv. 19-21.

g. Lit. e a pregação pela palavra do Cristo: quer a palavra proveniente do Cristo, quer a palavra referente ao Cristo. Alguns compreendem: *por ordem do Cristo* (cf. v. 15 nota). Em gr. a palavra traduzida por *pregação* significa inicialmente o que se ouve, a escuta (Lutero traduz: "A fé vem do que se ouve"). Há aqui um jogo de palavras proposital entre a escuta (*akoe*) e a obediência (*hypakoë*) que dela deriva (v. 16). Cf. Rm 1,5 nota.

h. Não teriam eles ouvido: trata-se dos ouvintes, aqui os judeus. i. Sl 119,5; as suas vozes: trata-se da voz dos pregadores.

j. Dt 32,21. Lit. Moisés foi o primeiro a dizer; isto é, eu cito Moisés em primeiro lugar (a lei), depois Isaías (os profetas). Os dois textos vêm sublinhar a ideia seguinte: Israel teria podido compreender, mas recusou-se a fazê-lo e é a conversão dos pagãos que torna essa infidelidade ainda mais patente.

k. Is 65,1.

l. Is 65,2. Essas citações de Isaías introduzem a ideia da entrada dos pagãos na herança de Israel, questão que vai ser desenvolvida em Rm 11. A exegese judaica já havia aplicado esse texto aos pagãos.

m. A resposta a esta pergunta é constituída por todo o capítulo. Ela pode ser enunciada assim: não, pois a situação atual está na linha do AT. A eleição tem por objeto um resto (v. 5)

que representa o conjunto de Israel (v. 16) e que é o penhor da salvação final da totalidade (vv. 25-32). Este resto já existia segundo o AT (vv. 2-4); no momento em que escreve, Paulo é a prova viva da permanência deste resto.

n. ISm 12,22; Sl 94,14.

o. Cf. Rm 8,29 nota.

p. Lit. o que a Escritura diz, em Elias, como ele trata com Deus contra Israel.

q. 1Rs 19,10,14.

r. Lit. que lhe responde o oráculo?

s. 1Rs 19,18.

t. Paulo remete aqui à doutrina desenvolvida anteriormente (Rm 9,6-13): nem todos os descendentes de Israel são Israel. Em todas as épocas da história da salvação, Deus escolhe, por pura graça, entre os descendentes de Israel, os verdadeiros beneficiários da eleição.

u. Lit. não é mais em razão das obras. O mais é lógico e não temporal. Em época nenhuma a eleição dependeu das obras (cf. Rm 9,6-13).

v. Certas testemunhas acrescentam: e se é pelas obras, não é mais uma graça, do contrário, a obra não é mais uma obra.

w. Lit. a eleição. Trata-se, no contexto, dos eleitos pertencentes a Israel, mas a afirmação tem um alcance mais geral.

x. Cf. Rm 9,30-33, onde o mesmo tema é apresentado a propósito da oposição judeus x pagãos, enquanto aqui aplica-se à oposição, em Israel, entre o resto eleito e os demais israelitas.

y. Is 29,10 e Dt 29,3 citados livremente.

z. Ou a mesa deles significa a riqueza deles no mau sentido da palavra (no Sl 69,23, citado aqui, mesa está em paralelo com

*queda e um justo castigo!*¹⁰ *Que os seus olhos se escureçam até perderem a vista; faça-os sem cessar curvar as costas*^h.

¹¹Eu pergunto, pois: será para uma queda definitiva^a que eles tropeçaram? Não, por certo! Mas graças à sua falta^d, os pagãos tiveram acesso à salvação, para excitar o ciúme de Israel^f. ¹²Ora, se a falta deles causou a riqueza do mundo, e a degradaçãoⁱ deles, a riqueza dos pagãos, que não fará a total participação deles na salvação^g?

¹³Digo-vos pois, a vós, pagãos^h: na medida mesmaⁱ em que eu sou apóstolo dos pagãos, manifesto a glória do meu ministério^j, ¹⁴na esperança de excitar o ciúme dos que são do meu sangue^k e de salvar alguns deles^l. ¹⁵Se, com efeito, o afastamento deles^m foi a reconciliação do mundoⁿ, que não será a reintegração deles, senão a passagem da morte para a vida^o? ¹⁶Ora, se as primícias são santas, toda a massa também o é^p; e se a raiz é santa, os ramos o são também. ¹⁷Mas se alguns

dos ramos foram cortados, ao passo que tu, oliveira selvagem, foste enxertada entre os ramos restantes da oliveira para teres parte com eles na riqueza da raiz^q, ¹⁸não te faças de orgulhoso às custas dos ramos. Bem podes te fazer de orgulhoso^r! Não és tu que sustentas a raiz, mas é a raiz que te sustenta. ¹⁹Dirás, sem dúvida: cortaram-se ramos para que eu fosse enxertado. ²⁰Muito bem. Eles foram cortados por causa da sua infidelidade, e tu, é pela fé que te manténs^s. Não te orgulhes^t, antes teme. ²¹Pois se Deus não poupou os ramos naturais^u, tampouco a ti poupará. ²²Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus; severidade para com aqueles que caíram, bondade para contigo, contanto que permaneças nesta bondade^v, caso contrário, também tu serás cortado. ²³Quanto a eles, se não ficaram na infidelidade, também eles serão enxertados; pois Deus tem o poder de os reenxertar. ²⁴Com efeito, se tu, cortado

Ef 2.11-22

Jo 4.22

Mt 8.11-12; 21.43

1Cor 9.22

1Cor 7.14

abundância); ou, segundo a interpretação do Targum, a mesa é a mesa dos sacrifícios. Tratar-se-ia então do apego à materialidade do culto sacrificial.

a. Lit. *uma retribuição* (subentendido, da infidelidade deles). Não se deve atribuir um sentido estrito a todos os termos da citação, da qual Paulo extrai a idéia geral de condenação.

b. SI 69.23-24.

c. Lit. *será que eles tropeçaram para cair?* A oposição é entre uma queda provocada por um obstáculo, e da qual é possível reerguer-se (tropeçar), e uma queda sem esperança de reerguimento (para cair).

d. Pode-se também traduzir: *passo em falso*, segundo o sentido etimológico da palavra grega *para-ptōma*.

e. Lit. *o ciúme deles*. Até agora, este ciúme se manifestou por uma oposição ao Evangelho (cf. At 13.45; 17.5). Mas Paulo espera que ele venha a ter o efeito contrário.

f. A palavra grega *hētēma* significa ao mesmo tempo *decadência e diminuição*. Ora, a decadência de Israel consiste precisamente no fato de que somente um pequeno número acreditou.

g. Lit. *com quanto maior razão a plenitude deles?* A palavra grega *plērōma* tem, ao mesmo tempo, o sentido quantitativo e qualitativo, correspondentes aos dois sentidos de *hētēma*. cf. nota precedente.

h. Trata-se de cristãos oriundos do paganismo.

i. Paulo considera, portanto, que o seu ministério junto aos pagãos está ligado, enquanto tal, ao mistério de Israel.

j. Lit. *eu glorifico o meu ministério*.

k. Lit. *minha carne*.

l. Há oposição entre o estado atual em que somente alguns aderem a Cristo e o estado futuro em que esta adesão será o destino da totalidade do povo judeu (vv. 13.15).

m. E não é: *a rejeição deles*. Isso está em contradição com o v. l. n. O sentido dessa expressão é precisado em 2Cor 5.17-21.

o. Lit. *a vida a partir da morte*. Se a exclusão de Israel foi

fonte de um tal benefício para o mundo, o benefício causado por sua reintegração só pode ser superior: será uma vida tal que, com relação a ela, o estado anterior parecerá uma morte. Ez 37 exprime uma idéia análoga a propósito da restauração messiânica de Israel. Numerosos comentadores discernem aqui uma alusão à ressurreição dos mortos no último dia.

p. Lit. *se santas as primícias, a massa também*. Alusão a Nm 15.19-21. A consagração de uma parte privilegiada torna, de certo modo, todo o conjunto consagrado. Trata-se aqui, não de santidade moral, mas do vínculo especial de pertença a Deus, criado pela consagração, isto é, na realidade da eleição e da aliança. As primícias, como a raiz, designam provavelmente o resto fiel, representado na origem pelos patriarcas e, agora, pelos judeus tornados cristãos.

q. Lit. *Tu foste enxertado entre elas e te tornaste participante na raiz da gordura da oliveira*. Texto difícil, talvez corrompido. Algumas testemunhas omitem na raiz, outros trazem: *na raiz e na gordura da oliveira*. De qualquer modo, não há dúvida quanto ao sentido.

r. Ou, com certas testemunhas: *se tu te orgulhas (kaukhasai em lugar de katakaukhasai)*. O sentido é então: se queres orgulhar-te, é possível, mas seja no fato de que és levado pela eleição de Israel.

s. Cf. Is 7.9: *Se não credes, não resistireis*.

t. Por sua própria natureza, a fé se opõe ao orgulho, a toda presunção (cf. Rm 4.2 nota).

u. O vocabulário de Paulo é postulado pela parábola. Os ramos naturais são os que cresceram normalmente, na árvore. Paulo não quer dizer que Israel seja, por natureza, digno de eleição.

v. Algumas testemunhas lêem: *toma cuidado que ele não te poupe a ti também*.

w. Isto é: se perseveras nessa convicção de que a bondade gratuita de Deus é a única fonte de salvação, e se repeles toda presunção orgulhosa.

da oliveira selvagem à qual pertencias por natureza, foste, contrariamente à tua natureza, enxertado na oliveira frutífera, quanto mais estes serão enxertados em sua própria oliveira, à qual pertencem por natureza³¹!

A salvação de Israel. ²⁵Pois eu não quero, irmãos, que ignoreis este mistério: a fim de que não vos tomeis por sábios³²: o endurecimento de uma parte de Israel vai durar até que haja entrado a totalidade³³ dos pagãos. ²⁶E assim todo o Israel será salvo³⁴, como está escrito: *De Sião virá o libertador, ele afastará de Jacó as impiedades.* ²⁷*E eis qual será a minha aliança com eles, quando eu eliminar os seus pecados.* ²⁸Com relação ao Evangelho, eles são inimigos, e é em vosso favor;

mas do ponto de vista da eleição, eles são amados, e é por causa dos pais³⁵. ²⁹Pois os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis. ³⁰O outrora, com efeito, vós desobedecesteis a Deus e agora, em consequência da desobediência deles, mise-

ricórdia foi exercida para convosco; ³¹semelhantemente, eles também desobedeceram agora, em consequência da misericórdia exercida para convosco, a fim de que também eles agora³⁶ sejam objeto da misericórdia³⁷. ³²Pois Deus incluiu a todos os homens na desobediência para conceder a todos misericórdia.

³³Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus julgamentos e impenetráveis os seus caminhos! ³⁴*Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?* ³⁵*Ou, ainda, quem lhe deu primeiro, para dever ser pago em troca?* ³⁶Pois tudo é dele, e por ele, e para ele. A ele a glória eternamente! Amém.

12 O culto espiritual: a vida nova. ¹'Eu vos exorto pois³⁸, irmãos, em nome da misericórdia de Deus, a vos oferecerdes vós mesmos³⁹ em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este será o vosso culto espiritual⁴⁰. ²Não vos confor-

x. Conforme ou não aos usos da arboricultura, esta parábola deve ser interpretada em função da finalidade visada por Paulo: desarraigar toda a presunção e todo o desprezo para com os filhos de Israel nos cristãos de origem pagã. O v. 24 deve ser compreendido à luz da doutrina constantemente afirmada por Paulo: tanto para o judeu como para o pagão, a eleição em Jesus Cristo é um dom.

y. Glorificando-vos às custas de Israel (cf. v. 20).

z. Lit. *a plenitude*. É difícil precisar o sentido desta expressão. Segundo numerosos comentadores, Paulo anunciaria uma época em que todos os povos da terra seriam cristãos. Mas 2Ts 2,3-4 não favorece essa interpretação; aliás, a comparação com Rm 15,19 convida a tomar a idéia de *plenitude* em Paulo num sentido antes qualitativo e a ver nela a plena realização do desígnio de Deus. Cf. Rm 11,12; 1Co 21,24.

a. *Toda Israel* opõe-se ao *resto* do v. 5 e a *uma parte de Israel* do v. 25: não se trata dos judeus tomados individualmente, mas de Israel em seu conjunto. Há um vínculo, não cronológico, mas de causalidade, entre a entrada dos pagãos e a conversão de Israel (cf. v. 31), análogo ao que existe entre a infidelidade de Israel e a conversão dos pagãos (v. 11). Outros compreendem *toda Israel* como designado o conjunto dos crentes de origem judaica e pagã.

b. Is 59,20-21; cf. Is 27,9 lit. *quando eu tiver eliminado os seus pecados*. — *Eis* é exclamativo: tal será o esplendor da minha aliança. Paulo utiliza esses textos em virtude de uma compreensão mais profunda dos oráculos proféticos, que somente a revelação do mistério (v. 25) tornou possível.

c. *Em favor de e por causa* de traduzem a mesma preposição grega (*diá*). Mas o paralelismo literário da frase não deve fazer esquecer a diferença dos pontos de vista. *Por causa dos pais*:

não por causa dos méritos dos pais, mas por causa das promessas feitas aos pais (cf. v. 29 e Dt 4,37; 9,5).

d. Certas testemunhas não trazem o último *agora* ou têm em seu lugar: *mais tarde*.

e. A construção difícil desta frase reflete a complexidade da relação de causalidade, tal como Paulo a estabelece entre a história de uns e a dos outros.

f. Is 40,13.

g. Jó 41,3.

h. Aqui começa a parte exortativa da epístola (cf. Introd.: Plano...). A misericórdia de Deus, da qual se tratou no começo da epístola e especialmente nos caps. 9-11 (cf. Rm 11,32), provoca em resposta uma atitude de oferta de si que se deve manifestar na vida das comunidades cristãs (cf. Rm 6,19).

i. Lit. *oferecei os vossos corpos*. Não o corpo enquanto distinto da alma, mas o homem inteiro agindo em e por seu corpo, sede necessária da sua existência e da sua ação, da sua relação com Deus, com os homens, com o mundo. É por nosso corpo que nós somos membros do Cristo (1Co 6,15). *O corpo é para o Senhor e o Senhor é para o corpo* (1Co 6,13). Eis por que nós devemos oferecer, com o Cristo, o nosso corpo em sacrifício. *Vosso corpo é um templo do Espírito Santo... vós não vos pertenceis mais... Glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo* (1Co 6,19-20).

j. Pode-se ainda traduzir, segundo a etimologia, *culto lógico, razoável*, isto é, conforme à natureza de Deus e do homem. Todavia, é preciso lembrar-se de que o adjetivo é freqüentemente empregado em contextos análogos, por autores judeus ou gregos, para marcar bem a diferença entre o culto formal e exterior e o culto verdadeiro que engaja o homem inteiro. Este é o culto que os profetas pediam a Israel (Os 6,6). Cf. ainda 1Pd 2,2.

meis ao mundo presente^k, mas sede transformados pela renovação da vossa inteligência, para discernirdes qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito.

³Em nome da graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós: não tenhais pretensões além do que é razoável, sede bastante razoáveis para não serdes pretensiosos^l, cada um segundo a medida de fé com que Deus o aquinhoou^m. ⁴Com efeito, assim como nós temos vários membros em um só corpo e esses membros não têm todos a mesma função, ⁵assim, sendo muitos, nós somos um só corpo em Cristo, sendo todos membros uns dos outrosⁿ, cada um no que lhe cabe. ⁶Temos dons que diferem segundo a graça que nos foi concedida. É o dom de profecia? Seja exercido de acordo com a fé^o. ⁷Alguém tem o dom do serviço^p? Que sirva. Outro, -o de ensinar? Que ensine. ⁸Tal outro, o de exortar? Que exorte. Aquele que dá, faça-o sem segundas intenções^q; aquele que preside^r, com zelo; aquele que exerce a

misericórdia, com alegria. ⁹Seja o amor sincero. Fugi do mal com horror, aderi ao bem. ¹⁰Que o amor fraterno vos una com mútua afeição; rivalizai na mútua estima. ¹¹Com um zelo sem indolência, com um espírito fervoroso, servi ao Senhor^s. ¹²Sede alegres na esperança, pacientes na aflição, perseverantes na oração. ¹³Sede solidários com os santos^t necessitados, exercei a hospitalidade com diligência. ¹⁴Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. ¹⁵Alegrai-vos com os que estão na alegria, chorai com os que choram. ¹⁶Tende muita concórdia entre vós; não tenhais pretensões a grandezas, mas deixai-vos atrair pelo que é humilde. *Não vos tomeis por sábios*^u. ¹⁷Não retribuais a ninguém o mal pelo mal; *tomai a peito fazer o bem diante de todos os homens*^v. ¹⁸Se for possível, no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens. ¹⁹Não vos vingueis, meus diletos, mas deixai agir a cólera de Deus^w, pois está escrito: *A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei*^x, diz o Senhor. ²⁰Mas se o teu inimi-

Am 5,15

Fl 2,3

At 1,14;

Cl 4,2

IPd 4,9

Mt 5,38-48

ICor 12,26;

Sr 7,34

Is 5,21;

It 5,15;

IPd 3,9

Mt 5,39-44;

2Cor 8,21

Hb 12,14

Hb 10,30;

Lv 19,18

k. *Mundo ou século presente*. Lit. *este éon*. Os primeiros cristãos tomam do judaísmo o seu conceito de duas grandes eras na história do mundo: o *século presente*, em que o mal reina abertamente, e o *século futuro*, em que Deus manifestará o seu reino. Mas, para Paulo, como para a maioria dos primeiros autores cristãos, o mundo futuro começou desde a vinda do Cristo. O mundo presente, que jaz sob o signo do pecado, só permanece como em *sursis*, o seu fim está decidido, o penhor do novo mundo já está presente. Importa, portanto, que o cristão não deixe que a sua regra de vida seja regulada por uma realidade má, votada a pronto desaparecimento.

l. Esta tradução, que se inspira na de E. Osty, tenta reproduzir o jogo de palavras do gr., mesmo deixando de traduzir sempre as mesmas palavras gregas pelas mesmas palavras vernáculas. Mas a formulação de Paulo supera de muito um simples trocadilho. Aqui e nos vv. seguintes, Paulo combate com energia o vício que ameaçará perpetuamente as comunidades cristãs: a pretensão, a ambição. Ele exorta à humildade, ao amor e ao serviço fraterno.

m. "Ou a fé é nomeada aqui em lugar dos frutos da fé, isto é, dos carismas, ou, de preferência, trata-se da fé como estatuto de existência, o termo fé designando o fato de estar na fé. A sabedoria consistirá em tomar como norma a diversidade das condições atribuídas por Deus a cada um, sem nenhuma superioridade nem inferioridade, pois tudo é graça. Mas a medida da fé assim compreendida pode diferir em cada um, pois o seu desenvolvimento não é o mesmo para todos" (Leenhardt).

n. Reparámos a mesma imagem a serviço do mesmo raciocínio, em 1Cor 12, especialmente a partir do v. 12.

o. Lit. *segundo a analogia da fé*. Pode-se compreender isso de dois modos: 1. Trata-se da fé no sentido objetivo. Aliás, não

tanto no sentido do conjunto das doutrinas que formam a fé cristã, quanto numa acepção ainda mais geral: *de acordo com a fé* = na harmonia da fé da Igreja, isto é, na comunhão dos crentes. Neste caso, a exortação insere-se perfeitamente no desenvolvimento: os cristãos formam um só corpo, cujos membros exercem funções diversas, mas esta diversidade nunca deve levar ninguém a se pôr em evidência, a se orgulhar do seu dom particular. Tudo sucede na comunhão dos crentes, a humildade é portanto de regra. 2. Trata-se da fé no sentido subjetivo. A frase estaria então muito próxima do que Paulo dizia no v. 3, e *de acordo com a fé* deveria ser compreendido: *na proporção da fé recebida pelo indivíduo*.

p. A palavra traduzida por *serviço* parece ser tomada aqui no seu sentido técnico: é o ministério diaconal a serviço da ajuda aos infelizes.

q. O termo grego significa ausência de mistura, pureza, simplicidade (no sentido em que se fala, nas ciências, de corpos puros, simples), daí: sem segundas intenções (cf. Mt 6,22).

r. *Aquele que preside* a Igreja (cf. It 5,12) ou, talvez aquele que, numa comunidade, preside à repartição dos dons. Talvez as duas funções fossem acumuladas.

s. Em lugar de *servi ao Senhor* (kyrios), certos mss. trazem: *servi o tempo* (kairos), o que certos comentaristas interpretam: *Prestai atenção à ocasião oportuna* (cf. Ef 5,16).

t. *Santos* (cf. Rm 1,7 nota e 15,25 nota).

u. Pr 3,7.

v. Pr 3,4 gr.

w. Lit. *dai lugar à cólera*. Trata-se muito evidentemente da cólera de Deus, daí a tradução.

x. Dt 32,35.

go tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber, pois, fazendo isso, ajuntarás brasas vivas sobre a sua cabeça²¹. ²¹Não te deixes vencer pelo mal, mas sê vencedor do mal por meio do bem.

13 Instrução sobre as autoridades.

¹Seja todo homem submisso às autoridades² que exercem o poder, pois não há autoridade a não ser por Deus e as que existem são estabelecidas por ele. ²Assim, aquele que se opõe à autoridade se revolta contra a ordem querida por Deus, e os rebeldes atrairão a condenação sobre si mesmos. ³Com efeito, os magistrados não são temíveis quando se faz o bem, mas quando se faz o mal. Queres não ter de temer a autoridade? Faze o bem e receberás os seus elogios. ⁴pois ela está a serviço de Deus para te incitar ao bem³. Mas se fazes o mal, então teme. Pois não é em vão que ela traz a espada: castigando⁴, está a serviço de Deus para manifestar a sua cólera para com o mal-

feitor. ⁵Por isso é necessário submeter-se, não somente por temor da cólera, mas também por motivo de consciência⁵. ⁶Este é também o motivo pelo qual pagais impostos: os que os recebem⁶ são encarregados por Deus de se dedicarem a este ofício. ⁷Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto, as taxas⁷, o temor, o respeito, a cada um o que lhe deveis⁸.

Amor mútuo e vigilância cristã. ⁸Não tenhais nenhuma dívida para com quem quer que seja, a não ser a de vos amardes uns aos outros⁸: pois aquele que ama o seu próximo⁹ cumpriu plenamente a lei⁹. ⁹Com efeito, os mandamentos: *Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás*, bem como todos os outros, resumem-se nesta palavra: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*¹⁰. ¹⁰O amor não faz nenhum dano ao próximo; portanto o amor é o pleno cumprimento da lei.

¹¹Tanto mais que sabeis em que tempo estamos: eis a hora de sairdes do vosso

Jo 13,34;
Cl 3,14;
Jo 4,11

Mt 19,
18-19;
Sb 6,18;
1Cor 13,4-7

Ef 5,8-16;
1Ts 5,4-8;
1Cor 7,26-29

y. Pr 25,21-22 gr. Qual é a intenção de Paulo ao citar aqui esse texto? Pode-se hesitar entre duas explicações: ele pensa, ao que parece, em um agravamento da punição divina, porque a bondade da vítima ressalta tanto mais a maldade do culpado, ou então, ao contrário, pensa na conversão do mau, surpreso e perturbado até o tormento (cf. *as brasas vivas*) pelo amor com que a sua vítima o trata.

z. A palavra grega significa o direito de fazer alguma coisa, daí a possibilidade de a fazer, o poder, a autoridade (civil e militar); nesta acepção, a palavra designa igualmente os homens ou instituições que exercem esse poder e essa autoridade. Como se diz: o Poder.

É possível, senão verossímil, que Paulo tenha participado da crença judaica segundo a qual um ser celeste, um anjo bom ou mau, representa no mundo superior cada uma das autoridades terrestres, cuja ação ele inspira (cf. Dn 10: os anjos da Pérsia e da Grécia). Neste caso, compreende-se por que essa mesma palavra pode às vezes designar claramente uma classe de anjos no meio de outras, sem que se possa hoje decidir qual era exatamente a especificidade de uns e de outros. Cf. Cl 1,16: tronos, senhorios, potências, autoridades; Ef 6,12: potências, autoridades, príncipes deste século de trevas, espíritos de maldade que estão nos céus. Cf. ainda os elementos de Gl 4,3; Cl 2,20. Nesta perspectiva, o presente texto pediria uma dupla interpretação, sendo as autoridades, ao mesmo tempo, as potências angélicas e seus correspondentes terrestres.

a. Lit. *pois ela é para ti ministro de Deus para o bem*.

b. Lit. *pois ela é ministro de Deus, vingadora para a cólera contra aquele que faz o mal*. Sobre essa "vingança" divina, cf. 12,19. A ordem social e política tem por finalidade o bem e, conseqüentemente, a repressão do mal. A autoridade, que garante a ordem, é serva de Deus, para o bem público; ela desempe-

nha, portanto, na vida dos homens, um papel eminentemente positivo. É por isso que os cristãos devem se submeter a ela. Todavia, as afirmações do apóstolo não instauram um poder absoluto de direito divino: pelo contrário, elas submetem a autoridade a um critério exterior a si mesma: o bem; este não pode ser arbitrariamente definido pela autoridade; no pensamento de Paulo, supõe-se que corresponda à vontade de Deus.

c. Essa submissão não é somente o efeito do medo do castigo: ela se funda sobretudo na exigência da consciência cristã que, segundo os vv. precedentes, lembra ao homem que a autoridade não existiria se Deus não a tivesse querido. Este apelo à consciência convida, no entanto, a não entender a exortação paulina como um pedido de submissão cega. O apóstolo sabe perfeitamente opor-se com vigor a toda pretensão inaceitável do poder romano (cf. 1Cor 12,3, onde se deve ver, sem dúvida, uma alusão ao culto imperial que proclama que o imperador é Senhor e por isso exige a rejeição de qualquer outro senhorio).

d. Lit. *aqueles*.

e. Impostos cobrados pelas alfândegas, impostos indiretos.

f. Lit. *Dai a todos o que lhes é devido: a quem o imposto, o imposto; a quem a taxa, a taxa; a quem o temor, o temor; a quem o respeito, o respeito*.

g. Se é possível satisfazer todos os próprios deveres (dívidas) cívicos, resta para o cristão um dever mais fundamental: amar o seu próximo.

h. Lit. *o outro*.

i. Se somente o amor do próximo pode ser considerado como cumprimento pleno de toda a lei, é que esta não tinha outra finalidade: este amor é a sua finalidade. Cf. Gl 5,14 e a maneira como Jesus resume a lei (Mt 22,37-40); o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro.

j. Ex 20,13-17; Dt 5,17-21; Lv 19,18.

sono^k; hoje, com efeito, a salvação está mais próxima de nós do que no momento em que abraçamos a fé. ¹²A noite vai adiantada, o dia está bem próximo. Rejeitemos, pois, as obras das trevas e revistamos as armas da luz. ¹³Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia, sem comezainas, nem bebedeiras, sem licenciosidades, nem devassidões, sem brigas nem invejas. ¹⁴Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos abandonais às preocupações da carne para lhe satisfazerdes as concupiscências.

14 Os fortes e os fracos. ¹Acolhei aquele que é fraco na fé¹, sem criticar os seus escrúpulos². ²A um, a fé lhe permite comer de tudo³, ao passo que outro, por fraqueza, só come legumes. ³Aquele que come não despreze o que não come, e aquele que não come não julgue aquele que come, pois Deus o acolheu⁴. ⁴Quem és tu para julgares um servo⁵ que não te pertence⁶? Quer ele fique de pé quer venha a cair, isso diz respeito ao seu próprio patrão. E ele resistirá, pois o Senhor tem o poder de o

manter firme. ⁵Para um, há diferenças entre os dias⁷; para outro, todos eles se equivalem. Cada um, em seu julgamento pessoal, seja animado de plena convicção. ⁶Aquele que leva em conta os dias o faz para o Senhor; aquele que come de tudo o faz para o Senhor, já que dá graças a Deus. E aquele que não come de tudo, o faz para o Senhor, e dá graças a Deus. ⁷Com efeito, nenhum de nós vive para si mesmo, e ninguém morre para si mesmo. ⁸Pois se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor; quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor. ⁹Pois foi para ser Senhor dos mortos e dos vivos que Cristo morreu e tornou à vida¹⁰. ¹⁰Mas tu, por que julgas o teu irmão? E tu, por que desprezas o teu irmão? Todos nós, com efeito, compareceremos perante o tribunal de Deus¹¹. ¹¹Pois está escrito: *Certo como eu vivo¹², diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua dará glória a Deus¹³*. ¹²Assim, cada um de nós prestará contas a Deus por si mesmo. ¹³Cessemos, pois, de nos julgar uns aos outros. Julgai antes que não se deve ser

Gl 4.10;
Cl 2.16

1Cor 10.30;
1Tm 4.4

6.11;
1Cor 3.23;
2Cor 5.15;
Gl 2.20

At 10.42;
Fl 2.11

At 17.31;
Mt 25.31-46;
2Cor 5.10

2.5-6.16;
Hb 4.13

Jo 8.12;
1Jo 2.8
2Cor 6.7;
Ef 6,
11.13-17

1.29;
Lc 21.34;

Gl 3.27;
Ef 4.24

1Cor 8.7-13;
Rm 15.7

1Cor 10.25

Cl 2.16-21

Tg 4.11
Mt 7.1

k. Variante: *nosso*.

l. Neste cap., Paulo encara o caso de certos cristãos que ainda não tiraram todas as consequências da sua conversão ao Evangelho. Embora tenham abraçado a fé, eles se julgam sempre obrigados a cumprir as prescrições legais do judaísmo (cf. Cl 2.16-23; 1Tm 4.3-5; Tt 1.15). Como fez em 1Cor 8.7-13 e 10.14-33, a respeito das carnes sacrificadas aos ídolos, Paulo pede, de um lado, que cada um aja em conformidade com as próprias convicções pessoais (vv. 5-6) e, por outro, que fortes e fracos evitem julgarem-se mutuamente. O amor fraterno permite a todos, seja qual for o seu grau de adiantamento na fé, viver na paz e na unidade.

m. Aquele que tem uma fé esclarecida não deve desprezar os escrúpulos de consciência do fraco. Podendo a palavra traduzida por *escrúpulos* significar igualmente *opiniões*, alguns traduzem: *sem discutir as opiniões, sem querer julgar as opiniões*.

n. Lit. *um crê* (poder) *comer de tudo*. O verbo *crer*, como a palavra *fé* nos vv. 22 e 23, é empregado num sentido bastante particular. Não se trata diretamente da fé salvífica considerada em si mesma (como em 3.21-26), mas dos juízos práticos que essa fé implica, no domínio do comportamento: aquele que é forte na fé sabe que não está ligado pelas observâncias legais, aquele cuja fé é fraca *crê* ainda estar submetido a elas.

o. Se os fortes são tentados a desprezar os seus irmãos menos esclarecidos ou a zombar dos seus escrúpulos, os fracos, por sua vez, são levados a condenar aqueles que, pensam eles, valem-se da fé para se eximir de toda disciplina moral. A ambos, Paulo lembra que eles tiveram acesso à justificação unicamente pela

graça de Deus, e que um amor semelhante deve inspirar o seu comportamento.

p. O forte e o fraco são, ambos, servos do Senhor (vv. 7-9) a quem é reservado o julgamento (cf. Mt 7.1; 1Cor 4.5; Tg 4.12).

q. Lit. *o servo de um outro* (este outro é Deus).

r. Lit. *Um julga um dia com relação a outro dia*. Neste capítulo, Paulo joga com a palavra *julgar*. Ora ele a toma, como aqui, no sentido de fazer uma discriminação, ora no sentido de opinar, de pensar (v. 13b), ora no sentido de emitir um julgamento de valor (v. 10), ora finalmente no sentido de condenar (v. 3). Talvez Paulo faça alusão a práticas judaizantes.

s. Lit. *Que cada um em* (ou por) *seu próprio espírito seja enchido*. Paulo quer dizer que cada um aja em perfeita conformidade com as suas convicções pessoais. Alguns compreendem: que cada um atenda-se ao que pensa e não se ocupe dos outros.

t. O fato de que fortes e fracos pertencem igualmente ao Senhor (v. 4) é mais importante que as opiniões éticas particulares.

u. A imagem do servo e do patrão (senhor, cf. v. 4) leva Paulo a lembrar aqui que foi em sua ressurreição dentre os mortos que o Cristo se tornou Senhor glorioso *diante do qual todo joelho se deve dobrar* (Fl 2.10-11).

v. O juízo final é, de direito, reservado a Deus (12.19). O Cristo ressuscitado, Senhor dos vivos e dos mortos, compartilha com o Pai essa prerrogativa (At 17.31; Rm 2.16; 2Cor 5.10; cf. Mt 25.31-46).

w. Fórmula de juramento freqüente no AT.

x. Is 49.18; 45.23. O texto de Is aqui citado é aplicado por Paulo ao Cristo glorificado em Fl 2.10-11.

1Cor 8, para um irmão causa de queda ou de escândalo^a. ¹⁴Eu o sei, disto estou convencido pelo Senhor Jesus^c: nada em si é impuro; impuro, algo o é para quem o considera como tal. ¹⁵Se, tomando tal alimento, contristas o teu irmão, já não procedes conforme o amor. Livra-te de, por uma questão de alimento, fazeres perecer aquele pelo qual Cristo morreu. ¹⁶Que o vosso privilégio^a não possa ser lançado ao descrédito. ¹⁷Pois o Reino de Deus não é questão de comida ou bebida; ele é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. ¹⁸É servindo a Cristo desta maneira que se é agradável a Deus e estimado dos homens^b. ¹⁹Procuremos, pois, o que convém à paz e à edificação^c mútua. ²⁰Por uma questão de comida não destruas a obra de Deus^d. Tudo é puro, na verdade, mas não convém comer algo quando assim se é causa de queda^e. ²¹O que convém é não comer carne, nem beber vinho, nada que possa fazer cair o teu irmão. ²²Guarda para ti, dian-

1Cor 8,9-13; Mt 18,6; At 10,15; Mt 15,11; 1Cor 10,23; 1Tm 4,14; Tt 1,15; 1Cor 8,9-13; 1Cor 8,8; Gl 5,22; 1Ts 1,6; 12,17-18; 1Cor 7,15; Rm 15,2; 1Cor 14,26; Ef 4,12-16; Tt 1,15; 1Cor 8,13

te de Deus, a convicção que te é dada pela fé^f. Feliz daquele que não se condena a si mesmo exercendo o seu discernimento. ²³Mas aquele que come quando está com dúvidas é condenado, porque o seu comportamento não procede de uma convicção de fé. Ora, tudo o que não procede de uma convicção de fé é pecado.

15 ^a Mas é um dever para nós, os fortes, carregar^h a fraqueza dos fracos e não procurar o que nos agrada. ² Cada um de nós procure agradar ao seu próximo, visando ao bem, para edificarⁱ. ³ O Cristo, com efeito, não procurou o que lhe agradava, mas, como está escrito, *os insultos dos que te insultavam caíram sobre mim*^j. ⁴ Ora, tudo o que foi escrito outrora, o foi para a nossa instrução, a fim de que, pela perseverança e consolação proporcionadas pelas Escrituras, tenhamos a esperança. ⁵ Que o Deus da perseverança e da consolação^k vos conceda estar de perfeito acordo entre vós, como quer Jesus Cristo^l, ⁶ a

1Cor 10, 25-27; 11,31

1Cor 8,7; Tg 4,17

1Cor 10,23

1Cor 10,11

2Tm 3,16; 1Pd 12,9; 2Mc 15,9

Fl 2,1; Is 40,1

y. Na Bíblia, o *escândalo* é a pedra que faz tropeçar e muitas vezes cair no caminho (cf. Mt 5,29; 18,6; 1Cor 8,13; 1Jo 2,10). z. É possível que Paulo se refira aqui a uma palavra de Cristo (cf. Mc 7,15-23; Lc 6,4). Outros traduzem: *disto eu tenho a convicção no Senhor*. Este v. 14 é um parêntese no raciocínio do apóstolo. Logicamente, a ideia do v. 13 continua no v. 15.

a. Lit. *que o vosso bem*. Fórmula geral que designa, sem dúvida, "a liberdade cristã com que se autorizam os fortes, mas que era interpretada tendenciosamente" (Lyonnet). Alguns compreendem: *que o que está bem aos vossos olhos*. De qualquer maneira, não se trata de uma vantagem reservada a alguns: neste sentido, não há privilégios na Igreja. Outra leitura: *que o nosso bem*.

b. Em Rm 12, Paulo já se preocupava com o cuidado de ver os cristãos viverem em bom entendimento com todos (12,17-18). Essa preocupação é frequente nas epístolas pastorais (1Tm 2,2; 6,1; Tt 2,9-10).

c. A *edificação* de que se trata aqui não é o simples fato de dar o bom exemplo aos outros. É, no sentido paulino habitual, a construção da comunidade cristã, da igreja-Corpo de Cristo (cf. Rm 15,2; 1Cor 3,9; 14,5.12.26; 2Cor 13,10; Ef 2,21; 4,12.16.29).

d. *A obra de Deus* é aqui, seja o irmão que é fraco na fé, seja antes a grande obra de edificação de que se falou no v. anterior.

e. A caridade fraterna pode pedir ao que é forte na fé que renuncie ao uso do privilégio de que falava o v. 16. Idêntica, a posição de Paulo em 1Cor 8,13.

f. Lit. *a fé que tu tens*. Aqui, como no v. seguinte, trata-se, a nosso ver, da convicção prática inspirada pela fé (cf. v. 1 nota). O v. visa a todos os cristãos, fortes e fracos: uns e outros devem ter um comportamento que corresponda ao que lhes dita a consciência esclarecida pela fé.

g. Rm 15-16 suscita uma questão de crítica literária. Não há dúvida quanto à sua autenticidade, mas a tradição manuscrita a respeito deles é insegura. Parece ter existido uma recensão curta

da epístola, da qual se amputaram os dois últimos capítulos: mas como ela interrompe a epístola no meio de um desenvolvimento (em Rm 14,23), não é primitiva, e Rm 15 certamente faz parte do corpo da epístola. Poder-se-ia dizer o mesmo de Rm 16? Houve quem estranhasse a severidade do tom de Rm 16,17-20, contrastante com o da epístola. Notaram-se certas afinidades com os temas das pastorais (cf. Rm 16,1 nota): há quem se tenha perguntado como Paulo conhecia tanta gente (Rm 16,1-16), numa cidade onde nunca tinha estado. — Mas as mudanças de tom são frequentes em Paulo e a passagem de Rm 16, mais semelhante às Pastorais (16,17), tem precisamente um paralelo no corpo da epístola (6,17). E Paulo pode ter encontrado em outro lugar, que não em Roma, os personagens que saudá, e, além disso, não é necessário que os conheça a todos pessoalmente. — A hipótese segundo a qual Rm 16 constituía primitivamente um bilhete independente, juntando posteriormente à epístola, levanta mais problemas do que resolve. — Só a doxologia final (Rm 16,25-27) cria um verdadeiro problema. O tema e o estilo a aproximam mais das epístolas do Cativeiro (Ef-Cl), e numerosas expressões são estranhas ao vocabulário habitual de Paulo. Mas essas objeções estão longe de ser decisivas.

h. Preferível a *sustentar*. Trata-se de ajudá-los a carregar as suas fraquezas (cf. Gl 6,2).

i. Cf. 14,19 nota.

j. Sl 69,10. Este salmo, que descreve os sofrimentos do justo perseguido, foi aplicado ao Cristo desde as origens da Igreja. Paulo vê nesses sofrimentos, cuja origem é o zelo pela glória de Deus (Sl 69,10a), a prova de que Jesus não procurou o que lhe agradava.

k. Cf. Is 40,1.

l. Lit. *segundo Jesus Cristo*. Paulo não pede a seus leitores que renunciem às suas divergências de opinião, mas repete a exortação do v. 2. Cf. Rm 12,7.

fim de que, com um mesmo coração e a uma só voz^m, deis glória a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

O acolhimento fraterno. ⁷Acolhei-vos, pois, uns aos outros, como o Cristo vosⁿ acolheu, para a glória de Deus^a. ⁸Com efeito, eu o afirmo^p, é em nome da fidelidade de Deus que Cristo se fez servidor dos circuncisos, para cumprir as promessas feitas aos pais; ⁹quanto aos pagãos, eles glorificam a Deus por sua misericórdia, segundo o que está escrito: *Por isso eu te celebrarei entre as nações pagãs^q, e cantarei em honra do teu nome^r.* ¹⁰Diz-se ainda: *Nações, alegrai-vos com o seu povo^s.* ¹¹E ainda: *Nações, louvai todas ao Senhor, e que todos os povos o aclament^t.* ¹²Isaías diz ainda: *Ele aparecerá, o rebento de Jessé, aquele que se ergue^u para comandar as nações. Nele as nações porão a sua esperança^v.* ¹³Que o Deus da esperança vos cumule de alegria e de paz na fé, a fim de que transbordeis de esperança pelo poder do Espírito Santo.

O ministério de Paulo. ¹⁴Pelo que vos concerne, meus irmãos, eu estou pessoalmente convencido de que vós mesmos estais cheios de boas disposições, acumulados de um perfeito conhecimento, e sois capazes de vos admoestar mutua-

mente. ¹⁵Entretanto, para reavivar as vossas lembranças, eu vos escrevia trechos com uma certa ousadia^w, em virtude da graça que Deus me deu ¹⁶de ser ministro de Jesus Cristo junto aos pagãos, consagrado ao ministério do Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem uma oferenda que, santificada pelo Espírito Santo, seja agradável a Deus^x. ¹⁷Tenho, pois, de que orgulhar-me em Jesus Cristo, a respeito da obra de Deus. ¹⁸Pois não ousaria mencionar nada, a não ser o que Cristo fez por meio de mim^y para conduzir os pagãos à obediência^z, pela palavra e pela ação, ¹⁹pelo poder dos sinais e dos prodígios, pelo poder do Espírito^a. Assim, desde Jerusalém^b, expandindo minha atividade até a Ilíria, assegurei plenamente o anúncio do Evangelho de Cristo^c. ²⁰Mas eu tive como ponto de honra não anunciar o Evangelho a não ser onde o nome de Cristo ainda não fora pronunciado, para não edificar sobre alicerces assentados por outro^d. ²¹Assim eu me conformo com o que está escrito: *Verão aqueles aos quais não o haviam anunciado, e os que dele não tinham ouvido falar compreenderão^e.*

Projetos de Paulo. ²²E é isso mesmo que, repetidas vezes, impiedu-me de ir até vós. ²³Mas agora, como eu não tenho mais

m. Lit. com uma só boca.

n. Variante bem-atestada: nos.

o. A glória de Deus é a meta final da obra do Cristo, como da vida cristã, pessoal e comunitária (v. 6).

p. Os vv. 8 e 12 explicitam o v. 7: é por pura misericórdia (v. 9) que Cristo se fez acolhedor para com os pagãos que éreis, vós, cristãos de Roma. Em vossas relações mútuas, imitai, portanto, a atitude de Cristo.

q. A mesma palavra (*ethnê*), traduzida aqui por *nações pagãs*, é traduzida por *nações* nos vv. seguintes. Com efeito, esta palavra significa ao mesmo tempo *pagãos*, por oposição aos *judeus* adoradores do verdadeiro Deus, e *nações*, por oposição ao povo judaico.

r. 2Sm 22,50 e Sl 18,50.

s. Dt 32,43.

t. Sl 117,1.

u. O verbo significa também *ressuscitar*. Mesmo duplo sentido em At 3,22, citando Dt 18,15.

v. Is 11,10.

w. Os elogios do v. 14 causam estranheza, após as advertências severas de Rm 14 (vv. 4,10,13,15). Paulo, lembrando a seus

interlocutores o ensinamento que receberam, quer manifestar-lhes a sua confiança.

x. Lit. *seja aceita*. A idéia central do v. é esta: o ministério apostólico de Paulo tem por finalidade colocar os pagãos em estado de oferenda, de sacrifício espiritual a Deus (cf. Rm 12,1). Por isso ele aplica ao seu ministério o vocabulário sacrificial e cultural do AT (cf. Rm 1,9). Será que Paulo utiliza neste v. um vocabulário especificamente sacerdotal? Está em discussão.

y. Lit. *eu não ousaria falar do que Cristo não fez por mim...*

z. Trata-se evidentemente da obediência da fé (cf. 1,5 e 16,26).

a. Var.: *Espírito de Deus* ou *Espírito Santo*.

b. Jerusalém é o centro de onde irradiava a pregação do Evangelho (cf. At 1,8).

c. De conformidade com um dos aspectos da pregação do Evangelho, o seu caráter de proclamação oficial é quase jurídico. Paulo considera o Evangelho como já anunciado, depois de ele ter sido proclamado nas principais cidades. A partir daí, a sua missão fica concluída (v. 23) e ele confia a seus discípulos o cuidado de prosseguir e ampliar a sua obra.

d. Lit. *sobre a fundação de um outro*.

e. Is 52,15 (último cântico do Servo), profecia aduzida bastante livremente por Paulo.

H 2,17

2Cor 10, 15-16

1,13

campo de ação nestas regiões, e, desde há muitos anos, tenho um vivo desejo de ir ter convosco, ²⁴quando for à Espanha^f... Com efeito, espero ver-vos por ocasião de minha passagem e receber a vossa ajuda a fim de ir para lá^g, após ter sido antes consolado, mesmo que fosse apenas um pouco, por vossa presença.

1Cor 16,6

At 19,21

²⁵Mas agora eu vou a Jerusalém a serviço dos santos^h, pois a Macedônia e a Acaia decidiram manifestar a sua solidariedadeⁱ para com os santos de Jerusalém, que estão na pobreza. ²⁷Sim, elas o resolveram e lhes eram devedoras. Pois se os pagãos participaram^j de seus bens espirituais, devem igualmente prover às suas necessidades materiais. ²⁸Quando, pois, eu tiver terminado essa tarefa e lhes tiver entregue oficialmente o produto dessa coleta^k, irei à Espanha passando por vós. ²⁹E sei que, indo ter convosco, é com a plena bênção de Cristo que chegarei^l.

1Cor 9,11;
Gl 6,6

³⁰Mas eu vos exorto, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Es-

pírito, a combaterdes comigo com as orações que dirigis a Deus por mim^m, ³¹a fim de que escape aos incrédulos da Judéia e que a ajudaⁿ que levo a Jerusalém seja bem acolhida pelos santos. ³²Assim eu poderei chegar até vós na alegria, pela vontade de Deus, e tomar algum descanso convosco. ³³Que o Deus da paz esteja com todos vós. Amém.

At 20,3;
21,10-11,17-362Cor
13,11;
Fl 4,9

16 Saudações pessoais. ¹Eu vos recomendo Febe, nossa irmã, diaconisa^o da Igreja de Cencrêia^p. ²Acolhei-a no Senhor de maneira digna dos santos^q, ajudai-a em toda tarefa em que ela tiver necessidade de vós. Pois ela foi uma protetora^r para muita gente, e para mim mesmo.

At 18,18

³Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo: ⁴para me salvar a vida, arriscaram a própria cabeça; eu não sou o único a lhes ser grato, todas as Igrejas do mundo pagão também o são. ⁵Saudai também a Igreja que se reúne na casa deles. Saudai o meu caro Epêncto^s,

At 18,2,18,26;
2Tm 4,19;
1Cor 16,19

f. A frase está inacabada.

g. Trata-se de uma ajuda, seja em companheiros de viagem, seja em providões, recomendações etc.

h. Os cristãos de Jerusalém tinham um título particular para serem chamados santos (1Cor 16,1; 2Cor 8,4 e 9,12) enquanto membros da Igreja-mãe e representantes do *resto santo* de Israel. Da Igreja de Jerusalém, o título passou a todos os cristãos (Rm 1,7; 12,13).

i. Lit. *fizer comunhão*. Traduz-se também muitas vezes em função do contexto: *fazer uma coleta*. Quanto a essa coleta, à qual Paulo atribuía enorme importância, cf. 1Cor 16,1-4; 2Cor 8-9; Gl 2,10.

j. Lit. *comungado* (cf. v. 26 nota).

k. Lit. e *tendo-lhes selado este fruto*. A expressão evoca um procedimento oficial que calha bem no conceito que Paulo tem da coleta, sinal visível da unidade das duas comunidades, a de origem judaica e a de origem pagã. Outros compreendem: e *lhes tiver entregue fielmente essa colheita*. O selo era o penhor da integridade de um documento (cf. as suspeitas que parecem ter sido levantadas contra Paulo e de que testemunha 2Cor 8,19-21).

l. O sentido é duplo: Cristo abençoa a viagem, e Paulo é portador desta bênção para os romanos.

m. Cf. 2,1 e 4,12: O apostolado é um combate. Este texto manifesta bem a importância da oração na obra da evangelização.

n. A palavra grega (*diakonia*) significa tanto o socorro material como a missão do portador. A aceitação deste socorro pelos fiéis de Jerusalém era para Paulo o sinal de que os cristãos oriundos do paganismo estavam definitivamente admitidos na comunhão da Igreja pelos cristãos da igreja-mãe, de Jerusalém.

o. Febe, talvez portadora da epístola, é chamada *ministra* ou *servidor* (no masculino: *diakonos*), título que é conferido no NT a Paulo, Apolo, Tiúquo ou Epafros (cf. 1Cor 3,5; 2Cor 3,6; 6,4;

Ef 3,7; 6,21; Cl 1,7-23,25). Há quem pense que este termo designa a função de diácono, exercida por uma mulher, referindo-se a uma possível interpretação de 1Tm 3,11. Eles frisam a semelhança existente entre Rm 16 e o tom e a problemática das Epístolas Pastorais. Isto às vezes levou a defender a hipótese segundo a qual, na origem, não teria pertencido ao corpo da epístola, mas seria um acréscimo tardio. Cf. entretanto a primeira nota de Rm 15.

p. *Cencrêia*, porto oriental de Corinto (sendo Lecaion o porto ocidental), de onde Paulo partiu rumo à Síria, após a sua segunda viagem missionária (At 18,18).

q. Santos (cf. Rm 1,7 nota e 15,25 nota).

r. O termo designa, no sentido legal, alguém que representava os estrangeiros privados de garantias jurídicas. Sem dúvida, tratando-se de uma mulher, este sentido fica excluído: Febe, talvez pessoa de alta categoria social, tivera várias oportunidades de intervir em favor dos cristãos. Com isto, ela conquistara títulos eminentes à gratidão deles.

s. Nos vv. 5-15, o apóstolo cita toda uma série de nomes de cristãos, membros da comunidade romana. Infelizmente é impossível saber com precisão quem sejam eles. No máximo, pode-se assinalar a extrema diversidade de origens e condições que parece deduzir-se desta lista: alguns dentre esses primeiros cristãos são sem dúvida de origem grega (Apeles, Epêncto, Narciso, Trifena e Trifosa); outros de origem romana (Júlia, Rufo, que talvez seja — segundo Mc 15,21 — o filho de Simão de Cirene, Urbano); outros, de origem judaica (Andrônico, Áquila, Aristóbulo, Júnias, Maria, Prisca). Uns parecem ter sido altos personagens, como Aristóbulo, que pode ter sido da família de Herodes. Outros, ao contrário, eram, sem dúvida, escravos, ou libertos (Ampliato, Asíncrito, Hermas, Herodião, Nereu, Olimpas, Pátrobras, Pérside, Filólogo, Flegonte, Estáquius). Seja como for, tem-

1Cor 16,15 primícias da Ásia para o Cristo!.⁶Saudai Maria, que se deu muito trabalho por vós.
 9,3; 2Cor 8,23 ⁷Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes^u e meus companheiros de cativeiro. Eles são apóstolos eminentes^v e pertenceram ao Cristo mesmo antes de mim.
⁸Saudai Ampliato, que me é caro no Senhor. ⁹Saudai Urbano, nosso colaborador em Cristo, e meu caro Eustáquis.
¹⁰Saudai Apeles, que provou o seu valor em Cristo. Saudai os da casa de Aristóbulo.
¹¹Saudai Herodião, meu parente. Saudai os da casa de Narciso, que estão no Senhor. ¹²Saudai Trífena e Trifosa, que se afadigaram no Senhor. Saudai a minha cara Pérside, que muito se afadigou no Senhor. ¹³Saudai Rufo, eleito no Senhor, e a mãe dele, que é também a minha.
¹⁴Saudai Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles. ¹⁵Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã. Olimpas, e todos os santos que estão com eles. ¹⁶Saudai-vos uns aos outros com um ósculo santo. Todas as Igrejas do Cristo vos saúdam.
¹⁷Eu vos exorto, irmãos, a vos preca- verdes contra os que suscitam divisões e escândalos, afastando-se do ensinamento que recebestes; afastai-vos deles. ¹⁸Pois essa gente não serve ao Cristo nosso Senhor, mas ao próprio ventre, e, por suas

1Cor 16,20;
 2Cor 13,12;
 1Ts 5,26;
 1Pd 5,14;
 At 20,37;
 Lc 7,45;
 22,48;
 6,17;
 Mt 7,15-20;
 Tt 3,10;
 2Jo 7-10;
 Fl 3,19;
 Cl 2,4;
 Tt 1,10-14

belas palavras e seus discursos bajula- dores, seduzem os corações simples. ¹⁹Com efeito, a vossa obediência é bem conhecida de todos. Eu me alegro, pois, a vosso respeito, mas quero que sejais atilados para o bem e sem compromisso com o mal.^w ²⁰Em breve, o Deus da paz esmagará Satanás sob os vossos pés. Que a graça de nosso Senhor Jesus esteja convosco!

²¹Timóteo, meu colaborador, vos saú- da, como também Lúcio, Jasão e Sosí- patro, meus parentes. ²²Eu vos saúdo, eu, Tércio^x, que escrevi esta carta no Senhor. ²³Gaio, que me hospeda^y, a mim e a toda a Igreja, vos saúda. Erasto, o tesoureiro da cidade, vos saúda, como também Quarto, nosso irmão. ²⁴z

Doxologia. ²⁵Aquele que tem o poder de vos confirmar, segundo o Evangelho que eu anuncio, pregando Jesus Cristo, se- gundo a revelação de um mistério guar- dado no silêncio durante tempos eternos, ²⁶mas agora manifestado e levado ao co- nhecimento de todos os povos pagãos por escritos proféticos, segundo a ordem do Deus eterno, para os conduzir à obediên- cia da fé^a. ²⁷a Deus, único sábio, glória, por Jesus Cristo, pelos séculos dos sécu- los! Amém^b.

se aqui uma imagem impressionante da diversidade da Igreja reunida por uma mesma fé na comunhão de Jesus Cristo.

t. Epêneto devia ser um dos primeiros convertidos da Ásia. Paulo saúda nele a conversão de toda essa província.

u. Andrônico e Júnias (ou Júnias; talvez se trate de um casal), judeus, sem dúvida aparentados com Paulo (como Herodião no v. 11, Jasão e Sosípatro no v. 21). A palavra traduzida por *pa- rentes* significa também família, tribo, povo, raça (cf. Rm 9,3 nota). Aqui Paulo mostra que tem relações pessoais, de família, com certos cristãos de origem judaica que viviam em Roma ou em Corinto.

v. Andrônico e Júnias são chamados *apóstolos eminentes* por- que, cristãos da primeira geração, participavam ativamente no apostolado missionário da Igreja e tinham por isso sofrido a prisão. Vê-se que nos primórdios o título de *apóstolo* não era reservado aos Doze.

w. I. lit. *sábios para o bem e puros (ou não-misturados) para o mal*. É possível que essa fórmula surpreendente seja uma alu- são à palavra evangélica de Mt 10,16. Os cristãos são chamados a se mostrar atentos e constantemente preocupados com o bem que devem dizer ou fazer. Quanto ao mal, ao contrário só pode- riam evitá-lo.

x. Contrariamente ao uso, Tércio, secretário de Paulo, saúda esta comunidade, da qual talvez fosse conhecido. Cabe aqui lembrar que Paulo ditava as suas cartas, o que explica muitos deslizes de estilo, repetições e deselegâncias, como também as interrupções e bruscas mudanças de temas no decorso de uma mesma frase.

y. Ao que parece, é na casa de Gaio (mencionado também em 1Cor 1,14?) que se reunia a assembleia cristã de Corinto.

z. Certas testemunhas lêem após o v. 23: *Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vós todos! Amém*. Este v., mal-atestado, não parece autêntico.

a. Cf. Rm 1,5 nota.

b. O lugar dos vv. 25-27 varia segundo os manuscritos, e a autenticidade desta majestosa doxologia é contestada. O seu conteúdo exprime o maravilhamento da Igreja perante o mistério revelado, atestado pelos escritos proféticos (isto é, os testemu- nhos do AT e NT) e assim difundido no mundo inteiro. Todo o peso dessa grande fórmula litúrgica está nas palavras *agora manifestado*: a Igreja, olhando para o passado se alegra por vi- ver na época em que o nome de Jesus Cristo revelado é doravan- te a chave da história universal e do destino de toda pessoa humana.

1,8;
 1Cor 14,20;
 Jr 4,22;
 Mt 10,16

Fl 4,9;
 Gn 3,15

At 16,1-3;
 1Cor 4,17;
 At 13,1;
 17,5; 20,4

Cl 4,18;
 2Ts 3,17;
 Gl 6,11

1Cor 1,14;
 At 19,22.29;
 2Tm 4,20

Ef 3,20;
 Jd 24-25;

1Cor 2,7;
 1Cor 1,26;
 2,2-3

Ef 1,9;
 3,5-9;
 Ap 10,7

2Cor 10,5;
 1,5;
 11,33-36;

1Cor 1,24-25;
 Ap 7,12;
 Gl 1,5;
 Ef 3,21;
 Fl 4,20;
 2Tm 4,18;
 Ap 1,6; 7,12

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO

A comunidade de Corinto. Paulo passou pelo menos dezoito meses em Corinto para aí anunciar o Evangelho (At 18,1-8), de 50 a 52. Segundo alguns cálculos, sempre discutíveis, Corinto contava na época mais de meio milhão de habitantes, dois terços dos quais eram escravos. Destruída em 146 a.C., reconstruída cem anos mais tarde por César, era uma cidade nova que devia a sua prosperidade extraordinária à situação geográfica e aos dois portos: Cencréia, no mar Egeu (golfo Sarônico), o outro, Lequêia, no Adriático (golfo de Corinto).

Ela possuía as características que distinguem em todas as épocas a vida dos grandes portos: população muito heterogênea na qual todas as raças, todas as religiões convivem lado a lado; numerosas atividades comerciais e industriais: vida fácil de uns e pobreza dos outros; multidão de escravos na labuta. Mas essa cidade cosmopolita era também um centro intelectual onde todas as correntes de idéias estavam representadas. No século II, um retórico podia felicitar Corinto pelo número de suas escolas, dos seus filósofos e dos seus letrados, com que se podia topiar em cada esquina. Era igualmente um centro religioso onde os cultos do Oriente exerciam indiscutível sedução. Sempre no século II, encontravam-se ali santuário de Ísis, Serápis e Cibele, ao lado de templos consagrados a Júpiter e às divindades tradicionais. Quanto ao relaxamento dos costumes em Corinto, sem dúvida não era pior que o de todas as grandes cidades do mundo greco-romano.

Por sua composição, a comunidade cristã reunida pela pregação de Paulo era o reflexo fiel da cidade. Havia ricos e havia pobres (11,21-22), mas os primeiros eram uma fraca minoria (1,26); o conjunto era composto de gente simples, de escravos (7,21), em resumo, de gente desprezada (1,28).

Esses cristãos formavam uma comunidade animada e fervorosa, mas que ficava muito exposta aos perigos da corrupção da vida ambiente: moral sexual dissoluta (6,12-20), pendências, disputas e lutas intestinas (1,11-12; 6,1-11), sedução

da sabedoria filosófica de origem pagã, que se introduzia na Igreja revestida de um verniz cristão superficial (1,19-2,10), e que pervertia as certezas fundamentais da nova fé (1Cor 15); atração também dos cultos secretos e das correntes de pensamento que se difundiriam no século II sob o nome genérico de "gnosticismo", cujas manifestações desordenadas ameaçavam reproduzir-se nas assembléias cristãs (12,1-2 e 14,26-38). A planta cristã era sadia e vigorosa, mas suas raízes mergulhavam numa terra que não lhe era homogênea. Situação anormal à qual o Espírito acudia distribuindo com abundância os seus dons excepcionais (12-14) e que Paulo, em suas cartas, procurava modificar, fornecendo ao novo rebento o húmus cristão que lhe faltava.

Daí provém o interesse desta carta. Ela nos mostra, quase como ao vivo, os problemas suscitados pela inserção da fé cristã numa cultura pagã e os meios empregados por Paulo para resolver esses problemas.

Circunstâncias que motivaram a carta. Fazemos um breve apanhado da seqüência dos acontecimentos que medeiam entre a primeira pregação de Paulo em Corinto e o envio desta Epístola aos Coríntios. Depois de sua partida, Paulo manteve o contato com a comunidade por ele fundada. Sabemos por 5,9-13 que 1Cor fora precedida por outra carta (chamada muitas vezes de carta pré-canônica), que não nos foi conservada; nela, Paulo tratava, entre outras coisas, das relações dos cristãos com os "devassos". Esta carta, da qual certos estudiosos acreditaram reconhecer um fragmento em 2Cor 6,14-7,1, provavelmente seguia-se a um bilhete dirigido pelos coríntios, fazendo uma pergunta à qual Paulo respondera. Por outra parte, sabemos, graças ao relato dos Atos (18,24-28), que a comunidade de Corinto acolhera um pregador cristão de valor na pessoa de Apolo, judeu de Alexandria, que aderira à nova fé e em Éfeso fora definitivamente convertido ao Cristo por Áquila e Priscila, e por eles munido de cartas de recomendação quando partiu para

Corinto. Os Atos especificam que Apolo era eloquente, versado nas Escrituras, e que, em Corinto, foi de grande ajuda para a comunidade, particularmente nas controvérsias com os judeus. Provavelmente era muito mais brilhante do que Paulo, ao qual censuravam a falta de eloquência (2Cor 10,10). Concebe-se portanto que se haja formado um partido, elegendo-o por mestre e erigindo-se em rival do grupo dos fiéis que se diziam discípulos de Paulo (1,12). Apolo, com certeza, não favorecera a formação deste conventículo; a sua estada em Corinto fora curta e, quando Paulo escreveu 1Cor, Apolo estava em Éfeso junto dele e se recusava, não obstante as exortações do apóstolo, a voltar a Corinto, sem dúvida para não dar a impressão de estar aprovando a facção que se valia dele (16,12). A esse partido de Apolo se opunham o partido de Paulo, o de Cefas e o partido do Cristo (1,12). O primeiro era provavelmente constituído por cristãos admiradores de Paulo e cujo apego tomava uma aparência de colaboração partidária e sectária. O segundo se tinha formado após a passagem, por Corinto, de cristãos que se diziam adeptos do apóstolo Pedro (Cefas é o seu nome aramaico, traduzido em grego por Petros). Talvez o próprio Pedro tenha ido a Corinto. Com efeito, segundo 9,5, ele parece bem conhecido dos coríntios. Quanto ao "partido de Cristo", as hipóteses mais diversas foram emitidas a seu respeito: judaizantes que só queriam reconhecer em Jesus o Messias judaico, gnósticos espiritualistas que pretendiam só depender do Espírito de Cristo e rejeitavam qualquer organização, qualquer comunidade eclesial etc. Talvez este partido jamais tenha existido: "eu a Cristo" (1,12) poderia ser simplesmente a observação de um copista, que acabou inserida no texto, ou a resposta de Paulo às pretensões dos membros desses partidos. Essas divisões não deixavam de ter relação com o atrativo que certa sabedoria esotérica filosófico-mística exercia em Corinto, o que explica que Paulo, em sua carta, una os dois temas: as divisões e a falsa sabedoria, à qual ele opõe a sabedoria do Cristo, a sabedoria da Cruz (1,10-3,4).

Esta situação alarmante da comunidade devia ter chegado ao conhecimento de Paulo por ocasião de sua estada em Éfeso no decurso da terceira viagem (At 19), primeiramente por meio de Apolo, em seguida pelos familiares de Cloé (cf.

1,1 nota). Outras notícias inquietantes lhe chegavam, sem dúvida pelo mesmo canal: o caso de um incestuoso que vivia com a própria madrastra (5, 1-13), os processos que os cristãos instauravam uns contra os outros perante os tribunais pagãos (6,1-11), casos de devassidão (6,12-20), desordens na celebração da Eucaristia e nas assembleias litúrgicas (11,2-34), erros doutrinários concernentes à ressurreição dos mortos (15). Por outro lado, a intervenção de Paulo era solicitada pelos próprios coríntios, que lhe haviam escrito a respeito de certos problemas. É o que se pode afirmar quanto à virgindade e ao casamento (cf. 7,1); pode ser suposto legitimamente quanto às carnes imoladas aos ídolos: podia-se ou não comê-las? (cf. 8,1); às manifestações extraordinárias do Espírito (cf. 12,1). Esses elementos constituem as diversas questões abordadas por Paulo em sua carta. O apóstolo quer remediar os abusos, fazer reinar a paz, a harmonia na comunidade, responder aos numerosos problemas que a vida cristã cotidiana põe aos cristãos de Corinto. Pode-se datar a epístola da primavera do ano 56 (cf. alusão à Páscoa em 5,7-8).

Divisão e processo de composição. Ao contrário da Epístola aos Romanos, por exemplo, a delimitação das diferentes subdivisões de 1 Coríntios nunca foi objeto de discussão: ela é evidente, já que Paulo nada mais faz do que tratar sucessivamente dos diversos assuntos acima enumerados. Será que se podem agrupar essas subdivisões em seções mais importantes? Tem sido muitas vezes proposto um plano bipartido: de um lado, as divisões e os escândalos (1-6), do outro, a solução das diversas questões suscitadas pela vida em comunidade (7-15). Na realidade, é duvidoso que o apelo aos tribunais pagãos (6,1-11) seja mais "escandaloso" do que as divisões na celebração da Eucaristia (11,17-34) ou a atitude dos que escandalizam os fracos (8,7-13). É melhor admitir que Paulo tratou dos diferentes assuntos abordados nesta epístola na ordem em que eles lhe ocorriam à mente. É preciso outrossim mencionar as pesquisas e hipóteses segundo as quais esta epístola só adquiriu a forma atual por ocasião da reunião das cartas de Paulo num "corpus", com vistas à sua difusão e leitura por outras comunidades que não as dos destinatários originais. Quase todos os comentários modernos tentaram definir "fontes", ou seja fragmentos de cartas so-

definir "fontes", ou seja fragmentos de cartas sobre um ou outro assunto, que teriam sido compiladas por "editores" sob a forma das nossas epístolas 1ª e 2ª aos Coríntios. Neste caso, torna-se impossível atribuir ao próprio Paulo um "plano" qualquer da epístola.

Convém notar que certas partes agrupam assuntos análogos, porém diferentes e de importância desigual. Assim, três quartos da seção sobre o modo de trajar nas assembleias religiosas são consagrados ao problema das "manifestações do Espírito" (12-14) e é a respeito dele, a fim de mostrar a superioridade do amor sobre todos os dons de Deus, que Paulo faz o seu elogio no famoso hino de 1Cor 13. No primeiro quarto desta seção, a maneira de apresentar-se das mulheres e a celebração da refeição do Senhor são tratadas muito mais brevemente. Não há portanto ensejo de procurar nesse texto uma idéia de conjunto presidindo ao agrupamento das seções ou mesmo à disposição da matéria no interior de uma seção.

A maneira de Paulo desenvolver o seu pensamento no interior de um assunto é por vezes desconcertante para uma mentalidade ocidental. Tem-se notado nele, muitas vezes, a existência de um esquema circular do tipo A B A'. Assim, em 1Cor 7, Paulo apresenta primeiro a sua doutrina sobre o casamento e o celibato (A: 7,1-16). Depois, ele explica o princípio fundamental: cada qual fique no estado em que o encontra o chamado do Senhor (B: 7,17-24). Finalmente, à luz deste princípio, ele precisa e aprofunda o seu ensinamento (A': 7,25-40). Esquema análogo encontra-se nos desenvolvimentos consagrados às carnes imoladas aos ídolos (8,1-11,1) e aos fenômenos espirituais (12-14), sendo o princípio diretor, B, respectivamente o primado da caridade e do serviço ao Evangelho (8,7-13; 10,24) e o hino ao amor.

O esquema A B A' encontra-se igualmente em outras seções: assim, no trecho referente à refeição do Senhor (11,17-34), o parágrafo que lembra a instituição da Eucaristia (11,23-26) expõe a realidade fundamental (B), à luz da qual as desordens expostas no início (A: 11,17-22) podem ser condenadas e corrigidas (A': 11,28-34). O hino ao amor (1Cor 13) estrutura-se sobre o mesmo modelo. Após um desenvolvimento acerca da superioridade do amor, sem o qual os mais notáveis carismas são inúteis (A: vv. 1-3), vem uma descrição das obras procedentes do amor (B: vv. 4-7);

na conclusão, Paulo pode desenvolver novamente, de forma mais profunda, o tema da superioridade do amor que não passará, ao passo que tudo o mais desaparecerá (A': vv. 8-13).

Mais difícil é discernir a estrutura da primeira seção (1,10-4,21: os partidos na comunidade de Corinto), pois é mais complexa. Logo de início, pode-se admitir uma divisão bipartida entre 1,10-3,23, que se nos depara como uma exposição teológica e catequética bem estruturada, e o cap. 4, que mais parece olhar sobre a realidade concreta da vida apostólica e dos relacionamentos de Paulo com os coríntios, na ocasião em que ele lhes escreve.

A parte principal (1,10-3,23) tem em mira resolver o problema das divisões na comunidade. Ela fica delimitada pelo procedimento da inclusão (reiteração do mesmo vocabulário ou de fórmulas idênticas ou antitéticas, no início e no fim dum conjunto): "Eu sou de Paulo... de Apolo... de Cefas..." (1,11) e "Tudo é vosso, Paulo, Apolo, Cefas... mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus" (3,21-23). Esta antítese entre o início e o fim do conjunto significa que o raciocínio de Paulo visa fazer os Coríntios passarem de uma situação de divisão para outra, de unidade. De fato, Paulo investe sucessivamente contra duas causas do espírito de divisão em Corinto (cf. 1,17): a incompreensão do que seja o Evangelho de Deus (A: 1,12-3,4) e a incompreensão do objetivo colimado por seus pregadores (B: 3,5-27). Na junção dessas duas exposições, volta o problema proposto inicialmente, com novas inclusões: "Quando um declara: 'Eu sou de Paulo', o outro: 'Eu, de Apolo', não estais procedendo de forma meramente humana?" (fim de A). "Pois, quem é Apolo? Quem é Paulo?" (início de B).

A — O Evangelho, que não é expressão da sabedoria humana, faz conhecer a suprema Sabedoria de Deus: a) sabedoria humana e loucura da mensagem cristã (1,18-25); b) ilustração com a fundação da Igreja de Corinto (1,26-31); b') ilustração pelo modo de Paulo anunciar o Evangelho (2,1-5); a') o Evangelho, Sabedoria de Deus (2,6-3,4).

B — Os pregadores do Evangelho não intentam agrupar partidários a seu redor: a) seu trabalho comum na construção no campo de Deus (3,5-9a); b) seu trabalho comum na construção de uma Igreja que também é Templo de Deus (3,9b-17).

Uma conclusão (3,18-23) resume o conjunto do arrazoado e suas conseqüências práticas.

Principais problemas tratados. As questões particulares tratadas por Paulo nesta epístola derivam de um problema fundamental que afetou todas as épocas da história da Igreja, em particular a sua atividade missionária, e que, hoje, a afeta mais do que nunca: o da "distância cultural", do enraizamento da mensagem cristã em uma cultura diferente daquela em que esta mensagem viveu anteriormente (aculturação). Aqui, trata-se da passagem da cultura do mundo judeu-palestinese para a do mundo helenístico, animada e estruturada por dinamismos muito diferentes e que correm o risco, não somente de alterar a mensagem, porém, mais profundamente, de assimilá-la no sentido da assimilação biológica: a cultura helenística, fundamentalmente pagã, só reteria da mensagem evangélica o que estivesse em harmonia com ela e rejeitaria o resto. Esse fenômeno ocorreu muitas vezes, particularmente nas numerosas correntes gnósticas cristãs do século II e, através dos tempos, em países evangelizados às pressas, onde o resultado foi a sobrevivência do paganismo anterior, superficialmente ataviado com elementos tomados da fé cristã. Diante deste problema, a atitude de Paulo é ao mesmo tempo firme e flexível; ele insiste vigorosamente no aspecto de ruptura, condenando desapiedadamente os comportamentos e doutrinas inconciliáveis com a mensagem que anuncia. Mas quando tal incompatibilidade não existe, mostra-se receptivo.

Passemos rapidamente em revista, nessa perspectiva, os principais problemas tratados na epístola.

No que concerne à questão das divisões na comunidade, da verdadeira e falsa sabedoria, era mais ou menos inevitável que, vivendo no mundo religioso helenístico, os cristãos fossem tentados a conceber a sua fé pelo modelo dos numerosos grêmios de iniciação que agrupavam os discípulos de um mestre famoso. Daí o entusiasmo por pregadores como Apolo, que devia ter o brilho e a eloquência desses mestres pagãos; daí também as divisões, cada um querendo colocar-se sob o patrocínio de um chefe de escola. A reação de Paulo é viva. Ele se opõe energeticamente a esse estado de coisas, pois percebe nele o perigo de uma redução da fé cristã a uma sabedoria filosó-

fica humana, e constata as rivalidades de escolas que daí resultam e arruinam o seu conceito de Igreja-congregação. A sua preocupação em opor a sabedoria humana à "loucura" da pregação (1,17-25) só parecerá excessiva a quem esquece o que está em jogo no debate: Paulo assim age, diz ele, "a fim de que a vossa fé não esteja fundada na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (2,5). Mas há ao mesmo tempo a preocupação de não desestimular a autêntica procura de sabedoria que se manifesta em Corinto. E por isso ele apresenta aos seus leitores a verdadeira sabedoria, que não é fruto de uma pesquisa filosófica humana, mas antes dom de Deus no Espírito (2,6-16).

As questões relativas à ética sexual são igualmente suscitadas pelo encontro da nova fé com a cultura ambiente caracterizada ou por um demasiado laxismo nesse terreno (5,1-13; 6, 12-19; cf. 6,14 nota), ou por um desprezo do corpo, corrente em certas tendências filosóficas da época (cf. 7,1 nota), e que fazia da abstenção do matrimônio um ideal absoluto. A preocupação de Paulo é mostrar o caminho certo, em face desses exageros opostos: condenação sem apelo de todas as formas de desordens sexuais, legitimidade e valor do casamento, elogio da virgindade (cap. 7). O princípio que fundamenta esses discernimentos é o que está enunciado em 6,12 e repetido em 10,23: "Tudo é permitido, mas nem tudo é conveniente". O cristão está libertado de todos os constrangimentos exteriores, mesmo no domínio moral, mas essa liberdade deve ser aproveitada para procurar em todas as circunstâncias o que melhor convém à vida nova animada pelo Espírito.

É esse mesmo princípio (cf. 10,23) que ilumina o problema seguinte, o das carnes imoladas aos ídolos (8-10). Também aqui estamos diante de um caso em que a fé cristã deve tomar partido pró ou contra um aspecto da cultura pagã ambiente. Também aqui os princípios de solução são os mesmos: tudo o que se opõe à fé deve ser proscrito; é o caso da participação nas refeições religiosas pagãs (cf. 10,14-22). Em compensação, comer na própria casa, ou em casa de outrem, carnes que provêm dos sacrifícios pagãos é coisa totalmente indiferente do ponto de vista cristão (8,7-8). Mas há outra consideração que se impõe ao discípulo do Cristo: o amor fraterno lhe proí-

be ser causa de escândalo para os fracos (8, 9-13).

As desordens nas assembléias religiosas (11-14) constituem um novo caso de contaminação da vida cristã pelas práticas oriundas da mentalidade religiosa do paganismo. Quer se trate dos abusos na celebração da Eucaristia, onde a ambiência suspeita das refeições sagradas do paganismo parece já se ter infiltrado (embriaguez: 11,21), quer se trate da atmosfera das reuniões litúrgicas, onde se encontram igualmente elementos da exaltação um tanto delirante de certas reuniões religiosas que os cristãos sem dúvida freqüentavam antes da conversão, a meta de Paulo é sempre a mesma: manter o caráter próprio do culto cristão que não se deve conformar com os costumes religiosos circundantes, mas refletir o mistério celebrado: a unidade da comunidade no Cristo. Daí os critérios fundamentais: a utilidade comum (12,12-30), a edificação da comunidade (14,1-19) e, acima de tudo, o amor (13,1-13).

Enfim, 1 Cor 15 nos apresenta de maneira ainda mais clara o choque da mensagem cristã com a mentalidade ambiente: ao passo que a ressurreição dos mortos se harmonizava com o judaísmo (ao menos o farisaico), habituado a conceber o

homem em sua unidade, ela quase não tinha enraizamento possível numa cultura influenciada por filosofias dualistas. Paulo teria podido capitular perante os "elementos de fé disponíveis" de seus leitores, como haviam feito, em circunstâncias análogas, o autor do livro da Sabedoria e Filon de Alexandria: eles tinham insistido o menos possível sobre esse ponto, dificilmente aceitável, acentuando sobretudo a vida imortal das almas. Paulo, pelo contrário, afirma resolutamente o ponto contestado da ressurreição dos mortos. Ele não procura provar filosoficamente a sua possibilidade, mas mostra que "se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou" (15,13.16) e que, por conseguinte, a fé dos coríntios é vã (15,14).

Por este último ponto referente a um problema que se põe hoje em termos semelhantes, vê-se que a Primeira Epístola aos Coríntios talvez seja a mais atual de todas as cartas de Paulo. Sem dúvida, as soluções propostas são marcadas às vezes por um condicionamento cultural diferente do nosso (cf. 11,2-16); mas a situação com que Paulo se defronta tem paralelos com a nossa, e os princípios que norteiam as suas respostas sempre nos podem esclarecer.

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

1 Saudação e ação de graças. ¹Paulo, chamado a ser apóstolo* de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e Sóstenes, o irmão^b, ²a Igreja de Deus^c que está em Corinto, aos que foram santificados no Cristo Jesus, chamados a ser santos com todos os que invocam em todo lugar o nome de nosso Senhor Jesus Cristo^d. Senhor deles e nosso^e; ³a vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

⁴Dou graças a Deus^f sem cessar a vosso respeito, pela graça de Deus que vos foi dada no Cristo Jesus. ⁵Porque nele fostes cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento. ⁶É que o testemunho prestado de Cristo se confirmou em vós^g, ⁷de tal modo que não vos falta nenhum dom da graça^h, a vós que esperais a revelaçãoⁱ de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸É ele também que vos confirmará até o fim, para que sejais irreprensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo^j. ⁹Fiel é o Deus que vos chamou à comunhão com seu filho Jesus Cristo, nosso Senhor^k.

Divisões na Igreja. ¹⁰Mas eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus

Cristo: guardai a concórdia^l e não haja divisões entre vós; sede bem unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento. ¹¹Com efeito, meus irmãos, familiares de Cloé^m me informaram que há discórdias entre vós. ¹²Eu me explico; cada um de vós fala assim: "Eu sou de Paulo". — Eu, de Apolo. — Eu, de Cefas. — Eu, de Cristoⁿ. ¹³Acaso o Cristo está dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Foi acaso em nome de Paulo que fostes batizados? ¹⁴Graças a Deus, não batizei nenhum de vós, com exceção de Crispo e de Gaio^o; ¹⁵assim ninguém pode dizer que fostes batizados em meu nome. ¹⁶Ah, sim! Eu batizei ainda a família de Estéfanas^p. Quanto ao resto, não batizei nenhum outro, que eu saiba. ¹⁷Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria do discurso^q, para não reduzir a nada a cruz de Cristo^r.

Sabedoria e loucura. ¹⁸Com efeito, a linguagem da cruz é loucura^s para os que se perdem, mas para os que estão sendo salvos, para nós, ela é poder de Deus. ¹⁹Pois está escrito: *Eu destruirei a sabedoria dos*

Rm 12,16;
15,5;
2Cor 13,11;
Fl 2,2; 4,2

2Cor 10,7

2Cor 2,15;
4,3

Rm 1,16
Js 19,11-12

1Cor 6,11

Fl 3,20
Lc 17,30;
2Ts 1,7;
1Pd 1,7,13

10,13;
2Cor 1,18;
1Ts 5,24;
2Ts 3,3;
Hb 10,23
Rm 8,17

a. Cf. Rm 1, nota.

b. Talvez aquele de quem se trata em At 18,17.

c. Ou a *assembléia de Deus*. Esta expressão inspira-se no AT: a *assembléia do Senhor* (Dt 23,2-9) que era a reunião do povo convocado por Deus. Aqui ela designa a Igreja local na qual se efetua concretamente esta reunião, sendo fortemente afirmada também a ligação com a Igreja universal.

d. A expressão vem de Jl 3,5: *todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*. O NT cita esse texto transferindo para Jesus o que o AT diz de Deus (At 2,21; Rm 10,13 etc.).

e. *Deles e nosso* pode também ser interpretado como apostrofe a *todo lugar*.

f. Outra leitura: *meu Deus*.

g. Lit. *à medida que o testemunho do Cristo foi confirmado em vós*. Pode-se também compreender: *entre vós*. Seria então uma alusão aos milagres que acompanharam a pregação de Paulo.

h. Lit. *nenhum carisma*.

i. Trata-se da manifestação gloriosa do fim dos tempos.

j. Outro nome para designar a mesma realidade denominada de *revelação* no v. 7 (cf. 3,13 e 5,5). A expressão vem do AT: o *Dia do Senhor* (cf. Am 5,18).

k. A fidelidade de Deus à sua promessa, tema dominante do AT, realiza-se no apelo aos homens para estarem em comunhão

com o Cristo, para participarem da sua filiação divina e da sua vida.

l. Lit. *dizei todos a mesma coisa*.

m. Segundo uma hipótese atraente, tratava-se de uma comerciante, cujo pessoal empreendia freqüentes viagens entre Corinto e o lugar onde estava Paulo.

n. Quanto à significação dessa expressão, cf. 3,23 nota.

o. Quanto a *Apolo* e *Cefas* (isto é, Pedro), cf. Introd.: Circunstâncias. Não obstante inúmeras hipóteses, nada de certo pode ser afirmado sobre um "partido de Cristo" em Corinto. Talvez seja, simplesmente, não a indicação de um quarto partido, mas a resposta de Paulo aos partidários dele, de Apolo ou de Cefas.

p. Cf. At 18,8 (*Crispo*) e em Rm 16,23 (*Gaio*).

q. Cf. 16,15.17. Esta frase mostra que Paulo está ditando, corrigindo-se eventualmente como aqui, e que ele não revisou esta primeira versão (cf. 16,21).

r. Lit. *da palavra*. *Sabedoria* tem aqui o sentido de habilidade. Trata-se da arte oratória tão apreciada entre os gregos e que obedecia a regras precisas.

s. A ideia deste v. será desenvolvida em 2,1-5. 2,5 explicará por que a sabedoria do discurso reduziria a nada a cruz do Cristo.

t. Loucura, aqui, e em toda esta passagem, é sinônimo de inépcia, de tolice.

*sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes*²⁰. Onde está o sábio? Onde está o doutor da lei? Onde está o raciocinador deste século? Acaso Deus não tornou louca a sabedoria¹ do mundo?²¹ Com efeito, pois o mundo, por meio da sabedoria, não conheceu a Deus na sabedoria de Deus²², é pela loucura da pregação que aprovou a Deus salvar os que creem.²³ Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria²⁴; nós, porém, pregamos um Messias crucificado²⁵, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, ele é o Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus²⁶. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens²⁷.

Sabedoria e loucura na fundação da Igreja. ²⁶Considerai, irmãos, quem sois, vós que recebestes o chamado de Deus²⁸: não há entre vós nem muitos sábios aos olhos dos homens²⁹, nem muitos poderosos, nem muita gente de família distinta.³⁰ Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; o que

é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; ²⁸aquilo que no mundo é vil³¹ e desprezado, aquilo que não é, Deus o escolheu para reduzir a nada o que é, ²⁹a fim de que nenhuma criatura³² possa orgulhar-se diante de Deus. ³⁰É por Ele que vós existis³³ no Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria que vem de Deus³⁴, justiça, santificação e libertação³⁵ ³¹a fim de que, como diz a Escritura, *aquele que se orgulha orgulhe-se no Senhor*³⁶.

Rm 10,4;

Cl 2,3

2Cor 10,17;

Gl 6,14

2 Sabedoria e loucura na pregação de Paulo em Corinto. ¹Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não foi com o prestígio da palavra ou da sabedoria³⁷ que vim anunciar-vos o mistério³⁸ de Deus. ²Pois resolvi nada saber entre vós a não ser Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado. ³Por isso estive diante de vós fraco, receoso e todo trêmulo: ⁴a minha palavra e a minha pregação nada tinham dos discursos persuasivos da sabedoria³⁹, mas eram uma demonstração feita pelo poder do Espírito⁴⁰, ⁵a fim de que a vossa fé não se fundasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus⁴¹.

1Ts 1,5

u. Is 29,14: já por ocasião da invasão assíria, Deus anuncia que não são os cálculos de uma sabedoria puramente humana que salvarão Israel. É o mesmo tema.

v. Em toda esta passagem, a *sabedoria*, atividade da razão humana, não é criticada como tal, visto ser a obra de Deus. Mas o apóstolo a denuncia pelo fato de ela se pretender *suficiente*, norma única e última.

w. A sabedoria de Deus manifestada na criação. Cf. Rm 1,19-20, que é muito semelhante ao nosso texto. Outros compreendem: *por uma disposição da sabedoria de Deus, ou no tempo da sabedoria de Deus*.

x. De ambos os lados, a exigência é, no fim das contas, a mesma: procuram-se seguranças humanas, o milagre fiador da veracidade da mensagem ou uma doutrina satisfatória para a inteligência; pretensões condenáveis aos olhos de Paulo, não em si mesmas (paradoxalmente, elas serão satisfeitas pela cruz do Cristo, v. 24), mas à medida que são exigências preliminares, condições postas à aceitação da fé.

y. Um *cristo*, que, para os que abraçaram a fé, é o Cristo (v. 24). z. À primeira vista, a pregação da cruz é o contrário da expectativa humana: ocasião de queda em vez de sinal do poder de Deus, loucura em vez de sabedoria. Mas uma vez vencida esta obscuridade e dada a adesão no abandono da fé, a cruz aparece como realização suprema dessa expectativa: sabedoria e poder superiores.

a. Esta regra da ação divina (vv. 18-25) vai ser aplicada à eleição dos coríntios (vv. 26-30) e à pregação de Paulo (2,1-5).

b. Lit. *olhai o vosso chamado, irmãos*.

c. Lit. *segundo a carne* (ver Rm 1,3 nota g, primeira parte).

d. Lit. *sem nascimento*, por oposição às *pessoas de família distinta*, do v. 26.

e. Lit. *nenhuma carne* (ver Rm 1,3 nota g, primeira parte).

f. Este verbo deve ser tomado no sentido rigoroso: Deus vos escolheu, a vós que não existis aos olhos do mundo (vv. 26-29), a fim de que existais em Jesus Cristo. Portanto, orgulhai-vos, não do que sois por vós mesmos aos olhos dos homens, mas do que sois em Jesus Cristo aos olhos de Deus (vv. 29,31).

g. À sabedoria presunçosa da inteligência humana, com pretensões a ser regra absoluta, opõe-se a sabedoria em ação no desígnio de Deus; encarnada em Jesus, ela se torna manifesta na eleição dos cristãos de Corinto.

h. Cf. Rm 3,24 nota.

i. Jr 9,22-23 citado livremente. *[Cf. também v. 4.]

j. Paulo opõe o prestígio de uma palavra e de uma sabedoria humanas à palavra e à sabedoria que vêm de Deus (vv. 4,7). Cf. 1,30 nota.

k. Outra leitura: *o testemunho*.

l. Texto gramaticalmente difícil, daí as hesitações da tradição textual. Mas o sentido não padece dúvida.

m. Nesta manifestação do Espírito, é preciso ver sem dúvida não milagres (At 18 não os menciona), mas antes a atividade do Espírito em Paulo e entre os convertidos de Corinto (cf. 14,25; 1Ts 1,5).

n. Paulo rejeita os discursos de uma sabedoria humana, que seriam *persuasivos* por si mesmos (v. 4) e fariam da fé uma

A sabedoria de Deus. ⁶No entanto, é realmente uma sabedoria que nós ensinamos aos cristãos adultos^o, sabedoria que não é deste mundo nem dos príncipes deste mundo^o, votados à destruição.

15.24.25; Ef 6.12 ⁷Nós ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa, escondida^q, e que Deus, antes dos séculos, destinara de antemão para a nossa glória. ⁸Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu, pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. ⁹Mas, como está escrito, *é o que o olho não viu, o ouvido não ouviu, nem subiu ao coração do homem: tudo o que Deus preparou para os que o amam*^r. ¹⁰Com efeito, foi a nós que Deus o revelou pelo Espírito. Pois o Espírito tudo sonda, até as profundezas de Deus^s. ¹¹Quem dentre os homens conhece o que há no homem, senão o espírito do homem que está nele? Igualmente, o que há em Deus, ninguém o conhece, a não ser o Espírito de Deus. ¹²Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de conhecermos os dons da graça de Deus. ¹³E não falamos deles na linguagem que é ensinada pela sabedoria humana, mas na que é ensinada pelo Espírito, exprimindo o que é espiritual em termos espirituais^t. ¹⁴O homem entregue unicamente à sua natureza^u não aceita

o que vem do Espírito de Deus. Para ele, é uma loucura, ele não o pode conhecer, pois isto se julga espiritualmente. ¹⁵O homem espiritual, pelo contrário, julga de tudo e ele mesmo não é julgado por ninguém^v. ¹⁶Pois *quem conheceu o pensamento do Senhor para o instruir*? Ora, nós temos o pensamento de Cristo.

3 O papel dos pregadores do evangelho. ¹Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a homens espirituais, mas somente como a homens carnis^x, como a criancinhas em Cristo. ²É leite o que vos dei a beber, não alimento sólido: não o teríeis suportado^y. Mas não o suportáreis nem sequer hoje, ³pois ainda sois carnis. Já que há entre vós ciúme e contendas, não é que sois carnis e vos comportais de maneira meramente humana? ⁴Quando um declara: "Eu sou de Paulo", o outro: "Eu, de Apolo" não estais agindo de maneira meramente humana^z?

Hb 5.12-14;
1Pd 2.2

⁵Pois quem é Apolo? Quem é Paulo? Servos pelos quais fostes conduzidos à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu. ⁶Quanto a mim, eu plantei, Apolo regou, mas quem fazia crescer era Deus. ⁷Assim quem planta não é nada, quem rega não é nada: só Deus conta, ele que faz cres-

Jr 1.10

adesão de ordem puramente humana (v. 5). A sua pregação é realmente uma demonstração (v. 4), mas, uma demonstração do poder do Espírito, vindo de Deus, e que por isso pede uma adesão de outra ordem: da ordem do Espírito.

o. Lit. *que nós falamos entre os perfeitos*. Os perfeitos não são um grupo aristocrático de iniciados, mas os que atingiram a plena maturidade de sua vida cristã. Eles se opõem às *criancinhas em Cristo* de 3.1 (cf. também 14.20).

p. Trata-se sem dúvida ao mesmo tempo das potências sobrenaturais más e dos que são seus instrumentos: as autoridades profanas trancadas em sua oposição ao Cristo e ao Evangelho (v. 8).

q. Lit. *em mistério, escondida*. Não se trata de uma sabedoria misteriosa no sentido de sabedoria enigmática, mas de uma sabedoria que se exprime no mistério, no sentido paulino do termo, isto é, o segredo do desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo (cf. Rm 16.25-27).

r. Combinação de dois textos, Is 64.3 e Jr 3.16, segundo um processo atestado no judaísmo contemporâneo por compilações de citações (*Testimonia*).

s. A idéia geral dos vv. 10-16 é a seguinte: esta sabedoria tem sua fonte no Espírito de Deus (vv. 10-11). Ela só pode ser

comunicada por aquele que recebeu este Espírito (vv. 12-13) e somente a homens que também receberam este Espírito, que lhes permite compreender esta sabedoria: sem o que ela é loucura para eles (vv. 14-16).

t. Outras traduções deste texto difícil: *Nós explicamos aos espirituais verdades espirituais* ou: *Adaptando as coisas espirituais aos espirituais*.

u. Lit. *o homem psíquico*, por oposição ao homem espiritual, isto é, animado pelo Espírito de Deus.

v. Isto é, *por ninguém* que não seja espiritual. Paulo portanto não deve ser julgado pelos coríntios carnis (3.1). Mas em 1Cor 14. Paulo mostrará que há regras para os cristãos inspirados pelo Espírito (cf. também 12.10; 1Ts 5.19-22).

w. Is 40.13.

x. Sobre o sentido de carnal, cf. Rm 1.3 nota. Aqui, ao que parece, *carnal* é sinônimo de *homem deixado somente à sua natureza* (lit. *psíquico*) de 2.14, cf., com efeito, 3.3: *não é que sois carnis e vos comportais de maneira meramente humana?*

y. Lit. *vós disso não éreis capazes*.

z. Lit. *segundo o homem*.

a. Lit. *não sois homens?*

cer. ^aQuem planta e quem rega são uma só coisa^b, e cada um receberá o salário de acordo com seu próprio trabalho.

⁹Pois nós trabalhamos juntos na obra de Deus^c e nós sois o campo de Deus, a construção de Deus. ¹⁰Segundo a graça que Deus me deu, como bom arquiteto lancei o fundamento, um outro constrói em cima. Mas tome cada um cuidado com a sua maneira de construir. ¹¹Quanto ao fundamento, ninguém pode lançar outro que não seja o já posto: Jesus Cristo. ¹²Quer se construa sobre este fundamento com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, ferro, palha^d, ¹³a obra de cada um será posta em evidência. O dia do juízo^e torná-la-á conhecida, pois ele se manifesta pelo fogo^f, e o fogo comprovará o que vale a obra de cada um. ¹⁴Aquele cuja construção subsistir receberá um salário. ¹⁵Aquele cuja obra for consumida, dele será privado^g; ele mesmo será salvo, mas como quem o é através do fogo.

¹⁶Acaso não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós^h? ¹⁷Se alguém destruirⁱ o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo^j e esse templo sois vós^k.

¹⁸Que ninguém se iluda: se alguém dentre vós se julga sábio à maneira deste mundo, torne-se louco para ser sábio; ¹⁹pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. Com efeito está escrito: *Ele apanha os sábios em sua própria astúcia*^l. ²⁰e ainda: *O Senhor conhece os pensamentos dos sábios. Ele sabe que são vãos*^m. ²¹Assim, ninguém funde o seu orgulho em homens, pois tudo é vosso: ²²Paulo, Apolo, ou Cefas, o mundo, a vida ou a morte, o presente ou o futuro, tudo é vosso, ²³mas vós sois de Cristo, e Cristo, de Deusⁿ.

4 Relações de Paulo com os coríntios.

¹Considerem-nos portanto como servos do Cristo e administradores dos mistérios de Deus^o. ²Ora, o que afinal se pede

Ex 15,17;
1Cor 6,19;
2Cor 6,16;
1Ts 4,8

1.20-25: 2.6;
4.10

Lc 12,42;
16,1-8;
Tt 1,7;
Ef 3,2

b. Encontra-se aqui o princípio da reflexão sobre a divindade e unidade das funções eclesiais, que será continuada no cap. 12.

c. De preferência a *nós somos colaboradores de Deus*. A natureza da participação de Deus e do homem nesta obra comum é precisada sem equívoco nos vv. 6-7 (cf. 1Ts 3,2; Mc 16,20; 3Jo 8). Paulo reproduz a dupla metáfora do AT da plantação e da construção. Em Jeremias, particularmente, a missão do profeta exprime-se mediante dois pares em oposição: arrancar-plantar/demolir-construir. Paulo, no que lhe concerne, rejeita qualquer missão de destruição ou ruína (cf. 2Cor 10,8 e 13,10). Mas, assim como em Jr a obra de plantação e edificação era simultaneamente de Deus e do profeta (cf. Jr 1,10 nota), a fundação do novo povo de Deus é obra do próprio Deus e dos apóstolos chamados a nele participar.

d. Trata-se de materiais cuja resistência ao fogo vai decrescendo. É em função dessa idéia que Paulo escolhe esses exemplos: quer esses materiais sejam aptos para a construção, quer não. Não cabe perguntar o quê, nesses materiais, representa a obra de Apolo, em quem Paulo sempre confia (16,12).

e. Lit. o dia (cf. 1,8 nota).

f. É o clássico símbolo profético do fogo que permite eliminar as escórias e que afina e purifica os materiais preciosos (Is 1,25; Jr 6,29-30; Mt 3,2-3).

g. Lit. *sofrerá sua perda*. A oposição "ganhar um salário/sofrer uma perda" corresponde habitualmente à oposição "ser salvo/perder-se" (Mc 8,36 par.). Aqui, porém, não é o caso, pois o julgamento não incide nas pessoas, mas em sua obra. É por isso que Paulo explicita que o obreiro *será salvo*, embora apertado, como quem escapa de um incêndio atravessando as chamas.

h. Paulo prolonga a imagem da Igreja como construção mediante a *templa de Deus*. Se o termo "construção" evoca um

canteiro de obras sempre em atividade, o de Templo insiste no caráter concluído e definitivo da comunidade em que Deus habita, não mais sob a forma duma nuvem de glória que simboliza a sua presença, mas por seu próprio Espírito. Assim se cumprem as promessas de nova Aliança (cf. Ez 36,27).

i. Após aqueles que constroem com bons materiais que duram (v. 14) e aqueles que constroem com materiais que não resistirão à prova do fogo (v. 15), eis aqueles que, em vez de construir, destroem. Esses são sacrílegos, e serão punidos como tais. Cf. formas literárias idênticas em Mc 8,38 par.

j. A palavra implica também uma idéia de consagração. Tudo o que fere a comunidade fere também a Deus e é portanto um sacrilégio que merece a morte.

k. Lit. *e vós sois tais*. Outros compreendem: *e vós sois santos*.

l. Jó 5,13 citado livremente.

m. Sl 94,11 grego.

n. Os vv. 21-23 devem ser compreendidos em função de 1,12, cujos termos eles repetem: *Cada um de vós fala assim: "Eu sou de Paulo, eu de Apolo, eu de Cefas"*. — Não, responde o apóstolo, é o contrário: vós não pertenceis a esses homens, eles é que são vossos servidores. Eles, como todo o resto da criação, estão a vosso serviço para que vós mesmos estejais a serviço do Cristo e, pelo Cristo, a serviço de Deus.

o. Títulos contrastantes: os apóstolos, *servos de Cristo* (única vez em que Paulo usa o termo grego *hypêretai*, que designa, nos Evangelhos, servos de ínfima categoria) são, no entanto, os *intendentes* (ou *gerentes*) dos *mistérios de Deus*. Isso porque, no mundo helenístico, sucedia confiarem-se a servos de origem humilde responsabilidades de monta. Os *mistérios de Deus* devem ser equiparados às *profundezas de Deus* (2,10) e aos *dons da graça* (2,12) revelados a Paulo para que os dê a conhecer. O termo ocorre com frequência nos textos de Qumran.

de administradores é que se mostrem fiéis. ³Quanto a mim, muito pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal^h humano. Eu tampouco me julgo a mim mesmo. ⁴A minha consciência, por certo, de nada me acusa, mas não é isso que me justifica: quem me julga é o

Mt 7,1

Senhor. ⁵Por conseguinte, não julgueis antes do tempo, antes que venha o Senhor. É ele que iluminará o que está escondido nas trevas e porá de manifesto

Rm 2,16 29

os desígnios dos corações. Então cada qual receberá de Deus o louvor que lhe é devido.

⁶É por vossa causa, irmãos, que eu apresentei isso sob outra forma^a, aplicando-o a Apolo e a mim mesmo, a fim de que, a nosso exemplo, aprendais a^r não vos inchar de orgulho, tomando o partido de um contra o outro. ⁷Com efeito quem te distingue? Que tens que não hajas recebido? E se o recebeste, por que gabar-te como se não o tivesses recebido? ⁸Já estais saciados! Já sois ricos! Sem nós, sois reis! Ah! oxalá o fôsseis, para que nós também pudéssemos reinar convosco! ⁹Pois eu penso que Deus nos exibiu a nós, apóstolos, em último lugar, como condenados à morte: fomos dados em espetáculo^l ao mundo, aos anjos e aos homens. ¹⁰Nós somos loucos por causa do Cristo, mas vós sois

Ap 3,17

Rm 8,36;
1Cor 15,31;
2Cor 4,11;
Hb 10,33

sábios em Cristo; nós somos fracos, vós sois fortes; vós sois objeto de consideração, nós somos desprezados^u. ¹¹Ainda agora, temos fome, temos sede, estamos nus, maltratados, errantes, ¹²e fatigamo-nos trabalhando com nossas mãos. Insultam-nos, nós abençoamos; perseguem-nos, nós suportamos; ¹³caluniam-nos, nós consolamos. Nós somos até agora, por assim dizer, o lixo do mundo, os detritos^v do universo.

2Cor 4,8-12;
6,4-10,
11,23-27

Preocupação paternal de Paulo. ¹⁴Não vos escrevo isto para vos envergonhar, mas para vos advertir, como a filhos queridos. ¹⁵Com efeito, mesmo que tivésseis dez mil pedagogos^w em Cristo, não tendes muitos pais. Fui eu que, pelo Evangelho^x, vos gerei em Jesus Cristo. ¹⁶Exorto-vos, pois: sede meus imitadores^y. ¹⁷É por isso mesmo que vos enviei Timóteo, meu filho querido e fiel no Senhor^z; ele vos lembrará meus princípios de vida em Cristo, tais como eu os ensino por toda parte, em todas as Igrejas. ¹⁸Ora, imaginando que eu não voltaria a estar convosco, alguns se incharam de orgulho. ¹⁹Mas eu irei breve ter convosco, se o Senhor quiser, e tomarei conhecimento, não das palavras desses orgulhosos, mas da sua ação^{aa}. ²⁰Pois o Reino de Deus não consiste em palavras,

2Cor 6,13;
1Ts 2,7

1Ts 2,11;
Fm 10

2Tm 1,2

Mt 7,21

p. Lit. *dia*. Tratar-se-ia, sugere ironicamente Paulo, de um tribunal (*dia*) humano que se julgaria autorizado a pronunciar um julgamento que é da competência única do *Dia* do Senhor, isto é, do juízo final.

q. *Isso* é o princípio geral: nós somos todos servos pertencentes a Cristo (3,21). Tudo o que temos, nós o recebemos (4,2); a *outra forma* é a aplicação deste princípio ao ministério apostólico (3,5-16).

r. O texto traz: o *não acima do que está escrito*. É difícil dar um sentido aceitável a esse texto. Uma hipótese engenhosa, adotada aqui, supõe tratar-se da nota marginal de um copista, relativa a uma particularidade gráfica (o "*não*" está escrito *acima* do "*a*") e que um copista pouco inteligente traduziu para o texto. Outros pensam num provérbio conhecido dos leitores, cuja aplicação à conjuntura presente, clara para Paulo e seus leitores, hoje nos escapa.

s. Isto é: vós pretendeis instalar-vos por vossa própria conta, sem nós, no Reino dos céus, para aí reinar.

t. O termo evoca as arenas onde, diante da multidão, os condenados eram entregues às feras.

u. Esta passagem é irônica e evoca os temas de 1Cor 1-2: as grandezas humanas que são nada diante de Deus (os coríntios),

e a grandeza segundo Deus que é desprezada pelos homens (Paulo).

v. Os dois termos designam igualmente os miseráveis que eram nutridos à custa da cidade para servirem de vítimas expiatórias nas calamidades públicas.

w. O escravo encarregado de vigiar a criança e de conduzi-la aos seus professores. Aqui, a expressão é pejorativa (cf. Gl 3,24 nota).

x. Encontra-se aqui um matiz complementar que o termo *evangelho* tem às vezes nas epístolas paulinas: além da mensagem mesma de boa nova e do seu conteúdo (ver Rm 1,1 nota), *evangelho* serve às vezes também para designar a *proclamação desta mensagem* (cf. 1Cor 9,12; 2Cor 8,18; Gl 2,7; Ef 3,6; Fl 1,5; 2,22; 4,3, 15; 1Ts 3,2; Fm 13), no sentido da nossa palavra *evangelização*.

y. Paulo pede aos coríntios que o *imitem* porque ele mesmo imita a Cristo (11,1). Assim os próprios coríntios imitarão a Cristo (cf. 1Ts 1,6; Fl 2,5).

z. Sobre essa missão, cf. At 19,21-22.

aa. Lit. *seu poder* (o mesmo no fim do v. 20). Trata-se das realizações neles do poder do Espírito (cf. 2,4; 1Ts 1,5) que deverão manifestar-se primeiro por atos que testemunhem sua conversão.

2Cor 10,2 mas em ação. ²¹Que preferis? Que eu vá
Gl 6,1 a vós com varas ou com amor e num
espírito de doçura?

5 Um caso de imoralidade. ¹Ouve-se dizer por toda parte que há entre vós um caso de desregramento^b, e de um desregramento tal como não se encontra nem sequer entre os pagãos: um de vós vive com a mulher de seu pai^c. ²E vós estais inchados de orgulho! E não tomastes, de preferência luto, a fim de que o autor desta ação fosse retirado do meio de vós^d? ³Quanto a mim, ausente de corpo, mas presente em espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que cometeu tal ação: ⁴em nome do Senhor Jesus, e com o seu poder, por ocasião de uma assembléia na qual estarei espiritualmente entre vós^e. ⁵seja tal homem entregue a Satanás para a destruição da sua carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor^f.

⁶Não é nobre o vosso motivo de orgulho! Não sabeis que um pouco de fermento faz fermentar toda a massa? ⁷Purificai-vos do fermento velho para

serdes uma massa nova, visto que sois sem fermento^g. Pois o Cristo, nossa páscoa, foi imolado. ⁸Celebremos pois a festa^h, não com fermento velho, nem com fermento de maldade e perversidade, mas com pães sem fermento: na pureza e na verdade.

⁹Eu vos escrevi na minha cartaⁱ que não tivésseis relações com os devassos^j. ¹⁰Eu não visava de modo geral aos devassos deste mundo, ou aos gananciosos e aos rapaces ou aos idólatras, pois neste caso precisaríeis sair do mundo. ¹¹Não, eu vos escrevi que não tivésseis relações com um homem que traz o nome de irmão^k se é devasso, ou rapace ou idólatra ou caluniador ou bebedor ou ladrão, e até que não tomásseis refeição com tal homem. ¹²Acaso compete a mim julgar os de fora^l? Não são os de dentro que tendes de julgar? ¹³Os de fora, Deus os julgará. *Tirai o mau do vosso meio*^m.

Rm 1.29-31

Cl 4,5;
1Ts 4,12

6 Processo entre irmãos. ¹Quando tendes uma desavença entre vós, como é que ousais submetê-la ao julgamento dos pagãosⁿ, e não ao dos santos? ²Acaso

b. O termo grego *porneia* (aqui traduzido por desregramento) é um termo geral que se aplica a todos os tipos de desordens no domínio sexual.

c. Isto é, a sua madrasta. Tal união era reprovada tanto pela lei judaica (Lv 18,8) como pelo direito romano. Alguns rabinos toleravam tais uniões entre os pagãos convertidos ao judaísmo, o que poderia explicar a ausência de reação da comunidade de Corinto. Seja como for, é um exemplo marcante do relaxamento das regras morais, característico das tendências que se manifestam em Corinto naqueles que se julgam "espirituais".

d. Os coríntios deveriam ter, desde muito tempo, excluído o culpado, considerando-o como morto e portanto tomando luto como por ocasião do falecimento de um irmão.

e. Lit. *Em nome do Senhor Jesus, vós e o meu espírito estando reunidos com o poder de nosso Senhor Jesus*. A assembléia da comunidade cristã (v. 4) é convidada a ratificar o veredicto que Paulo já fulminou (v. 3). Mas ela age em nome de Jesus e com o seu poder (cf. Mt 18,18).

f. Na ideia de Paulo, o culpado é entregue a Satanás só indiretamente. A exclusão da comunidade priva o excomungado dos meios de defesa que esta comunidade possui contra a ação de Satanás, e portanto o entrega ao seu poder. Mas esta pena é "medicinal", devendo os sofrimentos consecutivos à ação de Satanás levar o pecador à conversão e portanto à salvação, no dia do Senhor, isto é, no juízo final.

g. Lit. *conforme sois ázimos*. O fermento é tomado aqui como símbolo da corrupção (cf. Mt 16,6 par.; em sentido contrário Mt 13,33 par.). O pão sem fermento é, ao contrário, símbolo de

pureza e integridade (v. 8). Tem-se aqui um caso típico do imperativo paulino: tornai-vos o que sois por vossa identificação com Cristo (cf. Rm 6,11-12; Cl 3,3-5).

h. A festa da Páscoa, que está próxima. O ritual judaico desta festa comportava a procura e a destruição do pão fermentado que houvesse ficado em casa (cf. v. 7), a imolação do cordeiro pascal (cf. v. 7), e a manducação de pães sem fermento (v. 8). Estas são figuras da realidade definitiva que é o Cristo, verdadeiro cordeiro pascal por quem o velho fermento do pecado fica definitivamente destruído e que torna possível uma vida "pascal" de santidade e pureza simbolizada pelo pão sem fermento.

i. A primeira carta "pré-canônica" (cf. Introd.)

j. Gr.: *pornoi*. Cf. 5,1 nota.

k. Isto é, um cristão (cf. At 1,15). Esta denominação já existia no judaísmo para designar os membros do povo de Deus. A filiação divina em Cristo lhe confere um realismo e uma profundidade infinitamente maiores.

l. Os não-cristãos, denominação proveniente, também ela, do judaísmo. Cf. Mc 4,11 nota.

m. Dt 17,7.

n. Lit. *injustos*, isto é, os que não foram justificados pela fé em Jesus Cristo; cf. Rm 1-8. Nesta seção (vv. 1-11), Paulo quer sobretudo censurar aos coríntios o fato de eles se mostrarem incapazes de resolver por si mesmos, pacificamente, os seus conflitos. Os argumentos aduzidos só visam a essa finalidade e não devem ser erigidos em princípios absolutos; Paulo reconhece a validade e a origem divina das instituições civis (Rm 13,1-7).

não sabeis que os santos^o julgarão o mundo? E se é por vós que o mundo será julgado, serão porventura indignos de proferir sentenças em julgamentos de mínima importância? ³Acaso não sabeis que nós julgaremos os anjos^p? Com maior razão as questões desta vida! ⁴Quando pois tendes processos desta espécie, constituídos juízes pessoas que a Igreja despreza^q? ⁵Digo-o para a vossa vergonha. Assim, não se encontra entre vós nenhum homem bastante sábio^r para ser capaz de julgar entre os seus irmãos? ⁶Mas um irmão está em processo com outro irmão, e isto perante os incréus! ⁷De qualquer maneira, já é para vós uma decadência terdes processos entre vós. Por que não preferis suportar uma injustiça? Por que não vos deixar antes despojar? ⁸Mas sois vós que cometeis a injustiça e despojais os outros; e eles são vossos irmãos! ⁹Então, não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganeis a este respeito! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os pederastas, ¹⁰nem os ladrões, nem os gananciosos, nem os bebedores, nem os caluniadores, nem os rapaces herdarão o Reino de Deus. ¹¹E é isso que vós éreis, ao menos alguns. Mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Se-

nhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus.

“Tudo me é permitido”. ¹²“Tudo me é permitido”, mas nem tudo me convém¹. “Tudo me é permitido”, mas eu não me deixarei escravizar por nada. ¹³Os alimentos são para o ventre, e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá estes e aquele. Mas o corpo não é para a devassidão, ele é para o Senhor e o Senhor é para o corpo. ¹⁴Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará também pelo seu poder¹⁵. Não sabeis porventura que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomaria eu¹ os membros do Cristo para os transformar em membros de prostituta? Certamente não! ¹⁶Acaso não sabeis que quem se une à prostituta torna-se com ela um só corpo? Pois foi dito: *Ambos serão uma só carne*¹⁷. Mas aquele que se une ao Senhor é com ele um só espírito¹⁸. Fugiu da devassidão. Qualquer outro pecado cometido pelo homem é exterior ao seu corpo. Mas o devasso peca contra o seu próprio corpo¹⁹. Ou não sabeis acaso que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que vos vem de Deus, e que vós não vos pertenceis? ²⁰Alguém pagou o preço do vosso resgate². Glorificai portanto a Deus por vosso corpo.

Mt 5,39-42;
1Ts 5,15;
1Pd 3,9

15,50

Rm 1,29-31;
13,13;
Gl 5,19-21

15,15;
Rm 8,11;
2Cor 4,14

Rm 12,5

3,16

7,23
1Pd 1,18-19

o. Os membros da comunidade. Cf. Rm 1,7 nota; 15,25 nota.
p. Os anjos caídos.

q. Essa expressão, em que Paulo se deixa arrastar por sua oratória, deve ser lida à luz de Rm 13,1-7 e em particular do v. 7, que enuncia que os magistrados devem ser honrados pelos cristãos. Pode-se também traduzir: *se tiverdes processos dessa ordem, estabelecei como juízes as pessoas de que a Igreja não faz nenhum caso*, isto é, os menos considerados entre os cristãos. Eles deveriam bastar para julgamentos de mínima importância (v. 3).

r. Paulo ironiza, aludindo à pretensão dos coríntios à sabedoria.

s. Sem dúvida, uma frase de Paulo cujo sentido os coríntios adulteravam.

t. Esta frase resume toda a ética paulina. A problemática do permitido e do proibido substitui-se a de saber o que está de acordo ou não com a vida nova do cristão transformado pelo Espírito. Cf. Rm 7-8.

u. Paulo se opõe provavelmente a coríntios que não estabeleciam nenhuma diferença de natureza entre as necessidades alimentares e a vida sexual (v. 13) e replica: as primeiras são ligadas ao mundo presente e desaparecerão com ele. A vida

sexual empenha o corpo, isto é, a pessoa inteira, presente a outrem por seu corpo (cf. Rm 12,1 nota). Como tal, a pessoa compartilha a situação do Cristo ressuscitado e a sua vida sexual deve ser a que convém (v. 12) a um membro do Cristo.

v. O verbo grego significa também *arrancar, tirar*. Há, portanto, oposição absoluta entre a união com Cristo e a união sexual ilegítima. O argumento supõe, por oposição, que a união conjugal dos cristãos deve engajar-los na união com Cristo. Cf. 1Ts 4,4 nota.

w. Gn 2,24.

x. Com uma prostituta, a união é corporal; por isso Paulo diz “um só corpo (com)...”. Com Cristo, a união é espiritual, e é por isso que diz “um só espírito (com)...”. Quando cita o Gênesis, escreve “uma só carne”... Estas três expressões mostram claramente que a ênfase não está nos determinativos (corpo, carne, espírito), mas no fato de “ser um com”.

y. Trata-se de uma antítese comparativa à maneira semítica (cf. Rm 9,13; Mt 12,31); o devasso peca *mais* contra o seu próprio corpo do que aquele que comete outro pecado; a impureza está em contradição com o destino do corpo do cristão, membro do Cristo.

z. Lit. *fostes comprados por um preço*. Cf. Rm 3,24 nota.

7 Respostas a perguntas sobre o casamento. ¹Venhamos ao que me escrevestes*. É bom para o homem abster-se da mulher^b. ²Todavia, para evitar todo desregramento, tenha cada homem a sua mulher, e cada mulher, o seu marido^c. ³Cumpra o marido os seus deveres para com sua mulher, e faça a mulher o mesmo para com seu marido. ⁴Não é a mulher que dispõe do seu corpo, mas o seu marido. Igualmente, não é o marido que dispõe do seu corpo, mas a sua mulher^d. ⁵Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo e temporariamente, a fim de vos consagrardes à oração; depois, voltai à convivência, para que a vossa incapacidade de autodomínio não dê a Satanás a ocasião de vos tentar*. ⁶Falando assim, eu vos faço uma concessão^e, não vos dou uma ordem. ⁷Quisera eu que todos os homens fossem como eu; mas cada um recebe de Deus um dom particular, um este, outro aquele*.

*Eu digo portanto aos solteiros^b e às viúvas que é bom ficarem assim, como

eu. ⁸Mas se eles não podem viver na continência, que se casem; pois é melhor casar-se do que ficar ardendo. ⁹Aos que são casados ordeno, não eu, mas o Senhor: que a mulher não se separe do seu marido ¹¹— se está separada não se case de novo ou reconcilie-se com o marido —, e o marido não repudie a sua mulher. ¹²Aos outros digo, sou eu que falo, e não o Senhor: se um irmão tem uma mulher não-cristã, mas que consente em viver com ele, não a repudie. ¹³E se uma mulher tem um marido não-cristão, mas que consente em viver com ela, ela não o repudie. ¹⁴Pois o marido não-cristão é santificado^f por sua mulher e a mulher não-cristã é santificada por seu marido^g. Se fosse de outro modo, os vossos filhos seriam impuros, quando de fato são santos^h. ¹⁵Se o não-cristão quer se separar^m, faça-o! Neste caso o irmão ou a irmã não estão ligadosⁿ: é para viver em paz que Deus vos chamou. ¹⁶Com efeito, como sabes, mulher, se salvarás o teu marido? Como sabes, marido, se salvarás a tua mulher?

1Tm 5,14

Rm 14,19

a. Os coríntios escreveram a Paulo, solicitando sua opinião acerca de alguns pontos. Na sequência desta carta, encontram-se as respostas de Paulo a respeito do matrimônio e da virgindade (cap. 7) da consumação de carnes imoladas aos deuses do paganismo (caps. 8-9), das manifestações espirituais (caps. 12-14) e da coleta em favor da igreja de Jerusalém (16,1-12).

b. As tendências "espiritualistas" (ou "gnósticas"), com seu desprezo pela dimensão corpórea do homem, resultaram em dois desvios opostos: um ascetismo que rejeitava qualquer vida sexual (cf., séculos mais tarde, o catarismo), e uma devassidão desenfreada, considerada como prova de libertação. Se alguns coríntios tinham adotado o princípio do "tudo me é permitido" (6,12 e 10,23), outros teriam podido imaginar que *é bom para o homem abster-se da mulher*. Este princípio aparta-se consideravelmente de Gn 2,18: *Não é bom que o homem esteja só*. Por isso é que Paulo o maneja com grande prudência, exceto no caso dos solteiros e viúvos (v. 8).

Paulo não responde aos coríntios escrevendo um tratado sobre o casamento ou a virgindade. Aborda os vários casos que ocorrem na vida concreta: pessoas casadas (vv. 2-11), inclusive com um cônjuge não-cristão (vv. 12-16), virgens (vv. 25-35), noivas (conforme a interpretação aceita para os vv. 36-38), viúvas (vv. 39-40). Os vv. 17-24, situados no centro deste capítulo, fornecem o princípio geral que rege as várias soluções: cada um permaneça na condição em que se achava quando abraçou o cristianismo. Mas o plano desse texto está longe de ser tão rigoroso: o pensamento passa continuamente do casamento ao celibato voluntário e vice-versa, sugerindo com isto que o valor desses dois estados não pode ser compreendido independentemente um do outro.

c. Trata-se de um conselho dirigido a todos os que não rece-

beram o carisma do celibato. — Para outros, aqui é questão unicamente de pessoas casadas às quais Paulo desaconselha a continência.

d. O dom de si é a regra nas relações conjugais, todo uso egoísta do casamento fica excluído. Em Ef 5,25, na mesma linha, o que será proposto aos esposos é o exemplo do Cristo.

e. *lit. a fim de que Satanás não vos tente por causa da vossa incontinença*.

f. O que Paulo concede são esses momentos de abstinência no casamento, mas ele não faz disso uma obrigação. Para outros, o que ele permite à maneira de concessão é o próprio matrimônio.

g. Note-se que Paulo não opõe a virgindade, dom de Deus, ao casamento, estado comum. Tanto um como o outro são dons de Deus (grego *hárisma*).

h. Grego *ágamos, não-casado*. Parece que Paulo inclui nessa categoria todos os que estão sem cônjuge: celibatários, viúvos, esposos separados do próprio cônjuge. Cf. vv. 11,34.

i. Cf. Mc 10,9-12 par.

j. Não se trata de uma santidade moral, mas de uma pertença à comunidade cristã, comunidade dos *santos*. Pelo casamento, com efeito, marido e mulher se tornaram uma só carne (Gn 2,24; cf. 1Cor 6,16) e o cônjuge pagão se beneficia de certa maneira da santidade da comunidade.

k. *lit. pelo irmão*. isto é, pelo cristão que é seu marido.

l. Cf. 1Cor 7,14 nota j. *Os filhos*, na antropologia semítica, são considerados como um só ser com os pais.

m. *Separar-se*: mesma palavra que no v. 11, onde Paulo exclui explicitamente um novo casamento. "São Paulo só concede explicitamente e em termos claros o direito de se separarem" (Spicq).

n. *Ligados*, *lit. escravizados*.

Não se procure mudar de condição.

¹⁷No mais, cada um viva segundo a condição que o Senhor lhe atribuiu, e na qual se achava quando Deus o chamou. É o que eu prescrevo em todas as Igrejas.

¹⁸Um era circunciso quando foi chamado? Não dissimule a sua circuncisão^o. Outro era incircunciso? Não se faça circuncidar.

¹⁹A circuncisão nada é e a incircuncisão nada é: tudo está em observar os mandamentos de Deus. ²⁰Cada um permaneça na condição em que se achava quando foi chamado. ²¹Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isso, pelo contrário, mesmo que pudesses te libertar, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo^p.

²²Pois o escravo que foi chamado no Senhor é um libertado do Senhor. Do mesmo modo aquele que foi chamado quando era livre é um escravo do

^{6.20} Cristo. ²³Alguém pagou o preço do vosso resgate: não vos torneis escravos dos homens^q.

^{7.17} ²⁴Irmãos, cada um permaneça diante de Deus na condição em que se achava quando foi chamado.

O caso das pessoas não-casadas, dos noivos e das viúvas. ²⁵A respeito de quem é virgem^r, eu não tenho ordem do Senhor; é um conselho que dou, de um homem que, pela misericórdia do Senhor, é digno de confiança. ²⁶Penso que é uma vantagem, por causa das angústias presentes^s, sim penso que é vantajoso para

o homem permanecer assim. ²⁷Estás ligado a uma mulher? Não procures separar-te. Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher. ²⁸Todavia, se te casares, não pecas; e se uma virgem se casa, não peca. Mas as pessoas casadas terão pesadas provações a suportar^t, e eu vos quisera poupar.

²⁹Eis o que digo, irmãos: o tempo se abreviou^u. Doravante, aqueles que têm mulher sejam como se não a tivessem,

³⁰os que choram como se não chorassem, os que se alegram como se não se alegrassem, os que compram como se não possuíssem, ³¹os que tiram proveito deste mundo, como se não aproveitassem

realmente. Pois a figura deste mundo passa^v. ³²Eu quisera que fósseis isentos de preocupações. Aquele que não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor: ele procura como agradar ao Senhor.

³³Mas aquele que é casado preocupa-se com as coisas do mundo: ele procura como agradar à mulher, ³⁴e fica dividido^w. Do mesmo modo a mulher sem marido e a jovem solteira preocupam-se com as coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e de espírito^x.

Mas a mulher casada preocupa-se com as coisas do mundo: ela procura como agradar ao marido. ³⁵Digo-vos isso em vosso próprio interesse, não para vos armar uma cilada, mas para que façais o que convém melhor, e fiqueis unidos ao Senhor sem divisões^y.

o. Praticando a operação mencionada em *1Mc* 1.15.

p. Lit. *aproveita antes*. O contexto sugere a interpretação adotada, de preferência à que subentende: aproveita antes a ocasião para te libertares.

q. Isto é, de seus preconceitos que vos desaconselhariam permanecer no estado em que estáveis por ocasião de vosso chamado.

r. Dos dois sexos, como indicam os vv. 27 e 28. A palavra grega *parthenós* pode designar qualquer moço ou qualquer moça não-casados, e por isso considerados virgens.

s. Paulo pensa decerto nas provações familiares implicadas pela fidelidade ao Cristo das quais se trata em *Lc* 12.51-53 par. É uma vantagem, lit. *é bom para o ser humano (ánthrōpos)*. Esse termo grego designa a espécie humana, e não o homem (*anēr*) ou a mulher (*gynē*) em particular.

t. Lit. *Estes terão tribulações na carne*. O termo grego correspondente tem sido habitualmente traduzido por *angústia*, mas este sentido, aqui, não é conveniente. Sobre a noção de tribulação, importante em Paulo, cf. *Rm* 5.3 nota e *1Ts* 3.3 nota.

u. Termo técnico da navegação. Lit. *o tempo cerrou as suas velas*. Imagem muito expressiva. Seja qual for o tempo que resta até a *Parusia*, de qualquer forma, o mundo futuro já está presente no Cristo ressuscitado.

v. Nestes vv. 29-31, cujo estilo muito oratório é manifesto, Paulo convida menos à indiferença para com as realidades profanas do que à vigilância, para evitar de *se utolar* nessas preocupações quando as realidades essenciais estão alhures.

w. Outra versão... *Ele procura agradar à sua mulher...* E há uma diferença entre a mulher casada e a virgem. A mulher não-casada preocupa-se com as coisas do Senhor.

x. Não se trata diretamente de santidade moral, mas de uma consagração de toda a pessoa, *corpo e espírito*, ao serviço do Senhor.

y. Lit. *visando ao que é conveniente e bem-ordenado, sem tensões, junto ao Senhor*. O contexto e o semitismo subjacente sugerem para *conveniente* o significado de um comparativo.

Rm 13,11

Jo 2,15-17

³⁶Se alguém, transbordando de ardor, pensa não poder respeitar a sua noiva^a, e que as coisas devem seguir o seu curso, proceda conforme a sua idéia. Ele não peca: eles que se casem. ³⁷Mas aquele que tomou em seu coração uma firme resolução, fora de toda coação, e, em plena posse de sua vontade, tomou em seu foro íntimo a decisão de respeitar a sua noiva, este fará bem. ³⁸Assim aquele que desposa a sua noiva faz bem, e aquele que não a desposa fará ainda melhor.

Rm 7.2

³⁹A mulher está ligada a seu marido enquanto ele viver. Se o marido morrer ela fica livre para se casar com quem quiser, mas somente com um cristão^a. ⁴⁰Entretanto, ela será mais feliz, a meu ver, se ficar como está; e acredito que também eu tenho o Espírito de Deus.

2Cor 10.7

8 As carnes sacrificadas aos ídolos.

¹No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos^b todos, está claro, possuímos o conhecimento. O conhecimento incha^c, mas o amor edifica. ²Se alguém imagina conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria conhecer. ³Mas se alguém ama a Deus, é conhecido por Ele.

13.12;
Gl 4.9

z. Lit. a sua virgem. A interpretação tradicional dos vv. 36-38, na maioria das Igrejas, vê nesses versículos o caso de consciência de um pai que se pergunta se vai ou não casar a filha. A tradução então é a seguinte: *"Se entretanto alguém julga estar faltando às conveniências para com sua filha virgem, se ela passou da idade e é do seu dever agir assim, faça o que quiser, ele não peca: case-se."* Mas *aquele que tomou em seu coração uma firme resolução, fora de toda coação, e que, em plena posse de sua vontade, tomou em seu foro íntimo a decisão de guardar a sua filha virgem, este fará bem.* Assim, *aquele que casa a sua filha jovem faz bem, e aquele que não a casa faz melhor ainda.* Mas esta tradução esbarra em graves dificuldades de ordem filológica e exegética, e os seus partidários se tomam cada vez mais raros. — A interpretação proposta não supõe de modo nenhum o costume das *virgines subintroducuae* atestado mais tarde na Igreja: moças, desejosas de guardar o celibato, punham a sua virgindade sob a proteção de um homem de confiança com o qual viviam numa intimidade perigosa. É muito mais simples pensar que Paulo, após ter falado dos esposos, das virgens, e antes de falar das viúvas, trate aqui daqueles que eram *noivos* por ocasião de sua conversão: estado provisório por natureza, e que parece contrariar o princípio três vezes repetido por Paulo (vv. 17.20.24): que o cristão permaneça no estado em que o chamado de Deus o encontrou. Daí a solução proposta pelo apóstolo e que é conforme ao princípio estabelecido nos vv. 8-9.

a. Lit. *no Senhor somente.*

b. Trata-se das sobras não-utilizadas para fins culturais e que

⁴Portanto, é lícito comer carnes sacrificadas aos ídolos? Nós sabemos que não há nenhum ídolo no mundo e que não há outro deus fora o Deus único. ⁵Pois, embora haja pretensos deuses no céu ou na terra — e de fato há vários deuses e vários senhores^d —, ⁶para nós, só há um Deus, o Pai, de quem tudo procede, e para o qual nós vamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos^e.

⁷Mas nem todos têm o conhecimento. Alguns, marcados por sua freqüentação ainda recente dos ídolos^f, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos^g, e a consciência deles, que é fraca, fica manchada. ⁸Não é um alimento que nos aproximará de Deus^h: se dele não comermos, não sofreremos atraso; se comermos, não progrediremos maisⁱ. ⁹Mas tomai cuidado para que essa mesma liberdade, que é vossa, não se torne ocasião de queda para os fracos. ¹⁰Pois se te virem, a ti que tens o conhecimento, assentado à mesa em um templo de ídolo, esse espetáculo edificante acaso não impelirá o que tem a consciência fraca a comer carnes sacrificadas? ¹¹E,

Hb 13.9

eram vendidas no mercado (10.25) ou consumidas nas dependências do templo (8.10). Os coríntios estavam divididos: podiam-se comprar e comer essas carnes sem tornar-se cúmplice da idolatria? Paulo, a quem se tinha feito a pergunta, responde como em Rm 14-15: o cristão é livre, mas a caridade deve convidá-lo a respeitar as opiniões dos escrupulosos e a não escandalizá-los. Note-se que Paulo não se refere à decisão tomada em Jerusalém segundo At 15.28-29.

c. O conhecimento que não está a serviço da caridade. Em si mesmo ele é um dom de Deus (12.8).

d. Trata-se evidentemente dos deuses e heróis da mitologia pagã, nos quais Paulo vê, na realidade, demônios (10.20-21).

e. Nesta frase, os verbos, ausentes no grego, tiveram de ser acrescentados para boa compreensão do texto. Pode-se também compreender assim a segunda frase: *e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo vem à existência e pelo qual nós vamos (para o Pai).* Como em Cl 1.15-20, o Cristo é apresentado como anterior à criação e autor da mesma.

f. Lit. *por causa do costume até agora do ídolo.* Outra versão: *alguns com a consciência até agora do ídolo* (isto é, com a convicção de participarem ainda agora da idolatria).

g. Lit. *comem como carnes sacrificais.*

h. Outra tradução: *Não é um alimento que nos fará comparecer diante de Deus* (subentendendo: no dia do juízo).

i. Outra trad.: *se não comermos, nada nos falta; se comermos, nada ganharemos.*

j. Lit. *Será que a consciência dele, do fraco, não será edificada*

graças ao teu conhecimento, parece o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu. ¹²Pecando assim contra os vossos irmãos e ferindo a consciência deles que é fraca, é contra Cristo que pecais. ¹³Eis por que, se um alimento pode fazer cair o meu irmão^k, eu renunciarei para todo sempre a comer carne, de preferência a fazer cair o meu irmão.

9 Paulo renunciou aos seus direitos.

¹Porventura não sou livre? Não sou apóstolo? Acaso não vi Jesus, nosso Senhor? Não sois vós a minha obra no Senhor? ²Se para outros eu não sou apóstolo, para vós, ao menos eu o sou; pois o selo^m do meu apostolado no Senhor sois vós. ³A minha defesa contra os meus acusadores, ei-la: ⁴“Não teríamos nós o direito de comer e beber?” ⁵“Não teríamos o direito de trazer conosco uma mulher cristãⁿ como os outros apóstolos, os irmãos do Senhor, e Cefas? ⁶“Só eu e Barnabé^p não teríamos o direito de ser dispensados de trabalhar? ⁷“Quem serviu alguma vez no exército à própria custa? Quem cultiva uma vinha sem comer dos seus frutos? Ou quem apascenta um rebanho sem se alimentar do leite deste rebanho? ⁸“Acaso isso não passa de um uso humano, ou a lei não diz a mesma coisa? ⁹“Com efeito está escrito na lei de Moisés: *Não amordaçarás o boi que debulha o grão^q*. Acaso Deus se preocupa com bois? ¹⁰“Não é somente para nós que ele

fala? Sim, é para nós que isto foi escrito; pois aquele que lavra a terra precisa de esperança; e aquele que debulha o grão deve ter a esperança de receber a sua porção. ¹¹“Se nós semeamos para vós os bens espirituais, seria acaso excessivo colher vossos bens materiais? ¹²“Se outros exercem esse direito sobre vós, por que não nós, com maior razão? Entretanto, nós não usamos desse direito. Ao contrário, tudo suportamos para não criar nenhum obstáculo ao Evangelho de Cristo.

¹³“Não sabeis que aqueles que asseguraram o serviço do culto são alimentados pelo templo, e os que servem ao altar participam do que é oferecido sobre o altar? ¹⁴“Do mesmo modo o Senhor ordenou aos que anunciam o Evangelho que vivam do Evangelho”. ¹⁵“Mas eu não me vali de nenhum desses direitos, e não escrevo estas linhas para os reclamar”. Antes morrer!... Ninguém me arrebatará este motivo de orgulho! ¹⁶“Pois para mim anunciar o Evangelho não é motivo de orgulho, é uma necessidade que se me impõe: ai de mim se não anunciar o Evangelho! ¹⁷“Se o fizesse por minha própria iniciativa, eu teria direito a um salário; se, porém, sou obrigado a isso, é um encargo” que me é confiado. ¹⁸“Qual é então o meu salário? É oferecer gratuitamente” o Evangelho que anuncio, sem usar dos direitos que este Evangelho me confere.

¹⁹“Sim, livre em relação a todos, eu me fiz escravo de todos, para ganhar o maior

a ponto de comer carnes sacrificadas? Note-se aqui e no v. seguinte a ironia dolorosa de Paulo diante da atitude dos que pensam, por seu comportamento, formar (= *edificar*) a consciência dos fracos, quando na realidade a ferem (v. 12).

k. Agindo contra a própria consciência, que lhe proíbe comer carnes sacrificadas, ele peca.

l. Paulo quer ilustrar com seu próprio exemplo a linha de conduta que prescreve aos fortes com relação aos fracos. Pelo Evangelho, ele renunciou aos seus direitos: *Livre com relação a todos, eu me fiz escravo de todos* (9,19). Mas ele se deixa empolgar por seu assunto, e esta ilustração vira digressão (9,1-23).

m. O selo certifica a autenticidade de um documento. Do mesmo modo, a existência da comunidade de Corinto certifica que Paulo desempenhou bem a sua missão de apóstolo.

n. Subentendido: *às vossas custas*.

o. Lit. *uma mulher-irmã*. É preciso subentender: e de vos pedir que vos encarregueis da manutenção delas. Alguns pensam nas esposas dos personagens citados. Também pode tratar-se de cristãs

que davam assistência aos enviados de Cristo, tal como certas mulheres acompanharam e ajudaram Jesus conforme Lc 8,2-3. Faltam ulteriores pormenores sobre as atividades apostólicas de Cefas (isto é Pedro) e dos irmãos do Senhor.

p. Sobre Barnabé, cf. At 4,36-37; 11,25-26; 13-14; 15,36-39. q. Dt 25,4.

r. Cf. Lc 10,7. É um dos raros casos (com 7,10-11 e 11,23-25) em que Paulo se refere explicitamente a um dito de Jesus.

s. Lit. *Eu não escrevo isso para que seja assim a meu respeito*.

t. Lit. *Pois seria melhor para mim morrer que...* A frase fica interrompida.

u. O termo evoca o intendente (cf. 4,1), que era um escravo e não recebia salário algum por um cargo que era forçado a assumir; ao contrário, quem é livre de aceitar ou rejeitar um trabalho pode reclamar uma retribuição.

v. Note-se o paradoxo intencional: “Não receber nenhum salário, eis o meu salário”.

Rm 15,27;
Fl 4,16-17

Dt 18,1-3

2Co 11,10

Ef 3,2

número deles. ²⁰Eu estive com os judeus como um judeu, para ganhar os judeus, com os que estão sujeitos à lei, como se eu o estivesse — ao passo que eu mesmo não estou —, para ganhar os que estão sujeitos à lei; ²¹com os que são sem lei como se eu fosse sem lei* — quando não sou sem a lei de Deus, visto que Cristo é a minha lei* —, para ganhar os que são sem lei. ²²Eu compartilhei a fraqueza dos fracos para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para de alguma maneira salvar alguns. ²³E tudo isso eu o faço por causa do Evangelho, para dele participar.

Rm 14,1;
15,1

A disciplina dos atletas. ²⁴Não sabeis acaso que, no estádio, os corredores correm todos, mas um só recebe o prêmio? Correi, pois, de modo a levá-lo. ²⁵Todos os atletas se impõem uma ascese rigorosa; eles, por uma coroa perecível, mas nós, por uma coroa imperecível. ²⁶Eu, portanto, corro assim: não vou às cegas; e o pugilismo, pratico-o assim: não dou golpes no vazio. ²⁷Mas trato duramente* o meu corpo e o mantenho submisso*, a fim de que não ocorra que depois de ter proclamado a mensagem* aos outros, eu mesmo venha a ser eliminado.

Tg 1,12;
1Pd 5,4

10 Exemplo de Israel no deserto.

¹Não vos quero deixar ignorar. ^{Rm 1,13}irmãos: os nossos pais estavam todos sob a nuvem, todos passaram através do mar ²e todos foram, em Moisés, batizados* na nuvem e no mar*. ³Todos comeram do mesmo alimento espiritual, ⁴e todos beberam da mesma bebida espiritual; pois eles bebiam de um rochedo espiritual que os seguia*, e este rochedo era o Cristo. ⁵Entretanto, a maioria deles não foi agradável a Deus, visto que *os seus cadáveres juncaram o deserto**. ⁶Esses acontecimentos se deram para nos servir de exemplo¹, a fim de que não cobicemos o mal como eles cobiçaram. ⁷Não vos torneis idólatras à maneira de alguns deles, como está escrito: *O povo se assentou para comer e beber, depois levantaram-se para se divertir**. ⁸Não nos entreguemos tampouco à devassidão, como fizeram alguns deles: num só dia pereceram vinte e três mil*. ⁹Também não tentemos o Senhor*, como fizeram alguns deles: serpentes os fizeram perecer*. ¹⁰Enfim, não murmureis como murmuraram alguns deles*: o exterminador os fez perecer. ¹¹Esses fatos lhes aconteciam para servir de exemplo e foram postos por

Hb 3,17
Jd 5

Mt 4,7p

Hb 3,8-11

w. Trata-se dos pagãos que não têm lei revelada por Deus.
x. No sentido de 11,1 e de Gl 2,20.
y. Toda esta passagem (vv. 24-27) usa um vocabulário esportivo, talvez sugerido pela proximidade dos jogos ístmicos que se realizavam em Corinto na primavera. Esta passagem fica estreitamente ligada ao problema das carnes sacrificadas aos ídolos. Paulo convide os *fortes* a aceitar por caridade o sacrifício de seus direitos visando à recompensa celeste, do mesmo modo que os corredores se privam de tudo para obter o prêmio.

z. Termo técnico do pugilato. Lit. *eu firo o meu corpo abaixo dos olhos*.

a. Lit. *eu o arrasto cativo* como o vencedor arrastava o vencido.
b. Lit. *bancando o arauto* que proclamava o resultado dos jogos.

c. O desenvolvimento dos vv. 1-13 liga-se diretamente à palavra que precede: *eliminado*. O perigo de ser eliminado existe. Basta considerar a história de Israel. Mas Paulo quer, sobretudo, com a ajuda de exemplos tirados do Êxodo, mostrar aos *fortes* do cap. 8 os perigos do orgulho e da presunção.

d. Outra versão: *se batizaram* (no uso judaico o fiel baixava por si mesmo à água).

e. *Moisés* é figura de Cristo. A nuvem (Ex 13,21) e a travessia do mar Vermelho (Ex 14,22) são figuras do batismo cristão. Daí a expressão: *ser batizado em Moisés*, decalcada de: *ser batizado em Cristo*.

f. Após as figuras do batismo, eis o maná (Ex 16,4-35) e a água jorrada do rochedo (Ex 17,5-6; Nm 20,7-11), figuras da Eucaristia. Este alimento e esta bebida são chamados *espirituais* por serem figuras da Eucaristia, pela qual Cristo faz aos homens o dom do seu ser espiritual. As figuras já possuem, de certo modo. Aquele que anunciam: por isso o rochedo já era Cristo. Paulo convide os seus leitores à prudência e à modéstia: os hebreus no deserto se beneficiaram de maneira figurativa dos mesmos dons que eles: batismo e eucaristia, e nem por isso deixaram de ser rejeitados (cf. 11,32 nota).

g. Paulo se inspira numa tradição rabínica segundo a qual o rochedo de Nm 20,8 seguia Israel.

h. Nm 14,16.

i. Esta passagem contém uma dupla interpretação tipológica do AT. Os *acontecimentos* figuram os aspectos do mistério cristão (vv. 1-4). Os *comportamentos* servem de exemplos que não devem ser imitados e de advertência (vv. 6-11).

j. Ex 32,6.

k. Alusão a Nm 25,9, que enumera 24.000 vítimas.

l. Outra versão: *o Cristo*.

m. Nm 21,5-6.

n. Nm 17,6-15. — O exterminador é o anjo encarregado dos castigos divinos. Ele é mencionado em Ex 12,23, na morte dos primogênitos dos egípcios, mas não na narração de Nm 17,6-15.

escrito para instruir a nós, a quem coube o fim dos tempos.

1Pd 4,7;

1Jo 2,18

Rm 11,20;

Gl 6,1

2Cor 1,18;

1Ts 5,24;

2Ts 3,3;

Hb 10,23

2Pd 2,9

¹²Assim, pois, aquele que pensa estar de pé tome cuidado para não cair. ¹³As tentações a que estivesdes expostos não ultrapassaram a medida do homem. Deus é fiel; ele não permitirá que sejais tentados além de vossas forças. Com a tentação, ele vos dará o meio de sair dela e a força de suportá-la.

Nenhuma comunhão com os demônios.

1Jo 5,21

¹⁴Por isso, meus queridos, fugi da idolatria. ¹⁵Eu vos falo como a pessoas sensatas: julgai vós mesmos o que digo. ¹⁶A taça da bênção que nós abençoamos^p não é porventura uma comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é uma comunhão com o corpo de Cristo? ¹⁷Visto haver um só pão, todos^q nós somos um só corpo; porque todos participamos desse pão único. ¹⁸Vede os filhos de Israel! os que comem as vítimas sacrificadas não estão porventura em comunhão com o altar? ¹⁹Que quero eu dizer? Que a carne sacrificada aos ídolos ou o ídolo tenham, em si mesmos, algum valor? ²⁰Não! Mas como os seus sacrifícios são oferecidos^r aos demônios, e não a Deus, eu não quero que entreis em comunhão com os demônios. ²¹Não podeis beber, ao mesmo tempo, uma taça do Senhor e uma taça dos demônios; não podeis participar, ao mesmo tempo, na mesa do Senhor e na dos demônios. ²²Ou acaso estaríamos querendo provocar o

Rm 12,5;

Ef 1,23;

4.4.25; 5,30

Lv 7,6

Sl 106,36-37

2Cor 6,15-16

Mt 1,7-12

ciúme^s do Senhor? Somos nós porventura mais fortes do que ele?

Tudo pela glória de Deus. ²³“Tudo é permitido”, mas nem tudo convém; ²⁴“tudo é permitido”, mas nem tudo edifica. ²⁵Ninguém procure o próprio interesse, mas o de outrem. ²⁶Tudo o que se vende no mercado, comei-o sem levantar dúvidas por motivo de consciência; ²⁷pois a terra e tudo o que ela contém pertencem ao Senhor. ²⁸Se alguém, que não abraçou a fé, vos convida, e vós aceitais este convite, comei de tudo o que vos é oferecido, sem levantar dúvidas por motivo de consciência. ²⁹Mas se alguém vos disser: “É carne sacrificada”, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por motivo de consciência; ³⁰falo aqui, não da vossa consciência, mas da dele. Pois por que seria minha liberdade julgada por outra consciência? ³¹Se eu tomo alimento dando graças, por que seria censurado por algo de que dou graças? ³²Portanto, quer comais, quer bebais, o que quer que façais, fazei tudo para a glória de Deus. ³³Não sejais para ninguém ocasião de queda, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus. ³⁴É assim que eu mesmo me esforço por agradar a todos em tudo, não procurando o meu interesse pessoal, mas o do maior número, a fim de que sejam salvos.

6,12

Rm 14,19

Rm 14,14-15

Rm 14,3;

7,13

1Tm 4,3-4

Fl 3,17;

2Ts 3,7,9

11 ¹Sede meus imitadores^s, como eu o sou de Cristo.

o. Lit. *Nenhuma tentação vos surpreendeu que não fosse humana.*

p. O pleonasma aparente se explica pelo fato de que a taça da bênção era um termo técnico litúrgico tomado do ritual da refeição pascal judaica. — *Que nós abençoamos:* trata-se da ação de graças pronunciada por Jesus, cf. Mc 14,23 par.

q. Lit. *nós, os numerosos.*

r. Outra tradução: *Pois nós somos todos um só pão, um só corpo.* O argumento desenvolvido nos vv. seguintes só tem validade se a expressão *um só corpo* significa “um só corpo com Cristo” como em 6,16 e 17, onde se subentendem “com ela” e “com ele”.

s. Na comunhão com o corpo de Cristo, os cristãos são um no Cristo único. Na explicitação doutrinal do pensamento de Paulo, o vínculo de causalidade entre a Ceia e a unidade da Igreja é percebido de maneiras diferentes pelas diversas Igrejas.

t. Lit. *Israel segundo a carne* (cf. Rm 9,4: *meus irmãos, os de*

minha raça segundo a carne) por oposição ao Israel de Deus (cf. Gl 6,16 nota).

u. Lit. *seja algo.*

v. Lit. *Max como eles* (outra leitura: *os pagãos sacrificam...*

w. No AT, o ciúme é a cólera de Deus para com os membros do povo de Deus que prestam culto aos ídolos (Dt 32,16.21 etc.).

x. Cf. 6,12 notas.

y. Sl 24,1.

z. Alguns supõem que o fim do v. 29 e o v. 30 são uma objeção feita a Paulo, e à qual ele não responde. Mas é melhor subentender entre as duas frases do v. 29 uma ideia implícita como: “Agi assim por caridade e não para vos submeter ao julgamento do outro. Pois por que a minha liberdade...” Outros compreendem que Paulo pede aos fortes que evitem ser objeto de julgamentos desfavoráveis (v. 29) e de censuras (v. 30) da parte dos fracos.

a. Cf. 4,16 nota.

O homem e a mulher perante o Senhor. ²Eu vos felicito por vos lembrardes de mim em toda ocasião e conservardes as tradições tais como eu vo-las transmi-

2Ts 2.15

ti. ³Quero, no entanto, que saibais o seguinte: a cabeça de todo homem é o Cristo; a cabeça da mulher é o homem; a cabeça do Cristo é Deus. ⁴Tudo homem que reza ou profetiza de cabeça^b coberta desonra a sua cabeça. ⁵Mas toda mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta desonra a sua cabeça, pois é exatamente como se estivesse de cabeça raspada. ⁶Se a mulher não usa véu, mande raspar a cabeça! Mas se é uma vergonha para uma mulher ter o cabelo cortado ou raspado, que use um véu! ⁷Quanto ao homem, não deve pôr véu na cabeça:

Gn 1.27;

5.1

ele é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. ⁸Pois não é o homem que foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. ⁹E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher, para o homem. ¹⁰Eis por que a mulher deve trazer sobre a cabeça uma marca de autoridade^c, por causa dos anjos^d.

Gn 2.22-24

¹¹No entanto, a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor^e. ¹²Pois se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus. ¹³Julgai por vós mesmos: porventura é conveniente que uma mulher ore a Deus sem usar véu? ¹⁴A própria natureza não vos ensina porventura que é indecoroso para o homem usar cabelos compridos? ¹⁵Ao passo que é uma glória

para a mulher, pois a cabeleira lhe foi dada à maneira de véu. ¹⁶E se alguém se apraz em contestar, nós não temos esse costume, como tampouco as Igrejas de Deus.

A refeição do Senhor. ¹⁷Isto posto, eu não tenho de que vos felicitar: as vossas reuniões, muito ao invés de vos fazer progredir, vos prejudicam. ¹⁸Primeiramente, quando vos reunis em assembléia, há entre vós divisões, dizem-me, e creio que em parte seja verdade: ¹⁹é mesmo necessário que haja cisões entre vós, a fim de que se veja quem dentre vós resiste a essa provação^f. ²⁰Mas quando vos reunis em comum, não é a ceia do Senhor que tomais. ²¹Pois na hora de comer, cada um se apressa a tomar a própria refeição^g, de maneira que um tem fome, enquanto o outro está embriagado^h. ²²Então, não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus, e quereis afrontar os que não têm nada? Que vos dizer? É preciso louvar-vos? Não, neste ponto eu não vos louvo.

1.11-12

²³De fato, eis o que eu recebi do Senhorⁱ, e o que vos transmitir: o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou pão. ²⁴e após ter dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, em prol de vós^k, fazei isto em memória de mim"^l. ²⁵Ele fez o mesmo quanto ao cálice, após a refeição, dizendo: "Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto todas as vezes que dele beberdes, em memória de mim"^l. ²⁶Pois todas as vezes que

Ex 24.8;
Jr 31.31;
Zc 9.11;
2Cor 3.6

b. Em toda esta passagem (vv. 1-16), Paulo joga com o duplo sentido da palavra grega *kefalē*, cabeça e chefe. O pensamento de Paulo é bastante obscuro, e seus argumentos teológicos dependem muito dos costumes da sua época.

c. Lit. *deve ter sobre a cabeça uma autoridade*. Por muito tempo, interpretou-se esta *autoridade* (*exousia*) como a que um marido exerce sobre a mulher. Ora, no NT esse termo nunca designa um poder a que se está sujeito, mas um poder exercido (não raro, em se tratando dos discípulos, por delegação de Deus ou de Cristo). Embora o aspecto concreto da exortação de Paulo permaneça obscuro, deve-se sustentar que o Apóstolo convida as mulheres de Corinto a adotarem uma atitude que manifeste a dignidade das atividades por elas desempenhadas na comunidade (orar, profetizar).

d. Em Dt 23.15, a presença de Deus no meio do acampamento justifica uma exortação à decência. Os textos de Qumran aduzem

este motivo, substituindo Deus pelos anjos, por respeito à transcendência divina. Paulo emprega sem dúvida o mesmo processo aqui.

e. Lit. *no Senhor*.

f. Lit. *a fim de que aqueles que são provados se tornem manifestos*.

g. *A própria refeição* é oposta à *refeição do Senhor* do v. 20.

h. Em vez de se reunirem todos juntos pondo tudo em comum, formam-se grupos separados que sem dúvida correspondem a meios sociais diferentes; com isto a desigualdade fica acentuada, quando deveria exatamente desaparecer.

i. Isto é, eu recebi uma tradição que remonta ao Senhor.

j. A tradição paulina relativa à última ceia de Jesus é muito semelhante à de Lc 22.14-20.

k. Outras versões: *partido por* (= *em prol de*) vós; *dado por vós*.

l. Cf. Lc 22.19 nota.

Mt 26,29.
Ap 22,20Hb 6,6,
10,29

2Cor 13,5

Rm 14,22

Hb 12,5-8

Rm 10,9;
Fl 2,11;
At 2,36

Rm 12,6

Rm 12,3

comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha. ²⁷Por isso, quem comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente tornar-se-á culpado para com o corpo e o sangue do Senhor. ²⁸Examine-se cada um a si mesmo, antes de comer deste pão e beber deste cálice; ²⁹pois quem come e bebe sem discernir o corpoⁿ come e bebe a própria condenação. ³⁰Eis por que há entre vós tantos doentes e aleijados, e vários morreram. ³¹Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; ³²mas o Senhor nos julga para nos corrigir, a fim de que não sejamos condenados com o mundoⁿ. ³³Assim pois, meus irmãos, quando vos reunirdes para comer, esperai uns pelos outros. ³⁴Quem tiver fome coma em casa, a fim de não vos reunirdes para a vossa condenação. Quanto ao resto, eu o regularéi quando chegar.

12 Os dons do Espírito. ¹A respeito das manifestações do Espíritoⁿ, eu não quero, irmãos, que fiquéis na ignorância. ²Vós sabeis que, quando pagãos, éreis arrastados, como que ao acaso, para

os ídolos mudosⁿ. ³Por isso eu vos declaro: ninguém, falando sob a inspiração do Espírito de Deus, pode dizer: "Maldito seja Jesusⁿ" e ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", a não ser pelo Espírito Santo.

⁴Há diversidade de dons da graçaⁿ, mas o Espírito é o mesmo; ⁵diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor; ⁶diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. ⁷A cada um é dado o dom de manifestar o Espírito em vista do bem de todos. ⁸A este o Espírito dá uma mensagemⁿ de sabedoria, a outro, uma de conhecimento¹, conforme o mesmo Espírito; ⁹a um o mesmo Espírito dá a féⁿ, a outro o único Espírito concede dons de cura; ¹⁰a outro, o poder de operar milagres; a outro, de profetizar; a outro, discernir os espíritos¹; a outro ainda, o dom de falar línguas; enfim a outro, o dom de as interpretar. ¹¹Mas tudo isso é o único e mesmo Espírito que o realiza, concedendo a cada um diversos dons pessoais, segundo a sua vontade.

Diversidade dos membros e unidade do corpo. ¹²Com efeito, façamos uma

m. Paulo não especifica a que "corpo" se refere. Parece que, para suscitar a reflexão dos seus leitores, deixou a interpretação aberta, valendo-se — talvez — de um sentido muito lato da palavra "corpo": "a realidade de que se fala". Alguns mss. trazem: *o corpo do Senhor*, que é uma opção interpretativa.

n. Os castigos do v. 30 destinam-se a provocar a conversão. Não teriam sido necessários se o fiel se tivesse examinado a si mesmo antes de receber a Eucaristia (v. 28). Os castigos divinos obrigam de modo violento a este exame salutar que evita a condenação definitiva (v. 32).

o. 1Cor 12-14 são a resposta de Paulo às questões suscitadas pela existência, em Corinto, de fenômenos espirituais (*pneumatiká*, cf. 14,1.37). Na assembléia cristã, certos coríntios e coríntias eram arrebatados pela inspiração e tomavam a palavra para louvar a Deus ou exortar os outros, quer no idioma dos participantes (*profecia*), quer em idiomas desconhecidos ou compostos de sílabas sem nexo inteligível (*glossolalia*). Antes de reconhecer nesses fenômenos um cunho positivo (cap. 14), Paulo procede a uma reordenação: o que é mais útil à comunidade, são os *dons-da-graça* (ou *carismas*, cf. vv. 4 e 31), que são muito mais numerosos e diversificados que as manifestações espetaculares a que os coríntios atribuíam tanto valor. Enfim, todo este pulular de vida inspirado pelo Espírito precisa ser informado pelo amor (*agapê*) que, em meio a esta diversidade, manterá unida a comunidade (cap. 13).

p. Frase gramaticalmente difícil, que deu azo a numerosas correções conjecturais. Mas o sentido geral é claro. No paganis-

mo, é possível presenciar fenômenos muito parecidos. Por isso, cumpre proceder a um discernimento para saber se, quando sobrevém a inspiração, sua origem é o Espírito Santo, ou então outras forças ou poderes. Para tal discernimento, são precisos critérios; o v. 3 fornece o primeiro: a confissão da fé!

q. Lit. *andemá a Jesus*. Cf. 16,22 nota.

r. Lit. os *carismas*. Paulo estabelece um paralelo entre os *ministérios* (serviços) e os *modos de agir*, e atribui o conjunto desta animação eclesial não só ao Espírito, mas também ao Senhor (Jesus) e a Deus (Pai). Desde já, prenuncia os grandes temas da parábola do corpo: a diversidade e a unidade (cf. a oposição entre "diversidade de" e "o mesmo...").

s. Lit. *palavra*.

t. A *sabedoria* e o *conhecimento* não designam uma qualidade estável e permanente, mas um dom transitório do Espírito. A *sabedoria* designa sem dúvida, como em 2,6, o conhecimento aprofundado do desígnio de Deus. É difícil precisar o conteúdo do conhecimento. O emprego de preposições diferentes (... *pelo Espírito*... *segundo*... *no*...) bem mostra que, de todos os modos possíveis, o Espírito Santo é o meio graças ao qual são outorgados os carismas aos membros da comunidade. Nenhum desses carismas, entretanto, é o Espírito em pessoa. O único dom que poderá ser identificado com o Espírito é o do Amor.

u. Trata-se da fé em grau extraordinário. Cf. 13,2: uma *fé capaz de transportar montanhas*.

v. Ainda aqui é, em grau eminente, uma aptidão que todo fiel deve possuir (14,29; cf. 1Ts 5,21).

Rm 12.4-5 comparação: o corpo é um, e no entanto, tem vários membros; mas todos os membros do corpo, não obstante o seu número, formam um só corpo^a: o mesmo acontece com o Cristo^b. ¹³Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito, para formarmos um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou homens livres, e todos nós bebemos de um único Espírito^c. ¹⁴O corpo de fato não se compõe de um só membro, mas de vários^d. ¹⁵Se o pé dissesse: "Como eu não sou mão, não faço parte do corpo", cessaria ele, por isso, de pertencer ao corpo^e? ¹⁶Se o ouvido dissesse: "Como eu não sou olho, não faço parte do corpo", cessaria ele, por isso de pertencer ao corpo? ¹⁷Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se tudo fosse ouvido, onde estaria o olfato? ¹⁸Mas Deus dispôs no corpo cada um dos membros^h, segundo a sua vontade. ¹⁹Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Portanto há vários membros, mas um só corpoⁱ. ²¹O olho não pode dizer à mão: "Eu não preciso de ti" — nem a cabeça dizer aos pés: "Eu não preciso de vós". ²²Não só, mas até os membros do corpo que parecem mais fracos^j são necessários, ²³e os que consideramos menos dignos de honra, são os que mais honramos. Quanto menos de-

centes, mais decentemente os tratamos: ²⁴os que são decentes não precisam dessas atenções. Mas Deus compôs o corpo dando mais honra ao que dela é desprovido, ²⁵a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham cuidado comum uns pelos outros. ²⁶Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento: se um membro é glorificado^k, todos os membros participam da sua alegria. ²⁷Ora, vós sois o corpo de Cristo, e sois os seus membros, cada um no que lhe cabe^l. ²⁸E os que Deus dispôs^m na Igreja são, primeiro apóstolos, segundo profetasⁿ, terceiro homens encarregados do ensino^o; vem a seguir o dom dos milagres, depois o da cura, o da assistência, o da direção, e o dom de falar em línguas. ²⁹Acaso são todos apóstolos? Todos profetas? Todos ensinam? Todos fazem milagres? ³⁰Todos têm o dom de cura? Todos falam em línguas? Todos interpretam? ³¹Ambicionai os dons melhores. E além disso, eu vou indicar-vos um caminho infinitamente superior.

Lc 24,26

Rm 12,5;
1Cor 10,17
Ef 1,23;
4.4.25: 5,3

13 O amor fraterno

¹Mesmo que eu fale em línguas, a dos homens e a dos anjos, se me falta o amorⁱ, sou um metal que ressoa, um címbalo retumbante.

Sl 150,5

w. Paulo recorre a um tema conhecido da cultura helenística: o corpo humano, como imagem do corpo social, incitando ao respeito pela diversidade de seus membros e à necessária unidade de todos na prossecução de um objetivo comum (cf. as oposições "um-todos" ou "um-vários"). Mas Paulo modificou profundamente o significado desta imagem do "corpo", à luz da sua experiência cristã e da prática eucarística do "corpo de Cristo".

x. Subentender: *ele* (Cristo) *é um, e tem vários membros* (como "o corpo" no v. precedente).

y. Literariamente, este v. é um parêntese: não faz parte da narrativa-parábola, mas já fornece, por antecipação, uma explicação teológica baseada no batismo e na Eucaristia. O primeiro membro é paralelo a 10,2: "Todos foram, em Moisés, batizados na nuvem e no mar". "Beber uma bebida espiritual" (10,4) era uma alusão à Eucaristia.

z. A primeira parte da parábola do corpo (vv. 14-20a) desenvolve o tema da diversidade necessária.

a. Aqui, bem como no v. seguinte, pode-se compreender também: *ele não deixaria por isso de pertencer ao corpo*.

b. O Deus que modelou o corpo do homem conforme Gn 2,7.

c. A segunda parte da parábola do corpo (vv. 20b-26) desenvolve o tema da solidariedade dos membros do corpo que, uns

sem os outros, nada podem, mas pelo contrário obtêm a alegria na própria unidade.

d. Paulo, decerto, lembra aqui a existência dos cristãos que chamou de "fracos" em 8,7-13 e de cujas consciências ele insistiu em reclamar respeito.

e. Com os verbos "*sofrer*" e "*ser glorificado*" Paulo já abandona o terreno da narrativa parabolica. Com efeito, esses verbos exprimem, alhures, a morte e ressurreição de Cristo.

f. A Igreja é corpo de Cristo por ser cada cristão, antes do mais, membro de Cristo: a expressão "*vós sois seus membros*" deve compreender-se como "*vós sois membros de Cristo*" assim como "*vós sois o corpo de Cristo*".

g. Os vv. 28-30 aplicam à Igreja a primeira parte da parábola do corpo, ou seja o desenvolvimento sobre a diversidade. Assim como Deus dispôs os membros do corpo (v. 18), assim também Deus dispôs homens na Igreja. E estes exercem funções que não poderiam, sem contra-senso, ser reduzidas a uma só (vv. 29-30).

h. Cf. 14,1 nota.

i. Trata-se dos responsáveis pela formação doutrinal dos fiéis.

j. O hino ao amor corresponde à segunda parte da parábola do corpo, a que falava da solidariedade dos membros na unidade. Para Paulo, é o amor-agape que faculta aos membros da Igreja trabalhar juntos para o bem de todos. Este hino divide-se em três

² Mesmo que tenha o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fé mais total, a que transporta montanhas^k, se me falta o amor, nada sou.

³ Mesmo que distribua todos os meus bens aos famintos^l, mesmo que entregue o meu corpo às chamas^m, se me falta o amor, nada lucro com isso.

⁴ O amor tem paciênciaⁿ, o amor é serviçal, não é ciumento, não se pavoneia, não se incha de orgulho,

Rm 13,10 ⁵ nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor^o,

Rm 12,9; 2Cor 13,8 ⁶ não se regozija com a injustiça, mas encontra a sua alegria na verdade.

⁷ Ele tudo desculpa^p, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor nunca desaparece. As profecias? Serão abolidas. As línguas? Acabar-se-ão. O conhecimento? Será abolido.

⁹ Pois o nosso conhecimento é limitado e limitada a nossa profecia.

¹⁰ Mas quando vier a perfeição, o que é limitado será abolido.

¹¹ Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava

como criança.

Quando me tornei homem, pus cobro ao que era próprio da criança.

¹² Agora, vemos em espelho e de modo confuso^q; mas então, será face a face.

Agora, o meu conhecimento é limitado; então, conhecerei como sou conhecido. 8,3; Gl 4,8-9

¹³ Agora, portanto, permanecem^r estas três coisas, a fé, a esperança e o amor, mas o amor é o maior. Cl 1,4-5; 1Ts 1,3; 5,8

14 Profetizar e falar em línguas.

¹ Procurai o amor; aspirai às manifestações espirituais^s, sobretudo à profecia^t. ² Pois aquele que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o compreende: movido pela inspiração enuncia coisas misteriosas^u. ³ Mas quem profetiza fala aos homens: ele edifica, exorta, encoraja. ⁴ Quem fala em línguas edifica a si mesmo, mas quem profetiza edifica a assembléia. ⁵ Desejo que todos vós faleis em línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza é superior ao que fala em línguas, a menos que este dê a interpretação para que a assembléia seja edificada. ⁶ Suponde agora, irmãos, que eu vá ter convosco e vos fale em línguas: em que vos serei útil, se a minha palavra não vos traz nem revelação nem conhecimento, nem profecia nem ensinamento? ⁷ Acontece o mesmo

partes: superioridade do amor (vv. 1-3); suas obras (vv. 4-7); sua perenidade (vv. 8-13). Em todo este capítulo, trata-se do amor fraterno. O amor a Deus não é visado diretamente, mas sempre está presente de modo implícito, máxime no v. 13, em conexão com a fé e a esperança.

k. Cf. Mc 11,23.

l. Lit. *mesmo que distribua todos os meus bens em bocados*. m. Lit. *para ser queimado*. Var. muito atestada e preferida por certos editores: *para disso auferir orgulho*. Neste caso, compreender-se-ia: *Mesmo que eu me entregue a mim mesmo* (como escravo, para dar aos pobres o produto desta venda), *se for para disso auferir orgulho e sem amor, nada ganharei com isso*.

n. O amor não é definido de forma abstrata, mas mediante uma série de verbos, isto é concretamente, pela ação que suscita.

o. Ou: *ele não pensa no mal*.

p. Lit. *ele tudo cobre*.

q. Ao conhecimento de Deus indireto e confuso, pelo *espelho* das coisas criadas, sucederá o conhecimento direto (*face a face*) e claro da vida eterna. A filosofia antiga usava metáforas análogas

para falar do conhecimento do real (cf. mito da caverna de Platão).

r. Ao contrário das realidades que passarão (vv. 8-10), a *fé, a esperança e o amor* nos introduzem desde *agora* no domínio das realidades que nunca passarão, que *permanecem* para sempre. Outros interpretam: na vida presente (*agora portanto*) a fé, a esperança e o amor permanecem as únicas realidades que, afinal, merecem ser levadas em conta.

s. Cf. 12,1 nota.

t. Tanto no Novo Testamento como no Antigo, a *profecia* só secundariamente consiste em prever o futuro (At 11,28 nota). O profeta é essencialmente um homem ou uma mulher (cf. 1Cor 11,5) que fala em nome de Deus sob a inspiração do Espírito, que revela o mistério do seu desígnio (13,2), sua vontade nas circunstâncias presentes. Ele edifica, exorta, encoraja (v. 3), descobre os segredos dos corações (v. 25).

u. Lit. *pelo espírito ele diz mistérios*. Trata-se antes do espírito do homem, sede das manifestações incommunicáveis do dom das línguas, oposto à *inteligência*, única a permitir a comunicação com os outros. Mas este espírito é animado pelo Espírito.

com instrumentos de música, como a flauta ou a cítara: se não emitem sons distintos, como reconhecer o que a flauta ou a cítara estão tocando? ⁸E se a trombeta não produzir um som claro, quem se preparará para o combate? ⁹O mesmo se dá convosco: se a vossa língua não exprime palavras inteligíveis, como se compreenderá o que dizeis? Falareis ao vento. ¹⁰Há não sei quantas espécies de palavras no mundo, e nenhuma carece de significação. ¹¹Ora, se eu ignoro o valor da palavra, serei um bárbaro para aquele que fala e aquele que fala será um bárbaro para mim". ¹²O mesmo se dá convosco: procurai ser inspirados, e o mais possível, já que isso vos atrai; mas que seja para a edificação da assembléia.

¹³Por isso, quem fala em línguas deve orar para obter o dom de interpretação. ¹⁴Se eu oro em línguas, eu estou inspirado, mas a minha inteligência nada produz".

¹⁵Que fazer, então? Eu rezarei inspirado pelo Espírito, mas rezarei também de modo inteligível". Cantarei inspirado pelo Espírito, mas cantarei também de modo inteligível. ¹⁶Pois se somente a inspiração atua quando pronuncias uma bênção, como aquele que faz parte dos simples ouvintes^z poderá dizer "amém" à tua ação de graças, já que não sabe o que estás dizendo? ¹⁷Sem dúvida a tua ação de graças é notável, mas o outro não é edificado. ¹⁸Graças a Deus eu falo em lín-

guas mais do que todos vós, ¹⁹mas, numa assembléia, prefiro dizer cinco palavras inteligíveis^a, para instruir também os outros, do que dez mil em línguas.

²⁰Irmãos, quanto ao juízo, não sejais crianças; quanto ao mal sim, sede criancinhas^b mas quanto ao juízo sede adultos. ²¹Está escrito na lei: *Eu falarei a este povo por meio de homens de outra língua e por meio de lábios estrangeiros, e mesmo assim eles não me escutarão*, diz o Senhor^c.

²²Por conseguinte, as línguas são um sinal não para os que crêem, mas para os incrédulos; quanto à profecia, ela é um sinal, não para os incrédulos, mas para os que crêem. ²³Se, por exemplo, a Igreja está toda inteira reunida, e todos falam em línguas, os simples ouvintes ou os não-crentes que entrarem não crerão, porventura, que estais loucos? ²⁴Se, ao contrário, todos profetizam, o não-crente ou o simples ouvinte que entra se vê repreendido por todos, julgado por todos; ²⁵o segredo do seu coração fica desvendado; ele se lançará de rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós^d.

A ordem no culto e na Igreja. ²⁶Que fazer então, irmãos? Quando estiverdes reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, aduzir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou in-

Ef 5,19

2Cor 1,20

Rm 16,9;
Ef 4,14;
Fl 3,15

At 2,13

v. O bárbaro era quem não compreendia grego.

w. Cf. v. 2 nota. Lit. *o meu espírito ora, mas a minha inteligência fica sem fruto*. Nesse texto, e ao contrário de Rm 8,16; Gl 6,18 e Fl 4,23, *meu espírito*, oposto a *minha inteligência*, não tem um significado meramente antropológico: o espírito daquele que fala em línguas é habitado pelo Espírito. E é preciso além disso que sua inteligência empreste uma forma comunicável ao que o Espírito inspira ao seu espírito. Sem dúvida é com esta finalidade que Paulo introduz a função de "intérprete".

x. Lit. *orei com o espírito, mas orei também com a inteligência; cantarei com o espírito, mas cantarei também com a inteligência*.

y. Lit. *se abençoa em espírito*.

z. Lit. *aquele que ocupa o lugar de não-iniciado* (termo do vocabulário filosófico-religioso da época). Trata-se de pessoas que se limitam a escutar, que não são plenamente membros da comunidade, por ainda não terem optado definitivamente por Cristo (vv. 23-24) e que, *a fortiori*, não estão iniciadas ao falar em línguas.

a. Lit. *com minha inteligência*.

b. As *criancinhas* ainda não têm nem juízo nem possibilidade de cometer o mal. Paulo convida os cristãos a imitá-las no segundo ponto, não no primeiro, cf. Mc 10,14 e par.

c. Is 28,11-12. A citação não corresponde nem ao texto hebraico nem à tradução grega da Septuaginta. Orígenes (séc. III) pretende ter encontrado esse texto numa das outras traduções gregas existentes na sua época.

d. Difícil é perceber a ligação entre o princípio enunciado no v. 22 e sua aplicação nos vv. 23-25. Dá a impressão de que a aplicação contradiz o princípio. Na realidade, ao que parece, falar em línguas é um sinal para os descrentes *empedernidos* (vv. 22-23) cujo empedernimento confirma (v. 21: *eles não me escutarão, diz o Senhor*; v. 23: *não crerão, porventura, que estais loucos?*); ao passo que o profeta é um sinal para os que acedem à fé e passam da situação de descrentes (v. 24) à de crentes (v. 22), proporcionando-lhes um motivo para crer (v. 24). A mesma palavra *ápostos* não tem, pois, o mesmo sentido no v. 22 (incrédulo) e nos vv. 23-24 (ainda não crente).

Rm 14,19
Ef 4,12

terpretar: mas tudo se faça para a edificação comum. ²⁷Fala-se em línguas? Que dois o façam, no máximo três, e um depois do outro; e haja alguém que interprete. ²⁸Se não houver intérprete, cale-se o irmão na assembléia, fale a si mesmo e a Deus. ²⁹Quanto às profecias, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem. ³⁰Se um assistente receber uma revelação, aquele que fala deve calar. ³¹Todos vós podeis profetizar, mas cada um por sua vez, para que todo mundo seja instruído e encorajado. ³²O profeta é senhor do espírito profético que o anima. ³³Pois Deus não é um Deus de desordem, mas um Deus de paz.

2Pd 1,21

Como é de praxe em todas as Igrejas dos santos^b, ³⁴as mulheres calem-se nas assembléias; elas não têm permissão para falar; devem permanecer submissas, como o diz a lei^c. ³⁵Se elas desejam instruir-se sobre algum detalhe, interroguem o marido em casa. Não convém que uma mulher fale nas assembléias^d. ³⁶Acaso é dentre vós que a palavra de Deus tem o seu ponto de partida? Sois vós porventura os únicos que a receberam^e? ³⁷Se alguém se julga profe-

ta ou inspirado, reconheça no que vos escrevo um mandamento do Senhor^f. ³⁸Se alguém não o reconhece, é que Deus não o conhece^m.

1Jo 4,6

³⁹Assim, meus irmãos, aspirai ao dom da profecia, e não impeçais que se fale em línguas. ⁴⁰mas tudo se faça conveniente e ordenadamente.

1Ts 5,20

15 A ressurreição de Cristo. ¹Eu vos lembro, irmãos, o Evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual estais firmes, ²e pelo qual sereis salvos se o conservardes tal qual vo-lo anunciei: caso contrário, teríeis crido em vãoⁿ. ³Eu vos transmiti, em primeiro lugar, o que eu mesmo receberei^o: Cristo morreu por nossos pecados^p, segundo as Escrituras. ⁴Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras^q. ⁵Apareceu a Cefas, depois aos Doze.

Gl 1,11

⁶A seguir, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive^r, e alguns morreram^s. ⁷A seguir apareceu a Tiago, depois a todos os apóstolos^t. ⁸Em último lugar, também me apareceu a mim, o aborto^u. ⁹Pois eu sou o

Mt 16,21p

Lc 24,34;

Jo 21,15

Lc 24,36;

Jo 20,19.26;

Jo 21,1.12

At 9,3-7

e. Lit. devem discernir, cf. 12,10 nota.

f. Lit. *Se é revelado* (algo) a outro (que está) sentado, o primeiro que se cale.

g. Lit. os espíritos dos profetas são submissos aos profetas. É um sinal que permite distinguir a verdadeira profecia do delírio pseudoprofético que suprime o uso da razão.

h. Cf. Rm 1,7 nota; 15,25 nota; 1Cor 6,1.

i. Há quem procure esta referência à lei em Gn 3,16.

j. Alguns mss. trazem os vv. 33b-35 depois do v. 40. Por isso alguns os consideram como uma glosa, cuja posição pôde variar. Aqui, ela interrompe o desenvolvimento sobre a intervenção dos profetas (vv. 29-33a... 37-40). De fato, esses vv. contradizem 11,5 e parecem estar fora do assunto nesses capítulos que não tratam do papel da mulher nas assembléias. Afinal, Paulo não costuma apelar para "a Lei", a fim de resolver um caso de disciplina comunitária. Essa glosa pôde ser introduzida quando as cartas de Paulo foram reunidas em coleção, talvez sob a influência de 1Tm 3,11-12.

k. Lit. *Será que a palavra de Deus saiu de entre vós? Ou chegou só a vós?* Neste caso, insinua Paulo, teríeis mais títulos para impor vosso ponto de vista às outras igrejas.

l. Cf. 7,10.12, onde Paulo distingue os mandamentos do Senhor de suas próprias opiniões. Aqui, Paulo tem consciência de estar falando em nome do Senhor, cf. Lc 10,16.

m. Lit. *Se alguém ignora, é ignorado*. Alguns mss. trazem o imperativo: *se alguém quer ignorá-lo, ignore-o*.

n. Neste capítulo, Paulo quer combater o erro dos que negam a ressurreição dos mortos (v. 12). Com este intento, ele parte das

afirmações fundamentais da proclamação evangélica (vv. 3-4) que desenvolve enumerando as aparições do Ressuscitado (vv. 5-11). Delas tira as consequências relativas à opinião que quer combater (vv. 12-34). Depois, responde às objeções referentes ao "como" da ressurreição (v. 35-58).

o. Os termos usados (receber, guardar, transmitir) pertencem ao vocabulário técnico da tradição rabínica aplicado à palavra viva do Evangelho (v. 1) objeto da proclamação (v. 11) idêntica de Paulo e dos outros apóstolos, na qual os fiéis acreditaram (vv. 2.11) e pela qual serão salvos (v. 2). Cf. 11,23.

p. O valor salvífico da morte de Cristo é portanto um dado da proclamação do Evangelho anterior a Paulo (cf. Rm 6,3 nota).

q. Já se notam as fórmulas estereotipadas que constituirão o núcleo das profissões de fé da Igreja primitiva.

r. Subentendido: ainda hoje, eles podem dar testemunho do que viram. Portanto, a vossa fé na Ressurreição tem fundamento sólido.

s. Lit. *adormeceram*. Mesmo eufemismo nos vv. 18,20.51. Esta expressão, usual no mundo pagão, não implica por si esperança alguma na ressurreição. Mas o duplo sentido de *egeirein* (despertar, ressuscitar) torna particularmente evocador o uso do verbo *koinōsthai* (adormecer) donde provém *koinōtērion*, que nós transformamos em *cemitério*. Cf. 1Ts 4,13.

t. Os apóstolos figuram aqui como um grupo mais amplo que o dos Doze (v. 5). É difícil, talvez inútil, fazer coincidir estas aparições com as referidas pelos evangelhos.

u. Com esse termo, Paulo alude ao caráter anormal do seu nascimento para a fé cristã e à sua indignidade como perseguidor da Igreja (v. 9).

Ef 3,8 menor dos apóstolos, eu que não sou digno de ser chamado apóstolo porque persegui a Igreja de Deus. ¹⁰Mas o que sou, devo-o à graça de Deus, e a sua graça não foi vã a meu respeito. Pelo contrário, eu trabalhei mais do que eles todos: não eu, mas a graça de Deus que está comigo. ¹¹Em resumo, seja eu, seja eles, eis o que nós proclamamos e eis o que vós crestes^a.

A ressurreição dos mortos. ¹²Se se proclama que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns dentre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? ¹³Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou^a, ¹⁴e se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia, e vazia também a vossa fé^a. ¹⁵Acontece mesmo que nós somos testemunhas falsas de Deus, pois prestamos um testemunho^a contra Deus afirmando que ele ressuscitou o Cristo quando não o ressuscitou, se é verdade que os mortos não ressuscitam. ¹⁶Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. ¹⁷E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é ilusória, estais ainda em vossos pecados^a. ¹⁸Por isso mesmo os que morreram em Cristo estão perdidos. ¹⁹Se depositamos a nossa confiança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de pena de todos os homens^a.

²⁰Mas não; Cristo ressuscitou dos mortos, primícias^b dos que morreram. ²¹Com efeito, visto que a morte veio por um homem, é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos: ²²assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida^a; ²³mas cada um em sua ordem: em primeiro lugar, as primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião de sua vinda^a; ²⁴em seguida virá o fim, quando ele entregar a realza a Deus Pai, depois de ter destruído toda dominação, toda autoridade, todo poder^a. ²⁵Pois é necessário que ele reine, *até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés*^a. ²⁶O último inimigo a ser destruído é a morte. ²⁷pois *ele pôs tudo debaixo dos seus pés*^a.

Mas quando ele disser^a: “Tudo está submetido”, é evidentemente com exclusão d'Aquele que tudo lhe submeteu. ²⁸E quando todas as coisas lhe houverem sido submetidas, então o próprio Filho será submetido Àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos. ²⁹Se não fosse assim, que intentaríamos os que se fazem batizar em favor dos mortos? Se, em todo caso, os mortos não ressuscitam, por que se fazem batizar em favor deles? ³⁰E nós mesmos, por que a todo momento corremos perigo? ³¹Todos

v. Afirmação preciosa do ponto de vista ecumênico: todas as testemunhas de Cristo ressuscitado proclamam a mesma mensagem; e todos os fiéis professam a mesma fé. Por isso é impossível não procurar esta unanimidade, quando perdida.

w. Se a ressurreição dos mortos é impossível, o caso particular representado pela Ressurreição de Cristo também o é. Outra interpretação: a Ressurreição de Cristo só tem sentido enquanto primícias da nossa. Negada esta, aquela perdeu o sentido. Mas esta consideração só intervm a partir do v. 20.

x. A pregação e a fé que lhe corresponde têm por objeto central a ressurreição de Cristo, e todos os demais aspectos da pregação e da fé só têm sentido em referência a ela. Caso não exista, tudo desmorona.

y. Lit. *nós testemunhamos contra Deus*.

z. Pois para Paulo, o que apaga o pecado é a vida nova do cristão no amor, participação na vida de Cristo ressuscitado (cf. Rm 7,4 nota). Se Cristo não ressuscitou, o pecado permanece, como também sua consequência, a perdição (v. 18).

a. Outra trad.: *Se nesta vida nós não limitamos a esperar em Cristo, somos os mais dignos de pena de todos os homens*. No fim das contas, o sentido é o mesmo.

b. Cf. Rm 8,23 nota e 11,16 nota.

c. Paulo reiterará e aprofundará a doutrina dos vv. 20-21 em Rm 5,12-21 (ver as notas referentes a essas passagens): ele mostrará que a antítese *Adão-Cristo* não se situa só no plano material (morte e ressurreição corporais), mas no plano do homem integral (morte eterna do pecado, vida eterna na justiça). Tal perspectiva já está presente aqui.

d. Note-se que Paulo não encara aqui a ressurreição dos pecadores, afirmada em Jo 5,29; At 24,15, cf. Dn 12,2.

e. Esses três termos designam todas as forças inimigas de Deus, angélicas e humanas (cf. 1Cor 2,6; Cl 2,15).

f. De conformidade com o contexto (vv. 27-28), é preciso compreender: *até que Deus haja posto todos os seus inimigos sob os pés de Cristo*. Cf. Sl 110,1.

g. Sl 8,7.

h. Jesus apresentar-se-á diante do seu Pai para anunciar-lhe o cumprimento da sua missão. Outra trad.: *quando a Escritura diz que tudo lhe foi submetido*.

i. Lit. *que furão*.

j. Ignoram-se a natureza e a finalidade desta prática. Paulo não emite julgamento sobre o seu valor. Consta que ela seria absurda no caso de os mortos não ressuscitarem.

4.9: os dias eu morro, tão certo, irmãos, quanto vós sois o meu orgulho em Jesus Cristo nosso Senhor. ³²De que me teria servido combater contra as feras em Éfeso^b se eu me ativesse a propósitos humanos¹? Se os mortos não ressuscitam, *comamos e bebamos, pois amanhã morreremos^m*. ³³Não vos enganeis a este respeito: as más companhias corrompem os bons costumesⁿ. ³⁴Tornai a ser razoáveis de verdade e não pequis! Pois alguns não têm o conhecimento de Deus, digo-o para vossa vergonha.

O corpo dos ressuscitados. ³⁵Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam eles? ³⁶Insensato! O que semeias só cobra vida sob condição de que morra.

³⁷E o que semeias não é a plantaⁿ que deve nascer, mas um grão nu, de trigo ou de outra coisa. ³⁸Depois, Deus lhe dá corpo como quer, e a cada semente de maneira peculiar^p. ³⁹Nenhuma carne é idêntica a outra; há diferença entre a dos homens, dos animais, dos pássaros e dos peixes. ⁴⁰Há corpos^q celestes e corpos terrestres, e eles não têm o mesmo brilho^r; ⁴¹um é o brilho do sol, outro o da lua, outro o das estrelas; e mesmo uma estrela difere da outra em brilho.

⁴²Acontece o mesmo com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, ressuscita-se incorruptível; ⁴³semeado desprezível, ressuscita-se resplandecente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita-se cheio de força; ⁴⁴semeado corpo

animal^s, ressuscita-se corpo espiritual. Se há um corpo animal, há também um corpo espiritual. ⁴⁵É assim que está escrito: o primeiro *homem* Adão *foi um ser animal dotado de vida^t*, o último Adão é um ser espiritual que dá a vida. ⁴⁶Mas o que existe primeiro é o ser animal, não o ser espiritual; este vem depois. ⁴⁷O primeiro homem tirado da terra é terrestre. Quanto ao segundo homem, ele vem do céu. ⁴⁸Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres, e qual é o homem celeste, tais serão os celestes.

⁴⁹E assim como nós existimos à imagem^u do homem terrestre, assim também existiremos à imagem do homem celeste. ⁵⁰Eis o que afirmo, irmãos: a carne e o sangue^v não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.

⁵¹Vou dar-vos a conhecer um mistério^w. Nós não morreremos todos, mas todos seremos transformados, ⁵²num instante, num piscar de olhos, ao som da trombeta final^x. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e quanto a nós, seremos transformados^y. ⁵³Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade, e que este ser mortal revista a imortalidade. ⁵⁴Quando portanto este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então se realizará a palavra da Escritura: *"A morte foi tragada na vitória. ⁵⁵Ó morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão^z?"* ⁵⁶O aguilhão

Gn 5.3

1Cor 6.9,10

2Cor 5.4

k. Trata-se de uma metáfora. Na qualidade de cidadão romano, Paulo não era passível deste suplício.

l. Lit. *Se em Éfeso eu tivesse lutado contra as feras, conforme o homem, de que me serviria?*

m. Is 22,13.

n. Citação do poeta Menandro.

o. Lit. *o corpo*.

p. No conceito popular da época, a germinação não é um processo natural, mas resultado de uma ação milagrosa da divindade. Cf. 2Mc 7.20-23.

q. O termo *corpo* tem aqui o sentido de realidade material.

r. Lit. *Mas um é o brilho dos celestes, outro o dos terrestres*.

s. Lit. *psíquico*. Trata-se do homem reduzido às meras possibilidades da sua natureza, destinado à morte.

t. Gn 2.7. Lit. *alma (psychê) viva*. Esta expressão aplica-se tanto ao homem como aos animais (Gn 1.20).

u. Lit. *nós trouxemos a imagem*; o mesmo na segunda parte do v.

v. Trata-se igualmente do homem reduzido às meras possibilidades da natureza, fraco e mortal.

w. Cf. 1Cor 4.1 nota; Rm 11.25.

x. A *trombeta* é um acessório tradicional do imaginário apocalíptico: Mt 24.31; 1Ts 4.16. Ela é o símbolo do anúncio solene do desígnio divino. cf. as sete trombetas do Apocalipse: 8.6-11,19.

y. Paulo fala como homem que espera estar ainda vivo no momento da Parusia. Mas não faz desta convicção objeto da sua mensagem. Cf. 1Ts 4.15.

z. Is 25.8; Os 13.14 citados com grande liberdade.

da morte é o pecado, e o poder do pecado é a lei^a.

⁵⁷Rendamos graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

⁵⁸Assim, meus irmãos bem-amados, sede firmes, inabaláveis, fazei sem cessar progressos na obra do Senhor, sabendo que a vossa fadiga não é inútil no Senhor.

16 A coleta para a Igreja de Jerusalém.

¹Para a coleta em favor dos santos^b, seguireis, também vós, as regras que dei às Igrejas da Galácia. ²No primeiro dia de cada semana, cada um porá de lado em sua casa o que tiver conseguido poupar, a fim de que não se espere a minha chegada para recolher os dons. ³Quando eu estiver aí, enviarei, munidos de cartas, os que houverdes escolhido para levarem os vossos dons a Jerusalém; ⁴se convier que eu mesmo vá, eles viajarão comigo.

Projetos de viagem. ⁵Eu irei ter convosco, passando pela Macedônia; de fato, eu a atravessarei, ⁶e é possível que me detenha ou mesmo passe o inverno entre vós, para que me deis os meios de prosseguir a minha viagem^c. ⁷Desta vez, não quero ver-vos somente de passagem, e espero ficar algum tempo convosco, se o Senhor o permitir. ⁸Mas ficarei em Éfeso até Pentecostes, ⁹porque ali uma porta se abriu de par em par à minha atividade^d, e os adversários são numerosos. ¹⁰Se Timóteo chegar aí^e, velai por que esteja sem receio no

meio de vós, pois ele trabalha na obra do Senhor, como eu. ¹¹Por isso, ninguém o despreze^f. Fornecei-lhe os meios^g de voltar em paz para junto de mim, pois eu o espero com os irmãos. ¹²Quanto ao nosso irmão Apolo, eu o pressionei vivamente a ir ter convosco juntamente com os irmãos; mas ele não quer de modo algum ir agora; irá quando tiver tempo^h.

Últimas recomendações e saudações.

¹³Vigiai, mantende-vos firmes na fé, sede homens, sede fortes. ¹⁴fazei tudo com amor! ¹⁵Ainda uma recomendação, irmãos: sabeis que Estéfanos e a sua família são as primícias da Acaiaⁱ; eles se dedicaram ao serviço dos santos. ¹⁶Obedecei portanto a pessoas desse quilate e a todos os que compartilham seus trabalhos e suas fadigas.

¹⁷Sinto-me feliz com a presença de Estéfanos, de Fortunato e de Acaico; eles suprimiram a vossa ausência; ¹⁸pois tranquilizaram o meu espírito e o vosso. Sabei pois apreciar homens desse quilate.

¹⁹As Igrejas da Ásia^j vos saúdam. Áquila e Prisca vos enviam muitas saudações no Senhor, como também a Igreja que se reúne em casa deles. ²⁰Todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com um ósculo santo.

²¹A saudação é da minha própria mão, de mim, Paulo. ²²Se alguém não ama o Senhor, seja anátema^k. "Marana tá"^l!

²³A graça do Senhor Jesus esteja convosco.

²⁴Eu vos amo a todos em Jesus Cristo^m.

15,58;
Gl 5,1;
2Ts 2,15;
Ef 6,10
1Cor 1,16
Rm 16,5

Rm 16,3
Rm 16,5

Rm 16,16;
2Cor 13,12;
1Ts 5,26;
1Pv 5,14
Gl 6,11;
Cl 4,18;
2Ts 3,17;
Fm 19

a. Fórmula muito condensada que resume uma doutrina que será desenvolvida em Rm 5-7 e que se concluirá com a mesma ação de graças que aqui (cf. Rm 7,25 e 1Cor 15,57).

b. Cf. Rm 1,7 nota e 15,25 nota. Trata-se dos cristãos de Jerusalém que precisavam ser socorridos por esta coleta à qual Paulo atribuía grande importância como sinal de comunhão entre a Igreja-mãe de Jerusalém e as Igrejas originárias do mundo pagão. Sobre esta coleta, cf. Rm 15,25-26; 2Cor 8-9; Gl 2,10; At 24,17. c. Cf. Rm 15,24 nota.

d. Expressão cara a Paulo: 2Cor 2,12; Cl 4,3. Cf. At 14,27; Ap 3,8. Significa a ação providencial de Deus que abre para o apóstolo inesperados campos de apostolado.

e. Cf. 4,17.

f. 1Tm 4,12 talvez faça alusão a este texto (*ninguém menospreze a tua idade juvenil*). Nesta ocasião, porém, fazia quinze anos que Timóteo era colaborador de Paulo. Provavelmente,

Timóteo não fosse dotado da eloquência e da cultura filosófica de que os coríntios eram grandes apreciadores.

g. Mesma expressão que no v. 6.

h. Apolo, leal colaborador de Paulo, talvez não quisesse favorecer com sua presença o partido que se valia dele.

i. Cf. 1,16.

j. O litoral da Ásia Menor. Éfeso (donde Paulo escreve) é capital desta província.

k. Este termo traduz no AT o *herem*, massacre dos inimigos por ordem de Deus (Dt 7,2 etc.). Em sentido mais lato, uma realidade objeto de *herem* é considerada como imunda e abominável (Dt 7,26).

l. Expressão aramaica que significa: "Nosso Senhor, vem!", transposta para a liturgia eucarística primitiva (*Didaché* 10,6); cf. At 22,20. Pode-se ler também: *Maran até*, "O Senhor vem". m. Lit. *Meu amor com todos vós em Jesus Cristo*.

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO

Entre as epístolas paulinas, a Segunda Epístola aos Coríntios é antes uma obra de polêmica e persuasão do que uma exposição sistemática como a epístola aos Romanos. Nela, o apóstolo Paulo recorre a um estilo vivo e apaixonado para defender o seu apostolado contra os seus adversários e afirmar a sua dependência exclusiva do Cristo. Com maestria, o apóstolo mistura, em suas exortações, diversos sentimentos: amor e admoestação, cólera e ternura; ele quer manter a todo custo a unidade da Igreja de Corinto e contribuir para a sua edificação profunda.

Um texto hem-estabelecido e muitas vezes comentado. Reproduzido pelos manuscritos do século III, em particular pelos papiros Chester Beatty, o texto desta epístola está solidamente estabelecido. Mais cedo ainda, desde o século II, acham-se citações dele nos escritos de Inácio de Antioquia. Assim, esta carta deve ter figurado desde a origem no corpus dos escritos paulinos. João Crisóstomo, Tomás de Aquino, Lefèvre d'Etaples, Erasmo, Calvino e muitos outros a comentaram.

O melhor exemplo do estilo paulino. Melhor que a exposição sistemática da epístola aos Romanos ou as respostas às perguntas da primeira epístola aos Coríntios, 2 Coríntios revela o estilo e o vigor da formulação do apóstolo. As antíteses de palavras e pensamentos se sucedem (1,5.17-22.24-2.1.16; 3,3.6.9.13; 4,10-11.18; 5,15.17; 8,9; 9,5; 12,6-10). Algumas fórmulas se tornaram justamente célebres: "A letra mata, mas o espírito vivifica" (3,6); "Nosso Senhor Jesus Cristo, de rico que era, fez-se pobre, para vos enriquecer com a sua pobreza" (8,9). Para combater e mesmo condenar energeticamente as fraquezas dos coríntios, o apóstolo sabe associar o humor à vivacidade. Basta ler 2Cor 8 e 9 para descobrir duas pequenas obras-primas literárias. O apóstolo é censurado por sua falta de eloquência. Veja como ele sabe recuperar a vantagem: "Nulo na eloquência, seja! quanto ao conhecimento, porém, outra

coisa!" (11,6). Pela diversidade dos meios de expressão utilizados, 2Cor avanteja-se muitas vezes a todas as demais cartas (por ex. 2Cor 4,7-10.16-17; 6,3-10).

Destinatários. Os destinatários são os mesmos da primeira epístola. Tudo o que então foi dito sobre a comunidade de Corinto (cf. Introd. 1Cor, § 1) permanece válido. Ao invés, as circunstâncias que motivaram o envio da primeira carta (cf. introd. 1Cor, § 2) evoluíram. Pela segunda epístola, o caráter e o estado de espírito dos destinatários se acham assim especificados: seria uma das suas características o espírito de oposição ao apostolado paulino? Trataremos disso mais adiante, no § 4. Parece que o apóstolo teve várias espécies de adversários: com efeito, as relações entre o apóstolo Paulo e seus destinatários passaram por uma crise profunda. Os ciúmes deles, suas disputas e mesmo sua tendência a abandonar a fé repontam aqui ou ali. Finalmente, no que concerne à coleta em favor dos "santos", já mencionada em 1Cor 16, os dois bilhetes que Paulo lhe consagra em 2Cor 8 e 9 (cf. § 5) mostram que a generosidade dos coríntios é mais verbal do que real, e que o seu espírito de organização tende sobretudo a fazer com que os outros participem da coleta ecumênica cuja iniciativa eles tomaram. Já não fora dito, muito antes do apóstolo, que os gregos corriam o risco de não passar de espectadores de discursos e ouvintes de ações? Por que não teriam os coríntios herdado um pouco disso?

Os adversários do apóstolo. Difícil é saber com precisão quais são os adversários do apóstolo. Seriam eles membros da Igreja e deveriam incluir-se entre os destinatários, ou os coríntios teriam sido somente mais ou menos influenciados por eles? Formariam eles um grupo homogêneo? Ou constituiriam vários grupos, cujo único ponto em comum era opor-se a Paulo? Seriam eles os mesmos a que visam as respostas que o apóstolo dá em 1Cor?

A todas essas perguntas, o conjunto de 2Cor fornece algumas respostas:

Um dos membros da comunidade de Corinto cometera uma grave injúria contra o apóstolo. Esta afronta (2Cor 2,5) foi sentida não só por Paulo, mas ainda pela maioria, talvez mesmo pelo conjunto da comunidade. Esse ato poderia ter sido cometido por um dos "gnósticos" de Corinto. Para tal homem, a salvação consiste sobretudo no conhecimento e não compromete a totalidade da existência humana. Será ele o mesmo que, em 1Cor 5,1-13, é responsável por relações sexuais incestuosas? É possível. Paulo o inclui certamente entre os "que pecaram anteriormente e não se converteram de sua impureza, de seu desregramento e de sua devassidão" (2Cor 12,21). Nós deparamos novamente aqui as tendências gnósticas já combatidas em 1Cor. Esses gnósticos pregam a si mesmos (4,5) e se julgam desde já possuidores da salvação futura (5,10-13).

A leitura de 2Cor 10-13 põe de manifesto outro grupo de adversários, caracterizado por sua inspiração judaica. Ela não permite definir se os membros desse grupo são servos do Cristo, judeu-cristãos, ou se permaneceram inteiramente judeus. Em 11,21-23, o apóstolo se coloca no mesmo plano que eles, e os seus adversários parecem pertencer à Igreja: "Hebreus... da descendência de Abraão... ministros do Cristo". Entretanto não passam de falsários, falsos apóstolos camuflados de apóstolos do Cristo (11,13); manifestam uma confiança excessiva em si mesmos. Será que eles consideram insuficiente o decreto emitido pela assembléia de Jerusalém (At 15, Gl 2), fixando para os pagãos um mínimo de observâncias? Será que eles querem impor a totalidade das práticas judaicas aos que são de outra origem? É verossímil. Apóstrofes tão violentas não se dirigem a enviados de Pedro, que Paulo sempre respeitou, tampouco a emissários de Tiago, vindos de Jerusalém, mas antes a judeus da tendência dos zelotes (cf. At 21,20-36) que adotaram a fé cristã, o que não contradiz a sua pertença a esse partido. Paulo lhes demonstra a superioridade definitiva da nova aliança sobre a antiga (2Cor 3,1-18).

Circunstâncias e datas. As circunstâncias da redação e as datas possíveis do envio de 2Cor só podem ser expostos depois de termos notado que, em 1Cor 5,9, bem como em 2Cor 2,3 e 7,8, se

mencionam cartas perdidas. Estariam elas totalmente perdidas ou, como fizeram alguns, deve-se procurar reencontrá-las destacando trechos das cartas canônicas?

Será que a segunda epístola constitui uma só carta? Não seria preciso considerar 10-13 como uma das cartas perdidas? Com efeito, das três seções (1-7; 8-9; 10-13), a última poderia constituir um bloco à parte. É uma apologia quase violenta do apostolado paulino. Caso se insista em desdobrar a segunda epístola, esta última parte poderia vir a ser a carta severa escrita para contristar os coríntios e mencionada em 2Cor 2,4-9 e 7,8-12. Mas isso permanece hipotético. O único ponto certo é que Paulo enviou ao menos quatro cartas à Igreja de Corinto.

Vamos chamá-las: A, B, C e D. A primeira, A, está perdida. Menção a ela se encontra em 1Cor 5,9. B: esta segunda é a nossa primeira epístola canônica. C, a terceira, também está perdida, a menos que 2Cor 10-13 seja total ou parcialmente essa carta "escrita entre lágrimas". D, que é a quarta, é composta (dependendo da opção adotada em relação a C) quer de 2Cor 1-13, quer de 2Cor 1-9.

Como estabelecer algumas datas? A epístola aos Romanos foi redigida quer em 57, quer em 58, no começo da primavera, por ocasião de uma breve estada do apóstolo Paulo em Corinto. O conjunto dos intercâmbios epistolares entre o apóstolo e a Igreja de Corinto deu-se portanto antes dessa data. Tomando em conta a duração da estada necessária para a redação da epístola aos Romanos, do lapso de tempo indispensável para que a última carta chegasse a Corinto e produzisse os efeitos desejados, é preciso situar o envio dessa carta D ao menos quatro ou cinco meses antes, seja de Trôade, seja da Macedônia, enquanto o apóstolo viajava rumo a Corinto, isto é, no fim de 56 (ou no fim de 57).

Por outro lado, lembremo-nos de que o apóstolo Paulo deixou Corinto durante o verão de 52; ele foi para Éfeso um ano mais tarde, em 53; as notícias alarmantes relativas à situação em Corinto só puderam ter-lhe chegado algumas semanas ou alguns meses mais tarde, em 54. É portanto entre 54, o mais cedo, e fim de 56 (ou 57), ao mais tardar, que se situa o conjunto desses intercâmbios epistolares.

A sequência dos acontecimentos se apresentaria do modo seguinte: o apóstolo, durante a sua estada em Éfeso, é informado de que graves desor-

das ocorrem na Igreja de Corinto. Escreve então a primeira carta (carta A) (pré-canônica, perdida, mencionada em 1Cor 5,9) e exige dos coríntios que não se misturem com aqueles, cuja imoralidade é notória. Tendo esta primeira carta produzido pouco efeito, Paulo envia, algum tempo depois, Timóteo (1Cor 4,17), a fim de lembrar o seu ensinamento e a sua doutrina.

Então, são dirigidas ao apóstolo perguntas por escrito (1Cor 7,1). Este responde ponto por ponto, enviando 1Cor (carta B), provavelmente no decorrer de 55.

Depois, Tito deixa Éfeso para ir a Corinto: ali, ele quer preparar a realização da coleta projetada em 1Cor 16,1-4; mas a situação que ele acha ao chegar é decepcionante; as duas cartas A e B, bem como a visita de Timóteo, não surtiram os resultados esperados.

Então, Paulo resolve ir pessoalmente a Corinto no decurso de uma viagem-relâmpago; a segunda viagem (a primeira fora a da fundação, 2Cor 12,14 e 13,1). A sua decisão deve ter sido tomada rapidamente, pois, segundo 2Cor 2,1, ela não constava de início de suas intenções. Um choque muito violento se produziu e Paulo partiu de novo bruscamente para Éfeso. Ao voltar, ele redige a terceira carta (a carta C), ou carta severa, escrita entre lágrimas (mencionada em 2Cor 2,3-4).

Para superar este fracasso, Paulo encarrega Tito, negociador esperto, hábil diplomata, de ir retomar contato com os coríntios. Teria ele sido encarregado de levar consigo essa terceira carta, ou o apóstolo só a escreveu e enviou imediatamente após a sua partida? Não se sabe. Paulo está impaciente por inteirar-se da atitude dos coríntios, das suas reações após a carta e do resultado da missão de Tito. Mas certas circunstâncias o obrigam a deixar Éfeso: ele vai a Trôade, depois à Macedônia, e é aí que Tito chega, enfim, portador de notícias alvissareiras (2Cor 7,13).

Paulo, reconfortado, redige uma pacífica apologia do seu apostolado à qual acrescenta um apelo em favor da coleta (caps. 8 e 9, podendo o cap. 9 ser um bilhete independente do cap. 8). É a nossa Segunda Epístola aos Coríntios (a carta D). Tito parte novamente para Corinto e prepara a vinda de Paulo, que não tarda a juntar-se a ele. O ano 56 (ou 57) está para findar. É durante essa terceira estada que Paulo vai redigir com perfeita lucidez de espírito a epístola aos Romanos.

Estrutura. Três grandes partes se delineiam nesta carta.

1. Paulo e suas relações com a comunidade de Corinto: 1,1-7,16.

O apóstolo, que esteve em perigo de morte na Ásia (1,8), não adiou por leviandade, mas por desejo de poder perdoar (1,11-2,13), a viagem prometida. De 2,14 a 7,4, Paulo evoca a grandeza do ministério apostólico: sublinha a superioridade do ministério da nova aliança sobre o da antiga (2,14-4,6), depois expõe as angústias e a esperança certa deste ministério (4,7-5,10), que se manifesta no tempo presente como uma embaixada por Cristo e uma reconciliação com o mundo (5,11-21). As dificuldades são como um aguilhão que impele o apóstolo a abrir o seu coração aos coríntios (6,1-7,4). De 7,4 a 7,16, Paulo lembra como Tito o alcançou na Macedônia após um feliz desenlace da crise.

2. As duas instruções relativas à coleta em favor da Igreja de Jerusalém (caps. 8 e 9).

3. Os caps. 10 a 13 formam um longo trecho, de estilo apaixonado, às vezes cáustico, mas sempre repleto de uma exigência de verdade e de fé, em que Paulo defende a autenticidade do seu ministério. Basta ler 11,22-31 e 12,1-10 para convencer-se do poder do Evangelho através da vida do apóstolo.

Apóstolo de Jesus Cristo. O interesse profundo de 2Coríntios é o de associar intimamente acontecimentos humanos à presença ativa do Senhor. Não há de um lado uma exposição doutrinária e, do outro, uma meditação sobre a vida, mas um mesmo movimento muito forte e um só dinamismo profundo unem estreitamente tanto a pessoa de Cristo como a sua ação atual à vida presente dos cristãos da Igreja de Corinto e sobretudo à vida do apóstolo.

A ação do Espírito e a ação do Cristo são muitas vezes associadas (1,21; 3,18). Às vezes junta-se a estas a ação de Deus, como em 1,21-22. Assim, Cristo, o Espírito, Deus são postos numa relação muito estreita como em 3,3 e 13,13. Essas fórmulas esboçam o que, nos séculos posteriores, se chamaria de Trindade, mas elas o fazem insistindo sobre a diversidade e a unidade de ação dos três: Cristo, Deus e o Espírito intervêm na vida dos crentes e da comunidade para conduzir a obra da salvação à sua realização.

Um fato chama a atenção: o apóstolo põe a ênfase no Cristo. A abundância das noções "em

Cristo sublinha a relação de comunhão atual, e a fórmula "com Cristo" afirma uma comunhão futura mais estreita após a passagem pela morte e ressurreição. O apóstolo acha modo de exprimir a confissão de fé no Cristo com uma plenitude notável: "Cristo é imagem de Deus" em 4,4. Em uma fórmula única: "Imagem de Deus", o apóstolo exprime o caráter particular da pessoa do Cristo. O Cristo é homem verdadeiro como Adão, imagem de Deus. O Cristo é aquele que revela Deus sobre a terra; ele é imagem de Deus, isto é, aquele no qual todo homem pode encontrar a Deus.

Assim, morte e vida do Cristo sempre são relacionadas com os seus efeitos atuais sobre o apóstolo, sobre a comunidade ou sobre o cristão.

2Coríntios é por excelência a epístola do apostolado. O apóstolo marcha no cortejo triunfal do Cristo e difunde por toda a parte o perfume do seu conhecimento, um odor de vida (2,14-17). Assim ele participa do destino de Cristo, trazendo em seu corpo os sofrimentos da morte de Jesus, a fim de que a vida de Jesus também seja nele manifestada. A sua mensagem apostólica é uma carta viva: a comunidade de Corinto; "a nossa carta sois vós", declara Paulo aos coríntios (3,2). Paulo soube encontrar a expressão exata para descrever a grandeza e a fragilidade do seu ministério: "Carregar um tesouro em vasos de argila" (4,7); e a vigorosa e delicada enumeração de 6,4-10 situa a força e os limites do seu apostolado. O seu caráter humano é sublinhado por todos os detalhes que a epístola fornece sobre a sua vida passada a serviço do Cristo (11,22-31) e que nos informam da impressionante sucessão de perigos, sofrimentos e misérias que ele teve de suportar pessoalmente! Mas como um homem a quem o Senhor disse: "A minha graça te basta; o meu poder se perfaz na fraqueza" (12,9). Ele age como embaixador em nome de Cristo (5,20). A ele foi confiado o ministério da reconciliação (5,18). Viu-se habilitado a ser ministro de uma nova aliança (3,6).

O Antigo Testamento. Ao afirmar que os coríntios se tornaram uma carta do Cristo confiada ao seu ministério, Paulo considera que a nova aliança anunciada pelo profeta Jeremias (31,31-33) foi realizada. Ela não é um complemento ou aperfeiçoamento da antiga, pois, se o gravador e a gravura são os mesmos, houve, no entanto, uma passagem da tábua de pedra para a tábua de carne,

do livro escrito para o coração. Ela não mais se limita a Israel: dá acesso a todos aqueles nos quais opera a ação do Espírito Santo. Para bem mostrar como essa aliança é verdadeiramente nova, Paulo bosqueja uma comparação impressionante entre a aliança concluída outrora com Moisés e a nova aliança. É a primeira vez que a aliança de Moisés é chamada de Antiga Aliança e os livros sagrados do judaísmo são designados pela expressão: o Antigo Testamento (3,14). Doravante Deus age nos corações, a era do Espírito começou. A nova aliança não se pode mais petrificar em uma letra (3,6) como foi o caso para a antiga, pois o Espírito vivifica (3,6).

Uma só Igreja. Por volta do ano 55, ou seja, uma geração após a morte e ressurreição de Jesus, grande era o risco de que cada comunidade local acentuasse características específicas em detrimento da comunhão entre todas as Igrejas. Para o apóstolo Paulo, os tempos messiânicos já começaram (cf. Is 60-62); por isso ele propõe uma coleta que alguns qualificaram de "ecumênica", visto destinar-se a valorizar o vínculo entre todas as Igrejas nascidas da missão e os santos de Jerusalém provados pela fome. Os coríntios se entusiasmam por essa coleta. São os primeiros a propor uma organização que se estenda às outras Igrejas. Propor a generosidade a outros é mais fácil do que praticá-la pessoalmente: os coríntios tardam (9,4). Para o apóstolo, o auxílio mútuo torna-se sinal de comunhão profunda: uma Igreja de Deus, que está em Corinto, como também em outros lugares. A coleta deve manifestar a comunhão através das diferenças e sublinhar a unidade do povo novo, constituído tanto de judeus como de gregos.

Atualidade. A nossa época aprecia informações exatas e dados biográficos: 2Coríntios responde a essa expectativa e fornece abundância de detalhes sobre a vida do apóstolo. Esta carta pode interessar ao psicólogo, bem como ao psicanalista, exegeta, teólogo, historiador ou ao leitor em geral, que descubram, ao vivo, um homem, um pastor, um apóstolo defrontando-se com problemas novos e difíceis no período dos primórdios da Igreja. Acerca deste ponto 2Coríntios pode fornecer indicações e esboços de soluções para as Igrejas que, num ambiente mutável, procuram formas novas de fidelidade.

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, apóstolo de Cristo Jesus^a pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo^b, à Igreja de Deus que está em Corinto^c, bem como a todos os santos que se acham em toda a Acaia^d. ²A vós, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Participação nos sofrimentos e consolações. ³Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação; ⁴ele nos consola em todas as nossas tribulações^f, para nos tornar capazes de consolar todos os que estão na tribulação, pela consolação que nós mesmos recebemos de Deus. ⁵Com efeito, assim como os sofrimentos^g do Cristo são abundantes para nós, assim também, pelo Cristo, é abundante a nossa consolação^h. ⁶Estamos metidos em dificuldade? É para a vossa consolação e a vossa salvação. Somos consolados? É para a vossa consolação que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que nós suportamos. ⁷E nossa

esperança a vosso respeito é firme; sabemos que, participando dos nossos sofrimentos, também participais da nossa consolação. ⁸Pois não queremos, irmãos, deixar-vos ignorar isto: o perigo que nós corremos na Ásiaⁱ nos abateu ao extremo, além das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da vida.

⁹Sim, nós tínhamos recebido em nós mesmos a nossa sentença de morte. Assim a nossa confiança não podia mais se fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. ¹⁰Foi ele que nos arrancou a tal morte^j, e a ela nos arrancará; nele pusemos a nossa esperança: ele ainda nos arrancará dela. ¹¹Também vós cooperais para isso, com vossa oração por nós; assim esta graça que tivermos obtido por intercessão de um grande número de pessoas, tornar-se-á para muitos ação de graças^k em nosso favor.

O adiamento da visita de Paulo. ¹²Pois o nosso motivo de ufania^l é este testemunho de nossa consciência: nós nos conduzimos no mundo, e mais particu-

a. *Cristo Jesus* (cf. Rm 1.1 nota). Paulo, emprega ora o *Cristo Jesus*, 2Cor 1.1.19; 4.5, ora *Jesus Cristo*, 2Cor 1.2.3; 13.5.13; e mais amiúde ainda o *Cristo*, 2Cor 1.5.21; 2.10.12.14.15.17; 3.3.4.14 etc.; sobretudo na expressão *em Cristo*. Entretanto, o emprego isolado de *Jesus* é relativamente raro, 4.10.11.14; 11.4. Trata-se neste caso de uma exposição sobre a pregação, a vida ou a morte de Jesus. Parece que Paulo diz o *Cristo Jesus* pensando em ouvintes judeus: o Messias é Jesus. Para os ouvintes gregos, a formulação é antes *Jesus Cristo*, que tende a se tornar nome próprio.

b. *Timóteo*, originário de Listra (At 16.1), acompanha Paulo na segunda e terceira viagens. Ele participa na fundação da Igreja de Corinto (At 18.5; 2Cor 1.19), e assegura mais especialmente a ligação do apóstolo com ela (1Cor 4.17; 16.10.11).

c. Arrasada por Múmio em 146 a.C., reedificada por Júlio César em 44 a.C. com o nome de Colonia Laus Julia Corinthiensis. *Corinto* se tornou rapidamente uma cidade muito grande, de população muito heterogênea, e capital da província de Acaia. Cf. At 18.1 nota.

d. *Acaia*, província romana correspondente à antiga Grécia.

e. O termo *Kyrios*, *Senhor*, serviu para traduzir ao grego o nome divino da Bíblia hebraica. A sua aplicação a Jesus é uma confissão da divindade do Cristo (At 2.36; 1Cor 12.3; 2Cor 4.5; Fl 2.11).

f. Lit. *os que estão em alguma tribulação*. Essas tribulações vão desde as preocupações do casamento (1Cor 7.28), à pobreza (2Cor 8.2) e ao perigo de morte (2Cor 1.8), com suas angústias (2Cor 1.4). Elas qualificam as provações do apóstolo ou do fiel (cf. Rm 5.3 nota).

g. Paulo insiste no intercâmbio de situação entre o Cristo e os coríntios: aqui, *sofrimentos* e *consolações*; em 2Cor 5.21, *pecado* e *justiça* de Deus; em 2Cor 8.9, *pobreza* e *riqueza*; em 2Cor 13.4, *fraqueza* e *força* (cf. 4.12; 11.29; 12.9). O mesmo intercâmbio que se realiza entre o Cristo e o crente se reproduz entre o apóstolo e os cristãos (1Cor 11.1; 12.26).

h. O termo *consolação*, aplicado pelo livro de Isaías (40.1) à restauração de Israel, designa no NT a alegria e o reconforto proporcionados pela Boa Nova e pelo Espírito.

i. Província romana, cuja capital era Éfeso. O *perigo* designado aqui parece distinto do motivo de At 19.23-40 e da provação de 1Cor 15.32. Talvez se possa relacionar com Fl 1.12-30? A prisão de Paulo em Jerusalém seria provocada por judeus da Ásia (At 21.27; 24.19).

j. Lit. *a tais mortes*. O plural é um semitismo.

k. Paulo insiste muito com os coríntios sobre a *ação de graças*: cf. 4.15; 9.11-12.

l. Cf. Rm 4.2 nota, e, na epístola, os numerosos exemplos, em particular nos caps. 10 e 12, da ufania que o apóstolo tem das suas Igrejas, graças ao Cristo.

larmente a vosso respeito, com a simplicidade^m e a pureza de Deus, não com uma sabedoria humana, mas pela graça de Deus. ¹³De fato, não vos escrevemos nada além do que vós ledes e compreendeis". Mas espero que nos haveis de compreender plenamente. ¹⁴Visto que em parte nos compreendestes: nós somos o vosso motivo de ufanía, como vós sois o nosso, no diaⁿ doⁿ Senhor Jesus. ¹⁵E com esta certeza, eu queria primeiro ir ter convosco para obter-vos uma segunda graça^a. ¹⁶depois, passar dentre vós, à Macedônia, e enfim voltar da Macedônia para junto de vós, a fim de que façais todo o necessário para a minha viagem à Judéia^r. ¹⁷Tomando essa resolução, teria eu dado mostra de leviandade? Ou então será que os meus projetos não passam de projetos humanos, de maneira que haja em mim, ao mesmo tempo, o Sim e o Não? ¹⁸Disso Deus me é fiador: a nossa palavra para convosco não é Sim e Não. ¹⁹Pois o Filho de Deus, o Cristo Jesus que temos proclamado entre vós, eu, Silvano^p e Timóteo, não foi "Sim" e "Não", mas sempre foi unicamente "Sim"! ²⁰E todas as promessas de Deus

encontraram o seu SIM na pessoa dele. Por isso, é por ele que nós dizemos AMÉM^u a Deus para sua glória. ²¹Aquele que nos consolida convosco em Cristo e nos dá a unção^v é Deus. ²²ele que nos marcou com o seu sinete e depois em nossos corações o penhor^w do Espírito. ²³Quanto a mim, tomo a Deus por testemunha acerca da minha vida: foi para vos poupar que não voltei a Corinto. ²⁴Não senhoreamos a vossa fé, mas cooperamos para a vossa alegria, pois, quanto à fé, estais firmes.

2 ¹Eu, por mim, resolvi o seguinte: não voltarei^x a vós na tristeza^y. ²Se, com efeito, eu vos causo tristeza, quem me dará alegria, senão aquele a quem eu tiver contristado? ³O objetivo da minha carta^z era evitar que, ao chegar, eu sofresse tristeza da parte daqueles que deveriam me causar alegria. Estou convencido, no que vos concerne^b, de que a minha alegria também é a de todos vós; ⁴por isso foi com a maior dificuldade e de coração oprimido que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos contristar, mas para que saibais o amor transbordante que vos consagro.

Jo 2.27

6.1:
1Pd 5.2-3

13.10

7.8;
At 20.31

1Cor 10.13

m. Outra leitura: *santidade*, em vez de *simplicidade*.

n. Em sua pregação ou em suas cartas, Paulo só tem um evangelho (2Cor 11.4; Gl 1.6-9; 2.2.5). Ele responde assim à acusação de duplicidade (2.17; 4.2).

o. O Dia do Senhor, esperado pelo AT, volta a ser considerado no NT como *Dia do Cristo* ou *Parusia*, isto é, presença e retorno do Cristo. Será ao mesmo tempo ressurreição e julgamento (1Cor 1.8; 5.5).

p. Outra leitura dos mss.: *de nosso Senhor Jesus*.

q. Outra leitura: *para vos causar uma dupla alegria*.

r. O projeto de 1Cor 16.5-6 foi modificado. Primitivamente: Macedônia, Corinto, Judéia. Agora, aqui: Corinto, Macedônia, Corinto, Judéia. Na realidade, Paulo renunciará a passar primeiro em Corinto, para poupar a Igreja (1.23; 2.1).

s. Lit. o *sim*, *sim* e o *não*, *não*. O original dessa palavra talvez esteja em Tg 5.12 (cf. Mt 5.37). Os adversários acusavam Paulo de modificar constantemente os seus projetos. Eram unicamente os acontecimentos que o obrigavam a isso.

t. *Silvano* tinha dois nomes, um de origem hebraica, *Silas*, o outro de forma latina helenizada, *Silvano* (At 15.22-40; 16.19-29 etc.). Ele participou da evangelização de Corinto (At 18.5; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1; Cf. 1Pd 5.12).

u. *Amém* (*té verdade*, *é certo*) é um dos quatro termos aramaicos conservados em grego nas fórmulas litúrgicas do NT. Ele afirma a fidelidade do Senhor e a fé do homem. Ao contrário dos rabinos, Jesus iniciava as suas afirmações, dizendo: *Amém*, eu vo-

-lo digo... Os sinóticos fornecem mais de cinquenta exemplos, o quarto evangelho o reduplica para reforçar uma afirmação e lhe dar um caráter mais solene: *Amém, amém, eu vos digo*... (Jo 1.51). Mas o mais das vezes, *Amém* serve de conclusão para a liturgia, e a liturgia eucarística fornece disso um bom exemplo (cf. Rm 16.27; 1Cor 14.16; Ap 5.14). O Apocalipse adotará a terminologia de Paulo, chamando Jesus de o *Amém* (Ap 3.14).

v. *Unção* (v. 21) e *sinete* (v. 22) são ligados a uma afirmação trinitária: Cristo, Deus, Espírito. O AT já vinculava a esses símbolos a efusão do Espírito. Anunciada por Jl 3.1-2, ela agora está realizada. Os termos podem fazer alusão aos sacramentos, em particular ao batismo.

w. Aqui e em 5.5, *penhor* (cf. Ef 1.14). Alhures, *primícias* (Rm 8.32). O dom do Espírito é um penhor e um antegozo da glória celeste.

x. Cf. 1.16 nota.

y. Em 7.10, Paulo distingue duas espécies de *tristeza*: a tristeza segundo Deus e a tristeza segundo o mundo. A primeira deve produzir o arrependimento.

z. Paulo sofreu uma grave ofensa: sem dúvida um opositor, talvez judaizante, teria contestado os seus títulos e direitos de apóstolo. Paulo está pronto a perdoar, mas a situação deve ser antes esclarecida.

a. A respeito desta carta perdida cf. Introdução.

b. Outra tradução: *seguro que estava a vossa respeito*.

Perdão de Paulo ao autor de grave

1Cor 5.2 ofensa. ⁵Se alguém^c causou tristeza, não foi a mim, mas até certo ponto (não exageremos) a todos vós. ⁶Para tal homem, basta a censura infligida pela comunidade^d; ⁷por isso, muito pelo contrário, ⁸perdoai-o e consolai-o, a fim de que não soçobre em tristeza excessiva.

⁹Por isso, convido-vos a dar provas de amor para com ele^e. ⁹pois escrevendo-vos, a minha finalidade era verificar se a vossa obediência era total. ¹⁰A quem perdoardes, eu perdôo! Se eu perdoei — na medida em que tive de fazê-lo —, era por vós, sob o olhar de Cristo. ¹¹a fim de que não sejamos enganados por Satanás. Pois não ignoramos as suas intenções^f.

Apreensão, depois alívio de Paulo. ¹²Então cheguei a Trôade^g para aí pregar o Evangelho do Cristo, e embora o Senhor me tivesse aberto largamente a porta, ¹³não tive sossego de espírito, porque não encontrei Tito, meu irmão. Por isso, despedi-me deles e parti para a Macedônia^h. ¹⁴Graças sejam dadas a Deus que, por Jesus Cristo, nos conduz constantemente em seu triunfoⁱ e que, por meio de nós, difunde por toda a parte o perfume do

seu conhecimento. ¹⁵De fato, nós somos para Deus o bom odor do Cristo, para os que se salvam e para os que se perdem; ¹⁶para uns, odor de morte que conduz à morte; para os outros, odor de vida que conduz à vida. E quem está à altura de tal missão?

¹⁷Com efeito, nós não somos como tantos outros, que traficam com a palavra de Deus; é com sinceridade, é da parte de Deus, na presença de Deus, em Cristo que falamos.

3 O ministério da nova aliança. ¹Vamos recomendar-nos novamente? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação^j para vós, ou de vossa parte? ²A nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações^k, conhecida e lida^l por todos os homens. ³Com toda a evidência, vós sois uma carta do Cristo confiada a nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra^m, mas em tábuas de carne, nos vossos corações. ⁴Tal é a certeza que nós temos, graças ao Cristo, diante de Deus. ⁵Não é por causa de uma capacidade pessoal, que poderíamos atribuir a nós mesmos, é de Deus que vem a nossa capacidade.

c. Cf. v. 2 nota. Deve tratar-se de uma ofensa pessoal, distinta daquelas a que Paulo se refere em 1Cor 5.1 e Fl 1.15-17.

d. Lit. *a maior parte*. Com o artigo, a expressão grega toma no plural o sentido de *a comunidade* (de preferência a *a maioria*). Cf. a expressão hebraica *os numerosos* na Regra de Qumran.

e. Diante de faltas graves, as primeiras comunidades foram levadas a tomar medidas disciplinares: assim Paulo, diante de um caso de incesto, chega a prescrever a ruptura com os pecadores (1Cor 5.1-13; cf. Mt 18.15-17; 1Cor 11.30-32; 3Jo 10). Mas o amor fraterno deve temperar as sanções.

f. *Satanás* quer seduzir os cristãos e arrastá-los para fora dos caminhos da verdade (Lc 22.31; Rm 16.17-20; 2Cor 6.14-16; 11.3-15).

g. Foi em Trôade, no decurso da segunda viagem, que Paulo teve a visão de um macedônio que o convidava a passar para a Europa (At 16.8-11). Ele passou de novo por lá por ocasião da terceira viagem (At 20.5-12). Sabemos por 2Tm 4.13 que ele deixara ali o seu manto e os seus manuscritos na casa de Carpo. Visto que Paulo aí embarca, deve tratar-se do porto de Alexandria de Trôade e não da cidade, situada no interior. Nessa viagem, Paulo queria antes de tudo ir ao encontro de Tito (2Cor 7.5; cf. 7.6 nota).

h. 7.5 é a sequência lógica de 2.12-13: *À minha chegada a Trôade... eu não tive sossego de espírito, porque não encontrei*

Tito, meu irmão. 7.5: De fato, ao chegarmos à Macedônia nós não tivemos descanso... Mas Deus, que consola os humildes, nos consolou pela chegada de Tito...

Dessa ruptura em 2.13, com a continuação em 7.5, alguns deduziram que 2.14-7.4 constituía uma carta à parte, uma apologia serena do ministério do apóstolo. Pode-se também não ver nela mais que um longo parêntese, pouco mais extenso do que aqueles que Paulo usa frequentemente em seu estilo oral.

Os que fazem de 2.14-7.4 uma carta à parte situam o seu envio após 1Cor, antes do envio da "carta entre lágrimas" (2Cor 10-13). Cf. Introdução: Circunstâncias...

i. Os vv. 14-16 inspiram-se nos ritos da cerimônia do triunfo. O cortejo era acompanhado de servos que espargiam perfumes diante do triunfador. Os prisioneiros que precediam o desfile eram, muitas vezes, executados em seguida. As imagens, aqui, lembram tais costumes.

j. *Cartas* desse tipo estavam em uso mesmo na Igreja. Cf. At 18.27; Rm 16.1; Cl 4.10; 3Jo 9-12.

k. Outra leitura dos mss.: *em vossos corações*.

l. *Conhecida e lida*. Tendo os dois verbos, em grego, a mesma raiz, Paulo pode fazer um jogo de palavras e desenvolver a imagem da carta.

m. As *tábuas de pedra* são uma alusão à outorga da lei do Sinai (cf. Ex 24.12; 31.18; 34.28-29).

Lc 2.34

4.2; 11.13; 1Ts 2.5

1Pd 4.11

5.12; 10.12; Rm 1.17; 8.3; 1Cor 1.30; Gl 3.13; Fl 3.9; 1Cor 9.2

Jr 31.31; Ez 36.26

Jo 15.5

“Foi ele que nos tornou capazes de ser ministros de uma Aliança nova”, não da letra”, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica. “Ora, se o ministério de morte gravado em letras sobre a pedra radiou com tal glória que os israelitas não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés” por causa da glória — no entanto passageira — desse rosto, “quanto mais glorioso ainda será o ministério do Espírito! “Com efeito, se o ministério de condenação foi glorioso, quanto mais ainda o será o ministério da justiça! “Não, mesmo o que então foi tocado pela glória já não o é, diante desta glória incomparável. “Pois, se o que era passageiro foi assinalado pela glória, quanto mais o será o que permanece? “Fortalecido por tal esperança, nós estamos cheios de segurança; “não fazemos como Moisés”, que punha

um véu sobre o rosto para evitar que os israelitas vissem o fim de um resplendor passageiro. “Mas a inteligência deles se obscureceu! Até o dia de hoje, quando se lê o Antigo Testamento”, este mesmo véu permanece. Ele não é retirado, pois é em Cristo que desaparece”. “Sim, até o dia de hoje, cada vez que eles lêem Moisés”, há um véu sobre o coração deles”. “É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai”. “Pois o Senhor é o Espírito”, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. “E nós todos que, de rosto descoberto, refletimos” a glória do Senhor, somos transfigurados nesta mesma imagem, com uma glória sempre maior”, pelo Senhor, que é Espírito.

Mc 4.12;
At 28.27;
Rm 11.7-8;
Hb 8.13

At 15.21

Jo 4.24;
Rm 8.2;
1Cor 6.17

4 Presença de Cristo no ministério apostólico. “Por isso, visto que, por

n. *Aliança nova*: ao sentido bíblico da palavra, Paulo acrescenta o sentido jurídico de *testamento* contido na palavra grega, referindo-se à morte do Cristo que funda a nova aliança (Lc 22.20; 1Cor 11.25; 2Cor 3.14; Hb 8.8; 9.15; 12.24). Uma série de oposições faz ressaltar as diferenças entre as duas alianças.

Antiga Aliança	Nova Aliança
tábuas de pedra	tábuas = corações de carne (3.3)
a letra mata (3.6)	ministério da Nova Aliança (3.6)
ministério de morte (3.7)	o Espírito vivifica (3.6)
ministério de condenação (3.9)	ministério do Espírito (3.3.8)
passageiro (3.11)	ministério de justiça (3.9)
AT lido com um véu (3.14)	o que permanece (3.11)
glória temporária (3.7)	iluminação do conhecimento (4.6)
sobre o rosto de Moisés (3.7)	da glória de Deus (4.6)
	sobre a face do Cristo (4.6)

o. A *letra* é a lei mosaica na medida em que exige do homem uma obediência que ele é incapaz de praticar, o que o conduz à morte (Rm 7.5). O judaísmo contemporâneo de Paulo cortava a lei das suas raízes vitais. Tal utilização literalista e legalista fazia da lei uma forma morta (2Cor 3.14). A Nova Aliança não é um texto que completa o antigo, mas a passagem do que é escrito para o que é vivido no coração. Sem o Espírito, o texto mata, mas, sem o texto, o Espírito seria afônico. Cf. Jr 31.31; Ez 36.26.

p. Paulo desenvolve diferentes traços vinculados à função de Moisés. Ele recebe a lei (Ex 34.29-35); ministério de morte gravado letra por letra em tábuas de pedra (Ex 32.16; 34.1-4). O resplendor temporário do rosto de Moisés resultava do seu encontro com Deus (Ex 34.29-35), privilégio pessoal que Paulo opõe à graça universal dos cristãos (2Cor 3.18).

q. No Êxodo, o véu esconde aos israelitas o brilho divino que reflete no rosto de Moisés. Paulo segue uma interpretação rabínica que dá outra explicação do fato: o véu de Moisés serve para ocultar à vista o caráter efêmero da irradiação da glória divina.

r. Cf. v. 6 nota. É a primeira vez que esta expressão aparece em um texto cristão.

s. Outra tradução: *Não lhes é desvendado que esta aliança foi abolida pelo Cristo*.

t. A imagem que os judeus contemporâneos do apóstolo concebiam de Moisés era bem diferente da sóbria apresentação do Pentateuco, cujo pleno valor Paulo conserva. Primeiro chefe dos israelitas, ele era considerado como fundador da sua nação. Cessara de ser o simples transcritor da vontade divina e sua palavra adquirira um valor próximo da de Deus. Pai de todos os profetas, rei e sacerdote, o seu poder e o seu gênio ultrapassavam os limites de Israel e a Torá conquistara um lugar considerável; respeitá-la ou violá-la era assegurar para si a presença de Deus ou privar-se dela. Moisés era, portanto, o patrono dos legisladores, o intérprete por excelência da vontade de Deus.

u. A imagem do véu podia aludir a dois fatos distintos: o véu que Moisés colocava sobre o rosto (v. 13 nota) e o véu de oração adotado, na sinagoga, pelo leitor judeu do séc. I.

v. A *conversão* nos abre o acesso à contemplação da glória de Deus, no Cristo, e nos permite, pelo Espírito, refleti-la livremente. Cf. 2Cor 4.4-6.

w. *O Senhor é o Espírito*: o v. tem sido comentado de muitas maneiras. A explicação mais verossímil apóia-se no contexto. Moisés, neste passo, é ligado à letra. O Senhor (o Cristo), por oposição, exprime o sentido espiritual das Escrituras e com ele se identifica. A liberdade que ele dá é uma libertação da letra. Cf. Rm 8.2; Gl 5.1.

x. *Reflexo* permanente, em oposição ao brilho passageiro do rosto de Moisés. Paulo usa aqui uma palavra rara à qual foram atribuídos dois sentidos bem diferentes. Uns propõem compreender *contemplar como num espelho* e se referem a 1Cor 13.12. Outros lêem *espelhar, refletir à maneira de um espelho*. Ora, o verbo empregado por Paulo está em grego na voz média. Ele exprime a participação do sujeito como pessoalmente interessado na ação, e transforma a receptividade passiva em receptividade ativa. Uma tradução completa seria: *nós contemplamos e refletimos*. O que era impossível no tempo de Moisés torna-se possível em Cristo. O que o homem contempla, ele também o reflete.

misericórdia, somos detentores deste ministério, não perdemos coragem.² Nós dissemos não aos procedimentos secretos e vergonhosos, conduzimos-nos sem duplicidade, e não falsificamos^a a palavra de Deus, muito pelo contrário, é manifestando a verdade que nós procuramos ganhar a confiança de todos os homens na presença de Deus.³ Se, contudo, o nosso Evangelho permanece velado, ele é velado para os que se perdem, ⁴os incredúlos, cuja inteligência foi cegada pelo deus deste mundo^b, a fim de que não percebam a iluminação do Evangelho da glória do Cristo, que é a imagem de Deus^c.

^{11.4} ^{1.24} ⁵Não, não é a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor^d que nós proclamamos. Quanto a nós, proclamamos-nos vossos servos por causa de Jesus. ⁶Pois o Deus que disse: *brilhe a luz no meio das trevas* foi o mesmo que brilhou^e em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento da sua glória que resplandece no rosto do Cristo. ⁷Mas este tesouro, nós o carregamos em vasos de argila^f, para que esse poder incomparável seja de Deus e não nosso. ⁸Premidos de todos os lados^g, nós não somos esmagados; em impasses, mas conseguimos passar; ⁹perseguidos, mas não alcançados; ¹⁰prostrados por terra, mas não liquidados;

¹⁰sem cessar trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus também seja manifestada em nosso corpo. ¹¹Com efeito, nós os vivos, somos sem cessar entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que a vida de Jesus também seja manifestada em nossa existência mortal. ¹²Assim a morte age em nós, mas a vida, em vós^h. ¹³No entanto, fiados nesse mesmo espírito de fé do qual está escrito: *Eu cri, e por isso falei*, também nós cremos, e é por isso que falamos. ¹⁴Pois sabemos: aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus e nos colocará convosco junto deleⁱ. ¹⁵E tudo o que nós vivemos é para vós, a fim de que a graça, crescendo, por uma comunidade acrescida, faça superabundar a ação de graças para a glória de Deus.

A segurança da ressurreição diante do temor da morte.

¹⁶É por isso que nós não perdemos a coragem: e mesmo se, em nós, o homem exterior^j se encaminha para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia. ¹⁷Pois nossas tribulações de um momento são leves com relação ao peso extraordinário de glória eterna que nos preparam^k. ¹⁸O nosso objetivo não é o que se vê, mas o que não

y. Lit. de glória em glória. A glória está na origem e no término da transformação (cf. Rm 1.17; 2Cor 2.16; 4.17). A expressão de glória em glória tem sido às vezes compreendida: da glória do Cristo à glória dos cristãos.

z. Paulo desenvolve esta certeza nos vv. 8-11. Nada pode impedir o Cristo de manifestar a sua vida (4.16).

a. Este desenvolvimento vai prosseguir após uma nova afirmação da sinceridade de Paulo, já sublinhada em 2.17.

b. *Deus deste mundo* = princípio deste mundo (cf. 1Cor 2.6; Jo 12.31). O demonstrativo *este* qualifica o mundo como atual e presente. É o domínio marcado pelo pecado e a separação com relação a Deus, opondo-se ao *século futuro*. Este texto é o único em que Satanás é chamado de deus.

c. A menção à imagem de Deus no v. 4 deve ser tomada em relação com a alusão à criação no v. 6. Nela, o Cristo aparece como o homem por excelência, imagem perfeita de Deus (cf. Cl 1.15).

d. A fórmula *Jesus Cristo é Senhor* é a confissão essencial da fé (Rm 10.9; 1Cor 12.3; 2Cor 1.2; Fl 2.11).

e. Outra tradução: *faz brilhar*. — A frase não é uma citação textual de Gn 1.3, mas uma acomodação de tipo rabínico.

f. A expressão *vaso de argila* pode aludir à fragilidade pessoal de Paulo (cf. 2Cor 12.7-10; Gl 4.14). Pode-se também com-

prender *corpo de argila*, alusão ao relato de Gn 2.7 citado em Rm 9.21-23; 1Cor 15.47; 1Ts 4.4.

g. Todas essas imagens lembram as diferentes peripécias de um combate de gladiadores em que o apóstolo, sem a graça do Senhor, seria votado à morte.

h. Cf. 1.5 nota; Paulo insiste várias vezes junto aos coríntios nas provas do seu ministério, contrapartida da fecundidade deste mesmo ministério (6.4; 11.23-33).

i. O acento não é posto, como em 5.10, no julgamento, mas, como em 1Cor 6.14, no triunfo dos crentes.

j. Em Rm 7.22, Paulo emprega a expressão *homem interior*, para designar o ser humano racional e inteligente. Aqui a oposição visa ao crescimento espiritual e ao definir físico (cf. Rm 8.18-19). Há uma analogia entre o *homem exterior* e o homem velho de Ef 4.22; Cl 3.9. O apóstolo usa ora a oposição *homem interior* — *homem exterior*, como aqui, ora em seu corpo — *fora do seu corpo*, como em 2Cor 12.2, ora *homem velho* — *homem novo*, como em Ef 4.22-24 ou Cl 3.9-10. Sem serem totalmente equivalentes, essas fórmulas visam exprimir a mutação que se opera no ser comum em consequência da ação criadora da presença do Senhor.

k. Dois termos gregos traduzem aqui o valor do termo hebraico *kabod*, glória, que tem, ao mesmo tempo, o sentido de peso, de brilho, de majestade, de presença e de poder.

se vê; o que se vê é provisório, mas o que não se vê é eterno¹.

5 ¹Pois sabemos que, se a nossa morada² terrestre, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício, obra de Deus, uma morada eterna nos céus que não é feita por mão de homem. ²E gememos pelo desejo ardente de revestir, por cima da outra, a nossa habitação celeste. ³À condição de que sejamos achados vestidos e não nus³. ⁴Pois nós que estamos nesta tenda gememos, acabrunhados; é um fato: nós não queremos nos despir⁴, mas revestir uma roupa sobre a outra, a fim de que o que é mortal seja tragado pela vida. ⁵Quem nos formou para este porvir é Deus, que nos deu o penhor do Espírito. ⁶Assim, pois, nós sempre estamos cheios de confiança, apesar de saber que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa morada, longe do Senhor. ⁷pois nós caminhamos pela fé, não pela visão⁵... ⁸Sim, nós estamos cheios de confiança e preferimos deixar a morada deste corpo para ir morar junto do Senhor⁶. ⁹Por isso a nossa ambição — quer conservemos a nossa morada, quer a abandonemos — é de agradá-lo. ¹⁰Pois todos deveremos

comparecer a descoberto diante do tribunal de Cristo⁷, a fim de que cada um receba o prêmio do que tiver feito durante a sua vida corporal, seja o bem, seja o mal⁸.

O ministério da reconciliação. ¹¹Conhecendo pois⁹ o temor do Senhor, nós procuramos convencer os homens e, diante de Deus, estamos totalmente a descoberto. Eu espero estar também totalmente a descoberto em vossas consciências. ¹²Nós não nos recomendamos de novo junto a vós, mas queremos fornecer-vos uma ocasião de vos orgulhardes de nós, a fim de que tenhais com que responder¹⁰ àqueles, cujos motivos de orgulho são só aparentes, e não têm base interior¹¹. ¹³Se estivemos fora dos sentidos¹², era para Deus; se somos sensatos, é para vós. ¹⁴O amor do Cristo nos constringe, ao pensar que um só morreu por todos, e portanto todos morreram. ¹⁵E ele morreu por todos, a fim de que os vivos não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles¹³. ¹⁶Por isso, doravante, nós não conhecemos mais ninguém à maneira humana¹⁴. Se conhecemos o Cristo à maneira humana,

Rm 14,10;
1Cor 3,
11-15;
Ef 6,8

1,13; 4,2
3,1

Rm 5,18

Rm 6,11;
14,7-8

1. A oposição não se faz entre visível e invisível, mas antes, entre o que já se constatou e o que se espera, mas ainda não apareceu.

m. A vida pessoal é comparada a uma *habitação* e a uma *roupa*, duas coisas indispensáveis à vida cotidiana. A dificuldade deste texto vem da mistura das imagens: habitar numa roupa e vestir-se de uma casa.

n. Nos vv. 2 e 3, o apóstolo teme sobretudo achar-se numa situação intermediária em que estaria nu, isto é, sem habitação nem roupa. Preferiria muito achar-se imediatamente na situação final da ressurreição (cf. 1Cor 15,44-45). *Vestido* é tomado aqui no sentido absoluto, ao passo que, no AT e no NT, quase sempre é seguido de um complemento. Por analogia, os Padres da Igreja compreenderam esta passagem como *revestido da justiça de Deus*.

o. O pensamento do v. 4 completa o do v. 3. Para evitar toda descontinuidade, não é preciso despir-se, mas revestir imediatamente a vida. Só a esperança conferida desde agora pelo Espírito permite superar o medo da nudez, da inexistência (v. 5).

p. Cf. 4,18. O inciso interrompe o raciocínio.

q. A esperança em Cristo permite aceitar a morte, e até mesmo desejá-la. Passa-se de uma comunhão a uma presença. Fl 1,21-23 precisa o aprofundamento desta relação. A morte já é uma etapa positiva antes da ressurreição final.

r. O julgamento de que se trata aqui só concerne aos cristãos. O caso dos judeus e dos pagãos não é considerado, ao contrário

de Rm 2. A obra de cada um será então avaliada (vv. 8-9, 1Cor 3,11-15). Não se particulariza se este julgamento acontecerá na ressurreição universal (cf. 1,14 nota) ou após a morte individual.

s. O texto opõe somente *bem* e *mal*. 1Cor 3,11-15 considera uma série de graus e matizes nesse julgamento.

t. Em 3,1 Paulo falava de se recomendar a si mesmo. Aqui, o tema esboçado é repetido.

u. Essa diatribe contra os que se querem fazer valer torna a aparecer em 10,12.

v. Lit. *aqueles cujo orgulho é de rosto e não de coração*.

w. O v. responde a censuras vindas dos adversários. Os êxtases, as visões de Paulo (cf. 12,1) foram tomados em mau sentido, como sinal de loucura. Paulo opõe esta *loucura* aparente em suas relações com Deus à sua sabedoria nas relações com os coríntios.

x. A estreiteza da perspectiva e as dissensões perdem o sentido diante do essencial. Paulo tenta levar os seus leitores à consciência do mistério cristológico central que domina todo o seu pensamento.

y. Lit. *segundo a carne*. Esta expressão pode referir-se a *conhecer*, e significar *com vistas humanas, de maneira humana*, ou a *Cristo* e significar *historicamente*. O primeiro sentido: *se nós conhecemos com vistas humanas a Cristo* seria uma alusão à perseguição empreendida por Paulo antes da sua conversão (cf. 1Cor 15,8-9; Gl 1,13). O segundo significaria que ele conheceu

agora não o conhecemos mais assim.

¹⁷Por isso, se alguém está em Cristo, é uma nova criatura^a. O mundo antigo passou, eis que aí está uma realidade nova. ¹⁸Tudo vem de Deus, que nos reconciliou consigo pelo Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação^a. ¹⁹Pois de qualquer forma, era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas, e pondo em nós a palavra de reconciliação. ²⁰É em nome do Cristo que exercemos a função de embaixadores, e, por nós, é o próprio Deus que, na realidade, vos dirige um apelo. Em nome do Cristo, nós vos suplicamos, deixai-vos reconciliar com Deus. ²¹Aquele que não conhecera o pecado^b, ele o identificou com o pecado, por nós, a fim de que por ele, nós tornemos justa de Deus.

6 ¹Visto estarmos cooperando com ele, nós vós exortamos a não deixar sem efeito a graça recebida de Deus. ²Pois ele diz:

No momento favorável, eu te atendo, e no dia da salvação venho em teu socorro^c.

Eis agora o momento inteiramente favorável.

Eis agora o dia da salvação.

³Nós não queremos de modo algum escandalizar ninguém, para que o nosso ministério não mereça censura^d. ⁴Ao contrário, nós nos recomendamos em tudo como ministros de Deus^e.

por uma grande perseverança

nas tribulações.

nos constrangimentos,

nas angústias,

⁵ nos açoites,

nas prisões,

nos motins,

nas fadigas,

nas vigílias,

nos jejuns,

⁶ pela pureza,

pelo conhecimento,

pela paciência,

pela bondade,

pelo Espírito Santo,

pelo amor sem fingimento,

⁷ pela palavra da verdade,

pelo poder de Deus,

pelas armas ofensivas^f

e defensivas da justiça,

⁸ na glória^g e no desprezo,

na má e na boa fama; tidos por impostores, e no entanto verídicos;

⁹ desconhecidos, e no entanto bem-conhecidos;

moribundos, e no entanto vivemos;

castigados, sem ser executados.

¹⁰ contristados, mas sempre alegres;

pobres, e enriquecendo a muitos;

não tendo nada, nós que no entanto possuímos tudo!

¹¹Nós nos dirigimos livremente a vós^h.

Coríntios, o nosso coração se abriu de par em par. ¹²Em nós, não estais na estreiteza. Em vós mesmos é que estais na estreiteza. ¹³Pagai-nos com a mesma

Gl 5,22;
Rm 12,9

Rm 13,12

Rm 9;
Fl 4,12

Sl 119,32 gr.

o Cristo segundo a carne, ou historicamente. Nenhuma alusão nas epístolas vem confirmar este sentido. Talvez o *nós* designe adversários, orgulhosos de ter conhecido Jesus pessoalmente. De qualquer forma, é a aparição do Ressuscitado, e não o fato de o ter conhecido historicamente, que funda o apostolado.

z. Outra tradução: *Se alguém em Cristo é uma nova criação, o antigo passou, tudo é novo*. Em certos mss. *tudo* não figura. Então, o sentido é: *Se alguém é em Cristo uma nova criação, o (mundo) antigo passou, eis, o (mundo) novo surgiu* (cf. Rm 8,18-30).

a. O termo *reconciliação* podia evocar para os coríntios uma lembrança histórica precisa. Por ocasião da reconstrução da cidade (cf. 1,1 nota), César proclamara uma *reconciliação*, acolhendo, da Grécia e de todo o Império, pessoas de passado comprometido, que se beneficiavam de uma anistia. Aqui, a imagem é aplicada ao Cristo. Mas o v. 21 indica quanto custou a Deus

esta reconciliação: *Ele fez o Cristo pecado por nós*.

b. Cf. Rm 8,3; Gl 3,13. O sacrifício do Cristo ultrapassa e faz caducar todos os sacrifícios pelo pecado, de que se trata muitas vezes no AT.

c. Citação de Is 49,8. O tempo da salvação compreendido entre a morte e ressurreição do Cristo e sua volta deve permitir a conversão dos pagãos e dos judeus (Lc 21,24; Rm 11,25-32; Ef 2,12-18).

d. Cf. 8,21.

e. Mais breve, mais poética, porém menos precisa, esta enumeração dos vv. 4 e 5 lembra a de 2Cor 11,23-27.

f. Lit. *as armas da direita* (ofensivas, a espada) e *da esquerda* (defensivas, o escudo). Cf. Ef 6,16-17, inspirado em Sh 5,17-21. g. Os vv. 8-10 opõem a aparência à realidade profunda do ministério apostólico.

h. Lit. *A nossa boca se abriu para vós*.

1Cor 4,14 moeda; eu vos falo como a meus filhos, abri também vós totalmente o vosso coração!

A escolha necessária. ¹⁴Não formeis parreia dispar com os incrédulos. Pois que associação pode haver entre a justiça e a impiedade? Que união entre a luz e as trevas? ¹⁵Que acordo entre Cristo e Belial? Que relação entre o crente e o incrédulo?

¹⁶Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Pois nós somos o templo do Deus vivo, como disse Deus:

No meio deles eu habitarei e andarei; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

¹⁷Sai, pois, do meio dessa gente e apartai-vos, diz o Senhor: não toqueis em nada de impuro.

E eu vos acolherei.*

¹⁸*Eu serei para vós um pai e vós sereis para mim filhos e filhas,* diz o Senhor todo-poderoso.

7 ¹Já que somos os depositários de tais promessas, meus diletos, purifiquemo-nos de toda mácula da carne e do espírito! acabemos de nos santificar no temor de Deus.

Alegria de Paulo diante do arrependimento dos coríntios. ²Dai-nos um lugar em vossos corações"; nós não prejudicamos ninguém: não arruinamos ninguém; não exploramos ninguém. ³Não é para vos condenar que o digo, pois eu já disse: vós estais em nossos corações, para a morte e para a vida.

⁴Grande é a minha confiança em vós, grande é o orgulho que eu tenho de vós, estou todo repleto de consolação, transbordando de alegria em todas as nossas tribulações. ⁵Com efeito, ao chegarmos à Macedônia, não tivemos descanso", mas toda sorte de tribulações. Combates por fora, temores por dentro. ⁶Mas Deus, que consolou os humildes, consolou-nos com a chegada de Tito". ⁷não só com sua chegada, mas pelo conforto que recebeu de vós; ele relatou o vosso vivo desejo, as vossas lágrimas, o vosso zelo por mim, a tal ponto que me causou uma alegria ainda mais viva.

*Sim, se eu vos contristei com minha carta, não o lastimo... E se o lastimei — aquela carta", constato, vos entristeceu, nem que fosse por um momento —, ⁹alegro-me agora, não pela vossa tristeza, mas pelo arrependimento que ela produziu. Pois a vossa tristeza⁴ foi segundo

i. Notou-se, faz muito tempo, certa ruptura no desenvolvimento entre 6,13 e 7,1. O caráter bastante inusitado do pensamento dos vv. 6,14-17 fez pensar em uma interpolação, a menos que seja tão-somente um dos parênteses habituais em Paulo.

j. *Belial*, do hebraico *Beliy'al*, isto é, o "Coisa à-toa", o nada por excelência, eufemismo para ídolo ou Satanás. Encontra-se igualmente *Belial* como nome de Satanás nos *Testamentos dos Doze Patriarcas*, e como nome próprio do espírito das trevas na *Regra de Qumran*.

k. Os vv. 16b-18 constituem um conjunto de citações combinadas a partir de Ez 37,27 e Lv 26,12 para o v. 16; de Is 52,11; de Jr 51,45, de Ez 20,34 para o v. 17; de 2Sm 7,14; Is 43,6; Jr 31,9; Os 2,1 para o v. 18. Talvez existissem compilações de citações (*testimônia*) que a pregação cristã utilizava.

l. *Carne e espírito* não designam dois princípios opostos, como tantas vezes em Paulo, mas os dois modos da atividade humana, a do corpo e a do espírito. Cf. Rm 1,3 nota e Rm 1,9 nota.

m. Continuação do desenvolvimento interrompido em 6,13. O sentido de *dai-nos um lugar em vossos corações* é menos uma alusão a 6,11 do que um começo de raciocínio: *Compreendi-me bem*.

n. Este v. dá continuação à sequência das idéias expressas em 2,13. Em Trôade, Paulo não encontra Tito e só fica pouco tempo. Sem tardança, parte para a Macedônia... Aqui ele nos descreve a situação quando chegou à Macedônia (cf. 2,13 nota).

o. *Tito* (cf. 2,13) desempenhou papel relevante nas relações entre Paulo e os coríntios durante a estada em Éfeso. Deve ter sido o seu intermediário antes da chegada do apóstolo a Corinto. 7,14-15 parece indicar que a sua missão foi bem-sucedida e facilitou a volta de Paulo.

O livro dos Atos não menciona este amigo e colaborador de Paulo, conhecido apenas pelas epístolas. Ele o acompanha à Assembléia de Jerusalém (Gl 2,1-3); segundo 2Cor 2,13; 8,6. 16,23; 12,18, organiza a coleta em Corinto. Segundo as epístolas pastorais, ele foi depois a Creta, onde recebeu a epístola que tem o seu nome (Tl 1,4), e à Dalmácia (2Tm 4,10). Paulo deve ter discernido em Tito qualidades de negociador: firme e paciente, capaz de encontrar as palavras e o proceder apropriados para fazer os projetos passarem das idéias à realização; conciliador, capaz de intervir em uma situação particularmente delicada, como após a ruptura entre o apóstolo e a comunidade de Corinto; apto para enfrentar debates delicados como em Jerusalém. 2Cor nolo mostra ao menos três vezes em ação, único companheiro e colaborador de Paulo em Corinto, para preparar a coleta, para reconciliar após a "carta entre lágrimas", para apressar a realização final da coleta antes da chegada pessoal do apóstolo e dos delegados das Igrejas (cf. 2Cor 7,15 nota).

p. A respeito da *carta escrita entre lágrimas*, 2,4 cf. Introdução.

q. Cf. 2,1 nota.

Deus; assim, da nossa parte, não sofrestes nenhum dano. ¹⁰Pois a tristeza segundo Deus produz um arrependimento que conduz à salvação e portanto não deixa lugar ao remorso... A tristeza segundo este mundo produz a morte. ¹¹Vede antes o que a tristeza segundo Deus produziu em vós.

Como não! que solicitude!
que desculpas!
que indignação!
que temor!
que desejo!
que zelo!
que punição!

Seja como for, vós mesmos provastes que éreis inocentes nessa questão. ¹²Em suma, se vos escrevi, não foi nem por causa do ofensor nem por causa do ofendido^a, mas para manifestar diante de vós, na presença de Deus, o zelo que tendes para conosco.

^{2,13; 1Cor 6,18} ¹³Eis o que nos consolou. Além desta consolação pessoal, nós nos alegramos ainda mais pela alegria de Tito, cujo espírito recebeu de todos vós uma plena quietação.

^{8,24} ¹⁴Pois se em algo me orgulhei de vós diante dele, não tive de corar por isso, mas como sempre vos dissemos a verdade, assim o orgulho que de vós tínhamos demonstrado diante de Tito, ficou justificada. ¹⁵Com isto a sua ternura para convosco só cresce, quando se lembra da obediência de todos vós e com que temor e tremor^d o acolhestes. ¹⁶Eu me alegro de poder contar convosco em tudo.

8 Encorajamentos para realizar o projeto de coleta. ¹Queremos dar-vos

a conhecer, irmãos, a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia^a. ²No meio das múltiplas tribulações que as provaram, a sua superabundante alegria e sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade. ³De acordo com os seus meios e, disto sou testemunha, além dos seus meios, com toda a espontaneidade, ⁴com viva insistência, eles reclamaram de nós a graça de participar deste serviço em favor dos santos^b. ⁵Além mesmo de nossas esperanças, deram-se a si próprios, primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus. ⁶Por isso insistimos junto a Tito para que leve a bom termo entre vós esta obra de generosidade como a tinha começado^c. ⁷Mas, já que tendes de tudo em abundância, fê, eloquência, conhecimento e toda sorte de zelo e amor que recebestes de nós, tende também generosidade em abundância nesta ocasião. ⁸Não digo isto como uma ordem; mas, citando-vos o zelo dos outros, dou-vos o ensino de provar a autenticidade da vossa caridade. ⁹Com efeito, vós conheceis a generosidade^a de nosso Senhor Jesus Cristo que, por vós^b, de rico que era, fez-se pobre, para vos enriquecer com a sua pobreza.

¹⁰É um parecer que dou a este respeito: é o que vos convém, visto terdes sido os primeiros desde o ano passado, não somente a realizar, mas também a decidir o empreendimento desta obra. ¹¹Agora, portanto, acabai de realizá-la; assim, a vossos belos projetos corresponderá também a realização segundo os vossos meios. ¹²Quando alguém dá com boa disposição, ele é bem-recebido com o que

Rm 15,26;
1Cor 16,5;
Gl 2,10

9.1

1Cor 1,5

Mt 8,20;
Fl 2,7

Mc 12,44

r. Tudo termina com uma reconciliação. O grupo dos coríntios parece ter recuperado as boas disposições para com o apóstolo. Cf. 7,3-4.

s. Cf. 2,2 nota; 2,5 nota. O ofendido era Paulo, mas talvez através da pessoa do seu representante.

t. *Temor e tremor*: expressão corrente, que exprime a atitude do homem diante da grandeza e majestade divinas (1Cor 2,3; Ef 6,5; Fl 2,12). Aqui a expressão não deixa de surpreender: Tito é acolhido como o Senhor em pessoa por seus servos, que se sentem repletos de um sentimento de culpabilidade e esperam o seu veredicto. A sua missão, portanto, ultrapassa, a simples negociação: Tito é o representante do apóstolo Paulo e, portanto, do apostolado. Paulo será acolhido de modo semelhante pelos

gálatas, que o consideram como *um anjo de Deus, o Cristo Jesus em pessoa* (Gl 4,14).

u. As Igrejas da Macedônia sempre deram provas de generosidade (2Cor 9,1-5; 11,7-9; Fl 4,10-18). Ao passo que Paulo recusou para si toda ajuda de Corinto, aceitou-a da Macedônia (8,3).

v. A coleta em favor da Igreja de Jerusalém destina-se a mostrar a realização da profecia de Is 60-62 sobre a unidade de judeus e pagãos. Paulo comprometera-se a ajudar esta Igreja (Gl 2,10).

w. V. cheio de humor. Tito vai ajudar os coríntios a efetuar a coleta, cuja ideia fora deles... para os outros (cf. v. 10). Daí os conselhos dos vv. 7-8.

x. Bela fórmula cristológica, cuja estrutura é igual a Fl 2,6-8.

y. Outra leitura: *para nós*.

tem, pouco importa o que não tem! ¹³Não se trata de vos sujeitar à penúria ajudando os outros, mas de estabelecer a igualdade. ¹⁴Nesta ocasião, o que tendes em demasia compensará o que eles têm de menos^a, para que um dia o que eles tiverem em demasia compense o que tiverdes de menos: assim haverá igualdade ¹⁵como está escrito: *A quem colhera muito nada sobejou, a quem colhera pouco nada faltou*. ¹⁶Graças^b sejam dadas a Deus que depôs^c no coração de Tito o mesmo zelo por vós. ¹⁷Ele aceitou o nosso convite e, ainda mais solícito, partiu espontaneamente para ir ter convosco. ¹⁸Enviamos com ele o irmão, cujo louvor a respeito do Evangelho todas as Igrejas cantam^d. ¹⁹Melhor ainda, ele foi designado pelas Igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que nós empreendemos para a glória do próprio Senhor e para a realização das nossas boas intenções. ²⁰Acautelamo-nos muito para evitar toda crítica na gestão dessas grandes somas que estão ao nosso cargo. ²¹Preocupamo-nos com o bem, não somente aos olhos de Deus, mas também aos dos homens. ²²Com os delegados, enviamos o nosso irmão^e, cujo zelo temos constatado muitas vezes, em muitos casos, e que agora o demonstra ainda mais, pois confia plenamente em vós. ²³Tito é o meu companheiro e colaborador junto de vós; os

nossos irmãos são os delegados^f das Igrejas, a glória do Cristo. ²⁴Dai-lhes, portanto, perante as Igrejas, a prova do vosso amor, e do orgulho que temos por vós junto deles^g.

9 Intenções generosas e atrasos na realização. ¹A respeito^h da assistência em favor dos santosⁱ, é inútil que eu vos escreva. ²Conheço as vossas boas intenções e me orgulho disso por vós junto aos macedônios: a Acaia, dizia-lhes eu, está pronta desde o ano passado, e o vosso ardor estimulou a maioria das Igrejas. ³Eu vos envio os irmãos, a fim de que o orgulho que tenho de vós não seja esvaziado neste ponto e a fim de que estejais realmente prontos, como eu dizia. ⁴Teria receio de que, se macedônios fossem comigo e não vos achassem prontos, esta bela segurança se transformasse em vergonha nossa, para não dizer vossa. ⁵Julguei pois necessário convidar os irmãos para que nos antecedam junto a vós e preparem os vossos dons: as vossas liberalidades já prometidas, depois de recolhidas, seriam uma verdadeira liberalidade e não avariza mesquinha.

⁶Ficai sabendo:

Quem semeia com parcimônia com parcimônia também colherá, e quem semeia largamente, largamente também colherá!

⁷Que cada um dê segundo a decisão do seu coração, sem tristeza nem coação.

7,5; 2Ts 1,7

9,12;
Rm 15,26

Ex 16,18

At 20,4;
1Cor 16,3;
Gl 2,10

Pr 3,4 gr.

8,4,20

8,24

Pr 11,24,25;
19,17

z. O regime de comunidade dos bens, a fome citada em At 11,28 tinham empobrecido a Igreja de Jerusalém. Os seus membros são chamados *os pobres* (Gl 2,10), palavra que evoca os pobres do AT (*ebionim* e *anavim*).

a. Citação de Ex 16,18, que mostra como certa igualdade era observada na repartição do maná. Descobrimos aí uma indicação preciosa sobre a organização material das Igrejas paulinas e sua solidariedade financeira.

b. Os vv. 16-24 tratam da nova missão que Tito aceita com solicitude.

c. Outra leitura: *que põe*.

d. Por que este irmão, eleito como delegado das Igrejas, e encarregado de acompanhar Paulo, permanece anônimo? Vários nomes foram propostos: Lucas, Aristarco... *A respeito do Evangelho* ensejou essas interpretações, sem explicar o anonimato. At 20,4 dá a lista dos companheiros de Paulo em sua viagem a Jerusalém, portador do produto da coleta.

e. Este irmão não é identificado.

f. Lit. *apóstolos*. Aqui o termo tem o sentido de delegados. Não são apóstolos no sentido dos Doze (At 1,21-22), nem testemunhas do Ressuscitado, como Paulo, mas homens encarregados de uma missão particular na Igreja: levar a coleta a Jerusalém. O judaísmo tinha uma instituição análoga.

g. Aqui termina a parte homogênea da epístola, os caps. 1-8.

h. O cap. 9 parece ser um bilhete, independente do cap. 8. Parece ter sido endereçado por ocasião da coleta (cf. Rm 15,25; 1Cor 16,1-4; Gl 2,10), quer a Corinto, após 2Cor 8, quer ao conjunto das igrejas da Acaia (9,2). Note-se o estilo cáustico dos vv. 1-7.

i. *Santos*: como em 1Cor 16,1, o termo conserva aqui um sentido limitado, e designa os membros da comunidade de Jerusalém (cf. At 9,13). Paulo já estendia o seu emprego ao conjunto dos cristãos (2Cor 1,1; Rm 16,2).

j. Citação livre, segundo o gr., de Pr 22,8 (cf. Pr 11,24).

pois Deus ama aquele que dá com alegria^k. ⁸Deus tem o poder de vos cumular com toda sorte de graças, para que, dispondo sempre e em tudo do necessário, tenhais ainda de sobra para toda boa obra. ⁹Como está escrito:

Sl 112,9 *ele distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre^l.*

Lc 55,10; Os 10,12 ¹⁰Aquele que fornece a semente ao se-

meador, e o pão para o alimento^m, também vos fornecerá a semente, a multiplicará, e fará crescer os frutos da vossa justiça. ¹¹Serei enriquecidos de todos os modos, com toda a sorte de liberalidades, que farão subir por nosso intermédio a ação de graças para Deus. ¹²Pois o serviço desta coleta não deve somente satisfazer as necessidades dos santos, mas multiplicar com abundância as ações de graças para com Deus. ¹³Apreciando este serviço segundo o seu valor, eles glorificarão a Deus pela obediência que professais ao Evangelho do Cristo e por vossa liberalidade na partilha de bens com eles e com todosⁿ. ¹⁴E com sua oração por vós, eles vos manifestarão a sua ternura, por causa da graça superabundante que Deus vos concedeu. ¹⁵Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom infável!

10 Resposta de Paulo às acusações contra o seu ministério.

¹Eu, Paulo, pessoalmente vos peço pela mansidão e bondade do Cristo, cu tão humilde quando estou no meio de vós face a face, mas tão ousado para convosco quando estou longe^o. ²eu vos rogo: não tenha eu, quando estiver presente, de usar dessa

ousadia que tenciono demonstrar com audácia contra tais indivíduos que pretendem que a nossa conduta tem motivos humanos^p. ³Embora sendo plenamente homem, nós não combatemos de maneira meramente humana. ⁴Não, as armas do nosso combate não têm origem humana, mas o seu poder vem de Deus para a destruição das fortalezas^q. Nós destruímos os raciocínios pretensiosos, ⁵e todo o poder altivo que se ergue contra o conhecimento de Deus. Nós cativamos todo o pensamento para o levar a obedecer ao Cristo ⁶e estamos prestes a punir toda desobediência, desde que a vossa obediência seja total. ⁷Fitai as coisas de frente^r. Se alguém está persuadido de pertencer ao Cristo, tome consciência disso, de uma vez por todas: se ele é de Cristo, nós também^s! ⁸E embora eu me glorie um pouco demais do poder que o Senhor nos deu para a vossa edificação, e não para a vossa ruína, não me envergonharei. ⁹Não quero dar a impressão de querer amedrontar-vos com minhas cartas ¹⁰— pois suas cartas, dizem, têm peso e força; mas quando presente, ele é fraco^t e sua palavra, nula. ¹¹Que este indivíduo se persuada: tais como somos em palavras, de longe, em nossas cartas, assim também seremos, presente, em nossos atos^u. ¹²Pois não temos a audácia de nos igualar ou comparar a certas pessoas que se recomendam a si mesmas; tomando a si mesmas por padrão de medida e comparação, elas perdem o juízo. ¹³Quanto a nós, não perderemos o comedimento no justo orgulho que demonstraremos, mas servir-nos-emos, como medida, da pró-

10,11;
1Cor 4,21

6,7;
Rm 13,12

Is 2,11-18

2,9; 7,15

11,23;
1Cor 1,12
11,16; 12,6
13,10;
Jr 1,10

10,1; 11,6

10,2; 12,20;
13,2,10

3,1; 5,12

Rm 12,3

k. Continuação do mesmo texto de Pr 22,8 gr.

l. Citação livre do Sl 112,9 gr.

m. Alusão à profecia de Is 55,10, onde é a chuva que fornece estes bens.

n. Cf. 8,4 nota.

o. Aqui começa um desenvolvimento que se estende até o fim da epístola, a apologia do ministério de Paulo. A situação difere da de 2Cor 1-8: Paulo se defende com vigor contra adversários. Censuram-lhe o ser humilde de perto, e ousado de longe.

p. Lit. *segundo a carne*, expressão que opõe o olhar do homem pecador ao que é regenerado pelo Espírito do Cristo (cf. 5,16 nota). Mesma observação quanto a *homem e de modo puramente humano* no v. 3.

q. As *fortalezas* são uma imagem da presunção do homem seguro de si mesmo, e fechado a Deus. O tema vem do AT (cf. Is 2,13-15).

r. Outra tradução: *vós olhai para as aparências*.

s. Impossível é determinar se se trata aqui dos que se prevalecem "do Cristo" (1Cor 1,12), dos que o teriam conhecido historicamente (2Cor 5,16), ou de cristãos com pretensões a uma inspiração direta sem passar pelo apóstolo.

t. O nome grego — na realidade latino — de Paulo significa *fraco*, de pouca prestância, e pode prestar-se a este jogo de palavras (cf. 1Cor 2,1-5). O apóstolo responde à censura em 11,6.

u. Ameaça de sanções. Cf. 2,8.

pria norma que Deus nos atribuiu, fazendo-nos chegar até vós^v. ¹⁴Pois não ultrapassamos o nosso limite, como se não tivéssemos ido até vós. Realmente, fomos o primeiro^w a chegar até vós com o Evangelho do Cristo. ¹⁵Nós não temos um orgulho desmedido, fundado nos trabalhos alheios^x, mas temos a esperança, com os progressos da vossa fé, de crescer cada vez mais em vós segundo a nossa norma, ¹⁶levando o Evangelho para além de vossa região, sem nos orgulhar de obras já prontas no terreno dos outros. ¹⁷*Aquele que se orgulha ponha o seu orgulho no Senhor^y*. ¹⁸Não é aquele que recomenda a si mesmo que é aprovado, mas aquele que o Senhor recomenda.

Rm 15,20

11 Autenticidade do ministério de Paulo diante dos seus adversários.

¹Ah! se pudésseis suportar um pouco de loucura de minha parte, e por que não? Suportai-me! ²Eu sinto a vosso respeito tanto zelo quanto Deus. Eu vos desposi com um esposo único, para vos apresentar ao Cristo, qual virgem pura^z, ³mas recio que — assim como a serpente seduziu Eva com sua astúcia — os vossos pensamentos venham a corromper-se, longe da simplicidade^a devida a Cristo. ⁴Com efeito, se o primeiro que aparece vos prega outro Jesus, diferente daquele que nós pregamos^b, ou se aderis a um espírito diferente daquele que recebestes, ou a outro evangelho que não o que acolhestes — vós o suportais muito bem. ⁵Eu julgo, no entanto, não ser inferior em nada a esses superapóstolos^c.

Dt 4,24;
Ef 5,25-27Gn 3,4-13;
1Tm 2,14

Gl 1,6-9

12,11

⁶Nulo na eloquência, seja! quanto ao conhecimento, porém, é outra coisa. Em tudo e de todas as maneiras, vo-lo temos mostrado. ⁷Acaso terá sido uma falta rebaixar-me para vos elevar, anunciando-vos gratuitamente o Evangelho de Deus? ⁸Eu despojei outras Igrejas^d, aceitando delas do que viver para vos servir. ⁹E quando passei necessidade durante a minha estada entre vós, não explorei ninguém, pois os irmãos vindos da Macedônia proveram às minhas necessidades; e em tudo, evitei ser-vos oneroso^e, e disso me absterei cuidadosamente. ¹⁰Pela verdade do Cristo em mim, eu o atesto! ninguém me fará ocultar este motivo de orgulho nas regiões da Acaia. ¹¹E por quê? Porque não vos amo? Deus o sabe! ¹²O que faço, ainda o farei, a fim de tolgêr de todo pretexto os que o quisessem ter para se vangloriarem dos mesmos títulos que nós! ¹³Esses indivíduos são falsos apóstolos, falsários, disfarçados em apóstolos de Cristo^f; ¹⁴nada há de estranho nisso: o próprio Satanás^g se disfarça em anjo de luz. ¹⁵Portanto é pouca coisa para os seus servos disfarçarem-se em servidores da justiça. O seu fim será conforme às suas obras.

10,10;
1Cor 2,1At 18,3;
1Cor 9,12
K,1-2;
Fl 4,10-15

12,13

11,5
2,17;
Fl 3,22Tm 4,14
2Pd 2,1

Sofrimentos suportados pelo apóstolo.

¹⁶Repito, não se pense que estou louco — ou então aceitai que eu esteja louco, a fim de que também possa vangloriar-me um pouco. ¹⁷O que vou dizer, não o digo segundo o Senhor, mas como em plena loucura, na certeza de ter de que me vangloriar^h. ¹⁸Visto que muitos se

12,6

v. Com um modo de se exprimir que lhe é costumeiro, o apóstolo passa da medida a não ultrapassar no orgulho e da maneira de fazer valer a confiança em si mesmo, à medida, isto é, ao território que Deus lhe atribuiu. Os vv. 14-16 explicam este pensamento que se encontra também em Rm 15,20.

w. A questão de saber se é um plural enfático (tratar-se-ia só do apóstolo Paulo) ou se é um plural real, incluindo os seus colaboradores (p. ex., Timóteo, cf. 2Cor 1,1) permanece controversa. x. Cf. Rm 15,17-21.28-29.

y. Jr 9,22. Igual citação em 1Cor 1,31.

z. Tema bíblico das núpcias espirituais (cf. Ef 5,27).

a. Alguns mss. acrescentam: e da pureza.

b. Paulo não pensa que possa haver dois Evangelhos (Gl 1,7-9).

c. Quais são esses personagens? Sem dúvida judaizantes, fiéis à lei, que contestam a autoridade de Paulo e assumem uma autoridade sem mandato.

d. Cf. 8,1 nota.

e. Segundo o seu costume, Paulo viveu em Corinto do trabalho de suas mãos (At 18,3; 20,34 nota; 1Cor 4,12).

f. *Cristo em mim*: expressão da experiência interior pessoal de Paulo (Gl 2,20; Fl 1,21).

g. O apóstolo censura a esses adversários o traficarem com a palavra de Deus; cf. 2,17; Fl 3,2 e a apostrofe de Jesus aos fariseus, Lc 16,15.

h. Cf. 2,11 nota. Alusão a narrações rabínicas.

i. Lit. na realidade da minha ufania.

Gl 6,13; Fl 3,4 vangloriam de suas vantagens humanas, também eu me vangloriarei. ¹⁹Vós, tão razoáveis, não tendes a menor dificuldade em suportar os que perdem a razão. ²⁰Suportais que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com arrogância, que vos esbofeteiem; ²¹digo-o para a nossa vergonha¹, como se tivéssemos sido fracos. O que se ousa dizer — falo como louco —, também eu ousa. ²²Eles são hebreus? eu também! ²³Israelitas? eu também! Da descendência de Abraão? eu também! ²⁴Ministros do Cristo? — vou proferir uma loucura — muito mais eu!

Nas fadigas — muito mais;
nas prisões¹ — muito mais;
sob os açoites — infinitamente mais;
nos perigos de morte — muitas vezes!

²⁴ Dos judeus, recebi cinco vezes os trinta e nove açoites^m,

²⁵ três vezes fui flagelado, uma vez, apedrejado^a, três vezes naufraguei^a, passei um dia e uma noite sobre o abismo^p.

²⁶ Viagens a pé, muitas vezes, perigos dos rios, perigos dos salteadores, perigos dos meus irmãos de raça, perigos dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos!

At 13,50;
20,3

²⁷Fadigas e sofrimento, vigílias frequentes; fome e sede; jejum, muitas vezes; frio e indigência; ²⁸sem contar todo o resto, a minha preocupação de cada dia, a solicitude por todas as Igrejas. ²⁹Quem é fraco que eu não fique fraco? Quem cai, sem que isso me queime? ³⁰Se é preciso orgulhar-se, farei consistir o meu orgulho na minha fraqueza. ³¹Deus, o Pai do Senhor Jesus, que é bendito eternamente, sabe que não minto. ³²Em Damasco, o etnarca do rei Aretas mandava guardar a cidade^a para me prender. ³³Mas fizeram-me descer por uma janela, num cesto, ao longo da muralha e eu escapei das suas mãos.

6,5;
1Cor 4,11-12

At 20,18-21
1Cor 9,22

12,5

12 Visões e revelações, privilégios do apóstolo Paulo. ¹É preciso orgulhar-se! De que valeria! Contudo, chegarei às visões e revelações do Senhor^a. ²Conheço um homem em Cristo^a que, faz quatorze anos¹ — era no meu corpo? não sei; era fora do meu corpo? não sei, Deus o sabe — este homem foi arrebatado ao terceiro céu^a.

³E sei que este homem — era em seu corpo? era sem o seu corpo? não sei, Deus o sabe —, ⁴este homem foi arrebatado^a ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis que não é permitido ao homem repetir. ⁵Quanto a este homem eu me orgulharei, mas quanto a mim, só porei o meu orgulho nas minhas fraquezas. ⁶Ah! se eu me quisesse orgulhar, não seria

Lc 23,43;
Ap 2,7

j. Lit. *para vergonha*. A tradução pode hesitar entre *nossa* e *vossa vergonha*, visto que o apóstolo censura a si mesmo a própria fraqueza, ao mesmo tempo que fustiga os coríntios.

k. A polémica conduziu muitas vezes Paulo a citar os seus títulos de judeu: At 21,39; 22,3; 26,5; Rm 11,1; Gl 2,15; Fl 3,5-6, ou de romano: At 16,37; 22,25-28.

l. Nós não conhecemos um encarceramento de Paulo antes desta data, a não ser em Filipos (At 16,23) e talvez em Éfeso (1Cor 15,32).

m. Lit. *quarenta menos um*. A legislação de Dt 25,3 limitava os açoites a quarenta. Para não ultrapassar esta conta, parava-se em 39. Nós ignoramos as circunstâncias desses suplícios infligidos a Paulo.

n. Das especificações dadas aqui, nós conhecemos uma flagelação ilegal em Filipos (At 16,22), o *apedrejamento* de Listra (At 14,19).

o. Esses *naufrágios* não foram relatados.

p. O *abismo*; o mar, sem dúvida após um naufrágio, ou uma tempestade. Outra tradução: *dentro do abismo*.

q. Lit. *cidade dos damascenos*. Este fato é mencionado em At 9,24-25: trata-se do rei nabateu Aretas IV, que reinou mais ou menos de 9 a.C. a 39 d.C. Isto não confere muita precisão à cronologia da vida de Paulo.

r. Paulo distingue bem o acontecimento do caminho de Damasco, aparição do Ressuscitado (1Cor 9,1; 15,8), das *visões e revelações* que teve depois (At 16,9; 18,9 nota; 22,18; 23,11).

s. O apóstolo tem certo pudor de falar de si mesmo. ¹Quatorze anos antes, sem dúvida por volta de 42 ou 43, durante a estada de Paulo na Cilícia ou em Antioquia, antes da primeira viagem.

u. O número dos céus nas concepções judaicas variou de 5 a 10; sete é o número mais usual; o paraíso era situado muitas vezes no *terceiro céu*.

v. *Arrebatado*, expressão tradicional dos êxtases proféticos desde Ezequiel; cf. Ez 3,12.

11.16 louco, só diria a verdade; mas abstenho-me disso, para que não tenham a meu respeito uma opinião superior ao que se vê de mim, ou ao que me ouvem dizer^w.

⁷E porque essas revelações eram extraordinárias^x, para poupar-me qualquer orgulho, um espinho foi posto na minha carne^y, um anjo de Satanás encarregado de me bater^z, para poupar-me qualquer orgulho. ⁸A respeito disso, três vezes roguei ao Senhor que o afastasse de mim.

⁹Mas ele me declarou: "A minha graça te basta; o meu poder se perfaz na fraqueza^a". Por isso farei consistir meu

orgulho antes em minhas fraquezas, a fim de que pouse sobre mim o poder do Cristo.

¹⁰Portanto eu me comprazo

nas fraquezas,
nos insultos,
nos constrangimentos,
nas perseguições e nas angústias por Cristo!

Pois quando sou fraco, então é que sou forte.

Lealdade e preocupações para com a Igreja de Corinto.

¹¹Comportei-me como um louco! Vós me constrangestes a isso. Sois vós que deveríeis ter me recomendado. Pois em nada fui inferior a esses

superapóstolos^b, embora não seja nada. ¹²Os sinais distintivos do apóstolo se produziram entre vós: paciência a toda prova, sinais milagrosos, prodígios, atos de poder. ¹³Que tivestes vós de menos

que as outras Igrejas, senão que eu, por mim, não vos explorei? Perdoai-me essa injustiça!

¹⁴Eis que estou prestes a ir ter convosco pela terceira vez^c e não vos explorarei: pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos. Não compete aos filhos fazer reservas para os pais, mas aos pais para os filhos. ¹⁵Quanto a mim, de bom grado gastarei e me desgastarei a mim mesmo todo inteiro por vós. Se vos amo mais, serei por isso menos amado^d?

¹⁶Seja, eu não vos fui oneroso! Mas, astucioso como sou, peguei-vos pela astúcia. ¹⁷Escolhei quem quisesdes dos que

eu vos envie; acaso vos explorei por algum deles? ¹⁸Eu insisti junto a Tito e enviei com ele o irmão^e [de quem falei]^f. Acaso Tito vos explorou? Porventura não andamos no mesmo espírito? E nas mesmas pegadas?

¹⁹Faz muito tempo que vós pensais que nos justificamos diante de vós? Não, é diante de Deus, em Cristo, que falamos. E tudo isso, diletos, para a vossa edificação. ²⁰Com efeito, receio não achar-vos, à minha chegada, tais como quero, e que vós não me acheis tal como quereis: que haja entre vós discórdia, ciúme, violências, rivalidades, maledicências, mexericos, insolência, agitações.

²¹Rocio que, à minha próxima passagem, o meu Deus me humilhe diante de vós e eu tenha de chorar por muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se converteram de sua impureza, de seu desregramento e de sua devassidão!

²²Reccio que, à minha próxima passagem, o meu Deus me humilhe diante de vós e eu tenha de chorar por muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se converteram de sua impureza, de seu desregramento e de sua devassidão!

13 Últimas advertências antes da volta do apóstolo. ¹É a terceira vez que vou ter convosco. *Toda questão será decidida sob a palavra de duas ou três testemunhas^g.* ²Eu já o disse e, como por

w. Outra tradução: *o que se ouvi dizer de mim*.

x. Por ser incerta a pontuação dos mss. antigos, o começo do v. 7 pode ser transposto para o fim do v. 6.

y. Dentre as numerosas hipóteses formuladas, a de uma doença crônica é uma das mais verossímeis; cf. Gl 4,13-15.

z. *Bater*: o anjo de Satanás bate no apóstolo, como os soldados batiam no rosto de Cristo. A tradução *esbofetear* não exprime a rudeza dos assaltos, em que os gladiadores lutavam às vezes com luvas de chumbo.

a. Há um jogo de palavras, já que o mesmo termo significa *fraqueza* e *doença*. Pode-se compreender: *o meu milagre se realiza na doença*.

b. Cf. 11.5 nota.

c. Paulo já esteve, portanto, duas vezes em Corinto: a primeira para fundar a Igreja (At 18); a segunda é evocada em 13.2; o projeto de uma terceira estada é mencionado em 2Cor 1.23; 2.1; 13.1 e sem dúvida também em 1Cor 16.5.

d. Outra tradução possível: *se bem que, amando-vos mais, eu seja por isso menos amado*.

e. Cf. 8,18 e 22.

f. Lit. *o irmão*. Acrescentamos as palavras entre [].

g. Citação de Deuteronômio 19,15, que também se encontra em Mt 18,16 e indica que a Igreja adotara formas jurídicas do judaísmo.

	ocasião da minha segunda visita, repito	vos fazer o bem, e que a prova pareça	
10.11: 12.21	hoje, ausente, aos que pecaram anteriormente e a todos os outros: Se eu for de novo, agirei sem complacência ^h , ³ visto	voltar-se contra nós ^l . ⁸ Pois nada podemos contra a verdade, só temos poder em favor da verdade. ⁹ Enchemo-nos de alegria cada vez que somos fracos ^m e vós sois fortes. Eis o objetivo das nossas orações: o vosso aperfeiçoamento. ¹⁰ É por isso que	1Cor 13.6
3.5-6	que vós quereis uma prova de que Cristo fala em mim. Eie não é fraco a vosso respeito, mas mostra o seu poder em vós ^l .	vos escrevo isto, estando ainda longe, para não ter, uma vez presente, de cortar no vivo, segundo o poder que o Senhor me deu: para edificar, e não para destruir. ¹¹ De resto, irmãos, vivei na alegria, trabalhai para o vosso aperfeiçoamento, encorajai-vos, tende muita concórdia ⁿ , vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco. ¹² Saudai-vos mutuamente com um ósculo santo ^p . Todos os santos vos saúdam. ¹³ A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós ^p .	
Rm 6.8-11	⁴ Ele, sem dúvida, foi crucificado em sua fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus. E nós também somos fracos nele, mas estaremos vivos com ele pelo poder de Deus para convosco. ⁵ Fazei vós mesmos a vossa autocrítica, vede se estais na fé, provai a vós mesmos; ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A menos que a prova se volte contra vós ^l . ⁶ Reconhecereis, espero, que nós comprovamos o nosso valor ^k . ⁷ Rogamos a Deus que não façais nenhum mal; não desejamos apresentar nossas provas, mas ver-		10.11: 10.8
1Cor 11.28; Gl 6.4			Fl 3.1: 4.4
			Ef 4.2-3; Rm 15.5; Rm 15.33; Rm 16.16; 1Cor 16.20; 1Ts 5.26; Fl 2.1

h. Notar a diferença de tom em relação ao cap. 7.

i. Outra tradução: *entre vós*.

j. A *prova*, exame da capacidade pelo qual passavam, na Grécia, os candidatos às magistraturas antes de uma eleição. Se os coríntios se corrigirem, Paulo não terá de julgá-los.

k. Paulo emprega para si mesmo o mesmo termo que no v. 5 para os coríntios.

l. Se os coríntios se reformarem, a intervenção autoritária de Paulo cairá em falso (cf. v. 5 nota).

Paulo faz muitas vezes jogos de palavras, valorizando as assonâncias e rítmicas. Aqui, *provai, prova* (v. 5), *comprovar* (v. 6), *provas, prova* (v. 7) procuram reproduzir a sonoridade e o sentido da frase grega.

m. Cf. 10.10 nota; 12.9.

n. Lit. *pensai do mesmo modo*.

o. O *ósculo* litúrgico, símbolo da união (cf. Rm 16.16).

p. Esta fórmula, a mais claramente trinitária de todo o NT, talvez seja de origem litúrgica.

EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

INTRODUÇÃO

Para compreender a Epístola aos Gálatas, é necessário conhecer a situação histórica das Igrejas às quais Paulo escreve. A crise que obriga o apóstolo a intervir não é um incidente de alcance local; é uma fase determinante na evolução da Igreja nascente. Esta faz então uma opção decisiva, que deve efetuar para ser fiel à verdade do Evangelho e renovar em todas as épocas da sua história, em nome desta fidelidade.

Depois de ter exposto o que sabemos da situação histórica, graças ao livro dos Atos dos Apóstolos, e à própria epístola, mostraremos como o apóstolo defende a verdade do Evangelho, comprometida na Galácia, e indicaremos as etapas da sua exposição. Enfim, mostraremos por que esta carta é de uma atualidade permanente.

As circunstâncias da crise gálata. Através dos Atos dos Apóstolos, tomamos conhecimento do papel representado por Paulo na expansão da Igreja. Ele é o apóstolo das nações, enviado de maneira especial aos pagãos (At 9,15; 22,21; 26,17), mas a sua missão esbarra na oposição constante de um meio de origem judaica, cuja tese é resumida assim por Lucas: "Se não vos fizerdes circuncidar segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos" (At 15,1). Esses judaizantes querem, portanto, impor aos fiéis de origem pagã o jugo da lei mosaica. Segundo os Atos, Pedro não é do partido deles; iluminado pelo Espírito, ele sabe que Deus confere o Espírito tanto aos pagãos como aos judeus, em razão da sua fé em Cristo (At 10,17; 15,7-11). Quanto a Tiago, ele admite a entrada dos pagãos na Igreja: pede-lhes somente que observem certas regras práticas que julga indispensáveis e que serão promulgadas pela assembleia de Jerusalém (At 15,19-21,28).

Os Atos nos dão a conhecer também diversas passagens de Paulo pela Galácia. Por ocasião da sua primeira viagem missionária, o apóstolo evangeliza as regiões situadas ao sul da província romana da Galácia: Pisídia, Licaônia, Frígia (13,14-14,25). A seguir, passa duas vezes (At 16,6; 18,23) pela Galácia do Norte, durante a segunda

e terceira viagens missionárias; essa região compreendida entre a Capadócia e o mar Negro estendia-se em volta de Ancira (a atual Ancara) e era povoada por habitantes de origem céltica, os únicos que merecem ser chamados "gálatas" no sentido próprio do termo.

Tal é o quadro no qual se devem inserir os fatos que Paulo relata ou evoca na Epístola aos Gálatas. Seria possível tal inserção? Se Paulo, testemunha desses fatos, apresenta-os de modo diverso do de Lucas, deveríamos nós pensar que o testemunho de Paulo ou o relato de Lucas seja errôneo? É mais conforme às normas de uma sã crítica perguntar se tais divergências não se podem explicar pela diferença de intenções que norteiam as duas apresentações do mesmo fato.

Paulo é uma testemunha fiel, mas atém-se a relatar apenas o que concerne à meta que tem em mira. Lucas coletou com cuidado informações seguras, mas seu objetivo é mostrar a ação do Espírito no desenvolvimento da Igreja, e não escrever uma crônica dos primeiros tempos da mesma; por isso, pôde compilar documentos de origem e data diferentes, ligando-os ao mesmo fato, como é provavelmente o caso da assembleia de Jerusalém. Isso permite compreender o porquê de ser esta assembleia apresentada de maneiras diferentes em Gl 2,1-10 e em At 15.

Pode-se no entanto lançar mão dos Atos para completar os dados históricos da epístola e procurar situar a crise gálata. A quem escreve Paulo? Qual a data da sua carta? A que erros visa ele na carta e quais os adversários que os propagam? Muitas hipóteses têm sido aventadas em função das alusões de Paulo a uma situação bem conhecida dos seus leitores, mas bastante imprecisa para nós; algumas dessas explicações inspiraram toda uma interpretação da história das origens cristãs. Indicaremos aqui apenas as hipóteses mais importantes, com fundamento nos textos.

Quais são os destinatários da epístola? No século XIX, tentou-se provar que se tratava das igrejas da Galácia do Sul. A carta, neste caso, poderia ter sido escrita pouco depois da primeira

viagem missionária e seria a primeira epístola de Paulo, enviada de Antioquia por volta de 49. Pode-se também retardar a sua redação para depois da viagem mencionada em At 16,6. Mas a maioria dos modernos mantém hoje a posição unânime dos antigos: Paulo escreveu aos gálatas do Norte (os únicos que podem ser chamados de "gálatas"), após a sua segunda passagem pela região deles (Gl 4,13), mencionada em At 18,23. É no fim da sua longa estada em Éfeso (provavelmente durante o inverno de 56-57) que ele redige esta carta, seis meses somente antes da epístola aos Romanos: assim encontrariam melhor explicação as semelhanças entre as duas epístolas.

Quais são os responsáveis pela crise e que erro ensinam? Um ponto parece claro: os perturbadores que Paulo denuncia querem impor aos pagãos convertidos a prática da lei de Moisés (3,2-3; 4,21; 5,4) e em particular a circuncisão (2,3-4; 5,2; 6,12). Pode-se tratar dos judaizantes de que falam os Atos e cuja tese é resumida em 15,1. Mas deve-se ficar nisso?

A epístola, com efeito, põe seus destinatários de sobreaviso contra um conceito de liberdade que tende para a licenciosidade moral (5,13). Não seria essa uma indicação de que Paulo se opunha a dois tipos de adversários? É a hipótese proposta pelos que não julgam poder identificar os partidários de uma moral relaxada com os judaizantes que preconizam a prática da lei. Mas nada prova que o apóstolo tivesse de combater em duas frentes.

Por conseguinte, propôs-se outra hipótese. Os judaizantes poderiam ser partidários da lei unicamente sob seu aspecto ritual e considerar-se dispensados das exigências morais: tratar-se-ia então de um sincretismo análogo ao evocado pela epístola aos Colossenses (Cl 2,16-23). Com efeito, nas duas epístolas, trata-se de um culto que escraviza seus adeptos aos elementos do mundo (Gl 4,3,9; Cl 2,20); ademais, Paulo parece dizer aos gálatas que, pregando-lhes a circuncisão, essa gente os está reconduzindo a um culto que eles praticavam antes da conversão (4,8-10). Por outro lado, o apóstolo insiste no fato de que a circuncisão obriga aqueles que se lhe submetem a uma fidelidade total à lei (5,3; cf. 3,10); isto, sem dúvida, porque os adversários de Paulo ensinavam o contrário, e, com efeito, o apóstolo os acusa formalmente, em sua conclusão, de não obser-

varem a lei, ao mesmo tempo que impõem a circuncisão (6,13).

Esta hipótese é muito atraente; entretanto ela não se impõe. Pode-se compreender a epístola sem recorrer a ela. A advertência contra a licenciosidade moral pode explicar-se pelo fato de as Igrejas da Galácia serem compostas de pagãos convertidos, cuja mentalidade e conduta não se transformaram de um momento para outro; eles têm, portanto, necessidade de que Paulo explicita o que é a liberdade dos filhos de Deus. Por outro lado, se Paulo parece situar no mesmo nível os ritos da lei mosaica e os do paganismo, isso não significa necessariamente que os judaizantes hajam misturado ambos os ritos; o objetivo de Paulo era mostrar, com isso, que ambos reconduziam os gálatas a uma escravidão da qual o Cristo os libertara. O apóstolo chegaria a dizer que a volta aos ritos pagãos seria preferível, porque os faria sair da Igreja, sem nela lançar a perturbação, pervertendo o Evangelho (5,12).

O sentido da crise: a escolha diante do único Evangelho. Influenciados pelos adversários de Paulo, os gálatas não vêem que a sua fé esteja comprometida, se a circuncisão for condição de salvação. O apóstolo os faz tomar consciência de que uma opção se impõe, e é importante. Não se trata de uma questão pessoal: Paulo não se queixa de um dano que lhe tivesse sido causado ao darem preferência a outros pregadores (4,12). Trata-se da verdade do único Evangelho, da liberdade anunciada por este Evangelho, da cruz do Cristo que é a fonte desta liberdade, característica da vida nova dos filhos de Deus.

O Evangelho é o anúncio de uma salvação gratuita e universal, que instaura um mundo novo. Os judaizantes seguem vivendo no mundo antigo e querem a ele reconduzir os gálatas; assim, eles pervertem o Evangelho, baseando-se no Antigo Testamento. Paulo, ao invés, mostra que o Antigo Testamento só alcança o seu sentido autêntico quando Cristo cumpre o que ele promete. A sua argumentação, cujo desenvolvimento é por vezes difícil de acompanhar, põe em evidência a oposição entre o mundo antigo e o novo sob três pontos de vista.

O primeiro ponto de vista é o da fonte da salvação. Cumpre escolher entre a carne e o Espírito. No mundo antigo, o homem pretendia bas-

tar-se a si mesmo e salvar-se por suas próprias obras; tal atitude é o que Paulo chama de “carne”. Entrar no mundo novo é esperar a salvação do Espírito, acolhê-la como graça que o Pai concede por Cristo.

O segundo ponto de vista é o da história da salvação. A escolha impõe-se entre a lei e a fé. A lei é uma etapa preparatória da vinda do Salvador; ela isola o povo que a recebeu, com uma finalidade pedagógica, para que ele seja testemunha da salvação prometida por Deus a todos os crentes. É a fé que dá acesso ao mundo novo, abrindo o homem à salvação efetuada por Jesus e gratuitamente oferecida a todos os homens.

Finalmente, o terceiro ponto de vista: no mundo antigo, os homens estavam escravizados ao pecado, cuja raiz é a carne; no mundo novo, são libertados pelo Espírito que lhes possibilita cumprir amorosamente a vontade do Pai. São livres por ser filhos de Deus e viver da vida do Filho de Deus. Esta liberdade, fruto do Evangelho único, seria arruinada pelos judaizantes.

Estrutura e estilo da epístola. Paulo sabe que seus “filhinhos” estão em perigo (4,19). Não é sua intenção demonstrar-lhes uma tese. A verdade que lhes anunciou e que, desde então, iluminou o caminho que percorreram (5,7) é a verdade de um acontecimento: a intervenção de Deus em Jesus Cristo, para libertar os homens do pecado. É diante deste acontecimento, diante de Jesus Cristo crucificado, que Paulo vai reconduzir os gálatas.

Numa primeira etapa (caps. 1 e 2), o apóstolo lhes lembra que Jesus Cristo está na origem de sua missão e no centro de sua mensagem.

Numa segunda etapa (caps. 3-6), ele mostra que Jesus Cristo, efetuando a salvação, dá à história o seu sentido: por ele e nele, os homens regenerados encontram a sua unidade, e a criação renovada chega à sua plenitude.

Essas etapas são unificadas pelo desenvolvimento dos três pares que mostram aos gálatas os diversos aspectos da escolha fundamental proposta a todo homem pelo Evangelho.

A. Primeira etapa: 1,1-2,21

a) Introdução (1,1-10)

1,1-5: endereço em que são anunciados os dois temas da primeira etapa: a missão de Paulo (vv. 1-2); o seu evangelho (vv. 3-4).

1,6-10: a situação: o único Evangelho está pervertido.

b) A missão de Paulo (1,11-2,10)

1,11-24: Paulo recebeu do Cristo ressuscitado a missão de anunciar o Evangelho aos pagãos; é para isso que foi escolhido e chamado por graça.

2,1-10: a salvação é outorgada a todos gratuitamente; portanto, os pagãos não têm de ser submetidos à circuncisão. Tal é a verdade do Evangelho, que Pedro e a Igreja de Jerusalém reconheceram publicamente.

c) O Evangelho de Paulo (2,11-21)

Entretanto, sob a pressão dos judaizantes — a mesma que os gálatas sofrem —, Pedro não permaneceu fiel à verdade, à opção que ela exige. Paulo mantém esta verdade e define a opção fundamental por meio do par fé e lei. Esta opção se faz por causa do Cristo crucificado, que deu a vida por cada um de nós. Aquele que escolhe justificar-se pelas próprias obras, cumprindo a lei, torna inútil a morte do Cristo; aquele que aceita ser justificado pelo Cristo e renuncia a toda pretensão de salvar-se a si mesmo mostra que, para ele, a morte do Cristo é fecunda: ele vive da vida amorosa do Filho de Deus.

B. Segunda etapa: 3,1-6,18

a) Introdução (3,1-5)

Diante do Cristo crucificado, de quem receberam o dom do Espírito, Paulo apostrofa os gálatas: a escolha estúpida que fizeram os faz voltar à carne.

b) O regime da fé e o da lei na história da salvação (3,6-4,7)

3,6-14: no desígnio de Deus, a promessa feita a Abraão, o crente, concerne a Cristo e, através dele, a todos os fiéis sem distinção. A salvação prometida realiza-se pelo dom do Espírito.

3,15-29: a lei não é nada como condição deste dom; ela é imposta aos pecadores para revelar-lhes a sua escravização ao pecado e mostrar-lhes que a salvação está na fé em Cristo; por Jesus Cristo e nele, serão libertados e reunidos, pois serão filhos de Deus.

4,1-7: a história da salvação logra a sua plenificação em Jesus Cristo, que faz com que os homens passem da escravidão do mundo para a liberdade dos filhos de Deus, pelo dom do Espírito.

c) Exortação a não voltar à escravidão (4,8-5,12)

4,8-20: angústia de Paulo por seus filhos: o

Evangelho os libertara, mas agora tenta-se escravizá-los de novo.

4,21-31: *para ser livre é preciso ser filho de Abraão, não segundo a carne, mas segundo o Espírito.*

5,1-12: *que os gálatas permaneçam livres, mantendo-se abertos ao dom gratuito que Cristo lhes concede, ao Espírito que lhes outorga o dom de crer, amar e esperar. Paulo define assim o que é a vida nova em Jesus Cristo.*

d) A verdadeira liberdade é fruto do Espírito que liberta o homem da carne (5,13-6,10)

5,13-25: *antagonismo radical entre a carne e o Espírito.*

5,26-6,10: *o Espírito liberta do julgamento, tornando fiel à lei do Cristo.*

e) Conclusão (6,11-18)

Paulo torna a situar os gálatas diante da cruz do Cristo. Esta pôs fim ao mundo antigo e mau, evocado na introdução (1,4); a salvação efetuada pelo Cristo crucificado inaugura a nova criação, aquela à qual a fé dá acesso, aquela na qual o homem é libertado da lei, porque vive segundo o Espírito.

Esta é a estrutura da epístola. Ela haure a sua unidade da meta a que Paulo tende, desenvolvendo os temas complementares que acabamos de enumerar: fazer descobrir na cruz do Cristo a intervenção pela qual Deus dá sentido à história e realiza o seu desígnio de salvação gratuita e universal.

Para proclamar este mistério "escandaloso", Paulo emprega fórmulas tão densas e tão ousadas que se poderia ser tentado a ver nelas excessos de linguagem, aos quais teria sido arrastado pela polêmica e que seria preciso edulcorar ao interpretá-las. Mas, pelo contrário, essas fórmulas devem ser compreendidas como expressão, tão

exata quanto vigorosa, das intuições que o apóstolo recebeu do Espírito para conhecer e anunciar o mistério do Cristo.

O estilo e o pensamento desta epístola são tão paulinos que sua autenticidade, raramente posta em dúvida, parece hoje incontestável. Toda a personalidade de Paulo está aí com sua afeição pelos filhos, sua dedicação total à missão, sua energia para vencer as resistências opostas pelo mundo à verdade do Evangelho.

Atualidade permanente da epístola. A Epístola aos Gálatas interpela os cristãos de todas as épocas; ela interpela também a Igreja. Será que o cristão é um verdadeiro crente, um homem cuja fé o liberta de todo medo? Será que a Igreja não jaz ainda na situação histórica dos gálatas? Por certo, não há mais judaizantes, e os cristãos não têm mais medo de participar da vida e da mesa dos pagãos. Mas será que as instituições da Igreja não enclausuram demasiadas vezes os cristãos em limites dentre dos quais eles pensam ter assegurada a própria salvação e se gloriam de praticar a lei do Cristo, reduzida a meio de estar em ordem com Deus? A Igreja que eclodiu no Pentecostes pelo Espírito não pode pretender alcançar a perfeição graças a obras e estruturas humanas, "carnais"; de outro modo, ela escravizaria os homens, em vez de ser educadora da sua fé e da sua liberdade de filhos de Deus.

A Igreja é, portanto, convidada a perguntar a si mesma se as suas instituições têm por meta a formação de uma comunidade cuja unidade se enraíza no único Evangelho, comunidade que o Espírito abre para todos e põe a serviço de todos, comunidade de irmãos universais. Questão sempre atual. Apelo a uma reforma sempre renovada pelo poder do Evangelho, redescoberto sem cessar.

EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

1 Endereço. Fonte e conteúdo do Evangelho de Paulo.

Rm 1,1; Gl 1,11-12; At 20,24
Rm 1,4
At 16,6; 18,23; 1Cor 16,1; 2Tm 4,10; 1Pd 1,1; 2,20; 1Tm 2,6; Tt 2,14; 1Jo 5,19
Rm 16,27

Paulo, apóstolo^a. não da parte dos homens, nem por um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou de entre os mortos, ²e todos os irmãos^b que estão comigo, às Igrejas da Galácia: ³a vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo, ⁴que se entregou por nossos pecados, a fim de nós arrancar a este mundo do mal^c, de acordo com a vontade de Deus, que é nosso Pai^d. ⁵A ele seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

A situação: os gálatas desviados do único Evangelho. ⁶Eu me admiro da rapidez com que vos desviais daquele que vos chamou pela graça do Cristo^e, a fim de passar a outro evangelho^f. ⁷Não que haja outro; há apenas pessoas que lancem a perturbação entre vós e querem transtornar o Evangelho do Cristo. ⁸Mas se alguém, mesmo nós ou um anjo do céu, vos anunciasse um evangelho diferente daquele que nós vos anunciamos, seja anátema^g! ⁹Já o dissemos, e agora torno a dizê-lo: se alguém vos anunciar um evangelho diferente daquele que re-

cebastes, seja anátema! ¹⁰Pois^h, estaria eu agora procurando o favor dos homens ou o de Deus? Acaso procuro agradar aos homens? Se eu ainda agradasse aos homens, não seria mais servo de Cristo.

1Ts 2,4

A revelação do Filho de Deus e a missão de Paulo. ¹¹Pois eu vo-lo declaro, irmãos: este Evangelho que eu vos anunciei não é de inspiração humanaⁱ; ¹²e aliás não é por um homem que ele me foi transmitido ou ensinado, mas por uma revelação de Jesus Cristo^j.

1Ts 2,13

1,1; Mt 16,17

¹³Pois vós ouvistes falar do meu procedimento, outrora, no judaísmo: com que arrebato eu persegui a Igreja de Deus e procurava destruí-la; ¹⁴eu progredia no judaísmo, ultrapassando a maioria dos da minha idade e da minha raça por meu zelo transbordante pelas tradições dos meus pais. ¹⁵Mas quando Aquele que me pôs à parte desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça houve por bem ¹⁶revelar em mim o seu Filho, a fim de que eu o anuncie entre os pagãos, imediatamente, sem recorrer a nenhum conselho humano^k. ¹⁷nem subir a Jerusalém para junto daqueles que eram após-

At 8,3; 22,4-5; 26,9-11; 1Cor 15,9; Fl 3,6; At 22,3; Mc 7,3;

Is 49,1; Jr 1,5; Gl 1,6; 1Cor 15,10; At 9,3-6; 1Cor 9,1; 2Cor 4,6; At 22,21; Gl 2,7

a. Paulo, dizendo-se *apóstolo*, quer enfatizar a origem da sua missão: como os Doze, apóstolos antes dele (Gl 1,17), foi enviado sem intermediário pelo Cristo ressuscitado.

b. Paulo, que acaba de reivindicar a sua autoridade de apóstolo, põe ao mesmo tempo em relevo — e é o único cabeçalho de uma epístola em que o faz — a sua união com os fiéis que o rodeiam, na defesa do Evangelho. Ele não propõe uma interpretação do Evangelho que lhe seja própria.

c. Lit. *ao mundo presente, mau*. Trata-se do mundo antigo, sempre presente e submisso a Satanás, o Mau (cf. Mt 6,13; 13,38), mas já vencido em Cristo.

d. Os vv. 3 e 4 resumem o Evangelho em cujo centro está Cristo crucificado. Este, pelo acontecimento único de sua ressurreição, opera uma ruptura e uma passagem: arranca-nos ao mundo antigo e a todos os seus elementos (Gl 4,3-9-10); introduz-nos na nova criação (Gl 6,15).

e. Poder-se-ia também traduzir: *daquele que vos chamou por graça, o Cristo* (cf. Rm 1,6).

f. A saudação é, nas outras epístolas, seguida de uma ação de graças, que aqui é substituída por uma apóstrofe irônica e veemente. O único Evangelho é o anúncio da vida nova, dada unicamente pelo Cristo. Mensagem que comprometa a novidade e

gratuidade da salvação não é mais o Evangelho, como diz Paulo logo no v. 7.

g. *Anátema*. Esse termo designa o castigo que excluía um homem do povo de Deus. Paulo o evoca paradoxalmente a propósito da volta às prescrições da lei judaica. Tal volta seria uma perversão do Evangelho pela qual a pessoa se excluiria da graça.

h. Este *"pois"* frisa que Paulo não se preocupa com desagradar aos homens; ele não tem medo de lançar o anátema; se liberta os pagãos das observâncias legais, não é para agradar aos pagãos, mas unicamente por fidelidade ao Evangelho.

i. Lit. *segundo o homem*. O Evangelho não vem do homem, e é por isso que, longe de se acomodar às inclinações do homem, dá à existência humana uma orientação nova.

j. A *revelação* direta feita a Paulo tem por autor Jesus Cristo: o Crucificado manifestou-se a ele como Ressuscitado. No v. 15, ao evocar a vocação de Jeremias (1,5) e a do Servo de Javé em Is 49,1, ele vai lembrar que a sua vocação era receber esta revelação para anunciá-la aos pagãos (Gl 1,15-16).

k. Lit. *sem recorrer à carne e ao sangue*. Este hebraísmo designa o homem reduzido unicamente às próprias forças; cf. Mt 16,17; 1Cor 15,50.

tolos antes de mim, parti para a Arábia¹, depois voltei a Damasco. ¹⁸A seguir, três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas² e fiquei quinze dias com ele, ¹⁹sem ver tretanto nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago, irmão do Senhor³. ²⁰O que vos escrevo, digo-o diante de Deus, não é mentira. ²¹A seguir, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. ²²Mas o meu rosto era desconhecido das Igrejas do Cristo que estão na Judéia; ²³elas tinham simplesmente ouvido dizer: "Aquele que outrora nos perseguia anuncia agora a fé" que então destruiu⁴, ²⁴e elas glorificavam a Deus a meu respeito.

2 O acordo de Jerusalém: unidade da Igreja e liberdade cristã.

¹Depois, ao cabo de quatorze anos⁵, subi novamente a Jerusalém com Barnabé; também levava Tito comigo. ²Subi até lá em consequência de uma revelação⁶ e expus-lhes o Evangelho que prego entre os pagãos; eu o expus também, numa conversa particular, às pessoas mais consideradas, por receio de estar correndo, ou

ter corrido, em vão. ³Mas não forçaram nem sequer Tito,⁷ meu companheiro, um grego, à circuncisão; ⁴teria sido⁸ por causa dos falsos irmãos, intrusos que, tendo-se insinuado, espereitavam a nossa liberdade, que nos vem de Jesus Cristo, a fim de nos reduzir à escravidão. ⁵A essa gente nós não nos submetemos⁹, nem mesmo numa concessão momentânea, a fim de que a verdade do Evangelho fosse mantida para vós. ⁶Mas, no que concerne às personalidades — o que eles eram pouco me importa: Deus não olha para a situação dos homens —, esses personagens¹⁰ nada mais me impuseram. ⁷Ao contrário, eles viram que a evangelização dos incircuncisos me fora confiada, como a Pedro a dos circuncisos ⁸— pois Aquele que atuara em Pedro para o apostolado dos circuncisos também atuou em mim em favor dos pagãos —, ⁹e, reconhecendo a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, considerados colunas, deram-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão¹¹, a fim de que fôssemos, nós aos pagãos, eles, aos circuncisos¹². ¹⁰Apenas teríamos de

At 15.2;
4.36; 11.30

1Cor 15.11;
Gl 4.11;
Fl 2.16

At 15.1,24;
Gl 1.7; 5.1;
Fl 3.8-9

2.14. 5.7

Di 10.17;
Rm 2.11

1.16;
Rm 1.5-6;
15.15-19

At 12.17

1. Houve quem se interrogasse sobre os motivos da partida para a Arábia. O relato dos Atos (9.15.19-20) sugere uma resposta: Paulo quis começar a cumprir a sua missão entre os pagãos. m. Cefas, isto é, Pedro.

n. Ou: *nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago*. Este é uma das "colunas" da comunidade (cf. Gl 2.9; At 12.17; 15.13; 21.18). Nada prova que ele tenha sido um dos Doze; o título de apóstolo não era reservado apenas a estes (cf. 1Cor 15.7).

o. Que designa aqui o termo *fé* (grego *pistis*)? Não apenas uma doutrina em que acreditar, mas uma vida, cujo cume é a fé. Cf. 3.23 nota.

p. Surge a pergunta de qual seja o ponto de partida desses quatorze anos. Seria a conversão de Paulo ou a primeira viagem a Jerusalém? Parece, em todo caso, que a viagem de que se trata aqui seja a de que fala At 15.

q. Iluminado pelo Espírito, Paulo compreendeu a necessidade desta viagem: a sua pregação seria estéril se ele mesmo não estivesse em comunhão com a Igreja de Jerusalém. Isto não exclui que a Igreja de Antioquia tenha, por seu lado, querido esta viagem (cf. At 15.2).

r. Tito é o associado e colaborador de Paulo (cf. 2Cor 8.23). A sua presença em Jerusalém faz dele uma testemunha viva da decisão que salvaguarda a liberdade cristã: ele não será circuncidado.

s. *Teria sido*, subentendido no grego, explicita o vínculo deste v. (aliás privado de verbo) com o precedente. O sentido é então que, se tivessem circuncidado Tito, teria sido por causa da influência dos adversários da liberdade cristã, mencionados em

1.7: para eles, os pagãos só teriam acesso à salvação submetendo-se à lei judaica, sem o que a lei de Cristo não bastava.

t. O sentido deste v. é claro: Paulo não quis fazer nenhuma concessão que compromettesse a verdade do Evangelho. Alguns mss. e alguns Padres latinos dão a este v. um sentido oposto, pelo fato de suprimirem a negação: *para uma concessão momentânea, nós nos submetemos*... Neste caso, o v. 4 poderia ligar-se facilmente ao v. 5. Mas é provavelmente para obter essa leitura mais fácil que a negação terá sido supressa por um copista.

u. Lit. *da parte dos*. Após o inciso que segue, Paulo continua a sua frase sem levar em conta estas primeiras palavras.

v. Para com as personalidades, as pessoas mais consideradas (grego: *dokountes*, cf. 2.6.9), isto é, os Doze e os que exercem autoridade na Igreja, Paulo adota uma atitude que reflete a sua dupla preocupação. A preocupação com a unidade o leva a garantir para si o acordo com eles. A preocupação com a liberdade cristã o faz dizer que não procura este acordo por motivo do aspecto humano da sua autoridade ou da consideração que os cerca.

w. Lit. *nos deram uma mão de comunhão*.

x. Dois campos de apostolado são definidos pelo acordo de Jerusalém. Esta distinção corresponde à eleição de Israel, cujo sinal era a circuncisão (At 7.8); a distinção devia desaparecer em consequência do anúncio do Evangelho; no Cristo crucificado, tanto os gregos como os judeus podem tornar-se filhos de Deus. O gesto de união de Paulo e das autoridades de Jerusalém selava um acordo oriundo de uma situação provisória, mas exprimia o propósito de uma *comunhão* mais profunda; sinal dessa comunhão era o serviço aos *pobres* (cf. 1Cor 16.1).

At 11,29-30
1Cor 16,1

nos lembrar dos pobres, o que eu tive muito cuidado de fazer.

O conflito de Antioquia: a verdade do Evangelho e a graça da fé. ¹¹Mas quando Cefas veio a Antioquia³, eu me opus a ele abertamente, pois assumira uma atitude errada. ¹²Com efeito, antes de chegarem os emissários de Tiago, ele tomava as refeições com os pagãos; mas depois da chegada deles, começou a subtrair-se e se manteve afastado, por receio dos circuncisos; ¹³e os outros judeus entraram em seu jogo, de tal sorte que o próprio Barnabé foi arrastado pela duplicidade deles. ¹⁴Mas quando vi que eles não andavam direito segundo a verdade do Evangelho⁴, disse a Cefas diante de todos: "Se tu, que és judeu, vives à maneira dos pagãos e não à judaica, como podes obrigar os pagãos a se comportarem como judeus?"

¹⁵Nós somos judeus de nascença, e não pagãos, esses pecadores⁵. ¹⁶Sabemos en-

tretanto que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas somente pela fé relativa a Jesus Cristo⁶; também nós cremos em Jesus Cristo, a fim de sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei, porque, pelas obras da lei, *ninguém será justificado*⁷. ¹⁷Mas se, procurando ser justificados em Cristo, também nós fomos achados pecadores⁸, acaso seria Cristo ministro do pecado? Por certo que não. ¹⁸Com efeito, se eu reconstruo o que destruí, sou eu que me constituo transgressor. ¹⁹Pois é pela lei que morri para a lei, a fim de viver para Deus⁹. Com Cristo eu sou um crucificado; ²⁰vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim¹. Pois a minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus², que me amou e se entregou por mim. ²¹Eu não torno vã a graça de Deus; pois se é pela lei que se alcança a justiça, foi, portanto para nada que Cristo morreu.

Mc 2,15
3,11;
Rm 3,20,28;
9,30;
Ef 2,8;
At 15,10-11

1Cor 9,21;
Mt 11,19

Rm 7,4-6;
6,10-11;
14,8;
6,14

Rm 8,10;
Fl 1,21;
2Cor 10,3

5,14-15;
Jo 13,1;
17,23;
Gl 1,4;
Tt 2,14
5,4

y. É em Antioquia que a palavra começa a ser anunciada aos gregos, e os discípulos recebem pela primeira vez o nome de "cristãos" (cf. At 11,19-26).

z. Paulo já falou da *verdade do Evangelho* (2,5). O que designa por esta expressão é para ele o fundamento da unidade dos crentes e a fonte da sua liberdade. A *verdade*, cuja revelação constitui o *Evangelho*, é que Jesus é o Salvador universal. Não há mais nem judeu nem grego (3,28); não há mais do que um povo de Deus, cuja unidade é expressa pela comunidade de vida e de mesa. Pedro parece esquecer a revelação que recebeu a este respeito em Cesaréia (At 10,28). Talvez queira evitar o escândalo dos judeu-cristãos que ainda reduzem a Igreja aos limites de Israel. Mas o escândalo da cruz não deve ser evitado, e é ele que está em questão (Gl 5,11).

a. Cf. 2,17 nota.

b. *A fé relativa a Jesus Cristo, ... a fé de Cristo*. Paulo usa aqui um genitivo que reaparece em 2,20; 3,22; Rm 3,22,26; Fl 3,9. Traduzi-lo, como se faz comumente, por *fé em Jesus Cristo* exprime um dos sentidos possíveis do genitivo, o sentido objetivo: a fé, cujo objeto é Jesus Cristo; mas, por isso mesmo, ficam excluídos os dois outros sentidos que o genitivo pode exprimir e que não deixariam de encaixar-se no contexto, ou seja: a fé cuja fonte é Jesus Cristo (genitivo de origem) e a fé cujo sujeito é Jesus Cristo (genitivo subjetivo). De fato, é Jesus Cristo quem outorga o crer. Por outro lado, Cristo tem uma fé absoluta em seu Pai, no sentido de que se fia nele e lhe obedece filialmente; por essa fé, ele nos justifica, pois ela o faz cumprir a sua missão salvadora; esta afirmação é paralela à de Rm 5,19, onde se diz que nós somos justificados pela obediência do Cristo. A tradução: *fé relativa a Jesus Cristo* responde ao genitivo grego e deixa margem à escolha entre seus três sentidos, sem excluir nenhum deles. Por isso, parece-nos preferível.

*[Cremos: pretérito ("temos abraçado a fé").]

c. Sl 143,2. Lit. *nenhuma carne será justificada*. Sobre o tema da *justificação*, cf. Rm 3,24 nota.

d. Para um judeu, todo pagão é pecador, e, por isso, impuro. Não se pode participar do seu pão sem se contaminar (cf. Mc 2,16). Para o judeu que crê no Cristo e sabe que a fé nele basta para justificar os pagãos, a comunhão de mesa com os crentes de origem pagã não pode ser fonte de impureza; muito pelo contrário, é o sinal de que ele procura verdadeiramente a justiça cuja única fonte é o Cristo. Rejeitar essa comunidade é renunciar a crer em Cristo, é portanto restituir à lei a sua força, força que o Cristo abolira (Gl 2,21).

e. Paulo resume tanto o seu pensamento que acaba tornando-se obscuro. Ele quer dizer que a morte e a ressurreição do Cristo se realizaram nele. Ora, a morte do Cristo teve como causa a lei em nome da qual foi condenado; o seu efeito foi libertar os homens do regime da lei e da maldição que ela atraía sobre eles; eis por que Paulo, por causa de sua união com o Cristo crucificado, está morto *pela lei e morto para a lei*. A finalidade dessa união com o Cristo crucificado é a comunhão com a sua ressurreição; graças a esta comunhão, Paulo vive para Deus e seu serviço.

f. Neste versículo capital, Paulo, ao mesmo tempo que evoca a sua experiência pessoal, define a existência cristã, que é comunhão com o Filho de Deus. Esta existência não é a vida do eu carnal que se satisfaz com as próprias prerrogativas (cf. Fl 3,4-11); este está morto, e Paulo o lembrará em conclusão (cf. Gl 6,14). No entanto, esta existência *ainda* é vida na condição mortal do homem pecador — vida na carne —; mas *já* é vida do Cristo glorioso no crente. Com efeito, a fé abre o homem ao amor gratuito e salvador do Filho de Deus.

g. Lit. *a fé do Filho de Deus*. Cf. 2,16 nota.

3 A fonte do dom do Espírito. 'O gálatas estúpidos, quem vos seduziu, depois que, aos vossos olhos, foi exposto Jesus Cristo crucificado? ²Só peço que me esclareçais sobre este ponto: será em virtude da prática da lei que recebestes o Espírito¹, ou por terdes escutado a mensagem da fé? ³Sois a tal ponto estúpidos? Vós que a princípio começastes pelo Espírito, será agora a carne que vos leva à perfeição²? ⁴Ter feito tantas experiências em vão! E ainda, se fosse em vão³!

⁵Aquele que vos concede o Espírito e opera milagres entre vós, acaso o faz em virtude da prática da lei ou porque escutastes a mensagem da fé?

A promessa feita a Abraão, o crente, e a justificação dos pagãos sem a lei.

⁶Visto que *Abraão⁴ teve fé em Deus e isto lhe foi tido em conta de justiça*, ⁷compreendei pois: são os que crêem que são filhos de Abraão. ⁸Aliás, a Escritura, prevendo que Deus justificaria os pagãos pela fé, anunciou de antemão a Abraão

esta boa nova: *Todas as nações serão abençoadas em ti*⁹. ¹⁰Assim, pois, aqueles que crêem são abençoados com Abraão, o crente. ¹¹Pois os praticantes da lei estão todos sob a maldição, já que está escrito: *Maldito seja todo aquele que não persevera no cumprimento de tudo o que está escrito no livro da lei*¹². ¹³Aliás é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, pois *quem é justo viverá pela fé*¹⁴.

¹⁵Ora, o regime da lei não procede da fé; para ela, *aquele que cumprir as prescrições desta lei delas viverá*¹⁶. ¹⁷Cristo pagou para nos libertar¹⁸ da maldição da lei, tornando-se ele mesmo maldição por nós, pois está escrito: *Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro*¹⁹. ²⁰Isto para que a bênção de Abraão alcance os pagãos em Jesus Cristo e, assim, nós recebêssemos pela fé o Espírito, objeto da promessa.

A descendência de Abraão: o Cristo e os que crêem. ²¹Irmãos, partamos dos

h. Paulo acaba de evocar a cruz do Cristo e a atitude dos que a tornam inútil pretendendo justificar-se pela prática da lei, pretendendo excluir da salvação os que não praticam a lei. O apóstolo vai mostrar que tal atitude é insustentável; ela o é do ponto de vista dos gálatas, que deveriam ter sido esclarecidos pela própria experiência (3.1-5); outrossim, do ponto de vista da lei, que deveria ter feito os judaizantes compreender que a salvação só depende da fé no Cristo e é oferecida a todos os que crêem (3.6-4.7). Com efeito, o Cristo crucificado, cumprindo a promessa de bênção feita a Abraão (3.8.14.18), une judeus e pagãos (3.26-29), põe fim à maldição que a lei atraiu sobre os pecadores (3.10.13.22: 4.5), e dá o Espírito que liberta o homem do jugo dos poderes deste mundo, fazendo-o filho de Deus (4.3-9).

i. *Esprito*. Sobre o sentido deste termo, cf. Rm 1.9 nota.

j. Lit. *em razão da escuta da fé*. Pode-se equiparar esta expressão a Rm 10.16, que cita Is 53.1. Ela evoca o acontecimento da salvação, que é o conteúdo da mensagem a ser crida, e significa a atitude de fé, que é o acolhimento pelo homem da salvação, obra de Deus por meio do Cristo. Nos vv. 1-5, Paulo mostra aos gálatas que é graças a essa atitude de fé diante do acontecimento da salvação, diante do Cristo crucificado exposto a seus olhos por Paulo (v. 1), que eles se abriam ao dom do Espírito (v. 2), e que o poder do Espírito continua a exercer-se neles (v. 5); portanto é uma loucura (vv. 1 e 3) não compreender o sentido dessas experiências; o que foi o começo da sua salvação fica sendo a fonte da sua perfeição. Como podem eles pretender atingir esta perfeição pelas obras? Tal atitude é a do homem carnal (v. 3).

k. Lit. *É agora pela carne que acabais?* A tradução dada no texto visa exprimir a nuance de perfeição-acabamento que o

verbo grego *epitelôn* comporta. Sobre o sentido de *carne*, cf. Rm 1.3 nota.

l. Essas *experiências* são as da ação do Espírito na vida da comunidade. Cf. 1Cor 12.4-11.

m. Decair da graça é pior, no juízo de Deus, do que não tê-la recebido. Traduz-se também: *se todavia é em vão*, fórmula que exprimiria a mesma confiança que 1.10.

n. Se Paulo evoca a figura de *Abraão*, é por ser ele o pai do povo eleito e nele já se manifestar o designio de Deus, cuja finalidade é a salvação universal (3.8) e cuja realização tem por condição única a fé (3.9). Cf. Rm 4.

o. Gn 15.6.

p. Gn 12.3.

q. Dt 27.26. Cf. 5.3.

r. Esta citação (Hab 2.4) é como um resumo do evangelho de Paulo (Rm 1.17): a fé abre o homem à vida que está em Cristo; a lei o tranca no pecado e o abandona à maldição (cf. 3.10.12 e a nota a 3.23).

s. Lit. *Mas a lei não provém da fé*. A mútua relação destas duas etapas da história da salvação será esclarecida por Paulo nos vv. 19ss.

t. Lv 18.5.

u. Lit. *resgatou-nos*. Sobre o tema da redenção, cf. Rm 3.24 nota.

v. No v. 10, Paulo lembrou a maldição dos pecadores pela lei (Dt 27.26). Se evoca aqui o patíbulo onde o maldito é exposto aos olhos de todos (Dt 21.23), é que o Cristo aceitou esta morte de maldito para nos livrar do pecado que a causa. Ele pagou com a vida a nossa libertação (2.20-21). Este preço não é pago a ninguém: só manifesta o amor de Deus pelos pecadores. Cf. Rm 5.8; Ef 2.4-5.

costumes humanos: um simples testamento" humano, se está em regra, ninguém o anula nem completa. ¹⁶Pois bem, foi a Abraão que as promessas foram feitas, e à sua descendência^a. Não se disse: "e às descendências", como se se tratasse de muitas, mas é de uma só que se trata: *é à tua descendência*, isto é. Cristo. ¹⁷Eis portanto o meu pensamento: um testamento em regra foi primeiro firmado por Deus. A lei, vinda quatrocentos e trinta anos⁹ mais tarde, não o ab-roga, o que tornaria vã a promessa. ¹⁸Pois se é pela lei que se obtém a herança, não é mais pela promessa. Ora, foi por meio de uma promessa que Deus concedeu a sua graça a Abraão. ¹⁹Então, qual o papel da lei? Ela vem acrescentar-se para que se manifestem as transgressões, até que venha a descendência à qual era destinada a promessa; ela foi promulgada pelos anjos^a, pela mão de um mediador.

²⁰Ora, este mediador não é mediador de um só. *Deus é único*^b. ²¹Acaso a lei iria, pois, de encontro às promessas de Deus? Não, decerto. Se com efeito houvesse sido outorgada uma lei que tivesse o poder de fazer viver, então é da lei que proviria de fato a justiça. ²²Mas a Escritura sujeitou tudo ao pecado num cativo comum^c, a fim de que, pela fé relativa a Jesus Cristo^d, a promessa fosse cumprida para os que creem.

²³Antes da chegada da fé^e, nós éramos mantidos em cativeiro, sob a lei, em vista da fé que devia ser revelada. ²⁴Assim pois, a lei foi o nosso vigilante^f, à espera do Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé. ²⁵Mas, após a chegada da fé, não estamos mais sujeitos a esse vigilante. ²⁶Pois todos vós sois, pela fé, filhos de Deus, em Jesus Cristo. ²⁷Sim, vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo^g. ²⁸Não há mais

Rm 3,30;
Ef 2,14-15

Rm 8,3;
At 13,38-39

Rm 3,9-19;
11,32

4,3

4,2;
Rm 10,4

4,5;
Jo 1,12

Rm 6,3-4;
13,14;
Ef 4,24

Gn 12,7;
13,15; 17,7

Mt 1,1;
Gl 3,29

Ex 12,40

3,29

Rm 4,14;
11,6

Rm 4,14-15;
5,20; 7,7

At 7,38-53;
Hb 2,2;
Gl 4,3

w. Paulo faz um trocadilho com o duplo sentido do termo *diathēkē*, que significa "aliança" ou "testamento", cf. Hb 9,15 nota.

x. Paulo põe em relevo o sentido da escolha de Abraão no desígnio da salvação universal: Abraão é escolhido para que, de sua raça, nasça aquele em quem os homens de toda raça serão um só (3,28). Se Paulo precisa que não há várias *descendências*, talvez seja para excluir na Igreja toda distinção entre circuncisos e pagãos (cf. 2,15; 3,9,28-29).

y. Esta cifra é a da Bíblia grega (Ex 12,40-41) e exprime a duração da estada no Egito e em Canaã. Segundo o texto hebraico, esses 430 anos representam só a duração da estada no Egito.

z. O regime da lei foi apenas uma etapa provisória na história da salvação: a vinda do Cristo lhe põe fim. A lei tinha vindo *acrescentar-se*; poderia traduzir-se *tomar lugar ao lado*, exprimindo assim uma nuance do verbo grego que indica que a lei fica à margem do desígnio de salvação, pois o seu papel não é diretamente libertador. Ela interveio *por causa das transgressões*; se interpretarmos esta expressão à luz de Rm 4,15; 5,20; 7,7-13, ela significa que a lei torna o pecador mais responsável e provoca as transgressões. Ela deveria portanto revelar ao homem a sua escravidão e suscitar nele a espera do libertador.

a. Paulo não é o único a atestar que a lei fosse *promulgada pelos anjos* (cf. At 7,38,53; Hb 2,2). Mas, ao passo que os judeus deduziam daí a sua autoridade divina, Paulo deduz que a lei escraviza o homem a esses anjos, cujo mediador é Moisés; por isso, o Cristo, libertando os homens da lei, libertou-os também dessa dependência (cf. Cl 2,15). Esta dedução, própria de Paulo, fundamenta a argumentação do v. 20.

b. As numerosas interpretações deste v. implicam o mais das vezes subentendidos difíceis de admitir. O contexto nos parece pedir que se veja na primeira frase deste versículo, não uma verdade geral: "Um mediador supõe duas partes", mas uma afirmação relativa à mediação de Moisés na promulgação da lei: ele

falava em nome dos anjos, em nome de vários. Ora, *Deus é único* (Dt 6,4). Moisés não era portanto o mediador de Deus. Sem dúvida a lei é divina, no sentido de que a autoridade dos anjos vem de Deus; mas ela tem efeitos que não são a expressão do desígnio do Deus único que quer libertar e unir os homens; ela escraviza o povo de Deus aos *elementos do mundo* (4,3) e divide a humanidade em duas, opondo os judeus aos pagãos. Eis por que Paulo lembra a verdade fundamental: *Deus é único* (como fará também em Rm 3,30); nos dois casos, esta afirmação destina-se a provar que o Deus único de todos os homens quer salvá-los, não pela lei, que os escraviza e divide, mas por seu Filho único, Jesus, que os liberta e une mediante a fé (3,22,26,28; Rm 3,29-30; Ef 2,8,11-18). É por isso que, em 1Tm 2,5, Jesus Cristo é chamado único mediador entre Deus e os homens.

c. A mesma afirmação se encontra também em Rm 11,32. Paulo a desenvolve em Rm 3,9-19.

d. Lit. *A fé de Jesus Cristo*. Cf. 2,16 nota.

e. Em Paulo a palavra *fé* (grego *pistis*) tem vários matizes segundo o contexto. Aqui, trata-se do regime da fé, que começa com a vinda do Cristo; neste regime, que põe fim ao da lei, é revelada a fé, isto é, não somente uma doutrina sobre o desígnio de Deus, que seria plenamente desvendado e proposto como objeto de crença, mas uma atitude de abertura ao dom de Deus, ao Espírito do seu Filho; por essa atitude nós nos tornamos filhos adotivos de Deus pelo Cristo e nele (3,26; 4,6-7).

f. Traduzimos por *vigilante* o grego *paidagōgós*; esta palavra, no tempo de Paulo, não evocava um personagem que seria pedagogo, educador, mas um escravo que mantinha as crianças na disciplina e as conduzia ao mestre-escola.

g. Os vv. 26 e 27 devem ser comparados com 2,20. Este v. permite dar o verdadeiro sentido da imagem da *vestimenta*. Ela não sugere entre o Cristo e o batizado uma relação que permaneceria exterior; significa a influência do Cristo, que é total e transforma o batizado à sua imagem (cf. Cl 3,10). O v. 28 pre-

1Cor 12,13; nem judeu nem grego; já não há mais
Rm 10,12; nem escravo nem homem livre, já não
Cl 3,11 há mais o homem e a mulher; pois todos
Jo 17,21 vós sois um só em Jesus Cristo. ²⁹E se
pertenceis ao Cristo, é porque sois a
descendência de Abraão; segundo a pro-
messas, vós sois herdeiros.
Rm 4,16;
Gl 4,7;
Rm 8,17

4 Da escravidão da lei à liberdade dos filhos de Deus. ¹Tal é portanto o meu pensamento: o tempo todo em que o herdeiro é criança, não difere em nada de um escravo, ele que é senhor de tudo;

^{3,25} mas ele é sujeito a tutores e curadores até a data fixada por seu pai^h. ³E nós, igualmente, quando éramos crianças sujeitas aos elementos do mundoⁱ, éramos escravos. ⁴Mas ao chegar a plenitude dos tempos^j, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher e sujeito à lei, ⁵para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos^k. ⁶Filhos, vós bem que o sois: Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abba* —

Cl 2,20;
Gl 3,23

Mc 1,15;

Ef 1,10;

Rm 1,3;

Jo 1,14;

Lc 2,21

3,13,26;

Mt 3,15-17

Rm 8,15-16

Pai!^l Portanto, já não és mais escravo, mas filho; e, como filho, também és herdeiro: isto é obra de Deus^m.

Jo 15,15;
Gl 3,29;
Rm 8,17

Angústia de Paulo: os gálatas ameaçados de voltar à escravidão. ⁸Outrora, quando não conhecíeis a Deus, estáveis escravizados a deuses que, por sua própria natureza, não o sãoⁿ; ⁹agora, porém, que conheceis a Deus, ou, antes, sois conhecidos dele^o, como podeis ainda voltar a elementos fracos e pobres^p, com vontade de vos escravizardes novamente a eles? ¹⁰Observais religiosamente os dias, os meses, as estações, os anos^q! ¹¹Fazeis-me temer o ter trabalhado por vós em pura perda!

1Cor 8,4-5;
2Cr 13,9;
Is 37,19;
Jr 2,11
1Cor 8,3;
12,2

Is 1,13;
Cl 2,16;
Rm 14,5
Fl 2,16

¹²Procedei como eu, visto que me tornei como vós^r, eu vos rogo, irmãos. Não me causastes nenhum dano^s. ¹³Bem o sabeis, foi por ocasião de uma doença que eu vos anunciei pela primeira vez a boa nova; ¹⁴e, por mais que o meu corpo fosse para vós uma provação, não mostrestes nem desdém nem repugnância^t.

1Cor 4,16;
9,21-22

1Cor 2,3

cisa que todas as diferenças entre os homens cessam de ser separações; pois o Cristo une totalmente os que comungam em sua vida (cf. Cl 3,11).

h. Paulo evoca aqui uma regra do direito helenístico: quem determinava a idade de maioridade era o pai.

i. Os *elementos do mundo* são mencionados também em 4,9 e Cl 2,8,20. Nesse contexto, a expressão não parece designar os elementos materiais de que era constituído o universo, segundo a concepção dos antigos. Paulo evoca antes as potências em ação no mundo, potências de que o homem era cativo, antes que o Cristo o viesse libertar. O paganismo escravizava o homem às forças cósmicas que ele divinizava; o regime da lei mosaica escravizava o israelita aos anjos (3,19) aos quais a tradição judaica atribuía o governo do mundo material e, em particular, dos astros. E é por isso que o apóstolo põe intencionalmente no mesmo plano os ritos da religião pagã e os judaicos, que os judaizantes tentam impor aos gálatas convertidos de origem pagã; com efeito, ambos exprimem uma dependência do homem com relação a outras criaturas (a saber, os tutores mencionados em 4,2), ao passo que quem abraçou a fé só deve depender do seu Criador, de quem se tornou filho graças ao Cristo.

j. O AT revela que Deus, ao longo da história, prepara a salvação dos homens. Por meio de Jesus ele realiza esta salvação, de sorte que, quando Jesus chega, *os tempos estão cumpridos* (cf. Mc 1,15).

k. No v. 4, Paulo evoca a vinda do Filho de Deus, nascido de mulher e sujeito à lei (lit. *devindo de uma mulher, devindo sob a lei*). Se ele vem viver e morrer assim na carne, é porque Deus o envia para nos libertar do pecado. Libertando-nos do pecado, ele nos liberta também da lei, que só tem poder sobre o pecador

que ela condena; ela não tem mais poder sobre aquele que o Espírito faz viver da vida do Filho de Deus (5,18; Rm 6,14; cf. 3,13, nota). A imagem da *adoção* substitui a de maioridade legal, pois exprime melhor a nossa nova condição: participar por pura graça da vida do Filho único de Deus (cf. Rm 8,15).

l. O *Espírito*, enviado como fora o Filho, confirma ao crente, no mais profundo do seu ser, a sua condição e, portanto, a sua vida nova.

m. Lit. *por meio de Deus*.

n. Deus não se confunde com nenhum poder, mesmo invisível, do mundo criado. A revelação de Deus liberta o homem desses poderes, que ele sempre é tentado a divinizar. Cf. Gn 1,10. Na linguagem bíblica, o *conhecimento* é uma relação concreta, pessoal. Paulo quer dizer que a iniciativa desta relação vem de Deus: os gálatas o conhecem porque ele os amou (cf. 1Cor 8,3).

p. Cf. 4,3 nota.

q. Tratar-se-ia simplesmente das festas judaicas? Ou Paulo faz alusão a ritos de origem sincretista relacionados com o culto dos astros? Seria o caso, se Paulo estivesse às voltas com erros análogos aos que combate em Cl 2,16-23 (cf. Introdução: Circuncisão...).

r. Paulo imita o Senhor, que participou da condição do homem pecador para o salvar. Faz-se tudo para todos e se torna semelhante àqueles a quem anuncia a salvação (cf. 1Cor 9,20-22).

s. Se Paulo se queixa, não é que ele esteja em questão, não é de danos próprios que ele se queixa.

t. *Mostro repugnância*. Lit. *cuspiro*. Este é um dos gestos supersticiosos por meio dos quais o homem acredita pôr-se a

Pelo contrário, vós me acolhestes como um anjo de Deus, como o Cristo Jesus¹⁸.

1,8; Mt 10,40; Jo 13,20
15Onde está, pois, a vossa alegria de então? Pois eu vos presto este testemunho: se o pudésseis, teríeis arrancado os vossos olhos para mos dar. 16E agora, será que me tornei vosso inimigo porque vos digo a verdade?

5,7; Am 5,10
17A solicitude que vos demonstram não é de bom quilate; eles só vos querem desligar de mim para se tornarem eles mesmos objeto da vossa solicitude. 18Bom é ver-se objeto de solicitude bem-intencionada, o tempo todo, e não somente quando eu estava presente entre vós, 19meus filhinhos que, entre dores, novamente dou à luz, até que Cristo seja formado em vós²⁰. Oh! eu desejaria estar neste momento junto de vós para acertar com o tom que convém, pois não sei como haver-me convosco.

1Cor 4,15; Rm 8,9-10
As duas alianças: a lei escravizadora e a graça libertadora. 21Dizei-me, vós que quereis ser submissos à lei, não ouvís o que diz esta lei²²? 22Com efeito, está escrito que Abraão teve dois filhos, um da criada, um da mulher livre; 23mas o filho da criada nascera segundo a carne, enquanto o filho da mulher livre o era em virtude da promessa. 24Há nisso uma alegoria²⁵: essas mulheres são, com efei-

to, as duas alianças. Uma, a que vem do monte Sinai, gera para a servidão: é Hagar²⁶ — pois o monte Sinai fica na Arábia. E Hagar²⁷ corresponde à Jerusalém atual, visto ser ela escrava com seus filhos. 28Mas a Jerusalém do alto é livre, e ela é a nossa mãe, 29pois está escrito: *Alegre-te ó estéril, tu que não davas à luz; rompe em gritos de alegria, ó tu que não conheceste as dores; porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos daquela que tem esposo*³⁰.

28E vós, irmãos, como Isaac, sois filhos da promessa. 29Mas, assim como então, o que nascera segundo a carne perseguia o que nascera segundo o Espírito, assim acontece ainda agora. 30Pois bem! que diz a Escritura? *Expulsa a criada e o seu filho, pois não convém que o filho da criada herde com o filho da mulher livre*³¹. Assim, pois, irmãos, nós não somos filhos de uma escrava, mas da mulher livre.

5 Guardai a fé no único libertador.

1É para sermos verdadeiramente livres que Cristo nos libertou². Permanecei, pois, firmes e não vos deixeis sujeitar de novo ao jugo da escravidão. 2Eu,

salvo das conseqüências de um mau encontro; o encontro com certos tipos de doentes, por exemplo. A doença do apóstolo deveria ter afastado dele os gálatas. Não foi, portanto, a pessoa de Paulo que os ligou ao Evangelho, mas a verdade do Evangelho que os ligou à sua pessoa. Por que esta mesma verdade de, agora, os opõe a Paulo? Por causa daqueles que pervertem o Evangelho e querem monopolizar o afeto dos gálatas. Como Paulo dirá na conclusão (6,13), eles só procuram a própria glória.

u. Paulo não foi somente um mensageiro semelhante a um anjo vindo do céu (em grego *anjo* quer dizer mensageiro; cf. Gl 1,8); Ele foi aquele em cuja fraqueza o Cristo Jesus se revelou vivo (cf. 1Cor 2,3-5; 2Cor 4,10-12).

v. Cf. 1Cor 4,15. Os gálatas devem a Paulo o fato de viverem da vida do Cristo (2,20), porque ele lhes anunciou o Evangelho e porque sofre para sustentar a verdade do mesmo (cf. 2Cor 4,10-12; Cl 1,24-25).

w. Neste versículo, Paulo emprega a palavra *lei* em dois sentidos diferentes: no primeiro, ela é a lei que prescreve; no segundo, é a lei que revela, a Escritura que anuncia o desígnio de Deus; aos que querem escravizar-se às suas prescrições, Paulo pede: que se submetam à verdade que ela lhes revela.

x. *Alegoria*. Esta palavra indica bem a intenção do comentário de Paulo: não é uma demonstração lógica, é uma parábola; ser filho de Abraão segundo a carne, como o filho de Hagar, deixa o homem na servidão que caracteriza a antiga Aliança; ser filho de Abraão segundo o Espírito, como Isaac, liberta o homem e lhe dá acesso à Jerusalém que vem do alto, ao Reino que é a herança prometida (cf. 3,18,29; 5,21; 6,8).

y. A palavra *Hagar* acha-se, em certos mss., no começo deste v. que, então, deve traduzir-se: *Pois este nome, Hagar, representa o monte Sinai na Arábia — e esta mulher corresponde à Jerusalém atual, já que é escrava com os seus filhos*. Parece difícil seguir a linha do pensamento; por isso nós traduzimos omitindo *Hagar*, com parte dos mss.

z. Is 54,1.

a. Gn 21,10.

b. *Libertar para a liberdade*. Esta expressão é, sem dúvida, um hebraísmo destinado a dar ao verbo *libertar* um sentido mais intenso. Paulo quer dizer que o Cristo nos libertou totalmente; não devemos nos deixar despojar deste dom (cf. 4,9), mas valorizá-lo (cf. 5,13).

Paulo, vo-lo digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo não vos servirá mais para nada³.^{1.6} E eu atesto mais uma vez a todo homem que se faz circuncidar que ele é obrigado a praticar a lei integralmente.

^{3.10;} ^{Rm 2.25;} ^{Tg 2.10} ^{Rm 10.3} ^{Rm 8.23-25;} ^{2Cor 1.22;} ^{5.1-5} ^{6.15;} ^{1Cor 7.19;} ^{1Tm 1.5;} ^{Tg 2.22} ⁴Vós rompestes com o Cristo, se fazeis consistir a vossa justiça na lei; decaístes da graça. ⁵Quanto a nós, é pelo Espírito, em virtude da fé, que esperamos firmemente se realize o que a justificação nos faz esperar⁴. ⁶Pois, para quem está em Jesus Cristo, nem a circuncisão, nem a incircuncisão são eficazes, mas a fé que age pelo amor⁵.

⁷Corréis bem; quem, barrando-vos o caminho, impede a verdade de vos conduzir⁶? ⁸Tal influência não vem da-quele que vos chama. ⁹Um pouco de fermento, e toda a massa leveda⁷! ¹⁰Quanto a mim, tenho confiança no Senhor a vosso respeito: vós não tomareis outra orientação. Mas aquele que lança a perturbação no vosso meio sofrerá a sanção, seja ele quem for. ¹¹Quanto a mim,

irmãos, se ainda pregasse a circuncisão, por que, então, estaria sendo perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz ficaria abolido⁸. ¹²Melhor se mutilem totalmente aqueles que semeiam a desordem no vosso meio⁹!

A carne e o Espírito. ¹³Vós, irmãos, é para a liberdade que fostes chamados. Contanto, que esta liberdade não dê nenhuma oportunidade à carne! Mas pelo amor ponde-vos a serviço uns dos outros¹⁰. ¹⁴Pois toda a lei encontra o seu cumprimento nesta única palavra: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*¹¹.

¹⁵Mas se vos mordeis e devorais uns aos outros, tomai cuidado: vós vos destruireis mutuamente. ¹⁶Escutai-me: andai sob o impulso do Espírito e não façais mais o que a carne deseja. ¹⁷Pois a carne, em seus desejos, opõe-se ao Espírito e o Espírito à carne; entre eles há antagonismo; por isso não fazeis o que quereis¹². ¹⁸Mas se sois guia-

c. Paulo torna a pôr, concretamente, os galatas diante da opção fundamental. Ele o faz numa linguagem utilitarista que corresponde à ótica deles. Pensam que a circuncisão pode ser-lhes útil. Então, responde Paulo, é o Cristo que não vos servirá para nada. Perdeis totalmente o benefício da sua libertação. Doravante, o que eles deverão praticar é toda a lei (cf. 3.10); ele o lembra no v. seguinte.

d. Lit. a *esperança da justiça*. Nesta fórmula muito densa, a palavra *esperança* designa o objeto que se espera: o Reino; o termo *justiça* designa o dom gratuito que o crente recebe do Cristo; esta graça que o torna filho encaminha-o para a herança que ele espera. A graça que recebeu é o germe da glória que ele aguarda.

e. Os vv. 5 e 6 definem a existência cristã. O cristão é aquele que acolhe à ação do Espírito: entregando-se a esta ação pela fé, nela comunga, *amando*; enfim é do Espírito que ele *espera* a ressurreição, a vida no Reino de Deus. Fé, amor, esperança aparecem portanto como as atitudes características do cristão, estruturadas da vida nova que é a sua (cf. 1Ts 1.3; 1Cor 13.13; Rm 5.1-5).

f. A *verdade* do Evangelho não é uma coisa a ser possuída, mas uma vocação a seguir. Se ela liberta o homem da carne, é para permitir-lhe seguir com entusiasmo o impulso do Espírito do Cristo (cf. Fl 3.12-17). É nisto que consiste a liberdade cristã, cuja finalidade (5.13) e condição (5.24) os caps. 5 e 6 põem em evidência.

g. Este provérbio, que se encontra também em 1Cor 5.6, é uma advertência; um erro de, aparentemente, poucas consequências pode comprometer a vida de toda a comunidade.

h. Se a *cruz escandaliza* os judeus (1Cor 1.23), é que ela arruína o orgulho que punham na fidelidade à sua lei. Aliás, como esperar a salvação de um crucificado de quem a lei deles faz um maldito (cf. 3.13)? Por outro lado, a pregação da cruz

compromete a segurança deles no plano humano; a experiência já provou que a fé no Cristo atraí sobre os crentes a perseguição do mundo (6.12). Ao contrário, a circuncisão, ao mesmo tempo que submete o homem à lei mosaica, põe-no em segurança num mundo que reconhece as instituições judaicas. Para apaziguar os judeus que o perseguiram, Paulo deveria, portanto, pregar a circuncisão ao mesmo tempo que a fé no Cristo (cf. At 21.21); alguns aliás afirmaram que ele fazia isso, sem dúvida baseados no argumento da circuncisão de Timóteo, que ele tolerou (At 16.3). Mas como poderia Paulo admitir tal meio-termo? Ele tornaria vã a morte do Cristo e fecharia o homem à sua graça, que se revela no escândalo da cruz (2.21; 5.4).

i. Paulo alude provavelmente a um rito praticado na Galácia no culto de Cibele. Equiparar esse rito à circuncisão é não somente proclamar que esta não tem mais valor, mas declarar que os que a preconizam fariam melhor adotando esses ritos pagãos manifestamente degradantes; assim ao menos não perverteriam o Evangelho, como fazem.

j. Cf. 5.1 e 5.7 nota. A *liberdade* verdadeira, cuja condição é a libertação da carne, isto é, dos desejos egoístas, tem por meta a expansão do amor no serviço de todos.

k. Como Jesus (Mc 12.31). Paulo resume as exigências de Deus no mandamento de Lv 19.18; elas devem ser compreendidas nesta ótica; todo aquele que ama o seu próximo cumpre portanto a lei (Rm 13.8-10).

l. A exortação de fazer o bem não basta. O homem é incapaz, mesmo se o deseja, de libertar a si mesmo do seu ser *carnal*, pecador (Rm 7.14-23). Só a intervenção do Espírito permite ao homem cumprir a sua verdadeira vocação. Esses vv. mostram claramente que a carne e o Espírito não são duas partes da pessoa; *segundo a carne* e *segundo o espírito* designam duas orientações divergentes da pessoa toda.

Rm 6,14; 7,4; 8,14; Gl 2,19
Rm 1,28ss

dos pelo Espírito, não estais mais sujeitos à lei^m.

¹⁹As obras da carne são bem conhecidas: libertinagem, impureza, devassidão, ²⁰idolatria, magia, ódios, discórdia, ciúme, cólera, rivalidades, dissensões, facções, ²¹inveja, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes; os autores dessas coisas, eu vos previno, como já disse, não herdarão o Reino de Deusⁿ.

²²Mas eis o fruto do Espíritoⁿ: amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, ²³doçura, domínio de si; contra tais coisas não há lei^p. ²⁴Os que pertencem ao Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos^q. ²⁵Se vivemos pelo Espírito, andemos também sob o impulso do Espírito.

1Tm 1,9
Rm 6,7; 8,13; Gl 2,19; Cl 3,5; 1Pd 2,11; 5,16;
Rm 8,4

Fl 2,3

A lei do Cristo. ²⁶Não sejamos vaidosos; entre nós nada de provocações, entre nós, nada de inveja.

6 ¹Irmãos, se acontecer a alguém ser surpreendido em falta, a vós, os espirituais^r, compete corrigi-lo, com espírito de mansidão; acautela-te contigo mesmo: tu também não podes ser tentado? ²Carregai os fardos uns dos outros; cumprimos assim a lei do Cristo^s. ³Pois quem

pensa ser alguém^t, quando não é nada, engana-se a si mesmo. ⁴Mas que cada um examine a própria obra, a que é sua; então se nela achar motivo de ufania, será com relação a si mesmo e não por comparação com outro^u. ⁵Pois é o seu próprio fardo que cada um carregará^v. ⁶Quem recebe o ensinamento da Palavra reserve uma parte de todos os seus bens em favor daquele que o instrui^w. ⁷Não vos iludais: Deus não se deixa ludibriar; pois o que o homem semeia, ele o colherá. ⁸Quem semeia para a carne colherá o que produz a carne: a corrupção. Quem semeia para o Espírito colherá o que produz o Espírito: a vida eterna. ⁹Pratiquemos o bem sem fraquejar; pois no devido tempo colheremos, se não afrouxarmos^x. ¹⁰Portanto, enquanto temos tempo, trabalhem para o bem de todos, sobretudo dos que nos são próximos na fé.

A cruz do Cristo e a nova criação.

¹¹Vede essas letras grossas^y: eu vos escrevo de próprio punho! ¹²Indivíduos desejosos de se fazer notar na esfera da carne, eis o que são as pessoas que vos impõem a circuncisão. O seu único obje-

m. Ser libertado da lei não significa ser livre para cometer o que ela condena, mas ser libertado da carne, cujas obras são condenáveis. Cf. 5,23; 4,5 nota.

n. Note-se que esta enumeração de desregramentos comporta quatro grupos: *a impureza*, que perverte o amor humano; *a idolatria e magia*, perversões do culto divino; *as divisões*, que revelam a ausência de amor; *as excessos* à mesa, que revelam uma degradação da pessoa humana.

o. Às obras da carne, Paulo opõe o fruto do Espírito, que é único: o amor. O que ele enumera em seguida são os sinais do reino do amor — *alegria e paz* —, as manifestações desse amor — *paciência, bondade, benevolência* —, as condições enfim do seu nascimento e expansão — *fé, mansidão, domínio de si*. A fé é, com efeito, a raiz do amor (5,6); quanto à mansidão, é a atitude dos humildes que se deixam conduzir por seu Pai celeste; ela caracteriza o Cristo (Mt 11,29).

p. Cf. 1Tm 1,9. O comportamento inspirado pelo Espírito nunca é condenável; fazendo eco a Paulo, Agostinho declararia: "Ama, e faz o que quiseres".

q. Completando o v. precedente, este lembra a condição fundamental da liberdade cristã: o Espírito a realiza, crucificando-nos com o Cristo (2,19).

r. Cf. 1Cor 2,14-15.

s. A lei de Cristo é a lei do Espírito da vida (Rm 8,2), do Espírito que comunica a vida do Cristo. É uma lei interior: ela

inspirou a vida do próprio Cristo. Submeter-se a ela é deixar-se conformar ao Cristo por seu Espírito: é o que Paulo fez (1Cor 9,21) e ensinou (Fl 2,5-8).

t. Como os coríntios (1Cor 4,7), os galatas têm necessidade de ser postos de sobreaviso contra a pior forma de orgulho: a que se nutre dos dons gratuitos de Deus.

u. Cada cristão pode legitimamente se alegrar e orgulhar do fruto que o Espírito o faz produzir, concedendo-lhe assemelhar-se ao Cristo crucificado (2,20; 6,14-15; cf. Rm 5,3-5); mas, desde o momento em que ele se compara com os outros, é sinal de que retornou à influência da carne.

v. Paulo evoca aqui o julgamento de Deus diante de quem cada um terá de prestar contas da própria conduta (cf. vv. 7-10); isso não contradiz em nada o que ele acaba de afirmar: nós seremos julgados acerca do amor, que é a lei do Cristo, e que nos deve levar a ocupar-nos dos outros.

w. A mesma regra é proposta em Rm 15,27 e 1Cor 9,11; ela vem do próprio Senhor (1Cor 9,14; Lc 10,7).

x. Ensinando a só apoiar-se na graça, Paulo não convida à inércia, mas a uma fidelidade ativa; nós teremos de responder por ela diante de Deus (cf. Fl 2,12; 3,12-14).

y. Escrever com letras grossas era um meio de sublinhar o que se escrevia. O apóstolo o empregou escrevendo ele próprio as fórmulas lapidares que concluem a sua carta e resumem o seu evangelho.

tivo é não ser perseguidos por causa da cruz do Cristo^a; ¹³pois aqueles mesmos que se fazem circuncidar não observam a lei; eles querem, entretanto, que sejas circuncidados para terem, na vossa carne, um título de glória^a. ¹⁴Eu, por mim, nunca vou querer outro título de glória que a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo; por ela o mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo^b. ¹⁵Pois o

que importa não é nem a circuncisão nem a incircuncisão, mas a nova criação^c. ¹⁶Sobre os que se conduzem segundo esta regra, paz e misericórdia, assim como sobre o Israel de Deus^d.

¹⁷Por conseguinte, que ninguém me atormente; pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus^e. ¹⁸A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito, irmãos^f. Amém.

5,6;
1Cor 7;
18-19,31;
2Cor 5,7;
Ap 21,5;
Sl 125,5;
128,6;
Rm 11,1-5
2Cor 4,10;
6,4-5;
Fl 4,23;
Fm 25;
2Tm 4,22

z. Cf. 5,11 nota.

a. Aqueles que pregam a circuncisão fazem-no para se gloriar com o sucesso do seu proselitismo. Jesus dirigira aos fariseus a mesma censura (Mt 23,15). Os pregadores do Evangelho devem vigiar para não merecê-la. Paulo dirige aos seus adversários uma segunda censura: eles não se preocupam com serem fiéis à lei. Esta infidelidade pode provir ou de um farisaísmo hipócrita, ou então de um sincretismo que escolhe na lei o que mais lhe convém.

b. Cf. 6,15 nota.

c. O apóstolo, em sua introdução, proclamara: o Cristo, por sua morte, liberta os homens do mundo mau (1,4). Para concluir, afirma: o Cristo, por sua cruz, introduz os homens em uma nova criação. Opondo esta ao mundo antigo, Paulo mostra uma última vez aos gálatas o que o separa radicalmente dos seus adversários. Estes são do mundo antigo: pregando a circuncisão, procuram pôr-se ao abrigo da perseguição (v. 12; cf. 5,11) e gloriar-se do sucesso da própria propaganda religiosa (v. 13); a sua segurança e o seu orgulho são os de um mundo "carnal", fechado em si mesmo e separado do seu criador (cf. 4,3.8-9). Paulo, pelo contrário, aufera a sua alegria e segurança unicamente da cruz do Cristo, pois é ela, e só ela, que o liberta totalmente; ela lhe concede escapar da atração escravizadora do mundo, que doravante está morto para ele; ela lhe concede escapar à preo-

cupação de garantir a segurança do seu eu carnal que foi crucificado com o Cristo (v. 14; cf. 2,19; 5,24). Para o apóstolo, trata-se unicamente de receber a graça do Cristo e assim ser introduzido na nova criação, a fim de viver nela para Deus em união com o seu Filho ressuscitado (v. 15; cf. 2,19-21; 5,6; Fl 3,3-11).

d. Que vem a ser o *Israel de Deus*? Será preciso identificá-lo com o novo povo de Deus, a Igreja, por oposição ao *Israel segundo a carne* de que fala 1Cor 10,18? Contra isso há duas objeções a isso. Por um lado, Paulo justapõe aqui, muito ao invés de os confundir, o Israel de Deus e o conjunto dos crentes. Por outro, Paulo, que no entanto gosta das antíteses, não opõe explicitamente, em parte alguma, o Israel de Deus ao Israel segundo a carne; tampouco chama a Igreja com o nome de "novo Israel". Nós cremos portanto que, para ele, o Israel de Deus é o conjunto dos israelitas que creram no Cristo crucificado e que, em união com os pagãos convertidos, formam o verdadeiro povo de Deus (cf. Rm 9-11).

e. Paulo traz as marcas dos sofrimentos por ele suportados como fiel e como ministro do Cristo; elas são os sinais da sua união com o Cristo crucificado. Cf. 2Cor 11,23-28.

f. Esta epístola é a única em que a palavra *irmãos* termina a saudação final. Nisto há sem dúvida uma intenção e um apelo. Que a fraternidade torne a vicejar entre os gálatas em sua plenitude, redescobrimo a sua fonte única: a graça do Senhor Jesus.

EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

INTRODUÇÃO

Objeto e conteúdo da epístola. O tema central da Epístola aos Efésios é o designio de Deus (o mistério), fixado desde toda a eternidade, oculto durante os séculos, realizado em Jesus Cristo, revelado ao apóstolo, desenvolvido na Igreja. Esta é celebrada como uma realidade universal, simultaneamente terrestre e celeste, ou melhor, como a realização atual da obra de Deus, a da nova criação. A sua expansão, a partir da cabeça, Cristo, até a plenitude das dimensões previstas por Deus, constitui a vasta perspectiva para a qual o autor dirige os olhares dos crentes. Esse dinamismo exprime-se nas imagens entrecruzadas do crescimento do corpo e da edificação da casa de Deus. Integrados pelo batismo neste corpo, no qual estão reunidos Israel e as nações pagãs, os cristãos se tornam criaturas novas, pelo louvor, o conhecimento e a obediência. Eles figuram como núcleo central da reunificação do universo.

A epístola se divide em duas partes iguais e fáceis de distinguir.

1. A primeira (caps. 1-3) evoca a Igreja como plenificação da obra de Deus, num estilo característico que decorre ao mesmo tempo da liturgia e do magistério. Ela principia com uma bênção no estilo específico do culto judaico (para alguns, esta passagem se estenderia até o fim de Ef 3). A celebração da graça ilimitada de Deus (1,3-14) constitui o seu trecho mais bem definido. Uma oração de iluminação vai dar na exaltação de Cristo, senhor do universo e cabeça da Igreja (1,15-23). Ef 2 evoca a grande viravolta operada em Jesus Cristo: o que estava morto está vivo (1-10), o que estava dividido e alienado acha-se reconciliado (11-22); a salvação pela graça atinge a cada um e, por conseguinte, reúne em Cristo todos os homens; doravante, não existe mais barreira entre Israel e as nações pagãs, e a reconciliação deles anuncia a reconciliação do universo inteiro. O artifice desta reconciliação é o apóstolo: Ef 3 revela a posição de Paulo no designio de Deus (vv. 2-13) e toda a primeira parte termina com uma oração de adoração que canta o amor incomensurável de Cristo (3,14-19) e conclui com uma doxologia (3,20-21).

2. A segunda parte (caps. 4-6) pode intitular-se: exortação aos batizados, exortação que decorre da celebração. O apóstolo chama a comunidade a viver na unidade e, para que isso aconteça, evoca assaz detidamente a edificação e o crescimento do corpo de Cristo, graças aos ministros que lhe são dados (4,1-16). As instruções que seguem voltam a tratar dos temas tradicionais do catecismo primitivo: convite a abandonar a antiga maneira de viver para abraçar a nova, revestindo-se de Cristo (4,17-31), imitando a Deus (4,32-5,2), passando das trevas para a luz (5,3-20). O quadro das novas relações instauradas em Cristo (5,21-6,9) contém a bem-conhecida exposição sobre a união conjugal de Cristo com sua Igreja (5,25-32). Vem finalmente o apelo a envergar a armadura do cristão para sustentar o combate contra as potências celestes (6,10-17). Imagens e temas são tomados do AT e às vezes se inspiram em Qumran ou mesmo na filosofia popular, mas a epístola os renova pela iluminação que vem de Cristo.

Efésios termina com uma exortação à oração (6,18-20) e breves mensagens (6,21-22) que introduzem a saudação final (6,23-24).

Circunstâncias e características da epístola

a) Efésios faz parte das chamadas cartas do cativo. O quadro histórico é o de Colossenses e de Filemon. Paulo está preso (Ef 3,1; 4,1; 6,20; cf. Fm 9.10.13.27; Cl 4.3.10.18), rodeado dos mesmos companheiros, encarrega Tíquico de idêntica missão (Cl 4,7-8; Ef 6,21-22).

b) Entretanto, essas comparações são de tal natureza que criam um problema. Constata-se, a propósito de Efésios, que todos os pormenores relativos aos dados históricos são tomados quase literalmente de Colossenses (Ef 6,21-22). Além disso, o apóstolo não conhece pessoalmente os seus destinatários (1,15); por conseguinte, não se pode tratar da Igreja de Éfeso, onde Paulo teve uma estada prolongada. Aliás, os manuscritos nos alertam logo no primeiro versículo, visto muitos deles omitirem a indicação de Éfeso (cf. Ef 1,1

nota); desde a Antiguidade, houve quem supusesse que a epístola houvesse sido dirigida à Igreja de Laodicéia, próxima de Colossas, que, segundo Cl 4,16, recebeu uma carta do apóstolo, carta esta da qual não achamos vestígio algum, exceto este.

c) Os traços de parentesco entre Efésios e Colossenses concernem também ao estilo: recurso aos desenvolvimentos litúrgicos, sintaxe muitas vezes sobrecarregada, abundância de sinônimos, encadeamento de complementos, expressões no participio, analogias de vocabulário, influências sapienciais. As características de Colossenses são aqui acentuadas e os semitismos, mais numerosos.

d) Enfim, é preciso fazer o levantamento dos mais marcantes desenvolvimentos paralelos:

Efésios	Colossenses
1,6-7	1,13-14
1,13	1,5
1,15	1,9
1,15-16	1,3-4
2,1-5	2,13
2,2-3	3,7
3,1-13	1,24-29
4,15-16	2,19
4,22-24	3,9-10
5,6	3,6
5,19-20	3,16-17
5,21-6,9	3,18-4,1
6,18-20	4,2-4
6,21	4,7

A relação Efésios-Colossenses constitui um dos enigmas do NT, para o qual ainda não foi encontrada solução plenamente satisfatória. Eis as principais hipóteses que foram propostas:

1. Alguns poucos consideram a carta aos Efésios um texto paulino, que o autor de Colossenses teria em seguida remanejado para dar mais peso à sua mensagem.

2. A opinião mais comum vê nessas cartas duas mensagens que o apóstolo enviou quase ao mesmo tempo a Igrejas vizinhas, inspirando-se em Colossenses para compor Efésios. Neste caso, Efésios representa o último estágio do pensamento do apóstolo. Prisioneiro em Roma, Paulo quer legar às comunidades, talvez sob a forma de uma carta circular, a sua suprema meditação sobre o mistério da salvação e da Igreja.

3. Para outros, após ter composto Colossenses, Paulo confiou a um secretário ou a um discípulo

muito próximo o cuidado de dirigir uma segunda mensagem. Isto explicaria o parentesco entre os dois textos e suas divergências, ao mesmo tempo que alguns desvios observáveis em Efésios.

4. Enfim, vários motivos importantes inclinam não poucos especialistas a considerar que a epístola pertence a uma época mais tardia, a da geração pós-apostólica e que ela emana de um meio profundamente marcado pelo apóstolo.

Por suas características, ela faz pensar em uma bênção-exortação pronunciada oralmente no decurso de um ato de culto, transformada depois em epístola, de maneira a poder figurar na coleção das cartas paulinas. Constata-se, por outro lado, que Efésios volta a tratar dos temas desenvolvidos alhures, mas de tal maneira que a relação de Efésios com Romanos, 1 Coríntios, Gálatas e até com Colossenses se explica menos por uma dependência direta do que por reminiscências, e uma evocação dos motivos provenientes da pregação apostólica. Enquanto Colossenses, em particular, mostra-se mais semelhante às outras cartas de Paulo pelo estilo e a apresentação, Efésios é mais rica em temas tipicamente paulinos (nem a salvação pela graça, nem o povo de Deus, nem o Espírito Santo aparecem em Colossenses). As afinidades com Qumran são mais freqüentes: ora, a influência essênica tendia mais a se exercer na catequese habitual da segunda geração. Nota-se enfim a influência exercida pela literatura sapiencial, já perceptível em Colossenses: os termos de sabedoria, ministério, plenitude se multiplicam e talvez já estejam marcados por certas elaborações que resultariam na gnose.

Enfim, a fixação de uma data ulterior para a epístola explicaria as relações que existem entre Efésios e as epístolas pastorais, se consideradas como posteriores a Paulo, e também com a tradição joânica; e, neste caso, um mesmo meio pode ser-lhes atribuído: Éfeso. Mas é sobretudo um exame da sua teologia que permite definir o caráter particular da epístola.

Teologia da epístola: enraizamento paulino e horizonte novo. Seja como for, a Epístola aos Efésios está profundamente marcada pelo pensamento do apóstolo Paulo. Mas são esses vínculos impressionantes que levantam problemas. Enumeremos rapidamente:

— A grande obra de Deus realizada em Jesus

Cristo está fixada no âmago da mensagem; o batismo significa de modo decisivo a participação dos cristãos no destino de Cristo.

— O anúncio e a celebração da graça divina dão ao texto a sua nota dominante, desde a bênção inicial (1,3-14) até as exortações finais (2,1-10; 4,7).

— A reconciliação do mundo é vinculada à derrubada da barreira que isolava Israel das outras nações; doravante os pagãos são plenamente cidadãos do Reino de Deus (2,11-22).

— O ministério de Paulo cumpre a missão de Deus (3,2-13).

— A Igreja é definida ao mesmo tempo como sendo o povo de Deus e o corpo de Cristo. Aliás, Efésios não entra em nenhuma especulação cosmológica; a revelação divina é concedida, não sob forma de teoria ou sistema, mas na e pela comunidade cristã, explicitação do "mistério".

No entanto, esta herança paulina sofre uma transformação profunda que não pode ser atribuída simplesmente aos temas novos surgidos em Colossenses. Os prolongamentos que então se esboçavam são doravante tão bem-acentuados que delineiam uma figura original de conjunto.

Toda a expectativa do fim não se esvaiu; todavia, a tensão presente-futuro sucede outra; a salvação realizada em Cristo e revelada na Igreja deve lograr a sua plena dimensão graças ao crescimento do corpo, que repercute até nas esferas celestes (1,22; 4,8-10). A salvação torna-se uma realidade em vias de plenificação. O cristão já está salvo (Ef 2,8), os batizados, "ressuscitados e elevados com Cristo" na glória.

Da mesma forma, o anúncio da graça não se situa mais no contexto escatológico do grande processo entre Deus e o seu povo. As categorias jurídicas cederam lugar à "mística"; encontramos no ponto de partida da evolução que aproximaria o cristianismo das religiões de salvação. O mesmo pode-se dizer no que concerne à relação entre Israel e as nações. Em Romanos, a reunião faz-se pela adição da totalidade de Israel e da totalidade dos pagãos que permanecem distintas; em Efésios, por uma conjunção na qual toda a

diferença jaz no passado. Por um lado, a expectativa apocalíptica da conversão final de Israel e a angústia do apóstolo a respeito do seu povo; por outro, a certeza de um encontro já realizado na Igreja. Em Romanos, a dialética é de tipo jurídico, em Efésios, a reconciliação tem um caráter, ao mesmo tempo, ético e cósmico (cf. Rm 9-11 e Ef 2,11-21).

Nas epístolas anteriores, a Igreja designava em geral as comunidades locais; em Efésios, em seguimento a Colossenses, ela é considerada como uma realidade universal, quase personificada, como o foi a Sabedoria de Deus. Efésios transpõe para o plano universal os desenvolvimentos paroquiais e concretos de 1 Coríntios. De temporal, inserida na história, a Igreja tende a aparecer como eterna. Em Colossenses, o pleroma vinha habitar Cristo; agora, a Igreja é o pleroma de Cristo. As afirmações sobre Cristo, cabeça do universo, tornam-se afirmações sobre a Igreja. O tema do corpo, estreitamente mesclado com o da casa de Deus, recebe a sua última formulação e se enriquece com o novo desenvolvimento sobre o mistério da união de Cristo com sua Igreja, modelo da união conjugal, em que se exprimem a soberania de Cristo e a responsabilidade da Igreja.

Quer se trate de Paulo, no findar da sua carreira, ou de um dos seus secretários valendo-se das instruções dadas, quer se trate de um dos seus herdeiros, em face da crítica situação atravessada pelo cristianismo após a geração apostólica, a verdade é que o autor de Efésios esboçou, de par com Mateus, Lucas e João, uma das grandes respostas dadas pelos cristãos de então ao problema de seu próprio futuro. Ele quer levar os fiéis a tomar plena consciência de que o mundo sofreu uma mudança radical após a morte e a elevação de Cristo. Avalia e celebra o dom de Deus, dom que, doravante, vê inserido na formação da Igreja. Nesta Igreja, ele percebe o penhor de uma situação irreversível.

De qualquer forma, convém ler a Epístola aos Efésios menos como uma carta de circunstância do que como uma exposição lírica e didática da fé cristã.

EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

1 **Endereço e saudação.** 'Paulo, após-tolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, aos santos* e fiéis em Jesus Cristo: ²a vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Cl 1,1-2

Uma graça sem limite

³ Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo^b:

Gl 3,14

Ele nos abençoou com toda a bênção espiritual nos céus^c, em Cristo.

Rm 8,28-30

⁴ Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo

Jo 17,24;
2Ts 2,13
Ef 5,27;
Cl 1,22

para sermos santos e irrepreensíveis sob o seu olhar, no amor^d.

⁵ Ele nos predestinou a ser para ele filhos adotivos por Jesus Cristo^e, assim o quis a sua benevolência

Rm 8,15-16;

Gl 4,4;
Jo 1,12;
1Jo 3,1
Fl 1,11

⁶ para o louvor da sua glória^f.

e da graça com que nos cumulou em seu Bem-amado^g:

Lc 1,28

Cl 1,13;

Mt 3,17;

Cl 1,13-14,20;

Rm 3,24,25

⁷ nele, por seu sangue, somos libertados,

nele, nossas faltas são perdoadas, segundo a riqueza da sua graça.

2,7

⁸ Deus no-la prodigou, abrindo-nos a toda a sabedoria e inteligência.

Cl 1,9

⁹ Ele nos fez conhecer o mistério da sua vontade^h, o desígnio benevolente que de antemão determinou em si mesmo

Rm 16,25

3,11

¹⁰ para levar os tempos à sua plenitudeⁱ; reunir o universo inteiro sob um só chefe, Cristo^j,

Mc 1,15

Cl 1,16-17

o que está nos céus e o que está sobre a terra.

¹¹ Nele também, recebemos a nossa parte^k:

Cl 1,12

a. Lit. *aos santos que estão (em Éfeso) e fiéis*. A indicação em *Éfeso* é omitida por vários mss., e alguns Padres da Igreja não chegaram a conhecê-la. Como as palavras *que estão* acham-se atestadas por todos os mss., levantou-se a hipótese de uma carta circular em que o nome dos destinatários teria sido deixado em branco.

b. Em um só período os vv. 3-14 exprimem um louvor transbordante que, sem tomar fôlego, celebra a expansão da graça de Deus. A passagem pertence ao gênero literário da bênção (cf. 2Cor 1,3; 1Pd 1,3), muito difundido na liturgia judaica. Deus é sujeito dos verbos: a sua ação fica ritmada pelos em *Cristo* (*nele*), e balizada por fórmulas doxológicas (cf. os vv. 6,12,14). A bênção de Deus é considerada sob os seus aspectos sucessivos, mas inseparáveis: eleição (4-5), libertação (redenção) (6-7), recapitulação (8-10), herança prometida (11-12), dom do Espírito (13-14). Esses temas pertencem ao vocabulário da aliança no AT. Ef realiza uma fusão notável entre a perspectiva bíblica do povo de Deus e a idéia nova da Igreja corpo de Cristo.

c. A expressão *nos céus*, que em sua forma grega é peculiar à epístola (Ef 1,20; 2,6; 3,10; 6,12), situa sucessivamente no mundo celeste: Cristo, a Igreja, os crentes, mas também os *espíritos do mal* (cf. 6,12). Aqui a expressão associa estreitamente os eleitos ao triunfo do Cristo, vencedor das potências celestes.

d. *No amor*, fórmula conclusiva nas bênções judaicas. No entanto, alguns a ligam a *ele nos predestinou* (v. 5).

e. Os verbos formados com o prefixo pré- (de antemão, desde sempre) não cessam de sublinhar a iniciativa absoluta da graça de Deus. Eleição e predestinação constituem a boa nova de nossa adoção filial; elas não atenuam, mas, pelo contrário, comprometem a nossa responsabilidade (ver o fim da bênção, vv. 11-14).

f. Lit. *para o louvor da glória da sua graça*. O estribilho *para o louvor da glória* vai escandindo a bênção e faz da glória de Deus a finalidade de toda a sua obra, como o seu livre desígnio é a fonte da mesma.

g. *O seu Bem-amado*: Ver os relatos do batismo de Jesus. Mt 3,17 e a nota. Cf. Cl 1,13.

h. Ver Ef 3,3 nota.

i. Lit. *visando à economia da plenitude* (pleroma) *dos tempos*. Expressão que foi compreendida de duas maneiras: 1^a No sentido de Gl 4,4, *quando chegou a plenitude do tempo*, Deus enviou o seu Filho; neste caso ela visa à encarnação ocorrida no término do AT. 2^a Em um sentido peculiar da epístola, a *plenitude dos tempos* designa o tempo da Igreja inaugurado na Ressurreição, e a *economia*, a maneira com que Deus conduz a história à sua consumação.

j. Lit. *recapitular todas as coisas em Cristo*. O verbo grego composto contém duas idéias que a tradução explicita: a de resumir, repetir, reunir (idéia que se encontra no termo *capítulo*) e, por outro lado, a idéia de colocar sob a soberania (idéia que se encontra nas palavras *chefe* e *cabeça*, todas da mesma etimologia). Este versículo desempenhou um papel considerável na teologia cristã deste Irineu (tema da recapitulação).

k. Lit. *nele também nós fomos designados pela sorte*. (Var. *nele também nós fomos chamados*.) À luz do AT, essa expressão pode ser compreendida de dois modos:

1. *nele também nós recebemos a nossa parte*.

2. *nele também nós fomos escolhidos como o seu quinhão*. A primeira tradução evoca a idéia da terra prometida atribuída por Deus a Israel como parte da herança do povo eleito (Dt 3,18). Esta idéia é transposta para o NT, onde a terra prometida passa a ser o céu (cf. a herança celeste). Ela é familiar a Paulo (Rm 8,17; Gl 3,29; 4,7). Ela será explicitada no v. 14 (*o adiantamento da herança*) e no v. 18 (cf. nota).

A segunda tradução apóia-se no fato de que o próprio Israel era considerado como a parte que Deus adquirira para si para que se tornasse o seu bem próprio, o seu quinhão (Ex 34,9). Cf. v. 14 nota.

3,11: de acordo com o projeto daquele que
1Cor 12,6 tudo conduz
ao sabor da sua vontade:
fomos predestinados
12 a ser, para louvor da sua glória,
2,12 os que de antemão esperaram no Cristo.
13 Nele, ainda, ouvistes a palavra da
verdade,
Cl 1,5-6 o Evangelho que vos salva.
Nele, ainda, crestes e fostes marcados
com o sinete do Espírito prometido, o
Espírito Santo,
4,30: 2Cor 1,22
2Cor 5,5: 14 adiantamento da nossa herança
Rm 8,14-17 até a libertação final em que dela
24-25 tomaremos posse.
para o louvor da sua glória.

Prece de iluminação. 15 Eis por que eu
Cl 1,4-9: também, desde que soube da vossa fé no
Fm 4,5: Senhor Jesus e vosso amor^o para com
Rm 1,8-9 todos os santos, 16 não cesso de render
graças a vosso respeito, quando faço
menção de vós em minhas orações. 17 Que
3,14-19 o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o
Pai a quem pertence a glória, vos dê um
Is 11,2: espírito de sabedoria, que vo-lo revele e
Sh 7,7:
1Cor 2,10:
1Jo 5,20

1. Alguns pensam que os vv. 11 e 12 já introduzem a idéia de Israel e das nações que ocupará um lugar de tanta importância na epístola. O *nós*, associando ao autor os judeu-cristãos, contrastaria com o *vós* do v. 13, que designaria os leitores pagão-cristãos. A esperança no Cristo (o Messias) se refere neste caso à espera de Israel (cf. Ef 2,12). — Outros (cf. tradução) pensam que a bênção em seu conjunto concerne a todos os cristãos e que ela termina, como tantas vezes, por uma breve interpeção; daí a aparição do *vós*. Neste caso, a distinção entre Israel e as nações só intervém no cap. 2 e as palavras *esperado de antemão* exprimem então a espera da consumação final (cf. v. 10), própria a todos os cristãos.

m. A imagem do *sinete* é aplicada ao Espírito (v. 13); ela é associada, como em 2Cor 1,22 à do *adiantamento*, das arras (2Cor 5,5).

n. Lit. *a libertação da aquisição*. Expressão ambígua, que significa: ou a *libertação que consistiria na aquisição*, isto é, a entrada na posse da herança na hora da libertação final (cf. tradução), ou a *libertação da aquisição* (que Deus fez), isto é, do adquirido, do povo que ele adquiriu para si (cf. Ef 1,11 nota e IPd 2,9). Então, o sentido é: até a libertação final, quando Deus tomará plena posse de nós.

o. Várias testemunhas omitem *vosso amor*.

p. Lit. *ilumine os olhos do vosso coração*, expressão bíblica (cf. Sl 134; 19,9).

q. Sobre este sentido da palavra *esperança*, ver Cl 1,5 nota.

r. Os *santos*: esse termo designa os membros do povo de Deus, os batizados (cf. 1,1). Mas a perspectiva celeste da epístola, e suas afinidades com a literatura do judaísmo tardio, espe-

faça conhecer verdadeiramente; 18 que ele abra o vosso coração à sua luz^o, para que saibais qual a esperança^o que o seu chamamento vos dá, qual a riqueza da sua glória, da herança de que ele vos faz participar com os santos^o. 19 que imenso poder ele exerceu em favor de nós que cremos; a sua energia, a sua força onipotente, 20 ele as fez operar em Cristo, quando o ressuscitou dos mortos e o fez *sentar-se à sua direita*^o nos céus, 21 bem acima de toda Autoridade. Poder, Potência, Soberania^o e de qualquer outro nome capaz de ser nomeado, não somente neste mundo, mas ainda no mundo futuro. 22 Sim, *ele pôs tudo sob os seus pés*^o e o outorgou, no ápice de tudo, como cabeça da Igreja 23 que é o seu corpo, a plenitude daquele que o próprio Deus repleta totalmente^o.

2 Da morte à vida. 'E vós, que estáveis mortos por causa de vossas faltas e dos pecados 2 em que estáveis metidos outrora, quando seguíeis o deus deste mundo', o príncipe que se interpõe

cialmente a de Qumran, podem evocar os *anjais*, a comunidade do céu (cf. Cl 1,12 nota). Pensou-se ainda nos judeu-cristãos, representando o resto santo de Israel, ao qual os pagão-cristãos são associados (cf. Ef 1,12 nota e Rm 15,25 nota).

O termo *santos* se generaliza para designar os cristãos em Ef e Cl e suplanta o termo *irmãos*.

s. Sl 110,1.

t. Cf. Cl 1,16 nota.

u. Sl 8,7.

v. Lit. *a plenitude (plêrôma) daquele que é repleto totalmente em todas as coisas*. Como em Ef 3,19 e 4,13, a Igreja é chamada de plenitude de Cristo (cf. Cl 1,19 nota). Ela é repleta das riquezas da vida divina por Cristo, que se acha, ele mesmo, repleto por Deus, segundo a afirmação de Cl 2,9-10. Aproximamo-nos das expressões joânicas: o Pai está no Filho; o Filho, nos discípulos; os discípulos, no mundo (Jo 17,11.20-26; cf. Jo 1,16).

Este versículo difícil é suscetível de receber várias interpretações. É preferível evitar a tradução de *plêrôma* por *complemento* (a Igreja, complemento de Cristo). Além da nossa tradução, propõe-se ainda: *a plenitude daquele que repleta tudo em todos* (isto é, a Igreja, plenitude de Cristo que a anima e conduz à sua plenitude, cf. 4,13). Ou ainda: *a plenitude daquele que repleta tudo em todas as coisas* (isto é, a Igreja, plenitude de Cristo que, ele próprio, penetra o universo sob todos os aspectos, cf. 4,10).

w. Lit. *segundo o éon deste mundo*. O termo *éon*, que significa século, mundo, decorso das idades (cf. 1,21 e 2,7; 3,9.11), parece aqui personificado, como sugerem as expressões que seguem: ele designa uma força supra-humana de caráter ao mesmo tempo espacial e temporal, que cristaliza em si todas as tendências de

entre o céu e a terra^a, o espírito que age
5.6 agora entre os rebeldes^b... ³E do núme-
ro destes éramos também todos nós^c,
que nos abandonávamos outrora aos de-
sejos da nossa carne^d; fazíamos as suas
vontades, seguíamos os seus estímulos
e estávamos por natureza, tanto quan-
to os outros, destinados à cólera^e. ⁴Mas
Deus é rico em misericórdia; por causa
do grande amor com que nos amou,
5 quando estávamos mortos por causa
das nossas faltas, deu-nos a vida com
Cristo^f — é por graça que vós sois sal-
vos^g —, ⁶com ele nos ressuscitou e nos
fez sentar nos céus em Jesus Cristo.
7 Assim, por sua bondade para conosco
em Jesus Cristo, ele quis mostrar nos
séculos futuros^h a incomparável riqueza
da sua graça. ⁸Com efeito, é pela graça
que vós sois salvos por meio da fé; e
isso não depende de vós, é dom de Deus.
9 Isto não vem das obras, para que nin-
guém se orgulhe. ¹⁰Pois foi ele quem nos

fez; nós fomos criados em Jesus Cristo
para as boas obras, que Deus preparou
de antemãoⁱ, a fim de que nelas nos em-
penhemos.

Todos reunidos em Cristo. ¹¹Lembra-
-vos portanto de que outrora, vós que
trazíeis o sinal do paganismo em vossa
carne^j, vós que éreis chamados de “in-
circuncisos” por aqueles que se preten-
dem “circuncisos” em consequência de
uma operação praticada na carne, ¹²lembrai-vos de que, naquele tempo,
éreis sem Messias^k, privados de cidade-
nia em Israel, estranhos às alianças da
promessa, sem esperança e sem Deus^l no
mundo. ¹³Mas agora, em Jesus Cristo, vós
que outrora estáveis longe, fostes torna-
dos *próximos* pelo sangue de Cristo^m. ¹⁴É
ele, com efeito, que é a nossa paz: do
que era divididoⁿ, fez uma unidade. Em
sua carne destruiu o muro de separação:
o ódio^o. ¹⁵Ele aboliu a lei e os seus man-

um mundo hostil a Deus. Nos sistemas gnósticos, esse termo
desempenharia um papel fundamental. Traduz-se muitas vezes:
segundo o curso deste mundo.

x. Lit. *o chefe da potência do ar*. Para os antigos, o ar se
estende da terra até a lua. Segundo Ef. é o domínio das potências
adversas que, segundo essa representação, se interpõem entre
Deus e os homens.

y. Lit. *os filhos da rebelião*. A frase permanece suspensa; a
idéia começa no v. 1 e é continuada no v. 5. Pode-se traduzir
também: *nos rebeldes*.

z. Judeus e pagãos são todos submetidos ao mesmo julgamen-
to e à mesma cólera. Cf. Rm 1,18; 3,20.

a. O termo *carne* volta no v., após *vontades* (lit. *as von-tades*
da nossa carne). Sobre a noção de carne, ver Rm 1,3 nota.

b. Lit. *filhos de cólera*. Hebraísmo análogo ao do v. 2 (filhos
da rebelião). A expressão *por natureza* tem sido interpretada
como significando por nascimento, e nela se viu a afirmação do
pecado original (cf. Rm 5,12 nota). Mas aqui, *por natureza* se
opõe a *por graça* e a cólera de Deus aparece diretamente como
consequência dos pecados pessoais.

c. Var.: *no Cristo*.

d. *Vós estais salvos*; o tempo do verbo *gracia* indica o estado
presente resultante de uma ação passada. Ef encara a salvação,
a ressurreição dos que creem e a sua elevação aos céus (v. 6)
como realidades atuais. Esta idéia de uma salvação realizada já
é esboçada em Cl (cf. 2,12 nota) e caracteriza Ef e Cl com
relação às epístolas anteriores de Paulo nas, quais essas afirma-
ções exprimem um vir-a-ser (cf. os futuros de Rm 6,3-11; 8,11-17-
18) e constituem uma esperança (Rm 8,24).

e. Lit. *nos éons futuros*. Aqui o termo *éon* parece guardar
um sentido predominantemente temporal. Alguns, entretanto, re-
conhecendo-lhe de novo um caráter pessoal, traduzem: *entre os*
(= aos) *éons futuros* (cf. 2,2 nota).

2Cor 5,17
Gl 6,15
Tt 2,14

5.8
Rm 11,17

Cl 2,11

4.18:
Cl 1,21;
Rm 9,4-5
1Ts 4,13

At 17,22-23

At 2,39

Cl 1,20:
2,14
Is 9,5

Cl 2,14

f. Outra tradução possível: *para as quais Deus nos preparou*
de antemão. Do mesmo modo que a salvação, a vida nova que
dela decorre e as obras que a exprimem dependem da graça
soberana de Deus. Cabe ao cristão discernir e realizar o que
Deus preparou. Os vv. 8-10 condensam em algumas fras-
e incisivas a pregação da graça de Deus desenvolvida em Gl e Rm.
Mas o tema da justificação, que nessas epístolas constituía a
base de demonstração, não mais entra nas perspectivas de Ef.

g. Lit. *vós, os pagãos na carne*.

h. Em grego: *sem Cristo*. Traduzimos, excepcionalmente, *sem*
Messias, visto que o v. evoca as prerrogativas de Israel. A pro-
missão feita a Abraão (Gn 18,18), sobre a qual repousava a es-
perança de Israel, foi atestada em alianças sucessivas.

i. Os pagãos eram “ateus” porque, não obstante todos os seus
deuses, não conheciam o Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1,9). Os
cristãos, por sua vez, passarão aos olhos dos pagãos por gente
“sem deus” porque não tinham nem templos nem ídolos.

j. Começo da citação de Is 57,19. Cf. v. 17.

k. Lit. *das duas coisas ele fez uma só coisa*.

l. *Muro de separação*; lit. *o tabique da cerca* (= *o tabique*, que
é a cerca). Esta separação foi identificada: 1) com a lei, evocada
no v. 15, que separava puros e impuros por suas observâncias
rituais; a imagem do muro pode ter sido sugerida pela barreira
que interditava aos pagãos, sob pena de morte, o acesso ao san-
tuário de Jerusalém; 2) com o muro celeste que estabelecia uma
separação intransponível entre o mundo terrestre e o mundo
celeste, segundo certas concepções exotéricas.

De qualquer forma, a construção deste trecho permanece difí-
cil. Alguns supõem que a expressão o *ídolo* constitui uma in-
terpretação posteriormente acrescentada ao texto primitivo para
indicar o sentido de *muro de separação*.

A paz, plenitude da salvação messiânica (cf. Is 9,5-6; Mq 5,4;
1Rs 5,26 nota), concretiza-se na fundação da Igreja e, recipro-

damentos com suas observâncias^m. Ele quis assim, a partir do judeu e do pagãoⁿ, criar em si um só homem novo^o, estabelecendo a paz. ¹⁶e reconciliá-lo com Deus, ambos em um só corpo^p, por meio da cruz, onde^q ele matou o ódio. ¹⁷Ele veio anunciar a paz a vós que estáveis longe, e a paz aos que estavam perto^r.

¹⁸E é graças a ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai^s. ¹⁹Assim, não sois mais estrangeiros nem migrantes^t; sois concidadãos dos santos^u, sois da família de Deus. ²⁰Fostes integrados na construção que tem como fundamento os apóstolos e os profetas^v, e o próprio Jesus Cristo como pedra mestra^w. ²¹É nele que toda a construção^x se ajusta e se eleva para formar um templo santo no Senhor. ²²É nele que vós também sois,

todos juntos, integrados na construção para vos tornardes morada de Deus pelo Espírito.

3 Paulo, o homem do mistério de Cristo.

¹É por isso que eu, Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os pagãos^y... ²se ao menos estais informados da graça que Deus me concedeu, para realizar o seu plano a vosso respeito^z, ³como, por revelação^a, tive conhecimento do mistério^b, tal como o esbocei rapidamente. ⁴Podeis constatar, ao ler-me, a percepção que tenho do mistério de Cristo. ⁵Este mistério, Deus não o deu a conhecer aos homens das gerações passadas como acaba de revelar agora pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas^c: ⁶os pagãos são admitidos à

Êz 37,17
2Cor 5,17
Cl 1,20

6,15:
Is 52,7;
Zc 9,10

3,12:
Rm 5,2;
8,15;

1Hb 7,25:
10,19-20;
1Pd 3,18

3,6
Gl 4,26;
Fl 3,20;
1Hb 12,22-23

Ac 21,14
Is 28,16

4,15-16;
Cl 2,19
1Cor 3,16;
2Cor 6,16;
Jo 2,21

4,1.
Cl 4,18

Cl 1,24-29

Gl 1,12-16

1,9-10;
Rm 9-10

Cl 1,26
Rm 16,
25-26

2,13.18-19

camente, a paz selada no povo de Deus tem uma repercussão cósmica.

m. Lit. *a lei dos mandamentos em preceitos*. A lei e as suas prescrições rituais isolavam Israel num particularismo intransigente. Aqui, é considerada como fonte de ódio recíproco.

n. Lit. *dos dois*.

o. Sobre o *homem novo*, cf. Cl 3,10 e a nota. Ef identifica aqui este homem novo com o corpo do Cristo; nele estão reunidos, sem distinção, judeus e pagãos para viverem juntos de uma só vida nova.

p. Alguns pensam no corpo do Crucificado; outros na Igreja. Essas duas interpretações não devem ser opostas.

q. Lit. *nela* (a cruz) ou *nele* (o Cristo).

r. Is 57,19: o texto é aplicado à pregação apostólica que, aliás, é inseparável da pregação do próprio Jesus (cf. já vv. 13 e 14).

Esta referência explícita a Is remete de fato ao conjunto dos caps. 56 e 57 do profeta. Este anuncia o dia em que os filhos do estrangeiro virão juntar-se a Israel para servir ao Senhor no Templo, ao qual terão acesso com título igual ao dos judeus.

s. A reconciliação dá aos crentes *acesso ao Pai* e por isso mesmo os une entre si. Em Rm, este acesso ao Pai é a consequência decisiva da justificação (Rm 5,2). O tema reaparece em Ef 3,12 (cf. nota).

t. O termo *migrantes* evoca a situação reconhecida aos que, ao contrário dos *estrangeiros* de passagem, eram admitidos a residir na Terra Santa, sem todavia gozar do pleno direito de cidadania. *u. Os santos* (cf. 1,18 nota).

v. Lit. *Sus fostes edificadas sobre o fundamento dos apóstolos*... Ef desenvolve a imagem da comunidade como casa de Deus e templo do fim dos tempos, tema comum em Qumran e no cristianismo primitivo. Por *profetas*, é preciso entender os da Igreja primitiva de preferência aos do AT. Ef 4,11-12 cita-os na enumeração dos ministérios imediatamente após os apóstolos; eles participam com estes últimos da revelação do mistério de Deus (3,5); com os apóstolos ainda, eles estão na base da comunidade cristã. Paulo, em 1Cor 3,10-11, reconhece esse papel de fundamento no próprio Cristo. Ef se aparenta antes com Mt 16,18.

w. Alguns pensam na pedra angular de base; outros, na pedra

do cimo, chave de abóbada que garante a ordem do conjunto; este sentido concorda melhor com o tema da soberania de Cristo que predomina na epístola (1,22). Cf. 1Pd 2,4-8.

x. Var.: *toda a construção*. Nos vv. 19-22, deparam-se em grego seis nomes ou verbos compostos com base na raiz *oiko* (moradia, habitação).

y. Frase inacabada, retomada no v. 14.

z. Lit. *da economia da graça de Deus que me foi dada em vossa intenção*. Expressão sobrecarregada, que combina uma fórmula muito paulina: *a graça (de Deus) que me foi dada* (Rm 12,3; 15,15; 1Cor 3,10; Gl 2,9) com Cl 1,25: *a economia de Deus que me foi dada*. Esta economia designa a maneira com que Deus abre caminho à execução do seu plano redentor e situa o lugar de Paulo neste designio.

a. O termo *revelação* tem três sentidos principais no NT: a) a vinda de Jesus na glória (cf. 1Cor 1,7; 2Ts 1,7); b) a revelação *apostólica*, relativa ao Evangelho e à vocação daquele que é seu mensageiro (Gl 1,12.16; cf. Rm 16,25); c) a revelação *profética*, relativa a este ou àquele aspecto da vontade de Deus e da obediência cristã (ex. 1Cor 14,6; Gl 2,2). Trata-se aqui do segundo sentido, a revelação apostólica.

b. Tema fundamental de Ef e Cl, o *mistério* refere-se ao designio eterno de Deus, outrora escondido aos homens e agora revelado (Ef 1,9-10; 3,3-10; Cl 1,26-27; cf. já Rm 16,25-26; 1Cor 2,7-9). Essa idéia vem menos do helenismo que da apocalíptica judaica (cf. Dn 2,21-23.28-30.47; o livro de Henoc e os textos de Qumran). Para a epístola, o mistério se realizou em Jesus Cristo e descobre todas as suas implicações na Igreja, graças ao ministério do apóstolo: chamamento dos pagãos à salvação, reconciliação dos judeus e das nações reunidos em um mesmo corpo, união conjugal de Cristo e sua Igreja, submissão do universo inteiro a Cristo. O mistério é o objeto específico do evangelho de Paulo, ligado aqui à sua vocação única entre os apóstolos. Ef 3,1-13 volta às idéias de Ef 2,11-22, referindo-as à pessoa de Paulo.

c. *Os santos apóstolos e profetas*: cf. 2,20. Ef interpreta neste sentido preciso o texto paralelo Cl 1,26 (cf. a nota), no qual a revelação era concedida a (todos) os santos.

mesma herança, membros do mesmo corpo, associados à mesma promessa, em Jesus Cristo, por meio do Evangelho.

CI 1.23-25 ⁷Disto eu fui feito ministro pelo dom da graça que Deus me concedeu pondo em obra o seu poder. ⁸Eu, que sou o último

ICor 15.9-10: ¹Tm 1.15 ^{GI} 1.16, 2.8 ^{1.7}

CI 1.26: ^{Rm} 16.25

dos últimos de todos os santos, recebi esta graça de anunciar aos pagãos a impenetrável riqueza de Cristo ⁹e de pôr à luz^o como Deus realiza o mistério^f mantido oculto desde sempre nele, o criador do universo: ¹⁰assim doravante as Autoridades e Poderes, nos céus, conhecem, graças à Igreja, a múltipla sabedoria de Deus^g,

¹¹segundo o projeto eterno que ele executou^h em Jesus Cristo, nosso Senhor. ¹²Em Cristo, portanto, nós temos, pela fé nele, a liberdade de nos aproximarⁱ com toda a confiança. ¹³Por isso, eu vos peço, não vos deixeis abater pelas tribulações que eu souro por vós: elas são a vossa glória.

CI 1.24

Conhecer o amor do Cristo. ¹⁴É por isso que dobro os joelhos diante do Pai, ¹⁵de

1.17-18: ^{MI} 11.25

quem toda família recebe seu nome^j, no céu e sobre a terra; ¹⁶que ele se digne, segundo a riqueza da sua glória, armá-vos de poder, por seu Espírito, para que se fortifique em vós o homem interior^k, ¹⁷que ele faça habitar Cristo em vossos corações pela fé; arraigados e fundados no amor, ¹⁸terei assim a força de compreender, com todos os santos, o que é a largura, o comprimento, a altura, a profundidade^l... ¹⁹e de conhecer o amor de Cristo que sobrepuja todo o conhecimento, a fim de que sejais cumulados até receberdes toda a plenitude de Deus^m.

²⁰Aquele que pode, por seu poder que age em nós, fazer além, infinitamente além do que nós podemos pedir e conceber, ²¹a ele a glória na Igrejaⁿ e em Jesus Cristo, por todas as gerações, nos séculos dos séculos. Amém.

CI 1.11

Sb 1.4; ^{Jo} 14.23; ^{Rm} 8.11 ^{CI} 1.23; 2.7; ^{SI} 89.3; ^{CI} 2.2-3; ^{Jô} 11.8-9 ^{ICor} 13; ^{GI} 4.9

^{Rm} 16.25-27; ^{Jd} 24 ^{CI} 1.29

4 Aos batizados: edificar o corpo do Cristo na unidade. ^{1A}isto portanto vos exorto no Senhor^o, eu que estou pri-

CI 3.12-15; ^{FI} 2.1-4

d. A epístola vai falar sucessivamente da *impenetrável riqueza de Cristo* (3.8), dos recursos inesgotáveis da sabedoria de Deus (3.10) e, por fim, das "quatro dimensões" (3.18); esses temas são de origem sapiencial. O verbo "penetrar", a menção à sabedoria, a evocação das dimensões acham-se reunidos em *Sr* 1.3: *a altura do céu, a extensão da terra, o abismo e a sabedoria, quem pode penetrá-los?*

e. Alguns mss. acrescentam (para) todos.

f. Lit. *qual é a economia do mistério*.

g. Os poderes, responsáveis pela lei judaica e pelo mundo religioso pré-cristão (cf. CI 1.16 nota) ignoraram o desenrolar do plano divino (1Cor 2.8). Ao reunir judeus e pagãos, a Igreja constitui a manifestação última do designio de Deus e, por assim dizer, a personificação da Sabedoria. Olhando para ela, os poderes compreendem que a humanidade nova acede diretamente a Deus em Cristo (cf. 10 e 11) e que o papel provisório delas é ambíguo e ultrapassado.

h. Ou: *concebeu*.

i. Lit. *a liberdade e acesso*. Dois termos importantes são associados. O primeiro evoca a condição daquele que tudo pode dizer; o acento é posto ora sobre a franqueza, ora na coragem, ora na liberdade, ora no caráter público da declaração ou da situação (ver Ef 3.12; 6.20; CI 2.15. Cf. Jo 16.25.29; At 4.31; 2Cor 3.12). O segundo, utilizando no vocabulário cultural ou régio, implica a possibilidade de acesso à presença de Deus ou do soberano (cf. 2.18; Rm 5.2. Ver também IPd 3.18; Hb 4.16; 10.19).

j. Outra tradução possível: *de quem toda paternidade recebe o seu nome*. Jogo de palavras entre *patría* (família) e *patêr* (pai). O Pai, revelado em Jesus Cristo, está na origem de todo o agrupamento humano ou angelical. — Em 3.14 continua a oração iniciada em 3.1 e interrompida em 3.2, retomando a de 1.16-23 e concluindo com uma doxologia a primeira parte da epístola.

k. Esta expressão designa a parte racional do homem (cf. Rm 7.22 nota) por oposição a *o homem exterior* que é o seu corpo perecível (2Cor 4.16). Esse tema, tomado da filosofia grega popular, é distinto da oposição *homem velho* – *homem novo* que se inscreve numa perspectiva judaica. Acontece entretanto que o *homem interior* quase se confunde com o *homem novo*, como em 2Cor 4.16 e, aqui, em Ef 3.16. A expressão *homem interior* fica, todavia, mais marcada por sua origem antropológica: ela é muito semelhante ao termo *coração* no v. 17.

l. Ef emprega esta enumeração, à maneira da literatura sapiencial, para sublinhar o caráter inacessível da Sabedoria de Deus e dos seus caminhos, cf. Jô 11.5-8: *o sabedoria... é mais elevada do que os céus... mais profunda do que o Sheol, mais extensa do que a terra e mais ampla do que o mar* (cf. também Ef 3.8 nota). As quatro dimensões não são explicitamente determinadas; trata-se sem dúvida do designio misterioso de Deus (cf. Ef 3.1-13) e antes de tudo do seu amor, pensamento que enquadra o v. 18.

Uma exegese muito antiga interpreta as quatro dimensões a partir da cruz, símbolo da extensão ecumênica (cf. Ef 2.13-17) e cósmica (cf. CI 1.20) da obra de Cristo.

Fez-se a comparação com certas fórmulas estoicas que evocam a totalidade do universo.

m. Lit. *a fim de que sejais cumulados até a total plenitude de Deus*. A idéia ainda é a de CI 2.9-10 (cf. Ef 1.23 nota): os crentes participam na plenitude que Cristo recebe de Deus e comunica ao seu corpo. Pode-se também compreender: cumulados para entrar em toda a plenitude de Deus. Var.: *a fim de que seja repleta toda a plenitude de Deus*.

n. A Igreja manifesta a glória de Deus, do mesmo modo que personificava a sua sabedoria eterna em 3.10.

o. No Senhor pode ser ligado a *prisioneiro*.

3.1: sioneiro; vivei a vossa vida de acordo
Cl 4.18 com o chamamento que recebestes^p; ²em
Cl 1.10 toda humildade e mansidão, com paciência,
Gl 6.2 suportai-vos uns aos outros no amor;
Fl 1.27 ³aplicai-vos a guardar a unidade do espírito pelo vínculo da paz^q.

1Cor 8.6; ⁴Há um só corpo e um só Espírito, do
12.4-6; mesmo modo que a vossa vocação vos
Mt 23.8-10 chamou a uma só esperança; ⁵um só
Rm 12.5; Senhor, uma só fé, um só batismo; ⁶um
1Cor 10.17; só Deus e Pai de todos, que reina sobre
12.12-13 todos, age por meio de todos e permanece
Cl 1.5 em todos^r.

Mc 12.29; ⁷A cada um de nós, entretanto, a graça
Jo 10.16; foi dada segundo a medida do dom de
1Cor 1.13 Cristo^s. ⁸Dai esta palavra:
Rm 11.36
Rm 5.15; ⁹Tendo subido às alturas, ele capturou
12.3-6; prisioneiros;
1Cor 12.11 deu dons aos homens^t.

Cl 2.15 ¹⁰Ele subiu! Que quer dizer isto, senão
Hb 2.7-8 que ele também desceu^u até embaixo na
terra^v? ¹¹Aquele que desceu é também o

que subiu mais alto que todos os céus, a fim de repletar o universo^w. ¹²E os dons
Rm 12.6-8; que ele deu foram apóstolos, profetas, 1Cor 12.28
evangelistas, pastores e docentes, ¹³a fim de pôr os santos em condições de cumprir o ministério para edificar o corpo de Cristo^x. ¹⁴até que cheguemos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos^y, à estatura de Cristo em sua plenitude.

¹⁵Assim, nós não seremos mais crianças^z, jogados de um sentimento a outro, arrastados à deriva por todo vento de doutrina, ludibriados pelos homens e induzidos pela sua astúcia a transviarmos no erro. ¹⁶Mas, confessando a verdade no amor^a, cresceremos sob todos os aspectos em direção àquele que é a cabeça, Cristo^b. ¹⁷E é dele que o corpo inteiro, coordenado e bem-unido graças a todas as articulações que o assistem, com uma atividade distribuída segundo a

1.22; Cl 1.18

p. À discórdia (vv. 1-3) e à heresia (vv. 14-16) que ameaçam a Igreja, a epístola opõe as fontes da unidade: a presença ativa do Espírito, do Senhor e do Pai (vv. 4-6) e a atividade convergente dos ministérios (vv. 7-13). Esta unidade realiza-se no dinamismo de um crescimento (vv. 12-13.15-16).

q. A exigência de concordância na comunidade é o reflexo da reunificação do universo (Cl 1.20) e da incorporação dos judeus e pagãos no único povo de Deus.

r. Lit. *que está acima de todos, através de todos e em todos*. Os vv. 4-6 formam uma breve aclamação litúrgica em que predomina um ritmo ternário; na origem, havia provavelmente uma confissão de fé baptismal, sem dúvida modificada pelo autor. A insistência no um só, *uma só*, não deixa de lembrar a confissão de Israel. A influência desta passagem no símbolo de Nicéia é evidente. O v. 6 termina com uma doxologia inspirada nas fórmulas estóicas. Não se devem excluir desta passagem certos acentos polêmicos.

A *esperança* significa de novo a coisa esperada (cf. Cl 1.5 nota; Ef 1.18); a palavra *fé* designa aqui a confissão de fé.

s. O desenvolvimento dos vv. 7-16 tem ao mesmo tempo o cunho de ensinamento, por sua exposição sobre o mistério da Igreja; de exortação por suas advertências; e de liturgia, por seu estilo e amplitude (uma só frase do v. 10 ao v. 16!).

t. O Sl 68.19 não diz: *ele fez dons aos homens*, mas, ao contrário: *tu tomaste dons dentre os homens*. Paulo recorre sem dúvida a uma interpretação judaica que aplicava o texto à estada de Moisés no Sinai: "Tu subiste ao céu... aprendeste a Torá e a deste de presente aos homens" (*Targum sobre os Salmos*). Tendo subido ao céu por ocasião da sua entronização pascal (vv. 9-10), Cristo deu o Espírito (Pentecostes era a festa do dom da Lei). Aqui, Ef prossegue, não com a evocação da vinda do Espírito, mas com a enumeração dos diferentes ministérios "dados" à Igreja para efetuar a sua edificação.
u. Var.: *descido primeiramente*.

v. Lit. *Nas regiões inferiores da terra*. É um comentário da citação do salmo: o Cristo soberanamente elevado é o mesmo que se abaixou. A descida se refere à terra (*inferior* com relação ao céu) antes que aos infernos (cf. Rm 10.6-7). Os verbos *descer* e *subir* evocam o vocabulário joânico (Jo 3.12.13; 6.51-62) e, para alguns, o itinerário cósmico do Salvador, dos gnósticos.

w. Cristo repleta o universo porque repleta a Igreja (cf. Ef 1.22-23). Isto se realiza graças aos ministérios evocados a partir do v. 11.

x. Retorno à idéia da abundância dos dons do Cristo. O v. 7 mencionou a graça concedida a cada um. Todavia, ao contrário de 1Cor 12 e de Rm 12.3-8, Ef não evoca aqui a diversidade dos dons e dos carismas. A epístola põe o acento na iniciativa do Senhor que dá à Igreja os homens necessários à sua edificação. Nesta lista dos ministros, depara-se uma ordem que mantém a primazia do apostolado, dando ênfase aos ministérios da Palavra, inspirada, sem dúvida, pelo contexto (vv. 13-15).

Pode-se todavia compreender de outro modo: para o *aperfeiçoamento dos santos, visando à obra do ministério, visando à edificação*... tríplice meta fixada para os ministros; os batizados são então beneficiários e não mais agentes da obra do ministério.

y. Lit. *de homem consumado* (perfeito). Alguns vêem aqui uma designação da Igreja, mas o contraste com as crianças (v. 14) e o sentido exato de *anêr* (o homem em sua maturidade viril) indicam que se trata do adulto por oposição à criança.

z. Com toda uma tradição literária, os escritos paulinos fazem da *criança* o símbolo da imaturidade espiritual e intelectual (1Cor 3.1; 13.11; Gl 4.1.3). Nós não devemos *permanecer* como crianças. Isso não contradiz o apelo do Evangelho, que nos convida a mudar para nos tornar como criancinhas.

a. Ou: *vivendo em um amor autêntico*.

b. Tem-se compreendido também em sentido ativo: *nós faremos crescer todas as coisas (o universo) em direção àquele que é a cabeça, Cristo*.

medida de cada um^c, realiza o próprio crescimento para construir-se a si mesmo no amor^d.

Outrora e agora. ¹⁷Eis pois o que digo e atesto no Senhor: não continueis a viver como vivem os pagãos, cuja inteligência os leva a nada^e. ¹⁸O seu pensamento é presa das trevas e eles são estranhos à vida de Deus, por causa da ignorância que neles é produzida pelo endurecimento do seu coração. ¹⁹Em sua inconsciência, eles se abandonaram à devassidão, a ponto de se entregar a uma impureza desenfreada^f. ²⁰Quanto a vós, não é assim que aprendestes de Cristo^g, ²¹se ao menos foi bem dele que ouvistes falar, se é ele que vos foi ensinado, de conformidade com a verdade que está em Jesus^h: ²²renunciando à vossa existência passada, precisais despojar-vos do homem velho, que se corrompe sob o efeito das concupiscências enganosas; ²³precisais ser renovados pela transformação espiritual de vossa inteligência ²⁴e revestir o homem novo criado segundo Deus

na justiça e na santidade que vêm da verdadeⁱ.

²⁵Eis pois que vos livrastes da mentira: *cada um diga a verdade ao seu próximo*^j,

pois nós somos membros uns dos outros.

²⁶*Estais encolerizados? não pequeis^k*; não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento. ²⁷Não deis oportunidade alguma ao diabo^l. ²⁸Aquele que roubava pare de roubar, antes, esforce-se por trabalhar honestamente com suas mãos^m, a fim de

ter o que partilhar com quem está necessitado. ²⁹Nenhuma palavra perniciosa deve sair dos vossos lábios, mas, se necessário, alguma palavra boa, capaz de

edificar e proporcionar uma graça aos que a ouvem. ³⁰Não contristeis o Espírito Santoⁿ com o qual Deus vos marcou

como com um sinete para o dia da libertação. ³¹Qualquer amargura, irritação, cólera, gritaria, injúrias, tudo isso deve

desaparecer do meio de vós, bem como toda espécie de maldade. ³²Sede bons uns

para com os outros, sede compassivos; perdoai-vos mutuamente como Deus vos^o

perdoou em Cristo.

Rm 1,18-32

1Pd 4,3

2,12;

Cl 1,21

1Pd 1,14

Mc 3,5

Cl 3,5

Cl 2,6-7

Jo 14,6

Cl 3,8-10

Rm 12,2

Gn 1,26

Lc 1,75

Rm 12,5;

1Cor 12,12

At 20,34-35;

1Ts 4,11

5,4;

Cl 3,8;

Mt 15,11;

Tg 3,10-12

Cl 4,6

1Ts 5,19

1,13-14

Cl 3,8

Cl 3,12-13

c. Lit. *segundo a medida de cada parte* (cf. 4,7). Outra leitura: *de cada membro* (as duas palavras gregas *meros*, *parte*, e *melos*, *membro*, só diferem por uma letra). Este v. 16 repisa, sobrecur-regando-o, o texto de Cl 2,19.

d. O tema do *corpo de Cristo* recebe um novo desenvolvimento com relação aos esboços de 1Cor 12,12-30 e de Rm 12,4-5. Graças às afirmações referentes ao Cristo-cabeça, ao mistério e à missão da Igreja, Ef resalta a soberania de Cristo, a responsabilidade do corpo e exprime, numa perspectiva universal, a vida que anima o povo de Deus. A ideia de crescimento, encetada em Cl 2,19, adquire toda a sua importância. A esperança escatológica reveste uma nova forma: a espera da volta de Cristo é substituída pelo motivo deste crescimento do corpo em direção à cabeça até sua plena realização. — Nota-se enfim até que ponto o tema do corpo e do seu crescimento é combinado com o da casa de Deus e de sua edificação (cf. Ef 2,20-22 e a nota ao v. 20).

e. Aqui começa uma exortação muito representativa da catequese moral da comunidade primitiva. Ela deriva do AT (Sl 4,5; Zc 8,16; cf. vv. 25-26), mas sobretudo reflete temas correntes no judaísmo tardio, notadamente em Qumran. A ideia clássica da oposição dos dois caminhos, dos dois espíritos, é transposta e vira contraste entre a existência antiga e a existência nova (cf. ainda 5,8 nota).

f. Outra tradução: *a ponto de se entregarem a toda sorte de impureza na cupidéz*. Esses três versículos resumem em grandes linhas o desenvolvimento de Rm 1,18-32 sobre a conduta dos pagãos.

g. Alusão à catequese de preparação ao batismo; o que segue

é marcado pela terminologia batismal como em Cl 3 (*despojar-se do homem velho para se revestir do novo*. Cf. Cl 3,1 nota).

h. *A verdade que está em Jesus* é a mensagem da sua morte e ressurreição (cf. 4,24 nota). — Eis o único exemplo da expressão *em Jesus* sem outra qualificação. A fórmula poderia visar a contradições para os quais o salvador dos homens não se identificaria com a pessoa de Jesus (tendência da gnose?).

i. Na esteira da corrente sapiencial e apocalíptica (cf. Qumran). Ef dá várias vezes à palavra *verdade* uma plenitude de sentido que evoca o uso joânico: trata-se da revelação, cujo foco é Jesus e que suscita o pleno acordo do homem com a ação de Deus (cf. sobretudo Ef 1,13; 4,15.21.24; 6,14).

j. Zc 8,16.

k. Sl 4,5 gr.

l. Cf. 6,11; a palavra *diabo* não aparece alhures nas epístolas geralmente reconhecidas como paulinas. Ela voltará seis vezes nas Pastorais (1Tm 3,6.7.11; 2Tm 2,26; 3,3; Tt 2,3).

m. Lit. *de fazer o bem com suas mãos*. O mesmo verbo pode todavia significar *trabalhar*, originando-se daí a tradução. Aliás, a tradição textual é confusa: as expressões *o bem* e *com suas (próprias) mãos* trocam de lugar ou faltam conforme os mss. A expressão combinaria as fórmulas de 1Cor 4,12 e Gl 6,10.

n. Alusão possível a Is 63,10: *Eles se revoltaram, contristaram o seu Espírito Santo*.

Existe também uma representação judaica, atestada em particular em Qumran, segundo a qual o Espírito de Deus (ou a sabedoria, cf. Sb 1,5) dado ao homem é influenciado pelo comportamento deste, para o bem ou para o mal.

o. Var. *nos*.

Mt 5,48;
 1Cor 11,1;
 Rm 14,15;
 1Jo 3,16
 5,25;
 Gl 2,20
 Hb 10,10
 Fl 4,18
 Cl 3,5
 4,29;
 Cl 3,8
 Cl 1,3;
 3,15
 Cl 3,5;
 1Cor 6,9-10
 4,14;
 Cl 2,4,8
 Cl 3,6
 2,2
 2Cor 6,
 14-16
 Cl 1,13;
 1Ts 5,4-8
 Lc 16,8;
 Jo 12,36
 Gl 5,22
 Rm 12,2
 2Jo 10-11
 Jo 1,5
5 ¹Imitai a Deus^a, visto que sois filhos que ele ama; ²vivei no amor, como Cristo nos^a amou e se entregou a si mesmo a Deus por nós em *oblação* e *vítima*, como *perfume de agradável odor*^r. ³A devassidão, a impureza, seja ela qual for, a cupidez nem sequer se mencionem entre vós, como convém a santos. ⁴Nada de palavras grosseiras, estúpidas ou obscenas: é inconveniente; entregai-vos antes à ação de graças. ⁵Pois, sabei-o bem, o devasso, o impuro, o ganancioso — esse idólatra — são excluídos da herança no Reino de Cristo^s e de Deus. ⁶Ninguém vos engane com razões especiosas: é tudo isso que atrai a ira de Deus sobre os rebeldes^t. ⁷Não sejais, pois, seus cúmplices. ⁸Outrora, éreis trevas; agora, sois luz no Senhor. Vivei como filhos da luz^u. ⁹E o fruto da luz se chama: bondade, justiça, verdade. ¹⁰Discerni o que agrada ao Senhor. ¹¹Não vos associeis às obras estéreis das trevas; antes, desmascarai-as. ¹²O que essa gente faz em segredo causa vergonha até dizê-lo; ¹³mas tudo o que é desmascarado é manifestado pela luz. ¹⁴pois tudo o que é manifestado é luz^v. É por isso que se diz:

Desperta, ó tu que dormes,
 levanta-te dentre os mortos
 e sobre ti o Cristo resplandecerá^w.

¹⁵Sede verdadeiramente atentos a vosso modo de viver: não vos mostreis insensatos, sede, antes, homens sensatos, ¹⁶que põem a render o tempo presente^x, pois os dias são maus. ¹⁷Não sejais portanto sem juízo, mas compreendei bem qual é a vontade do Senhor. ¹⁸*Não vos embriagueis com vinho*, ele conduz à perdição, mas sede repletos do Espírito. ¹⁹Entoai juntos salmos, hinos e cânticos inspirados^y; cantai e celebrai o Senhor de todo o vosso coração. ²⁰Em todo tempo e a propósito de tudo rendei graças a Deus Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

As novas relações. ²¹Vós que temeis a Cristo, submetei-vos uns aos outros^z; ²²mulheres, sede submissas aos vossos maridos, como ao Senhor. ²³Pois o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja, ele, o Salvador do seu corpo^a. ²⁴Mas, como a Igreja é submissa a Cristo, sejam as mulheres submissas em tudo aos seus maridos.

p. O motivo da imitação de Deus é excepcional no NT. Nas epístolas paulinas, o apóstolo aparece como imitador de Cristo, e por isso mesmo propõe-se à imitação dos fiéis (1Ts 1,6,7; 1Cor 11,1).

q. Var. vós.

r. Reminiscências de Ex 29,18; de Sl 40,7 e de Ez 20,41.

s. Expressão única no NT. Ef reúne Reino do Cristo e Reino de Deus, nitidamente distintos em 1Cor 15,24-28.

t. Sobre rebeldes, cf. Ef 2,2 nota.

u. A passagem reúne as imagens tradicionais da catequese batismal. Primeiro encontrou-se a da *vestimenta* que se tira e se veste (4,22-25), depois o tema da *imitação* de Deus (5,1), finalmente o contraste *trevas* e *luz*, tão característico dos textos de Qumran e do cristianismo primitivo (Tg 1,17-18; 1Pd 2,9; 1Jo 1,5-7). As exortações positivas são entrecortadas de "listas de vícios" que se prendem igualmente ao ensino corrente e já se encontram na literatura judaica.

v. O sentido destes vv. difíceis parece ser o seguinte: projetar a luz sobre o pecado significa fazê-lo aparecer pelo que é, digno de reprovação. Bem mais, tudo o que é assim posto às claras participa da luz e esta luz vai ser identificada com Cristo. Cf. Jo 3,20-21 onde um motivo análogo é tratado de modo um pouco diferente.

w. Citação de um texto desconhecido, provavelmente de um hino cristão antigo (cf. 1Tm 3,16) no qual se percebe a inspiração do livro de Isaías (Is 26,19; 51,17; 52,1; 60,1).

x. Clemente de Alexandria prossegue: *ele, este sol da ressurreição, gerado antes de Lúcifer* (= a estrela da manhã) e que deu

a vida com seus raios. Uma var., sustentada por vários Padres, traz: *levanta-te dentre os mortos, e tocarás a Cristo*. Ou ainda, e o Cristo te tocará. A iluminação tem grande importância na terminologia batismal (Hb 6,4; 1Pd 2,9).

y. Lit. *resgataí o tempo*. A mesma expressão em Cl 4,5, mas aqui o alcance é mais geral (daí a tradução diferente). — Os dias maus têm sido compreendidos quer pensando na época da epístola, quer como caracterizando o tempo da Igreja em geral. O tema concebido na literatura sapiencial (Ec 9,10) toma aqui uma feição escatológica.

z. Cf. Cl 3,16 nota.

a. Ef reproduz a exortação de Cl 3 sobre as relações novas (cf. 3,18 nota). Ef introduz, entretanto, um desenvolvimento característico sobre a união de Cristo e da Igreja, que dá ao capítulo uma dimensão totalmente nova.

a. Vários comentaristas propõem a seguinte pontuação: *como Cristo é a cabeça da Igreja. Ele é o Salvador do seu corpo, mas como a Igreja é sujeita a Cristo...*, querendo, desta maneira, distinguir bem a função de cabeça exercida por Cristo sobre a Igreja, que também é a do marido com relação à mulher, da função de Salvador que, por sua vez, não pode ser aplicada ao marido com relação à mulher. Mas esta dissociação força o texto que, longe de encerrar a autoridade de Cristo sobre a Igreja como um poder dominador, funda-a, ao contrário, no amor daquele que é o Salvador do seu corpo e se entrega por aquela a quem ama. Os vv. 28 e 29 mostram que, embora o marido não seja o salvador da mulher (é o sentido restritivo do *mas* no começo do

Jo 5,25;
 Rm 13,11;
 2Cor 3,18;
 Hb 10,32

Cl 4,5

1Cor 7, 26,31

Pr 23,31gr.

Sl 33,2-3

Cl 1,3

1Pd 5,5

Cl 3,18-19

1Cor 11,3

Cl 1,18

²⁵Maridos, amai as vossas mulheres como

5.2 Cristo amou a Igreja e se entregou por ela^b; ²⁶ele quis com isto torná-la santa,

purificando-a com a água que lava, e isto pela Palavra^c; ²⁷ele quis apresentá-la a si

mesmo esplêndida, sem mancha nem ruga, nem defeito algum; quis a sua Igreja

santa e irrepreensível. ²⁸E assim que o marido deve amar a sua mulher, como o

seu próprio corpo. Aquele que ama a sua mulher ama a si mesmo. ²⁹Ninguém ja-

mais odiou a sua própria carne; ao contrário, nós a nutrimos e cercamos de

cuidado como Cristo faz para com a sua Igreja; ³⁰não somos nós membros do seu

corpo^d? ³¹*É por isso que o homem deixará o seu pai e a sua mãe, ele se ligará à*

sua mulher, e ambos serão uma só carne^e. ³²Este mistério é grande: eu, por

min, declaro que ele concerne ao Cristo e à Igreja^f.

³³Em todo caso, cada um, no que lhe toca, deve amar a sua mulher como a si

mesmo; e a mulher, respeitar^g o seu marido.

³⁴Em todo caso, cada um, no que lhe toca, deve amar a sua mulher como a si

mesmo; e a mulher, respeitar^g o seu marido.

6 ¹Filhos, obedeccei a vossos pais, no Senhor^h, eis o que é justo. ²Honra teu pai e tua mãe, é o primeiro manda-

mento acompanhado de uma promessa:

³*a fim de que tenhas felicidade e longa vida sobre a terra*ⁱ. ⁴Vós, pais, não revol-

teis os vossos filhos, mas criai-os ministrando-lhes uma educação e conselhos

inspirados pelo Senhor^j.

⁵Escravos, obedeccei aos vossos senhores deste mundo^k com temor e tremor^l,

de coração simples, como a Cristo, ⁶não porque vos vigiam, como se procurás-

seis agradar aos homens, mas como escravos de Cristo que diligenciam por

fazer a vontade de Deus. ⁷Servi de boa vontade, como se estivesseis servindo ao

Senhor, e não a homens. ⁸Vós sabeis: o bem que cada um tiver feito, ele tornará

a encontrá-lo junto do Senhor, seja ele escravo ou livre. ⁹E vós, senhores, fazei o

mesmo para com eles. Deixai de lado a ameaça; vós sabeis que, tanto para eles

como para vós, o Senhor está nos céus, e não faz diferença alguma entre os homens.

O combate da fé. ¹⁰Para terminar, armai-vos de força no Senhor, da sua força

onipotente. ¹¹Revesti-vos da armadura de Deus para estardes em condições de

enfrentar as manobras do diabo^m. ¹²Pois não

Hb 10,10,14;
13,12;
Jo 17,19;
1Cor 6,11;
7,14
2Cor 11,2
Sl 45,14
Cl 4,7
Ef 1,4;
Cl 1,22
1Cor 7,4

ITs 2,7

Rm 12,5;
1Cor 6,15;
12,27
Mt 19,5;
1Cor 6,16

3,3;
Ap 19,7

Cl 3,20-21
Mt 15,4

Dt 6,7;
20-25;
Pr 19,18;
Cl 3,22-4,1

2Cor 5,10

Cl 1,11

2Cor 6,7;
10,4
Mt 12,29
1Pd 5,8-9

v. 24), o seu papel de chefe funda-se igualmente no amor e no dom de si mesmo.

b. A relação conjugal funda-se na relação Cristo-Igreja que, por sua vez, é iluminada, pela relação conjugal. Este desenvolvimento, esboçado em 2Cor 11,2, reproduz a pregação dos profetas sobre a aliança conjugal entre Deus e Israel (cf. Os 1-3 etc.). Ef 5,28-31 associa-lhe a referência à narrativa da criação da mulher (Gn 2,21-24), que faz aparecer a esposa como a própria carne (corpo) do marido, reproduzindo dele mesmo. O tema do corpo de Cristo encontra aqui a sua expressão mais perfeita. Melhor ainda que a ideia de cabeça, o tema do esposo e da esposa permite, com efeito, precisar a autoridade de Cristo fundada no seu sacrifício, a responsabilidade da Igreja, e a recíproca intimidade de ambos, sem confusão nem separação.

c. Lit. *purificando-a pelo banho da água nova palavra*. Ez 16,9 já evocava a entrada de Israel na aliança, graças à imagem do banho; segundo os costumes orientais, a noiva era banhada e adornada. A alusão ao batismo é evidente (Tt 3,3-7); este é apresentado como um ato único, realizado na cruz, e concernente ao conjunto da Igreja. — A purificação pela palavra aparece também no quarto evangelho (cf. Jo 15,3; cf. também Jo 13,6,11). Aqui, a menção da palavra foi compreendida como uma evocação da confissão de fé do batizado.

d. Após os membros do seu corpo, uma var. antiga acrescenta: *tirados da sua carne e dos seus ossos* (Gn 2,23). Ela reforça a referência a Gn 2,24 que segue.

e. Gn 2,24.

f. O pensamento judaico gostava de especular sobre o início do Génesis para captar o seu sentido profundo (cf. as alusões de 1Cor 11,2-16; 15,44-49). Aqui, a epístola parece opor, a outras interpretações que recusa, a explicação de Gn 2,24 em favor da qual ela empenha a autoridade apostólica. O apóstolo, que recebeu revelação do mistério, descobre aqui um novo aspecto do mesmo: a união conjugal de Cristo e da Igreja. O casamento tem a vocação de refletir esta união; portanto, não depende simplesmente das exortações morais, mas situa-se no coração do mistério e adquire uma significação propriamente cristã.

g. Lit. *temer*, repisando o *temer* no v. 21.

h. *No Senhor* falta em vários mss. — ¹[Filhos, lit. *crianças*.]

i. Ex 20,12.

j. O Senhor é considerado como o verdadeiro educador, instrumentos do qual os pais são chamados a ser (cf. Pr 3,11-12 citado textualmente por Hb 12,5-6).

k. Lit. *segundo a carne*.

l. Expressão bíblica que designa uma situação em que o homem empenha a sua existência e na qual, por trás das circunstâncias, ele contende com o próprio Deus (1Cor 2,3; 2Cor 7,15; Fl 2,12).

m. A imagem vem do AT que mostra Deus armando-se para combater seus inimigos (cf. Is 11,4-5; 59,16-18; Sb 5,17-23). Esta armadura divina, cujas peças formam um todo, é atribuída aos cristãos pela catequese paulina (cf. ITs 5,8). A imagem se

é o homem^a que afrontamos^o, mas as
 1.21 Autoridades, os Poderes, os Dominado-
 2.2 res deste mundo de trevas, os espíritos
 do mal que estão nos céus^p. ¹³Lançai mão,
 portanto, da armadura de Deus, a fim de
 que no dia mau possais resistir e perma-
 necer de pé, tendo recorrido a tudo. ¹⁴De
 pé, portanto! *Nos rins, a verdade por*
cinturão^q, com a justiça por couraça^r ¹⁵e,
 como calçados nos pés, *o ardor para*
 2.17 *anunciar o Evangelho da paz^s*. ¹⁶Tomai
 sobretudo o escudo da fé, ele vos permi-
 tirá apagar todos os projéteis inflamados
 do Maligno. ¹⁷Recebei enfim o *capacete*
da salvação^t e o gládio do Espírito, isto
 é, a *Palavra de Deus^u*. ¹⁸Que o Espírito
 suscite a vossa oração sob todas as suas
 formas, vossos pedidos, em todas as cir-
 cunstâncias; empregai as vossas vigílias
 em uma infatigável intercessão por to-

dos os santos, ¹⁹também por mim: que a
 palavra seja posta em minha boca^v para
 anunciar ousadamente^w o mistério do
 Evangelho^x ²⁰do qual sou o embaixador
 acorrentado. Orai pois, a fim de que eu
 encontre neste Evangelho a ousadia^y ne-
 cessária para falar dele como devo.

Mensagem pessoal. ²¹Quero que saibais,
 também vós, qual é a minha situação, o
 que faço; Tíquico, o irmão a quem amo,
 ministro fiel^z no Senhor, vos dará todas
 as notícias. ²²Eu vo-lo envio de propósi-
 to para que vos diga a quantas andamos
 e para vos reconfortar.

²³Paz para os irmãos, amor e fé da par-
 te de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.
²⁴Que a graça esteja com todos os que
 amam nosso Senhor Jesus Cristo com um
 amor inalterável^a.

Os 6.5;
 Hb 4.12;
 Ap 1.16
 Cl 4.2-4
 Lc 18.1;
 ITs 5.17

Rm 15.30
 Lc 21.15;
 At 4.29
 At 28.31;
 Fl 1.20
 3.3
 2Cor 5.20
 Cl 4.18;
 Fl 1.13

Cl 4.7-8

1Pd 1.8

encontra associada à da vestimenta em Rm 13.12.14. O combate
 dos filhos da luz contra os filhos das trevas é o assunto de um
 dos escritos mais conhecidos de Qumran. — Sobre o *diabo*, cf.
 Ef 4.27 nota.

n. Lit. *a carne e o sangue*. Esta expressão bíblica designa as
 forças humanas que são pouca coisa diante das potências
 supraterestras.

o. Lit. *a nós*; var.: *a vós*.

p. *Nos céus*: cf. Ef 1.3 nota. Única passagem do NT que faz
 dos céus a residência dos espíritos do mal; cf. Ef 2.2 nota.

q. Is 11.5.

r. Is 59.17; Sb 5.18.

s. Is 52.7; Na 2.1. Pode-se compreender seja o zelo pela pro-
 clamação do Evangelho, seja o impulso que este imprime a toda
 a existência.

t. Is 59.17.

u. O v. amalgama diversas reminiscências dos profetas (Is
 11.4; 49.2; Os 6.5).

v. Lit. *que a palavra me seja concedida na abertura da minha*
boca. A expressão lembra Mt 5.2: *abrindo a boca, Jesus ensina-*
va nestes termos; ela se refere a uma inspiração direta de Deus.

w. Lit. *com franqueza de linguagem*. Cf. Ef 3.12 nota; 6.20;
 Cl 2.15.

x. As palavras *do Evangelho* são omitidas por vários mss.

y. Cf. v. 19 nota.

z. Sobre o papel de Tíquico, cf. Cl 4.7 nota e At 20.4 nota.

a. Lit. *que amam nosso Senhor Jesus Cristo na incorruptibi-*
lidade. Pode-se também compreender *que amam nosso Senhor*
Jesus Cristo (que está) na vida incorruptível, ou ainda, *que a*
graça esteja... como também a imortalidade.

EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

INTRODUÇÃO

Fundação da Igreja de Filipos. Hoje em ruínas, a cidade de Filipos foi próspera na Antiguidade. Situada numa encosta ao sopé da cadeia de montanhas do Pangeu, a cerca de doze quilômetros do mar, ela dominava uma planície então bem-cultivada e enriquecida por minas de ouro e prata. Quando Filipe II, pai de Alexandre, anexou essa região à Macedônia, ele reedificou a cidade, fortificou-a, deu-lhe o seu próprio nome (até então ela se chamara Crenides por causa das suas pequenas fontes). No ano 31 a.C., Augusto cumulou a cidade de privilégios, ali estabelecendo uma colônia romana habitada por numerosos veteranos.

Paulo esteve lá por ocasião da sua segunda viagem missionária, em 49 ou 50, acompanhado de Silas, de Timóteo, sem dúvida também de Lucas, já que é neste lugar que começa (At 16,10) a narrativa escrita na primeira pessoa do plural. Foi ali que ele pregou pela primeira vez o Evangelho na Europa. Os judeus, pouco numerosos, não tinham sinagoga em Filipos e realizavam as suas reuniões na saída da cidade, junto às fontes ou talvez do Gangites (2km a oeste). Entre eles, Paulo batizou algumas pessoas, entre as quais a negociante de púrpura Lídia, prosélita, que o hospedou em sua casa. Entretanto, surgiram dificuldades. Paulo foi maltratado e encarcerado, depois teve de sair da cidade, lá deixando apenas uma pequena comunidade composta essencialmente de antigos pagãos (cf. At 16,11-40; 1Ts 2,2).

O envio da carta. Pela cordialidade que manifesta em sua carta (cf. por exemplo 1,3-8; 4,1), vemos que Paulo se sentia particularmente ligado a essa Igreja. Manteve constantes contatos com ela. Foi a única comunidade da qual aceitou repetidas doações (4,15; 2Cor 11,8-9). Ele tinha por norma anunciar o Evangelho "gratuitamente" (2Cor 11,7; cf. 1Ts 2,9; 2Ts 3,7-9; 1Cor 4,12; 9,15; 2Cor 11,9). Se agiu de outro modo com os filipenses, foi sem dúvida por causa da atitude particularmente fraterna deles. Tinham ajudado Paulo uma primeira vez quando da sua partida da Macedônia para a Grécia. Mais tarde, infor-

mados de que Paulo estava de novo preso e destituído de recursos, coletaram dons e encarregaram Epafrodito de os levar a Paulo e depois ficar a seu serviço. Mas Epafrodito caiu doente e desejou voltar para casa. Paulo o despediu e lhe confiou a epístola em que agradece aos amigos, dá notícias suas e comunica os seus projetos, multiplica encorajamentos e recomendações para o bom andamento da comunidade. Nenhuma de suas cartas, com exceção do bilhete a Filêmon, é tão familiar e cordial.

O cativo de Paulo. Quando esta carta foi escrita, Paulo estava na prisão, incerto do julgamento que o aguardava. Por isso ela é habitualmente contada entre as "epístolas do cativo". Os Atos dos Apóstolos, fora o cativo em Filipos, nos informam sobre a prisão em Cesaréia, prolongada até Roma e, como a epístola menciona o "pretório" (1,13) e a casa de César (4,22), fica-se muito inclinado a crer que ela tenha sido composta em Roma (At 28,16.30-31). Admitida esta hipótese, somos autorizados a afirmar que a afeição, a indulgência (1,15), o desapego diante do perigo e da morte (1,21) se expliquem pela idade avançada do apóstolo.

Hoje, entretanto, a maioria dos exegetas pensa que a carta foi escrita em Éfeso, na mesma época que as duas cartas aos Coríntios. O livro dos Atos só refere alguns episódios característicos da vida dos apóstolos, destinados a descrever o avanço do Evangelho. Da estada de mais de dois anos em Éfeso (At 19,8-10) não sabemos quase nada. Ora, segundo as cartas aos Coríntios, não somente Paulo esteve, já antes de Cesaréia, várias vezes na prisão (2Cor 11,23), mas correu graves riscos em Éfeso (1Cor 15,32; 2Cor 1,8; cf. 2Cor 4,8-10; 6,9). A epístola fala de várias idas e vindas. Os filipenses enviaram Epafrodito, Paulo o faz voltar, Timóteo deve segui-lo e trará notícias. O próprio Paulo, se for libertado, irá a Filipos. Por mais que se diga que as comunicações eram fáceis entre a Macedônia e Roma (Via Egnatia), idas e vindas tão freqüentes se explicam melhor

numa distância como a de Filipos a Éfeso. Por outro lado, os projetos de Paulo referentes a Timóteo correspondem aos que ele expõe em 1 Coríntios: ele enviou Timóteo a Corinto passando pela Macedônia e anuncia igualmente a sua própria vinda (1 Cor 4,17-19; 16,5-10). É o que os Atos confirmam. Resolve seguir o mesmo caminho (At 19,21), depois realiza essa viagem (At 20,1-2). Mais tarde, considerou que sua tarefa estava concluída nessas regiões e nada mais desejava do que ir a Roma e depois à Espanha (Rm 15,19-20.22-28).

A menção ao pretório não prova a origem romana da epístola: na época de Paulo, esse termo designava tanto a residência de um governador com seus serviços administrativos, como o tribunal, a prisão; era o caso de Éfeso. E "os da casa de César" não são forçosamente parentes do imperador; podem também ser os seus escravos e libertos, e estes eram numerosos em Éfeso. É muito plausível que vários dentre eles se tenham convertido e é natural que tenham mantido relações com Paulo.

Se tivéssemos outros indícios de um cativo de Paulo em Éfeso, seria quase evidente ter sido a carta aos Filipenses escrita desta cidade, algum tempo antes das duas cartas aos Coríntios. No estado atual das nossas informações, é impossível dirimir a questão. Pode-se lamentá-lo, tanto mais que a datação depende da fixação do lugar, ao menos de modo aproximativo. Escrita em Éfeso, a carta seria de 56 ou 57. Neste caso, não é um Paulo envelhecido que nós ouvimos nela, mas um homem em pleno combate; explica-se então melhor por que as afinidades internas desta epístola são mais estreitas com as grandes epístolas e mesmo com 1 e 2 Tessalonicenses do que com as outras "epístolas do cativo".

Autenticidade e integridade. A autenticidade da Epístola aos Filipenses não é seriamente contestada por ninguém, ao passo que a sua unidade é posta em dúvida por alguns, que pensam ver nela o resultado da fusão de dois ou mais bilhetes antes independentes, embora todos dirigidos por Paulo aos filipenses. Uns distinguem em especial a carta de agradecimento (1,1-3,1; 4,10-23) e a carta de advertência contra os judaizantes (3,1-4,9). Não há negar que a ruptura seja muito brusca entre 3,1 e 3,2, mas isso pode explicar-se pelo fato de

Paulo ditar as suas cartas, não o fazendo de uma assentada. Outros propõem cortes diferentes, em fragmentos menos extensos. Nenhuma hipótese parece de natureza a convencer totalmente. Pode-se notar que o tema da alegria volta em toda a carta e que outros indícios de unidade profunda permitem ver nesses quatro capítulos algo diferente de um mosaico.

A linha de pensamento. Esta epístola não é um tratado com um plano logicamente articulado, mas nós podemos resumir a linha do pensamento tal como o balizam os subtítulos inseridos na tradução.

Embora distante, Paulo sente-se próximo dos seus amigos. No princípio, ele entabula um dos temas que permanecerá presente ao longo de toda a epístola, o da comunhão fraterna em Cristo, fonte de alegria. Preso, não sabe qual será a sua sorte. Mas seja qual for o desfecho do seu cativo, está certo de que a causa do Evangelho sairá reforçada, e já vê sinais da vitória de Cristo. Seu desejo é recomençar a tarefa apostólica e convida os amigos a levarem por diante valentemente o seu combate. Que o façam com a preocupação de manter a unidade na humildade e no serviço. Para exortá-los a isso, o apóstolo cita um texto de uma importância toda particular, o hino a Cristo, servo sofredor estabelecido por Deus, Senhor do mundo (2,6-11). Que na comunhão com Cristo vencedor, a comunidade preste o seu testemunho com força e fidelidade. Depois, Paulo evoca os projetos que concernem a Timóteo e a Epafrodito.

No cap. 3, ele põe bruscamente os seus leitores de sobreaviso contra os agitadores judaizantes. Trata-se decerto do mesmo erro por ele combatido na Epístola aos Gálatas. Teriam os filipenses já sido atingidos por essa propaganda? Não é certo, visto que Paulo nada diz a tal respeito no começo da epístola. O mais verossímil é que ele queira pô-los de sobreaviso por ter constatado em outras Igrejas os danos causados por essa tendência. Tratar-se-ia de um retorno puro e simples às observâncias judaicas? Parece que se trata também de propensão a uma vida libertina. Paulo lembra o seu encontro com o Ressuscitado, que o levou a renunciar, ele, fariseu irrepreensível, a qualquer superioridade, para se deixar cativar por Cristo e, em seu seguimento e sob sua inspiração, dirigir o rude combate da fé. Aos seus amigos pede que façam o mesmo. Eles são cidadãos do

mundo novo, aquele que Deus prepara e consumará na glória.

Depois dessas declarações, Paulo volta a sua exortação à concórdia, à paz, à alegria. Em termos delicados, agradece aos amigos a ajuda, recomendando-lhes que não se inquietem com a sorte que o espera.

Assim termina esta carta, dentre as epístolas paulinas a que, com o bilhete a Filêmon, destaca-se pelo tom e andamento de "carta". As confidências e os conselhos repassados de amizade se misturam, de ponta a ponta, com a evocação dos mais momentosos temas do pensamento do apóstolo.

EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Rm 1,1 **1** Endereço. ¹Paulo^a e Timóteo^b, servos de Jesus Cristo, a todos os santos^c em Jesus Cristo que estão em Filipos, com os seus episcopos e diáconos^d. ²a vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

1Ts 1,2; Rm 1,8; Ef 1,16 **Ação de graças e prece.** ³Dou graças a meu Deus cada vez que evoco a vossa lembrança: ⁴sempre, em cada prece por todos vós, é com alegria^f que rezo, ⁵por tomardes parte conosco no Evangelho^a desde o primeiro dia^h até agora. ⁶Esta é a minha convicção: Aquele que começou em vós uma obra excelenteⁱ prosseguirá em sua conclusão até o Dia de Jesus Cristo^j.
Rm 15, 25-27; Gl 2,9; Jo 1,3
Jo 4,34; 6,28-29; Rm 14,20; 1Cor 1,8; 1Ts 5,24 **Muito justo é que eu esteja assim dispos-**

to^b para com todos vós, visto que vos trago no coraçãoⁱ, vós que, no meu cativeiro, bem como na defesa e confirmação do Evangelho, compartilhais todos a graça que me é concedida^m. ⁸Sim, Deus me é testemunha de que vos prezo a todos na ternuraⁿ de Jesus Cristo. ⁹E eis a minha prece: que o vosso amor seja rico ainda, e cada vez mais, em clarividência e plena percepção ¹⁰para discernir o que melhor convémⁿ. Assim sereis puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, ¹¹cumulados do fruto de justiçaⁿ que nos vem por Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus^q.

Et 3,1-2

Rm 1,9;
1Ts 2,5
1Ts 2,3;
Cl 1,9-10

Fin 6

1Ts 5,21;
Rm 2,18;
Hb 5,14
1Ts 3,13;
5,23;
Ef 1,4
Hb 3,9;
12,11;
Tg 3,18
Ef 1,6.12.14

O cativeiro de Paulo e o progresso do Evangelho. ¹²Quero que saibais, irmãos:

a. Como em 1Ts 1,1; 2Ts 1,1. Paulo não sente necessidade de sublinhar o seu título de apóstolo, sem dúvida porque ninguém lhe contestava a autoridade. Ele se diz simplesmente *servo* (grego: *doulos*, lit. *escravo*); esta palavra voltará em 2,7 aplicada a Cristo.

b. Timóteo sempre gozou da confiança de Paulo, a quem sem dúvida, ajudou na fundação da Igreja de Filipos (At 16,1.12; cf. 17,14-15; 18,5). No decurso da sua terceira viagem, antes de passar de novo da Ásia para a Macedônia, Paulo envia para lá Timóteo e Erasto (At 19,21-22: será este o envio de Fl 2,19?). Mesmo se Timóteo pouco haja contribuído para a redação da carta, ele se acha ao lado de Paulo.

c. Cf. Rm 1,7 nota.

d. Lit. *vigilantes e servos*. É a primeira menção no NT (e a única nos cabeçalhos das epístolas) desses dois títulos que estavam em uso tanto no mundo grego como no judaísmo. Os que são assim designados talvez tenham recolhido e administrado os dons enviados a Paulo (cf. 1Tm 3,1 nota).

e. A ação de graças relativa aos benefícios do passado é aqui muito calorosa. Ela se transforma muito naturalmente em oração fervorosa em prol do futuro (cf. 4,6; Rm 1,9-10).

f. A *alegria* é um dos temas constantemente reiterados nesta carta, precisamente quando Paulo se acha na prisão, ameaçado duma condenação à morte, assaltado pelas preocupações que tem a respeito de todas as Igrejas. Mas a fonte da sua alegria está em Cristo (1,18.25; 2,2.17-18.28-29; 3,1; 4,1.4.10).

g. Lit. *a vossa comunhão no Evangelho*. Os filipenses tomaram parte na obra de Deus que é o Evangelho (cf. Rm 1,1 nota) confiada a Paulo e aos seus colaboradores (2,2; 4,3), acolhendo-o com a fé viva que os animava, lutando e sofrendo por Cristo (1,27-30), ajudando o apóstolo na indigência (4,16-8). Mais adiante, a palavra *comunhão* (cf. At 2,42 nota; 1Cor 1,9) designará a união aos sofrimentos de Cristo (3,10) e os intercâmbios de toda espécie entre Paulo e a Igreja de Filipos (2,1; 4,14).

h. O momento em que se tornaram cristãos.

i. Lit. *obra boa*. A obra da evangelização confiada aos após-

tolos (v. 5) é *boa* por ser a obra de Deus (cf. 2Cor 8,6). Deus e Cristo estão atuando na vida da Igreja e do crente (1,11.28; 2,1.13; 3,10; 4,13.19). Esta certeza ilumina toda a oração 1,3-11 (cf. 2,13-30).

j. É o *dia* do juízo, como o Dia do Senhor no AT (cf. Am 5,18) no qual estará plenamente efetuada a obra de Deus (1,6) e de Cristo (2,30). Como nas primeiras epístolas (1Ts 4,15), ele é esperado com ardor, e os cristãos se preparam para ele no *crescimento do amor* (1,9-10). (Cf. 2,16; 3,20; 4,5.)

k. A epístola usa dez vezes o verbo *froncin* e seus derivados (sobre 23 casos no conjunto das epístolas paulinas). O sentido mais lato é *estar disposto, tender a*, o que implica toda sorte de sentimentos ou atitudes e torna impossível uma tradução uniforme (2,2.5; 3,15.19; 4,2.10).

l. Na antropologia bíblica, o *coração* é o centro da personalidade, a sede dos sentimentos e tendências, da vontade, das iniciativas, dos pensamentos.

m. Lit. *a minha graça*. A expressão sublinha em particular (cf. Rm 1,5 nota) a gratuidade da missão apostólica, mas Paulo insiste aqui (cf. 1,5) na parte que nela tomam os cristãos de Filipos (cf. 1,27-30).

n. Lit. *as entranhas de Cristo Jesus*. Isto completa e fundamenta 1,7, *no meu coração*. Esses sentimentos calorosos ultrapassam todo sentimentalismo: o amor de Paulo (cf. *bem-amados* 2,12; 4,1) decorre do amor mesmo de Jesus.

o. O *discernimento* da conduta a manter em qualquer situação concreta depende do crescimento de um amor clarividente (Rm 12,2).

p. *Cumulados* exprime ao mesmo tempo a plenitude atual e a realização final (cf. 2,2; 4,18-19). O *fruto*, no singular, evoca uma totalidade de preferência a uma enumeração (cf. Gl 5,22; Ef 5,9). A *justiça* é, no sentido em que os judeus o entendiam, a vida conforme à vontade de Deus: para um cristão ela resulta da ação de Jesus Cristo (cf. 3,6-10).

q. Esta doxologia (que comporta diversas variantes textuais) sublinha ainda a preeminência absoluta de Deus, origem (1,6) e meta de toda obra (cf. 2,11; 1Cor 15,28.57).

o que me aconteceu^r antes contribuiu para o progresso^s do Evangelho. ¹³Com efeito, em todo o pretório^t, e alhures por toda a parte, é agora bem sabido que estou no cativeiro por Cristo, ¹⁴e a maioria dos irmãos, encorajada no Senhor pelo meu cativeiro, redobra de audácia para anunciar sem medo a Palavra^u. ¹⁵Alguns^v, é verdade, o fazem por inveja e rivalidade, mas outros proclamam a Cristo com boa intenção. ¹⁶Estes agem por amor. Eles sabem que estou aqui em prol da defesa do Evangelho. ¹⁷Aqueles, se anunciam o Cristo, fazem-no por espírito de rivalidade. Os seus motivos não são puros; pensam tornar o meu cativeiro ainda mais penoso. ¹⁸Mas que importa? De qualquer maneira, com segundas intenções ou na verdade, Cristo é anunciado. E eu me alegro com isso; e apesar de tudo continuarei a me alegrar. ¹⁹Pois sei que isto *resultará na minha salvação*^w graças à vossa oração e à assistência do Espírito de Jesus Cristo; ²⁰segundo a minha viva expectativa e a minha esperança, não terei de corar de vergonha, mas a minha certeza permanecendo total^x, agora como

sempre, Cristo será exaltado em meu corpo, seja por minha vida, seja por minha morte^y. ²¹Pois para mim viver é Cristo, e morrer um ganho. ²²Mas se viver neste mundo^z me permite um trabalho fecundo, não sei o que escolher. ²³Estou preso neste dilema: sinto o desejo de partir e estar com Cristo^a, o que é muito preferível, ²⁴mas permanecer neste mundo^b é mais necessário por causa vossa. ²⁵Por isso estou convencido, sei que ficarei, que permanecerei junto de todos vós^c, para o vosso progresso e a alegria da vossa fé, ²⁶a fim de que cresça graças a mim, pela minha volta para junto de vós, a glória que tendes em Jesus Cristo^d.

Constância na luta. ²⁷Cumprimento somente que leveis uma vida digna do Evangelho de Jesus Cristo^e, a fim de que, se eu vos for ver, ou, ausente, ouvir falar de vós, venha a saber que estais firmes em um mesmo espírito, lutando juntos, com um mesmo coração, segundo a fé do Evangelho^f, ²⁸sem vos deixar intimidar em nada pelos adversários, o que é para eles sinal manifesto da sua ruína e da vossa

2Ts 3,1;
2Cor 1,11;
Rm 15,30

2Cor 3,12

1Ts 3,8;
Gl 5,1
Ef 4,3-4

2Ts 1,5

r. A prisão e o cativeiro.

s. No sentido próprio, o termo grego designa marcha para a frente (cf. 1,25).

t. Se Paulo escreve de Éfeso, trata-se do pessoal da residência do governador (cf. Introdução).

u. Certos manuscritos acrescentam *de Deus ou do Senhor*.

v. Os vv. 15-18 formam uma espécie de parêntese. Aproveitando-se do cativeiro de Paulo, alguns procuram, em volta dele, solapar a autoridade do apóstolo e atribuir importância a si mesmos. Como a verdade do Evangelho não está em jogo (ao contrário do que sucedeu em Corinto ou na Galácia), Paulo não dramatiza esta questão, mas, pelo contrário, alegra-se, à medida que, apesar de tudo, o Evangelho é proclamado. Portanto, não se trata aqui dos judaizantes de 3,2-3,18-19.

w. Jó 13,16 no gr. A citação reconduz o pensamento à situação do prisioneiro, e talvez evoque as relações tensas entre Jó e seus amigos. Aqui a *salvação* pode significar, ao mesmo tempo, a saída da prisão (vivo) e a redenção final (cf. 1,28; 3,20).

x. Poder-se-ia compreender também: *vendo-o e sabendo-o toda a gente*.

y. Não sabendo se sairá vivo ou morto da prisão, Paulo é levado a uma reflexão sobre a vida em Cristo. Em seu pensamento, vida e morte corporais estão sempre associadas ao mistério do Cristo. O corpo santificado do cristão (1Ts 4,2-4; 5,23) pertence a Cristo (1Cor 6,12-20); por isso é associado tanto aos sofrimentos e à morte de Cristo como à sua ressurreição.

z. Lit. *na carne*.

a. Paulo sente um *desejo* ardente (termo muito forte que se

traduz muitas vezes por *avidez*) de ser unido a Cristo (*com ele*: 1Ts 4,17; 5,10; 2Ts 2,1; Rm 14,8) imediatamente após a morte, mas não precisa sob que forma encara essa união. O mesmo desejo se exprime em 2Cor 5,6-9. Em todas as outras passagens, ele fala de uma ressurreição final dos mortos (1Ts 4,13-18) após um juízo universal: 1Cor 15,12-23; Rm 14,10.

b. Cf. 1,22 nota.

c. Paulo, lembrado da urgência da sua missão, descarta a sorte *ainda melhor* que lhe valeria uma condenação à morte (de que ainda falará em 2,17). Ele não quer abandonar os que precisam dele. Na hipótese de um primeiro cativeiro em Éfeso, a sua expectativa se realizou (At 20,1-6).

d. O motivo profundo da *glória* dos filipenses é a comunhão em Cristo, que também será reavivada (*graças a mim*, lit. *em mim*) por sua volta a Filipos. Mais adiante (2,16; cf. 1Ts 2,19), é a vida da comunidade que é a glória de Paulo (cf. Rm 4,2 nota).

e. Levei uma vida, lit. *levei uma vida de cidadãos*. O cristão é cidadão do reino dos Céus (Ef 2,19), cujo Senhor é Jesus Cristo Salvador (Fl 3,20) e cuja constituição é o Evangelho. É a graça que lhe permitirá, se ele a tanto se prestar, viver de maneira *digna*, isto é, conforme a este Evangelho (1Ts 2,12; 2Ts 1,11; Ef 4,1; Cl 1,10).

f. Dupla ambiguidade. Pode-se compreender *pela fé* (por meio da fé) ou *em prol*, em defesa da fé; por outro lado, o *Evangelho* indica, seja a pregação que gera a fé, seja a mensagem aceita pela fé (analogia em Cl 1,23: *a esperança do Evangelho*), de sorte que a fé é um *dom* (1,29), mas também um princípio de firmeza e de luta.

salvação^a; e isto vem de Deus. ²⁹Pois ele vos concedeu a graça, com relação a Cristo, não somente de crer nele, mas ainda de sofrer por ele. ³⁰engajados no mesmo combate que me vistes sustentar^b e que, como sabeis, eu ainda sustento.

Mt 5.10-12;
At 5.41;
1Pd 1.6-7

2 Concórdia e humildade. ¹Se há, pois, um apelo em Cristo, um encorajamento no amor, uma comunhão no Espírito¹, um impulso de afeto e compaixão, ²então cumulai a minha alegria vivendo em pleno acordo¹. Tende um mesmo amor, um mesmo coração; procurai a unidade; ³nada façais por rivalidade, ⁴nada por vanglória, mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós.

Lc 1.78;
Cl 3.12

4.2;
Rm 15.5;
1Cor 1.10-16
2Cor 13.11

1.17
Gl 5.26

⁴Que cada um não olhe só por si mesmo, ⁵mas também pelos outros⁴. ⁶Comportai-vos¹ entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo^m:

Jo 13.15;
1Jo 2.6

⁶ele, que é de condição divina^a, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus^a.

Cl 1.15;
Jo 1.1-2;
17.5;
Hb 1.3;
1Jo 1.1-2

⁷Mas despojou-se^a, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens^a, e por seu aspecto, reconhecido como homem¹;

2Cor 8.9;
Mc 20.28

⁸ele se rebaixou^a, tornando-se obediente até a morte, e morte numa cruz.

Rm 8.3;
Hb 2.17;
1Tm 2.5;
Hb 2.9; 5.8;
Mt 26.39;
Jo 4.34; 6.38;
Rm 5.19
At 2.23;
1Cor 1.17-18;
2.2

⁹Foi por isso que Deus o exaltou soberanamente¹

Jo 12.32;
At 2.24;
32.33;
Lc 24.46

g. A firmeza inabalável do pequeno grupo dos crentes diante dos seus adversários já é um sinal do julgamento e da vitória escatológica de Deus (cf. 2Ts 1.4-10). A ação de Deus ainda é sublinhada como em 1.6-11.

h. Por ocasião da sua primeira visita a Filipos, Paulo foi perseguido e lançado na prisão (At 16.19-40; 1Ts 2.2). Depois as perseguições e dificuldades nunca faltaram (cf. 2Cor 11.24-12.10). Os filipenses, sofrendo também por Cristo, estão associados ao seu combate (1.7,27; cf. Cl 1.29; 2.1; 4.12).

i. Por comparação com 2Cor 13.13, pode-se encontrar no começo deste v. uma alusão ao Filho, ao Pai (a quem é muitas vezes atribuído o amor) e ao Espírito.

j. Paulo sabe por experiência quão facilmente nascem nas comunidades as rixas e os conflitos. Ele percebeu sinais disso em Filipos (1.27; 2.14; 4.2) e por isso exorta os seus correspondentes à unidade e à concórdia. Este tipo de exortação, frequente em Paulo (cf. Rm 12.16; 15.5; 2Cor 13.11), não contradiz a alegria confiante que reina em toda a epístola. A unidade só se realizará por uma vida de humildade, abnegação e serviço de que o próprio Cristo deu o exemplo.

k. Lit. *o que pertence a ele mesmo e aos outros*: não somente os interesses, mas os dons recebidos, os serviços prestados; poder-se-ia traduzir *o seu bem e o bem dos outros* (cf. 1Cor 10.24,33; 13.5).

l. Lit. *tende essas disposições* (cf. 1.7 nota) *em vós* (e por conseguinte entre vós). O demonstrativo *essas* liga o que se segue à exortação precedente.

m. Lit. *que também em Cristo Jesus*. Pode-se subentender seja *existiam*, seja *existem*, ou compreender: *as disposições que se têm em Jesus Cristo*. As disposições de Cristo, às quais Paulo se refere, permanecem presentes e eficazes. Os vv. 6-11 são tão diferentes, pelo estilo e conteúdo, da passagem que os precede, que geralmente se vê neles um hino cristão muito antigo, que Paulo talvez cite com algum retouco. Têm sido propostas várias disposições estróficas, nenhuma das quais se impõe. Mas é preciso reter ao menos o contraste entre os dois movimentos: o rebaixamento voluntário de Cristo (vv. 6-8) e a sua exaltação por Deus (vv. 9-11).

n. Lit. *achando-se em forma de Deus*. Aqui e no v. 7, *forma* exprime mais do que uma aparência: é a figura visível manifestando o ser profundo, ou então, por alusão a Gn 1.27: 5.1, a

imagem de Deus, isto é, o próprio ser de Deus em Cristo. A tradução *condição* permite repetir a palavra no v. 7.

o. Lit. *estar em igualdade com Deus*. Duas explicações se confrontam. Para uns, a condição divina é o estado do Cristo antes da sua encarnação, e esta é a primeira forma do rebaixamento de Cristo. Neste caso, a *presa* (a igualdade com Deus) deve ser conservada e defendida, não conquistada. A palavra grega *harpagmós* parece entretanto sugerir antes uma presa da qual alguém quer se apropriar. Neste caso, o reflexo do ser de Deus (*imagem de Deus*) se manifesta no comportamento terrestre de Cristo. Haveria aí uma alusão a Adão que procurou fazer-se igual a Deus (Gn 3.5,22); Cristo escolheu na terra a humildade e a obediência em vez do orgulho e da revolta. Este paralelo antitético entre Adão e Cristo, iniciado aqui, será novamente tratado por Paulo em perspectivas mais amplas (Rm 5.14; 1Cor 15.45-47).

p. Lit. *ele se esvaziou* (*ekenōsen*) *a si mesmo* (cf. 1Cor 9.15; 2Cor 9.3). Esta *quenosé* ou aniquilamento não implica que Jesus cesse de ser igual a Deus ou de ser a imagem de Deus: é em seu rebaixamento mesmo que ele revela o ser e o amor de Deus. Os cinco verbos seguintes descrevem esse rebaixamento. Cristo toma a condição (lit. *forma*: v. 6 nota) de servo (ou melhor: de escravo); cf. 1.1 nota. Paulo pensa quase certamente no Servo do Senhor descrito em Is 52.13-53.12. Alguns vêem no verbo *ele se despojou* uma tradução do hebr. de Is 53.12b (lit. *ele esvaziou a sua alma na morte*), mais literal que a do Septuaginta.

q. Lit. *tornado na semelhança* (ou *similitude*) *de homens* (os manuscritos são mais favoráveis ao plural que ao singular). Cristo se assemelhou à humanidade inteira.

r. Lit. *e, pelo aspecto, achado como homem*. Essa repetição, intencionalmente realista, prepara a humilhação mencionada no v. 8. Se a encarnação é um primeiro aspecto da *quenosé*, eis o segundo. Como o Servo de Is 53, Cristo escolheu o rebaixamento por obediência à vontade de seu Pai (Rm 5.19; 6.16-18); ele leva mesmo a obediência até a morrer (cf. Is 53.8.12 *de morte na cruz*, reservada aos malfetores (Hb 12.2)). É o *exaltando* da cruz, um dos pontos fundamentais da pregação de Paulo (1Cor 1.18-25; 2.1-2; Gl 6.14).

t. Lit. *superexaltado* (único emprego desse termo no NT; cf. Sl 96.9 grego. Em Is 52.13: *exaltado*). Esta exaltação se confunde para Paulo com a Ressurreição ou a Ascensão, ação soberana do Pai (1Ts 1.10; Rm 1.4 nota). Cf. Is 53.10-12.

e lhe conferiu o Nome^a

que está acima de todo nome,

¹⁰ a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre^a,

nos céus, na terra e debaixo da terra^a,

¹¹ e toda língua confesse^a que Jesus

Cristo é o Senhor^a.

para a glória de Deus Pai^a.

As tarefas cristãs. ¹²Assim, meus bem-

amados, vós que sempre fostes obedien-

tes^a, sede-o não somente na minha pre-

sença, porém muito mais agora na mi-

nha ausência; com temor e tremor^b ponde

por obra a vossa salvação, ¹³pois é Deus

quem opera em vós o querer e o fazer

segundo o seu desígnio benevolente^c.

¹⁴Agi em tudo sem murmurações nem

reticências^d, ¹⁵a fim de serdes irrepreen-

síveis e sem comprometimento, *filhos de*

Deus sem mancha^e no meio de uma ge-

ração transviada e perversida, onde apa-

receis como fontes de luz no mundo,

¹⁶vós que sois portadores da palavra da vida: é a minha glória para o dia de Cristo^f, pois eu não terei corrido em vão nem sofrido em vão^g. ¹⁷E mesmo que o meu sangue deva ser derramado em liberação^h no sacrifício e no serviço de vossa fé, eu me alegro com isso e me rejubilo com todos vós; ¹⁸assim, também vós, alegrai-vos e rejubilai-vos comigo.

Missões de Timóteo e Epafrodito. ¹⁹Es-

pero no Senhor Jesus enviar-vos em bre-

ve Timóteo, para que eu também seja

reconfortado pelas notícias que tiver de

vósⁱ. ²⁰Não tenho ninguém mais que com-

partilhe os meus sentimentos, que real-

mente se preocupe com o que vos con-

cerne. ²¹Todos visam aos seus interesses

pessoais, não aos de Jesus Cristo^j; ²²mas

ele, vós sabeis que provas deu da sua

capacidade: qual filho junto do seu pai,

ele se pôs comigo a serviço do Evange-

lho. ²³Por isso é ele que eu espero en-

Ef 1.20-23;
Hb 1.3-4

Rm 1.4
Rm 11.36;
1Cor 15.
24-28

Is 19.16;
1Cor 2.3;
2Cor 7.15
1Ts 2.13;
Hb 13.21;
Ef 2.10

Nm 14.2.9

Jo 8.12;
12.35-36;
1Ts 5.5;
Ef 5.8-11

Is 49.4;
1Ts 2.1; 3.5
1Cor 1.8
Ex 24.6-8;
Hb 9.19;
2Tm 4.6

1.1

2.4

1Cor 4.17;
1Tm 1.18
1.1.5

u. *Conferir um nome* é não somente atribuir um título, mas uma dignidade autêntica (cf. Ef 1.21; Hb 1.4). Aqui Paulo pensa no nome de *Senhor* (cf. v. 11; At 2.21.36) que no AT grego é a palavra empregada para exprimir o nome impronunciável de Deus mesmo (Ex 3.15 notas). Assim o Senhorio de Deus se revela em Jesus na sua extrema humilhação.

v. Is 45.23. O Servo é exaltado acima do universo inteiro (3.21; cf. Ef 1.20-21; 4.10; Cl 1.18-20), *a fim de que* o gesto de adoração e de homenagem devido a Deus somente (cf. Rm 14.11; Ef 3.14) doravante se dirija também a Jesus Senhor em quem Deus se revela e age (cf. Ef 1.20-21).

w. Tríplice divisão que evoca a totalidade do mundo criado (cf. Ap 5.3.13). *Debaixo da terra* visa aos habitantes da morada dos mortos, de preferência aos demônios.

x. Var.: e toda língua confessará.

y. Lit. *que senhor (é) Jesus Cristo*. Pode-se também traduzir *que Jesus Cristo é Senhor ou confessa sobre Jesus Cristo que ele é o Senhor*. É a confissão fundamental da fé cristã (At 2.36; Rm 10.9; 1Cor 12.3; cf. Ap 19.16).

z. O Pai, que exaltou Jesus, recebe toda glória quando o nome que lhe deu é adorado. É portanto nEle que vai acabar a glorificação do Filho (vv. 9-11) e, ao mesmo tempo, o seu aviltamento (vv. 6-8). Cf. 1.11 nota.

a. Trata-se da obediência a Deus de que Cristo deu o supremo exemplo (v. 8). Aliás, a obediência associa-se à fé (Rm 1.5 nota). A Paulo assiste o direito de formular esta exigência porque ele mesmo vive na obediência, cumprindo a sua missão (cf. 3.17; 4.9).

b. Par de termos conhecido na Bíblia e no judaísmo, que exprime a frueza experimentada diante do Deus vivo e santo que manifesta a sua exigência pela obediência de Cristo (v. 8).

c. Alguns compreendem: *à medida da vossa vontade*. O encadeamento das duas frases é paradoxal: agi, já que é Deus quem

age. A vontade e a atividade dos cristãos incorporam-se na obra de Deus (1.6; cf. 1Cor 15.58), comandada por seu desígnio de salvação em Cristo.

d. Alusão provável à falta de fé dos hebreus no deserto (cf. 1Cor 10.10).

e. Essas três qualidades da vida cristã no mundo têm uma ressonância escatológica (1.10; 2.16; cf. 1Ts 3.13; 5.23). O que segue inspira-se em Dt 32.5 gr. (cf. Mt 12.39; At 2.40) e salienta o contraste entre luz e trevas (Gn 1.14-16 gr.; Mt 5.14).

f. O testemunho da comunidade é para o apóstolo um motivo de glória. Em 1.26 ele dissera que a sua presença faria crescer a glória da comunidade (cf. 1Ts 2.19).

g. O labor apostólico é comparado ao esforço do atleta no estídio (Gl 2.2; 1Cor 9.24-26; 2Tm 4.7; At 20.24). Paulo conserva uma inquietação estimulante porque sabe que a sua obra será finalmente submetida ao juízo de Deus. Mais adiante ele aplicará a imagem da corrida à vida do cristão (3.12-16).

h. O *serviço da fé* dos filipenses (será a própria fé dos filipenses com todos os seus efeitos, ou a vida de Paulo consagrada ao serviço deles, ou ambas as coisas juntamente?) é assimilado a um *sacrifício* ao qual se acrescenta em oferenda, segundo um rito comum tanto entre os judeus como entre os gregos, a *libação* do sangue derramado pelo apóstolo, que pensa aqui em sua condenação à morte (cf. 2Tm 4.6). O vocabulário cultural é espiritualizado: ao anunciar o Evangelho, Paulo realiza um dos atos do culto em espírito, que é o da nova Aliança (cf. 3.3; 4.18).

i. Os vv. 19-24 exprimem menos um projeto humano do que uma *esperança no Senhor*, visando estreitar a comunhão entre Paulo e os seus amigos de Filipos. Desta vez, ele encara uma sentença favorável. Talvez se trate aqui de pôr em execução o projeto de At 19.21-22 (cf. Introdução).

j. Nova nota de decepção (cf. 1.15-17 e, quanto à expressão, 2.4), mesmo se *todos* comporta algum exagero.

viar-vos mal tenha clareza acerca do meu destino. ²⁴Aliás, tenho a convicção no

1.25 Senhor de que também eu irei logo.

²⁵Entretanto, julguei necessário enviar-

4.18 -vos Epafrodito^k, meu irmão, meu com-

4.3 panheiro de trabalho e de combate, en-

viado por vós para se pôr a meu serviço

quando eu estava necessitado, ²⁶pois ele

tinha um grande desejo de vos rever a

todos e se inquietava porque tínheis sa-

bido da sua doença. ²⁷De fato, ele esteve

doente, na iminência de morrer; mas

Deus teve compaixão dele, e não somen-

te dele, mas também de mim, para que

eu não tivesse tristeza sobre tristeza.

²⁸Apresso-me, pois, em vo-lo reenviar, a

fim de que, vendo-o, vos alegréis ainda

e eu, da minha parte, fique menos triste.

²⁹Reservai-lhe, portanto, no Senhor um

acolhimento verdadeiramente alegre e

tende estima por homens como ele. ³⁰visto

que pela obra de Cristo^l por pouco mor-

ria; ele arriscou a vida, a fim de suprir

ao que vós mesmos não podíeis fazer para

o meu serviço.

3 A verdadeira justiça e o arrebatamento para Cristo.

¹No mais, meus

irmãos, alegrai-vos no Senhor^m. Não me

custa escrever-vos as mesmas coisasⁿ, e

para vós é uma confirmação. ²Cuidado

com os cães^o! Cuidado com os maus ope-

rários^p! Cuidado com os falsos circuncis-

os^q! ³Pois os circuncisos somos nós que

prestamos o nosso culto pelo Espírito de

Deus^r, que fazemos consistir a nossa

glória em Jesus Cristo, que não confia-

mos em nós mesmos^s.

⁴No entanto, eu tenho motivos de ter

confiança também em mim mesmo. Se

um outro crê poder confiar em si mes-

mo, eu o posso ainda mais, eu^t. ⁵circun-

ciso no oitavo dia^u, da raça de Israel, da

tribo de Benjamin^v, hebreu, filho de

hebreus^w; quanto à lei, fariseu^x; ⁶quanto

ao zelo, perseguidor da Igreja^y; quanto à

justiça que se encontra na lei, tornado

irrepreensível^z.

⁷Ora, todas essas coisas que para mim

eram ganhos, eu as considerei como per-

da por causa de Cristo^{aa}. ⁸Como não, eu

1Ts 5.16;
2Cor 13.11

Rm 1.9;
12.1

1Tm 1.
13.14
Rm 2.17

k. Este colaborador de Paulo só nos é conhecido por esta epístola (a menos que Epafra de Cl 1.7; 4.12; Fm 23 seja uma forma abreviada do mesmo nome). Ele fora encarregado de levar ao prisioneiro os socorros recolhidos (Paulo exprimirá sua gratidão por isso, 4.10-20), depois, caiu doente: ele desejava voltar para casa. Ele é o enviado (grego *apóstolos*, portanto *apóstolo*, no sentido lato) da Igreja de Filipos; na realidade, é o único enviado das Igrejas (2Cor 8.23) do qual tenhamos conservado o nome (mas cf. At 20.4).

l. Variantes: *a obra; a obra do Senhor*.

m. Estas palavras parecem anunciar a saudação final da carta (cf. 4.1.4.10), mas a frase seguinte introduz um desenvolvimento todo diferente no conteúdo e no tom. Quem sabe início de um recomeço de ditado ou de uma fusão de textos primitivamente independentes? Cf. Introdução.

n. Na realidade, o que segue não foi dito nos caps. 1 e 2, Paulo pode referir-se a outras cartas hoje perdidas, ou simplesmente a ensinamentos orais.

o. O *cão* era um animal impuro, às vezes comparado ao porco (Mt 7.6; 2Pd 2.22). Os judeus davam também esta alcunha aos pagãos (Mt 15.26; Ap 22.15). Contra quem Paulo dirige aqui a injúria? Contra judeus ou, antes, cristãos judaizantes? Será que ele alude a alguma devassidão?

p. Os agitadores sem missão (cf. 2Cor 11.13) de preferência aqueles que se apegam sem razão às próprias obras.

q. Lit. a *incisão ou excisão*, termo coletivo de desprezo que visa aos que se apegam à circuncisão material (cf. Gl 5.12). A esta Paulo opõe a verdadeira circuncisão, a *circuncisão do coração* (Rm 2.29 nota; cf. Dt 10.16), a de Cristo (Cl 2.11), cujos efeitos são obtidos pela fé (vv. seguintes).

r. Var.: *nós que rendemos em espírito (ou pelo Espírito) um culto a Deus* (cf. 2.17).

s. Aqui e no v. seguinte, lit. *na carne*. A *carne* designa aqui a fraqueza humana feita presunção (cf. Rm 1.3 nota), ligada às observâncias judaicas, sobretudo à circuncisão, na qual Paulo punha o seu orgulho antes de conhecer Cristo (cf. Gl 6.13-14; 1Cor 1.31).

t. Paulo jamais renegou o seu passado judaico, que suas polémicas o levaram mais de uma vez a lembrar (Gl 1.13-14; Rm 11.1; 2Cor 11.22; cf. At 22.3-5; 26.4-7), mas em parte alguma ele enumerou tantos títulos como aqui.

u. Segundo os termos da Lei (Lv 12.3; Gn 17.12; cf. 1c 1.59; 2.21).

v. Tribo venerada entre todas, que permaneceu sempre fiel à dinastia de David, e guardava a Cidade santa com o Templo. Dela provera Saul, primeiro rei de Israel, de cujo nome Paulo é portador (At 7.58).

w. Nascido em Tarso de família palestinese, Paulo fora educado em Jerusalém e falava o aramaico (At 21.39-40; 22.3-5; 26.4).

x. Paulo pertencia a esta tradição que observava estritamente a lei e à qual Jesus se tinha em várias ocasiões vivamente oposto (At 22.3; 23.6; 26.5).

y. Este zelo (Gl 1.13.23; 1Cor 15.9; At 8.3; 9.1.2.13-14) posteriormente pôs-se a serviço da Igreja (2Cor 11.2).

z. Cf. Gl 1.14; a linha do pensamento nos vv. seguintes é análoga a Gl 5.17-38.

aa. Quando subitamente, no caminho de Damasco, Paulo encontrou-se com Jesus Cristo (At 9.4-5 e par.; Gl 1.15), todos os privilégios de nascimento e educação, todos os esforços religiosos e morais desmoronaram. Doravante eles eram não só despre-

considero que tudo é perda em comparação deste bem supremo que é o conhecimento^b de Jesus Cristo, meu Senhor. Por causa dele, perdi tudo e considero tudo isso como lixo, a fim de ganhar a Cristo^c e ser achado nele, não já com uma justiça que seja minha, que venha da lei, mas com a que vem pela fé em Cristo^c, a justiça que vem de Deus e se apóia na fé^d. ¹⁰Trata-se de conhecê-lo a ele, ao poder da sua ressurreição e à comunhão com seus sofrimentos, de tornar-se semelhante a ele em sua morte^e. ¹¹a fim de chegar, se possível^f, à ressurreição dentre os mortos. ¹²Não que eu já tenha alcançado tudo isso ou já me tenha tornado perfeito^g; mas arremeto para tentar alcançá-lo^h, porque eu mesmo fui alcançado por Jesus Cristo. ¹³Irmãos, eu não julgo já tê-lo alcançado. A minha única preocupação é, esquecendo o caminho percorrido e ansiando com todas as forças pelo que está à frente, ¹⁴arremeter rumo à meta, visando ao prêmio ligado ao chamado que, do alto, Deus nos dirige em Jesus Cristo. ¹⁵Nós todos, os "perfeitos", comportemo-nos pois assim, e se em algum ponto vos comportais de outro

modo, Deus também vos esclarecerá a esse respeito. ¹⁶Entretanto, seja qual for o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direçãoⁱ.

¹⁷Imitai-me todos juntos^j, irmãos, e fixai o vosso olhar naqueles que se conduzem segundo o exemplo que tendes em nós. ¹⁸Muitos^k, com efeito, eu vo-lo dizia muitas vezes e agora repito-o chorando, comportam-se como inimigos da cruz de Cristo. ¹⁹O seu fim será a perdição; o seu deus é o ventre^l; e sua glória, eles a põem na própria ignomínia^m, já que só levam a peito as coisas da terra. ²⁰Pois a nossa pátria está nos céus, de onde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristoⁿ ²¹que há de transfigurar o nosso corpo humilhado, para torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso^o, com a força que também o torna capaz de tudo submeter ao seu poder.

4 De sorte que, irmãos bem-amados, ¹que eu tanto desejo rever, vós, minha alegria e minha coroa, ficai firmes deste modo no Senhor, meus bem-amados.

Concórdia, alegria, paz. ²Exorto Evódia e exorto Síntique^p a viverem de ple-

zíveis, mas nocivos, favorecendo o orgulho espiritual que termina pela rejeição da graça de Cristo. A *confiança na carne* não é somente atenuada pela fé, deve ser eliminada.

b. O termo tem um sentido bíblico muito forte: não descoberta intelectual, mas vínculo vital íntimo, que será explicitado nos vv. 10-11.

c. Lit. *a fé de Cristo*. Cf. Gl 2.16 nota.

d. A recordação do passado judeu do apóstolo ensaia uma definição notável das duas justíças: uma que vem da lei, a outra que é um dom de Deus pela fé em Cristo (lit. *a fé de Cristo*; cf. Gl 2.20 nota). Esta visão do tema foi largamente explorada em Rm e Gl.

e. Lit. *tornados da mesma forma que a sua morte* (cf. 2.6 nota). Os vv. 10-11 aplicam ao cristão o que o hino dissera de Cristo (ver 2.6-11). *Conhecer Cristo, ganhar Cristo, ser achado em Cristo* é ser introduzido nos acontecimentos do passado, cuja presença permanece ativa. A ressurreição de Cristo permanece atual, e o cristão dela participa realmente, do mesmo modo que participa dos seus sofrimentos e da sua morte (cf. 2Cor 4.10) pelo despojamento (3.7-8), a luta apostólica (1.30) e eventualmente o martírio (2.17).

f. Esta exclamação não exprime uma dúvida, visto que a esperança é fundada no dom real de Deus. Mas a espera parece tornar a certeza menos absoluta e incitar à luta.

g. Paulo está consciente de ter sido objeto de uma graça, mas sabe que não deve tirar pretexto disso para recusar todo esforço. Se, no v. 15, Paulo diz *nós os perfeitos*, talvez seja com uma ponta de ironia, já perceptível aqui (cf. 1Cor 2.6). Se não

atingiu a meta, os filipenses tampouco; ele os convida a progredir como ele próprio.

h. O complemento deste verbo, três vezes subentendido, está incluído nas palavras precedentes: Cristo e a sua ressurreição. Paulo arremete para alcançar, porque responde a um *chamado* (3.14) e ele mesmo *foi alcançado*: lembrança do momento em que Cristo o subjugou no caminho de Damasco.

i. A frase é obscura por excesso de concisão. Vários mss. a completaram de diversos modos.

j. Os filipenses devem *imitar* o modo como Paulo vive de Cristo e luta por ele (cf. 4.9; e 1Cor 4.16 nota; 1Ts 1.6 nota).

k. Uma vez mais, Paulo permanece no vago: é que então era compreendido por meias-palavras. A semelhança das censuras expressas e da iniquidade sentida permite pensar nos mesmos adversários dos vv. 2-5.

l. Paulo visa provavelmente às observâncias alimentares judaicas (Lv 11; Rm 14).

m. Sem dúvida, a circuncisão, v. 3. Alguns pensam que os vv. 18-19 visam aos libertinos.

n. Em vez de se deixar captar pelo mundo, o cristão pertence ao Senhor e sua pátria é o reino de Deus (cf. 1.27 nota; 3.14).

o. Lit. *da mesma forma que o seu corpo*... O corpo resuscitado de Jesus Cristo no qual resplandece a glória de Deus é a *forma* à qual o nosso próprio corpo será conformado (v. 10; Cl 3.1-4; cf. 1Cor 15.42-49: *corpo espiritual*).

p. Os nomes dessas duas cristãs levam a pensar em concórdia, "acordo", (eu-odia, caminho fácil; syn-tykhē, encontro), e Pau-

Gl 5.11;
1Cor 1,
17-18;
Rm 16.18
Mt 6.19;
Cl 3.2;
Jo 3.12
Ef 2.6;
Hb 12.22
Rm 8.19-23
Rm 8.29

2.10-11,
Ef 1.19;
1Cor 15.27;
Hb 2,8

1Ts 2,
19-20

no acordo no Senhor. ³E tu, Companheiro^a autêntico, eu te peço, acode em auxílio delas, pois lutaram comigo pelo Evangelho, ao mesmo tempo que Clemente e todos os outros meus colaboradores, cujos nomes figuram no livro da vida^a.

⁴Alegrai-vos no Senhor o tempo todo; eu repito, alegrai-vos. ⁵Seja a vossa bondade reconhecida por todos os homens^b. O Senhor está próximo^c. ⁶Não vos inquieteis com nada, mas, em toda ocasião, pela oração e pela súplica acompanhadas de ação de graças, apresentai a Deus os vossos pedidos. ⁷E a paz de Deus, que ultrapassa toda a compreensão, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos^d em Jesus Cristo.

⁸Quanto ao mais, irmãos, tudo o que há de verdadeiro, tudo o que é nobre, justo, puro, digno de ser amado, de ser honrado, o que se chama virtude^e, o que merece elogio, ponde-o no vosso crédito. ⁹O que aprendestes, recebestes, ouvistes de mim, observastes em mim, tudo isso ponde-o em prática. E o Deus da paz estará convosco.

Reconhecimento pelos dons recebidos.

¹⁰Eu muito me alegrei no Senhor por ter

o vosso interesse por mim^a podido enfim re florescer: sim, interesse vós o tínheis, mas a ocasião vos faltava. ¹¹Não é a necessidade que me faz falar, pois aprendi a bastar-me a mim mesmo^b em qualquer situação. ¹²Sei viver na penúria, sei viver na abundância. Aprendi^c, em toda a circunstância e de todos os modos, tanto a estar saciado como a ter fome, a viver na abundância como na indigência. ¹³Tudo posso nAquele que me dá forças^d. ¹⁴No entanto, fizestes bem em tomar parte na minha tribulação. ¹⁵Vós o sabeis, filipenses, nos começos do Evangelho^e, quando deixei a Macedônia, nenhuma Igreja me fez participar em uma conta de "deve" e "haver"^f, a não ser somente vós. ¹⁶Vós que, já em Tessalônica, mais de uma vez, me enviastes o que eu precisava^g.

¹⁷Não é que eu esteja à procura de presentes; o que procuro é o fruto que cresce em vosso crédito^h. ¹⁸Aliás, eu dispoño de todo o necessário, e até mais do que isso. Tenho de sobra, agora que recebi o que Epafrodito me entregou de vossa parte, perfume de *bon odor*, sacrifício aceito e agradável a Deusⁱ. ¹⁹E o meu Deus satisfará todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza, magni-

lo parece frisar com um sorriso o contraste entre seus nomes e sua conduta. Nós ignoramos tudo das pessoas citadas nos vv. 2-3, mesmo de Clemente, no qual uma tradição antiga, seguindo Orígenes, viu o futuro Clemente de Roma.

q. Pode ser que *syzygos* (traduzido aqui por *Companheiro*) seja um nome próprio, cujo valor etimológico Paulo sublinha.

r. A imagem é tradicional no AT e no judaísmo (cf. Ap 3,5 nota).

s. Graças às provas que dela lhes dareis.

t. Cf. Mt 3,2 nota.

u. Alguns manuscritos trazem: *os vossos corações e os vossos corpos*.

v. É o único emprego, nas epístolas de Paulo, de um termo muito em uso entre os moralistas gregos. As seis qualidades enumeradas denotam uma estima respeitosa dos valores sádios e *louváveis* do ideal moral dos pagãos. Mas o v. 9 mostra que esses valores são vividos, pelos crentes, dentro de uma *tradição* (2Ts 2,15; 3,6), a exemplo do próprio Paulo que vive no Cristo (3,17). Assim se completa o desapego indicado: 3,7-8.

w. Os socorros trazidos por Epafrodito quando Paulo estava deles urgentemente necessitado (2,25-30; 4,18). Em toda esta passagem, com extrema justeza de tom (que se depara também em Fm), Paulo exprime ao mesmo tempo a sua independência e a sua gratidão, à luz da sua missão.

x. Entre os estoicos, esse termo (*autárkhês*) significava a liberdade do sábio a respeito das circunstâncias e flutuações da vida. O autodomínio de Paulo tem uma origem e uma tonalidade diferentes: ele o deve unicamente Àquele que o torna forte (v. 13).

y. Lit. *eu fui iniciado*. Termo próprio dos cultos de mistérios, cujo sentido aqui é simplesmente: eu aprendi uma coisa que nem todos sabem.

z. Sem pronunciar-lhe o nome, Paulo pensa em Cristo ressuscitado e na ação do *poder* de Deus nele (cf. 3,10,21).

a. Isto é, no decurso da missão de Paulo na Macedônia (At 16-21), quer em Filipos, quer nas cidades por onde passou em seguida. A expressão visa ao momento da conversão deles (cf. 1,5).

b. Paulo emprega uma expressão em uso nas transações comerciais, a fim de insistir sobre o intercâmbio de bens espirituais e materiais que se estabeleceu entre ele e os cristãos de Filipos (1,5 nota; 1Cor 9,11). Essas doações são as únicas que ele consentiu aceitar (cf. Introdução).

c. Depois da sua partida de Tessalônica, Paulo ainda receberá, sem dúvida, a ajuda deles em Corinto (2Cor 11,8-9).

d. Essas doações dos cristãos revertem no seu enriquecimento espiritual, porque Deus é quem opera nesses intercâmbios (4,19).

e. Paulo reproduz, a respeito dessas doações fraternas, a lin-

1Tm 6,6;
Hb 13,5

2Cor 12,
9-10;
Cl 1,11

1,5

Rm 15,27;
1Cor 9,11

Ef 5,2

Gn 8,21;
Ex 29,18
Rm 12,1-2

3,20;
Tg 5,8;
1Pd 4,7;
Ap 3,11;
22,20

Mt 6,25-34

Jo 14,27;
Cl 3,15
3,8

Rm 12,2;
1Ts 4,11

3,17;
1Ts 4,1

1Ts 5,23;
Rm 15,33;
16,20

Rm 2,4;
9,23; 11,33;
Ef 3,8
1,11; 2,11;
Rm 16,27;
Ef 3,21

ficamente^f, em Jesus Cristo. ²⁰A Deus
nosso Pai seja dada a glória pelos sécu-
los dos séculos. Amém.

Saudações finais. ²¹Saudai cada um dos

santos em Jesus Cristo. Os irmãos que es- Rm 1,7
tão comigo vos saúdam. ²²Todos os santos
vos saúdam, sobretudo os da casa de César^g.

²³Que a graça do Senhor Jesus Cristo
esteja com o vosso espírito.

guagem cultural do AT, espiritualizada pelo NT (cf. 2.17-18.25.30).

f. Lit. *em glória*. Alguns o entendem da glória celeste; outros traduzem: *segundo a riqueza da sua glória*.

g. Essa expressão pode fazer pensar em Roma (cf. Introdução), mas ela engloba todo o pessoal a serviço do imperador (militares, funcionários, escravos e libertos), e eles existiam em qualquer cidade que fosse sede de um governador.

EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

Conteúdo da epístola. Breve em extensão (quatro capítulos), vasta em desenvolvimentos teológicos, a Epístola aos Colossenses faz parte tradicionalmente das epístolas ditas “do cativeiro”.

Como de costume, a carta começa com uma liturgia epistolar (1,1-20): saudação, ação de graças pelo progresso do Evangelho (3-8), prece pelos fiéis (9-12) e a seguir, um hino que enaltece Cristo como cabeça do universo e dá o tom a toda a epístola (13-20). Os vv. 21-23 interpelam os destinatários e, da interpelação, passa-se à evocação do ministério apostólico cuja missão é realizar o que o hino celebrou: Paulo deve levar a palavra e as tribulações de Cristo à sua consumação, para manifestar a glória de Deus entre as nações (1,24-2,5).

De 2,6 a 3,4, depara-se a advertência que motivou o envio da carta: a Igreja é alertada diante do perigo que a ameaça por causa das doutrinas e observâncias preconizadas por doutores “heréticos” chegados a Colossas. No centro desta parte polêmica, eleva-se uma nova celebração da vitória de Cristo sobre os poderes celestes, vitória à qual os fiéis são associados por seu batismo (2,6-15) e que fundamenta a liberdade cristã contra toda tentativa de escravização (2,16-3,4).

A exortação toma a seguir um sentido mais geral (3,5-4,6). Ela se apóia de novo no batismo: despojados do velho homem, os fiéis se revestiram do homem novo, cuja vida se realiza na comunidade cristã, tanto pelo modo de proceder como pelo culto (3,5-17).

Vêm então recomendações no tocante às relações com os demais: são os quadros tradicionais que tratam da vida familiar e social, integrada “no Senhor” e dotada por isso de um sentido novo (3,18-4,1). A epístola termina com um apelo à vigilância e à prece (4,2-4), uma indicação sobre as relações com os não-cristãos (4,5-6) e uma longa lista de saudações e mensagens pessoais (4,7-17), que acabam com a saudação final do apóstolo (4,18).

A crise de Colossas. 1. Os dados da epístola. Paulo, prisioneiro (4,3.10.18), dirige esta carta

aos cristãos de Colossas (1,2). Ele nunca foi a esta localidade (1,4; 2,1) situada na Frígia (Ásia Menor), 200km a oriente de Éfeso. Durante a longa estada do apóstolo em Éfeso (At 19), o seu discípulo Epafra, colossense de origem (4,12), fundou esta comunidade (1,7) ao mesmo tempo que a de Hierapólis e Laodiceia (4,13), duas cidades vizinhas situadas igualmente no vale do Lico. Laodiceia figura entre as “sete igrejas” da Ásia nomeadas pelo Apocalipse (1,11; 3,14), e chegou-se a pensar na hipótese de ter sido a destinatária da epístola dita “aos Efésios” (Cl 4,16 — cf. introd. a Ef). Segundo a Epístola, Paulo, informado da situação crítica de Colossas por Epafra, que viera juntar-se a ele na prisão (4,7), envia Tíquico, talvez portador da nossa carta (4,7-8; cf. Ef 6,21), e Onésimo (4,9). Eles serão os seus porta-vozes na provação que essas Igrejas atravessam, Igrejas que o apóstolo não fundou e nas quais as suas cadeias o impedem de intervir diretamente.

2. Um combate teológico e espiritual. Paulo já se deparou com muitas dificuldades, mas, ao contrário do que sucedeu em Corinto ou na Galácia, tudo indica que aqui as questões pessoais (rivalidades ou contestações ao apostolado de Paulo) não desempenharam papel determinante. Não obstante numerosos estudos, o teor das idéias propagadas em Colossas ainda não nos é claramente conhecido. Temos como informação apenas a própria epístola, cujas afirmações são muitas vezes alusivas; além disso, alguns termos técnicos permanecem para nós obscuros: custa discernir, às vezes, se determinada indicação deve ser atribuída aos novos doutores ou se exprime um juízo do apóstolo (assim 2,18.21.23). A tendência fundamental deste movimento consistia em procurar uma espécie de superação do evangelho apostólico. Especulações sobre o mundo dos poderes angélicos, das práticas ascéticas, um certo recurso a observâncias legalistas deviam completar a fé em Cristo e comunicar aos fiéis um conhecimento superior dos mistérios e uma vida religiosa mais conforme com suas aspirações. Encontram-se aí alguns traços do “evangelho

judaizante" que Paulo já combatera na Galácia, mas um evangelho judaizante que teria evoluído e se apresentaria mais evadido de esoterismo; nele discernem-se tendências que descambariam nos sistemas elaborados da gnose do século II. Um vocabulário novo se desenvolve; vestígios dele encontram-se nos escritos posteriores do NT e fora dele.

Características da epístola. Marcada por este confronto, a Epístola aos Colossenses manifesta certa originalidade com relação às cartas anteriores de Paulo:

a) Observa-se uma mudança de estilo que se acentuará em Efésios: acúmulo de sinônimos, enfiadas de complementos, desenvolvimentos litúrgicos (1,3-8.9-20), frases às vezes obscuras ou incorretas (2,18-19.20-23), multiplicando incisos, orações participiais ou relativas...

b) Do ponto de vista do vocabulário, constata-se igualmente uma evolução. Termos já empregados por Paulo produzem em torno de si uma cristalização inédita do pensamento: cabeça, corpo; autoridades e poderes, elementos do mundo; mistério, economia, plenitude; sabedoria, riqueza, conhecimento etc. (pode-se notar uma forte influência da literatura sapiencial). O termo "santos" predomina para designar os cristãos.

c) O próprio pensamento sofre uma mutação, às vezes quase imperceptível, mas que anuncia novas perspectivas. Convém pôr em relevo sobretudo as acentuações e modificações seguintes:

— a exaltação de Cristo assume toda a sua dimensão cósmica; ele é celebrado como cabeça do universo e das potências, e como cabeça da Igreja;

— o conceito de Igreja se modifica: a idéia de corpo que, em 1Cor 12, exprimia a unidade na diversidade no seio da comunidade adquire, também ela, uma amplitude universal; mais nitidamente do que em 1Cor, a Igreja (corpo) é distinta de Cristo (cabeça);

— as categorias espaciais (em cima, embaixo) predominam sobre as categorias temporais e escatológicas. O Reino é situado acima de nós, como realidade que nos domina (1,13; 3,1-4) e não à nossa frente, como realidade vindoura (cf. Mc 1,15);

— a teologia do batismo sofre por consequência uma notável modificação. Em Rm 6, Paulo expri-

miou no passado a nossa união à morte de Cristo e no futuro a nossa participação em sua ressurreição; Colossenses afirma que o batizado morreu e já ressuscitou com Cristo (cf. 2,12 nota; 3,1).

— a noção de "pleroma", os temas de sabedoria e iluminação se substituem às noções jurídicas associadas, em Paulo, à ação do Espírito. O Evangelho tende a tornar-se "mistério".

Todos esses traços reaparecerão em Efésios: as semelhanças de estilo e pensamento entre as duas epístolas constituem um problema específico (ver introdução a Efésios).

Autenticidade. Os principais elementos que entram em consideração são os seguintes: 1º Os critérios literários e teológicos que acabamos de resumir. Segundo a importância que se lhes atribua e à medida que se insiste mais nas semelhanças ou nas diferenças com relação às demais epístolas, considera-se a carta como obra do apóstolo, chegado ao fim da sua carreira; como obra de um secretário ou de um dos seus discípulos imediatos; ou enfim como obra mais tardia da assim chamada "escola paulina". 2º Os dados que permitem definir as relações entre Colossenses e as outras epístolas. Estes são complexos: a carta aos Colossenses tem traços de semelhança com epístolas de épocas bastante diferentes. Um tema como o dos "elementos do mundo" e certos modos de exprimir-se aproximam, por exemplo, Colossenses de Gálatas (cf. Gl 4,1-11 e Cl 2,6-23). Por outro lado, Colossenses forma com Filêmon e Efésios um grupo caracterizado por idêntica situação. Paulo, prisioneiro (Fm 9.10.13.23; Ef 3,1; 4,1; 6,20), encarrega Tíquico e Onésimo de missão análoga (Fm 12; Ef 6,21-22). Colossenses não deixa de vincular-se também a Filipenses, outra carta do cativo. — Esses elementos, todavia, não são decisivos e é possível admitir empréstimos de uma epístola a outra. 3º A natureza exata da crise de Colossas. Ainda neste particular, entretanto, é difícil fornecer uma data segura. A imprecisão das alusões às doutrinas e às práticas, a duração dos fenômenos de contágio entre a fé cristã e os movimentos pré-gnósticos não nos permitem dizer com certeza o momento em que o conflito teria surgido.

Levando em conta o conjunto desses dados, três tipos de solução foram propostos:

a) A opinião corrente situa Colossenses, com

Filémon, Efésios e Filipenses, na última fase do ministério de Paulo, no tempo do seu primeiro cativo romano (61-63). Colossenses representaria o primeiro esboço da sua síntese teológica, que desabrocharia em *Efésios*: o pensamento do apóstolo se eleva mais alto e olha para mais longe, para manifestar a significação universal da cruz e da exaltação de Cristo, para desvendar as últimas implicações do mistério da salvação na Igreja. Explicam-se assim as mudanças de estilo e de perspectiva desta nova síntese do paulinismo. A hipótese de uma composição de Colossenses durante o cativo em Cesaréia (de 58 a 60) entra em um quadro histórico análogo. A crise da Galácia nos mostra, por outra parte, que a evolução das idéias pôde efetuar-se bastante cedo.

b) Entre os defensores da origem paulina da epístola, vários a situam, com *Filipenses* e *Filémon*, não no fim, mas no centro da atividade missionária e literária de Paulo, entre os escritos que remontam à longa estada em Éfeso (de 54 a 57), durante a qual se pode supor um cativo do apóstolo (sobre as dificuldades de Paulo nesta cidade, cf. *1Cor* 15,32; *2Cor* 1,8-10). Assim se podem explicar as relações próximas e constantes entre o apóstolo e as Igrejas da região, mas não se conta com um espaço de tempo muito prolongado para situar a elaboração de Colossenses, e isto força a afastá-la de *Efésios*, que, neste caso, é geralmente tida como não-paulina.

c) Na extremidade oposta, há aqueles para os quais a situação da Igreja, o conteúdo e a forma da epístola convidam a considerar Colossenses como um escrito representativo da geração pós-apostólica. As preocupações escatológicas se esbateram e, diante das primeiras investidas da gnose, a Igreja faz apelo à autoridade apostólica, legitimando o ministério e a pregação de Epafros em nome de Paulo. Ao mesmo tempo, a epístola nos revelaria a estatura que este último adquirira aos olhos dos cristãos no fim do século I (cf. *2Pd* 3,15-16).

Alcance da epístola. Se as opiniões a respeito da data ou da atribuição da carta podem ser tão diversas, elas se conciliam para reconhecer que a Epístola aos Colossenses concorda fundamentalmente com a mensagem que Paulo formulou em outras circunstâncias: nós somos plenamente cumulos em Cristo. Ele é tudo para a nossa

justiça (*Gálatas* e *Romanos*), tudo para o nosso destino, nossa morte e nossa vida (*Colossenses*). Cautela para não enfiar de novo o dedo na menor engrenagem da lei, pois isso seria voltar à escavidão anterior (Gl)! Atente-se para não associar ao lado, acima, abaixo da soberania de Cristo, algum culto às potências: seria voltar à servidão (Cl)! Eleva-se o mesmo cântico da liberdade cristã. Impõe-se o mesmo recurso ao batismo como acontecimento irreversível que nos arrancou a toda outra justiça (Gl, Rm) e a todo outro poder diferentes dos de Cristo (Cl). E se o leitor tem a impressão de passar de uma linguagem antes marcada pelo tempo e pela expectativa da vinda do Senhor, para uma linguagem dominada pelo espaço e pela exaltação de Cristo como cabeça do universo, é a serviço da mesma proclamação: Cristo morreu e ressuscitou de uma vez por todas; de uma vez por todas nós estamos unidos a ele. Ligada à sua vida, a nossa está vitoriosamente estabelecida nos "lugares celestes", onde se agitam as potências que poderiam ameaçar a nossa libertação. Isto não significa incitar-nos à evasão, mas, como indica o fim da epístola, conduzir-nos a uma existência autêntica.

À primeira vista, nada mais estranho para nós do que essas alusões a potências que povoariam o mundo supraterebre, anjos e forças a controlar o curso dos planetas e dos destinos. Nada mais estranho do que as prescrições alimentares ou práticas rituais às quais os cristãos de Colossas são tentados a se associar. Mas, por pouco que o leitor atente a essas questões e se compenetre da resposta apostólica, compreende a repercussão desta epístola em nossa atualidade. As potências mudaram de nome, as nossas tentativas para conciliar-nos com elas ou para lhes escapar não são mais as mesmas, e no entanto os colossenses são nossos irmãos. O homem do século XX, mesmo o cristão, sente uma dificuldade análoga de saber-se responsável. Sente-se juguete de forças que arrastam o planeta numa evolução irreversível. A salvação não pode mais consistir somente em uma obediência pessoal a uma lei ou a uma moral muitas vezes rejeitadas, mas no fato de escapar às garras de uma alienação ameaçadora. Também para nós põe-se a questão determinante da relação entre Cristo e o universo: que vínculo pode existir entre o que nós entrevemos do cosmo e o Evangelho pregado e acolhido?

EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, após-tolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo^a, o irmão, ²aos santos de Colossas, irmãos fiéis em Cristo^b; a vós graça e paz da parte de Deus, nosso Pai^c.

Ef 1,1-2;
1Cor 1,1-2

Ação de graças pelo Evangelho. ³Damos graças^d a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, na oração que não cessamos de lhe dirigir por vós; ⁴ouvimos falar de vossa fé em Jesus Cristo e do vosso amor por todos os santos, ⁵na esperança que vos aguarda nos céus^e; esta esperança vos foi anunciada pela palavra da verdade, o Evangelho ⁶que chegou até vós^f; assim como ele frutifica e cresce^g no mundo inteiro, assim também o faz entre vós desde o dia em que recebestes e conhecestes em sua verdade a graça de Deus, ⁷segundo o ensinamento que vos foi dado por Epafra^h; nosso amigo e companheiro de serviço, que nos supreⁱ fielmente como ministro de Cristo. ⁸nos descreveu com que amor o Espírito vos animar^j.

Ef 1,15-16;
Fm 4,5
Rm 1,8-9;
1Ts 1,2;
Cl 1,12;
2,7; 3,17;
4,2;
Ef 5,4-20
IPd 1,3-4

Ef 1,13

1,10;
Mc 4,8

4,12;
Fm 23

Prece pela Igreja. ⁹Eis por que, da nossa parte, desde o dia em que o soube-
mos, não cessamos de rezar por vós. Pedimos a Deus que tenhais pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e penetração espiritual^k, ¹⁰para que leveis uma vida digna do Senhor, procurando a sua total aprovação. Por todo o bem que fizerdes, produzireis fruto e progredireis no verdadeiro conhecimento de Deus; ¹¹sereis fortificados sob todos os aspectos pelo vigor da sua glória e assim, levados a uma perseverança e a uma paciência a toda prova.

Ef 1,
8.15-16

Ef 4,1;
1Ts 2,12;
Fl 1,27

Ef 1,19;
3,16; 6,10

Cântico ao Cristo, Senhor do universo. Com alegria^l, ¹²dai graças ao Pai que vos tornou^m capazes de partilhar da herançaⁿ dos santos na luz.

¹³Ele nos arrancou ao poder das trevas e nos transferiu para o Reino do Filho do seu amor; ¹⁴nele somos libertos; nossos pecados são perdoados.

Ef 1,11.18;
Dt 33,3-4;
Sl 5,5;
At 20,32;
IPd 1,4
Ex 14,30;
At 26,17-18
Ef 5,8;
Jo 8,12;
IPd 2,9
Mt 3,17
Ef 1,7;
Rm 3,24

a. Timóteo: ver At 16,1 nota.

b. Outra construção possível: *aos irmãos em Cristo, santos e fiéis, que habitam Colossas*.

c. Numerosas testemunhas acrescentam: *e do Senhor Jesus Cristo*.

d. A ação de graças (lit. a eucaristia), frequente no início das epístolas (Rm 1,8), adquire aqui uma importância particular e dá o tom à carta (cf. 1,12; 2,7; 3,15-17; 4,2).

e. Sobre a trilogia *fé, amor, esperança*, cf. 1Cor 13,13 nota. As três virtudes não estão situadas aqui exatamente no mesmo nível, visto que a esperança é introduzida por uma preposição. Ela assume um significado novo: designa menos o fato de esperar do que o próprio conteúdo da espera (Ef 1,18; Hb 6,19; IPd 1,4). Cf. a expressão "ter esperanças".

f. Outros constroem: *que chegou até vós bem como no mundo inteiro, onde produz fruto...*

g. O Evangelho é considerado como um poder em andamento; o seu advento se exprime nas imagens da fecundidade e do crescimento, repetidas mais adiante (1,10) ao falar dos próprios colossenses.

h. A mensagem de Epafra (cf. Introd.) reveste-se assim de autoridade apostólica, confirmação tanto mais importante, pois a epístola luta contra a difusão de novas doutrinas.

i. Lit.: *que está por nós* (em nosso lugar). Outra versão: *que é por vós*; o sentido passa a ser: *um fiel ministro do Cristo para convosco*.

j. Lit. *vosso amor em Espírito*. É a única menção ao Espírito na epístola.

k. Cl emprega com predileção este vocabulário (2,2-3...) tanto mais porquanto a luta empenhada implica o conhecimento. A sabedoria está irreversivelmente vinculada, pela epístola, à ação histórica de Deus em Jesus Cristo e concerne à conduta cotidiana, que dela deriva.

l. Com alegria: pode também ser ligado ao que precede.

m. Var.: *nos tornou*. As indicações variáveis dos mss. relativas aos pronomes pessoais traduzem as hesitações dos copistas; elas nos esclarecem acerca da exortação apostólica: o autor aparece ao mesmo tempo como quem fala com autoridade em nome de Cristo e como quem é objeto duma graça igual à dos seus destinatários (1,7.12; 2,13; 3,4).

n. No AT designa-se assim o quinhão da terra prometida destinado a cada família de Israel, que se torna assim participante da herança comum (Js 14,1-5); doravante, os pugões são co-herdeiros do Reino (Ef 1,11-14; 2,11-22). Nos textos de Qumran, esta herança implica a associação da comunidade terrestre à comunidade celeste: "Aos que Deus elegeu, deu-lhes uma posse eterna, colocou a sua herança no quinhão dos santos, com os filhos dos céus, associou a sua assembléia segundo o ideal da comunidade" (Regra da comunidade 11,7 e 8). Neste sentido, há quem identifique aqui os santos com os anjos (cf. já Jó 5,1; Zc 14,5). Em Cl e Ef, trata-se na realidade dos membros do povo de Deus, em outras palavras, dos batizados.

o. A fórmula lembra a expressão *Filho bem-amado* das narrações do batismo de Jesus (Mt 3,17 par.) e o título de Ef 1,6. Como em Rm 1,4 ela designa aquele que a ressurreição entroniza como Filho único.

Fl 2.6 ¹⁵ Ele é a imagem do Deus invisível⁴,
 Hb 1.6: Primogênito de toda criatura⁵,
 Rm 8.29 ¹⁶ pois nele tudo foi criado,
 Ef 1.10 nos céus e na terra,
 tanto os seres visíveis como os invisíveis,
 Tronos⁶ e Soberanias,
 Ef 1.21 Autoridades e Poderes.
 Tudo foi criado por ele e para ele,
 Jo 8.58: ¹⁷ e ele existe antes de tudo⁷;
 3.31 tudo nele se mantém⁸,
 Ef 1.22: ¹⁸ e ele é a cabeça do corpo, que é a
 4.15: 5.23: Igreja⁹.

Ele é o começo,
 o Primogênito dentre os mortos,
 a fim de ocupar em tudo o primeiro lugar.
¹⁹ Pois aprovou a Deus
 fazer habitar nele toda a plenitude¹⁰
²⁰ e tudo reconciliar¹¹ por meio dele e para
 ele,
 na terra e nos céus,
 tendo estabelecido a paz pelo sangue
 de sua cruz¹².
²¹ E vós que outrora éreis estrangeiros,
 vós cujas obras más manifestavam a

Ap 3.14
 At 26.23;
 Rm 8.29;
 1Cor 15.20;
 Ap 1.5
 Sl 132.13-14;
 Mc 1.11
 Cl 2.9;
 Ef 1.23; 4.10;
 Jo 1.16
 Ef 1.10; 2.16
 Ef 2.14-17;
 Rm 5.1
 Ef 1.7; 2.13;
 Ef 2.12
 4.18

Os vv. 12-14 têm um paralelo notável em At 26.18. As duas passagens têm em comum: o poder das trevas, a transferência de um reino para outro, a herança, o perdão dos pecados, a entrada na sociedade dos santos.

p. Os vv. 15-20 (para alguns 12-20) constituem um hino que celebra a grandeza universal de Cristo (cf. os dois pólos do poema, *ele*, designando Jesus Cristo, sem o nomear, e *tudo*, designando o universo). A primeira estrofe tem como centro a criação (*Ele é a imagem de Deus...*), a segunda, a ressurreição (*Ele é o começo...*). Mas elas se interpenetram mutuamente, com reflexos da segunda sobre a primeira.

A origem da passagem é discutida. Alguns vêem nela a adaptação de um hino helenístico, de inspiração estoica ou já gnóstica. Outros, com mais verossimilhança, consideram-na como uma composição cristã de inspiração sapiencial: como a Sabedoria, Cristo é *imagem de Deus* (Sh 7.26), preexiste a toda criatura (Pr 8.22-26), toma parte ativa na criação (Pr 8.27-30) e conduz os homens a Deus (Pr 8.31-36). No NT dois outros hinos celebram igualmente o papel universal de Cristo: Jo 1.1-18; Hb 1.1-4 (cf. a confissão de 1Cor 8.6).

Cristo é exaltado como cabeça do universo: um entrelaçado de alusões desenvolve esse tema. Em hebraico, *começo*, *primícias*, *chefe*, derivam da mesma raiz, a de *cabeça*, chave da passagem.

O hino enuncia todas essas afirmações a partir do acontecimento histórico da cruz: como o conjunto do NT, ele une redenção à criação, confissão do Cristo Senhor à do Cristo Salvador.

Este hino pôde ter feito parte de uma liturgia batismal (o batismo desempenha um papel preponderante mais adiante, cf. cap. 2). Em seu estado atual, a passagem prepara o alerta contra os erros propagados em Colossas (insistência sobre o tema dos seres celestes criados e reconciliados em Cristo).

q. Imagem de Deus, como o homem criado por Deus (Gn 1.26), mas também como a Sabedoria (cf. nota precedente). Platão identifica esta imagem com o mundo; Filon, com o Logos; Paulo, com Jesus (cf. 2Cor 4.4).

r. *Primogênito* implica, em Israel, preeminência e consagração (Ex 13.11-16); o termo exprime também o papel privilegiado da Sabedoria na criação (Pr 8.22).

s. Em face das especulações dos colossenses, a epístola desenvolve a afirmação apostólica da vitória pascal de Cristo sobre as potências invisíveis (Fl 2.10-11; 1Pd 3.22; 1Tm 3.16; com referência ao Sl 110.2). As enumerações paulinas (Rm 8.38; 1Cor 15.24; Ef 1.21; 3.10; 6.12; Cl 1.16; 2.15) têm como núcleo central as Autoridades e os Poderes; a lista de Ef 1.21 se distingue da de Cl 1.16 pela substituição das Soberanias pelas Potências (*dyndmeis*). Julgava-se que esses seres celestes, potências angélicas ou astrais, participavam do governo do universo físico

e do mundo religioso pré-cristão, e eles eram considerados notadamente como guardas da lei mosaica (Gl 3.19) e do seu regime (Cl 2.15 nota).

t. A expressão significa ao mesmo tempo anterioridade e supremacia.

u. Tema tomado dos estoicos, que encravavam o universo como um conjunto divino e coerente. Sr 43.26 e Sh 1.7 o adaptaram ao monoteísmo bíblico. O Filho aparece como vínculo de todas as coisas (cf. Hb 1.3).

v. O termo *Igreja* parece aqui uma adjunção explicativa, já que a palavra *corpo* pode designar o universo e ser ambíguo. Em Rm 12 e 1Cor 12, o corpo designa a comunidade dos fiéis; em Cl e Ef, Cristo, chefe das potências e do universo, torna-se a *cabeça* soberana e vivificante da Igreja, que é mais personificada (Ef 1.22; 4.15-16; 5.23; Cl 1.18; cf. 1Cor 12.21, onde a *cabeça* designa simplesmente um dos membros do corpo).

w. Lit. *pleroma*. Subentende-se Deus como sujeito. Outros contudo consideram que o sujeito da frase é o *pleroma*, personificado. Traduzem: *pois aprovou a toda a plenitude residir nele*.

Já presente nos primeiros escritos de Paulo, esse termo, *pleroma*, toma em Cl e Ef maior importância, antes de desempenhar papel considerável na gnose. No NT, ele é geralmente determinado (plenitude do tempo, das nações, da Lei, de Deus...); empregado aqui de modo absoluto, ele tem um destaque insólito. Compreende-se à luz de 2.9: a plenitude da divindade, isto é, tudo o que Deus quer nos comunicar de si mesmo em Cristo para nos introduzir e nos aperfeiçoar nele; o termo estaria então muito próximo de *pneuma* (Espírito).

Alguns vêem no *pleroma* "o universo repleto da presença de Deus"; apóiam-se no sentido passivo que esse termo tem primordialmente em grego (o que é cheio) e nos textos do AT que celebram o mundo repleto da presença e da glória de Deus (Is 63; Sl 24.1).

Seja qual for o alcance do termo *pleroma*, o v. 19 é dominado pela afirmação de que esta plenitude *reside* em Cristo. O Sl 68.17 já afirmava de maneira semelhante a habitação do Senhor no monte Sião: "Aprovou a Deus habitar nele". E a Sabedoria, que vem habitar na terra (Sr 24.7.8.10; Ba 3.38; cf. Jo 1.14) é ao mesmo tempo considerada como a moradia de Deus, habitada e repleta pelos dons messiânicos que ela comunica a seus discípulos (Pr 8.12-21).

x. Subentende-se de novo Deus, sempre sujeito da reconciliação (Rm 5.10; 2Cor 5.18.20). A reconciliação adquire aqui a sua maior extensão, englobando o céu e a terra.

y. Numerosas testemunhas acrescentam: *por ele*; talvez fosse esta a fórmula primitiva, posteriormente explicitada em *pelo sangue da sua cruz*.

hostilidade profunda, ²²eis que agora Deus vos reconciliou graças ao corpo perecível de seu Filho^a, por meio de sua morte, para vos fazer aparecer diante dele santos, irrepreensíveis, inatacáveis. ²³Mas é necessário que, por meio da fé, resistais, sólidos e firmes, sem vos deixardes desviar para fora da esperança do Evangelho que ouvistes, que foi proclamado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.

O combate do apóstolo. ²⁴Agora encontro a minha alegria nos sofrimentos que suporto por vós; e o que falta às tribulações de Cristo, eu o completo em minha carne em favor do seu corpo que é a Igreja^a; ²⁵ela tornei-me ministro em virtude do encargo que Deus me confiou a vosso respeito: completar o anúncio da Palavra de Deus^b, ²⁶o mistério^c mantido escondido no decurso das idades^d e que Deus manifestou agora aos seus santos^e. ²⁷Ele quis dar-lhes a conhecer quais são

as riquezas e a glória deste mistério entre os pagãos^f: Cristo no meio de vós^g, a esperança da glória! ²⁸É ele que nós anunciamos, advertindo cada um, instruindo cada um em toda a sabedoria, a fim de tornar cada um perfeito em Cristo. ²⁹Este é o objetivo do meu labor, do combate empreendido com a sua força que age poderosamente em mim.

2 ¹De fato, quero que saibais quão rude é o combate em que me empenho por vós, pelos de Laodicéia e por tantos outros que nunca me viram pessoalmente^h; ²quero que assim os seus corações sejam encorajados e, estreitamente unidos no amor, eles tenham acesso, em toda a sua riqueza, à plenitude do entendimento, ao conhecimento do mistério de Deus: Cristoⁱ, ³no qual estão escondidos todos os *tesouros da sabedoria* e da ciência^j. ⁴Digo isto para que ninguém vos iluda com belos discursos^k. ⁵Sem dúvida, estou ausente de corpo, mas em espírito estou convosco, feliz por ver-vos

z. Lit. *ele vos reconciliou* (var. *foi reconciliados*) em seu corpo de carne. "Corpo de carne": esta expressão rara é atestada em Qumran. Tornamos a encontrá-la com uma conotação pejorativa em 2.11; aqui ela designa o corpo físico de Cristo.

a. Versículo difícil, interpretado das mais diversas maneiras. Não se trata dos sofrimentos propriamente expiatórios de Jesus Cristo, mas das provações ligadas ao fim dos tempos (cf. Rm 5.3 e nota) e, por isso, à pregação do Evangelho (Mc 13.5-10). À medida que o apóstolo é chamado a *completar a Palavra* (v. 25), ele é destinado, como que por consequência, a sofrer até o fim as tribulações de Cristo (angústias, fraquezas, perseguições...). Essas provações são de Cristo, porque Jesus foi o primeiro a sofrê-las pelo anúncio do Reino, e também (cf. 2Cor 4.10-12), porque Cristo vive em seu apóstolo, chamado a partilhar a sorte do seu Senhor. (Ligando em minha carne a tribulações de Cristo chega-se a um sentido mais restrito: *eu completo o que falta às tribulações de Cristo em minha carne*; claro está neste caso que Paulo só pensa em sua missão única de apóstolo dos pagãos.) Uma interpretação antiga (Agostinho) e sempre em voga estende a todos os cristãos essa vocação de sofrer em comunhão com o Senhor e em benefício da comunidade eclesial: "Jesus estará em agonia até o fim do mundo" (Pascal).

b. Lit. *a economia de Deus que me foi dada a vosso respeito: completar a palavra de Deus*. Pode-se pontuar de outro modo e traduzir: *o encargo que Deus me confiou: completar a vosso respeito a Palavra de Deus*. O apóstolo é chamado a *completar a Palavra* em duplo sentido, extensivo e intensivo. Um sentido missionário: o apóstolo é mensageiro do Evangelho entre os pagãos até os confins da terra (cf. Rm 15. 15-19); e um sentido pastoral: levar todo homem à perfeição diante de Deus, pela exortação e o ensino (v. 28).

c. O mistério; cf. Ef 3.3 nota.

d. Lit. *desde os êons e as gerações*. Para alguns, esses termos designam seres personificados, como na gnose. Neste caso, traduzir: *o mistério escondido aos êons e às gerações*.

e. Os santos poderiam designar apóstolos e profetas (Ef 3.5), mas o v. 27 mostra bem que se trata dos batizados (Cl 1.2).

f. Lit. *qual é a riqueza da glória deste mistério entre os pagãos*. A presença de Cristo entre os pagãos de Colossas atesta que o designio de Deus (o mistério) chegou ao seu fim: manifestar a sua glória entre as nações (cf. At 13.45 e as citações do AT em Rm 15.7-13).

g. Ou: *em vós*.

h. Lit. *que não viram meu rosto na carne*. A epístola aos Colossenses tem de comum com Rm o fato de ser dirigida a uma Igreja que o apóstolo não fundou e ainda não visitou (cf. Introdução).

i. O mistério de Deus: Cristo. Encontram-se nos manuscritos formas múltiplas que derivam desta: *de Deus; do Cristo de Deus, isto é, Cristo; de Deus e de Cristo* etc. Cl 4.3 e Ef 3.4 falarão do mistério de Cristo. A nossa passagem mostra que a fórmula ainda não está elaborada.

j. O v. aduz um tema sapiencial (Pr 2.3-6), em que a sabedoria é comparada a um tesouro escondido e se acha associada ao conhecimento. Aqui este tema é expresso com a ajuda de Is 45.3.

k. Primeira evocação, com uma expressão mordaz, das doutrinas propagadas em Colossas. Aceitando-os, os fiéis seriam reconduzidos à escravidão (v. 8). O apóstolo luta para mantê-los na liberdade recebida em Cristo e selada pelo batismo, que será, em tudo o que vem a seguir, o ponto de referência constante.

manter o vosso posto e permanecer inabaláveis na vossa fé em Cristo¹.

1Pd 5,9

Tudo plenamente em Cristo. ⁶Prosségui pois o vosso caminho em Cristo, Jesus o Senhor, tal como o recebestes⁷; ⁷permanecei arraigados e fundados nele, firmados assim na fé tal como vo-la ensinaram, e transbordantes de gratidão⁸. ⁸"Vigiai para que ninguém vos apanhe no laço da filosofia", esse vão embuste fundado na tradição dos homens, nos elementos do mundo⁹ e não mais em Cristo. ⁹Pois neste habita corporalmente toda a plenitude da divindade¹⁰. ¹⁰"e vós vos achais plenamente cumulados" naquele que é o chefe¹¹ de toda Autoridade e de todo Poder.

Ef 4,20-21

Ef 2,20-22;

3,17;

Jd 20

Ef 5,6;

2Tm 4,3

Mt 15,6

2,20;

Gl 4,3

1,19;

2,17;

Jo 1,14

Ef 1,21-23;

3,19;

Jo 1,16

Ef 2,11;

Jr 4,4;

Rm 2,25-29;

H 3,3

3,9;

¹¹Nele fostes circuncidados com uma circuncisão na qual a mão do homem não intervém e que vos despojou do corpo

carne¹²; tal é a circuncisão de Cristo. ¹²Se-pultados com ele no batismo, com ele ainda ressuscitastes, visto que crestes na força de Deus que o ressuscitou dos mortos¹³. ¹³E vós, que estáveis mortos por causa das vossas faltas e da incircuncisão da vossa carne, Deus vos¹⁴ deu a vida com ele¹⁵;

1Pd 3,21;

Rm 6,4-11

Cl 3,1;

Ef 1,19-20;

2,5-6;

Rm 8,11;

Fl 3,10-11

Ef 2,1-5

ele nos perdoou todas as nossas faltas.

¹⁴anulou o protesto que os mandamentos exibiam contra nós¹⁶,

Ef 2,14-16

ele o fez desaparecer

e o pregou na cruz,

¹⁵ele despojou¹⁷ as Autoridades e os Poderes

Ef 1,21;

1Cor 15,24;

1Pd 3,22;

Ap 12,7-8

e os expôs publicamente em espetáculo,

ele os levou após si no cortejo triunfal da cruz¹⁸.

¹⁶Portanto, ninguém vos condene por questões de comida ou bebida, a respeito de uma festa, de uma lua nova ou de

Rm 14;

1Cor 8;

10,14-33

Gl 4,10

1. Como no v. 1, aqui as imagens são tomadas da linguagem militar.

m. Lit. *como pois recebestes o Cristo, Jesus o Senhor, andai nele*. Receber é o termo técnico da transmissão da mensagem apostólica (1Cor 11,23; 15,1-3). Cristo não é um ser mítico inserido nas hierarquias angélicas, mas o Crucificado e o Ressuscitado pregado pelos apóstolos.

n. Lit. *de ação de graças*. Pode-se traduzir, segundo outros testemunhos, *progridindo nela* (a fé) ou *nele* (Cristo) *com ação de graças*.

o. A *filosofia*, mencionada somente pelo NT, não designa algum grande sistema de pensamento, mas uma especulação religiosa.

p. Lit. *os elementos do mundo* cf. 2,20 e Gl 4,3 nota.

q. Sobre a *plenitude* (pleroma) cf. 1,19 (nota) que 2,9 precisa por meio do advérbio *corporalmente* e do complemento *da divindade*. *Corporalmente* tem sido compreendido às vezes no sentido de realmente, por causa do v. 17, em que o corpo se opõe à sombra como a realidade à figura. Mas Paulo visa aqui ao corpo de Cristo, em referência à pessoa do Ressuscitado e à Igreja; o contexto mostra como a vida divina se concentra em Cristo para se derramar, a partir dele, sobre os batizados. Apoiando-se no alcance cósmico que os termos *pleroma* e *corpo* podem ter, este v. recebeu também esta interpretação: em Cristo se reúnem a plenitude do mundo divino e a totalidade do mundo criado.

r. Fórmula um tanto polêmica, que resume de modo impressionante a mensagem da epístola: toda a plenitude em Cristo e nele só! Também foi compreendido: *vós vos achais nele associados à plenitude*.

s. Lit. *a cabeça*. Custa admitir com alguns que as potências constituam um corpo do qual Cristo seria a cabeça. O v. reproduz os temas do hino, aplicando-os exatamente à situação dos colossenses.

t. Lit. *do corpo de carne*. Torna-se a encontrar a expressão achada em 1,22. Mas ela designa aqui o corpo enquanto escravizado à carne e feito *corpo de pecado* (Rm 6,6, nota).

u. Texto fundamental sobre o *batismo*, compreendido como

participação nossa na morte e na ressurreição de Cristo. Em Rm 6, a participação na morte era formulada no passado (mortos com Cristo), a participação na ressurreição reportava-se a um futuro comum com Cristo (nós viveremos com ele) (cf. Rm 6,5 nota). Aqui um paralelismo mais estreito se estabelece: nós morremos e ressuscitamos com Cristo. Os dois verbos estão no passado: é uma antecipação que as epístolas anteriores não tinham feito. O objetivo permanece igualmente concreto: afirmar aos cristãos sua libertação com relação a toda potência. Ef iri ainda mais longe cf. Ef 2,5-6 nota.

v. Outra versão: *nós* (cf. 1,12 nota).

w. Os vv. 13c-15 parecem reproduzir um hino que celebrava a vitória da cruz em estilo dramático e com um vocabulário original que empregava alternadamente termos jurídicos e militares.

x. Outras traduções: *Ele anulou, em detrimento dos mandamentos, o documento acusador, que se voltava contra nós*; ou então: *ele anulou o documento acusador que nos era contrário em virtude dos mandamentos*. O bilhete que traz o comprovante da nossa dívida pode designar seja a lei mosaica, seja o registro em que Deus assenta as contas da humanidade (cf. Sl 139,16 e a oração judaica: "Por tua grande misericórdia apaga todos os documentos que nos acusam"). A imagem do comprovante da dívida não deve ser tomada em sentido muito estrito: ela exprime a adesão dada aos mandamentos de Deus, quer por meio da lei mosaica, quer por meio da consciência (cf. Rm 2,14-16) e que se volta contra os signatários insolventes.

y. Outra interpretação: *ele se despojou das Autoridades e dos Poderes* (desfazendo-se do seu corpo de carne, cf. v. 11, sobre o qual eles tinham influência). De qualquer forma, a libertação do homem com relação às exigências mortais de qualquer regime de lei (v. 14) implicou a destituição dos seres celestes que presidiam a antiga "economia" (cf. Gl 3,19 nota).

z. Lit. *triufo deleis por ela* (a cruz, nomeada no v. 14) ou, conforme outros, *por ele* (Cristo). A imagem, empregada de modo um pouco diferente em 2Cor 2,14, é a do triunfo romano: o general vitorioso avança precedido dos inimigos dominados.

Hb 8,5; 10,1 sábados^a. ¹⁷Tudo isso não passa de sombra do que devia vir, mas a realidade provém de Cristo^b. ¹⁸Não vos deixeis defraudar da vitória por gente que se compraz em uma “devoção”, em um “culto aos anjos”; eles mergulham em suas visões, e o seu entendimento carnal os incha de quimeras^c; ¹⁹eles não estão ligados à cabeça da qual o corpo todo inteiro, provido e bem-unido graças às articulações e ligamentos^d, tira o crescimento que Deus lhe dá.

A liberdade dos batizados. ²⁰Já que estais mortos com Cristo^e, e assim, subtraídos aos elementos do mundo, por que vos submeterdes a normas, como se a vossa vida ainda dependesse do mundo^f? ²¹não tomes, não proves, não toques; ²²tudo isso para coisas que se decompõem

com o uso^g? Tais são de fato *os mandamentos e as doutrinas dos homens*^h! ²³Por mais que tenham aparência de sabedoria: “religião pessoal, devoção, ascese”ⁱ, são destituídos de qualquer valor e só servem para satisfazer a carne^j.

3 ¹Visto que ressuscitastes com Cristo, procurai o que está no alto^k, lá onde se encontra Cristo, *sentado à direita de Deus*; ²é no alto que está a vossa meta, não na terra^l. ³De fato, vós estais mortos, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus. ⁴Quando Cristo, vossa vida^m, aparecerⁿ, então vós também aparecereis com ele em plena glória.

Do homem velho ao novo. ⁵Fazei, pois, morrer o que em vós pertence à terra^o: devassidão, impureza, paixão, mau desejo e a tal cupidiz que é uma idolatria^p.

a. Após o aspecto doutrinal das novidades preconizadas pelos falsos doutores, eis o aspecto prático (ascético e litúrgico). Notar quanto as observâncias mencionadas estão impregnadas de influências judaicas.

b. Lit. *mas o corpo (é) de Cristo!* sobreposição de um duplo emprego da palavra *corpo*. Por um lado, por metáfora, o corpo é oposto à sombra, como a realidade à figura (cf. Hb 8,5; 10,1). Por outro, ele designa o corpo do Cristo que constitui a realidade escatológica por excelência em sua dupla referência ao Ressuscitado e à Igreja.

c. Versículo quase intraduzível, e talvez alterado, no qual Paulo investe contra as pretensões e o esoterismo das novas doutrinas (cf. 2,21-23 e notas). As principais dificuldades são as seguintes:

1. A expressão traduzida por *que se compraz em* (hebraísmo, do qual o SI 147,10 oferece, por exemplo, uma expressão análoga) poderia ter um valor adverbial e significar *arbitrariamente*. Daí uma outra tradução: *que ninguém se atreve a vos privar da vitória pretendendo apoiar-se numa devoção*.

2. A palavra *devoção* (lit. *humildade*) parece tomada aqui em má acepção. Ela diz respeito, sem dúvida, à mesma realidade que o *culto aos anjos*; aos olhos do apóstolo, ligar-se a tais observâncias é submeter-se ao arbítrio dos intermediários celestes.

3. A expressão *eles mergulham em suas visões* (visões nas quais os anjos desempenhariam um papel) parece tomada da linguagem dos mistérios helenísticos e talvez faça alusão à visão concedida por ocasião da iniciação. Algumas testemunhas introduzem uma negação: *eles mergulham no que não viram!*

d. Traduz-se também: *cujos corpos todo inteiro, bem-unidos graças às articulações e aos ligamentos de que é abundantemente provido...* Não há construção gramatical plenamente satisfatória. O tema do corpo recebe talvez um começo de desenvolvimento alegórico (cabeça, articulações, organismo) que continua em Ef 4,15-16.

e. O desenvolvimento torna constantemente a apoiar-se no batismo, cujas expressões características encontramos sucessivamente: morte com Cristo (2,20), ressuscitar com (3,1), dar a

morte ao que, em nós, é terrestre (3,5); despojar-se, despir-se do homem velho (3,8-9; cf. Ef 4,22); vestir o novo (3,10) com tudo o que o caracteriza (3,12). A primeira antinomia (morte-ressurreição) é aplicada às doutrinas e práticas propagadas em Colossas, a segunda (despojamento-revestimento), à ética cristã.

f. Lit. *como viventes no mundo*.

g. Alguns vêem no começo do v. 22 a continuação das máximas dos doutores de Colossas e traduzem: *“O uso de todas essas coisas conduz à perdição”*.

h. Lit. *segundo os mandamentos e as doutrinas dos homens*. Alusão a Is 29,13 (cf. Mt 15,9). A expressão refere-se ao verbo *submeter-se a normas* do v. 20, do qual é separada pela enumeração dos tabus no v. 21 e a reflexão do v. 22.

i. Versículo cuja construção e expressões técnicas causam dificuldades. No caso de se entenderem estas últimas como qualidades de que os doutores se gabam, ou como práticas que o apóstolo denuncia, os termos tomam um sentido favorável ou pejorativo: *religião livremente escolhida* ou *culto arbitrário, devoção* (lit. *humildade*) no sentido de adesão a um culto ou como empreendimento legalista, *dureza para com o corpo* compreendida quer como *ascese* quer como *desprezo pelo corpo*.

j. Outra tradução: *destituídos de todo valor para domar a insubordinação da carne*.

k. Lit. *As coisas do alto*, isto é, a vida nova revelada em Jesus Cristo, em oposição ao mundo antigo (*as coisas de baixo*, v. 2). Não se trata portanto de uma depreciação das “realidades terrestres”. Isto se apóia na citação de SI 110,1, especialmente frequente no NT.

l. Lit. *Preocupai-vos com as coisas do alto, não com as que estão sobre a terra*.

m. Outra versão: *a nossa vida*.

n. A perspectiva celeste/terrestre não anula a tensão passado/futuro. Cl mantém a espera da vinda gloriosa de Cristo.

o. Lit. *vosso membros, os que estão sobre a terra* (cf. Rm 7,5, onde os membros designam o que em nós está mais comprometido com o pecado). Quis-se compreender esta expressão em sentido gnóstico: os cinco membros constituiriam respecti-

Rm 13,14

2,12;
Ef 2,6
Mt 6,20-23;
Fl 3,20-21;
Jo 3,31
Ef 1,20Gl 2,20;
Fl 1,21Rm 8,19;
ITs 4,17;
IPd 1,6-8;
JJo 3,2Rm 6,6-11;
8,13;
Gl 5,24
Mc 9,43-47
Ef 4,19-31;
5,3-5

Ef 2-3; 5,6; Rm 1,18;	tria. ⁶ Eis o que provoca a cólera de Deus ⁷ , ⁷ cis qual era a vossa conduta outrora, o que constituirá a vossa vida.	em vossos corações a paz do Cristo, à qual fostes todos chamados em um só corpo. Vivei na gratidão ⁸ .	Ef 2,14; Fl 4,7 Ef 4,4 Ef 5,4
Ef 2,1-2	⁸ Agora, pois, vós também livrai-vos de tudo isso: cólera, irritação, malvadez, injúrias, grosseria saída de vossos lábios. ⁹ Não haja mais mentiras entre vós, pois vos despojastes do homem velho, com suas práticas, ¹⁰ e revestistes o homem novo ⁹ , aquele que, para ter acesso ao conhecimento, não cessa de ser renovado à <i>imagem</i> do seu Criador; ¹¹ ai não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita ¹⁰ , escravo, homem livre, mas Cristo: ele é tudo e está em todos ¹¹ .	¹⁶ Que a palavra de Cristo ¹⁰ habite entre vós ¹¹ em toda a sua riqueza: instruí-vos e adverti-vos uns aos outros ¹² com plena sabedoria; cantai a Deus, em vossos corações, a vossa gratidão ¹³ , com salmos, hinos e cânticos inspirados pelo Espírito ¹⁴ . ¹⁷ Tudo o que podeis dizer ou fazer, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças, por ele, a Deus Pai.	Ef 4,29 Rm 15,14; 1Ts 5,11 Ef 5,18-20; 1Cor 14,15 Rm 14,7; 1Cor 10,31
2Cor 4,16; Gn 1,26; Cl 1,15 Rm 10,12	¹² Visto que sois eleitos, santificados, amados por Deus ¹⁵ , revesti-vos dos sentimentos de compaixão ¹⁶ , benevolência, humildade, doçura, paciência ¹⁷ . ¹³ Supportai-vos uns aos outros, e se alguém tiver algum motivo de queixa contra o outro, perdoai-vos mutuamente; assim como o Senhor vos perdoou, fazei o mesmo, também vós. ¹⁴ E, acima de tudo, revesti-vos do amor: é o vínculo perfeito ¹⁸ . ¹⁵ Reine	As novas relações. ¹⁸ Esposas, sede submissas a vossos maridos ¹⁹ , como convém no Senhor. ¹⁹ Maridos, amai as vossas mulheres e não vos irriteis contra elas. ²⁰ Filhos, obedecéis em tudo aos vossos pais, eis o que o Senhor espera de vós. ²¹ Pais, não exaspereis os vossos filhos, para que não desanimem. ²² Escravos, obedecéis em tudo aos vossos senhores deste mundo ²⁰ . Servi-os, não porque sois vigiados, como se procurásseis agradar aos homens, mas com a simplicidade de coração dos que temem ao	Ef 5,22-23; 1Cor 7; 11,3; 1Pd 3,1-7; Tt 2,5 Ef 6,1-4; 1Pd 5,5; Hb 12,6-11 Ef 6,5-9; Lv 25,43; 1Cor 7; 21-23; 1Tm 6,1-2; Tt 2,9-10; Fm; 1Pd 2,18-20
Ef 4,1-3; Fl 2,1-4 Ef 4,32; Gl 5,22 Mt 11,29 Mt 6,14; 1X,24-35; 2Cor 2,5-11 Ef 5,2; Jo 15,12; Rm 15,7 Rm 13,8-10;	vamente o homem velho e o homem novo (cf. os cinco vícios e as cinco virtudes dos vv. 5 e 12). p. Numerosas testemunhas acrescentam segundo Ef 5,6: <i>sobre as que lhe resistem</i> , o que modifica o sentido do que segue: <i>eis quem outrora freqüentáveis</i> . q. A expressão <i>homem novo</i> (aqui e em Ef 2,15; 4,24) traduz a transformação radical da existência, significada pelo batismo. O AT anuncia a renovação do homem sob a influência do Espírito, que lhe dá um <i>coração novo</i> , capaz de conhecer a Deus (Ez 36,26-27; cf. Sl 51,12). Por meio de uma nova criação realizada em Cristo, segundo Adão (1Cor 15,45) e <i>imagem de Deus</i> (Cl 1,15), o homem é conduzido à sua humanidade verdadeira: ele é <i>criado segundo Deus na justiça e na santidade</i> (Ef 4,24) e se encaminha, pela obediência, rumo ao verdadeiro conhecimento (Cl 3,10; cf. Gn 2,17). Este homem novo constitui a humanidade nova para além das velhas distinções de raça, religião, cultura, classe social (Cl 3,11); ele tem, portanto, um caráter ao mesmo tempo coletivo (a Igreja) e pessoal (o batizado). r. Habitando o litoral norte do mar Negro, os citas eram tidos como os mais atrasados dos homens. s. Outra tradução: <i>ele é tudo em tudo</i> . Este v. dá nova formulação a um tema de catequese batismal (cf. 1Cor 12,13; Gl 3,28 nota). Sem por isso desaparecerem, as antigas categorias da humanidade perdem o seu poder determinante e exclusivo para os que se revestiram do homem novo pelo batismo. Sob este ponto de vista, Cristo já é tudo em todos, à espera de que no Reino do Pai o próprio Deus se torne <i>tudo em todos</i> (1Cor 15,28). t. Esses qualificativos caracterizam o povo da aliança, chama-		

vamente o homem velho e o homem novo (cf. os cinco vícios e as cinco virtudes dos vv. 5 e 12).

p. Numerosas testemunhas acrescentam segundo Ef 5,6: *sobre as que lhe resistem*, o que modifica o sentido do que segue: *eis quem outrora freqüentáveis*.

q. A expressão *homem novo* (aqui e em Ef 2,15; 4,24) traduz a transformação radical da existência, significada pelo batismo. O AT anuncia a renovação do homem sob a influência do Espírito, que lhe dá um *coração novo*, capaz de conhecer a Deus (Ez 36,26-27; cf. Sl 51,12). Por meio de uma nova criação realizada em Cristo, segundo Adão (1Cor 15,45) e *imagem de Deus* (Cl 1,15), o homem é conduzido à sua humanidade verdadeira: ele é *criado segundo Deus na justiça e na santidade* (Ef 4,24) e se encaminha, pela obediência, rumo ao verdadeiro conhecimento (Cl 3,10; cf. Gn 2,17). Este homem novo constitui a humanidade nova para além das velhas distinções de raça, religião, cultura, classe social (Cl 3,11); ele tem, portanto, um caráter ao mesmo tempo coletivo (a Igreja) e pessoal (o batizado).

r. Habitando o litoral norte do mar Negro, os citas eram tidos como os mais atrasados dos homens.

s. Outra tradução: *ele é tudo em tudo*. Este v. dá nova formulação a um tema de catequese batismal (cf. 1Cor 12,13; Gl 3,28 nota). Sem por isso desaparecerem, as antigas categorias da humanidade perdem o seu poder determinante e exclusivo para os que se revestiram do homem novo pelo batismo. Sob este ponto de vista, Cristo já é tudo em todos, à espera de que no Reino do Pai o próprio Deus se torne *tudo em todos* (1Cor 15,28).
t. Esses qualificativos caracterizam o povo da aliança, chama-

do a imitar o comportamento de Deus em Cristo.

u. Lit. *entrâncias de misericórdia*.

v. Após a enumeração dos "vícios", vem a das "virtudes" segundo um modo de proceder que se encontra tanto no judaísmo tardio como entre os filósofos gregos. Não se devem isolar essas qualidades: elas caracterizam, em bloco, o agir do homem novo.

w. Lit. *o vínculo da perfeição*. Aqui o amor é como em 1Cor 13, o dom por excelência. Tem-se compreendido, ora que ele ligava entre si todas as virtudes cristãs, enlaçando como um cinto a veste nova, ora que era o vínculo que unia os membros do corpo (v. 15).

x. Lit. *a ação de graças* (cf. 1,3 e nota).

y. Var.: *do Senhor ou de Deus*.

z. Ou: *em vós*.

a. A epístola torna a empregar, no plano comunitário, esses termos que caracterizavam em 1,28 o ministério do apóstolo.

b. Outra tradução: *sob o efeito da graça*.

c. Não se trata forçosamente dos salmos bíblicos. Os três termos podem designar as improvisações suscitadas pelo Espírito durante a assembleia litúrgica (1Cor 12,7-8; 14,26). Lit. *cânticos espirituais*.

d. Paulo volta aqui aos preceitos morais enunciados pela filosofia corrente; todavia, a referência constante ao Senhor modifica-os profundamente. Note-se, em particular, no seio da família, a reciprocidade introduzida entre os deveres dos membros considerados fortes (maridos, pais, senhores) e dos membros tidos por fracos (esposas, crianças, escravos).

e. Lit. *segundo a carne*.

Senhor^f. ²³Seja qual for o vosso trabalho, fizci-o de boa vontade, como para o Senhor, e não para os homens, ²⁴cientes de que recebereis do Senhor a herança como recompensa^f. O "Senhor" é Cristo; vós estais a seu serviço^h. ²⁵Quem se mostrar injusto receberá a paga da sua injustiça, e não há exceção para ninguém.

Di 10,17;
1Pd 1,17;
Rm 2,11

4 ¹Senhores, tratai vossos escravos com justiça e equidade, cientes de que também vós tendes um Senhor no céu.

Preocupações missionárias e mensagens pessoais. ²Perseverai na oração: que ela vos mantenha bem alertas, em ação de graças. ³Ao mesmo tempo, rezai também por nós: que Deus abra uma porta à nossa pregaçãoⁱ, a fim de que eu anuncie o mistério de Cristo, pelo qual estou preso; ⁴que eu o publique como cumpre que fale a seu respeito^j.

Ef 6,18-20
Rm 12,12;
Fl 4,6;
1Ts 5,17-18
Mt 26,41;
1Ts 5,6
Rm 15,30;
2Ts 3,1

⁵Atinai a maneira certa de tratar os não-cristãos^k; valei-vos da ocasião^l. ⁶Sejam as vossas palavras sempre afáveis^m, temperadas de sal, com a arte de responder a cada um como convém.

Rm 12,17;
1Pd 2,12

⁷No que concerne à minha situação, tereis todas as notícias por meio de Ti-

quicoⁿ, irmão a quem amo, ministro fiel^o, meu companheiro de serviço no Senhor. ⁸É de propósito que eu vo-lo envio para dar-vos notícias nossas^p e vos confortar. ⁹Acompanha-o Onésimo^q, irmão fiel e caríssimo; ele é vosso conterrâneo. Eles vos porão a par de tudo o que sucede aqui.

Ef 6,21;
2Tm 4,12

¹⁰Saúda-vos Aristarco, que está na prisão comigo, como também Marcos^r, primo de Barnabé — vós recebestes instruções a seu respeito: se ele for ter convosco, dai-lhe boa acolhida. ¹¹Saúda-vos igualmente Jesus, a quem chamam Justo^s. Únicos entre os judeus a trabalhar comigo pelo Reino de Deus, eles têm sido para mim uma consolação. ¹²Saúda-vos Epafra, vosso conterrâneo^t: este servo de Jesus Cristo não cessa de travar por vós o combate da prece^u, a fim de que permaneçais firmes, perfeitos, dando pleno consentimento a toda a vontade de Deus. ¹³Eu presto testemunho de que ele se preocupa muito por vós, pelos de Laodicéia e de Hierápolis^v. ¹⁴Saúda-vos Lucas, o médico nosso amigo^w, e Demas^x. ¹⁵Saudai os irmãos de Laodicéia, como também Ninfá e a Igreja que se reúne

Fin 24;
Fin 24;
2Tm 4,11;
1Pd 5,13
At 4,36
1,7;
Fin 23
2,1
Fin 24
2Tm 4,10

f. Nos vv. seguintes, o Cristo *Senhor* é o único verdadeiro Amo. "*Senhor*" dos *servos* (mesmo termo *kýrios* em grego; tb. *senhores* em 4,1).

g. Paradoxo da ordem cristã: o escravo se torna herdeiro! Sobre a incompatibilidade entre a escravidão e a herança, cf. Gl 4,1-2.

h. Outra tradução: *servi-o!*

i. Lit. *Que Deus nos abra a porta da Palavra*. A mesma imagem em 1Cor 16,9; 2Cor 2,12; Ap 3,8.

j. Lit. *como é preciso que eu fale a seu respeito*. A locução *é preciso* é a mesma que se encontra nos evangelhos quando se trata de anúncios da paixão: "É preciso que o Filho do Homem sofra e morra" (cf. Mt 16,2; Mc 8,31; Lc 9,22; 17,25; 24,26; At 17,3). Outros compreendem: *como devo falar a respeito dele*, isto é, com as palavras que convêm.

k. Lit. *Conduzi-vos com sabedoria em relação aos de fora*. A expressão *os de fora* designa de modo neutro os não-cristãos (1Cor 5,12-13; 1Ts 4,12; 1Tm 3,7; cf. Mc 4,11) e, como o termo *irmãos*, deriva do vocabulário do judaísmo.

A recomendação dos vv. 5 e 6 está, aliás, no estilo dos sábios de Israel: as palavras não devem ser somente boas, cheias de graça (Pr 10,32; Ecl 10,12), mas vir também na hora certa (Pr 15,32; 25,11). No dizer dos antigos, a conversação devia unir a *graça* ao *sal*, isto é, a *amabilidade* ao *espírito*. Todas essas máximas de boas maneiras encontram-se aqui transfiguradas: o *oportunismo* cristão (*aproveitai a ocasião!*) deriva da inspiração

da graça, e o *sal* é o da sabedoria evangélica (Mt 5,13; Mc 9,50; Lc 14,34).

l. Ou: *tirai proveito do tempo* que vos é concedido. Alguns pensam no prazo oferecido antes da volta de Cristo; outros, nas ocasiões dadas, na vida corrente, de anunciar o Evangelho. Cf. Ef 5,16, onde se encontra também a mesma expressão, com um sentido mais geral. Daí as nuances da tradução.

m. Lit. *que os vossos dizeres sejam sempre em graça*.

n. A respeito de Tíquico, cf. At 20,4, nota. Alguns o consideram como portador da carta e talvez da epístola aos Efésios (cf. Ef 6,21-22).

o. Outra tradução: *o fiel assistente* (de Paulo).

p. Outra versão: *para colher notícias vossas* (mas Paulo já as tinha recebido por Epafra, cf. 1,8).

q. *Onésimo* (cf. carta a Filémon) era portanto de Colossas.

r. *Marcos* (cf. At 12,12 e nota), estaria reconciliado com o apóstolo (cf. At 15,36-39). Este v. 10 especifica o parentesco dele com *Barnabé*. A respeito de *Aristarco*, cf. At 19,29, nota.

s. Discípulo desconhecido.

t. Sobre *Epafra*, cf. Introdução.

u. Cf. Rm 15,30 e os exemplos bíblicos de Abraão (Gn 18,17-32), de Jacó (Gn 32,29), de Moisés (Ex 32,11-14).

v. A respeito de as relações entre essas igrejas, ver Introdução.

w. Cl nos informa assim que *Lucas* era médico.

x. Somente *Demas* é citado secamente; conforme 2Tm 4,9, ele vai abandonar o apóstolo.

Fm 2;
Rm 16,5
1Ts 5,27
em sua casa^y. ¹⁶Quando tiverdes lido a minha carta, empenhai-vos para que a leiam também na Igreja de Laodicéia. Quanto a vós, lede a que vier de Laodicéia^z.

¹⁷Enfim, dizei a Arquipo^a: Atende ao

ministério que recebestes no Senhor e esforça-te por cumpri-lo bem.

¹⁸A saudação de meu próprio punho, minha, de Paulo, é esta^b: Lembrai-vos das minhas cadeias. A graça esteja convosco!

1Cor 16,21;
Gl 6,11;
2Ts 3,17
Ef 3,1; 4,1;
6; 20;
Fm 1,9;
10,13
Fl 1,7,13;
2Tm 1,8;
2,19

y. *Ninfa* ou, no masculino, *Ninfas*: personagem desconhecido. Segundo os manuscritos, os pronomes variam de gênero na expressão: *na sua casa* (= casa dele, dela); algumas testemunhas têm mesmo *na casa deles*.

z. A carta aos *laodicenses* perdeu-se, a menos que a reconheçamos, com alguns, na nossa epístola aos Efésios. Este v. cons-

titui uma atestação significativa da troca de cartas entre comunidades; no início, eles formaram coleções de epístolas.

a. A respeito de *Arquipo*, cf. Fm 2. Não sabemos mais nada sobre este ministério.

b. As cartas apostólicas são geralmente escritas por um secretário (Rm 16,22; 1Pd 5,12) e autenticadas, como aqui, por uma conclusão autógrafa do autor (cf. 1Cor 16,21; Gl 6,11-18; 2Ts 3,17).

EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

Tessalônica e a fundação da Igreja. Foi no ano 50, no decurso de sua segunda viagem, que Paulo chegou a Tessalônica, capital da província romana da Macedônia. Foi a primeira metrópole aborrida por ele na Europa. Esta cidade, fundada no século IV a.C., havia adquirido importância rapidamente. A sua localização geográfica ao fundo do golfo Termaico fazia dela um porto seguro. Situada na Via Egnatia, que ligava o mar Egeu ao Adriático, era um lugar de trânsito e a saída natural de uma planície rica e de toda a hinterlândia. Primeiro sob a dominação macedônia, depois sob a dominação romana, ela desempenhou um papel político importante, notadamente por ocasião da revolta de 149 a.C., que quis sacudir o jugo romano, cada vez mais pesado. Pouco depois, a Macedônia se tornou província romana, e Tessalônica, que era a cidade mais povoada, foi escolhida como capital. Em 42 a.C., ela obteve o estatuto de cidade livre, e a administração imperial aí estabeleceu um procônsul. A cidade se desenvolveu, suas instalações portuárias foram ampliadas. Quando Paulo nela penetrou, já se tornara uma cidade comercial florescente, onde viviam numerosos estrangeiros e, entre eles, uma importante colônia judaica.

O livro dos Atos nos informa que Paulo vinha de Filipos, acompanhado de Silas e Timóteo (At 17,1-10). A permanência de Paulo em Tessalônica talvez não tenha sido tão breve quanto o faz pensar o livro dos Atos (três sábados, At 17,2). Com efeito, ele teve tempo para aí exercer um ofício (1Ts 2,9), receber várias ajudas dos filipenses (Fl 4,16) e fazer com que judeus, prosélitos e sobretudo pagãos aderissem ao Evangelho (cf. 1Ts 1,9). Mas a sua obra foi brutalmente interrompida pela reação da colônia judaica, que o forçou a uma partida precipitada. De fato, alguns judeus haviam provocado perturbações, acusando os pregadores de agir contra os decretos imperiais e arrastando alguns cristãos perante os magistrados (At 17,5-9). Os irmãos de Tessalônica, de noite, fizeram partir os missionários para a Beréia, onde os judeus de Tessalônica ainda vieram opor-se à pregação de Paulo.

Assim o apóstolo deixa uma comunidade recém-formada. Compreende-se daí a sua inquietude a respeito desses novos cristãos, abandonados a si mesmos durante a perseguição. Explica-se também a violência do tom que ele usa para falar dos judeus a seus correspondentes (2,15-16 nota).

A primeira Epístola aos Tessalonicenses. O que impressiona logo o leitor de 1 Tessalonicenses é uma grande diferença de tom com relação às outras epístolas paulinas. O apóstolo não está preocupado com alguma grande questão doutrinária. Antes de tudo, quer manifestar a intensidade dos sentimentos que o ligam a uma comunidade que acabara de fundar e deixara pouco antes. Depois de um momento de inquietude, Paulo se mostrara eufórico com as boas notícias que, enfim, recebeu. A sua alegria por ver irradiar a fé nascente da jovem igreja se exprime numa longa ação de graças (os vv. 2-10 do cap. 1 são uma só e longa frase). Não precisa corrigir erros: sabe que os irmãos de Tessalônica estão no bom caminho, que resistiram à provação. A única coisa a lhes recomendar é que perseverem nesse caminho e façam nele novos progressos. Por certo Paulo está impaciente por voltar a estar com os tessalonicenses para completar o que ainda falta à sua fé (3,10), mas ele não está preocupado: os seus correspondentes são fiéis, sabem como devem viver doravante; é preciso no máximo repetir-lhes o já dito (4,9; 5,1). Vivendo na esperança, várias vezes proclamada (1,10; 2,19; 4,16), da volta de Cristo glorioso, a Igreja de Tessalônica é uma prova de que, não obstante todos os obstáculos, o Evangelho prossegue a sua obra.

Esta alegria, esta confiança, este fervor são expressos em uma linguagem simples e direta, e 1 Tessalonicenses é como a mensagem atenta e afetiva de um pai a seus filhos (cf. 2,11-12), que sabe das dificuldades que eles precisam vencer. Na aurora da história da Igreja, revive-se com esta epístola o ardor dos primeiros combates e o entusiasmo das primeiras vitórias; nela encontramos a generosidade que marca os grandes começos.

A data. Com efeito, 1 Tessalonicenses é não somente a primeira epístola de Paulo em data, mas também o mais antigo escrito do NT. O apóstolo a enviou sem dúvida no início do ano 51 (vinte anos após a morte de Jesus), pouco depois de chegar a Corinto, onde Timóteo veio trazer-lhe notícias provenientes de Tessalônica. Sem dúvida nessa data as tradições evangélicas já haviam tomado corpo, mas os evangelhos, tais como os possuímos, ainda não haviam sido redigidos. Outros textos do NT nos relatam tradições mais antigas mas, do ponto de vista literário, 1 Tessalonicenses é o primeiro documento cristão.

A segunda Epístola aos Tessalonicenses. A opinião comumente aceita vê em 2 Tessalonicenses uma carta dirigida pelo apóstolo pouco depois da primeira. No entanto, se as duas cartas trazem a mesma assinatura e foram realmente recebidas pela Igreja antiga como cartas do apóstolo Paulo, algumas questões são levantadas a respeito da autenticidade de 2 Tessalonicenses. Que uma dezena de palavras da segunda carta não se encontrem nas outras partes da literatura paulina não é uma objeção séria: 1 Tessalonicenses as tem ainda em maior número! O fato de, na segunda carta, o sentido atribuído a certos termos não ser conforme ao que se acha nas outras epístolas de Paulo também não é indicio suficiente para recusar ao apóstolo a paternidade dessa carta. Mas uma comparação atenta das duas cartas conduz a duas observações mais importantes:

1. As semelhanças literárias entre os dois escritos são características. Expressões ou versículos inteiros de 2 Tessalonicenses parecem tomados da primeira carta, e isto nos três capítulos da segunda carta, excetuando, todavia, a instrução particular de 2Ts 2,1-12. Para bem se aperceber disso, podem-se dispor em paralelo os textos seguintes:

1Ts 1,2-3	2Ts 1,3
1Ts 2,12	2Ts 1,5
1Ts 3,13	2Ts 1,7
1Ts 3,11-13	2Ts 2,16-17
1Ts 2,9	2Ts 3,8
1Ts 5,23	2Ts 3,16
1Ts 5,28	2Ts 3,18

Tenta-se muitas vezes justificar este paralelismo, afirmando que as duas cartas teriam sido ditas num espaço de tempo bastante breve, o que explicaria esse estreito parentesco. Mas se o tem-

po que separa o envio das duas cartas é tão curto, é preciso supor uma brusca evolução da situação em Tessalônica, que nada, no primeiro escrito, deixava prever. Fica, portanto, difícil explicar que o apóstolo, dirigindo-se aos mesmos homens no espaço de algumas semanas, passe do tom apaixonado e vibrante de 1 Tessalonicenses ao tom mais solene e ao estilo laborioso que impressionam o leitor da segunda carta.

2. O ensinamento ministrado em 2 Tessalonicenses, concernente aos acontecimentos do fim dos tempos (cf. o parágrafo seguinte) não se refere ao que foi escrito em 1Ts 5,16 sobre a vinda súbita do Dia do Senhor. O fato é tanto mais curioso porquanto 1 Tessalonicenses ensina que se passará sem transição de uma paz aparente à ruína, ao passo que a segunda carta descreve a sucessão das etapas da história dos homens antes da revelação gloriosa de Cristo. Pode-se responder a isso que a apocalíptica sempre misturou os dois temas do caráter repentino do acontecimento e dos sinais anunciadores, como se vê nos próprios textos evangélicos (cf. Mc 13, par.). Entretanto, se Paulo deu, ocasionalmente, um ensinamento sobre os últimos tempos (1Ts 4,13-5,3; 1Cor 15,20-24), este não parece deixar nenhum lugar para um período de apostasia e para a vinda de um anticristo. É claro que a segunda carta é escrita essencialmente para expor este cenário apocalíptico (2Ts 2,1-12). Se se tratasse de precisar ou retificar um ensinamento anterior, por que apresentá-lo como um simples lembrete de um ensinamento que, escrito ou oral, insistia sobre a vinda inopinada do Dia do Senhor, "como um ladrão durante a noite"?

O problema permanece de pé, e sem dúvida não é capital, pois a tradição antiga nem sequer o alega. 2 Tessalonicenses corresponde certamente à situação precisa das comunidades cristãs que ficaram, aqui ou acolá, inquietas por não verem chegar o Dia do Senhor tão depressa quanto supunham. Que um escritor cristão, um responsável por uma comunidade, compenetrado do ensinamento de Paulo, haja crido dever, pondo-se sob o patrocínio do apóstolo, corrigir uma falsa e perigosa interpretação da espera da volta de Cristo é bastante verossímil, e explicaria bem a origem das disparidades de coerência que foram notadas. Este modo de proceder não decorre de uma mentalidade de falsário, como poderia fazer crer

o nosso conceito moderno da literatura: as literaturas judaicas e cristãs o utilizaram frequentemente para precisar ou aprofundar um ensinamento tradicional. Seja como for, 2 Tessalonicenses desempenhou um papel importante na história da Igreja, prevenindo-a — não obstante a obscuridade de suas alusões apocalípticas — contra toda evasão para longe das realidades do combate que os cristãos devem sustentar no mundo e lembrando que a esperança cristã é inseparável da vigilância cotidiana.

A experiência missionária de Paulo. Em 1 Tessalonicenses, sobretudo nos três primeiros capítulos, Paulo se exprime no presente, mas fazendo continuamente alusão ao passado. A cada passo do seu texto, encontramos verbos como “lembrar-se” ou “saber” no sentido de “lembrar-se deste ou daquele fato” (1.3.4.5; 2.12.5.9.11; 3.3.4.6; 4.2; 5.2). É que as relações presentes do apóstolo com os seus correspondentes só têm sentido baseando-se no que eles viveram juntos alguns meses antes: elas se enraízam na experiência, comum a Paulo e aos irmãos, do nascimento da comunidade de cristã pela proclamação missionária do Evangelho. Graças a essas recordações do passado, nós possuímos um testemunho muito precioso, pois Paulo talvez nunca se tenha entregue a confidências tão precisas e tão pessoais sobre a primeira adesão de um grupo humano à fé pascal.

Ao anúncio do Evangelho, os tessalonicenses mudaram de vida: doravante, esperam a vinda de Jesus, o Filho que Deus ressuscitou dos mortos, e Paulo pode render graças por sua fé, amor e perseverança (1.3). Esta mudança radical procede primeiramente da iniciativa mesma de Deus, da mesma escolha amorosa que fizera de Israel o povo eleito (1.4; 2.12) e Paulo bem sabe que não pode atribuir esta conversão à sua palavra humana; aliás, ele não procurou sucesso pessoal, não quis agradar aos homens (2.3). Na realidade, a sua palavra era a Palavra do próprio Deus, e é o poder de Deus, que deu àqueles gregos a capacidade de “se afastar dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro” (1.9). Essa palavra não é, portanto, o simples discurso de um homem que teria algo a dizer sobre Deus: é a Palavra de Deus, uma intervenção de Deus por seu Espírito Santo, em favor dos ouvintes do apóstolo; e a fé dos que crêem manifesta a sua eficácia (2.13).

Esta palavra, Paulo a chama também de “Evangelho” (de Deus) (2.4.9). Este termo, com efeito, designa exatamente a mensagem apostólica, a Boa Nova que ele relembrará em breve aos coríntios (1Cor 15,1ss.) e da qual 1Ts 2,9-10 talvez seja uma formulação mais arcaica. Proclamando a ressurreição de Jesus, o apóstolo se torna colaborador de Deus (3,2), pois, pelo Espírito Santo, Deus age poderosamente no íntimo dessa proclamação (1,5). Assim, Paulo explica para si um sucesso tão surpreendente quanto a acolhida da Palavra “na alegria do Espírito Santo” (1,6), em meio às provações e perseguições que a fé em Jesus acarretava (2,14). E esta ação não se limita ao nascimento da comunidade dos fiéis: no seio de todas as lutas, de todas as provações que não faltam aos novos cristãos, não cessa de retinir o apelo a uma fé mais ativa, a um amor que dá ainda mais, a uma esperança que não desfalece.

Que significa isso, senão que o poder de Deus, que operou a ressurreição de Jesus, age doravante na pregação apostólica? A ressurreição de Jesus não é o simples conteúdo de um enunciado entregue à convicção ou à arte oratória do missionário que o assume. O que é afirmado no ato de proclamar — o poder de Deus que faz viver, triunfando sobre a morte — manifesta-se nesse mesmo ato, que transforma idólatras em servidores do Deus vivo. Mais que isso, esse poder realiza neles o que já realizou em Jesus. É a razão pela qual, em 1Ts, Paulo dá tão livre curso à sua segurança, à sua satisfação, à sua certeza de fé (cf. 3,7). Ele chega até a fazer da existência da comunidade de Tessalônica sua esperança, sua alegria, o orgulho que será a sua recompensa em presença do Senhor Jesus por ocasião da sua vinda (cf. 2,19). Em outras ocasiões, ele confessará não ter outro motivo de orgulho: a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, ou simplesmente “Jesus Cristo” (1Cor 5,7). Ora, 1 Tessalonicenses nos mostra como Paulo identifica, em sua esperança, a comunidade na qual Cristo está agindo com o próprio Cristo. E da glória que espera do Reino futuro (2,12), ele já possui uma antecipação: suscitando a fé no coração dos homens, Deus já glorificou, de certo modo, o seu colaborador: “Sim, sois vós que sois a nossa glória e a nossa alegria” (2,20).

Em sua atividade missionária, Paulo fez, portanto, a experiência da atualidade do mistério da morte e ressurreição de Cristo: não é um aconte-

cimento que pertenceria somente ao passado. As comunidades cristãs e ele próprio estão arrostando a provação que foi a de Jesus (1,6; 2,14). E nessa história, em que a morte está em ação, ele viu jorrar a vida e a glória do Ressuscitado.

O ensinamento escatológico. A. Primeira carta. Se os três primeiros capítulos de 1 Tessalonicenses consistem sobretudo numa recordação do passado e se o tom desse escrito, como vimos, faz dele uma carta à parte, nela se acha também um ensinamento de tipo particular concernente à escatologia, isto é, aos acontecimentos do fim dos tempos. Este ensinamento não se limita à instrução precisa de 4,13-5,3, pois a esperança da volta de Cristo é a certeza que pontua toda a epístola (cf. 1,10; 2,19; 3,13) e que fundamenta a conduta cristã: o cristão é o homem desta espera. O Dia do Senhor anunciado pelo AT, isto é, o dia em que Deus se revelará como juiz dos justos e dos ímpios, é compreendido por Paulo como o Dia de Cristo, o dia em que ele virá em sua glória de Filho de Deus para a salvação dos fiéis e a perdição dos maus. Naquele dia, é preciso que os cristãos sejam encontrados irrepreensíveis.

Além do mais, este dia é esperado dentro de um prazo bastante curto (4,15: nós, os vivos, que tivermos ficado até a vinda do Senhor); a primeira geração cristã — e Paulo com ela — acreditava numa volta próxima de seu Senhor. É a propósito de uma questão particular que o apóstolo deve esclarecer o seu pensamento. Qual será a sorte dos cristãos mortos antes da volta de Cristo? Eles, que perderão a vinda do Senhor em sua glória, levarão desvantagem com relação aos cristãos ainda em vida? Vê-se que esta questão deve ter surgido bastante cedo nas comunidades cristãs. A incerteza quanto à data exata da volta de Cristo empunha cada fiel ao risco de morrer antes do dia tão esperado. O apóstolo dissipa os temores dos seus correspondentes (4,13-18). A esperança permanece, pois está fundada na ressurreição de Cristo e no poder de Deus, que ressuscitou Jesus; um cristão não é um morto para sempre. O Ressuscitado não esquecerá nenhum dos seus, e todos participarão do grande Dia e da glória. Os cristãos mortos ressuscitarão primeiro, quando chegar o momento, e, em companhia dos cristãos vivos, irão ao encontro do Senhor para permanecer como ele para sempre.

Paulo dá esse ensinamento fazendo referência a uma palavra do Senhor (cf. 4,15 nota) e empregando as imagens tradicionais da apocalíptica judaica (voz do arcanjo e trombeta de Deus anunciando a decisão divina). É significativo que o apóstolo julgue inútil deter-se em precisar os tempos e os momentos, para insistir sobre a instantaneidade daquele Dia que virá como um ladrão durante noite. Os homens se julgarão em paz, e é então que a ruína desabarará sobre eles (5,2-3). A única preocupação dos cristãos será, portanto, estar sempre prontos a acolher o seu Senhor, vigiar sem trégua.

B. Segunda carta. Em 2 Tessalonicenses, a preocupação do autor é totalmente diversa. Certos cristãos, por estarem persuadidos da volta iminente de Cristo procedem como se o Dia do Senhor já tivesse chegado, valendo-se de um ensino apostólico malcompreendido (2Ts 2,1-2). Certos membros da comunidade vivem na desordem (3,6), abolido provavelmente os percalços da vida cotidiana e abandonando o próprio trabalho (3,10-12). As especificações dadas no cap. 2 sobre os acontecimentos que devem preceder a vinda do Senhor correspondem a esta situação. Elas visam prevenir toda antecipação falaciosa, combater toda utopia. Com efeito, se Cristo deve vir castigar os incrédulos e fazer os crentes participarem da sua glória (1,8-10), esta vinda só pode realizar-se após uma série de catástrofes, como os apocalipses judaicos sempre afirmaram a propósito dos últimos tempos e como o próprio Jesus anunciou, conforme dizem os evangelhos (cf. Mc 13 par.). Pode-se resumir o desenrolar dos acontecimentos da seguinte forma:

1. Satanás já está em ação neste mundo. Disto são sinal as perseguições sofridas pelos cristãos, e a partilha do mundo se faz primeiro entre fiéis e ímpios. Mas esta impiedade irá crescendo, mentira e injustiça se difundirão. As seduções (a ilusão) serão o pior perigo: haverá o risco de se tomar o falso pelo verdadeiro e o injusto pelo justo.

2. Depois, virá o tempo da apostasia, quando, no momento aprazado, se manifestar um personagem chamado o Ímpio, verdadeiro Anticristo, que será como uma encarnação de todas as potências do mal. Os milagres e prodígios que ele realizará acabarão extraviando os que não tiverem acolhido o amor da verdade (2,10). No seu orgulho, ele

chegará a querer passar por Deus mesmo, e tomar assento no Templo.

Se este Ímpio ainda não veio no momento em que a carta é escrita, é que alguém e algo ainda o retém (cf. 2,6-7 nota), sem que se possa saber exatamente quem é assim designado. Decerto os destinatários desta carta são julgados capazes de captar a alusão. Em todo caso, é claro que, para o autor, um prazo indeterminado — ligado a este misterioso obstáculo — ainda separa o tempo em que ele escreve do tempo em que o Ímpio manifestará abertamente seu poder satânico.

3. Somente após a vinda deste Ímpio é que o Senhor se revelará, por sua vez, e aniquilará tal adversário.

Aqueles, portanto, que em Tessalônica julgam poder viver como se o Dia do Senhor já tivesse chegado esqueceram o ensinamento do apóstolo (2,3), estão no erro em sua euforia e poupam-se erroneamente às lutas e perturbações dos últimos tempos. Antes da vitória final de Cristo, o combate a travar será ainda mais duro, a vigilância e o discernimento, mais necessários do que nunca. Certamente o Evangelho chamou os cristãos a participar da glória de Cristo (2,14), mas antes da glória há a perseguição e o sofrimento (1,4-5) que ninguém pode atravessar, sem progredir no amor, na fé e na perseverança.

A proximidade do fim é pois claramente relativizada se comparada com 1 Tessalonicenses. Para 2 Tessalonicenses, justamente por viverem nos

inícios dos tempos apocalípticos, é que é preciso opor-se a um dismantelamento precipitado da ordem estabelecida na comunidade e na sociedade (recusa ao trabalho). É preciso afastar-se (3,6) dos que querem viver na aparência de uma vitória ainda não alcançada e, se necessário, cortar toda relação com eles (3,14). É o último ato do drama que transformará as situações, mas ainda não se chegou sequer ao penúltimo ato. Vê-se que 2Ts é o primeiro texto que coloca nestes termos o problema que o cristianismo se reproporá ao longo das gerações, por todo o tempo que pensar a própria fé e esperança no quadro da representação apocalíptica.

As Epístolas aos Tessalonicenses são ambas testemunhos fundamentais sobre a Igreja antiga e sua esperança. A ausência de longos desenvolvimentos dogmáticos não faz delas escritos de menor monta, pois, na sua relativa simplicidade, elas mencionam tudo o que constitui a fé comum dos primeiros cristãos e a experiência dos primeiros missionários: o amor de Deus que chama; o senhorio de Cristo, cuja volta se espera ardentemente, a ação transbordante do Espírito na palavra do anúncio e na vida das comunidades, a certeza da ressurreição, a perseverança em meio à perseguição, o amor fraterno que torna solidários os cristãos e as comunidades... Como poderia o cristão não retornar constantemente a esta fonte? Como não encontrar aí sempre um convite a viver, no próprio tempo, a mesma esperança e com o mesmo ardor?

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

1 Endereço e saudação. ¹Paulo^a, Silvano e Timóteo^b à Igreja^c dos tessalonicenses que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. A vós, graça e paz^d.

At 15,40;
16,1:

A fé dos tessalonicenses no Evangelho.

2,13;
Fl 1,3-4

²Damos continuamente graças a Deus^e por todos vós, quando fazemos menção a vós em nossas orações; sem cessar, ³conservamos a lembrança de vossa fé ativa, de vosso amor sacrificado e de vossa perseverante esperança, que nos vêm de nosso Senhor Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai^f, ⁴bem sabendo, irmãos amados de Deus, que ele vos

5,8;
1Cor 13,13

escolheu^g. ⁵Com efeito, o anúncio do Evangelho^h que efetuamos entre vós não ficou em discurso, mas manifestou o poder, a ação do Espírito Santo e uma realização maravilhosaⁱ.

2,13;
1Cor 2,4-5

E foi assim mesmo, como bem sabeis, que isto nos sucedu entre vós, em vosso favor. ⁶E vós nos imitastes, a nós e ao Senhor^j, acolhendo a Palavra^k em meio a muitas tribulações, com a alegria do Espírito Santo: ⁷assim vos tornastes um modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia^l. ⁸A partir de vós, com efeito, a palavra do Senhor repercutiu não só na Macedônia e na Acaia, mas a nova de

2Ts 3,9
Lc 8,13

a. Ao contrário do que faz muitas vezes, Paulo não reivindica seu título de apóstolo: em Tessalônica assim como em Filipos, a sua qualidade de apóstolo não é posta em discussão, como será mais tarde em Corinto ou entre os galatas.

b. *Silvano e Timóteo* estão junto de Paulo, quando ele escreve esta carta (cf. Introd.).

c. A palavra *igreja* é empregada aqui no sentido de *comunidade cristã local* (cf. 1Cor 1,2 nota).

d. Em certo número de mss., lê-se no fim do v.: *da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo* (cf. 2Ts 1,2).

e. Depois de ter saudado os destinatários das suas cartas, Paulo, exceto na epístola aos Galatas, tem o costume de dirigir a Deus uma ação de graças. Exprime a sua alegria e o reconhecimento pela ação de Deus no seio das comunidades cristãs, e pela maneira generosa com que os cristãos recém-convertidos lhe têm correspondido. A ação de graças aqui é particularmente desenvolvida, pois se estende até o fim do cap. 3. Ela é, para Paulo, a ocasião de recordar as principais circunstâncias da evangelização de Tessalônica.

f. Lit. de *nosso Senhor Jesus*. A nosso ver, este complemento qualifica a tríade fé, esperança, amor. Paulo usará em diversas ocasiões esta construção no genitivo, para indicar que Cristo, por seu modo peculiar de viver sua relação com o Pai e os homens, inaugurou uma possibilidade de viver, a exemplo seu, de fé, amor e esperança. Cf. 1Cor 13,13 nota.

g. Lit. *vossa eleição*. No AT, a eleição é o privilégio de Israel, chamado, por esta razão, de *povo eleito*: Deus o escolheu dentre outros povos, não em virtude de méritos particulares, mas por pura graça. Paulo reconhece agora às comunidades cristãs de origem grega o mesmo privilégio, cuja fonte é o amor gratuito do Deus Salvador. Cf. 2 Pd 1,10, onde a eleição é posta em paralelo com o chamado. Cf. também Rm 11,5 nota.

h. Lit. *nosso evangelho não foi para vós só em palavra, mas em poder, no Espírito Santo, e total plenitude*.

i. O *poder* — em grego *dynamis* —, que se manifesta na pregação do Evangelho, não deve ser compreendido obrigatoriamente como se se tratasse de milagres, embora o mesmo termo, porém no plural — *dynámeis* —, tenha muitas vezes o sentido de *milagres*. Como em 1Cor 2,1-4 e Rm 1,16, Paulo quer dizer que no

ato mesmo da pregação do Evangelho, o poder divino está em ação. E, como no AT, é o espírito de Deus, aqui o *Espírito Santo*, que é o instrumento privilegiado dessa ação. O *cumprimento maravilhoso* é o sucesso inesperado e inexplicável da Palavra de Deus em circunstâncias pouco favoráveis. Cf. vv. 6s. e 2,14s.

j. Lit. *como sabeis que tais como acontecem entre vós por vossa causa*. ⁶E vós *acontecestes*, *imitadores nossos e do Senhor*: o jogo, perceptível em grego, entre o que *acontece* aos apóstolos e o que *acontece* a seus ouvintes, não pôde ser expresso na tradução. Os tessalonicenses imitaram a Cristo e aos apóstolos porque, como eles, sofreram por causa do Evangelho (cf. 1Cor 4,16 nota). Mais adiante, em 2,14, Paulo dirá que imitaram as Igrejas da Judéia, a saber, que também eles sofreram a perseguição por causa do Evangelho. Vê-se, portanto, que, nos primeiros escritos paulinos, *imitar* não significa "procurar reproduzir as atitudes ou virtudes morais de alguém", mas se trata, para o discípulo de Cristo, de aceitar a condição de "servo sofredor", que foi a de Jesus: "Se eles me perseguiram, hão de perseguir também a vós" (Jo 15,20; cf. Mt 10,18 e par.).

k. A *palavra*: esta palavra tornou-se termo técnico na literatura cristã primitiva. É encontrado várias vezes nos evangelhos, em particular na explicação da parábola do semeador e nos textos que a ela se referem (cf. Mc 4,14.20.23 e par.). Quando não há complemento, a *palavra* é quase sinônimo de *Evangelho* (cf. Fl 6,6; Fl 1,14; Cl 4,3; 2Tm 4,2; At 6,4). O termo é muitas vezes especificado por um complemento: *palavra de Deus* ou *palavra do Senhor* (cf. 1,8; 2,13; 4,15; 2Ts 3,1). Estas especificações sublinham bem a origem divina desta palavra dirigida aos homens por outros homens. Paulo trata aqui do mesmo assunto que os evangelhos sinóticos na explicação da parábola do semeador: a acolhida da palavra missionária. Esta só produz fruto entre os que a acolhem com alegria, apesar dos sofrimentos e perseguições. Tal atitude de total adesão só é possível se esta palavra for reconhecida como *Palavra de Deus*, e não somente como *uma palavra sobre Deus*, com que alguns pregadores exprimiriam as próprias concepções religiosas (cf. 2,13).

l. *Macedônia* e *Acaia* eram as duas províncias da administração romana na Grécia; a expressão significa, pois, a *Grécia inteira*.

vossa fé em Deus tão bem se propagou por toda a parte, que não precisamos falar nelas. ⁹Pois cada um, ao falar a vosso respeito, conta a acolhida que nos fizestes, e como vos voltastes para Deus, abandonando os ídolos^m, para servir ao Deus vivo e verdadeiro ¹⁰e para esperar dos céus o seu Filho a quem ele ressuscitou dos mortos, Jesus que nos livra da ira que está vindoⁿ.

Jo 17,3;
At 14,15,
17,22-31
1Cor 1,7;
Tt 2,13
Rm 2,5;
5,9

2 A atividade missionária de Paulo.

¹Vós mesmos bem sabeis, irmãos, não foi em vão que nos acolhestes. ²Mas, quando acabávamos de sofrer e ser insultados em Filiposⁿ, como sabeis, encontramos em nosso Deus a segurança necessária para vos pregar o seu Evangelho através de muitos combates. ³Pois nossa pregação não se funda no erro, nem se inspira em motivos impuros, nem recorre à astúcia. ⁴Mas tendo-nos Deus posto à prova para nos confiar o Evangelho, pregamos de acordo com nossa missão: não procuramos agradar aos homens, mas a Deus, que prova nossos coraçõesⁿ. ⁵Foi assim que nunca tivemos palavras de adulação, como sabeis, nunca segundas intenções de lucro — disso Deus é testemunha —, ⁶nunca também procuramos honras junto aos homens,

At 16,20-24

At 17,1-5

1Tm 1,11

Gl 1,10

Jr 11,20;
2Cm 5,9

Jo 5,41-44

nem entre vós, nem entre outros. ⁷quando teríamos podido nos imporⁿ, na qualidade de apóstolos de Cristo. Pelo contrário, estivemos no vosso meio cheios de ternuraⁿ, como uma mãe acalanta ao peito as crianças que alimenta. ⁸Tínhamos por vós tal afeto que estávamos prontos a vos doar não só o Evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tão queridos que vos tínheis tornado ao nosso coração. ⁹Vós vos lembrais, irmãos, de nossas penas e fadigas: foi trabalhando noite e dia, para não ser dependente de nenhum de vósⁿ, que vos anunciamos o Evangelho de Deus. ¹⁰Sois testemunhas, e Deus também o é, de que procedemos para convosco, os fiéis, de maneira santa, justa, irrepreensível. ¹¹E vós sabeis: tratando cada um de vós como um pai a seus filhosⁿ, ¹²nós vos exortamos, encorajamos e suplicamos para que cada um leveⁿ uma vida digna do Deus que vos chama ao seu Reino e à sua glória.

Gl 4,19

1Ts 4,11;
2Ts 3,7-9

1Cor 4,15

2Ts 1,5

1Pd 5,10

Novo elogio da fé dos tessalonicenses.

¹Eis por que, de nossa parte, damos graças a Deus sem cessar: quando recebestes a Palavra de Deus que vos fazíamos ouvir, a acolhestes, não como palavra humana, mas como é realmente, palavra de Deus, a qual também está atuando em

Mc 4,16

At 11,1

Fl 2,13

m. Lit. *Como, dos ídolos, vos convertestes a Deus* (cf. Rm 2,4 nota). O termo grego aqui empregado conserva a lembrança do verbo hebraico *voltar, retornar*: eles se afastaram dos ídolos, voltando-se para Deus. Os vv. 9-10 são considerados como um resumo da pregação do Evangelho aos pagãos (*ikêrygma*). A pregação da mensagem os convida a se converter ao Deus único, o único a quem se deve servir, a crer em Jesus, seu Filho (cf. Rm 1,4 nota), que ele ressuscitou dos mortos, e a esperar a salvação que o Senhor trará quando da sua vinda gloriosa.

n. *A ira é aquela que se manifestará pela condenação dos pecadores por ocasião da volta do Senhor* (cf. 1Ts 5,9). Paulo, porém declara que ela vem, que está vindo (cf. 1Ts 2,16; Rm 1,18 nota).

o. Cf. At 16,19-24.

p. Lit. *assim como fomos, examinados por Deus, para que o Evangelho nos seja confiável, assim também nós falamos...* Paulo compara aqui duas atitudes, a que ele tinha quando Deus o examinou, antes de lhe confiar o Evangelho, e a que tem agora, estando efetivamente em ação. Estas duas atitudes, diz ele, são absolutamente idênticas. Ele não mudou: hoje, como no dia deste "exame", não procura agradar aos homens, mas a Deus, porque o coração do Apóstolo está sempre a descoberto diante do Deus que perscruta rins e corações.

q. Poder-se-ia também traduzir: *nós que teríamos podido ser de peso para vós* (cf. v. 9 e 1Cor 9,1-18). Mas após a menção às honras humanas, a expressão deve ser tomada num sentido mais amplo, que no entanto não exclui uma alusão a um ônus material.

r. Em lugar de *cheios de ternura* (*êpíoi*) grande número de mss. lê *criancinhas* (*népioi*). Esta última tradução não parece convir neste contexto, em que Paulo se compara a uma mãe ou a um pai. Trata-se duma ternura especial, que não é aquela a que todo o homem pode ser exortado. Ela está reservada aos que gozam de poder e autoridade, quando não se impõem brutalmente a seus inferiores.

s. Paulo recorda várias vezes com orgulho que não quis depender materialmente das comunidades por ele fundadas (cf. 2Ts 3,7-9; 1Cor 4,12; 2Cor 11,7-10; 12,13-18; At 20,33-35). No entanto, exatamente quando evangelizava Tessalônica, tinha aceito uma ajuda dos filipenses (Fl 4,15-16).

t. Desde o v. 7, Paulo acumula as expressões que pertencem ao vocabulário da ternura: *ternura* no v. 7, *afeto, queridos* no v. 8. Compara-se até a uma ama que acalanta crianças ao peito, antes de mostrar em que ele agiu como um verdadeiro pai. Esta afeição culmina na afirmação do v. 8: ele estava disposto a dar a vida por eles (cf. Jo 15,13).

u. Lit. *andar*.

vós, que credes. ¹⁴De fato, irmãos, imitastes* as Igrejas de Deus que estão na Judéia, em Cristo Jesus, pois também vós sofrestes dos vossos compatriotas o que elas sofreram da parte dos judeus; ¹⁵eles, que mataram o Senhor Jesus e os profetas, também nos perseguiram, não agradam a Deus e são inimigos de todos os homens, ¹⁶impedem-nos de pregar aos pagãos para salvá-los, e assim enchem, o tempo todo, a medida dos próprios pecados*. Mas no fim a ira de Deus se abateu sobre eles*.

Paulo gostaria de voltar a Tessalônica: missão de Timóteo. ¹⁷Quanto a nós, irmãos, separados de vós por algum tempo, longe dos olhos, mas não do coração*, redobramos os esforços para ir ver-vos, pois disto tínhamos um ardente desejo. ¹⁸Foi por isso que quisemos ir ter convosco — eu em pessoa, Paulo, várias

vezes* —, e Satanás nos impediu. ¹⁹Com efeito, qual é a nossa esperança, nossa alegria, o orgulho que será nossa coroa diante de nosso Senhor Jesus, por ocasião de sua vinda*, senão vós? ²⁰Sim, vós sois nossa glória e nossa alegria.

3 ¹Por isso, não podendo mais esperar, pensamos que o melhor seria ficar sós em Atenas*, ²e vos enviar Timóteo nosso irmão, colaborador de Deus* na pregação do Evangelho de Cristo, ³a fim de vos fortalecer e encorajar na fé, para que ninguém seja abalado em meio às provações presentes, pois bem sabeis que a isso somos destinados*. ⁴Quando estávamos entre vós, vos preveníamos de que seria necessário sofrer provações e foi o que aconteceu, como sabeis. ⁵Foi por isso que, não podendo mais esperar, mandei saber notícias da vossa fé, temendo que o Tentador já vos tenha tentado e que nosso trabalho tenha sido inútil.

v. Cf. 1.6 nota.

w. Este julgamento severo cominado contra os judeus deve ser bem compreendido. Paulo reivindica sempre com brio sua qualidade de judeu e sublinha, vezes repetidas, o privilégio de Israel. A ira e a glória são para o judeu primeiro, e para o grego (cf. Rm 2,9-10). No decorrer da sua missão, é primeiro aos judeus que dirige a mensagem de salvação. Segundo o livro dos Atos, é assim que agiu em Chipre (At 13,5), em Antioquia da Síria (At 13,14-43), em Icônio (At 14,1), em Filipo (At 16,13), em Tessalônica (17,2), na Beréia (17,10), em Corinto (18,4), em Éfeso (19,8) e finalmente em Roma (28,17-24). Mas a cada vez (cf. At 13,45-50; 14,2 19; 17,5.13; 18,12) os judeus, não desprovidos de influência nas cidades gregas, impedem sua pregação aos pagãos e lhe criam graves dificuldades, que chegam até aos maus-tratos (2Cor 11,24). É o que explica a violência dos termos aqui usados por Paulo que, judeu também ele, se indigna com a cegueira dos seus irmãos. Os judeus, que deveriam ter sido os arautos do Evangelho, criam-lhe obstáculos por toda a parte, como fizeram outrora para a mensagem dos profetas, e depois para a de Jesus. Entretanto, quando Paulo considera a sorte do povo eleito, nunca invoca como causa da rejeição temporária de Israel a condenação e a morte de Cristo em Jerusalém, ou a perseguição contra os cristãos. Disto ele dá uma longa explicação em Gl 4,21-31 e sobretudo em Rm 9-11: é recusando a mensagem do evangelho que Israel se exclui a si mesmo, provisoriamente, de uma salvação que sempre lhe será proposta (cf. Rm 9,2 nota) e da qual Paulo afirma que Israel se beneficiará, pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis (Rm 11,29).

Em todo tempo: nesse período da história, como durante o período precedente. Cf. a má acolhida dada à pregação dos profetas.

x. A ira caiu sobre eles. Lê-se esta frase (com o complemento ira de Deus, tradução que está também em vários mss.) nos Testamentos dos doze Patriarcas (Test. Levi 6,11), em que a ira de Deus visa a estrangeiros, os siquemitas, aos quais os filhos de

Jacó fizeram padecer maus-tratos. Se Paulo utiliza esse texto, inverte-lhe o sentido.

No fim: outros traduzem para sempre ou continuamente, ou ainda em vista do fim.

Notar o paralelismo com 1,10: a fé em Jesus livra da ira, mas criar obstáculo à salvação é cair sob o golpe desta ira; cf. 1,10 nota.

y. Lit. privados de vós de vista e não de coração.

z. Lit. e uma vez e duas vezes. A expressão poderia também significar por duas vezes.

a. A vinda, em grego *parousia*, designa a volta gloriosa de Jesus no fim dos tempos (cf. 3,13; 5,23; 2Ts 2,1-8; 1Cor 15,23 e Mt 24,3 nota).

b. Sós: ou Paulo fala de si mesmo, empregando um plural literário: neste caso Timóteo e Silvano voltariam a encontrá-lo mais tarde em Corinto, segundo At 18,5, ou então o adjetivo sós, no plural, designa Paulo e Silvano: Timóteo e Silvano teriam alcançado Paulo em Atenas, segundo as instruções de que fala At 17,15, e lá teria sido decidida a viagem de Timóteo a Tessalônica.

c. Variantes: *servo de Deus; nosso colaborador; servo de Deus e nosso colaborador; servo e colaborador de Deus*. Quanto ao sentido da fórmula, cf. 1Cor 3,9 nota.

d. A apocalítica judaica imaginava que, antes do fim do mundo, as provações e adversidades deveriam abater-se sobre os fiéis, até que o Messias viesse para reinar (cf. Mc 13 e par.). Após a morte e a ressurreição de Cristo, os cristãos julgaram ter entrado neste período final, durante o qual esperavam a vinda de seu Senhor (cf. 2,19; 2Ts 2,2).

Provações: este termo, que também traduzimos por *aflição*, (2Ts 1,6) e que muitas vezes se traduz por *tribulação*, é um termo técnico do vocabulário apocalíptico: designa o conjunto dessas adversidades e acontecimentos hostis. Viver nas provações é, para Paulo, a condição normal dos cristãos antes da vinda de Cristo (cf. At 14,22).

6Agora, Timóteo acaba de chegar da vossa comunidade e nos trazer a boa notícia da vossa fé e do vosso amor; ele diz que guardais sempre boa lembrança de nós e que desejais nos rever tanto quanto nós desejamos vos rever. 7Assim, irmãos, encontramos em vós um consolo, graças à vossa fé, no meio de todas as nossas angústias e provações, 8e agora revivemos, pois vos mantendes firmes no Senhor. 9Que ação de graças poderíamos render a Deus a vosso respeito, por toda a alegria que experimentamos por causa de vós diante do nosso Deus, 10quando noite e dia rogamos com insistência, para que nos seja dado rever-vos e completar o que falta à vossa fé?

2Ts 1.4

2Ts 2.15

5.15

11Queira o mesmo Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus dirigir nosso caminho para vós. 12Que o Senhor faça crescer e abundar o amor que tendes uns para com os outros e para com todos, à imagem de nosso amor para convosco. 13Que ele fortaleça assim vossos corações numa

santidade irrepreensível diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos^f.

5.23;
1Cor 1.8;
Zc 14.5;
Dn 7

4 A vida que agrada a Deus: pureza, amor fraterno. 1De resto, irmãos, eis nossos pedidos e nossas exortações no Senhor Jesus: vós aprendestes de nós como proceder para agradar a Deus, e é assim que procedeis; fazei ainda novos progressos. 2Sabeis, de fato, as instruções que vos demos da parte do Senhor Jesus^g. 3A vontade de Deus é a vossa santificação^h, que vos abstenhais da imoralidade, 4que cada um de vós saiba casar-seⁱ para viver com santidade e honestidade, 5sem se deixar levar pela paixão, como fazem os pagãos que não conhecem a Deus^j, 6que ninguém aja em detrimento de seu irmão, nem lhe cause dano nesta matéria^k, pois o Senhor se ving^l de tudo isso, como já dissemos e testemunhamos. 7De fato, Deus não nos chamou para viver na impureza, mas chamou-nos para a santi-

Ef 1.4

At 15.20.29;
1Cor 6.12-20
1Cor 7.2

e, *O que falta à vossa fé*: Pode-se estranhar tal afirmação, depois dos elogios que Paulo fez à fé dos tessalonicenses. Mas há várias maneiras de considerar a fé: não somente como ato fundamental e primeiro pelo qual o homem se entrega a Deus, único autor da salvação em Jesus Cristo, mas também como desenvolvimento deste ato fundamental, a saber, as consequências que dele derivam para a vida prática, e que procedem da instrução catequética. Paulo, que tratará dos problemas da vida prática, já orienta os leitores para o progresso que ainda espera deles (cf. Rm 10.9 nota).

f. O estilo deste v. é muito contrastado, porque Paulo utiliza, umas após outras, expressões já consagradas como *confirmar vossos corações, sem mancha diante de Deus, por ocasião da vinda do Senhor*.

g. *Com todos os seus santos*: Paulo emprega aqui uma terminologia tradicional (cf. Dt 33.3; Zc 14.5; Dn 7.25-27). Quem são esses santos? Pode-se entender *os anjos*, que intervêm em vários episódios do AT e do NT (Jô 5.1; 15.5; Sl 89.6.8; Sr 42.17; Dn 4.10.14.20; 8.13; Sb 5.5; Mt 25.31; Mc 8.38; At 10.22; Ap 14.10). Pode-se entender também *os fiéis*, que Paulo chama constantemente de *os santos*. Ao que parece, não se deve excluir nenhum dos dois sentidos: a comunidade dos eleitos e dos anjos e a transformação dos eleitos em anjos no dia do juízo são bem-atestadas no ambiente judaico (cf. *Henoc* 39.5; 51.4).

Numerosas mss. lêem *Amém* no fim do versículo. Este *Amém* é provavelmente devido a um uso litúrgico deste texto.

g. Para a Igreja primitiva, o Senhor é tanto o Ressuscitado que vive na Igreja, como o Cristo histórico durante sua vida terrena. As instruções que Paulo dá da parte do Senhor Jesus (lit. *pelo Senhor Jesus*) podem estar fundadas sobre os exemplos e os ensinamentos que ele deixou, mas pode tratar-se também de atitudes sugeridas pelo seu Espírito que vive nos apóstolos e comunidades.

h. Esta palavra evoca a ação de Deus que santifica, por ser a fonte de toda santidade, segundo a palavra do Senhor: *sede santos porque eu sou santo* (cf. Lv 19.2; Mt 5.48 e Rm 6.19 nota).

i. Lit. *que cada um de vós saiba adquirir seu próprio vaso na santificação e na honra*. Em grego *skeuos* significa *utensílio, vaso*. Mas aqui este termo é empregado como uma metáfora, na qual os tradutores vêem:

— *quer o corpo*, como muitas vezes em grego (cf. 2Cor 4.7). Neste caso, traduz-se por *possuir o próprio corpo*, isto é, conquistar perfeito domínio sobre ele;

— *quer a esposa*, como em 1 Pd 3.5 (cf. Pr 5.15) e em certos textos rabínicos. Este significado não passa de uma especificação da primeira imagem, vaso = corpo: com efeito, no ambiente semítico, a mulher é considerada pelo homem como *sua própria carne* ou *seu próprio corpo*, conforme Gn 2.23. O marido tem, por assim dizer, dois corpos, o seu e o da esposa. Este sentido nos parece preferível, não somente por causa do verbo *adquirir* e da expressão *adquirir uma mulher* empregada por *tomar esposa* (cf. 1Cor 7.2), mas ainda por causa do contexto. Como em 1Cor 7, Paulo opõe à licenciosidade sexual dos pagãos (em grego *porneia*, que traduzimos por *imoralidade*) não o domínio de si (possuir seu corpo), mas o matrimônio, graças ao qual o cristão pode manter e santificar sua dependência de Deus. No seio de uma cidade pagã, a escolha de uma esposa, para um convertido a Cristo, era um problema grave para o qual Paulo é obrigado a chamar a atenção.

j. Cf. Sl 79.6; Jr 10.25. Tb 8.5.9 vg.

k. Outros traduzem *em negócios*. Mas é pouco provável que Paulo passe aqui a uma instrução diferente, concernente à ética comercial, quando no v. seguinte encontramos a menção à impureza.

l. Cf. Sl 94.1; Sr 5.3; Dt 32.35.

dade^m. "Assim, pois, aquele que rejeita esses ensinamentos não é a um homem que rejeita, mas ao próprio Deus que vos dá o seu Espírito Santo".

Lc 10,16

Ez 37,14

"Sobre o amor fraterno, não tendes necessidade de que se vos escreva, pois vós mesmos aprendestes de Deus a vos amardes uns aos outros; ^{Jo 6,45} ¹⁰aliás, é o que fazeis, a respeito de todos os irmãos, na Macedônia inteira; exortamo-vos, irmãos, a que façais ainda novos progressos: ¹¹tomai a peito viver uma vida tranqüila,

2Ts 3,6-12

ocupar-vos com vossos negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, como vos ordenamos", ¹²para que vossa conduta seja decorosa aos olhos dos estranhos e não tenhais precisão de ninguém^m.

Mc 4,11

A ressurreição dos mortos e a espera do Dia do Senhor. ¹³Não queremos, ir-

mãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos^a, para que não vos entristeçais como os outros^f que não têm esperança. ¹⁴Se, com efeito, nós cremos que Jesus morreu e ressuscitou^a, assim também^f, aqueles que morreram, Deus, por causa deste Jesus^a, com Jesus os reunirá. ¹⁵Eis o que dizemos, segundo uma palavra do Senhor^m: nós os vivos, que houvermos ficado^a até a vinda do Senhor, não precederemos de modo nenhum os que morreram. ¹⁶Porque o Senhor em pessoa, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao toque da trombeta de Deus, descerá do céu: então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; ¹⁷em seguida nós, os vivos que tivermos ficado, seremos arrebatados com eles sobre as nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares^g, e assim estaremos sempre com o Senhor^f. ¹⁸Por-

Mc 9,31;
At 2,24

1Cor 7,10

1Cor 15,51

Mt 24,30-31

1Cor 15,52;

Ex 19,13

1Cor 15,23

Ex 19,17

Jo 12,26;

1Ts 5,10

m. O verbo *chamar* é seguido por dois complementos introduzidos por duas preposições diferentes. Com isso, Paulo indica: primeiro, o estado em que o chamamento de Deus encontra o homem (*a impureza*); depois, aquilo a que o homem é chamado (*a santidade*). Portanto, o chamamento de Deus é essencialmente transformante.

n. Aqui os mss. apresentam leituras diferentes: *que vos deu, ou que nos dá a nós*. A fórmula empregada para designar o dom do Espírito Santo lembra Ez 36,27 e 37,14.

o. Num ambiente pagão, o trabalho era função dos escravos. Temos assim uma informação sobre a origem social dos cristãos de Tessalônica. Paulo teme que a espera exultada da volta iminente de Cristo desvie os fiéis de suas ocupações habituais (cf. 2Ts 2,2 e 3,7-10).

p. A expressão deve ser reposta no seu contexto: Paulo não quer dizer que o cristão não precise dos seus irmãos, mas que não tem o direito de ficar, por culpa e preguiça própria, às custas dos outros (cf. 2,9 e 2Ts 3,6-12).

q. Lit. *os que dormem*. Igual modo de dizer no v. seguinte. Tanto entre os judeus como entre os gregos, o sono é uma imagem corrente da morte; compreende-se então que o despertar seja imagem da ressurreição (cf. 5,10). A questão que preocupa os tessalonicenses é a seguinte: os cristãos que morriam naqueles dias, embora fazendo parte da "última geração", estariam ausentes quando da vinda do Senhor? Os primeiros falecimentos ocorridos na Igreja primitiva devem ter perturbado os fiéis.

r. *Os outros* são *os de fora* do v. 12, isto é, os pagãos (cf. 5,6). Nessa época, com exceção de certos círculos de iniciados, os gregos não creem mais na vida de além-túmulo e ainda não creem na imortalidade que as religiões orientais prometem.

s. Lit. *que se levantou*. O grego não tem palavra técnica para dizer *ressuscitar*. Para falar disso, o NT emprega correntemente a imagem do *levantar*. Ora, este uso é raro em Paulo, que emprega habitualmente o verbo *despertar*, na voz passiva, sendo Jesus a pessoa a ser despertada e Deus, o agente. Por isso é muito provável que Paulo torne a empregar aqui uma antiga fórmula querigmática.

t. A construção da frase está truncada. Esperar-se-ia... *da mesma forma, cremos também que Deus ressuscitará...* Paulo dá imediatamente a resposta que os leitores esperavam: os cristãos mortos participarão da vinda do Senhor. Supõe-se, portanto, a ressurreição deles, que será explicitamente mencionada no v. 16.

u. Alguns ligam *por este Jesus* ao que procede, no texto grego, isto é, à expressão *os que morreram*. A fórmula *aqueles que morreram por Jesus* é de difícil interpretação. Vê-se nela, muitas vezes, o equivalente de *aqueles que morreram em Jesus*, isto é, na fé em Jesus, em união com ele. Ou então, faz-se um paralelo com o ensinamento de Paulo sobre a ressurreição: os cristãos ressuscitam *por* Jesus, eles morrem também *por* ele. Em outros termos, a morte dos crentes é uma morte que não os separa de Deus. Nós preferimos ligar *por este Jesus* ao verbo que segue.

v. Lit. *(os) conduzirá com ele*. O verbo *conduzir* é um dos principais que, no AT, exprimem em que consistiu a ação de Deus durante o Êxodo. Quando este verbo vem associado à preposição "com", toma o sentido de *conduzir para que estejam juntos, congregar, reunir*.

w. Esta *palavra do Senhor* sem dúvida diz respeito tanto ao enunciado do v. 16 como ao do v. 15; ela teria tratado da relação entre a vinda do Filho do Homem e a ressurreição dos mortos. Há quem pense em Mt 16,27; 24,30, outros, nalgum dito de Jesus que não se encontra nos evangelhos, mas que Paulo poderia ter conhecido por uma tradição da Igreja primitiva.

x. Lit. *nós, os vivos, os deixados*. Esta última palavra talvez evoque o "Resto de Israel" destinado à vida. Conforme 4Esd 13,24, "os que foram deixados serão mais felizes do que os que estiverem mortos". Paulo não adere a esta opinião.

y. Paulo depende muito, para essa descrição, das imagens tradicionais da apocalíptica judaica. *A voz, a trombeta, a descida do céu, as nuvens* são expressões características desse gênero literário. São a roupagem literária de certa concepção do mundo e de suas relações com Deus; o seu valor deve ser apreciado mais no plano do símbolo que no plano de realidades históricas que fossem aqui o objeto de uma predição circunstancial.

z. Se a fé faz o cristão viver *em* Cristo, a ressurreição faz dele

tanto, confortai-vos uns aos outros com este ensinamento.

5 ^{At 1,7; Dn 2,21; Mt 24,36} Quanto aos tempos e aos momentos, irmãos, não precisais que se vos escreva. ²Vós mesmos o sabeis perfeitamente: o Dia do Senhor^a vem como um ladrão, de noite^b.

³Quando os homens disserem: "Que paz, que segurança!", é então que subitamente se precipitará sobre eles a ruína como as dores do parto sobre a mulher grávida, e eles não poderão escapar. ⁴Mas vós, irmãos, não estais nas trevas, para que este dia vos surpreenda como um ladrão. ⁵Todos, com efeito, sois filhos da luz, filhos do dia: nós não somos nem da noite, nem das trevas^c.

⁶Portanto, não durmamos como os outros, mas sejamos vigilantes^d e sóbrios. ⁷Aqueles que dormem, é de noite que dormem, e os que se embriagam, é de noite que se embriagam; ⁸mas nós que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos da couraça da fé e do amor, com o capacete da esperança da salvação^e.

⁹Pois Deus não nos destinou a experimentar sua ira, mas a possuir a salvação

por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, ¹⁰morto por nós a fim de que, velando ou dormindo^f, vivamos^g então unidos a ele. ¹¹Por isso confortai-vos mutuamente e edificai-vos uns aos outros, como já fazeis.

Exortações finais e saudações. ¹²Pedimo-vos, irmãos, que tenhais consideração para com aqueles que entre vós labutam, velam^h por vós no Senhor e vos repreendem; ¹³tende para com eles a mais alta estima, com amor, por motivo do seu trabalho. Vivei em paz entre vósⁱ.

¹⁴A isso vos exortamos, irmãos: corrigi aqueles que vivem de maneira desordenada^j, dai coragem aos que dela carecem; sustentai os fracos, sede pacientes para com todos. ¹⁵Atentai a que ninguém retribua o mal com o mal, mas procurai sempre o bem entre vós e para com todos.

¹⁶Estai sempre alegres, ¹⁷orai incessantemente, ¹⁸dai graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito em Cristo Jesus.

um ser com Cristo. Paulo emprega preposições diferentes (*em e com*) para marcar o progresso da comunhão com o Senhor, cuja vinda tanto se espera. Se a esperam, é precisamente porque a vida em Cristo não passa de um germe, um começo, daquilo que será a vida com Cristo, a vida na comunhão total com o Senhor, vencedor da morte e do mal.

a. O Dia do Senhor: cf. 1Cor 1,8 nota.

b. Jesus pronunciou uma parábola bastante semelhante (cf. Mt 24,43; Lc 12,39-40). Nestes vv. 1-5, Paulo parece ter presente no espírito palavras de Jesus que nos são relatadas nos discursos apocalípticos dos evangelhos (cf. Mc 13 e par.).

c. Filho de...: esta expressão semítica indica que o sujeito sofre a influência da realidade ou da pessoa em questão, a ela pertence, com ela é profundamente solidário (cf. Lc 16,8; Jo 12,36). Paulo aqui retoma a oposição dia-noite, luz-trevas, bem-conhecida nos textos de Qumran. Segundo a concepção atestada nesses textos, herdeira de um dualismo que não se encontra tão claramente expresso no AT, os homens são divididos em duas categorias, os bons e os perversos, animados por dois "espíritos" opostos. Destarte, uns estão engajados na via do mal, que leva à ruína, outros, na via do bem, que leva à salvação. Cf. Mt 7,13-14.

d. O ensinamento de Jesus sobre os acontecimentos do fim sempre culmina num apelo à vigilância. Essa atitude, oposta ao sono, é característica do cristão, que espera a volta do seu Senhor. Cf. os discursos apocalípticos: Mc 13,33-37; Mt 24,42-44; Lc 21,36; cf. também as numerosas parábolas sobre o tema da espera da vinda de Cristo: Mt 25; Lc 12,35-46. Compreende-se que Paulo faça aqui uma associação entre a idéia de dormir

durante a noite, símbolo do domínio do mal, e a da vigilância, embora a coerência não seja inteiramente respeitada, pois não é durante este "sono" que alguém se embriaga.

e. Cf. 1Ts 1,3; 1Cor 13,13 nota. No texto de 1s 59,17 aqui aduzido, Paulo substituiu a noção de *justiça* pela de *fé, amor e esperança*. Este tratamento do texto do AT sugere que, para Paulo, o justo, isto é o homem a quem Deus comunica a sua *justiça/justificação*, vive de *fé, amor e esperança*.

f. *Velando ou dormindo*. Paulo volta à imagem sono-morte utilizada no começo desta seção, em 4,13-17. A vigília é, portanto aqui uma metáfora que designa a vida. A expressão significa: *quer estejamos ainda vivos ou estejamos já mortos por ocasião da vinda do Senhor*.

g. *Vivamos*. Não se trata da vida atual em união com Cristo, nem de uma vida intermediária entre a morte e a ressurreição, mas da comunhão com o Senhor ressuscitado no dia de sua vinda, como em 4,17 nota.

h. O verbo grego é composto de *ficar de pé* e de uma preposição ambígua: *quer diante, à frente de, quer para, em favor de*; não é certo que seja necessário ver nisso *chefes* ou *dirigentes*. Os três verbos usados para descrever estes cristãos designam funções ou tarefas, e não títulos. Cf. Rm 12,8: entre *aquele que dá e aquele que exerce a misericórdia*...

i. Certos mss. lêem: *ficai em paz com eles*, isto é, com os chefes da comunidade.

j. Lit. *não em ordem*. É difícil precisar o sentido deste termo. É possível que Paulo tenha em vista aqui aqueles que não trabalham (cf. 2Ts 3,6,7,11); ou então, indivíduos que vivem na agitação, pensando que a vinda do Senhor é iminente.

¹⁹Não extingais o Espírito. ²⁰não desprezeis as palavras dos profetas^k; ²¹examinai tudo com discernimento: conservai o que é bom; ²²apartai-vos de todo tipo de mal^l.

1Cor 14,1
Jó 1,1.8

²³Que o Deus da paz em pessoa vos santifique totalmente, e que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo^m sejam perfeitamente guardados para serem ir-

repreensíveis por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁴Aquele que vos chama é fiel: é ele ainda quem agirá. ²⁵Irmãos, orai também por nós. ²⁶Saudai todos os irmãos com um ósculo santo.

2Ts 3,3
Rm 16,16

²⁷Eu vos conjuro pelo Senhor: que esta carta seja lida a todos os irmãosⁿ.

²⁸Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco^o.

k. Lit. *não desprezeis as profecias*: não se trata das profecias do AT, mas das intervenções dos profetas cristãos que exortavam as comunidades. Cf. 1Cor 12,10.29; 13,2; 14,3.

l. Nas igrejas gregas, as manifestações espirituais — profetizar, falar línguas desconhecidas etc. —, tinham-se espalhado com uma profusão e conseqüências que chamaram a atenção de Paulo (cf. 1Cor 12-14). Aqui já se encontra um esboço das regras que Paulo dará à Igreja de Corinto, em vista de uma atitude verdadeiramente positiva da comunidade cristã ante as manifestações do Espírito. É preciso respeitar estes dons, mas eles não são a totalidade do cristianismo. É preciso muito mais praticar o "discernimento dos espíritos" para distinguir o bom do inútil.

m. Alguns interpretam: *que vosso ser todo inteiro, isto é, o espírito, a alma e o corpo*. Esta divisão da pessoa humana em três elementos seria a da filosofia grega. Ela não é habitual em Paulo, e este v. assim compreendido, seria um texto completamente isolado no NT. Para evitar tal dificuldade, outros compre-

enderam o primeiro termo da enumeração, *vosso espírito*, como equivalente de *vós mesmos*; então eles traduzem: *que toda a vossa pessoa, alma e o corpo...* recuperando assim o conceito que o judaísmo e Paulo tinham da pessoa humana. Nós traduzimos a frase de modo a pôr em evidência uma simples enumeração de termos que, um como o outro, podem designar, em Paulo, o homem todo inteiro, quer se trate de *pneuma*, de *psykhé* ou de *sôma*. Destarte, não é necessário recorrer a uma explicação tomada de uma antropologia grega de três elementos, que aliás nunca se exprime com esses três termos.

n. Essa instância solene poderia dar a entender que a Igreja de Tessalônica passava por uma crise de certo desacordo entre os que a dirigiam e o conjunto de seus membros (cf. vv. 12-13). O pedido solene de Paulo permitirá aos que dirigem a Igreja fazer a leitura pública da carta, apelando para a própria autoridade do apóstolo.

o. Vários mss. lêem *Amém* no final da carta, novo indício de uma leitura litúrgica.

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja dos tessalonicenses, que está em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo^a. ²A vós graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

A fé em meio às perseguições: o julgamento. ³Devemos dar continuamente graças a Deus por vossa causa, irmãos, e é bem justo, pois vossa fé faz grandes progressos e o amor que tendes uns para com os outros cresce em cada um de todos vós, ⁴a ponto de serdes nosso orgulho entre as Igrejas de Deus, por causa da vossa perseverança e da vossa fé em todas as perseguições e provações que suportais^b. ⁵Elas são sinal do justo julgamento de Deus; seu escopo é tornar-vos dignos do Reino de Deus, pelo qual sofreis^c.

⁶É justo, de fato, que Deus retribua aflição por aflição aos vossos opressores, ⁷e que a vós, oprimidos, dê o repouso, juntamente conosco^d, por ocasião da revelação do Senhor Jesus^e, que virá do céu com os anjos do seu poder, ⁸*num fogo flamejante^f, para se vingar daqueles que*

não conhecem a Deus^g e não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus^h. ⁹O castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor e do fulgor da sua majestadeⁱ, ¹⁰quando ele vier naquele dia, para ser glorificado na pessoa dos seus santos, e admirado na de todos os que tiverem crido^j; ora, quanto a vós, crestes no nosso testemunho. ¹¹Eis por que oramos continuamente por vós, a fim de que nosso Deus vos encontre dignos da vocação a que vos chamou; que pelo seu poder vos conceda realizar todo o bem desejado e torne ativa a vossa fé^k. ¹²Assim o nome de nosso Senhor Jesus será glorificado em vós, e vós nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

2 O que precederá a vinda do Senhor.

¹A respeito da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e de nossa reunião junto a ele, nós vos pedimos, irmãos: ²não vos perturbeis tão depressa, nem vos alarmeis por causa de uma revelação profética, de uma afirmação ou carta apresentadas como se procedessem de nós^l, e que vos fariam crer que o dia do Senhor chegou.

Jr 10,25
Rm 1,5

Sl 89,8 gr.:
Sl 68,35 gr.

Is 66,5:
Jo 17,22-24

ICor 15,23;
ITs 4,15-17
Mt 24,31

3,17

ICor 1,18;
ITs 5,2

a. Cf. ITs 1,1 notas.

b. Encontram-se nesta ação de graças os grandes temas — fé, amor, perseverança — que já inspiravam a da primeira carta (cf. ITs 1,3).

c. Os sofrimentos pelo Reino e por causa dele valem aos que os suportam uma sentença favorável no dia do julgamento de Deus (cf. Mt 5,10) que, ao mesmo tempo, punirá os perseguidores (cf. Fl 1,28). Os vv. seguintes desenvolvem esta doutrina.

d. O dia da intervenção derradeira de Deus na história dos homens caracteriza-se por aquilo que se pode chamar de "uma grande reviravolta": aos oprimidos é concedido o *repouso*, e aos perseguidores, a *aflição*. Sobre este último termo, cf. ITs 3,3 nota.

e. Trata-se do Dia do Senhor, que se manifestará segundo o esquema descrito em ITs 4,16: Jesus vem do céu, acompanhado pelos anjos (cf. ITs 3,13 nota). O quadro de ITs não falava de julgamento, mas somente da ressurreição. Paulo, aqui, não evoca a ressurreição, pois não se trata de mortos.

f. Lit. *um fogo de chamas*. O fogo é um traço clássico das teofanias (cf. Ex 3,2; Is 66,15; Dn 7,9-11).

g. Cf. Jr 10,25. A expressão já foi utilizada em ITs 4,5.

h. Alguns pensam que as duas expressões, *aqueles que não conhecem a Deus e aqueles que não obedecem ao Evangelho*, correspondem às duas categorias de homens segundo as quais

Paulo, na linha do AT, muitas vezes divide a humanidade: os pagãos de um lado, os judeus do outro. Esta distinção não se impõe de forma absoluta. Sobre *obedecer ao Evangelho*, cf. Rm 1,5 nota.

i. Cf. Is 2,10.19.21 gr. *O fulgor da sua majestade*: lit. *a glória de seu poder*. No Dia do Senhor, Deus manifestará este poder soberano que corresponde à idéia de *majestade*. A glória deste poder nada mais é do que sua manifestação resplandecente.

j. O texto se presta a duas interpretações. Ou é Deus que é glorificado e admirado, em meio à assembléia dos santos; ou, então, são os fiéis: a glória que neles se admira recai então em Deus que deu em favor deles tal sentença. Preferimos este segundo sentido, porque é mais coerente com o pensamento dos vv. precedentes.

k. Lit. *que ele satisfaça todo desejo de bem e a obra da fé, em poder*. O termo aqui traduzido por *desejo* evoca uma disposição interior dirigida para o bem. Ela é muitas vezes atribuída a Deus, e o termo toma então o sentido de *benevolência divina, de vontade de salvação*. É por isso que alguns atribuem aqui este desejo ao próprio Deus e traduzem *que ele realize toda a sua vontade de bem*. Sobre a obra da fé, cf. ITs 1,3.

l. Lit. *de uma carta, como provinda de nós*. Nós ligamos esta última expressão aos três termos: *revelação, declaração, carta*:

³Que ninguém vos engane, de manciara alguma. É preciso que primeiro venha a apostasia e se revele o Homem da impiedade^m, o Filho da perdição^a, ⁴aquele que se ergue e se insurge contra tudo o que se chama *deus*^m ou se adora, a ponto de se assentar em pessoa no templo de Deus^b e proclamar-se Deus.

⁵Não vos lembrais de que eu vos falava disto quando ainda estava no meio de vós?

⁶E agora^a, sabeis o que o retém, para que somente seja revelado a seu tempo^f. ⁷Pois o mistério da impiedade já está em ação; basta que seja afastado aquele que atualmente o retém^s. ⁸Então se revelará o *ímpio*,

SI 33,6gr. *pio*, a quem o Senhor Jesus¹ destruirá com o sopro de sua boca^a e aniquilará com o

esplendor de sua vinda^a. ⁹Quanto à vinda do Ímpio, assinalada pela atividade de Satanás, ela se manifestará com toda sorte de obras portentosas, milagres, prodígios enganosos¹⁰ e com todas as seduções da injustiça para aqueles que se perdem, por não terem acolhido o amor à verdade que os teria salvo^a. ¹¹E por isso que Deus lhes envia um poder de desnortecimento, que os faz crer na mentira, ¹²a fim de serem julgados todos aqueles que não creram na verdade, mas se comprazeram na injustiça.

A firmeza na fé. ¹³Quanto a nós, devemos dar continuamente graças a Deus por vossa causa, irmãos amados do Senhor, pois Deus vos escolheu desde o começo^a, ITs 1,4

outros o relacionam só ao termo *carta* e aí vêem então a possibilidade de uma alusão a uma carta falsa. O apóstolo provavelmente deixou entrever a possibilidade da vinda próxima do Senhor, tanto nas suas instruções orais como nas suas cartas (cf. ITs 2,19; 3,13; 4,15-17; 5,4). Mais tarde os tessalonicenses acreditaram que já viviam este período privilegiado da história da salvação.

Mc 13,7 e paralelos também convidam os cristãos a não se deixar atemorizar. Esta recomendação parece própria dos apocalipses.

m. Grande número de mss. lêem aqui *o Homem do pecado*. n. O indivíduo em questão não é Satanás, mas o Anticristo. o. Cf. Dn 11,36.

p. Cf. Ez 28,2. A *apostasia*, isto é, o abandono de Deus pelos homens, faz parte dos fenômenos escatológicos anunciados pela apocalíptica judaica. Os termos *apostasia*, *homem da impiedade*, *filho da perdição*, *ímpio* são usados com o artigo, como se se tratasse de pessoas ou realidades bem-conhecidas de seus correspondentes. Notar-se-á a feição hebraica das expressões *o homem da impiedade* por *o ímpio*, e *o filho da perdição*, por *o Perdidido*.

q. Poder-se-ia também unir o advérbio *agora* a *o que detém* e traduzir *sabeis o que o detém agora*.

r. O tema de um monstro dominado desde as origens pela divindade encontra-se em certas mitologias. Tal tema foi adotado pela apocalíptica judaica: assim o Beemot ou Leviatã, vencido e acorrentado desde os inícios do mundo, deve ser libertado no fim dos tempos e aniquilado. Por ora ele estaria *deitado* (cf. Ap 20,7-10).

s. *O que detém* (no neutro: *to katékho*) e *aquele que detém* (no masculino: *ho katékho*): o fato de a parusia do Senhor ainda não ter acontecido é explicado aqui de uma forma para nós obscura, apesar das múltiplas tentativas de interpretação. mas pode-se pensar que os destinatários da carta pudessem perceber a alusão. A vinda do Senhor deve ser precedida pela vinda do Ímpio, mas *algo* e *alguém* retardam a aparição deste Anticristo. Qual é este obstáculo? Tem-se alvitrado, entre outros:

I. O Império romano — o que detém —, e o imperador — aquele que detém —, porque eles asseguram a ordem e a paz, e assim impedem as sublevações e as guerras tradicionalmente

consideradas como sinais do fim. Assim pensa a maioria dos intérpretes, sobretudo os antigos.

II. A pregação missionária e o mesmo apóstolo Paulo. Esta interpretação dá grande atenção à palavra de Jesus, segundo a qual o fim da história não poderia ser levado em consideração antes que o Evangelho houvesse sido proclamado a todos os povos pagãos (cf. Mc 13,10; Mt 24,14). No entanto, Paulo alhures nunca se mostra consciente de desempenhar tal missão na história da salvação.

É preciso reconhecer que estamos aqui em presença de uma enigma. Penetrá-lo, aliás, não é indispensável para uma boa compreensão do pensamento escatológico neotestamentário: a vinda do Senhor deve ser precedida da apostasia e da vinda do Ímpio. Ora nem uma nem a outra se manifestaram. Os sinais apocalípticos que precedem o fim da história ainda não são visíveis, mas é preciso continuar a viver à espera desta Parusia da qual não se conhece nem o dia nem a hora. Cf. Mc 13,28-37 e paralelos, e ITs 5,1-11.

O mistério da impiedade. Na literatura paulina, o mistério “é uma coisa, uma pessoa, uma doutrina oculta, inacessível ao conhecimento humano por ser segredo do plano divino ou segredo de um ato divino na Parusia” (Rigaux). A impiedade é *mistério* porque entra, de modo desconcertante para nós e dificilmente compreensível, no plano de salvação de Deus. Esta impiedade — o mal sob todas as suas formas — não está completamente desvendada, seu reino ainda não é total. Ela só será manifestada no grande dia, e sua ação só será universal no momento da revelação do Ímpio.

t. O termo *Jesus* está ausente de numerosos mss.

u. Cf. Is 11,4. A destruição pelo sopro é ainda um traço da apocalíptica judaica (cf. 4 *Esdras* 13,10).

v. Lit. *pela aparição de sua vinda*. A expressão poderia especificar que se trata do primeiro instante da Parusia.

w. *A verdade* que tem o poder de *salvar* é a do evangelho (cf. 2Cor 6,7): este, com efeito, anuncia Jesus como aquele em quem se deve crer e a quem se deve amar. A vida cristã é, portanto, uma ruptura com todas as seduções do erro e da mentira, que são, por excelência, obra de Satanás (cf. v. precedente e Jo 8,34-44).

x. *desde o começo*: em grego *ap'arkhês*. Certos mss. trazem o termo *aparkhê* que significa *primícias*, daí a tradução *Deus vos escolheu como primícias*.

para serdes salvos pelo Espírito que santifica e pela fé na verdade. ¹⁴Foi a isto ^{ITs 2,12} que ele vos chamou pelo nosso Evangelho, a possuir a glória⁷ de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵Assim, pois, irmãos, ficai inabaláveis e guardai firmemente as tradições que vos ensinamos, de viva voz ou por carta⁸. ¹⁶Que o próprio Senhor Jesus Cristo e Deus, nosso Pai, que nos amou e nos outorgou, por graça, uma consolação eterna e uma boa esperança, ¹⁷vos consolem e vos confirmem em tudo o que fazeis e dizeis para o bem⁹.

3 Exortação à oração e ao trabalho.

¹De resto, irmãos, orai por nós, a fim de que a palavra do Senhor prossiga o seu curso, seja glorificada como já o é entre vós, ²e nós escapemos dos homens perversos e malvados; pois nem todos têm fé. ³O Senhor é fiel: ele vos confirmará e vos defenderá do Maligno¹⁰. ⁴Quanto a vós, estamos persuadidos no Senhor: o que vos prescrevemos, vós o fazeis e continuareis fazendo. ⁵Que o Senhor guie nossos corações para o amor de Deus e a perseverança do Cristo¹¹.

⁶Em nome do Senhor Jesus Cristo, nós vos ordenamos, irmãos, que guardéis distância de todo irmão que leva uma vida desordenada¹² e contrária à tradição que recebestes de nós¹³. ⁷Vós bem sabeis como é preciso imitar-nos: nós não vivemos entre vós de maneira desordenada;

⁸não pedimos a ninguém que nos desse o pão que comemos, mas com esforço e fadiga trabalhamos, noite e dia, para não ser de peso a nenhum de vós¹⁴. ^{ITs 2,9; 4,11}

⁹Seguramente tínhamos o direito a isso, ^{Me 10,10} mas quisemos ser para vós um exemplo a imitar. ¹⁰De fato, quando estávamos convosco, nós vos dávamos esta ordem: se alguém não quiser trabalhar, também deixe de comer! ¹¹Ora, ouvimos dizer que há entre vós quem leva uma vida desordenada, afanando-se, sem fazer nada¹⁵. ¹²A estes tais, dirigimos esta ordem e esta exortação no Senhor Jesus Cristo: que trabalhem com tranquilidade e comam o pão que eles mesmos ganharam. ^{Gn 3,19}

¹³Quanto a vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem. ¹⁴Se alguém desobedece ao que dizemos nesta carta, notai-o e suspendei qualquer relação com ele, para que se sinta envergonhado; ¹⁵não o considereis, entretanto, como inimigo, mas corrigi-o como a um irmão. ^{1Cor 5,9}

Bênção e saudação. ¹⁶Que o Senhor da paz vos dê, ele mesmo, a paz, sempre e de toda forma¹⁶. Que o Senhor esteja com todos vós. ^{ITs 5,23}

¹⁷A saudação é de meu próprio punho, ^{Gl 6,11} minha, de Paulo. Assim é que assino todas as cartas: esta letra é minha¹⁷. ¹⁸Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós¹⁸.

y. Cf. ITs 2,12 e 2Ts 1,10 nota. A glória pertence exclusivamente ao Cristo ressuscitado, mas ele chama os fiéis a compartilhá-la desde agora, participando com ele da mesma vida, animada pelo Espírito Santo.

z. Pode-se pensar na primeira carta canônica, mas também em outras cartas que Paulo teria tido o ensejo de fazer chegar aos tessalonicenses (cf. Introdução). Tampouco se pode excluir a própria 2Ts. As tradições são as verdades concernentes à fé cristã, recebidas da Igreja primitiva e depois ensinadas às várias comunidades.

a. Lit. *consolem vossos corações e os confirmem em toda obra e palavra boa*.

b. Pode-se traduzir *do mal* ou *do maligno*, conforme se considere este termo como neutro ou como masculino. Cf. Mt 6,13 e ITs 5,22.

c. A perseverança de Cristo pode ser a perseverança na espera do Dia do Senhor ou a que Cristo outorga, à imagem da sua. Cf. ITs 1,3.

d. Cf. ITs 5,14 nota.

e. Cf. 2,15 nota. Aqui a tradição (no singular) parece ter-se tornado sinônimo de *as tradições* (no plural). Trata-se do conjunto do ensinamento de Paulo.

f. Cf. ITs 2,9 nota.

g. O grego avizinha duas palavras da mesma raiz: *trabalhar* e *trabalha para todos os lados*. A tradução procura conservar o jogo de palavras.

h. Vários mss. lêem: *em todo lugar*.

i. Lit. *é um sinal em todas as cartas: assim é que eu escrevo*. Cf. 1Cor 16,21; Gl 6,11; Cl 4,18.

EPÍSTOLAS PASTORAIS

INTRODUÇÃO

No conjunto do “corpus paulino”, as duas Epístolas a Timóteo e a Epístola a Tito formam um todo homogêneo, tanto no plano literário como no doutrinal. Aliás, se excetuarmos o breve bilhete a Filêmon, estas são as únicas cartas nomeadamente endereçadas a pessoas. Desde que, no início do século XVIII, D. N. Berdot e P. Anton as chamaram de “Epístolas pastorais”, esta denominação tornou-se tradicional. De fato, ela realça convenientemente a natureza particular desses escritos que contém precipuamente normas relativas aos “pastores” das igrejas.

Destinatários

Timóteo. A respeito de Timóteo, possuímos informações de primeira mão, tanto por intermédio de Lucas, nos Atos, como por intermédio do próprio Paulo.

A primeira vez que Paulo se encontrou com aquele que se tornaria seu “auxiliar” por excelência (At 19,22) foi em Listra, cidade da Licaônia, colônia romana fundada por Augusto cerca de 6 a.C. Timóteo pertencia à média burguesia daquela cidade. Seu pai era “heleno”, como diziam (At 16,1), em contraposição aos autóctones, que falavam o dialeto licaônico, e gozavam de medíocre reputação. Opina-se também que fosse pagão, já que Timóteo não foi circuncidado no oitavo dia, de conformidade com a lei judaica. Sua mãe, Eunice, judia convertida ao cristianismo (At 16,1), e sua avó Lóide, mulher de fé “sem subterfúgios” (2Tm 1,5), instruíram-no desde a mais tenra idade nas Sagradas Escrituras (2Tm 3,15).

Quando começou a trabalhar com Paulo, Timóteo era relativamente moço¹. Cerca de quinze anos depois, o apóstolo ainda poderia escrever-lhe: “Ninguém despreze a tua idade juvenil” (1Tm 4,12; cf. 5,1; 2Tm 2,22). Dotado de aparência antes tímida e reservada (cf. 1Cor 16,10; 2Tm 1,8), sua saúde delicada o sujeitava a freqüentes

indisposições. Sabe-se que o apóstolo o admoestaria carinhosamente a respeito disso: “Cessa de beber só água. Toma um pouco de vinho por causa do teu estômago e de tuas repetidas fraquezas” (1Tm 5,23). Para evitar complicações com os judaizantes, Paulo o circuncidou (At 16,3). Em data por nós desconhecida, Timóteo recebeu a imposição das mãos do colégio dos anciãos (1Tm 4,14; 2Tm 1,6).

A atividade apostólica do discípulo foi profundamente marcada pela do seu mestre. Paulo o chamava com ternura de “nosso irmão, colaborador de Deus na pregação do Evangelho de Cristo” (1Ts 3,2). Levava-o freqüentemente consigo nas suas andanças missionárias (cf. At 17,14-15; 18,5; 20,4; 2Cor 1,19). Encontramos Timóteo ao lado de Paulo quando este escreve diversas cartas: 1 e 2 Tessalonicenses (1Ts 1,1; 2Ts 1,1), a segunda aos Coríntios (2Cor 1,1), Romanos (Rm 16,21), Filipenses (Fl 1,1), Colossenses (Cl 1,1), Filêmon (Fm 1). Paulo confiou-lhe outrossim missões particulares na Macedônia (cf. At 19,22), especialmente entre os tessalonicenses, sempre tão ansiosos pela parusia, para “confirmá-los e reconfortá-los na fé” (1Ts 3,2,6). Mandou-o também aos coríntios, para lhes recordar as “regras de comportamento em Cristo”, tais como ele as ensinara “por toda a parte, em todas as igrejas” (1Cor 4,17; cf. 16,10). Esses testemunhos, que conhecemos graças aos escritos neotestamentários, permitem supor que a colaboração missionária entre Paulo e Timóteo foi particularmente estreita.

A amizade de Paulo por Timóteo foi indefectível. Quando o carrasco estiver postado diante da porta do cárcere, cerca do fim de sua vida, ele manifestará o desejo de rever uma última vez (2Tm 4,9,21) aquele a quem chama “meu verdadeiro filho na fé” (1Tm 1,2).

Tito. A respeito de Tito, só temos poucas informações, pois Lucas nunca o menciona no livro dos

1. Esta “juventude” deve ser interpretada de acordo com a linguagem da época, que contrapunha facilmente *jovem* e *ancião* (1Tm 5,1; Tt 2,6; 1Pd 5,1), sem falar de idade adulta. O tempo da juventude compreendia, pois, pelo menos em parte, o que hoje chamamos de idade adulta.

Atos. Nasceu numa família "grega", ou seja, pagã (Gl 2,3), foi sem dúvida convertido pelo próprio Paulo (cf. Tt 1,4), que o levou à Assembléia de Jerusalém (Gl 2,1-3). Não foi obrigado a sujeitar-se à circuncisão (Gl 2,3), como sucedeu a Timóteo. A sua atuação foi decisiva no caso da regularização da questão de Corinto. Ele inverteu a situação em favor de Paulo (cf. 2Cor 7,7) e logrou suscitar para si a estima dos coríntios. Escrevendo a estes, Paulo presta, a respeito dele, este magnífico testemunho: "Ele nos relatou o vosso vivo desejo, as vossas lágrimas, o vosso zelo por mim, a tal ponto que me causou uma alegria ainda mais viva... (Ele) recebeu de todos vós uma plena quietação... Com isto a sua ternura para convosco só cresce, quando se lembra da obediência de todos vós e com que temor e tremor o acolhestes" (2Cor 7.7.13.15).

Paulo prezou o seu talento e sua caridade, pois confiou-lhe a tarefa de dar a última demão à organização das comunidades cristãs em Creta (Tt 1,5). Segundo 2Tm 4,10, é provável que ele tenha estado com Paulo em Roma por certo tempo, à ocasião do segundo cativeiro e, a seguir, partiu para a Dalmácia.

Data e lugar

Segunda Epístola a Timóteo. Começamos com a segunda Epístola a Timóteo, que parece fornecer os melhores elementos de identificação. Segundo tudo indica, foi a última epístola pastoral na ordem cronológica. Pois nela Paulo escreve: "Cheguei ao termo da minha carreira" (4,7). Ela antecederia, pois, de perto, a morte do apóstolo.

Haveria possibilidade de inserir este dado na trama da história, fixando para o martírio de Paulo uma data precisa? Parece difícil. Duas soluções se oferecem:

— A primeira admite a autenticidade das pastorais e supõe, por conseguinte, um segundo encarceramento de Paulo (segundo cativeiro). Preso durante a perseguição de Nero (entre 64 e junho de 68), o apóstolo teria morrido mártir nesta época, talvez no ano 67 (cf. o testemunho de Eusébio, História eclesiástica, II, XXV, 5). A esta data remontaria a redação da segunda epístola a Timóteo.

— A segunda solução não admite a autenticidade integral das Pastorais, e situa a sua redação numa época certamente mais tardia, por volta do fim do século I ou início do século II.

A análise dos textos não permite resolver a questão com certeza num sentido ou no outro. Por isso, qualquer das duas posições que se adote, será prudente provê-la de algum coeficiente de probabilidade.

Eis os elementos do problema: a segunda carta a Timóteo tem toda a aparência de ter sido redigida em Roma (1,17), durante um cativeiro particularmente rigoroso: Paulo jaz acorrentado "como um malfetor" (2,9); este encarceramento assume a seus olhos um caráter infamante: por duas vezes ele pede a Timóteo que não se envergonhe dele (1,8.12), mas imite Onesíforo que, recorda ele, não teve pejo de suas correntes (1,16) e o procurou "com zelo" para encontrá-lo na capital romana. Aliás, o apóstolo não se ilude a respeito do resultado de seu processo. Ele sabe que está próximo o tempo de sua partida, que já foi oferecido em libação (4,6). Sente-se terrivelmente só: Demas o abandonou "por amor ao mundo presente", Crescente partiu para a Galácia, Tito, para a Dalmácia (4,10). Na primeira vez em que teve de apresentar a própria defesa, escreve: "Ninguém me assistiu, todos me abandonaram" (4,16). Só Lucas permanece com ele (4,11). Suplica a Timóteo que venha ter com ele o mais rápido (4,9), antes do inverno (4,21).

Trata-se aqui de um cativeiro de Paulo em Roma — chamemo-lo de o primeiro cativeiro — em At 28,30, cativeiro que se deu por volta de 61-63. Mas as circunstâncias desse primeiro cativeiro não se adaptam às de 2Tm: Paulo permanecia então numa casa que alugara, e podia receber livremente os que viessem procurá-lo. Deve-se, então, ou admitir um segundo cativeiro, durante o qual teria redigido sua carta, cativeiro ao qual os *Atos* não se referem, ou então recusar os dados históricos da carta e contestar sua autenticidade integral.

Eis outro indício: Paulo pede que Timóteo lhe traga o manto que ele deixou em Trôade, em casa de Carpo, assim como os livros, sobretudo os pergaminhos (4,13). Ora, não é possível identificar essa estada em Trôade com aquela de que nos fala Lucas em At 20,5. Essa estada, segundo At 28,30 é, com efeito, cinco anos anterior ao fim do primeiro cativeiro. Não seria fácil supor que Paulo tenha deixado um manto para o inverno durante cinco anos em casa de seu amigo Carpo.

Uma última observação: Paulo ressalta que deixou Trófimo doente em Mileto (4,20). Este dado

não se coaduna com os de At 21,29, onde nós vemos o mesmo Trófimo, em bom estado de saúde, percorrer Jerusalém com Paulo, antes do primeiro cativoiro.

Por todas essas razões, não se pode confundir a estada de Paulo em Roma, segundo 2Tm, com a outra da qual nos fala Lucas em At 28,30. Por isso é que alguns defendem a hipótese de um segundo cativoiro romano.

A Primeira Epístola a Timóteo e a Epístola a Tito. Essas duas epístolas usam o mesmo vocabulário e tratam dos mesmos assuntos que a segunda carta a Timóteo. Devem pois ser da mesma época. Os dados que poderiam conferir mais precisão cronológica são irrelevantes. Pode-se tão-somente asseverar que essas duas cartas não foram redigidas nem antes, nem durante a terceira excursão missionária, nem depois da segunda a Timóteo.

Conforme 1Tm 1,3, Paulo está de partida para a Macedônia e deixa Timóteo em Éfeso, para ali dirigir a comunidade. Não é provável que essa estada de Timóteo em Éfeso coincida com o período da "terceira" viagem missionária, já que, durante esse tempo todo, ele esteve na comitiva imediata de Paulo. Por outro lado, os erros que se tinham infiltrado na comunidade e que o apóstolo predissera em seu discurso de despedida aos anciãos (At 20,29) permitem supor que a Igreja de Éfeso já estivesse fundada havia certo tempo. Somos portanto induzidos a recorrer à mesma alternativa que no caso anterior: ou recusar a historicidade desses dados, ou supor que Paulo, após o primeiro cativoiro em Roma, que terminou por volta de 63, tenha recommçado o seu ministério apostólico e redigido a epístola depois de 63 e antes da segunda a Timóteo.

Esta última hipótese pode ser aventada também quanto à Epístola a Tito. Conforme Tt 1,5, Paulo deixou Tito em Creta, para que concluísse a organização da Igreja que lá fundara. Escreve-lhe durante uma viagem (Tt 3,12), e pede-lhe que o venha encontrar em Nicópolis, para passarem o inverno ali. Sendo exatos esses dados, esta atividade missionária deve situar-se nos anos que se seguiram à libertação de Paulo, por volta de 63-67.

Conteúdo

As Pastorais e o paulinismo. Em geral, a homogeneidade das Epístolas pastorais não é discutida.

Outra é a questão da relação entre a teologia das Pastorais e o paulinismo. Ao fazer a comparação entre uma e o outro, descobrem-se a um tempo semelhanças impressionantes e sensíveis diferenças, e é a interpretação que se deve dar a este fato que suscita opiniões diametralmente opostas.

Semelhanças. Pôde-se afirmar que "em nenhuma parte da literatura extrapaulina a doutrina paulina manifesta-se tão claramente quanto nas Pastorais". E é um fato que, nas Pastorais, se encontra boa quantidade de grandes afirmações paulinas: a misericórdia divina manifestou-se em Jesus Cristo, que veio para salvar os pecadores (1Tm 1,12-17); o homem salva-se pela graça (Tt 3,7) e por meio da fé (1Tm 1,16; 2Tm 3,15); a justificação pelas obras está excluída (Tt 3,5; 2Tm 1,9); há uma relação estreita entre o batismo e a salvação (Tt 3,5); a salvação dos homens efetua-se de conformidade com o plano eterno de Deus (o "mistério" agora revelado: 1Tm 3,16). A tudo isso devem-se ainda acrescentar as exortações dirigidas aos escravos (1Tm 6,1-2) e as referentes à atitude a ser observada para com as autoridades (1Tm 2,1; Tt 3,1); o acento posto na utilidade dos sofrimentos do apóstolo em vista do bem dos fiéis (2Tm 2,10); a recordação dos sentimentos do apóstolo (tais como a humildade, 1Tm 1,12-14; ou seu afeto para com Timóteo, 1Tm 1,2.18; 5,23; 2Tm 1,2; 1,4; 4,9.21 etc.); a delicadeza que se deve demonstrar para com os que se desencaminham (2Tm 2,25). A lista dessas semelhanças é suficientemente longa para obrigar-nos a admitir (no mínimo) que as Pastorais foram redigidas num ambiente paulino.

Diferenças. Todavia, as diferenças entre a teologia das Pastorais e a grande corrente paulina são tão reais quanto as semelhanças. Se se encontram nas Epístolas pastorais as grandes afirmações paulinas referentes à salvação, estas, não raro, vêm expressas através de outro vocabulário. Em vez de ser considerada sobremodo como vínculo que prende o crente a Cristo, a fé é concebida, de preferência, como adesão e fidelidade à doutrina estabelecida (1Tm 4,1; 6,21), à "santa doutrina" (1Tm 1,10; 2Tm 4,3) ou ao "depósito" transmitido a homens como Timóteo (1Tm 6,20; cf. 2Tm 2,2). Fez-se notar também a insistência na prática das "boas obras" (1Tm 2,10; 5,10.25; etc.) e um

conceito da moral que foi qualificado de "burguês", por oposição às exigências mais radicais das grandes epístolas paulinas; "o lugar primordial da fé parece agora ter sido tomado pela "piedade", termo que ocorre a cada passo nas Pastorais, sendo totalmente estranho ao vocabulário paulino". O amor tende a tornar-se uma virtude equiparada às outras, em vez de ser a que comanda todas as demais (1Tm 4,12). As referências ao Espírito Santo são acessórias e verifica-se que a graça é considerada numa perspectiva assaz limitada (Tt 2,11-12). Finalmente, sublinha-se um enfraquecimento da expectativa escatológica, com uma acentuação na necessidade de viver piedosamente no tempo presente (Tt 2,11-14). Todos esses traços atestam ter-se chegado a uma época mais tardia, na qual não se pensa mais em assentar os fundamentos da fé, e sim em consolidar a Igreja e organizá-la em face das heresias que a ameaçam.

Organização da Igreja. Num momento em que a maioria dos apóstolos já desapareceu, acentua-se a responsabilidade dos dirigentes das Igrejas, bispos e anciãos (ou presbíteros). Sob este ponto de vista, a situação que as Pastorais refletem é a do fim do século I; aqui, não se trata, como em tempos vindouros, da constituição de um episcopado monárquico, pois tanto os bispos como os presbíteros têm praticamente a seu cargo as mesmas funções (cf. 1Tm 3,1 nota). A ambos cabe a responsabilidade de velar pela fiel transmissão do ensino que receberam, unindo à sua pregação o exemplo de uma vida santa (1Tm 3,1-7; Tt 1,5-9). Devem confirmar na fé os fiéis, para enfrentarem as investidas dos falsos doutores. Quanto aos diáconos, que também devem levar uma vida exemplar (1Tm 3,8-13), estão encarregados de serviços mais particulares em prol dos doentes e dos pobres. Chama bastante atenção verificar que os ministérios proféticos ou carismáticos são deixados em segundo plano, talvez devido a desordens semelhantes às que haviam sucedido na comunidade de Corinto. No seu conjunto, os ministérios ainda não estão claramente delimitados; trata-se do início de um movimento de organização que, no decurso dos tempos, a tradição definirá.

As heresias. As heresias, contra que as Pastorais reagem sem cessar, e que tornam necessário o

apelo à firmeza doutrinal, são definidas de forma demasiado geral para poderem ser assimiladas ao gnosticismo característico do século II. Os falsos doutores, que parecem atuar no âmago mesmo da Igreja, são influenciados mormente pelas doutrinas judaizantes: são sobretudo judeus (Tt 1,10), que se arvoram em doutores da lei (1Tm 1,7), que suscitam controvérsias a respeito da lei (Tt 3,9) e recorrem a mitos judeus (Tt 1,14), a lendas e genealogias (1Tm 1,4). Mas não é possível descobrir também no seu ensinamento o germe do dualismo gnóstico, como a interdição do casamento e certos tabus alimentares (1Tm 4,3), embora esses tabus possam ter provindo de ambientes judeus. A afirmação de que a ressurreição já se efetuou (2Tm 2,18) também pode ter uma origem gnóstica. Essas heresias andavam de par com o relaxamento moral (cf. os numerosos catálogos de vícios das Epístolas pastorais. Todavia, é preciso notar que tais catálogos eram muito conhecidos nos círculos estoicos: passaram para as nossas epístolas por intermédio dos ambientes da diáspora relacionados com a filosofia estoica. Sob este aspecto, esta influência estoica faz-se sentir particularmente nas Pastorais).

O louvor nas Pastorais. Entretanto, não se dá o justo valor ao alcance teológico das Pastorais, limitando-se a discutir sobre o que nelas abarcam os títulos de bispos ou anciãos, ou sobre as heresias que pretendem denunciar. É mister, além disso, saber ouvir nelas certos ecos do culto de louvor da antiga Igreja. Este louvor evidencia-se mormente nos fragmentos de hinos primitivos reproduzidos nas Pastorais (1Tm 2,5-6 etc.). Alguns são eco dos hinos gregos usados no culto das sinagogas da diáspora (1Tm 1,17; 6,15-16). Outros, que exaltam a grandeza de Cristo e da sua obra, têm origem cristã (1Tm 3,16; 2Tm 2,11-13).

Autenticidade. As Igrejas cristãs afirmam a canonicidade das Epístolas pastorais. Vale dizer que a comunidade cristã, guiada pelo Espírito de Jesus, reconhece nessas cartas a Palavra de Deus. Mas o problema da autenticidade permanece aberto: foi Paulo quem as redigiu? De fato, conforme acenamos acima, se se hesita tanto acerca da data da composição, é porque ela está vinculada à questão da autenticidade. Múltiplos são os motivos que provocam esta hesitação.

Eis, em primeiro lugar, os argumentos de crítica externa. No sentir de alguns, eles pesam grandemente em favor da autenticidade. Clemente de Roma, Policarpo de Esmirna, Inácio de Antioquia conheciam e citavam as Pastorais. Isto significaria que a tradição das Igrejas de Roma, Esmirna e Antioquia as considerava canônicas. O Cânon de Muratori, fixado por volta de 180, insere-as no corpus paulino; Clemente de Alexandria cita-as mais de quarenta vezes; Irineu atribui explicitamente a Paulo as citações que faz das Pastorais. Isto significa que, na segunda metade do século II, essas cartas são conhecidas e reconhecidas como paulinas e canônicas, exatamente como as demais dez epístolas.

Talvez haja um pouco de precipitação nesta conclusão. Seja como for, o argumento tirado das semelhanças entre as Pastorais e as cartas de Inácio e Policarpo perde muito de sua acuidade se supusermos que todos esses escritos dependem de uma tradição comum anterior às Pastorais. Quanto ao testemunho do Cânon de Muratori, pode-se opor-lhe o de Marcião que, pela metade do século II, não aceita as Pastorais no seu cânon; verdade é que a condenação das heresias e o elogio do Antigo Testamento que constam nessas epístolas só podiam desagradar ao heresiarca, que rejeitava em bloco todo o Antigo Testamento.

No plano da crítica interna, não é menos confusa a situação. Vem primeiro o problema suscitado pela heterogeneidade do vocabulário. Num total de 902 palavras usadas nas Pastorais, 305 não se encontram em parte alguma dos outros escritos de Paulo, e 175 em parte alguma do resto do NT. É muita coisa. Isso dá um hapax (termo grego que significa "uma só vez") para 1,55 versículo nas Pastorais, ao passo que a proporção é de 1 hapax para 5,33 versículos em 1Cor e 1 hapax para 3,66 versículos em 2Cor. Qual a conclusão?

Não se deve valorizar demais a importância desta aritmética. Dentre esses hapax, alguns há que não têm pretensão a nenhum significado particular. Tal o caso das palavras puramente ocasionais, como estômago (1Tm 5,23), avó (2Tm 1,5), pergamino (2Tm 4,13), ou de latinismos como levar uma vida (1Tm 2,2), malfeitor (2Tm 2,9), que se explicam pela estada em Roma. É preciso também mencionar os termos bíblicos usados pela versão grega do AT e que ocorriam muito naturalmente à pena daqueles que estavam familiarizados com a tradução grega do AT.

Ficam por explicar os hapax mais significativos. Eles podem provir simultaneamente do assunto tratado e do escritor.

O assunto tratado é especial: como conduzir a Igreja, que é a casa de Deus. Paulo nunca o considerara com tanta amplitude. A novidade da situação acarreta a renovação do vocabulário. Observam-se que 50 hapax referem-se às doutrinas erradas, 29 às qualidades dos ministros da assembléia, 61 às funções e virtudes de Timóteo e Tito, e 90 à organização geral da Igreja.

O autor mudou, desde a época das grandes epístolas. É normal que um pensamento tão vigoroso quanto o de Paulo esquive-se à esclerose e que esta evolução imprima o seu cunho na do vocabulário. Isso não é peculiar às Pastorais, mas se verifica em todo o evoluir da constituição do corpus paulino. Já não é fácil provar que 1 Tessalonicenses e Colossenses provenham da mesma pena que 1 Coríntios.

Por outro lado, Paulo envelheceu. O seu estilo tornou-se lento e empanado, inclinado a moralizar: contam-se nada menos que 30 imperativos em 2Tm! Paulo esqueceu os tumultuosos gritos de 2Cor, os brados de Gl. "É um Paulo de convenção que, num estilo paternal e fácil, escreve a um Timóteo artificial" (Loisy). O propósito de clareza e ordem favorece uma linguagem técnica, inclina às palavras raras. Tal evolução lingüística é normal num escritor que envelhece. Este crescimento dos hapax com a idade topa-se em autores tão distantes entre si no tempo quanto Platão e Shakespeare.

Finalmente, sublinhou-se a importância que o secretário deve ter adquirido na redação dessas cartas. Este argumento parece de singular peso a J. Jeremias. O amontoamento dos prisioneiros, a sujeira e a deficiência de iluminação dos calabouços, a dificuldade de escrever com a técnica antiga — que deve ter exigido para 2Tm vários dias de trabalho —, permitem supor que a influência do secretário tenha sido considerável. A par dos trechos que Paulo lhe ditou pessoalmente, por exemplo 2Tm 4,6-18, pode ser que tenha redigido longos fragmentos em que se referia ao ensino do apóstolo e a suas conversas com ele. Foi ele igualmente que, por própria iniciativa, deve ter integrado nas Pastorais os fragmentos de hinos como 1Tm 1,17; 3,16; 6,15-16 e 2Tm 2,11-13, cuja origem é cultuai. Os demais pontos relativos à questão da autenticidade podem ser passados

em revista mais rapidamente. Como foi visto acima, as semelhanças entre os ensinamentos das Pastorais e o paulinismo são importantes. Seria possível deduzir daí um argumento decisivo contra a autenticidade? Tal possibilidade chegou a ser cogitada. Mas pode-se também admitir que estes escritos datem da velhice do apóstolo, numa época em que devia enfrentar problemas diferentes dos de suas primeiras epístolas.

Também houve quem pretendesse encontrar um argumento contra a autenticidade na luta que as epístolas travam contra o "gnosticismo" (heresia que implicaria uma data de composição bem tardia). Mas as heresias a que aludem caracterizam-se por numerosos traços judaicos e não apresentam de modo preciso as características do gnosticismo do século II. Os movimentos de que aqui se trata podem muito bem ter existido em vida do apóstolo Paulo.

Quanto à organização da Igreja, as Pastorais mostram que alcançara uma expansão ainda desconhecida no tempo das outras epístolas paulinas. Alguns estimam que as diretivas fornecidas a este respeito reflitam a preocupação que afligia Paulo antes de morrer. Contudo, é neste domínio particular que a autenticidade parece mais difícil de sustentar.

Nós não aludimos à dificuldade de harmonizar o quadro histórico que se nos depara nas Pastorais com os dados fornecidos por Atos. De fato, a hipótese do "segundo" cativo só é aventada para criar um quadro histórico no qual se pudesse integrar a vida de Paulo de acordo com as Pastorais. Isto não significa que ele não haja existido. Pois o fim do livro dos Atos, ao narrar o primeiro cativo, não coincide necessariamente com o fim da vida de Paulo. A argumentação, como se vê, é inapreensível. Em princípio, ela deveria fazer pender a balança em favor dos dados das Pastorais, pois ninguém pode, sem motivo, ser suspeito de inverdade.

Qual a conclusão? Tanto aos que negam a autenticidade das Pastorais como aos que a sustentam, não faltam motivos válidos. Outros estimam que uma posição intermediária, que afirmasse uma inautenticidade parcial, poderia ser a melhor solução. É possível supor que um admirador de Paulo procurasse estabelecer, em vista das necessidades da Igreja no seu tempo, o que considerava ser o testamento espiritual do apóstolo. Quanto aos pormenores concretos (por exemplo, o manto e o pergaminho esquecidos em Trôade), proviriam de cartas autênticas parcialmente encaixadas nas Pastorais.

PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, conforme a ordem de Deus, nosso Salvador^a, e de Cristo Jesus, nossa esperança, ²a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé: graça, misericórdia, paz^b da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

dores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, ¹⁰libertinos, pederastas, mercadores de escravos^b, mentirosos, perjuros e para tudo o que se oponha à sã doutrina! ¹¹Eis o que se ajusta ao evangelho de glória do Deus bem-aventurado, que me foi confiado.

2Cor 4,4

6.15
1Ts 2,4;
Tt 1,3

Os falsos doutores prejudicam a caridade. ³Conforme te recomendei ao partir para a Macedônia, permanece em Éfeso^c para prescrever a alguns que não ensinem outra doutrina^d, ⁴e não se apeguem a lendas e genealogias sem fim^e; isso favorece mais as discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé. ⁵O objetivo dessa injunção é o amor que provém de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera. ⁶Por se terem apartado desta linha, alguns se extraviaram num palavreado oco; ⁷pretendem ser doutores da lei^f, ao passo que não sabem nem o que dizem, nem o que afirmam com tanta veemência.

Louvor à misericórdia de Cristo. ¹²Estou cheio de gratidão para com aquele que meu deus a força. Cristo Jesus nosso Senhor: foi ele que me julgou digno de confiança, tomando-me a seu serviço, ¹³a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e violento^g. Mas foi-me concedida misericórdia, porque agi por ignorância, não tendo fé. ¹⁴De fato, para mim superabundou a graça de nosso Senhor, bem como a fé e o amor que há em Cristo Jesus.

At 9,15;
Gl 1,15-16

Rm 5,20;
1Cor 15,10

¹⁵Digna de confiança é esta palavra^k e merece ser plenamente acolhida por todos: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu, em especial, sou o primeiro^l. ¹⁶Mas, se me foi concedida misericórdia, foi para que em mim por primeiro Cristo Jesus demonstrasse toda a sua generosidade, para que eu servisse de exemplo aos que creriam nele, em vista de uma vida eterna.

Lc 15,2;
19,10

A verdadeira função da lei. ¹⁸Sabemos com efeito que a lei é boa^m, na medida em que é acatada como lei. ¹⁹Pois compreendamos bem o seguinte: a lei não é feita para o justo, mas para os indivíduos insubmissos e rebeldes, ímpios e peca-

Rm 1,29

a. Nas epístolas pastorais, o título de *Salvador* aplica-se tanto a Deus (1Tm 1,1; 2,3; 4,1; Tt 1,3; 2,10; 3,4) como a Jesus Cristo (2Tm 1,10; Tt 1,4; 2,13; 3,6). Em outros passos do Novo Testamento, é reservado a Jesus (com exceção de Lc 1,47 e Jd 25); ver Lc 2,1 nota.

b. A fórmula de saudação com três termos: *graça, misericórdia, paz*, só se encontra aqui e em 2Tm 1,2; 2Jo 3. A fórmula costumeira nas epístolas paulinas é *graça e paz* (cf. Rm 1,7; 1Cor 1,3; 2Cor 1,2 etc.).

c. Cf. Introdução.

d. Lit. *não ensinar outra coisa*.

e. Provavelmente, trata-se de especulações judaicas acerca dos patriarcas e heróis do Antigo Testamento, especulações em que se há de inspirar o gnosticismo.

f. Essa expressão confirma a hipótese da origem judaica dos adversários apontados pelo apóstolo (cf. Introdução).

g. Essas palavras são o eco do que encontramos na epístola aos Romanos (cf. Rm 7,12.14.16). Mas aqui a perspectiva é diferente: a lei não é mais considerada na sua função de des-

maskar o pecado do homem, mas enquanto meio necessário de disciplina para todos os que vivem na desordem (vv. 9-10).

h. Lit. *traficantes de homens*.

i. Esta expressão é peculiar às epístolas pastorais (cf. 2Tm 4,3; Tt 1,9; 2,1), que frisam a solidariedade entre a *sã doutrina* e a vida moral (cf. também 1Tm 6,3; 2Tm 1,13; Tt 1,13; 2,8).

j. Alusão ao fato de Paulo, antes da sua conversão, ter perseguido a Igreja (cf. At 9,1-2; Gl 1,13; Fl 3,6).

k. Esta fórmula encontra-se cinco vezes nas Pastorais (1Tm 1,15; 3,1; 4,9; 2Tm 2,11; Tt 3,8). Serve para frisar o caráter solene de uma declaração.

l. O verdadeiro alcance desta afirmação fica esclarecido com o que segue (v. 16): o apóstolo é o *primeiro* entre os pecadores, no sentido de que o seu caso ilustra de forma insigne a misericórdia de que o homem é objeto da parte do Senhor. Por isso, seria inútil perguntar se Paulo foi verdadeiramente o maior dos pecadores, pois a idéia de comparação com os demais homens não se encaixa no texto.

17 Ao rei dos séculos,
ao Deus imortal, invisível e único,
Rm 16,27 honra e glória
pelos séculos dos séculos. Amém^m.

Combater o bom combate. 18Eis a instrução que eu te confio, Timóteo, meu filho, consoante as profecias^o outrora proferidas sobre ti, a fim de que, fortificado

6,12; 2Tm 4,7 3,9 por elas, combatas o bom combate, 19com fé e boa consciência. Alguns a rejeitaram e sua fé naufragou. 20Entre eles contam-se Himeneu e Alexandre; eu os entreguei a Satanás, para que aprendam a não mais blasfemar^o.

2 A oração litúrgica. 1Antes de tudo, pois, eu recomendo que se façam pedidos, orações, súplicas, ações de graças por todos os homens^o, 2pelos reis e todos os que detêm a autoridade^o, a fim de que levemos uma vida calma e tranqüila com toda a piedade e dignidade. 3Eis o que é bom e agradável aos olhos de Deus, nosso Salvador, 4que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

Rm 3,29-30 5 Pois há um só Deus
Hb 8,6; 9,15; 12,24 e também um só mediador
entre Deus e os homens,

um homem: Cristo Jesus,
6que se entregou
como resgate por todos^o.

Mt 20,28;
Gl 1,4;
Tt 2,14

Este é o testemunho^o que foi prestado nos tempos estabelecidos¹ 7e para o qual eu mesmo fui constituído arauto e apóstolo — falo a verdade, não mintento —, doutor das nações na fé e na verdade.

At 9,15;
Gl 2,7-8;
1Tm 1,11;
2Tm 1,11

Homens e mulheres na assembléia cultural. 8Quero, portanto, que os homens orem em toda parte^o, erguendo para o céu mãos santas, sem ira nem alteração. 9Quanto às mulheres^o, tenham um traje decente, adornem-se com pudor e modestia: sem tranças nem jóias de ouro ou pérolas ou vestidos suntuosos. 10mas, pelo contrário, adornem-se de boas obras, como convém a mulheres que fazem profissão de piedade^o.

1Pd 3,2-4

11Durante a instrução, a mulher deve guardar silêncio, com toda submissão. 12Não permita à mulher que ensine, nem que domine o homem. Mantenha-se, portanto, em silêncio. 13Com efeito, Adão é que foi formado primeiro. Depois Eva. 14E Adão não foi o seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu na transgressão. 15Todavia, ela será salva por sua

5,10

1Cor 14,
34-35

Gn 2,18-24;
1Cor 11,8-9

Gn 3,6;
2Cor 11,3

m. Provavelmente essa doxologia tem origem litúrgica (cf. 6,15-16 nota). Repetidas vezes, as Pastoris usam fórmulas litúrgicas (cf. 2,5-6; 5,21; 6,15-16; 2Tm 1,9-10; 2,8; 4,1).

n. Alusão ao papel desempenhado pelos profetas na ordenação de Timóteo (cf. 4,14; At 13,1-3).

o. O nome de *Himeneu* torna a encontrar-se em 2Tm 2,17 e o de *Alexandre* em 2Tm 4,14. Ao dizer que os entregou a Satanás, Paulo quer dizer decerto que os excluiu da comunidade cristã (cf. 1Cor 5,5).

p. A oração dos fiéis faz-se "por todos os homens" (v. 1). É tão universal quanto a própria Igreja. Destarte, ela corresponde ao desígnio de salvação de Deus, que concerne a "todos os homens" (v. 4) e à mediação de Cristo que "se entregou como resgate por todos" (v. 6).

q. Convém lembrar que, na época em que o apóstolo pedia que se rezasse por todos os detentores da autoridade, o imperador de Roma se chamava Nero.

r. Esta fórmula parece reproduzir uma profissão de fé em uso na comunidade primitiva. Lê-se outra profissão em 1Tm 3,16. O sacrifício de Cristo em resgate por todos evoca a figura do servo de Deus (Is 53,11-12; Mt 20,28).

s. Entregando-se em resgate por todos, Jesus deu *testemunho* do desígnio de salvação universal de Deus. Assim, ele se revela

testemunha fiel do Pai (Ap 1,5; 3,14). Deu um testemunho decisivo perante Pôncio Pilatos numa *bela profissão de fé* (1Tm 6,13). — Outra interpretação compreende a palavra *testemunho* como sinônimo de *evangelho* (conforme o vocabulário paulino) ou de *querigma*: tratar-se-ia então da pregação do apóstolo.

t. *Nos tempos estabelecidos* ou ainda *nos seus tempos*, como em 1Tm 6,15 e em Tt 1,3, isto é, nos tempos fixados por Deus, no *cumprimento do tempo* (Gl 4,4). De fato, o cumprimento do tempo coincide com a plenitude da revelação do amor de Deus (Rm 5,6-8).

u. *Em toda parte* (como em 1Cor 1,2; 2Cor 2,14; 1Ts 1,8), ou seja, onde quer que o Evangelho tenha sido pregado. — Alguns lêem também: *em todo lugar erguendo para o céu*, no sentido de uma prática litúrgica que o apóstolo desejaria ver uniformizada em todas as Igrejas. Mas esta interpretação, que reduz a recomendação do apóstolo ao nível de uma rubrica litúrgica, não quadra com o universalismo dos vv. precedentes.

v. Lit. *Igualmente as mulheres*. Pelo mesmo título que os homens, as mulheres participam no serviço divino da oração.

w. As recomendações do apóstolo são marcadas pelo contexto social e religioso em que vivia a comunidade primitiva. O essencial é a profissão de piedade pela prática das boas obras. Este essencial permanece, embora sua expressão varie no decurso das eras.

maternidade, contanto que persevere na fé, no amor e santidade, com modestia^a.

3 Os episcopos. ¹Digna de confiança, é esta palavra^a: se alguém aspira ao episcopado^a, deseja uma boa tarefa. ²Por isso, o episcopo deve ser irrepreensível, esposo de uma só mulher^a, sóbrio, ponderado, de maneiras corretas, hospitaleiro, capaz para ensinar, ³nem dado ao vinho, nem briguento, porém manso; não seja altercador, nem cobiçoso. ⁴Saiba governar bem a própria casa e manter os filhos na submissão, com toda a dignidade: ⁵pois, alguém que não soubesse governar a própria casa, como cuidaria de uma Igreja de Deus? ⁶Não seja recém-convertido, para que não suceda que, cego pelo orgulho, caia sob a condenação infligida contra o diabo^b. ⁷Ademais, é preciso que os de fora lhe prestem bom testemunho, a fim de que não caia no opróbrio, ao mesmo tempo que nas redes do diabo.

Os diáconos. ^aOs diáconos^c igualmente devem ser dignos, ter uma só palavra, não se entregar ao vinho nem andar à

cata de lucros inconfessáveis. ⁹Guardem o mistério da fé numa consciência pura. ^{1.19} ¹⁰Sejam, também eles, provados primeiro; depois, não havendo neles nada que repreender, exercerão o ministério do diaconato.

¹¹As mulheres^d igualmente, devem ser dignas, não maldizentes, sóbrias, fiéis em tudo. ¹²Sejam os diáconos esposos de uma só

mulher^e, governem bem seus filhos e a própria casa. ¹³Pois aqueles que exercem bem o ministério de diácono lucram para si mesmos uma posição honrosa^f, bem como grande segurança^g, fundada na fé que têm em Cristo Jesus.

O mistério da piedade. ¹⁴Escrevo-te isso, embora espere encontrar-te em breve.

¹⁵Contudo, caso eu demore, saberás assim como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade^h.

¹⁶Grande é, com certeza, o mistério da piedade.

Eleⁱ foi manifestado na carne, justificado pelo Espírito^j, contemplado pelos anjos, proclamado pelos pagãos,

Rm 12.17;
2Co 8.21

Jo 1.14

x. Em toda esta seção (vv. 11-15), é preciso levar em conta o que decorre do contexto social da época, do ensino rabínico e das preocupações imediatas da epístola. Em qualquer caso, seria um anacronismo projetar nela os problemas atuais do ministério cultural das mulheres. Ao afirmar que a mulher será salva por sua maternidade (v. 15), Paulo opõe-se aos hereges que proscreviam o casamento (1Tm 4.3). Ao pedir que elas acolham o ensino em silêncio, opõe-se aos excessos das *tugarelas* e *indiscretas* que *falam a torto e a direito* (1Tm 5.13). Como em Tt 2.3-5, Paulo quer barrar o caminho aos excessos que a emancipação da mulher, inscrita na liberdade do evangelho (Gl 3.28), teria podido provocar.

y. Cf. 1.15 nota.

z. Ainda não se trata do cargo de bispo na acepção rigorosa do termo. Os *episcopos*, ou *vigilantes*, exerciam funções de dirigentes na comunidade, sendo difícil dizer em que se distinguiram exatamente dos *presbíteros* ou *anciãos* (cf. Tt 1.5-7; At 20.17,28).

a. Conforme os comentadores, o apóstolo teria em vista o desregramento (mas não era evidente a necessidade de abster-se dele?), ou então interditaria novo casamento depois da viuvez, ou ainda impugnaria o fato de repudiar a própria mulher, para desposar outra (cf. Mc 10.1-11 par.). Mas pode-se também compreender as expressões *esposo de uma só mulher* ou *mulher de um só esposo* (cf. 1Tm 5.9), expressões que se encontram nas

inscrições judaicas e pagãs, no sentido de um amor conjugal particularmente fervoroso.

b. Lit. *a condenação do diabo*. Trata-se, quer de um genitivo objetivo (a condenação infligida contra o demônio), quer de um genitivo subjetivo (o diabo se faria acusador daquele que caiu). Com relação ao contexto, o ponto importante a sublinhar é que o neófito, por seu orgulho, faria o jogo do diabo (cf. v. 7).

c. Os *diáconos* ("servidores" ou "assistentes") eram encarregados especialmente de acudir aos pobres e doentes. Encontram-se igual justaposição dos episcopos e diáconos em Fl 1.1.

d. As esposas dos diáconos (convocadas para ajudar seus maridos) ou as mulheres que respondiam pela função de diácono (cf. Rm 16.1 nota).

e. Cf. 3.2 nota.

f. É pelo cumprimento fiel do seu serviço que o diácono merecerá ser honrado na Igreja (cf. Mc 10.43-44 par.).

g. *Segurança* diante dos homens e diante de Deus.

h. Há quem pense que *coluna e sustentáculo da verdade* se refira a Timóteo.

i. O texto que segue é um fragmento de hino cristão à glória de Cristo. Em grego, o pronome masculino é bem afeiçoado e se refere a Cristo. Contudo, alguns manuscritos trazem o neutro, cujo antecedente, então, passa a ser o *mistério da piedade*, sem que isto mude em nada a orientação geral do texto.

j. Lit. *no Espírito*. Alusão à ressurreição (cf. Rm 1.4).

acreditado no mundo,
exaltado na glória.

Mc 16,19;
At 1,9

4 Tudo o que Deus criou é bom. ¹O

Espírito o diz expressamente: nos últimos tempos, alguns renegarão a fé, aderirão a espíritos sedutores e a doutrinas inspiradas pelos demônios, ²por terem sido desencaminhados pela hipocrisia dos mentirosos, que têm a consciência^k marcada a ferro em brasa: ³eles proibirão o casamento; proscreverão o uso de certos alimentos^l, apesar de Deus os ter criado para que os fiéis, aqueles que têm pleno conhecimento da verdade, os tomem com ação de graças. ⁴Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado se se toma com ação de graças. ⁵De fato, a palavra de Deus e a oração^m o santificam.

“Expõe tudo isso aos irmãos: assim fazendo, serás um bom diácono” de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido com diligência. ⁷Quanto às fábulas ímpias, bisbilhotices de mulher velha, rejeita-as.

Lc 4, 6,20;
2Tm 2,16;
Tt 1,14

Utilidade da piedade. Em vez disso, exercita-te na piedade”. ⁸Com efeito, o exercício corporal é de escassa utilidade, ao passo que a piedade é útil para tudo^p. Não possui ela a promessa da vida, tanto da vida presente como da futura?

k. *Têm a consciência marcada com ferro em brasa*, tal como eram marcados com um sinal infamante os criminosos e os escravos fugitivos.

l. Os tabus alimentares provinham, sem dúvida, dos ambientes judaicos. Paulo frisa reiteradamente a liberdade introduzida por Cristo neste domínio (Rm 14; Cl 2,20-23; Tt 1,13-15). — A interdição do casamento pode provir quer de ambientes influenciados pela gnose, quer também de ambientes cristãos que interpretavam falsamente a afirmação de Jesus quanto à condição dos ressuscitados (que nem se casam, nem se dão em casamento: Mc 12,25). Ora, havia hereges que pretendiam exatamente ter-se a ressurreição já efetuado (2Tm 2,18).

m. Paulo alude às orações de ação de graças que enquadravam as refeições. Essas orações constavam também das palavras da Escritura (cf. Sl 24,1 e 1Cor 10,26).

n. A palavra *diácono*, aqui, é usada no sentido geral de servo. o. O termo *piedade* é repetido quinze vezes no Novo Testamento: uma em At (3,12), quatro em 2Pd (1,3.6.7; 3,11) e dez nas Pastorais (1Tm 2,2; 3,16; 4,7.8; 6,3.5.6.11; 2Tm 3,5; Tt 1,1). Conforme H. Roux, “ele exprime nas Epístolas pastorais o equi-

valente daquilo que Paulo denomina a vida em Cristo”. Outros fazem notar que a moral das Pastorais já não tem o caráter dinâmico das grandes epístolas paulinas.

1,15; 3,1;
2Tm 2,11;
Tt 3,8

Modelo para os fiéis. ¹²Ninguém despreze a tua jovem idade. Muito pelo contrário, sê para os fiéis modelo nas palavras, no comportamento, no amor, na fé, na pureza. ¹³Enquanto esperas a minha chegada, aplica-te à leitura da Escritura^r, à exortação, ao ensino. ¹⁴Não descuides o dom da graça^s que há em ti, que te foi conferido por uma intervenção profética, acompanhada da imposição das mãos pelo colégio dos anciãos^t. ¹⁵Eis o que debes tomar a peito. Eis em que debes perseverar. Destarte os teus progressos serão manifestos aos olhos de todos.

Tr 2,15
Tt 2,7-8

¹⁶Vigia sobre ti mesmo e o teu ensinamento. Põe nisto perseverança. Agindo assim, é que salvarás a ti mesmo e aos que te escutam.

1,18;
2Tm 1,6

At 6,6;
8,17

5 As diversas categorias dos fiéis.

¹Não repreendas um ancião com rispidez, mas exorta-o como a um pai. Trata os jovens como a irmãos, ²as mulheres idosas como a mães, as moças^u, como a irmãs, com toda a pureza.

Lv 19,32

p. O *corpus paulino* compraz-se em recorrer a comparações esportivas (Gl 2,2; 5,7; 1Cor 9,24-27; Fl 2,16; 3,12-14; 2Tm 4,7; Hb 12,1). Paulo não se opõe ao esporte, mas deseja notar aqui a distância que media entre ele e o exercício da piedade.

q. Cf. 1,15 nota.

r. Lit. *à leitura*. Trata-se da leitura pública da Escritura, tal como se praticava nas reuniões de oração na sinagoga (cf. Lc 4,16-21; At 13,14-16). Alguns pensam que se alude aqui não só à leitura de textos do AT, mas também de epístolas paulinas ou de outros escritos cristãos.

s. O *dom da graça*, lit. o *carisma*. Nas Pastorais, 1Tm 4,14 e 2Tm 1,6, o termo só é usado nesses dois textos de ordenação.

t. A *imposição das mãos pelo colégio dos anciãos*, pode-se compreender a *imposição das mãos que introduz entre os anciãos*. — Sobre a *imposição das mãos e os anciãos*, ver 5,17 nota e 22 nota.

u. Ou: *mulheres jovens*.

As viúvas. ³Honra as viúvas, as que de fato o são*. ⁴Realmente, se uma viúva tem filhos ou netos, a eles cabe, em primeiro lugar, aprender a praticar a piedade para com a própria família e retribuir o que devem a seus pais. Eis, decerto, o que agrada aos olhos de Deus. ⁵No que toca àquela que é viúva de fato, que ficou completamente só, esta pôs a sua esperança em Deus e persevera noite e dia em súplicas e orações. ⁶Pelo contrário, aquela que só pensa no prazer está morta, mesmo se vive. ⁷Eis também o que deves prescrever, a fim de que sejam irrepreensíveis. ⁸Se alguém não cuida dos seus, especialmente dos que vivem em sua casa, renegou a fé, é pior do que um incrédulo.

⁹Só será inscrita no rol das viúvas* uma mulher que tenha pelo menos sessenta anos de idade e só haja sido casada com um marido*. ¹⁰É preciso que ela seja conhecida por suas boas obras: que tenha educado filhos, praticado a hospitalidade, lavado os pés aos santos⁹, amparado os atribulados, tenha-se aplicado a todas as boas obras. ¹¹Quanto às viúvas jovens, afasta-as. Porque, quando os seus desejos se apartam de Cristo, elas querem casar de novo, ¹²incorrendo assim no julgamento por terem rompido seu primeiro compromisso*. ¹³Além disso, como andam desocupadas, aprendem a correr de casa em casa; não somente são desocupadas, mas ainda faladeiras e indiscretas, falam a torto e a direito. ¹⁴Quero,

portanto, que as viúvas jovens tornem a casar, tenham filhos, tomem conta de suas casas e não dêem ao adversário* ocasião alguma de maledicência. ¹⁵Pois já existem algumas que se tresmalharam, seguindo a Satanás. ¹⁶Se uma crente* tem viúvas na sua parentela*, dê-lhes assistência; a Igreja não deve tomá-las a seu cargo, a fim de poder dar assistência àsquelas que são realmente viúvas.

Os anciãos. ¹⁷Os anciãos* que exercem bem a presidência merecem ser duplamente honrados*, sobretudo aqueles que se afadigam no ministério da palavra* e no ensino. ¹⁸De fato, diz a Escritura:

Não amordaçarás o boi que está debulhando,

e ainda:

O operário merece o seu salário.*

¹⁹Não aceites acusação contra um ancião, a não ser sob deposição de duas ou três testemunhas*.

²⁰Aqueles que pecam, repreende-os em presença de todos, para que também os outros sintam temor. ²¹Conjuro-te na presença de Deus e de Cristo Jesus, bem como dos anjos eleitos¹, observa essas normas com imparcialidade, sem agir em nada por favoritismo.

²²Não imponhas precipitadamente as mãos² a ninguém, não participes nos pecados alheios. Tu mesmo, conserva-te puro.

²³Cessa de beber só água. Toma um pouco de vinho por causa do teu estômagô e de tuas repetidas fraquezas.

v. Isto é, as que se acham privadas de qualquer amparo familiar (cf. vv. 4-5) e não levam uma vida dissipada (cf. v. 6).

w. Inscrição no grupo das viúvas a quem a Igreja deve dar assistência. Essas viúvas deviam cumprir determinados serviços da comunidade.

x. Cf. 3.2 nota.

y. De conformidade com uma prática característica da hospitalidade no meio bíblico (cf. Lc 7.44), mas também conforme o exemplo dado pelo próprio Jesus (cf. Jo 13.4-15).

z. Lit. *sua primeira fé* (ou *fidelidade*), ou seja, sua decisão de servir a Cristo na comunidade.

a. Quer um termo coletivo que se referiria aos inimigos do cristianismo, quer a designação do próprio Satanás.

b. Pode designar uma fiel que também seja viúva. Var. *Se um crente ou uma crente*: tratar-se-ia então de um lembrete do que é pedido nos vv. 4 e 8.

c. Lit. *tem viúvas*.

d. Se a função primordial do *ancião* (ou presbítero) era a presidência da assembléia, verifica-se, de acordo com este versículo, que também podia estar encarregado da pregação ou do ensino.

e. Ou: *merecem honorários dobrados* (cf. v. 18).

f. Lit. *na palavra*.

g. Só a primeira citação é tirada do Antigo Testamento (Dt 25.4; cf. 1Cor 9.9). A segunda repete um dito de Jesus (Lc 10.7; cf. Mt 10.10), que talvez citasse uma locução proverbial já conhecida.

h. Dt 17.6; 19.15; cf. Mt 18.16; 2Cor 13.1.

i. Anjos *eleitos* em contraposição a anjos decaídos (cf. 2Pd 2.4; Jd 6).

j. Conforme alguns, tratar-se-ia aqui do ato que assinala a volta à graça de um pecador penitente. Mas, em outros lugares das Pastorais, a imposição das mãos é vinculada à consagração de alguém para um ministério na igreja (cf. 4.14; 2Tm 1.6) e esse é o sentido em que pode ser compreendido aqui.

²⁴Há homens cujos pecados são evidentes antes mesmo de serem julgados; em outros, ao invés, isto só acontece depois^k.

²⁵As boas obras são igualmente evidentes; mesmo aquelas que o não são, não podem ficar escondidas.

6 Os escravos. ¹Todos aqueles que estão sob o jugo da escravidão devem considerar seus senhores como dignos de todo o respeito, a fim de que não sejam blasfemados o nome de Deus e a doutrina. ²Aqueles que têm senhores crentes não faltem à consideração para com eles sob pretexto de que são irmãos. Pelo contrário, sirvam-nos ainda melhor, já que são crentes e irmãos bem-amados^l que se beneficiam de seus bons serviços^m.

A verdadeira piedade. Eis o que debes ensinar e recomendar. ³Se alguém ensinar uma doutrina diferente, se não se apegar às sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e à doutrina conforme com a piedade, ⁴é por estar obcecado pelo orgulho. É um ignorante, um docente à cata de controvérsias e contendas de palavras. Daí provém a inveja, disputas, blasfêmias, suspeitas malévolas, ⁵altercações sem fim entre pessoas de espírito corrompido, desprovidas da verdade, que pensam ser a piedade uma fonte de lucro. ⁶Sim, grande lucro é a piedade para quem se contenta com o que temⁿ. ⁷Pois nós nada trouxemos para o mundo; igualmente, dele nada podemos levar. ⁸Por-

tanto, se temos alimento e vestuário, contentar-nos-emos com isso. ⁹Quanto aos que querem enriquecer, caem na armadilha da tentação, em múltiplos desejos insensatos e perniciosos, que mergulham os homens na ruína e na perdição. ¹⁰A raiz de todos os males é, de fato, o amor ao dinheiro^o. Por se terem entregue a ele, alguns se transviaram longe da fé e transpassaram a própria alma com múltiplos tormentos.

A bela profissão de fé. ¹¹Quanto a ti, homem de Deus, foge dessas coisas. Procura a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão. ¹²Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna à qual foste chamado, como o reconheste numa bela profissão de fé em presença de numerosas testemunhas^p. ¹³Ordeno-te na presença de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e na presença de Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé^q: ¹⁴guarda o mandamento, conservando-te sem mancha e irrepreensível, até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵que fará aparecer nos tempos estabelecidos^r

o bem-aventurado e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores, ¹⁶o único que possui a imortalidade, que habita numa luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver. A ele, glória e poder eterno. Amém^s.

k. O reparo expresso por este v. deve relacionar-se com o conselho de prudência dado no v. 22: não se deve ter pressa em impor as mãos a alguém, julgando-o apenas pelas aparências. É necessário um inquérito consciencioso para julgar a respeito das qualidades reais do candidato a um cargo.

l. Lit. *bem-amados*, quer (irmãos) amados, quer amados (por Deus).

m. Ou: *que se aplicam a praticar o bem*. Paulo preocupou-se muitas vezes com a sorte dos escravos (1Cor 7,21-24; Gl 3,28; Ef 6,5-9; Cl 3,22-25; Tt 2,9-10; Fm 10-17; cf. 1Pd 2,18-20). Aqui, ele não encara a escravatura enquanto instituição social, mas fala das obrigações dos escravos cristãos nessa instituição. A libertação proporcionada por Cristo não é uma libertação "segundo a carne" (H. Roux); ela deve levar o escravo a servir melhor a seu senhor, de tal sorte que o nome de Jesus seja glorificado.

n. *Para quem se contenta com o que tem*, lit. *com autarcia*. Desde Platão, a autarcia designa o estado ou a qualidade daquele que se basta a si mesmo, que se domina a ponto de se contentar com o que tem.

o. Locução proverbial em uso na literatura da época e sancionada aqui pela autoridade do apóstolo.

p. Talvez se trate da profissão que Timóteo pronunciou por ocasião do seu batismo. — *De fé*: palavras acrescentadas para a boa compreensão do texto.

q. A profissão de fé de Timóteo tem como exemplo a que Jesus pronunciou diante de Pôncio Pilatos (Jo 18,36-37).

r. *Nos tempos estabelecidos* ou então *nos seus tempos* (como em 2,6), isto é, quando Deus, senhor do tempo e da história, julgar bom manifestar seu Filho (cf. Tt 1,3; At 1,7).

s. Esta solene doxologia provém, decerto, do repertório de orações em uso nas sinagogas do mundo grego. A afirmação da

Gl 5,22;
2Tm 2,22
Tt 2,2
2Tm 4,7

At 17,25

Jo 18,36-37

Di 10,17;
2Mc 13,4
Sl 136,3;
Ap 17,14
Sl 104,2
Ex 33,20;
Jo 1,18

Conselhos aos ricos. ¹⁷Aos ricos deste mundo, ordena que não se ensoberbecam e não ponham sua esperança numa riqueza aleatória, e sim no Deus que nos dispensa todos os bens com abundância, para deles gozarmos. ¹⁸Que eles pratiquem o bem, se enriqueçam de boas obras, dêem com prodigalidade, repartam com os demais¹. ¹⁹Destarte, eles acu-

mularão para si mesmos um belo e sólido tesouro para o futuro, a fim de conseguir a vida verdadeira.

Saudação final. ²⁰Ó Timóteo, guarda o depósito^u, fuge dos falatórios ímpios e das objeções de uma pseudociência^v. ²¹Por tê-la professado, alguns se apartaram da fé. A graça esteja convosco!

1.6;
Tt 1,10

1.6;
2Tm 2,18

Sl 62,11;
Lc 12,16-21

Mt 6,20

realiza universal de Deus (cf. Dt 10,17; Sl 136,3; 2Mc 13,4) opõe-se ao culto pagão prestado aos imperadores; a afirmação de sua transcendência e de sua inacessibilidade afronta as pretensões gnósticas de "conhecimento" divino (cf. 6,20).

t. Lit. *estando em comunhão*. O cristão "comunga", isto é, participa nas necessidades de seu irmão (cf. Rm 12,13). A co-

munhão era uma característica da comunidade cristã primitiva (At 2,42.44).

u. O conjunto da Boa Nova, objeto da fé. Servo da Palavra, Timóteo deve guardar este *depósito* contra toda contaminação da "pseudociência".

v. Lit. *gnose mentirosa*. Cf. Introdução.

SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida^a, que está em Cristo Jesus, ²a Timóteo, meu filho bem-amado: graça, misericórdia, paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

1Cor 4,17

Ação de graças. ³Sinto-me cheio de gratidão para com Deus, a quem sirvo, seguindo meus antepassados^b com uma consciência pura, quando, sem cessar, noite e dia, faço menção de ti nas minhas orações. ⁴Recordando-me de tuas lágrimas^c, tenho um desejo muito vivo de te rever, a fim de ser repleto de alegria. ⁵Evoco a lembrança da fé sincera que há em ti, fé que antes habitou em Lóide, tua avó, e em tua mãe, Eunice, e que, estou convencido, também reside em ti.

Ft 3,5
At 23,1;
24,16

4,9

At 16,1

mou com um chamamento^a santo, não em virtude de nossas obras, mas em virtude do seu próprio desígnio e de sua graça. Esta graça, que nos fora concedida antes dos tempos eternos em Cristo Jesus, ¹⁰agora foi manifestada pela aparição^b de nosso Salvador, Cristo Jesus. Foi ele quem destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade pelo Evangelho, ¹¹para o qual eu mesmo fui constituído arauto, apóstolo e doutor. ¹²Eis por que suporto esses sofrimentos^c. Mas não me envergonho deles, pois sei em quem deposei a minha fé e tenho a certeza de que ele tem o poder de guardar o depósito que me é confiado^d até aquele Dia^e.

Ef 2,8-9;
Tt 3,5

Tt 2,11;
Ef 1,9-10

1Cor 15,
54-57;
11b 2,14
1Tm 2,7

¹³Toma como norma as sãs palavras que de mim ouviste, na fé e no amor que estão em Cristo Jesus. ¹⁴Conserva o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós.

1Tm 6,3

1Tm 6,20

Exortação a lutar fielmente em prol do Evangelho. ⁶Por isso recordo-te que tens de reavivar o dom de Deus^a que está em ti desde que te impus as mãos^b. ⁷Pois o que Deus nos outorgou não é um espírito de medo, mas um espírito de força, amor e domínio de si. ⁸Não te envergonhes, portanto, de dar testemunho de nosso Senhor e não te envergonhes de mim, preso por causa dele^c. Mas sofre comigo pelo Evangelho, confiando no poder de Deus, ⁹que nos salvou e cha-

Rm 8,15

Rm 1,16

Testemunho de fiel amizade. ¹⁵Como bem sabes, todos os da Ásia me abandonaram, entre outros, Fígelo e Hermógenes. ¹⁶Que o Senhor difunda sua misericórdia sobre a família de Onesíforo^d, pois ele me reconfortou muitas vezes e não se envergonhou das minhas cadeias. ¹⁷Pelo contrário, desde que chegou a Roma, procurou-me com solicitude e me encontrou. ¹⁸Que o Senhor lhe conceda encontrar misericórdia junto ao Senhor^e naquele Dia. E todos os serviços que ele

4,16

a. Segundo a promessa da vida deve referir-se mais a apóstolo do que à vontade de Deus. A missão do apóstolo situa-se em vista dessa promessa de vida

b. Esta afirmação releva a continuidade que existe entre o judaísmo e o cristianismo, continuidade fundada na fé no mesmo Deus.

c. As lágrimas que Timóteo derramou na ocasião em que Paulo o deixou em Efeso (cf. 1Tm 1,3).

d. Cf. 1Tm 4,14 nota.

e. Alusão ao momento em que Paulo, junto com o colégio dos anciãos (1Tm 4,14), consagrou Timóteo para o ministério.

f. Lit. seu prisioneiro. Paulo é prisioneiro (em Roma, conforme 1,17, cf. Introdução) pela causa de Cristo. Cf. Ef 3,1; Fm 1,9.

g. Este chamamento é santo porque vem do Deus santo e

também porque nos arranca ao mundo e nos coloca à parte para o serviço deste Deus.

h. Aqui, este termo refere-se à primeira vinda de Cristo, sua encarnação. Em outros passos, emprega-se também para designar sua segunda vinda, no fim dos tempos (cf. 1Tm 6,14; 2Tm 4,1,8; Tt 2,1,3).

i. Os sofrimentos do cativo; cf. v. 8.

j. Lit. meu depósito (cf. 1Tm 6,20 nota). Segundo outra interpretação, pode tratar-se também do depósito confiado por Paulo a Cristo.

k. O último dia, aquele do julgamento (cf. 4,8).

l. Fígelo, Hermógenes e Onesíforo são-nos desconhecidos por outras referências. Onesíforo é novamente mencionado em 4,19.

m. As duas menções ao Senhor neste v. tanto podem referir-se ao Pai, como ao Filho.

me prestou em Éfeso, tu os conheces melhor do que ninguém.

2 Assume o teu quinhão de sofrimento. ¹Tu, portanto, meu filho, fortalece-te na graça que está em Cristo Jesus. ²O que aprendeste de mim na presençaⁿ de numerosas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que, por sua vez, serão capazes de ensiná-lo a outros mais. ³Assume o teu quinhão de sofrimento^o como bom soldado de Cristo Jesus. ⁴Ninguém, ao alistar-se no exército, envolve-se nos negócios da vida civil, se quer dar satisfação a quem o alistou. ⁵Da mesma forma na luta esportiva, o atleta só recebe a coroa se lutou conforme as regras. ⁶Ao agricultor que labuta é que cabem as primeiras porções dos frutos. ⁷Compreende o que digo. Aliás, o Senhor te fará compreender tudo isso.

Lembra-te de Jesus ressuscitado

^{*}Lembra-te de Jesus Cristo ressuscitado dentre os mortos, nascido da estirpe de David^p, conforme o Evangelho que eu anuncio ⁹e pelo qual soffro, a ponto de estar acorrentado como um malfeitor. Mas a palavra de Deus não está acorrentada! ¹⁰É por isso que tudo suporto por causa dos eleitos, a fim de que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com a glória eterna. ¹¹Digna de confiança é esta palavra^q:

Se com ele morrermos,
com ele viveremos,

Rm 6,5

¹²Se com ele soffrermos^r,
com ele reinaremos.

Rm 8,17

Se o renegarmos,
também ele nos renegará.

Mt 10,33;
Lc 12,9

¹³Se lhe formos infiéis,
ele permanece fiel,

Rm 3,3-4
1Cor 1,9

pois não pode renegar-se a si mesmo^s.

Nm 23,19;
Tt 1,2;
Hb 6,18

Dispensar com retidão a palavra da verdade.

¹⁴Recorda tudo isso, atestando perante Deus que é preciso evitar as rixas de palavras: elas para nada servem, a não ser para perder os que as escutam. ¹⁵Esforça-te por te apresentares a Deus como homem provado, operário que não tem de que envergonhar-se, que dispensa com retidão a palavra da verdade. ¹⁶Quanto aos falatórios ímpios, evita-os. Pois os que a eles se entregam progredirão na impiedade; ¹⁷sua palavra é como gangrena que se alastra. Entre esses estão Himeneu e Fileto^t. ¹⁸Eles se apartaram da verdade ao pretenderem já ter-se efetuado a ressurreição^u; com isto, subvertem a fé de vários.

Tt 2,7-8

1Tm 4,7

1Tm 6,21

O fundamento assentado por Deus.

¹⁹Sem embargo, permanece o sólido fundamento^v assentado por Deus. Serve-lhe de selo esta palavra:

Ef 2,20

*O Senhor conhece os seus
e ainda:*

Jo 10,14;
1Cor 8,3

Afaste-se da iniquidade

*todo aquele que invoca o nome do
Senhor^w.*

Is 26,13 gr.

n. Ou *sob testemunho*, ou ainda (e) *sob testemunho*. É fácil compreender que o depoimento de numerosas testemunhas corrobore a mensagem de Paulo, ou constitua, para Timóteo, outra fonte da mensagem evangélica. Com efeito, além do ensinamento de Paulo, Timóteo recebeu o de Barnabé, o de sua mãe e de sua avó. Paulo, por sua vez, gostava de citar, a par de seu próprio testemunho, o dos demais membros da comunidade (1Cor 15,3-11).

o. Ou também *Sofre comigo*; cf. 1,8.

p. Profissão de fé (cf. Rm 1,3-4), proveniente dos meios judeu-cristãos.

q. Cf. 1Tm 1,15 nota. O hino que segue é "um cântico de louvor ao mártir" (J. Jeremias). A comunhão com a morte de Cristo no batismo (cf. Rm 6,8) traz consigo a participação à vida do Ressuscitado.

r. Lit. *Se nós suportamos* implicando a idéia de *ficar firmes, agüentar*.

s. Na última estrofe rompeu-se o paralelismo dos estíquios. "A lógica se parte diante do amor do Salvador" (J. Jeremias) que fica fiel a suas promessas, para além do pecado.

t. *Himeneu* já foi mencionado em 1Tm 1,20. *Fileto*, de resto, é desconhecido.

u. Parece que Himeneu e Fileto só admitiam a ressurreição espiritual realizada no batismo (Rm 6,1-11; Cl 2,12-13; 3,1; Ef 2,5), negando com isso a ressurreição dos corpos, objeto da esperança cristã (Jo 11,25), e particularmente difícil de ser concebida no esquema da filosofia grega (cf. At 17,32).

v. Ou se trata da comunidade cristã de Éfeso, que defeições particulares não podem abalar porque ela faz parte da Igreja (1Tm 3,15), ou de Cristo e dos seus apóstolos, fundamento desta Igreja (1Cor 3,11; Ef 2,20; Ap 21,14).

w. A primeira citação (Nm 16,5) insiste na iniciativa de Deus, a segunda (citação livre de Nm 16,26 e Is 26,13), na resposta do

²⁰Numa casa grande, não há somente vasos de ouro e prata; também os há de madeira e barro. Uns são para uso nobre, os outros, para uso vulgar^x. ²¹Aquele que se purifica de suas manchas será um vaso nobre, santificado, útil para o Senhor, apto para toda obra boa.

Servo do Senhor. ²²Foge às paixões da juventude, procura a justiça, a fé, o amor, a paz com os que invocam o Senhor de coração puro. ²³As controvérsias vãs e estúpidas, entretanto, evita-as. Sabes que elas provocam altercações. ²⁴Ora, um servo do Senhor não deve alterar, mas ser afável para com todos, capaz de ensinar, suportando as contrariedades. ²⁵Com mansidão é que ele deve instruir os contraditores: quem sabe se Deus não lhes concederá converter-se, para conhecerem a verdade. ²⁶caírem em si, livrando-se dos laços do demônio que os mantinha cativos e sujeitos à sua vontade?

3 Os ímpios dos últimos tempos. ¹Fica bem ciente do seguinte: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis. ²Os homens, com efeito, serão egoístas, ávidos de lucro, fanfarrões, orgulhosos, blasfemadores, rebeldes para com seus pais, ingratos, sacrílegos, ³desapiedados, implacáveis, maldizentes, indisciplinados, cruéis, inimigos do bem, ⁴traidores, coléricos, obcecados pelo orgulho, mais amigos dos prazeres do que de Deus; ⁵guardarão as aparências da piedade, negando-lhe contudo o poder^y. Desvia-te também dessa gente! ⁶Porque são da sua laia os que se intrometem nas casas e apanham em suas redes mulherzinhas carregadas de pecados, arrastadas por toda sorte de apetites, ⁷sempre entretidas em

aprender, sem, porém, jamais serem capazes de lograr o conhecimento da verdade. ⁸Assim como Janes e Jambres^z se opuseram a Moisés, assim também esta gente se opõe à verdade; são homens de espírito pervertido, de fé inconsistente^a. ⁹Mas eles não irão adiante, pois sua loucura se tornará manifesta a todos, como se tornou a daqueles dois.

¹⁰Tu, pelo contrário, seguiste-me com diligência no ensino, na conduta, nos projetos, na fé, na paciência, no amor, na perseverança, ¹¹nas perseguições, nos sofrimentos que passei em Antioquia, em Icônio, em Listra. Que perseguições suportei! E de todas elas o Senhor me livrou! ¹²Aliás, todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus hão de ser perseguidos. ¹³Quanto aos homens maus e aos impostores, eles progredirão no mal, enganando os outros e sendo eles mesmos enganados^b. ¹⁴Tu, porém, permanece firme no que aprendeste e aceitaste como certo: sabes de quem o aprendeste^c. ¹⁵Desde a tenra infância, conheces as Sagradas Escrituras; elas têm o condão de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé que há em Cristo Jesus. ¹⁶Toda a Escritura é inspirada por Deus^d e útil para ensinar, refutar, corrigir, educar na justiça, ¹⁷a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para qualquer obra boa.

4 Proclama a palavra. ¹Conjuro-te na presença de Deus e de Cristo Jesus, que virá julgar os vivos e os mortos, em virtude de sua manifestação e do seu Reino: ²proclama a Palavra, insiste a tempo e a contratempo, repreende, ameaça, exorta, sempre com paciência e solicitude de ensinar. ³Pois sobrevirá um tempo

homem. Essas duas palavras autenticam como com um *selo* o fundamento lançado por Deus.

^x. Para uso nobre... para uso vulgar (v. 20), um vaso nobre (v. 21), lit. para a honra, para a desonra, um vaso para a honra. Rm 9,21, usa a mesma comparação, com os mesmos termos.

^y. Isto é, a força de transformação que o cristão verdadeiro experimenta na comunhão com Cristo.

^z. Nomes que a tradição judaica atribuía aos mágicos egípcios que o Fúodo menciona (cf. Ex 7,11.22 etc.).

a. Outra tradução possível: *eles serão reprovados quanto à fé*. b. Pode-se entender *eles mesmos enganados* no sentido de que eles iludem a si mesmos, ou no sentido de que são enganados pelo demônio.

c. Alusão a Lóide e Eunice (cf. 1.5), bem como ao próprio Paulo.

d. Ou: *Toda a Escritura, inspirada por Deus, etc.* — Trata-se do Antigo Testamento (cf. v. 15), mas, talvez, também já de certos textos que encontramos no Novo Testamento (cf. 1Tm 5,18 nota).

em que alguns não suportarão mais a sã doutrina, mas, ao sabor de seus próprios apetites e sentindo-lhes comichar os ouvidos^c, rodcar-se-ão de uma porção de mestres. ⁴Desviarão os ouvidos da verdade e se voltarão para as fábulas. ⁵Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta o sofrimento, procede como evangelista, cumpre o teu ministério.

O tempo da minha partida já chegou.

⁶Quanto a mim, eis que já fui oferecido em libação e o tempo da minha partida chegou^d. ⁷Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. ⁸Desde já me está reservada a coroa de justiça que o Senhor me dará em recompensa naquele Dia, ele, o justo juiz; e não só a mim, mas a todos os que tiverem ansiado a sua manifestação.

Últimas recomendações. ⁹Empenha-te

por vir encontrar-me o mais depressa possível. ¹⁰Porque Demas abandonou-me por amor ao mundo presente. Partiu para Tessalônica: Crescente^e, para a Galácia^f; Tito, para a Dalmácia. ¹¹Só Lucas está comigo. Toma Marcos contigo e traz-o, pois ele me é precioso no que toca ao ministério. ¹²Eu enviei Tíquico^g a Éfeso.

¹³Quando vieres, traze o manto que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos. ^{At 20,6}

¹⁴Alexandre, o fundidor^h, deu provas de muita maldade para comigo. O Senhor lhe retribuirá de acordo com suas obrasⁱ. ^{1Tm 1,20}

¹⁵Tu também, acautela-te contra ele, pois se opôs violentamente às nossas palavras.

¹⁶Na primeira vez que apresentei minha defesa, ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que disto não sejam inculcados^j. ¹⁷Quanto ao Senhor, ele me assistiu: revestiu-me de força, a fim de que a mensagem fosse por mim proclamada, e escutada por todos os pagãos. E eu fui libertado das fauces do leão! ^{1,15}
^{Mt 10,19}

¹⁸O Senhor me libertará de toda obra perversa e salvar-me-á para o seu Reino celeste. A ele, glória pelos séculos dos séculos! Amém. ^{Rm 16,27}

Saudações finais. ¹⁹Saúda Prisca e Áquila^m, bem como a família de Onesíforoⁿ.

²⁰Erastes^o ficou em Corinto. Eu deixei Trófilo^p docente em Mileto.

²¹Faze o possível para vir antes do inverno. Saúdam-te Êubulo, Pudente, Lino, Cláudia^q e todos os irmãos.

²²O Senhor esteja com o teu espírito. Que a graça esteja com todos vós^r.

2Cor 8,23;
Gl 2,3; Tt 1,4;
Cl 4,14;
Fm 24
At 12,12,25;
13,13;
15,37-39;
Cl 4,10;
Fm 24
At 20,4;
Ef 6,21-22;
Cl 4,7-8

e. Sentindo-lhes comichar os ouvidos ou para fazer com que lhes coem os ouvidos.

f. Para significar o mistério de sua morte, Paulo recorre a duas imagens que deviam ser-lhe familiares na meditação, pois já as empregara em Fl. A primeira é a de uma libação sacrificial, como em Fl 2,17; assim como se derramavam sobre os sacrifícios libações de vinho, água ou azeite (Ex 29,40; Nm 28,7), assim também o seu sangue ia ser derramado em libação no sacrifício do seu martírio. A segunda é a da partida, como em Fl 1,23; o termo usado emprega-se para um navio que larga as amarras e se faz à vela rumo ao alto-mar, ou também para soldados que dobram as tendas e levantam acampamento.

g. Demas (cf. Cl 4,14, Fm 24). Crescente não é mencionado em nenhum outro lugar.

h. Com certeza, a Gália (C. Spicq, J. Jeremias). No tempo de Paulo e até o século II, os escritores de língua grega designavam a Gália com o termo *Galdia*. Ao falarem da Gália propriamente dita, particularizavam: a Galdácia que está na Ásia.

i. Cf. Tt 3,12 nota.

j. Cf. 1Tm 1,20.

k. Sl 28,4 ou 62,13. Cf. Mt 16,27 nota.

l. Esta página contrastada e serena, quem sabe a última que o apóstolo haja ditado, lembra o tema do justo abandonado, tema este que a morte de Jesus na cruz ilustrara tão cabalmente. Mas assim como para Jesus, esta solidão está povoada pela presença de Deus.

m. Prisca e Áquila: At 18,2.18.26; Rm 16,3; 1Cor 16,19. — Este casal arrolava-se entre os amigos mais caros de Paulo. Eles lhe tinham salvo a vida (Rm 16,4) em circunstâncias por nós desconhecidas.

n. Onesíforo: já mencionado em 1,16.

o. Erastes: At 19,22; Rm 16,23.

p. Trófilo, originário de Éfeso: At 20,4; 21,29.

q. Esses quatro membros da Igreja romana, entre os quais uma mulher, conheceram Timóteo por ocasião do primeiro cativo em Roma.

r. Com certeza, são estas as últimas palavras de Paulo que chegaram até nós.

EPÍSTOLA A TITO

1 Endereço e saudação. ¹Paulo, servo^a de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme à piedade, ²na esperança da vida eterna prometida,

lavra digna de fé, que se conforma com o ensinamento. Assim, ele será capaz de exortar na sã doutrina e refutar os que a contradizem.

1Tm 1.10
2Tm 4.3;
Tt 2.1

antes dos tempos eternos, pelo Deus que não mente ³e que, nos tempos fixados^b, manifestou a sua palavra numa mensagem que me foi confiada, de acordo com a ordem de Deus, nosso Salvador,

Os falsos doutores. ¹⁰De fato, numerosos são os insubmissos, vãos palradores e enganadores, mormente entre os circuncisos^c. ¹¹É mister tapar-lhes a boca^d. Eles perturbam famílias inteiras, ensinando o que é proibido ensinar, com vistas a um lucro indecoroso. ¹²Um deles, seu próprio profeta, disse:

2Tm 3.6
1Pd 5.2

⁴a Tito, meu verdadeiro filho na fé que nos é comum: graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador^e.

“Cretenses, perpétuos mentirosos, animais ferozes, panças ociosas”^f.

Organização da Igreja de Creta. ⁵Se eu te deixei em Creta, foi para que ali concluas a organização^g e estabeleças anciãos^h em cada cidade, de acordo com minhas instruções.

2Tm 4.2
1Tm 4.7

⁶Cada um deles deve ser irrepreensível, esposo de uma só mulherⁱ, ter filhos crentes, que não possam ser tachados de desregramento ou insubmissão. ⁷Pois é preciso que o episcopo seja irrepreensível na sua função de ecônomo de Deus: nem arrogante, nem irascível, nem bebedor, nem briguento, nem ávido de lucros desonrosos. ⁸Deve ser hospitaleiro, inclinado ao bem, ponderado, justo, santo, senhor de si, ⁹firmeemente apegado à pa-

¹³Esse testemunho é verdadeiro. Por isso, repreende-os severamente, para que tenham uma fé sadia. ¹⁴Que não se apeguem às fabulas judaicas e aos preceitos de homens que se desviam da verdade.

¹⁵Tudo é puro para os que são puros^j. Mas, para os que estão maculados e se negam a crer, nada é puro; pelo contrário, sua inteligência e sua consciência estão maculadas. ¹⁶Professam conhecer a Deus, mas negam-no com suas obras. São abomináveis, rebeldes, inaptos para qualquer boa obra.

2Tm 3.5;
1Jo 1.6;
2.4;

2 Os idosos. ¹Quanto a ti, ensina o que é conforme à sã doutrina. ²Que os

1Tm 1.10;
2Tm 4.3;
Tt 1.9

a. Lit. escravo.

b. Nos tempos determinadas ou nos seus tempos. Cf. nota em 1Tm 2.6. Outrora Deus falara reiteradamente por meio de seus profetas (Hb 1.1), mas a sua Palavra culmina na revelação do seu Filho (1Cor 2.7-9; Rm 16.25-26; Cl 1.26; Ef 3.5-9). Ele é o Verbo que rompe o silêncio de Deus (Início de Antioquia, Aos Magnesianos, 8.1), ele revela “o mistério envolto no silêncio durante tempos eternos” (Rm 16.25).

c. Causou estranheza a solenidade e densidade deste endereço prefaciando uma epístola de apenas três capítulos (só a epístola aos Romanos é encabeçada por um endereço de maior porte). Pode-se alvitrar que Paulo se dirija, para além da Igreja particular de Creta, presidida por Tito, às outras Igrejas, que poderão valer-se desses princípios para a organização (v. 5) de sua comunidade cristã. Como é sabido, o apóstolo gostava de ver suas cartas passarem de comunidade em comunidade (cf. Cl 4.16).

d. Lit. para que acabes de ordenar o que resta (por fazer). Paulo é, antes do mais, “aquele que planta” (1Cor 3.6; 2Cor 10.16; Rm 15.20-21). Ele assenta os fundamentos da comunida-

de por meio do anúncio da Boa Nova, mas deixa a outros o cuidado de continuar sua obra e levá-la a bom termo.

e. A respeito dos anciãos ou presbíteros e dos episcopos, cf. 1Tm 3.1 nota.

f. Cf. 1Tm 3.2 nota.

g. Trata-se dos judeus. A hostilidade deles contra Paulo provém decerto das atitudes judaizantes que professavam (cf. At 15.1).

h. Lit. amoraçá-los.

i. Citação do poeta cretense Epimênides de Cnossos (século VI). A afirmação parece injuriosa e ofensiva. Ela não quadra bem com os conselhos de mansidão e moderação dados por Paulo em 2Tm 2.24. Podemos explicá-la como sendo uma reação singularmente viva contra a perversidade dos doutores de mentira que ensinam com vistas a um lucro indecoroso o que é proibido (v. 11).

j. Princípio proveniente sem dúvida da palavra de Jesus, Lc 11.41: *Eis que tudo será puro para vós, e já empregado em Rm 14.20.*

ITm 5,1-2 homens idosos¹ sejam sóbrios, dignos,
ITm 6,11 ponderados, cheios de uma fé sadia, de amor, de perseverança¹. ³Igualmente as
ITm 3,11 mulheres idosas devem comportar-se como convém a pessoas santas: nem maldizentes, nem dadas a excessos de vinho. Incitem ao bem, ⁴ensinem as jovens a amar seus maridos e filhos, ⁵a ser modestas, castas, dedicadas aos afazeres domésticos, boas, submissas a seus maridos, a fim de não ser blasfemada^m a palavra de Deus.

Os jovens. ⁶Exorta, outrossim, os jovens a serem ponderados ⁷em tudo^o.

2Ts 3,7: Demonstra em tua pessoa um modelo
ITm 4,12: de boas obras: pureza de doutrina, dignidade,
IPd 5,3 "palavra são e inatacável, a fim de que o adversário, por não encontrar mal algum que assaque a nosso respeito, seja coberto de confusão.

Ef 6,5-8: **Os escravos.** ⁹Sejam os escravos submissos em tudo a seus patrões; façam por ser-lhes gratos, evitando contradizê-los, ¹⁰c não cometendo nenhum furto. Dêem contínuas provas de perfeita fidelidade; ITm 1,10 assim, honrarão em tudo a doutrina de Deus, nosso Salvador.

Um povo que lhe pertence. ¹¹Pois tornou-se manifesta a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens. ¹²Ela nos ensina a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos no tempo presente com moderação, justiça e piedade ¹³à espera da bem-aventurada esperançaⁿ e da manifestação da glória de nosso grande Deus e Salvador Jesus

Cristo^p. ¹⁴Ele se entregou a si mesmo por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade e purificar um povo que lhe pertença, e esteja repleto de ardor pelas boas obras.

¹⁵Assim é que debes falar, exortar e repreender com plena autoridade. Que ninguém te menospreze.

3 Obrigação dos fiéis. ¹Lembra a todos que devem ser submissos aos magistrados, às autoridades, que devem obedecer, estar dispostos para toda boa obra, ²não injuriar a ninguém, evitar as rixas, mostrar-se benevolentes, dar provas de constante mansidão para com todos os homens.

³Porque também nós éramos outrora insensatos, rebeldes, extraviados, subjugados por apetites e prazeres de toda espécie, vivendo na maldade e na inveja, rancorosos e odiando-nos uns aos outros.

⁴Mas, ao manifestarem-se a bondade de Deus, nosso Salvador, e seu amor pelos homens, ⁵ele nos salvou, não por causa de quaisquer obras que nós mesmos tivéssemos praticado na justiça, mas em virtude da sua misericórdia, pelo banho do novo nascimento^o e da renovação que o Espírito Santo produz. ⁶Este Espírito, ele o difundiu sobre nós com profusão por Jesus Cristo nosso Salvador, ⁷a fim de que, justificados por sua graça nos tornássemos, consoante a esperança, herdeiros da vida eternaⁿ.

⁸Digna de confiança é esta palavra, e eu quero que estejas plenamente atento a seu respeito, a fim de que todos os que depositaram sua fé em Deus se esforcem

k. Paulo indica as obrigações das diversas categorias de pessoas. Não se conclua daí que haja uma moral particular para os idosos, e outra, diferente, para os jovens. O Evangelho é um só, vivido por cada qual conforme seu estado e condição.

l. A tríade fé, esperança e amor consta do vocabulário paulino (1Ts 1,3; 5,8; 1Cor 13,13; Rm 5,1-5; Cl 1,4,5). Como em 2Ts 1,3-4 e ITm 6,11, a esperança, aqui, é substituída pela *perseverança*, que é um de seus aspectos.

m. Note-se a importância atribuída à vida familiar e às obrigações cumpridas no lar. A comunidade primitiva compraz-se em salientar as conversões e os batismos de uma família inteira (At 10,44; 11,14; 16,15,31; 18,8; 1Cor 1,16). O lar cristão é um início de Igreja.

n. Em tudo pode referir-se tanto ao fim do v. 6, como ao início do v. 7.

o. O termo, aqui, designa o objeto da esperança cristã.

p. Há quem traduza: *de nosso grande Deus e de nosso Salvador Jesus Cristo*.

q. Mas a construção da expressão em grego, o contexto e o emprego usual do termo *manifestação* nas Pastorais (cf. 2Tm 1,10 nota) concorrem para apoiar aqui uma afirmação cristalina da divindade de Cristo.

r. Alusão ao batismo.

s. É possível ler, quer *herdeiros consoante a esperança da vida eterna*, quer *herdeiros, consoante a esperança, da vida eterna*.

Gl 1,4;
2,20;
ITm 2,6
Sl 130,8
Ex 19,5;
Dt 4,20;
7,6; 14,2;
Ez 37,23;
IPd 2,9
Ez 2,10;
IPd 3,13

ITm 4,12

Rm 13,1;
IPd 2,13;
ITm 2,2

Fl 4,5

1Cor 6,11;
Ez 2,5; 5,6

1,3; 2,11

Ef 2,8-9;
2Tm 1,9

Ef 5,26
Jo 3,5
Jl 2,28;
At 2,4

Rm 3,24

Rm 8,17,24

ITm 1,15

por serem exímios nas boas obras. Eis o que é bom e útil para os homens.

2Tm 2.14. ^{16.23} ⁹Mas as vãs pesquisas, as genealogias, as disputas, as controvérsias acerca da Lei, evita-as: são inúteis e vãs. ¹⁰Se alguém for herético¹, afasta-o depois de uma primeira e uma segunda advertência: ¹¹sabes que tal homem é um desgarrado, pecador, que se condena a si mesmo.

Mt 18.15-17

Recomendações e saudações. ¹²Quando eu te houver enviado Ártemas ou Tý-

quico², empenha-te por vir encontrar-me em Nicópolis³. Pois é aí que resolvi passar o inverno.

¹³Provê com diligência a viagem de Zenas, o perito em leis, e de Apolo⁴, para que nada lhes falte. ¹⁴Os nossos também devem aprender a assinalar-se nas boas obras, para suprirem às necessidades urgentes⁵. Destarte, não ficarão infrutíferos.

¹⁵Todos os que estão comigo te saúdam. Saúda os que nos amam na fé.

A graça esteja com todos vós.

s. Cf. 1Tm 1.4 nota.

1. *Herético* provém de um verbo grego que significa *escolher*. O herético é um homem que *escolhe* certas verdades à custa de outras, com isto, provocando divisões na Igreja.

u. *Ártemas* só aqui se nomeia no NT. O nome de *Tíquica*, pelo contrário, já mencionado em 2Tm 4.12, encontra-se igualmente em At 20.4; Ef 6.21; Cl 4.7.

v. Diversas cidades traziam este nome na Antigüidade. A de que se trata aqui seria uma localidade do Épiro, na costa ocidental da Grécia.

w. *Zenas* nos é desconhecido por outros trechos. Quanto a *Apolo*, cf. At 18.24; 1Cor 1.12; 3.4-6 etc.

x. Trata-se aqui das necessidades materiais de irmãos desprovidos do necessário (cf. v. 13).

EPÍSTOLA A FILÊMOM

INTRODUÇÃO

De todas as cartas de Paulo que chegaram até nós, a Epístola a Filêmon é a mais breve. Contudo, não é um simples bilhete, já que nela Paulo observa todas as regras do protocolo epistolar vigente na época. É também a mais pessoal; mas daí não se infere que ela seja uma simples "carta privada". De fato, Paulo dirige-se também à "Igreja que se reúne em casa de Filêmon" (v. 2). Não estaria o motivo profundo disto no fato de que "no Corpo de Cristo os assuntos pessoais já não são mais privados"?

Desde os tempos mais remotos, esta epístola impressionou pela delicadeza de sentimentos que Paulo nela exprime. Nunca o apóstolo empenhou-se tanto em não fazer pesar sobre seus discípulos o jugo de sua autoridade. Ele pede, sugere, não impõe. Com justo título pôde Maurice Goguel qualificar esta missiva de "verdadeira obra-prima de tato e coração".

Foi sem dúvida de Roma ou Cesaréia que Paulo escreveu esta carta. Seja como for, ela é contemporânea da epístola aos Colossenses: na ocasião Paulo está preso (Cl 4,3.10.18; Fm 9.10.13.18) e acha-se rodeado dos mesmos companheiros (Cl 4,7-14; Fm 23-24). O seu destinatário não nos é conhecido por outras vias. Parece ter sido um membro importante da comunidade de Colossas, à qual beneficiava com seus bens e influência (vv. 5-7). Era um convertido de Paulo; o apóstolo recorda-lho discretamente (v. 19); tem por ele grande estima, a ponto de chamá-lo de "seu colaborador bem-amado" (v. 1).

Circunstâncias. *As circunstâncias da carta permanecem um tanto obscuras. Contudo, as várias alusões que Paulo faz permitem-nos levantar hipóteses bastante verossimilhanes.*

Onésimo, escravo de Filêmon, fugira da casa do patrão, quicá em consequência de alguma falcatrua (v. 18). Tendo encontrado Paulo em condições que não nos são relatadas, afeiçoou-se a ele e foi convertido (v. 10). Paulo, por sua vez, afeiçoou-se a Onésimo e o constituiu seu colaborador. Na carta aos Colossenses, designa-o como

"este irmão fiel e caríssimo" (4,9). Por isso Paulo o conservou junto a si. Tal situação, porém, ao prolongar-se, corria o risco de se tornar melindrosa: Filêmon podia tomar-se de ressentimentos pela indiscrição de Paulo que, sem ter recebido consentimento seu, nem sequer tê-lo avisado, tomara a seu serviço o escravo fugitivo. Ademais, consoante o direito em vigor, Paulo, ao conservar consigo um fugitivo, tornava-se cúmplice de grave infração do direito privado. Finalmente, o próprio Onésimo arriscava-se a ser procurado e posto na cadeia antes de, à força, o devolverem a seu dono, que podia infligir-lhe uma grave castigo. Compreende-se por isso que Paulo tenha resolvido devolver Onésimo a seu dono. Entretanto, não se limita a devolvê-lo. Envia simultaneamente a Filêmon esta missiva, na qual implora-lhe que receba o seu escravo, não só como "um irmão muito amado" (v. 16), mas, ainda mais, como se fosse o próprio Paulo (v. 17). Não lhe pede a alforria de Onésimo em termos expressos, mas não duvida de que Filêmon fará ainda mais do que lhe é pedido (v. 21). Cabe a Filêmon compreender o que comporta aquele "mais". Em todo caso, Paulo dá a entender com toda a clareza desejável que tem plena confiança de que, alforriado ou não, Onésimo lhe seja devolvido para servir ao Evangelho.

Utilidade doutrinal. *Às vezes, tem causado estranheza que uma carta "privada", tão pouco dogmática, tenha sido inserida no cânon das Escrituras. Mas não teria a Igreja dos primórdios conservado esta missiva por ter percebido nela algo que não encontrava alhures sobre o proceder cristão em face da escravatura? A hipótese parece, quando menos, plausível. Claro está que não se deveria transformar a exegese desta breve epístola num tratado sobre "a escravatura na perspectiva do Evangelho". Ao escrevê-la, Paulo só tinha em mira um caso concreto, particular, mas talvez fosse exatamente por tratar-se, naquela ocasião, de um caso particular, que ele se abalçou a nos dizer, acerca dos vínculos entre*

patrão e escravo, algo mais do que em suas cartas mais doutrinárias.

Os diversos trechos em que Paulo aborda, em suas epístolas, o problema do relacionamento entre patrões e escravos correm o risco de parecer tímidos (1Cor 7,20-24; Ef 6,5-9; Cl 3,22-4,1). Não há dúvida de que, ao ouvir esses poucos versículos, o escravo do mundo antigo encontrava neles a afirmação assombrosa da sua dignidade humana. Mas Paulo não contesta radicalmente a instituição da escravatura como tal. Ademais, não se pode tampouco duvidar de que Paulo afirme ousadamente que, em Cristo, todas as fronteiras ficaram abolidas, que já não há “nem escravo nem homem livre” (Gl 3,28). Chega mesmo a escrever aos cristãos de Roma, senhores e escravos: “Que o amor fraterno vos una em mútua afeição” (Rm 12,10). Mas, se garante que “diante de Deus”, “no Cristo”, no âmago do grupo fraterno e, especialmente, dentro da moldura das assembléias litúrgicas, todos os fiéis são iguais e irmãos, parece não deduzir daí nenhuma consequência no plano exterior e jurídico, o da vida civil.

Paulo distingue indubitavelmente dois planos: “diante de Deus”, “diante dos homens”, mas a Epístola a Filêmon interdiz a interpretação estritamente dualista que, não raro, se deu ao seu pensamento. De fato, embora Paulo não pretenda em parte alguma que é preciso abolir diretamente o estatuto da escravidão, tão difundido na época, não há como imputar-lhe o ter dito que o escravo

deve permanecer escravo, ficar na posição que lhe coube na sociedade, como se esta posição lhe houvesse sido destinada do alto, irremissivelmente. Como bem releva Theo Preiss: “De fato, Paulo não justapõe coisa alguma: pelo contrário, a fraternidade, a unidade em Cristo apreendem esta relação senhor-escravo, despedaçam-na e a reconstituem num plano totalmente diverso; Onésimo será considerado, não só como um ser igual, um outro membro da Igreja, mas será membro da família de Filêmon, será integralmente irmão. Assim, não resta margem alguma de paternalismo: haverá uma fraternidade total”. Como Paulo ressalta, será juntamente “na qualidade de homem e na de cristão” (v. 16), que Onésimo deverá ser acolhido fraternalmente por Filêmon.

Ainda com Theo Preiss, é permitido concluir que “se o Novo Testamento não é revolucionário no sentido moderno, é ainda menos conservador: de fato, toda a ordem social é desarticulada e se desfaz com a estrutura deste mundo”.

Autenticidade. Só raramente se pôs em dúvida a autenticidade desta missiva. De fato, não se pode perceber quem, além de Paulo, poderia tê-la escrito: dele é a linguagem, o estilo, o coração (Pe. Benoît). Contudo, aqueles que pensam dever contestar a autenticidade da Epístola aos Colossenses caem na obrigação de suspeitar também da desta epístola; pois, como vimos, há tal conexão entre essas duas cartas, que não se poderiam sustentar, a seu respeito duas opiniões diferentes.

EPÍSTOLA A FILÊMOM

Cl 4.10;
Fl 1.7

Rm 16.5;
Cl 4.15-17

Rm 1.8
Cl 1.3,4,9

Gl 5.6

12.20

1Cor 4.15;
Cl 4.9

¹Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo^a, e o irmão Timóteo, a Filêmon nosso bem-amado colaborador ²e a Ápia, nossa irmã, e a Arquipo, nosso companheiro de armas, e à Igreja que se reúne em tua casa^b. ³A vós graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

⁴Dou graças a meu Deus, fazendo contínua menção de ti em minhas orações. ⁵pois ouço falar do amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e em benefício de todos os santos^c. ⁶Que a tua participação na fé seja eficaz: para isso, torna conhecido todo o bem que podemos realizar pela causa de Cristo^d. ⁷Grande alegria e consolação já me foram causadas: por teu amor, irmão, reconfortaste o coração dos santos.

⁸Por isso, embora eu tenha, em Cristo, toda a liberdade de prescrever-te a tua obrigação, ⁹prefiro dirigir-te um pedido em virtude do amor. Sim, eu, Paulo, velho como estou, eu que agora estou preso por causa de Jesus Cristo, ¹⁰imploro-te em prol do meu filho, que gerei na prisão, Onésimo, ¹¹que dantes te foi inútil e, agora, nos é útil^e, tanto a ti como a mim. ¹²Eu te devolvo este que é como o meu próprio coração^f. ¹³De bom grado o teria conservado comigo, a fim de que ele me sirva em teu lugar na prisão onde estou por causa do Evangelho^g; ¹⁴entretanto, nada quis fazer sem o teu consen-

timento, para que tal benefício não tenha visos de forçado, mas provenha de tua livre vontade. ¹⁵Talvez Onésimo só tenha sido separado de ti por algum tempo, a fim de te ser devolvido para a eternidade. ¹⁶não mais como escravo, e sim, como bem mais do que escravo: como irmão bem-amado; se ele o é a tal ponto para mim, quanto mais o será para ti, quer como homem, quer como cristão^h.

¹⁷Portanto, se me consideras teu irmão na fé, recebe-o como a mim próprio. ¹⁸E, se te causou algum prejuízo ou tem alguma dívida a pagar-te, põe tudo na minha conta. ¹⁹— Sou eu, Paulo, quem escreve de próprio punho: sou eu que pagarei... E não preciso recordar-te que tu também tens para comigo uma dívida, que és tu mesmoⁱ! ²⁰Eia, irmão, presta-me esse obséquio no Senhor: proporciona a meu coração esse conforto em Cristo! ²¹Se te escrevo, faço-o confiado em tua obediência: sei que farás ainda mais do que te digo.

²²Ao mesmo tempo, prepara-me uma hospedagem: pois, graças a vossas orações, eu conto vos ser devolvido. ²³Sauda-te Epafros, meu sócio de cativo em Jesus Cristo, ²⁴como também Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores. ²⁵Que a graça do Senhor Jesus Cristo esteja convosco^j.

1Cor 7.22;
1Tm 6.2

Rm 15.7

Gl 6.11

Cl 1.7;
4.12
At 12.12;
27.2;
Cl 4.14;
2Tm 4.10

a. Paulo está preso e tem consciência de estar nas mãos de Cristo (10.13.23). Seu cativo não é acidental, faz parte da sua missão apostólica; é uma participação nos sofrimentos de Cristo (Cl 1.24) e, por conseguinte, significativa da sua vitória.

b. A assembleia cristã primitiva reunia-se em casa de um cristão de destaque. Supõe-se que Ápia seja a mulher de Filêmon, e Arquipo, seu filho. Este parece ter exercido algum ministério na Igreja de Colossas (Cl 4.17). De qualquer forma, é mister observar aqui que, visto o papel de Filêmon, sua atitude para com o escravo fugitivo devia ter consequências particularmente importantes quanto ao testemunho cristão.

c. Digna de nota, a impressionante fórmula: "O amor (antes da fé!) e a fé que tens para com o Senhor Jesus e em benefício de todos os santos". Paulo quer manifestamente sublinhar que a atitude tomada em relação ao Senhor implica o mesmo comportamento em prol dos irmãos.

d. Lit. *Que a comunhão de tua fé seja eficaz no conhecimento de todo o bem em nós*. Frase difícil. Paulo almeja que a fé de Filêmon — agindo em virtude do amor — seja, para todos os

cristãos, sinal eficaz da vida nova que decorre do Evangelho e, com isto, sirva para a expansão do mesmo.

e. Jogo de palavras: *Onésimo* significa *útil*.

f. Certos manuscritos trazem: *eu te devolvo, e tu, recebe-o como ao meu próprio coração*.

g. Lit. *nos vínculos do Evangelho*. Cf. 1 nota.

h. Lit. *segundo a carne e segundo o Senhor*. Paulo pede a Filêmon que considere Onésimo como um irmão, não só na fé, mas renunciando a castigá-lo, como autorizava o direito. Implicitamente, o Evangelho põe em questão o próprio estatuto da escravatura.

i. Lit. *Portanto, se me consideras em comunhão* (contigo).

j. Paulo em pessoa escreve essas breves palavras — ao passo que o seu costume é ditar (cf. Rm 16.22 nota) — para acentuar a seriedade do seu compromisso.

k. Filêmon, convertido por Paulo, já não se pertence; nada pode recusar ao Evangelho e ao mensageiro deste.

l. Lit. *com vosso espírito*. A palavra *pneuma* designa aqui o homem consciente de suas responsabilidades para com Deus e seus irmãos.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO

A Epístola aos Hebreus pode causar perplexidade ao leitor moderno. Percorrendo-a, experimenta-se ora um sentimento de admiração, ora uma impressão de estranheza.

Admiração em face da densidade doutrinal e profundidade humana de várias passagens. Pois o autor recorre a fórmulas incomparáveis para proclamar a transcendência de Cristo e, ao mesmo tempo, sabe exprimir com realismo a extrema solidariedade que une Jesus a "seus irmãos". O profundo conhecimento do Antigo Testamento reponta a cada linha, e seu amor à Igreja sustém cada uma de suas exortações.

Há, porém, nele traços que provocam uma impressão de estranheza: o autor dá muita margem à evocação dos ritos antigos e sacrifícios de animais; de outra parte, revela grande agilidade mental para interpretar de maneira simbólica textos e acontecimentos e para sugerir correspondências entre as realidades terrestres e os arquétipos celestes, entre os fatos históricos e a eternidade divina. Então, muitos leitores têm a sensação de estar perdendo pé e se, para se recuperar, tentam examinar o texto mais de perto, o complexo estilo retórico só lhes acrescenta dificuldades.

Sob outro aspecto, a própria origem da obra cria questões complexas, que suscitaram, desde os primeiros séculos, divergências e dúvidas, posteriormente reavivadas no tempo da Reforma: de quem provém a epístola? É lícito ou não associá-la ao nome do apóstolo Paulo? Por que motivo assemelha-se ela tão pouco às grandes epístolas paulinas? A quem foi dirigida e em que ocasião? Será que se trata realmente de uma epístola?

Mister se faz examinar essas questões com certa atenção, antes de proceder a um rápido inventário das riquezas contidas neste escrito fascinante.

Origem controversa. Durante os quatro primeiros séculos, a situação da Epístola aos Hebreus passou por muitas vicissitudes. A este respeito, porém, deve-se notar uma diferença sensível entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente.

Nas Igrejas do Oriente, Hebreus sempre foi aceita como epístola paulina. Todavia, essa tradição muito firme não obstava a que os antigos constatassem as diferenças que distinguem Hebreus das outras cartas de Paulo.

Para justificar tais particularidades, Clemente de Alexandria apresenta a epístola como sendo uma adaptação grega de um texto composto por Paulo em hebraico (cf. Eusébio, História Eclesiástica, VI, 14,2). Ele julga reconhecer em Hebreus o estilo de Lucas. Pouco mais tarde, Orígenes acentua ainda mais claramente a distinção: os pensamentos, diz ele, quadram aos do apóstolo, mas tudo indica que a composição não é dele; Hebreus é obra de um discípulo de Paulo, que exprime fielmente, porém a seu modo, o ensinamento do mestre. Que discípulo? Orígenes confessa não saber (Eusébio, *ibid.*, VI, 25,11-13), mas a ignorância a tal respeito não afeta em nada sua adesão a esse texto da Escritura. Menos preocupados com o problema literário, outros comentadores orientais atinham-se à afirmação da origem paulina, confirmada pela tradição de suas Igrejas.

No Ocidente, a situação era outra. Conhecida desde o fim do século I, visto Clemente Romano recorrer manifestamente a ela na sua carta à Igreja de Corinto, a Epístola aos Hebreus não era aceita sem reticências. As dúvidas relativas à sua autenticidade paulina provocavam hesitações quanto ao seu valor enquanto escrito inspirado. O seu emprego por diversas seitas contribuiu para incrementar as suspeitas. O cap. 7 foi usado para escorar especulações extravagantes sobre Melquisedec; os rigoristas estribaram-se em Hb 6,4-6 e 10,26 para negar o perdão aos cristãos que tinham apostatado durante a perseguição; os arianos tiraram argumento de 3,2 para sustentar que o Verbo é uma criatura. Segundo um testemunho de Filastro de Brescia (Migne, PL 12, col. 1199), de tudo isso resultou que, no fim do século IV, a epístola não fosse lida nas Igrejas. De sua parte, São Jerônimo constatava que os romanos não atribuíam Hebreus a São Paulo (De viris ill. 59); ele mesmo só dava importância secundária à

questão do autor (Ep. 129 ad Dard., PL 22, col. 1103); a tradição das Igrejas gregas, que desde sempre atestaram ser este escrito parte das Escrituras inspiradas, constituía, a seu ver, uma garantia decisiva. Tal era também a opinião de Santo Agostinho (De pecc. mer. 1,50). As listas do "Cânon das Escrituras", estabelecidas no fim do século IV, puseram cobro às hesitações, mencionando explicitamente a Epístola aos Hebreus. Mas o fato de estar enumerada junto com as cartas de São Paulo resultou naturalmente na tendência a afirmar a autenticidade paulina do escrito. Na Idade Média, a Glossa Ordinaria adotou uma posição semelhante à de Clemente de Alexandria: Hebreus é uma carta de Paulo fielmente traduzida por Lucas depois da morte do apóstolo.

No tempo da Reforma. As discussões começaram na Renascença. Um eco disto encontra-se nos comentários que Lutero fez à epístola em 1517-1518, no mesmo ano do seu manifesto de Wittenberg. Ele explica o texto como sendo do Apóstolo e até descobre nele a tese fundamental do paulinismo. "Nesta epístola, Paulo exalta a graça contra o orgulho da justiça humana segundo a Lei". Mas nem por isso deixa de ressaltar que uma frase como Hb 2,3, onde o autor se inclui entre os que receberam o evangelho por intermédio dos discípulos, é um "argumento muito válido" para demonstrar que a epístola não é de Paulo. De fato, este recorre, na epístola aos Gálatas, a uma linguagem totalmente diversa. Em 13,19, pelo contrário, Lutero vê um argumento a favor da autenticidade paulina, já que este versículo evoca o cativo.

Alguns anos depois, ao apresentar sua tradução do Novo Testamento, Lutero definiu a própria posição: a epístola não é da lavra de Paulo, nem de outro apóstolo qualquer. Nem por isso deixa de admirar nela a maestria com que o autor desconhecido faz uso das Escrituras. Algumas passagens, porém, criam dificuldades: a epístola nega a possibilidade de conversão para aqueles que, depois do batismo, tornaram a cair em pecado (6,4-6; 10,26; 12,17). Então, Lutero emite a opinião de que Hebreus é uma obra heterogênea.

Calvino, por sua vez, não manifesta reticência alguma. Declara que, indiscutivelmente, Hebreus faz parte das Escrituras apostólicas e atribui a manobras de Satanás o fato de, outrora, a auto-

ridade da epístola ter sido atacada. Nem por isso, entretanto, a considera obra de São Paulo.

Posteriormente, a exegese protestante passou por certa variedade de opiniões. No século XVII, a tese da autenticidade paulina foi novamente aceita quase por unanimidade. A seguir, prevaleceu a tese oposta.

O magistério católico, mais preso ao testemunho da tradição, empenhou-se em defender a origem paulina da epístola. Deve-se notar, no entanto, que o Concílio de Trento recusou pronunciarse explicitamente sobre a questão da autenticidade, o que deu ensejo a um ou outro comentador católico (por exemplo, Estius) sustentar que o autor é um discípulo de Paulo que compôs uma obra original. Por ocasião das discussões do princípio do século XX, a Pontifícia Comissão Bíblica proibiu aos católicos negar a origem paulina, embora consentindo se falasse de uma redação não-paulina. Os comentadores católicos mais recentes entendem origem paulina em sentido lato; um dos mais eruditos estima ter sido a epístola composta por Apolo, depois do martírio de Paulo (S. SPICQ. A epístola aos Hebreus. t. 1, pp. 260-261).

O problema da autenticidade. Na realidade, há numerosos argumentos que se opõem à autenticidade paulina. O feitiço geral de Hebreus absolutamente não corresponde ao temperamento do apóstolo Paulo. O estilo é pacífico demais, a composição, regular demais, a personalidade do autor, demasiado apagada (cf. 2,3). E podem salientarse múltiplas discrepâncias no vocabulário, no fraseado a que recorre e na própria maneira de conceber o mistério de Cristo.

Em vão se procuraria, em Hebreus, a denominação "Cristo Jesus" ou a expressão "em Cristo", tão frequentes em Paulo. As citações do AT nunca são introduzidas como "Escrituras" ("está escrito", "diz a Escritura"), mas sempre como "palavras" ("ele diz"). O autor fala amiúde da entronização celeste de Cristo, mas só uma vez da sua ressurreição dentre os mortos (13,20) e, mesmo então, sem usar uma fórmula habitual. A sua apresentação sacerdotal de Cristo é única em todo o NT. Numa palavra, estamos diante de uma personalidade muito diferente da de Paulo.

Alguns chegaram até a negar qualquer afinidade entre o conteúdo da epístola e o pensamento

paulino. Há nisto um exagero manifesto. De fato, em diversos pontos de importância capital, pode-se observar um parentesco muito claro entre Hebreus e a doutrina de Paulo: 1) a Paixão de Cristo é apresentada sob seu aspecto de obediência voluntária em Hb 5,8 e 10,9, tal como em Fl 2,8 e Rm 5,19; 2) a ineficiência da Lei antiga e sua ab-rogação são afirmadas em Hb 7,11-19 e 10,1-10 com um vigor que em nada desdizem os textos de Gl 3,21-25 ou de Rm 4,15. Em nenhuma outra parte do NT se encontra, a respeito desse tema paulino, uma formulação tão explícita; 3) reciprocamente, é nas epístolas paulinas (1Cor 5,7; Rm 3,25 e sobretudo Ef 5,2) que o tema fundamental da epístola aos Hebreus tem seus melhores pontos de conexão. Uma comparação entre Gl 2,20 e Ef 5,2,25 mostra claramente como o aspecto sacrificial e sacerdotal da redenção foi posto progressivamente em evidência nos meios paulinos; 4) pode-se finalmente destacar mais de uma analogia entre a cristologia de Hebreus e a das epístolas do cativoiro: o Filho, imagem de Deus, sua elevação acima dos anjos, o Nome que recebe na consumação do seu sacrifício — outras tantas constatações substanciais que proíbem recusar valor à tradição oriental concernente à origem "paulina" da epístola. Há motivos válidos para crer que Hebreus foi composta por um companheiro de Paulo.

Quanto a determinar mais precisamente o nome do autor, não há muito como pretendê-lo. De fato, já a antiga tradição hesita entre várias hipóteses: propõem-se os nomes de Lucas, ou de Clemente de Roma, ou de Barnabé. Nenhuma dessas atribuições exibe títulos suficientemente válidos. Por isso, os modernos procuraram outras. A mais plausível é, sem dúvida, a que se deve a Lutero e põe em destaque o nome de Apolo: origem judaica, educação helênica em Alexandria, conhecimento das Escrituras e reputação de eloquência (At 18,24-28; 1Cor 3,6) são características que calham perfeitamente ao autor de Hebreus, cuja linguagem tem mais de uma afinidade com a de Filon de Alexandria. Mas a ausência de qualquer testemunho antigo a tal respeito e a impossibilidade de qualquer comparação com outra obra que seja com certeza de Apolo mantêm esta atribuição no rol das hipóteses inverificáveis. Queramos ou não, é preciso resignar-se a ignorar o nome do autor.

Gênero literário: epístola ou sermão? Até o gênero da obra presta-se à contestação. Habitualmente, chamam-na de epístola, mas Hebreus não principia sob a forma de epístola e não se pode afirmar que um cabeçalho epistolar haja sido perdido ou supresso: na realidade, a primeira frase (1,1-4) constitui um excelente início, mas não é início de carta, e sim exórdio de sermão. A composição, em seu conjunto, ostenta o mesmo caráter oratório. O autor nunca diz que escreve, mas sempre que fala (2,5; 5,11; 6,9; 8,1; 9,5; 11,32). O corpo da obra não contém nenhum elemento propriamente epistolar. Para que o tom mude, é forçoso esperar pelos derradeiros versículos: 13,22-25 é um final de carta; ali se depaam algumas palavras de notícias, enviadas a pessoas que moram alhures; a seguir, vêm as costumeiras saudações e uma expressão de votos. Antes, porém, desta conclusão, cujo tom absolutamente não casa com o do exórdio, distingue-se uma frase solene (13,20-21) que faz as vezes de uma verdadeira peroração. Por isso, fica-se inclinado a diferenciar, no escrito que possuímos, de uma parte, um sermão destinado a ser pronunciado oralmente (1,1-13,21) e, da outra, um breve bilhete que lhe foi acrescentado (13,22-25). Lícito é pensar que o sermão tenha sido efetivamente pronunciado perante a assembléia dos fiéis em uma ou várias localidades. Além disso, foi enviado por escrito a outros cristãos, a quem, na oportunidade, mandaram-se breves notícias e saudações. Não é impossível que o sermão e o bilhete sejam de dois autores diversos. Se o estilo do sermão exclui uma atribuição ao apóstolo Paulo, não se pode dizer o mesmo do bilhete.

Destinatários. A obra não contém nenhuma indicação exata dos seus destinatários. O título "Aos Hebreus" não faz parte do texto; é antigo, mas, com toda a probabilidade, foi escolhido na hora de inserir o escrito numa coletânea de várias epístolas. O seu sentido não é claro. Antigamente, alguns comentadores deduziram dele serem os destinatários de origem judaica, habitando na Palestina e falando hebraico. Tal concepção já não se admite, de vez que, agora, todos reconhecem que o grego da epístola nada tem de um grego de tradução.

Autores recentes sustentaram que a epístola se destinava a judeus não-cristãos, e, mais precisa-

mente, a membros da seita de Qumran: hipótese improvável, já que a epístola não faz apelo à conversão, mas à perseverança e ao progresso na fé (3,6; 5,12; 6,9-12 etc.). Aliás, se ela contém analogias inegáveis com os escritos descobertos perto do mar Morto em Qumran, tem-nas igualmente, e impressionantes, com o judaísmo helenista, e pensou-se vislumbrar nela, além disso, a influência de doutrinas gnósticas. De tal diversidade de comparações ressalta ter-se a epístola alimentado em húmus muito rico. O ambiente em que foi elaborada mantinha-se sensível a múltiplas influências. Ela se dirige a comunidades cristãs que não são de fundação recente (5,12; 13,7), sem por isso remontarem aos tempos primitivos da Igreja na Palestina (cf. 2,3). À generosidade dos inícios (6,10; 10,32-34) sucedera um certo cansaço (5,11; 10,25; 12,3). A perspectiva de novas dificuldades provocava tentações de desânimo (10,35-36; 12,4,7). A isto acrescia decerto um perigo de desvios doutrinários, de atitudes mais ou menos judaizantes (13,9). Em todo caso, a influência judeu-cristã parece marcar profundamente essas comunidades.

Circunstâncias e data. A conclusão epistolar desta obra evoca circunstâncias concretas, porém, de maneira tão enigmática, que não as podemos situar, nem no tempo, nem no espaço. Onde e quando foi libertado Timóteo? De que coisa foi libertado? Ignoramo-lo. A menção "dos da Itália" não nos fornece esclarecimento algum, já que não podemos saber onde se encontrava esta gente no tempo da redação do bilhete, e o fato de os destinatários conhecerem certos fiéis originários da Itália evidentemente não basta para lhes revelar a identidade.

Da mesma sorte, a data da composição pode ser avaliada de maneiras muito diversas. Tendo em conta certos modos de formulação arcaica, um comentador situa a epístola muito cedo, antes das grandes epístolas de Paulo. Outros adiam sua redação para o fim do século I e até mais tarde. O fato de Clemente Romano fazer uso de Hebreus por volta de 95 exclui uma datação excessivamente tardia. Por outro lado, as afinidades da cristologia da epístola com a das epístolas do cativoiro sugerem uma data próxima ao martírio de Paulo. Pode-se cogitar nos anos que precederam a destruição do Templo de Jerusalém, sucedida em 70.

Com efeito, o autor reporta-se à liturgia do Templo como a uma realidade ainda atual (10,1-3).

Estrutura. As lacunas da nossa informação concernente às circunstâncias em que a Epístola aos Hebreus foi redigida não trazem inconvenientes de maior monta, já que o gênero literário desta obra é penhor de uma notável independência no que diz respeito a eventos particulares. O que importa muito mais é discernir as linhas gerais da composição.

A antiga divisão em duas partes, uma doutrinária (1,1-10,18), e outra moral (10,19-13,25), não condiz bem com a intenção do autor, que, desde o início, vai alternando exposições doutrinárias com exortações (cf. 2,1-4; 3,7-4,16; 5,11-6,12), por causa da sua preocupação de associar intimamente a fé à vida cristã.

Uma divisão em três partes: 1) a palavra de Deus (1,1-4,13); 2) o sacerdócio de Cristo (4,14-10,18); 3) a vida cristã (10,19-fim) pode valer-se de certas constatações exatas, mas não dá conta fielmente do conjunto dos dados.

Um estudo mais acurado evidencia uma técnica de composição muito sólida, cujos processos ("inclusões", "encadeamentos", construções simétricas) derivam de tradições literárias bíblicas. Pode-se verificar, destarte, entre o exórdio e a peroração, uma estrutura em cinco partes enunciadas sucessivamente pelo autor (cf. as notas em 1,4; 2,17c; 5,10; 10,36,39; 12,12-13).

I. Numa primeira parte (1,5-2,18), o autor empenha-se em definir o "Nome" de Cristo, ou seja, determina a posição de Cristo com relação a Deus (1,5-14) e com relação aos homens (2,5-18). Com este objetivo, recorre a uma comparação com a posição dos anjos. Este desenvolvimento vai concluir com a afirmação do sacerdócio de Cristo (2,17).

II. Uma segunda parte (3,1-5,10) mostra a realização, em Cristo, das duas características fundamentais de qualquer sacerdócio: o Cristo é acreditado junto a Deus (3,1-6) e é solidário com os homens (4,15-5,10); a sua posição é comparável, ao mesmo tempo, à de Moisés (3,2) e à de Aarão (5,4). Entre essas duas comparações, o autor insere uma longa exortação à fidelidade cristã (3,7-4,14).

III. A terceira parte (5,11-10,39) exprime a doutrina em toda a sua plenitude, de vez que põe em

evidência os traços específicos do sacerdócio de Cristo: o Cristo é um sumo sacerdote de tipo novo (7,1-28); o seu sacrifício pessoal difere profundamente dos ritos antigos e abriu o acesso ao verdadeiro santuário (8,1-9,28); obteve-nos realmente o perdão dos pecados (10,1-18). Por conseguinte, este sacrifício põe fim ao sacerdócio antigo, à Lei antiga, à antiga Aliança. Mais importante que as outras, esta terceira parte comporta uma introdução (5,11-6,20) e uma conclusão (10,19-39).

IV. Visando atrair os cristãos ao caminho aberto pelo sacerdócio de Cristo, uma quarta parte (11,1-12,13) insiste em dois aspectos fundamentais da vida espiritual: a fé, a exemplo dos antepassados (11,1-40), e a necessária persistência (12,1-13).

V. Finalmente, a última parte (12,14-13,18) esboça um quadro da vida cristã, convidando os fiéis a enveredar resolutamente pelo caminho reto da santidade e da paz.

O sacerdócio de Cristo. Fácil é dar-se conta de que a contribuição doutrinal da Epístola aos Hebreus consiste antes de mais nada na apresentação sacerdotal do mistério de Cristo. De fato, Hebreus é o único escrito do Novo Testamento que atribui a Cristo os títulos de sacerdote e sumo sacerdote. Há nisto um fato de grande importância. Com isto, ficam expressas as relações existentes entre a fé cristã e uma das principais correntes da tradição bíblica, a que concerne ao culto: ritos e sacrifícios, santuário do Deus de Israel.

Ao primeiro relance, a pessoa e a obra de Jesus pouco tinham a ver com este modo de exprimir a religião. Jesus não pertencia à classe sacerdotal e nunca pretendia um ministério de sacerdote. Quanto ao acontecimento do Calvário, exteriormente não teve nada de ritual. Ali, a morte de Jesus se nos antolha como pena legal, ato jurídico infamante, que o segrega do povo de Deus, ao passo que o sacrifício é um ato ritual glorificante, que une a Deus.

Para que o caráter sacrificial da paixão e da ressurreição de Cristo se revele em sua plenitude, faz-se necessária uma dupla superação: de uma parte, é preciso que se rompa o acanhamento dos conceitos tradicionais, apegados ao cumprimento dos ritos, e, de outra, seja percebido, para além das aparências, o sentido profundo do fato. Sob a inspiração de textos proféticos (Is 53,10) e de

afirmações de Jesus (1Cor 11,25), guiada outrosim por certas circunstâncias como a data pascal da Paixão, a reflexão cristã abriu-se a esta luz (cf. 1Cor 5,7; Rm 3,25; Ef 5,2; 1Pd 1,19). Com a Epístola aos Hebreus, a afirmação alcança toda a nitidez que se possa desejar. Não se podia chegar a tal resultado sem uma comparação atenta com os ritos antigos e os sacrifícios de animais. Esta evocação, já o dissemos, corre o risco de confundir o leitor moderno. Mas deve-se notar que, ao invés de se deter nesse estágio, o autor só fala dele para levar o crente a ultrapassá-lo.

É no Cristo glorificado, ao consumir-se a paixão, que ele reconhece a realização perfeita do sacerdócio: Filho de Deus e irmão dos homens, o Cristo glorioso garante aos homens o acesso junto a Deus; por conseguinte, é sumo sacerdote. O seu sacerdócio assume a sucessão do de Aarão (5,4-5), ultrapassando-o, porém: pois conforme o testemunho do Sl 110, Deus queria suscitar um sacerdote de nova espécie, "segundo a ordem de Melquisedec" (7,1-28). A morte e glorificação de Cristo constituem um verdadeiro sacrifício; deve-se mesmo afirmar: o único sacrifício verdadeiro, que vem substituir todos os sacrifícios antigos. Com efeito, estes permaneciam confinados no nível terrestre; gestos convencionais não podiam nem purificar profundamente a consciência (9,9; 10,1-4), nem alçar o homem até Deus. A morte de Cristo é, pelo contrário, uma oblação pessoal perfeita (9,14); ela avassala o homem em sua integridade e o submete por inteiro à vontade de Deus (5,8; 10,9-10). Ao mesmo tempo, renova-o completamente e o introduz na intimidade de Deus. Por sua morte, Cristo se tornou sacerdote celeste (9,24), efetuou a purificação dos pecados e fundou uma aliança nova e eterna (9,15; 13,20). O seu sangue é para nós penhor de livre acesso junto a Deus (10,19). Tudo isso é obra divina, dom de Deus aos homens, já que foi o próprio Deus quem realizou em seu Filho essa transformação radical do homem (2,10).

A condição cristã. Antes de mais nada, a condição cristã define-se graças a esta relação sacerdotal com Deus. O que a antiga liturgia da Expição (Lv 16) mal conseguia préfigurar com tentativas ineficazes (Hb 9,9; 10,1) tornou-se, no único sacrifício de Cristo, realidade plena. "Nós temos um sumo sacerdote" (8,1; cf. 4,14-15; 10,21), um sumo

sacerdote perfeito que penetrou de uma vez por todas no verdadeiro santuário (9,12) e que, doravante, nos representa diante de Deus (7,25; 9,24). Ele nos abriu o caminho; em seu seguimento, somos convidados a nos aproximar de Deus com toda a confiança (4,16; 7,19; 10,22). O pecado foi abolido (9,26; 10,12); o inimigo, vencido (2,14); a libertação definitiva, conseguida (2,15; 9,12). Desde agora, os cristãos participam nos bens do mundo por vir (6,4-5); entram na posse do reino definitivo (12,28). Para eles, a nova era já começou (1,2; 9,26).

Isto não significa terem eles já chegado à meta. Sua vocação celeste (3,1) ainda não se realizou plenamente. Sua existência continua decorrendo no mundo terrestre, onde eles não têm morada permanente, e tendem à posse da morada do futuro (13,14). Esperam pela segunda aparição do seu Salvador (9,28). Percebem a proximidade do Dia (10,25-37), mas ainda não fruem a plena caridade de sua luz.

Seu relacionamento com Deus, por Cristo, é real e íntimo, mas só lhes é concedido na fé. É só pela fé que, desde agora, entram no repouso propiciado por Deus (4,3). Caso deixem que a incredulidade lhes penetre o coração, ei-los separados de Cristo (3,14) e de Deus (3,12; 10,38), destinados à perdição (10,39). No seu modo de falar da fé, o autor conjuga dois pontos de vista assaz diferentes. Um, mais intelectual, que precisa o conteúdo da fé (11,1b.3.6); o outro, mais existencial, que mostra o dinamismo da fé, relacionando-a com a esperança (11,1a.8-10 etc.). Desta maneira, ostentam-se, lado a lado, a mentalidade grega e a judaica.

Aliás, isto mesmo se pode observar em outras explanações. Assim, por exemplo, o culto antigo acha-se definido sob duplo aspecto: nele o autor mostra simultaneamente o reflexo da imutável realidade celeste (8,5; 9,24) e a prefiguração de um acontecimento "por vir", o sacrifício de Cristo, cujo alcance é escatológico (9,7-12). Com isso, a tipologia da epístola adquire fértil complexidade. Digno de reparo é também a habilidade do autor em aliar à preocupação constante de atingir os valores eternos uma vigorosa insistência na eficácia decisiva de um fato histórico, acontecido "uma só vez" (9,26.28), "uma vez para sempre" (7,27; 9,12; 10,10). Esta associação paradoxal de duas perspectivas que se poderiam julgar inconciliáveis manifesta incontestavelmente a pe-

netração de seu espírito, bem como e sobretudo a profundidade de sua fé.

Deixando de parte a contraposição paulina entre a fé e as obras, que em parte alguma aparece em Hebreus, o autor timbra de preferência em mostrar que a fé é rica em obras e que tudo quanto se realizou de válido no Antigo Testamento teve por base a fé. Por outro lado, ele acentua que, no estado de provação em que nos encontramos, nossa fé deve munir-se de persistência (6,12; 10,36; 12,1-13). Se Cristo tomou sobre si o sofrimento e a morte humanos e fez deles o caminho de sua glória (2,9) e de nossa salvação (5,8-9), não foi para dispensar-nos de os enfrentar, mas para nos dar possibilidade de enfrentá-los cheios de esperança (12,2-3).

Embora insista muito na perfeita eficácia de um só sacrifício, o de Cristo, o autor não hesita em apresentar a vida cristã como uma oferenda de "sacrifícios" (no plural: 13,16). Ele convida os fiéis a elevarem a Deus, por Jesus Cristo, um contínuo "sacrifício de louvor" (13,15) e, de outra parte, afirma o valor sacrificial de uma vida de serviço fraterno e caridade (13,16). A exemplo do sacrifício de Cristo, e em união com ele, o cristão não põe o culto à margem da vida, mas une-se com Deus por meio da própria existência real. Isto não significa de modo algum uma imersão descomedida na cidade terrestre (cf. 13,12-14), nem a dissolução de toda comunidade cristã. Pelo contrário, o autor lembra a necessidade da coesão entre cristãos: solicitude de uns pelos outros (3,12; 4,1.11; 10,24; 12,15), assiduidade às assembleias cristãs (10,25), obediência aos dirigentes (13,17). E, mais de uma vez, dá a entender toda a importância que atribui à pregação (2,1.3; 4,2; 5,11; 13,7) e à liturgia cristã (6,4; 10,19-22.29; 13,10). De fato, seria grande ilusão pretender chegar a Deus sem estar unido com Cristo e seus irmãos. Como se vê, Hebreus fornece uma imagem da vida cristã muito nítida e notavelmente equilibrada.

Dialética dos dois Testamentos. Merece particular atenção um último aspecto do ensinamento de Hebreus. Talvez esta epístola mostre melhor do que qualquer outro escrito do Novo Testamento como se cumpriram em Cristo as Escrituras antigas, e evidencie o conjunto de correlações que definem esta realização cristã. Trata-se de um

conjunto complexo e até paradoxal, pois une afirmação com negação para chegar a uma superação inesperada. O exemplo mais significativo é o do sacrifício de Cristo: em certo sentido, a morte de Cristo na cruz é a negação mesma do culto antigo; parece não ter relação alguma com ele; em muitos pontos opõe-se-lhe. E, todavia, um olhar atento vislumbra uma profunda continuidade: tanto de uma parte como da outra, é oferecida a Deus uma oblação que vai até a efusão do sangue e tem em mira conseguir o perdão dos pecados. Mas que superioridade no caso de Cristo! À imolação ritual dos animais, sucede um dom pessoal levado ao extremo, numa obediência perfeita a Deus e numa solidariedade total com os homens. Destarte, o objetivo colimado pelo culto antigo é agora atingido de uma vez por todas e, da mesma feita, todos os ritos anteriores ficam abolidos.

Este exemplo está longe de ser o único. De um extremo a outro de sua obra, o autor confronta as promessas com suas realizações, as antigas prefigurações com seu cumprimento e sempre faz ressaltar as diversas correspondências que caracte-

rizam o desenvolvimento do plano de Deus. É dotado de um sentido agudo da continuidade deste plano, que constitui a unidade de ambos os Testamentos, mas nem por isso mostra-se menos cômico da novidade e do caráter definitivo da revelação trazida por Cristo.

Conclusão. Embora o abalar-se à leitura da Epístola aos Hebreus exija certo esforço, este não tarda a ser amplamente recompensado. Neste escrito do Novo Testamento percebe-se um desejo tão intenso de entrar em comunhão com Deus, descobre-se uma doutrina tão profunda da mediação de Cristo e uma compreensão tão real das dificuldades da vida cristã, que não há mais como cansar-se de ler suas páginas substanciosas. Nos nossos tempos, sua contribuição é sem dúvida mais preciosa do que nunca. De fato, a Epístola aos Hebreus dirige-se a cristãos desorientados e ameaçados de desânimo. Ela aponta para o verdadeiro remédio desse tipo de mal: não vagas exortações moralizantes, mas, pelo contrário, um sério esforço de aprofundamento na fé em Cristo.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1 Deus nos falou por seu Filho. Depois de ter, por muitas vezes e de muitos modos, falado outrora aos Pais^a, nos profetas^b, Deus, ²no período final em que estamos^c, falou-nos a nós num Filho^d a quem estabeleceu herdeiro^e de tudo, por quem outrossim criou os mundos^f.

2,8;
Mt 28,18

Jo 1,3;
Cl 1,16
2Cor 4,4
Cl 1,17;
Sl 8,1

³Este Filho é o resplendor de sua glória e a expressão do seu ser^g, e sustenta o universo pelo poder da sua palavra^h.

9,14.26
x.1; 10,12;
12,2;
Mc 16,19
Ef 1,21

Depois de ter consumado a purificação dos pecadosⁱ, sentou-se à direita da Majestade nas alturas^j, tornando-se tão superior aos anjos que herdou um nome^k bem diferente do deles.

O Filho de Deus, superior aos anjos. ⁵De fato, a qual dos anjos disse^l ele alguma vez:

Tu és meu filho,
Eu, hoje, te gerei^m,
5,5;
At 13,33

E ainda:
Eu serei para ele um pai
e ele será para mim um filhoⁿ?

⁶Pelo contrário, ao introduzir o primogênito no mundo^o, ele diz:
Cl 1,18

E prostrem-se diante dele
todos os anjos de Deus^p.
1Pd 3,22

⁷Para os anjos, tem esta expressão:

Aquele que faz de seus anjos
espíritos^q
e de seus servos uma chama de fogo^r.

⁸Mas para o Filho, esta:

a. Os Pais: os ancestrais do povo israelita, isto é, as gerações passadas (cf. 3,9; 8,9). Os cristãos, até os de origem pagã, têm consciência de sua vinculação com o povo de Israel (cf. Rm 4,16-18; 11,17; 1Cor 10,1).

b. Expressão inusitada. A Bíblia costuma dizer: pelos profetas.

c. Lit. no fim dos dias estes. A expressão no fim dos dias, usada na Bíblia grega para traduzir uma expressão hebraica menos precisa, designa o tempo da intervenção divina definitiva (cf. Ez 38,16; Dn 2,28 e v. 45 gr.; 10,14; Mq 4,1). Ao acrescentar estes, o autor afirma que doravante o período final está presente; Cristo o inaugurou (cf. At 2,17; 1Cor 10,11; 1Pd 1,20).

d. Aos profetas, amiúde designados como "servos" (Jr 7,25; 25,4), sucede um último mensageiro que é Filho (cf. Mc 12,2-6). A ausência do artigo definido insiste na qualidade de Filho e faz esperar especificações ulteriores (cf. Hb 4,14).

e. Neste Filho, a promessa feita aos Pais alcança sua realização final. Ele é o descendente privilegiado dos patriarcas (Gn 15,3-4; Rm 4,13) e de Davi (Sl 2,8), a quem fora prometido o reino universal (cf. Dn 2,44; 7,14).

f. Lit. os éons. À tradição messiânica (cf. nota a herdeiro, v. 2), o autor associa aqui a tradição sapiencial: como a Sabedoria, o Filho foi associado à criação do universo (cf. Pr 8,27-31; Sb 7,21; 9,9; Hb 11,3).

g. Estas expressões parecem inspirar-se na descrição da Sabedoria divina personificada: Sb 7,25-26. Para exprimir a relação do Filho com Deus, o autor escolhe os termos mais fortes.

h. O grego, influenciado aqui pelo hebraico, passa do concreto ao abstrato e diz: pela palavra do seu poder. O possessivo pode referir-se a Deus ou ao Filho. O poder divino é de tal porte que nenhum esforço lhe é preciso para sustentar o mundo: basta-lhe uma palavra (cf. Sl 33,9).

i. Alguns textos trazem a mais: por si mesmo.

j. Expressão tradicional da glorificação de Cristo; ela se inspira no Sl 110,1, com a conotação de um sentido celeste: nas alturas (cf. Mt 26,64). O Sl 110 será citado mais de uma vez (cf. Hb 1,13 nota).

k. O nome define a dignidade da pessoa e sua posição relati-

vamente às outras. Para definir a posição alcançada pelo Filho no desfecho de sua intervenção redentora, o autor o compara aos anjos, a cujo respeito, então, se opinava serem os seres mais bem situados para salvar os homens (cf. a esperança de uma libertação que Deus realiza pelos anjos, esperança expressa em Qumran na Regra da Guerra, 17,6). Este final de exórdio introduz o assunto desenvolvido de 1,5 a 2,18.

l. Verbo dizer, e não escrever, vem sujeito expresso: modo de introduzir as citações que é característico do autor e que não corresponde ao que Paulo costuma usar.

m. Sl 2,7. Esta citação e a seguinte adaptam-se à entronização real do filho e sucessor de David. Entendidas em sentido messiânico, aplicam-se aqui implicitamente à glorificação de Cristo (cf. Rm 1,3-4; At 13,33).

n. 2 Sm 7,14; 1Cr 17,13.

o. Versículo que se presta à discussão. Compreenderam-no: 1) da encarnação; 2) da volta de Cristo, traduzindo: mas quando novamente houver introduzido...; 3) da entronização de Cristo na cidade celeste, quando da sua glorificação pascal (cf. Ef 1,20-21; Fl 2,9-10). Este último sentido concorda melhor com o contexto e o texto: aqui, primogênito evoca a entronização (cf. Sl 89,28, que parafraseia 2Sm 7,14 citado aqui no v. 5), mundo, lit. mundo habitado (gr. oikouménē) é distinto de mundo (gr. kosmos) e designa aqui a cidade futura (cf. Is 62,4 gr.; Sl 96,9-11 gr.); o autor confirma este sentido em 2,5.

p. Dt 32,43 gr., corroborado por um texto hebraico encontrado em Qumran. O pronome dele aplica-se, no original, ao próprio Deus, por ocasião da sua intervenção final. O autor o entende do Filho, a quem Deus encomendou o cuidado desta intervenção.

q. Esta citação dos Setenta inverte a relação expressa pelo texto hebraico que traz: aquele que faz dos ventos seus mensageiros. Em hebraico, a mesma palavra significa espírito e vento; anjos e fenômenos da natureza estão intimamente unidos entre si. O grego acentua a distinção. Em ambos os textos, permanece a ideia da disposição a serviço de Deus.

r. Sl 104,4.

O teu trono, ó Deus, está firmado para todo o sempre,
e: O cetro da retidão é cetro do teu reino¹.*

⁹ *Amaste a justiça e abominaste a iniquidade,
por isso, ó Deus, teu Deus conferiu-te a unção
de um óleo de alegria, de preferência a teus companheiros².*

¹⁰ *E ainda:
Foste tu que, nas origens, Senhor, fundaste a terra,*

^{Jo 1,3} *e os céus são obra de tuas mãos.*

¹¹ *Eles perecerão, tu, porém, permaneces.
Sim, todos hão de envelhecer qual uma veste,*

¹² *e como se faz com um manto, os enrolarás³,
qual uma veste, sim, serão trocados,
^{13,8} mas tu, és sempre o mesmo e teus anos não cessarão de repente⁴.*

¹³ *E a qual dos anjos disse alguma vez:
Senta-te à minha direita,
de teus inimigos, vou fazer teu escabelo⁵?*

¹⁴ *Não são todos eles espíritos cumpridores de funções e enviados a serviço,
^{SI 91,11; At 12,11} em proveito daqueles que devem receber a salvação como herança⁶?*

2 **Importância decisiva da salvação anunciada.** 'Segue-se daí que nós devemos levar mais a sério a mensagem

ouvida, se não quisermos ir à deriva.
² Pois, se a palavra anunciada por anjos⁷ entrou em vigor e se toda transgressão e desobediência receberam justa retribuição, ^{10,29; 12,25} como escaparemos nós mesmos, se negligenciarmos tão grande salvação, que começou a ser anunciada pelo Senhor, e depois nos foi confirmada por aqueles que o tinham ouvido. ⁴ e também foi confirmada pelo testemunho de Deus com sinais e prodígios, milagres de toda sorte⁸, e por dons do Espírito Santo distribuídos segundo sua vontade? ^{1Cor 12,11}

O Irmão dos homens. ⁵ Pois não foi a anjos que ele submeteu o mundo futuro⁹ do qual nós falamos. Isto nos foi atestado em algum lugar nesses termos:

⁶ *O que é o homem, para te lembrares deles?*

Ou o filho do homem, para nele descansares o olhar?

⁷ *Tornaste-o um pouco inferior aos anjos⁶;*

de glória e honra o coroaste;

⁸ *puseste-lhe todas as coisas debaixo dos pés⁴.* ^{1Cor 15,27; Ef 1,22}

Ao submeter-lhe todas as coisas, nada deixou que lhe possa ficar insubmisso. Ora, na realidade, ainda não vemos que tudo lhe esteja submetido, ⁹ mas uma coisa constatamos: aquele Jesus que se tornou um pouco inferior⁶ aos anjos acha-se, por causa da morte que padeceu, coroado de glória e honra⁷. Assim sendo, foi por

^{FI 2,8-9}

s. SI 45,7. Fórmula de entronização. Ao rei dirige-se a denominação *elohim*: *deus*. Esta, no caso de Cristo, assume uma plenitude inaudita, por não se tratar mais de entronização terrestre, e sim celeste.

t. Testemunhas de valor trazem: *seu reino*.

u. SI 45,7-8.

v. Algumas testemunhas dizem *tu mudarás*, em vez de *enrolarás*, que se inspira em Is 34,4. O segundo *qual uma veste* não se lê no texto do SI 102,27b. Muitas testemunhas também o omitem na epístola.

w. SI 102,26-28. No salmo trata-se do próprio Deus e do fim do mundo. Tendo Cristo recebido, no fim de sua paixão, o senhorio sobre o mundo, este texto lhe é aplicado.

x. SI 110,1. Lit. *até que eu tenha posto os teus inimigos como escabelo de teus pés*. Salmo de entronização real, que comporta um sentido messiânico e apresenta um rei-sacerdote. O SI 110 fornece base escriturística para a doutrina da epístola (cf. 5,6.10; 6,20; 7,11-28; 10,12-13).

y. O autor inspira-se na citação do v. 7. Grande é o contraste entre o Cristo entronizado e os anjos enviados a serviço. O tema da herança reaparece aqui (cf. 1,2-4), porém, desta vez, tendo em vista os cristãos. No AT, trata-se de receber *a terra* como herança; o autor faz a transposição para o plano espiritual: herda-se a salvação.

z. Alusão à revelação do Sinai (cf. Gl 3,19; At 7,53).

a. Cf. Mc 16,17-18.20; At 5,12; Rm 15,19; 2Cor 12,12.

b. Lit. *mundo habitado do futuro* (cf. 1,6 nota).

c. O hebraico traz *elohim*, plural que tem muitas vezes o sentido de um singular: *deus*. A Septuaginta o compreende aqui como um plural, *seres divinos*, e traduz *anjos*.

d. SI 8,5-6.7b. Algumas testemunhas citam o trecho integralmente, sem omitir o v. 7a. O salmo descreve a vocação do homem na criação (cf. Gn 1,26).

e. No sentido espacial: *a um nível um pouco inferior*; ou temporal: *durante um pouco de tempo*.

f. A vocação do homem realiza-se no mistério de Cristo.

2Cor 5,14 todos os homens que, pela graça de Deus^k, provou a morte.

¹⁰Convinha de fato àquele para quem e por quem tudo existe, e que queria conduzir à glória uma multidão de filhos, levar à consumação^b, por meio de sofrimentos, o promotor da salvação deles.

14 13,32 ¹¹Pois o santificador e os santificados têm todos a mesma origem^l; por isso, ele não se envergonha de chamá-los de irmãos

Mt 28,10; Jo 20,17 ¹²e dizer:

Anunciarei o teu nome a meus irmãos, no meio da assembléia, eu te louvarei^l.

¹³E ainda:

Quanto a mim, ficarei cheio de confiança nele^k,

e ainda:

Eis-me aqui, eu e os filhos que Deus me deu^l.

¹⁴Assim, pois, já que os filhos têm em comum o sangue e a carne, também ele participou igualmente da mesma condição, a fim de, por sua morte, reduzir à

Rm 8,3 impotência aquele que detinha o poder

da morte, isto é, o diabo. ¹⁵e libertar os que, por medo da morte, passavam a vida inteira numa situação de escravos^m. ¹⁶Pois ele vem em auxílio, não de anjos, mas da descendência de Abraão. ¹⁷Por isso devia assemelhar-se em tudo a seus irmãos, a fim de se tornar sumo sacerdoteⁿ misericordioso, ao mesmo tempo que acreditado junto a Deus para apagar^o os pecados do povo^p. ¹⁸Pois já que ele mesmo passou pela provação, está em condições de prestar socorro aos que são provados.

3 Jesus comparado a Moisés. ¹Assim pois, irmãos santos que compartilhais uma vocação celeste, considerai o apóstolo e sumo sacerdote^q da nossa profissão de fé^r, Jesus. ²Ele é acreditado^s junto àquele que o constitui^t, tal como Moisés o foi em toda a sua causa^u. ³De fato, cabe-lhe uma glória superior à de Moisés, na medida exata em que se deve maior honra ao construtor da casa do

g. Outro texto: *sem Deus* ou *exceto Deus*, que concorda mal com o contexto (cf. 2,10). Orígenes entende: *para todo ser, exceto Deus* (cf. 1Cor 15,27). Outros pensam na palavra de Jesus na cruz (Mt 27,46).

h. *Levar a cumprimento* traduz o verbo grego *teleioun*, que desempenha um papel relevante na epístola. Poder-se-ia traduzir por *tornar perfeito*, mas esta tradução arrisca-se a ocultar certos aspectos do termo. De fato, este contém a idéia de meta a alcançar (gr. *telos*), e, ademais, designa nos Setenta o rito de consagração dos sacerdotes. O autor situa-se sempre num contexto de relação com Deus. Vale-se dele para exprimir o mistério da glorificação de Cristo (2,10; 5,9; 7,28) e o do total cumprimento da vocação do homem (10,14; 11,40; 12,23). Não se trata de um simples progresso na perfeição moral, embora este esteja incluído, mas de uma transformação radical do homem, que o eleva até Deus. Esta transformação, que os ritos antigos eram incapazes de levar a efeito (7,11.19; 9,9), é uma obra divina (2,10), efetuada na paixão de Cristo (2,10; 5,8-9). Ela tem um aspecto sacerdotal (5,9 nota; 7,11 nota). É comunicada por Cristo aos que lhe dão sua adesão (10,14; 12,2).

i. Versículo interpretado de vários modos. A origem comum é posta por alguns em Deus (cf. 1Cor 8,6), por outros, em Adão, em Abraão, na raça humana. O autor quer ressaltar a solidariedade necessária entre Cristo e os homens.

j. Sl 22,23. Salmo do justo perseguido, aplicado a Jesus nas narrativas da Paixão (cf. Mt 27,35.39.43.46). O versículo citado refere-se à libertação esperada e, por isso, concerne ao Cristo ressuscitado.

k. 2Sm 22,3: grito de certeza triunfal do paladino de Deus; encontra-se também em Is 8,17.

l. Is 8,18: o paladino de Deus não é um triunfador solitário; permanece unido aos que lhe foram confiados.

m. Cf. Rm 5,21.

n. Aqui, o autor introduz seu tema principal (cf. Introdução). o. Lit. *expiar*, mas este verbo assumiu o sentido de "sofrer um castigo", mesmo contra a vontade, o que o torna menos apto para traduzir o termo bíblico. Este designa no AT um rito purificador com o qual aprova a Deus prover seu povo (cf. Lv 4,20; 16,6; 17,11). Aqui, exprime a capacidade que o Cristo glorificado possui de livrar os homens de seus pecados (cf. 7,25; 9,14; 1Jo 2,1-2).

p. Este v. introduz os desenvolvimentos subsequentes: *acreditado* será comentado a partir de 3,1; *sumo sacerdote misericordioso* será explicado de 5,15 a 6,10.

q. Representante qualificado, quer de Deus junto aos homens, quer dos homens junto a Deus.

r. Diversas interpretações são propostas acerca desta expressão: 1) o sumo sacerdote no qual cremos; 2) o sumo sacerdote assim nomeado na fórmula de confissão da fé; 3) o sumo sacerdote pelo qual passa a nossa confissão de fé, aquele graças ao qual aderimos a Deus na fé. — A primeira interpretação fica muito imprecisa. A segunda carece de apoio: não se conhece confissão de fé alguma que nomeie Jesus sumo sacerdote. A última corresponde melhor à perspectiva da epístola (cf. 12,2; 13,15; 1Pd 1,21).

s. Outra tradução possível: *fiel a*; mas ela não é muito adequada ao sentido do texto empregado (Nm 12,7) e ao contexto presente, que evoca uma posição de autoridade.

t. Lit. *o fez*. Pode-se perceber aqui uma alusão à ressurreição de Cristo, nova criação na qual Deus fez o homem novo (cf. Ef 4,24). Pode-se também compreender: aquele que o constituiu sumo sacerdote.

u. Cf. Nm 12,7.

que à própria casa¹. ⁴Pois toda casa tem o seu construtor, e o construtor de tudo é Deus². ⁵Ora, Moisés foi *acreditado em toda a sua casa como servidor*³, no intento de garantir o que estava para ser dito, mas Cristo o é como Filho, e sobre a sua casa. ⁶Sua casa somos nós, se conservamos a plena certeza e a altivez da esperança⁴.

A entrada pela fé no repouso de Deus

⁷Por causa disso, como diz o Espírito Santo:

Hoje se ouvirdes a sua voz,

⁸*não endureçais os vossos corações como no tempo da exasperação, no dia da provação no deserto*⁵,

⁹*onde vossos pais me puseram à prova, procurando sondar-me, e viram as minhas obras*⁶ ¹⁰*durante quarenta anos.*

Por este motivo eu me encolizei contra esta geração e disse: os seus corações sempre se extraviam;

esta gente não encontrou meus caminhos.

¹¹*pois eu jurei na minha cólera*⁷: *Veremos se eles entram no meu repouso*⁸!

¹²Acautelai-vos, irmãos, para que ne-

nhum de vós tenha um coração mau, que a incredulidade afaste do Deus vivo⁹. ¹³mas encorajai-vos uns aos outros, dia após dia, enquanto durar a proclamação do *hoje*¹⁰, a fim de que ninguém dentre vós se *endureça*, enganado pelo pecado. ¹⁴De fato, eis que nos tornamos companheiros de Cristo, contanto que nos mantenhamos firmes até o fim em nossa posição inicial, ¹⁵já que está dito:

Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações como no tempo da exasperação.

¹⁶Quais são, de fato, os que *ouviram* e provocaram a *exasperação*? Não são todos os que saíram do Egito graças a Moisés? ¹⁷E contra quem se *encolizou* ele durante *quarenta anos*? Não foi contra os que tinham pecado, cujos cadáveres *tombaram no deserto*? ¹⁸E a quem *juro que não entrariam no seu repouso*, senão a esses rebeldes? ¹⁹E nós constatamos que eles não puderam entrar por causa de sua incredulidade¹¹.

4 ¹Temamos, pois, enquanto subsiste uma promessa de entrar em seu repouso, não seja algum de vós reconhecido culpado¹² de ter ficado para trás. ²Porque nós recebemos a Boa Nova tal como aquela gente¹³, mas a palavra que eles tinham ouvido não lhes foi de pro-

v. À diferença de Moisés, que na realidade não se distingue da casa de Deus, Cristo tem a condição de *construtor* (cf. 2Sm 7,13).

w. O fundamento da dignidade de um construtor está no fato da semelhança de sua atividade com a do Criador. Formulada em termos flexíveis, a argumentação sugere que Cristo, construtor da casa de Deus, encontra-se numa condição igual à de Deus (cf. 1,10).

x. O termo grego, *thrâpôn*, tem um cunho honorífico; só se emprega aqui no NT.

y. Algumas testemunhas do texto trazem além disso, *firmemente até o fim*, fórmula de 3,14.

z. No hebraico, o salmo refere-se ao episódio de Meribá e Massá (cf. Ex 17,7). O texto grego não permite discernir claramente esta alusão.

a. No texto hebraico do salmo, o v. termina com *obras* e compreende-se: *embora tenham visto minhas obras*; trata-se então dos milagres da saída do Egito, os *quarenta anos* estando ligados ao período seguinte (cf. 3,17). Aqui, *as obras* designam elas mesmas o castigo infligido por Deus *durante quarenta anos* (Nm 14,32-34).

b. Alusão evidente a Nm 14,21-23. Uma missão de reconhecimento enviada à Terra Prometida provocou à sua volta o de-

sânimo do povo, que recusou o dom de Deus. Com isso, o povo incorreu na cólera de Deus. A este contexto é que se refere todo o comentário a seguir.

c. Sl 95,7-11. A grega não comporta a palavra *veremos*. Ela traduz servilmente o texto hebraico, que é uma fórmula elíptica de imprecisão. A fórmula completa seria: "Que Deus me faça este mal e ainda este outro, se..." (cf. 1Sm 14,44; 25,22; 2Sm 3,35; 2Rs 6,31).

d. Cf. Nm 14,9-11; Dt 1,28-32; Sl 106,24.

e. Lit. *por tanto tempo quanto o hoje é chamado*. A proclamação faz-se no salmo. Visa, definitivamente, ao *dia* da admissão no repouso de Deus (cf. 4,7; 10,25) dia que, para os infiéis, pelo contrário, será de condenação (10,27). Daí a gravidade da exortação.

f. Cf. Nm 14,29-32.

g. Cf. Nm 14,39-45 e Dt 1,41-45.

h. Em grego, o termo *convencido* admite dois sentidos possíveis: *ter a convicção*, ou *ser reconhecido culpado*. O segundo sentido é o que convém ao contexto.

i. Os israelitas haviam sido convidados a entrar na Terra Prometida (cf. Nm 13,30; 14,7-9; Dt 1,21,29). A boa nova do Evangelho, que convida os crentes a entrar no Reino de Deus, é comparada aqui a este convite.

veito algum, de vez que os ouvintes não se compenetraram dela pela fé¹.

³Nós, que abraçamos a fé, nós entramos no repouso, do qual ele disse:

3,11 *Pois eu jurei na minha cólera: Veremos se eles entram no meu repouso!*

tendo, seguramente, a sua obra sido consumada desde a criação do mundo, ⁴já que foi dito acerca do sétimo dia: *E Deus, no sétimo dia, repousou de toda a sua obra!*, ⁵e novamente, em nosso texto: *Se eles entram no meu repouso.*

⁶Assim, pois, já que ficou determinado que alguns lá entrem, e os primeiros a receber a Boa Nova não entraram devido à sua rebeldia, ⁷ele fixa novamente um dia, *hoje*, dizendo muito mais tarde, no já citado texto de Davi:

3,7-8 *Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações^m.*

⁹De fato, se Josué lhes houvesse garantido o repouso, ele não falaria, depois disso, em outro diaⁿ. ¹⁰Um repouso sabático que fica, por conseguinte, reservado para o povo de Deus. ¹⁰Porque aquele que entrou neste repouso também deu-se a repousar da própria obra, como Deus

repousou da suaⁿ. ¹¹Apressemos-nos, pois, a entrar neste repouso, a fim de que o mesmo exemplo de rebeldia não arraste mais ninguém na queda^p.

¹²De fato, viva é a palavra de Deus, eficaz e mais incisiva do que qualquer espada de dois gumes^q. Ela penetra até dividir a alma do espírito^r, as articulações das medulas. Ela joeira as intenções e os pensamentos do coração. ¹³Não há criatura que se lhe esquive à vista^s, a seus olhos tudo está desnudo, tudo subjugado^t por seu olhar. A ela é que devemos prestar contas.

Ef 6,17;
Sl 18,15

Jr 17,10

Rm 14,12

Adesão a Cristo, sumo sacerdote. ¹⁴Tendo pois um sumo sacerdote eminente que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, permaneçamos firmes na confissão da fé^u. ¹⁵De fato, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; à nossa semelhança, ele foi provado em tudo, sem todavia pecar^v. ¹⁶Aproximemo-nos pois com toda a segurança do trono da graça, a fim de obter misericórdia e alcançar graça, para ser auxiliados a seu tempo.

2,17-18

j. Cf. Nm 14,11; Dt 1,32. Outro textos: *pois eles não operaram a fusão pela fé com os ouvintes da palavra.*

k. Sl 95,11; cf. Hb 3,11 e 4,5.

l. Gn 2,2. A associação com Gn 2,2 (gr.) enseja ao autor aprofundar o sentido da expressão do salmo. Esta poderia ser concebida como uma felicidade terrestre abençoada por Deus. O autor a põe em relação com a própria vida de Deus, o que sugere uma interpretação "celeste" (cf. 3,1).

m. Sl 95,7-8 (cf. Hb 3,7-8,15).

n. De acordo com uma opinião corrente, a entrada em Canaã foi a entrada no descanso (cf. Js 21,44; 22,4; 23,1). O autor supera esta opinião, graças a um raciocínio exegético bastante sutil. O salmo, composto muito tempo depois da conquista, considera implicitamente o descanso de Deus como uma meta que ainda não foi alcançada. Daí a dedução do autor de que a entrada em Canaã não foi a entrada no descanso de Deus, mas uma simples prefiguração.

o. Tido muitas vezes na conta de uma alusão à entrada de cada cristão no céu, este v. compreende-se ainda melhor como referente à entrada do próprio Cristo (cf. 4,14; 9,24), e ao seu próprio descanso (cf. 10,11-13).

p. Às vezes, traduz-se: *a fim de que ninguém caia, dando o mesmo exemplo de indocilidade.*

q. O alerta contra a falta de fé termina com a referência ao aspecto judicial da palavra de Deus (cf. Jo 12,48).

r. Outra interpretação: *até o ponto de divisão da alma e do espírito*. O autor distingue a *alma*, princípio da vida física e

psíquica, e o *espírito*, princípio da vida espiritual (cf. 1Ts 5,23; 1Cor 2,14; 15,45-46).

s. Os possessivos do v. 13 poderiam ser referidos a Deus, em vez de à sua palavra. De fato, no grego, o termo *logos* (palavra) é masculino, da mesma forma que *Theós* (Deus), o que confere ao texto certa ambigüidade. Por isso, o fim do v. 13 poderia ser lido: *A ele é que nós devemos prestar contas.*

t. Lit. *dominado, sendo agarrado pelo peixeiro*. O verbo grego usa-se no caso de um lutador reduzido à impotência por seu adversário, ou de um animal que vai ser imolado. Já que o contexto exprime a idéia de nudez, traduz-se muitas vezes *posto a descoberto*.

u. O autor ora diz que Cristo foi tomar assento *nos céus* (8,1; 9,24; cf. Sl 114; 1Rs 8,30-39), ora *para além dos céus* (aqui e 7,26; cf. Sl 8,2; 113,4). As próprias variações dessas formas demonstram que elas não devem ser interpretadas materialmente no sentido de uma viagem cósmica (acima do céu cósmico, cf. 1,10-12; 12,26-27); elas pretendem antes exprimir a glorificação do Cristo ressuscitado, a qual pertence a uma ordem espiritual (cf. 1Cor 15,44-45). Esta glorificação junto a Deus confere a Cristo plena autoridade e, por isso, fornece à fé um apoio muito firme (cf. 3,1-6).

v. As provações terrenas de Jesus aproximaram-no dos homens e constituem o fundamento da confiança deles. Elas não o afastaram de Deus, mas, pelo contrário, elevaram-no até Deus, pois Jesus não cedeu ao pecado (cf. 7,26; 9,14; Jo 8,46; 2Cor 5,21; 1Jo 3,5). Próximo dos homens e próximo de Deus, Cristo glorificado é o perfeito sumo sacerdote.

5 Cristo, sumo sacerdote compassivo. ¹Todo sumo sacerdote^a, com efeito, tomado dentre os homens, é constituído em favor dos homens no que respeita às suas relações com Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. ²É capaz de ter compreensão^b dos que não sabem e se extraviavam^c, pois também ele é acometido de todos os lados pela fraqueza ³e, por causa dela, deve oferecer, tanto em favor de si mesmo como do povo, sacrifícios pelos pecados^d. ⁴Ninguém arroga a si mesmo esta honra, ela é recebida por chamamento de Deus, como sucedeu a Aarão^e.

⁵Assim também Cristo não arrogou a si mesmo a glória de se tornar sumo sacerdote; recebeu-a daquele que lhe disse: *Tu és meu filho, eu hoje te gerei*^f, ⁶de conformidade com esta outra declaração:

Tu és sacerdote para a eternidade à maneira de Melquisedec^g. ⁷Foi^h ele quem, durante sua vida terrenaⁱ, ofereceu orações e súplicas com grande clamor e lágrimas àquele que podia salvá-lo da morte, e foi atendido por causa de sua submissão^j. ⁸Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelos próprios sofrimentos^k. ⁹e, levado até a própria consumação^l, veio a ser, para quantos lhe obedecem, causa de salvação eterna, ¹⁰tendo sido proclamado por Deus sumo sacerdote *à maneira de Melquisedec*^m.

Para um aprofundamento da vida cristã. ¹¹Sobre este assunto, temos muitas coisas a dizer, e sua explicação se nos representa difícilⁿ, porque vos tornastes lentos em compreender. ¹²Ao cabo de tanto tempo, deveríeis ser mestres, mas

w. No AT, o sacerdócio comporta três aspectos principais: 1. O sacerdote é o homem da casa de Deus, admitido a aproximar-se do Altíssimo (Ex 28,43; 29,30; Nm 18,1-7); 2. Ele consulta a Deus e transmite suas decisões, suas leis (Dt 33,8ss.; Lv 10,11; Mt 2,7); 3. Oferece os sacrifícios (Lv 1; 4; 9 etc.).

Os dois primeiros aspectos, que comportam uma participação na glória e autoridade de Deus, foram atribuídos à pessoa de Moisés (Hb 3,1-6) e se verificam de forma eminente no Cristo elevado ao céu (4,14; 8,1-2).

Agora, o autor atém-se ao terceiro aspecto, que ele reporta à figura de Abraão. Sublinha o aspecto muito humano do sacerdócio, que se relaciona com os pecados dos homens. No culto sacrificial, exprime-se a profunda solidariedade do sumo sacerdote com os homens perante Deus.

x. A palavra grega significa *ter sentimentos bem comidos*. Em outros contextos, aplica-se ao domínio de sentimentos como a tristeza ou a ira.

y. Conforme Nm 15,22-31, só podem ser perdoadas pela oferta de um sacrifício as faltas que não foram totalmente conscientes. As demais acarretam normalmente a extermínio do culpado. Todavia, esta distinção não se encontra em Lv 16,16,34. Aliás, a noção de falta cometida por ignorância pode ser tomada num sentido muito amplo (cf. Lc 23,34; At 3,17).

z. A plena participação do sumo sacerdote ao gênero humano é acentuada pela necessidade em que se acha de oferecer sacrifícios em favor de si mesmo (Lv 9,7-8; 16,6-11).

a. Uma atitude de humilde dependência perante Deus condiciona o acesso ao sacerdote. Os que pretendiam apoderar-se do sacerdócio para elevar-se acima dos outros homens foram repudiados por Deus (Nm 16-17).

b. Sl 2,7; texto já citado em 1,5.

c. Sl 110,4. O primeiro v. deste salmo foi aplicado à entronização de Cristo em Hb 1 e 1,13 (cf. notas). O v. 4 atesta que o rei entronizado foi nomeado sacerdote por Deus. *"À maneira de..."*, lit. *segundo a ordem de*, expressão que não se refere aqui a um mandamento, mas define um tipo de sacerdócio.

d. Os vv. 7 a 10 contêm em resumo uma cristologia completa.

Aí, a Paixão é descrita como oblação suplicante, toda compensada de respeito pela vontade de Deus (cf. Getsêmani, Mt 26,39 e paralelos). O autor afirma ao mesmo tempo que esta oração foi atendida e que Cristo precisou sofrer e obedecer. O acolhimento favorável consiste numa transformação que se opera mediante a própria morte. Tal como no hino cristológico de Fl 2,6-11, a obediência vai resultar numa glorificação, mas ela é expressa aqui em termos de sacerdócio; em vez de ser adorado e saudado como o título de Senhor (Fl 2,11), Cristo é reconhecido como salvador e proclamado sumo sacerdote.

e. Lit. *nos dias de sua carne*.

f. Lit. *a partir do seu temor reverencial*. Há quem compreenda: *libertação de seu temor*.

g. Lit. *ele aprendeu, pelas coisas que sofreu, a obediência*. O texto grego inclui uma assonância, *épauthen — ênauthen*.

h. Outra tradução possível: *tornado perfeito* (cf. 2,10 nota). Aqui, o termo grego é passível de dupla interpretação. Primeiro, exprime uma transformação profunda: pela obediência de Cristo, a natureza humana foi completamente refundida no cadinho do sofrimento, de conformidade com a vontade de Deus (cf. 10,9-10). O termo evoca, outrossim, uma consagração sacerdotal, pois este é o seu sentido na Septuaginta (cf. Ex 29; Lv 8). A consumação de Cristo pelo sofrimento é a condição prévia de proclamação do seu sacerdócio.

i. Este final anuncia os temas da parte central: suas três afirmações são recordadas respectivamente em 7,28; 9,28; 6,20; e desenvolvidas nos caps. 8-9; 10; 7.

j. A *dificuldade* parece ter sua origem menos na complexidade do assunto abordado que na preguiça e falta de curiosidade espiritual dos destinatários. Comparados a crianças que só assimilam leite, decepcionam eles o autor da epístola, que almejava vê-los tornar-se adultos. O apóstolo Paulo emprega, a respeito dos coríntios, uma imagem semelhante, que era de uso corrente na Antiguidade (1Cor 2,6; 14-16; 3,1-2). Os destinatários da Epístola aos Hebreus parecem pertencer de longa data à Igreja. Em vez de ser capazes de ensinar os recém-chegados, mostram menos ardor que estes em progredir na vida cristã.

precisais novamente que vos ensinem os rudimentos iniciais das palavras de Deus. Chegastes a ponto de precisar de leite, não de alimento sólido. ¹³Quem quer que esteja ainda reduzido ao leite não pode acompanhar um raciocínio acerca do que é justo^k, porque é uma criancinha. ¹⁴Os adultos, pelo contrário, tomam alimento sólido, já que, pela prática, têm as faculdades exercitadas para discernir o que é bom do que é mau.

6 ¹Assim, pois, deixemos de lado o ensinamento elementar^l a respeito de Cristo, para nos elevar a uma perfeição de adulto, sem tornar aos dados fundamentais^m: arrependimento das obras mortas e fé em Deus, ²doutrina dos batismosⁿ e imposição das mãos^o, ressurreição dos mortos e juízo definitivo. ³Eis o que vamos fazer, contanto que Deus o permita.

^{10,26} ⁴Impossível é, com efeito, a pessoas que ^{IPU 2,3} um dia receberam a luz^p, provaram o dom celeste, partilharam do Espírito Santo, ⁵saborearam a excelente palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro^q, ⁶e que não obstante, recaíam — é impossível^r que consigam outra vez a renovação,

tornando a pôr na cruz para a sua conversão o Filho de Deus, expondo-o às injúrias.

⁷Quando uma terra absorve os frequentes aguaceiros que caem sobre ela e produz uma vegetação útil aos que a mandam cultivar, ela recebe de Deus o seu quinhão de bênção. ⁸Se, porém, produzir espinhos e cardos, é julgada sem valor, próxima de ser amaldiçoada, e acabará sendo queimada. Gn 3,17-18

⁹Quanto a vós, caríssimos, embora falemos assim, estamos persuadidos de que estais do lado bom, o da salvação^s. ¹⁰Com efeito, Deus não é injusto; não pode esquecer a vossa atividade e o amor que demonstrastes para com seu nome, pondo-vos a serviço dos santos^t no passado e ainda no presente. ¹¹Mas nosso desejo é que cada um de vós mostre o mesmo ardor em levar a esperança ao seu pleno desenvolvimento até o fim, ¹²sem esmorecer no vosso esforço, mas imitando os que, pela fé e perseverança, recebem a herança das promessas. 10,32-34
10,23
5,11
1Cor 11,1
11,7-9

Promessa de Deus e esperança. ¹³Quando Deus fez a sua promessa a Abraão,

k. Lit. *um discurso de justiça*. Estimam alguns que esta expressão se refere à doutrina reservada aos cristãos perfeitos, doutrina que o autor se prepara para expor.

l. Apesar da falta de aptidão de seus destinatários, o autor abalança-se a um estudo cujo resultado deverá ser torná-los adultos no plano da fé.

m. Seis títulos indicam os capítulos deste catecismo fundamental. Em primeiro lugar, vem o arrependimento das obras mortas. Conforme 9,14, o sangue de Cristo é o que *purificará nossa consciência das obras mortas, para que possamos servir ao Deus vivo*. Mortas significa, portanto, "que não condizem com a verdadeira vida", *obras estereis das trevas* (Ef 5,11; cf. Rm 8,6.13; Gl 5,19).

n. *Doutrina dos batismos*: o plural causa espécie. Seria uma alusão aos ritos de ablução praticados pelos judeus e pagãos? Tratar-se-ia do conjunto de atos que abrangiam o batismo cristão? Ou então, caso seja Apolo o redator da *Epístola aos Hebreus*, tratar-se-ia do batismo de João e do batismo cristão? Cf. At 18,25; 19,1-5.

o. A imposição das mãos comunica o Espírito Santo (At 8,17; 19,6; cf. também 1Tm 4,14; 5,22).

p. *Receberam a luz* evoca a iluminação da fé (Ef 1,18; 3,9; 5,13-14) e pode ser posto em relação com o batismo; o *dom celeste* pode evocar a participação na Ceia.

q. *Os poderes do mundo vindouro* já estão agindo na comunidade e sua intervenção atesta que o sacrifício de Cristo transformou profundamente as condições da existência humana; uma

era nova começou (cf. 1,2; 9,11).

r. Esta tradução corresponde à idéia expressa em 9,25-28 e 10,26: o sacrifício redentor não é passível de repetição. Outra tradução possível: "... a renovação duma conversão quando, por própria conta, eles tornam a pôr na cruz o Filho de Deus e o expõem às injúrias". Uma idéia análoga é expressa em 10,29. Estas passagens deram azo a controvérsias, cf. *Introd.*

Nesta extensa frase referente à impossibilidade de uma segunda conversão, as perspectivas podem parecer muito sombrias, embora se mantenham imprecisas. Mas aqui não se trata nem de um tratado doutrinal, nem de um juízo pronunciado contra pessoas culpadas. É um sermão que contém vigorosas chamadas à atenção. Aliás, a bênção leva vantagem sobre a maldição (6,9), e o pregador ressalta então que nutre a respeito de seus ouvintes uma opinião favorável e que só quer fortificá-los contra um possível esmorecimento, cujas consequências poderiam ser irremediáveis.

s. Em 6,7-8, o autor distingue, na sua comparação, duas possibilidades. Agora, ele remete à melhor. Ainda aludirá à mesma em 6,12, ao falar de *herdar as promessas*.

t. *Os santos*: termo comum para designar os crentes. O apóstolo Paulo emprega-o de bom grado (cf. Rm 12,13; 15,25). Às vezes este termo evoca mais especialmente os membros da Igreja de Jerusalém e, por extensão, das Igrejas da Judéia (assim 2Cor 9,12; Rm 15,26). Torna-se então um título honorífico que lembra a posição ocupada por esta Igreja em toda a Igreja.

como não dispusesse de ninguém maior do que ele por quem jurar, jurou por si mesmo ¹⁴e disse:

Sim, de bênçãos eu te cumularei, imensa multiplicação te concederei¹⁴.

¹⁵Tendo pois Abraão perseverado, viu a promessa realizar-se. ¹⁶Os homens juram por quem é maior do que eles e, para pôr termo a qualquer contestação, recorrem à garantia do juramento. ¹⁷Neste sentido, querendo Deus mostrar com mais evidência aos herdeiros da promessa o caráter irrevogável da sua decisão, interveio com um juramento. ¹⁸Destarte, dois atos¹⁸ irrevogáveis, nos quais não pode haver mentira da parte de Deus, nos comunicam um poderoso incentivo, a nós que tudo abandonamos para lograr a esperança proposta. ¹⁹Esta é, para nós, como âncora¹⁹ da alma, fixada com muita firmeza, que penetra para além do véu¹⁹, ²⁰ali onde Jesus entrou como precursor em nosso lugar, feito sacerdote *para sempre à maneira de Melquisedec²⁰.*

7 Melquisedec. ¹*Este Melquisedec¹, rei de Salém, sacerdote do Deus altíssimo, saiu ao encontro de Abraão, quan-*

do este voltava do combate contra os reis, e o abençoou². ³A ele, Abraão entregou o dízimo de tudo. Primeiro ele tem um nome que se traduz, “rei de justiça”, e depois, é também *rei de Salém*, ou seja, rei da paz. ⁴Ele, que⁴ não tem pai, nem mãe, nem genealogia, nem princípio de seus dias, nem fim de sua vida, mas é assemelhado ao Filho de Deus⁴, permanece sacerdote para todo o sempre⁴.

⁵Contemplai a grandeza⁵ deste personagem, a quem Abraão entregou como dízimo a melhor porção da presa, sendo patriarca. ⁶Ora, aqueles dentre os filhos de Levi que recebem o sacerdócio têm ordem, em virtude da lei, de cobrar o dízimo do povo, isto é, dos seus irmãos, conquanto sejam descendentes de Abraão⁶. ⁷Ele, porém, que não consta das genealogias deles, sujeitou Abraão ao dízimo e abençoou o titular das promessas. ⁸Ora, o inferior é, sem contestação alguma, o que é abençoado pelo superior. ⁹E aqui os que recebem o dízimo são homens que morrem; lá, é alguém do qual se atesta que vive. ¹⁰Baste dizer que, na pessoa de Abraão, o próprio Levi que recebe o dízimo¹⁰ foi sujeitado ao

u. Gn 22,17 gr.

v. Lit. *interpôs-se*, cf. nota seguinte.

w. Esses dois atos são a *promessa* de Deus e o *juramento* de Deus. Assim, Deus passa a ser testemunha e fiador da própria promessa.

x. Cf. 2,1. A *âncora*, símbolo da esperança, é uma imagem comum na literatura grega. Numerosas reproduções descobertas nas catacumbas atestam o seu emprego muito amplo como símbolo cristão.

y. Trata-se do *véu* do templo, que cerra a entrada do Santo dos Santos (cf. 9,3). Aqui o autor cogita no acesso ao próprio Deus (cf. 9,24; 10,20).

z. Este v. recorda a explanação que termina em 5,10 e anuncia o que começa em 7,1 onde *Melquisedec* desempenha o papel principal.

a. Com o v. 1, inicia-se um parágrafo que começa pela menção de *Melquisedec* e conclui em 7,10 com uma formulação que lhe faz eco. Ótimo exemplo de *inclusão*, modo de compor assaz corrente na Bíblia e especialmente freqüente em Hb.

b. O autor refere-se à narrativa de Gn 14,17-20. Reserva para o segundo parágrafo de sua exposição (7,11-28) o comentário do Sl 110,4: *sacerdote à maneira de Melquisedec*.

O título *altíssimo*, atribuído a Deus, aparece em Nm 24,16; Dt 32,8; e com freqüência nos Salmos.

c. De acordo com um princípio de exegese rabínica, o autor, aqui, baseia-se nas omissões e silêncios da narrativa de Gn 14, para traçar um retrato que situa a figura enigmática e profética

de Melquisedec fora do tempo. Nele, reconhece uma prefiguração de Jesus Cristo.

d. Nos textos descobertos em Qumran, constam vários fragmentos importantes para compreender a influência exercida então pela figura de Melquisedec.

O texto midráshico descoberto na gruta XI inclui claramente este termo. Conforme certos autores, ele se referiria a Melquisedec considerado como ser divino, salvador celeste, cuja figura não deixa de recordar a do arcanjo Miguel.

O historiador Josefo dá a João Hircano o título de “sacerdote do Altíssimo”, que lembra Melquisedec (*Ant. Jud.* XVI, 6,2).

e. A Bíblia não estatui limite algum de tempo para o sacerdócio de Melquisedec. É um traço que o diferencia do sacerdócio dos sumos sacerdotes judeus, que finda com a morte (Nm 20,24-28). O mesmo traço se verifica em plenitude no sacerdócio do Cristo ressuscitado. Esta é a razão da grande insistência do autor neste ponto: 7,8.15-17.23-25.

f. Em 7,4-10, o autor vale-se da percepção do dízimo de Abraão por Melquisedec para fundamentar a preeminência do seu sacerdócio sobre o de Levi, descendente de Abraão. Quando, na exposição ulterior (7,11-28), for atestada pelo Sl 110,4 a semelhança de Cristo com Melquisedec, o seu raciocínio culminará nesta conclusão: sendo *segundo a ordem de Melquisedec*, o sacerdócio de Cristo é superior ao dos levitas.

g. Lit. *oriundos dos rins de Abraão* (cf. 7,10 nota).

h. A narrativa de Gn 14,20 é a primeira que menciona o dízimo em favor dos sacerdotes.

dizimo. ¹⁰Pois ainda jazia nos rins¹ do seu antepassado, quando se deu o *encontro com Melquisedec*.

Sumo sacerdote à maneira de Melquisedec. ¹¹Se se tivesse chegado a um

^{8,6} cumprimento¹ perfeito pelo sacerdócio levítico — pois ele era a base da legislação dada ao povo —, que necessidade ^{SI 110,4} havia ainda de suscitar outro sacerdote *na linhagem de Melquisedec*, em vez de designá-lo *na linhagem de Aarão*? ¹²Pois uma mudança de sacerdócio acarreta forçosamente a mudança da lei. ¹³E aquele a quem o texto citado se refere faz parte de uma tribo da qual nenhum membro foi investido no serviço do altar. ¹⁴De fato, é notório que nosso Senhor descende de Judá⁴, de uma tribo da qual Moisés não disse nada em seus textos referentes aos sacerdotes. ¹⁵E maior ainda se torna a evidência se o outro sacerdote suscitado se assemelha a Melquisedec, ¹⁶e não tem acesso ao sacerdócio em virtude de uma lei de filiação humana¹, mas em virtude do poder de uma vida indestrutível. ¹⁷De fato, é-lhe prestado este testemunho:

^{SI 110,4} *Tu és sacerdote para a eternidade à maneira de Melquisedec^m.*

^{Rm 7,1-3} ¹⁸Temos efetivamente aí, por uma parte, a ab-rogação do preceito anterior, em

virtude da sua deficiência e falta de presépio ¹⁹— pois a lei nada levou à perfeição —, e, por outra, a introdução de uma esperança maior, pela qual nos aproximamos de Deus.

6,18
Tg 4,8

²⁰E na medidaⁿ em que isto não se realizou sem juramento — pois se não houve juramento quanto ao sacerdócio dos outros, ²¹quanto a este houve o juramento prestado por aquele que disse a seu respeito: *O Senhor jurou e não se retratará: Tu és sacerdote para a eternidade^o* —, ²²nesta medida, Jesus tornou-se garantia^p de uma aliança melhor. ²³Ademais, os outros tornaram-se sacerdotes em grande número, pois a morte obstava a que permanecessem; ²⁴mas ele, já que permanece para a eternidade, possui um sacerdócio exclusivo^q. ²⁵Eis por que tem condições de salvar definitivamente os que, por meio dele, se aproximam de Deus, pois está sempre vivo para interceder^r em favor deles. ²⁶E tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado acima dos céus. ²⁷Ele não precisa, como os demais sumos sacerdotes, oferecer sacrifícios todos os dias, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo. Isto, ele o fez de uma vez por todas, oferecendo-

12,24;
Lc 22,20;
2Cor 3,6

13,8

10,14

4,14

5,3;
Lv 16,6.15

i. Sede do vigor físico, os *rins* são considerados como conteúdo antecipadamente toda a posterioridade de um homem (cf. Gn 35,11; 1 Rs 8,19). Ao perceber o dizimo de Abraão, Melquisedec afirmava a própria superioridade sobre a posterioridade deste, embora ela ainda estivesse em germe nos seus rins.

j. Em grego, temos aqui *teléōsis*, palavra que, no Pentateuco, sempre designa os ritos levíticos de consagração sacerdotal (cf. 5,9 nota). O anúncio, no SI 110, de um sacerdócio de tipo diferente, ensina ao autor contestar a exatidão do apelativo: o sacerdócio levítico não merecia o nome de *consumação*, e, por isso, precisou ser substituído por um sacerdócio superior, o de Cristo, único sumo sacerdote verdadeiramente consumado (7,28).

k. Tal qual Melquisedec, Nosso Senhor não pertencia a uma família de sacerdotes. Sua pertença à tribo de Judá é explicitamente atestada em Mt 1,2; Lc 3,33; Ap 5,5. Esses textos confirmam a afirmação de Hb: *é notório*,... sem que se possa afirmar que o autor de Hb tenha conhecido Mt, Lc ou Ap. Os numerosos textos que nomeiam Jesus descendente de David (Rm 1,3; Lc 1,32; Mt 9,27; 2 Tm 2,8) seguem no mesmo sentido, já que David é descendente de Judá.

l. Lit. *segundo uma lei de prescrição carnal*.

m. SI 110,4. Cf. Hb 5,6; 6,20.

n. Depois de ter insistido nas diferenças (7,11-19), agora o autor ressalta a superioridade do novo sacerdócio (cf. Introdução). Ele apresenta dois argumentos: garantia divina mais solene (7,20-22) e promessa de eternidade (7,23-25). O primeiro argumento foi preparado em 6,17, o segundo em 7,8.15-17.

o. A citação do SI 110,4 é mais ou menos extensa, conforme o ponto no qual o autor quer insistir.

p. A situação pessoal de Cristo glorificado faz dele o responsável de uma aliança definitiva entre Deus e os homens. De fato, ele é verdadeiramente homem e, por outro lado, foi estabelecido sumo sacerdote junto a Deus de maneira irrevogável por Deus em pessoa. Segue-se daí que os homens, doravante, têm nele um fiador junto de Deus.

q. *Exclusivo*. Em gr. *aparabatos*, adjetivo que não se encontra alhures na Bíblia. O seu sentido etimológico é *ao lado de quem não se pode caminhar*. A Vulgata traduziu *sempiterno*.

r. Aqui, já não se trata da humilde súplica de Cristo *nos dias de sua carne* (5,7). A intercessão é a providência de uma pessoa plenamente autorizada (cf. 3,2) que intervém junto ao poder, em favor de pessoas pelas quais responde. Ninguém, para interceder junto de Deus, está mais bem situado do que o Cristo glorificado, pois foi entronizado para sempre à direita de Deus (cf. Rm 8,34; Hb 9,24; 1Jo 2,1).

-se a si mesmo. ²⁸Ao passo que a lei constituiu sumos sacerdotes* homens sempre deficientes, a palavra do juramento¹ que intervéem depois da lei constitui um Filho que, para a eternidade, chegou à consumação perfeita.

8 Nosso sumo sacerdote e o culto terrestre. ¹Ora — tema capital da nossa

^{3.1; 4.14} exposição —, é realmente um tal sumo sacerdote que temos, o qual se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, ²como ministro do verdadeiro santuário e da tenda verdadeira erguida pelo Senhor e não por um homem². ³Todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; donde a necessidade, também para ele, de ter alguma coisa para oferecer. ⁴Se Cristo estivesse³ na terra, nem sequer seria sacerdote, por estar esse posto ocupado por aqueles que oferecem os dons, de conformidade com a lei⁴; ⁵mas eles prestam o seu culto a uma imagem⁵, a um esboço das realidades celestes, segundo a advertência divina recebida por Moisés para a construção da tenda: *Vê, lhe foi dito, que faças tudo conforme o modelo que te foi mostrado sobre a montanha⁶.*

⁶Na realidade, é um ministério muito superior o que lhe toca, porque é mediador de uma aliança muito melhor, cuja constituição se baseia em melhores promessas⁷. 7.22; 9.15; 12.24

Anúncio da troca de aliança. ⁷De fato, se esta primeira aliança⁸ não fosse digna de reparo, não se trataria de substituí-la por uma segunda. ⁸Com efeito, é uma verdadeira repreensão que ele lhes dirige:

Eis, virão dias, diz o Senhor, nos quais eu concluirei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova,

⁹*não como a aliança que firmei com seus pais no dia em que os tomei pela mão, para fazê-los sair da terra do Egito. De vez que eles mesmos não mantiveram a minha aliança, eu também os desamparei, diz o Senhor.*

¹⁰*Pois eis a aliança pela qual me aliarei com a casa de Israel:*

Após esses dias, diz o Senhor, ao dar minhas leis,

é na sua mente e no seu coração⁹ que as inscreverei. 10.16

s. Para terminar uma conclusão redigida cuidadosamente (7.26-28), este versículo repisa a oposição entre os dois sacerdócios, acentuando, porém, o caráter positivo do segundo, lembrando o juramento prestado, a eternidade do sacerdócio e sua plena consumação (cf. 5.9).

t. Lit. *a palavra da prestação do juramento*. Trata-se do juramento de Deus referido no SI 110, o qual é posterior à lei de Moisés. O autor atenta para as fases sucessivas da revelação (cf. 4.7; 9.8; 11.40).

u. Deparamo-nos aqui novamente com os dois temas do SI 110, entronização real e sacerdócio (cf. Hb 1.3 e 5.6). O autor prepara-se para indicar por que sacrifício se realizou o sacerdócio de Cristo. — *A tenda verdadeira* há de ser definida em 9.11, o *santuário* em 9.24.

v. Lit. *se ele estivesse*. Nesta primeira parte do desenvolvimento, de aspecto um tanto negativo, o autor evita nomear Cristo. Nomeá-lo-á a partir de 9.11.

w. Cristo e sua oblação não se inseriram no sistema terreno do antigo sacerdócio. O autor completará seu pensamento a este respeito em 9.24.

x. Em grego *hypodeigma*, que significa mais exatamente *sinai*, *figura*, e também *exemplo*. Da mesma forma em 9.23.

y. Ex 25.40. A formulação do autor denota certa complexidade. Por uma parte, sugere uma relação entre a terra e o céu segundo a qual as realidades celestes, anteriores e mais perfei-

tas, servem de modelos a reproduções terrestres. Mas dá lugar também a uma relação inversa, entre um primeiro esboço terrestre e uma realização definitiva que lhe seria posterior (cf. 10.1). A união de ambas as perspectivas — uma mais estática, que faz do que é divino o protótipo de todas as realidades, a outra mais dinâmica, que se interessa pelas etapas sucessivas da história da salvação — é um traço característico da epístola (cf. 11.1; Introdução: Dialética...).

O desenvolvimento subsequente há de aplicar a primeira relação à noção de *santuário* ou *Santo dos Santos*: o santuário terrestre era uma *cópia*, forçosamente deficiente, da morada de Deus (9.24). A outra relação aplicar-se-á à noção de *primeira tenda* (9.2), bem como ao culto a ela vinculado (cf. 9.8-10): a primeira tenda terrestre e os ritos antigos nada mais faziam que prefigurar a tenda mais perfeita (cf. 9.11 nota) e o sacrifício de Cristo únicos capazes de dar acesso ao verdadeiro santuário.

z. A mudança de culto sacrificial era necessária para que o relacionamento entre os homens e Deus fosse firmado numa base melhor (cf. 7.12-18-19).

a. Trata-se da aliança de Deus com o povo de Israel, concluída no Sinai (cf. 8.9; Ex 24.3-8).

b. Lit. *sobre seus corações*. A nova aliança não consiste numa ordem jurídica externa, mas estabelece-se no interior das almas. — A frase grega modifica a disposição paralela do hebraico.

- 2Cor 6,16; Ap 21,3 *Tornar-me-ei seu Deus, eles se tornarão meu povo.*
- 11 *Nenhum deles precisará mais ensinar seu compatriota nem seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor! Porque todos me conhecerão desde o menor até o maior.*
- 12 *Porque eu serei indulgente com suas faltas, e não me lembrarei mais dos seus pecados.*
- 2Cor 3,6.14 *13 Ao falar de uma aliança nova, tornou antiga a primeira; ora, o que fica antigo e envelhece está prestes a desaparecer.*

9 O culto antigo. ¹Pois a primeira aliança tinha um ritual para o culto e um templo terrestre. ²De fato, foi instalada uma tenda, uma primeira tenda denominada o Santo, onde estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição. ³A seguir, atrás do segundo véu, encontrava-se uma tenda, chamada o Santo dos Santos⁴, com um incensário⁵ de ouro e a arca da aliança toda recamada de ouro; dentro desta, um vaso de ouro que continha o maná, a vara de Aarão que florescera e as tábuas da aliança⁶. ⁷Por cima da arca, os querubins de glória cobriam com sua sombra o propiciatório. Mas não vem ao caso entrar aqui em pormenores. ⁸Estando assim disposto o conjunto, os

Ex 40, 17-19.22-24
Ex 26,33
Ex 40,21
Ex 16,34 Nm 17, 23-25
Ex 40,20; 1Rs 8,9
Ex 25,18-22

sacerdotes, para cumprir seu serviço, entram na primeira tenda em qualquer tempo. ⁹Mas na segunda, só entra o sumo sacerdote, uma vez por ano e, ainda assim, não o faz sem oferecer sangue por suas faltas e pelas do povo¹⁰. ¹¹Com isto, o Espírito Santo quis demonstrar que o caminho do santuário ainda não está manifestado, enquanto subsiste a primeira tenda¹². ¹³Há nisto um símbolo para o tempo atual: ali se oferecem oblações e sacrifícios incapazes de levar à perfeição, na própria consciência, aquele que presta o culto¹⁴. ¹⁵Baseados em alimentos, bebidas e abluções diversas, não passam de ritos humanos, aceitos até o tempo da ordem certa.

Lv 16,2.34
10,19
10,1.4-11
13,9; Lv 11,2

O sacrifício de Cristo. ¹⁶Mas sobreveio Cristo, sumo sacerdote dos bens vindouros¹⁷. Foi através de uma tenda maior e mais perfeita, não feita por mãos — isto é, não pertencendo a esta criação¹⁸ —, ¹⁹e pelo sangue, não de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, que ele entrou de uma vez para sempre no santuário, e obteve uma libertação definitiva²⁰. ²¹Pois se o sangue de bodes e touros e a cinza de novilha esparzida sobre os seres maculados²² os santificam, purificando-lhes os corpos²³, ²⁴quanto mais o sangue de Cristo, que pelo espírito eterno se ofereceu a Deus como vítima sem

8,1
9,24-26
5,9; 10,14
Lv 16,14-16
10,10; 1Pj 1,19; 1Jo 1,7

e. A nova aliança caracteriza-se por uma relação pessoal de cada um com Deus (cf. Mt 23,8; 1Ts 4,9; 1Jo 2,27; 5,20).

d. Jr 31,31-34. A nova aliança propicia o perdão dos pecados (cf. 10,17-18).

e. A descrição funda-se na lei de Moisés, Ex 25-26; 36-37; 40. Ela não se interessa pelo templo de Salomão, 1Rs 6-8.

f. O autor salienta a distinção entre a primeira e a segunda parte do lugar do culto (cf. Ex 26,33). A esta distinção corresponde a seguir a distinção entre *tenda* e *santuário*. A tenda é a via de acesso; o santuário ou câmara sagrada é o objetivo a ser alcançado (cf. 9,11-12).

g. Trad. lit. Tratar-se-ia do altar dos perfumes? De acordo com Ex 30,6; 40,26, este não se encontrava no Santo dos Santos; para designá-lo, a Septuaginta não emprega a palavra grega que se lê aqui. Tratar-se-ia de uma espécie de turbilho? Cf. Ex 30,36; Lv 16,12. O turbilho é uma insígnia do sacerdócio (cf. Lv 10,1-3; Nm 16; 17,9-15).

h. O vaso e o maná. Ex 16,32-34; o bastão de Aarão: Nm 17,16-25; as tábuas da aliança: Ex 25,16.21; 40,20; Dt 10,5; 1Rs 8,9.

i. Era o rito anual da grande expiação: Lv 16.

j. A primeira tenda não dava acesso ao verdadeiro santuário, mas só a uma segunda tenda, feita por mão de homem (cf. 9,24).

k. A impossibilidade de acesso ao verdadeiro santuário provinha, em última análise, da deficiência dos sacrifícios.

l. Cf. 6,5; 10,1. Testemunhas de valor trazem um outro texto: *dos bens já chegados*. Em ambos os casos, trata-se das realidades definitivas, realidades do mundo por vir, cujo acesso, doravante, está aberto aos crentes graças ao sacrifício de Cristo.

m. Esta tenda substitui a primeira tenda (9,8); mediante o sangue de Cristo, ele é o meio de acesso ao verdadeiro santuário. O autor para ter em vista o mistério do corpo de Cristo glorificado, *templo não feito por mão de homem, nova criação* (cf. 10,20; Mc 14,58; Jo 2,19-21; 2Cor 5,17). Outra interpretação: a tenda designaria os céus que Cristo atravessou (cf. 4,14 nota).

n. A libertação definitiva, ou redenção eterna, opõe-se às libertações temporárias, sucedidas no decurso da história de Israel (cf. Ex 6,6-7; Jz 2,16-23).

o. Cf. Nm 19,2-12.

p. Lit. para a pureza da carne, pureza ritual exigida para participar no culto antigo.

6.1 mancha^q, purificará nossa consciência das obras mortas para servir ao Deus vivo.

A aliança selada com o sangue. ¹⁵Eis por que ele é mediador de uma nova

R.6-7;
Mt 26,28

aliança, de um testamento novo^r; tendo a sua morte intervindo para o resgate das transgressões cometidas sob a primeira aliança, os que são chamados podem receber a herança eterna já prometida.

Gl 3.15

¹⁶Pois onde há testamento, é preciso que se verifique a morte do testador^s. ¹⁷Um testamento só se torna válido em caso de morte: não surte efeito enquanto o testador está vivo. ¹⁸Por isso mesmo, a primeira aliança não foi instaurada sem efusão de sangue. ¹⁹Depois que Moisés proclamou a todo o povo cada mandamento segundo a lei, tomou o sangue dos

Ex 24,3-8

novilhos e dos bodes, depois água, lâ escarlate e hissopo, e com eles aspergiu o próprio livro e todo o povo, ²⁰dizendo: *Isto é o sangue da aliança que Deus ordenou para vós*. ²¹A seguir, também aspergiu com sangue a tenda e todos os utensílios do culto, ²²e é com sangue que, segundo a lei, se purifica quase tudo, e sem efusão de sangue, não há remissão. ²³Se, pois, as imagens do que está nos céus são purificadas mediante esses ritos, é mister que as próprias realidades celestes^u o sejam por sacrifícios bem melhores.

Lv 17,11;
Nm 35,53

x.5

A entrada de Cristo no céu. ²⁴Com efeito, não foi num santuário feito por mãos de homem, simples cópia do verdadeiro,

x.2

que Cristo entrou, mas no céu mesmo, a fim de comparecer, agora por nós, diante da face de Deus. ²⁵E não foi por oferecer-se a si mesmo reiteradas vezes, como o sumo sacerdote que entra todos os anos no santuário com sangue estranho. ²⁶Pois, neste caso, ele teria precisado sofrer repetidas vezes desde a fundação do mundo. De fato, foi uma só vez, no fim dos tempos, que ele foi manifestado para abolir o pecado com seu próprio sacrifício. ²⁷E como o destino dos homens é morrer uma só vez — após o que vem o julgamento —, ²⁸assim Cristo foi oferecido uma só vez para tirar os pecados da multidão, e aparecerá uma segunda vez, sem mais relação com o pecado, aos que o aguardam para a salvação.

9.7

1Pd 1,19-20

Rm 2,5-10;
Jo 5,28-29
1s 53,12;
1Pd 2,24

1Ts 1,10;
Fl 3,20

10 O único sacrifício eficaz. ¹Possuindo apenas o esboço dos bens futuros, e não a expressão mesma das realidades, a Lei^v, com os sacrifícios, sempre os mesmos, oferecidos a cada ano indefinidamente, é definitivamente incapaz de levar à perfeição os que deles vêm participar. ²Do contrário, não se teria acaso deixado de oferecê-los, pela simples razão de que, uma vez purificados os que assim prestam seu culto, não teriam mais consciência de pecado algum? ³Na realidade, porém, com esses sacrifícios os pecados são ano após ano trazidos à memória.

8.5

9.11

7.18

Lv 16,34

Lv 16,21

⁴Pois é impossível que sangue de touros e bodes elimine os pecados^w. ⁵Por isso Cristo diz, ao entrar no mundo:

9.9.13;
10.1.11

q. O sacrifício de Cristo não é menos real que os sacrifícios antigos: o sangue foi derramado. Mas é incomparavelmente superior, por ser um compromisso pessoal, de uma pessoa isenta de pecado, e que o Espírito Santo anima. Daí provém sua eficácia para a purificação das consciências e para a união dos homens com Deus.

r. Nossa expressão dupla é uma só no grego: *de uma nova diathêkê*, que, aqui, é traduzida duas vezes (*aliança e testamento*). A palavra grega *diathêkê* (lit. *disposição*) tem, de fato, dois valores. Na Septuaginta, serve para designar a *aliança* de Deus com seu povo (hebr. *berit*), mas, na linguagem comum, tem o sentido de *testamento*. Ora, o autor da epístola prepara-se para explorar esta ambivalência. Por isso pareceu-nos necessário conservar juntas as duas traduções possíveis. Cf. Gl 3,15-17.

s. A aliança querida por Deus, que no grego tem o nome de *testamento*, não podia ter menos firmeza do que um testamento.

Por isso, devia fundar-se também na realidade irrevogável da morte.

t. Ex 24,8. A primeira palavra da citação está modificada; *isto* em vez de *eis*; corresponde às palavras da Ceia em Mt 26,28; Mc 14,24.

u. O paralelismo criado pela frase entre as *imagens*, designadas em 9,19-21, e as *realidades celestes* sugere que estas realidades são a nova tenda (cf. 9,11), o novo povo (cf. 3,1), o Evangelho da nova aliança e tudo o que serve para o culto cristão. Inseridas de início no mundo pecador, essas realidades precisaram ser transformadas pelo sacrifício de Cristo para que sua vocação celeste se cumprisse.

v. Trata-se evidentemente da lei de Moisés e, em particular, do seu modo de regulamentar a vida religiosa do povo judeu: ritos e celebrações diversas.

w. A inutilidade e ineficácia dos sacrifícios de animais já

Não quiseste sacrifício e oblação, mas plasmaste-me um corpo^a.

⁶ *Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradaram.*

⁷ *Então eu disse:*

Eis-me aqui, pois é de mim que está escrito no rolo do livro: Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade^a.

^{*} *Ele declara inicialmente:*

Os sacrifícios, oblações, holocaustos, sacrifícios pelo pecado, Tu não os quiseste, eles não te agradaram.

Notemos que aqui se trata das oblações prescritas pela lei.

⁹ *Isto posto, ele diz:*

Eis que vim para fazer a tua vontade.

Ele suprime o primeiro culto para estabelecer o segundo. ¹⁰ *Nesta vontade é que fomos santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, efetuada de uma vez por todas.*

¹¹ *E, ao passo que cada sacerdote se põe cada dia de pé, a fim de cumprir suas funções e oferece com frequência os mesmos sacrifícios, que são definitivamente incapazes de eliminar os pecados, ¹² ele, pelo contrário, depois de ter oferecido pelos pecados um sacrifício único, *senta-se para sempre à direita de Deus*^a.*

¹³ *E espera que, no futuro, seus inimigos sejam reduzidos a servir-lhe de escabelo para os pés. ¹⁴ De fato, por uma única*

oblação levou para sempre à perfeição

os que santificou. ¹⁵ *É o que também nos atesta o Espírito Santo. Porque, depois de ter dito:*

¹⁶ *Eis a aliança pela qual eu me aliarei com eles depois desses dias.*

O Senhor declarou:

Dando as minhas leis,

eu as inscreverei em seus corações e suas mentes,

¹⁷ *e não me lembrarei mais*^a

de seus pecados e de suas iniquidades.

¹⁸ *Ora, onde houve perdão, já não se faz a oblação pelo pecado*^b.

Apelo a uma generosa vida cristã.

¹⁹ *Destarte, irmãos, temos total garantia de acesso ao santuário*^c pelo sangue de Jesus. 9.12

²⁰ *Temos aí um caminho novo e vivo, que ele inaugurou através do véu, isto é, através da sua humanidade*^d. 6.19

²¹ *E temos um sacerdote eminente constituído sobre a casa de Deus. ²² Aproximemo-nos pois com um coração reto e na plenitude da fé, o* Zc 6,11-13
3,1-2;
4,14-15

coração purificado de toda falta de consciência e o corpo lavado por uma água pura; ²³ sem esmorecer, continuemos a afirmar nossa esperança, pois é fiel aquele 4,16

que prometeu. ²⁴ Velemos uns pelos outros, para nos estimular à caridade e às boas obras. ²⁵ Não abandonemos as nossas assembléias, como alguns acostumaram-se a fazer, mas animemo-nos, tanto mais que vedes o Dia aproximar-se Ez 36,25;
Ef 5,26
4,14

²⁶ *Porque se pecarmos deliberadamente depois de ter recebido o pleno conheci-* 6,4-8

havam sido afirmadas pelos profetas (Is 1,11-13; Jr 6,20; 7,22; Os 6,6; Am 5,21-25; Mq 6,6-8). Contudo, esses textos não pretendiam abolir o culto sacrificial; antes, investiam contra a falta de sinceridade diante de Deus. O autor da epístola assume uma posição mais radical; só um sacrifício verdadeiramente pessoal é eficaz (cf. 9,14 nota).

x. Citação do SI 40,7 gr. Ao passo que o texto hebraico fala em *ouvidos*, a tradução grega fala em *corpo*. O autor da epístola vê nisso uma alusão à encarnação. O v. 10, com a menção ao corpo de Jesus Cristo, repisa mais uma vez o mesmo pensamento; os destinatários já vivem em virtude da nova ordem de coisas instaurada pela oblação de Cristo.

y. SI 40,7-9 gr.

z. Os vv. 12 e 13 falam do reinado de Cristo, inspirando-se no SI 110,1 (cf. 1,13; 8,1).

a. Cf. Jr 31,33-34; Hb 8,10-12.

b. Texto ulteriormente usado nas controvérsias. Da parte protestante, hauriram nele objeções contra a doutrina católica que

apresenta a missa como um sacrifício; da parte católica, respondeu-se que a missa não é um sacrifício distinto do da cruz, mas tão-só um sacramento que torna presente este único sacrifício.

c. Trata-se do *santuário celeste* (Hb 9,24), cujo acesso até então impossível se compara à ultrapassagem do véu no santuário terrestre. Doravante, graças a Cristo, o acesso a ele está liberado (cf. Mc 15,38; Hb 4,16; 6,19-20; 7,19).

d. Lit. *sua carne* (cf. 9,11 nota). Este é o itinerário que conduz à salvação (cf. Jo 14,6).

e. Trata-se do *Dia do Senhor* (1Ts 5,2), dia da grande intervenção divina (cf. Is 2,12; Jl 1,15-2,11; Sf 1,14-18; Mi 3,19-21). Rm 13,12 diz de forma semelhante que o *dia tornou-se próximo* (cf. Ez 7,10-12; Hb 3,13 nota; 4,7). Os vv. 24-25 fornecem uma indicação acerca do estado de espírito dos destinatários. Seria tibieza? Seria medo da perseguição? Os vv. 32-36 sugerem um período difícil, marcado por um combate pesado e doloroso. Tais dificuldades podem vir a ser sinais precursores do Dia.

f. Esta passagem levanta os mesmos problemas que 6,4-8 (cf.

mento da verdade, não resta mais nenhum sacrifício para os pecados. ²⁷mas unicamente uma terrível espera do julgamento e o ardor de um fogo que deve devorar os rebeldes. ²⁸Transgride alguém a lei de Moisés? Sem piedade, segue-se para ele a morte, sob depoimento de duas ou três testemunhas*. ²⁹Podeis imaginar que castigo ainda mais severo não merecerá aquele que tiver calcado aos pés o Filho de Deus, que tiver profanado o sangue da aliança em que foi santificado e tiver ultrajado o Espírito da graça? ³⁰Com efeito, nós conhecemos aquele que disse:

Minha é a vingança, sou eu que retribuirei!

E ainda:

O Senhor julgará seu povo^h.

³¹Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.

³²Mas recordai-vos dos vossos primórdios: mal havíeis recebido a luzⁱ e já atuáveis um pesado e doloroso combate^j.

³³aqui, oferecidos em espetáculo sob injúrias e perseguições; ali, feitos solidários dos que sofriam tais tratamentos. ³⁴E,

^{13.3}de fato, participastes nos sofrimentos dos prisioneiros e aceitastes alegremente a

espoliação dos vossos bens, sabendo que estáveis de posse de uma fortuna melhor e duradoura. ³⁵Não percais a vossa segurança, ela recebe uma grande recompensa. ³⁶De fato, o que precisais é de persistência^k para cumprir a vontade de Deus e, assim, conseguir a realização da promessa.

³⁷Pois ainda tão pouco, tão pouco tempo^l, e aquele que vem estará aí, não tardará.

³⁸O meu justo viverá pela fé mas, se voltar atrás, minha alma não encontra nele mais satisfação^m.

³⁹Quanto a nós, não somos homens que voltem atrás para a nossa perda, e sim homens de fé para a salvação das nossas almasⁿ.

11 As realizações na fé. 'A fé' é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se vêem^p. ²Foi ela que valeu aos ancestrais^q um bom testemunho.

³Pela fé nós compreendemos que os mundos foram organizados^r pela palavra de Deus. Segue-se daí que o mundo visível não tem suas origens em aparências.

6.6 nota). O ultraje feito ao Espírito da graça pode ser comparado com a blasfêmia contra o Espírito, que, segundo os sínodos, nunca será perdoada (Mt 12.31 e par.).

g. Nm 35.30; Dt 17.6.

h. Duas citações extraídas de Dt 32.35-36 servem de esteio para a demonstração.

i. Cf. 6.4.

j. Os vv. 32 a 35 evocam uma situação difícil, delineada em alguns traços: árduo combate, injúrias e perseguições, cativo, espoliação. Ela fora a dos destinatários. Cf. uma situação análoga em 1 Ts 2.14.

k. O tema da persistência há de se desenvolver em 12.1-13.1. Is 26.20 gr.

l. Hab 2.3-4 gr; cf. Rm 1.17; Gl 3.11. O autor modifica a ordem do texto, suprimindo a possibilidade de um equívoco: na versão grega da profecia se voltar atrás... vem logo depois de não tardará.

n. O tema da fé será desenvolvido em 11.1-40.

o. Insistindo na fé e no testemunho, os vv. 1 a 3 fornecem o princípio de interpretação que será aplicado a todos os acontecimentos mencionados a seguir. Da mesma maneira que o apóstolo Paulo, em Rm 8.24-25; 1Cor 13.12 e 2Cor 4.18, o autor opõe o que é atual, realizado, ao que ainda não o é. Em 11.7, Noé passa a ser o primeiro exemplo de quem age com esta fé que conhece o que não se vê.

p. Definida de forma impessoal, a fé, aqui é posta em correlação com a esperança: anela o porvir e o invisível. Em outras

passagens do NT, encontram-se pontos de vista diferentes que completam este sentido. Paulo apresenta a fé sobretudo como relação pessoal entre os crentes e seu Senhor. Tiago afirma a insuficiência de uma fé puramente conceitual na existência do Deus único e insiste na vinculação necessária da fé com as obras (Tg 2.14.26).

Os termos empregados pelo autor são suscetíveis de várias interpretações. O primeiro (*modo de possuir*) pode significar *substância* (Crisóstomo, Agostinho, Tomás de Aquino: a fé confere existência em nós aos bens espirituais esperados), ou então *garantia, título de posse* (Gregório de Nissa, Calvino, alguns modernos); abundantemente atestado nos papíros, este segundo sentido parece ser aqui o mais provável. Todavia muitos preferem a ele o sentido subjetivo de *firme confiança* (Erasmus, Lutero, Zwínglio e numerosos modernos). Quanto ao segundo termo (*meio de conhecer*), também se propõe para ele um sentido subjetivo: *convicção íntima*, embora o sentido normal seja *argumento, prova, meio de saber*. Os padres gregos insistem na evidência que a fé nos dá, visão do invisível (cf. 11.27).

O autor é feliz ao pôr em relevo o caráter paradoxal da fé, que possui sem apreender, que conhece sem ver. Os exemplos subsequentes mostrarão todo o poder de vida que a fé contém em si.

q. Esta maneira de passar em revista os personagens do Antigo Testamento é comum na tradição judaica (Sr 44-50; Jr 8.25-27; 1Mc 2.51-64).

r. Esta declaração de fé pode-se comparar com 1.2 nota e 1.3 nota. O autor alude à narrativa da criação (Gn 1; cf. Sl 33.6.9).

11.6

6.12-15
Lc 21.19

1Pd 1.9

Rm 8.24-25
11.39

1.2: Gn 1

- Gn 4.4 ¹Pela fé, Abel¹ ofereceu a Deus um sacrifício melhor que o de Caim. Graças a ela, recebeu o testemunho de que era justo e Deus prestou testemunho dos seus dons. Graças a ela, embora morto, ainda fala.
- 12.24
- Gn 5.24 ²Pela fé, Henoc foi levado, a fim de escapar à morte e não foi mais encontrado, porque Deus o levou¹: de fato, antes de ser arrebatado, recebera o testemunho de que agradara a Deus. ³Ora, sem a fé, é impossível agradar a Deus, pois quem se aproxima de Deus deve crer que ele existe e recompensa os que o procuram⁴.
- Gn 6.13-22: 7.1 ⁷Pela fé, Noé, divinamente avisado daquilo que ainda não se via, levou a sério o oráculo e construiu uma arca para salvar sua família. Com isso, ele condenou¹ o mundo e se tornou herdeiro da justiça imputada de acordo com a fé.
- Rm 3.22
- Gn 12.1-4 ⁸Pela fé, Abraão¹, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para um lugar que devia receber em herança, e partiu sem saber para onde ia. ⁹Pela fé, veio residir como estrangeiro na terra prometida, morando sob a tenda com Isaac e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa. ¹⁰Pois esperava a cidade provida de fundamentos¹, e cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.
- Gn 17-19: 21.2 ¹¹Pela fé também, Sara, apesar de sua idade avançada, foi tornada capaz de ter uma posteridade¹, porque teve por fiel o autor da promessa. ¹²Foi também por isso que, de um só homem — já marcado pela morte —, nasceu uma multidão comparável à dos astros do céu, inumerável como a areia da praia do mar¹.
- Gn 15.5 ¹³De acordo com a fé, todos estes morreram sem ter alcançado a realização das promessas, mas tendo-as enxergado e saudado de longe e reconhecendo-se estrangeiros e viandantes na terra. ¹⁴Pois aqueles que assim falam mostram claramente que estão à procura de uma pátria: ¹⁵e, se tivessem tido em mente aquela de onde haviam saído, sobrar-lhes-ia tempo de voltar para lá; ¹⁶de fato, aspiravam a uma pátria melhor, a uma pátria celeste. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado seu Deus; de fato, ele preparou-lhes uma cidade.
- Gn 22.1-4: Tg 2.21 ¹⁷Pela fé, Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac; oferecia o filho único, embora houvesse recebido as promessas ¹⁸e lhe houvessem dito:
- É por Isaac que te será garantida uma descendência¹.*
- ¹⁹Mesmo a um morto, pensava ele¹, Deus é capaz de ressuscitar; por isso,

s. Conforme Gn 4.4-10, Abel foi o primeiro que morreu por causa de sua fidelidade para com Deus. Esta idéia é retomada em Mt 23.25. Embora referindo-se à narrativa de Gn, o autor de Hb modifica-lhe um tanto o teor. Em Gn 4.10, é o sangue de Abel que clama; aqui é Abel que, embora morto, fala.

t. De acordo com Gn 5.18-24, Henoc foi levado por Deus. Este raptó é referido também em Sr 44.16 e 49.14, e indubitavelmente evocado no Sl 18.17; 49.16; 73.24 e Sb 4.11.

Por ter escapado assim à morte, Henoc foi tido como revelador dos segredos celestes e constituiu-se em objeto de abundantes especulações na literatura do judaísmo tardio. Em contraste, o autor de Hb guarda grande sobriedade.

u. Esta frase é um dos textos escriturísticos a que se recorre mais amiúde nas discussões sobre a necessidade universal da fé para a salvação. Aliás é de se notar o feito intelectual com que ela exprime o conteúdo da fé. Nota-se finalmente que o autor se atém a uma fórmula muito genérica, que nem sequer nomeia Cristo (cf. Jo 20.31; 1Jo 5.1.5). Côncio das etapas da revelação divina, abstêm-se de atribuir a Henoc uma fé explícita em Jesus Cristo (cf. Rm 4.17.24).

v. Gn 6.5-10.32: A arca que salva é também a arca que condena; não raro o mesmo ato tem conseqüências duplas, positivas e negativas (cf. 2Cor 1.15-16).

w. No momento do ciclo de Abraão (Gn 12-25), o autor subli-

nha o sentido religioso da migração do patriarca (Gn 12.1-4) e, sem narrar as etapas de sua vida nômade: Siquém, Betel, Hebron, Bersabéia, nem mesmo a estada no Egito, salienta o seu significado; embora a promessa fosse estável, precário era o seu acampamento.

x. Esta cidade é a Jerusalém celeste (cf. 11.16; 12.22; Ap 21.2.10-27), estabelecida por Deus mais real e solidamente do que qualquer construção terrestre (cf. Hb 12.27-28). A cidade de David era a sua prefiguração (Sl 48.9; 87.1.5; Is 28.16; 54.11).

y. No texto grego, a expressão *capaz de ter uma posteridade* aplicar-se-ia melhor a Abraão do que a Sara. Mas como o nome de Sara encontra-se em todos os manuscritos, nada autoriza a substituí-lo pelo de Abraão.

O autor suprimiu o tema do riso que, em Gn 17.17-19; 18.12-15; 21.1-7, torna a aparecer por motivos diversos.

z. O autor emprega a citação de Gn 22.17, que junta os dois símbolos da multidão: o pó (Gn 13.16; 32.13; 41.49) e os astros (Gn 15.5; 26.4).

a. Gn 21.12.

b. Em Rm 4.17, o apóstolo Paulo recordava a fé de Abraão no Deus que *faz viver os mortos e chama à existência o que não existe*. Aqui, o autor assume a mesma perspectiva e a relaciona com a espécie de ressurreição da qual Isaac foi objeto ao escapar da morte.

numa espécie de prefiguração, ele recuperou o filho.

²⁰Também pela fé, Isaac^c abençoou Jacó e Esaú em vista do futuro. ²¹Pela fé, Jacó, à beira da morte, abençoou cada um dos filhos de José e *prostrou-se, apoiado na extremidade do seu bastão^d*. ²²Pela fé, José, ao aproximar-se o seu fim, evocou o êxodo dos filhos de Israel e deu ordens a respeito de sua ossada.

²³Pela fé, Moisés, depois de nascer, foi ocultado durante três meses pelos pais, pois eles tinham visto a beleza do filho e não temeram o decreto do rei. ²⁴Pela fé, Moisés, tendo crescido, renunciou a ser chamado filho da filha de Faraó. ²⁵Preferiu ser maltratado com o povo de Deus, a gozar, por um tempo, do pecado. ²⁶Considerou a humilhação de Cristo como uma riqueza maior do que os tesouros do Egito^e, pois tinha os olhos fixos na recompensa. ²⁷Pela fé, abandonou o Egito sem temer a ira do rei e, como quem vê aquele que é invisível, manteve-se inabalável.

²⁸Pela fé, celebrou a Páscoa e fez a aspersão do sangue, a fim de que o Exterminador não tocasse nos primogênitos de Israel^f. ²⁹Pela fé, eles atravessaram o mar Vermelho como terra enxuta, ao passo que os egípcios que tentavam fazê-lo foram tragados. ³⁰Pela fé, as muralhas de Jericó ruíram, depois de se lhe ter dado a volta durante sete dias. ³¹Pela fé, Raab, a prostituta, não pereceu com os rebeldes, pois acolhera pacificamente os espiões.

³²E que mais acrescentar? Faltar-me-ia tempo para falar pormenorizadamente de

Gedeão. Barac. Sansão. Jefté. David. Samuel e dos profetas; ³³estes, graças à fé, conquistaram reinos, praticaram a justiça, viram realizar-se promessas, amordaçaram a goela dos leões, ³⁴extinguiram o poder do fogo, escaparam ao fio da espada, recuperaram o vigor após a doença, mostraram-se valentes na guerra, repeliram os exércitos estrangeiros; ³⁵mulheres reencontraram seus mortos, pela ressurreição. Mas outros sofreram o esquartejamento^g, rejeitando a libertação para conseguir uma ressurreição melhor; ³⁶outros ainda sofreram a provação dos escárnios e do látego e a das correntes e da prisão; ³⁷foram apedrejados, foram serrados^h; morreram assassinados à espada; levaram uma vida errante, vestidos de peles de carneiro ou velos de cabra; foram sujeitos às privações, oprimidos, maltratados, ³⁸eles de quem o mundo não era digno; erravam pelos desertos e montanhas, pelas grutas e cavidades da terra. ³⁹Todos eles, embora tenham recebido um bom testemunho graças à sua fé, não lograram, entretanto, a realização da promessa. ⁴⁰Já que Deus previa para nós coisa ainda melhor, eles não deviam chegar sem nós à plena realização.

12 **Persistência na provação.** ¹Destarte, nós também, que estamos cercados por tal nuvem de testemunhas, rejeitemos qualquer fardo e o pecado que tão bem sabe envolver-nos, e corramos com persistênciaⁱ o certame que nos é proposto, ²de olhos fixos naquele que é o

c. Gn 27,28-29,39-40. Mas cf. Hb 12,16-17.

d. Aqui, o autor cita Gn 47,31 de acordo com a versão grega, que é aproximativa. O sentido é claro: ao abençoar os que ficam, aquele que vai morrer dá-lhes a possibilidade de herdar as promessas.

e. É mister guardar os exemplos tirados da vida de Moisés para dar com a primeira menção a Cristo. A presença de Cristo acha-se subentendida em todo este capítulo, desde o sacrifício de Abel, a subida ao céu de Henoc, a salvação de Noé, o nascimento milagroso de Isaac, sua vida resgatada por uma espécie de ressurreição e a transmissão das promessas. Moisés estava perfeitamente designado para ensinar uma referência explícita, pois era o libertador e o mediador do povo de Deus, e foi padecendo os sofrimentos atinentes ao papel de *pioneiro da salvação*, de libertador (cf. 2,10; At 7,35) que ele tomou sobre si a humilhação de Cristo (cf. Sl 89,51; Is 53). Renunciando à sua

adoção humana e às vantagens que ela lhe acarretava, Moisés preferiu a adoção divina.

f. Lit. *a fim de que o Destruidor dos primogênitos não os tocassem* (cf. Ex 12,13,23).

g. 2Mc 6,30 alude a um suplício parecido com este: amarravam a vítima em cima de uma roda, rompiam-lhe os membros a pauladas e esquartejavam-no.

h. O AT não menciona suplício algum deste tipo. Em compensação, conforme a *Ascensão de Isaías*, apócrifo do AT mencionado por Orígenes, Isaías teria sido lançado à prisão por Manassés, e depois serrado ao meio. A respeito das crueldades de Manassés, cf. 2Rs 21,16.

i. A persistência no combate ou na provação é uma das qualidades do atleta, imagem frequente no NT: Hb 10,32; 1Cor 9,24-27; Fl 3,12; 1Tm 6,12; 2Tm 2,5.

Jz 6,11
Jz 4,6
Jz 15,20
Jz 12,7
1Sm 12,11

Dn 6,23
Dn 3,23-25

1Rs 17,23;
2Rs 4,36

2Mc 6,18-7,42

Jr 20, 37;
38

2Cr 24,21

1Rs 19,3

iniciador da fé e a conduz à realização, Jesus, o qual, renunciando à alegria¹ que lhe era devida, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita² do trono de Deus. ³Sim, pensai naquele que sofreu da parte dos pecadores tal oposição contra si, a fim de não vos deixardes desacomodar pelo desânimo. ⁴Ainda não resististes até o sangue¹ no vosso combate contra o pecado. ⁵E esquecesteis a exortação que se vos dirige como a filhos:

Meu filho, não desprezes a correção^m do Senhor, não desanimes quando ele te repreende.

⁶*Pois o Senhor corrige a quem ama, castiga todo filho a quem acolheⁿ.*

⁷É para a vossa educação que sofreis. É como filhos que Deus vos trata. De fato, qual é o filho cujo pai não o corrige? ⁸Se estais privados da correção, de que todos têm o seu quinhão, então sois bastardos e não filhos.

⁹Tivemos como educadores nossos pais terrenos e lucrarmos disso um bom proveito; com mais razão não havemos de nos sujeitar ao pai dos espíritos e receber dele a vida? ¹⁰Pois eles nos corrigiam por um tempo, de acordo com suas impressões; quanto a ele, é para nosso proveito, com vistas a nos comunicar sua santidade. ¹¹No momento, toda correção parece não ser motivo de alegria, mas de tristeza. Mas, depois, ela produz naqueles que assim exercitou um fruto de paz e de justiça. ¹²*Endireitai, pois, as mãos desfalecidas e os joelhos vacilantes,* ¹³e

para vossos pés, fazei pistas retas^o, a fim de que o coxo não se mutile, mas pelo contrário, se cure.

Fidelidade à vocação cristã. ¹⁴Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. ¹⁵Velai por que ninguém venha a subtrair-se à graça de Deus; nenhuma raiz amarga^p ponha-se a brotar, a causar perturbação e, assim, a infeccionar a comunidade.

¹⁶Velai por que não haja libertino ou profanador, tal como Esaú que, por um simples prato, vendeu seu direito de primogenitura. ¹⁷Pois, como bem sabeis, quando ele quis, a seguir, herdar a bênção, foi excluído^q, e não houve para ele ensino algum de mudança, apesar de suas súplicas e lágrimas!

¹⁸Vós não vos aproximastes^r de uma realidade palpável, fogo que se consumiu, escuridão, trevas, furacão, ¹⁹som de trombeta e ruído de voz; os que o escutaram recusaram-se a continuar ouvindo a palavra. ²⁰Pois não podiam suportar esta injunção:

Quem tocar na montanha — mesmo um animal — será lapidado!

²¹E este espetáculo era tão horripilante, que Moisés disse:

Eu estou horrorizado¹ e trêmulo.

²²Mas vós vos aproximastes^a da montanha de Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, e das miríades de anjos em reunião festiva, ²³e da assembléia dos primogênitos, cujos nomes estão inscritos nos céus^s, e de Deus, juiz de todos, e dos espíritos dos justos que che-

j. Lit. em vez da alegria que se lhe reservava.

k. A provação vitoriosa da Paixão conclui-se na obtenção da glória (cf. 1,3; 8,1; 10,12).

O hino de Fl 2,6-11 apresenta um andamento semelhante a este breve e impressionante resumo da Paixão. Mas a alegria que se antolhava a Cristo, aqui, não é claramente definida. Cabe a pergunta de se se trata da beatitude anterior à sua vinda à terra ou do êxito messiânico que poderia ter conseguido.

l. Alusão ao possível martírio?

m. Nos vv. 5 a 8, a correção comprova a filiação. A provação torna-se necessária.

n. Comparar com 5,8. *Meu filho...* é um citação de Pr 3,11-12.

o. Essas expressões, tomadas de Is 35,3 e de Pr 4,26, trazem

à memória a imagem de corrida (cf. v. 1) e prenunciam a última parte da epístola.

p. Tomado de Dt 29,17 gr., este dito constitui aqui uma advertência que recorda 6,4-8 e 10,26-31.

q. Esaú é o protótipo daquele que se excluiu a si mesmo (cf. 6,6).

r. Ao evocar a revelação do Sinai, o autor insiste na natureza terrestre dos fenômenos referidos em Ex 19 e em seu aspecto terrificante.

s. Citação livre de Ex 19,12-13.

t. Dt 9,19.

u. Na iniciação cristã, ao invés, tudo é celeste e espiritual (cf. Ef 2,6).

v. Trata-se de uma categoria de anjos? Ou antes dos próprios cristãos? Cf. Nm 3,12-13; Tg 1,18 e Lc 10,20.

Sl 34,15;
Rm 12,18

Dt 29,17

Gn 25,33

Gn 27,
30-40

Ex 19,16.18;
20,19;
Dt 5,23

13,14;
Gl 4,26;
Ap 21,2

garam à perfeição, ²⁴e de Jesus, mediador de uma aliança nova", e do sangue da aspersão que fala mais forte que o de Abel¹.

²⁵Velai por não vos furtardes a escutar aquele que vos fala! Pois se eles não escaparam ao castigo quando recusaram ouvir aquele que os advertia sobre a terra¹, com muito mais razão também nós não lhe escaparemos, se nos desviarmos de quem nos fala do alto dos céus.

²⁶Ele, cuja voz então abalou a terra, faz agora a seguinte proclamação: *Uma última vez farei tremer, não só a terra, mas também o céu*.²⁷As palavras *uma última vez* anunciam o desaparecimento de tudo quanto participa da instabilidade do mundo criado, a fim de que subsista o que é inabalável. ²⁸Já que nós recebemos um reino inabalável¹, guardemos bem esta graça. Por ela, sirvamos a Deus num modo que o agrade, com submissão e temor. ²⁹Pois o nosso Deus é um fogo abrasador^h.

13 A verdadeira comunidade. ¹Permaneça o amor fraterno¹; ²não esqueçais a hospitalidade^d, pois, graças a ela, alguns, sem saber, acolheram anjos.

³Lembra-vos dos que estão na prisão^f,

como se estivesseis presos com eles; dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo. ⁴Seja o matrimônio honrado por todos e o leito conjugal sem mancha, porque os devassos e os adúlteros serão julgados por Deus. ⁵Não seja o vosso proceder inspirado pelo amor ao dinheiro; contentai-vos com o que tendes, pois o próprio Senhor disse:

Não, eu não te deixarei, não te abandonarei^f.

⁶De tal sorte que podemos dizer com toda a segurança:

O Senhor é meu socorro,

nada temerei;

Que pode fazer-me um homem^g?

⁷Lembra-vos dos vossos dirigentes^h, que vos anunciaram a palavra de Deus; considerai como terminou a sua vida¹ e imitai a sua fé. ⁸Jesus Cristo¹ é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade. ⁹Não vos deixeis desencaminhar por toda a espécie de doutrinas estranhas. Pois é bom que o coração seja fortalecido pela graça e não por alimentos que nunca aproveitaram aos que deles fazem uma questão de observância^k. ¹⁰Nós temos um altar^d do qual os que servem à tenda não têm direito de tomar seu alimento. ¹¹Porque os corpos dos animais,

w. O grego dispõe de dois adjetivos para exprimir a novidade. *Kainós* indica de preferência um tipo novo de realidade, uma inovação (cf. At 17,21); *néos* aqui empregado, exprime a juventude do ser. A aliança fundada por Cristo é ao mesmo tempo de tipo novo (8,8-9; 9,15) e radiante de juventude (12,24).

x. Este texto, que se pode comparar com 10,29, sugere que o sangue da nova aliança fala com maior autoridade que o de Abel (cf. Gn 4,10); quem profana este sangue arca com uma responsabilidade mais grave.

y. A antiga aliança fixava um estilo de vida que não passava de um esboço da conduta cristã.

z. Cf. Ag 2,6.

a. A fim de exprimir qual a herança contida nas promessas, o autor emprega a fórmula *receber o reino*, tirada de Dn 7,18: *E os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão pelos séculos dos séculos*. Cf. também Hb 1,8, onde o Filho toma posse do reino.

b. *O fogo*, imagem de Deus, aparece como símbolo da santidade viva e purificadora (cf. Ex 24,17; Dt 4,24).

c. Aqui, *o amor fraterno* designa o amor entre os cristãos, chamados irmãos. Paulo o menciona em ITs 4,9 e em Rm 12,10 (cf. 1Pd 1,22; 2Pd 1,7; 1Jo 3,10-18).

d. A *hospitalidade*, exaltada nas parábolas referidas por Lucas (o bom samaritano: 19,34; o amigo que se deixa comover: 11,5;

os convidados: 14,12), passa a ser, na parábola do juízo, um modo de acolher o próprio Jesus (Mt 25,35-43). A epístola parece aludir de preferência a Gn 18-19 ou a Tb 5-7. Não fosse a hospitalidade, os deslocamentos dos viajantes teriam sido escassamente possíveis, na Antiguidade.

e. Acaso havia cristãos na cadeia? Esse texto poderia sugerir-lo.

f. Esse texto lembra Dt 31,6, mas, sob esta forma, não se encontra nem no texto hebraico nem na versão grega. Ora, Filon o cita exatamente nesses termos. Quiçá existisse uma outra tradução a circular em Alexandria?

g. Sl 118,6.

h. Raro no NT, este termo *dirigentes* designaria mais tarde, na Igreja grega, os dirigentes dos mosteiros (*higoumenes*).

i. Lit. *o termo do seu proceder*. Esta expressão poderia evocar seu martírio (cf. Hb 10,32-33).

j. Esta fórmula de confissão de fé situa-se muito naturalmente depois do v. 7: *Imitai sua fé!*

k. Sabe-se que certos meios atribuíam muita importância a observâncias alimentares (cf. Rm 14,2-21; Cl 2,16-21; 1Tm 4,3). A este respeito, o AT incluía prescrições minuciosas (Lv 11). O seu significado profundo era objeto de especulações.

l. O altar cristão é inacessível aos ministros do culto levítico. Haveria neste v. uma alusão à eucaristia? Ou melhor, ao sacrifício da cruz (13,11-12)?

cujo sangue o sumo sacerdote introduz no santuário para a expiação do pecado, são queimados fora do acampamento".

¹²Por este motivo Jesus, para santificar o povo com seu próprio sangue, sofreu do

Jo 19,17.20 lado de fora da porta. ¹³Saiamos, pois, ao seu encontro fora do acampamento, carregando a sua humilhação.

11.26 ¹⁴Pois não temos aqui embaixo morada permanente, mas estamos em busca da morada futura.

11.10; 12.22 ¹⁵Por ele, ofereçamos sem cessar a Deus *um sacrifício de louvor*^a, isto é, *o fruto dos lábios*^a que confessam o seu nome.

Fl 4.18 ¹⁶Não olvideis a beneficência e o mútuo auxílio comunitário, pois são estes sacrifícios que agradam a Deus.

It 5.12 ¹⁷Obedecei a vossos dirigentes^b e sede-lhes submissos; pois eles velam pessoalmente por vossas

almas, já que das mesmas hão de prestar contas. Assim, eles poderão fazê-lo com

alegria e não gemendo, o que não reverteria em vantagem para vós.

¹⁸Orai por nós, pois estamos convictos de ter uma consciência pura, com a determinação de

proceder direito em todas as circunstâncias. ¹⁹Fazei-o, vo-lo peço com instância, a fim de que eu vos seja devolvido mais brevemente^c.

Fm 22

Voto final. ²⁰Que o Deus da paz^d que, pelo sangue de uma eterna aliança, fez subir dentre os mortos o grande pastor das ovelhas, ²¹nosso Senhor Jesus, vos torne aptos para tudo o que convém, a fim de fazerdes sua vontade; que ele realize em nós o que lhe agrada, por Jesus Cristo, a quem seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém!

Ex 24.8;

Is 24.5

Sl 23.1

10.9.36

Rm 16.27

Remessa. ²²Irmãos, eu vos convido a suportar este sermão^e! Aliás, eu só vos envio umas poucas palavras. ²³Ficai sabendo que nosso irmão Timóteo^f foi libertado. Se vier com suficiente rapidez, eu irei ver-vos com ele. ²⁴Saudai a todos os vossos dirigentes e todos os santos. Os da Itália^g vos saúdam.

²⁵A graça esteja com todos vós^h!

Cl 4.18;

Tr 3.15

m. Refere-se a Lv 16,27 e às explicações já fornecidas em Hb 9,7.

n. Sl 50,14.23.

o. Cf. Os 14,3.

p. Os vv. 17 e 18 voltam a tratar do tema de 13,7 (conduta a observar para com os dirigentes e convite a meditar em seus exemplos).

q. Este v., redigido na 1ª pessoa do singular, combina melhor com o estilo de 13,22-25 do que com o de 13,18. Ele não significa necessariamente que aquele que escreve esteja na prisão, mas talvez somente que esteja impedido em consequência de circunstâncias especiais.

r. O autor conclui com uma frase de tom solene que associa invocação, votos e doxologia. A fórmula que *fez subir dentre os mortos o grande pastor das ovelhas* inspira-se em Is 63,11. A paz alude a Hb 12,14; o que é agradável a 12,28 e 13,16; *fazerdes sua vontade* é uma expressão bastante usual que remete a 10,9,36.

ao passo que o *sangue da aliança* já vem mencionado em 10,29 (cf. 12,24; 13,11-12).

s. Lit. a *palavra* (ou o *discurso*) de exortação (cf. At 13,15). Os vv. 22-25 apresentam um tom diferente do que precede. Parecem ter sido acrescentados quando a obra já estava concluída. Constituem um bilhete de remessa que poderia ser da mão de Paulo. Assim se explicaria a tradição concernente à origem paulina da epístola (cf. Introdução).

t. O NT só menciona um *Timóteo*, discípulo e companheiro de Paulo. As imprecisões deste versículo, que não cita nome algum dos destinatários, poderiam resultar de um tempo de perseguição (cf. 10,32-34).

u. A expressão *os da Itália* não tem em vista necessariamente pessoas residentes na Itália, mas pode aludir a um grupo de italianos estabelecidos numa das províncias do Império.

v. As cartas de Paulo terminam regularmente desejando a graça. Cf. Cl 4,18.

EPÍSTOLA DE TIAGO

INTRODUÇÃO

À primeira vista, a Epístola de Tiago nada apresenta de misterioso. Começa com uma fórmula epistolar comum, na qual o autor é nomeado, depois designado como cristão de certa importância. O excelente grego em que está redigida, a presença, nos caps. 2 e 3, de pequenos desenvolvimentos escritos no estilo vivo da "diatribe", tão freqüente na filosofia popular, o uso constante que o autor parece fazer, não do texto hebraico, mas da versão grega da Septuaginta, quando cita o Antigo Testamento, são outros tantos indícios de uma origem helenística. A viva polêmica de 2,14-26 contra uma interpretação abusiva da doutrina paulina da salvação pela fé sem as obras permite situar, com certeza, a composição da epístola algum tempo após a metade do século I, época dos grandes êxitos missionários do apóstolo Paulo, ao passo que a ausência de toda alusão política e de qualquer menção ao Templo de Jerusalém parece excluir o período da revolta de 66-70 e a década seguinte. Enfim, a Epístola de Tiago não contém nenhuma exposição doutrinal comparável às que constituem o atrativo — e também a dificuldade — das epístolas de Paulo ou de João. Apenas oferece um ensinamento moral, às vezes banal, e que, em todo caso, faz consideráveis empréstimos à moral helenística do tempo.

Alguns problemas. Sob essa aparente limpidez, no entanto, dissimulam-se árdios problemas. Percebeu-o muito bem a tradição posterior que, freqüentemente, hesitou em atribuir à Epístola de Tiago a mesma autoridade que às de Paulo. Enquanto, desde o século II, a primeira epístola de Pedro e a primeira de João eram admitidas por todos como Escritura, a Epístola de Tiago, só muito aos poucos, a partir dos começos do século III, tomou lugar no Novo Testamento. Somente pelos fins do século IV, após longos debates, a ela foi conferida, no Ocidente, a autoridade canônica que o Oriente já lhe reconhecia de maneira quase unânime. Sabe-se que Lutero voltou a suscitar a discussão em torno desta epístola, cuja doutrina lhe parecia muito pouco "apostólica", a ponto de

chegar, às vezes, a sustentar que se tratava de um escrito judaico a excluir do cânon. Embora não tenha tido seguidores, a dificuldade que teve a Epístola de Tiago para se impor, no decorrer dos séculos, é significativa: a obra situa-se fora das grandes correntes da teologia cristã do século I.

Também a atribuição tradicional da epístola a Tiago, irmão do Senhor, levanta um problema. Mesmo se renunciarmos a identificá-lo com Tiago, filho de Alfeu e membro do grupo dos Doze (cf. Mc 3,18 e par.), este personagem tão importante da Igreja de Jerusalém (cf. Gl 1,19; 2,9.12; At 12,17; 15,13-21; 21,18-25) parece ter sido um puro palestinese, ao qual era bastante estranha a cultura grega (cf. particularmente Eusébio, História eclesiástica, II, 23,4-18). Como imaginar tenha ele escrito uma obra tão visivelmente grega? Tomada ao pé da letra, tal atribuição não é pois, verossímil. No entanto, é demasiado antiga e difundida para ser descartada sem mais. Ela obriga a dar-se conta de que nem tudo é totalmente grego na Epístola de Tiago: seu vocabulário e sua sintaxe comportam alguns semitismos que, sem dúvida, não poderiam ser atribuídos somente à influência da versão da Septuaginta: a justaposição de sentenças breves ligadas entre si por simples palavras-colchete, a que se reduzem, quanto ao essencial, os caps. 1 e 4-5, é muito pouco conforme aos cânones literários helenísticos; certo parentesco com o Sirácida sugere a existência de contatos com os livros sapienciais judaicos; a importância dada aos motivos escatológicos, em particular ao tema do juízo (2,12-13; 4,12; 5,9-12), faz pensar no judaísmo palestinese e no ensinamento de Jesus. Não é, pois, impossível imaginar que Tiago, irmão do Senhor, tenha deixado sua marca na epístola. Alguns admitem que ele tenha encarregado um secretário de língua grega de redigi-la em seu nome segundo suas instruções. Outros, com mais verossimilhança, acreditam que havia uma tradição das palavras de Tiago comparável, guardadas as devidas proporções, à tradição sinótica, e que ela foi utilizada por um escritor que, de acordo com os hábitos literários

daquele tempo, queria submeter o seu escrito a um patrocínio famoso. Nesse caso, dever-se-ia datar a epístola dos anos 80-90.

Os exegetas modernos puseram o dedo em outro problema delicado que surge a respeito da Epístola de Tiago: endereçada “às doze tribos da Dispersão”, isto é, a judeus, tomando-se aquela expressão ao pé da letra, a epístola só menciona o nome de Jesus Cristo duas vezes (1,1 e 2,1) e de maneira tão fugaz que alguns críticos viram nisso adições posteriores destinadas a cristianizar um escrito puramente judeu. Afastada essa hipótese aventureira que o debate pós-paulino de 2,14-26 torna indefensável, permanece a verdadeira questão: a quem pôde um autor cristão destinar uma obra em que a pessoa de Cristo desempenha papel tão secundário? Sem dúvida, a cristãos de cultura grega que conservavam alguma relação com as sinagogas às quais haviam outrora pertencido; mas também, muito provavelmente, a judeus helenizados, talvez de tendência essênica, que ele esperava conquistar, acentuando pontos que os cristãos tinham em comum com eles: o zelo pela lei moral, o ideal de pobreza, a intensidade da espera escatológica, a fé no Deus único revelado no Antigo Testamento.

Situação da epístola. Mais que qualquer outro elemento, o que aproximava uns dos outros esses cristãos e judeus era a ética que praticavam. Daí a importância predominante concedida na epístola às questões morais, bem como à mistura íntima dos motivos judaicos e gregos pela qual a parênese de Tiago se aparenta com a do judaísmo helenístico. Mas a ética ensinada pelo autor não se reduz à repetição de banalidades aceitáveis por todos. Comporta aspectos originais que permitem situar melhor a epístola. São eles, em primeiro lugar, os três desenvolvimentos de 2,1-3,13 que concernem à maneira de celebrar o culto: atribuição dos lugares (2,1-13), ordem do serviço (3,1-13), conseqüências práticas da fraternidade cultural (2,14-26). Essas três passagens assestam uma polêmica bastante viva contra os maus hábitos contraídos, talvez, em algumas Igrejas paulinas que também eram as que haviam rompido mais completamente com o judaísmo. Outra originalidade da moral de Tiago é a extrema severidade de seus ataques contra os ricos (1,9-11; 2,5-7; 4,13-17; 5,1-6), demasiado precisos e vigorosos

para não passarem de literatura. Duas ou três características dessas passagens levam a pensar que essas violentas críticas são destinadas, pelo menos em parte, a judeus notáveis (2,6-7; 5,6).

O autor da Epístola de Tiago parece, pois, travar um combate em duas frentes, contra igrejas muito servilmente apegadas à memória de Paulo, de uma parte, e, de outra, contra os judeus ricos. Assim, ele espera unir os outros cristãos e os judeus de condição modesta que, a seus olhos, constituem juntos “as doze tribos da Dispersão”. Concebível por volta de 60-65, tal empresa situa-se, mais provavelmente, depois de 80, antes da adesão definitiva das sinagogas da Dispersão à concepção farisaica do judaísmo. Ela interessava a toda a diáspora de língua grega, podendo a epístola, no entanto, ter sido redigida em uma cidade helenófona da Palestina, como Cesaréia ou Tiberíades.

Um leitor do século XX, habituado a distinguir claramente entre judaísmo e cristianismo, terá certa dificuldade em compreender a mentalidade que possibilitou essa tentativa de aproximação. Contudo, na hora do diálogo ecumênico e da liquidação do contencioso judeu-cristão, na época da economia de abundância e dos povos reduzidos à miséria, não há dúvida de que a Epístola de Tiago tem um ensinamento a dar. É, pois, uma felicidade que, do lado protestante, se haja renunciado a tratá-la desdenhosamente de “epístola de palha” (Lutero) e a censurar-lhe as insuficiências da cristologia e da soteriologia e que, do lado católico, se haja compreendido que ela poderia ser utilizada para fins bem mais proveitosos do que simplesmente justificar o sacramento dos enfermos (cf. 5,14-15) ou, pior ainda, criar polêmica contra a concepção protestante da salvação pela fé (cf. 2,14-26).

Divisões da epístola. Inútil procurar na epístola um plano preciso, além do que é sugerido pelas mudanças de estilo constatadas em 2,1 e 3,13. A seção central, que se estende entre esses dois pontos, compreende três desenvolvimentos bastante coerentes, unidos entre si pelo objeto comum de suas críticas — o culto celebrado em algumas Igrejas de tradição paulina — e pelo recurso a procedimentos retóricos freqüentes na “diatribe”: perguntas e apelos feitos aos leitores, discussão com um interlocutor fictício etc. Mas o cap. 1 não

passa de um longo encadeamento de sentenças breves sem ordem aparente, exceto que, freqüentemente, uma palavra-colchete liga o fim de uma frase ao começo da frase seguinte: "constância na adversidade" nos vv. 3-4; "defeito" ou "falta" nos vv. 4-5, "provação" e "tentado" (o mesmo radical em grego) nos vv. 12-13; "religião" nos vv. 26-27 etc. Quanto à terceira parte da epístola, a partir de 3,14, verifica-se que é ainda mais desordenada e mistura, ao acaso, desenvolvimentos relativamente densos (4,1-10.13-17; 5,1-6.7-11) e sentenças isoladas. Essa desordem é habitual na parênese e não impede o autor de manipular, com arte consumada, diversos procedimentos estilísticos: aliteração e rima, membros de frase

ritmados etc. Não é impossível, aliás, que essa desordem reflita o caráter da tradição a que o autor se conforma, ao menos para algumas partes da epístola. Quer se trate das palavras de Jesus — vistos os mui numerosos paralelos existentes entre o Sermão da Montanha e a Epístola de Tiago — ou de uma compilação de palavras de Tiago, essa tradição, sem dúvida, carecia de muita estrutura literária e o nosso autor não sentiu necessidade de lhe impor uma. Deve ter pensado que, para um escrito desse gênero, no qual contam somente a impressão de conjunto e a qualidade dos detalhes, era supérfluo um plano mais elaborado. De resto, a desordem que manteve não deixa de ter força e encanto.

EPÍSTOLA DE TIAGO

1 **Endereço e saudação.** ¹Tiago, servo^a de Deus e do Senhor^b Jesus Cristo, às doze tribos que vivem na dispersão^c,

Jo 7,35; saudação.

At 15,23

Pela provação, à perfeição. ²Meus irmãos, aceitai com muito boa vontade todas as provações^d pelas quais passais, ³sabendo que o teste^e a que é submetida^f vossa fé produz constância. ⁴Que essa constância, porém, seja perfeitamente operosa, a fim de que sejais perfeitos^g e íntegros, livres de todo defeito.

Rm 5,3-5;

Sb 3,5

Mt 5,10-12;

1Pd 1,6;

4,12-13

1Pd 1,7

Mt 5,48

A prece da fé. ⁵Se a algum de vós falta a sabedoria^h, peça-aⁱ ao Deus que dá a todos com simplicidade^j e sem censurar: ela lhe será dada. ⁶Peça, porém, com fé, sem sentir a menor dúvida, pois aquele que duvida assemelha-se ao on-deio do mar que o vento provoca. ⁷Não pense essa pessoa que o Senhor dará o que quer que seja ⁸a um homem que

Pr 2,3-6

Mt 7,7

Mt 11,24

Ef 4,14

esteja dividido^k e indeciso em todo o seu proceder. 3,8.16

O pobre e o rico. ⁹Que o irmão de condição modesta^l se ufane de sua elevação¹⁰ e o rico, de seu rebaixamento, porque ele passará como a flor dos prados. ¹¹Pois o sol se levantou com o siroco e dessecou a erva, cuja flor caiu, e cuja bela aparência desapareceu. Assim também, murchará o rico em seus empreendimentos.

Sl 102,5.11;

Is 40,6-7;

1Pd 1,24;

Mt 4,6

Pela provação, à vida. ¹²Feliz^m o homem que suporta a provação, porque, depois de testado, receberá a coroa da vida, prometida àqueles que O amamⁿ.

Dn 12,12;

1Cor 9,25;

2Tm 4,8;

Ap 2,10

2,5;

Rm 8,28

Tentação humana e dom de Deus. ¹³Que ninguém, quando for tentado, diga: "Minha tentação vem de Deus". Pois Deus não pode ser tentado a fazer o mal^o e a ninguém tenta. ¹⁴Cada qual é tentado

Rm 7,11

a. Como Paulo (Rm 1,1; Fl 1,1) e outros redatores de cartas do NT (2Pd 1,1; Jd 1), Tiago intitula-se *servo de Jesus Cristo*, sem acrescentar o nome de apóstolo (cf. 1Cor 15,7). Diferentemente de Judas, não especifica sua identidade, sem dúvida notória.

b. O título de *Senhor* atribuído a Jesus, logo de entrada, indica a origem cristã da carta. Todavia, em referência a Jesus, só reaparece explicitamente em uma outra passagem (2,1; cf. 5,14-15). As outras menções a este título (1,7; 3,9; 4,10.15; 5,4.10.11) referem-se a Deus Pai.

c. A expressão tem, aqui, um sentido mais amplo que em 1Pd 1,1: visa aos cristãos que haviam pertencido às sinagogas judaicas fora da Palestina e, talvez, também a alguns judeus dessas mesmas regiões. Na continuação da carta, os destinatários são irmãos que se reúnem em sinagogas (2,2) e constituem Igrejas (5,14).

d. Nos vv. 2 e 12, as provações designam afrontamentos ou contestações vindas de fora, ao passo que, nos vv. 13-14, vocábulos da mesma raiz visam à tentação provocada pela concupiscência interior. A provação faz parte da pedagogia divina para com o cristão (cf. v. 4; 2,21; 5,11), ao passo que Deus não tenta (cf. Mt 6,13).

e. Esse encadeamento apresenta, ao mesmo tempo, afinidades e diferenças com Rm 5,3-4 (cf. 2Pd 1,5-7). Tg reproduz provavelmente um lugar-comum da exortação judaica e cristã. A provação é um teste que revela a qualidade da fé: submetido à contestação, o cristão, resistindo, produz um fruto perfeito (cf. v. 12; 5,11; Lc 8,13-15).

f. Alguns lêem: *a autenticidade da vossa fé*.

g. Cf. 3,2.

h. Cf. 3,13.

i. Cf. 4,2-3.

j. Deus dá com *simplicidade*, sem pôr condições (cf. Rm 12,8; 2Cor 11,3; Cl 3,22), antes que com generosidade (outro sentido possível). Esta simplicidade de Deus é a antítese do homem de coração duplice (cf. v. 8; Sr 20,14-15).

k. Cf. 4,8.

l. Os vv. 9-10 evocam condições sociais desiguais no seio das comunidades cristãs (cf. 2,1-7; 5,1-6; 1Cor 1,26-29; 11,21-22). O rebaixamento do rico deve-se provavelmente ao fato de que, por sua conversão, já não goza da mesma consideração, no seu próprio meio, e de que, por sua entrada na comunidade, é levado a sacrificar parte de seus bens. A reviravolta expressa pela antítese *elevação-rebaixamento* projeta-se num horizonte escatológico: enquanto o humilde se gloria da herança que lhe é prometida, o rico não pode mais pôr seu orgulho em bens precários (cf. 5,1-3).

m. Essa bem-aventurança reproduz uma forma tradicional da exortação moral no AT: promete a felicidade a quem segue o caminho de Deus (cf. v. 25). No NT, esta felicidade é a vida escatológica prometida particularmente aos que suportam as provações (cf. 5,11; Mt 5,10-12; Lc 21,37-38; 1Pd 3,14; 4,14; Ap 14,13; 16,15).

n. Numerosos mss. lêem: *que o Senhor (ou Deus) prometeu aos que o amam*.

o. Importa compreender no sentido passivo: "Deus é inacessível ao mal", antes que no sentido ativo: "Deus é incapaz de tentar o mal" (cf. Vg.) já que o autor afirma imediatamente que Deus não tenta ninguém.

por sua própria concupiscência^p, que o arrasta e seduz. ¹⁵Uma vez fecundada, a concupiscência dá à luz o pecado, e o pecado, tendo atingido a maturidade, gera a morte^q. ¹⁶Não vos enganéis, meus irmãos muito amados. ¹⁷Todo dom valioso e toda dádiva perfeita^r descem do alto, do Pai das luzes^s, junto a quem não existe nem hesitação nem sombra devida ao movimento^t. ¹⁸Por sua própria vontade, Ele nos gerou pela palavra da verdade^u, a fim de que sejamos, por assim dizer, as primícias de suas criaturas.

Escutar e realizar a palavra. ¹⁹Vós sois sábios, irmãos meus muito amados^v. Todavia, que ninguém negligencie o ser pronto para escutar, lento para falar, lento para se encolerizar, ²⁰pois a cólera do homem não realiza a justiça de Deus^w. ²¹Também, livres de toda mancha^x e de todo transbor-

damento de maldade, acolhei com mansidão a palavra plantada em vós e capaz de vos salvar a vida. ²²Mas sede realizadores da palavra e não apenas ouvintes que se iludiriam a si mesmos. ²³Com efeito^y, se alguém escuta a palavra e não a realiza, assemelha-se a uma pessoa que observa num espelho o rosto que tem de nascer: ²⁴observou-se, retirou-se e logo esqueceu o aspecto que tinha. ²⁵Aquele, porém, que se debruçou sobre uma lei perfeita, a lei da liberdade^z, e a ela se aplicou, não como ouvinte distraído, mas como realizador ativo^{aa}, este encontrará a felicidade naquilo que realizar. ²⁶Se alguém se julga religioso^b, sem refrear a língua, mas enganando-se a si mesmo^c, vã é a sua religião. ²⁷A religião^d pura e sem mancha diante de Deus Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas em sua aflição, guardar-se do mundo^e para não se manchar^f.

3,18;
Ecl 5,1: 7,9

Sr 5,13;
Mt 5,22;
Ef 4,26
Rm 1,17

Lc 8,13;
Hb 13,22
4,11;
Mt 7,21-26;
Lc 11,28;
12,47;
Rm 2,13;
1Jo 3,18
1Cor 13,12
Rm 8,2;
1Pd 2,16
Mt 7,24-27;
Lc 10,37
Jo 13,17
3,2.6.8.4;
Sl 34,14;
39,2; 141,3;
1Pd 3,10
Mt 25;
35-36;
Mc 12,40

p. Deus não pode tentar: sendo-lhe estranho o mal, não pode instigar ninguém a cometê-lo (cf. Sr 15,11-13). O homem é provocado e seduzido por "dona concupiscência". Esta deve ser equiparada às paixões que guerriam em nossos membros (4,1-2). Desempenha o mesmo papel que as "más inclinações", no judaísmo contemporâneo, ou ainda "o espírito de perversão e das trevas", nos escritos de Qumran (*Regra* 3,18-4,26; cf. Rm 7,7-8; 1Jo 2,16-17). Esta visão, que diferencia claramente a *provação da tentação* e subtrai esta última à ação divina, toma certa distância em relação ao AT (por exemplo Dt 13,4). Em última análise, refere-se a uma história do homem pecador dividido entre potências invisíveis (Deus e o mundo, 4,4; Deus e o diabo, 4,7).

q. Não obstante certa semelhança com Rm 5,12; 6,23; 7,13, na relação entre o *pecado* e a *morte*, o pecado não é, aqui, um poder exterior ao homem, mas a própria falta (cf. 2,9; 4,17; 5,15-16,20). Chegado à maturidade, o pecado gera a morte. A mesma relação entre pecado e morte reaparece em 5,20. Não se trata simplesmente da morte física, mas da morte escatológica que se opõe à vida já gerada no crente pela palavra de verdade (v. 18) e prometida por Deus aos que o amam (v. 12).

r. Estas primeiras palavras do v. formam um hexâmetro. Talvez o autor cite uma expressão proverbial sobre o valor do dom, acrescentando, porém, que o dom perfeito só pode vir de Deus.

s. Deus é Senhor (cf. 1,1) e Pai (1,27; 3,9), o Deus único da confissão de fé judaica (2,19; cf. 4,12). É o *Pai das luzes*, porque criou os astros (cf. Gn 1,14-18; mas só na versão armênia do *Apocalipse de Moisés* 36,38 aparece esse título a respeito de Deus; em Qumran, na *Regra* 3,20, o Príncipe das luzes opõe-se ao Anjo das trevas). Se ele é o Pai das luzes, é também, ele próprio, luz (cf. 1Jo 1,5); o autor pretende excluir de Deus e de sua obra (cf. v. 13) todo dualismo, e subtrai-lo à divisão e à duplicidade: que caracterizam o pecador (cf. 4,4). É aquele que dá a quem lhe pede (cf. v. 5; 5,15), sempre pronto a perdoar (5,11). Mas é também o juiz (5,8-10; cf. 4,12) que dá o reino aos pobres submetidos às provações e pede contas aos ricos violadores de sua lei.

t. Os mss. constroem as últimas palavras do v. de quatro maneiras diferentes, nenhuma das quais satisfaz plenamente. Talvez o texto tenha sido ligeiramente corrompido.

u. De preferência à palavra criadora, trata-se provavelmente do ensinamento que os crentes acolhem e que os conduz à salvação. Esta *palavra de verdade*, cuja iniciativa cabe à vontade de Deus, evoca sem dúvida o Evangelho (cf. 1Pd 1,23-25; Cl 1,5; Ef 1,13; 2Tm 2,15), mas também uma sabedoria de vida (cf. 3,14; 5,19) que o autor denomina lei de liberdade (v. 25; 2,12). Enquanto a concupiscência dá à luz a morte, essa palavra faz com que os cristãos existam qual *primícias* de uma criação nova.

v. Os mss. propõem diversas variantes, das quais a mais bem atestada diz: *Por conseguinte, irmãos meus muito amados, que ninguém negligencie...*

w. A *justiça de Deus* não reveste aqui o significado paulino de revelação da salvação (cf. Rm 1,17; 3,24), mas designa o conjunto das exigências da palavra ou da sabedoria divina (cf. 3,18), particularmente as da lei régia do amor (cf. 2,8) que são violadas pela cólera. É concordando com essas exigências que o homem se torna justo (cf. 2,21-25) e dá força a sua oração (cf. 5,16). Essa concepção da justiça como agir a partir da fé tem seus melhores paralelos em Mt (5,6,10,20; 6,33; 12,36-37).

x. Esta fórmula provém da exortação feita aos batizados (cf. 1Pd 2,1; Rm 13,12; Ef 4,22,25; Cl 3,8; Hb 12,1).

y. Alguns mss. omitem *Com efeito*.

z. Cf. 2,12.

a. Cf. 2,14.

b. Alguns mss. acrescentam aqui: *entre vós*.

c. Lit. *seu coração*.

d. Temos aqui um eco dos profetas que se recusavam a dissociar o culto autêntico da justiça para com os humildes (cf. Is 1,11-17,23; Jr 5,28; Ez 22,7; Zc 7,10). A pureza exigida pelo culto é a do amor (cf. 4,8; Mc 7,1-25).

e. Cf. 4,4.

f. Em lugar das palavras *preservar-se... manchar*, um ms. antigo lê: *protegê-los do mundo*.

2 Favorecer os ricos é violar a lei.

¹Meus irmãos, não mescleis casos de parcialidade^a à vossa fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo. ²Com efeito, se entra em vossa assembléia^b um homem com anéis de ouro, trajado magnificamente; se entra também um pobre andrajoso; ³se vos interessais pelo homem vestido de trajes magníficos e lhe dizeis: "Tu, senta-te neste lugar de destaque"; se ao pobre dizeis: "Tu, fica de pé", ou "Senta-te ali", ao pé de meu escabelo", ⁴não fizestes discriminação, em vosso íntimo? Não vos tomastes juízes de raciocínios criminosos? ⁵Escutai, irmãos meus muito amados! Não foi Deus quem escolheu^c os que são pobres aos olhos do mundo para torná-los ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam? ⁶Mas vós, privastes o pobre de sua dignidade. Não são os ricos^d que vos oprimem? Eles também que vos arras-

tam diante dos tribunais? ⁷Não são eles que difamam^e o belo nome que se invoca sobre vós^f? ⁸Por certo, se cumpris a lei régia^g, segundo o texto^h: *Amarás a teu próximo como a ti mesmo*, fazeis bem. ⁹Mas, se sois parciais, cometeis um pecado, e a lei vos acusa como transgressores. ¹⁰Com efeito, observar toda a lei e tropeçar em um só ponto é tornar-se culpado de tudoⁱ. ¹¹pois Aquele que disse: *Não comerás adultério* disse também: *Não matarás* e se, sem cometer adultério, cometes um homicídio, contravéns à lei^j. ¹²Falai e agi como homens chamados a ser julgados^k segundo a lei de liberdade. ¹³Com efeito, o juízo é sem piedade para quem não teve piedade. A piedade desdenha o juízo^l.

Sem obras, a fé é morta. ¹⁴Meus irmãos, de que serve alguém dizer que tem fé, se não tem obras^m? Pode a fé salvar, neste

1.9: Mt 5.3;
Lc 6.20;
1Cor 1.26-28;
Ap 2.9
1.12;
1Cor 2.9
11.22

IPd 4.14
Lv 19.18;
Mt 22.39;
Mc 12.31;
Lc 10.27
Dt 1.17
Mt 5.19
Ex 20.13-14;
Dt 5.17-18
1.25
Mt 5.7;
19.24-35;
25.45-46

g. A parcialidade ou acepção de pessoas opõe-se à fé no Senhor Jesus Cristo, porque a única glória que conta para o crente é a do Senhor. Em Cristo, Deus não tem nenhum favoritismo, particularmente no exercício do juízo (cf. Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25; 1Pd 1.17): o cristão não poderia agir de maneira diferente.

h. Lit. *sinagoga*.

i. Variantes (em vez de *ou senta-te ali*): *ali, ou senta-te; ou senta-te aqui; ali, ou senta-te aqui; ou vem, senta-te*.

j. A eleição divina já opera uma transformação da pobreza segundo o mundo em riqueza da fé, enquanto os ricos apenas acumulam um tesouro muito ameaçado (cf. 1.11; 5.1-3). Essa eleição inclui a promessa de uma herança escatológica (cf. 1.12; Mt 25.34; 1Cor 6.9-10; 15.50; Gl 5.21).

k. Dos ricos que têm o seu lugar nas sinagogas cristãs, Tg não separa os ricos em geral. Sobre essa categoria de pessoas evoca opiniões estereotipadas.

l. Pode-se também traduzir: *blasfemam*.

m. *Belo nome que se invoca sobre vós*: Trata-se do nome do Senhor Jesus (cf. v. 1), invocado sobre o crente na hora do batismo (cf. At 2.38; 10.48), e que os ricos blasfemam, perseguindo o justo que pertence a Cristo (cf. 5.6; Mt 10.22; 24.9).

n. Os vv. 8-12 estabelecem equivalência entre esta lei régia, a lei (cf. 4.11) e a lei de liberdade (cf. 1.25). A lei de liberdade tem antecedentes no judaísmo: de seus súditos a lei fazia filhos livres (cf. Jo 8.31-35). Mas Tg visa a uma interpretação cristã da lei: por um lado, ela se aproxima da palavra de verdade (cf. 1.21-24) e, por outro, sua obra é, antes de tudo, o amor ao próximo (cf. 1.26-27). Dentre os mandamentos, este último tem um lugar régio (esta interpretação parece preferível à que vê aí a lei do Reino). É a perspectiva de Mt 19.18-19 (cf. 5.21-48), que se pode comparar com o cumprimento da lei em Gl 5.14, com Rm 13.9-10 ou, ainda, com o mandamento novo de Jo 13.34-35. Essa lei é perfeita (cf. 1.25), porque revela plenamente a vontade de Deus que já era visada pela lei de Moisés: aquele

que a cumpre, mesmo que ainda tropece (cf. 3.2), pode mofar do juízo (cf. v. 13; 1Jo 3.14-20; Mt 6.14-15; 18.23-25).

o. Lit. *escritura*.

p. Tg aduz aqui um princípio do judaísmo (cf. Gl 3.10 que cita Dt 27.26). Violar um só preceito é transgredir a vontade daquele que é o autor de toda a lei. Contudo, no contexto, esses preceitos são os que exprimem o amor ao próximo.

q. Dois mss. antigos lêem: *renegaste a lei*.

r. Cf. 5.9.

s. Alguns mss. trazem: *que a piedade desdenhe o juízo!*

t. Os vv. 14-26 desenvolvem o tema subjacente a toda a epístola, o da fé e das obras (cf. 1.3-6.25; 3.13). O autor parece considerar o reverso do princípio paulino da justificação só pela fé (cf. Rm 3.28; Gl 2.16), pois afirma que, sem as obras, a fé não poderia salvar e que, sem elas, é morta (cf. vv. 17.26). Entretanto, as obras de que fala Tg não são "as obras da lei" denunciadas por Gl e Rm, mas os frutos que, também segundo o próprio Paulo, a fé deve produzir (cf. Rm 2.6.15-16; Gl 5.6; Ef 2.8-10; Cl 1.10; 1Ts 1.3; 2Ts 1.11). Sem jamais identificar a fé com as obras, Tg insiste em uma fé que se realiza nas obras, sobretudo no amor ao próximo e na oração. Confiar-se à palavra de verdade, única, pode salvar o pecador é também submeter-se à vontade divina em tudo o que diz respeito à própria vida. A ênfase posta num agir do crente revela um ambiente judeu-cristão semelhante ao de Mt (5.16.20; 7.12-27; 12.50; 18.23-35; 25.31-46). Não se deve, porém, esquecer que é Deus quem gera pela palavra e coroa o justo: o v. 22, afirmando que as obras completam a fé, não contradiz diretamente a posição de Paulo.

Trata-se de um ponto de vista que parece bem posterior à problemática paulina. Contra o judaísmo que tendia a diluir a fé entre as obras, Paulo — às voltas com os judaizantes — reivindicava o primado da fé, distinguindo-a de seus frutos ou de suas obras. Tg coordena fé e obras da fé, integrando a contribuição da crítica de Paulo, e, provavelmente, reagindo contra uma interpretação extremista do ensinamento de Paulo.

caso? ¹⁵Se um irmão ou irmã não têm com que se vestir e o que comer todos os dias.

¹⁶c um de vós lhes disser: "Ide em paz, aquecei-vos, bom apetite!", sem, porém, lhes dar o necessário para subsistir, de que adiantaria? ¹⁷Do mesmo modo, a fé que

não tivesse obras estaria morta no seu isolamento". ¹⁸Mas dirá alguém: "Tu tens fé; eu também tenho obras. Prova-me tua fé sem as obras, que eu tirarei das minhas obras a prova da minha fé. ¹⁹Crês que Deus é um? Fazes bem. Os demônios também

crêem e tremem". ²⁰Queres persuadir-te, pobre homem, de que a fé sem as obras é inoperante? ²¹Abraão, nosso pai, não foi às obras que deveu sua justiça, por ter

posto seu filho Isaac sobre o altar? ²²Vês que a fé cooperava com suas obras e que as obras completaram a fé ²³e que se realizou o texto que diz: *Abraão teve fé e em Deus e isso lhe foi contado como justiça* e ele recebeu o nome de amigo de Deus. ²⁴Averiguais que o homem deve sua

justiça às obras e não somente à fé. ²⁵O mesmo também sucedeu com a prostituta Raab: não foi às obras que deveu sua

justiça, por ter acolhido os mensageiros e os ter feito partir por outro caminho? ²⁶Com efeito, assim como o corpo, sem respiração, é morto, assim também a fé, sem obras, é morta.

3 Vós que ensinais, refreai a língua.

¹Meus irmãos, não vos ponhais todos a ensinar. Sabeis com que severidade sereis julgados. ²pelo muito que todos tropeçamos. Se alguém não tropeça quando fala, esse é um homem perfeito, capaz de dominar o seu corpo todo.

³Se metemos um freio na boca dos cavalos para que nos obedeçam, conduzimos também todo o seu corpo. ⁴Vede também os navios: por maiores que sejam e mais violentos os ventos que os impelem, com um minúsculo leme são conduzidos para onde quer ir aquele que segura a barra. ⁵Assim também, a língua é um membro pequeno e gaba-se de grandes efeitos. Vede como é preciso pouco fogo para pôr em chamas uma vasta floresta! ⁶A língua também é um fogo, o mundo do mal; a língua está insta-

Mt 8,29;
Mc 1,24;
Lc 4,34

Gn 22,9-12

Gn 15,6

Jo 8,39;
Rm 4,12

Js 2,14,15;
6,17

1,19;
3,13

Sr 14,1

1,26

Sl 32,9

Pr 16,27;
Sr 5,13 gr.

u. Pode-se também traduzir: *completamente*.

v. Difícil é a interpretação dos vv. 18-19 e os comentadores divergem muito sobre a articulação do pensamento. Para uns, trata-se de um porta-voz que enuncia a tese do autor. Para outros — e a forma literária parece apoiar de preferência esta opinião —, trata-se de um contraditor, cujo argumento se estende até a interpelação do v. 20. O suposto contraditor intima o autor a provar que ele, homem das obras, também tem, realmente, a fé. Leva-o a constatar que sua boa consciência é questionada por sua própria fé, já que os próprios demônios vivem, forçosamente, no temor e tremor. O autor põe termo a essa tentativa, mostrando que, em nenhum caso, se pode separar a fé das obras, o que é demonstrado pela Escritura.

w. Numerosos mss. lêem: *morta*. Um ms. à parte: *vã*.

x. Como Paulo (Rm 4; Gl 3,6-9) e a propósito do mesmo problema da fé e das obras, Tg apela para Abraão, figura clássica da tradição judaica. Dai-lhe os títulos tradicionais de pai (Mt 3,9; Lc 16,24.27.30; Jo 8,39.53; cf. Rm 4,16-18) e de amigo de Deus (2Cr 20,7; Is 41,8; 51,2 gr.; Dn 3,35 gr.). Apóia o seu argumento no sacrifício de Abraão, interpretado como obra da fé — ligando Gn 15,6 ao cap. 22 —, enquanto Paulo prova, a partir do primeiro texto, que a fé, em Abraão, precedeu a circuncisão e as obras da lei (cf. Gn 17). Tg reproduz assim uma exegese judaica (cf. Sr 44,20; 1Mc 2,52; Hb 11,17), para, provavelmente, refutar os que faziam uso abusivo da exegese paulina.

y. Lit. *foi justificada*.

z. Lit. *justificara*.

a. Frequentemente se traduz: *creu*.

b. Lit. *o homem é justificado*.

c. Raab é louvada por sua fé, em Hb 11,31, mas Tg insiste na hospitalidade que ela reserva aos israelitas (cf. ¹a epístola de Clemente aos Coríntios 12 e, talvez, Mt 21,31). Não obstante tenha o judaísmo considerado Raab como prosélita, a equiparação com Abraão é algo surpreendente. Talvez ela se explique por uma objeção dos adversários que, baseando-se em Js 2,9-13, argüiam que Raab fora salva só pela fé.

d. Lit. *foi justificada*.

e. Vários mss. têm: *espídes*.

f. Lit. *numerosos*.

g. A assembleia cristã inclui alguns doutores, entre os quais se alinha o autor, e é presidida por anciãos (cf. 5,14). Enquanto estes últimos evocam a época da redação das epístolas pastorais e dos Atos, os doutores aparecem, pela primeira vez, nas listas paulinas (Rm 12,7; 1Cor 12,28-29; Ef 4,11). Esta advertência concernente aos doutores parece prolongar-se na severa admoestação a respeito da língua. Em razão de sua função, eles arcam com uma responsabilidade muito grave (cf. Lc 20,47 a respeito dos escribas). Aqueles que ensinam devem dominar a língua.

h. O termo *perfeito* torna a aparecer diversas vezes em Tg, seja para qualificar o dom de Deus e a lei de liberdade (1,17.25), seja para qualificar a obra que completa a fé (1,4; 2,22). Esse tema da perfeição da conduta em resposta à perfeição do caminho de Deus é tomado do judaísmo (particularmente nos escritos de Qumran, cf. *Regra* 1,1-15; 8,4-10.20-23). Segundo Mt (5,48; 19,21), deve o crente tornar-se perfeito, cumprindo a lei à qual Cristo deu o acabamento adequado.

i. Numerosos mss. lêem: *Eis*.

j. Cf. 4,4.

lada^k entre nossos membros e mancha o corpo inteiro, abrasa o ciclo da natureza^l, sendo ela mesma abrasada pela geena.

15.11.18.19 ⁷Não há espécie, tanto de animais ferozes como de pássaros, como de répteis, como de peixes, que a espécie humana não chegue a domar. ⁸Mas a língua, nenhum homem consegue domá-la; flagelo que não pára^m, cheio de veneno mortal!

Gn 9.2 ⁹"Com ela bendizemos" o Senhor e Pai, com ela também maldizemos os homens que são a imagem de Deus. ¹⁰Da mesma boca saem bênção e maldição. Meus irmãos, não deve ser assim. ¹¹Pode uma fonte jorrar, pelo mesmo orifício, o doce e o amargo? ¹²Meus irmãos, pode uma figueira produzir olivas ou uma videira, figos? Tampouco, umaⁿ fonte salina pode dar água doce. ¹³Quem, entre vós, é sábio e inteligente? Tire, pois, da sua boa conduta a prova de que a sabedoria^p impregna os seus atos de doçura.

1.8; 3.16; Sl 140.4; Rm 3.13 ¹⁴"Com ela bendizemos" o Senhor e Pai, com ela também maldizemos os homens que são a imagem de Deus. ¹⁵Da mesma boca saem bênção e maldição. Meus irmãos, não deve ser assim. ¹⁶Pode uma fonte jorrar, pelo mesmo orifício, o doce e o amargo? ¹⁷Meus irmãos, pode uma figueira produzir olivas ou uma videira, figos? Tampouco, umaⁿ fonte salina pode dar água doce. ¹⁸Quem, entre vós, é sábio e inteligente? Tire, pois, da sua boa conduta a prova de que a sabedoria^p impregna os seus atos de doçura.

Sabedoria terrestre e sabedoria do alto.

¹⁴Mas, se tendes o coração cheio de inveja amarga e espírito de rivalidade, não sejais presunçosos e não prejudiqueis a verdade com vossas mentiras. ¹⁵Esta sa-

bedoria não vem do alto, é terrestre, animal, demoníaca. ¹⁶Com efeito, a inveja e o espírito de rivalidade são acompanhados de agitação e toda sorte de situações deploráveis. ¹⁷Porém, a sabedoria do alto é, antes de tudo, pura, depois pacífica, bondosa, conciliadora, cheia de compaixão e de bons frutos, simples e sem disfarce. ¹⁸O fruto da justiça é semeado na paz para aqueles que promovem a paz.

4 Amigo do mundo, inimigo de Deus.

¹Donde vêm os conflitos, donde vêm as rixas^q entre vós? Não é de vossos prazeres que guerreciam em vossos membros? ²Cobiçais e não possuís, sois assassinos e invejosos e não conseguis êxito; combateis e batalhais. Não possuís, porque não sois pedintes. ³Pedis^r e não recebeis, porque vossos pedidos não visam a nada melhor do que gastar para vossos prazeres. ⁴Mulheres infieis! Acaso não sabeis que a amizade para com o mundo é hostilidade contra Deus? Pois quem quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus^s. ⁵Porventura pensais que seja sem razão que a Escritura diz: Deus deseja ciosamente o espírito que fez habitar^t em

k. Numerosos mss. acrescentam: *da mesma maneira*.

l. Essa passagem é complexa e permanece obscura. O autor multiplica os termos para ressaltar a imensidade dos estragos que a língua pode causar. Toma emprestada à tradição judaica a imagem da geena (cf. Mc 9.47-48). A expressão *ciclo da natureza* pertence ao mundo cultural helenístico (o judaísmo a adotaria da filosofia estoica vulgarizada).

m. Numerosos mss. lêem: *sem freio*.

n. Trata-se provavelmente dos doutores que, com o mesmo órgão, bendizem a Deus e maldizem o homem feito à sua imagem, prejudicando assim a paz da comunidade.

o. Numerosos mss. acrescentam: *Do mesmo modo, no começo da frase. Vários dentre eles lêem, em seguida: nenhuma fonte pode dar água salgada e água doce*.

p. A apostrofe aos doutores prolonga-se com um elogio à sabedoria (vv. 13-17) que é a fonte de todo ensinamento. Tg se compraz em opor dois tipos de sabedoria: a do falso doutor é terrestre, animal e demoníaca, ligada que é ao mundo do pecado e à mentira contra a verdade; a do homem perfeito vem do alto como a palavra da verdade e produz frutos de paz (cf. Mt 5.9; Hb 12.11; 1Pd 3.10-11), piedade (cf. 2.13) e mansidão (cf. 1.21; Mt 5.4; 1Pd 3.4.16). Este catálogo dos frutos da verdadeira sabedoria evoca o estilo da exortação moral (cf. Gl 5.22-25).

q. Conflitos e divisões nas comunidades prendem-se diretamente aos delitos da língua e aos falsos doutores. Contudo, a alusão às paixões que guerreciam nos membros (cf. 4.1), dando

oportunidades ao mundo e ao diabo, é o indício da passagem a uma nova sentença provida da tradição.

r. A epístola usa dois termos para designar a intercessão: os verbos *pedir* (cf. 1.5) e *rezar* (cf. 5.13-18). Ambos são usados com a mesma significação no NT; talvez essa variação do vocabulário seja indício de sentenças provenientes de tradições diferentes.

s. Numerosos mss. duplicam a apostrofe: *Homens e mulheres infieis!* Renunciando à expressão irmãos, o redator adota um tom violento, a ponto de chamar de adúlteros, pecadores e homens fingidos (cf. vv. 8-9) os autores de conflitos. O epíteto *mulheres adúlteras* lembra as invectivas dos profetas contra o povo infiel à aliança (cf. Os 3.1) e as de Jesus contra a geração que recusa a sua mensagem (cf. Mt. 13.39; 16.4). Poderia visar tanto às comunidades como aos indivíduos.

t. Como as faltas da língua se tornavam compreensíveis pela antítese entre duas sabedorias, assim as divisões da comunidade se explicam pelo antagonismo entre a *amizade para com o mundo* e o *amor a Deus*. Esta oposição é tradicional no judaísmo (a Regra de Qumran 3.18-4.26; 11.6-10 opõe dois espíritos, um dos quais dirige os filhos da luz e o outro, os filhos das trevas) e é repisada sob muitas formas no NT (em Paulo, a luta entre a carne e o espírito; em João, o antagonismo das trevas e da luz). Ela não significa um dualismo que oporia radicalmente um mundo mau a Deus, porém exprime uma escolha inelutável entre a obediência a Deus e a escravidão sob a potência adversa. Nesta perspectiva, o amor ao mundo é sinal de um coração dividido (cf. 1.8; 3.6).

nós"? "Ele, porém, faz ainda mais para se mostrar favorável; eis por que a Escritura diz: *aos orgulhosos Deus resiste, mas aos humildes mostra-se favorável*".⁷ Portanto, submetei-vos a Deus; mas resisti ao diabo e ele fugirá longe de vós;⁸ aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós. Limpai as mãos, pecadores, purificai os corações,⁹ homens fingidos!¹⁰ "Reconheci vossa miséria, enlutaí-vos, pranteai"; vosso riso converta-se em luto e vossa alegria, em abatimento!¹¹ "Humilhái-vos diante do Senhor e ele vos exaltará."

Jó 22,29;
IPd 5,6
Ef 6,12;
IPd 5,8-9
Zc 1,3;
Mt 3,7
Is 1,16
Jó 5,11;
Lc 14,11;
IPd 5,6

Quem és tu para julgar o próximo?

¹²Irmãos, não faleis mal^a uns dos outros. Quem fala mal de um irmão ou^b julga seu irmão fala mal de uma lei e julga uma lei^c; mas, se julgas uma lei, ages como juiz e não^d como cumpridor da lei.¹² No entanto, um só é legislador e juiz^e: aquele que pode salvar e perder. Tu, quem és para julgar o próximo^f?

Lv 19,16;
Mt 7,1-5

1,22
Mt 7,1;
10,28
Rm 2,1;
14,4

Acautelai-vos, homens de negócio!

¹³Então vós que dizeis: "Hoje — ou

amanhã^g —, iremos a tal cidade, ali passaremos um ano, negociaremos, ganharemos dinheiro".¹⁴ e não sabeis nem mesmo o que será de vossa vida no dia seguinte, pois sois um vapor^h que aparece por um instante e logo desaparece!¹⁵ Em vez de dizer: "Se o Senhor permitir, viveremos e faremos isso ou aquilo",¹⁶ vós vos ufanaísⁱ de vossas fanfarronadas. Toda ufania desse tipo é má.¹⁷ Quem, pois, sabe fazer o bem e não o faz incorre num pecado^j.

Pr 27,1;
Lc 12,18-20
Mc 8,36
Sl 39,6,12;
90,5
At 18,21
Lc 12,47

5 Infelizes de vós, ricos!

¹Então, vós, ricos^k, chorai em altos brados sobre as desgraças que vos esperam!² Vossa riqueza está podre, vossas roupas, roídas pelos vermes,³ vosso ouro e vossa prata estão enferrujando e sua ferrugem servirá de testemunho contra vós. Como um fogo, devorará vossas carnes. Bela poupança entesourastes no fim dos tempos!⁴ Vede o salário dos operários que fizeram a colheita em vossos campos: retido^l por vós, ele grita, e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor

Lc 6,24
Sr 29,9-11
Is 30,27;
Sl 21,10
Lv 19,13;
Dt 24,
14-15;
Mt 3,5
Gn 4,10;
Is 5,7

u. Lit. *Ele deseja ciosamente o espírito...* Outros traduzem: *O espírito que Deus fez habitar em nós deseja ciosamente*. O contexto indica que Deus é o sujeito deste ciúme que fundamenta o apelo à conversão dirigido aos infiéis (vv. 7-9). O espírito que Deus procura zelosamente é aquele que ele insuflou no homem e não o Espírito Santo, como interpretam alguns mss.

v. Numerosos mss. têm: *o espírito que fez sua morada em nós*. Difícil é identificar esta citação da "Escritura". Embora o tema do ciúme divino apareça muitas vezes no AT, o texto tal qual não pode ser encontrado em nenhuma parte. Seria uma citação de um apócrifo (*Apocalipse de Moisés* 31,42) ou uma interpretação midráshica de Gn 6,3; Ex 20,5 ou de Jó 14,15?

w. Pr 3,34.

x. Cf. 1,26-27; Mt 5,8.

y. O vocábulo grego significando duplicidade, seja em relação a Deus, seja em relação ao homem, não aparece antes de Tg; a partir de então, é claramente atestado na parênese cristã (por exemplo, *Hermas, Pastor, Preceito 9*, onde o tema parece ligar-se aos dois desejos). Porém, a imagem do coração dúplice remonta ao judaísmo (por exemplo nos escritos de Qumran, *Regra* 4,13-16) e identifica-se muito bem com a hipocrisia denunciada particularmente por Mt (cf. 6,2-5,16; 15,7; 25,13-15). Trata-se da pessoa cujo coração pretendia estabelecer um compromisso entre o amor a Deus e a amizade para com o mundo, flutuando na fé, na oração e na conduta. É a antítese do homem perfeito que tenta espelhar em si a simplicidade de Deus (cf. 1,5-8; 5,12).

z. A humilhação do pecador é, aqui, um arrependimento que resulta numa reviravolta, na perspectiva escatológica (cf. 1,9-10;

Lc 6,21-25), ao passo que a apostrofe de 5,1 não dá lugar a nenhum arrependimento.

a. Cf. 1,26; 3,9-10.

b. Numerosos mss. trazem: e.

c. Cf. 2,10-11. Essa identificação do irmão a uma lei exprime, em síntese impressionante, a posição régia do mandamento do amor.

d. Alguns mss. lêem: e não mais.

e. Numerosos mss. suprimem esses dois termos.

f. Numerosos mss. lêem: *ourem*.

g. Numerosos mss. têm: e *amanhã*.

h. Numerosos mss. lêem: e que não sabeis o que será o dia de amanhã, pois vossa vida o que será? Será um vapor. O texto parece corrompido.

i. Tg invectiva a gloriola dos negociantes que fazem projetos inspirados pela corrida em busca da riqueza (cf. Am 8,5; Sr 11,10-11; 38,24-34; Ap 18,11-17). Ao lado dessas *fanfarronadas* (cf. 1Jo 2,16). Tg conhece uma justa *ufania* que procede da fé (1,9-10; cf. Rm 5,2-3,11; 1Cor 1,31; 2Cor 10,17-18; 12,9-10).

j. Ligado, de maneira muito frouxa, ao que precede, esse aforismo constitui sem dúvida, aos olhos do autor uma advertência ao grupo dos negociantes.

k. Depois de se dirigir a irmãos chamados a se converterem (1,10; 2,2), Tg investe, agora, contra pessoas ricas que oprimem os pobres e se enriquecem à sua custa, pois lhes retêm o salário. Repete, assim, o grito dos profetas (cf. Is 5,8-10; Jr 5,26-30; Am 8,4-8; 2,6-7). O tesouro dos ricos, já reduzido a nada pelos vermes e a ferrugem (cf. Mt 6,19), vai testemunhar contra eles, no dia do juízo final.

l. Numerosos mss. lêem: *roubado*.

Sabaot. ⁵Na terra, tivestes uma vida de conforto e de luxo, fartastes-vos no dia da matança^m. ⁶Condenastes, assassinastes o justoⁿ; ele não vos resiste.

Jr 12,1-3;
25,34;
Lc 16,19-25

Paciência, o Senhor está próximo. ⁷Pacientai, irmãos^o, até a vinda do Senhor^p! Vede o agricultor: ele espera, sem impacientar-se a seu respeito, o precioso fruto da terra enquanto não colheu o precioso e o temporão^q. ⁸Vós também, pacientai, conservai o coração firme, pois a vinda do Senhor está próxima. ⁹Irmãos, não lamuriei uns contra os outros, para evitar serdes julgados. Vede: o juiz está às portas. ¹⁰Como modelos de sofrimento e paciência, irmãos, tomemos os profetas^r que falaram em nome do Senhor. ¹¹Vede: felicitamos as pessoas que agüentam. Ouvistes a história da paciência

Lc 21,19;
Hb 10,36-39
Mc 4,26-29

Dt 11,14;
Jr 5,24;
Jl 2,23

ITs 3,13
Fl 4,5

Mc 13,29;
Ap 3,20

Dn 12,12
Jó 1,21-22

cia de Jó^s e vistes o fim visado pelo Senhor^t, porque *o Senhor^u é rico em misericórdia e compassivo^v*.

Seja sim o vosso sim. ¹²Sobretudo, meus irmãos, não jureis^w, nem pelo céu, nem pela terra, nem de outra maneira qualquer. Seja sim o vosso sim e não o vosso não, a fim de não incorrerdes em juízo^x.

Orai! ¹³Algun de vós está sofrendo? Sl 50,15
Reze^y. Está alegre? Entoe cânticos^z. Al 16,25
¹⁴Algun de vós está doente? Mande chamar os anciãos da Igreja e que estes orem^a, depois de tê-lo ungido com óleo^b em nome do Senhor. ¹⁵A oração da fé salvará o paciente: o Senhor o porá de pé e, se tiver pecados, ser-lhes-ão perdoados^c. At 12,5
¹⁶Confessai^d, pois, vossos pecados uns aos outros e rezai uns pelos outros, a fim de

m. Numerosos mss. lêem: *como no dia da matança*. Essa matança evoca o abatimento de animais para alimentar festins e é imagem da opressão e perseguição do pobre pelo rico (cf. o Sl 44,23 citado por Rm 8,36).

n. Este *justo* que *não resiste* ao mal (cf. Mt 5,39) designa um grupo (cf. Sl 37; Sb 2,12-20), de preferência a Jesus, como pensam alguns comentaristas.

o. Nessa última parte da epístola, que se projeta num horizonte escatológico, o autor dirige-se novamente aos crentes para exortá-los sobretudo à *paciência* (vv. 7-11) e à oração (vv. 13-18), dupla tradicional na parênese cristã (cf. ITs 5,1-11,17-18; Mt 26,41). A paciência como a constância na adversidade (cf. 1,3-4; Cl 1,11) e a firmeza de coração (ITs 3,13) constituem a atitude adequada no tempo da prova que precede a Parusia. A esses temas de maior monta juntam-se outros (v. 12 e vv. 19-20): esse tipo de composição, aparentemente arbitrário, é corrente no gênero exortativo.

p. Contrariamente ao uso de Paulo (cf. 1Cor 15,23; ITs 2,19; 3,13; 4,15; 5,23; 2Ts 2,1,8) e do resto do NT (Mt 24,3,27,37,39; 2Pd 1,16; 3,4; 1Jo 2,28), a Parusia é, aqui, antes a de Deus que a de Cristo (cf. 2Pd 3,12), pois, no contexto (vv. 9,11), o Senhor designa Deus. Neste particular, Tg se aproxima mais do meio judaico. Este horizonte escatológico é evocado na epístola com múltiplas expressões (os últimos dias: 5,3; a salvação: 1,21; 2,14; 4,12; 5,20; a coroa da vida: 1,12; o Reino: 2,5; o juízo: 2,12-13; 5,12; a geena: 3,6). A epístola é escrita num momento ou num meio onde não se põe, de maneira aguda, o problema do retardamento da Parusia (como em Mt 25,5,19 ou 2Pd 3,8-9).

q. Numerosos mss. trazem: *enquanto não recebeu as chuvas precoces e as temporais*. Alguns outros: *enquanto não colheu as safras precoces e temporais*.

r. O recurso ao exemplo dos *profetas* é conforme à tradição judaica que os tinha na conta de mártires (cf. Mt 5,12; 23,29-31; At 7,52; Rm 11,3; ITs 2,15; Hb 11,36-38).

s. Assaz curioso é que Tg proponha Jó e não Jesus mesmo como modelo de paciência (Hb 12,1-4), tanto mais que é a única menção a Jó em todo o NT. Essa referência explica-se antes por

tratar-se de um exemplo conhecido no judaísmo do que como aplicação cristã da paciência de Jó à paixão de Jesus.

t. Esse objetivo ou "fim" visado por Deus para Jó é uma alusão à bênção final de Jó 42,10-17.

u. Alguns mss. omitem essas duas palavras.

v. Ex 34,6; Sl 103,8; 111,4.

w. Essa instrução sobre os *juramentos* parece inspirada numa tradição semelhante à de Mt 5,34-37 (cf. 2Cor 1,17-18), da qual se encontram precedentes em algumas correntes do judaísmo (Sr 23,9-11; Filon, *Decal.* 84; *Escrito de Damasco* 15,1-15).

x. Numerosos mss. lêem: *na hipocrisia*.

y. A oração de que se trata evoca antes uma oração pessoal e particular, ao passo que o v. 14 menciona a oração da Igreja.

z. Cf. Rm 15,9; 1Cor 14,15; Ef 5,19-20; Cl 3,16-17.

a. Numerosos mss. têm: *que orem sobre ele, depois de lhe ter feito uma unção de óleo*.

b. Esta unção, que precede a oração, tem suas raízes num uso, ao mesmo tempo, medical (cf. Lc 10,34) e religioso. Mc 6,13 a menciona a propósito das curas operadas pelos Doze. Já que é feita em nome do Senhor, como o batismo, ela manifesta a fé da Igreja no poder do Senhor ressuscitado e reveste um caráter ritual. A tradição católica, tal como é afirmada pelo concílio de Trento (sessão XIV), vincula a esse texto o sacramento da unção dos enfermos. Essa identificação é contestada pela tradição da Reforma de maneira geral.

c. Os verbos *salvar* e *pôr de pé* podem designar, seja o restabelecimento do doente, seja a salvação escatológica que não implicaria necessariamente a cura. Todavia, algumas afinidades com narrativas evangélicas de milagres (cf. Mc 5,34,41 "Tua fé te salvou... Levanta-te!"; Lc 17,19 "Levanta-te... tua fé te salvou") fazem pensar de preferência no poder do Senhor de curar o doente e salvar o pecador. O vínculo entre doença e pecado está profundamente inscrito na mentalidade bíblica, o que explica por que o NT liga perdão dos pecados e cura do corpo como sinal da ressurreição já atuante nos gestos de Cristo.

d. Este v. recapitula os três temas do anterior: perdão dos pecados, oração e cura. Segundo alguns, essa *confissão dos*

serdes curados. A súplica de um justo tem muito poder. ¹⁷Elias^a era um homem semelhante a nós, rezou fervorosamente para não chover — e não choveu sobre a terra durante três anos e seis meses. ¹⁸Depois, rezou de novo, o céu mandou chuva e a terra produziu seu fruto...

1Rs 17,1;

Sr 48,2

Ap 11,6

1Rs 18,42

Reconduzir os extraviados. ¹⁹Meus irmãos, se algum de vós se extraviou longe da verdade^f e alguém o reconduzir, ²⁰ficai sabendo^g que quem reconduzir um pecador do caminho em que se extraviava lhe salvará a vida^h e fará desaparecer uma multidão de pecados.ⁱ

Gl 6,1

Sl 51,15

Sl 32,1

pecados estaria ligada à unção. Parece, antes, que a menção do perdão dos pecados tenha provocado esta exortação sobre a confissão das faltas (cf. Dn 9,4-20; Br 1,14-2,10; Mt 3,6; At 19,18; Regra de Qumran I 23-2,1).

e. A seção sobre a oração culmina no exemplo de Elias. A tradição judaica conhece vários exemplos de profetas intercedendo pelo povo (cf. Gn 18,22-23; Ex 32,11-14,30-32). Tiago sublinha que a oração do justo que age com um tal poder continua sendo a de um homem semelhante a seus irmãos (cf. Sb 7,3; At 14,15). Elias era um personagem muito popular tanto na tradição judaica (cf. Mt 3,23; Sr 48,1-11; Mc 9,11-13) como na cristã primitiva (que identifica Elias que deve vir com João Batista). A tradição judaica dos *três anos e seis meses*, ausente do AT, reencontra-se em Lc 4,25.

f. Um mss. antigo lê: *se algum de vós se desviou do caminho*. Outro: *...se desviou do caminho da verdade*.

g. Numerosos mss. trazem: *que ele saiba*. Um ms. antigo suprime as palavras: *ficai sabendo que*.

h. Numerosos mss. têm: *salvará uma vida*. Outros: *arrancará uma vida à morte do pecador*.

i. Tiago considera a volta do irmão extraviado à verdade como uma verdadeira salvação da morte (cf. Mt 18,12-13; 1Jo 5,15). Parece que os pecados cobertos, isto é, remidos, são os do irmão que se extraviava (cf. 1Pd 4,8 com a mesma citação de Pr 10,12), antes que os do irmão que o reconduz à verdade (cf. Ez 3,20-21; 1Tm 4,16). Empregando a expressão *multidão de pecados*, talvez queira Tiago designar, ao mesmo tempo, as faltas de um e de outro (cf. 2,13).

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

INTRODUÇÃO

A primeira Epístola de Pedro não desperta muita a atenção dos teólogos, porque não contém desenvolvimentos doutrinários e também porque não traz ensinamento característico com relação ao conjunto do Novo Testamento. O que mais se conservou dela é o trecho sobre o "sacerdócio régio" e o que menciona a pregação de Cristo nos infernos. Quanto ao mais, é fácil demonstrar o parentesco da epístola com os sinóticos, com os discursos dos Atos e as exortações morais de Paulo. Contudo, esta convergência da nossa epístola com escritos de formas tão diversas não teria, talvez, algo a nos ensinar a respeito da catequese do período apostólico e sobre o essencial da vida cristã? Atualmente muitos comentadores estão convencidos disso; eis a razão pela qual o estudo desta epístola vem, desde vários anos, suscitando um renovado interesse entre os especialistas.

Os destinatários. A epístola contém poucas indicações que permitam a identificação precisa dos seus destinatários. É endereçada aos cristãos que se encontram em cinco províncias romanas da Ásia Menor, "os eleitos que vivem como estrangeiros na dispersão" (1,1). Originalmente, este termo "dispersão" ou "diáspora" se aplicava aos judeus que residiam fora da Palestina, o que permitiria supor, à primeira vista, que aqui se trate de judeu-cristãos. Na realidade, esse termo é muito provavelmente empregado simbolicamente para indicar os cristãos dispersos no mundo (cf. 2,11), de origem majoritariamente pagã. Com efeito, a alusão ao seu antigo modo de vida corresponde melhor a ex-gentios do que a judeus (1,14.18; 4,3). Todavia, eles já estavam familiarizados com a Sagrada Escritura, como prova o uso frequente de citações do Antigo Testamento na epístola.

As comunidades a que se destinava a epístola tinham, na sua maior parte, sido fundadas durante a missão paulina, ou seja, se não diretamente pelo próprio Paulo, ao menos por seus colaboradores que se espalharam pelas diversas províncias da Ásia Menor, a partir dos principais centros (cf. o exemplo de Epafras, que levou o Evan-

gelho para Colossas, Cl 1,7). Na epístola, a organização dos ministérios é menos elaborada do que nas epístolas pastorais e se amolda melhor a uma época relativamente antiga da vida da Igreja primitiva; mencionam-se apenas os anciãos (5,1-4) e, indiretamente, os diaconos (cf. 4,11, nota). Com relação à condição social, os membros dessas comunidades, de modo geral, deviam ser humildes, como atesta a passagem especialmente desenvolvida sobre o modo de se comportarem os servos ou escravos (2,18-25).

Autor, data e lugar de composição. Tendo presentes os dados da epístola, o autor é Pedro, "apóstolo de Jesus Cristo" (1,1), "ancião", "testemunha dos sofrimentos de Cristo" (5,1), que escreveu sua carta "por meio de Silvano" (5,12), tendo junto a si Marcos, seu "filho" (5,13). A atribuição da epístola ao apóstolo Pedro é confirmada pela tradição: a segunda epístola de Pedro, um dos escritos mais tardios do Novo Testamento, já dá testemunho disso (2Pd 3,1); mais tarde, Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria apontam o apóstolo Pedro como autor desta epístola. A isto tudo acresce o fato que, segundo o historiador Eusébio, Papias atesta, nos inícios do século II, uma relação estreita entre o apóstolo Pedro e Marcos, autor do segundo evangelho (cf. também At 12,12).

Todavia, um grupo de especialistas pôs em dúvida a autenticidade petrina da epístola. Eis os principais argumentos que apresentam, com as respostas que se lhes podem dar:

a) O grego da epístola é de tal qualidade, que parece difícil atribuí-la a Pedro, pescador galileu. A afirmação de que Pedro teria escrito seu texto em aramaico, fazendo-o depois traduzir para o grego por alguém (Silvano, 5,12), não resolve a dificuldade. Com efeito, custaria explicar, neste caso, por que as citações do AT, na epístola, são todas, sem exceção, tiradas diretamente do texto grego do AT. Mas o argumento não é decisivo. Tem-se advertido, de um lado, que o grego era comumente usado na Palestina no tempo de Je-

sus, como atestam documentos recentemente descobertos; assim sendo, Pedro podia muito bem ter conhecido esta língua. De outro lado, Pedro pôde contar com a colaboração de Silvano na redação de seu texto, o que permite explicar a boa qualidade do estilo.

b) Tem-se alegado ainda o paralelismo impressionante entre algumas idéias da epístola e a teologia paulina. Mencionemos apenas alguns exemplos: o uso da imagem veterotestamentária da pedra de tropeço (1Pd 2,4-8 e Rm 9,32-33), a exortação à submissão às autoridades (1Pd 2,13-17 e Rm 13,1-7), ou ainda o emprego da fórmula “em Cristo” (3,16; 5,10.14). Entretanto, uma passagem como Gl 2,11-14 não tornaria totalmente improvável uma influência do paulinismo sobre o pensamento de Pedro? Para dizer a verdade, as semelhanças que se podem aduzir entre a epístola e os escritos paulinos explicam-se facilmente pela existência de um fundo catequético comum na Igreja primitiva, fundo este utilizado tanto por Pedro como por Paulo. No que diz respeito ao incidente de Antioquia referido por Gl 2,11-14, a bem dizer, ele não atesta uma oposição teológica entre os dois apóstolos: o que Paulo censura a Pedro é a sua atitude numa circunstância particular, e não sua teologia.

c) Em 1 Pedro não se revela nenhum conhecimento direto do Jesus terrestre, como no-lo apresentam os evangelhos. Seu autor só fala de modo geral dos sofrimentos e da morte de Cristo, e silencia completamente noções centrais do ensinamento de Jesus (por exemplo “o filho do homem”, “o reino de Deus”). Pedro, que fora discípulo tão apegado a Jesus, não se teria exprimido de outra maneira? Não se teria referido com mais precisão à experiência vivida ao lado do seu mestre? A isto se responde citando toda uma série de textos da epístola, que refletem palavras pronunciadas por Jesus (1,8 e Jo 20,29; 2,2 e Mc 10,15 par.; 2,12 e Mt 5,16; 2,23 e Mt 5,39; 3,9 e Lc 6,28; 3,14 e Mt 5,10; 5,3 e Jo 13,15-17; cf. 2,25 e Mt 9,36). Além disso, muitas destas palavras vêm de contextos diretamente ligados à pessoa de Pedro (p. ex. 5,2 e Jo 21,15-17; 1,4.13 e Lc 12,33.35.41). Faça-se especialmente tal comparação quanto ao tema do servo sofredor na epístola. Este tema, cuja origem remonta ao livro de Isaías (52,13-53,12), é manifesto tanto nos evangelhos (Lc 22,37 e Is 53,12), como nos discursos de Pedro

(At 3,13.26; cf. 4,27.30) e na nossa epístola (2,21-25). Convenhamos que não se deve exagerar o alcance real desses cotejos, pois bem cedo circularam na Igreja coleções de palavras de Jesus. Mas bastam para provar que o argumento baseado na “ausência de recordações diretas do Jesus terrestre” é muito discutível.

d) A epístola aludiria às primeiras perseguições oficiais generalizadas (e não apenas locais), que não se poderiam situar antes do reinado do imperador Domiciano (81 a 96 d.C.), portanto, muito depois da morte de Pedro (4,12 e 5,9). Esta opinião é igualmente contestável. Antes de mais nada, é preciso observar que o estado de espírito refletido pela epístola é muito diferente daquele do Apocalipse, no qual o Estado é apresentado com evidência como perseguidor. Nada há parecido em 1 Pedro, que continua ensinando o respeito às autoridades, já inculcado em Romanos (1Pd 2,13-17 e Rm 13,1-7), enfatizando particularmente seu papel positivo (2,14). Acrescente-se a isto o fato de que a epístola não emprega “os termos técnicos da ‘perseguição’”, ...nem os de processo, tribunal, acusação, ...porém emprega vocábulos teológicos: a tentação-prova, os sofrimentos injustamente suportados por causa da justiça”. Seguramente se trata simplesmente “dos vexames, críticas, zombarias, procedimentos injustos, delação, ostracismo... de que foram vítimas os cristãos desde o princípio por parte dos seus concidadãos gentios ou antigos correligionários” (C. Spicq), o que não nos impediria, absolutamente, de fazer remontar a epístola a uma época relativamente antiga, quando ainda vivia o apóstolo Pedro.

Em suma, as objeções contra a atribuição da epístola a Pedro não são decisivas. Pode-se manter a datação tradicional: Pedro teria confiado a Silvano a redação de uma carta circular de encorajamento, pouco antes da perseguição de Nero (64 d.C.). Entretanto, o estudo da situação histórica e do desenvolvimento do cristianismo favorece mais a hipótese que situa a epístola num período não muito distante do martírio de Pedro, cerca de 70-80. Um discípulo residente em Roma teria redigido esta mensagem de exortação para manter viva a tradição do apóstolo e alentar as comunidades cristãs dispersas.

Gênero literário, unidade e escopo da epístola. A atenção de numerosos críticos tem sido desper-

tada pelas alusões ao batismo que aparecem, em particular, nos três primeiros capítulos da epístola. Além disso, alguns julgaram poder distinguir uma mudança de atmosfera a partir de 4,12: os sofrimentos já não são considerados qual mera possibilidade, mas, como realidade atual (4,12; 5,9; cf. 2,20; 3,14.17). Com fundamento em tais constatações, têm sido emitidas várias hipóteses a respeito do gênero literário e da unidade da epístola, encarecendo principalmente sua origem litúrgica. Uns pensam que ela reproduz uma liturgia batismal (1,3-4,11), à qual se teria ajuntado um escrito mais tardio, destinado a confirmar os batizados na fé (4,12-5,14). Outros não dão maior importância às diferenças notadas entre 1,3-4,11 e 4,12-5,11, e consideram 1,3-5,11 como uma homilia batismal, à qual se teria conferido o caráter de uma epístola pelo acréscimo de 1,1-2 e 5,12-14. Por fim, pretendeu-se ver em 1 Pedro uma liturgia da semana pascal.

Estas hipóteses, porém, esbarram em várias objeções: a unidade de vocabulário e de estilo da epístola torna improvável a existência de duas componentes de origem diferente. O endereçamento e a conclusão têm ligações claras com o corpo da epístola ("estrangeiros", 1,1 e 2,11, cf. 1,17; a exortação, tema da epístola, 5,12 e 2,11). Além disso, a ação de graças (1,3-9) e o "código" de moral cristã (2,13-3,7) contribuem para reforçar a convicção de que 1 Pedro foi deveras concebida como uma epístola. Verdade é que houve quem estranhasse a ausência de dados pessoais sobre o autor e os destinatários; isto, porém, pode ser explicado pelo fato de a epístola provir de quem goza de autoridade na Igreja, apesar de não ter sido o fundador das comunidades às quais se dirige. Quanto à mudança de perspectiva constatada a partir de 4,12, convém não enfatizar demais sua importância, pois os sofrimentos já são considerados como atuais em 1,6. Por outro lado, a grande variedade de tentativas de reconstituição de uma liturgia ou de uma liturgia batismal partindo do texto da epístola prova a natureza muito instável da hipótese. Ajuntem-se a isto dois fatos: não se encontra nenhuma menção clara à cerimônia do batismo na epístola (ao contrário de textos como Rm 6,3-4; Cl 2,12; Tt 3,5), a não ser uma única vez e, ainda assim, numa passagem de valor tipológico (3,21); além disso, não se vê no texto indício de qualquer pro-

gressão que permita reconstituir as etapas de uma cerimônia batismal (o verbo grego, p. ex., que alude ao novo nascimento em 1,23 já é empregado em 1,3; cf. 1,3 nota).

Portanto, não há como pôr em dúvida a natureza epistolar e a unidade de 1 Pedro. A epístola está solidamente enraizada em toda uma tradição catequética comum à Igreja primitiva. O final (5,12) lhe define exatamente o escopo: exortar e fortalecer na fé cristãos cujo zelo corria o risco de esmorecer, e cuja coragem estava sendo posta à prova por diversas tribulações. Neste intuito, o autor se refere a ensinamentos que esses cristãos já tinham ouvido por ocasião da sua conversão e do seu batismo.

Conteúdo da epístola. Não é possível fornecer um plano lógico da epístola. Isto se deve à natureza particular deste escrito, no qual as exortações vêm constantemente entremeadas de elementos doutrinários destinados a justificá-las e reforçá-las. De modo geral, o imperativo — a exortação — precede o indicativo — a declaração doutrinal —, que dá suporte a esta exortação (ao contrário das principais cartas paulinas, nas quais uma primeira parte doutrinal, com o indicativo referindo-se àquilo que os cristãos já possuem em Jesus Cristo, é seguida de uma segunda parte exortativa, com o imperativo convidando-os a viver de modo digno daquilo que receberam). Quando muito, pode-se admitir uma progressão na exortação, se se considerar que a atualidade da ameaça se torna clara a partir de 4,12. O conteúdo da epístola pode ser apresentado da seguinte maneira:

Endereçamento e saudação: 1,1-2.

Ação de graças (à guisa das bênçãos judaicas, cf. Ef 1,3-14), que se prolonga mediante uma reflexão sobre a revelação do plano da salvação: 1,3-12.

Primeira exortação, dirigida a cristãos de origem pagã, para convidá-los a romper definitivamente com seu antigo modo de viver: 1,13-2,10.

– Apelo a uma vida de santidade, precisamente por causa da esperança que Cristo nos conquistou: 1,13-2,10.

– Alguns conselhos sobre a vida comunitária: 1,22-2,3.

– Fundamento doutrinal: se Deus escolheu os cristãos para fazer parte do templo espiritual, cujo

fundamento é Cristo, foi para que eles proclamassem os altos feitos daquele que os chamou à luz: 2,4-10.

Segunda exortação: 2,11-3,12.

– Declaração geral a respeito da conduta que se deve ter entre os pagãos: 2,11-12.

– Os deveres dos cristãos, conforme sua situação: deveres com relação às autoridades, deveres dos servos para com seus patrões, deveres recíprocos dos esposos: 2,13-3,7.

– Novo apelo ao amor fraterno: 3,8-12.

Terceira exortação: 3,13-4,11.

– Apelo à confiança diante da oposição do mundo: 3,13-17.

– Fundamento desta confiança: a vitória total de Cristo: 3,18-22.

– Consequência prática do exemplo de Cristo, ruptura com o pecado: 4,1-6.

– Vigilância na vida comunitária: 4,7-11.

Quarta exortação, determinada pela iminência da perseguição: 4,12-19.

Exortações particulares: 5,1-11.

– Recordações dos deveres dos chefes da comunidade: 5,1-4.

– Humildade e vigilância: 5,5-11.

Conclusão: 5,12-14.

A vida cristã conforme a primeira Epístola de Pedro. Muitas vezes ignorou-se o valor todo especial da mensagem de 1 Pedro. Ora, este valor aparece com toda a clareza desde que se leve em conta a situação visada pela epístola. Para o autor não se tratava mais de lançar os fundamentos da fé, que já tinham sido ensinados aos leitores destinatários do escrito (1,12). Tratava-se bem pelo contrário, diante das crescentes dificuldades experimentadas pelas comunidades cristãs, de exortá-las à perseverança, em razão mesmo da esperança que lhes fora pregada. Para tal fim, o apóstolo orienta as atenções de seus leitores em direção a Cristo, a fim de que eles tomem (ou retomem) consciência do poder da vida nova que nele está (1,3; 2,2); ademais, insiste sobre a natureza vitoriosa da esperança recebida, fonte de uma atividade perseverante e radiosa na vida de cada dia.

a) O enraizamento na obra de Cristo. O autor está convencido de que seus leitores foram escolhidos por Deus em Jesus Cristo e, de agora em diante,

fazem parte do seu povo (1,2-3; 2,9). Não obstante, quer levá-los a um enraizamento mais profundo na obra realizada pelo Senhor deles. É neste sentido que lhes recorda o sacrifício de Cristo (1,2; 1,19) e seus sofrimentos (2,21-24), para que eles sigam seu exemplo (2,21). Insiste igualmente sobre a vitória de Cristo, vitória que se estende a todas as esferas do universo (3,18-22) e para a qual a própria morte não é obstáculo (4,6; cf. 3,19). Doravante, é necessário que os crentes permaneçam unidos àquele que é a pedra angular, o fundamento sólido da comunidade (2,4-8).

A este propósito, é preciso ressaltar que a cristologia da epístola se assemelha mais à apresentada no início dos Atos, especialmente nos discursos de Pedro, que à de Paulo (p. ex., o tema do servo sofredor, conforme as citações acima; a função do batismo, At 2,38-40 e 1Pd 3,21; cf. igualmente At 2,31 e 1Pd 3,18). Note-se ainda que se encontram ecos de várias confissões de fé ou hinos da comunidade cristã (p. ex. 2,22-24; 3,22; 4,5).

b) A esperança viva. O tema da esperança é importante desde o começo da epístola (1,3.13.21). Esta esperança é focalizada desde o tríplice ponto de vista da sua origem, do seu objeto e de suas consequências. Quanto à origem, ela não é fruto da imaginação ou dos esforços dos homens: é o dom gratuito que Deus lhes concede pela ressurreição de Jesus Cristo (1,3) (tenha-se bem presente a que ponto a ressurreição de Cristo está ligada à realização da salvação: 1,21; 3,21). Quanto ao objeto, ela está orientada para o reino futuro, para a herança imperecível que é garantida aos crentes, para o momento em que a fé se converterá em visão e no qual o povo de Deus possuirá plena e definitivamente a salvação concedida em Jesus Cristo (1,4.7.13). Quanto às consequências para a vida atual dos fiéis, a esperança, longe de se confundir com uma atitude estoica ou uma resignação passiva, é, de certo modo, o motor de um comportamento novo (1,13-15). É a esperança que possibilita aos crentes lutar com alegria (1,6), não a despeito da provação (que, à primeira vista, parece contradizê-la), mas em meio à própria provação (4,12-13). A cada passo, ela é posta em questão pelo mundo, mas o crente deve estar disposto a dar testemunho dela com certeza tranqüila (3,15-16).

c) O testemunho na vida de cada dia. A *epístola* insiste na missão própria do povo de Deus no mundo: Deus escolheu homens para que o sirvam e irradiem por toda a terra o conhecimento das suas obras. Eis a razão por que o tema da eleição, em I Pedro, caminha de par com o tema do sacerdócio dos fiéis (2,5; 2,9; cf. Rm 12,1). O serviço que lhes é pedido se exerce antes de tudo na Igreja (1,22; 2,1-5; 3,8-12; 4,7-11; 5,1-7). Os anciãos assumem uma responsabilidade particular, com o objetivo de manter a comunidade na vivência do amor fraterno (5,1-4). Mas há ainda toda uma série de obrigações relacionadas com os diversos aspectos da vida política, social e familiar (2,11-3,7). As diretivas dadas sob este ponto de vista assemelham-se aos códigos morais, encontrados na literatura profana da época ou no judaísmo. Não obstante, recebem orientação e conteúdo novos por sua referência ao Senhor (2,13) e pela atenção dada a cada pessoa,

inclusive as mais humildes. Tais diretivas não parecem pôr em questão o que poderia parecer contestável nas estruturas sociais da época; aparentemente, nada têm de revolucionário. Mas, em determinada situação, indicam aos crentes a linha a seguir: levar uma mensagem de esperança, no amor do Senhor, e, graças a esta transformação interior da condição humana, permitir as necessárias reformas da vida social. Acrescentemos que, de modo geral, a *epístola* não dá mostras de hostilidade para com o mundo pagão. Muito pelo contrário, acentua a responsabilidade do povo de Deus com relação a ele: em todas as circunstâncias, até nas mais penosas, os fiéis devem agir de modo a esclarecer os gentios (2,11-12; 3,13-17).

Aos cristãos de todos os tempos, a *epístola* recorda o que implica "a esperança viva", que é a deles em Jesus Cristo: a adesão confiante ao Senhor vitorioso junto com uma atividade construtiva a seu serviço.

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

1 Endereço e saudação. ¹Pedro, após-tolo de Jesus Cristo, aos eleitos^a que vivem como estrangeiros na dispersão^b, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, ²eleitos segundo os desígnios de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo^c e ter parte na aspersão de seu sangue^d.

Que a graça e a paz vos sejam concedidas em abundância!

Ação de graças pela revelação da salvação em Jesus Cristo

³Bendito seja Deus^e, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo:

na sua imensa misericórdia, ele nos fez renascer^f para uma esperança^g viva, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,

⁴para uma herança^h que não se pode romper, nem manchar, nem murchar; esta herança vos está reservada nos céus,

⁵a vós que o poder de Deus guarda pela fé para a salvaçãoⁱ prestes a se revelar por ocasião do fim.

⁶Por isso, exultai de alegria, mesmo se

for preciso que, por algum tempo, sejais afligidos por várias provações, ⁷a fim de que o valor comprovado da vossa fé — muito mais preciosa do que o ouro perecível, que, entretanto, é provado pelo fogo — obtenha louvor, glória e honra^j por ocasião da revelação^k de Jesus Cristo,

⁸ele, a quem amais sem o ter visto, em quem acreditais sem vê-lo ainda; por isso exultai com uma alegria inefável e gloriosa,

⁹ao receberdes como preço da fé a salvação de vossas almas^l.

¹⁰Esta salvação foi objeto das pesquisas e investigações dos profetas que vaticinaram a respeito da graça que vos era destinada: ¹¹eles indagavam a que tempo e a que circunstâncias^m se referiam as indicações dadas pelo Espírito de Cristoⁿ que estava presente neles, quando atestava de antemão os sofrimentos reservados a Cristo e a glória que se lhes seguiria. ¹²Foi-lhes revelado que não era para eles mesmos, mas para vós que eles transmitiam esta mensagem que agora os pregadores do Evangelho vos comunicaram sob a ação do Espírito Santo enviado do céu, e que os anjos desejam perscrutar^o.

4,12.13;
Jó 16,20;
Hb 12,11;
Tg 1,2
Tg 1,3
Zu 13,9;
Mt 3,3;
Sl 66,10;
Sb 1,3;
1Cor 3,13
Jo 20,29;
2Cor 5,7

Mt 13,17p

Is 52,13–
53,12;
Lc 18,31;
24,26.27

Rm 16,25.26

At 1,8;
1Cor 2,4;
1Ts 1,5

a. O tema da *eleição* tem um papel importante na epístola. É em relação com Cristo, eleito desde toda a eternidade (1,20; 2,4), que os cristãos são chamados a formar uma nação santa (2,9; cf. 1,15.16).

b. Ou: *díspora*. Aplicação aos cristãos dispersos pelo mundo de uma palavra que designava os judeus que viviam fora da Palestina (cf. Jo 7,35; Tg 1,1).

c. Observe-se a estrutura trinitária do v.: a iniciativa da salvação vem do *Pai*; ele realiza seu plano pelo *Espírito Santo*, que dirige os *fiéis* para *Cristo*.

d. A expressão é tomada de empréstimo à linguagem sacrificial da antiga aliança (Ex 24,3-8; cf. Hb 9,12-14; 12,24).

e. Uso cristão da fórmula tradicional judaica: o Deus que nós bendizemos é o Pai de Jesus (cf. Ef 1,3).

f. O termo traduzido aqui por *fazer renascer* é o mesmo que se traduz por *gerar de novo*, do v. 23 (cf. 2,2). Note-se que a regeneração do cristão está ligada à ressurreição de Cristo, fundamento do mundo novo.

g. O termo não indica primordialmente uma atitude interior, mas a coisa esperada, como demonstra o paralelismo com a palavra *herança*.

h. Termo comumente empregado no AT para designar a terra

prometida. No NT, indica o Reino prometido aos fiéis (cf. Mt 25,34).

i. É preciso notar que esta salvação é apresentada aqui numa perspectiva comunitária e escatológica.

j. Lit. *seja reconhecida em vista do louvor*... A qualidade da fé será testada no juízo, como o ouro, acrisolado no fogo. Os fiéis cuja fé houver sido comprovada como autêntica participarão na glória divina.

k. Cf. 1,13; 4,13. Trata-se do retorno de Jesus Cristo, ansiosamente esperado pelos primeiros cristãos (cf. 1Ts 4,15-18).

l. *Alma*: no sentido bíblico tradicional de ser vivo, de homem total.

m. Os *profetas* estavam voltados para um futuro, cujo modo concreto de realização não podiam discernir. O acontecimento esclarece e confirma a profecia (cf. 2Pd 1,19).

n. É preciso salientar a originalidade do texto neste ponto: o *Espírito* que inspirava os profetas já era o de Cristo. Há quem entenda a expressão *Espírito de Cristo* no sentido de Espírito que revela Cristo.

o. Enquanto para o judaísmo tardio os *anjos* eram mediadores na revelação, aqui vê-se que é a Igreja que manifesta a obra da salvação (cf. Ef 3,10).

Uma esperança que exige santidade.

¹³Por isso, com o espírito alerta para os discernimentos necessários^p, ponde toda a vossa esperança na graça que vos deve ser concedida por ocasião da revelação de Jesus Cristo. ¹⁴Como filhos obedientes^q, não vos conformeis com os desejos pecaminosos de outrora, do tempo da vossa ignorância; ¹⁵ao contrário, assim como é santo aquele que vos chamou, também vós tornai-vos santos em toda a vossa conduta, ¹⁶porque está escrito:

Sede santos, porque eu sou santo^r...

¹⁷E se invocais como Pai^s aquele que, sem parcialidade^t, julga cada um conforme suas obras, portai-vos com temor durante o tempo de vossa permanência na terra; ¹⁸pois sabeis que não foi por coisas perecíveis, prata ou ouro, que fostes resgatados^u da maneira vã^v de viver, herdada dos vossos antepassados, ¹⁹mas pelo sangue precioso, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha^w, o sangue de Cristo, ²⁰predestinado antes da fundação do mundo^x e manifestado no fim dos tempos por vossa causa. ²¹Por meio dele vós credes em Deus que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a glória, de tal modo que vossa fé e vossa esperança repousam em Deus.

Viver como filhos de Deus na caridade e na simplicidade.

²²Vós purificastes vossas almas^y obedecendo à verdade^z para praticardes um amor fraterno, sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros de coração puro^{aa}, com constância, ²³vós que fostes novamente gerados por uma semente^{ab} não corruptível, mas incorruptível, pela palavra de Deus viva e permanente. ²⁴Pois

*toda carne é como a erva,
e toda a sua glória, como a flor da erva:
a erva seca e sua flor cai;*

²⁵mas a palavra do Senhor permanece eternamente^{ac}.

Ora, esta palavra é o Evangelho que vos foi anunciado^{ad}.

2 ¹Rejeitai, portanto, toda a maldade e toda a astúcia, toda a forma de hipocrisia, inveja e maledicência. ²Como crianças recém-nascidas, desejai o leite^{ae} puro da palavra^{af} a fim de que por ele possais crescer para a salvação. ³Se é que já provastes que o Senhor é bom^{ag}.

O fundamento e a missão da Igreja

⁴Aproximando-vos dele, pedra viva^{ah}, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa diante de Deus, ⁵vós mesmos entráis como pedras vivas na construção^{ai} da casa habitada pelo Espírito^{aj}.

Sl 62,13;
Jr 17,10;
Rm 2,6;
Ap 2,23;
22,12;
Is 52,3

Ef 4,17

At 20,28;
Hb 9,12

Gl 4,4

Rm 4,24;
10,9

Jo 13,34;
Rm 12,10

Tg 1,18;
1Jo 3,9

Hb 4,12

Tg 1,21
Mc 10,15p

1Cor 3,16;
Ef 2,20-22

p. Lit. tendo cingido os rins de vosso espírito. A imagem evoca os trajes prescritos para a celebração da Páscoa (Ex 12,11) e a disposição para o serviço (Lc 12,35) na espera da volta de Cristo.

q. O tema da obediência retorna freqüentemente na epístola (1,2,22; cf. 2,13,18; 3,1,5; 5,5).

r. Lv 11,44,45; 19,2.

s. Os vv. 15-17 evocam o início da oração que o Senhor ensinou: "Pai nosso, que estás nos céus..." (Mt 6,9).

t. Cf. Rm 2,11 nota.

u. A propósito deste tema do resgate, cf. Rm 3,24 nota.

v. Vê, isto é, que afinal não conduz a nada, em contraposição ao dom da vida eterna.

w. Qualidades exigidas do cordeiro pascal (Ex 12,5).

x. Expressão que marca a continuidade do plano de Deus (cf. Jo 17,24; Ef 1,4).

y. Cf. 1,9 nota.

z. Alguns mss. acrescentam: *pelo Espírito*. A palavra *verdade* não deve ser tomada no sentido filosófico do termo, mas, segundo um uso bem atestado no NT, no sentido de mensagem revelada por Deus. A fé supõe adesão à inteligência e submissão ao plano divino (cf. Rm 1,5; 16,26).

a. Ou, segundo outros mss.: *de coração, cordialmente*.

b. A equivalência entre a *palavra de Deus* e uma *semente* recorda a parábola do semeador (Mt 13,3-9 par.).

c. Is 40,6-8.

d. Para se compreender a aplicação que é feita aqui da passagem citada, é preciso levar em conta a sequência do texto de Isaías, que concerne ao mensageiro da boa nova (Is 40,9).

e. A imagem do *leite* é empregada em 1Cor 3,2 e Hb 5,12,13 numa perspectiva diferente: refere-se aos rudimentos da doutrina cristã. Aqui, evoca a palavra de Deus, da qual o cristão deve nutrir-se constantemente.

f. Lit. *lógica* ou *razoável*. O adjetivo grego é derivado da palavra *logos*, que significa razão, palavra. O crescimento espiritual do cristão é assegurado pela palavra de Deus, de que se acaba de tratar.

g. Sl 34,9.

h. Vários textos do NT apresentam Cristo como pedra fundamental. Este título evoca a esperança do templo novo, bem atestada no judaísmo tardio e que se enraíza no AT (cf. v. 6; Is 28,16). — *Viva*: alusão à ressurreição, aquele que dá a vida.

i. Outra tradução: *vós sois edificadas como casa*. — Pedro costuma propor primeiro uma exortação, depois justificá-la pela Escritura (v. 6).

j. O templo, "casa de Deus", já era habitado pela Presença

para constituir uma santa comunidade sacerdotal¹,

Rm 12,1; Hb 13,15 para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.

⁶ Pois lê-se na Escritura:

Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e quem nela põe sua confiança não será confundido¹.

⁷ A vós que credes, portanto, seja dada a honra^m; mas, para os que não crêm, a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular^m,

⁸ como também uma pedra de tropeço, um rochedo que faz cair^m.

Contra ela esbarram, porque se recusam a crer na palavra, e a isto é que estavam destinados^m.

⁹ Vós, porém, sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei¹, a nação santa, o povo que Deus conquistou para si, para que proclameis os altos feitos^f daquele que das trevas vos chamou para sua maravilhosa luz;

¹⁰ vós que outrora não éreis seu povo, mas agora sois o povo de Deus; vós que não tinheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia^f.

At 26,18; Cl 1,12,13

A existência cristã no meio dos pagãos. ¹¹Caríssimos! eu vos exorto como peregrinos e estrangeiros¹, a que vos abstenhais das concupiscências carnis¹, que guerream contra a alma. ¹²Tende um procedimento exemplar no meio dos pagãos, para que precisamente naquilo em que vos caluniam como malfeteiros, sejam esclarecidos por vossas boas obras e glorifiquem a Deus no dia de sua vinda^v.

Sl 39,13
Gl 5,17,24
3,16
Mt 5,16

O dever dos cristãos diante das autoridades. ¹³Sede submissos^m a qualquer instituição humana por causa do Senhor: quer ao rei, porque é o soberano, ¹⁴quer aos governadores, delegados por ele para punir os malfeteiros e louvar as pessoas de bem¹. ¹⁵Porque a vontade de Deus é que, praticando o bem, façais calar a ignorância dos insensatos¹. ¹⁶Comportai-vos como homens livres, sem usar da liberdade como véu para a vossa maldade, mas procedendo como servos de Deus^f. ¹⁷Honrai todos os homens, amai vossos irmãos, temei a Deus e honrai o rei¹.

3,16

O dever dos servos com relação aos senhores. ¹⁸Servos, sede submissos^b com profundo temor aos vossos senhores, não

Ef 6,5;
1Tm 6,1;
Tl 2,9

divina. Templo espiritual, a Igreja se beneficia da ação do Espírito Santo que lhe garante o crescimento.

k. A palavra habitualmente traduzida por *sacerdócio* foi forjada pelos tradutores gregos do AT, para exprimir a missão providencial do povo de Israel entre as demais nações. O termo aqui evoca, portanto, a função de toda a Igreja e não o encargo particular de cada cristão.

l. Ou: *enganado*. Is 28,16, citado conforme o texto grego do AT, que favorece a interpretação messiânica da passagem.

m. A palavra grega traduzida por *honra* pertence à mesma raiz que o adjetivo traduzido por *preciosa* nos vv. 4 e 6. O autor aplica à Igreja os títulos dados a Cristo (cf. também *escolhido*, vv. 4 e 6 = *eleito*, v. 9).

n. Sl 118,22. Jesus já tinha aduzido este v. para anunciar sua morte e sua ressurreição (Mt 21,42 e par.).

o. Is 8,14. Literalmente: *pedra de escândalo*. Perante Cristo não se pode permanecer neutro (cf. Lc 2,34).

p. Eles não são destinados por Deus à incredulidade, mas à queda, caso se recusem a crer.

q. Outra tradução possível: *a residência real, a comunidade sacerdotal*, que faria eco a: *casa espiritual... comunidade sacerdotal*, do v. 5.

r. Citação composta formada de Ex 19,5,6 e de Is 43,20,21. Pedro aplica à Igreja o que fora dito do povo da antiga aliança.

Cf. Ap. 1,6; 5,10 (*um reino, sacerdotes*).

s. Alusão aos nomes simbólicos dos filhos de Oséias (Os 1,6,9; 2,1,3,25; cf. Rm 9,25).

t. Cf. 1,1.

u. Cf. Rm 1,3 nota.

v. Ou: *de sua visita*. No AT, a *visita* de Deus pode ter um sentido desfavorável (Is 10,3; Jr 6,15), mas também pode ser sinal de sua graça (Gn 50,24-25; Sb 3,7). Aqui, como em outros textos do NT, o sentido é favorável (cf. Lc 1,68; 7,16; 19,44).

w. Esta instrução volta nas exortações subsequentes (v. 18 e 3,1; cf. 5,5). A submissão exigida do fiel é transfigurada pelo exemplo do Cristo sofredor (2,21-24).

x. A autoridade política tem seu fundamento na vontade criadora de Deus (cf. Rm 13,1-7; Tl 3,1).

y. *Insensato*: é aquele que se recusa a reconhecer o verdadeiro Deus (cf. Sl 14,1).

z. Este é o verdadeiro conteúdo da liberdade cristã: a possibilidade de servir a Deus (cf. Gl 5,13).

a. Citação de Pr 24,21, com um acréscimo significativo: *amai vossos irmãos* (cf. 1,22) e uma distinção entre o temor devido a Deus só e a honra prestada ao soberano.

b. Ou: *escravos*. Pedro não se pronuncia sobre a legitimidade do sistema social do seu tempo, mas traça uma linha de conduta concreta para o servo cristão.

apenas aos bons e afáveis, mas também aos impertinentes. ¹⁹Pois é uma graça suportar, por respeito para com Deus^c, sofrimentos que se padecem injustamente. ²⁰De fato, que glória há em suportar maus-tratos se cometestes o mal? Ao contrário, se depois de terdes feito o bem, sofrestes com paciência, isso é uma graça^d aos olhos de Deus. ²¹Ora, é para isto que fostes chamados, visto que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais suas pegadas:

3.14.17;
4.14

Jo 13.15

Mt 16.24p

2Cor 5.21;

1Jo 3.5

²² Ele que *não cometeu pecado e em cuja boca não se encontrou falsidade*;

3.9; Mt 5.39

²³ ele que, insultado, não retribuía o insulto,

em seu sofrimento, não ameaçava, mas se confiava àquele que é justo Juiz;

Jr 11.20

²⁴ ele que, em seu próprio corpo, carregou nossos pecados sobre o madeiro^f, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivamos para a justiça^g; ele, cujas chagas vos curaram.

Hb 9.28

²⁵ Porque vós andáveis desgarrados como ovelhas, mas agora vos voltastes para o pastor^h e guarda de vossas almasⁱ.

Is 53.6;

Ez 34.5,6;

Mt 9.36

3 O testemunho cristão na vida conjugal.

¹Vós igualmente, mulheres, sede submissas a vossos maridos, para que, se houver alguns que se recusem a crer na Palavra, sejam conquistados, sem palavras, pelo procedimento de suas mulheres, ²ao considerarem vossa conduta íntegra, respeitosa. ³Que vosso adorno não seja exterior: cabelos trançados, jóias

Ef 5.3,6;

Cl 3.18;

Ti 2.5

1Tm 2.9

de ouro, vestidos elegantes; ⁴mas seja ele a disposição escondida do coração^j, adorno incorruptível de um espírito afável e tranqüilo, que goza de grande apreço diante de Deus. ⁵Era assim que outrora se adornavam as santas mulheres, que punham sua esperança em Deus, mantendo-se submissas a seus maridos: ⁶por exemplo Sara, que obedecia a Abraão e até o chamava de seu senhor, ela de quem vos tornastes filhas praticando o bem, sem vos deixardes perturbar por qualquer temor^k.

Mt 6.4,6.18

Gn 18.12

⁷Vós também, maridos, vivei a vida comum, levando em conta a natureza mais delicada de vossas esposas; mostrai-lhes respeito, já que elas devem herdar convosco a graça da vida, para que nada estorve as vossas orações^l.

Ef 5.25;

Cl 3.19

Os imperativos da vida comunitária.

⁸Enfim, vivei todos nas mesmas disposições, compassivos, animados por um amor fraterno, misericordioso, humilde. ⁹Não pagueis o mal com o mal, nem injúria com injúria; pelo contrário, bendizei, porque foi para isso que fostes chamados, a fim de vos tornardes herdeiros da bênção^m.

Rm 12.14-18

1Ts 5.15

2.23

1e 6.28

1.4

¹⁰ Com efeito,

aquele que quer amar a vida e ver dias felizes

deve guardar a língua do mal

e os lábios de palavras enganosas,

¹¹ *desviar-se do mal e praticar o bem, procurar a paz, sim, persegui-la.*

¹² Porque

c. Lit. por motivo de consciência referente a Deus (cf. Rm 13.5 nota).

d. A palavra grega *kháris* (graça) adquire em IPd um sentido conglobante: vontade de Deus de conceder a vida aos homens (3.7), a graça se concretiza na participação na vida de Cristo sofredor e glorioso (1.10.13). Sob este ponto de vista, os escravos tratados injustamente por causa da sua fé, são mais particularmente englobados neste plano paradoxal da graça.

e. Is 53.9. Os vv. 22-25 inspiram-se muito livremente em Is 53.4-9.12. Talvez se encontre aqui um hino da Igreja primitiva, que produziu sob formas variadas o tema do *servo sofredor* (At 8.32; Rm 4.25 etc.). Cristo mesmo se valeu desta passagem de Isaias para anunciar o sentido de sua morte (Mc 10.45 e par.).

f. O *madeiro* em vez de *cruz*, como não raro no NT, por alusão a Dt 21.22-23 (cf. Gl 3.13).

g. Cf. Rm 6.2 e 11 nota.

h. Cf. 5.4 nota; Jr 10 nota.

i. Cf. 1.9 nota.

j. Lit. o *ser escondido do coração*.

k. Conforme a tradição judaica, as esposas dos patriarcas são apresentadas como modelos da vida familiar.

l. O motivo profundo do respeito do homem para com sua mulher reside no fato de que os dois receberam o mesmo chamamento. Note-se também a importância da vida de oração para a unidade do lar.

m. Isto é, os bens incorruptíveis reservados por Deus àqueles que praticam a misericórdia a exemplo de seu Pai celeste (cf. Lc 6.36; Mt 25.34).

os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e seus ouvidos estão atentos à oração deles; mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal¹⁰.

Confiança diante da perseguição. ¹³E quem vos poderá fazer mal, se vos mostrais diligentes em fazer o bem? ¹⁴Ainda mais, caso tenhais de sofrer pela justiça^a, felizes de vós.

Não tenhais nenhum medo deles, nem vos perturbeis; ¹⁵pelo contrário, *santificai* em vossos corações a Cristo, que é o Senhor⁹. Estai sempre dispostos a justificar vossa esperança perante aqueles que dela vos pedem conta^a. ¹⁶Mas fazei-o com mansidão e respeito, com uma boa consciência, a fim de que naquilo mesmo em que vos caluniam, os que desabonam vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos. ¹⁷Pois mais vale sofrer fazendo o bem, se esta for a vontade de Deus, do que fazendo o mal.

A vitória de Jesus Cristo manifestada a todos. ¹⁸Com efeito, também Cristo sofreu^r pelos pecados^a, uma vez por todas, ele, o justo pelos injustos, a fim de

vos¹ apresentar a Deus; ele, justificado em sua carne, mas restituído à vida segundo o Espírito^u. ¹⁹Então é que^v ele foi pregar^w até aos espíritos que se encontravam na prisão^x, ²⁰aos rebeldes de outrora, quando se prolongava a paciência de Deus nos dias em que Noé construía a arca, na qual poucos, isto é, oito pessoas foram salvos pela água^y. ²¹Esta era a figura do batismo^z, que atualmente vos salva: não se trata de purificar as manchas do corpo^a, mas do engajamento para com Deus^b de uma boa consciência; ele vos salva pela ressurreição de Jesus Cristo, ²²que, tendo partido para o céu, está à direita de Deus, e a quem foram submetidos os anjos, autoridades e poderes^c.

4 A ruptura com o pecado. ¹Assim, visto ter Cristo sofrido na carne^d, armai-vos, também vós, da mesma convicção: aquele que sofreu na carne, rompeu com o pecado, ²a fim de viver todo o tempo que lhe fica por passar na carne^e, não mais de acordo com as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus. ³Já é bastante, sem dúvida, ter feito no passado a vontade dos gentios vivendo na devassidão, nas concupiscên-

2,20: 4,14;
Mt 5,10

2,12

2,15

2,20

Rm 6,10;
Hb 9,26-28

Et 2,18

Gn 6,1-7,24;
2Pd 2,5

Hb 10,22

1,3

Sl 110,1;
At 7,56

2,21

Rm 6,27

2,11;
1Jo 2,16-17

1,14;
Et 2,1-3
Tt 3,3

n. Sl 34,13-17.

o. *Justiça*: no sentido de vida correta, conforme os ensinamentos de Cristo.

p. Vv. 14b-5a; Is 8,12,13 aqui aplicado a Cristo.

q. Especialmente no caso em que os cristãos tenham de comparecer diante de um tribunal (cf. Lc 12,11; 21,14).

r. Alguns mss. trazem: *morreu* (cf. 2,21).

s. Há mss. que acrescentam *por vós* ou *por nós*.

t. Certos mss. trazem *nós*.

u. Ou: segundo o Espírito. Alusão à intervenção do Espírito por ocasião da ressurreição de Cristo, ou alusão à divindade de Cristo (cf. Rm 1,4; 1Tm 3,16).

v. Ou então (interpretação menos provável): *neste Espírito*.

w. *Pregar*: verbo técnico visando à pregação cristã, muitas vezes em paralelismo com *evangelizar* (cf. 4,6). Muitos Padres da Igreja viram aí a expressão do apelo universal à salvação. Ao passo que outros textos do NT (At 12,3; Rm 10,7; Ef 4,8-10) limitam-se a mencionar uma descida de Jesus à mansão dos mortos, afirmação esta consignada no Símbolo dos apóstolos, este texto é o único que menciona uma intervenção de Cristo junto aos espíritos. Entretanto, alguns autores entendem esta pregação como uma simples proclamação de vitória contra as potências infernais (cf. 3,22; Ef 1,20,21).

x. Duas interpretações possíveis: quer as almas dos contemporâneos de Noé que, na tradição judaica, eram tidos como os piores dos pecadores; quer os anjos decaídos considerados como responsáveis pelo pecado dos homens (cf. os livros apócrifos de *Henoc*, *Jubileus* etc.).

y. Ou: *através da água*.

z. Literalmente: *seu antítipo*, o batismo, agora vos salva. O tipo, água do dilúvio, é a imagem imperfeita da realidade (antítipo) atestada pelo NT.

a. Alusão quer às práticas de purificação dos mistérios pagãos, quer à circuncisão judaica (cf. Cl 2,11), ou então, aos numerosos ritos de purificação do judaísmo (cf. Nm 8 e 19).

b. Pode ser *engajamento*, sentido atestado nos documentos profanos e muito ligado a uma liturgia batismal; ou então *pedido a Deus de uma boa consciência*.

c. Possível alusão a uma confissão de fé (Fl 2,9-11; cf. Ef 1,20-21).

d. Alguns manuscritos acrescentam *por nós* ou *por vós* (cf. 3,18 nota).

e. Alguns autores aplicaram estas palavras a Cristo que, na sua paixão, morreu para o pecado de uma vez por todas (Rm 6,10). Mas, pelo contexto, é melhor pensar no cristão que, na aceitação corajosa do sofrimento, manifesta sua pertença a Cristo e sua ruptura com o pecado.

cias, na embriaguez, nas orgias, bebedeiras e idolatrias infames¹. ⁴A propósito disso, eles acham estranho que já não mais os acompanhe à mesma devassidão² desenfreada, e vos cobrem de injúrias. ⁵Mas não de prestar contas disso àquele que está pronto para julgar os vivos e os mortos³. ⁶Esta é de fato a razão por que até aos mortos foi anunciada a boa nova⁴, para que, embora julgados segundo os homens na carne, vivam segundo Deus pelo Espírito⁵.

Vigilância na vida da comunidade. ⁷O fim de todas as coisas está próximo. Por isso, dai provas de prudência e sede sóbrios, a fim de poderdes orar. ⁸Antes de tudo, tende um constante amor uns para com os outros⁶, porque *o amor cobre multidão de pecados*⁷.

⁹Praticai entre vós a hospitalidade⁸, sem murmuração. ¹⁰Ponde-vos, cada um conforme o dom recebido, a serviço uns dos outros, como bons administradores da graça de Deus, multiforme em seus efeitos. ¹¹Se alguém fala, faça-o para transmitir as palavras de Deus; se alguém atende ao serviço⁹, faça-o com a força que Deus concede, a fim de que, por Jesus Cristo,

seja Deus totalmente glorificado. Ele a quem se devem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém!

Felicidade prometida aos que são perseguidos. ¹²Caríssimos¹⁰, não estranhais por estar na fogueira¹¹ da provação, como se vos estivesse acontecendo algo de anormal. ¹³Antes, na medida em que partilhais¹² dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos¹³, a fim de que, por ocasião da revelação da sua glória, também vos encheis de alegria e exultação. ¹⁴Se vos ultrajarem por causa do nome de Cristo, felizes sereis vós, porque o Espírito de glória¹⁴, o Espírito de Deus¹⁵, repousa sobre vós. ¹⁵Nenhum dentre vós tenha de padecer como homicida, ladrão ou malfetor, ou por se imiscuir nos assuntos de terceiros¹⁶; ¹⁶mas, se sofre como cristão¹⁷, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus por ter este nome¹⁸. ¹⁷Pois é chegado o momento em que o julgamento começa pela casa de Deus; ora, se ele se inicia por nós, qual será o fim daqueles que se recusam a aceitar o Evangelho de Deus? ¹⁸E

se é a muito custo que o justo se salva, que sucederá ao ímpio e ao pecador?

f. Catálogo tradicional de vícios (cf. Rm 1,29-31) e alusão mais precisa aos excessos de toda espécie que as grandes festas pagãs implicavam.

g. A atitude do filho pródigo caracteriza-se por uma palavra da mesma raiz (cf. Lc 15,13).

h. Cf. At 10,42. A expressão passou para o Símbolo dos apóstolos.

i. Ou: *ele* (Cristo) *foi anunciado*. Três interpretações possíveis; 1) este v. é a conclusão de toda a passagem que começa em 3,18; embora o pensamento seja mais geral do que em 3,19, trata-se sempre do apelo à salvação dirigido àqueles que, na perspectiva humana, estão condenados à morte definitiva; 2) o v. 6 está estreitamente ligado ao v. 5 e se situa em outra perspectiva que 3,19; sem se pronunciar sobre o como, o v. focaliza a ação universal do próprio Cristo em favor dos que não o conheciam; 3) (interpretação menos provável) Pedro quer tranquilizar os cristãos a respeito da sorte de seus irmãos mortos antes da parusia (1Ts 4,13-18).

j. *Na carne...* pelo Espírito: retomada da antítese de 3,18.

k. O amor deve ser estimulado pela esperança do retorno de Cristo.

l. Pr 10,12 (cf. Tg 5,20). Muitos Padres da Igreja viram aí uma palavra do Senhor (cf. Lc 7,47). Duas possibilidades: o amor tudo suporta (1Cor 13,7), ou, no sentido de uma promessa: Cristo usará de misericórdia para com os que tiverem sido misericordiosos (cf. Mt 5,7).

m. Alusão seja às reuniões cultuais que se realizavam nas casas particulares, seja ao acolhimento dos irmãos em viagem (cf. Hb 13,2).

n. A palavra *d'ácono* pertence à mesma raiz do verbo grego empregado aqui. Pensa-se que este serviço se refere mais particularmente à ajuda em favor dos necessitados (cf. Rm 12,7 nota; At 6,2-4; 1Tm 3,8 nota).

o. Mesma interpelação que em 2,11, marcando o ponto de partida de um novo desenvolvimento.

p. Imagem que recorda a do ouro que deve ser purificado pelo fogo (1,7).

q. O verbo empregado é muito forte: o cristão não só imita o exemplo de Cristo (2,21), ele também partilha dos seus sofrimentos.

r. Todo o trecho é como um comentário da bem-aventurança dos perseguidos (Mt 5,11-12 e par.; cf. também At 5,41).

s. Alguns mss. acrescentam: *e de poder*.

t. Alusão a Is 11,2. A assistência do Espírito Santo foi prometida às testemunhas de Cristo (Mt 10,20 par.).

u. Esta perífrase traduz um termo raro, cujo sentido não é bem claro.

v. Termo que talvez fosse usado como apelido pelos pagãos (cf. At 11,26).

w. Cf. Mt 10,32; At 5,41.

x. Pr 11,31 (texto grego)

1Cor 10,31

Cl 3,4

Sl 89,51-52;
1Pd 2,20;
3,14,17Jr 25,29;
Ez 9,6
Lc 23,31
2,8;
2Ts 1,8

¹⁹Portanto, os que sofrem conforme a vontade de Deus encomendem suas almas ao Criador fiel, praticando o bem.

exalte no momento determinado^h; ⁷confiai-lhe todas as vossas preocupações, pois ele toma cuidado de nós.

5 Deveres dos dirigentes da comunidade. ¹Aos anciãos^y que estão entre vós, exorto, eu, que também sou ancião com eles e testemunha^z dos sofrimentos de Cristo, eu, participante da glória que se há de revelar: ²Apascentai o rebanho de Deus que vos é confiado, velando por ele^a, não por coação, mas de bom grado, como Deus o quer; não por cobiça, mas por dedicação. ³Não exerçais um poder autoritário sobre aqueles que vos couberam por partilha^b; mas tornai-vos modelos do rebanho^c. ⁴E quando aparecer o pastor supremo^d, recebereis a coroa impercível de glória.

⁸Sede sóbrios, vigiai! Vosso adversário, o diabo, como um leão que ruge^l, ronda, procurando a quem devorar. ⁹Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos estão reservados a vossos irmãos^k, pelo mundo. ¹⁰O Deus de toda graça, que vos chamou à sua glória eterna em Cristo, ele vos restabelecerá depois que tiverdes sofrido por um pouco de tempo; ele vos firmará, vos fortalecerá e vos há de tornar inabaláveis^l. ¹¹A ele o poder, pelos séculos dos séculos! Amém.

Humildade e firmeza na fé. ⁵Vós também, jovens, sede submissos aos anciãos^e.

Conclusão/saudações. ¹²Eu vos escrevi estas poucas palavras por meio de Silvano^m, a quem considero como um irmão de confiança, para vos exortar e vos testemunhar que é à verdadeira graça de Deus que vós estais vinculadosⁿ. ¹³A comunidade dos eleitos^o que está em Babilônia vos saúda, bem como Marcos^p, meu filho. ¹⁴Saudai-vos uns aos outros com o ósculo fraterno^q.

E todosⁱ, no vosso trato mútuo, revesti-vos de humildade, porque

Paz a todos vós que viveis em Cristo!

Deus resiste aos soberbos.

ao passo que aos humildes dá a sua graça^g.

⁶Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, a fim de que ele vos

y. Ou: *presbítero*. São os chefes da comunidade (cf. 1Tm 5,17 nota; Tt 1,5-9). A exortação aos presbíteros é tanto mais insistente por se ver ameaçada a comunidade.

z. *Testemunha* tem sido entendido de duas maneiras: 1) Pedro é a testemunha da paixão e já participa da glória (cf. Mt 13,16; 2Pd 1,16-17). 2) Trata-se da testemunha que aceitou o sofrimento para anunciar Cristo. Cf. Introdução.

a. Eco da palavra dirigida por Cristo a Pedro pessoalmente (Jo 21,15-17). A imagem bíblica de apascentar o rebanho acrescenta-se a função de vigilância, cf. At 20,28.

b. Lit.: *porções* que *couberam* (a alguém) por sorte. Alusão à divisão da terra entre as diversas tribos de Israel (Js 13-22). Aqui, o próprio povo é confiado por Deus aos cuidados dos anciãos, mas Deus continua sendo o seu Senhor.

c. Como Paulo (1Cor 4,16; 11,1; Fl 3,17; cf. Tt 2,7).

d. O tema do Cristo *pastor* é frequente nos evangelhos (Jo 10; Lc 15,3-7 par.; Mt 26,31 par.; cf. Mt 9,36; 1Pd 2,25). Mas o título de *pastor supremo* só aparece aqui em todo o NT.

e. Sem dúvida, trata-se aqui dos membros mais idosos da comunidade em oposição aos jovens.

f. Pedro dá uma série de conselhos breves, válidos para o conjunto da comunidade. Seria fácil multiplicar aqui as referên-

cias. Percebe-se que o apóstolo é alimentado tanto pela espiritualidade dos salmos como formado pela palavra do Mestre. g. Pr 3,34 (texto grego).

h. A elevação dos humildes é um tema constante na Bíblia (cf. Mt 23,12; Lc 1,52; 14,11; 18,14; Tg 4,6,10).

i. Cf. Sl 22,14, o salmo por excelência da paixão (cf. 2Tm 4,17; Tg 4,7).

j. Ou *fortes pela fé*.

k. Lit.: *à vossa fraternidade*. Todos os cristãos, dispersos pelo mundo, formam uma só família.

l. Fórmula de voto litúrgico que recorda os temas da bênção inicial (1,3-5).

m. Cf. Introdução.

n. Este versículo define o conteúdo e o escopo de toda a carta: encorajamento na fé e exortação a se manterem firmes, apesar das provações, na certeza de que Deus realiza seu desígnio de graça.

o. O termo traduzido por comunidade dos eleitos só se encontra aqui em todo o NT. Mas o tema da eleição volta à tona muitas vezes na epístola (cf. 1,1 nota).

p. *Babilônia*, *Marcos*: cf. Introdução.

q. Alusão ao ósculo da paz litúrgico (Rm 16,16; 1Cor 16,20).

Jo 13,15-17;
2Cor 1,24

1,4;
1Cor 9,25;
Tg 1,12;
Ap 2,10

Jó 22,29

Sl 55,23;
Mt 6,25-30

1Ts 5,6

Ef 6,11-13;
Tg 4,7

1Ts 2,12

Rm 8,17-18;
2Cor 4,17
4,11

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

INTRODUÇÃO

Gênero literário e teologia. Após a saudação de praxe (1,1-2), o autor recorda a índole da vocação cristã (1,3-11). Vivendo em comunhão com a natureza divina (1,4), o cristão é chamado à santidade, que supõe a fidelidade à palavra apostólica (1,12-21). De fato, a pregação cristã não se apóia sobre fábulas fictícias (1,16), mas sobre o testemunho apostólico e sobre a palavra dos profetas inspirados pelo Espírito Santo (1,21).

A seguir o autor lança um violento ataque, em tom exaltado, contra os falsos mestres, cuja perversão doutrinal e moral ele denuncia (2,1-22). O castigo deles é inevitável, como outrora o dos anjos culpados e dos habitantes de Sodoma e Gomorra (2,6).

Após este longo trecho, o desenvolvimento iniciado no cap. 1 prossegue com o problema criado pela demora da parusia (3,3-13); o Senhor é paciente, mas seu dia chegará (3,9).

A carta termina com um apelo à vigilância (3,14-18).

Mais do que com o gênero epistolar propriamente dito, este escrito se aparenta com o gênero "testamento", freqüente nas tradições judaicas dessa época: um discurso de despedida que se admite uma pessoa importante faça antes da morte permite desenvolver alguns pontos de doutrina que convém recordar à comunidade.

Será que esta epístola de aspecto tão especial merece um lugar no NT? O leitor moderno, cioso do "diálogo", pode fazer tal pergunta diante da lista de insultos e injúrias do cap. 2.

Não obstante, a epístola fornece enfoques precisos e novos sobre a interpretação e a inspiração das Escrituras, como também sobre a formação do cânon: as profecias do AT e o testemunho apostólico são postos no mesmo nível e servem de base para uma fé sólida (1,19; 3,2). Em nenhum outro lugar do NT, a natureza inspirada das Escrituras é afirmada tão explicitamente: "Nenhuma profecia da Escritura é objeto de interpretação pessoal: porque nunca uma profecia foi proferida pela vontade humana, mas foi movidos pelo Espírito Santo que alguns homens falaram da parte de Deus" (1,20-21).

É também nesta epístola que se encontra a primeira menção de uma coletânea de cartas de Paulo (3, 15-16), a qual, embora não contenha necessariamente todo o conjunto do corpus paulino é entretanto considerada como parte integrante das Escrituras.

Finalmente, a epístola focaliza outro ponto de interesse, tratando resolutamente do problema da demora da parusia: "Que é feito da promessa de sua vinda? Pois desde que os Pais morreram, tudo continua como estava no início da criação" (3,4). O autor denuncia com violência esta falta de fé e se esforça por dar uma resposta: o dilúvio acontecido é uma prefiguração do juízo final, que o autor descreve consoante as categorias de sua época (3,6). O mundo antigo será destruído pelo fogo, para dar lugar a "novos céus e uma nova terra, nos quais habitará a justiça" (3,13). Sobre tudo a noção de tempo não existe para o Senhor: "Um só dia é como mil anos e mil anos, como um dia" (3,8). A demora que se lhe atribui provém apenas da sua amorosa paciência. Ele quer deixar a cada um o tempo de se converter. Por isso, vivam todos desde já na santidade. Através deste ensinamento escatológico, o autor recorda uma dimensão importante da vida cristã.

Adversários e destinatários. O autor denuncia "ímpios" que se infiltraram na Igreja (2,1). Quem são eles? Convertidos à fé cristã, eles a renegaram e ameaçam por então perverter a comunidade, prometendo-lhe uma falsa liberdade (2,19). A heresia deles é simultaneamente teológica — estes falsos doutores renegam o Senhor que os remiu e desprezam os anjos (2,10-11) — e moral: eles levam uma vida devassa e são insaciáveis no pecado (2,14).

Para os identificar, tem-se falado de "gnósticos"; estes, julgando-se dotados de um conhecimento superior e de uma total liberdade, professam o desprezo pela carne, mas nem por isso deixam de levar uma vida dissoluta; assim se poderiam explicar os aspectos moral e teológico de seus erros e a insistência do autor sobre o "co-

nhecimento" cristão, que ele opõe à falsa ciência dos hereges (1,2.3.5.8.12.16; 2,20.21; 3,17-18). Com relação ao seu desprezo pelas "Glórias" (2,10) difícil é captar exatamente a alusão: comem eles, a juízo do autor, o pecado de nomear os anjos? De fato, encontra-se no judaísmo — e em particular entre os essênios — a menção a semelhante proibição, motivada pelo respeito aos anjos e pelo temor de recorrer a seu nome para fins mágicos. Ou, pelo contrário, negam-lhes toda realidade ou toda superioridade, ultrapassando nisto o pensamento de Paulo, que se contentava em sublinhar a inferioridade dos anjos com relação a Cristo (Ef 12,1; Cl 2,15)? É difícil precisá-lo bem, pois, na longa série de invectivas do cap. 2 o autor se vale de expressões convencionais, traçando, como foi dito, uma espécie de "retrato-robô" do ímpio.

Os destinatários da carta estão familiarizados com a Escritura e as tradições apocalípticas judaicas, às quais o autor faz numerosas alusões sem nunca as citar explicitamente (exceto em 1,17): os anjos culpados (2,4), o dilúvio (2,5), Sodoma e Gomorra (2,6-7), Balaão de Bosor (2,15), tradições referentes à origem do mundo pela água e sua destruição pelo fogo.

Esta epístola, especialmente em 2,1-3,3, e a de Judas acusam ligações evidentes e estreitas. Encontram-se nelas concepções muito parecidas, expressas freqüentemente nos mesmos termos, aliás raros em todo o NT; as duas epístolas parecem seguir o mesmo fio condutor. Assim, ambas polemizam contra os falsos doutores qualificados, nos dois casos, de "céticos zombeteiros" (2Pd 3,3; Jd 18), que proferem enormidades (2Pd 2,18; Jd 16), banqueteiavam-se sem vergonha (2Pd 2,13; Jd 12); o pecado deles é comparado ao dos anjos culpados de Sodoma e Gomorra e de Balaão.

A menos que 2 Pedro e Judas se inspirem de modo independente num texto mais antigo — o que é pouco verossímil — parece incontestável que 2 Pedro depende de Judas; em muitas passagens, o texto parece secundário; em geral, o autor esclarece os passos paralelos da epístola de Judas; suprime alguns elementos estranhos para leitores menos informados a respeito das tradições apócrifas: o combate do arcanjo Miguel (Jd 9), a prostituição dos anjos (Jd 6), a citação de Henoc (Jd 14). Teria havido em 2 Pedro alguma

reticência com relação aos apócrifos? Difícil é resolvê-lo.

De outra parte, 2 Pedro levanta a objeção sobre a demora da parusia, enquanto em Judas a questão nem sequer é aventada.

Estes diferentes indícios revelam um ambiente solidamente enraizado nas tradições judaicas, mais tardio do que o de Judas; é também mais aberto ao helenismo, como indicam, além das omissões já apontadas, uma linguagem elegante, que não exclui sequer certa preciosidade no abuso de palavras compostas e rebuscadas — chegou-se a contar 56 palavras que são empregadas unicamente nesta epístola: é a proporção mais alta do NT. Seria esta epístola fruto de um esforço pastoral de conciliação entre as tendências mais particularistas manifestadas na epístola de Judas, e outras correntes mais abertas, como as que se manifestam nas epístolas de Paulo? Provém ela de um esforço de síntese entre tendências diversificadas no seio da Igreja primitiva?

Por outro lado, visto esta epístola ter sido aceita primeiro na Igreja de Alexandria e contestada pela da Síria, nós sugeriríamos de bom grado que ela provém de um ambiente judeu-cristão da Diáspora helenista.

Autor e data. O autor se identifica com o apóstolo Simão Pedro (1,1). Se, em 3,1, esta carta é apresentada como a "segunda", espontaneamente se pensa que a primeira seja 1 Pedro. Além disso, o autor recorda sua presença na Transfiguração do Senhor (1,16); enfim, ele anuncia sua morte como próxima (1,14).

Esta identificação sempre discutida levanta uma série de dificuldades. De um lado, não se devem urgir demais as indicações biográficas pelas quais o autor se identifica com o apóstolo; isto pertence ao gênero literário dos "Testamentos".

De outro lado, as diferenças estilísticas são numerosas entre as duas epístolas; 599 palavras divergentes contra 100 comuns. A problemática referente à escatologia não é a mesma; esta diferença supõe que um lapso de tempo assaz longo separa as duas epístolas.

O autor não parece pertencer à primeira geração cristã, que desapareceu (3,4). A epístola é posterior à de Judas, datada comumente nos últimos decênios do século I. Enfim e acima de tudo, como já vimos, ela contém uma menção explícita

do cânon das Escrituras: existe uma coleção de cartas de Paulo, que, embora incompleta, é contada entre as "Escrituras", assim como os demais escritos apostólicos e proféticos.

Por outro lado, como não é possível recuar demais a composição de uma epístola tão farta de tradições judeu-cristãs, pode-se propor como data provável de redação o ano 125, período que exclui uma origem petrina direta. Entretanto, poder-se-ia falar de um "círculo petrino", no qual, para lembrar, em continuidade aos ensinamentos do apóstolo, a necessidade de manter a fé, teria sido composta esta carta em forma de testamento espiritual? Recordemos, a este respeito que, segundo uma tradição de Eusébio (História Eclesiástica, II, 16,1), Marcos, que por certo tempo foi colaborador de Pedro (cf. 1Pd 5,13), teria evan-

gelizado Alexandria, ambiente em que esta epístola foi aceita por primeiro.

Canonicidade. Juntamente com o Apocalipse, este foi o livro do NT que teve mais dificuldades para ser reconhecido como canônico. Foi através da Igreja de Alexandria que esta carta penetrou lentamente no universo das Igrejas. Ausente do cânon de Muratori (pouco antes do ano 200), ela é citada pela primeira vez por Orígenes (nascido em 185/6 e falecido em 254), que a aponta como contestada. Eusébio (falecido em 340) ainda a relaciona entre os escritos controversos. Foi só no século V que a epístola foi reconhecida pela maioria das Igrejas e no século VI, na Síria. No entanto, por volta de 200, ela consta de uma versão egípcia do Novo Testamento e, lá pelos fins do século III, no papiro 72.

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

1 Saudação. ¹Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que receberam, pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo^a, uma fé do mesmo valor que a nossa: ²que a graça e a paz venham a vós em abundância pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

Ti 2,13

Jd 2;
1Pd 1,2

1Pd 2,9

Gl 5,22-23

A vocação cristã. ³Com efeito, o poder divino nos concedeu tudo o que é necessário à vida e à piedade, fazendo-nos conhecer aquele que nos chamou por sua própria glória e sua força atuante^b.

⁴Por elas foram-nos concedidos os bens do mais alto valor que nos tinham sido prometidos, para que, graças a eles, entrássemos em comunhão com a natureza divina^c, tendo-vos arrancado à corrupção que a concupiscência alimenta no mundo. ⁵E por esta mesma razão, concentrando todos os vossos esforços, uni à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ⁶ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a tenacidade^d, à tenacidade a piedade, ⁷à piedade a amizade fraterna, à amizade fraterna o amor^e. ⁸Porque estas qualidades, se vós as possuídes em abundância, não vos deixam inativos nem estéréis para conhecerdes nosso Senhor Jesus Cristo; ⁹de fato, aquele que delas carece é um cego que tateia^f; esquece que foi perdoado de seus pecados

de outrora^g. ¹⁰Por isso, irmãos, redobrai de esforços para consolidar^h vossa vocação e eleição; assim fazendo, não há perigo de cairdes. ¹¹Deste modo, com efeito, vos será generosamente concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Fidelidade à palavra apostólica e profética. ¹²Por isso tenho a intenção de recordar-vos sempre estas coisas, embora já o saibais e permaneçais firmes na verdade presente. ¹³Mas julgo ser justo, enquanto estou aqui na terraⁱ, alertar-vos por minhas advertências, ¹⁴pois sei que está próxima para mim a hora da separação^j, segundo me fez saber nosso Senhor Jesus Cristo; ¹⁵mas eu velarei com todo o cuidado para que, depois do meu passamento, tenhais a possibilidade^k, em qualquer ocasião, de conservar a lembrança destes ensinamentos.

Jd 5

2Cor 5,1;
Jo 21,18-19

Mc 9,2-8

¹⁶De fato, não é por termos ido atrás de fábulas sofisticadas^l que vos demos a conhecer a vinda poderosa de nosso Senhor Jesus Cristo, mas sim por tê-lo visto com nossos próprios olhos em todo o seu esplendor^m. ¹⁷Porque ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando a voz saída do magnífico esplendor de Deusⁿ lhe disse: "Este é o meu Filho muito amado, a quem me aprouve escolher"^o.

a. Ou: *de nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo*. A favor da versão por nós adotada, levamos em conta o caráter mais tardio da carta, portanto, sua cristologia mais elaborada.

b. Estas duas palavras — *glória e força atuante* — designam no AT o poder pelo qual Deus se revela e se manifesta. Essas palavras são aplicadas aqui a Cristo. O termo traduzido por *força atuante* sem tradução mais adiante, no v. 5, onde se aplica ao homem, por *virtude*.

c. Esta fórmula, única no NT, foi adotada no ofertório da missa romana.

d. Isto é, o fato de manter-se firme, principalmente nas dificuldades.

e. Esses elencos de virtudes (ou de vícios) são frequentes na literatura cristã primitiva, assim como na literatura helenista.

f. Outra tradução possível: *é um cego à força de miopia*.

g. Por seu batismo.

h. Em muitos mss. importantes lê-se: *a fim de que por vossas boas obras consolideis*.

i. Lit. *enquanto estou nesta tenda*. A imagem da tenda evoca o caráter simultaneamente provisório e itinerante da existência humana (cf. 2Cor 5,1-5).

j. Lit. *o abandono da tenda*. A mesma imagem do versículo anterior; o autor evoca aqui sua morte próxima.

k. Provavelmente o autor alude à sua epístola, síntese de seu ensinamento.

l. Lit. *mitos sofisticados*. A expressão não só é polêmica, mas tem toda a aparência de visar ao modo de interpretação da Escritura pelos adversários, quer estes hajam lido a Escritura como se se tratasse de um texto mítico, quer, preferivelmente, tenham interpretado a Escritura à luz de mitos (provavelmente gnósticos).

m. Lit. *por termos sido testemunhas oculares da sua grandeza*. A grandeza divina é aquilo pelo qual Deus se manifesta no brilho de seu esplendor.

n. *De Deus*: palavras acrescentadas nesta tradução para tornar acessível ao leitor o sentido desta expressão hebraica.

o. Cf. Mt 17,5.

¹⁸E esta voz nós a ouvimos, vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo.

¹⁹Além disso, temos a palavra dos profetas que é a própria solidez¹⁸, na qual fazeis bem em fixar vosso olhar, como numa lâmpada a brilhar em lugar escuro, até que clareie o dia, e a estrela da manhã surja em vossos corações.

²⁰Antes de tudo, ficai sabendo: nenhuma profecia da Escritura é objeto de interpretação pessoal¹⁹; ²¹porque nunca uma profecia foi proferida pela vontade humana, mas foi movidos pelo Espírito Santo que homens²⁰ falaram da parte de Deus²¹.

2 Contra os falsos mestres. ¹Também houve falsos profetas entre o povo; igualmente haverá entre vós falsos doutores, que introduzirão sorrateiramente doutrinas perniciosas², chegando até a renegar o Senhor, que os resgatou, atraindo sobre si uma perdição que não poderá tardar; ²e muitos os seguirão em suas libertinagens: por causa deles o caminho da verdade³ será objeto de blasfêmias; ³em sua cobiça eles vos explorarão com discursos mentirosos; para eles, já desde muito, a sentença não se dá tréguas e a sua perdição não dorme. ⁴Pois Deus não poupou os anjos culpados, mas os precipitou, entregou-os aos antros tenebrosos do Tártaro⁴, guardando-os para o julga-

mento⁵. ⁵Não poupou igualmente o mundo antigo, mas, por ocasião do dilúvio no qual submergiu o mundo dos ímpios, preservou Noé, o oitavo dos sobreviventes⁶, o que proclamava a justiça; ⁶depois condenou ao aniquilamento as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, a título de exemplo para os ímpios do porvir; ⁷e resgatou o justo Lot, deprimido pela maneira de viver desses malfetores devassos; ⁸de fato, este homem justo, vivendo entre eles, os via e escutava; dia após dia, seu coração de justo sentia-se torturado por causa das ações escandalosas deles. ⁹O Senhor tem, portanto, o poder de livrar da provação os homens retos⁹ e reservar, para os castigar no dia do juízo, os homens injustos, ¹⁰começando pelos que seguem a carne em seus apetites obscenos, e só têm desprezo para com a Soberania divina. Audaciosos, arrogantes, não têm medo de insultar as Glórias, ¹¹enquanto os anjos que lhes são superiores em força e poder não ousam proferir contra elas julgamentos ofensivos diante do Senhor¹¹.

¹²Mas esses homens, à guisa de animais irracionais, destinados por natureza às armadilhas e à podridão, insultam o que ignoram e apodrecerão como apodrecem os animais; ¹³recolherão, assim, o salário da injustiça. Eles encontram seu prazer em se depravar em pleno dia; são

2Tm 3,16;
1Pd 1,11

2Ts 2,3-13;
Mc 13,
21-23;
1Tm 4,1

Jd 4
Is 52,5

Jd 6

Jd 6
1Cor 10,13

Jd 7-8

Jd 9
Jd 10

Jd 12

p. Outra tradução possível: *por isso nós consideramos tanto mais sólida a palavra dos profetas...*; neste caso o v. 19 aparece como consequência do desenvolvimento dos vv. 16-18. A transfiguração de Cristo já conferiu realidade à palavra dos profetas e provou sua solidez.

q. Outra tradução possível: *...não provém do próprio pensamento do profeta*.

r. Alguns mss. acrescentam aqui: *santos*.

s. Nesta passagem e principalmente nos dois últimos versículos, vê-se aparecer claramente a afirmação da natureza inspirada das Escrituras e a necessidade de interpretá-las segundo a tradição apostólica.

t. A palavra grega assim traduzida — *hairesis* — designa seja um partido ou uma escola de doutrina (cf. At 5,17; 26,5), e, em sentido pejorativo, uma divisão (cf. Gl 5,20; 1Cor 11,19), uma seita; seja uma doutrina professada por um partido e, no sentido pejorativo mais tardio, uma heresia. O autor da epístola parece visar aqui às doutrinas — *de perdição* — dos falsos doutores, antes que a um partido constituído.

u. Termo que designa aqui a fé cristã e os seus adeptos. Cf. At 9,2; 19,9,23; 24,14...

v. *Tártaro*: um dos nomes gregos para indicar os infernos.

w. No judaísmo posterior, em volta de Gn 6,1-4 tinham-se desenvolvido especulações sobre o pecado dos anjos — os filhos de Deus — e sobre seu castigo (livro de *Henoc*, caps. 19 e 21).

x. Noé, sua mulher, seus três filhos e suas três noras formavam um total de oito pessoas (cf. 1Pd 3,20). O autor realça o simbolismo da cifra oito: o oitavo dia — domingo — é o primeiro da nova semana. Noé, que inaugura na justiça uma nova era, é o protótipo de Cristo.

y. Lit. *os homens piedosos*.

z. A Soberania (v. 10) deve, provavelmente, ser considerada aqui como um atributo divino (cf. *Didaqué* 4,1). Pode, portanto, representar quer o poder divino, quer, mais precisamente, o de Cristo, renegado pelos falsos doutores (cf. 2Pd 2,1). As *Glórias* (v. 10) são uma categoria de seres celestes, vistos aqui como maus. A arrogância dos hereges consiste em pôr-se no lugar do

nódoas e imundícies, que se deleitam com suas mentiras^a quando se banqueteam convosco. ¹⁴De olhos repletos de adultério são insaciáveis no pecado, aliciam as almas titubeantes, são campeões de cupidez, filhos da maldição. ¹⁵Abandonando o caminho reto, eles se extraviaram seguindo o caminho de Balaão de Bosor^b, que cedeu à tentação por um salário iníquo^c. ¹⁶mas recebeu uma lição por sua transgressão: um animal de carga, mudo, falando com voz humana, embargou a loucura do profeta. ¹⁷Esses homens são como fontes sem água e nuvens arrastadas pela borrasca; são-lhes destinadas as trevas mais escuras. ¹⁸De fato, apregoando enormidades cheias de nada, eles aliciam com seus desejos obscenos da carne os que mal e mal acabam de desprender-se dos homens que vivem no erro. ¹⁹Prometem-lhes a liberdade, quando eles mesmos são escravos da podridão, pois é-se escravo daquilo pelo qual se é dominado^d. ²⁰Com efeito, se aqueles^e que se libertaram da corrupção do mundo pelo conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo se deixam novamente enleiar e dominar por elas, seu estado se torna por fim pior do que no início. ²¹Pois teria sido melhor para eles não terem conhecido o caminho da justiça do que, tendo-o conhecido, ter-se desviado do santo mandamento^f que lhes fora transmitido. ²²Aconteceu-lhes o que diz, com justeza, o provérbio: “O cão voltou ao próprio vômito^g”, e ainda: “A porca, apenas lavada, se revolve no lamaçal”.

3 O Dia do Senhor pode tardar, mas chegará. ¹Meus amigos, esta já é a segunda carta que eu vos escrevo; em ambas estas cartas eu faço um apelo às vossas lembranças^h para estimular em vós a maneira certa de pensar: ²lembrai-vos das palavras ditas de antemão pelos santos profetas, e do mandamentoⁱ dos vossos apóstolos, aquele do Senhor e Salvador. ³Antes de mais nada, ficai sabendo: nos últimos dias surgirão céticos zombeteiros, levados por suas paixões pessoais e ⁴dirão: “Que é feito da promessa da sua vinda? Pois, desde que os Pais^j morreram, tudo continua como estava no início da criação”. ⁵Pretendendo isto, esquecem^k que já há muito tempo existiam céus, e uma terra originária da água, cuja coesão provinha da água pela Palavra de Deus. ⁶Pelas mesmas causas o mundo de então pereceu submerso pela água. ⁷Quanto aos céus e terra de agora, a mesma Palavra reserva-os para o fogo^l. Guarda-os para o dia do julgamento e da perdição dos ímpios. ⁸Uma coisa, porém, meus amigos, em todo caso não deveis esquecer: para o Senhor um só dia é como mil anos e mil anos, como um dia. ⁹O Senhor não tarda em cumprir sua promessa, quando alguns pretendem que ele está em atraso; mas ele está demonstrando paciência para convosco; pois não quer que alguns se percam, mas que todos cheguem à conversão. ¹⁰O dia do Senhor virá como um ladrão, dia em que os céus desaparecerão com enorme estrondo, em que os elementos abrasados se dissolverão e a terra e suas obras se-

Senhor, que é o único que tem o direito de julgar os anjos decaídos.

- a. Alguns mss. têm: *nos seus águapes*.
- b. Alguns mss. lêem, com Nm 22,5: *de Beor*.
- c. Tradições judaicas tardias insistiam sobre a cupidez de Balaão, que se tornou protótipo do falso doutor venal e corruptor (cf. Ap 2,14).
- d. Ou: *daquele por quem se é vencido*.
- e. Trata-se dos fiéis vacilantes, do v. 18.
- f. Sem dúvida, trata-se de um singular coletivo como em 2Pd 3,2 e 1Tm 6,14.
- g. Cf. Pr 26,11.
- h. Outra tradução possível: *..eu estimulo em vós por minhas advertências*.

i. Cf. 2,21.

j. Os Pais designam, em geral, as gerações de Israel que receberam as promessas, mas o autor pode pensar aqui na primeira geração cristã.

k. Outra tradução possível: *Escapa-lhes voluntariamente que existam...*

l. O dilúvio pelo fogo pertence ao imaginário apocalíptico judaico. Há aqui uma correspondência com o primeiro dilúvio, o dilúvio de água dos tempos de Noé. Assim como o mundo ímpio de outrora tinha sido submerso pelas águas, o mundo ímpio de hoje está destinado ao julgamento pelo fogo, que aniquilará os ímpios. Como outrora, os justos escaparão do cataclisma (cf. 2,5) e habitarão o mundo novo, no qual reinará a justiça.

Jd 17

Jd 18;
2Ts 2,3-12

Gn 1,6-9

Gn 7,11-21;
1Pd 3,20

Sl 90,4

Hab 2,3;
Rm 2,4;
1Tm 2,41Ts 5,2;
Mt 24,43-45

EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO

INTRODUÇÃO

Circunstâncias da composição. As Epístolas joaninas, ao menos as duas primeiras, praticamente não contêm detalhes sobre as circunstâncias de sua composição nem sobre a pessoa do autor. Mas o exame do próprio texto permite conhecer com suficiente certeza a situação em que se encontravam seus destinatários e as razões que levaram o autor a lhes escrever.

Do tom polêmico de várias passagens pode-se deduzir que as comunidades às quais as cartas são dirigidas atravessavam grave crise. A difusão de doutrinas incompatíveis com a revelação cristã ameaçava comprometer a pureza da fé. Quais eram os pregadores deste ensinamento? São chamados de anticristos (1Jo 2,18.22; 4,3; 2Jo 7), profetas da mentira (1Jo 4,1), mentirosos (2,22), sedutores (2Jo 7); são do mundo (1Jo 4,5) e deixam-se guiar pelo espírito do erro (4,6). Outrora pertenciam à comunidade (2,19; cf. 2Jo 9); agora procuram extraviar os crentes que permaneceram fiéis (2,26; 3,7), ministrando-lhes uma doutrina que não é a de Cristo (2Jo 10).

Em que consistia seu erro? Iludidos por uma mística de tipo gnóstico, pretendiam conhecer a Deus (1Jo 2,4), ver a Deus (3,6; 3Jo 11), viver em comunhão com ele (1Jo 2,3), estar na luz (2,9), a despeito de uma doutrina e de uma conduta em flagrante contradição com a revelação cristã. Sobretudo, tinham uma posição herética em matéria de cristologia: recusavam ver em Jesus o Messias (2,22) e o Filho de Deus (4,15; 2Jo 7); rejeitavam a Encarnação (4,2; 2Jo 7) e "dividiam" Jesus, uma vez que separavam nele o Jesus da história do Filho de Deus, e negavam que este tivesse vindo realmente pela água e pelo sangue (1Jo 4,3; 5,6). Seu comportamento moral não era menos repreensível: por uma tendência já nitidamente gnosticizante, pretendiam ser isentos de pecado (1,8.10) e não se preocupavam em guardar os mandamentos (2,4), nomeadamente o do amor fraterno (2,9).

Já faz muito tempo que se procura identificar concretamente esses doutores da mentira. Pelo testemunho de Irineu, é contra o herege Cerinto

que se dirigia o evangelho de João; poder-se-ia pensar que também as cartas visam ao ensinamento de Cerinto. De fato, este parece concordar em vários pontos com a doutrina dos pregadores denunciados pela carta. Cerinto, sempre segundo Irineu, ensinava que Jesus, no seu nascimento, era apenas um homem como os outros: no batismo, o Cristo celeste se teria unido a ele, mas para separar-se no momento da Paixão (cf. talvez 1Jo 2,22; 5,6). Todavia, outros pontos da doutrina atribuída a Cerinto não deixaram vestígio algum nas Epístolas joaninas. Seja qual for a validade desta identificação histórica, a corrente visada pelas cartas tem provavelmente certo parentesco com o movimento judaizante pré-gnóstico, contra o qual, aliás, já reagiam as cartas do cativoiro e as cartas pastorais, e que desembocaria mais tarde nos grandes sistemas gnósticos do século II.

A finalidade do autor, porém, não é combater esses hereges; ele se dirige diretamente aos cristãos. Quer pô-los de sobreaviso contra as pretensões dos gnósticos, e mostrar-lhes que são eles, os crentes, que por sua própria fé possuem verdadeiramente a comunhão com Deus (1Jo 1,3). É igualmente o que diz a conclusão da primeira carta: "Eu vos escrevi tudo isso para que saibais que tendes a vida eterna, vós que tendes a fé no nome do Filho de Deus" (5,13). Pela mesma razão, o autor repete como um estribilho a fórmula: "nisto reconhecemos que..." (1Jo 2,3.5; 3,19.24; 4,2.6.13; cf. 3,10; 2Jo 6.7.9; 3Jo 3.12). Ele quer indicar assim qual seja o sinal pelo qual se reconhecem os verdadeiros crentes: esses critérios são a fidelidade à fé cristã ensinada desde o começo (p. ex. 1Jo 2,22-24) e a observância dos mandamentos, especialmente o do amor fraterno (p. ex. 2,3-6.9-11).

Autor. As três cartas são, quase certamente, do mesmo autor. Crise idêntica se reflete nas duas primeiras e mesmo, indiretamente, na terceira. Pelo pensamento, vocabulário e estilo, as três cartas assemelham-se de tal modo que só dificilmente se pode atribuí-las a autores diferentes. Eis

algumas dessas fórmulas características: "Muitos sedutores (ou profetas da mentira) espalharam-se pelo mundo" (1Jo 4,1; 2Jo 7); "andar na verdade" (2Jo 4; 3Jo 3); "amar na verdade" (2Jo 1; 3Jo 1; cf. 1Jo 3,18); o mandamento do amor não é um "mandamento novo", mas um mandamento "que já temos desde o princípio" (1Jo 2,7; 2Jo 5); "ter o Pai e o Filho" (2Jo 9) ou "ter o Pai também" (1Jo 2,23).

A identificação do autor cria um problema. Ao contrário de Paulo, em parte alguma ele indica seu nome. Em 2Jo 1 e 3Jo 1, ele se designa como "o Ancião": este título não indica o chefe hierárquico de uma comunidade, mas, segundo o costume das Igrejas da Ásia (Pápias, Irineu), alguém que tivesse pertencido ao grupo dos discípulos do Senhor ou que pelo menos os tivesse conhecido. Era, pois, alguém que gozava de autoridade considerável, enquanto testemunha do início da tradição apostólica. Por outro lado, o autor apresenta a si mesmo como testemunha ocular da vida de Jesus (1Jo 1,1-3; 4,14). Estas diversas indicações explicam a opinião tradicional, que reconhece neste autor o apóstolo João. Quanto à primeira carta, de fato, os testemunhos antigos são unâni- mes em atribuir-lha. Não acontece o mesmo com as duas cartas menores, precisamente por causa do título "o Ancião": nos séculos III e IV, alguns ambientes viam neste autor um certo "João, o Presbítero" (o que, de fato, traduz o Ancião), distinto do apóstolo João. Mas a antiga tradição de Éfeso conhecia apenas um João, o discípulo do Senhor.

Pano de fundo literário e doutrinal. À primeira vista, a influência do AT sobre as cartas reduz-se a pouca coisa, pois nelas João faz uma única alusão direta a um texto da Lei (cf. 1Jo 3,12). Entretanto, não faltam as expressões bíblicas: "fiel e justo" (1Jo 1,9), "conhecer a Deus" (2,3.4.14 etc.), "vítima de expiação" (3,2; 4,10), "um pecado que conduz à morte" (5,16) etc. Mas a presença do AT na carta maior deve ser procurada sobretudo no tema central que desenvolve, o da comunhão com Deus e do "conhecimento" de Deus: segundo mais de uma passagem, "conhe- cer a Deus" parece identificar-se com o conheci- mento de Deus que Jeremias apresentava como sinal distintivo da nova Aliança (cf. as notas sobre 1Jo 2,3.13.20.27; 3,9; 5,20.21).

Todavia, no plano do vocabulário, é com o ju- daísmo palestinese, especialmente com a corren- te representada pelos escritos de Qumran, que o autor tem mais afinidade. Vocábulo ou expres- sões como "andar na verdade" (1Jo 1,6), "o es- pírito da verdade" (4,6), "a iniquidade" (3,4), como também o contraste tão fortemente acentua- do entre Deus e o mundo (4,4-6), a luz e as trevas (1,6-7; 2,9-11), a verdade e a mentira (2,21.27), se encontram igualmente na Regra de Qumran. O dualismo joanino não é metafísico e cósmico, como no gnosticismo, e sim moral e escatológico: pois reside no coração do homem, por certo fraco e pecador, mas capaz de conversão e, portanto, de união com Deus. Pela importância acentuada atri- buída ao conhecimento, as cartas situam-se na corrente do judaísmo apocalíptico e sapiencial, que se interessava particularmente pela revela- ção dos mistérios. Mas essas fórmulas, vindas do judaísmo, são sempre reinterpretadas pelo autor de modo pessoal, em função da cristologia.

Outra influência, e esta preponderante, foi par- ticularmente evidenciada pelos estudos recentes. É a da tradição cristã primitiva, sobretudo a da catequese batismal. João remete insistentemente seus leitores a "o que eles ouviram" (1Jo 1,1.3.5; 2,7.18.24; 3,11; 4,3; 2Jo 6), muitas vezes com uma referência explícita ao "começo", isto é, à prega- ção cristã inicial (1Jo 1,1; 2,7.13.14.24; 3,11; 2Jo 5,6). Ele espera dos cristãos que confessem seus pecados (1Jo 1,9) e convida-os a professar sua fé em Jesus, o Filho de Deus vindo na carne (1Jo 2,2.3; 4,2.15; 2Jo 7): estes são ainda temas batismais. Entretanto, todos esses temas, judeus ou cristãos, são retomados e atualizados pelo autor para descrever a situação presente dos crentes, no conflito que os opõe ao mundo.

A primeira epístola. O gênero literário desta epístola é difícil de definir. Como é desprovida de endereço (destinatários) e de conclusão, e não faz menção a nome algum, é difícil considerá-la como uma simples carta, sequer como carta dirigida a uma comunidade local (como é a maioria das car- tas de Paulo). Entretanto, o autor chama seus lei- tores de "meus filhinhos" (cf. 2,1, nota), recorda- lhes muitas vezes a fé comum e os exorta a lhe permanecer fiéis: exercia, portanto, sobre eles, uma autoridade religiosa. A carta parece ter sido dirigida a um grupo de Igrejas ameaçadas pela

mesma heresia. Trata-se provavelmente de Igrejas da província da Ásia, como refere antiga tradição. O escrito que João lhes envia é uma espécie de carta pastoral destinada a sustentá-las e iluminá-las no combate pela fé.

A respeito da estrutura da epístola, as opiniões são divididas. O problema se complica pelo fato de que nela se encontram poucas partículas de ligação. Mas um fenômeno revelador permite discernir um plano: é o fato de que o autor volta várias vezes aos mesmos temas, sempre na mesma ordem. O pensamento se desenvolve seguindo um movimento em espiral, em torno de um tema central, a nossa comunhão com Deus. Encontramo-lo claramente enunciado no prólogo (1,3) e expresso em termos equivalentes no versículo de conclusão (5,13). O autor quer comunicar aos cristãos uma certeza: eles, os crentes, possuem a vida eterna. Mostra-lhes, em confronto com os hereges, em que condições eles obtêm esta vida, e com que critérios pode ser reconhecida. Toda a epístola é uma descrição desses critérios e dessas condições da vida cristã autêntica, numa série progressiva de quadros paralelos:

Prólogo (1,1-4): enunciado do tema fundamental

- I. Primeira exposição dos critérios de nossa comunhão com Deus (1,5-2,28)

A comunhão é aqui considerada como participação na luz de Deus. Critérios desta comunhão:

1. Andar na luz, libertos do pecado (1,5-2,2).
2. Observar o mandamento do amor (2,3-11).
3. A fé dos crentes, perante o mundo e os anticristos (2,12-28).

- II. Segunda exposição dos critérios de nossa comunhão com Deus (2,29-4,6)

Desta feita, a comunhão com Deus é descrita em termos de filiação. Critérios que permitem reconhecer os filhos de Deus:

1. Praticar a justiça e não pecar (2,29-3,10).
2. Praticar a caridade, a exemplo do Filho de Deus (3,11-24).
3. O discernimento dos espíritos, pela fé em Jesus Cristo (4,1-6).

- III. Terceira exposição dos critérios e condições da nossa comunhão com Deus (4,7-5,12).

O critério negativo, a renúncia ao pecado, não é mais mencionado. Para os dois critérios positivos, o amor e a fé, o autor remonta

à sua fonte última: o amor, considerado até agora sob o aspecto parenético (2,3-11) e cristológico (3,11-24), é focalizado desta vez no seu aspecto propriamente divino (cf. 4,7-9,16); a fé, descrita nos dois primeiros ciclos como um comportamento eclesial, a profissão de fé (cf. 2,22-25; 3,23; 4,2-6), é apresentada agora como uma realidade teológica, a fé no (nome do) Filho de Deus (5,5,10; cf. 5,13):

1. (A renúncia ao pecado é omitida neste final da carta).
2. O amor vem de Deus e se enraíza na fé (4,7-21).
3. A fé no Filho de Deus, raiz da caridade (5,1-12). Epílogo (5,13-21)

A análise da epístola permitiria, conforme certos críticos, discernir em sua redação várias camadas literárias. Alguns procuram mesmo separar um texto primitivo, de proveniência gnosticizante ou qumraniana, desenvolvimentos parenéticos acrescentados pelo autor. Mas a diversidade dos estilos não é prova da pluralidade das fontes. O caráter mais doutrinal de uma ou outra passagem explica-se muito bem pela influência da catequese batismal. E a própria regularidade da estrutura da epístola é um indício a favor de sua unidade literária.

Uma passagem, porém, que outrora deu lugar a uma famosa controvérsia, certamente não é autêntica. Trata-se de um inciso em 5,6-8, chamado "comma johanneum" (os vocábulos postos entre parênteses): "Três são os que dão testemunho (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses são três um; e são três os que dão testemunho na terra: o Espírito, a água e o sangue, e esses três convergem num mesmo testemunho". Este texto, reproduzido na Vulgata sexto-clementina, falta em todos os manuscritos gregos anteriores ao século XV, nas antigas versões e nos melhores manuscritos da Vulgata. Provavelmente não é mais do que uma glosa marginal introduzida no texto, no decurso de sua transmissão no Ocidente.

As duas epístolas menores. À diferença de 1Jo, estes dois pequenos escritos têm todas as características de verdadeiras epístolas.

A segunda é dirigida "à Senhora eleita e a seus filhos", título dado pelo Ancião a uma das Igrejas da Ásia que dele dependem, aliás não-identifica-

Aliança entre Deus e os homens, anunciada pelos profetas para os tempos da salvação. Esta Aliança é nova, antes de tudo pela revelação trazida por Jesus Cristo — a revelação do amor do Pai —, mas também pela interiorização desta verdade sob a ação do Espírito. A fé e o amor tornam-se assim a nova lei dos discípulos de Cristo. Para fazer com que esta revelação produza ainda melhor todos os seus frutos, João acentua a necessidade de uma tradição que se refira sem cessar às suas origens; e também insiste na importância do discernimento dos espíritos, da “unção” interior (khrisma) e da experiência de fé dos crentes: são outros tantos pontos de doutrina que, mais tarde, serão repisados e amplamente desenvolvidos na teologia, na espiritualidade e na mística cristãs.

Se estas cartas contêm um ensinamento sobre a comunhão com Deus, uma moral e uma teologia

mística, elas nos propõem também uma escatologia. Com efeito, não pode deixar de impressionar-nos a importância que nelas se dá à perspectiva do fim dos tempos. É “a última hora”, diz João. Nós, cristãos, estamos numa situação de oposição ao mundo; mas sabemos que este mundo passa; eis por que somos convidados a firmar em Jesus toda a nossa esperança: quando ele aparecer, então o veremos tal como é.

A atualidade desta mensagem para o nosso tempo e para todos os tempos é evidente. Hoje como em outras épocas, a fé está em crise. Os cristãos querem saber onde está a verdade da fé, procuram critérios para reconhecer o Espírito de Deus. A esses crentes, na posse do conhecimento da verdade, S. João pede simplesmente que permaneçam firmes na doutrina de Jesus Cristo. E que sejam, por sua vida de amor, testemunhas de sua fé no Filho de Deus.

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

1 Prólogo

2,13-14; Jo 1,1 ¹ O que era desde o princípio*,
o que ouvimos,
Jo 1,14; 20,25 o que vimos com nossos olhos,
o que contemplamos
e nossas mãos tocaram^b
do Verbo da vida^c.
Jo 1,14; 11,25-26 ² — pois a vida se manifestou,
e nós vimos
4,14 e damos testemunho
2,25 e vos anunciamos a vida eterna^d
que estava voltada para o Pai^e
e se manifestou a nós —,
³ o que vimos e ouvimos
At 4,20 nós vo-lo anunciamos, também a vós,
para que vós também estejais em comunhão conosco.
Jo 17,20-21; 1Cor 1,9 E nossa comunhão é comunhão com

o Pai
e com seu Filho Jesus Cristo^f.
⁴ E isto vos escrevemos
para que nossa alegria^g seja completa. 2Jo 12

Andar na luz, libertos do pecado

⁵ Eis a mensagem que ouvimos dele 3,11
e que vos desvendamos^h:
Deus é luzⁱ,
e de trevas, nele não há vestígio algum.
⁶ Se dissermos^j: “Estamos em comunhão com ele”,
ao passo que andamos nas trevas, 2,9;
Jo 8,12
mentimos 2,4
e não praticamos a verdade^k. Jo 3,21
⁷ Mas se andamos na luz, Ef 5,8
como também ele está na luz,
estamos em comunhão uns com outros^l,

a. Seja o *princípio* que remonta a uma época anterior à história humana, como no prólogo do Evangelho (cf. Jo 1,1 nota), designando o v. 1 neste caso a Cristo; seja o começo da pregação do Evangelho, e neste caso o v. remete os leitores à mensagem cristã original (cf. 2,7 nota).

b. Lit. *apalparam*. O autor insiste de caso pensado na plena humanidade de Jesus Cristo, implícita ou explicitamente negada na tentativa de interpretação filosófica e gnosticizante do cristianismo, que punha em risco a fé dos cristãos (cf. Introdução). Ele afirma também que seu testemunho é autêntico, porquanto fundado na visão e na audição de Jesus pelas primeiras testemunhas. Cf. 4,14.

c. Lit. *a respeito do Verbo da Vida*; a linguagem joanina deixa às vezes subsistir certas imprecisões. *Logos* traduzido por *Verbo* designa Jesus Cristo, como no prólogo do Evangelho. Alguns traduzem: *palavra (mensagem) de vida*. Neste caso, não é *logos*, mas vida que se aplica diretamente a Cristo (cf. o v. seguinte).

d. A *vida eterna*, isto é, a própria vida de Deus. Esta vida nos é dada na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus (5,11; cf. 4,9), por intermédio da proclamação do Evangelho. Nós a recebemos pela fé em seu nome (5,13; cf. 3,23; Jo 3,16).

e. Lit. *que estava para o Pai*. Cf. Jo 1,2.

f. A linha de continuidade é sem falhas, unindo numa mesma comunhão de amor e de verdade, de um lado, Jesus Cristo a seus *bi*, e, de outro, a suas primeiras testemunhas, estas aos membros da Igreja, e os cristãos mutuamente entre si (v. 7).

g. Alguns mss. trazem: *vossa alegria*, o que coincidiria com o ensinamento de Jo 15,11. Mas se o Evangelho gera a alegria dos seus, o *acólhem*, dela são repletos primeiro, e com maior razão, seus mensageiros. Cf. 2Jo 12.

Observe-se a atmosfera de plenitude e alegria que caracteriza primeiros vv. da carta. O prólogo do quarto evangelho via sus Cristo entrar no mundo e nele esbarrar com uma rejeição; ui vemo-lo recebido pelos seus, que o glorificam.

h. Parece que seja esta (aqui e em Jo 4,25; 16,13-15) a melhor dução do verbo *anagellein*, normalmente traduzido por *anun-*

ciar. Frequentemente empregado pelos profetas e na literatura apocalíptica, este verbo significa ali ao mesmo tempo *proclamar e revelar* (Is 40,21; 42,9), ou *dar a conhecer a interpretação de* (Dn 2,2.4.7; 5,12.15). Em nosso versículo, *anagellein* expõe ambas as idéias de revelação e proclamação expressas no prólogo (vv. 2-3). Os cristãos, por certo, não precisam de que se lhes revele o Evangelho; mas sempre correm o risco de esquecer suas exigências. Por isso o autor lhes diz, não sem audácia: esta mensagem bem conhecida, temos de vo-la revelar como um mistério sempre novo.

i. A imagem da *luz*, pela qual Jesus se designa no quarto evangelho como portador da verdade (cf. Jo 8,12), aplica-se aqui a Deus, fonte da revelação e por isso mesmo de toda a santidade cristã. Falar de luz a propósito da divindade era um lugar-comum do pensamento religioso ambiente. Mas, enquanto o misticismo pagão sonhava aproximar-se do reino da luz pela iluminação interior, o êxtase ou a iniciação ritual, Jo vai deduzir do fato de Deus ser isento de trevas a necessidade para o cristão de *andar* também ele na luz. Cf. Lv. 19,2: *Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo*.

j. Cada uma dessas fórmulas introduzidas por *Se dissermos...* (v. 6.8.10) exprime, ao que parece, as afirmações dos adversários visados na carta, e cuja doutrina, tingida de gnosticismo, é denunciada como ilusão.

k. No AT e no judaísmo, *fazer a verdade* designava o comportamento moral conforme à lei. Aqui a expressão guarda este caráter concreto e existencial. Entretanto, Jo reinterpreta a fórmula, aplicando-a à conversão e à gênese da fé. Para ele, a verdade é a palavra de Deus (cf. vv. 8.10) proclamada por Jesus Cristo e que penetra o crente para transformar sua vida. No evangelho (Jo 3,21), a fórmula fazer a verdade descreve a caminhada rumo à fé; aqui, ela designa a conversão sempre renovada, que se exprime na confissão dos pecados (cf. vv. 8-10).

l. Ter-se-ia esperado antes: *em comunhão com ele*. Mas para João, precisamente, não há comunhão com Deus sem comunhão com nossos irmãos.

- conosco teriam permanecido.
- 1^o Cor 11,19 Mas era preciso que se manifestasse que eles todos não são nossos.
- 20 Quanto a vós,
tendes uma unção^o que vem do Santo,
e todos vós sabeis^o.
- 2^o Cor 1,21 Não vos escrevi que não sabeis
a verdade,
Jo 8,32; 2Jo 1 mas que a sabeis,
Jo 8,44 e que nenhum resquício de mentira procede da verdade.
- 22 Quem é mentiroso,
4,3; 2Jo 7 senão o que nega que Jesus é o Cristo^o?
Eis o anticristo,
o que nega o Pai e o Filho.
- Mt 10,33; Jo 5,23; 2Jo 7 23 Todo o que nega o Filho
tampouco tem o Pai;
4,2,15 quem confessa o Filho
tem também o Pai.
- 24 Quanto a vós, permaneça em vós a mensagem que ouvistes desde o princípio^o.
2,27; Jo 15,7-10 Se em vós permanecer a mensagem que ouvistes desde o princípio,
3,24 também vós permanecereis no Filho e no Pai;
- 25 e esta é a promessa que ele mesmo nos fez:
a vida eterna.
- 26 Eis o que fiz questão de escrever-vos a respeito daqueles que procuram desencaminhar-vos.
- 27 Quanto a vós, a unção que dele recebestes permanece em vós,
e não precisais de que alguém vos ensine^o,
mas como a sua unção vos ensina a 2,20 respeito de tudo^o,
— e ela é verídica e não mente —,
já que ela vos ensinou,
vós permanecéis^o nele.
- 28 Agora, pois, filhinhos, permaneci nele.
A fim de que, quando este se manifestar, 3,2
tenhamos plena confiança 4,17
e não sejamos cobertos de vergonha, FI 1,20-21; Lc 13,27
longe dele,
na sua vinda.
- Praticar a justiça e não pecar**
- 29 Já que sabeis que ele é justo,
reconheci que todo o que também 3,7,10
pratica a justiça nasceu dele. 4,7; 5,1
- 3** ¹ Vede que grande amor nos outorgou o Pai,
que sejamos chamados filhos de Deus; Jo 1,12
e nós o somos! Rm 8,16;
Eis por que o mundo não pode conhecer-nos: Gl 4,4-5;
Ef 1,5
ele não descobriu a Deus^o. Jo 16,3;
17,25;
1^o Cor 1,21
- 2 Caríssimos,
desde agora somos filhos de Deus,
mas o que seremos ainda não se manifestou. 2,28
Sabemos que, quando ele aparecer^o,
seremos semelhantes a ele^o, FI 3,21;
Cl 3,4;
Jo 17,24;
Ap 22,4

o. Lit. *óleo de unção* (gr. *khrysmá*, cf. também 2,27). Com esta imagem, Jo designa a palavra de Deus (cf. v. 24 nota) *recebida do Santo*, isto é, de Cristo (Jo 6,69), e que penetra no homem sob a ação do Espírito. É exatamente a tarefa atribuída ao Espírito Santo nos discursos de despedida: fazer com que os crentes penetrem nas palavras de Jesus, na verdade plena (Jo 14,26; 16,13). Segundo outra interpretação, a unção designaria diretamente o Espírito Santo.

p. I. é, conheceis a verdade (cf. v. seguinte e 2Pd 1,12). Aqui, como mais acima (cf. 2,13 nota), talvez se faça sentir a influência de Jr 31,34, sobre a universalidade do *conhecimento* entre os membros do povo de Deus, no tempo da nova Aliança: "Todos eles me conhecerão..." (mesmo verbo grego em Jo e em Jeremias: *eidenai*). Outros mss. trazem: *conheceis tudo*.

q. A heresia visada não negava, como faziam os judeus, a dignidade messiânica do homem Jesus, mas queria separar o Cristo celeste deste ser tido como humano demais que se chamava Jesus de Nazaré.

r. Lit. *o que ouvistes desde o começo*: evocação da catequese batismal (cf. 2,7,13; 3,11; 4,3; 2Jo 6).

s. Aqui também Jo parece inspirar-se em Jr 31,34: *Não terão mais de instruir-se uns aos outros*.

t. O ensinamento ministrado na Igreja (cf. v. 24 nota) não é declarado inútil. Jo quer dizer que, para os cristãos, a verdadeira fonte do conhecimento é a mensagem ouvida desde o princípio e assimilada sob a ação do Espírito.

u. Outra tradução possível: *permanecei*.

v. Lit. *não nos conhece, porque não o conheceu*. O verbo *conhecer*, duas vezes empregado, não está no perfeito (como em 2,3-4; 13-14; 3,6), mas primeiro no presente, depois no aoristo (cf. ainda 4,7-8 e a nota a 4,7; Jo 17,25), para melhor marcar o aspecto incoativo do conhecimento. O mundo, incapaz de descobrir, em Deus, o Pai que em seu Filho nos revela seu amor (4,8-9; cf. Jo 16,3; 17,25), tampouco pode *conhecer* os cristãos na sua condição de filhos de Deus.

w. Outra tradução possível, embora menos provável em vista do contexto (cf. 2,28): *quando isto* (nossa condição de filhos de Deus) *se tornar manifesto*.

x. João distingue duas etapas na condição filial dos crentes: o estágio inicial, realizado desde o começo da vida cristã (Jo 1,12

rão chamadas ao julgamento^m. ¹¹Se, pois, tudo isso deverá ser dissolvido, que homens deveis ser! Que santidade de vida! Que respeito para com Deus! ¹²Vós que esperais e apressais a vinda do dia de Deus, dia em que os céus inflamados se dissolverão, e os elementos abrasados se derreterão! ¹³De acordo com sua promessa, nós esperamos *novos céus e uma nova terra*ⁿ, nos quais habitará a justiça.

1. 65,17:
Ap 21,1

Exortação à vigilância. ¹⁴Por isso, meus amigos, nesta expectativa, esforçai-vos para que ele vos encontre em paz, puros e irrepreensíveis. ¹⁵E convencei-vos de que a longa paciência do Senhor é a vossa salvação! É neste sentido que Paulo,

Jd 24
1 Rm 2,4:
Ap 2,21

nosso irmão e amigo, vos escreveu consoante a sabedoria que lhe foi dada. ¹⁶Aliás, é outrossim o que diz em todas as suas cartas, em que trata destes assuntos: nelas se encontram passagens difíceis, cujo sentido pessoas ignorantes e sem formação deturpam, como também fazem com as demais Escrituras^o, para a própria perdição. ¹⁷Pois bem, meus amigos, eis-vos avisados: ficai alerta, não vos deixeis arrastar pelos ímpios que se desgarram e não deixeis que vos arranquem da vossa segurança! ¹⁸Mas, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória desde agora e até o dia da eternidade. Amém.

Jd 25

^m. Literalmente: *serão encontradas*, quer dizer, elas se tornarão manifestas, diante do julgamento de Deus. A maioria dos tradutores adota aqui outra leitura: *serão consumidos*.

ⁿ. Cf. Is 65,17; 66,22.

^o. Alusão ao conjunto dos textos bíblicos canônicos do qual as epístolas de Paulo parecem já fazer parte por ocasião da composição de 2Pd.

já que o veremos, tal como é³.

³ Todo o que nele põe esta esperança torna-se puro como ele é puro.

⁴ Todo o que comete o pecado também comete a iniquidade; pois o pecado é a iniquidade⁵.

⁵ Mas sabeis que ele manifestou-se para tirar os pecados, e nele não há pecado.

⁶ Todo o que permanece nele não peca mais⁶.
Todo aquele que peca não o vê nem o conhece.

⁷ Filhinhos, que ninguém vos desencaminhe. Quem pratica a justiça é justo como ele é justo.

⁸ Quem comete o pecado é do diabo, pois o diabo é pecador desde o princípio.

Eis por que apareceu o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo⁸.

⁹ Todo o que é nascido de Deus não comete mais o pecado, porque sua semente⁹ permanece nele; e não pode mais pecar, porque nasceu de Deus⁹.

¹⁰ Nisto se manifestam os filhos de Deus e os filhos do diabo:

todo o que não pratica a justiça não é de Deus,
nem aquele que não ama o seu irmão¹⁰.

Praticar a caridade, a exemplo do Filho de Deus.

¹¹ Pois tal é a mensagem que ouvistes desde o princípio:

que nos amemos uns aos outros. 2.7
3.23; Jo 13.34

¹² Não como Caim: sendo do Maligno, matou seu irmão. E por que o degolou? Suas obras eram más, ao passo que as do irmão eram justas¹². Hb 11.14

¹³ Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia. Lc 6.22; Jo 15.18-19

¹⁴ Quanto a nós, sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Jo 5.24

¹⁵ Todo aquele que odeia seu irmão é um assassino¹⁵. E, como sabeis, nenhum assassino tem a vida eterna permanecendo nele. Mt 5.21-22 Jo 8.44

¹⁶ Nisto é que doravante conhecemos o amor: ele, [Jesus], deu a vida por nós¹⁶; também nós devemos dar a nossa vida Jo 15.13

3,5; cf. 2Cor 3,18), e sua realização escatológica, na perfeita semelhança com o Filho de Deus (cf. Cl 3,3-4).

y. Provavelmente a conjunção *já que* não se liga a *seremos semelhantes a ele*, mas a *sabemos* (cf. 3,14.20; 4,13): a certeza que já temos de um dia ver o Filho de Deus em sua glória dá-nos a segurança de que *seremos*, então, plenamente *semelhantes* a ele. Não se trata pois diretamente de uma visão transformante, como no helenismo.

z. Este vocábulo, como *adikia* (cf. 1,9 nota), é tomado aqui no sentido escatológico que tem o mais das vezes no judaísmo (*Testamentos dos XII Patriarcas*, textos de Qumran) e no NT (Mt 7,23; 13,41; 24,12; 2 Ts 2,3,7). O pecado contra o qual Jo previne aqui os crentes é o dos anticristos, a incredulidade, na qual já se manifesta a iniquidade do mundo, submetido ao império do diabo (3,8.10; 5,19).

a. Cf. v. 9 nota.

b. Cf. v. 4 nota.

c. Para muitos autores, a *semente* deve designar o Espírito Santo, agente da nova criação; outros, como Agostinho e Lutero, a interpretam como a palavra de Deus, exegese mais conforme ao uso judeu e cristão desta metáfora (cf. 8,12; 1Pd 1,23-25). Sinônimo do óleo da unção (2,20.27), a semente que permanece em nós designa portanto a palavra de Deus (2,14), o ensinamento ouvido desde o princípio (2,24), ou a verdade cristã (2Jo 2), princípio interior de santificação (cf. 2,20 nota).

d. Estas declarações tão incisivas não contradizem a exortação de 1,8-10 a reconhecer-se pecador. Ali, Jo levava em conta, com realismo, a experiência cotidiana. Aqui, ele descreve a condição fundamental do cristão, tal como resulta da obra de Deus, realizada por seu Filho. No AT a força para triunfar do pecado vinha da lei, da palavra de Deus interiorizada no coração dos justos (Sl 37,31; 119,11; Jr 24,22-23); e os profetas viam nesta purificação do homem pela lei interior a característica essencial dos tempos messiânicos (Jr 31,33-34; Ez 36,27-28). Em sua primeira carta, Jo repete e atualiza este tema escatológico e o liga à fé em Jesus Cristo: o crente, segundo a fórmula de Agostinho, torna-se impecável, "na medida em que permanece nele (no Cristo)". Cf. 5,18 nota.

e. Cf. 5,1-2 e notas.

f. Única alusão direta feita pela carta ao AT (cf. Gn 4,1-8). O autor, no começo desta seção sobre o amor, recorda a história do primeiro assassinio, para ilustrar com esse protótipo a oposição entre as trevas e a luz (cf. 2,8-10 e as notas), entre o mundo mau e os crentes, entre o ódio homicida e o amor fraterno (3,13-15); o homem é arrastado pelo poder a que se entregou.

g. Cf. 2,9 nota.

h. I.ê. *depois sua alma por nós* (cf. Jo 10,11.15.17.18). Com esta fórmula singular, Jo quer indicar que Jesus deu sua vida voluntariamente, com total liberdade. — *Jesus*: acrescentado para a clareza; cf. 2,6 nota.

por nossos irmãos.

¹⁷ Se alguém possui os bens deste mundo, e vê seu irmão passar necessidade e se fecha a toda compaixão, como permaneceria nele o amor de Deus?

¹⁸ Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua,

¹⁹ mas com obras e em verdade;¹ nisto reconheceremos que somos da verdade

e diante dele tranquilizaremos¹ nosso coração,

²⁰ porque, se nosso coração nos acusar, Deus é maior que nosso coração e percebe todas as coisas¹.

²¹ Caríssimos, se nosso coração não nos acusar, podemos dirigir-nos a Deus com confiança;

²² e tudo o que pedirmos, obteremos dele, porque guardamos seus mandamentos e fazemos o que lhe apraz¹.

²³ Ora, o seu mandamento é este: aderir com fé a seu Filho, Jesus Cristo^m, e amar-nos uns aos outros, segundo o mandamento que nos deu.

²⁴ Aquele que guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele.

E nisto conhecemos que ele permanece em nós,

graças ao Espíritoⁿ que nos outorgou.

4 O discernimento dos espíritos pela fé em Jesus Cristo

¹ Caríssimos, não deis crédito a qualquer espírito, mas examinai os espíritos, para ver se são de Deus; pois muitos profetas da mentira espalharam-se pelo mundo.

² Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne é de Deus;

³ e todo o espírito que divideⁿ Jesus não é de Deus;

é o espírito do anticristo, do qual ouvistes dizer que virá, e agora já está no mundo.

⁴ Vós, filhinhos, que sois de Deus, sois vencedores desses profetasⁿ, porque o que está no meio de vós é maior que aquele que está no mundo.

⁵ Quanto a eles, são do mundo; por isso falam a linguagem do mundo e o mundo os escuta.

⁶ Nós, porém, somos de Deus. Quem se abre ao conhecimento de Deusⁿ nos escuta¹.

Dt 15,7
Tg 2,15-16;
Lc 10,33

Tg 2,14-17;
Gl 5,6

1Pd 4,8;
Pr 10,12

Lc 18,13

1Rs 8,39;
Sl 7,10;
At 15,8

5,14;
Hb 4,16

Jr 29,12-13;
Mt 7,7-8;
Jo 15,7

Jo 6,29;
Rm 10,14;
4,21;

Jo 13,34;
15,12;

1Ts 4,9;
1Pd 1,22

2,24;
Jo 14,23

4,13;
Rm 8,9

Dt 13,2-6;
Jr 23,21-22;
28,8-9;
Mt 7,15-20;
Jo 8,42-47;
Ef 5,8-10;
Cl 2,8
2Jo 7;
Mt 24,4-5,24;
2Pd 2,1

1Cor 12,3;
1Tm 6,
12-13,20-21;
2Tm 1,13-14

2,18,22-23
At 20,29;
2Ts 2,7

5,5
Ap 2,7,11,26;
3,5,12,21;
17,14;
Jd 6
Mt 12,29
Jo 15,18-19;
17,14

Jo 18,37

i. Esta fórmula indica dois aspectos essenciais do amor: para ser autêntico, deve traduzir-se em atos concretos; mas só será verdadeiramente cristão, se prolongar nas vidas o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo (v. 16). Tal amor é portanto a própria expressão da fé, da verdade no homem (cf. 2Jo 1-2). Amar assim é *ser da verdade* (v. 19; cf. Jo 18,37).

j. O verbo traduzido por *tranquilizar* significa ordinariamente *convencer*: o contexto parece impor o sentido aqui adotado.

k. Não há razão para manter a interpretação de bom número de antigos, aceita por Calvino, segundo a qual este v. descreveria a severidade do soberano Juiz, o qual, melhor do que nós, conhece nossos pecados: como poderia tal certeza tranquilizar o nosso coração? Com Lutero e quase todos os modernos, é preciso antes dizer que *Deus é maior que nosso coração* por sua misericórdia (cf. Lc 1,49-50): se praticarmos verdadeiramente a caridade, Deus, malgrado nossos pecados, saberá discerni-la em nosso coração (Jo 21,17). Cf. 1Pd 4,8: *O amor cobre* (aos olhos de Deus) *uma multidão de pecados*.

l. Cf. 5,15 e a nota.

m. Lit. *que acreditemos no nome de seu Filho, Jesus Cristo*. Pela primeira vez na carta, o autor utiliza aqui o verbo *crer*, a fim de preparar a seção 4,1-6, consagrada à fé e ao discernimento dos espíritos (cf. 4,1). Ainda não se trata, propriamente falando, da fé interior, como em 5,1-13, mas da adesão comunitária a um credo.

n. Como *crer* no v. precedente, o vocábulo *Espírito* é aqui mencionado pela primeira vez. Jo não faz alusão aos dons carismáticos, nem mesmo, diretamente, pelo que parece, à experiência pessoal do Espírito em nós (cf. Rm 8,16). Ele pensa antes no Espírito que suscita nossa confissão de fé e nosso amor fraterno (v. 23), e nos permite reconhecer que estamos em comunhão com Deus.

o. Embora a maioria das testemunhas do texto tragam *tudo espírito que não confessa Jesus Cristo (vindo na carne)*, a leitura adotada (*tudo espírito que divide Jesus*) parece mais primitiva.

A heresia aqui condenada consiste em dissociar o Cristo, ser celeste e glorioso, do homem Jesus, que viveu e morreu entre nós; era praticamente negar a encarnação (cf. Introdução e 2,22 nota).

p. Alusão à vitória dos crentes sobre os anticristos: tendo sabido resistir às seduções mentirosas destes, eles tinham permanecido firmes na verdade (cf. 2,13-14,18-21). Descrevendo esta oposição como um estado presente, Jo sublinha seu caráter escatológico (Ap 17,14; cf. 2,7,11,26 etc.); com Cristo (Jo 16,33), os crentes já são *vencedores*, graças à palavra de Deus que está neles (2,13-14), graças à sua fé (5,4-5; cf. Ap 12,11,17).

q. Aqui, como no v. seguinte, o verbo *conhecer* não está no perfeito, mas no presente (cf. v. 7 nota).

r. Este v. opõe a pregação apostólica à dos profetas da mentira

Jo 8,47; 10,26-27; 2Tm 4,4; 2Pd 2,18 Quem não é de Deus não nos escuta. Nisto reconhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro.

O amor vem de Deus e se enraíza na fé

⁷ Caríssimos,

3,11.23; 4,1 amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus; e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus*.

* Quem não ama não descobriu a Deus¹, porque Deus é amor².

⁹ Eis como se manifestou o amor de Deus entre nós:

Jo 3,16 Deus enviou seu Filho único ao mundo, para que vivêssemos por meio dele.

Ef 1,4; 12,4-5; 1Pd 2,13 ¹⁰ Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus mas foi ele que nos amou

4,19 e nos enviou seu Filho como vítima de expiação* por nossos pecados.

2Cd 5,19 ¹¹ Caríssimos, se Deus nos amou a tal ponto, nós também devemos amar-nos uns aos outros.

Mt 18,33 ¹² A Deus, ninguém jamais contemplou. Se nos amarmos uns aos outros

Ex 33,20; Jo 1,18; 1Tm 6,16 Deus permanece em nós

Jo 14,23; 2,5 e seu amor em nós é perfeito.

¹³ Nisto reconhecemos que permanecemos nele e ele em nós, ele nos deu o seu Espírito³.

¹⁴ Quanto a nós, damos testemunho, porque o contemplamos.

Jo 3,17; 4,42 que o Pai enviou seu Filho como salvador do mundo.

¹⁵ Todo aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus,

Jo 9,22.35; Rm 10,9 Deus permanece nele e ele em Deus.

2,23; 2Jo 9; 3,16; Jo 6,69 ¹⁶ Quanto a nós, conhecemos, por termos acreditado nele*,

o amor que Deus manifesta entre nós. Deus é amor:

quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele.

¹⁷ Nisto é perfeito em nós o amor, que temos plena confiança para o dia

2,28 do julgamento: porque, tal como ele é, Jesus,

assim também somos nós, neste mundo*.

¹⁸ Não há temor no amor; mas o perfeito amor lança fora o temor,

pois o temor implica um castigo; e o que teme não é perfeito no amor.

¹⁹ Nós, porém, amamos porque ele por primeiro nos amou.

²⁰ Se alguém disser: "Amo a Deus", e odeia seu irmão,

Mt 5,23-24 é um mentiroso.

Com efeito, quem não ama seu irmão, a quem vê,

não pode amar a Deus, a quem não vê*.

²¹ E este é o mandamento que dele recebemos:

(v. 5): a expressão *quem se abre ao conhecimento de Deus* designa o crente autêntico; aqueles a quem se *escuta* são os pregadores do Evangelho.

s. Aqui, como no v. 6, a tradução procura reproduzir a nuance do verbo *conhecer* no presente emprego que sublinha o caráter progressivo deste conhecimento. O crente, se verdadeiramente nasceu de Deus e pratica o amor fraterno, descobre o que Deus é (cf. v. 8) e faz a experiência do amor (*agapê*) de Deus.

t. Cf. 3,1, nota.

u. Uma das três célebres descrições joaninas do que Deus é (cf. ainda *Deus é espírito*, Jo 4,24; e *Deus é luz*, 1Jo 1,5). Dizendo aqui que Deus é amor (cf. também 4,16), o autor não pretende dar uma definição abstrata do ser divino, mas lembrar que Deus se revelou em seu Filho como um Deus que ama (vv. 9-11). Entretanto, este amor que se manifestou na história da salvação revela ao mesmo tempo o amor do Pai por seu Filho (Jo 3,35; 5,20; 10,17; 15,9; 17,26). Para Jo todo o amor vem de Deus (v. 7) e reflete entre nós a própria vida das pessoas na Trindade.

v. Cf. 2,2 nota.

w. Cf. 3,24 nota. Como sempre na carta, o *dom do Espírito*

está ligado à fé: o Espírito inspira o testemunho apostólico (v. 14), a confissão de fé no seio da comunidade (v. 15) e o conhecimento de fé em todos os crentes (v. 16a). Esta ação do Espírito entre os cristãos é o critério da comunhão destes com Deus (cf. vv. 15,16bc).

x. Lit. *nós conhecemos e cremos* (os dois verbos estão no perfeito). Fé e conhecimento não são idênticos: a fé desabrocha no conhecer (cf. Jo 6,69; 8,31-32; 10,38). Graças à sua fé, os cristãos conhecem doravante (3,16) o amor de Deus que se manifestou.

y. Pelo fato de que ama e permanece no amor (v. 16), o crente se assemelha a Jesus, em quem se manifestou o amor de Deus. Esta semelhança lhe permite enfrentar o julgamento com toda a confiança (cf. 3,18-21).

z. Jo não se funda na experiência psicológica, aliás desmentida, segundo a qual seria mais fácil amar o irmão visível que o Deus invisível. Ele enuncia uma verdade teológica: aos olhos de Deus, nosso amor por ele é mera ilusão se não for uma participação em seu amor (cf. 4,8 nota) e não se exprimir no serviço aos homens. Cf. Mt 25,40.45.

aquele que ama a Deus,
também ame seu irmão.

3,23:
1Cor 13

5 A fé no filho de Deus, raiz da caridade

¹ Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus;

2,29: 4,7

1Pd 1,22-23

e todo aquele que ama a Deus, que gera, também ama aquele que de Deus nasceu^a.

² Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus, se amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos^b.

Jo 14,15;
15,10

³ Pois nisto consiste o amor de Deus: em guardar os seus mandamentos. E seus mandamentos não são um peso,

Mt 11,29-30

⁴ já que tudo o que nasceu de Deus é vencedor do mundo^c.

2,13-14;
4,4;

Ap 12,11;

E a vitória que venceu o mundo é a nossa fé.

⁵ Quem é vencedor do mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?

17,14;
1Cor 15,57;
Ef 6,16

⁶ Foi ele que veio pela água e pelo sangue, Jesus Cristo: não com a água somente, mas com a água e o sangue; e é o Espírito quem dá testemunho,

Jo 19,34

Jo 15,26

porque o Espírito é a verdade^d.

Jo 14,17;

⁷ Pois são três os que dão testemunho:

15,26;

16,13

⁸ o Espírito, a água e o sangue,

e os três convergem num único testemunho^e:

⁹ se aceitamos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; pois o testemunho de Deus é este: ele testemunhou em favor de seu Filho.

Jo 3,33;

5,34

Jo 5,37

¹⁰ Quem crê no Filho de Deus tem em si mesmo este testemunho. Quem não acredita Deus faz dele um mentiroso, pois não tem fé no testemunho que Deus deu em favor de seu Filho.

Jo 5,24

Jo 5,37,40

¹¹ E este é o testemunho: Deus nos concedeu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho.

5,20;

Jo 17,3

Jo 3,36

¹² Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.

Epílogo

¹³ Eu vos escrevi tudo isso para que saibais que tendes a vida eterna, vós que tendes a fé no nome do Filho de Deus^f.

Jo 20,31

¹⁴ E esta é a confiança que temos diante dele: se lhe pedirmos alguma coisa conforme a sua vontade,

a. Pela fé em Jesus Cristo, Filho de Deus (v. 5), o homem se torna filho de Deus (3,1; cf. Jo 1,12-13) e portanto irmão de quem quer que ame a Deus. Pois não se pode pretender amar a Deus, sem amar aqueles de quem ele é Pai.

b. Neste v. fundamental aparece a estreita unidade entre a dimensão horizontal do amor, o amor aos irmãos, e sua dimensão vertical, o amor a Deus. O amor aos irmãos decorre do amor a Deus, e é mesmo a sua expressão concreta. Com efeito, o cristão ama seus irmãos enquanto *filhos de Deus* (v. 1). Seu amor portanto se enraíza em sua fé. Por outro lado, o critério de autenticidade do amor a Deus sempre deve ser o cumprimento da vontade de Deus, a observância dos seus mandamentos, os quais precisamente prescrevem ao cristão o amor fraterno (3,23).

c. Cf. 4,4 nota.

d. A menção à água e ao sangue, neste v. tem sido compreendida de duas maneiras: a) a água recordaria o batismo de Jesus e o sangue, sua morte na cruz; b) a água e o sangue evocariam o episódio narrado em Jo 19,34. Os dados do texto convidam a sintetizar ambas as explicações. Contra a heresia que dissociava o Cristo glorioso, manifestado no Jordão (a água), do homem Jesus, morto sobre a cruz (o sangue), Jo afirma a realidade do sacrifício de Jesus, *Cristo e Filho de Deus*. Mas estes acontecimentos históricos são recordados mediante o simbolismo da água

e do sangue na cruz, nos quais o autor viu sinais de realidades eclesiais (cf. v. 8).

Quanto ao testemunho interior do Espírito, ele consiste em manifestar ao crente o alcance salvífico, a *verdade*, dos fatos aqui evocados, e em levá-lo assim a conhecer Jesus Cristo. Destarte o Espírito é a verdade, pois sabemos que por ele é tornada presente e ativa na Igreja a verdade trazida por Jesus.

e. Lit. *os três estão voltados para o um*. Enquanto no v. 6 se referia ao passado, o autor fala aqui de um *testemunho* permanente na vida da Igreja. Pensa-se geralmente no batismo (água) e na eucaristia (sangue). Este duplo testemunho vem acrescentar-se ao do Espírito. Dizendo que *há três testemunhas* em favor de Jesus (segundo o princípio jurídico do AT: Dt 19,15; cf. Nm 35,30). João quer dizer que Deus credenciou suficientemente seu Filho diante dos homens, no grande processo que o opõe ao mundo. Estas três testemunhas dão, em última análise, um único testemunho: o de que Deus nos revela sua vida divina e no-la comunica (v. 11).

f. O autor, neste v. conclusivo, recapitula o tema fundamental da carta: ele quis restituir aos cristãos, perturbados pelos hereges ou suscetíveis de o serem, a plena consciência das riquezas de sua fé. Deve notar-se, neste sentido, a proclamação triunfal três vezes repetida no epílogo: *Nós sabemos* (vv. 18-20).

ele nos ouve.

¹⁵ E sabendo que ele nos ouve em tudo o que pedirmos, sabemos que possuímos o que lhe tivermos pedido*.

Mt 21,22;
Jo 14,13;
15,7; 16,24;
Tg 1,5

¹⁶ Se alguém vê seu irmão cometer um pecado, um pecado que não conduz à morte^h, ore e Deus lhe dará a vida, se, de fato, o pecado cometido não conduz à morte.

Nm 15,30;
18,22

Existe um pecado que conduz à morte: não é a respeito deste que eu digo que ore.

¹⁷ Toda iniquidadeⁱ é pecado; mas nem todo pecado conduz à morte.

Hb 6,4-6;
10,26-27;
2Pd 2,20-21

¹⁸ Sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não peca mais^j.

mas o Gerado por Deus^k o guarda, e o Maligno não tem como apanhá-lo.

Jo 17,15;
Jd 1

¹⁹ Sabemos que somos de Deus, mas o mundo inteiro jaz em poder do Maligno.

Jo 8,47
Cl 1,13

²⁰ Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu o entendimento^l, para conhecermos o Verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro em seu Filho Jesus Cristo.

Ef 1,7-18
Cl 1,10

Ele é o Verdadeiro^m, é Deus e a vida eterna.

Ap 3,7;
Jo 20,28;
Rm 9,5

²¹ Filhinhos, guardai-vos dos ídolosⁿ.

2Pd 3,17

g. É privilégio do crente a certeza de ser ouvido e de ser atendido em sua oração (3,22; cf. Mt 7,7-11 par.). Esta certeza enraíza-se em sua própria fé e na conformidade básica do seu querer com a vontade divina. Preocupado unicamente em obedecer aos mandamentos de Deus, unicamente atento ao que lhe agrada, o crente não pode pedir mais coisa alguma que não se coudine com essa vontade e não corresponda às suas intenções. Em tal oração, Deus reconhece o seu Espírito (Rm 8,26-27).

h. A fórmula remonta ao AT (Dt 22,26). Aqui, a morte designa a morte escatológica ou *segunda morte*. (Ap 20,6,14). Segundo alguns o *pecado que conduz à morte* designa a apostasia. O contexto geral da carta leva a crer que se trata antes da heresia que, dividindo Jesus (4,3), intercepta o acesso à comunhão com Deus e portanto conduz à ruína espiritual definitiva. Pode-se cotejar este texto com Mt 12,31-32 par., sobre a *blasfêmia contra o Espírito*.

i. Cf. 1,9 nota. O autor parece visar aqui ao pecado dos antitricistas, pecado este que conduz à morte (cf. v. 16 nota).

j. "Não peca mais" já que, "tendo nascido de Deus, entregou-se totalmente a Cristo que nele habita pela filiação" (Ecumênio). Cf. 3,9 nota.

k. Isto é, Jesus, Filho de Deus (cf. 3,8).

l. *Entendimento* designa a faculdade de conhecer a Deus, isto é, como em 2,3 entrar em relação pessoal e viver em comunhão com ele. É o equivalente do *coração novo* ou *coração de carne* (Ez 11,19; 36,26), ou ainda, do *fundo do ser* (Jr 31,33). Deus prometera infundir e inscrever a sua lei, no tempo da nova Aliança. O fato de que agora Deus nos tenha dado este entendimento significa que em Jesus Cristo este tempo chegou (cf. 2Cor 3,3; ver também Rm 8,1-4).

m. Esta afirmação não parece mais aplicar-se a Deus, como na primeira parte do v., mas a Cristo, em quem Deus se revela. A repetição dos vocábulos *o Verdadeiro* convida a tomar também este termo como substantivo. Daí a tradução adotada.

n. Em Ez 11,19-21; 36,25-26, como aqui, o dom do coração novo está estreitamente ligado à destruição dos *ídolos*. O novo Israel deve ser deles purificado pelo Espírito de Deus. Nesta conclusão da carta, os ídolos designam, em sentido metafórico, o ensinamento dos antitricistas, realidade satânica da qual o homem fabrica para si uma divindade de mentira à qual seu coração "se prende" (Ez 11,21) e que corrompe sua fé. Assim, o conjunto do epílogo retoma o tema fundamental da nova Aliança.

TERCEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

2Jo 1 ¹O Ancião^a, ao muito amado Gaio^b, a quem amo na luz da verdade. ²Caro amigo^c, desejo que estejas passando bem sob todos os aspectos e que tua saúde seja boa; que seja como a tua alma, que passa bem.

Fm 5 ³Tive grande alegria, porque alguns irmãos que chegaram aqui^d dão testemunho da verdade que transparece em tua vida^e; tu realmente caminhas na luz da verdade^f. ⁴Minha maior alegria é ficar sabendo que meus filhos^g caminham na luz da verdade.

2Jo 4 ⁵Caro amigo, procedes conforme tua fé nos cuidados que dispensas aos irmãos, embora sejam estrangeiros. ⁶Eles prestaram testemunho, diante da Igreja^h, da tua caridadeⁱ. Agirás bem provendo-os do necessário para sua missão de um modo digno de Deus. ⁷Porque é pelo Nome^j que se puseram a caminho, sem nada receber dos pagãos. ⁸Nós, pois, devemos acudir a esses homens^k, para nos mostrar cooperadores da verdade^l.

Mt 10,41-42

Rm 15,24;
Ti 3,13

Rm 12,13;
Hb 13,2;
IPd 4,9

⁹Escrevi uma palavra à Igreja^m. Mas Diótrefes, que pretende mandar em tudo, não nos reconheceⁿ. ¹⁰Por isso, quando eu for aí, denunciarei sua conduta e as muitas más palavras que profere contra nós: não contente com isso, recusa-se pessoalmente a receber os irmãos e impede que o façam aqueles que desejariam recebê-los, expulsando-os da Igreja. ¹¹Caro amigo, não pantes a tua conduta pelo mal, e sim pelo bem. Quem faz o bem é de Deus, quem faz o mal não vê a Deus. ¹²Quanto a Demétrio^o, todos dão bom testemunho dele. A própria verdade testemunha em favor dele^p. E nós também lhe prestamos nosso testemunho, e sabes que nosso testemunho é verdadeiro.

Mt 20,27;
Fl 2,3;
IPd 5,3;
ICor 4,18-21

1Jo 3,6;
IPd 3,11

Pr 22,1;
IPd 12,12

¹³Eu teria muita coisa a te escrever, mas não quero fazê-lo com tinta e pena; ¹⁴pois espero rever-te em breve, e conversaremos pessoalmente. ¹⁵A paz esteja contigo! Os amigos te saúdam. Saúda também a cada um dos nossos amigos em particular.

2Jo 12

2Jo 12

a. Cf. 2Jo 1 nota.

b. Nome muito difundido; nada permite identificar esta pessoa com um dos outros *Gaios* mencionados no NT (At 19,29; 20,4; Rm 16,23; 1Cor 1,14).

c. Aqui como nos vv. 5 e 11, *caro amigo* traduz a mesma palavra grega para *muito amado* no v. 1, onde se conservou a aliteração pretendida pelo autor (*agapêtôi-agapê*).

d. Esta palavra falta no grego, mas há razões de sobra para supor que os testemunhos relativos a Gaio tenham sido pronunciados diante do Ancião.

e. Lit. *prestam testemunho da tua verdade*. No v. 6, o autor dirá de modo equivalente: *prestaram testemunho a tua caridade*. É que, para Jo, a verdade é a fonte de inspiração do amor cristão.

f. Cf. 2Jo 4 e a nota.

g. Cf. 1Jo 2,1 nota.

h. A Igreja do lugar onde reside o Ancião. Cf. v. 3: *alguns irmãos chegaram aqui*.

i. Cf. v. 3 nota.

j. O *Nome*, que freqüentemente no AT designava Deus, na Igreja primitiva é aplicado a Cristo (cf. At 5,41 nota). Enquanto, para Paulo, o Nome é o de Senhor (Fl 2,11), para Jo é sempre o de Filho (Jo 3,18; 20,31; 1Jo 3,23; 5,13).

k. O Ancião que dirigia ou pelo menos afiançava a ação missionária dos pregadores itinerantes exorta as comunidades cristãs a lhes propiciar uma colaboração eficaz (cf. Introdução).

l. A *verdade*, que nada mais é do que a palavra de Deus (cf. 2Jo 2 nota), leva em si mesma seu próprio poder de expansão (Rm 1,16; 1Cor 3,6-7). Colaborando com os que pregam o Evangelho, os cristãos cooperam de fato com a própria verdade, eles ajudam a tornar conhecido o nome do Filho de Deus (v. 7). Cf. em Paulo o título análogo: *cooperadores de Deus* (1Cor 3,9; cf. 1Ts 3,2).

m. A Igreja local à qual pertence Gaio e onde Diótrefes lança a perturbação.

n. Lit. *não nos aceita*. Diótrefes recusa reconhecer a autoridade do Ancião, como explica o v. 10.

o. Talvez um membro da Igreja local, ou mais provavelmente um dos pregadores da equipe missionária; pode-se também supor que seja o portador da carta.

p. A palavra de Deus, que Demétrio ajuda a propagar (cf. v. 12 nota), atesta, pela sua própria difusão, que ele também é um autêntico *cooperador da verdade* (cf. v. 8). De modo análogo, Paulo faz valer, como prova da autenticidade do seu ministério, os frutos espirituais de sua pregação em Corinto (2Cor 3,2-3).

Apesar de seu caráter particular, a Epístola de Judas foi reaproveitada pela segunda epístola de Pedro (cf. a introdução a 2Pd). Devia, portanto, gozar de certa notoriedade e não se poderia minimizar a força da corrente judeu-cristã que a subtende e da qual ela nos fornece aspectos desconhecidos. Sua admissão no cânon apresentou dificuldades, principalmente nas igrejas da Síria. No século IV, Eusébio observa que alguns a contestam. Mas, por outro lado, ela é citada como

Escritura pelo cânon de Muratori (pouco antes do ano 200) e por Tertuliano (por volta do ano 200); é comentada por Clemente Alexandrino (inícios do século III) e citada por Orígenes (nascido em 185/6, falecido em 254). Foi, portanto, aceita muito cedo em Roma, Alexandria e Cartago. Segundo Jerônimo (nascido cerca de 345 e falecido por volta de 420), as reticências que envolvem a epístola deviam-se aos empréstimos feitos por ela a escritos não reconhecidos pelas Igrejas.

EPÍSTOLA DE JUDAS

INTRODUÇÃO

O leitor moderno corre o risco de ficar desconcertado com a Epístola de Judas, cuja mentalidade lhe parecerá estranha: é que muitas alusões podem escapar-lhe.

Esta epístola previne o leitor contra falsos doutores, difíceis de identificar. O retrato dos adversários inclui traços convencionais, clichês da literatura polêmica do judaísmo contemporâneo da era cristã: esses homens são glutões, devassos, gananciosos, interesseiros... São acusados de introduzir divisões na Igreja, de insultar os anjos, de renegar o Senhor Jesus Cristo. Tratar-se-ia de gnósticos, de pessoas com pretensão a ser os detentores do único verdadeiro conhecimento (gnose) que salva e em nome do qual desprezam a carne, entregam-se a vícios contra a natureza e põem em dúvida a Encarnação? Isto explicaria por que o autor os chama, ironicamente, de "psíquicos" (v. 19): eles, que se gabam de possuir uma essência superior, são na realidade movidos por seus próprios instintos e não pelo Espírito Santo. Não obstante, é difícil delimitar as suas doutrinas. Só tentaremos caracterizar o ambiente do autor.

Este ambiente se manifesta em estreita conexão com os círculos que, a partir do século II a.C., viram a elaboração da literatura apocalíptica e transmitiram obras como o livro de Henoc, a Assunção de Moisés, os Testamentos dos Doze Patriarcas. O autor cita até textualmente uma passagem do livro de Henoc (vv. 14-15) e utiliza tanto a própria Assunção de Moisés, como um documento parecido (v. 9).

Esse mesmo ambiente dá ainda grande importância à veneração de certas categorias angélicas (v. 8); caracteriza-se pelo horror à contaminação e pela separação dos ímpios, quando considerados incuráveis: "Execrando-se até a túnica contaminada pela carne" deles (v. 23). Estas concepções — opostas às concepções propriamente paulinas — encontram-se na literatura quimrânico-essênica, na qual circulavam igualmente as obras apocalípticas acima mencionadas. Há aí um elemento interessante para tentar definir os círculos

judeu-cristãos em que foi elaborada a Epístola de Judas. Todavia, a veneração do autor pelos anjos não prejudica a sua cristologia, já que ele confessa, contra os adversários, "o Senhor Jesus Cristo" (v. 4); Jesus é aquele em quem é necessário pôr a própria expectativa para a vida eterna (v. 21).

É também numa linha apocalíptica que se situa a pregação da epístola a respeito do julgamento dos ímpios. O castigo virá inexoravelmente; já está prefigurado na condenação dos anjos culpados, na punição de Sodoma e Gomorra, no extermínio das gerações incrédulas no deserto. Repare-se na mentalidade tipológica que subjaz a estes exemplos. Os ímpios aparecem já castigados pelas grandes condenações de outrora; o autor chega até a dizer que eles pereceram na revolta de Coré (v. 11). O presente já está anunciado e contido no passado. Esta atualização da Escritura prolonga concepções judaicas: ela é marcada por uma época; mas é um jeito de afirmar que as maneiras de agir de Deus permanecem idênticas, e que a Escritura continua como norma sempre válida para o tempo presente.

O autor da epístola apresenta-se como sendo Judas, irmão de Tiago. De fato, o Novo Testamento fala de Tiago e Judas, irmãos do Senhor, irmãos também de Joset (ou José) e de Simão (Mc 6,3; Mt 13,55). Tratar-se-ia pois de Judas, distinto de Judas Tadeu, um dos Doze, citado em Lc 6,16; At 1,13 (cf. Mc 3,18; Mt 10,3). Mas terá sido mesmo ele o autor desta epístola? Com efeito, algumas indicações da epístola revelam-se pós-apostólicas (no v. 3 fala-se da fé transmitida aos santos e, sobretudo, no v. 17, do ensinamento dos apóstolos, que parecem pertencer em bloco ao passado); o autor deve, portanto, basear-se em ensinamentos de Judas, irmão do Senhor. Nas esferas em que ele vivia, veneravam-se os irmãos de Jesus, Tiago e Judas, e se divulgavam os seus ditos. Por outro lado, não se poderia atrasar demais a data de uma epístola que deita tais raízes num ambiente judaico antigo. Pode-se pois considerar como data os anos entre 80-90.

EPÍSTOLA DE JUDAS

Saudação. ¹Judas, servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago^a aos que são chamados, que são amados por Deus Pai e guardados para Jesus Cristo^b. ²Que a misericórdia, a paz e o amor vos sejam dados copiosamente.

Os falsos mestres já estão julgados. ³Meus amigos, enquanto eu alimentava um vivo desejo de vos escrever a respeito da salvação que concerne a todos nós, vi-me forçado a fazê-lo, a fim de vos animar a lutar pela fé que foi definitivamente transmitida aos santos. ⁴É que se infiltraram entre vós indivíduos cuja condenação está de há muito lavrada antecipadamente^c, ímpios que disfarçam em devassidão a graça de nosso Deus e renegam nosso único Soberano^d e Senhor Jesus Cristo.

⁵Embora saibais tudo definitivamente^e, quero recordar-vos que o Senhor^f, depois de ter salvo o seu povo da terra do Egito, fez perecer os que se tinham mostrado incrédulos. ⁶Os anjos que não tinham mantido sua posição, mas tinham abandonado sua morada, ele os mantém eternamente acorrentados nas trevas para o

julgamento do grande Dia^g. ⁷Quanto a Sodoma e Gomorra e às cidades circunvizinhas que, de modo semelhante, se tinham entregue à prostituição^h e tinham corrido atrás dos seres de outra naturezaⁱ, jazem, para servir de exemplo, sob o castigo do fogo eterno. ⁸Da mesma forma é que essas pessoas, em seu delírio, conspurcam a carne, menosprezam a Soberania^j, insultam as Glórias^k. ⁹No entanto, até o arcanjo Miguel, quando contestava com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a lançar contra ele um juízo ofensivo, mas lhe disse: "*Que o Senhor te castigue!*". ¹⁰Mas esses tais insultam o que desconhecem; e o que sabem, à maneira insintiva e estúpida dos animais, serve apenas para os perder. ¹¹Ai deles, porque seguiram o caminho de Caim; por um salário entregaram-se aos extravijs de Balaão e morreram na revolta de Coré^m. ¹²São esses mesmos que maculam as vossas refeições fraternasⁿ, ao se banquetarem e se empanturrarem sem pudor: nuvens sem água levadas pelos ventos; árvores de fim de outono, sem frutos, duas vezes mortas, desarraigadas; ¹³on-

a. *Tiago*, chamado irmão do Senhor (Gl 1.19); ver Introdução.

b. *Para Jesus Cristo*, que julgará todos os homens no último dia.

c. Lit.: *que antecipadamente estão inscritos desde muito tempo para este julgamento*. Segundo algumas crenças judaicas, as ações dos homens estavam inscritas diante de Deus com antecedência (cf. Sl 69.29; 139.16; *Illeoc* 89.62ss.; 108.7). Frequentemente faz-se alusão a livros (celestes) que contêm os segredos do futuro (cf. Dn 7.10). Não é certo, porém, que aqui se trate de uma presciência divina concernente a indivíduos particulares. As pessoas de que se trata mostram antes por seu comportamento que pertencem à categoria dos ímpios; ora, estes ímpios foram, desde muito, condenados pelas maldições contidas nos livros santos, nos apocalipses ou em livros celestes.

d. *Soberano* (em grego: *despôtēs*), título dado a Jesus unicamente nesta passagem e em 2Pd 2.1. Eis a razão por que alguns exegetas interpretam aqui: o único *Soberano* (Deus) e *nosso Senhor Jesus Cristo*.

e. Alusão provável à fé recebida no batismo (cf. v. 3 e 1Jo 2.20).

f. *O Senhor* aqui indica o Pai, porém, como o mostram os mss., que substituem *Senhor* por *Jesus*, o ato salvífico da saída do Egito foi sem dúvida atribuído ao Cristo preexistente (cf. 1Cor 10.4, nota).

g. Estes anjos tinham abandonado sua posição, seduzindo mulheres; desta união tinham nascido gigantes que desolavam a terra (*Henoc*, caps. 6-10; 2Pd 2.4 nota).

h. Mesma ligação entre o pecado dos anjos e o de Sodoma no *Testamento de Nefili* 3.4-5.

i. Lit.: *uma outra carne* (cf. 2 Pd 2.10). Trata-se dos vícios contra a natureza, praticados pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. Segundo Gn 19.1-25 eles quiseram abusar de anjos, que tomaram por seres humanos.

j. Lit.: *o Senhorio*, provavelmente o de Cristo (cf. v. 4).

k. As *Glórias* (cf. Ex 15.11, no texto grego) são uma categoria de anjos que aqui podem ser considerados favoravelmente, contrariamente a 2Pd 2.11.

l. Ze 3.2. Esta alteração de *Miguel* com o diabo era relatada nos apocalipses judaicos, talvez na *Assunção de Moisés* (início do século I d.C.).

m. O autor, aqui, põe totalmente os ímpios de agora em pé de igualdade com os de outrora (cf. Introdução): *Caim*, o fratricida, Gn 4; *Balaão*, Nm 22-24, falso doutor, segundo tradições judaicas tardias, cf. 2Pd 2.15 nota; *Coré*, o rebelde, Nm 16.

n. Lit. *ágapes*. É no NT a primeira menção (e talvez, a única, cf. 2Pd 2.13) dos ágapes no sentido técnico da palavra.

2Pd 2.10

Dn 10.13.21;
12.1;
Ap 12.7

2Pd 2.12

Ne 13.2
Nm 31.16
2Pd 2.13

Ez 34.8
2Pd 2.17

Is 57,20 das furiosas do mar vomitando a espuma
 2Pd 2,17, de sua própria ignomínia; astros errantes
 votados para a eternidade à profundida-
 de das trevas". ¹⁴É também contra esses
 que profetizou Henoc, o sétimo depois
 7c 14,5 de Adão^o, dizendo: *Eis que vem o Se-
 nhor com seus santos exércitos*¹⁵ *exerc-*
cer o julgamento universal e convencer
todos os ímpios de todas as suas impie-
dades criminosas e de todas as palavras
insolentes que os pecadores ímpios pro-
feriram contra ele^o.

¹⁶Tais são eles de fato! Gente mal-
 humorada e arrogante, que vive à mercê
 de suas paixões; sua boca profere
 2Pd 2,18 enormidades^c e não consideram as pes-
 soas a não ser em função de seus interes-
 ses.

Exortação aos fiéis. ¹⁷Quanto a vós,
 2Pd 3,2 meus amigos, lembrai-vos das palavras
 que vos foram ditas de antemão pelos
 apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.
 2Pd 3,3 ¹⁸Eles vos diziam: "No fim dos tempos

surgirão zombadores que serão guiados
 por suas paixões ímpias". ¹⁹Tais são es-
 tes de fato! Provocam divisões, seus pen-
 samentos são terrenos^d; não têm o Espí-
 rito. ²⁰Vós, porém, meus amigos, edifica-
 -vos a vós mesmos sobre a base de vossa
 C1 2,7 santíssima fé; orai no Espírito Santo;
²¹permaneça no amor de Deus; ponde
 vossa expectativa na misericórdia de
 2Tm 1,18 nosso Senhor Jesus Cristo para a vida
 eterna. ²²Os que hesitam, compadecei-vos
 deles^e; ²³salvai-os, arrebatando-os ao
 Tg 5,19 fogo; quanto aos demais, compadecei-vos
 Am 4,11: deles, mas com temor^f, execrando-lhes
 Zc 3,2 até a túnica enxovalhada pela carne".

Bênção. ²⁴Aquele que é poderoso para
 vos preservar de toda queda e vos man-
 ter sem mancha diante da sua glória na
 alegria, ²⁵ao Deus único, nosso Salvador
 por Jesus Cristo, nosso Senhor, glória,
 Rm 16,27 grandeza, poder e autoridade, antes de
 todos os tempos, agora e para sempre.
 Amém.

o. Cf. *Henoc* 18,15; 21,3.

p. *Henoc* é tradicionalmente o sétimo patriarca na genealogia
 que começa em Adão (Gn 5,3-18; 1Cr 1,1-3; Lc 3,37-38). A
 explicação o sétimo depois de Adão se encontra textualmente em
Henoc 60,8.

q. Lit. miríades.

r. Citação quase textual da versão grega de *Henoc* 1,9.

s. Confira Dn 11,36, versão grega de Teodocião. Expressão
 semelhante em *Henoc* 5,4; 27,2; 101,3; *Assunção de Moisés*
 7,9.

t. Lit. *são psíquicos*, categoria desprezada pelos gnósticos; os
 psíquicos não podem captar as coisas de Deus (1Cor 2,14; Tg
 3,15). Cf. Introdução.

u. Outra tradução: *procurai convencê-los*.

v. Nos vv. 22 e 23, o texto está muito alterado. Uma parte dos
 mss. supõe três categorias: *os que hesitam, compadecei-vos de-*
les; salvai a outros, arrebatando-os do fogo; quanto aos outros,
enfim, compadecei-vos, mas com temor.

w. Os ímpios contaminam tudo que lhes pertence, cf. Qumran,
Regra, col. 5,19-20.

APOCALIPSE

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, o vocábulo apocalipse vem do grego apokalyptein, que significa "tirar o véu"; um apocalipse é uma "re-revelação". A apocalíptica, portanto, vincula-se à tradição profética, da qual constitui um desenvolvimento particular. Sua influência na literatura bíblica e parabólica manifesta-se especialmente a partir do século II a.C. (cf. Dn 7-12), mas já se encontram antecipações em Ezequiel, Joel, Zacarias e Isaías 24-27.

Características gerais do gênero literário apocalíptico

1. A forma da revelação. O gênero literário profético, mesmo que ocasionalmente faça referência a visões, caracteriza-se principalmente pelo oráculo, palavra divina transmitida pelo profeta, que, se supõe, ouviu-a anteriormente, ou a escuta agora.

Na apocalíptica, o homem de Deus é sobretudo um visionário: ele viu o "céu aberto", ou foi beneficiado com uma espécie de "assunção" que o introduziu no mundo superior e lhe deu a oportunidade de contemplar realidades normalmente inacessíveis. Por isso, a mensagem é transmitida na forma de uma descrição e de uma interpretação daquilo que ele viu; a imagem tem mais importância que o discurso; a palavra só intervém no quadro de uma encenação e normalmente para ressaltar ou completar seu significado.

2. O uso do simbolismo. Por sua própria natureza, as realidades celestes contempladas pelo visionário são de ordem superior, sem equiparação com o homem. É portanto normal que elas não possam ser representadas tais quais são, nem definidas com precisão. Para evocar a esfera do Transcendente e do Sagrado na qual foi introduzido, o autor só pode proceder por aproximações: ele se exprime por meio de analogias singulares, impressionantes, por vezes paradoxais, das quais já se encontram muitos exemplos nas teofanias bíblicas, bem como nas representações religiosas do mundo greco-oriental ou na liturgia.

O simbolismo destina-se também a realçar o caráter confidencial da mensagem e a sublinhar

como sua comunicação é um privilégio. Com suas alegorias, suas alusões cifradas, suas proclamações enigmáticas, a literatura apocalíptica pretende dirigir-se a iniciados: só os que foram chamados é que têm acesso à compreensão dos segredos divinos. Assim o autor sugere a importância da mensagem que comunica, ao mesmo tempo que aguça a curiosidade apaixonada do leitor.

3. O objeto das visões apocalípticas. Enquanto a religiosidade grega tende espontaneamente ao conhecimento das verdades superiores ou à contemplação das realidades exemplares, a revelação bíblica anuncia o desígnio de Deus e a presença atuante do Senhor no seio da história. Este anúncio é ao mesmo tempo uma eleição, um apelo a corresponder ao agir divino.

No profetismo clássico, a preocupação de exortar é direta e habitualmente explícita. Recordando ao povo sua vocação e seu destino privilegiado, os profetas proclamam as exigências atuais da aliança. A recordação das maravilhas passadas justifica a consigna de fidelidade; o anúncio de novas bênçãos ou de castigos tem por finalidade suscitar uma resolução imediata de reforma espiritual ou moral.

Na literatura apocalíptica, a exortação à fidelidade ou à conversão é igualmente fundamental, mas não tão imediatamente perceptível. Supõe-se que as visões comunicam os segredos da história: desvendam o desenrolar inexorável das grandes fases finais do desígnio de Deus; evocam a chegada da era nova e suas preparações misteriosas, e assim esclarecem o crente sobre o verdadeiro desfecho das vicissitudes presentes. Entretanto, semelhante revelação tem por si mesma valor de advertência: ela mantém a esperança dos perseguidos, reanima a coragem dos tíbios, solicita a conversão dos extraviados.

Na pregação profética, conversão e fidelidade são condição para a manutenção da aliança. Na visão apocalíptica, a revelação do triunfo final de Deus implica a senha de perseverança e o convite a se manter alerta.

4. O tema da urgência, a antedatção e a pseudonímia. Na linha do oráculo profético, mas por outros caminhos, a mensagem apocalíptica afirma sua urgência. O leitor é conduzido a pressentir a iminência do "Dia do Senhor" e do Julgamento.

Tal iminência é sugerida por meio de procedimentos diversos, dos quais os mais freqüentes são a antedatção e a pseudonímia das revelações. Supõe-se que estas foram recebidas outrora por um personagem famoso e, desde então, transmitidas por uma cadeia de iniciados ou, ao contrário, miraculosamente reencontradas: assim, por exemplo, o Apocalipse de Baruc, o Livro dos Segredos de Henoc, a Assunção de Moisés, o Quarto Livro de Esdras. Sua origem pretensamente antiga e prestigiosa confirma sua importância; ela permite assim apresentar como futuro um desenvolvimento histórico que, de fato, já está realizado no momento da difusão da mensagem. Como, sob símbolos habilmente límpidos, os acontecimentos recentes figuram entre os últimos sinais do acontecimento final, os leitores que sabem calcular as datas podem esperar assistir em breve ao triunfo dos justos e ao castigo dos ímpios.

A intenção de semelhante anúncio é evidente: a proximidade da era escatológica confere ao tempo presente excepcional gravidade; ela sustenta o fervor e encoraja a engajamentos imediatos.

5. Interpretação do mundo e da história. Ao passo que a pregação profética visa ao desenrolar-se do plano de Deus ao longo de uma duração contínua e no quadro do destino histórico do povo escolhido, a literatura apocalíptica supõe uma ruptura radical entre a era presente — marcada pelo pecado e a influência das potências malignas — e a era futura, na qual se realizará em plenitude o triunfo de Deus e de seus escolhidos. A era presente, tempo de conflito e de prova, será substituída pela peremptória e definitiva manifestação da ordem divina. Essa realização não é aleatória; ela não depende do jogo das vontades humanas. Os prazos estão determinados de antemão e são normalmente desconhecidos dos homens, pois só Deus é o senhor e o juiz da história.

O cosmo inteiro é atingido pelo advento final do Reino de Deus: a visão do fim dos tempos tem as mesmas dimensões da criação.

Tal concepção é ao mesmo tempo pessimista e otimista: pessimista, enquanto sublinha a caducidade do mundo presente e sua perversidade; otimista, enquanto afirma o triunfo final de Deus, malgrado as vitórias aparentes do mal. É uma concepção especialmente vivaz, nos períodos de crise; aliás, foi em épocas de perseguição que se compuseram os escritos apocalípticos.

Perspectivas particulares do Apocalipse de João. Embora adotando em grande parte os procedimentos e as estruturas do gênero literário apocalíptico, o Apocalipse de João não pode ser reduzido simplesmente a esse gênero.

Uma importante seção da obra não está realmente em forma apocalíptica: as curtas às sete Igrejas da Ásia (Ap 2–3) ligam-se mais à pregação profética ordinária. Como no profetismo, o autor se nomeia e dirige sua mensagem aos seus contemporâneos.

Mas é sobretudo por sua interpretação religiosa da história e por seus verdadeiros centros de interesse que o Apocalipse de João se distingue da maioria das obras do gênero literário apocalíptico.

1. A interpretação cristã da história. A visão joanina do fim dos tempos assimilou certas convicções essenciais da teologia cristã primitiva. A era nova, anunciada e esperada pela apocalíptica judaica, já foi inaugurada na Ressurreição do Cristo. Os últimos tempos estão iniciados e os benefícios messiânicos estão comunicados: o Espírito derramou-se sobre toda carne (cf. At 2,16-21) e o cristão já está ressuscitado com o Cristo (cf. Cl 3,1). Mas esta vinda do Reino realizou-se no mistério: é sempre objeto de revelação e só pode ser percebida pela fé. Ela tende à plenitude da sua realização e manifestação gloriosa.

Segundo esta perspectiva cristã, o "Dia do Senhor" está desdobrado: de uma parte, designa o acontecimento da Ressurreição do Cristo e da sua exaltação ao senhorio do universo; de outro lado, ainda é esperado enquanto Parusia, manifestação universal e fulgurante do Reino de Deus por seu Cristo. Momentaneamente, há coincidência entre o "tempo presente" e a "era nova". A Igreja está no tempo presente, mas é da era futura; ela é uma realidade escatológica, simultaneamente cumprimento das profecias e primícias proféticas do fim dos tempos.

2. O objeto das visões. *Uma vez que a escatologia já está inaugurada, a ruptura clássica entre a era presente e uma era nova não apresenta mais a mesma significação. Não evoca mais tanto a sucessão de duas fases, quanto a distinção entre duas ordens: a ordem histórica e a ordem escatológica.*

As visões não têm mais, portanto, como único objetivo evocar o processo do fim dos tempos em vista de preparar os homens para a chegada do "Dia do Senhor". Elas se interessam mais pelas realidades misteriosas já instauradas e comunicadas. A teologia do Cristo e da Igreja supera a descrição apocalíptica da história. A esperança cristã não se nutre apenas da perspectiva de uma Parusia iminente, mas também da evocação da participação atual no combate vitorioso do Cristo.

Em consequência, o tema da urgência, habitual na literatura apocalíptica, não se insere mais no quadro de uma avaliação cronológica dos prazos escatológicos, mas funda-se antes de tudo na convicção de que a fase decisiva do desígnio de Deus foi revelada e inaugurada no acontecimento pascal. Os últimos tempos estão iminentes porque, no mistério, já começaram. A expectativa cristã é tanto mais firme e atuante por referir-se a bens cujas primícias já estão, desde agora, concedidas.

Dando tal relevo à contemplação dos acontecimentos da salvação e ao aprofundamento da condição da Igreja, o Apocalipse de João se aproxima das perspectivas da pregação profética, pois esta pretendia suscitar um despertar espiritual, pela recordação das maravilhas da Aliança e a consideração da vocação de Israel. Aliás, esta atenção prestada ao próprio mistério do "Reino que vem", mais que à data de sua manifestação gloriosa, explica por que o Apocalipse de João não adota os processos de pseudonímia e antedatização que, na apocalíptica tradicional, destinavam-se principalmente a permitir que se calculasse a proximidade do "Dia do Senhor".

Autor e circunstâncias da composição. O livro do Apocalipse não nos oferece informações precisas sobre seu autor. Este atribui-se o nome de João e o título de profeta (1,1.4.9; 22,8-9), mas em parte alguma pretende ser um dos Doze. Uma tradição bastante firme, da qual encontramos

vestígios desde o século II, identifica o autor do Apocalipse com o apóstolo João, ao qual atribui também o quarto evangelho. Entretanto, a tradição primitiva não foi unânime a este respeito, e a origem apostólica do Apocalipse foi por muito tempo posta em dúvida em certas comunidades cristãs. Os exegetas contemporâneos estão muito divididos. Uns afirmam que as diferenças de estilo, de clima e de teologia tornam difícil a atribuição do Apocalipse e do quarto evangelho ao mesmo autor. Outros, pelo contrário, sublinham as analogias temáticas e doutrinárias, bem como o pano de fundo semítico das duas obras; eles pensam que o Apocalipse e o evangelho derivam do ensinamento do apóstolo João, sem dúvida por intermédio de redatores pertencentes aos meios joaninos de Éfeso.

O Apocalipse é dirigido às "sete Igrejas da Ásia" (1,3.11; 2-3): trata-se, de fato, de sete comunidades cristãs situadas na Província da Ásia, cuja metrópole era Éfeso. Por causa do número sete, que evoca a plenitude, pode-se pensar que o autor visava não somente a algumas comunidades particulares, por ele especialmente conhecidas, mas a toda a Igreja.

Quanto às circunstâncias da composição, a obra nos traz duas indicações certas, as quais porém não permitem uma datação precisa. De um lado, a Igreja já fez a experiência da perseguição e parece mesmo confrontada com uma oposição oficial do império romano. De outro lado, a Parusia esperada se faz esperar, e o prolongamento da espera suscita, em alguns, meios-termos e tibieza, em outros, desencorajamento, hesitação ou impaciência. Levando em conta esses elementos, podem-se propor principalmente duas hipóteses: o período que se segue à perseguição de Nero e precede a ruína de Jerusalém (65-70) ou o final do reinado de Domiciano (91-96). Em favor da primeira hipótese, apresenta-se antes de tudo a alusão ao templo de Jerusalém (11,1-2) e à sucessão dos imperadores (17,10-11). A segunda hipótese, porém, parece mais verossímil à maioria dos exegetas contemporâneos; ajusta-se melhor ao testemunho de Irineu de Lião e, levando em conta a pretensão de Domiciano de promover o culto imperial, justifica a insistência com que o Apocalipse evoca o antagonismo irreduzível entre o reinado do Senhor Jesus e o reinado blasfematório de César. Alguns autores pensam que as circuns-

tâncias de composição são bem mais complexas, pois o Apocalipse não seria uma obra homogênea, mas a harmonização desajeitada de peças diversas, compostas e retocadas no decurso dos últimos decênios do século I.

A estrutura do Apocalipse e sua interpretação.

Mesmo na hipótese de certos trechos ou conjuntos do Apocalipse terem conhecido inicialmente uma existência independente, o escrito que chegou até nós revela determinada estrutura, que por certo não corresponde aos nossos hábitos atuais de composição, mas deixa entrever um desenvolvimento geral bastante homogêneo e procedimentos assaz constantes.

De saída, podem-se distinguir duas grandes seções: a seção profética, que se apresenta sob a forma de “cartas às Igrejas” (1,9–3,22), e a seção mais estritamente apocalíptica (4,1–22,5). Nesta última, encontra-se globalmente o esquema habitual das evocações apocalípticas: os prelúdios do fim dos tempos (6,1–11,19), as provações imediatas e a grande confrontação (12,1–20,15), o cumprimento e a manifestação final (21,1–22,5). No Apocalipse de João, esse esquema é enriquecido e complicado pela inserção dos “septenários” (sete selos, sete trombetas, sete taças) e das visões intermediárias, que permitem ao profeta multiplicar as alusões, recapitular numerosos textos do Antigo Testamento e explanar sua meditação sobre o mistério da Igreja e do tempo presente.

O estabelecimento de um plano preciso é por certo aleatório, mas a dificuldade principal reside na interpretação que se deva dar à própria sucessão das visões. Será preciso ver nelas uma evocação mais ou menos simbólica do encaminhamento da história para a Parusia próxima? Ou, antes, será a sucessão um quadro fictício, no interior do qual o autor intentaria apresentar sucessivamente não as diversas fases do processo escatológico, mas os múltiplos aspectos do triunfo do Cristo, da condição da Igreja e do julgamento do mundo? É fundamental a escolha, pois dela depende a exegese de todo o livro. A interpretação cronológica tem a seu favor os hábitos da literatura apocalíptica, mas supõe, para a solução de certas dificuldades, que se admita o deslocamento ou o caráter adventício de várias visões. Importante corrente exegética atual, levan-

do em conta o paralelismo de várias seções do Apocalipse — entre outras, dos septenários —, vê na sucessão das visões apenas um artifício literário: através do conjunto da obra, são as mesmas convicções e a mesma mensagem que se afirmam, embora repetidas sem cessar sob imagens diferentes e em vista de aplicações ou explicitações novas.

Mensagem e atualidade do Apocalipse. Como toda mensagem profética, o Apocalipse proclama-nos a atualidade do desígnio de Deus e, correlativamente, a urgência do nosso engajamento. Esta proclamação, ele a faz transmitindo-nos a compreensão sobrenatural do tempo presente e do cumprimento desse desígnio.

A obra de Deus chegou a seu termo, e agora nós apenas esperamos a sua manifestação (1,7; 22,20). O Cristo já triunfa e seu Reino está inaugurado. Jesus é o único Salvador e, desde então, por investidura divina, o único Senhor (5,5-14; 11,15-17; 12,10; 19,11-16). Estamos nos últimos tempos, e vivemos na antecipação da salvação e nos prelúdios do julgamento. Diante desse fato, os homens já se repartem em duas categorias irreconciliáveis:

- os que reconhecem o Cristo são associados a seu triunfo e constituem o povo de Deus, realização de Deus, realização do povo messiânico (7,9-17; 14,1-5; 15,2-4; 17,14; 19,1-9; 20,4-6);

- os que, não o reconhecendo, permanecem em estado de oposição a Deus: são os “habitantes da terra”, os cúmplices da usurpação ímpia, que vivem sob o domínio de Satanás e, como ele, estão votados à condenação (6,15-17; 9,20-21; 13,7-8,14-17; 14,9-11; 17,8-14; 18,9-19; 19,19-22; 20,7-9).

Em sua realidade profunda, a Igreja está estreitamente associada à pessoa e à obra do Cristo:

- ela é a comunidade eleita, alvo do seu amor (1,5b; 3,9; 7,3-4; 12,6; 19,7-9);

- ela foi redimida por seu sangue (1,5b; 5,9; 7,14; 14,3-4).

- ela é a inauguração do seu Reino, povo real e sacerdotal (1,6; 5,10; 7,15; 20,4-6).

Dessa relação constitutiva, decorre uma comunhão “existencial”; o destino da Igreja é visto em sua associação com o destino do Cristo:

- o Cristo era profeta, “testemunha fiel” (1,5; 3,14; 19,11). A Igreja é uma comunidade santa

que exerce o testemunho; no mundo, ela está em missão profética (11,3-6; 12,17; 19,10; 22,9).

— o Cristo levou seu testemunho até a paixão, porque encontrou a oposição de um mundo inimigo de Deus (1,5; 5,6). A Igreja também cumpre sua missão na prova; ela conhece o combate e o martírio (6,9; 7,14; 11,7-10; 12,2.4.11; 16,6; 18,24; 20,4);

— o Cristo é vencedor e ressuscitado (1,5.18; 5,5; 12,5; 17,14; 19,11-21). A Igreja participa já desta vitória; ela não está apenas em estado de eleição, mas já está salva e vive das *prêmias* da ressurreição (6,11; 7,16-17; 11,11-12; 12,11; 17,14; 20,4-6);

— o Cristo está glorificado, estabelecido na condição de Senhorio (1,5.12-16; 19,16). A Igreja é desde já Reino sacerdotal; desde agora exerce no culto sua função celeste, e em breve será manifestado o seu triunfo (7,9-12.15; 14,3; 20,4.6).

Assim, no tempo presente, a Igreja vive os diversos aspectos do mistério do Cristo; ela segue o Cordeiro onde quer que ele vá (14,4). Esta conformidade implica atitudes morais e espirituais:

— porque deve testemunhar num mundo que não reconhece a Deus, dela se exige que viva na fidelidade (1,3; 2,10.13.26; 3,8; 14,12; 22,7.9);

— sobre esta terra, onde está em exílio, ela sofre a perseguição, mas é também preservada por Deus e nutrida das *prêmias* da Ressurreição. A atitude que corresponde a esse estado de prova, mas de certeza da Glória, é a perseverança, forma particular da fidelidade, como o martírio o é do testemunho (1,9; 2,2.3.10; 3,10-11; 13,10; 14,12);

— a Igreja está também em êxodo, em marcha para a revelação da Jerusalém celeste, sua verdadeira pátria, e se prepara para viver da plena manifestação do seu Senhor. Esta perspectiva da

Glória futura, no seio da prova presente, mantém na Igreja uma tensão cheia de esperança: "Vem, Senhor Jesus!" (6,10; 10,7; 11,17-18; 12,10-12; 15,3-4; 19,7-9; 20,3-4; 22,17.20).

Essa mensagem nos diz respeito. Ultrapassa o anúncio de uma *Parusia* futura, cujos prazos e modalidade permanecem incertos. E também não se destina a manter os fiéis numa vaga nostalgia consoladora de suas decepções terrestres, levando ao descompromisso.

O reinado do Cristo não é um acontecimento futuro, mas uma realidade presente. O cenário da *Parusia* gloriosa e do Julgamento final apenas projeta na luz de Deus e na simultaneidade da eternidade o que se realiza hoje, no mistério e na duração da história. A cada momento, o homem exprime sua pertença e determina seu destino; a cada momento verifica-se a autenticidade de sua fé e se realiza seu julgamento; em torno dele e nele se exerce o antagonismo irredutível da idolatria da terra e do reconhecimento do único Cristo. A Palavra profética convida o crente a dar-se conta da seriedade eterna de cada instante: ela tão tolera a distração, nem a leviandade, nem os meios-termos, mas incita ao engajamento imediato e integral. Situando a existência presente da perspectiva da *Parusia*, o Apocalipse recorda que o Senhor Jesus está no termo da história, como está no seu princípio; e que, para além das aparências, as realidades terrestres estão em relação com o desígnio de Deus. Ao mesmo tempo, por suas numerosas referências ao simbolismo litúrgico, o Apocalipse convida a comunidade dos fiéis a viver o culto como um encontro atual com o Cristo, como um apelo a se conformar à Páscoa do Senhor, como uma proclamação e uma expectativa da manifestação da Jerusalém celeste, da qual a Igreja é a antecipação e o sinal.

APOCALIPSE

1 Introdução

¹ 'Revelação' de Jesus Cristo:

Deus lhe concedeu para mostrar a seus servos o que deve acontecer em breve^a.

Dn 2,
28, 29, 45;
Ap 1, 10;
4, 1; 22, 6, 16

Ele a deu a conhecer enviando seu anjo a João, seu servo,

² o qual atestou^c como sendo Palavra e testemunho de Jesus Cristo tudo quanto viu^d.

³ Feliz o que lê e os que escutam as palavras da profecia, se guardarem^e o que nela está escrito, pois o tempo está próximo^f.

22, 7, 10

Destinatários

⁴ João, às sete Igrejas que estão na Ásia^g:

Graça e paz vos sejam dadas,

da parte d'Aquele que é, que era e que vem^h,

da parte dos sete espíritosⁱ que estão diante do seu trono,

⁵ e da parte de Jesus Cristo, a testemunha fiel^j, o primogênito entre os mortos e o príncipe dos reis da terra^k.

Àquele que nos ama, que nos livrou^l dos nossos pecados por seu sangue

⁶ e fez de nós um reino, sacerdotes para Deus, seu Pai,

Ex 3, 14;
Ap 1, 8;
4, 8; 11, 17;
16, 5;
Is 11, 2s;
Ap 3, 1;
4, 5; 5, 6;
SI 89, 28, 38;
Is 5, 4;
Cl 1, 18;
Ap 3, 14;
19, 11;
Ex 19, 6;
Is 61, 6;
1Pd 2, 5, 9;
Ap 5, 10;
20, 6; 22, 5

a. Tradução exata do termo grego *apokalypsis* que, por transposição, deu lugar ao vocábulo *Apocalipse*. Para o título, pareceu preferível manter a designação *Apocalipse*, que é o uso tradicional. Conhecido do grego literário e freqüente no AT grego, o vocábulo *apokalypsis* tornou-se, na Igreja primitiva, o termo técnico para designar a *manifestação gloriosa* do Cristo no fim dos tempos (Rm 2, 5; 8, 19; 1Cor 1, 7; 2Ts 1, 7; 1Pd 1, 7, 13).

b. O que deve acontecer em breve: a fórmula é bastante característica do gênero literário apocalíptico; evoca, ao mesmo tempo, a iminência e o caráter irrevogável do cumprimento do desígnio de Deus. No apocalipse cristão, esta fórmula não é um simples procedimento literário, destinado a suscitar um reconforto e engajamento imediatos; ela se apoia na convicção de que a fase última da história da salvação foi inaugurada pelo acontecimento pascal.

c. Lit. *deu testemunho*. No *Apocalipse*, como muitas vezes no Novo Testamento, o tema do testemunho (*martyria*) está em ligação estreita com o caráter profético da mensagem. Testemunha é aquele que ouviu a Palavra de Deus ou que teve a visão das realidades celestes e do desígnio de Deus. Esta experiência superior é, no mesmo tempo, envio em missão: a testemunha deve transmitir o que viu e ouviu, não apenas para descrever, mas de maneira a comunicar a sua compreensão profética e a suscitar, por conseguinte, a resposta de fé. No *Apocalipse*, como aliás no conjunto da literatura joanina, Jesus é a testemunha por excelência, que pode revelar autenticamente e em perfeita fidelidade o desígnio de Deus. Beneficiária desta revelação e iluminada pelo Espírito, a comunidade cristã tem por sua vez a missão de testemunhar. Como Jesus Cristo, a testemunha fiel (cf. 1, 5), ela encontra a contradição das potências terrestres e deve suportar a perseguição. O termo grego *martyria*, que primeiro designava o testemunho em geral, toma assim, na linguagem cristã, um matiz especial: o *mártirio*, isto é, o testemunho que, à semelhança do de Jesus morto na cruz, pode implicar que a testemunha deva confirmar seu testemunho com o próprio sangue.

d. No gênero literário apocalíptico, a visão é o quadro habitual da comunicação da mensagem: supõe-se que o profeta entrevia antecipadamente, através do desenrolar da história, os prólogos e a consumação dos últimos tempos. No *Apocalipse* joanino, as visões têm como alvo principal a inauguração do triunfo do

Cristo e os diversos aspectos da condição escatológica da Igreja.

e. O vocábulo não evoca apenas a observância de normas. Tratava-se antes de dar importância à mensagem, de se deixar penetrar por ela e de vivê-la.

f. Tema da urgência. Cf. v. 1 nota.

g. Essas Igrejas serão nomeadas em 1, 11: são aquelas às quais se dirigem as cartas de Ap 2-3. Trata-se de comunidades situadas na província da Ásia, a qual, na época, abrangia só pequena parte da Ásia Menor nas imediações de Éfeso. É preciso levar em conta este quadro geográfico e histórico para interpretar certas alusões do *Apocalipse*. Entretanto, dado que o número sete simboliza a plenitude, pode-se pensar que o autor não limita seu ensinamento a algumas comunidades determinadas apenas quer transmitir uma mensagem universal e permanente.

h. Esta designação divina, que volta muitas vezes no *Apocalipse*, é uma espécie de explicação do Nome divino, revelado a Moisés no Sinai, segundo Ex 3, 14. No judaísmo da época helenística e, entre outros motivos, por influência do AT grego, o nome de YHWH foi interpretado como significando o que é. No Targum de Jerusalém (versão aramaica do AT), esta designação é amplificada em ritmo ternário: o que é, que era e que será. O *Apocalipse* adota uma amplificação semelhante, mas muda que *será* em *que vem*, sublinhando assim o tema escatológico da vinda.

i. O Espírito em sua plenitude. Sem dúvida, influência de Is 11, 2-3.

j. A *testemunha fiel*, cf. v. 2 nota. Em Is 55, 4, a palavra *testemunha* designa o Messias; no SI 89, 38, o Messias é comparado a uma *testemunha fiel no céu*.

k. Como Deus (v. 4), Jesus Cristo é aqui designado segundo uma fórmula tripartida, na qual encontramos a alusão à paixão, à ressurreição e à exaltação no seu Senhorio. Este enunciado, em parte estereotipado, revela a influência de uma primeira fixação literária das convicções essenciais da fé.

l. Lit. *que nos soltou* (*lysanti*). Acrescentando apenas uma letra (*lousanti*), alguns mss. lêem: *que nos lavou*. A versão que adotamos é mais bem atestada pela tradição manuscrita. Parece, aliás, que certos temas do *Êxodo* estejam subjacentes nos vv. 5b-6: libertação pelo sangue e constituição de um reino de sacerdotes (cf. Ex. 19, 6, também referido em 1Pd 2, 5, 9).

a ele glória e poder pelos séculos dos séculos. Amém.

⁷ Ei-lo que vem entre as nuvens^m e todo olho o verá,

até mesmo os que o traspassaram: todas as tribos da terra estarão de luto por causa dele.

Sim! Amém!

⁸ Eu sou o Alfa e o Ômegaⁿ, diz o Senhor Deus, Aquele que é, que era e que vem^o, o Todo-poderoso^o.

Visão do Filho do Homem

⁹ Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus^o, encontrava-me na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus^o.

¹⁰ Fui arrebatado pelo Espírito^s no dia do Senhor^t, e ouvi atrás de mim uma voz possante, como de trombeta^a.

¹¹ proclamando: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete Igrejas: a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatura, a Sardes, a Filadélfia e a Laodiceia^v.

¹² Voltei-me para olhar a voz que me

falava; e, ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro^w

¹³ e, no meio dos candelabros, um como filho de homem^x.

Ele vestia uma longa túnica, um cinto de ouro lhe cingia o peito;

¹⁴ sua cabeça e os cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e seus olhos eram como uma chama de fogo;

¹⁵ seus pés pareciam de um bronze precioso, purificado no crisol, e sua voz era como a voz dos oceanos;

¹⁶ em sua mão direita, segurava sete estrelas, e de sua boca saía uma espada acerada, com dois gumes^y.

Seu rosto resplandecia, como o sol em todo o seu esplendor.

¹⁷ Ao vê-lo, caí como morto a seus pés, mas ele pôs sua mão direita sobre mim e disse:

Não temas!

Eu sou o Primeiro e o Último^z,

¹⁸ o Que Vive; estive morto, eis que estou vivo pelos séculos dos séculos,

e tenho as chaves da morte e do Hades^a.

m. Lit. com as nuvens. As nuvens tradicionalmente fazem parte do cenário das teofanias (cf. Ex 19,16; Is 6,4; Mc 9,7; At 1,9). Como em Mt 26,64, percebe-se aqui uma influência mais imediata de Dn 7,13.

n. A primeira e a última letras do alfabeto grego. A expressão significa: o começo e o fim (cf. Ap 21,6; 22,13).

o. Cf. v. 4 nota.

p. O vocábulo grego traduzido aqui por *Todo-poderoso* (*Pantokrator*) é habitualmente utilizado no AT grego para traduzir o termo hebraico *Subaoi* (Deus dos exércitos, Deus das potências). Também é empregado no helenismo como título imperial.

q. Enumeração de diversos aspectos da condição cristã vista como escatológica. A *tribulação*: a perseguição, participação no conflito escatológico inaugurada na cruz; a *realeza*: associação à soberania do Cristo, vencedor da morte e das Potências; a *perseverança*: fidelidade em meio à prova e à tentação que marcam os tempos escatológicos.

r. Trata-se, sem dúvida, de uma sentença de exílio que atingiu o autor em razão de sua fé e sua pregação. O fato de que a revelação tenha sido recebida em Patmos (pequena ilha das Espóradas) não implica que a obra tenha sido escrita aí. Alguns falam de Éfeso.

s. Lit. *Estive em espírito*.

t. A expressão *dia do Senhor* aparece muitas vezes no AT para designar uma intervenção particular de Deus na história; no judaísmo pós-exílico, ela vai tomando um significado sempre mais escatológico. Para os cristãos, os tempos escatológicos foram inaugurados com a ressurreição do Cristo; a expressão *Dia do*

Senhor designa ao mesmo tempo a comemoração do triunfo pascal e o anúncio da Parusia, que será a sua manifestação plena e definitiva. Muito cedo, as comunidades cristãs celebraram culturalmente, cada domingo, essa comemoração e essa expectativa (cf. At 20,7; 1Cor 11,26 e 16,2).

u. A alusão ao soar de *trombeta* aparece regularmente nas descrições de teofanias e nas evocações da manifestação escatológica (cf. Mt 24,31; 1Cor 15,52; 1Ts 4,16).

v. Cf. v. 4 nota.

w. Referência provável ao candelabro de sete braços, que estava no santuário e ardia sem interrupção diante de Deus (cf. Ex 25,31-40; 27,20-21). Em Zc 4,1-14 descreve-se uma visão onde também aparece o candelabro de ouro, ao lado de outros símbolos que o autor do *Apocalipse* vai explorar repetidas vezes (cf. Zc 4,10 e Ap 5,6; Zc 4,3,14 e Ap 11,4).

x. Designação simbólica que, sob a influência de Dn 7,13-14, foi utilizada na apocalíptica judaica pós-bíblica para indicar um ser misterioso, executor escatológico do designio de Deus e detentor de uma autoridade régia e judicial. Na descrição que segue, os diversos símbolos, vários dos quais são também tirados da visão de Dn 7,9-14, contribuem para ressaltar a transcendência, a majestade, os atributos desse *filho do homem* ou *filho de homem* no qual se deve evidentemente reconhecer Jesus Cristo.

y. Cf. Is 49,2; Hb 4,12 e Ap 19,15.

z. Cf. Is 44,6 e 48,12, onde a mesma expressão é aplicada a Deus. Aqui ela designa o Cristo, como também em Ap 2,8 e 22,13.

a. Nome dado pelos gregos ao reino da morte. Cf. Mt 16,18 nota.

Dn 2.28.
29.45;
Ap 1.1;
4.1: 22.6.16

¹⁹ Escreve, pois, o que viste, o que é e o que deve acontecer depois.

²⁰ Quanto ao mistério das sete estrelas que viste em minha mão direita e aos sete candelabros de ouro, eis:

as sete estrelas são os anjos das sete Igrejas^b, e os sete candelabros são as sete Igrejas.

2 Carta à Igreja de Éfeso

¹ Ao anjo da Igreja que está em Éfeso, escreve:

^{1.16.20;}
^{3.1} Assim fala o que segura as sete estrelas em sua mão direita,

^{1.12} que anda no meio dos sete candelabros de ouro:

² Conheço tuas obras, teu labor e tua perseverança,

e sei que não podes suportar os malvados. Puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são, e comprovaste que são mentirosos.

³ És perseverante: sofreste por causa do meu nome e não perdeste a coragem.

⁴ Mas tenho contra ti que abandonaste o teu primitivo fervor^c.

⁵ Lembra-te, pois, de onde caíste: arrepende-te e faz as obras de outrora. Caso contrário, venho a ti e, se não te arrependeres, tirarei o teu candelabro de seu lugar.

⁶ Isto, porém, tens em teu favor: detestas, como eu, as obras dos nicolaítas^d.

b. Os *anjos das Igrejas* designam seja os chefes espirituais das comunidades — assim um profeta (Ag 1.13) ou um sacerdote (Mt 2.7) — seja designados pelo título de anjo (isto é, enviado) de Deus; — seja, com mais probabilidade, uma espécie de personificação da realidade espiritual da comunidade. A crença em um duplicado celeste das realidades terrestres era familiar à mentalidade do judaísmo da época.

c. Como quer que seja, a idéia teológica que se sugere aqui é que as Igrejas estão nas mãos do Cristo, submetidas à sua jurisdição.

c. Lit. *teu primeiro amor*.

d. Ignora-se quase tudo dessa heresia, da qual se trata ainda no v. 15. As únicas informações nos são fornecidas pelo *Apocalipse*, que reprova suas tendências gnósticas e libertinas.

e. Alusão a Gn 2.9. Expulso do paraíso, o homem foi afastado da árvore da vida (Gn 3.22.24). No judaísmo, espera-se do Messias que ele reintroduza os judeus no jardim do Éden. Cf., p. ex., *Test. Levi* 18.10-11: *Ele (o Messias sumo sacerdote) abrirá as portas do paraíso, e dará aos santos de comer da árvore da vida*. Jesus

⁷ O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

Ao vencedor darei de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus^e. Gn 2.9;
Ap 22.2

Carta à Igreja de Esmirna

⁸ Ao anjo da Igreja que está em Esmirna, escreve:

Assim fala o Primeiro e o Último, Is 44.6;
48.12;
Ap 1.8.17;
22.13
1.18
o que morreu, mas voltou à vida;

⁹ Sei da tua tribulação e da tua pobreza — contudo, és rico —

e das calúnias dos que se pretendem judeus, mas não são: é uma “sinagoga de Satanás”^f

¹⁰ Não receies o que deverás padecer.

Eis que o diabo vai lançar alguns dentre vós na prisão, para vos tentar, e tereis dez dias de provocação^g. Dn 1.12.14
Sê fiel até a morte, e te darei a coroa da vida^h.

¹¹ O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

O vencedor não sofrerá dano algum da segunda morteⁱ. 20.6.14; 21.8

Carta à Igreja de Pérgamo

¹² Ao anjo da Igreja que está em Pérgamo, escreve:

Assim fala o que tem a espada acerada, 1.16; 19.15
com dois gumes:

¹³ Sei onde moras: é onde está o trono de Satanás^j.

Entretanto, continuas ligado ao meu

realiza esta expectativa para os que, nele, alcançam a vitória.

f. O fundamento desta designação acusadora é a convicção, difundida no cristianismo primitivo, de que os cristãos são os verdadeiros judeus, o verdadeiro Israel (cf. Rm 2.28-29; Gl 3.29; 6.16). Nesta perspectiva, os judeus que não aceitam o Cristo e favorecem a perseguição contra os cristãos parecem ter renegado sua vocação privilegiada: não são mais os verdadeiros filhos de Abraão, mas *filhos de Satanás* (cf. Jo 8.44).

g. Anúncio de uma perseguição próxima, talvez bastante curta (dez dias), provavelmente inspirada pelos judeus (o *diabo* = *Satanás* do v. 9). Nesta mesma cidade de Esmirna, no século II, desencadeou-se uma perseguição por instigação dos judeus (cf. *Martírio de Policarpo*).

h. O martírio é um combate e, como nos jogos de arena, o vencedor recebe a coroa.

i. Trata-se da morte última e definitiva, chamada *segunda*, sem dúvida por contraste com a morte corporal (cf. Ap 20.6.14; 21.8).

j. Uma alusão, talvez, ao culto imperial, cujo centro de difusão

nome e não renegaste minha fé, mesmo nos dias de Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto entre vós, onde Satanás habita.

1,5;
3,14;
19,11

¹⁴ Tenho, contudo, umas censuras a te fazer: há entre vós alguns que se apegam à doutrina de Balaão, o qual aconselhava Balac a armar uma cilada aos filhos de Israel para incitá-los a comer das carnes sacrificadas aos ídolos, e a prostituir-se^k.

¹⁵ Da mesma forma, tens alguns que se apegam à doutrina dos nicolaítas^l.

¹⁶ Arrepende-te, pois! Senão, virei a ti em breve e os combaterei com a espada de minha boca.

¹⁷ O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas. Ao vencedor, darei do maná escondido^m; dar-lhe-ei também uma pedra brancaⁿ e, gravado sobre ela, um nome novo^o, que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe.

Is 62,2;
65,15;
Ap 3,12;
14,1

Carta à Igreja de Tiatira

¹⁸ Ao anjo da Igreja que está em Tiatira, escreve: Assim fala o Filho de Deus,

aqueles cujos olhos são como chama ardente e cujos pés se assemelham ao bronze precioso:

Dn 10,6;
Ap 1,14-15

¹⁹ Conheço tuas obras, teu amor, tua fé, tua dedicação e tua perseverança; e tuas últimas obras ultrapassam em número as primeiras.

²⁰ Mas tenho contra ti que toleras Jezabel^p, essa mulher que se diz profetisa e transvia meus servos, ensinando-os a se prostituir e a comer das carnes sacrificadas aos ídolos.

Nm 25,1-2;
Ap 2,14

²¹ Dei-lhe prazo para se arrepender, mas ela não quer arrepender-se de sua prostituição.

²² Eis que vou lançá-la num leito de amarga aflição, bem como a seus companheiros de adultério^q,

a menos que se arrependam de suas obras.

²³ Ferirei também de morte seus filhos, e todas as Igrejas saberão que sou eu quem prescreta os rins e os corações, e a cada um de vós retribuirei segundo suas obras.

Sl 7,10

Sl 62,13;

Mt 16,27

²⁴ A vós, porém, que, em Tiatira, ficais sem partilhar essa doutrina e sem ter sondado suas pretensas "profundezas" de Satanás^r, declaro-vos:

para a província da Ásia era a cidade de Pérgamo. Os cristãos foram logo intimados a escolher que *Senhor* confessar: o Cristo ou o imperador.

k. Juntando Nm 25,1-2 e Nm 31,16, certas tradições judaicas, às vezes aceitas no cristianismo, viram em Balaão o instigador das infidelidades de Israel na terra de Moab (Jd 11; 2Pd 2,15). Como o AT, o *Apocalipse* emprega frequentemente os vocábulos *prostituição*, *prostituir-se*, para designar a infidelidade do homem para com Deus, preferindo-lhe os ídolos.

l. Cf. Ap 2,6 nota.

m. Segundo Ex 16,32-34, atestado igualmente em Hb 9,4, um pouco de maná do deserto depositado na "tenda do encontro", como memorial da solicitude de Deus para com seu povo. A seguir, esta tradição se enriqueceu, segundo 2Mc 2,4-8, por exemplo, após a ruína de Jerusalém, Jeremias teria feito esconder a arca da aliança e o resto do maná no monte Nebo; e certos escritos do judaísmo pós-bíblico anunciavam que se reencontrariam esses objetos escondidos no "Dia do Senhor".

O dom do *maná escondido*, portanto, refere-se ao fim dos tempos: simboliza a comunicação definitiva dos bens messiânicos, alimento celeste que aqui contrasta com as carnes sacrificadas aos ídolos, espécie de rito blasfematório de comunhão com as divindades pagãs. Para o cristão, esta referência ao maná evoca espiritualmente a Eucaristia, alimento escatológico e primícias da vida celeste (cf. Jo 6,31-58).

n. A imagem da *pedra branca* é de interpretação incerta: ficha

de entrada nas assembleias reais, talismã, voto de absolvição no tribunal? Como quer que seja, a cor branca evoca certa participação na glória. A atenção se volta especialmente para o nome sagrado inscrito nessa pedra.

o. Certamente "o nome acima de todo nome" que o Cristo recebeu após sua ressurreição (cf. Fl 2,9). O cristão terá parte no nome do seu Senhor, isto é, é chamado a participar de sua dignidade e do seu destino.

Diz-se que este nome é *novo*. Este adjetivo, já valorizado pelos profetas do AT (Is 43,19; Jr 31,31-32; Ez 36,26), qualifica muitas vezes no *Apocalipse* as realidades escatológicas, e, por conseguinte, as realidades cristãs que são a sua antecipação: mundo novo, céu novo, Jerusalém nova... (cf., p. ex., Ap 21,5). Encontram-se fórmulas semelhantes em outros escritos do NT: nova aliança (1Cor 11,25; 2Cor 3,6), nova criatura (Gl 6,15; 2Cor 5,17), homem novo (Ef 2,15; 4,24), mandamento novo (Jo 13,34).

p. *Jezabel*. Designação certamente simbólica, em referência à Jezabel (Izabel) do AT que favoreceu o culto idolátrico na Palestina (cf. 1Rs 16,31 e 2Rs 9,22). As desordens visadas aqui assemelham-se aos erros censurados nos nicolaítas (cf. Ap 2,6 nota).

q. Lit. *Eis que vou lançá-la num leito, e numa grande aflição os que cometeram adultério com ela*.

r. O autor condena aqui as pretensões gnósticas a um conhecimento religioso privilegiado, obtido ao termo de uma iniciação erudita.

não vos imponho outro fardo.

²⁵ Somente o que tendes, segurai-o firme até que eu venha.

²⁶ Ao vencedor, ao que guarda até o fim minhas obras, dar-lhe-ei poder sobre as nações*:

SI 2.8

SI 2.9;

Ap 12.5;

19.15

²⁷ com vara de ferro as apascentará, como se quebram os vasos de argila¹,

²⁸ como eu também recebi para isso poder de meu Pai,

e lhe darei a estrela da manhã².

²⁹ O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

3 Carta à Igreja de Sardes

¹ Ao anjo da Igreja que está em Sardes, escreve:

Assim fala o que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas.

Conheço tuas obras: tens fama de estar vivo, mas estás morto!

² Sê vigilante! Consolida o resto que está para morrer³, pois não achei perfeitas as tuas obras aos olhos de meu Deus.

³ Lembra-te, pois, do que recebeste e ouviste⁴.

Guarda-o e arrepende-te!

Se não vigiares, virei como um ladrão, sem que saibas a que horas virei surpreender-te.

⁴ Em Sardes, contudo, tens algumas pessoas que não mancharam suas vestes. Elas me acompanharão, vestidas de branco⁵, pois são dignas.

⁵ Assim, o vencedor se trará com vestes brancas:

Não apagarei seu nome do livro da vida⁶ e por ele responderei⁷ diante do meu Pai e de seus anjos.

⁶ O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

Carta à Igreja de Filadélfia

⁷ Ao anjo da Igreja que está em Filadélfia, escreve:

Assim fala o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David⁸, que abre, e ninguém fecha, que fecha, e ninguém pode abrir.

⁸ Conheço tuas obras.

Eis que pus diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar.

Tens pouca força, e contudo guardaste minha palavra e não negaste meu nome.

⁹ Eis que te entrego alguns da sinagoga de Satanás⁹, dos que se dizem judeus, mas não o são, pois mentem.

Eis que farei com que venham prostrar-se a teus pés,

e reconhecerão que eu te amei.

¹⁰ Porque guardaste minha palavra com perseverança¹⁰, eu também te guardarei da hora da provação,

que virá sobre a humanidade toda, pondo à prova os habitantes da terra¹¹.

¹¹ Venho em breve!

Segura firme o que tens, para que ninguém te arrebate a coroa¹².

Is 11.2;

Ap 1.4; 4.5;

5.6

1.16.20;

2.1

Mt 24.42-43;

1Ts 5.2;

Ap 16.15

Is 45.14;

49.23; 60.14;

66.23; SI 86.9

Is 43.4

s. Nações: muitas vezes, os pagãos, em contraposição ao "povo de Deus"; às vezes, porém, o vocábulo é empregado sem matiz polêmico para designar mais genericamente o conjunto dos povos. Por fidelidade ao termo grego, traduziremos sempre *nações*, mesmo quando o contexto dê a entender, como é o caso aqui, que se trata mais especificamente dos pagãos.

t. Cf. SI 2.8-9. A citação deste salmo messiânico se reencontra em Ap 12.5 e 19.15. Aqui o Cristo estende sua aplicação aos cristãos: estes são associados a seu poder real (cf. Ap 1.9 nota).

u. A estrela é, às vezes, símbolo messiânico (cf. Nm 24.17). Aqui, como em Ap 22.16, a *estrela da manhã* designa o Cristo. Numa formulação nova, este texto volta a afirmar a associação do cristão ao Cristo.

v. Trata-se do pouco de vida que ainda resta à comunidade, ou então de seus poucos membros que permaneceram fiéis.

w. Pode-se também traduzir: *Recorda-te como recebeste e ouviste (a Palavra)*.

x. A imagem da veste é tradicionalmente utilizada para significar a realidade profunda do homem. *Manchar sua veste* é tor-

nar-se indigno; *receber uma veste branca* é ser purificado e participar da vida do Cristo ressuscitado. A imagem é frequente no *Apocalipse* (cf. Ap 3.18; 4.4; 6.11; 7.9.13-14; 22.14).

y. *Livro da vida*. Registro celeste onde estão consignados os nomes dos eleitos (cf. Ap 13.8; 17.8; 20.12.15; 21.27). A imagem encontra-se regularmente na Bíblia (cf., p. ex., Ex 32.32-33; SI 69.28-29; Dn 12.1; Fl 4.3).

z. Lit. e confessarei seu nome.

a. *Chave de David*. A expressão se liga a uma passagem de Is 22.22, onde se trata da transmissão de poderes a um ministro de confiança. Aqui, a expressão deve ser entendida em sentido messiânico: significa que o Cristo recebeu plenos poderes e que seu julgamento é sem apelação.

b. Cf. Ap 2.9 nota.

c. Lit. a palavra de minha perseverança.

d. Parece que a expressão designa particularmente os homens que se instalaram na terra, em contraste com os cristãos que, fundamentalmente, já são cidadãos do céu (cf. Fl 3.20).

e. Cf. Ap 2.10 nota.

¹²Do vencedor, farei uma coluna no templo do meu Deus,
e dele nunca mais sairá,
e inscreverei nele o nome do meu Deus
e o nome da cidade do meu Deus,
a Nova Jerusalém^f que desce do céu,
de junto do meu Deus,
e meu nome novo^g.

Ez 48,35

21,2

Is 62,2;

65,15;

Ap 2,17;

14,1

¹³O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

Carta à Igreja de Laodicéia

¹⁴Ao anjo da Igreja que está em Laodicéia, escreve:

Sl 89,38;

Ap 1,5;

19,11

Jo 1,3;

Cl 1,15s;

Hb 1,2

Assim fala o Amém^h, a Testemunha fiel e verdadeira,
o Princípio da criação de Deusⁱ.

¹⁵Conheço tuas obras: não és frio nem quente.

Oxalá fosses frio ou quente!

¹⁶Mas, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te da minha boca.

¹⁷Pois dizes: sou rico, enriqueci-me, de nada mais preciso,
e não sabes que tu és miserável, digno de lástima, pobre, cego e nu,

¹⁸aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para te enriqueceres, e vestes brancas para te cobrires, a fim de que não apareça a vergonha de tua nudez,
e um colírio para ungires teus olhos e recuperares a visão.

¹⁹Quanto a mim, repreendo e corrijo todos aqueles a quem amo.

Pr 3,12;

Hb 12,6

Sê, pois fervoroso e arrepende-te!

²⁰Eis que estou à porta e bato.

Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta,

entrarei em sua casa e cearei^j com ele, e ele comigo.

Lc 22,29-30;

Jo 14,23

²¹Ao vencedor, concederei sentar-se comigo no meu trono, como eu também alcancei a vitória e fui sentar-me com meu Pai em seu trono.

Mt 19,28;

Lc 22,30;

Ap 20,4

²²O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

4 O trono de Deus e o culto celeste

¹Depois disso, eu vi:

Uma porta estava aberta no céu, e a primeira voz, que eu ouvira falar-me, qual trombeta, disse:

1,10

Sobe até aqui, e te mostrarei o que deve acontecer a seguir.

Dn 2,29;

Ap 1,1.19

²Logo, fui arrebatado pelo Espírito.

E vi um trono erguido no céu^k
e, no trono, Alguém sentado.

Ez 1,26;

10,1;

Is 6,1

³O que estava sentado tinha o aspecto de uma pedra de jaspé e de sardônica.
Uma glória^l nimbava o trono de reflexos de esmeralda.

Ez 1,26-28

⁴Ao redor do trono, vinte e quatro tronos,

e sobre estes tronos sentavam-se vinte e quatro anciãos^m, vestidos de branco, com coroas de ouro sobre a cabeça.

f. O anúncio profético de uma restauração de Jerusalém comportava mais do que a perspectiva de uma reconstrução material (cf.: Is 51,1-3; 65,18-25). No cristianismo, o tema é transposto: a Jerusalém terrestre não é mais o centro da aliança: os cristãos sabem que são cidadãos de uma cidade celeste, a nova Jerusalém (cf. Ap 21; cf. igualmente Gl 4,26).

g. Cf. Ap 2,17 nota.

h. Vocabulo hebraico (cuja raiz significa solidez, certeza) utilizado na liturgia judaica e depois na cristã, como expressão da resposta da fé à Palavra de Deus. Em todos esses sentidos, o Cristo é o Amém (cf. 2Cor 1,19-20).

i. Identificação com a Sabedoria e a Palavra primordial de Deus (cf. Pr 8,22; Sb 9,1-2; Cl 1,15-18).

j. Dada a insistência do Apocalipse em temas e imagens litúrgicos, especialmente nas cartas às Igrejas, pareceu conveniente traduzir *cear* ao invés de, mais literalmente, *tomar uma refeição*.

k. Querendo evocar a potência criadora de Deus, o autor se vale sobretudo da simbólica das visões de Ez 1 e 10, onde Deus está no trono dominando o mundo criado.

l. Aqui o vocábulo deve ser tomado no sentido técnico de *auréola*: é o círculo de luz que circunda os personagens ou as coisas santas. O vocábulo grego pode também significar *arco-íris*.

m. Os três elementos que os caracterizam — tronos, vestes brancas, coroas — correspondem aos atributos prometidos aos cristãos (cf. 3,21; 3,4-5; 3,11). Esta assembléia celeste representa, em certo sentido, o povo de Deus participando na glória e celebrando uma liturgia de adoração e ação de graças que se dirige antes de tudo a Deus como criador (Ap 4), depois, ao cordeiro como redentor (Ap 5). O nome de *anciãos* que lhes é dado evoca os chefes ou responsáveis de Israel no AT, depois, os dos sinagogas e, por fim, os das comunidades cristãs.

Esses anciãos são *vinte e quatro*, o que pode fazer pensar tanto nas vinte e quatro classes sacerdotais (1Cr 24,3-19) como nos doze profetas que representam o profetismo do AT e continuam nos doze apóstolos; ou ainda nas doze tribos do antigo Israel, às quais vêm somar-se as doze do novo povo etc. O caráter relativamente geral da descrição desses personagens faz pensar que o autor não dá muita importância à sua identificação precisa.

Ez 1.13; 1^o Do trono saíam relâmpagos, vozes e
Ex 19.16 trovões.
Sete lâmpadas de fogo ardião diante
do trono:
são os sete espíritos de Deusⁿ.

Ez 1.22; 6^o Diante do trono, um como mar límpidoⁿ,
Gn 1.7 semelhante ao cristal.
No meio do trono e cercando-o, quatro
animais cobertos de olhos pela frente e
por trás.

Ez 1.5-21 7^o O primeiro animal era semelhante a um
leão;
o segundo, a um touro novo;
o terceiro tinha um rosto como de homem
e o quarto era semelhante a uma águia
em pleno vôoⁿ.

Is 6.2 8^o Os quatro animais tinham seis asas cada
umⁿ, cheias de olhos ao redor e por
Ex 1.18; dentro.
10.12 Eles não cessam de proclamar, dia e
noite:

Is 6.3 *Santo, Santo, Santo!*
Senhor, Deus Todo-poderoso,
Aquele que era, que é e que vem!

1.4,8; 9^o E cada vez que os animais davam gló-
ria, honra e ação de graças ao que está
11.17; 16.5 sentado no trono, ao que vive pelos
séculos dos séculos.

Dn 4.31; 10^o os vinte e quatro anciãos se prostravam
6.27 diante do que está sentado no trono,
adoravam ao que vive pelos séculos dos
séculos
e depunham suas coroas diante do tro-
no, dizendo:

11^o Tu és digno, Senhor nosso Deus,

de receber a glória, a honra e o poder,
pois tu criaste todas as coisas;
quiseste que elas existissem, e foram
criadasⁿ.

5 O livro selado e o Cordeiro

1^o E eu vi, na mão direita do que está
sentado no trono,
um livro escrito por dentro e por fora,
selado com sete selosⁿ. Is 29.11

2^o Vi também um anjo poderoso, que
proclamava com voz forte:
Quem será digno de abrir o livro, rom-
pendo-lhe os selos?

3^o Mas ninguém, no céu, na terra, nem
sob a terra,
tinha o poder de abrir o livro, nem mes-
mo de olhar para ele.

4^o Eu chorava muito, por não se ter achado
ninguém digno de abrir o livro, nem
de olhar para ele.

5^o Um dos anciãos, porém, me disse:
Não chores!

Eis, ele alcançou a vitória,
o leão da tribo de Judá, o rebento de Hb 7.14;
Davidⁿ. Rm 15.12
ele abrirá o livro e seus sete selos.

6^o Então eu vi:
no meio do trono e dos quatro animais,
no meio dos anciãos,
estava de pé um cordeiro, que parecia Jo 1.29
imoladoⁿ.

Tinha sete chifres e sete olhos,
que são os sete espíritos de Deus en- Ap 1.4
viados por toda a terraⁿ.

n. Cf. Ap 1.4 nota.

o. Lit. *um mar de vidro*.

p. Segundo Irineu de Lião, a tradição considerou espontanea-
mente esses quatro *animais* como símbolos dos quatro evangelis-
tas. É difícil admitir que esta tenha sido a intenção do autor do Ap.

Com efeito, a visão se inspira diretamente em Ez 1, onde os
quatro animais sobre os quais repousa o trono de Deus represen-
tam o mundo criado.

q. Influência da visão de Is 6, onde se encontra igualmente (no
v. 3) o "trísagion", a tríplice proclamação da santidade.

r. Lit. e por tua vontade elas existiam e foram criadas.

s. A imagem, tomada de Ez 2.9-10, dá lugar a diversas inter-
pretações: — Talvez se trate do livro que contém o desígnio de
Deus. Por isso, a forma de um testamento lacrado. O Cristo seria
seu único executor, pois é somente a ele que compete abrir os
selos. — Segundo outra interpretação, atestada desde o séc. III,
tratar-se-ia do AT, cuja revelação e realização é Cristo.

Nesses dois tipos de explicação, o fato de que o livro (eviden-

temente considerado um rolo) esteja escrito por dentro e por
fora, sugere: — ou caráter plenário e definitivo do desígnio de
Deus, que agora vai ser cumprido; ou então a leitura nova e
espiritual do AT, trazida pelo Cristo, em contraste com a leitura
puramente material (cf. 2Cor 3.14-16).

t. Títulos messiânicos tirados de Gn 49.9 e Is 11.1.10.

u. Deve-se compreender a frase como uma apresentação sín-
tética do mistério pascal: o Cristo é vencedor da morte (o cor-
deiro *estava de pé*) pelo seu sacrifício (*imolado*).

A imagem do Cristo como cordeiro é uma das mais frequentes
no Ap. Ela se refere à profecia messiânica de Is 53.7 e muito
provavelmente também à figura do cordeiro pascal (Ex 12.3-6).

v. Os *chifres* são um símbolo de força (cf. p. ex., Dt 33.17; Dn
7.7.24).

A imagem dos *sete olhos* vem de Zc 4.10, onde significa a
onisciência de Deus. A assimilação dos sete olhos aos sete es-
píritos deve-se provavelmente à influência de Is 11.2: o Messias
tem sete espíritos, isto é, tem a plenitude do Espírito.

⁷ Adiantou-se para receber o livro da mão direita do que está sentado no trono.

⁸ No momento em que recebeu o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do cordeiro. Cada um tinha uma harpa e taças de ouro cheias de perfume, que são as orações dos santos.

⁹ E cantavam um canto novo*:

Tu és digno de receber o livro e de romper-lhe os selos porque foste imolado,

e redimiste para Deus, por teu sangue, homens de toda tribo, língua, povo e nação.

¹⁰ Deles fizeste, para nosso Deus, um reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra.

¹¹ Então eu vi:

E ouvi a voz de anjos numerosos ao redor do trono, dos animais e dos anciãos.

Seu número era miríades de miríades e milhares de milhares.

¹² Eles proclamavam, com voz forte:

É digno, o Cordeiro imolado,

de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor.

¹³ E toda criatura no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, todos os seres que aí se encontram, ouvi que proclamavam:

Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro,

louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos.

¹⁴ E os quatro animais diziam:

Amém!

E os anciãos prostraram-se e adoraram.

6 Abertura dos seis primeiros selos

¹ Então eu vi:

Jr 15,2-4;
Ez 5,17;
14,13-21

Quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, ouvi o primeiro dos quatro animais exclamar com voz de trovão: Vem!

² E eu vi: era um cavalo branco*.

Quem o montava tinha um arco.

Foi-lhe dada uma coroa,

e ele partiu como vencedor e para vencer.

³ Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo animal exclamar: Vem!

⁴ Então surgiu outro cavalo, vermelho-afogecado.

Ao que o montava foi dado o poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros,

e uma grande espada lhe foi dada.

⁵ Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro animal exclamar: Vem!

E eu vi: era um cavalo preto.

Quem o montava tinha uma balança na mão.

⁶ E ouvi como uma voz, no meio dos quatro animais, que dizia:

Uma medida de trigo por um denário e

três medidas de cevada por um denário, quanto ao óleo e ao vinho, não toqueis neles*.

⁷ Quando abriu o quarto selo, ouvi o quarto animal exclamar: Vem!

⁸ E eu vi: era um cavalo esverdeado.

Quem o montava chama-se "a Morte", e o Hades* o acompanhava.

Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra,

para que matassem pela espada, pela fome, pela morte e pelas feras da terra.

⁹ Quanto abriu o quinto selo, vi sob o altar as almas dos que tinham sido

*. Cf. Ap 2,17 nota.

x. A visão dos quatro cavaleiros inspira-se evidentemente em Zc 1,8; 6,1-8. Quanto ao primeiro cavaleiro, as interpretações se distribuem em duas grandes tendências: 1. Dá-se atenção sobretudo ao paralelismo entre os quatro cavaleiros. Como o segundo simboliza as destruições da guerra, o terceiro a fome, o quarto as epidemias mortais, o primeiro deveria simbolizar um flagelo: o espírito de conquista (em geral, ou com uma referência concreta às invasões partas do séc. I: os guerreiros partas eram arqueiros famosos). 2. Ressaltam-se especialmente os caracteres distintivos do primeiro cavaleiro: cor branca, coroa, vitória, bem como o paralelismo com o cavaleiro celeste de Ap 19,11s. Então

se reconhece nele o próprio Cristo, ou ainda o poder da mensagem evangélica ou mesmo uma personificação dos julgamentos divinos. Para levar em conta este caráter particular do primeiro cavaleiro, uma variante da primeira interpretação propõe identificá-lo com os falsos messias anunciados pelo próprio Cristo (cf. Mt 24,4-5). — Como quer que seja, os quatro cavaleiros representam sinais do tempo escatológico (cf. Mt 24,6-7 e par.).

y. Lit. não lhes causes nenhum prejuízo. Aumento do preço dos cereais por causa da penúria. O óleo e o vinho são (momentaneamente?) poupados, seja porque simbolizam os bens escatológicos, seja porque a penúria só atinge a colheita de uma estação.

z. Cf. 1,18 nota.

imolados por causa da palavra de Deus e do testemunho que tinham dado^a.

¹⁰ Eles gritavam com voz forte:
Até quando, Soberano santo e verdadeiro,

Di 32,43;
Zc 1,12;
Lc 18,7 tardará a fazer justiça,
vingando nosso sangue contra os habitantes da terra?

¹¹ Então lhes foi dada, a cada um, uma veste branca,
14,13 e lhes foi dito que tivessem paciência ainda um pouco de tempo,
até que se completasse o número de seus companheiros de serviço e de seus irmãos,
que iriam ser mortos como eles.

¹² E eu vi:
Quando abriu o sexto selo,
sobreveio um violento terremoto.

Is 13,10;
50,3 O sol ficou preto como um pano de crina,
e a lua toda como sangue^b.

¹³ As estrelas do céu caíram sobre a terra,
Is 34,4 como frutos verdes de figueira sacudida pela tempestade^c.

Is 34,4;
Hb 1,12;
Ap 16,20;
20,11 ¹⁴ O céu recolheu-se como um livro que se enrola^d,
e todas as montanhas e as ilhas foram abaladas.

¹⁵ Os reis da terra, os magnatas, os chefes militares,
os ricos e os poderosos,
todos, escravos e livres,

Is 2,10-19 esconderam-se nas cavernas e nos rochedos das montanhas.

¹⁶ Eles diziam às montanhas e aos rochedos:

Caí sobre nós e escondi-nos longe da face do que está sentado no trono,
e longe da ira do Cordeiro!

¹⁷ Pois chegou o grande dia da sua ira^e,
e quem poderá subsistir?
Jl 2,1,11;
3,4; Rm 2,5

7 A Igreja como Povo de Deus

¹ Depois disso, vi quatro anjos em pé,
nos quatro cantos da terra.

Eles detinham os quatro ventos da terra,
para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma.

² E vi outro anjo que subia do Oriente,
trazendo o selo^f do Deus vivo.

Com voz forte ele gritou aos quatro anjos encarregados de fazer dano à terra e ao mar:

³ Não façais dano à terra, nem ao mar, nem às árvores,
até que tenhamos marcado com o selo a frente dos servos do nosso Deus.

⁴ Ouvi, então o número dos que tinham sido marcados com o selo:

cento e quarenta e quatro mil^g marcados com o selo

de todas as tribos dos filhos de Israel;
⁵ da tribo de Judá, doze mil marcados com o selo,

da tribo de Rubem, doze mil,
da tribo de Gad, doze mil,

⁶ da tribo de Aser, doze mil,
da tribo de Neftali, doze mil,
da tribo de Manassés, doze mil,

⁷ da tribo de Simeão, doze mil,
da tribo de Levi, doze mil,

a. São os mártires cristãos. Estão *sob o altar*, isto é, no recinto sagrado, bem perto de Deus. Portanto, sua morte é igualmente assimilada a uma imolação, à imagem da do Cristo.

b. Estas imagens e as seguintes são tiradas das descrições clássicas do abalo cósmico do fim dos tempos (cf., p. ex., Mt 24,29 e par.).

c. Lit. *como uma figueira deixa cair seus frutos verdes, sacudida por um forte vento*.

d. Alusão aos "volumes", livros escritos sobre tiras de pergaminho que se enrolavam depois do uso. O céu é aqui representado como uma tenda, estendida por cima do mundo terrestre (cf. Gn 1,7).

e. A expressão *dia da ira* designa no AT a intervenção final e justiceira de Deus (cf. Sl 110,5; Ez 7,1-9; Sf 2,2-3); encontra-se também no NT (cf. Rm 2,5).

f. A cena se inspira em Ez 9. Pode-se entender o *selo* como um sinal de propriedade (os homens que o recebem pertencem a Deus), ou então como um sinal de salvação (como em Ez 9: um selo que distingue os que Deus protege). Estes dois aspectos não são exclusivos um do outro, como o demonstra a utilização (atestada desde o séc. II, mas talvez já em 2Cor 1,22) do vocábulo "selo" para designar o batismo.

g. 144.000, ou seja, 12.000 de cada uma das doze tribos. O número total simboliza a plenitude do povo de Deus.

A enumeração dos vv. 5-8 pode fazer pensar nos judeus convertidos distintos da imensa multidão (vv. 9-10) que representaria os cristãos vindos do paganismo. Trata-se mais provavelmente do conjunto do povo de Deus, primeiro enumerado aqui segundo o tipo oferecido por Israel no deserto, e a seguir considerado no seu cumprimento celeste e glorioso.

da tribo de Issacar, doze mil,
 * da tribo de Zabulon, doze mil,
 da tribo de José, doze mil,
 da tribo de Benjamin, doze mil marca-
 dos com o selo^h.

A Igreja como multidão dos eleitos

⁹ Depois disso, eu vi:

Gn 15,5;
 Ap 15,2-5

Era uma imensa multidão, que ninguém
 podia contar,
 de todas as nações, tribos, povos e línguas.
 Estavam de pé, diante do trono e dian-
 te do Cordeiro,
 trajados com vestes brancas e com pal-
 mas na mãoⁱ.

¹⁰ Em alta voz proclamavam:

A salvação é do nosso Deus, que
 está sentado no trono,
 e do Cordeiro!

¹¹ E todos os anjos, reunidos em volta do
 trono, dos anciãos e dos quatro animais,
 prostraram-se diante do trono com a
 face em terra
 e adoraram a Deus.

¹² Eles diziam:

Amém! Louvor, glória, sabedoria,
 ação de graças, honra, poder e força
 ao nosso Deus, pelos séculos dos
 séculos. Amém!

¹³ Um dos anciãos tomou então a palavra
 e disse-me:

Estes, trajados com vestes brancas,
 quem são? De onde vieram?

¹⁴ Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes!
 Ele me disse:

Eles vêm da grande tribulação^j.

^{22.14} Lavaram suas vestes e as alvejaram,
 no sangue do Cordeiro.

¹⁵ Por isso encontram-se diante do trono
 de Deus, rendendo-lhe culto dia e noi-

te em seu templo.

3,12; 11,1

E o que está sentado no trono os abri-
 gará sob sua tenda^k.

Is 49,10;
 Ap 21,3-4

¹⁶ Nunca mais terão fome,

Is 4,5-6;
 Jo 1,14

e nunca mais terão sede,

Sl 121,6

e não pesará sobre eles o sol nem seu
 fogo,

¹⁷ pois o Cordeiro que está no meio do
 trono será seu pastor

Is 40,11
 Ez 34,23

e os conduzirá para as fontes das águas
 da vida.

Is 49,10
 Sl 23,2

E Deus enxugará toda a lágrima de seus
 olhos.

Is 25,8

8 Abertura do sétimo selo

¹ Quando ele abriu o sétimo selo,
 fez-se no céu um silêncio de meia
 hora...

Hab 2,20;
 Sf 1,7;
 Zc 2,17

² E vi os sete anjos que estão diante de
 Deus.

Foram-lhes dadas sete trombetas.

³ Veio outro anjo e pôs-se junto do altar,
 tendo nas mãos um turíbulo de ouro.
 Foram-lhe dados muitos perfumes,
 para que os oferecesse, com as orações
 de todos os santos^l,
 sobre o altar de ouro que está diante
 do trono.

⁴ E a fumaça dos perfumes, com as ora-
 ções dos santos,
 subiu diante de Deus pelas mãos do
 anjo.

⁵ O anjo tomou então o turíbulo,
 encheu-o com o fogo do altar e o lan-
 çou sobre a terra: houve trovões, vo-
 zes, relâmpagos e um terremoto.

Lv 16,12;
 Ez 10,2

As seis primeiras trombetas

⁶ Os sete anjos, que tinham as sete trom-
 betas, prepararam-se para tocar^m.

h. Notar-se-á nesta lista: 1. O primeiro lugar reservado a Judá, tribo messiânica (cf. Gn 49,9-10; Ap 5,5). 2. A ausência de Dan, tribo cuja infidelidade religiosa é atestada já no AT (Jz 18; ela falta na enumeração de 1Cr 4-7). Uma tradição judaica, retomada por Irineu (autor cristão do séc. II), põe em relação Dan com Satanás ou o anticristo. Mas o número das doze tribos é salvaguardado graças à inserção da tribo de Manassés, embora em si já incluída na descendência de José.

i. Alusão provável à liturgia da festa das Tendas, durante a qual o povo entrava em cortejo no recinto do Templo agitando palmas e cantando o Sl 118, cujo v. 25 contém esta prece: *Salva-nos agora (Hosana!)*, à qual talvez corresponda Ap 7,10.

j. Trata-se da provação escatológica (cf. Dn 12,1; Mt 24,21; Mc 13,19; Ap 3,10), da qual as perseguições são uma manifestação.

k. Durante a festa das Tendas (cf. 7,9 e a nota), o povo judeu morava em tendas. Doravante os eleitos são introduzidos na própria tenda de Deus.

l. O culto judaico exigia a presença de um altar de perfumes no Templo. Os ritos de oferenda com ele relacionados passaram logo por um processo de espiritualização, o incenso simbolizando as orações (cf. Sl 141,2). Na liturgia celeste, um anjo oferece sobre o altar, em forma de perfumes, as orações dos santos (= dos fiéis. Ap 5,8, e dos mártires. Ap 6,10).

m. Os flagelos desencadeados pelas trombetas recordam, am-

- ⁷ O primeiro tocou a trombeta: granizo e fogo, em mistura com sangue, caíram sobre a terra; a terça parte da terra ardeu, um terço das árvores ardeu e toda a erva verde ardeu.
- ⁸ O segundo anjo tocou a trombeta: uma como grande montanha abrasada foi lançada ao mar. Uma terça parte do mar transformou-se em sangue,
- ⁹ um terço das criaturas que viviam no mar pereceu, e um terço dos navios foi destruído.
- ¹⁰ O terceiro anjo tocou a trombeta: caiu do céu uma enorme estrela, ardendo como uma tocha. Caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas
- ¹¹ O nome da estrela é: Absinto^a. A terça parte das águas se converteu em absinto, e muitos homens morreram por causa das águas que se tinham tornado amargas.
- ¹² O quarto anjo tocou a trombeta: um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas foram atingidos. Ofuscaram-se por um terço: o dia perdeu um terço de sua claridade, e da mesma forma, a noite.
- ¹³ Então eu vi: ouvi uma águia que voava no meio do céu, gritando com voz forte: Ai! Ai! Ai dos habitantes da terra, por causa dos toques de trombeta dos três anjos que ainda devem tocar.
- ⁹ ¹ O quinto anjo tocou a trombeta: vi uma estrela precipitar-se sobre a terra^a. Foi-lhe dada a chave do poço do abismo^a.
- ² Ela abriu o poço do abismo, e dali subiu fumaça como de uma grande fomalha. O sol se obscureceu, e também o ar.
- ³ E desta fumaça espalharam-se gafanhotos sobre a terra, e foi-lhes dado um poder semelhante ao dos escorpiões da terra.
- ⁴ Foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verdejante, nem a árvore alguma, mas apenas aos homens que não têm o selo de Deus em sua fronte.
- ⁵ Foi-lhes dada a permissão, não de matá-los, mas de ser seu tormento durante cinco meses. E o tormento que causam é como o do homem, quando ferido pelo escorpião^a.
- ⁶ Nesses dias, os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejaram morrer, e a morte fugirá deles.
- ⁷ Os gafanhotos tinham o aspecto de cavalos equipados para o combate; nas suas cabeças havia como que coroas de ouro, e suas faces eram como faces humanas.
- ⁸ Tinham cabelos como que de mulheres, e seus dentes eram como dentes de leão.
- ⁹ Tinham couraças como que de ferro, e o ruído de suas asas era como o ruído de carros com muitos cavalos, correndo para o combate.
- ¹⁰ Têm caudas como as dos escorpiões, armadas de ferrões; nas caudas reside o seu poder de causar dano aos homens durante cinco meses.
- ¹¹ Tinham sobre si, como rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abaddon, e em grego Apolion^a.

plificando-as, as pragas do Egito: granizo (v. 7), água transformada em sangue (v. 8), águas envenenadas (v. 11), trevas (v. 12), gafanhotos (9.3). Cf. Ap 16.1, nota.

n. Planta aromática que contém uma essência amarga e tóxica. o. Imagem freqüente nos apocalipses judaicos para evocar a queda dos anjos (cf. exemplo 1 Henoc 86; cf. também Ap 12.4). p. Lugar onde as potências demoníacas estão temporariamente aprisionadas (cf. Ap 11.7; 17.8; 20.13; Lc 8.31).

q. Lit. *E o seu tormento é como o tormento do escorpião quando ele fere um homem.*

r. Estes gafanhotos (cf. Ap 8.6 nota) não são um simples fenômeno natural, mesmo se muito destruidor, mas são explicitamente apresentados como potências infernais. Seu chefe tem o nome hebraico *Abaddon*, que significa: *perdição, destruição*. No judaísmo pós-bíblico (cf. já Jó 26.6), este título é às vezes sinônimo de inferno. *Sheol*. O nome grego *Apollyōn* significa destruidor. A transposição do hebraico para o grego não é, pois, exata (passagem de um substantivo hebraico para um particípio ativo grego). Mas, esta aproximação talvez seja intencional porque se presta a um jogo de palavras: *Apollyōn* faz evidentemente pensar em *Apollōn*, o grande deus grego.

¹² O primeiro "ai" passou. Dois "ais" vêm ainda, a seguir*.

¹³ O sexto anjo tocou a trombeta:

Ouvi uma voz que vinha dos chifres do altar de ouro que se encontra diante de Deus.

¹⁴ Ela dizia ao sexto anjo, que estava com a trombeta:

Solta os quatro anjos que estão acorrentados sobre o grande rio Eufrates!

¹⁵ Foram então soltos os quatro anjos que estavam prontos para a hora, o dia, o mês e o ano em que deviam matar a terça parte dos homens.

¹⁶ E o número das tropas da cavalaria era: duas miríades de miríades.

Ouvi bem seu número.

¹⁷ Foi assim que me apareceram, na visão, os cavalos e seus cavaleiros: traziam couraças de fogo, de jacinto e de enxofre.

As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leão, e suas bocas vomitavam fogo, fumaça e enxofre.

¹⁸ Por estes três flagelos — o fogo, a fumaça e o enxofre que suas bocas vomitavam — foi morta a terça parte dos homens.

¹⁹ Com efeito, o poder dos cavalos está em suas bocas, bem como em suas caudas. De fato, suas caudas se parecem com serpentes, elas têm cabeças com as quais podem fazer mal.

²⁰ Quanto ao restante dos homens, os que não tinham sido mortos em virtude dos flagelos,

não se arrependeram das obras de suas mãos, mas continuaram a adorar os demônios, os ídolos de ouro ou de prata, de bronze, de pedra ou de madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar.

²¹ Eles não se arrependeram dos seus

assassínios, nem dos seus sortilégios, nem da sua devassidão, nem dos seus roubos.

10 O anjo e o livrinho. 'E eu vi outro anjo poderoso que descia do céu.

Ele estava revestido de uma nuvem, uma glória nimbava sua fronte*, seu rosto era como o sol e seus pés, como colunas de fogo.

² Na mão segurava um livrinho aberto*.

Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra.

³ e clamou com voz forte, como um leão quando ruge. Os 11,10; Am 1,2; 3,8

Quando clamou, os sete trovões fizeram repercutir suas vozes*.

Sl 29,3

⁴ Depois de ribombarem os sete trovões, como eu fosse escrever,

ouvi uma voz que, do céu, me dizia: Guarda em segredo* a mensagem dos sete trovões e não a escrevas.

Dn 8,26; 12,4,9

⁵ Nisto, o anjo que eu vi de pé sobre o mar e sobre a terra, levantou a mão direita para o céu e jurou*.

Dt 32,40; Dn 12,7

⁶ por aquele que vive pelos séculos dos séculos,

que criou o céu e o que nele existe, a terra e o que nela existe, o mar e o que nele existe: não haverá mais prazo.

14,7

⁷ Mas nos dias em que se ouvir o sétimo anjo, quando ele começar a tocar a trombeta, então virá a consumação do mistério de Deus, conforme ele a anunciou a seus servos, os profetas.

Rm 16,25; 1Cor 2,7; Ef 1,9; 3,3,9-11; 6,19; Cl 1,26-27; 2,2; 4,3; Am 3,7; Dn 9,6,10; Zc 1,6; Ap 11,18

⁸ E a voz que eu tinha ouvido, vinda do céu, falou-me de novo e disse:

Vai, toma o livro aberto na mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.

⁹ Adiantei-me para o anjo, rogando-lhe que me desse o livrinho.

s. São os três "ais" anunciados em 8,13.

t. Cf. Ap 4,3 nota.

u. Como a do "livro selado" (Ap 5,1-2), também esta imagem vem da visão de Ez 2,8-3,3. Diferenças, em relação ao "livro selado": este livro é *pequeno* (duplo diminutivo em grego), portanto mais limitado; é apresentado aberto, por isso contém uma revelação mais próxima.

v. No AT, as mesmas imagens são várias vezes aplicadas ao próprio Deus (o rugido do leão em Am 1,2; 3,8; o trovão, no Sl 29,3-9). De origem transcendente, a mensagem dos sete trovões não pode, no momento, ser comunicada aos homens.

w. Lit. *lacrado*. Um documento lacrado não se destina a ser divulgado. Este tema do segredo se relaciona com Dn 12,4.

x. Cena inspirada em Dn 12,7.

Ele me disse: Toma-o e come-o;
será amargo para tuas entranhas,
mas na tua boca terá a doçura do mel⁹.

¹⁰ Tomei o livrinho na mão do anjo e o comi.

^{Ez 3,3} Na minha boca, tinha a doçura do mel;
depois de o ter comido, porém, minhas
entranhas tornaram-se amargas.

¹¹ Disseram-me então:

^{Jr 1,10} É necessário que profetizes de novo
sobre povos, nações, línguas e reis em
grande número.

11 As duas testemunhas

¹ Deram-me então um caniço, seme-
lhante a uma vara de agrimensor,
e disseram-me: Levanta-te, e mede o
templo de Deus, o altar e os que nele
adoram¹.

² Mas deixa fora o átrio exterior do
templo e não o meças, pois foi entre-
gue às nações; estas calçarão aos pés a
cidade santa durante quarenta e dois
meses².

^{Lc 21,24}
^{Dn 7,25;}
^{12,7;}
^{Ap 11,3;}
^{12,6,14;}
^{13,5}

³ Concederei, porém, às minhas duas
testemunhas³ que profetizem,
vestidas de saco, durante mil duzentos
e sessenta dias.

^{Zc 4,3,14} ⁴ Estas são as duas oliveiras e os dois
candelabros que estão firmes diante do
Senhor da terra.

⁵ Se alguém pretende causar-lhes dano,
saí fogo de suas bocas e devora seus
inimigos.

^{2Rs 1,10,14;}
^{Jr 5,14}

Sim, se alguém pretende causar-lhes
dano, é assim que terá de morrer.

⁶ Eles têm o poder de fechar o céu, e

chuva alguma regará os dias de sua
profecia. ^{IRs 17,1;}
^{Tg 5,17}

Eles têm o poder de mudar as águas
em sangue ^{Ex 7,17}

e de ferir a terra com múltiplos flagelos
o quanto quiserem. ^{ISm 4,8}

⁷ Quando, porém, completarem o seu
testemunho,

a besta que sobe do abismo combaterá
contra eles, os vencerá e os matará. ^{Dn 7,3,29;}
^{Ap 13,1;}
^{17,8}

⁸ Seus corpos ficarão na praça da grande
cidade que se chama profeticamente^c
Sodoma e Egito, lá onde o seu Senhor
foi crucificado^d.

⁹ E virão povos, tribos, línguas e nações,
para olhar os seus cadáveres durante
três dias e meio,
e não lhes concederão sepultura.

¹⁰ Os habitantes da terra se rejubilarão por
causa deles, ficarão alegres e trocarão
presentes entre si, porque esses dois pro-
fetis muito os haviam atormentado.

¹¹ Contudo, depois desses três dias e
meio, um sopro de vida, vindo de Deus,
penetrou-os e eles se ergueram. ^{Ez 37,5,10}

Então um grande temor caiu sobre
aqueles que os estavam observando.

¹² Eles ouviram uma voz forte, vinda do
céu, que lhes dizia: Subi para cá.
E eles subiram para o céu, na nuvem, ^{2Rs 2,11}
aos olhos dos seus inimigos.

¹³ Na mesma hora, deu-se um violento
terremoto: ^{Ez 38,19-20}

a décima parte da cidade ruiu e sete mil
pessoas pereceram nessa catástrofe.
Os sobreviventes, tomados de pavor,
renderam glória ao Deus do céu.

y. Cf. Ez 3,3. Aqui, indicação do duplo aspecto da Palavra de Deus. Mas em que ela é doce, e em que amarga? Pode-se hesitar entre diversas hipóteses, p. ex.: doçura de receber a palavra, amargura de ter de exercer o ministério profético; doçura do anúncio da salvação, dureza do anúncio do julgamento; doçura do anúncio da eleição, amargura do anúncio da perseguição.

z. Jerusalém é apresentada aqui em sua ambivalência: a "cidade santa", protótipo da Igreja, a qual será mais imediatamente figurada pela parte reservada do templo; mas também Jerusalém terrestre, que fez morrer os profetas e o próprio Cristo. Esta Jerusalém terrestre é a imagem do mundo que rejeita Deus.

a. Duração típica, tirada de Dn 7,25 e 12,7. Em Dn, os três anos e meio determinam a duração da perseguição organizada por Antíoco Epifanes. A seguir, esses três anos e meio, os quarenta e dois meses ou 1.260 dias, designarão tipicamente a du-

ração da tribulação escatológica e o tempo da Igreja sobre a terra (cf. Ap 11,3; 12,6,14; 13,5).

b. *Das testemunhas*. A descrição deles feita nos vv. 3-4 inspira-se em Zc 4,2-14, texto que o judaísmo aplicava de boa mente a grandes personagens da era messiânica. Aqui, parece ser designada a própria Igreja, recapitulando o testemunho de Elias e de Moisés (v. 6) e o do próprio Cristo, morto e ressuscitado em Jerusalém (vv. 7-12).

c. Lit. que é chamado espiritualmente Sodoma e Egito. Várias vezes no AT, Sodoma é evocada como protótipo de cidade licenciosa (cf. Dt 29,23; 32,32; Is 1,9-10; Jr 23,14; Ez 16,46); o Egito é o paradigma das potências idólatras e hostis ao povo de Deus (cf. Ex 13,14; Is 19,1-3; Sh 11,15-16; 12,23-27; 15,14-19).

d. Por ter levado à morte os profetas e o Messias, Jerusalém é por sua vez citada como centro da infidelidade.

¹⁴ O segundo "ai" passou. Eis que, em breve, vem o terceiro "ai".

A sétima trombeta

¹⁵ O sétimo anjo tocou sua trombeta.

Ressoaram altas vozes, no céu, dizendo:

O reino do mundo é agora de nosso Senhor e do seu Cristo^f;

ele reinará pelos séculos dos séculos.

¹⁶ Os vinte e quatro anciãos, que estão sentados em seus tronos, diante de Deus, caíram com a face por terra, e adoraram a Deus, dizendo:

¹⁷ Graças te damos, Senhor Deus

Todo-poderoso,

que és e que eras^g,

porque exerceste o teu grande poder e estabeleste o teu reinado.

¹⁸ As nações encolerizaram-se, mas foi tua cólera que chegou.

É o tempo do julgamento dos mortos,

tempo da recompensa para teus

servos, os profetas,

os santos e os que temem o teu

nome, pequenos e grandes,

tempo da destruição para os que

destroem a terra.

¹⁹ Abriu-se então o templo de Deus, que está no céu,

e a arca da sua aliança apareceu em seu templo^h.

Então houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e forte tempestade de granizo.

Ex 9,24;
19,16;
Ap 4,5;
16,18

12 A mulher e o dragão

¹ Um grande sinal apareceu no céu:

uma mulher, vestida de sol, a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça;

² estava grávida e gritava em trabalho de parto, em dores para dar à luzⁱ.

³ Apareceu então outro sinal no céu: era um grande dragão, vermelho-afogeuado.

Ele tinha sete cabeças e dez chifres e, nas cabeças, sete diademas.

⁴ Sua cauda, varrendo a terça parte das estrelas do céu, lançou-as sobre a terra^j.

O dragão postou-se diante da mulher, que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho, tão logo nascesse.

⁵ E ela deu à luz um filho, um varão: é ele que deve apascentar todas as nações com vara de ferro^k.

E seu filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono^l.

⁶ A mulher, então, fugiu para o deserto, onde Deus lhe preparava um lugar,

para aí ser alimentada por mil duzentos e sessenta dias^m.

⁷ Houve então um combate no céu:

Sl 104,2;
19,16;
Cl 6,10;
Gn 37,9;

Is 66,7-8;
Mt 4,10

Dn 7,7

Dn 8,10

Is 66,7

Sl 2,2;
10,16; 22,29;
Dn 2,44;
7,4,27;
Ap 19,6;
4,4,10;
7,11

1,4,8;
4,8; 16,25

Sl 2,1,5;
46,7; 99,1

Am 3,7;
Dn 9,6,10;
Zc 1,6;
Ap 10,7

Sl 115,13

Ex 25,9;
2Mc 2,8;
Ap 15,5

c. Cf. Ap 8,13.

f. Lit. *O reino do mundo tornou-se (a) de nosso Senhor e do seu Cristo.*

g. Segundo o juramento do anjo, em Ap 10,7, o soar da sétima trombeta assinala o cumprimento do mistério de Deus. É provavelmente por isso que Deus não é mais designado como o *que vem* (cf. Ap 16,5).

h. Esta representação se compreende melhor ainda à luz de certos temas judaicos e rabínicos. Segundo Ex 25, a arca da aliança teria sido construída conforme o modelo da arca celeste; e é desse protótipo celeste que teríamos aqui a visão. Por outro lado, a tradição acreditava que a arca da aliança havia de ser novamente manifestada no fim dos tempos (cf. 2Mc 2,8). Aqui, a conjunção destes dois temas sugere a revelação plena da aliança.

i. Esta mulher, adornada de adereços celestes, dá à luz um filho no qual é preciso reconhecer o Messias: pois no v. 5 ele realiza a profecia messiânica do Sl 2,9.

Por outro lado, notar-se-á que toda a cena se apresenta como correspondendo diretamente a Gn 3,15, onde se promete à posteridade da mulher (o AT grego em todo caso reconhece aí o anúncio do Messias) a obtenção da vitória sobre a serpente (Satanás). Ora, no Ap 12, o dragão é também chamado a antiga serpente, diabo e Satanás (v. 9).

Tomando-se em conta igualmente o que segue (cf. em particular o v. 17), torna-se claro que esta mulher designa Sião (cf. Is 54; 60; Os 2,21-25), isto é, o povo de Deus que gera o Messias e os fiéis. Na qualidade de mãe do Messias, designaria a mulher de Ap 12 também Maria, como pensaram numerosos Padres e toda uma tradição litúrgica e iconográfica? Muitos exegetas contemporâneos hesitam em propor esta identificação, mesmo a título secundário. Outros, porém, pensam que o autor tenha aludido a Maria enquanto figura da Igreja.

j. O dragão (Satanás) é dotado de atributos que manifestam seu poder. Se for preciso interpretar com mais precisão a queda das estrelas, já evocada em Dn 8,10, pensar-se-á nas especulações judaicas (cf. Ap 9,1 nota) sobre a queda dos anjos (Gn 6).

k. Alusão ao Sl 2,9. Cf. Ap 2,27 e 12,2 nota.

l. O antagonismo anunciado por Gn 3,15 chega agora a seu momento decisivo: a ressurreição do Cristo (*arrebatado para junto de Deus*) é o sinal da derrota de Satanás.

m. Como outrora Israel foi libertado, por seu Deus, da escravidão e dos ataques dos egípcios, e milagrosamente alimentado no deserto, assim a mulher-povo-de-Deus escapa da investida das potências do mal e vive, no deserto, amparada somente pela providência do seu Senhor (cf. ainda v. 14).

Desde o Êxodo, o *deserto* é na Bíblia o símbolo da proteção oni-

Miguel^a e seus anjos combateram contra o dragão.

Também o dragão combateu, junto com seus anjos,

⁸ mas não conseguiu vencer: e não se encontrou mais lugar para eles no céu.

^{20.2-3} ⁹ Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente^a, aquele a quem chamam Diabo e Satanás, o sedutor do mundo inteiro^b.

^{Gn 3.1-5} Ele foi precipitado à terra, seus anjos com ele.

¹⁰ Então ouvi uma forte voz no céu, que dizia:

Eis o tempo da salvação,
da força e do Reinado do nosso Deus
e do poder do seu Cristo:
porque foi derrubado o acusador
dos nossos irmãos^a,
aquele que os acusava dia e noite
diante do nosso Deus.

^{1Jo 2.14} ¹¹ Mas eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra da qual deram testemunho:

^{Mt 16.25p} pois não se apegaram à própria vida, chegando a enfrentar a morte^c.

^{Is 44.23; 49.13} ¹² Por causa disso, alegrai-vos, ó céus e vós que neles habitais!

Ai de vós, terra e mar,
pois o diabo desceu para junto de vós,
cheio de grande furor,

^{20.3} sabendo que lhe resta pouco tempo.

¹³ Quando o dragão se viu precipitado à terra, lançou-se em perseguição à mu- ^{Gn 3.15}
lher que dera à luz o filho varão.

¹⁴ Mas foram dadas à mulher as duas asas ^{Is 40.31}
da grande águia^d,
para que voasse para o deserto, ao lugar
que lhe está reservado para, longe da
serpente, ser alimentada por um tempo,
tempos e a metade de um tempo^d.

¹⁵ Então a serpente vomitou como um rio
d'água atrás da mulher, para que ela
fosse arrastada pela corrente.

¹⁶ Mas a terra veio em socorro da mulher:
a terra se abriu^e e tragou o rio que o
dragão vomitara. ^{Nm 16, 30-34}

¹⁷ Enfurecido contra a mulher, o dragão
foi combater o resto da descendência
dela,

os que observam os mandamentos de
Deus e guardam o testemunho de Jesus^f,

¹⁸ Depois, postou-se sobre a areia do
mar^g.

13 As duas bestas

¹ Então, vi emergir do mar uma besta
com dez chifres e sete cabeças;
sobre os chifres tinha dez diademas e so-
bre as cabeças um nome blasfematório^h. ^{Dn 7.3,8; Ap 11.7; 17.3,8}

² A besta que eu vi parecia um leopardo,
suas patas eram como as do urso,
e a goela como a goela do leão.
E o dragão entregou-lhe sua força, seu
trono e imenso poder. ^{Dn 7.4-6}

potente de Deus (cf. por exemplo 1Rs 17; 19,1-8). Contudo, simboliza também às vezes a prova pela qual Deus faz passar os seus. Quanto aos 1.260 dias, cf. Ap 11,2 nota.

n. O nome *Miguel* significa em hebraico: quem é como Deus? Daniel (10,13,21; 12,1) e, depois dele, o judaísmo, vêm em Miguel um arcânjo de importância excepcional. Ele intercede por Israel ou por todos os justos, e é portanto um dos adversários por excelência de Satanás, o acusador (cf. v. 10).

o. A *serpente original* traduziria provavelmente melhor o matiz do texto grego, mas esta expressão poderia ser compreendida no sentido de um dualismo essencial, que não é bíblico.

p. Cf. Ap 12,2 nota.

q. Satanás = o acusador, cf. Jó 1,9-11; 2,4-5; Zc 3,1-2.

r. Ou: *Eles não amaram a própria vida a ponto de temer a morte*. O testemunho dos cristãos é visto como uma comunhão no testemunho que o próprio Cristo deu, sofrendo e morrendo na cruz. Estamos bem perto da identificação do testemunho com o martírio. Cf. Ap 1,2 nota.

s. Nova alusão à saída do Egito: a imagem de fato, é tirada de Ex 19,4 e Dt 32,11.

t. Cf. Ap 11,2 nota.

u. Lit. a *terra abriu sua boca*.

v. É o cumprimento da profecia de Gn 3,15. A descendência da mulher é antes de tudo o Messias, o primogênito; relativamente a ele, os crentes são o resto de sua descendência. É assim que Paulo chama o Cristo: primogênito de uma multidão de irmãos (Rm 8,29).

w. Alguns mss. leem: *Depois eu me postei sobre a areia do mar*.

x. Alguns mss. leem: *nomes blasfematórios*.

A besta nos é apresentada em traços que sugerem seu parentesco com o Dragão (Satanás) de Ap 12, e que evocam também, em síntese, os quatro animais de Dn 7,2-8. Na visão de Daniel, as bestas simbolizavam os impérios. Aqui, a besta representa o poder imperial romano, potência perseguidora que quer usurpar os títulos e poderes divinos. Daí a menção ao *nome blasfemo* que ela traz.

Deve-se fazer uma aproximação com a descrição da besta em Ap 17,3,7-12: aí se encontra uma explicação das sete cabeças e dos dez chifres.

³ Uma de suas cabeças parecia ferida de morte^a,
mas o ferimento mortal foi curado.
Maravilhada, a terra toda seguiu a besta.

⁴ E adoraram o dragão, porque havia
dado poder à besta,
e adoraram a besta, dizendo:
quem é comparável a besta, e quem
pode combater contra ela?

⁵ Foi-lhe dada uma boca para proferir
palavras arrogantes e blasfêmias,
e foi-lhe dada poder para agir durante
quarenta e dois meses^c.

⁶ Ela abriu sua boca em blasfêmias con-
tra Deus,
para blasfemar contra seu nome, sua
morada^a e os que moram no céu.

⁷ Foi-lhe concedido guerrear contra os
santos^b e vencê-los;
e foi-lhe dado poder sobre toda tribo,
povo, língua e nação.

⁸ Adorá-la-ão todos os que habitam a terra,
todos aqueles cujo nome não está es-
crito, desde a fundação do mundo^d, no
livro da vida do Cordeiro imolado.

⁹ Se alguém tem ouvidos, ouça:
¹⁰ O destinado ao cativeiro,

para o cativeiro irá;
o destinado a perecer pela espada,
pela espada perecerá^d.

^{14,12} É hora de perseverança e fé dos santos^e.

¹¹ Vi, então, subindo da terra, outra besta.
Ela tinha dois chifres como um cordeiro, ^{Mt 7,15}
mas falava como um dragão^f.

¹² Ela exerce todo o poder da primeira
besta sob seus auspícios.
Ela faz com que a terra e seus habitan-
tes adorem a primeira besta, cuja feri-
da mortal fora curada.

¹³ Ela realiza grandes prodígios, a ponto
de fazer descer fogo do céu sobre a
terra, à vista de todos.

¹⁴ Graças aos prodígios que lhe foi con-
cedido realizar sob as vistas da besta^g,
ela seduz os habitantes da terra.
Ela os incita a erguer uma imagem em
honra da besta que traz a ferida da
espada e voltou à vida.

¹⁵ Foi-lhe concedido animar a imagem da
besta^g, de tal modo que esta até falasse
e mandasse matar todos os que não
adorassem a imagem da besta. ^{Dn 3, 5-7,15}

¹⁶ Faz também com que todos, pequenos
e grandes, ricos e pobres, livres e es-
cravos, recebam uma marca na mão
direita ou na frente. ^{14,9,11: 16,2}

¹⁷ E ninguém mais poderá comprar ou
vender, se não tiver a marca, o nome
da besta ou o número do seu nome^h.

¹⁸ É o momento de ter discernimentoⁱ. ^{17,9}
Quem tiver inteligência, interprete o
número da besta^k.

y. Lit. *degolada* ou *imolada*.

A escolha do vocábulo e a continuação da frase manifestam a intenção de estabelecer o paralelismo com o Cordeiro imolado, mas ressuscitado de Ap 5,6. Tanto o falso messias como o falso profeta realizam prodígios que podem iludir (cf. Mt 24,24; 2Ts 2,9-10).

z. Cf. Ap 11,2 nota.

a. Lit. *tenda*. Alusão à *tenda*, chamada a princípio *tenda da reunião* ou do *encontro*, porque o Senhor ali recebia Moisés em audiência durante o Êxodo (cf. Ex 33,11). Depois, a tradição bíblica a identificou sobretudo com o santuário dos israelitas no deserto. Como o templo de Jerusalém, a *tenda* ou *tuberculo* evoca a presença de Deus entre seu povo e seu propósito de aliança. *Traduzimos por *morada*, por causa da associação com *morar*, no fim do v.]

b. Trata-se dos cristãos. Cf. Rm 1,7 nota.

c. Pode-se também entender: *do cordeiro imolado desde a fundação do mundo*. Esta leitura deveria comparar-se com 1Pd 1,19-20. A tradução que se manteve aqui é a mais corrente (de resto recomendada por Ap 17,8) e está na linha de Mt 25,34 e Ef 1,4-5.

d. Texto difícil, cuja transmissão textual incerta revela as hesitações dos primeiros leitores.

Segundo a tradução adotada, que se aparenta com Jr 15,2, o sentido da passagem é o seguinte: os cristãos vivem num tempo de perseguição inevitável, e é nesta circunstância que a perseverança e a fé devem se manifestar.

Segundo outra leitura, é a ideia do castigo dos perseguidores que se acentua:

*Quem arrasta ao cativeiro,
ao cativeiro irá,
quem mata pela espada,
pela espada perecerá.*

e. Lit. *Aqui está a perseverança e a fé dos santos*.

f. Esta segunda besta, a serviço da primeira será designada como Falso Profeta (cf. Ap 16,13; 19,20; 20,10). Este Falso Profeta evoca os falsos profetas e falsos messias cuja vinda é anunciada em Mt 24,11.24 como sinal precursor da volta do verdadeiro Messias. Pode ser que o autor vise mais imediatamente à propagação em favor do culto imperial.

g. Cf. Mt 24,24; Mc 13,22; 2Ts 2,9.

h. Lit. *dar um espírito à imagem da besta*.

i. Os que se recusavam ao culto imperial eram, por isso mesmo, marginalizados da sociedade.

j. Lit. *Aqui está a subordinação*.

k. Lit. *calcule o número da besta*. Trata-se do processo de

⁷ Um dos quatro animais deu aos sete anjos sete taças de ouro, repletas do furor do Deus que vive pelos séculos dos séculos.

Is 51,17;
Ap 4,10;
16,19

⁸ E o templo se encheu de fumaça por causa da glória de Deus e do seu poder^a. E ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos.

Ex 40,
34-35;
1Rs 8,10;
Is 6,4;
Ex 44,4

16 As sete taças

¹Então, ouvi uma voz forte, vinda do templo, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai pela terra as sete taças do furor de Deus^a.

SI 69,25;
Jr 10,25;
Sf 3,8

² E o primeiro partiu e derramou sua taça na terra. Uma úlcera maligna e perniciosamente feriu os homens que traziam a marca da besta e adoravam a sua imagem.

Ex 9,10

³ O segundo derramou sua taça no mar: ele mudou-se em sangue como de um morto, e tudo o que, no mar, tinha sopro de vida morreu.

Ex 7,17-21;
Ap 8,8

⁴ O terceiro derramou sua taça nos rios e nas fontes das águas: eles transformaram-se em sangue.

Ex 7,19-24;
Ap 8,8,10

⁵ Ouvi então o anjo das águas, que dizia: Tu és justo, o Que É, o Que Era, o Santo porque assim exercestes a tua justiça.

1,4-8;
4,8; 11,17

⁶ Já que eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, é também sangue que lhes deste a beber.

17,6;
18,24

Eles o merecem!

⁷ Ouvi também o altar, que dizia: Sim, Senhor Deus Todo-poderoso, teus julgamentos são plenos de verdade e de justiça^b.

6,9;
8,3-4; 14,18

SI 19,10

⁸ O quarto derramou sua taça sobre o sol: e foi-lhe concedido abrasar os homens com seu fogo.

⁹ E os homens foram abrasados por um calor intenso: eles blasfemaram contra o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas, mas não se arrependeram para lhe tributar glória.

¹⁰ O quinto derramou sua taça sobre o trono da besta:

seu reino ficou mergulhado em trevas. Os homens mordiam a língua de dor;

Ex 10,21;
Is 8,21-22

¹¹ eles blasfemaram contra o Deus do céu por causa de suas dores e úlceras, mas não se arrependeram de suas obras.

¹² O sexto derramou sua taça sobre o grande rio Eufrates:

9,14

e a sua água secou, abrindo-se o caminho para os reis que vêm do Oriente.

¹³ Nisto, da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta, vi sair três espíritos impuros, parecidos com rãs.

¹⁴ Com efeito, são espíritos de demônios. Eles realizam prodígios e se dirigem aos reis do mundo inteiro, a fim de juntá-los para a batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso.

¹⁵ Olha: venho como um ladrão! Feliz daquele que vigia e guarda suas vestes, para não ter de andar nu e deixar que vejam a sua vergonha^c.

1Ts 5,2;
Ap 3,3

¹⁶ Eles os reuniram^d no lugar que, em hebraico, se chama Harmagedon^e.

¹⁷ O sétimo derramou sua taça pelos ares, e, do templo, saiu uma voz forte, vinda do trono. Ela dizia: Está feito!

3,18

z. A fumaça — como a nuvem, o fogo ou o raio — faz parte do quadro tradicional das teofanias. Para evocar a glória divina presente no templo celeste, o autor inspira-se particularmente em textos bíblicos referentes à manifestação dessa glória no tabernáculo do deserto ou no templo de Jerusalém (cf. Ex 40,34-35; 1Rs 8,10-11; 2Cr 7,1-3; Is 6,4).

a. Como em Ap 8-9, os flagelos que vão ser descritos recordam os do Egito: úlcera (v. 2; cf. Ex 9,8-11); águas transformadas em sangue (vv. 3-4; cf. Ex 7,17-25); trevas (v. 10; cf. Ex 10,21-23); rãs (vv. 13-14; cf. Ex 7,27-29); trovão e granizo (vv. 18-21; cf. Ex 9,23-26).

b. Realização da expectativa expressa em Ap 6,10.

c. Este v. não parece estar bem situado, porque interrompe a apresentação da sexta praga: os vv. 14 e 16 devem ser lidos em sequência.

d. Lit. *Ele os reuniu*.

e. Em hebraico *Har Megiddô* significa "a montanha de Meguido".

Meguido é uma cidade na planície de Esdrelon, ao pé do Carmelo, onde se desenrolaram sangrentas batalhas (cf. Jz 4,12-16; 2 Rs 23,29). Em Zc 12,11, este nome simboliza o desastre final dos exércitos inimigos.

Ex 9,24; 18 Sobrevieram então relâmpagos, vozes
19,16; e trovões, e um terremoto tão violento
Ap 4,5; como jamais houve igual desde que o
11,19 homem está na terra.
Dn 12,1;
Mc 13,19

19 A grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações ruíram. Então, Deus lembrou-se da grande Babilônia,

para dar-lhe o cálice onde ferve o vinho da sua ira.

20 As ilhas todas fugiram e os montes desapareceram^f.

Ex 9,22 21 E enormes pedras de granizo, como que pesando um talento^g, caíram sobre os homens,

e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga do granizo, porque era uma praga sobremodo terrível.

17 O julgamento da grande prostituta

¹E um dos sete anjos que tinham as sete taças adiantou-se e me falou nestes termos:

Vem, e eu te mostrarei o julgamento da grande prostituta que reside à beira dos oceanos^h;

Jr 51,13

²com ela os reis da terra se prostituíram, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituiçãoⁱ.

Is 23,17

Jr 51,7

³Ele então me transportou em espírito ao deserto.

Is 21,1-2

E vi uma mulher sentada numa besta escarlata, coberta de nomes blasfematórios^j, e com sete cabeças e dez chifres.

13,1

⁴A mulher, vestida de púrpura e escarlata, resplandecia de ouro, pedras preciosas e pérolas.

Jr 51,7

Segurava na mão uma taça cheia de

abominações: as imundícies de sua prostituição.

⁵Na sua frente estava escrito um nome misterioso:

2Ts 2,7

Babilônia, a grande, mãe das prostitutas e das abominações da terra.

⁶E eu vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e o sangue das testemunhas de Jesus.

À sua vista espantei-me fortemente.

⁷O anjo, porém, me disse: Por que te espantas?

Eu te direi o mistério da mulher e da besta de sete cabeças e dez chifres que a transporta.

⁸A besta que viste era, mas não é mais. 13,1-4

Ela vai subir do abismo e encaminhar-se para a perdição^k.

E os habitantes da terra, cujo nome não está escrito no livro da vida desde a 20,12

fundação do mundo, se espantarão ao verem a besta, pois ela era, não é mais, mas retornará.

⁹É o momento de ter a inteligência iluminada pela sabedoria: 13,18

as sete cabeças são as sete montanhas sobre as quais a mulher está sentada^l. São também sete reis.

¹⁰Cinco dentre eles caíram, o sexto reina, o sétimo^m ainda não veio, mas quando vier, deve permanecer pouco tempoⁿ.

¹¹A besta que era e que não é mais é ela mesma um oitavo rei.

Pertence ao número dos sete e se encaminha para a perdição^o.

¹²Os dez chifres que viste são dez reis Dn 7,24 que ainda não receberam a realeza, mas, por uma hora, partilharão o poder real com a besta^p.

f. Cf. Sl 46,3; Jr 4,24; Ez 26,18 e 38,20; Na 1,5; Ap 6,14.

g. O talento é uma medida de peso: cerca de 40kg.

h. A figura da prostituta simboliza freqüentemente no AT um povo ou uma cidade idólatra, cf. Is 1,21; 23,16-18; Ez 16,15-63; Os 2, 5,3; Na 3,4. Trata-se provavelmente aqui da Roma imperial, centro do paganismo idólatra e da potência perseguidora (v. 6). Assim se explica a sua descrição: estabelecida à beira das águas (v. 1) e montada numa besta com sete cabeças, que, segundo o v. 9, designam sete colinas — as sete colinas de Roma.

i. Alusão à participação dos reis e dos povos no culto imperial idólatra.

j. Cf. Ap 13,1 nota.

k. Enquanto Deus é apresentado como Aquele que era, que é e

que vem (cf. Ap 1,4,8; 4,8), a besta, símbolo das potências inimigas, era e, apesar da sua existência presente, o vidente a considera já aniquilada pelo julgamento de Deus, que a reserva para a perdição.

l. Cf. 17,1 nota.

m. Lit. *Os cinco caíram, um existe, o outro...*

n. O autor alude provavelmente à sucessão de sete imperadores romanos. A identificação, porém, de cada um deles é problemática: considerando só os principais e partindo de Augusto, chega-se a Nero como o quinto, e a Domiciano como oitavo.

o. Talvez se trate do imperador Domiciano, um segundo Nero enquanto perseguidor. Sabe-se que havia lendas, na época, anunciando o retorno de Nero após sua morte.

p. Devem-se ver nesses reis provavelmente os soberanos das

⁷ Alegremo-nos, exultemos e demos glória a ele, porque chegaram as núpcias do Cordeiro*.

21.29 Sua esposa se preparou:

Is 61.10 ⁸ foi-lhe dado vestir-se de um linho resplandecente e puro, porque o linho são as obras justas dos santos.

⁹ Um anjo me disse^y: Escreve!

Mt 22.1-14 ¹⁰ Felizes os convidados ao banquete das núpcias do Cordeiro!
Depois, disse-me: Estas são palavras do próprio Deus*.

¹¹ Caí então a seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: Não faças isso!

Sou um companheiro de serviço, teu e dos teus irmãos que guardam o testemunho de Jesus.

É a Deus que debes adorar, pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia*.

A vitória do Messias

¹¹ Então, vi o céu aberto: era um cavalo branco, e aquele que o monta se chama Fiel e Verdadeiro.

1.5;
3.7.14

Ele julga e combate com justiça^h.

Dn 10.6; ¹² Seus olhos são uma chama ardente; sobre sua cabeça, numerosos diademas, e, inscrito nele, um nome que ninguém conhece, exceto ele*.

Ap 1.14;
2.18

2.17

¹³ Está revestido de um manto embebido em sangue^d.

Jo 1.1 e seu nome é: a Palavra de Deus.

¹⁴ Os exércitos do céu o seguiam em cavalos brancos, vestidos de linho branco e puro.

¹⁵ De sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações. Jo 18.36

Ele as apascentará com uma vara de ferro, ele pisará o lagar onde ferve o vinho da ira de Deus, o Todo-poderoso. 2.27
12.5;
Sl 2.9

¹⁶ Sobre seu manto e sobre sua coxa traz inscrito um nome:

Rei dos reis e Senhor dos senhores. 14.19

¹⁷ Vi então um anjo de pé, no sol.

Ele gritou com voz forte a todos os pássaros que voavam pelo zênite: Vinde, reuni-vos para o grande banquete de Deus. 17.14;
Dt 10.17;
Dn 2.47;
1Tm 6.15

¹⁸ para comer a carne dos reis a carne dos tribunos e a carne dos poderosos, a carne dos cavalos e dos que os montam, a carne de todos os homens: livres e escravos, pequenos e grandes*.

¹⁹ E vi a besta, os reis da terra e seus exércitos, reunidos para combater contra o cavaleiro^f e o seu exército. 16.14.16;
17.12-14

²⁰ A besta foi capturada, e com ela o falso profeta* que, pelos prodígios realizados diante dela, tinha seduzido os que haviam recebido a marca da besta e adorado a sua imagem. 13.13-17

Ambos foram lançados vivos no lago de fogo abrasado com enxofre^h.

Dn 7.11

²¹ Os restantes foram mortos pela espada que saía da boca do cavaleiro,

x. No AT, Deus é às vezes chamado de o esposo de Israel (Is 54.1-8; Os 2.16-18). O cristianismo adota este simbolismo, embora modificando-o um pouco. 1. É Cristo que é o esposo da Igreja (cf. Ef 5.23,25.32). 2. As núpcias, realização perfeita da aliança, são esperadas para o fim dos tempos (cf. Mt 22.2; 25.1-13).

y. Lit. *e ele me disse*. O v. 10 e seu paralelo (22.8) mostram claramente que se trata de um anjo.

z. Pode-se também compreender: *estas palavras de Deus são verídicas*.

a. O Espírito que inspirava os profetas dava antecipadamente testemunho de Jesus. Prestar agora esse testemunho é proclamar, sob a mesma inspiração, o cumprimento da mensagem profética.

b. A descrição deste cavaleiro celeste inspira-se em várias profecias que permitem precisar sua identidade e melhor compreender sua ação: 1. É o Messias, filho de David, segundo Is 11.3-4 (cf. vv. 11.15) e o Sl 2.9 (cf. v. 15). 2. É também a Palavra de Deus que, na descrição da noite pascal segundo Sb 18.14-15 (cf. v. 13), desempenha o papel do anjo exterminador (cf. v. 13).

c. Na descrição do cavaleiro, há várias alusões aos nomes que ele traz (vv. 12.13.16).

Tais nomes caracterizam os diversos aspectos de sua pessoa e de sua ação: o nome misterioso do v. 12 qualifica sua transcendência e sua divindade; no v. 13, o título de Palavra de Deus evoca sua função de juiz escatológico (cf. Sb 18.15-16; Is 11.4 e Ap 19.11 nota); no v. 16, seu senhorio é claramente proclamado.

d. Alusão a Is 63.1-3 (cf. também Ap 19.15) que as tradições judaicas (*targumim*) já compreendiam como uma profecia do julgamento realizado pelo messias.

e. Esta descrição inspira-se diretamente na visão de Ez 39.17-20.

f. Lit. *aquele que monta o cavalo*. Idem no v. 21.

g. O castigo atinge os representantes das potências do mal na ordem inversa da sua aparição no *Apocalipse* (Satanás, Ap 12; besta e falso profeta, Ap 13; exércitos satânicos, Ap 17). A punição de Satanás será descrita em Ap 20.

h. Cf. Ap 14.10 nota.

e todos os pássaros se fartaram com as suas carnes.

20 Os mil anos

¹Vi então um anjo que descia do céu.

Tinha na mão a chave do abismo¹ e uma pesada corrente.

²Apoderou-se do dragão, da antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o acorrentou por mil anos¹.

³Precipitou-o no abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo, para que não seduzisse mais as nações até que se completassem os mil anos.

É necessário, depois disto, que ele seja solto por um pouco de tempo⁴.

⁴Vi, também, tronos.

Aos que neles se sentaram foi concedido que exercessem o julgamento.¹

Vi ainda as almas dos que tinham sido decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e os que não tinham adorado a besta nem sua imagem e não tinham recebido a marca na fronte nem sobre a mão.

Eles tornaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos^m. 5.10;
Rm 5.17

⁵Os outros mortos não tornaram à vida antes que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição.

⁶Felizes e santos os⁹ que têm parte na primeira ressurreição.

Sobre estes, a segunda morte⁹ não tem poder: eles serão sacerdotes de Deus e do Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos. 5.10

Vitória final e julgamento

⁷Quando se tiverem completado os mil anos, Satanás será solto de sua prisão,

e sairá para seduzir as nações que estarão nos quatro cantos da terra, Gog e Magog⁹.

Ele as reunirá para o combate: seu número é como a areia do mar. 16.14-16;
19.19-21

⁹Eles invadiram toda a extensão da terra e investiram contra o acampamento dos santos e a cidade bem-amada⁹. Mas desceu um fogo do céu e os devorou. Lc 21.24
SI 78.68;
87.2
2Rs 1.10.12

i. Cf. Ap 9.1 nota.

j. Esta notação cronológica, que volta nos vv. 3.4.5.6 e 7, é interpretada diversamente. Podem-se distinguir, de modo geral, dois tipos de explicação, ambos ainda hoje representados:

1. A interpretação chamada milenarista ou, mais exatamente, futurista: Ap anuncia um reino terrestre de mil anos, distinto do reino de Deus. As especulações desenfreadas que esta interpretação ocasionou têm levado os exegetas a defendê-la com mais prudência: eles distinguem aqui o anúncio profético de um cumprimento na história. Deus quer que o próprio mundo, num primeiro tempo do fim, seja o lugar onde se manifesta a glória da revelação.

2. A interpretação simbólica ou espiritual: o período visado não deve ser aguardado para o futuro, mas trata-se da época intermédia entre a vinda do Cristo e o fim. Se os verbos estão no futuro, não se deve ver aí mais do que um recurso tradicional de expressão profética. Com efeito, desde a manifestação de Jesus, Satanás está amassado (cf. Mt 12.25-29). Explica-se, então, a menção aos mil anos, quer como empréstimo a uma cronologia do mundo construída sobre o esquema de uma semana cósmica de 7.000 anos, quer, mais provavelmente, como uma alusão às especulações sobre a permanência do primeiro homem no paraíso: Deus disse a Adão que ele morreria no dia em que comesse do fruto proibido (Gn 2.17), e Adão morreu com a idade de 930 anos (Gn 5.5). Ora, segundo o SI 90, mil anos são um dia para Deus... O reino dos mil anos significaria então que a vinda do Cristo permite ao crente, desde agora, um verdadeiro acesso à vida paradisíaca (cf. Ap 2.7).

k. Como quer que se interprete esta frase, é preciso relacioná-la com o seu paralelo (Ap 12.12): a ação de Satanás é sempre estritamente limitada e destinada ao fracasso final. Far-se-á igualmente a comparação com os três anos e meio (cf. Ap 11.2 nota).

l. Lit. *eles se sentaram ali e lhes foi dado o julgamento*.

m. Segundo o v. 5, trata-se da primeira ressurreição. Encontram-se novamente aqui os dois tipos de interpretação evocados a propósito dos mil anos (cf. Ap 20.2 nota): 1. Trata-se de uma ressurreição (corporal) para o penúltimo período da história da salvação. 2. Deve-se entender esta ressurreição num sentido espiritual: é a vida nova que o Cristo nos dá (cf. Cl 2.12; 3.1).

n. Lit. *Feliz e santo o que...*

o. Cf. Ap 2.11 nota.

p. O AT conhece um Gog entre os descendentes de Rúben (1Cr 5.4) e um Magog entre os filhos de Jafé (Gn 10.2). Ez 38-39 anuncia o ataque final de Gog, rei de Magog, contra o Israel restaurado. As tradições judaicas reservam grande espaço a Gog e Magog, compreendidos como nomes dos povos que atacarão Israel (ou mesmo precisamente Jerusalém) antes, durante, ou imediatamente após a era messiânica. A intervenção miraculosa de Deus (às vezes através da pessoa do Messias) aniquilará esta coalizão que simboliza o último sobressalto de hostilidade do mundo pagão.

Ap inspira-se, evidentemente, tanto na profecia de Ezequiel como nestas tradições judaicas. Notar-se-á que toda identificação geográfica e histórica é deliberadamente excluída: estes povos sobem dos quatro cantos da terra. Trata-se pois de uma imagem da hostilidade do mundo ao plano de Deus: hostilidade que se manifesta até o fim, cada vez mais absoluta.

q. Talvez o vidente descreva esta invasão escatológica inspirando-se nas invasões históricas que a Palestina e sua cidade santa, Jerusalém, sofreram. Mas em última análise o acampamento dos Santos e a cidade bem-amada são para ele os símbolos da Igreja universal espalhada através do mundo, onde ela caminha como o povo de Deus no deserto (cf. Nm 2).

- 19,20 ¹⁰ E o diabo, seu sedutor, foi precipitado no lago de fogo e enxofre, junto à besta e ao falso profeta.
E eles serão atormentados dia e noite, pelos séculos dos séculos.
- ¹¹ Vi então um grande trono branco e aquele que nele estava sentado: a terra e o céu fugiram de sua presença e não deixaram vestígios^a.
- ¹² E vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono, e abriram-se livros^a. Ainda outro livro foi aberto: o livro da vida^a, e os mortos foram julgados segundo suas obras, de acordo com o que estava escrito nos livros.
- ¹³ O mar devolveu os seus mortos; a morte e o Hades^a devolveram os seus mortos^a, e cada um foi julgado segundo suas obras.
- ¹⁴ Então, a morte e o Hades foram precipitados no lago de fogo^a.
O lago de fogo, eis a segunda morte^a.
- ¹⁵ E todo aquele que não foi encontrado inscrito no livro da vida foi precipitado no lago de fogo.

Is 65,17;
66,22;
2Pd 3,13;
Ap 20,11

21 Os novos céus e a nova terra

¹ Vi então um céu novo e uma nova

r. Lit. e não se encontrou um lugar para eles.
A frase pode ser entendida como uma eliminação da primeira criação (cf. Ap 21,1; 2Pd 3,7.10.12), ou simplesmente como um pôr à parte: pois o céu e a terra foram apenas o quadro dentro do qual agiram os homens, únicos responsáveis e portanto só eles foram atingidos pelo julgamento.

s. Trata-se dos arquivos celestes nos quais são consignadas as ações humanas (cf. Dn 7,10).

t. Cf. Ap 3,5 nota.
u. Cf. Ap 1,18 nota.

v. Lit. os mortos que nelu estavam... os mortos que neles estavam.

w. Cf. Ap 14,10 nota.

x. Cf. Ap 2,11 nota.

y. Tema clássico da eliminação da primeira criação e de sua substituição por uma criação nova, de outra ordem. Esta representação da fase última da obra regenerada de Deus já aparece em Is 65,17 e 66,22. Tornamos a encontrá-la várias vezes na literatura apocalíptica (cf. *Henoc* 45,4-5; 71,1; 91,16; *4Esd* 7,75), bem como no Novo Testamento (cf., p. ex., Mt 19,28; Mc 13,24,31; 2Cor 5,17; Cl 3,10; 2Pd 3,13).

O mar não tem mais lugar na nova criação, uma vez que, segundo as cosmogonias antigas, é o resíduo do caos primitivo e a morada das potências do abismo.

z. Cf. Ap 3,12 nota. Esta evocação da *nova Jerusalém* que

terra, porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existe^a.

² E a cidade santa, a nova Jerusalém^a, eu a vi descendo do céu, de junto de Deus,
preparada como uma esposa que se enfeitou para seu esposo^a.

Is 61,10;
65,18;
Gl 4,26;
Ap 3,12
Is 52,1;
Os 2,16;
Ap 19,7

³ E ouvi uma voz forte, vinda do trono, que dizia:

Eis a morada^b de Deus com os homens. Ele habitará com eles.

Ez 37,27;
Zc 2,14;

Eles serão seu povo e ele será o Deus que está com eles^c.

Ez 37,27;
Mt 1,23

⁴ Ele enxugará toda lágrima de seus olhos. Já não haverá morte.

Is 25,8;
35,10;
65,19;

Não haverá mais luto, nem clamor, nem sofrimento, pois o mundo antigo desapareceu^d.

Ap 7,17

⁵ E Aquele que está sentado no trono disse então:

Eis que eu faço novas todas as coisas! Depois disse: Escreve: estas palavras são certas e verídicas.

Is 43,23;
2Cor 5,17
Dn 8,26;
Ap 19,9;
22,6

⁶ Disse-me ainda: Está feito.

Eu sou o Alfa e o Ômega^e, o começo^f e o fim.

1,8;
22,13;

A quem tem sede,

Is 55,1;
Jo 4,10-14
7,37;

darei gratuitamente da fonte da água da vida.

Ap 7,17;
22,17

desce do céu sintetiza dois temas do AT: de um lado, a idealização da Jerusalém escatológica (cf. Is 60 e 62; 65,18-25); de outro lado, a existência de um protótipo celeste dos sinais da presença de Deus entre seu povo (cf. Ex 25; Ap 11,19 nota). Estes dois temas são destinados a sugerir o que Deus planeja e o que vai realizar. — Aqui, a cidade santa designa a Igreja, mas vista em sua realidade gloriosa e ideal, da Parusia. Ela pode chamar-se Jerusalém enquanto lugar de reunião do povo consagrado. Ela vem do céu, porque não se trata de uma realização humana, mas de uma comunidade fundada e animada por Deus (cf. igualmente Gl 4,26).

a. Cf. Ap 19,7 nota.

b. Lit. *tenda, tabernáculo*. É a realização de Lv 26,11-13.

Como em Ap 7,15-17, o tema da presença de Deus entre os homens é expresso aqui nas categorias do Êxodo. Idêntica evocação em Jo 1,14, mas aplicada à Encarnação vista como inauguração da presença escatológica.

c. Transposição exata de *Imanu-El* (= Deus conosco: cf. Is 7,14). Segundo alguns mss., poder-se-ia traduzir: *E ele — Deus com eles — será o seu Deus*.

d. Lit. *as primeiras coisas passaram*.

e. Cf. Ap 1,8 nota.

f. De conformidade com Ap 3,14, deveria traduzir-se o Princípio, mas sem a determinação de 3,14, o vocábulo, aqui, seria ambíguo.

⁷ O vencedor receberá esta herança,
e eu serei seu Deus e ele será meu filho.
⁸ Quanto aos covardes, aos infieis, aos
depravados, aos assassinos, aos impu-
dicos, aos magos, aos idólatras e a to-
dos os mentirosos, o seu quinhão se
encontra no lago ardente de fogo e
enxofre: é a segunda morte.

A nova Jerusalém

⁹ Então um dos sete anjos, dos que ti-
nham as sete taças cheias das sete úl-
timas pragas, veio dirigir-me a palavra
e me disse:

Aproxima-te, vou mostrar-te a noiva, a
esposa do Cordeiro.

¹⁰ Ele arrebatou-me em espírito a uma
grande e alta montanha,
e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém,
que descia do céu, de junto de Deus.

¹¹ Ela brilhava com a própria glória de
Deus*.
Seu esplendor era como o de uma pe-
dra preciosa,
como pedra de jaspe cristalino.

¹² Tinha espessas e altas muralhas.
¹³ Tinha doze portas,
e, nas portas, doze anjos, e nomes ins-
critos:
os nomes das doze tribos dos filhos de
Israel^h.

¹³ Ao oriente, três portas; ao norte, três
portas;
ao sul, três portas; e ao ocidente, três
portas.

¹⁴ As muralhas da cidade tinham doze
fundamentos,
e sobre eles os doze nomes dos doze
apóstolos do Cordeiro.

¹⁵ Aquele que me falava segurava uma
medida, uma cana de ouro,
para medir a cidade, suas portas e suas
muralhas.

¹⁶ A cidade era quadrada: seu compri-
mento igualava sua largura. Ele a me-
diu com a cana, ela contava doze mil
estádiosⁱ:
o comprimento, a largura e a altura
eram iguais.

¹⁷ Mediu também as muralhas: elas conta-
vam cento e quarenta e quatro côvados,
medida humana que o anjo utilizava^j.

¹⁸ O material das muralhas era jaspe,
e a cidade era de um ouro puro pare-
cido com puro cristal.

¹⁹ Os fundamentos das muralhas da cida-
de estavam adornados com todo tipo
de pedras preciosas:
o primeiro alicerce era de jaspe, o se-
gundo, de safira,
o terceiro, de calcedônia, o quarto de
esmeralda,

²⁰ o quinto, de sardônio, o sexto, de
cornalina,
o sétimo, de crisólito, o oitavo, de berilo,
o nono, de topázio, e o décimo, de
crisópraso;
o undécimo, de jacinto, e o duodécimo,
de ametista.

²¹ As doze portas eram doze pérolas. Cada
porta era de uma só pérola.
E a praça da cidade era de ouro puro,
como cristal límpido.

²² Nenhum templo, porém, vi na cidade,
porque seu templo é o Senhor, o Deus
Todo-poderoso, bem como o Cordeiro^k.

²³ A cidade não precisa do sol nem da
lua para a iluminaram,

2Sm 7.14;
Sl 2.7;
Rg 27-28;
Hb 1.4-5
22.15

14.10; 20.10
2.11;
20.6.14

15.1; 17.1

19.7; 21.2

Ez 40.2

Is 60.1-2

Ez 48.31-35

Er 2.20

Ez 40.3;
Zc 2.5-6;
Ap 11.1

Is 54.11-12

Jo 2.19-21;
Ap 21.3;
22.3

Is 60.1.19

g. Irradiação luminosa que revela a presença transcendente, como por ocasião da consagração da Tenda e do Templo (cf. Ap 15.8 nota).

A descrição a seguir (medidas estereotipadas, materiais preciosos etc.) quer sobretudo evocar a perfeição da nova Jerusalém. O conjunto de imagens é o das teofanias e da visão de Jerusalém restaurada segundo Ez 40-48. Algumas aplicações podem ser feitas à realidade da comunidade cristã.

h. A Igreja e a realização do povo da aliança (cf. também Ap 7.4-8).

i. Lit. *ele mediu a cidade com a cana sobre doze mil estádios*.

j. Lit. *medida de homem que é a do anjo*, ou: *medida de ho-*

mem, isto é, de anjo. Observação obscura, querendo talvez simplesmente recordar que homens e anjos são igualmente "servos de Deus" (cf. Ap 10.10; 22.9). A menos que o autor tenha querido sugerir que o número desta medida tem um sentido espiritual (cf. Ap 13.18): no caso presente, a perfeição da cidade santa (cf. Ap 7.4; 14.1).

k. Na Jerusalém celeste, não há mais lugar reservado para a Presença sagrada: a comunicação com o Senhor é imediata. É a realização plena da "presença de Deus entre os homens" (cf. Ap 21.3). Segundo Jo 2.21, é corpo do Cristo que é o novo Templo da era escatológica.

pois a glória de Deus a ilumina e sua lâmpada é o Cordeiro.

Is 2,2-4; 25,6-8 ²⁴ As nações caminharão à sua luz, e os reis da terra lhe trarão sua glória¹.

Is 60,11 ²⁵ Suas portas nunca se fecharão durante o dia, pois nesse lugar não haverá mais noite^m.

²⁶ Levar-lhe-ão a glória e a honra das nações,

Is 35,8; 52,1; Zc 13,1-2 ²⁷ Nela não entrará nada impuro, nem quem pratique a abominação e a mentira,

mas unicamente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro^o.

22 ¹ Ele mostrou-me depois um rio de água da vida, brilhante como cristal, que jorrava do trono de Deus e do Cordeiro^o.

² No meio da praça da cidade e dos dois braços do rio^o,

Ez 47,12 Gn 2,9; Ap 2,7; 22,14,19 há uma árvore de vida^u que frutifica doze vezes.

Cada mês ela dá seu fruto, e sua folhagem serve para a cura das nações.

Gn 3,22; Zc 14,11 ³ Não haverá mais maldição^r.

21,22 O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade

e seus servos lhe prestarão culto:

Sl 11,7; 17,15; 1Jo 3,2 ⁴ verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronte.

Is 60,19; Ap 21,23-26 ⁵ Não haverá mais noite, ninguém mais precisará de luz da lâmpada nem da luz do sol,

porque o Senhor Deus difundirá sobre eles a sua luz,

Dn 7,18,27; Ap 5,10 e reinarão pelos séculos dos séculos.

Epílogo

Dn 8,26; Ap 19,9; 21,5 ⁶ Disse-me então: Estas palavras são cer-

tas e verídicas; o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo, para mostrar a seus servos o que deve acontecer em breve.

Dn 2,28; Ap 1,1,19; 21,16

⁷ Eis que venho em breve. Feliz o que guarda as palavras proféticas deste livro.

1,3; 3,11; 22,10,12,20

⁸ Eu, João, ouvi e vi estas coisas.

E, depois de ter ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que me mostrava isso, para adorá-lo.

Ap 19,10

⁹ Mas ele me disse: Não faças isso! Sou um companheiro de serviço, teu e dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro.

É a Deus que debes adorar.

¹⁰ Disse-me ainda: Não mantenhas em segredo^s as palavras proféticas deste livro, porque o tempo está próximo.

10,4

1,3; 22,7,12

¹¹ Que o injusto continue a praticar a injustiça e que o impuro continue na impureza, mas que o justo continue a praticar a justiça e que o santo se santifique ainda mais.

Dn 12,10

¹² Eis que eu venho em breve, e minha retribuição está comigo, para pagar a cada um segundo as suas obras.

Is 40,10; Sl 28,4; 62,13; Mt 16,27

¹³ Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o começo e o fim.

Is 41,4; 44,6; Ap 1,8,17; 2,8; 21,6

¹⁴ Felizes os que lavam suas vestes, para que lhes caiba o direito à árvore de vida e possam entrar, pelas portas, na cidade.

7,14

Gn 2,9; 3,22; Ap 2,7; 22,19

¹⁵ Fora os cães e os magos, os impudicos e os assassinos,

21,8,27; 22,19

1. Tema da grande peregrinação escatológica para Jerusalém, transformada em sede da reunião espiritual de todos os povos (cf. Is 60,3,11).

m. Como o mar, também as trevas, resíduo do caos primitivo, não existirão mais na nova criação (cf. Ap 21,1).

n. Cf. Ap 3,5 nota.

o. Segundo Ez 47,1-12, o rio jorrava do Templo; na nova Jerusalém, o Templo é o próprio Senhor Deus e o Cordeiro (cf. Ap 21,22). A imagem aqui empregada acentua, portanto, que a vida vem diretamente de Deus e do Cordeiro (cf. igualmente Jo 7,38).

p. Lit. *No meio da praça e do rio, de uma parte e da outra*. A ambigüidade da frase permite diversas interpretações desta descrição inspirada na imagem do Jardim do Éden: seja várias árvores de vida nas margens do rio, seja uma árvore de vida no meio de um rio que, segundo Gn 2,10, se divide em vários braços.

q. Cf. Ap 2,7 nota.

r. Pode-se também traduzir: *Não haverá mais anátema*. É a anulação da sentença que interditava o acesso ao Paraíso (cf. Gn 3,22-24).

s. Lit. *Não seles* (cf. Ap 10,4 nota).

os idólatras e todo aquele que ame ou pratique a mentira!

1.1.11: ¹⁶ Eu, Jesus, enviei meu anjo para vos
22.6 testemunhar estas coisas a respeito das Igrejas¹.

Sou o Rebento e a descendência de David^u,

a brilhante estrela da manhã^v.

¹⁷ O Espírito e a esposa dizem: Vem!

E o que ouvir diga: Vem!

Is 55.1: Que venha o que tem sede.

Jo 7.37: O que quiser receba, gratuitamente, da
Ap 2.16 água da vida.

¹⁸ Eu atesto a todo o que ouvir as pala-

vas proféticas deste livro:

Se alguém lhes fizer qualquer acrésci- Dt 4.2
mo, Deus lhe acrescentará as pragas
escritas neste livro.

¹⁹ E se alguém tirar qualquer coisa das
palavras deste livro profético,

Deus lhe retirará a sua parte da árvore
da vida e da cidade santa,

que estão descritas neste livro.

²⁰ O que dá testemunho destas coisas diz:

Sim, eu venho em breve.

1.3:

Amém. Vem, Senhor Jesus^w!

3.11:

22.7.10.12

²¹ A graça do Senhor Jesus esteja com
todos!

1Cor 16.22

t. Pode-se também traduzir: *no meio das Igrejas*.

u. Cf. Ap 5.5 nota.

v. Cf. Ap 2.28 nota.

w. O texto grego é a transposição da fórmula aramaica *Maraná tá* (= *Senhor nosso, vem!*) que exprimia a esperança escatológica e entrara no uso litúrgico (cf. 1Cor 16.22).

QUADRO CRONOLÓGICO

À esquerda da página, encontram-se registrados os eventos externos ao povo de Israel ou à sua pré-história.

I. ANTES DAS ORIGENS DE ISRAEL

Período pré-histórico: aparição do homem, instrumentos de pedra.	...?	
	400000	Paleolítico inferior: primeiros vestígios comprovados da presença humana no Oriente Próximo (Ubeidyeh, próximo ao lago de Tiberíades).
	9000	Surgimento de um habitat construído.
	4500	Neolítico: surgimento da cerâmica.
	3600	Civilização gassuliana: surgimento da metalurgia (cobre).
Período histórico.	3500	
Mesopotâmia: Sumer, posteriormente Acad: surgimento da escrita cuneiforme.		
	3200	Período pré-urbano.
Egito: início do Império Antigo; fundação de Mênfis; escrita hieroglífica.	3100	
As grandes pirâmides (2600-2500).	2900	Idade do Bronze Antigo (2900-2200): surgimento de cidades: os cananeus

II. ERA PATRIARCAL

Egito: Império Médio (c. 2100-1730); <i>textos de execração</i> .	2200	Período intermediário Bronze Antigo - Bronze Médio (2200-1900).
Mesopotâmia: 3ª Dinastia de Ur (2100-2000), seguida da chegada e instalação dos amorreus (emoritas).		
Mesopotâmia: 1ª Dinastia de Babilônia a partir de 1900, da qual proveio Hamurabi (1792-1750); seu <i>Código</i> . <i>Mito de Atrahasis</i> . <i>Lenda de Guilgamesh</i> .	1900	Bronze Médio I (1900-1800).
	1800	Bronze Médio II (1800-1550). C. 1800, primeira chegada de clãs patriarcais a Canaã.

		IEHÚ (841-814): perde os territórios transjordanianos recuperados por Hazeel; paga tributo a Salmanasar III (841).	ATALIÁ (841-835): põe em risco a dinastia de David.
Em Damasco: Ben-Hadad III.		JOACAZ (820-803): conflito com Ben-Hadad III.	JOÁS (835-796): reascende ao trono por uma conjuração sacerdotal; vítima de um conluio
Na Assíria: Adad-Nirari III (810-783); em 803, o poder de Damasco é reduzido.	800	JOÁS (803-787): em 803, paga tributo a Adad-Nirari III; vitórias sobre Ben-Hadad III e sobre Amasias.	AMASIAS (811-782): vítima de um conluio
783-745: a Assíria diminui a pressão que fazia a ocidente.	750	JEROBOÃO II (787-747): Israel recobra poder.	AZARIAS (= Ozias) (781-740).
Em Damasco: Reşin.		Os profetas Amós e Oséias.	750: IOTÂM associado ao trono.
		ZACARIAS (747)	
		*	
		SHALUM (747-746).	
		*	
Na Assíria: Tiglat-Pileser III (747-727): anexação de regiões conquistadas e deslocamento de populações (Damasco 732 etc.); em 729, assume a realeza de Babilônia com o nome de Pul.		MENAHÊM (746-737): em 737, paga tributo a Tiglat-Pileser III.	IOTÂM (740-735). Os profetas Isaías e Miquéias.
		*	
		PEQAHÍÁ (736-732)	ACAZ (735-716?): recorre a Tiglat-Pileser III contra Peqah e Reşin; paga tributo a Tiglat-Pileser III. <i>Oráculo do Emanuel</i> (Is 7).
		*	
		PEQAH (735-732): faz aliança com Reşin contra Acaz; parte do reino é anexada por Tiglat-Pileser III (em 734-733).	
		*	
Salmanasar V (726-722).		OSÉIAS (732-724): procura fazer aliança com o Egito; assédio de Samaria.	C. 728: Ezequias associado ao trono.
Sargon II (722-705).		722/721: tomada de Samaria e deportação dos habitantes. Fim do Reino do Norte.	

VI. DO FIM DO REINO DO NORTE À TOMADA DE JERUSALÉM

Em 711, Sargon toma Ashdod.
De 721 a 711, Babilônia (Merodak-Baladan) busca emancipar-se da Assíria.

No Egito: 25ª dinastia (núbia).
Shabaka (715?-696).
Tirhaqa (co-regente c. 690, rei de 685 a 664).

JUDÁ

EZEQUIAS (716-687): tentativas de tornar-se independente da Assíria: contatos com Babilônia (embaixada de Merodak-Baladan) e com o Egito; fortificações de Jerusalém (*Inscrição do canal de Siloé*); reforma religiosa.

Na Assíria:	700	Campanha de Senaquerib em 701; assédio de Jerusalém; Ezequias paga tributo. Atividade de Isaías (continuação).
Senaquerib (704-681): em 701, campanha contra os coligados do ocidente, dentre os quais Ezequias.		MANASSÉS (687-642): submissão à Assíria. O profeta Naum (c. 660?).
Asaradon (680-669): conquista do Egito do Norte, c. 671.	650	AMON (642-640).
Assurbanipal (668-630/626): sua biblioteca em Nínive; c. 650, ele é expulso do Egito por Psamético I (26ª dinastia).		JOSIAS (640-609): rejeição da supremacia assíria; reforma religiosa na linha do <i>Deuteronômio</i> ; queda e morte de Josias num conflito com o faraó Nêkô. Os profetas <i>Sofonias</i> (c. 630), <i>Jeremias</i> (início de 626?).
Em Babilônia, dinastia "neobabilônica" (626-539); babilônios (Nabopolassar) e medos (Ciaxes) destroem Nínive (612) e extinguem o império assírio (606).		JOACAZ (609), deposto por Nêkô ao cabo de 3 meses e volta ao trono efetuada por seu irmão.
Nabucodonosor (604-562): em 605, sua vitória sobre os egípcios (faraó Nêkô, 609-594) em Karkemish assegura-lhe o controle da antiga Assíria.	600	JOAQUIM (609-598): a partir de 605, submissão à Babilônia; c. 602, revolta. Os profetas <i>Jeremias</i> (continuação), <i>Habacuc</i> .
		IOIAKIN (598-597): assédio de Jerusalém por Nabucodonosor; rendição da cidade; 1ª deportação (inclusive de Ezequiel); exílio do rei.
		SEDECIA, filho de Josias (597-587) <i>Jeremias</i> (continuação): c. 593, início da atividade de Ezequiel; 589: revolta de Sedecias contra Babilônia;
588-587: assédio a Tiro, que dura 13 anos.		588: início do assédio a Jerusalém; prisão de Jeremias; julho-agosto de 587: tomada de Jerusalém, captura de Sedecias; destruição do Templo; 2ª deportação; em set./out., assassinato do governador Godolias. 582/581: 3ª deportação.
		561: ioiakim recebe indulto de Evil-Merodak.

VII. ÉPOCA PERSA (538-333)

Ciro, rei da Pérsia (551-529) toma Babilônia em 539.	550	
Cambises (530-522).		538: edito de Cyrus permitindo aos judeus de Babilônia retornar a Jerusalém, guiados por Sheshbazar. Restabelecimento do altar.

Dario (522-486).		520-515: reconstrução do Templo de Jerusalém. ZOROBABEL, governador. Josué, sumo sacerdote. Os profetas Ageu e Zacarias.
derrotado pelos gregos em Maratona (490).	500	
Xerxes I (486-464) derrotado pelos gregos em Salamina (480).		
Artaxerxes I Mão Longa (464-424).		
	450	458? (428? 398?): atividade de ESDRAS em Jerusalém; leitura da Lei (<i>Pentateuco?</i>)
		445: 1ª estada de NEEMIAS em Jerusalém: restauração das muralhas da cidade.
Xerxes II (423).		432: 2ª estada de Neemias: reformas diversas.
Dario II (423-404).		
Artaxerxes II Mnemon (404-359).	400	440-400: correspondência com os judeus instalados no Alto-Egito: (<i>papiros de Elephantina</i>).
		Acabamento de livros como <i>Malaquias</i> , <i>Jó</i> , <i>Salmos</i> , <i>Jonas</i> , <i>Crônicas-Esdras-Neemias</i> .
Artaxerxes III Okhos (359-338).	350	
Arses (338-336).		
Dario III Codoman (336-331).		
Conquistas de Alexandre Magno: Ásia Menor, Síria, Egito, Pérsia, até a Índia.		

VIII. ERA HELENÍSTICA (333-63)

323: morte de Alexandre na Babilônia; divisão do império:			
Os lágidas (ptolomeus) no Egito.	Os selêucidas na Síria e em Babilônia.		332: a Palestina é conquistada pelos exércitos de Alexandre.
Ptolomeu I Soter (323-282).	Seleuco I Nicator (311-281).		
Ptolomeu II Filadelfo (282-246).	Antíoco I Soter (281-261).	300	320-200: a Palestina submetida aos lágidas.

	Antíoco II Theos (261-246).	250	Em Alexandria, tradução da Bíblia para o grego (<i>a Septuaginta</i>).
Ptolomeu III Evergetes (246-222).	Seleuco II Calínicos (246-225).		
Ptolomeu IV Filopátor (222-205).	Antíoco III Magno (223-187).		
Ptolomeu V Epífanes (204-180).	200: vitória de Antíoco III sobre Scopas, general de Ptolomeu V, em Panéion.	200	200-142: a Palestina submetida aos selêucidas.
Ptolomeu VI Filométor (180-145).	Seleuco IV Filopátor (187-175).		Princípio das dificuldades entre os judeus e os dirigentes selêucidas; conflitos entre os sumos sacerdotes em Jerusalém.
	Antíoco IV Epífanes (175-164): campanhas militares contra o Egito.		167: decreto de proibição do culto judaico; Antíoco IV dedica o Templo de Jerusalém a Zeus Olímpico. Princípio da revolta dos judeus com o sacerdote MATATIAS, cujo avô se chamava Asmoneu.
	Antíoco V Eupátor (164-162).		166: seu filho Judas Macabeu o sucede (166-160). 164: o Templo é reconquistado e purificado (festa da Dedicção). Livro de <i>Daniel</i> .
	Demétrio I Soter (162-150).		Continuação da luta contra os selêucidas; vitória sobre Nicanor (festa do "dia de Nicanor"). 160: morte de Judas Macabeu.
	Alexandre Balas (150-145).	150	160-143: JONATAN, irmão de Judas (nomeado sumo sacerdote em 152); extensão do território dos judeus por meio de conquistas militares.
Ptolomeu VII Físcon (145-116).	Demétrio II (145-138). Antíoco VI (145-142). Trífon (142-138). Antíoco VII Sidetes (138-129).		143-134: SIMÃO, outro irmão de Judas (sumo sacerdote e governador em 142). 142-63: independência dos judeus (dinastia dos asmoneus).

Decadência e anarquia no reino. 64: em Antioquia, Pompeu rebaixa a Síria a província romana.	100	JOÃO HIRCANO (134-104), filho de Simão. ARISTÓBULO I (104-103), seu filho, arroga-se o título de rei. ALEXANDRE JANEU (103-76), irmão de Aristóbulo. ALEXANDRA (76-67), mulher de Alexandre. HIRCANO II e ARISTÓBULO II, seus filhos, disputam o poder real e a função de sumo sacerdote. 63: Pompeu, general romano, toma Jerusalém.
--	------------	---

IX. ERA ROMANA (a partir de 63)

44: assassinato de César.

40-31: Antônio no Oriente, Otaviano no Ocidente.

31: Otaviano vence Antônio na batalha naval de Actium.

29: Otaviano imperador (com o nome de Augusto a partir de 27) até 14 d.C.

A Síria, província imperial.

24: Herodes recebe a Traconítide, a Batanéia e a Auranítide, depois Pâneas.

C. 10(?): diversos indícios de um recenseamento no Império.

9-6: Sêncio Saturnino, legado da Síria.

6-4: Quintílio Varo, legado da Síria.

4 (fim): Augusto confirma o testamento de Herodes, exceto o título de rei para Arquelaú.

4 a.C.-6. d.C.: Arquelaú, etnarca da Judéia e da Samaria.

50: Clima de conflito na Palestina: Hircano II é o sumo sacerdote, mas seu ministro Antipater (idumeu) dirige o país.

40: invasão parta: ANTIGONE, filho de Aristóbulo II, é rei e sumo sacerdote; lutas internas.

37: HERODES Magno, filho de Antipater, toma Jerusalém e reina até 4 a.C.

Inverno de 20-19: início da reconstrução do Templo.

c. 7-6 (?): NASCIMENTO DE JESUS.

Em 4, entre fim de março e início de abril: morte de Herodes em Jericó.

Páscoa do ano 4 (11 de abril): Arquelaú reprime uma sedição em Jerusalém, indo depois a Roma receber a investidura de Augusto.

4. a.C.-39 d.C.: Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e da Peréia.

4. a. C. - 34 d.C.: Filipe, tetrarca da Gaulanítide, Batanéia, Traconítide e Auranítide, bem como do distrito de Pânean (Ituréia).

6 d.C.: Augusto depõe Arquelau e o envia para o exílio em Viena (Gália).

6 a 41: a Judéia província procuratoriana (tendo Cesaréia por capital).

6: segundo Josefo, Quirino, legado da Síria (?).

19 de agosto de 14: morte de Augusto. TIBÉRIO imperador: 14-37.

15-26: Valério Grácio, procurador.

26-36: Pôncio Pilatos, procurador.

33-34: Filipe morre sem deixar herdeiro e Tibério anexa a sua tetrarquia à província da Síria.

37-41: CALÍGULA, imperador. Marcelo, procurador.

37: Calígula dá a AGRIPA I, filho de Aristóbulo, as tetrarquias de Filipe e de Lisínias, com o título de rei (37-44).

41-54: CLÁUDIO, imperador. Cláudio outorga a Agripa I, que estava em Roma e colaborara com sua ascensão, a Judéia e a Samaria. Seu irmão, Herodes, torna-se rei de Cálcis (41-48) e desposa Berenice (filha de Agripa).

Revolta de Judas Galileu (cf. At 5,37) e do fariseu Sadoc (origem dos zelotas, cf. Mt 22,17).

Entre 5 e 10: nascimento de Paulo em Tarso.

c. 27: Herodes Antipas, casado com a filha de Aretas, desposa Herodíades, mulher de Herodes, seu irmão.

Outono de 27: pregação de JOÃO BATISTA, início de ministério de Jesus (cf. Lc 3,2).

Páscoa de 28: Jesus em Jerusalém (Jo 2,13).

Sexta-feira, 27 de abril, ou talvez 7 de abril de 30: ou (menos provavelmente, porque muito tarde) sexta-feira, 3 de abril de 33 (= 14 nisan), se se adota a cronologia joânica, cf. Jo 19, 31ss.; ou sexta-feira, 7 de abril de 30 (= 15 nisan), se se adota a cronologia dos sinóticos, cf. Mt 26,17, nota: CRUCIFICAÇÃO DE JESUS durante a páscoa.

Pentecostes de 30 ou de 31: a comunidade primitiva, At 2,42.

Outono de 36: apelo de Pôncio Pilatos a Roma.

Inverno de 36-37 (?): martírio de ESTÊVÃO e dispersão de uma parte da comunidade. Logo a seguir, conversão de PAULO.

c. 39: Paulo foge de Damasco (2Cor 11,32ss.) e faz uma primeira visita aos responsáveis pela Igreja (Gl 1,18ss.).

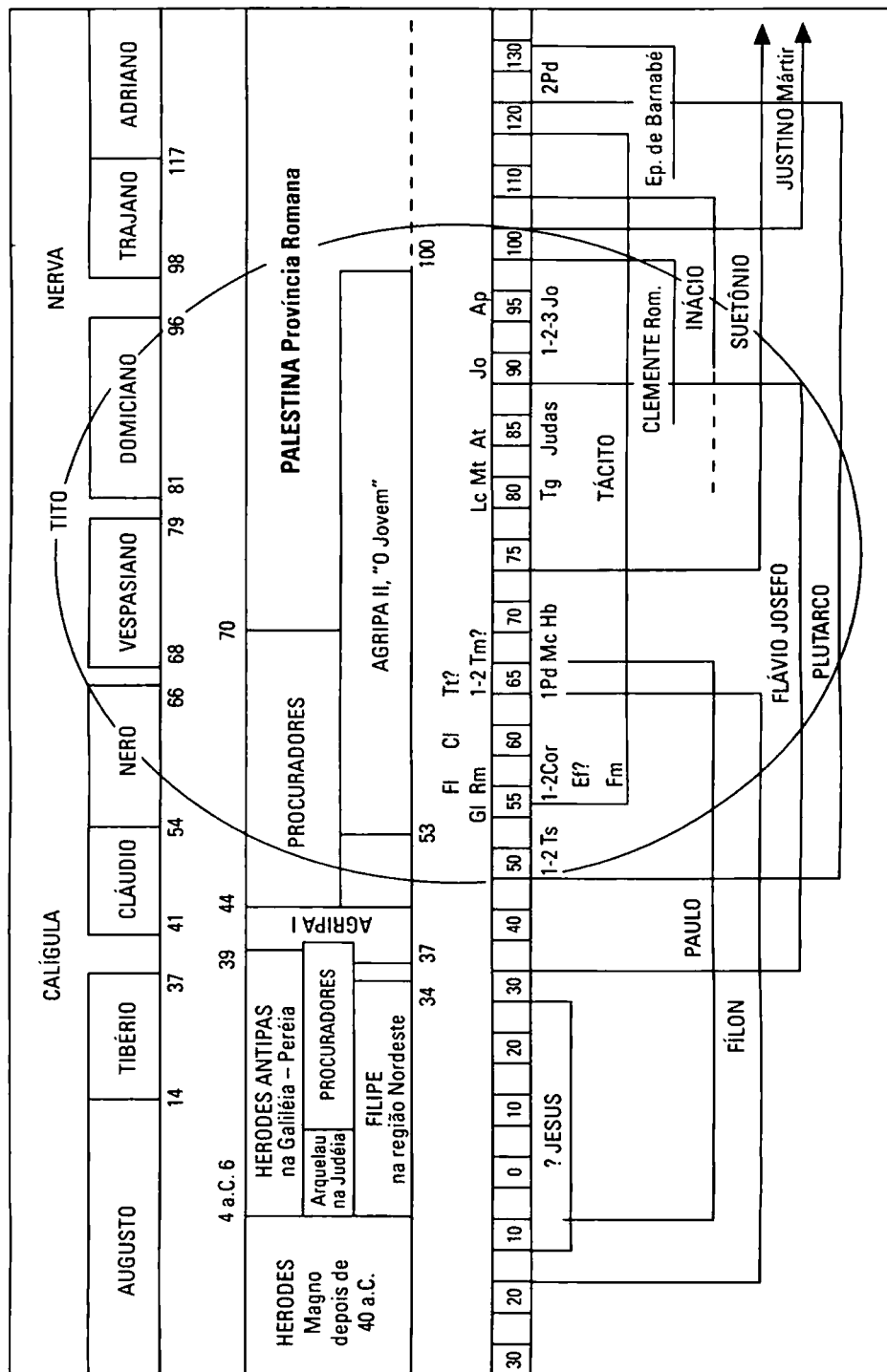


TABELA DE PESOS E MEDIDAS¹

MEDIDAS DE COMPRIMENTO		PESO	
Vara	315,5cm	Talento	34,272kg
Côvado	45cm	Mina	571g
Palmo	22,5cm	Siclo	11,4g
Palmo	7,5cm	Guera	0,6g
Dedo	1,8cm		

MEDIDAS DE CAPACIDADE			
Secos		Molhados	
Hômer (= Kor)	450ℓ	Kor	450ℓ
Létek	225ℓ	Bat	45ℓ
Efa	45ℓ	Hin	7,5ℓ
Seá	15ℓ	Log	0,6ℓ
Ômer	4,5ℓ		
Qab	2,5ℓ		

1. O cálculo das medidas antigas é muito difícil. Vários sistemas foram propostos, dentre os quais o nosso, um dentre os tantos a que se referem os tradutores.

ÍNDICE DAS PRINCIPAIS NOTAS

Eis o índice das principais noções bíblicas explanadas em nota. As mais importantes — no NT — são assinaladas por um asterisco (*). Este índice não é concordância bíblica, nem glossário de temas bíblicos. Pretendemos que sirva de introdução ao estudo de *alguns temas, subsidiada por uma seleção de notas que tenham versado sobre tais temas*. Ele tem a vantagem de apresentá-los em seu contexto imediato, que ainda pode ser esclarecido pelos paralelos à margem. Sobretudo no NT, uma mesma noção pode comportar várias referências, quando seu sentido variar minimamente de um livro a outro. Entretanto, encontrar-se-ão notas sintéticas sobre as noções mais características das epístolas de Paulo.

Remetemos às notas pela indicação da passagem bíblica à qual se referem. Se se tratar de Introduções aos livros bíblicos, a indicação será: sobre ANJOS, Dn Introd.]].

Aarão: Ex 4,16; 28,2; 29,7; Lv 16,32.

Abbá: Mc 14,36*; 1Pd 1,17.

Abraão: Gn 12,1,3; Is 41,8; Jo 8,40; Rm 4,1*; Gl 3,6; Hb 11,19; Tg 2,21*; Gl 3,6; Hb 11,12; Tg 2,21*; descendência de: Jo 8,37; Gl 3,16; 4,24*.

Ação simbólica: cf. Gesto profético.

Aclamação: Lv 9,24; 23,24; Nm 10,5; 29,1; 1Sm 4,5; 2Rs 9,13; Zc 9,9; Sl 27,6.

Adivinhação: cf. magia.

Adoção: Gn 48,12; 50,23; 2Sm 7,14; Ct 4,9.

Aflições: Mt 24,9,22; Lc 12,53; Jo 16,33*; Rm 5,3; 2Cor 1,4; Cl 1,24*; 1Ts 3,3*; Ap 7,14.

Água: em geral: Gn 2,6; grandes —: Ez 26,19. Cf. **Oceano**. — nos ritos: Nm 5,19; 1Sm 7,6; 1Rs 18,34; Is 12,3. — viva: Ez 47,1; Sl 36,10; Jo 4,14; 7,38*; 19,34*; At 1,5; 8,38; Ef 5,26; 1Jo 5,6; Ap 22,1. Cf. **Batismo**; **Espírito**.

Alegria: Is 16,9; Ez 6,11; Sf 3,14; Ecl 11,9; Lc 1,14; Jo 15,11*; At 8,8*; Fl 1,4; 1Jo 1,4; Hb 12,2. Cf. **Bem-aventuranças**; **felicidade**.

Aliança: de Deus com os homens, com um povo: Gn 9,12; 15,18; 17,5; Ex 6,4; 19,15; 24,4; 32,1; 34,6; Dt 4,31; 26,17; 27,1; 29,11; Jz 11,10; 1Sm 11,7; 1Rs 8,21; 2Rs 11,17; Is 24,5; Ez 16,8; 17,19; 36,28; Am 2,9; Ml 2,4; 2Cr 6,11. Nova —: Jr 31,31; Os 2,22; Mt 26,28*; 27,51; Lc 22,20; Rm 1,2; 2Cor 3,6*; Hb 7,22;

8,11; 9,15* . — entre homens ou povos: Gn 31,44; 1Sm 11,7; 2Sm 3,21; 9,3; 1Rs 5,26; 15,19; 2Rs 16,7; 20,12,14; Jr 2,18; Ez 29,16; Os 4,1; 12,2; Am 1,9; Pr 2,17. Código da —: Ex 22,22.

Alma: Sl Introd.; Lm 1,11; Sb Introd.; 8,20; Mt 16,25; Lc 12,19; 1Ts 5,23*; Hb 4,12.

Altar: Ex 30,1; Js 22,10,28; 1Rs 13,2; Ez 41,22; 43,13; Am 9,1; chifres do: cf. **Chifres**.

Amaleq: Ex 17,8,16; Jz 3,13.

Amém: Gn 15,6; Dt 27,15; Is 65,16; 2Cor 1,20*; Ap 3,14.

Amon: Jr 49,1,6; Am 1,13.

Amor: — de Deus: Is 41,8; Jr 1,8; 13,11; Ez 11,16; 16,2; Os Introd.; 4,1; 11,8,9; Am 3,2; Na 1,7; Sb 11,24; Sr 18,13; 1Jo 4,8*. — a Deus: Dt 6,5; Is 41,8; Sr 2,15; Tg 4,4. — a Deus e ao próximo: Mt 22,35,39*; 1Jo 4,20; 5,2*. — ao próximo: Lc 10,37; Jo 13,34; Rm 13,9*; 1Cor 13,1; Gl 5,22; Tg 2,8*; 1Pd 4,8*; 1Jo 3,18*. — de Jesus: Jo 13,1*. — entre as pessoas: Dt 21,15; Os 4,1; Ct Introd.; 2,4; 8,7; Mt 10,37 de si: Jo 12,35.

Amorreus: cf. **Emoritas**.

Anátema: Rm 9,3. Cf. **Interdito**.

Anciãos: At 11,30*; 1Tm 5,17; Tg 3,1; Ap 4,4. — do povo: Mt 26,3.

Anjo: — em geral: Js 5,13; Dn Introd.; 4,14; 10,5,13; Sb 5,5; Tb 12,15; At 23,8*. — do

Senhor: Gn 16,7; 32,3; Jz 6,11; 2Sm 14,17; 2Rs 1,3; Ml 3,1; Mt 1,21; 28,2. – guardião: Jó 33,23; *Tb* Introd.; 12,12; Mt 18,10; At 12,15. – das Igrejas: Ap 1,20. Cf. **Filhos de Deus**; **Potências**.

Ano sabático: cf. **Jubileu**.

Anticristo: 1Jo 2,18; 4,4.

Apedrejamento: Nm 15,35.

Apocalipse: Is 24,1; Dn Introd.; Ap Introd.

Apóstolo: Mt 10,2*; Lc 22,30; At 13,31; 14,14; Rm 16,7; 2Cor 8,23; Gl 1,1; Ef 4,12; Cl 1,25.

Árabes: Is 13,20; Jr 9,25; 49,28; *IMc* 5,25.

Arca da Aliança: Ex 25,10; 1Sm 4,3.4.21; 2Sm 6,2.16; Ez 43,7; 2Cr 6,11.

Arrependimento-Arrependendo-Lamento: Js 7,6; Jr 3,1; Os 6,4; Jl Introd.; Am 5,15; Jn 3,8; de Deus: Jl 2,14; Am 7,3.

Árvores: Gn 2,9; Jz 6,11; Ez 31,4; Os 4,13; Zc 11,3; Pr 3,18; 11,30.

Asherá: Ex 34,13. Cf. **Deuses**.

Assembléia: Dt 5,22; Pr 5,14. Cf. **Igreja**.

Assíria: Is 7,20; 8,7.

Assunção-Arrebatamento: Gn 5,24; 2Rs 2,18; Lc 9,51; 24,51.

Astros: Gn 1,18; Nm 24,17; Dt 4,19; 13,3; 2Rs 17,16; Is 13,10; *Sr* 42,18; *EpJr* 5,9.

Autoridades: Rm 13,1; 1Pd 2,14.

Ázimos: cf. **Festa dos pães sem fermento**.

Baal: Jz 2,11; 1Rs 18,27; Os Introd.; 2,15.18; Berit: Jz 8,3. – Şefon: Ez 14,2. – Peor: Os 9,10; Zebub: 2Rs 1,2; Mt 12,24.

Babilônia: Is 13,14; 21,5; Jr 50,1.

Bastão: Ex 17,5; 2Rs 4,29; Is 10,26.

Batismo: Mt 3,6; 28,19; Mc 1,4*8; 10,38; Lc 3,16; 12,50; Jo 6,27; 19,34; At 1,5*; 2,38; 8,37; 1Cor 10,2; Ef 5,26; Cl 2,12*.20.

Belial: 1Sm 2,12; Na 2,1; Sl 18,5; 101,3; Pr 6,12.

Bem-aventuranças: Mt 5,3*; Lc 6,20*; 7,23;

10,23; 14,15; Tg 1,12*; 1Pd 4,13. Cf. **Felicidade**; **Alegria**.

Ben-Hadad: 1Rs 15,18.

Bênção-Abençoar: Gn 1,22; 27,33; Dt 28,2; Jz 17,2; Jl 2,14; Ag 2,19; *Tb* 3,11; Mc 6,41*; 10,16; 1Cor 10,16; Ef 1,3*.

Betel: Gn 12,8; Jz 1,22; 20,18; 2Rs 2,2; Am 4,5.

Bezerro de ouro: Ex 32,1.4; 1Rs 12,28; Os 13,2.

Blasfêmia: Lv 24,11; Jó 2,9; Mc 3,28*. – contra o Espírito: Mt 12,32; Mc 3,29; Lc 12,10; Hb 10,26. – de Jesus: Mt 26,65; Mc 14,64; Jo 10,33.

Bode emissário: Lv 16,8.

Buscar o Senhor: Os 10,12; Am 5,4.

Cadáver: Js 10,26; 2Rs 11,15; Ez 43,7.

Calendário: Ex 12,2; Jó 3,4; *Sr* 43,5.7. Cf. **Festas**.

Caminho: Jo 14,6; At 9,2*; Hb 10,20.

Cânion: Introd.: Geral; Introd. Deuterocan.; Dt 5,22; Ecl 12,11; Ne 8,1; *Sr* Prol. 1; 39,1.

Caos: Gn 1,2. Cf. **Dragão**, **Oceano**.

Caridade: cf. **Amor**.

Carismas: 1Cor 12,1*; 1Ts 5,22; 1Tm 4,14.

Carne: Jo 1,14; 6,51; Rm 1,3*. – e espírito: Mc 14,38*; Jo 3,6; 6,63*; Rm 1,9*; 1Cor 7,1; Gl 5,17. – e sangue: Mt 16,17; Gl 1,16; Ef 6,12. – segundo a: 2Cor 5,16. corpo de –: Cl 1,22.

Carro: Js 17,16; 2Sm 8,4; 2Rs 2,11.12; Is 2,7; Mq 1,13.

Carta-Testemunho: cf. **Documento**.

Casamento: Gn 2,24; Dt 21,13.15; Jz 8,31; 14,11; Pr 2,17; Rt 1,8; Ct 4,9; *Tb* 3,15; 7,14; Mt 19,12*; Lc 14,26; At 15,20; 1Cor 6,15; 7,1*; Ef 5,25*.32; 1Tm 3,2; 4,3; Tt 2,5; 1Pd 3,7. – “misto”: Gn 26,35; 1Rs 11,1; Ml 2,11; Rt 1,4; 2Cr 8,11. – proibido: Lv 18,1; 21,7; Jr 3,1; *Sb* 3,13. Cf. **Repúdio**.

Castigo: cf. **Punição**.

Céu: Gn 1,6; Dt 10,14; 1Rs 10,19; 2Rs 7,2; Mt 6,9. Cf. **Novo**.

Chefe: 1Sm 9,16; 1Rs 1,35.

Chifres: 1Rs 22,11; Sl 132,17. – do altar: Ex 27,2; 1Rs 1,50; 2,29; Am 3,14. – de Moisés: Ex 34,29.

Cidade Santa: cf. Jerusalém.

Cidades de refúgio: cf. Refúgio.

Circuncisão: Gn 17,10; Ex 4,26; 6,12; Lv 19,23; Dt 10,16; Js 5,2; Jz 14,3; Ez 32,27; At 15,1; Rm 2,25; Gl 5,2. – do coração: Rm 2,29.

Ciumento (Deus): Ex 34,14; Ez 5,13; 8,3; 35,11; Jl 2,18; Na 1,2.

Código da Aliança: Ex 20,22.

Cólera (ira) de Deus: Jr 23,19; Jn 3,9; Jó 14,15; Pr 24,18; Sb 18,20; 19,1; Sr 5,6; (Jl 2,14; Am 7,3); Mt 3,7; Rm 1,16; 1Ts 1,10.

Coletores de impostos: Mt 5,46; Mc 2,15; Lc 3,12.

Colheita: Mt 3,12*; 9,37; Mc 4,26; Lc 3,17; 10,2*; Jo 4,35.38.

Comunhão: Jo 17,21; At 2,42*.44; 1Cor 1,9; 10,17*; 16,1; 2Cor 8,4; Gl 2,6,9; Fl 1,5; 1Tm 6,18; 1Pd 4,13; 1Jo 1,3*; 2,14; 2Jo 10.

Confissão de fé: cf. Profissão de fé.

Confissão dos pecados: Mc 1,5; Tg 5,16.

Confissões de Jeremias: Jr Introd.; 11,18; 15,10; 17,12.

Conhecer: em geral: Gn 2,9; Pr 1,4; 22,17; 30,3. – a Deus: Gn 3,5; 18,19; Jr 1,5; Am 3,2; Deus: Ex 33,18; 1Rs 18,37; Jr 9,22; Ez 5,13; Os 4,1; Jó 42,5; Pr 8,9; 2Cr 6,33; Sr 18,7. – Deus e Jesus Cristo: Mt 13,11; Lc 10,22; Jo 6,63; 10,15; Rm 1,20*.21; 1Cor 2,10; 12,8; Fl 3,10; 1Jo 2,3*; 4,7.

Conquista: Js Introd.

Consagração: Ex 29,1; Nm 6,7; Jr 1,5. Cf. Santo.

Consciência: Sb 17,11.

Conversão: Ez 14,6; Lm Introd.; 5,21; Mt 3,2*; Lc 5,32; At 3,19; Rm 2,4; 1Ts 1,9. Cf. Luto.

Coração: Js 24,23; Os 2,16; 7,11; Jl 2,12; Ag 1,5; Sl 86,11; Jó 41,16; Pr 6,14.32; 23,26;

Lm 1,20; 3,21; Mt 6,8. – endurecido: Mc 6,52; (1Jo 5,20).

Cordeiro: Jo 1,29*; 1Cor 5,8*; Ap 5,6.

Corpo: Mt 10,28; Rm 6,6; 12,1*; 1Cor 6,14. – de Cristo: 1Cor 12,12; Ef 4,16*; Cl 1,18.

Criação-Criar: Gn 1,1; 2,4; Ex 14,16; Nm 16,30; Js 17,15; Is Introd.; Os 4,3; Jó 26,12; Pr 3,19; 8,26.30; *Macabeus* Introd.; 2Mc 7,28; Sb 11,17.25; 19,6; Br 3,32; Jo 1,3; Gl 6,15; Cl 1,15.

Criança: Mt 18,3*; Mc 10,15; Lc 18,17; 1Cor 14,20; Ef 4,14*; Hb 5,11; 1Jo 2,13. Cf. Pequenos.

Cristo: Mc 1,1*; 12,35; Lc 2,11; 3,15; 9,18; Jo 12,13; At 17,7; Rm 1,1*. falso –: Mt 24,24.

Cruz: Jo 12,32, escândalo da –: 1Cor 1,24; Gl 5,11.

Culto: desvio do: Is 1,11; Jr 13,25; Os 5,1; 14,3; Am 4,4; 5,23.25; Ml 1,13. – centralizado em Jerusalém: Dt 12,5; Js 22,10; Reis Introd.; 2Rs 18,4.22. – sinagoga: Ne 8,5; 1Cr 16,39. Cf. ainda: Ex 10,2; 12,1; Sr 34,21; 35,1. – pagão: Dt 12,2; Ez 26,13; Sb 11,5. – novo: Jo 4,23; Rm 12,1; 15,16. Cf. Sacerdote; Sacrifício.

Cumprimento: das Escrituras: Mt 1,22; Lc 23,34*; 24,46; At 3,18*.21; 26,22; 28,25; Rm 9,2. – da Lei: Mt 5,17*; Rm 13,8. Cf. Perfeito.

David: 1Sm 16,13; 2Sm 5,3; 6,14.17; 7,14; Reis Introd.; 1Rs 1,20; Is 11,2; Jr 23,5; Ez 34,23; Sl Introd.; Crônicas Introd.

Decálogo: Ex 20,1; 34,14; Dt 5,5; Os 4,2. Cf. Lei.

Dedicação: cf. Festas.

Defensor: cf. Resgate; Vingador.

Demônios: Lv 16,8; 17,7; 20,6; 1Sm 2,12; Is 13,21; 34,14; Tb 8,3; Mc 1,32; Lc 8,2; 1Cor 8,5. Cf. Satan.

Descanso: cf. Repouso; Sábado.

Descida aos infernos: 1Pd 3,19.

Deserto: Ex 15,24; Nm Introd.; Jr 22,2; Ez 20,35; Os 2,17; Am 5,25.

Deus: Ex 21,6; Dt 4,7.31.32; 1Sm 8,7; 1Rs 8,27; 20,33; 2Rs 18,35; Is Introd. – Jr 23,23; Os 2,25; 11,4; 14,9; Zc Introd.; Ecl 2,24; *Sr* Introd.; Uno/Único: Dt 6,4; Os 13,4; rei: Js 5,13; 1Sm 8,7; 10,19; 1Rs 22,19. – guerreiro: Ex 15,3; Dt 20,4; 1Sm 25,29; Ez 12,13; Am 2,9.

Nomes de Deus: Senhor (YHWH): Ex 3,14.15; Os 1,9; *Sr* 1,1. Todo-poderoso (= dos poderes = dos Exércitos = Sabaot): 1Sm 1,3. Outros nomes: Gn 16,13; 17,1; 31,13.42; 33,20; 49,24; Ex 34,14; 1Sm 15,29; Is 1,4.24; 49,26; Jr 49,5; Os 2,1; 4,15; 12,1; Am 6,8; MI 3,1; SI 56,3; 132,2; Dn 7,25; 2Mc 3,24.31.36; *Sr* 23,1; 43,27; 46,5; *Br* 4,10.

Deuses: em geral: Gn 6,2; Nm 21,8; Dt 17,3; 1Sm 28,13; 2Rs 17,26; Jr 2,27; Jó 18,14; *Sb* 13,2; 14,16.20. Amon: Jr 46,25. Ápis: Jr 46,15. Asherá: Jz 2,13. Beer-Sheba: Am 8,14. Bel: Is 46,1. Betel: Jr 48,13. Carmelo: 1Rs 18,19. Dagon: Jz 16,23. Gad: Is 65,11. Hadad Rimom: Zc 12,11. Ishtar: Jr 44,26. Kemosh: Jz 11,24. Marduk: Is 46,1; Jr 50,2. Mélek: Is 57,9; Sf 1,5. Meni: Is 65,11. Môlek/Moloc: Lv 18,21; 2Rs 23,10. Nebô: Is 46,1. Nisrok: 2Rs 19,37. Rainha do Céu: Jr 7,18. Réshef: Jó 5,7. Rimom: 2Rs 5,18. Tamuz: Is 17,10; Ez 8,14; Ct 1,13. Zeus: 1Mc 1,43. Cf. Baal; Ídolos.

Dia do Senhor: Jr 30,7; Ex 30,3; 34,12; Os 1,5; Jl Introd.; Am 5,18; Sf Introd.; Pr 11,4; Mt 7,22; 27,53; Jo 8,56; 14,20; 1Cor 1,8; Fl 1,6; Ap 6,17. cf. **Vinda; Domingo.**

Diáconos: At 6,1*; 1Pd 4,11.

Direito: 1Rs 3,9; Jr 5,1; Os 5,1; Pr 1,2. – de primogenitura: Gn 25,31; Dt 21,17.

Discípulos: Mt 10,42; Mc 1,16; 8,34; At 6,1. Cf. **Seguir.**

Dívida: Dt 15,1.2; 2Rs 4,1; Am 2,8; Pr 5,9; *Jl* 8,16; Mt 6,12.

Divórcio: Dt 24,1; 25,4; Jr 3,1; Mt 5,31.32.

Dízimo: Gn 28,22; Dt 14,22.28; MI 3,10; *Th* 1,8; Mt 23,23.

Documento: Ex 25,16.

Domingo: At 20,7; Ap 1,10.

Dores de parto: Mt 24,8; Jo 16,21; Rm 8,22.

Doutores: At 13,1; Ef 4,11; Tg 3,1.

Doutrina: Rm 6,17; 1Tm 1,10; 2Jo 10.

Dragão: Gn 1,21; Ex 7,9; Is 27,1; Ez 29,3; Am 9,3; Jó 7,12; *Est gr.* A 5.

Éden: Gn 2,8.10; Ez 28,2.13; 36,35; 47,1.

Edom: Dt 2,12; 23,8; Is 34,5; 63,1; Am 1,11; Ab 3.

Educação: Ex 10,2; 2Rs 12,3; Pr 1,2.5.8.23; 22,15; *Sb* 3,5.

Efod: Ex 28,6; Jz 8,27; 1Sm 2,18; Os 3,4; *Sb* 18,24.

Egito: Dt 23,8; 1Rs 11,20; 14,25; Is 19,16.25; Jr 46,26; Ez 29,3.11.13; 30,3.

Elâm: Jr 49,34.

Eleição: Ex 8,18; Dt 7,6.8; 2Rs 23,27; Am 3,2; 9,7; MI 1,3; *Sr* 33,11; Mt 24,22; Mc 1,11; Jo 15,16; Rm 11,5; 1Ts 1,4; Tg 2,5; 1Pd 1,1; 5,13.

Elementos do mundo: cf. **Mundo.**

Elias: Mt 17,3.10; Mc 9,13; Lc 1,17*; Jo 1,21; Tg 5,17.

Émet-Emuná: palavras hebraicas traduzidas por fidelidade (4 vezes em Gn), lealdade, sinceridade, solidez: Os 4,1; Hab Introd. Cf. **Amém.**

Emoritas (Amorreus): Gn 15,16; Jz 1,34; 1Rs 21,26.

Endurecimento: Ex 7,3; Is 6,10; Pr 18,19; Lm 3,65; *Sb* 19,4; Mt 13,13.

Entronização: 1Rs 1,9.39; 2Rs 9,13; 11,12; Is 9,5.

Éon: cf. **Mundo.**

Epíscopo: At 20,28*; Fl 1,1.

Escândalo: Mt 5,29*; Jo 16,1. – da cruz: Gl 5,11.

Escolher: Js 24,15. Cf. **Eleição.**

Injustiça: Nm 5,6; Am 2,6,7; 5,10; Mq 2,2,4; Pr 24,24.

Intercessão: Ex 32,11; Nm 14,13; 1Sm 7,8; Jr 15,1; 29,7; Ez 9,8; Am 7,2; *Macaheus* Introd.; 2Mc 15,14.

Interdito: Nm 21,2; Dt 2,34; 20,4; Js 6,17; Ml 3,24.

Interior: cf. *homem*.

Intervenção: Ex 3,16; Jr 23,12; Am 3,2.

Irmãos: Mt 15,40; 28,10; Jo 20,17; At 1,15; Gl 6,18; Hb 13,1. – de Jesus: Mt 12,46.

Israel: Gn 32,29; 1Rs 12,16; Am 1,1; 1Cr 1,54; 2Cr 11,4; 12,6; Mt 4,1*; 15,24; 21,43; Lc 21,24; At 7,2; 13,46; 15,14*; 28,27,28; Rm 9,2*; Gl 6,16; Ef 1,12*; Hb 1,1; Ap 2,9.

Jejum: 1Sm 14,24; Is 58,1; Jl 1,14; 2,16; Zc 8,19; *Est. gr.* 4,16.

Jerusalém: Jz 1,8,21; 19,10; 2Sm 6,2; 1Rs 3,1; 8,16; 14,21; 2Rs 16,7; 19,34; Ez 6,11; 16,3,54; 38,12; 40,2; 48,35; Jl 4,17; Mq 3,12; 4,2; *Th* 13,10; 2Mc 4,9; Lc 9,51; Rm 15,19; Ap 3,12; 11,1; 21,2.

Jubileu: Ex 23,11; Lv 25,1.4.8.10.20.

Judeus: Jo 1,19; 1Ts 2,16.

Juízes: Dt 17,9; Jz Introd.; 2,16; 3,10; 1Sm 8,7; Is 2,4; Sr 10,1.

Juízo: Ex 6,6; Ex 23,24; Jl 4,13; Am 2,13,16; 9,9; Mq Introd.; Jó 36,31; Ecl 3,17; 9,4; 11,9; Dn 7,10; Sr 35,15; Mt 5,25; 16,27*; 19,28,30; 25,31*; Lc 12,8; 16,26; 17,37*; Jo 8,21; 9,39; 12,31; 16,8*; At 10,42*; 2Cor 5,10; Gl 6,5; 2Pd 3,7; 1Jo 4,17; Jd 4. – de Jerusalém: Lc 19,42.

Juramento: 1Rs 8,31; Jr 22,5; 34,18; Ez 17,13,19; 20,5; Am 4,2.

Justiça: Gn 15,6; 1Sm 12,7; Is Introd.; 9,6; 30,18; Os 10,2; Jl 2,23; Mq 6,5; Jó 13,10; 29,17; 40,8; Pr 1,3; 8,18; Dn 4,24; *Th* 1,3; 3,2; Mt 3,15; 5,20*; Lc 15,7; 18,14; Fl 1,11; 1Pd 3,14. – de Deus: Jo 17,25*; Rm 1,17,18; Tg 1,2* 1Jo 1,9; 2,1. Cf. **Justificação**. – no sentido

social e jurídico: Am 2,6,7; 5,24; Mq 2,4; Pr 11,1; 14,19.

Justificação: At 15,1; Rm 3,24*.28; Tg 2,14*. Cf. **Justiça**.

Lâmpada: 2Sm 21,17; 1Rs 11,36; Sl 132,17; Pr 24,20.

Lei: 2Rs 14,6; Is 2,3; 8,16; Ez 20,25; Ag 2,11; Pr 1,8; 19,16; Lm 2,9; Dn 9,10; 13,3; Ne 8,1; 2Mc 13,10; Sb 18,4; Sr 24,1; Mt 5,17; 11,30*; Lc 16,17; At 15,1,13; Rm 2,12*; 3,19; 4,15; 7,4*; 2Cor 3,6; Gl 3,19*; Ef 2,15; 1Tm 1,8. Cf. **Decálogo**. – do espírito: Rm 8,2; 1Jo 5,20. – de Cristo: Gl 6,2. – régia: Tg 2,8.

Leite e mel: Ex 3,8. Cf. Lv 2,11.

Lembrar(-se): Dt 4,9; 5,15; Ez 63,7. Cf. **Memorial**; **Esquecer**.

Lepra-Leproso: Lv 13,1.46; 14,1.33; 2Rs 15,5. Jó 2,7,8.

Leviatan: Is 27,1; Sl 74,14; Jó 3,8.

Levirado: Gn 38,8; Dt 25,5; Jó 24,21; Rt 4,5.

Levitas: Lv 25,32; Nm 1,47; 3,6,8; Dt Introd.; 17,9; 18,7; Ez 44,10,15; 1Cr 15,1; 2Cr 29,35; 31,16.

Liberdade: Ex 3,12; Jr 8,9; Sr Introd.; 15,14; Jo 8,32.33.36*; 1Cor 8,1; 2Cor 3,17; Gl 5,13,21; 6,14.

Libertação: Lc 21,28; Mc 10,45; Jo 6,51; Rm 3,24*; 1Tm 2,6; Hb 9,14. Cf. **Juiz**; **resgate**; **Salvação**.

Ligar-Desligar: Mt 16,18*; 18,17; Jo 20,22. Cf. Ap 3,7.

Língua: Sr 5,13; Tg 3,1.

Lou. ura: Jó 2,10; Pr 9,17.

Louvor: Lv 7,12; Is 42,10; Jr 51,15; Sl Introd.; Sb 18,4.

Lua Nova: cf. **Festas**.

Lugar alto: 1Sm 9,12; 1Rs 3,2; Ez 16,16; Jr 7,31.

Luto: Lv 10,6; Dt 14,1; Js 7,6; 1Rs 18,28; 2Rs

2,12; 4,2; Jr 16,7; Ez 24,17; 26,16; Jn 3,5; MI 3,14; Zc 12,11; 2Mc 3,19.

Luz: Gn 1,3; Ex 10,23; Is 2,5; 9,1; 26,19; Sl 36,10; Mt 20,33; Lc 16,8; Jo 8,12*; 9,39*; Ef 5,8,14; 1Ts 5,5*; Hb 6,4; 1Jo 1,5*.

Madiã: cf. Midian.

Magia: Gn 44,5; Ex 4,4; Lv 3,4; 19,19,27; Nm 23,23; Jz 17,5; 1Sm 28,3; Is 3,16; 5,18; 65,4; Ez 13,18; 21,26; Os 4,12; Sl 101,3; Jó 3,8; 5,21; 18,15; Pr 17,8; Ct 2,5; 4,9; Dn 5,12; Sr 34,6.

Mal: Jó 9,23; 10,13. Cf. Prova; Pecado.

Maldição: Ex 7,11; Dt 29,11; 1Sm 3,17; 1Rs 2,9; 8,31; 18,17; Jr 29,22; Jó 31,40.

Maná: Ex 16,15; Mt 6,11*; 14,20; Jo 6,31; 1Cor 10,4; Ap 2,17*.

Mandamento: cf. Lei.

Mansão dos mortos: cf. Sheol.

Mão de Deus: 1Rs 18,46; Is 8,11; Os 2,12.

Matrimônio: cf. Casamento.

Medo: Jz 7,3.

Melquisedec (Malki-Şédek): Gn 14,18; Hb 7,3.

Memorial: Ex 3,15; Lv 2,2; Tb 12,12; Br 4,5.

Messias: Ex 30,25; Lv 4,3; Dt 18,15; 1Sm 2,10; Is 45,1; Ez 34,23; Mq 5,2; Hab 3,13; Ag 2,6,7,23; Zc 3,8; Sl Introd.; 105,15; Lm 4,20. Cf. Cristo.

Midian (Madiã): Ex 2,15; 18,12; Nm 10,29.

Milagre: Mc 2,5; 4,35; 6,5; Lc 7,22; At 3,2*. Cf. Sinal.

Mistério: Dn 2,28; Sb 6,22; Ef 3,3*. – da impiedade: 2Ts 2,7. – do Reino: Mt 13,11*; Mc 4,11.

Moab: Jz 3,12; Jr 48,1; Rt 1,1.

Moisés: Ex 2,1,10; 32,10; Nm Introd.; Dt 3,27; 18,15; 33,2; 34,10,11; Mt 17,3; Lc 9,28; 24,27; Jo 5,45; 9,29; At 15,21; 2Cor 3,7,15*; Ap 15,3. – cátedra de: Mt 23,2. – figura de Cristo: Lc 11,20; At 7,25*; 1Cor 10,2; Hb 11,26*.

Môlek: cf. Deuses.

Monoteísmo: Gn 20,13; 1Rs 8,60; 2Rs 3,27; 5,19; 19,15; Dn Introd.

Montanha: Ex 3,1; Dt 12,2; 1Rs 18,19; Is 14,13; Jr 6,1; Ez 40,2; Sl 29,6; 48,3; 89,13; Jó 15,7.

Morte: Gn 2,17; Is 14,18; 28,15; 38,18; Os 13,14; Jó 1,21; Fl 5,5; 9,18; Ecl 7,2; Sb 1,11; 2,24; 4,17. – Os mortos: Dt 14,1; 1Sm 14,32; Ez 32,27. morada dos –: cf. Sheol; Morte = pecado: Rm 5,12-13; Tg 1,15; 1Jo 5,16. segunda –: Ap 2,11. – para a lei: Rm 7,14.

Mulher: Ez 16,14; Pr 2,16; 5,15; 6,24; 12,4; Sr 22,3; 25,24. estatuto jurídico da –: Gn 16,2; Ex 21,8; Lv 12,5; 21,3; Nm 5,31; Dt 21,13; 22,13; Jz 11,37; 19,25; Is 4,1; Jó 42,15; Pr 31,16; Sb 9,7; rei e: 1Rs 1,4; 2,17,19; Ecl 2,8; 2Cr 24,3; Est 2,14; Est gr. 4,11.

Mundo: Mt 18,7; Jo 1,10; 12,31*; Rm 12,2; Gl 6,15; Ef 2,2*; Hb 6,5; 1Jo 2,15. Elementos do –: Gl 4,3.

Murmuração: Ex 15,24; 16,2.

Nações: Gn 9,28; 12,1,3; Is 18,7; 40,15; 45,14; 56,6; Jr 25,17; 46,26; Ez 3,6; 5,13; 30,3,24; 36,20; Am 1,3; 9,7; Mq 4,11; Zc 9,7; 1Cr 2,54; 2Cr 6,33.

Nazirado: Gn 49,26; Nm 6,2,7,18; Jz 13,5; 1Sm 1,11; Lm 4,7.

Necromancia: cf. Magia.

Neomênia = Lua Nova: cf. Festas.

Noite: Ex 12,42; Is 17,14.

Nome: 2Rs 14,27; Os 1,4; Jó 30,8. – de Deus: Gn 32,30; Ex 20,7; Lv 24,11; Nm 6,27; Dt 12,3; 2Sm 6,2; 1Rs 9,3; Jr 7,10; Am 2,7; Mt 6,9. – de Cristo: Jo 14,13; At 3,16*; Fl 2,9; Hb 1,4; 3Jo 7. Em – da Trindade: Mt 28,19. Mudança de –: Gn 32,28; Nm 13,16; 2Rs 14,7; 15,13; 23,34; Is 9,5; Lc 6,14.

Norte: Lv 1,11; Is 14,13; Jr 4,6; 6,1; Jl 2,20; Zc 9,14; Sl 48,3.

Novo: Mc 2,22; Hb 12,24; Ap 2,17*. mundo, criação –: Gl 6,15. mandamento –: Jo 13,34.

Homem —: Cl 3,10. **Ano** —: cf. **Festas**; **Aliança**: cf. **Aliança**.

Nuvem: Ex 19,9; Na 1,3; Sb 10,17.

Obediência: Mt 16,10; Jo 14,21; Rm 1,5; Fl 2,12; de Cristo: Mt 26,36; Fl 2,8; Hb 5,7.

Obras: Mt 16,27; 26,11; Rm 3,24*.28; 6,23; Ef 2,10; Tg 2,14*; 2Jo 8*. Cf. **Frutos**; **Retribuição**.

Oceano: Gn 2,6; Ez 26,19; Jó 7,12; 26,12; Dn 7,2. Cf. **Leviatã**.

Oferendas: Lv Introd.; Nm 18,9; Jl 1,9.

Óleo: Ex 27,20; 30,25; 2Rs 4,2.

Oração: Gn 12,8; 1Rs 8,44; Lm 2,19; Dn 6,11; Sl Introd.; Mt 6,9*; Mc 14,36; Lc 18,1*; Jo 11,41; 15,7.16; At 2,46; 4,24*; Rm 8,15; Tg 5,7.17. — de Jesus: Lc 3,21; 23,34; Jo 17,9.19.20*; Hb 5,7. Cf. **Intercessão**.

Oráculo do Senhor: Jr 5,19.

Ordália: Ex 32,20; Nm 5,19.

Orgulho: Gn 11,4; Is 2,12; Ez 28,24; Sr 5,3; Rm 4,2*; 1Cor 1,30; Gl 6,4; Tg 4,16; 1Jo 2,16.

Orvalho: Is 26,19; Os 6,4.

Ossadas: 2Rs 13,21; Am 2,1; Lm 1,13.

Ovação: cf. **Aclamação**.

Paciência: Na 1,3; Ecl 7,8; Sr 5,4; 35,22; Tg 5,7.

Palavra: Gn 1,3; Ex 13,9; Dt 6,8; 8,3; Is 9,7; Jr Introd.; 1,1; 8,9; 13,3; 42,7; Ez 2,4; Am 1,1; 3,8; Pr 1,23; Sb 18,5; Mt 8,16; Mc 4,14; Jo 1,3; 12,48; 1Ts 1,6*; Hb 4,12; Tg 1,18; 1Pd 2,2; 1Jo 3,9*; Ap 10,9. Jesus Cristo —: Jo 1,1.

Pão: Ex 16,4; Lv 26,26; 1Rs 17,12; Os 9,4; Ab 7. — sem fermento: cf. **Festas**.

Parábola: Mt 13,13; Mc 4,12*.

Paráclito: Jo 14,16; 1Jo 2,1.

Paraíso: Ct 4,13; Lc 24,43. Cf. **Éden**.

Parcialidade: At 10,34; Rm 2,11; Tg 2,1.

Parte Pessoal: Ex 19,5. Cf. **Herança**.

Parusia: cf. **Vinda**.

Páscoa: Ex 12,11.43; Dt 16,2; Js 5,10.11.12; Ez 45,18.21; Mc 14,1.12; Jo 13,1; 1Cor 5,8.

Pastor: Is 40,11; Jr 23,6; Ez 34,2; Am 3,12; Mc 6,34*; Lc 15,3*; Jo 10,11; 21,5; 1Pd 5,4.

Patrimônio: Js 17,4; Jz 1,3. Cf. **Herança**; **Parte**.

Paz: 1Rs 5,26; Is 2,4; Jr 14,13; Ab 7; Ag 2,9; Lc 1,79*; 7,50; 12,51; Jo 14,27; Rm 5,1; Ef 2,14.

Pecado: Lv 4,2; 1Rs 17,18; Ez 40,2; Jr 2,35; Ez 7,4; 20,8; Os 4,3; Am 1,3; Jó 14,5; Ecl 7,29; Lm 4,6; Sr 8,5; Jo 8,46; 15,23; 16,9; Rm 5,12*; 7,15*; Tg 1,15*; 1Jo 3,9; 5,16. Cf. **Iniquidade**.

Pedra: Is 28,16; Zc 3,9.

Pedro (Simão): Mt 14,28; 16,18*; Lc 6,14; 8,51; 22,32; Jo 21,15*; At 2,17; 1Cor 1,12.

Peitoral: Ex 28,15.

Pena de morte: Nm 15,35; Dt 21,22.

Pentecostes: Ex 23,16; Lv 23,16; At 2,1. Cf. **Festas**.

Pequeninos: Mt 10,42; 11,25; 18,3*.10; 25,31.40; Lc 10,21; 1Cor 14,20; Ef 4,14*; Hb 5,11. Cf. **Criança**.

Perdão: Ex 20,6; Lv 16,1; Jr 3,1. Cf. Am Introd.; Mt 6,12*; Mc 1,4; Lc 23,34; Jo 20,23*; At 3,18.19; 13,38; Rm 4,7; Hb 10,18*; Tg 5,15.19; 1Jo 1,9; 2,14.

Perder: Mt 18,13; 24,4.

Perfeito: Mt 19,21; 1Cor 2,6; Cl 3,14; Hb 2,10*; 5,9; Tg 3,2*.

Perfume: Gn 37,25; Ex 30,34; 2Rs 4,2; Ct 1,2; 4,14.

Perseguição: Mt 24,9; Lc 6,23; 21,12*; Jo 15,18*.20; 1Ts 1,6; 2,16; 1Pd 4,13; Ap 7,14.

Pérsia: Jr 49,34.39.

Piedade: At 10,2; 1Tm 4,7.

Plenitude (Pleroma): Rm 11,25; Gl 4,4; Ef 1,20.23*; Cl 1,19; 2,9.

Pobre-Humilde: Lv 19,10; Dt 15,4; Is 14,30; Sf 2,3; Pr 6,11; 10,4; 22,16; Sr 20,21; Mt 5,3.

Poder: cf. **Autoridades; Potências.**

Porção: cf. **Parte Pessoal.**

Poste sagrado: Ex 34,13. Cf. **Deuses (Asherá).**

Potências invisíveis: Mt 24,29; Rm 8,39; 13,1*; Ef 3,10; Cl 1,16*; 2,15; Ap 9,11.

Povo: Dt Introd.; Jr 2,2; Esd Introd.

Pragas do Egito: Ex 7,8.

Preços-Tarifas: Lv 27,1.

Presbíteros: cf. **Anciãos.**

Primícias: Lv 2,14; Dt 26,5; 2Rs 4,42.

Primogênitos: Ex 13,12; Nm 3,12.

Príncipe: Lv 4,22; Ez 45,7; deste mundo: Jo 12,31; 1Cor 2,6.

Prisioneiro: 1Rs 5,29; 20,31.42; 2Rs 6,22; 19,28; 25,7; Jr 52,11; Ez 5,1; Am 1,6.

Proclamar: cf. **Querigma.**

Profeta-Profecia: Gn 20,7; Ex 32,11; Nm 11,25; Dt 18,15; 1Sm 15,1; 22,5; 1Rs 13,24; 18,19; 19,19; 20,35; 2Rs 1,8; 2,10; 4,29; 5,8; 13,21; Jr Introd.; 1,9; 6,17; 15,1.19; 23,18; Os 6,5; Am 3,7; Mq 2,6; Ne 6,7; 1Cr 25,1; Sr 33,16; Mt 7,15; 10,41; At 11,27*; 1Cor 14,1*; Ef 2,20. Jesus —: Mt 21,11; Mc 6,15*; Lc 7,26; Jo 6,14; At 3,22. — **Profetisa:** 2Rs 22,14; Is 8,3. **Falsos —:** Dt 13,3; 18,21; 1Rs 22,11; Jr 28,10; Ez 13,10; Mq 2,11; 3,8; Ne 6,14; Mt 24,11; Ap 13,11. Cf. **Gestos proféticos.**

Profissão de fé: Dt 11,2; Js 2,9; Jz 6,24; 2Rs 19,15; Is 45,14; Os 14,3.4; Jo 1,9.

Promessa: Ex 1,7; Ez 33,24; 36,14.

Propiciatório: Ex 25,17.

Prosélito: Mt 23,15; At 2,11; 13,43.

Prostituição: Dt 23,18.19; 1Rs 14,24; Os 1,2; 2,4; 4,14; Am 2,7; Mq 1,7; Jó 36,14; *EpJr* 42.

Prova-Provar: Ex 15,24; 16,15; Jz 2,22; Rm 5,4*; 2Cor 13,5; 1Ts 2,4; 5,21*; Tg 1,3*.14. **Pôr Deus à:** Ex 17,2; *Sb* 1,3. Cf. **Tentação.**

Providência: Pr 10,3; *Sb* 14,3.

Publicanos: cf. **Coletores de impostos.**

Punição: Ex 20,6; 1Rs 17,18; 2Rs 17,20; 18,25; Is 40,2; Jr 31,30; Ez 7,4; 30,24; Am Introd.; 3,2; Pr 25,22; *Jt* 7,28; *Sb* 19,4; Sr 22,6. Cf. **Retribuição; Vingança.**

Puro-Ímpuro: Lv Introd.*; 15,1; Nm 11,18; Ag 2,12; Jó 2,8; Mt 15,11*; Mc 7,19; Jo 11,55; 18,28; At 10,28; Rm 14,1*.14.

Queda: cf. **Escândalo.**

Querigma: Mt 3,1*; Lc 3,3; 24,46; At 2,14*; 1Ts 1,10. Cf. **IJo** 1,5.

Querubim: Ex 25,18; 1Rs 6,23; Ez 28,2; Sl 18,11.

Rahab: Sl 87,4. Cf. **Dragão.**

Rapto: Ex 20,15; Jz 21,21; Am 1,6.

Rebanho: Lc 12,32*; At 20,28*; 1Pd 5,2. Cf. **Pastor.**

Redenção: cf. **Resgate.**

Refaim-Refaítas: Dt 3,11.

Refúgio (cidades de): Nm 35,11.12; Dt 19,6.9; Js 20,7.

Rei-Realeza-Reinar: Gn 6,2; Nm 24,17; Dt 17,15; Jz 8,22.23; 9,1; Sm Introd.; 1Sm 8,11; 9,16; 10,19; 15,17; 2Sm 1,10; 5,3; 7,14; 14,17; 21,17; Rs Introd.; 1Rs 1,34; 2,5; 3,5.9; 6,13; 8,66; 21,1.7; 2Rs 8,3; 17,8; Is 9,5; 11,2; 19,11; Jr 22,13; Ez 28,16; 34,2.4; 45,7; Os 8,3; Sl 45,7; Pr 8,15; 16,10; 25,2; 29,14; Lm 4,20; Dn 2,38; 6,8; Est gr. D 13; *Sb* 7,7; 14,20. Cf. **Messias. Príncipe; sacerdócio real:** 1Sm 13,7; 2Sm 6,14.17.18; 1Rs 8,23; *Dn* 14,14. Cf. **Reino.**

Reinado: cf. **Rei; Reino.**

Reino-Reinado de Deus, do Cristo: Mt 3,2*; 13,11; Mc 4,31; Lc 4,43*; 13,28; 17,22; 22,69; 23,2; Jo 3,3; 18,36; At 1,3; Ef 5,5; Ap 20,2.

Reivindicar: cf. **Resgate.**

Repouso: Dt 12,9; Js 1,13; Jz 3,11. Cf. **Sábado.**

Repúdio: Mt 5,31.32*; Mc 10,4; 1Cor 7,15.

Resgate-Preço-Redenção: Ex 6,6; Nm 35,12; Dt 25,5; Is 41,14; Jó 3,5; 19,25; 29,17; Rt 2,2; Mc 10,45; Rm 3,24. Cf.: **Libertação; Vingança.**

Responsabilidade: Gn 44,16; Ex 20,6; Lv 26,39; Dt 15,4; 24,16; Js 22,20; Jz 20,6.13; 21,6; 1Rs 2,5; Jr 31,30; Ez 18,4; Pr 25,2; Sr 15,11. Cf. **Expição; Sangue.**

Ressurreição: 2Rs 4,37; 13,21; Is 26,19; Jó 14,12; 19,26; Pr 4,23; Ecl 3,21; 12,7; Dn 12,2.3; *Macabeus* Introd.; 2Mc 7,9.23; Sr 46,12; 48,11; Mc 9,27; Lc 7,14*; 14,14; Jo 5,29; 12,24; At 17,18; 26,23*; 1Cor 15,2*; Fl 2,9; 1Ts 4,14; 2Tm 2,18; Ap 20,4.

Resto: Gn 18,23; 1Rs 19,18; Is 1,9; 17,6; Ez 5,3; 9,4.8; Am 1,8; 5,15; Mq 5,7; Ag 1,12; Rm 11,16.

Retribuição: Ez 14,14; 18,4; Sl Introd.; Jó 21,19.27; Pr 2,21; 13,13; Ecl 7,15; 8,13; Cr Introd.; Jt 7,28; Sr Introd.; 5,4; Mt 5,46; 16,27*; 20,15; Lc 6,32*; 13,1; Rm 6,23*; 2Jo 8. Cf. **Obras; Punição; Vingança.**

Revelação: Ex 34,6; Dt 29,3; Is 1,1; 45,14; Ez 3,6; 20,5.41; Am 3,7; Dn 2,28; 8,26; Ef 3,3*; Ap 1,1.

Revolução: Ecl 10,7.

Riqueza: 2Rs 20,14; Is 3,16; 5,8; Jr 51,13; Pr 10,4; 15,6; 22,2; Ecl 5,9; Sr 5,1; Mt 19,23; Tg 1,9.

Rito: Lv 5,7; Jl 2,13; Ml 3,14.

Sábado: Gn 2,2; Ex 20,8.11; Lv 23,3; Dt 5,15; Ez 20,12; Mt 2,27.28; Lc 6,5; **Sabático** (ano): cf. **Jubileu.**

Sabaot: cf. **Deus** (Nomes de).

Sabedoria: Gn 39,2; 41,8; Ex 28,3; 1Rs 3,16; 5,10; Is 7,15; 19,11; Ab 8; Jó 28,28; 32,9; 40,19; 42,5; Pr Introd.; Pr 1,20.21.23; 3,18.19; 8,15.23.24; 9,1; 11,14; Ecl 12,11; Dn 1,4; 2,12; 2Mc 6,30; Sb Introd.; 6,16; 7,12.22.25; 10,1.17; Sr Introd.; Sr 1,4.26; 24,1.10.30; 38,31; Br Introd.; Br 3,22; Mt 11,19.25; Lc

2,40; 11,49; Jo 1,1*.3.10; Rm 1,22; 1Cor 1,20.30; 2,10*; 12,8; Cl 1,9*; 2,3; Tg 3,13.

Sacerdócio: cf. **Sacerdote.**

Sacerdote-Sacerdócio: Ex 20,26; 28,2.6.15.36; 29,1; Lv Introd.; 4,3; 16,2; 21,1; Nm 16,35; Dt 17,9; Js 3,3; Jz 17,5.10; 1Sm 2,18; 2Sm 1,10; 1Rs 12,33; 2Rs 12,3.6.10; 17,27; 25,18; Is 66,21; Jr 2,8; Ez 42,13; Os 10,5; Zc 3,7; 6,11; Ml 2,4; 2Cr 31,16; 2Mc 4,10; Jesus Cristo: Jo 19,23; Hb 5,1*. Cf. **Rei** (sacerdócio real).

Sacrifícios: classificação dos: Lv Introd. – em geral: Gn 8,20; Ex 23,18; 24,11; Lv 3,3; 7,12; 9,1; 17,11; 22,17.24.28; Nm 28,2; Dt 12,15; 15,20; 1Rs 13,3; Ag 2,12; Mt 9,13; Hb 10,4. – impuros: proibidos, inúteis: Ex 8,22; Is 1,11; Ex 18,6; Os 9,4; 14,3; Mq 6,7; Ag 2,14; Ml 1,7; Pr 21,27; Sr 35,1. – humanos: Gn 22,2; Ex 13,12; Jz 11,30; 2Rs 3,27; 16,3; 21,16; 23,10; Is 53,10; Mq 6,7. – para ocasiões particulares: 1Sm 13,9; 1Rs 1,9; 19,21. – de Cristo e do cristão: Rm 12,1; Fl 2,17; Hb 10,4.

Şadoq: 2Sm 8,17.

Saduceus: Mt 22,23; Lc 20,27*; At 5,17; 23,6*.

Sal: Lv 2,13; Jz 9,45; 2Rs 2,20; Ez 43,24; Mc 9,49.

Salvação-Salvar: Is Introd.; 42,10; Mt 9,22; Lc 2,11*; Jo 4,42; At 4,12*; Rm 5,10; Ef 2,5*; 1Tm 1,1; Hb 1,14; Tg 5,15. Cf. **Libertação; Juiz; Resgate.**

Salvar: cf. **Salvação.**

Samaria-Samaritanos: 1Rs 16,24; 2Rs 17,34.41; Zc 11,14; Cr Introd.; Mt 10,5*; Lc 9,52; Jo 4,4.9.

Sangue: Gn 1,29; 4,10; Lv 1,15; 12,4; 17,1.11; Nm 35,33; Ez 24,7; 39,17; Mt 26,28*; 27,25; Jo 19,34; At 5,28; 20,28; Rm 3,25*; Fl 2,17; Hb 9,14; 12,24; 1Jo 5,6*.8. Cf. **Expição; Responsabilidade.**

Santificar-Santificação: Ex 19,10; 1Sm 16,5; Mt 6,9*; Jo 17,17*.18.19; Rm 6,19*; 1Cor 7,14; 1Ts 4,3. Cf. **Santo.**

Santo-Santidade: em geral: Lv Introd.; Lv 19,1; Dt 7,6; 22,9; Ez 42,13.44,19; Ag 2,12. – de

- Deus:** Is 1,4; Ez 36,24; 39,7; Os 11,9; Sr 36,4.
 – de Jesus: Mc 1,24; Lc 1,35. – do Espírito:
 cf. **Espírito de Deus.** – dos anjos: 1Ts 3,13;
 Ef 1,18*. – dos cristãos: At 9,13*; 20,32; Rm
 1,7; 6,19*; 15,25; 2Cor 9,1; Hb 6,10. Cf.
Santificar.
- Satanás:** ISm 29,4; IRs 11,14; Zc 3,1; Jó 1,6;
 1Cr 21,1; Sr 21,27; *Est gr.* 7,4,6; Mt 6,13;
 Mc 1,13*; Lc 4,6*. 13; 8,2; 11,24; 22,3; Jo
 12,31; 13,2; 17,15; 1Cor 5,5; 2Cor 4,4; 12,7;
 Ef 4,27; 6,118*; 2Ts 2,6,7; Ap 12,4; 20,3. Cf.
 Beelzebul: Mt 12,24; Belial: 2Cor 6,15.
- Seduzir:** cf. **Perder.**
- Segredo messiânico:** Mt 9,30; 12,16*; 17,9; Mc
 1,34*; 4,11; 7,36; 8,30*; 9,9.
- Seguir:** Mt 4,20; 16,24; Mc 1,18; Jo 12,26. Cf.
Discípulos.
- Senhor:** cf. **Deus** (Nomes de). – Jesus Cristo:
 Mc 11,3; Lc 7,13; 24,3; At 2,36*; Rm 10,13;
 1Cor 1,2; 2Cor 1,2.
- Sepultura:** cf. **Tumba.**
- Serafim:** Is 6,2. Cf. **Anjo.**
- Serpente:** cf. **Dragão.**
- Servo:** Is Introd.; Is 41,21; 42,1; 52,13; Mt
 8,17,20; Mc 10,45; 14,61; Lc 22,15,37*; Jo
 1,29*; 12,38; At 8,32*; 26,16; Fl 2,7,8*; 1Tm
 2,6; 1Pd 2,22.
- Shalom:** IRs 5,26; Jr 14,13. Cf. **Paz.**
- Sheol-Hades-Infernos:** Is 38,18; Jn 2,7; Sl 88,11;
 Jó 18,14; Pr 1,12*; Lm 3,54; Dn 12,2; *Br*
 2,17; Mt 16,18*; Lc 16,23; 2Pd 2,4. Cf.
Geena.
- Sião:** 2Sm 5,7. Cf. **Jerusalém.**
- Silvano:** 2Cor 1,19.
- Silvo:** Jr 18,16; Sf 2,15.
- Sinagoga:** Lc 4,16; Ap 2,10.
- Sinai:** Cf. **Horeb.**
- Sinal:** Gn 9,12; Dt 13,3; 34,11; Js 4,6; 2Rs 19,29;
 20,8; Is 7,11; 8,18; Jr 44,30; Ez 9,4; 12,6; Mt
 12,38; Mc 8,11; Lc 2,34; 11,29*; Jo 2,11*;
 At 2,22*; 1Cor 1,22. – de Jonas: Mt 12,40;
- Lc 11,30*. – dos últimos tempos: Mt 24,3;
 Lc 17,20. Cf. **Gestos proféticos; Milagres.**
- Sinédrio:** Grande –: Mt 5,22; 27,1; Mc 8,31*;
 At 5,21; pequenos –: Mt 10,17.
- Solidariedade:** cf. **Responsabilidade.**
- Sonho:** Gn 41,16; Sr 34,6; *Est gr.* A 1.
- Sono da morte:** Mc 5,39; Lc 8,52; Jo 11,11;
 1Cor 15,6.
- Sopro:** cf. **Espírito; Vida.**
- Sorte (tirar à):** Ex 28,30; *Est gr.* 3,7.
- Taça:** Jr 25,15; Ab 16; Hab 2,16; Mc 10,38; Jo
 18,11.
- Temor de Deus:** Gn 20,11; Ex 3,6; Js 4,14; 2Rs
 17,34; Jó 28,28; Pr 1,7; 3,8; Ecl 3,14; *Sr*
 Introd.; 1,11; 2,15; Lc 1,12; At 10,2.
- Tenda do Encontro:** Ex 25,1; 27,21; 33,7; 40,38.
 Cf. IRs 1,39.
- Tentar-Tentação:** Mt 4,3; 6,13*; Mc 1,13; Hb
 4,15; Tg 1,14*.
- Teofania:** Ex 19,1; 2Rs 2,1; Jr 30,7; cf. **Vinda;**
Dia.
- Terafim:** Jz 17,5; 2Rs 23,24; Os 3,4.
- Terra Santa - Terra prometida:** Gn 23,13; Dt
 1,7,25; Js 1,4; 2Rs 17,23; Os 2,17.
- Terra:** Lv 25,23; Dt 1,25; Ez 36,14.
- Testamento:** Hb 9,15. Cf. **Aliança.**
- Testemunho:** cf. **Documento.**
- Timóteo:** At 16,1.
- Tiro:** Is 23,1; Ez 26,7.
- Tito:** 2Cor 7,6.
- Torá:** Is 8,16. Cf. **Lei.**
- Trabalho:** Gn 3,19; 6,7; Pr 10,4; *Sr* 7,15;
 38,24,25; At 18,3.
- Tradição:** – dos antigos: Mt 15,1*; Mc 7,13; –
 cristã: At 20,35; 1Cor 11,23; 15,3*; Fl 4,8; Cl
 2,6; 2Ts 2,15*; 2Pd 1,21. Cf. Rm 6,17.
- Tribunal:** cf. **Deus** (nomes de) Dt 17,5,8; Pr 18,5.

Trombeta: cf. Trompa.

Trompa: Js 6,4; 2Sm 15,10; Is 27,13; Jl 2,1; Am 2,2; Zc 9,14.

Túmulo: 1Rs 13,22; Ez 6,5; 39,12; Tb 1,17.

Universalismo: Ex 9,20; 1Rs 8,41; Is Introd.; 19,16.25; 25,6; 45,14; 56,1; Jr 25,17; 49,34; Ez 14,14; Est gr. E 21. Cf. Nações.

Vaca Vermelha: Nm 19,2.

Verdade: Jo 8,32*; 14,6; 18,37; Rm 3,4; Ef 4,24*; 2Ts 2,10; Tg 1,18*; 1Pd 1,22; 3Jo 3. Fazer a: 1Jo 1,6*. Espírito e –: 1Jo 5,6.

Vestes: Mt 22,11; 1Cor 5,3; Gl 3,27*; Ef 5,8; Ap 3,4.

Vida: Gn 11,10; 1Sm 25,29; 1Rs 3,14; Ez 18,17; 37,5; Pr 3,2; 13,14; Lm 1,13; 2Mc 7,9; Sb 3,1; 4,7; Mt 18,8; Jo 1,4; 6,35.51; 11,25; 14,6; 17,3*; At 3,15; Rm 8,10; 11,15; 1Jo 1,2*; Ap 22,1.

Vigilância: Mt 25,1; 26,45; Mc 13,37; Lc 12,35; 1Ts 5,6*.

Vinda do Senhor: Mt 10,23; 24,3; 26,64; Mc 9,1*; 13,30; Lc 21,7; Jo 14,3; At 1,6*; 1Ts 1,10; 2,19; 4,17; 2Ts 2,7*; Tg 5,7*; 1Pd 2,12; Ap 22,20. Cf. Dia.

Vingança: Gn 4,10; Nm 35,12; 1Sm 24,13; Pr 24,18.29. Cf. Resgate; Retribuição.

Vinha: Is 5,1; 16,9; 27,2; Ez 15,2; 19,11; Os 10,1; Jl 1,7; Mt 21,41; Jo 15,1.

Virgem: Jz 11,37; Is 7,14; Am 5,2.

Virtude: Sb 4,1.7; 8,7.

Visão: Is 1,1; Ab 1. Cf. Revelação.

Visita: Sb 2,20. Cf. Intervenção.

Viúva: Lv 21,7; Dt 10,18; 1Rs 17,12; Lm 1,1; 1Tm 5,9.

YHWH: cf. Deus (Nomes de).

Zelo de Deus: cf. Ciumento.

Zelotas: Mt 10,4*; 11,12; 22,17; 26,55; Jo 16,2; At 5,37*.

8. A PALESTINA NO TEMPO DOS MACABEUS

0 Km 40

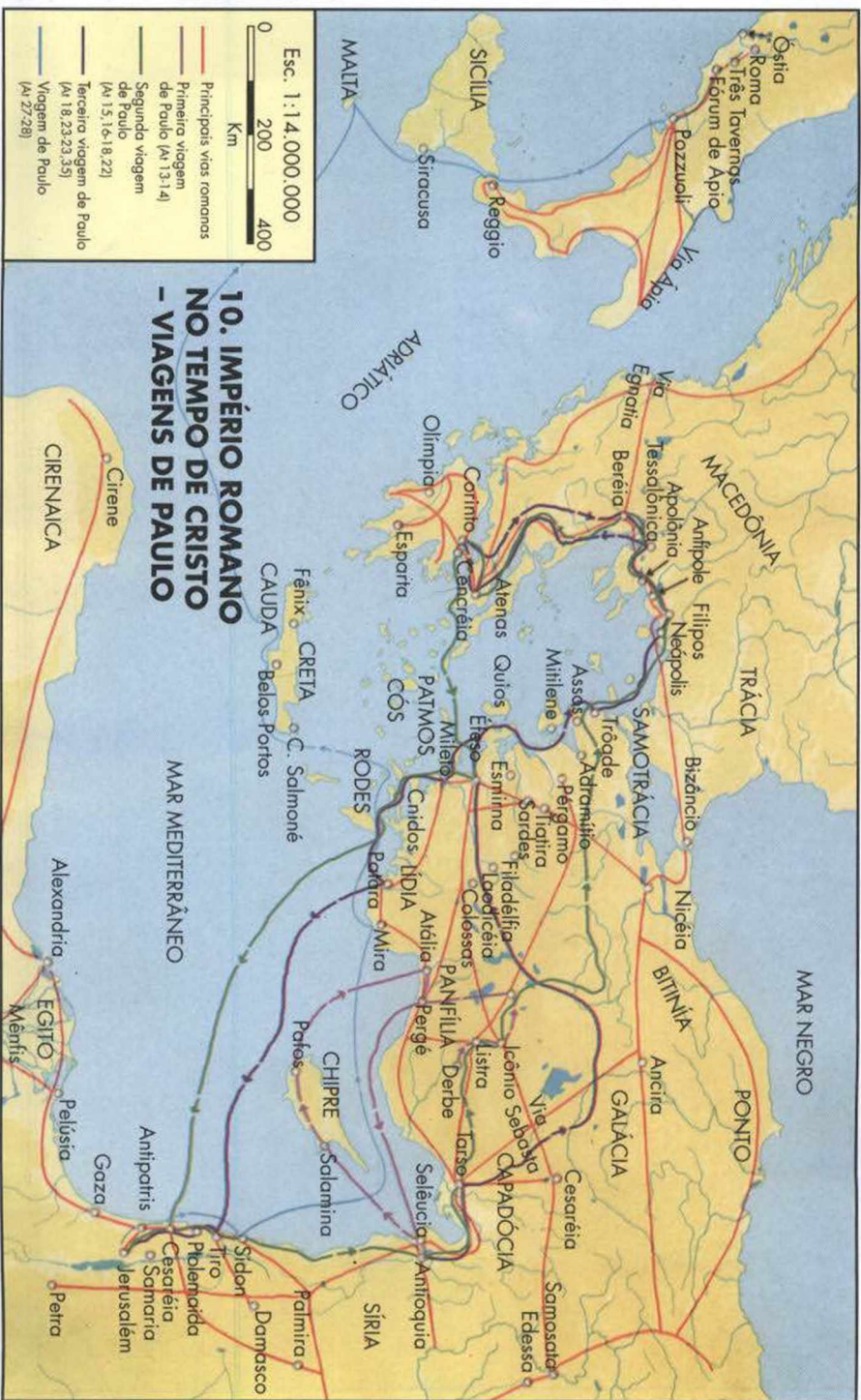


9. A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS

0 Km 40

MAR
MEDITERRÂNEO



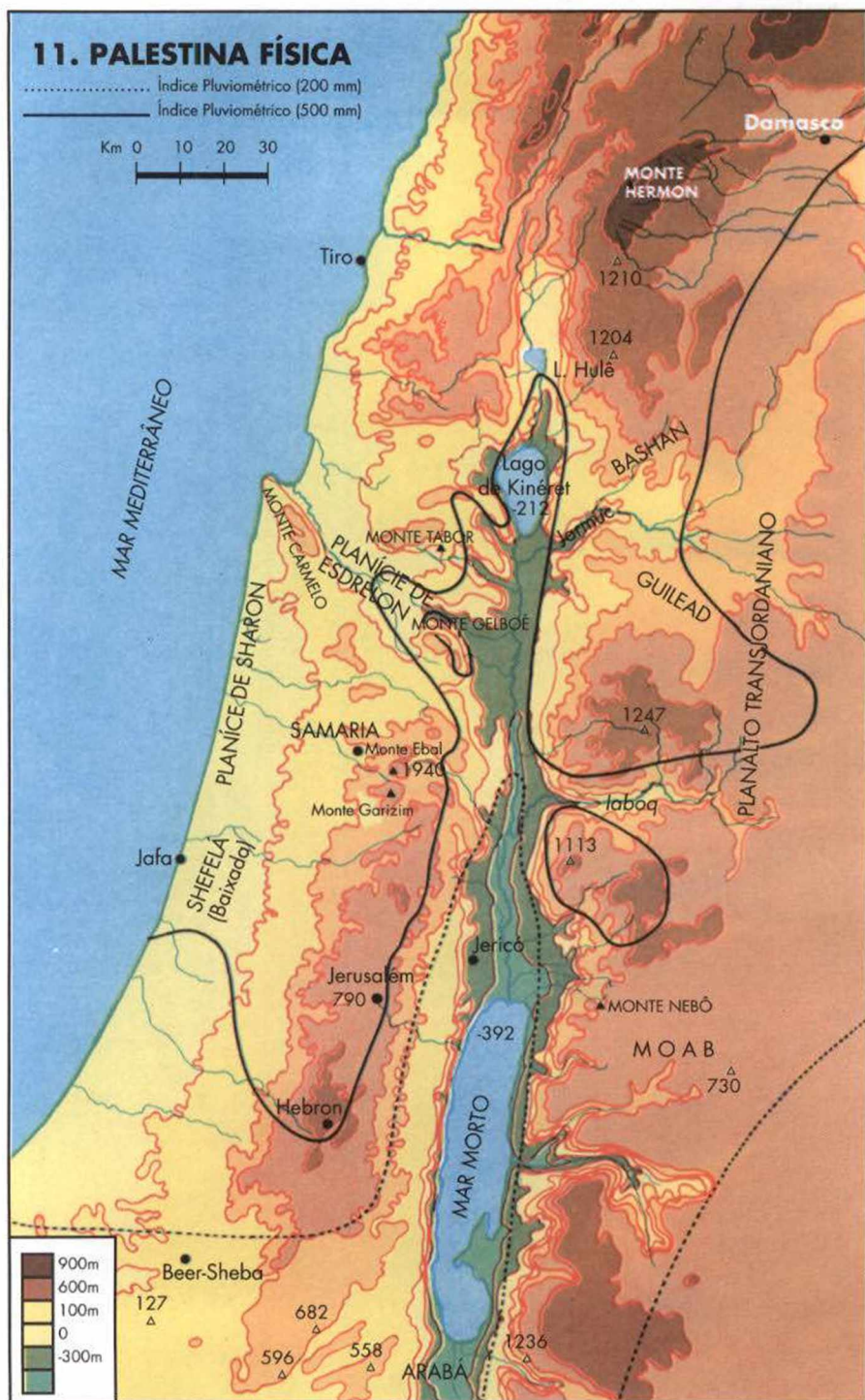


11. PALESTINA FÍSICA

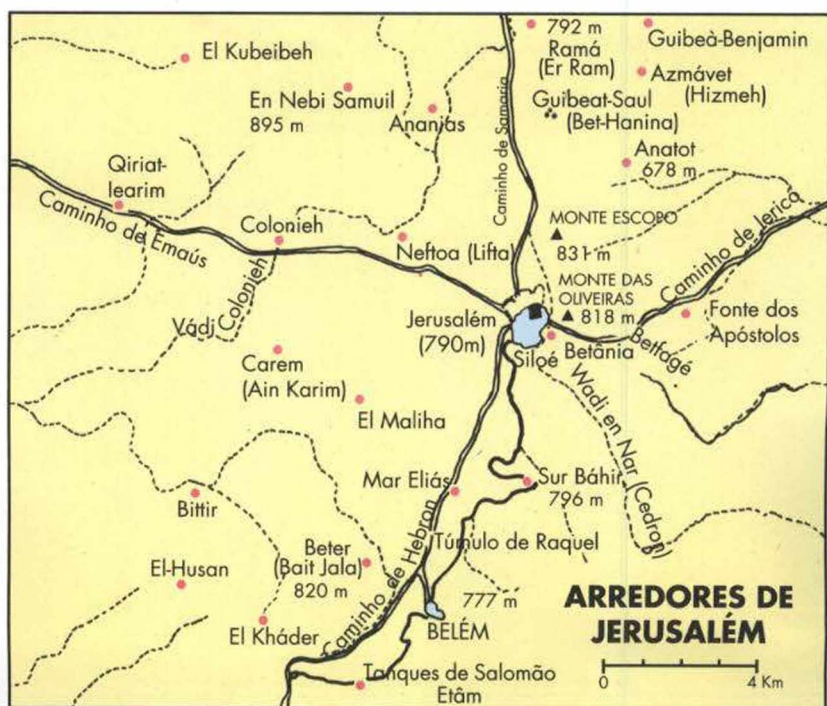
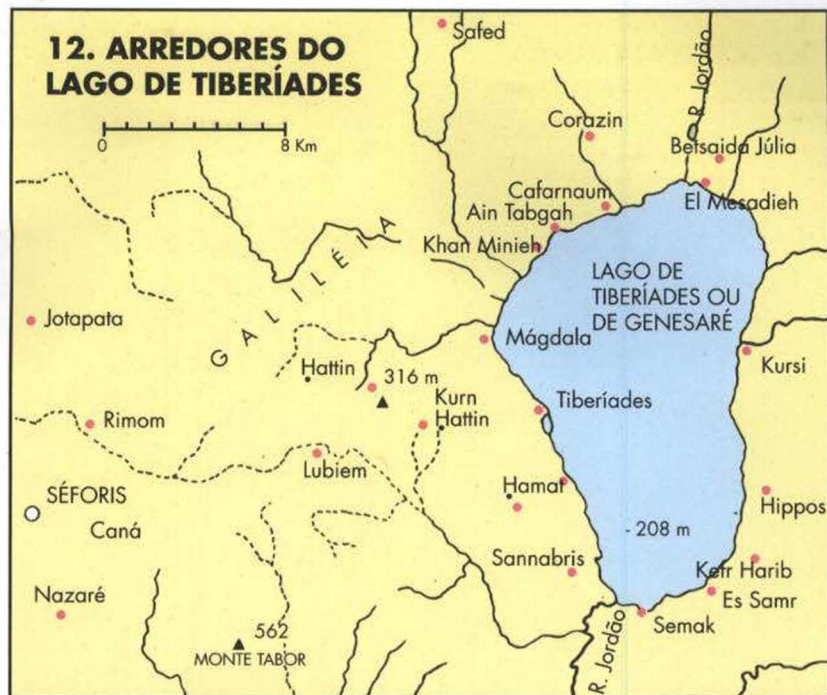
..... Índice Pluviométrico (200 mm)

———— Índice Pluviométrico (500 mm)

Km 0 10 20 30



12. ARREDORES DO LAGO DE TIBERÍADES



13. JERUSALÉM DO ANTIGO TESTAMENTO

